

# Comentário Bíblico



# Moody

Volume I

Gênesis à Malaquias

---

Charles F. Pfeiffer

# **COMENTÁRIO BÍBLICO MOODY**

**Moody Bible Institute of Chicago**

**Clique num livro bíblico para o comentário**

## **ANTIGO TESTAMENTO**

<b>Gênesis</b>	<b>2 Crônicas</b>	<b>Daniel</b>
<b>Êxodo</b>	<b>Esdras</b>	<b>Oséias</b>
<b>Levítico</b>	<b>Neemias</b>	<b>Joel</b>
<b>Números</b>	<b>Ester</b>	<b>Amós</b>
<b>Deuteronômio</b>	<b>Jó</b>	<b>Obadias</b>
<b>Josué</b>	<b>Salmos</b>	<b>Jonas</b>
<b>Juízes</b>	<b>Provérbios</b>	<b>Miquéias</b>
<b>Rute</b>	<b>Eclesiastes</b>	<b>Naum</b>
<b>1 Samuel</b>	<b>Cantares</b>	<b>Habacuque</b>
<b>2 Samuel</b>	<b>Isaías</b>	<b>Sofonias</b>
<b>1 Reis</b>	<b>Jeremias</b>	<b>Ageu</b>
<b>2 Reis</b>	<b>Lamentações</b>	<b>Zacarias</b>
<b>1 Crônicas</b>	<b>Ezequiel</b>	<b>Malaquias</b>

## **NOVO TESTAMENTO**

<b>Mateus</b>	<b>Efésios</b>	<b>Hebreus</b>
<b>Marcos</b>	<b>Filipenses</b>	<b>Tiago</b>
<b>Lucas</b>	<b>Colossenses</b>	<b>1 Pedro</b>
<b>João</b>	<b>1 Tessalonicenses</b>	<b>2 Pedro</b>
<b>Atos</b>	<b>2 Tessalonicenses</b>	<b>1 João</b>
<b>Romanos</b>	<b>1 Timóteo</b>	<b>2 João</b>
<b>1 Coríntios</b>	<b>2 Timóteo</b>	<b>3 João</b>
<b>2 Coríntios</b>	<b>Tito</b>	<b>Judas</b>
<b>Gálatas</b>	<b>Filemom</b>	<b>Apocalipse</b>



# GÊNESIS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 11	Capítulo 21	Capítulo 31	Capítulo 41
Capítulo 2	Capítulo 12	Capítulo 22	Capítulo 32	Capítulo 42
Capítulo 3	Capítulo 13	Capítulo 23	Capítulo 33	Capítulo 43
Capítulo 4	Capítulo 14	Capítulo 24	Capítulo 34	Capítulo 44
Capítulo 5	Capítulo 15	Capítulo 25	Capítulo 35	Capítulo 45
Capítulo 6	Capítulo 16	Capítulo 26	Capítulo 36	Capítulo 46
Capítulo 7	Capítulo 17	Capítulo 27	Capítulo 37	Capítulo 47
Capítulo 8	Capítulo 18	Capítulo 28	Capítulo 38	Capítulo 48
Capítulo 9	Capítulo 19	Capítulo 29	Capítulo 39	Capítulo 49
Capítulo 10	Capítulo 20	Capítulo 30	Capítulo 40	Capítulo 50

## INTRODUÇÃO

**Título.** A palavra Gênesis entrou para a língua portuguesa vindo do grego através do latim. Na Septuaginta (LXX), formava o sobrescrito do primeiro livro da Bíblia. A palavra significa "origem, fonte, ou geração". A palavra hebraica *ber'eshîth*, traduzida para "no princípio", é a primeira palavra da Bíblia Hebraica. É com freqüência usada para designar o livro de Gênesis.

**Natureza.** Gênesis é o livro das origens. Apresenta uma narrativa majestosa do começo de tudo o que o Criador criou. Responde às perguntas relativas à origem do mundo e da vida vegetal, animal e humana. Fala da instituição da família, da origem do pecado, da concessão da revelação divina, do crescimento e desenvolvimento da raça e da inauguração do plano de Deus para a realização da redenção por meio do Seu povo escolhido. Apresenta e ilustra verdades eternas, e resolve enigmas, mistérios e situações desorientadoras, à luz da vontade de Deus para o Seu povo. Em uma linguagem clara e significativa o

escritor apresenta os planos e propósitos de Deus revelados, e as maravilhas do seu procedimento com os homens.

O Gênesis leva o leitor de volta ao momento super-importante da criação quando o Criador onipotente criou por meio da palavra as maravilhas incomparáveis do sol, da lua, das estrelas, dos planetas, das galáxias, das plantas, das criaturas viventes e de alguém que fez à Sua imagem. Nestes cinquenta capítulos o inspirado escritor desdobra o drama da criação; ele fala de como o pecado entrou sub-reptícia e implacavelmente para introduzir a ruína, o desfiguramento e a morte; revela os frutos trágicos do pecado na derrota patética de nossos primeiros pais e mostra como, mais tarde, a maldade acumulada dos homens trouxe a destruição e quase a aniquilação da sociedade humana. Logo no começo o escritor traça o crescimento da nova raça e finalmente as biografias emocionantes de Abraão, Isaque, Jacó e os filhos de Jacó. O livro termina com a morte de José na terra do Egito.

Gênesis 1-11 apresenta a narrativa da vida do homem desde a criação até ao começo da vida de Abraão. Gênesis 12-50 conta o relacionamento de Deus com o Seu povo escolhido - Abraão, Isaque, Jacó, José e seus descendentes. Através de toda a narrativa, a principal preocupação do autor é a de apresentar o propósito de Jeová em criar e providencialmente guiar esse povo eleito. Não só o Gênesis, mas a Bíblia toda mostra que por intermédio deste povo, o Senhor procurou revelar a Sua natureza e os Seus planos para o mundo, estabelecer Sua santa vontade na terra e envia Suas "boas novas" da redenção a todos os homens. Nações e indivíduos são mencionados e descritos no livro apenas quando se encaixam no sublime plano e propósito do Senhor. Os sumerianos, hititas, babilônios e assírios, sempre quando sua história afeta a do povo escolhido, entram no quadro rapidamente a fim de demonstrar o propósito de Deus para o mundo. A cada passo, o Espírito procura tornar a revelação explícita aos homens de todos os séculos. No drama que se desenrola rapidamente, o plano de Deus vai sendo apresentado.

**Autoria.** Com segurança podemos declarar que Moisés é o responsável pela autoria do livro. É o primeiro livro do Pentateuco que ambas, as Escrituras e a tradição, atribuem a Moisés. Seria difícil descobrir um homem, em toda a série da vida de Israel, que fosse mais qualificado a escrever esta história. Educado na "sabedoria dos egípcios" (Atos 7:22), Moisés foi providencialmente preparado para compreender os registros e manuscritos disponíveis e a narrativa oral. Como um profeta ao qual foi concedido o incomum privilégio de longas horas de comunhão com Deus no Sinai, foi bem preparado para registrar para todas as gerações o retrato do Senhor e das Suas atividades através dos séculos. Que outro indivíduo, através dos séculos, possuiu tais poderes e tal fé e que tenha desfrutado de uma comunhão tão íntima com Jeová?

A descoberta nos tempos modernos de registros tão antigos como as Cartas de Amarna, a literatura Ugarítica (ou Ras Shamra), e tábuas de barro da Mesopotâmia (Mari e Nuzu), têm capacitado os mestres a reconstruírem os antecedentes históricos e culturais dos registros bíblicos, e descobrir como era a vida no Egito, na Palestina e na Mesopotâmia nos tempos bíblicos. Igualmente, muitos registros orais e escritos, pela antiguidade adentro, estavam à disposição do ilustre mestre hebreu, cuja educação egípcia e cujos estudos superiores na região do Monte Sinai tornaram-no cômico dos significativos movimentos mundiais. De acordo com a tradição judia, quando o grande escriba Esdras voltou da Babilônia para Jerusalém, trazendo os manuscritos hebreus do Velho Testamento, ele se dispôs a trabalhar com prodigiosa energia para preservar, copiar e editar o antigo material que tinha em seu poder.

**O Gênesis e a Ciência.** Se um estudante espera encontrar no Gênesis uma narrativa científica de como o mundo começou a existir, com todas as questões referentes à vida primitiva respondidas na linguagem técnica familiar ao professor ou estudante de ciências, ficará desapontado. O Gênesis não é uma tentativa de responder tais perguntas

técnicas. Ele trata de assuntos muito além do reino da ciência. O autor procura nos colocar em contato com o Deus eterno e revelar o significado sagrado do Seu Ser, Seu propósito e Seu relacionamento com as Suas criaturas conforme Ele opera Sua santa vontade. Este livro, tão notável por sua profundidade e exaltação moral, sua dignidade e grandeza, descreve o Deus eterno na tarefa de preparar um lugar onde suas criaturas amadas possam viver e crescer e revelar Sua divina glória.

## **ESBOÇO**

### **I. O princípio de tudo. 1:1 - 11:32.**

- A. A criação. 1:1 - 2:25.
- B. A tentação e a queda. 3:1-24.
- C. Os dois irmãos. 4:1-26.
- D. Sete e seus descendentes. 5:1-32.
- E. O pecado e o Dilúvio. 6:1 - 8:22
- F. Vida posterior de Noé e seus descendentes. 9:1 - 10:32
- G. A Torre de Babel. 11:1-32.

### **II. Os patriarcas. 12:1 - 50:26.**

#### **A. Abraão. 12:1 - 25:18.**

- 1) A Chamada de Abraão. 12:1-9.
- 2) O Patriarca no Egito. 12:10-20.
- 3) A Partida de Ló. 13:1-18.
- 4) Abraão, Ló, Melquisedeque. 14:1-24.
- 5) Abrão Recebe a Promessa de um Herdeiro. 15:1-21.
- 6) Ismael. 16:1-16.
- 7) Novas Promessas, e a Reação de Abraão. 17:1-27.
- 8) Sodoma e Gomorra. 18:1 - 19:38.
- 9) Abraão e Abimeleque. 20:1-18.
- 10) O Nascimento de Isaque; Ismael Expulso. 21:1-21.
- 11) Abimeleque e Abraão. 21:22-34.

- 12) Abraão e Isaque. 22:1-19.
- 13) A Morte e o Sepultamento de Sara. 23:1-20.
- 14) Eliézer, Isaque e Rebeca. 24:1-67.
- 15) Últimos Dias de Abraão. 25:1-18.

**B. Isaque. 25:19 - 26:35.**

- 1) Isaque e Sua Família. 25:19-34.
- 2) Isaque e Abimeleque. 26:1-35.

**C. Jacó. 27:1 - 36:43.**

- 1) Jacó e Esaú. 27:1-46.
- 2) Jacó, Labão, Lia e Raquel. 28:1 - 30:43.
- 3) Jacó Retorna a Canaã. 31:1-55.
- 4) O Encontro de Jacó com Esaú. 32:1 - 33:17.
- 5) Jacó e sua família em Siquém. 33:18 – 34:31.
- 6) A Volta a Betel. 35:1-29.
- 7) Edom e Seu Povo. 36:1-43.

**D. José. 37:1 - 50:26.**

- 1) Primeiras Experiências de José. 37:1-36.
- 2) Judá e Tamar. 38:1-30.
- 3) José e a Esposa de Potifar. 39:1-23.
- 4) As Experiências de José na Prisão. 40:1-23.
- 5) José e Faraó. 41:1-57.
- 6) A Primeira Visita dos Irmãos. 42:1-38.
- 7) Outras Experiências com os Irmãos. 43:1-34.
- 8) A Proposta Sacrificial de Judá. 44:1-34.
- 9) O Convite de José a Jacó. 45:1-28.
- 10) A Migração para o Egito. 46:1-34.
- 11) Jacó e Faraó. 47:1-12.
- 12) O Administrador do Sustento. 47:13-27.
- 13) Jacó e os Filhos de José. 47:28 - 48:22.
- 14) A Bênção Solene. 49:1-27.
- 15) Dias Finais. 49:28 - 50:26.

---

## COMENTÁRIO

### I. O Princípio de Tudo. 1:1 - 11:32.

#### A. A Criação. 1:1 - 2:25.

##### **Gênesis 1**

Deus é o Criador de todas as coisas. Desde o começo no Livro de Gênesis, a poderosa luz da revelação focaliza o Todo-Poderoso. Ele é o Princípio, a Causa, a Fonte de tudo o que existe. Ele criou todas as coisas e as pessoas que tinham de se encaixar em Seu plano para os séculos. Todo o material necessário para Sua obra posterior, Ele o criou milagrosamente.

**1. No princípio** (*ber'shith*). O autor leva o leitor para além do limite do tempo, para a eternidade insondável, embora lhe faltem palavras quando procura dar uma idéia do estado de coisas antes do limite do tempo. Ele não dá uma indicação de data tangível para este princípio. Sua narrativa retrocede no tempo que precede o calendário dos acontecimentos.

**Criou Deus.** A sublime certeza da revelação baseia-se nesta grandiosa afirmativa. Deus o fez. Nada mais pasmoso poderia ser declarado. Elohim é a palavra mais usada para "Deus" no hebraico, aramaico e árabe. Na realidade é plural em sua forma, mas é usada com o verbo no singular. Talvez o plural seja melhor explicado se disséssemos que indica "plenitude de poder" ou dignidade excepcional e grandeza ilimitada. Neste Um estão reunidos todos os poderes da eternidade e da infinidade.

**Criou.** (*bara*) é um verbo usado exclusivamente para com Deus. O homem não poderia atingir as alturas do poder inerente a esta palavra, por ela descreve o milagre completo. Pelo poder soberano e criativo de Deus algo absolutamente novo foi dado à luz. Os céus e a terra. Aqui o autor focaliza o interesse sobre todos os setores do mundo acima, à volta

e abaixo. Nesta frase ele inclui o universo completo como era conhecido (ou poderia vir a ser conhecido) pelos hebreus, e todo o material primário necessário para fazer os sóis, os planetas, as estrelas, as nebulosas, as galáxias, as moléculas, os átomos, os elétrons e todas as coisas e seres específicos sobre a terra.

Os homens da ciência revelam que nossa galáxia contém mais do que 100 bilhões de estrelas, e que o nosso sol fica a 240 trilhões de quilômetros do centro de nossa galáxia. Nossa galáxia é apenas uma das que compõem um pequeno agrupamento de 19 galáxias, ficando a mais próxima a 30 milhões de anos-luz (240 milhões de trilhões de quilômetros). Nossos cientistas pesquisadores, por mão de poderosos telescópios, certificaram-se razoavelmente de que existem mais de um bilhão de galáxias. Eles calculam o número das estrelas destas galáxias em aproximadamente 100 quintilhões. O poder das velas de uma dessas galáxias é igual ao de 400 milhões de sóis. Quando um homem volta os olhos para esta imensa criação e compara o que vê com a narrativa inspirada do escritor sobre a sua origem, seu coração tem de se encher de espanto. Ele conhece a mão de Deus na beleza e ordem do sistema solar e no poder do átomo. Quer olhe para o sol (positivamente carregado) atraindo os planetas (negativamente carregados) ou examine o núcleo (positivamente carregado) no coração do átomo, atraindo cada elétron (negativamente carregado) no seu equilíbrio, sente a sabedoria, o poder e a grandeza de Deus. À luz de tudo isso, um homem reverente inclina-se diante do seu Criador em espanto e genuína dedicação, e explode em adoração, culto, ação de graças e incontido louvor. A sublime criação do Senhor é este ser, grandemente amado, que Ele escolheu para criar à Sua própria imagem,

**2. A terra, porém, era sem forma e vazia.** (*tôhú wâbôhû*). O inspirado autor rapidamente volta sua atenção para a terra, pois sua história se relaciona com os planos e provisões divinas para a vida humana neste planeta. Ele descreve a terra em seu estado incompleto. Havia plenitude de material à disposição para cada obra que Deus



planejou criar, embora em estado caótico – ermo, vazio, escuro. Seis dias cheios de criatividade fariam mudanças fenomenais. O propósito de Deus não poderia ser satisfeito até que Seu toque milagroso fizesse algo com este caos. Até mesmo as trevas (frequentemente associadas, nas Escrituras, com o mal) seriam subjugadas a Sua vontade.

**O Espírito de Deus pairava** (*ruáh. . . merahepet*). As palavras descrevem a presença de Deus, transmissora de energia, envolvendo e acariciando o caos e a terra incompleta enquanto se preparava para completar a Sua criação. Como uma devotada ave à volta do seu ninho, Ele se movia prodigalizando o Seu amor ao mundo recém-criado.

**3. Disse Deus: Haja luz.** O autor apresenta a primeira palavra criativa de Deus. Com facilidade incrível e ação deliberada, o Deus onipotente criou a luz. Ele enunciou a Sua palavra, e instantaneamente Sua vontade foi realizada (Sl. 33:6, 9). A luz foi a resposta de Deus ao domínio das trevas. Foi a primeira ação positiva do Senhor para concluir seu integral programa da criação. Sem ela, os passos seguintes seriam sem significado. O Apóstolo João nos conta que "Deus é luz" (1 Jo. 1:5).

**4. E viu Deus que . . . era boa.** Quando o Criador olhou para o produto de Sua vontade, encontrou-o perfeitamente completo e admirável; ficou satisfeito. Esta declaração foi feita sete vezes. Cada um dos atos criativos de Deus era perfeito, completo, agradável, satisfatório. É bom lembrar que esta foi a mesma luz que o homem vê e desfruta hoje.

**5. Tarde e manhã.** No livro de Gênesis, a tarde sempre precede a manhã. A criação da luz acabou com o reino das trevas e começou o primeiro dia. Uma vez que isto aconteceu antes da criação do sol e da lua, é incorreto falarmos de dias de vinte e quatro horas até chegarmos a esse ponto no programa do Criador. A referência aqui é a um dia de Deus, e não ao dia comum limitado por minutos e horas. O começo de cada ato da criação é chamado manhã, e a conclusão desse específico ato divino é chamado tarde.

**6. Firmamento (*expansão*) no meio das águas.** A palavra hebraica *râquî'a* representa algo que foi batido ou pressionado para cobrir uma superfície extensa. O escritor sugere aqui uma expansão acima da terra retendo grandes reservatórios de água a serem soltos para a chuva.

**9. Apareça a porção seca.** Em um certo ponto, a água cobria tudo. No terceiro dia, contudo, o Senhor criou a terra e o reino vegetal. Por meio do Seu divino poder fez a terra emergir de dentro da grande massa de águas e formou a porção seca (cons. Sl. 104:6-8; Jó 38:8-11). Do solo, sob ordem expressa de Deus, brotou vegetação viva, e logo cobriu a terra com beleza e providenciou alimento para as criaturas vivas.

**14. Haja luzeiros.** A palavra hebraica *mêôrôt* descreve os luminares ou instrumentos de luz. Por meio desses luminares, a terra recebeu a luz necessária para sustento da vida. Eles deviam governar o dia e a noite (v. 16), servirem de sinais para as estações e dar luz à terra. A narrativa torna fato que Deus os fez e então os colocou no devido lugar. De acordo com o esquema divino, o sol, a luz e as estrelas, todos foram criados para a execução de Sua vontade específica.

**20. Povoem-se as águas de enxames de seres vivos.** Este versículo descreve o aparecimento súbito de hostes de peixes e seres alados. Tinham o propósito de fornecer outra demonstração visível do poder do Criador. Com o seu aparecimento, havia vida e também atividade sobre a terra. E havia, além disso, uma sucessão infinita de criaturas vivas, todas feitas pela poderosa mão de Deus.

**21. Grandes animais marinhos** (E.R.C., grandes baleias). Literalmente, animais estirados que rastejam, ou deslizara sobre a terra, dentro ou fora da água, tais como as serpentes, enguias, peixes e lagartos.

**22.** O Senhor pronunciou sobre eles a Sua bênção e ordenou que fossem fecundos e se multiplicassem. O progresso da atividade criadora de Deus subia na direção da criação do homem.

**26. Façamos o homem.** O momento supremo da criação chegou quando Deus criou o homem. A narrativa apresenta Deus convocando a

corte celestial, ou dos outros dois membros da Trindade, a fim de que toda a atenção fosse dada a este acontecimento. Alguns comentadores, entretanto, interpretam o plural como um "plural de majestade", indicando dignidade e grandeza. A forma plural da palavra Deus, *Elohim*, pode ser explicada mais ou menos da mesma forma. O Senhor está representado concedendo atenção fora do comum a um assunto cheio de muito significado.

**À nossa imagem** (*selem*), conforme a nossa semelhança (*demût*). Embora estes dois sinônimos tenham significados separados, aqui não há necessidade nenhuma de se fazer algum esforço para apresentar os diferentes aspectos do ser divino. Está claro que o homem, como Deus o criou, era distintamente diferente dos animais já criados. Ele estava em um platô muito mais alto, pois Deus o criou para ser imortal, e fez dele uma imagem especial de Sua própria eternidade.

O homem era uma criatura que o seu Criador podia visitar e ter amizade e comunhão com ele. De outro lado, o Senhor podia esperar que o homem Lhe correspondesse e fosse digno de Sua confiança. O homem foi constituído possuidor do privilégio da escolha, até o ponto de desobedecer o Seu Criador. Ele tinha de ser o representante e mordomo responsável de Deus sobre a terra, fazendo a vontade do seu Criador e cumprindo o propósito divino. O domínio do mundo seria entregue a esta nova criatura (cons. Sl. 8:5-7). Ele foi comissionado a subjugar (*kábash*, "pisar sobre") a terra, e a seguir o plano de Deus e enchê-la com sua gente. Esta sublime criatura, com seus incríveis privilégios e pesadas responsabilidades, tinha de viver e movimentar-se regamente.

**31. Muito bom** (*tób meôd*). Quando o Senhor olhou para o resultado final de seus atos criadores, expressou deleite peculiar e satisfação extrema. Tudo no universo, desde a maior das estrelas até a menor das folhinhas, produziu alegria no Seu coração. Era uma linda sinfonia. A satisfação do Criador aqui se expressa em linguagem concisa ainda que vívida.

## Gênesis 2

**2:1,2. Acabados** (*keilâh*) . . . **descansou** (*sheibat*) . . . **santificou** (*keidash*). Quando o Criador pronunciou Sua aprovação sobre tudo o que tinha feito, inclusive o homem, a coroa da criação, declarou a conclusão da obra. No momento não daria início a mais nada. Entretanto, Ele santificou um dia de completo descanso. A palavra hebraica, *sheibat*, pode ser traduzida para "desistiu" ou "cessou" ou "interrompeu". Durante este período até Deus descansaria das atividades criadoras (cons. Êx. 20:11; 31:17).

**3. O dia sétimo** foi separado para ser santificado e respeitado através dos anos como um lembrete de que Deus designou uma estação de descanso, refrigério e completa cessação de todo trabalho ordinário, labuta e luta.

**4. Esta é a gênese** (*tôledôt*). A palavra hebraica vem de um verbo significando *procriar* ou *gerar filhos*. Poderia ser traduzido para "gerações". Esta declaração pode ser uma referência a Gênesis 1. A LXX traduz assim: *Este é o Livro do Gênesis*. Alguns o traduziriam para: *A história dos céus e da terra*. A descendência do céu e da terra foi assim descrita.

**O Senhor Deus** (*Jeová*). Pela primeira vez apresenta-se o nome Yahweh, ou Jeová (cons. Êx. 6:2,3). Jeová é o Deus da aliança pessoal com Israel, que é ao mesmo tempo o Deus do céu e da terra. O nome transporta a idéia de auto-existência eterna do Autor de toda a existência. É a expressão da amorosa benignidade, graça, misericórdia, autoridade e eterno relacionamento de Deus com os seus escolhidos que foram criados à Sua imagem. O relacionamento especial de Jeová com Israel seria descrito mais detalhadamente quando Ele aparecesse na sarça ardente perto do Sinai. Aqui o Autor da vida está identificado com o divino Criador de Gênesis 1.

**6. Uma neblina subia... e regava.** A fim de preparar o solo para a realização de Sua tarefa, o Criador forneceu a umidade. A tradução costumeira refere-se a um chuvisqueiro, ou neblina. É possível que a

palavra traduzida para neblina na E.R.A. (*id*) poderia ser traduzida para "rio" ou "correnteza". A primeira forma é a preferível. De qualquer forma, a neblina foi a maneira que Deus usou para realizar a Sua vontade em relação ao solo. Ação contínua está expressa.

**7. Formou** (*yeiseir*) o Senhor Deus ao homem do pó da terra. Novamente os dois nomes para Deus estão ligados em antecipação ao acontecimento que marcou época. A palavra *yeiseir* foi usada para dar a idéia de um oleiro trabalhando, moldando com suas mãos o material plástico que tinha nas mãos (cons. Jr. 18:3, 4). O mesmo verbo foi usado para descrever o quadro da formação de um povo ou nação. O corpo do homem foi feito do pó da terra, enquanto o seu espírito veio do próprio "fôlego" de Deus. Ele é, literalmente, uma criatura de dois mundos; ambos, a terra e os céus, têm direitos sobre ele. Observe as três declarações: **Formou** (*yeiseir*) **Jeová ao homem do pó ... e lhe soprou** (*neipah*) **nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser** (*heiyeih*) **alma vivente**. O primeiro passo foi importantíssimo, mas o pó umedecido estava longe de ser um homem até que o segundo milagre se completasse. Deus comunicou a Sua própria vida a essa massa inerte de substância que Ele já criara e lhe deu forma. O fôlego divino permeou o material e o transformou em um ser vivente. Esta estranha combinação de pó e divindade deu lugar a uma criação maravilhosa (cons. I Co. 15:47-49) feita à própria imagem de Deus. Como ser vivente, o homem estava destinado a revelar as qualidades do Doador da vida.

Esta linguagem das Escrituras não sugere que o homem tivesse semelhança física com Deus. Antes, ele foi feito semelhante a Deus nos poderes espirituais. Ele recebeu os poderes de pensar e sentir, de se comunicar com os outros, de discernir e discriminar, e, até um certo ponto de determinar o seu próprio caráter.

**8. Um jardim** (*gan*) **no Éden** (*bi'êden*). O autor apresenta Deus plantando um lindo jardim para Suas novas criaturas. A palavra significa um cercado ou um parque. A LXX usa, aqui, um termo que dá base para a nossa palavra "paraíso". O trabalho do homem neste jardim era o de

exercer domínio servindo – uma boa combinação. As obrigações provavelmente eram rigorosas mas agradáveis. O Éden, ou a terra do Éden, ficava provavelmente na parte baixa do vale da Babilônia. Embora tenha se reivindicado outras localizações para o Éden, as evidências parecem apontar para o setor entre o Tigre e o Eufrates como o berço da civilização. A palavra hebraica *Éden* provavelmente significa "encantamento", "prazer", ou "deleite".

Neste sossegado lugar de indescritível beleza, o homem devia desfrutar da comunhão e do companheirismo do Criador, e trabalhar de acordo com o esquema divino para a realização de Sua vontade perfeita. Árvores magníficas forneciam alimento para o sustento, mas o homem teria de trabalhar para cuidar delas. Um adequado suprimento de água era fornecido por um vasto sistema de irrigação, um emaranhado de rios que brotavam dentro e à volta do jardim, dando-lhe vida. A fim de orientar o homem no pleno desenvolvimento moral e espiritual, Deus lhe deu ordens específicas e uma proibição específica para governar seu comportamento. Também lhe deu o poder de escolher e apresentou-lhe o privilégio de crescer no favor divino. Assim começou a disciplina moral do homem.

**18. Uma auxiliadora que lhe seja idônea** (*'izer kenegdô*). O inspirado autor revela indiretamente a natural solidão do homem e a sua insatisfação. Embora muito se fizesse por ele, ainda estava consciente de uma falta. O Criador não terminara ainda. Ele tinha planos de fornecer uma companheira que pudesse satisfazer os anseios incumpridos do coração do homem. Criado para a comunhão e o companheirismo, o homem só poderia desfrutar inteiramente da vida se pudesse partilhar do amor, da confiança e da devoção no íntimo círculo do relacionamento familiar. Jeová tornou possível que o homem tivesse **uma auxiliadora... idônea**. Literalmente, uma auxiliadora que o atenda. Ela teria de partilhar das responsabilidades do homem, corresponder à natureza dele com amor e compreensão, e cooperar de todo o coração com ele na execução do plano de Deus.

**21. Fez cair** (*beinâ*) pesado sono (*tardimâ*). Hoje em dia os médicos usam diversos anestésicos para produzirem sono profundo. Não sabemos que meios ou métodos o Criador usou para induzir Adão nesse pesado sono que o deixou inconsciente dos acontecimentos. Isto permanece um mistério. Certamente a misericórdia divina foi exibida neste milagre. O Eterno estava criando não apenas um outro indivíduo, mas um indivíduo novo, totalmente diferente, com outro sexo. Alguém já disse que "a mulher foi tirada não da cabeça do homem para governar sobre ele, não dos seus pés para ser pisada por ele, mas do seu lado, de sob o seu braço, para ser protegida, e de perto do seu coração, para ser amada". Na história da criação ela também está representada dependendo inteiramente de seu marido e incompleta sem ele. Do mesmo modo, o homem jamais é inteiramente completo sem a mulher. Essa é a vontade de Deus. Uma vez que a mulher foi formada do lado do homem, ela tem a obrigação de permanecer ao seu lado e de ajudá-lo. Ele tem a obrigação de lhe dar a proteção e defendê-la com o seu braço. Os dois seres formam um todo completo, a coroa da criação. O autor do Gênesis declara que Deus transformou (*beinâ*) a costela que tirou do homem em uma mulher. A mão que moldou o barro para fazer o corpo do homem, pegou uma parte do corpo vivo do homem e transformou-o em uma mulher.

**22. E lha trouxe.** Quando Deus terminou essa nova criação, Ele "a deu" em casamento ao seu marido, estabelecendo assim a eternamente significativa instituição do casamento. Uma vez que o Criador instituiu o casamento, este constitui um relacionamento sagrado do homem com a mulher, envolvendo profundo mistério e proclamando sua origem divina. O amoroso coração de Deus sem dúvida se regozijou com a instituição de um relacionamento que devia ser sublime, puro, santo e agradável para a humanidade.

**23. Esta, afinal, é . . . carne da minha carne.** O homem reconheceu nesta nova criação uma companheira divinamente criada para atender a todos os anseios do seu faminto coração para a execução



da santa vontade de Deus. Varoa (*'ishshâ*) . . . varão (*ish*). Estas duas palavras hebraicas são muito parecidas, até mesmo no som. A única diferença entre elas é que a palavra "mulher" tem um sufixo feminino. Léxicos mais recentes declaram que estas palavras não são etimologicamente relacionadas. Não há, entretanto, nenhuma base para rejeitarmos a opinião anterior de que a palavra "mulher" vem da palavra "homem".

**24. Por isso . . . o homem. . . se une (*deibaq*) à sua mulher.** O Criador estabeleceu a base completa para o casamento monogâmico. Rashi, o grande comentador hebreu, declara que estas palavras são um comentário específico do Espírito Santo. O comentário final sobre a união de marido e mulher foi feito por nosso Senhor Jesus Cristo, quando disse: "Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unirá-se à sua mulher. E serão os dois uma só carne; e assim já não serão dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem" (Mc. 10:7-9). Deus planejou que os laços matrimoniais deveriam ser terminantemente indissolúveis. Se une (*deibaq*) significa "colar-se a" sua esposa (sua própria esposa). A palavra "mulher" está no singular. O homem, que é o mais forte, é o que deve *unir-se* a ela. A esposa ficará segura ao marido, se ele exercer sobre ela o tipo de poder amoroso descrito neste versículo. "O que Deus ajuntou não o separe o homem". Esta é uma declaração antiga, mas é verdadeiramente a palavra de Deus para todos os corações da atualidade e para sempre.

Como é notável que um relacionamento tão exatamente descrito por Moisés há séculos atrás, continue enraizado na verdade eterna e no decreto divino! A santidade do casamento fundamenta-se no próprio coração das Escrituras, e ficou eternamente destacada pelo Espírito Santo, como necessidade básica. Deus quis que as criaturas feitas à Sua imagem fossem Seus vasos escolhidos para a edificação de um lar que Lhe fosse agradável. No N.T. o Espírito revela: o relacionamento divinamente estabelecido entre o homem e a mulher, baseia-se na ordem da criação; na liderança da família exercida pelo marido; na santidade

eterna dos votos matrimoniais; no tipo de amor que deveria unir o esposo à esposa; e na pureza que deveria caracterizar aquelas que tipificam a Esposa por quem Cristo deu a Sua vida.

## Gênesis 3

### B. A Tentação e a Queda. 3:1-24.

O autor do Gênesis faz aqui uma lista dos passos que levaram à entrada do pecado nos corações daqueles indivíduos divinamente criados, que começaram suas vidas com corações tão puros e tantas promessas. A desobediência e o pecado obscureceram o quadro. Embora estes seres fossem moralmente honestos, receberam o poder da escolha; e estavam sujeitos ao poder do tentador a qualquer momento. Por isso o teste foi inevitável. O jardim era uma criação primorosa, cheia de provisões abundantes. O meio ambiente do homem nada deixava a desejar. Uma proibição, contudo, fora feita ao homem e à mulher. Todas as árvores, arbustos e guloseimas seriam deles, com exceção do fruto da "árvore do conhecimento do bem e do mal". Esta proibição parece que formou a atmosfera na qual as mentes humanas acolheram o apelo do tentador.

**1. A serpente (*neiheish*).** A narrativa apresenta o sedutor como um dos animais, que era muito **mais sagaz** do que os outros. A palavra hebraica contém a idéia de astúcia excepcional. (As lendas rabínicas dizem que a serpente andava ereta.) Ela tinha o poder de falar e falava livremente com sua vítima. Ela era ardilosa, insidiosa, maliciosa. Mais tarde a exegese identificará a serpente com Satanás ou o diabo. À luz de verdades bíblicas posteriores, estamos justificados em concluir que a serpente foi um instrumento especialmente escolhido por Satanás para este teste.

Em Ap. 12:9 o tentador é chamado de "o grande dragão, a velha serpente, chamada o diabo e Satanás" (cons. Milton, *Paradise Lost*, Livro IX). A palavra *neiheish*, que significa *sibilante*, sem dúvida se refere à espécie de ser que conhecemos como a serpente. Paulo declara

que Satanás mascara-se de "anjo de luz" (II Co. 11:14). Ele escolheu o animal mais malicioso, mais sutil, mais cauteloso e controlou-o inteiramente para executar sua tarefa desastrosa. Jesus disse referindo-se a Satanás: "É mentiroso, e pai da mentira" (Jo. 8:44, cons. Rm. 16:20; II Co. 11:3; I Tm. 2:14; Ap. 20: 2).

O método de engano que a serpente usou com Eva foi o de distorcer o significado da proibição de Deus e então ridicularizá-la em sua nova forma. O tentador fingiu surpresa diante de tal ordem vinda de Deus. Então procurou abalar a fé da mulher semeando em sua mente dúvidas, suspeitas e falsos quadros do Todo-poderoso e seus motivos. Foi uma tentativa deliberada de desacreditar a Deus. Quando a fé falha, o firme fundamento da conduta moral entra em colapso. Só falta um pequenino passo da incredulidade para o pecado e a desgraça.

**2:3. Respondeu-lhe a mulher.** Conversar com o tentador sempre é perigoso. Inconsciente, a mulher estava revelando um desejo de entrar num acordo com o tentador. Ela não tinha a vantagem das palavras usadas por Jesus em Mt. 4:10 e a advertência de Tg. 4:7. Ela era inocente, ingênua e confiante; não servia de parceiro para o ardiloso antagonista. Ela não quis ficar de lado e ver Deus sendo deturpado; então tentou corajosamente corrigir a declaração da serpente. Mas citou a proibição de Deus de maneira errada, acrescentando a palavra tocareis.

**5. Como Deus, sereis.** Agora que Eva entrara na conversa, o sedutor avançou com seu argumento mais poderoso. Mais do que depressa ele deu a entender que o grande desejo do homem de ser igual a Deus foi deliberadamente frustrado por ordem divina. Ele acusou o Criador de egoísmo e falsidade maliciosa, apresentando-O como se tivesse inveja e não desejasse que Suas criaturas tivessem algo que as tornasse iguais ao Onisciente. (A palavra *'Elohim* pode ser traduzida para Deus ou deuses, uma vez que se encontra no plural. A primeira forma é a preferida.)

**6. Vendo a mulher . . . tomou. . . comeu, e deu.** Os fortes verbos contam a história de maneira viva e clara. Algo aconteceu no raciocínio

da mulher. Gradualmente o fruto tomou novo significado. Era atraente aos olhos, de bom paladar, e poderoso para conceder nova sabedoria. Ela deu mais um passo no campo da auto-decepção. Além de querer provar o alimento que era delicioso e atraente, queria também o poder. Ela cria que este fruto poderia satisfazer todos os seus desejos. O próximo passo foi automático e imediato. **Tomou ... comeu.** O tentador já não era mais necessário a partir desse momento. Eva assumiu a tarefa de apresentar o bem recomendado fruto a seu marido, e ele comeu.

**7. Abriram-se. . . os olhos (*peikah*) . . . percebendo.** A palavra *peikah* descreve um súbito milagre. A promessa do tentador cumpriu-se imediatamente; receberam percepção instantânea. Viram e perceberam. Mas o que viram foi muito diferente do quadro colorido pintado pela serpente. Houve um rude despertar da consciência. Viram a sua nudez, espiritual e física. Nasceu a vergonha e o medo. Quando Adão e Eva perceberam que tinham perdido o contato com Deus, uma terrível solidão apossou-se deles. Seguiram-se o remorso e suas inevitáveis misérias. Sua falta de fé sujeitou-os a todos infortúnios resultantes. Apressadamente fizeram para si cintas ou aventais para fornecer algum tipo de ocultamento, segundo seu parecer, para o seu medo, solidão e complexo de culpa.

**8. A voz do Senhor Deus... pela viração do dia.** (*Kol*, "voz" é, lit., *som*; *lerûah*, "viração", é *vento* ou *brisa*.) Podiam esconder-se de Deus, mas não podiam escapar dEle. O amoroso Criador não passaria por cima de sua desobediência, nem abandonaria pecadores trêmulos dentro de sua pungente necessidade. Eles eram Seus. Sua santidade tinha de vir revestida de amor, para buscá-los, encontrá-los e julgá-los. Comumente a aproximação de Deus lhes trazia alegria. Agora, terror e pavor os paralisaram, embora o Senhor não se aproximasse deles com trovões nem os chamasse asperamente.

**9. É fácil imaginar-se a doçura da voz divina, quando ecoou através das árvores, na quietude da tarde, chamando: "Onde estás?"** É claro que Deus sabia onde estavam o homem e a mulher. Mas apelava para eles,

procurando com ternura e amor obter uma reação favorável. E procurou levar os transgressores gentilmente até a plena convicção dos seus pecados. Embora a Justiça estivesse ditando o procedimento, a Misericórdia eram quem dirigia. O Juiz daria a decisão e pronunciaria a sentença.

**12. A mulher... me deu da árvore, e eu comi.** As perguntas divinas foram diretas e incomumente específicas. Em vez de confessar abertamente, rogando por misericórdia, Adão e Eva começaram a apresentar desculpas, passando a responsabilidade de um para o outro. O homem um tanto temerariamente jogou parte da culpa sobre Deus - **que (tu) me deste.**

**13.** A mulher, recusando assumir a responsabilidade, jogou-a toda sobre a serpente. A serpente não tinha modos de passá-la adiante. Enganou (*hish-shiani*). O verbo carrega a idéia de engano (cons. o uso que Paulo faz do conceito em II Co. 11:3 ; I Tm. 2:14).

**14. Maldita ('eirur) és.** O Senhor destacou a origem e a instigação da tentação para condenação e degradação incomuns. Daquele momento em diante passou a rastejar no pó e até alimentar-se dele. Rastejaria pela vida afora na desgraça, e o ódio seria a sua porção vindo de todas as direções. Muitos a considerariam para sempre como o símbolo da degradação daquele que tinha injuriado a Deus (cons. Is. 65:25). Além de representar a raça da serpente, também representaria o poder do reino do mal. Enquanto houvesse vida, os homens a odiariam e procurariam destruí-la.

**15. Porei inimizado.** A palavra *'ebé* indica a inimizado feudal profundamente enraizada no coração do homem (cons. Nm. 35:19, 20; Ez. 25:15-17; 35:5, 6). **Tu lhe ferirás (*shup*).** Profecia de luta contínua entre os descendentes da mulher e os da serpente para se destruírem mutuamente. O verbo *shup* é raro (cons. Jó 9:17; Sl. 139:11). É o mesmo em ambas as cláusulas. Quando traduzido para esmagar, parece apropriado para a referência relativa à cabeça da serpente, mas não tão exato ao descrever o ataque da Serpente ao calcanhar do homem.

Também foi traduzido para *espreitar*, *mirar* ou (LXX) *vigiar*. A Vulgata o traduz para *conteret*, "ferir", no primeiro exemplo, e *insidiaberis*, "espreitar" na segunda cláusula. Assim, temos nesta famosa passagem, chamada *protevangeliu*m, "primeiro evangelho", o anúncio de uma luta prolongada, antagonismo perpétuo, feridas de ambos os lados, e vitória final para a semente da mulher. A promessa de Deus de que a cabeça da serpente seria esmagada apontava para a vinda do Messias e a vitória garantida. Esta certeza entrou pelos ouvidos das primeiras criaturas de Deus como uma bendita esperança de redenção. Uma tradução infeliz da Vulgata muda o pronome **lhe** (**dele**, v. 15c) para o feminino, fornecendo apoio espúrio para as reivindicações infundadas relativas à "Bendita Virgem Maria".

**16. E à mulher disse.** Para a mulher, Deus predisse sujeição ao homem, e sofrimento. Gravidez e parto seriam acompanhadas de dores. A palavra *'asvon* descreve dores físicas e mentais. Eva realizaria seus anseios e desejos femininos, mas não sem agonia. Em outras palavras, como esposa e mãe, estaria sujeita à disciplina de Jeová. O amor da mulher e o governo masculino, ambos estão apresentados na viva descrição. Não podemos compreender inteiramente a natureza de tais juízos do Senhor.

**17. E a Adão disse.** Dificuldades físicas, labuta árdua, aborrecimentos frustrantes e luta violenta foram concedidas por quinhão ao homem, que foi definitivamente julgado pecador culpado. Antes disso a terra produzia facilmente e livremente para o homem, com grande abundância. Adão tinha, antes, apenas de "cultivar" o jardim (2:15) a fim de desfrutar de sua abundante produção. Mas agora Deus pronunciou uma maldição especial sobre o solo. Dali para frente produziria suas colheitas com relutância. O homem teria de trabalhar muito cultivando o solo a fim de que produzisse o necessário para a vida. E ele teria de lutar com espinhos e ervas daninhas que antes não se destacavam. Trabalho enfadonho, dificuldades e cansaço seriam o seu quinhão diário. Para Adão, como também para Eva, o pecado cobrou pesado tributo.

**20. Eva** (*hauuâ*). A palavra hebraica relaciona-se com a vida, e o verbo ao qual está ligada fala da vida. Toda a vida originou-se da primeira mulher. Ela foi a mãe de todas as pessoas e, portanto, a mãe de cada clã e cada povo. De acordo com o propósito divino, a vida deve continuar, ainda que a sentença de morte tenha sido declarada – **e ao pó tornarás** (v. 19).

**22-24a. O Senhor...o lançou** (*geirash*) fora. Um ato necessário e misericordioso. O Senhor não permitiria que o homem rebelde tivesse acesso à árvore da vida. Com cuidado amoroso afastou Adão e Eva do fruto que os tomariam imortais, perpetuando assim, a terrível condição para a qual o pecado os levara. Do agradável jardim foram expulsos para o deserto inamistoso.

**24b. Querubins . . . e o refulgir de uma espada.** Rashi, o intérprete hebreu, declarou que esses instrumentos foram "anjos da destruição", com o propósito de destruir qualquer um que procurasse entrar. A palavra hebraica *kerubim* indica figuras divinamente formadas para servirem como mensageiros da divindade ou como guardiões especiais das coisas sagradas. Em um exemplo eles são mostrados sustentando o trono sobre o qual Deus está assentado. Em outro, foram usados para descrever a terrível inacessibilidade de Jeová. Em geral, sua função parece ser a de guardar a sagrada habitação de Deus contra a usurpação e a contaminação. A árvore da vida estava perfeitamente segura com os querubins a guardá-la no portão. E o homem pecador estava perfeitamente seguro do perigo que adviria se não tivesse o majestoso protetor.

**24c. O refulgir de uma espada que se revolia** (*mithhapeket*). O caminho de volta ao Éden estava guardado não só pelos querubins mas também por uma espada refulgente que se revolia. Isso servia de garantia de que o homem não tentaria se aproximar da árvore da vida. Embora o paraíso do homem lhe fosse fechado por causa do pecado, Jeová não se esqueceu de Suas criaturas. Ele já fizera provisões para a sua triunfante volta.



## Gênesis 4

### C. Os Dois Irmãos. 4:1-26.

**1. Caim** (*Qayin*). A palavra Caim está geralmente associada com *qeinâ* do hebreu, "adquirir" ou "obter". A derivação está baseada na semelhança do som, mais do que por causa da etimologia básica, Poderíamos dizer que é um jogo de palavras. O verdadeiro significado da palavra possivelmente veio do árabe ("lanceiro" ou "ferreiro"). Eva encheu-se de alegria com o nascimento do seu filho. Ela exclamou: "Obtive um homem".

**2. Abel** (*Hebel*). O nome dado ao segundo filho indica "um hálito fugaz" ou "um vapor". *Aplu*, a palavra acadiana cognata, significa filho. Abel deu origem à vida pastoral, enquanto Caim seguiu a seu pai na agricultura.

**4a. Uma oferta** (*minhâ*). Cada homem trouxe um presente especial ou uma oferta a Jeová. Não se faz nenhuma menção de altar ou lugar de culto religioso. *Minhâ*, como os antigos o conheciam, servia para expressar gratidão, o efeito da reconciliação com o Senhor, e para adoração. Esta narrativa descreve o primeiro ato de adoração registrado na história humana. Em cada exemplo o adorador trouxe algo que era seu como oblação ao Senhor.

**4b. Agradou-se o Senhor** (*shei'â*). O presente oferecido por Caim não foi recebido pelo Senhor. Aqui não se explica o porquê da rejeição. E as Escrituras não nos contam como Deus indicou a Sua desaprovação. Talvez fogo caísse do céu e consumisse a oferta que foi aceita, mas deixasse a outra intocada. Há quem pense que a oferta de Caim foi rejeitada porque Caim deixou de realizar o ritual adequado. Outros têm explicado que a natureza das ofertas é que fez a diferença - uma sendo de carne e envolvendo morte e derramamento de sangue, e a outra de vegetais, sem derramamento de sangue (cons. Hb. 9:22).

O autor da Epístola aos hebreus dá-nos uma explicação inspirada da diferença entre as duas ofertas: "Pela fé Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim . . . , dando Deus testemunho dos seus dons " (Hb.

11:4). Esta explicação centraliza-se sobre a diferença do espírito manifestado pelos dois homens. Sendo Abel um homem de fé, veio com o espírito correto e adorou de maneira agradável a Deus. Não temos motivos para crer que Abel tinha algum conhecimento de sua necessidade da expiação substitutiva. Pelas aparências ambas as ofertas expressavam gratidão, ação de graças e devoção a Deus. Mas o homem que tinha falta de fé genuína no seu coração não podia agradar a Deus, embora sua oferta material fosse imaculada. Deus não se agradou de Caim porque já olhara para ele e vira o que havia no seu coração. Abel veio a Deus com a atitude certa de um coração disposto a adorar e pela única maneira em que os homens pecadores podem se aproximar de um Deus santo. Caim não.

**5b.** A ira incontida de Caim exibiu-se imediatamente. Sua fúria logo se acendeu, revelando o espírito que se aliava em seu coração. Caim tornou-se um inimigo de Deus e hostil para com seu irmão. Assim, o orgulho ferido produziu a inveja e o espírito de vingança. E estes deram à luz ao ódio consumidor e à violência que torna possível o homicídio.

**6,7a. Descaiu o teu semblante . . . serás aceito.** O ódio que o queimava por dentro fez descair o seu semblante. Produziu um espírito taciturno, desagradável e mal-humorado. Com gentileza e paciência Deus lidou com Caim, tentando salvar o pecador rebelde. Assegurou-lhe que caso se arrependesse sinceramente, readquiriria sua alegria e seria aceito por Deus. *Neisei*, "levantar", empresta a idéia de perdão. Jeová misericordiosamente estendeu, assim, a Caim a esperança do perdão e da vitória diante de sua decisão momentosa.

**7b. Pecado** (*hatt'at*) **jaz** (*reibas*). Logo em cima da promessa animadora. Jeová pronunciou uma advertência severa, insistindo com o pecador a que controlasse seu gênio e tomasse cuidado para que uma besta pronta a saltar sobre ele (o pecado) não o devorasse. O perigo era real. A besta mortal estava exatamente naquele momento pronta a dominá-lo. A palavra de Deus exigia ação imediata e forte esforço para repelir o provável conquistador. Caim não devia permitir que esses

pensamentos agitados e esses impulsos o conduzissem a atitudes ruins. Deus apelou fortemente para a vontade de Caim. A vontade tinha de ser posta em ação para se obter a vitória completa sobre o pecado (*hatt'at*). Dependia do próprio Caim vencer o pecado em si mesmo, para controlar e não ser controlado. O seu destino estava em suas mãos. Não era tarde demais para escolher o caminho de Deus.

**9. Onde está Abel, teu irmão?** Falhando no domínio do selvagem monstro, Caim logo encontrou-se à mercê de uma força que o controlou completamente. Quase imediatamente um dos filhos veio a ser um homicida e o outro um mártir. Rapidamente Jeová confrontou o homicida com uma pergunta. Ao que parece, Ele quis obter uma confissão de culpa que preparasse o caminho para a misericórdia e o perdão completo. Embora Caim tivesse cometido o pecado de livre e espontânea vontade, descobriu-se perseguido por um Deus amoroso, rico em graça. Sou eu tutor de meu irmão? (*shomer*). Que resposta desavergonhada para a pergunta de um Pai amoroso! Petulantemente, desafiadoramente, Caim deu a sua resposta. O pecado já o tinha agarrado em seu domínio. Ele renunciava os direitos demandantes da fraternidade. Recusou-se a demonstrar respeito ao Deus eterno. Descaradamente apoiou-se em sua rebeldia egoísta e falou coisas que ninguém teria coragem de pronunciar.

**10. A voz (*qôl*) do sangue do teu irmão clama (*sô'qim*) da terra a mim.** Sangue derramado por um homicida, embora coberto pela terra, estava clamando a Deus. Jeová podia ouvi-lo, e Ele compreendia o significado do grito, pois Ele conhecia a culpa de Caim. Com que melancolia aquele sangue gritava por vingança! O autor de Hebreus refere-se a esta experiência na frase "o sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel" (12:24).

**12. Fugitivo (*nei'*) e errante (*neid*).** A maldição pronunciada sobre o homicida envolvia banimento do solo produtivo para o deserto estéril. O solo, disse Deus, seria hostil para o homicida, de modo que ele não conseguiria obter sustento do cultivo do solo. Em busca do sustento ele

se tornaria um beduíno nas terras desertas, vagando cansado e desesperado. Insegurança, inquietação, luta, culpa e temores seriam seus "companheiros" constantes. A palavra fugitivo dá idéia de alguém cambaleando, andando em ziguezague, tropeçando, sem segurança, em busca infrutífera de uma satisfação. Era um projeto lúgubre e desencorajador.

**13. O meu castigo ('awon).** Embora a vida de Caim fosse poupada, ele tremia sob o peso do seu pecado, da sua culpa, do seu castigo e das conseqüências infinitas que assomavam diante dele. A palavra hebraica *'awon* refere-se literalmente a sua iniquidade, mas também contém um pensamento das conseqüências do seu pecado. Caim estava muito mais preocupado com sua sentença do que com o seu pecado. **Já não posso suportá-lo.** Seu grito amargo dirigido a Deus chamava atenção para o peso insuportável do seu castigo. Era mais pesado do que podia levantar e carregar. A palavra *neisa* dá a idéia de "remover" (perdão) e "levantar" (expição). Novamente, parece claro que o apavorado homicida estava pensando no castigo que estava para ser executado sobre ele.

**14b. Quem... me matará.** Terror e desalento começaram a acabrunhar o pecador quando pensava nos perigos do deserto. Imaginava que cruéis inimigos se deleitariam em matá-lo. Já sentia o hálito quente do vingador em sua nuca. Sua consciência ativa já estava em ação. No seu temor, tinha certeza de que a destruição estava a sua espera, pois sentia que estava completamente fora do círculo do cuidado divino.

**15. Um sinal ('ot) em Caim.** Mas Jeová, em sua misericórdia, assegurou a Caim que a Sua presença seria contínua e Sua proteção infinita. Colocou um sinal sobre ele evidentemente um sinal ou indicação de que Caim pertencia ao Senhor Deus e devia ser fisicamente poupado. Não há nenhuma evidência de que o "sinal de Caim" fosse um sinal para avisar o mundo de que ele era um homicida. Era, antes, um sinal especial de cuidado amoroso e proteção. Caim continuaria sempre dentro da proteção da aliança divina. Embora um assassino, era um recipiente dos favores divinos.

**16. Terra de Node** (*nôd*). Literalmente, terra da peregrinação ou fuga (cons. 4:12, 14). Não há meio de localizarmos esta área geograficamente, exceto em falarmos dela como situada ao oriente do Éden. Caim apenas cumpriu a predição que Deus fez quanto a sua futura existência. Pateticamente e estoicamente ele partiu para os ermos sem trilhas. A idéia de "fuga" e "miséria" são discerníveis na palavra hebraica para **retirou-se**.

**17. Sua mulher** (*'ishtô*). O livro de Gênesis não responde a tão freqüente pergunta: Onde Caim arranhou uma esposa? Está claro que Adão e Eva tiveram muitos outros filhos e filhas. Antes de Caim se casar, um lapso de muitos anos se passou (talvez centenas deles). Uma vez que toda a vida veio pelo casal humano divinamente criado, é preciso concluir que num certo período da história irmãos e irmãs casaram-se entre si. Na ocasião quando Caim estava pronto a estabelecer um lar, Adão e Eva tinham numerosos descendentes. Não é preciso que imaginemos uma outra raça de pessoas já estabelecida no mundo. A esposa de Caim foi alguém da família de Adão e Eva.

**25. Sete** (*Shêt*). A narrativa divina preservou o nome de Sete como o do terceiro filho da linhagem de Adão. A palavra hebraica tem marcada semelhança à palavra *shât*, traduzida para "destinado" ou "estabelecido". Na realidade, Sete veio a ser aquele de quem Deus pôde depender para o estabelecimento da pedra fundamental de Sua família. Ele foi "estabelecido" ou "destinado" a assumir o trabalho e a missão de Abel. Caim perdeu o seu direito de levar adiante a sublime esperança divina. Sete assumiria a responsabilidade e o privilégio sobre os seus ombros. Através de sua linhagem Deus realizaria Suas promessas.

**26. Daí se começou a invocar o nome do Senhor.** Foi uma experiência para nunca mais ser esquecida, quando, sob o estímulo de Enos, os homens começaram a invocar o nome de Jeová, o Deus da aliança. Enos, que se destacou na linhagem de Sete, foi o originador da oração pública e da adoração espiritual. Nela se usava o inefável nome

do Deus eterno. Através dos descendentes de Sete havia uma esperança para dias melhores.

## **Gênesis 5**

### **D. Sete e Seus Descendentes. 5:1-32.**

**22. Andou Enoque (*Hanôk*) com Deus.** No meio da narrativa de nascimentos, existências monótonas e mortes resultantes, o autor subitamente introduz um caráter sublime, Enoque, que agradou o Senhor e viveu em Sua presença imediata. Em um período de deterioração, Enoque deu notável demonstração de piedade recomendável. Em pensamentos, palavras, feitos e atitudes ele viveu de acordo com a vontade divina; e levou alegria ao coração do seu Criador. A LXX diz a seu respeito: "Enoque agradou a Deus". Uma declaração extraordinária dá-nos uma indicação de quando Enoque começou a andar com Deus (cons. 22a). Talvez fosse no momento em que se deu o nascimento de seu filho, sem dúvida um ponto alto de sua vida, que ele determinou em seu coração viver em íntima comunhão com Deus. Sua íntima associação em tal atmosfera deu-lhe sabedoria celestial, a qual o capacitou a compreender e apreciar as ricas coisas de Deus.

**24. E já não era, porque Deus o tomou para si.** Por conta de sua piedade genuína e sua assimilação da sabedoria divina, foi levado desta terra para continuar sua caminhada nas sagradas regiões do além. Seu desaparecimento foi súbito e completamente sem aviso, e a morte nada tem a ver com ele. A LXX diz: Ele não foi encontrado, porque Deus o trasladou. "Pela fé Enoque foi trasladado", diz o escritor de Hebreus, "para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara" (Hb. 11:5). Um lindo e significativo milagre foi realizado de modo que o homem que aprendera a amar a Deus e a andar com Ele pudesse continuar nessa comunhão sem interrupção.

### **E. O Pecado e o Dilúvio. 6:1 - 8:22.**

## Gênesis 6

**6:2. Os filhos de Deus (*benê 'Elohim*) . . . as filhas dos homens.** A maldade aumentava a todo instante. Os descendentes de Caim ficaram excessivamente ímpios e pagãos. Uma poderosa raça de gigantes, chamada "nefilins", destacou-se. O verbo *neipal*, "cair", tem sido considerado a fonte do nome, e por isso estas gigantescas criaturas têm sido conhecidas como "os que decaíram".

A referência ao *benê 'Elohim* tem ocasionado marcadas diferenças de opinião entre os mestres, *'Elohim* é plural na forma. Normalmente é traduzido para "Deus". Mas pode ser traduzido para "deuses", como, por exemplo, quando se refere aos deuses dos vizinhos pagãos de Israel. Pode, também, indicar o círculo celestial de seres em íntima comunhão com Jeová, habitantes do céu, com obrigações específicas na qualidade de assistentes de Deus (veja Jó 1:6).

Em alguns casos nas Escrituras os "filhos de Deus" podem ser identificados com os "anjos" ou "mensageiros". Jesus é o Filho de Deus em um sentido único. Os crentes são chamados "filhos de Deus" por causa do Seu relacionamento com Ele. No V.T., entretanto, "filhos de Deus" são uma classe especial de seres que formam a corte celestial.

A referência ao casamento dos *benê 'Elohim* com as filhas dos homens tem sido examinada de maneiras diversas. Para traduzi-la literalmente, diríamos que aqueles membros da sociedade celeste escolheram mulheres de escol na terra e estabeleceram com elas, literal e verdadeiramente, relacionamento conjugal. Esta pode ser a única interpretação de Jó 1:6. Ali, os *benê 'Elohim* eram declaradamente membros da corte de Deus. S.R. Driver sustenta que este é o único sentido legítimo e correto que pode ser aceito. A resposta que Jesus deu aos saduceus, em Mt. 22:30, parece tornar insustentável este ponto de vista. Ele disse que os anjos "nem casam nem são dados em casamento". A declaração em Gn. 6:2 torna claro que está se falando de casamento permanente. Mulheres eram escolhidas e forçadas a se tornarem participantes do relacionamento anormal. Os estudiosos da Bíblia que



têm rejeitado esta solução recorreram a outras explicações. Alguns têm dito que uma ligação entre a linhagem piedosa de Sete com os ímpios descendentes de Caim é a que está sendo descrita. Outros ainda sustentam que estas palavras se referem ao casamento entre pessoas da classe mais alta da sociedade com elementos da classe mais baixa e menos digna. À luz dos fatos e da tradução exata das palavras do texto, concluímos que alguns homens do grupo celeste (anjos ou mensageiros) realmente tomaram por esposas as mulheres terrestres. Usaram de força superior para dominá-las, para que a conquista fosse completa. Os "filhos de Deus" eram irresistíveis (cons. II Pe. 2: 4; Judas 6).

**3. O meu Espírito (*rûah*) não agirá para sempre (*veidôn*) no homem.** Este verbo hebraico pode ser traduzido para lutar com ou permanecer com. A primeira tradução representaria Deus usando continuamente de força para com os homens rebeldes, para mantê-los em linha e para evitar que se destruam completamente como resultado de seu comportamento pecador. O segundo ponto de vista representaria Deus como tomando a determinação de afastar seu fôlego vital da vida do homem, resultando, é claro, na morte. A palavra hebraica *dûn* (ou *din*) indica vida expressando-se na ação ou na evidência do poder.

Na primeira interpretação, o espírito (*rûah*) é considerado um princípio ético usado para restringir ou controlar as criaturas, resultando em comportamento ético. Na outra, o espírito (*rûah*) é considerado como princípio vital dado ao pedacinho de barro inanimado para fornecer vida, motivação e poder para viver. Quando esse *rûah* é retirado pela mão divina, o julgamento é inescapável. Este aviso divino veio de Jeová quando Ele encontrou Suas criaturas dominadas pelo pecado. Deus declarou que tinha de abandonar o homem ao destino da morte. O pecado ativara aquilo que garantiria a morte.

**5,6. Maldade (*rei'eit*) ... se arrependeu (*heiham*) ... pesou (*'eisab*).** A depravação era muito difundida. E era interna, contínua e habitual. O homem era inteiramente corrupto, mau de coração e na conduta. Não havia nada de bom nele. Toda a inclinação dos Seus pensamentos e

imaginação era completamente fora da linha da vontade de Jeová. A carne estava no trono. Deus foi esquecido e francamente desafiado. *Neiham* na forma nifal descreve o amor de Deus, que sofreu desapontamento de fazer partir o coração. Literalmente, fala de suspirar devido à dor profunda. Os propósitos e planos de Deus falharam na produção do precioso fruto que Ele antecipou, por causa do homem pecador que impediu sua frutificação completa. *'Eisab* na forma *hithpael* significa ferir-se ou experimentar um ferimento. A declaração diz, então, que Deus experimentou tristeza que Lhe feriu o coração quando olhou para a trágica devastação que o pecado produzira. A obra de Suas mãos fora distorcida e arruinada. Através de tudo isto, o amor de Deus brilhava claramente, mesmo quando o retumbar do juízo divino começou a ameaçar os habitantes da terra.

**7. Desaparecer** (*mahâ*; E.R.C., **destruirei**). O verbo indica um movimento que extermina ou risca alguma coisa completamente. A operação tulha a intenção de destruir cada ser vivo que estivesse pela frente. Destruição completa tinha de ser executada. Nada devia ser poupado.

**8. Porém Noé achou graça** (*hên*). Um homem entre toda a incontável multidão que havia sobre a terra estava capacitado a receber o dom da graça de Deus. A palavra graça certamente significa "favor" ou "aceitação", de qualquer modo, e provavelmente tem um sentido muito mais rico. Era o amor e a misericórdia em ação. Estendendo Deus a Sua graça sobre Noé significava que havia vida e nova esperança para a humanidade nos dias pela frente.

**9. Noé era homem justo e íntegro. . . Noé andava com Deus.** Com estas palavras o autor descreve três características de uma vida piedosa – justiça, pureza e santidade (cons. 6:8 - ele achou graça diante do Senhor).

A palavra justo, do hebraico *saddiq*, descreve o caráter de Noé conforme se manifestava em relação aos outros seres humanos: "honestidade" ou "honra" era evidente em seu comportamento. Toda a

sua conduta revelava esta justiça moral e ética (cons. Ez. 14:14, 20). A palavra hebraica *tânim*, íntegro, descreve o produto perfeito de um construtor sábio; é inteiro, completo e perfeito. Visto objetivamente, a palavra imaculado descreve o caráter. No reino da ética, a idéia de "integridade" é a sua derivada (cons. Jó 1:1). A declaração, ele **andava com Deus**, abre um outro setor do pensamento. Ao andar com Deus, Noé demonstrou um espírito, uma atitude e um caráter que o tornava aceito e aprovado para um relacionamento espiritual mais íntimo. Ele manifestava qualidades de alma que o tomavam querido ao Senhor (cons. Gn. 5:22 ; Mq. 6: 8; Ml. 2: 6).

**14-16. Uma arca (*têbâ*).** A nossa palavra arca vem do latim arca, "um baú ou cofre". A palavra usada para a "arca" da aliança é uma palavra diferente *eirôn*. *Têbâ* é provavelmente de origem egípcia. A arca de Noé era muito provavelmente uma espécie de jangada grande e coberta, construída com madeira leve e resinosa. Com seus três andares, chegava a um total de 13,85ms de altura. Tinha 138,46ms de comprimento por 23,08ms de largura. (O cúbito tinha 45cms.) Celas, cabines ou pequenos quartos foram construídos ao longo dos lados dos três andares. Para que a embarcação fosse à prova de água, usou-se um poderoso **betume** por dentro e por fora, para sua calafetação. A palavra hebraica *sôhar* fica melhor traduzida para luz ou janela. Tinha aproximadamente 45crns de altura e estendia-se em toda a volta da arca; deixava entrar luz e ar.

**17-22. Dilúvio (*mabbûl*).** Esta palavra não tem etimologia hebraica. Só foi usada em relação à inundação do tempo de Noé. Talvez viesse da palavra assíria *nabalu*, "destruir". De acordo com o autor do Gênesis, o propósito de Deus era certamente exterminar os seres vivos de Sua criação. Durante 120 anos que Noé levou para completar o seu trabalho; ele pregou ao povo num esforço urgente de levá-lo ao arrependimento. Viram a arca tomando forma diante de seus olhos enquanto o pregador transmitia o sermão. Os parentes próximos de Noé, incluindo sua esposa, três filhos e respectivas esposas, entraram com ele no seguro abrigo. Em

obediência à ordem de Deus, levaram consigo pares de representantes de todos os animais da terra.

## Gênesis 7

**7:11a,b. Romperam-se (*beiqa'*) todas as fontes do grande abismo.** Enormes reservatórios de água estavam armazenados sob a terra. Esta enorme quantidade de água foi chamada de *tehôm*, "o grande abismo" (cons. Gn. 1:2). Estas águas subterrâneas confinadas ali pelo poder criativo no segundo dia da criação, foram desencadeadas com volume e violência além da descrição. Não foi uma enchente comum, mas uma gigantesca maré que subitamente assombrou a população estarecida. *Beiqa'* indica uma convulsão terrestre que destruiu toda barreira restritiva que existia. Foi um tumultuoso desprender-se de indescritível destruição. O homem não pode imaginar a fúria e o poder destruidor da erupção, nem o horror da exibição do poder de Deus para destruir os seres pecadores. A completa corrupção do homem era muito pior do que qualquer um de nós pode imaginar. A destruição foi necessária,

**11c,12. As comportas dos céus se abriram (*peitah*),** Além da terrível sublevação que vinha de baixo, os povos da terra testemunharam a abertura das comportas dos gigantescos reservatórios de águas acima da terra. Todas as águas que estavam acumuladas explodiram em torrentes. Resistente e continuamente, durante quarenta dias e quarenta noites, as gigantescas nuvens derramara água sobre a terra. O efeito do dilúvio sobre os homens, mulheres, crianças, animais e plantas, e sobre a superfície da terra não pode ser completamente imaginado.

**16-18. E o Senhor fechou (*seigar*) a porta após ele . . . Predominaram as águas (*geibar*).** No meio da violenta tempestade e das torrentes que tudo cobriram, Jeová, o Deus da aliança, estendeu o braço da misericórdia e fechou a porta da arca para guardar o seu povo em segurança. Mas Ele derramou torrentes de água para destruir completamente os pecadores sobre a terra. Os inquilinos da casa

flutuante podiam viajar sobre as águas com senso de segurança e proteção, pois confiavam em Deus. A mão divina que fizera transbordar o abismo e abrira as janelas do céu para derramar destruição, também demonstrou a amorosa preocupação de Deus por aqueles que seriam o núcleo de Seu novo começo.

Enquanto os escolhidos de Deus se aninhavam em segurança na arca, as águas continuaram a subir e cobrir toda a terra. O verbo *geibar* indica poderio, sujeição e poder que prevalece. Sem cessar as águas foram assumindo o controle e continuaram dominando até que as mais altas montanhas ficaram completamente submersas. Novamente, a majestade, grandeza e propósito competidor do Todo-poderoso mostrou-se cada vez mais aparente. O propósito divino estava se realizando sobre toda a terra. A vontade de Deus se realizava.

## Gênesis 8

**8:4. As montanhas de Ararate.** Depois de 150 dias, a arca repousou sobre um dos picos de uma alta cordilheira na Armênia. *Urartu*, palavra acadiana cognata de Ararate, usada em antigos documentos para designar a Armênia. A montanha atualmente chamada *Ararate* tem 5.204,92 ms.

A história do dilúvio babilônico, que faz parte da Épica Gilgamesh, conta que o seu herói, tal como o Noé bíblico, construiu uma arca, introduziu nela espécimes do reino animal e, depois do dilúvio ancorou no Monte Nisir, a leste do rio Tigre.

**20. Levantou Noé um altar (*mizbêah*) ao Senhor.** Quando Noé saiu para a claridade do novo dia, a coisa mais natural que tinha a fazer foi encontrar um local de terreno elevado para edificar um *mizbêah*. Foi o primeiro altar edificado sobre a terra purificada. Noé reconheceu o fim do trágico juízo e o despontar de um novo dia de esperanças e promessas. Edificar o altar foi sua maneira de expressar seu louvor e ação de graças a Jeová.

Ele ofereceu holocaustos ('*ôlâ*). A palavra holocaustos deriva-se do verbo '*eileih*, "subir". A sugestão aqui é que, quando o sacrifício é consumido, a fumaça sobe a Deus, levando, em certo sentido, a gratidão e a adoração do ofertante. Foi um sacrifício verdadeiramente propiciatório (cons. II Sm. 24:25), oferecido em sincera adoração, partindo de profunda gratidão. E assim o Deus eterno foi agradado. Noé encontrou favor diante dEle.

## **F. Vida Posterior de Noé e Seus Descendentes. 9:1 - 10:32.**

### **Gênesis 9**

**9:9-15. Eis que estabeleço (*mêqim*) a minha aliança . . . Porei (*neitan*) nas nuvens o meu arco.** De maneira solene Jeová confirmou as promessas da aliança que já fizera antes. A formação de uma aliança envolve a solene junção de duas partes, até então livres de obrigações mútuas. A ligação de Deus com este grupo familiar foi um ato voluntário de livre graça. Noé e sua família nada tinham que merecesse o relacionamento da aliança, e Deus não tulha obrigações para com eles. Mais ainda, esta foi uma aliança feita com toda a humanidade. Aceitando os termos e obedecendo, o homem se unta ao seu Criador aceitando os termos divinos e observando seu espírito interior.

A aliança precisava de um sinal externo e visível que servisse de lembrete constante do acordo sagrado. Este sinal ('*ôt*) seria um penhor do laço espiritual interior, garantindo sua segurança eterna. O tempo perfeito do hebraico pode ser traduzido para *Eu estabeleci*, ou *Neste momento estabeleço*. O arco nas nuvens seria o "sinal". Deus poderia ter criado o arco-íris naquele momento, investindo-o deste significado. É provável, entretanto, que o dito arco já estivesse nas nuvens, indicando que a partir daquele momento assumia um novo significado, dando a certeza da Sua graça e misericórdia; seria um lembrete visível do Seu amor. Ele disse: Então me lembrarei (v. 15).

**18. Sem, Cão e Jafé.** O autor do Gênesis esclarece que estes três filhos de Noé foram os pais das três grandes famílias da humanidade. Sem foi o primeiro mencionado, ocupando o lugar da liderança e destaque nos planos divinos para os povos. Os semitas seriam os líderes espirituais dos homens. Os escolhidos de Deus dentro dessa linhagem ensinariam a religião de Jeová ao mundo. Sabemos que o Messias devia vir através dos descendentes de Sem. Jafé seria o pai de um grande ramo do mundo gentio. Seus descendentes se espalhariam por toda parte em busca de lucros e poder material. Seriam prósperos e excessivamente poderosos. Cão seria o pai de outro ramo dos gentios, incluindo os egípcios, etíopes, abissínios e grupos afins. Seu filho Canaã, foi o pai dos grupos chamados cananitas, habitantes de Canaã, mais tarde desalojados pelos hebreus. A maldição pronunciada sobre Canaã por Noé não foi, de maneira nenhuma, destinada a ser prova textual da escravidão ou segregação racial.

## Gênesis 10

**10:4. Társis.** A famosa cidade espanhola procurada pelos comerciantes fenícios. Séculos mais tarde o profeta Jonas tomou um navio com destino a esta distante cidade. Os gregos a chamavam de Tartessus.

**6. Mizraim.** A palavra hebraica correta para o Egito, incluindo as divisões inferior e superior daquela terra. As duas capitais do Egito foram Mênfis e Tebas.

**8,9. Ninrode,** Filho de Cuxe. Fundou o antigo império babilônico e edificou a cidade de Nínive. Foi um grandioso caçador e notável líder de exércitos. Seu poder estendeu-se por sobre as cidades da Mesopotâmia,

**11,12. Nínive.** Conhecida desde 2800 A.C. foi o centro do poderoso reino assírio, que alcançou suas alturas sob o governo de Senaqueribe, Esaradom e Assurbanipal. Estava situada sobre o rio Tigre, cerca de 250 milhas da cidade de Babilônia. Foi contra esta fortaleza que Jonas e Naum dirigiram suas profecias.

**14. Os filisteus** recebem o crédito de terem dado seu nome à terra da "Palestina". Amós e Jeremias referem-se a eles como vindos de Caftor. Suas cinco principais cidades eram Asdode, Asquelom, Gaza, Gade e Ecom. Os filisteus foram durante séculos um espinho na carne dos israelitas.

**15. Hete.** Ancestral dos hititas, cujo grande império dominou desde 1600 a 700 A.C. As principais cidades dos hititas foram Carquemis sobre o Eufrates e Cades sobre o Orontes. Estes povos se estabeleceram nas cercanias do Hebrom, e testemunharam a compra que Abraão fez da Caverna de Macpela que pertencia a Edom (23.8-10). Esaú casou-se com uma mulher dessa tribo. Os hititas são encontrados nas inscrições assírias e egípcias. Os arqueólogos têm encontrado restos valiosos da civilização desse poderoso império.

**21. Os filhos de Éber** compreendiam muitos e diferentes grupos entre os filhos de Sem. O nome Éber tem sido associado com a palavra hebreu, o nome pelo qual os israelitas têm sido conhecidos pelos outros povos. Foram os que possuíam o conhecimento do verdadeiro Deus. O termo "hebreu" é racial, enquanto "israelita" é nacional. Mais tarde essas palavras passaram a ser sinônimas.

**22. Arã,** o povo aramaico ou o sítio, formando o grupo à volta e inclusive Damasco. Destacaram-se na história do povo de Israel. A língua aramaica tornou-se a língua comercial e diplomática. Gradualmente deslocou a língua hebraica até que, no tempo de nosso Senhor, o aramaico era a língua usada na conversa e na escrita.

**28. Sabá,** freqüentemente mencionada no V.T., indicando um povo rico cuja principal ocupação era a extração de ouro, perfumes e pedras preciosas para exportar para a Palestina e o Egito. São identificados com os sabeus, que destacavam-se no comércio e nas realizações governamentais. Até onde interessa aos estudiosos da Bíblia, a rainha de Sabá foi a mais famosa dentre o povo de Sabá.

**29. Ofir** era famosa pelo seu ouro fino. Salomão enviou seus homens sob a direção de Hirão para extraí-lo e transportá-lo para a



Palestina. Além do ouro, descobriram preciosos metais e pedras preciosas em grandes quantidades. Logo o reino de Salomão rivalizava com todas as terras vizinhas em riqueza. Ofir era provavelmente um porto marítimo no litoral da Arábia. Tem sido localizada na distante foz do Indus. Grande parte do ouro que revestia o Templo de Salomão veio de Ofir.

## **Gênesis 11**

### **G. A Torre de Babel. 11:1-32.**

**1,2. Ora em toda a terra havia apenas uma linguagem.** Gênesis descreve Noé e seus filhos saindo da arca e falando uma só língua com um só vocabulário. Quando os descendentes de Noé se multiplicaram, naturalmente continuaram com essa mesma língua, uma vez que em suficiente. Viveram no vale do Eufrates e nas redondezas do mesmo, local comumente considerado como o berço da civilização. **Sinear.** Os hebreus usavam o nome Sinear, originalmente uma região ao norte da Mesopotâmia, para designar toda a região da Mesopotâmia. Nômades, vaguearam ao longo das montanhas do Ararate até as bem regadas planícies da Babilônia.

**3,4. Vinde, edifiquemos para nós uma cidade, e uma torre . . . e tornemos célebre o nosso nome.** Quando os descendentes de Noé que se dirigiram para o leste encontraram um local onde acharam que poderiam se estabelecer definitivamente, decidiram construir uma cidade. Construiriam uma gigantesca torre, tão alta que o seu topo ferida a "abóbada" acima deles. Esta grandiosa estrutura lhes concederia a vantagem de se colocarem em posição de importância diante dos outros homens, e até mesmo diante de Deus.

O propósito do empreendimento era duplo. Primeiro, queriam se assegurar da força que vem da unidade. A cidade e a torre os manteriam unidos em um grupo sólido, de modo que seriam poderosos - até mesmo sem a ajuda de Deus. Diziam: **Para que não sejamos espalhados.** Por outro lado, estavam determinados a se tomarem conhecidos – **tornemos**

**célebre o nosso nome.** Estes pecados de auto-suficiência e orgulho predominavam em seus pensamentos. Queriam se assegurar de que não seriam esquecidos. A torre os manteria unidos e asseguraria que seus nomes não caíssem no esquecimento. Desafiaram a Deus e resolveram provar a sua auto-suficiência. Sua estrutura elevada seria um monumento à sua energia, coragem, gênio e recursos. Muitas cidades grandes, tais como a Babilônia, Sodoma, Gomorra, Sidom, Tiro e Roma experimentaram de tudo, menos uma estrutura piedosa. Quando os homens desprezam a lei e a graça de Deus, e exaltam a si mesmo, a catástrofe é inevitável.

**7-9. Confundamos ali a sua linguagem.** Jeová entendeu o espírito, a motivação e os planos egoístas do povo rebelde. Imediatamente resolveu atrapalhar seus tolos esquemas. Aquela coisa que eles tentavam afastar caiu subitamente sobre eles. Deus interveio providenciando que ninguém entendesse mais a ninguém. O hebraico *beilal*, "confundir", indica que houve uma perturbação específica que deixou o povo grandemente confuso. A palavra **Babel** está traduzida para Babilônia. Os melhores lexicógrafos hebraicos declaram que não poderia ter vindo do hebraico *beilal*, "confundir" ou "misturar", mas que significa "portão de Deus". Por meio de um jogo de palavras passou a significar "confusão". A palavra aramaica *bailel* significa "confusão". Alan Richardson nos lembra que a concessão do dom de línguas no Pentecostes (Atos 2:5-11) pode ser aceito como o reverso da confusão de línguas em Babel. Ele diz: "Quando os homens se vangloriavam de suas próprias realizações, o resultado só podia ser a divisão, confusão e falta de compreensão; mas quando as maravilhosas operações de Deus são proclamadas, então cada homem pode ouvir o evangelho apostólico em sua própria língua" (*Gênesis* 1-11, pág. 126).

**27. Terá.** Filho de Naor (um descendente de Sete) e pai de Abrão, Harã e Naor. Seu primeiro lar foi em Ur dos Caldeus, mas passou seus últimos anos de vida em Harã, onde morreu.

**28. Ur dos Caldeus.** Uma antiga cidade do antigo reino sumeriano, localizada cerca de 125 milhas da atual foz do Eufrates, 100 milhas a sudeste da Babilônia, 830 milhas de Damasco e 550 milhas de Harã. Era a capital da Suméria. Nos dias de Abrão era uma florescente cidade comercial, com padrões culturais incomumente desenvolvidos. Os edifícios da área do templo eram os mais elaborados. Seus habitantes adoravam *Sin*, a deusa lua. Arqueólogos têm escavado fabulosos tesouros desta antiga cidade. O cemitério real tem revelado tesouros artísticos datados de 2900 A.C. O Instituto Oriental de Chicago tem uma placa de Ur que está datada de 3000 A.C. Foi nesse antigo mundo que Abraão nasceu e atingiu a idade adulta. Tinha uma rica herança.

**31. Harã** (ou Harrã). Uma importante cidade na antiga Mesopotâmia. Estava situada cerca de 550 milhas ao nordeste de Ur e 280 milhas ao norte de Damasco. As principais rotas convergiam aí. Estradas para Nínive, Babilônia e Damasco partiam daí. Ficava a apenas 60 milhas da fortaleza de Carquemis, a capital do império hitita. Harã era um dos principais centros de adoração de Sin, a deusa lua. Terá e sua família mudou-se para Harã, e o registro diz que morreu ali. Rebeca, a esposa de Isaque, e Raquel, a esposa de Jacó, cresceram em Harã. Ainda existe aí como pequeno vilarejo árabe.

## **II. Os Patriarcas. 12:1 - 50:26.**

### **A. Abraão. 12:1 - 25:18.**

Na segunda principal divisão do livro de Gênesis, está evidente que na nova dispensação os escolhidos de Deus deverão reconhecer a comunicação direta e a liderança direta do Senhor. Nos capítulos 12-50, quatro personagens se destacam como homens que ouviram a voz de Deus, entenderam Suas diretrizes, e orientaram seus carrinhos de acordo com a vontade dEle. O propósito de Jeová ainda continua sendo o de chamar pessoas que executem a Sua vontade na terra. Com Noé Ele começou tudo de novo. Sem foi o escolhido para transmitir a verdadeira religião. Os semitas (descendentes de Sem) seriam os missionários aos

outros povos da terra. No capítulo 12 Abraão começa a aparecer na linhagem de Sem como o representante escolhido de Jeová. Sobre ele Jeová colocaria toda a responsabilidade de receber e passar adiante a Sua revelação para todos. Do cenário pagão de Ur e Harã saiu o homem de Deus para a estratégica hora da primitiva revelação do V.T.

## **Gênesis 12**

### **1) A Chamada de Abraão. 12:1-9.**

**1. Ora disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai.** A narrativa bíblica esclarece que antes de migrar para a Palestina, Abrão teve duas residências. Passou seus primeiros anos de vida em Ur e então um longo período em Harã. Cada uma dessas comunidades foi o seu lar. Ele teve de deixar amigos, vizinhos, e parentes quando saiu de Ur e outros tais quando partiu de Harã. Em cada caso, o triplo laço de terra, povo e parentes foi seccionado. O Bispo Ryle diz que Abrão recebeu a ordem de "a) renunciar às certezas do passado, b) enfrentar as incertezas do futuro, c) olhar e seguir a direção da vontade de Deus" (*Gênesis na Cambridge Bible*, pág. 155). Foi uma grande exigência (cons. Hb. 11:8). Provações severas estavam à espera dele Este chamado deve lhe ter sido feito enquanto ele ainda vivia em Ur (Atos 7:2). Foi renovado muitos anos mais tarde em Harã.

**Para a terra que te mostrarei.** Nesta ocasião Jeová não disse o nome da terra nem a descreveu. Assim, Abrão teve de enfrentar um novo teste de fé. O Senhor encontrou o homem para o Seu propósito, alguém que podia ser colocado sob fortes tensões, um homem que desejaria fazer a vontade de Deus como a coisa mais importante de sua vida.

**2,3. Sê tu uma bênção (*bereikâ*).** A forma imperativa expressa realmente uma conseqüência – "para que sejas uma bênção". O ilustre viajante que partiu da Mesopotâmia politeísta fora divinamente comissionado a entrar no meio de pessoas completamente estranhas de

alguma nova terra. Ele e seus descendentes constituiriam um canal pelo qual Deus abençoaria todos os povos da terra.

**De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome.** Deus fortaleceu grandemente Abrão com as promessas da aliança – prosperidade, abundante posteridade e importância. A promessa da divina bênção garantia a Abrão tudo o que ele pudesse desejar. Cada necessidade seria suprida. Até vizinhos hostis viriam a considerá-lo como o líder do povo de Deus. Através dele todos os povos da terra receberiam bênçãos. E seu nome seria respeitado e reverenciado por toda parte. Hoje, Abrão é reconhecido e respeitado como o "pai" dos cristãos, judeus e maometanos. Deus escolheu Abrão e seus descendentes para levar o Seu Evangelho ao mundo. Da linhagem de Abrão, viria Cristo, para cumprir os propósitos divinos. E através dos homens e mulheres "nascidos de novo", Seus ideais seriam cumpridos. O plano de Deus estava tomando forma.

**5. A terra de Canaã.** Abrão interpretou o chamado de Deus envolvendo partida imediata para Canaã. Como ele soube que Canaã era o seu destino, não ficou explicado. Mas Deus disse: "Sai. .. para a terra que te mostrarei". E ele obedeceu. Sem hesitação reuniu sua família e deu início a um importante movimento migratório. Ao que parece ele não temeu, não duvidou, não vacilou. Viajou para Carquemis sobre o Eufrates e voltou-se para o sul através de Hamate na direção de Damasco, na Síria. Josefo apresenta Abrão durante sua estada nesta capital agindo como um rei sobre o povo de Damasco. A terra de Canaã foi descrita nas Escrituras como abrangendo todo o território desde o Jordão ao Mediterrâneo e da Síria ao Egito. Moabe e Edom a limitava ao sudeste. Na Bíblia a palavra "cananeus" costuma se referir aos primeiros habitantes da terra, incluindo todos os grupos que viveram lá antes da entrada dos hebreus.

**6. Siquém.** Esta antiga cidade era provavelmente um santuário ou lugar sagrado. Era uma colônia importante na junção das principais estradas comerciais. Ficava entre o Monte Gerizim e o Monte Ebal, cerca

de quarenta e uma milhas ao norte de Jerusalém. Anos mais tarde, o poço de Jacó ficaria nas vizinhanças. Em tempos mais recentes, Siquém foi chamada Nablus.

Abrão caminhou **até o carvalho de Moré**. Provavelmente era uma árvore sagrada, sob a qual um sacerdote, ou mestre, ou adivinho, dava instruções ou ensinava. Moré é provavelmente um participio do verbo *yêirâ*, "ensinar". O carvalho e o terebinto são árvores que se parecem. Siquém foi a primeira parada de Abrão em Canaã. Aqui recebeu uma mensagem especial de certeza e promessa do Senhor. Deus lhe deu a terra como possessão e prometeu que seus descendentes a possuiriam depois dele. Com tribos guerreiras por todos os lados, Abrão encontraria dificuldades em estabelecer seus direitos na nova terra. Fez um bom começo, entretanto, levantando imediatamente um altar e oferecendo sacrifícios a Jeová. Conforme sua vida na Palestina foi tomando forma, ele declarou total dependência do Senhor e sua sincera dedicação.

**8. Betel** (*Bêt-'êl*). Este antigo santuário data do século vinte e cinco A.C., e foi mencionado mais vezes nas Escrituras do que qualquer outra cidade com exceção de Jerusalém. Ele está situado na estrada de Siquém, cerca de dez ou onze milhas ao norte de Jerusalém. Edificando um altar, o patriarca proclamou sua submissão a Jeová, e armando suas tendas, declarou publicamente a todos os observadores que estava tomando posse permanente da terra. Nesses dois atos simbólicos, Abraão revelou sua fé resoluta no poder de Jeová dos exércitos, para a execução de todas as Suas promessas. A palavra **Betel** significa, literalmente, *casa de Deus*. Uma narrativa posterior indica que Jacó deu a este lugar este nome depois de sua experiência com Jeová ali (28:19). **Abrão invocou o nome do Senhor**. Em seu ato de adoração genuína, ele usou o liame de Jeová na invocação (cons. 4:26).

**9. Seguiu** (*neisei'*) Abrão dali, indo sempre para o Neguebe. *Neisei'* significa *avançar* ou *desarraigando estacas de tendas*. Refere-se à partida de Abrão para o sul. Ele arrancou as estacas e viajou pai etapas. O Neguebe, *terra seca*, é uma seção definida da Palestina do sul, entre

Cades-Barnéia e Berseba. Durante o verão é bastante seca para ser considerada um deserto, sem água ou vegetação. Com todos os seus rebanhos, Abrão achou necessário procurar abundância de água e pasto. O Neguebe de nada lhe adiantaria.

## **2) O Patriarca no Egito. 12:10-20.**

**10. Desceu, pois, Abrão ao Egito, para aí ficar.** As fomes eram freqüentes em Canaã. Nada se podia fazer para evitá-las. O único remédio era mudar-se para o Egito, onde o Nilo fornecia água para o gado e plantações. Abrão e seu grande grupo foram para o Egito. A palavra hebraica *gûr*, ficar, indica que se antecipava uma permanência temporária. Tão logo a fome abrandasse, Abrão estaria de volta à Palestina. Nenhuma indicação foi feita para determinar qual o Faraó que governava o Egito naquela ocasião.

**11-16.** O medo tomou conta do coração do patriarca quando se aproximou do palácio do monarca. Imaginou que Faraó o mataria para colocar Sarai em seu harém. Por causa disso, Abrão imaginou um plano de passar a esposa por sua irmã, aquietando sua consciência com o pensamento de que ela era realmente sua meia irmã. Foi um expediente vergonhoso. Como resultado, a mãe dos futuros líderes da nação hebréia foi levada para o harém egípcio"!

**17-20.** Por causa disso, Faraó foi afligido com pragas, até que percebeu que alguma coisa estava errada e expulsou seus visitantes da terra. Abrão tomou Sara, seus acompanhantes e suas propriedades – grandemente aumentadas com sua passagem pelo Egito – e voltou pelo caminho do Neguebe até Canaã. Tal comportamento, como o de Abrão no Egito, não foi nada digno da alma majestosa do especial embaixador de Jeová junto às nações. Ele tinha de crescer se quisesse se aproximar do padrão divino estabelecido para a sua vida. Precisou voltar a Betel e reconstruir o altar a Jeová.

## Gênesis 13

### 3) A Partida de Ló. 13:1-18.

**1-4. Saiu, pois, Abrão do Egito.** Quando Abrão renovou a sua comunhão com Deus, estava pronto para uma vida nova. Era imensamente rico. Gado, ouro e prata, ele os possuía em abundância. Seu grupo de acompanhantes crescera tanto que surgiu um sério problema entre eles. Com tanto gado e ovelhas, precisava movimentar-se rapidamente para que houvesse suficiência de água e pasto.

**5-8.** Logo o grupo de Ló teve dificuldades com o grupo de Abraão, A palavra hebraica *meribâ*, **contenda**, indica discussão, luta e desacordo. O tio justo não podia permitir que tal conduta indecente continuasse. Disse: **Somos parentes** (v. 8). Tal comportamento não era necessário, nem útil e completamente fora de lugar na vida dos representantes de Deus.

**9-13.** No interesse da paz e harmonia, Abrão fez uma generosa sugestão a Ló, dizendo que escolhesse qualquer seção de terra que preferisse e que se dirigisse para lá, deixando o restante do território para Abrão. A natureza egoísta e avara de Ló manifestou-se imediatamente; ele escolheu o vale do Jordão que era bem suprido de água. Ali, a vegetação tropical abundava junto às águas pródigas do rio. O vale (*kikêr*) do Jordão era suficientemente largo e fértil para garantir a prosperidade e abundância por todos os dias que estavam pela frente. Entretanto, as cidades de Sodoma e Gomorra estavam dentro da área que Ló escolheu e elas eram extremamente corruptas. Como poderia uma religião espiritual crescer entre os espinhos do egoísmo e da corrupção naquele lugar? A escolha de Ló comprovou-se desastrada. **E ia armando suas tendas até Sodoma** (v. 12). Primeiro ele olhou para Sodoma. Depois armou suas tendas até Sodoma. Mais tarde habitou em Sodoma. Esses são os passos pelos quais o homem e sua família caminham para a degeneração e destruição certas.

**14-17. Disse o Senhor a Abrão... Ergue os olhos e olha.** Nesta notável comunicação, Ló e Abrão são colocados em contraste direto. O



pecador fraco, egoísta e ganancioso escolheu para si aquilo que considerou demais valor. Jeová escolheu para Abrão. Como recompensa por seu altruísmo raro, o patriarca recebeu a terra de Canaã. Deus lhe deu o título de propriedade da terra e convidou-o a abrir bem os olhos e apreciar os tesouros que se estendiam diante dele em todas as direções. Da colina perto de Betel, ele pede descortinar lindos panoramas de beleza incomum. Tudo era Seul Para tomar o presente mais atraente, o Senhor prometeu a Abrão muitos descendentes, mais numerosos que a areia do mar. Esta profecia deve ter confundido o patriarca, que não tinha filhos. Mas ele a aceitou pela fé.

**18. Hebrom.** Uma cidade antiga ao sul de Judá, dezenove milhas a sudoeste de Jerusalém, na junção de todas as principais estradas da região. Destacava-se na paisagem, a 935,38ms acima do nível do mar. Josefo fala dela como sendo mais antiga do que a cidade de Mênfis no Egito. Ele também diz que um velho carvalho estava ali desde a criação do mundo. À volta da cidade havia oliveiras, parreiras, fontes, poços e pastos. A caverna de Macpela, mais tarde comprada por Abraão para servir de sepultura a Sara, ficava muito perto. Foi, não só o lugar do sepultamento de Sara, mas também de Abraão, Isaque, Jacó, Rebeca e Léia.

## **Gênesis 14**

### **4) Abraão, Ló, Melquisedeque. 14:1-24.**

**14:1-14.** Em vez de desfrutar de paz, prosperidade e alegria, Ló e Abrão encontraram-se no meio de uma guerra. Poderosos exércitos combativos vindos do oriente invadiram a terra da Palestina, e causaram muitos estragos. Abrão se envolveu profundamente por causa do amor que tinha por Ló, e logo se revelou um guerreiro a ser considerado quando os invasores procuraram espoliar a terra. Ló foi feito prisioneiro de guerra quando sua cidade, Sodoma, e os reinos vizinhos foram derrotados pelos invasores. Ele se arriscara quando escolhera desfrutar das facilidades e privilégios de Sodoma, tomando-se um dos habitantes

dessa cidade ímpia. Agora descobriu que tinha de participar dos perigos e da tragédia da cidade. Rapidamente Abrão reagiu com 318 homens numa missão de salvamento, comprovando ser uma força poderosa a bem da justiça na terra.

**1. Anrafel, rei de Sinear.** Um dos quatro que compunham o exército invasor. Sinear, localizada ao norte da Mesopotâmia, deu seu nome a toda área entre o Tigre e o Eufrates, incluindo a Babilônia. A baixa Mesopotâmia foi o centro da civilização sumeriana, datando de cerca de 3500 A.C. Anrafel era o rei dessa região. Bem recentemente os estudiosos o identificaram como Hamurábi, um dos primeiros reis de Babilônia. Contudo, descobertas mais recentes nas tábuas de barro tendem a colocar a vida de Hamurábi em data mais recente - 1700 A.C. Anrafel foi rei muito antes. **Arioque** foi rei de Elasar, Babilônica Larsa, e provavelmente controlava uma região muito maior ao sul da Babilônia.

**Quedorlaomer.** Rei de Elão, uma bem conhecida região montanhosa perto da cabeça do Golfo Pérsico. Parece que era o mais poderoso dos quatro reis que fizeram esta expedição. Controlava os outros reis da Babilônia e Palestina. Seu nome *Kudur-Lagamer* significa "servo de Lagamer", um dos deuses do Elão. A capital do Elão era Susa. **Tidal**, outro dos reis confederados, era chamado de rei de Goim, isto é, das nações ou povos. Seu título pode indicar que ele controlava diversos reinos individuais, ou que estivesse à cabeça de um forte grupo de gente nômade que se ocupava em fazer incursões para pilhagens.

**2.** Estes reis, com suas tropas seletas, vieram da região além do Damasco, e arremeteram contra as terras a leste do Jordão até o extremo sul do Mar Morto. Depois voltaram-se para o norte e rapidamente subiram pelo lado oriental do Jordão. A batalha decisiva realizou-se nas terras baixas além do Mar Morto (o **vale de Sidim**, v. 3), com os cinco reis desta região imediata que se rebelaram contra seus senhores do oriente.

**3. O Mar Salgado** (Mar Morto) tem 76kms de comprimento por 15kms de largura. Uma vez que sua superfície fica a 397ms abaixo (o

mar Mediterrâneo, e as águas têm uma profundidade de 369ms, este mar é o "lençol de água mais baixo no mundo". Suas águas são cinco vezes mais densas em conteúdo salino do que a água comum do mar. Estudiosos afirmam que as ruínas de Sodoma e Gomorra ficaram sob as águas do extremo sul deste mar. Admá e Zeboim (cons. v. 2) foram as outras cidades destruídas pelo golpe destruidor da mão de Deus. Os reis do oriente derrotaram completamente os guerreiros confederados, fizeram prisioneiros e saquearam tudo em sua volta. Ló estava entre os capturados.

**6. E aos horeus no seu monte Seir.** A arqueologia tem contribuído muito para estabelecer a historicidade básica destas antigas narrativas. Esse povo, chamado os horeus, são agora bem conhecidos como os humanos, um grupo não semítico. Suas inscrições, descobertas por arqueólogos em Nuzu, têm lançado muita luz sobre os costumes dos patriarcas. William F. Albright crê que estes humanos destacaram-se em cerca de 2400 A.C., e foram rivais dos hititas e sumerianos na supremacia da cultura e saber. Devem ter emigrado para a região sul do Mar Morto bastante cedo. Foram desalojados da região do Monte Seir pelos descendentes de Esaú (Dt. 2:22).

**7. Cades (santuário).** Um local antigo onde saía água de uma rocha, e o julgamento era feito por um santo homem que recebia revelação divina. Ficava às margens do Edom, cerca de 80 kms ao sul de Berseba e a 112 kms do Hebrom. Aqui os israelitas aguardaram toda uma geração à espera da ordem de Deus para penetrarem na Palestina. Miriã foi sepultada em Cades, uma viagem de onze dias do Sinai. **Amalequitas.** Rudes e predatórios saqueadores que perambulavam pela área deserta ao sul da Palestina. Provaram ser constante ameaça aos israelitas durante todos os dias do reino. Neste exemplo o povo de Canaã foi severamente castigado pelos invasores ocidentais.

**10. Poços de betume.** Poços do qual se extraía petróleo líquido. Os buracos deviam ainda estar parcialmente cheios do líquido borbulhante. Os guerreiros, tentando desesperadamente escapar à fúria do ataque

inimigo, caíram nesses buracos e foram destruídos. Os invasores orientais escaparam com o produto do saque e muitos prisioneiros, que seriam feitos escravos.

**13. Abrão, o hebreu.** Rapidamente a notícia da batalha alcançou Abrão no Hebrom. Ele não fora envolvido na luta, mas uma vez que o seu sobrinho fora feito prisioneiro, sentia-se sem dúvida obrigado a tentar um salvamento. Esta é a primeira vez que as Escrituras usam a palavra **hebreu** (*hei'ibri*). A origem exata do nome ainda é questão discutível. Era usada por estrangeiros para designar os descendentes de Abraão e dos patriarcas. Provavelmente significa "um descendente de Éber" ou "alguém do outro lado" (do rio). Isto se aplica a Abrão como alguém que emigrou da Mesopotâmia. Alguns têm identificado os hebreus com os *habiru*, que se destacaram na arqueologia através das cartas de Tel el Amarna encontradas nas placas de Nuzu e Mari, no Egito e na Mesopotâmia. O caráter desses nômades perturbadores não os recomendaria como filhos de Abrão.

**14.** A palavra hebraica *riq* (E.R.C., armou) descreve o trabalho rápido e completo de Abrão convocando cada homem capaz para a ação imediata. Foi traduzido, literalmente, para fez sair, como a uma espada de sua bainha. Nenhum homem ficou para trás. Trezentos e dezoito homens atenderam ao chamado e seguiram seu respeitável líder. Para guardar uma propriedade como a do patriarca, tornava-se necessário possuir um grupo forte sempre disponível. Além desses homens prontos e capazes, Abrão levou consigo exércitos de seus amigos confederados, **Aner, Escol e Manre**, que foram leais com o seu bom amigo na hora da emergência. Os invasores fugitivos do oriente dirigiram-se rapidamente para Dã nas fronteiras do norte de Canaã. A cidade se aninhava aos pés do Monte Hermom, a uma certa distância ao noroeste de Cesaréia de Filipos. Naquela ocasião tinha o nome de Leshem ou Laish (cons. Jz. 18:7). Os danitas a tomaram anos mais tarde e a denominaram Dã.

**15. Hobá** era uma cidade a menos de cinquenta milhas ao norte da antiga cidade de Damasco. Depois do ataque em Dã, Abrão e Seus

guerreiros perseguiram o exército de Quedorlaomer por umas cem milhas. No ataque de surpresa, eles seguiram no encalço do inimigo e conseguiram recuperar o despojo e os prisioneiros. Ló estava novamente seguro sob a proteção do seu tio. E Abrão estabeleceu o seu poder em Canaã, pois os povos vizinhos ficaram admirados com alguém que podia desferir golpes tão violentos.

17. Retornando ao seu próprio distrito, Abrão foi recebido pelo rei de Sodoma, que expressou sua profunda gratidão pelo livramento notável. Encontraram-se no lugar chamado sove, ou o vale do Rei. A palavra **Savé** significa "uma planície". Provavelmente ficava perto de Jerusalém.

18-20. **Melquisedeque, rei de Salém.** O nome do misterioso personagem significa "rei de justiça" ou "meu rei é justiça", ou "meu rei é Zedeque". **Zedeque** é a palavra hebraica para "justiça", e também o nome de uma divindade cananita. Melquisedeque era o rei-sacerdote de **Salém**, que é uma forma abreviada de *Urusalim*, "cidade de paz", identificada com Jerusalém. As placas de Tel el Amarna identificam Salém com a Jerusalém de 1400 A.C. *Shalom* é a palavra hebraica para "paz", e *Shalom* era provavelmente o deus da paz cananita.

Este benevolente rei-sacerdote, reconhecendo a nobreza e o valor de Abrão, forneceu um lanche para o exausto guerreiro e os seus homens. Era um sinal de amizade e hospitalidade. Melquisedeque louvou *El Elyon*, seu Deus (**o Deus Altíssimo**) por ter concedido a Abrão o poder de alcançar a vitória. Abrão reconheceu o *El Elyon* de Melquisedeque como Jeová, o Deus que ele mesmo servia. O nome **Deus Altíssimo** foi encontrado nos documentos do Ras Shamra que datam do século quatorze A.C. Evidentemente Melquisedeque tinha firmeza nas doutrinas de sua fé, que eram tão verdadeiras e básicas como aquelas que Abrão trouxe da Babilônia. Cada uma destas colunas tinha algo a dar e algo a aprender. (Veja Sl. 110:4; Hb. 5:9, 10; 7:1-7 para o desenvolvimento do conceito do sacerdócio ideal e aplicação disto à doutrina de Melquisedeque.) O autor de Hebreus declara que Cristo foi de uma

ordem sacerdotal muito mais antiga que a de Arão e portanto o seu sacerdócio foi superior ao sacerdócio araônico. Reconhecendo a posição sacerdotal de Melquisedeque, Abrão lhe trouxe dízimos como oferta religiosa.

**21-24.** Ao falar com **o rei de Sodoma**, o patriarca recusou aceitar parte dos despojos ganhos na batalha. Ele não empreendera a guerra com o intuito de se enriquecer, mas para garantir o livramento de Ló. Ele não receberia o lucro de maneira nenhuma, mas queda que os seus aliados recebessem uma quantia razoável para pagamento de suas despesas. Evidentemente não havia nada mesquinho, egoísta ou ganancioso em seu caráter.

## Gênesis 15

### 5) Abrão Recebe a Promessa de um Herdeiro. 15:1-21.

Durante toda a sua vida Abrão manifestou uma forte confiança em Deus. Foi fácil permitir que esta confiança brilhasse nas horas de triunfo. Quando ele se lembrava das maravilhosas promessas de Deus, era um conforto saber que o cumprimento delas se dava na sua semente e por meio dela. Mas quando ele envelheceu e o fim de sua vida se aproximou enquanto ele continuava sem filhos, sentiu-se tentado a esmorecer.

Sua fé nas promessas se abalou. Como Deus poderia agora cumprir Suas promessas? Quando as cumpriria? Abrão precisava de certeza. Então Deus lhe falou.

**1. Não temas. . . eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande.** Primeiro, Abrão devia abandonar o temor confiando inteiramente no Senhor. Esta figura de Deus como escudo tinha o intuito de proporcionar esperança, coragem e fé. Mas defesa não bastava. Abrão precisava ter diante de seus olhos a certeza de uma recompensa que lhe proporcionasse a maior das alegrias. Talvez a tradução **teu galardão será sobremodo grande** seja a que mais se aproxima do sentido do texto dentro do contexto. As duas maneiras de traduzirmos estas palavras (eu sou... teu grandíssimo galardão, E.R.C.)

deixam-nos confusos até compreendermos que ambas são garantias de vitória.

**2-7.** O Senhor assegurou a Abrão que não devia considerar o **damasceno Elíézer** como seu herdeiro, pois um filho realmente seu nasceria para rico cumprimento de cada predição. Em momentos de perigo ou desespero Abrão devia crer na proteção de Deus, no cumprimento de Suas promessas e no ilimitado número de seus descendentes. Era um desafio a uma fé sublime. E Abrão era capaz de crer porque ele conhecia Aquele que fizera as promessas. Ele sabia que podia confiar em Jeová. Embora não houvesse nenhuma criança no seu lar, Deus encheria a terra com aqueles que olhariam para Abrão como seu pai. Submissão confiante à vontade de Deus é o elemento básico na verdadeira religião. 6. isso lhe foi imputado para justiça. A qualidade daquele que anda direito diante de Deus é indescritivelmente preciosa aos olhos do Senhor. Abrão foi justificado, isto é, considerado justo, com base na sua fé.

**8-21. Imediatamente Jeová prontificou-se a ratificar a aliança** com o homem que se submetera à vontade divina (cons. Gn. 12:1-3). O hebraico *berit* é diversamente traduzido para "aliança", "pacto", "solene acordo", "testamento", "tratado". Nenhuma dessas palavras dá o significado exato desta solene transação. Antigamente os homens costumavam ratificar um pacto ou convênio passando entre as metades de um animal sacrificado. Este "cortar do pacto" não era um sacrifício em si. Antes, era uma cerimônia sagrada pelo meio da qual os homens declaravam seu solene propósito de manter o acordo. Alguns estudiosos da Bíblia têm destacado que no exemplo registrado em Gn. 15:8-21, só um dos representantes simbólicos das partes contratantes – uma tocha de fogo (cons. Jz. 7:16,20), símbolo de Jeová passou entre as metades dos animais. Em outras palavras, o convênio neste caso só teria de ser mantido da parte de Deus. Só o Senhor poderia cumprir Suas promessas. Ele daria a Abrão descendentes tão numerosos quanto as estrelas e lhes

daria uma grande terra, a se estender das portas do Egito até o grande Eufrates.

## Gênesis 16

### 6) Ismael. 16:1-16.

**1-3. Ora Sara . . . não lhe dava filhos.** Abrão e Sara estavam casados há muitos anos. Nenhum filho alegrava o seu lar para cumprimento das maravilhosas profecias. Mas Jeová fora específico nas Suas promessas a respeito de uru herdeiro (cons. 15:4). Conforme os anos foram se passando, a discrepância entre a promessa e as circunstâncias foi-se tornando cada vez mais frustrante. Não ter filhos era uma calamidade e uma desgraça para qualquer esposa hebréia, e para Sarai era muito pior ainda. Marido e esposa quiseram ajudar a Deus na realização da promessa. Eles conheciam o ensino direto de Gn. 2:24 e sabiam que maridos e esposas deviam se conformar com esse elevado padrão. Tomar uma segunda esposa ou concubina era pecado. No entanto, tentando fornecer a Deus um meio de executar Sua predição, Sarai prontificou-se a ignorar o padrão divino e deu sua escrava Hagar a Abrão, na esperança de que ela desse um filho à família. **E assim me edificarei** (heb. *beinâ*, "edificar") . . . **por meio dela**, disse. Quando homens e mulheres permitem que a sua fé desabe, recorrem a expedientes humanos. A escrava egípcia foi introduzida na tenda de Abrão para que a família fosse **edificada**. Mas as trágicas conseqüências foram a discórdia e o sofrimento.

**4-6a. Ele a possuiu.** Sarai estava agindo inteiramente de acordo com os costumes de outros povos do seu tempo (cons. as placas Nuzu). Mas Abrão e Sarai deviam manter-se num padrão mais elevado do que o dos povos à sua volta. Abrão, o amigo de Deus, tinha uma fé mais rica e seguia um código mais puro. Não obstante, aceitou a sugestão de sua esposa e levou Hagar para sua tenda. Logo a escrava começou a desprezar sua senhora. E Sara se tornou amarga contra sua serva. Todas as três pessoas envolvidas no triângulo sofreram. Sara acusava Abrão



como o culpado de tudo, mas ele apenas aceitou a sua sugestão. O ciúme mudou toda a atmosfera. Paz, harmonia e felicidade não podem existir em um lar assim. E o lar estava a ponto de se desfazer.

**6b. Humilhou-a.** Afligi-a. O hebraico *'einâ* significa "oprimir, deprimir, afligir". Neste caso pode significar "perseguir ou tratar mal". Sarai deve ter perseguido Hagar com pesadas obrigações ou castigo corporal. Sela qual for a perseguição, deixou-a tão contrariada, envergonhada ou embaraçada que ela fugiu da presença de sua senhora. Ciúme apaixonado e amargura colocaram as duas mulheres uma contra a outra. E Abrão não lhes foi de muita ajuda. As condições foram piorando.

**7,8. Tendo-a achado o anjo do Senhor.** No seu desespero, Hagar fugiu na direção de sua terra natal, ao Egito. Ela era legalmente uma escrava e não tinha direito de fugir. Sua situação, entretanto, se tomara insustentável, e a fuga lhe parecia a única saída. Provavelmente ela achava que encontrada paz, descanso e o direito de viver em sua terra natal. Quando chegou a Sur (o muro), parou antes de atravessar a fronteira. Aqui os egípcios mantinham um muro ou uma linha de fortificações para proteger o Egito dos invasores do oriente. Foram mencionados nos registros egípcios até 2000 A.C.

Na quietude do deserto, Hagar defrontou-se com o **anjo do Senhor**, que veio orientá-la, dando-lhe esperança e paz de espírito. Esta é a primeira aparição registrada do anjo do Senhor na terra. Foi um momento de significado fora do comum. Este "anjo" não era um ser criado, mas o próprio Jeová, manifestando-se a Hagar. Para outros usos deste nome, via Gn. 32: 30; Êx. 23:20-23; 32:34; 1 Reis 19:5, 7; Is. 63:9. Nessas passagens torna-se evidente que o "anjo" é o próprio Jeová, apresentando-se dentro dos limites do tempo e espaço. Ele se identifica com Jeová; e fala e age com autoridade divina; Ele é mencionado como Deus ou Jeová.

**9-12.** As palavras confortadoras do "anjo" a Hagar foram que ela deveria voltar para enfrentar a difícil situação da qual fugira, assumir o

seu pesado fardo e aguardar o cumprimento do plano divino e aguardar o dia quando seu filho, Ismael, se tornasse o chefe de uma tribo importante. Ismael (Deus ouve) seria um "jumento selvagem", forte e atrevido, com disposição feroz. Viveria selvagem e livre, no deserto, sem amigos ou seguidores. seus descendentes foram destinados a formarem uma enorme horda de beduínos, selvagens, livres, traiçoeiros, temerários, errantes pelas vastidões do deserto.

**13-16. Tu és Deus que vê.** Hagar se encheu de alegria ao reconhecer a Deus naquela experiência, vendo que Ele era cheio de graça, bondoso, Observador que considera um pobre indivíduo em calamitosa situação. Reagiu com fé reverente. O poço ou fonte recebeu o nome de **Beer-Laai-Roi**. Este nome foi traduzido e melhorado de diversas maneiras. Talvez uma boa tradução seja *O poço do vivente que me vê*. Hagar ficou grandemente emocionada ao perceber que estivera na presença do próprio Deus poderoso e que continuava viva. Talvez o poço ficasse nas proximidades de Cades (cons. 16:14), cerca de 80 kms ao sul de Berseba. O menino nasceu, e Abrão, com oitenta e seis anos de idade, chamou-o de Ismael.

## Gênesis 17

### 7) Novas Promessas, e a Reação de Abraão. 17:1-27.

**1. Eu sou o Deus Todo-poderoso** (*El Shadday*). Treze anos mais tarde Deus apareceu a Abrão, trazendo uma reafirmação, um desafio e uma promessa ainda mais rica. Mudou o nome de Abrão e o de sua mulher. Deu-lhe orientação específica quanto ao rito da circuncisão. O nome divino *El Shadday*, com sua mensagem, "Nada é impossível a Deus, que é Todo-poderoso e Todo-suficiente", deve ter encorajado Abrão de maneira fora do comum. A palavra *El Shadday* evidentemente chama a atenção para esses dois atributos de Deus. Mestres judeus da antiguidade declaravam que tem sua origem em *sh-da* que significa "Aquele que é suficiente". Alguns mestres vêem sua origem na raiz *sheidad*, "destruir". Outros o relacionam com a palavra assíria *sheidu*,

"montanha". A LXX nos dá *hikanos*, "suficiente". Talvez o tradutor deveria ficar o mais próximo possível do significado de "Todopoderoso", especialmente porque a palavra *El* fala de poder. Aquele que tem todo o poder também tem todos os recursos de suprir cada necessidade do seu povo.

**Anda na minha presença, e sê perfeito.** Um Deus assim podia fazer tais exigências. "Andando com Deus" é o que se lê na narrativa de Enoque. Agora Abrão recebeu a ordem de tornar sua vida diária (pensamentos, palavras e atos) diante de Deus inteiramente agradável ao olho que tudo vê. O hebraico *teimin*, perfeito, tem o sentido de "imaculado". Mas vai além desse sentido ao sugerir um todo completo, cada setor preenchido completamente.

**3-8.** Humilde e reverentemente Abrão caiu ao chão para adorar. A paciência de Deus trouxe o patriarca a uma atitude íntima certa que tornaria possível a mudança do seu nome, a renovação da aliança e a repetição das promessas. Abrão, seu nome de nascimento, costuma ser definido como *pai exaltado*. O nome Abraão não tem significado hebraico, mas a nova afiança associada ao novo nome, enfatiza, a missão mundial do patriarca como representante de Deus diante dos povos da terra (cons. Rm. 4:16, 17). Privilégios mais elevados resultariam em responsabilidades mais pesadas. Deus prometeu dar orientação especial em cada passo de sua nova jornada da fé e obediência.

**9-14. Circuncidado.** Como símbolo ou sinal da aliança, Abraão e seus descendentes teriam de adotar o rito da circuncisão e obedecer rigorosamente aos regulamentos à mesma referentes. Assim apresentariam aos povos vizinhos um lembrete perpétuo de sua dedicação e completa sujeição a Jeová. A circuncisão não era um rito novo. Nem se limitava ao povo hebreu. Era largamente praticado em muitas regiões do mundo, especialmente no Egito e Canaã. Os assírios e babilônios, entretanto, recusavam-se a participar dele. Observe que Davi se refere desdenhosamente a Golias chamando-o de "filisteu incircunciso" (I Sm. 17:26; cons. 14:6). Deus ordenou a Abraão que

selasse a aliança entre eles com o símbolo ou sinal da circuncisão. Isto seria para sempre "o sinal externo e visível de uru relacionamento interior e invisível". Toda criança do Sexo masculino da casa de Abraão tinha de experimentar este divinamente ordenado ritual no oitavo dia depois do nascimento.

**15,16. Sara.** O nome Sarai fora usado pela esposa de Abraão durante muitos anos. Agora Deus ordenou que o seu nome fosse mudado para **Sara, Princesa**. É a forma feminina de *sar*, "príncipe". Este novo nome enfatizava o papel da esposa de Abraão a ser desempenhado no futuro, como a mãe das nações. Abraão é considerado como o "Pai Abraão" pelos judeus, maometanos e cristãos. Seria bom lembrar que Sara também teve papel vital no drama dos séculos.

**17-22.** Novamente **se prostrou Abraão, rosto em terra**, diante do senhor. Deus tinha predito que o tão esperado filho nasceria realmente de sua própria esposa. Embora Sara tivesse noventa anos de idade, teria contudo a alegria de receber um filho, através do qual as promessas da aliança divina seriam realizadas. Abraão tinha chegado a considerar Ismael o seu herdeiro e a crer que as douradas promessas tinham de se realizar através dele (cons. v. 18). Agora recebia a palavra segura de que baque nasceria para ser o filho da promessa. **Abraão. . . se riu** (v. 17). Ele estava atônito. Aqui não se insinua que houvesse incredulidade, mas antes vê-se evidência de espanto e grande alegria. Abraão não tinha capacidade de compreender esse aviso tão pasmoso. O hebraico *sheihei*q significa "rir". É o verbo que forma a raiz para a palavra **Isaque**, Compare a reação de Sara e o seu riso em 18:12. Aqui há uma diferença decisiva nos motivos do riso nos dois exemplos.

**23-27.** Abraão agiu pela fé e com espírito obediente executou a ordem de Deus. Imediatamente instituiu o ritual da circuncisão em todo o seu grupo. Ismael estava entre os circuncidados. Abraão estava obedecendo a Deus e tornando-se, tanto ele como a sua família, qualificado para a realização das promessas divinas. O plano do Senhor

de alcançar e abençoar todas as nações estava caminhando para a realização.

## 8) Sodoma e Gomorra. 18:1 - 19:38.

### Gênesis 18

**18:1. Os carvalhais de Manre.** A residência de Abraão ficava na vizinhança imediata de Hebrom. Embora a palavra hebraica *'ilon* possa ser traduzida para "carvalho" ou "terebinto", este último é provavelmente o que deve ser preferido. Eram árvores sagradas do santuário cananita do Hebrom. A caverna de Macpela estava localizada no mesmo local. O patriarca estava em íntimo contato com os lugares sagrados e sítios santificados. Através dos séculos, carvalhos sagrados ou terebintos remontam aos tempos patriarcais. **Apareceu o Senhor.** Embora Abraão não reconhecesse imediatamente o Senhor na pessoa do celestial visitante, logo percebeu que o principal dos três mensageiros era o próprio Jeová. Era o "anjo do Senhor", que aparece diversas vezes nas primeiras páginas do Gênesis.

**2-5. Correu. . ao seu encontro, prostrou-se em terra.** Abraão demonstrou hospitalidade extraordinária. Tudo fez para seus hóspedes segundo a hospitalidade oriental. Suas atitudes foram exatas. Tudo preparou para dar boas-vindas verdadeiramente reais aos visitantes celestiais. Convidou-os a **repousar** ou *reclinar-se*, e a refazer as forças enquanto a refeição era preparada. O hebraico *sei'eid*, refazer as forças, significa "fortalecer-se" ou "tomar forte". O descanso e o alimento, ambos "refariam as forças".

**6-8. Amassa depressa três medidas de flor de farinha.** Abraão, Sara e Ismael (*o rapaz*) rapidamente executaram a tarefa de servir os visitantes. Uma medida, *sei'a*, era um terço de uma efa, ou cerca de um salamim e meio. Duas palavras hebraicas, *gem'eh* e *solet*, foram usadas para designar o caráter excepcional da farinha usada na confecção dos pães para a refeição. *Hem'e*, "leite coalhado" misturado com leite fresco,

era uma bebida refrescante servida a viajantes cansados, enquanto se preparava uma refeição mais substancial. O novilho era um luxo raro e extra que ele providenciou para os respeitáveis visitantes.

**9-15.** O Senhor, clara e distintamente, anunciou que Sara teria uru menino *quando a estação voltasse à vida novamente (daqui a um ano)*. O feliz acontecimento seria para dali a um ano. Deus não se esquecera de Sua promessa e estava trabalhando no sentido de Seu milagroso cumprimento. **Estava escutando.** O hebraico *shoma'at* indica que estava escutando naquele momento. Avançados em idade. Expressão idiomática hebraica significando "entrados em dias". **Riu-se, pois, Sara.** Sara riu-se de mera incredulidade ao imaginar como era impossível para ela gerar um filho. Ela se descreve aqui como *beloti*, "**gasta**", "murcha", "quase a se desfazer, como uma vestimenta". Ela se lembrou que Abraão, também, era velho e já tinha passado da idade de ser pai. A palavra divina assegurou a Sara e Abraão que nada é **demasiadamente difícil** (lit., *maravilhoso* ) **para Deus**. Mesmo se a coisa a ser realizada era incomum, extraordinária, ou além do comportamento natural, Jeová era capaz de realizá-la a qualquer hora e do modo que Ele escolhesse. "Porque para Deus nada é impossível" (Lc. 1:37). No nascimento de Isaque, como no nascimento de Jesus, foi necessário que Deus operasse um milagre.

**16-22. Sodoma e Gomorra.** As duas principais cidades no extremo sul do Mar Morto. As outras – Adama, Zeboim e Zoar – seriam destruídas junto com Sodoma e Gomorra na conflagração que purificaria aquelas pocilgas de iniquidade. (No final Deus poupou Zoar que foi o novo lar de Ló.) As Escrituras indicam claramente que uma visitação divina desencadearia terrível juízo e sentença sobre seus habitantes pecadores. As cidades ficavam cerca de dezoito milhas do lar de Abraão em Hebrom. Das vizinhanças do Hebrom ele podia ver o extremo sul do Mar.

**23-33.** Em sua soberba oração de intercessão pelos poucos homens justos de Sodoma, Abraão revelou os mais ricos elementos do seu caráter

- sua generosidade, simpatia, sensibilidade e preocupação pela justiça em Deus e no homem. Ele demonstrou que entendia o desejo que Deus tem de perdoar e garantir pleno perdão, lidando com Suas criaturas, embora perversas, de acordo com os padrões de justiça revelados. Ele sabia que podia esperar que Jeová agisse de acordo com Sua natureza santa.

Quando Abraão parou de interceder, tinha a promessa de Deus de que pouparia Sodoma, se houvesse ali, ao menos dez pessoas justas. Mas, quando o número exigido não foi encontrado, nada pôde evitar a catástrofe. A oração intercessória faz o lado mais belo do homem transparecer. Sua altruísta preocupação pelos outros brilha como linda jóia. Ao interceder junto ao senhor, Abraão demonstrou claramente seu amor genuíno e sua preocupação. E ele experimentou uma renovação de sua amizade com Deus, que quis aconselhar-se com Abraão e concedeu-lhe revelação especial antes que a sentença fosse executada.

## Gênesis 19

**19:1-3. Estava Ló assentado.** Ló obtivera algum destaque entre seus concidadãos na perversa cidade. Talvez o seu assentar-se junto a porta indique que ele ajudava a fazer justiça ao povo. Mas para os visitantes celestiais, a figura fraca, mundana e egoísta de Ló parecia patética. Imediatamente ele se prontificou a fazer o papel de um anfitrião generoso diante dos dois estrangeiros.

**4-22.** As trágicas experiências com os homens da cidade, na casa de Ló, demonstram que em Sodoma predominava a mais negra situação. Os anjos, que foram sob ordens divinas para descobrirem a extensão da depravação humana ali, não precisaram de mais nada. Os pecados mais vis, mais execráveis, eram praticados aberta e descaradamente. Os mensageiros divinos só tinham de pronunciar a sentença oficial, apresentar a devida advertência e, de todas as maneiras, procurar retirar Ló e sua relutante família da cidade condenada. A pressa foi necessária. Foi exigida uma obediência fora do comum. Ló tentou freneticamente

admoestar e persuadir os membros de sua família a partirem com ele. Mas, como diz a narrativa, acharam, porém, que ele gracejava com eles.

Ló agiu egoísta e tolamente quando preferiu participar da vida de Sodoma, onde seus filhos foram aviltados pelo opróbrio da cidade. Embora tivesse alcançado certo destaque entre o povo, jamais a sua influência foi bastante grande para que houvesse alguma mudança de comportamento; por isso, na hora da crise, fracassou na liderança moral. Sua própria família, no fim, não acreditou nas suas mais insistentes advertências. Que contraste extraordinário entre a depravação de Ló e a vida justa de Abraão! Os membros da família de Ló eram todos corruptos. Nenhum deles valia nada na balança da justiça e da honestidade. Enquanto Ló, sua esposa e suas duas filhas saíam relutantes da cidade condenada, Deus deteve a destruição pendente até que seus mensageiros os livrassem das garras nojentas de Sodoma.

**23-25. Então fez o Senhor chover enxofre e fogo.** É bom que aceitemos esta narrativa literalmente, como registro de um juízo definido do Senhor sobre um povo tão corrupto, que não tinha mais o direito de viver. Deus tinha poder de produzir um terremoto que teria aberto uma brecha nas rochas para libertar o gás armazenado, que explodindo jogou quantidades imensas de petróleo para o ar. Quando o material inflamável se incendiou, lençóis de fogo caíram sobre a cidade para completar a destruição. Chamas cauterizantes e fumaça negra deve ter coberto toda a área da cidade, sufocando e consumindo todas as coisas vivas.

**26. Uma estátua de sal.** A esposa de Ló fez algum esforço para escapar ao desastre iminente. Mas deixou que a sua curiosidade e seu desordenado amor pelas coisas de Sodoma (como também por sua família, provavelmente) a levasse a desobedecer as ordens e ela olhou para trás. Foi uma atitude fatal. A mulher ficou paralisada, e seu corpo se transformou em uma estátua de sal, coberta e incrustada com sedimentos da chuva de enxofre. Ali ficou por muitos anos como terrível advertência contra a desobediência às ordens específicas de Deus, e um lembrete mudo do caráter imutável do senhor. Alguém já disse: "Ela ficou ali,



uma silenciosa sentinela do egoísmo sórdido". Até o dia de hoje, colunas e torres de sal são visíveis na área ao sul do Mar Morto. Jesus, tentando lembrar seus discípulos das trágicas conseqüências do amor às coisas materiais, advertiu-os dizendo "lembrai-vos da mulher de Ló" (Lc. 17:32).

**27, 28. Da terra subia fumaça, como a fumarada de uma fornalha.**

Abraão subiu a uma elevação perto do Hebrom e olhou para o inferno no vale lá em baixo. Fizera todo o possível para poupar Ló e sua família. Agora observava a destruição das quatro cidades ímpias que foram tão insolentes no seu comportamento. Certamente o salário do pecado é a morte.

**30-38. Duas filhas.** O último capítulo da vida de Ló é de inspirar pena. Ele descreve as relações incestuosas que gostaríamos de esquecer. As duas filhas, educadas na ímpia Sodoma, rebaixaram-se o suficiente para praticarem um ato que é indescritivelmente revoltante. O resultado desse ato foi o nascimento de dois meninos, que foram os progenitores dos moabitas e dos amonitas, Ló e sua família fracassaram miseravelmente. Tragédia, desgraça, desespero e morte estão sobre os seus epitáfios. "Não erreis ; Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isto também ceifará" (Gl. 6:7).

## **Gênesis 20**

### **9) Abraão e Abimeleque. 20:1-18.**

Este lamentável episódio acrescenta outra linha deplorável ao quadro da vida do patriarca. Por que ele cometeu o mesmo erro duas vezes? (cons. 12:11-20) Por que o representante escolhido por Deus tinha de errar desse modo, dando a um rei pagão a oportunidade de repreendê-lo merecidamente? Por causa de medo e da falta de fé temporária, Abraão apelou para a falsidade, mentira e rematada deturpação dos fatos.

**1. Abraão. . . morou em Gerar.** Gerar ficava provavelmente cinco a seis milhas ao sul de Gaza e, portanto, fazia parte do território

pertencente aos filisteus. Alguns comentadores, contudo, localizaram-na a cerca de treze milhas ao sudeste de Cades.

**4-6. Sinceridade de coração e na minha inocência.** Abimeleque, que reinava sobre o povo de Gerar, era incomumente honesto, ético e imparcial. Suas reivindicações de sinceridade, isto é, "perfeição" ou "integridade" e inocência destacam-no como homem de elevados padrões. Quando advertido em sonhos por Jeová, enfrentou a dificuldade honestamente, com hombridade. Ele se destaca sob uma luz melhor que a do representante de Deus.

**7.** Abraão é chamado aqui de **profeta**. Como tal, tinha relacionamento peculiar com o senhor. Tinha acesso a Deus, era protegido pelo poder divino, recebia revelação espiritual e estava obrigado a falar em nome de Deus, transmitindo a mensagem que recebesse.

**9.16.** Abimeleque repreendeu Abraão, devolveu-lhe Sara e, além disso, ofereceu-lhe ovelhas, bois e escravos e um tesouro especial (talvez o equivalente de quatrocentos dólares); e assegurou a Abraão que podia se estabelecer em seu reino.

**17,18.** Em troca, Abraão intercedeu pelo rei para que a aflição enviada por Deus sobre ele e seu povo fosse removida. O patriarca despediu-se de Abimeleque, mais sábio, embora mais triste. Estava aprendendo que a mão de Jeová estava sobre ele para cumprimento do seu destino.

## Gênesis 21

### 10) O Nascimento de Isaque; Ismael Expulso. 21:1-21.

**1-7. Visitou.** De *peiqid*, "visitar", no sentido de "trazer julgamento ou uma bênção". Neste caso foi uma bênção muito apreciada de Deus. Graça e poder divinos operaram o milagre. **Sara. . . deu à luz um filho a Abraão na sua velhice.** Cumprindo a Sua promessa, Deus deu um menino a Sara e Abraão. Toda promessa ligada à aliança se realizaria através deste filho de Abraão. O pai teve a alegria de dar nome ao

menino e então o privilégio de circuncidá-lo quando tinha oito dias de idade. Quando Sara ergueu a criancinha em seus braços, sua alegria foi sem limites. Durante meses vivera para este momento sagrado. Ela disse: **Deus me deu motivo de riso (me tem feito riso, E.R.C.); todo aquele que ouvir isso, vai rir-se juntamente comigo.** Para os vizinhos seria motivo de riso bem-humorado da surpresa aliado a uma genuína alegria e sinceras felicitações. Para Sara, era o riso feliz da maravilhosa realização. segurava em seus braços o presente de Deus ao mundo. Foi um momento inesquecível de ação de graças, alegria e sagrada dedicação.

**8. Isaque cresceu.** O dia em que Isaque devia ser desmamado, provavelmente aos três anos de idade, foi um grande acontecimento na vida de toda a família. Era ocasião que devia ser celebrada com regozijo e festas.

**9-11.** Logo, entretanto, surgiu um problema. **Vendo Sara que o filho de Hagar . . . caçava de Isaque.** Sara já tinha sofrido por causa de Hagar e Ismael. Agora o conflito foi renovado quando Sara viu que o filho de Hagar tomava uma atitude que a enraiveceu. A palavra hebraica *mesahiq* é uma forma intensiva (**piel**) do verbo sobre o qual a palavra *Isaque* se fundamenta. Tem sido traduzida para "caçar", "divertir-se", "brincar" e "fazer troça". Não temos boas razões para introduzirmos a idéia de caçar. O que Ismael fazia não importa tanto quanto o fato de que Sara se enfureceu. Talvez ela simplesmente não agüentasse ver o seu filho brincando com Ismael em igualdade de condições. Ou talvez o ciúme, esse monstro de olhos verdes, estivesse no controle. Talvez Sara temesse que Abraão, por causa do seu amor pai Ismael, desse ao filho mais velho lugar destacado na herança. De qualquer forma, a vida familiar não podia continuar assim. Hagar e Ismael tinham de partir. Expulsá-los deve ter sido excessivamente penoso para Abraão, pois ele amava o menino, e durante anos o considerou seu herdeiro.

**12-14b.** Jeová confortou o seu amigo assegurando-lhe que cada rapaz teria um lugar importante no futuro. Abraão devia deixar que Hagar e Ismael partissem, como Sara exigia. No futuro, Ismael seria o

pai de uma grande nação. Mas Isaque seria o herdeiro das promessas e uma bênção para todo o mundo – **por Isaque será chamada a tua descendência**. Relutantemente Abraão despediu Hagar e Ismael na direção do deserto, com um odre cheio de água. Não se sabe exatamente qual era a idade de Ismael. Estudos cuidadosos do texto hebreu dão liberdade ao estudante de considerá-lo um jovem adolescente, talvez com cerca de dezesseis anos de idade.

**14c-16. Berseba**, na fronteira do Egito, ficava cerca de 80 kms ao sul de Jerusalém e 43,2 kms ao sul de Hebrom. Para aqueles que se dirigiam para o sul, era a última parada significativa na Palestina. Nessa região deserta, esses dois viajantes não poderiam passar muitas horas sem experimentar sede extrema. Quando a água acabou, o menino foi tomado de exaustão; e sua mãe o colocou sob a pequena sombra de um arbusto para que morresse. Mas Deus, na Sua misericórdia e amor, interveio trazendo esperanças, vida e segurança.

**17-19. Deus, porém, ouviu a voz do menino**. O Senhor providenciou abundância de água fresca, corrente, e poupou a vida do rapaz. Para ambos, mãe e filho, despontou um novo dia.

**20,21. Deus estava com o rapaz**. Era evidente que Deus pretendia cumprir Sua promessa em relação ao filho de Abraão; faria dele a grande nação dos ismaelitas.

### **11) Abimeleque e Abraão. 21:22-34.**

Quando surgiram os problemas (v. 25) entre os homens de Abraão e os de Abimeleque, os dois senhores concordaram em fazer uma afiança entre si. Primeiro, resolveram as dificuldades e acertaram as diferenças. Então Abraão deu um presente ao rei e ratificou o acordo. Dentre outras Coisas, ofereceu a Abimeleque sete ovelhas. Assim fizeram afiança em Berseba (v. 32). A semelhança entre as palavras hebraicas *sheba'* "sete" e *sheiba'* "jurar", parece indicar que existe ligação entre elas. Por causa disso, Berseba pode significar "poço dos sete" ou "poço do juramento". O uso reflexivo da palavra "jurar" significa "setificar-se" ou seja,

obrigar-se diante de sete coisas sagradas. Diante do compromisso feito, Abraão expressou gratidão ao **Senhor, Deus eterno** (*El'oleim*, v. 33). O patriarca logo sairia do mapa da história, mas o seu Deus, o Imutável, o Eterno, permaneceria. Evidentemente Abraão havia deixado uma impressão indelével sobre Abimeleque, o rei pagão, pois à sua maneira o rei confessou sua dependência do Deus de Abraão.

## Gênesis 22

### 12) Abraão e Isaque. 22:1-19.

O supremo teste da fé e obediência de Abraão veio depois da partida de Ismael, quando todas as esperanças para o futuro estavam alojadas em Isaque.

**1. Pôs Deus Abraão à prova.** O *nissa* hebraico, **provar** (E.R.C., *tentar*), significa um teste que revelaria a fé de Abraão como nada ainda o conseguira fazer. Ele tinha de dar prova de obediência absoluta e incontestada fé em Jeová, obedecendo até mesmo de olhos fechados, passo a passo, até que a fé se destacasse clara como o sol do meio-dia. Abraão passou pelo fogo mais ardente, permaneceu firme sob as maiores pressões e suportou a mais difícil tensão, para emergir da prova em completo triunfo.

2. Nenhum teste seria mais severo do que aquele que agora Deus lhe impunha. E nenhuma obediência seria mais perfeita do que a de Abraão. Quando Deus o chamou, o patriarca respondeu imediatamente. Mesmo sabendo que estava à sua frente, disse calmamente aos seus servos: "Esperai aqui... eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós" (v. 5). Sua fé em Deus que vê e se encarrega de tudo, garantiu-lhe que tudo estava bem. Ele confiou em Jeová para a execução de Suas promessas. "Pela fé ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito. Sendo-lhe dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, considerou que Deus era poderoso para até dentre os

mortos o ressuscitar. E daí também em figura ele o recobrou" (Hb. 11:17-19). A fé via além do sacrifício e estava pronta a obedecer.

**Moriá.** O lugar do sacrifício não pode ser positivamente identificado. II Crônicas 3:1 parece localizá-lo no local do Templo de Salomão. A tradição tem-se apegado a esta opinião, e seria difícil encontrar um local mais aceitável. A viagem a pé de Berseba deve ter levado a maior parte dos três dias. Oferece-o ali em holocausto. A palavra hebraica usada aqui, *'eila*, literalmente, *levante-o*, significa oferecer a vítima como um todo em holocausto, em sinal de completa dedicação. Não se faz nenhuma referência a matar o rapaz. A intenção original de Jeová, ao que parece, foi a de garantir a oferta completa, mas interferir antes que a vítima fosse morta. O propósito de Deus, em parte, foi o de apresentar uma lição objetiva sobre a Sua aversão aos sacrifícios humanos que eram abertamente praticados pelos pagãos por todos os lados.

**7,8.** Conforme os dois lentamente subiam a encosta da montanha, o jovem observador perguntou: **Onde está o cordeiro para o holocausto?** Que cena patética! A resposta do pai foi dada sem delongas: **Deus proverá para si. . . o cordeiro para o holocausto.** O verbo significa "ver". Na verdade, Abraão dizia que Jeová era capaz de *ver* e providenciar à Sua maneira. Ele tinha em seu coração uma segurança calma de que Deus seria capaz de cuidar dos detalhes. Abraão não sabia que o rapaz seria poupado da experiência da morte. Mas tinha a fé para crer que o Onipotente providenciaria o necessário à Sua maneira e na hora exata. Paulo penetrou nas profundezas desta verdade quando disse: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas cousas?" (Rm. 8:32).

**9,10.** Tudo estava em seu devido lugar sobre o altar. O filho amado das promessas estava amarrado e prostrado sobre a lenha que ele mesmo trouxera sobre os ombros. O fogo estava pronto. Tudo estava calmo e quieto. A faca afiada foi desembainhada e levantada.

**12,13.** De repente a voz do céu quebrou o silêncio. Deus ordenou que Abraão deixasse a faca de lado, desamarrasse as correias que prendiam o rapaz e que trouxesse o carneiro preso entre os arbustos. Essa foi a hora suprema de Abraão. Deus experimentara o seu coração e estava satisfeito. Novamente Isaque se colocou ao lado de seu pai, uma testemunha da misericórdia, da graça e da provisão do Senhor (cons. v 14). Foi por isso que Jesus disse. "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia e viu-o, e alegrou-se" (Jo. 8:56). O homem de Deus retornou a Berseba iluminado com o senso da presença de Deus. Jamais tornaria a ser o mesmo. As grandes promessas foram renovadas, e foi-lhe assegurado que as bênçãos da aliança seriam dele e de seus descendentes.

## **Gênesis 23**

### **13) A Morte e o Sepultamento de Sara. 23:1-20.**

**1,2 Sara . . morreu em Hebrom.** Aos 127 anos de idade Sara morreu, deixando Abraão vergado pela dor. O amor dele por ela fora genuíno e meigo. Ela fora a sua "princesa". Podemos bem imaginar que durante as horas negras e as felizes, ela foi um arrimo constante para a sua fé e uma fonte de força em toda a sua jornada. Eles tinham se mudado de Berseba para Hebrom, uma cidade a 28,8 kms ao sul de Jerusalém. Isaque tinha agora trinta e sete anos de idade. Em sua tristeza Abraão revelou algo da dignidade da sua alma que caracteriza o forte homem de Deus. Além de gemer e manifestar sua dor audivelmente, ele chorou. As palavras hebraicas para lamentar e chorar transmitem ambas as idéias.

**3-20.** No devido tempo, contudo, levantou-se do chão, local de lamentação, e corajosamente foi tratar dos negócios referentes à sepultura e ao sepultamento propriamente dito. Em lugar de levar o corpo de Sara de volta para Harã ou Ur, preferiu escolher um sepulcro na terra que Deus lhe dera. Negociou com os nativos hititas e comprou, por uma quantia considerável, a caverna de Macpela, para que a sua família

tivesse um local adequado para todos os sepultamentos no futuro. Ao negociar com os proprietários, Efrom e os outros, intitulou-se estrangeiro e morador naquela parte do mundo, indicando que sua origem era estrangeira e o seu período de permanência na terra incerto. Os filhos de frete (hititas) chamaram-no de príncipe de Deus, (v. 6). Eles o estimaram muito. Macpela, uma caverna dupla, tornou-se a sepultura de Sara, Abraão, Isaque, Rebeca, Jacó e Lia. Anos mais tarde foi tomada pelos maometanos e construiu-se uma mesquita sobre ela.

## **Gênesis 24**

### **14) Eliézer, Isaque e Rebeca. 24:1-67.**

O velho patriarca estava avançado em anos (heb., *entrado em dias*). Isaque continuava solteiro. Abraão estava preocupado com a possibilidade de seu herdeiro vir a se casar com uma cananita e não com uma moça do seu próprio povo. Mandou Eliézer, o seu servo de confiança, fazer a longa viagem até a Mesopotâmia em busca de uma noiva para Isaque.

**1-9. Disse Abraão ao seu mais antigo servo . . . tomarás esposa para Isaque, meu filho.** Antes que Eliézer partisse, Abraão lhe deu instruções detalhadas e exigiu que fizesse um voto sagrado. Colocar a mão sob a coxa era atitude solene, significando que se o juramento fosse violado, os filhos, mesmo os que ainda não tinham nascido, vingariam o ato de deslealdade. Por meio do juramento, o servo ficaria obrigado a maior diligência na obtenção de uma esposa aceitável para Isaque. Abraão assegurou-lhe que receberia a ajuda de Deus: **Ele enviará o seu anjo, que te há de preceder, e tomarás de lá esposa para meu filho.**

**10-14. O servo . . . levantou-se e partiu... para a idade de Naor.** O servo recebeu a promessa de orientação divina e estava ansioso em ser conduzido. Um homem devoto, que buscava conhecer a vontade de Deus, orou fervorosamente e confiou que receberia orientação detalhada. Sentia que um erro poderia ser desastroso. É claro que Eliézer era o homem de Deus para uma expedição altamente importante. **A cidade de**



**Naor.** A cidade de Harã ou uma cidade chamada Naor nas vizinhanças de Harã. **Mesopotâmia** é a tradução do hebraico que poderia literalmente ser traduzido para "Arão dos dois rios", isto é, a região dos vales dos rios Tigre e Eufrates. Betuel era o pai de Labão e Rebeca. Os pais de Betuel eram Naor e Milca. Abraão era seu tio.

**15-28.** Quando o servo encontrou-se com Rebeca junto ao poço, convenceu-se de que Deus tinha respondido sua oração e o guiara diretamente à moça. Ela era linda e inteligente, e atendia a cada requisito que ele estipulava. Então Eliézer deu-lhe alguns presentes preliminares – um pendente para o nariz e dois braceletes, tudo vistoso e extremamente valioso. Outros presentes se seguiriam quando a família se reunisse na tenda da mãe de Rebeca.

**29-31. Labão . . . Eliézer . . . Rebeca.** Labão revelou seu verdadeiro caráter vendo o valioso pendente e os braceletes, decidiu que nada deveria ser poupado para reter Eliézer. Ele não poderia deixar de ser hospitaleiro com um homem que fazia tais presentes. Aquelas jóias eram apenas o começo. Logo outras jóias de prata e ouro e lindas vestes foram oferecidas a Rebeca. E ricos presentes (v. 53), presentes especiais, foram oferecidos à mãe e ao irmão da noiva. De uma certa forma eram para compensar a perda de um membro querido da família. O costume de dar ricos presentes aos membros da família da noiva vem desde os tempos de Hamurabi (1728-1686 A.C). Talvez fosse resquício dos tempos em que a noiva era realmente negociada.

**34-48.** Eliézer contou com alguns detalhes a surpreendente resposta que recebeu à sua oração quando pediu orientação e certeza. O homem de Deus sabia que o Senhor o orientara e que Rebeca era a escolha de Deus para o seu jovem senhor.

**49-61.** Sem consultar a noiva escolhida, os outros membros da família deram sua palavra definitiva: Rebeca seria a esposa de Isaque. Eles queriam que a moça ainda permanecesse em casa por algum tempo (talvez alguns meses), mas ela, quando indagada, declarou estar pronta a partir imediatamente. Foi uma decisão momentosa para ser tomada por

uma jovem. Seu novo lar ficava muito longe e provavelmente nunca mais veda sua família. Ela ia pela fé, como Abraão o fizera anos antes. Nova vida em Canaã seria sua recompensa.

**62-65. Saíra Isaque a meditar no campo.** Isaque estava esperando a sua noiva perto de *Beer-Laai-Roi*, onde Hagar encontrara esperança, alegria e orientação divina. O hebraico *sueih*, geralmente traduzido para meditar, também pode ser "passear", "orar", "gemer", "lamentar". O versículo 67 pode jogar alguma luz sobre o seu significado. Isaque precisava de conforto. É possível que Sara tenha falecido durante a ausência de Eliézer. A narrativa descreve Rebeca literalmente saltando do camelo, em atitude de respeito diante de Isaque e devida consideração por sua importância. Rapidamente arrumou o seu véu, de acordo com as regras da etiqueta vigente. Uma mulher comprometida devia permanecer com o rosto velado até que o casamento fosse consumado. Só então seu esposo poderia olhar o seu rosto.

**66,67.** Eliézer deu a Isaque um relatório completo de tudo o que aconteceu na longa viagem. Isaque compreendeu que Deus guiara o servo na escolha de Rebeca e reconheceu que a vontade dEle devia ser cumprida no assunto. Instalou Rebeca na tenda da própria Sara, e assim ela veio a ser a primeira dama daquela terra. Dois verbos destacam-se no versículo que encerra o capítulo: **Isaque . . . a amou; assim foi Isaque consolado.** O amor veio naturalmente, trazendo conforto e alegria ao coração de Isaque. Foi apropriado que uma alma solitária pudesse encontrar uma mulher que fosse linda e amável. O amor de Isaque engendrou compreensão, consideração e gentileza de alma. Foi muito bom que a jovem, tão longe de sua casa, fosse abençoada com um marido que a amou verdadeiramente. A palavra "consolado" tem significados ainda mais profundos quando considerados à luz do coração, do lar e do casamento. Isaque estava necessitando desesperadamente de "consolo". Rebeca forneceu algo que estivera em falta desde a partida de sua mãe.

O hebraico *neiham*, "conforto", significa realmente dar força ou poder para ficar de pé (cons. Jr. 10:4, onde o escultor de ídolos "conforta o seu ídolo com pregos e martelos"). O homem de fé sossegada, passiva e tímida uniu-se pelo casamento a uma mulher tão atirada, tão intrépida, tão ambiciosa, que seria destinada a lhe causar sofrimento nos anos vindouros. No entanto Deus estava liderando, e usaria até mesmo esses indivíduos imperfeitos para a execução de Sua vontade para o Seu povo.

## Gênesis 25

### 15) Últimos Dias de Abraão. 25:1-18.

**1-6. Desposou Abraão outra mulher ... Quetura.** Além de Sara e Hagar, Abraão tomou Quetura como segunda esposa, ou concubina (I Cr. 1:32). Isto deve ter acontecido muitos anos antes da morte de Sara, pois diversos filhos são citados. Os filhos e netos de Hagar e Quetura receberam presentes da mão de Abraão, mas toda a propriedade e autoridade e haveres espirituais ficaram para Isaque, o herdeiro legal do patriarca.

**7-10.** Com a idade de 175 anos Abraão chegou ao fim de sua caminhada terrena e expirou. Ele expirou. A expressão vem do hebraico *geiwa'*, "exalar o seu fôlego", "desaparecer", "sucumbir". Imediatamente ele foi reunido ao seu povo (literalmente) e tomou posse de sua residência no Sheol, o lugar dos espíritos dos que morrem. **Morreu em ditosa velhice, avançado em anos.** Um epitáfio adequado para um grande homem de Deus. Sua vida verdadeiramente foi concluída e completa. Ele viveu intrepidamente. Andara pela fé pelos caminhos indicados por Deus. Ao lado do sepulcro na caverna de Macpela estavam seus dois filhos (v. 9), os quais ele amou com afeto insuperado. Isaque e Ismael uniram-se na dor comum e na devoção que ambos tinham por aquele que tanto significara para eles. Sem dúvida Isaque foi fortalecido na sua dor com o pensamento de que permanecia dentro do favor divino especial e que não teria de continuar sozinho. Ele seria o herdeiro das ricas bênçãos da aliança prometidas a Abraão e por meio dele.

**B. Isaque. 25:19 - 26:35.****1) Isaque e Sua Família. 25:19-34.**

**19-23.** Sara, Rebeca, Raquel e Ana, todas foram estéreis e portanto sem filhos até uma certa idade. Foi uma experiência trágica para cada uma delas. Isaque orou ao Senhor por sua mulher. O verbo hebraico *'eitar* significa "orar suplicando", ou "implorar". Quando usado no sentido passivo, indica que o sujeito foi vencido pela oração e atendeu. Isaque orou fervorosamente por sua esposa estéril, e Jeová submeteu-se às suas súplicas. Rebeca deixou de ser estéril e concebeu. A oração incessante recebeu a recompensa divina.

**24-34. Eis que se achavam gêmeos no seu ventre.** (v. 24). Antes mesmo de Esaú e Jacó nascerem, lutaram entre si em seu confinamento pré-natal. E continuaram vivendo em conflito conforme foram crescendo. Hoje seus muitos descendentes lutam apaixonadamente para se sobrepujarem no Oriente Médio. Esaú foi um peludo homem do campo, pouco apreciando os valores espirituais. Ele mergulhou arriscadamente dentro da vida, apenas para descobrir que fora defraudado da melhor coisa que possuía, sofrendo um xeque-mate de um astuto suplantador. Jacó recebeu sua inspiração de Rebeca, que não via obstáculos quando queria alguma coisa. Isaque era fraco demais para manter a disciplina e impedir as tramas de Jacó e Rebeca.

Esaú parecia se preocupar apenas com assuntos materiais. Para ele, o direito de primogenitura, que envolvia bênçãos materiais e espirituais, tinha pouco valor até que o perdeu por sua própria culpa. O direito de primogenitura pertencia ao primogênito. Garantia-lhe uma posição mais honrosa do que a dos seus irmãos, a melhor parte da herança, as terras mais ricas, além das bênçãos que Deus fizera a Abraão e aos seus descendentes. O direito de primogenitura era de Esaú porque Deus permitiu que nascesse primeiro.

Nem Esaú nem Jacó demonstraram qualquer interesse louvável pelos tesouros espirituais. Ambos eram sordidamente egoístas e não compreendiam qual comportamento à altura de um homem que era

príncipe de Deus. Jacó era ambicioso e queria para si mesmo tudo o que pudesse lhe conceder algum destaque. Rebeca forneceu a faísca e tramou o esquema que garantiram vantagens para o seu filho favorito. Este teria um longo caminho a percorrer até se tornar o líder espiritual daqueles que teriam de adorar Jeová. Mas Deus era paciente; Ele não tinha pressa; Ele treinaria Seu líder.

Esaú estabeleceu sua residência nas montanhas rochosas do Edom. Anos mais tarde seus descendentes, o povo cuja nação ele instituiu, revelariam o mesmo tipo de filosofia que tinha seu antepassado e a mesma indiferença profana pelo programa eterno de Jeová dos Exércitos. Apesar de todos os incidentes desanimadores, o reino de Deus prosseguiu na direção da realização total do propósito divino.

## Gênesis 26

### 2) Isaque e Abimeleque. 26:1-35.

**1. Foi Isaque. . . avistar-se com Abimeleque.** Por causa de uma fome em Canaã, Isaque foi morar temporariamente na terra dos filisteus. Este Abimeleque, rei dos filisteus, não era o Abimeleque das experiências de Abraão. O nome poderia ter sido um nome dinástico dos governantes da Filístia. **Gerar.** Uma pequena colônia sobre a estrada do Egito, cerca de onze milhas a sudeste de Gaza.

**2-5.** Isaque estava a ponto de se decidir a uma mudança para o Egito em busca de abundância de alimento e pastagens, quando Jeová lhe apareceu em uma teofania especial. O Senhor advertiu (saque a que não fosse para o Egito, e encorajou-o a dirigir-se para a Filístia até que pudesse habitar na terra da aliança. Serei contigo, Ele disse, e te abençoarei (v.3). Nessa ocasião Jeová renovou definitivamente as promessas que fizera a Abraão. Claramente explicou que estava concedendo essas bênçãos a Isaque por causa da piedade e fidelidade de seu pai. Abraão obedeceu à voz de Deus e manteve-se fiel aos seus encargos, mandamentos, estatutos e leis. Isaque podia esperar com segurança pelas repetidas realizações das promessas divinas ao longo do

caminho. E ele podia contar com a sua participação no plano de Deus, já delineado, de testemunhar a todos os povos.

**6-11. É minha irmã** (v. 7). Isaque revelou algo de sua fraqueza humana, em Gerar, quando deixou-se levar pela mentira em relação a sua esposa, Rebeca. Exatamente como Abraão o fizera em duas ocasiões, Isaque tentou fazer sua esposa passar por sua irmã. Quando Abimeleque viu-o comportar-se com Rebeca de maneira mais adequada a um marido do que irmão, repreendeu Isaque severamente pela mentira. Novamente, alguém que estava fora da aliança repreendeu rudemente aquele que devia comportar-se acima de qualquer reprovação.

**12-22.** Logo após este episódio desagradável, Isaque estabeleceu-se como próspero fazendeiro, tomando-se invejado por todos os seus vizinhos. Até mesmo Abimeleque ficou com inveja e emitiu uma ordem no sentido de que Isaque saísse dos seus domínios. O rico proprietário mudou-se para um pouco mais adiante e começou a vida de novo. Descobriu que os nativos haviam entulhado os poços que tinham fornecido água desde os dias de Abraão. Isaque mandou que seus servos abrissem de novo todos esses poços e mandou também que abrissem outros novos. Cada vez que os homens cavavam novos poços, os filisteus criavam dificuldades a respeito deles. O patriarca chamou o seu primeiro poço novo de *'Esek*, **contenção**, e o segundo de *Sitneih*, **inimizade**. O terceiro poço, que foi terminado sem luta, ele chamou de *Rehobot*, **lugares largos**.

**23-33.** Viajando pelas redondezas de Berseba, Isaque recebeu uma comunicação especial de Jeová, assegurando-lhe bênçãos incomuns e contínuas – **Não temas porque . . . abençoar-te-ei** (v. 24). Agora que já estava novamente de volta ao território santo, tornou-se particularmente oportuno que construísse uru altar a Jeová e assim anunciasse a todos que se dedicava à tarefa que lhe fora designada. Isaque começou a dar evidências de um espírito piedoso que, até então, não tinha revelado tão claramente.

**C. Jacó. 27:1 - 36:43.****Gênesis 27****1) Jacó e Esaú. 27:1-46.**

**1-17. Tendo-se envelhecido Isaque . . . chamou a Esaú.** É difícil imaginar todo o sofrimento, agonia e cruel desapontamento envolvidos nesta narrativa pitoresca. O velho patriarca, cego e trôpego, fez planos de transmitir as sagradas bênçãos ao seu filho primogênito. Mas a astuciosa Rebeca, que ouviu as instruções dadas a Esaú, imediatamente resolveu subverter e frustrar seus planos. Jacó, seu filho predileto, já tinha o direito de primogenitura; ela determinou que ele também receberia a bênção oral, dos lábios do representante do Senhor, para que tudo ficasse em ordem com a herança divina. Ela não podia arriscar-se esperando que Deus realizasse Seus planos à Sua maneira. Por isso apelou para a mais desprezível mentira a fim de assegurar-se da bênção para o seu filho mais moço.

**18-29. Respondeu Jacó . . . Sou Esaú, teu primogênito.** Apoiado por sua mãe, Jacó compareceu diante de seu velho pai com enganos e mentiras. Chegou até a declarar que Jeová o ajudara nos rápidos preparativos. Depois de mentir a seu pai, depositou um beijo falso sobre o rosto do velho homem.

**34-40. E, levantando Esaú a voz, chorou** (v. 38). A tragédia de Esaú era que ele estava completamente ignorante da santidade da bênção, e só desejava as vantagens que esta lhe proporcionaria. A dor profunda que sentia por Jacó ter-lhe passado a perna da obtenção da primogenitura, Seu amargo desapontamento, seus soluços patéticos e ardente vergonha que logo se transformaram em ódio intenso e desejo de vingança são profundamente comoventes.

**41-46. Retira-te para a casa de Labão.** Para proteger Jacó da vingança de seu irmão, Rebeca encontrou uma desculpa para mandá-lo embora. Qual desses três – Rebeca, Jacó ou Esaú – era o mais digno de dó? Sua vida familiar foi destruída, e cada um deles teve de agüentar

longas horas de separação, desilusão e arrependimento. Rebeca jamais veria seu filho favorito novamente, e Jacó teria de enfrentar a vida sem pai, sem mãe, sem irmão. E o que dizer dos planos divinos para o reino? Como seriam executados em face de tamanho egoísmo, tanta intriga e mentira? O Senhor dos Exércitos não pode ser impedido pela oposição, fracasso ou falta de fé do homem. Ele é capaz de fazer a Sua vontade prevalecer apesar de tudo. Enquanto Isaque se aproximava mais da hora da sua morte, Rebeca lamentava a situação desesperadora que ela provocara e Esaú pensava em vingança, Jacó fez a sua solitária viagem de Berseba para Padã-Arã.

## 2) Jacó, Labão, Lia e Raquel. 28:1 - 30:43.

### Gênesis 28

**28:1-5. Isaque . . . dando-lhe a sua bênção, lhe ordenou... vai a Padã-Arã** (vs. 1, 2). Isaque não permitiu que Jacó partisse sem uma bênção. Ele falou em tom de pronunciamento profético, e numa linda linguagem que revela sua percepção espiritual. Jacó devia procurar esposa entre seus parentes em Harã, mas devia se preocupar mais com a sua participação na rica promessa herdada por Abraão. Isaque invocou *'El Shadday*, **Deus Todo-poderoso** (v. 3), para que este fornecesse riqueza, prosperidade e perspicácia para tornar Jacó capaz de assumir a liderança espiritual. Profetizou que, se o seu filho entregasse seus caminhos ao Senhor, as bênçãos de Deus prometidas a Abraão, seriam dele. Através de Isaque, Deus deu a Jacó uma ordem, um desafio, uma certeza e orientação para a viagem.

**6-9.** Esaú observou e ouviu; depois foi à casa de Ismael à procura de uma esposa dentro da linhagem familiar, a fim de agradar a seus pais. Evidentemente queda fazer um esforço na direção certa. Mas, sendo basicamente mundano, sua carreira na terra de Edom deixou de ser do tipo que agradasse ao Senhor Jeová.



**10-17.** Jacó fez a viagem de Berseba até Luz, cerca de doze milhas ao norte de Jerusalém, onde passou a noite. Betel ficava ali perto. De noite recebeu uma honrosa e especial comunicação de Deus, uma visão ou sonho com anjos subindo e descendo uma escada que ia da terra ao céu. Ele tomou conhecimento de que, na realidade, há uma comunicação entre o céu e a terra. Reconheceu que, naquele lugar, Deus estava ao seu lado, prometendo-lhe orientação pela vida afora e um trituro grandioso. Jeová disse, **Eis que estou contigo, e te guardarei . . . e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei** (v.15). Que mensagem desafiante! Não foi por menos que Jacó exclamou: **O Senhor está neste lugar... Quão temível (pavoroso) é este lugar!** (vs. 16,17). Ele ficou profundamente emocionado. Talvez pela primeira vez em sua vida tomou consciência da presença de Deus ao seu lado. A voz, as palavras de esperança, a presença real de *'El Shadday* levaram-no a adorar com admiração e submissão.

**18-22.** Ele chamou o lugar de **Betel, Casa de Deus**, pois Deus estava ali. Para tornar a experiência inesquecível, levantou ali uma coluna de pedras para indicar que aquele era um local santo, um santuário onde seria sempre possível desfrutar da íntima comunhão com Deus (v. 18). Espiritualmente, ainda tinha um longo caminho a percorrer, mas já fizera progressos neste seu encontro com Deus. Também ofereceu sua vida ao Senhor e o dízimo de tudo o que viesse a possuir. Mas impôs uma condição. Se Deus continuasse ao seu lado, e o guardasse em sua viagem, e o trouxesse de volta novamente, ele cumpriria a sua parte no voto. Era um grande passo que estava dando. A pedra (*massebâ*) que erigiu seria um lembrete permanente do voto que fizera (v. 22).

## Gênesis 29

**29:1-12. Pôs-se Jacó a caminho** (v. 1). A expressão idiomática hebraica, *levantou os seus pés*, fala da reação do jovem diante do estímulo divino. Estava a caminho de Padã-Arã, à procura da família de sua mãe perto de Harã. Era difícil fazer tão longa viagem, mas parece

que Jacó não tinha outra alternativa. Finalmente se encontrou ao lado de um poço, no meio de rebanhos de ovelhas, com seus pastores aguardando que a grande pedra fosse removida da boca do poço para que suas ovelhas pudessem se dessedentar. Possivelmente foi o mesmo poço onde Eliézer encontrou Rebeca para o jovem Isaque. Embora muitos anos tivessem passado, Labão ainda estava vivo, conforme Jacó ficou sabendo dos pastores, e sua filha Raquel era a guardadora do seu rebanho (v. 6). Quando Raquel se aproximou com o rebanho de Labão, Jacó se aproximou para remover a grande pedra a fim de que as ovelhas pudessem matar a sua sede. Depois beijou sua prima e apresentou-se. Profundamente comovido com tudo o que lhe tinha acontecido e com este seu primeiro encontro com seus parentes, Jacó, erguendo a voz, chorou, enquanto Raquel corria para contar a Labão que seu sobrinho tinha chegado.

**13,14.** Labão, irmão de Rebeca, neto de Naor, ficou felicíssimo em poder dar as boas-vindas a alguém que era de sua própria família. Já se passara tanto tempo desde que sua irmã partira como noiva de Isaque. Alegrementemente recebeu o filho de Rebeca no seio de sua família. Talvez ele se lembrasse da generosa demonstração de riqueza feita por Eliézer. Talvez ficasse impressionado pela robustez do jovem, que poderia dar um bom pastor. Quase com certeza ele considerou a possibilidade de um marido para suas filhas. **Lia e Raquel**, ambas eram moças casadouras. Labão nunca perdia a oportunidade de fazer um bom negócio. O jovem sobrinho vindo das montanhas logo aprenderia a lidar com ele cautelosamente. Na verdade, Jacó aprenderia a superar o principal trapaceiro de todos os "filhos do Oriente".

**15-20.** Raquel era excepcionalmente linda e atraente e Jacó já estava impressionado com ela. As Escrituras dizem, **Jacó amava Raquel** (v. 18). Lia, a irmã mais velha, estava longe de ser bonita. Seus olhos não tinham o brilho, a vivacidade e atração que os homens admiram. Mas Lia ficou tão firmemente evidenciada na história sagrada que gerações sucessivas teriam de levá-la em conta. Seria um dos seus filhos

que seria escolhido para tomar lugar na linhagem messiânica. Estes quatro – Labão, Jacó, Lia e Raquel – foram figuras significativas no procedimento divino com Seu povo escolhido.

**21-30.** Depois de trabalhar arduamente sete anos pela filha mais moça, Jacó foi enganado e induzido a se casar com Lia. Depois das festividades do casamento de Lia, Jacó casou-se com Raquel, sua irmã mais moça, mas teve de trabalhar mais sete anos em pagamento. Assim ele teve duas esposas de igual posição. Seu ardente amor por Raquel tornou o relacionamento com Lia mais ou menos estranho e frustrante. Lia devia sofrer muito sabendo que seu marido não a amava. Contudo tinha esperanças de que um dia o coração de Jacó se voltaria para ela.

**31-35.** No começo nem Raquel nem Lia deram filhos a Jacó. Naquele tempo, ser estéril era uma situação patética. Contudo, no devido tempo, Jeová veio em socorro de Lia e curou a sua esterilidade, e ela veio a ser mãe. Um após o outro seus filhos vieram, até que já tinha seis filhos. Uma filha, Diná, foi-lhe acrescentada. Com regularidade de partir o coração, Lia apresentava um filho com as palavras: **Agora me amará meu marido.** Mas nenhuma palavra de reconhecimento ou apreciação partia de Jacó. A palavra traduzida para **preterida** (*seini*) indica "menos afeição", ou "menos devoção". Não indica ódio positivo.

## Gênesis 30

**30:1-13.** Raquel também sofria, pois sua esterilidade não se alterava e ela não estava dando filhos a Jacó. O hebraico *qeini'*, **ciúmes**, envolve nele o sentimento de alguém que já agüentou o máximo. Inveja, descontentamento, petulância marcavam sua voz, sua linguagem e sua expressão facial. Lia, Raquel e Jacó eram todos infelizes. Seus problemas domésticos e sofrimento tornavam suas palavras e atitudes indignas, desnecessárias e indecorosas. Tentativas humanas de se remediar a situação provaram-se insatisfatórias. O oferecimento de **Bila** e **Zilpa** como esposas secundárias para ajudarem a "edificar" a família, só tornou a situação ainda mais dolorosa. Filhos nasciam, mas os

corações continuavam em desarmonia e infelizes. Além dos seis filhos e uma filha (ao menos) de Lia, dois filhos nasceram de Bila e dois de Zilpa.

**14-24.** Raquel tentou usar **mandrágoras** (*dudei'im*) para induzir a fertilidade. Essas mandrágoras eram popularmente chamadas de "maçãs do amor". Ryle diz: "A mandrágora é uma planta tuberosa, como fruto amarelo semelhante à ameixa. Supunha-se que agia como um talismã do amor. Amadurece em maio, o que está de acordo com a menção (v. 14) dos dias da ceifa do trigo" (*Cambridge Bible, in loco*). Raquel continuou estéril apesar do supersticioso talismã. A situação estava nas mãos do Senhor e Ele não permitiria que tentativas humanas a mudassem. Finalmente, **lembrou-se Deus de Raquel, ouviu-a e a fez fecunda. Ela concebeu, deu à luz um filho. . . e lhe chamou José** (vs. 22-24). Na hora determinada por Ele, Jeová deu a resposta. Retirou o vexame de Raquel e a encheu de alegria e louvor.

**25-30. Disse Jacó a Labão: Permite-me que eu volte . . . à minha terra.** Quanto José nasceu, Jacó já terminara de pagar todo o seu débito a Labão, e queria retornar a Canaã. Se tivesse partido nessa ocasião só teria levado consigo sua família; nada possuía. Pediu ao tio que o deixasse voltar para casa. Labão declarou que recebera revelação especial (**tenho experimentado**) por meio de mágica ou adivinhação dos seus deuses domésticos, que devia manter Jacó por perto a fim de garantir o seu sucesso e prosperidade.

**31-36.** Ofereceu a Jacó que estipulasse seu salário. Imagine a sua surpresa quando o seu sobrinho lhe fez uma contra-oferta que lhe pareceu esmagadoramente a seu favor. Na Síria as ovelhas são brancas e as cabras são negras, com muito poucas exceções. Jacó ofereceu-lhe para começar o seu acordo imediatamente, aceitando como suas as ovelhas que não fossem brancas e as cabras que não fossem negras, deixando o restante para Labão. Assim, ambos os patrimônios poderiam prosperar. Labão aceitou a oferta imediatamente. Naquele mesmo dia levou para uma distância segura todas as ovelhas e cabras "fora de série" para que

Jacó não tivesse com o que começar. Os animais que ele separou entregou a seus filhos. Foi um ardil baixo e covarde Labão acreditava que tornara impossível a vitória de Jacó, porque removera todo o capital de Jacó antes de começar a competição.

**37-42.** Mas Jacó não se entregava tão facilmente assim. Ele usou de três expedientes para derrotar seu tio. Colocou varas listadas diante das ovelhas nos locais onde bebiam água, para que o colorido das crias ficasse sujeito à influência pré-natal. É fato estabelecido, declara Delitzsch, que se pode garantir crias brancas nas ovelhas colocando muitos objetos brancos junto dos bebedouros (*New Commentary on Genesis, in loco*). Jacó também separou do rebanho os cordeiros e cabritos listados e salpicados, mas os manteve à vista das ovelhas, para que estas fossem influenciadas. Seu terceiro expediente foi deixar que essas influências predeterminantes agissem sobre as ovelhas mais fortes, para que os seus cordeiros e cabritos fossem mais fortes e mais viris que os outros. Jacó foi bastante astuto para recorrer à influência pré-natal e reprodução seletiva.

**43.** Como resultado desse esquema, dentro de poucos anos Jacó ficou imensamente rico em ovelhas e cabras. Embora tivesse usado a sua cabeça, ele foi o primeiro a declarar que o Senhor interveio na sua vitória. Jeová tornava possível que o patriarca retornasse a terra prometida com recursos, vindo a ser o príncipe de Deus, que executara à vontade divina.

## **Gênesis 31**

### **3) Jacó Retorna a Canaã. 31:1-55.**

**1-3. O rosto de Labão não lhe era favorável, como anteriormente.** Finalmente, o relacionamento entre o tio e sobrinho chegou ao fim. Jacó percebeu que Labão e seus filhos eram-lhe hostis por causa do seu sucesso. Além disso, já possuía riqueza e propriedades suficientes para satisfazê-lo. Assim, quando recebeu ordem do Deus de Betel para se por a caminho, sabia que já era hora de voltar para casa. Vinte anos tinham

se passado, durante os quais sua mãe já morrera. Talvez Labão ficasse ainda mais desagradável. Era hora de partir.

**4-13.** Jacó explicou sua decisão às suas esposas, dizendo-lhes como o **Anjo de Deus** lhe falara em sonho e o encorajara em seu propósito. O "anjo" se identificou com Aquele que apareceu a Jacó em Betel. Era realmente o próprio Jeová.

**14-16.** Lia e Raquel apoiaram fortemente a decisão de Jacó. Elas conheciam seu pai e tinham perdido o amor e o respeito por ele. Lembraram-se que recebera quatorze anos de trabalho de Jacó sem lhes dar a parte que uma noiva tinha direito de receber. **Não nos considera ele como estrangeiras? disseram. Pois nos vendeu, e consumiu tudo o que nos era devido** (v. 15 ).

17-21. Jacó aprontou seus rebanhos, gado, filhos e propriedades para a longa viagem, e aguardou que Labão saísse para o festival da tosquia. Enquanto isso Raquel providenciou que Jacó pudesse reclamar uma boa parte dos direitos hereditários levando consigo os ídolos do lar ou *tereipim* (cons. latim *penates*), altamente estimados por Labão. As placas de Nuzu datadas do século quinze A.C. indicam que a posse dos *tereipim* tornava o proprietário o herdeiro principal. Evidentemente Raquel não aprendera a confiar em Jeová para suprimento de suas necessidades. Jacó fracassou em ensinar a sua família a confiar e adorar a Deus de todo o coração. Dali a pouco Jacó e o seu grupo partiram de Harã, atravessaram o Eufrates e viajaram o mais rapidamente possível na direção de Canaã. Seu destino imediato eram as montanhas de Gileade no lado oriental do Rio Jordão.

**22-24. Labão... saiu-lhe no encalço.** Depois de três dias Labão ficou sabendo da fuga. Labão logo conseguiu organizar seus homens para a perseguição, já estava a caminho para os alcançar. Embora fosse uma viagem de 480 kms, ele conseguiu alcançar o grupo fugitivo nas montanhas de Gileade. No caminho Labão recebeu uma estranha mensagem de Deus, uma ordem de abster-se de fazer qualquer pressão contra Jacó. Não devia falar bem nem mal, isto é, não devia dizer nada.

(Os opostos são freqüentemente usados nas Escrituras para indicar totalidade.)

**23-25.** Labão não poderia ser detido por visitas divinas. Deu início ao seu protesto, expressando grande desespero ao ver suas filhas e netos arrastados para fora de sua casa sem as devidas despedidas. De repente fez a pergunta: **Por que me furtaste os meus deuses?** Referia-se aos seus *tereipim* (v. 30; cons. 19). Evidentemente Labão estava mais preocupado com as imagens do que com a família de Jacó. Uma busca mostrou-se infrutífera e os pequenos "deuses" não foram achados, porque Raquel os escondera na cesta de vime que fazia parte da sela sobre a qual estava assentada. Esta sela de um camelo (v. 34) proporcionava às senhora do Oriente um pouco de conforto e intimidade durante as viagens.

**36-55.** Sem dúvida Jacó sentiu grande alívio em poder replicar a Labão. A atmosfera clareou-se e Labão abandonou a sua mordacidade. Os dois homens fizeram um acordo, ratificando-o e comemorando o acontecimento com o levantamento de uma coluna de pedras no alto da colina. A coluna constituiu o que foi chamado de Mispa ou "posto de observação", de onde um observador podia ver toda a terra em ambas as direções. Indicava suspeitas e falta de confiança. Ao levantar essa coluna os homens queriam dizer que estavam convidando Jeová para se assentar ali e observar as duas pessoas nas quais não se podia confiar. Deus tinha de ser uma sentinela para vigiar Labão e Jacó, na esperança de que a luta fosse evitada. Jacó foi obrigado a prometer que trataria as filhas de Labão com bondade e consideração. Nenhuma das duas partes deveria atravessar a fronteira estabelecida para praticar violência contra a outra. Jamais uma deveria prejudicar a outra.

#### **4) O Encontro de Jacó com Esaú. 32:1 - 33:17.**

### **Gênesis 32**

**32:1-5.** Jacó seguiu o seu caminho, e anjos de Deus lhe saíram a encontrá-lo. Tanto no caminho da saída como no caminho da entrada

em Canaã, esses mensageiros celestes vieram ter com Jacó para fazê-lo cômico da presença celestial e para lhe assegurar da proteção divina. A palavra **Maanaim**, dois acampamentos, descreve um acampamento interno formado pelo grupo de Jacó e outro externo formado pelos mensageiros de Deus, o externo formando um maravilhoso círculo de proteção à volta dos viajantes. Um lindo quadro de segurança e proteção e serenidade de alma! (cons. II Reis 6:15-17).

**6-8.** Esaú vinha de Edom, os mensageiros de Jacó o informaram, para se encontrar com o grande grupo de viajantes que vinha de Padã-Arã. Edom era a terra que ficava ao sul do Mar Morto, que geralmente é chamada de **Seir**, no Monte Seir (v. 3) na Bíblia. No Novo Testamento o povo de Edom é chamado de os idumeus. Jacó estava com o coração cheio de medo, lembrando-se das ameaças de Esaú anos antes e imaginando que o seu irmão estivesse fazendo planos para se vingar dele. **Quatrocentos homens** sob o comando do selvagem homem de Edom poderiam ser perigosos. Jacó adotou três medidas definidas para garantir a segurança. Primeiro, orou ao Senhor humildemente. Segundo, enviou pródigos presentes a Esaú para despertar sua boa vontade. Terceiro, arrumou sua família, suas propriedades e seus guerreiros da maneira mais vantajosa e preparou-se para lutar caso fosse necessário.

**9-12.** Na sua oração Jacó fez o Senhor se lembrar de que Ele o convocara a fazer esta viagem para Canaã e lhe prometera proteção e vitória. A oração foi sincera e humilde. uma sincera súplica pedindo segurança, livramento e proteção na emergência que se lhe defrontava. Embora nenhuma palavra de confissão saísse dos lábios do suplicante com referência as injustiças que cometera a Esaú e Isaque, Jacó admitiu humildemente que era completamente indigno do favor de Deus literalmente, **sou indigno** (v.10). Demonstrou o seu temor de Deus e a sua fé nEle. Estava literalmente lançando-se nos braços do Senhor para obter a vitória e o livramento.

**13-21a.** O **presente**, ou *minha* foi algo muito bem escolhido, consistindo de cerca de 580 animais dentre os seus melhores rebanhos. O



*minha* era um presente que geralmente se oferecia a um superior com a intenção de se obter um favor ou para despertar sua boa vontade. Jacó disse: **Eu o aplacarei** (v. 20). A palavra é muito significativa no que se refere à expiação. Seu sentido literal é, *eu cobrirei*. Por meio do presente, Jacó esperava "cobrir" o rosto de Esaú, de modo que ele fizesse vista grossa para a injúria, abandonando sua ira. Suas próximas palavras – **porventura me aceitará** – são, literalmente, *para que ele levante o meu rosto*. É uma linguagem simbólica, indicando plena aceitação depois do perdão. Jacó foi excepcionalmente humilde, cortês e conciliatório em suas mensagens para Esaú. Ele chamou Esaú de "meu Senhor" e intitulou-se "seu servo". Ele não deixaria nenhuma pedra que não fosse revolvada em busca da reconciliação.

**21b-23.** Na noite antes da chegada de Esaú, Jacó enfrentou o teste decisivo de toda a sua vida. Depois de fazer suas esposas e filhos atravessassem o Jaboque em segurança, ele voltou para a margem setentrional do rio para ficar sozinho na escuridão. O **Jaboque** era um tributário do Jordão, ao qual se juntava a cerca de meio caminho do Mar da Galiléia e Mar Morto. Hoje se conhece o Jaboque pelo nome de Zerka.

**24-32.** **Lutava com ele um homem, ate ao romper do dia.** Na solidão da escura noite. Jacó encontrou-se com um homem que lutou com ele. O hebraico *'abaq*, "dar voltas" ou "lutar", tem alguma ligação com a palavra **Jaboque**. Depois de uma longa luta, o visitante desconhecido exigiu que Jacó o soltasse. Jacó recusou-se a fazê-lo até que o estranho o abençoasse. O "homem" pediu a Jacó que declarasse o seu nome, o qual significa *suplantador*. Então o estranho disse que daquele momento em diante ele teria um novo nome com um novo significado.

A palavra **Israel** pode ser traduzida para *aquele que luta com Deus*, ou *Deus luta*, ou *aquele que persevera*, ou, pode ser associado com a palavra *'sar*, "príncipe". O "homem" declarou: **Lutaste com Deus . . . e prevaleceste**. Era uma certeza da vitória no seu relacionamento com

Esaú, como também certeza de triunfo ao longo do caminho. Na titânica luta, Jacó percebeu a sua própria fraqueza e a superioridade dAquele que o tocou. No momento em que se submeteu, tornou-se um novo homem, que pôde receber as bênçãos divinas e tomar o seu lugar no plano divino. O novo nome, Israel, dá idéia de realeza, poder e soberania entre os homens. Estava destinado a ser um homem governado por Deus, em vez de um suplantador inescrupuloso. Por meio da derrota alcançara o poder. Todo o resto de sua vida ficaria aleijado; mas sua manqueira seria um lembrete de sua nova realeza.

**Peniel** (ou *Penuel*) significa *face de Deus*. O *i* e o *u* são simplesmente vogais de ligação entre os substantivos *pen* e *el*. É provável que se localize a cerca de 11,2 ou 12,8 kms do Jordão no Vale de Jaboque. Jacó vira a face de Deus e continuara vivo. Jamais esqueceria essa incrível experiência.

## Gênesis 33

### **33:1-3. Levantando Jacó os olhos viu que Esaú se aproximava.**

Finalmente, chegou o momento do encontro. Esaú, com seus quatrocentos homens, já podia ser visto. Com temor e tremor, Jacó encontrou-se com o irmão que se lhe tornara um estranho e prostrou-se diante dele sete vezes. Assim, indicava sua completa subserviência.

**4-11.** Esaú, de sua parte, revelou um espírito generoso e magnânimo, quase bom demais para ser verdadeiro. Alimentara hostilidade contra Jacó e trouxera quatrocentos homens fortes com ele, como se planejasse executar suas ameaças. Mas ele não fez. Seu coração fora mudado. Deus transformara seu ódio em magnanimidade. Encontrou-se com Jacó cheio de compreensão e perdão. Nos vinte anos que haviam se passado, a mão de Deus que tudo controla operara mudanças nos dois homens. Agora, aquele que tão recentemente fora humilhado diante de Deus encontrou o seu caminho aplainado.

**12-17.** Os presentes de Jacó e as boas-vindas sinceras e afetuosas de Esaú foram a prova de que os dias futuros trariam novas vitórias para o

reino de Deus. Aqueles homens não lutariam, nem se matariam. Embora Jacó não aceitasse a generosa oferta de proteção de Esaú, nem o seu insistente convite a que fosse para o Monte Seir, apreciou grandemente o espírito magnânimo do seu irmão. Esaú provara que era capaz de perdoar e esquecer. Os irmãos separaram-se em paz. Em **Sucote** (*cabana*), Jacó, com o seu grupo, encontrou um lar (v. 17). Chegou até a construir ali uma casa. Sucote era uma magnífica região montanhosa no lado oriental do Jordão ao norte de Jaboque.

### **5) Jacó e Sua Família em Siquém. 33:18 - 34:31.**

Não temos provas conclusivas quanto ao tempo que Jacó ficou em Sucote. Pode ter sido muito tempo. Depois de fazer as pazes com Esaú, não precisava mais se apressar. Antes de atravessar o Jordão, provavelmente passou vários anos na região bem aguada ao leste do rio.

**33:18-20.** Atravessando o rio, encontrou-se nas redondezas de Siquém, onde Abraão acampara em sua primeira viagem à terra de Canaã. Siquém ficava aproximadamente 61,6 kms ao norte de Jerusalém, no vale entre o Monte Ebal e o Monte Gerizim. O poço de Jacó ficava ali e Sicar não ficava muito longe. Jacó comprou algumas terras nas vizinhanças de Siquém, e assim estabeleceu-se como proprietário em Canaã. Recebera ordens de retomar à terra de seus pais e ao seu povo, provavelmente significando que devia dirigir-se ao Hebrom. Certamente deveria ter ao menos ido até Betel. Ele aprenderia que o povo de Siquém não seria uma boa influência para a sua família.

## **Gênesis 34**

**34:1-5.** Diná, uma filha de Jacó e Lia, fizeram uma visita desastrosa à vizinha cidade de Siquém. A imatura juvenzinha não tinha formação espiritual para apoiá-la na hora da necessidade. Siquém, o jovem filho de Hamor, apaixonou-se desesperadamente por ela e logo a família de Jacó conheceria as trágicas conseqüências do incidente. O hebraico *leiqah*, **tomando-a** (v. 2), indica que foi usada força irresistível. A palavra *eina*,

**humilhou (desonrou)**, indica tratamento desonroso. A pobre moça estava arruinada. Imediatamente Siquém **falou-lhe ao coração** (v. 3), tentando consolar aquela a quem fizera mal. Amava-a e queria se casar com ela.

**6-12.** A palavra *nebeila*, **desatino**, indica um feito vergonhoso, vil, sem sentido, que revela completa insensibilidade de comportamento moral. Para Jacó e seus filhos, o ato de Siquém era um ato de grave imoralidade, um ultraje contra a decência e honra da família. Hamor e Siquém tentaram arranjar um casamento, uma vez que Siquém amava a moça. Jacó estava pronto a fazer um acordo com eles. O *mohar* – presente para a noiva – seria bom. Os dois grupos se uniram de modo que os casamentos entre eles seriam legais.

**13-24.** Entretanto, os filhos de Jacó eram esquentados, obstinados e inescrupulosos. Com o subterfúgio de exigirem observâncias religiosas, obrigaram os homens de Siquém a se circuncidarem. Todos os homens da tribo submeteram-se ao ritual.

**25-29. Então Simeão e Levi atacaram a cidade.** Os filhos de Jacó mataram todos os homens enquanto estavam incapacitados de lutar e levaram consigo suas famílias e propriedades. Na história da família do patriarca, este é um sórdido capítulo de paixão, crueldade e desgraça.

**30,31.** O povo escolhido por Deus comportara-se, em sua terra santa, como um grupo de cruéis pagãos. O pobre e velho Jacó desesperou-se. Fez seus filhos se lembrarem de que agora seria difícil manter relações de boa-vizinhança com os povos à volta. Sua atitude foi indigna de um homem de fé que fora escolhido como representante de Deus diante dos povos da terra. Medo egoísta parecia ser a coisa mais importante em sua cabeça. Não repreendeu seus filhos pela crueldade indizível, como também não expressou tristeza por terem desonrado o nome de Deus.

Jacó passara vinte anos nas terras de Labão e agora provavelmente mais dez em Sucote e Siquém sem nada fazer que fosse digno de nota para preparar sua família espiritualmente. a fim de enfrentar as tensões

da vida. Estivera ocupado demais construindo um império e buscando vantagens materiais, para que lhe sobrasse tempo, a fim de estabelecer os fundamentos éticos e espirituais nas vidas de seus filhos. Ainda não alcançara Betel. Seria tarde demais para Diná, Simeão; Levi e todos os outros? A história pode fazer chorar até um homem forte.

## **Gênesis 35**

### **6) A Volta a Betel. 35:1-29.**

1. Jeová enunciou uma ordem severa para Jacó prosseguir no seu alvo: **Levanta-te, sobe a Betel, e habita ali; faz ali um altar.** Betel ficava 310 ms acima de Siquém e estava situada junto à estrada que levava a Jerusalém, Belém e Hebrom. Jacó já se demorara demais em alcançar este santo lugar. Devia agora edificar ali um altar, como Abraão o fizera na sua memorável viagem à Palestina. Jacó edificara um *massiba*, isto é, uma coluna de pedras, depois de sua inesquecível experiência com Jeová, ao fugir para Harã. Esta volta ao lugar santo envolveria uma entrega total de sua vida ao Senhor. Ele negligenciara o altar de Deus. A ênfase espiritual estivera ausente do seu pensamento e vida.

**2-7.** Imediata e obedientemente, Jacó aprontou-se para a viagem a Betel. Primeiro, convocou sua família semi-pagã e ordenou que todos se purificassem (v. 2), abandonando todos os *tereipim* e representações visíveis de deuses estranhos. Então a família de Jacó prosseguiu em sua santa peregrinação a Betel. O povo dos lugares pelos quais eles passaram estavam tão pasmados com o terror de Deus que não molestaram os peregrinos (v. 5). Quando Jacó chegou a Luz, sabia que estava para pisar em terreno santo. Levantou um altar a Jeová e chamou aquele lugar de **El-Betel, o Deus da casa de Deus.**

**9-15.** Novamente Deus apareceu a Jacó e assegurou-lhe que seu novo nome, Israel, seria um lembrete constante de seu novo caráter, seu novo relacionamento com Jeová, e sua caminhada real no divino caminho da vida. Ele era o herdeiro das promessas feitas a Abraão. A

aliança continuava em pleno vigor, e continuariam a agir sobre ele e seus descendentes. Ao falar com Jacó, Deus usou o Seu nome, **Deus Todo-poderoso**, *'El Shadday*, "o Todo-suficiente" (v. 11). Jacó podia contar com *'El Shadday* para suprir qualquer necessidade e para lhe dar graça para enfrentar qualquer emergência.

**16-20.** Agora Raquel, que fornecera a Jacó a inspiração e o amor necessários, chegava ao fim de sua vida. Morreu dando à luz o seu segundo filho, o qual chamou de **Benoni**, *filho da minha tristeza*. Mas Jacó escolheu o nome **Benjamim**, *filho da minha destra*. Raquel deve ter sido sepultada em algum lugar ao sul de Betel, na estrada que vai para o Hebrom (cons. 35:16, 19). Betel ficava 16kms ao norte de Jerusalém, e Belém ficava cerca de 9,6 kms ao sul de Jerusalém. Conclui-se que Raquel foi sepultada nas imediações de Belém. O lugar tradicional costuma ainda ser apontado para os visitantes da cidade.

**27-29.** Isaque viveu até a volta de Jacó, de Harã. De Berseba mudou-se para Mamre, pertinho da cidade de Hebrom. Ali Abraão comprou a Caverna de Macpela para o sepultamento de Sara. Agora com 189 anos de idade, expirou Isaque e morreu. A palavra hebraica *geiwei* significa "decair" ou "enfraquecer-se". Na hora do sepultamento, Esaú e Jacó estiveram juntos ao lado da sepultura, em homenagem ao seu pai. Os irmãos estavam unidos por uma dor comum, como Ismael e Isaque estiveram junto à sepultura de Abraão.

## Gênesis 36

### 7) Edom e Seu Povo. 36:1-43.

Antes de contar a vida da história de José, o escritor do Gênesis descreve um pouco a terra de Edom e os seus habitantes. Os habitantes originais do Monte Seir eram chamados horeus ou humanos. Com o correr do tempo, Esaú e seus descendentes tomaram o território, Esaú ficou rico, possuindo muito gado e ovelhas. As principais cidades daquela região foram Sela, Bozra, Petra, Temã e Eziom-geber. Os

edomitas continuara hostis aos israelitas através do V.T. (cons. Obadias, especialmente vs. 10-15).

**D. José. 37:1 - 50:26.**

## **Gênesis 37**

### **1) Primeiras Experiências de José. 37:1-36.**

**1-11.** José, o filho mais velho de Raquel, era o predileto de seu pai Jacó. Por causa disso e por outros motivos ele ficou prejudicado diante dos seus irmãos. De um lado, ele reagia fortemente contra o comportamento imoral e contrário à ética dos seus irmãos, denunciando-os ao seu pai e, assim, levando a fama de intrigante. Para piorar ainda mais a situação, seu pai lhe deu túnicas reais, com longas mangas esvoaçantes, o que o destacava como o mais favorecido do grupo. Deduzimos naturalmente que Jacó havia escolhido José como aquele através do qual as bênçãos divinas continuariam. Além disso, José tinha sonhos que apontavam para sua futura e destacada grandeza, e ele contava seus sonhos aos seus irmãos.

Os filhos de Jacó ficavam enfurecidos quando ouviam José anunciando que governaria sobre eles. Ele, o jovem príncipe favorecido, evidentemente cria que ele teria destaque em toda a sua família. Em sua conversa ingênua, acendeu o fogo da inveja e do ódio assassino. Mas Deus tinha em mente algumas bênçãos maravilhosas para o rapaz, conforme o tempo revelaria. José deveria ter sido aconselhado sobre como lidar com criaturas imperfeitas que se ressentiam com os seus modos e o seu ar de superioridade (como eles achavam). Como ele precisava de um conselheiro sábio! Aparentemente Jacó o amava tão ardente e tão cegamente que não era capaz de orientá-lo sabiamente.

**12-28.** Os irmãos acolheram a malícia em seus corações e decidiram livrar-se de José. Tinha muito tempo para formularem uma trama para a realização de seu propósito. Do Hebrom, onde moravam, a Siquém no norte, esses homens foram à procura de pastos para seus rebanhos e gado. Jacó enviou José a Siquém para visitar seus outros

filhos e trazer-lhe notícias deles. Quando chegou perto de Siquém, José soube que seus irmãos tinham ido para Dotã, uns 24 kms mais para o norte. Quando os irmãos viram José que vinha chegando, planejaram matá-lo, embora Rúben terrina procurado salvar a vida do rapaz. Rúben convenceu os outros a colocarem José dentro de uma cisterna, esperando retirá-lo de lá mais tarde. Subseqüentemente Judá convenceu seus irmãos que seria melhor retirar o rapaz da cisterna e vendê-lo a uma caravana que passava a caminho do Egito. Rúben tinha planejado levar o rapaz de volta para o pai. Judá planejou salvá-lo de morrer de fome. No desenrolar dos fatos, José encontrou-se prisioneiro de uma **caravana de ismaelitas** (v.25) ou **midianitas**. Logo mais seria escravo em alguma família egípcia. Ismaelitas e midianitas eram descendentes de Abraão. Talvez o grupo fosse composto de ambos.

**29-35.** Rúben, o primogênito, era diretamente responsável pelo rapaz diante de seu pai. Dolorosamente apresentaram a Jacó uma vestimenta manchada de sangue e uma história mentirosa que praticamente quebrou o coração do velho patriarca. Convenceu-se de que o seu filho favorito estava morto. Aquele que, na sua mocidade, fora o campeão dos enganadores, estava sendo agora cruelmente enganado. Ele gemeu: **Chorando, descerei a meu filho até a sepultura** (Sheol). O hebraico *Sheol* descreve a habitação subterrânea dos mortos, correspondendo ao "Hades" grego. Ali, de acordo com a tradição, os espíritos desincorporados continuam a existir nas regiões das sombras, onde não há saída nem comunicação com Deus ou o homem. É uma meia existência. Jacó sabia que logo também estada no Sheol, mas não tinha esperanças de ver o fim de seus pungentes sofrimentos até aquela hora.

**36.** Os ismaelitas venderam José a Potifar, um oficial na corte de Faraó. Evidentemente Potifar era *o chefe dos executadores*. A palavra provavelmente referia-se à tarefa de matar animais para a cozinha real ou talvez animais usados para o sacrifício. O jovem José foi designado como mordomo da residência de Potifar. Ele se encontrava muito longe



de casa e, aparentemente, ainda mais longe da realização dos sonhos de proeminência enviados pelo céu. Contudo, o Deus de José continuava operando Seus propósitos e planos. E Ele pretendia usar Potifar e Faraó na realização do programa divino.

## **Gênesis 38**

### **2) Judá e Tamar. 38:1-30.**

No meio da narrativa descrevendo a carreira de José no Egito, o escritor do Gênesis introduz a narrativa do vergonhoso envolvimento de Judá com os cananeus. Judá era o membro líder da família de Jacó, aquele que estava destinado a ser o canal de todas as ricas bênçãos de Jeová concedidas a Abraão e por meio de Abraão às futuras gerações do mundo. O nome de Judá devia destacar-se na linhagem messiânica. Davi seria um dos seus respeitáveis descendentes.

**2-11. Viu Judá a filha de um cananeu, chamado Sua; ele a tomou.** Esta informação adicional sobre a vida familiar em Canaã revela a que profundezas da imoralidade, pelo menos alguns dentre o Povo Escolhido trilham caído. Judá casou com a filha de Sua, um cananeu pagão, e assim deu início a uma corrente de acontecimentos pecaminosos. Dois filhos, Er e Onã, morreram sem deixar descendência. Judá prometeu a Tamar, que fora esposa dos dois irmãos, um após o outro, que teria por marido o seu terceiro filho Selá, quando este alcançasse a idade conveniente. Era preciso que houvesse descendência.

**12-23.** Mais tarde, quando Tamar percebeu que seu sogro não pretendia cumprir a promessa, resolveu ela mesma fazer alguma coisa. Pretendendo ser uma *kedishot* (prostituta sagrada), envolveu Judá em relações ilícitas com ela.

**24-26.** Quando Judá soube que Tamar estava grávida, declarou-a digna de morte, para descobrir que ele mesmo era o culpado, o pai daquela criança. Ele disse: **Mais justa é ela do que eu.**

**27-30.** A narrativa do nascimento de gêmeos, Perez e Zerá, termina o capítulo. O contraste entre José e seu irmão mais velho toma-se mais

evidente quando José revelou o seu caráter na hora da tentação. Judá precisava nascer de novo para se tornar agradável diante do Senhor.

## **Gênesis 39**

### **3) José e a Esposa de Potifar. 39:1-23.**

**1-6b. José foi levado ao Egito.** Quando José assumiu suas tarefas na casa de Potifar, era escravo e estrangeiro. Primeiro, veio a ser um servidor pessoal do oficial do egípcio. Quando Potifar descobriu que ele era ativo, expedito e digno de confiança, e viu que o Senhor era com ele (v. 3), colocou-o sobre todas as suas propriedades como superintendente com os mais amplos poderes. Em sua nova posição, José era responsável por cada detalhe da direção da casa, com uma única exceção: na qualidade de estrangeiro, não podia supervisionar o preparo das refeições (cons. 43:32).

**6c.** José era invulgarmente atraente. Tinha saído de sua mãe, Raquel, da qual se disse: "Raquel era formosa de porte e de semblante", isto é, "formas agradáveis" e "rosto agradável" (cons. 29:17) Além disso, José irradiava uma piedade doce e limpa que o tornava ainda mais atraente.

**7-13.** A esposa de Potifar não resistiu à tentação de conquistar José. Ao que parece nada tinha com o que ocupar a sua mente e nenhum princípio que a tolhesse na hora da tentação. Para José, que vivia sempre em comunhão com o Deus santo, pecar com aquela mulher estava completamente fora de questão. Seria pecar contra Deus e desonestidade contra o homem que confiava nele tão irrestritamente. Embora a tentação tenha vindo com encanto sutil, súbito e forte, a vitória de José estava garantida.

**14-20.** Frustrada, a tentadora transformou-se em difamadora. Tomada de rancor ela acusou José falsamente de tentativas indecentes, esperando despertar a simpatia dos outros servos e enraivecendo o seu marido o bastante para que matasse o jovem. As evidências circunstanciais eram fortemente incriminadoras. Potifar foi tomado de

ira. Contudo, apesar da seriedade da acusação, ele evidentemente tinha alguma dúvida sobre a culpa de José, pois não o matou. Em vez disso, enviou-o para o **cárcere** (a "Casa Redonda"). Esta cadeia era provavelmente uma torre ou masmorra onde os prisioneiros ligados à vida oficial eram mantidos. O hebraico *sohar*, cárcere, pode ser uma tentativa de traduzir uma palavra egípcia.

Na estória egípcia, *Conto dos Dois Irmãos*, há um paralelo interessante com a experiência de José. Nesta estória um homem casado morava na mesma casa com o seu irmão. A esposa do primeiro acusou o irmão mais moço de atitudes impróprias. O marido, embora zangado, procurou descobrir a verdade. Ao descobrir que a esposa era culpada, o marido a executou. Esta estória data do tempo de Seti II, isto é, cerca de 1180 A.C.

**21-23.** A vida na cadeia não era agradável, mas a narrativa declara que o Senhor, porém, era com José. Como isto fazia diferença! Ele se sentia confortado e fortalecido.

## Gênesis 40

### 4) As Experiências de José na Prisão: 40:1-23.

**1-4. O mordomo . . e o padeiro ofenderam o seu senhor, o rei do Egito. Indignou-se Faraó e mandou detê-los.** Mesmo na cadeia José não podia ser derrotado. Ficou encarregado da supervisão dos prisioneiros, **para que os servisse**. A velha masmorra tornou-se um lugar diferente por causa de sua presença. Deus abençoava os outros através da delicadeza e bondade de José. Potifar o colocou onde seus notáveis talentos continuaram em evidência. O mordomo (*mashgih*), ou *aquele que serve as bebidas*, era um membro importante da casa de Faraó. Em Ne. 1:11 a palavra foi traduzida para "copeiro". Neemias, que usava este título, era um oficial de confiança no palácio do monarca persa. O padeiro (*'opeh*) era o superintendente da padaria, e devia verificar se as refeições do monarca eram boas e seguras. Estes dois altos oficiais na criadagem real tinham ofendido Faraó. Enquanto aguardavam

as investigações, foram confinados à mesma prisão na qual José se encontrava.

**5-23.** O jovem hebreu tinha a obrigação de servir estes dois prisioneiros. Encontrando-os nervosos e preocupados, perguntou-lhes o que tinham. Eles tinham sonhado algo que não conseguiam entender. E não havia nenhum intérprete de sonhos oficial à disposição. José lhes disse que Deus poderia dar o significado. Então eles lhe contaram seus sonhos e ele lhes explicou o significado dos mesmos. O mordomo teria uma surpresa agradável. Dentro de três dias receberia uma ordem de soltura oficial para retomar suas obrigações ao lado do rei. O padeiro seria solto na mesma ocasião, mas sua cabeça seria cortada fora e sua carcaça seria exposta ao ar livre para se tornar o alimento de aves. José fez um pedido ao mordomo: **Lembra-te de mim, quando tudo te correr bem . . . sejas bondoso para comigo, e faças menção de mim a Faraó** (v. 14). José queria ficar livre para viver e realizar toda a vontade de Deus em sua vida.

## Gênesis 41

### 5) José e Faraó. 41:1-57.

**1-8. Passados dois anos completos Faraó teve um sonho. Parecia-lhe achar-se ele de pé junto ao Nilo.** O rei sonhou que se encontrava ao lado do Nilo (*yeor*), o doador da vida e do refrigério do solo. (O país dependia do rio para irrigação da terra todos os anos.) Ele viu sete vacas bem alimentadas pastando na campina. Dali a pouco sete vacas magras chegaram e comeram as gordas. Novamente, ele viu sete espigas boas em uma só haste, e sete espigas fracas apareceram e devoraram aquelas. Estes sonhos perturbaram Faraó grandemente, especialmente quando ninguém foi capaz de interpretá-los. Os **magos** (*hartummim*) eram os escribas sagrados que tinha mais conhecimentos sobre o ocultismo do que quaisquer outros sábios do reino. Mas até mesmo eles ficaram desconcertados e sentiram-se incapazes desta vez. Seus estudos especializados nos mistérios sagrados provaram-se inadequados para a

interpretação destes sonhos. O que significavam? o rei imaginava. Quem poderia lhe dizer?

**9-24.** Subitamente o mordomo-chefe lembrou-se de José, depois de dois anos de esquecimento, e falou a Faraó de sua capacidade de interpretar sonhos. Rapidamente mandou-se chamar o jovem hebreu. Mais do que depressa fizeram-no vir ao palácio, barbeado e imaculadamente vestido. Faraó disse que ouvira contar que José podia interpretar sonhos, mas José declarou que a interpretação vinha do Senhor: **Deus dará resposta favorável a Faraó** (v. 16).

**25-32.** Sem hesitação e com clareza fora do comum, o jovem revelou ao rei que seus sonhos prediziam sete anos de fartura seguidos de sete anos de fome devastadora. O primeiro período de sete anos seria uma estação de fertilidade e colheitas pródigas. Os anos da fome trariam carência, sofrimento e morte.

**33-36. Escolha Faraó um homem ajuizado e sábio.** José foi além da mera interpretação e deu alguns conselhos práticos. Não havia tempo a perder. Era preciso encontrar um homem de capacidade especial que pudesse supervisionar a produção da agricultura, que armazenasse tremendas quantidades de cereais e que, no devido tempo, controlasse sabiamente os recursos acumulados. Para essa posição era necessário o melhor homem que o reino dispusesse.

**37-42.** Felizmente, Faraó era um homem sábio, pois reconheceu em José um **homem em que há o Espírito de Deus** (v. 38). Fê-lo o administrador da alimentação do Egito, e designou-o seu grão-vizir, ou primeiro ministro. Colocou-o com poderes sobre todo o reino, logo abaixo de si mesmo. Colocou o seu anel com o sinete na mão de José, como emblema de autoridade, dando-lhe o poder de emitir decretos oficiais. Mandou vesti-lo de roupas especiais reservadas aos homens mais poderosos do Egito, e colocou em seu pescoço uma corrente por serviços especiais prestados.

**43.** José andava de carruagem e era considerado o primeiro logo abaixo do rei. Um oficial especial devia gritar diante dele ao povo,

"*Abrik!*" Isto provavelmente significava "Prestem atenção!" ou Inclinaí-vos, ou coisa semelhante. Era preciso esclarecer a todo o povo que um homem notável, de muita capacidade, caráter e autoridade estava diante dele. Ele ficaria com todo o controle dos negócios que implicavam na vida ou morte de multidões. Privilégio e responsabilidade rivalizavam entre si naquele momento de reconhecimento e investidura. As desafiantes palavras de Mordecai a Ester poderiam muito bem terem sido ditas a José: "E quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?" (Et. 4:14).

**45, 46, 50-52. Era José da idade de trinta anos, quando se apresentou a Faraó,** já estando no Egito por uns doze ou treze anos. Do cárcere para o palácio em um só dia foi um enorme passo. Deus, que esteve com o jovem cada minuto de sua vida, providenciara este salto. Logo a seguir, Faraó deu a José um nome egípcio – **Zafenate-Panéia** (o qual, segundo os caracteres cópticos, dizem alguns mestres, significa um revelador de segredos", ou "o homem a quem os segredos são revelados"). Deu-lhe também uma esposa chamada **Azenate**, que era filha de uma família sacerdotal, sendo o seu pai um "príncipe", ou sacerdote de **Om**. **Om**, uma cidade de cultura e religião situada cerca de 11 kms ao norte de Cairo, era o centro da adoração ao sol. Azenate e José tiveram dois filhos, Manassés e Efraim. Esses rapazes, alguns anos mais tarde, foram publicamente adotados pela tribo de Jacó e tornaram-se chefes de duas tribos de Israel.

## Gênesis 42

### 6) A Primeira Visita dos Irmãos. 42:1-38.

**1-8. Então desceram dez dos irmãos de José, para comprar cereal do Egito. A Benjamim, porém . . . , não enviou Jacó na companhia dos irmãos. . . para que não lhe suceda, acaso, algum desastre.** Quando a fome apertou em Canaã, e a morte por falta de alimentos parecia inevitável, Jacó compreendeu que era preciso procurar alimento em algum outro lugar. Enviou seus dez filhos ao Egito para comprarem

cereal. Manteve Benjamim em casa como um consolo. Quando os dez irmãos se apresentaram diante do governador do Egito para comprar cereais, não o reconheceram como seu irmão. Doze ou mais anos tinham-se passado. O esguio jovem que venderam transformara-se em homem adulto. Estavam diante dele, a figura mais importante da terra do Egito. Sua linguagem, suas roupas, seu porte de oficial e sua posição serviram-lhe de disfarce. Mas José reconheceu seus irmãos imediatamente.

**9-12.** Quando acusou seus irmãos de serem espias, apenas chamou a atenção deles para a mais óbvia explicação de sua vinda. Os egípcios tinham conhecimento de que sua fronteira oriental era especialmente vulnerável, e por isso temiam os povos asiáticos. José acusou os dez homens de terem vindo ao Egito para descobrirem os pontos fracos na defesa da fronteira, a fim de passar a informação a possíveis invasores.

**13-24.** Quando os homens lhe falaram de seu pai e seu jovem irmão, exigiu uma prova de honestidade deles. Um deles, disse, devia voltar para casa e trazer o mais jovem ao Egito enquanto os demais permaneceriam na prisão. Depois de manter os homens em prisão por três dias, José sugeriu uma solução mais fácil de manter um deles como refém, enquanto os outros nove voltariam para casa com os cereais. **Simeão** foi o escolhido para ficar na prisão (v. 24). Era o segundo filho de Jacó, e a tradição conta que era o mais cruel de todos os irmãos.

**21-24.** No decorrer da conversa, José viu que seus irmãos estavam grandemente preocupados e cheios de remorso. Sentiu a lealdade deles para com Jacó e o sólido espírito de família. Chorou quando se lembrou de antigamente e do sofrimento que aqueles homens tinham-lhe causado com sua hostilidade e crueldade, reconhecendo que havia agora uma transformação.

**25-38.** De volta a Canaã, um dos filhos de Jacó fez a perturbadora descoberta de que o seu dinheiro se encontrava à boca do seu saco com cereal. E quando o grupo chegou em casa e todos esvaziaram os seus sacos, descobriram que **cada um tinha a sua trouxinha de dinheiro no**

**saco.** Ficaram admirados e alarmados com a descoberta. O mistério do dinheiro, a detenção de Simeão e a notícia de que o governador do Egito queria ver Benjamim – tudo foi demais para o idoso Jacó. Sua tristeza e seu medo foram esmagadores. E ele não concordou de maneira nenhuma que o seu filho mais moço voltasse ao Egito com os outros.

## **Gênesis 43**

### **7) Outras Experiências com os Irmãos. 43:1-34.**

**1-14. Tendo eles acabado de consumir o cereal . . . disse-lhes seu pai . . . Voltai, comprai-nos um pouco de mantimento** (v. 2). Os homens asseguraram a seu pai que não tinham coragem de retomar ao Egito sem Benjamim. Só quando Judá se ofereceu como penhor da segurança de Benjamim, Jacó acabou deixando que o seu caçula fosse. Judá disse: **Envia o jovem comigo . . . Eu serei responsável por ele.** Na verdade Judá empenhou sua própria vida para garantir o retorno de Benjamim (cons. 44:32-34).

Certamente os filhos de Jacó aprenderam muito desde o dia em que tentaram matar o irmão de Benjamim. Quando Jacó viu que Benjamim tinha mesmo de ir, orientou seus filhos a que preparassem um copioso *minha*, presente (v. 11), para esse homem – o melhor mel, as melhores frutas, as mais raras nozes e outras excelentes guloseimas da terra. Orientou-os também a que levassem o dobro do dinheiro que encontraram em seus sacos. Sem dúvida nenhuma a segunda porção do dinheiro seria usado para pagar os cereais que iam comprar desta vez. Antes de enviar seus filhos, Jacó orou ao Deus Todo-poderoso (*'El Shadday*) para que os guardasse e cuidasse de cada uma de suas necessidades (v. 14).

**15-34.** Quando chegaram ao Egito, ficaram admirados em saber que seriam levados à casa do governador para almoçar. A notícia os deixou perturbados e alarmados. Temiam que algum castigo terrível lhes fosse imposto, pois não sabiam o que esperar do grão-vizir do Egito. Quando o grande homem entrou na sala onde se encontravam, **prostraram-se**



**perante ele até a terra** em sinal de homenagem (v. 26). José os tratou com delicadeza e bondade, mandando preparar um banquete, no qual deu porções especiais a Benjamim. Sentiu-se profundamente comovido nesse encontro com seus irmãos. Foi uma ocasião que estes não esqueceriam mais. Festejaram e beberam às largas. No final da refeição, José já conhecia melhor aqueles homens; compreendeu que tinham se modificado!

## **Gênesis 44**

### **8) A Proposta Sacrificial de Judá. 44:1-34.**

José ainda tinha um teste final para seus irmãos, pelo qual calculava estabelecer um quadro perfeito do intimo dos seus corações.

**1-5.** Ordenou a seu mordomo que preparasse os sacos com os cereais como antes e que pusesse o seu copo de prata no saco que Benjamim carregaria. **Põe o dinheiro de cada um na boca do saco. O meu copo de prata pô-lo-ás na boca do saco do mais novo.** O copo era "um copo de adivinhações" (cons. 5), uma propriedade de estimação, usada para a recepção de oráculos ou visões do futuro. Primeiro, colocavam água nele. Depois, pequenos fragmentos de ouro, prata ou pedras preciosas eram jogados dentro da água. Quando a água era levemente agitada, os fragmentos formavam um "quadro" ou desenho. Utilizadores peritos do expediente diziam-se capazes de adivinhar o desconhecido. Era um tipo de magia chamada "hidromancia".

**6-13. José mandou prender seus irmãos quando estavam de partida para Canaã.** Protestaram sua inocência e prontamente aceitaram a decisão que o culpado permanecesse no Egito como escravo por toda a vida. Para seu espanto, o copo foi encontrado no saco de Benjamim! Diante de José ficaram sem fala de tanto medo e desespero. O que poderia qualquer deles fazer? Rúben, Benjamim e os demais ficaram em silêncio.

**14-34.** Então Judá falou por si mesmo e pelos seus irmãos em um dos mais sublimes pronunciamentos da literatura. Não se desculpou, não

negou, mas simplesmente rogou ao poderoso oficial egípcio pela vida e liberdade de Benjamim. Sir Walter Scott chamou este pedido de "o mais completo exemplo de eloquência genuína e natural que foi conservado em qualquer língua". O espírito de auto-sacrifício, coisa tão estranha a Judá, surgiu com rara beleza. Judá francamente confessou seus próprios pecados e os pecados de seus irmãos. Na realidade, não tinham roubado o dinheiro nem o copo, mas tinham cometido o feio pecado de venderem seu irmão como escravo. Causaram a José e a seu pai indizível dor e angústia. Ao se referir ao sofrimento de seu pai, Judá revelou-se como alguém que agora estava profundamente cômico dos valores e relacionamentos sagrados.

A boa-vontade do irmão mais velho de se tornar um **substituto** de Benjamim destaca-o como uma grande alma. Ofereceu-se como servo de José, e rogou que Benjamim e seus demais irmãos pudessem ser enviados de volta ao lar para alegria do coração do velho pai. Este foi o clímax da conduta divina com Judá. O Senhor criara nele um campeão espiritual para representá-lo no desenrolar do plano divino.

## Gênesis 45

### 9) O Convite de José a Jacó. 45:1-28.

**1-8. José, não se podendo conter... levantou a voz em choro . . . e disse a seus irmãos: Eu sou José.** Quando José não conseguia mais reprimir seus sentimentos, *ele soltou a sua voz chorando* (literalmente ). Imediatamente revelou sua identidade e abriu seu grande coração aos seus irmãos. Eles, cheios de confusão e temor, ficaram sem fala. Mas José os confortou. Declarou-lhes: **Para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós** (v.5).

Rapidamente removeu dos ombros deles toda a culpa de uma atitude repreensível, procurando interpretar-lhes o plano e o propósito de Deus. Era sua maneira de centralizar a atenção deles para considerações mais elevadas. O propósito providencial era mais significativo do que qualquer ato de menor importância praticado por homens mortais.

Aquele propósito envolvia a preservação de um remanescente que seria usado na realização da vontade do Senhor na terra.

**9-24.** José insistiu com seus irmãos a que trouxessem seu pai e que viessem morar no Egito. Ele explicou que a fome ainda duraria mais cinco anos, mas que no Egito ele poderia arranjar um lar e mantimentos ilimitados para Jacó e toda a sua família. Eles podiam se estabelecer na **terra de Gósen**, que ficava cerca de 64 kms do local da atual Cairo.

Situada no delta do Nilo, esta seção era o melhor trecho de terras para o gado e os rebanhos. Ficava perto de Om e também de Mênfis, onde José morava. Quando os irmãos partiram de volta para casa, José mandou que levassem carros junto com eles para fazer a mudança e encheu-os de cereais, presentes e provisões de todo tipo.

**25-28.** Enquanto o velho patriarca Jacó ouvia o relatório dos seus filhos, **o coração lhe ficou como sem palpar (desmaiou, E.R.C.)** pois não conseguia crer em tão boas notícias sobre o seu filho que estava a tanto tempo perdido (v. 26). Mas quando viu os carros e os presentes, e ouviu a mensagem que José lhe enviara, seu espírito reviveu e ele começou a desejar um encontro com seu filho no Egito. Foi um dia de conforto e regozijo para alguém que tinha sofrido tanto.

## Gênesis 46

### 10) A Migração para o Egito. 46:1-34.

**1-4. Partiu, pois, Israel...e veio a Berseba.** É quase certo que Jacó, nessa ocasião, estivesse morando no Hebrom. Sua primeira parada nessa momentosa viagem ao Egito foi em Berseba. Ali ofereceu sacrifícios, e ali, em uma visão noturna, Deus lhe falou, encorajando-o a fazer essa viagem e assegurando-lhe incontáveis bênçãos. Primeiro, renovou a promessa de que os descendentes de Jacó se tornariam uma grande nação. Tornou claro que o Egito seria a terra onde este desenvolvimento aconteceria. Segundo, ele disse: **Eu descerei contigo**, garantindo-lhe assim proteção e segurança. Terceiro, ele disse: **E te farei tornar a subir**. Esta predição seria cumprida depois da morte de Jacó, no Êxodo, quando

a poderosa mão de Deus libertaria os Seus escolhidos do poder do Egito e os traria de volta a Canaã. A declaração de que **a mão de José fechará os teus olhos** era uma profecia de que o ilustre filho realizaria os rituais fúnebres quando da morte do pai.

**5-28.** Encorajado pela mensagem do Senhor, Jacó partiu de Berseba com os seus descendentes, e fez a longa viagem até a terra de Gósen. Mandou que Judá fosse à frente do grupo (enviou Judá adiante de si... para que soubesse encaminhá-lo a Gósen), ao encontro de José para completar os arranjos necessários para a sua entrada na terra.

**29,30.** O encontro de Jacó e José foi um momento de grande alegria. Ambos estavam comovidos demais para falar. Abraçaram-se fortemente longo tempo (v. 29). Quando o velho patriarca recuperou a fala, disse: **Já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives** (v. 30). Ele experimentara a mais alta alegria que se pode experimentar nesta vida.

**31-34.** Antes de José apresentar sua família a Faraó, deu-lhes orientação específica sobre como responder às perguntas do monarca. Quando ele lhes perguntasse a respeito de sua ocupação, deviam se apresentar como pastores. Então Faraó lhes indicaria a terra de Gósen para moradia. Gósen tinha excelentes pastos para seus rebanhos e gado. Ficariam todos juntos e, portanto, bem protegidos contra a mistura com os outros povos.

## Gênesis 47

### 11) Jacó e Faraó. 47:1-12.

**1-6.** Então veio José, e disse a Faraó; **Meu pai e meus irmãos . . . chegaram.** O encontro com Faraó foi memorável. Cinco dentre os irmãos, escolhidos com tal propósito por José, fizeram ao monarca o pedido de que Gósen lhes fosse designada, uma vez que eram pastores. O rei concordou que se estabelecessem naquela região, onde ficavam os melhores pastos. Pediu também a José que escolhesse os melhores dentre eles, homens capazes (v. 6), para ocuparem cargos de responsabilidade

entre seus vaqueiros. O Egito gastava muito dinheiro e dispendia grandes esforços na criação de excelente gado.

**7-10.** O ponto alto da ocasião foi o momento quando José apresentou seu idoso pai ao rei. **Jacó abençoou a Faraó** (v. 7). A palavra *beirak*, que aparece duas vezes, pode ser traduzida para *saudou*, mas o significado normal e quase sempre preferido é abençoou. Naquele momento o poderoso homem de Deus colocou-se com dignidade diante do grande monarca e tomou consciência de que era o representante do Todo-poderoso (*'El Shadday*). o que poderia ser mais natural para ele do que transmitir uma bênção enviada pelo céu ao rei do Egito? Ele sabia que ocupava sublime posição no programa de Deus. Com sossegada dignidade invocou uma santa bênção sobre Faraó. Jacó era um canal especial de bênçãos divinas, e Faraó era o recipiente.

Quando foi interrogado sobre a sua idade, o patriarca respondeu: **Os dias dos anos das minhas peregrinações** (*gur*) **são cento e trinta anos** (v. 9). Sua vida fora marcada por uma série de **peregrinações**. Parecia-lhe curta comparada com as vidas mais longas de Abraão e Isaque.

**11,12. A terra de Ramessés** era a mesma terra de Gósen. A parte oriental do delta do Nilo compreendia uma área que incluía o local da famosa cidade construída por Ramessés em uma geração posterior. **José sustentou** (*yekalkil*) . . . **a seu pai**. A forma particular do verbo *kul* usada aqui (o pilpel) pode significar "nutrir", "sustentar" ou "proteger". Está claro que José fez todas estas coisas quando cuidou e amou a Jacó com prodigalidade.

## **12) O Administrador do Sustento. 47:13-27.**

Conforme as condições da fome foram piorando, os egípcios começaram a passar reais necessidades. As Escrituras dizem: **Não havia pão em toda a terra**. As pessoas vinham ter com José à procura de alimento para suas famílias. Quando o dinheiro se acabou, trocaram seu gado por cereais (v.17). Finalmente, tiveram de empenhar suas terras e seus corpos a Faraó a fim de obter alimento (v.19). Assim, todas as terras do reino, com exceção das que pertenciam aos sacerdotes, passaram às

mãos de Faraó. Um sistema feudal em pleno desenvolvimento foi o que resultou. O governo fornecia sementes ao povo e o povo pagava 20 por cento de sua produção ao estado (vs. 23b,24). Era uma situação desesperadora, mas o povo concordou a fim de ter o que comer. Disseram a José: **A vida nos tens dado! . . . seremos escravos de Faraó** (v. 25). A extrema conjuntura tornou necessária tais medidas drásticas. E assim o povo do Egito veio a ser servo de Faraó e suas terras se tornaram propriedades do estado.

### **13) Jacó e os Filhos de José. 47:28 - 48:22.**

**29,30. Aproximando-se, pois, o tempo da morte de Israel.** Jacó viveu seus últimos anos em paz, fartura e felicidade. Antes do fim da vida, fez José prometer que levaria o seu corpo de volta a Canaã para o sepultamento. Sua vida foi muito tumultuada; suas peregrinações foram longas. Mas ele queria que seus ossos fossem sepultados ao lado de Abraão, Isaque, Sara, Rebeca e Lia. **O lugar da sepultura** mencionado por Jacó era a Caverna de Macpela, comprada por Abraão, na ocasião da morte de Sara (cons. Gn. 23). O corpo do representante de Jeová seria colocado a repousar ao lado dos outros patriarcas. De acordo com a narrativa (v. 31), Jacó virou-se sobre o seu rosto e estendeu-se na cama de modo que a sua cabeça tocou na cabeceira. Assim humilde e reverentemente ele se prostrou. A outra tradução, *Israel se inclinou sobre o seu cajado*, nada tem a recomendá-lo dentro do texto massorético.

Antes da morte de Jacó, ele adotou os dois filhos de José, Manassés e Efraim, elevando-os à categoria de seus próprios filhos. Portanto, quando a terra prometida foi distribuída às tribos, muitos anos mais tarde, José recebeu dois quinhões inteiros. Assim Raquel tornou-se a mãe de três tribos no reino de Israel.

## **Gênesis 48**

**48:1-14.** José trouxe seus dois filhos para que recebessem a bênção de seu pai. Ele arranhou seus filhos de tal forma que a mão direita ficasse

sobre Manassés, o filho mais velho, e sua mão esquerda sobre Efraim. Mas, embora Jacó fosse velho e quase cego, deliberadamente corrigiu a posição, colocando sua mão direita sobre a cabeça do mais jovem e a esquerda sobre Manassés. Ele sabia o que estava fazendo. Quando José tentou mudar a posição das mãos de seu pai para que Manassés recebesse a bênção principal (de acordo com o costume), foi informado de que era Efraim mesmo que estava destinado a recebê-la (v. 19). A solene bênção do patriarca pronunciada sobre os filhos de José foi tão certa como um testamento. Nela Jacó incluiu uma predição do futuro destaque de cada um dos rapazes, mas o desenvolvimento e eficiência de Efraim sobrepujaria de muito a de Manassés.

**15-22.** Quando o velho homem veio a pronunciar uma bênção especial sobre José, referiu-se a Deus com um título triplo: O Deus de nossos pais, o Deus que me sustentou, e o Anjo da libertação. Assim, os aspectos ancestral, pessoal e redentor de Deus foram apresentados. O hebraico *ro'eh* (**sustentou**) dá a idéia de pastorear (cons. Sl. 23:1). **O Anjo que me tem livrado de todo mal** (v. 16) identifica este com o Anjo de Jeová que confortou Hagar (16:7; 21:17) e que avisou Abraão da iminente destruição de Sodoma (Gn. 18); em outras palavras, este "Anjo" era o próprio Senhor em Suas manifestações no V.T. Jacó disse que José viria a possuir uma porção (*shekem*) especial ou um declive montanhoso de valor fora do comum (mais que a teus irmãos). Isto provavelmente se refere à propriedade que Jacó adquiriu de Hamor, embora Gênesis 34 indique que Jacó repudiou a maneira pela qual ela foi tomada. Provavelmente foi mais tarde «capturada dos amorreus por Jacó (cons. Jo. 4:5).

## Gênesis 49

### 14) A Bênção Solene. 49:1-27.

#### 1,2. Chamou Jacó a seus filhos, e disse: **Ajantai-vos. . . e ouvi.**

Em suas palavras de despedida a seus filhos, Jacó elevou-se à estatura incomum do profeta que fala em linguagem poética de inspiração. Ele

convocou cada filho por sua vez, à beira de sua cama, para ouvir suas palavras de bênção, de censura, ou de maldição. Em cada caso ele destacou alguma característica notável do caráter, avaliando o homem e o seu grupo familiar. As palavras de Jacó constituíram uma predição dos futuros acontecimentos com base no conhecimento que o pai tinha do caráter de cada filho. Os homens compreenderam os pronunciamentos solenes de seu pai como predições significativas e determinantes.

**3,4. Rúben**, o primogênito de Lia, destacava-se entre seus irmãos. Mas ele perdeu seus direitos naturais. Seu lugar de primogênito favorecido foi dado a José. Seus privilégios de sacerdote seriam passados a Levi. Seu direito de ser o chefe das tribos de Israel, isto é, seus direitos reais, seriam de Judá. Assim Rúben, dotado de dignidade, direitos de primogenitura e superioridade natural, perderia o direito a todo e qualquer lugar de poder e influência por causa da instabilidade do seu caráter. Seu indescritível pecado com Bila deu evidência de uma fraqueza moral que significa ruína. Suas paixões incontroladas (**impetuoso como a água**) foram descritas na expressão hebraica, "água sem repressão jorrando em torrente espumante" (v. 4). Embora capaz de sonhos, planos e boas intenções, não se podia contar com ele para a realização dos mesmo.

**5-7. Simeão e Levi**, o segundo e o terceiro filho de Jacó com Lia, eram irmãos na violência. O velho pai não poderia jamais esquecer o cruel massacre dos siquemitas. Naquele dia revelaram seu verdadeiro caráter, pois violentamente atacaram e destruíram homens que eles desarmaram por meio da estratégia e fraude. Naquela ocasião foram censurados por seu pai. Agora, ao lado do seu leito de morte, tiveram de ouvir as cortantes palavras de sua maldição: **Dividi-los-ei em Jacó, e os espalharei em Israel** (v. 7b). Não teriam território que pudessem chamar de seu, mas seriam dispersos entre as outras tribos. Em Canaã esta maldição foi cumprida: os simeonitas foram engolidos pela tribo de Judá; e os levitas não receberam nenhum território, pois serviram como ministros do santuário e mestres de Israel.



**8-10. Judá**, o quarto filho de Jacó com Lia, recebeu o primeiro inqualificável louvor do velho patriarca. Levava sobre si a esperança de Israel. Não tendo o direito da primogenitura, nem dignidade excepcional, ou poderes espirituais, sobressairia como o poderoso líder de um povo, que entusiasticamente haveria de admirá-lo e louvá-lo. (Judá significa louvor.) Seria temido pelos seus inimigos, pois como um leão os perseguiria sem descanso até que a vitória fosse sua. Então, tendo completado sua missão, retornaria à fortaleza de suas montanhas para descansar na segurança de uma fortaleza que ninguém poderia invadir. Apoderar-se-ia do cetro ou bastão que simbolizaria seu inteiro domínio no papel de guerreiro, rei e juiz. Qualquer nação seria feliz, segura e honrada com Judá como chefe e protetor.

**11,12.** Paz, abundância e prosperidade prevaleceriam na terra de Judá. As vinhas seriam tão viçosas e as uvas tão abundantes que o cavaleiro conquistador poderia amarrar as rédeas do seu cavalo nos grandes ramos e desfrutar de seus frutos suculentos. O vinho seria tão abundante que os homens poderiam lavar suas roupas nele, se assim o quisessem. Uvas excelentes forneceria o mais fino sustento. Os olhos de Judá não ficariam vermelhos com excesso de bebida (**cintilantes de vinho**, v. 12), mas "brilhantes de prosperidade" (NBC) e seus dentes seriam "mais brancos do que o leite" (**brancos de leite**). Isto é, a terra de Judá seria divinamente abençoada.

A frase, **até que venha Siló**, foi pronunciada por Jacó no meio do quadro profético referente ao lugar de Judá no plano de Deus. Para nós, o fulgor incomum de sua predição está grandemente realçado pelo fato de que desde os tempos antigos tem sido considerada como mensagem messiânica. O hebraico poderia ser traduzido, *até que venha Siló*, ou *até que venha aquele a quem ele pertence*. Em ambas as traduções a referência deve ser, primeiramente, a Judá, mas em última análise o Messias é Aquele que deve vir. Em outras palavras, a soberania jamais se apartará de Judá, até que venha Aquele que tem o direito de reinar.

A predição, *até que venha aquele de quem é o direito*, foi repetido em Ez. 21:27. Se esta interpretação está correta, então as palavras de Jacó aqui constituem uma das mais antigas profecias messiânicas. O que Jacó podia ver era um quadro claro da herança de Judá. Mas a realização completa dos propósitos divinos não seriam desfrutados até que o governante ideal, o Messias, demonstrasse soberania perfeita. Felizmente, o V.T. apresenta uma linha distinta de profecias – começando com Gn. 3:15 e continuando através dos Salmos e Profetas referentes à vinda do Messias para reinar como Rei dos reis. Jacó viu Judá como o pai da tribo real que exerceria poder e liderança sobre todas as outras. Através de catástrofes e tempos difíceis, Deus providenciaria que o cetro continuasse na tribo de Judá até que viesse o governador ideal, o Messias.

**13. Zebulom**, o sexto filho de Jacó com Lia, seria colocado em um lugar onde seriam possíveis a atividade comercial e a prosperidade. Isto pode significar que a tribo de Zebulom receberia um território ao longo da costa. Ou, pode significar que a prosperidade seria a herança dos descendentes de Zebulom, por causa de sua proximidade com os fenícios que tinham acesso ilimitado às rotas do comércio. Jacó menciona Sidom como fazendo parte deles. É possível também que a predição de Jacó não fosse inteiramente realizada quando da divisão final da terra. No cântico de Débora (Jz. 5) o povo de Zebulom foi sinceramente elogiado por sua valorosa atitude contra Sísera e seu exército.

**14,15. Issacar**. O quinto filho de Jacó com Lia, está representado como um forte amante, do descanso e do sossego, como um boi. A palavra *hamor*, literalmente, *jumento*, não se refere ao animal selvagem, veloz, feroso que dá na vista do espectador. Pelo contrário, designa a forte besta de carga que se submete ao jugo mortificante, sem se queixar, a fim de poder ficar livre para deitar-se sossegadamente, com tranquilidade e conforto. Jacó estava predizendo que a Tribo de Issacar se submeteria à invasão dos cananitas que lhe colocaria um jugo. Em vez de lutar, os homens desta tribo submissamente se tornariam escravos dos

povos da terra. Prefeririam a vergonha e a escravidão em lugar da ação corajosa.

**16-18. Dã**, o primeiro filho de Bila, seria um forte defensor do seu povo. Advogaria, defenderia e ajudaria na luta pela independência. A tribo seria pequena, mas seria grandemente temida pelos vizinhos que tentariam espezinhá-la. Jacó chamou Dã de **serpente junto ao caminho**, que causaria terror e infligia ferimentos rápidos e fatais. O hebraico *neiheish* significa mais do que uma serpente no gramado, um réptil venenoso com presas fatais. Isto é, Dã seria sobremaneira perigoso aos seus inimigos. Mais tarde, membros da tribo de Dã cumpriram estas palavras com exatidão notável. Depois de algum tempo em seu território original, os danitas mudaram-se para o norte e ocuparam o extremo norte de Israel. Este povo nunca se distinguiu por seus predicados espirituais. Em 931 A.C. Jeroboão levantou um bezerro de ouro em Dã, para que a adoração pagã fosse fomentada.

**19. Gade** foi o primeiro filho de Zilpa, a serva de Lia. O velho patriarca reconheceu que o espírito corajoso e guerreiro de Gade seria forte ajuda para o seu povo na vida em Canaã. Jacó predisse que Gade precisaria de toda sua astúcia, coragem e persistência na luta, pois seria continuamente molestado por ataques das tribos do deserto. Bandos de saqueadores fariam pressão contra ele. Jacó fez uso de um jogo de palavras **Gade** que significa *tropa* – para indicar a ferocidade e a crueldade dos atacantes do deserto. Ele profetizou que Gade seria vitorioso e seria capaz de expulsar o inimigo. Depois da conquista da Palestina, a tribo de Gade ficou localizada a leste do Jordão.

**20. Aser**, o segundo filho de Zilpa, tem um nome que significa feliz. Jacó o descreveu em um campo fértil, onde o trigo, o vinho e o azeite seriam produzidos em quantidades abundantes. Seria próspero e rico. As guloseimas que produziria seriam próprias da mesa de um rei. (Até os reis de Tiro e Sidom haveriam de querê-las.) A tribo de Aser testemunhou o cumprimento desta profecia patriarcal.

**21. Naftali**, o segundo filho de Bila, demonstraria um notável amor à liberdade; ele era uma **gazela solta**, disse Jacó. A ilustração descreve um animal selvagem, rápido e gracioso que se deleita com a liberdade das montanhas cobertas de bosques e dos vales abertos. Naftali teria o domínio dos grandes campos de Deus. **Prefere palavras formosas** é, talvez, uma referência aos discursos eloqüentes e úteis que sairiam da boca dos homens desta tribo. Baraque, por causa do seu valor, veio a ser um dos seus vencedores. Em Juí. 5:18 lemos: "Zebulom é povo, que expôs a sua vida à morte, como também Naftali".

**22. José**, o primeiro filho de Raquel, recebeu os mais altos louvores dentre todos os filhos. Um homem de visão, de sonhos, de força moral e espiritual, ele foi um exemplo do melhor que há nas vidas do V.T. Em seus diversos desempenhos, como filho, irmão, escravo e administrador, ele demonstrou seu caráter superior através de sua imutável lealdade para com o seu Deus. Jacó chamou José de **ramo frutífero**. O hebraico *para* contém um jogo de palavras como nome de "Efraim". A referência é a uma árvore ou videira que cresce vigorosamente, com a idéia de vitalidade ou juventude. Como resultado de ter sido plantada junto a uma fonte rumorejante, continuaria a crescer e dar fruto. Numa terra seca, a água fazia diferença entre a esterilidade e a fertilidade. A humildade garantia a fertilidade. Uma árvore assim fortalecida podia lançar seus ramos e suas gavinhas sobre o muro, partilhando com o mundo da abundância de seus frutos.

**23.** Como resultado desta excepcional prosperidade, José podia esperar inveja amarga e hostilidade. Os **flecheiros** estariam ocupados em furiosos ataques. Isto foi verdade no começo da vida de José, quando seus irmãos, animados pela inveja, procuraram destruí-lo. Muitos anos mais tarde, na terra de Canaã, as tribos de Efraim e Manassés encontrariam oposição e perseguição. Teriam de conservar uma fé operante no Jeová dos exércitos, que comprovou-se um Deus Todo-suficiente. José O conhecia e descansava nEle em cada emergência. **Dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem** traduzem três palavras

hebraicas. *Meirar*, na forma *piel*, significa "provocar", "amargurar", "molestar". O uso desta forma *piel*, mais a palavra *reibab* acrescenta intensidade à ação e fala de sua ocorrência repetida. A terceira palavra, *seitam*, dá a idéia de ódio profundamente enraizado, ao lado de ativa perseguição.

**24,25. O seu arco, porém, permanece firme.** Nas vitórias de José houve evidências da firmeza desse arco e da agilidade de suas mãos, do poder especial concedido pelo Senhor. Jacó predisse que esta mesma ajuda sobrenatural poderia ser esperada nas colinas da Palestina. A palavra traduzida para **firme**, ou *firmado na força*, poderia ser traduzido para *impassível, permanente, ou sempre abundante*. Jacó usou os títulos, **o Poderoso de Jacó... Deus de teu pai ... Todo-poderoso** (*'El Shadday*), para descrever o braço que seria tão poderoso, tão digno de confiança, tão rápido e ágil, que nenhum inimigo lhe poderia resistir. Com fé simples ele entregou a tribo de José nas mãos divinas, e com fé confiante predisse certas vitórias sobre os inimigos que o aguardavam. Além dos poderes especiais para lidar com os inimigos, os descendentes de José receberam a promessa de bênçãos abundantes. De cima, eles teriam chuva e orvalho abundante. De baixo, o solo seria suprido com os ingredientes que produziriam o alimento e as colheitas. Por dom divino especial, a fertilidade entre os homens e os animais garantiria a fertilidade sem limites da família.

**26.** Resumindo, José seria sempre considerado um *príncipe entre seus irmãos* (**destinguido entre seus irmãos**). O hebraico *nezir* indica "alguém separado", ou "alguém que é separado ou consagrado para importantes obrigações". O nazireu era um homem que havia sido oferecido a Deus e, através de voto especial, ficava-lhe irrevogavelmente entregue. Efraim, seu filho, teria as qualidades necessárias para a santa dedicação e realizaria o propósito divino de alguém que foi escolhido para pôr em ação os princípios tão lindamente exemplificados por José. Ele foi o príncipe entre as tribos de Israel.

**27. Benjamim**, o filho mais moço de Raquel, caracterizava-se como um lobo feroz e perigoso que faria grandes estragos. O lobo é alerta e furtivo em seus movimentos. De noite ele entra sorrateiramente entre as ovelhas e foge com a sua presa. O hebraico *teiraf* significa rasgar em tiras. Fala de crueldade selvagem. Os lobos do início da noite podem ser tão selvagens e destruidores como aqueles da madrugada. Em qualquer momento estão prontos para os ferozes negócios do comportamento desumano. Eúde, Saul e Jônatas estão entre os descendentes de Benjamim, os quais evidenciaram seus poderes guerreiros. Os homens desta tribo tornaram-se famosos pelos seus arqueiros e seus lanceiros (cons. Jz. 5:14; 20:16).

### **15) Dias Finais. 49:28 - 50:26.**

**28-33.** Quando Jacó terminou seu discurso de bênção, censuras e maldições, falou a seus filhos sobre a sua morte iminente. Em suas instruções finais, orientou seus filhos a levarem o seu corpo a Canaã para o sepultamento. **Sepultai-me com meus pais, na caverna**, ele disse, **que está no campo de Efrom** (v. 29). Ele os lembrou de que o sepulcro da família já continha os restos mortais de Abraão, Sara, Isaque, Rebeca e Lia. Raquel fora sepultada em uma sepultura perto de Belém (cons. 35: 19, 20). Logo que Jacó terminou de dar suas instruções, recolheu os pés na cama e, sem luta, expirou (*ruah*) comparecendo diante daqueles que já tinham passado para o outro mundo (*Sheol*). Os Santos do V.T. estavam longe de terem o conceito neotestamentário de vida após morte, mas mesmo naquele tempo já tinham consciência de alguma coisa diferente, quando estavam diante dos membros mortos da família. *Sheol* era a região sombria onde as almas que abandonavam seus corpos mortais continuavam a existir.

## **Gênesis 50**

**50:1-3.** José revelou o forte afeto que tinha por seu pai na prolongada demonstração emocional. Os outros filhos, também,

provavelmente deram vazão ao seu amor. Para se certificarem de que o corpo de Jacó seria preservado de decomposição na longa viagem ao Hebrom, José chamou os seus servos, os médicos egípcios, para embalsamá-lo, **e os médicos embalsamaram a Israel** (v. 2). Os egípcios eram cuidadosos na preservação do corpo de uma pessoa morta para que, ao retornar a alma à sua antiga residência, o corpo estivesse preparado para a ocupação. As múmias egípcias preservadas durante séculos dão silencioso testemunho da notável eficiência desses embalsamadores. A palavra *reiphei'* significa "curar" ou "remendar" por meio da cirurgia ou remédios. O Egito tinha muitos médicos, e é possível que eles realizassem a maior parte do embalsamamento. De qualquer forma, o corpo de Jacó foi mumificado para a viagem, e devia ter sido bem preservado para o dia do sepultamento. **Os egípcios o choraram setenta dias** (v. 3). Talvez quarenta dias fossem necessários para o embalsamamento. Os dias adicionais foram necessários para completar o período do luto, de modo que passaram-se finalmente setenta dias antes que a viagem a Canaã começasse. A nação egípcia, devido ao seu respeito por José, participou do luto.

**4-6.** Para obter permissão oficial de deixar o reino, José apresentou a Faraó o pedido de seu pai de ser sepultado **no meu sepulcro que abri para mim**. O hebraico *keira* pode ser traduzido para *cavar* ou *comprar*. Em Dt. 1:6 significa "comprar", mas nesta passagem **abri** parece ser a melhor tradução. Abraão comprou o pedaço de terra de Efrom para ser usado como lugar de sepultamento de Sara. Não há motivos para que nos oponhamos à idéia de que Jacó tenha entrado na caverna e cavado na rocha sua própria Sepultura.

**7-13.** Com pompa fora do comum e exibição, a procissão egípcia saiu de Gósen e empreendeu a longa viagem ao Hebrom. Carros e cavaleiros, ao lado de oficiais da corte de Faraó e todos os filhos de Jacó, fizeram o acompanhamento. Os egípcios fizeram ali grande e intensa lamentação (v. 10). Os nativos se admiraram com o enorme grupo dos

pranteadores; nunca tinham visto nada igual. Na caverna de Macpela seus filhos. . . o sepultaram. Israel chegara ao fim de sua vida acidentada.

**14-21.** José, com os seus irmãos, voltaram ao Egito para retomarem sua vida de sempre. Imediatamente o medo tomou conta dos filhos mais velhos de Jacó. Achavam que agora José poderia se voltar contra eles para executar uma vingança completa pelo crime de o terem vendido como escravo. **Prostraram-se diante dele** (v. 18), cheios de desgosto, arrependimento e solicitações. Imploraram perdão e misericórdia. José com todo amor lembrou-os de que a mão de Deus estivera em tudo o que acontecera, que o Senhor operara naquele sentido para o bem de todos. Assegurou-lhes seu continuado amor e prometeu que cuidaria de suas necessidades durante o restante dos anos da fome. De acordo com sua delicada natureza, **ele lhes falou ao coração** (v. 21).

**22-26. Morreu José . . . e o puseram num caixão no Egito.** Com a idade de cento e dez anos José morreu, tendo vivido como representante de Jeová na difícil crise na vida do povo escolhido. Exigiu que seus irmãos lhe prometessem solenemente que guardariam o seu corpo em segurança até que retornassem a Canaã, para o levar até a sua terra natal onde o sepultariam. Cons. Hb. 11:22: "Pela fé José, próximo da morte, fez menção da saída dos filhos de Israel, e deu ordem acerca de seus ossos". Seu corpo foi mumificado e colocado em um ataúde (*eiron*) à espera da longa jornada de quarenta anos para Siquém. Por ocasião do Êxodo, o caixão com a múmia foi mantido no acampamento como lembrete da mão de Deus que tudo controla e opera a vontade divina em todas as lutas da vida (cons. Ex. 13:19).

Gênesis termina com a renovação das santas promessas do Senhor aos seus escolhidos e o desafio para a realização dos propósitos divinos para Israel. José já partira. Um Faraó "que não conhecera a José" entraria em cena para mudar o feliz relacionamento realizado pela sabedoria de José, mas um Moisés se levantaria para assumir o fardo da liderança. O Senhor eterno não se esqueceria nem fracassaria diante do Seu povo. Os



---

ricos propósitos revelados aos patriarcas se realizariam na hora estipulada por Ele.

# ÊXODO

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 11	Capítulo 21	Capítulo 31
Capítulo 2	Capítulo 12	Capítulo 22	Capítulo 32
Capítulo 3	Capítulo 13	Capítulo 23	Capítulo 33
Capítulo 4	Capítulo 14	Capítulo 24	Capítulo 34
Capítulo 5	Capítulo 15	Capítulo 25	Capítulo 35
Capítulo 6	Capítulo 16	Capítulo 26	Capítulo 36
Capítulo 7	Capítulo 17	Capítulo 27	Capítulo 37
Capítulo 8	Capítulo 18	Capítulo 28	Capítulo 38
Capítulo 9	Capítulo 19	Capítulo 29	Capítulo 39
Capítulo 10	Capítulo 20	Capítulo 30	Capítulo 40

## INTRODUÇÃO

**Título.** O nome *Êxodo*, uma transliteração do título *Exodos* da Septuaginta (LXX), veio até nós através da Vulgata Latina. A palavra em grego significa "partida" ou "saída". O nome hebraico para o livro é apenas a primeira frase, "São Estes os Nomes", ou mais comumente, "Os Nomes". Como título descritivo de todo o livro, *Êxodo* não é satisfatório, pois a saída do Egito propriamente dita só ocupa menos que a metade do volume.

**Data e Autoria.** As Escrituras atribuem a Moisés a autoria do Êxodo, com os outros quatro livros do Pentateuco. A alta crítica tem considerado estes livros como uma compilação de manuscritos escritos por diversos autores desde o século nove até o século cinco A.C. A posição radical que negava qualquer participação de Moisés na autoria destes livros já não é mantida tão largamente como há uma geração atrás. Embora muitos mestres liberais continuem duvidando da autoria mosaico do Pentateuco, descobertas arqueológicas têm proporcionado

aos mestres de cada formação teológica um mais elevado respeito pela historicidade dos acontecimentos que descreve.

**Antecedentes Históricos.** O Êxodo recomeça a história dos israelitas onde o Gênesis a abandonou. O longo período entre José e Moisés fica coberto por dois resumidos versículos, 1:6, 7, e então descreve-se a situação inteiramente nova dos descendentes de Jacó. Os hóspedes protegidos por Faraó e José tornaram-se uma nação de escravos, objeto de medo e ódio de seus superiores. Enquanto Faraó procura controlar os hebreus por meio de brutal opressão, Deus age no sentido de libertá-los. Moisés, o libertador, é primeiro preparado e, então, no poder de Deus, o grande livramento acontece.

Redenção do poder do Egito é, entretanto, mais que uma simples libertação da escravidão. Deus retirou os israelitas do Egito para que pudesse introduzi-los na Terra Prometida, como o Seu próprio povo preparado. O grande tema do Êxodo é, então, não simplesmente o grande ato redentor de Deus, mas também a Sua adoção e constituição de Israel como o povo de Deus. E.E. Flack diz: "O Êxodo é sem dúvida o mais significativo livro já compilado sobre o nascimento de uma nação" ("Interpretation of Exodus", *Interpretation*, Jan., 1949).

"Toda a subsequente história dos hebreus ou filosofia da história, relembra o Êxodo como o ato criador de Deus que constituiu os hebreus em nação" (Alleman e Flack, *Old Testament Commentary*, pág. 207).

A época em que o Êxodo foi escrito tem constituído um problema para os mestres durante séculos, e com as descobertas da arqueologia moderna, o calor da discussão tem-se intensificado, embora a luz do fato histórico continue bastante obscurecida. A data tem sido colocada entre 1580 A.C. até 1230 A.C. Uma vez que as Escrituras pouco informam sobre cronologia, pode-se ter em mente que a data do Êxodo não é questão de doutrina, mas simplesmente um fato histórico elucidativo. Pensa-se de um modo geral que os israelitas foram para o Egito quando seus primos semitas, os hicsos, estavam governando, possivelmente em cerca de 1700 A.C. Se a sua estada no Egito durou 430 anos (Êx. 12:40),

então a data de sua partida deve ser fixada em cerca de 1270 A.C. A maior parte das provas arqueológicas que temos parecem apontar para uma data dentro do século treze. O construtor de Pitom e Ramessés (Êx. 1:11), o Grande Ramessés, era quem governava naquele tempo. A data determinada por escavações para a queda de numerosas cidades cananitas, desde Laquis até Hazor, é novamente o século treze. A investigação de Nelson Glueck na Transjordânia e no Neguebe estabeleceu o fato de que as nações de Moabe, Amom, Edom e os amoritas não se estabeleceram ali, prontas para se oporem ao avanço de Israel, antes do século treze (cons. *The Other Side of Jordan e Rivers in the Desert*).

A dificuldade principal em se datar o Êxodo no século treze encontra-se em I Reis 6:1. Lemos ali que o Templo foi começado 480 anos depois do Êxodo, no quarto ano de Salomão. Uma vez que o quarto ano de Salomão foi em cerca de 960 A.C., este fato parece colocar o Êxodo no ano de 1440 A.C.; e esta data além de entrar em conflito com as evidências arqueológicas, também o faz com a data obtida em Êxodo 12:40. Uma solução para o problema tem sido sugerida tornando-se os anos de I Reis 6 como significando 12 gerações, com não mais de trezentos anos na realidade. O fato de não se poder determinar a data exata para o Êxodo, entretanto, não diminui o valor histórico do livro nem a sua grande mensagem da redenção de Deus.

## ESBOÇO

- I. A libertação de Israel. 1:1 - 18:27.
  - A. Introdução. 1:1-7.
  - B. Escravidão no Egito. 1:8-22.
  - C. Preparação do libertador. 2:1 - 4: 31.
    1. Nascimento e preservação de Moisés. 2:1-25.
    2. Chamada e incumbência de Moisés. 3:1 - 4:31.
  - D. A missão de Moisés diante de Faraó. 5:1 - 7:7.
    1. Moisés se apresenta a Faraó pela primeira vez. 5:1-23.

2. A promessa renovada e a ordem de Jeová. 6:1-13.

3. Genealogia de Moisés e Arão, 6:14-27.

4. Moisés enviado de volta a Faraó. 6:28 - 7:7.

E. Maravilhas de Deus na terra do Egito. 7:8 - 11:10.

1. Deus confirma a incumbência de Moisés e Arão. 7:8-13.

2. A primeira praga - o Nilo transformado em sangue. 7:14 -25.

3. A segunda praga - rãs. 8:1-15.

4. A terceira praga - piolhos. 8:16-19.

5. A quarta praga - moscas. 8:20-32.

6. A quinta praga - peste. 9:1-7.

7. A sexta praga - úlceras. 9:8-12.

8. A sétima praga - chuva de pedras. 9:13-35.

9. A oitava praga - gafanhotos. 10:1-20.

10. A nona praga - trevas. 10:21-29.

11. Aviso da última praga. 11:1-10.

F. A Páscoa, e a partida de Israel. 12:1 - 15: 21.

1. Consagração de Israel. 12: 1-28.

2. A décima praga - juízo de Deus sobre o Egito. 12:29-36.

3. O êxodo do Egito. 12:37 - 15:21.

a. A partida. 12 : 37-42.

b. Mais regulamentos para a Páscoa. 12:43-51.

c. Santificação dos primogênitos. 13:1-16.

d. Travessia do Mar Vermelho. 13:17 - 14: 31.

e. O cântico de Moisés. 15:1-21.

G. Israel no deserto. 15: 22 - 18:27.

II. Israel no Sinai. 19:1 - 40:38.

A. Estabelecimento da aliança no Sinai. 19:1 - 24:11.

B. Orientação para o santuário e sacerdócio. 24:12 - 31:18.

C. A aliança quebrada e restabelecida. 32:1 - 34:35.

D. Edificação do santuário. 35:1 - 39 :43.

E. Construção e consagração do santuário. 40:1-38.

---

COMENTÁRIO**I. A Libertação de Israel. 1:1 - 18:27.****Êxodo 1****A. Introdução. 1:1-7.**

Estes poucos versículos servem de ligação entre o Êxodo e a narrativa do Gênesis. Depois de fazer uma lista daqueles que vieram ao Egito com Jacó, a passagem narra rapidamente o que aconteceu nos muitos anos intermediários e resume o fio da história no versículo 7.

**B. Escravidão no Egito. 1:8-22.**

O período após a morte de José trouxe uma mudança completa nas condições dos israelitas. De protegidos dos governantes semitas hicsos, tornaram-se os temidos escravos de uma nova dinastia de reis egípcios nativos. Oprimidos por seus senhores egípcios, os israelitas alcançaram um estado de absoluto desamparo e desespero, quando Deus, fiel a Sua aliança, redimiu-os com grande poder.

**8. Novo rei.** Os invasores hicsos controlavam o Egito desde 1720 A.C. até 1570. Foram expulsos da terra por Amosis I, o fundador da Dinastia XVIII, talvez a mais brilhante era da história egípcia. Depois da expulsão dos odiados reis estrangeiros, a inimizade dos egípcios voltou-se contra todos que tivessem qualquer associação com eles, particularmente os hebreus, que se relacionavam com os hicsos pela raça e pela posição. Nas próximas gerações a condição dos hebreus declinou rapidamente, até chegarmos aos tempos aqui descritos, exatamente antes da redenção.

**9. Mais numeroso e mais forte.** Excessivamente numeroso e excessivamente forte.

**10. Usemos de astúcia.** *Tomemos precauções contra eles; ou vamos tomar cuidado com eles* (Moffatt). Havia um verdadeiro e real perigo que os hebreus, habitando em Gósen, na fronteira nordeste da

terra, pudessem se unir a quaisquer invasores que viessem pala atacar o Egito.

**11. Pitom e Ramessés.** Estas cidades estão agora localizadas com um considerável grau de certeza em Tell er-Retabeh e em Tanis, ambas na região do Deita. Nas Escrituras Tanis também é conhecida como Zoã (Nm. 13:22), e era chamada Avaris pelos hicsos. Ramessés-Tanis, que foi a capital dos hicsos, foi abandonada depois de sua expulsão. Na Dinastia XIX (1310-1200 A.C.) foi restaurada e tornou-se novamente a capital do Egito. Na providência divina, a única ocasião em que na longa história do Egito a capital esteve tão perto da fronteira foi quando Israel teve de entrar e sair.

**12. Se inquietavam.** Antes, temiam ou estavam apreensivos. Para os egípcios havia um elemento de admiração como também de aversão na multiplicação dos hebreus, não apenas por causa do perigo mencionado no versículo 10, mas também por causa da evidência da bênção divina em sua grande proliferação.

**15. Parteiras hebréias.** Isto pode significar "mulheres hebréias" ou "parteiras das mulheres hebréias", isto é, mulheres egípcias encarregadas do trabalho de parteiras para os hebreus. Em qualquer um dos casos, eram provavelmente as supervisoras, não apenas as parteiras.

**16. Bancos.** *Bancos de parto* (lit. *pedras*). Eram duas pedras, tijolos, ou bancos baixos, sobre os quais era costume as mulheres se ajoelharem ou sentarem durante o parto. **Filha.** As filtras foram poupadas, uma vez que podiam se casar com egípcios, perdendo assim sua identidade nacional. Esta distinção era freqüente no V.T. não apenas entre os hebreus mas também em outras nações.

**19.** A explicação dada a Faraó era apenas parcialmente verdade. Está evidente na recompensa da bênção divina dada às parteiras que elas mesmas não tomaram precauções para evitar a preservação dos meninos.

**22. A todos os filhos que nascerem.** A LXX, os Targuns, e a E.R.A. acrescentam as palavras obviamente explicativas, "aos hebreus".

**C. Preparação do Libertador. 2:1 – 4:31.**

Na plenitude dos tempos, quando o opressor fazia o máximo para destruir Israel, Deus preparou os meios da salvação.

**Êxodo 2****1) O Nascimento e a Preservação de Moisés. 2:1-25.**

A data exata do nascimento de Moisés, e a identificação de Faraó e sua filha são discutíveis, mas a evidência da fidelidade divina é inconfundível. Com base no fato de que existem vagos paralelos a esta narrativa em outras histórias antigas, a IB chama-a de "narrativa lendária". Nessa base quase tudo poderia ser considerado anti-histórico.

**1. Um homem da casa de Levi.** De acordo com 6:20, este era Anrão, que se casou com a irmã de seu pai, Joquebede.

**2. Formoso.** Hebreus 11:23 atribui este ato dos pais de Moisés à fé deles – "porque viram que era uma criança peculiar". Tomaram a aparência robusta e agradável da criança como evidência de que Deus o dera para um grande propósito.

**3. Carriçal.** Provavelmente os caniços dos papiros tão abundantes no Nilo. **Betume e piche,** ou asfalto. **À beira do rio.** Muito provavelmente a criança foi colocada onde a mãe sabia que a filha do rei costumava tomar banho (KD). Tudo o que aconteceu, inclusive o colocar-se da irmã para vigiar, torna evidente que não foi um ato de simplesmente abandonar a criança á mercê do rio com a tênue esperança de que pudesse ser salva.

**5.** O banho deveria ter sido uru ato de adoração e o salvamento deve ter sido uru ritual religioso mais do que simples piedade (Alleman e Flack, *op. cit.* ).

**9.** Havia uma ironia divina nesta situação na qual o destinado libertador não foi apenas preservado mas também sustentado por aqueles que uru dia ele derrotaria.

**10. Moisés.** O hebraico significa **tirado** ou **arrancado**. Muitos críticos crêem que a palavra hebraica para Moisés (*Mosheh*) deriva-se do



egípcio *mesi* que significa "dar à luz". No processo do nascimento, a criança é tirada; neste exemplo a criança foi chamada Moisés porque foi tirada das águas. Alguns mestres, entretanto, duvidam de que haja alguma ligação com o egípcio *mesi*.

**11. Viu.** "Contemplou com simpatia" (*Cambridge Bible*).

**12.** Por meio deste ato Moisés estava irrevogavelmente lançando a sua sorte ao lado dos seus irmãos (cons. Hb. 11:24-26).

**14.** Moisés apresentou-se ao seu povo como o seu paladino, mas os israelitas ainda não estavam prontos para a redenção, nem ele mesmo. "Seria por meio do cajado e não da espada – pela brandura e não pela ira de Moisés que Deus realizaria a Sua grande obra de libertação" (JFB). Atos 7:25 expressa este patético pensamento, "Ele cuidava que seus irmãos entenderiam".

**15. Desse caso.** Não foi tanto o homicídio como a rebelião implícita nele que despertou a ira de Faraó (cons. Hb. 11:27). **Midiã.** Os midianitas eram um grupo de tribos que descendiam de Quetura e Abraão (Gn. 25:1-4), Embora seu lar pareça ter sido a leste do Golfo de Ácaba, eram um povo nômade que peregrinou pela Palestina, Neguebe e Península do Sinai. De acordo com Êx. 3:1, aqueles que Moisés encontrou deviam estar habitando nas vizinhanças do Monte Sinai. A tentativa de confinar os midianitas a uma só área e localizar o Monte Sinai a leste de Ácaba (T. Meek, *Hebrew Origins; et al.*) não concorda com as Escrituras e parece sem fundamentos.

**16. O sacerdote de Midiã.** As Escrituras não indicam que deus ele servia. Pode realmente ter sido Jeová, como alguns defendem, mas as palavras de Jetro em Êx. 18:11 soam mais como o testemunho de um convertido. Não há absolutamente nenhuma razão para supormos, como alguns escritores têm feito, que Moisés ficou conhecendo Jeová através dos midianitas (cons. Meek, *et al.*).

**17.** A compaixão pelos oprimidos fazia parte do caráter de Moisés.

**18. Reuel.** O nome significa amigo de Deus (veja também Nm. 10:29). Ele também é chamado de Jetro (3:1; 4:18).

**22. Gérson.** O nome significa *um estrangeiro aqui*. O segundo filho, Elíezer, *Deus é meu auxílio*, aparece em 18:3.

**23. Decorridos muitos dias.** De acordo com Atos 7:30, o período foi de quarenta anos, ou uma geração inteira. Se aceitarmos o século treze para o Êxodo, então o rei que morreu deveria ter sido Seti I (1319-1301), ou possivelmente Ramessés I, o fundador da Dinastia XIX. O novo rei teria sido Ramessés II, um dos maiores de todos os Faraós (1301-1234).

**24,25.** Deus estava demorando e estava calado, mas Ele nunca esqueceu nem abandonou o Seu povo. **Ouvindo Deus o seu gemido. . . viu . . . atentou** e tomou conhecimento de sua condição.

## 2) Chamada e Incumbência de Moisés. 3:1 – 4:31.

Tentando redimir Israel à sua maneira e na sua hora, Moisés fracassou. Mas na hora de Deus ele foi chamado para libertar à maneira de Deus e pelo poder de Deus.

## Êxodo 3

**1. Horebe.** Horebe é chamada de monte de Deus por antecipação. No V.T., o Horebe e o Sinai são usados como termos equivalentes, embora o primeiro nome possa se referir à cadeia de montanhas e o Sinai a um cume em particular. É impossível sabermos com certeza qual dos muitos picos, o mais alto atingindo cerca de 2.461,54 ms, é o lugar onde Moisés se encontrou com Deus. A tradição, de 1800 anos pelo menos, que localiza o sítio em Jebel Musa, "Monte de Moisés", deve ter algum tipo de fundamento, e o pico chamado **Horebe** certamente fica perto daquele "monte".

O mosteiro de Sta. Catarina supõe-se esteja no exato lugar da sarça ardente! (Cons. 19:1).

**2.** Assim como Israel não foi consumida na fornalha da aflição, assim a sarça ardia e não se consumia, pois Deus estava lá. Anjo do

Senhor. Não era simplesmente um anjo, mas a manifestação do próprio Jeová (v. 4; cons. Gn. 16:7; 22:11; 31:11-13; 48:15, 16).

**7,8. Vi . . . ouvi . . . conheço . . . descí a fim de livrá-lo.** Não Moisés mas Deus seria o Redentor. **Leite e Mel.** Uma expressão proverbial para grande fertilidade e abundância. **O lugar do cananeu.** Deus aguardara mais de quatrocentos anos por uru sinal de arrependimento. Agora a iniquidade das nações amoritas alcançara o seu ponto máximo (cons. Gn. 15:16).

**11,12. Quem sou eu.** O Moisés confiante e impulsivo aprendera a humildade; agora tinha de aprender a ter fé. Cada uma das dificuldades de Moisés foi resolvida com palavras de afirmação de Deus. Quem sou eu não era importante, mas, sina, Eu serei contigo.

**14. Eu sou o que sou.** Outras traduções desta difícil frase incluem: *Eu sou quem sou*; *Eu serei o que serei* (Moffatt; Lutero); *Eu sou Aquele que existe* (Catholic Commentary); *Eu faço acontecer aquilo que vai acontecer* (Meek, *op. cit.*, pág. 107; e Wm. F. Albright, *From the Stone Age to Christianity*, pág. 260). O nome expressa "não existência abstrata, mas manifestação ativa de existência. .. não o que Deus será em Si mesmo. . . mas o que Ele demonstrará de Si mesmo aos outros . . . Ele será para Moisés e Seu povo o que Ele será – algo indefinido, mas o que, ao descobrir-se mais completamente o todo de Sua natureza, pelas lições da história e ensinamentos dos profetas, provará ser mais do que as palavras podem expressar" (*Cambridge Bible*).

Um pensamento semelhante está expresso por Keil e Delitzsch: "A pergunta (v. 13) . . . pressupunha que o nome expressava a natureza e as operações de Deus e que Deus manifestaria em feitos a natureza expressa no nome... (Ele) designou-se por este nome como o Deus absoluto ... agindo com capacidade desagrilhoada e com auto-independência". Comentando o nome de Jeová em Gn. 2:4, os mesmos mestres dizem: "Ele é o Deus pessoal em Sua manifestação histórica na qual a plenitude do Ser Divino revela-se ao mundo ... o Deus da história da salvação. Isto não se mostra na etimologia do nome, mas na expansão histórica". Deus,

então, revelou-se a Moisés não como o Deus Criador de poder Elohim, mas como o Deus pessoal da salvação, e tudo o que o "Eu sou" contém será manifesto através dos séculos vindouros, culminando naquele em cujo "Eu sou" ilumina as palavras do N.T.

**15. E assim serei lembrado.**

**16,17. Em verdade vos tenho visitado.** O tempo do cumprimento da promessa feita a José já chegara (Gn. 50: 25).

**18. Nos encontrou.** Literalmente, *encontrou-nos por acaso*, súbita e inesperadamente. **Caminho de três dias.** Provavelmente uma expressão comum para uma considerável distância. "Deus conhecia o duro coração de Faraó, e por isso orientou que não se pedisse mais a princípio do que o necessário, para Ele comprovar ou demonstrar a dureza do seu coração . . . Foi um ato de misericórdia para com Faraó, portanto, que não se exigisse a partida imediata dos israelitas logo na primeira audiência de Moisés...pois, se isto fosse exigido, teria sido muito mais difícil para ele inclinar o seu coração em obediência à vontade divina, do que quando o pedido apresentado foi tão insignificante quanto razoável. E se ele tivesse se submetido à vontade de Deus no pouco, Deus lhe teria dado forças para ser fiel no muito" (KD).

**19. Se não for obrigado por mão forte.**

**22. Pedirá.** A ordem não foi para pedir emprestado, mas para apenas pedir, um pedido que, sob as circunstâncias, era uma exigência. Assim os israelitas receberam uma recompensa pelos anos que trabalharam, "despojando" os egípcios.

## Êxodo 4

**4:1. Eis que não crerão.** A terceira dificuldade de Moisés, como as outras, centralizava-se em si mesmo. Os sinais de Deus não só seriam um testemunho a Israel e ao Egito, da presença de Deus com o seu

mensageiro, mas teriam também a finalidade de infundir confiança e fortalecer a fé de Moisés.

**2-4.** O primeiro sinal. A vara do pastor, entregue a Deus, tomou-se um sinal de poder e vitória sobre o inimigo.

**6,7.** O segundo sinal. A mão de Moisés manchada pela lepra simbolizava o estado de aflição do próprio Israel, sua necessidade do poder purificador de Deus.

**9.** O terceiro sinal. **Rio.** Literalmente, o Nilo. Como o *Nilo*, a fonte da vida do Egito, estava no poder dos mensageiros de Deus, também Faraó e todo o seu povo estava na mão de Moisés.

**10.** A última dificuldade de Moisés. Deus não comete erros. Ele formara Moisés; Ele sabia do que era capaz.

**12. Eu serei com a tua boca.** "O gaguejar de Moisés, na qualidade de servo fiel de Deus, será o suficiente" (IB).

**13. Envia . . . menos a mim.** Esta última declaração de Moisés indica o que estava por trás de todas as outras objeções. Na fraqueza da carne, Moisés simplesmente não queria retomar ao Egito. Deus condescendeu diante dessa fraqueza e enviou Arão como "profeta" de Moisés. Mas no desenrolar da história, entretanto, parece que Moisés, com coragem crescente, foi cada vez mais tomando o seu lugar de líder.

### **18-31. A volta de Moisés ao Egito.**

**18.** Uma vez que Moisés se encontrava a serviço de Jetro, tinha de lhe pedir permissão para partir. Ele não podia contar ao seu sogro a incrível história da revelação e incumbência divinas, mas disse simplesmente que queria voltar para ver como iam seus irmãos.

**20. Na mão a vara de Deus.** Por mais pobre que a sua aparência possa ter sido, tinha em sua mão a vara diante da qual o orgulho e o poder do Faraó de todo o Egito teria de se curvar.

**21-23.** Esta é a essência e o ponto culminante das negociações de Deus com Faraó. O endurecimento do coração de Faraó foi o juízo

divino sobre alguém que já endurecera o seu próprio coração contra o Senhor.

**24-26.** Esta passagem, ignorada pelos comentadores modernos como curiosa relíquia do folclore e da superstição, é na realidade uma ilustração da lei espiritual que flui através das Escrituras e da história: Aquele que proclama a vontade de Deus para os outros, deve ele mesmo ser obediente à expressa vontade de Deus. O sinal da circuncisão, decretado por Deus (Gn. 17:9-14) fora negligenciado por Moisés até que Deus o lembrou violentamente da obrigação por meio deste golpe. **Tu és para mim esposo sanguíneo** (v. 26; Moffatt). Este ato de Zípora, evidentemente repugnante para ela e adiado até que quase custou a vida do seu marido, pode ter feito Moisés decidir em deixar que ela e seus filhos ficassem em Midiã. Nada devia impedir o seu serviço para o Senhor.

#### **D. A Missão de Moisés diante de Faraó. 5:1 – 7:7.**

Moisés e Arão compareceram diante de Faraó para revelar a vontade de Deus. Seu pedido foi asperamente recusado, e a tribulação de Israel foi aumentada por ordem do rei. Assim os israelitas chegaram ao seu mais baixo nível de desespero impotente e sortimento, para que a graça e o poder de Deus sozinhos pudessem se manifestar em sua redenção. A genealogia de Moisés e Arão foram inseridas nesta passagem para que se tomasse claro o seu relacionamento com Israel na qualidade de líderes credenciados.

### **Êxodo 5**

#### **1) Moisés Aparece Diante de Faraó pela Primeira Vez. 5:1-23.**

**1. Celebre uma festa.** Ficaria melhor traduzido para *faça uma peregrinação*. O hebraico *hag*, "festa", era acompanhado de uma peregrinação (cons. 23:14-17). "O pedido apresentado a Faraó da parte do Deus dos israelitas . . . , parecia tão natural e razoável que Faraó não

poderia tê-lo recusado se no seu coração houvesse um simples traço de temor de Deus" (KD).

**2. Quem é o Senhor?** A pergunta de Faraó cheia de zombaria logo seria inteiramente respondida e de maneira terrível.

4. Faraó considerava Moisés simplesmente um líder astucioso tentando obter melhores condições de trabalho para os israelitas. **Ide às vossas tarefas.** (Cuidem de sua vida, *American Trans.*)

**5. O povo da terra.** Isto é, os operários.

**6. Superintendentes . . . capatazes.** Os superintendentes egípcios tratavam com os capatazes israelitas, *shoterim*, talvez escribas ou cronometristas.

7. O uso de palha picada misturada com o barro aumentava de três vezes a durabilidade dos tijolos, e os tijolos egípcios costumavam ser feitos assim (cons. BA, xiii, 2).

14. Quando a tarefa impossível não foi realizada, o castigo recaiu com maior severidade sobre os capatazes hebreus.

**16. O teu próprio povo é que tem a culpa.** "Pecaste contra o teu próprio povo" (LXX). A tradução e o significado exato deste texto são incertos, mas os hebreus sem dúvida estavam se defendendo colocando a culpa do fracasso a quem de direito.

**19. Em aperto.** A missão dos oficiais foi um fracasso em obter qualquer alívio para o povo.

**20. Encontraram Moisés.** Literalmente, colocaram-se de modo a encontrar Moisés.

**21. Odiosos.** "Invocaram a Deus como juiz, enquanto por suas próprias queixas demonstraram que não tinham confiança em Deus e no Seu poder para salvar" (KD).

**22. Por que.** Como deve ter sido incompreensível para Moisés o fato de Deus, que o enviara para libertar Israel, tê-lo levado, pelo contrário, a ser a causa de maiores sofrimentos.

## Êxodo 6

### 2) A Promessa Renovada e a Ordem de Jeová. 6:1-13.

Os críticos consideram esta passagem como paralela e não continuação à narrativa de Êxodo 3-6. Sua suposição é inteiramente desnecessária; a promessa apresenta-se de modo inteiramente diferente, e a necessidade de maior certeza da parte de Moisés está mais do que evidente.

**1. Por mão poderosa.** *Ele será obrigado* (Moffatt), obrigado pelo grande poder de Deus.

**3. Deus Todo-poderoso.** No hebraico *'El Shadday*. A derivação e o significado de *Shadday* são incertos. Provavelmente a tradução **Deus Todo-poderoso** está o mais próximo possível do pensamento contido no nome. É possível que o nome "Jeová" não fosse conhecido dos patriarcas, mas este não é necessariamente o significado da declaração aqui. Deus não Se revelara no Seu caráter de "Jeová" a Abraão como agora ia fazê-lo a Israel. Na qualidade de Jeová, Deus ia agora redimir o povo de Israel (v. 6), adotá-lo como Seu povo (v.7), e introduzi-lo na Terra Prometida (v. 8). Por meio disto eles conheceriam a natureza do Deus que disse, **Eu sou o Senhor** (v. 2).

**4,5.** A redenção de Israel baseava-se sobre a aliança feita com os antepassados e era o seu cumprimento. Terra em que habitaram como peregrinos. *A terra na qual eles se estabeleceram como imigrantes* (Moffatt).

**6. Resgatarei.** A palavra hebraica significa "reclamar, reivindicar os direitos".

**7. Sabeis.** Um dos grandes motivos para o Senhor fazer esta extraordinária demonstração do Seu poder, que viria a seguir, era poder imprimir vivamente na mente e na consciência de Israel o fato de que Ele, Jeová, era Deus.

**9. Ânsia de espírito.** Seu sofrimento era grande demais para ser aliviado por meras palavras.

**10-13.** Moisés foi novamente incumbido a apresentar a Faraó o pedido do Deus de Israel. Antes da descrição desta incumbência, temos a



genealogia de Moisés e Arão. **E não sei falar bem** (v. 12). Lábios cobertos com uma película, de modo que se abrem e fecham com dificuldade (cons. 4: 10).

### 3) Genealogia de Moisés e Arão. 6:14-27.

**14. Chefes das famílias.** As "casas" ou "famílias" descendiam de um só ancestral. "Casa" pode indicar toda uma tribo, mas geralmente indica a principal subdivisão ou clã. Assim, **Enoque, Palu, Hezrom e Carmi** são os ancestrais, chefes, das quatro clãs da tribo de Rúben.

**18. Anrão** o filho de Coate foi um ancestral de Anrão, pai de Moisés (v. 20).

**27. Moisés e Arão.** Como irmão mais velho (cons. 7:7), Arão aparece em primeiro lugar na genealogia (v. 26); mas como líder nomeado, Moisés tem precedência quando a narrativa recomeça.

### 4) Moisés Torna a Ser Enviado a Faraó. 6:28 - 7:7.

## Êxodo 7

Agora a narrativa recomeça com o Senhor dando orientação específica a Moisés quanto à sua missão.

**7:1. Te constituí como Deus,** *fiz de ti um deus*. Moisés recebeu autoridade divina e poder sobre Faraó, enquanto Arão foi comissionado a servir como profeta e porta-voz de Moisés. Este não seria uma repetição do primeiro encontro com Faraó.

**3. Endurecerei.** *Tornarei obstinado (American); ou tornarei teimoso (Moffatt)*. Esta não é a palavra geralmente usada para endurecer; também se encontra em Sl. 95:8.

**4. Minhas hostes, o meu povo.** Melhor, *meu povo em suas hostes* (Moffatt).

**5. Saberão os egípcios.** O segundo grande motivo para Deus exhibir Seu grande poder. Israel devia saber (6: 7) pela redenção, o Egito pelo juízo, **que Eu sou o Senhor**.

6. Este versículo resume e introduz a próxima seção mais extensa.

### **E. Maravilhas de Deus na Terra do Egito. 7:8 – 11:10.**

As pragas através das quais Deus manifestou-se a Israel e ao Egito são chamadas de diversas maneiras na Bíblia: *maggepa*, "um golpe severo" (9:14) usado em I Sm. 4:17 em relação a uma grande derrota na guerra; *nega'*, "um toque ou golpe pesado" (Êx 11:1), usado em Levítico, capítulos 13 e 14, falando-se do ataque de lepra; *negep* (Êx. 12:13), cognata de *maggepa*, "um golpe severo", usado apenas em relação à declina praga, e geralmente se tratando de uma calamidade imposta por Deus em julgamento (Js. 22:17). Por meio desses golpes que inspiravam temor, e aplicados pela mão divina, o povo deveria tomar consciência de que "Eu sou o Senhor".

As nove primeiras pragas claramente se encaixam em três grupos de três cada. As de números um e dois, quatro e cinco, sete e oito foram anunciadas a Faraó, de antemão, mas a três, seis e nove vieram sem advertência. As três primeiras assaltaram ambos, Israel e o Egito, pois ambas as nações tinham o que aprender. Os dois últimos grupos só atacaram os egípcios, para que soubessem que o Deus que estava cuidando de Israel era também Deus no Egito (Êx. 8:22) e maior do que todos os outros deuses (9:14). As pragas eram progressivamente mais severas, as três últimas quase destruindo a terra (10:7). A décima praga será discutida na próxima divisão do texto. Foi assim destacada das outras não só porque é o ponto culminante do julgamento e a base da redenção, mas também foi uma visita direta de Deus, não um juízo através de causas secundárias. As nove primeiras pragas foram milagres naturais, no sentido de que foram intensificações de catástrofes já conhecidas no curso normal da história. Sua severidade e, mais do que isso, seu aparecimento e desaparecimento pela palavra de Moisés, foi o que as marcou como milagres. Fizeram efeito sobre os egípcios não apenas física e mentalmente, mas também espiritualmente. Cada praga foi dirigida contra algum fenômeno da natureza adorada pelos egípcios de alguma forma relacionado com os deuses.

**1) Deus Comprova o Comissionamento de Moisés e Arão. 7:8-13.****9. Fazei milagres que vos acreditem.**

**11. Os sábios e encantadores.** Não eram simples mágicos, mas altamente educados líderes sacerdotais do Egito, homens de vasta influência e capacidade. Se eles realizaram sua façanha por meio de algum truque com répteis treinados, ou por meio de "milagres mentirosos" com o poder de Satanás, não pode ser determinado. Em qualquer um dos casos a supremacia de Jeová ficou demonstrada quando suas serpentes foram devoradas.

**13. Endureceu.** Tornou forte, firme. Três palavras foram usadas para o endurecimento do coração de Faraó; *heizaq*, "ser ou tornar forte" (7:13, 22; 8:19); *keibêd*, "ser ou tornar pesado, lento" (7; 14; 8: 15, 32); e *qeisha*, "endurecer" (só em 7:3). As traduções usuais escondem o fato de que está explicitamente declarado sempre quando foi Deus quem efetuou o endurecimento (9:12; 10:1, 20, 27, et al. ) e quando foi Faraó mesmo que endureceu o seu próprio coração. Deus só endurece "aqueles que começam a se endurecer . . . os meios pelos quais Deus endurece um homem não são necessariamente alguma intervenção extraordinária de Sua parte; pode ser através das experiências comuns da vida, operando através de princípios e peculiaridades do caráter humano que são decretados por Ele" (*Cambridge Bible*).

**2) A Primeira Praga – o Nilo Transformado em Sangue. 7:14-25.**

**15. Ele sairá às águas.** Um ato devocional? Se o propósito da visita de Faraó era adoração, ele iria descobrir que justamente o seu deus tornou-se abominável através de um poder maior.

**17. Nisto saberás.** Agora Faraó teria a resposta ao seu desdenhoso, "Quem é o Senhor?" (5:2). **E se tornarão em sangue.** Todos os anos, lá pelos fins de junho, quando as águas do Nilo começavam a subir, elas ficam de um vermelho escuro por causa dos sedimentos que descem das cabeceiras do rio. Isto continua assim durante três meses, até que as

águas começam a descer, mas a água, durante esse tempo, é potável. O milagre de 7:17-21 envolveu três elementos que o diferenciaram do fenômeno costumeiro: as águas foram transformadas pelo golpe da vara de Moisés; as águas não podiam ser bebidas; e a condição durou exatamente sete dias (v. 25).

**19. Rios.** O Nilo e os seus afluentes (lit., *seus Nilos*). Os canais do Nilo, valas de irrigação. **Lagoas.** Águas paradas formadas pelos canais. **Reservatórios** (lit., *qualquer ajuntamento*). Cisternas. **Vasos.** Nenhuma gota seria tirada desses vasos sem que estivesse contaminada. A lista de todas as fontes de água torna evidente até que ponto o Egito foi abatido pela praga.

**22,23. Os magos . . . fizeram também o mesmo.** Por algum meio os mágicos mudaram a aparência de alguma água fazendo-a parecer sangue, e o coração de Faraó, *continuou endurecido (American)*, ou, *não ligou nem para isto (Moffatt)*.

**25. Sete dias.** Tem-se pensado que a primeira praga aconteceu perto do período da inundação do Nilo em junho. Uma vez que a praga final ocorreu na primavera, parece-nos que os juízos sobre o Egito estenderam-se por todo um ano.

## Êxodo 8

### 3) A Segunda Praga – Rãs. 8:1-15.

Sempre houveram rãs enchendo os brejos à beira do Nilo. No entanto, sob a ordem de Moisés, elas apareceram aos milhares e invadiram de tal maneira todos os lugares concebíveis, que tomaram-se uma perturbação insuportável.

**7. Então os magos fizeram o mesmo.** Embora de algum modo fizessem aparecer mais rãs, foram completamente incapazes de as remover.

**8.** Faraó ficou tão transtornado com esta situação repulsiva que estava pronto a prometer qualquer coisa. Ele já fora forçado a reconhecer o Deus que desdenhara.

**9. Digna-te dizer-me.** *Tenha a honra de dizer* (Moffatt).

**15. Alívio** (lit., *espaço livre*). "Logo que ele pôde respirar aliviado, endureceu o seu coração" (KD).

#### **4) A Terceira Praga – Piolhos. 8:16-19.**

Piolhos (E.R.A.), piuns (Moffatt), bicho-de-pé (E.R.V.) e mosquitos (Moffatt), todos têm sido sugeridos como instrumentos desta praga. Embora o significado exato da palavra hebraica não seja conhecido, os mosquitos, que são muito comuns no Egito, parecem ser especialmente apropriados. Deve-se notar que esta foi novamente a intensificação de uma experiência natural. As pragas estavam também se intensificando de uma inconveniência para uma aflição dolorosa.

**17. O pó da terra.** "Exatamente como as fertilizadoras águas do Egito tomaram-se uma praga duas vezes, assim, por meio do poder de Jeová, o solo tão ricamente abençoado tomou-se uma praga para o rei e seu povo" (KD).

**19. O dedo de Deus.** Os mágicos derrotados reconheceram que isto era um acontecimento sobrenatural. Não o atribuíram a Jeová, mas confessaram que estava além dos seus poderes mortais. O fato de terem imitado de algum modo as pragas anteriores, torna a sua capitulação mais extraordinária. Uma vez que não há limite de tempo expresso para esta praga, podemos deduzir que prolongou-se por algum tempo.

#### **5) A Quarta Praga – Enxames de Moscas. 8:20-32.**

A segunda tríade de pragas fez distinção entre Israel e os egípcios. A confissão dos mágicos de que "um deus" causara essas perturbações, tinha agora de ser reforçada e era preciso esclarecer o fato de que fora o Deus Jeová que as causara.

**21. Moscas.** A palavra indica algum tipo de inseto particularmente irritante, ou moscas ou mosquitos. A palavra hebraica para "enxames"

significa "uma mistura" e pode ser que indique o desenvolvimento de todo o tipo de parasitas.

**22. Separarei.** *Porei de lado.* Por causa do fato de Israel ser protegida de todas as futuras pragas, ficaria claro cujo Deus estava no poder.

**23. Distinção** (lit., *redenção*). A separação era uma libertação para Israel.

**24. Arruinada.** *Corrompida; destruída.* As pragas continuavam aumentando em gravidade; já não eram um simples contratempo, mas um perigo. O povo sofria, o trabalho era prejudicado e toda a economia estava transtornada.

**26. Abomináveis aos egípcios.** Quer Moisés tenha se referido à maneira do sacrifício ou à vítima, que os egípcios consideravam sagradas, o povo do Egito considerada o ato "como uma manifestação de desrespeito contra eles e seus deuses" (*Calvin's Commentaries*).

**28.** Pela segunda vez Faraó deu a sua permissão para os israelitas partirem; mas removida a praga, apesar da advertência de Moisés (v. 29), e banido o medo, ele tornou a negar o pedido.

## Êxodo 9

### 6) A Quinta Praga – Peste. 9:1-7.

**3. Camelos.** Esta menção de camelos tem sido considerada anacrônica; mas havia caravanas de camelos que vinham constantemente ao Egito e certamente alguns egípcios deveriam ter feito neles algum investimento. **Pestilência.** *Praga severa; peste mortal* (Moffatt ). Que doença específica teria sido, não sabemos, mas deve ter sido uma epidemia severa e mortal que atacou todo o tipo de gado.

**6. Todo o rebanho.** Com muita freqüência o termo todo no hebraico indica um grande número. Dizemos que "todo mundo" está doente, mas queremos dizer que pessoas doentes são encontradas por

toda parte. Esta praga recaiu sobre os animais que estavam nos campos (v. 3).

### **7) A Sexta Praga – Úlceras. 9:8-12.**

Como a terceira praga, esta não foi anunciada, mas simplesmente veio conforme Moisés agiu.

**8. Cinza.** Literalmente, *fuligem do forno*. O forno era um símbolo da riqueza comercial e artística do Egito. Assim como os problemas surgiram vindos dos recursos naturais do rio e da terra, agora a indústria forneceu a fonte para a nova perturbação.

**9. Tumores que se arrebetem em úlceras.** Um doloroso tumor inflamado ou abscesso, resultando em uma ferida supurada, excessivamente dolorosa e deprimente mas não fatal.

**10. Diante de Faraó.** Ele tomou posição diante do rei para que não houvesse dúvida quanto à fonte desta nova praga.

**11.** Além dos magos não serem capazes de imitar a praga, eles mesmos também foram miseravelmente atacados.

**12.** Quando a última tríade de juízos estava para vir, Deus endureceu o coração de Faraó para que ele não se submetesse apenas por causa de mera fraqueza humana antes que Deus realizasse toda a Sua vontade.

### **8) A Sétima Praga – Chuva de Pedras. 9:13-35.**

**14. Todas as minhas pragas sobre o teu coração.** Estas últimas pragas não seriam simplesmente advertências e sofrimentos, como as outras. Elas "não atacariam simplesmente a cabeça e os braços, mas penetrariam no próprio coração e infligiriam uma ferida mortal" (Calvino).

**15. Cortado da terra.** Nunca mais o Egito alcançou as alturas do poder e da glória que teve nesta dinastia.

**16. Palavra de Jeová.** Faraó tinha de experimentar o poder e a força de Jeová, e de suas experiências o mundo inteiro aprenderia

sobre o Senhor. "Como ambos, a rebeldia do homem natural contra a palavra e a vontade de Deus e a hostilidade do poder temporal contra o Senhor e o Seu povo estavam concentrados em Faraó . . . (isto) tipificaria para todos os tempos e circunstâncias, o reino de Deus em conflito com o mundo" (KD).

**17. Ainda te levantas.** "Uma palavra peculiar só encontrada aqui... te levantas como uma barragem ou um obstáculo contra o meu povo" (*Cambridge Bible*).

**19.** Agora se oferecia uma oportunidade àqueles egípcios que vieram a crer na palavra de Jeová para se diferenciarem daqueles que não criam.

**23.** Chuva de pedras, trovões e relâmpagos não são desconhecidos ao Egito, mas a fúria terrível de uma tempestade como esta nunca houve antes em toda a longa história do Egito.

**27.** Com que frequência uma catástrofe natural leva o mais incrédulo dos homens a gritar de medo e desamparo! Tais confissões não são o resultado de verdadeira convicção íntima de pecado, mas brotam apenas por causa do terror das circunstâncias.

**29,30.** Moisés manifestada novamente o supremo controle de Jeová, mas ele não tinha ilusões quanto à constância do arrependimento de Faraó. Faraó temia a terrível tempestade, não a Jeová.

**31. O linho e a cevada.** Uma vez que estes amadurecem em fevereiro, sabemos qual a estação do ano fixada para esta praga.

**32. O trigo e o centeio.** *Espelta*, uma qualidade inferior de trigo; o centeio não era conhecido no antigo Egito. Estes cereais amadurecem cerca de um mês depois do linho e da cevada.

## Êxodo 10

### 9) Oitava Praga – Gafanhotos. 10:1-20.

**2.** *As coisas que eu fiz. Como zombei dos egípcios. Como brinquei.* Deus não estava se divertindo, mas havia uma ironia divina no fato de



que o antagonismo de Faraó estava simplesmente levando a uma manifestação ainda maior da glória de Jeová.

**4-6.** O fato dos gafanhotos serem conhecidos e temidos por causa da devastação que causavam só tomou esta advertência mais terrível. As pragas de gafanhotos sofridas antes pelos egípcios nada seriam comparadas com esta.

**7. Acaso não sabes ainda que o Egito está arruinado?** Só Faraó parecia inconsciente da extensão dos prejuízos, ou talvez insensível.

**8. Quais são** (lit., *quem e quem*). Quem, exatamente irá?

**10.** A resposta de Faraó diante da exigência de que toda a nação devia partir foi a princípio cínica: "Seja o Senhor convosco, caso eu vos deixe ir". Ele tinha esperanças, sugere a IB, de "que a proteção divina para a viagem" fosse "tão longínqua quanto a sua permissão". Depois os acusou, "Tendes conosco más intenções".

**11.** Vão, então, vocês, os homens, pois é o que na verdade me pediram. Se vocês são honestos, então sabem que para sacrificar só há necessidade de homens. **Expulsaram.** A prolongada entre vista terminou com esta explosão da ira de Faraó.

**13.** "O fato do vento ter soprado um dia e uma noite antes de trazer os gafanhotos, mostra que vieram de muito longe, e portanto provaram aos egípcios que a onipotência de Jeová ia muito além das fronteiras do Egito e regia todas as terras" (KD).

**16.** O choque desta visitação tomou a pôr Faraó de joelhos, confessando seus pecados e implorando a remoção da praga.

**17. Esta morte.** Os gafanhotos quase destruíram completamente o que fora deixado da vegetação do Egito.

### **10) A Nona Praga – Trevas. 10: 21-29.**

A nona praga seguiu-se à oitava sem introdução, pedido ou advertência.

**21. Trevas que se possam apalpar.** A maior parte dos mestres concordam que as trevas foram provavelmente causadas pelo *hamsin*, a

violenta tempestade de areia tão temida no Oriente. O vento seco e quente como o hálito de uma fornalha enche o ar com areia e pó, de modo que o sol fica escondido. O calor, a poeira e a eletricidade estática tornam as condições físicas quase insuportáveis. Além disso há um efeito sobre a mente e o espírito proveniente da opressiva escuridão. Esta praga concluiu a série de milagres divinos e foi um prelúdio amedrontador para o ato final do juízo.

**23. Luz nas suas habitações.** Milagrosa e instrutiva foi a pronunciada demarcação entre Israel e o Egito.

**24.** Quase Faraó capitulou. **Fiquem somente os vossos rebanhos e o vosso gado.** Guardados como garantia do retorno deles.

**25. Também tu nos tens de dar . . . sacrifícios.** Isto é, tu tens de nos dar os meios para sacrificarmos, e portanto (v. 26), temos de levar todo o nosso gado.

**28.** Deixar toda a nação partir, sem a certeza de que voltada, era demais para Faraó. Ele não só declarou encerrada aquela entrevista, como também negou toda e qualquer entrevista futura com Moisés sob a ameaça de morte.

**29.** Deus já informara a Moisés (11:1) de que este seria o último apelo a Faraó, por isso Moisés respondeu, **Bem disseste.** Antes que o profeta partisse, entretanto, havia uma última mensagem a transmitir (11:4-8).

## Êxodo 11

### 11) Aviso da Última Praga. 11:1-10.

A crítica tem feito uma confusão desnecessária na determinação da seqüência neste ponto. Parece-nos claro que 11:1-3 refere-se a instruções previamente transmitidas a Moisés, enquanto 11:4-8 é a advertência de despedida feita a Faraó seguindo-se a 10:29.

**1. É certo que vos expulsará totalmente.** Os egípcios estariam tão ansiosos pela partida dos israelitas que, longe de impedi-los, insistiriam a que partissem.

**2. Peça.** Cons. 3:22.

**4. Cerca de meia-noite.** Não à meia-noite do dia no qual estava falando, mas à meia-noite do dia designado por Deus (cons. 12:6).

**5. Todo primogênito.** "O primogênito representava toda a raça, da qual era a força e vigor" (HD).

**7.** Nem mesmo o latir de um cão hostil impedida a partida de Israel.

**8. Sai tu.** A certeza de Moisés se baseava na promessa de Deus (v.1).

**9. Faraó não vos ouvirá.** Se Faraó o atendesse, mesmo tendo chegado a este ponto extremo, ainda teria encontrado uma porta da esperança aberta; mas ele não ouviu (cons. Mt. 23:37).

## **F. A Páscoa e a Partida de Israel. 12:1 – 15:21.**

### **Êxodo 12**

1) A Consagração de Israel. 12:1-28.

"A libertação de Israel da escravidão do Egito estava para se realizar; também a sua adoção como nação de Jeová (6:6,7). Mas para tanto era necessária uma consagração divina de modo que a sua ruptura externa com a terra do Egito fosse acompanhada de uma separação interna de tudo aquilo que viesse de fonte egípcia ou pagã. Esta consagração devia ser conferida pela Páscoa" (KD).

**1. Na terra do Egito.** A primeira ordenança dada no Egito seria repetida no Sinai (Lv. 23) e nas planícies de Moabe (Dt. 16).

**2. Este mês.** O nome hebraico do mês é *Abibe*, que significa "espigas verdes". Corresponde a Março-Abril em nosso calendário. Durante o Exílio foi substituído pelo nome *Nisã* que significa "começo, abertura". **O primeiro mês.** O começo de Israel como povo de Jeová devia ser assim anotado no seu calendário. O ano civil começa, ainda hoje, no outono, com a Festa das Trombetas (Lv. 23:24; Nm. 29:1), hoje chamada Rosh Hashanah, *Ponta do Ano*, ou Ano Novo. O ano religioso

ou espiritual começa com o mês da Páscoa, o primeiro mês da nova vida de Israel na qualidade de povo redimido.

**3. Cordeiro.** *Um animal*, cordeiro ou cabrito (cons. v.5).

**4.** Esta seria uma cerimônia familiar, a menos que a família fosse pequena demais. De acordo com a exegese rabínica, **pequena** demais significava com menos de dez pessoas. (Targum Jonathan). **Conforme o que cada um puder comer.** Deviam calcular quanto cada um poderia comer e assim determinar se deviam se reunir com alguma outra família.

**5. De um ano.** Hebraico, *filho de um ano*. Os rabis têm interpretado isto como significando "como do primeiro ano", isto é, de oito dias de idade. Os comentadores modernos geralmente aceitam como significando um ano de idade. **Um cordeiro ou um cabrito.** Mais tarde o costume restringiu a Páscoa aos cordeiros.

**6. Todo o ajuntamento da congregação**, isto é, todos ao mesmo tempo. **No crepúsculo.** Hebraico, *entre as tardes*. Desde antigamente as opiniões têm divergido quanto ao tempo exato do sacrifício. Abn Ezra, os samaritanos e os coraítas explicaram-no como o período compreendido entre o pôr-do-sol e a escuridão total. Os fariseus mantinham-se apegados à explicação tradicional de que era entre o começo da tarde até o pôr-do-sol, aproximadamente das 3 às 5 hs. da tarde, e o Talmude concorda com isto (Pesahim 61a). Esta era a prática geral, de acordo com Josefo (*Wars of the Jews*, VI, 9.3). Deuteronômio 16:6 diz simplesmente, "ao pôr do sol".

**7.** O sangue devia ser aspergido "em ambas as ombreiras, e na verga, onde pudesse ser visto, e não na soleira para ser pisado" (Jamieson, Fausset e Brown). Por meio deste ato todos, a casa e seus habitantes, seriam expiados (pelo uso do sangue e do hissopo; cons. Lv. 14:4-7; Nm. 19:1 e segs.) e consagrados a Deus.

**8. Assada.** O animal inteiro tinha de ser espetado e assado sobre o fogo. "Por meio da unidade e integridade do cordeiro que lhes era dado a comer, os participantes seriam reunidos em uma unidade indivisível e uma comunhão com o Senhor que lhes fornecia o alimento" (KD). **Pães**

**asmos.** Um memorial à pressa com a qual deviam partir (v. 34), mas também um símbolo de sua purificação e libertação do fermento do mundo. **Ervas amargas.** O Mishnah (Pesahim 2:6) menciona alface, escarola, chicória, serpentária, hortelã e dente-de-leão como sendo as ervas amargas. Isto serviria para "chamar a atenção para a amargura da vida experimentada por Israel no Egito, e esta amargura devia ser sobrepujada pela doçura da carne do cordeiro" (KD).

**9. A fressura,** as partes internas, as vísceras (coração, fígado, etc.)

**11. À pressa.** Com temor, unindo a pressa ao sinal de perigo. **Lombos cingidos.** Suas longas vestes flutuantes deviam ser amarradas para não lhes impedir os movimentos. **A páscoa do Senhor.** Uma páscoa (Hb. pesah, LXX *pascha*, e assim "páscoa" no português) a Jeová; ordenada por Ele e comemorada para Ele. A etimologia da palavra é incerta, mas o significado ficou esclarecido com 12:13. Deus "passaria por cima", em Seu juízo, daqueles que tivessem dado evidências de sua fé nEle e se refugiassem sob o sangue.

**12. Sobre todos os deuses.** Os deuses egípcios deviam ser denunciados como impotentes para defender e indignos de respeito. Mais ainda, os deuses eram adorados na forma de muitos dos animais e na pessoa do próprio Faraó, e nesses representantes os deuses seriam golpeados.

**15-20.** Regulamentos para a Festa dos Pães Asmos. Embora estas instruções possam ter sido dadas após o Êxodo (cons. v.17, "tirei"), a íntima relação de significado e tempo entre esta festa e a Páscoa explica a inclusão dos regulamentos aqui. Os pães asmos eram símbolos de uma vida nova purificada do fermento da natureza pecadora. . . Por causa disso os israelitas deviam abandonar todo o fermento da natureza egípcia, o fermento da malícia e maldade, e comer o pão puro e santo, reunindo-se para a adoração a Deus a fim de demonstrar que estavam andando em novidade de vida... Comer pão levedado nesta festa, seria uma negação do ato divino, pelo qual Israel foi introduzida na vida nova de comunhão com Jeová" (KD).

**15. Ao primeiro dia.** Quinze de Abibe. Essa pessoa será eliminada, isto é, proscrita ou exilada da comunidade.

**16. Assembléia;** *santa convocação* (Moffatt). O trabalho necessário seria feito; o dia não seria guardado tão severamente como o sábado.

**17. Hostes** (Exércitos).

**18. Desde o dia catorze.** O pão asmo devia ser comido na Páscoa no dia catorze; a Festa dos Pães Asmos começava no dia quinze.

**19. Peregrino,** *estrangeiro, estrangeiro permanente* (Moffatt). Uma pessoa pode habitar no meio do povo de Deus toda a sua vida e nunca chegar a ser parte integral do grupo (cons. v. 43 ).

**21-28.** Instruções dadas aos anciãos. Os regulamentos da Páscoa, dados por Deus a Moisés, deviam ser transmitidos aos representantes do povo.

**21. Escolhei,** isto é, no rebanho.

**22. Hissopo.** Embora a identidade desta planta seja discutida, a opinião geral é que seja uma espécie de orégano, talvez manjerona ou talvez tomilho silvestre. **Bacia.** O vaso no qual o sangue seria recolhido quando o animal fosse morto. Uma vez que o galinho folhudo do hissopo era usado para aspersão do sangue do sacrifício para a purificação, veio a ser usado figurativamente para a própria purificação (cons. Sl. 51:7).

**23. O destruidor.** *Anjo destruidor* (Moffatt).

**28.** Por este ato de obediência e fé, o povo de Israel manifestava que confiava em Jeová; e assim o ato em si tornava-se a sua redenção.

## **2) A Décima Praga – o Juízo de Deus Sobre o Egito. 12:29-36.**

Esta praga foi como as outras, uma epidemia natural aumentada e sobrenaturalmente orientada, ou foi mais do que isto? A repetida ênfase na declaração de que foi a operação do Senhor (12:12, 13, 23, 27, 29), parece indicar que foi um ato direto do próprio Deus.

**29. Os primogênitos.** Costuma-se concordar que isto significa o filho más velho que ainda não era pai. Caso contrário, o primogênito de cada geração teria morrido, inclusive, provavelmente, o próprio Faraó.

**31. Chamou a Moisés.** Aterrorizado e sofrendo, Faraó ignorou suas próprias ameaças (10:28).

**32.** A capitulação foi completa. **Abençoai-me.** Ao partir, orem por mim e por este povo ferido.

**34. Antes que levedasse.** Isto nos dá a explicação natural para o significado espiritual da Festa dos Pães Asmos. **Amassadeiras.** Literalmente, *tabuleiros*, isto é, cumbucas rasas de madeira. Neste caso cada família levava a sua amassadeira enrolada no *simla*, uma parte da vestimenta constituída de um grande pedaço de fazenda quadrado, muitas vezes usado como sacola para carregar coisas (cons. Rute 3:15).

**36. Estes lhes davam.** A palavra hebraica para *emprestar* significa "concediam, deixavam que levassem". Não significa "emprestar" no sentido comum mais do que a palavra hebraica em 12:35 (cons. 3:22; 11:2).

### 3) O Êxodo do Egito. 12:37 - 15:21.

#### a) A Partida. 12:37-42.

O lugar exato da partida do Egito ainda é uma controvérsia, mas a maior parte das autoridades bíblicas concorda com as identificações feitas nos versículos abaixo. Tendo reunido o povo em Sucote, Moisés e Arão tiveram de fazê-los atravessar a barreira de brejos, lagos e o mar que atualmente é o Canal de Suez. O caminho foi mais determinado pelo fato de Deus pretender desferir um golpe final no orgulho e no poder egípcio.

**37. Sucote.** Foi identificado como Tell el-Maskhutih, 16 kms ao leste de Pitom. Isto significa que depois de Moisés despedir-se de Faraó em Ramessés, foi para o sul na direção do centro de Gósen, para ali reunir o povo para a marcha. **Seiscentos mil.** Como determinar o número

exato dos que estavam envolvidos no Êxodo, há muito que constitui um problema. Tem-se destacado que, por exemplo, uma multidão de 600.000 homens teria sobrepujado de muito o pequeno exército de Faraó. A questão não é se Deus poderia ter multiplicado os setenta do tempo de Jacó até mais de dois milhões, mas se Ele o fez. Uma solução seria que a palavra '*elep*', traduzida para mil, fosse traduzida para *clã* ou *família*, como em outro lugar (Jz. 6:15 por exemplo). Neste caso o número total poderia muito bem ser de cinquenta ou sessenta mil indivíduos. De uma coisa podemos ter certeza: Deus libertou uma grande multidão do Egito, milagrosamente cuidou dela durante quarenta anos no deserto e a introduziu na Terra Prometida. O fato de desconhecerem o número exato daqueles que foram envolvidos não diminui o milagre.

**38. Um misto de gente.** Egípcios e provavelmente pessoas de outras nacionalidades que se casaram com hebreus, queriam fugir à escravidão ou foram persuadidos de que havia alguma outra vantagem a ser obtida, se ficassem do lado de uma divindade tão poderosa como Jeová.

**40. Quatrocentos e trinta anos.** Gênesis 15:13 e Atos 7:6 dão um número redondo, quatrocentos anos. Uma vez que não sabemos a data exata da entrada de Israel no Egito, só podemos fazer conjecturas quanto à data da saída, mas parece-nos razoável uma data perto de 1300 A.C. (cons. Introd.). Alguns chegaram à conclusão de que a data foi em cerca de 1440 com base em I Reis 6:1.

**41. Nesse mesmo dia.** Cons. 12:17. Esse foi o Dia de Israel para ser lembrado pelas gerações futuras até que um Dia maior e uma Salvação maior viesse.

**42. Esta noite se observará ao Senhor.** Diversas traduções desta frase têm sido feitas: *uma noite da preservação do Senhor para tirá-los* (KD); *uma noite de vigília por Jeová tê-los tirado* (Cambridge Bible); *esta mesma noite é uma noite de vigília observada ao Senhor por todo o povo de Israel através das gerações* (RSV). Talvez ambas as idéias expressas nas diversas traduções estão implícitas: a noite na qual Jeová



vigiou os Seus, deveria ser uma noite de vigília para o povo de Israel através das gerações, como um memorial.

### **b) Outros Regulamentos para a Páscoa. 12:43-51.**

Uma passagem como esta, dizem os críticos, está inteiramente fora de lugar aqui, mas, na verdade, parece-nos muito apropriada. Ela define, no momento exato da ação, as exigências rigorosas que tornariam a ordenança espiritualmente significativa, como também fiel à realidade nas gerações futuras.

**43-45. Estrangeiro . . . assalariado.** Só aquele que estivesse identificado com o povo de Deus participaria desta ordenança. Isto foi planejado não para repelir o estrangeiro mas, sim, o incrédulo. Se o estrangeiro quisesse se identificar pela fé com Israel, seria bem recebido como alguém que fosse "natural da terra" (v. 48).

**46.** "Nesta refeição Israel preservaria e celebraria sua unidade e comunhão com o Senhor" (KD). Por este motivo a unidade cerimonial não devia ser interrompida nem pela inclusão de estranhos nem pela divisão do próprio alimento. Assim também a unidade de Cristo deve ser zelosamente guardada (cons. I Co. 1-3).

**49. A mesma lei.** Não bastava a descendência natural nem a associação. Nenhum incircunciso comerá dela (v. 48 ).

## **Êxodo 13**

### **c) Santificação dos Primogênitos. 13:1-16.**

"Se os israelitas completaram sua comunhão com Jeová na Páscoa, e celebraram o começo de sua posição divina na festa dos pães asmos, as conseqüências ininterruptas da sua filiação divina, eles as transmitiram na santificação dos primogênitos" (KD). Assim como o Egito foi ferido por Deus nas pessoas dos seus primogênitos, Israel foi consagrado a Deus em seus primogênitos.

**2. Todo que abre,** isto é, em primeiro lugar.

**3-10.** A lei já transmitida a Moisés (12:15-20) foi agora proclamada ao povo.

**7. Teu território.** *Fronteiras.*

**8.** A dedicação dos primogênitos teria de ser explicada geração após geração, como também a Páscoa (12:26, 27).

**9. E será como sinal.** Como outras raças usavam sinais, até mesmo cortes e tatuagens, para se lembrarem do seu Deus, esta festa seria para trazer à lembrança de Israel a redenção operada por Jeová. "Não era por meio de bilhetinhos mnemônicos sobre a mão ou a testa que uma lei seria colocada na boca, a ponto de se falar dela continuamente, mas por sua recepção no coração e seu contínuo cumprimento" (KD).

**11-16.** A lei dos primogênitos (cons. 22:29; Dt. 15:21, 22).

**12. Apartarás** (lit., *farás passar para o Senhor*). Esta não é a palavra costumeira para *separar*, mas a palavra usada para descrever a prática pagã de sacrificar os filhos aos seus deuses (II Reis 16:3; Ez. 20:3). Pode ser que o Senhor usou esta palavra propositadamente para tornar clara a diferença entre esta dedicação e a dos pagãos,

**13.** O jumento não era um animal usado no sacrifício, por isso era preciso substituí-lo com um cordeiro. O primogênito dos homens seria redimido com prata, como o povo seria mais tarde informado (Nm. 3:47; 18: 16). A responsabilidade do serviço tendo sido transferida para os levitas como representantes do povo, fez com que a única exigência feita à nação, fosse a de que reconhecesse os direitos divinos sobre ela.

**15.** Deste modo tudo o que Israel era e tudo o que possuía eram continuamente apresentados ao Senhor que a redimira.

**16. Frontais.** O hebraico *totapot*, o "filactério" do N.T. Mais tarde os judeus seguiram literalmente a esta exortação atando em suas testas e braços fitas às quais atavam pequenas caixas de couro contendo versículos das Escrituras escritos em pergaminhos. Era propósito de Deus que a festa e a consagração (não pequenas caixinhas), servissem de lembrete para a mão e o coração.

**d) Passagem pelo Mar Vermelho. 13:17 – 14:31.**

A descrição da viagem, que começou em 12:37, continua agora. Havia uma boa estrada diretamente para a Palestina, subindo pelo litoral e passando por Gaza, mas esta os levaria, a intervalos, pelas fortalezas egípcias, e exigiria que lutassem, para o que não estavam preparados nem física nem psicologicamente. Com bondade cheia de sabedoria, Deus os levou por outro caminho.

**18. Deserto perto do Mar Vermelho.** Em hebraico, *Mar de Suf*, *Mar dos Juncos*. O erro de tradução, **Mar Vermelho**, deu uma visão totalmente errada da rota de Israel. Esta é uma palavra inteiramente diferente daquela que designa o que chamamos de Mar Vermelho ou Golfo de Suez. O Mar dos Juncos ou dos Charcos encontra-se mencionado na literatura egípcia do século treze A.C., ficando perto de Ramessés. Ou o Lago Timsa ou a extensão meridional do Lago Menzale encaixa-se na descrição. Estes lagos fazem parte do canal que unia o Golfo de Suez com o Mar Mediterrâneo e agora fazem parte do Canal. O Lago Timsa fica mais perto de Sucote. **Arregimentados.** O significado preciso é incerto. A E.R.C. diz **armados**.

**19.** A fé de José foi justificada (Gn. 50:25).

**20. Etã.** O local é desconhecido.

**21,22.** Não eram duas colunas, mas uma só, de nuvem de dia e de fogo de noite. As Escrituras desacreditam tentativas de explicar esses guias por meios naturais (cons. *Cambridge Bible*). A coluna era um sinal real da verdadeira presença de Jeová com o Seu povo.

## Êxodo 14

**14:1-31.** A passagem pelo Mar Vermelho. "O fato da passagem do Mar Vermelho só pode ser posto em dúvida por um ceticismo extremo e sem base" (*Cambridge Bible*).

**2. Retrocedam.** *Voltem* (E.R.C.); *mudem de direção* (Moffatt). **Pi-Hairote** e **Migdol** são mencionadas em inscrições egípcias mas ainda não foram identificadas com certeza. **Baal-Zefom.** Uma carta fenícia menciona "Baal-Zefom e todos os deuses de Tahpanhes". Tahpanhes é

Dafne, a moderna Tel Dafne, localizada perto da extremidade sul do Lago Menzale, a meio caminho entre Sucote e Ramessés. Isto explica as palavras "retrocedam". Em vez de se dirigirem diretamente para o leste partindo de Sucote, os hebreus voltaram-se novamente para o norte e foram então acampar junto ao lago pantanoso. Esta aparente incerteza no seu trajeto deve ter encorajado Faraó a crer que os israelitas não estavam conseguindo encontrar um lugar para atravessar a barreira líquida e que estavam encurralados, "vagando sem destino" (*American Transl.*).

**4. Serei glorificado em Faraó . . . e saberão os egípcios.** O fato de que havia ainda uma lição final a ser dada ao Egito, explica por que Deus os conduziu desse jeito, aparentemente sem objetivo.

**5. *Que é isto que fizemos*** (Moffatt). A saída de Israel foi descrita a Faraó como uma fuga, não uma peregrinação a um local de sacrifício.

**7. Capitães.** O significado exato é desconhecido; alguma espécie de oficial superior.

**8. *Com a mão erguida* (afoitamente).** "A mão erguida de Jeová com o poder de que é capaz" (KD).

**9. Cavalarianos.** Alguns acham a declaração anacrônica, uma vez que os egípcios não tinham cavalaria naquele tempo; mas a palavra pode muito bem significar os homens que dirigiam os carros puxados por cavalos. Esta possibilidade se admite em conexão com 15.1 por aqueles que a negam aqui (cons. *Cambridge Bible*).

**12. Deixa-nos.** Humanamente falando, eles estavam diante de destruição certa. Como é característico da natureza humana gritar, "deixa-nos". Nós preferimos jazer inertes na escravidão do pecado do que, com a coragem da fé, fazer um esforço para seguirmos a Deus em novidade de vida.

**13. Aquietai-vos.** Antes, *fiquem firmes* (cons. I Co. 15:58 "Sede firmes").

**14.** Vocês só têm de ficar firmes (cons. Is. 30:15; Sal. 46:10).

**15.** Não uma reprimenda mas uma advertência a que ajam, "Avançai!"

**19,20.** Por trás milagrosamente protegidos dos egípcios por uma espessa nuvem, ao mesmo tempo recebiam do Senhor um jato de luz para poderem atravessar.

**21.** A força natural usada por Deus para a realização deste milagre foi o vento oriental, talvez em conexão com uma forte maré vazante, como alguns supõem, talvez não. Basta que saibamos que Deus, precisamente no exato momento, fez a passagem ficar livre para o seu povo poder atravessar; e exatamente no momento exato trouxe as águas de volta, de modo que o inimigo foi destruído.

**24. Alvorotou.** *Colocou-os em pânico* (Moffatt). Na vigília da manhã, entre 2 e 6 horas da madrugada.

**25. Emperrou-lhes as rodas dos carros.** *Embaraçando, amarrando* (RSV, seguindo a LXX, Versão Siríaca e Samaritana, mais do que a Hebraica). As rodas dos carros afundaram na areia, que ficaram mais pantanosas no mesmo instante.

**27,28.** As águas que ameaçaram os israelitas em sua passagem, e que, a não ser pela divina mão que as refreou, os teriam destruído, agora desabaram sobre os egípcios. "Desta manifestação da onipotência de Jeová, os israelitas deviam discernir que Ele não era apenas o Libertador misericordioso, mas também o santo Juiz dos ímpios, para que pudessem crescer no temor de Deus como também na fé que tinham acabado de demonstrar" (KD).

**31. Confiaram.** Mais do que simplesmente creram (E.R.C.), implica em "apropriar-se firme e moralmente de uma pessoa ou coisa" (*Cambridge Bible*).

## Êxodo 15

### e) Cântico de Moisés. 15:1-21.

Embora os críticos reconheçam este hino de louvor como "um dos mais finos produtos da poesia hebraica" (*Cambridge Bible*), geralmente o relegam ao tempo da monarquia. Aham que poesia tão grandiosa não poderia ter sido escrita no tempo de Moisés! As Escrituras ligam este

hino triunfal com a canção de uma redenção maior, quando nas praias do mar eterno, no final e glorioso triunfo sobre todos os inimigos, os redimidos cantam "o cântico de Moisés . . . e o cântico do Cordeiro" (Ap. 15:3).

**1. Lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.** "Assim se descreve em poucas palavras, mas de maneira completa a ruína do exército de Faraó" (*Cambridge Bible*).

**2.** Portanto lhe farei uma habitação. A E.R.C. segue o Targum. A cláusula fica melhor traduzida assim, *portanto eu o louvarei* ou *lhe agradecerei*.

**3. Senhor é o seu nome.** Zombaria para com Faraó, o qual perguntara, "Quem é o Senhor?"

**7. Derribas.** O hebraico é mais forte – "despedaças e jogas os escombros sobre a terra" (*Cambridge Bible*).

**9. O inimigo dizia: Persegurei.** Quantas vezes os presunçosos propósitos do homem são frustrados pelo poder de Deus (cons. Is. 14:13,14). **Destruirá.** Literalmente, *desapropriará, desarraigará*.

**10.** "Um único sopro de Deus é suficiente para afundar o orgulho inimigo nas ondas do mar" (KD; cons. Sl. 46:6).

**11. Terrível em feitos gloriosos; espantoso em renome** (*American*).

**13. Habitação da tua santidade.** Como um pastor que leva o seu rebanho ao aprisco, Deus levava Israel à Sua habitação, a Terra Prometida.

**14. Palestina.** Hebraico, *Filístia*. Ironicamente, o nome da Terra Santa mais freqüentemente usado por nós é tirado do nome dos piores inimigos de Israel e de Deus.

**16. Espanto e pavor.** Até que quarenta anos se passassem e Israel entrasse na terra, o temor do Senhor estaria sobre os cananeus (cons. Js. 5:1; 2: 9,10).

**17. No santuário. . . que as tuas mãos estabeleceram.** Esse é o alvo, não o fato já estabelecido.

**20.** Embora Miriã fosse irmã de ambos, ela está colocada sempre junto na linha com Arão, não com Moisés. **Tamborim.** Pandeiro. A dança era, e ainda continua sendo no Oriente, a expressão da religião.

**21. Respondia.** Eles cantavam responsivamente, talvez as estrofes do cântico de Moisés (vs. 1-19).

### **G. Israel no Deserto. 15:22 - 18:27.**

Liberto da escravidão do Egito, Israel foi em seguida levado pelo Senhor ao Monte Sinai. A esta altura o povo de Deus era uma multidão desorganizada, briguenta, sem fé. Tinha de ser moldado em uma nação, capaz de servi-Lo. Por isso tudo, inclusive sua marcha ao Sinai, devia contribuir para o seu treinamento. A tradicional trajetória, margeando a península pelo oeste, continua sendo a mais amplamente aceita pelos mestres da Bíblia, e a mais razoável. Embora os lugares exatos mencionados nas Escrituras não possam ser identificados com certeza, os locais em geral foram muito bem estabelecidos. (Para tomar conhecimento de variantes da rota, cons. Rand McNally, *Bible Atlas*).

**22. Deserto de Sur.** A leste do Suez, na parte setentrional da península. Sur significa parede em hebraico. Em Nm. 33:8 o local é chamado de "o deserto de Etã", que é o mesmo nome em egípcio. Possivelmente recebeu este nome por causa da linha de fortes construídos ali. **Três dias.** Em três dias a água que levavam junto teria terminado, embora não tivessem andado mais de 24 kms.

**23. Mara.** Este local identifica-se razoavelmente com Ain Hawarah, ainda uma pequena fonte de água salobra, desagradável.

**24. Murmurou.** Esta era a quase automática reação de Israel, como tem sido a reação de multidões do povo de Deus desde então, diante de qualquer e cada dificuldade.

**25,26.** A busca para uma explicação natural deste milagre, com alguma espécie de árvore que transformasse água ruim em boa, é completamente inútil. Por meio desta prova do cuidado e poder de Jeová,

estabeleceu-se uma ordenança para todos os tempos que, para os obedientes, Deus comprovaria ser Jeová *Rop'ekei*, "Jeová que te cura".

**27. Elim.** A cerca de 9,6 kms de Ain Hawarah fica um lindo e grande oásis com abundância de água, Wadi Gharandel, o qual corresponde à descrição de Elim.

## Êxodo 16

**16:1. Deserto de Sim.** De acordo com Nm. 33:10-12, o povo de Israel viajou ao longo do litoral, possivelmente pela costureira rota até as minas do Sinai. Em Dofcá voltaram-se na direção do Deserto de Sim. Se Dofcá pode ser identificada com Serabit el-Khadem, então o Deserto de Sim é a planície ao longo da margem do platô, chamado Debbet er-Ramleh. As indicações geográficas são demasiadamente precárias para termos muita certeza.

**2.** Novamente, as circunstâncias da provisão divina combinadas para provar a fé e a obediência de Israel.

**7. A glória do Senhor.** O olho da fé vê a glória do Senhor no pão e na carne que Ele fornece. **Que somos nós.** *Nós não somos ninguém, por que vocês se queixam de nós?* (Moffatt).

**10. E eis que a glória.** A evidência inequívoca da presença de Deus na coluna de fogo autenticou as palavras de Moisés e preparou o povo para a glória ainda mais velada do milagre seguinte.

**14. Uma coisa fina e semelhante a escamas.**

**15. Isto é o pão (maná).** De *meinhu* "que é isto?" O nome **maná** pode ter surgido da pergunta, ou então a semelhança de sons pode ter relacionado as duas palavras.

**16. Ômer.** Cerca de duas quartas (1 quarta - 1,13 litros).

**23. Sábado.** Isto indica que embora o sábado já fosse conhecido, não era guardado de uma maneira especial.

**31. Maná.** Há uma espécie de tamargueira que cresce na Península, da qual poreja, talvez devido à picada de um inseto, durante as noites de verão, um líquido que forma pequenas bolinhas brancas. Os árabes as



ajuntam, as quais depois de cozidas, são usadas como mel. Tem um sabor e um aroma adocicados. Podem ser guardadas durante muito tempo em um local fresco, mas derretem ao sol; não podem ser moídas ou assadas. Parecem-se muito com o maná da Bíblia, mas também diferem bastante. As Escrituras, não apenas em sua descrição do maná, mas em seu registro da maravilhosa provisão durante os quarenta anos (v. 35) tornam claro que o maná não era um fenômeno natural, mas uma provisão especial da mão do Senhor. **Coentro.** Uma semente miúda de um branco cinza, com um agradável sabor, muito usada como condimento.

**33,34. Diante do Senhor . . . diante do Testemunho.** Isto é, diante das tábuas da Lei na arca. Esta orientação deve ter sido dada mais tarde, talvez quando o maná estava para acabar.

**35.** Isto não deve ser compreendido que os israelitas não tivessem nada mais para comer durante os quarenta anos. Durante a estada no Sinai, puderam muito bem semear e colher cereais, e também de tempos em tempos obter alimento com os mercadores.

## Êxodo 17

### 17:1-7. Água da rocha de Refidim.

Do planalto do Deserto de Sim, uma série de vales que levam diretamente ao Monte Sinai. Um destes, o Wadi Refavid, há quem diga ser o vale de Refidim.

**2. Contendeu.** *Criticou, Tentais, Experimentais.* Era a incredulidade que os levava a duvidar da fidelidade de Deus (v. 7).

**6. Horebe.** Usado nas Escrituras como termo intercambiável com Sinai. Pode ter uma referência mais ampla, à cadeia de montanhas da qual o Sinai é um dos picos. Em Refidim, então, Israel se aproximava do final de sua viagem imediata. **Ferirás a rocha.** Uma explicação natural deste milagre tem sido apresentado, dizendo-se que certas formações rochosas nesta área são simplesmente uma fina camada de calcário que poderia se partir com o golpe de uma vara, permitindo a água sair. O

apóstolo Paulo nos diz que "a pedra era Cristo" (I Co. 10:4). Sejam quais forem os meios que Deus usou, o fato importante é que ficou manifesto aos israelitas que o seu auxílio vinha do Senhor.

**7. Massá. Provando (tentaram),** do verbo usado em 17:2. **Meribá,** Desavença, traduzido para "contendeu" no versículo 2.

**8.** Amaleque era uma tribo, ou grupo de nômades ferozes e vorazes, tal como os beduínos de hoje. Embora descendessem de Esaú (Gn. 36:12), não faziam parte da nação de Edom. De acordo com Dt. 25:18, atacaram Israel por trás, assaltando covardemente os peregrinos "abatidos e afadigados". isto explica o severo juízo de Êx. 17:14.

**9.** Esta é a primeira vez que Josué aparece, destinado a ser o grande sucessor de Moisés.

**10. Hur.** A tradição judia faz dele o marido de Miriã (Jos. *Antiq.* III. 2:4).

**11.** Comentadores, antigos e modernos consideram quase unanimemente este ato de Moisés como um ato de oração. Como tal, expressou uma atitude de dependência de Deus que determinou o resultado da batalha, e serviu para demonstrar a realidade desta dependência a todo o povo. "A batalha que Israel enfrentou contra este inimigo possuía um significado típico em relação a toda a futura história de Israel. Ela (Israel) não conquistaria apenas pela espada, mas só alcançaria a vitória pelo poder de Deus, que viria do alto por meio da oração" (KD).

**13. Desbaratou.** Dizimou, invalidou, prostrou.

**15. Jeová-nissi. O Senhor é a minha bandeira.**

**16. O Senhor jurou.** Literalmente, uma mão sobre o trono de Jeová. Algumas autoridades bíblicas preferem *nes*, "bandeira", em vez de *kes*, "trono" e traduzem assim, uma mão sobre a bandeira do Senhor (R.S.V.); ou, *juramos lealdade à bandeira do Eterno* (Moffatt). Este deveria ter sido um voto feito por Moisés e, assim, uma advertência ao povo de Israel de se empenhar em cumprir o propósito de Deus (v. 14).

## Êxodo 18

**18:1-27. A visita de Jetro e a designação de juízes.**

**2. Depois que este lha enviara.** Cons. 4: 24-26.

**3.** Cons. 2:22.

**5. Monte de Deus.** A seqüência desta passagem tem sido posta em dúvida porque até o capítulo 19 não se menciona que Israel tenha chegado ao Sinai. Contudo, uma vez que mesmo em Refidim poderia se dizer que estivessem no monte de Deus - Horebe (17: 6), parece que não há nenhum problema aqui na seqüência da narrativa.

**7. Inclinou-se.** A costumeira etiqueta oriental.

**11.** Jetro, na KD, foi chamado de "as primícias dentre os pagãos que dali por diante buscariam o Deus vivo". O testemunho de Jetro e o subsequente ato de adoração parece indicar uma experiência de conversão, e invalida a teoria de que foi de Jetro e dos midianitas que Moisés recebeu o conhecimento de Jeová.

**15. Consultar a Deus.** As decisões de Moisés e as ordenanças sobre as quais se baseavam vinham, em última análise, de Jeová.

**18. Desfalecerás.**

**21. Chefes de mil.** É melhor aceitar isto como significando "mil famílias" e não indivíduos, seguindo assim a natural divisão tribal. Driver acha isto impraticável, porque um homem ficaria sujeito a quatro juizes diferentes (*Cambridge Bible*). Mas presume-se que estas diferentes categorias funcionariam como tribunais superiores e inferiores. A maioria dos problemas seriam resolvidos, como em nosso próprio sistema, pelo tribunal inferior, pelos "chefes de dez".

**24. Moisés atendeu.** Moisés tem sido criticado por esta atitude. Contudo, Jetro condicionou seu conselho com, "se assim Deus to mandar"; e podemos deduzir que Moisés consultou o Senhor. Além disso, não há registro de que Deus tivesse repreendido Moisés. Em Dt. 1:15 Moisés explica como os juizes foram escolhidos dentre os líderes, sábios e conhecidos, nas diversas tribos.

---

## **II. Israel no Sinai. 19:1 - 40:38.**

O ano da peregrinação ao Sinai teve dois resultados: 1) Israel recebeu a Lei de Deus e foi instruída nos caminhos de Deus; e 2) a multidão que escapou do Egito foi unificada, dando começo a uma nação. Este período é da maior importância para compreendermos a vontade e o propósito de Deus conforme revelado no restante do V.T. Este é o ponto central do que tão freqüentemente as Escrituras chamam de "a Lei". O registro da viagem ao Sinai e a doação da Lei ali, ocupam não só o restante do Êxodo, mas também o livro do Levítico e os primeiros capítulos de Números.

A hipótese de Graf-Wellhausen, promulgada no século dezenove, que negou até mesmo a existência de um Tabernáculo, fez destas leis um simples reflexo dos costumes de séculos posteriores. Na primeira metade deste século temos um reverso desta filosofia, de modo que agora praticamente todos os mestres estão prontos a admitir que a estrutura e o coração da Lei são mosaicos. Críticos ainda insistem que a Lei, como nós a conhecemos aqui, foi modificada a partir do original e consideravelmente criticada em séculos posteriores. Embora não seja de todo impossível que conceitos e ordenanças fossem incluídos mais tarde, aqueles que consideram a Lei como uma revelação de Deus, aceitam-na na sua forma presente como sendo substancialmente aquilo que Moisés recebeu. Mesmo os críticos que negam isto teoricamente, acham que é difícil decidir qual das ordenanças teriam sido posteriormente acrescentadas.

### **A. Estabelecimento da Aliança no Sinai. 19:1 – 24:11.**

A história da chegada ao Sinai e à apresentação divina da Sua aliança, segue-se o assim chamado Livro da Aliança (caps. 20.23), no qual se estipula o código básico. Depois segue-se a narrativa da ratificação da aliança pelo sacrifício e aspersão do sangue.

## Êxodo 19

### 1) Chegada ao Sinai e Preparação para a Aliança. 19:1-25.

**19:1. No primeiro dia.** A tradição judia acha que foi o dia do Pentecoste, e que o propósito da Festa do Pentecoste era celebrar a doação da Lei. Contudo, a expressão é muito generalizada para indicar qualquer dia em particular. **Deserto de Sinai.** A cadeia de montanhas meridional, situada na ponta da península triangular, tem três pontos elevados. Os árabes chamam o pico central de Jebel Musa; o do sul, Jebel Hum; e o terceiro, Jebel Serbol. Cada um desses montes tem sido declarado como sendo o Sinai das Escrituras, mas desde o quarto século A.D., pelo menos, o Jebel Musa tem sido o mais ampla e consistentemente defendido. O **deserto do Sinai** deve ser uma planície perto da montanha (v. 2), suficientemente grande para Israel acampar ali. Tal lugar foi encontrado em Er-Raha, ao norte do Jebel Musa, ou no Wadi es-Sebayeh, ao leste.

O primeiro tem cerca de quatrocentos acres (1 acre - 4.047m<sup>2</sup>) de extensão, bastante amplo para qualquer número de hebreus. Partindo do er-Raha, o Wadi ed-Deir, "Vale da Aliança", leva a uma selada entre Jebel Musa e Jebel ed-Deir, onde se localiza o famoso mosteiro de Sta. Catarina. O mosteiro foi construído por Justiniano em 527 a.C., em um local já anteriormente ocupado por uma igreja que identificava o lugar, onde se cria, que Deus tinha aparecido a Moisés em uma sarça ardente. O Wadi es-Sebayeh é um vale longo e estreito, não tão cômodo como o Er-Raha, mas com melhor acesso à montanha. É difícil, se não impossível, decidir qual destes picos e vales se encaixam na descrição dada nas Escrituras.

**3. Casa de Jacó.** O nome de Jacó lembra as profundezas das quais Deus os tirou.

**4. Sobre asas de águias.** Uma alusão a uma espécie de abutre, ave grande e majestosa, muito abundante na Palestina.

**5.** A aliança se baseava sobre o fato realizado da redenção do Egito, uma redenção que Israel recebera pela fé. "A teocracia estabelecida pela

conclusão da aliança foi apenas o meio adotado por Jeová para fazer do Seu povo escolhido um corpo real de sacerdotes; e a guarda da aliança era a indispensável condição subjetiva da qual dependia a consecução deste destino e glória determinados" (KD). Devemos também nos lembrar que a Lei não anulou a aliança feita com Abraão (Gl. 3:17). "A aliança da lei levantou-se com base na aliança anterior da graça, e procurou executá-la na direção de suas conseqüências legítimas e devidos frutos" (Patrick Fairbairn, *The Typology of Scripture*, II, 143).

**Propriedade peculiar.** *Minha estimada possessão* (Moffatt).

**6. Sacerdotes e nação santa.** "Assim como o sacerdote é um mediador entre Deus e o homem, Israel foi chamada para ser o veículo do conhecimento e da salvação de Deus às nações da terra. . . Ele escolheu Israel por Sua propriedade, para torná-la uma nação santa, se atendesse a Sua voz e guardasse a Sua aliança" (KD).

**8. Tudo o que o Senhor falou, faremos.** O povo de Israel sem dúvida não percebeu todas as implicações do seu voto. Como também o cristão não compreende tudo o que está vinculado ao ato dele se apresentar como "um sacrifício vivo" a Deus. Em ambos os casos há uma reação da fé para a expressão da vontade de Deus, o Redentor.

**9. Creiam sempre.** A aparição do Senhor impressionaria o povo e ao mesmo tempo reforçaria a autoridade de Moisés.

**13. Tocar.** Um transgressor não devia ser seguido à montanha, mas apedrejado ou flechado à distância. **Buzina.** Antes, *chifre de carneiro* (Moffatt); esta não é a mesma palavra usada nos versículos 16, 19.

**16.** A vã tentativa de determinar que tipo de fenômeno foi descrito aqui – terremoto, vulcão, ou tempestade – erra o alvo, pois fosse o que fosse, era simplesmente a manifestação da presença do Senhor. Não foi um distúrbio natural que convenceu um povo supersticioso da presença de Deus; foi o próprio Deus tomando conhecida a Sua presença.

**21. Desce, advertete.** Esta não é uma confusão de duas narrativas, mas uma repetição da ordem que já foi dada em 19:12.

**22. Sacerdotes.** "Não os sacerdotes levíticos, que ainda não tinham sido escolhidos, mas aqueles que até então desempenhavam as obrigações do ofício sacerdotal de acordo com o direito e costume natural" (KD).

## Êxodo 20

### 2) Os Dez Mandamentos. 20:1-20.

A Lei não foi dada como meio de salvação. Foi dada a um povo já salvo (19:4; 20:2) a fim de instruí-lo na vontade do Senhor, para que pudesse realizar o propósito de Deus como "um reino de sacerdotes e uma nação santa" (19:6). A revelação foi dada "não para dar, mas para orientar a vida" (Patrick Fairbairn, *The Typology of Scripture*, pág. 274).

A divisão da Lei em Moral, Social ou Civil e Cerimonial ou Religiosa, é enganosa embora seja conveniente. A Lei é uma, e toda a Lei é espiritual, quer trate de colheitas, criminosos ou adoração. O comentário de Calvino examina todas as subseqüentes leis sob um ou outro dos Dez Mandamentos. Isto é altamente justificado e uma excelente ilustração da unidade e do espírito da Lei. "O que se chama de lei cerimonial, portanto, era no seu aspecto mais imediato e primário uma exibição por meio de rituais simbólicos e instituições da justiça prescritas no Decálogo, e uma disciplina através da qual o coração deveria ser forjado de conformidade com a própria justiça" (Fairbairn, *Typology*, II, 157).

O Decálogo, ou as **Dez Palavras** (Dt. 4:13) foi diretamente transmitido a todo Israel por uma voz audível e terrível, a voz de Jeová, soando como uma trombeta sobre a multidão (Êx. 19:16; 20:18). Aterrorizados com a experiência, o povo implorou que Deus não lhe falasse mais diretamente, mas através de Moisés. O restante da Lei, então, foi dado a Moisés como mediador, mas o ponto central da Lei já tinha sido transmitido. Os Mandamentos foram repetidos, com pequenas mas irrelevantes variações em Dt. 5:6-18. Isto fornece aos críticos material para um argumento quanto à idade relativa e à autenticidade dos

dois registros. Fez-se também uma tentativa de se descobrir um "decálogo ritual" em Êxodo 34, mas não tem sido muito aceita. Embora alguns neguem que Moisés tivesse algo a ver com os Mandamentos ou que eles fossem conhecidos por Davi, Elias ou mesmo Jeremias, muitos mestres da atualidade têm aceito a declaração bíblica e crido que os Mandamentos retrocedem aos dias de Moisés.

Há diferentes maneiras de dividirmos os Mandamentos. As Igrejas Luterana e Católica Romana seguem Agostinho em fazer dos versos 2-6 o primeiro mandamento, e então dividindo o versículo 17, sobre a cobiça, em dois. O Judaísmo moderno faz do versículo 2 o primeiro mandamento e dos versículos 3-6 o segundo. A mais antiga divisão, que remonta aos dias de Josefo, no primeiro século AD., toma 20:3 como sendo o primeiro mandamento e 20:4-6 o segundo. Esta divisão foi unanimemente aceita pela igreja primitiva e continua sendo hoje mantida pelas igrejas Ortodoxa Oriental e Protestantes.

**2.** É importante observar que a base para os mandamentos divinos e o fundamento para as obrigações do povo era o fato de Jeová ser o seu Senhor e Deus que o redimiu. Estas injunções são dadas a um povo salvo para lhe ensinar como andar nos caminhos de Deus, mas notamos que "quase todos os mandamentos são expressos na forma negativa da proibição, porque pressupõe a existência do pecado e maus desejos no coração humano" (KD).

**3.** O Primeiro Mandamento. Isto é mais do que uma simples proclamação de monoteísmo. Proíbe a adoração ou a veneração de qualquer outra coisa além de Deus, em pensamento, palavra ou ato, "para que em tudo tenha a preeminência" (Cl. 1:18).

**4-6.** O Segundo Mandamento. Proíbe a criação e o uso de imagens esculpidas como objeto de adoração. Mas, de maneira mais essencial, é um lembrete de que Deus é Espírito, que não deve ser concebido à imagem do homem ou de qualquer outra criatura. **Visito a iniquidade** (v. 5). Os resultados do pecado, vê-se que afetam de três a quatro gerações, mas a misericórdia de Deus estende-se a milhares. "Ele não diz



que será fiel ou justo para com os guardadores de Sua lei, mas misericordioso" (Calvino). **Aqueles que me amam** (v. 6). "A fonte e origem da verdadeira justiça está expressa, pois a eterna guarda da lei não teria valor se não fluísse delas" (Calvino).

7. O Terceiro Mandamento. Proíbe o uso do nome de Deus "a serviço da incredulidade e mentira" (KD). Consubstanciar nossa falsidade apelando para Deus, provoca juízo certo. Aqui também se pode descobrir o poder moral para a injunção feita aos cristãos, "que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados" (Ef. 4:1, isto é, não tomar o nome de Cristo em vão).

"O Primeiro Mandamento resguarda então a unidade de Deus, o segundo a Sua espiritualidade, e o terceiro Sua divindade ou essência. No primeiro somos proibidos de fazer que Deus seja um entre muitos quando Ele é o Único; no segundo de O igualarmos a uma imagem corruptível, quando Ele é o Espírito incorruptível; no terceiro de identificá-Lo de qualquer modo com a criatura, quando Ele é o Criador" (James Murphy, *Commentary on Exodus, in loc.* ).

8-11. O Quarto Mandamento. A palavra **sábado** significa, não descanso ou repouso, mas interrupção do trabalho. Aqui se apresenta objetivamente a razão do sábado, pelo fato de Deus ter cessado a obra da criação no sétimo dia. Subjetivamente, em Dt. 5:14,15, há uma razão apresentada no fato do homem precisar de descanso. Também os israelitas foram lembrados de que Deus os redimiou da escravidão do Egito para desfrutarem do seu repouso. A guarda do sétimo dia da semana como sendo o sábado não foi revogada no N.T., mas o sábado da Nova Criação é mais naturalmente celebrado no dia quando Cristo, tendo terminado Sua obra consumada, levantou-se dos mortos. A igreja apostólica celebrava ambos, o primeiro e o sétimo dias, mas logo interromperam o velho costume hebreu.

12. O Quinto Mandamento. Este mandamento faz uma divisão entre os mandamentos que tratam do relacionamento do homem com Deus e aqueles que o relacionam com o seu próximo. Um homem está obrigado

a honrar seus pais como honra a Deus, e a assumir para com eles as mesmas responsabilidades que tem para com os seus próximos. **Para que se prolonguem os teus dias.** Isto pode ser entendido como referindo-se tanto à estada de Israel na terra prometida, quanto à vida do indivíduo. Não só em Israel, mas em todas as nações e vidas individuais, a destruição do lar marca o começo do fim.

**13. O Sexto Mandamento.** Defende a santidade da vida humana e proíbe o homicídio por qualquer motivo. Mas este mandamento tem sido erroneamente citado contra a pena capital administrada pelo estado. Tirar a vida judicialmente como castigo por crime está autorizado em Êxodo 21, como também em Romanos 13. Por outro lado, poucas vezes se enfatiza que este mandamento se aplica a qualquer coisa que degrade o homem e o prive da vida rica e plena que é da vontade de Deus que ele desfrute.

**14. O Sétimo Mandamento.** Embora se dirija especificamente à manutenção da pureza e santidade do casamento, também foi aplicado por Jesus a toda imoralidade sexual de pensamento e ato (Mt. 5:27, 28).

**15. O Oitavo Mandamento.** Os direitos da propriedade privada devem ser respeitados.

**16. O Nono Mandamento.** "Além da mentira ser proibida, também as provas falsas e infundadas em geral" (KD).

**17. O Décimo Mandamento.** A cobiça é "o desejo desordenado de uma coisa que não possuímos" (G.A. Chadwick, *Exodus in Expository Bible*). "O mais íntimo de todos os mandamentos, proibindo não um ato externo, mas um estado mental escondido, isto é, um estado que é a raiz de quase todo o pecado contra o vizinho" (*Cambridge Bible*). É basicamente o pecado de Adão e Eva, de desejar aquilo que não era da vontade de Deus que tivessem.

**20. O seu temor esteja diante de vós.** *Evitem o pecado reverenciando-o constantemente* (Moffatt).

**3) A Constituição da Aliança. 20:21 - 23:33.**

As ordenanças logo a seguir transmitidas a Moisés e através dele ao povo tratam de 1) a adoração em geral (20:22-26); mais ou menos extensamente de 2) relações sociais e direitos humanos (21:1 – 23:13); e finalmente de 3) o relacionamento do povo com Jeová (23:14-33).

Antigamente alguns críticos acharam base nestas leis para datarem esta seção de muito tempo após a época de Moisés. Desde a descoberta de um número de códigos legais muito anteriores ao mosaico – como, por exemplo, o Babilônico, o Assírio, o Hitita, e o Sumeriano – a prática agora é determinar a "dependência" do código hebraico para com aqueles mais antigos. Povos que viveram mais ou menos na mesma época e sob culturas semelhantes exigiriam legislação dentro das mesmas linhas, é óbvio, mas isto não constitui uma dependência. "Estas leis não são todas novas, mas costumes combinados aprovados, já estabelecidos, com legislação nova, própria para a ocasião... ; a prudência também se mostra na adaptação da legislação não tanto à presente situação nômade como ao futuro estabelecimento em Canaã" (*Catholic Commentary*). O espírito da lei mosaica se encontra nos Dez Mandamentos. Além dessa gente à qual as leis foram dirigidas ser diferente das nações à sua volta, as suposições implícitas nas leis também eram radicalmente diferentes.

**a) Forma Geral de Adoração. 20:22-26.**

Aqui se enfatiza a ordem (vs. 22, 23) de que o Deus, cuja presença foi manifestada a todo Israel, não deveria ser comparado a nenhuma imagem produzida pela invenção do homem. Nenhuma estrutura requintada deveria assinalar o acesso de Israel a Jeová, mas um simples altar de terra ou pedra comum, não trabalhada (vs. 24-26). Este preceito não discorda de instruções posteriores relativas ao altar de bronze (27:1-9), mas trata de uma situação particular. Altares não deveriam ser levantados por toda parte, mas onde "Eu motivar a lembrança do meu nome" (RSV). Em tais lugares um altar simples deveria ser levantado, não um santuário enfeitado. A aplicação prática da ordem se encontra em

muitos lugares na história posterior (Jz. 6:25, 26; Js. 8:30; 1 Reis 18:30-32). **Degrau** (v. 26). Roupas flutuantes se levantariam com o erguer dos pés e o corpo seria conseqüentemente exibido. Outros regulamentos tratam do serviço sacerdotal em altares maiores (28: 42).

## **b) Relacionamentos Cíveis e Sociais. 21:1 – 23:13.**

### **Êxodo 21**

**21:1-11.** O Escravo Israelita. Esta lei trata apenas dos escravos hebreus; escravos estrangeiros são considerados em Lv. 25:44-46. Hebreus podiam vir a se tornarem escravos por sua própria vontade, por causa de pobreza, ou qualquer outra desgraça particular. Os regulamentos garantiam-lhes que fossem tratados como irmãos sob tais circunstâncias. Alguém já sugeriu que estas não eram propriamente leis a serem impostas, mas antes direitos humanos a serem observados (KD, por exemplo).

**2. Sétimo** (ano). O ano sabático, o fim do trabalho (cons. 21:2; 23:10, 11).

**3,4.** O escravo deve sair na mesma condição pessoal em que entrou.

**6. Aos juízes.** Embora a palavra seja *Elohim*, geralmente usada para com Deus, a transação em questão, sem dúvida, realizava-se diante de juízes que agiam como representantes da justiça divina (cons. Sl. 82:6; Jo. 10:35). **À porta.** Ficava assim preso à casa para sempre, simbolicamente, pelo ouvido (orelha) que é o órgão da audição e obediência.

**7-11.** Para a escrava a ordem é diferente, a qual, como concubina ou mesmo esposa, podia se tornar parte da casa do seu senhor. Ela era protegida por três regulamentos: não podia ser vendida a um gentio, num tipo de escravidão completamente diferente (v. 8); se fosse tomada por esposa de um filho, devia ser tratada como filha (vs. 9,10); se não recebesse o alimento, as roupas e os direitos de uma esposa, devia ser libertada (v. 11). O pai, que por causa das circunstâncias fora assim

forçado a dispor de sua filha, não a vendia para uma escravidão cruel, mas a enviava para uma casa onde sena tratada tão bem quanto na sua própria.

**12-17. Crimes Capitais.** A santidade da vida destaca-se por estas leis contra o homicídio, rapto e dolência. Deus refreia a violência dos homens pecadores por esta sanção de justiça estrita. **Deus lhe permitiu** (v. 13). Nós diríamos "acidentalmente", mas para o hebreu não havia "acidentes" em um mundo onde Deus reinava supremo.

**18-32. Injúrias Físicas, quer Infligidas por Homem ou Animal.** Aqui novamente se destaca o valor do indivíduo diante de Deus. Estas também se encaixam mais na qualidade de advertências e não de ordens: ferimento resultante de uma briga (vs. 18,19); ferimento produzido em escravo (vs. 20, 21); ferimento em mulher grávida (vs. 22.25).

**22. Sem maior dano,** isto é, além da perda da criança, nenhuma injúria permanente resultou. Os versículos 23-25 apresentam a *lex talionis* (lei da retaliação) tão freqüentemente citada como típica das severas leis do V.T. Deve-se notar em primeiro lugar que esta ordenança se restringe a questões de prejuízos físicos apenas. Segundo, seu propósito não era reforçar a regra, mas refrear a vingança apaixonada, a qual, devido a um leve ferimento, muitas vezes revidava com a morte e a destruição. Os escravos deviam ser libertos em retribuição de uma injúria permanente (vs. 26, 27). Quando os homens sofressem injúrias físicas provocadas por animais, os proprietários eram os responsáveis (vs. 28-32).

### **21:33 – 22:17. Leis Referentes à Propriedade.**

**33-36. Ferimentos Produzidos por Animais.** Nestes casos a responsabilidade era estabelecida por negligência ou falta de precaução. Deixar aberta uma cova (v. 33). Isto se refere a cisternas para armazenamento de água ou cereais. "Estou espantado com a imprudência com a qual poços e covas ficam descobertos e desprotegidos por todo este país" (Thomson, *The Land and the Book*, II, 283; cons. 1, 89, 90; II, 194; III, 458).

## Êxodo 22

**22:1-4. Ladrão . . . arrombando** (v. 2). Literalmente, *cavando através*. O caminho de acesso costumeiro para um ladrão era cavar através das paredes de barro da casa, relativamente fracas. **Será culpado de sangue** (v. 3). *O dono da casa é culpado* (Moffatt). Um golpe mortal desferido nas trevas em defesa da vida e da propriedade era desculpável, mas à luz do dia, era o raciocínio, tal defesa violenta não seria necessária. A vida, mesmo a de um ladrão, tem importância diante de Deus. **Vendido**. Não como castigo mas como restituição.

**5-17.** Perda de valores, quer através de acidente, roubo ou qualquer outro motivo. Os versículos 5 e 6 referem-se à restituição por danos causados a campos e colheitas. Comer pode ser traduzido "pastar". Se danos forem causados ao campo, é necessário que haja restituição. Com uma leve alteração o versículo poderia ser assim: "Se um homem provocar um fogo em um campo ou numa vinha", isto é, ao queimar ervas daninhas. Fora de controle, o fogo destrói outro campo.

Perdas e danos de bens em depósito (vs. 7-13). Não se conheciam armazéns ou caixas-fortes, ou mesmo bancos. Se um homem tinha de ausentar-se de casa, confiava sua propriedade a um vizinho digno de confiança. Em certo sentido, esta lei servia para segurança do vizinho. **Objetos** (v. 7). Um termo muito generalizado para uma grande variedade de coisas. **Juízes** (v. 8). Cons. 21:6. **Negócio frauduloso** (v. 9). *Abuso de confiança*. **Juramento do Senhor** (v. 11). Quer diante de juízes ou por meio de juramento, as questões deviam ser acertadas diante de Deus e em reconhecimento de Sua lei. A Lei responsabilizava um homem por coisas que tomasse emprestado (vs. 14,15).

**16,17.** Sedução. A moça aqui é considerada como parte da riqueza da família e o ataque é examinado no que se refere à desvalorização por causa do dote, um item considerável, naquele tempo e hoje no Oriente. O crime moral é examinado em Dt. 22:22-27. **Dote**. Antes, preço do casamento. Era o preço pago pelo noivo aos pais ou à família da noiva (cons. Gn. 24:53).

**22:18 – 23:9. Leis Morais e Religiosas.**

Estas leis todas se baseiam no fato de Israel ser uma nação santa diante de Jeová.

**18. Feiticeira.** *Bruxa.* A prática maligna da magia e da adivinhação continua tendo grande influência em lugares pouco civilizados, e mesmo entre os supersticiosos em terras menos atrasadas. Estas poucas palavras costumam ser citadas freqüentemente e grandemente comentadas como prova de que a ignorância supersticiosa reinava no V.T., o qual portanto não pode ser inspirado. Estas leis têm sido grosseiramente aplicadas, como aconteceu no século dezessete com os julgamentos relacionados com a feitiçaria na Nova Inglaterra. O Novo Testamento, é verdade, não contém tais leis, porque a economia cristã não é uma autoridade civil como era a igreja do Velho Testamento. Isto, porém, não nega a realidade das práticas demoníacas ou a validade das leis contra elas.

**19. Bestialidade.** Este ato execrável era na realidade parte de alguma degradante prática religiosa daquele tempo.

**20. Sacrifícios a deuses estranhos. Será destruído.** Literalmente, *consagrado, separado* para Jeová. "Pela morte consagrado ao Senhor, ao Qual, ele não quis se dedicar em vida" (KD).

**21-27. Leis humanitárias para a proteção do pobre, do estrangeiro e do desamparado.** Estas advertências são esquecidas por aqueles que consideram a lei mosaica severa e nacionalista. Eu lhes ouvirei o clamor (vs. 22-24). O Deus que observa a queda do pardal, retribuirá devidamente ao cruel opressor.

**25. Juros.** O empréstimo de dinheiro como transação comercial é uma prática moderna e não se encaixa aqui. Dinheiro era emprestado, como ato de bondade àqueles que passavam grande necessidade! Cobrar juros em tais circunstâncias, lucrando com a necessidade do outro, contraria toda a decência.

**26. Veste.** Para o pobre que dormia em suas vestes, Uma grande manta retangular, a única vestimenta que valia como penhor, era a sua única proteção de noite.

**27. Eu o ouvirei.** Deus ouviria o grito que o cruel credor ignorava (cons. Thomson 1, 54, 99; III, 89).

**28.** Injuriar a Deus ou ao governo. "Desrespeito a Deus consiste não só de blasfêmias contra Jeová francamente expressas, as quais deviam ser punidas com a morte (Lev. xxiv. 11, e segs ) mas também do desprezo pelas Suas ameaças em relação aos membros mais pobres do Seu povo (vs. 22-27) e da recusa de lhes dar o que deviam receber (vs. 29-31). Compreendido desta forma, a ordem está intimamente ligada não somente com o que a precede, mas também com o que vem a seguir. O príncipe (lit., *aquele que está acima*) está mencionado junto com Deus, porque em sua posição exaltada ele tem de administrar a lei de Deus entre o Seu povo" (KD).

**29-31.** Os termos da aliança enfatizam a responsabilidade dos israelitas para com o Senhor. Eles deviam se mostrar santos não apenas naquilo que o Senhor exigia, mas na abstenção daquilo que estava proibido.

## Êxodo 23

**23:1-9.** O dever de preservar a verdade e a justiça. Os israelitas deviam andar em integridade e consideração para com todos os homens. Não deviam dar falso testemunho.(v. 1), isto é, **não espalharás notícias falsas**, nem ter qualquer conivência com aqueles que o faziam. **Testemunha maldosa.** Literalmente, *testemunha de violência*.

**2. Não seguirás a multidão.** Uma condenação clássica da violência da turba. A justiça não devia ser pervertida, nem por atos, nem por palavras, por causa da pressão da multidão. **Parcial.** Favorecer. Há quem pense que esta palavra é um erro de cópia e que se refere ao "rico" e não ao "pobre". Mas sempre há necessidade de se advertir contra a injustiça feita por causa de simpatia deturpada, além de outros motivos.

**4,5. O boi do teu inimigo.** Não é só a sua conduta que não deve ser determinada pela opinião pública, pela atitude da multidão, ou pela compaixão para com o pobre; a antipatia pessoal, a inimizade e o ódio



também não deviam levá-los ao comportamento injusto ou rude (cons. Mt. 5:44; Thomson, *op. cit.*, III, 345).

**6. Não perverterás o julgamento.** *Jamais deturpes os direitos do pobre no tribunal* (Moffatt). Este é o inverso do preceito de 23:3.

**7. Da falsa acusação te afastarás.** Não ter relacionamento algum com a injustiça. **Não justificarei.** A LXX diz, não justificarás. A tradução hebraica enfatiza, que fazer tal coisa, coloca a pessoa em oposição a um Deus santo que não justificará a maldade.

**8. Cega até o perspicaz** (lit., *o homem que vê*) **e perverte as causas** (não **palavras**) **dos justos.**

**9. Conheceis o coração do forasteiro.** Muitas e muitas vezes Deus enfatizou a responsabilidade aos israelitas para com aqueles que não tinham direitos ou compensações, fazendo-os se lembrarem de suas próprias experiências, das quais só a compaixão dEle pôde livrá-los.

**10-13.** Um Calendário Eclesiástico. As responsabilidades dos devotos; aqui só se faz uma rápida menção de assuntos que são tratados detalhadamente mais adiante. O Sábado, o Ano do Descanso e o Dia do Descanso (vs. 10-12). **Deixarás descansar e não a cultivarás.** Como o escravo devia ser libertado do trabalho (21:2), também a terra devia descansar no sétimo ano. O pobre podia comer daquilo que nascesse espontaneamente naquele ano (cons. Lv. 25:1-7, 20-22; Dt. 15:1-18; 31:10-13).

**12. O Sábado.** Cons. 20:8-11; 31:12-17; 35:1-3. **Para que descanse o teu boi... o filtro da tua serva e o forasteiro.** Isto acrescenta uma razão humanitária para a religiosa dada em 20:11, mas não a contradiz.

**13. Em tudo. . . andar apercebidos.** Driver (*Cambridge Bible*) acha que este versículo está deslocado e deveria seguir o versículo 19. Mas de acordo com KD é uma sentença transicional; o versículo 13a destaca sua fidelidade nas leis e trata dos seus próximos; e 13b os prepara para as leis que tratam do seu relacionamento com Jeová.

**c) As Festas da Peregrinação. 23:14-19.**

Embora houvessem outras ordenanças a serem guardadas, estes três eram os grandes festivais durante os quais todos os homens de Israel deviam apresentar-se diante do Senhor. Neles se comemorava não só a sua redenção, mas também as contínuas bênçãos e provisão de Deus. Tem-se enfatizado que não eram só obrigações, mas também direitos. "pois comemorar uma festa do Senhor e comparecer diante dEle eram privilégios concedidos por Jeová ao povo da Sua aliança" (KD).

**14. Festa.** Cons. 5:1.

**15. Pães asmos.** Inseparável, é claro, da Páscoa (cons. cap. 12; 13; Lev. 23:5). Ninguém apareça de mãos vazias perante mim. Ofertas deviam ser trazidas como prova de gratidão pelas bênçãos de Deus e como um tributo a Jeová seu Rei (cons. Dt. 16 : 16, 17).

**16. A festa da sega.** Pentecostes (Lv. 23:15-22; Nm. 28:26-31; Dt. 16: 9-12). **Festa da colheita.** Tabernáculos (Nm. 29:12 e segs; Lv. 23:34-43; Dt. 16:13, 14). Estas festas marcavam o começo e o fim da colheita de todo o produto da terra.

**18,19.** Três regras deviam ser observadas nas festas. 1 ) Deviam usar pão asmo, não só nesta festa, mas em todas as festas. 2) Não ficará gordura da minha festa para o dia seguinte (cons. 12:10). **Primícias.** A retenção desta confissão e expressão de gratidão trouxe o juízo sobre Israel muitas e muitas vezes (cons. Ml. 3:8). 3 ) Não cozerás o cabrito. Esta orientação parece esquisita dentro das outras, e há muito tem causado especulações dos comentadores. Então, na literatura Ugarit descoberta em 1930, descobriu-se que cozer o cabrito no leite de sua própria mãe era uma prática cananita usada em conexão com os rituais da fertilidade (*Birth of the Gods*, 1.14). Israel, apresentando os primeiros frutos, reconhecia que as bênçãos vinham de Jeová, não da feitiçaria.

**d) Última Exortação. 23:20-33.**

A aliança se conclui com estas palavras de promessa e advertência.

**20-12.** O Anjo de Jeová. "O nome de Jeová estava neste anjo; é o mesmo que dizer que Jeová se revelou nele; e por isso ele é chamado em 33:15,16 de a face de Jeová, pois a natureza essencial de Jeová se manifestou nele. Este anjo não era um espírito criado, portanto, mas a manifestação do próprio Jeová" (KD). "O anjo é o próprio Jeová, em uma temporária descida, à visibilidade, com um propósito especial" (McNeile, *Westminster Commentary*).

**23-33.** Promessa e Advertência. Deus prometeu expulsar as nações diante deles e os abençoar, providenciar por suas necessidades e protegê-los. O povo de Israel, do seu lado, devia se abster de toda idolatria e aliança com os povos pagãos.

**24. Destruirás. Derrubarás e quebrarás. Colunas.** Pedras colocadas perto de um templo ou em um bosque sagrado, um aspecto comum nos cultos cananitas.

**26. O número dos teus dias.** Ambos, o indivíduo fiel e a nação fiel receberam a promessa de que viveriam muito tempo.

**27. Meu terror.** O pânico que tomaria conta dos pagãos quando soubessem das grandes coisas que Deus realizaria em benefício de Israel (Js. 2: 11). **Confundindo.**

**28. Vespas.** É muito difícil que o sentido seja literal, embora alguns o aceitem. Determinar exatamente o que simboliza tem desafiado a imaginação de gerações de comentadores. Já se tem sugerido que as vespas representam egípcios, enfermidades, catástrofes naturais e assim por diante. A sugestão da KD de que foi o aguilhão do medo (v. 27) parece uma idéia razoável.

**29,30.** Depois de gradualmente expulsar os cananeus, o povo de Israel devia tomar posse da terra. Isto eles singularmente deixaram de fazer (Jz. 1;2).

**31. Porei os teus termos.** Só uma vez, sob o reinado de Salomão (I Reis 4:21), e por pouco espaço de tempo, Israel alcançou esses limites. Mar dos Filisteus. O Mediterrâneo. Deserto, o deserto entre o Egito e a Palestina.

**32,33. Que te não façam pecar.** A destruição dos cananeus foi necessária, e o contato com eles foi proibido para que não contaminassem o povo de Deus com seus pecados, como se fosse uma doença contagiosa.

## Êxodo 24

### 4) A Ratificação da Aliança. 24:1-11.

**1,2.** Estes dois versículos são na realidade a conclusão das palavras do Senhor no capítulo precedente. Deus deu a Moisés orientação quanto à ratificação da aliança, a qual diferia das ordenanças a serem transmitidas a todo o povo. Arão e seus dois filhos mais velhos, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos deviam adorar "de longe", enquanto Moisés se aproximava do Senhor. O restante do povo não devia subir a montanha.

**3. Palavras... estatutos.** Ordens positivas e decisões relacionadas a casos particulares (o conteúdo de 20:22 – 23:33) foram transmitidas ao povo. O Decálogo talvez não fosse incluído, uma vez que todo Israel o ouviu do próprio Jeová. "Era necessário que o povo não apenas soubesse o que o Senhor lhe impunha por meio da aliança que estava para ser estabelecida, e o que Ele lhe prometia, mas também que declarasse sua disposição de cumprir o que lhe era imposto" (KD).

**4. Altar . . . colunas.** "Como o altar indicava a presença de Jeová sendo o lugar onde o Senhor viria ao Seu povo para o abençoar (20:24), assim as doze colunas, ou pedras de divisa, não serviriam como meros memoriais da consumação da aliança, mas deviam indicar o lugar das doze tribos e também representar sua presença" (KD).

**5. Jovens.** Não eram primogênitos nem sacerdotes araônicos, mas homens escolhidos por Moisés para este ato em particular, talvez "os membros mais fortes e mais ativos da comunidade" (*Cambridge Bible*). Holocaustos, e sacrifícios pacíficos. É significativo que não se falasse em oferta pelos pecados. Era um povo redimido, que agora, por meio

desses sacrifícios de dedicação e comunhão, estava se empenhando e penetrando em uma comunhão íntima e entrelaçada com o seu Redentor.

**7. O livro da aliança.** O livro escrito por Moisés (v. 4) contendo as leis de 20:22 - 23:33.

**8.** "No sangue aspergido sobre o altar, a vida natural do povo estava sendo entregue a Deus, como uma vida que passou pela morte, para ser permeada pela Sua graça; e então por meio da aspersão do povo, ela lhe era novamente restaurada como uma vida renovada pela graça de Deus... tornava-se uma força vital, santa e divina, unindo Israel e o seu Deus... uma transposição de Israel para o reino de Deus, no qual ele se enchia dos poderes do espírito divino da graça e era santificado para ser um reino de sacerdotes, uma nação santa (19:6)" (KD). **A respeito de todas estas palavras.** Com base em todos esses regulamentos (*American Trans.*).

**9-11.** A ceia da aliança foi celebrada por Israel nos seus representantes. E viram o Deus de Israel (v. 10). "Não devemos ultrapassar os limites do cap. 33:20-23 em nossa concepção do que foi a visão de Deus; ao mesmo tempo devemos considerá-la uma visão de Deus em alguma forma de manifestação, que tornou a natureza divina discernível ao olho humano. Nada se diz da forma na qual Deus se manifestou" (KD).

### **B. Orientação para o Santuário e o Sacerdócio. 24:12 - 31:18.**

Tendo sido estabelecida a aliança, ainda havia a necessidade "de se dar uma forma externa definida à aliança concluída com o Seu povo e edificar um laço visível de comunhão na qual Ele pudesse se manifestar ao povo e este pudesse se aproximar dEle" (KD). Por causa disso Moisés foi chamado à montanha por um longo período. A construção do santuário não devia ser deixada aos cuidados dos projetos dos homens. "A orientação divina estendeu-se a todos os detalhes, porque todos eram importantes em relação aos desígnios de Deus" (KD). Ao mesmo tempo,

a ausência de Moisés serviu de teste para a sinceridade da recente dedicação e voto do povo.

### 1) Moisés Sobe à Montanha. 24:12-18.

12. As **tábuas de pedra** deviam ter nelas inscrito o Decálogo (31:18). **A lei e os mandamentos**, incluindo, provavelmente, as instruções (tora) para o santuário e o sacerdócio, e as leis contidas no Levítico e no Deuteronômio.

13. **Josué** acompanhou Moisés à montanha, mas parece que não se encontrava com Moisés quando Jeová lhe entregou as leis.

14. **Os anciãos**. Não necessariamente apenas os setenta de 24:1. Arão e Hur ficaram substituindo Moisés em sua ausência.

## Êxodo 25

### 2) Os Ofertas para o Tabernáculo. 25:1-7.

2. **Oferta**. Literalmente, *coisa levantada*. Uma oferta levantada dentre aquilo que se possui para dar ao Senhor.

3. **Bronze**. O bronze moderno, uma liga de cobre e zinco, não era conhecido dos antigos. O bronze, isto é, o cobre endurecido com estanho, foi muito usado até que o uso do ferro se generalizasse.

4. As tonalidades exatas das cores mencionadas são uru tanto difíceis de determinar. O **azul** aproximava-se mais do roxo ou violeta, enquanto o **púrpura** era um solferino (roxo avermelhado). Ambas as cores eram muito estimadas por Sua luminosidade.

5. **Peles de animais marinhos**. O significado da palavra hebraica é incerto, e diversas interpretações têm sido apresentadas: *focas* (ASV), *cabras* (RSV), *brotos* (American). Uma palavra semelhante em árabe significa "golfinhos" ou "dugongos". Outro ponto de vista é que não passa simplesmente da palavra egípcia que significa "couro" (Moffatt). **Texugos** foi sugerido pelo Talmude, mas poucas são as probabilidades

de que estas fossem as peles usadas. **Acácia**. Muito encontrada na península do Sinai, uma madeira resistente e durável.

### **3) Instruções para o Santuário. 25:8 – 27:21.**

Os nomes dados à estrutura comumente denominada de Tabernáculo são muitos. Foi chamada de "tenda", referindo-se geralmente à cobertura exterior; a "tenda da congregação", onde Deus se encontrava com o Seu povo (27:21); a "tenda do testemunho" porque continha a arca e o Decálogo (25:16); a "habitação" e "habitação de Jeová" (Nm. 16:9), ou "habitação do testemunho" (Êx. 38:21); e "o santuário" ou "lugar santo" (25:8). Os nomes "casa" ou "templo" (I Sm. 1:9; 3:3) também são usados, mas referem-se a uma condição mais acanhada do Tabernáculo. O nome comum é "tenda", um termo que os tradutores elevaram ao mais altissonante "tabernáculo", seguindo o *tabernaculum* da Vulgata.

Embora nenhum simbolismo seja atribuído ao Tabernáculo no texto, não pode haver dúvidas de que simbolizava para Israel, como para nós também, grandes verdades espirituais. Claramente ensinava o fato da presença de Deus no meio do Seu povo. Ao mesmo tempo indicava que Ele era um Deus santo no meio de um povo pecador, pois todo o arranjo do Tabernáculo tomava claro que "o caminho para o mais santo ainda não fora manifesto" (Hb. 9:8). Com a arca contendo o Testemunho, ele era "uma testemunha sempre presente dos direitos de Deus e deveres do homem" (*Cambridge Bible*).

**9. Segundo a tudo o que eu te mostrar.** Além de receber instruções detalhadas, Moisés devia também ter visto um modelo. Aqui jaz a nossa dificuldade ; muitas das coisas que parecem confusas nas instruções, imediatamente se tornariam claras se ao menos pudéssemos ver o modelo. Portanto, no exame das diversas especulações quanto à forma exata da estrutura do Tabernáculo, só podemos tentar decidir qual a que nos parece mais razoável.

**a) A Arca da Aliança. 25:10-22.**

A arca era uma caixa ou baú alongado de acácia recoberto de ouro. Aceitando que o côvado tem aproximadamente 45,72 cms de comprimento, a arca media cerca de 1,14 ms de comprimento, 68,58 cms de largura e 68,58 cms de altura. À volta da tampa havia uma coroa ou moldura de ouro, formando um rebordo. Em cada um dos quatro cantos (v. 12) havia uma argola de ouro. Através dessas argolas passavam varais recobertos de ouro com os quais a arca era carregada. A tampa da arca é chamada separadamente de "propiciatório" (v. 17). Era uma laje de ouro sólido, encaixando-se na largura e comprimento da arca. Sobre a tampa havia as figuras de dois querubins feitos de ouro batido. Essas esculturas ficavam uma de frente para a outra, com suas asas abertas como se cobrissem o propiciatório. "A tampa de ouro sobre a arca formava o escabelo do trono dAquele que causou Seu nome, isto é, a presença real do Seu ser, habitar em uma nuvem entre os dois querubins, acima de suas asas estendidas. . . . Assim o escabelo dos pés de Deus tomou-se uru trono da graça, o qual recebeu o seu nome *kapporet* ou *hilasterion* do fato de que o ato de expiação mais sublime e mais perfeito sob o Velho Testamento foi ali realizado" (KD).

**16. Testemunho.** O Decálogo sobre as tábuas de pedra.

**18. Querubins.** Fosse qual fosse a aparência exata destas figuras, sempre simbolizaram a presença do Senhor (cons. Ez. 1:5 e segs; Gn. 3:24; II Sm. 22:11; Ap. 4:6, 7).

**b) A Mesa dos Pães da Proposição. 25:23-30.**

Esta era uma mesa simples, com 91,44 cms de comprimento, uns 45,72 cms de largura, e 68,58 cms de altura, feita de madeira recoberta de ouro. Uma moldura com cerca de 7,62 cms de largura (*quatro dedos*, v. 25) corria ao redor da mesa, ou logo abaixo do tampo, como nas mesas modernas, ou no meio das pernas, como aparece na representação da Arca de Tito. Sobre as quatro pernas, havia argolas de ouro para a passagem de varais, pelos quais a mesa era carregada. O pão era



colocado na mesa, na presença de Jeová, um pão para cada tribo de Israel. Havia assim um reconhecimento contínuo da parte de Israel de que de Jeová vinha o seu pão de cada dia, um símbolo de comunhão e dependência.

**29. Pratos.** Pratos grandes como travessas para transportar os pães de forma achatada. **Recipientes.** Antes, *taças* para o incenso que devia ser colocado sobre o pão, identificando-o como um sacrifício (Lv. 24:7). Taças ou cálices para o vinho das libações. **Bacias.** Jarras para derramar o vinho nas taças.

Os pães eram chamados *pães da face* (v. 30) porque deviam ficar sobre a mesa, diante da face de Jeová, como oferta de alimento apresentado pelos filhos de Israel (Lv. 24:7), "não como alimento para Jeová, mas como símbolo do alimento espiritual que Israel devia preparar. . . de modo que o pão e o vinho, que ficava sobre a mesa ao lado dos pães, como o fruto do trabalho exercido por Israel sobre a terra de sua herança, eram um símbolo do seu trabalho espiritual no reino de Deus, a vinha espiritual do seu Senhor" (KD). Os pães da proposição também lembravam aos israelitas de sua dependência de Jeová, do qual vinha seu sustento diário (cons. Ez. 16:19; Os. 2:8).

### c) O Candelabro. 25:31-40.

A única luz do Tabernáculo era fornecida pelo candelabro, ou melhor dizendo, pelo candeeiro. Consistia de uma haste central da qual saíam três ramos que se estendiam para os lados e para cima; nas pontas dos ramos e da haste, lâmpadas fixas, sete ao todo. A haste e os ramos eram decorados nos intervalos com trabalho ornamental no formato de um cálice e uma corola da flor da amendoeira. O tamanho do candelabro não foi declarado nas Escrituras. Josefo diz que tinha 1,52 ms de altura e 1,07 ms de largura. Outros deduzem que tinha 68,58 cms de altura e largura, o tamanho da mesa da propiciação do outro lado. Um talento de ouro puro, aproximadamente 42,73 kgs, foi usado para fazer o candelabro e seus diversos utensílios. Além de sua função prática, o

candelabro era um símbolo não só da luz de Deus pela qual Israel devia andar, mas do próprio Israel, uma luz no meio de um mundo em trevas, alimentada pelo azeite do Espírito de Deus.

**31. Pedestal . . . hástea.** *Pé e canas* (E.R.C.). **Cálices . . . maçanetas.** Taças, cada qual com seu cálice e pétalas (*American*). A taça é a flor completa, a maçaneta, o botão com suas sépalas e pétalas. Alguns acham que o candelabro devia se parecer com a amendoeira, chamada de "despertador" pelos hebreus, por causa de sua florada precoce.

**37.** As lamparinas nos tempos bíblicos eram como pires com as bordas reviradas num dos lados. Punha-se azeite nelas e um pavio mergulhado que se projetava para fora na parte revirada. **Lâmpadas, as quais se acenderão.** Na realidade, "ponha em ordem" as lâmpadas no candelabro depois de preparadas.

**38. Espevitadeiras.** Um instrumento, parecido com pinças, para puxar o pavio. **Apagadores** (lit., *pegadores de fogo*). Uma bandeja para as pinças.

## Êxodo 26

### d) O Tabernáculo. 26:1-37.

**1-6.** As Cortinas Ornamentais que Formavam o Tabernáculo Propriamente Dito. Eram dez cortinas, cada uma com 12,80 ms de comprimento por 1,83 ms de largura. Quando reunidas, formavam uma só grande cortina de 18,29 ms por 11,80 ms. As cortinas eram tapeçarias lindamente tecidas em linho branco e fazenda azul, roxa e vermelha. com figuras de querubins tecidas ou bordadas nelas. Armadas sobre a estrutura de madeira (vs. 15-30), as cortinas formavam o Tabernáculo propriamente dito. A não ser que entendamos que este lindo trabalho, ficasse completamente escondido, devemos supor que as tábuas da estrutura formavam quadrados vazios e não uma cerca sólida (Kennedy, "Tabernacle", HDB), ou então que as cortinas ficavam do lado de dentro da estrutura (James Strong, *The Tabernacle*). Strong crê que elas não

eram usadas como uma tenda, mas que pendiam como cortinas do lado de dentro da estrutura.

**Obra de artista** (v. 1). Trabalho de desenhista ou projetista. As cortinas (vs. 3-6) eram reunidas em dois conjuntos de três cada, por meio de alças de fazenda azul com colchetes de ouro. Os dois conjuntos eram, então, reunidos da mesma maneira, formando assim uma grande cortina. Considerando que a estrutura do Tabernáculo era de 13,72 ms x 4,57 ms x 4,57 ms, as cortinas de 18,29 ms deviam pender até o chão na parte de trás (entendendo-se que a frente ficava descoberta), e os 12,80 ms de largura alcançariam até quase 47 cms do chão.

**7-14.** As Cortinas Externas. A tenda sobre a habitação era feita de pelo de cabra, como as tendas dos beduínos ainda são feitas hoje, e provavelmente como as dos israelitas eram feitas naquele tempo. Enquanto as cortinas de linho formavam um findo interior, o pelo das cabras formavam uma cobertura resistente do lado de fora. Esta cobertura era feita de onze cortinas, cada uma com 13,72 ms x 1,83 ms, reunidas por colchetes de bronze (vs. 10,11), do mesmo modo como as cortinas de linho; isto formava uma grande cobertura de 20,12 ms x 13,72 ms. Uma vez que as cortinas de pelo de cabra eram 91 cms mais largas do que as de linho, estas últimas deviam ficar completamente ocultas dos lados (v.13). Eram 1,83 ms mais compridas que a tapeçaria, e este excedente era usado para fazer uma dobra (v. 9) que pendia sobre a abertura, como uma espécie de dossel para proteger a cortina da entrada. O restante do excesso provavelmente pendia no lado de trás. Qualquer folga desta cobertura seria aproveitada, como nas demais tendas, pelas cordas e estacas que a mantinham firme e estendida. Alguns acham que devia haver um pau de cumeeira que formava uma espécie de telhado, mas não podemos determiná-lo pela leitura do texto. Mais duas cobertas externas de couro (v. 14; cons. 25: 5) vinham por cima do pelo de cabra e protegiam do mau tempo.

**15-30.** A Estrutura de Madeira. Uma estrutura feita de tábuas de acácia cobertas de ouro, cada tábua tendo 4,57 ms de comprimento e

69cms de largura. Kennedy defende que esta estrutura era aberta e não fechada ("Tabernacle", HDB). Não sabemos a espessura das tábuas, mas Josefo diz que era de 7,62 cms (*Antiq.* III 6.3), o que tornaria a cerca muito sólida e excessivamente pesada, em lugar da estrutura resistente exigida. Também, como já mencionamos acima, se não imaginarmos a tapeçaria como um cortinado, a beleza ficaria completamente escondida por uma estrutura sólida. As Escrituras não nos fornecem detalhes suficientes para termos uma idéia de como era a estrutura exatamente. Cada tábua tinha duas saliências (lit., *mãos*) projetadas para baixo (v.17) que se encaixavam em concavidades nas bases de prata (v. 19). As bases de prata pesavam um talento (43,18 kgs) cada uma, peso suficiente para manter a firmeza da estrutura (38:27). A estrutura formava os lados e o fundo do Tabernáculo. Vinte tábuas formavam cada lado, 13,72 ms de comprimento, e seis tábuas formavam os fundos. Nos dois cantos onde os lados se encontravam com os fundos, duas tábuas extras foram acrescentadas para bem da firmeza. Embora a maneira exata da formação dos cantos seja obscura (v. 24), sabemos que as tábuas extras serviam para de alguma forma reforçar a estrutura. Para maior firmeza, cinco travessas passavam horizontalmente ao longo de cada lado e dos fundos, encaixando-se em argolas de ouro nas tábuas. A travessa do meio ia de ponta à ponta (v. 28); as outras presumivelmente eram mais curtas, cada uma talvez a metade da central.

**Tábuas** (v. 15). Armação vertical (RSV ). **Dois encaixes, travados um com o outro** (v. 17). *Dois pinos presos à base* (Moffatt). *Cada uma dessas duas armações formando um suporte duplo e estando presas à argola de cima* (v. 24; Moffatt).

**31-35.** O Véu do Santo dos Santos. A "Habitação" era dividida em duas seções chamadas de "o Santo Lugar" e "o Santo dos Santos" ou "Lugar Santíssimo". O véu era feito da mesma tapeçaria ricamente tecida das cortinas internas. Pendia de ganchos de ouro presos a quatro colunas de madeira dourada, as quais estavam fixas em soquetes de prata, tal como as tábuas da estrutura. **Colchetes** (v. 33). Ganchos ou fechos.

**36,37.** O Véu da Entrada. A entrada estava coberta por um véu de acabamento menos elaborado do que o do Santo dos Santos, que pendia, como os outros, sobre colunas fixas em soquetes de bronze.

## Êxodo 27

### e) O Altar do Holocausto. 27:1-8.

Este altar era uma estrutura oca feita de madeira de acácia, recoberta com bronze, com 2,29 ms nos quatro lados e 1,37 ms de altura. Em cada canto uma ponta de bronze (**chifres**, v. 2). Uma grela ou tela de bronze estava colocada dentro do rebordo do altar para baixo (v. 5), ou sob a saliência do altar, **até ao meio**, isto é, *a meio caminho* (RSV). Alguns supõem que esta rede se estendia por todo o altar, formando uma grade sobre a qual o sacrifício repousava. Outros crêem que a saliência sustentada pela rede dava a volta ao altar e formava um lugar para os sacerdotes ficarem enquanto sacrificavam. Isto parece mais provável, pois duvidamos que tenha havido fogo dentro do altar propriamente dito, pois dentro de pouco tempo a madeira ficaria completamente carbonizada. O altar de bronze era provavelmente colocado sobre um monte de terra ou pedras e o fogo era ateado em cima. Nos quatro cantos da saliência havia argolas de bronze pelas quais passavam varais de madeira revestida de bronze, a fim de se carregar o altar.

**Chifres** (v. 2 ). "Neles se concentrava toda a força do altar" (KD). Aqueles que buscavam a segurança no santuário agarravam-se aos chifres do altar (1Reis 1:50). O sangue do sacrifício era passado sobre os chifres (Lv. 4:7). Através de toda a Escritura, "chifres" simbolizam poder, portanto é provável que os chifres do altar simbolizassem o poder de Deus. **Cinza** (v. 3; lit., *gordura* ), isto é, as cinzas da oferta queimada. **Bacias** (lit., *vasos para arremessar*). Grandes recipientes para se recolher o sangue que seria jogado contra os lados do altar.

### f) O Átrio do Tabernáculo. 27: 9-19.

Uma área retangular, com 45,72 ms de comprimento por 22,86 ms de largura, rodeava o Tabernáculo. Estava envolvida por cortinas de linho branco, com 1,68 ms de altura, suspensas sobre colunas. Havia vinte colunas para cada um dos lados mais extensos e dez para os mais curtos. As colunas, ou estacas, eram de bronze com capitéis de prata (38:17), e se encaixavam em soquetes ou bases de bronze. As cortinas estavam presas às colunas por meio de ganchos de prata que se enganchavam sobre filetes ou cintas de prata das colunas. Cordas e pregos de bronze mantinham as cortinas esticadas (38:20). A entrada deste átrio ficava do lado oriental. Ali as cortinas se estendiam por 6,86ms de cada canto, deixando 9,14 ms para a entrada. A entrada se fechava com uma cortina de tapeçaria bordada, como a cortina da entrada do próprio Tabernáculo.

**19. Os utensílios do Tabernáculo.** Provavelmente as ferramentas usadas para se armar e desarmar o Tabernáculo.

**20,21.** A luz do santuário. Límpido azeite de oliva de primeira qualidade, obtido por meio de "batimento", isto é, gentilmente triturando azeitonas em um pilão. Azeite inferior se obtinha moendo a polpa que restava. Desde a tarde até pela manhã. As lâmpadas deviam ficar acesas no Lugar Santo, diante do testemunho de Deus, a noite inteira.

#### **4) As Roupas e a Consagração dos Sacerdotes. 28:1 - 29:46.**

Arão e seus filhos foram escolhidos por Jeová para serem os sacerdotes, os mediadores, de Israel. Era uma ordenança nova, como os regulamentos para o santuário e os sacrifícios. Os críticos insistem que a restrição do sacerdócio à família de Arão é um reflexo dos tempos pós-Exílio. Mas se houve um Tabernáculo, devia haver também um sacerdócio declarado. Não há nenhuma prova na história subsequente de Israel de que, exceto em circunstâncias extraordinárias, alguém além dos filhos de Arão teria atuado como sacerdote.

---

**Êxodo 28****a) Orientação Quanto à Escolha dos Sacerdotes e Sua Vestimenta. 28:1-5.****b) A estola sacerdotal. 28:6-14.**

Esta era a parte mais importante da vestimenta do sumo sacerdote. Era uma espécie de colete ou avental, finamente bordado. Consistia de duas peças, frente e costas, unidas nos ombros por meio de tiras ou ombreiras (v. 7), e amarradas na cintura por meio de um cinto que fazia parte da próprio estola sacerdotal (v. 8). Sobre cada ombreira havia uma pedra de ônix engastada em filigrana de ouro, sobre as quais estavam gravadas os nomes das doze tribos de Israel, seis em cada pedra. Assim simbolicamente o sacerdote levava sobre os seus ombros a responsabilidade de todo Israel como seu representante diante de Deus. As cores e o material da estola sacerdotal (v. 6) correspondem às cores e tecido do santuário, identificando assim o santuário e o ministro. Em lugar dos querubins, entretanto, a estola sacerdotal era toda bordado com fino fio de ouro entretecido com as outras cores (v. 8). **Cinto de obra esmerada.** *Faixa habilmente tecida* (ASV, RSV).

**10. Segundo a ordem do seu nascimento.** Na ordem das idades dos seus ancestrais, os filhos de Jacó.

**11. Engastadas ao redor.** *Engastes* (ASV), *engastes de filigrana de ouro* (RSV).

**c) O Peitoral. 28:15-29.**

O peitoral ou "bolso" do juízo, era uma sacola do mesmo tecido da estola sacerdotal. Era feito de um só pedaço de tecido, dobrado para formar um bolso, de nove polegadas por nove. Sobre este bolso, engastadas em ouro, doze pedras preciosas, quatro carreiras de três cada, sobre as quais estavam gravados os nomes das doze tribos. O bobo era preso à estola sacerdotal por meio de duas correntes de ouro, que se

prendiam em argolas de ouro nas pontas superiores do bobo e as prendiam às ombreiras da estola sacerdotal (vs. 22-25). Através de outras argolas dos cantos de cima, o bobo era preso ao cinto da estola sacerdotal por meio de fitas azuis (vs. 26-28 ).

Quando o sumo sacerdote ministrava o santuário, levava consigo as responsabilidades e as necessidades do seu povo não apenas no local de sua força, os ombros, mas também sobre o seu coração, para que com sabedoria e compaixão ele pudesse ser seu mediador diante de Jeová (v. 29).

A identidade de algumas das pedras do peitoral (vs. 17-20) é muito incerta. E uma vez que os primeiros tradutores da Bíblia também estavam incertos quanto à identificação, suas traduções são bastante inconsistentes. A identificação abaixo representa um consenso de opiniões de autoridades modernas.

**17. Sárdio.** Possivelmente cornalina ou jaspe vermelho. **Topázio.** Uma pedra amarela ou verde, possivelmente crisólito. Carbúnculo. Esmeralda ou cristal de rocha.

**18. Esmeralda.** Uma pedra vermelha, obviamente não é uma esmeralda; ou rubi ou granada. **Safira.** Antes lápis lazuli que safira. **Diamante.** Ou cristal ou sardônica. Não há evidências de que o diamante fosse conhecido dos antigos.

**19. Jacinto.** Uma estratificada pedra vermelha e branca, ou quartzo. **Ágata.** Devidamente nomeada, uma pedra vermelha opaca. **Ametista.** A mesma pedra lilás que chamamos por este nome.

**20. Berilo.** Ela mesma ou calcedônia; possivelmente jaspe amarelo. **Ônix.** O mesmo ônix da atualidade. **Jaspe.** Berilo ou jaspe verde.

**27.** A orientação para se fixar a parte inferior do peitoral não está clara, mas provavelmente é como ficou acima explicado. Moffatt traduz: *na parte inferior do avental, perto da juntura das ombreiras e acima da fita artística.*



**d) O Urim e o Tumim. 28:30.**

As palavras hebraicas significam *luzes e perfeições*. A LXX traduz para *revelação e verdade*. "O que o Urim e o Purim era realmente, não se pode determinar com certeza, nem dos nomes propriamente ditos, nem de quaisquer outras circunstâncias relacionadas com eles. Talvez fossem um certo meio concedido pelo Senhor ao Seu povo para se garantir a iluminação, sempre que a congregação dela precisasse para orientação de seus atos; e por meio do qual os direitos de Israel, quando postos em dúvida ou em perigo, fossem restaurados, e . . . este veículo ligava-se com a vestimenta oficial do sumo sacerdote, embora seu caráter preciso não possa ser melhor determinado" (KD; cons. Nm. 27:21; 1 Sm. 28:6; Ed. 2:63).

**e) Sobrepeliz da Estola Sacerdotal. 28:31-35.**

Era tecida de um só pedaço, com orifícios para os braços, sem mangas. Vestia-se pela cabeça e provavelmente chegava até os joelhos. À volta da barra da saia pequenas campainhas douradas alternavam-se com romãs de lã torcida. As romãs têm sido consideradas como símbolo da Palavra de Deus, uma fruta doce e refrescante, e as campainhas como o som desta Palavra (cons. Sir (ou Eclesiástico) 45:9 ). **Será debruada . . . , como a abertura de uma saia de malha** (v. 32). O debrum era para evitar que a beirada se rasgasse.

**35. Para que não morra.** Simples sacerdotes não tinham permissão de entrar no Santo dos Santos, a presença imediata de Jeová. "Este privilégio era restrito ao representante de toda a congregação . . . e até mesmo ele só podia fazê-lo quando usasse o manto da palavra de Deus, na qualidade do portador do testemunho divino sobre o qual se baseava a comunhão da aliança com o Senhor" (KD).

**f) O Turbante. 28:36-38.**

A mitra do sumo sacerdote era um turbante de fino linho branco (v. 39), na frente do qual estava afixado, por meio de uma fita azul, uma

placa de ouro sobre a qual estavam gravadas as palavras. "Santidade a Jeová". Assim o ofício e a pessoa do sumo sacerdote eram destacados por Deus diante do povo, até que viesse Aquele que é Santo (cons. Hb. 7:26).

**37. Mitra.** O termo usado pela E.R.A, e E.R.C. é enganoso, uma vez que o turbante não tinha nenhuma semelhança com o moderno conceito de mitra. Assemelhava-se mais ao turbante comumente usado no Oriente.

**38. Para que Arão leve a iniquidade.** O sumo sacerdote foi exaltado à posição de mediador expiador de toda a nação; e com o seu ofício associava-se a intercessão expiatória.

#### **g) A Túnica. 28:39.**

A túnica ou casaco era tecida de linho em padrão quadriculado e era usada junto ao como, sob a sobrepeliz da estola sacerdotal. De acordo com Josefo (*Antiq.* III, 7.2), a túnica ia até os pés e tinha mangas justas. Era presa ao como com uma faixa de rico colorido ou cinto bordado igual às tapeçarias do santuário.

#### **h) Roupas dos Sacerdotes Comuns. 28:40-43.**

Embora fossem descritos como sendo "para glória e beleza", eram vestimentas muito simples. Havia uma túnica igual à que vestia o sumo sacerdote, mas de colorido simples, amarrada com uma faixa que não tem maiores descrições. Sobre a cabeça havia uma boina, que era ou uma faixa de linho à volta da cabeça, ou, mais provavelmente, um boné sem pala. Por baixo da túnica os sacerdotes usavam calções ou ceroulas de linho. É preciso lembrar que o linho era caro e muito procurado naquele tempo, e até as peças menos importantes da vestimenta dos sacerdotes era feita desse fino material. Por meio dessas vestimentas, os sacerdotes escolhidos por Jeová, destacavam-se oficialmente como Seus representantes. Deixar de usá-las quando se aproximassem do

Tabernáculo (v. 43), fazendo-o na sua própria virtude e direitos pessoais, era provocar o juízo e a morte.

## Êxodo 29

### i) A Consagração dos Sacerdotes. 29:1-37.

"Embora a santidade do seu ofício se refletisse em sua roupa, era necessário, por causa de sua natureza pecadora, que fossem santificados por meio de uma consagração especial para o exercício do seu ofício" (KD). A orientação agora dada para a consagração foi executada em Levítico 8. Uma vez que um exame completo do significado da orientação deve aguardar a discussão das leis relativas ao sacrifício em Levítico 1-7, parece-nos melhor agora tratar apenas da orientação propriamente dita e não do seu significado espiritual.

**1-3.** Preparação dos Sacrifícios. **Três** tipos de **pães** acompanhavam os sacrifícios: o pão asmo costureiro; **bolos**, isto é, pão asmo misturado com azeite; e **obreias**, isto é, uma espécie de panquecas untadas com azeite (v. 2).

**4-9.** A Investidura de Arão e Seus Filhos. Os sacerdotes tinham de ser lavados, vestidos e ungidos com azeite. É claro que isto é uma indicação muito clara de sua purificação espiritual, do revestimento com a justiça de Deus e do recebimento do poder do Espírito Santo.

**10-14.** *A oferta pelo pecado.* Um novilho era oferecido como oferta pelo pecado dos sacerdotes nomeados. Os homens que tipificavam o Grande Sacerdote por vir, tinham primeiro de ser purificados dos seus próprios pecados (cons. Hb. 7:27). **Redenho** (v.13). O apêndice ou lóbulo que há sobre o fígado.

**15-18.** O Cordeiro da Dedicção. O cordeiro, todo queimado sobre o altar, simbolizava os sacerdotes, inteiramente dedicados a Deus. **Jogarás** (v. 16). Na realidade, **jogar** representa melhor o hebraico do que **espalhar**, E.R.C.

**19-28.** O Cordeiro da Consagração. Os sacerdotes, purificados e dedicados, comungavam simbolicamente com o seu Senhor, ao participar do cordeiro sacrificado. Ouvidos, mãos e pés (v. 20) eram dedicados a Deus para ouvirem e obedecerem à Sua palavra. O sangue purificador e o azeite santificador eram aspergidos não apenas sobre os homens, mas também sobre suas vestimentas oficiais (v. 21), consagrando-se e concedendo-lhes poder para o serviço.

**Cauda gorda.** Ovelhas de cauda gorda ainda continuam sendo criadas na Palestina, sendo o rabo considerado um prato especial. **Movendo-as** (v. 24). As porções especificadas do cordeiro e do pão eram movidas, isto é, colocadas sobre o altar e então retiradas; isto era uma maneira simbólica de oferecê-las a Deus. A porção de Deus (v. 25) era consumida sobre o altar. O peito e a coxa do cordeiro da consagração eram oferecidos a Moisés e também ao sacerdote oficiante (vs. 26-28). Comumente, conforme aqui estabelecido, esta porção ficava para o sacerdote.

**29-30.** As vestes sacerdotais deviam passar de geração para geração. A consagração dos sacerdotes nas gerações sucessivas seriam de sete dias, como foi esta consagração inicial (v. 35 ).

**31-34.** A Ceia Sacrificial. Pelo fato dos sacerdotes terem de participar da própria oferta pela qual foram expiados e consagrados, faz-nos lembrar da comunhão cristã no Cordeiro, por cujo sacrifício fomos redimidos.

**35-37.** Durante sete dias, a consagração não somente dos sacerdotes, mas também do altar dos sacrifícios, tinha de ser repetida.

### **j) O Sacrifício da Manhã e da Tarde. 29:38-42.**

Diariamente, de manhã e de tarde, em benefício de toda a congregação de Israel, com a ceia e as libações que os acompanhavam. Assim, dia a dia, a dedicação de todo o povo era renovada.

**k) Promessa de Bênção. 29:43-46.**

Em resposta a uma tal dedicação contínua, Jeová prometeu Sua presença constante e Suas bênçãos. Ele habitará no meio do Seu povo, e os meios indicados da mediação – sacerdote, tabernáculo e altar – deviam-Lhe ser santificados.

**Êxodo 30****5) Orientação Final Relativa ao Tabernáculo. 30:1-38.****a) O Altar do Incenso. 30:1-10.**

Este pequeno altar, feito de madeira de acácia revestida de ouro, é chamado muitas vezes de "altar de ouro" (39:38; 40:5, 26; Nm. 4:11) em contraste com o altar de bronze dos sacrifícios. Tinha 45,7 cms de lado por 91,4 cms de altura. Sobre os quatro cantos superiores havia chifres. Havia uma moldura à volta do altar e, abaixo desta, sobre os cantos, argolas de ouro para se transportar o altar. O altar ficava no Lugar Santo, diretamente em frente ao véu que o separava do Santo dos Santos e da arca. A íntima relação entre o altar e a arca parece estar mencionada em Hb. 9:4. (A E.R.C. traduz erradamente **incensário**.)

Sobre este altar só se queimava incenso, e só a mistura prescrita por Deus (Êx. 30:34 -38 ). Este altar, o símbolo da mais íntima ligação entre Deus e o homem, também tinha de ser purificado pelo sangue expiador cada ano (v. 10). "A ligação entre a oferta de incenso e a oferta queimada está indicada na regra de que tinham de ser oferecidas ao mesmo tempo. Ambas as ofertas eram sombras da devoção de Israel ao seu Deus, enquanto o fato de serem oferecidas diariamente comprovava que esta devoção era constante e ininterrupta. Mas a distinção entre ambas consistia em que, na oferta queimada ou inteira, Israel consagrava e santificava toda a sua vida e ação, em corpo e alma ao Senhor, enquanto que na oferta do incenso suas orações materializavam-se como a exaltação do homem espiritual a Deus . . . a oferta do incenso

pressupunha reconciliação com Deus. . . . Sob este aspecto, a oferta do incenso não era apenas espiritualização e transfiguração da oferta queimada, mas uma conclusão desta oferta também" (KD).

### **b) O Pagamento do Resgate. 30.11-16.**

Cada israelita, **de vinte anos para cima** (v. 14) tinha de pagar a metade de um siclo (cerca de 40 centavos de dólar americano) a Jeová, como **expição pelas vossas almas** (v.15). "Não era um tributo comum... que Israel tinha de pagar a Jeová como seu Rei, mas um ato exigido pela santidade da aliança teocrática. Como expiação pelas almas, apontava para a falta de santidade da natureza de Israel, e fazia o povo se lembrar continuamente, de que por natureza estava alienado de Deus, e que só podia conservar-se na aliança com o Senhor e viver em Seu reino com base em Sua graça, a qual cobria seus pecados. Só quando esta natureza pecadora fosse santificada por uma expiação perfeita, e a servidão sob a lei fosse glorificada e inteiramente transformada em filiação para a qual Israel fora chamada... só então, como filhos do reino, já não teriam mais de pagar este resgate por suas almas" (KD; cons. Mt. 17:25,26). **Todo aquele que passar ao arrolamento** (v. 13). *Fosse contado no recenseamento* (RSV).

### **c) A Bacia de Bronze. 30:17-21.**

Era uma bacia com água colocada entre o altar de bronze e o Tabernáculo, na qual o sacerdote lavaria as mãos e os pés antes de entrar no Lugar Santo. Não temos nenhuma descrição do tamanho ou formato desta bacia. Por meio desta bacia, a necessidade da purificação diária daqueles que servem o Senhor foi não simplesmente sugerida, mas exigida (v. 20).

### **d) A Santa Unção. 30:22-33.**

Um azeite perfumado, misturado de acordo com uma receita específica, devia ser preparado para a unção sacramenta. Para marcar a

santidade daquilo que era separado para o Senhor, qualquer outro uso para o azeite foi proibido (v.33). **Mirra fluída** (v. 23). Bálsamo líquido. **Duzentos e cinquenta siclos**. Cerca de 7,27 kgs. *Cinamomo*. Naquele tempo, uma especiaria rara e cara. **Cálamo aromático**. Uma cana aromática, possivelmente a mesma que, nos tempos tradicionais, vinha da Índia. **Cássia** (v. 24). Uma espécie de canela. Ao todo, cerca de 21,8kgs de especiarias, secas e reduzidas a pó, misturadas com 6,8 litros de azeite de oliva e **composto segundo a arte do perfumista** (v. 25).

#### 4) O Incenso Sagrado. 30:34-38.

O incenso para ser usado para a adoração também foi cuidadosamente prescrito, e o seu uso para propósitos comuns foi proibido (vs. 37, 38). Assim a fragrância do azeite sagrado e do incenso, quando usados no serviço do Tabernáculo, tinha de ser único e inconfundível, um lembrete para o povo, a cada vez que aspirassem dele, de que Deus estava no seu meio. **Estoraque** (v. 34; lit., *aquilo que goteja*). A palavra é simplesmente uma transliteração da LXX e um termo usado na Vulgata. É uma espécie de mirra muito perfumada. Também tem sido identificada com o látex do estoraque, "um arbusto findo e perfumado, abundante nas colinas da Palestina" (*Cambridge Bible*). **Onicha**. Também uma transliteração da LXX e da Vulgata; é a concha de um certo molusco reduzida a pó, ainda hoje colhida e usada para fabricação de incenso e perfume. **Gálbano**. Uma resina amarga e picante, também usada na medicina; contribuía com sua acidez junto aos outros ingredientes. **Incenso puro**. Outra resina de látex de árvores encontradas antigamente, principalmente no sul da Arábia. **Temperado** (v. 35). Literalmente, *salgado*, como símbolo de purificação ou para produzir combustão mais rápida; possivelmente os dois motivos. Os ingredientes deviam ser misturados juntos e desmanchados em uma massa sólida (v. 36). Depois pequenas porções seriam quebradas e reduzidas a pó para serem jogados sobre as brasas vivas do altar.

---

**Êxodo 31****6) Os Construtores do Tabernáculo. 31:1-11.**

Dois homens foram mencionados pelo Senhor para supervisionarem a execução dos planos para o Tabernáculo. Eram homens capacitados por Deus com sabedoria e talento necessários para esta obra – Bezalel de Judá e Aoliabe de Dã.

**7) A Observância do Sábado. 31:12-17.**

Uma solene e repetida imposição da guarda do Sábado, já ordenada no Decálogo. Esta observância seria um sinal peculiar da relação de Israel com Jeová: "Por meio disto todos os homens saberão . . . " Deve-se notar que esta observância externa, junto com outros sinais exteriores, tais como a circuncisão, as leis dietéticas, etc., foram especificamente traduzidas no N.T. para as evidências interiores e espirituais do discipulado (cons. Rm. 2:28, 29; Gl. 4: 9, 10; Cl. 2:16, 17).

**14. Morrerá.** Uma sanção a mais para reforço da ordem (cons. 20:8-11; 23:12).

**18.** No final deste longo período de instruções, Moisés recebeu as duas tábuas do testemunho, gravadas pelo próprio Deus com o Decálogo.

**C. A Transgressão da Aliança e a Sua Restauração. 32:1 - 34:35.**

O povo de Israel achou difícil andar pela fé mesmo durante os quarenta dias em que seu líder visível esteve ausente. Exigiu que Arão produzisse um sinal tangível da presença de Deus. É incerto se foi transgredido o primeiro mandamento, um repúdio de Jeová como Deus, ou o segundo, a feitura de uma imagem que representasse Jeová. Em qualquer dos casos, foi uma transgressão clara e deliberada da aliança à qual se submeteram tão ousadamente algumas semanas antes, uma aliança selada com sangue.



## Êxodo 32

### 1) Israel Exige um Deus. 32:1-6.

"Não queriam mais continuar sem que um Deus fosse diante deles; mas a fé sobre a qual seu desejo se fundamentava era muito pervertida, não apenas o apegar-se ao que era visível, mas também a impaciência e a incredulidade de um coração natural que não foi permeado pelo poder do Deus vivo, e imagina-se abandonado por Ele sempre que a Sua ajuda não é visível e à disposição imediata" (KD).

**1. Deuses.** A palavra *Elohim*, embora no plural, geralmente traduz-se por Deus, embora possa e tenha sido traduzida para *deuses* também. No presente exemplo é difícil saber como traduzir, e os comentadores se dividem porque, conforme acima mencionado, não sabemos exatamente o que estava na mente do povo. **Tardava.** Literalmente, envergonhar, isto é, não voltando.

**4. São estes . . . os teus deuses.** Ou, *Este seja o teu Deus.* **Trabalhou.** Os ídolos de antigamente costumavam ser feitos, revestindo a estrutura de madeira com placas de ouro e prata (Is. 40:19, 20; 44: 12-17; Jr. 10:1-9). É pouco provável que Arão tenha fundido um animal de ouro sólido. **Bezerro.** O Apis egípcio e o Baal fenício eram ambos representados como touros, uma representação comum da força e da fertilidade entre os povos daquele tempo. Fosse qual fosse o impulso original dos israelitas, a feitura da imagem foi o primeiro passo para um carrinho escorregadio, o qual levava para a final identificação de Jeová com os deuses das outras nações (cons. Is. 40; Jr. 10).

**6. Levantou-se para divertir-se.** A idolatria era acompanhada de danças sensuais e lascivas as quais faziam parte do culto à fertilidade.

### 2) O Pecado de Israel Revelado a Moisés por Deus. 32:7-14.

**7. O teu povo.** Com estas palavras Deus parecia estar deserdando Israel. A frase podia ser usada (como KD sugere) porque eles eram os transgressores de uma aliança na qual Moisés fora o mediador, sendo por isso particularmente seus.

**10. De ti farei.** "Deus coloca o destino da nação na mão de Moisés, para que se lembre de seu ofício medianeiro, e se mostre digno da sua vocação. Esta condescendência de Deus, que colocou a preservação ou destruição de Israel nas mãos de Moisés, veio junto com uma promessa que deu lugar a à mais completa liberdade de decisão . . . uma grande prova para Moisés, se ele quisesse desistir de seu próprio povo, carregado como estava de culpa, como preço de sua própria exaltação. E Moisés passou no teste. A preservação de Israel lhe foi mais cara que a honra de se tomar o cabeça e o fundador de um novo reino de Deus" (KD).

**11.** Moisés rogou por Israel nesta oração de intercessão porque era o seu povo; por causa do grande livramento que Deus já tinha operado; e para que os egípcios não zombassem, mal-interpretando os motivos da destruição; e finalmente, ele reivindicou a promessa feita aos pais.

**14. Então se arrependeu o Senhor.** "Diz-se de Deus que Ele se 'arrependeu' não porque realmente mude Seus propósitos, mas porque Ele o faz aparentemente, quando, em consequência de uma mudança no caráter e conduta dos homens, fica obrigado a fazer uma mudança correspondente nos propósitos anunciados e adotar para com eles uma nova atitude" (*Cambridge Bible*). Keil e Delitzsch mencionam "a profunda idéia espiritual do arrependimento de Deus, como uma antropopatia da dor que sofre o amor de Deus por causa da destruição de Suas criaturas".

### **3) Moisés Retorna ao Acampamento. 32:15-24.**

**19.** A visão real da espalhafatosa transgressão afetou Moisés mais fortemente do que o aviso pôde fazê-lo. Cheio de indignação, jogou no chão as tábuas de pedra, as tábuas cujas ordens já tinham sido transgredidas pelos corações e atitudes de Israel.

**20.** A parte interna da imagem que era feita de madeira, foi queimada, o metal pulverizado, e o pó do carvão com o ouro foi jogado na água. O povo foi humilhado bebendo o seu próprio pecado.

**4) Castigo dos Idólatras. 32:25-29.**

Os levitas podiam estar envolvidos no pecado dos demais, mas se estavam, houve vergonha e arrependimento imediato e a prontidão de sua parte de abandonar a sua idolatria para voltaram a Jeová. A teimosa persistência dos outros no seu pecado tornou-se clara por sua falta de vontade em responder ao chamado, **Quem é do Senhor?** (v. 26).

**25. À solta.** Literalmente, isto é, livre de qualquer restrição e obediência a Deus.

**27. Passai e tornai a passar pelo arraial.** *Varram o campo de ponta á ponta* (Moffatt). "Como em qualquer outra dizimação, a seleção tinha de ser determinada por sorte ou escolha accidental, por isso Moisés deixou que a situação fosse determinada pelo acaso, em relação a quem deveria cair debaixo da espada dos levitas, sabendo muito bem que até mesmo o chamado acaso estaria sob a orientação de Deus . . . A atitude submissa do povo em geral pode ser explicada parcialmente por causa do respeito que tinham por Moisés, a quem Deus tão poderosa e maravilhosamente autorizara como Seu servo diante de toda a nação, e parcialmente por causa do desânimo e do medo tão naturais a uma consciência culpada" (KD).

**29. Consagrai-vos. . . cada um contra o seu filho.** *Vocês se dispuseram. . . cada um à custa de seu filho* (RSV). "Na causa do Senhor, ninguém deve poupar nem mesmo o seu mais achegado parente, mas deve negar filho ou irmão por amor do Senhor" (KD; cons. Dt. 33:9; Mt. 10:37, 38).

**5) A Intercessão de Moisés pelo Pecado de Israel. 32:30-35.**

**30. Porventura, farei propiciarão.** Expição pelo pecado era uma coisa muito maior do que até o próprio Moisés entendia. Só o Cordeiro de Deus podia tirar o pecado do mundo.

**32. Risca-me . . . do livro que escreveste.** "Excluir da comunhão com o Deus vivo, ou do reino daqueles que vivem diante de Deus, para entregá-lo à morte. Como verdadeiro mediador do seu povo, Moisés

estava pronto a arriscar sua própria vida pelo livramento da nação, e não permanecer ele mesmo diante de Deus, se Jeová não perdoasse ao povo o seu pecado" (KD; cons. Rm. 9:3). "Não é fácil estimar a medida do amor que havia em Moisés e em Paulo; os estreitos limites do nosso raciocínio não podem compreendê-lo, como a criancinha não consegue compreender a coragem dos heróis de guerra" (Bengel, *Gnomon of the N.T.*).

**33. Todo aquele que pecar.** Nem mesmo o sacrifício de Moisés podia tirar o pecado.

**34.** "Moisés obtivera a preservação do povo e a sua entrada na terra prometida, sob a proteção de Deus, por meio de sua intercessão, e desviara da nação a ab-rogação da aliança; mas o relacionamento da aliança que existira antes, não foi restaurado em sua integridade. Embora a graça possa modificar e abrandar a ira, ela não pode desfigurar a justiça do Deus santo" (KD).

## Êxodo 33

### 6) A Modificação da Justiça de Deus. 33:1-3.

As palavras, **o meu Anjo irá adiante de ti** (32: 34), explicam-se aqui. A declaração era uma modificação do juízo divino sobre Israel, mas ainda era um castigo. Jeová mesmo, não um simples mensageiro, estivera antes na mão deles; mas agora, **eu não subirei no mão de ti** (v. 3).

### 7) Arrependimento e Prova de Israel. 33:4-11.

O povo estava começando a sentir o peso do juízo de Deus, e cheio de tristeza começou a se despir de todo adorno.

**7. Tenda da congregação.** Os críticos introduziram gratuitamente aqui uma confusão que não consta da narrativa. Esta "Tenda da Reunião" (RSV) não é obviamente o Tabernáculo que fora descrito a Moisés, pois este ainda não fora construído. Imaginar que esta tenda é o Tabernáculo é julgar que gerações de judeus e cristãos, incluindo o autor original ou editores do Êxodo, foram tão incrivelmente estúpidos que não

reconheceram a contradição. O que se declara aqui é que Moisés armou uma tenda fora do acampamento, um santuário temporário onde se encontrava com Jeová, e ao qual podiam ir aqueles que buscavam o Senhor. Assim ele reformou e ilustrou o juízo de Deus de que Ele não habitaria no meio de Israel. A saída de Moisés para a tenda era observada por todo o povo (v. 8), e a lição de que seus pecados foram a causa da separação entre o povo e Deus ficou firmemente inculcada. Este fato despertou um anseio no coração do povo (v. 10) que tornou possível uma restauração completa.

### **8) A Reconciliação de Israel com Jeová. 33:12-23.**

Moisés expôs que, embora Deus tivesse declarado que Moisés achara graça diante dEle, não lhe concedera a certeza necessária para a execução desta difícil tarefa. Moisés também lembrou o Senhor de que, afinal, Israel era a nação de Deus.

**12. Conheço-te pelo teu nome.** Eu "te conheço individualmente, mais intimamente do que aos outros israelitas, como um rei que sabe somente os nomes dos seus servos quando tem intimidade com eles" (*Cambridge Bible*).

**14.** Deus prometeu que Ele mesmo, não apenas um representante (vs. 1, 3), iria com Israel.

**18.** Moisés foi encorajado por esta promessa para pedir um favor sem paralelos. "Quando Deus lhe falou face à face . . . ele simplesmente viu uma 'semelhança de Jeová', uma forma que tomou o ser invisível de Deus, visível ao olho humano... O que Moisés desejava, portanto, era a visão da glória ou do ser essencial de Deus, sem qualquer representação e sem véu" (KD). Este pedido não foi ditado por mera curiosidade, mas por causa de "um desejo de cruzar o abismo criado pela apostasia da nação, para que no futuro ele tivesse uma posição mais firme do que o incidente anterior lhe concedera" (Baumgarten, citado em KD).

**23. Tu me verás pelas costas.** "Por assim dizer, apenas a luminosidade que Ele deixa quando passa, mas que ainda pode dar uma

idéia vaga do que deve ser todo o esplendor de Sua presença" (*Cambridge Bible*).

## Êxodo 34

### 9) A Aliança Restaurada. 34:1-35.

**1-3.** Deus instruiu Moisés a subir ao monte como antes, trazendo com ele tábuas de pedra em substituição das que ele quebrara.

**4-9.** A revelação da glória de Deus a Moisés. "O que Moisés viu não somos informados, mas apenas as palavras pelas quais Jeová proclamou toda a glória do Seu ser . . . 'Este sermão do nome do Senhor', como Lutero o chama, revelou a Moisés a natureza mais íntima de Jeová . . . todas as palavras que a linguagem contém para expressar a idéia da graça em suas variadas manifestações ao pecador, estão aqui reunidas, para revelarem o fato de que, no íntimo do Seu ser, Deus é amor" (KD).

**11-26.** Quando Israel foi restaurada à comunhão de Jeová, dois dos pontos principais da aliança foram destacados, os mesmos que o povo ignorou em sua transgressão: Uma advertência de qualquer aliança com os cananeus; e um lembrete de suas responsabilidades no culto prestado a Jeová. **Colunas . . . postes-ídolos** (v. 13). *Colunas. . . e asherim* (RSV; ASV). *Asherah*, de acordo com a mitologia cananita, era uma deusa, a consorte de El. No V.T. ela aparece como a consorte de Tyrian Baal, introduzida pela fenícia Jezabel em Israel (I Reis 18:19). *Asherim*, a forma plural, eram objetos de culto erigidos para o culto de Asherah, provavelmente árvores ou postes. As **colunas**, ou *masseboth*, representavam a divindade masculina.

Veja observações em 13:13, 14 ; 23:12,15.19 para comentário sobre os versículos 18-26. **Sega** (v. 21). Colheita. O sábado tinha de ser observado, mesmo quando parecia mais necessário trabalhar.

**27-35.** Moisés voltou da montanha. "Com a adoção renovada da nação, a aliança do cap. 24 foi restaurada *eo ipso*; de modo que não havia necessidade de um novo acordo, e a anotação das condições

fundamentais da aliança foi simplesmente projetada como prova de sua restauração" (KD).

**29. Seu rosto resplandecia.** A palavra hebraica para *resplandecer* é peculiar; tendo origem na palavra "chifre", significa, literalmente, *emitir raios*. Jerônimo, na Vulgata, traduziu a cláusula à luz do significado básico da raiz da palavra – "chifrava". Desde então Moisés tem sido freqüentemente representado, nos quadros, com chifres a lhe saírem da cabeça.

#### **D. A Construção do Santuário. 35:1 - 39:43.**

Estes capítulos narram detalhadamente a execução das instruções dadas a Moisés (caps. 25-31) para o Tabernáculo, seu mobiliário e vestes dos sacerdotes. Em geral as instruções foram repetidas ao pé da letra, com algumas poucas adições para o bem da clareza ou alguma omissões para abreviação. Há alguma diferença também na ordem do conteúdo (cons. *Cambridge Bible* para uma comparação tabular).

### **Êxodo 35**

#### **1) Material para a Obra Trazido pelo Povo. 35:1-35.**

**1-3.** A ordem de guardar o sábado foi repetida pelo povo, com a notável adição do juízo de morte para o transgressor (31:15). O lembrete desta vez foi dado para reprimir o povo e tornar claro que até mesmo em seu entusiasmo de construir a casa do Senhor, deviam descansar e servir a Jeová em um dia nos sete. O perigo espiritual das "Martas" super-trabalhadoras sempre está presente.

**4.9.** O convite foi feito aos que tinham o coração disposto para trazer o material (25:1-8). Deve-se notar que aqui não se fez pressão sobre o povo, nem coação ou declaração de necessidade, mas um simples aviso.

**10-19.** Os homens hábeis foram convidados a participavam da obra. É significativo que no íntimo dos estatutos e atividades da lei mosaica, havia perfeita liberdade para querer e fazer a obra do Senhor. Estacas . . .

cordas (v. 18). Até o menor dos itens, tudo foi dedicado ao Senhor. As cordas das tendas não foram mencionadas em 27:19, mas deduz-se que existiam.

**20-29.** Apresentação da Oferta. **Todo homem** (v.21). Tanto homens como mulheres são mencionados; era uma expressão individual de fé e adoração. **Fivelas, pendentes, anéis, braceletes** (v. 22). *Braçadeiras. . . broches* (ASV, RSV). O tipo preciso de jóias mencionadas é incerto. **Oferta de ouro.** Provavelmente ouro que não estava na forma de jóias. Os versículos 23, 24 descrevem a oferta particular dos homens, enquanto os versículos 25, 26 falam da contribuição especial das mulheres, cujo trabalho particular foi o de tecer as fazendas mais simples. O material mais precioso foi ofertado pelos príncipes (vs. 27, 28 ).

**30-35.** Moisés apresentou Bezalel e Aoliabe como escolhidos de Deus e artífices especialmente dotados para supervisionarem a obra (31:2-5 ). Eles deviam transmitir a sua habilidade aos outros.

## Êxodo 36

### 2) A Liberalidade do Povo. 36:1-7.

As ofertas excederam a necessidade. O material foi entregue a Bezalel e Aoliabe, ou seus auxiliares, até que a quantidade atingiu proporções tão grandes que o povo precisou ser impedido de continuar dando.

### 3) A Execução da Obra. 36:8 – 38:20.

O registro da construção do Tabernáculo segue a narrativa das instruções quase verbalmente. Esta não é uma repetição inútil, mas uma ênfase dada ao fato do apego cuidadoso de Israel à palavra de Deus. Sem esta obediência, nenhuma quantidade de sacrifício e trabalho teria sido aceita.

**8-19.** As cortinas e cobertas do Tabernáculo. Cons. 26:1-14.

**20-34.** A estrutura. Cons. 26:15.20.



**35-38.** O véu e o reposteiro. Com. 26:31-37.

**38. Cabeças . . . molduras.** Capitéis para as colunas, e uma cinta à volta das colunas bem abaixo dos capitéis (não mencionada no cap. 26).

## Êxodo 37

**37:1-9.** A arca da aliança. Cons. 25:10-20.

**10-16.** A mesa dos pães da proposição. Cons. 25:23-29.

**17-24.** O candelabro. Cons. 25:31-39.

**25-28.** O altar do incenso. Cons. 30:1-5.

**29.** O azeite da unção e o incenso, uma declaração resumida de 30:22-38.

## Êxodo 38

**38:1-7.** O altar da oferta queimada. Cons. 27:1-8.

**38: 8.** A bacia de bronze. Cons. 30:

**18-21.** O bronze para a bacia foi fornecido pelos espelhos de metal polido das mulheres. Aquilo que antes refletia suas faces naturais era agora usado para lembrar aos homens a sua necessidade de purificação espiritual, para que pudessem refletir a glória de Deus. **Mulheres que se reuniam.** Literalmente, *mulheres servidoras que seriam*, possivelmente para limpeza, ou como um coro.

**9-20.** O átrio do tabernáculo. Cons. 27: 9-19.

### 4) Uma Estimativa da Quantidade do Metal Usado. 38:21-31.

O ouro chegou a 29 talentos, 730 siclos, ou cerca de 1.161,18 kgs. A prata mencionada foi apenas o dinheiro do resgate (30:13,14), que chegou a 100 talentos, 1.775 siclos, ou cerca de 3.994,30 kgs. Não há registro das ofertas voluntárias de prata. Tentativas de avaliar os metais preciosos usados em termos de moeda corrente atual não significam grande coisa, uma vez que não temos meios de saber o valor

comparativo daquele tempo. É óbvio que o gasto com este pequeno santuário foi enorme, e um monumento da dedicação do povo ao seu Deus. É significativo que o Tabernáculo repousasse sobre e suas cortinas pendessem de objetos de prata, a qual representava a contribuição de cada homem na congregação de Israel. O Tabernáculo firmava-se sobre a dedicação do povo redimido de Deus.

**29-31.** O bronze usado pesava cerca de três toneladas.

## **Êxodo 39**

### **5) A Vestimenta dos Sacerdotes. 39:1-31.**

**2-7. A estola sacerdotal.** Cons. 28:6-12.

**8-21. O peitoral.** Cons. 28:15-27.

**22-26. A sobrepeliz da estola sacerdotal.** Cons. 28:31-35.

**27-29. Túnica e outras vestimentas.** Cons. 28:39, 40, 42.

**30, 31.** O turbante do sumo sacerdote. Cons. 28:36-38.

### **6) A Obra Terminada Apresentada a Moisés. 39:32-43.**

Quando o escritor conclui a narrativa da obra, destaca novamente, como já fez repetidas vezes, depois da descrição de cada peça em separado, que tudo foi feito segundo o Senhor tinha ordenado a Moisés.

## **Êxodo 40**

### **E. O Levantamento e a Consagração do Tabernáculo. 40:1-38.**

**1-6.** Moisés foi instruído por Jeová a levantar o Tabernáculo e a preparar ambos, o Tabernáculo e os sacerdotes, para o serviço divino. O levantamento propriamente dito está simplesmente declarado, tendo os detalhes já sido apresentados, mas a frase periódica segundo o Senhor tinha ordenado a Moisés, toma a nos lembrar de como Israel obedeceu exatamente às palavras do Senhor.

**17-33.** O Tabernáculo foi armado para ser usado no primeiro dia do primeiro mês (Dia do Ano Novo) do segundo ano do êxodo do Egito.

**34-38.** A realização das ordens divinas culminou na santificação pela presença visível de Deus, de tudo quanto Lhe fora dedicado. Para Israel e para todas as gerações futuras, estes capítulos ensinam claramente a lição de que a bênção vem pelo caminho da obediência e da fé.

# LEVÍTICO

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 8	Capítulo 15	Capítulo 22
Capítulo 2	Capítulo 9	Capítulo 16	Capítulo 23
Capítulo 3	Capítulo 10	Capítulo 17	Capítulo 24
Capítulo 4	Capítulo 11	Capítulo 18	Capítulo 25
Capítulo 5	Capítulo 12	Capítulo 19	Capítulo 26
Capítulo 6	Capítulo 13	Capítulo 20	Capítulo 27
Capítulo 7	Capítulo 14	Capítulo 21	

## INTRODUÇÃO

**Título.** O livro de Levítico obteve o seu nome *Leviticus*, da Vulgata, derivado de *Levitikon*, "relativo aos levitas", o título que tem na LXX. Os judeus o conheciam por sua primeira palavra, o hebraico *wayyiqrei'*, "E ele chamou", segundo o costume judeu de intitular muitos dos livros do Velho Testamento por sua primeira ou primeiras palavras. O uso do "E" (E.R.C.) no começo deste livro não significa que ele forme um apêndice de algum outro segmento das Escrituras. O pensamento do Êxodo continua, mas o livro é uma unidade e fica à parte. Sob este aspecto, observe que diversos outros livros do Velho Testamento começam com "E" no texto hebraico, como por exemplo, Êxodo, Josué, Juizes, Rute, etc.

Levítico apresenta o plano de Deus para ensinar o Seu povo escolhido a se aproximar dEle de maneira santa. Destaque especial foi dado às funções sacerdotais, tomando reverente e santa esta aproximação a Deus. Assim, este livro apresenta o ofício sacerdotal ou 'levítico', ao qual foram feitas referências no Novo Testamento em Hb. 7:11, onde o termo "sacerdócio levítico" se encontra.

**Data e Autoria.** "Estabeleceram os sacerdotes nos seus rumos e os levitas nas suas divisões para o serviço de Deus em Jerusalém; segundo está escrito no livro de Moisés" (Ed. 6:18).

Esdras, o escriba, refere-se ao código do Levítico ao descrever a fonte usada em seu tempo para determinar o procedimento próprio na dedicação do Templo reconstruído. O livro de Levítico destaca continuamente o papel de Moisés no registro dos regulamentos que lhe foram dados por Deus referentes à devida adoração nos rituais do Tabernáculo. O fato da necessidade dos regulamentos para que houvesse adoração conveniente pelos sacerdotes e pelo povo exige uma força controladora centrar e um tempo determinado. Portemos entendê-lo melhor no papel de Moisés quanto à introdução da adoração no Tabernáculo. As nações no tempo de Moisés tinham rituais de adoração elaborados e fixos muito tempo antes dele entrar em cena. Não há necessidade de crermos que esta fixação dos rituais na adoração de Jeová fosse uma evolução gradual ou que o registro de Levítico fosse uma invenção posterior do tempo de Esdras.

**Antecedentes.** A simplicidade de forma do Levítico tem preocupado os críticos. Alguns vêem em sua segunda metade (caps. 17-27), a qual descreve a base humana para a comunhão com Deus, um acréscimo posterior de um "Código de Santidade". Contudo, mudança de ênfase é o que basta para explicar as diferenças existentes entre as duas divisões principais do livro.

Alguém poderá bem dizer que o Levítico nos foi dado através de Moisés para antecipar o "sacrifício eterno" – Jesus Cristo – da Nova Aliança. O livro de Hebreus apresenta este quadro da Nova Aliança, e o Levítico fornece os antecedentes para os aspectos mais importantes de "um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque". Na realidade, um estudo em Levítico tem valor duradouro, só quando aponta para Jesus Cristo - nosso Sumo Sacerdote.

**ESBOÇO**

- I. Como alguém se chega a Deus. 1:1 – 16:34.
  - A. As leis do sacrifício. 1:1 – 7:38.
    - 1. Regras gerais. 1:1 – 6:7.
      - a. Introdução. 1:1, 2.
      - b. Ofertas queimadas. 1: 3-17.
      - c. Ofertas de manjares. 2:1-16.
      - d. Sacrifícios pacíficos. 3:1-17.
      - e. Sacrifícios pelos pecados. 4:1 – 5:13.
      - f. Sacrifícios por sacrilégio. 5:14 – 6:7.
    - 2. Regras mais detalhadas sobre estas ofertas. 6:8 – 7:38.
  - B. O Testemunho da história. 8:1 – 10:20.
    - 1. Inauguração das ofertas. 8:1-36.
    - 2. Quando foram oferecidas pela primeira vez. 9:1-24.
    - 3. O abuso das ofertas (Nadabe e Abiú). 10:1-20.
  - C. As leis da pureza. 11:1 - 15:33.
    - 1. O que podia ser comido ou tocado. 11:1-47.
    - 2. O parto. 12:1-8.
    - 3. A lepra. 13:1 – 14:57.
    - 4. Pureza sexual. 15:1-33.
  - D. O Dia da Expição. 16:1-34.
- II. Como manter-se em contato com Deus. 17:1 – 27:34.
  - A. A santidade do povo. 17:1 - 20:27.
    - 1. Com referência ao alimento. 17:1-16.
    - 2. Com referência ao casamento. 18:1-30.
    - 3. Com referência à ordem social. 19:1-37.
    - 4. Os castigos pela desobediência. 20:1-27.
  - B. A santidade dos sacerdotes e suas ofertas. 21:1 – 22:33.
  - C. A santidade do tempo. 23:1 – 25:55.
    - 1. O uso santo dos dias. 23:1-44.
    - 2. O uso santo dos objetos. 24:1-23.
    - 3. O uso santo dos anos. 25:1-55.

D. Promessas e advertências. 26:1-46.

E. Os votos. 27:1-34.

## COMENTÁRIO

### I. Como Alguém Se Acheça a Deus. 1:1- 16:34.

#### A. As Leis do Sacrifício. 1:1 - 7:38.

##### 1) Regras Gerais. 1:1 – 6:7.

### Levítico 1

#### a) Introdução. 1:1, 2.

**1. Chamou o Senhor a Moisés.** O ambiente está explicado em Êxodo 40. Deus fala a Moisés da **tenda da congregação**, '*ohelmo'ed*', "tenda da reunião", isto é, no lugar onde Deus se encontra com o Seu povo. Este não era um lugar de reunião no sentido da posterior sinagoga, pois só os Sacerdotes e levitas tinham permissão de se aproximar dele.

**2. Oferta.** O hebraico *qorbein*, vem da raiz *qrb*, "aproximar-se". É aquilo com que alguém se aproxima de Deus. Um homem trazia alguma coisa como preparativo para se apresentar diante de Deus. O que estas ofertas eram está explicado nos capítulos de 1 a 7.

#### b) Ofertas Queimadas. 1:3-17.

**3. Se a sua oferta for holocausto.** O holocausto ou oferta queimada (*'olei*) podia consistir de uru grande animal macho, *beiqeir* (v. 3), ou de um animal pequeno, sob (v.10). O pensamento central aqui é que nem o ofertante (cons. caps. 13; 14) nem a oferta podiam ter defeito. A oferta era trazida para que ambos, oferta e ofertante, fossem aceitos por Deus.

**4. E porá a mão.** No hebraico (*seimak yeido*) implica em pressionar com força a cabeça do animal. Não conhecemos todo o ritual envolvido, mas a intenção era provavelmente a de mostrar a energia física e mental envolvida na transferência, e no que ela implicasse. O propósito final era a expiação ou cobertura (*kapper*) do pecado.

**6. Ele esfolará.** Depois que a vítima era sangrada, o ofertante tirava-lhe a pele e a dividia pelas juntas. Em prática posterior (II Cr. 29; 35) os sacerdotes e os levitas é que esfolavam a carcaça.

**10. Sua oferta . . . de gado miúdo.** Não eram só os animais grandes que podiam ser usados mas também os pequenos, isto é, carneiros ou cabritos. O mesmo ritual devia ser observado pelo ofertante e pelos sacerdotes. Acrescenta-se aqui que o animal devia ser morto no lado setentrional do altar.

**14.** A pequenez das aves exigia algumas alterações no ritual usado com os animais maiores. O ritual foi manejado somente pelo sacerdote.

**17. Aroma agradável.** Deus achava bom o aroma, isto é, ele Lhe agradava.

## Levítico 2

### c) Ofertas de Manjares. 2:1-16.

**1. Oferta de manjares.** A palavra hebraica *minhei* aqui usado significa "um presente", e algumas vezes, "tributo". Quando usado em relação a um sacrifício, pode indicar tanto um animal como oferta de cereais (como no caso de Abel e Caim., Gn. 4). Comumente significa uma oferta de cereais (em espiga), farinha fina ou alimento cozido. A oferta de farinha fina, *solet*, era misturada com azeite, incenso e sal.

**3. O que ficar.** Depois que os sacerdotes queimavam a flor de farinha no altar, o que sobrava era deles. Era queimada como um memorial. *'azkarei* – para que Deus fosse lembrado (cons. Atos 10:4).

**4-10. Oferta.** É o hebraico *qorbein* (cons. 1, 2). Esta oferta podia ser assada no forno, numa assadeira (*mahabat*, v. 5), ou numa frigideira



(*marheshet*, v. 7). O que sobrava depois da cerimônia era para alimentação do sacerdote.

**11. Nenhuma oferta de manjares... com fermento.** O manjar era feito sem fermento. O uso do mel também não era permitido. Fermento e mel, ambos são sujeitos à fermentação. O fermento como sinal de corrupção era usado nas ofertas sobre os altares pagãos. Só as ofertas feitas aos sacerdotes (7:13,14) podiam conter fermento.

**12. Primícias.** O *re'shit*, "primeiros" (frutos), aqui contrasta com o *bikkurim* do versículo 14. Ambos significam o mesmo. O primeiro não devia ser oferecido sobre o altar, enquanto aquele que está mencionado no versículo 14 era queimado sobre o altar.

**13. Toda oferta . . . temperarás com sal.** O sal era considerado uma preciosidade no Oriente Próximo da antiguidade. Era considerado um acessório necessário ao alimento oferecido a Deus como também usado pelo homem.

**14. Espigas verdes. . . grão esmagado.** O grão, tanto na espiga como debulhado (*geres karmel*) era tostado e oferecido como um memorial, ficando o restante para os sacerdotes.

## Levítico 3

### d) Ofertas Pacíficas. 3:1-17.

**1. Oferta de.. . sacrifício pacífico.** O hebraico *zebah sheleimim* poderia ser traduzido para "o sacrifício da unidade ou inteireza". Inteireza dá idéia de um relacionamento íntimo ou comunhão entre Deus e o homem. No ritual esta oferta era quase idêntica à oferta queimada (cap. 1), exceto que, enquanto na primeira toda a oferta era queimada, na oferta pacífica o adorador reunia-se ao sacerdote na refeição sacrificial daquilo que restava. Nas outras ofertas – manjares, pecado e sacrilégio – só o sacerdote participava da refeição sacrificial (cons. 7:11-38).

**4. O redenção sobre o fígado.** O hebraico *yoteret*, provavelmente "o dedo do fígado" (*lobus caudatus*).

**6. De gado miúdo, seja macho ou fêmea.** Uma ovelha ou carneiro sem defeito era o sacrifício costumeiro do gado miúdo, para diferenciar do "gado" (v, 1).

**12. Se . . . uma cabra.** Uma cabra também podia ser sacrificada. Nem a gordura nem o sangue devia ser comido. Não se faz menção de uma oferta de aves, devido, sem dúvida, ao fato de pouco restar para uma refeição sacrificial, os pobres deviam participar dos sacrifícios do gado miúdo que os outros traziam.

### **e) Sacrifícios pelos Pecados. 4:1 - 5:13.**

## **Levítico 4**

**2. Quando alguém pecar por ignorância.** A palavra hebraica *hattei't* pode significar "pecado" ou "oferta pelo pecado". Este fato esclarece a declaração de Paulo referente a Cristo em II Co. 5:21a: " . . . o fez pecado por nós (isto é, oferta pelo pecado) . . . " A oferta pelo pecado aqui se aplica apenas àqueles que pecam (*bishegeigu*) "por ignorância", sem intenção. Para o pecado cometido conscientemente (ou rebeldemente), nenhum sacrifício expiador existia (Nm. 15:30,31). À luz disso, considere o lamento do Salmista (Sl. 51) e o clamor dos profetas contra os pecados do povo (Mq. 6:6-8 por exemplo). Quanto mais Cristo, nossa Oferta pelo Pecado, faz por nós! (Hb. 7:26, 27).

**3-7. Se o sacerdote . . . pecar.** O sacerdote ungido ou o sumo sacerdote representava a comunidade e portanto a culpa do seu pecado recaía sobre toda a comunidade. Um novilho sem defeito era a oferta. A cerimônia era muito parecida com a da oferta queimada, exceto que o sangue era usado para aspergir diante do véu do santuário e sobre os chifres do altar (cons. Vs. 14-18).

**8-12. Toda gordura. . . tirará dele.** Observe que depois da queima da gordura e certos órgãos sobre o altar, a carcaça era levada a um lugar limpo, fora do campo para ser queimada. Cons. Hb. 13:10-13.

**13. Mas, se toda a congregação. . . pecar.** O pecado da congregação de Israel era coberto em um ritual muito parecido ao do pecado do sumo sacerdote. A cerimônia pode ser um pouco diferente desta descrição, como a narrativa da cerimônia em Nm. 15:22-26 parece indicar.

**22. Quando um príncipe pecar.** O príncipe, como ungido de Deus, é responsável por um comportamento piedoso diante do seu povo. A oferta pelo pecado prescrita para o príncipe era um bode. O sangue não era introduzido na tenda da congregação, como nos casos acima citados, mas colocado sobre os chifres do altar da oferta queimada e derramado sobre a base do altar.

**27. Se qualquer pessoa do povo da terra pecar.** O cidadão particularmente também era responsável diante de Deus. Ele não podia se esconder no grupo e fingir inocência. Ele devia trazer uma cabra ou ovelha. O ritual era o mesmo do príncipe.

## Levítico 5

**5:1-5.** Agora são apresentados três exemplos de oferta pelo pecado.

**1. Quando alguém pecar . . . tendo ouvido . . . não o revelar.** O primeiro exemplo é o da testemunha que se recusa a falar. É O caso de um homem que temia visto um crime sendo cometido ou tenha ouvido algo que ajude na solução de um crime. Ele deve pagar a penalidade do Silêncio se escondeu o que sabia. Isto não faz pensar no castigo do cristão por sua falta de testemunho?

**2. Quando alguém tocar em alguma coisa imunda.** O segundo exemplo é a contaminação cerimonial acidental. Alguém que acidentalmente tocasse em um animal imundo, selvagem ou domesticado, ou em alguma coisa rastejante era culpado. A imundícia do homem também não devia ser tocada. Isto está mais explicado nos capítulos 12-15.

**4. Quando alguém jurar.** O terceiro exemplo é o caso de um homem que faz um juramento ou uru voto precipitado em qualquer ocasião. Embora o homem possa no momento não perceber que errou, é culpado quando a verdade se lhe descortina.

**6-13.** Diversas ofertas eram permitidas para a expiação. Há alguma dúvida sobre se a oferta pelo pecado e a oferta pelos pecados ocultos (5:14,15) não se sobrepõem. Há, contudo, algumas diferenças as quais o leitor cuidadoso notará. Uma ovelha ou cabra devia ser oferecida pelos pecados mencionados em 5:1-4. Para aqueles que não tinham possibilidade de oferecer um animal, duas rolas ou pombinhos (v. 7) eram os prescritos. Para os muito pobres uma medida de flor de farinha (v. 11) era o suficiente.

### **O Sacrifício pelo Sacrilégio. 5:14 - 6:7.**

**15. Quando alguém cometer ofensa.** A oferta pelo pecado (cap. 4) destacava o pecado do qual alguém tomava consciência. A oferta pelo sacrilégio enfatizava aquela situação na qual alguém se sentia culpado, mas não era capaz de especificar sua culpa exatamente. Aqui na oferta pelo sacrilégio (*'eishem*), caso parte daquilo que era devido ao Senhor fosse retido – tal como o dízimo, era preciso restituí-lo em dobro. Também se oferecia um carneiro no valor mínimo de dois siclos. O ato do pecado é chamado no hebraico de *ma'cal*, "lidar com mentira".

**17. Se alguma pessoa pecar. .. ainda que o não soubesse.** Se alguém fizer inadvertidamente o que Deus ordenou ao Seu povo que não fizesse, trazia um carneiro como oferta pelo pecado (como acima). Mas não fazia restituição, uma vez que o pecado exato era desconhecido. Esta oferta voluntária ajudava a aliviar mentes e corações perturbados.

## **Levítico 6**

**6:1-7. Quando alguma pessoa pecar, e cometer ofensa.** Esta seção faz parte do capítulo 5 no texto hebraico. O pecado neste caso é um dano

à propriedade de outrem por fraude ou violência. Este é o caso em que o pecado se torna conhecido por meio da confissão. Os aspectos legais de tais pecados são discutidos em Êx. 22:7, 8.

## **2) Regras Mais Específicas sobre Estas Ofertas. 6:8 – 7:38.**

O comentário sobre as ofertas na seção anterior foi da perspectiva do adorador que se aproxima do altar com o seu sacrifício. A perspectiva agora considerada é a do sacerdote, conforme a Lei instrui Arão e seus filhos, a exercerem devidamente, o seu ofício no que se referia ao ritual do sacrifício.

**8-13.** *Instruções para a Apresentação da Oferta Queimada.* A oferta de dois cordeiros, um ao nascer do sol e outro ao pôr-do-sol (Êx. 29; Nm. 28), foi ordenada – em benefício de todo o povo mais o uso das vestimentas adequadas pelos sacerdotes no cumprimento do seu serviço.

**14-18.** *Instruções para a Apresentação da Oferta de Manjares.* Este comentário das ofertas de manjares é uma reiteração de 2:2 e segs. As especificações são sobre a alimentação dos sacerdotes com os manjares remanescentes depois do sacrifício. O átrio da tenda da congregação é o lugar da refeição.

**19,20. Oferta de manjares contínua.** A provisão para uma oferta de manjares continua foi feita, na qual Arão dava início a uma refeição que continuaria através dos seus sucessores. Por ocasião do segundo Templo, a oferta foi oferecida diariamente. Era totalmente queimada. Nada era comido.

**24,25. A lei da oferta pelo pecado.** O restante deste capítulo é uma discussão da oferta pelo pecado conforme já anteriormente apresentada de 4:1 a 5:13.

## **Levítico 7**

**7:1. A lei da oferta pela culpa.** Os dez primeiros versículos do capítulo 7 recapitulam as leis relacionadas com a oferta pela culpa dadas de 5:14 a 6:7. Aqui, contudo, são, acrescentados mais detalhes.

**2. No lugar onde imolam o holocausto.** As ofertas pela culpa e pecado deviam ser imoladas no mesmo lugar da oferta queimada (cons. 6:25; 1:11), isto é, do lado setentrional do altar.

**6. No lugar santo se comerá.** O ritual da refeição da oferta de igual modo segue a da oferta pelo pecado (cons. 6:26, 29).

**8. O sacerdote . . . terá o couro.** O couro (*'or*) da oferta queimada ficava em poder do sacerdote oficiante. Com base na declaração do versículo 7, o Mishna estendia este privilégio aos sacerdotes ofertantes de ambas as ofertas, pelo pecado e pela culpa.

**9. Como também toda oferta de maniates.** Os sacerdotes deviam receber a oferta de manjares.

**11-36. Instruções para a Apresentação da Oferta Pacífica.** A oferta pacífica podia ser feita como um ato de gratidão, toda, ou como resultado de um voto, *neder*, ou como oferta voluntária, *nedeiba*.

**12. Por ações de graça.** A *toda*, ação de graça, era suplementada por três tipos de bolos preparados com azeite. Um bolo de cada tipo era uma oferta alçada, *teruma*, levantada em direção do céu à vista da congregação e então apresentada ao sacerdote oficiante.

**15.** A *toda* tinha de ser totalmente comida no dia do sacrifício, mas permitia-se que uma porção do *neder* e *nedeiba* ficasse e fosse comida no dia seguinte. Qualquer porção que restasse então devia ser queimada.

**19. A carne que tocar alguma carne imunda.** A carne sacrificial não podia tocar qualquer coisa imunda nem ser comida por uma pessoa imunda. O que tornava um indivíduo imundo está comentado nas leis da pureza, capítulos 11-15.

**22,13. Não comereis gordura.** Gordura e sangue estavam proibidos como alimento. Os regulamentos referentes à gordura só se aplicavam às porções de gordura dos animais sacrificados, a qual era reservada como oferta a Deus. A restrição foi estendida às mesmas porções de gordura de animais considerados inadequados para o sacrifício por terem morrido de morte natural ou por terem sido mortos por feras. O sangue de animais e aves não devia ser comido de forma nenhuma.

**28,29. Quem oferecer . . . trará a sua oferta.** O indivíduo ofertante devia trazê-la ao altar. Esta porção que servia de oferta movida, *tenupa*, era levantada e movida na direção do altar e então afastada do altar e oferecida aos sacerdotes. Os versículos seguintes (30-34) falam dos elementos do sacrifício da oferta pacífica que deviam ser separados para os sacerdotes.

**37. A lei do holocausto.** Os dois últimos versículos do capítulo concluem a seção das Leis do Sacrifício.

B. O Testemunho da História. 8:1 - 10:20.

## Levítico 8

### 1) A Inauguração das Ofertas. 8:1-36.

**2. Toma a Arão e a seus filhos.** Os antecedentes deste material encontram-se em Êxodo 28 e 29, onde se apresenta o procedimento do vestir e ungir dos sacerdotes, seguido pelo sacrifício a ser feito por ocasião de sua consagração. Em Lv. 8:1-4 somos informados de que Moisés devia reunir todo o material exigido, junto com os sacerdotes, à porta da tenda da congregação na presença do povo.

**8,9. O Urim e o Tumim.** Não se sabe qual era a natureza do Urim e do Tumim, nem qual o seu exato significado, embora haja indicações de que podia ser um meio primitivo de se determinar a vontade do Senhor (cons. I Sm. 28:6; Ed. 2:63; Ne. 7:65; e a LXX de I Sm. 14: 41).

**10. O óleo da unção.** A investidura dos sacerdotes com as vestimentas prescritas era seguida pela unção com o óleo santo (vs. 10-13, 30). O óleo santo (*shemen hammishha*) era símbolo da unção com o Espírito de Deus e o resultante poder espiritual (cons. I Sm. 16:13; Is. 61:1; Atos 10:38). Do mesmo modo separava pessoas e objetos ungidos, consagrando-os para o serviço de Deus.

**14. Novilho da oferta pelo pecado.** O novilho da oferta pelo pecado era sacrificado de acordo com Êx. 29:10-14.

**15. Derramou o resto do sangue à base do altar.** A reconciliação (*kaper*) ou expiação para o altar era necessária para remover dele a profanação dos sacerdotes que faziam os sacrifícios sobre ele.

**18. Fez chegar o carneiro.** O carneiro da oferta queimada era sacrificado de acordo com Êx. 29:15-18 e Lv. 1:3-9, implicando assim em completa dedicação dos sacerdotes para o serviço do Senhor.

**22. Fez chegar o outro carneiro.** O carneiro da consagração ou "enchimentos" (*millu'im*) era sacrificado como no caso da oferta pacífica, exceto quanto ao uso do sangue, conforme descrito em 8:23,24. Nesta oferta, o sangue do carneiro era colocado sobre certas extremidades: a orelha que ouve as palavras do Senhor, a mão que realiza as tarefas do Senhor, e o pé que se apressa a cumprir as ordens do Senhor.

**27. E tudo isto pôs nas mãos de Arão.** Os "enchimentos" (*millu'im*) começavam quando os elementos do sacrifício eram colocados nas mãos dos participantes. O termo usado para a consagração ou designação do sacerdote era "encher a mão" (Jz. 17:5, 12).

**31. Arão e seus filhos a comerão.** Certas porções da carne e do pão tinham de ser comidas pelos sacerdotes. Assim eles se alimentavam enquanto guardavam os sete dias consecutivos do procedimento da consagração, que era repetido, sem que deixassem a tenda da congregação.

## Levítico 9

### 2 ) Quando Foi Oferecida Pela Primeira Vez. 9:1-24.

**2. Toma um bezerro.** Embora Arão fosse consagrado durante sete dias, período em que a oferta pelo pecado e a oferta queimada foram oferecidas repetidamente, havia necessidade de mais sacrifícios. A perfeição ainda não fora alcançada (Hb. 10:1-4). Arão tinha de fazer sacrifícios adicionais por si mesmo e, além desses, sacrifícios pelo povo.



**22. Arão levantou as mãos.** Antes de descer da saliência que rodeava o altar do sacrifício, Arão abençoou o povo com as mãos levantadas.

**23. Entraram Moisés e Arão na tenda da congregação.** A entrada de Moisés e Arão na tenda da congregação podia ser com o propósito de instruir o novo sumo sacerdote em seus deveres. Saindo da tenda, o mediador da lei de Deus e o sumo sacerdote uniram-se para abençoar o povo.

**24. E eis que saindo fogo de diante do Senhor.** A glória do Senhor apareceu como um fogo milagroso (cons. Êx. 3:2-4; 13:21; 19:18, etc.) que se juntou ao que já estava queimando sobre o altar e completou a consumição do sacrifício. O povo reagiu à manifestação divina prostrando-se em admiração e humildade.

## Levítico 10

### 3) O Abuso das Ofertas (Nadabe e Abiú). 10:1-20.

**1. Nadabe e Abiú ... trouxeram fogo estranho.** O fogo estranho (*'esh zeira*) não está explicado. Os elementos usados, ou o procedimento adotado, ou ambos podem ter contrariado a prescrição. Fosse qual fosse a motivação e o abuso, o ato aos olhos de Deus foi merecedor do castigo da morte.

**3. Mostrarei a minha santidade.** Oferecimento impróprio de sacrifício da parte do sacerdote aviltaria a glória de Deus, e esta glória Deus determinara manter.

**4. Então Moisés chamou.** Cons. Êx. 6:18, 22, 23 sobre os mencionados membros da família de Abraão.

**6. Não desgrenheis os vossos cabelos.** Fica melhor: *Não deixem seus cabelos despenteados.* As costumeiras expressões de luto foram negadas ao sumo sacerdote e seus dois filhos remanescentes, neste caso para que não desse a impressão da insatisfação com o juízo divino. Antes, deviam permanecer recolhidos no santuário, enquanto outros realizavam o sepultamento e expressavam a dor.

**9. Vinho nem bebida forte . . . bebereis.** Os que estavam consagrados ao serviço divino deviam realizar suas obrigações com a mente clara, não anuviada pelo álcool. A presença deste versículo não implica necessariamente em que Nadabe e Abiú estivessem, segundo a opinião de alguns, exercendo suas obrigações em estado de embriaguez.

**12. Tomai a oferta de manjares.** Moisés recapitulou com Arão e seus filhos as leis referentes ao comer dos sacrifícios.

**16. E eis que já era queimado.** A porção da oferta pelo pecado que deveria ter sido comida pelos sacerdotes fora queimada. A explicação de Arão parece implicar que o juízo imposto sobre seus dois filhos, implicava em que ele e seus outros dois filhos não estavam suficientemente livres do pecado para merecerem comer a porção designada da oferta pelo pecado. Moisés ficou satisfeito com a explicação.

### **C. As Leis da Pureza. 11:1 - 15:33.**

Os meios de manutenção e restauração da pureza cerimonial são apresentados nos capítulos seguintes. As instruções referem-se ao comer da carne dos animais, contato com os mortos (tanto seres humanos como animais), parto e imundícia das pessoas, vestimentas, mobiliário e casas. Embora um dos resultados de todos esses regulamentos fosse a preservação da saúde, não é a mesma coisa que dizer que a preservação da saúde fosse a motivação. As leis não podem ser assim racionalizadas. Em todas as nações e religiões da antiguidade encontra-se um contraste divisório entre a pureza e a imundícia de certas criaturas, substâncias e situações. Havia uma propriedade relacionada com algumas e uma impropriedade relacionada com outras. Não se declara nenhuma razão para tal especificação e ao que parece não havia necessidade disso. Não muitas destas restrições se aplicam aos dias de hoje, mas podem ser lidas com interesse e pode-se reconhecê-las como regulamentos que ajudavam a manter tanto a saúde física de Israel quanto, ao mesmo tempo, separá-

la na qualidade de nação diferente das outras nações idólatras ao seu redor.

## **Levítico 11**

### **1. O Que Podia ser Comido ou Tocado. 11:1-47.**

**2. São estes os animais que comereis.** Cons. Dt. 14:3-8. Embora a passagem em Deuteronômio apresente uma lista dos animais limpos (*teihor*) como também dos imundos (*teime*), a passagem correspondente em Levítico apresenta apenas a lista dos imundos. O critério da pureza, contudo, está indicado em ambas as passagens; o animal tinha de possuir casco fendido e também ser ruminante.

**5. O arganaz** (*sheipein*) é um coelho ou texugo encontrado em lugares rochosos, um animal muito tímido, que habita em cavernas ou fendas. Nem o coelho nem a lebre (v. 6) são ruminantes, embora o constante movimento de seus maxilares dê esta impressão.

**8. Da sua carne não comereis.** O animal imundo não devia ser comido, nem o seu cadáver devia ser tocado (v. 39 inclui o cadáver de animais limpos que morreram de causa natural).

**9. De todos os animais que há nas águas, comereis.** Cf. Dt. 14:9, 10. As restrições nos versículos seguintes referentes a criaturas que vivem nas águas, ao que parece excluem todos os mariscos e as enguias.

**13. Das aves estas abominareis.** Cons. Dt. 14:11-18. Certas aves são proibidas, sendo citadas por nome, mas sem a explicação do fator que as desqualifica. Nem todas as aves mencionadas podem ser identificadas com certeza.

**20. Todo inseto que voa, que anda sobre quatro pés,** embora os insetos na realidade andem sobre seis pés. Cons. Dt. 14:19,20.

**21. Mas de todo inseto que voa, que anda sobre quatro pés.** O grilo, a locusta e o gafanhoto são permitidos. Em algumas partes do mundo continuam sendo usados como alimento.

**24. Qualquer que tocar os seus cadáveres.** Contato com as carcaças dos animais proibidos, criaturas aquáticas e criaturas aladas produzia contaminação até o fim daquele dia, e exigia a lavagem das vestes.

**29. Estes vos serão imundos.** Animais imundos de tamanho menor são acrescentados à lista.

**32. Será imundo até a tarde.** Qualquer objeto se tornava imundo quando entrava em contato com as criaturas imundas enumeradas, e tinha de ser lavado para poder ser novamente usado.

**33. E todo vaso de barro.** Se o objeto fosse de cerâmica, entretanto, não bastava ser lavado. Tinha de ser destruído.

**36. A fonte . . . será limpa.** O poço ou fonte tinha um suprimento contínuo de água limpa que tendia a purificá-los.

**39.** Cons. comentário sobre o versículo 8.

**44. Eu sou o Senhor vosso Deus.** A motivação para a observância das restrições enumeradas acima era a glória de Deus, que fora visto por Israel em atos poderosos realizados em seu benefício. Tinham de ser um povo peculiar, guardando uma aliança que lhes lembraria sempre o seu relacionamento com Deus. Através de Jesus Cristo ficou inteiramente revelado que o espírito de um indivíduo determina a sua obediência. (Mt. 15:11).

## Levítico 12

### 2) Parto. 12:1-8.

**2. Se uma mulher conceber.** Através de todo o capítulo é a mulher e não a criança recém-nascida que é considerada imunda.

**3. E no oitavo dia se circuncidará.** Cons. instruções em Gn. 17:12. Este ritual era um sinal externo indicando que uru relacionamento contratual ficava estabelecido entre o indivíduo e o Senhor, com todos os privilégios e responsabilidades resultantes desse relacionamento.

**4. Nenhuma coisa santa tocará.** O estado de sua imundícia proibia o contato com todos os objetos santos e a sua presença na casa de adoração durante o período designado.

**5. Mas, se tiver uma menina.** O período da imundícia tinha o dobro de duração no caso do nascimento de uma criança do sexo feminino. Isto pode se atribuir a uma crença antiga de que o período de recuperação para a mãe era mais longo no caso do nascimento de uma menina.

**8. Se as suas posses não lhe permitirem trazer um cordeiro.** Maria, a mãe de Jesus, usou do privilégio que era dado aos que tinham meios limitados (Lc. 2:24).

### **3) A Lepra. 13:1 – 14:57.**

A condição designada por lepra (*seira'at*) neste capítulo e no próximo nem sempre se refere à doença conhecida por este nome na atualidade. Por outro lado, a verdadeira lepra certamente está incluída nas irregularidades físicas descritas. Com os diagnósticos limitados no tempo de Moisés, os regulamentos registrados tratavam com a maior eficiência possível dos problemas que surgiam com a verdadeira lepra e condições análogas. Hoje em dia não se dá menos importância do que naquele tempo ao isolamento e acurada observação das vítimas suspeitas de lepra.

## **Levítico 13**

Levítico 13 trata da identificação da lepra e condições análogas no homem e suas roupas. O capítulo 14 trata dos métodos de purificação a serem seguidos quando o *seira'at* era constatado no homem e nas paredes de sua casa.

**13:2. Será levado a Arão, o sacerdote.** Arão ou um dos seus filhos foi designado para examinar o indivíduo suspeito de lepra. Se houvesse um inchaço, erupção ou mancha sobre a pele, seria designado como lepra se o cabelo crescendo sobre o local estivesse branco e se o local aparentasse uma depressão. Se o pelo não tivesse mudado de cor e a lesão fosse superficial, impunha-se uma quarentena para observação. Se a condição não piorasse no tempo designado, o indivíduo era

considerado limpo; se, contudo, houvesse um progresso na erupção, a condição era declarada de lepra pelo sacerdote.

**11. É lepra inveterada.** Se o sacerdote fosse capaz de determinar, pela aparência do homem, que sofria de uma lepra antiga, este poderia ser declarado imundo sem quarentena ou qualquer observação adicional.

**12. Se a lepra se espalhar de todo na pele.** Se a doença da pele tiver se espalhado por todo o corpo, o homem deveria ser considerado limpo até que aparecesse carne viva. Então seria declarado imundo. Se a carne viva sarasse, seria declarado limpo novamente. Não sabemos se esta é uma referência à lepra verdadeira.

**18. A carne, em cuja pele houver uma úlcera.** O estado de lepra poderia aparecer no local de uma ferida recentemente curada. Se houvesse dúvida quanto ao diagnóstico, empregava-se a quarentena e a observação.

**24. Queimadura de fogo.** O local de uma queimadura também podia ser o ponto onde a lepra viesse a se manifestar. O sacerdote devia tomar medidas apropriadas para fazer o diagnóstico correto.

**29. Praga na cabeça ou na barba.** Se uma coceira ou sarna (*neteq*) aparecesse na cabeça ou na barba, devia ser observada pelo sacerdote. Se, após um certo período, não se espalhasse e não contivesse pelo amarelo, o indivíduo era declarado limpo. Empregava-se então uma lavagem.

**35. Se tiver espalhado muito.** Se, depois da lavagem, a sarna tivesse aparentemente avançado, o homem devia ser declarado imundo, quer houvesse nela pelos amarelos, quer não.

**38. Manchas lustrosas.** Se a pele (*bohaq*) apresentasse uma inflamação com manchas brancas opacas, a imundície não estava envolvida.

**40. Quando os cabelos . . . caírem.** A queda de cabelo propriamente dita não implicava em imundície. Se, contudo, a condição fosse acompanhada de inflamação, a pessoa devia ser declarada leprosa.

**45. O leproso, em quem está a praga.** A situação do leproso era angustiante. Ficava em completo exílio fora da cidade (Nm. 5:2-4),

sendo considerado como morto (Nm. 12:10-12). Contudo, como nem todas as doenças de pele que obrigavam esse exílio fossem realmente lepra, havia ao que parece, aqueles que se restauravam, eram declarados limpos e tinham permissão de retomar ao seu lugar na sociedade.

**47. Em alguma veste houver praga de lepra.** Ao que parece a referência aqui é a algum tipo de mofo ou a vestes que foram usadas por um leproso. O primeiro caso é o mais provável.

**49. Se a praga for esverdeada ou avermelhada.** Se as manchas fossem verdes ou vermelhas, as vestes deviam ser deixadas de lado durante sete dias. Se elas aumentassem de tamanho, o tecido sobre o qual se apresentava devia ser destruído pelo fogo, porque era uma praga "corrosiva", isto é, maligna.

**54. E o encerrará por mais sete dias.** Se a praga não se espalhasse durante os primeiros sete dias de observação, as vestes deviam ser lavadas e colocadas à parte por mais sete dias.

**55. Com fogo a queimarás.** Se a lavagem não fizesse desaparecer a praga, as vestes deviam ser queimadas. **Lepra roedora** se refere à tendência do bolor ou mofo de "comer" o couro ou o tecido, quer se espalhe por todo ele, quer não.

**56. Então a rasgará da veste.** Se a mancha tivesse diminuído de intensidade, o sacerdote devia remover aquela parte do tecido contaminado.

**57. Com fogo queimarás aquilo em que está a praga.** Se a remoção da mancha não viesse a evitar que a praga se espalhasse, toda a veste contaminada devia ser queimada.

**58. . . . se lavará segunda vez.** Se a lavagem removesse a praga, o item devia tornar a ser lavado e então considerado limpo.

## Levítico 14

**14:1-57. Purificação de Leprosos e Coisas Leprosas.** A primeira parte do capítulo (vs. 1-32) foi dedicada à purificação do leproso. A segunda parte (vs. 33-57) apresenta o processo a ser seguido no caso da lepra existir nas casas.

**2. Será levado ao sacerdote.** Quando o leproso apresentava-se aparentemente curado e buscava sua restauração na sociedade, devia ser levado ao sacerdote, que se encontraria com ele fora da cidade.

**4. Duas aves vivas.** Para mais referências a estas aves (*sipporim*), veja Gn. 15:10, onde está registrado que Abraão usou tais aves para sacrifício, e Êx. 2:21, onde a esposa de Moisés foi chamada de Zípora (*'sippora*). A espécie das aves não foi declarada. **Carmesim** (*shenit to la'at*), literalmente, "estofa carmesim", um pequeno pedaço de fazenda vermelha.

**5. Mandará também o sacerdote que se imole uma ave.** O sangue da ave imolada devia ser misturado com água no vaso de barro.

**6. Tomará a ave . . . e o estofa carmesim.** A fazenda vermelha provavelmente era usada para manter juntos o pau de cedro e o hissopo com o fim de mergulhá-los na mistura de água e sangue.

**7. E soltará a ave viva.** Talvez significasse que assim como uma das aves dava sua vida como símbolo e em lugar do leproso, a outra simbolizava a liberdade recém-adquirida do homem de retomar ao seu lugar entre o povo e na casa de adoração, de onde fora excluído. No versículo 53 o mesmo ritual é chamado de "expição" (*kipper*).

**8. Aquele que tem de se purificar.** O homem não tinha ainda permissão de entrar na comunidade. Depois de se lavar completamente e às suas vestes e de remover o seu cabelo, devia ficar fora mais sete dias. Depois desse período a lavagem e a raspagem do cabelo tinham de ser repetidas.

**10. No oitavo dia.** No oitavo dia devia trazer os elementos necessários para uma oferta pela culpa, uma oferta pelo pecado, uma oferta queimada e uma oferta de maniates. Quantidade de farinha era de cerca de três décimos de uma efa. O **sextário** continha cerca de um quartilho de azeite.

**11. E o sacerdote.** A oferta pela culpa devia ser feita pelo sacerdote representando o homem na maneira indicada.



**15. O sextário de azeite.** O azeite, depois de aspergido diante do altar para ser consagrado ao Senhor e santificado para uso posterior, devia ser empregado de modo idêntico ao sangue no versículo 14.

**18. O restante do azeite.** O azeite restante devia ser usado para unção da cabeça do homem.

**19. O sacerdote fará a oferta.** A oferta pelo pecado, a oferta queimada e a oferta de manjares, todas as três eram feitas.

**21-32. Provisão especial pelos pobres.** Estes versículos explicam como se providenciavam todos os elementos indicados em 14:10 para aqueles que não tinham posses para obtê-los. Permitia-se uma redução no caso da oferta pelo pecado, na oferta queimada e na oferta de manjares; mas a oferta pela culpa permanecia a mesma, isto é, um cordeiro. Os versículos 23-32 simplesmente repetem o procedimento descrito nos versículos 11-20 a ser observado na oferta dos sacrifícios, indicados para a restauração do homem ao estado de pureza.

**34. A praga da lepra a alguma casa.** A presença de uma praga nas paredes internas de uma casa exigia o exame de um sacerdote. Poderia ser uma espécie de mofo ou alguma forma de podridão, mas indicava ação específica da parte de Deus e não podia ser ignorada nem tratada sem a supervisão e instrução sacerdotal. Problemas sanitários deviam estar envolvidos, mas o acontecimento não deixava de ter também um significado religioso.

**36. Que despejem a casa.** Ao que parece aqueles que moravam na casa e o mobiliário podiam estar contaminados pela praga que se apresentava nas paredes. Conseqüentemente a casa tinha de ser esvaziada antes da inspeção sacerdotal.

**37,38. E examinará a praga.** Sob certas condições a casa tinha de ser fechada por sete dias para se observar o desenvolvimento da praga. Em caso positivo, as porções contaminadas das paredes tinham de ser removidas e aquelas partes deviam ser completamente reparadas.

**43. Se a praga tornar a brotar.** Se, contudo, a praga continuasse a se espalhar pelas paredes, devia-se tomar medidas mais rigorosas. Toda a estrutura devia ser derrubada e o material abandonado.

**46. Aquele que entrar na casa.** Durante o período de observação, qualquer pessoa que entrasse na casa tulha de ser considerada imunda, e medidas adequadas de limpeza tinham de ser adotadas.

**48. Porém, tornando o sacerdote a entrar.** Se depois da reforma da sessão atingida, a praga não se espalhasse, a casa podia ser considerada limpa.

**49. Para purificar a casa.** Na purificação da casa deviam ser usados os mesmos elementos sacrificiais e o mesmo procedimento seguido na purificação do leproso curado (vs. 4 -7).

## Levítico 15

### 4) Pureza Sexual. 15:1-33.

**2. Fluxo** (*zeib*), ou "emissão", do verbo *zub*, "fluir". A emissão do seu corpo (*mibbeseiro*) subentende-se que é dos órgãos genitais, embora a natureza exata da doença discutida não seja conhecida.

**3. Esta, pois, será a sua imundícia.** A imundícia existia se a emissão fosse contínua ou se o estado desenvolvesse uma obstrução que causava cessação temporada do fluxo.

**4. Tudo . . . será imundo.** Qualquer um que tocasse o homem imundo, a emissão ou qualquer coisa sobre a qual ele se assentasse ou deitasse durante a sua imundícia, teria de se lavar e também as suas vestes e se considerar imundo até a tarde.

**11. Todo aquele em quem tocar.** Se o imundo tocava em alguma pessoa sem ter lavado as mãos antes, a imundícia era transferida para a pessoa tocada.

**13. Contar-se-ão sete dias.** No final da enfermidade e depois de sete dias adicionais, o homem devia se lavar, como também as suas roupas para ser considerado limpo novamente.

**14. Ao oitavo dia.** Depois deste procedimento devia levar duas aves ao sacerdote para oferecê-las como oferta pelo pecado e oferta queimada.

**16. Banhará todo o seu corpo em água.** Enquanto os versos 2-15 referem-se a uma enfermidade, os versículos 16-18 referem-se a uma secreção natural. Embora o homem ficasse imundo por algum tempo, não tinha de fazer um sacrifício. A imundícia proibia a participação nos serviços religiosos (cons. v. 31).

**19. A mulher, quando tiver o fluxo.** Outro fluxo natural discutido nos versículos 19-24. Durante o período da separação da mulher, aplicavam-se as mesmas regras de 15:2-10. Não havia necessidade de ofertas sacrificiais neste caso.

**25. Muitos dias fora do tempo da sua menstruação.** Mais de acordo com os versículos 2-15 está a condição de enfermidade descrita em 15:25-30. Neste caso a mulher devia trazer duas aves ao sacerdote, que as oferecia como oferta pelo pecado e oferta queimada.

## Levítico 16

### D. O Dia da Expição. 16:1-34.

Apesar de todos os sacrifícios feitos durante o ano pelos membros da congregação de Israel e pelos próprios sacerdotes, ainda ficavam pecados e imundícias que exigiam expiação para que houvesse um relacionamento adequado entre Deus e o Seu povo. Por isso um dia particular foi inaugurado, no qual o ritual executado pelo sumo sacerdote realizaria a reconciliação da nação com o seu Deus. Hebreus 9 dá o significado da cerimônia para o cristão dum quadro claro que Lv. 16 pode verdadeiramente ser chamado de pináculo do sistema sacrificial do V.T.

**2. Não entre no santuário em todo tempo.** Arão não tinha permissão de freqüentes entradas no Lugar Santo por trás do véu (*paraket*) ou "divisor", diante do propiciatório (*kapporet*) descrito em Ex. 25:17-21. Este *kapporet* vem do verbo *keipar*, "cobrir, perdoar ou expiar". Por isso a tampa da arca, ou propiciatório, podia ser assim chamada. Conforme prescrito nos versículos 29, 30, a entrada só devia acontecer uma vez por ano. E só devia ser feita de acordo com o que fora prescrito.

**3. Entrará Arão no santuário com isto.** Uma vez que o próprio sacerdote tinha de ser purificado antes de poder oferecer sacrifício pelo povo, tinha de trazer um novilho como oferta pelo pecado e um carneiro como oferta queimada. Do povo (v. 5) tinha de tomar dois bodes para uma oferta pelo pecado e um carneiro para uma oferta queimada, a serem oferecidas pelo povo.

**4. Vestirá ele a túnica de linho.** Depois de se lavar, o sacerdote devia vestir as vestes sacerdotais.

**6. Arão trará o novilho da sua oferta.** O novilho devia ser uma oferta pelo pecado do sacerdote e sua família (cons. v. 11). Compare esta descrição com a de Jesus em Hb. 7:26, 27.

**7. Também tomará ambos os bodes.** Os dois bodes, depois de serem "apresentados ao Senhor" eram escolhidos por sorte, uru para o Senhor e outro como "bode emissário" (*'azei'zel*). A identidade e significado de *'azei'zel* não são explicados, mas as referências tornam claro que era alguma espécie de demônio que representava para o povo judeu aquilo que se opunha a Jeová. Deve-se notar, contudo, que enquanto um bode devia ser sacrificado ao Senhor (vs. 9,15), o outro não devia ser sacrificado a *'azei'zel*, mas simplesmente solto no deserto depois de ter sido apresentado vivo diante do Senhor (cons. vs. 20-22).

Outra interpretação do *'azei'zel* é que a palavra hebraica é um substantivo abstrato significando "remoção completa" (cons. ASV tradução marginal). Neste caso *'azei'zel* é formado de um radical intensivo da raiz verbal *'azal* encontrado na linguagem árabe cognata com o significado de "remover". Levítico 17:7 proíbe expressamente qualquer sacrifício aos demônios. A função real do bode vivo era levar para longe todos os pecados de Israel e tornar evidente o efeito da grande obra da expiação. Esta cerimônia única envolvendo o segundo bode ensina a remoção completa dos pecados expiados pelo sacrifício (cons. Sl. 103:12; Is. 38:17; 43:25; Jr. 31:34; Mq. 7:19; Jo. 1:29; Hb. 9:26).

**12. Tomará também o incensário.** A primeira entrada do sumo sacerdote no Santíssimo Lugar era com o propósito de introduzir o incensário com brasas vivas e dois punhados de incenso.

**13. O testemunho** (*hei'edut*) é um termo usado com referência às duas tábuas dadas a Moisés no Sinai e subseqüentemente colocadas na arca (cons. Êx. 25:16; 31:18; 32:15). A nuvem resultante do incenso tinha o intuito, talvez, de esconder aos olhos do sacerdote a manifestação de Deus sobre o propiciatório para que não morresse (Êx. 33:20).

**14. Tomará do sangue.** Entende-se aqui que o sumo sacerdote devia sair do Santíssimo Lugar a fim de buscar o sangue do novilho, voltando então uma segunda vez para aspergir o sangue sobre e diante do propiciatório conforme indicado.

**15. Depois imolará.** Depois devia sair novamente, matar o bode da oferta pelo pecado do povo, entrando no Lugar Santíssimo uma terceira vez, repetindo com o sangue do bode o procedimento descrito no versículo 14.

**16. Fará expiação.** Assim o sumo sacerdote expiaria os pecados do povo, e a conseqüente imundícia do Lugar Santo e do Tabernáculo, que exigia uma purificação periódica.

**20. Fará chegar o bode vivo.** O bode vivo do versículo 10 devia ser trazido, depois do que, Arão colocada as duas mãos sobre ele, e confessaria todos os pecados do povo de Israel. Considerava-se que este ato simbolizava a transferência dos pecados para o bode, o qual era depois solto no deserto, presumivelmente para morrer. Já dissemos (v. 8) que *'azei'zel* representava para os judeus aquilo que se opunha ao Senhor. Assim como o primeiro bode era o meio de expiação dos pecados de Israel *com referência ao Senhor*, o segundo bode era um meio de expiação *com referência ao que se opunha ao Senhor*, fazendo voltar para ele, com o bode, os pecados pelos quais era responsável. Mas, enquanto o bode designado para o Senhor era sacrificado, o bode designado para *'azei'zel* não era. Se, na realidade, considerava-se o

segundo bode portador de todos os pecados (isto é, os pecados arbitrários como também os involuntários) dos filhos de Israel não está claro.

**23-25. Depois Arão virá à tenda da congregação.** Arão devia entrar no Tabernáculo, remover suas vestes de linho, lavar-se, e vestir outra roupa. As vestes usadas a esta altura não são descritas, embora pareça que eram as vestes formais do sumo sacerdote (cons. Êx. 28). Depois devia sacrificar sobre o altar um carneiro como oferta queimada pelo povo, depois do que a gordura da oferta pelo pecado. (cons. Lv. 16:11, 19) devia ser queimada.

**26. Aquele que tiver levado o bode.** O homem que se tornara imundo ao levar o bode para o deserto (v. 21) tinha de lavar suas roupas e banhar-se antes de retomar à comunidade.

**27. O novilho e o bode . . . serão levados.** As partes restantes do novilho e do bode usados nas ofertas pelos pecados deviam ser levadas para fora do acampamento e destruídas pelo fogo. Aqueles que tomassem esta providência deviam lavar suas vestes e corpos antes de retornar.

**29. Afligireis as vossas almas.** O estabelecimento perpétuo do Dia da Expição, *yom hakkippurim* (cons. 23 : 27), e sua comemoração pelo sumo sacerdote e o povo é o que se segue nos demais versículos do capítulo. O dia décimo do sétimo mês foi indicado para a comemoração, e nesse dia o povo devia se humilhar (*te'anmu*) e abster-se de todo trabalho. Este humilhar-se ou afligir-se costumava ser feito através do jejum (cons. Sl. 35:13 ; Ez. 8:21; Is. 58:3, 5 ), subjugando os apetites terrenos a fim de manifestar-se penitente pelos erros cometidos.

**31. Sábado de descanso.** As palavras *shabbat shabbaton* significam "um sábado de solene descanso" (RSV), isto é, um sábado importante, um sábado especial

**32. Quem.. . fará a expiação.** Devia-se seguir o ritual prescrito uma vez por ano (v. 34) pelo indivíduo que ocupava o posto de sumo sacerdote. Todo o ritual, imperfeito e sujeito à repetição como era, tinha apenas o objetivo de tornar o devoto ansioso pela vinda do Sumo

Sacerdote e do Mediador Perfeito que cumpriria, de uma só vez para todo o sempre, todas as exigências necessárias para efetuar a perfeita reconciliação com o Pai.

## **II. Como Manter-se em Contato com Deus. 17:1 - 27:34.**

Uma vez estabelecido o desejado relacionamento com Deus, este devia ser mantido. Os capítulos restantes apresentam claramente o meio do judeu individualmente andar, a fim de ser diferente dos pagãos e aceitável ao Senhor.

### **A. A Santidade do Povo. 17:1 - 20:27.**

#### **Levítico 17**

##### **1) Em Relação ao Alimento. 17:1-16.**

1. Deus dá instruções a Moisés e então ao povo por meio de Arão e seus filhos.

3. **Qualquer homem . . . , que imolar ... no arraial ou fora dele.** Todos os animais a serem imolados, apropriados para o sacrifício, deviam ser trazidos ao sacerdote e sacrificados à porta da tenda da congregação. Nessa ocasião o sangue e a gordura deviam se tomar parte de uma oferta pacífica ao Senhor (v. 5).

4. **E os não trouxer.** Se a ordem fosse desobedecida, o homem devia ser considerado como tendo derramado sangue indevidamente e devia ser eliminado do seu povo. A palavra **eliminado** vem da raiz *krt*, que também significa "arrancar", "mutilar" ou "destruir". Não sabemos com certeza se o termo implicava em sentença de morte ou simples excomunhão. Êxodo 31:14 parece implicar em sentença de morte, pois os dois termos são mencionados como penalidade pela mesma ofensa.

5-7. **Nunca mais oferecerão os seus sacrifícios aos demônios.** O propósito desta punição severa está nos versículos 5 e 7. Os animais deviam ser mortos à porta da congregação e não sacrificados aos "demônios" (*se'irim*). Estas criaturas, chamadas de "sátiros" na RSV,

foram mencionadas em Lv. 4:23 no singular e traduzidos simplesmente para "bode". O mesmo termo, contudo, conforme usado em II Cr. 11:15; Is. 13:21; 34:14 (em Is. a E.R.C. também usa o termo "sátiro") se refere obviamente a demônios, objetos da adoração pagã. Ao que parece algo da idolatria do Egito, que invadira as fileiras dos judeus (Js. 24:14), ficara com eles no Êxodo. Josefo (*Against Apion*, 11. 7) fala da adoração de bodes no Egito. **Estatuto perpétuo** foi adaptado por Moisés conforme apresentado em Dt. 12:15, em antecipação à entrada na Terra Prometida, onde a dispersão das tribos tomaria tal restrição impraticável.

**9. Esse homem será eliminado.** A penalidade pela oferta imprópria de qualquer animal sacrificial referia-se tanto aos hebreus como aos estrangeiros que habitassem no meio deles.

**10. Que comer algum sangue.** Nem o hebreu nem o estrangeiro residente devia comer sangue sob qualquer forma. As razões estão apresentadas em 17:11. A primeira era que o sangue é o fluido que leva a vida pelo corpo e por isso representa a vida ou a alma (*nepesh*) do animal. A segunda era na realidade a principal, a primeira sendo apenas a base da segunda: Expição de pecados era feita através do sacrifício de animais, oferecendo-se a vida do animal como substituto da vida do indivíduo; o derramamento de sangue como fluido de vida era o oferecimento da porção que mais claramente apresenta o quadro da expiação.

**13. Derramará o seu sangue.** O sangue da caça comestível que fosse morta devia ser derramado sobre o chão e não devia ser comido.

**15. O que morre por si.** O animal que morresse de uma morte natural, ou tivesse sido morto por outros animais, ou retinha o seu sangue ou o tinha derramado de maneira cerimonialmente imprópria. Assim, embora o animal pudesse comumente ser considerado limpo, a natureza de sua morte proibia que fosse comido. Quando por ignorância, ou inadvertência, tal animal fosse consumido, devia-se seguir a purificação indicada.



## **Levítico 18**

### **2) Em Relação ao Casamento. 18:1-30.**

**3. Segundo as obras da terra de Canaã.** O povo hebreu, escolhido por Deus para ser a nação que daria origem ao Salvador de toda a humanidade, não teria permissão de se entregar às práticas imorais e idólatras do povo do qual acabara de se separar, nem da terra na qual breve entrariam.

**4. Fareis segundo os meus juízos.** Antes, teriam de andar segundo o caminho que lhes fora traçado por seu Líder, o Senhor Deus de Israel. E foi com a autoridade do seu Líder e seu Deus que os mandamentos abaixo lhes foram dados, reforçando assim as obrigações resultantes da aliança.

**5. Viverá por eles.** Os mandamentos não foram dados sem uma promessa. O indivíduo obediente viveria. A mesma expressão se encontra em Ez. 20:11; 13:21 sem tornar claro o significado exato. Sente-se, entretanto, que o significado se encontra no N.T. (Lc. 20:38; Rm. 10:5 ; Gl. 3:12), onde a vida "abundante", "cheia", ou "verdadeira" parece estar implícita.

**6-15. Mandamentos Referentes à Pureza no Relacionamento entre Pais e Filhos.**

**6. Parenta da sua carne.** Literalmente, carne da sua carne (*she'seiro be'seiro*), isto é, consangüinidade que se opõem ao simples relacionamento conjugal. Para lhe descobrir a nudez. Expressão idiomática hebraica para indicar relação sexual. Com isto proíbe-se o incesto.

**7. A nudez de teu pai.** Estas leis dirigiam-se a homens. Portanto este versículo contém uma proibição não contra o incesto entre pai e filha, mas contra o incesto entre filho e mãe somente. A vergonha da mãe também seria do pai. Sendo uma só carne (Gn. 2:24), qualquer ato cometido contra a mãe poderia ser considerado também cometido contra o pai.

**8. É nudez de teu pai.** Mesmo que a madrasta não seja parente consanguíneo, a condição de marido e mulher obrigava à mesma proibição e pelos mesmos motivos apresentados no versículo 7.

**9. A nudez da tua irmã.** Encontramos aqui a referência à meia irmã ou enteada do pai ou da mãe. Nascida em casa, ou fora de casa parece mais ser uma referência à moça filha de um casamento subsequente ou anterior àquele que produziu o filho.

**10. Da filha do teu filho.** Relação sexual entre avô e neta é proibido.

**11. Da filha da mulher de teu pai.** Novamente a referência é a uma meia irmã, uma vez que existe consanguinidade (veja também v. 9).

**12,13. Irmã de teu pai .. . irmã de tua mãe.** Estes versículos se referem a uma tia, irmã de pai ou mãe.

**14. Irmão de teu pai.** Relação sexual com a esposa de um tio por parte de pai também é proibida, uma vez que isto desonra o relacionamento consanguíneo.

**15. Tua nora.** Relações ilícitas entre pai e nora resultariam em desonra para o filho.

**16-18. Mandamentos Referentes à Pureza em Outros Relacionamentos Familiares.**

**16. Mulher de teu irmão.** A referência é a uma cunhada. Isto, entretanto, não prevalecia onde o irmão falecido não tivesse filhos. Antes, o homem era obrigado a se casar com a viúva do irmão (Dt. 25: 5) a fim de que ela pudesse ter um filho que preservasse o nome do falecido.

**17. Relações sexuais com uma mulher e . . . sua filha,** ou com uma mulher e sua neta estão proibidas.

**18. Com tua mulher outra (irmã).** O casamento com duas irmãs vivas estava proibido, embora a lei, ao que parece, não proibía o casamento com a irmã da mulher falecida. Cons. o caso de Jacó, Lia e Raquel (Gn. 29: 23, 30) que prova que a lei não era conhecida anteriormente.

**19. Durante a sua menstruação.** Outros tipos de impureza e crimes contra a natureza são mencionados nos versículos 19-23. Durante os dias da menstruação da mulher, o homem não devia se aproximar dela (cons. 15:24; 20:18).

**21. O fogo** (E.R.C.) não consta do texto hebraico mas é uma simples interpolação dos tradutores, com base em passagens tais como II Reis 16:3; 17:17; 21:6. Na verdade, a natureza da dedicação indicada podia envolver fogo e sacrifício humano, embora não fosse declarado. Moloque era um deus pagão (Amós 5:26) também chamado Milcom (I Reis 11:33 e Sf. 1:5). Em I Reis 11:5 ele é chamado de "abominação dos amonitas" e em I Reis 17:17 diz-se que Salomão edificou-lhe lugares altos na colina diante de Jerusalém. Em Jr. 32: 35 Moloque era adorado nos lugares altos de Baal, mostrando assim que havia íntimo relacionamento entre os dois deuses. Adorando a Moloque os filhos de Israel profanariam o nome de Deus. **Profanar** (*hillel*) é "desprezar, macular, tornar comum". É interessante notar que a palavra hebraica é muito parecida na ortografia com outra palavra que significa o oposto (*hillel*), "louvar, celebrar, glorificar".

**22. Com homem não te deitarás.** As perversões mencionadas aqui e no versículo 23 não podiam produzir descendência. e assim anulavam o propósito para o qual a humanidade recebeu tal responsabilidade e capacidade. Isto, portanto, é rebelião contra Deus e contra a sociedade estabelecida por Deus.

**24. Com nenhuma destas coisas vos contaminareis.** Cons. o versículo 3. O quadro nos versículos restantes do capítulo é o de uma pessoa, enojada pela corrupção e vileza nela existente, vomitando violentamente aquilo que só poderia contaminá-la mais ainda. Fazendo um contraste, Deus faz o Seu povo se lembrar que devia olhar para Ele como o seu Deus e que os israelitas deviam se afastar dos costumes das nações pagas para se apegarem a Ele.

## Levítico 19

### 3) Referentes à Ordem Social. 19:1-37.

**1,2.** Este é um dos maiores capítulos do V.T. É uma antecipação mosaica do próprio espírito do Sermão da Montanha. O conteúdo se relaciona intimamente com os Dez Mandamentos na afirmação, **Eu sou o Senhor vosso Deus**, que se repete freqüentemente como um refrão. O Livro da Aliança (Êx. 21.23) revela do mesmo modo alguns dos mandamentos que se encontram aqui. **Santos sereis.** O motivo e a inspiração para obediência aos mandamentos que se seguem devia ser a santidade de Deus. O povo hebreu devia medir a sua própria santidade pela de Deus. Obediência aos mandamentos divinos garantiria que permanecessem um povo de Deus separado e peculiar.

**3. Cada um respeitará a sua mãe e a seu pai.** Este mandamento deve ter sido colocado em primeiro lugar reconhecendo a verdade que, se uma criança aprende a respeitar seus pais e o Dia do Senhor, mais prontamente respeitará os mandamentos do seu Senhor.

**4. Não vos virareis para os ídolos.** A ordem para não se achegarem aos ídolos (*'elilim*, " vaidade", "vacuidade", "nada") certamente os separava de seus vizinhos idólatras.

**5. Oferecê-lo-eis para que sejais aceitos.** Cons. 7:15-18.

**9-18. Mandamentos Referentes ao Relacionamento de um Homem com o Seu Próximo.** O amor e a generosidade deviam motivar o curso da ação a ser seguido.

**9,10. Não rebuscarás a tua vinha.** Provisão para o pobre e o forasteiro devia ser feita deixando que um pouco da colheita ficasse nos campos para eles. (Cons. Dt. 24:19-21, onde as azeitonas estão incluídas no mandamento.)

**12. Nem jurareis falso pelo meu nome.** Jurar falsamente pelo nome de Deus seria fazê-lo com o intuito de enganar ou defraudar alguém, ato esse que profanada (*heileil*, "desacreditar, tomar comum") o Seu Santo Nome.

**13. A paga do jornaleiro.** Ordena-se o pronto pagamento do salário devido.

**14. Não amaldiçoarás ao surdo.** Ridicularizar o surdo e o cego é proibido. Uma vez que Deus sabe de tudo, o temor do castigo devia impedi-lo.

**15. Não farás injustiça . . . nem favorecendo o pobre.** Não devia haver dois padrões de justiça: um para os ricos e outro para os pobres (cons. Dt. 25:13 e segs., onde dois tipos de peso e medida são mencionados). A administração da justiça devia ser igual a todas as classes sociais. Isto aparece com o tributo de Amós (veja 2:6, 7; 4:1; 5:11, 12, 24).

**16. Não atentarás contra a vida do teu próximo.** Um homem não devia tentar contra a vida do mu próximo, nem pela acusação, nem pelo silêncio.

**17. Mas repreenderás** (de *yeikah*) envolvia dizer-lhe onde estava o seu erro. Fazê-lo com sinceridade revelaria não apenas ausência de ódio mas também um desejo sincero de progresso. Uma palavra de repreensão que não foi dita poderia encorajá-lo a permanecer no pecado, fazendo o outro participar do seu pecado.

**18. Não te vingarás, nem guardarás ira.** Um homem não devia se vingar (*neiqam*), nem guardar rancor contra (*neitar*) seu próximo. *Neitar* significa literalmente *observar* e assim alimentar a malícia no coração contra alguém. Antes, o amor devia ser a regra (cons. Mt. 19:19; 22:39; Rm. 13:9; Gl. 5:14).

**19-25. Orientação para Salvaguardar a ordem Moral.** De acordo com Keil e Delitzsch, este grupo de mandamentos dados ao Povo Escolhido tinham o intuito de "manter a ordem física e moral do mundo sagrado" (KD, *Pentateuch*, II, 421). No versículo 19 o povo é instruído a deixar como estão as coisas separadas pela criação. Diversos tipos de animais não deviam ser cruzados. Como também diversos tipos de sementes não deviam ser semeadas juntas. Não se devia fiar também fazendas com fios de linho e lã juntos.

**20. Uma mulher, se for escrava.** O fato da escrava, embora desposada, não ter sido resgatada nem libertada serviria de proteção para ela contra a sentença de morte pelo pecado mencionado (cons. 20:10). E o homem deveria trazer uma oferta pela culpa ao Tabernáculo para obter o perdão pelo seu pecado (vs. 21, 22).

**23. Ser-vos-á vedado o seu fruto.** Na terra na qual iam entrar, não deveriam comer os frutos das árvores durante os quatro primeiros anos. Os frutos dos três primeiros anos teriam de ser considerados imundos ou proibidos, enquanto os do quarto ano seriam dedicados ao Senhor como oferta de ação de graças.

**25. No quinto ano.** Permitiam comer o fruto no quinto ano, e de acordo com a obediência do povo, as bênçãos do Senhor seriam sobre a futura produção de frutos. O motivo único para a proibição dos quatro anos não estava na dedicação do fruto aos espíritos do campo ou aos espíritos da fertilidade, mas simplesmente, "Eu sou o Senhor vosso Deus".

**26.** A primeira parte deste versículo é em grande parte uma repetição de 17:10 e segs. Agourar e adivinhar era praticar feitiçaria.

**27. Não cortareis o cabelo em redondo.** Um antigo costume árabe religioso exigia que o cabelo e a barba fossem aparados dessa maneira. A proibição do costume tomou-se necessária para que os judeus fossem distinguidos dos pagãos.

**28. Não ferireis a vossa carne.** Proíbe-se qualquer desfiguramento voluntário da pessoa. Incisões e tatuagens no corpo eram praticadas pelos pagãos.

**29. Não contaminar a tua filha, fazendo-a prostituir-se.** Tal atitude resultaria na dissolução do lar, o centro da sociedade.

**30. Guardareis os meus sábados.** Honrando o Dia do Senhor e a Casa do Senhor, estabelece-se o alicerce para uma nação santa.

**31. Necromantes. . . adivinhos.** Procurar médiuns e feiticeiros indicaria falta de confiança e dedicação ao Senhor.

**32. Cãs.** Respeito pela autoridade e sabedoria terrenas é um pré-requisito do respeito pelo julgamento e mandamentos do Senhor.

**33. Se o estrangeiro peregrinar.** Por causa do tratamento divino dos judeus no Egito, eles também deviam ser gentis e bondosos com o estrangeiro que viesse morar entre eles, amando-o como se fosse um deles (v. 34).

**35. Não cometereis injustiça.** Justiça e honestidade escrupulosa deviam constituir a regra em todos os negócios com o próximo.

## Levítico 20

### 4) Castigos pela Desobediência. 20:1-27.

**3. Deu de seus filhos a Moloque.** Com tal declarada rebeldia da parte de alguém dentre o Povo Escolhido, a casa e o nome de Deus seriam desmoralizados.

**4. Fechar os olhos.** Se o povo não cumprisse com o seu dever de executar a sentença de morte, Deus aplicada o juízo sobre o homem e a sua família, e todos os seus companheiros que se lhe juntaram nessa prostituição (de *zeina*) espiritual, apostatando.

**6. Necromantes e feiticeiros.** Deus trataria da mesma maneira aquele que procurasse médiuns e feiticeiros, uma vez que isto, também, era uma forma de adultério espiritual. A sentença a ser imposta por seus companheiros está no versículo 27.

**7. Santificai-vos** (*hitqaddishtem* de *qeidash*, "ser santo, consagrado, devotado") também pode ser traduzido para *consagrai-vos* (RSV) ou *mostrai-vos santos*.

**9. O seu sangue cairá sobre ele** significa que a lei da vingança de sangue não seria válida no caso daqueles que lhe tirassem a vida. Cons. Êx. 21:17 e Dt. 27:16

**10-21. Recapitulação de Algumas Leis Referentes aos Pecados Sexuais.** Veja o capítulo 18 para a primeira declaração destes estatutos. Aqui se acrescenta as respectivas punições.

**12. Fizeram confusão** (*cometeram incesto*, RSV) pois se rebelaram contra a ordem divinamente criada.

**14. Queimarão com fogo.** Tal como em Js. 7:15, 25, a morte não era pelo fogo, mas a destruição dos restos mortais do indivíduo executado era feita pelo fogo.

**19. Sobre si levarão a sua iniquidade.** Castigo executado pelo povo por causa dos pecados que se encontram em 20:19-21 não foi prescrito. Ao que parece Deus mesmo resolveria a questão.

**22. Guardai, pois, todos os meus estatutos.** Uma vez que Deus tinha separado os judeus para si (v. 24,26), eles tinham de se apartar completamente das práticas dos pagãos que foram expulsos da Terra Prometida (v. 23). Esta Terra Prometida seria onde "mana leite e mel" (v. 24), mas não reteria os judeus se eles não continuassem sendo um povo dedicado (v. 22). Deviam ser santos porque o Senhor a quem pertenciam era Santo.

## **B. A Santidade dos Sacerdotes e Suas Ofertas. 21:1 – 22:33.**

### **Levítico 21**

#### **21:1-9. Instruções aos Sacerdotes em Geral.**

**1,2. Não se contaminará por causa de um morto.** Exibir sinais exteriores de luto e tocar um morto desqualificavam o sacerdote para a execução de suas obrigações sacerdotais. Conseqüentemente, era-lhe negado este privilégio, exceto em caso de sua família imediata.

**3.** Isto incluía uma irmã virgem, a qual, não sendo casada, não tinha família própria. Não sabemos por que a esposa não foi mencionada aqui, particularmente considerando Ez. 24:15 e segs., onde parece que o profeta pranteou a morte da esposa e o Senhor não o repreendeu na ocasião.

**4.** O significado deste versículo é obscuro. **Homem principal** (*ba'al*) poderia com toda probabilidade ser traduzido para *marido* (RV marg. e



RSV) ou *senhor da casa*. Assim, por causa de sua posição na família e comunidade, o sacerdote devia tomar o cuidado de não se contaminar, exceto nos casos permitidos acima.

**5. Não farão calva na sua cabeça.** Eram sinais de luto entre os povos pagãos (cons. 19:27, 28). Ficava proibido ao sacerdote judeu, o qual, ao oferecer o "pão (*lehem*; também traduzido para "carne" e "alimento" em outras passagens) do seu Deus" não devia se encontrar em condições de impureza cerimonial para que o nome de Deus não fosse profanado (v. 6).

**7. Desonrada** (*Haleila*) significa "uma mulher que foi contaminada", uma mulher imoral. Uma mulher abandonada pelo marido, isto é, uma mulher divorciada, também não era aceitável como esposa de sacerdote.

**10-15. Ordens Referentes ao Sumo Sacerdote Especificamente.**

**10-12.** Sobre cuja cabeça foi derramado o **óleo da unção**. O termo **óleo da unção**, *shemen hammishha*, vem do verbo, *meishah*, significando "ungir ou consagrar". O substantivo *meishiah* é "o ungido", o Cristo, o Messias. Um homem na posição de sumo sacerdote tinha de manter tal pureza a ponto de evitar a demonstração dos costumeiros sinais de luto por alguém; e ele não devia se afastar do santuário para participar das lamentações, pois isto provocaria a contaminação do santuário do Senhor.

**13. Por mulher uma virgem.** Só devia desposar uma virgem israelita.

**15. Sua descendência** (*zar'ô*, "posteridade") não devia deixar de ser santa contraindo um casamento impróprio, pois ele devia se lembrar do seu status que era o de alguém separado pelo Senhor para um ofício particular.

**16.** O restante do capítulo refere-se às imperfeições e deficiências que desqualificavam o homem para o exercício das obrigações de um sacerdote. A declaração geral feita em 21:17 está mais detalhada em 21:18 e segs.

**18. Rosto mutilado** é uma tradução melhor do que nariz chato (E.R.C). **Desproporcionado**. Qualquer coisa fora do normal.

**20. Que tiver belida no olho**. Visão defeituosa. **Sarna**, coceira.

**21. Para oferecer o pão do seu Deus**. Oferecer um sacrifício a Deus no papel de sacerdote. Alguém com este defeito podia, contudo, participar das porções dos sacrifícios comumente concedidos aos sacerdotes (v. 22). Não devia ter permissão de realizar qualquer função sacerdotal. Estas restrições se baseavam na crença hebraica de que a natureza espiritual do homem se refletia em sua condição física. Só alguém que fosse fisicamente perfeito podia ser considerado suficientemente santo para realizar as funções de uru sacerdote.

## Levítico 22

**22:2, 3. Coisas sagradas** consistiam dos sacrifícios feitos pelo povo e oferecidas pelos sacerdotes. A separação mencionada era exigida durante o estado da impureza ritual. Nenhum sacerdote podia manejar essas ofertas dedicadas se estivesse imundo. As porções do alimento sacrificial concedidas aos sacerdotes eram de grande importância para eles, mas não podiam ser preparadas nem comidas se o consumidor não estivesse limpo. 6. Para o judeu, o novo dia começa ao por do sol. Portanto, estar imundo até à tarde significava estar imundo pelo restante do dia - até posto o sol (v. 7).

**10,11. Nenhum estrangeiro** (*zeir*, "de fora", "leigo") podia participar do alimento santo, mas um membro da casa do sacerdote podia fazê-lo, como um escravo por exemplo.

**12,13. Se a filha do sacerdote se casasse** com um *zeir*, não poderia comer do alimento consagrado; mas se ela retornasse à casa de seu pai como viúva sem filhos ou divorciada, poderia fazê-lo.

**14. Estas não tomarás**. Aqui se faz referência àquele que não é sacerdote. Cons. 5:14-16, mas no capítulo 22 o regulamento se refere especificamente ao comer das coisas sagradas acidentalmente por um *zeir*.

**17-25. Ordens Referentes às Condições dos Animais Oferecidos em Sacrifício.** Estas regras se referem ao pagamento de votos e ofertas espontâneas (cons. 7: 16).

**22. Ulceroso.** Que tem úlcera ou fenda aberta.

**23. Desproporcionados.** No caso de uma oferta voluntária podia-se oferecer um animal que não fosse perfeitamente proporcionado; como por exemplo, aquele que tivesse alguma parte do corpo mais comprida ou mais curta que o normal. Contudo, em cumprimento de voto, tal coisa não era permitida.

**24. Testículos machucados.** A referência aqui é especialmente aos animais castrados, tendo a operação sido executada de um dos quatro modos mencionados.

**25. Da mão do estrangeiro.** Um estrangeiro que quisesse oferecer um sacrifício ao Senhor tinha de observar as mesmas regras referentes à qualidade do animal, tal como os judeus.

**27. O boi, ou cordeiro, ou cabra.** Os animais mencionados precisavam ter pelo menos sete dias de idade antes que pudessem ser oferecidos ao Senhor. Cons. Êx. 22:30.

**28. Não imolarás a ela e ao seu filho, ambos no mesmo dia.** Cons. Dt. 22:6. O propósito deste mandamento não está claro, mas talvez fosse dado para impressionar os israelitas com a importância do sagrado relacionamento entre os pais e a sua descendência.

**29.** Cons. 7:15; 19:5, 6.

**31-33. Exortações finais.**

**C. A Santidade do tempo. 23:1 – 25:55.**

## **Levítico 23**

### **1) O Uso Santo dos Dias. 23:1-44**

Certos dias e períodos deviam ser dedicados ao Senhor. Este capítulo apresenta a lista dessas ocasiões.

**2. As festas . . . do Senhor e as minhas festas** eram aquelas "santas convocações" ou assembléias religiosas separadas pelo Senhor e dedicadas a Ele para lembrança de alguma fase particular da vida religiosa de Israel. *Mo'ed*, a palavra traduzida para "festa", significa "uma ocasião determinada", "um período de festa", "uma assembléia" e vem do verbo *yei'ad*, "determinar", "reunir por pacto".

**3. O termo sábado do descanso**, *shabbat shabbeiton*, vem da palavra *sheibat* que significa "cessar", "descansar", "chegar a um fim". Conforme indicado, a observância do dia pressupõe seis dias de trabalho. O dia do descanso é ainda chamado de sábado do Senhor, isto é, determinado por Ele e dedicado a Ele. Sua origem, conforme apresentada em Gn. 2:2, 3, relaciona o dia à criação do mundo por Deus, colocando-o em uma posição indispensável nessa criação, e torna a sua guarda um imperativo incontestável. Marcos 2:27 não pode ser usado para enfraquecer o imperativo. "O sábado foi feito por causa do homem" porque havia uma necessidade absoluta que o homem tivesse um e que o guardasse no devido espírito.

**5. No primeiro mês** era Abibe (mais tarde chamado Nisã, como em Ne. 2:1 e Et. 3: 7) e correspondia aos fins de Março e começo de Abril. Os detalhes da Festa da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos encontram-se em Êxodo 12. Aqui só se apresenta um simples esboço.

**6. Pães asmos** chama-se *massa*, na forma do plural, *massot*, que ainda hoje indica as hóstias vendidas para guarda judaica deste dia santo.

**7. Obra servil**, ao que parece, era trabalho relacionado com os afazeres da apicultura e outras ocupações definidas. Que o preparo do alimento era permitido está implícito em Êx. 12:16.

**8. Oferecereis oferta queimada.** Nm. 28:19 e segs. dá detalhes do sacrifício.

**9-14.** Instruções para a Oferta das Primícias. Cons. Dt. 26 : 2 e segs.

**10. Quando entrardes na terra.** Esta ordem previa o tempo quando os israelitas comessem as colheitas na Terra Prometida. O molho, *'omer*, era de cereais, mas não se especifica se de trigo ou cevada.

Presume-se que fosse do último porque colhia-se primeiro. A oferta devia ser levantada pelo sacerdote e movida em direção do altar, e depois afastada do altar. Isto é o que se entende por **moverá. . . perante o Senhor**. Indicava que era oferecido ao Senhor e recebido de volta. O dia específico para a oferta, **no dia imediato ao sábado** (v. 12), é incerto, uma vez que o sétimo dia da semana não era o único dia chamado de "sábado". O Dia da Expição tinha esta designação (16:31; 23:32), não obstante, o dia da semana no qual ocorria. O mesmo acontece com o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos. Era um dia de descanso, *shabbet*. Parece antes, que a oferta das primícias devia ser trazida ao sacerdote no dia, após o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos. Isto o colocada no décimo sexto dia de Abibe (cons. v. 6). Assim esta festa apresenta por antecipação a ressurreição de Cristo como as primícias dentre os mortos (I Co. 15:23 ; Rm. 8:29).

**13. Duas dízimas de uma efa** (5,26 litros), enquanto a quarta parte de um him representava cerca de 1,49 litros.

**15-22. Instruções sobre a Guarda da Festa das Semanas.** Cons. Êx. 34:22. Também conhecida como a Festa da Colheita (Êx. 23: 16). O termo "Pentecoste", que se encontra em Atos 2:1; 20:16; 1Co. 16: 8, vem do grego, *pentekoste*, significando "qüinquagésimo" (dia). A Festa das Semanas foi mais tarde conhecida como a "Festa do Pentecoste".

**15. O dia imediato ao sábado.** Veja observação em 23:11.

**16. Contareis cinquenta dias.** No versículo 15 a ordem é de contar sete semanas (desde a "Festa das Semanas") mais um dia ("até o dia imediato ao sábado"), ou um total de cinquenta dias. Devia haver uma nova oferta de manjares que devia ser da nova colheita.

**17. Levedados se cozerão.** Cons. observação sobre 23:13. Esta é a única oferta de manjares a ser feita com levedura. É muito provável que fosse feito assim, para que o produto pudesse ser apresentado ao Senhor na condição em que pudesse ser útil e desfrutado pelo povo.

**18-20. Holocausto, oferta pelo pecado e oferta pacífica** deviam ser oferecidas nesta ocasião. "Deste modo o todo da colheita anual era

colocado sob a graciosa bênção do Senhor pela santificação do seu começo e seu fim ; e o desfrute do seu alimento diário também era santificado desse modo" (KD, *Pentateuch*, 11 444 ).

**22. Para o pobre . . . as deixareis.** Cons. 19: 9, 10. Ação de graças ao Senhor pode freqüentemente ser melhor demonstrada por meio de atos de bondade para com os menos privilegiados.

**24,25. No sétimo mês.** No primeiro dia do sétimo mês os israelitas deviam observar um dia de descanso (*shabbet*), com tocar de trombetas (provavelmente o chifre de uru carneiro, ou *shopeir*), uma reunião religiosa (v. 24), e um holocausto. Estas comemorações separavam todo o mês como um mês sabático, não somente importante por causa de sua ordem numérica, mas também porque o mês continha o período quando Israel recebera o perdão dos seus pecados. Nos tempos do V.T. o mês era chamado Etanim (1Reis 8: 2), mas mais tarde passou a ser chamado de Tishri.

**26-32. Instruções para o Dia da Expição** cons. 16:1-34. 27. O dia é indicado como o décimo dia de Etanim (Tishri).

**32. O dia judeu ia de sol a sol, duma tarde a outra tarde.**

**33-36.** Instruções para a Guarda da Festa dos Tabernáculos.

**34. Tabernáculos.** O hebraico *sukkot*, "cabanas". Esta festa devia durar sete dias, começando com o décimo quinto dia do sétimo mês, isto é, cinco dias depois do Dia da Expição.

36. Certos aros tais como o '*asenet* ou "assembléia solene", deviam ser realizados no oitavo dia, é verdade, mas estes simplesmente forneciam um encerramento para a festividade. A Festa dos Tabernáculos (Cabanas) comemorava a peregrinação dos israelitas no deserto do Sinai quando o Senhor os livrou da escravidão do Egito (v. 43).

**37,38. São estas as festas. . . do Senhor.** Esta é uma declaração conclusiva que retrocede à introdução em 23:4. Os versículos precedentes no capítulo falaram de dias santos especiais a serem observados além dos sacrifícios, ofertas e dias santos regulares indicados em outras passagens.

**39. Celebrareis a festa do Senhor.** Uma descrição mais completa da Festa dos Tabernáculos foi dada no restante do capítulo. Em Êx. 23:16; 34:22 é chamada de "Festa da Segra" (*hag hei' eisip*, de *'eisap*, "colher ou juntar"), e há uma referência neste versículo ao tempo em que os israelitas tivessem "recolhido os produtos da terra".

**40.** Cons. Ne. 8:15. **Ramos de formosas árvores** (E.R.C.) seriam, literalmente, o fruto (*peri*, assim na E.R.A.), embora Keil e Delitzsch defendam que "fruto" refere-se aos "brotos e ramos das amoreiras, além das flores e frutos que crescem neles" (*Pentateuch*, II, 448). A terceira palavra traduzida "ramos" na E.R.C. é *'eineip*, que significa especificamente "broto" ou "galho". Os israelitas deviam construir as cabanas de 23:42 com os diversos tipos de ramos aqui mencionados.

**43. Eu fiz habitar os filhos de Israel em tendas.** A guarda desta festa especial não era para fazer o povo se lembrar das privações sofridas durante a peregrinação no deserto. Era, antes, para que se lembrasse da provisão de suas necessidades feita por seu Criador e Libertador durante o mais importante período de sua história, o nascimento da nação hebraica como resultado da intervenção direta do Senhor seu Deus.

## Levítico 24

### 2) O Uso Santo dos Objetos. 24:1-23.

O capítulo pode ser dividido ora três tópicos: 1) o azeite para o candelabro (vv. 1-4); 2) o pão da proposição (vv. 5-9); e 3) blasfêmia e vingança (vv. 10-23).

**2. Azeite puro de oliveira.** O azeite para o candelabro tinha de ser fornecido pelo povo para que se tivesse certeza de que este seria mantido aceso o tempo todo. Cons. Êx. 27:20, 21, onde as mesmas instruções são apresentadas conforme nos versículos 2 e 3 aqui. Para a obtenção deste azeite, primeiro era preciso bater ou espremer as azeitonas, para lhes extrair o líquido. Depois coava-se o líquido para remoção da polpa. Depois, quando o azeite subia à superfície do líquido, era retirado.

**3. Testemunho.** Uma referência às Tábuas da Lei colocadas na arca por trás do véu (Êx. 25:16; cons. Dt. 31:26. Na primeira, *'edut* foi usado, como em Levítico. Na segunda, usou-se *'ed*, Ambas significam "testemunho").

**4. Castiçal** (E.R.C.), Antes, **candeeiro**, uma vez que são lamparinas que estão envolvidas e não velas.

**5. Duas dízimas de uma efa.** Duas dízimas de uma efa, como em 23:13, 17. Isto significa que cada filão de pão asmo continha cerca de 2,84 kgs.

**7. Incenso.** Possivelmente era colocado em pequenos recipientes de ouro que ficavam sobre cada fileira (cons. Jos. Ant. iii. 10:7), não diretamente sobre o pão. Estava com o pão como lembrete (*'azkeira*; cons. comentário sobre 2:3), enquanto o incenso propriamente dito era provavelmente jogado sobre o fogo do altar.

**8. Da parte dos filhos de Israel.** Como no caso do azeite (v. 2), o pão da propiciação devia ser fornecido pelo povo.

**9. E será de Arão e de seus filhos.** Depois que o incenso tinha sido oferecido através do fogo ao Senhor, o pão devia ser comido pelos sacerdotes.

**10. O filho de uma israelita.** O filho do egípcio, acompanhado de sua mãe judia, incluía-se, ao que parece, entre o "misto de gente" de Êx. 12:38. De acordo com Dt. 23:7,8, ele não era considerado, como tudo indica, parte da "congregação do Senhor". A natureza da discussão entre ele e o israelita não ficou declarada.

**11.** A palavra traduzida para **blasfemou** vem de *neiqab* e literalmente significa "aborrecer, ferir, marcar, distinguir ou designar". Não indica uma falta de reverência em si mesmo (cons. Nm. 1:17, onde foi traduzido para "designar") mas no contexto desta passagem não há dúvida quanto à intenção do significado. Os judeus usaram a palavra no seu sentido geral e não pronunciavam o nome sagrado de Yhwh sob hipótese alguma substituindo-o por 'Adonay, "Senhor" **Do Senhor** não está no hebraico porque entendia-se que "o nome", *hashshem*, neste contexto referia-se ao Senhor.



**12. Até que se lhes fizesse declaração pela boca do Senhor.** Até esse momento não havia especificação quanto ao castigo por blasfêmia contra o nome de Deus.

**14. Porão as mãos sobre a cabeça dele.** Uma vez que o pecado do homem poderia ter envolvido toda a comunidade no castigo, a culpa que poderia haver na comunidade foi transferida para o pecador pela imposição de mãos. (Cons. 16:21, onde os pecados da comunidade foram simbolicamente transferidos para o "bode expiatório".) Ele era então executado pelo povo.

**15,16.** Estes versículos declaram a lei que foi naquela ocasião ordenada por Deus com referência ao pecado que foi cometido. Levará sobre si o seu pecado. Assumirá toda a responsabilidade e ficará sujeito ao castigo indicado para o caso.

**17-21.** *Recapitulação de um Grupo de Leis Anteriormente Ordenadas.*

Para declaração anterior das leis veja Êx. 21:12 e segs. A situação em 24:18 é, contudo, indiretamente tratada na passagem de Êxodo.

**17,18. Quem matar a alguém** é, literalmente, *aquele que destruir a alma (nepesh) de qualquer homem*. No versículo 18 encontra-se a mesma construção geral: "aquele que destruir a alma de um animal, restitui-la-á, *alma por alma*". O animal da E.R.A. é preferível à vida por vida mais literal da E.R.A. (cons. v. 21a).

**19,20.** Cons. Êx. 21: 24, 25. **Olho por olho, dente por dente.** Esta lei de retaliação, *lex talionis*, foi mencionada por Jesus Cristo em Mt. 5:38 e segs., quando condenou, não o princípio envolvido aqui, mas o espírito da retaliação e vingança que mais provavelmente se lhe associava.

**22. Uma e a mesma lei havereis.** O princípio mencionado no versículo 16 destaca-se aqui. A lei devia ser aplicada ao estrangeiro como também ao israelita.

## Levítico 25

### 3) O Uso Santo dos Anos. 25:1-55.

Discute-se o Ano Sabático (vs. 2-7); ordena-se a observância do Ano do Jubileu (vs. 8-12); e refere-se ao efeito do Ano do Jubileu sobre a propriedade (vs. 13-34) e pessoas (vs. 35-55).

**2. Então a terra guardará um sábado.** Em 23:3 ficamos sabendo que o povo devia guardar um dia do sábado. Neste versículo ordena-se que a terra tenha permissão de guardar um sábado (*wesheibeta shabbeit*) ao Senhor.

**4. Sábado de descanso solene para a terra.** Tal como o sétimo dia foi designado para ser o dia do sábado, cada sétimo ano seria o ano sabático, no qual não se devia nem semear nem podar.

**5. O que nascer de si mesmo.** O proprietário da terra não devia colher o que nascesse por si mesmo durante o alio sabático. A **vinha não podada** chamava-se *nazir*, a mesma palavra hebraica para nazireu, individuo cujos cabelos não eram cortados ou aparados.

**6. Mas os frutos da terra em descanso vos serão por aumento.** A colheita não seria feita pelo proprietário, mas forneceria alimento para todos, ricos e pobres igualmente (cons. Êx. 23:11).

**8,9. Depois de sete semanas de anos**, ou quarenta e nove anos, Israel devia fazer soar a trombeta (*shopeir*) para que fosse ouvida por toda a terra. O soar da trombeta devia acontecer no Dia da Expição, e ao que parece era nesse momento que o ano especial começava. **Trombeta do jubileu** (E.R.C.) é, literalmente, *trombeta do brado* ou **trombeta vibrante** (E.R.A.). A palavra traduzida para **jubileu** no versículo 9 é *teru'a*. Em outra passagem a palavra "jubileu" é de *yobel*, uma palavra de derivação incerta (v. 10 e segs.; 27:17-23; Nm. 36:4; veja comentário em Js. 6:4). Esta passagem hebraica entrou na Vulgata como *Jubilaeus* e daí para o português "jubileu".

**10. O ano quinquagésimo** apresenta a dificuldade de dois anos sabáticos sucessivos, o quadragésimo nono e o quinquagésimo, com a terra inculta por dois anos. Esta dificuldade tem levado alguns a supor

que a coisa era calculada de forma a fazer o quinquagésimo ano coincidir com o sétimo ano sabático. E o ano do 'jubileu" parece ter começado no Dia da Expição, que caia no décimo dia do sétimo mês do sagrado ano judaico, o Etanim ou Tishri. Este sétimo mês, contudo, era também o primeiro mês do calendário civil judeu. Eis como um ano poderia ser considerado como tendo começado no sétimo mês. Outra explicação é que o toque da trombeta do Dia da Expição dava o aviso do começo do Ano do Jubileu com seis meses de antecedência. Entretanto, a inferência é que a trombeta realmente introduzia o ano especial. Detalhes insuficientes são fornecidos para que nos proporcionem a solução do problema. No mínimo devia ser um ano que fornecesse liberdade a muitos que viveram sem ela durante algum tempo. A declaração geral é que todo homem podia retomar à sua propriedade e família, e a declaração define-se mais claramente nos versículos 23-34, 39-55.

**13. Tomareis cada um a sua possessão.** O primeiro dos dois efeitos do Ano do Jubileu é novamente declarado generalizadamente e as instruções do versículo seguinte são dadas em preparação para o ano. A base para estas instruções é que a terra realmente pertencia ao Senhor mais do que ao indivíduo. O Senhor dividiria a terra entre as várias famílias, e estas não poderiam vendê-la em perpetuidade porque ela deveria finalmente voltar à família à qual fora entregue (cf. vs. 23, 24).

**14-16. Oprimas** (de *yeina*) significa "fazer mal ou maltratar" deturpando o valor de um pedaço de terra. Segundo o número dos anos. Uma vez que a terra pertencia ao Senhor, só as colheitas que ela produzia é que podiam ser vendidas. Portanto o tempo que faltava para o próximo Ano do Jubileu devia ser considerado na estipulação do preço de venda de toda a terra, uma vez que quanto mais perto do ano especial acontecesse a realização do negócio, menor número de colheitas haveria antes que a terra revertisse ao proprietário israelita original.

**18,19.** Quando os israelitas guardassem os mandamentos do Senhor, habitariam seguros (*betah*, "segurança e confiança"). A terra produziria bastante para comerem a fartar (*soba'*, "abundância").

**20-22. Que comeremos no ano sétimo?** Como naturalmente os israelitas iriam se preocupar com a diminuição das colheitas por causa da terra permanecer inculta, Deus prometeu que as colheitas do sexto ano seriam suficientes para mantê-los até que o Ano Sabático e o Ano do Jubileu terminassem (vs. 21, 22).

**24. Resgate à terra.** Havia diversas maneiras para a terra ser resgatada (de *gei'al*, "redimir". Boaz cumpriu com o dever de parente-remidor, *go'el*, quando se casou com Rute. Cristo Jesus foi o nosso *go'el* na cruz.)

**25. Se teu irmão empobrecer.** A pobreza era a única situação que forçaria um israelita a vender sua terra (cons. 1 Reis 21:3). Em tal caso um parente-remidor viria e compraria de volta o que fora vendido e o restauraria ao seu proprietário original.

**26,27. Não tiver resgatador.** Se a pessoa não tiver parente achegado para redimir sua terra e tivesse ganho uma quantia suficiente, ela mesma podia comprar a terra de volta, levando em consideração o número de colheitas ainda por fazer até o Ano do Jubileu e pagando por elas.

**28. Não lhe permitirem reavê-la.** Se ele não tivesse um parente-remidor, nem a possibilidade de redimi-la por si mesmo, a terra simplesmente reverteria ao seu poder com a chegada do Ano do Jubileu. O comprador não perdia nada através deste arranjo, pois ele só tinha pago pelas colheitas a serem obtidas até o Ano do Jubileu.

**29. Quando alguém vender uma casa de moradia.** Numa cidade murada, se uma casa era vendida e permanecia de posse do comprador por um ano inteiro (isto é, sem que alguém a resgatasse), tornava-se então propriedade definitiva do comprador (cons. uma exceção em v. 32). O Ano do Jubileu não afetava sua propriedade.

**31. As casas das aldeias que não têm muro.** Uma casa em uma aldeia sem muro, contudo, estava sujeita ao mesmo regulamento da terra propriamente dita (vs. 25-28).

**32-34. As idades dos levitas.** No caso dos levitas, as leis do Ano do Jubileu que comumente se aplicavam à terra, eram também aplicadas às

suas casas, quer estivessem em cidade murada quer não. Suas terras não podiam ser jamais vendidas.

**35-55.** O segundo efeito do Ano do Jubileu apresenta-se nos versículos restantes do capítulo.

**35-37. Teu irmão.** Refere-se a um indivíduo israelita. Empréstimos feitos a amigos necessitados não deviam envolver juros. Antes, os necessitados deviam ser ajudados, permitindo-se-lhes que residissem com alguém da comunidade e que desfrutassem dos mesmos privilégios de um estrangeiro ou peregrino, o qual, embora não pudesse possuir a terra, tinha permissão de acumular propriedade e viver confortavelmente como homem livre.

**38. Eu sou o Senhor vosso Deus.** Como Aquele que os criara, e que os libertara da escravidão do Egito, Deus tinha autoridade para impor estes regulamentos aos israelitas.

**39-43. Se teu irmão empobrecer.** O israelita que se via obrigado a vender-se como escravo de outro, não devia ser considerado como tal, mas como o empregado contratado, e devia ser tratado com bondade. Quando chegava o Ano do Jubileu, tinha de ser libertado, a não ser que renunciasse seus direitos à liberdade. O conteúdo destes versículos não discorda de Êx. 21:2-6, porque a passagem do levítico confina-se a uma discussão dos efeitos do Ano do Jubileu sobre a liberdade de uru homem. Se o israelita vendia-se como escravo mais de sete anos antes do Ano do Jubileu, aplicavam-se as instruções de Êx. 21:2. De qualquer maneira, seis anos era o máximo de tempo que alguém poderia exigir que ele servisse antes de retomar aos seus filhos, sua família, e propriedades.

**44-46. Escravos ou escravas.** O trabalho escravo devia se restringir àqueles que eram comprados nas nações estrangeiras e aos estrangeiros estabelecidos entre os judeus. Esta categoria de escravos (*'ebed*, de *'eibad*, "servir ou trabalhar"; cons. *'obadya*, Obadias, lit., *servo do Senhor*) e escravas (*'eima*, "serva"), passavam como herança de pais para filhos (v. 46).

**47-54. E teu irmão . . . vender-se.** Se um israelita se vendesse para o serviço de um estrangeiro estabelecido, podia ser redimido por um parente próximo (vs. 48,49; veja coment. sobre v.24), ou ele mesmo podia se resgatar. Aqui, também, devia considerar o pagamento apropriado pelo tempo remanescente até o Ano do Jubileu, a quantia dependendo dos muitos ou poucos anos até lá (vs. 50-52).

**53.** Estando a serviço de um estrangeiro estabelecido na terra, o israelita devia ser tratado com consideração, como servo contratado.

**54. Se não resgatar.** Seu tempo de serviço ficava sujeito a terminar sem compensações no Ano do jubileu.

**55. Porque . . . me são servos.** As provisões para o Ano do Jubileu tinham por princípio de orientação o fato de que os israelitas eram servos do Senhor e não podiam ficar permanentemente a serviço dos outros. Do mesmo modo, uma vez que a terra era do Senhor, devia retomar de tempos em tempos à posse daqueles israelitas aos quais fora originalmente distribuída.

## Levítico 26

### D. Promessas e Advertências. 26:1-46.

Depois dos dois primeiros versículos, que parecem resumir os quatro primeiros mandamentos, os versículos 3-13 falam das bênçãos da obediência, os versículos 14-39 falam dos castigos da desobediência, e os versículos 40-45 prometem perdão para o arrependimento.

**1,2. Não fareis para vós outros ídolos.** Proibindo-se a idolatria (v. 1) e exigindo a guarda do sábado (v. 2), os quatro primeiros dos Dez Mandamentos estão, por assim dizer, resumidos. Ídolos (*elilim*) eram, literalmente, *coisas da nulidade*. **Imagem de escultura** (*pesel*) era uma imagem esculpida ou fundida. Uma coluna (*masseba*) era, como indica o nome, uma coluna levantada para adoração. **Pedra com figuras** (*'eben maskit*) era uma pedra esculpida. Se a idolatria fosse abandonada pelo

povo e se os Sábados do Senhor recebessem o devido respeito, a possibilidade de que apostatassem reduzia-se consideravelmente.

**3,4. Eu vos darei as vossas chuvas.** Obediência aos mandamentos do Senhor resultaria em melhoria na situação da agricultura nacional (cons. II Cr. 7:14).

**5. Comereis o vosso pão a fartar,** isto é, até a satisfação (*soba'*; cons. 25:19).

**6. Estabelecerei paz na terra.** A segurança prometida no versículo 5 (cons. 25:18, 19) fica reforçada pela promessa de paz (*shalom*), mental e nacional, que resultaria na capacidade de se viver uma vida abundante.

**7,8. Perseguirei os vossos inimigos.** Na eventualidade, contudo, de haver guerra, teriam vitória completa e fácil.

**10. Para dar lugar ao novo,** um meio de expressar a abundância de provisões.

**11,12.** Deus estabeleceria o Seu **tabernáculo** (*mishkein*), isto é, Seu lugar de habitação, entre eles; e eles teriam consciência contínua de Sua presença no meio deles.

**13. Eu sou o Senhor vosso Deus.** O livramento gracioso realizado pelo Senhor há tão pouco tempo, testemunhava que as promessas feitas nos versículos precedentes eram promessas nas quais podia-se confiar.

**14,15. Mas, se me não ouvirdes.** Exatamente o oposto dos versículos precedentes sobreviria a Israel se a nação fosse desobediente e infiel. A rebeldia foi descrita de quatro maneiras: rejeitar, aborrecer, não cumprir e violar.

**16-39. Os Detalhes das Maldições.**

**16. Porei sobre vós terror.** O terror sobreviria na forma de doenças que fariam a vida definhar. Seus inimigos devorariam suas colheitas, de modo que as sementes seriam inúteis.

**17. Voltar-me-ei contra vós.** Seus inimigos os subjugarão tão completamente e Israel ficaria tão fortemente intimidado, que chegaria até a fugir de um inimigo não existente (cons. v. 36 e Pv. 28:1).

**18. Sete vezes** indica uma intensificação ainda maior dos castigos. Esta ameaça se repete nos versículos 21, 24, 28. 19,20. **Os céus . . . como ferro** não dariam chuva e **a terra como bronze** não produziria nada.

**25. A espada vingadora da minha aliança** executaria a sentença prescrita para a Violação do relacionamento estabelecido pela aliança.

**26. Quando eu vos tirar o sustento.** O fornecimento do pão ficaria tão reduzido que um só forno seria o suficiente para assar o pão preparado para dez famílias. O pão seria racionado e, em contraste à situação de 26:5, o que fosse comido não daria satisfação. Micklem entende que, considerando que cada casa tem o seu próprio forno, o quadro de dez mulheres assando em um só forno indica "a interrupção da vida em família" (Nathaniel Micklem, IB, II, 129). É mais provável, entretanto, que aqui se descreva a escassez do alimento e não a dissolução do lar.

**29. Comereis a carne de vossos filhos.** A severidade da fome resultaria em canibalismo dentro do círculo familiar (cons. II Reis 6:28, 29; Lm. 4:10).

**30. Deuses.** *Gillulim*, de *geilal*, "envolver", era um termo de escárnio, o qual se referia aos objetos adorados como "cabeças duras" ou "imbecis".

**32,33. Assolarei a terra.** Estas palavras prevêm o tempo da ocupação inimiga e o exílio.

**34,35. Então a terra folgará nos seus sábados.** Durante o período do exílio a terra poderia finalmente jazer inculta, já que a ganância do povo não o permitira antes. "Assim como a terra geme sob a pressão do pecado dos homens, também se regozija no livramento dessa pressão, e na participação do bendito repouso de toda a criação" (KD, *Pentateuch*, II, 476).

**36,37. Eu lhes meterei no coração tal ansiedade.** Desmoralização completa seria o quinhão dos exilados (veja coment. sobre v. 17).

**38. . . . vos consumirá** refere-se a ambos, a morte sob as mãos do inimigo e a absorção por eles (cons. Nm. 13:32).



**39. Consumidos** vem de *meiqaq*, "diluir ou decompor". Sofreriam, não apenas pelos seus próprios pecados, mas também pelos de seus pais. A palavra traduzida para iniquidade (*'eiwon*) envolve ambos, castigo e pecado (cons. Tg. 1:15).

**40-42. Mas se confessarem a sua iniquidade.** Se, contudo, Israel percebesse e confessasse que o seu castigo provinha de Deus, justo e merecido pela rebeldia e perversidade dos corações do seu povo, então Deus se lembraria da aliança feita com os patriarcas.

**43. Mas a terra . . . folgará nos seus sábados.** Mesmo tendo Israel de abandonar sua amada terra, a qual por isso ficaria inculta, e mesmo sofrendo por algum tempo o castigo do seu pecado, ela se arrependeria e seria perdoada, e a aliança seria renovada pelo Senhor, seu Libertador da escravidão do Egito.

## Levítico 27

### E. Os Votos. 27:1-34.

O capítulo pode ser dividido em duas porções principais: votos, 27:1-29 e dízimos. 27:30-33. A primeira consiste de instruções sobre votos relacionados com 1) pessoas, versículos 1-8; 2) gado, versículos 9-13; 3) casas, versículos 14, 15; 4) terra, versículos 16-25; e 5) exceções quanto às instruções precedentes, versículos 26-29. Um voto não era jamais ordenado, mas, uma vez feito, tinha de ser escrupulosamente mantido (Ec. 5:4, 5; Dt. 23:21-23 Nm. 30:2). Se substituição ou redenção (pagamento) fosse necessário, era preciso fazer uru pagamento. E, de acordo com KD (*Pentateuch*, II, 480), "o cumprimento do voto só podia consistir do pagamento efetuado no santuário de acordo com o preço afixado pela lei".

**2. Voto.** Uma tradução livre da passagem seria: "Quando um homem faz um voto especial, as pessoas envolvidas serão reconhecidas por vocês como pertencentes ao Senhor" (Nathaniel Micklem, IB, II,131).

**3-7. Da tua avaliação.** A avaliação de um indivíduo, ao que parece, baseava-se sobre o seu valor como trabalhador durante um dado período. O valor do siclo naquele tempo é desconhecido; conseqüentemente nenhuma tentativa se fará para traduzir os valores em moeda moderna. Foram assim estipulados: 1) de vinte e sessenta anos, cinqüenta siclos por homem e trinta por mulher; 2) de cinco a vinte anos, vinte siclos por rapaz e dez por moça; 3) de um mês a cinco anos, cinco siclos por menino e três por menina; 4) mais de sessenta anos, quinze siclos por homem e dez por mulher.

**8. Mas, se for mais pobre do que a tua avaliação.** No caso da pessoa que fez com que o voto a fizesse ser pobre demais para arranjar a quantia indicada, a fixação do valor devia ser deixado à discricção do sacerdote.

**9. Se for animal.** Ao que parece um animal não podia ser resgatado por dinheiro.

**10. Não o mudará.** Ambos, o animal originalmente dedicado e o substituto tinham de ser oferecidos.

**14,15. Quando alguém dedicar a sua casa.** Uma casa dedicada ao Senhor era avaliada pelo sacerdote. Se não fosse resgatada, ao que parece devia ser vendida em benefício do santuário. Se o proprietário quisesse resgatá-la, devia acrescentar um quinto ao valor estimado.

**16. Se alguém dedicar. . . parte do campo.** O valor de um campo pertencente a um homem, por meio de herança, devia ser avaliado pela porção de semente que seria preciso para semeá-lo devidamente. A porção aqui estipulada, ao que parece, era o valor estimado das colheitas de tal campo por todo o período do Jubileu.

**17. Desde o ano do jubileu.** Se o período do Jubileu já tivesse parcialmente passado na ocasião em que o campo fosse dedicado, a avaliação deveria ser modificada de acordo com o tempo ainda restante.

**19. Acrescentará a quinta parte.** Depois de pagar a quantia fixada, ao que parece podia continuar de posse do campo, mas não teria o direito de vendê-lo. Podia resgatá-lo acrescentando um quinto à avaliação.

**20,21. Nunca mais se resgatará.** Se não fosse resgatado por ele antes do Ano do Jubileu, o campo passaria a ser propriedade do sacerdote e seria vendido por ele.

**22,23. O campo que comprou.** Se o campo fosse da pessoa não por herança mas por compra, e fosse dedicado ao Senhor, teria de ser pago todo ele ao mesmo tempo, no mesmo dia, o valor estipulado pelo sacerdote.

**24. O campo tornará.** De acordo com este versículo e com 25:23-28 a terra retornaria ao seu proprietário hereditário por ocasião do Ano do Jubileu.

**26. O primogênito de um animal.** Os primogênitos do gado limpo e das ovelhas pertenciam ao Senhor por lei e não podiam ser resgatados.

**27. Se for de um animal imundo.** O primogênito de um animal imundo dedicado ao Senhor era avaliado pelo sacerdote e podia ser resgatado acrescentando-lhe um quinto do valor fixado.

**28. Nada . . . que alguém dedicar irremissivelmente.** Coisas que eram dedicadas irremissivelmente (*herem*, sob interdito, separado totalmente para uso do Senhor) não podiam ser resgatadas. Isto diferia da dedicação comum. Um item colocado sob tal dedicação irremissível, em face de voto feito ao Senhor, devia ser considerado **santíssimo**, literalmente, *santidade das santidades*. Era entregar algo a Deus de maneira irrevogável e irresgatável.

**29. Ninguém que . . . for dedicado irremissivelmente . . . se poderá resgatar.** Em certos casos pessoas podiam ser colocadas sob tal interdito, e tais pessoas tinham de ser condenadas à morte. Não nos parece que esta "dedicação" fosse feita ao bel-prazer de meros agentes humanos. Mais provavelmente era feito oficialmente e usado contra "aquelas pessoas que obviamente resistiam à santificação de vida que os ligava" (KD, *Pentateuch*, II, 485).

**30. Também todas as dízimas da terra.** Os dízimos pertenciam ao Senhor e estavam sujeitos às mesmas regras de resgate dos animais limpos que eram dedicados (vs. 9, 10).

**32. Tudo o que passar debaixo da vara** refere-se ao costume de contar animais fazendo-os passar em fila de um ao saírem de um cercado e marcando cada décimo animal com uma vara mergulhada em material colorido.

**33. Não serão resgatados.** Não se devia substituir por outro animal, a não ser que estivesse pronto a entregar ambos.

# NÚMEROS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 10	Capítulo 19	Capítulo 28
Capítulo 2	Capítulo 11	Capítulo 20	Capítulo 29
Capítulo 3	Capítulo 12	Capítulo 21	Capítulo 30
Capítulo 4	Capítulo 13	Capítulo 22	Capítulo 31
Capítulo 5	Capítulo 14	Capítulo 23	Capítulo 32
Capítulo 6	Capítulo 15	Capítulo 24	Capítulo 33
Capítulo 7	Capítulo 16	Capítulo 25	Capítulo 34
Capítulo 8	Capítulo 17	Capítulo 26	Capítulo 35
Capítulo 9	Capítulo 18	Capítulo 27	Capítulo 36

## INTRODUÇÃO

**Título e Campo de Ação.** Entre os títulos antigos dados a este livro inclui-se o que se usa nas Bíblias hebraicas atuais, *bemidbar*, que significa "no deserto". Foi extraído de uma palavra destacada na primeira linha, e é bastante descritivo do conteúdo total. O título em português tem sua origem na Versão Septuaginta (LXX), de onde através da Vulgata, obtivemos o nosso título Números. Só alguns poucos capítulos (1-4; 26) se relacionam com números (recenseamento), enquanto o todo do livro trata das leis, regulamentos e experiências de Israel no deserto. Não devemos, contudo, diminuir o significado dos dois recenseamentos, um feito no Sinai em preparação para o deserto, e o outro feito perto do Jordão, quase quarenta anos depois, em preparação para a entrada na terra prometida. Poderia-se dizer que estes dois recenseamentos dividem o livro em suas duas partes lógicas. Assim, os capítulos 1-21 começam com o recenseamento e cobrem os anos passados no deserto, enquanto os capítulos 26-36 começam com o recenseamento da nova geração e falam dos meses antes da entrada em Canaã. A história de Balaão, que separa

os dois grupos de capítulos, forma um ponto alto literário, sobre o qual comentaremos mais tarde.

Números não deve ser estudado independentemente de Êxodo, Levítico e Deuteronômio. Por exemplo, Êxodo 19:1 fala da chegada de Israel no deserto de Sinai no terceiro mês depois que os hebreus deixaram a terra do Egito. Do terceiro ao décimo segundo mês eles receberam o Decálogo, instruções para a construção do Tabernáculo, e orientação quanto aos muitos detalhes do sistema sacrificial apresentado em Levítico. Em Números, o povo de Israel aprende como funciona um acampamento. Organiza-se sua economia civil, religiosa e militar, antecipando sua viagem, cultos e conquistas corpo nação.

Leis e instruções suplementares quanto aos muitos detalhes legais e cerimoniais de Êxodo e Levítico estão disseminados através de todo o livro. A data mais precoce apresentada em Números encontra-se em 9:1, onde somos informados de que no primeiro mês do segundo ano, o povo recebeu regulamentos quanto à guarda da primeira Páscoa comemorativa. Números 1:1, 2 fala-nos que Israel, quando se encontrava no Sinai, fez um recenseamento no segundo ano, e recebeu instruções adicionais, principalmente cerimoniais (capítulos 5-10), partindo de Sinai no vigésimo dia do segundo mês, começando o segundo ano depois do Êxodo (10:11). Números, então, apresenta a história dos movimentos de Israel desde os últimos dezenove dias no Sinai (1:1; 10:11) até que o povo chegou aos Campos de Moabe, a leste do Jordão, no quadragésimo ano (Nm. 22:1; 26:3; 33:50).

A sequência dos acontecimentos no livro de Números segue assim: Do Sinai, Israel viajou para o norte até o Deserto de Pará. Ali os espiões que trouxeram o "mau relatório" instigaram uma rebelião, e o povo por isso recusou-se a entrar na terra. Por causa de tola presunção sofreram derrota pelas mãos dos pagãos, e foram levados de volta a peregrinar no deserto mais trinta e oito anos. No final deste período, viajaram até as planícies de Moabe, a leste do Jordão, venceram e ocuparam toda a Transjordânia que fica ao norte do rio Amom. Ali caíram em pecado

com as mulheres moabitas e midianitas e adoraram seus deuses. Israel, em sua nova geração, foi novamente contada, e sob as ordens de Deus destruiu os midianitas que tanto mal lhe fizera. Gade e Rúben e a meia tribo de Manassés receberam a posse das terras ao leste do Jordão, e Moisés designou Josué como seu sucessor. Dos capítulos 20 até o capítulo 36, o livro trata de acontecimentos do quadragésimo ano (36:13). Por causa de suas muitas leis e regulamentos esta parte tem muito em comum com o livro de Deuteronômio.

**Data e Autoria.** G.B. Gray apresenta a opinião de um grupo de críticos quando diz, referindo-se a Números: "Muito do que aqui se relacionou com o tempo de Moisés pode ser provado anti-histórico . . . " (ICC, pág. xiii). Ele admite, contudo, que alguns assuntos apresentados "não são incompatíveis com quaisquer fatos e condições históricas conhecidas". Tentando estabelecer a responsabilidade do Livro de Números sem admitir sua autoria mosaica, muitos mestres têm proposto que se compõe de diversos documentos. A maior parte desses livros os mestres designam pelo título de Documentos "P" (P de Priestly – Sacerdotais), os quais declaram terem sido escritos não antes do que o sexto ou quinto século A.C., principalmente por sacerdotes do período pós-exílico. Aceitam que parte de Números deve-se a "J" e "E", dois documentos não mais antigos que do nono ou oitavo séculos A.C. Mesmo estes documentos mais antigos, dizem eles, estão tão distantes de Moisés, e suas tradições são tão confusas que pouco nos falam sobre o período mosaico.

Tal ponto de vista deixa-nos com um livro escrito durante um período de tempo que cobre meio milênio ou mais, compilado por muitos e diferentes autores, editores e redatores. Números, dizem tais críticos, "peca por falta de unidade de expressão religiosa", e é "impossível resumir as idéias fundamentais, ou destacar o valor religioso do livro, pois estas são diferentes e esparsas" (*ibid.*, pág. xlvii). Os argumentos básicos apresentados por Gray e outros sustentando esta hipótese documentaria sobre a origem do Pentateuco, já não se considera

mais válida pelos melhores mestres. E.E. Flack, em *Interpretation* (1959, XIII. pág. 6) diz, "A tendência no pensamento atual é reconhecer o material precoce do Pentateuco buscando uma solução mais satisfatória ao problema da estrutura literária do que a teoria documentada fornece". (Veja também B.D. Eerdmans, *Oudtestamentische Studien*, Deel VI, 1949). C.H. Gordon em seu "Homer and the Bible" (*Hebrew Union College Annual*, Vol. XXVI, 1955) observa que "textos recentemente descobertos provam que grande parte do material atribuído a 'P' é muito precoce, pré-mosaico até ". Gordon aqui acusa os advogados do ponto de vista documentário de apresentarem datas hipotéticas ao estrato (documentos) hipotético para chamá-lo de crítica "histórica".

Contudo, tendências recentes entre os mestres não resultaram de alguma aceitação generalizada das reivindicações apresentadas no livro (oitenta ou mais vezes) de que "o Senhor falou a Moisés" ou de que "Moisés escreveu as suas saídas .. . " (33:2). Pode-se perguntar se fraudes sagradas não inseriram as palavras, "O Senhor falou a Moisés", para conceder à sua obra literária uma nota de autoridade. W.F. Albrightt, o célebre arqueólogo, destacou que a fraude sagrada e a pseudoepigrafia não eram comuns no Oriente pré-helênico.

Realmente, os descobrimentos da arqueologia moderna forçaram alguns mestres a mudarem de atitude quanto à origem de grande parte do material de Números. Muitos arqueólogos modernos competentes chegam a depender de referências geográficas do Pentateuco para orientá-los em seu trabalho. Há pouco tempo, em 1959, Nelson Glueck, após muitos anos de frutíferos descobrimentos nas terras bíblicas, falando da espantosa memória histórica" da Bíblia, disse, "pode-se declarar categoricamente que nenhuma descoberta arqueológica jamais entrou em controvérsia com uma referência bíblica" (*Rivers in the Desert*, pág. 31).

O Livro de Números, ao lado de outros livros do Pentateuco, há muito tem apresentado difíceis problemas para os mestres. Mas muitos dos problemas foram resolvidos à luz de recentes descobertas de dados



adicionais. Como bom exemplo veja os comentários feitos a Números 34:15. Os críticos se achegam às Escrituras de maneira negativa e destrutiva muitas vezes, pois começam a excluir o sobrenatural. Devemos nos aproximar do texto de Números com uma atitude positiva e com fé na validade do sobrenatural. Podemos criticar o texto e estarmos alertas às dificuldades que há nele, sem fecharmos nossas mentes ao seu verdadeiro significado. Em assuntos que envolvem o sobrenatural, devemos procurar o significado mais claro, que seja consistente com um método histórico-gramático de interpretação. Quando a Bíblia proclama que houve intervenção sobrenatural, devemos aceitar a declaração dentro de suas próprias razões. Onde a Bíblia não o declara, não devemos procurar nada sobrenatural no texto; pois interposição do sobrenatural costuma ser a exceção e não a regra. Daí, o que alguém pensa sobre a origem de Números depende de que pressuposição filosófica ele aceita. Se a sua filosofia básica é naturalista, concluirá que esse livro sobrenaturalista é fraudulento e fantasista. Mas se alguém crê que o Ser Supremo pode intervir no curso dos acontecimentos humanos, não achará difícil encarar o livramento de Israel no Egito como sobrenatural.

Temos de reconhecer, contudo, que havia uma economia do sobrenatural. Moisés não vivia fazendo milagres, nem Deus ditou cada palavra do texto inspirado. O profeta sem dúvida fez uso de numerosos escribas (cons. Nm. 11:16, 25) o que explica o uso da terceira pessoa) Deus revelara diretamente a Moisés algumas partes do livro, incluindo as provisões para o estabelecimento na terra e os detalhes do procedimento cerimonial. Mas por outro lado, Moisés e seus escribas provavelmente tinham acesso a documentos e conheciam muitas tradições orais. O Espírito de Deus guardava-os dos erros de fato, doutrina ou julgamento. A narrativa de Balaão e Balaque (Nm. 22-24) é a única passagem no livro que não se atribui expressamente a Moisés e na qual Moisés não é mencionado.

---

**ESBOÇO**

*Primeira Parte: Israel no Deserto. 1:1 – 21:35.*

- I. Primeiro recenseamento no Deserto do Sinai. 1:1 - 4:49.
  - A. Recenseamento dos soldados de Israel. 1:1-54.
  - B. Disposição do acampamento. 2:1-34.
  - C. Função sacerdotal dos filhos de Arão. 3:1-4.
  - D. Obrigações e recenseamento dos levitas. 3:5-39.
  - E. Recenseamento dos primogênitos do sexo masculino. 3:40-51.
  - F. Recenseamento da força do trabalho levita e suas obrigações. 4: 1-49.
- II. Primeira lista sacerdotal. 5:1 – 10:10.
  - A. Separação dos imundos. 5:1-4.
  - B. Compensação por ofensas e honorários sacerdotais. 5:5-10.
  - C. Julgamento por ciúmes. 5:11-31.
  - D. Lei do nazireado. 6:1-21.
  - E. A bênção dos sacerdotes. 6:22-27.
  - F. Ofertas dos príncipes tribais. 7:1-89.
  - G. O candelabro de ouro. 8:1-4.
  - H. Consagração dos levitas e sua aposentadoria. 8:5-26.
  - I. Primeira Páscoa comemorativa e a primeira Páscoa suplementar. 9: 1-14.
  - J. A nuvem sobre o Tabernáculo. 9:15-23.
  - K. As duas trombetas de prata. 10:1-10.
- III. Do Deserto do Sinai ao Deserto de Parã. 10:11 – 14:45  
(cons. 10:12; 13:26).
  - A. Partida do Sinai. 10:11-36.
    - 1. Ordem de marcha. 10:11-28.
    - 2. Hobabe convidado para servir de guia. 10:29-32.
    - 3. A arca da aliança. 10:33-36.
  - B. Taberá e Quibrote-Hataavá. 11:1-35.
    - 1. Taberá. 11:1-3.

2. O maná é fornecido. 11:4 -9.
  3. Os setenta anciãos de Moisés na função de oficiais. 11:10-30.
  4. Castigo por meio de codornizes em Quibrote-Hataavá. 11:31-35.
- C. Rebelião de Miriã e Arão. 12:1-16.
- D. A história dos espias. 13:1 – 14:45.
1. Os espias, sua missão e seu relatório. 13:1-33.
  2. O povo fica desanimado e rebela-se. 14:1-10.
  3. A intercessão de Moisés. 14: 11-39.
  4. Fútil tentativa de invasão em Hormá. 14: 40-45.
- IV. Segunda lista sacerdotal. 15:1 – 19:22.
- A. Detalhes cerimoniais. 15:1-41.
1. Quantidade de ofertas de manjares e libações. 15 -16.
  2. Ofertas de bolo das primícias. 15:17-21.
  3. Ofertas pelos pecados de ignorância. 15:22-31 .
  4. Castigo da violação do sábado. 15:32-36.
  5. Borlas. 15:37-41.
- B. A rebelião de Coré, Datã e Abirão. 16:1-35.
- C. Incidentes da vingança do sacerdócio araônico. 16:36 – 17:13.
- D. Deveres e rendimentos dos sacerdotes e levitas. 18:1-32.
- E. A água da purificação para aqueles que estavam contaminados pelos mortos. 19: 1-22.
- V. Do Deserto de Zim às estepes de Moabe. 20:1 – 22:1.
- A. O Deserto de Zim. 20:1-21.
1. O pecado de Moisés (perto de Cades). 20:1-13.
  2. Pedido para atravessar Edom. 20:14-21.
- B. A região do Monte Hor. 20:22 - 21:3.
1. Morte de Arão. 20:22-29.
  2. Arade, o cananeu, derrotado em Hormá. 21:1-3.
- C. A viagem às estepes de Moabe. 21:4 - 22:1.
1. Rebelião na viagem à volta de Edom. 21:4 -9.
  2. Lugares atravessados na marcha partindo de Arabá. 21:10-20.
  3. Derrota dos amorreus. 21:21-32.

4. Derrota de Ogue, rei de Basã. 21:33-35.
5. Chegada às planícies de Moabe. 22: 1.

*Segunda Parte:* Intriga estrangeira contra Israel. 22:2 – 25:18.

- I. Fracasso de Balaque de afastar o Senhor de Israel. 22:2 – 24:25.
  - A. Balaão é convocado por Balaque. 22:2-40.
  - B. Os oráculos de Balaão. 22:41 – 24:25.
- II. O sucesso de Balaque de afastar Israel do Senhor. 25:1-18.
  - A. O pecado de Baal-Peor. 25:1-5.
  - B. O zelo de Finéias. 25:6-18.

*Terceira Parte:* Preparativos para a entrada na terra. 26:1 – 36:13.

- I. Segundo recenseamento, nas Planícies de Moabe. 26:1-65.
- II. A lei da herança. 27:1-11.
- III. Indicação do sucessor de Moisés. 27:12-23.
- IV. Terceira lista sacerdotal. 28:1 - 29:40.
  - A. Introdução. 28:1, 2.
  - B. Ofertas diárias. 28:3-8.
  - C. Ofertas sabáticas. 28:9, 10.
  - D. Ofertas mensais. 28:11-15.
  - E. Ofertas anuais. 28:16 - 29:40.
    1. Festa dos Pães Asmos. 28:16-25.
    2. Festa das Semanas. 28:26-31.
    3. Festa das Trombetas. 29:1-6.
    4. Dia da Expição. 29:7-11.
    5. Festa dos Tabernáculos. 29:12-40.
- V. A validade dos votos das mulheres. 30:1-16.
- VI. Guerra com Midiã. 31:1-54.
  - A. Destruição de Midiã. 31:1-18.
  - B. Purificação dos guerreiros. 31:19-24.
  - C. Divisão dos despojos de guerra. 31:25-54.
- VII. Estabelecimento de duas tribos e meia na Transjordânia. 32:1-42.

- A. A resposta de Moisés ao pedido de Gade e Rúben. 32:1-33.
- B. Cidades reconstruídas por Rúben e Gade. 32:34-38.
- C. Gileade tomada pelos manassitas. 32:39-42.
- VIII. A rota do Egito ao Jordão. 33:1-49.
- IX. Orientação para o estabelecimento em Canaã. 33:50 - 35:34.
  - A. Expulsão dos habitantes, estabelecimento das fronteiras, divisão da terra. 33:50 - 34:29.
  - B. Cidades dos levitas e cidades de refúgio. 35:1-34.
- X. Casamento de herdeiras. 36:1-13.

## COMENTÁRIO

### **Primeira Parte. Israel no Deserto. 1:1 – 22:1.**

#### **I. Primeiro Recenseamento, no Deserto de Sinai. 1:1 - 4:49.**

O cenário é o Sinai, uns dez meses depois que Israel chegou ali (Êx. 19:1). Faltavam apenas dezenove dias para a nuvem se levantar de sobre o Tabernáculo e Israel começar a viagem para a Terra Prometida (Nm. 10:11). Considerando que o povo teria de enfrentar um deserto estéril e resistência inimiga rija, havia necessidade de um acampamento bem organizado.

### **Números 1**

#### **A. Recenseamento dos Soldados de Israel. 1:1-54.**

**1. Falou o Senhor a Moisés.** Esta fórmula foi usada mais de oitenta vezes no Livro de Números. Se esta obra não fosse de Moisés, seria necessário aceitar que o escritor destas palavras foi um impostor. **No segundo ano . . . segundo mês.** Exatamente um mês depois que o Tabernáculo foi levantado (Êx. 40:1,17). Números 7:1 e 9:1, 15 referem-se ao primeiro dia do primeiro mês, antedatando este versículo inicial de um mês. Os sacerdotes e o Tabernáculo foram consagrados nesse mês

(Êx. 40; Lv. 8); os príncipes trouxeram suas ofertas nesse mês (Núm. 7); e comemorou-se então a primeira Páscoa. (9: 1-14).

**2. Levantai o censo de toda a congregação.** O Tabernáculo, recém-terminado, tomou-se o centro do acampamento. O exército tinha de ser organizado e todo o acampamento arrumado e disposto como uma organização religioso-civil e militar; por isso a necessidade básica de um **recenseamento**. A palavra *ro'sh*, censo, comumente significando "cabeça", foi traduzida para número em I Cr. 12:23. Do mesmo modo cabeça refere-se à contagem propriamente dita dos indivíduos ou cabeças (*gulgelot*, "crânio").

**3. Da idade de vinte anos para cima, todos os capazes de sair à guerra.** Esta terminologia, usada quatro vezes através de todo o capítulo, torna claro que o recenseamento tinha propósito militar. Os levitas não militares tiveram um recenseamento separado (1:47-49; 3:14-51).

**5. Estes . . . são os nomes dos homens.** Tentativas de provar que a lista (vs. 5-15) "não é histórica" não têm o apoio dos dados concretos. O uso abundante do nome divino El (Eliabe, Pagiel, etc. ) não indica de modo nenhum uma autoria posterior (ICC, *Numbers*, págs. 6, 7), pois o nome é livremente usado em nomes pessoais nos textos ugaríticos de cerca de 1400 A.C. Também o composto *Shaddeiy* (como em Zurisadai, v. 6) aparece em um nome pessoal de uma estatueta dos fins do século quatorze (Wm. F. Albright, *The Biblical Period*, pág. 7).

**18. Declararam a descendência deles.** Para a mente semítica, conhecer a genealogia de alguém é mais importante do que saber a data do seu nascimento ou sua idade. Por isso temos as longas genealogias da Bíblia, que foram usadas, finalmente, para traçar a descendência do Messias através de Abraão, Judá e Davi, de acordo com as promessas de Deus.

**19 Assim os contou.** Este verbo *peiqad* tem um amplo significado. Aqui significa "passar em revista", ou "fazer a chamada" e, neste sentido, "numerar". As muito repetidas frases, as suas gerações, pelas suas

famílias, segundo a casa de seus pós (v. 20) indicam o que nós queremos dizer quando falamos em "famílias" "afãs" e "tribos".

**46. Seiscentos e três mil quinhentos, e cinqüenta.** Este número se refere apenas ao exército, pois eram duas as condições governando a numeração – os homens incluídos deviam ter acima de vinte anos e deviam estar aptos para a guerra. Calculou-se que de dois a três milhões de pessoas – incluindo os levitas, pessoas idosas, crianças e mulheres – compunham o acampamento. Mestres incapazes de aceitarem o elemento sobrenatural na operação de Deus com o Seu antigo povo declaram que cinco mil soldados seria um número mais razoável de se esperar, e explicam este número como um recenseamento posterior colocado em lugar errado. Há quem diga que foi o recenseamento de Davi em II Sm. 24. Mas lá o número dos soldados só de Judá é de 500.000 (II Sm. 24:9), enquanto aqui Judá tinha só 74.000. Em II Sm. 24 o termo para soldado é *'ish hayl*, "homem de pujança"; em Números é *kol yose' seibei'*, "todo aquele que sai com o exército".

George E. Mendenhall, em um estudo desafiador (JBL, Março, 1958), considera o registro do recenseamento em Números como listas autênticas, mal-interpretadas pelas gerações subseqüentes. Ele destaca que essas listas aparecem geralmente nas mais antigas civilizações. No mundo semítico, foram descobertas listas de recenseamento de Mari, Ugarit e Alalake, variando em datas desde o Período Patriarcal até pouco tempo antes de Moisés. A palavra *'elep*, geralmente significando mil, é considerada por Mendenhall como unidade tribal, provavelmente não militar e incluindo bem menos de mil homens. Por exemplo, quando o hebraico declara 46.500 homens para Rúben, poderia significar quarenta e seis unidades tribais, mas apenas quinhentos soldados. Assim, seriam 558 unidades tribais e 5.550 soldados.

A dificuldade neste ponto de vista é que Nm. 2:32 dá um total que dá a entender que *'elep* significa "um mil". Mas Mendenhall crê que os sacerdotes pós-exílicos que organizaram o livro de Números forçaram o significado da palavra para "mil", não conhecendo o seu significado

anterior. Mendenhall comenta corretamente, em conexão com Jz. 6:15, que Gideão considerava seus mil (*'elep*) como fracos (isto é, não uma força completa), uma característica de muitas unidades militares. Mas, então ele se vê forçado a considerar Êx. 18:25 como versículo espúrio, porque diz: "Escolheu Moisés homens capazes . . . e os constituiu . . . chefes de mil (*'alapim*), chefes de cem, chefes de cinquenta, e chefes de dez". O autor crê que as provas indicam que o termo *'elep* designava uma unidade militar (Nm. 1:16; 31:5, 14), mas finalmente passou também a significar uma unidade tribal de número indeterminado (1 Sm. 23:23; Mq. 5:2). Para que dois a três milhões de pessoas fossem sustentadas no deserto seria imprescindível que houvesse intervenção sobrenatural. O propósito do Livro de Números é contar-nos que isto foi o que aconteceu.

## Números 2

### **B. Disposição do Acampamento. 2:1-34.**

A ordem da marcha e a disposição do acampamento à volta do Tabernáculo foram especificadas neste capítulo.

**2. Os filhos de Israel se acamparão, junto ao seu estandarte** ("bandeira"). Eram quatro essas bandeiras, indicando os quatro acampamentos à volta do Tabernáculo (vs. 3, 10, 18, 25). Havia também outras bandeiras indicando famílias, chamadas aqui de **insígnias da casa de seus pais. Ao redor . . . se acamparão.** Só os levitas e os sacerdotes se acampavam ao lado do Tabernáculo. "O estranho que se aproximar morrerá" (3: 10, 38). O Tabernáculo tinha de ser mantido puro de contaminações cerimoniais associadas com o viver quotidiano do povo.

**17. Então partirá a tenda da congregação.** Metade das tribos marchavam diante dela e metade atrás; e quando acampavam, o Tabernáculo, com seus sacerdotes e levitas, ficava no meio. Quando os sacerdotes e os levitas avançavam, todos seguiam o exemplo e esperava-se que estivessem **cada um no seu lugar**, literalmente, *a postos*, segundo sua bandeira.



**34. Assim fizeram os filhos de Israel; conforme a tudo o que o Senhor ordenara.** O povo obedeceu a tudo o que Deus ordenou, um contraste marcante com a freqüente desobediência registrada neste livro.

## Números 3

### C. A Função Sacerdotal dos Filhos de Arão. 3:1-4.

**1. São estas, pois, as gerações.** Esta expressão idiomática hebraica foi usada em Gn. 2:4 para introduzir a narrativa da criação. Este é um versículo de transição e pode ser traduzido: "E esta é a história de Moisés e Arão quando Deus falou a Moisés no Monte Sinai".

**3. Consagrados.** A figura de linguagem hebraica traduzida literalmente para "encher a mão de alguém", usa-se para expressar consagração em um ofício sagrado. A idéia básica não é chamada para o ofício mas a inauguração ou realização do ofício por alguém que foi consagrado.

**4. Oficiaram . . . diante de Arão.** Exercendo suas obrigações sacerdotais antes que seu pai lhes ensinasse como agradar a Deus na miríade de detalhes cerimoniais que exigiam tempo e prática cuidadosa.

### D. Obrigações e Recenseamento dos Levitas. 3:5-39.

Considerando que todos os primogênitos de Israel foram salvos do anjo da morte no Egito, Deus os declarou consagrados para o serviço do Tabernáculo. Subseqüentemente, contudo, Ele providenciou que os levitas servissem em Seu lugar. Os ramos levíticos de Gerson, Coate e Merari, com obrigações específicas no Tabernáculo, acampavam junto aos seus três lados. Moisés, Arão e os filhos de Arão acampavam no lado oriental do Tabernáculo, na frente do santuário. Quando se descobriu que havia 273 primogênitos do sexo masculino excedendo os levitas que deviam tomar seus lugares, os excedentes foram resgatados do serviço com o pagamento de cinco siclos de prata por indivíduo como resgate.

**9. Darás .. . são dados.** O termo *netunim*, "dados" foi repetido a bem da ênfase; por isso a tradução **darão . . . são dados**. A mesma raiz foi usada mais tarde para descrever os escravos estrangeiros dados aos levitas, que executariam as obrigações mais desprezíveis do templo (servos do templo, I Cr. 9:2).

**12. Eis que tenho eu tomado os levitas do mão dos filhos de Israel.** Um grupo separado, dedicado para servir a Deus através das ocupações no santo Tabernáculo, do qual outros estavam proibidos de se aproximarem, sob pena de morte (1:53; 2:2; 3:10). **Em lugar de todo primogênito** (cons. v. 41). A preposição *tahat*, **em lugar de**, tem sido usada muitas vezes no V.T, para expressar "substituição" (Gn. 22:13). A idéia de "exiação substitutiva" era uma verdade há muito conhecida dos israelitas e Deus a usou para prepará-los e a outros para o grande Primogênito entre muitos irmãos, o Senhor Jesus Cristo (Mc. 10:45).

**13. É meu.** O destaque aqui é a posse dos primogênitos pelo Senhor que os redimiui. Ele se repete mais duas vezes, no versículo 41 e no versículo 45. O Senhor diria, "Eles me pertencem".

**25. Os filhos de Gérson terão a seu cargo na tenda da congregação o Tabernáculo.** *O Tabernáculo de um determinado tempo e lugar ('ohel mo'ed)* foi reservado como designação para todo o complexo onde só Deus habitava e se encontrava com o Seu povo. Os filhos de Gérson estavam encarregados do *'ohel*, a tenda, que eram as cortinas propriamente ditas que formavam o cercado.

**28. Oito mil e seiscentos.** Quando somamos os totais das três famílias dos levitas surge uma discrepância. Temos aqui trezentos mais do que os 22.000 dados no versículo 39. Provavelmente algum escriba, por engano, omitiu uma letra em lugar de escrever três (*sh-l-sh*) centos, escreveu seis (*sh-sh*) centos.

**38. Tendo a seu cargo os ritos do santuário, para cumprirem seus deveres prescritos, em prol dos filhos de Israel.** Antes, *cuidando do funcionamento* (*mishmeret*) *do santuário para salvaguardar* (*mishmeret*; I Sm. 22:23) *os filhos de Israel*.

**E. Recenseamento dos Primogênitos do Sexo Masculino. 3:40-51.**

**41. E os animais dos levitas, em lugar de todo primogênito entre os animais dos filhos de Israel.** Os primogênitos dentre o gado de Israel foram salvos durante a Páscoa no Egito (Êx. 12:19, 32); por isso, agora os primogênitos dentre o gado foram dedicados ao Senhor. O resgate do gado (Êx. 34; 20) e a atribuição da responsabilidade moral ao gado (Êx. 21:28, 29) não é coisa desconhecida na Bíblia. Em Jonas 3:7, 8; 4:11, registrou-se que Deus poupou o gado junto com os habitantes de Nínive que se arrependeram (cons. Os. 5:6). Entre alguns povos semitas da antiguidade (Ugarit), os animais domésticos eram incluídos no recenseamento como membros da comunidade. Embora os hebreus partilhassem dessa peculiaridade cultural, sua lei se opunha fortemente à conduta ímpia que resultava dessa familiaridade entre os animais e os pagãos (Lv. 15:23, 24). No Código Legal dos heteus a bestialidade era permitida com certos animais.

**47. O siclo do santuário.** O siclo não era uma moeda mas uma medida de peso. A necessidade de padrões ou medidas oficiais de peso reflete-se aqui. Tais pesos padrões traziam uma inscrição oficial. Em uma sociedade teocrática o santuário fornecia o padrão (cf. Gn. 23:16).

**49. O dinheiro do resgate.** Aqui e no versículo 48, **dinheiro** traduzindo *kesep*, "prata", não é uma tradução clara. Uma vez que a cunhagem de moeda só se inventou no sexto século A.C., a prata constituía uma antiga medida de valor; por isso foi usada para expressar o ensinamento do Velho Testamento sobre a expiação. Havia a prata da expiação (*kesep hakkippurim*), como em Êx. 30:16, e prata de resgate (*kesep happidyom*), como neste versículo. A maior das medidas de valor é a própria vida; por isso a oferta do sangue, não da prata, foi a lição mais marcante da dívida espiritual do homem para com Deus (Lv. 17:11).

## Números 4

### F. Recenseamento da Força do Trabalho dos Levitas e Suas obrigações. 4:1-49.

Sob pena de morte, ninguém a não ser Arão e seus filhos tinham permissão de ver ou tocar os utensílios sagrados dentro do santuário (vs. 15, 19, 20). Instruções para o devido manejo dessas coisas santíssimas e para sua cobertura (v. 4) são explicadas aqui. A família de Moisés e Arão (26:58, 59), os coatis, estava encarregada do seu transporte, sob a direção de Eleazar, filho de Arão (v.16). As demais famílias levíticas receberam o trabalho menos honroso de carregar as cortinas (gersonitas) e os varais e colunas (meraritas). Este trabalho estava sob a supervisão sacerdotal de Itamar, outro filho de Arão. Os levitas de trinta a cinquenta anos de idade, que constituíam a força do trabalho (v.3), foram contados e achou-se um total de 8.580.

**4. As coisas santíssimas** (*qodesh haqqeideishim*). A frase foi usada para descrever o Santíssimo Lugar (Êx. 26:34) por trás do "véu da separação" (*peiroket hammeiseik*), mas também tem sido usado com referência às coisas de todo o santuário.

**5. Arão e seus filhos . . . tirarão o véu de cobrir.** Este é o "véu da separação" entre as duas partes do Tabernáculo – o Santo Lugar e o Lugar Santíssimo, onde se mantinha a arca da aliança (Êx. 26: 31, 34).

**6. E, por cima, lhe porão uma cobertura de peles de animais marinhos.** A ASV usa *peles de focas*, seguindo a raiz árabe semelhante ao hebraico *tahash*. Uma raiz egípcia cognata dá a idéia de que isto se refere a um processo de curtimento e não a peles de determinados animais. Para proteção das intempéries, essas cobertas costumavam ser usadas sobre todas as coisas. Contudo, deve-se notar que a arca tinha de ser coberta com um pano **todo azul** ("violeta") **por cima das peles**, e não *sob* como no caso das outras coisas sagradas (vs. 7-10). Desse modo a arca se destacava no meio do desfile (cons. 10:33). **E lhe meterão os**

**varais.** Lateralmente, *seus seguradores* (*baddeiyw*). Ficaria melhor, "colocação suas alças", ou "varais".

**7. A mesa da proposição.** *A mesa da Presença*, isto é, a presença do Senhor. **E as galhetas.** Estas *gesot hanneisek* eram recipientes usados no sacrifício, dos quais se entornava o líquido das libações. **O pão contínuo.** Também chamado de *o pão da Presença* ("pão da proposição"; Êx. 25:30), uma vez que ficava continuamente exposto diante do Senhor sobre a mesa.

**8. Um pano de carmesim.** O termo *tola 'at sheini* indica o inseto ou gorgulho do qual essa tintura era extraída. Outra tintura, como no **pano azul** (*tekelet*, "violeta"; v. 9) era extraída de uma espécie de molusco que era encontrado nas praias ao redor da península do Sinai. A tinturaria era prática conhecida dos cananeus no século dezesseis A.C. (W.F. Albright, *Archaeology of Palestine*, pág. 96).

**20. Não entrarão . . . para ver . . . para que não morram.** No versículo 15 os carregadores levitas foram advertidos a não tocarem em coisa alguma sagrada sob pena de morte. Nos versículos 17-20 o Senhor torna a advertir que os coatitas seriam eliminados "do meio dos levitas" se fossem descuidados no manejo das coisas santíssimas. Caso se atrevessem a olhar por um momento que fosse (*kebala' – o tempo que se leva para engolir*), morreriam.

**23. Para algum encargo.** A raiz hebraica *seihei'* geralmente se reserva para uso militar, como em 1:3, 30. Deus geralmente é chamado de Senhor de Sabaoth ("exércitos"). Este exército religioso (veja também 1:3) faz-nos lembrar o trabalho espiritual da Igreja Militante.

**37, 45, 49. Segundo o mandado do Senhor por Moisés.** A palavra **mandado** literalmente é boca (*peh*). Este é o uso da palavra mão (*yad*) ajudam-nos a penetrar no espírito da lição. A boca revela a sede da autoridade e a mão o meio de se exercer a autoridade. Portanto, as leis foram dados de acordo com a boca de Deus e a mão de Moisés. Com autoridade delegada (v. 27) Itamar recebeu a responsabilidade de administrar (sob a sua mão, vs. 28, 33) o serviço dos filhos de Gérson e

Merari. Novamente nos lembramos de que a expressão idiomática hebraica para "consagrar" é *encher a mão de alguém* (3:3).

## **II. Primeira Lista Sacerdotal. 5:1 – 10:10.**

Leis sobre a guarda da Páscoa foram datadas de um mês antes de Nm. 1 (veja 9:1). Isto se entende quando percebemos que embora fosse observada uma ordem cronológica global, o material foi arrumado e reunido por todos. Racionalmente podemos supor que a obra original estava contida em rolos de pergaminho ou papiro. Tivemos um rolo com o recenseamento e agora nos voltamos para um rolo no qual estão reunidos detalhes cerimoniais adicionais e outros detalhes hieráticos.

## **Números 5**

### **A. Separação dos Imundos. 5:1-4.**

**2. Lancem para fora do arraial todo leproso, todo o que padece fluxo, e todo imundo por ter tocado em algum morto.** De acordo com a orientação aqui apresentada, estes três tipos de pessoas imundas deviam ser postas fora do acampamento. Mas nas três passagens que tratam com mais detalhes das diversas profanações (Lev. 13; 15; Núm. 19) só os leprosos tinham de ser expulsos do acampamento (Lev. 13:46). De acordo com Levítico 13, uma pessoa não era expulsa do acampamento até que se comprovasse que tinha um caso verdadeiro e permanente de lepra. Quanto ao "que padece de fluxo", Nm. 5:2 pode igualmente estar se referindo a um fluxo permanente e crônico, exigindo expulsão do acampamento, enquanto Lv. 15 trata apenas de fluxo temporário. A terceira expressão idiomática refere-se a "alguém que se tornou imundo por causa de uma pessoa" (*nepesh*), que é geralmente a expressão para contaminação por causa de um defunto (Nm. 9:10; 19:11). Este tipo de imundícia não exigia normalmente expulsão do acampamento. Mas, de acordo com 19:20, se o imundo deixasse de se purificar devidamente, devia ser desligado da congregação. Resumindo,

os três tipos de imundície aqui mencionados referem-se a casos extremos nos quais a expulsão do acampamento era o único caminho de se preservar a pureza cerimonial da congregação.

### **B. Compensação por Ofensas e Honorários Sacerdotais. 5:5-10.**

**7. Pela culpa, fará plena restituição.** O hebraico *'eisheim*, aqui culpa, é a palavra chave desta passagem. O termo é a expressão de uma ofensa pela qual se podia fazer restituição. Estes pecados são contra homens, em contraste com pecados cometidos contra Deus somente, por isso a E.R.A. que diz **pecados em que caem os homens** (Nm. 5:6) deveria ser *pecados contra o homem*. Este pecado, como aquele examinado em Lv. 5:16, exigia restituição integral, mais um quinto do valor da coisa restituída.

**8. Carneiro expiatório.** O meio pelo qual a culpa do homem era expiada ("purificada") e conseqüentemente a ira de Deus contra o pecador aplacada ("tornada favorável"). Em Lv. 5:16 este carneiro foi chamado de "o carneiro da oferta pela culpa", que destaca a ofensa cometida pelo homem ("culpa"); enquanto aqui em Números "carneiro expiatório" destaca a alheação divina.

**10. Será deste.** Se a pessoa a ser compensada já tiver falecido e não tiver nenhum parente-remidor (*go'el*) para receber a sua recompensa, então esta reverteria para o sacerdote. Os versículos 9 e 10 tornam claro que cada sacerdote era o único possuidor do que recebesse deste modo (Lv. 10:12-15).

### **C. Um Julgamento por Ciúme. 5:11-31.**

Quando o marido suspeitasse que sua mulher era infiel (não havendo testemunha) e ela sustentasse ser inocente, devia ser levada à presença do sacerdote e colocada diante do Senhor, o único que poderia determinar sua inocência ou culpa. O sacerdote devia mandar que jurasse sua inocência e submetendo-a a uma penosa experiência – beber a água amarga da maldição misturada com o pó do chão do Tabernáculo. Sua

culpa seria determinada por meio de certos efeitos que se manifestariam em seu corpo. Se não existissem efeitos indicadores, era inocente e podia retornar a seu mando e dar à luz filhos. Um exemplo notável de julgamento de uma esposa suspeita está registrado no Código de Hamurabi (pars. 131, 132. ANET, pág. 171).

Não devemos imaginar, como certos mestres "liberais", que este costume entre os hebreus retrocede ao mais remoto período de sua história (ICC, pág. 46) como se isto fosse um remanescente dos seus primórdios pagãos. Nem precisamos ir ao outro extremo ignorando o fato que ao lado de algumas leis bíblicas encontramos paralelos na jurisprudência de certos povos semitas da antiguidade (ANET, págs. 163-188). Tal como Deus escolheu a prática da circuncisão, já muito disseminada entre os povos pagãos (cananeus e egípcios, por exemplo), como ordenança para o seu povo, assim o fato da Torá ser divinamente inspirada não precisa excluir o conhecimento que Moisés tinha dos seus tempos.

Na realidade, até os julgamentos pagãos deste tipo tinham a sua validade psicológica, e o princípio neles latente ainda hoje é usado na detecção moderna dos crimes (o detentor de mentiras, por exemplo). Enquanto os resultados do julgamento dos pagãos só eram parcialmente válidos, não poderia técnica semelhante ser empregada com resultados perfeitamente válidos sob a soberana providência do Senhor? "Esta lei determinava não um julgamento cujos efeitos fossem incertos como os julgamentos de outras nações, mas um juízo divino, do qual a culpada não podia escapar, pois era apontada pelo Deus vivo" (KD, *in loco*). Deveria se acrescentar que nada havia de peculiar no pó para produzir qualquer resultado. Intervenção sobrenatural tinha de ocorrer em qualquer dos casos.

**12. Se a mulher de alguém se desviar e lhe for infiel.** As leis bíblicas expressam séria condenação para o adultério, em contraste com a atitude frouxa dos vizinhos de Israel e suas práticas imorais (G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 111-119). Por estranha que esta lei



nos possa parecer, ajudava a criar um alto nível de pureza conjugal em Israel (Lv. 20:10).

**15. Efa de farinha de cevada. . . não deitará azeite, nem sobre ela porá incenso.** Só aqui se ordena cevada para uma oferta de manjares. Geralmente exigia-se flor de farinha (*solet*) junto com azeite e incenso. O motivo da diferença parece ser que a costumeira oferta de manjares, ao contrário desta, era uma oferta de alegria, geralmente das primícias. A única outra oferta de farinha seca era a oferta pelo pecado do homem pobre (Lv. 5:11). Em ambos os casos a farinha de cevada seca fala de uma circunstância de pecado e humilhação. **Oferta memorativa**, que traz a iniquidade à memória. O termo memória (*zikkeiron*) explica o propósito de todo este procedimento fora do comum. Não era para fazer Deus se lembrar (ICC, pág. 51), mas para revelar ("tornar conhecido") se havia ou não fundamento neste ciúme.

**17. Água santa num vaso de barro.** De barro para que pudesse ser quebrado depois da cerimônia (Lv. 6:28). Água da bacia era santa; mas uma vez que tudo no Tabernáculo era santo, a água impressionava muito mais pela adição do pó sagrado.

**18. Apresentará a mulher perante o Senhor.** Só o Senhor podia resolver este mistério. Repetição do versículo 16 a bem da ênfase. **Soltará a cabeleira dela.** A palavra *peira'* significa "desamarra o cabelo" e não descobrir a cabeça. Como alguém sob suspeita, ficava privada deste sinal de dignidade; seu cabelo era solto.

**23. O sacerdote escreverá estas condições num livro.** Esta confirmação eventual do uso de pena ou pincel e tinta enquadra-se bem com um povo que viveu durante gerações no Egito, onde o pincel do escriba já estava em uso constante desde há muito tempo no terceiro milênio A.C. **Apagará.** Com referência ao significado desse apagamento da maldição, veja o comentário ao versículo 24.

**24. E fará que a mulher beba.** Este versículo antecipa o momento em que a mulher deveria beber depois do sacerdote receber a oferta (v. 26), mas isto porque o ato de beber tinha de estar intimamente associado

com o importante detalhe do "apagamento", no versículo 23. Por meio desse ato as palavras da maldição eram simbolicamente transferidas para água amarga.

**27. O seu ventre se inchará, e a sua coxa descairá.** Ou, *seu corpo inchará, e sua coxa se enfraquecerá* (ASV). Embora a tradução da ASV seja preferível á da E.R.A., permanece ainda a dúvida quanto ao seu significado. É óbvio que o inchaço do corpo pode se referir à gravidez. O ICC sugere que a coxa enfraquecida significa parto prematuro (pág. 48). A mesma raiz *nepel*, "queda", traduz-se por *nascimento prematuro* em Jó 3:16; Sl. 58:8, 9; Ec. 6:3. Coxa ou quadril (*yeirek*) usa-se do mesmo modo como a sede do poder da procriação, em Gn. 46:26 (e em outras passagens). Aqueles que saíram da sua coxa" (ou "quadris"). Por isso sua coxa descairá poderia significar "ela dará à luz". Que *neipal* "cair", pode significar "nascer" está claro por causa do seu uso em Is. 26:18. Poderíamos traduzir esta frase assim: "Seu corpo inchará e ela dará à luz (ou terá um aborto) e esta mulher se tornará uma maldição no meio do seu povo".

A mulher culpada, então, não deveria morrer, o que seria injusto, uma vez que o homem culpado permanecia livre. Contudo, filhos ilegítimos não tinham permissão de se tornarem um peso para o acampamento por causa da intervenção sobrenatural de Deus em exemplos como este (cons. Dt. 23:2). Não há evidências de que esta lei vigorasse em qualquer outra ocasião fora do período da liderança de Moisés.

## Números 6

### D. A Lei do Nazireado. 6:1-21.

Deus desejava que o Seu povo se tornasse um "reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êx. 19:6). O nazireado era um passo que qualquer israelita, homem ou mulher, podia dar na consecução deste ideal. Tal pessoa colocava-se na condição de uma vida consagrada a Deus e livre

de contaminação. O sumo sacerdote, é claro, também era separado e purificado (Lv. 21:0, 12). Mas esta condição de vida baseava-se no seu ofício hereditário. O voto do nazireado era tomado geralmente de livre e espontânea vontade, e só por um certo período de tempo. O termo *neizir* significa "separar", e neste contexto sempre significa separar para o Senhor. Aqui estão representadas duas fases distintas desta consagração. A primeira foi introduzida em Nm. 6:3, onde o devoto é instruído a separar-se através de certa prática de auto-renúncia. A segunda fase, prescrita em 6:13-21, é chamada apropriadamente de "a lei do nazireado". Esta fase, a ser realizada no final do período da separação, exigia uma elaborada série de ofertas.

Um nazireu devia se abster não só de bebidas intoxicantes, mas também de qualquer coisa que fosse produto da videira (v. 4). Oséias 3:1 informa-nos que bolos de uvas-passa eram uma característica de vida luxuosa. 1 Samuel 25:18, 36 fala da abundância de passas na casa de Nabal, um homem rico e sensual. No espírito de auto-negação, a vida luxuosa devia ser desprezada por um nazireu. A consagração de um nazireu, contudo, devia ser melhor simbolizada pelo uso do cabelo comprido (Nm. 6:5). O cabelo de Sansão era um símbolo de força e virilidade dedicadas a Deus; mas quando o homem forte desprezou esta dedicação, perdeu o dom da graça. Embora tal força não fosse garantida a todos os nazireus, de todos se exigia, como de Sansão, que tudo dedicassem ao Senhor. Isto se prova pela orientação dada aos nazireus para fazerem grandes ofertas (v. 21).

Por causa do cabelo (*nezer*, "coroa") consagrado do nazireu é que ele devia evitar a contaminação através dos mortos. Se ele se contaminasse, teria de rapar o cabelo contaminado e recomençar o seu voto de novo (v. 12). Assim como o cordeiro ou cabrito da oferta tinha de ser puro, a "oferta do cabelo" também tinha de ser pura, pois o cabelo do nazireu era uma oferta queimada diante do Senhor. O cabelo representa a própria vida, pois só um homem vivo produz cabelo. Ele o oferecia, portanto, em lugar do seu próprio corpo, como um sinal de que

ele mesmo era um "sacrifício vivo, santo e agradável a Deus". Entende-se porque Paulo (Atos 18:18; 21:24) e Tiago, o ancião de Jerusalém (Eusébio, *Ecclesiastical History* ii. 23), fizeram voto de nazireado, vendo nele o profundo significado espiritual da antiga lei do nazireado.

A segunda fase da lei do nazireado começava no fim dos "dias do seu nazireado" (Nm. 6:13). Devia fazer uma oferta pelo pecado por causa de todos os seus pecados ignorados, depois uma oferta queimada e uma oferta pacífica simbolizando a submissão e a adoração. No auge destas cerimônias o devoto devia ter sua cabeça rapada, e o cabelo consagrado era colocado sobre brasas em baixo da oferta pacífica (vs. 18-20).

**2. Fizer voto especial, o voto de nazireu.** O primeiro verbo aqui (*peilei*') significa "fazer uma coisa extraordinária ou maravilhosa" (cons. a mesma raiz em um dos epítetos do Messias em Is. 9:6). Aqui e em outras passagens (Lv. 22:21; 27:2; Nm. 15:3,8) foi usado para expressar a dificuldade de se fazer um voto solene. A tradução da E.R.A., **voto especial**, é uma tentativa de mostrar esta diferença. Permitia-se também que o devoto fizesse uma oferta voluntária, além deste mínimo exigido (v. 21)

**7. O nazireado do seu Deus está sobre a sua cabeça.** *Nezer* indica não simples "consagração" mas consagração relacionada com a "cabeça", quer fosse uma coroa consagrada (Êx. 29:6; Zc. 6:11) ou o cabelo ungido do sumo sacerdote (Lv. 21:12), ou, como aqui, o "cabelo consagrado" do nazireu (cons. Nm. 6:19, onde encontramos as palavras "a cabeleira de"). Em lugar de o nazireado do seu Deus, leia-se "o cabelo consagrado do (pertencente ao seu Deus (ainda) está sobre a sua cabeça",

**13. Será trazido à porta.** Não há motivo para um nazireu "ser trazido". A construção gramática do hebraico aqui é a costumeira; mas considerando que este verbo não tem forma reflexiva, a cláusula poderia ser assim "ele mesmo se trará".

**21. Afora o que as suas posses lhe permitirem;** isto é, as ofertas especiais que um nazireu devia ofertar em aditamento ao que estava

especificado nesta lei. Embora isto se refira ao que um homem poderia acrescentar à sua oferta a mesma terminologia foi usada com referência à contribuição do homem pobre que não tinha posses para adquirir a oferta prescrita (Lv. 5:11). **Segundo o voto que fizer, assim fará.** Isto é, de acordo com o que ele prometeu, devia fazer. Algumas vezes outra pessoa pagava pelo voto de um nazireu, como parece ser o caso em Atos 21:24.

### **E. A Bênção Sacerdotal. 6:22,27.**

Esta é uma bênção linda, no excelente estilo poético semita e cheio de uma mensagem muito necessária àqueles que enfrentavam incertezas e as forças hostis co vida do deserto. Fala da bondade de Deus no cuidado e na proteção do Seu povo. Quando um indivíduo ou uma nação se tornam o objeto do favor divino o infortúnio, a fome, o perigo ou a espada só servem para provar o quanto o Senhor ama seus filhos e como é capaz de libertá-los.

**23. Assim abençoareis os filhos de Israel: dir-lhes-eis.** A gramática desta sentença tem sido discutida. Contudo, o famoso gramático, Gesenius, afirma que a forma em questão ocorre "especialmente em livros posteriores do Velho Testamento" (*Lexicon*, par. 113). Sabemos agora que textos ugaríticos (c. 1400 A.C.) confirmam a construção como a expressão idiomática antiga e freqüente.

**24. O Senhor te abençoe e te guarde.** De um lado Deus providencia tudo o que é bom para os seus escolhidos: por outro lado, Ele sustenta, guarda e protege do inimigo que poderia privá-los do bem.

**25. Faça resplandecer o seu rosto.** Uma expressão hebraica típica. Quando a face de um homem resplandece (Pv. 16:15), está cheio de felicidade; mas quando o seu rosto está cheio de sombras, é evidente que o mal e o desespero se apossaram de sua ajuda (Joel 2:6).

**26. E te dê a paz.** *Sheilom* ("paz") é uma palavra de largo alcance, incluindo conceitos de inteireza, segurança, saúde, tranquilidade, satisfação, amizade e paz com Deus e os homens.

## Números 7

### F. Ofertas dos Príncipes Tribais. 7:1-89.

Depois que todo o Tabernáculo (*'ohel mo'ed*) foi levantado, ungido e santificado (veja Êx. 40:17), os príncipes (cons. Nm. 1:5-16) trouxeram as ofertas necessárias para o transporte do Tabernáculo. Apresentaram seis carros e doze bois aos filhos de Gérson (4:24-26) e Merari (4:31, 32). (Uma vez que os filhos de Coate estavam proibidos de carregar as coisas santíssimas em carros, eles as levavam por meio de varais sobre os seus ombros.) Além disso, em doze dias diferentes, os príncipes traziam, cada um no seu dia, provisões de ofertas idênticas para a dedicação do altar (vs. 11, 88). O último versículo deste capítulo revela que Deus comunicou-se com Moisés por meio de uma voz que saía do propiciatório, entre os querubins (cons. Êx. 25:22).

**1. No dia em que Moisés acabou de levantar.** Não foi um dia específico. O significado é simplesmente que depois que Moisés terminou o levantamento e a unção, etc., os príncipes fizeram suas ofertas (veja v. 88).

**3. Seis carros cobertos.** A palavra hebraica rara usada aqui para **carros** é cognata do *subbu* acadiano, significando "uma carreta ou liteira". A palavra por si mesma não especifica se os carros eram cobertos ou abertos.

**10. Para a consagração do altar.** Críticos têm insistido em aplicar esta frase ao período dos Macabeus, durante o qual a Festa da Dedicção teve origem. Eles proclamam que *hanukka* ("dedicação") é uma palavra posterior. Mas eles admitem (ICC, pág. 76) que a raiz desta palavra é antiga, conforme se verifica do seu uso na palavra Enoque (*hanok*; Gn. 4:17; 25:4; 46:9) e na palavra usada em relação aos experimentados homens de Abraão (*hanik*; Gn. 14:14). Embora a palavra seja rara, a Bíblia ilustra que era largamente usada. O Rei Davi organizou um *hanukka* para o seu palácio, de acordo com o título do Salmo 30. Salomão, semelhantemente, dedicou o altar do Templo (II Cr. 7:9).

Neemias dedicou o muro de Jerusalém (Ne. 12:27). E Judas Macabeu rededicou o Templo depois de sua profanação (I Mc. 4:51). Em todos os casos foi usada a mesma palavra hebraica. É provável que Judas Macabeu conhecesse a antiga tradição do *hanukka*, pois a sua festa não foi um dia de inovação.

**12. Naassom. . . pela tribo de Judá.** A ordem na qual os príncipes vieram, diferente de Números 1, foi de acordo com a linha de marcha (cap. 2).

**14. Um recipiente de dez siclos de ouro.** Um pires de ouro (não uma colher) cheio de incenso encaixa-se bem com a descrição do altar do incenso em Êx. 30:1-10 (cons. Ap. 8:3, 4).

**88. Depois que foi ungido.** Uma frase semelhante a esta em 7:10, 84 – "no dia em que foi ungido" – evidentemente não faz referência a um dia particular (7:11, mas é simplesmente uma cláusula temporal. Este versículo (88) torna claro que a dedicação do altar aconteceu algum tempo depois da unção registrada em Lv. 8:11.

**89. Ouvia a voz que lhe falava de cima do propiciatório.** Moisés recebeu revelação divina quando falava com Deus. Um emprego raro de uma raiz hebraica aqui, dá ao verbo "falar" um significado correspondente de "conversar" (KB, pág. 200). O mesmo emprego foi feito para mostrar que Ezequiel estava conversando com Deus (Ez. 2:1; 43:6; cons. II Sm. 14:13). Em MI. 3:16 usou-se um verbo relacionado deste modo para dizer que "falavam um com o outro". Assim, quando Moisés entrou . . . para falar com (Deus), então ouviu uma voz conversando com ele de cima do propiciatório".

## Números 8

### G. O Candelabro de Ouro. 8: 1-4.

Os detalhes sobre o candelabro foram apresentados em outras passagens: em Êx. 25:31,40, onde foi planejado; em Êx. 37:17,24, onde foi feito; em Êx. 40:24, 25, quando foi ornado; e em Lv. 24: 2, onde se

fala do azeite caro que devia ser usado nele. Aqui em Nm. 8, vemo-lo em uso, derramando sua sagrada luz cerimonial diante do Senhor continuamente (cons. Jo. 8:12).

**2. As lâmpadas . . . as sete.** Joseph P. Free, em suas escavações em Dotã, encontrou em uma camada primitiva um candeeiro de cerâmica com sete bicos, que tende a refutar a noção nutrida por alguns mestres de que tal candeeiro era desconhecido no tempo de Moisés.

**3. Colocou as lâmpadas para que alumiassem defronte do candelabro.** Não é necessário acrescentar as palavras "para que alumiassem" Traduza 8:2,3 assim: "Quando colocares as lâmpadas defronte do candelabro, as sete lâmpadas alumiarão . . . E Arão fez assim; colocou as lâmpadas defronte do candelabro . . .".

#### **H. Consagração dos Levitas e Sua Aposentadoria. 8:5-26.**

Os levitas deviam lavar suas vestes e barbear sua pele, serem aspergidos com água santa, trazer ofertas apropriadas e reunir-se diante do Tabernáculo, junto com toda a congregação. Nessa ocasião Arão oferecia os levitas como sacrifícios vivos (ofertas movidas) em lugar dos primogênitos, os quais o Senhor, por ocasião da Páscoa no Egito, comprara para o seu serviço. Por isso os levitas deviam ser "oferecidos", inteiramente dedicados ao serviço do santuário. Sua posição específica, na vizinhança imediata do Tabernáculo e à sua volta, servia para evitar a violação dos recintos sa, grados pelos israelitas seculares (v. 19). Aos cinquenta anos de idade os levitas se retiravam do serviço manual, que era sua principal ocupação. Mas continuavam ministrando dentro de sua capacidade, talvez como instrutores dos jovens e em outras obrigações menos cansativas

**7. Esparge sobre eles a água da expiação.** Esta é a chamada *água do pecado* (*me hattei't*). A oferta pelo pecado era oferecida por causa do pecado; esta água eia para a purificação do pecado. Talvez esta água possa ser identificada com a "água da separação" que se fazia com as cinzas de uma novilha vermelha também chamada *hattei't*, "pelo pecado"



(Nm. 19). **E sobre todo o seu corpo farão passar a navalha.** Uma vez que a língua hebraica tem uma outra palavra para "rapar completamente" (6:9, 18), alguns comentadores acham que isto significa apenas "aparar o cabelo" (KD, pág. 47). Mas é ordem era: "Passar uma navalha por todo o corpo". Certamente isto significava que eles deviam remover todo o cabelo (cerimonialmente contaminado), tal como a lavagem das roupas removia a imundícia destas e o aspergir da "água do pecado" servia para purificação dos seus corpos. Esta limpeza cerimonial não apenas era uma sombra da purificação espiritual da Igreja feita por Cristo (Ef. 5:25, 26), mas também envolvia o elemento essencial da obediência à Palavra de Deus, através da qual Cristo realizaria a purificação.

**10. Os filhos de Israel porão as mãos sobre eles.** Isto era, sem dúvida, feito de alguma maneira representativa, embora seja possível que cada primogênito realmente impusesse suas mãos sobre um dos levitas. Por meio deste ato a verdade era representada objetivamente, quando estes levitas passavam a ser os substitutos dos primogênitos no serviço do santuário. A igreja primitiva continuou essa conhecida prática da imposição de mãos (Atos 6:6; I Tm. 4:14).

**11. Arão apresentará os levitas como oferta movida.** Como os milhares de levitas poderiam ser movidos como oferta movida, apenas percebemos no versículo 13. Este tecnicismo, entretanto, é muito menos importante do que o significado da oferta. Alguns acham que a palavra pode ter perdido seu significado original, de modo que agora significava apenas oferecer (Êx. 35:22). Parece mais provável que o termo tivesse um significado especializado, fosse ou não fosse o processo da movimentação executado sempre. Era um "rito no qual originalmente o sacerdote levantava a sua parte da oferta e a movimentava, isto é, levava até o altar e trazia de volta, como sinal de apresentação a Deus e o seu retorno da parte de Deus ao sacerdote (BDB, pág. 632). Assim a cerimônia demonstrava que os levitas pertenciam ao Senhor, mas eram devolvidos a Arão para servirem como sacrifícios vivos no Tabernáculo.

**12. Os levitas porão as mãos sobre a cabeça dos novilhos.** Novamente o princípio da substituição é a lição ensinada. Com a substituição de uma vítima inocente, fazia-se a expiação (reparação) pelos ("em favor dos") levitas.

**14. E separarás os levitas. . . os levitas serão meus.** Deus exige separação do limpo e do imundo, do Seu povo e dos pagãos com suas práticas. Aqui está uma verdade que se encontra na trama e na urdidura dos ensinamentos do Velho e do Novo Testamento, mas geralmente negligenciada pela igreja. Deus é santo, e o Seu povo tem de ser santo, pois Lhe pertence: portanto Ele faz uma divisão entre Ele e os outros (Lv. 20:26). Assim Cristo veio para convocar os homens à santidade, fazendo conseqüentemente uma distinção entre as pessoas, de modo que os inimigos de um homem podem ser aqueles que são de sua própria casa (Mt. 10:34-46).

**19. E os levitas . . . entreguei-os.** Observe a seqüência. "Tomei os levitas" (v. 18); "Entreguei-os". A própria seqüência cumpre o propósito do *temupa*, "oferta movida". Deus tomou e devolveu a Arão aqueles sacrifícios vivos como "ofertas". A igreja igualmente fala daqueles a quem Deus "deu" a ela (cons. Ef. 4:11, 12), não como sacerdotes mas como seus ministros, porque deles é a "obra de servir, na edificação do corpo de Cristo". **Para fazerem o serviço dos filhos de Israel. . . para fazerem expiação . . . para que não haja praga.** Só havia um Servo por excelência que "não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc. 10:45). Estes servos, como ele, eram substitutos, tomando o lugar dos filhos de Israel, fazendo expiação com o seu serviço, providenciando o resgate que lhes trazia o livramento da ira de Deus.

**21. Os levitas se purificaram.** Como a "água da expiação" (v. 7) e a oferta pelo pecado tinham a intenção de remover o pecado, este verbo da mesma raiz *hatei'* significa des-pecar alguém, ou melhor, "fazer as coisas necessárias para a purificação cerimonial".

**24. Da idade de vinte e cinco anos para cima.** Isto não concorda com 4:35 (e outros versículos), onde a idade é de trinta anos. Tal diferença óbvia não parece ser um erro de texto. A obra exata desta "luta", na qual erros de mãos destreinadas resultaram em morte (II Sm. 6:6,7), talvez exigisse um aprendizado de cinco anos.

## Números 9

### I. Primeira Páscoa Comemorativa e Primeira Páscoa Suplementar. 9:1-14.

A Páscoa original foi comemorada quando Israel saiu do Egito, no primeiro mês, no mês quando a cevada (*'eibib*) acabava de amadurecer. Agora o povo celebrava a primeira Páscoa (*pesah*) em comemoração a este acontecimento, começando com o décimo quarto dia do primeiro mês do segundo ano. O propósito desta seção não é falar da Páscoa, mas falar de uma provisão feita por aqueles que não foram capazes de comemorar a Páscoa. Por isso esta seção foi inserida aqui, pois a guarda desta Páscoa suplementar começou no décimo quarto dia do segundo mês, um mês e meio depois da data inicial do livro. Israelitas fiéis que tinha se isolado devido à contaminação por causa de um morto ou que estivessem de viagem durante a comemoração regular da Páscoa, pediram a Moisés que tivessem permissão de fazer esta oferta ao Senhor.

Moisés foi instruído pelo Senhor a que desse essa permissão com a condição de que todos os que fossem comemorar a Páscoa com atraso de um mês, tivessem motivos legítimos. Deus ainda advertiu severamente que qualquer uru que negligenciasse a guarda da Páscoa no devido tempo seria eliminado do meio do povo. No segundo dia desta segunda Páscoa a nuvem começou a levantar-se de cima do Tabernáculo e o povo começou a se preparar para a viagem (10:11).

**1. No mês primeiro** (Êx. 12:2; 13:4; Dt. 16:1). Este mês, o tempo em que a cevada (*'eibib*) acabava de amadurecer, era na primavera, tempo em que a Páscoa sempre foi comemorada. Depois do Exílio (587

A.C.) os israelitas gradualmente adotaram o calendário da Babilônia e o tem usado desde então *Ro'sh Hasheina* (o atual "Ano Novo" dos judeus) comemora-se no outono, segundo a contagem babilônica. Embora este fato histórico não seja conclusivo ajuda a refutar a teoria de que a maior parte do livro de Números foi escrito por sacerdotes pós-exílicos.

Os livros pós-exílicos da Bíblia, tais como Esdras, Neemias e Ester, mostram conhecimento do calendário babilônico. Antes desse período, os hebreus numeravam seus meses, e não lhes davam nomes, e também usavam termos relacionados com a agricultura como *'eibib*, mas não terminologia cultural (cons. Gezer Calendar, BASOR 92; veja também comentário sobre Nm. 32).

**2. A seu tempo.** Esta é a mesma palavra que foi usada em relação ao Tabernáculo quando foi chamada de "tenda da congregação", significando o lugar onde o povo se congregava segundo as instruções de Deus no devido tempo. Era à volta desta lei ritual do Tabernáculo que o povo de Israel vivia a sua vida religiosa. Quebrar estas leis dos tempos e lugares determinados era negar o Senhor e desacatar Sua mensagem revelada.

**3. Ao crepúsculo.** Literalmente, *entre as duas tardes*. Assim como o termo "dual" da palavra "esplendor" (*seihar*) se refere ao ponto alto do sol que nós chamamos de meio-dia, o termo dual da palavra "tarde" (*'ereb*) se refere àquela meia luz que chamamos de crepúsculo. Provérbios 7:9 equipara este período com o crepúsculo em contraste com o meio da noite.

**6. O cadáver de um homem.** Uma interessantíssima expressão hebraica, porque a palavra geralmente traduzida para "alma" pela E.R.A., tem desta vez o significado de "cadáver". A palavra *nepesh* é mais freqüentemente usado em conjunto com as funções animais do corpo, as paixões e os apetites, mais do que em referência à existência imaterial. Em Gênesis, os animais (2:19), tal como os homens (2:7), são chamados de *nepesh haya*, "criaturas viventes (seres, vidas)". E em Dt. 12:23, 24 *nepesh* é o principio da vida que está no sangue (cons. também

Pv. 12:10, Êx. 21:23). A palavra geralmente representa o "ego" ou a "pessoa" e geralmente está associada com o corpo. Isto é verdade quanto ao SI. 16:10, onde a ressurreição – não a imortalidade espiritual – é o que está se considerando (cons. Atos 2: 27-31). À luz disto não é difícil compreender como *nepesh 'eideim*, "o ser humano", veio a significar "cadáver".

**12. Não quebrarão osso algum.** Entre as leis da Páscoa inclui-se este detalhe mais ou menos pequeno, que também foi ordenado em Êx. 14:46. A insignificância desta regra, que não está mencionada em nenhuma outra passagem do V.T., reforça o seu cumprimento como prova de que o Cristo do Calvário era verdadeiramente o Cordeiro Pascal de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo. 19:36).

**13. Tal homem levará sobre si o seu pecado.** Se ele trouxesse a oferta ao Senhor, aquele cordeiro levaria o seu pecado; mas se ele negligenciasse esta oferta, ele mesmo levaria o seu pecado. O que se tem em vista aqui é a expiação substitutiva, pois o substituto indicado por Deus devia levar o pecado do homem, se este homem quisesse permanecer como objeto do favor divino.

**14. Se um estrangeiro . . . celebrar a páscoa.** Sempre se faria provisão pelos convertidos (prosélitos), mas todos eles tinham primeiro de se tornarem israelitas por meio da ordenança da circuncisão (Êx. 12:48, 49).

### **1. A Nuvem sobre o Tabernáculo. 9:15-23.**

A presença da nuvem não era experiência nova para os israelitas (Êx. 13:21, 22). Agora que o Tabernáculo estava de pé, a nuvem tomou sua posição em cima dele. Através dos movimentos da nuvem o povo se lembrava de que devia partir novamente (Nm. 10:11, 12). (Os tradutores da LXX tropeçaram aqui na redundância e deixaram de fora algumas frases. O estilo repetitivo não é mero maneirismo literário, mas um meio de se enfatizar a importância da orientação divina. Para os israelitas o movimento da nuvem era o mandamento do Senhor. Por ela deviam

viajar e por ela deviam acampar. Quer ela repousasse apenas uma noite, ou dois dias, um mês ou muito tempo, eles só deviam repousar ou caminhar com ela, em indiscutível obediência a Deus. Dentro de um tempo muito curto, falharam nisso miseravelmente.

**16. Assim era de continuo: a nuvem o cobria.** Isto é o começo de uma narrativa de acontecimentos passados ou instrução (v. 17) sobre como os israelitas deviam agir no futuro? Considerando que em hebraico o tempo dos versos é geralmente obscuro, basta dizer que os verbos nesta passagem descrevem uma situação contínua.

**20. Às vezes a nuvem ficava poucos dias sobre o tabernáculo.** Segundo a interpretação acima, podemos traduzir este versículo assim: "E às vezes a nuvem ficava apenas alguns dias sobre o Tabernáculo; de acordo com a palavra do Senhor eles acampavam e então de acordo com a palavra do Senhor eles viajavam".

**22. Ou um ano.** A E.R.C. geralmente traduz a palavra hebraica "dias" por "um ano". Gênesis 24:55 mostra que esta palavra significa um certo número de dias, possivelmente dez; mas geralmente significa mais de um mês.

## Números 10

### K. As Duas Trombetas de Prata. 10:1-10.

A Experiência anterior de Israel com trombetas está registrada em Êx. 19:16-20. Ali, palavras de origem cananita e fenícia, ambas falam do som da trombeta feita de chifre de carneiro que acompanhava os terríveis trovões e relâmpagos sobre o Monte Sinai. Agora se trata de uma trombeta inteiramente diferente. Estes *hasosrot* eram clarins de prata, descritos em fontes extrabíblicas como tubos longos e finos com abertura larga. Dessa ocasião em diante, os hebreus usaram este instrumento particular como "estatuto perpétuo", apenas para propósitos sagrados (por exemplo, Nm. 31: 6; II Reis 12:13 ; Ed. 3:10).

Deus também ordenou uma variedade de convocações. Duas trombetas deviam tocar juntas para reunir todo o povo à porta do

Tabernáculo, e uma trombeta devia tocar só para os príncipes. As Escrituras fazem distinção entre o simples toque de reunir para o povo e o toque de alarme como sinal para se levantar o acampamento. Os sacerdotes deviam ir à frente de Israel nas batalhas tocando o alarme, para que o povo fosse lembrado diante do Senhor seu Deus. Deviam também, daquele dia em diante, tocá-lo nas reuniões festivas, nas luas novas, nas ofertas queimadas e nas ofertas pacíficas. O apóstolo Paulo sem dúvida tinha em mente o uso desses instrumentos quando usou a metáfora referindo-se à trombeta em I Co. 14:8.

**9. E perante o Senhor vosso Deus haverá lembrança de vós.** O Senhor precisa ser lembrado para salvar o Seu povo? A resposta é Sim e Não. Israel não O considerava uma divindade limitada, cujo interesse estivesse desviado para outras coisas, ou como um deus que fosse dormir e que tivesse de ser despertado com o toque das trombetas. Críticos que defendem este ponto de vista apelam para Sl. 44:22-24, e citam as palavras, "Desperta! Por que dormes, Senhor?" Mas um exame acurado deste Salmo mostra que é uma queixa diante de Deus, o qual conhece os "segredos dos corações" e que castiga Seu povo. Seu povo se encontra em dificuldades e parece que Ele nada faz; daí o sentimento de depressão que se expressa em linguagem hiperbólica. Uma narrativa relativa ao uso das trombetas em momentos de desespero, encontra-se em II Cr. 13:12-15. Na batalha o povo "clamou ao Senhor e os sacerdotes fizeram soar as trombetas". Realmente, as trombetas como "estatuto perpétuo" simbolizavam a dependência de Deus. Do mesmo modo a oração, como expressão mais articulada de dependência, lembra Deus de abençoar o Seu povo.

### **III. Do Deserto do Sinai ao Deserto de Parã. 10:11 – 14:45.**

Começando pelo vigésimo dia do segundo mês do segundo ano, as tribos partiram do Sinai na ordem indicada nos capítulos anteriores, e sob a orientação da nuvem seguiram para o Deserto de Parã. O tempo que se passou não ficou declarado, mas sabemos que os acontecimentos

cobriram pelo menos alguns meses (quarenta dias para os espiões e diversas semanas ou meses para os capítulos 10-12). Sua rota os levou pelo caminho de Taberá (11:3 ) e Quibrote-Ataavá (11:35) até Cades (13:26).

### **A. Partida do Sinai. 10:11-36.**

A ordem da marcha (vs. 11-28), um convite feito a Hobabe (vs. 29-32) e a importância da arca (vs. 33-36) constituem os diversos assuntos relacionados com a partida de Israel do Sinai.

**12. Puseram-se em marcha.** No hebraico seria *levantaram acampamento segundo suas paradas* (estágios). Seguiram o procedimento descrito no capítulo 2. E a nuvem repousou no deserto de Parã. O versículo é uma declaração resumida antecipando a sua chegada em Parã (cons. v. 33 - "a arca... ia adiante deles caminho de três dias", etc.).

**17. Os filhos de Gérson e ... Merari partiram, levando o tabernáculo.** Uma pequena mudança de 2:17, onde se dizia que os levitas viajavam no meio da hoste, seguindo as tribos conduzidas por Rúben. O versículo 21 esclarece este ponto informando-nos que os coatitas, levando as coisas santas, viajaram no seu lugar costumeiro; enquanto "os filhos" de Merari e Gérson avançaram para armar o tabernáculo, preparando-o para a chegada das coisas santas (10:21b). Devemos nos lembrar que havia mulheres, crianças e aqueles acima de cinquenta anos nos acampamentos dos levitas, além daqueles que realmente levavam as cargas. Parece mais provável que apenas os carregadores é que são mencionados no verso 17.

**21. Levando as coisas santas.** Os coatitas não levavam o santuário mas as coisas santas usadas nele. O uso de *miqdeish* ("santuário") não é impróprio, pois Números 18:29b indica que a palavra pode significar uma parte sagrada além de um lugar sagrado, embora este último seja o significado costumeiro. **Até que estes chegassem.** Veja comentário do versículo 17.



**25. A retaguarda de todos os arraiais.** A retaguarda, ou *recolhedor* (mais achegado ao hebraico, *meassep*) é uma palavra de significado meigo. Aplica-se a um homem que recolhe as ovelhas perdidas do seu vizinho e as leva para casa a fim de cuidar delas; do mesmo modo o Senhor nos recolhe quando a nessa mãe ou nosso pai nos abandona (Sl. 27:10). Ou quando o mal oprime com o cativo, o Deus de Israel não vai apenas diante do Seu povo, mas também Se torna o "Recolhedor" dos que ficaram para trás (Is. 52:11).

**29. Hobabe, filtro de Reuel, o midianita.** Os parentes da esposa de Moisés são chamados de midianitas em Êx. 2:16; 3:1; 18:1, mas de queneus em Jz. 1:16; 4:11. Ambos são povos nômades que vivem interligados. O termo queneu se refere a ferreiros ambulantes, especialmente artífices do vale rico de cobre em Arabá. Sua presença entre o povo de Israel encaixa-se bem na narrativa da feitura da serpente de bronze (Nm. 21:8, 9) e a obra executada no Tabernáculo. Os casamentos e a antiga associação dessas duas tribos permite que Hobabe, o cunhado de Moisés, fosse chamado de midianita e também queneu. Os próprios queneus que se tornaram parte de Israel continuaram sendo chamados de queneus e israelitas (I Cr. 2:55). Também é possível que o nome midianita se tomasse um termo genérico para os muitos beduínos com seus camelos ao leste de Arabá. Os nomes ismaelita e midianita são usados alternadamente em Gn. 37:27, 28, 36. Também somos informados sobre os midianitas a camelo que lutaram contra Gideão e há uma associação do nome Midiã com os edomitas (Gn. 25:4) e os moabitas (Gn. 36:35; Nm. 22:3, 7). **Sogra de Moisés.** Reuel, poderia ser o nome do avô desta família, ou poderia ser um outro nome para Jetro (cons. Êx. 2:18; 3:11. O termo *hoten*, "sogra", significa qualquer parente do sexo masculino devido ao casamento, de modo que as palavras em Jz. 4: 11 poderiam ser traduzidas para "Hobabe, o cunhado". **E te faremos bem; porque o Senhor prometeu boas coisas a Israel.** Quando o Senhor fala, Sua palavra é uma promessa.

**30. Não irei.** Hobabe tomara a decisão de retornar à sua terra natal; mas Jz. 1:16 informa que Moisés o persuadiu a ir, pois lemos ali que ele entrou em Canaã com Israel.

**31. Tu sabes que devemos acampar-nos ... e nos servirás de guia.** O Targum judeu e a LXX, interpolando aqui, apresentam Moisés rogando a Hobabe que sirva de guia a Israel, quando Deus já lhes dera uru meio de orientação sobrenatural. Nada há de incongruente no pedido de Moisés, pois dependência de Deus para orientação divina e até mesmo intervenção sobrenatural não relega o uso do conhecimento humano quando ele existe. Hobabe conhecia bem o deserto e poderia ajudar na viagem e nos acampamentos, mostrando os segredos do deserto.

**33. Monte do Senhor.** No Monte Sinai Deus revelou-se como Justo Soberano, expressando as exigências de Sua vontade divina, como também Sua ira contra todo pecado. Embora o Monte do Senhor estivesse agora por trás deles, sua mensagem (o testemunho) permanecia inscrito nas tábuas de pedra guardadas na arca. **A arca da aliança do Senhor.** A arca foi muitas vezes chamada de arca do testemunho; aqui ela é a arca da aliança. Em Êx. 34:28 a aliança está identificada com os Dez Mandamentos. A arca era o lugar de habitação do Senhor e das tábuas da Lei. Como tal era um símbolo da pureza divina. Quando o sumo sacerdote se aproximava da arca uma vez por ano, simbolizava então a aliança da misericórdia com uru povo corrompido, que por meio do sangue da expiação podia ser purificado e assim desfrutar dos benefícios do favor divino para com eles e seus filhos.

**34. A nuvem do Senhor.** Com a experiência do Monte do Senhor lá atrás e a arca na frente à procura de um lugar de pouso, os israelitas também tinham uma nuvem sagrada sobre eles como símbolo da presença divina. Não só os orientava, mas também lhes assegurava conforto e lhes dava confiança, e possivelmente os protegia dos elementos, especialmente do sol ardente, espalhando-se sobre todo o acampamento, conforme sugerido em SI. 105:39 (KDD, pág. 62).

**35. Partindo a arca, Moisés dizia.** Moisés pronunciou esta oração na primeira etapa da viagem do Sinai. Tornou-se uma oração clássica usada, ao que parece, sempre que a arca partia (cons. Sl. 68:1; 132; 8; II Cr. 6: 41, 42). Moisés também orava quando descansavam (Núm. 10:36). A oração fala eloqüentemente da eficiente operação do relacionamento entre Deus e a Igreja Militante. Ele vai diante dela, e as portas do inferno não podem prevalecer contra ela. Ele habita no meio dela e ela é fortificada e se torna uma grande hoste.

## Números 11

### **B. Taberá e Quibrote-Hataavá. 11:1-35.**

Recusando-se a aprender a lição por meio de uru castigo em Taberá, o povo de Israel permitiu que o populacho o matasse a desejar desesperadamente a carne e os suculentos frutos e vegetais do Egito. A ira do Senhor se acendeu contra eles novamente, e até Moisés entregou-se a um sentimento de responsabilidade solitária por esses delinquentes espirituais. Moisés pediu ao Senhor que o matasse imediatamente e não o deixasse mais sozinho sob o peso da rebeldia de Israel. Então Deus escolheu setenta anciãos para ajudarem o profeta a levar o fardo e lhes concedeu o espírito de profecia. Quando dois anciãos, não dos setenta, foram encontrados exercendo o dom da profecia no acampamento, Josué pediu a Moisés que os impedisse. Isto provocou a magnânima resposta de Moisés: "Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito". O desejo irreprimível de carne que Israel sentia foi satisfeito quando Deus enviou bandos de codornizes. Aqueles que tinham com desejo, comeram até se satisfazerem e logo depois uma praga irrompeu entre eles.

**1. Queixou-se o povo de sua sorte.** Poderíamos traduzir assim: "E o povo se tomou murmurador contra a má sorte, aos ouvidos do Senhor". A idéia é que Israel realmente não desfrutava de má sorte para que tivesse do que se queixar, mas murmurou assim mesmo como aqueles

que são amaldiçoados com verdadeiros males. O fogo do Senhor ardeu entre eles. Ingratidão sem sentido diante de toda a bondade divina tornou necessário um castigo, ainda que não severo, nas extremidades do acampamento. Chamaram o lugar de Taberá, "fogueira", cujo fogo poderia ter sido um fenômeno natural, ainda que fosse "o fogo do Senhor". Enviado por Deus para o desempenho do Seu propósito.

**2. O povo clamou a Moisés, e orando este . . . o fogo se apagou** (*extinguiu-se*). Em forma comprimida temos aqui a história do povo de Deus através dos séculos vindouros (cons. Sl. 107). Israel deixou de aprender a lição da obediência disposta, e por isso passou por castigos mais severos conforme registrado neste e nos capítulos subsequentes.

**4. O populacho.** Uma ralé não especificada seguia Israel desde o Egito (Êx. 12:38).

**5. Que no Egito comíamos de graça.** A inundação anual do Nilo tornava o Egito parecido a um jardim para os beduínos que habitavam o deserto estéril. As frutas e os vegetais mencionados continuam sendo conhecidos no Egito atual e ainda são chamados pelos nomes semitas usados no texto.

**6. Seca-se a nossa alma.** Novamente a palavra usada para alma, *nepesh*, é a sede dos apetites animais; não designa o espírito (veja coment. sobre 9:6) Foi traduzida para **apetite** em Ec. 6:7. O povo estivera por tanto tempo com uma dieta leve que começou a ansiar (desejar ardentemente) por um alimento que estimulasse suas glândulas salivares. **Nenhuma coisa vemos senão este maná.** Este é um exagero comum às pessoas que se deixam levar pela auto-piedade e pelos apetites animais.

**7. E a sua aparência semelhante à de bdélio.** Os versículos 7-9 são uma digressão sobre o próprio maná. Comparação cuidadosa desta descrição com a de Êx. 16:31-36 mostra que a única diferença entre as duas narrativas refere-se à cor e ao sabor. Estas diferenças, longe de apontarem para fontes diferentes, mostram a espontaneidade e liberdade do autor, a qual um redator ocultada. A vista e o paladar são tão

subjetivos que o maná podia ser chamado de branco e também de amarelado ou perolado (bdélio) e podia ter o sabor de mel para uns e de azeite fresco para outros.

**12. Como a ama.** O profeta usa uma figura aqui que não concorda bem com as idéias ocidentais sobre o papel de um grande líder nacional. Moisés não está sendo nem humorístico nem sarcástico com o Senhor, mas apenas O lembra de Sua soberania, pois Ele foi quem deu vida a essa nação e lhe prometeu uma terra. Portanto, só o Senhor podia amamentar essa criança e sustentá-la, como uma ama de leite carrega e alimenta uma criança que mama.

**14. Eu sozinho não posso levar a todo este povo.** A fragilidade humana de Moisés aparecem aqui e na linguagem do versículo 15. Suas palavras estão carregadas de intensa emoção, pois ele se encontra em situação angustiosa, sentindo que seria um ato de misericórdia se Deus lhe tirasse a vida.

**16. Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel.** Estes homens se tornaram os organizadores e secretários de Moisés, conforme indica a palavra **superintendentes** (*shoter*; cons. *shataru* assírio, "escrever"). Por isso a LXX traduz aqui para o conhecido termo "escribas" (*grammateis*). Eles eram realmente "oficiais", mas podiam ter contribuído para a organização e preservação do registro sagrado. Devem ser distinguidos dos chefes dos milhares e centenas, etc., de Êx. 18:21-27; Nm. 10:4.

**17. Tirarei do Espírito que está sobre ti.** Por causa da depressão emocional de Moisés, Deus reservou algum dom de profecia para dar a estes anciãos.

**18. Santificai-vos.** Por quê? Porque Deus ia fazer uma obra milagrosa (cons. Js. 3:5). O correlativo no Novo Testamento é a certeza que Deus dá que Ele vai operar milagres nos corações. isto Ele faz, por exemplo, através da Sua palavra (e através de cada meio de graça). Mas corações que não estão preparados só podem zombar de tal promessa.

**20. Porquanto rejeitastes ao Senhor, que está no meio de vós.** Esta foi a razão básica para o castigo de Israel. O povo se arrependeu de ter deixado a escravidão pela liberdade com auto-renúncia. Isto mostra que rejeitava a promessa de Deus e portanto o próprio Deus.

**22. Matar-se-ão para eles rebanhos de ovelha e de gado, que lhes bastem?** "Por que um povo rico de gado deveria chorar por carne?" (ICC, pág. 103). O problema de Moisés não consistia em crítica que desse a entender que havia inconsistência na economia divina. Os rebanhos que Israel possuía logo ficariam depauperados se fossem usados como alimento diário. Sem dúvida havia certa consumição de carne (cons. porções dos sacerdotes), mas só em ocasiões especiais (festivais), como continua sendo entre os beduínos criadores de gado.

**25. Profetizaram; mas depois nunca mais.** Isto significa que eles profetizaram apenas nesta ocasião e nunca mais, ou que eles profetizaram nesta ocasião apenas uma vez e não prosseguiram? O primeiro ponto de vista não parece provável à luz de 12:6. O último providencia a Moisés um grupo de inspirados secretários que também o ajudaram a registrar e editar os escritos sagrados (Pentateuco). Êxodo 4:16 tomado com 7:1 indica que uma parte da idéia hebraica de profeta (*neibi*) era de "alguém que fala em nome de outro". Talvez os anciãos tivessem uma experiência extática; neste caso, só porque receberam a Palavra de Deus.

**26. Repousou sobre eles o espírito, porquanto estavam entre os inscritos.** Não eram dois membros desobedientes do grupo dos setenta que não acompanharam os demais, mas, antes, dois dos muitos inscritos príncipes de milhares. Esse dom que receberam foi inteiramente inesperado.

**29. Tens tu ciúmes por mim?** Moisés demonstrou o verdadeiro espírito da liderança orientada por Deus. Ele não era um demagogo, mantendo sua posição por meios indignos. Verdadeiramente desejoso que outros partilhassem desse dom maravilhoso, ele se preocupava mais com o bem comum de Israel do que com a sua própria posição

**31. Soprou um vento.** O ICC (págs. 117-119), tem um interessantíssimo comentário muito construtivo sobre os versículos 31-34. **Cerca de dois côvados sobre a terra.** A frase tem mais sentido quando aceitarmos o *'al* ("sobre") como "acima" da superfície da terra, indicando que as codornizes estavam voando baixo.

**32. E as estenderam para si ao redor do arraial.** Uma maneira antiga de preservar a carne secando-a ao sol.

**33. Estava ainda a carne entre os seus dentes.** A palavra hebraica não significa "mastigar"; quer dizer "cortar" Traduz-se, *antes de terminar as provisões*. (O mesmo verbo foi traduzido para **pararam-se** em Js. 3:16 e em outras passagens.) Isto não significa que o castigo caiu sobre o povo antes que tivesse tempo de comer as codornizes, pois o Senhor predisse que comeriam carne durante um mês (Nm. 11, 19, 20). A idéia é que antes de terminarem de comer as codornizes, a praga irrompeu.

**35. De Quibrote-Hataavá . . . para Hazerote.** Estas paradas não podem ser identificadas. Tudo o que se pode dizer é que Israel prosseguia na direção norte partindo do Sinai.

## Números 12

### C. Rebelião de Miriã e Arão. 12:1-16.

Como sumo sacerdote, Arão era figura destacada em Israel; mas carecia de qualidades de liderança e, até onde sabemos, não recebeu o dom da profecia. Aproveitando-se do casamento de Moisés com uma etíope como pretexto para começar uma campanha de desmoralização contra seu irmão, Miriã e Arão desafiaram o direito que Moisés tinha de só ele falar ao povo em nome de Deus.

Deus tornou claro ao par de rebeldes que Moisés era um instrumento especial da revelação divina, muito mais achegado ao Todo Poderoso do que qualquer profeta comum. Miriã, como líder da rebelião (cons. a fraqueza de Arão na questão do bezerro de ouro; Êx. 32), foi atacada de lepra. Arrependimento humilde dos ofensores e graciosa

intercessão de Moisés trouxe a cura e a restauração, mas só depois dos sete dias regulamentares de exclusão para a purificação de um leproso.

**1. Falaram Miriã e Arão contra Moisés.** O texto hebraico torna claro no começo do capítulo que Miriã foi a instigadora desta rebelião; seu nome foi colocado antes do de Arão, e o verbo falar tem uma desinência feminina. Por causa da mulher cusita. A circunstância usada pelos dois como pretexto para criticar Moisés foi o seu segundo casamento. O restante do capítulo revela que a base da crítica foi a inveja. A mulher cusita (etíope) era provavelmente uma cusita asiática e não africana (cons. Gn. 2:13; 10:6-8; Hc. 3:7; Heródoto, VII. 70).

**2. Porventura tem falado o Senhor somente por Moisés?** A preposição *b* (**por**) pode significar "por meio de", "com" ou mesmo "de dentro de" Moisés (cons. Rm. 1: 17, *ek*, "de dentro de", citando Hc. 2:4b). Esta última tradução está mais de acordo com o tema desta passagem (Nm. 12:8), que mostra que Deus escolheu comunicar-se com Moisés diretamente, e não indiretamente, como fez com outros profetas.

**3. Era . . . Moisés mui manso.** Às vezes faz-se a pergunta, como Moisés poderia ter sido verdadeiramente manso se buscou reconhecimento para sua mansidão, elogiando-se a si mesmo? Hengstenberg sugere que o caráter de Moisés não deve ser medido pelo dos homens comuns. Este capítulo por si mesmo ensina que o profeta tinha um relacionamento tão íntimo com Deus que podia falar a verdade objetivamente, conforme ela lhe era revelada, mesmo quando se relacionava com a sua própria natureza. Mas a resposta também pode ser que esta obra seja a de um *shoter* divinamente inspirado (11:16), como a narrativa da morte e sepultamento de Moisés em outras notas editoriais.

**6. Se entre vós há profeta.** O hebraico diz, *se houver profeta do Senhor, eu me revelarei*. O hebraico é fora do comum mas possível. A gramática apresenta a sobrevivência de uma forma de linguagem muito antiga (*Ugaritic Manual*, C.H. Gordon, pág. 46).

**7. Fiel em toda a minha casa.** Deus se revelava aos profetas comuns através de meios secundários (visões e sonhos). Mas sendo



Moisés *o homem da fé* em toda a casa de Israel, tinha relacionamento especial com o Senhor.

**8. Boca a boca falo com ele, claramente, e não por enigmas.** Não por visões (*mar'a*) mas claramente (*mar'eh*); o sentido foi determinado pela frase antitética "não por enigmas", pois Moisés viu a forma do Senhor. Arão sabia o que isto significava, pois ele mesmo tivera tal experiência com Moisés (Êx. 24:10).

**10. E eis que Miriã achou-se leprosa.** Só ela foi punida, pois foi a instigadora deste infeliz negócio.

**12. Metade de sua carne já consumida.** Arão arrependeu-se profundamente e rogou que Miriã fosse libertada do horror de ter a sua carne consumida pela lepra.

**13. Rogo-te que a cures.** A intercessão de Moisés é rápida (especialmente no hebraico) mas fervorosa. Duas vezes ele interpõe *nei*, uma partícula de súplica – "Ó Deus, rogo-te que a cures, rogo-te".

**14. Se seu pai lhe cuspira no rosto.** O Senhor perdoou a Miriã e a purificou de seu pecado lamentável. Cuspir na face era sinal de vergonha imposto aos que erravam, mas que não incorriam na disciplina extrema da excomunhão (Dt. 25:9).

#### **D. A História dos Espiões. 13:1 – 14:45.**

Os espiões avançaram com ordens de Moisés para observarem se a terra de Canaã era boa ou má, cheia de matas ou nua, se eram muitos ou poucos seus habitantes, se eram fortes ou fracos, se eram nômades que habitavam em tendas ou se já haviam se estabelecido há muito com fortalezas muradas. Depois de uma exploração de quarenta dias, do Neguebe até os limites de Hamate, os espias retornaram. Todos concordaram que a terra marrava "leite e mel", mas dez deles ficaram tão profundamente impressionados com as fortalezas e a estatura gigantesca dos habitantes que incitaram uma onda de opiniões contra qualquer tentativa de tomar a terra.

Só Calebe e Josué tinham confiança em que "Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará". A súbita aparição da glória do Senhor salvou os dois espias fiéis de serem apedrejados. O Senhor propôs a Moisés destruir o povo para formar do próprio profeta uma nação maior. Mas Moisés intercedeu eficazmente por Israel. Ele defendeu a necessidade de preservar a honra de Deus diante dos pagãos, que certamente diriam, "o Senhor não foi capaz". E ele também apelou para a paciência e misericórdia de Deus. O Senhor perdoou o povo mas também o castigou, declarando que aquela geração que tinha murmurado e se rebelado não veria a Terra Prometida. O povo de Israel, grato pelo perdão mas não compreendendo o significado pleno do castigo prometido, tomou a decisão de agora obedecer naquilo que antes tinha desobedecido. Apesar da advertência de Moisés, subiram para lutar contra os amalequitas e cananeus. Foram completamente derrotados e tiveram de retroceder para Hormate.

## Números 13

**2. Envia homens que espie a terra.** De acordo com Dt. 1:22, Deus condescendeu a um pedido do povo para que a terra fosse investigada. O Senhor não opôs objeção quanto a tal inteligente aproximação. Contudo, a subsequente falta de fé de Israel, torna-se ainda mais vergonhosa à luz do unânime testemunho dos espias que disseram que a terra era frutífera, exatamente como Deus tinha prometido que seda.

**4. São estes os seus nomes.** A teoria de que os nomes singulares desta lista se encaixam em algum outro período melhor do que no de Moisés não pode ser comprovada. A própria singularidade dos nomes é evidência de que vieram do período heróico da história de Israel e que não são produto de autores posteriores.

**16. E a Oséias . . . Moisés chamou Josué.** Moisés acrescentou o nome do Deus da aliança (*yhwh*) ao nome de Oséias ("libertação"), Este

nome de Deus foi traduzido Jeová algumas vezes na E.R.C. e Senhor na E.R.A. De acordo com Êx. 3:14,15, o nome indica Deus como o grande "EU SOU", eterno e pessoal em Seu Ser. Também lembrava a Israel que Ele era o Autor da Aliança. Aquele que fez as promessas aos pais – Abraão, Isaque e Jacó. Colocar este nome da Divindade como um prefixo a um nome pessoal foi o começo de uma grande tradição que enfrentou o progressivo teste com as divindades cananitas, especialmente Baal.

**17. Subi ao Neguebe.** Eles se dirigiram para o norte, "através do Neguebe" ou "deserto". **Neguebe** foi traduzido "sul" (outras traduções) porque fica ao sul de Canaã.

**18. Vede a terra. . . e o povo.** Este reconhecimento teve a intenção de determinar se a terra era boa ou não, se o povo era forte ou fraco, se habitava em cidades muradas como seus donos permanentes ou em tendas como beduínos. Séculos mais tarde, quando os assírios inventaram a guerra por meio do cerco das cidades, usaram maquinaria pesada e grupos de engenharia para tomar as cidades muradas; e mesmo então levava anos. Do ponto de vista humano, Israel tinha de enfrentar um inimigo formidável.

**21. O deserto de Zim até Reobe, à entrada de Hamate.** Viajaram de um local que ficava bem ao norte de Cades até uma cidade chamada Reobe, que ficava perto ou "na direção" da entrada do antigo reino de Hamate, cuja antiguidade se reflete em Gn. 10:18.

**22. Edificada sete anos antes de Zoã.** Zoã era a grega Tanis, uma cidade à leste do delta do Nilo. Tal como a hebraica *Sor* tornou-se a grega *Tyr* (o), *So'an* tornou-se *Tan* (is). **Hebrom** desempenhou papel importante na vida dos patriarcas (Gn. 13:18; 23:19), o que faria este versículo se referir aos tempos pré-abraâmicos. A referência, contudo, pode ser à reconstrução dessas cidades no tempo dos hicsos. A ligação entre Zoã e Hebrom na tradução hebraica teria mais provavelmente ocorrido depois que o Egito esteve sob o governo semita (dos hicsos),

especialmente porque Zoã foi a capital do Egito hicsu e provavelmente a residência de Faraó no tempo de Moisés.

**24. O vale de Escol.** A palavra para vale é *nahal*, significando "um leito fluvial seco". Esses "wadis" geralmente guardavam água logo abaixo da superfície muito tempo depois das chuvas terem cessado e assim contribuíam para a fecundidade da terra. Escol significa "agrupamento". Alguns ligam este nome ao de um governante que viveu nesta época em tempos anteriores (veja Gn. 14:13).

**28. O povo . . . é poderoso, e as cidades mui . . . fortificadas.** Os espiões trouxeram um relatório concreto sobre a terra. Com este relatório ou palavra (*deibeir*, v. 26) Josué e Calebe concordaram (vs. 26,29). Foi no relatório pernicioso (*dibbat*, "uma difamação", "um boato", v. 32) que eles objetaram.

**30. Calebe ... disse: Eia! subamos, e possuamos.** Calebe tinha confiança naquele que dera provas a respeito de si mesmo até então. Moisés expressou a característica atitude de Calebe quando disse: "O Senhor vosso Deus . . . pelejará por vós, segundo a tudo o que fez conosco... no Egito; como também no deserto" (Dt. 1:30, 31). Certamente prevaleceremos contra ela. Foi depois desta expressão triunfante de fé que os dez espiões começaram sua campanha difamatória (infamaram, v. 32). Isto foi o suficiente para torná-los objeto do desprezo divino.

**32. Infamaram a terra.** O hebraico diz: *Espalharam uma difamação da terra*, o que sugere que deram início a uma campanha de difamação contra os dois homens fiéis. É terra que devora os seus moradores. Isto não significa que a terra fosse pobre - eles mesmos provaram o contrário - mas que muita gente brigava por causa dela justamente por ser tão boa.

**33. Gigantes (os filhos de Enaque. . .).** Alguns sugerem que os espiões imaginassem que havia gigantes por ali, quando viram os grandes muros, alguns de até 15,24ms de altura, supondo que só gigantes poderiam tê-los construído. Mas as medidas do estrado da cama do Rei Ogue dados em Dt. 3:11, testificam da existência de uma raça de pessoas anormalmente grandes. Dt. 2:10, 20 e Gn. 14:5 indicam que no tempo

dos patriarcas existiam "gigantes" que recebiam diversas designações locais (**emins, zuzins e refains**). No hebraico de Dt. 2:11 os **enaquins** são chamados **refains** (traduzido para "gigantes"). Josué 11:22 conta-nos que os enaquins permaneceram em três das cidades filistéias - Gaza, Gade e Asdode (Jr. 27: 5, LXX). A família de Golias em Gade poderia descender dessa gente, pois em II Sm. 21:16.22 e em I Cr. 20:4-8 esses gigantes filisteus são chamados de filhos de *Reipei*'.

Os textos de Ugarit do século quinze mencionara os refains (C.H. Gordon, *Ugaritic Literature*, págs. 101-103), que provavelmente não eram "sombras dos mortos" mas realmente essa mesma gente poderosa (cons. *ilnym* ugarítico e *'elim* hebraico; Jó 41:17, Bíblia Hebraica; 41:25, Inglesa) do norte, de onde veio a utilização do ferro (cons. o estrado da cama de Ogue).

## Números 14

**14:8. Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará.** A difamação perniciosa ("mau relatório") que os dez espiões espalharam entre o povo acusava o próprio Senhor de querer matá-los. Observe, em contraste, a confiança sincera no Senhor expressa aqui por Calebe. Foi só com oitenta e cinco anos de idade (Js. 14:11,12) que ele, com a mesma fé vibrante, desalojou os enaquins nas vizinhanças de Hebrom.

**9. Como pão os podemos devorar.** O verbo *'eikal*, "comer" também significa "devorar", "devastar" ou "destruir" (12:12). A mesma figura foi transmitida aqui sem o verbo. **Retirou-se deles o seu amparo** (*sombra*). Jonas 4:6 conta como uma sombra protegia o profeta do calor escaldante do sol do deserto. Quando a sombra foi retirada, Jonas ficou exposto e vulnerável (Jn. 4:8). Mas Ez. 31:3, 12 mostra-nos que as nações poderosas são como as árvores (Nm. 24:6) sob cuja sombra outras nações são forçadas a viver. Quando a Assíria caiu, a sua sombra, que representava sua força, foi dissipada; e outras nações viram-se livres

do seu poder. Assim o texto poderia significar, "Retirou-se deles o seu poder".

**15,16. As gentes. . . dirão: Não podendo o Senhor.** A beleza desta passagem jaz no fato de Moisés ter sido zeloso pela honra do Senhor e não pela sua própria honra. Embora o espírito de Moisés fosse maravilhoso, sua argumentação em si era apenas parcialmente válida. Se Deus agisse segundo o conselho de Moisés, jamais teria castigado o Seu povo, com medo de que os pagãos O interpretassem mal. A parte válida da argumentação centraliza-se à volta da confiança de Moisés na capacidade de Deus realizar Suas promessas.

**18. O Senhor é longânimo, e grande em misericórdia.** Esta parte do rogo de Moisés é em favor do povo. Agora a argumentação é completamente válida, porque declara os motivos divinos. Deus não é apenas grande em misericórdia mas é o Justo que não pode apenas livrar-se do culpado, isto é, deixando a iniquidade sem castigo. Esta verdade fundamental que ensina a expiação pelo sangue substitutivo permeia toda a Bíblia. Deus é misericordioso e perdoa, não ignorando a iniquidade mas providenciando um substituto para que Ele possa ser tanto o Justo como o Justificador daqueles que crêem (Rm. 3:21-26).

**19. E como também tens perdoado.** O significado da raiz da palavra *perdoar*, "suportar ou agüentar", sustenta este aspecto substitutivo do perdão. Pois, para que Deus perdoe é preciso que haja alguém que sofra o pecado.

**21. Porém tão certo como eu vivo.** Esta é a introdução de um juramento que continua através do versículo 23. Para esclarecer diversos pontos, oferecemos a seguinte tradução: "Tão certo como eu vivo e como a terra se encherá da glória do Senhor, nenhum dos homens que viram a minha glória e os sinais que realizei no Egito e no deserto, mas que agora me tentaram dez vezes e não deram ouvidos a minha voz, verá a terra que eu jurei dar a seus pais". A décupla tentativa parece referir-se aos dez espiões ineptos.

**23,24. Nenhum daqueles que me desprezaram, a verá. Porém (exceto) meu servo Calebe. Visto que. . . perseverou em seguir-me.**

"Perseverar em seguir" deriva de uma raiz significando "preencher", e foi usado para expressar a consagração do sacerdote ("encher sua mão", 3:3). Significa também "transbordar" ou "fazer algo abundantemente sem se esquivar", quer para o mal quer para o bem (Jó. 16:10). Calebe entregou-se completamente a Deus que, por Seu lado, fez Calebe "abundar", "enchendo sua mão" a fim de que fizesse a vontade divina. Um exemplo perfeito de consagração! E a sua descendência a possuirá. Esta promessa foi fielmente cumprida. Veja Js. 14:6-15.

**25. Mudai amanhã de rumo e caminhai para o deserto.** A ordem era clara. Só tinham de obedecer. **Caminho do Mar Vermelho.** O hebraico *Yam Suph* ("mar dos juncos") quer dizer as águas dos dois golfos que rodeiam a península do Sinai. Este "caminho" distingue-se em Êx. 13:17,18 do "caminho da terra dos filisteus", que seguia pela costa do Mediterrâneo.

**26. Disse o Senhor.** Os versículos 26-35 dão uma declaração extensa das razões e detalhes deste castigo. Longe de representarem um documento de fonte diferente, como alguns defendem, seguem o bom estilo literário semita, repetindo e enfatizando uma frase dentro de um contexto mais longo (Gên. 1, 2).

**28. Por minha vida.** O juramento de 14:21-23 repete-se aqui em termos mais amplos, explicando detalhadamente como suas carcaças cairão no deserto e como Deus realizará Sua promessa através dos filhos deles. A ironia da situação foi que, em sua murmuração, acusaram o Senhor de fazer desses mesmos filhos uma presa do deserto (v. 31). Neste castigo Deus fê-los lembrar de suas palavras e prometeu que esses mesmos filhos herdariam a terra.

**33. Levarão sobre si as vossas infidelidades.** Esta é uma metáfora. Por meio da infidelidade, aqueles que estão casados com Deus (crentes) cometeram adultério espiritual, e como consequência desse pecado, seus filhos iriam sofrer até que passasse toda aquela geração.

**34. E tereis experiência do meu desagrado.** A frase, *rompimento de promessa* (outra tradução), que sugere que Deus poderia deixar de cumprir a Sua promessa, é uma tradução infeliz de um termo que significa "censura" ou "oposição". Em 30:5 um verbo desta raiz significa "desaprovar" e em 32:7 significa "desencorajar". "Se Deus é por nós, quem será contra nós" (Rm. 8:31). O inverso é a trágica lição deste versículo: Quando os homens persistem em pecar, Deus só pode se opor, desaprovar e desencorajar.

**36. Fizeram murmurar toda a congregação . . . infamando.** Este texto, que usa a mesma palavra *dibbei* que foi usado em Nm. 13, confirma nossa interpretação do "mau relatório" como difamação (13:28, 30, 32). Por meio de uma campanha difamatória esses homens pecadores colocaram toda a congregação contra o Senhor. Agora, "morreram de praga perante o Senhor" (v. 37).

**41. Por que transgredis o mandado do Senhor?** Deus tornou explícito que deviam agora retornar ao deserto (v. 35). Portanto, esta tentativa de exhibir um zelo atrasado era irrefletido; pois fé é obediência, sem a qual não teriam a presença ou as bênçãos de Deus (v. 42).

**44. Contudo . . . tentaram subir.** Seu primeiro pecado foi incredulidade reticente, comprovada por sua cautela e medo extremos (II Tm. 1:7). Agora transferiram-se para o outro extremo da incredulidade presunçosa, demonstrada por sua super-confiança e falta de cuidado. A raiz hebraica de **tentaram** (atreveram-se a), *'eipal*, também foi usada em Hc. 2:4: "Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé". O apóstolo Paulo viu a verdade espiritual que se encontra latente aqui. O homem injusto confia em sua própria virtude. Mas a verdadeira justiça se origina na fidelidade de Deus e comunica-se ao homem através de uma vida obediente e dependente, de fé em fé (Rm. 1:17).

#### IV. A Segunda Lista Sacerdotal. 15:1 – 19:22.



O aspecto principal desta seção sobre os sacerdotes encontra-se nos capítulos 16 e 17, que narram a rebelião de Coré e a conseqüente tripla vindicação do sacerdócio araônico. Ao redor desta vindicação de Aião como sacerdote estão outros detalhes de interesse sacerdotal (veja esboço).

## Números 15

### A. Detalhes Cerimoniais. 15:1-41.

Instruções anteriores (Lv. 2:1-11) referentes às ofertas de manjares (cereais) não dão quantidades exatas. Temos agora uma passagem especificando proporções exatas (cons. Lv. 23:13). Antevendo o tempo quando o povo comeria do alimento de Canaã, o Senhor deu instruções para que se fizesse uma contribuição simbólica das primícias dos seus produtos (ofertas alçadas). Ele providenciou pelo perdão dos pecados de ignorância – casos em que tanto a congregação como um todo ou indivíduos pudessem ter transgredido inadvertidamente – com base nas ofertas queimadas acompanhadas com a expiação pelo sangue (vs. 22-31; cons. Lv. 4). Mas Ele também esclareceu que se um homem agisse com más intenções (**atrevidamente**), devia ser desligado do povo, levando a sua própria iniquidade.

Um homem foi apedrejado por desprezar o mandamento divino referente à guarda do sábado. Alguns têm tentado identificar este julgamento severo com as idéias farisaicas sobre o sábado, contra as quais Cristo se declarou. As duas situações não são as mesmas. Os fariseus acrescentaram à lei religiosa judaica regulamentos sobre o sábado que não se encontram no Velho Testamento, fornecendo escapes para si mesmos. O Senhor do Sábado ensina que a lei do sábado foi planejada para o prazer espiritual do homem e para satisfação de suas necessidades mais profundas. Em nenhum lugar a Bíblia assume uma posição leviana para com a transgressão deliberada de alguma das leis de Deus. O capítulo termina com uma declaração de valor psicológico (Nm. 15:37-41). Os israelitas deviam

prender borlas feitas de fio azul nas barras ou nos cantos de suas vestes, como lembretes de que deviam guardar todos estes mandamentos (Dt. 22:12). Era "o barbante amarrado no dedo" de Israel.

**5. Para cada carneiro.** Observe que as quantidades de mistura de azeite e farinha e de vinho para as libações aumentavam de acordo com o tamanho do animal oferecido: a quarta parte de um him de azeite e vinho para cada cordeiro, um terço de cada com o carneiro, mais meio him com cada novilho. Isto demonstra o princípio que sublinhava todas as ofertas – um homem devia dar de acordo com a sua capacidade (Lv. 5:7-13).

**7. Em aroma agradável** (aquietante, repousante). A frase foi usada em 15:3, 10, 13, 14. Em Gn. 8:20, 21 somos informados que o Senhor cheirou a agradável fragrância da oferta queimada de Noé, que exerceu efeito favorável nEle. Alguns não gostam do antropomorfismo extremo deste pensamento. Mas a Bíblia está cheia de tais descrições de Deus. A expressão não é mais literal que as palavras: "Cavalgava um querubim", ou "levado velozmente nas asas do vento" (Sl. 18:10). Baal, a divindade pagã, é chamada de "o cavaleiro das nuvens" (C.H. Gordon, *Ugaritic Literature*, pág. 30), como também o Senhor no Sl. 68:4.

O crítico que presume que este "antropomorfismo" é uma evidência de que a religião de Israel se encontrava em estágio primitivo, poderia também acusar um pastor moderno de idolatria, quando Ele ora pedindo que Deus "desnude o Seu braço em favor do Seu povo". Com termos conhecidos, o homem entende o desconhecido, neste caso os sentimentos de Deus para com ele. Por meio desta expressão prática, aroma agradável, o povo de Deus sabia que seus sacrifícios agradavam-no, mais do que um perfume era suavizante e agradável às próprias pessoas.

**16 A mesma lei . . . para vós outros e para o estrangeiro que mora convosco.** Os estrangeiros eram bem-vindos para "morarem" com Israel, mas eram obrigados a adorar da maneira estabelecida por Deus, não como quisessem. A decadência espiritual dos povos circunvizinhos era tal que a introdução de Suas práticas religiosas prejudicaria a nação.

**20. Das primícias da vossa farinha . . . um bolo.** A palavra *‘arisa*, traduzida pala farinha, costuma ser aceita significando "cereal não refinado". Uma referência anterior à oferta das primícias (Lv. 23:14) menciona apenas a oferta movida de um feixe, acompanhada de uma oferta de manjares de solet, "flor de farinha". O fato desta oferta alçada de cereal não refinado ser chamada de *teruma*, "uma contribuição", indica que era para ser consumida pelos sacerdotes, enquanto a flor de farinha de Lv. 23:13 devia ser uma oferta queimada, de aroma agradável ao Senhor.

**30. Fizer alguma coisa atrevidamente** (*afoitamente*). O Israel obediente saiu do Egito "afoitamente" (Êx. 14: 8), com o punho erguido desafiando Faraó. Aqui, os pecados de um Israel arrogante atreviam-se a desafiar o Senhor (cons. Dt. 32: 27; Is. 10:32).

**36. E o apedrejaram; e ele morreu, como o Senhor ordenara.** Os lábios de Cristo descreveram um destino muito pior do que este daqueles cujos corações desprezaram a lei de Deus (cons. Mt. 18:9). Na verdade, este acontecimento do Velho Testamento foi uma lição misericordiosa. Embora tal julgamento não pudesse mudar o coração daquele que foi julgado, evitou que muitos israelitas obstinados desafiassem a Deus.

**39. E não seguireis os desejos dos vossos corações, nem os dos vossos olhos.** As borlas eram um lembrete para que não andassem segundo suas próprias más inclinações e desejos, mas a que seguissem os mandamentos bons e sadios do Senhor.

## Números 16

### B. A Rebelião de Coré, Datã e Abirão. 16:1-35.

Qualquer rebelião deste tamanho tem numerosas facetas e várias razões agravantes subjacentes. Críticos têm imaginado que as diferentes correntes de pensamento aqui têm origem nas fontes documentárias hipotéticas JE e P, e que a nossa história representa as narrativas combinadas de diversas rebeliões durante a história de Israel. Contudo,

do texto em si, deduzimos que houve o lado eclesiástico e o lado civil nesta rebelião. Coré persuadiu companheiros levitas e outros a se lhe juntarem na busca da função sacerdotal (vs. 9, 10). Ao mesmo tempo, os rubenitas, Datã e Abirão, voltaram-se contra Moisés por causa de seu aparente fracasso em lhes oferecer os campos e as vinhas da Terra Prometida (v. 14). O pensamento de terem de passar o resto de suas vidas no deserto devia lhes fazer parecer que a rebelião era um caminho de escape.

Datã e Abirão recusaram-se a irem ao Tabernáculo para enfrentarem Moisés, mas enviaram-lhe uma queixa amarga (vs. 12-14). Coré, por outro lado, e seus 250 "príncipes" (não todos, mas muitos levitas; vs. 7, 8; 27:3) apareceram com incensários nas mãos, para provarem que eram santos e podiam executar esta obrigação sacerdotal. Subitamente a glória do Senhor apareceu à porta do Tabernáculo; e o Senhor apoiou a autoridade de Moisés, abrindo a terra que engoliu os três líderes da rebelião, com suas famílias e propriedades (v. 32). A seguir, o grupo de carregadores de incenso foram devorados pelo fogo.

**3. Basta-vos.** Ou, "Estamos fartos de vocês". Moisés, um pouco mais tarde, devolveu-lhes estas mesmas palavras (v. 7). **Toda a congregação é santa.** Em Êx. 19:6 Deus prometeu fazer de Israel um reino de sacerdotes e uma nação santa. Mas esta promessa tinha uma condição, "se . . . ouvirdes a minha voz, e guardardes a rainha aliança". Pois a doação e a execução desta aliança designava divinamente os mediadores onde fossem necessários.

**11. Pelo que tu e todo o teu grupo juntos estais contra o Senhor.** Deus já tinha escolhido o Seu mediador (v. 5). Se Coré e sua congregação duvidasse, duvidaria de Deus. **E Arão, que é ele?** O direito que Arão tinha de ser sacerdote não se originara nele mesmo.

**12. Datã e Abirão . . . disseram: Não subiremos.** A cena passa para os rubenitas, cujos motivos de rebelião diferiam dos de Coré, mas cujos propósitos de derrubar Moisés e Arão eram os mesmos.

**13. Também queres fazer-te príncipe sobre nós?** Ou, *Você pretende continuar fazendo o papel de príncipe sobre nós?* Estes homens estavam agastados com a perspectiva de gastar toda sua vida no deserto. Acusavam Moisés da derrota em Hormá (14:45). Imaginavam que ele recusara levar a arca com eles naquela ocasião, com medo de perder o controle que tinha sobre eles quando entrassem na terra.

**14. Pensas que lançará pó aos olhos destes homens?** De acordo com Pv. 30:17, a alusão aqui é aos abutres que arrancariam os olhos dos mortos no deserto. Não dissera Moisés que toda esta geração teria de morrer no deserto?

**19. Coré fez ajuntar contra eles todo o povo.** O hebraico faz uma diferença entre *sua congregação*, "grupo", e a **congregação** (cons. v. 9). Core apresentava-se como o defensor de toda a congregação: "Toda a congregação é santa" (v. 3 ).

**22. Ó Deus, Autor e Conservador de toda vida** (O Deus dos espíritos e de toda carne.) O muito evidente dualismo do espírito e da carne revelado nesta frase fornece evidências de que este conceito fazia parte da ideologia religiosa dos hebreus desde os tempos de Moisés. Mestres "liberais", contudo, inclinam-se a atribuir este conceito à teologia de posteriores documentos "P".

**24. Levantai-vos do redor da habitação (tabernáculo) de Coré, Datã e Abirão.** Não parece provável que estes homens tivessem construído um outro tabernáculo. O termo *mishkan* pode se referir a qualquer tipo de habitação ou tenda (24:5). A simples adição da consoante hebraica "yodh" indicaria o plural, "tendas de". Os tradutores da LXX, ou viram a dificuldade e deixaram de fora os nomes de Datã e Abirão, ou trabalhavam em um manuscrito hebraico que só mencionava Coré. Nosso atual texto hebraico de 16:32 só menciona Coré, numa expressão abreviada de todos os três rebeldes.

**27. Levantaram-se, pois, do redor da habitação (tenda) de Coré.** Aqueles que creram em Moisés comprovaram-no agora pela atitude.

**Datã e Abirão . . . se puseram à porta das suas tendas,** como a desafiar Moisés.

**28. Não procedem de mim mesmo.** Vemos novamente que a briga não era com Moisés mas com Deus. O hebraico *leb*, “**coração**” (E.R.C.), foi corretamente traduzido para mente na AV; pois o coração geralmente indica a capacidade intelectual (cons. Os. 7:11, "entendimento"), enquanto que as entranhas, etc., ("rins" E.R.C. SI. 16:7, e em outras passagens) se referem à capacidade emocional.

**30. Mas, se o Senhor criar alguma coisa inaudita.** Tanto o verbo como o substantivo são de *beirei*’, “criar”; portanto a coisa inaudita tinha de ser uma coisa sobrenatural, ou pelo menos fora do comum. **E vivos descerem ao abismo** (Sheol). No V.T. o termo Sheol raramente significa "o lugar dos mortos"; aqui indica "a sepultura".

**32. E os tragou com as suas casas, como também a todos os homens que pertenciam a Coré, e a todos os seus bens.** *Beittehem* não se refere a suas **casas**, mas *famílias*. O restante do versículo diferencia entre propriedades humanas (servos) e não humanas (animais e bens). Era simplesmente a maneira hebraica de dizer "tudo". Contudo, Nm. 26:11 nos informa que os filhos de Coré não pereceram com ele. Provavelmente a "família" de Coré não incluía seus filhos adultos que tinham suas próprias famílias.

### **C. Incidentes da Vingança do Sacerdócio Araônico. 16:36 - 17:13.**

A esta altura a Bíblia Hebraica começa um novo capítulo. Os escribas judeus consideraram o restante do capítulo 16 e todo o 17 como se fosse uma unidade, abrangendo o tema do direito único de Arão ao sacerdócio. Os incensários de bronze usados pelos rebeldes foram batidos em lâmina para cobertura do altar, como lembrete perpétuo do sacerdócio exclusivo da casa de Arão. As conseqüências da rebelião aparecem na murmuração que acusava Moisés pela morte dos rebeldes. A ira de Deus se aplacou somente quando Arão usou o seu incensário para fazer expiação pelo povo (v. 46). A vingança da casa de Arão não

culminou no teste das varas (cap. 17). Das doze varas escolhidas, uma para cada tribo, só a vara de Levi, com a inscrição do nome de Arão, floresceu sobrenaturalmente e produziu amêndoas diante do Senhor. Esta vara teve de ser guardada na arca como um testemunho contra toda e qualquer tentativa futura de rejeitar a escolha divina da família mediatorial.

**37. Porque santos são.** Por que os incensários desses homens ímpios foram considerados santos? Porque Deus tinha para eles sagrado propósito. "Porquanto os trouxeram perante o Senhor.. . serão por sinal. . . por memorial. . . para que nenhum estranho, que não for da descendência de Arão, se chegue para acender incenso perante o Senhor" (cons. vs. 37-40).

**48. Pôs-se em pé entre os mortos e os vivos.** Uma ilustração dramática do ofício mediador de Arão. Não pela virtude dele em si mesmo (16: 5) mas apenas porque Deus o escolhera, o incenso de Arão efetuou a expiação pelo povo e interrompeu a praga (cons. Hb. 5:4-6).

## Números 17

**17:4. Perante o testemunho.** A referência é à arca do testemunho. **Onde eu vos encontrarei.** O verbo encontrar no hebraico significa "marcar uma hora ou lugar". A mesma raiz foi usada para tabernáculo da congregação, *'ohel mo'ed*, significando "a tenda da hora e do lugar marcados". A congregação algumas vezes é chamada de *'eda*, "o grupo reunido para o encontro".

**6. Doze varas.** Considerando que uma era de Levi (a de Arão) e que ambos, Efraim e Manassés, eram considerados como tribos, devia haver treze varas e não doze. Havia dois meios de se numerar as tribos para que sempre fossem doze. Em Nm. 1:5-15 os filhos de José são reconhecidos como uma só tribo. Em 13:4-15, contudo, tem-se em mente a terra e sua conseqüente divisão; por isso a tribo de José foi subdividida

para que houvesse doze divisões, uma vez que Levi não recebeu herança de terra.

**8. No dia seguinte.** Esta limitação de tempo ajuda a estabelecer o fato de que foi um verdadeiro milagre de Deus o que aconteceu.

**10. A vara de Arão . . . para que se guarde por sinal.** Um símbolo que ensinasse a futuras gerações. **Para os filhos rebeldes.** Os *filhos da disputa*, ou *filhos da rebelião*. Eram homens que tornaram suas vidas miseráveis e ofenderam a Deus gravemente, permitindo que a auto-piedade ou qualquer outra forma de profunda inquietação fervesse em seus corações (v. 12).

**12. Eis que expiramos, perecemos, perecemos todos.** Uma expressão final de auto-piedade partindo de uma geração contradizente encerra este capítulo e também a narrativa do procedimento divino com ela. As próximas palavras da narrativa (20:1) descrevem os últimos dias da peregrinação no deserto e o nascer de uma nova geração.

## Números 18

### D. Deveres e os Rendimentos dos Sacerdotes e Levitas. 18:1-32.

Arão e os levitas eram servos de Deus indicados para a realização do ministério sagrado do santuário, através do qual Israel aprendia Sobre a santidade de Deus (vs. 1-7). Nenhum membro da casa de Levi receberia herança de terra; Deus providenciou por eles através da porção perpétua, *haq'oleim* (v. 8). Esta era a parte dos sacerdotes nas ofertas de Israel. Mas considerando que nem toda a tribo de Levi podia ser sustentada pelas porções das ofertas, os levitas recebiam o dízimo de toda a herança de Israel. E cada levita dava um dízimo do seu dízimo ao sacerdote, exatamente como se ele mesmo o tivesse plantado nos campos.

**1. Levareis sobre vós a iniquidade relativamente ao santuário e ao vosso sacerdócio.** *Levar (perdoar)* a iniquidade significa purificar por meio de oferta substitutiva. Os sacerdotes tinham de fazer expiação



de seus próprios pecados (Lv. 16: 6). Também, considerando que havia a possibilidade do santuário ser profanado por alguém inadvertidamente, o Lugar Santo e o altar também tinham de ser purificados (Êx. 29:36, 37; Lv. 16:20).

**6. São dados a vós outros para o Senhor.** Eram concedidos aos sacerdotes como pessoas consagradas ("dadas") ao serviço do Senhor. Este versículo é uma chave para se compreender o uso que o apóstolo Paulo fez de Sl. 68:18 em Ef. 4:8.

**7. Por ofício como dádiva.** O sacerdócio era um serviço privilegiado, designado e equipado por Deus.

**8. Minhas ofertas.** Estas *terumot* eram as contribuições aos sacerdotes e levitas, e se distinguíam das ofertas queimadas, que eram expiatórias.

**9. Que me apresentarem.** O pensamento aqui é de devolver a Deus o que é dEle.

**10. Todo homem o comerá.** As ofertas do versículo 9 eram "santíssimas"; por isso só os homens podiam participar delas.

**11. A teus filhos, e a tuas filhas.. . todo o que estiver limpo. . . as comerá.** Não ofertas queimadas para expiação; por isso toda a família sacerdotal participava.

**16. O resgate . . . (desde a idade de um mês os regatarás), será segundo a tua avaliação, por cinco siclos de dinheiro** (de prata). Compare com Lv. 27:1-7 para as diferentes avaliações segundo a idade e sexo. **Por cinco siclos de dinheiro.** Não havia dinheiro (no sentido atual) no antigo Israel. O texto hebraico diz, *prata, cinco siclos, que é de vinte geras* (peso de cereais).

**19. Aliança perpétua de sal.** De acordo com Lv. 2:13, todo sacrifício era salgado. Cristo usou este pensamento para descrever a eterna verdade do inferno (Mc. 9:49). O sal significava uma aliança inviolável entre Deus e os sacerdotes.

**20. Eu sou a tua porção e a tua herança.** Suas vidas deviam ser gastas servindo a Deus no santuário. Por isso deviam ser fisicamente sustentados pelo povo, o qual era sustentado por Deus.

**24. Os dízimos . . . que apresentam ao Senhor em oferta, dei-os por herança aos levitas.** Os levitas e os sacerdotes dependiam da fidelidade do povo, o qual por sua vez desfrutava da boa vontade do seu Deus através da obediência cuidadosa a todas as leis do santuário.

**29. Toda oferta (contribuição) do (devida ao) Senhor: do mentor delas.** As ofertas devidas ao Senhor (v. 26) deviam vir do melhor dentre o melhor. O povo dava o que tinha de melhor aos levitas, os quais davam o melhor disto ao Senhor, representado pelos sacerdotes.

**31. É a vossa recompensa pelo (como pagamento) vosso serviço.** A palavra '*seikeir*, "salário" pode parecer mercenária; mas compare Gn. 15:1, onde Deus mesmo se intitula o '*seikeir* ("recompensa") de Abraão.

## Números 19

### E. A Água Purificadora para Aqueles que se Contaminassem com Mortos. 19:1-22.

Os versículos de 1 a 10 explicam como esta água devia ser preparada, e o restante do capítulo diz como devia ser usada. Eleazar, o filho de Arão, devia supervisionar o sacrifício de uma novilha vermelha perfeita fora do acampamento. Devia aspergir o seu sangue na frente do Tabernáculo sete vezes e depois queimá-la inteiramente, incluindo o sangue, junto com madeira de cedro, hissopo e fazenda vermelha. As cinzas resultantes deviam ser usadas para o preparo da "água purificadora"; isto é, água para remoção da impureza cerimonial.

Uma pessoa contaminada por um morto devia ser considerada imunda durante sete dias. Adquiria a pureza cerimonial sendo aspergida com esta água no terceiro e sétimo dias. No sétimo dia devia lavar suas roupas e o corpo e, ao pôr do sol, estaria "limpa". Aquele que deixasse de obedecer devia ser excluído da congregação como pessoa imunda.

**2. Uma prescrição da lei.** O que aqui foi chamado de *lei doutrinária*, mais tarde foi chamado de estatuto perpétuo, "eterno" (v.10). Portanto, o duplo propósito deste ritual era ensinar a Israel a pureza de Deus e preservar esta revelação às gerações futuras. Uma novilha vermelha, perfeita. Muitos têm tentado forçar interpretações alegóricas no uso desta novilha vermelha, nas quais cada detalhe, incluindo a cor do animal, recebe um significado espiritual. Seria melhor aceitarmos esta cerimônia como o faríamos com o quadro de um pintor, reconhecendo que, apesar de todo transmitir uma mensagem, os detalhes são insignificantes quando considerados independentemente. Hebreus 9:13, 14 aponta a mensagem desta lição objetiva – o povo de Deus precisa experimentar a purificação da impureza. Tal como as cinzas da novilha vermelha purificavam cerimonialmente o israelita contaminado, o sangue de Cristo satisfaz a justiça divina, purifica a consciência do pobre pecador e o restaura diante de Deus.

**4. Espargirá para a frente da tenda da congregação.** Este era o ato expiatório que expiava o pecado e aplacava a Deus (Lv. 16:14, 15). A vida de uma vítima pura e inocente substituía a vida da pessoa maculada, por causa disso esta oferta pelo pecado chamava-se *hattei't* (Nm. 19:9, 17).

**9. Num lugar limpo**, isto é, cerimonialmente limpo. **Para a água purificadora.** Mais corretamente *água da impureza*, aquela que remove a impureza. **É oferta pelo pecado.** O plano deste ritual era providenciar uma maneira simples de purificar os israelitas de uma contaminação muito comum. Eles sentiam em suas consciências o relacionamento que há entre o pecado e a morte e a necessidade da libertação da maldição que a morte representa, a maldição do pecado.

**12. . . . se purificará.** Como em 8:21, a expressão hebraica é *ele se des-pecará*. Embora signifique purificação, a ênfase está sobre a imundícia, não sobre a pureza, talvez porque ninguém pode ser realmente purificado se não compreender que o pecado é pecado.

**13. Contamina o tabernáculo do Senhor.** Um israelita contaminado pela morte poluiria tudo o que tocasse ou de que se aproximasse. Esta idéia do contágio da impureza cerimonial destaca-se nos versículos 14, 15 (cons. Ag. 2:13).

**16. Em outro morto, ou nos ossos de algum homem, ou numa sepultura.** Qualquer coisa relacionada com a morte contaminava. As pessoas não podiam evitar de se contaminarem ocasionalmente; por isso "a água purificadora" estava sempre à disposição. O sacerdote, contudo, estava proibido de se contaminar, exceto quando morriam seus parentes mais próximos (Lv. 21:1-3).

**18. Um homem limpo tomará hissopo.** Qualquer pessoa "limpa" podia realizar esta tarefa; não era necessário que fosse um sacerdote. O propósito desta provisão era tornar facilmente acessível a purificação do inevitável contato com a morte.

#### **V. Do Deserto de Zim às Estepes de Moabe. 20:1 – 22:1.**

De Nm. 33:36 podemos deduzir que no fim dos anos da peregrinação, Israel se encontrava em Ezim-Geber, no litoral norte do Golfo de Ácaba. Dali entraram no Deserto de Zim, no qual se localizava o oásis chamado Cades, um termo usado em 33-36 para designar uma área extensa. Pediram passagem pelo Edom através da antiga rota comercial, o caminho real, mas o pedido não foi aceito. Estes capítulos indicam que Edom, Moabe, os amorreus e os cananitas controlavam muitas fortalezas estabelecidas no Neguebe e Transjordânia. Estando acampados no Monte Hor, Israel lutou contra Arade, o cananeu, e o derrotou. A esta altura (21:4) seguiram para o sul pelo caminho de *Yam Suph* (aqui o Golfo de Ácaba) para evitar um conflito com os edomitas.

Finalmente viajaram para o norte, no Vale de Arabá, até que alcançaram o Wadi Zered, esquivando-se de Moabe pelo leste e Seguindo para o norte até Amom, depois para o oeste novamente pelo caminho real. O território ao norte do rio Amom, chamado de "as Estepes de Moabe", eles o capturaram derrotando Seom, o rei amorreu,

que o conquistara dos moabitas. Mais terras a leste do Jordão foram conquistadas, derrotando Ogue, rei de Basã. O restante de Números (depois da história de Balaão) foi dedicada ao preparo desta nova geração para maiores conquistas a oeste do Jordão.

## Números 20

### A. O Deserto de Zim. 20:1-21.

#### 1) O Pecado de Moisés. 20: 1-13.

**1. Chegando . . . Israel . . . ao deserto de Zim, no mês primeiro.** **Zim** (*Sin*) fica entre o aclave do Acrabim, a sudoeste do Mar Morto, e Cades (20: 16; 34: 3). Embora o ano não fosse mencionado, deve ter Sido no fim do trigésimo nono ou o quadragésimo ano depois do Êxodo. Pois eles prosseguiram de Cades para o Monte Hor (20:22), onde Arão morreu; e 33:38 nos conta que ele morreu no quadragésimo ano.

5. Não é de cereais, nem de figos, nem de rides, nem de romãs, nem de água para beber. Quando Nelson Gluek descreve a importância da água no Neguebe (*Rivers in the Desert*, págs. 20-25) torna plausível a simpática atitude divina para com esta queixa (pág. 16).

**8. Falai à rocha, e dará a sua água.** Uma rocha dando água, indica que esta água da rocha era a coisa esperada. O milagre consistia em Moisés saber qual a rocha que estava pronta a dar água e no fato de que tinha apenas de lhe falar.

**10. Ouvi, agora, rebeldes, porventura faremos sair água.** Salmo 106:32, 33 dá o comentário divino sobre estas palavras. O povo estava zangado com Moisés, "tornando seu espírito amargo a ponto de proferir palavras ásperas". Não foi Deus, mas Moisés que ficou zangado com o povo. Por isso o pronome nós oculto, era uma forma de blasfêmia.

**11. Feriu a rocha duas vezes.** Se Moisés tivesse apenas falado à rocha, conforme orientação do Senhor, o milagre teria destacado o poder

de Deus. Conforme aconteceu, Moisés tomou o lugar de Deus, em palavras e atos.

**12. Visto que não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel** (conf. v. 24). O pecado de Moisés foi uma recusa obstinada de desviar a atenção de si mesmo para o poder de Deus, santificando assim o Senhor diante dos olhos do povo. Moisés e Arão partilharam do castigo deste pecado, pois Deus dissera; "Falai (plural) à rocha". Depois do ato ele disse : "Não fareis (plural) entrar este povo na terra que lhe dei".

**13. São estas as águas de Meribá.** O lugar não foi cognominado Meribá depois do incidente, como Refidim quarenta anos antes (Êx. 17:7); mas a água foi agora intitulada de "águas da contenda" (*meriba*) porque os filhos de Israel contenderam com o Senhor.

## **2) O Pedido para Atravessar Edom. 20:14-21.**

**14. Enviou Moisés. . . mensageiros . . . Assim diz teu irmão Israel.** Os edomitas eram descendentes de Esaú (Dt. 23:7). Moisés declarou a verdade com diplomacia.

**16. Em Cades, cidade nos confins do teu país.** A fronteira de Edom tem sido considerada como o lado oeste do Vale de Arabá. Se a presente identificação de Cades no 'Ain Qadeis (ou 'Ain el-Quderat) for correta, então a fronteira de Edom devia se estender pelo Neguebe adentro. Isto dá uma idéia da extensão da influência de Edom, uma vez que as fronteiras reais só se estabeleciam pelo controle de certos postos chave.

**17. Pela estrada real.** Era uma antiga rota de caravanas. Muito antes de Moisés, já era usada como importante artéria pública. O versículo 19 chama-a de estrada pública (*mesilla*).

**20. E saiu-lhe Edom ao encontro com muita gente, e com mão forte.** Não houve luta, porque o propósito de Deus era não dissipar as forças de Israel aqui, mas reservá-las para a dura luta contra os amorreus, cuja terra era necessária por causa do acesso a Canaã.

**B. A Área do Monte Hor. 20:22 – 21:3.****1) A Morte de Arão. 20:22-29.**

**22. Então partiram de Cades; e . . . foram ao monte de Hor.** A localização do Monte Hor (*Hor heiheir*) é indefinida. Muitos pensam que seja Jebel el-Medra, que fica exatamente a leste do Vale de Arabá. Outros acham que o lugar é alguma montanha a noroeste de Cades. Esta última idéia se encaixaria na descrição que Moisés faz da esfera do poder de Edom, uma vez que o Monte Hor ficava na fronteira de Edom (v. 23). Moisés, em Dt. 1:44, supõe que Seir (uma designação para Edom) fica no Neguebe, o que se encaixaria na opinião de que a fronteira de Edom não confinava com o Wadi Arabá. A descrição da fronteira meridional de Israel em Nm. 34:1-5 e Js. 15:1-12 coloca ambas, as fronteiras de Israel e Edom, muito ao oeste de Arabá, perto de Cades-Barnéia, a caminho do rio do Egito (Wadi el 'Arish).

**23. No monte de Hor, nos confins da terra de Edom.** Isto não significa que a montanha ficasse justamente sobre a fronteira do Edom. Talvez fosse aperto uma mineira de diferenciá-la do outro Monte Hor de 34:8. Diversos lugares eram chamados Cades (*sagrado*) e tinham de ser diferenciados, como, por exemplo, Cades-Barnéia, Cades Naftali e Cades sobre o Orontes.

**28. Moisés, pois, despiu a Arão de suas vestes, e vestiu com elas a Eleazar.** Eram as vestes Sagradas de Êx. 39, símbolo do sumo sacerdócio. Elas distinguiam Arão – e agora, Eleazar – como mediador escolhido por Deus, cujo ministério ensinava ao povo que Deus era o seu Amigo Todo-poderoso e Sempre-santo.

**Números 21****2) Arade, o Cananeu, Derrotado em Hormá. 21:1-3.**

**1. O cananeu, rei de Arade, que habitava no Neguebe.** O nome de **Arade** continua sendo usado em relação a um outeiro no Neguebe. Um homem que desse o seu nome a uma área por milhares de anos,

difícilmente seria apenas um chefe de tribo (Glueck, *Rivers in the Desert*, pág. 114). Os versículos 1,2 não descrevem dois acontecimentos separados por centenas de anos, conforme pensam alguns. **Pelo caminho de Atarim** (dos espias). “O caminho de ‘ateirim’” era possivelmente o nome de uma estrada trilhada por caravanas, uma vez que o equivalente árabe de ‘ateirim’ é “pegadas”.

**3. Destruirei totalmente as suas cidades.** Os homens de Israel foram forçados nesta batalha, pois não era seu plano entrar na terra pelo sul. O acontecimento transformou-se em um sinal de futuras conquistas. O resultado da última batalha que o povo de Deus enfrentou trinta e oito anos antes, foi uma triste derrota em um lugar chamado Hormá (14:45). Por isso, aqui neste versículo há um jogo de palavras, uma vez que Hormá tem a mesma raiz que o verbo "destruir totalmente". Esta não poderia ter sido a cidade de Hormá mencionada em 14:45 (Js. 15:30; Jz. 1:17 ). Talvez Moisés procurasse levantar a moral mencionando este lugar de vitória como recordação da humilhante derrota pelo mesmo inimigo.

### C. A Viagem às Estepes de Moabe. 21:4 - 22:1.

#### 1) Rebelião na Viagem à Volta do Edom. 21:4 -9.

**4. Caminho do Mar Vermelho.** Não o Mar Vermelho que nossos mapas indicam, mas o *Yam Suph*, que quer dizer "o mar onde crescem os juncos", neste caso o Golfo de Ácaba. Deuteronômio 2:8 chama este caminho de "o caminho de Arabá", referindo-se à planície que sobe gradualmente partindo das profundezas do Mar Salgado até o Golfo. Israel foi nesta direção, embora não necessariamente todo o caminho até o mar, para fugir ao contato com os edomitas.

**8. Faze uma serpente abrasadora.** No hebraico não há um adjetivo; o termo '*seireip*' significa uma "cobra venenosa". **Todo mordido que a mirar, viverá.** Só aqueles que creram na promessa de Deus puderam agir de acordo com a orientação e viver. Nosso Senhor viu nisto



não apenas uma ilustração da eficácia da fé na palavra de Deus, mas também uma lição objetiva eficiente de Seu próprio e futuro sofrimento vicário, quando seria levantado entre os céus e a terra (Jo. 3:14).

## **2) Lugares Atravessados na Marcha desde o Arabá. 21:10-20.**

**10. Então partiram os filhos de Israel.** Os versículos 10 a 20 dão os nomes dos lugares onde Israel acampou viajando para o norte no Arabá. Este itinerário está descrito mais amplamente em 33:41-49.

**14. O livro das Guerras do Senhor.** Aqui está uma das fontes autênticas das quais Moisés e os escribas posteriores de Israel obtiveram informações sobre acontecimentos anteriores. *O que ele fez no Mar Vermelho*. Estas palavras são uma tradução duvidosa do começo de um fragmento desta fonte antiga. Esta primeira linha é obscura porque foi extraída do seu contexto. A última parte do versículo 14 é mais importante porque dá o motivo da citação mostrar que o Vale de Amom era fronteira de Moabe. As duas palavras hebraicas abrangendo esta frase inicial da citação podem ser traduzidas de diversas maneiras. A E.R.A. segue o ICC na transliteração do hebraico quanto aos nomes dos lugares – **Vaebe em Sufá**. A AV toma as primeiras palavras como uma forma verbal aramaica (uma velha exegese judia, também seguida por Jerônimo na Vulgata), A tradução de *supa* da AV para *Mar Vermelho* não é aceitável, uma vez que a área em questão é adjacente a Moabe. A incompreensível referência a *sup* (**Sufe**) em Dt. 1:1, localiza este lugar, sob outros aspectos desconhecidos, na Transjordânia, onde Moisés pronunciou suas últimas palavras. O fragmento poderia ser traduzido assim:

Uma porção na direção de Sufe:

Até os wadis de Arnom,

Até os aclives dos wadis

Que se voltam para o interior de Ar.

Na verdade fica adjacente à fronteira de Moabe.

**17. Cantou Israel este cântico.** Aqui se reflete a tradição poética. Os poetas e os cantores de canções populares podem ter transmitido um pouco da história de Israel na poesia épica. É possível que o Livro das Guerras do Senhor fosse uma compilação de tais poemas. Que a poesia tradicional foi muito cedo incorporada aos registros, evidencia-se pela literatura ugarítica do século quinze. Este pequeno fragmento do versículo 17 tem sido chamado de "A Canção do Poço". A primeira linha é uma introdução ou tema.

**18. Com o cetro, com os seus bordões** provavelmente expressa a autoridade dos nobres, que teriam dirigido a escavação. Contudo, em um *nahal*, "wadi" ou "leito de rio seco", a água se encontrava muito perto da superfície, de modo que enfiando-se simplesmente o bordão no solo a água brotaria (cons. Gn. 26:19; II Reis 3:6-18).

"Brotou, ó poço! Entoai-lhe cânticos!

Um poço, que os príncipes cavaram,

Que até mesmo os nobres do povo abriram,

Com o cetro e com os bordões".

**18. Do deserto partiram para Matana.** A maior parte dos nomes de lugares dos versículos 18-20 não podem ser exatamente localizados. A direção geral da viagem foi do deserto a leste de Moabe, na área norte de Arnom, a oeste do pico chamado físga, de onde se descortinavam as águas do Mar Salgado e as terras devastadas do Deserto de Jeshinom.

### **3) Derrota dos Amorreus. 21:21-32.**

**21. Israel mandou mensageiros a Seom.** O propósito de Moisés era ter acesso às terras a oeste do Jordão. Pediu passagem pacífica (vv. 21,22), mas Seom recusou (v. 23); e por isso não houve meio de se evitar um conflito.

**24. Amom, cuja fronteira era fortificada.** A LXX tem um texto hebraico melhor, e traduz corretamente, *Jaezer era a fronteira dos amonitas* (Js. 13:25; Nm. 32:1). Nosso atual texto hebraico perdeu uma letra, um "r".

**26. Que tinha pelejado contra o precedente rei dos moabitas, de cuja mão tomam toda a sua terra até Arnom.** Este versículo, ao lado da vitória de Israel sobre Seom, explica o significado do poema apresentado em 21:27-30.

**27. Pelo que dizem os poetas.** Os *moshelim* eram poetas, possivelmente cantores de baladas. Oráculos de Baalim eram chamados *mashals*, como Provérbios e alguns salmos didáticos (veja títulos de Sl. 32, 42, 52, e outros). De acordo com Nm. 21:26, Seom, o amorreu, destruíra Moabe anteriormente (cons. as estrofes paralelas abaixo, segunda e terceira); mas os vs. 21.25 nos informam que Israel tinha destruído os amorreus (1ª e 4ª estrofes paralelas). O poema é uma ode satírica, a qual diz, em resumo: "Vocês (amorreus) os derrotaram (os moabitas), mas nós (os israelitas ) derrotamos vocês". Observe o equilíbrio estrófico e o desenvolvimento na direção do clímax do poema. A segunda e terceira estrofes têm o mesmo padrão estrutural. A estrofe final responde por antítese à que a precede imediatamente, mas na verdade completa o significado da estrofe inicial.

"Venham! Hesbom será (re) construída,  
Sim! Que se (re) estabeleça a cidade de Seom.  
Porque fogo saiu de Hesbom,  
Uma chama da cidade de Seom;  
Consumiu Ar de Moabe,  
Os Baals dos lugares altos de Amom.

Ai de ti, Moabe! Perdido está, povo de Camos!  
(Porque) entregou seus frios como prisioneiros,  
E suas (ilhas como escravas,  
Até a Seom, o rei dos amorreus.  
Mas nós os acertamos: Hesbom pereceu até Dibom.  
Sim, nós (os) assolamos, até que o fogo se espalhou até Medeba".

**31. Israel habitou na terra dos amorreus.** Todo o território compreendido entre os rios Arnom e Jaboque fora conquistado e, em aditamento, a cidade amorita de Jaezer (v. 32) e o reino de Ogue (vs. 33-

35); de modo que Israel controlava as terras a leste do Jordão desde o Arnom até o Monte Hermom (Dt. 3:8). A maior parte das designações geográficas destes versículos são muito conhecidas até nos dias de hoje.

#### **4) A Derrota de Ogue. 21:33-35.**

**33. Ogue, rei de Basã, saiu contra eles.** Estes versículos são paralelos de Dt. 3:1-4 quase que palavra por palavra (exceto quanto ao pronome pessoal). O estrado de ferro da cama (ou sarcófago) de Ogue evidentemente despertou a curiosidade de Israel. A atenção especial que lhe foi dada aqui, sugere que o uso de ferro era coisa rara naquele tempo. (Com referência ao seu tamanho, via Dt. 3:11; cf. coment. sobre 13:33).

### **Números 22**

#### **5. Chegada às Planícies de Moabe. 22:1.**

**1. Acamparam-se nas campinas de Moabe.** Acamparam em um lugar chamado Sitim (25:1), perto do qual o Jordão desemboca no Mar Salgado. Além do Jordão, na altura de Jericó. Veja coment. sobre 34:15.

#### **Segunda Parte. Intriga Estrangeira Contra Israel. 22:2 – 23:30.**

Os capítulos 22 a 25 formam uma divisão literária entre as duas metades lógicas do Livro de Números. Em nenhum lugar dos capítulos 22 a 24 temos a costumeira fórmula, "Deus disse a Moisés", que se encontra em qualquer outro capítulo. Esta seção, como o Livro de Jó, pode ter se originado fora de Israel. Embora sejamos informados (Dt. 23:5) que Moisés tinha consciência das maquinações de Balaão, é impossível determinar se este material de fonte "estrangeira" tornou-se parte do registro sagrado sob a supervisão de Moisés. Números 22:4b que diz, Balaque . . . naquele tempo, era rei dos moabitas, aponta para a obra de escribas pós-mosaicos. A história, então, poderia ter sido inserida aqui, onde se encaixa cronologicamente e ao mesmo tempo

fornece uma articulação literária para a passagem da velha geração para a nova, e um novo recenseamento e nova legislação apontavam para o estabelecimento na terra.

Alguns comentadores tentam reduzir o destaque de Balaão, o homem, nesta história (ICC, pág. 316; seguido por IB, Vol. 2 págs. 248-263), vendo nele apenas os conceitos religiosos-políticos mais importantes da cultura representada. Mas Balaão é um caráter tão integral e fortemente definido que ninguém poderia realmente apreciar a história sem procurar entendê-lo. Certamente o propósito da narrativa é mostrar como Deus protegeu Seu povo dos desígnios malignos de um monarca pagão, e a concupiscência oculta de um profeta errante. Mas os feitos sutis de Balaão e as suas poderosas palavras fazem da história uma obra prima dramática.

O medo foi instilado no coração de Balaque, rei de Moabe, por causa da vitória de Israel sobre os amorreus. Mandou buscar Balaão, um conhecido profeta ao norte da Mesopotâmia, prometendo-lhe fama e riquezas em troca da maldição de Israel. Balaão foi avisado pelo Senhor a que não fosse, e por isso ele recusou. Contudo, quando o Rei Balaque fez maiores promessas, o profeta tentou mudar a mente do Senhor. O Senhor, então, permitiu que Balaão partisse para Moabe. No caminho, Deus procurou, através de um anjo, comunicar ao profeta o seu aborrecimento. Mas só a jumenta de Balaão viu o anjo do Senhor. A jumenta finalmente falou e repreendeu Balaão por causa de sua cegueira espiritual. Então os olhos do profeta se abriram e ele viu o anjo. O Senhor permitiu que Balaão fosse a Moabe para que abertamente declarasse o propósito divino de realizar Sua antiga promessa feita a Israel. Balaque mostrou a Balaão o acampamento de Israel de três diferentes vantajosos pontos em sucessão, e em cada ponto o profeta pronunciou uma bênção sobre Israel. Balaque, aborrecido, mandou que Balaão nada mais dissesse. Mas o profeta continuou com outros oráculos ainda, nos quais predisse não só a futura prosperidade e poder de Israel

como nação, mas também a destruição de Moabe, Edom, Amaleque, os quenitas e Assur.

## **I. O Fracasso de Balaque de Afastar o Senhor de Israel. 22:2 – 24:25.**

### **A. Balaão Convocado por Balaque. 22:2-40.**

#### **4. Balaque, filho de Zipor, naquele tempo, era rei dos moabitas.**

Como referência pós-mosaica, ou esta sentença foi acrescentada, ou reflete o fato de que toda a narrativa foi inserida em época pós-mosaica (veja acima).

**5. Petor, que está junto ao rio Eufrates, na terra dos filhos do seu povo.** O ICC declara que algum editor confundiu dois lugares diferentes na compilação de diversas histórias. O rio é o Eufrates; a terra é chamada de '*Aram dos dois rios* em Dt. 23:4. Esta área era tanto a terra dos ancestrais de Moabe através de Ló (Gn. 19:37) como dos ancestrais de Israel através de Abraão. Harã, o pai de Ló, morreu na sua terra natal, em Ur dos caldeus (Gn. 11:28). Há evidências de que Ur era possivelmente uma cidade ao norte da Mesopotâmia e não a antiga cidade sumeriana ao sul da Mesopotâmia (JNES XVII, 1958, págs. 28-31, 252). A família de Ló continuou adorando o senhor, mas os descendentes de Ló, os moabitas e os amonitas, adotaram os deuses dos povos entre os quais se estabeleceram. O fato de haver um profeta do Senhor na área chamada '*Aram Naharayim* (Gn, 24: 10), encaixa-se em todo o quadro bíblico.

**6. Sei que, a quem tu abençoares será abençoado.** Balaão era, ao que parece, um profeta popular e também um profeta do Senhor (Jeová). Balaque, portanto, enviou "o preço dos encantamentos" (v. 7), na esperança de que tal combinação de talentos teria efeito contra Israel. Se Balaão era um verdadeiro profeta desviado ou um friso profeta que recebeu o poder de Deus, não podemos ter certeza. Os comentários sobre ele em outros lugares do V.T. e N.T., são consistentemente depreciativos

(Nm. 31: 8, 16; Dt. 23:5, 6; Js. 13:22; 24:9; Ne. 13:2; II Pe. 2:13-15; Jd. 11; Ap. 2:14). Embora alguns escritores tenham apresentado o fraco argumento de que, em Mq. 6:5, Deus fala bem de Balaão, na realidade ali o Senhor só fala bem de Sua própria bênção sobre Israel proferida através do profeta infiel, não fazendo comentários sobre o caráter de Balaão. Em Is. 13:22 Balaão é chamado de adivinho (*haqqosem*), e os adivinhos eram abominação para o Senhor (Dt. 18:10). Poderíamos comparar este profeta com Simão, o Mago (Atos 8:13-24, um crente confuso que procurou combinar seus poderes de adivinho com o poder do Espírito Santo.) Números 24:1 nos informa que Balaão fazia uso de augúrios (*neheishim*).

**7. Levando consigo o preço dos encantamentos.** A história mostra o notável contraste entre o conceito pagão de que o profeta fosse um manipulador dos deuses e a idéia hebraica de que Deus era o Determinador soberano de tudo o que acontece, "que abençoa a quem abençoa e amaldiçoa a quem amaldiçoa" (v. 6).

**18. Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia traspasar o mandado do Senhor.** Embora fossem grandes palavras, não correspondiam ao seu coração (cf. v. 18). Deus tinha falado, mas Balaão esperava que alguma mudança tornasse possível a sua ida. E Deus permitiu que fosse, para mostrar de maneira dramática Sua escolha soberana de abençoar Israel.

**22. Acendeu-se a ira de Deus, porque ele se foi.** O uso de um participio no hebraico sugere a tradução, "Acendeu-se a ira de Deus quando ele ia". Embora Deus acedesse ao desejo de Balaão, concedendo que fosse, Sua ira acendeu-se por causa do coração do profeta que era dominado pelo amor ao "salário da injustiça" (II Pe. 2:15).

**25. E comprimiu contra este (muro) o pé de Balaão.** O esmagamento do pé pode estar refletido na palavra *shepi* (23: 3), a qual, conforme tem-se dito, pode vir de uma raiz acadiana, *shepu*, que significa "com passo prejudicado". A E.R.A. traduz *shepi* para "morro desnudo" e a E.R.C. para "um alto" (23:3).

**28. O Senhor fez falar a jumenta.** Será que a jumenta enunciou sons audíveis, ou teria sido apenas uma experiência na mente de Balaão? A verdade provavelmente se encontra de ambos os lados. Embora a aparição do anjo e a voz da jumenta não fossem alucinações, parece que aquele foi visto e esta ouvida apenas por Balaão e não pelos outros que se encontravam presentes como foi o caso diversas vezes no Novo Testamento (Atos 9:7; 22:9; Jo. 12:28, 29). Na estrada de Damasco houve fenômenos físicos que só Paulo entendeu; assim Balaão, por causa da combinação de sua confusão mental e espiritual, não pôde ver o anjo até que Deus lhe abriu os olhos. Nem outros poderiam ter compreendido a jumenta se Deus não lhes desse a capacidade.

**35. Vai-te com estes homens.** Como em 22:20, Deus disse a Balaão que fosse, Ele não estava zangado, portanto, pelo fato do profeta ir, mas por causa das suas motivações. Os homens não podem facilmente determinar as motivações dos outros, mas Deus pode. Temos o comentário divino no restante das Escrituras para nos orientar, e Nm. 31:16 prova que Balaão foi reprovado. Além disso, a história não pode ser compreendida de outra maneira, a não ser que adotemos o dubio expediente de que a narrativa seja a junção de diversas histórias diferentes (cons. ICC).

**38. Acaso poderei eu agora falar alguma coisa? A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei.** Balaão não falou aos moabitas da intenção divina revelada de abençoar Israel. E por isso o melhor que se pode dizer desta resposta é que ela é ambígua, provavelmente porque Balaão esperava que Deus mudasse de opinião. Balaque entendeu, portanto, que a vinda de Balaão indicava sua disposição de amaldiçoar Israel.

### **B . Os Oráculos de Balaão. 22:41 - 24:25.**

Notáveis lingüistas semitas vêem nesta poesia um reflexo da Era de Moisés. A forma da linguagem, o assunto, os termos técnicos e os nomes próprios, tudo tende a sustentar a opinião de que foram



pronunciamentos autênticos de um poeta dos meados do segundo milênio. Balaão chama cada poema de *meisheil*, traduzido para "palavra" em 23:7,18; 24: 3, 15. *Meisheil* não pode ser limitado a parábola ou provérbio; antes, tem um significado tão amplo que se aplica a toda a literatura da "Sabedoria". A poesia hebraica tem como aspecto principal o paralelismo de pensamentos, linhas e estrofes, em forma oposicional, oposicional ou progressiva. Os oráculos de Balaão exibem tudo isto e, ainda mais, têm um sabor arcaico e muitas vezes aramaico, que aponta para a antiguidade e origem (de Aram) do personagem que fala.

William F. Albright, que produziu uma obra definida e erudita sobre estes oráculos, diz: "Nada há no assunto dos poemas que indique uma data no século décimo ou mais tarde para a sua composição" (JBL, Setembro, 1944, pág. 227). Ele observa que o nome de Balaão é característico do segundo milênio A.C. (2000-1000), e que sobreviveu em diversos lugares, os quais todos retrocedem ao século quinze. Então ele declara que Balaão era realmente "um adivinho norte-siro do Vale do Eufrates", que "passou algum tempo na corte moabita . . . convertendo-se ao Jeovismo, abandonando Israel mais tarde para juntar-se aos midianitas na luta contra os jeovitas (Nm. 31:8,16)" (JBL, Setembro, 1944, págs. 232, 233). Um exame adequado dos poemas não seria possível aqui. Por isso oferecemos uma tradução particular, a qual, esperamos, vai esclarecer alguns pontos e ilustrar a estrutura poética.

## Números 23

### Primeiro Oráculo. 23:7-10.

O poema contém um padrão de 1-2-1-2-1 de pares de versos, paralelos, sendo a última, a conclusão que expressa o pensamento nostálgico de que Balaão gostaria de participar da bênção de Israel.

7. Balaque me trouxe de Aram,  
O rei de Moabe das colinas do leste.

'Vá, amaldiçoe-me Jacó,

'Vá, condene Israel'.

8. Como amaldiçoarei se Deus não amaldiçoou?

Como condenarei se Deus não condenou?

9. Do alto das montanhas eu vejo.

Das colinas eu observo.

Eis que um povo vive sozinho,

Entre as nações não está reconhecido.

10. Quem pode contar a poeira de Jacó,

Ou enumerar a nuvem da 'poeira' de Israel?

Que eu morra a morte de um homem justo.

Que o meu fim seja como o seu!"

### **Segundo Oráculo: 23:18-24.**

Balaão encara o Senhor aqui como Aquele que o força a abençoar Israel, porque Ele tem de cumprir a Sua palavra empenhada. O Senhor é a fonte da força do Seu povo; por isso nenhum encanto faria efeito contra ele. Balaão conclui comparando Israel a um leão que espreita, que apanha e devora a sua presa. Na frase, aclamações ao seu rei (v. 21), seguimos a LXX, o Targum de Onkelos e o Pentateuco Samaritano, e traduzimos para majestade real.

#### **Introdução**

18. "Levante-se, ó Balaque, e ouça:

Ouçá o meu testemunho, ó Filho de Zipor.

#### **Estrofe 1**

19. Deus não é um homem, para que possa mentir.

Nem um ser humano, para que se arrependa.

Aquilo que diz, não o faria?

Aquilo que decreta, não o realizada?

20. Eis que eu aprendi a abençoar,

E abençoarei porque não posso fazer outra coisa.

21. A iniquidade não se encontra em Jacó,

Nem a perversidade está evidente em Israel.

## Estrofe 2

- O Senhor seu Deus está com ele,  
E a majestade real o acompanha.
22. Quando Deus o retirava do Egito,  
Ele tinha a força de um boi selvagem.
23. Pois não pode haver encantamento contra Jacó,  
Nem agouro contra Israel.  
Agora se dirá de Jacó,  
E também a respeito de Israel:  
'O que Deus fez!'

## Conclusão

24. Eis um povo que se levanta como a leoa,  
Que se exalta como um leão,  
Que não se deita até que devore a presa,  
E lamba o sangue dos mortos".

**Números 24****Terceiro Oráculo. 24:2-9.**

As duas estrofes principais deste poema fazem um contraste de Israel na paz e na guerra. Entre os povos do Oriente Próximo da antiguidade, esta era a maneira favorita de descrever-se uma nação. Os padrões de guerra e paz das Tumbas Reais de Ur (J. Finegan, *Light From the Ancient Past*, figura 16) exemplificam eficazmente este costume. O poema também exibe simetria nas pares de versos paralelos da abertura e da conclusão, que são as únicas linhas com o pronome "te" em relação a Israel. Embora a parêntese que conclui a primeira estrofe seja declaradamente difícil, este escritor tem certeza de que se refere aos galhos das árvores mencionados nos versos precedentes. Ezequiel 31 usa a mesma figura ("os cedros" são a Assíria) e a mesma raiz *deila*, com referência aos galhos do cedro que crescem junto a muitas águas.

Em Ez. 19 Israel é "uma videira junto a muitas águas" e "um leão devorador". A primeira parêntese da segunda estrofe deste oráculo não se

encontra em nosso texto hebraico, mas vem da LXX. Talvez represente uma família de manuscritos inferiores à LXX que preservaram este versículo, mas perderam a parêntese anterior. Esta parêntese dá uma transição entre as estrofes sobre a guerra e a paz.

#### Estrofe 1

5. Como são agradáveis as tuas tendas, ó Jacó,  
Tuas habitações, ó Israel.
6. Como vales de rios que se estendem,  
Como jardins junto a um rio,  
Como árvores de sândalo que o Senhor plantou,  
Como cedros junto às águas,
7. Com o orvalho pingando dos seus ramos,  
Com suas sementes entre muitas águas.

#### Estrofe 2

8. Pois quando Deus o trazia do Egito,  
Ele tinha a força de um boi selvagem.  
As nações, suas adversárias, ele devorará,  
Seus ossos quebrará em pedaços,  
E com suas flechas as atravessará.
9. Ele rasteja, ele se deita,  
Como um leão, como um leãozinho.  
Quem pode levantá-lo?

#### Conclusão

Bendito quem te abençoar,  
Maldito quem te amaldiçoar".

### **Quarto Oráculo. 24:15, 19.**

Balaão se apresenta (estrofe 1) com as mesmas palavras que usou em 24: 3,4. A tradução das últimas palavras da estrofe introdutória, "que tem olhos verdadeiros", tem o apoio de um texto de magia fenícia que usa uma expressão idiomática semelhante (Albright, JBL, Setembro, 1944). Aqui se prediz o Rei Davi como a estrela de Jacó que viria a destruir ambos, Moabe e Edom. A tradução da última tinha, "o remanescente de Seir", envolve uma ligeira começa do texto, no que o contexto favorece.

## Estrofe 1

15. "Oráculo de Balaão, filho de Beor,  
Oráculo do homem que tem olhos verdadeiros.
16. Oráculo daquele que ouve as palavras de El,  
Aquele que conhece a sabedoria de Eliom.  
Aquele a quem foi revelado o que Shadai vê,  
Aquele que está prostrado mas de olhos abertos.

## Estrofe. 2

17. Eu vejo, mas não agora,  
Eu contemplo, mas não de perto.  
A estrela de Jacó governará,  
O cetro de Israel se levantará,  
E esmagará a fronte de Moabe,  
E arrancará a cabeça dos frios de Sete.
18. E Edom será desapossado.  
Até Seir está desapossado por seus inimigos.
19. Mas Israel fará maravilhas;  
Jacó exercerá o domínio,  
E o remanescente de Seir será destruído".

**Quinto Oráculo. 24:20.**

A destruição dos amalequitas foi um feito particularmente davídico.  
Então ele viu Amaleque . . . e disse,  
"A primeira das nações é Amaleque,  
Mas seu destino final é a eterna destruição".

**Sexto Oráculo. 24:21, 22.**

Conforme Albright destaca (JBL, 1944, Vol. 63, n.º 3, pág. 227), a única ocasião em que os queneus (ferreiros) foram povo autônomo foi durante a Era Mosaica, de modo que o oráculo não pode ter vindo do século décimo, conforme muitos dão a entender. Assur (v. 22) era nome de uma tribo árabe que vivia no mesmo território dos queneus (cons. Gn. 25:3); mas também é o nome dado aos assírios. Estes últimos não tinham contato com os queneus como povo distinto. Trocando-se duas letras na palavra *queimado* (**consumido**), a sentença ficaria assim, "Os quenitas

pertencerão a 'eber ('o hebreu')". Os quenitas foram realmente assimilados pelos israelitas e fizeram parte do Israel do norte (Jz. 4:17; 5:24) quando foram levados ao cativeiro pelos assírios em 722 A.C.. Contudo, W.F. Albright acha que "Assur" é um verbo, "eu olho atentamente"; mas isto faz pouco sentido até mesmo como uma emenda.

Então ele viu o quenita e... disse,  
"Duradoura é a sua habitação;  
Seu ninho está nas rochas.  
Não obstante o quenita será queimado,  
Até que Assur o leve prisioneiro".

### **Sétimo Oráculo. 24 : 23, 24.**

Seguimos Albright parcialmente na tradução desta difícil passagem. Na primeira linha preferimos a palavra aramaica *haya*, "mostrar ou tornar conhecido", a uma raiz árabe semelhante significando "reunir". Albright diz que a passagem se refere à invasão dos povos mediterrâneos que levaram os filisteus das ilhas egéias para a terra de Canaã, em estágios, durante o segundo milênio.

Surge novamente a questão, Assur seria os assírios distantes, ou simplesmente uma tribo árabe relacionada com os midianitas através de Quetura, mulher de Abraão? Esta última situação se encaixaria no quadro se Balaão estivesse falando sobre os primitivos povos marítimos do mundo egeu. O primeiro ponto de vista costuma ser interpretado de várias maneiras: Assur (Síria) dos selêucidas; ou 2) Assur como Pérsia, e "navios de Quitim" como Alexandre, o Grande (cons. I Mac. 1:1).

23. Retomou a sua parábola e disse,  
"Ilhas que são conhecidas no lado do norte,  
24. Até os navios da costa de Quitim,  
Eles afligirão Assur,  
Afligirão até o seu quartel (ou, 'eber, 'o hebreu')  
E ele também perecerá".

---

**Números 25****II. O Sucesso de Balaque em Afastar Israel do Senhor. 25:1-18.**

Números 31:16 mostra que Balaão, que não conseguiu desviar Deus do Seu povo, teve sucesso em desviar alguns dentre o povo de Deus. O Novo Testamento fala de "o caminho de Balaão" (II Pe. 2:15), referindo-se ao seu amor ao "salário da injustiça" (cons. Nm. 22,24), e à "doutrina de Balaão" (Ap. 2:14), referindo-se a este incidente.

**A. O Pecado de Baal-Peor. 25:1,5.**

**2. Convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses.** O sujeito **estas** é feminino, referindo-se às filhas de Moabe, com as quais os homens de Israel fornicaram. Balaque, a conselho de Balaão (Ap. 2:14), usou este método para enfraquecer Israel.

**3. Juntando-se Israel a Baal-Peor.** Possivelmente Baal de Bete-Peor (Dt. 3:29 ; 4:46). No culto a Baal, havia os festivais da primavera que dramatizavam, ao vivo, a cópula de Baal com a deusa da fertilidade. A arqueologia descobriu que os devotos de Baal praticavam a prostituição como parte de sua adoração. Esta prática sórdida foi adotada pelos israelitas. Legislação contra a prostituição masculina e feminina foi dada em Dt. 23:17.

**4. Toma todos os cabeças do povo.** Convoque os anciãos para julgamento. E enforca-os. Isto é, os fornicadores. O verbo está um tanto obscuro. Poderia ser "mata-os".

**B. O Zelo de Finéias. 25:6-18.**

**8. Foi após o homem . . . até ao interior da tenda.** O termo *qubba*, fora do comum, significando "tenda abobadada", indica a alcova onde Finéias apanhou-os no ato (Delitzsch).

**11. Estava animado com o meu zelo.** Literalmente, *zeloso com o meu zelo*. Finéias defendera o ódio zeloso de Deus contra o pecado. Tal

ódio perfeito ao pecado está detrás de todas as "difíceis" pragas e imprecações da Bíblia.

**13. Sacerdócio perpétuo.** Por causa desta aliança de paz (v. 12), os descendentes de Finéias viriam a ser os sumo sacerdotes de Israel (cons. I Sm. 14:3; 22:11, 20). Continuaram assim através de toda a história do Tabernáculo e do Templo.

**14. Casa paterna.** A casa de um pai, conforme usado em 1:2 e outras passagens, significa uma subdivisão de tribo.

**15. Cosbi, filha de Zur.** Este homem foi alistado como um dos cinco reis de Midiã. Aqui ele é chamado de "cabeça de um clã".

**17. Afligireis os midianitas.** Matar a filha de um rei só podia significar guerra. Deus fez Israel se lembrar de que tinha uma justa razão para estar em pé de guerra com Midiã. Os midianitas e os moabitas eram confederados na oposição ao povo escolhido de Deus, ambos estavam implicados na contratação de Balaão (22:4) e neste caso de Peor (v. 18).

### **Terceira Parte. Preparativos para Entrada na Terra. 26:1 – 36:13.**

Deste ponto até o fim de Números 36, o assunto principal está diretamente ligado à entrada de Israel na terra prometida, uma nova convocação de guerreiros (cap. 26), problemas de herança de filhas e a consagração de um sucessor de Moisés (cap. 27), a divisão da terra e orientação para o estabelecimento da terra (caps. 32; 34) e o estabelecimento das cidades levíticas (cap. 35).

## **Números 26**

### **I. Segundo Recenseamento nas Planícies de Moabe. 26:1-65.**

**5. Rúben, o primogênito de Israel.** Este recenseamento, em contraste ao do Sinai, faz uma lista das famílias das diferentes tribos, tendo em vista a herança delas (cons. Gn. 46).



**11. Mas os filhos de Coré não morreram.** Nem toda a família de Coré foi destruída. Provavelmente Coré tinha filhos adultos com suas próprias casas, que não tiveram de participar do julgamento do pai (cons. coment. sobre cap. 16). Alguns dos filhos de Coré ficaram famosos em Israel. O profeta Samuel e o cantor Hemã (I Cr. 6:33-37; cons. Sl. 88, o título).

**51. Seiscentos e um mil setecentos e trinta.** Israel multiplicou-se fenomenalmente no Egito (Êx. 1:20). Por que, então, depois de trinta e oito anos de peregrinação no deserto, a nação permaneceu aproximadamente dentro do mesmo número do Sinai? A resposta jaz nos versículos 64, 65, os quais mostram que apenas três dos 603.550 (Nm. 2:32) ficaram vivos. Além disso, Israel passou por diversas pragas sérias durante este período, a última das quais levou 29.000 vidas.

**53. A estes se repartirá a terra.** Além de informações adicionais para propósitos militares, este recenseamento teve também a intenção de fornecer uma base para a divisão da terra. As tribos maiores herdariam mais terra e as menores, menos, com a distribuição das tribos a ser decidida por meio de sortes (26:54-56; 33:54).

**59. A mulher de Anrão chamava-se Joquebede, filha de Levi . . . teve ela de Anrão a Arão e a Moisés, e a Miriã.** Alguns acham que Anrão e Joquebede eram antepassados, mas não o pai e a mãe de Moisés. Eles dizem que a genealogia de Coate, Anrão e Moisés é curta demais para que houvesse 8.600 coatitas de um mês para cima (3:27, 28) no tempo de Moisés. Contudo, se o pai de Moisés tivesse filhos com outras esposas e seus tios cada um tivesse filhos com diversas esposas, cada um dando início a uma nova geração (tendo Moisés oitenta anos antes de sair do Egito), então 8.600 primos com a idade de Moisés, além de primos segundos e terceiros até aqueles com um mês de idade, não seria um número exorbitante de se aceitar.

---

**Números 27****II. A Lei da Herança. 27:1-11.**

**4. Dá-nos possessão entre os irmãos de nosso pai.** O manassita Zelofeade teve cinco tribos e nenhum filho. Essas filhas fizeram ver que se, como filhas, não podiam herdar a terra, então a herança de seu pai desapareceria. Deus confirmou a Moisés a muito conhecida provisão pela qual as filhas poderiam herdar a terra (Js. 17:3,6). Mas o próximo na linha da herança terá de ser os irmãos paternos do falecido, os tios paternos e, então, o parente mais próximo. Contudo, as filhas tinham liberdade de se casar, e seus filhos continuariam a genealogia de seu pai e herdariam suas terras. Assim Jair foi o herdeiro de Manassés em 32:41 e Dt. 3:14 (cons. também I Cr. 2:34, 35). Semelhante a esta era a lei do casamento em levirato, pelo qual uma viúva sem filhos casava-se com o parente mais próximo de seu marido, para que o seu nome e sua herança não desaparecessem. Ambas estas leis se baseavam no princípio de que a terra que o Senhor dava a uma família, não deveria nunca ser vendida ou passada a outra família (Lv. 25:23).

O costume da propriedade inalienável, sabe-se agora, era praticado há muito tempo antes de Moisés, do que testificam as falsas adoções em Nuzu (C.H. Gordon, *Old Testament Times*, pág. 101). Os hebreus geralmente seguiam a tradição de seus antepassados, através da qual uma herança passava de pai para os filhos (Dt. 25:5-10). Mas no Egito, onde passaram muitos anos, a herança passava através das mães. Sob uma circunstância atenuante, é o que está sendo permitido no texto.

**III. Escolha do Sucessor de Moisés. 27:12-23.**

**12. Sobe este monte Abarim.** Abarim era o nome da serra que confina com o corte geológico que forma o Vale do Jordão e o Mar Salgado (Nm. 33:47,48). Uma parte desta serra, chamada Monte Pisga, tinha um pico chamado Nebo, onde Moisés veio a morrer (Dt. 34:1). Provavelmente a cidade chamada Nebo (Nm. 32:38) deu o seu nome a

esta elevação. Está evidente que em 32:1 a cidade de Jaezer deu o seu nome ao território ao seu redor, e pela mesma razão o povo de Tiro era às vezes chamado de sidônio.

**16. Autor e conservador de toda vida.** Veja observação sobre 16:22.

**17. Que saia adiante deles, e que entre adiante deles.** O hebraico costuma usar antônimos para expressar totalidade. Josué seria o homem que estaria com eles em qualquer situação. **Para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor.** Moisés acabara de ser lembrado que não entraria na terra por causa do Seu pecado junto às "águas de Meribá", em Cades. Mas o espírito de Moisés era como o de Cristo que, sem auto-piedade, embora rejeitado e enfrentando o Calvário, foi tomado de compaixão pela multidão que viu como ovelhas sem pastor (Mt. 9:36).

**18. Toma a Josué. . . homem em quem há o Espírito.** A palavra Espírito não tem artigo no hebraico. Embora a referência primária aqui seja à capacidade de Josué, ele recebeu também capacitação divina. A Bíblia diz que ele "estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés havia posto sobre ele as suas mãos" (Dt. 34:9). **E impõe-lhe a mão.** A imposição de mãos como um símbolo de concessão de autoridade ou transmissão de responsabilidade é antiga prática bíblica. Jacó seguiu este costume quando transmitiu bênçãos aos filhos de José (Gn. 48:14). O povo de Israel transferiu sua responsabilidade impondo as mãos Sobre os levitas (Nm. 8:10), e os levitas transferiram sua própria culpa para os novilhos da expiação impondo-lhes as mãos (8:12). A prática continuou nas sinagogas e foi adotada pelos apóstolos (Atos 6:6; I Tm. 4:14).

**19. Dá-lhe, à vista deles, as tuas ordens.** O hebraico diz *ordena-lhe*. A ordem era para todo o povo, além de Josué (veja Dt. 31).

**20. Põe sobre ele da tua autoridade, para que lhe obedeça toda a congregação.** Esta autoridade Josué precisava a fim de ser respeitado pelo povo como líder.

**21. Apresentar-se-á perante Eleazar. . . o qual por ele constituirá, segundo o juízo do Urim.** A autoridade de Josué não seria igual à de Moisés, cuja comunhão com o Senhor era direta (Núm. 7:89; 12:7, 8). Josué dependeria do uso do Urim e Tumim (Êx. 28:30) por Eleazar, o Sacerdote. Não sabemos, hoje, como o Sacerdote usava este meio de determinar a vontade de Deus.

#### **IV. Terceira Lista Sacerdotal. 28:1 – 29:40.**

Os dois capítulos de Nm. 28 e 29, como Lv. 23, dão o esboço de todo o ritual anual. Mas aqui se trata das quantidades das ofertas, tendo em vista o estabelecimento de Israel na terra. Os meses são numerados, e o ano ainda é dividido pela comemoração de uru festival no começo do sétimo mês (Nm. 29:1). O primitivo calendário religioso hebreu era controlado pelas estações da agricultura, o que se constata do nome Abibe "a primeira cevada amadurecida" (Êx. 13:4) e do Calendário de Gezer, em uma placa israelita do século dez (G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 180,181). Tal dependência das estações solares (Dt. 16:9) evitou que o calendário dos israelitas se afastasse das estações do ano, como o calendário religioso árabe hoje em dia, pois os hebreus inseriam um mês extra quando fosse necessário. Nestes capítulos, os meses (as luas novas) eram indicadas pelo tocar das trombetas de prata, fornecendo um meio prático de cumprir o ano ritual aqui prescrito.

Em sua rústica simplicidade os hebreus evitavam os complicados problemas do calendário egípcio de 365 dias, baseado na observação das estrelas, o qual, embora sofisticado, perdia um quarto de dia e, no devido tempo, alterava completamente o calendário em relação às estações. Por outro lado, os hebreus, ao que parece, tomaram emprestado o sistema egípcio de numerar os meses, enquanto a maior parte dos semitas davam-lhes nomes. Contudo, Israel não o fazia oficialmente, até depois do Exílio, quando adotaram as designações babilônicas.

---

## Números 28

### A. Introdução. 28:1, 2.

#### 2. Minha oferta, do meu manjar para as minhas ofertas queimadas.

O manjar de Deus aqui mencionado não era aquele que os sacerdotes recebiam como sua parte, mas antes o alimento que subia na fumaça das ofertas queimadas. O pensamento é que Deus come e bebe com seus adoradores, o qual, longe de ser uma noção primitiva, foi transportado para o N.T. na ordenança paralela da mesa do Senhor, a Comunhão.

### B. Ofertas Diárias. 28:3-8.

5. Um efa de flor de farinha . . . um him de azeite batido. A farinha era o *solet*, farinha fina, e o azeite era de azei, tonas batidas ou esmagadas, muito caro, embora prescritos no Sinai e repetidos aqui, destinavam-se especificamente para aqueles que iam se estabelecer na terra.

### C. Ofertas Sabáticas. 28:9, 10.

10. Além do holocausto contínuo. As ofertas eram comutativas, a oferta sabática sendo acrescentada à oferta diária, e assim por diante no demais destes dois capítulos.

### D. Ofertas Mensais. 28:11-15.

11. Nos princípios dos vossos meses (luas novas). Uma vez que o ponto destacado são as quantidades das ofertas, a orientação para o tocar das trombetas de prata (cons. 10:10) foi omitida, embora destacada como parte do festival religioso no começo do sétimo mês (29:1). De acordo com 10:10, as trombetas eram regularmente tocadas nas luas novas. O costume foi possivelmente designado com significado civil e também religioso para o povo.

15. Um bode como oferta pelo pecado. Uma oferta pelo pecado era acrescentada para resolver os pecados que não fossem expiados durante aquele mês.

**E. Ofertas Anuais. 28:16 – 29:40.****1) Festa dos Pães Asmos. 28:16-25.**

**16. No primeiro mês, aos catorze dias do mês, é a páscoa.** Nenhuma oferta foi especificada para a Páscoa, porque estas instruções foram dadas para as ofertas pelos sacerdotes. A cerimônia do cordeiro pascal era um negócio familiar (Êx. 12:3-14, 21,22).

**17. Aos quinze dias ... haverá festa.** A Festa dos Pães Asmos (*massot*) devia Ser comemorada desde o dia quinze até o dia vinte e um do primeiro mês (Êx. 12:15-17). Os dias primeiro e sétimo deviam ser sábados, quando não se faria nenhum trabalho "servil" (Nm. 28:18, 25 ).

**24. O manjar da oferta queimada . . . além do holocausto contínuo se oferecerá isto.** Além das ofertas diárias, estas outras festas especiais deviam ser oferecidas diariamente durante a festa.

**2) A Festa das Semanas. 28:26-31.**

**26. Quando trouxerdes oferta nova de manjares (cereais) ao Senhor, segundo a vossa festa de semanas.** Levítico 23:16 fornece a chave para se compreender estas palavras. No dia seguinte aos sete sábados depois da Festa dos Pães Asmos (*Pentecostes*, Gr., "qüinquagésimo dia"), o povo devia oferecer uma oferta de cereais das primícias. Os sacrifícios da festa a serem oferecidos nessa ocasião eram iguais aos oferecidos por ocasião dos pães asmos.

**29. Uma décima, para cada um dos sete cordeiros.** O décimo de uma efa devia ser oferecido junto com cada cordeiro. (Veja a mesma expressão nos vs. 13, 21).

**Números 29****3) A Festa das Trombetas. 29:1-6.**

**1.** No primeiro dia do sétimo mês, tereis santa convocação. A lua nova do sétimo mês era um dia de sacrifícios acumulados, incluindo os sacrifícios diários, os sacrifícios regulares das luas novas, mais aqueles que marcavam o início da segunda metade do ano (cons. Lv. 23:24).

**4) Dia da Expição. 29:7-11.****7. No dia dez deste sétimo mês . . . afligireis as vossas almas.**

Menção especial se faz do arrependimento e auto-exame neste importante dia quando o sacerdote entrava por trás do véu para fazer expiação por si mesmo e por todo o povo (Lv. 16:29, 34; 23:26-32).

**5) A Festa dos Tabernáculos. 29:12-40.**

**12. Aos quinze dias do sétimo mês . . . celebrareis festa.** Esta festa era o clímax do ano religioso. A atenção dada à oferta dos novilhos em cada dia indica a importância da festa. Setenta novilhos ao todo eram oferecidos, começando com treze no primeiro dia, doze no segundo, e assim por diante, até os sete novilhos do sétimo dia. Seguia-Se, então, um oitavo dia Sabatino de ofertas. Tudo isto era feito além das ofertas regulares diárias. Como no caso do tocar de trombetas mensal (10:10), presume-se aqui que tais detalhes como o habitar em cabanas já eram conhecidos (Lv. 23:40-44). Os sacrifícios animais eram multiplicados nesta época porque era uma "festa" (*hag*); não um "jejum". Com exceção da Páscoa e do Dia da Expição, quando havia aflição de almas, o povo festejava em seus dias especiais. Embora algumas ofertas pelos pecados Sempre fossem prescritas, a maior parte destas ofertas eram ofertas de consagração e ação de graças

**39. Além dos vossos votos, e das vossas ofertas voluntárias.**

Além da apresentação das ofertas prescritas, o povo sentia-se sempre encorajado a tomar votos de consagração (Nm. 6) e a fazer ofertas voluntárias em gratidão a Deus por causa de Sua provisão generosa.

**Números 30****V. A Validade dos Votos das Mulheres. 30:1-16.**

Cada civilização arquiteta maneiras de tornar constrangentes os propósitos humanos. Nas questões civis, o mundo bíblico usou tanto o documento assinado como o juramento oral. Nas questões religiosas o

povo fazia votos. A intenção não enunciada, tomava-se constrangente se enunciada em palavras. As leis que regulam os votos estão expostas em Dt. 23; Lv. 27 e Nm. 6; mas aqui se dá ênfase especial sobre a validade do voto de uma mulher. O Senhor orientava que o pai ou o marido de uma mulher podia invalidar seus votos, se sentisse que ela não podia arcar com aquela responsabilidade. Ele podia sustentar o voto dela com o silêncio ou torná-lo inválido através do seu veto. O pai tinha autoridade absoluta sobre uma iria solteira em tais assuntos, e um marido sobre a esposa. As mulheres em geral não eram instruídas quanto aos detalhes das cerimônias religiosas e portanto podiam fazer votos precipitados (veja obs. sobre 6) ou votos que prejudicassem a sua família. Uma esposa desleal podia fazer de propósito um voto ou juramento que prejudicasse o seu marido. Por isso a capacidade legal dele invalidar o voto da esposa, protegia suas propriedades, uma vez que o voto podia incluir o pagamento de uma grande soma em dinheiro. Se o voto fosse do tipo que impusesse uma aflição ou proibição à esposa, o marido tinha a liberdade de validar o voto e partilhar do fardo, ou de vetá-lo.

**5. Mas se o pai ... o desaprovar.** Um dos verbos usados para expressar a invalidação do voto da mulher é *heni'*, "impedir, restringir, ou frustrar". A raiz, embora rara, foi grandemente usada em Números e aparece em 14:34 (veja observação), onde somos informados que, durante quarenta anos, Deus frustrou, ou impediu que Israel entrasse na terra prometida. A mesma raiz também foi usada para descrever o que os espiões fizeram, isto é, "desencorajaram o coração dos filhos de Israel" (32:7, 9). Aqui em Números 30, faz-se provisão para que uma filha seja perdoada, se for impedida pelo pai de cumprir o seu voto; e para o marido de "frustrar" a intenção de sua esposa para o bem de sua casa.

**6. Dito irrefletido dos seus lábios.** A força desta cláusula está no "dito irrefletido dos seus lábios". Foi assim irrefletidamente que Moisés falou junto às águas de Meribá (Sl. 106:32, 33).

**15. Porém se lhos anular. . . responderá pela obrigação dela.** Deixar de cumprir um voto era pecado. Se um marido invalidava o voto



de sua esposa, tinha de responder pela iniquidade dela. Isto é, devia cumprir todo o cerimonial e exigências legais como se o pecado fosse dele próprio.

## Números 31

### VI. Guerra contra Midiã. 31:1-54.

O Senhor ordenou a destruição dos midianitas porque constituíam o povo desprezível e responsável pela orgia de Baal-Peor (cap. 25). (Para tomar conhecimento da degradação dos cultos cananitas, veja G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 111-119.) Quando os guerreiros hebreus retornaram da batalha, com as mulheres e crianças midianitas cativas, Moisés fê-los lembrar que essas mulheres eram as mesmas de Baal-Peor, que eram moralmente baixas e que por isso deviam morrer. Pode parecer um julgamento cruel, mas era dos males o menor. A alternativa era deixar que as midianitas vivessem e corrompessem Israel, o que seria transigir com o sofrimento humano e desonrar a Deus. As crianças midianitas do sexo masculino também foram mortas, pois se fossem criadas entre os filhos de Israel, teriam destruído a herança deles. As únicas que ficaram com vida foram as moças virgens, as quais poderiam ser assimiladas por Israel. Tempos depois o mesmo princípio foi aplicado naqueles casos em que mulheres não israelitas (mas nunca homens) tornavam-se parte da linhagem messiânica (Raabe e Rute por exemplo).

Nada se diz da luta com Madiã, o que indica que o propósito central deste longo capítulo foi estabelecer a lei relativa aos despojos e prisioneiros de guerra. Caso contrário a derrota de Midiã poderia ter sido mencionada em alguns poucos versículos (cons. o tratamento dado às vitórias sobre Arade, Siom e Ogue; Nm. 21). Esta lei especificava que todo o despojo tinha de Ser purificado, ou pelo fogo ou com "a água da purificação" (31:23; 19:9). Metade dos despojos (de cativos e animais) era dos homens de guerra, e a outra metade para aqueles que ficavam no

acampamento. Então, da metade que pertencia aos soldados, uma parte em quinhentos devia ser dado aos Sacerdotes como oferta ao Senhor. Da metade que pertencia ao restante da congregação, uma parte em cinquenta devia ser dado aos levitas. Depois da derrota de Midiã, os soldados fizeram oferta especial do ouro e das jóias que tomaram. Isto eles entregaram ao santuário "para fazer expiação" pelas suas "almas",

### **A. Destruição de Midiã. 31:1-18.**

**3. A vingança do Senhor contra eles.** *Vingar* é "punir justa ou merecidamente aquele que errou" (Webster). O Senhor convocou Israel para proporcionar tal castigo a Midiã. Este mandamento, contudo, não é justificativa para qualquer uma das guerras santas da era cristã, pelo simples motivo de que nesta era não houve um Moisés que recebesse por meio de revelação a informação de quando e onde o Deus soberano queria se fazer vingado.

**6. Finéias . . . o qual levava consigo os utensílios sagrados. . . as trombetas.** Este uso do Urim e das trombetas pelos sacerdotes na batalha (27:21; 1 Sm. 28: 6), os nomes singulares dos cinco reis de Midiã (Nm. 31:8; Jz. 21:12), e a aceitação das virgens midianitas por esposas, todos são detalhes que se opõem à opinião defendida por alguns de que o capítulo é um Midrash posterior e portanto de pouco valor histórico (ICC, pág. 418).

**17. Matai de entre as crianças todas do sexo masculino.** O Senhor, e não Moisés, foi o responsável por esta matança. Deus não disse que era Aquele que visita "a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem"? (Êx. 20:5). Se nos recusamos a reconhecer a prerrogativa de um Soberano justo de julgar o pecado, nós o reduzimos a algo menor que um homem pecador.

### **B. Purificação dos Guerreiros. 31:19-24.**

**23. Tudo o que pode suportar o fogo.** Nesta provisão o Senhor diferenciou entre aquelas coisas que podiam Ser purificadas pelo fogo

(metais) e aquelas que não podiam (gente e artigos de madeira). Tudo aquilo que não podia, inclusive os guerreiros e seus prisioneiros, tinham de ser purificados com "a água da purificação" feita com as cinzas de uma novilha vermelha de acordo com a lei do capítulo 19.

### **C. Dividindo os Despojos da Guerra. 31:25-54.**

**30. De cada cinquenta um . . . e os darás aos levitas.** Da metade que pertencia aos guerreiros, uma parte em quinhentos, devia ser dado aos Sacerdotes como oferta ao Senhor (v. 28). Aqui, uma parte de cada cinquenta da porção do povo foi destinado aos levitas. Múltiplos de cinco, ao que parece, prevaleciam para prosélitos do fisco no mundo semita. José criou uma lei no Egito que estipulava um imposto de um quinto dos seus produtos (Gn. 47 : 26).

**32. Seiscentas e setenta e cinco mil ovelhas.** Diz-se que estes números são elevados demais para serem autênticos. O recenseamento no capítulo 1 e aquele do 26 apresentou um resultado de mais de 600.000 homens de guerra no exército de Israel. Compare com o recenseamento de Davi com 800.000 homens de guerra em Israel e 500.000 em Judá (II Sm. 24:9). Não é lógico que os críticos aceitem o recenseamento de Davi, mas duvidem das cifras de Moisés. A civilização egípcia por trás de Moisés era muito mais sofisticada que aquela que sustentava Davi. Não há maneira de se provar que as cifras de Moisés não são corretas.

## **Números 32**

### **VII. Estabelecimento de Duas Tribos e Meia na Transjordânia. (32:1-42)**

Rúben e Gade, que tinham muito gado, vendo que as terras de Jazer e Gileade eram boas para pastagens, pediram a Moisés para ficar morando ali. Moisés temia que o estabelecimento das duas tribos a leste do Jordão pudesse abalar a moral do povo, como os "maus relatórios"

dos espiões há trinta e sete anos antes. Ele os lembrou dos trágicos resultados da incredulidade de seus pais em Cades. Se agora eles por sua vez, disse Moisés, fugissem de enfrentar o inimigo, poderiam desencadear resultados semelhantes e a nação seria destruída. Rúben e Gade aceitaram o conselho e de boa vontade ofereceram-se para lutar com seus irmãos até que todos estivessem em suas herdades, retomando depois para seus lares. Moisés concordou com isto, com uma advertência final de que fazer menos que isso seria pecado. E acrescentou: "Sabei que o vosso pecado vos há de achar" (v. 23). As duas tribos prometeram fazer conforme Moisés ordenara (v. 25). E assim Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés receberam inúmeras cidades na Transjordânia. Reconstruíram as cidades, deram-lhes novos nomes e providenciaram abrigos para o seu gado.

#### **A. A Resposta de Moisés ao Pedido de Gade e Rúben. 32:1, 33.**

**1. Gado em muitíssima quantidade.** Grande parte deste gado foi adquirido por meio das conquistas (cap. 31) Contudo, Israel já tinha algum gado no deserto, que não era de todo estéril (cons. 20:19). **A terra de Jazer, e a terra de Gileade.** Jazer estava na fronteira do território amonita (veja v. 32; cons. LXX, Nm. 21 : 24). A Transjordânia foi dividida em duas partes, norte e sul do rio Jaboque (JS. 12: 2).

**4. A terra que o Senhor feriu.** A terra foi descrita não pelas fronteiras incertas, mas pelas cidades fortificadas (v.3) que controlavam certas áreas. A figura do Senhor ferindo a terra faz-nos lembrar que figuras semelhantes no Livro das Guerras do Senhor (21:14), as quais, como os grandes poemas épicos, Êx. 15, Sl. 68 e Hc. 3, que descrevem o Senhor na pessoa de um guerreiro heróico que funda ou salva uma nação. A mesma figura domina a literatura apocalíptica da Bíblia, a qual descreve o Senhor levando a nação ao seu destino final (cons. Is. 9:6 – *'El gibbor*, "o poderoso herói ").

**7. Por que, pois, desanimais o coração dos filhos de Israel.** Moisés temia que a sua proposta pudesse dar início a uma onda de

complacência entre as outras tribos, que já tinham enfrentado os perigos de um inimigo desconhecido. Se alguns poucos descansassem sobre os lauréis de vitórias passadas, todos os demais não desejariam o mesmo? Como um líder enfrentando um problema de moral, Moisés estava justificado no severo tratamento que dispensou às duas tribos. A escolha que Moisés fez do verbo, lembrou-os da repreensão de Deus em 14:34 (cons. comentário); e suas palavras destacaram aquele incidente para que não tornassem a fracassar totalmente diante do Senhor (32:11.13). A separação geográfica dessas tribos além do Jordão, veio a produzir nelas uma indiferença para com o bem-estar da nação, a ponto de Débora, em seu cântico, chegar a desprezá-los (Jz. 5:16, 17). O tempo comprovou que os temores de Moisés tinham fundamentos.

27. Cada um ornado para guerra. A raiz *heilas*, "cingir-se para a batalha", foi usado em 32:17, 20, 21, 27, 30, e em 31:3. O cinturão do herói, *heilisa*, com o qual ele se cingia, era equipamento padrão para cada guerreiro. Veja II Sm. 2:21 (armadura) e Jz. 14:19 (despojou-os), que indica que arrancar este cinturão de um inimigo simbolizava vitória sobre ele. Os cinturões dos soldados eram peças do seu equipamento tão comumente aceitas na antiga arte semita, egípcia e grega, que não só os heróis humanos, mas também os divinos são retratados com eles. De acordo com esse costume, o MesSias usa "o cinto da justiça" e "o cinto da fidelidade" (Is. 11:5). (Veja C.H. Gordon, "Belt Wrestling in the Bible Word", *Hebrew Union College Annual*, Vol. XXIII, pág. 131).

**30. Porém se não passarem, armados, convosco, terão possessões entre vós na terra de Canaã.** A fim de assegurar suas possessões na Transjordânia, tinham de ser armados para a guerra na presença de Deus quando Israel atravessasse o Jordão, comprovando assim que ciam na promessa de Deus referente à terra e que estavam prontos a confiar nele pela vitória final, as tribos que escolheram viver ao leste do Jordão ajudaram na conquista de Canaã, retornando depois às suas herdades.

**B. Cidades Reconstruídas por Rúben e Gade. 32:34-38.**

**34-36. Os filhos de Gade edificaram . . . cidades fortificadas; e currais de ovelhas.** Isto é, reconstruíram em cima das ruínas ou simplesmente ampliaram as cidades capturadas. Muitas dessas cidades foram citadas na famosa inscrição do Rei Mesha de Moabe, que data de 835 A.C., onde o rei de Moabe diz que "os homens de Gade habitaram na terra de Atarote", etc. Os currais eram grosseiros e cercados de pedra, iguais aos que continuam sendo usados até o dia de hoje naquela região (cons. 10:1-18).

**38. Nebo, e Baal-Meom, mudando-lhes o nome.** Nebo pode ter recebido o seu nome de alguma divindade babilônica, enquanto Baal era um deus popular do panteão cananita. Os israelitas reagiram contra a concessão de reconhecimento aos deuses pagãos em seus lugares de habitação. Escribas de épocas posteriores costumavam mudar as denominações que continham o nome de alguma divindade pagã (por exemplo, em I Cr. 8:33,34, dois dos filhos de Saul são chamados de Esbaal e Meribe-Baal; em II Sm. 4:4, 8 eles são Isbosete e Mefibosete).

**C. Gileade tomada pelos manassitas. 32:39-42.**

**41. E tomou as suas aldeias; e chamou-lhes Havote-Jair.** O termo *havyot*, traduzido para aldeias, significa "aldeias de tendas"; mas isto apenas comprova que eram isso mesmo, pois Jz. 10:4 diz que eram trinta e as chama de "cidades". Embora não fossem mais "cidades de tendas", também não eram fortalezas, como Quenate, mencionada no versículo seguinte, onde o texto fala de Quenate com as suas aldeias. O povo que trabalhava nos campos, embora morasse em cabanas, podia encontrar refúgio por trás dos muros da cidade-mãe, quando houvesse alguma invasão.

**Números 33****VIII. A Rota do Egito até o Jordão. 33:1-49.**

Números 33 dá o itinerário das viagens de Israel desde o dia em que saiu do Egito até a sua chegada às margens do Jordão, quarenta anos depois. No versículo 2 o escritor afirma que Moisés escreveu estes fatos de acordo com a ordem do Senhor. Aqueles que declaram que o capítulo é um composto de diversos documentos carecem de provas, pois não há evidências de que uma autoria fraudulenta tenha desempenhado algum papel nos escritos hebraicos pré-helenistas.

Nada se sabe da parte da viagem descrita nos versículos 18-30. Esta passagem descreve a rota durante os silenciosos trinta e sete anos após a derrota em Hormá (14:15). O capítulo não menciona Cades quando os espias foram despachados (v. 18). O motivo pode ser o fato de Cades designar uma área como também uma cidade no Deserto de Parã-Sim e de Ritmá ter sido um oásis menor na região de Cades. O acampamento cobria uma região extensa que poderia ter incluído ambas as cidades (cons. v. 49). Wadi Abu Retemat (cons. Ritmá) fica perto de 'Ain Qadeis, a qual os modernos arqueólogos estão convencidos de que ficava perto de Cades-Barnéia (KD, Vol. III, pág. 243).

**8. Deserto de Etã.** Chamada Sur em Êx. 15:22, Era uma rota antiga usada pelos patriarcas (Gn. 16:7; 20:1; 24:62; 25:18 ; 26:22).

**13. Dofca . . . Alus.** Atualmente Dofca foi identificada como Serabit el-Kadim, um centro mineiro egípcio (G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, pág, 64). Todos os lugares mencionados nos versículos 5.12 se encontram na narrativa do Êxodo, exceto Dofca e Nus.

**15. Refidim.** Identificada pelos arqueólogos como Wadi Refaid, perto do Monte Sinai.

**31. Moserote.** Este é o lugar onde Arão morreu, de acordo com Dt. 10:6, 7. Ficava perto ou sobre o Monte Hor. Em Dt. 10:6, 7 estas cidades estão em ordem diferente, o que dá a idéia deste versículo (31) estar falando de viagens anteriores nesta região, enquanto que os versículos 37-39 coincidem com Dt. 10:6, 7; Nm. 20:22-29.

**36. Ezium-Geber** (Elate). Este é Tel el-Keleifé no litoral norte do Golfo de Ácaba, onde se descobriram as refinarias de cobre de Salomão.

**42. Punom.** Finam, ao norte de Edom, mencionada em fontes bizantinas, também era um centro mineiro de cobre (veja G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, Figura 35).

**43. Obote.** Identificada como 'Ain-el-Weiba, a oeste de Arabá, cerca de 48 kms ao sul do Mar Salgado.

**46. Dibom-Gade.** Dibam, alguns quilômetros ao norte de Amom. A tribo de Gade herdou-as dos amorreus, que a tomaram dos moabitas (21:27-30). Mais tarde veio a ser a capital de Moabe, de acordo com a inscrição de Mesha (835 A-C.).

**49. Desde Bete-Jesimote até Abel-Sitim.** A extensão do acampamento de Israel, conforme se deduz do versículo, encaixa-se bem dentro dos grandes números apresentados pelas listas do recenseamento.

## **IX. Orientação para o Estabelecimento em Canaã. 33:50 – 35:34.**

### **A. Expulsão dos Habitantes, Estabelecimento das Fronteiras, Divisão da Terra. 33:50 - 34:29.**

A seção abre com uma fórmula introdutória (33:50), que se repete em 35:1: "Disse mais o Senhor a Moisés nas campina de Moabe, junto ao Jordão na altura de Jericó". Moisés instruiu Israel a que se destruísse todos os ídolos de pedra, imagens fundidas e os lugares altos do culto pagão encontrados em Canaã. Deviam expulsar os habitantes pagãos, pois se o deixassem de fazer, essa gente se transformaria em espinhos na carne e acabaria destruindo o próprio Israel.

O capítulo 34 é uma descrição das fronteiras ideais da futura terra natal. Israel não alcançou essas fronteiras até os reinados de Davi e Salomão. Mesmo então obtiveram parte delas por meio de traição e não pela conquista. Finalmente ia-se dividir a terra segundo a herança, disse Deus, sob a supervisão de Josué e Eleazar, o sacerdote, com a ajuda de um príncipe de cada tribo.



**33:52. Desapossareis de diante de vós todos os moradores.** *Destruireis todas as suas pedras com figura.* (Veja W.F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, Figura, 27, sobre as placas de Astarte nos fins da Idade do Bronze).

**54. Herdareis a terra por sortes, segundo as vossas famílias.** O tamanho da herança era determinada pelo tamanho da tribo, mas a posição era determinada pela sorte.

## Números 34

**34:3. A banda do sul vos será desde o deserto de Zim até aos limites de Edom.** Esta descrição geral, especificada nos dois versículos seguintes, é prova de que o domínio de Edom incluía território considerável a oeste de Arabá.

**4. A subida de Acrabim** (Desfiladeiro do Escorpião). Entre esta íngreme subida partindo do Arabá até Cades-Barnéia fica o irregular território montanhoso chamado Deserto de Zim. Por ele passava a fronteira do sul e então se desviava para o noroeste perto de Cades ('Ain Qadeis) seguindo o Wadi al'arish, ribeiro do Egito (v. 5), até o Mediterrâneo.

**7. Este vos será o limite do norte: desde o Mar Grande marcareis ao monte Hor.** Com exceção de lugares tão importantes como Hamate, o mar de Quinerete (Galiléia), e o Jordão, a maior parte dos pontos nas fronteiras do norte e leste não podem ser identificados com certeza (cons. comentário sobre 20:23).

**15. Deste lado do Jordão, na altura de Jericó, da banda do oriente.** Comentários de críticos destrutivos sobre estas palavras fornecem exemplo excelente de como a interpretação de Números tem sido obscurecida por causa de um método negativo. O ICC declara que "na altura de Jericó" é uma expressão inadequada para descrever a linha da fronteira das duas e meia tribos e que a frase foi escrita mecanicamente. De acordo com este ponto de vista, o IB declara que Jericó aqui está descrita como se ficasse ao leste, e portanto a sentença foi escrita em

Canaã, e que a menção de Jericó não é exatamente uma descrição completa do território pedido por essas tribos. Em um certo número de passagens (22:1; 26:3, 63; 34:15; 36:13) a frase usada foi *Yarden Yereho*, "O Jordão de Jericó". Números 34:15 e Is. 20:8 dizem: "a leste do Jordão de Jericó", e então se file refere como o todo da Transjordânia. O fato é que a palavra "Jordão" vem da palavra leste-mediterrânea introduzida por Caftorim e outro povo egeu (Dt. 2:23), e significa "o Rio" em sua terra natal, a Creta (C.H. Gordon, *Old Testament Times*, pág. 109, coment.). Portanto, todas estas passagens se referem ao "Rio (Jordão) de Jericó" e a toda a terra que lhe fica ao leste. O artigo definido foi usado quando a palavra Jordão está sozinha, mostrando que era um substantivo comum, não próprio. Ele é "O rio" daquela terra, e Jericó era a fortaleza mais impressionante daquele vale, portanto, "O Rio de Jericó".

### **17. São estes os nomes dos homens que vos repartirão a terra.**

Estes príncipes foram mencionados aproximadamente na ordem da colocação das tribos na terra, começando com Judá no sul até Naftali ao norte. Isto parece indicar que as sortes para a posição (33: 54) já foram lançadas e que estes versículos não fizeram parte do texto até que se desenrolassem os acontecimentos de Js. 14:1-5 (o lançar das sortes).

## **Números 35**

### **B. Cidades dos Levitas e Cidades de Refúgio. 35:1-34.**

Deus orientou o povo a dar aos levitas, da parte de Sua possessão, cidades para habitarem e as pastagens à volta delas. Seis dessas cidades seriam "cidades de refúgio" para os homicidas involuntários (não culposos). Quarenta e duas outras cidades dos levitas com pastagens deviam ser providenciadas para que os levitas as habitassem. O homicida involuntário (Dt. 19) foi definido como aquele que mata por acidente e deve ser protegido do *go'el*, "o parente remidor", o qual, entre outras coisas, era o vingador do sangue do irmão assassinado. A proteção do homicida involuntário era um princípio moral sublime que assegurava a

administração da justiça. O homicida devia fugir para uma destas cidades e ficar lá até que pudesse comparecer diante da congregação para julgamento. O Senhor aqui declarou que o homem que mata outro deve morrer, e, de acordo com o costume prevalecente, o vingador do sangue (parente do morto) devia matar o assassino. Este princípio da vingança, que continua sendo praticado pelos beduínos no Oriente Próximo, está apoiado neste capítulo. Age como um impedimento nas comunidades onde não há nenhuma ou pouca autoridade central estabelecida. Tal seria o caso em Israel durante muitos anos, até que se levantasse a Monarquia Unida. Mesmo se um homem fosse declarado judicialmente homicida involuntário, disse o Senhor, devia morar na cidade de refúgio até a morte do sumo sacerdote, depois do que podia retornar à sua própria cidade. O Senhor teve o cuidado de destacar que o homicida premeditado é culpado de **ódio e mau intento** (v. 20). Proteção subsequente para assegurar a justiça exigia que um homem não fosse condenado à morte só pelo testemunho de uma única pessoa (v. 30).

**5. Medireis.** Alguns acham que as medidas dados neste versículo transformam a cidade em um simples ponto (IB, Vol. 2, pág. 303). Atenção acurada ao texto hebraico mostra o seguinte. O versículo 4 diz, "desde o muro da cidade e para fora, serão de mil côvados". Uma tradução mais literal do versículo 5 seria, "Medireis do lado de fora com referência à cidade, do lado leste dois mil côvados" "Com referência à cidade" pode muito bem significar que estas medidas perimetrais eram adicionais às medidas da cidade, e qualquer cidade que fosse medida.

**31. Não aceiteis resgate pela vida do homicida.** Isto é, nenhum preço de resgate podia ser tomado para salvar a sua vida, nem podia o homicida casual pagar resgate para sair da cidade de refúgio. Considerando que o derramamento de sangue humano poluía cerimonialmente a terra na qual o Senhor habitava, nenhuma oferta de sacrifício animal ou pagamento em espécie podia purificar a terra, mas apenas o sangue daquele que derramara o sangue. Isto explica o conceito

do V.T. dos crimes de sangue (Sl. 51:4,14) como um abuso à pureza de Deus.

## **Números 36**

### **X. Casamento das Herdeiras. 36:1-13.**

Anciãos da tribo de Manassés queixaram-se de que a legislação dada em relação às filhas de Zelofeade (cap. 27) resultaria na perda da porção herdada por Zelofeade, se as suas filhas se casassem fora de sua tribo. Moisés, sob autorização divina, concordou com isto e exigiu que as filhas de Zelofeade se casassem dentro de sua tribo, a de Manassés. A propriedade era inalienável e não podia ser transferida nem mesmo de tribo para tribo (v. 7).

O princípio da propriedade inalienável Israel já defendia, tal como outros povos do Oriente Próximo, antes de emergir como nação. Os contratos imobiliários de Nuzu, uma cidade do século quinze, ao norte da Mesopotâmia, centralizam-se neste princípio (cons. coment. sobre 27:4). Ele continuou controlando o pensamento dos israelitas fiéis até os dias de Acabe e Nabote (I Reis 21:3). Assim estas mulheres tiveram de se casar com primos paternos (Nm. 36:11), que poderiam ter sido seus segundos ou terceiros primos.

**13. São estes os mandamentos. . . nas campinas de Moabe.** Este versículo forma um epílogo adequado à Terceira Parte (caps. 26-36), a legislação que chamava a atenção exclusivamente para a entrada de Israel na Terra Prometida.

# DEUTERONÔMIO

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 10	Capítulo 19	Capítulo 28
Capítulo 2	Capítulo 11	Capítulo 20	Capítulo 29
Capítulo 3	Capítulo 12	Capítulo 21	Capítulo 30
Capítulo 4	Capítulo 13	Capítulo 22	Capítulo 31
Capítulo 5	Capítulo 14	Capítulo 23	Capítulo 32
Capítulo 6	Capítulo 15	Capítulo 24	Capítulo 33
Capítulo 7	Capítulo 16	Capítulo 25	Capítulo 34
Capítulo 8	Capítulo 17	Capítulo 26	
Capítulo 9	Capítulo 18	Capítulo 27	

## INTRODUÇÃO

**Título.** O título em português do livro de Deuteronômio parece basear-se na tradução errada que a LXX faz da frase, "um traslado desta lei" (17: 18), *deuteronomion touto*, "esta segunda lei". O título judeu, *deveirim*, "palavras", vem do costume de usar as palavras introdutórias do livro por título. Deuteronômio começa com a declaração, "São estas as palavras que Moisés falou" (1:1a). Considerando que os antigos tratados de suserania começavam exatamente assim, o título judeu chama a atenção para uma das pistas que identificam o caráter literário deste livro.

**Data e Autoria.** A origem de Deuteronômio é de significado crucial nos estudos que a alta crítica moderna faz do Pentateuco e, também, nos estudos da literatura e teologia do Velho Testamento em geral. De acordo com a antiga Hipótese Evolucionária, o Deuteronômio originou-se no Sétimo Século A.C. e foi a base da reforma de Josias (cons. II Reis 22:3 - 23: 25), presumivelmente nos interesses de um culto centralizado (cons. comentário sobre Dt. 12:4-14). Esta opinião continua entre os críticos negativos assumindo formas modificadas; mas há quem sugira uma data

pós-exílica, e outros ainda remontam a origem da legislação deuteronômica à primeira monarquia e até ao período pré-monárquico. Significativo para a estipulação da data em diversos documentos alegados ao Pentateuco é a tendência de explicar-se o suposto conflito de seus preceitos, não recorrendo a uma longa evolução cronológica, mas estipulando-lhes diferentes fontes geográficas e culturais. Deuteronômio, particularmente, então, remonta a sua origem a um santuário siquemita. Em vez de associar Deuteronômio com os quatro primeiros livros do Pentateuco, a maneira moderna de encarar o assunto pensa em termos de um Tetrateuco e de uma tradição deuteronômica literário-histórica compreendendo todos os livros desde Deuteronômio até II Reis.

A cultura cristã ortodoxa moderna alia-se à tradição cristã e judia mais antiga, que aceita as diretas reivindicações do próprio Deuteronômio de constituir os exórdios cerimoniais e derradeiros de Moisés à assembléia israelita nas planícies de Moabe. Deut. 31:9 e 24 declaram que Moisés escreveu e também falou "esta lei". Algum oficial teocrático, com toda probabilidade, completou o documento registrando a morte de Moisés (cap. 34) e provavelmente o cântico do testemunho de Moisés (cap. 32) e o seu testemunho (cap. 33). Possivelmente ele também acrescentou certos outros elementos resumidos ao esboço deste documento legal.

A unidade e autenticidade do Deuteronômio como produto mosaico confirma-se através da notável identidade de sua estrutura com as do tipo suserânico de aliança ou tratados em sua forma clássica dos meados do segundo milênio A.C. (Veja notas abaixo e consulte Comentário para detalhes. Veja também M.G. Kline, "Dynastic Covenant", WTJ, XXIII (Nov. 1960), 1, págs. 1-15).

**Ocasão Histórica.** Apenas dentro da estrutura da administração da aliança redentora de Deus é que o Deuteronômio pode ser adequadamente interpretado. As promessas concedidas aos patriarcas, final e inteiramente realizadas em Cristo, tiveram um cumprimento provisional e típico nas alianças em que Moisés serviu de mediador para Israel. Na Aliança do Sinai estabeleceu-se a teocracia, com Moisés no papel de

representante terreno da realeza do Senhor sobre Israel. Então, depois que a rebelde geração do êxodo pereceu no deserto e a morte do próprio Moisés era iminente, foi necessário renovar a aliança com a segunda geração. O ato central, decisivo da cerimônia foi a consagração do povo-servo por meio de um juramento ao seu divino Senhor. Particularmente, o reino de Deus simbolicamente representado na dinastia terrena e mediadora, tinha de ser confirmado levando Israel a declarar que obedeceria Josué na qualidade de sucessor de Moisés nesta dinastia.

Parte do procedimento padrão seguido no Oriente Próximo da antiguidade, quando os grandes reis faziam alianças com os povos vassalos, era a preparação de um texto da cerimônia, incluindo o tratado e a testemunha. O livro de Deuteronômio é o documento preparado por Moisés na qualidade de testemunha na aliança dinástica que o Senhor fez com Israel nas planícies de Moabe (cons. 31:26).

## **ESBOÇO**

I. Preâmbulo: Mediador da aliança. 1:1-5.

II. Prólogo histórico: História da Aliança. 1:6 – 4:49.

A. De Horebe a Hormá. 1:6 – 2:1.

B. Avançando para o Arnom. 2:2-23.

C. Conquista da Transjordânia. 2:24 – 3:29.

D. Resumo da Aliança. 4:1-49.

III. Estipulações: A vida segundo a aliança. 5:1 – 26:19.

A. O Grande Mandamento. 5:1 – 11:32.

1. O senhorio da aliança divina. 5:1-33.

2. O princípio da consagração. 6:1-25.

3. O programa da conquista. 7:1-26.

4. A lei do maná. 8:1-20.

5. A advertência das tábuas quebradas. 9:1 – 10:11.

6. Um chamado à submissão. 10:12 – 11:32.

B. Mandamentos subsidiários. 12:1 – 26:19.

1. Consagração culto-cerimonial. 12:1 - 16:17.

- 
- a. Fidelidade ao altar de Deus. 12:1-32.
  - b. Resistência à apostasia. 13:1-18.
  - c. Obrigações filiais. 14:1 - 15:23.
  - d. Peregrinações tributárias. 16:1-17.
2. Justiça judiciário-governamental. 16:18 – 21:23.
- a. Juízos e o altar de Deus. 16:18 – 17:13.
  - b. Reis e a aliança de Deus. 17:14-20.
  - c. Sacerdotes e profetas. 18:1-22.
  - d. Garantias de justiça. 19:1-21.
  - e. Julgamento das nações. 20:1-20.
  - f. Autoridade do santuário e do lar. 21:1-23.
3. Santidade da ordem divina. 22:1 – 25:19.
- a. As ordenanças do trabalho e do casamento. 22:1-30.
  - b. A congregação do Senhor. 23:1-18.
  - c. Proteção aos fracos. 23:19 – 24:22.
  - d. Santidade individual. 25:1-19.
4. Confissão de Deus como Rei-Redentor. 26:1-19.
- IV. Sanções: Ratificação da aliança. 27:1 – 30:20.
- A. Cerimônia da ratificação em Canaã. 27:1-26.
  - B. Proclamação das sanções. 28:1-68.
    - 1. Bênçãos. 28:1-14.
    - 2. Maldições. 28:15-68.
  - C. Convocação para o juramento da aliança. 29:1-29.
  - D. Restauração Final. 30:1-10.
  - E. Decisão Radical. 30:11-20.
- V. Disposição dinástica: Continuidade da aliança. 31:1 – 34:12.
- A. Arranjos finais. 31:1-29.
  - B. O Cântico do Testemunho. 31:30 – 32:47.
  - C. O Testamento de Moisés. 32:48 – 33:29.
  - D. Sucessão dinástica. 34:1-12.



---

COMENTÁRIO

---

**Deuteronômio 1****I. Preâmbulo: Mediador da Aliança. 1:1-5.**

Os antigos tratados de suserania começavam com um preâmbulo no qual aquele que falava, aquele que declarava o seu senhorio, exigindo a fidelidade dos vassalos, identificava-se. O preâmbulo deuteronômico identifica aquele que fala como sendo Moisés (v. 1a), mas como o representante terreno e mediatorial do Senhor (v. 3b), o Suserano celestial e Soberano máximo desta aliança.

**São estas as palavras** (v. 1a). Com esta fórmula introdutória começavam os tratados extra-bíblicos. O local da cerimônia da renovação da aliança da qual o Deuteronômio testifica foi a região do Jordão na terra de Moabe (vs. 1a, 5a; cons. 4:44-46). A época foi o último mês do quadragésimo ano depois do Êxodo (v.3a), quando os homens de guerra daquela geração já tinham perecido todos (2:16), a conquista da Transjordânia já fora realizada (v. 4; 2:24 e segs.), e aproximava-se o momento da morte de Moisés. Foi especialmente esta última circunstância que ocasionou a renovação da aliança. Deus assegurava a continuidade da dinastia mediatorial exigindo de Israel um sinal de obediência a Josué, seu novo homem de confiança (cons. 31:3; 34:9), e um novo voto de consagração para com Ele mesmo.

A cerimônia foi descrita como uma declaração ou exposição desta lei (v. 5), uma vez que as estipulações ocupavam lugar tão central e extenso nas alianças de suserania. O local desta assembléia, ao que parece, foi descrita mais adiante no versículo 2b. Embora a menção de localidades desconhecidas torna a interpretação incerta, o propósito da anotação nos versículos 1b, 2 parece ter sido o de orientar a assembléia de Moabe histórica e geograficamente, indicando que foi no final da viagem do Horebe, via deserto de Arabá. Para Israel, a viagem a Canaã através dessa rota foi de quarenta anos de duração (v.3), embora a rota

original pela qual seguiram a Parã era normalmente uma viagem de apenas onze dias (v. 2). Em Parã, na fronteira meridional de Canaã, contudo, Israel rebelou-se, recusando-se a entrar na terra (Nm. 12:16 e segs.), ficando assim esta geração condenada a morrer no deserto. Agora seus filhos chegaram, via o caminho de Arabá, vindos de "Sufe" (presumivelmente o Golfo de Ácaba), a leste de Canaã, através da terra de Moabe. Ambos os lados de acesso a Canaã e a extensão das peregrinações falam de uma história de violação da aliança e de herança adiada. Existe aí um interessante contraste entre o ponto de vista de Moisés na introdução do livro, olhando de Moabe para o sul e vendo o passado de fracassos e maldições, e no fim do livro, Moisés olhando para o norte de Moabe, ao terminar sua obra, vendo um futuro de realizações e bênçãos para Israel (Dt. 34:1.4).

## **II. Prólogo Histórico: A História da Aliança. 1:6 – 4:49.**

O preâmbulo nos tratados internacionais de suserania era seguido por um resumo histórico do relacionamento entre senhor e vassalo. Era escrito em estilo primeira e segunda pessoa e procurava estabelecer a justificação histórica para o reinado contínuo do senhor. Citavam-se os benefícios alegadamente conferidos pelo Senhor ao vassalo, tendo em vista estabelecer a fidelidade do vassalo no sentido da gratidão complementar e o medo que a identificação imponente do suserano no preâmbulo tinha a intenção de produzir. Quando os tratados eram renovados, o prólogo histórico era atualizado. Todos estes aspectos formais caracterizam Dt. 1:6 - 4:49.

O prólogo histórico da Aliança do Sinai referia-se ao livramento do Egito (Êx. 20:2b). Deuteronômio começa com a cena da Aliança do Sinai e continua a história até a assembléia da renovação da aliança em Moabe, enfatizando as recentes vitórias transjordanianas. Quando, mais tarde, Josué tornou a renovar a aliança de Israel, continuou com a narrativa em seu prólogo histórico através dos acontecimentos de sua

própria liderança à frente de Israel, a conquista e o estabelecimento em Canaã (Js. 24: 2-13).

### **A. De Horebe a Hormá. 1:6 – 2:1.**

**6-8.** Após um ano de acampamento na região do Sinai, onde a aliança foi ratificada e o Tabernáculo confirmado como habitação de Deus em Israel, chegou o momento de dar o próximo passo decisivo na realização das promessas feitas aos pan (vs. 6, 8b). A iniciativa no avanço contra a terra da possessão prometida foi tomada por ordem do Senhor, **Entrai e possuí a terra** (v. 8; cons. Nm. 10:11-13). No versículo 7b, veja Gn. 15:18 e segs.

**9-18.** Com a aproximação do momento de sua morte, Moisés estava preocupado em confirmar a autoridade daqueles que deviam ficar com a responsabilidade do governo depois dele. De importância primária era a sucessão de Josué, à qual ele logo se referiria (1:38; 3:21, 28), mas agora Moisés fazia Israel se lembrar da autoridade concedida a outros oficiais judiciais. veja em Êx. 18:13 e segs. a narrativa original,

**10. Como as estrelas dos céus.** A própria circunstância que deu origem à necessidade desses ajudantes judiciais de Moisés, a multiplicação da semente de Abraão, era a evidência propriamente dita da fidelidade do Senhor no cumprimento de Suas promessas (Gn. 12:2; 15:5; etc.), concedendo a Israel o estímulo de avançar pela fé para tomar posse de Canaã (cons. Dt. 1:7, 8). O mediador fiel de Deus, refletindo a bondade do Senhor, orou em favor da plena realização de todas as promessas da Aliança Abraâmica (v. 11).

**17. Porque o juízo é de Deus.** Este motivo para a justa administração da justiça era ao mesmo tempo um lembrete da natureza teocrática do reino israelita, um lembrete de que Deus era o Senhor que renovava a aliança com eles naquele dia.

**19-40.** Opondo-se à fidelidade do Senhor no cumprimento da aliança (cons. 6-18) tinha havido a infidelidade e desobediência de Israel. O fato do Senhor estar renovando Sua aliança, apesar deste

aspecto passado da rebeldia do vassalo, magnificava ainda mais a Sua graça e bondade (ver comentários introdutórios sobre Prólogo Histórico). O pecado particular do povo de Israel recordado na véspera de sua conquista de Canaã foi a sua recusa em avançar, quando pela primeira vez recebeu tal ordem, uns trinta e oito anos atrás. Veja em Números 13 e 14 a narrativa original. Desta vez a aproximação da terra foi feita pelo sul (Dt. 1:19). Moisés foi explícito ao avisá-los que Canaã era deles sem restrições (vs. 20, 21; cons. 7, 8; Gn. 15:16); contudo, sob as ordens do Senhor (cons. Nm. 13:1 e segs.), ele consentia na estratégia do reconhecimento da terra antes do ataque (Dt. 1:22.25 ).

**26, 27a. Fostes rebeldes . . . murmurastes.** A resposta de Israel diante do relatório dos espias foi de temor incrédulo e recusa em prosseguir.

**27b. Por isso nos tirou . . . para . . . destruir-nos.** A perversidade de Israel chegou ao extremo de interpretar sua eleição como uma expressão do ódio divino contra eles; Deus os livrara dos egípcios apenas para que os cananeus pudessem matá-los!

**29-33.** Não puderam ser dissuadidos – **nem por isso crestes** (v. 32) – de sua revolta declarada contra o programa da aliança do Senhor, apesar dos rogos e garantias que Moisés apresentou de ajuda paternal e sobrenatural de Deus, tais como experimentaram no Egito e no deserto.

**34. Tendo, pois, ouvido o Senhor . . . indignou-se.** Sua incredulidade provocou o veredito divino, selado por um juramento, sentenciando-os ao exílio da terra na qual recusaram-se a entrar (v. 35), exílio até a morte no deserto (v. 40).

**36-38. Salvo Calebe . . . Josué.** No aviso do julgamento havia uma manifestação da misericórdia da aliança divina, pois além de Calebe e Josué, os bons espia, seria poupada para entrar em Canaã mais tarde, toda a segunda geração de Israel (v. 39). Aí houve uma promessa de um benévolo novo começo – agora se cumprindo na renovação deuteronômica da aliança.

**37. Contra mim se indignou o Senhor.** A rebeldia de Israel provocou um fracasso da parte de Moisés, que deixou de cumprir

devidamente a sua vocação de tipo de mediador messiânico sempre submisso à vontade do Pai (cons. 3:26; 4:21; 32:50 e segs.). Isto aconteceu no retorno a Cades, depois dos trinta e oito anos de peregrinação (cons. Nm. 20:1 e segs.), mas foi mencionado aqui porque suas conseqüências foram a exclusão de Moisés junto com a geração mais velha (cons. v. 35). Foi por isso que se tornou necessário a designação de Josué como herdeiro da dinastia mediatorial – Josué "ali entrará" (v. 38) – **para conduzir os vossos meninos** (v. 39) que foram poupados e introduzi-los em Canaã.

**1:41 – 2:1** Depois que o povo de Israel revoltou-se contra a vontade do Senhor com um assalto presunçoso e desastroso a Canaã, na vã esperança de escapar do veredito de Deus (1:41-44; cons. Nm. 14:40 e segs.), permaneceu um pouco em Cades (v. 46).

## Deuteronômio 2

Depois, conforme Deus ordenou (1:40; cons. Nm. 14:25), peregrinaram na direção de suas sepulturas no deserto (2:1a). Assim o tempo se esgotou na região ao sudoeste de Edom até o quadragésimo ano (2b; cons. 2:14-16).

### B. Avançando para Arnom. 2:2-23.

**2-8.** Cons. Nm. 20:14-21.

**3b. Virai-vos para o norte.** A ordem divina de avançar sobre Canaã dada à geração anterior (cons. 2:14-16), agora foi repetida. A respeito do caminho, aparentemente contornando o norte de Edom e através do caminho de Arabá que vai do Golfo de Ácaba até o Mar Morto, veja Nm. 20: 21 e segs.; 21:1-12; 33:36-44. Incerteza quanto à rota surge de nossa incapacidade de identificar muitos dos sítios, mas não é provável que 2:8 ou Nm. 21:4 se refiram a um desvio para o sul tão distante como o Golfo de Ácaba, fazendo parte de um contorno do Monte Seir.

**4. Eles terão medo de vós.** O temor que Esaú tinha de Israel (contraste com Gn. 32:3 e segs.) foi demonstrado pelo bloqueio de Seir (Nm. 20:20).

**5. Não vos entremetais com eles.** A luta pela primogenitura já fora há muito resolvida; Canaã era de Jacó. Contudo, Esaú também tinha a sua possessão, no Monte Seir (cons. Gn. 36), e Israel ficou proibida de lutar por ela. (Veja Dt. 23:7,8 em relação à posição relativamente privilegiada dos edomitas na assembléia de Israel.) Quando a política ditada pelo Senhor foi seguida, os edomitas recusaram-lhe passagem através de suas terras, compelindo assim Israel a contornar suas fronteiras (v. 8; cons. Nm. 20:14 e segs.). A passagem de Números não diz que os edomitas recusaram-se a vender provisões aos israelitas, uma vez que Israel concordou em contornar Edom. Além disso, Dt. 2:6 e 29 não declaram explicitamente que Edom tenha vendido provisões a Israel. Pois até mesmo 2:29a possivelmente se refere à última cláusula do versículo 28 (cons. 2:29b com 23:3, 4). Portanto não há contradição entre Números e Deuteronômio neste assunto.

**7. Coisa nenhuma te faltou.** Este versículo é mais um lembrete das benevolências passadas concedidas por Deus a Israel, mesmo durante a execução do seu julgamento do exílio (cons. 32:1 por exemplo).

**9-23.** Logo a seguir Israel entrou em contato com os descendentes de Ló, o sobrinho de Abraão, os moabitas e amonitas (Gn. 19:37, 38).

**9. Não molestes a Moabe.** Embora estes grupos não desfrutassem do privilégio dos edomitas de participar da assembléia de Israel (23:3 e segs.), também tinham possessões pelas quais Israel não devia lutar (cons. 5, 19). Cada uma destas nações desapossara um povo de gigantes semelhantes aos enaquins, geralmente conhecidos por refains, mas chamados de emins pelos moabitas (vs. 10,11) e zanzumins pelos amonitas (vs. 20, 21; cons. Gn. 14:5). A tribo de Enaque está mencionada nos textos das maldições egípcias e os refains nos textos administrativos ugaríticos.

**12.** O horeus também habitavam outrora em Seir. Em conexão com as aquisições territoriais de cada nação, nota-se que semelhantemente o Senhor desapossou os primitivos horeus, habitantes de Seir, em favor dos edomitas (cons. 5b,22). Também, em cada caso faz-se uma comparação adicional ; respectivamente, a concessão de uma herança a Israel pelo Senhor (v.12b) e a desapropriação dos aveus pelos caftorins (v. 23). Se a observação relativa à herança de Israel não foi anexada por algum oficial anônimo, como aquela que evidentemente completou o documento deuteronômico após a morte de Moisés, então sem dúvida se refere à conquista da Transjordânia.

Através de todas essas observações históricas, Israel, o servo da aliança, foi avisado que o Senhor tinha uma hegemonia sobre o território da terra prometida. Em Sua providência que tudo controla, Ele desapossara grandes nações repetidamente – até mesmo os enaquins, cuja presença em Canaã amedrontara Israel até à rebelião contra o Senhor, uma geração antes (cons. 1:28; 2:14,15). E o Senhor o fizera em benefício de diversos povos que desfrutavam de tal status especial de vocação eletiva igual ao que Israel desfrutava. Com que confiança, portanto, Israel deveria obedecer às ordens do Senhor, levantando-se (v.13) e atravessando os ribeiros de Zerede e Arnom (v. 24), e logo mais o Jordão (cons. 1:28, 1:2). Veja Amós 9: 7, onde há outra lição extraída desta data histórica. O Zerede delineava os limites ao sul de Moabe, ao longo de cuja fronteira oriental Israel passou, aproximando-se assim das fronteiras de Amom, que ficavam a leste e norte de Moabe (Dt. 2:18,19; cons. 8b; Nm. 21:11 e segs.).

### **C. Conquista da Transjordânia. 2:24 – 3:29.**

Atravessando o Arnom (2:24), a fronteira setentrional de Moabe, Israel encontraria os amorreus. Siom, o amorreu, governava desde o Arnom até o Jaboque (2:36; cons. Nm. 21:24), tendo a sua capital em Hesbom (2:26), e Ogue, o amorreu (cons. 3:8) governava desde o Jaboque no norte de Gileade e Basã até o Monte Hermom (3:4,8,10;

cons. 3:13; Is. 12:5). Os amorreus não estavam protegidos por tais inviolabilidades como os edomitas, moabitas e amonitas. O fato de se fazer uma oferta de paz a Siom (2:26) indica que a sua terra na Transjordânia (que antes pertencera aos moabitas e amonitas; cons. Js. 13:25; 21:26; Jz. 11:13) não fazia parte da terra particular prometida a Israel (cons. Dt. 20:10). Mas o seu povo, sendo povo de Canaã, caiu sob o princípio do *herem* (veja 7:1-5 ; cons. 2:33-35; 3:6; 7:2, 16 ; 20:14-17).

Era o momento no qual os amorreus estavam maduros para o julgamento, momento este estabelecido como a hora de Israel conquistar Canaã (cons. Gn. 15:16). Com a expansão dos amorreus, além do Jordão, havia uma correspondente extensão de território que se tornaria possessão de Israel pela conquista. Portanto, uma nova ordem divina estava a espera de Israel no Amom: Passa a possuí-la, e contende (v. 24); e uma nova promessa divina: **Hoje começarei a meter o terror e o medo de ti aos povos** (v. 25). O processo da derrota de Siom foi muito semelhante ao de Amenofis II, o Faraó do Êxodo. Ambos foram solicitados a prestar um favor aos israelitas (vs. 26-29), mas recusaram-se porque **o Senhor... endurecera o seu espírito** (v. 30). Ambos tomaram atitude hostil contra Israel (v. 32) e sofreram a derrota, quando o Senhor lutou por Seu povo (vs. 31,33 e segs.), (Veja comentário sobre 2: 29 em 2-8.) O curso superior do Jaboque a leste, corre do norte para o sul, separando o reino de Siom dos amonitas (2:37).

**36. Tudo isto o Senhor nosso Deus nos entregou.** Nesta vitória, o começo da desapropriação dos amorreus, houve uma demonstração do poder irresistível e autoridade absoluta do domínio do Senhor sobre e em favor de Israel. Com referência à narrativa original da derrota de Siom, veja Nm. 21:21 e segs.; para a derrota de Ogue, veja Nm. 21:33 e segs.

### Deuteronômio 3

**3:2. porque a ele .. . dei na tua mão.** O avanço contra Ogue também foi sob ordens divinas, acompanhadas da promessa de sucesso (cons. 2:24, 25); e novamente a vitória foi concedida pelo Senhor (3:3).



**5. Fortificadas com altos muros.** A altura das fortificações inimigas não devia despertar o medo no exército do Senhor, nem o tamanho do seu rei (v. 11; cons. 2:11, 20).

**8-11.** Aqui o autor resume os resultados das vitórias de Israel em Jaza (2:32) e Edrei (3:1).

**12-20.** Foi concedido a Moisés ver o começo da conquista sob sua liderança e também a distribuição da terra entre as tribos. Veja. este acontecimento posterior em Números 32.

**12. Esta terra... dei aos rubenitas e gaditas.** As tribos de Rúben e Gade tomaram a iniciativa em pedir a terra recém-conquistada. Mas quando Moisés atendeu o pedido, levou em consideração os triunfos particularmente obtidos no norte pelas famílias manassitas de Maquir, Jair e Noba (v. 14; cons. Nm. 32:39-42). A esta meia tribo de Manassés foi concedido o território de Ogue, isto é, Gileade ao norte de Jaboque e Basã (Dt. 3:13, 15 ; cons. Js. 13:29-31). A Rúben e Gade foi concedida a terra de Siom desde o Jaboque ao sul de Gileade até o Arnôm, ficando a tribo de Gade localizada ao norte de Rúben, com suas fronteiras logo acima do Mar Morto. Gade também recebeu o Vale do Jordão até o Mar de Quinerete (veja Dt. 3:12, 16, 17; cons. Js. 13:15-28).

**18. Passai, pois, amados.** A condição estrita estipulada às duas tribos e meia que receberam terras fora de Canaã, era que tinham primeiro de cumprir com sua responsabilidade de participar da conquista de Canaã (Nm. 32: 6.32). A profunda preocupação de Moisés com este assunto aparece novamente aqui no tratado deuteronômico (vs. 18.20).

**21-29.** Exceto pela cerimônia da renovação da aliança propriamente dita, a conquista e a distribuição da terra à leste do Jordão encerrou a obra de Moisés.

**24. Passaste a mostrar. . . a tua grandeza.** Nestas realizações o servo de Deus testemunhou a diligente entrada de Israel na posse de sua herança. Mas por mais que ele desejasse ver o cumprimento das promessas de Deus em Canaã – **rogo-te que me deixes passar** (v. 25) –,

não recebeu a permissão de atravessar o Jordão, mas de apenas olhar por cima dele (v. 27; cons. Nm. 27:12 e segs.; Dt. 34:1 e segs.).

**26.** A respeito deste texto, veja 1:37; 4:21, 22. A obrigação final de Moisés, portanto, foi estimular o povo a conquistar em nome do Senhor (v.22) e transmitir a Josué a liderança da conquista (vs. 21, 28; cons. Nm. 27: 18-23; Dt. 1:38; 31:7, 8, 14, 23). A referência a Bete-Peor na identificação do sítio destes atos finais de Moisés (Dt. 3:29; cons. 4:46) recordam outros acontecimentos que transpiraram durante o acampamento de Israel ali (cons. Nm. 22:25).

## **Deuteronômio 4**

### **D. Resumo da Aliança. 4:1-49.**

O prólogo histórico termina com uma exortação. É uma transição para a seção seguinte sobre as obrigações do relacionamento convencional. A convocação à obediência aqui enunciada, repercutiu sucintamente nos parágrafos que introduzem significativas divisões dentro das estipulações (veja 5:1; 6:1; 12:1). Deuteronômio 4 é notável porque resume, numa certa extensão, todos os aspectos que constituem o padrão documentário dos antigos tratados de suserania. Assim, temos aqui: 1) a identificação do autor da aliança, falando (vs. 1, 2, 5, 10); 2) referências ao passado relacionamento histórico; 3) a apresentação da exigência central de pura devoção ao suserano; 4) apelo às sanções das bênçãos e maldições; 5) invocação de testemunhas (v. 26); 6) a exigência de transmitir o conhecimento da aliança às gerações subseqüentes (vs. 9,10); e 7) alusão à questão dinástica (vs. 21, 22). Esta mistura de diversos aspectos de liderança na instituição da aliança encontrados aqui e em todo o livro, explicam-se pela origem do material no livre discurso de despedida de Moisés. Deuteronômio não é um documento preparado em uma repartição pública com desapaixonado apego à forma legal.

Os versículos 1-8 fazem uma convocação à sabedoria. Os estatutos que Moisés ensinou a Israel foram uma revelação da vontade de Deus (v. 5).

**2. Nada acrescentareis. . . nem diminuireis.** As leis de Deus não deviam sofrer emendas ou reduções através de legislação humana (cons. 12: 32; Ap. 22:18 e segs.). Toda a obrigação do homem era obedecer, e os israelitas obedientes receberam a promessa de vida e rica herança – **para que vivais . . . e possuais a terra** (v. 1). O fato de que, em última análise, a piedade e a prosperidade não se separam fica prefigurado na história da teocracia de Israel, pois simboliza o reino de Deus realizado. Ilustração deste fato era o recente juízo divino sobre Israel por causa do seu envolvimento na idolatria de Baal-Peor (v.3; Nm. 25:1-9); pois aqueles que se comprovaram fiéis naquela tentação foram poupados da praga da morte (Dt. 4: 4). De maneira compreensível, então, a obediência às leis divinas identifica-se com a verdadeira sabedoria.

**7,8. Deuses tão chegados. . . estatutos e juízos tão justos.** Obediência é o caminho para o desfrute das supremas bênçãos da aliança – a proximidade divina no poder salvador, e o conhecimento da verdadeira justiça. Esta luz revelada em Israel tornou-se realmente a luz dos gentios (v. 6b). Nesta exposição do caminho da aliança como o caminho da sabedoria, estabeleceram-se os fundamentos na Torá para a literatura da Sabedoria, a qual veio mais tarde achar o seu lugar no cânon sagrado.

Nos versículos **9-31** declara-se a insensatez da idolatria. Quando Moisés confrontou a nova geração com o desafio de reafirmar a fidelidade que seus pais penhoraram no Sinai, ele mostrou-se vivamente cômico do pecado do bezerro de ouro dos pais, com o qual transgrediram a aliança quase imediatamente depois dela ter sido selada (cons. 9: 7 e segs. ; Êx. 32). Por isso destacou a proibição contida no segundo mandamento, fazendo o contraste entre o caminho da sabedoria e vida (Dt. 4:1-8) com o caminho da loucura e destruição.

**10. E os farei ouvir as minhas palavras.** No Horebe, Deus revelou a Israel a maneira certa de adorar. Aquela revelação estava contida na aliança, a qual, foi primeiro comunicada oralmente e depois inscrita nas duas tábuas. A preparação dos documentos em duplicata, uma para o

suserano e outra para o vassalo, era o procedimento regular na ratificação dos tratados de suserania. O fato do conteúdo das tábuas ser chamado de "dez mandamentos" ou "aliança" aponta para a natureza da aliança como declaração do senhorio divino.

**12. O Senhor vos parou do meio do fogo** (veja também v. 15). A maneira da verdadeira adoração também foi revelada pela própria natureza da teofania. Pois, embora a voz fosse ouvida declarando as palavras da aliança, nenhuma forma de Deus foi vista mas apenas o fogo devorador da glória de Deus. Os símbolos visíveis da auto-revelação de Deus assim reforçaram a proibição do segundo mandamento.

Israel devia abster-se da idolatria e não devia adorar a obra de mãos humanas – imagem esculpida (vs. 16-18,23; com 5:8) – mas também não devia adorar a obra das mãos de Deus, o exército dos céus (v. 19). A adoração do que era visível e criado era característica das nações gentias as quais Deus abandonara à sua própria e louca perversidade (v. 19b; cons. 29:26 ; Rm. 1:21 e segs.).

**20. Para que sejais povo de herança.** Se Israel se voltasse para a idolatria, estaria escolhendo o destino da rejeição de sua eleição divina como possessão redimida e exclusiva do próprio Deus (veja também 7:6; 14:2); um privilégio exclusivo que exigia um serviço e devoção exclusivos.

**23. Guardai-vos.** Profeticamente Moisés advertiu que o gozo prolongado das bênçãos de Canaã, bênçãos que nem ele receberia (vs. 21,22a), poderia provocar o esquecimento do passado (v. 25; cons. v. 9). Que os israelitas, portanto, se lembrassem que o Deus ao qual tinham jurado fidelidade no Sinai, apareceu ali como fogo consumidor (v. 24). Se provocado ao ciúme pela idolatria, Ele desencadearia as maldições da aliança sobre tal loucura. E que maldição poderia ser maior que abandonar aqueles que repudiam a eleição divina à futilidade da idolatria que escolheram e à comunidade dos homens de mentes e destinos igualmente depravados? (vs. 27,28; 28: 64 e segs.)

**29-31. De lá buscarás . . . e o acharás.** Contudo, a aliança divina é aliança de salvação, e seu cumprimento está garantido pelo juramento que Deus fez aos patriarcas. Portanto, depois da loucura de Israel e após o juízo, Deus garantiria o arrependimento de modo que além da maldição do exílio, haveria bênçãos da restauração (cons. 30:1 e segs.).

**32-40.** Estes versículos apresentam as evidências da verdadeira religião. A identidade do Senhor como Deus somente nenhum outro há senão ele (v. 35) – Criador soberano dos céus e da terra, evidenciou-se por suas maravilhosas auto-revelações em teofania e milagre redentor (vs. 35, 39 ; cons. Êx. 10:2).

**32. Pergunta . . . se sucedeu jamais coisa tamanha como esta.** Seus atos gloriosos no Horebe e no Egito foram sinais sem paralelo; nenhum ídolo das nações jamais identificou-se assim. Se o propósito da vocação de Israel foi levar os povos ao temor reverente (v. 36), e conhecimento do Senhor como Deus (vs. 35, 39), a fonte dessa vocação encontrou-se na livre graça de Deus (cons. 9:5).

**37, 38. Porquanto amou teus pais.** Moisés remontou a origem do livramento do Egito e da herança do prometido repouso (penhor do qual era a ocupação da Transjordânia) ao amor soberano de Deus pelos patriarcas, principalmente Abraão.

**39.** O Senhor é Deus. Moisés ainda apontou para a totalidade das misericórdias milagrosas do passado e para as sanções da esperança futura da aliança (v. 40) como motivos para o reconhecimento consciente das reivindicações da divindade exclusiva do Senhor.

**41-43.** Como parte do prólogo histórico do tratado deuteronômico, o mais recente acontecimento significativo no benévolo governo de Deus sobre Israel foi citado aqui. Em obediência à orientação divina, (cons. Nm. 35:1,14), Moisés apontou três cidades de refúgio na região conquistada por Israel na Transjordânia, uma em cada setor, ao norte, no centro e ao sul (cons. 19:1-13).

**44-49.** Esta passagem é transicional. Como sumário das conquistas da Transjordânia (vs. 46b-49; cons. 2:32-36; 3:1-17), serve de conclusão

ao prólogo histórico. Mas também é imediatamente introdutório às estipulações (vs. 44-46a). A cena da cerimônia da aliança e do adeus de Moisés foram apresentadas de maneira precisa (cons. 1:3.5; 3:29).

**45. Quando saíram do Egito** assinala a transação, como se pertencesse à era mosaica da prolongada viagem do Egito ao Jordão. A ratificação desta aliança devia ser finalmente concluída na nova era quando Israel entrasse em Canaã sob a liderança de Josué (cons. 11:29 e segs.; 27).

### **III. Estipulações: A Vida sob a Aliança. 5:1 - 26:19.**

Quando os tratados de suserania eram renovados, as estipulações, que constituíam as partes longas e cruciais das alianças, eram repetidas mas com modificações, especialmente as que eram necessárias para atender às mudanças situacionais. Por isso Moisés recitou e reformulou as exigências promulgadas na Aliança do Sinai. Além disso, tal como costumavam começar as estipulações dos tratados com as exigências fundamentais e gerais de absoluta fidelidade dos vassalos para com o suserano, prosseguindo então nas várias exigências específicas, Moisés agora confrontou Israel com a exigência primária de consagração ao Senhor (vs. 5-11) e então com as estipulações subsidiárias da vida sob a aliança (vs. 12-26).

#### **A. O Grande Mandamento. 5:1 – 11:32.**

O primeiro e grande mandamento da aliança, a exigência de perfeita consagração ao Senhor, está enunciado nos capítulos 5-7, e reforçado por reivindicações e sanções divinas nos capítulos 8-11. Esta divisão de assuntos, entretanto, não é rígida; o fio da exortação é penetrante. Analisado mais detalhadamente, esta seção desenvolve o tema do grande mandamento como se segue: as reivindicações do Senhor sobre Israel (cap. 5); o desafio do exclusivo senhorio divino sobre Israel, expresso como um princípio (cap. 6) e um programa (cap. 7); advertências contra

a tentação da autonomia, quer na forma do espírito de auto-suficiência (cap. 8) ou da justiça própria (9:1 – 10:11); um chamado à verdadeira fidelidade (10:12 – 11:32).

## **Deuteronômio 5**

### **1) O Senhorio da Aliança do Senhor. 5:1-33.**

**1. Ouvi . . . aprendais e cuideis em os cumprirdes.** Este capítulo começa e termina (vs. 32,33) com um encargo de seguir cuidadosamente as estipulações divinas da aliança que estavam no processo da solenização.

**2-5.** O compromisso ao qual Israel fora convocado tinha de ser uma renovação do relacionamento convencional com o Senhor, que já estava em vigor. Quarenta anos antes, no Sinai, Deus estabelecera a Israel por meio da cerimônia da aliança como Seu povo teocrático (v. 2). Aquilo foi feito para cumprir as promessas anteriores feitas aos patriarcas.

**3. Não . . . com nossos pais . . . e, sim, conosco.** Os "pais" patriarcais (cons. 4: 31, 37 ; 7 : 8, 12 ; 8 : 18) morreram sem receber as promessas. Mas a geração atual, com a qual foi estabelecida a Aliança do Sinai, além da geração anterior que pereceu no deserto (cons. 11:2), teve o privilégio de ver o reino prometido realizado.

**5. Eu estava em pé entre o Senhor e vós.** No Sinai, como agora, Moisés fora o mediador entre Deus e Israel, um cargo tanto mais necessário quanto o temor que Israel tinha de se encontrar face à face com a ardente teofania (cons. 4:12). Se o papel transmissor de Moisés descrito aqui não se refere às revelações dados depois da promulgação do Decálogo, então as declarações feitas em outras passagens, no sentido de que Israel ouviu Deus declarar o Decálogo (por exemplo 4:12; Êx. 19:9; 20:19) significariam que a voz de Deus foi audível, mas as Suas palavras eram indiscerníveis a Israel. Contudo, o versículo 5 é mais provavelmente antecipatório, tal como o 22b.

**6-22.** (Bíblia Heb. 6-18). Do fato da Aliança do Sinai, Moisés prossegue com seu conteúdo documentário conforme inscrito nas tábuas

em duplicata (cons. comentários sobre 4:13). Embora continuando com o pensamento de que Israel já estava convencionalmente ligada ao Senhor, atinge o propósito adicional de incorporar o compreensível resumo da lei da aliança permanente dentro da seção das estipulações do documento da renovação deuteronômica. O Decálogo, não sendo simplesmente um código moral, mas o texto de uma aliança, exhibe o padrão do tratado conforme segue:

Preâmbulo (v. 6a), prólogo histórico (v. 6b) e estipulações entremeadas com fórmulas de maldições e bênçãos (vs. 7-21).

**12. Guarda o dia do sábado, para o santificar.** A mais significativa das variações de forma do Decálogo, conforme apresentada em Êx. 20:2-17, é a nova formulação da quarta "palavra" ou mandamento. O ciclo sabático de vida simboliza o princípio da consumação característico da ação divina. Deus opera, matiza Seu propósito, e, regozijando-se, descansa. Êxodo 20:11 refere-se à exibição do padrão de consumação na criação para o modelo original do Sábado. Deut. 5:15 refere-se ao padrão da consumação manifestado na redenção, onde o triunfo divino é tal que leva os eleitos de Deus também para o seu repouso. Mais apropriadamente, portanto, o Sábado foi criado como sinal da aliança divina com o povo que Ele redimiu da escravidão do Egito para herdar o repouso em Canaã (cons. Êx. 31:13-17). A associação neo-testamentária do Sábado com o triunfo da ressurreição do Salvador, através da qual Seus redimidos, com Ele, alcançam o repouso eterno, corresponde à interpretação deuteronômica do Sábado em termos de progresso do propósito redentor de Deus.

Outras notáveis variações deuteronômicas no Decálogo são o inverso da ordem das palavras mulher e casa no décimo mandamento, e a adição aqui de seu campo (Dt. 5:21). Este último foi acrescentado porque Israel estava para começar uma existência assentada na terra, enquanto que durante as peregrinações no deserto tal legislação teria sido irrelevante. Este é um bom exemplo do tipo de modificações legislativas encontradas nas antigas renovações dos tratados seculares.



**22. Estas palavras falou o Senhor a toda a vossa congregação.** A singularidade da revelação das dez "palavras" está sublinhada neste versículo. Só esta revelação foi dita diretamente por Deus a todo Israel; só ela foi escrita por Deus.

**23-27.** (Bíblia Heb. 20-24). Continuando a narração do estabelecimento da aliança no Sinai, Moisés fez o povo de Israel se lembrar do seu voto anterior de obedecer à voz de Deus (cons. Êx. 20:18-21). Realmente, tal fora seu temor de Deus na presença de Sua glória, que preferiram, que Moisés recebesse revelações posteriores da voz divina para eles – **Chega-te, e ouve** (Dt. 5:27). Tal relutância em experimentar a presença de Deus é um grito remoto do deleite original do homem em ter comunhão com o seu Criador no Jardim. E aqui está exposta a excessiva malignidade da maldição sobre o pecado. É claro que há limites definidos às qualificações do homem para a visão de Deus (cons. Êx. 33:20). Mas mesmo que, dentro destes limites, a graça redentora torne possível desfrutar a visão de Deus, o homem decaído encara a experiência como uma ameaça para a sua vida (por exemplo, Gn. 32:30; Jz. 6:22, 23). Na santa presença de Deus no Sinai, os israelitas estavam tão fortemente cômescios de sua corrupção, que temeram aventurar-se com seu raro privilégio (cons. Dt. 4:33). Contudo, seu temor era piedoso, pois eles reconheciam o Deus que lhes parecia tão terrível na montanha como o seu Deus, e submetiam-se a fazer a Sua vontade.

**28-33.** (Bíblia Heb. 25-30). Que outras recordações mais emocionantes Moisés poderia ter evocado em antecipações à sua conclusão final para andarem nos caminhos do Senhor e da vida, (vs. 32, 33) a não ser estas; 1) A aprovação divina do voto anterior de Israel – **falaram eles bem** (v.28); 2) seu anseio paternal de que, ao cessar a teofania do Sinai, a reverente devoção inspirada por ela continuasse **para que bem lhes fosse a eles e a sem filhos para sempre!** (v. 29) Esta reação do Senhor completa o registro do Êxodo 20.

No capítulo 6 enuncia-se o princípio da devoção exclusiva ao Senhor, e com ele a proibição corolária de fidelidade à divindades estranhas. Então no capítulo 7 anuncia-se o programa da conquista para eliminação dos deuses estranhos e os seus povos que dominavam Canaã, a terra escolhida pelo Senhor como tipo de seu reino eterno e universal.

## **Deuteronômio 6**

### **2) O Princípio da Consagração. 6:1-25.**

**1-3.** Os mandamentos que iam ser dados constituíam a lei divinamente ditada para o reino teocrático que dentro em breve ia ser estabelecido no novo paraíso do leite e mel.

**3. Para que bem te suceda.** O contínuo deleite de Israel habitando na terra de Deus, como Adão desfrutou continuamente do paraíso original, dependia da contínua fidelidade ao Senhor. É preciso estabelecer certas importantes distinções ao fazer tal comparação. Obediência impecável era a condição da contínua permanência de Adão no Jardim; mas a posse permanente de Canaã nas mãos de Israel condicionava-se à manutenção de uma medida de lealdade religiosa, a qual não incluía todo o Israel nem exigia perfeição mesmo daqueles que constituíam o verdadeiro Israel. Havia uma liberdade no exercício do julgamento como também na restrição do mesmo, uma liberdade que se originava no princípio latente da graça soberana no seu governo sobre Israel. Não obstante, Deus dispensou o seu julgamento de modo que os interesses da mensagem típica e simbólica da história de Israel foram preservados. (Veja mais adiante os comentários sobre os caps. 27.30.)

**4.** O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Esta confissão (da qual diversas traduções são gramaticalmente possíveis) parece ficar mais compreensível quando equivalente às declarações de monoteísmo de 4:35 e 32: 39 (cons. I Cr. 29:1). "Porque, ainda que haja também alguns que se chamam deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia para nós há um só Deus, o Pai . . . e um só Senhor, Jesus Cristo" (I Co. 8:5,6). Deus é único; a divindade

confina-se a Ele exclusivamente. Só a Ele o povo de Israel devia se submeter em aliança religiosa, e a Ele deviam servir na totalidade do seu ser, com a intensidade do amor (Dt. 6:5). A exigência divina desta devoção exclusiva e intensa, Jesus chamou de "o primeiro e grande mandamento" (Mt. 22:37, 38; Mc. 12:29, 30; cons. Lc. 10:25-28). É o princípio central de todas as estipulações da aliança.

**6. Estas palavras . . . estarão no teu coração.** As misericórdias divinas passadas, recordadas no prólogo histórico, deveriam despertar esse amor, e o amor deveria revelar-se em reverente obediência a todos os mandamentos particulares de Deus (cons. 11:1, 22; 19:9; 30:16; Jo. 14:15). Estes versículos são assim o texto para tudo o que vem a seguir.

**7a. Tu as inculcarás a teus filhos.** O caráter familiar da administração convencional exige que os filhos sejam educados sob o governo das estipulações (cons. 20 e segs.). Dia e noite os crentes deviam meditar nas leis de Deus (vs. 7b-9; cons. Sl. 1:2). Moisés não estava aqui fazendo exigências cerimoniais, mas elaborando com dados concretos a exigência de uma constante focalização de solicitude com a boa vontade do Senhor de Israel.

**9. Umbrais . . . portas.** Estas palavras refletem o costume arquitetural do mundo nos dias de Moisés. Para o uso figurado desta linguagem, veja Êx. 13:9,16. Uma prática literal das injunções de Dt. 6:8, 9 entraram na moda entre os judeus posteriormente, na forma de filactérios usados pelas pessoas (cons. Mt. 23:5) e o *mezuzah* afixado nos umbrais.

**10-19.** O corolário constante da exigência de lealdade nos antigos tratados de suserania era a proibição de fidelidade a qualquer outro, e todos os outros senhores. Em Canaã a tentação à idolatria ia ser aguda, pois os deuses daquela região reivindicaram ser os concedores da fertilidade e abundância na terra. Tal é a perversidade humana que Israel, satisfeita com a abundância material e cultura espoliada, sentir-se-ia inclinada a homenagear as reivindicações dos ídolos de suas vítimas,

esquecendo-se das reivindicações do Senhor que a salvara do Egito e lhe dera vitória em Canaã (vs. 10-12).

**13. Pelo seu nome jurarás.** Esse juramento constituía uma renovação do voto de fidelidade que ratificava a aliança e invocava a Deus como divindade que vingava a perfídia.

**14. Não seguirá outros deuses.** Assim Deus proibiu explicitamente o enredamento com os deuses de Canaã. Ele realmente guardaria com ciúmes a honra do Seu nome (v. 15).

**16. Não tentarás o Senhor teu Deus.** Israel não devia, portanto, ter a presunção de colocar Deus à prova, como em Massá (cons. Êx. 11:7), buscando provas de Sua presença e o Seu poder de impor-lhes as sanções da aliança, fossem bênçãos ou maldições. Antes, Israel devia ser fiel e Deus cumpriria fielmente Suas boas promessas (vs. 17-19; cons. v. 10).

**20-25.** Vendo as gerações que passavam, a perspectiva de Moisés se alargou. Seus interesses não se confinavam à presente assembléia de Israel, mas penetravam no futuro distante do urino de Deus (cons. v. 2).

**20. Quando teu filho . . . te perguntar.** Importantíssimo ao bem-estar da teocracia seria a educação fiel dos filhos dentro da mensagem das ações e propósitos redentores de Deus para o Seu povo.

**24. Para o nosso perpétuo bem.** Particularmente, a doação que Deus fez da Lei promoveu os propósitos de misericórdia, revelando o caminho da justiça, o qual conduziria ao favor e bênçãos divinas.

**25. Será por nós justiça.** Este versículo não apresenta um princípio operante da salvação. A ênfase recai sobre a função da lei apresentando o padrão de conduta que é justiça diante de Deus, o amor pelo qual é pré-requisito da beatitude, mas não fundamento meritório de tal estado.

## Deuteronômio 7

### 3) O Programa da Conquista. 7:1-26.

**1-5.** No Livro da Aliança criado no Sinai promulgou-se um programa de conquista e exterminação dos habitantes e dos cultos cananitas (cons. Êx. 23:20-33; 34:11-16). Desse modo a antiga profecia

pela qual Noé amaldiçoou Canaã e o servo de Sem (Gn. 9:25, 26 ; cons. Gn. 10:15-18; Êx. 23:23) viria a se cumprir (veja, também Gn. 15:16-21). Tendo chegado a hora do juízo divino, Moisés agora desafiou Israel com a execução desse programa. Tudo e todos em Canaã que fossem consagrados aos ídolos e não ao serviço de Deus tinham de ser consagrados à ira de Deus.

**1. Sete nações** (cons. Js. 3:10; 24:11). Em listas iguais a esta o número varia de três a dez. O "sete" especificado aqui possivelmente é uma figura de totalidade.

2. A raiz hebraica *hrm*, traduzida para **totalmente as destruirás** nas principais traduções, significa em primeiro lugar *devotar* e então "banir" e "extirpar". O princípio do *herem* vem a se manifestar inteira e finalmente nos juízos do inferno.

Há pessoas que se escandalizam com a ordem dada por Deus a Israel de exterminar os cananitas, como se representasse ética sub-cristã. Na realidade, essas pessoas se escandalizam diante da teologia e religião da Bíblia como um todo. O Novo Testamento, além do Velho, adverte os homens quanto ao reino do banimento eterno, onde os réprobos, destinados à ira, devem magnificar a justiça do Deus a quem odiaram. Considerando que a teocracia do V.T. em Canaã era um símbolo divinamente estabelecido do final reino de Deus, encontra-se em conexão com ele uma antecipação intrusiva do padrão ético que entrará em vigor no juízo final e depois dele.

Mais ainda, a exterminação dos cananitas e seus cultos habituais (**derrubareis os seus altares. . . queimareis . . . as suas imagens**, v. 5) foi necessária para cumprimento da vocação de Israel à consagração positiva a Deus em serviço vivo. Pois, por causa da fragilidade de Israel, a proximidade dos cananitas levada à dissolução da sua característica espiritual (v. 3), à fidelidade estranha e idólatra (v. 4a) e, conseqüentemente, à própria destruição de Israel (4b). O programa da conquista (cap. 7) torna-se assim uma aplicação consistente do princípio da consagração (cap. 6; esp. 6:12-15).

**6-16.** Os propósitos da eleição de Israel, que tinha de ser protegida com a eliminação dos cananitas, estão aqui elaborados.

**6. Escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio.** Isto faz lembrar Êx. 19:5, 6, a clássica formulação do singular status teocrático para o qual Israel foi escolhido. Uma vocação superior vem acompanhada da tentação à jactância (cons. a preocupação de Moisés com este problema nos caps. 8-10). Portanto, Israel foi lembrada de se gloriar apenas no nome de Deus.

**8. Porque o Senhor vos amava.** Só em Seu amor soberano e em Sua fidelidade podia-se descobrir a explicação da eleição de Israel (4:37), certamente não no tamanho da nação. Pois Deus escolheu Abraão, o pai dela, que era um somente, e a família de Jacó, que desceu ao Egito com apenas setenta almas (7:7; cons. 10:22). Conclui-se através da soberana graça divina que Israel não tinha reivindicações que pudessem estimular a falta de cuidado no que se refere às exigências e sanções da aliança.

**9. Que guarda a aliança . . . até mil gerações.** Aludindo à fórmula das sanções anexas ao segundo mandamento, Moisés declarou que embora a graça imerecida continuasse até a milésima geração, os zombadores apóstatas da graça e santidade descobririam que as maldições da aliança não eram ameaças infundadas (7:9-11).

**12. O Senhor. . . guardar a aliança.** Os fiéis deviam confiar que as bênçãos da aliança não eram promessas vazias (vs. 12-15; cons. Gn. 12:2, 3; Êx. 23:22-31). O Deus de Israel, o Criador, não Baal, era o concesso da fertilidade no campo, nos rebanhos e na família (Dt. 7:13,14).

**15. O Senhor afastará de ti toda enfermidade.** Fora o Senhor que sujeitara o homem à maldição da natureza por causa do seu pecado, e Ele podia por isso livrar os israelitas das notórias doenças dos egípcios (por exemplo, elefantíase, disenteria e oftalmia) exatamente como Ele os libertara do infame Faraó do Egito (v. 15; cons. v. 8; Êx. 15:26). O versículo 16 resume o assunto, repetindo a ordem e o seu propósito.

**17-26.** Embora, no que se refere aos privilégios da eleição os israelitas fossem tentados à vaidade, diante da responsabilidade de sua comissão eles se sentiriam tentados à timidez (v. 17 ; cons. Nm. 13:31 e segs.).

**18,19a. Não tenhas temor.** Em resposta a quaisquer temores que assim fossem despertados, Moisés fá-los lembrar daquela maravilhosa experiência no Egito durante a sua mocidade, quando por meio de poderosos sinais o seu Deus os salvou. Ele lhes assegurou que este mesmo Deus terrível ainda estava no meio deles para lutar em seu favor contra os reis cananitas (vs. 19b-24). A quem deviam então temer?

**20. Vespões** (cons. Êx. 23:28; Js. 24:12) aqui não são um símbolo do poder de Faraó, embora fosse usado pelos egípcios. É, antes, uma figura do terror de Deus, que, descendo sobre os inimigos de Israel, produziriam pânico e debandada (cons. Dt. 7:23). O fato de certas espécies de vespões, na Palestina, construírem seus ninhos debaixo da terra e nas rachaduras das rochas, sugere a propriedade da figura que a destruição dos cananitas foi nos seus esconderijos. Alguns traduziriam sirá para "desencorajamento" e não "vespões".

**22. Lançará fora . . . pouco a pouco.** Cons. Êx. 23:29,30; Jz. 2:20-23; 3:1,2. O desapossamento gradual dos cananitas feito por Deus, para o bem de Israel, foi suspenso após a apostasia de Israel depois de Josué, como castigo.

**24. Apagues o nome deles.** A promessa tranquilizadora transforma-se em imperativo renovado nos versículos 24b-26 (cons. v. 5). Apropriar-se daquilo que foi colocado sob o anátema de Deus seria perder o direito ao status do favor convencional e colocar-se sob o anátema divino (cons. Js. 7).

Capítulos 8-11 apresentam a verdade que revela que a fidelidade absoluta ao Senhor (6:4 e segs.) significava que os israelitas, além de terem de se abster do culto simultâneo a qualquer outro deus (6:11 e segs.; 7:1 e segs.), também não deviam declarar sua independência religiosa. Por isso Moisés reforçou a obrigação fundamental de uma

devoção de todo coração a Deus, advertindo dos perigos de uma atitude autônoma, quer manifesta em espírito de auto-suficiência (cap. 8) quer no espírito de justiça própria (9:1 – 10:11). Seguindo às advertências negativas, esta seção conclui com um desafio positivo a que se submetam ao senhorio divino (10:12 – 11:32).

## **Deuteronômio 8**

### **4) A Lei do Maná. 8:1-20.**

O ponto focal deste capítulo é o versículo 17, com o seu quadro de um Israel futuro repousando em Canaã, e congratulando-se consigo mesmo. A lembrança da orientação providencial de Deus durante os quarenta anos no deserto (v. 2 e segs.) forneceria o corretivo para tal vaidade.

**1-6.** O versículo 1 é outro resumo introdutório das intimações e sanções da aliança (veja também 4:1; 5:1; 6:1).

**2.** No que se referia à geração sobrevivente, a peregrinação do deserto fora planejada como um período de exame para te provar – (v. 2b; cons. 13:3) e de instrução necessária (v. 3c). Fora uma disciplina paternal e contribuíra para suas bênçãos definitivas (v. 5 ; cons. 16c).

**3. E te sustentou com o maná.** O significado da humilhação de Israel, por Deus (v. 2), é ilustrado pela referência à Sua extraordinária provisão de cada necessidade durante os quarenta anos (vs. 3:4; cons. 29: 5,6), particularmente enviando o maná (veja Êx. 16, esp. v.4). A humilhação consistiu da privação e então da provisão do "o que é isto?", o desconhecido, o sobrenatural pão do céu, que compeliu o povo a reconhecer sua dependência de Deus (cons. Dt. 8:16a,b).

A moderna exegese naturalista identifica o maná bíblico com excreções de cochonilhas semelhantes ao mel encontradas em moitas de tamargueiras na região do Sinai. Seja qual for o papel explícito que foi ou não foi representado por essas excreções, o pão do céu era, nada mais nada menos que um produto claramente miraculoso em sua natureza e maneira de provisão. Mais ainda, uma simples mudança de um gênero de



alimento normal e apetitoso para outro, por mais exótico que fosse, jamais teria humilhado Israel nem lhe teria ensinado a verdade que o maná ensinou: **não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem.**

Deus conduziu Israel a uma situação na qual a vida derivava e tinha de ser diariamente buscada no pão celestial, o fruto de um exercício criativo diário da palavra de Deus. Este era um lembrete eficiente de que a criatura não existe como um ser auto-suficiente, sustentada pelos frutos de uma terra que também não existe e produz independentemente de Deus. Ele depende sempre e basicamente da palavra divina que deu vida a ele e ao seu mundo. Além disso, Deus propôs a ensinar a Israel que a vida do homem, diferentemente da vida animal, não consiste em apenas uma vitalidade física que o pão, quer terreno ou celestial, possa sustentar. Por isso ele providenciou o pão do céu de tal maneira que fosse necessária uma resposta ético-religiosa diante de Sua palavra preceptiva. Esta resposta foi apropriadamente focalizada sobre a guarda do sábado, o sinal da fidelidade do homem à aliança como também o lembrete do papel de Deus como Criador. Assim, o maná ensinou Israel que só quando o homem permanece obediente sob a palavra soberana do Senhor, a fonte máxima da vida, é que ele encontra vida verdadeira e duradoura (cons. 30: 20).

**7a. Boa terra.** A lembrança da lição do deserto foi necessária a esta altura, pois Deus estava conduzindo Israel para dentro de uma terra onde os produtos normais da natureza proporcionariam um padrão de vida comparavelmente exuberante (vs. 7-10a).

**9b. Cujas pedras são ferro.** No substrato de arenito da Palestina existem veios de cobre e ferro, e descobriram-se antigas minas onde esse arenito emerge à superfície no Arábá.

**11. Guarda-te não te esqueças.** Embora todos esses produtos naturais deviam ser gratamente aceitos como presentes de Deus, exatamente como o maná sobrenatural (v.10b), a fartura e tranquilidade embotaria a percepção que Israel tinha de Deus (v. 12: 13).

**14. ... e eleve o teu coração.** O orgulho suprimiria as lembranças de dias mais humildes de escravidão, escorpiões e sede; dias quando o livramento e a sobrevivência exigiram a intervenção divina através de meios desconhecidos até então (vs. 15, 16). Eles deviam se precaver de negar assim o Senhor por causa da auto-bajulação. A mesma verdade que tivera de ser aprendida antigamente quando os estômagos estavam vazios, seria relevante no futuro quando os estômagos estariam cheios: a fonte da vida do homem é a palavra de Deus – **é ele o que te dá força** (17,18a). A beatitude de Israel devia-se somente à fidelidade divina ao seu juramento convencional (v.18b; cons. Gn. 15). Ao mesmo tempo o Senhor interviria na vida daqueles que violassem a aliança com as maldições que eles invocassem.

**20. Assim perecereis.** Repudiar a eleição de ser propriedade peculiar do Senhor e identificar-se com os cananitas anatematizados em sua iniquidade idólatra, resultaria na identificação de Israel com os pagãos e o seu destino.

### **5) A Advertência das Tábuas Quebradas. 9:1 – 10:11.**

Se Israel considerasse Canaã como uma recompensa por sua própria justiça (9:4), seria uma contradição ainda maior das realidades do relacionamento convencional do que a sua presunção em considerar a possessão e prosperidade da terra uma façanha do seu próprio poder (8:17). O conceito de justiça própria é uma tentativa do pecador, que anseia pela autonomia, de libertar-se de Deus exatamente naquele ponto onde a sua necessidade de Deus é mais desesperada – a necessidade do perdão e purificação. Moisés portanto apresentou apaixonadamente a verdade que revela que as promessas e bênçãos do relacionamento convencional pertenciam à Israel por virtude da misericórdia, não por mérito.

## Deuteronômio 9

**1-5.** A ocasião para esta admoestação foi a perspectiva de Israel desapossar um povo reconhecidamente invencível em um ataque e defendido por fortificações aparentemente inexpugnáveis – **cidades grandes e amuralhadas até aos céus** (v. 1). Sobre os enaquins e outros povos impressionantes, veja 1:28; 4:38; 7:1; Nm. 13:28. A ponta de lança de Israel era, contudo, Aquele que habita nos céus e que faz das mais altas montanhas da terra o estrado dos Seus pés, e que é, além do mais, um fogo devorador (cons. Dt. 4:24; 7:17 e segs.).

**4c. Minha justiça.** Este é o trágico equívoco sobre os acontecimentos relacionados à conquista, ao qual Israel estaria sujeito a despeito de todos os óbvios fatos históricos e advertências explícitas de Deus ao contrário. A explicação do triunfo de Israel só poderia fazer na maldade dos cananitas de um lado (vs. 4c, 5) e na graça perdoadora de Deus para com Israel do outro (9:6 – 10:11). Veja Gn. 15:16 quanto ao relacionamento entre a iniquidade dos habitantes de Canaã e o cumprimento das promessas da Aliança Abraâmica.

Investigações arqueológicas têm revelado as profundidades abissais da degeneração moral na sociedade e da religião cananita dentro da era mosaica. A maneira pela qual a aquisição da terra prometida a Israel foi sujeita à eliminação dos cananitas exemplifica o princípio do julgamento redentor. A salvação dos amigos de Deus, necessariamente envolve o triunfo deles sobre os amigos de Satanás. Do ponto de vista dos eleitos, o juízo destes últimos é um juízo redentor (por exemplo, Ap. 19:11 e segs.; 20:9, onde a redenção dos eleitos foi consumada através da ruína das hordas satânicas).

**6.** A interpretação baseada na auto-justiça que Israel poderia dar à conquista, já fora contestada de antemão por toda a experiência que Moisés tinha com a nação durante os quarenta anos passados (vs. 7, 24). Os israelitas já tinham repetidas vezes demonstrado que eram um povo rebelde, violador da aliança (vs. 6-17, 21-24). Haviam sido poupados e preservados no relacionamento convencional com Deus apenas por causa

da misericordiosa renovação da aliança violada (10:1-11) em atenção à importuna intercessão mediatorial de Moisés (9:18-20, 25-29).

**8. Em Horebe tanto provocastes à ira do Senhor.** O exemplo clássico da infidelidade de Israel aconteceu no exato momento em que a aliança estava sendo solenizada no Horebe (9:8 e segs.; cons. Êx. 32). Israel acabara de jurar fidelidade a Deus e votar obediência aos Seus mandamentos (Êx. 24). Realmente, foi enquanto o Senhor estava no próprio processo da inscrição do tratado nos documentos de pedra em duplicata, durante a primeira estada de Moisés de quarenta dias e quarenta noites no monte, que Israel violou a aliança comprometendo-se com a idolatria. Naquela hora a ira de Deus acendeu-se e Israel chegou a ponto de ser aniquilada – **Deixa-me que os destrua** (v. 14; cons. 19a). Até onde o mérito estava envolvido, Israel não merecia herdar o fruto de Canaã, mas cair sob o anátema junto com os cananitas desapossados. A maneira como Moisés lidou com as tábuas do tratado – **e as quebrei ante os vossos olhos** (v. 17) – e com o bezerro de ouro (v. 21) era símbolo da destruição da aliança. Tal procedimento ritual se evidencia nos antigos tratados públicos em relação à violação do juramento feito pelo vassalo.

**22. Também em Taberá, em Massá e em Quibrote-Hataavá.** Outros exemplos de Israel provocando a ira de Deus precederam e seguiram-se ao dia da assembléia no Sinai (Êx. 17:2-7; Nm. 1) até que a sua perversidade em Cades-Barnéia (Dt. 9:23; cons. 1:26 e segs.; Nm. 13; 14) desencadeou o veredito do exílio até a morte para a geração mais velha.

Mais de uma vez o juízo foi desviado pela intercessão de Moisés. Neste aspecto do ministério de Moisés, mais notável do que qualquer outro, sua mediação prefigurava a mediação antitípica de Cristo, que também "intercedeu pelos transgressores" (Is. 53:12). Quando no Sinai Deus ameaçou riscar o nome de Israel e ofereceu-se para exaltar os descendentes de Moisés fazendo deles uma nação da nova aliança (Dt. 9:14; com. Êx. 32:10), Moisés cumpriu fielmente com o seu papel de mediador em benefício de Israel e não agarrou a oportunidade de se tornar um segundo

Abraão. Na verdade, ele se ofereceu como um segundo Isaque sobre o altar. Moisés rogou que, se devia haver um riscar de nomes, em vez de se fazer uma exceção no julgamento, ele poderia ser o riscado para que o perdão fosse concedido aos outros (Êx. 32:32). "Tê-los-ia exterminado... se Moisés, seu escolhido, não se houvesse interposto, impedindo que sua cólera os destruísse" (Sl. 106:23). A intercessão à qual se refere Dt. 9:18,19, 25-29 (cons. 10:10) foi feita durante o segundo período de quarenta dias que Moisés esteve na montanha.

Tem-se encontrado dificuldades no fato do conteúdo da oração de Moisés, em 9:26-29, corresponder à que foi registrada em Êx. 32:11-13, pois tem-se presumido que esta última se refere aos primeiros quarenta dias de Moisés diante de Deus. Na verdade, Êx. 32:11-14 é um sumário introdutório da narrativa que vem a seguir, a qual abrange o segundo período de quarenta dias. A seqüência cronológica imediata é de Êx. 32:10 a 32:15, conforme se reflete em Dt. 9:14, 15. A narrativa do Êxodo de 32:30 – 34:29 possivelmente se refere ao segundo período de quarenta dias e sua seqüência, e não aos acontecimentos precedentes; o arranjo, conforme acontece com freqüência na narrativa hebraica (cons. Dt. 9 mesmo), subordina a estrita seqüência cronológica aos tópicos. **Pois ainda esta vez** (9:19; 10:10) é a melhor tradução, dando a *gam* seu mais freqüente sentido enfático.

A ira particular de Deus contra Arão (v. 20), não mencionada na narrativa do Êxodo, foi citada aqui para demonstrar como Israel era completamente destituído de mérito e como dependia da misericórdia – até o seu sumo sacerdote era um tição arrancado do fogo. A mesma verdade revela-se nas razões da intercessão de Moisés (vs. 26-29).

**27. Lembra-te . . . Abraão, Isaque e Jacó.** Ele rogou por uma suspensão do juízo apesar da maldade e teimosia de Israel (v. 27b) e com base apenas no interesse de Deus preservar seu próprio nome entre as nações da terra. Deus já há muito tinha declarado seus soberanos propósitos de juízo redentor e identificara este programa com Sua maneira de tratar Israel e o Egito.

**28b. Não tendo podido . . . introduzi-los na terra.** Se agora destruíra Israel, mesmo se não violasse assim Sua aliança e cumprisse fielmente Suas promessas feitas aos patriarcas (cons. 9:14), tal procedimento estaria sujeito a má interpretação. O significado da poderosa revelação do nome de Deus no juízo e na salvação durante o Êxodo ficaria obscurecido e o temor dEle sena diminuído por desrespeito, o que seda mal interpretado como fraqueza.

## Deuteronômio 10

**10:1-11.** A renovação da aliança depois da idolatria de Israel no Sinai foi, portanto, devida somente à graça divina. Parte da cerimônia da renovação foi a preparação das duas novas tábuas do tratado. Veja Êx. 34:1-4a, que possivelmente pertence cronologicamente entre 32:29 e 32:30. Do mesmo modo, Dt. 10:1a precede em tempo 9:18 e segs. e 9:25 e segs. Há uma negligência posterior de distinção cronológica dentro de 10:1-5, pois a menção da construção da arca como depósito das tábuas de pedra está interligada com a narrativa do talhamento e gravação deste segundo jogo do texto do tratado. Foi realmente depois do segundo período de quarenta dias que Moisés mandou Bezalel construir a arca (Êx. 35:30 e segs.; 36:2; 37:1) e foi, é claro, algum tempo depois que Moisés colocou o testemunho dentro da arca (Êx. 40:20) e então pôs a arca no Tabernáculo (Êx. 40:21).

A maneira condensada e resumida de Dt. 10:1-5 reflete a exigência encontrada nos tratados internacionais de suserania que os textos da aliança em duplicata fossem depositados no santuário de ambas as partes convencionais, a fim de que assim ficasse sob a vigilância das divindades do juramento. No caso da aliança de Deus com Israel, só havia um santuário envolvido, uma vez que Deus, o Suserano da aliança, também era o Deus que tinha o Seu santuário em Israel. Sendo o propósito de 10:1-5 declarar de maneira compreensiva e geral que Deus tinha misericordiosamente reafirmado a aliança com os vassalos

rebeldes, Moisés incluiu a questão da arca como um elemento familiar e integral no processo padrão da ratificação.

Os versículos 6 e 7, aos quais os versículos 8 e 9 pertencem materialmente, constituem uma quebra de estilo. Não temos certeza 1) se esta dissertação originou-se como uma citação lida de um itinerário no decorrer do discurso de Moisés, 2) se ele o inseriu parenteticamente quando escreveu o Livro da Lei, ou 3) se alguém como o autor de Deuteronômio 34 acrescentou-o.

**6. Partiram os filhos de Israel.** A viagem em vista é aquela na direção sul partindo de Cades que foi registrada em Nm. 33:37 (para as devidas paradas, veja Nm. 33:30-33). **Seu filho, oficiou como sacerdote em seu lugar** (v. 6c). Os versículos 6, 7 são relevantes ao contexto; pois intensificam mais a graça renovadora da aliança de Deus, fazendo lembrar que o Senhor reinstituiu o sacerdócio de Arão, da tribo de Levi, e continuou-a em Eleazar, filho de Arão, apesar de Sua ha contra o pai (9: 20).

**8. O Senhor separou . . . Levi.** Cons. Êxodo 28; 29; Nm. 1:49 e segs.; 3:9 e segs.; 4:17 e segs.; 8:6 e segs.; 18:20-24. Esta seção também pode ser considerada como uma elaboração do assunto das tábuas da aliança (Dt. 10:8; cons. v. 5). O tema da intercessão foi concluído em 10:10, 11.

**10. O Senhor me ouviu.** Cons. 9:18, 19. A viagem à terra prometida, a qual Israel desmerecia tanto, tinha de ser retomada por causa do respeito que Deus tinha pelo Seu próprio nome, o nome que Ele usara no juramento, pois não poderia ter jurado por alguém superior (10:11; cons. Êx. 33: 1 e segs.).

## **6) Convocação à Submissão. 10: 12 – 11:32.**

Israel agora confrontava-se com a grande decisão, a escolha entre a bênção e a maldição, (11:26-32). Moisés reforçou o chamado à obediência (10:12 e segs.; 11:1, 8, 13, 18 e segs., 32) focalizando os olhos do povo nAquele que lhe concedia a Sua aliança, o justo Juiz dos

céus e da terra (10:12-22), cujo imparcial julgamento Israel vira no passado, irresistivelmente executado no Egito e no deserto (11:1-7) e que no trituro veria soberanamente exercido sobre a terra e os habitantes de Canaã (11:8-25).

**12.** Agora introduz a conclusão de uma divisão mais importante do discurso (cons. 4:1). **E o ames, e sirvas ao Senhor.** A exigência básica e inclusiva da aliança está sendo aqui repetida (vs. 12, 13, 20; cons. 6:5, 13, 24; Mq. 6:8). Verdadeiro temor e verdadeiro amor são complementares e inseparáveis. São a resposta de um coração sincero diante da majestade e bondade de Deus, respectivamente, e juntos produzem serviço dedicado e obediência a toda a boa vontade de Deus.

**16. Circuncidai . . . o vosso coração.** Tal devoção genuína só pode brotar de um coração que tenha experimentado a realidade desta qualificação, que estava simbolizada no sinal iniciatório da aliança (cons. 30: 6; Êx. 6:12,30; Lv. 26:41; Jr. 6:10; 9:25, 26). Para inspirar o temor do Senhor, Moisés intimou Israel a considerá-Lo como o Senhor do cosmos (Dt. 10:14), como Deus acima de todos os que eram chamados de deuses (v.17a), como justo Juiz (v. 17b), e como o Soberano da história e da natureza (v. 21). Para despertar o amor para com Ele, Moisés lembrou como Deus concedera aos ancestrais de Israel o status da aliança (v. 15a), cumprira as promessas feitas aos patriarcas (vs. 15b, 21, 22) e mostrara-se o Ajudador dos desamparados (vs. 18, 19).

## Deuteronômio 11

**11:1-7.** A obrigação de amar o Senhor (v. 1) é um refrão conexivo em 10:12 – 11:32. Depois de "considerai hoje" (v. 2), vem uma observação em parêntesis, que faz ver que a intimação para a decisão convencional não era para os filhos nascidos no deserto. Era, antes, para aqueles que tinham nascido no Egito e viram os grandes atos divinos de julgamento no passado (v. 7).

**2.** O objeto de considerar é a disciplina do Senhor vosso Deus, a grandeza, etc. Israel fora disciplinado para reverenciar o Senhor como o



Juiz, com o qual tinha de travar conhecimento através da experiência do julgamento dos seus inimigos (vs. 2-4) e de si mesmo (vs. 5, 6). Os israelitas sabiam, portanto, que Seu juízo era todo-poderoso, de modo que os mais poderosos na terra não podiam evitá-lo; e era imparcialmente justo, de modo que até o povo de Sua aliança não se atrevia a tomar liberdades com a sua eleição.

**6. O que fez a Datã e a Abirão.** Veja Números 16, especialmente os versículos 31-33. O silêncio de Moisés a respeito do rebelde Coré foi possivelmente em deferência dos sobreviventes levitas da família de Coré (Nm. 26; 11).

**8-17.** Relativamente ao futuro de Israel, Moisés também aduziu motivos para a obediência.

**8,9. Para que . . . possuais a terra . . . prolongeis os dias.** Em relação à posse de Israel na terra de acordo com sua fidelidade à aliança, veja comentários sobre 6:1-3. Ao contrário do Egito, com sua agricultura irrigada, Canaã dependia claramente das bênçãos diretas de Deus para produzir fruto (vs. 11, 12; cons. 8:7 e segs.); e nesta esfera o justo juízo de Deus em relação à conduta de Israel seria registrado (vs. 13-17).

**13,14. Se diligentemente obedecerdes . . . darei as chuvas.** A prosperidade dependeria das devidas condições ambientais pelo ano afora (cons. 12b), tendo especial importância o início da estação chuvosa no outono e a devida extensão das últimas chuvas na primavera. O próprio estado da natureza serviria assim de constante e sensível barômetro do comportamento de Israel diante do Senhor. Portanto, Israel devia se prevenir contra os perigos espirituais da abundância material (vs. 14b,15).

**16.Guardai-vos.** Pois a abundância pode se transformar em seca, fome e morte com uma simples palavra do Senhor, o Juiz imparcial e todo-poderoso sob cujo comando até a terra se abria para engolir os israelitas Datã e Abirão (vs. 15-17 ; cons. 11:6; 6:11-15 ; 8:11-20).

**18-25.** Considerando que as nações, e também a natureza, estão sob o controle absoluto do Senhor, elas constituíam outro agente no controle dos Seus vassalos israelitas.

**18. Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração.** Cons. 6:6-9. A fidelidade de geração em geração resultaria na perpetuação da posse que Israel tinha da terra prometida como **os dias do céu acima da terra** (v.21); isto é, enquanto os céus durassem sobre a terra, ou, resumindo, para todo o sempre (cons. Sl. 72:5, 7, 17; 89:29). Através do mesmo sinal, a infidelidade levaria ao fim da posse.

**22,23. Se . . .** O sucesso no estipulado programa de conquista (vs. 23-25; cons. 7:1,2,17 e segs.; 9:1 e segs.) dependeria primeira e finalmente não da perícia militar mas da submissão religiosa. O cumprimento do grande mandamento seria abençoado com a herança da terra da promessa até suas fronteiras mais distantes: do deserto da península do Sinai ao sul até as montanhas do Líbano ao norte, e do Eufrates a leste até o Mediterrâneo ao oeste (v.24; cons. 1:7; Gn. 15:18).

**26. A bênção e a maldição.** Eis aí a essência e a conclusão de todo o assunto (vs. 26-28). A soberania do Senhor, declarada na aliança agora renovada com Israel, podia se manifestar em bênçãos ou maldição (cons. caps. 28; 30:15-20). Israel devia decidir qual delas preferia. Este duplo aspecto e desafio, que Moisés colocou diante de Israel naquele dia em Moabe, ser-lhes-ia novamente apresentado por Josué do outro lado do Jordão em Canaã, para que a nação tivesse o cuidado de obedecer a Deus e viver (11:29-32). A transição da liderança mosaica para a de Josué assim marcada por um ritual de renovação em dois estágios, o que exibiria a continuidade da liderança divina definitiva. Este arranjo era o equivalente das medidas tomadas nos tratados feitos com vassalos pelos suseranos humanos, a fim de garantir sucessão dinástica nos seus tronos. Vaia em Deuteronômio 27 orientação mais detalhada em relação ao segundo estágio da cerimônia a ser realizada no Monte Gerizim e no Monte Ebal (cons. Js. 8:30-35).

## **B. Mandamentos Subsidiários. 12:1 – 26:19.**

Tendo delineado o espírito íntimo da vida teocrática (caps. 5-11), Moisés continuou apresentando os detalhes das ordenanças e instituições

da forma externa da teocracia (caps. 12-26). Os capítulos 12:1 – 16:17 preocupam-se primeiramente com as exigências de consagração culto-cerimonial. A autoridade governamental e judicial é o assunto em 16:18 – 21:23. A esfera do relacionamento mútuo dos cidadãos teocráticos está encampada na legislação de 22:1 – 25:19. As estipulações concluem com confissões rituais do domínio do Senhor e uma declaração final da ratificação da aliança (cap. 26).

### **1) Consagração Culto-Cerimonial. 12:1 – 16:17.**

O interesse central das leis desta seção era de garantir a consagração total ao Senhor. Governando todas as exigências do culto tributário no dízimo (v. 14), primícias (v. 15) e ofertas de sacrifícios (v. 16), estava a lei do altar central, com a qual esta seção começa (v.12). Sinceridade na devoção ao Senhor era salvaguardada pela imposição das mais severas penalidades sobre todos os que fossem seduzidos ou se tomassem culpados de apostasia (v. 13).

## **Deuteronômio 12**

### **a) Fidelidade ao Altar de Deus. 12:1-32.**

**1-3. Sobre a terra** (v. 1; cons. 6:1) Na perspectiva profética das estipulações seguintes Israel já está sendo vista como de posse de sua herança. **Destruireis por completo . . . e despedaçareis.** Esta seção se relaciona com a precedente, retomando aquela parte do mandato de conquista que exigia a obliteração das instalações e centros de culto dos cananitas (cons. 7:5, 25; Êx. 23:24; 34:13). A execução do programa de conquista como um todo poria as tribos no controle de santuários idólatras através de toda a terra (cons. Is. 1; 29; 57; 5; 65:7; Jr. 2:20; 3:6; 17:2; Ez. 6:13; 18:6 e segs.; Os. 4:13; 1 Reis 14:23; II Reis 16:4; 17:10); e estes apresentariam uma tentação para o sincretismo religioso (Dt. 12:29,30). Os israelitas estariam em perigo de adotarem abominações tais como a oferta votiva dos filhos ao fogo (v. 31; cons. 18:10; Lv. 18:21; II Reis 16:3; 17:17; 21:6; 23:10; Jr. 7:31; 19:5; 32:35). Em

aditamento ao propósito punitivo da destruição dos sítios de culto cananita, havia, contudo, o desígnio preventivo de proteger Israel contra o engodamento nos rituais dos cultos cananitas. O fato da lei do santuário central (Dt. 12:4 e segs. ) ser assim introduzido (vs. 2,3) e concluído (cons. vs. 29-31) com tais referências aos cultos cananitas, mostra que um dos propósitos da centralização do culto israelita, era também o de evitar a contaminação da adoração pura do Senhor com as práticas idólatras.

A exigência da centralização também deve ser entendida em termos da natureza do Deuteronômio como um tratado de suserania. Tais tratados proibiam que os vassalos se ocupassem de qualquer diplomacia independente com um poder estrangeiro, outro que o do suserano da aliança. Particularmente, o vassalo não devia pagar tributo a nenhum outro senhor. Semelhantemente, todas as exigências e proibições de Deuteronômio 13 foram calculadas para assegurar ao Senhor todas as ofertas e sacrifícios tributados de Israel. Israel não devia pagar nenhum tributo sacrificial a outros deuses, pois tal tentativa impossível de servir a dois senhores seria rebeldia contra o grande mandamento da aliança de Deus. Na terra prometida, a lei do altar central envolveria tanto a centralização dos festivais de sacrifícios especiais (vs. 4-14) quanto a descentralização das festas familiares comuns (vs. 15-28).

**4-14.** Em contraste com a multiplicidade de altares dos cananitas (v.4), que sacrificavam onde lhes agradasse (cons. v. 13), Israel devia ter um altar, no lugar que o Senhor vosso Deus escolher (v. 5). Esta uniformidade do santuário correspondia à uniformidade do senhorio divino sobre Israel (cons. 6:4, 5).

A alta crítica moderna tem erradamente defendido que o conceito do altar central ensinado em Deuteronômio (ou de acordo com alguns, apenas em Dt. 12:1-7, que é considerado portanto uma interpolação posterior) contradiz outra legislação bíblica (veja esp., no Livro da Aliança, Êx. 20:24). A exigência deuteronômica tem sido, portanto, considerada como modificação posterior da prática anterior,

supostamente mais frouxa. O livro como um todo tem sido datado do século sétimo A.C. e identificado como o livro da lei encontrado nos dias de Josias. Uma tentativa mais recente dos críticos tem sido a de resolver o suposto conflito de códigos, não os colocando em sequência cronológica através dos séculos, mas designando para cada um, uma diferente fonte culto-geográfica. Pensa-se que Deuteronômio representa o aspecto levítico, setentrional, com o santuário central em vista, localizado em Siquém. Alguns críticos têm chegado a admitir que a lei da centralização em Deuteronômio possa representar um retorno a um ideal mais antigo, pré-monárquico, de anfictionia.

Na realidade, até onde a prática religiosa normativa está envolvida, nada há de essencialmente novo nesta lei mesmo no tempo de Moisés. Nos tempos patriarcais, quando uma sucessão de altares foi feita no decorrer das viagens dos patriarcas, havia ao que parece, apenas um altar, por família, um em cada dado período. Semelhantemente, na legislação do Sinai (Êx. 20:24), o lugar dos sacrifícios de Israel identifica-se com o lugar central onde Deus registrou o Seu nome (isto é, revelou Sua natureza gloriosa) por meio de teofania sobrenatural especial, o lugar da habitação simbólica visível de Deus no meio do Seu povo. O Tabernáculo teve sucessivamente diferentes localizações durante as peregrinações de Israel no deserto, mas permaneceu apenas um santuário.

O que há de novo na formulação deuteronômica é apenas a perspectiva de um local estacionário para o santuário. Deuteronômio contempla uma habitação permanente de Deus em Israel.

**10. E vos dará descanso.** Mesmo esta nova circunstância devia aguardar a consecução da paz e do descanso (cons. Hb. 4:1 e segs.), uma condição que só foi inteiramente alcançada dentro do nível típico do V.T. nos dias de Davi e Salomão (II Sm. 7:1; I Reis 5:4). Só então Deus escolheu dentre todas as tribos a cidade de Jerusalém como o local de Sua casa (I Reis 8:16, 44, 48; 11:13, 32, 36; 14:21; II Reis 21:7; 23:27), embora primeiro tivesse registrado Seu Nome temporariamente em Siló

(Jr. 7:12; Jz. 21:19). Além disso, a lei mosaica do altar central, embora regulando o culto sacrificial prescrito e ordinário de Israel (Dt. 12:6,7, 11 e segs.) conforme teria de ser periodicamente realizado nos três festivais principais, também reconhecia a possibilidade da ação revelatória de Deus sem o altar central e dava lugar ao culto e ao altar especialmente indicado (cons. 27:5 e segs.). A ênfase recai com mais força sobre a pureza do que sobre a unidade dos cultos. Também destaca-se no pensamento mosaico da comunhão convencional com o Senhor a nota de alegria e vos alegrareis perante o Senhor (v. 12; cons. v. 7). Amor a Deus expresso em adoração feliz também encontrava o seu corolário no amor aos irmãos, especialmente em bondade para com aqueles que, como os levitas (v. 12; cons. v. 19), dependiam da generosidade, até mesmo da piedade, da congregação (cons. Nm. 18:21; 35:1 e segs.).

Contrastando os arranjos do futuro com a prática presente, Moisés declarou que mesmo sob a sua liderança os israelitas estavam fazendo o que era certo aos seus próprios olhos (Dt. 12: 8; cons. Jz. 17:6; 21:25). Aqui pelo menos esta expressão não é derogatória, mas indica simplesmente, ao que parece, que não havia necessidade ainda de fazer distinção entre as festas sacrificiais (Dt. 12:4-14) e as festas familiares (vs. 15-28).

**15-28.** Além de colocar as tribos israelitas em contato com os santuários pagãos, a posse de Canaã localizaria as tribos a uma distância considerável do santuário central de Israel (v. 21). Se as estipulações de 12: 4-14 deviam ser atendidas nessa nova situação, devia-se fazer uma distinção entre o matar e o comer de animais apropriados para a festa sacrificial e aqueles que eram apropriados para uma refeição comum; e devia haver uma permissão para a descentralização desta última. Esta nova provisão constituía urna modificação das exigências de Lv. 17:1 e segs., que regulamentavam o consumo israelita de carne enquanto eles ainda eram um acampamento compacto à volta do Tabernáculo no deserto.

**15b. O imundo e o limpo dela comerá; assim como se come o corço e o veado** (cons. v. 22). Participação na festa da família não dependia de condição cerimonial (cons. Lv. 7:19 e segs.), e o tipo de carne permissível incluía aquela que servia para o sacrifício e para comer, como a carne da caça (cons. Dt. 14:5) que não era sacrificialmente aceitável.

Junto com esta permissão vinham algumas restrições. Uma é a familiar proibição do sangue – **o sangue não comerás** (vs. 16, 23 e segs.; cons. Lv. 17:10 e segs.; Gn. 9:4). Derramar o sangue sobre a terra Seria uma salvaguarda contra o seu derramamento como sacrifício sobre algum altar cananita próximo, ilegalmente preservado. A centralização, durante as peregrinações no deserto, do sacrifício de todos os animais passíveis de serem oferecidos a Deus foi explicitamente idealizada para evitar tal tentação (cons. Lv. 17:7).

**17. Não poderás comer o dízimo**, etc. Outra cláusula, ou melhor, esclarecimento da permissão do versículo 15, foi o lembrete de que todas as sagradas ofertas feitas ao Senhor deviam ser levadas ao santuário central que Deus escolhesse (veja também vs. 26, 27). Isto é, a permissão operava dentro das exigências positivas dos versículos 4-14 (cons. esp. vs. 6, 11). A interpolação de exortações entre as estipulações (por exemplo, vs. 25, 28) é um dos sinais identificadores da legislação deuteronômica na qualidade de estipulações pactuais e não um código legal.

**29-32.** Com referência aos versículos 29-31, veja comentários dos versículos 1-3.

**32. Nada lhe acrescentarás nem diminuirás** (13:1 na Bíblia Heb.). Repetindo 4:2 em essência, Moisés tornou a declarar que o único padrão verdadeiro de ética e culto divino é aquele que a vontade de Deus revelou - nem mais, nem menos.

## Deuteronômio 13

### b) Resistência à Apostasia. 13:1-18.

Nos antigos tratados de suserania requeria-se do vassalo que ele não tivesse convivência com quem falasse mal do suserano, quer se tratasse de uma afronta ou uma conspiração. O vassalo devia transmitir o insulto ou a fomentação da revolta. Em caso de rebelião ativa, devia tomar medidas militares contra os ofensores. Mais ainda, devia manifestar fidelidade ao seu senhor em tais casos, fosse quem fosse o rebelde, um príncipe ou parente próximo. Tudo isto encontra seu correlativo formal em Deuteronômio

**13.** Quanto ao estilo o capítulo foi moldado na forma casuística, característica dos antigos códigos legais, mas também de algumas estipulações pactuais. Três casos de rebelião contra o Senhor são examinados. Os dois primeiros se relacionam com a instigação, as partes culpadas sendo reivindicantes de terem recebido revelação com sinais (vs. 1-5) e o parente mais próximo ou amigo do vassalo (vs. 6-11). O terceiro caso se relaciona com uma cidade que foi engodada a rebelar-se contra o Senhor e é culpada de estar servindo a ídolos (vs. 12-18).

**1-5.** (Bíblia Heb., vs. 2-6).

**1. Profeta ou sonhador.** Insinuação da instituição profética a ser estabelecida em Israel já fora dada. A auto-revelação de Deus aos profetas seria por meio de visão e sonho (Nm. 12:5; cons. Dt. 18:15 e segs.). Mesmo se alguém com impressionantes credenciais comprovando que era um canal da revelação (1b, 2a) incitasse Israel a declarar fidelidade e tributo a outros deuses (2b; cons. 3b, 5b), seu conselho devia ser desprezado (3a; cons. Gl. 1:8, 9).

**2. E suceder o tal sinal ou prodígio.** Ambos os termos podem se referir a um acontecimento que é, em si mesmo, normal ou extraordinário. Aqui eles se referem, ao que parece, a um acontecimento predito, não necessariamente milagroso, que se realizou. O cumprimento da predição é então proclamado como um sinal de genuína vocação e autoridade profética. E **disser** (v. 2) deve ser tomado junto com **quando . . . se levantar** (v. 1). O padrão de vida e culto de Israel era revelação de Deus através de Moisés, escrita ou falada; a exigência fundamental, portanto,



era fidelidade exclusiva ao senhor – **andareis após o Senhor** (v. 4). A fim de testar a obediência de Israel com referência a esta estipulação suprema, Deus permitiria que o friso profeta se apresentasse (v. 3b). E já que este último aconselhava Israel a repudiar aquela exigência, a própria essência da aliança (cons. 6:4, 5; Êx. 20:3), a penalidade máxima lhe era prescrita – **esse profeta . . . será morto** (v. 5). Observe as citações do preâmbulo de prólogo histórico das tábuas da aliança (cons. Êx. 20:2). A execução do instigador à traição "eliminaria" o mal do meio de Israel, o qual, se permanecesse e se alastrasse, resultaria na eliminação de muitos em Israel (cons. Dt. 13:12 e segs. esp. v. 16; 17:12; 19:11-13; 21:18-21; 22:21-24; 24:7).

**6-11.** (Bíblia Heb. 7-12). Tão eficiente como o maravilhoso sinal da serpente falante, com suas declarações oraculares, no caso da sedução de Eva foi a coação pela qual Eva subseqüentemente tentou Adão por causa do seu afeto por ela, a esposa do seu amor, a amada de sua alma.

**6. Se teu irmão. . . te incitar em segredo.** A sutilidade da tentação neste caso contrasta com o convite público do falso profeta (cons. v. 1 e segs.) e tornaria fácil esconder o pecado da pessoa amada fugindo à responsabilidade judicial sem revelação. Mas, como no caso dos tratados internacionais, qualquer omissão em denunciar "as más palavras" e as conspirações rebeldes seda uma brecha na aliança de Deus.

**8. Não o olharás com piedade.** A reivindicação da aliança é amar o Senhor nosso Deus, embora rito signifique odiar os pais e os irmãos, a esposa e os filhos, e até a própria vida (cons. Lc. 14:26). Portanto, aquele que mais querido fosse ao servo da aliança, devia ser tão severamente julgado quanto o falso profeta, se ele ou ela pretendesse ser desleal ao Senhor.

**9. Certamente o matarás.** Para o procedimento judicial em vista, veja 17:7. Um benefício importante na execução da sentença divina seda o impacto admoestativo sobre Israel, impedindo futura apostasia (v. 11; cons. 17:13; 19: 20; 21:21).

**12-18.** (Bíblia Heb., 13-19). Se as estipulações dos versículos precedentes não fossem vigorosamente executadas, a rebelião se espalharia do indivíduo para a comunidade, uma situação que exigiria uma decisão e ação judicial ainda mais difícil do que a prescrita aqui.

**13. Homens malignos (E.R.A.) e filhos de Belial (E.R.C.)** são traduções de uma expressão diversamente entendida como filhos da inutilidade, ou desordem, ou maldade, ou Sheol. É assim que Deus vê aqueles sedutores à idolatria que se colocam diante dos homens como profetas impressionantes ou parentes mais queridos. Caso houvesse o veredito de culpa (v.14), a sentença seria a aplicação do anátema (v. 15 e segs.; cons. comentários sobre 7:1-5).

**15. Ferirás. . . os moradores daquela cidade.** Aceitando a abominação de Canaã, a cidade israelita se tomaria uma abominação; ficaria igual à Jericó cananita e devia partilhar de seu destino maldito pelo fogo e pela espada. O divino Suserano, como os senhores humanos em seus tratados antigos, impôs regulamentos relativamente ao despojo que viria cair nas mãos dos seus vassalos em uma campanha punitiva. No presente exemplo, foi feita a incomum exigência de que todo o despojo fosse acrescentado ao holocausto através do qual a cidade amaldiçoada se tornaria uma perfeita oferta queimada para louvor da justiça e ira de Deus.

**16. Montão perpétuo.** O hebraico *tel* indica um monte abandonado produzido pela acumulação de entulhos em sucessivas ocupações de um sítio. A experiência de Israel no caso de Acã (Js. 7; 8) exemplificou ambos, o perigo de violar a lei dos despojos em Dt. 13:16,17 e a fidelidade do Senhor na promessa dos versículos 17b, 18.

### **c) Obrigações Filiais, 14:1 – 15:23.**

Como povo do Senhor, sujeito ao seu serviço e encarregado de remover do seu meio todos os devotos e santuários de ídolos (caps. 12; 13), Israel era uma nação diferente. Isto devia se manifestar através de toda dimensão cerimonial da vida da nação. Em conexão com a morte

(14:1, 2) ou vida (vs. 3-21), a prática cerimonial dos israelitas devia refletir sua santidade peculiar. Sua santa consagração também devia ser exibida na consagração do fruto do trabalho de suas vidas ao Senhor seu Deus (vs. 22-29).

## **Deuteronômio 14**

**1,2. Filhos sois do Senhor vosso Deus . . . sois povo santo.** Aqui novamente a definição de Êx. 19:5,6 da nação teocrática faz eco (cons. Dt. 7: 6), enriquecida agora com o conceito da filiação (cons. Êx. 4:22). No período do V.T. a ênfase estava sobre Israel como servo e não filho, porque embora a nação de Israel fosse o filho e o herdeiro, ela devia ficar sob governadores até o tempo designado pelo Pai (cons. Gl. 4:1 e segs.). **Não vos dareis golpes.** Os israelitas não deviam se mutilar como os pagãos costumavam fazê-lo nos rituais de luto (v, 1b; cons. Lv. 19:28; 21:5). A razão especificada é que, na qualidade de povo eleito e adotado por Deus, tinham um status de santidade. E por baixo desta razão estava o fato de seu Deus ser o Senhor da vida e o Criador do homem à Sua imagem.

**3. Abominável.** As distinções cerimoniais podem às vezes parecer arbitrárias. Tal é o caso da classificação das carnes limpas e imundas nestes regulamentos dietéticos. Porque, embora as explicações higiênicas sejam visíveis em alguns exemplos, não o são em todos. Mas a própria arbitrariedade dessas estipulações fazia delas o melhor dos testes de submissão à palavra soberana do Senhor e um símbolo mais distintivo da consagração a Ele. Lembrava Israel que o homem deve viver de acordo com cada palavra que sai da boca de Deus (cons. 8:3). É a palavra criativa de Deus que dá a todas as coisas a sua definição e significado, e o homem deve interpretar todas as coisas na imitação da interpretação que Deus lhes dá. Sob este aspecto as regras dietéticas mosaicas assemelhavam-se à proibição probatória do fruto da árvore do conhecimento no Éden ou aos arranjos para a provisão do maná no deserto.

**4. São estes os animais que comereis.** A seção repete quase verbalmente Lv. 11:2-23. Deuteronômio 14:4b, 5 suplementa a formulação levítica e desse modo reflete a origem que Deuteronômio teve no deserto. Pois o habitat dos animais de caça comestíveis especificados era a região das viagens de Israel desde o Egito até Canaã, não o território montanhoso coberto de bosques de Canaã propriamente dita.

**21. Nenhum animal que morreu por si.** Isto envolve uma modificação de Lv. 17:15. A prática mencionada aqui no versículo 21b (cons. Êx. 23:19; 34:26) foi proibida porque era costume cerimonial dos cananitas.

**22. Os dízimo de todo o fruto das tuas sementes.** Um dízimo anual do produto da terra devia ser oferecido ao Senhor em reconhecimento ao fato de que a terra era dEle e porque Ele era o doador da vida e da fertilidade. Por causa de variantes entre as estipulações deuteronômica e a anterior referentes aos dízimos (Lv. 27:30-33; Nm. 18:21-32), desenvolveu-se uma opinião entre os judeus (e tem sido aceita por muitos cristãos exegetas) que Deuteronômio prescreve um segundo dízimo e, alguns diriam, até mesmo um terceiro (cons. Deut. 14:28 e segs.; 26:12-15). Deuteronômio 14 não envolve contudo, necessariamente qualquer modificação drástica na primitiva lei do dízimo. Apenas especifica um dízimo sobre a agricultura, embora mencione as primícias dos rebanhos (v. 23; cons. 12:17; 15:19 e segs.). Mas até mesmo Números 18 não menciona explicitamente um dízimo animal. Só Levítico 27 o faz (cons. II Cr. 31: 6). Pode-se, contudo, deduzi-lo de ambos. Números 18 e Deuteronômio 14. De acordo com Nm. 18:21, "todo dízimo" era dado aos levitas. Deuteronômio 14 especifica que com exceção do terceiro e sexto anos (e do ano sabático sem cultura também, é claro; cons. Êx. 23:11), o ofertante deve usar o dízimo – presumivelmente, contudo, uma pequena parte dele apenas – para uma festa fraternal no santuário.

**23. Para que aprendas a temer ao Senhor.** O propósito desta seção não é tanto fazer uma declaração compreensiva da lei do dízimo para proteger o processo relativo ao dízimo de ser substituído com fins idólatras; isto é, evitar que Israel homenageasse as divindades cananitas da fertilidade por causa de suas colheitas. A insistência, portanto, era no sentido de que toda cerimônia religiosa associada aos dízimos fosse realizada no santuário central (12:6,11). É necessário que se leve em consideração este propósito particular destes versículos quando fizermos comparações com os regulamentos relativos ao dízimo em outras passagens. (Sobre a razão da permissão dos vs. 24 e segs. veja 12:21.)

**28. Ao fim de cada três anos.** A associação disto com a legislação sabática de 15:1 e segs., indica que tais anos trienais (chamados em 26:12 de "ano dos dízimos") eram o terceiro e o sexto anos dentro do ciclo sabático do Jubileu.

**29. O estrangeiro, o órfão, e a viúva.** Uma modificação menos importante do dízimo imposto à agricultura, de acordo com os interesses da caridade familiar do Senhor na classe pobre, a qual poderia surgir na estratificação social da vida em Canaã, está nesta inclusão de outros dependentes, além dos levitas, para o uso do dízimo do terceiro e sexto anos. Veja Nm. 18:26-32 para a disposição desses dízimos a ser feita pelos levitas.

## Deuteronômio 15

**15:1-23.** O fio principal da legislação precedente foi novamente retomado na lei dos primogênitos em 15:19-23 (cons. 14:23). Enquanto isto, os versículos 1-18 desenvolvem o assunto do amor para com os irmãos necessitados, que veio à baila na exposição da maneira como dar o dízimo (14: 27 e segs.). Especificamente, estas estipulações tratam da remissão das dívidas (vs. 1-11) e da manumissão dos escravos (vs. 12-18). Um elemento adicional de continuidade encontra-se na estrutura sabática deste programa de misericórdia (cons. 14:28).

**1. Ao fim de cada sete anos.** Isto se refere ao ano sabático que arrematava cada período de sete anos dentro do ciclo do Jubileu (cons. 14:28). A instituição do ano da remissão foi estabelecida no Livro da Aliança (Êx. 23:10,11) e exposta nas instruções levíticas (Lv. 25:2 e segs.).

**2. A remissão do Senhor.** O hebraico *shemitta*, "remissão", vem de uma raiz significando deixar cair. Em Êx. 23:11 aplica-se à terra no sentido de permanecer inculta. Por isso o ano da remissão é "sábado de descanso solene para a terra" (Lv. 25:4). Aqui se aplica às dívidas no sentido do perdão. Muitos têm interpretado isto como uma moratória de um ano sobre a cobrança dos débitos do credor. Contudo, o fato do sétimo ano da remissão e do ano do Jubileu da liberdade pertencerem a uma só unidade simbólica indica que se refere a um cancelamento permanente de dívidas. O descanso solene do Jubileu que fechava o ciclo simplesmente prosseguia com o princípio da restauração da liberdade pessoal e o retorno imobiliário. Em cada nível a remissão sabática era uma renovação do livramento original que o Senhor realizou em benefício do povo da aliança, quando este se encontrava escravizado e a reintegração das famílias em suas heranças originais. De maneira agradável, o sábado propriamente dito estava associado com a libertação dos necessitados realizada pelo Senhor, do povo que chorava em grilhões (cons. Dt. 5:14, 15). O livramento do sétimo ano era do Senhor, embora Sua misericórdia se manifestasse pela filantropia dos Seus servos. Tinha a finalidade de renovar o símbolo teocrático do reino de Deus periodicamente por meio de uma nova realização da graça salvadora e restauradora do Senhor que fora tão abundantemente experimentada no começo da vida teocrática de Israel. Ao mesmo tempo, apontava profeticamente para a ação redentora futura de Deus, antecipando o reino de misericórdia messiânico em prol dos pobres e desamparados (cons. Sl. 72). Este projeto de consumação está sempre presente no simbolismo sabático.

**4. Para que entre ti não haja pobre.** A necessidade de tal caridade, como se observa parenteticamente (vs. 4 -6), seria prevenida

pela ausência de pobres em Israel, se tal fidelidade sempre fosse manifestada no que diz respeito à repartição das bênçãos da aliança na mais rica medida. Na realidade, contudo, por causa da falta de fidelidade em Israel, os pobres sempre estiveram presentes (v. 11; cons. Mc. 14:7).

**9. De sorte que os teus olhos (não) sejam malignos para com teu irmão pobre.** Tais, na realidade, eram as perversas propensões do próprio povo da aliança, a ponto de precisar sei advertido pala que esta provisão septenial de misericórdia para com os pobres não se transformasse em oportunidade de opressão dos mesmos nos períodos intermediários. A prática da comemoração de um ano de remissão, parece a alguns, financeiramente impraticável (um dos motivos porque alguns comentadores interpretam a remissão como uma suspensão temporária da dívida). Mas o povo da fé foi convocado a reconhecer que dentro dos arranjos convencionais peculiares de Deus com a nação teocrática, a obediência a esta estipulação eia uma garantia de prosperidade – **pois por isso te abençoará o Senhor teu Deus** (v. 10; cons. Lv. 25:20, 21). Que as Escrituras não recomendam este procedimento como política normativa fora da comunidade teocrática de Israel no V-T- está evidente até pela cláusula exclusiva em Dt. 15: 3a. O estrangeiro (v. 3a) não é, como o "forasteiro" ou "o estrangeiro dentro das portas", um membro permanente da comunidade, mas alguém que visita a comunidade temporariamente com propósitos comerciais ou coisa parecida.

**12. . . . o despedirás forro.** Embora dentro da estrutura dos sete anos, esta lei, divergindo de 14:28, 29 e 15:1-11, não se refere às unidades sabáticas regulares dentro do ciclo do Jubileu, mas a um período de sete anos, começando sempre que um indivíduo hebreu passasse a ser servo contratado. Esta provisão de manumissão também estava contida no Livro da Aliança (Êx. 21:2-6), e encontra um correlativo dentro da legislação levítica referente ao ano do Jubileu (Lv. 25:39-55; cons. Jr. 34: 14). Ou hebréia. A inclusão da mulher hebréia, possivelmente implícita em Êx. 21:2-6 (cons. Êx. 21:7-11, que trata do

caso especial da serva-concubina) torna-se aqui explícita. Como no caso da remissão da dívida, também na remissão do escravo, os limites da aplicação aplicavam-se à irmandade israelita.

À vista do contraste instituído entre o "irmão" e o "estrangeiro" neste contexto e da identificação do servo hebreu como irmão (Dt. 15:12), a teoria que considera o "servo hebreu" como "servo estrangeiro" deve ser considerada falsa. De acordo com esta teoria, o que Êx. 21:6 e Dt. 15:17 permite para o servo hebreu, Lv. 25:44-46 proíbe para um israelita. Mas Levítico 25 refere-se à escravidão compulsória e rigorosa, enquanto que a passagem que fala do servo hebreu refere-se ao serviço voluntário e concorde. A estipulação de uma manumissão do Jubileu em Lv. 25:40, 41 suplementa o direito do servo hebreu da remissão após os sete anos como favor especial quando o Jubileu chegava antes dos seus sete anos de serviços prestados.

**16. Se . . . disser: Não sairei.** Este direito suplementar, tal como o da remissão no sétimo ano, estava sujeito ao direito adicional do servo de permanecer voluntariamente por toda a vida a serviço do seu amado senhor (cons. Êx. 21:5, 6). Na reformulação deuteronômica desta provisão, ela se torna mais liberal (15:13, 14) e citam-se vários induzimentos à obediência (vs. 15, 18).

**19-23.** O assunto dos primogênitos mencionado em 14:23 (cons. 12:6,17) foi retomado agora. Legislação anterior sobre o assunto encontra-se em Êx. 13:2, 11.16; 22:29,30; 34:19, 20; Lv. 27:26, 27; Nm. 18:15-18. O tratamento deuteronômico não é exaustivo, pois tem apenas a intenção de esclarecer a importância da lei do altar central (Dt. 12) em relação à lei dos primogênitos dentro das circunstâncias antecipadas das tribos dispersas e expostas às perigosas influências dos santuários cananitas locais. Assim, a nova formulação refere-se a um fato não notado na legislação anterior, isto é, que o ofertante e sua família deviam participar da refeição sacrificial que acompanhava a apresentação dos primogênitos.



**20. Comê-lo-ás, perante o Senhor.** Isto foi aqui mencionado de maneira explícita a fim de destacar a exigência de que toda festa sagrada tinha de se realizar no santuário central (12:6, 17), embora em Canaã as festas comuns seriam permitidas em outros lugares (12:15 e segs.). Não há uma contradição inexplicável entre a concessão dos primogênitos aos sacerdotes e suas famílias (Nm. 18:15-18) e este participar da família do ofertante na refeição cerimonial. Veja 14:23-27 onde há uma situação semelhante relacionada com a disposição dos dízimos. **De ano em ano.** A oferta anual era substituída pela oferta do oitavo dia (cons. Êx. 22:30) exatamente porque o comei da carne em casa eia doravante permitido (Dt. 12:21). Veja em Lv. 22:19 e segs. coment. sobre o versículo 21a; também Dt. 17:11. Observe novamente a preocupação em mostrar a importância da legislação fundamental de Deuteronômio 12 quanto a este assunto particular dos primogênitos (15:22, 23; cons. 12: 15, 16, 22 e segs.).

## Deuteronômio 16

### d) Peregrinações Tributárias. 16:1-17.

A seção que começou em 12:1 termina com os mandamentos referentes às três peregrinações anuais ao santuário central: as festas da Páscoa e dos Pães Asmos (16:1.8), das Semanas (vs. 9.12) e dos Tabernáculos (vs. 13-15). Relativamente à legislação anterior, veja principalmente Êxodo 12; Levítico 23; Números 28 e 29. Nossos comentários aqui são principalmente devotados aos aspectos peculiares da formulação deuteronômica e os problemas relacionados. O esquema sabático volta a ser apresentado (cons. Deut. 14:28 – 15:18), pois todo o calendário das festas religiosas tinha um padrão sabático. Foi ainda destacada a preocupação com a maneira pela qual a projetada escolha divina de um local permanente para o santuário no meio de uma terra extensa deveria modificar a prática cerimonial anterior. Observe o uso repetido da fórmula referente ao altar central (16:2, 3, 7, 11, 15, 16).

Sendo Deuteronômio um documento de renovação de aliança, pressupondo que as estipulações anteriores ainda são válidas, com exceção das que foram expressamente modificadas, ele condensa e omite muita coisa enquanto dá uma nova ênfase aos aspectos afetados pela introdução do "lugar que o Senhor teu Deus escolher". O reconhecimento disto deveria evitar muitas das alegações da alta crítica de que há contradição entre o Deuteronômio e a restante legislação do Pentateuco. Considerado como um tratado de suserania, Dt. 16:1-17 corresponde às exigências costumeiras de que o vassalo devia comparecer anualmente diante do suserano com o tributo estipulado. Começando com o versículo 18 surge uma nova seção, principalmente preocupada com a administração da justiça.

### **A Páscoa. 16:1-8. O mês de Abibe. Veja Êx. 12:1, 6; 34:18.**

A páscoa. Este termo foi usado nestes versículos dando a entender a Páscoa propriamente dita e a Festa que se lhe seguia dos Pães Asmos com a duração de sete dias (cons. v. 3. observando que o antecedente de "nela" é páscoa). Conseqüentemente, este sacrifício da Páscoa devia ser tomado de ambos, o gado grande e o gado miúdo (v. 2), enquanto que para a Páscoa propriamente dita, indicava-se um cordeiro (Êx. 12:3 e segs.). Para os sacrifícios mencionados em Dt. 16:2, veja a narrativa da celebração em II Cr. 30:22 e segs. e 35: 7 e segs., e observe aqui o uso do termo "oferta de páscoa", literalmente *páscoas*, com referência ao sacrifício de animais.

**3. O pão de aflição** fazia lembrar as circunstâncias opressivas na casa da escravidão, especialmente a oposição de Faraó à partida de Israel, o que competiu os israelitas a tomarem providências apressadas para a fuga. Sobre os versículos 3, 4a, veja coment. em Êx. 12:15, 18-20; 13:3, 6, 7; 23:15; 34:18; Lv. 23:6. Sobre o versículo 4b, veja Êx. 12:10; 23:18b; 34: 25b; Nm. 9:12. Sobre o versículo 8, veja Êx. 12:16; Lv. 23:7, 8; Nm. 28:18, 25.

4. A fim de indicar a Páscoa de maneira mais específica, Moisés a chama de **a carne que sacrificares à tarde**. As referências à "páscoa" imediatamente depois dessa designação (vs. 5, 6) também devem ser tomadas evidentemente nesse sentido restrito.

**7a. Cozerás, e comerás** (E.R.A., E.R.C.). As E.R.A. e E.R.C. criam, sem necessidade, um conflito com Êx. 12:9, traduzindo o verbo *beishal* por "cozer". Só a adição específica de "com água" ou "em panelas" é que dá a este verbo hebraico o significado definido de "cozer" (cons. Êx. 12:9; II Cr. 35:13b). Quando definido mais extensamente com "no fogo", *beishal* significa claramente "assar" (veja II Cr. 35: 13a). Em si mesmo ele é ambíguo. Esta ambigüidade em Dt. 16:7 deve-se ao fato que a maneira de se preparar o sacrifício para a refeição já fora estabelecida e não era a atual preocupação de Moisés. Ele estava, antes, procurando enfatizar que esta festa devia ser realizada no santuário central. Só depois da comemoração de toda a festa, preparação e participação, é que os crentes podiam se afastar do santuário para seus alojamentos.

**7b. Às tuas tendas.** A ambigüidade desta expressão (que poderia aqui se referir aos alojamentos temporários dos peregrinos na cidade santa) também se atribui ao fato de Moisés estar enfatizando a idéia do altar central. A preparação do sacrifício no santuário era uma modificação da observância da primeira Páscoa no Egito, quando o sangue foi aplicado às casas na ausência de um culto e altar centralizados.

### **A Festa das Semanas. 16:9-12.**

Sobre o assunto desta seção, veja prescrições anteriores em Êx. 23:16; 34:22; Lv. 23:15 e segs.; Nm. 28: 26 e segs. 10a. A festa das semanas (cons. Êx. 34:22) também se chamava de "a festa da colheita" (Êx. 23:16) e "o dia das primícias" (Nm. 28:26). Mais tarde recebeu o nome grego de *Pentecoste* por causa da maneira como a sua data era calculada, isto é, cinquenta dias a partir de um ponto determinado (Lv.

23:16). Este ponto foi descrito aqui em termos gerais como o começo da colheita dos cereais (Deut. 16:9). Não havia necessidade de maior precisão porque a data exata já fora apresentada em Lv. 23:10 e segs. Era o segundo dia da Festa dos Pães Asmos, o dia da oferta do feixe das primícias da colheita dos cereais. Era "o dia imediato ao sábado" (Lv. 23:15), pois o primeiro dia dos Pães Asmos era um dia de descanso. Seguindo esta contagem, o Pentecoste do N.T. aconteceu em um sábado. As sete semanas entre as peregrinações da Páscoa e da Colheita davam tempo para se terminar a colheita dos cereais.

**10b. Ofertas voluntárias** (cons. Nm. 29:39; Lv. 23: 38). Esta festa era cheia de alegria – alegria no Senhor, que trouxera o Seu povo ao Seu fecundo paraíso (Dt. 16:10c, 11; cons. 12:7, 12, 18; 16:14, 15) – alegria no Senhor que os livrara da escravidão (v.1 2) e assim era uma alegria que devia ser partilhada com todos os pobres dentro da família convencional (v. 116).

### **A Festa dos Tabernáculos ou das Cabanas. 16:13-15.**

Legislação paralela está em Êx. 23:16; 34:22; Lv. 23:33 e segs.; Nm. 29:12 e segs.

**13.** A festa dos tabernáculos ou das cabanas também é chamada de "festa da colheita" (no Êxodo). Tal como a Festa dos Pães Asmos, durava uma semana, isto é, do dia quinze ao vinte e um do sétimo mês. Era seguida por um oitavo dia de descanso (Lv. 23:36,39). O nome Tabernáculos reflete o costume de habitarem em cabanas durante o festival, o que servia de lembrete da vida no deserto (cons. o uso dos pães asmos). O nome "colheita" indica que esta festa era o ponto alto do ano da agricultura, quando as uvas e os cereais já tinham sido colhidos. No ano da remissão, quando não havia colheita, esta festa era ocasião para significativas leituras públicas do texto da aliança (Dt. 31:9-13).

Novamente, o ponto principal aqui era o de reforçar a lei do santuário central – **o lugar que o Senhor escolher** (v.15). Aqui também, a alegria e o amor são os sinais da vida e culto convencional (v. 14).

**16,17.** Cons. Êx. 23:17; 34: 23. Este resumo conclui com a volta de todos os olhares novamente para o santuário central (v. 16a) e coloca em destaque o caráter das peregrinações como viagens tributárias ao trono de Deus-Rei (v,16b).

**17. Segundo a bênção que o Senhor seu Deus lhe houver concedido.** Cons. I Co. 16: 2.

## **2) Justiça Judicial Governamental. 16:18 – 21:23.**

Esta seção contém uma série de estipulações relativas ao governo teocrático, com ênfase destacada sobre o poder judiciário. Israel devia acrescentar à santidade de culto, a justiça político-judicial. Entre o governamental e o relativo ao culto havia uma unidade de autoridade máxima, desde que o Senhor era ambos, Deus e Rei, em Israel. Conseqüentemente, todas as instituições teocráticas, diferentemente daquelas no estado comum, eram declaradamente religiosas, e havia uma extensão de prática cultural, além do santuário, dentro da administração do governo. Além disso, por causa de todas as leis teocráticas, morais e civis, como também as relativas aos cultos, estarem incluídas nas estipulações da aliança do Senhor, registradas no documento da aliança, e porque o Livro da Lei era confiado aos sacerdotes no santuário central para ser guardado e explicado por eles, o sacerdócio possuía a dominante voz judicial (cons. 21:5), pelo menos até o começo da monarquia (cons. 17:9, 10). Em aditamento ao seu conhecimento da lei escrita, os sacerdotes tinham acesso, por meio do Urim e Tumim, aos veredictos divinos diretos. Isto conferia aos sacerdotes um papel mais definitivo, mesmo embora os reis viessem a ser mais importantes no processo judicial. Por toda a terra a voz oracular do Rei divino entronizado no santuário era revelada progressivamente ao profeta e por meio dele. Mas, enquanto os profetas registravam os juízos divinos não solicitados pelos vassalos e pela liderança, o sacerdote no seu desempenho judicial relacionava-se com os litígios que surgiam entre um vassalo israelita e

outro, ou com investigações legais iniciadas dentro da comunidade israelita.

### **a) Os Juízes e o Altar de Deus. 16:18 -17:13.**

**18-20.** Durante as viagens no deserto, Moisés, o mediador, foi o principal juiz de Israel, enquanto os juízes auxiliares escolhidos dentre as tribos resolviam os casos de menos importância (cons. 1:12 e segs.; Êx. 18:13 e segs.). Este arranjo fora agora modificado para atender às novas condições de vida em Canaã.

**18. Em todas as tuas cidades.** Os distritos judiciais seriam, ali, as cidades e não as divisões tribais e genealógicas. Os líderes naturais do concílio local de anciãos provavelmente seriam os juízes e os oficiais auxiliares aqui mencionados (cons. 19:12). Nesta introdução ao assunto, a ênfase recai, contudo, não na estrutura organizacional das judicaturas, mas na busca da justiça na administração da lei do Senhor – **não torcerás a justiça** (vs. 19, 20; cons. Êx. 23:3, 6, 8). Mesmo nos códigos e poemas épicos dos vizinhos pagãos de Israel, a virtude da justiça nos líderes era um ideal muitas vezes reiterado.

**16:21 – 17:1.** O entrelaçar-se dos processos do culto e do governo (cons. comentários introdutórios em 16:18 – 21:23 acima) explica o aparecimento das proscritões relativas ao culto entre os regulamentos judiciais. Estes versículos expõem de maneira concreta os princípios religiosos reguladores encontrados nas três primeiras leis do Decálogo, as quais deveriam caracterizar o procedimento judicial. Primeiro, somente a autoridade do Senhor devia ser consultada (vs. 21, 22; cons. 17:8-10). Isto se expressa negativamente na proibição do recurso idólatra das decisões oraculares (18:9-14).

**21. Poste-ídolo** (*Asherá*, RSV; **bosque**, E.R.C.), *Asherá*, a deusa cananita, tinha por epíteto significativo, o título "Asherá dos penhores, deusa dos oráculos" (*Keret*, 201, 202). Asherá e os postes-ídolos eram ao que parece, símbolos associados com o procedimento judicial,

especificamente no que se relacionava com o veredito oracular (cons. Pv. 16:10). Tal papel era desempenhado pelas imagens dos deuses no Egito, especialmente no Novo Reino.

## **Deuteronômio 17**

**17:1. Não sacrificarás . . . novilho ou ovelha em que haja imperfeição** (cons. 15:21; 21:1 e segs.; Lv. 22:17 e segs.). Segundo, o aspecto religioso do procedimento judicial devia ser caracterizado pela mesma reverência para com o santo nome do Senhor que se exigia em todos os cultos de Israel.

**17:2-7.** Começando aqui, apresentam-se regras de depoimento e julgamento. O caso particular de apostasia que foi citado (vs. 2, 3) é simplesmente ilustrativo dos casos que exigiam o veredito da pena capital. Formulações de princípios mais concretos do que abstratos é um dos aspectos da legislação deuteronômica. Com referência às estipulações relacionadas com a apostasia propriamente dita, veja Dt. 13 (cons. Êx. 22:20). A escolha desta ilustração em particular é apropriada, pois sublinha a ênfase contextual do senhorio exclusivo de Deus no processo judicial.

**2. Transgredindo a sua aliança.** A proibição de fidelidade a estranhos é a proibição básica e periódica da aliança.

**3. O que eu não ordenei.** A primeira pessoa nos faz lembrar que Moisés falava como porta-voz do Senhor (cons. 1:3; 7:4). O ponto central é a exigência de que a justiça fosse salvaguardada através de uma investigação conscienciosamente perfeita (v.4; cons. 13:14) e com insistência nas devidas evidências (vs. 6,7; cons. 19:15). Um mínimo de duas testemunhas era exigido (veja também Nm. 25:30), e sua confiança em seu próprio testemunho devia se evidenciar pela responsabilidade que assumiam de desferir os primeiros golpes, certamente mortais, na execução do condenado (cons. 13:9). Esta medida também evitava acusações secretas no decorrer de contendas particulares.

**5. Levarás . . . às tuas portas.** A execução era feita fora do acampamento (cons. Lv. 24:14; Nm. 15:36; Hb. 13:12).

**8-13.** Moisés perpetuou em forma modificada o sistema das judicaturas inferior e superior que havia sido instituído no Sinai (Êx. 18:13 e segs.). Durante as peregrinações, ambos, Moisés, o árbitro final, e o corpo de juízes auxiliares reuniam-se nas vizinhanças do santuário para tratar de assuntos de menor importância. Apesar de que as cortes inferiores podiam ser descentralizadas e localizadas pelas cidades de Israel (Dt. 16:18), ficou agora especificado que o tribunal superior tinha de continuar no santuário central – **o lugar que o Senhor teu Deus escolher** (v. 8), um lembrete de que aquele que habitava no santuário era o Juiz supremo de Israel. Este arranjo foi plantado especialmente para o período pré-monárquico, mas poderia continuar em vigor depois que um rei subisse ao trono de Israel (cons. 14 e segs.; II Cr. 19:8 e segs.).

**8a. Quando alguma coisa te for difícil demais.** Qualquer tipo de caso que se comprovasse demasiadamente difícil (lit. *maravilhoso demais*; cons. Jó 42:3) para a corte local, podia ser colocado sob a jurisdição da corte no santuário central (cons. 19:16-18). Esta última, contudo, não era uma corte de apelação.

**9. Aos . . . sacerdotes, e ao juiz.** A judicatura central consistia de uma pluralidade de ambos, sacerdotes e juízes (19:17), mas cada um destes grupos tinha um chefe individual, a saber, o sumo sacerdote (cons. 17:12) e o "juiz principal". A formulação não é bastante específica para determinar desta ordenança a divisão exata de responsabilidades entre o sacerdote e o juiz (cons. II Cr. 19:11). Aparentemente, os vereditos tinham de ser anunciados ou pelo sacerdote ou pelo juiz (Dt. 17:12).

**12. O homem . . . que . . . não dando ouvidos. . . morrerá.** Uma vez que a decisão era em qualquer dos casos transmitida pelo representante do Senhor, qualquer negligência em obedecer era rebeldia contra ele e tornava o ofensor sujeito à pena de morte. Na verdade, esses representantes do Senhor, na qualidade de agentes oficiais da Sua justiça, eram denominados *elohim*. "deuses" em Êx. 21: 6; 22: 8,28 (nesta



última, observe o paralelismo com "príncipe do teu povo"). Sobre Dt. 17:13, veja 13:11.

### **b) Os Reis e a Aliança de Deus. 17:14-20.**

Tal como a lei do santuário fixo, esta lei não considera o futuro imediato mas um outro bem mais distante. Embora o estabelecimento de uma monarquia fosse apresentada não como um imperativo, mas como uma permissão, é o que basta para provar que numa monarquia como esta não era obrigatório que fosse antitética ao princípio do governo teocrático (cons. Gn. 17: 6, 16; 35:11; 49:10). Tudo dependia do tipo de monarquia que emergisse. Se o rei se conformasse ao espírito da presente provisão, governando sob a liderança do Senhor e através das leis da aliança, ele na verdade enriqueceria a prefiguração simbólica do V.T. do reino messiânico. Foi a indiferença de Israel, quanto aos requisitos religiosos de um rei teocrático, a responsável pela oposição de Samuel diante do pedido de um rei (cons. I Sm. 8:4 e segs.). É digno de nota que nos tratados de suserania secular, exercia-se uma semelhante supervisão sobre a escolha de um rei por parte dos vassalos.

O ponto principal desta passagem, a qual estabelece os fundamentos legal-convencionais para a posterior monarquia, é que mesmo quando o reino dinástico tivesse substituído o juizado carismático, os reis também teriam de sujeitar suas vidas e reinos, e particularmente suas atividades judiciais, à aliança de Deus (vs. 18-20). A supremacia judicial pertencia ao Senhor, cuja lei estava sob a guarda dos sacerdotes (v. 18; cons. 11).

**15. Aquele que o Senhor teu Deus escolher.** A escolha divina de um rei que se assentasse no trono do Senhor (cons. I Cr. 29:23) era revelada através de um profeta (cons. I Sm. 10:24; 16:12 e segs.). **De entre os teus irmãos.** Tinha de ser um servo da aliança como todos. Em relação a isto o rei seria como o seu anti-tipo messiânico. As restrições dos versículos 16, 17 refletem as condições das cortes reais das nações à volta de Israel. Em algumas delas, o rei era um deus; em Israel, Deus era Rei (cons. Êx. 15:18; 19:5,6; Dt. 33:5; Jz. 8:23).

**16b.** Sobre isso, veja Êx. 13:17; 14:13; Dt. 28:68. No deserto, os israelitas sentiam saudades dos produtos da agricultura egípcia (Nm. 11:5, 18, 20; 14:4). Confrontados com impérios nos quais os cavalos eram uma fonte de poder econômico e militar, eles desejariam, ardentemente os famosos cavalos e carruagens de Faraó (cons. Is. 30:2; I Reis 10:28,29), esquecendo-se da importância de sua eleição e seu livramento da escravidão do Egito. Com referência à violação salomônica destas restrições, veja I Reis 10:26 e segs.; 11:1 e segs.

**18. Um traslado desta lei.** Uma cópia do tratado de suserania era entregue a cada rei vassalo. A cópia do Senhor, aqui considerada o original e padrão, ficou depositada no santuário central (31:9). Com referência aos versículos 19, 20, cons. 31:12, 13. Davi manifestou sua conformidade de espírito com esta lei convencional do reino através de seus salmos (veja Sl. 1) e colocando o seu trono perto do santuário central, no lugar que Deus tinha escolhido.

## Deuteronômio 18

### c) Sacerdotes e Profetas. 18:1-22.

Israel recebeu a responsabilidade de sustentar os ministros do sacerdócio de Deus cujas obrigações administrativas foram citadas nos contextos precedente e seguinte (vs. 1-8). Depois Moisés ordenou a eliminação de todos os falsos pretendentes oraculares, incluindo o falso profeta (vs. 9-22). Com relação a isto, ele apresentou a instituição dos verdadeiros profetas (v.15 e segs.), relevando o tratamento que se devia aos líderes teocráticos (juiz, 16:8; rei, 17:14 e segs.; sacerdote e levita, 18:1 e segs.), o que foi apropriadamente incorporado a esta seção sobre a legislação que trata da administração oficial da justiça na vida teocrática.

**1. Os sacerdotes levitas.** Deuteronômio usa esta designação sete vezes, e sete vezes simplesmente "sacerdote(s)". **E toda a tribo de Levi.** O **e** é interpretativo, uma vez que no hebraico a construção é de simples aposição. Esta interpretação é gramaticalmente aceitável (cons. 17:1) e consistente com o restante das Escrituras, pois de acordo com ela todos

os sacerdotes eram descendentes de Levi, mas apenas os levitas araanitas eram sacerdotes. A tradução da E.R.C., insinua em Deuteronômio a opinião de que todos os levitas eram sacerdotes, criando conseqüentemente um conflito entre ele e outra legislação bíblica. Deuteronômio mesmo transmite uma imagem inteiramente diferente de cada grupo: os sacerdotes são os ministros do altar no santuário central, que desfrutam de uma posição de honra e autoridade supremas; os levitas são em toda parte subordinados funcionais e socialmente dependentes. Sacerdotes e levitas partilhavam da comissão de instruir Israel na Lei (33:1a; Lv. 10:11; II Cr. 15:3; 17:8, 9; 30:22; 35:3).

**1a. Não terão parte nem herança.** Isto é, eles não teriam um território tribal unificado (cons, 10:9; 12:12; 14:27, 29). Na qualidade de formulações compactas servindo aos propósitos da renovação do tratado, as estipulações deuteronômicas assumem a validade dos regulamentos mais minuciosos dados anteriormente, a não ser que, é claro, elas os modifiquem expressamente. Desse modo, aqui, os versículos 1b,2 fazem alusão à legislação igual à de Nm. 18:20 e segs.; Lv. 2:3; 7:6-10, 28 e segs.

**2. O Senhor é a sua herança.** O Senhor escolheu os levitas na qualidade de oferta de consagração dos primogênitos de Israel (v. 5; cons. Nm. 3:5-13) e então deu-se a Si mesmo como porção deles. Este último fato foi expresso em sua participação nas ofertas de Israel para Ele. O arranjo era simbólico da grande verdade testamentária de que o Senhor era o Deus de Israel e Israel era o povo do Senhor.

**3. O direito devido aos sacerdotes.** Há uma dúvida se este versículo define melhor as ofertas queimadas e a herança (por exemplo, primícias, dízimos) dos versículos 1, 2, ou se indica certas porções adicionais. No primeiro caso, há uma modificação de lei anterior, pois as partes específicas designadas para os sacerdotes não são aquelas detalhadas em Lv. 7:29 e segs. Se isto for correto, uma explicação da modificação da primitiva exigência da espádua direita pode muito bem ser esta: a espádua direita era a porção dada aos sacerdotes cananitas –

conforme ficou comprovado pelo descobrimento de um poço ligado a um templo cananita e cheio com ossos da espádua direita. Aceitando que o versículo 3 seja uma adição à legislação anterior, alguns têm defendido que a referência não foi feita ao sacrifício, mas aos animais mortos em casa (cons, a terminologia em Dt. 12:15, 21). Tal provisão prevenida a seria diminuição dos rendimentos dos sacerdotes, que de outro modo resultaria se esta considerável parte do animal fosse removida da categoria do sacrifício. Outra e mais sustentável explicação de 18:3 interpretada como provisão adicional é que ela se refere não às ofertas pacíficas propriamente ditas, mas a certas outras refeições sagradas comidas no santuário; generalizadamente festivas, ou, como o presente contexto poderia sugerir, associadas com processos judiciais. No versículo 4, o velo suplementa as exigências anteriores (cons. Nm. 18:12).

**6. Quando vier um levita de alguma das tuas cidades.** As cidades dos sacerdotes ficavam perto de Jerusalém, mas as dos levitas ficavam muito longe (via Js, 21). Os versículos 6-8 garantiam os direitos de todos os levitas contra qualquer tendência restritiva de interesses sacerdotais de direito no santuário central. A caridade para com os levitas exigida de Israel em geral era também exigida dos sacerdotes.

**9-22.** Se Israel quisesse mais detalhadas revelações da vontade do Senhor, além daquela expressamente registrada na Lei de Moisés, o recurso do Urim e do Tumim estava à disposição dos seus sacerdotes. Além disso, a iniciativa da revelação ficava com Deus, que levantaria profetas e falaria através deles (v. 18). Os israelitas deviam se satisfazer com essa revelação e submeter-se a ela (vs. 15-19), Se eles tratassem Moisés e os profetas de maneira inadequada, então nem a voz dos mortos valeria. Segundo se dedara, as fontes oraculares, tais como as que floresciam entre os cananitas, deviam ser evitadas (w.9-14). E um profeta presunçoso, falando como se falasse do Senhor, aliás, todo falso profeta tinirá de ser exterminado (vs. 20-22 ).

**9. Não aprenderás a fazer conforme as abominações.** Todas as superstições ocultas – adivinhação, feitiçaria, espiritismo (vs. 10,11) –

eram abominações (vs. 9, 12) diante do Senhor e merecedoras de anátema (cons. comentários sobre 7:1 e segs.). A magia pagã identificava-se com a religião pagã, e portanto a sua prática seria rebelião contra as exigências da aliança do Senhor no tocante à lealdade de Israel – **perfeito serás** (v. 13).

**15. Um profeta do meio de ti . . . semelhante a mim.** Esta figura de profeta, como certas outras no V.T. (por exemplo, a semente da mulher, o filho de Davi, o servo do Senhor, o filho do homem) tem dois significados, um associativo e outro individual. O sentido coletivo (isto é, toda a instituição das profecias do V.T.) está claramente condicionado, pois o problema de distinguir o verdadeiro e o falso profeta está indicado nesta conexão (vs. 20-22), e este "profeta" está apresentado como o correlativo legítimo da instituição oracular em Canaã (vs. 9-14).

Além disso, dentro da estrutura do Deuteronômio, esta é a seção que trata com os diversos ofícios teocráticos, e o ofício profético não está em qualquer outra parte formalmente instituído (cons. Lc. 11:50, 51). Ao mesmo tempo, esta passagem foi interpretada por Jesus e os apóstolos como indicativa do Messias (veja especialmente Atos 3:22, 23; cons. Jo. 5:43; 12:48,49; Mt. 17:5). Jesus era o profeta antitípico do qual a instituição profética do V.T. foi uma sombra. O ofício de profeta foi uma função mediadora e como tal, numa certa extensão, o prolongamento do ofício mediatorial de Moisés – **semelhante a mim** (cons. Nm. 12:6,7). Foi dado a Israel em resposta ao pedido feito no Horebe, quando pediram um mediador da revelação divina (Dt. 18:16 e segs/ cons. 5:23 e segs.).

**20a.O profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome.** Esse tal seria uma ameaça mais sutil do que o adivinho cananita ou o israelita sonhador de sonhos, comprovados com sinais, que atraíam a outros deuses (v. 20b; 13:1 e segs.). E ele devia receber o mesmo tratamento dos outros (v. 20c; cons. v.12; 13: 5). Identificá-lo era mais difícil (v. 21), mas ele devia ser denunciado pelo fracasso de suas predições averiguáveis (v. 22).

## **Deuteronômio 19**

### **d) Garantias da Justiça. 19:1-21.**

O tema da justiça judicial continua com estipulações calculadas para garantir um julgamento justo e um veredito verdadeiro. Fornecia-se asilo para o homicida para que a ira do vingador não impossibilitasse um julgamento sóbrio (vs. 1-13). Falsificar evidências era proibido (v. 14). Exigia-se testemunho adequado e honesto (vs. 15-21). Estas medidas serviam à justiça protegendo o inocente, mas a justiça também devia ser satisfeita com o castigo impassível do culpado (vs. 11-13, 19-21)

### **Asilo Judicial. 19:1-13.**

**2, 3. Três cidades separarás . . . para que nelas se acolha todo homicida.** Aqui está se falando da terra a oeste do Jordão, pois, conforme ficou declarado na conclusão do prólogo histórico (4:41-43), Moisés já tinha designado as três cidades de refúgio a leste do Jordão. O papel de Josué ao completar esta nomeação das cidades de refúgio é um sinal da unidade funcional e dinástica de Josué com Moisés (cons. Js. 20).

**6.** Uma das funções do parente-remidor era a de ser o vingador do sangue (Gn. 4:10 e segs.). Esta instituição não era necessariamente o sinal de uma sociedade eticamente primitiva; antes, era um sinal de uma forma de governo menos complexa e menos centralizada. Teoricamente, o vingador devia agir sem paixão, em nome da justiça. Contudo, por causa da possibilidade dele agir por mera paixão, sua tarefa, embora continuasse em vigor, era sabiamente controlada no novo governo de Israel mais centralizado, estabelecido em Deuteronômio. O controle foi feito por meio do uso e da expansão da instituição do asilo primitivamente associado com o altar (cons. Gn. 4:15; Êx. 21:14b).

A origem disso se encontra no livro da Aliança do Sinai (Êx. 21:12-14), e foi mais claramente exposto em Nm. 35:9-34. Certas minúcias foram acrescentadas em Deuteronômio 19 (cons. 3a, 8, 9 e 12), particularmente com referência ao futuro desenvolvimento de Israel em

Canaã. Em Números, o termo "cidades de refúgio" se aplica a estas cidades, que forneciam proteção ao homicida fugitivo que não fosse acusado de homicídio premeditado (vs. 4, 5). Exatamente como a separação geográfica das tribos em relação ao altar central em Canaã exigia uma descentralização do sacrifício de animais (12, 15 e segs.), também exigiu uma descentralização do asilo. O fato das cidades de refúgio serem cidades dos levitas (cons. Js. 20: 7 e segs. e 21:1 e segs.) indica, contudo, que, diferindo do sacrifício de animais realizado à parte do altar central, a descentralização do asilo não perdeu seu caráter cerimonialmente sagrado. Observe, também, a integração desta provisão na vida do sumo sacerdote (Nm. 35:25). As cidades de refúgio eram, então, extensões do altar como lugar de asilo. Tudo isto contribui ainda mais para enfatizar esta parte das leis sobre a importância judicial do sacerdócio e do altar central. Considerando que o altar era o lugar da habitação do Senhor, pode-se ver nestas leis do asilo o equivalente deuteronômico das estipulações de extradição que se destacam preeminentemente nos tratados internacionais de suserania.

**9. Então acrescentarás outras três cidades.** Moisés olhava além para o futuro próximo e para a seleção das três cidades ocidentais em um futuro más remoto, quando a expansão de Israel - de acordo com a promessa divina (1:7; 11:24; 12:20) – daria lugar à necessidade de nove, em lugar de seis cidades de refúgio. Não temos notícia histórica da obediência a esta ordem.

**12a. Os anciãos da sua cidade.** Estes representantes da autoridade local tinham a responsabilidade do sangue inocente derramado em sua vizinhança (veja também 21:3 e segs.), e receberam por isso uma tarefa na satisfação do clamor desse sangue a fim de que a justiça fosse feita (cons. v. 13), mas sem revogação do antigo direito do vingador individual (12b). O julgamento propriamente dito era realizado diante da "congregação" (Nm. 35:12, 24), isto é, publicamente, mas se na localidade do homicídio ou na cidade de refúgio, não ficou esclarecido.

Josué 20:4 (cons. v. 6) menciona um julgamento, pelo menos provisório, que seria realizado na cidade de refúgio.

### **A Lei dos Limites. 19:14.**

Este versículo trata daquilo que efetivamente, era a violação do nono mandamento, como também os versículos 16-21. **Os marcos do teu próximo.** O valor dos marcos delimitatórios como provas nos litígios envolvendo propriedade é visível. Sua inviolabilidade era protegida por severas sanções nos diversos antigos códigos legais, e por meio de maldições contra os molestadores inscritos nos próprios marcos (cons. 27:17). Pedras de diversos pés de altura (*kudurru*, em acadiano) marcavam os limites das propriedades reais. O fato da herança de Israel e de cada israelita individualmente constituir uma garantia real do seu divino Rei, aumentaria a culpa de qualquer um que alterasse os limites, que seriam estabelecidos pelas primeiras gerações depois da conquista - que os antigos fixaram.

### **A Lei das Testemunhas. 19:15-21.**

**15. Pelo depoimento de duas ou três testemunhas.** Este versículo estipula como princípio geral de administração, nos casos criminais, a lei das testemunhas que já fora anteriormente enunciada com referência aos casos capitais (17:6; Nm. 35:30). Deuteronômio 19:16-21 trata do testemunho perjuro, isto é, da violação do nono mandamento na corte (veja 5:20; Êx. 20:16; 23:1).

**16. Testemunha falsa.** Assim foi designada em vista do resultado; mas do ponto de vista dos juízes locais não está claro quem é o mentiroso, se ela ou a defesa. Exatamente por causa desta dificuldade o caso devia ser submetido à corte central (cons. 17: 8-13).

**18. Indagarão bem** (cons. 13: 14; 17: 4). Não devia se recorrer a provas penosas, conforme usava-se fazer em tais casos, como na prática legal entre os vizinhos de Israel.



**21. Vida por vida.** A penalidade do perjúrio, contudo, devia ser estabelecida de acordo com a *lex talionis* (Êx. 21:23 e segs.; Lv. 24:17 e segs.), que era quase universalmente seguida. Este princípio não era licença para a vingança mas uma garantia de justiça. Observe novamente o destaque do julgamento do sacerdote (Dt. 19:17).

## Deuteronômio 20

### e) Julgamento das Nações. 20:1-20.

Justiça teocrática devia ser exercida na realização da guerra além das fronteiras de Israel como também na administração da lei criminal dentro da terra. Aqui, novamente, aparece uma hegemonia do sacerdote e do culto no processo judicial (v. 2 e segs.). Exatamente como as cidades de refúgio eram uma extensão do aspecto protetor do altar através de toda a terra (cons. 19:1 e segs.), assim também uma campanha militar consagrada contra o inimigo estrangeiro era o juízo justo e santo do santuário – ou melhor, do Senhor – **em toda a terra** (vs. 1b, 4,13a).

Enquanto todas as operações militares dos israelitas sancionadas pelo Senhor eram juízos teocráticos, e o adversário sempre assumia o caráter de adversário do reino de Deus, fazia-se uma distinção entre as guerras travadas contra as nações cananitas e aquelas contra nações muito distantes (v. 15 e segs.). O mandato prospectivo de Deut. 7 concentrava-se no primeiro caso; as presentes estipulações centralizavam-se no último. Nos tratados de suserania extra-bíblicos, também, as atividades militares dos vassalos e sua participação nos despi os eram cuidadosamente regulados e o suserano prometia apoio se necessário.

**1. Pois o Senhor teu Deus . . . está contigo.** A lembrança das façanhas todo-poderosas de Deus no estabelecimento da teocracia e a reafirmação da Sua presença no meio do Seu povo, mesmo quando se tratava das guerras do Senhor, deviam confirmar a fé dos israelitas quando enfrentassem exércitos maiores e tecnologia militar. Quanto aos cavalos e aos carros, que Israel cantasse novamente a Canção do Mar:

"O Senhor é homem de guerra . . . Lançou no mar os carros de Faraó e o seu exército . . . precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro ... O Senhor reinará por todo o sempre" (Êx. 15: 3a, 4a, 216, 18).

**2. O sacerdote se adiantará, e falará.** No mundo antigo, sacerdotes e intérpretes de augúrios eram membros regulares da equipe militar (cons. Nm. 10:8, 9; 31:6; 1 Sm. 7:9 e segs.). A função do sacerdote israelita não era análoga a de um capelão militar moderno. Ele antes representava o santuário em cujo nome o exército israelita avançava; ele consagrava a batalha à glória do Senhor dos exércitos e ao Seu reino convencional. Com referência ao versículo 4, veja 23:14; I Sm. 14:18; II Sm. 11:11.

A situação analisada nos versículos 5-9 é aquela dos primeiros tempos em Canaã, antes que houvesse um exército regular com mercenários estrangeiros fazendo o papel de um corpo de elite.

**5. Os oficiais.** A milícia das tribos devia ser recrutada pelos oficiais das tribos (cons. 1:15). Shamshi-Adade, o assírio, em sua correspondência milita, ordenou àqueles que estavam encarregados do recrutamento: "O comandante cujas tropas não se apresentarem na íntegra e que deixar um homem para trás incorrerá no desfavor do rei" (Mari, 1, 6:18 e segs.). Considerando, contudo, que nas guerras do Senhor, a vitória vinha não pelo poder do exército israelita, o recrutamento era feito tão livre de compulsão que apenas a consciência fortalecida pela fé no Senhor como o Doador da vitória (v. 4) competia ao alistamento. (Para averiguar exemplo histórico surpreendente deste princípio, veja Jz. 7:2, 3).

**8. Para que o coração de seus irmãos se não derreta.** Os poemas épicos homéricos descrevem tropas desmoralizadas chorando como bezerros e gritando como crianças com saudades de casa. Tal comportamento no exército israelita desgraçaria o nome do Senhor diante dos pagãos. Os tipos que deviam ficar de fora evidentemente não eram insólitos em Israel (cons. o poema sumeriano, "Gilgamesh and the Land of the Living", 49 e segs.; O Poema Ugarita, Keret, 101 e segs.).

Jesus insistia (Lc. 14 18 e segs.) que tais desculpas usadas para isenção do serviço militar não deviam afastar um homem da pronta aceitação do Seu convite à salvação. (A respeito do v.6, cons. Lv. 19:23 e segs.; sobre o v. 7, cons. 24: 5).

**10. Oferecer-lhe-ás a paz.** Tal oferta foi expressamente proibida no conflito com as cidades de Canaã (7: 2 e segs.). A identificação do reino de Deus com o reino terrestre de Israel produziu, no V.T., uma antecipação do juízo final que sobrevirá àqueles que permanecerem de fora do reino redentor de Cristo. Este juízo do V.T., contudo, não podia ser executado universalmente. Pois então a dispensação da graça para os gentios teria terminado prematuramente, e a promessa de que Israel seria uma bênção a todas as nações através do Messias (Gn. 12: 3) teria sido nulificada. Por isso, a tipologia do juízo final foi estritamente aplicada, unicamente, nas guerras contra as nações dentro das fronteiras reclamadas por Deus para o Seu reino típico (Dt. 20:16-18; cons. 7:2 e segs.).

**15. As cidades . . . mui longe de ti.** Além dessas fronteiras a tipologia do juízo era abrandada pelos princípios que governam o relacionamento costumeiro das nações em geral (vs. 10-15), ainda que não de modo a se perder o significado religioso do encontro de uma nação antiga com o Reino do Israel de Deus. Conseqüentemente, na oferta de paz de Israel (v. 10) e na submissão da cidade gentia como tributário convencional do Senhor (v. 11) está gravada a imagem da missão salvadora do povo de Deus neste mundo (cons. Zc. 9: 7b, 10b).

O julgamento daqueles que se recusam a fazer a paz com Deus através de Cristo era exibido no cerco, na conquista e no castigo da cidade insubmissa (Dt. 20:13), ainda que, conforme observado acima, isto não importava em estrita aplicação do *herem* (interdito), nem era também tão severo quanto o tratamento costumeiro nas guerras da antiguidade (vs. 14, 19, 20).

**19b.** O arvoredo é a vida do homem. Estas palavras, colocadas em parêntesis na E.R.C., são obscuras; mas a E.R.C. parece traduzir o final do versículo de maneira mais acertada do que a E.R.A.

## **Deuteronômio 21**

### **f) Autoridade do Santuário e do Lar. 21:1-23.**

Este capítulo conclui os mandamentos relacionados com a autoridade governamental. Considerando que toda esta autoridade é uma extensão da autoridade do chefe da família individual (veja o quinto mandamento), estas estipulações finais sobre este assunto preocupam-se apropriadamente do exercício da autoridade dentro do lar. Há sanções impostas para reforço desta autoridade (vs. 18-21), e há regulamentos para garantir um justo exercício dela (vs. 10-17). Os versículos introdutórios prescrevem procedimento judicial nos casos em que a justiça penal não possa ser satisfeita, tendo em vista que a identidade do ofensor não é conhecida (w. 1-9). As provisões são tais que demonstram além disso a orientação de todo o governo teocrático do santuário. Semelhantemente, a estipulação final insiste que seja respeitada a lei culto-cerimonial na administração da lei criminal (vs. 22, 23). O altar teocrático e a corte teocrática eram duas manifestações da justiça do Rei teocrático, o Santo que escolheu um lugar de habitação em Israel.

### **Responsabilidade Comunitária Conjunta 21:1-9.**

Os membros das judicaturas locais (veja 16:18) deviam determinar qual a cidade que devia assumir a responsabilidade.

**3. Da cidade mais próxima.** Este princípio da responsabilidade comunitária conjunta no caso de criminosos não identificados também aparece no Código de Hamurabi. As leis 23 e 24 desse Código exigem que a cidade mais próxima faça a restituição no caso de roubo e que compense com uma mina de prata a família da pessoa assassinada. Os anciãos da cidade (cons. 19:12), como os representantes de toda a

população, deviam orientar a execução cerimonial (3b, 4). Este ritual devia ser executado sob a jurisdição dos sacerdotes (5a).

**5b. Por sua palavra, decidirem toda demanda e todo caso de violência** (cons, 17: 8, 10). Aqui está uma afirmação clara da autoridade judicial máxima de que estava investido o sacerdócio. A função dos sacerdotes no caso sob exame era puramente judicial, pois o sacrifício da novilha (v. 4b) não seria um sacrifício cultural, mas uma execução judicial. Que não era um sacrifício no altar está evidente pelo medo da execução (cons. Êx. 13:13). Considerando que era apenas uma execução cerimonial, ficando a novilha como substituto do homicida desconhecido, não havia verdadeira satisfação de justiça.

**9. Assim eliminarás a culpa . . . do meio de ti.** O atual servia para preservar o status cerimonial daqueles que estavam envolvidos na qualidade de membros convencionais sacramentalmente qualificados (vs. 8, 9). Fazendo assim, prefigurava profeticamente (como um sacrifício no altar) a execução vicária do Messiânico Servo do Senhor pela culpa de sangue do Seu povo. Não só os homens, mas também a terra manchada de sangue participava dessa profanação simbólica; e sua profanação também era, figuradamente, purificada através do ritual judicial (cons. Nm. 35:33). Nisto havia um lembrete de que a perfeita justiça devia finalmente permear todo o reino de Deus. Outro subproduto dessa exigência ritual seria a preservação da paz através da eliminação de possíveis mal-entendidos que pudessem inflamar uma luta entre as cidades, se o parente vingador do morto saísse precipitadamente no cumprimento de seu papel de vingador.

### **Limites da Autoridade de um Marido. 21:10-14.**

Esta primeira das três estipulações relacionadas com a autoridade do chefe da casa (cons. vs. 15-21) trata dos limites da autoridade do marido sobre a esposa. O caso de uma mulher cativa (vs. 10, 11; cons. 20:14; contraste com 7:3) foi usado como exemplo para o estabelecimento dos direitos da esposa, talvez porque o princípio poderia

obviamente se aplicar *a fortiori* ao caso de uma esposa israelita. Sobre os atos de purificação dos versículos 12b, 13a, os quais significavam a remoção do status de escravo, compare com Lv. 14:8 ; Nm. 8:7. Sobre o luto de um mês, veja Nm. 20:29 e Dt. 34:8. Este período daria lugar à serenidade interior necessária para o começo de uma nova vida, como também para a expressão apropriada da piedade filial.

**14. De nenhuma sorte a venderás.** Uma esposa não devia ser reduzida à condição de escrava, nem mesmo a esposa que foi tirada da condição de escrava. Embora esta ilustração da esposa prisioneira seja peculiar ao Deuteronômio, o mesmo princípio está expresso no Livro da Aliança, onde o caso da serva israelita foi apresentado (Êx. 21:7-11). **Deixá-la-ás ir à sua própria vontade.** A interrupção do relacionamento conjugal, só foi mencionado aqui, em relação à declaração do princípio mais importante de que a autoridade do homem não se estendia ao direito de reduzir sua esposa à condição de escrava. A dissolução do casamento teria de ser realizada de acordo com as leis do divórcio da teocracia (cons. Dt. 24:1-4). O divórcio não era obrigatório, mas concedia-se a liberdade no caso do homem tomar a decisão de se divorciar de sua esposa, de acordo com a permissão dada por Moisés, por causa da dureza dos seus corações (cons. Mt. 19:8).

### **Limites da Autoridade Paterna. 21:15-17.**

Esta estipulação circunscrevia a autoridade do pai sobre seus filhos, especificamente no que dizia respeito aos direitos de primogenitura. Esta ilustração particular envolve outra situação da economia mosaica que era simplesmente tolerada, isto é, a poligamia. Onde a poligamia era praticada, o problema citado (v. 15) teria sido comum (cons. Gn. 29:20 e segs.; I Sm. 1:4 e segs.).

**17c. O direito da primogenitura é dele.** O direito da primogenitura incluía uma herança de propriedades em dobro do que era concedido aos outros filhos. O princípio aqui reforçado é que a autoridade paterna não é absoluta. A mera preferência pessoal do pai não

justifica desprezo dos direitos costumeiros, divinamente sancionados, daqueles que se encontravam sob sua autoridade paterna.

### **Julgamento do Filho Rebelde. 21:18-21.**

Se o abuso da autoridade produzia tirania, o desrespeito pela devida autoridade produziria anarquia, a própria contradição da ordem da aliança como uma manifestação do senhorio divino. A autoridade paterna, em particular, fora ordenada por Deus para representar a autoridade divina e para sei a pedia de esquina de todo o governo humano e ordem social. Portanto, enquanto era necessário proteger-se aqueles que se encontravam sob a autoridade do chefe da casa para que não houvesse abuso arbitrário de sua autoridade (vs. 10-17), também era necessário fortalecer essa autoridade contra o espírito da anarquia em uma geração de Belial (v. 20). Está reforçado aqui através das sanções máximas da lei teocrática (v. 21; Êx. 21:15, 17; Lv. 20:9; Dt. 27:16).

**18. Ainda castigado.** O castigo devia ser o limite da aplicação das sanções judiciais pelos próprios pais. Além disso, o processo judicial devia sei dirigido pelos anciãos à porta da cidade (v. 19), isto é, pela judicatura teocrática local (cons. 16:18 e segs.).

### **Disposição do Cadáver de um Criminoso. 21:22, 23.**

A lei precedente provinha da autoridade paterna para a autoridade oficial judicial e prescrevia a pena de morte. O presente caso avança no processo judicial um passo além da execução, para a exposição do corpo como uma advertência, proclamação pública da satisfação da justiça. O principio exemplificado é que toda administração da lei teocrática devia operar à serviço da religião da aliança.

**23. O que foi pendurado no maleiro é maldito de Deus.** O condenado teria sido culpado de ofensas declaradas malditas pelas sanções da aliança. Tendo sido executado, visivelmente estaria personificando a ira de Deus que foi derramada. Como carcaça humana exposta às aves e às feras (cons. II Sm. 21:10), o homem pendurado no

madeiro seria uma expressão da consumação da maldição divina sobre a raça decaída (cons. por exemplo, Ap. 19:17 e segs.). Nesta conclusão da série de estipulações em que Deus exige uma justiça judicial perfeita e a satisfação de cada reivindicação da justiça, se necessário através de um sofredor vicário, o crente do Novo Testamento lembra-se dAquele que foi maldito de Deus para redimir o Seu povo da maldição inexorável da lei (Gl. 3:13).

### **3) Santidade da Ordem Divina. 22:1 – 25:19.**

O amor a Deus exige reverência pelas ordenanças divinas nos diversos níveis da criação e nas diversas esferas das atividades humanas. O servo da aliança devia respeitar a santidade da ordem da natureza (22:5-12), do casamento (22:13-30; Bíblia Heb. 23:1) e do reino teocrático (23:1; [Bíblia Heb. 23:2]; 25:12). Com exceção parcial da ordem natural, o setor em vista é do relacionamento mútuo dos servos da aliança. Toda esta parte, portanto, está sujeita a leis que claramente expressam o princípio básico de que a mesma preocupação amorosa que alguém demonstraria pelos seus interesses pessoais deve ser demonstrada também pelos interesses do próximo (22:1-4; 25:13-16). Os tratados de suserania extra-bíblicos também regulavam o relacionamento dos vassalos do senhor entre si.

## **Deuteronômio 22**

### **a) As Ordenanças Relativas ao Trabalho e Casamento. 22:1-30.**

**1-4.** Legislação semelhante encontra-se no livro da Aliança (Êx. 23:4 e segs.). Lá, está no meio das leis cujo alvo é assegurar uma administração honesta da justiça. A lei de Deus deveria ser obedecida por um homem, mesmo em suas atividades secretas, que estão além do controle dos agentes humanos escolhidos por Deus para garantia da execução da lei. Deuteronômio 22:1-4 poderia assim servir bem como um apêndice à seção precedente sobre a vigência da lei teocrática. Chama-se a atenção para o fato de que as exigências divinas quanto ao



nosso relacionamento com o nosso próximo só serão inteiramente cumpridas, quando agirmos em um espírito de amor que vai além da mera guarda da lei para fugir ao castigo, e busca positivamente o bem-estar dos outros como se fosse o nosso próprio. Esta lei do amor é o princípio essencial que as estipulações seguintes aplicam às situações particulares da vida do povo da aliança.

**5-12.** O homem deve estar cômico do que, em todo o uso que ele fizer deste mundo, é um mordomo de Deus. Vários regulamentos foram portanto prescritos para os israelitas, a fim de que os lembrassem continuamente, conforme buscassem realizar o programa cultural do reino de Deus (cons. Gn. 1:28), que o mundo é do Senhor, pois Ele é o seu Criador. O homem foi realmente colocado como o rei da natureza, com toda a ordem da natureza sob o seu domínio; mas o papel do homem é o de vice-rei no nome do Criador. A autoridade humana deve, portanto, ser exercida de acordo com o padrão que Deus estipula. É este um princípio fundamental, que sublinha a exigência introdutória desta seção, que a distinção entre o homem e a mulher não deveria ser toldada pela apropriação dos artigos característicos um do outro (Dt. 22:5). Deus os criou macho e fêmea, com naturezas e funções distintas; especificamente, na ordem da autoridade divinamente estabelecida, o homem é a cabeça da mulher quando juntos reinam sobre a terra. O Senhor criou as diversas "espécies" nos reinos vegetal e animal (Gn. 1:11 e segs.). Israel devia tratar essas "espécies" de modo que fossem preservadas suas naturezas distintas (Dt. 22:6, 7, 9.11; cons. Lv. 19:19).

**8. Para que nela não ponhas culpa de sangue.** O sangue que é a vida do homem, é de significado especial na ordem natural da criação. Falta de cuidado com ele demonstra falta de amor ao próximo e respeito a Deus. Portanto, incorre-se em culpa diante do Criador, mesmo quando acidentes resultantes dessa falta de cuidado não receberem compensação humana.

**12. Farás borlas.** Como outras estipulações desta seção, o regulamento final, que exigia o acréscimo de borlas às vestes externas,

servia para fornecer um lembrete especial da suserania de Deus sobre Israel (cons. Nm. 15:37-41).

**13-30.** As leis dos versículos precedentes eram para regular a ordenança do trabalho; as leis desta seção serviam para governar a instituição da ordenança do casamento. A santidade da divina instituição da família é portanto o alvo destas provisões.

**13, 14. Se um homem casar com uma mulher . . . e lhe atribuir atos vergonhosos.** O caso é um marido que acusa a sua esposa de falta de castidade, quer falsamente (vs. 13-19), quer justificadamente (vs. 20, 21). No primeiro exemplo, o maldoso acusador deveria sofrer castigo corporal (v. 18; cons. 25:1-3), pagar uma compensação ao seu sogro por difamar a sua casa (v. 19a) e reter sua esposa, sem mesmo ter a permissão de se divorciar dela (v.19b). No segundo caso, a esposa culpada que "fez loucura" devia sofrer a morte por apedrejamento diante da desgraça da casa de seu pai. Em sociedades onde tais evidências eram legalmente decisivas, costumava-se depois da consumação do casamento guardar os sinais da virgindade da esposa (v. 17). (Sobre a responsabilidade judicial dos anciãos, veja 19:12; 21: 2-6, 19, 20; 25:7-9. Sobre o adultério, punível com a morte, veja 5:18; Lv. 18:20, 29; 20:10).

Os versículos 23-29 referem-se à sedução de moças solteiras, ou comprometidas (vs. 23-27), ou livres (vs. 28, 29). Se a moça fosse comprometida, o homem devia ser apedrejado até a morte. A mesma penalidade era imposta à moça, se a relação sexual ocorresse na cidade (vs. 23, 24); mas não se as circunstâncias permitissem a razoável suposição de que fora forçada – **ela não tem culpa de morte** (vs. 25-27). O sedutor de uma virgem livre era obrigado a tomá-la por esposa, pagando o devido preço pela noiva e perdendo o direito ao divórcio (vs. 28, 29). Provavelmente os direitos paternos mencionados em Êx. 22:17 continuavam tendo precedência. Com referência a Dt. 22:30; veja Lv. 18:6 e segs.; 20:11 e segs.; Dt. 27:20 e segs. Esta simples proibição representa, como lembrete, toda a lista de vaus de afinidade que se encaixam nesta mesma proibição.

O tema dos capítulos 23-25 é a santificação do reino teocrático. Israel devia respeitar a santidade da congregação do Senhor (23:1-18; Bíblia Heb. 2-19); a santidade das classes especiais de servos de Deus, particularmente os necessitados (23:19 [Bíblia Heb. 20] – 24:22); e a santidade de cada cidadão da teocracia como portador individual da imagem de Deus (25:1-12).

## Deuteronômio 23

### b) A Congregação do Senhor. 23:1-18.

1-8. A santidade da congregação do Senhor destacava-se pela exclusão da participação nas assembléias teocráticas oficiais daqueles que eram desqualificados de diversas maneiras. A desqualificação podia ser física (vs. 1, 2) ou étnica e histórica (vs. 3-8). Excluídos estavam os **eunucos** (v. 1) e os **bastardos** (v. 2) com os seus descendentes – **até a sua décima geração**, isto é, indefinidamente (cons. v. 3). A condição do eunuco era de mutilação da natureza dada por Deus (cons. 14:1). O bastardo era o produto de um repúdio à ordenança divinamente estabelecida. Possivelmente, o *mamzeir*, traduzido para **bastardo**, era, mais acuradamente, aquele que nascia de uma união incestuosa (cons. 22:30). Tais exclusões do privilégio apontavam para a importância da administração convencional do casamento, cuja finalidade era assegurar uma descendência piedosa. Contudo, mesmo nos dias do V.T. tal incapacidade física era obstáculo apenas para o privilégio externo, não para as realidades espirituais da salvação. Nos dias do N.T. tais incapacidades já não entram mais em consideração, mesmo na administração dos privilégios visíveis da igreja (cons. Is. 56:4, 5; Atos 8:27, 28). O mesmo acontece com os casos de desqualificação mencionados em Dt. 23:3-8.

### 4a. Porquanto não foram ao vosso encontro com pão e água.

Embora os amonitas e moabitas fossem concebidos em incesto (cons. v. 2; Gn. 19:30 e segs.), a razão assinalada para o seu impedimento é que não tiveram boa vontade em demonstrar hospitalidade ao povo de Deus,

na sua viagem pelo deserto, quando vinha do Egito para a sua terra (cons. Dt. 2:18 e segs., 29) e até tentaram atacar Israel – **e porque alugaram contra ti a Balaão** (4b; cons. Nm. 22-25). A maldição divina é a porção daqueles que amaldiçoam o povo da aliança, de acordo com a promessa divina feita a Abraão (Gn. 12:3). Por isso, o Israel teocrático não devia fazer uma aliança de concerto com os amaldiçoados que tinham pretensões a amaldiçoadores (Dt. 23: 6).

**7. Não aborrecerás o idumeu . . . nem . . . o egípcio.** No caso dos edomitas e egípcios, a exclusão era regra por causa da inimizade passada (cons. a opressão egípcia, Êx. 1:8 e segs., e oposição edomita, Nm. 20:18 e segs.), mas foi modificada (Dt. 23:8; Êx. 20:5), em um caso, por causa dos laços de parentesco com Abraão (cons. Gn. 36:1 e segs.) e, no outro, por causa da hospitalidade demonstrada para com Abraão e a família de Jacó quando foram assolados pela fome (Gn. 12:42- 47).

**9. Então te guardarás de toda coisa má.** O acampamento militar dos israelitas, ocupados em guerras do Senhor, era uma extensão do reino teocrático e devia se caracterizar por aquela mesma santidade que destacava a comunidade.

**14. Porquanto o Senhor teu Deus anda no meio do teu acampamento.** Na guerra, como na paz, Deus estava presente no meio do Seu povo, e Seu nome tinha de ser santificado. Limpeza física era o símbolo apropriado da santidade no relacionamento da aliança. (Sobre os vs. 10, 11, cons. Lv. 15:16).

**15-18.** Estes versículos apresentam exemplos adicionais do que poderia e não poderia ser considerado compatível com a posição sagrada de membro da congregação do Senhor.

**15. O escravo que, tendo fugido.** Esta lei se relaciona aos escravos estrangeiros fugitivos. Sobre o asilo concedido aos refugiados, compare as leis de extradição nos tratados seculares.

**17. Das filha de Israel . . . quem se prostitua . . . nem dos filhos.** Eram prostitutas e prostitutos, conforme indicado pelos termos hebraicos, que são as formas feminina e masculina da raiz que significa

"sagrado". A lei se relaciona com os israelitas nativos devotados a prostituição cultural. Os abomináveis rituais dos cultos pagãos da fertilidade são os que estão sendo examinados.

**18. Preço do cão.** Sobre a palavra cão, outro termo usado para o prostituto, veja Ap. 22:15. Ninguém pode satisfazer as santas exigências da aliança divina, escondendo pecados sob a hipocrisia da religião. Para que as regras dadas em Dt. 23:3-8 não deixem a falsa impressão de que considerações étnicas eram de suma importância, torna-se claro por estas duas regras adicionais, uma acolhendo o estrangeiro e outra excluindo certos israelitas, que a misericórdia e moralidade eram os princípios vitais da administração da aliança.

### **c) Proteção aos Fracos. 23:19 – 24:22.**

Devia-se respeitar todos aqueles que tinham a digna posição de servos da aliança do Senhor. Esta seção de estipulações tem a intenção de garantir esta santidade do cidadão teocrático através de regulamentos que asseguravam a paz, a prosperidade e a liberdade dentro do compromisso da aliança de todo o povo de Deus, mas especialmente daquelas classes sociais, cujo bem-estar era prejudicado por diversas circunstâncias. Parece que a legislação foi arrumada em grupos correspondendo às leis de seis a dez no Decálogo, mas em uma ordem um pouco diferente, conforme se segue: leis de propriedade (23:19-25), de família (24:1-5), de vida (24: 6-15), de justiça (24:16-18) e de caridade ( 24:19-22).

### **Leis de propriedade. 23:19-25.**

**19. A teu irmão não emprestarás com juros.** Israelitas empobrecidos eram protegidos da exploração de seus irmãos mais ricos pela proibição da cobrança de juros nos empréstimos que lhes eram concedidos (cons. Êx. 22:25; Lv. 25:35 e segs.; Deut. 15:1 e segs.). Juros podiam ser cobrados do estrangeiro (v. 20), no entanto, porque o empréstimo feito a

este, não era para aliviar a pobreza, mas com interesses comerciais para ser usado por esses mercadores ambulantes para obtenção de lucro.

**22. Abstendo-te de fazer o voto.** Fora as exigências tributadas especificadas pelo Senhor da aliança, a propriedade do vassalo estava a sua inteira disposição. Este direito não devia, contudo, desencorajar a livre expressão do amor e gratidão religiosa, nem devia fornecer fuga para a obrigação assumida com um voto voluntário, uma vez feito. Reverenciando o seu próprio Santo Nome, Deus não encorajaria um sentimento de desleixo ou impunidade naqueles que faziam solenes votos diante dEle (vs. 21,23; cons. Lv. 27; Nm. 30:2 e segs.).

**24. A lei das colheitas** (vs. 24,25) proporcionava liberdade para satisfazer o princípio da hospitalidade fraternal, mas proibia que se transformasse a liberdade em licença que resultasse na violação dos direitos de propriedade dos cidadãos teocráticos.

## **Deuteronômio 24**

### **Leis da Família. 24:1-5.**

O divórcio conforme permitido na Lei Mosaica (cons. Lv. 21:7, 14; 22:13 ; Nm. 30:9), por causa da dureza do coração dos israelitas Mat. 19:8; Mc. 10:5), punha em perigo a dignidade das mulheres dentro da teocracia. Por isso, o abuso da permissão foi prevenido, cercando o divórcio de regras técnicas e restrições (Dt. 24:1-4). A E.R.A. está certa em considerar os versículos 1-4 como uma só sentença, sendo que 1-3 constituem a condição e o 4 a conclusão. A E.R.C. dá a impressão de que o divórcio era obrigatório na situação descrita. Na realidade, o que era obrigatório não era o divórcio, mas (se alguém recorresse ao divórcio) um processo legal que incluía quatro elementos: a) Devia haver motivo sério para o divórcio. O significado exato das palavras coisa indecente (v. 1; cons. 23:14) é incerto. Não se trata de adultério, pois a lei prescrevia para isto a pena de morte (22:13 e segs.; Lv. 20:10; cons. Nm. 5:11 e segs.). b) Uma certidão da separação devia ser colocada na mão da mulher para sua subsequente proteção. O preparo deste instrumento

legal implica no envolvimento de c) um ofício público que também deveria julgar a suficiência da base alegada para o divórcio. d) O homem devia fazer uma despedida formal – despedir de casa (v. 1).

O ponto principal desta lei, contudo, era que um homem não poderia tornar a se casar com sua esposa depois do divórcio, caso ela viesse a se casar novamente, mesmo se o seu segundo marido se divorciasse dela ou morresse. Em relação ao primeiro marido, a divorciada casada de novo era considerada contaminada (v. 4). Tal era a anormalidade desta situação, tolerada nos tempos do V.T., mas revogada por nosso Senhor no interesse do padrão original (Mt. 19:9; Mc. 10: 6-9; cons. Gn. 2:23, 24).

**5. Por um ano ficará livre em sua casa.** Considerações adicionais foram feitas em relação à santidade do relacionamento familiar e especialmente quanto ao bem-estar da mulher dentro dele, garantindo um ano de isenção do serviço público para o homem recém-casado, para que sua esposa se alegrasse com a sua presença.

### **Leis da Vida. 24:6-15.**

A preocupação destas estipulações era a vida do povo de Deus e coisas essenciais à preservação de sua vida. Salvaguardava-se a dignidade e paz dos necessitados em particular, pois o Senhor se deleita em ser o Ajudador dos desamparados, e queda que o Seu povo também fosse assim.

**7. Ou o vende.** O tráfico da vida humana era proibido sob pena de morte (cons. Êx. 21:16). Respeito por toda questão relacionada com a vida ou saúde dentro da comunidade exigia atenção cuidadosa às divinas prescrições relacionadas com a doença da lepra (Dt. 24:8; cons. Lv. 13; 14), cuja seriedade comprovou-se pela experiência de Miriã (Dt. 24:9; cons. Nm. 12:10 e segs.).

**10. Se emprestares alguma coisa ao teu próximo.** Embora os juros fossem proibidos nos empréstimos feitos ao próximo israelita (23:19, 20), um penhor podia ser tomado por medida de segurança; mas

mesmo este não devia ser tomado de maneira a afetar a dignidade do devedor, interferindo com a sua vida. Os homens não deviam ficar privados dos artigos indispensáveis à vida e à saúde. Nesta categoria se enquadrava as mós (v. 6), o manto quadrangular usado como cobertor para dormir (vs. 10-13; cons. Êx. 22:26, 27) e o ganho diário do trabalhador (Dt. 24: 14, 15 ; cons. Lv, 19:13).

**15. Para que não clame contra ti ao Senhor.** Também nos tratados de suserania seculares, queixas de algum vassalo contra outro tinham de ser julgadas pelo próprio suserano.

### **Leis da Justiça. 24:16-18.**

A justiça devia ser dispensada a todo israelita de acordo com a verdade.

**16. Cada qual . . . pelo seu pecado.** Só o indivíduo culpado devia ser punido, e não os membros inocentes de sua família (cons. II Reis 14:6). Não há nenhuma contradição entre isto e o juízo divino conforme descrito no Decálogo (Dt. 5:9; Êx. 20:5), pois este último não diz que Deus aflige o inocente. Aqueles que participam da visitação do juízo sobre as iniquidades dos pais são aqueles que também participam do ódio dos pais contra Deus. Por outro lado, não há repúdio do princípio da responsabilidade conjunta que prevalece em certas circunstâncias de grupo.

**17. Estrangeiro . . . órfão . . . viúva.** Até as classes sociais mais desamparadas deviam desfrutar da justiça e ter a garantia de todos os seus direitos legais. Sobre a relação que há entre o assunto da família com o Êxodo (v. 18 ), veja 22; 15:15.

### **Leis da Caridade. 24:19-22.**

O espírito de caridade, negativamente declarado no décimo mandamento, devia ser o espírito governante na vida teocrática. Novamente o pobre devia ser beneficiado. Cons. Lv. 19:9, 10; 23:22.



**Deuteronômio 25****d) Santidade do Indivíduo. 25:1-19.**

Os versículos de 1 a 12, as leis finais sobre a santidade do reino (23:1 – 25:12), resguardavam a santidade do homem como portador individual da imagem de Deus. Os versículos 13-19 concluem as leis do respeito pelas ordens da natureza, da família e da teocracia (vs. 22-25), tal como foram começadas (cons. 22:1-4), com o princípio da regra de ouro.

**1-12.** O justo castigo dos culpados devia ser dispensado de maneira a preservar a dignidade humana individual (vs. 1-3). O princípio da santidade da criatura individual à semelhança divina foi assim reforçado nos pontos onde esse respeito poderia mais plausivelmente ser prejudicado. Contrariando a divisão de sentenças da E.R.A. e E.R.C., a conclusão não começa antes do versículo 2. Degradação pública inconveniente devia ser evitada através de medidas severas de precaução. O castigo do criminoso devia ser precedido por um julgamento e sentença, e devia ser pessoalmente supervisionado pelo juiz.

**3. Quarenta açoites lhe fará dar, não más.** Os açoites deviam ser escrupulosamente contados – e não deviam ser aplicados ao acaso, como se fora em um animal, ou sob o descontrole da ira, esquecido de que o juízo pertencia ao Senhor. A severidade dos açoites deviam ser proporcionados de acordo com a gravidade da ofensa, mas nunca exceder a quarenta golpes.

**4. Não atarás a boca do boi. . .** O complemento positivo da proibição de se desonrar um homem apesar de seus erros é a exigência de que ele devia receber toda a honra devida por suas boas obras. Este versículo, provavelmente, uma expressão proverbial, parece mesmo aqui ter a força que lhe deu Paulo em I Co. 9:9 e I Tm. 5:18.

O servo da aliança é um ser imortal com uma participação, mesmo depois da morte e sepultura, na bem-aventurança futura do reino de Deus que foi prometido na Aliança da Redenção aos crentes e seus descendentes depois deles (vs. 5-10).

**6. Para que o nome deste não se apague em Israel.** Devia-se suscitar testemunha da dignidade do filho-servo de Deus por intermédio de um descendente da aliança que habitava em sua herança, dentro do reino típico do V.T. Como aplicação disso, a Aliança Deuteronômica adotou uma forma de prática muito difundida do casamento em levirato, por meio do qual tocava ao irmão do homem que morrera sem lher a responsabilidade de suscitar-lhe um herdeiro através da viúva – **o primogênito . . . será sucessor do nome do seu irmão.** Esta exigência constituía uma exceção à proibição de Lv. 18:16; 20:21. Para ver exemplos bíblicos desta ou semelhante prática, veja Gênesis 38 e o Livro de Rute. A obrigação do levirato limitava-se em Deuteronômio às situações nas quais os irmãos partilhavam da mesma propriedade (25:5a) e mesmo então não era compulsória – **Meu cunhado recusa** (v. 7). Deixar de agir de acordo, contudo, traía falta de afeição fraternal e era publicamente estigmatizada (vs. 8-10). Sobre o uso da sandália para confirmar transferência legal de propriedade, veja Rute 4:7.

À vista da provisão de Nm. 27:4 e segs., não havia necessidade do casamento em levirato se o falecido tivesse filhas. Por isso a E.R.A. parece preferível à E.R.C. na tradução de Dt. 25:5 – **sem filhos** em lugar de **sem filho**. Os versículos 11, 12, também se relacionam com a dignidade do indivíduo e precisamente com sua dignidade de servo da aliança de Deus, que através da circuncisão trazia no seu corpo o sinal da aliança. A referência ao órgão da reprodução poderia ser explicada pela imediata associação desta proibição com a lei do casamento em levirato. Que o ato proibido incluía desprezo pelo sinal da aliança e não simples indecência fica sugerido pela aparente semelhança na natureza do castigo e do sinal, ambos envolvendo mutilação do corpo. Esta interpretação é reforçada pelo fato de que, fora deste caso, só a *lex talionis* (19:21) exigia tal mutilação penal.

**15. Terás peso integral e justo.** O próximo devia ser amado como a pessoa a si mesmo se ama (vs. 13-16); portanto, os negócios com o próximo não deviam ser feitos com dois padrões de medidas, o grande

para receber, o pequeno para pagar (cons. Amós 8:5). Esta lei desenvolve um pouco Lv. 19:35, 36, especialmente pelas bênçãos e maldições adicional da aliança. Enquanto esta lei do amor resume as exigências para o relacionamento inter-teocrático que foram tratadas nas seções de estipulações precedentes, não se tem a intenção de repudiar o mandato da conquista (cons. Dt. 7; 20:16, 17; 25:17-19). Nem há alguma contradição entre os dois. Pois embora Deus exija amor ao próximo, aqueles que se dispõem a destruir o povo do típico reino teocrático do V.T., excluía-se da categoria de próximos, exatamente como aqueles que, juntamente com Satanás, estão destinados à eterna perdição não são os próximos dos habitantes da teocracia celestial. Sobre a ordem de exterminar Amaleque, veja Êx. 17:8-16. Tomadas juntas, as leis do amor e ódio resumem-se na única exigência de amar a Deus, e conseqüentemente amar a quem Ele ama e odiar a quem Ele odeia.

## **Deuteronômio 26**

### **4) Confissão de Deus como Rei-Redentor. 26:1-19.**

As longas divisões de estipulações (caps. 5-26) chegam ao fim com a liturgia de duas confissões culturais (vs. 1-11; 12-15) e uma declaração de ratificação da aliança (vs. 16-19).

**2. Tomarás das primícias de todos os frutos do solo.** Se "todos os frutos do solo" indicam o fim da estação da colheita, então a Festa dos Tabernáculos deveria ser a ocasião da apresentação deste cesto com as primícias no altar central. Gramaticalmente este versículo pode ser compreendido como se descrevesse todas as primícias do solo ou apenas um cesto-símbolo delas. No caso das primícias da agricultura, a quantidade não foi especificada em nenhum lugar. Considerando que as primícias destinavam-se aos sacerdotes (Nm. 18:13,14), a referência à festa sagrada que o ofertante devia realizar depois deste ritual – **Alegrete-ás por todo o bem que o Senhor teu Deus te tem dado a ti** (v. 11; cons. 12:6, 7, 11,12, 17, 18;16: 11, 14) – indica que a cesta representava apenas um penhor das primícias (veja comentários sobre 14:22 e segs.;

15:20), se esta festa era realizada com as mesmas. O israelita devia confessar que a vocação teocrática do seu povo não podia ser atribuída ao seu próprio poder (v. 5 e segs.; cons. 7:7, 8; 8:17,18).

**3. A terra que o Senhor sob juramento prometeu dar.** Os servos israelitas do Senhor deviam fazer contínua confissão, cheia de gratidão, de que sua herança divina em Canaã era presente da graça redentora de Deus no cumprimento do juramento feito aos patriarcas. Deviam confessar seu contínuo senhorio e expressar sua consagração por meio da oferta tributaria das primícias. Sobre a lei das primícias, veja 18:4, Êx. 23:19; 34:26; Nm. 18:12 e segs. Elementos da oferta das primícias encontram-se em conexão com cada uma das festas anuais (Dt. 16). Por exemplo, na Festa dos Pães Asmos movia-se um feixe das primícias (Lv. 23:10 e segs.). Também, a Festa das Semanas era chamada de "o dia das primícias" (Nm. 28:26; cons. Êx. 23:16; 34: 22) e oferecia-se neste dia dois pães feitos com as primícias (Lv. 23:17), e as primícias das uvas não podiam ser oferecidas antes da Festa dos Tabernáculos, quando amadureciam.

**5b. Arameu (E.R.C., siro) ... foi meu pai.** O hebraico '*obed* dá a idéia de "perdido" e "em perigo" (prestes a perecer). A referência é a Jacó. Ele é o chamado de **arameu** por causa das origens patriarcais que eram, geograficamente, embora não racialmente, *araméias*, e porque Jacó peregrinou por Aram-naharaim durante o período do nascimento de seus filhos, os futuros pais das tribos de Israel.

**7,8. Ele ouviu . . . e nos tirou.** O recital comemorativo dos atos redutores de Deus no êxodo e na conquista era o Amém confessional de Israel ao recital do próprio Deus sobre o favor que dispensou à nação, no prólogo histórico da aliança.

**10b.** Este versículo não descreve um novo passo no ritual da oferta das primícias (em contradição do v. 4); ele é, antes, um resumo conclusivo.

**12-15.** A dependência que Israel devia ao Senhor pela contínua prosperidade devia ser expressa em um culto trienal especial invocando

o favor da Sua atenção e bênção. (Sobre os regulamentos do dízimo, veja comentários sobre 14: 22 e segs.).

**13. Perante o Senhor teu Deus.** Esta orientação provavelmente se refere ao santuário central. Neste caso, a ênfase dada à realização do processo dizimista (vs. 12, 13) sugere que a Festa dos Tabernáculos era a ocasião referida. Esta liturgia podia seguir-se imediatamente após a da apresentação do cesto com as primícias (vs. 1-11).

**15. Olha . . . e abençoa . . . a Israel.** A declaração de obediência a todas as prescrições dizimistas (vs. 13, 14), como preliminar desta invocação das bênçãos divinas, relembra o fato de que Deus declarou estas últimas dependentes das primeiras (14:28, 29). O adorador devia afirmar que o seu dízimo não estivera exposto à profanação cerimonial, particularmente à impureza associada com o luto pelos mortos (v.14; cons. Lv. 22: 3 e segs.; Nm. 19:11 e segs.; Os. 9:4).

**16-19.** O ato central na cerimônia da ratificação da aliança era o juramento de fidelidade que o vassalo fazia ao seu senhor em resposta à declaração das estipulações e sanções da aliança. Israel fizera tal voto depois da leitura do Livro da Afiança no Sinai (Êx. 24:7) e agora Israel devia fazer o mesmo nas planícies de Moabe, conforme se subentende nestes versículos (veja também Dt. 29:10-15).

**16. Cumpre-os de todo o teu coração.** O Senhor exigia consagração convencional. O povo de Israel declarou que se submetia ao Senhor como seu Deus, que devia ser obedecido de acordo com toda a Sua santa vontade – **que andarás nos seus caminhos** (v. 17). O Senhor graciosamente o reconheceu como Seu povo (v. 18a) e garantiu as bênçãos da aliança para os fiéis (vs. 18b, 19; cons. 7:6; 14:2; Êx. 19:5, 6).

#### **IV. Sanções: Ratificação da Aliança. 27:1 – 30:20.**

A quarta divisão padrão dos antigos tratados de suserania compunha-se de maldições e bênçãos, as sanções da aliança referentes às penas. Em Deuteronômio esta seção se encontra nos capítulos 27-30.

Enquanto 26:16-19 forma a conclusão das estipulações, também introduz o elemento da ratificação da aliança, o núcleo à volta do qual se agrupam as maldições e bênçãos destes capítulos. A ratificação da nova aliança que Moisés estabelecia com a segunda geração foi apresentada em dois estágios. Isto se costumava fazer para assegurar a sucessão do trono ao herdeiro real designado. Quando a morte era iminente, o suserano requeria dos seus vassalos um penhor de obediência ao seu filho; então, logo após a ascensão do filho, o voto da fidelidade dos vassalos era repetido. Do mesmo modo, Moisés e Josué formavam uma dinastia de representantes mediadores da suserania do Senhor sobre Israel. Por isso a sucessão de Josué, que simbolizava a continuação do senhorio do Deus de Israel, foi assegurada pelo voto de Israel, antes que Moisés morresse, e mais tarde novamente através de uma cerimônia de ratificação, depois da ascensão de Josué. O pronunciamento de maldições e bênçãos destaca-se em cada um desses rituais de ratificação.

A seção das sanções de Deuteronômio começa com as bênçãos e maldições a serem usadas no segundo estágio da ratificação (cap. 27), depois retorna à situação imediata e às solenes sanções do estágio inicial de ratificação (caps. 28-30). Quando se considera o Deuteronômio como a concluída testemunha documentária legal da aliança, não há necessidade de se sentir alguma dificuldade com a posição dada às orientações do capítulo 27. Por outro lado, a conexão entre o fim do capítulo 26 e o começo do capítulo 28 é tão suave que sugere a possibilidade de que o capítulo 27 poderia não estar situado neste ponto exato do desenrolar da cerimônia em Moabe. Do mesmo modo, no fluxo original da oração de Moisés, Deuteronômio 30 poderia ter seguido imediatamente após o final do capítulo 28.

## **Deuteronômio 27**

### **A. Cerimônia de Ratificação em Canaã. 27:1-26.**

Moisés prescreveu a cerimônia para o segundo estágio da renovação da aliança, a ser realizada em Canaã (vs. 1-8). O

restabelecimento da aliança foi proclamada (vs. 9, 10). Fez-se um aviso em relação ao recital de bênçãos e maldições a ser realizado em cerimônia posterior (vs. 11-26). Para a realização histórica do que aqui ficou prescrito, veja Js. 8:30-35. Para uma antecipação dessas instruções entre as estipulações deuteronômicas, veja Dt. 11:26-30.

1. Para promover o respeito às autoridades designadas, Moisés associou a si mesmo, nesta hora solene, os anciãos de Israel e os sacerdotes (cons. v. 9).

**2. Levantar-te-ás pedras grandes, e as caiarás.** A consagração da aliança devia ser um ato de fé e devoção inteligente. Portanto o conteúdo da aliança devia ser publicado de antemão para que o povo a ratificasse. Esse foi um dos motivos da aliança precisar ficar registrada nas pedras caídas, uma técnica egípcia, conforme está confirmado pelo fato de Josué ter lido esta lei ao povo no seu cumprimento histórico (Js. 8:34). Foi comparável à leitura que Moisés fez do Livro da Aliança diante de Israel na ratificação da Aliança do Sinai e na proclamação da Aliança Deuteronômica nas planícies de Moabe. O fato de se escolher pedras duráveis dá lugar a comparação com as duas tábuas de pedra da lei escritas pelo dedo de Deus e sugere que havia um propósito adicional de fornecer um testemunho simbólico da permanência da aliança (cons. Dt. 31:26; Js. 24:26, 27).

3. Todas as palavras desta lei. Isto se refere à Aliança Deuteronômio, uma parte da "lei", tomara pala representar o todo. A festa da cerimônia eia outro método simbólico reconhecido, através do qual os povos ratificavam os tratados. Este é o significado das ofertas pacíficas e da alegre refeição associada às mesmas (v. 7; cons. Êx. 24:11). A ratificação final seria realizada depois da morte de Moisés, quando Israel estaria em Canaã sob a liderança de Josué (v. 2a). O cenário seria o impressionante lugar perto das montanhas, Ebal e Gerizim, entre as quais ficava Siquém (v. 4; cons. vs. 12, 13). Não há registro de um esforço militar necessário para tomar esta região de Canaã. O elemento essencial da cerimônia seria a auto-consagração de

Israel à aliança do Senhor. As ofertas queimadas (v. 6) simbolizavam essa consagração. Efeito semelhante tinham as séries de juramentos auto-maldizentes (cons. v. 15 e segs.).

**5. Ali edificarás um altar.** Para as ofertas sacrificiais, levantou-se um altar especial em Ebal. É possível que o monte da maldição fosse escolhido por causa da economia mosaica que, em sua ênfase característica, foi uma ministração de morte e condenação (cons. II Co. 3:7-9), embora, tal como um mestre-escola, conduzisse os homens à graça de Cristo. Ou possivelmente o altar devia ser erigido no Ebal porque a paz da aliança viria através da imposição das maldições sobre o Servo-Remidor, sacrificado pelos pecados do povo de Deus. O altar devia ser feito de pedras não trabalhadas, de acordo com a exigência do Livro da Aliança (Êx. 20:25). Claramente a lei deuteronômica do altar central permanente não tinha a intenção de repudiar a lei do altar do Livro da Aliança. Nem o princípio da centralização do altar era tão absolutamente restritivo que não se pudesse levantar um altar especial para ocasiões extraordinárias (veja coment. sobre 12:4-14).

**9,10.** No meio das instruções relativas ao estágio posterior do processo de renovação, foi feito um solene lembrete de que o controle convencional já entrava em vigor no dia da proclamação deuteronômica.

**11-26.** Seis tribos descendentes de Lia e Raquel, as esposas de Jacó, deviam subir as encostas da montanha da bênção e duas de semelhante origem – a tribo de Rúben, que perdeu o direito à primogenitura por causa do pecado do incesto (Gn. 49:4; cons. Dt. 27:20), e a tribo de Zebulom, o filho mais jovem de Lia – deviam se juntar às quatro tribos que desciam da encosta do monte da maldição (vs. 12,13). Não ficou declarado se os dois grupos de tribos deviam desempenhar seus respectivos papéis de maldição e bênção simplesmente recebendo a fórmula da bênção ou da maldição que se lhes dirigia, ou recitando-as, ou pelo menos concordando com elas. No capítulo 28 surgem grupos combinados de seis bênçãos (vs. 3.6) e seis maldições (vs. 16-19); parece difícil dissociá-las destes dois grupos de seis tribos. Ao que parece, Josué



leu Deuteronômio 28 diante de toda a assembléia de Israel como parte de toda a renovação do tratado (cons. Js. 8: 34, 35).

A arca da aliança e os sacerdotes levitas deviam ficar entre o Ebal e o Gerizim (Dt. 27:14; cons. Js. 8:33). Deviam orientar Israel no juramento de ratificação, consistindo em uma série de doze auto-maldições (Dt. 27:15-26). A repetição do Maldito identifica o destino daquele que violasse a aliança com o da serpente (cons. Gn. 3:14). O amém da resposta era a fórmula costumeira de aquiescência (cons. Nm. 5:22; I Reis 1:36; Ne. 5:13; 8:6; Sl. 72:19). O fato de que, nesta passagem, só se dão maldições e não bênçãos, indica que este não é um registro detalhado da proclamação de bênçãos e maldições pelos dois pares de seis tribos mencionados em Dt. 27:12, 13. Uma indicação semelhante encontramos no fato dos versículos 15-26 serem dirigidos a todos os israelitas e receberem deles a resposta (v. 14). Esta seção descreve, antes, um aspecto separado da cerimônia da aliança, o juramento propriamente dito, que caracteristicamente tomava a forma de auto-maldição condicionais, mas não bênçãos. Em contraste com as maldições do capítulo 28, os diversos membros desta série diferem não na variedade da maldição mas na espécie do pecado. A área da transgressão incluída é a dos pecados secretos prováveis de escaparem à percepção e castigo humanos (observe espec. 27:15, 24; cons. Jó 31:24 e segs.) e, portanto, dentro da esfera judicial de Deus como Testemunha divina do juramento. São amaldiçoados aqueles que secretamente violam as exigências divinas do respeito a Deus (v. 15), às autoridades de direito (v.16), à vida humana (vs. 24,25) e, em resumo, à aliança de Deus (v. 26).

## **Deuteronômio 28**

### **B. Proclamação das Sanções. 28:1-68.**

Retornando ao primeiro estágio da cerimônia da renovação da aliança, Moisés pronunciou as sanções. Na seção correspondente no livro da Aliança do Sinai (Êx. 23:20-33), as bênçãos predominaram. Agora, depois de passados os quarenta anos da história da apostasia israelita,

Moisés enfatiza fortemente as maldições; assim, as bênçãos (Dt. 28:1-14) e as maldições (vs. 15-68). Esta ênfase foi antecipada nas promessas e ameaças de seção semelhante em Levítico (cap. 26), escritas depois da primeira rebelião de Israel contra a Aliança do Sinai. A notável pré-estréia, em Deuteronômio 28-30, da história de Israel, especialmente sobre o longínquo exílio, tem sido a principal pedra de tropeço ao reconhecimento da origem mosaica deste documento para a alta crítica naturalista.

**1) Bênçãos. 28:1-14 (cons. 7:12 e segs. ;11:13 e segs.; 22 e segs.).**

**1. Se atentamente ouvirdes.** Embora a herança de Israel e continuado desfrute das promessas não fosse uma questão de mérito legal, havia uma ligação entre a piedade da nação conjunta e sua prosperidade. Pois o teocrático reino do V.T. prefigurava o reino de Deus consumado, no qual a justiça e a glória estariam unidas. De acordo com isto, para tornar clara a mensagem do quadro típico-profético, Deus permitiu que os israelitas desfrutassem de bênçãos do reino típico apenas quando ela, e especialmente seus representantes oficiais, exibiam uma medida apropriada da justiça do reino. Uma vez que toda a justiça que Israel possuísse era um dom da graça do Deus da sua salvação, o princípio que informa Deuteronômio 28 não tem afinidades com a religião da salvação pelas obras (veja coment. sobre 6:1-3). Os versículos 3-6 apresentam seis bênçãos que são paralelas às seis maldições de 16-19. (Sobre o aparente uso destas na posterior cerimônia em Canaã, veja comentado sobre 27:12,13), As bênçãos descrevem uma plenitude inclusiva da bem-aventurança. Os opostos emparelhados, por exemplo, expressam a totalidade (cons. vs. 3, 6). O que foi concisamente apresentado em fórmula litúrgica nas seis beatitudes está desenvolvido nos versículos 7-14. O arranjo das bênçãos é, assim, um relacionamento com estrangeiros (vs. 7 e 12b, 13); negócios domésticos (vs. 8 e 11, 12a); e na posição central, relacionamento com o Senhor (vs. 9, 10).

Se Israel obedecesse ao Senhor, ela sobressairia em todos os encontros militares e comerciais com outras nações. Dentro do reino haveria abundância de produção. Canaã seria verdadeiramente um paraíso onde fluiria o leite e o mel. E, principalmente, Israel prosperaria no relacionamento com o Senhor da aliança. Esse era o segredo de toda a bem-aventurança, pois o Seu favor é a vida. Dos penhores visíveis que o favor de Deus concederia a Israel, toda a terra reconheceria que é chamado pelo nome do Senhor (v. 10). Isto é, ficaria claro que a aliança de Deus fora estabelecida com Israel e que Ele, o Suserano, era o Senhor e Defensor de Israel (cons. Is. 63:19; Jr. 7:10, 11; 15: 16). Novamente faz-se lembrar o pré-requisito da lealdade à aliança (Dt. 28; 9b, 13b, 14).

## **2) Maldições. 28:15-68.**

Banimento da herança prometida era a maldição extrema. Significava a perda da presença e favor especiais de Deus, perda do estabelecido acesso sacramental a ela em sua santa colina de Sião, e a perda da condição de povo do reino de Deus. Nesta prolongada seção de maldições, portanto, o cerco e o exílio aparecem repetidamente como o clímax do infortúnio. Há uma série de quadros paralelos do desastroso futuro avultando diante desta nação tão inclinada à infidelidade (vs. 20.26, 27-37, 38-48, 49-57, 58-68). As três primeiras e a última destas figuras culminam com a desgraça da vitória do inimigo, e suas terríveis conseqüências (vs. 25, 26; 36, 37; 48; 63-68); a quarta é inteiramente devotada a este maldito acontecimento (vs. 49-57). Esta extensa descrição de males particulares segue-se a uma formulação introdutória e ritualista das sanções da maldição da aliança (vs. 15-19).

**15-19.** O versículo 15 corresponde aos versículos 1, 2, e 16-19 são o correlativo de 3-6. A vingança da aliança (cons. Lv. 26: 25) poderia sobrevir ao povo, se violasse a aliança mesmo dentro do asilo de seu herdado paraíso terrestre. Sem santidade, nenhum homem pode habitar onde Deus revela Sua gloriosa presença, e ali não há acepção de pessoas.

**20. Que me abandonaste.** Tal era a essência do pecado de Israel – violação do primeiro mandamento da aliança. **O Senhor mandará.** Era direito e dever do próprio Senhor abandonado, Aquele a quem e por quem Israel fizera o juramento da aliança, vingar o juramento. Fosse qual fosse a origem humana ou terrena das diversas maldições, o Senhor era o seu Autor final. **Até que sejas destruído** (cons. vs. 24, 45, 51, 61). Aqui se declara repetidas vezes que o resultado final dos diversos tipos de maldições – epidemias (vs. 21, 22a), seca (vs. 22b-24) e guerra (vs. 25, 26) – nada seria em comparação com a destruição de Israel (vs. 20-22, 24, 26).

**24. Por chuva da tua terra. . . pó e cinza.** O siroco [Vento quente do sueste, sobre o Mediterrâneo – *Aurélios*] encheria o ar com areia e pó. O versículo 25 é o inverso do versículo 7 (cons. Lv. 26: 17).

**26. O teu cadáver servirá de pasto a todas as aves do céu, e aos animais.** O princípio da maldição é essencialmente a prostração do homem debaixo dos reinos sub-humanos, acima dos quais foi designado por Deus, no princípio, como rei. Por isso, as Escrituras descrevem o destino final da humanidade rebelde como uma festa escatológica na qual os homens mortos são devorados por aves e bestas (cons. Sl. 79:2; Ez. 39:4, 17 e segs.; Ap. 19:17, 18).

**27-37.** Vexame e frustração caracterizam as maldições desta seção. Observe as referências em quase todos os versículos ou à completa impotência dos israelitas para suportar suas aflições ou ao seu desamparo em face da opressão. Deus criou o homem como alguém que, dentro do programa do Seu reino, podia regozijar-se em seguir o divino padrão sabático de trabalho coroadado de alegria e satisfação da realização. Mas os empreendimentos malditos de Israel no setor do casamento e do trabalho seriam recompensados sempre e apenas com o fracasso. Em vez de lograr o gozo sabático da realização, o povo de Israel ficaria louco com a vaidade e frustração de seus esforços (vs. 28, 34). O conteúdo dos versículos 27-35 estão arrumados em forma de "x": a) doença incurável (v. 27); b) loucura (v. 28); c) opressão continua (v. 29); d) frustração (vs.

30-32); c) contínua opressão (v. 33); b) loucura (v. 34); a) doença incurável (v. 35). A semelhança das calamidades que sobrevieram a Jó é digna de nota.

A seção termina (vs. 36, 37) com a maldição da vitória de uma nação estrangeira – **que não conhecestes, nem tu nem teus pais** – que foi antecipado nos versículos 32, 33. Deus afligiria os apóstatas abandonando-os ao seu próprio espírito depravado e à adoração de ídolos (v. 36; cons. v. 64; 4:27 ). Na idolatria o homem substitui a auto-consagração ao Suserano acima dele, pela subserviência às criaturas abaixo dEle. Fazendo assim, o homem confirma sua própria incapacidade para lidar com o pecado; pois, separando-se do Senhor-Protetor, a Rocha que se deleita em libertar os desamparados, busca em vão um senhor da aliança mais fraco do que ele próprio. A natureza essencial do princípio da maldição encontra novamente expressão nesta adoração prestada pelo homem ao sub-humano, acima do qual o Criador o fez rei.

**37. Virás a ser. . . provérbio.** Israel, herdeira da promessa de que todas as nações seriam benditas nela, tornar-se-ia proverbialmente identificada com a maldição por todos os povos.

**38-48.** As maldições de 28:38-42 são o oposto das bênçãos dos versículos 8, 11 e segs.

**38, 39. O gafanhoto . . . o verme.** As pestes que atacam os cereais, outro setor do total domínio anterior do homem (cons. Gn. 1:26), transformariam os israelitas em seus servos, que teriam de trabalhar para alimentá-los.

**41.** Veja o versículo 32.

**43. Mais e mais descerás.** Aqui a bem-aventurança dos versículos 12b, 13 está invertida. Nos versículos 45-48 há um resumo das precedentes ameaças de maldição, tanto a causa (cons. v. 20) como o resultado. A causa seria o fato de Israel violar o juramento da aliança; o resultado seria que Israel sofreria a total vingança da aliança até o extremo da devastação do exílio.

**46b. Entre a tua descendência para sempre.** Se esta ameaça significa mais do que o apogeu do juízo do exílio de Israel no V.T. como um sinal perpétuo da vingança da aliança de Deus, se é uma maldição divina perpétua para Israel que está predita, então Moisés aqui está advertindo daquilo que Paulo declara que viria a se tornar um decreto permanente (I Ts. 2:16). O castigo (Dt. 28:48) devia ser de acordo com o crime (v. 47). O jugo maldito de Israel (v. 48) chegada ao ponto do retomo à condição da qual Deus a chamou para o amor da aliança (cons. Lv. 26:13). Embora Moisés não deprecie, a esta altura, a impressionabilidade destas maldições por meio de quaisquer qualificações, em outra passagem ele proclama o triunfo da graça da aliança através da restauração de um remanescente eleito e arrependido (Dt. 4:29 e segs.; 30: 1 e segs.).

**49-57.** O que constituiu o clímax em cada uma das séries precedentes é o assunto exclusivo deste quarto quadro profético de Israel, acometido pela maldição da aliança. Com vivacidade inclemente Moisés declara o desespero e degradação estarrecedores a que ficaria este povo, antes a cabeça das nações, quando fosse apanhado na maldição do cerco.

**49. Uma nação de longe . . . virá como o vô impetuoso da águia.** O bárbaro invasor de longe, vindo sobre Israel como um abutre sobre a sua presa, seria impiedoso em sua rapacidade (vs. 50, 51). Mas a desumanidade do guerreiro inimigo empalideceria ao lado da desumanidade da mais meiga mãe israelita, transformada em canibal por causa do horror do cerco (vs. 52-57 ; cons. Lv. 26: 29; Lm. 4: 1-10).

**51-53. O fruto da tua terra . . . o fruto do teu ventre.** A passagem faz o contraste entre o apetite natural do bárbaro e a voracidade desumana dos israelitas. Não haveria refúgio em toda a terra para se escapar ao cerco (vs. 52a, c, 55, 57) para aqueles que confiaram nas defesas humanas mais do que em Deus, seu verdadeiro Refúgio. A história do Velho Testamento testemunha sucessivas execuções desta maldição, e foi finalmente exaurida na Queda de Jerusalém em 70 A.D.

**58. Se não tiveres cuidado de guardar . . . esta lei.** Neste parágrafo de conclusão, Moisés retorna à forma condicional com a qual o

pronunciamento das maldições começou (cons. v. 15), pois no dia da assembléia em Moabe, a decisão entre as maldições e bênçãos ainda tinha de ser tomada por Israel. Para fugir às maldições, o povo de Israel devia obedecer às estipulações deste documento convencional em sinal de verdadeira reverência para com o Senhor que revelou a Sua glória e terríveis obras quando os salvou do Egito.

**62, 63. Ficareis poucos em número . . . sereis desarraigados da terra.** A desobediência provocaria a perda das bênçãos prometidas na Aliança Abraâmica, isto é, a multiplicação do povo e a posse de uma terra própria. Em lugar das bênçãos haveria toda a possibilidade extraordinária e persistente de aflição (vs. 5 9-61).

**64. O Senhor vos espalhará entre todos os povos.** Profeticamente, após o povo sitiado, derrotado e levado para o exílio (vs. 64-67), Moisés descortina com algumas poucas pinceladas todo o sentimento do Israel incrédulo e errante através dos séculos – uma vez o povo de Deus, mas agora em seu exílio igual aos pagãos, sem Cristo, sem esperança, sem Deus no mundo (Ef. 2:12). Repudiando sua eleição e vocação contratual, em virtude da qual foi libertado da escravidão do Egito para tornar-se o filho teocrático de Deus, o povo de Israel teve o destino de recair em uma escravidão ainda pior do que a do Egito (v. 68), na escravidão de Satanás e do pecado, da morte e do Inferno.

## **Deuteronômio 29**

### **C. Intimação ao Juramento da Aliança. 29:1-29.**

Com um apelo direto e pessoal à geração em pé diante dele, Moisés confrontou os israelitas com o propósito central da cerimônia deste grande dia (vs. 10-15). Esta exigência central do juramento de fidelidade, que reflete o padrão total do tratado de suserania, está precedida por um lembrete dos passados atos de salvação do Senhor (vs. 2-9) e seguida de uma advertência de que as maldições da aliança seriam realizadas sobre uma nação infiel através de suas gerações (vs. 16-29).

**1.** (Bíblia Heb. 28:69). Embora alguns, seguindo o arranjo hebraico, considerem esta parte como uma subscrição, e ela poderia realmente ser uma descrição exata do que a precede, provavelmente é melhor entendê-la como um sobrescrito. Em relação aos versículos 1 e 2, compare a seqüência semelhante de 4:45 a 5:1. Há uma continuidade essencial da divina Aliança da Redenção desde o Gênesis até o Apocalipse. Contudo, as sucessivas administrações dessa Aliança devem ser notadas em sua repetida renovação da divina graça. A aliança feita em Moabe renovou a que foi feita no Sinai, e esta renovou a aliança feita por Deus com Abraão, a qual renovou a aliança que Ele fez com Adão (cons. Gn. 3:15 – Deut.. 5:2, 3).

**2-9.** A misericórdia e o milagre do livramento no Egito e a passagem pelo deserto deveriam ter aberto os olhos desta geração para a suprema sabedoria de se entregarem com amor sincero a um Senhor tão grande e tão cheio de graça. (Com referência aos vs. 5, 6 veja 8: 2 e segs.; sobre os vs. 7, 8, veja 2:30 e segs.; 3:1 e segs.).

**4. Não vos deu coração para entender.** Mas a mais simples percepção espiritual está além do entendimento do homem pecador, a não ser que o Espírito de Deus conceda-lhe compreensão como presente soberano da graça. Este povo, tão favorecido com sinais, como por exemplo os quarenta anos vividos em atmosfera de providência sobrenatural, não possuía este dom tão necessário (cons. 9:7, 24).

**9. Guardai . . . as palavras desta aliança.** A responsabilidade deste embotamento espiritual era de Israel e através desta reprovação o povo foi incitado a reagir melhor para com o seu Senhor. O meio imperceptível pelo qual este apelo de Moisés se transformou em apelo direto do Senhor (v. 5 e segs.; cons. 7:4; 11:15; 17:3; 28:20) evidencia a realidade da revelação sobrenatural que vinha por intermédio de Moisés, o mediador de Deus.

**10-15.** O ato central da ratificação da aliança e o seu significado estão aqui declarados. Os termos dos versículos 10, 11 indicam a natureza solenemente formal da assembléia e destacam o fato que toda a



comunidade da aliança estava presente para participar do juramento. Mulheres e crianças, aqueles que não eram israelitas (cons. Êx. 12:38; Nm. 10:29; 11:4) e servos (Dt. 29:11c; cons. Js. 9: 21) foram incluídos.

**12. Para que entres na aliança do Senhor.** A frase hebraica, encontrada somente aqui, significa literalmente *passar para* ou *passar através de*. De acordo com esta última tradução, a expressão pode ter derivado de uma cerimônia de juramento igual a de Gn. 15:17,18. O equiparar da aliança do Senhor com o Seu juramento (Dt. 29:12) é um índice significativo da natureza da aliança como um instrumento do governo de Deus, por meio do qual Ele garante a fidelidade de um povo no Seu serviço.

**13. Para que . . . te estabeleça.** Este versículo tem o mesmo efeito, mas ele demonstra também que o estabelecimento divino do relacionamento da aliança com o homem, não é um subjulgamento humilhante mas um ato de favor redentor. Ele cumpre a promessa e o juramento pelos quais os filhos de Deus têm encontrado esperança e consolação (cons. Hb. 6:17, 18).

**15b. Também com aquele que não está aqui hoje conosco.** Isto significa que haveria continuidade genealógica na aliança. Isto acontece não porque a salvação seja uma herança familiar inalienável, mas porque Deus é fiel à Sua promessa de estender as misericórdias de Sua aliança até a milésima geração (vs. 14, 15). De acordo com isso, administra-se a aliança da ordenança com o Seu sinal de consagração aos crentes, juntamente com seus filhos.

**16-29. Porque (v. 16) e para que . . . não (v.18),** ambos adotam um pensamento anterior. A idéia que se deve suprir é provavelmente a da convocação para a fidelidade apresentada na seção precedente. Assim teríamos: (Lembra-te, ó Israel, de que o Senhor é o teu Deus), porque, conforme já o sabes muito bem, a tentação à idolatria surge a tua volta de todas as nações vizinhas – **vistes as suas abominações** (vs. 16, 17). (Lembra-te), para que a idolatria não se enraíze entre ti e tu venhas a fazer uma colheita amarga e venenosa (v. 18; cons. Hb. 12:15). O perigo

figurativamente descrito no versículo 18b foi desenvolvido nos versículos 19-28 – a raiz nos versículos 19-21 e o fruto amargo nos versículos 22-28.

**19b. Para acrescentar à sede a bebedice.** *Levando de roldão a humildade e a secura igualmente.* Esta frase proverbial refere-se às plantas; plantas aguadas e secas são todas as plantas. Prossegue com a figura do versículo 18b, advertindo novamente que se a idolatria tomasse conta de Israel, seu resultado final seria mortal, a ponto de arruinar todo o povo. Este pensamento é novamente retomado em 29:22 e segs. Quanto ao indivíduo que enunciasse hipocritamente o juramento automaldizente da aliança (v. 19b), o Senhor não o consideraria inocente por tomar o Seu nome em vão. Embora o indivíduo pudesse pensar que estava encoberto pela multidão de israelitas reunidos, supondo que sua hipocrisia estava escondida em seu próprio coração, o Senhor, a divina Testemunha vingadora do juramento, haveria de destacá-lo e derramar sobre ele, sem misericórdia, todas as maldições que despreocupadamente invocou com referência ao versículo 20b, veja Ap. 22:18, 19. Mudando abruptamente seu ponto de vista em relação ao futuro (Dt. 29:22), além da teocracia e do Exílio (v. 28), que ele já tinha exposto nas maldições da aliança, Moisés toma a buscar a causa do fracasso de Israel no abandono da aliança e na transferência de sua fidelidade a ídolos de reis-deuses (vs. 25-28).

**24. Por que fez o Senhor assim. . . ?** Ele usou o expediente de um diálogo dramático entre os israelitas e os estrangeiros no meio das ruínas carbonizadas da terra teocrática, aquela que era um paraíso, transformada agora, como as cidades da planície, em um ermo estéril pela fúria do juízo divino (v. 23).

**29. As (coisas) reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre.** Atenção à revelada exigência de consagração do Senhor é o interesse de toda a vida dos seus servos (cons. 30:11 e segs.), sem preocupação pelos mistérios divinos (cons. Gn. 3:5).

## Deuteronômio 30

### D. Restauração Final. 30:1-10.

Além da maldição do exílio descortinava-se a perspectiva da restauração (vs. 1-10; cons. 4:29-31; Lv. 26:40-45). O programa redentor não seria frustrado pelo fracasso daqueles que, pertencendo a Israel, não eram israelitas fiéis. Um remanescente obediente junto com um remanescente dos gentios será restaurado diante do Senhor da aliança no Seu glorioso reino. Esta restauração final foi tipificada no V.T. pelo retomo do exílio da Babilônia. O vasto complexo da restauração típica e antitípica está contido nesta bênção profética de Moisés. A seção do tratado que se refere à ratificação do mesmo (Dt. 27-30) termina com o chamado à decisão, no qual Moisés faz o povo de Israel lembrar que não poderia alegar ignorância das exigências divinas (vs. 11-14) e o adverte que as alternativas de escolha entre as bênçãos e as maldições da aliança era de vida e morte (vs. 15.20).

**1-10.** Em 28:64 e segs. Moisés descreveu a impotência dos israelitas incrédulos na dispersão entre as nações.

**1. Quando ... todas estas coisas vierem sobre ti.** Aqui ele via além do Exílio, na verdade além de todas as bênçãos e maldições descritas até este ponto nestas sanções da aliança, estendendo ao seu povo a esperança da restauração, a esperança de uma nova aliança.

**2. E tornares ao Senhor teu Deus.** O caminho para esta nova bem-aventurança seria o caminho de uma consagração renovada e sincera para com o Senhor, contra quem Israel se rebelara (cons. v. 10).

**6-8.** A origem deste arrependimento e sincero amor pelo Senhor estaria em uma divina operação de qualificação – **o Senhor. . . circuncidará o teu coração.** O que fora externamente simbolizado pela circuncisão, a ordenança da consagração do V.T., seria espiritualmente efetivado pelo poder de Deus (cons. 10:16; Jr. 31:33 e segs.; 32:39 e segs.; Ez. 11:19; 36:26, 27).

Conforme demonstra o desenvolvimento deste tema nos profetas, a renovação e restauração profetizada por Moisés é a que foi realizada por

Cristo na Nova Aliança. A profecia não está estreitamente relacionada com os judeus segundo a carne, mas com a comunidade da aliança, aqui concretamente simbolizada por Israel em sua identidade velho-testamentária. Dentro da esfera da Nova Aliança, contudo, desaparece o muro das diferenças étnicas. Do mesmo modo, a figura do Velho Testamento usada aqui dos israelitas exilados sendo reunidos ao Senhor em Jerusalém (Dt. 30:3b, 4; cons. 28:64), encontra o seu cumprimento principalmente na reunião universal neotestamentária dos pecadores de toda a raça humana, exilada do Paraíso, de volta ao Senhor Jesus Cristo entronizado na Jerusalém celestial.

**3a. Mudará a tua sorte. Te fará voltar do teu cativeiro** (E.R.C.) refere-se a uma mudança radical de condição.

**9. O Senhor teu Deus te dará abundância em toda obra.** Junto com os dons da regeneração, conversão e santificação através dos quais os rebeldes são transformados em servos fiéis, o Messias lhes dará um mundo novo de prosperidade e paz por herança (vs. 3a, 5, 9; cons. 28:4, 62). O restaurado reino teocrático de Canaã está sendo usado como figura típica para a realidade antitípica, o eterno reino de Deus no universo renovado. Isto será garantido pelo juízo divino, pois enquanto o povo de Deus está destinado a herdar a terra, Seus inimigos serão atormentados com todas as maldições (v. 7). A salvação messiânica é, portanto, um novo êxodo e uma nova conquista, uma renovação da aliança como mediador foi Moisés e Josué, primeiro no Sinai e depois em Moabe e no Ebal e Gerizim.

### **E. Decisão Radical. 30:11-20.**

**11-14.** O Senhor não exigiu de Israel algo incompreensível ou inatingível (v. 11). O dever de Israel não estava escondido em algum lugar alto e inacessível (v. 12) ou além de alguma barreira insuperável (v. 13). Observe o uso semelhante que Paulo fez dessas questões proverbiais em Rm. 10:5, 6.

14. Esta palavra está mui perto de ti. Existem coisas secretas e incompreensíveis que pertencem a Deus (cons. 29: 29a; Sl. 131:1), mas a exigência da aliança refere-se às coisas reveladas e dadas ao povo de Deus para serem obedecidas (cons. 29:29b; 6:6,7; 11:18, 19; 31:19). Conforme Jó afirmou, conhecimento ilimitado pertence a Deus somente, mas ao homem Deus designa, por sua porção de sabedoria, o temor do Senhor, que é o aspecto principal da aliança (Jó 28, espec. v. 28).

**15-20.** Moisés concluiu a apresentação das bênçãos e maldições da aliança com um apelo de memorável simplicidade e sublimidade. Ele fez Israel se lembrar de que em sua experiência como um reino, bênçãos e obediência seriam inseparáveis, como também a rebelião e a maldição (vs. 16-18).

**15. A vida e o bem, a morte e o mal.** O resultado era tão simples e radical como a vida e a morte (cons. 19b). Amar o Senhor, obedecê-Lo e permanecer-Lhe fiel – essa devia ser a sua vida (v. 20; cons. 6: 1-5).

**19. Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti.** Uma das divisões padrão nos tratados seculares de suserania era a que continha a invocação dos deuses do Senhor e do vassalo como testemunhas sagradas do juramento da aliança. É significativo que o tratado deuteronômico contenha pelo menos este paralelo retórico do aspecto (cons. 4:26; 31:28; 32:1). O Senhor era, é claro, a Testemunha divina como também o Suserano desta aliança. Repetidas vezes Moisés traçou a origem da obra da salvação que Deus realizava através dele, às promessas feitas sob juramento a Abraão (v. 20c).

## **V. Disposição Dinástica: Continuidade da Aliança. 31:1 - 34:12.**

Esta seção final do documento da aliança tem por tema unificante a perpetuação do relacionamento da aliança. De importância especial é o assunto da sucessão real, que também se destaca nos tratados extra-bíblicos de suserania (cons. acima, a introdução à IV. Sanções). Esta sucessão foi estabelecida pela designação e comissionamento de Josué

como herdeiro dinástico de Moisés na posição de representante mediador do Senhor (cap. 31). A escritura testamentária da herança do reino para as diversas tribos de Israel (cap. 33) concede a todo o povo de Deus a posição de herdeiro real. Incluídos também estão dois outros elementos padrões nos tratados internacional. Um deles é a invocação das testemunhas da aliança, aqui representadas principalmente pelo Cântico do Testemunho (cap. 32).

A outra, são as instruções para a disposição do documento do tratado após a cerimônia (31:9-13). A título de autentificação do documento, afixou-se-lhe na conclusão uma narrativa da morte de Moisés (cap. 34).

## **Deuteronômio 31**

### **A. Arranjos Finais. 31:1-29.**

Moisés apresentou uma série de responsabilidades, todas relacionadas com a execução da aliança e seu programa: a todo o povo (vs. 1-6), a Josué (vs. 7, 8) e aos sacerdotes (vs. 9-13). Depois, numa revelação teofânica no santuário (vs. 14, 15), o Senhor instruiu Moisés em relação a um trino de Testemunho para o futuro Israel (vs. 16-22), e também instruiu Josué quanto ao seu iminente comando (v. 23). Finalmente, Moisés tomou a dar ordens aos sacerdotes em relação à disposição do testemunho documentário da aliança e em relação à assembléia do povo para ouvir o trino do Testemunho (vs. 24-29).

**1-6.** Sobre a idade de Moisés (v. 2a), veja Êx. 7:7 ; Dt. 29:5.

**2b. Já não posso sair e entrar.** Embora Moisés ainda fosse competente em termos de vida quotidiana individual (cons. 34:7), já perdera o vigor necessário para pastorear todo o rebanho de Israel e em particular para conduzir a campanha da conquista diante da nação (cons. Nm. 27:16 e segs.). Em relação a Dt. 31:2c, veja 3:23 e segs., 4:21, 22; Nm. 20:12. O Senhor, tendo Josué como Seu novo representante mediador, continuaria e completaria em Canaã a conquista já iniciada com sucesso por Moisés na Transjordânia (vs. 3-6). Com tal liderança

assegurada, Israel executaria o mandato da conquista (cons. 7:1 e segs.) com poder e coragem (v. 6; com. vs. 7, 23; 20:3, 4; 31:7, 23; Js. 1:6 e segs.).

**7,8.** Sob as ordens de Deus, Josué já fora ordenado por Moisés diante de Eleazar e a congregação como o novo líder de Israel (Nm. 27:18-23 ; Dt. 1:38).

**8. O Senhor é quem vai adiante de ti.** Repetindo a promessa da presença divina (com. Js. 5:13 e segs.) que acabara de ser feita a todo o povo (Dt. 31:3-6), Moisés investiu Josué publicamente da tarefa de completar a missão de introduzir Israel em sua herança.

**9-13.** Moisés atribuiu aos sacerdotes a obrigação de regularmente tomar a ler em público a lei da aliança. O efeito almejado era associar os sacerdotes e os anciãos com Josué na responsabilidade do governo e na estima de Israel. Mais importante ainda, todo o povo da aliança, ao lado de todas as autoridades humanas da comunidade foram colocados sob o senhorio do Doador da lei.

**9a. Esta lei escreveu-a Moisés.** Esta é uma declaração explícita de importância óbvia para investigações da alta crítica (cons. v. 24). Embora o fato seja mencionado a esta altura, é provável que o documento da aliança oficial, ou pelo menos a sua parte principal, tenha sido preparado anteriormente. A entrega da lei aos profetas e anciãos aqui mencionada (9b), se for outra que a mencionada nos versículos 24 e segs., pode ser simplesmente uma transferência simbólica de responsabilidade de aplicação da lei da aliança, conforme descrita nos versículos 10-13. Nos tratados de suserania das nações, incluía-se orientação para a sua leitura ao povo vassalo, a intervalos regulares, de uma a três vezes ao ano.

**11. Lerás esta lei diante de todo Israel.** Em Israel teria de haver uma constante proclamação da vontade do Senhor mediante a prestação do culto e eventualmente através do ministério dos profetas. Os pais também foram orientados no sentido de instruírem fielmente os filhos da aliança nos mandamentos do Senhor (veja, por exemplo, 6:7, 20 e segs.).

Por isso a leitura septenial da lei à Israel (v. 10) na Festa dos Tabernáculos (cons. 16:13 e segs.), no ano da remissão (cf. 15:1 e segs.), não tinha apenas a intenção de ensinar ao povo de Israel suas obrigações em face da aliança, mas de ser especialmente um impressionante lembrete, por ocasião dessa renovação e consumação sabática, da necessidade de uma consagração sempre renovada dos servos do Senhor, se quisessem desfrutar plenamente das bênçãos da aliança.

**14-23.** Josué, tal como Moisés (cons. Êx. 3:1 – 4:17), foi pessoalmente comissionado pelo Senhor mesmo. Este foi o propósito principal e declarado da intimação de Moisés e Josué à presença do Suserano celestial, que então lhes falou face à face como um homem fala ao seu amigo (Dt. 31:14, 15 ; cons. Êx. 33:9,11; Nm. 12:5). As palavras da divina revelação (Dt. 31:23) foram simplesmente uma declaração direta das responsabilidades – **Sê forte** – e a promessa – **ele será contigo** – transmitidas por intermédio de Moisés (vs. 7, 8) e uma confirmação da ordenação pública de Josué (Nm. 27:18-23).

Nesta ocasião o Senhor também confirmou as negras profecias da futura infidelidade de Israel e a ira de Deus contra ela – **este povo . . . me deixará, e anulará a aliança que fiz com ele** (vs. 16 e segs.). Particularmente, o Senhor mandou que Moisés ensinasse a Israel o hino que seria um testemunho do Senhor contra os israelitas quando transgredissem a aliança (v. 19 e segs.). O desejo desenfreado de Israel de adorar ídolos, sua prostituição espiritual (v. 16; cons. Êx. 34:15, 16), por causa dos rituais abomináveis do culto à fertilidade dos cananitas que a apanharia em sua armadilha, também envolveria a prostituição carnal. A inclinação de ignorar o Senhor seria mais evidente quando o povo de Israel alcançasse a segurança e a prosperidade em sua terra (Dt. 31:20; cons. 6:10 e segs.; 8:12 e segs.; 32: 15).

**17. Desampará-los-ei.** Esta seria a inevitável consequência quando Israel abandonasse o Senhor. Sem a proteção de Deus a nação viria a se tornar vítima de muitos males e assim dolorosamente tomaria consciência de não estar o nosso Deus no mão de nós (v. 17b). Para que



os israelitas, então, pudessem se lembrar da promessa divina de não abandoná-los (cons. v. 6), imputando-lhe injustiça, Deus estabeleceu-lhes o Hino do Testemunho, que coloca as prometidas bênçãos e maldições em sua devida perspectiva dentro da aliança. Este hino proclamada a justiça perfeita de Deus e convenceria os israelitas da justiça de suas aflições (cons. 32:4, 5). Apenas por causa da pura graça de Deus é que Israel pôde até mesmo entrar na terra prometida, pois o Senhor estava perfeitamente cômico do orgulho e da rebeldia dos seus corações, antes de conduzi-los através do Jordão, 31:21b. O versículo 22 antecipa 31:30 – 32:47.

**24-29.** Como testemunho complementar da aliança, junto com o hino, o documento do tratado devia ser preservado **ao lado da arca da aliança** (v. 26; cons. 9 e segs.). Esta exigência e a disposição semelhante das duas tábuas do Sinai estavam de acordo com a prática contemporânea (veja comentário sobre 10:1-11). Possivelmente era um dos sacerdotes em cujas mãos o tratado deuteronômico estava sendo agora depositado (v. 25), que acrescentou o registro da morte de Moisés, ou até mesmo tudo a partir deste ponto até o fim. Este oficial pode ter desempenhado uma parte adicional, ainda que menos importante no completamento deste documento em sua forma final.

**27. Sois rebeldes . .. quanto mais depois da minha morte?** A presciência de Deus que acabou de ser revelada a Moisés (cons. v. 21) era agora a presciência de Moisés. Nestas instruções aos sacerdotes, todas as testemunhas do tratado foram reunidas. O Hino do Testemunho que ia ser recitado diante da assembléia de Israel, incluía ao mesmo tempo uma invocação do céu e da terra como testemunhas (v. 28). A força do testemunho, era primeiramente contra o povo de Israel à vista de suas provocações prognosticadas (v. 29).

### **B. O Hino do Testemunho. 31:30 – 32:47.**

**30.** De acordo com a orientação de Moisés (v. 28), Israel se encontrava reunido, e Moisés, junto com Josué (32:34), o antigo e o

novo representante do Senhor, proclamaram o hino (Dt. 32). Em sua estrutura geral este hino poético segue o padrão do tratado deuteronômico. Depois da invocação das testemunhas (vs. 1-3), o Suserano passa a ser identificado, à guisa de preâmbulo, como o Deus da verdade e o Pai de Israel (vs. 4-6). Então o prólogo histórico do tratado encontra seu correlativo em um recital do favor especial demonstrado para com Israel pelo Senhor, até este ponto (vs. 7-14). A seguir, as estipulações do tratado são ponderadas na condenação da rebelião de Israel contra o Senhor a favor dos novos deuses (vs. 15-18). A consequência desta violação da aliança é o acúmulo das maldições sobre eles, os israelitas (vs. 19-25). Contudo, conforme também está declarado na seção das bênçãos e maldições do tratado, além da maldição final está a perspectiva da renovação da aliança acompanhada de um juízo redentor no qual Deus vingará Seus servos diante dos seus inimigos; esse é o tema final do hino (vs. 26.43).

## Deuteronômio 32

### a) Invocação. 32:1-3.

1. A invocação dos céus e terra deve ser entendida como uma intimação a que sejam testemunhas da aliança, uma vez que Moisés acabou de declarar que esse foi exatamente o propósito da assembléia de Israel para ouvir o hino (cons. 31: 28).

2. A aliança e a sabedoria estão aqui reunidas quando Moisés identifica este hino como a **minha doutrina**, ou, *meus ensinamentos*, uma palavra comum na literatura da Sabedoria. O hino apresenta verdadeira sabedoria porque o seu tema é o temor do Senhor, o grande Deus de Israel (v. 3).

### b) Preâmbulo. 32: 4-6.

O hino é uma teodicéia (cons, comentários a respeito de 31:19 e segs.).

4. Com isto em vista, a identificação do Senhor está em termos de Sua perfeita justiça. **A Rocha**. Este epíteto contempla a Deus como o

refúgio digno de confiança do Seu povo (cons. vs. 15, 18, 30). O hebraico *sur*, usado assim para com Deus, pode derivar da raiz que significa "montanha" (cons. *gwr* ugarita). Em contraste com a justiça de Deus fica a perversidade dos israelitas, esses "filhos de Deus" (cons. Dt. 32:6, 18 e segs.; 14:1; Êx. 4:22 e segs.) que eram na realidade seus não-filhos (32: 5a, lit.; cons. "não-deuses", v.21, e "não-povo", v.21). Isto introduz a responsabilidade principal do hino, isto é, que o pecado de Israel fornecia uma explicação inteiramente adequada para todo o mal que lhe poderia sobrevir.

**6. Povo louco e ignorante.** De acordo com o motivo da sabedoria, o pecado é considerado loucura (cons. vs. 28, 29). **Não é ele teu pai, que te adquiriu?** (*Criou*). A referência é ao fato do Senhor ter feito de Israel um povo teocrático pela eleição e redenção no Egito.

### c) Prólogo Histórico. 32:7-14.

**7a. Lembra-te dos dias da antiguidade.** Assim começa a seção do prólogo histórico do hino. O fato do versículo 8 se referir à providência divina, voltando aos acontecimentos de Gênesis 10 e 11, explica a perspectiva histórica de Dt. 32:7a.

**8. Fixou os termos . . . segundo o número . . . de Israel.** Assim como Paulo ensina que Cristo governa sobre todas as coisas em benefício de Sua igreja, Moisés afirma que o Senhor interessava-se de maneira especial pelas necessidades geográficas da numerosa descendência de Abraão, no Seu providencial governo de todas as nações (cons. Gn. 10:32), pois Israel era Seu povo eleito (Dt. 32:9; cons. 7:6; 10:15). De acordo com uma tradução apoiada pela LXX e fragmentos do Qumran, "filhos de Deus" poderia substituir **filhos de Israel**. Aqueles que preferem esta tradução defendem a tradição mítica de que El, cabeça do panteão cananita, tinha setenta filhos, alegando o fato de que Gên. 10 menciona setenta nações; e eles concluem dizendo que esta correspondência numérica é a que foi mencionada em Dt. 32:8. Do mesmo modo, os comentaristas judeus, seguindo o texto massorético,

vêm uma correspondência entre as setenta nações de Gênesis 10 com os setenta israelitas de Gn. 46:27.

Tendo estabelecido a herança de Israel em Canaã desde os dias da antiguidade, o Senhor os levou, nos dias de Moisés, à posse de suas riquezas (Dt. 32:10-14).

**10. Achou-o.** O Senhor, vindo buscar e salvar aquilo que estava perdido, encontrou Israel sem lar e desamparado no deserto. **Como a menina dos seus olhos.** Ele cuidou do Seu povo tão zelosamente quanto um homem cuida daquilo que lhe é mais precioso, ou como uma águia cuida de sua ninhada (v. 11). A figura poderia ser interpretada em relação ao livramento do Egito como também relativamente à orientação dada em Canaã.

**12b. Não havia com ele deus estranho.** Considerando que o Senhor era o único benfeitor de Israel, sua subsequente transferência de fidelidade a outros deuses (v. 15 e segs.) era manifestamente indesculpável.

**13a. Ele o fez cavalgar sobre os altos da terra.** Israel avançou na força do Senhor em majestoso triunfo através da Transjordânia (cons. 2:31 e segs.) e por sobre a montanhosa Canaã, para que festejasse por causa de todas as melhores ofertas de campos e rebanhos (vs. 13b, 14).

#### **d) Registro da Rebeldia. 32:15-18.**

Na qualidade de seu Suserano, o Senhor exigiu, primeiramente, lealdade perfeita e exclusiva. Como um animal indomável, Israel engordou nas ricas pastagens, recusando-se a submeter-se.

**15. Jeshurum,** *o justo*, foi aqui usado recriminadoramente. Em seu arrogante desprezo pela Rocha de sua salvação, o povo de Israel pagou seu tributo sacrificial aos antideuses fantásticos.

**17a.** *Santificam a demônios que não eram deuses* (RSV), dos quais nada receberam e dos quais até esse momento jamais ouviram falar. Tão execrável foi sua ingratidão, que preferiam esses novos reis-deuses à Rocha que lhes demonstrara o amor de pai (v.18a) e mãe (v. 18b).

**e) Maldições Contra os Violadores da Aliança. 32:19-25.**

Na Aliança do Sinai, anexa à estipulação que proibia deuses-ídolo rivais, havia a advertência: "Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso" (Dt. 5:9; Êx. 20: 5). Deus responde à infidelidade no relacionamento da aliança com algo parecido ao ardente zelo conjugal de um homem cuja esposa foi infiel (Dt. 32:21, cons. v. 16). A lei prescrevia a morte para a adúltera. As maldições da aliança ameaçavam Israel com a extinção se ela fizesse o papel de prostituta com os falsos deuses de Canaã (cons. 31:16 e segs.). Do fogo do ciúme divino não se escapa; Ele queima até ao mais profundo do inferno (32: 22), o lugar dos mortos.

**19,20. (Ele) os desprezou. . . e disse: Esconderei . . . o meu rosto.** Aplicando o princípio da *lex talionis*, Deus rejeitaria Israel e retiraria Sua proteção. Ele despertaria o ciúme de Israel através de um povo que não é povo (v. 21; cons. Ef. 2:12). Isto é, Ele garantiria a um povo que desconhecia o favor da Sua aliança, a vitória sobre **os filhos em quem não há lealdade** (v. 20b).

**23. Amontoarei males sobre eles.** Nos versículos 23-25 as maldições da aliança, especialmente a pestilência, a fome e a espada, os terrores que vinham junto com o clímax do cerco e do exílio, estão sendo postos em destaque (cons. cap. 28). Nisso residiria o triunfo daquele que não é povo. Como resultado do cerco, Israel seria removida do reino de Deus, vindo a se tomar ela mesma, aquela que não é povo (cons. Os. 1:9). No desvendamento adicional da revelação redentiva, Deus ia prometer uma renovação de Sua misericórdia por meio da qual aquele que não é povo viria a ser novamente o "meu povo" (cons. Os. 1:10; 2:23). E Paulo interpretou-a, já realizada na entrada dos gentios como também dos judeus na Nova Aliança em Cristo Jesus (Rm. 9:25, 26). Dentro desse aspecto, Paulo também dá uma interpretação à idéia do ciúme de Israel por causa do favor que Deus demonstrou para com os gentios (Rm. 11:11 e segs.; cons. 10:19). O Hino do Testemunho de Moisés, já por si mesmo, antecipa a misericórdia redentora e as bênçãos que estão além das preditas maldições de Israel (veja Dt. 32:26-43 ).

**f) Bênçãos Através do Juízo Redentor. 32:26-43.**

Agora chama-se a atenção para a nação inimiga que golpearia sem misericórdia tanto a cabeça das crianças como a dos velhos.

**27. A nossa mão tem prevalecido.** Para que o inimigo não viesse a interpretar a vitória sobre Israel erradamente, negando ao Senhor a honra que Lhe é devida (cons. Is. 10:5 e segs.). Ele imitaria a matança a Israel (Dt. 32:26). Do ponto de vista das maldições da aliança, isto seria um adiamento da vingança divina contra Israel. A preservação de um remanescente para que não seja aniquilado, está assim enraizado no zelo divino por Sua própria glória. Ao mesmo tempo, a vindicação final do Seu povo, que seria feita através da preservação de um remanescente, brota da compaixão de Deus por ela (v. 36).

**29a. Oxalá fossem eles sábios! então entenderiam isto.** O tolo inimigo deveria saber que sua fácil vitória sobre Israel, o protetorado convencional do Suserano dos céus e da terra, devia-se ao aborrecimento d'Este para com Israel (vs. 19 e segs., 30). O versículo 31 é uma interjeição parentética de Moisés, reforçando a irrefutabilidade de 32:30 com a eliminação da possibilidade de que o deus do inimigo fosse o responsável pela vitória. Sobre o versículo 31b, veja Êx. 14:25 ; Nm. 23 e 24; Js. 2:9, 10; I Sm. 4:8; 5: 7 e segs.; Dn. 4:34 e segs.

**29b. Além disso, se o inimigo fosse sábio, atentariam para o seu fim.** Este tema continua no versículo 32 e segs. Sua arrogância se transformaria em tremor, se entendessem que o Deus de Israel, que julgou até o Seu próprio povo com ira abrasadora, certamente os julgaria também com justiça estrita (v. 34) por causa de sua depravação e crueldade (vs. 32, 33). O maior dos males da nação inimiga seria o de estar em inimizade com o povo de Deus. Porque, embora isto representasse a vara da ira de Deus contra Israel, seus próprios motivos e propósitos seriam bastante diferentes (cons. 27b; Is. 10:7 e segs.).

**35,36a.** Considerando isto, o juízo divino sobre o inimigo seria um ato de **vingança** e vindicação do **seu povo**, e . . . seus servos. Assim o hino retorna habilmente ao seu tema principal de Israel e as sanções da

aliança, e dá a entender que as bênçãos finais se seguirão à penúltima maldição. Com relação à citação que o N.T. faz de 32: 35, 36, veja Rm. 12:19 e Hb. 10:30.

**36b. O seu poder se foi.** Só quando o Seu povo se encontrasse tão desamparado como quando pela primeira vez Ele o encontrou (v. 10), só então Deus interviria no julgamento redentor. O perdão, contudo, só seria concedido quando fossem confrontados com os seus pecados (vs. 37, 38) e fossem assim levados à tristeza e ao arrependimento piedoso, confiando no Senhor, a sua verdadeira e única Rocha.

**39. Eu mato, e eu faço viver.** Prometendo vir em juízo como o Salvador dos Seus servos, o Senhor se identifica como Deus único e Soberano absoluto (cons. v. 12; 4: 35, 39; 5:6a; Is. 43:1-13).

**40. Levanto a minha mão aos céus.** Assim como o Senhor acrescentou um juramento à promessa na Aliança Abraâmica, jurando por Si mesmo, pois não há nenhum outro (cons. Is. 45:22, 23; Hb. 6:13), de que o Seu juízo seria terrível contra aqueles que O odiassem (Dt. 32:41,42; cons. v.35; Is. 63:1 e segs.). No versículo 42, a terceira cláusula completa a primeira; a quarta, a segunda.

**43.** O hino termina com a perspectiva do júbilo sobre o juízo de Deus que envolve ambos, a retribuição ao inimigo e a expiação de toda a culpa dentro do reino de Deus. Uma vez que as nações são universalmente chamadas para participarem da alegria da salvação de Deus, o horizonte desta esperança é claramente a era messiânica, quando todas as nações da terra encontrarão bênçãos na semente de Abraão.

**44-47.** O comissionamento de Josué e as instruções referentes ao trino do Testemunho foram dados juntamente com a revelação especial no santuário (31:14-23), e significativamente Josué foi associado com Moisés na proclamação do hino a Israel (32:44). Moisés selou o recital com o apelo final à comunidade da aliança a que cultivasse em suas sucessivas gerações a fidelidade à aliança, que em seu resumo dentro do hino foi uma testemunha de Deus para Israel (v. 46). A conclusão das

sanções (30:15 e segs.) faz eco na advertência de que isto era uma questão da própria vida de Israel (32:47).

### **C. Testamento de Moisés. 32:48 – 33:29.**

**48-52.** Cons. 3: 27; Nm. 27; 12-14.

**48. Naquele mesmo dia.** Foi ao aproximar-se o fim do dia da cerimônia da renovação (cons. 1:3-5; 27:11; 31:22) que Moisés subiu a este monte de Abarim, ao monte Nebo (49a), para ali morrer. Sobre a morte de Arão no Monte Hor, veja 10:6 ; Nm. 20:22 e segs.; 33:37, 38.

**51. Porquanto prevaricastes.** Sobre o pecado que desqualificou Moisés de entrar em Canaã, veja 1:37; 3:26; 4:21; Nm. 20:10 e segs.; 27:14. O cumprimento desta ordem está descrito em Dt. 34:1 e segs.

No antigo Oriente Próximo, as bênçãos finais pronunciadas por um pai moribundo aos seus filhos era um testamento legal irrevogável, aceito como prova decisiva em disputas nos tribunais. No caso dos patriarcas bíblicos, a autoridade e potência de suas bênçãos finais derivava do Espírito de profecia que havia neles, falando em forma testamentária (cons. os casos de Isaque, Gn. 27, e Jacó, Gn. 49). Como pai espiritual e teocrático das doze tribos, Moisés pronunciou suas bênçãos para eles, exatamente antes de subir ao monte para morrer (Dt. 33:1), e assim suas palavras constituíram o seu testamento. Até onde o Deuteronômio constituía uma garantia dinástica, Josué na qualidade de sucessor de Moisés era o herdeiro da aliança. Também era verdade, no entanto, que todos os israelitas eram filhos adotivos de Deus, e portanto herdeiros das bênçãos do Seu reino que estava sendo dispensado através do Seu servo Moisés. Torna-se impossível simplesmente equiparar as formas da aliança e do testamento sem um drástico empobrecimento e distorção do conceito da aliança. Mas na medida em que as bênçãos prometidas na aliança redentora de Deus não podem ser herdadas à parte da morte de quem faz a promessa, essa aliança inclui como um dos seus aspectos o princípio testamentário.



O testamento poético de Moisés contém três partes: a) uma introdução, descrevendo a glória do Senhor ao declarar a Sua realeza na doação de Sua aliança teocrática a Jeshurum (vs. 2-5); b) a bênção das tribos, na forma de orações, doxologias, imperativos e predições (vs. 6-25); e c) uma conclusão, louvando a Deus, o majestoso Protetor de Jeshurum (vs. 26-29). [Para um estudo útil dos problemas textuais neste capítulo e uma nova tradução, veja F.M. Cross e D.N. Freedman, "The Blessing of Moses", JBL 67 (1948), 191-210.]

## **Deuteronômio 33**

### **1) Introdução. 33:2-5.**

O aparecimento do Senhor como Rei dos Reis para proclamar Sua aliança foi feita em glória radiante, como o nascer do sol, sobre as montanhas orientais da península do Sinai (v. 2a; cons. a semelhante descrição poética da teofania do deserto em Jz. 5:4 e segs.; Sl. 68:7 e segs.; Hb. 3:2 e segs.).

**2b.** Servindo o Rei em Seu advento havia um exército celestial de santos (cons. Sl. 68:17; Zc. 14:5; Atos 7:35; Gl. 3:19; Hb. 2:2).

**2d, 3.** Provavelmente uma tradução mais aproximada ao verdadeiro sentido destes versículos é a tradução de Cross e Freedman: "À sua direita seguiam os poderosos, sim, os guardiões dos povos. Todos os santos estavam ao seu lado, prostrando-se a seus pés, executavam as suas decisões". Como representante terrestre do Senhor, Moisés transmitiu a Israel a aliança divina com suas promessas do reino (v. 4), e através da cerimônia da aliança foi ratificada a realeza teocrática do Senhor sobre Israel (v. 5).

### **2) As Bênçãos das Tribos. 33:6-25.**

Primeiro Moisés abençoou os filhos das esposas de Jacó, depois os filhos das servas. Embora Jacó anunciasse que o primogênito Rúben perdera seus direitos à primogenitura, tanto ele quanto Moisés começaram seu testamento com ele (cons. Gn. 49 : 3, 4).

**6. Viva Rúben.** Moisés orou para que Rúben não sofresse extinção tribal.

**7. Introduze-o no seu povo.** A bênção para o Judá real (o quarto filho de Lia) é, com efeito, uma oração para que a bênção profética de Jacó para ele fosse cumprida (cons. Gn. 49:9-12), para que Judá fosse capacitado a desempenhar a tarefa real de derrotar os adversários, retomando então ao seu povo a fim de merecer sua obediência. No testamento de Jacó, Simeão e Levi (o segundo e terceiro filhos de Lia) foram repreendidos e dispersos em Israel (Gn. 49: 5-7). Historicamente, Simeão foi logo absorvido por Judá (cons. Js. 19-2 e segs.). Moisés omitiu Simeão nas bênçãos individuais (o número doze sendo atingido pela divisão da tribo de José). Mas ele distribuiu Levi por todo Israel (cons. Js. 21:1-40), dando-lhe um novo significado.

**9b. Observou a tua aliança.** Levi exibiu a devoção necessária ao Senhor para o ofício sacerdotal na prova do Sinai (Êx. 32:26.29). Sobre os acontecimentos de Massá e Meribá (Dt. 33: 8b), o começo e o fim da prova divina por que passou Israel (cons. 8: 2 e segs.), veja Êx. 17: 1-7; Nm. 20:1-13; Dt. 6:16; 9:22; 32:51. Esta tribo recebeu a honra do sacerdócio na família de Arão, com o privilégio de receber revelações divinas especiais (33:8a), ensinar as leis da aliança(v. 10a), e officiar diante do altar (v. 10b). A bênção de Levi termina adequadamente com a oração no sentido de que o seu ministério em benefício do povo da aliança se comprovasse eficaz (v. 11). Tendo lidado com as tribos real e sacerdotal, Moisés voltou-se para Benjamim (o filho mais jovem de Raquel).

**12c. Ele descansará nos seus braços.** Benjamim recebeu a porção de Jerusalém na fronteira de Judá, lugar do santuário e trono do Senhor (cons. Gn. 49: 27; Js. 15:8; 18:16). O uso do termo "ombros" nesta passagem (E.R.C.) para indicar a posição elevada de Jerusalém, sustenta a idéia de que o Senhor é o sujeito de habitar. Sobre o amado do Senhor, veja Jr. 11:15 ; Sl. 60:5. Junto com Benjamim na bênção (Dt. 33:13-17) e na herança territorial estava José (o filho mais velho de Raquel). A

porção dupla, o direito de primogenitura perdido por Rúben, foi dada a José (Gn. 48:22), pois seus dois filhos desfrutaram de status tribal separado. Agora Moisés confirmou a preeminência que Jacó concedeu a Efraim sobre Manassés (Dt. 33:17; cons. Gn. 48:14 e segs.). Novamente, como Jacó, Moisés abençoou José com poder militar e abundância dos melhores produtos da terra (cons. Gn. 49:22-26).

**16.** A fonte de toda a bravura e prosperidade de José estava na benevolência daquele que apareceu na sarça (cons. Êx. 3:2 e segs.). Uma ligeira mudança no texto poderia substituir sarça por "Sinai". Zebulom e Issacar (sexto e quinto filhos de Lia, respectivamente) estão aqui unidos nas suas bênçãos (Dt. 33:18,19; cons. Gn. 49:13-15). Sua porção especial seriam os tesouros do mar, garantidos ao que parece pelo comércio com aqueles que operavam no mar Mediterrâneo, ao longo de suas costas e no Mar de Quinerete. Suas heranças ficavam perto, mas não sobre essas águas (cons., contudo, Gn. 49:13 ).

**19a. Chamarão os povos ao monte.** Isto parece indicar que seu sucesso comercial seria gratamente reconhecido na verdadeira adoração. A tribo de Gade (primeiro filho de Zilpa, a serva de Lia) escolheu a porção do chefe (v.21a) por sua herança na Transjordânia, os primeiros frutos da conquista (vs. 20, 21a). Depois juntou-se fielmente aos seus irmãos no conflito da conquista de suas respectivas porções em Canaã (v. 21b). Como a bênção de Sem (Gn. 9: 26), a de Gade está expressa em forma de doxologia (cons. Gn. 49:19). Com força enérgica a tribo de Dã (o filho mais velho de Bila, a serva de Raquel) seria igual aos leões de Basã (Dt. 33:22; cons. Gn. 49:17). Foi para a região de Basã que uma expedição de danitas emigrou do seu primitivo território no litoral meridional (Jz. 18). O favor do Senhor concedido a Naftali (o filho mais jovem de Bila) seria demonstrado na notável fertilidade e beleza de sua herança, especialmente na parte sul das praias de Genesaré (Dt. 33:23; cons. Gn. 49:21).

**24a. Bendito seja Aser entre os filhos.** Esta tribo do filho mais jovem de Zilpa ficou localizada na fronteira setentrional de Israel, uma terra fértil que se limitava com Naftali (v. 24b; cons. Gn. 49:20).

**25. Como os teus dias . . . a tua paz.** A oração de Moisés foi no sentido da proteção de Aser ser constantemente forte

### **3 ) Conclusão 33:26-29.**

**26a. Não há outro, ó amado, semelhante a Deus.** Como uma introdução (vs. 2-5), aqui Moisés louva o verdadeiro Doador das bênçãos deste testamento. O estabelecimento da aliança foi celebrado na introdução, mas aqui o Senhor está sendo louvado como o Defensor e benfeitor de Israel na subsequente conquista (v. 27) e colonização da terra paradisíaca (v. 28).

**26b.** Veja Sl. 18:10; 68:33.

**27a.** Veja o Salmo mosaico 90:1, 2.

**29. Quem é como tu? Povo salvo pelo Senhor.** A singularidade da bem-aventurança de Israel brotava da singularidade do Senhor-Salvador de Israel (cons. v. 26a). **Teus inimigos te serão sujeitos.** Todos tinham de reconhecer a supremacia de Israel.

## **Deuteronômio 34**

### **D. Sucessão Dinástica. 34:1-12.**

Um testamento só entra em vigor, apenas depois da morte do testador. Por isso a Aliança Deuteronômica, dentro do seu aspecto testamentário (cons. comentários na introd. do cap. 33) não entraria em vigor até a morte de Moisés. Só então Josué o sucederia no papel de vice-rei de Deus sobre Israel, e só então sob a liderança de Josué as tribos poderiam, de acordo com as declarações do Senhor, entrar na posse da herança de Canaã. Era, portanto, apropriado que o tratado deuteronômico terminasse com o registro da morte de Moisés, que na realidade autentica o tratado. A atenção adicional dada à terra da herança de Israel e a ascensão de Josué como mediador real da aliança, evidencia que se tem em vista o significado testamentário da morte de Moisés.

Os versículos 1-8 registram a morte de Moisés e os versículos 9-12 a sucessão de Josué. A narrativa retoma com a história de 32:48-52.

**1a. Então subiu Moisés . . . ao monte Nebo.** Moisés subiu sozinho pela estrada que não tinha retorno, afastando-se da terra prometida até o topo da cadeia de montanhas a oeste das planícies de Moabe, do lado oposto a Jericó até o monte Nebo. O panorama da herança jurada a Israel está descrita conforme ela se descortinava quando olhada primeiro para o nordeste, depois para o oeste e sul, e de volta para à planície que se estendia entre Jericó e Moisés.

**2. O mar ocidental**, isto é, o Mediterrâneo, por trás das colinas de Judá, não é naturalmente visível do monte Nebo.

**4b. Não irás para lá.** Cons. 1:37; 3:26; 4:21, 22; 32:52. Embora não tivesse permissão para entrar na terra, Moisés observou e viu os picos de suas montanhas ao norte, do alto de um, no qual ele, com Elias, mais tarde ficaria e falaria com o Mediador da Nova Aliança sobre o êxodo que Ele teria de fazer até Jerusalém, antes que fizesse a travessia para a herança celestial (cons. Mt. 17:3; Mc. 9:4; Lc. 9:30, 31). Foi necessário que Jesus morresse antes de penetrar no Seu descanso, porque Ele era o verdadeiro Mediador que veio para reconciliar o povo pecador com o seu Deus; Moisés tinha de morrer sem entrar no descanso típico, porque na qualidade de mediador do V.T. ele ficou, por causa da transgressão oficial, desqualificado para completar a missão que prefigurava a do Filho de Deus sem pecado. Diferentemente de Moisés, que após sua morte foi substituído por Josué (Dt. 33:9), o Mediador Messiânico seria o Seu próprio sucessor depois da morte, porque não seria possível a morte retê-lo.

**7. Nem se lhe abateu o vigor.** Moisés, embora com 120 anos de idade (cons. 31:2; Êx. 7:7), não morreu por causa da idade avançada, mas por ordem de Deus, o qual cria e destrói com Sua palavra soberana (Dt. 34:5). Sobre a localização do sepulcro de Moisés (v. 6), veja 3:29; 4:46. Sobre seu resultado, veja Judas 9.

**9a.** Cheio do espírito de sabedoria. Josué fora estabelecido como o herdeiro dinástico através da concessão dos dons carismáticos desta

dinastia, destacadamente o dom do governo sábio (cons. Nm. 27:18 e segs.; Dt. 31).

**9b. Os filhos de Israel lhe deram ouvidos.** Fiel ao seu juramento de fidelidade à vontade do Senhor, feito na cerimônia deuteronômica (cons. 26:17; 29:12), Israel concordou com a ascensão de Josué.

**10. Com quem o Senhor houvesse tratado face a face.** Embora fosse sucessor de Moisés, Josué não se lhe igualava. A Moisés Deus respondia diretamente (Êx. 33:11; Nm. 12:8), mas Josué tinha de descobrir a vontade de Deus pela mediação sacerdotal (Nm. 27:21). Josué foi reconhecido sucessor de Moisés pelos sinais da vitória na travessia do Jordão e contra as hostes de Canaã, semelhantes aos de Moisés que triunfou sobre as hostes de Faraó e as águas do mar. Mas ninguém foi como Moisés na plenitude de sua revelação do poder redentor do Senhor (Dt. 34:11, 12).

# JOSUÉ

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	Capítulo 22
Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17	Capítulo 23
Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18	Capítulo 24

## INTRODUÇÃO

**Título.** O primeiro livro dos **Profetas**, a segunda grande divisão do cânon do Velho Testamento, recebeu o nome do seu principal personagem, Josué. Não há nenhuma tradição judia ou manuscrito que prove que este livro formasse uma unidade com os cinco livros da Lei constituindo um Hexateuco (veja E.J. Young, *Introduction to the Old Testament*, pág. 157 e segs.).

**Data e Autoria.** O livro parece formar uma unidade literária, composta por um só autor, independentemente de duas ou mais fontes primárias, como alguns têm afirmado, e que foi editado e reeditado por muitos séculos. Embora Josué mesmo ordenasse escrever alguns documentos (18:9; 24:26), ele não poderia ser o autor de todo o livro que leva o seu nome. Registra a sua morte (24:29, 30) e acontecimentos que tiveram lugar só depois da sua morte: a conquista do Hebron por Calebe (15:13b, 14; cons. Jz. 1:1, 10, 20), de Debir por Otniel (Js. 15:15-19; cons. Jz. 1:1, 11-15), e de Lesém pelos danitas (Js. 19:47; cons. Jz. 17 e 18) num período em que a idolatria foi tolerada em Israel (mas cons. Is. 24:31). Estes acontecimentos provavelmente aconteceram antes da opressão por Cusã, ou durante o juizado de Otniel (Jz. 3:8-11), cerca de 1370-1330 A.C.

Por outro lado, o autor foi testemunha ocular de muitos dos acontecimentos descritos (por exemplo, Is. 5:1 , 6). Raabe ainda era viva quando se escreveu a obra (6:25). O livro deve ser pré-salomônico (16:10; cons. I Reis 9:16); pré-davídico (Js. 15:63; cons. II Sm. 5:5 -9); anterior ao século doze, quando Tiro sobrepunhou-se a Sidom, pois os fenícios ainda são chamados de sidônios (Js. 13:4-6); e deve ter sido escrito antes de 1200 A.C., depois que os filisteus invadiram a Palestina, pois no período de Josué os filisteus ainda não constituíam uma ameaça (veja Comentário sobre 13:2b-4a).

Parece mais provável que Josué foi escrito durante o juizado de Otniel (cerca de 1370-1330. Veja Comentário sobre 1: 4). A muito maior familiaridade com os problemas da tribo de Judá (cons. a narrativa detalhada da campanha do sul, 10:1-23; o interesse em Calebe e Otniel, 14:1-15; 15:13-19 ; a longa lista das fronteiras e cidades de Judá, 15:1-63) indica que o autor deve ter residido em Judá. Ele traça muito vagamente as fronteiras das importantes tribos de José, embora dentro delas se encontrasse Siló (16:1 – 17:11). Se ele morava em Judá, entende-se que tenha anotado as regiões geográficas desse território em primeiro lugar sem qualificar seus termos (11:16). Considerando que repetidas vezes se faz menção de que não foi concedido território à tribo de Levi (13:14, 33; 14:3, 4; 18:7 ), talvez fosse um sacerdote (veja J.J. Lias, "Joshua", *Pulpit Commentary*, III, xi, xii).

**Propósito e Valor.** O propósito do livro era o de continuar a história de Israel começada no Pentateuco e demonstrar a fidelidade divina para com a sua aliança estabelecida com os patriarcas e a nação teocrática, introduzindo as tribos em sua terra prometida (11:23; 21:43-45). Mais ainda, a santidade de Deus vê-se no Seu julgamento dos cananitas iníquos e na Sua insistência em que Israel, ao fazer esta guerra santa, deixasse de lado qualquer coisa má. Um terceiro aspecto do relacionamento divino com o homem evidenciado neste livro é a salvação de Deus. O próprio nome "Josué", a forma hebraica de Jesus, significa "Jeová é a salvação". Assim a história redentora de Israel



entrando e possuindo Canaã ilustra a experiência espiritual cristã de conflito, vitória e bênçãos nas esferas celestiais (Ef. 1:3; 2:6; 6:12) por meio do grandioso poder de Deus (Ef. 1:19, 20 ; 6:10). Em Hebreus 4, o repouso em Canaã, depois das inúteis lutas no deserto, apresenta-se-nos como um tipo de nosso presente repouso espiritual na obra consumada de Cristo e na Sua contínua intercessão para nos capacitar a derrotar o ego e Satanás.

**Antecedentes Históricos.** As datas para se determinar o cenário histórico do Êxodo e da Conquista são fornecidas pelos registros bíblicos e pesquisas arqueológicas. Os patriarcas peregrinaram em Canaã durante o período que os arqueólogos chamam de período médio da Idade do Bronze (2100-1550). José provavelmente subiu ao poder durante a Décima Segunda Dinastia do Egito. Então o novo rei que se levantou (*qûm'al*) no Egito e que não conhecia José (Êx. 1:8) era sem dúvida um rei hicsa da região do Delta do Nilo. Considerando que os hicsos afligiram os israelitas, forçando-os a construir Pitom e Ramsés (Êx. 1:11), Israel não fugiu do Egito quando os egípcios nativos expulsaram os hicsos em cerca de 1570 A.C. Os Faraós da Décima Oitava Dinastia (cujas capitais foram Tebas, mas que tinham palácios adicionais em Mênfis, Heliópolis e provavelmente Bubastis) continuaram escravizando os israelitas até que Moisés finalmente os levou ao Sinai, em cerca de 1447 A.C. (cons. I Reis 6:1) durante o reinado de Amenhotep II (1450-1423). Josué deve ter introduzido Israel em Canaã em cerca de 1407, durante o período final da Idade do Bronze (1550-1200). A distribuição da terra entre as tribos foi feita em cerca de 1400, e Josué viveu até 1390 ou mais tarde. Um ponto de vista alternante data o Êxodo do período durante o reinado do Faraó Ramsés II logo depois de 1300 A.C. Aqueles que defendem este ponto de vista aceitam os 480 anos de I Reis 6:1 como um número redondo, significando doze gerações.

Por ocasião da invasão de Canaã pelos israelitas, o Faraó Amenhotep III (1410-1372) estava perdendo o interesse em suas posses asiáticas, de modo que grande parte dos reis fantoches da Palestina e

Síria logo se revoltaram contra o Egito ou deixaram de pagar seus tributos. As cartas em caracteres cuneiformes encontrados em 1887 na localidade de Teel el Amarna no Egito, o local da capital de Akenaten, filho de Amenhotep (1380-1363), são os arquivos reais desses dois reis. A maior parte dessas cartas foi escrita por príncipes vassalos na Palestina e Síria durante o período de 1400-1360, pedindo a ajuda de Faraó contra as cidades-estados vizinhas ou contra os habiru. Geralmente o termo *habiru* (ou *'apiru*) designam tropas mercenárias. Neste caso designam tropas alugadas na Síria pelos príncipes cananeus que se rebelaram contra o Egito. Assim o silêncio em Josué relativamente ao Egito pode ser explicado pelo fato do Egito ter tido uma fraca política exterior desde Amenhotep III até Seti (1313-1301), o próximo Faraó a marchar contra a Palestina. Mesmo assim os egípcios evitaram as montanhas e tomaram a rota costeira quando atacaram os heteus na Síria.

Durante o período de Josué e os Juízes, as observâncias religiosas cananitas tinham degenerado à mais sórdida licenciosidade e brutalidade - conforme somos informados pelas tabuinhas do Ras Shamra (ugarita) e as relíquias existentes das práticas do culto à fertilidade desenterradas em Bete-Shan, Megido, etc. O caráter imoral das divindades cananitas levava seus devotos aos mais desmoralizantes ritos do Oriente Próximo da antiguidade, tais como a sagrada prostituição de ambos os sexos, adoração de serpentes e sacrifícios infantis. Uma vez que tais práticas religiosas eram espiritual e moralmente contagiantes, qualquer um logo vê por que Deus ordenou que Israel exterminasse os cananitas. Assim eles e suas cidades tiveram de ser destruídos para que a vida religiosa dos israelitas não corresse perigo por causa do contato com tais povos idólatras. W.F. Albright explicou de maneira extraordinária as questões envolvidas, quando escreveu:

Felizmente para o futuro do monoteísmo os israelitas da Conquista foram um povo inculto, dotado de energia primitiva e crueldade, uma vez que a resultante dizimação dos cananitas evitou a completa fusão das duas raças que tinham um certo parentesco, o que quase inevitavelmente

teria abaixado os padrões joevistas até um ponto onde a recuperação seria impossível. Assim, os cananitas, com sua orgíaca adoração da natureza, seu culto à fertilidade na forma de serpentes-símbolo e sensual nudez, e sua mitologia obscena, foram substituídos por Israel, com sua simplicidade nômade, sua pureza de vida, seu monoteísmo sublime e seu severo código moral (*From the Stone Age to Christianity*, pág. 281).

## ESBOÇO

- I. Entrada na Terra Prometida. 1:1 - 5:12.
  - A. Deus Comissiona Josué. 1:1-9.
  - B. A mobilização de Josué para atravessar o Jordão. 1:10-18.
  - C. A missão dos espias. 2:1-24.
  - D. Atravessando o Jordão. 3:1 - 5:1.
  - E. Renovação das ordenanças da circuncisão e da Páscoa. 5: 2-12.
- II. A Conquista da Terra Prometida. 5:13 - 12:24.
  - A. Aparecimento do divino Comandante-em-chefe. 5:13 - 6:5.
  - B. A campanha central. 6:6 - 8:29.
    - 1. Tomada de Jericó. 6:6-27.
    - 2. Derrota em Ai por causa do pecado de Acã. 7 : 1-26.
    - 3. Segundo ataque e o incêndio de Ai. 8 : 1-29.
  - C. Instituição da aliança de Israel como o código legal da terra. 8:30-35.
  - D. A campanha do sul. 9:1 - 10:43.
    - 1. Tratado com a tetrápolis gibeonita. 9:1-27.
    - 2. Destruição da coligação amorita. 10:1-43.
  - E. A campanha do norte. 11:1-15.
  - F. Resumo da conquista. 11:16-23.
  - G. Apêndice : Catálogo dos reis derrotados. 12:1-24.
- III. Partilha da Terra Prometida. 13:1 - 22:34.
  - A. Ordem divina para dividir a terra. 13:1-7.
  - B. O território das tribos transjordânicas. 13:8-33.

- C. O começo da divisão de Canaã. 14:1-15.
- D. Território da tribo de Judá. 15:1-63.
- E. Território das tribos de José. 16:1 - 17:18.
- F. Territórios das sete tribos restantes. 18:1 - 19:51.
- G. Herança de Levi. 20:1 – 21:42.
  - 1. Nomeação das cidades de refúgio. 20:1-9.
  - 2. Designação de cidades para os levitas. 21:1-42.
- H. Resumo da conquista e partilha. 21:43-45.
- I. Apêndice : Partilha das tribos transjordânicas. 22:1-34.
- IV. Intimação final à lealdade para com a aliança na Terra Prometida. 23:1 - 24:33.
  - A. O discurso de despedida de Josué para os líderes de Israel. 23:1-16.
  - B. Renovação do compromisso da aliança em Siquém. 24:1-28.
  - C. Apêndice: Morte de Josué e subsequente conduta de Israel. 24:29-33.

## COMENTÁRIO

### **I. Entrada na Terra Prometida. 1:1 - 5:12.**

#### **Josué 1**

##### **A. Deus Comissiona Josué. 1:1-9.**

No final do Pentateuco registra-se a morte do destacado líder e legislador de Israel e fiel servo de Jeová. Os israelitas ainda estavam acampados à leste do Jordão. Agora prossegue a inspirada história divina do escolhido povo de Deus.

**1. O Senhor . . . falou a Josué, servidor de Moisés** (cons. Êx. 24:13; Nm. 27:18-23; Deut. 1:38; 31:23). Apesar de Moisés, a quem Josué servira como ajudante ou oficial de ordens, já lhe ter transmitido previamente a autoridade, agora Deus lhe falava diretamente para que assumisse o comando dos israelitas. Embora não fosse provavelmente

"boca a boca" (Nm,12:8), esta revelação deve ter vindo quase imediatamente após a morte de Moisés, a fim de que fosse mantida a continuidade do governo teocrático de Deus. O Senhor transmitiu a Josué quatro ordens específicas: 1) atravessar o Jordão; 2) ser forte; 3) fazer o povo herdar; 4) tomar o cuidado de fazer tudo de acordo com a Lei.

**2. Passa este Jordão.** Sentido! Prepare-se para entrar em Canaã. O Jordão estava na época das enchentes (3:15). **A terra que eu dou.** *Estou dando* (particípio hebraico), ou *estou para dar*.

**3. Como eu prometi a Moisés.** Veja Deuteronômio 11:23-32. Eles tinham realmente de ocupar o território para recebê-lo de Deus, exatamente como os cristãos devem reclamar e apropriar-se de suas bênçãos espirituais em Cristo (Ef. 1:3).

**4. Líbano.** De acordo com a LXX, o Anti-Líbano, de cuja cadeia de montanhas o Monte Hermom, talvez visível de um ponto alto acima do Abel-shitim, é o pico mais ao sul. Toda a terra dos heteus. Esta frase não se encontra em Dt. 11:24; a LXX a omite aqui. Em 1407 A.C. os imperadores heteus ainda não haviam conquistado a Síria; sua supremacia entre o Eufrates e o Mediterrâneo começou de trinta a cinquenta anos mais tarde, sob o reinado de Supiluliumas. Se esta frase é genuína no manuscrito original, então o livro de Josué não foi escrito antes de 1350 A.C.

**5. Não te deixarei.** Literalmente, *eu não te abandonarei* (cons. 10:6, "não soltes", ou "não retires as tuas mãos"); LXX, eu não te deixarei em apuros.

**6. Sê forte e corajoso** (cons. 1:7a, 9). A segunda ordem de Deus, tão necessária a um guerreiro foi, Sê forte e resoluto, inflexível; LXX: Comporta-te como um homem. **Farás a este povo herdar a terra.** Esta foi a terceira ordem de Deus a Josué. Canaã foi prometida na aliança abraâmica (Gn. 15:16-21).

**7. Para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei.** O quarto mandamento era o de vigiar e tomar cuidado em praticar toda a lei mosaica, mas também o seu espírito (cons. Mt. 5:27, 28, etc.).

**8. Medita nele dia e noite.** *Heigé*, "recite em voz baixa". A LXX usa *meletéo*, indicando ponderação meditativa e prática audível dos oradores. A coragem de Josué, esperança de vitória e sabedoria necessárias para o sucesso dependiam de sua constante atenção e inflexível aderência à Lei escrita (*tôré*, "instrução, ensinamentos").

**9. Não to mandei eu?** A invasão que Josué estava para liderar era inequivocamente ordenada por Deus. Por isso, Josué não era um chefe do deserto ou xeique tribal invadindo a Palestina, como os reis dos midianitas e amalequitas faziam mais tarde (Jz. 6.8). Ele era simplesmente o general-de-campo recebendo ordens do seu Comandante-em-chefe (Js. 5:14) em uma guerra santa de exterminação dos povos ímpios que rejeitavam a Deus.

### **B. A Mobilização de Josué para Travessia do Jordão. 1:10-18.**

Descansados depois da dura conquista da Transjordânia, os israelitas estavam muito melhor organizados e disciplinados do que há quarenta anos atrás.

**10. Príncipes do povo.** O termo *shorerîm* (Êx. 5:6-19; Dt. 1:15; 1 Cr. 27:1) designa os escribas do alistamento, correspondendo hoje aos oficiais do estado maior que distribuem as ordens administrativas superiores.

**11. Comida.** Uma vez que já tinham acesso a outro tipo de alimento, não tinham mais de depender do maná somente; logo este cessaria de vez (5:11, 12). Eles podiam ir à procura de alimento nos campos do oásis de Jericó onde havia cereal maduro. Deus não sustentaria o Seu povo no ócio. **Dentro de três dias.** Literalmente, *ainda três dias e passareis por este Jordão*, indica que iriam começar a caminhada que os levaria para o outro lado do Jordão. Provavelmente os

mesmos três dias durante os quais os espias estiveram ausentes (2:22), mas não os três dias de 3:2.

**13. Lembrai-vos do que vos ordenou.** A proposta de Moisés em Nm. 32 (cons. Dt. 3:12-21).

**14. Armados.** Literalmente, *em cinco partes* – vanguarda, retaguarda, o corpo, duas laterais; isto é, "em disposição para a batalha". Todos os valentes. Josué permitiu que as tribos do leste enviassem suas melhores tropas (4:13), de modo que a maioria pôde ficar para proteger suas famílias e rebanhos.

**16-18.** O pronto atendimento das tribos da Transjordânia capacitou os israelitas a invadirem Canaã com uma frente unida, tão necessária para a moral militar e espiritual do povo de Deus.

## Josué 2

### C. A Missão dos Espiões. 2:1-24.

Tendo algum conhecimento pessoal de Canaã devido a sua própria experiência de espia trinta e oito anos atrás, Josué, ao executar as ordens divinas, prudentemente enviou espiões a Jericó, a fortaleza-chave de todo o vale ao sul do Jordão. Duas dificuldades imediatas se lhe defrontaram: como vencer os cananitas hostis da margem ocidental; e como atravessar o Jordão durante a enchente (cons. 3:15; 1 Cr. 12:15. Nem todos poderiam atravessá-lo a nado como os espias devem ter feito.)

**1. Sitim** foi identificada por Nelson Glueck como Tell el-Hamã, no Wadi Kefrein, sobre os contrafortes da orla oriental do Vale do Jordão (Nm. 25:1; 33:49). **Secretamente . . . dizendo.** Esta missão foi cuidadosamente disfarçada, até mesmo dos israelitas, para que a circulação de um relatório desfavorável não desanimasse o povo (cons. Nm. 13:28 – 14:4). **Entraram na casa duma mulher, prostituta, cujo nome era Raabe.** Josefo e muitos escritores têm, desde o seu tempo, argumentado que Raabe era uma estalajadeira. Mas a palavra hebraica *zôné*, o grego *porne* na LXX, e Hb. 11:31 e Tg. 2:25, todos

definitivamente classificam-na como uma prostituta comum (não uma *qedishé*, prostituta religiosa). Teriam-na notado os espiões caminhando pela rua ao entardecer (cons. Pv. 7:9-12) e seguindo-a até sua casa, como os detetives hoje em dia fazem visitando lugares de má fama onde podem obter informações sobre criminosos? Ou, guiados inteiramente pelo Senhor, eles simplesmente "deram com" a casa dela já preparada de antemão pelo Espírito? Sua casa ficava provavelmente junto ao muro ocidental da cidade, com a janela dos fundos dando para a montanha (Js. 2:15, 16); portanto sua casa ficava a certa distância do único portão de Jericó, que dava para uma excelente fonte, exatamente a leste da elevação da cidade. O convite de Raabe implicava em muito menor divergência dos padrões de moralidade aceitos em seu ambiente do que nos parece. Além disso, ela também se ocupava de trabalho honesto, fiando e tingindo linho. Sua prostituição foi mencionada para destacar ousadamente a misericórdia de Deus que lhe concedeu a fé e que a poupou (cons. Mt. 21: 32; Lc. 15:1).

**2. O rei de Jericó.** No período final da Idade do Bronze toda cidade importante de Canaã era o centro de uma cidade-estado e tinha o seu próprio rei.

**4,5.** A mentira oportuna de Raabe foi um pecado de fraqueza de alguém cuja consciência estava começando a ser despertada das trevas do paganismo. Um homem de fé desenvolvida aprende a responder sem mentir (por exemplo, Gn. 22:7, 8). Na ética oriental, proteger um hóspede como ato de hospitalidade é uma das mais altas virtudes. Quanto ao fato dela estar traindo o seu rei, é preciso notar que em seu coração se desenvolvia uma nova fidelidade para com o Rei celestial. Assim ela ocultou os espias, embora correndo grandes riscos. 6.As canas de linho eram os talos, de aproximadamente um metro de comprimento, espalhados em cima do telhado plano para secar (cons. Dt. 22: 8) depois de ficarem de molho na água por diversas semanas. O linho amadurecia nos começos de março, quando a cevada formava as espigas (Êx. 9:31, 32).



**9-11.** Raabe revelou a inestimável informação de que o pânico (conforme cantado por Moisés em Êx. 11:15, 16; conforme prometido por Deus em Dt. 2:25) já se espalhara pela vizinhança de Jericó. Seu testemunho (Js. 2:11b) é notável pelo fato de sair dos lábios de uma mulher pecadora em uma sociedade idólatra e politeísta. Nem os próprios líderes israelitas falavam tão monoteisticamente (veja 24:14,15; I Reis 18:21). A mesma evidência que convenceu Raabe só serviu para endurecer seus concidadãos.

**12. A tradução usei de misericórdia para convosco** não exprime bem a idéia. A palavra *hesed* refere-se basicamente a uma promessa, acordo ou aliança oral, (para diferenciar do mais formal *berit*, "aliança" confirmada por uma cerimônia; Gn. 15:7-18). No sério compromisso assumido por Raabe e os espias, ficou evidente pelo juramento feito que nenhum dos lados agia por pura simpatia ou benevolência. Mais literalmente, ela disse: "Agora, pois, jurem-me pelo nome de Jeová que tal como eu fiz um *acordo-hesed* com vocês, vocês também farão um *hesed-acordo* com a casa de meu pai, dando-me um sinal de (sua) lealdade". O sinal foi o juramento com o qual confirmaram sua lealdade para com o acordo; está no versículo 14.

**14.** Os espiões responderam: "Sejam sacrificadas as nossas vidas e não as suas (se não formos leais); se vocês (você e seus parentes) não denunciarem esta nossa missão, então será que, quando Jeová nos der a terra, nós cumprimos o *acordo-hesed* e seremos leais para com vocês".

**15.** Uma corda. *Hebel* (II Sm. 17:13; Jr. 38: 6-13).

**16. E disse-lhes.** Melhor, *agora, tendo dito*. Sem dúvida trocaram instruções de lado a lado (vs. 16.21) antes dos espias descerem pela janela, pois, caso contrário, seriam descobertos no ato.

**18. Este cordão de fio de escarlata.** Uma corda (*fiqwé*; cons. Cantares 4:3) feita de lã vermelha que eles avistariam na casa de Raabe e que deveria ser amarrada à janela, pela qual ela os fez descer. Serviria para os israelitas identificarem sua casa quando atacassem.

**22. Ao monte.** Rochas calcárias com 457, 2ms de altura, com muitas cavernas, 800ms para o oeste, na orla do Vale do Jordão. Estas rochas ficam apenas doze a dezesseis quilômetros ao norte das cavernas onde foram encontrados os pergaminhos do Mar Morto.

**23, 24.** Provavelmente antes do amanhecer de 3:1 os espiões transmitiram a Josué as condições deprimentes dos cananitas, dando-lhe assim a resposta ao primeiro problema. Devidamente cumpriram sua missão sem tentar dar conselhos quanto ao ataque (cons. 7:2, 3).

### **D. Atravessando o Jordão. 3:1 – 5:1.**

Atravessar o Jordão para entrar em Canaã foi uma importante crise de fé. Cerca de quarenta anos antes, Israel enfrentou a mesma crise, mas fracassou. Fugir para o Sinai via o Mar Vermelho exigiu uma medida de fé ; mas invadir Canaã via o Jordão, ficando assim obrigados, sem possibilidade de retroceder, a lutar contra exércitos e carros e cidades fortificadas, exigia fé suprema no Deus vivo (3:10). Aqui toda uma nação correu o risco de vida (cons. Atos 15:26) em total compromisso com o Senhor.

## **Josué 3**

**1. Vieram até ao Jordão.** Tão logo os espias deram o seu relatório, Josué recebeu a confirmação de que Deus estava operando. Embora ainda não soubesse como atravessar o rio, pela fé fez o acampamento se transferir para a orla do *Zor*, a estreita depressão de 45,72ms de profundidade na qual se acumulavam as águas que vinham da "floresta do Jordão" (Jr. 12:5 ; 49:19).

### **1) Preparativos Finais para Atravessar o Rio. 3:2-13.**

No fim do terceiro dia, o nono de Nisã (cons. 4:19), o povo recebeu instruções (3:2-4) para marchar de outro jeito, uma vez que a coluna de nuvem não iria mais guiá-los. **Os levitas sacerdotes**, os levitas que eram sacerdotes, não coadutos (Nm. 4:15), levariam a arca, pois seria uma

ocasião solene e extraordinária (cons. Is. 6:6; 1 Reis 8:3-6). O povo devia ficar espalhado à volta da arca num raio de 914rns, para que todos pudessem ver o símbolo-guia da promessa de Jeová mais facilmente, "visto que por tal caminho nunca passastes antes" (Js. 3:4b).

**5. Santificai-vos.** Deviam se consagrar com purificação externa e devoção interna a Deus, porque ele ia realizar milagres entre eles, dando a primeira evidência pública de Sua promessa com Josué (3:7) e porque iam dar início a uma guerra santa (Nm. 31:24).

**7. Hoje.** Naquela noite, depois de começar o novo dia hebreu, ao pôr-do-sol, o Senhor recompensaria a fé de Josué revelando-lhe como atravessariam o rio. Então ele poderia anunciar à nação exatamente como o fariam (3:9-13). Isto servia para garantir que depois do acontecimento eles saberiam que a sua travessia não fora uma coincidência, mas que um Ser de vida, poder e atividade estava a defendê-los e a trabalhar para eles.

**11.** Este versículo, tomado literalmente, indica que a arca contendo a Lei escrita representava definidamente para os israelitas a Pessoa Divina: Eis a arca da aliança! *O Senhor ('adon) de toda a terra está para seguir na tua frente através do Jordão.*

## **2) A Passagem de Todo o Povo. 3:14-17.**

No dia seguinte de manhã cedo toda a nação atravessou, todos em um só dia, apressadamente (4:10), sem dúvida centenas de milhares, ombro a ombro. Não há necessidade que procuremos duas diferentes narrativas da travessia, quando diversas declarações do capítulo 4 são devidamente interpretadas. **Pararam-se as águas que vinham de cima** (v. 16). Este difícil versículo pode ser explicado melhor traduzindo-o literalmente: *As águas que vinham de cima pararam; amontoaram-se muito longe em Adão, a cidade que fica ao lado de* (isto é, do lado do Jordão onde se localiza) *Zaretã. E aquelas que desciam* (para o Jordão de outras correntes ao sul de Adão) *para o mar de Arabá, que é o Mar Salgado, foram de todo cortadas.* Adão pode ser identificada como Tell

ed-Damiê bem ao sul da junção do Jaboque com o Jordão, cerca de 24 quilômetros rio acima do ponto onde se deu a travessia. As águas poderiam ter tido represadas até bretã (Tell es-Saidiê), 19 quilômetros mais para o norte. Um deslizamento de terra calcária, misturada com argila, existente no Zor pode ter formado uma barreira de 45,72ms de altura nas vizinhanças de Adão, bloqueando o rio (o que já aconteceu em cerca de 1266 A.D., e mais recentemente; de acordo com Garstang, em 1927, o rio ficou assim bloqueado por mais de vinte e uma horas). De qualquer forma, Deus operou um grande milagre: outras correntes de água também tiveram de ser bloqueadas; as águas pararam e depois voltaram (4: 18) quase imediatamente,- e o macio leito do rio secou no mesmo instante; mais ainda, a interrupção das águas se deu no período das enchentes.

## **Josué 4**

### **3) A Travessia Comemorada e Realizada. 4: 1-18.**

Antes que os sacerdotes levando a arca pudessem abandonar seu posto, recolheram-se pedras para dois marcos, e um deles foi levantado onde os sacerdotes se encontravam no rio.

**1. Falou o Senhor.** Antes, *aquilo que o Senhor falou*. A repetição da ordem divina - sem dúvida transmitida por ocasião de 3:7, 8, pois Josué já tinha indicado os doze homens (3:12) - foi feita aqui para introduzir a narrativa de sua execução.

**5.** Este versículo pode ser traduzido assim: *Passai à presença* (isto é, vizinhança) *da arca de Jeová vosso Deus, até o meio do Jordão, e tome cada um uma pedra sobre seus ombros...* Josué e os doze indicados podiam ter ficado na margem oriental do rio até que toda a multidão atravessasse.

**6,7.** O monte de pedras seria um testemunho do poder de Deus e Sua fidelidade em levar todo Israel de volta à Terra Prometida (cons. 4:21-24). Tanto o V-T- como a arqueologia testificam do freqüente uso de pedras levantadas (*massebôt*) e montes de pedras como monumentos

para comemoração 3e teofanias (Gn. 28:18; 35:14), votos ou alianças (Gn. 31:45-53; Is. 24:26), acontecimentos sobrenaturais (I Sm. 7:10-12), ou mesmo em homenagem de parentes ou tribos (Gn. 35:20; Êx. 24:4). Um altar, se fosse construído de pedras toscas (Êx. 20: 25), serviria para os mesmos propósitos (Is. 19:19; Is. 22:10, 26-34 ; cons. Gn, 12; 7; 26:24, 25 ; 35:1, 3, 7; Êx. 17:15; Dt. 27:1-8 ; Is. 8:30-35).

**9. Levantou Josué doze pedras no meio do Jordão**, exatamente no lugar onde os sacerdotes tinham ficado. Esse lugar devia ser sobre a margem oriental, onde eles puseram os pés ao entrar nas águas, pois nem 3:17 nem 4:9, 10 indicam que eles tenham entrado pelo rio adentro. Por isso o monumento devia ficar facilmente visível durante a maior parte do ano. Observe que os dois montes de doze pedras davam testemunho do fato de que todas as doze tribos estavam juntas no deserto e entraram em Canaã ao mesmo tempo.

**10. E o povo se apressou, e passou.** Esta declaração se explica retrospectivamente (isto é, *tinha se apressado*) como os sacerdotes puderam aguardar pacientemente.

**12, 13.** Os homens das tribos da Transjordânia, desembaraçados das famílias e fardos, dirigiram a travessia (1:12-18).

**14. O Senhor engrandeceu a Josué** na qualidade de líder divinamente escolhido, capacitando-o a levar o povo em segurança até o outro lado (cons. 1:5, 17; 3; 7).

**15-18.** Esta passagem dá um registro mais completo de 4:11. Traduza 4:15 assim: *Pois o Senhor falara a Josué.* . .

#### **4) O Levantamento de um Monumento em Gilgal. 4:19 - 5:1.**

O primeiro acampamento dos israelitas em Canaã, e o seu quartel general para a conquista da terra foi em Gilgal, três a quatro quilômetros a noroeste de Jericó, perto de Kirbet el-Mefjir. Como na praia oposta, aqui também as pedras foram amontoadas formando um monumento, cada uma delas sendo pequena demais para ser uma coluna individual (*massebê*). O nome **Gilgal**, contudo, que significa "círculo",

evidentemente já pertencia ao lugar, pois parece que Moisés já o conhecia (Dt. 11:30). Talvez para indicar o lugar do sepultamento de algum culto, como em Stonehenge ou Micenas, os cananitas tenham anteriormente instalado pedras esculpidas em um círculo perto de Gilgal (Jz. 3:19), de modo que os israelitas estabeleceram ali um monumento a Jeová para contrapor-se às práticas idólatras.

**19. No dia dez do primeiro mês.** Abib (Êx. 13:4) ou Nisã (Ne. 2:1), o nosso março-abril, 1407/6 A.C. Acamparam justo em tempo de selecionar o cordeiro pascal (Êx. 12: 3) para ser morto no décimo quarto dia (cons. Is. 5:10), a providência de Deus ajeitando exatamente que, quarenta anos após deixarem a terra da escravidão, eles pudessem entrar na terra prometida.

**23. Como o Senhor vosso Deus fez ao Mar Vermelho.** Estas são duas provas marcantes do poder e da misericórdia de Jeová na história da nação israelita, jamais esquecidas pelos salmistas e profetas (Sl. 66:6; 74:13, 15; 114:3, 5; Is. 50:2; Hc. 3:8).

**24. Para que todos os povos da terra conheçam que a mão do Senhor é forte.** Este propósito foi realizado de maneira extraordinária tão logo os diversos povos que habitavam na terra de Canaã ouviram as notícias (5:1).

Provavelmente confiaram que o Jordão transbordante agisse como uma barreira intransponível, pelo menos temporariamente. Mas quando souberam que fora completamente esvaziado, sua moral sofreu um colapso completo diante de tão incontestável prova de que o Jeová dos invasores era um Deus real, vivo e poderoso.

## **Josué 5**

### **E. Renovação da Observância da Circuncisão e da Páscoa.**

#### **5:2-12.**

A circuncisão e a comemoração da Páscoa marcaram os estágios finais da preparação do povo escolhido por Deus para a Guerra Santa. Estando os habitantes de Canaã tomados de terror, Josué pôde permitir

que seus soldados ficassem imobilizados alguns dias por causa da circuncisão, o pré-requisito da festa da Páscoa (Êx. 12:44, 48).

**2. Facas de pederneira**, literalmente, não de bronze; embora instrumentos cortantes de pedra não estivessem mais em uso. Mas o uso de facas de pederneira para a execução desse ritual parece ter sido uma exigência (cons. Êx. 4:25). A arte egípcia descreve a sobrevivência deste costume, sem dúvida por causa do conservatismo religioso. **Passa de novo a circuncidar.** A ordem não era para os homens mais velhos, nascidos no Egito; antes, os homens de Israel, como um todo, deviam agora retornar (*shub*) a sua anterior condição de circuncisão como um povo em relacionamento convencional com Jeová. De novo pode simplesmente enfatizar a palavra *shub*, "novamente" (Keil); ou pode indicar uma circuncisão geral em alguma ocasião anterior, como a da Páscoa de Nm. 9:5, uma vez que uma multidão mista acompanhava o povo (Jamieson em JFB). O povo não negligenciou propositadamente o ritual desde que partira do Sinai, mas ao que parece, Deus proibira a sua prática porque a nação estava sob juízo. O povo se rebelara contra Jeová repetidamente, praticara a idolatria e recusara-se a entrar na terra (Nm. 14:1-10) que lhes fora prometida na aliança abraâmica (Gn. 15:18; 17:8); por isso ficou proibido de colocar sobre seus filhos o sinal da aliança abraâmica, a qual havia sido transgredida em espírito e realidade.

**9. O opróbrio do Egito** não se refere aos vexames ou escárnios a que Israel ficou exposto diante dos egípcios, nem a miséria que os israelitas suportaram como escravos no Egito, mas à suspensão do acordo contido na aliança abraâmica da qual a circuncisão era um sinal. A palavra *herpé*, "opróbrio", costuma se referir à condição de vergonha, desgraça (cons. Gn. 34:14 com referência à desgraça dos incircuncisos). Ainda que libertos da terra do Egito e ligados a Deus pela aliança do Sinai, não obstante os israelitas anularam a aliança abraâmica (condicionada à fé em Jeová) e à aliança mosaica (condicionada à obediência a Jeová) pela saudade que sentiam da adoração idólatra do Egito (Êx. 32; Is. 24:14; cons. Ez. 20:5-9; 23:3,8; Atos 7:39,42) e de seus

prazeres (Êx. 16:3; Nm. 11:5, 18; 14:2- 10; 16:13). Reconhecendo sua apostasia, Moisés exortava os israelitas a se arrependerem diante de Jeová, empregando a figura da circuncisão (Dt. 10:16). Quando pela fé o povo de Israel penetrou em sua terra prometida e demonstrou sua prontidão em aceitar os termos da aliança divina submetendo-se à circuncisão, então a vergonha da sua idolatria e sua ansiedade libidinosa proveniente do Egito foi completamente removida. **Chamou a Gilgal.** Um novo significado de "revolvimento" foi acrescentado por Israel ao velho nome, que provavelmente significava "círculo" (veja observações sobre Js. 4:19 – 5:1).

**10. Celebraram a páscoa.** Esta é apenas a terceira Páscoa registrada; a segunda (Nm. 9:5) foi comemorada no primeiro aniversário de sua instituição. Por muitos anos o povo não estivera em relacionamento convencional com Deus, e por isso não podia comemorar a Páscoa (veja Amós 5 ; 25, 26).

**11. Fruto da terra.** Os frutos ou produtos da terra comidos na forma do pão asmo (Êx. 12:14-20), e espigas tostadas ou torradas de cevada (cons. Lv. 2:14; Rute 2:14), que também constituía alimento sem fermento e fácil de preparar. Uma vez que a cevada estava à disposição deles por causa da colheita que estava em progresso no oásis de Jericó, daquele dia em diante o dom do maná cessou completamente (Êx. 16:35).

## **II. Conquista da Terra Prometida. 5:13 - 12:24.**

### **A. Aparecimento do Divino Comandante-em-chefe. 5:13 - 6:5 .**

Tal como Jeová dissera a Josué que se preparasse para o primeiro grande acontecimento a travessia do Jordão, agora Ele lhe apareceu para renovar a sua confiança e instruí-lo para o segundo grande empreendimento – a tomada de Canaã. Reconhecendo a necessidade estratégica da tomada de Jericó para os israelitas (qualquer saída através



do Jordão ficava impedida), Josué fora explorar a fortaleza ele mesmo, perplexo por causa de sua aparência inexpugnável (6:1).

**13. Um homem que trazia na mão uma espada nua.** Não uma mera visão, mas uma verdadeira aparição do Filho de Deus pré-encarnado - uma teofania (cons. Gn. 18:33; 32:24-30; Êx. 3:2-6). O Anjo de Jeová aparecia como uma personalidade, mais de acordo com as circunstâncias em que o Seu povo se encontrava: para Moisés, o Salvador de Israel, sofrendo com os seus (Êx. 3; Is. 63:9); para Josué, como o Comandante de Israel, dirigindo seu exército com a espada desembainhada, pronto para justicar Canaã. Conforme Wm. G. Blaikie comenta (Exp. B): "O Capitão dos exércitos do Senhor desembainhou a Sua espada para mostrar que o julgamento dessa gente ímpia não devia ser retardado".

**14.** Pode-se traduzir a resposta do Homem assim: *Não, pois sou eu; na qualidade de General-do-Exército-de-Jeová cheguei agora.* Em cumprimento à promessa feita a Moisés (Êx. 33:14), Deus manifestou a Sua presença com Israel, não como simples aliado mas como Seu líder. Essa guerra era *Sua*, pois a iniquidade dos amorreus se completara (Gn. 15:16; Dt. 9:5; 18:12); e os israelitas eram apenas uma divisão do Seu grande exército, junto com os Seus anjos (Sl. 148:2) e forças da natureza (Js. 10:11-14; Jz. 5:20). Assim Josué imediatamente percebeu que era apenas servo do Capitão. A narrativa da conquista (Js. 6-11) torna claro que a estratégia militar de Josué era divinamente orientada. Havia três campanhas na conquista. Levados pelo Senhor contra a parte central da terra, Israel primeiro tomou Jericó e Ai, assegurando assim a passagem para a cadeia de montanhas central e colocando uma cunha entre as regiões norte e sul de Canaã. A segunda campanha no sul derrotou então a coligação dos amorreus, e a terceira, a confederação do norte.

**15. O lugar em que estás é santo.** Compare com Êx. 3:5. Este local da Canaã conspurcada estava santificado pela presença do santo Deus.

## Josué 6

**6:1. Rigorosamente fechada.** O hebraico expressa o fato de que os defensores haviam fechado o portão, e Jericó estava incomunicável, sitiada pelos israelitas. Este versículo é um parêntesis introduzido para explicar a situação imediata de Jericó para o leitor, seguida das ordens divinas para Josué (6:2-5).

**2. Entreguei na tua mão a Jericó.** Jeová, o Comandante de Josué, prometeu a destruição divina e sobrenatural de Jericó como o penhor da tomada de toda Canaã. Josué portanto já não precisava mais planejar como tomar Jericó.

**3. Vós... rodeareis.** A execução desta ordem em absoluto silêncio, a não ser pelas trombetas (6:8), só poderia produzir o ridículo entre o inimigo, e assim seria uma disciplina de humilhação para os israelitas. O resplendor da fé da parte de Josué, dos sacerdotes e do povo luziu por uma semana no mais alto grau atingido em toda a história de Israel (cons. Hb. 11:30).

**4. Sete trombetas de chifres de camelos.** Literalmente, *sete trombetas do jubileu*. O hebraico *yobel* ("chifre de carneiro"), de origem incerta, foi usado pela primeira vez em Êx. 19:13, antes mesmo das referências feitas ao ano do jubileu (Lv. 25:8-54; 27:17-24; Nm. 36:4); parece ter um significado religioso-cerimonial, anunciando a chegada de Jeová como Rei, quer para o Seu povo a fim de completar Sua aliança ou para proclamar remissão e liberdade, ou quer para os Seus inimigos a fim de jogá-los e destruí-los. A "trombeta de Deus" (I Ts. 4:16) terá este duplo propósito quando anunciar o segundo advento de Cristo. Sete sacerdotes com sete trombetas durante sete dias significavam que o julgamento seria completo.

## B. A Campanha Central. 6:6 – 8:29.

Primeiro Jericó no Vale do Jordão, depois Ai na cadeia central de montanhas.

**1) Tomada de Jericó. 6:6-27.**

As provas arqueológicas de Jericó (Tell es-Sultã) não são explícitas quanto a tomada desta fortaleza por Josué. A expedição da Srta. Kathleen Kenyon (1952-1958) demonstrou que os muros paralelos da fortaleza (feitos de tijolos de barro e caídos para fora) que foram escavados por John Garstang (1930-1936) e datados do período final da Idade do Bronze (1500-1200 A.C.), pertenceram realmente a um período muito anterior aos dias de Josué. Em sepulturas ao oeste da cidade, contudo, Garstang descobriu 320 objetos do período final da Idade do Bronze, inclusive dois selos com escaravinhos de Amenhotep III (1410-1372 A.C.), como também cacos de vasos de barro desse mesmo período no canal e sobre a elevação, especialmente em fragmentos de rocha por baixo do "Edifício Central" isolado (o qual Garstang atribuiu a Eglom; veja Juízes 3: 12-30). Assim ele confirmou a ocupação do local nos dias de Josué. Garstang e Kenyon (que descobriu um pavimento com um forno e um pequeno vaso) concordavam essencialmente que a cidade anterior, habitada pelos hicsos, foi destruída e incendiada em cerca de 1560 A.C. Então o outeiro ficou vazio por cerca de 150 anos.

Uma vez que as formas de cerâmica típicas do século quinze estão ausentes, a reocupação deve ter acontecido em cerca de 1410. Provavelmente no período final da Idade do Bronze os cananitas usaram novamente a fortaleza hicsa, sobre a qual construíram o seu próprio muro de tijolos de barro. O motivo porque não se encontrou mais cerâmica do período final da Idade do Bronze deve ser porque a cidade foi novamente ocupada tão pouco tempo antes de sua destruição em 1407. Além disso, deve-se levar em conta a totalidade da destruição (Js. 6:21, 24) e a exposição da maior palme deste estrato à erosão durante os cinco séculos seguintes, até que Hiel reconstruiu Jericó (I Reis 16:34).

Nesta porção vemos o triunfo da fé. Israel executou a obra de Deus à maneira dele, por mais tola que a sua marcha possa ter parecido (cons. 1 Co. 1: 25 ).

**8.** A arca da aliança do Senhor ia atrás deles. Mencionada nove vezes em 6:6-13, a arca certamente simbolizava para Israel que Jeová estava com eles e os conduzia nessa manobra estranha.

**15.** Naquele dia rodearam a cidade sete vezes. Pode-se facilmente contornar a elevação de 2,30kms em quinze ou vinte minutos.

**17. Condenada.** *Herem*, LXX *anátema*, traduzido em 6:21 para "destruíram totalmente". *Herem* era algo irrevogavelmente dedicado a Deus, por ser hostil à teocracia e por ter-se consagrado ou associado com outra divindade (Dt. 7:25, 26; 20:17, 18 ; Pedra Moabita, linha 17). Para evitar que fosse colocada em uso, o objeto (às vezes) ou à pessoa (sempre) era excomungada e destinada à destruição (Êx. 22: 20; Lv. 27:29; Dt. 13:15-17; I Sm. 15:3, 21) através de sentença divina pronunciada pelo devidamente designado líder de Deus. Certas propriedades (Lv. 27:21, 28 ) ou objetos capturados (Js. 6:19), contudo, podiam ser anatematizados e dedicados ao uso sagrado no santuário ou dos sacerdotes (Nm. 18:14; Ez. 44:29). Só no caso de Jericó, a cidade com tudo o que continha foi completamente dedicado a Jeová (nada pôde ser considerado como presa pelo povo; mas cons. Dt. 2:35; Js. 8:27; 11:14) como as primícias da terra, como um sinal de que receberiam dEle toda a Canaã. Assim a destruição não era devida ao desejo incontido de sangue.

**18.** Traduzir: *Mas vós, abstende-vos totalmente da porção dedicada, para que não cobiceis* (de acordo com a LXX e 7:21) *e não tomeis alguma coisa da porção dedicada, colocando o acampamento de Israel em condição de dedicação, provocando* (assim) **calamidade sobre vós**.

**20. Ruíram as muralhas.** Literalmente, *o muro caiu no seu lugar*; isto é, desmoronou - com exceção da casa de Raabe. Quer Deus tenha empregado um terremoto, quer não, foi um milagre exato e perfeito.

**22-25.** Josué agiu honrosamente conforme o acordo feito pelos dois espias com Raabe (2:12-21). Raabe e seus parentes tiveram de ser colocados fora do acampamento israelita para que, na qualidade de pagãos, pudessem ser purificados da contaminação de suas idolatrias e

para que os homens pudessem ser circuncidados. O tempo determinado deveria ser de sete dias (Nm. 31:19).

**26.** A maldição foi uma proibição contra a reconstrução da fortaleza, não contra a habitação do local (cons. Is. 18:21; Jz. 3:13 e II Sm. 10:5). Cumpriu-se no reinado de Acabe, quando Hiel reconstruiu os muros à custa de seus dois filhos (I Reis 16:34).

## **Josué 7**

### **2) Derrota em Ai Por Causa do Pecado de Acã. 7:1-26.**

Ai ficava cerca de duas milhas a leste de Betel, na berrada oriental da cadeia de montanhas central, perto de Bete-Áven (7:2). Escavações francesas (1933-1935) em et-Tell, o local geralmente identificado com Ai, revelaram um intervalo (cerca de 2000-1200 A-C-j em sua ocupação, indicando que et-Tell não estava ocupada quando Josué entrou em Canaã. Aparentemente a evidência de et-Tell favorece sua identificação como Bete-Áven, *casa da idolatria*, pois templos pagãos se encontravam no seu ponto mais alto no terceiro milênio; e no tempo de Saul existia ali uma pequena povoação, talvez desde o décimo quarto século, período em que viveu o escritor de Josué (cons. 18:12; 1Sm.13:5; 14:23). Mais tarde, Oséias aplicou o nome de Bete-Áven à vizinha Betel (Os. 4:15; 5:8 ; 10:5 ). Provavelmente et-Tell não deve ser identificada com Ai. As antigas ruínas de Ai podem muito bem fazer sob a atual povoação de Deir Dibwan logo a sudeste de et-Tell. Aiate (Is. 10:28) surgiu mais tarde, em Quirbete Haiã, menos de uma milha ao sul de Deir Dibwan e foi a Ai pós-exílica ou Aija (aramaico; Ed. 2:28; Ne. 7:32; 11:31). Seja qual for a sua exata localização, nos dias de Josué foi uma cidade fortificada, separada de Betel, com o seu próprio rei. Era lugar de estratégica importância dominando a rota principal de Gilgal à região de Betel.

Este capítulo revela como a fé de um grupo do povo de Deus pode ser solapada e estropiada pelos efeitos contaminantes de um compromisso secreto da parte de apenas um único membro. O pecado

espreita à sombra da vitória da fé ; como fermento, logo contamina tudo. Vemos também Josué como o guia espiritual que obteve a confissão do pecador com um misto de doçura e severidade (Js. 7:19, 20), para que a nação pudesse repudiar o pecado e fica livre do anátema que repousava sobre ela.

**1. Prevaricaram. . . nas coisas condenadas.** Literalmente, *cometeram um abuso de confiança em relação à porção dedicada*, pois isto era um crime contra a lei da aliança. Um único transgressor contra o *herem* (maldição) de Jericó chamou a culpa e o castigo de tal traição sobre toda a nação. Este versículo antecipa a narrativa a fim de apresentar a razão do contratempo.

**2. Espiai.** Os espiões erraram na estimativa do tamanho da população de Ai (8:25; veja comentário sobre 2:23, 24).

**5. Pedreiras** (Shebarim). *Lugares quebrados* (isto é, desfiladeiros) nos rochedos, associados à próxima garganta ao norte da outra famosa garganta que fica em Micmash (I Sm. 14: 4, 5). Trinta e seis soldados israelitas foram mortos quando foram ignominiosamente expulsos e tentaram em pânico alcançar o caminho que descia para a beira sul do wadi.

**6-9.** Como um grande general, Josué ficou desanimado com tal desmoralização logo no começo da guerra. Momentaneamente esquecendo-se de sua própria autoridade (1:5), temeu que Deus tivesse abandonado Israel. Mais que tudo, temia o reavivamento da esperança entre os cananitas e a desonra para o caráter de Deus (cons. 4:24; Nm. 14:15,16; Dt. 9:28).

**10-15.** Jeová respondeu que o revés devia-se não à Sua falta de fidelidade mas ao pecado de Israel (cons. Is. 59:1, 2). Ele revelou a realidade ou perversidade do pecado (Js. 7:10, 11), seu resultado ou derrota (7:12), e o seu remédio ou remoção (7:13, 14).

**16-18.** O ofensor, Acã, foi identificado pelo ritual sagrado de se lançar sortes, talvez cacos de cerâmica marcados e colocados em um

jarro (cons. I Sm. 10:20-24 ; 14:41, 42; Pv. 16:33). Este foi o método a ser usado na distribuição da terra entre as tribos (Nm. 26:55).

**19. Dá glória.** Por meio desta solene invocação a que falasse a verdade diante de Deus, Josué ordenou a Acã que fizesse uma confissão completa (cons. Jo. 9:24). **Dá glória.** Literalmente; por meio de uma confissão Acã renderia louvor ao Jeová onisciente revelando o segredo e reconhecendo que o julgamento fora justo.

**21. Uma boa capa babilônica.** Literalmente, *um lindo manto de Sinar*, uma vestimenta do Norte da Síria (cons. Amarna Letter n.º 35, linha 49) provavelmente tecida com fios dourados, portanto dedicada ao tesouro de Deus. Duzentos ciclos de prata. Barras ou anéis de prata, pesando o equivalente. Uma barra de ouro. Um lingote de ouro, com cerca de 25, 4cms de comprimento, 2, 54cms de largura e 1, 27cms de espessura, igual à que Macalister desenterrou em Gezer. Uma barra semelhante foi mencionada na Carta de Amarna n.º 29, linha 39.

**24-26.** Acã, ao roubar objetos consagrados, colocou-se em estado de consagração, isto é, sob pena de destruição. Qualquer um que toque no *herem* torna-se *herem* e fica conseqüentemente dedicado à morte (cons. I Reis 20:42). Toda a casa de Acã, inclusive seus filhos, foram amaldiçoados com ele (cons. Dt. 13:12-17). Vivendo na mesma tenda, não podiam deixar de ser cúmplices. Pessoas infames costumavam ser sepultados sob uma pilha de pedras (Js. 8:29; II Sm. 18:17). **O vale de Acor** (*Perturbação*, Is. 7:25), na fronteira ao norte de Judá (15:7), é provavelmente o Wadi Qelt, 1,6 kms ao sul de Jericó.

## Josué 8

### 3) O Segundo Ataque e o Incêndio de Ai. 8:1-29.

Tão logo o crime de Israel foi julgado com a morte de Acã, o Senhor restaurou o Seu favor e a fé de Israel foi reabilitada.

**1, 2.** Agora Deus já podia orientar Josué, pois ele agora estava pronto a ouvir o plano *dEle*.

**3-9.** Os homens da primeira emboscada foram enviados à noite para tomarem posição por trás de um outeiro no lado ocidental da cidade, prontos a entrarem na cidade para incendiá-la quando o grupo principal fizesse sair seus defensores. O número, trinta mil homem valentes (8:3) parece grande demais para uma emboscada que fosse realizada tão perto da cidade. R.E.D. Clark sugeriu que em determinadas passagens (por exemplo, I Cr. 12:23-27; II Cr. 13:3, 17; 17:14-19) a palavra hebraica *'elep*, traduzida para mil, tem o significado de "chefe", "oficial", um sinônimo de **homens valentes** ("The Large Numbers of the Old Testament", Victoria Institute paper for May, 1955). Assim, Josué teria escolhido trinta oficiais ou chefes de grupos, todos heróis valentes, para esta missão-comando.

**10-17.** Permanecendo aquela noite em Gilgal, Josué convocou (*wayyipqod*, "numerou") o exército cedo de manhã e avançou com os homens de 21 a 24kms para Ai (uma subida de 975ms). Fez a parte principal do exército se acampar em local visível do outro lado de um vale ao norte de Ai. Então enviou uma outra emboscada com cerca de 5.000 homens (aqui um destacamento completo, não especificados como "homens valentes") para impedir quaisquer reforços que pudessem ser enviados de Betel. (Js. 8:17 e 12:16b indicam que estes 5.000 estiveram ocupados matando betelitas. O potencial de luta de Betel foi assim neutralizado, tornando desnecessário que Israel invadisse a cidade a não ser muito mais tarde; Jz. 1:22-26) Josué passou a noite no vale, no posto mais avançado, para estar pronto pela manhã a fim de liderar o ataque.

**14. Defronte das campinas.** Ficaria melhor, *ao lugar designado na direção do Arabá* (Vale do Jordão), onde os homens de Ai venceram com sucesso os israelitas anteriormente.

**18. Estende a lança.** O instrumento de sinalização de Josué era na verdade a sua cimitarra (*kidon*), a lâmina larga que melhor refletia o brilho do sol para os trinta homens escondidos da emboscada.

**23, 29.** O rei de Ai, na qualidade de criminoso mais importante, ficou reservado para uma ignominiosa execução e sepultamento sob a



supervisão direta do líder dos seus inimigos. Sobre a ordem divina de se suspender ou empalar o corpo de um criminoso - prática antiga muito difundida - veja Dt. 21:22, 23.

### **C. Instituição da Aliança de Israel como a Lei da Terra. 8: 30-35.**

Em lugar de festejar a vitória de Ai, Josué fez uma coisa que podia parecer militarmente tola - parou para empreender uma peregrinação ordenada por Deus (Dt. 11:26-30; 27:2-13). Deus os protegeria enquanto toda a nação adorasse no local tão sagrado para os patriarcas. Ou Josué levou o povo pelo norte, uns 32kms de Betel a Siquém, ao longo da rota aproximada da atual Jerusalém - Nablus, através das montanhas cobertas de florestas (cons. Js. 17:18) quase desertas de localidades antigas, com exceção de Siló, a qual Israel fundou mais tarde; ou, mais provavelmente, uma vez que mulheres e crianças acompanhavam o exército, ele tomou o caminho mais fácil de Gilgal pelo Vale do Jordão e pelo Wadi Far'a do lado oposto ao Jaboque.

Para chegar ao imenso anfiteatro natural formado pelas grandes curvas baixadas, vinda de cada lado das montanhas, uma de frente para a outra, os israelitas tinham de passar pela fortaleza de Siquém que guardava a entrada do vale, menos de 1, 6kms para o leste. Esta cidade deveria estar em mãos de amigos (veja 20:7; 24:1). Diversas das Cartas de Amarna declaram que em cerca de 1380 A.C., Lab'ayu, o príncipe de Siquém, estava coligado aos invasores *'apiru*. Neste caso os hebreus israelitas podiam estar sendo cognominados de *'apiru*. A razão de tal amizade entre siquemitas e israelitas pode ser o fato de residirem em Siquém alguns descendentes de Jacó que deixaram o Egito em pequenos números antes da opressão (por exemplo, I Cr. 7:24, onde uma fúria ou neta de Efraim retornou a Canaã para edificar Bete-Horon, gerações antes do período de Josué.)

**30. No monte Ebal.** Ao pé deste ponto de referência no centro de Canaã. Ebal, a mais alta das duas montanhas (940ms de altitude), foi mencionada em vez de Gerizim (908ms de altitude).

Embora Moisés tivesse dado ordens antes (em Dt. 27:2.4, 8) sobre a inscrição da Lei em grandes pedras caiadas, e depois ordens sobre os sacrifícios em um altar de pedras não trabalhadas (Dt. 27:5-7; cons. Êx. 20:25), a cerimônia religiosa deveria logicamente começar com os sacrifícios (cons. Êx. 24:4.8), uma vez que a aliança estava sendo estabelecida pela *primeira vez em Canaã*

**32. Em pedras.** Não as do altar mas grandes colunas, tais como as estelas de 2,13ms de altura do famoso Código de Hamurabi, com suas 3.654 linhas de texto. De acordo com Dt. 27: 2-4,8, estas pedras deviam ser caiadas para receberem a inscrição. Os egípcios costumavam cair pedras antes de escrever ou pintar sobre elas com tinta preta. Diversas estelas, com cerca de 2, 44ms de altura e caiadas, foram encontradas em Biblos relacionadas com um templo datado de 200A.C. Só podemos especular sobre quanto da lei mosaica foi inscrito sobre as pedras caiadas, muito possivelmente os capítulos 5-26 de Deuteronômio. As inscrições da Rocha de Behistun são cerca de três vezes mais longas que o Deuteronômio.

**33-35.** Com os oficiais à volta da arca perto do altar, a meio caminho das montanhas e as tribos sobre as encostas, de acordo com Dt. 27:11-26, Josué proclamou a Lei à nação. Estava de acordo com o propósito divino para a conquista de Canaã que a Lei fosse consolidada no coração do país a fim de que fosse dali em diante a lei da terra, e para que Israel pudesse renovar seus votos convencionais com Jeová, seu Deus. Veja Êx. 24:4, 7; II Reis 23:2; Ne. 8, 9 onde encontramos semelhantes leituras públicas da Lei. Veja comentários sobre Josué 24.

### **D. A Campanha do Sul. 9:1 - 10:43.**

Depois de voltar ao quartel-general dos israelitas em Gilgal no Vale do Jordão, Josué logo foi convocado para lutar contra as cidades-estados dos amorreus que controlavam o sul de Canaã. Embora os reis de 9:1,2 possam unanimemente terem planejado se unir, nunca chegaram a realizar o seu propósito de se juntarem para enfrentarem os israelitas

invasores. A deserção dos gibeonitas pode explicar o colapso de um esforço unido, de modo que só cinco cidades no sul e uma grande confederação no norte lutaram contra Josué.

## **Josué 9**

### **1) Tratado com a Tetrápolis Gibeonita. 9: 1-27.**

A fé está em perigo quando o povo de Deus deixa de Lhe submeter todas as decisões (cons. 9:14). Hoje, os cristãos devem estar alertas aos estratégias do nosso arqu-impostor (II Co. 2:11).

**3. Gibeom.** Provavelmente a moderna el-Jib (9, 65kms a noroeste de Jerusalém, 10,46kms a sudoeste de Ai); esta grande cidade era a capital de uma república independente governada por anciãos e não por um rei (9:11; 10:2). Em 9:7 seus habitantes do chamados "heveus", aqui e em Gn. 34: 2, a LXX diz, "horreus", que podem ser identificados com os hurrianos. Eram um elemento étnico dominante no Oriente Próximo (cerca de 2300.1200), que se espalhou tão rapidamente em Canaã nos séculos décimo sexto e décimo quinto que um dos nomes egípcios para a Palestina era *Huru*.

### **a) A Fraude dos Gibeonitas (vs. 4 -15 ).**

Astutamente fazendo-se passar por embaixadores de um país distante, do outro lado do Jordão (pois eles diziam-se saber o que tinha acontecido a Seom e Ogue, mas não mencionaram Jericó e Ai. Veja 9:10), um grupo de gibeonitas pregaram uma peça a Josué por meio de sacos velhos e odres remendados, sandálias gastas e roupas rotas, e pão seco e bolorento. Deus permitiu que os israelitas recebessem o tributo de povos a uma certa distância, mas ordenou-lhes que destruíssem completamente as cidades pertencentes aos povos de Canaã (Dt. 20:10-18). Convencidos quando provaram as parcas provisões dos gibeonitas (pois o próprio ato de comer, segundo o costume do antigo Oriente, estabelecia um relacionamento amistoso mais ou menos durável), os líderes da congregação fizeram um formal tratado convencional (*berit*) com eles. "Os israelitas foram culpados de excessiva credulidade e

negligência culposa, pois não indagaram a vontade de Deus mediante o Urim e o Tumim, antes de fazer a aliança" (Jamieson em JFB; cons. Nm. 27 : 21).

**b) Descoberta do Estratagema (vs. 1621).**

Três dias mais tarde, quando os israelitas de algum modo ficaram sabendo que seus novos vassalos moravam nas vizinhanças, eles planejaram de maneira normal o que fazer com os trapaceiros. Além de Gibeom, suas cidades eram **Quefira** (Tell Kefire, 7, 24kms a oeste-sudoeste de el-Jib, menos de 3,2kms ao norte de Abu Gosh), **Beerote** (provavelmente el-Bire, hoje uma cidade sobre a estrada Jerusalém-Nablus, 7,24kms a noroeste de el-Jib) e **Quiriate-Jearim** (Tell el-Azar, com cacos de cerâmica do período final da Idade do Bronze, imediatamente a oeste de Abu Gosh, uma cidade a 8,05 kms a sudoeste de el-Jib). Beerote ficava a apenas 4,83kms a oeste de Ai, à vista dos israelitas quando passaram por Betelf. Sendo a aliança ratificada no santo nome de Jeová, era sagrada; por isso os líderes não se atreveram a violar o juramento feito no acordo para não provocar a ira de Deus (cons. Ez. 17:12-19). Deus julgou Israel nos dias de Davi porque Saul desrespeitou este juramento (II Sm. 21:1-6).

**22-27.** A razão para a decisão dos príncipes em 9:21 dá-se aqui detalhadamente: **Chamou-os Josué . . .**

**23. Dentre vós nunca deixará de haver escravos.** Vocês nunca deixarão de ser ou de fornecer escravos, trabalhando como cortadores de lenha e carregadores de água para o Tabernáculo (Dt. 29:11). Josué chamou não impropriamente esta estrutura de **a casa do meu Deus**; foi denominada "templo" (*hekal*) no tempo de Eli (I Sm. 1:9). Na verdade, foi a maldição de Josué, não de Deus. Sendo destacados para o serviço perpétuo na casa de Deus, Ele os abençoou. Para proteção de Gibeão, o Senhor realizou um grande milagre (Jos. 10:10-14), e anos mais tarde o Tabernáculo foi armado ali (II Cr, 1: 3). Durante sessenta e sete anos ou mais, Deus deixou que a arca ficasse em Quiriate-Jearim (I Sm. 7:1, 2 ; II Sm. 6:23, 3). Tendo Josué feito (de *natan*, "dar") deles rachadores de

lenha, etc. (Js. 9:27), foram mais tarde chamados de netinim (dados para o serviço do Templo; I Cr. 9:2; Ed. 2:43, 58; 8:20; e pela providência de Deus voltaram do Exílio junto com os sacerdotes e levitas.

## **Josué 10**

### **2) Destruição da Coligação dos Amorreus. 10:1-43.**

O rei de Jerusalém, o mais próximo da tetrápolis gibeonita, assumiu a liderança na convocação de aliados para punir os heveus pela sua traição e evitar que os israelitas tomassem suas cidades.

**1. Adoni-Zedeque** é quase sinônimo de Melquisedeque (Gn. 14:18), ambos nomes bastante comuns ou títulos de reis jebuseus. Os jebuseus (Js. 15:63) eram uma mistura racial de amorreus, heteus (isto é, hatians não indo-europeus) e hurrianos, conforme Êx. 16:3 e o nome Araúna (palavra hurriana para "o rei") em II Sm. 24:18, 23 indicam. Adoni-Zedeque devia ser um predecessor de Abdi-Eba, rei de Jerusalém nas Cartas de Amarna. Meredith Kline declarou lucidamente (em seus artigos sobre os Habiru em WTR, XIX, XX) que de modo geral os habiru (*'apiru*), soldados mercenários com seus carros, infiltrando-se da Síria em socorro dos reis cananitas que se rebelaram contra o Egito, não podiam ter sido identificados com os israelitas nem incluir (exceto possivelmente perto de Siquém) a massa dos israelitas vindos da Transjordânia para destruir os cananitas e formar uma nação.

De acordo com as Canas de Amarna, lá por 1375 A.C., havia apenas quatro principais cidades-estados independentes ao sul da Palestina – Jerusalém, Shuwardata, Gezer e Laquis (as duas últimas hostis a Jerusalém). Jarmute e Eglom eram governadas por oficiais egípcios. Nos dias de Josué, contudo, contando Jericó. Ai, Betel, Gibeom e as cidades dos outros reis cananitas do sul, mencionados em Is. 12:9-16, havia cerca de vinte cidades-estados. Mas antes do período de Amarna, Israel já tinha tomado muitas destas cidades deixando as outras com suspeitas mútuas.

**3. Hebrom.** A cidade antiga evidentemente ficava sobre Jeber er-Rumeidi, exatamente a oeste da atual cidade, a 30kms ao sul de Jerusalém. **Jarmute.** Quirbete Yarmuque, 25kms a sudoeste de Jerusalém. **Laquis.** Tel ed-Duweir, 43kms a sudoeste de Jerusalém. Eglom. Talvez Tell el-Hesi, mais de 11kms a oeste de Laquis.

**a) A Batalha de Um dia Extraordinário (vs. 6-21).**

A importância histórica desta vitória tem sido comparado com a da Batalha de Maratona (Blaikie). Quando os gibeonitas pediram ajuda urgente, os israelitas sentiram-se obrigados por causa do acordo feito (veja comentário sobre 24:1) a virem em sua defesa. Incentivados pelo Senhor (10:8; cons. 1:5), Josué liderou uma marcha forçada à luz da lua desde Gilgal, talvez subindo pela estrada Jericó-Jerusalém, pelo menos uns 40kms, a fim de impedir a retirada para estes fortes amorreus mais próximos (Maunder, em ISBE). Conseguiu surpreender os amorreus que iam atacar ao nascer do dia e matá-los, perseguindo-os na direção noroeste via **Bete-Horom** até Shefelá. Os amoritas fugiram para o sudoeste ao longo dos vales que separam os contrafortes do maciço central, para **Aseca** (Tell ez-Zakariyeh, que guarda o Vale de Elá, cerca de 5 Kms a oeste de Jarmute) e **Maquedá** (possivelmente Quirbete el-Heishum, 3kms a noroeste de Jarmute), tentando em vão alcançar Jarmute (10:3), cerca de 32kms a pé desde Gibeom.

O Senhor aumentou o pânico (10:10) enviando uma chuva de pedras fatal sobre os amorreus, quando fugiam perfazendo os 3kms pelo declive abaixo, ao longo da cadeia de montanhas entre Bete-Horom Superior (alt. 616ms) e Bete-Horom Inferior (366ms). Os versículos 11-14 não descrevem um incidente subsequente aos acontecimentos dos versículos 10,11; antes, são parte de um extrato (10:12-15) do Livro de Jashar introduzido para destacar as circunstâncias mais notáveis além da chuva de pedras enviada por Deus. Semelhantemente ao Livro das Guerras de Jeová (Nm. 21:14-18), o Livro de Jashar era uma coleção de hinos, entremeadas de observações históricas explanatórias, louvando os

heróis de Israel; os hinos deviam ter sido progressivamente acumulados (cons. II Sm. 1:18 ).

A interpretação costumeira do milagre descrito aqui é que Deus prolongou a luz do dia por quase um dia inteiro (v. 13) para permitir aos israelitas que terminassem de perseguir o inimigo. Contudo, se a luz do sol foi prolongada por dez, doze ou mais horas, de modo que todo o Oriente Próximo observasse o fenômeno – um milagre ainda mais espetacular que a travessia do Mar Vermelho e o Rio Jordão – então parece estranho que apenas uma outra referência ao acontecimento (Hc. 3:11) se encontre no V.T. Deus não exhibe seus poderes milagrosos imprudentemente, pelo contrário, Ele solta Seu poder em medida suficiente apenas para atingir Seu alvo desejado, só à vista daqueles que assim poderiam aprender a reconhecer-Lo se assim quisessem.

O que Josué supunha necessário para suas tropas que perseguiam o inimigo, já cansadas de sua escalada noturna, era alívio do sol inclemente no céu de verão desprovido de nuvens. (Até o presente episódio a conquista de Canaã efetuou-se tão rapidamente, depois da Páscoa em Gilgal, que apenas alguns meses deveriam ter-se passado.) Uma interrupção da luz do sol em plena estação das secas teria sido um milagre suficiente. Deus atendeu muito além do que Josué poderia ter pedido ou pensado, enviando não apenas a sombra desejada para refrescar o Seu exército, mas também uma devastadora chuva de pedras para esmagar e retardar o Seu inimigo. Qualquer tempestade que surgisse na época da colheita pelo verão adentro era considerada juízo de Deus (veja I Sm. 12:17).

A verdadeira explicação deste milagre, contada em antigo estilo poético oriental, inclina-se a confirmar a idéia de que Josué estava ansiando por um alívio do sol. A palavra *dom*, traduzida para **detém-te** (v. 12b), significa basicamente "fique quieto, silencioso ou parado"; e então "descanse" da atividade costumeira, como em Jó 30: 27, 31: 34; Sl. 35:15; 37:7. Lm. 2:18. Robert Dick Wilson demonstrou que a raiz *dm* nos textos astronômicos cuneiformes da Babilônia significa "escurecer".

Assim diz-se que o sol está "em silêncio" quando não está brilhando, como no *Inferno* de Dante, linha 60; as "palavras" ou "a fala" do sol são o seu resplendor e calor universal (Sl. 19:2-6). Do mesmo modo o sinônimo '*amad*, traduzido para **se deteve** (v.13a) e **parou** (v. 13b) freqüentemente tem o sentido de "cessar" (Gn. 30: 9; II Reis 4: 6; Jn. 1:15). Josué 10 12-14 poderia então ser traduzido assim: "Então Josué falou a Jeová, no dia em que Jeová entregou os amorreus aos filhos de Israel; e ele disse diante dos olhos de Israel,

"Oh! sol, fique calado em Gibeom, e você lua, no Vale de Aijalom". E o sol ficou calado e a lua parou (de brilhar), até que a nação se vingou dos seus inimigos - Não está escrito no Livro de Jashar? - Pois o sol parou (de brilhar) no meio do céu, e (isto é, embora) não se apressou a pôr-se o dia todo. E não houve um dia igual antes ou depois daquele, no qual Jeová atendeu à voz de um homem; pois Jeová estava lutando por Israel".

Evidentemente Josué fez o seu pedido quando o sol se levantava sobre Gibeom no oriente e a lua se punha no Vale de Aijalom (Wadi Selman, o qual emerge dentre as montanhas a 1,6kms ao sul do Bete-Horom Inferior) antes que alcançassem o Bete-Horom Superior. Portanto ele orou *antes* da chuva de pedras.

**15.** Se não omitirmos este versículo completamente, seguindo a LXX, ele pode ser considerado como a conclusão da narrativa resumida do Livro de Jashar. Pois de acordo com a parte principal da narrativa. Josué acampou em Maquedá (10:21) e não retornou à Gilgal até terminar esta campanha (10:43).

#### **b) Os Cinco Reis Enforcados (vs. 22-27).**

Provavelmente foi no dia seguinte ao árduo dia que Josué mandou arrastar os reis para fora da caverna na qual tinham se escondido (10:16-27).

**24. Ponde o vosso pé sobre o pescoço.** O símbolo antigo de completa subjugação, constando freqüentemente dos monumentos dos



reis do Egito e da Assíria, foi aqui representado pelos chefes militares de Josué (cons. I Reis 5:3; Sl. 8:6; 18:38-40; Is. 49:23).

**c) A Conquista da Palestina do Sul (vs. 28-43).**

A esta altura o método usado por Josué na guerra, parece ter sido uma série de incursões relâmpago contra as cidades-chave dos cananitas, com o propósito de destruir a capacidade de luta dos habitantes e não necessariamente a captura e a ocupação das cidades ocupadas (10:19, 20). Quando o rei de Gezer e seus exércitos foram destruídos (10:33; 12:12), Josué não atacou esta cidade (16:10). O mesmo aconteceu com Betel (veja comentários sobre 8:10-17). No final da campanha ele retornou com todo o seu exercido a Gilgal (10:43), não deixando nenhuma guarnição militar e por isso Hebrom e Debir tiveram de ser recapturadas mais tarde (15:13-17). Por causa disso Yehezkel Kaufmann, da Universidade Hebraica, denominou as campanhas de Josué de "guerras de destruição e exterminação, não de ocupação por meio de imediata colonização" (*Biblical Account of Conquest of Palestine*, pág. 86).

Considerando que Josué não gastou tempo suficiente em cidade alguma para empregar táticas de cerco (10:31-35) – embora Moisés tivesse instruído Israel relativamente aos cercos (Dt. 20:10-20) – parece provável que ele não tentasse assaltar os muros das cidades e certamente nem as cidadelas interiores. O poderoso exército de Tutmose III tomou finalmente Megido só após um cerco de sete meses. Não há mais registro de intervenções divina como em Jericó, cuja defesa Israel não poderia esperar destruir por meio de um ataque frontal. Por conseguinte, Josué deve ter se concentrado nas cidades dependentes vizinhas - todas as suas cidades (Jos. 10:37,39), e a seção residencial de cada cidade principal abaixo e fora das fortificações. Para ter uma oportunidade de matar o rei e seus defensores, Josué sem dúvida dependia de uma "tropa de choque" da parte deles, como em Ai; ou ele talvez esperasse que as perdas da batalha anterior e a moral abatida tornasse sua resistência insignificante. Esta teoria sobre as táticas militares de Josué parece estar confirmada em

11:13. "Tão-somente não queimaram os israelitas as cidades que estavam sobre os outeiros (*tel*), exceto a Hazor". Portanto a maior parte destas cidades poderiam ter sido rapidamente restabelecidas pelos cananitas, talvez até mesmo pelos sobreviventes das cidadelas de cada cidade; mais tarde, as tribos separadamente tiveram de subjugar-las uma a uma durante o período dos Juizes (cons. Jz. 1).

**31. Laquis.** A cidade do período final da Idade de Bronze existente sobre Tell ed-Duweir foi incendiada em cerca de 1230 A-C-, talvez pelo Faraó Merneptá, mas certamente não foi por Josué (cons. 11:13). O fim, contudo, do mais antigo dos três sucessivos santuários edificadas em um antigo fosso fora da cidade pode constituir uma prova da incursão de Josué. Este "Templo I" pertencia ao século quinze.

**38. Debir.** Também chamada Quiriate-Sefer (15:15) e Quiriate-Sana (15:49). Kyle e Albright localizaram Debir em Tell Beit Mirsim, mias provas arqueológicas desse local irão se harmonizam com a colocação do Êxodo no século quinze. J. Simons sugere por sua vez Quirbete Terramé (8kms a sudoeste de Hebrom) com suas fontes em notáveis diferentes altitudes como sendo "as fontes superiores e as fontes inferiores" de 15:19 (*The Geographical and Topographical Texts of the Old Testament*, pág. 282).

**40.** Leia-se: *Assim Josué feriu toda a terra, a cadeia de montanhas e o Neguebe e o Shefelá e as íngremes vertentes . . .* O Neguebe é a região do deserto ao Sul da Palestina; o Shefelá é o contraforte entre o Maciço Central e a Planície Filistéia; as íngremes vertentes (*ha'ashedot*) são aquelas que descem do Maciço Central para o Mar Morto.

**41. Gósen.** Uma cidade (15:15) nas montanhas ao extremo sul de Judá, que junto com Gibeom serviu para delinear a extensão sul-norte desta campanha.

## Josué 11

### E. A Campanha do Norte. 11:1-15.

A notícia das vitórias israelitas no sul alarmaram os reis cananitas do norte. Convocados por Jabim, rei de Hazor (veja 11:10b), juntaram suas forças e acamparam junto às águas de Merom. Enquanto isso Josué e os soldados marchavam sem impedimentos para o oeste solitário do Vale do Jordão, Bete-Seã (17:16) devia ter apenas uma guarnição nessa ocasião (Cartas de Amarna, n.º 289). Outras cidades, mais ao norte, aliadas de Jabim, ficaram sem defesa. Assim a aguda investida de Josué apanhou os confederados completamente desprevenidos.

**1. Jabim** (*o inteligente*). Outro rei usando o mesmo nome dinástico ou título hereditário reinava sobre Hazor nos dias de Débora e Baraque (Juí. 4:2). É uma declaração temerária afirmar que as duas histórias são apenas variantes da narrativa do mesmo acontecimento. **Hazor** (Tell el-Quedá, cerca de 8kms a sudoeste do Lago Hulé) no período final da Idade de Bronze cobria mais de 69 hectares e tinha provavelmente 40.000 habitantes. Era a maior e a mais famosa cidade daquele tempo na Palestina. Sua última fase tem sido arqueologicamente datada do século treze A.C.; a destruição descoberta pelos escavadores deve ter sido àquela mencionada em Jz. 4:24. Uma vez que as ruínas revelam contínua ocupação cananita desde o século vinte até o treze, os cananitas devem tê-la reconstruído logo depois que Josué a incendiou (Jos. 11:11). **Madom**. Qarn Hattin (*os chifres de Hattin*) nos altos a oeste de Tiberias. **Sinrom**. Ou Sin'on (conforme a LXX, Carta de Amarna n.º 255 e ostraca egípcia), 6,5kms a oeste de Nazaré. **Acasfe**. Tel Keisan na Planície de Acco.

**2.** Leia-se: "E aos reis, que estavam ao norte na região montanhosa (isto é, a Galiléia Superior), e no .Arabá ao sul de (ou, perto de) Quinerete (isto é, a Planície de Genesaré, Mc. 6:53), e no Shefelá (isto é, nas vertentes entre a Samaria e o Carmelo, incluindo Megido e Taanach; cons. Js. 11:16), e na região de Hills-of-Dor até o oeste (colinas costeiras baixas parecidas com dunas destacam-se entre o Dor e Athlit)" - Baly, págs. 24, 132. **Quinerete**. Tell el-'Oreimeh, tomada por Tutmose II, 3,2kms a sudoeste de Cafarnaum.

**3. E aos heveus ao pé de Hermom, na terra de Mispa.** Colônias hurrianas a veste do Monte Hermom no Vale do Líbano (a parte sul do Beqa' libanês, contendo o Rio Leontes; cons, 11:17; Jz. 3:3). **O vale de Mispa** (11:8) contém os principais afluentes do curso superior do Nahr el-Hasbani, uma fonte do Jordão. Mispa e Baal-Gade (11:17) ficavam lado a lado, cerca de vinte e três milhas a leste do Sidom,

**5. As águas de Merom.** Não o Lago Huleh. A LXX dá *Marron*. Muito provavelmente ficava sobre a pequena planície, junto a copiosa fonte, entre as modernas cidades de Meirôn e Safed, cerca de 9,65kms a sudoeste de Hazor; um wadi brota na fonte e corre 14,5kms para o sul na direção do Mar da Galiléia e Quinerete.

**6.** Com quanta graça Deus encorajou Josué a atacar o inimigo aparentemente invencível por meio do Seu poder no dia seguinte! Os israelitas teriam acampado na Planície de Genesaré naquela noite. Deus ordenou que estropiassem os cavalos e queimassem os carros dos cananitas, para que Israel não colocasse a sua confiança em superiores armas militares em vez de confiar nEle (cons. Dt, 17:16; Sl. 20:7; Is. 31:1). Além disso, empregar tal equipamento exigiria um exército profissional como a classe do *maryannu* entre os cananitas (cons. I Sm. 8:11, 12). Mais tarde, o culto às divindades assírias em Jerusalém envolveram rituais idólatras com cavalos e carros (II Reis 23:11).

**8. Grande Sidom.** A maior cidade continental de Sidom defronte das ilhotas com a cidade-ilha da Pequena Sidom (cons. Taylor Prism of Sennacherib). **Misrefote-Maim**, Khirbet el-Mushreifeh, exatamente ao sul do promontório conhecido como "a escada de Tiro", Assim os inimigos fugiram para o norte, para o oeste e para o nordeste (veja comentário sobre 11:3).

**11. Feriram à espada.** Literalmente, *enterraram a espada até a boca*, isto é, até o punho, completamente. A pequena espada (*hereb*), arma principal dos israelitas. tinha uma lâmina de bronze de 25 a 30cms de comprimento que saía de um punho geralmente na forma de um leão com a boca aberta (cons, Ap. 19:15). O punho do *hereb* de Eúde tinha

duas bocas, com um comprimento total de 45,72cms (Jz. 3:16. Veja BASOR, n.º 122, págs. 31 e segs.), O exército de Josué também usava cimitarras (Js. 8:18; veja comentários), arcos e flechas (24:12), e sem dúvida fundas com pedrinhas redondas (Jz. 20:16), espadas ou lanças (Nm. 25:7, 8) e dardos (I Sm. 18:10, 11).

### **F. Resumo da Conquista. 11:16-23.**

"As batalhas de Bete-Horom e Merom foram decisivas, e a força dos cananitas para resistirem aos invasores foi arruinada. Toda resistência organizada foi destruída e **a terra repousou da guerra** (v. 23) no sentido de que não foram mais necessárias batalhas de campo" (Blair, NBC, pág. 232). Mas estas batalhas, mais as operações de guerrilhas levaram "muito tempo" (11:18), cerca de sete anos. de acordo com 14:7, 10. Coragem e perseverança. ambas foram essenciais na posse de toda a terra (cons, 13:1; 23:5-13), na tomada dos fortes isolados (cons. 15:63; 17:12, 16, 18; Jz. 1). Esta cansativa atividade tornou-se a responsabilidade muito negligenciada das tribos individuais.

**16. A região montanhosa de Israel.** A mais alta montanha de toda Canaã (portanto, em todo Israel) tem 1,208ms de altitude. É Jebel Jermaque, exatamente a oeste de Meirom. Este termo, portanto, não é necessariamente uma prova de Josué ter sido escrito durante a monarquia dividida.

**17. Desde o monte Halaque, que sobe a Seir.** Jebel Halaque (a montanha calva), cujo maciço o Maalé-Acrabim (*Subida dos Escorpiões*, "O Passo dos Escorpiões"; 15:3 ; Nm. 34:4) sobe zigue-zagueando desde o Wadi Fiqreh, 37kms a sudeste de Berseba, Seir, a terra natal dos idumeus antes da monarquia, ficava no Neguebe Central, a oeste do Arabá, entre Cades-Barnéia e o Passo dos Escorpiões (veja Js. 15:1, 21), Assim Israel tinha de ir para o sul partindo de Cades-Barnea e o Monte Hor até Ezriom-Geber, a fim de circundar Seir, antes de marchar na direção norte subindo o Arabá até Moabe (Nm. 21:4; Dt. 2:1-4, 8).

**20. O endurecimento dos seus corações.** Uma expressão revelando a operação soberana de Deus na confirmação dos corações dos homens não arrependidos na sua obstinação antes de julgá-los (cons. Êx. 4:21; 7:13, 14; 9:12; 14:17; Is. 6:10; Jo. 12:40; II Ts. 2:10-12).

**21,22. Os enaquins.** Josué quase exterminou esse povo, que era formado de descendentes de uma raça de gigantes (*'ānaqîm*, "os de pescoço comprido", isto é, altos), ou imigrantes de Anaku, uma terra na região do Egeu mencionada em uma tabuinha de caracteres cuneiformes de Assur. Possivelmente os enaquins são mencionados em um texto egípcio de maldições (ANET, pág. 328). Habitaram o sul de Canaã, especialmente o Hebrom (Dt. 2:10, 11, 20, 21; Is. 14:11,15; 15:13,14). Só em Gaza, Gade e Asdode ficaram alguns, os ancestrais de Golias, e outros (II Sm. 21:16-22). Talvez fossem especialmente mencionados aqui porque foram os homens que aterrorizaram os espias de Israel há quarenta anos atrás (Nm. 13:22-33).

## **Josué 12**

### **G. Apêndice: Catálogo dos Reis Derrotados. 12:1-24.**

#### **1) Aqueles a Leste do Jordão. 12:1- 6.**

Os territórios de Siom e Ogue, conquistados sob a liderança de Moisés, estão aqui delineados. Veja Nm. 21; Dt. 2:24 – 3:17.

#### **2) Aqueles a Oeste do Jordão. 12:7-24.**

Os trinta e um reis conquistados por Josué em suas três campanhas, ou em subseqüentes batalhas isoladas, eram príncipes autônomos de cidades-estados com autoridade local apenas, As Cartas de Amarna escritas por tais governadores fantoches aos Faraós do Egito em cerca de 1400-1360 A.C. também revelam numerosas cidades-estados na Síria e Palestina. Não há nenhuma declaração que diga que Israel ocupou as cidades de todos esses reis. As divisões topográficas de 12:7, 8 são aquelas de 10:40 e 11:16, 17.

#### **3) Reis ao Sul de Canaã. 12:9-16.**

#### **4) Reis ao Norte de Canaã. 12:17-24.**

**Tapua** (v. 17a) é mais provavelmente a cidade citada em 16: 8 e 17:7, 8, no local de Jiliuliê, 5,63kms a norte de Antipatris pelo Wadi Caná, do que o Tapua de 15:34, provavelmente Beit-Netif a leste de Azecá. **Hefer** (v. 17b ) pode ser et-Tayibê. cerca de 16,09kms a oeste de Samaria, sobre a Via Maris, a Estrada de Rodagem do Mediterrâneo tantas vezes usadas pelas expedições militares dos egípcios. A estrada corre ao longo da orla oriental da Planície do Sharom, que naquele tempo era cheio de pântanos e densamente arborizada. **Afeque** (v.18a; I Sm, 4:1; 29:1) é Ras el-‘Ain (Antipatris; veja Atos 23:31), 14,48kms a leste de Joze, nas nascentes do Rio Yarkon (Js. 19:46), tomada por Tutmose III e Amenhotep II. **Lasarom** (v. 18b). Na LXX 12:18 lemos: *O rei de Afeque do Sarom*; portanto só um rei foi mencionado aqui. **Sinrom-Merom** (v. 20a) de acordo com a LXX, representa dois reis – o rei de Sinrom (11:1) e o de Marom (11:5). Assim, com apenas um rei mencionado em 12:18 e três em 12:20, o numero de trinta e um reis continua em vigor. *O das nações em Gilgal* (v. 23b) está incompreensível na sua forma. Na LXX lemos, *O rei de Goim de Galil*. Esta é mais provavelmente uma referência a Harosete-dos-Gentios (**Goim**) de Jz. 4:2, uma cidade na região da Galiléia, provavelmente habitada por algum Povo dos Mares vindo da região do Mar Egeu. **Tirza** (v. 24) é mais provavelmente a primeira capital do Reino do Norte (I Reis 14:17; 15:21,33; 16:6-23), provavelmente localizada em Tell el-Far'ah, 9,65kms a nordeste de Siquém, Este rei atendeu à convocação de Jabim (Js. 11:1-3) ou então foi atacado na volta de Josué quando vinha de Hazor, ou foi morto subsequêntemente em uma batalha isolada.

### III. Divisão da Terra Prometida. 13:1 – 22:34.

Esta grande porção de Josué apresenta com detalhes geográficos a distribuição da terra feita entre as tribos, com os limites das futuras possessões das tribos e geralmente com uma enumeração das cidades nelas contidas. Conforme Kaufmann argumentou, a distribuição da terra

foi um ato de política nacional feita pelas tribos que conquistaram Canaã, começada enquanto os israelitas ainda se encontravam em seu acampamento base em Gilgal (op. cit., pág. 25).

É importante reconhecer que as tribos ainda não tinham colonizado suas porções quando estas listas foram esboçadas. Na verdade os danitas não se estabeleceram permanentemente em seu território designado; Efraim não conquistou nem colonizou Gezer (16:3, 10; 21:21); e os benjamitas jamais conquistaram ou desfrutaram da ocupação exclusiva de Jerusalém, embora esta cidade fosse destinada a Benjamim (18:28). Além disso, o fato de Ofra e Ofni, cidades pertencentes a Benjamim (18:23, 24), ficarem a 4,8kms ou 6,4kms ao norte da fronteira de Efraim, aponta para um período precoce antes de qualquer problema tribal. Assim as listas dos territórios tribais não podem ser listas de cidades e distritos dos reinos de Judá e Israel, quer do período de Josias (de acordo com Alt, Noth, Mowinckel) quer do período de Josafá (de acordo com Cross, Wright, considerando Isa. 15:21-62; JBL, LXXV, Sept., 1956, 202-226). Muitas das cidades e suas vilas relacionadas nestes capítulos não foram tomadas pelos israelitas durante séculos. E algumas das localidades relacionadas poderiam estar desabitadas e só colonizadas pelos israelitas muito tempo depois da distribuição da terra.

Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés já tinham recebido seus territórios de Moisés na Transjordânia (Nm. 32:1-42; Is. 13:8-33). O retorno de seus soldados depois de ajudarem a conquistar Canaã foi descrito no capítulo 22. No cumprimento das bênçãos tribais pronunciadas por Jacó (Gên. 49) e Moisés (Dt. 33), a divisão principal da Terra Prometida foi entre as tribos de Judá e José; a distribuição divinamente orientada feita às outras tribos dependia desta divisão básica.

A tribo de Judá recebeu o território ao sul de Canaã porque com Judá estava associado Calebe, que reclamou o Hebrom por herança (14:12-15). A tribo de Simeão mais tarde recebeu a sua parte com Judá porque "a parte dos filhos de Judá era grande demais para eles" (19:9). Os descendentes de José – Efraim e a outra meia tribo de Manassés –



recebeu o centro de Canaã (Samaria), evidentemente porque Siquém foi destinada a José por Jacó (Gn. 48:21, 22; Is. 24:32), Siló, onde estava localizado o Tabernáculo (18:1), ficava no território de Efraim, sendo escolhido este sítio estratégico na região montanhosa por causa de sua defensibilidade e sua localização central para todas as tribos.

Entre Judá e Efraim, mais tarde foi concedido um território a Benjamim (18:11-28) e, na direção do Mediterrâneo, para Dã (18:40-48), As tribos restantes – Zebulom, Issacar, Aser e Naftali – tiraram sortes ao mesmo tempo pelos territórios ao norte de Manassés nas regiões de Jezreel e Galiléia (19:10-39). Além das porções tribais, foram indicadas cidades de refúgio e as cidades dos levitas (20:1 – 21:42). O método de distribuição da terra para as sete últimas tribos foi o de lançar sortes diante do Senhor (18:6; veja comentário sobre 7:16-18). As seções, com suas fronteiras, sem dúvida foram predeterminadas a seguirem ao longo de linhas naturais de defesa segundo uma comissão especial, escolhida para delinear a terra restante (18:4-9).

A partilha da terra não foi tarefa fácil, mas complexa, que exigia orientação cuidadosa e considerável período de tempo.

## Josué 13

### A. Deus Ordena que se Divida a Terra. 13:1-7.

**1. Era Josué . . . já idoso, entrado em dias.** Ficaria melhor, *Josué tinha envelhecido e estava entrado em anos*, pois considerando que aproximava-se de cento e dez anos de idade em 23:1 (veja 24:29), ele devia ter noventa ou cem anos nesta passagem. A partilha, como também a tomada da terra, fora incluída na tarefa de Josué (1:6). Portanto, sua idade avançada fornecia razão especial para que logo se entregasse ao desempenho desta obrigação – isto é, dividir a terra de Canaã entre as tribos de Israel, não apenas as partes já conquistadas mas também aquelas ainda a serem subjugadas (Jamieson em JFB). Josué teve de se conformar em ver a sua tarefa da conquista, para a qual o Senhor o comissionara, ainda por realizar, a fim de que Deus pudesse desenvolver

a energia e a coragem de cada tribo em particular, Os povos e regiões ainda a serem conquistados estão discriminados (13:2-6).

**2b-4a.** Traduzido e pontuado: *Todas as regiões dos filisteus e dos gesuritas (desde Sior, que está deste lado do Egito, na direção do norte até a fronteira do Ecrom, que se considera como dos cananitas; são cinco tiranos dos filisteus, o de Gaza, o de Asdode, o de Asquelom, o de Gade e o de Ecrom), e dos aveus ao sul- toda a terra dos cananitas e as cidades que pertencem aos sidônios.* Só aqui em Josué foram mencionados os filisteus; pois este povo de Creta ("Caftor", Amós 9:7) não invadiu a Palestina em grande número antes de 1200 A.C., de acordo com os registros egípcios. Em Js. 11:22 são os enaquins, não os filisteus, que habitavam as cidades de Gaza, Gade e Asdode que vieram a ser mais tarde dos filisteus. Os filisteus não estão relacionados em 12:8 entre os habitantes da terra. Ainda estavam confinados à região costeira do Neguebe (Êx. 13:17), perto de Sior (Wadi el-Arish), na mesma região onde os precursores dos filisteus foram encontrados no período patriarcal (Gn. 21:32; 26:1). Foram colocados em pé de igualdade com os gesuritas (I Sm. 27:8) e os avins (Dt. 2:23). Seus precursores podiam bem ter sido os mercadores minoanos (cretenses), que estavam estabelecendo colônias comerciais ao redor do Mar Mediterrâneo desde 2000 A.C. Filístia foi mencionada como um precinto de Creta no Disco de Faistos, datado de cerca de 1450A.C. (JNES, XVIII, 1950, 224 -227). À luz das evidências precedentes, Js. 13:3 talvez seja uma antiga anotação amanuense para nos informar que o domínio dos cinco príncipes filisteus (*seren*, Jz. 16:5; I Sm. 5:8) no tempo de Josué ainda pertencia aos cananitas.

## **B. O Território das Tribos Transjordânicas. 13:8-33.**

**8. Com a outra.** A ordem divina a Josué termina em 13:7; este versículo diz literalmente, **Com a outra meia tribo (de Manassés) os rubenitas e os gaditas já receberam sua herança.**

## **Josué 14**

### **C. Começando a divisão de Canaã. 14:1-15.**

1) Introdução. 14: 1-5. A herança de cada tribo foi dada por meio de sortes, de acordo com Nm. 34:16-29, Na partilha, os levitas não foram considerados como uma das doze tribos, "puis o sacerdócio do Senhor é a sua parte" (Js. 18:7), sim, o próprio Deus (13: 33; Dt. 18:1, 2).

2) Calebe e Sua Prometida Herança. 14:6-15. Calebe, o grande e velho homem de Judá, o sincero líder da minoria dos doze espias (Nm. 13:30), veio humildemente a Josué em Gilgal para reclamar seu pedaço de terra prometido (Nm. 14:24, 30; Dt. 1:36). Observe que não havia rivalidade entre esses dois.

**6. Calebe, filho de Jefoné o quenezeu.** Antes do Êxodo, o pai de Calebe, que não era israelita, casara-se com uma filha de Hur da clã de Quelubai (Calebe) na tribo de Judá (I Cr. 2:9, 18, 19, 50), Ela deu a Jefoné seu primeiro filho, que recebeu o nome da família dela, Calebe. Este jovem herdou as prerrogativas de sua clã e finalmente veio a ser o chefe de sua tribo. Otniel (Js. 15:17), um parente de Calebe, é chamado de filho de Quenaz (I Cr. 4:13, 15), isto é, o quenezeu. Os quenezeus (Gn. 15:19) foram uma das tribos do Neguebe e do Monte Seir. Aparentados com os queneus, talvez fossem capacitados artífices da região do Arabá, rica em cobre.

**8.** Calebe é um exemplo digno de nota de um crente piedoso. Por causa dele ter perseverado em seguir o Senhor, Deus o manteve fisicamente forte e corajoso até a idade de oitenta e cinco anos. Ele reclamou uma gloriosa herança – o Hebrom, perto da qual Abraão acampou e morreu – e estava ansioso para lutar e vencer os enaquins, para nós uma figura dos pecados íntimos e tentações externas. Na tomada do Hebrom ele prestou a toda a nação serviços valiosos; mais tarde de boa vontade entregou sua cidade aos levitas e foi morar nos subúrbios (21:12).

## Josué 15

### D. O Território da Tribo de Judá. 15:1-63.

1) A Fronteira de Judá. 15:1-12. A fronteira do sul ia desde a pouco profunda baía (*lashon*, lit., "língua") ao sul do Mar Morto abaixo da península de el-Lisan, ao longo do Wadi Fiqreh, pelo sul da Subida dos Escorpiões (veja comentários sobre 11:17), ao longo do Wadi Murrah através do Deserto de Zim, pelo sul de Cades-Barnéia, fazendo uma curva para o noroeste através de diversos outros oásis até o Wadi el-Arish e o Mediterrâneo.

A fronteira do norte começava a leste na desembocadura do Jordão, dirigia-se para o noroeste através de dois sítios contendo poços (**Bete-Hogla e Bete-Arabá**) para os escarpas ocidentais do Vale do Jordão, no Wadi Qelt (**Vale de Acor**), onde estava a pedra da fronteira de Bohan. Ela subia pela ribanceira setentrional do Wadi Qelt, voltando-se na direção de outro **Gilgal** (Gelilôt, 18:17), porto da Subida Sangrenta (não muito longe da atual Estalagem do Bom Samaritano, na estrada que vai de Jerusalém a Jericó) ao sul do Wadi Qelt (*o rio*). Prosseguia até **En-Semes** (a Fonte dos Apóstolos, a leste de Betânia), depois passando pelo Monte da Ofensa até **Rogel** (o poço ao sul de Jebus-Zion, na juntura dos Vales de Quidrom e Hinom, I Reis 1:9). Logo ao sul de Jerusalém a fronteira subia o **Vale de Hinom** (aramaico, *Geena*) até o cume do monte (no atual posto ferroviário) separando-a do extremo norte do Vale de Refaim (**vale dos refains**, vale dos gigantes; veja II Sm. 5:18, 22). Daí a fronteira voltava-se para a direção noroeste até a fonte das **águas de Neftoa** (Js. 15:9; 'Ain Lifta) e seguia o curso da moderna estrada Jerusalém-Jafa até **Quiriate-Jearim** (veja comentário sobre 9:16.21; cons. 15:60; 1 Cr. 13:6). A oeste dessa cidade a fronteira voltava-se para o sul através de Seir (*Sores*, LXX 15; 59a; a moderna Saris), entrava no Vale de Soreque (Jz. 16:4, Wadi es-Surar) ao norte de **Quesalom** e descia até **Bete-Semes** (Ir-Semes, 19:41; Tell Rumeileh, provavelmente não habitada então, entre os Níveis IVa e IVb, uma vez que não foi mencionada no capítulo 10, nem em 15:33-36, nem nas Cartas de

Amarna). Continuava passando por Timna (Tell el-Batashi, 8kms pelo Wadi es-Surar abaixo desde Bete-Semes) até o espinhaço do monte ao norte de **Ecrom** (Khirbet el-Muqanna) no declive ao sul do wadi quando sai de Sefelá. A fronteira faz uma curva no wadi passando por **Sicrom** (Tell el-Ful, 5,63kms a noroeste de Ecrom) na ribanceira ao norte, ao longo do **monte de Baalá** (19:44; Mugar, um declive íngreme a 3,2kms a nordeste de Sicrom), até Jabneel (Jamnia, Yavneh) e a desembocadura do wadi no mar (Y. Aharoni, "The Northern Boundary of Judah", PEQ, 1958, págs. 27-31).

Este método de delimitação de fronteiras – prosseguindo na ordem dos marcos topográficos, de cidade à montanha, à cidade, a rio, etc. – é quase exatamente igual ao método usado neste mesmo período da história no acordo de definição de fronteiras feito por Supliuliuma, o rei heteu, com Niqmadu de Ugarit, governador de uma cidade-estado vassalo do litoral sitio (Claude Schaefer, *Le Palais Royal d'Ugarit*, IV, 10-18).

2) A Possessão de Calebe e Otniel. 15:13-20. Este pequeno trecho de narrativa foi repetido em Jz. 1:10-15, 20.

**17. Otniel.** Com referência a sua carreira subsequente de juiz, veja Jz. 3:9-11.

**19. Um presente.** *Berakâ*, um presente tangível. como em Gn. 33:11; I Sm, 25:27; II Reis 5:15. **Deste-me terra seca.** Aqui é melhor reter o significado original de *negeb* e traduzir, *pois me colocaste em terra seca*. Quiriate-Sefer fica na orla setentrional do Neguebe. **Fontes da água.** Os *gullot* são mais provavelmente cisternas ou reservatórios formados por wadis represados. Ruínas de represas antigas ainda se encontram no Neguebe.

3) As Cidades de Judá. 15:21-63. As cidades estão relacionadas em doze distritos de acordo com sua localização dentro de quatro regiões geográficas.

a) Cidades do Neguebe (vs. 20-32). **Berseba** (v. 28) era a cidade principal do Neguebe antigamente, e continua sendo na atualidade. O outro nome, **Biziotiá**, provavelmente deveria ser traduzido, segundo a LXX, *e suas filhas* (isto é, vilas). Embora alguns nomes de lugares possam ser combinados (**Hazor-Itnã**, v. 23; **Hazor-Hadata** e **Quiriote-Hezrom**, v.25; **Aim-Rimom**, v.32), continua havendo, contudo, mais de vinte e nove. Ou o número **vinte e nove** é erro de copista, ou os nomes originalmente colocados à margem foram depois interpolados no texto.

Uma comparação entre Is. 15:21-32; 19:1-8; I Cr. 2 e 4 com a segunda metade da lista da campanha de Faraó Sisaque (II Cr. 12:2-12) descoberta em Carnaque, revela que poucos dos oitenta e cinco lugares relacionados por Sisaque no Neguebe e regiões adjacentes encontram-se nas mensagens de Josué; enquanto que muitos aparecem como nomes próprios ou de clãs nas posteriores listas genealógicas de I Crôn. 2 e 4. Portanto as listas das cidades de Josué pertencem a um período *anterior* àquele em que os descendentes de Judá e Simeão começaram a ocupar o **Neguebe**, dando seus nomes às novas colônias que existiam por ocasião da campanha de Sisaque (veja Benjamim Mazar, "The Campaign of Pharaoh Shishak to Palestine", Suplemento ao *Vetus Testamentum*, IV, 59-66).

b) Cidades no Sefelá (vs. 33-47). Quatro distritos estão incluídos na região dos contrafortes, embora no quarto (vs. 45.47) incluam-se cidades da planície litorânea apenas teoricamente sob o controle de Judá (11:22; 13:2, 3).

**36. Gederá e Gederotaim.** De acordo com a LXX, *Gederá e seus apriscos*, perfazendo quatorze cidades ao todo.

c) Cidades na Região Montanhosa (vs. 48-60). Seis distritos estão incluídos na região do Maciço Central; a quinta que aparece em uru versículo da LXX entre os versículos 59 e 60, foi omitida do texto massorético por um antigo copista. Entre as onze cidades relacionadas estão Tecoá, Belém e Etã (cons. II Cr. 11:6).

d) Cidades no Deserto (vs. 61, 62). Este é o inóspito Deserto da Judéia, descendo para o Mar Morto. Considerando que **Bete-Arabá** (15:6; 18:22) fica perto de Jericó, as três ou quatro cidades seguintes poderiam estar localizadas perto da desembocadura do Jordão ou ao longo da praia ocidental do Mar Morto ao norte de **Engedi**, e não no Buqe'ah, um vale elevado acima e a sudoeste de Qumran.

**63.** Nem Judá nem Benjamim conseguiram expulsar os **jebuseus** de sua cidade fortificada em Siom (veja Juí. 1:21), mas os homens de Judá capturaram e incendiaram a área não residencial desprovida de muros sobre a colina a sudoeste (Jz. 1:8) e habitaram ali com os jebuseus antes que Davi tomasse o forte (II Sm. 5:6, 7).

### **E. Território das Tribos de José. 16:1 - 17:18.**

Este foi sorteado como uma só parte e mais tarde dividido entre Efraim ao sul e a meia tribo de Manassés ao norte. O território de Efraim foi esboçado primeiro porque, embora a tribo fosse menor (Nm. 26:34, 37), Jacó garantiu o direito da primogenitura a Efraim (Gn. 48:9 -20).

### **Josué 16**

1) A Fronteira Meridional (de Efraim). 16:1-4. Do Jordão passando por Naarate (16:7) pelas fontes justamente ao norte de **Jericó** ('Ain Duq e 'Ain Nu'eimeh), e penetrando na região montanhosa ao sul de **Betel-Luz** (v. 2), a fronteira ia até os domínios de **Bete-Horom** Inferior (v. 3), e descendo pelo Vale de Aijalom, passava por Gezer, ao longo da extensão desse wadi até o Mediterrâneo, exatamente ao norte de Jopa. Teoricamente pelo menos, Dã devia possuir as cidades à volta de Jope e do Rio Iarcom (19: 45, 46).

2) Território de Efraim. 16:5-10. Do Iarcom, a fronteira oriental seguia a praia ao norte de **Micmetá** (v. 6 LXX: *Ikasmom*; provavelmente Tel Arshuf, 10,45kms ao norte do Iarcom, onde havia um antigo ancoradouro). A fronteira setentrional que dava para o território de Manassés voltava-se para o sudeste a partir de Siquém (o ponto central;

cons. Sarid como o ponto central de fronteira meridional com Zebulom, 19:11, 12) **até Taanate Siló** (9,65kms leste-sudeste de Siquém no Wadi Kerad - perto do vale ao sul do Wadi Far'a) e descendo pelo Wadi Kerad a leste de Janoa (16:7; Khirbet Janum, 11,26kms a sudeste de Siquém) até **Atarote**, mais ou menos perto do monte com a fortaleza hasmoneana de Alexandre (Qarn Sartabeh; veja comentários sobre 22:10-34), descortinando o Vale do Jordão. A fronteira setentrional ia na direção do oeste descendo o rio **Cana** desde suas nascentes perto de Siquém (veja comentários sobre 17:7-9) até Jiljulyieh, a **Tapua** de 16:8; 17:7,8; 12:17. A partir dessa cidade a fronteira ia na direção noroeste ao longo de um antigo curso do Cana até Micmetá. (Veja Eva Danelius, "The Boundary of Ephraim and Manasseh in the Western Plain", PEQ, 1957, 1958). A fortaleza de Gezer (cons. 10:33) foi finalmente tomada por um Faraó do Egito, que a deu a sua filha por dote quando esta se casou com Salomão (I Reis 9:16).

## Josué 17

### 3) Divisão de Clãs no Território de Manassés. 17:1-6.

1. Traduzir : *Havia (também) um quinhão (em Canaã) para a tribo de Manassés, pois era o primogênito de José.* (Portanto) **Maquir, o primogênito de Manassés**, o pai (isto é, senhor, proprietário) de (a terra de) **Gileade, sendo um homem de guerra, recebeu Gileade e Basã.**

2-6. O fato das dez porções destinadas às clãs de Manassés em Canaã terem sido realmente estabelecidas, confirmou-se muitos séculos mais tarde pela ostraca de Samaria, datada de cerca de 770A.C. Esses registros de pagamento de impostos em espécie dos diversos distritos das clãs, descobertos no palácio de Jeroboão II, incluem o nome de **Abiezer** (como um distrito; cons. Jz. 6:34; 8:2), Heleque, Siquém, Semida, Noa e Hogla (veja Nm. 26:28-34; 27:1-11; 36:1-13).

### 4) A Posse de Manassés em Canaã. 17:7-13.

7. O litoral de Manassés estendia-se desde Sior-Libnate, a enseada que fazia limites com Aser, exatamente ao sul de Dor (19:26), até



Micmetá (16:6). Este sítio fica diante de (ou, do lado oposto a) **Siquém** (*'al-penê Shekem*), isto é, olhando-se para o leste de Micmetá, através da Planície do Sarom pode-se ver o vale de Siquém entre as colinas arredondadas de Ebal e Gerizim (G.A. Smith, *The Historical Geography of the Holy Land*, pág. 1 19).

**8. A terra** ou os campos **de Tapua** ficavam ao norte das ribanceiras do Rio Cana em Manassés, embora a própria Tapua ficasse ao sul do rio em Efraim.

**9. As cidades . . . pertenciam a Efraim.** Eva Danelius (op. cit., 1958, págs. 135-142) sugeriu que se traduzisse *'arîm ha'elleh* como *'arîm ha'ela* que seguindo a LXX (edição de Margolis) ficaria assim: "O 'Arim (equivalente ao árabe *haram*, uma região isolada, santa) do terebinto pertence a Efraim entre as cidades de Manassés". Sobre o lugar sagrado com o seu carvalho ou terebinto perto de Siquém, veja 24:26 e o comentário sobre 24:25-28. Assim Siquém, a cidade de refúgio, era considerada como se estivesse no Monte Efraim (20:7).

**11. A região dos três outeiros**, isto é, o Monte Tabor, o Monte Moré e o Monte Carmelo ou Monte Gilboa (Baly, *The Geography of Bible*, págs. 173, 174), A fronteira setentrional com Aser e Issacar foi bem menos definida porque Manassés, a tribo mais forte, recebeu as fortalezas cananitas que resistiram. "Este fato deveria manifestamente despertar uma solidariedade entre as diversas tribos e evitar a desunião criando interesses comuns. Os interesses das tribos mais fortes seriam atendidos completando-se a conquista dos territórios destinados às mais fracas" (C.H. Waller, *A Bible Commentary for English Readers*, pág. 142). Escavações revelaram que a Megido cananita não se rendeu a Israel até a segunda metade do século doze A.C.

**12,13. Porquanto os cananeus persistiam em habitar nessa terra.** Isto é, estavam determinados a permanecer naquela região, Manassés não pôde expulsá-los. Jamieson sugere que "indolência, amor ao conforto e talvez humanidade equívoca, brotando de um descaso ou esquecimento da ordem divina, um decréscimo do princípio da fé e do

zelo no serviço de Deus, foram as causas do seu fracasso" (JFB, pág, 154).

5) As Tribos de José Exigem Mais Terras. 17:14-18. Josué teve diplomacia e firmeza ao lidar com seus companheiros de tribo. Não lhes concedeu porção adicional, mas estimulou-os a devastar as matas e a colonizar a região montanhosa. Que o Maciço Central já foi fortemente coberto de matas está comprovado pelas pinhas e sementes de terebinto e chifres de veados encontrados em muitas escavações e o dente de um porco-do-mato em Gezer, como também madeira de cipreste e pinho na fortaleza de Saul em Gibeá (Tell el-Ful). Embora os cananeus ocupassem as melhores terras o **vale de Jezreel** (v. 16) – e possuísem equipamento militar superior – carros equipados com projéteis afiados de ferro, sem dúvida obtidos nesse período dos heteus da Ásia Menor, – as montanhas de Efraim e Manassés estavam muito escassamente colonizadas por volta de 1400 A.C. Com exceção de Siquém e Tirza, são singularmente poucos os sítios com cidades fortificadas ou vilas cananitas do último período da Idade do Bronze, entre Betel e Ibleam. De toda aquela região, Siquém, talvez seja a única cidade cujo nome se encontra nas Cartas de Amarna. Mesmo Dotã, tomada por Tutmose III em cerca de 1479 A.C., não foi mencionada em Josué, Juizes ou nas Cartas de Amarna. Portanto esta grande região provavelmente se encontrava despovoada em 1400 A.C. Um pouco mais tarde os locais habitados aumentaram rapidamente na região montanhosa, conforme os israelitas foram aprendendo o artifício de cavarem cisternas, revestindo-as com reboco à prova d'água para armazenar a água das chuvas (Albright, *Archaeology of Palestine*, pág, 113). Assim existe uma razão para a falta de cidades nas listas de Josué 16 e 17.

## **F. Territórios das Sete Tribos Restantes. 18:1 - 19:51.**

### **Josué 18**

1) O Tabernáculo Armado em Silo e as Sortes Lançadas Ali. 18:1-10. Para estabelecer um santuário comum, os israelitas escolheram o

local de uma cidade abandonada do período médio da Idade do Bronze, em Efraim, por causa de sua localização central em relação a todas as tribos (Seilun, 16kms a noroeste de Betel, 17,70kms ao sul de Siquém). O tabernáculo servia como o núcleo da organização anfictionica de Israel, antes da nação desejar um reino. A cidade devia ter sido intitulada Silo por Josué, por causa do uso messiânico desse título em Gn. 49:10, uma vez que a arca, simbolizando a presença de Deus, devia permanecer ali. Enquanto, de um lado, a escolha de **Silo** e a conseqüente assembléia da nação ali tenha necessariamente interrompido o processo da distribuição das porções destinadas às últimas sete tribos, estas, por outro lado, foram indolentes em sair e conquistar o remanescente da terra de Canaã. Josué teve de convocar uma comissão de vinte e um homens para uma expedição de reconhecimento, a fim de delinear a terra em sete partes,

2) Território de Benjamim. 18:11-28. A mão de Deus está evidente no lançamento da sorte para Benjamim. Este pedaço de terra entre os judaítas e joseítas serviu para duas coisas: cumprimento de Dt. 33:12, ao colocar o local definitivo do templo no território de Benjamim, e garantiu um laço de união a Israel, fazendo de Benjamim o elo de ligação entre os dois grupos tribais mais poderosos e naturalmente rivais. José e Benjamim eram filhos da mesma mãe, e as tribos de Raquel marcharam juntas desde o Sinai (Nm. 10:22-24); enquanto que foi Judá que se ofereceu como refém em lugar de Benjamim (Gn. 43:8, 9; 44:18-34).

## **Josué 19**

3) Território de Simeão. 19:1-9. Dando a Simeão as terras ao sul da herança de Judá, Deus começou a cumprir a maldição de Jacó com referência a Simeão (Gn. 49:7). Os simeonitas foram se parados de seus companheiros de marcha, Rúben e Gade (Nm. 10:18-20) que já tinham rejeitado Simeão, escolhendo, antes, estabelecer-se na Transjordânia ao lado dos manassitas.

4) Território de Zebulom. 19:10-16. Um distrito sem acesso ao mar na Galiléia Inferior incluindo a Nazaré no N.T. A sabedoria divina colocou Zebulom e Issacar, as tribos de Lia, ao norte das tribos de Raquel, a fim de cimentar a união de toda Israel, Judá, Issacar e Zebulom acamparam juntas no deserto (Nm. 2:3-7; 10:14-16). Esses laços persistiram durante séculos. Maria e José, por exemplo, ambos da tribo de Judá, habitavam no antigo território de Zebulom, Além disso, só os zebulonitas deram a uma cidade o nome de **Belém** (Js. 19:15) segundo uma que havia em Judá.

5) Território de Issacar. 19:17-23. O território que se estendia do Monte Tabor a oeste até o trechinho do mar ao sul do Mar da Galiléia, incluindo em sua área o Vale de Jezreel,

6) Território de Aser. 19:24-31. A região litorânea desde o Monte Carmelo ao norte, pelo menos teoricamente, até Tiro e Sidom. Inscrições de Seti I (cerca de 1310 A.C.) e de Ramessés II contém referências a um território de um povo aramado ‘*asaru*, correspondente ao interior da Fenícia do sul, indicando assim que Aser já tinha começado a se estabelecer ali nos fins do século quatorze.

7) Território de Naftali. 19:32-39. A Galiléia Superior e Inferior Oriental, Y. Aharoni de Israel, que fez um levantamento topográfico arqueológico na Galiléia Superior, descobriu provas de numerosos pequenos povoados, todos juntos, que ele atribui aos israelitas e alguns dos quais ele diz terem começado no século quatorze ["Problems of the Israelite Conquest in the Light of Archaeological Discoveries", *The Holy Land, Antiquity and Survival*, II (1957), 146-149. Veja também no *Journal of Semitic Studies*, IV (July, 1959), 279, 280, B.S.J. Isserlin's review of Aharoni's report in Hebrew] .

8) Território de Dã. 19:40-48. Para fortalecer mais a união de Israel, Deus separou Dã de seu irmão Naftali, ambos filhos de Bila (Gn. 30:5 - 8) e de seus companheiros no deserto, Naftali e Aser (Nm. 10:25-27), localizando Dã entre Benjamim e o Mediterrâneo. Por causa disso, quando parte do território de Dã foi perdido para os amorreus na Planície

Filistéia (Jz. 1:34), alguns dos danitas apostataram e migraram para o norte, apossando-se de Lesem perto da região setentrional de Naftali (Jz.17; 18). Esta migração ocorreu necessariamente antes do surgimento das cidades-estados araméias no século doze (cons. II Sm. 10:6), provavelmente durante o Juizado de Otniel (Jz. 3:11; 18:28, 30), cerca de 1370-1330 A.C.

9) A Conclusão da Divisão da Terra. 19:49-51. Josué esteve pronto a esperar até o fim para receber a sua parte – **Timnate-Sera** (Khirbei Tibneh, 17,70kms a sudoeste de Siló, 27,35kms a sudoeste de Siquém) no montanhoso distrito de Efraim, sua tribo.

## **G. Herança de Levi. 20:1 - 21:42.**

### **Josué 20**

1) Estabelecimento das Cidades de Refúgio. 20:1-9. Todas essas seis cidades eram cidades levíticas, provavelmente consideradas uma sagrada oblação (*teruma*, Ez. 45:1) feita a Jeová para uso dos seus levitas, e portanto propriedade divina, onde os homicidas podiam ser colocados sob a proteção da graça divina (veja Nm. 35:9-34; Dt. 4:41-43; 19:1-13). As cidades de refúgio foram estabelecidas para proteção do antigo direito de vendetta (vingança de sangue) contra o homicida que tivesse morto uma pessoa acidentalmente, sem premeditação. Chegando ao mais próximo asilo, o homicida apresentava o seu caso no portão da cidade, o antigo tribunal (cons. Dt. 21:19; 22:15). Mais tarde era levado para enfrentar o julgamento diante da congregação da comunidade mais próxima à cena do crime. Se fosse inocentado, voltava à cidade de refúgio, ficando livre para voltar à sua casa quando morresse o sumo-sacerdote. Essa morte significava mudança de administração sacerdotal e agia como a nossa lei das limitações (veja comentários sobre 24:33).

## Josué 21

2) Estabelecimento das Cidades Prometidas aos Levitas. 21:1-42. O cumprimento de Nm. 35:2-8. Veja também I Cr. 6: 54 -81. Ainda que estas cidades com pastagens (**arredores**) fossem distribuídas em antecipação da completa subjugação da terra (**Gezer**, Is. 21:21, que só passou às mãos dos israelitas no reinado de Salomão; quarto a **Taanague**, v. 25, e **Naalal**, v. 35, veja Jz. 1:27-30), contudo na sua maioria os levitas já tinham tomado posse de suas cidades no tempo de Davi (I Cr. 13: 2). Esta distribuição entre as outras tribos contribuiu para o cumprimento da maldição de Jacó sobre Levi e também Simeão (Gn. 49:5,7b). Mas Deus invalidou-a no caso dos descendentes de Levi, preservando sua identidade por terem ficado ao lado de Moisés num momento crucial (Êx. 32:26) e por causa da atitude justa de Finéias em relação a Zinri (Nm. 25). Nem Silo nem outras cidades efraimitas foram dadas aos sacerdotes; todas as cidades sacerdotais foram estabelecidas em Judá e Benjamim para que ficassem, em última diálise, dentro do reino de Judá, do qual a capital seria Jerusalém, Sião, a cidade de Deus (Sl. 48). Assim vemos que Deus **pretendia** que a conquista fosse completada rapidamente e que Jerusalém fosse a sede do Seu santuário séculos antes de Davi (cons. Is. 9:27). Mas a repetida apostasia de Israel no período dos Juízes não permitiu que a perfeita vontade de Deus fosse executada.

## H. Sumário da Conquista e Divisão. 21:43-45.

Esta é a passagem-chave do livro, enfatizando o tema da fidelidade divina em manter Suas promessas a Josué (1:5-9; cons. Sl. 44:2, 3). Para harmonizar estas declarações gerais com o fracasso de Israel em subjugar Canaã, lembre-se da provisão divina para tomada gradual da terra (Êx. 23:29, 30; Dt. 7:22-24).

## Josué 22

I. Apêndice: Partida das Tribos Transjordânicas. 22:1-34. Um incidente relacionado com as duas tribos e meia subsequente às campanhas e distribuições das heranças foi contado para demonstrar melhor o cuidado providencial de Deus em manter a harmonia dentro de Israel (cons. 22:31). Este capítulo reabre a questão se essas tribos estavam dentro da vontade de Deus em se estabelecerem a leste do Jordão. Muitos mestres têm acusado Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés por terem escolhido sua herança na Transjordânia. Mas C.H. Waller tem argumentado que este ponto de vista é historicamente incorreto: "Deus entregou a terra de Siom e Ogue a Israel; alguém tinha de herdá-la. Repito, a verdadeira fronteira da Palestina a leste não é o Jordão, mas a cadeia de montanhas de Gileade, que a separa do deserto que fica além. Na realidade as duas tribos e meia estavam na Palestina tanto quanto as demais . . ." (*op. cit.*, pág. 153).

**1-9.** Josué despediu as tribos do leste com uma bênção. Reconheceu que tinham cumprido com sua obrigação para com Moisés e ele próprio (Nm. 32:20-33; Is. 1:16, 17).

**5.** Observe os seis verbos, todos princípios básicos de uma vida piedosa diante do Senhor.

**10-34.** Retornando de Silo, as duas tribos e meia levantaram um altar na região ocidental do Vale do Jordão, talvez nas proximidades de Qarn Sartabeh (veja comentário sobre 16:5-10), com vistas para a passagem de Adão que leva para o Vale de Jaboque.

**10. Altar grande e vistoso.** Um grande altar para chamar a atenção. Assim serviria bem como testemunho (22:27,28) para todas as gerações de que as tribos do leste tinham uma porção do Senhor e em Israel. Mas foi uma atitude desnecessária e presunçosa; o método divino de preservar a união era outro: todas as tribos deviam se reunir três vezes por ano à volta do altar de Silo (Êx. 23:17).

**11. Um altar... da banda dos filhos de Israel.** *Um altar na fronteira da terra de Canaã na região achegada ao Jordão, do lado que pertence ao povo de Israel* (isto é, às nove tribos e meia).

**13.** Em lugar de imediatamente empreender uma guerra (22:12) com base em Lv. 17:8, 9; Dt. 12:4-14; 13:13-18, as tribos do oeste sábia e providencialmente enviaram uma delegação liderada por Finéias, o zeloso filho do sumo sacerdote, que já estancara um fluxo de apostasia quando Israel se voltara para Baal-Peor (Js. 22:17; Nm. 25). Ele restaurou as tribos do leste "com o espírito de brandura" ou gentileza, tão necessário aos obreiros cristãos (Gl. 6:1; Mt. 18:15). **16. Infidelidade. Traição.** Esta palavra também foi usada para com o pecado de Acã (22:20; cons. 7:1), o qual quase arruinou toda a nação.

**22. O poderoso, o Deus, o Senhor!** A combinação e a repetição dos três nomes divinos, *El, Elohim, Jeová* (cons. Sl. 50:1), forma um juramento solene e majestoso pronunciado pelos acusados quando negam sua culpa de rebeldia ou traição. **Hoje não nos preserveis.** Uma imprecação excitada, dirigida diretamente a Deus, no meio de sua afirmação.

**30. Deram-se por satisfeitos.** A ação das tribos do leste parecia perfeitamente honrosa aos representantes. Nenhuma condenação subjacente das tribos transjordânicas foi insinuada pelo autor inspirado. Contudo, este afastamento do plano divino de um culto centralizado resultou mais tarde em apostasia, que se vê em sua recusa em ajudar Débora (Jz. 5:15b-17a).

#### **IV. Convocação Final para Fidelidade Convencional na Terra Prometida. 23:1 – 24:33.**

### **Josué 23**

A. O Discurso de Despedida de Josué para os Líderes de Israel. 23:1-16. O livro de Josué começa com Deus mandando Josué assumir o comando; termina com Josué exortando a nação a completar a conquista



da terra. De dez a vinte anos deviam ter passado desde a divisão dos territórios tribais, quando a idade de Josué começou a lhe pesar (veja observações sobre 13:1). Naqueles anos subseqüentes ele observou a crescente complacência de Israel e sua tendência a se comprometer com os pagãos, enquanto sua própria incapacidade o impedia de assumir a liderança pessoal na tomada matar dos centros de resistência cananeus. Já que Deus não pretendia que ninguém o substituísse como comandante geral, teria falhado não treinando os líderes tribais na continuação da luta? Agora, sentindo a aproximação da morte, tinha de usar as forças que lhe restavam para despertar em Israel uma renovação de fidelidade para com Jeová e obediência à aliança.

**1,2.** Traduza e pontue assim: *Passado muito tempo depois que... os senis inimigos em redor, e Josué estava velho e entrado em anos* (lit., dias), *que chamou Josué a todo o Israel, os seus anciãos.* . . Primeiro ele convocou os líderes da nação, provavelmente em Silo, onde estava o Tabernáculo (18:1), a fim de adverti-los mais veementemente dos perigos de se apostatar de Jeová.

**3-5.** Primeiro, ele os encorajou a recordar o que Deus tinha feito por eles e também Suas promessas de desarraigas as nações pagãs.

**6-11.** Depois, rogou (a forma imperativa ou jussiva de comando não foi usada) que fossem muito resolutos em seguir a Lei, como ele fora (1:7), para que não se misturassem nem se associassem com os cananeus idólatras que ainda não tinham sido expulsos. Insistiu com eles a que continuassem *a se apegar devotadamente* (23:8) a Jeová seu Deus, e a amá-Lo (cons. Êx. 20:6) - "pois o Senhor vosso Deus é o que luta por vós, conforme vos prometeu". Mas ao Senhor vosso Deus vos apegareis é a maneira usada no V-T- para se dizer "permaneça em Cristo" (cons. Js. 15:1-10).

**12,13.** Terceiro, advertiu-os severamente das conseqüências do casamento com seus vizinhos (proibido em Êx. 34:12-16; Dt. 7:3), pois tal associação seduziria os israelitas e os levaria a praticar o culto à fertilidade, transformando-se em açoite para suas costas e amargura para

os seus olhos (cons. Nm, 35:55). Do mesmo modo não devemos nos acomodar com qualquer pecaminoso hábito sedutor em nossas vidas.

**14-16.** Concluindo, resumiu seus pensamentos, enfatizando a maldição que sobreviria à transgressão da aliança, baseando suas ameaças em Lv, 26: 14 -33 ; Dt. 28 : 15-68 ; etc.

## **Josué 24**

B. Renovação do Compromisso Assumido com a Aliança em Siquém. 24:1-28. Como resultado direto de sua reunião com os líderes, Josué convocou toda a nação a Siquém para restabelecer novamente a aliança como fundamento do seu relacionamento com Jeová. Vinte anos ou mais se passaram – o período momentoso da subjugação e colonização de Canaã, e a inclusão de novos povos (os gibeonitas, por exemplo) na Comunidade Hebraica. Conforme Moisés fez depois da peregrinação no deserto (Dt. 30:15-20), agora Josué pediu às tribos solene e formalmente que declarassem novamente a fidelidade convencional ao seu Deus - não em Silo mas em Siquém, pois perto deste último havia um antigo santuário ou lugar sagrado dos hebreus (veja comentário sobre 24:26). Aqui Deus pela primeira vez prometeu dar Canaã a Abraão; aqui o patriarca levantou seu primeiro altar na terra (Gn. 12:6,7). Aqui também Jacó construiu um altar (Gn. 33:20) e exortou a sua casa a deixar os seus ídolos (Gn. 35 : 1-4 j. Perto deste lugar o próprio Josué dirigiu, em ocasião anterior, uma cerimônia de restabelecimento da aliança (Js. 8:30-35).

George E. Mendenhall lucidamente revelou a natureza da aliança e da renovação da aliança em Israel no tempo de Moisés e Josué (*Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East*, págs. 24 -44 ). Na forma, a aliança mosaica parece-se mais com os tratados de suserania através dos quais um grande monarca obrigava seus vassalos a servi-lo com fidelidade e obediência. Tais tratados encontram-se nas alianças internacionais do Império Heteu com seus estados vassalos, entre 1450-1200 A.C., mas não depois do final do segundo milênio A.C. Ambos, a

aliança mosaica e os tratados de suserania, são essencialmente unilaterais. "As estipulações do tratado implicam em obrigatoriedade apenas da parte do vassalo e só o vassalo fazia um juramento de obediência" (Mendenhall, pág. 30). Enquanto o vassalo era obrigado a confiar na benevolência e ajuda protetora do monarca, este último mantinha "seu exclusivo direito de autodeterminação e soberania" (*ibid*), não se obrigando a compromissos específicos. No caso da aliança mosaica, os israelitas e a multidão mista (cons. Nm. 11:4) estavam na posição dos povos vassalos, enquanto Jeová era o seu divino soberano. Assim Deus empregou uma forma padrão de aliança conhecida na Ásia ocidental daquele tempo.

A aliança da qual Moisés era o mediador não foi em nenhum lugar proclamada como aliança eterna; por isso tinha de ser periodicamente renovada - pelo menos em cada geração. Semelhantemente, desde que os tratados heteus "não continham obrigatoriedade perpétua desde o principio, uma renovação da aliança tornava-se necessária de tempos em tempos" (*ibid*, págs. 40, 41), como quando o herdeiro tomava o poder após a morte do rei vassalo. Do mesmo modo havia necessidade de uma leitura pública periódica da aliança, tanto no Império Heteu como em Israel (veja observação sobre 8: 33-35). Exigia-se do vassalo que comparecesse diante do soberano uma vez por ano a fim de pagar o tributo (cons. 24:1b; Dt. 16:16).

A maior parte dos elementos encontrados nos textos dos tratados heteus podem ser averiguados nesta renovação da aliança em Siquém conforme se constata no esboço abaixo:

### **1) Preâmbulo.**

**24:2a. Assim diz o Senhor Deus de Israel.** Esta declaração identifica o Autor da aliança no seu relacionamento com o povo vassalo.

### **2) Prólogo Histórico. 24:2b-13.**

Esta seção descreve detalhadamente o relacionamento anterior entre o soberano e os súditos. "Nos tratados de suserania dava-se grande

ênfase aos feitos benevolentes que o rei heteu tinha realizado em benefício do vassalo ... Não eram fórmulas enfaticamente estereotipadas . . . mas antes descrições tão cuidadosas de acontecimentos reais, que constituem fonte importantíssima para o historiador" (*ibid*, pág. 32). No prólogo histórico o monarca sempre fala, usando a forma de tratamento "Eu-vós", diretamente com o vassalo. Assim nesta seção não é Josué mas Jeová que está falando, esboçando Seu tratamento teocrático com Israel desde a chamada de Abraão até a Conquista.

**2b. Dalém do Eufrates.** Literalmente, *Dalém do Rio*, o distrito ao norte e leste do Rio Eufrates, incluindo Harã (cons. II Sm. 10:16; I Reis 14:15 ; II Reis 17:6; Is. 7:20). Ur dos Caldeus poderia muito bem ter sido uma cidade nas montanhas da Armênia ao norte de Harã e não a cidade sumeriana perto do Golfo Pérsico (veja Cyrus Gordon, "Abraham and the Merchants of Ura", JNES, January, 1958). **Tera ... Abraão ... Naor.** Só dois dos três filhos de Terá foram mencionados, aqueles que foram os ancestrais de Israel – Naor como o avô de Rebeca e bisavô de Lia e Raquel.

7. Considerando que esta cerimônia foi obviamente uma renovação da aliança original feita no Sinai, talvez a bem da brevidade. Mas aquela aliança foi definidamente mencionada no contexto direto (23:16).

**12. Vespões.** Provavelmente uma expressão figurada do poder de Deus que derramou o pânico sobre Siom e Ogue (veja Êx. 23:27-30; Dt. 7:20), mais do que uma velada referência aos exércitos de Faraó (veja Garstang, *Joshua-Judges*, pág. 259), que nunca pilharam o sul de Gileade e Moabe.

3) As Estipulações. 24:14 -24. Como nos tratados de suserania dos heteus, a primeira proibição era de fazer alianças fora do Império Heteu, assim também "a primeira obrigação da aliança (de Jeová) era rejeitar todo relacionamento estrangeiro - isto é, com outros deuses, e por implicação, com outros grupos políticos" (Mendenhall, op. cit., pág. 38). Esta obrigação primária foi exigida de Israel por Josué, conforme vemos em 24:14,15, 23; e o registro da aceitação desta obrigação convencional

pelo povo, e não o texto completo da renovação convencional formal, foi inserido a bem da brevidade. Mais ainda, uma vez que foi uma renovação da aliança mosaica e não uma nova aliança, nenhuma outra estipulação precisou ser acrescentada. Provavelmente tais povos locais como os gibeonitas e os habitantes de Siquém (veja observações sobre 8:30-35) também se tornaram "vassalos" de Jeová rejeitando aos deuses dos amorreus (24:15; cons. I Reis 18:21).

4) O Depósito da Aliança. 24:25-28. Até mesmo entre os heteus o tratado era considerado sob a proteção da divindade e "era depositado como coisa sagrada no santuário do estado vassalo" (ibid, pág. 34). Do mesmo modo, **Josué escreveu estas palavras no livro da lei de Deus** (24:26; cons. I Sm. 10:25), que foi deportado perto da arca da aliança (Dt. 31:24-27). Ele também inscreveu os estatutos da renovação da aliança sobre uma grande pedra, a qual colocou sob o carvalho ou terebinto que pertencia ao lugar sagrado de Jeová perto de Siquém (veja observação sobre Js. 17:9). Esta árvore foi mencionada em Gn. 12:6 (lit. o *terebinto* do mestre em vez de "a planície de Maré". cons. 35:4). No caso da cerimônia da aliança de Js. 8:30-35, a fórmula das maldições e bênçãos foi declarada, outro aspecto regular dos tratados heteus.

### **C. Apêndice: A Morte de Josué e Subseqüente Conduta de Israel. 24:29-33.**

Josué devia ser altamente estimado quando da sua morte, por causa de sua influência piedosa conforme está declarado em 24:31 – **Serviu, pois, Israel ao Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que ainda sobreviveram por muito tempo depois de Josué**, os quais ele exortou tão poderosamente, de acordo com o capítulo 23.

**32.** O Sepultamento dos restos mortais de José (cons. Gn. 50:25, 26; Êx. 13:19) deve ter sido feito muito tempo antes da morte de Josué, mas o autor inspirado "colocou a narrativa dele aqui, simbolizado no final do livro toda a mensagem contida nele – a fidelidade de Deus (Blair, em *The New Bible Commentary*, pág. 235).

**33.** A morte do sumo sacerdote **Eleazar**, filho e sucessor de Arão, ficou registrada junto com a morte de Josué, sucessor de Moisés, para indicar o término de uma era (cons. 20: 6 e comentários sobre 20:1-9).

# JUÍZES

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	
Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17	
Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18	

## INTRODUÇÃO

**Título.** O livro de Juízes recebeu o seu nome dos líderes (*shopetim*) que libertaram Israel de uma série de opressores estrangeiros durante o período compreendido entre a morte de Josué e o começo da monarquia.

O termo *shopet* tem uma conotação mais ampla do que o termo "juiz" pode transmitir. Na antiga Cartago e Ugarit era usado para descrever magistrados civis, ou chefes de estado. A literatura cananita da antiga Ugarit usa a expressão **shptn**, "nosso juiz", paralelamente relacionada com **mlkn**, "nosso rei". (Ba'al V, v, 32). O período bíblico dos *shopetim* deve ser, contudo, separada do período dos reis. Durante o período dos Juízes, existia um sentimento definidamente antimonárquico (cons. Jz. 9:8-15), embora pressões externas de invasores em perspectiva levassem o povo finalmente a pedir um rei (I Sm. 8). Os juizes eram homens dotados com o Espírito, chamados por Deus e capacitados por Ele a resolver crises específicas na história de Israel. O próprio Deus era considerado o Rei de Israel (I Sm. 8:7), embora o pecado do povo freqüentemente reduzisse este ideal a um estado de anarquia (Jz. 21: 25). Os juizes exerciam autoridade sob orientação divina tanto em questões militares como em civis, tomando decisões legais quando chamados para fazê-lo (4:4,5).

Em Juízes 11:27 o Deus de Israel foi chamado de *hashshopet* "O Juiz". Os "julgamentos" (*mishpatim*) de Deus formam uma parte dessa instrução que se conhece como a lei (tora) de Jeová (cons. Sl. 19:9; 119:7).

**Data e Autoria.** Como outros livros históricos do Velho Testamento, o livro de Juízes é anônimo. Provas internas, contudo, ajudam-nos a determinar a data aproximada de sua composição. Dá-se a entender a destruição de Silo (18:31). As palavras. "Naqueles dias irão havia rei em Israel" (17:6), sugere uma data durante a monarquia. O fato dos jebusitas ainda serem mencionados estando em Jerusalém (1:21) implica em uma data antes da tornada de Jebus, durante o reinado de Davi. Semelhantemente a menção de Gezer (1:29) implica em uma data antes de Faraó dar esta cidade como presente de casamento a Salomão (I Reis 9:16).

Evidências internas dão a entender, assim, uma data durante os primeiros dias da monarquia (cerca de 1050-1000 A.C.), ou durante os dias de Saul ou logo no começo do reinado de Davi. O Talmude (*Baba Bathra*, 14b) e a antiga tradição cristã concedem sua autoria a Samuel. Embora as evidências não autorizem uma conclusão positiva em relação ao escritor do livro dos Juízes, elas indicam que o livro foi escrito por um contemporâneo de Samuel. O autor provavelmente fez uso de material escrito e oral, mas o livro, na forma que hoje temos, exibe uma unidade que argumenta contra qualquer esquema complexo de compilação.

**Antecedentes Históricos.** A geração que entrou em Canaã durante a liderança de Josué tinha realizado muito por meio da ocupação dos sítios estratégicos e estabelecimento das tribos em suas porções específicas. A tarefa da conquista e ocupação, contudo, estava longe de se poder considerar terminada. Importantes fontes cananitas foram ignorados por Josué. e assim as tribos tiveram de lutar individualmente para ocuparem os territórios a que tinham direito (Js. 13:1-7).



---

**ESBOÇO****I. Introdução. 1:1 – 2:5.**

A. Antecedentes políticos do período dos Juízes. 1:1-36.

B. Antecedentes religiosos do período dos Juízes. 2:1-5.

**II. História dos Juízes. 2:6 – 16:31.**

A. O fracasso de Israel em subjugar as nações inimigas. 2:6 – 3:6.

B. Os opressores e os libertadores de Israel. 3:7 – 16:31 .

1. A opressão de Cusã-Risataim e a libertação por meio de Otniel, 3: 8-11.

2. A opressão de Eglom e a libertação por meio de Eúde. 3:12-30.

3. Sangar liberta Israel dos filisteus. 3:31.

4. A opressão de Jabim e Sísera e a libertação por meio de Débora e Baraque. 4:1 - 5:31.

5. A opressão dos midianitas e a libertação por meio de Gideão. 6:1 – 8:35.

6. A usurpação de Abimeleque. 9:1-57.

7. Tola julga Israel. 10:1, 2.

8. O juizado de Jair. 10:3-5.

9. A opressão dos amorreus e a libertação por meio de Jefté. 10:6 – 11:40.

10. Guerra entre os gileaditas e efraimitas. 12:1-7.

11. O juizado de Ibsã. 12:8-10.

12. O juizado de Elom. 12: 11, 12,

13. O juizado de Abdom. 12:13-15.

14. Sansão e os filisteus. 13:1 – 16:31.

**III. Condições de anarquia durante o período dos juízes.  
(17:1 - 21:25)**

A. A idolatria de Mica e a migração danita. 17:1 – 18:31.

B. O crime em Gibeá e a guerra contra Benjamim. 19:1 – 21:25.

---

COMENTÁRIO**I. Introdução. 1:1 - 2 5,****Juízes 1****A. Antecedentes Políticos do Período dos Juizes. 1:1-36.**

Durante o período da vida de Josué, Canaã foi ocupada e dividida entre as tribos de Israel. Contudo, fortes grupos de resistência permaneceram. A presença de povos inimigos no meio do território de Israel e a força da oposição vinda de fora produziu a situação política descrita no livro de Juízes.

**Depois da morte de Josué.** Cons. Js. 1:1. Assim como a morte de Moisés marcou o fim da peregrinação de Israel no deserto, a morte de Josué marcou o final da primeira fase da conquista de Canaã. **Quem . . . subirá?** Dentro das porções distribuídas por Josué havia ainda muito território por conquistar. As tribos deviam ocupar os territórios que lhes tinham sido concedidos. **Os cananeus.** O termo é às vezes usado em relação a todos os habitantes de Canaã sem considerar sua origem. A região ocupada pelos cananeus nessa ocasião está delineada em Jz. 1:9.

**2. Judá** recebeu o território a oeste do Mar Morto e ao sul de Jerusalém (Jebus), região conhecida por Judéia no período neotestamentário (Jos. 15:1-63). **Eis que nas suas mãos lhe entreguei a terra.** O propósito divino está declarado como fato realizado. A certeza de sucesso foi declarada como induzimento à atividade.

**3. Disse, pois, Judá a Simeão, seu irmão.** Jacó declarara que as tribos de Simeão e Levi seriam dispersas entre Israel (Gn. 49:5-7). Josué não designou um território específico a Simeão, mas permitiu que os simeonitas se estabelecessem na porção designada a Judá (Js. 19:9). Assim Simeão foi virtualmente incorporado na tribo de Judá.

**4. Fereseus.** Pensa-se que tenham sido um povo aborígine de raça diferente dos cananeus. Tinham se estabelecido em Canaã antes que Abraão chegasse (Gn. 13:7).

**5. Adoni-Bezeque** significa "senhor de Bezeque". Ele subjuguara setenta reis fantoches e lhes cortara os polegares e os artelhos (1:7). Mutilação física desqualificava uma pessoa de ocupar cargo religioso ou civil (Lv. 11:16-24; compare com I Sm. 9:2; 16:12). Adoni-Bezeque foi do mesmo modo mutilado por seus capturadores israelitas (Jz. 1:6).

**8. Pelejaram contra Jerusalém.** Embora temporariamente tomada, Jerusalém não foi permanentemente mantida por Israel até os dias de Davi (cons. 1:21; II Sm. 5:6-9). Durante o Período de Amarna (cerca de 1400-1360 A.C.) a cidade foi conhecida como *Urusalim*, e era uma das mais importantes cidades-estado dos cananeus.

**9. Nas montanhas, no Neguebe e nas planícies.** Estes termos explicam muito da geografia e história da Palestina. As montanhas, ou "região montanhosa", foram a primeira região tomada e mais tempo mantida por Israel. Cidades importantes das montanhas da Judéia incluíam Jerusalém (790,35ms acima da nível do mar) e Hebrom (926,16ms acima do nível do mar). O **Neguebe** é a região do sul. Este território semideserto começa a algumas milhas ao sul de Hebrom. Berseba constitui a principal cidade do Neguebe atualmente e na antiguidade. **Planícies** se refere às terras baixas, ou, transliterando, o **Sefelá**. É o termo usado para com os contrafortes entre a planície costeira e o maciço das montanhas da Judéia. Durante o período dos Juízes, os filisteus ocupavam a planície costeira, os israelitas ocupavam a maior parte das montanhas da Judéia, e o Sefelá era cenário constante de lutas entre os dois grupos.

Quando as tribos israelitas se estabeleceram em Canaã, ficaram sujeitas às tentações da religião cananita. A prostituição religiosa e o sacrifício de crianças a Moloque constituíam algumas das práticas degradantes que tiveram de enfrentar em seu novo lar. Frequentemente esqueceram-se de sua aliança com Deus no Monte Sinai. Quando escorregavam para a idolatria, Deus os castigava entregando-os aos seus inimigos. Quando, em espírito de arrependimento, oravam clamando por misericórdia, a ajuda vinha na pessoa de um "Juiz" que era chamado por

Deus para salvar o Seu povo da mão dos opressores. Os períodos da fidelidade de Israel para com Deus eram de curta duração, contudo. O padrão de apostasia, derrota, arrependimento, oração por livramento, e vitória através de um Juiz dotado do Espírito repetia-se constantemente. Uma série de tais episódios forma a porção principal do livro dos Juízes.

#### **10. Partiu Judá contra os cananeus que habitavam em Hebrom.**

A antiga cidade do Hebrom era localizada cerca de 32,18kms ao sul de Jerusalém, na região mais elevada das montanhas de Judá, 926,59ms acima do nível do mar. Abraão tinha peregrinado pela vizinhança do Hebrom (Gn,13:18; 35:27), e o local do sepulcro patriarcal estava ali localizado (Gn. 23:2-20). Em antecipação á conquista, Hebrom foi destinado a Calebe (Nm. 14:24), que subsequêntemente tomou posse dela através da conquista (Js. 15:13, 14). O nome anterior de Hebrom era Quiriate-Arba ("cidade quádrupla" ou "tetrápolis"). Um homem chamado Arba foi descrito como "o maior homem entre os enaquins" (Js. 14.15). Provavelmente ele recebeu o seu nome da cidade que fundou. **E feriram a Sesai, a Aimã e a Talmi.** Calebe e o destacamento de soldados de Judá que atacaram Hebrom tiveram sucesso em destruir as forças armadas e ocupar a cidade. Os três nomes são aramaicos, dando a entender que a cidade era ocupada por tribos relacionadas com o povo que mais tarde veio a ter poderoso reino com Damasco por capital.

**11. Dali partiu contra os moradores de Debir.** Debir, também conhecida por Quiriate-Sefer, tem sido identificada com a elevação hoje em dia chamada de Tell Beit Mirsim, 20, 92kms a sudoeste de Hebrom. Essa elevação foi escavada em 1926 e nos anos seguintes por uma expedição dirigida por Melvin G. Kyle e William F. Albright. Um escaravelho real de Amenhotep III, o Faraó egípcio, encontrado ali dá a entender que o controle egípcio da cidade continuou até o século quatorze A. C. Em cima dos restos do período final da Idade do Bronze, os escavadores encontraram uma camada carbonizada sobre a qual havia relíquias israelitas. O nome **Quiriate-Sefer** costuma ser interpretado como significando *a cidade de (o) livro*. O nome **Debir** parece estar

relacionado coma raiz hebraica que significa *dizer*. Com toda probabilidade a antiga Quiriate-Sefer era uma cidade notável pai seu oráculo.

**12. Disse Calebe: A quem derrotar a Quiriate-Sefer e a tomar, darei minha filha Acsa por mulher.** A promessa de dar uma filha em casamento como recompensa por uru ato de bravura era costume comum na Bíblia (cons. I Sm. 17:25) e também na literatura secular. Aqui ficou implícito que a cidade tomada, além da filha, também seria dada ao vencedor.

**13. Otniel, filho de Quenaz, o irmão de Calebe.** Gramaticalmente as palavras podem significar que Otniel era sobrinho ou irmão mais jovem de Calebe. **Tomou-a**, isto é, Debir.

**14. Insistiu com ele para que pedisse um campo ao pai dela.** Depois do casamento, Acsa persuadiu seu marido a que lhe desse permissão de pedir um campo a seu pai.

**15. Dá-me um presente** (cons. Gn. 33:11; Js. 15:19; II Reis 5:15). **Deste-me terra seca** poderia ser traduzido assim: *Puseste-me na região do Neguebe*. Ela queria um presente para compensá-la das redondezas áridas do Neguebe de Judá. **Então Calebe lhe deu as fontes superiores e as fontes inferiores.** Acsa pediu *Gullot-mayim*, talvez nome de um lugar traduzido pala "fontes de águas". Calebe file deu *Gullot-'illit* e *Gullot-tahtit*, sem dúvida também nomes de lugares comumente traduzidos para "fontes superiores" e "fontes inferiores". As escavações de Tell Beit Mirsim dão a entender que os "poços" eram buracos que davam acesso á água do sub-solo, alguns dos quais foram encontrados nessa região. A 1,6 kms abaixo e 3,2kms acima de Tell Beit Mirsim foram descobertos esses poços. Outros, contudo, identificam os poços dados a Acsa com as fontes acima e abaixo da estrada de Seil ed-Dilbeh, 9,25 kms a sudoeste de Hebrom, no caminho de Berseba. Este é um dos vales mais bem regados de água no sul da Palestina. A posse dessas fontes era de grande importância, e o registro feito aqui indicaria a todos os interessados o direito que ela e seus descendentes tinham sobre os

poços. J. Simons (*The Geographical and Topographical Texts of the Old Testament*, pág. 382) rejeita a localização da antiga Debir em Tell Beit Mirsim, sugerindo antes Khirbet Terrameh por causa de sua proximidade com estes poços.

**16. Os filhos do queneu, sogro de Moisés.** Os queneus eram parentes dos israelitas através do casamento de Moisés com Zípora (Êx. 2:21; Jz. 4:11). Preservaram sua identidade, mas continuaram amigos dos israelitas até o período de Davi (1 Sm. 30:29). **Subiram da cidade das palmeiras**, isto é, Jericó, **ao deserto de Judá, que está ao Sul de Arade.** Tell'Arad é um monte de aspecto estéril a 27,35 kms ao sul de Hebrom. O texto massorético continua, foram e habitaram com este povo. Ficamos sabendo mais tarde que os queneus se estabeleceram entre os amalequitas (1Sm.15:6). Sugeriu-se que as palavras **este povo** – *ha-'am* – resultaram da perda da última parte da palavra *amalequita* na história do manuscrito pré-massorético. O original seria, "foram e habitaram entre os amalequitas".

**17. Foi-se, pois Judá com Simeão, seu irmão.** A tribo de Judá cooperou com a tribo de Simeão na destruição de Zefate, possivelmente Tell es-Sab'a. **Hormá.** Nesta passagem há um interessante jogo de palavras com dois diferentes significados de uma só raiz hebraica. A mesma raiz que produz a palavra *herem*, que significa tudo aquilo que era dedicado ou consagrado aos deuses dos não-israelitas e portanto ofensivos ao Deus de Israel, também produz a forma verbal *haram*, que significa "destruído". Deus dissera que as cidades dos cananeus tinham de ser "totalmente destruídas" (Dt. 7:2). Zefate fora uma cidade pagã "dedicada" (*herem*) aos deuses pagãos. Pela ordem do Senhor ela foi "dedicada" a Ele; isto é, dedicada à destruição, destruída (*haram*). Seu nome foi mudado pala *Hormá*, que significa destruição total.

**18. Tomou ainda Judá a Gaza, a Ascalom e a Ecrom.** Estas eram as principais cidades filistéias ao sul de Jope. O historiador prossegue declarando que a tribo de Judá foi capaz de expulsar os habitantes das montanhas, mas que os carros de ferro usados pelos habitantes do vale

formaram um obstáculo insuperável á conquista. Considerando que as cidades de Gaza, Ascalom e Ecrom ficaram firmes nas mãos dos filisteus em data posterior, qualquer vitória na planície costeira nessa ocasião foi de natureza temporária. A idade de Ferro começou na Palestina durante o século doze A.C. O monopólio heteu do ferro foi quebrado em cerca de 1200 A.C. e a vitória de Davi sobre os filisteus marcou o começo do uso do ferro como mercadoria comum em Israel.

**20. E, como Moisés o dissera, deram Hebrom a Calebe.** Tendo Calebe comprovado que era um homem de fé, quando a maioria dos espias deram um relatório negativo, Deus prometeu-lhe uma bênção (Nm, 14:24; Dt. 1:36). Embora Hebrom fosse dada a Calebe, ele teve a responsabilidade de tomá-la. Para fazê-lo ele teve de expulsar "os três filhos de Enaque". A expressão **filhos de Enaque** significa *homens de pescoço* (comprido), isto é, homens de grande altura, ou gigantes.

**21. Porém os filhos de Benjamim não expulsaram os jebuseus.** Os jebuseus de Jerusalém não capitularam diante das forças de Benjamim ou Judá, seus vizinhos do sul e do norte, até que Joabe, o general de Davi, tomasse a cidade por meio de um ardil (II Sm. 5:6-9 ).

**22. A casa de José, as tribos de Efraim e Manassés, subiu também contra Betel.** Betel ficava a 19,31kms ao norte de Jerusalém, 28,96kms ao sul de Silo. Escavações na região de Betel revelaram tijolos queimados, terra cheia de cinzas e entulho carbonizado, evidência da destruição total dos predecessores cananeus da Betel israelita, a cidade mencionada com mais freqüência nas Escrituras do que qualquer outra com exceção de Jerusalém.

**25. Mostrando-lhe a entrada da cidade.** As tribos de José prometeram demonstrar misericórdia pala com um homem que encontraram por acaso nas vizinhanças de Betel sob a condição dele lhes mostrar a entrada da cidade. Ele o fez e recebeu permissão de fugir para **a terra dos heteus** (v. 26), provavelmente uma referência ao norte da Síria, que era reconhecida como parte da "esfera de influência" dos heteus. O grande Império Heteu centralizava-se na Ásia Menor. O

fugitivo de Betel edificou uma cidade que chamou de Luz, o antigo nome de Betel (cons. Gn. 28:19).

**27. Manassés não expulsou os habitantes de Bete-Seã ... Taanaque ... Dor ... Ibleã ... Megido.** Uma linha de cidades cananitas fortificadas dividia o norte de Israel em duas partes. Bete-Seã fica no extremo leste do Vale de Esdrelom, onde se junta ao Vale do Jordão. Era ocupada por guarnições egípcias até o tempo de Ramessés III (1198-1167 A.C.). Ibleã, Taanaque e Megido descortinavam a Planície de Esdrelom ao sul. Dor ficava no litoral mediterrâneo, ao sul do Monte Carmelo.

**28. Quando, porém, Israel se tomou mais forte, sujeitou os cananeus a trabalhos forçados.** A história de Israel durante o período dos Juízes alternou-se entre períodos de força e períodos de fraqueza. Os cananeus nunca chegaram a ser expulsos, mas ficaram reduzidos à condição de escravos durante os períodos de força dos israelitas.

**29. Efraim não expulsou os cananeus, habitantes de Gezer.** Gezer fica localizada a 28,96kms a noroeste de Jerusalém, onde protege uma passagem de Jope a Jerusalém. Entrincheirados por trás de muros de 4,27ms de espessura, os gezeritas foram capazes de resistir aos israelitas. A cidade tornou-se parte do reino de Salomão só depois que a recebeu como presente de casamento pelo Faraó do Egito (1 Reis 9:16).

**30. Zebulom não expulsou os habitantes de Quitrom, nem os de Naalol.** Estas cidades em Zebulom não foram positivamente identificadas.

**31. Aser não expulsou os habitantes de Aco, ... Sidom ... Alabe ... Aczibe ... Helba ... Afeca ... Reobe.** Aco é atualmente conhecida como Acre. Está localizada ao norte do Maciço do Carmelo, do lado oposto à cidade de Haifa na Baía de Acre. Sidom era a cidade fenícia famosa na literatura homérica como centro de arte e cultura. Mais tarde foi sobrepujada por Tiro. Alabe não tem sido identificada, mas Aczibe foi localizada cerca de 16kms ao norte de Aco. Helba foi identificada como a Nahalliba dos monumentos assírios, localizada a nordeste de Tiro.



Meca pode ser Tell Kurdaneh, cerca de 9,65 kms a sudeste de Aco. Reobe foi identificada como Tell Berweh, um local bem provido de água, a 11,26kms partindo de Aco na direção do interior. Os fenícios nunca foram desapossados pelos israelitas. Tanto Davi como Salomão tiveram relações amistosas com Hirão de Tiro.

**33. Naftali não expulsou os habitantes de Bete-Semes, nem. . . Bete-Anate.** Esses dois lugares eram ao que parece santuários de divindades cananitas. o primeiro do deus-sol e o segundo da popular deusa cananita da fertilidade e da guerra, irmã e consorte de Baal. Tem-se sugerido que Bete-Semes é um outro nome para Cades-Naftali. Bete-Anate talvez seja a moderna el-Ba'neh, 19, 32kms a leste do Acre.

**34. Os amorreus arredaram os filhos de Dã até às montanhas –** Amorreu aqui é sinônimo de cananita. O termo aparece em documentos assírios descrevendo um povo do oeste (da Mesopotâmia). Os danitas parecem ter fugido para as terras baixas, onde foram repelidos para um pequeno distrito perto de Zorá e Estaol (Jz. 13-16). Sendo este território pequeno demais, a parte principal da tribo migrou para Lais, perto das nascentes do Jordão, cujo nome eles trocaram para Dã (Jz. 18).

**35. Porém os amorreus lograram habitar nas montanhas de Heres, em Aijalom e em Saalbim.** Heres significa "Montanha do Sol" e sem dúvida é equivalente a Bete-Semes (Js. 15:10) e Ir-Semes (Js. 19:41). O local, conhecido hoje como 'Ain-shems, está localizado ao sul do Wadi Surar, oposto a Zorá. Aijalom estava situada no vale que leva o mesmo nome, 22,53kms de Jerusalém. Aparece nas Cartas de Amarna (século quatorze A.C.) como *Aialuna*. **Saalbim** aparece em Js. 19:42 como *Saalabim*. Pode-se experimentalmente identificá-la com Selbit, 4,8kms a noroeste de Aijalom. As tribos de José não expulsaram os amorreus desses setores, mas obtiveram o controle do seu território.

**36. O termo dos amorreus foi desde a subida de Acrabim e desde Sela para cima. A Subida de Acrabim (escorpiões)** leva do plano do extremo sul do Mar Morto ao da região montanhosa ao sul de Judá. Forma a fronteira setentrional do Deserto de Zim, e nos tempos bíblicos

também servia de fronteira entre Edom e Judá. Os amorreus ocupavam o território ao norte da Subida de Acrabim no período descrito em Juízes 1. A referência feita à **rocha** (hebraico, *sela* ') provavelmente ficaria melhor interpretada como nome próprio, *Sela* ou *Petra*, a capital da cidade dos idumeus. Petra era construída em um vale rodeado por rochedos e suas casas eram parcialmente cavadas na rocha natural. Os idumeus foram expulsos de seus fortes nas montanhas pelos árabes nabateanos, em cerca de 300 A.C. (cons. profecia de Obadias).

## Juízes 2

### **B. Antecedentes Religiosos do Período dos Juízes 2:1-5.**

Embora tivessem experimentado o poder de Deus durante o período do êxodo do Egito e na conquista de Canaã, logo os israelitas se esqueceram da aliança que tinham feito com Deus no Sinai. A idolatria passou a ser tolerada no seu meio e o casamento com os cananeus tornou-se uma coisa corriqueira.

**1. Subiu o anjo do Senhor de Gilgal a Boquim. O anjo do Senhor** foi uma teofania, uma aparição de Deus em forma perceptível pelos sentidos humanos. Tal manifestação foi vista por Hagar (Gn. 16:7-12) e Moisés (Êx. 3:2-6). **Boquim** era provavelmente localizada entre Betel e Silo, cerca de 32kms do Mar Morto. **Do Egito vos fiz subir.** Deus se identificou como Aquele que cuidou das necessidades do Seu povo na hora da angústia. Suas misericórdias deviam ter produzido uma reação de gratidão.

**2. Contudo não obedecestes a minha voz.** Deus fora fiel a Sua aliança, mas Israel se esquecera do seu voto de obediência á Lei dada através de Moisés nu Sinai.

**3. Não os expulsarei de diante de vós.** Israel comprometera sua lealdade a Deus com sua idolatria. O Senhor declarou que os habitantes de Canaã não seriam completamente expulsos, e que se comprovariam ser uma armadilha para Israel. Estas palavras antecipam a história do período dos Juizes, quando uma série de opressores subjugaram Israel.

Os deuses de Canaã serviram de tentação para levar as tribos a se esquecerem do Deus de Israel.

**4. Levantou o povo a sua voz e chorou.** A mensagem do Anjo do Senhor foi de julgamento. História subsequente indica que aquele choro foi superficial, pois Israel não foi dissuadido de suas práticas idólatras. 5. Daí chamarem a erre lugar Boquim (os que choram). As Escrituras associam frequentemente nomes de lugares com episódios significativos (cons. Betel, Gn. 28:16-19; Maanaim, Gn. 32:2; Gilgal, Js. 5:9).

## **II. A História dos Juízes. 2:6 – 16: 31.**

### **A. O Fracasso de Israel em Subjugar as Nações Inimigas. 2:6 - 3:6.**

Sob a liderança de Josué realizou-se a fase inicial da conquista da terra. A terra foi dividida entre as tribos, mas era necessário que os israelitas ocupassem o território que lhes fora destinado.

**7. Serviu o povo ao Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que ainda sobreviveram por muito tempo depois de Josué.** A geração de Josué e seus sucessores imediatos permaneceu fiel ao Senhor por causa de sua associação com todas as grandes obras, feitas pelo Senhor a Israel. Estas palavras formam uma transição da narrativa da conquista de Canaã feita por Josué para a história dos Juizes. Fazem um paralelo com as palavras de Js. 24:28-31.

**8. Faleceu Josué ... com a idade de cento e dez anos.** Cento e dez anos é a duração ideal da vida, de acordo com os papiros e estelas egípcias. Diz-se que José morreu com essa mesma idade (Gn. 50:26). Moisés viveu uma década mais (Dt. 34:7).

**9. Sepultaram-no no termo da sua herança, em Timnate-Heres.** *Timnate-Heres, porção do sol*, também traduzido para "Timnate-Será", porção dupla (Js. 19:50; 24:30). O local tradicional é Tibneh, 27, 35 kms a noroeste de Jerusalém.

**10b. E outra geração após deles se levantou, que não conhecia o Senhor.** A nova geração esqueceu-se das misericórdias do Deus de Israel e da aliança da nação de obedecer à Lei do Senhor.

**11. Os filhos de Israel ... serviram aos Baalins.** Baal era um deus da fertilidade, cuja adoração, segundo se acreditava, concedia fertilidade aos homens, animais e campos. Uma vez que Baal era adorado em manifestações locais (Baal-Peor, Baal-Gade, Baal-Zeboul, etc.), era usado o plural, Baalins.

**13. Deixaram o Senhor, e serviram a Baal e a Astarote.** Astarote era o correlativo feminino dos Baalins. Astarte era o equivalente cananita da Ishtar babilônica, a deusa do amor e da fertilidade.

**14. A ira do Senhor se acendeu contra Israel.** A idolatria era considerada um rompimento da aliança, envolvendo ritos imorais incompatíveis com a santidade que Deus exigia do Seu povo. **Não mais puderam resistir a eles** (aos inimigos). O Deus de Israel não era incapaz de proteger o Seu povo dos seus saqueadores. No exercício do Seu governo, contudo. Ele escolheu usar os inimigos de Israel como meio de castigar o povo rebelde.

**16. Suscitou o Senhor juízes.** O castigo para a idolatria fora planejado para levar Israel de volta a Deus. O Senhor respondeu às orações penitentes do Seu povo na hora de sua angústia, e levantou juízes, isto é, salvadores ou libertadores.

**17. Contudo não obedeceram aos seus juízes, antes se prostituíram após outros deuses.** O ministério dos Juízes não tinha efeito duradouro sobre Israel. O Livro de Juízes registro um ciclo invariável no qual Israel repetidamente retornou à idolatria. O culto à fertilidade fornecia a linguagem usada para descrever a apostasia. Infidelidade a Deus é chamada de adultério.

**18. Quando o Senhor lhes suscitava juízes, era com o juiz.** O Senhor capacitava os Juízes a liderar o povo de Israel vitoriosamente contra seus inimigos. Tanto as vitórias como as derrotas registradas no livro das Juízes são interpretadas como atos de Deus.

**19. Falecendo o juiz, reincidiam e se tornavam piores.** Um juiz forte podia influenciar o povo a buscar a Deus durante a sua vida. Os Juízes não formavam, contudo, uma dinastia. Com a morte de um juiz, o povo entregava-se novamente à idolatria.

**21. Também eu não expulsarei mais de diante dele a nenhuma das nações, que Josué deixou, quando morreu.** O *status quo* seria mantido. Israel não seria forçado a sair de Canaã, mas os cananitas que não foram destruídos por Josué também não seriam desapossados.

**22. Para por elas provar a Israel.** De um ponto de vista, o fracasso de Israel de expulsar os cananitas era um meio usado por Deus para castigar o Seu povo por causa da idolatria. Era também um meio de provar a fidelidade de Israel para com Ele.

**23. Assim o Senhor deixou ficar aquelas nações, e não as expulsou logo.** As conquistas de Josué foram realizadas em um período de tempo relativamente curto. As conquistas futuras que levaram à monarquia de Davi e Salomão foram realizadas em um tempo mais longo.

### Juízes 3

**3:1.** São estas as nações, que o Senhor deixou. Aquelas que não foram derrotadas por Josué não seriam desalojadas pelas gerações dos juízes.

**2. Para lhes ensinar a guerra.** A presença do inimigo entre as tribos de Israel ajudou a treinar os israelitas na arte da guerra.

**3. Cinco príncipes dos filisteus.** Parece que os filisteus migraram de Creta e ilhas vizinhas para a Palestina. A liderança era investida aos **príncipes** de Asdode, Asquelom, Ecrom, Gade e Gaza. As fortalezas cananitas localizavam-se no Vale de Esdrelom. Os **sidônios**. Habitantes da cidade-estado fenícia de Sidom. O termo pode se referir aos fenícios como um povo. Subseqüentemente a cidade de Tiro tomou o lugar de liderança.

**Heveus, que habitavam as montanhas do Líbano.** Os heveus eram provavelmente um ramo de horreus, ou hurrianos, que estabeleceram o reino de Mitani na Mesopotâmia superior em cerca de 1500 A.C. Os horreus espalharam-se rapidamente em Canaã durante os séculos quinze e quatorze. Um dos nomes que os egípcios davam à Canaã era Hurulândia. **Desde o monte de Baal-Hermom, até à entrada de Hamate.** Baal-Hermom pode ser identificado com Baal-Gade ao pé do monte Hermom (Js. 11:17; 12:7). Era o limite setentrional das conquistas de Josué e pensa-se que estivesse localizado a oeste do Monte Hermom. Hamate era uma cidade sobre o Rio Orontes, cerca de 241,35kms ao norte de Dã. A palavra traduzida à entrada de (*lebo*) talvez esconda o nome de uma cidade, **Lebo de Hamate**, que pode ser identificada com a moderna Lebweh no Vale de Beqa'a, que separa as montanhas do Líbano do maciço do Anti-Líbano. Era território heveu durante o período dos Juízes.

**6. Tomaram de suas filhas para si por mulheres.** Não só os israelitas partilharam a terra com as tribos que não foram desapossadas por Josué, como também realizaram casamentos com seus membros e adotaram seus costumes e crenças religiosas.

## **B. Os Opressores e os Libertadores de Israel. 3 : 7 – 16: 31.**

Depois de uma introdução geral que descreve a vida durante o período dos Juizes, temos uma série de episódios específicos. Em cada exemplo lemos sobre a idolatria de Israel, com seu castigo subsequente.

## **II. A Opressão de Cusã-Risataim e a Libertação Efetuada por Otniel. 3:8-11.**

**8. Ele os entregou nas mãos de Cusã-Risataim.** O primeiro opressor tinha um nome que significa *duplamente perverso Cusã*. Este poderia ser um epíteto dado ao homem por seus inimigos. Também é possível que a palavra **risataim** seja uma forma hebraicizada de uma palavra estrangeira, talvez o nome de um lugar. Cusã veio da

Mesopotâmia, ou, como a Sociedade de Publicações Hebraicas transliterou, *Aram-Naharaim*. Durante o período dos Juízes, os hititas alastraram-se por Mitani, o estado que serviu de pára-choque na Mesopotâmia setentrional entre os impérios heteu e assírio. Durante esse período Canaã esteve nominalmente sujeita ao Egito. Cusã poderia ser um obscuro príncipe heteu que desejava desafiar o poder egípcio em Canaã. Um outro ponto de vista sugere que Cusã era de Edom e não de Aram. As duas palavras são muito parecidas no hebraico, e a proximidade de Edom à tribo de Judá é um ponto a favor desta interpretação. De acordo com aqueles que traduzem Edom em vez de Aram, a designação Naharaim é uma interpolação posterior. Extensivas campanhas militares foram levadas a efeito através de todo o Crescente Fértil no período de Sargão de Acade (cerca de 2400 A.C.), de modo que uma origem mesopotâmica para Cusã não pode ser ignorada com base nos antecedentes. Ele não é mencionado em nenhum outro lugar da Bíblia, nem em fontes extrabíblicas.

**9. E o Senhor lhes suscitou . . . a Otniel, filho de Quenaz.** Otniel já foi apresentado anteriormente (1:13-15). Aqui ele é chamado de salvador, que é sinônimo de "juiz". Ele salvou o seu povo da opressão de Cusã.

**11. Então a terra ficou em paz durante quarenta anos.** Desde a vitória sobre Cusã até a morte de Otniel, Israel ficou livre de domínio estrangeiro. O termo quarenta anos é um número redondo. Muitos mestres sugerem que represente uma geração.

2) A Opressão de Eglom e a Libertação Efetuada por Eúde. 3:2-30.

**12. Mas o Senhor deu poder a Eglom, rei dos moabitas, contra Israel.** Depois da morte de Otniel, a idolatria novamente começou a se alastrar entre as tribos israelitas. O líder da segunda opressão veio a Moabe, a terra a leste do Mar Morto e ao sul do Rio Arnom.

**13. E ajuntou consigo os filhos de Amom, e os amalequitas.** Os amonitas estavam radicados a leste e norte de Moabe, desde o Amom até o Jaboque. Siom, rei dos amorreus, fora derrotado por Israel nesta região

antes da conquista de Canaã. Os amalequitas nômades eram ferozes inimigos de Israel desde a batalha de Refidim, a caminho do Sinai, até sua final destruição no tempo de Ezequias (I Cr. 4:43). **Apoderaram-se da cidade das palmeiras.** Eglom e seus confederados invadiram Canaã pela mesma rota que Josué usara antes. Atravessaram o Jordão e tomaram **a cidade das palmeiras, ou Jericó.** A cidade destruída por Josué ocupava uma posição estratégica, e evidentemente uma outra cidade fora construída na mesma região pouco tempo depois de sua destruição. O texto implica em uma batalha pois a "cidade das palmeiras" antes disso fora ocupada por Eglom e seus aliados.

**15. O Senhor lhes suscitou libertador, Eúde, homem canhoto filho de Gera.** Parece que os benjaminitas tinham uma tendência para serem canhotos (Jz. 20:16), e em pelo menos um exemplo eles são descritos como ambidestros (I Cr. 12: 2). Por intermédio dele, **enviaram os filhos de Israel tributo a Eglom.** O tributo era sem dúvida exigido pelos opressores moabitas.

**16. Eúde fez para si um punhal de dois gumes, de comprimento de um côvado.** Eúde arranjou uma espada com a qual pretendia matar o rei moabita.

**18. Tendo entregue o tributo, despediu a gente que o trouxera.** Eúde despediu o grande séquito de homens que o acompanharam. Considerando que o tributo era pago em prata, ouro, gado e outros materiais volumosos, exigia um grande número de homens para ser carregado. Despedindo os homens, Eúde aquietou qualquer suspeita de más intenções.

**19. Porém voltou do ponto em que estavam as imagens de escultura ao pé de Gilgal.** Depois de despedir seus acompanhantes, Eúde retornou á casa do rei. **Tenho uma palavra secreta a dizer-te, ó rei.** Enviou a Eglom uma mensagem pedindo uma audiência particular. Estava implícito que a mensagem era tão importante que não podia ser confiada a um cortesão qualquer.



**20. Numa sala de verão.** Eglom se encontrava em sua *'aliya* quando Eúde chegou. A *'aliya* era um andar adicional levantado em cima do telhado achatado da casa, num de seus cantos. Costumava ter apenas um aposento, cujas janelas com treliça forneciam ventilação. A *'aliya* era o aposento mais fresco de toda a casa. **Tenho a dizer-te uma palavra de Deus.** As palavras de Eúde implicavam em que era mensageiro do Deus de Israel para o rei moabita. Alguns comentadores parafraseiam esta mensagem assim: "Tenho um negócio divino a resolver contigo, uma ordem divina de executá-lo". **E Eglom se levantou da cadeira.** O rei moabita presumivelmente levantou-se em sinal de reverência diante do oráculo divino. Isto devia ter sido planejado por Eúde para que ele pudesse aproximar-se de Eglom o suficiente para desferir o golpe.

**21. Então Eúde, estendendo a mão esquerda puxou o seu punhal do lado direito e lho cravou no ventre.** O plano de Eúde teve sucesso. Sem despertar suspeitas, aproximou-se do rei, então subitamente arrancou sua arma e assassinou o opressor de Israel.

**22. De tal maneira que entrou também o cabo com a lâmina.** O golpe foi rápido e forte. Eúde deixou a arma dentro do ferimento. **E a imundície saiu.** Tal ferimento no abdome forçou a saída dos excrementos. Esta é a interpretação mais natural, e é fisiologicamente correta.

**23. Eúde. . . passou para o vestíbulo.** O *misderon*, traduzido para vestíbulo, através do qual Eúde escapou, não pode ser positivamente identificado. A palavra só aparece esta única vez nas Escrituras.

**24. Sem dúvida está ele aliviando o ventre na privada da sala de verão.** Os servos de Eglom, evidentemente viram Eúde saindo. Como não perceberam nada de anormal, não tinham razões de suspeitar de algo. Não queriam intrometer-se no isolamento de Eglom, presumindo que estivesse tratando de suas necessidades fisiológicas. "Cobrir os pés" é um eufemismo pala "aliviar-se".

**25. Aborreceram-se de esperar.** Esperaram até que se convenceram que estavam enganados. Tomaram da chave e a abriram. O tipo de

fechadura usado nos tempos bíblicos era comum na Palestina até há pouco tempo. O trinco era fechado manualmente. Um certo número de pinos eram colocados nos buracos correspondentes do trinco que o trancavam. A chave para abri-la era geralmente um pedaço de madeira chata com pinos numa das pontas correspondendo ao número e posição dos pinos da fechadura. O comprimento correspondia à profundidade do trinco. O trinco era recortado de modo que a chave pudesse escorregar ao longo do seu comprimento e sob o mesmo até que os pinos fossem levantados, permitindo que o trinco fosse empurrado para trás.

**26. Eúde escapou . . . foi para Seirá.** Quando os servos de Eglom descobriam seu corpo inerte, Eúde já tinha alcançado a fronteira das montanhas de Efraim. A localização exata de Seirá não se conhece.

**27. Tocou a trombeta nas montanhas de Efraim.** A trombeta convocava os homens à guerra (cons. I Sm. 13:3, 4). As montanhas de Efraim compreendiam a cadeia central de montanhas da Palestina desde a Planície de Esdrelom ao sul até as circunvizinhanças de Jerusalém.

**28. E desceram após ele, e tomaram os vaus do Jordão contra os moabitas.** Os israelitas atenderam ao chamado de Eúde. Tomaram os vaus do Jordão que seriam usados pelos moabitas para fugir (cons. Js. 2:7; II Sm. 19:15).

**29. Naquele tempo feriram dos moabitas uns dez mil homens.** Embora seja apropriadamente considerado um número redondo, os dez mil homens deviam constituir uma séria perda para Moabe. O poder moabita sobre Israel foi realmente quebrado.

**30. E a terra ficou em paz oitenta anos.** Cons. 3:11. Nada se diz do juizado de Eúde depois de sua vitória sobre os moabitas. Lemos, entretanto, sobre oitenta anos (duas gerações) durante os quais a terra ficou livre de invasores.

3) Israel Libertada dos Filisteus por Intermédio de Sangar. 3:31.

**Depois dele foi Sangar, filho de Anate.** Sangar é um nome estrangeiro (hurriano). Anate era o nome da deusa cananita do sexo e da guerra, irmã de Baal. Portanto, **filho de Anate**, pode ser interpretado

com o significado de "o guerreiro". Sangar é mencionado em 5:6, vivendo nos dias quando os inimigos de Israel obtiveram controle indiscutível sobre a terra. Provavelmente foi um contemporâneo de Débora e Baraque. **Que feriu a seiscentos homens dos filisteus com uma agulhada de bois.** Esta é a primeira das duas opressões dos filisteus durante o período dos juízes. A segunda (13:1 – 16:31) foi descrita na narrativa sobre Sansão. Sangar é conhecido apenas por este episódio. Usando uma agulhada de bois, ele matou seiscentos filisteus. A agulhada devia ter cerca de 2,44ms de comprimento. Em uma das pontas havia um ferrão e na outra uma lâmina com a forma de uma talhadeira, que se usava na limpeza do arado. Quando necessário, a agulhada servia de substituto da espada. **E também ele libertou a Israel.** As costumeiras referências ao tempo não foram dadas no caso de Sangar. Ele provavelmente devia ser considerado um indivíduo heróico que derrotou os inimigos de Israel e não como um chefe de Israel durante o período dos juízes.

4) O Fim da Opressão de Jabim e Sísera por Intermédio de Débora e Balaque. 4:1- 5:31.

## Juízes 4

**4:1. Os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau perante o Senhor, depois de falecer Eúde.** Durante a vida de Eúde, Israel permaneceu fiel ao Senhor. Depois, contudo, uma nova explosão de idolatria introduziu outro período de opressão.

**2. Entregou-os o Senhor nas mãos de Jabim, rei de Canaã, que reinava em Hazor.** As opressões anteriores vieram de fora da terra de Canaã. Jabim, contudo, um líder cananeu, comandou uma insurreição contra os israelitas, os quais, sob a liderança de Josué, os tinham desapossado. Hazor era o forte mais importante em Canaã setentrional. **Sísera era o comandante do seu exército, o qual então habitava em Harosete-Hagoim.** A casa de Sísera, *Haroset haggoyim*, é a moderna

Tell 'Amar, localizada no local onde o Rio Quisom passa por uma estreita garganta antes de entrar na Planície do Acre. Fica a cerca de 16kms a noroeste de Megido.

**3. Débora, profetiza, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo.** Débora foi descrita como profetiza e juíza. Em um momento de desespero ela despertou o seu povo para a luta.

**5. Ela atendia debaixo da palmeira de Débora.** Em lugar de atendia devemos entender *assentava-se*. Parte da responsabilidade de Débora como juíza era assentar-se como árbitro na resolução de disputas. A árvore particularmente associada com seu juizado ficava **entre Ramá e Betel**. Ramá ficava em Benjamim, ao norte de Jerusalém. Esta é a região onde mais tarde Samuel julgou Israel (I Sm. 7:16).

**6. Mandou ela chamar a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali.** Quedes de Naftali era uma cidade de Refúgio (Js. 20:7; cons. 12:22). Esta parte de Israel ficava mais próxima dos opressores cananeus. Vai, e leva gente ao monte Tabor. Baraque recebeu ordem de convocar os exércitos de Israel no monte Tabor, na região nordeste da Planície de Esdrelom.

**7. E fará ir a ti para o ribeiro Quisom a Sísera ... e o darei nas tuas mãos.** Débora falou como profetiza. Deus prometeu destruir os exércitos de Sísera por meio dela.

**8. Se fores comigo, irei.** Balaque queria a certeza de que a profetiza o acompanharia, garantindo-lhe assim sucesso na batalha.

**9. Certamente irei contigo ... às mãos de uma mulher o Senhor entregará Sísera.** Débora prometeu acompanhar Baraque, mas ela declarou que **uma mulher** seria a heroína. Isto antecipa a parte desempenhada na derrota dos cananeus por Jael, a esposa de Héber.

**10. Então Baraque convocou a Zebulom e a Naftali em Quedes.** As duas tribos do norte tinham a responsabilidade de enfrentar a ameaça de Sísera.

**11. Ora, Héber, queneu. . . dos filhos de Hobabe, sogro de Moisés.** O historiador sagrado fornece alguns antecedentes relativamente aos

queneus. Parece que eram ferreiros nômades com os quais Moisés se encontrou a primeira vez durante sua peregrinação ao deserto, antes de vir a ser o líder do Êxodo. Héber tinha se separado de sua tribo e tinha se estabelecido perto de Quedes.

**12. Anunciaram a Sísera que Baraque, filho de Abinoão, tinha subido ao monte Tabor.** Sísera, estando informado dos movimentos de Baraque, reuniu seu exército, incluindo novecentos carros de ferro, e marchou de Harosete para Quisom.

**14. Baraque, pois, desceu do monte Tabor, e dez mil homens após ele.** Sob a afirmação de Débora de que Deus iria conceder uma grande vitória a Israel, Baraque e seus dez mil homens saíram impetuosamente contra o exército cananeu no vale.

**15. E o Senhor derrotou a Sísera.** Os cananitas foram tomados de pânico. A súbita e violenta investida do exército israelita, mais a tempestade que fez o Quisom transbordar (5:21), forçou os cananeus a fugirem de seus carros, os quais eles deixaram atolados no vale.

**17. Sísera fugiu a pé para a tenda de Jael, mulher de Héber, queneu.** Com a destruição de seu exército, a primeira preocupação de Sísera foi salvar a própria vida. Porquanto havia paz entre Jabim, rei de Hazor, e a casa de Héber, queneu. Sísera tinha motivos para pensar que estaria seguro se alcançasse a casa de Héber. Evidentemente os cananeus não tinham oprimido os nômades queneus que viviam entre eles, e os queneus não tinham participado da insurreição dos israelitas contra eles.

**18. Saindo Jael ao encontro de Sísera disse-lhe: Entra, senhor meu.** Jael ofereceu a hospitalidade de sua tenda ao amedrontado Sísera. Se ela convidou que entrasse em sua tenda a fim de matá-lo ou não é uma questão de inferência. Pôs sobre ele uma coberta. O significado exato da palavra traduzida para coberta não é certo. Também pode ser traduzido pala *cortina de tenda*.

**19. Ela abriu um odre de leite, e deu-lhe de beber, e o cobriu.** Sísera pediu água, mas Jael abriu um odre de pele de carneiro ou cabrito no qual se guardava leite e deu-lhe.

**20. Põe-te à porta da tenda.** Sísera tinha motivos para suspeitar que os israelitas iriam persegui-lo. Pediu a Jael que lhes dissesse que não se encontrava em sua tenda. Sua atitude hospitaleira levou-o a pensar que podia confiar nela.

**21. Então Jael, mulher de Héber, tomou uma estaca da tenda ... e lhe cravou a estaca na fonte ... e assim morreu.** Entre os beduínos é da responsabilidade das mulheres a armação das tendas, e isto podia também acontecer entre os antigos. A estaca e o martelo que Jael usou eram provavelmente feitos de madeira. Sísera, exausto de sua fuga difícil, dormia profundamente, e Jael achou que era sua oportunidade de matar o inimigo de Israel. Alguns comentadores sugerem que Jael não simpatizava com a neutralidade do seu marido (4:17), e que sua atitude com Sísera foi motivada por sua lealdade a Israel. Se o assassinato de Sísera foi ou não premeditado por ela, é irrelevante ao que diz respeito à narrativa de Juízes. Do ponto de vista israelita, ela foi uma heroína porque provocara a morte de Sísera.

**22. E eis que, perseguindo Baraque a Sísera, Jael lhe saiu ao encontro.** Jael deu a Baraque a boa notícia de que o capitão dos cananeus estava morto.

**23. Assim Deus naquele dia humilhou a Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel.** As Escrituras não separam Deus do processo histórico. O ato de Jael foi registrado, mas a vitória foi atribuída a Deus. A atitude de toda a Bíblia para com a história é consistente. Deus permite que os pagãos castiguem o Seu povo, e Deus levanta libertadores para salvá-los. Causa e efeito são significativos no plano histórico, mas Deus é colocado como o Poder por trás de tudo o que acontece, bom ou mau. Não há necessidade de justificarmos o ato de Jael. Até os atos de perversidade nas Escrituras são representados como promovedores dos finais propósitos de Deus (cons. Atos 2:23, 24; Sl. 76:10).

## Juízes 5

**5:1. Cantaram Débora, e Baraque.** A narrativa da derrota de Sísera foi apresentada em duas revisões, uma em prosa (Jz. 4) e outra em versos (Jz. 5). A maior parte das autoridades em crítica atribuem grande antiguidade ao Cântico de Débora, datando-o perto dos acontecimentos que descreve.

**2. Desde que os chefes se puseram à frente de Israel, e o povo se ofereceu voluntariamente, bendizei ao Senhor.** A ode começa com uma exortação a louvar o Senhor. As outras palavras têm sido interpretadas de diversas maneiras. Uma das traduções preserva o paralelismo do original: *Pela orientação dos líderes de Israel, pela voluntariedade do povo*. Completamente diferente é esta outra: *Porque eles deixaram os longos cabelos soltos em Israel*. Esta última dá a idéia de que Israel se tornou praticamente uma nação de nazireus, ou que eles desfrutaram da liberdade e poder com o qual o longo cabelo dos nazireus estava associado.

**3. Ouvi, reis, dai ouvidos, príncipes.** Os governantes das nações são convidados insistentemente a que considerem os grandiosos atos do Deus de Israel.

**4. Saindo tu, ó Senhor, de Seir, marchando desde o campo de Edom.** Contrastando com os deuses da fertilidade de Canaã, o Deus de Israel estava associado com as regiões áridas do sul, particularmente Sinai e Horebe. Tal como entrara em aliança com o Seu povo no Sinai, e tal como cuidara dele na peregrinação pelo deserto, agora Ele está sendo descrito saindo de Seir e Edom para libertar o Seu povo dos seus opressores.

**5. Os montes vacilaram diante do Senhor.** Uma possível tradução é a seguinte: *As montanhas tremeram diante do Senhor*. Moore prefere *As montanhas desmancharam-se*, que se compara à uma outra tradução. O quadro é de Deus partindo de Sua habitação para ajudar o Seu povo no conflito com Sísera. Toda a natureza se convulsionou quando Deus agiu no Seu poder. A imagem é poética e tem a intenção de fixar na mente do

leitor a impressionabilidade da atividade divina. **Lá no Sinai.** Sem dúvida os israelitas associavam o Sinai com a teofania que apareceu a Moisés e a doação da Lei. Ali Israel entrou em aliança com Deus. Aqui Deus é descrito vindo do sul, lá do Sinai, para libertar o Seu povo.

**6. Os viajantes tomavam desvios tortuosos.** Os cananeus obtiveram o controle das estradas principais de toda a terra, de modo que os israelitas que tinham de viajar usavam os desvios tortuosos, os desvios indiretos não freqüentados pelo inimigo.

**7. Ficaram desertas as aldeias.** Os camponeses abandonaram as aldeias buscando a proteção das cidades muradas. Outros (Jew. Pub. Soc. versão, por exemplo) sugerem esta tradução: *Os líderes de Israel desapareceram. Até que eu, Débora, me levantei.* O verbo no feminino com uma terminação arcaica, tanto pode se referir à primeira como à segunda pessoa. Traduções mais recentes são: *Até que tu te levantaste, Débora* (JPS; igualmente a RSV). Por mãe em Israel. A frase ocorre em II Sm. 20:19 onde indica uma cidade.

**8. Escolheram-se deuses novos.** Estas palavras têm deixado perplexos os estudantes da Bíblia. Seu significado mais óbvio é que Israel, destituído da ajuda de Deus, voltou-se para a idolatria. Alguns comentadores fazem de Deus o sujeito, traduzindo *Deus* (Elohim) *escolheu algo novo* (a Pechita e a Vulgata). Outros traduzem *Elohim* para *juízes*, embora tal uso seja estranho ao Livro de Juizes. Parece melhor traduzir as palavras segundo a E.R.A., vendo nelas uma descrição da apostasia do povo de Israel na sua desesperada tentativa de obter ajuda dos ídolos. Então a guerra estava às portas. Incursões do inimigo alcançaram até as portas das cidades dos israelitas. Não se via escudo nem lança entre quarenta mil em Israel. Ou os israelitas não possuíam armas, ou eles temiam mostrar suas armas ao inimigo.

**9. Meu coração se inclina para os comandantes de Israel, que voluntariamente se ofereceram entre o povo.** O poeta expressa gratidão pelos líderes de Israel que se comprovaram fiéis no momento da crise.



**10. Vós os que cavalgou jumentas brancas.** Todas as classes sociais tiveram motivos para agradecer. Os ricos mercadores e os nobres cavalgavam em jumentas brancas. E que andais pelo caminho. As classes mais pobres que andavam a pé quando tratavam dos seus negócios.

**11. Falai dos atos de justiça do Senhor.** Algumas expressões deste versículo são obscuras para o leitor moderno. Albright sugere que ao sinal de címbalos entre o bater dos tambores, o povo devia repetir as palavras de louvor. Na A.V., palavras interpretativas foram acrescentadas em itálico: *Eles que foram libertados*, isto é, *do ruído dos arqueiros*, dando a entender que a referência é aos arqueiros inimigos. Keil e Delitzsch traduzem: *Com a voz dos arqueiros entre os puxadores de água, ali louvar os atos de justiça do Senhor*. Isto dá a entender uma cena de vitória na qual os guerreiros, tendo retornado do campo da batalha, misturam-se com as mulheres junto às tinas de água, contando-lhes as vitórias realizadas por Deus.

**12. Desperta, Débora, desperta.** Estas palavras formam uma introdução à segunda parte do cântico, que descreve o conflito e a vitória.

**13. Então desceu o restante dos nobres.** O povo do Senhor, considerado como um remanescente, governaria sobre os poderosos. A RSV traduz assim: *Então desceu marchando o remanescente dos nobres*.

**14. De Efraim, cujas raízes estão na antiga região de Amaleque, descera guerreiros.** A RV traduz assim: *De Efraim descera aqueles cujas raízes estão em Amaleque*, isto é, os amalequitas nômades tinham invadido a região central de Canaã. De Maquir descera comandantes. Maquir era um ramo da tribo de Manassés. A parte de Manassés que se estabeleceu a oeste do Jordão tomou parte no conflito.

**16. Por que ficaste entre os currais. . .?** Alguns não tomaram parte na batalha contra os cananeus. Foram alvo de uma série de zombarias,

**17. Gileade ficou além do Jordão.** Não veio ajuda das duas tribos e meia estabelecidas a leste do Jordão. Do mesmo modo, Dã, Aser, Zebulom e Naftali foram censurados por sua indolência.

**19. Vieram reis e pelejaram.** Depois da narrativa das atitudes tomadas pelas tribos, o poeta descreve a batalha propriamente dita. Sísera organizou uma confederação de reis contra Israel. **Em Taanaque, junto às águas de Megido.** Taanaque, localizada 8kms a sudeste de Megido, domina uma das passagens para a Planície de Esdrelom. **As águas de Megido** são o Quisom e seus tributários. **Porém não levaram nenhum despojo de prata.** Isto pode ser interpretado como zombaria, caso em que estaria se declarando que a campanha foi infrutífera. Pode também se referir aos reis que, em sua ansiedade de lutar contra Israel, não aceitaram pagamento mercenário.

**20. Desde os céus pelejaram as estrelas contra Sísera.** O Deus de Israel interveio em benefício do Seu povo. As próprias forças da natureza foram dispostas contra os cananeus.

**21. O ribeiro Quisom os arrastou.** Nesta região o Quisom não é normalmente uma corrente perigosa. No momento crítico da batalha ele transbordou e se transformou em uma torrente que tornou inúteis os carros dos cananeus.

**22. Então as unhas dos cavalos sacavam.** A JPS traduz assim: *Então os cascos dos cavalos batiam pesadamente*; isto é, faziam esforços para correr.

**23. Amaldiçoai a Meroz.** A cidade de Meroz não se juntou aos israelitas em seu ataque contra os cananeus. Sua localização é desconhecida. Alguns pensam que estava localizada ao longo da rota da fuga de Sísera, e que seus habitantes fracassaram em capturá-lo. A maldição de Meroz pode fazer contraste com a bênção de Jael.

**24. Bendita seja sobre as mulheres, Jael, mulher de Héber, o queneu.** Em contraste com a covardia dos homens de Meroz, a dedicação de Jael se destaca nitidamente. Bendita seja sobre as mulheres é um superlativo hebraico que significa "a mais bem-aventurada entre as mulheres".

**25. Água pediu ele, leite lhe deu ela.** Os pronomes claramente identificam os personagens da história, Sísera e Jael. Em taça de

príncipes lhe ofereceu nata. A palavra *hem'a*, traduzido para **nata**, era leite coalhado artificialmente. Sacudia-se o leite no odre, fermentando-o com o leite azedo que aderira ao couro, devido a uso anterior da vasilha. Essa bebida continua sendo preparada pelos beduínos árabes (cons. C.M. Doughty, *Arabia Deserta*, 1, 325). **A taça de príncipes** talvez fosse um recipiente grande, ou de uso adequado para uma pessoa importante.

**26. À estaca estendeu a mão.** A narrativa em prosa contida em 4:11 ajuda a explicar a ação. Jael pegou a estaca em sua mão esquerda e o martelo na mão direita, e assim feriu o adormecido Sísera. O ato foi de bravura, pois ela arriscou sua própria vida matando o inimigo de Israel. Se Sísera tivesse acordado, Jael estaria em suas mãos.

**27. Aos pés dela ... caiu morto.** O cair não implica que Sísera estivesse em posição vertical quando foi ferido. O poeta está descrevendo o resultado do golpe de Jael. O fato do inimigo de Israel ter sido morto foi motivo de regozijo e o poeta chega até a se alegrar com a tragédia. O fato do poderoso Sísera ter sido morto por uma mulher foi motivo de regozijo especial.

**28. A mãe de Sísera olhava pela janela.** A cena – muitíssimo humana – prossegue agora na casa de Sísera. A mãe de Sísera preocupada com o seu filho fica imaginando por que ele se demora tanto em regressar da batalha.

**29. As mais sábias das suas damas respondem.** As mulheres de posição que estavam com ela tentavam encorajá-la. Elas eram "sábias" mas neste caso não conheciam a verdade.

**30. Porventura não achariam e repartiriam despojos?** Leva algum tempo a divisão dos despojos de guerra. O exército vitorioso devia fazer a devida distribuição. Matavam os homens, dividiam as mulheres entre os guerreiros (uma ou duas moças a cada homem), e distribuíam os despojos sob as ordens do vencedor. Era prática normal nas guerras da antiguidade. A grande ironia do exemplo em exame é que Sísera não estava participando de tais frutos da vitória, mas era um cadáver aos pés de uma mulher, a sua assassina.

**31. Assim, ó Senhor, pereçam todos os teus inimigos.** O poeta subitamente interrompe sua descrição pitoresca do destino de Sísera com uma oração a Deus. Que todos os inimigos de Deus pereçam como Sísera pereceu. Inversamente, **porém os que te amam, brilham como o sol quando se levanta no seu esplendor.** O sol, aniquilando as trevas da noite com o seu invencível poder, é aqui um símbolo do poder daqueles que são abençoados por Deus. E a terra ficou em paz quarenta anos. A destruição de Sísera trouxe alívio aos atormentados israelitas. Durante uma geração Israel ficou livre de interferência externa.

### **5) A Opressão Midianita Interrompida por Gideão. 6: 1 - 8:35.**

#### **Juízes 6**

**6:1. O Senhor os entregou nas mãos dos midianitas.** O ciclo do pecado, castigo e livramento repetiu-se outra vez. Os midianitas eram nômades que habitavam na região leste e sudeste do Mar Morto. Sua genealogia vai até Abraão, através de sua concubina Quetura (Gn. 25:1, 2).

**2. Prevalecendo o domínio dos midianitas sobre Israel, fizeram estes para si, por causa dos midianitas, as covas que estão nos montes, e as cavemos e as fortificações.** As incursões midianitas eram tão constantes que os israelitas tiveram que recorrer às cavernas e esconderijos das montanhas para se refugiarem.

**3. Cada vez que Israel semeava, os midianitas e os amalequitas, como também os povos do Oriente.** Associados aos midianitas estavam os amalequitas (cons. 3:13) e os povos do Oriente, um termo generalizado para os nômades do deserto da Síria.

**4. E contra ele se acampavam.** Em feitiço tipicamente nômade eles acampavam temporariamente na terra, usando-a como pastagem para seus rebanhos e assenhoreando-se dos seus produtos. Israel estava indefesa para interferir com os movimentos dos beduínos.

**5. Não se podiam contar, nem a eles nem aos seus camelos.** O uso dos camelos domesticados tomava possível, pela primeira vez,

incursões a longas distâncias. A Bíblia refere-se a camelos antes da Era Patriarcal (Gn. 24:10 e segs.), mas esta é a primeira referência a uma incursão organizada na qual foram usados os camelos.

**8. (O Senhor) enviou um profeta.** A opressão midianita levou o povo a clamar a Deus por livramento. Um profeta apareceu no meio deles que fê-los lembrar do misericordioso livramento de Deus quando Seu povo estava no Egito, e sua subsequente desobediência.

**11. Então veio o Anjo do Senhor.** A mensagem a Israel veio por meio de um profeta, mas o chamado a Gideão veio por intermédio do Anjo do Senhor. Como em 2:1-5, deve ser mentor entendido por uma teofania – uma aparição do próprio Deus a Gideão. **E Gideão. . . estava malhando trigo do lagar, para o pôr a salvo dos midianitas.** Gideão, tal como seus companheiros israelitas, tinha de trabalhar secretamente para que os midianitas não se apoderassem dos cereais. Dentro dos limites de um lagar só uma pequena quantidade de trigo podia ser malhada de vez. Era uma atitude de desespero.

**12. O Senhor é contigo, homem valente.** A mensagem do anjo do Senhor parecia zombaria, pois Gideão sentia-se sem forças para ir ao encontro das necessidades do seu povo.

**13. Senhor meu, se o Senhor é conosco, por que nos sobreveio tudo isto?** O poder dos inimigos de Israel parecia provar que Deus não estava com o Seu povo. Gideão perguntou a respeito dos milagres do passado, e admirou-se por não vê-los em sua geração.

**14. Vai nessa tua força, e livra a Israel da mão dos midianitas.** Embora Israel fosse fraco diante dos seus inimigos, Deus prometeu a Gideão que libertaria o Seu povo.

**15. Com que livrarei a Israel?** Os líderes de Israel exibiam igualmente um espírito de humildade diante de Deus (Êx. 3:11; Is. 6:5; Jr. 1:6). Gideão protestou que a sua situação na vida era um empecilho que fosse líder em Israel.

**17. Dá-me um sinal de que és tu, Senhor, que me falas.** Gideão queria uma realização sobrenatural diante dele para confirmar o fato de que era realmente uma mensagem de Deus.

**19. Entrou Gideão e preparou um cabrito.** Isto seria a oferta (*minha*) que ele queria oferecer ao seu visitante (6:18). A terminologia é ambígua propositadamente. Em um sentido Gideão preparou um alimento que normalmente colocaria diante de um hóspede que desejasse honrar. Tal alimento, contudo, poderia também servir de oferta a Deus. Um sinal de que Deus aceitava a oferta validaria a mensagem que constituía uma fonte de perplexidade para Gideão.

**20. Toma a carne e os bolos asmos, põe-nos sobre esta penha.** O anjo deu ordens a que o alimento fosse colocado sobre um altar improvisado.

**21. Então subiu fogo, da penha, e consumiu a carne e os bolos.** Era sinal de aceitação divina (Lv. 9:24; I Reis 18:38), o tipo de sinal pelo qual Gideão tinha esperado.

**22. Ai de mim, Senhor Deus.** Gideão assustou-se porque vira o (não um) anjo do Senhor. Jeová dissera a Moisés: "Homem nenhum verá a minha face, e viverá" (Êx. 33:20). Quando o Anjo do Senhor desapareceu, Gideão temeu que a teofania fosse um prenúncio de morte iminente.

**23. Porém o Senhor lhe disse: Paz seja contigo! Não temas! Não morrerás!** Deus assegurou a Gideão que não teria de morrer. A mensagem do Visitante angélico foi confirmada, e Gideão se comprovaria "um homem valente".

**24. Então Gideão edificou ali um altar.** Ele edificou um altar para comemorar a mensagem divina que recebeu. Shalom é a palavra hebraica que significa "paz". O altar ainda existia quando o Livro de Juízes foi escrito.

**25. Toma um boi que pertence a teu pai.** Considerando que a idolatria era o pecado prevalecente em Israel, Gideão recebeu ordens de provar sua lealdade ao Deus de Israel repudiando o culto a Baal. Gideão

devia tomar um boi para adorar o Senhor. Então devia destruir o altar de Baal e derrubar o *asherah* que estava ao seu lado. Este *asherah*, ou **bosque** (E.R.C.) ou **poste-ídolo** (E.R.A.), representava o elemento feminino no culto à fertilidade e consistia de um poste de madeira, ou o tronco de uma árvore, que era levantado ao lado do altar de Baal.

**26. Edifica ao Senhor teu Deus um altar no cume deste baluarte.** Gideão tinha de construir um altar ao Deus de Israel e usar a madeira do *asherah* para os preparativos do sacrifício.

**27. Então Gideão . . . fez como o Senhor lhe dissera.** Dez homens se associaram com Gideão neste ato, que foi realizado à noite por precaução contra possível oposição dos israelitas que simpatizavam com o culto a Baal.

**29. E uns aos outros diziam: Quem fez isto?** No dia seguinte os habitantes da aldeia ficaram enraivecidos com um ato que interpretaram como sacrilégio.

**31. Contendereis vós por Baal?** Quando os homens exigiram que Gideão fosse morto por este ato de profanação, Joás, seu pai, lançou-se em sua defesa. Ele disse: **Se é Deus, que por si mesmo contenda.** Em outras palavras, um deus que não pode defender-se não é digno da devoção do seu povo. Este é o significado da afirmação de Joás, que mais tarde ameaçou de morte a qualquer um que desposasse a causa de Baal.

**32. Passou a ser chamado Jerubaal.** Este é um outro nome para Gideão. Foi interpretado significando. "Baal contenda (*yareb Ba'al*). Serviu como uma espécie de lema para os adversários do Baalismo. Mais tarde o nome de Jerubaal foi substituído por Jerubesete (II Sm. 11:21), tal como Isbosete (II Sm. 2: 8) substituiu Esbaal (1 Cr. 8:33). O termo *ba'al* nos primórdios da vida hebraica era sinônimo de adonay. Ambos os termos significam "senhor" ou "mestre" e podiam ser usados em relação ao Deus de Israel. Depois do período de conflito como culto fenício a Baal, a palavra veio a ser sinônimo de idolatria. A palavra

*bosheth*, "vergonha", era considerada substituto apropriado para Baal, termo componente de nomes próprios.

**33. E todos os midianitas ... se acamparam no vale de Jezreel.** O vale se estende do Monte Carmelo até o vale do Jordão. Um braço passa entre o Monte Tabor e o outeiro de Moré, e outro entre o Moré e o Monte Gilboa. Jezreel tem sido um campo de batalha através da história porque penetra no coração da Palestina.

**34. Então o Espírito do Senhor revestiu a Gideão.** O espírito divino envolveu Gideão de tal modo que ele se transformou no instrumento usado pelo Espírito na realização dos propósitos divinos. **E os abiezritas se ajuntaram após dele.** A clã de Gideão, os abiezritas, foi a primeira a se agrupar ao seu lado. Manassés, Aser, Zebulom e Naftali vieram depois ajudar Gideão em sua campanha contra os midianitas.

**37. Eis que eu porei uma porção de lã na eira.** Novamente Gideão buscou um sinal para saber se podia ou não esperar a vitória na batalha. Colocou um pouco de lã no chão e disse que teria certeza da vitória se encontrasse a lã montada de orvalho e o chão á volta seco.

**38. De manhã encontrou a lã molhada de orvalho e apertando a lã, do orvalho dela espremeu uma taça cheia de água.** Para confirmar a sua certeza, ele propôs que no dia seguinte a lã ficasse seca, mas o chão à sua volta, molhado. O duplo sinal, com suas interpretações naturalisticamente impossíveis, era evidência para Gideão de que Deus concederia a vitória a ele e seu exército.

## Juízes 7

**7:1. Então Jerubaal, que é Gideão, se levantou de madrugada ... e se acamparam junto à fonte de Harode.** A fonte de Harode pode ser 'Ain Jalud, localizada ao pé do Monte Gilboa. Os israelitas sob as ordens de Gideão acamparam-se ali, e os midianitas se colocaram no outro lado do vale junto ao outeiro de Moré, a uma distância de quatro milhas.



**2. É demais o povo que está contigo.** Um grande exército daria lugar a uma certa medida de *auto-confiança*. Deus queria ensinar ao Seu povo a necessidade de confiar nEle.

**3. Quem for tímido e medroso, volte.** No primeiro estágio da redução do tamanho do exército, cada individuo teve permissão de partir se assim desejasse. Cerca de dois terços do exército desistiu, mas ainda havia gente demais para o propósito divino.

**4. Faze-os descer às águas, e ali tos provarei.** Outra divisão foi feita junto às águas, onde os homens usaram diferentes métodos para beberem. Aqueles que se ajoelharam para beber foram despedidos, enquanto que aqueles que lamberam a água com suas línguas, **como faz o cão** (v. 5 ), ficaram no exército de Gideão. Parece que estes últimos tomaram a água com as mãos (v. 6) e se levantaram para bebê-la. Homens que bebessem assim estariam preparados para um ataque de surpresa. Josefo interpreta esta passagem de modo diferente: Aqueles que lamberam eram os maiores covardes do exército, pois tinham medo de beber da maneira habitual na presença do inimigo. Deus, de acordo com este ponto de vista, mostrou Sua graça em usar os piores homens do exército para derrotar os midianitas! A passagem, contudo, não faz um julgamento moral dos dois grupos, mas apenas sugere os meios pelos quais o número foi reduzido para que a graça de Deus pudesse se manifestar.

**7. Com estes trezentos homens que lamberam as águas eu vos livrarei.** Deus planejou manifestar a Sua graça usando um pequeno exército para derrotar o inimigo de Israel.

**9. Levanta-te, e desce contra o arraial.** A ordem implica em ataque imediato. Durante o Êxodo, espias foram enviados de Cades-Barnea (Nm. 13) para espiarem a terra de Canaã. E Josué enviou espiões a Jericó antes de atacá-la (Js. 2). Gideão, contudo, devia atacar os midianitas imediatamente.

**10. Se ainda temes atacar, desce tu e teu moço Pura ao arraial.** **Pura** (também poderia ser Purá) era o pajem, ou escudeiro, de Gideão.

Apesar das promessas divinas, Gideão devia se sentir um tanto hesitante em liderar um exército contra o inimigo. Nunca liderara um exército antes, e seus homens eram destreinados e inexperientes.

**11. E ouvirás que dizem.** Os temores dos midianitas seriam uma fonte de encorajamento para Gideão. Depois, fortalecerás as tuas mãos. Deus usaria estas experiências para preparar Gideão na liderança da vitória de Israel.

**12. Os midianitas ... cobriam o vale como gafanhotos.** Este versículo é um exemplo do uso da hipérbole nas Escrituras. Comparados com os trezentos homens do exército de Gideão, os midianitas e seus aliados pareciam ser uma hoste incontável. Foram aqui comparados a um exército de gafanhotos que invadem uma região, devoram toda a vegetação e deixam a desolação por onde passam.

**13. Eis que certo homem estava contando um sonho ao seu companheiro.** Consideravam-se os sonhos como revelações do futuro. O midianita sonhara que um pão de cevada batera de encontro á tenda do comandante e a destruía. Cevada era o cereal mais barato na Palestina, e seu uso aqui, destaca a pobreza de Israel. O sonho foi interpretado como evidência de que Deus estava para usai Israel pala destruir os exércitos de Midiã. Gideão, tomando conhecimento do temor que havia nos corações dos midianitas, retornou confiante ao seu acampamento e preparou-se para o ataque.

**16. Então repartiu os trezentos homens em três companhias.** Gideão distribuiu seus homens de tal maneira que simulou um ataque de três lados ao mesmo tempo. Na verdade Gideão usou uma espécie de guerra psicológica. Ele usou chifres (Heb. *shoparot*, "chifres de carneiros"), cântaros vazios e tochas. Os cântaros eram pala esconder as tochas até o momento certo. Gideão queria dai a impressão de um ataque de surpresa. No meio da noite os midianitas seriam acordados pelo toque dos chifres e ao mesmo tempo veriam o súbito irromper da luz dentro das trevas. Gideão esperava assim, com a ajuda de Deus, deixar o acampamento inimigo em confusão.

**19. Ao princípio da vigília média.** A noite era dividida em três vigílias de quatro horas cada, a primeira começando às 18hs. **Tocaram as trombetas, e quebraram os cântaros.** O som dos chifres seria o sinal do início da batalha. O quebrar dos cântaros simularia o ruído das armas. Quando os midianitas acordassem, cada um deles pensaria que a batalha já tinha começado.

**20. Espada pelo Senhor e por Gideão!** O grito de guerra acrescentado ao barulho dos *shopharim* e do quebrar dos cântaros poria os midianitas em pânico. A E.R.C, traduz: **Espada do Senhor, e de Gideão.**

**22. O Senhor tornou a espada de um contra o outro.** Na confusão, os midianitas e seus aliados começaram a se atacar mutuamente. O exército de Gideão era comparativamente fraco, mas o próprio exército do inimigo pôs-se em debandada. Os israelitas aproveitaram-se da circunstância e perseguiram o inimigo. **Fugiu . . . até Bete-Sita** (casa de acácia). **Bete-Sita** estava localizada em algum lugar entre o Vale de Jezreel e Zererá no Vale do Jordão. Alguns mestres acham que Zererá e Zaretã são o mesmo lugar (Js. 3:16). **Até o termo de Abel-Meolá, acima de Tabate.** **Abel-Meolá** (campo de dança) foi identificada por Nelson Glueck como a Tell-el-Maqlub no Vale do Jordão. Outros preferem um local a oeste do Jordão, cerca de 19,31kms ao sul de Bete-Seã. Tem sido mais conhecida como o lugar de nascimento do profeta Eliseu.

**23. Então os homens de Israel. . . perseguiram os midianitas.** A vitória dos trezentos homens de Gideão foi um sinal para uma campanha geral contra os midianitas.

**24. Cortaram-lhes a passagem pelo Jordão, até Bete-Bara.** Era do propósito de Gideão cortar todas as saídas para destruir o inimigo. Bete-Bara pode ser localizada ao sul de Bete-Seã, de frente para o Wadi Fara'a.

**25. Mataram Orebe na penha de Orebe, e a Zeebe mataram no lagar de Zeebe.** Os nomes significam *corvo* e *lobo* respectivamente. Os

nomes foram dados aos lugares em face da comemoração da vitória sobre esses príncipes midianitas. E trouxeram as cabeças de Orebe e de Zeebe a Gideão. Como troféus de vitória, as cabeças dos príncipes midianitas foram levadas a Gideão.

## Juízes 8

**8:1. Então os homens de Efraim . . . contenderam com ele fortemente.** Os efraimitas zangaram-se com Gideão porque este não os convocou antes para a batalha contra os midianitas. Considerando que o vencedor dividia os despojos, suspeitaram que Gideão estivesse tentando privá-los dos despojos da guerra.

**2. Não são, porventura, os rabiscos de Efraim melhores do que a vindima de Abiezer?** A resposta de Gideão contrasta notavelmente com a de Jefté (12:1-6). Assegurou aos homens de Efraim que sua façanha fora maior. Efraim prendera os chefes midianitas enquanto a clã de Abiezer (clã de Gideão) só realizara funções preparatórias. A resposta branda de Gideão satisfaz os efraimitas.

**4. Vindo Gideão ao Jordão.** Gideão e seu bando de trezentos perseguiram os reis midianitas, Zeba e Salmuna, além do Jordão.

**5. Dai, peço-vos, alguns pães.** Gideão e seu exército passaram por Sucote, a leste do Jordão e norte do Jaboque. Uma vez que o exército estava cansado e com fome, Gideão pediu aos homens de Sucote que lhe desse alguns filões (lit. *círculos*) de pão. As autoridades da cidade preferiram não atender o pedido, sem se preocupar com o bem-estar de seus irmãos em Canaã. Zombaram de Gideão, perguntando-lhe se Zeba e Salmuna já estavam em suas mãos para que fizesse tal exigência. Gideão ameaçou punir os homens de Sucote logo após derrotar os reis midianitas, e então partiu.

**8. Dali subiu a Penuel.** Em Penuel, a leste de Sucote, Gideão fez o mesmo pedido e recebeu resposta semelhante. Os homens de Penuel orgulhavam-se de sua torre, a qual lhes servia de forte quando atacados.

Gideão ameaçou destruir a torre quando retornasse em paz – isto é, como vencedor sobre os midianitas.

**10. Estavam, pois, Zeba e Salmuna em Carcor.** O lugar não foi identificado. Seu nome significa *terreno palmo e macio*.

**11. Subiu Gideão pelo caminho dos nômades.** Os midianitas estavam escapando pela a região do deserto, que era habitada apenas pelos povos nômades. Não esperavam que Gideão os perseguisse até lá. **Ao oriente de Noba e Jogbeá.** Jogbeá pode ser identificada como Jubeiate, 24,14kms a sudeste de Penuel. Que se achava descuidado. Os midianitas achavam que estavam suficientemente distantes dos homens de Gideão para afrouxarem a guarda. Imaginavam-se em segurança e por isso foram surpreendidos por Gideão.

**12. Prendeu os dois reis dos midianitas . . . , e desbaratou todo o exército.** Quando os reis foram capturados, o exército midianita foi novamente tomado de terror.

**13. Voltando, pois, Gideão . . . pela subida de Heres.** Em algum lugar ao longo da rota, ele se encontrou com um jovem do qual recebeu a informação relativa às autoridades e anciãos de Sucote.

**14. O qual deu por escrito os nomes dos príncipes e anciãos de Sucote.** A escrita já era largamente conhecida no tempo dos juizes. Nossos primeiros documentos escritos datam de 3000 A.C. Documentos de Ras Shamra (antiga Ugarit) em Canaã datam do século quinze A.C.

**16. Com eles deu severa lição aos homens de Sucote.** Veja 8:7, onde Gideão fez a ameaça: "Trilharei a vossa carne com os espinhos do deserto, e com os abrolhos". Embora essa forma de castigo não nos seja conhecida, sabemos que Gideão recompensou os homens de Sucote por sua recusa em ajudá-lo.

**17. Derribou a torre de Penuel, e matou os homens da cidade.** Isto, também, está de acordo com sua ameaça anterior (8:9).

**18. Que homens eram os que matastes em Tabor?** Literalmente, *onde estão eles. . . ?* A pergunta implica em que Gideão já sabia que Zeba e Salmuna tinham matado seus irmãos. Sua resposta foi em forma

de arrogante lisonja: "Eram iguais a você, homens de aspecto principesco" (ICC).

**19. Se os tivésseis deixado com vida, eu não vos mataria.** Matando seus irmãos, os midianitas impuseram a Gideão o dever da vingança de sangue (Dt. 19:6). Gideão explicou que eram seus irmãos legítimos, isto é, não só por parte do pai mas da mesma mãe também.

**20. E disse a Jéter, seu primogênito: Dispõe-te, e mata-os.** Isto acrescentaria mais humilhações aos reis midianitas. O rapaz, contudo, não puxou da espada.

**21. Levanta-te, e arremete contra nós.** Com altivez de espírito os midianitas desafiaram Gideão a matá-los. Gideão matou a Zeba e Salmuna sem mais delongas. E tomou os ornamentos em forma de meia lua, que estavam nos pescoços dos seus camelos. As coleiras dos camelos tinham ornamentos de metal em forma de luas (heb. *'sharon*) presos neles. A palavra está relacionada com a palavra aramaica e siríaca para "lua" (*sahar*). Tais ornamentos eram usados por homens (8:26) e mulheres (Is. 3:18). Sem dúvida eram em sua origem amuletos usados para dai boa sorte e afugentar maus espíritos.

**22. Domina sobre nós, assim tu, como teu filho.** Gideão comprovou-se um homem dotado com o Espírito de Deus na consecução da vitória contra os midianitas. Seu povo quis fazer dele seu rei. Esta foi a primeira tentativa registrada de estabelecimento de uma monarquia hereditária em Israel. A recusa de Gideão foi consistente com o seu reconhecimento dos direitos reais do Senhor, o ideal teocrático destacado em todo o Livro de Juízes.

**24. Dai-me vós, cada um as argolas do seu despojo.** Tendo recusado o reino, Gideão fez um pedido para si mesmo. Pediu aos guerreiros que lhe dessem os brincos que tinham tirado dos midianitas caídos.

**27. Fez Gideão uma estola sacerdotal.** Com cerca de setenta libras em ouro assim obtidas (8:26) fez uma estola sacerdotal. A natureza exata da estola sacerdotal é incerta. Era o nome dado a uma parte das vestes do

sumo sacerdote (Êx. 28:4). Em certas ocasiões era consultado como fonte de orientação divina (I Sm. 23:9-12; 30:7, 8). Talvez por causa disso se tornasse um objeto de idolatria. É possível que Gideão tenha feito um ídolo com uma estola sacerdotal semelhante à que era usado pelo sumo sacerdote. E todo Israel se prostituiu ali após ela. A estola sacerdotal de Gideão veio a ser um objeto de idolatria. Isto marca o trágico fim da carreira de um homem verdadeiramente grande. Gideão e sua família sofreram os resultados disso. Em 9:5 lemos sobre a morte da maior parte dos filhos de Gideão por causa do desejo de um deles, Abimeleque, de ser rei. Esta tragédia pode ter sua origem traçada na idolatria que resultou da construção da estola sacerdotal de Gideão.

**28. E ficou a terra em paz durante quarenta anos.** A vitória sobre os midianitas produziu uma geração de paz para os israelitas.

**29. Retirou-se Jerubaal, filho de Joás, e habitou em sua casa.** Parece que Gideão aposentou-se de sua vida ativa alguns anos antes de sua morte.

**31. A sua concubina, que estava em Siquém, lhe deu também à luz um filho.** Além dos setenta filhos de suas esposas, menciona-se Abimeleque, o filho de uma concubina, por causa da tentativa que iria fazer, depois da morte de Gideão, de se fazer reconhecido como rei de Israel (9:1 e segs.).

**33. Tornaram a prostituir-se os filhos de Israel . . . e puseram a Baal-Berite por deus.** Um Baal específico foi mencionado como objeto da idolatria depois da morte de Gideão. **Baal-Berite** tinha um santuário em Siquém (9:4). Seu nome significa Senhor da aliança, uma possível referência à confederação das cidades-estados que consideravam Siquém como seu líder. O fato de Israel ter participado de um berit, ou aliança, com Deus no Sinai pode ter encorajado os israelitas a igualar o berit israelita com o berit cananeu. As escrituras esclarecem, contudo, que os homens não podem fazer tal comparação sem incorrer na ira do Deus de Israel.

## Juízes 9

### 6) A Usurpação de Abimeleque. 9:1-57.

**1. Abimeleque . . . foi-se a Siquém, aos irmãos de sua mãe.** Na qualidade de filho de concubina, Abimeleque era considerado parte da família de sua mãe. Entre os antigos árabes, uma concubina ou "esposa" secundária permanecia com sua própria clã e era visitada por seu "marido" de vez em quando. Os filhos da união pertenciam à clã da esposa. Abimeleque, filho de uma concubina, tinha relacionamento íntimo com a família de sua mãe. Buscou a ajuda deles quando de suas pretensões ao trono.

**2. Lembrai-vos também de que sou osso vosso e carne vossa.** Abimeleque deu a entender que todos os filhos de Gideão tinham a ambição de governar. Dissensão entre eles certamente traria conseqüências prejudiciais ao povo que lhe era sujeito. Seria melhor colocar a todos, disse Abimeleque, a favor do seu governo. Sendo sua mãe de Siquém, ele podia reivindicar laços de sangue com os siquemitas. Assim apelou ao orgulho local, sugerindo que ele fosse nomeado governador.

**3. Disseram: É nosso irmão.** Os homens de Siquém estavam convencidos de que sua lealdade deveria ser expressa para com Abimeleque.

**4. E deram-lhe . . . prata, da casa de Baal-Berite.** Na antiguidade, os templos costumavam ser centros de grande riqueza. As pessoas levavam ofertas aos templos, e os fundos públicos eram freqüentemente guardados ali por medida de segurança. As setenta peças de prata dadas a Abimeleque não constituíam uma grande quantia, mas representavam o apoio dos homens de Siquém à causa de Abimeleque. Alugou Abimeleque uns homens levianos e atrevidos. Abimeleque descobriu um grupo de patifes que eram capazes de fazer qualquer coisa por um pouco de prata.

**5. Foi à casa de seu pai, a Ofra, e matou a seus irmãos.** Só Jotão, o filho mais jovem de Gideão, escapou da carnificina. O detalhe de que



foram mortos sobre uma pedra, dá a entender que foram oferecidos como animais em sacrifício, sobre um altar de pedra. Os irmãos não morreram em batalha, mas foram formalmente executados.

**6. Todos os cidadãos de Siquém, e toda Bete-Milo ... proclamaram a Abimeleque rei.** Milo pode ser o nome da cidadela, ou fortaleza, em Siquém. Provavelmente a tradução *casa de Milo* é a melhor para **Bete-Milo. Junto ao carvalho memorial, que está perto de Siquém.** Era coisa apropriada que Abimeleque fosse proclamado rei em um local associado à religião. A coroação realizou-se junto ao carvalho memorial. Jacó enterrou os ídolos de sua família sob a árvore em Siquém (Gn. 35:4), e ali Josué erigiu um monumento como testemunha da aliança entre Deus e Israel (Js. 24:26).

**7. Jotão foi e se pôs no cume do monte Gerizim.** Uma plataforma rochosa triangular projeta-se de um dos lados de Gerizim formando um púlpito natural que dá para Siquém. A voz de uma pessoa falando de Gerizim pode ser ouvida até o Monte Ebal, por cima do vale no qual Siquém está localizada. Jotão, o único sobrevivente irmão de Abimeleque, escolheu este local para fatal, dirigindo-se aos homens de Siquém.

**8. Foram . . . as árvores a ungir. . . um rei.** Jotão escolhe instruir o povo por meio de uma parábola. Ele quis mostrar que só indivíduos baixos têm o desejo de governar os outros. Aqueles que têm ocupações dignas estão ocupados demais pala quererem ser reis.

**9. A oliveira lhes respondeu: Deixaria eu o meu óleo?** Bosques de oliveiras abundam na região á volta de Siquém. Azeite de oliva era usado como unguento pala a pele e com propósitos cerimoniais quando sacerdotes e reis eram ungidos. Era queimado para fornecer iluminação, e usado na alimentação tal como a nossa manteiga. A oliveira não pede ser persuadida a deixar seu importante trabalho para se tornar rei.

**11. A figueira lhes respondeu: Deixaria eu a minha doçura?** A figueira era a árvore frutífera mais comum da Palestina. Os figos não

eram um luxo delicioso, como são em outras partes do mundo, mas um dos gêneros alimentícios mais comuns do país.

**13. A videira lhes respondeu: Deixaria eu o meu vinho, que agrada a Deus e aos homens?** Elohim pode ser traduzido para Deus ou deuses. Neste contexto parece que Jotão se refere às libações religiosas oferecidas aos deuses, durante as quais o vinho era derramado sobre o sacrifício ou sobre o solo ao lado do altar. As uvas eram grandemente estimadas em Israel, como no mundo mediterrâneo em geral. As uvas não tinham função mais alta do que produzir vinho.

**15. Respondeu o espinheiro às árvores: . . . Vinde, e refugiai debaixo de minha sombra.** Como última alternativa, as árvores aproximaram-se do espinheiro, o qual podia ser visto trepando pelos rochedos nas vizinhanças de Siquém. O espinheiro disse ironicamente: Refugiai debaixo da minha sombra, um absurdo óbvio. Com sentimento de auto-importância, ameaçou consumir os cedros do Líbano, se as outras árvores não lhe concedessem a devida deferência. O espinheiro seco geralmente é o ponto inicial de incêndios destrutivos. Moore, em suas notas no ICC, diz: "Aqueles que fizeram do espinheiro o seu rei, colocaram-se neste dilema: se lhe fossem fiéis, desfrutariam de sua proteção que não passava de tolice; se lhe tosem infiéis, ele os arruinaria".

**16-20. Se deveras e sinceramente procedestes ... alegrai-vos com Abimeleque ... mas, se não, saia fogo de Abimeleque.** Jotão fez uma aplicação evidente à sua parábola. Os homens de Siquém poderiam sentir que agiram bem, no fato de esquecer tudo o que Gideão tinha feito por eles, apoiando o assassinato dos seus filhos. Neste caso, disse Jotão, "muita felicidade vocês terão com este seu rei-espinheiro" (Moore). Contudo, Jotão advertiu, tal não seria o caso. Não só este rei-espinheiro se comprovaria destrutivo para os homens de Siquém, mas os homens de Siquém, por sua vez, consumiriam Abimeleque.

**21. Fugiu logo Jotão, e foi-se para Beer.** Jotão conseguiu escapar da vingança de Abimeleque. Beer significa poço, e havia muitos lugares

na Palestina com esse nome. Alguns comentadores têm sugerido que o lugar de seu retiro fosse Berseba. El-Bireh, entre Siquém e Jerusalém, é outra possibilidade.

**23. Suscitou Deus um espírito de eram grandemente estimadas em Israel, aversão entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém.** Depois de Abimeleque reinar três anos, ele e as homens de Siquém desenvolveram um espírito de animosidade entre si. As Escrituras muitas vezes falam de tais atitudes como operação de Deus nos negócios humanos (cons. I Sm. 16:14; 1 Reis 22:21). O princípio da retribuição divina está evidente através de todo o Livro de Juízes. Aqui somos informados de como Abimeleque foi presa de traição, tal como traiçoeiramente matou seus irmãos.

**25. Os cidadãos de Siquém puseram contra eles homens de emboscada sobre os cumes dos montes.** A emboscada armada pelos homens de Siquém teria tido sucesso em despojar de Abimeleque os impostos e outras taxas que ele poderia ter cobrado das caravanas que usavam as importantes estradas que passavam por Siquém.

**28. Disse Gaal ... quem é Abimeleque?** Na celebração da vindima, Gaal levou os siquemitas a amaldiçoarem Abimeleque, fomentando uma rebelião contra o seu governo. Falou mais como cananeu e não israelita, insistindo com o povo a que servissem **antes aos homens de Hamor, pai de Siquém** (cons. Gn. 33:19). Assim insistiu com o povo a que rejeitasse o "moderno" governo israelita da casa de Gideão e reanimasse uma antiga aristocracia siquemita.

**31. Alvorocaram a cidade contra ti.** Zebul advertiu Abimeleque das atividades rebeldes. Em lugar de **fortificaram** (E.R.C.), contudo, leia-se **Alvorocaram** de acordo com a E.R.A. Abimeleque evidentemente designara Zebul para governador de Siquém, pois ele pessoalmente, morava em Arumá (9:41). Onde a E.R.A. diz que Zebul enviou mensageiros astutamente, a versão JPS diz *em Tormá*, que é outra forma do nome do lugar, Arumá.

**34. Levantou-se, pois, Abimeleque . . . e se puseram de emboscada contra Siquém, em quatro grupos.** Abimeleque aceitou o conselho de Zebul e organizou as forças para por um fim à rebelião de Gaal (cons. 7:16; I Sm. 11:11; 13:17).

**36. Eis que desce gente dos cumes dos montes.** Quando Gaal viu o movimento dos homens nas montanhas, falou sobre isso com Zebul, que zombou dele dizendo que estava confundindo as sombras das montanhas com homens. Zebul deu a entender que Gaal estava amedrontado como resultado de uma consciência culpada.

**37. Eis ali desce gente defronte de nós, e uma tropa vem do caminho do carvalho dos adivinhadores.** O primeiro grupo parecia vir **defronte**, literalmente *do meio*. Sem dúvida era o monte central no distrito. Outro vinha de Elom-Meonenim, do carvalho dos adivinhadores. Pode ser o mesmo carvalho do versículo 6.

**38. Onde está agora a tua boca?** Agora Zebul zombava abertamente de Gaal por causa de sua atrevida declaração em relação a Abimeleque.

**39. Saiu Gaal adiante dos cidadãos de Siquém, e pelejou contra Abimeleque.** Gaal reuniu suas forças, mas era tarde demais para repelir Abimeleque.

**41. E Zebul expulsou a Gaal e a seus irmãos.** A revolta de Gaal terminou e seu líder foi expulso de Siquém. Sem dúvida Gaal se transformou em um bode expiatório para os siquemitas, que o teriam acusado pela revolta frustrada.

**43. Então (Abimeleque) se levantou contra eles, e os feriu.** Quando os siquemitas abandonaram a cidade, Abimeleque pessoalmente liderou seu exército contra eles. Não está claro se os homens de Siquém saíram para o campo nas atividades normais da agricultura ou em missões de pilhagem, como em 9:25.

**45. Pelejou Abimeleque contra a cidade e a tomou, matou o povo que nela havia.** Abimeleque não teve misericórdia dos homens de Siquém. Para se certificar de que nunca mais surgiriam problemas dessa

fonte, ele assolou-a e a semeou de sal. Solo salgado, no hebraico, é equivalente a deserto. Era propósito de Abimeleque deixar estéril o próprio solo da cidade. Não obstante. Siquém tornou-se centro importante durante os dias do reino israelita (I Reis 12:1). Foi reconstruída e fortificada por Jeroboão (I Reis 12:25).

**46. Os cidadãos da Torre de Siquém, entraram na fortaleza subterrânea, no templo de El-Berite.** Siquém era uma cidade murada, com uma torre exterior que servia como defesa adicional. O deus **Berite**, ou **El-Berite**, deve ser identificado com Baal-Berite (9:4). Considerando que o seu templo estava localizado perto da torre, os homens da torre fugiram para o templo onde se esconderam.

**48, 49. Então ... Abimeleque e ... cada um de todo o povo cortou a sua ramada.** Abimeleque decidiu queimar o templo que servia de fortaleza para os homens na torre de Siquém. Ordenou aos seus homens que o seguissem a uma montanha próxima, onde cortaram galhos de árvores para usarem como lenha a fim de incendiarem o templo. Cerca de mil homens e mulheres pereceram nas chamas.

**50. Então se foi Abimeleque a Tebes.** Tebes talvez seja a moderna Tubas, situada cerca de 20,9 kms ao norte de Siquém. Os habitantes de Tebes provavelmente se uniram á revolta centralizada em Siquém.

**51. Havia, porém, no meio da cidade uma torre forte.** A torre de Siquém ficava fora da cidade, mas a de Tebes, dentro. Depois que Abimeleque tomou a cidade, teve de tomar a fortaleza dentro dela.

**53. Porém certa mulher lançou uma pedra superior de moinho sobre a cabeça de Abimeleque.** O vitorioso Abimeleque foi subitamente interrompido por uma mulher. Sua arma foi a pedra superior removível *de um moinho manual*. Essas pedras tinham cerca de 20,32cms a 25,40cms de comprimento e diversos centímetros de espessura. Arrojada da altura da torre, esta **pedra superior de moinho** foi uma arma eficiente.

**54. Desembainha a tua espada, e mata-me.** A honra de um guerreiro exigia que ele morresse como homem na batalha. A morte

pelas mãos de uma mulher era considerada desgraça máxima. Abimeleque pediu ao seu escudeiro que o matasse, o que o jovem fez.

**55. Vendo, pois, os homens de Israel que Abimeleque era já morto, foram-se, cada um para sua casa.** O exército de Abimeleque foi chamado de **os homens de Israel**. A rebelião dos siquemitas pode ser interpretada como rebelião cananita contra os israelitas. Embora Abimeleque tivesse inicialmente conseguido o governo com base no apoio que lhe deram os homens de Siquém, seu relacionamento com Gideão tomou-o aceitável a muitos israelitas. O apoio que os siquemitas deram a Gaal pode ser considerado como um movimento nacionalista com colorido anti-israelita.

**57. Todo o mal dos homens de Siquém fez Deus cair sobre a cabeça deles.** Tanto a destruição de Siquém como a morte de Abimeleque são interpretadas como justo castigo pelos crimes perpetrados contra a família de Gideão. **Veio sobre eles a maldição de Jotão.** Compare com 9:20. Os homens de Siquém e de Abimeleque, todos foram "devorados" como Jotão profetizou.

## Juízes 10

7) O Juizado de Tola sobre Israel. 10:1, 2.

**1. Depois de Abimeleque, se levantou, para livrar a Israel Tola, filho de Puá.** Tola foi um dos Juízes menos importantes e do qual pouco sabemos. Sua missão, como a dos demais Juízes, foi a de **salvar** (*lehoshia*) Israel. Um filho de Issacar tinha o nome de **Tola** (Gn. 46:13). Foi mencionado como o fundador de uma clã (Nm. 26:23), Tola e Puá parece que eram nomes comuns na tribo de Issacar. **Habitava em Samir, na região montanhosa de Efraim.** Havia outra Samir em Judá (Js. 15:48). Esta Samir ficava provavelmente nas vizinhanças de Jezreel.

8) O Juizado de Jair. 10:3-5.

**3. Depois dele se levantou Jair, gileadita.** Jair era o nome de um dos filhos de Manassés (Nm. 32: 41), e o juiz que veio da tribo de Manassés.

**4. Tinha este trinta filhos, que cavalgavam trinta jumentos.** Isto foi mencionado como indicação de posição e destaque dos filhos. Os jumentos eram altamente estimados conto cavalgaduras (Jz. 1:14; I Sm. 25:20). **E tinham trinta cidades, a que chamavam Havote-Jair.** *Hawwut* eram originalmente grupos de tendas de beduínos. O termo veio a ser aplicado a colônias permanentes. Cada um dos filhos de Jair estava associado com uma aldeia gileadita que levava o nome de Jair.

**5. Morreu Jair, e foi sepultado em Camom.** Camom pode ser a moderna Kumem, a leste do Jordão, entre o Jarmuque e o Jaboque.

9) A Opressão Amonita Derrubada por Jefté. 10:6 - 11:40.

**6. Tornaram os filhos de Israel a fazer o que era mau ... e serviram Baalins.** Contato com nações vizinhas expuseram Israel à tentação de adotar costumes sociais e religiosos dos seus vizinhos. Os Baalins e Astarote constituíam tentação periódica (cons. 2:11,13). Agora se faz menção de numerosos outros deuses: **os deuses da Síria** (incluindo Hadade ou Rimom); **os de Sidom**, particularmente o Baal fenício, cuja adoração rivalizava com a do Deus de Israel nos dias de Acabe e Jezabel; **de Moabe** (incluindo Camos); **dos filhos de Amom** (incluindo Moloque); **e dos filisteus** (incluindo Dagom e Baal-Zebu, cujo nome foi trocado por Baal-Zebu).

**7. (O Senhor) entregou-os nas mãos dos filisteus, e nas mãos dos filhos de Amom.** A menção dos filisteus e amoritas introduz a história de Sansão (13:1 - 16:31) como também a do juizado de Jefté (11:1-40).

**8. Vexaram e oprimiram os filhos de Israel.** Durante dezoito anos os amonitas oprimiram os israelitas estabelecidos em Gileade.

**9. Os filhos de Amom passaram o Jordão, para pelejar também contra Judá.** Tal como os moabitas, que anteriormente tomaram a mesma rota (3:12,13), os amonitas faziam incursões destrutivas em Judá.

**10. Contra ti havemos pecado.** No período de opressão os tubos de Israel reconheceram o seu pecado contra Deus. Adorando os Baalins, violaram a aliança; e assim interpretaram o poder dos seus inimigos como castigo da mão de Deus.

**11, 12. Não vos livreis eu?** Sem dúvida um profeta ou qualquer outro porta-voz foi chamado por Deus para fazer Seu povo se lembrar dos livramentos do passado. Além de Deus tirar o Seu povo do Egito, Ele também o livrou dos **amorreus** (Nm. 21:21-35), dos **filhos de Amom** (Js. 3:13), dos **filisteus** (Jz. 3:31), dos **sidônios** (nenhuma referência específica, provavelmente incluídos na opressão de Jabim, Jz. 4:2, 3), dos **amalequitas** (aliados com Eglom, Jz. 3:13), e dos **maonitas** (LXX, *midianitas*; nenhuma referência específica).

**14. Ide e clamai aos deuses que escolhestes.** Uma vez que Israel rejeitara O Senhor, Seu porta-voz insistiu ironicamente a que buscasse a ajuda dos deuses que tinha escolhido servir.

**15. Os filhos de Israel disseram ao senhor: Temos pecado.** Confissão de pecado era o ponto decisivo para Israel. Faze-nos tudo quanto parecer bem. Jogaram-se sobre a misericórdia do Senhor.

**16. E tiraram os deuses alheios.** Confissão de pecado foi acompanhada pela renúncia do motivo da ofensa. **Então já não pôde ele reter a sua compaixão por causa da desgraça de Israel.** Deus já não podia permanecer indiferente permitindo que o inimigo oprimisse o Seu povo (cons. Is. 63:9a).

**17. Tendo sido convocados os filhos de Amom, acamparam-se em Gileade; mas os filhos de Israel se congregaram e se acamparam em Mispa.** Os dois exércitos se confrontaram. Israel estava em Mispa (*torre de vigia*), que pode ser o lugar onde Jacó e Labão fizeram a sua aliança (Gn. 31:46-49).

**18. Quem será o homem que começará a pelejar contra os filhos de Amom?** Os gileaditas precisavam de um líder que orientasse a campanha contra os opressores amonitas. Isto dá uma introdução à história de Jefté.

## Juízes 11

**11:1.** Era então Jefté, o gileadita, homem valente. As palavras o descrevem como grande guerreiro (cons. Gideão, 6:12; Quis. I Sm. 9:1;



Naamã, II Reis 5:1). Era ele, contudo, **filho duma prostituta**, o que lhe dava posição inferior dentro da família.

**2. (Eles) expulsaram a Jefté.** Os filhos legítimos de Gileade chamavam Jefté de filho de outra mulher e procuraram deserdá-lo.

**3. Então Jefté ... habitou na terra de Tobe.** Tobe ficava provavelmente a nordeste de Gileade. Mais tarde os homens de Tobe aliaram-se aos amonitas na guerra contra Davi (II Sm. 10:6-8). Era uma espécie de distrito limítrofe, onde homens como Jefté podiam viver fora da lei e à beira da sociedade. E homens levianos se ajuntaram com ele, e com ele saíam. Jefté e seus companheiros eram considerados levianos (*reqim*, "vazios"), isto é, selvagens e temerários, em contraste com os "respeitáveis" membros da sociedade.

**5. Foram os anciãos de Gileade buscar a Jefté.** Quando a guerra começou entre os amonitas e os gileaditas, estes últimos se lembraram de Jefté como líder em potencial.

**7. Por que, pois, vindes a mim, agora, quando estais em aperto?** Jefté reprovou a delegação de gileaditas por não o terem ajudado quando precisava. Eles o tinham expulsado, confiantes em seu próprio valor. Agora vinham a ele, pedindo ajuda.

**8. Sê o nosso chefe sobre todos os moradores de Gileade.** Os homens não responderam à queixa de Jefté, mas estavam prontos a lhe conceder todo o poder se os ajudasse no momento da necessidade.

**11. Então Jefté foi com os anciãos de Gileade, e o povo o pôs por cabeça e chefe.** Depois de receber confirmação de que o seu governo seria reconhecido após a remoção da ameaça amonita, Jefté aceitou a posição oferecida. A escolha foi aprovada pelo povo (cons. Saul, I Sm. 11:15; Roboão, I Reis 12: 1; Jeroboão, I Reis 12:20).

**12. Enviou Jefté mensageiros ao rei dos filhos de Amom.** Como líder oficial de Gileade, Jefté enviou mensageiros aos líderes amonitas, a fim de perguntar as razões que eles tinham para atacarem território israelita.

**13. É porque saindo Israel do Egito, me tomou a terra.** O discutido território era limitado pelo Arnom ao sul e o Jaboque ao norte, e estendia-se na direção do oeste até o Jordão. Esta terra fora do reino de Siom quando da entrada de Israel em Canaã, e Siom a arrebatara de Moabe (Nm. 21:26). Amonitas e moabitas que eram confederados no tempo de Jefté, sentiam que tinham direitos sobre este território confiscado.

**15. Israel não tomou, nem a terra dos moabitas nem a terra dos filhos de Amom.** Jefté rejeitou a acusação. Israel tivera o cuidado de pedir permissão aos reis de Edom e Moabe para atravessarem suas terras. Não receberam permissão, e assim Israel escrupulosamente evitou tocar nas fronteiras de Edom e Moabe. Quando Siom, o rei dos amorreus, recusou dar a Israel a permissão de passar em Hesbom, houve uma batalha em Jaaz. O Deus de Israel concedeu vitória do Seu povo sobre Siom, e "Israel desapossou os amorreus das terras" (v. 21).

**24. Não é certo que aquilo que Camos, teu deus, te dá, consideras como tua possessão?** Jefté argumentou que um povo deve ocupar o território que seu deus lhe dá. Tal método de consignar territórios era por meio das vitórias concedidas pelo deus do povo no campo da batalha. O povo de Camos devia, naturalmente, ocupar o território que Camos o capacitasse a conquistar. Uma vez que o Deus de Israel dera a Seu povo a terra por direito de conquista, era de se esperar que os israelitas a ocupassem. A Pedra Moabita atribui as vitórias de Moabe aos favores de Camos, e as vitórias de Israel sobre Moabe à ira de Camos. Estritamente falando, Milcom (ou Moloque) era o deus de Amom e Camos, o deus de Moabe. Moabe e Amom descendiam do mesmo pai, Ló, e tinham muita coisa em comum; e tanto Jefté como o rei amonita os considerava um só povo. Uma confederação pode ser a justificativa histórica para esta terminologia. O argumento *ad hominem* de Jefté não significa que os israelitas daquele tempo cressem realmente no poder de Camos. Considerando seus antecedentes e sua conduta subsequente, Jefté poderia, contudo, defender tal conceito. Havia uma

forte tendência de tornar o Deus de Israel em um dos deuses que deveriam ser reconhecidos.

**25. És tu melhor do que . . . Balaque?** O rei moabita, Balaque, não disputou a posse de Israel nas terras ao norte de Arnom. Embora convocasse um adivinho para enunciar uma maldição sobre Israel, Balaque jamais se arriscou a enfrentar Israel em uma batalha. Será que o atual rei de Amom julgava-se melhor do que Balaque para tentar subjugar Israel?

**26. Enquanto Israel habitou ... em Hesbom ... e em Aroer.** **Aroer**, a cidade no extremo sul de Israel, a leste do Jordão, estava localizada às margens do Arnom, Jefté deu a entender que os moabitas, deixando de reclamar quando Israel ocupou o reino de Siom, tacitamente reconheceu que o território não era deles.

**27. O Senhor, que é juiz, julgue hoje entre os filhos de Israel e os filhos de Amom.** Jefté resumiu sua defesa. Israel não fizera nada errado. Durante três séculos (número redondo), o direito de Israel nas cidades da Transjordânia fora reconhecido. Se Amom agora insistia na batalha, o resultado poderia ser deixado nas mãos do Deus de Israel.

**29. Então o Espírito do Senhor veio sobre Jefté.** Jefté não era mero oportunista. Recebeu poder de Deus para liderar os gileaditas na vitória contra seus opressores. Lemos sobre uma série de viagens feitas por Jefté. **Passou até Mispa de Gileade**, onde estava localizado o acampamento dos israelitas, e então dirigiu-se contra os amonitas.

**30. Fez Jefté um voto ao Senhor.** A forma do voto de Jefté é uma reminiscência de seus antecedentes meio pagãos. Fez o voto de oferecer como sacrifício queimado, qualquer coisa que primeiro saísse pela porta de sua casa, ao seu encontro, quando retornasse vitorioso da guerra contra os amonitas.

**33. Este os derrotou desde Aroer, até as proximidades de Minite, vinte cidades.** Jefté foi vitorioso em sua campanha. Esta **Aroer** não é a cidade sobre o Arnom (v. 26) mas outra cidade com o mesmo

nome, a leste de Rabate-Amom (Js. 13:25). Abel-Queramim, a planície das videiras, nome de um lugar.

**34. Saiu-lhe a filha ao seu encontro.** Talvez Jefté esperasse um servo, A lembrança do seu voto e a visão de sua filha mudou a alegria do vencedor, na tristeza de um pai que vai perder seu único filho.

**35. Fiz voto ao Senhor, e não tornarei atrás.** Para Jefté o voto era sagrado, e tinha de ser cumprido. Sacrifícios humanos eram proibidos em Israel, mas Jefté estivera vivendo à beira da sociedade, onde as idéias pagãs prevaleciam.

**37. Deixa-me por dois meses.** A filha de Jefté submeteu-se às exigências do voto sem recuar. Ela pediu um período de dois meses para chorar a sua virgindade junto com suas companheiras. Ela considerava a sua morte iminente como dupla tragédia. Além de ser oferecida em holocausto, teria de morrer sem filhos, sem ter-se casado.

**39. Tornou ela para seu pai, o qual lhe fez segundo o voto por ele preferido.** Após o período de dois meses, Jefté cumpriu o seu voto. Embora alguns comentaristas dão a entender que a virgindade perpétua teria sido o cumprimento do voto, o texto não parece deixar dúvidas quanto à morte da filha de Jefté pelas mãos do seu pai.

## Juízes 12

10) Guerra Entre os Gileaditas e Efraimitas. 12:1 -7.

**12:1. Então foram convocados os homens de Efraim.** Tal como os efraimitas se ressentiram da aparente negligência de Gideão para com eles (8:1), ofenderam-se agora porque Jefté se esqueceu deles, ao que parece, na batalha contra os amonitas. Reuniram-se e cruzaram o Jordão, indo na direção de Zafom (E.R.C., **para o norte**), um local a leste do Jordão, perto de Sucote. Com espírito hostil exigiram que Jefté explicasse porque deixara de procurar a ajuda deles.

**2. Chamei-vos, e não me livrastes da sua mão.** Jefté insistiu em que pedira a ajuda dos efraimitas contra a opressão dos amonitas, mas que eles não o atenderam.

**4. Ajuntou Jefté todos os homens de Gileade.** Foram dispersados depois da vitória sobre Amom, mas a ameaça da guerra civil foi uma justificativa para nova convocação às armas. **Fugitivos sois de Efraim.** A zombaria dos efraimitas tem sido diversamente interpretada. Dá a entender que as tribos da região transjordânica – aquelas cuja origem podia ser traçada até José – eram desertoras de Efraim e Manassés.

**5. Porém os gileaditas tomaram os nus do Jordão.** Os gileaditas tiveram sucesso em derrotar os efraimitas e tomaram os vãos do Jordão para evitar que escapassem.

**6. Dize, pois, Chibolete.** A palavra **chibolete** (*espiga*) serviu de senha porque continha uma consoante que não era pronunciada no dialeto efraimita. Os efraimitas pronunciavam a palavra **sibolete** e assim se identificavam aos gileaditas. A existência de dialetos distintos do hebraico durante o período dos Juízes está de acordo com o conceito de uma consciência tribal, mais que nacional, que aparece por todo o livro.

**7. Jefté... julgou a Israel seis anos.** Seis anos cheios de acontecimentos que terminaram com a morte de Jefté. O lugar do seu sepultamento não foi especificado. O texto hebraico diz simplesmente: **Foi sepultado nas cidades de Gileade.** Alguns manuscritos da LXX dizem *Mispa de Gileade*.

11) Juizado de Ibsã. 12: 8-10.

**8. Depois dele julgou a Israel Ibsã de Belém.** As únicas coisas que constam de Ibsã são os lugares de seu nascimento e sepultamento e o tamanho de sua família. Provavelmente o texto se refere a Belém de Judá, embora muitos comentaristas achem que seja Belém de Zebulom, cerca de 11,26kms a oes-noroeste de Nazaré. Ibsã parece ter fortalecido seus laços políticos através da prática de casar seus filhos fora de Belém.

12) O Juizado de Elom. 12:11, 12.

**11. Depois dele veio Elom, o zebulonita, que julgou a Israel dez anos.** Só o nome do juiz, seu lugar de nascimento e sepultamento e a duração do seu governo. As consoantes de **Aijalom** (v.12), a tradução vocalizada do lugar do sepultamento de Elom, são idênticas ao do nome

do juiz. O lugar talvez fosse simplesmente chamado Elom. Sua localização. não é conhecida.

13) O Juizado de Abdom, 12:13-15.

**13. Depois dele ... Abdom, filho de Hiel.** Abdom é chamado de piratonita, isto é, habitante de Piratom de Efraim, provavelmente Fer'ata, 9,65kms a sudoeste de Siquém. Ficou conhecido por sua família de quarenta filhos e trinta netos, que cavalgavam sobre setenta jumentos. Conforme observamos em 10:4, isto era sinal de alta posição social.

**15.** Foi sepultado na **região montanhosa dos amalequitas**, uma expressão sugestiva da ocupação dos amalequitas (cons. 3:13; 5:14).

14) Sansão e os Filisteus. 13:1 – 16:31.

## Juízes 13

**13:1. Tendo os filhos de Israel tornado a fazer o que era mau perante o Senhor.** A reiterante idolatria estabelece o cenário para o período de opressão dos filisteus que durou toda uma geração (quarenta anos). A carreira de Sansão pertence a este período.

**2. Havia um homem de Zorá, da linhagem de Dã, chamado Manoá.** Zorá era uma cidade fronteiriça entre Dã e Judá, 27,35kms a oeste de Jerusalém. Manoá e sua esposa não tinham sido abençoados com um filho, o que era motivo de tristeza para eles. 3. Apareceu o Anjo do Senhor a esta mulher. A esposa de Manoá recebeu uma anunciação angélica. Nas Escrituras tais anunciações estão associadas com o nascimento de importantes personagens, notadamente, Isaque e João Batista.

**5. Tu conceberás ... o menino será nazireu.** Precauções especiais teriam de ser tomadas em relação à dieta da mãe. Números 6:2-21 prescreve as leis para os nazireus, Na qualidade de dedicados a Deus, tinham de ser mantidos puros de possíveis contaminações. E ele começará a livrar do poder dos filisteus. Outros juízes trariam livramento

completo. A criança prometida começaria a livrar. A ameaça dos filisteus continuou até o tempo de Davi.

**6. (Sua) aparência era semelhante à dum anjo de Deus, tremenda.** O mensageiro angélico inspirou temor e reverência, não terror.

**8. Rogo-te que o homem de Deus . . . venha outra vez.** Quando Manoá recebeu a notícia da comunicação feita a sua mulher, desejou maiores detalhes relativamente ao tratamento que teria de ser dado à criança que ia nascer.

**15. Permite-nos deter-te, e te prepararemos um cabrito.** O anjo reapareceu à esposa de Manoá, que procurou seu marido, e ambos ouviram substancialmente a mesma orientação relativa ao cuidado com a criança. Manoá tentou deter o estranho a fim de lhe demonstrar a devida hospitalidade.

**16. Ainda que me detenhas, não comerei o teu pão.** Em 6:18-22, Gideão preparou comida para alguém, que ele mais tarde reconheceu como o Anjo do Senhor. A comida foi então transformada em uma oferta. Aqui o Anjo comunica a Manoá que ele não irá comer, e que holocaustos devem ser feitos ao Senhor.

**17. Qual é teu nome . . . ?** Manoá pediu o nome de seu estranho hóspede, a fim de que mais tarde pudesse prestar-lhe a devida honra.

**18. Por que perguntas assim pelo meu nome, que é maravilhoso?** O Anjo declarou que o seu nome era inefável, além da capacidade humana de ouvir e compreender.

**19. Tomou, pois, Manoá um cabrito e uma oferta de manja, e os apresentou sobre uma rocha ao Senhor; e o Anjo do Senhor se houve maravilhosamente.** Uma oferta queimada e uma oferta de manjares foram feitas ao Senhor. Manoá e sua esposa observaram que o anjo "se houve maravilhosamente".

**20. Subindo para o céu a chama, que saiu do altar, o Anjo do Senhor subiu nela.** Conforme a fumaça do sacrifício subia na direção do céu, o Anjo subia com ela até que Manoá e sua esposa o perderam de vista.

**21. Então Manoá ficou sabendo que era o Anjo do Senhor.** O Anjo do Senhor e não *um* anjo. Manoá talvez tivesse algumas dúvidas em relação ao misterioso visitante, mas a subida peculiar na chama do altar identificou-o positivamente.

**22. Certamente morreremos, porque vimos a Deus.** Cons. reação semelhante de Gideão (6:22).

**23. Se o senhor nos quisera matar, não aceitara de nossas mãos o holocausto e a oferta de manjares.** A aceitação do sacrifício e o estranho aviso eram evidências de que Deus não tinha má disposição para com Manoá e sua esposa.

**24. Depois deu a mulher à luz um filho, e lhe chamou Sansão.** As palavras do Anjo se realizaram. Nasceu um filho e o chamaram de Sansão, que significa sol. Exatamente do outro lado do vale ficava Bete-Semes, o santuário do deus-sol. Embora Manoá não fosse idólatra, talvez desse a seu filho um nome que era comum no seu tempo.

**25. E o Espírito do Senhor passou a incitá-lo em Maanê-Dã, entre Zorá e Estaol. Sansão veio a ser um líder dotado com o Espírito Santo.** O lugar de sua atividade era o Vale de Soreque.

## Juízes 14

**14:1. Desceu Sansão a Timna.** Timna estava localizada a 4,8kms a sudoeste de Bete-Semes, na fronteira do território de Judá. Nessa ocasião parece que estava ocupada pelos filisteus, pois Sansão decidiu casar-se com uma moça filistéia que conheceu em Timna.

**2. Tomai-ma, pois, por esposa.** Os casamentos eram negociados pelos pais (cons. Gn. 21:21).

**3.** Manoá perturbou-se ao ver que seu filho queria se casar com uma jovem filistéia, mas Sansão insistiu que queria casar-se com a moça que tinha escolhido: **Toma-me esta, porque só desta me agrado.**

**4. Isto vinha do Senhor.** O historiador sagrado viu a exigência de Sansão à luz dos seus resultados. Os pais de Sansão não podiam prever que o desejo do seu filho de casar-se com uma mulher dos "incircuncisos



filisteus" resultaria finalmente na destruição de muitos dos inimigos de Israel. As palavras, **pois procurava ocasião contra os filisteus**, podem se referir a Deus ou a Sansão. À vista da natureza teológica da declaração anterior, parece melhor aceitar que Deus, através do casamento de Sansão, estava procurando derrotar os filisteus.

**5. Eis que um leão novo, bramando, lhe saiu ao encontro.**

Sansão estava a caminho de Timna, na companhia de seus pais, quando um filhote de leão já bem desenvolvido atacou-o. Com as mãos nuas Sansão rasgou o animal pelo meio. A fonte desta força física, de acordo com as Escrituras, era o Espírito do Senhor, que concedera forças ao jovem na emergência.

**8. Apartando-se do caminho a ver o corpo do leão morto.**

Em outra viagem ao longo do mesmo caminho, Sansão notou que havia um enxame de abelhas e um pouco de mel na carcaça do leão. Abelhas não se aproximariam de uma carcaça podre. Em um clima quente e seco, contudo, um corpo morto pode secar em um espaço de tempo muito curto. A carcaça do leão secou rapidamente, e quando Sansão passou a próxima vez pela estrada, ela continha um enxame de abananas com mel.

**9. Tomou o favo nas mãos.**

Leia, antes, *raspou-o com as mãos*. Foi uma violação do código nazireu, o qual proibia contato com uma carcaça. Este pode ser o motivo porque Sansão não contou a seus pais onde tinha encontrado o mel.

**10. Fez Sansão ali um banquete.**

Fez o banquete na casa de sua noiva. O pai de Sansão estava presente, mas os demais convidados eram filisteus.

**12. Dar-vos-ei um enigma a decifrar.**

Enigmas eram uma espécie de divertimento. Mais tarde, a rainha de Sabá foi testar a sabedoria de Salomão com enigmas (I Reis 10:1). Neste caso, Sansão limitou o tempo para a solução do enigma à semana das festividades do casamento. Apostou trinta vestes de linho (*sadin*) e trinta vestes festivas (*halipa*), uma para cada companheiro, se os homens resolvessem o enigma. Se não conseguissem desvendá-lo, eles lhe dariam o mesmo. O *sadin* era uma

roupa feita de linho fino, de formato retangular, que era usado com roupa de baixo junto ao corpo ou como capa por cima da roupa. O *halipa* era uma roupa usada em ocasiões festivas e não todos os dias.

**14. Do comedor saiu comida, é do forte saiu doçura.** A RSV traduz assim: "Do comedor veio algo a comer; do forte veio algo doce". Sem a "dica" do leão e do enxame das abelhas, os convidados não resolveriam o enigma de Sansão.

**15. Persuade a teu marido que nos declare o enigma.** Os filisteus apelaram para sua conterrânea, a esposa de Sansão, a que descobrisse a resposta. Deixaram claro que, em caso contrário, ela morreria queimada. Em 15:6, tal queima é realizada.

**17. Ela chorava diante dele os sete dias.** De acordo com o texto hebraico os filisteus tentaram resolver o enigma durante três dias (v. 14), apelaram para a esposa de Sansão no sétimo (v. 15), e ela "chorava diante dele os sete dias" (v. 17). A LXX e a versão siríaca colocam o apelo à esposa de Sansão no quarto dia. Rashi sugere que os **sete dias** referiam-se realmente aos dias restantes da semana. **Ao sétimo dá lhe declarou.** A insistência e as lágrimas amoleceram Sansão e ele contou a sua esposa a solução do enigma.

**18. Se vós não lavrásseis com a minha novilha, nunca teríeis descoberto o meu enigma.** O uso da expressão novilha era uma alusão desdenhosa à esposa que traía o segredo do marido.

**19. Desceu aos ascalonitas, matou deles trinta homens, despojou-os e as suas vestes festivas deu-as aos que declararam o enigma.** Sansão pagou seus "companheiros" com roupas tiradas de trinta homens que ele matou em Ascalom, a uma distância de 37kms, na costa do Mediterrâneo. Logo após, **ele subiu à casa de seu pai.** As festividades do casamento duravam sete dias, mas o casamento propriamente dito não se consumava até o sétimo dia. No dia em que devia ser consumado, os companheiros de Sansão apresentaram a solução do enigma, comprovando a cumplicidade de sua esposa. Sansão, então, retornou a sua casa sem consumir o casamento.

**20. Ao companheiro de honra de Sansão foi dada por mulher a esposa deste.** A fuga de Sansão deixou a noiva sem um marido para que o casamento fosse consumado, o que a colocava em situação vergonhosa. O casamento, contudo, foi consumado com o companheiro ou "padrinho" de Sansão que tomou a noiva por esposa.

## Juízes 15

**15:1. Sansão . . . foi visitar a sua mulher.** Sansão, levando um cabrito como presente, visitou sua esposa quando sua raiva se abateu. O pai dela, no entanto, não permitiu que o jovem entrasse no quarto e o informou que a moça já fora dada ao seu padrinho. Ofereceu a Sansão a irmã mais moça de sua "esposa", dando a entender que esta era a mais bonita das duas.

**4. E saiu, e tomou trezentos raposas.** Sentindo-se justificado na sua vingança contra os filisteus, Sansão apanhou trezentas raposas (ou chacais; os dois animais são freqüentemente confundidos), e amarrou-os de dois em dois pelos rabos e atou aos rabos tochas saturadas de óleo. Então pôs fogo nas tochas e soltou as raposas nos campos cultivados dos filisteus. O resultado foi a destruição dos cereais e pomares de oliveiras dos filisteus.

**6. Então subiram os filisteus, e queimaram a fogo a ela e a seu pai.** Os filisteus puseram a culpa do insulto sobre a esposa de Sansão e a família dela, e vingaram-se de acordo.

**7. Se assim proceder, não desistirei, enquanto não me vingar.** A destruição da família da esposa de Sansão não foi considerada por ele uma recompensa justa.

**8. E feriu-os com grande carnificina.** A expressão idiomática, *perna sobre coxa*, parece significar uma completa destruição. Nos selos cilíndricos da Babilônia, Gilgamesh usa esse mesmo expediente nas lutas. **Desceu, e habitou na fenda da rocha de Etã.** Provavelmente ficava perto da cidade de Etã em Judá, cerca de 3,2kms a sudoeste de Belém.

**9. Então os filisteus subiram.** Da Planície Filistéia os filisteus subiram às montanhas da Judéia à procura de Sansão para puni-lo.

**11. Então três mil homens de Judá . . . disseram a Sansão: Não sabes tu que os filisteus dominam sobre nós?** Sansão era danita, e os homens da tribo de Judá não sentiam obrigação de protegê-lo. O fato de três mil homens irem à procura de Sansão é um tributo indireto à reputação de sua força. Judá reconhecia que os filisteus mantinham o país sob o seu domínio, e ressentiam-se das atitudes de Sansão, que era de rebeldia.

**12. Descemos . . . para te amarrar.** Os homens de Judá sentiam uma obrigação para com seus senhores filisteus de capturar Sansão e entregá-lo. Sansão não resistiu ao propósito deles de entregá-lo aos filisteus, mas fê-los jurar que pessoalmente não o atacariam. Se eles o atacassem, Sansão teria de se defender e ao fazê-lo teria de derramar sangue israelita. Embora Sansão não tivesse escrúpulos em matar filisteus, não queria matar seus compatriotas israelitas.

**13. E amarraram-no com duas cordas novas.** Quando os homens de Judá prometeram que pessoalmente não o atacariam, Sansão permitiu que fosse amarrado. As cordas novas foram escolhidas pela sua força. Não teria valido a pena amarrá-lo com cordas anteriormente usadas, que fossem velhas e frágeis.

**14. Chegando ele a Lei, os filisteus lhe saíram ao encontro, jubilando.** Lei estava ocupada pelos filisteus. Os homens de Judá levaram o seu prisioneiro para lá e os filisteus se regozijaram à vista do seu agressor que lhes era trazido em grilhões. Enquanto, os inimigos de Sansão gritavam triunfantes, o Espírito do Senhor de tal maneira se apossou dele que arrebentou as cordas que o prendiam. Para ele foram tão fáceis de quebrar como cera exposta ao fogo.

**15. Achou uma queixada de jumento, ainda fresca ... e tomou-a e feriu com ela mil homens.** O momento do triunfo dos filisteus foi transformado em um desastre. Sansão agarrou a primeira arma que lhe

apareceu à mão, a queixada de um jumento. Com ela atacou os seus inimigos e matou mil deles.

**16. Com uma queixada de jumento um montão, outro montão.** O cântico de triunfo de Sansão está em forma de poesia. O dia da vitória dos filisteus fora transformado em vitória para o herói israelita. Uma vez que era sozinho em sua conquista, teve de compor e cantar ele mesmo o seu cântico de triunfo.

**17. Chamou-se aquele lugar Ramate-Leí;** isto é, *o outeiro da queixada*.

**18. sentindo grande sede.** Depois do esforço de matar mil filisteus, Sansão ficou com sede; e sentiu que sua condição de fraqueza faria dele uma presa para os outros filisteus que procurariam vingar a morte dos seus conterrâneos. Em seu desespero clamou ao Senhor.

**19. Então o Senhor fendeu a cavidade . . . e dela saiu água.** O nome *maktesh*, traduzido para **cavidade**, dá a entender uma bacia redonda e profunda. Foi usada para um "pilão" (cons. Pv. 27:22). Nessa **cavidade** Deus fez brotar água para saciar a sede de Sansão. **Daí chamar-se aquele lugar En-Hacoré.** *A Fonte do que Chama* foi o nome dado à fonte nas vizinhanças de Leí quando o livro dos Juízes foi escrito. *Qore'* "o que clama", é a palavra hebraica para perdiz. A fonte podia ser conhecida como "A fonte da Perdiz" e também "A Fonte do que Clama".

**20. Julgou a Israel, nos dias dos filisteus, vinte anos.** Esta é a conclusão da história da vitória de Sansão sobre os filisteus em Leí. O fato torna a ser mencionado em 16:31.

## Juízes 16

**16:1. Sansão foi a Gaza, e viu ali uma prostituta.** A força física de Sansão tinha por complemento sua fraqueza moral. Em Gaza, na terra dos filisteus, a 3,2kms do litoral mediterrâneo, Sansão ficou sob o controle de outra mulher má.

**2. Foi dito aos gazitas.** Os homens de Gaza ficaram sabendo que o seu inimigo estava em algum lugar dentro da cidade. Não tentaram

procurá-lo na cidade durante a noite, mas colocaram sentinelas, determinando matá-lo pela manhã.

**3. Porém Sansão . . . à meia-noite. . . se levantou, e pegou ambas as folhas da porta da cidade . . . e levou-as para crina até ao cume do monte que olha para Hebrom.** Aqui novamente a ênfase foi dada à façanha física de Sansão. Ele foi capaz de levantar o portão da cidade, com seus umbrais e tranca, levando tudo para um local que ficava à distância de 64,36kms nas vizinhanças do Hebrom.

**4. (Ele) se afeiçoou a uma mulher do vale de Soreque, a qual se chamava Dalila.** Este é o episódio final na vida do poderoso Sansão. Novamente se apaixonou por uma mulher filistéia. Grande parte da vida de Sansão foi gasta no Vale de Soreque, conhecido agora como o Wadi es-Surar, que começa 24,14kms a oeste de Jerusalém e se dirige para a planície litorânea.

**5. Persuade-o, e vê, em que consiste a sua grande força.** Os líderes filisteus viram uma oportunidade de se aproveitarem de Sansão por intermédio do seu romance com Dalila, Pediram a ela que descobrisse, literalmente, *por que meios sua força é grande*, Se ela pudesse descobrir de que maneira Sansão poderia ser derrotado, cada um dos príncipes dos filisteus prometeu-lhe pagar mil e cem siclos de prata.

**6. Disse, pois, Dalila . . . Declara-me, peço-te, em que consiste a tua grande força.** Três vezes fez a pergunta e três vezes Sansão deu-lhe respostas falsas. Na primeira resposta Sansão disse:

**7. Se me amarrarem com sete tendões frescos, ainda não secos, então me enfraquecerei, e serei como qualquer outro homem.** Logo após, estando ele a dormir ou brincando com ela, Dalila o amarrou com cordas de arcos ainda frescas (*junco verde*) fornecidas pelos filisteus.

**9. Os filisteus vêm sobre ti, Sansão.** Num quarto interior da casa havia filisteus prontos a atender o chamado de Dalila para pegarem Sansão. Estando ele firmemente amarrado, Dalila pronunciou as palavras, **os filisteus vêm sobre ti, Sansão**; imediatamente quebrou ele os tendões como se fossem **fio da estopa chamuscada**. As cordas foram

arrebentadas; e o segredo da força de Sansão continuou um segredo. Estende-se pela seqüência da história que os filisteus não se atiraram sobre Sansão logo após as palavras de Dalila. Parece que eles esperaram para ver se as cordas agüentariam.

**10. Disse Dalila . . . Eis que zombaste de mim.** Dalila fazia-se de ofendida diante da mentira de Sansão. Insistindo novamente a que ele lhe dissesse o segredo de sua força, extraiu dele uma segunda explicação:

**11. Se me amarrarem bem com cordas novas, com que se não tenha feito obra nenhuma, então me enfraquecerei, e serei como qualquer outro homem.** O padrão se repetiu. Dalila amarrou-o com cordas novas e gritou:

**12. Os filisteus vêm sobre ti, Sansão!** Contudo, novamente, Sansão demonstrou a sua força, pois ele as arrebentou de seus braços como um fio.

**13. Disse Dalila. . . Até agora tens zombado de mim, e me tens dito mentiras.** Pela terceira vez, contudo, Sansão tomou a dar uma resposta errada. Ele disse: **Se teceres as sete tranças da rainha cabeça com a urdidura da teia...** Então, presume-se (embora não esteja expresso no texto), Sansão ficaria fraco como os outros homens. Então Dalila fixou a peça que tecia no tear e começou a tecer o cabelo de Sansão no seu trabalho, como o faria com fios comuns. Desta vez Sansão estava se aproximando da verdade, pois a perda do seu cabelo resultaria na perda de sua força. Quando, contudo, Dalila disse:

**14. Os filisteus vêm sobre ti. Sansão!** Sansão acordou e, ao pular do divã, arrancou o pino do tear com os seus cabelos, os quais ainda estavam presos no pino.

**15. Então ela lhe disse: Como dizes que me amas, se não estás comigo o teu coração?** Dalila o importunava **todos os dias com suas palavras** (v. 16), insistindo que se houvesse verdadeira afeição entre Js dois, não haveria nenhuma relutância em lhe divulgar os seus segredos.

**17. Descobriu-lhe todo o seu coração.** Sansão explicou-lhe o voto de nazireu (cons. Nm. 6:2-21) e declarou: **Se vier a ser rapado, ir-se-á**

**de mim a minha força, e me enfraquecerei, e serei como qualquer outro homem.** Imediatamente Dalila mandou chamar seus companheiros filisteus. Enquanto Sansão dormia sobre os joelhos de Dalila, um dos filisteus rapou suas sete tranças. Pela quarta vez Dalila gritou:

**20. Os filisteus vêm sobre ti, Sansão!** Mas desta vez o homem forte de Israel estava sem forças diante dos seus inimigos. Fazia parte da tragédia que ele não sabia ainda que já o Senhor se tinha retirado dele.

**21. Então os filisteus pegaram nele, e lhe vazaram os olhos, e o fizeram descer a Gaza; amarraram-no com duas cadeias de bronze, e virava um moinho no cárcere.** Os filisteus mutilaram seu inimigo deixando-o cego. Depois o prenderam ao moinho no cárcere onde foi forçado a exercer trabalho humilhante. Enquanto se encontrava na prisão, no entanto, **o cabelo da sua cabeça . . . começou a crescer de novo.** O processo foi lento, mas significava que a força de Sansão seria finalmente restaurada.

**23. Então os príncipes dos filisteus se ajuntaram para oferecer grande sacrifício a seu deus Dagom.** Sabe-se que Dagom foi um dos deuses do panteão cananeu em Ugarit. Foi adotado pelos filisteus depois de se estabelecerem na Palestina. Eles atribuíam sua vitória sobre Sansão ao poder de Dagom (v. 24).

**25. Mandai vir Sansão, para que nos divirta.** Enquanto os filisteus estavam celebrando, Sansão estava moendo. No meio do regozijo, contudo, mandaram buscar Sansão, provavelmente a fim de que pudessem se satisfazer com sua humilhação.

**26. Deixa-me para que apalpe as colunas.** Sansão foi introduzido no templo. Ali pediu permissão ao jovem que o guiava para se recostar nas colunas que sustentavam o telhado do templo. No desenho do templo duas colunas centrais sustentavam o telhado do recinto onde as pessoas mais importantes estavam reunidas. Essa sala dava para um grande átrio. O povo se assentava ou ficava em pé sobre o telhado que havia em cima da sala, dali podiam ver o grande átrio onde Sansão foi forçado a diverti-los. A seu pedido, Sansão foi levado do átrio até as colunas adjacentes á



sala. Se essas colunas pudessem ser removidas, o telhado viria abaixo sobre as cabeças das autoridades, matando muitos de ambos os grupos.

**28. Sansão clamou ao Senhor.** As Escrituras não apresentam Sansão como modelo de piedade. Seu fracasso, a Bíblia atribui ao seu pecado. Contudo a humilhação que experimentou em poder dos filisteus parece que fê-lo cômico de sua missão divina. Mesmo aqui, no entanto, sua oração foi de vingança contra os filisteus por causa da perda dos seus olhos.

**30. E disse: Morra eu com os filisteus.** Exercendo toda a sua força, o homem forte empurrou as duas colunas centrais que sustentavam o edifício (v. 29) até que cederam e o telhado do templo veio abaixo. Os nobres senhores filisteus, e sem dúvida mais de 3.000 homens e mulheres, espectadores que se encontravam sobre o telhado, também morreram.

**31. Então seus irmãos . . . tomaram-no . . . e o sepultaram. . . no sepulcro de Manoá, seu pai.** Sansão provocou a morte de uma multidão de filisteus, os inveterados inimigos de Israel. Ele não acabou com a ameaça dos filisteus, mas recebeu as honras de suas peculiares realizações. Seu corpo foi removido de Gaza e recebeu honroso sepultamento no jazigo da família. A história de Sansão conclui com a declaração: **Julgou a Israel . . . vinte anos** (cons. 15:20). As palavras podem ser livremente interpretadas que durante cerca de duas décadas ele obteve a segurança de Israel, evitando que os filisteus atacassem o povo da aliança.

### **III. Condições de Anarquia Durante o Período dos Juízes. (17:1 - 21:25)**

#### **A. A Idolatria de Mica e a Migração Danita. 17:1 – 19:31.**

#### **Juízes 17**

**17:1. Havia um homem da região montanhosa de Efraim, cujo nome era Mica.** A cronologia da história de Mica não é muito certa. A narrativa é uma espécie de apêndice ao Livro de Juízes, contando certos

episódios que não fazem parte da história dos Juízes propriamente dito. Comentadores rabínicos colocam a história de Mica no tempo de Otniel (3:8-11). Sua posição seguindo a história de Sansão deve-se ao fato de estar relacionado com os danitas, a tribo da origem de Sansão.

**2. Os mil e cem siclos de prata que te foram tirados.** Mica roubara mil e cem siclos de prata de sua mãe. Ela, não sabendo que o ladrão era o seu filho, pronunciara uma maldição sobre a pessoa que lhe tirara o dinheiro. Mica sem dúvida temia o poder da maldição de sua mãe e por isso confessou que estava de posse da prata. O fato da quantia ser exatamente **mil e cem siclos de prata** tem levado alguns comentadores a identificar a mãe de Mica com Dalila (cons. 16:5). Não temos, contudo, evidências suficientes para levar isto a sério.

**3. Dedico este dinheiro ao Senhor.** A mãe de Mica determinou que o dinheiro seria usado com propósitos religiosos. Fazendo assim, sem dúvida esperava desviar a maldição de seu filho. Tomou a decisão de fazer **uma imagem de escultura e uma de fundição**, na realidade uma imagem feita de madeira esculpida coberta com prata.

**5. E assim este homem, Mica, veio a ter uma casa de deuses.** A versão JPS diz assim: *uma casa de Deus*, e a RSV diz, a título de interpretação, *um santuário*. A mãe de Mica forneceu a prata; o ourives fez o trabalho; e Mica forneceu o santuário para guardar o ídolo. Para equipar devidamente o santuário, Mica **fez uma estola sacerdotal e ídolos do lar, e consagrou a um de seus filhos, para que lhe fosse por sacerdote**. O éfode e os ídolos do lar serviam de ídolos adicionais (cons. 8:27; 18:24).

**6. Naqueles dias não havia rei em Israel.** Estas palavras servem como explicação para a anarquia que permitia tais irregularidades acontecerem. As palavras implicam no fato do autor ter vivido durante a monarquia, quando tal anarquia não era permitida.

**7. Havia um moço de Belém de Judá ... que era levita, e se demorava ali.** O jovem levita da região de Belém de Judá residia nas proximidades de Mica, no Monte Efraim. Quando Mica ficou sabendo

que o levita não tinha ocupação (v. 9), insistiu com ele a que se tornasse seu sacerdote particular. Fez-lhe uma oferta.

**10. Fica comigo, e sê-me por pai e sacerdote; e cada ano te darei dez siclos de prata, o vestuário e o sustento.** O levita achou a oferta boa e aceitou-a.

**13. Então disse Mica: sei agora que o senhor me fará bem, porquanto tenho um levita por sacerdote.** Mica tinha preparado as exterioridades da adoração. Tinha seus ídolos, seu santuário e um levita empregado e consagrado sacerdote. Contudo, era a superstição, não a fé, que marcava as suas atitudes para com a vida. O conteúdo espiritual da religião estava completamente ausente.

## Juízes 18

**18:1. A tribo dos danitas buscava para si herança em que habitar.** Os danitas, cuja terra estava ocupada pelos poderosos filisteus, viram-se confinados a viver em um espaço dentro do território que ficava a oeste de Judá.

**2. Enviaram os filhos de Dã cinco homens ... a espiar e explorar a terra.** Cinco espiões foram enviados à procura de um novo território que servisse de lugar para habitação para os danitas. No caminho para o norte chegaram à casa de Mica no Monte Efraim (17:1-13).

**3. Reconheceram a voz do moço, do levita.** O levita que servia de sacerdote a Mica, evidentemente tinha se encontrado com os espias danitas em alguma ocasião anterior.

**5. Consulta a Deus, para que saibamos.** Os danitas pediram ao levita que averiguasse o sucesso de sua missão. Eles achavam que um sacerdote com seu éfode servia de uma espécie de adivinho.

**6. Ide em paz; o caminho que levais está sob as vistas do Senhor.** O levita trouxe um relatório encorajador. Ele indicou que a expedição podia esperar as bênçãos do Senhor.

**7. Partiram os cinco homens, e chegaram a Laís.** Laís ou Lesém, a cidade ao norte das terras ocupadas pelos antigos israelitas. Depois de

conquistada pelos danitas, ficou conhecida por Dã. Os espiões descobriram que Laís era uma cidade com forte governo interno, longe dos fenícios de Sidom, sem nenhum tratado com as tribos vizinhas que poderiam causar aos danitas algum problema no caso de um ataque.

**9. Disponde-vos, e subamos contra eles.** Os espiões voltaram com um bom relatório, sugerindo que os danitas podiam tomar Laís.

**11. Então partiram dali . . . seiscentos homens.** A expedição danita incluía seiscentos guerreiros. suas esposas, filhos e propriedades.

**12. Subiram, e acamparam-se em Quiriate-Jearim. Quiriate-Jearim** (*cidade das florestas*) é uma viagem de duas a três horas de Estaol. No tempo da conquista, Quiriate-Jearim foi uma das cidades da confederação gibeonita (Js. 9.17). O nome da colônia danita perto de Quiriate-Jearim era Maané-Dã (*campo de Dã*).

**13. E chegaram até à casa de Mica.** Os cinco espias contaram à expedição sobre o levita que servia na casa de Mica e sobre os objetos de culto que o efraimita tinha em seu santuário particular (v. 14). Depois das saudações convencionais (v. 15), enquanto os seiscentos guerreiros montavam guarda, os cinco homens que foram os espias entraram no santuário, pegaram a imagem. O éfode e os ídolos do lar (cons. 17: 4, 5). Depois persuadiram (ou forçaram) o levita a acompanhá-los (18-19), garantindo-lhe que era melhor servir como sacerdote a toda a tribo do que a uma única família. Tendo concretizado sua missão na casa de Mica, os danitas prepararam-se para continuar viagem (v. 21).

**22. Os homens que estavam nas casas junto à dele... alcançaram os filhos de Dã.** Mica e seus vizinhos alcançaram os danitas e os acusaram de roubar o sacerdote de Mica e seus objetos religiosos.

**25. Não nos faças ouvir a tua voz, para que porventura homens de ânimo amargoso não se lancem sobre ti.** Os danitas ameaçaram os vizinhos de Mica com a morte se tentassem reaver os objetos religiosos ameaçados. Mica e seus companheiros foram forçados a retornar para casa sem a sua propriedade roubada (v. 26).

**27. Chegaram a Laís ... e queimaram a cidade a fogo.** Os danitas atacaram os habitantes de Laís, mataram-nos à espada e queimaram sua cidade. A distância que havia entre a cidade e Sidom e sua falta de aliados deixou-a indefesa (v. 28). Os danitas subsequentemente reconstruíram a cidade, deram-lhe o nome de Dã e habitaram nela.

**30. Os filhos de Dã levantaram para si aquela imagem de escultura.** O ídolo de Mica foi colocado em um santuário na cidade de Dã. Uma linhagem de sacerdotes cuja origem remonta a *Gérson, o filho de Moisés*, oficiava no santuário danita. A tradução da E.R.A., *Gérson, filho de Manassés*, baseia-se em uma convenção dos escribas arquitetada pelos antigos escribas, a fim de remover o nome de Moisés de qualquer associação com a idolatria. Jônatas talvez fosse o nome do levita mencionado antes em 17:7. O sacerdócio de Jônatas e seus filhos, conforme se diz, durou **até ao dia do cativeiro do povo**. Com base no versículo 31 o "cativeiro" foi interpretado por alguns como referência ao exílio da arca quando foi retirada de Silo (I Sm. 4:11). Outros querem que se refira à deportação do povo da Galiléia do Norte por Tiglate-Pileser (II Reis 15:29).

**31. A imagem de escultura, feita por Mica, estabeleceram para si, todos os dias que a casa de Deus esteve em Silo.** Durante algum tempo Silo foi a capital religiosa de Israel (I Sm. 1:3), mas os danitas mantiveram seu próprio culto idólatra. Dã continuou como um centro de idolatria depois da ruptura do reino de Salomão. Jeroboão colocou bezerros de ouro em Betel e Dã (I Reis 12:29).

## **B. O Crime em Gibeá e a Guerra Contra Benjamim. (19:1 – 21:25)**

### **Juízes 19**

**19:1. Houve um homem levita, que ... tomou para si uma concubina.** A história do crime em Gibeá está prefaciada com a observação: **não havia rei em Israel**. Naquele tempo de anarquia

quando Deus era rei teoricamente, ruas na prática os homens faziam o que era justo aos seus próprios olhos, um levita da terra montanhosa de Efraim, dos planaltos centrais. Tomou uma concubina de Belém de Judá.

**2. Porém ela ... tomou para a casa de seu pai.** A causa da dificuldade conforme apresentada na E.R.C. é que **ela adulterou contra ele**. A E.R.A., seguindo a LXX e o Latim Arcaico, diz: **o deixou**, isto é, abandonou-o. Moore, na ICC, traduz que *ela ficou zangada com ele*.

**3. Seu marido ... levantou-se e foi após dela.** O marido foi atrás da mulher **para falar-lhe ao coração**. Literalmente. (Cons. Os. 2:14). Foi muito bem acolhido pelo pai da jovem, que o hospedou por três dias (v. 4). No quarto dia, o levita e sua concubina prepararam-se para partir, mas o pai relutou em deixá-los ir. Ficaram até o quinto dia (v. 8).

**10. Porém o homem não quis passar ali a noite.** Resistindo à insistência de seu sogro, o levita e sua concubina dirigiram-se para o norte. Passaram por Jerusalém, conhecida por Jebus por causa dos jebusitas que ali viviam. Por ser uma cidade de gente que não era israelita, o levita recusou-se a passar a noite em Jebus, mas insistiu em dirigir-se para Gibeá, uma cidade da tribo de Benjamim (v. 12).

**15. Retiraram-se para Gibeá.** Esperando hospitalidade na cidade de Gibeá, o levita ficou desapontado. Ficou na praça pública, dentro dos portões da cidade, mas nenhum homem de Gibeá lhe ofereceu hospitalidade.

**16. Eis que ao anoitecer veio do seu trabalho do campo um homem velho.** Finalmente um homem do Monte Efraim que morava em Gibeá ofereceu-lhe hospitalidade. Novamente sublinhou-se a falta de hospitalidade dos homens de Gibeá.

**18. Estou de viagem para a casa do Senhor.** O levita identificou-se diante do homem que demonstrou interesse em ajudá-lo. As palavras, a casa do Senhor, devem significar Silo ou Betel (cons. 10:18, 26). A RSV segue a LXX na tradução, *volto para minha casa*.

**21. Levou-o para sua casa.** O velho morador de Gibeá ofereceu hospitalidade ao levita, dando a entender que poderia cuidar de todas as necessidades do seu hóspede (v. 20).

**22. Filhos de Belial, cercaram a casa.** O vício dos homens de Gibeá compara-se ao dos sodomitas. Queriam ter relações carnavais com o levita. Tal como Ló ofereceu suas filhas em circunstâncias semelhantes (Gn. 19:8), assim aqui o dono da casa ofereceu sua própria filha e a concubina do levita a fim de proteger seu hóspede (v. 24).

**25. Então ele pegou da concubina do levita e entregou a eles.** O levita ofereceu sua concubina a fim de se salvar. A atitude não pode ser justificada. Abraão também esteve pronto a sacrificar Sara a fim de se salvar em circunstâncias semelhantes (Gn. 12:10-20). A concubina do levita foi abusada a noite inteira.

**27. Levantando-se pela manhã o seu senhor ... eis que a mulher, sua concubina, jazia à porta da casa.** Depois de sua angustiante experiência noturna, a concubina tentou voltar para casa, em busca de segurança. Contudo, morreu à porta do seu hospedeiro.

**29. Tomou de um cutelo, e, pegando a concubina.** Quando o levita viu o que tinha acontecido, colocou o corpo de sua concubina sobre um jumento e a levou para casa. Ali dividiu-o em doze pedaços e os enviou a diversas partes de Israel (cons. I Sm. 11:7). Todos concordam que tal atrocidade não acontecia desde o êxodo do Egito (v. 30).

## Juízes 20

**20:1. Saíram todos os filhos de Israel.** Os israelitas prepararam-se para guerra. Reuniram-se em Mispa, ponto central da tribo de Benjamim. Com exceção dos homens de Jabes-Gileade, (21:8) todo Israel estava representado.

**3. Ouviram os filhos de Benjamim que os filhos de Israel haviam subido a Mispa.** Gibeá ficava cerca de 4,8kms de Mispa. Os benjamitas resolveram defender os habitantes de Gibeá.

**4. Então respondeu o homem levita . . . Cheguei . . . a Gibeá.** O levita tornou a contar os acontecimentos que culminaram na morte da concubina, e declarou suas razões para enviar partes do seu culpo a todo Israel. Então pediu conselho aos que estavam reunidos.

**8. Nenhum de nós voltará para sua tenda.** As tribos todas resolveram punir os homens de Gibeá, e apresentaram um plano de ação. Decidiram: **subiremos contra ela por sorte** (v. 9). A sorte poderia ser usada para determinar quem atacaria Gibeá primeiro. Aqui, contudo, parece que foi usada para determinar a décima parte da força combativa que deveria estar disposta para servir de intendência. Um grande exército precisa de homens responsáveis pela obtenção de provisões (v. 10).

**12. As tribos de Israel enviaram homens por toda a tribo de Benjamim, para lhe dizerem: Que maldade é essa que se fez entre vós?** As outras tribos achavam que Benjamim permitira uma atrocidade que não tinha consistência com a estatura moral de Israel como um todo. Pediram que se lhes entregassem os ofensores para serem punidos. O propósito disto era **tirar o mal de Israel** (v. 13). Na liturgia judia o verbo traduzido para tirar usa-se em relação à completa remoção do fermento na véspera da Páscoa. Os israelitas desejavam "extirpar" o mal de sua vida corporativa punindo os ofensores.

**14. Antes os filhos de Israel se juntaram . . . para saírem a pelejar contra os filhos de Israel.** Os homens da pequena tribo de Benjamim, sentiram-se capazes de se defenderem contra o restante das tribos. Convocaram um exército, incluindo setecentos homens escolhidos, canhotos (vs. 15, 16; cons. 3:15). Os benjaminitas eram habilidosos guerreiros e atiradores de fundas (cons. I Cristo. 12:2).

**18. Levantaram-se os israelitas . . . e consultaram a Deus.** Os israelitas consultaram o oráculo em Betel para determinar quem deveria atacar primeiro os benjaminitas. Judá foi indicada como a tribo que deveria liderar o assalto. As tropas israelitas prepararam-se para assaltar Gibeá (v. 20), mas foram massacrados pelas forças de Benjamim que saíram com ímpeto da cidade (v. 21). Depois de reagrupar suas forças



exauridas, Israel tornou a consultar o oráculo do Senhor: **Tornaremos a pelejar contra os filhos de Benjamim, nosso irmão?** Quando o Senhor deu uma resposta afirmativa (v.23), Israel preparou-se para um segundo ataque.

**25. Os de Benjamim no dia seguinte saíram de Gibeá.** Uma segunda vez os benjaminitas derrotaram as forças das outras tribos.

**26. Então todos os filhos de Israel . . . vieram a Betel** (a casa de Deus). A questão da interpretação, aqui, refere-se à localização da "casa de Deus". Foi em Silo ou em Betel? Desde os dias de Josué até os do sacerdote Eli, a arca esteve localizada em Silo (Js. 18:10; I Sm. 1:3). Isto, entretanto, não exclui a possibilidade de um santuário em Betel no tempo dos juízes. Os israelitas choraram, jejuaram e ofereceram sacrifícios adequados. Quando o sacerdote Finéias apresentou-se ao Senhor e perguntou se a batalha devia ou não ser recomeçada, recebeu a resposta: Subi, que amanhã eu os entregarei nas vossas mãos (v. 28 ).

**29. Então Israel pôs emboscadas em redor de Gibeá.** Na terceira batalha com os benjaminitas, os israelitas usaram de estratégia que foi triunfantemente usada por Josué em Ai (Js. 8:4-29). Fizeram os benjaminitas saírem de Gibeá para lutar contra um exército israelita, enquanto um grupo de emboscada observava o momento estratégico para entrar na cidade. Na fase inicial da batalha, os benjaminitas, achando que estavam se saindo bem, disseram: **Vão derrotados diante de nós como dantes** (v. 32). Os israelitas, contudo, estavam agindo de acordo com a sua estratégia. Disseram: **Fujamos, e atraíamo-los da cidade para as estradas.** A linha dos israelitas foi reformada em Baal-Tamar, um lugar desconhecido.

**33. E a emboscada de Israel saiu do seu lugar, das vizinhanças de Gibeá.** A RSV segue a LXX e a Vulgata traduzindo *dos seus lugares a oeste de Gibeá*, como fonte de onde a emboscada saiu. A JPS translitera o nome para *Maaré-Geba*. O lugar serviu de esconderijo para a emboscada.

**37. A emboscada . . . acometeu a Gibeá.** A cidade estava sem defesa enquanto seus exércitos perseguiam os israelitas que aparentemente fugiam. Os homens da emboscada entraram em Gibeá sem lutar e anunciaram a sua presença dando início a um grande incêndio (v. 38). Quando os israelitas, em fuga fingida, perceberam a fumaça do fogo (v. 40), um sinal combinado (v.38), viraram-se contra os benjaminitas (v. 42) e os mataram à vista de sua cidade incendiada. Dezoito mil valentes benjaminitas foram mortos (v. 44).

**45. Então viraram, e fugiram ... à penha Rimom,** cerca de 6,7kms a leste de Betel (v. 47), onde ficaram por quatro meses. Os outros benjaminitas foram destruídos com suas cidades e propriedades.

## Juízes 21

**21:1. Ora haviam jurado os homens de Israel em Mispa.** Depois da matança dos benjaminitas, os israelitas enfrentaram um novo problema. Quase toda a tribo de Benjamim fora destruída, e as outras tribos tinham jurado que não permitiriam que suas filhas se casassem com os benjaminitas restantes. Como seria preservada a tribo de Benjamim?

**5. Quem ... não subiu à assembléia do Senhor?** Em busca de um meio de preservar a tribo de Benjamim para que não se extinguísse, os israelitas procuraram determinar se havia alguém que não tivesse se reunido com eles em Mispa. Eles tinham jurado que qualquer que se recusasse a vir a Mispa seria condenado à morte. Depois de investigar descobriram que Jabes-Gileade não atendera ao apelo de se reunirem em assembléia (v. 8). Portanto doze mil homens foram enviados contra Jabes-Gileade com ordem de matar os homens e as mulheres casadas, mas trazer as virgens ao acampamento de Silo (vs. 10-12).

**13. Toda congregação, pois, enviou mensageiros aos filhos de Benjamim, que estavam na penha Rimom.** Os benjaminitas que restaram receberam a garantia de que as intenções dos israelitas eram pacíficas, e as virgens de Jabes-Gileade tornaram-se as esposas de quatrocentos deles (v. 14).

**16. Como obteremos mulheres para os restantes ainda?** À vista do juramento de não dar esposas aos benjaminitas e querendo preservar Benjamim da extinção, era preciso arranjar meios de conseguir esposas para eles.

**19. Eis que de ano em ano há solenidade do Senhor em Silo.** Descobriram um modo de se esquivarem do voto. Durante uma festa anual em Silo, as jovens da cidade seriam apreciadas dançando (v. 21). Os benjaminitas foram instruídos: **Ide, emboscai-vos nas vinhas** (v. 20), até que cheguem as jovens. Então deviam sair e cada um arrebatá-la sua mulher. Assim os benjaminitas arranjariam esposas e os israelitas não violariam seu juramento, pois não teriam "dado" suas filhas aos benjaminitas. Se houvesse queixas dos parentes das jovens envolvidas (v.22), os israelitas disseram que intercederiam em favor dos benjaminitas.

**23. Assim fizeram os filhos de Benjamim** e arranjarão esposas, retornando às suas casas e reconstruindo as cidades que foram destruídas na guerra.

**24. Então os filhos de Israel também partiram, cada um para a sua tribo.** A assembléia dos israelitas foi dispersa depois que ficaram resolvidos os assuntos relacionados com os benjaminitas. O livro termina com o lembrete de que estes tristes acontecimentos tiveram lugar durante o período em que não havia rei em Israel: cada um fazia o que achava mais reto (v. 25). Embora a mão de Deus possa ser encontrada através de toda a história dos Juízes, o fracasso humano se destaca com nítido relevo.

# RUTE

**Introdução**

**Capítulo 1**

**Esboço**

**Capítulo 2**

**Capítulo 3**

**Capítulo 4**

## **Introdução**

**Título.** O Livro de Rute recebeu o nome de sua heroína, uma moabita que, depois da morte do marido, viajou para Belém com a sogra viúva. Rute ocupa um lugar importante na história israelita porque tornou-se antepassada do Rei Davi (Rute 4:18-22) e de Jesus (Mt. 1:1, 5).

**Data e Autoria.** A data da autoria do Livro de Rute é desconhecida. Mestres da Bíblia encontram algumas pistas sobre a época de sua composição dentro do próprio livro. Uma vez que Davi foi mencionado no livro (4:17, 22), não poderia ter sido escrito antes do décimo século A.C. O escritor achou necessário explicar certos costumes que considerou arcaicos (4:6-8), fato este que indica que o livro foi escrito alguns anos depois que os costumes caíram em desuso.

Quanto tempo depois do período de Davi o Livro de Rute foi escrito é uma questão de conjecturas. Embora alguns mestres o datem do quarto século, muitos outros insistem em uma data pré-exílica. Robert Pfeiffer observa: "O caráter geral do vocabulário hebreu, a sintaxe e o uso de expressões idiomáticas antigas em uso nas melhores obras do Velho Testamento . . . e a pureza clássica do estilo podem ser mencionados em favor de uma data precoce" (*Introduction to the Old Testament*, pág. 718). Ele prefere uma data em cerca de 400 A.C., entretanto, e sugere que um escritor talentoso de um período posterior poderia ter criado esta obra segundo o padrão de modelos anteriores.

Edward Young, chamando a atenção para a ausência do nome de Salomão na genealogia, sugere que uma vez que um escritor mais recente teria estendido sua genealogia além do período de Davi, o livro

foi provavelmente escrito em algum período durante o reinado de Davi (*Introduction to the Old Testament*, pág. 358).

O Talmude (*Baba Bathra*, 14b) atribui a autoria de Rute a Samuel, um ponto de vista que já não é mantido pelos mestres judeus e cristãos. Como no caso dos outros livros históricos do Velho Testamento, não podemos indicar um autor conhecido para Rute. É claro que isto não diminui o valor espiritual e a beleza literária deste episódio do período dos Juízes, que um desconhecido autor judeu preservou.

**Uso do Livro.** Na liturgia judaica o códice de Rute lê-se durante o Pentecostes.

**Antecedentes Históricos.** O período de Juízes foi de turbulência e inquietação. Inveja entre as tribos e opressões estrangeiras enfraqueceram os israelitas politicamente, e a idolatria solapou a força moral do povo que experimentara o poder de Deus no período do Êxodo. A história de Rute, contudo, apresenta um diferente aspecto da vida durante o período dos Juízes. Lemos aqui sobre as tristezas e alegrias de uma piedosa família de Belém. Rute, a moabita, que passou a adorar o Deus de Israel, exibiu uma fé e uma lealdade rara naquele tempo em Israel. Depois da tristeza de perder seu primeiro marido, Rute retornou a Belém com sua sogra e realizou um casamento feliz com Boaz. Deste modo ela veio a ser uma antepassada do Rei Davi.

## ESBOÇO

- I. A família de Elimeleque emigra para Moabe. 1:1-5.
- II. A viúva de Elimeleque e sua nora retornam a Moabe. 1:6-8.
- III. Noemi e Rute chegam a Belém. 1:19-22.
- IV. Rute rebusca nos campos de Boaz. 2:1-23.
- V. Rute encontra um remidor. 3:1-18.
- VI. Boaz casa-se com Rute. 4:1-17.
- VII. Rute vem a ser uma antepassada de Davi. 4:18-22.

---

**COMENTÁRIO****Rute 1**

I. A Família de Elimeleque Emigra para Moabe. 1:1-5.

1. Nos dias em que julgavam os juizes. O Livro de Rute apresenta um contraste aos turbulentos acontecimentos descritos em Juizes. Ali nós lemos sobre a apostasia e a opressão, inveja intertribal e guerra civil. Aqui somos lembrados da providência divina na vida de uma família das tristezas dessa família e do modo como os propósitos do Senhor foram realizados através de uma moabita, que veio a ser antepassada do Rei Davi e do Salvador (cons. Mt. 1:5).

**Houve fome na terra.** As chuvas na Palestina não são muito abundantes e com bastante freqüência são insuficientes para regarem adequadamente a lavoura básica. Houve fomes durante a vida de Abraão (Gn. 12:10), Davi (II Sm. 11:1) e Elias (I Reis 17:1). **Na terra de Moabe.** Moabe foi um filho de Ló, o fruto funesto de um relacionamento incestuoso de Ló com uma de suas filhas (Gn. 19:36, 37 ). Os moabitas pagaram a Balaão para amaldiçoar Israel (Nm. 22:1-8), durante a peregrinação de Israel a Canaã. Sob circunstâncias normais os moabitas eram excluídos da participação da vida nacional e cooperativa de Israel (Dt. 23:3-6). Havia relacionamento amistoso entre indivíduos israelitas e moabitas, no entanto. Quando fugia da ira de Saul, Davi encontrou um amigo no rei de Moabe (I Sm. 22:3, 4).

**2. Malom e Quiliom.** Os nomes dos dois filhos de Elimeleque e Noemi expressam fraqueza física. Malom significa "doentio" e Quiliom, "definhante". Na verdade não viveram muito tempo depois de se estabelecerem em Moabe.

**4. Os quais casaram.** Os filhos de Elimeleque e Noemi estabeleceram-se em Moabe e se casaram, Não há condenação específica sobre tais casamentos, embora certamente os israelitas ortodoxos deveriam ter desaprovado.

**5. Ficando assim a mulher desamparada.** Durante os dez anos de estada em Moabe, o marido e os dois filhos de Noemi morreram, Tudo o que restou da família antes tão feliz, foram três mulheres - Noemi e suas duas noras, Rute e Orfa.

## **II. A Viúva e as Noras de Elimeleque Retornam de Moabe. 1:6-18.**

**6. Ouviu que o Senhor se lembrara do seu povo.** Estando em Moabe, Noemi ficou sabendo que a fome em Belém havia terminado. Sendo uma viúva com laços familiares que a prendiam àquela cidade, preparou-se para voltar para casa.

**7. Saiu, pois, ela com suas duas noras.** As jovens eram tão apegadas à sogra que quiseram deixar sua própria pátria para irem com ela a Belém.

**8. Ide, voltai cada uma à casa de sua mãe.** Noemi achou que não seria sábio as duas jovens deixarem Moabe, sua terra natal. Elogiou-as pela lealdade para com os seus maridos falecidos e para com ela mesma, e insistiu a que ficassem em sua terra natal.

**9. Cada uma em casa de seu marido.** Noemi achou que as jovens gostariam de tornarem a se casar. Como foram leais no tempo da adversidade, orou a Deus que lhes desse dias de prosperidade e bênçãos em um segundo casamento.

**10. Iremos contigo ao teu povo.** Era um tributo ao caráter piedoso de Noemi que suas noras estivessem prontas a deixarem a sua própria terra para irem com ela a Judá.

**11. Por que iríeis comigo?** De acordo com o princípio do casamento em levirato, o irmão seguinte (ou, como veremos mais tarde, o parente mais próximo) devia se casar com a viúva sem filhos que o falecido deixara. O primeiro filho do segundo casamento seria considerado do irmão falecido e essa criança levaria o nome da família e herdaria as propriedades como se fosse filho do falecido. Noemi perguntou: **Tenho eu ainda no ventre filhos?** Ela quis dizer que não

tinha mais esperanças de vir a ser mãe de filhos que pudessem mais tarde se casar com as duas viúvas moabitas.

**14. Porém Rute se apegou a ela.** Rute não pôde ser dissuadida. Ela tinha tomado a decisão de permanecer com Noemi fossem quais fossem as conseqüências, e veio a se tornar antepassada de Davi como resultado de sua escolha. Embora o caráter de Orfa sofra por causa do contraste com o de Rute, nenhuma palavra de reprovação lhe foi dirigida. Ela agiu de acordo com o conselho de Noemi e retornou a Moabe, saindo em conseqüência do registro bíblico.

**16. Aonde quer que fores, irei eu.** Esta seção de Rute é considerada um dos mais tocantes trechos da literatura. Rute renunciou a tudo quanto deveria considerar caro em Moabe e voluntariamente escolheu ir a Judá e lá começar uma vida inteiramente nova com sua sogra. Esta escolha tem aspecto religioso além de cultural, conforme vemos nas palavras – **o teu Deus é o meu Deus**. Em Moabe Rute teria de adorar Camos (Nm. 21:29). Indo para Judá, entretanto, poderia adorar o Deus de Israel. Era um testemunho para com seu falecido marido e sua sogra que Rute desejava entregar-se ao Deus que eles adoravam.

**17. Faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver.** Com estas palavras Rute solenemente confirmou seu desejo de ser leal a Noemi enquanto vivesse. Suas palavras implicavam em voto solene, que poderia ser assim parafraseado: "Que um severo juízo me sobrevenha se eu não for fiel ao meu voto".

**18. Vendo, pois, Noemi que de todo estava resolvida a ir com ela.** As palavras de Rute expressavam um amor e uma lealdade que a mulher mais velha não podia rejeitar, e uma determinação que fez Noemi desistir de sua insistência a que retornasse a Moabe.

### III. Noemi e Rute Chegam a Belém. 1:19-22.

**19. Então ambas se foram ... a Belém.** Quando Noemi e Rute chegaram à cidade, provocaram verdadeira sensação. **Não é esta Noemi?** perguntavam as pessoas, expressando surpresa. Noemi e Elimeleque



tinham partido com sua feliz família; agora a própria aparência de Noemi dava testemunho das dificuldades que experimentara.

**20. Não me chameis Noemi, chamai-me Mara.** Noemi significa *agradável*, enquanto que Mara significa *amarga*. Noemi disse, em resumo, que as experiências em Moabe trouxeram tal sofrimento à sua vida que já não podia levar o nome de Noemi. **Grande amargura me tem dado o Todo-poderoso.** Noemi reconheceu que as tragédias de sua vida não foram acidentais mas que a mão de Deus estivera em todas elas. Deus é o Todo-poderoso, Aquele que controla todas as circunstâncias da vida. Ele não é incapaz na presença do mal, mas continua sendo o Deus soberano, que pode fazer todas as coisas contribuírem para o bem dos seus filhos (Rm. 8:28). Embora Noemi não se esquecesse dos seus sentimentos de pesar ao chegar em Belém, seu reconhecimento de que Deus é Todo-poderoso oferecia um raio de esperança.

**21. O Senhor me fez voltar pobre.** As próprias tragédias de sua vida ela remontava à vontade soberana de Deus. Paulo dizia que sabia como "ser humilhado" e como "ter abundância". Noemi considerava a sua pobreza como resultado da providência divina em sua vida. Embora "vazia", Noemi gratamente reconhecia que o Senhor a trouxera para casa.

**22. Chegaram a Belém no princípio da sega das cevadas.** A fome se acabara e o começo da colheita era boa ocasião para retornar ao lar. A experiência moabita comprovara-se trágica, mas os campos de Belém estavam agora cheios.

## Rute 2

### IV. Rute Rebusca nos Campos de Boaz. 2:1-23.

**1. Tinha Noemi um parente . . . o qual se chamava Boaz.** O parente está descrito na E.R.A. como sendo **senhor de muitos bens**, traduzindo uma frase que geralmente significa *um homem de grande valor*, isto é, um bravo guerreiro. Aqui a expressão parece dar a idéia das melhores qualidades masculinas.

**2. Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas.** De acordo com a lei mosaica os pobres tinham o direito de colher as espigas que caíam das mãos dos segadores (Lv. 19:9; 23:22; cons. Dt. 24:19). **Espigas** se refere à **cevada** (cons. Rute 1:22).

**3. Entrou na parte que pertencia a Boaz.** Ela não tinha intenção de ir a algum campo em particular, mas "aconteceu" que foi ao campo de Boaz. O que parecia ser um acidente vê-se como providência de Deus à luz de toda a história.

**5. De quem é esta moça?** Boaz notou a presença de uma estranha em seu campo. Sua aparência e roupas eram diferentes das outras moças que costumavam rebuscar atrás dos segadores.

**6. Esta é a moça moabita.** A resposta foi quase depreciativa: "É aquela estrangeira que voltou de Moabe com Noemi!"

**7. Ela veio, desde pela manhã está aqui até agora.** Rute pedira permissão para rebuscar no campo de Boaz. Quando o encarregado dos segadores lhe deu permissão, ela trabalhou diligentemente. **Um pouco que esteve na choça.** Essas palavras provavelmente se referem ao tempo que ela passou na cabana construída no campo para descanso e alimentação. O texto hebraico implica em que Rute passou algum tempo ali. Embora a LXX traduza, *ela não descansou nem um pouquinho*. A Vulgata diz, *ela não voltou para casa nem mesmo por pouco tempo*.

**8. Aqui ficarás com as minhas servas.** As servas seguiam os segadores no campo, a fim de amarrar os molhos. Boaz sugeriu que Rute permanecesse no campo com elas. Há um entendimento tácito de que ele providenciaria pur suas necessidades.

**9. Não dei ordem aos servos, que te não toquem?** Boaz orientou seus trabalhadores a que não fizessem mal a Rute. Ela recebeu ainda autorização para beber da água que era fornecida aos trabalhadores nos campos de Boaz.

**10. Como é que me favoreces e fazes caso de mim?** Rute ficou comovida com as atitudes gentis de Boaz. A própria pergunta que fez comprovou seu espírito de humildade e modéstia.

**11. Bem me contaram tudo.** Boaz fizera perguntas sobre Rute e ficara sabendo de sua lealdade para com a sogra. Abandonar a terra do nascimento era considerado verdadeiro sacrifício.

**12. Seja cumprida a tua recompensa do Senhor Deus de Israel.** Boaz reconhecia que ele sozinho não poderia recompensar Rute adequadamente por sua lealdade. Orou para que Rute fosse abundantemente recompensada pelo Senhor. **Sob cujas asas deste buscar refúgio.** Rute encontrou um lugar de refúgio no Deus de Israel. Como uma galinha ajunta seus pintinhos sob as asas para protegê-los do mal, assim Deus protege aqueles que O buscam.

**13. Pois me consolaste.** Rute fora profundamente sensibilizada pelas observações de Boaz. Sentia-se indigna de tanta gentileza. **Não sendo eu nem ainda como uma das tuas servas.** Ela se considerava inferior às moças que trabalhavam para Boaz – talvez por causa de sua pobreza, sua nacionalidade gentia e seus antecedentes pagãos. A bondade dele para com as outras era compreensível. A bondade dele para com ela consistia em graça pura.

**14. À hora de comer ... Achega-te para aqui.** Boaz convidou Rute para tomar lugar de honra. Ele teve o cuidado de verificar se ela tinha alimento suficiente.

**15. Até entre as gavetas deixai-a colher.** Normalmente os rebuscadores colhiam apenas as espigas que não estivessem atadas em molhos. Boaz, entretanto, fez provisão especial para Rute.

**16. Tirai também dos molhos algumas espigas.** JPS traduz: "Tirai algumas para ela". Os segadores foram instruídos a que cuidassem de Rute de maneira especial (sem que ela o soubesse). Ela tinha o direito legal de apanhar tudo o que acidentalmente caísse ao chão. Os segadores deixaram de propósito abundância de espigas para ela apanhar.

**17. Debulhou o que apanhara.** Quando a quantidade era pequena, era debulhada por meio de um bastão que batendo nas espigas separava os grãos da palha. **E foi quase um efa de cevada.** Isto era

aproximadamente três selamins, uma medida para grãos. Seria suficiente para o sustento de Rute e Noemi durante cerca de cinco dias.

**18. Viu sua sogra o que havia apanhado.** Sem dúvida Noemi ficou surpresa com a quantidade de cevada que Rute trouxe para casa. **O que lhe sobejara depois de faltar-se tirou e deu a sua sogra.** Rute deu a sua sogra o alimento que lhe sobrara da sua refeição.

**19. Onde colheste hoje?** Surpresa com a quantidade de cereal, Noemi perguntou a respeito do campo onde Rute trabalhara. **O nome do Senhor . . . é Boaz.** Boaz era um rico fazendeiro e parente chegado de Noemi. Como tal esperava-se dele que comprasse para a família as terras a que tinha direito (Lv. 25:25 ) e cuidasse dos membros desamparados da família.

**20. Bendito seja ele do Senhor, que ainda não tem deixado a sua benevolência nem para com os Avós nem para com os mortos.** Cuidando da viúva de Malom, Boaz estava cuidando dos mortos como também demonstrando bondade para com os vivos.

**22. Bom será, filha minha, que saias com as servas dele.** "Se Boaz deseja tratá-la com bondade, não vá a outra parte", aconselhou Noemi. "Aceite a sua generosidade e permaneça com suas servas".

**23. Até que a sega de cevada e de trigo se acabou.** Através de toda a estação da colheita Rute continuou trabalhando com as servas durante o dia, retornando à casa de sua sogra à noite.

## **Rute 3**

### **V. Rute Encontra um Remidor. 3:1-18.**

**3:1. Não hei de eu buscar-te um lar?** Noemi sentia que Rute não devia continuar sendo uma pobre rebuscadora dos campos. Considerando que Rute não tinha mãe (pelo menos em Judá), Noemi determinou tomar a iniciativa de lhe arranjar um casamento.

**2. Não é Boaz ... um dos nossos parentes?** Noemi, consciente do costume do casamento em levirato, resolveu aproximar-se de Boaz, Eis que esta noite alimpará a cevada na eira. Boaz passava a noite na eira

para se aproveitar da brisa que ajudava a joeirar os grãos, Os grãos eram jogados ao ar e a brisa carregava a palha. É possível também que Boaz passasse a noite ali para proteger a colheita dos ladrões.

**3. Desce à eira.** O registro está claro que tanto Noemi como Rute tinham as mais puras intenções em seus planos. Embora Rute fosse bondosamente tratada por Boaz, ele não fizera nenhuma insinuação sobre casamento. Noemi agora planejou um meio de Rute se encontrar sós com Boaz.

**4. Então chegarás, e lhe descobrirás os pés, e te deitarás.** Sob circunstâncias normais isto seria interpretado como um ato de imoralidade. Contudo, a integridade de Rute e Boaz era tal que Noemi sentiu-se livre para sugeri-lo.

**9. Estende a tua capa sobre a tua serva, porque tu és resgatador.** O costume se um homem colocar o canto de sua capa sobre uma jovem era compromisso de casamento conhecido entre os árabes.

**10. Não foste após jovens, quer pobres quer ricos.** Uma tradição declara que Boaz tinha oitenta anos de idade quando casou-se com Rute. Aqui ela foi elogiada por não buscar a companhia dos homens jovens que, presumivelmente, seriam mais atraentes.

**11. Toda a cidade do meu povo sabe que és mulher virtuosa.** O termo traduzido para virtuosa quando usado em relação a um homem descreve força, bravura e masculinidade, Todas as qualidades que são admiráveis em uma mulher encontravam-se em Rute, de acordo com este testemunho.

**12. Outro resgatador há mais chegado do que eu.** Boaz era apenas sobrinho de Elimeleque, enquanto que havia ainda um irmão vivo. Embora pronto a assumir a responsabilidade do *go'el* (isto é, de "remidor"), Boaz insistiu em permitir que o homem de parentesco mais chegado decidisse se queria ou não assumir as responsabilidades.

**13. Se não lhe apraz resgatar-te, eu o farei.** O parente mais achegado devia ter a primazia, mas Boaz expressou o desejo de atuar como *go'el* se o outro parente não o quisesse fazer. O *go'el* era um

protetor responsável em redimir a propriedade da família que fora alienada.

**14. Levantou-se antes que pudessem conhecer um ao outro.** Este não é o "conhecer" do relacionamento sexual. Mas outro verbo com o significado de *discernir*. A RSV diz *antes que pudessem reconhecer um ao outro*. A expressão idiomática hebraica diz: "antes que o homem pudesse reconhecer o seu vizinho", isto é, antes de amanhecer. **Não se saiba que veio mulher à eira.** Embora nenhum pecado fosse cometido. Boaz preocupou-se em que o povo não viesse a mal-interpretar a presença de Rute na eira.

**15. Ele o encheu com seis medidas de cevada.** A cevada talvez fosse enviada a Noemi em reconhecimento de sua responsabilidade pela atitude de Rute. Provavelmente Rute levou a cevada sobre a cabeça, como era costume no Oriente.

## Rute 4

### VI. Boaz Casa-se com Rute. 4:1-17.

**4:2. Então Boaz tomou dez homens dos anciãos da cidade.** Mais tarde o judaísmo passou a considerar dez homens o quorum necessário para a constituição de uma sinagoga. Dez também eram necessários entre os judeus para concederem a bênção matrimonial.

**3. Aquela parte da terra que foi de Elimeleque . . . Noemi ... a tem para venda.** Era do interesse da comunidade que a família fosse preservada de extinção. Por causa disso os problemas de Noemi e Rute eram assuntos que interessavam à comunidade.

**4. Resolvi, pois, informar-te disso.** Literalmente, *descobrir teu ouvido*, RSV, *achei que deveria te contá-lo*. **Se queres resgatá-la, resgata-a.** O parente mais próximo foi legalmente informado do seu direito de remissão. **Eu a resgatarei.** Ele pensava que a propriedade pertencia apenas a Noemi, e que a sua obrigação terminasse com a compra do campo dela.

**5. No dia em que tomares a terra . . . também a tomarás da mão de Rute, a moabita. . . para suscitar o nome do esposo falecido, sobre a herança dele.** Tanto a alienação da terra como a extinção da família deviam ser evitadas por meio da lei do *go'el*. O *go'el* não viria com a terra propriamente dita, mas seria mantido em confiança para o seu filho através de Rute, o qual herdaria o nome e o patrimônio de Malom (seu primeiro marido).

**6. Não a poderei resgatar.** Isto envolveria em prejuízo financeiro para o comprador. O presumível *go'el* prejudicaria sua própria herança gastando dinheiro com terras que não lhe pertenceriam, mas a um filho de Rute. O Targum dá a entender que o parente já era casado, fias isto não o livraria da obrigação.

**7. Este era outrora o costume em Israel.** A explicação dá a entender que na ocasião em que o livro foi escrito este costume já não estava mais em uso. **Tirava o calçado e o dava ao seu parceiro.** Era um ato simbólico de transferência. O homem que tirava o seu sapato renunciava quaisquer direitos legais que tinha na questão. O costume também é mencionado nas tabuinhas de Nuzu (Ernest R. Lacheman, "Notes on Ruth 4:7, 8", JBL, LVI, 1937, 53-56).

**8. Compra-a tu.** Boaz já tinha esclarecido antes que o faria se o parente mais próximo preferisse não aceitar a responsabilidade do *go'el*.

**9. Comprei da mão de Noemi tudo o que pertencia a Elimeleque, a Quiliom e a Malom.** Boaz declarou publicamente que tomava posse da propriedade e assumia a responsabilidade por Noemi e Rute.

**10. Também tomo por mulher a Rute, a moabita.** Boaz tomou Rute em casamento de levirato para que este nome não seja exterminado dentre seus irmãos, isto é, para perpetuar a família de Malom. Da porta da sua cidade. A porta de uma cidade oriental era a prefeitura da cidade, o lugar do governo e autoridade.

**11. O senhor faça a esta mulher... como a Raquel e como a Lia ... e tu... há-te valorosamente em Efrata, e faze-te nome afamado em Belém.** Raquel e Lia eram esposas de Jacó. As testemunhas expressaram seus

votos para que Boaz fosse recompensado com uma família comparável a de Jacó (ou Israel ). Efrata é u nome dado à região em que Belém está localizada. **Faze-te nome afamado.** Literalmente, *Recebe um nome*. Os anciãos e o povo expressaram seu desejo de que houvessem filhos que fossem reconhecidos como descendentes de Boaz.

**12. Seja a tua cosa como a casa de Perez.** Perez foi descendente de uma cananita (Gn. 38:2, 29 ). A jovem Tamar resolveu ela mesma tratar da questão do *go'el* depois da morte de dois maridos. Disfarçada em prostituta ela iludiu Judá forçando-o a manter um relacionamento pecaminoso com ela, o qual produziu os gêmeos – Perez e Zerá.

**13. Assim tomou Boaz a Rute . . . e teve um filho.** O casamento foi abençoado por Deus. Em característico ensinamento bíblico, o Senhor lhe concedeu que concebesse. Os filhos eram considerados como sagrada responsabilidade concedida pelo Senhor.

**15. Ele será restaurador da tua vida.** Estando os filhos de Noemi mortos, ela não tinha mais esperanças de continuar a linhagem familiar. O casamento de Rute e o filho que ela teve trouxe a esperança de uma nova família em Israel. **Tua nora. . . é melhor do que sete filhos.** Sete filhos eram indicação da bênção de Deus (cons. I Sm. 2:5; Jó 1:2). Noemi, contudo, tinha uma nora em cujo filho ela encontrou consolação pela perda de seus próprios filhos.

**16. Noemi tomou o menino . . . e entrou a cuidar dele.** Isto costuma ser interpretado como cerimônia de adoção.

## **VII. Rute Toma-se Antepassada de Davi. 4:18-22.**

**17. E lhe chamaram Obede.** Este é o pai de Jessé, pai de Davi. Obede significa "adorador", "servo" ou "escravo". Costumava ser combinado com os nomes do Deus de Israel ou com os nomes dos deuses pagãos, como em Obadias, Obede-Edom, Abednego e Abdula.

**18. As gerações de Perez.** Perez foi um filho de Judá (Gn. 46:12).

**20.** No tempo de Moisés, **Naassom** foi o cabeça da casa de Judá (Nm, 1:7; 7:12, 17; 10:14). Salmom na forma de "Salma" (conforme



---

usado no hebraico de Rute 4:20) aparece em I Cr. 2:51, 54 como "o pai de Belém", sem dúvida uma alusão ao povo que se estabeleceu ali, incluindo Boaz.

# 1 SAMUEL

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 9	Capítulo 17	Capítulo 25
Capítulo 2	Capítulo 10	Capítulo 18	Capítulo 26
Capítulo 3	Capítulo 11	Capítulo 19	Capítulo 27
Capítulo 4	Capítulo 12	Capítulo 20	Capítulo 28
Capítulo 5	Capítulo 13	Capítulo 21	Capítulo 29
Capítulo 6	Capítulo 14	Capítulo 22	Capítulo 30
Capítulo 7	Capítulo 15	Capítulo 23	Capítulo 31
Capítulo 8	Capítulo 16	Capítulo 24	

## INTRODUÇÃO

**Título.** O título dos dois livros de Samuel vem da figura-chave dos primeiros capítulos de I Samuel. O nome hebraico Samuel tem tido muitas interpretações. Contudo, o significado sugerido por Genesius, o mestre germânico do hebraico, que é "O Nome de Deus", ainda parece manter o primeiro lugar entre os mestres da Bíblia.

**Data e Autoria.** Como no caso de muitos outros livros do Velho Testamento, a data da autoria de I e II Samuel não é de todo conhecida. Parte da dificuldade em determinar a data está no fato de que muitas partes dos dois livros tratam de acontecimentos que ocorreram depois da morte de Samuel. A primeira parte de I Samuel poderia ter sido escrita em cerca de 1000 A.C., e o restante uns trinta a cinquenta anos mais tarde. Embora o Talmude conceda a autoria dos livros a Samuel, é mais provável que o profeta só escreveu aquelas seções que tratam da história de Israel antes de sua saída do ofício público.

Uma sugestão, muito interessante, é que Abiatar escreveu grande parte de I e II Samuel, especialmente aquelas partes que tratam da vida na corte de Davi. Abiatar estava intimamente ligado com a ascensão e

sorte do grande rei de Israel, pois passou algum tempo com Davi em seu exílio. Além disso, procedia de família sacerdotal e assim tinha acesso à arte da escrita e guarda de documentos. Outra idéia é que um dos filhos dos profetas de uma das escolas fundadas por Samuel continuou escrevendo a história de Israel começada por seu mestre.

**Antecedentes Históricos.** A chamada de Samuel para ser o profeta e juiz de Israel constituiu um momento crítico no desenvolvimento do reino de Deus no Velho Testamento. No período de transição da liderança das mãos de juizes divinamente escolhidos para a monarquia, Samuel teve a tarefa tremenda de orientar a reconstrução da unidade social e religiosa. Ele foi o instrumento divino para o estabelecimento do reino de Israel nesta grande crise nacional, apenas ultrapassada em importância pela experiência do Êxodo. A tarefa de Samuel foi a de liderar Israel na passagem do período dos Juízes para o dos reis.

Ele concluiu a obra dos Juízes, não pela força física de seu braço somente, mas pelo poder espiritual de sua palavra e oração. Ele também estabeleceu os fundamentos do ofício profético e desenvolveu-o até o nível do sacerdócio e do reino. Desse período em diante, os profetas sustentaram e fomentaram a vida espiritual da nação e foram os instrumentos através dos quais a vontade de Deus foi comunicada ao governante e ao povo.

## ESBOÇO

- I. A vida e o ministério de Samuel. 1:1 – 7:17.
  - A. O nascimento e a infância de Samuel. 1:1 – 4:1a.
  - B. A captura e a volta da arca. 4:1b – 7:1.
  - C. A vitória sobre os filisteus. 7:2-17.
- II. A vida e o ministério de Saul. 8:1 – 14:52.
  - A. Israel pede um rei. 8:1-22.
  - B. Vida política de Saul. 9:1 – 12:25.
  - C. Guerra da independência. 13:1 – 14:52.
- III. A vida e o começo do ministério de Davi. 15:1 – II Sam. 20:26.

- A. Saul rejeitado por Samuel. 15:1-35.
- B. Davi ungido para ser rei. 16:1-13.
- C. Davi na corte de Saul. 16:14 – 19:17.
- D. Davi no exílio. 19:18 – 31:13.
- E. Davi, rei em Hebrom. II Sm. 1:1 – 4:12.
- F. Davi, rei em Jerusalém. 5:1 – 8:18.
- G. Vida na corte de Davi. 9:1 - 20:26.
- IV. Os últimos dias da vida de Davi. 21:1 – 24:25.
  - A. A fome. 21:1-14.
  - B. Façanhas heróicas. 21:15 -22.
  - C. Salmo de Davi. 22:1-51.
  - D. O testamento de Davi. 23:1-7.
  - E. Façanhas heróicas. 23:8-39.
  - F. Recenseamento e praga. 24:1-25.

## COMENTÁRIO

### I. A Vida e Ministério de Samuel. 1:1 - 7:17.

#### A. O Nascimento e a Infância de Samuel. 1:1 - 4:1a.

#### 1 Samuel 1

**1:1. Um homem de Ramataim-Zofim.** A LXX diz: *um homem de Arimatéia* (cons. Mt. 27:57), *um zufita*. **Ramataim**, *Elevação Dupla*, é a forma dupla de Ramá, "elevação". De acordo com este livro, Ramá foi o lugar do nascimento (1:19), residência (7:17) e sepultamento (25:1) do profeta Samuel. Costuma ser identificado com Beit Rima, uma aldeia na orla ocidental dos planaltos centrais da Palestina, 19,3kms a noroeste de Betel e 19,3 kms a oeste de Silo. Zufe era um antepassado de Elcana (v. 1) e Ramá, o lar de Samuel (1:19), ficava na terra de Zufe (9: 5). Portanto, Ramá pode ser o nome abreviado de Ramataim-Zofim. **Um efraimita.** Elcana (e portanto Samuel) era um levita (veja I Cr. 6:33)

morando em território efraimita. Isto não era coisa fora do comum, uma vez que os levitas não tinham território tribal mas habitavam entre as tribos em cidades específicas.

**2. Duas mulheres.** A poligamia, em desacordo com o ideal para o casamento (Gn. 2:24), foi praticada por Abrão, Jacó, Gideão, Davi e Salomão. Este casamento bígamo (provavelmente de acordo com Dt. 21:15-17), foi sem dúvida causado por causa de um primeiro casamento sem filhos. Nenhuma acusação moral está sendo feita aos casamentos de Elcana. **Ana**, ou *Graça*, também era o nome da profetiza Ana (Lc. 2:36) e a mãe da Virgem Maria (de acordo com uma tradição), e da irmã da Rainha Dido de Cartago, sobrinha da Rainha Jezabel. **Penina**, "Coral" ou "Pérola", pode ser comparado à *Margarida*, que significa "pérola".

**3. Senhor dos Exércitos.** Um título para Deus, o líder dos exércitos da terra de Israel (Êx. 7:4; Sl. 44:9), e o comandante dos exércitos celestiais, tanto dos a) corpos celestiais, tais como o sol, a lua e as estrelas, como dos b) seres celestiais. Este título aplicado ao nome divino de Jeová, aparecendo pela primeira vez no V.T. em Samuel, proclama Sua soberania universal. **Em Silo.** Silo continuava sendo o centro religioso da nação até depois da perda da arca da aliança na desastrosa batalha de Ebenézer. Nobe então substituiu Silo como centro religioso. Jeremias destaca a desolação de Silo como testemunha constante do juízo divino: "Ide agora ao meu lugar, que estava em Silo, no princípio, fiz habitar o meu nome, e vede o que lhe fiz, por causa da maldade do meu povo de Israel" (Jr. 7:12, 14). Os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias. Os dois nomes são egípcios. Hofni, significa girino, e Finéias - o negro.

**4. Oferecia.** Seu sacrifício foi uma oferta de gratidão, pois os adoradores só participavam das ofertas de gratidão (Lv. 7:11-18). Parte do animal era oferecido em sacrifício a Deus, e o restante era consumido pelos adoradores em um despretenso culto de comunhão.

**5. A Ana, porém, dava porção dupla.** Muitos comentários acusam Elcana de favoritismo para com Ana. Esta falsa interpretação surgiu na tradução da Bíblia de Genebra de 1560, que diz: *uma porção digna*, com

base na tradução do Targum da difícil palavra hebraica *'apayim* ("de duas faces"?) para *excelente*. A LXX diz *'epes-ki*, "mas", dando a entender que Elcana dava a Ana apenas uma porção, embora a amasse. O favoritismo de Elcana consistia não em sua discriminação na mesa da refeição, mas em amar Ana mais do que amava Penina.

**6. A sua rival a provocava.** *Ka'as*, a palavra traduzida para "provocar", indica o sentimento despertado por causa de tratamento não merecido. Usa-se em relação ao sentimento divino de triunfo sobre os inimigos de Israel (Dt. 32:27). **Para a irritar.** Literalmente, *para fazê-la tropeçar*. A palavra *ra'am* significa provocar intimamente, perturbar, despertar comoção íntima. Mais tarde, a Versão Siríaca traduziu esta palavra para "lamento, queixa, murmuração".

**8. Melhor do que dez filhos.** Dez é um número redondo usado para expressar um grande número. "Não te sou melhor que uma grande família?" é o significado.

**9. Eli, o sacerdote** pertencia à família de Itamar, o quarto filho de Arão. A obrigação dos membros desta família era cuidar da propriedade material do Tabernáculo. Exatamente quando o sumo sacerdócio passou para a família de Eli não se sabe. Alguns mestres acham que o templo de Silo era uma tentativa fracassada da família de Itamar de usurpar o controle do sumo sacerdócio. Outros acham que a linhagem do sumo sacerdócio de Eleazar ficou decadente ou talvez até se extinguísse e por isso este ofício foi transferido para a seção mais promissora da família. **Templo do Senhor.** Literalmente, *palácio do Senhor*. *Hekal* é uma palavra emprestada do sumeriano *É-gal*, "casa grande". Originalmente era usada para indicar o palácio do rei, enquanto que mais tarde foi usada significando o templo da divindade. O Tabernáculo era chamado de "palácio de Jeová", não por causa da magnificência e esplendor do edifício, mas por ser o lugar da habitação de Jeová dos Exércitos, o Deus-Rei de Israel (cons. Sl. 5:7).

**10. Amargura de alma.** Eliseu usa a expressão, "a sua alma está em amargura", descrevendo a seu servo Geazi o desespero da rica

mulher sunamita diante da morte do seu jovem filho (II Reis 4:27). A frase usada com referência a Ana transmite a idéia de amargura mental, profundo desapontamento.

**11. E fez um voto.** Seu voto foi duplo: a) serviço de levita para toda a vida; b) voto de nazireu para toda vida. Nenhuma dessas posições era necessariamente permanente entre os hebreus. Um levita servia até a idade de cinquenta anos; o voto de nazireu era tomado por período de tempo específico (veja Nm. 6:2 e segs. com referência à Lei dos nazireus). Sansão, Samuel e João Batista foram dedicados a um nazireado perpétuo desde o nascimento.

**13. Seus lábios se moviam, porém não se lhe ouvia voz nenhuma.** Oração silenciosa não era característica dos antigos hebreus. A oração fora do comum de Ana levou Eli a pensar que estivesse embriagada.

**16. Filha de Belial.** Belial foi usado em literatura pós-bíblica como substituto para Satanás. Aqui significa "mulher indigna".

**17. O Deus de Israel te conceda a petição.** Comentadores judeus oferecem uma alternativa de tradução que faz Eli predizer que Deus daria a Ana um filho. O texto hebraico implica em desejo piedoso, não em predição profética.

**18. A mulher se foi seu caminho.** A LXII diz: *voltou ao seu alojamento e comeu*. Ambas as traduções, a E.R.A. e a LXX, dão a entender que Ana interrompeu sua rejeição para orar pedindo um filho.

**19. Levantaram-se de madrugada, e adoraram.** Este costume de se levantarem cedo para orar é comprovado pelos essênios de Qumran. **Lembrando-se dela o Senhor.** A sugestão aqui é que a ação direta do Senhor foi necessária para a concepção. A partir desta idéia só há um passo para a crença que uma grande família era recompensa da virtude e que a esterilidade era sinal de conduta pecaminosa.

**20. Passado o devido tempo.** Explicado por Kimchi (falecido em 1235), o comentador judeu, como "no fim do período da gestação". É melhor entender como "ao começar do novo ano", isto é, na próxima

peregrinação anual de Elcana. **Samuel.** Uns fazem este nome derivar de *shemu'a-'el*, "ouvido de Deus"; outros, de *shemu-'el*, "seu nome é poderoso". No entanto, a derivação de "o nome de Deus", conforme apresentado por Gesenius, é a explicação preferida. Duas outras pessoas do V.T. têm o nome de Samuel (Nm. 34:20; 1 Cr. 7:2).

**21. A cumprir o seu voto.** Talvez Elcana se unisse a Ana na apresentação dos votos diante do Senhor. A LXX traduz *votos* e acrescenta que nesta ocasião ele pagou "todos os dízimos de sua terra" (cons. Dt. 12 : 26, 27). Segundo Josefo, já se ventilou que o copista hebreu omitiu o que a LXX registrou por causa da improbabilidade de um levita pagar dízimos. Contudo, Josefo descreve Elcana como sendo um levita e de acordo com Nm. 18:26 e segs. e Ne. 10:38, os levitas pagavam dízimos.

**22. Quando for o menino desmamado.** De acordo com II Mac. 7:27, as mulheres hebréias amamentavam seus filhos até os três anos de idade.

**23. Confirme o Senhor a tua palavra.** Deus ainda não se revelara a Ana. Talvez as palavras de Eli (v. 17) levaram-no a pensar que Deus tinha falado por meio do nascimento, e assim eles antecipavam alguma palavra subsequente. A siríaca e a LXX dizem: *tua palavra*, como expressão de Elcana dizendo que Ana cumpriria o seu voto no devido tempo.

**24. Três novilhos.** Dois novilhos, de acordo com Ehrlich, eram presentes para Eli, e um foi sacrificado (v. 25). Keil sugere que todos os três foram sacrificados, um pelo voto do menino, um pela oferta queimada anual e um pela oferta anual de graças. A LXX diz: *um novilho de três anos*.

**26. Que aqui esteve contigo.** Orava-se a) de pé, como Ana e Abraão (Gn. 18:22); b ) ajoelhando-se, como Salomão (I Reis 8:54) e Daniel (Dn. 6:10); ou c) prostrando-se, como Moisés e Arão (Núm. 16:22) e Jesus (Mt. 26:39).



**28. Como devolvido ao Senhor.** Devolver é uma palavra inexpressiva para descrever o presente que Ana fazia de Samuel para o serviço do Senhor, no templo de Suo. Aqui a dedicação é completa e irrevogável.

## 1 Samuel 2

**2:1. Minha força está exaltada no Senhor** é a figura de um boi selvagem com a cabeça levantada confiando em sua força. **Minha boca se ri dos meus inimigos** refere-se a um gesto ainda usado no Oriente Médio para mostrar escárnio e desprezo.

**2. Não há santo como o Senhor.** É a santidade do Senhor que o torna diferente dos homens, transcendente. Esta transcendência é mais em termos de intensidade que de distância. **Rocha . . . como o nosso Deus.** Rocha é uma metáfora freqüente que expressa a força e a permanência do Senhor. As rochas, passíveis de fácil defesa, eram freqüentemente usadas como lugares de refúgio. A força de Deus é um lugar de refúgio (Sl. 91:1, 2).

**3. Pesa todos os feitos.** Com a figura da balança provando o valor humano (Pv. 16:2; Dn. 5:27 ), podemos comparar a familiar ilustração do Livro dos Mortos dos egípcios, onde o coração do falecido é representado sendo pesado em uma balança com o símbolo da Verdade e da Justiça, antes que o morto seja admitido no reino de Osíris. O texto ao qual a parte hebraica se refere, contudo, aplica-se a esta vida.

**4. O arco dos fortes é quebrado.** Fora de Is. 51:56, *hatat* não é usado para indicar a quebra de coisas externas, mas o quebrantamento humano. 6. Faz descer à sepultura, e faz subir. Embora isto possa se referir à ressurreição dos mortos, geralmente se entende que os assuntos da vida e morte estão nas mãos de Deus; e pode se referir ao homem que Deus conduz até as portas da morte, mas poupa.

**8. Levanta. .. do pó, e desde o monturo.** O monte de lixo da cidade era o lugar onde os mendigos dormiam de noite e pediam esmolas durante o dia. Este versículo mostra como Deus cuida dos fracos e dos

necessitados. Assim como o juiz humano tem o dever de julgar a favor da viúva, do órfão, do estrangeiro e do pobre (Isa. 1:17; Jr. 5:28), assim Deus, o Juiz divino, julga a favor do desamparado (Sl. 43:1; Is. 11:3, 4). Assim, sua justiça torna-se o sinônimo da salvação (Is. 46:13; 51:4 -8). **Do Senhor são as colunas.** Isto é, os príncipes e os governadores. O Senhor colocou os homens nos lugares de autoridade e **assentou sobre elas** (eles) **o mundo**, isto é, colocou o governo dos reinos sobre os seus ombros (cons. Gl. 2:9, onde os homens são chamados de "colunas").

**9. Seus santos** (*hasidim*). A palavra hebraica *hasidaw* fica melhor traduzida para "lealdade no amor". Transmite a idéia de lealdade a um acordo. O melhor exemplo nos negócios humanos é a fidelidade aos votos matrimoniais – lealdade e amor. *Hasidaw* é geralmente traduzido para "misericórdia", "bondade", "benevolência". É a raiz de *Hasidim* "os piedosos".

**10. Seu rei . . . seu ungido.** Esta é a primeira referência no VT. ao rei como ungido do Senhor. Mais tarde, no pensamento escatológico do Judaísmo, esta expressão tornou-se característica do esperado Libertador, o Messias ou o Cristo, que aliviaria os sofrimentos do mundo em uma era messiânica.

**11. Servindo o Senhor.** Servir na presença do Senhor indica a realização das obrigações dos sacerdotes ou levitas em conexão com a adoração de Deus. Em tal serviço Samuel participava enquanto crescia, sob a superintendência de Eli e de acordo com suas instruções.

**13-17. Costume daqueles sacerdotes.** Aquilo que se justifica pelo precedente De fato, o precedente se encontra na lei de Dt. 18:3 e Lv. 7:31-34. Os filhos de Eli eram culpados de duplo pecado: a) em vez de tornar apenas a porção que lhes era devida, tiraram tudo o que o garfo apanhasse, e b) tomavam a sua parte antes que a gordura e o sangue fossem oferecidos ao Senhor. Ao que parece, os sacerdotes não aceitavam convites para as refeições familiares, mas queriam que os pedaços escolhidos fossem enviados aos seus lares. Para se certificarem

de que receberiam esses pedaços melhores, insistiam em que seus servos fossem buscá-los antes das ofertas serem feitas.

**18. Vestido de uma estola sacerdotal de linho.** A estola sacerdotal era uma vestimenta leve (II Sm 6:14) usada pelos sacerdotes menos graduados, os levitas juizes e pessoas importantes, corri propósitos religiosos. Não deve ser confundido com o éfode usado na profecia. Embora os sacerdotes egípcios também usassem roupas de linho (*ipd*), não podemos ter certeza se suas vestes influenciaram às dos sacerdotes hebreus.

**19. Uma túnica pequena.** O hebraico *me'il* indica uma espécie de manto longo e solto usado pelos reis (I Cr. 15:27), profetas (I Sm. 15:27), homens de posição (Jó 2:12) e mulheres da sociedade (II Sm. 13:18). Tinha uma abertura para passar a cabeça e cortes dos lados para os braços, mas não mangas. Era usada por cima das roupas de baixo.

**21. Cresceu.** O mesmo verbo foi usado para com Moisés (Êx. 2:10 e segs.). Pode indicar desenvolvimento mental e moral, além de crescimento físico.

**22. As mulheres que serviam à porta.** Êxodo 38:8 menciona estas mulheres "que se reuniam para ministrar". Há quem pense que os dois filhos de Eli introduziram a prostituição religiosa de Canaã no templo de Silo. Outros acham que estas mulheres eram aquelas que cuidavam de crianças pequenas como Samuel.

**24. Fazendo transgredir o povo.** A LXX diz: de modo que o povo do Senhor não adora, isto é, recusa-se a assistir aos cultos por causa da imoralidade dos líderes.

**25. Pecando o homem contra o próximo.** Quando um homem tem uma queixa contra o outro, o assunto pode ser resolvido por Deus através do seu representante, o juiz (Sl. 82:3), ou por meio da sorte sagrada lançada pelas mãos do sacerdote. Mas no caso em que Deus é o queixoso, não pode haver referência a uma parte desinteressada e o crime incorre em vingança direta do céu. **Porque o Senhor os queria matar.** Cons. a linguagem de Êx. 4:21 e Js. 11:20, onde lemos que o

Senhor endureceu os corações de Faraó e dos cananeus; e I Sm. 16:14, onde se diz que um espírito maligno "da parte do Senhor" atormentava Saul. Contudo, temos certeza de que "o senhor se deleita na misericórdia" (Mq. 7:18), e "não tem prazer na morte dos ímpios" (Ez. 18: 32).

Esta coexistência da misericórdia com o juízo na vontade divina (Êx. 34:6,7) é um mistério que transcende a nossa compreensão. Mas é preciso tomar o cuidado de observar que só depois que Faraó fez-se surdo diante das repetidas advertências, só depois que os cananeus se contaminaram com intoleráveis abominações é que Deus endureceu os seus corações. Só quando os filhos de Eli ignoraram e desafiaram Suas leis, é que Ele tomou a decisão de matá-los.

**27. Um homem de Deus.** O cântico de Ana e a profecia do homem de Deus são os únicos exemplos registrados de profecia desde os dias de Débora no começo do período dos Juízes.

**À casa de teu pai.** Isto é, Arão. Embora a genealogia de Eli não se encontre em parte alguma do V.T., o escritor das Crônicas declara (I Cr. 24: 3) que um dos descendentes de Eli era um "dos filhos de Itamar", o quarto filho de Arão. Também, o nome de Finéias, outro filho de Eli, é outro elo de ligação entre ele e a família de Arão (Êx. 6:23, 25).

**28. Para queimar o incenso** era aspergir um pó sobre brasas vivas e assim criar um aroma. Cananeus, hebreus, gregos e romanos, todos usaram isto no culto às divindades.

**29. Por que pisa aos pés.** A figura é de um animal mimado e intratável (Dt. 32:15).

**31-35.** O versículo 31 refere-se ao massacre dos sacerdotes em Nobe; os versículos 32, 33, da deposição e conseqüente pobreza de Abiatar; o versículo 35, da ascensão de Zadoque ao sumo-sacerdócio. Ezequiel, em sua visão do novo templo, viu os filhos de Zadoque como sacerdotes verdadeiros.

**36.** Alguns mestres modernos acham neste versículo uma figura das dificuldades a que os sacerdotes dos santuários locais foram levados quando estes últimos foram abolidos pela reforma de Josias.

## 1 Samuel 3

**3:1. O jovem Samuel.** De acordo com Josefo, Samuel tinha apenas completado doze anos quando o Senhor falou com ele. Foi também com a idade de doze anos que o menino Jesus foi a Jerusalém com seus pais (Lc. 2:42). **A palavra do Senhor era mui rara.** A raridade da revelação fazia das poucas ocorrências verdadeiras preciosidades. **As visões não eram freqüentes.** A revelação era em forma de palavra "vista" pelo profeta (cons. Is. 2:1 – "Palavra que, **em visão**, veio a Isaías, filho de Amós"). A LXX dá a entender que não havia profeta publicamente reconhecido a quem o povo pudesse consultar, e nenhum recipiente de revelação divina.

**3. Antes que a lâmpada de Deus se apagasse.** Uma vez que o candeeiro (com sete braços) fosse enchido de óleo suficiente para queimar durante toda a noite (Lv. 24:2, 3 ), o momento da chamada de Samuel foi sem dúvida cedo de manhã. **Tendo-se deitado também Samuel.** Samuel dormia em algum lugar perto da arca, em uma cela onde se alojavam os sacerdotes ministrantes. A palavra **templo** inclui toda a área. Portanto, Samuel não dormia ao lado da arca mas em uma cela na área do templo.

**4. O Senhor chamou o menino.** Os atuais maometanos ainda crêm que Deus fala em visões àqueles que dormem no santuário. Keret, também, na Epopéia Ugarítica, recebeu uma revelação na tenda sagrada.

**11. Eis que vou fazer uma coisa.** Isto, de acordo com Rashi e Kimchi, significa a captura da arca. Contudo, talvez fosse mais amplo e incluísse a derrota de Israel, a morte de Eli e seus filhos, a captura da arca e a desolação do santuário. **Tinirão ambos os ouvidos.** Esta frase expressiva ocorre em dois outros lugares (II Reis 21:12; Jr. 19:3), com referência à destruição de Jerusalém por Nabucodonosor.

**13. Ele os não repreendeu.** Ou ele não os repreendeu com a necessária severidade (2:23,24); ou (de acordo com Kimchi), ele os repreendeu tarde demais, quando já era velho e sua repreensão não fazia mais efeito. Homens de Deus, cuja obrigação é advertir os outros quando pecam, muitas vezes fracassam em perceber a presença do pecado nas vidas daqueles que lhes são mais próximos ao coração. A insistência de Paulo em que os líderes religiosos sejam líderes dentro dos lares é muito apropriada.

**14. Jamais lhe será expiada a iniquidade nem com sacrifício nem com oferta de manjares.** Nenhum sacrifício, animal ou vegetal, poderia desviar Deus de Sua decisão de acabar com a dinastia da casa de Eli. Os pecados dos filhos de Eli podiam ser perdoados, mas a sua porção dentro do sacerdócio se fora para sempre.

**15. Abriu as portas.** Esta era uma parte regular das obrigações do servo do templo. Ele também acendia as luzes à noite e conduzia Eli que estava meio cego até seu posto. O Tabernáculo no deserto tinha uma cortina na entrada; o templo em Silo tinha portas.

**17. Assim Deus te faça o que bem lhe aprouver se me encobrires alguma coisa.** Uma impreciação ligada ao sacrifício de um animal no fazer de um juramento. As partes envolvidas oravam para que o destino da vítima fosse o destino delas, se o juramento fosse transgredido.

**20. Desde Dã até Berseba.** Equivalente a "do Amazonas ao Rio Grande do Sul". Dã era o ponto extremo ao norte de Israel. Ficava sobre uma colina onde nascia a fonte principal do Jordão. Berseba era o ponto extremo ao sul em Israel, um penso favorito de Abraão. Por causa da atual divisão da cidade de Jerusalém em duas seções, judia e árabe, a moderna Berseba talvez logo venha a ser a capital do novo Estado de Israel. Berseba está localizada no centro do Neguebe, a mais promissora área sub-desenvolvida na moderna Israel. **Samuel estava confirmado.** Ele foi aceito, aprovado. A implicação deste versículo é que os homens de todas as partes de Israel vinham consultar Samuel em Silo.

---

**B. A Captura e o Retorno da Arca. 4:1b – 7:1.****1 Samuel 4**

**1. Os filisteus** eram os únicos habitantes da Palestina que não tinham origem semítica. Vinham de Caftor (Amós 9:7; Jr. 47:4, 5; Dt. 2:23), que tem sido identificada com Creta. Alguns mestres crêem que esses filisteus eram pessoas desalojadas por terem sido erradicadas pela invasão acaia na antiga Grécia, as Ilhas Egeias e a costa da Ásia Menor em 1200. Os filisteus estavam organizados sob a liderança de cinco senhores, cada um controlando uma das cinco cidades principais – Asdode, Ecrom, Asquelom, Gaza e Gade. Seus centros ficavam na trajetória dos exércitos conquistadores; e assim, finalmente, os filisteus saem do cenário da história de Israel, a não ser pela herança do nome da Palestina que deixaram à terra. A antiga população filistéia de Canaã, durante o período patriarcal, foi aumentada por essas pessoas desalojadas.

**2. No campo.** A batalha teve lugar em campo aberto, provavelmente na Planície de Sarom, onde os filisteus tinham a vantagem dos seus carros (13:5; II Sm. 1:6). Os israelitas defenderam seu terreno mas sofreram senas perdas de homens.

**3. Tragamos. . . a arca da afiança. . . . para que ... nos livre.** A arca precedeu Israel na travessia do Jordão e na batalha de Jericó. Simbolizava a presença e o poder de Jeová, e os anciãos criam que a apostasia podia ser desfeita coma presença do símbolo divino. Não podiam distinguir entre a arca como símbolo da presença de Deus e a verdadeira presença de Deus.

**4. Entronizado entre os querubins.** Entre não se encontra no hebraico, e a LXX diz *sobre*. Dibelius apresenta à teoria que a arca era um trono carregado pelos querubins estilizados sobre os dois lados da caixa.

**5. Grandes brados.** Deve ter rido o grito de guerra de Nm. 10:35 – "Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam".

**6. No arraial dos hebreus.** Hebreus era o nome que os estrangeiros davam aos israelitas e que os próprios israelitas usavam quando falavam de si para os estrangeiros. Talvez venha de *'eber*, "além", originalmente aplicado a Abraão porque veio de além do Eufrates (Js. 24:2 e segs.). Ou talvez seja um patronímico de Eber (Gn. 10:11, 24), significando descendentes de Eber.

**10. Caíram de Israel trinta mil homens de pé.** Alguns dizem que este número é um exagero militar das perdas; outros, que incluem todas as perdas (homens e bestas de guerra); outros, ainda, que trinta mil homens perderam a batalha; outros, que combate compacto e com flechas envenenadas produziam perdas imensas. Heródoto e Josefo confirmam a vasta mortalidade que freqüentemente marcava as batalhas da antiguidade.

**11. Mortos.** Com relação a este desastre, veja Sl. 78:60 e segs.

**12. Um homem de Benjamim.** Há uma tradição rabínica que diz que este homem era Saul e que ele salvou as tábuas da Lei das mãos de Golias, que por sua vez fugiu com a arca do Senhor. **Rasgadas as vestes.** Rasgar as vestes e colocar terra ou cinzas sobre a cabeça eram sinais universais de luto pelos monos, ou por uma calamidade nacional (Js. 7:6; II Sm. 15:32 ).

**13. Eli estava assentado... ao pé do caminho, olhando.** Eli fora ao portão da cidade a espera de notícias da batalha. O mensageiro, na sua ansiedade de transmitir as notícias, passou correndo pelo velho homem cego assentado junto ao portão da cidade e teve que voltar depois para lhe contar o que tinha acontecido na Batalha. **A cidade prorrompeu em gritos.** A maior parte dos homens de Silo estava morta.

**17.** Isto exemplifica bem o estilo do escritor bíblico. Os quatro itens – a fuga de Israel, o massacre geral, a morte dos filhos de Eli e a captura



da arca – são apresentados na ordem de seu crescente significado para o velho sacerdote.

**19. Encurvou-se.** Em algumas partes do Oriente, as mulheres parturientes dão à luz seus filhos em posição vertical; em outras, elas o fazem ajoelhadas, como ainda é costume na Etiópia.

**21. Foi-se.** A palavra hebraica expressa muito mais. É uma palavra agourenta que significa *foi para o exílio*. A arca fora para terra estrangeira. É provável que esta vitória dos filisteus fosse seguida pela desolação de Suo. Embora os livros históricos silenciem sobre esta tragédia, estava longe de ser esquecida ainda no tempo de Jeremias (7:12,14; 26:6). Icabode. Hebraico '*ikabod* – "Onde está a glória?" Glória tem uma variedade de significados em hebraico. Pode significar "peso", usado metaforicamente para indicar valor ou prestígio. Tal "glória" pode se evidenciar em riquezas (Sl. 49:16, 17), em uma coroa (Jó 19:9), em vestimentas brilhantes (Êx. 28:2). A glória de uma floresta são as suas árvores; de uma nação, o seu povo. "Glória" também é usado como substituto para Deus. Aqui significa: "Onde está Deus?" Os hebreus costumavam confundir a presença de Deus e os símbolos religiosos de Sua presença. Deus estava onde os objetos sagrados estivessem. Quando a arca foi tomada, Deus foi considerado ausente de Israel. Nos anos subseqüentes, os profetas de Israel insistiram que Deus estava com Seu povo tanto na hora do castigo como na hora da bênção.

## 1 Samuel 5

**5:1. Asdode.** Ficava 53kms a oeste de Jerusalém, estrategicamente localizada na estrada que ia da Síria ao Egito. Fora designada para Judá (Js. 15:47). Sargão da Assíria tomou-a em 711 A.C., e em 630 A.C. ela enfrentou um sítio egípcio por vinte e nove anos. Finalmente foi destruída por Jônatas, o Macabeu (I Mac. 10:84).

**2. Dagom.** Talvez de *dag*, "peixe", ou de *dagan*, "cereal". Um deus-peixe, representado por uma figura com cabeça e mãos de homem e o corpo de um peixe, era adorado na Síria e aparece em um baixo-relevo

assírio. Por outro lado, os filisteus no rico cinturão do trigo do Shefelá adoravam um deus-cereal importado do Vale do Eufrates. Este deus era Dagom, mencionado no Ras Shamra como o pai de Baal. O templo de Dagom existia em Asdode até o período dos Macabeus (I Mac. 10:38 e segs.). A deposição de um troféu neste templo de Dagom não era raridade. No santuário de Gezer foi encontrada uma pedra sagrada levada de Jerusalém depois de uma vitória militar. Também a Estela de Hamurabi foi levada pelos elamitas e erigida em Susa.

**4.** Os filisteus venceram os hebreus, mas não Jeová. "Os ídolos . . . estremecerão diante dele" (Is. 19:1).

**5. Pisam o limiar.** A prática de pular sobre o limiar não pisando-o, talvez fosse um costume antigo (cons. Sf. 1:9). O Targum faz a paráfrase disto assim: "que andam nos costumes dos filisteus".

**6. Assolou.** Quando aplicado a homens, como em Mq. 6:13, a palavra significa "tornar desolado" não apenas por meio de enfermidades mas também pela retirada ou diminuição dos meios de subsistência.

**8. Príncipes.** *Seren* só é usado em relação aos cinco governadores filisteus. Talvez seja uma palavra acaia que os filisteus retiveram quando adotaram o vocabulário semita. Está relacionado com o grego *tyrannos* (*tirano*), em forma e função. Talvez os gregos a tomassem de seus antecessores egeus. **Gade** significa *lagar*. Foi tomada por Davi (I Cr. 18:1), fortificada por Roboão (II Cr. 11:8), tomada por Hazael (II Reis 12:17), retomada depois por Uzias e desmantelada (II Cr. 26:6). Está mencionada em Amós 6:2 como exemplo de grandeza caída. Golias morava ali (I Sm. 17:4) e também Davi durante algum tempo quando fugia de Saul.

**11. Havia terror de morte.** Usa-se em relação ao tumulto de um exército posto em debandada (Dt. 7:23; Is. 22:5).

**12.** Quanto mais demoravam os filisteus em reconhecer a supremacia de Jeová, mais deveras se tornavam as pragas. Esta severidade crescente também caracterizou as pragas impostas ao Egito no tempo faraônico.

## 1 Samuel 6

**6:2. Adivinhadores.** Isaías 2:6 menciona a fama dos adivinhadores filisteus.

**3. Não a envie vazia.** Em todas as religiões as ofertas são consideradas como parte necessária do culto de adoração. Essas ofertas podiam ser na forma de sacrifícios de animais ou vegetais, ou em dinheiro.

**6. Endureceríeis.** Esta mesma palavra foi usada no endurecimento do coração de Faraó em Êx. 7:14; 8:15, 32.

**7. Um carro novo.** Do mesmo modo nosso Senhor montou em um jumento que ninguém montara antes (Mc. 11:2); seu corpo foi colocado na sepultura de José que também era nova (Mt. 27: 60). Evidências arqueológicas provam que foi sem dúvida um carro de duas rodas semelhante aos que se vêem na Europa hoje em dia.

**8. Num cofre.** A palavra *'argaz* só aparece aqui. A RSV traduz: *em uma caixa*.

**12. As vacas se encaminharam diretamente para Bete-Semes.** Uma vez que o natural seria a vaca ir diretamente para o lugar onde estava a sua cria, conclui-se obviamente que os animais estavam sendo controlados por um poder sobrenatural. Compare com isto o sinal de Gideão em Juízes 6, que consistia em fenômenos contrários à expectativa.

**13. Fazendo a sega do trigo no vale.** Em tais ocasiões nas terras bíblicas, toda a aldeia sai para o campo.

**14. Em holocausto.** O carro e os animais, tendo sido usados com propósito sagrado, eram santos e não deviam mais ser usados para propósitos seculares, mas tinham de ser oferecidos em sacrifício. O Talmude e vários comentaristas judeus explicam esta oferta declarando que, depois da desolação de Silo, houve permissão para que os sacrifícios fossem feitos nos "lugares altos". Não havendo um santuário central, a lei de Dt. 12:10 e segs, foi temporariamente suspensa.

**19. Cinquenta mil e setenta homens.** Alguns manuscritos mencionam apenas os **setenta homens**. Como os cinquenta mil entraram no texto nós desconhecemos.

**20. Este Deus santo.** Sua ação exemplifica o desejo do homem de libertar-se do peso da presença divina, em vez de procurar adaptar-se a ela.

**21. Quiriate-Jearim.** *A cidade das moitas.* Em Js. 15:60 ela é chamada de Quiriate-Baal, indicando possivelmente a presença do santuário ali. Antes fora uma cidade da liga gibeonita.

## 1 Samuel 7

### C. A Vitória sobre os Filisteus. 7:2-17.

**3. Os Astarotes.** O plural do hebraico, *Ashtoreth*, nome da deusa que os babilônios chamavam de *Ishtar* e os gregos de *Astarte* (31:10). Era uma das mais antigas e mais disseminadas divindades semíticas. Entre os semitas ocidentais era a deusa da fertilidade e do relacionamento sexual. Portanto, rituais os mais licenciosos associavam-se com seus cultos. O nome da deusa era provavelmente *Ashtart* na Palestina (de onde a forma grega), enquanto que a forma tradicional era *Ashtoreth*, deformação intencional com as vogais de *bosheth* ("vergonha") acrescentadas ao nome da deusa.

**4. Baalins.** Baal era a suprema divindade masculina dos fenícios e cananeus. Nas inscrições do Ras Shamra é conhecido como o filho de Dagom e o herdeiro do trono de El. Era deus da fertilidade cujo domínio se encontrava no céu. de onde fertilizava a terra e assim controlava a natureza. O culto a Baal estava na moda quando Israel entrou em Canaã e suas muitas semelhanças com o culto hebreu a Jeová provocou um violento sincretismo da parte de muitas comunidades israelitas. O ministério de Elias e Eliseu foi dirigido contra a adoração de Baal, e até alguns reis se uniram à cruzada.

**5. Mispa.** Mis pa foi o lugar de reunião da assembléia nacional em duas outras importantes ocasiões – quando a guerra foi declarada contra

Benjamim (Jz. 20), e quando Saul foi eleito rei (I Sm. 10:11). Duas identificações têm sido sugeridas: Nebi Samwil, uma elevação cerca de 8 kms ao norte de Jerusalém, a tradicional residência de Gedalias, o governador de Judá nomeado por Nabucodonosor (II Reis 25:23), e o cenário de outro dia de humilhação nacional sob a liderança de Judas Macabeu (I Mac. 3:44 e segs.); e o Monte Scopus, o largo maciço imediatamente ao nordeste de Jerusalém. Por causa da semelhança de significado entre Mispa – **torre de vigia**, e Scopus – **vigia**, alguns preferem este último sítio. **Orarei por vós.** Samuel era um filho da oração e homem de oração (8:6; 12:19, 23). Em Jer. 15:1, Moisés e Samuel são citados como homens de oração eficaz.

**6. E a derramaram.** O derramamento de água como sinal de penitência só aparece nesta passagem. O paralelo mais aproximado foi o derramamento de água do tanque de Siloé dentro da área do templo no último dia da Festa dos tabernáculos, em memória da água recebida da rocha no Êxodo. **Julgou.** sua função foi dupla – civil e militar. Como juiz civil, fez o que Moisés fazia – julgava "entre uns e outros" e fazia-lhes "conhecidos os estatutos de Deus e as suas leis" (Êx. 18:16). Como juiz militar, fazia o que fizeram Otniel, Eúde, Baraque e Gideão antes dele – organizava e dirigia o povo na resistência eficaz contra seus opressores e os liderava à vitória.

**14. Amorreus.** Em diversas passagens da Bíblia o nome amorreu (*ocidental*) foi usado de maneira indiscriminada em Se tratando de habitantes de Canaã em geral. Hamurabi foi um famoso amorreu.

**16. Uma volta.** Samuel voluntariamente realizou as funções de juiz itinerante para a conveniência do povo que residia em diferentes distritos do país, e para aceito de todas as controvérsias. **Gilgal.** Depois da destruição de Silo. Gilgal parece que se tornou um dos principais centros da vida religiosa e civil da nação. Ali Samuel realizava inquéritos judiciais, ali se reunia a assembléia nacional (11:14) e o exército era convocado (13:4), A distância que havia entre este lugar e o território dos filisteus talvez fosse o motivo da escolha.

**17. E onde edificou um altar.** Este afastamento da lei de Dt. 12:5,13 foi provavelmente ocasionado pela desordem pública deste período e a destruição do Tabernáculo e do seu altar. Samuel, sendo homem piedoso, desejava animar suas devoções com orações e sacrifícios. Jeová sancionou a construção deste altar aceitando a pessoa e o serviço de Samuel.

## **II. A Vida e o Ministério de Saul. 8:1 – 14: 52.**

### **1 Samuel 8**

#### **A. Israel Pede um Rei. 8:1-22.**

**3. Aceitaram subornos.** Samuel não aprendeu a lição de Eli e seus filhos.

**5. Constitui-nos . . . um rei.** A instituição da monarquia envolvia a separação da liderança civil e religiosa. E isto, por outro lado, significava que Israel, desse momento em diante, começou a ter uma história política independente de sua história religiosa, e portanto, contrária a sua vocação. Israel foi chamada para a liderança religiosa do mundo e o veredito da história está do lado daqueles que consideram sua entrada no mundo político como erro fundamental.

**6. Esta palavra não agradou a Samuel.** Os anciãos (v.4) deram a Samuel dois motivos para o seu pedido: a má administração da justiça por parte dos filhos de Samuel na corte de Berseba; e a necessidade que tinham de um líder militar (v. 20). Samuel foi pessoalmente afetado pelo pedido. Ser informado, depois de toda uma vida de serviço, que seus filhos não eram dignos de substituí-lo, era penosíssimo. E ser substituído por outra pessoa depois de anos de serviço fiel era um golpe terrível para seu espírito sensível.

**11. O direito do rei.** As exigências que o rei faria foram enumeradas: serviço militar, trabalho forçado nas terras e arsenais reais, trabalho na cozinha real, apropriação de terras para recompensa de

ministros do rei, impostos e confiscação de escravos para o trabalho do rei.

**13. Perfumistas.** Isto é, aqueles que preparam essências e perfumes.

**15. Dizimará.** Esta é a única referência do V.T. à cobrança de dízimos pelo rei. Contudo, no Oriente não era coisa fora do comum que a renda do soberano derivasse parcialmente dos dízimos, como, por exemplo, na Babilônia e Pérsia.

**21. Samuel . . . as repetiu.** Samuel tornou a repassar o assunto como um fazendeiro gradeia o terreno antes do plantio.

## **B. Vida Política de Saul. 9:1 – 12:25.**

### **1 Samuel 9**

**9:1. Homem de bens.** Ou, homem poderoso (cons. II Reis 15:20).

**2. Cujos nome era Saul.** Saul aparece como o nome de a) um príncipe idumeu (Gn. 36:37, 38); b) filho de Simeão (Gn. 46:10); c) um levita coatita (I Cr. 6:24); d) e, no N.T., Saulo de Tarso (Atos 7:58). **Moço.** *Bahur* em hebraico significa um homem no começo da vida. Saul não era adolescente, pois já tinha um filho, Jônatas, nessa ocasião.

**4. A região montanhosa de Efraim.** Foi uma viagem bastante longa. **Salisa e Saalim** não foram identificadas.

**6. Tudo quanto ele diz, sucede.** Este era um dos testes do verdadeiro profeta. Um segundo teste era que o ensinamento do profeta devia estar de acordo com a fé de Israel (cons. Dt. 18:21, 22; 13:1-3).

**11. Saíam a tirar água.** O costumeiro dever das mulheres jovens das aldeias, praticado ainda hoje em dia. Era de tarde (cons. Gn. 24: 11). Um poço ou fonte supria toda a aldeia.

**12. No alto.** No alto não significa uma elevação ou outeiro precisamente; mas radicalmente, um lugar de oração ou sacrifício.

**13. Ele tem de abençoar.** O **ele** é enfático. Samuel tinha de estar presente para oferecer a oração da bênção antes que os participantes dessem início à sagrada refeição. Tal bênção da sagrada refeição não se

encontra em nenhum outro lugar do VT. A bênção sacerdotal da refeição se encontra apenas na literatura Qumran e na Ceia do Senhor.

**15. O Senhor. . . o revelara a Samuel.** Literalmente, *descobrirá seu ouvido*, uma figura de linguagem que se diz originária do costume de se afastar o cabelo de uma pessoa, ou a ponta do seu turbante, para poder segredar-lhe algo ao ouvido.

**19. Sobe diante de mim.** Permitir que uma pessoa passasse à frente era demonstração de grande estima. O Mishna diz que Elcana era "um tolo", pois andava atrás de sua mulher! **Tudo quanto está no teu coração.** Não poderíamos supor que Saul com a mão no seu arado, tal como Joana D'Arc com o seu rebanho, estivesse remoendo o problema da opressão do seu povo sob o domínio dos filisteus. e acalentasse um vago mas real desejo de libertar o seu povo?

**22. Sala de jantar.** Ligado ao lugar alto havia uma sala de banquetes, na qual a festa sacrificial se realizava. Mais tarde esta palavra foi empregada em relação aos aposentos da área do templo usadas como residência de sacerdotes e levitas.

**23, 24. A porção.** Na lei levítica. esta era a porção do sacerdote. Josefo a chama de "porção real".

**25. Falou Samuel com Saul sobre o eirado.** O terraço era usado como lugar de repouso. Provavelmente Saul dormiu ali. O conteúdo da conversa de Samuel foi a profunda degradação religiosa e política de Israel, a opressão dos filisteus, os motivos da incapacidade dos israelitas de resolverem seus problemas, a necessidade de um reavivamento nacional e a necessidade de um líder inteiramente dedicado ao Senhor e ao Seu programa.

## 1 Samuel 10

**10:1. E o beijou.** Esta era uma evidência de afeição pessoal de Samuel por Saul, pois beijar um rei não é em parte alguma uma expressão de lealdade. A lealdade para com a coroa se expressa pelo curvar-se diante do rei. **Ungiu.** A unção não era cerimônia peculiarmente



israelita. Era praticada em Canaã antes da invasão israelita (Cartas de Amarna, 37, linha 6) e no Egito, onde os reis eram regularmente ungidos. Originalmente usava-se a gordura de um animal na cerimônia da unção; mais tarde usou-se azeite de olivas. Alguns acham que o costume da unção começou com a crença de que ela transmitiria a força do animal ao rei. Contudo, para um hebreu, a unção significava que o poder de Deus estava sendo transmitido à pessoa ungida. A unção continua fazendo parte da cerimônia da coroação na Inglaterra, como também em muitos outros países.

**2. Acharás.** Samuel deu a Saul um sinal do cumprimento daquilo que confirmaria a natureza divina de sua chamada para ser rei.

**3. Carvalho de Tabor.** Alguns supõem que seja a árvore de Débora, entre Ramá e Betel (Jz. 4:5).

**5. Gibeá-Eloim.** Ou monte de Deus, ou Gibeá de Deus. **Gibeá** se usava para indicar as colinas nuas e arredondadas da Palestina central. **Guarnição** pode se referir aos oficiais filisteus (13:3) colocados na cidade para manter a harmonia e para cobrarem os impostos. **Grupo de profetas.** Esta é a primeira vez que se menciona uma associação de profetas no V.T. O interesse principal desses profetas era sustentar a religião pura do Senhor em oposição à qualquer sincretismo com os cultos da fertilidade realizados em Canaã. Alguns mestres acham que Samuel foi o responsável pela introdução desses grupos de profetas. **Saltérios e tambores e flautas.** O saltério era um instrumento de dez cordas como formato de uma garrafa de vinho que se tocava com os dedos. Tambores ou tamborins eram geralmente tocados por mulheres. As harpas eram tocadas com palhetas.

**9. Deus lhe mudou o coração.** O Espírito de Deus mudou o seu caráter em coragem voluntariosa e lhe concedeu as qualidades necessárias para o reinado.

**20. Benjamim.** Filho favorito de Jacó e o único entre os doze a nascer na Palestina propriamente dita. A área do templo ficava perto do território de Benjamim e Judá.

**22. A bagagem.** A bagagem dos que estavam reunidos. Muitos tinham vindo de longe e trouxeram suas próprias provisões.

**23. Era o mais alto.** Estatura física era desejável na liderança. Talvez ajudasse na guerra, tanto na ofensiva como na defesa, visto que um homem alto é um bom lutador e pode ser facilmente visto por aqueles que o seguem. Golias era alto; Xerxes se destacava no meio dos seus homens. Samuel também viu qualidades físicas no filho mais velho de Jessé e estava pronto a escolhê-lo para Ser rei.

**24. Viva O rei!**, literalmente. Ainda hoje em dia, na Inglaterra, o rei é chamado de maneira parecida.

**25. O direito do reino.** Assim como Moisés escreveu a lei para a *comunidade* de Israel, Samuel agora escrevia a constituição do **reino** teocrático. Esta constituição nunca foi localizada. Seria interessante ler as regras e regulamentos estabelecidos por Samuel. **Num livro.** Isto é, em um rolo. Livros como os nossos foram usados muito mais tarde. Este rolo foi depositado em um lugar alto em Mispa.

**26. Cujos corações Deus tocara.** Provavelmente eram homens que constituíram o conselho de ministros de Saul. Voltaram com Saul para sua casa em Gibeá, onde de sua propriedade governava como um fidalgo fazendeiro. As ruínas da propriedade de Saul, cerca de 6,4 kms ao norte de Jerusalém, têm sido objeto de muitas escavações. De Gibeá pode-se ver através do vale até Nebi Samuel (Mispa), um dos postos do ministério de Samuel.

**27. Os filhos de Belial.** Um partido de oposição formado logo no começo. Samuel descreve seus membros como filhos de Belial, isto é, "endiabrados". Sua recusa em oferecer presentes de acordo com o costume foi ignorada pelo magnânimo Saul e o seu espírito de generosidade "proporcionou-lhe um bom começo".

**11:1. Amonita.** Os amonitas, que estavam relacionados com Israel através de Ló (Gn. 19:38), viviam uma vida de beduínos no território a leste de Gileade.

**2. Vazados os olhos direitos.** O caráter selvagem dos beduínos amonitas está confirmado em Amós 1:13. A perda do olho direito deixava o homem incapacitado para a guerra, uma vez que o olho esquerdo era geralmente coberto pelo escudo. Do mesmo modo, a amputação dos polegares e dos grandes artelhos (Jz. 1:7, 8) incapacita o homem para o uso do arco e destrói a ligeireza do seu andar.

**5. Saul voltava do campo atrás dos bois.** Diante da oposição à eleição de Saul (10:27), Kimchi acha que ele se absteve, por enquanto, do exercício do poder e retornou a sua fazenda. É provável também que Saul governasse Israel residindo em sua fazenda por uma questão de gosto.

**7. Cortou-os em pedaços.** A severa ameaça de Saul, além do seu poder de executá-la; impôs "o temor de Deus" nos fazendeiros israelitas. Um programa de convocação de voluntários acabou com o problema da junta de recrutamento!

**11. Em três companhias.** Saul usou o estratagema de Gideão (Jz. 7:16). Com uma marcha forçada pela noite afora, ele surpreendeu os amonitas nas primeiras horas da manhã e lançou consternação e confusão dentro do seu exército.

## 1 Samuel 12

**12:3. Testemunha contra mim.** Samuel preocupava-se com sua conduta de juiz. O suborno é preço de uma vida. Normalmente significa que o dinheiro pago ao assassino é oferecido aos parentes do assassinado com a condição de que eles renunciem ao direito da vingança. Aqui se trata de um suborno oferecido a um juiz para persuadi-lo a inocentar o assassino ou para prejudicar a execução da justiça de qualquer maneira.

**4. Em nada nos defraudaste.** A vida política e religiosa de Samuel foi auditoriada e encontrada em perfeita ordem

**7. Todos os seus atos de justiça.** Aqueles atos por meio dos quais o Senhor vinga os desamparados livrando-os dos seus inimigos. É este mesmo poder salvador de Deus, dirigido contra o pecado e não contra os inimigos humanos, do qual Paulo fala quando declara que a justiça de Deus se revela no Evangelho (Rm. 1:17).

**9. Então os entregou.** Vendeu-os. A maneira como Deus abandonou o povo de Israel na mão dos seus inimigos está descrita sob a figura de uma venda, tal como a libertação de Israel é chamada de redenção ou remissão. **Hazor ... filisteus ... Moabe.** Estes foram os três principais opressores de Israel durante o período dos Juizes.

**11. Baraque. Bedã** (E.R.C.) não se encontra na lista dos juízes. Bedã e Baraque são quase idênticos em hebraico. A Septuaginta, a Siríaca e o árabe, como também a E.R.A., todos traduziram por **Baraque**. Além disso, em Hb. 11:32, Gideão, Baraque, Sansão e Jefté foram citados junto, como aqui. Mais ainda, a menção de Sísera em I Sm. 12: 9 torna quase uma necessidade traduzi-lo por **Baraque** aqui.

**17. Trovões e chuva.** O testemunho de Jerome (o de uma testemunha ocular), "tenho visto chuva no fim de junho, ou em julho, na Judéia", foi corroborado pelos viajantes da atualidade. Mas mesmo que tempestades fora de época tenham ocorrido na Palestina, a evidência da intervenção divina neste caso vê-se na especificação do momento.

**23. Que eu peque.** Samuel encarava o deixar de orar por Israel como pecado pessoal contra Deus. Orar pela nação continua sendo obrigação do crente.

## **C. Guerra da Independência. 13:1 – 14:52.**

### **1 Samuel 13**

**13:1. Um ano reinara Saul.** O hebraico deste versículo é muito difícil de traduzir. A idade de Saul por ocasião de sua ascensão e um dos dois algarismos representando a duração do seu reino devem ter sido de algum modo excluídos do texto. É natural que se presuma que tal como

Davi e Salomão reinaram quarenta anos, Saul também tenha reinado quarenta. Isbosete, seu filho, também tinha quarenta anos de idade quando tomou posse e não foi mencionado entre os filhos de Saul em 14:49. Já se sugeriu esta maneira de traduzir este difícil versículo : "Saul tinha \_\_\_\_\_ anos de idade quando começou a reinar, e reinou \_\_\_\_\_ e dois anos sobre Israel".

**2. Micmás** é uma aldeia que fica 14,48kms ao norte de Jerusalém. Jônatas em hebraico significa *Jeová deu*; pode ser comparado ao grego *Teodoro*, "presente divino".

**3. Guarnição.** O hebraico *nesib* pode significar "o residente" ou "oficial político" dos filisteus. O assassinato deste representante do governo filisteu era o sinal da revolta.

**13. Procedeste nesciamente.** O pecado de Saul não foi o sacrifício que ofereceu. Davi e Salomão ofereceram sacrifícios sem receberem censuras. Seu pecado foi desobediência a uma ordem específica de Samuel de esperar sete dias. Foi a impaciência de Saul que provocou a censura. Pode-se entender muito bem sua tendência humana de temer quando, de um lado, ele viu seu exército fugir à menor oportunidade e, de outro, os filisteus reunindo seus carros e homens. Contudo, a limitação humana sempre tem sido a oportunidade divina. Israel venceu guerras não pela superioridade numérica mas com homens de valor e dedicação. Samuel creu que Saul teria esse tipo de coragem e ficou desanimado diante da falta de fé do rei na hora da crise. O simples fracasso de um grande homem acabou com a esperança de uma dinastia duradoura. Os líderes não podem falhar. Homens que fracassam na hora de decisão provam falta de fé para com a sagrada responsabilidade e são condenados por um Deus santo.

**14. Um homem que lhe agrada.** Este seria o ideal para os líderes futuros (cons. Jr. 3:15).

**17. Os saqueadores saíram.** Isto é, grupos enviados para devastar o território preocupado com a insurreição. A palavra usada para

"saqueador" é o termo que foi usado em relação ao anjo destruidor de Êx. 12:23.

**21. Estavam, pois, embotados os fios das relhas.** Literalmente, *e o preço da limadura era um pim por picareta*. Os pesos hebreus descobertos em Laquis e outros lugares estavam marcados com a palavra *pim*. Um *pim* pesava aproximadamente dois terços de um siclo. Os filisteus controlavam os direitos da metalurgia e assim desfrutavam de uma visível vantagem sobre os hebreus na tecnologia militar. A Idade do Ferro, que começou em cerca de 1200 A.C., diminuiu a importância das armas e utensílios de bronze. Considerando que as armas de ferro podiam facilmente furar os capacetes de bronze, anulavam o uso do bronze na guerra. Os filisteus eram conhecidos por seu interesse no ferro e o seu controle do mesmo mantinha os hebreus em sujeição.

## 1 Samuel 14

**14:10. Subi a nós,** podia ser um sinal para Jônatas da covardia dos filisteus, uma vez que trairia sua falta de coragem de abandonar suas posições para atacarem os hebreus.

**13. Caíram diante de Jônatas.** Aparentemente os filisteus, surpresos pela súbita aparição de Jônatas, fugiram sem as suas armas. Jônatas alcançou-os facilmente e os derrubou. Era função do escudeiro matar imediatamente aqueles que seu senhor derrubasse.

**15. Tremeram.** A atividade de Jônatas deu início ao pânico entre os filisteus. Um terror de Deus, literalmente, dá a entender que houve também um terremoto.

**16. As sentinelas de Saul.** Eram os batedores do exército acampados em um outeiro das vizinhanças.

**17. Ora contai.** O termo usado para a chamada ou a inspeção de tropas.

**18. Traze aqui a arca.** A LXX diz *éfode*. O *éfode* era o costumeiro meio de profecia, e a arca se encontrava nessa ocasião em Quiriate-Jearim. Alguns têm usado esta passagem para sugerir que eram diversas

as arcas em entre as tribos. Talvez a LXX preservasse a verdadeira tradução, uma vez que levaria um bom tempo ir a Quiriate-Jearim buscar a arca.

**19. Desiste de trazer a arca.** Saul temia que demorando o ataque ele perderia a vantagem da confusão geral no acampamento filisteu. Aqui novamente Saul demonstrou falta de paciência em determinar a vontade de Deus.

**29. Meu pai turbou a terra.** Turbou não é uma boa tradução para este ominoso termo, já usado antes para o problema provocado em Israel por Acã (Js. 7:25), pela filha de Jefté a seu pai (Jz. 11:35) e por Elias a Acabe (I Reis 18:17). A palavra hebraica significa "tornar turvo", "destruir a felicidade de".

**31. Desde Micmás até Aijalom.** A rota era substancialmente a mesma na qual Josué perseguiu os cananeus (Js. 10:10). A distância era de cerca de 32, 2kms.

**35. Edificou Saul um altar.** Ao que parece, naquele tempo o direito de sacrificar não estava restrito aos sacerdotes, cuja função particular era usar o éfode na interpretação do lançamento da sorte sagrada. Sem dúvida Saul construiu outros altares, uma vez que **este foi o primeiro altar que . . . edificou.**

**43. Estou pronto a morrer.** A maldição de Saul foi tão seria quanto o voto de Jefté (Jz. 11:35 ). Mas a vida de Jônatas era importante para toda a nação, o que não aconteceu com a filha de Jefté, e Saul descobriu que o seu poder era grandemente limitado pela vontade do povo.

**45. O povo salvou.** No hebraico, *resgatou*. Isto não significa que outra pessoa morresse em lugar de Jônatas. O resgate poderia ter sido a vida de um animal ou uma quantia em dinheiro (Êx. 12:11-23; 13:11-15; 30:12-15).

**47. Pelejou contra.** O final desastroso da vida de Saul deve ser encarado na devida perspectiva. A primeira parte do seu reinado foi uma série de sucessos, tanto contra os inimigos locais como contra os postos avançados mais distantes ao norte e no sudeste. Afinal, Israel ficou

satisfeita com o seu governo, e a nação permaneceu fiel à sua dinastia até depois de sua morte.

**49. Isvi** é considerado pela maioria dos comentaristas como sendo Isboste. Outros dizem que se refere a Abinadabe (31:2; 1Cr. 10:2).

### III. A Vida e o Começo do Ministério de Davi.

(I Sm. 15: 1 – II Sm. 24:25)

#### 1 Samuel 15

##### A. Saul rejeitado por Samuel. 15:1-35.

**2. Amaleque.** Os amalequitas, que eram descendentes de Esaú (Gn. 36:12), foram inimigos constantes de Israel. Atacaram os israelitas em Refidim nas vizinhanças do Sinai e os que se desgarraram no êxodo do Egito. Um povo nômade, foi encontrado em diversos locais da Palestina. Não foi exterminado por Saul. Um remanescente dele sobreviveu até o tempo de Ezequias (I Cr. 4:43), quando foi destruído por um bando de simeonitas na região do Monte Seir. A campanha de Saul contra Amaleque foi para apoiar Judá contra os filisteus, uma vez que os amalequitas estavam localizados nos flancos de Judá.

**3. Destrói totalmente.** Literalmente, *dedicar* (a Jeová). A primeira idéia do *herem* é que o objeto está dedicado a Jeová e portanto proibido para o uso comum. Cidades, pessoas, animais, posses e objetos preciosos deviam ser assim dedicados. Encontramos a mesma idéia no "harém" (os aposentos das mulheres) e o haram (o recinto sagrado em Meca), que, neste caso também estavam separados do uso secular.

**6. Queneus.** Os serviços de Jetro, o queneu, prestados aos israelitas durante a peregrinação, levaram a uma firme aliança entre os israelitas e os queneus. Este povo acompanhou Israel a Jericó e depois habitou com os amalequitas no deserto ao sul de Judá. Famoso entre os queneus foi Jael, cujo marido, Héber, emigrou para o norte da Palestina (Jz. 4:11; 5:24). E os recabitas, que pertenciam a esta tribo (I Cr. 2:55),



preservaram durante muito tempo os hábitos nômades dos seus antepassados (Jr. 35:7-10).

**7. Sur** significa *parede*. O nome pode ser derivado de parede ou linha de fortificações que antigamente defendiam as fronteiras do Egito ao nordeste.

**8. Agague** encontra-se também em Nm. 24:7. Talvez fosse um título hereditário como Faraó entre os egípcios e Abimeleque entre os filisteus.

**11. Arrependo-me.** Na linguagem do V.T., Deus diz que "se arrepende" quando uma mudança no caráter e conduta daqueles com quem Ele lida provocam uma correspondente mudança nos Seus planos e propósitos para com eles. Seu arrependimento não deve ser entendido em termos humanos, nem é um sinal de mutabilidade. Suas promessas e ameaças são geralmente condicionadas (Jr. 18: 8-10).

**12. Levantou para si um monumento.** Isto é, um monumento para comemorar sua vitória. **A Gilgal.** No mesmo lugar onde o reino de Saul foi confirmado (11:14), seria tirado dele. E onde as advertências quanto às consequências da desobediência foram pronunciadas (13:13, 14), a sentença da desobediência também foi enunciada.

**15. Respondeu Saul. . . o povo poupou o melhor . . .** Saul, tal como Arão no Sinai (Êx. 32:22 ), e Adão e Eva no Éden (Gn. 3), tentou passar a responsabilidade pessoal para outros. Samuel percebeu agora que Saul não era um líder, mas um instrumento e escravo do povo.

**17. Pequeno aos teus olhos.** Estas foram as palavras que Saul disse a seu próprio respeito quando pela primeira vez Samuel lhe falou dos planos de Deus para o seu reinado. Uma curiosa tradição do Targum diz que a ascensão de Saul foi uma recompensa pela coragem da tribo de Benjamim na passagem do Mar Vermelho, quando tentou passar em primeiro lugar.

**23. Rebelião . . . feitiçaria.** Ambas são formas de apostasia. uma sendo a negação da autoridade divina, e a outra o reconhecimento de poderes sobrenaturais além dos divinos.

**24. Pequei.** A penitência de Saul não foi genuína. Continuou tentando passar a culpa para o povo. Sua preocupação principal era que a brecha entre ele e Samuel viesse a se transformar em um escândalo público, enfraquecendo assim sua autoridade. Observe que Saul disse temi o povo em lugar de temer a Jeová. e dei ouvidos à sua voz em vez de obedecer à voz de Jeová.

**32. Agague veio a ele confiante.** Por meio de sutil emenda, há quem traduza, *veio em grilhões*. Outros, por meio de emenda mais engenhosa, *veio de costas*. Alguns acham que ele executava a dança da morte. A palavra hebraica é de significado completamente incerto.

## 1 Samuel 16

### B. Davi Ungido Rei. 16:1-13.

**1. Toma contigo um novilho.** Pode-se deduzir da ordem de Samuel que ele tinha o hábito de realizar reuniões religiosas em diferentes cidades das províncias de tempos em tempos.

**4. Os anciãos . . . tremendo.** Talvez eles considerassem Samuel como o juiz que vinha à cidade para julgar e punir suas ofensas (7:16).

**7. À sua altura.** A estatura de Saul foi uma de suas qualificações e Samuel considerou a estatura de Eliabe e se enganou.

**12. Ele era ruivo.** Geralmente isto indica cabelo ruivo e pele clara, considerada como sinal de beleza entre os países do sul, onde o cabelo e a pele são geralmente escuros. Contudo, *'admoni*, "ruivo" (sadio), pode se referir à destreza física do jovem. Só Davi e Esaú são assim cognominados em todo o V.T. Talvez a palavra "guerreiro" seja uma tradução melhor que "ruivo".

**13. No meio de seus irmãos.** Provavelmente entendessem que por meio da unção Davi seria um discípulo de Samuel, ou que viesse no futuro a ser um profeta para substituir Samuel, como mais tarde Eliseu veio a ser o servo auxiliar de Elias. Davi aparece muitas vezes nas tabuinhas de Mari como *dawid-um* e pode ser um título, tal como capitão

ou sargento. A etimologia judia diz que vem de *dod*, "amor", e que ele era o amado de Deus.

### **C. Davi na Corte de Saul. 16:14 - 19:17.**

**15. Um espírito maligno, enviado de Deus.** Ao que parece, uma melancolia lúgubre, um espírito de desconfiança que se aproximava da loucura, afetou o espírito de Saul. Para os hebreus, qualquer visita, boa ou má, vinha diretamente de Deus (Amós 3:6).

**16. Ele a dedilhará, e te acharás melhor.** A poderosa influência exercida pela música sobre o estado de espírito já era conhecida desde antigamente; de modo que os sábios da antiga Grécia recomendavam a música para acalmar paixões, curar doenças mentais e até mesmo acabar com tumultos entre o povo.

**18. Um filho de Jessé. . . que sabe tocar.** As qualificações de Davi eram de primeira classe. Tinha boa aparência. Conhecia música e era hábil guerreiro. Era rápido em aprender e compreender as coisas. E o Senhor era com ele. Davi tinha tudo o que um rei precisava ter para o sucesso.

**21. Esteve perante ele.** Assim como um levita *ficava diante* da congregação para cumprimento do seu dever, Davi *ficava diante* de Saul na qualificação de um ministro real.

## **1 Samuel 17**

**17:1. Socó** é a moderna Shuweikeh, cerca de 22,5kms a oeste de Belém. O nome **Socó** foi encontrado nas asas de um jarro das vizinhanças.

**2. Vale de Elá.** Ela significa "carvalho" ou "terebinto". A região provavelmente recebeu o seu nome de uma certa árvore que crescia naquele lugar.

**4. Seis côvados e um palmo.** Um côvado tem cerca de 45,72cms, e um palmo cerca de 22,86cms. Golias tinha 2,97ms de altura. Era um sobrevivente da antiga raça dos Enaquins, um remanescente que

refugiou-se em Gaza, Gade e Asdode, quando Josué os exterminou (Js. 1 1 : 21, 22 ) das montanhas de Judá.

**5. Couraça de escamas.** Esta peça de armadura, feita de escamas de metal, protegia o corpo até os joelhos. Armaduras desse tipo são representadas nas esculturas assírias. **6. Bronze.** Excluindo a lança, todas as armas defensivas de Golias eram de bronze, enquanto que as de ataque eram de ferro.

**7. O escudeiro.** Era um ajudante que carregava um grande escudo na frente do guerreiro para proteger todo o seu corpo.

**8. Não sou eu filisteu?** O Targum de Jônatas declara que Golias continuou se vangloriando que ele matara Hofni e Finéias e levava a arca a casa de Dagom, e que em muitas ocasiões matara israelitas.

**10. Para que ambos pelejemos.** Muitas batalhas da antiguidade foram decididas por uma luta entre dois guerreiros. Aquiles e Heitor concordaram em lutar para resolverem a Guerra de Tróia. Golias propôs que a diferença entre Israel e a Filístia fosse resolvida entre ele e um guerreiro israelita.

**15. Ia . . . e voltava.** Voltava da casa de Saul para apascentar as ovelhas de seu pai em Belém, de modo que não estava a serviço permanente de Saul, e nessa ocasião encontrava-se com Jessé.

**17. Grão tostado.** As palavras descrevem grãos colhidos quando começam a amadurecer e assados em uma frigideira ou prato de ferro. Os árabes ainda comem "grão tostado" como elemento importante de sua alimentação.

**18. Trará uma prova.** Uma prova de que ele tinha cumprido sua missão.

**25. Isentará** de trabalhos forçados e contribuições ( cons. 8:11).

**28. Aquelas poucas ovelhas no deserto.** Deserto aqui refere-se a terras não cercadas, próprias para o gado pastar, em contraste com terras aráveis. **Maldade.** Compare a raiva de Eliabe com o ódio que os irmãos de José tinham por ele (Gn. 37). Aparentemente Eliabe não tinha consciência de que Samuel ungira Davi para substituir Saul, ou talvez ele

interpretasse a unção como significando que Davi ia ser servo de Samuel.

**34. Veio um leão, ou um urso.** Um imperfeito freqüentativo – "Do Líbano descia às vezes o urso: do Jordão subia o leão". O urso sírio consta ser especialmente feroz e parece que era mais temido do que o leão. Davi tivera muitas experiências penosas, mas saíra-se vitorioso em preservar o rebanho do seu pai da ferocidade das bestas feras. Agora ele assegurava a Saul que poderia proteger o rebanho de Deus da ameaça deste filisteu incircunciso. Fé nos acontecimentos do passado desperta a coragem do crente para confiar no poder de Deus a fim de resolver as crises do presente.

**38. Saul vestiu a Davi da sua armadura.** O fato de Davi experimentar a armadura de Saul indica que ele tinha aproximadamente a mesma estatura. Se este for o caso, as zombarias de Golias em relação à capacidade do "jovem" são mais agudas do que comumente se supõe.

**40. O seu cajado.** Provavelmente um cajado usado para facilitar a caminhada e espantar cães ferozes, ainda em uso no Oriente Médio. Sua funda. Em todas as épocas a funda sempre foi a arma favorita dos pastores da Síria. Os benjaminitas eram especialmente capazes no uso delas; até mesmo um canhoto podia jogar pedras "num cabelo (tendo a largura do cabelo por alvo ), e não errava" (Jz. 20:16).

**54. E a trouxe a Jerusalém.** Jerusalém continuava uma cidade não-hebréia (11 Sm. 5:4 e segs.). Um pouco mais tarde encontramos a espada de Golias em Nobe (21:9 ), e por isso há quem pense que Nobe é o que se pretende dizer aqui. Outros acham que Davi trouxe a cabeça de Golias a Jerusalém em um período posterior. Contudo, Js. 15:63 e Jz. 1:8 mostram que havia hebreus em Jerusalém. Era a cidadela do Monte Sião que estava em poder dos jebusitas.

## 1 Samuel 18

**18:1. E Jônatas o amou, como à sua própria alma.** Cada um encontrou no outro a afeição que não tinham em sua própria família.

Ligou é a mesma palavra hebraica usada em Gn. 44:30 para expressar o amor de Jacó para com Benjamim. Raras naturezas, como a de Jônatas, poucas vezes atingem lugares de destaque, e o registro de suas vidas são muito poucos. Mas conforme passam pelo mundo, fortalecem a fé do homem na humanidade, e deixam atrás de si uma fragrância que perdura.

**4. Jônatas. . . deu a Davi.** Cons. a troca de armaduras entre Glauco e Diomedes quando se encontraram antes de Tróia e assim confirmaram os votos de uma antiga amizade da família (Homero, *A Ilíada*, VI. 230). Jônatas, o filho do rei, deu todos os bens materiais; Davi, o filho de um homem pobre, deu só amor e respeito. Faz a gente se lembrar do presente que o Filho de Deus dá á pobre humanidade. Talvez por isso Paulo se intitula escravo de Cristo.

**7. As mulheres se alegravam.** Esta palavra é usada em relação aos folguedos festivos, e especialmente de danças festivas (1 Cr. 15:29). Algumas mulheres realizavam danças mímicas enquanto outras cantavam em coros alternados.

**11. Uma lança.** Saul, ao que parece, mantinha a lança na mão como um cetro, de acordo com antigo costume.

**18. A família de meu pai** significa um grupo de famílias ligadas por laços de sangue, movendo uma ação junto, e formando uma unidade menor do que a de uma tribo, mas maior do que uma simples família.

**21. Laço.** A palavra hebraica dá a idéia de gatilho de armadilha com isca. Também é usada metaforicamente, como aqui, em relação aquilo que atrai uma pessoa para a destruição.

**25. Dote.** O noivo fazia um pagamento ao pai da noiva. Podia-se prestar um serviço em lugar de dar dinheiro (Gn. 29:20). O mesmo costume prevalecia entre os antigos gregos (Homero, *A Ilíada*, XVI, 178; *A Odisséia*, VIII, 318), babilônios e assírios, e ainda existe no Oriente.

## 1 Samuel 19

**19:12. Por uma janela.** A casa de Mical era, ao que parece, situada sobre um muro. Cons. como escaparam os espiões de Jericó (Js. 2:15) e Saulo de Damasco (Atos 9:25 ).

**13. Um ídolo do lar. Mical.** Tal como Raquel, provavelmente mantinha ídolos em segredo por causa de sua esterilidade ( Gn. 31:19).

**14. Está doente.** Josefo conta que Mical colocou um fígado de cabia fresco na cama, a fim de fazer os mensageiros pensarem que por baixo das cobertas havia alguém vivo.

### D. Davi no Exílio. 19:18 - 31:13.

**18. Naiote,** E.R.C. Em algum lugar de Ramá, uma casa ou um distrito, não é certo. Naiote significa lugar de habitação (casa) e podia ser a escola ou residência da sociedade de profetas que Samuel reuniu à sua volta em Ramá.

**24. Os profetas.** Nesta passagem ficamos sabendo que havia um grupo de profetas em Ramá, sob a superintendência de Samuel, cujos membros viviam em uma casa comum, e que Samuel tinha a sua própria casa em Ramá (7:17 e segs.), embora algumas vezes ele morasse em Naiote. A origem e história dessas escolas são obscuras. De acordo com 3:1, antes que Samuel fosse vocacionado para profeta, a palavra de profecia era coisa rara em Israel e muito pouco conhecida. Quase não há dúvidas de que essas ligas de profetas surgiram no tempo de Samuel e foram criadas por ele. A única dúvida é se havia outros grupos iguais a esse em outras partes do território, além desse em Ramá. Essas ligas devem ter prosperado até o tempo de Elias e Eliseu. Só existiram em Israel. não em Judá Se essas escolas foram criadas por Samuel, parece estranho que não existissem em Judá.

## 1 Samuel 20

**20:1. Qual é a minha culpa? e qual é O meu pecado . . .** Ou, meu afastamento do caminho direito e meu fracasso.

**3. Um passo.** Comentários judeus aqui mencionam o passo que Davi deu para fugir á lança de Saul.

**5. A lua nova.** Com referência à comemoração dos festivais da lua nova em Israel, veja II Reis 4:11; Is. 1:13; Amós 8:5. Não era apenas um festival religioso (Nm. 10:10; 28:11-15), mas também um festival civil. Ao que parece, era usado como oportunidade para instrução religiosa (II Reis 4:23). Davi, como membro da casa real, devia estar presente na refeição sacrificial da lua nova.

**15. Nem tão pouco cortarás jamais da minha casa a tua bondade.** Jônatas, que era cunhado de Davi, supunha que o seu amigo sucederia a Saul no trono. Portanto pediu que quando os inimigos de Davi fossem destruídos – de acordo com o costume oriental, especialmente a família do seu predecessor – que o seu relacionamento particular com a casa de Davi não fosse esquecido ou repudiado.

**20. Atirarei.** Nenhuma suspeita despertava Jônatas com o seu arco, uma vez que era guerreiro e presumivelmente saía com freqüência para praticar tiro ao alvo. Foi um arranjo feito no caso de haver espiões por perto.

**22. O Senhor te manda ir.** Quando os filhos de Jacó enviaram seu irmão mais jovem para o Egito, Deus estava nos planos da vida de José. Da mesma maneira, Deus estava agora mandando Davi embora, para prepará-lo na rude disciplina da vida, a fim de que liderasse Israel.

**25. Assentou-se o rei.** Saul ocupava o lugar de honra, com as costas voltadas à parede oposta à porta da entrada. Jônatas estava diante dele, Abner e Davi à direita e esquerda. Ao que parece, estes quatro assentavam-se sozinhos em uma mesa redonda; assim a ausência de Davi foi conspícua.

**26. Não está limpo.** Pessoas cerimonialmente contaminadas ficavam excluídas da participação de festivais religiosos. A presença divina nos festivais sagrados exigiam pureza ritual e moral da parte dos membros participantes.



**27. O lugar de Davi continuava desocupado.** O rei sabia que a impureza não podia ser o motivo dessa segunda ausência, uma vez que a impureza que Saul tinha em mente durava apenas até o pôr-do-sol (Lv. 15:16).

**29. Um de meus irmãos insiste comigo.** O irmão mais velho, que agia como a cabeça da família, fazia os preparativos para a refeição sacrificial. Isto dá a entender que Jessé já tinha idade avançada.

**30. Para vergonha tua.** Ou Saul estava repudiando Jônatas e sugerindo que as pessoas pensavam que ele era fruto de uma união adúltera; ou ele dizia a Jônatas que sua mãe um dia viria a ser a esposa do novo rei !

**31. Nem. . . o teu reino.** Saul evidentemente suspeitava que Davi, na qualidade de seu rival, lhe arrebataria o governo, ou, de qualquer forma, do seu filho, depois de sua morte.

**38. Tornou Jônatas a gritar.** Essas palavras, dirigidas ao rapaz, eram na verdade para Davi.

**41. Prostrou-se com rosto em terra.** Em sinal de reverência e lealdade ao filho do rei. Um oriental, quando se encontrava com um superior, ajoelhava-se e tocava o chão com a testa.

## 1 Samuel 21

**21:1.Nobe** era naquele tempo uma cidade de sacerdotes (22:19), onde estava o Tabernáculo e onde se executava a adoração legal. De acordo com Is. 10:30, 32, ficava entre Anatote e Jerusalém, cerca de 1,6kms ao norte de Jerusalém, sobre um maciço de cujo cimo podia-se avistar a área do templo.

**5. Os vasos,** E.R.C. Ewald entende que isto se refere aos corpos (E.R.A.) dos homens, como em I Ts. 4:4. Os homens estavam cerimonialmente limpos; portanto estavam em condições de participarem das coisas sagradas. Aimeleque afastou-se da lei levítica e guardou o mandamento que é mais importante, ou seja o amor ao próximo (Lv. 19:18). Quando Mc. 2:26 fala deste acontecimento localizando-o no

período de Abiatar, o sumo-sacerdote, a declaração repousa sobre a memória do copista, que confundiu Aimeleque com seu filho Abiatar. Também é possível que o filho agiu como ajudante do pai, tal como os filhos de Eli faziam (cons. I Sm. 4: 4).

**6. Os pães da proposição.** Assim chamados porque eram solenemente colocados como oferta na presença de Jeová. I Reis 7:48 menciona uma mesa de ouro para os pães da proposição no Templo de Salomão; e a forma da mesa, conforme existia no Templo de Herodes, ficou preservada nas esculturas sobre o Arco de Tito em Roma. Os pães da proposição eram renovados todos os sábados, e os pães da semana anterior tinham de ser comidos pelos sacerdotes no Lugar Santo. Jesus referiu-se a este incidente (Mt. 12:3, 4; Mc. 2:25, 26; Lc. 6:3-5), para mostrar que, quando obrigações morais e cerimoniais entram em conflito, o cerimonial cede lugar ao moral. O sumo-sacerdote estava obrigado a preservar a vida de Davi, mesmo às custas de uma regra cerimonial.

**7. Doegue** devia ter entrado para o serviço de Saul depois da campanha israelita contra Edom (14:47). Talvez um voto, suspeita de lepra, ou qualquer outra impureza o mantinha no santuário.

**10. Aquis.** Ou, Abimeleque. O subtítulo do Salmo 34 refere-se ao rei de Gate com este título, "Abimeleque".

**11. Nas danças.** Dançavam em círculos ao cantar. Se os filisteus queriam descrever Davi como herói com estas palavras, ou apontá-lo para o seu príncipe como homem perigoso não podemos determinar através dessas palavras; nem podemos averiguar a questão com certeza.

**13. Esgravatava.** Fazia sinais sem sentido. A LXX diz, *batia* ou *martelava*, de uma palavra que em hebraico tem o mesmo som (mas não se escreve do mesmo modo) de "esgravatar".

## 1 Samuel 22

**22:1. Desceram ali para ter com ele.** Isto é, de sua casa a Belém. Todo o clã, aparentemente, juntou-se a Davi no exílio. No oriente não é

fora do comum para uma família inteira ser totalmente massacrada devido a falha de um dos seus membros, e o massacre em Nobe demonstrou à família de Davi o que lhes aguardava.

**5.** Este **Gade** é mencionado pela primeira vez aqui. Mais tarde tornou-se o vidente de Davi (II Sm. 24:11). Ele censurou Davi pelo pecado de realizar o censo e escreveu uma história do reino de Davi (I Cr. 29:29). De II Cr. 29:25 parece que ele estabeleceu os serviços religiosos no templo.

**6. Achando-se Saul em Gibeá.** Aqui vemos uma descrição viva de um conselho da antiguidade, reunindo-se para discutir assunto de estado e dispensar justiça.

**7. Filhos de Benjamim** demonstra quão isolados ainda eram as tribos e que na sua maioria, Saul estava cercado por membros de sua própria tribo. **Dar-vos-á também o filho de Jessé.** Saul não tinha palácio, nem corte elaborada. Os seus únicos servos eram os Benjaminitas. Ele insinuou que Davi se limitaria à sua própria tribo. Embora, apesar de tudo, Davi foi na direção oposta e arriscou perder a lealdade de Judá.

**18. Que vestiam estola sacerdotal de linho.** A palavra traduzida para vestiam sempre significa "levantar" ou "carregar". Assim, Doegue matou naquele dia infame 85 homens que levavam a estola sacerdotal de linho, sacerdotes em plena atividade, cada um qualificado à transmitir oráculos através do uso da estola.

**19. Passou ao fio da espada.** Literalmente, de acordo com a boca da espada. Os antigos desenhavam a espada no formato de animal, com a lâmina da espada representando uma língua e os dois lados do cabo representando os lábios. Na loucura da sua furiosa teimosia, Saul descarregou sobre uma cidade inocente, dentro dos limites de sua própria tribo, a vingança que ele deixou de exercer sobre uma nação pagã culpada, conforme os mandamentos de Deus (15:3).

**20. Abiatar,** um dos filhos de Aimeleque, provavelmente deixado como responsável pelo santuário em Nobe, escapou ao massacre e fugiu com a estola sagrada (23:6) para junto de Davi, em Adulão. Ele

compartilhou com Davi todas as peregrinações e Davi o colocou na posição de sacerdote, juntamente com Zadoque. Mais tarde ele apoiou a tentativa de Adonias em assumir o trono, e conseqüentemente foi banido por Salomão para Anatote. Jeremias poderia ter sido um descendente desta família.

## 1 Samuel 23

**23:1. Queila** era uma cidade no Sefelá, um lugar importante no tempo de Neemias (Ne. 3:17, 18). Foi mencionada nas Cartas de Amarna com o nome de *Quila*. Hoje está em ruínas, mas as encostas das montanhas com seus terraços dão testemunho de sua capacidade de cultivo de cereais, a qual os filisteus invejavam. **Saqueiam**. Os filisteus usavam este método para reduzir Israel à submissão por meio da fome. No Oriente, até os dias de hoje, a principal fonte da alimentação continua sendo – o pão.

**9. Maquinava**. De *harash*, "fabricar", "forjar". É uma metáfora derivada de trabalhar com metal.

**14. No deserto**. O pedaço de terra inculto e selvagem que há entre as montanhas de Judá e o mar Morto. Começa mais ou menos na longitude de Maom e o Carmelo, tornando-se cada vez mais selvagem e desolado conforme desce na direção do mar Morto. Em Js. 15: 61, 62, seis cidades são mencionadas nesta região desolada. O lugar onde Davi mais permanecia era Zife, que ficava cerca de meio caminho entre o Hebrom e o Carmelo, em uma das muitas cavernas desta região de rochas calcárias.

**15. Zife, em Horesa** é um outeiro conspícuo, 872,34ms acima do nível do mar, 6,4kms a sudeste do Hebrom, sobre um platô de solo vermelho e ondulado. O platô é desprovido de vegetação em sua maior parte, embora parcialmente coberto com trigo e cevada. Aqui e ali levantam-se escarpas de calcáreo parcialmente cobertas por cerrados e esburacadas com cavernas, que começam perto do Hebrom.

**16. Jônatas . . . foi para Davi.** A humildade e o amor desprendido de Jônatas está aparentemente nesta passagem. Contudo, sem dúvida, foi pela boa providência de Deus que os nobres sentimentos de Jônatas não ficassem sujeitos à tensão natural de tal situação. Jônatas morreu como um soldado, lutando bravamente por sua pátria, antes que acontecesse

**19. Os zifeus.** O motivo da traição dos zifeus foi o seu zelo por Saul ou o fato de Davi ter arrecadado deles o preço da proteção como fez com Nabal (cap. 25).

**24. No deserto.** A palavra braba geralmente indica a depressão localizada ao redor do mar Morto, o território deserto que se estende ao longo do vale do Jordão desde o mar Morto até o mar da Galiléia, hoje chamado El Ghor. Esta palavra também se aplica ao vale entre o mar Morto e o golfo de Ácaba, ao qual especificamente os árabes atualmente dão esse nome.

**29. En-Gedi** é uma região muito bem aguada na margem oriental do deserto de Judá. Fica a 182,88ms acima do nível do mar Morto, e das rochas calcárias brota uma torrente copiosa que se precipita para o mar. Há umas cinco ou seis quedas de água durante o percurso, a torrente saltando como uma cabra de uma saliência para outra; daí o nome "A Fonte do Cabrito". No tempo de Abraão, a cidade de Hazazom-Tamar ficava nessa região. En-Gedi continua sendo um oásis no deserto calcáreo e embora as vinhas e palmeiras tenham desaparecido, as folhas petrificadas ali encontradas e os terraços escavados nas encostas falam da fertilidade antiga. Um pequeno kibutz (fazenda) judeu localiza-se atualmente no En-Gedi.

## 1 Samuel 24

**24:2. As penhas das cabras monteses.** Os rochedos perto de En-Gedi, onde até hoje as cabras selvagens escalam a solidez das rochas.

**3. Curral de ovelhas.** Grosseiras paredes de pedra construídas à entrada das cavernas para proteger as ovelhas das bestas feras e para

servir de abrigo no caso de mau tempo. Thompson diz que são poucas as cavernas ali que não tenham tal proteção à entrada.

**4. A orla do manto de Saul.** Provavelmente Saul deixou de lado o seu manto antes de entrar na caverna. Esta foi a oportunidade de Davi lhe cortar um pedaço sem ser observado.

## 1 Samuel 25

**25:1. Faleceu Samuel; todo Israel se ajuntou, e o prantearam.** É algo assim como o nosso hastear da bandeira a meio mastro em homenagem a uma figura nacional. Todo Israel enviou representantes para o funeral. E Samuel foi colocado para repousar na propriedade da família em Ramá, cidade do seu nascimento, jurado e morte. **Parã** era o deserto que separava a Palestina da Península do Sinai.

**2. Um homem em Maom.** O lar de Nabal ficava em Maom e o local onde trabalhava ficava cerca de uma milha ao corte do Carmelo.

**3. Nabal.** O nome significa *tolo*.

**7. Nenhum agravo lhes fizemos.** Davi contrastou a disciplina estrita mantida por ele com a liberdade que costumavam ter semelhantes bandos nômades, e pediu que o rico fazendeiro reconhecesse o fato. Esta espécie de "preço de proteção" é regularmente arrecadado pelos beduínos da atualidade nas fronteiras entre o deserto e as terras cultivadas. Em troca dos eles garantem a proteção da e da propriedade nesses distritos inseguros.

**10. Muitos. . . servos.** A comitiva de Davi incluía muitos escravos fugidos, como também homens que tinham abandonado o serviço de Saul. Nabal considerava Davi como um simples escravo fugido.

**11. A minha água.** A água é um artigo precioso naquelas terras secas.

**13. E cada um cingiu a sua espada.** A ira de Davi foi uma explosão de paixão ímpia, em desacordo com um servo de Deus. Se tivesse prosseguido no seu intento, teria pecado contra o Senhor e o seu povo. Mas o Senhor preservou-o deste pecado. Na hora exata, Abigail, a

inteligente e piedosa esposa de Nabal, ficou sabendo o que estava acontecendo e foi capaz de acalmar a ira de Davi, com sua imediata e gentil intervenção.

**14. Disparou.** Literalmente, *atirou-se sobre eles*. É a mesma palavra *it*, "voar", da qual *'ayit*, "um pássaro de rapina", e o grego *aetos*, "águia", são derivadas.

**18. Cachos de passas.** As vinhas perto do Hebrom continuam produzindo as maiores e melhores uvas de todo o país; e as melhores são transformadas em passas.

**25. Nabal . . . loucura.** As palavras hebraicas para "tolo" e "tolice" não dão a idéia de simples estupidez, mas perversidade moral. Tolo é uma tradução inadequada. A palavra em hebraico dá a idéia de alguém que é insensível tanto aos direitos de Deus como aos do homem, e que é, conseqüente e imediatamente, irreverente e rude.

**28. Casa firme.** Abigail tinha tanta certeza da ascensão de Davi ao trono quanto Raabe tinha certeza de que Israel conquistaria Canaã (Js. 2:9-13). Apesar da falta de sorte de Davi na corte, a maior parte dos cidadãos esperavam que a situação mudasse. Muitos olhavam para ele em seu exílio como a esperança de Israel.

**29. A tua vida será atada no feixe.** Esta expressão antigamente se aplicava à vida do além, e suas iniciais hebraicas encontram-se hoje em dia em quase todas as sepulturas judias. Esta linda metáfora foi extraída do costume de se guardar coisas de valor atadas em uma trouxa para evitar que se estragassem. A figura é a de uma preciosa jóia cuidadosamente enrolada (Gn. 42:35). A conversa continua em uma oração, para que as vidas dos inimigos de Davi sejam lançadas fora como as pedras de uma funda.

**31. O sangue que sem causa vieres a derramar.** O argumento de Abigail era que nenhum derramamento de sangue, até esse momento, poderia atrapalhar o programa de Davi. Ele daria início a uma luta de sangue entre as afãs de Judá que envolveria homens cujo auxilio Davi precisava para atingir o trono. Davi só tinha Judá para sustentá-lo na luta

pelo trono. Além disso, Abigail argumentou, a consciência de Davi o perturbaria se sangue fosse derramado desnecessariamente.

**39. Teve uma conversa íntima com Abigail.** Expressão técnica para se pedir a mão de alguém em casamento (cons. Cantares 8:8).

**43. Também tomou.** Davi casou-se com Ainoã, mãe de Amom, antes de se casar com Abigail. Na lista das esposas de Davi, Ainoã sempre é mencionada em primeiro lugar.

**44. Galim** foi mencionada nas vizinhanças de Anatote em Benjamim (Is. 10:30).

## 1 Samuel 26

**26:6. O heteu.** Os heteus são mencionados repetidas vezes no V.T. como uma das nações a serem expulsas de Canaã. Seu império, centralizado na Ásia Menor, terminou em cerca de 1200A.C. Subseqüentemente, poderosas cidades hititas conservaram-se ao norte da Síria, notadamente em Carquemis no Eufrates e Cades no Orontes. Foram destruídas pelos assírios no século oito. **Abisai** salvou a vida de Davi em uma das guerras dos filisteus (II Sm. 21:17), esteve implicado na morte de Abner (II Sm. 3:30), participou do comando do exército (II Sm. 10:10) e permaneceu fiel a Davi na rebelião de Absalão.

**8. Deixa-me . . . encravá-lo.** A generosidade de Davi para com Saul contrasta, nesta passagem, com o ódio assassino que Saul tinha dele. Saul tentara imobilizar Davi com a sua lança. Agora Abisai queria fazer o mesmo a Saul com a sua lança. Mas Davi recusou deixar tocar no ungido do Senhor.

**12. Profundo sono.** Foi um sono tão profundo e fora do natural que foi considerado como enviado diretamente do Senhor. O mesmo termo foi usado para com o sono de Adão enquanto o Senhor criava Eva de uma das costelas tiradas do lado de Adão.

**19. Aceite ele a oferta.** A idéia aqui, é que se foi o Senhor que levou Saul a persegui-lo, Davi procuraria o perdão de Deus através da devida oferta expiatória. Davi reconhecia a legitimidade da intenção de



Saul, mas ofereceu-se para expiar qualquer pecado de sua parte. Isto era mais do que ceder a metade do caminho. A segunda parte do versículo sugere que possivelmente os homens estavam procurando colocar barreiras humanas entre Saul e Davi. Se fosse esse o caso, Davi rogava pelo seu justo castigo. **Vai, serve a outros deuses.** Era o costume de uma pessoa adotar os deuses da terra à qual ia. Rute prontificou-se a aceitar o Jeová da Palestina em lugar de Camos de Moabe. Davi sentia que Israel estava literalmente afastando-o da adoração de Jeová para os deuses estrangeiros.

**20. Não se derrame o meu sangue.** Nenhum israelita desejava morrer fora da terra de Israel.

## 1 Samuel 27

**27:5. Lugar numa das cidades.** Em seu próprio distrito, Davi poderia realizar seus próprios ritos religiosos como adorador de Jeová e não estaria sob constante fiscalização do rei.

**10. O sul.** O Neguebe. Literalmente, *a terra seca*. Era o nome da região desprovida de água ao sul de Jerusalém, entre as colinas de Judá e o deserto propriamente dito. As diversas regiões ao sul eram conhecidas como: o Neguebe de Judá, incluindo as cidades mencionadas em Js. 15:21-32; o Neguebe dos queneus; o Neguebe dos queratitas; o Neguebe de Calebe; e o Neguebe de Arade.

## 1 Samuel 28

**28:2. Saberás.** A resposta de Davi foi ambígua. As palavras, quanto pode o teu servo fazer, não continham promessa explícita de assistência fiel em caso de guerra com os israelitas. A expressão **teu servo** era simplesmente a forma comum de se expressar diante de um superior. **Minha guarda pessoal.** Talvez este incidente levasse Davi mais tarde a alugar tropas mercenárias para sua guarda pessoal.

**3. Os médiuns e os adivinhos.** O termo *yidde'onim* significa aqueles em contato com o adivinho. Aquele que adivinhava por

intermédio do *yidde'onim* só consultava o espírito daquele que lhe era conhecido. De Is. 8:19 e 19:3 pode-se deduzir que aqueles oráculos eram enunciados em voz guinchante, por meio de ventriloquismo.

**4, 5. E se acamparam em Gilboa. . . e muito se estremeceu.** Saul acampou no mesmo terreno onde Gideão e seus homens se acamparam. A fonte junto à qual Gideão acampou chamava-se "a fonte de Harode" (Jz. 7:1), isto é, *a Fonte do Tremor*. Saul acampou-se ao lado da mesma fonte e "muito se estremeceu".

**7. En-Dor** há muito estava relacionada na memória do povo judeu com a grande vitória de Débora e Baraque sobre Sísera e Jabim. A distância entre os declives de Gilboa e En-Dor é de 11,26kms a 12,87 kms, de solo difícil. No árido declive de Jebel Duhy ao norte (o Pequeno Hermom), o nome ainda subsiste, vinculado a uma vila de tamanho considerável, mas hoje deserta. A rocha desta vila, nas montanhas, está cheia de cavernas, uma das quais contém uma pequena fonte e pode muito bem ter sido o cenário da feitiçaria.

**8. Foi . . . de noite.** Era uma perigosa viagem de 11 a 12kms, parte da qual contornava o acampamento dos filisteus.

**11.** A questão se a mulher realmente possuía o poder de se comunicar com os espíritos dos mortos, ou se ela iludia-se possuí-lo, ou se era simplesmente uma impostora declarada, diferentes autores respondem de diferentes maneiras. Que o espírito de Samuel realmente apareceu era o ponto de vista dos antigos rabis. Isto se comprova pela tradução da LXX em I Cr. 10:13b – "E Samuel, o profeta, respondeu-lhe"; e em Eclesiástico 46:20. O mesmo ponto de vista era defendido por Justino Mártir, Orígenes e Agostinho. Tertuliano e Jerônimo defendiam que a aparição de Samuel foi uma ilusão diabólica.

**12. Tu mesmo és Saul.** A mulher, ou por causa da aparição de Samuel, ou pela intensificação de sua clarividência, reconheceu que fora Saul que buscara o seu auxílio. É difícil compreender por que ela não reconheceu imediatamente o mais alto de todos os israelitas. Talvez as trevas o escondessem dela.

**15. Por que me inquietaste.** Os mais modernos comentaristas ortodoxos são quase unânimes em concordar que o profeta falecido realmente apareceu e anunciou a próxima destruição de Saul e seu exército. Eles defendem, contudo, que Samuel foi trazido não pelas afies mágicas da feitiçaria, mas por meio de um milagre realizado pela onipotência de Deus. A ortodoxia antiga considerava este aparecimento como um fantasma, uma aparição ou uma ilusão.

**16. E se fez teu inimigo?** A palavra inimigo é uma forma aramaica encontrada em apenas um ou dois outros lugares no hebraico. A LXX traduz isto assim: *veio para ficar ao lado do teu vizinho*; a Vulgata, *passou-se para o teu rival*; o Targum, *tornou-se o auxílio do homem que é teu inimigo*. A preferida é a tradução da LXX.

**20. Estendido por terra.** Literalmente, na plenitude de sua estatura. Exausto como estava pelo jejum, Saul desmaiou por causa do choque de ouvir o pronunciamento de seu destino.

**23. No leito.** Provavelmente a plataforma ao longo -da parede, que no Oriente serve de assento de dia e de cama, de noite.

## 1 Samuel 29

**29:2. Os príncipes dos filisteus** eram a suprema autoridade civil, mas não eram comandantes militares. Esta divisão entre a autoridade civil e militar já existia antes do sistema romano de divisão de poderes governamentais.

## 1 Samuel 30

**30:1. Ao terceiro dia.** Do provável sítio de Afeque no Sarom ao provável sítio de Ziclague são cerca de 112,63kms. Davi e seus homens devem ter retornado em marchas forçadas.

**2. Tinham levado cativas as mulheres.** As prisioneiras destinavam-se ao mercado de escravas no Egito.

**9. Ribeiro de Besor.** Talvez seja o Wadi esh-Sheri'ah, de 6,44kms a 8kms ao sul do mencionado sítio de Ziclague. A palavra hebraica para

ribeiro é nabal, que significa uma ravina, ou o leito de uma torrente, com água correndo através do mesmo.

**10. Cansados.** Por causa da marcha forçada de Afeque a Ziclague e a perseguição imediata sem **descanso**. Os guerreiros estavam "mortos de cansaço". (A palavra cansado aqui e no versículo 21 traduz um termo que significa "defunto.")

**13. Meu senhor me deixou.** A vida de um escravo doente pouco mais importância tinha que um cavalo aleijado.

**14. Queretitas** estavam possivelmente relacionados com Creta (Caftor), o país de onde se acredita que os filisteus tenham vindo (Amós 9:7). Território de Judá. A parte oriental do Neguebe pertencia a Judá. Uma parte pertencia à família de Calebe, e era chamada de Neguebe de Calebe (25:3; cons. Js. 15:13).

**20. Tomou Davi todas as ovelhas e o gado.** O motivo de Davi ter escolhido as ovelhas e o gado para si mesmo está evidente nos versículos 26-31. Eram os mais aceitáveis presentes que ele poderia dar a seus amigos em Judá em troca da segurança de seus homens contra Saul e na promoção da sua causa no meio deles.

**24. Receberão partes iguais.** De acordo com Políbio (X, 16.5), Scipião, depois do saque de Nova Cartago, orientou os tribunos a dividir o despojo em porções iguais a todos, incluindo as reservas, os guardas do campo e os doentes.

**28. Sifmote** não foi mencionada em nenhum outro lugar, mas Zabdi, o sifmita (I Cr. 27:27), que tomava conta da adega de Davi, era evidentemente nativo desse lugar.

**31. Hebrom** era conhecido no tempo de Abraão como Quiriate-Arba. Hoje é chamado de El-Khalil, "O Amigo", uma abreviação para "a cidade do Amigo de Deus", que é o título maometano para Abraão (cons. II Cr. 20:7; Is. 41:8; Tg. 2:23).

## 1 Samuel 31

**31:1. No monte Gilboa.** Quatro batalhas memoráveis se realizaram nesta área:

a. A batalha de Quisom, na qual Débora e Baraque derrotaram o exército de Sisera (Jz. 4:15 ; 5:21).

b. A batalha de Jezreel, na qual os trezentos de Gideão derrotaram a multidão dos midianitas (Jz. 7).

c. A batalha do Monte Gilboa, registrada aqui.

d. A batalha de Megido, na qual Josias, rei de Israel, perdeu sua vida lutando contra Faraó Neco (II Reis 23:29).

**3. E ele muito os temeu.** A LXX e a Vulgata traduzem: *ele foi ferido no abdome*. A história dá a entender um ferimento que não lhe permitiu fugir.

**4. Escarneçam de mim.** Esta mesma palavra foi usada antropomorficamente em relação ao tratamento que Jeová dispensou aos egípcios (Êx. 10:2). **Saul tomou da espada.** Só há quatro exemplos de suicídios na Bíblia: Aitofel (II Sm. 17:23), Zimri (I Reis 16:18), Judas (Mt. 27: 5) e Saul, aqui.

**5. Morreu com ele.** Se Davi continuasse como membro da corte de Saul, provavelmente teria perecido nesta batalha. Deus, contudo, colocou-o em um lugar de segurança, embora naquele momento parecesse de grande periculosidade.

**9. Cortaram a cabeça.** Provavelmente por vingança em vista do tratamento dispensado a Golias (17:54).

**10. No templo de Astarote.** Supõe-se geralmente que tenha sido o famoso templo de Astarote de Ascalom, a deusa fenícia, mencionado por Heródoto (I. 105) como o mais antigo templo da Afrodite grega. Contudo, nas escavações feitas pelo Museu da Universidade de Filadélfia em Betesã, foram descobertos dois importantes templos construídos por Ramsés II, um de Astarote, e um de Resefe. Provavelmente foi neste templo de Astarote que a cabeça de Saul foi colocada.

**12. . . . os queimaram.** Talvez temiam que os filisteus retirassem os corpos e os insultassem mais ainda. Entretanto, a cremação, exceto em caso de criminosos (Js. 7:25), não era prática hebréia. Era praticada pelos filisteus e talvez fosse feita por influência dos homens de Jabes Gileade.

**13. Sepultaram.** Saul foi um herói trágico no sentido clássico do termo. Ele tinha alguns aspectos bons, tais como coragem, dom da estratégia, modéstia e generosidade. Mas não tinha tenacidade para consecução de um só propósito; este foi o seu 'trágico defeito'. Até sua perseguição a Davi era às vezes desanimada. Ele não tinha a grandeza de Davi. Não obstante, aqui, em uma elegia primorosa, Davi lamenta-o como grande personagem.

## 2 SAMUEL

### Introdução

#### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	Capítulo 22
Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17	Capítulo 23
Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18	Capítulo 24

### INTRODUÇÃO

**Título.** O título dos dois livros de Samuel vem da figura-chave dos primeiros capítulos de I Samuel. O nome hebraico Samuel tem tido muitas interpretações. Contudo, o significado sugerido por Genesius, o mestre germânico do hebraico, que é "O Nome de Deus", ainda parece manter o primeiro lugar entre os mestres da Bíblia.

**Data e Autoria.** Como no caso de muitos outros livros do Velho Testamento, a data da autoria de I e II Samuel não é de todo conhecida. Parte da dificuldade em determinar a data está no fato de que muitas partes dos dois livros tratam de acontecimentos que ocorreram depois da morte de Samuel. A primeira parte de I Samuel poderia ter sido escrita em cerca de 1000 A.C., e o restante uns trinta a cinquenta anos mais tarde. Embora o Talmude conceda a autoria dos livros a Samuel, é mais provável que o profeta só escreveu aquelas seções que tratam da história de Israel antes de sua saída do ofício público.

Uma sugestão, muito interessante, é que Abiatar escreveu grande parte de I e II Samuel, especialmente aquelas partes que tratam da vida na corte de Davi. Abiatar estava intimamente ligado com a ascensão e sorte do grande rei de Israel, pois passou algum tempo com Davi em seu exílio. Além disso, procedia de família sacerdotal e assim tinha acesso à

arte da escrita e guarda de documentos. Outra idéia é que um dos filhos dos profetas de uma das escolas fundadas por Samuel continuou escrevendo a história de Israel começada por seu mestre.

## ESBOÇO

I. Continuação do ministério de Davi. II Sm. 1:1 –20:26.

E. Davi, rei em Hebrom. II Sm. 1:1 – 4:12.

F. Davi, rei em Jerusalém. 5:1 – 8:18.

G. Vida na corte de Davi. 9:1 - 20:26.

II. Os últimos dias da vida de Davi. 21:1 – 24:25.

A. A fome. 21:1-14.

B. Façanhas heróicas. 21:15 -22.

C. Salmo de Davi. 22:1-51.

D. O testamento de Davi. 23:1-7.

E. Façanhas heróicas. 23:8-39.

F. Recenseamento e praga. 24:1-25.

## 2 Samuel 1

**9. Mata-me.** Esta narrativa discorda da narrativa da morte de Saul em I Sm. 31:3 e segs. Seria improvável que Saul estivesse apoiado em sua lança e não fosse socorrido pelos guerreiros israelitas, quando os carros filisteus o atingiram, e tivesse de chamar um estrangeiro que apenas passava por ele. A história foi, em parte, inventada pelo amalequita na esperança de obter melhor recompensa de Davi. O homem provavelmente encontrou Saul depois de morto, antes que os filisteus voltassem para despojar os mortos. Pois me sinto vencido de câimbra. A palavra hebraica traduzida para câimbra tem sido diversamente vertida para "tonteira", "vertigem", "angústia" e "câibra". Os comentaristas judeus traduzem: "estou tomado de câimbra e não posso mais defender-me".



**10. Bracelete.** Nas esculturas assírias, os guerreiros são geralmente apresentados usando tais ornamentos. Eram realmente braceletes que se usavam no braço, acima do cotovelo.

**12. Choraram . . . por Saul.** A única tristeza profunda pela morte de Saul foi sentida pela pessoa que ele mais odiou e perseguiu durante tantos anos, até o momento de sua morte. Compare com o chorar de Jesus sobre a queda de Jerusalém, no momento em que ela ia destruí-Lo.

**13. Estrangeiro.** Este é o termo técnico usado para com um estrangeiro que morava em Israel e desfrutava de proteção, mas não de plenos direitos civis. Recebia o benefício da lei do descanso sabatino (Dt. 5:14), mas tinha de adotar a religião de sua comunidade se quisesse participar dos festivais religiosos. O estrangeiro foi mencionado junto com o órfão e a viúva, em legislação especial. Lutas de sangue, aventuras e descontentamentos devem ter provocado a origem desta instituição em Israel.

**15. Lança-te sobre esse homem.** Este justo castigo do amalequita impediu qualquer falsa acusação dos oponentes políticos de Davi quanto a que pudesse ter participado, direta ou indiretamente, na morte de Saul. Embora Davi tivesse numerosas oportunidades de matar Saul, ele sempre o considerou como ungido do Senhor.

**17. Lamentação.** Um termo técnico. De acordo com o costume, a lamentação pelos mortos era cantada por pranteadores profissionais (II Cr. 35:25), geralmente mulheres (Jr. 9:17). Aqui o próprio Davi lamentou a morte de Saul e Jônatas.

**18. O Hino do Arco.** Este é provavelmente o registro do costume de Davi de ensinar música militar para desenvolver espírito marcial. O **Livro dos Justos** foi mencionado em Js. 10:13 e 1 Reis 8:53 (LXX). Era uma história sobre as guerras de Israel (Jesurum; Dt. 32:15).

**20. As filhas dos incircuncisos.** O regozijo das filhas dos filisteus refere-se ao costume das mulheres celebrarem as vitórias de sua nação cantando e dançando (I Sm. 18:6).

**21. Jamais será ungido com óleo.** O escudo de Saul foi descrito por Davi como caído nas montanhas, sem polimento, não servindo mais para ser posto em ação, mas jogado como coisa sem valor, e esquecido. Antigamente, os escudos, quer feitos de couro ou metal, eram untados com óleo para conservação.

**22. O arco de Jônatas.** Jônatas foi celebrado pelo uso que sabia fazer do arco, enquanto Saul era conhecido pelo uso de sua espada. Nem voltou vazia. A figura oculta na passagem é a de um arco bebendo o sangue do morto, e da espada devorando sua carne (Dt. 32:42).

**23. Amáveis . . . não se separaram.** Apesar de suas naturezas diferentes, Davi reconhece que ambos foram corajosos e de bom caráter. Jônatas permaneceu leal ao seu pai, apesar de seu amor por Davi e apesar da inimizade de Saul para com o jovem. **Águias . . . leões.** O leve movimento ou rapidez de uma águia (Hc. 1: 8) e a força do leão são as características principais dos grandes heróis da antiguidade.

**24. Escarlata . . . ouro.** Eram os enfeites costumeiros da mulher hebréia (cons. Jr. 4:30).

## 2 Samuel 2

**2:1. Hebrom** significa *fraternidade* (cons. v.3, **aldeias de Hebrom**, isto é, uma federação de cidades). Chama-se atualmente El Khalil ("o amigo"), uma contração para a cidade do amigo de Deus, a saber, Abraão. Servia de centro para a liga ou confederação das afãs de Judá e Calebe e os que lhes eram associados. Fica aproximadamente 32,18kms ao sul de Jerusalém, em uma famosa região da antiguidade por suas férteis vinhas.

**7. Sede valentes.** Ao enviar esta mensagem real, Davi foi sem dúvida impulsionado por questões de política além da gratidão. Aqui, pela primeira vez, ele se proclamou sucessor legítimo de Saul e expressou esperanças de receber o apoio leal dos homens de Gileade.

**8. Maanaim.** Campos gêmeos, situado no lado oriental do Jordão, não muito longe do vau do Jaboque, era um importante lugar para a

execução dos planos de Abner, em parte por causa de suas associações históricas (Gn. 32:2, 3) e em parte por causa de sua situação geográfica estratégica.

**10. Isbosete** era originalmente Is-Baal. Os nomes hebreus eram muitas vezes compostos de *ba'al*, o título do deus da fertilidade dos cananeus. Considerando que a palavra estava peculiarmente associada com os baixos padrões da moral sexual dos cananeus e a baixeza dos cultos, esta prática foi mais tarde abandonada. Editores posteriores substituíram *ba'al* por *bosete*, "vergonha". Outra opinião sobre o significado de *Is-Baal* é que vem de *it-ba'al* ugarítico e significa "Baal vive".

**13. O açude de Gibeom**, 9,7kms a noroeste de Jerusalém conhecido por *el-Jib*. Recentes escavações expuseram mais de vinte asas de jarros com o nome da cidade, Gibeom, inscritas nelas.

**14. Batam-se diante de nós.** Ainda não se encontrou nenhum outro exemplo de competição militar exatamente igual a este tão fora do comum.

**23. A extremidade inferior da lança** era pontuda de modo que podia ser enfiada no chão. Isto explica o fato da lança ter atravessado o corpo.

**32. Na sepultura de seu pai.** Zeruia era a mãe dos três irmãos (cons. 17:25). Não sabemos por que eram chamados pelo nome de sua mãe. Talvez seu pai tivesse morrido cedo. Ou, talvez, o fato de Zeruia pertencer à família de Davi seja o motivo desse uso.

## 2 Samuel 3

**3:3. Quileabe** é chamado "Daniel" em I Cr. 3:1 e por isso provavelmente tinha dois nomes. Gesur. Este casamento com uma princesa estrangeira talvez fosse estimulado pelo desejo de assegurar uma aliança nas vizinhanças da capital de Is-Bosete.

**13. Trouxeres a Mical.** A volta de Mical tem sido considerada por alguns como um ato de política para garantir o apoio dos benjaminitas.

Outros o consideram como sinal da imorredoura afeição de Davi por sua primeira esposa. De acordo com a lei de Dt. 24:1-4, Davi não poderia legitimamente receber de volta sua esposa depois do seu casamento com Paltiel. Comentaristas judeus explicam que Davi fugiu da casa de Saul na noite do seu casamento. Outros dizem que este casamento de Paltiel com 3lical nunca se consumou. Este último ponto de vista não parece muito plausível à luz do versículo 16.

**22. Joabe . . . Abner.** Abner estava condenado enquanto existisse um Joabe. Mais cedo ou mais tarde seus caminhos se cruzariam. É difícil entender por que Davi tentou, nos interesses do estado, sacrificar Joabe no tratado político com Abner.

**27. À parte, no interior da porta.** O local mais público da cidade não é o lugar indicado para se ter "uma palavrinha" com alguém! A LXX traduz: *ao lado da porta*, em um canto afastado. O motivo da atitude de Joabe foi uma vingança contra a morte de seu irmão pelas mãos de Abner (3:30). Sob este dever de vingança estava talvez a inveja, ou uru zelo deturpado por aquilo que Joabe considerava ser de grande interesse para o rei.

**39. Mais fortes do que eu.** Davi disciplinou seiscentos rebeldes, tratou asperamente com os amalequitas (II Sm. 1), condenou à morte os homens que assassinaram Is-Bosete (II Sm. 4), mas fracassou em agir neste caso dos crimes cometidos por Joabe. Davi lavou as mãos e deixou a família de Joabe ao julgamento de Deus.

## 2 Samuel 4

**4:2, 3. Tinham fugido os beerotitas.** Os beerotitas (Gibeonitas, Js. 9:17, 27) foram expulsos por Saul (II Sm. 21:1, 2) e fugiram para Gitaim. Beerote, sua cidade, passou para o domínio de Benjamim. Beerote identifica-se geralmente com el-Bireh, uma aldeia a 14,5kms de Jerusalém, sobre a estrada que se dirige para o norte.

**5. A dormir, ao meio-dia.** Esta é a sexta das doze até as três horas da tarde. Nessa hora a guarda também devia estar dormindo ou pelo menos cochilando.

**6. Buscar trigo.** Seu ardil para entrar na casa foi um ardil antigo – passar por homem de entregas. A LXX dá uma tradução completamente diferente: *E eis que a mulher que guardava a porta da casa estava joeirando trigo, e ela cochilou e dormiu; e os irmãos Recabe e Baaná passaram despercebidos.* Isto também explica como foram capazes de entrarem despercebidos.

## F. Davi, Rei em Jerusalém. 5:1 – 8:18.

### 2 Samuel 5

**5:2. Apascentarás.** Agir como pastor. Isto veio a ser um termo técnico para o governante (Jr. 3:15). A figura foi desenvolvida em Ezequiel 34.

**3. Fez . . . aliança.** É pena que não tenhamos os termos da aliança com Israel. Ao que parece, incluíam direitos de igualdade com a tribo de Judá.

**6. Jebuseus.** Em Jz. 19:10 e em I Cr. 11: 4, 5, a cidade de Jerusalém foi chamada de Jebus. As Cartas de Amarna (cerca de 1400 A.C.) referem-se a elas como *Uru-salim* ("cidade da paz"). Os habitantes eram descendentes de amorreus e heteus (cons. Ez. 16:3,45). Para sua defesa dependiam das vantagens naturais fora do comum de sua cidadela, que estava situada no Monte Sião, um monte cercado de profundos vales por três lados. Em sua orgulhosa auto-confiança, eles se vangloriavam de que não precisavam empregar sádios e poderosos guerreiros para resistirem aos homens de Davi, uma vez que seus cegos e aleijados poderiam facilmente enfrentar uru ataque israelita.

**7. Davi tomou . . . Sião.** A tomada de Jerusalém marca um ponto muito importante na história de Israel. Até agora, a vida nacional não tinha um verdadeiro ponto central. A residência de um juiz, profeta ou

rei servia como ponto de reunião temporário, tal como a "palmeira de Débora", Silo, Mispa, Gibeá (de Saul), Nobe ou Hebrom. Desse momento em diante, o centro foi fixado, e, pelo menos quanto ao reino do sul, todas as outras cidades se tornaram cada vez menos importantes em comparação com a nova capital. A posição de Jerusalém, entretanto, no meio da serra rochosa e estéril que descia pelo centro da Palestina, sempre a tornou mais apropriada para uma fortaleza do que a rica capital comercial, como foi da intenção de Salomão.

**8. Suba pelo canal subterrâneo.** Descobertas arqueológicas identificaram de maneira certa este canal com o poço que desce através da rocha, sobre a qual a cidade está construída, até um tanque alimentado pela Fonte da Virgem em frente à aldeia de Siloé.

**9. Milo.** A palavra aparentemente significa *aterro* e pode indicar uma elevação ou um contraforte de terra ou uma construção com o propósito de encher um grande buraco na terra. Esse tipo de construção foi descoberto em diversos centros hicsos, como por exemplo em Avaris no Egito e Hazor na Palestina. Tinham a aparência de um curral. **Para dentro** é literalmente *na direção da casa* e significa para o norte, na direção do Templo. Esta expressão era provavelmente uma observação feita por algum escriba depois que o Templo foi construído.

**11. Tiro.** Uma das duas grandes cidades dos fenícios, famosa por seu comércio, seus artífices e sua riqueza. Ficava a meio caminho entre Carmelo e Beirute.

**20. Baal-Perazim.** Um antigo nome cananeu significando o Senhor que brota, referindo-se à divindade da natureza local, ou baal, que se supunha habitasse na fonte. A imagem é de águas brotando através de uma barragem.

**21. Deixaram lá os seus ídolos.** Provavelmente os levaram à guerra – como os israelitas levaram a sua arca – para auxiliá-los.

**23. Amoreiras.** A LXX dá *pereiras*. A palavra hebraica *baka'* de acordo com Abulfadl, é o nome árabe dado a um arbusto que cresce em Meca. Parece-se com o bálsamo, exceto que tem folhas mais longas e

mais largas e seus frutos são quase redondos. Se uma folha é destacada do talo, escorre uma seiva branca e acre parecida com alcatrão branco. Esse aspecto, com toda probabilidade, deu lugar ao nome baka', "pranto".

## 2 Samuel 6

**6:2. Baalim de Judá.** Cons. I Cr. 13:6. A expressão idiomática significa *Senhores de Judá*. Eram os líderes da terra de Judá. Cons. o Baal de Siquém – Juízes 9. Tradicionalmente o termo tem sido considerado como nome de lugar Baalim de Judá.

**3. A arca . . . num carro novo.** Comentaristas judeus destacam que a arca e os vasos sagrados só deviam ser carregados sobre os ombros dos levitas (Nm. 3:31; 7:9).

**7. A ira do Senhor se acendeu.** O pecado de Uzá veio do fato da arca não ter sido carregada pelos levitas, conforme Deus tinha orientado (Nm. 4, espec. v.15).

**10. O geteu.** Tradição posterior faz dele um levita. Se for assim, provavelmente vinha de Gate-Rimom, uma cidade dos levitas (Js. 21:25).

**13. Seis passos.** Após darem seis passos com segurança, eles tinham a certeza de que a jornada para Jerusalém tinha o apoio de Deus.

**14. Cingido duma estola sacerdotal de linho.** Provavelmente, Davi vestia somente a estola de linho. Em conseqüência, o menosprezo de Mical, que viu a realeza degradada pelo ritual religioso. Alguns pensam que o seu ciúme pela casa de Saul, ou seu desejo de liderar a procissão como fez a profetiza Miriam, irmã de Moisés (Êx. 15), causou o desprezo dela por Davi.

**18.** O fato de que Davi vestiu uma estola, ofereceu sacrifícios, e pronunciou a bênção, demonstra que o sacerdócio não foi confinado estritamente a classe levítica.

**23. Não teve filhos.** Assim Davi infligiu a Mical a maior das desgraças que podia sobrevir a uma mulher oriental, separando-se dela para sempre.

## 2 Samuel 7

**7:14. Por pai. . . por filho.** Em Hb. 1:5 estas palavras foram aplicadas a Cristo. A aliança divina com Davi é uma garantia de que o Seu propósito de dar à humanidade um rei justo certamente será cumprida. Salomão, filho e sucessor de Davi, deu cumprimento imediato e parcial à promessa. Salomão não foi, contudo, o rei justo cujo domínio seria para sempre. O filho de Davi, que seria "maior", foi Jesus, o Messias da linha davídica há muito esperado, que foi, no mais amplo sentido, também o Filho de Deus.

**18. Ficou perante ele** (o Senhor). Não assentado em uma cadeira, mas sobre seus calcanhares, com a cabeça erguida, 3 moda dos maometanos, em oração.

## 2 Samuel 8

**8:1. A metrópole. Metegue-Amá** significa as rédeas da mãe (a cidade). Em 1 Cr. 18:1 isto foi igualado com Gate, que poderia ter sido a estação controladora das cinco cidades filistéias. Tomando a cidade do seu asilo político e o lar de Golias, sua primeira vítima, Davi indicou aos israelitas tanto a sua capacidade como o seu espírito nacionalista.

**2. E os mediu: duas vezes um cordel** talvez signifique que ele tenha poupado as crianças, mas matado os adultos cuja altura se aproximava do comprimento de dois cordéis.

**3. Zobá** era um reino da Síria, cujo território parece que ficava ao norte de Damasco e não muito longe do Eufrates.

**8. Mui grande quantidade de bronze.** Diz-se que os egípcios da Décima Oitava e Décima Nona Dinastias obtiveram tanto cobre da Síria que desistiram da exploração das minas do Monte Sinai, ao sul.

**10. Seu filho Jorão.** O filho do rei era o seu embaixador.



**17. Zadoque . . . Aimeleque . . . sacerdotes.** Zadoque talvez fosse sacerdote no tempo de Saul. Abiatar serviu com Davi enquanto o último se encontrava foragido da corte de Saul. Davi resolveu as dificuldades resultantes, dividindo o ofício entre eles. Mas se não fosse a pronta ação de Joabe, provavelmente dividiria o comando do exército entre Joabe e Abner. Seraías era secretário de estado, mais do que um militar responsável pela convocação e alistamento das tropas; a expressão técnica para alistamento do povo não era *sapar* (a forma verbal da qual o substantivo escriba deriva) mas *paqad*.

**18. Queretitas e peletitas.** É coisa sabida que em todos os tempos os reis e príncipes sempre preferiram entregar a proteção da sua pessoa a estrangeiros mercenários e não à guarda doméstica. Os governantes sentem que têm o mais amplo sinal de devoção da guarda no fato dos homens não serem oriundos da nação, dependendo mais diretamente do governante sozinho. Davi recebera uma recepção hospitaleira na terra dos filisteus e talvez encontrasse ali muitos amigos leais. Seus ministros. Literalmente, sacerdotes.

Exatamente quais as obrigações que lhes foram dadas está longe de podermos esclarecer. Zadoque e Abiatar eram os sacerdotes da nação, e fica evidente em 20:26 e I Reis 4:5 que estes "sacerdotes" estavam especialmente relacionados com o rei. De acordo com isso, Ewald imagina que fossem sacerdotes domésticos. No Egito, os conselheiros confidenciais do rei, dizia-se, serem escolhidos entre os sacerdotes, e é este o aspecto das funções destes dois homens que está apresentado em Crônicas

## **G. A Vida na Corte de Davi. 9:1 - 20:26.**

### **2 Samuel 9**

**9:10. Pão que coma.** Uma expressão generalizada significando aqui ter todas as necessidades satisfeitas.

## 2 Samuel 10

**10:4. E lhes rapou metade da barba.** Mesmo hoje em dia cortar a barba de uma pessoa é considerado pelos árabes uma grande indignidade, exatamente como o açoitar e o marcar a fogo entre nós. Muitos prefeririam morrer antes do que ter a sua barba rapada. O insulto ainda foi mais aumentado pelo cortar das longas vestes que cobriam o corpo, deixando assim expostas as panes inferiores.

**5. Jericó** ficava a meio caminho entre Amã e Jerusalém.

**12. Sê forte.** Aprendemos aqui que um homem não deve depender de milagres, mas deve em primeiro lugar lutar até onde possível para se salvar e então confiar na ajuda de Deus.

## 2 Samuel 11

**11:1. Rabá** é a moderna Amã (Filadélfia no período helenista), cerca de 32,2kms a leste do Jordão nas nascentes do Wadi Amã.

**3. Eliã e Amiel** têm a mesma significação. A diferença consiste simplesmente na transposição das partes que compõem o nome.

**4. Ela veio.** Embora Davi fosse responsável pelo pecado, Bate-Seba não ficou sem culpa. Ela veio a seu convite, ao que parece sem hesitação, e não ofereceu resistência aos seus desejos (pelo menos até onde sabemos pelo registro bíblico). O fato dela estar se banhando no terraço descoberto de uma casa no coração da cidade, para onde qualquer um poderia olhar dos telhados das casas vizinhas ou do alto de uma elevação qualquer, não recomenda muito a sua modéstia, mesmo se não tivesse más intenções, coisa que alguns comentaristas sugerem. Contudo, isto não exime Davi da enormidade de sua transgressão contra os estatutos do Senhor e contra um dos seus principais militares.

**16. Joabe**, como um general que não estava acostumado a poupar a vida humana, serviu fielmente ao seu senhor no assunto em questão, considerando a possibilidade de ter seus próprios interesses defendidos em outra ocasião.

**21. Também morreu o teu servo Urias, o heteu,** pode ser interpretado que isto aconteceu sem as ordens de Joabe, ou em oposição ao fato de que Urias avançou tanto com os seus homens, sendo portanto culpado de sua própria morte e dos outros guerreiros que morreram.

**27. Passado o luto.** O costumeiro período de luto era de sete dias. Não sabemos se as viúvas prolongavam o luto por mais tempo. imediatamente Davi tomou Bate-Seba por esposa, para que estivesse casada com ele o máximo de tempo possível antes do nascimento da criança. Esperava assim impedir quaisquer suspeitas de relacionamento extra-conjugal que poderiam surgir.

## 2 Samuel 12

**12:6. Restituirá quatro vezes.** A restituição quádrupla corresponde às provisões da lei de Êx. 22:1.

**13. Pequei contra o Senhor.** O pecado traz dois resultados – separa o homem de Deus e produz maus efeitos no mundo. O primeiro pode ser cancelado pelo perdão, mas o segundo permanece. A tragédia da história humana é que os maus efeitos do pecado não são sempre, nem totalmente, sofridos pelo pecador.

**23. Eu irei a ela.** Cons. "a casa destinada a todo vivente" (Jó 30:23). Algo da idéia que o judeu tinha sobre a existência consciente na vida futura está implícito na costumeira expressão, "juntou-se aos seus pais". Talvez com esta referenda Davi simplesmente quisesse dizer que a criança não podia retomar à vida e à atividade, mas que ele teria de uru dia se juntar a seu filho na morte.

**24. Salomão.** O nome significa paz. Talvez Davi desse este nome significativo ao seu filho para declarar que agora estava em paz com Deus. Outra opinião é que Salomão nasceu no final das hostilidades com Amom e quando a paz foi declarada. Salomão era seu nome real.

**25. Jedidias** (*amado do Senhor*) foi o seu nome familiar. Era bastante comuta em Judá o rei possuir dois nomes. **Nas mãos do profeta Natã.** Há quem pense que Natã foi o tutor real de Salomão.

**27. A cidade das águas.** "Fortaleza das águas" - a fortificação que defendia o suprimento de água da cidade real. Políbio, na sua narrativa sobre o cerco de Rabate-Amom feito por Antíoco Epifânio, diz que o rei sírio conseguiu interromper o suprimento de água e obrigou a guarnição a entregar a cidade propriamente dita, que era construída sobre a alta elevação acima.

**31. Os filhos de Amom.** Davi fê-los trabalhar arduamente, não os torturou. Para um beduíno este tipo de castigo era de extrema crueldade.

## 2 Samuel 13

**13:1. Absalão . . . Tamar . . . Amnom.** Absalão e Tamar eram filhos de Davi com Maaca, a filha do rei de Gesur (3:3); Amnom era filho de Davi com Ainoã, a jezeelita (3:2). O caso de Abraão e Sara mostra que o casamento entre filhos de um mesmo pai, mas de mães diferentes, era sancionado entre os antigos hebreus, embora fosse proibido pela legislação do Levítico (Lv. 18:9).

**2. Angustiou-se.** Ele tinha poucas oportunidades de ver as mulheres solteiras do harém real, provavelmente nenhuma de se encontrar com Tamar a sós.

**6. Que. . . Tomar venha.** Está evidente que os filhos do rei moravam em diferentes casas. Provavelmente cada uma das esposas do rei morava com seus filhos em um apartamento particular no palácio. Dois bolos. A palavra hebraica para bolos vem da raiz *lbb*, "coração". Talvez fossem bolinhos na forma de um coração. Também pode ser o caso de haver um jogo de palavras no uso deste termo.

**13. Não me negará.** A Lei proibia este tipo de casamento (Lv. 18:9), mas talvez não fosse estritamente observada nesse tempo. Talmude passa por cima desta dificuldade supondo que Tamar fosse fruto de um nascimento ilegítimo.

**18. Uma túnica talar.** Os mesmos termos usados em relação à túnica de José. O famoso quadro de Beni Hassan (Egito) mostra que o traje típico dos nômades na Palestina patriarcal era multicolorido.

Contudo, nenhuma das vestimentas desse quadro ia até os punhos e tornozelos. Este aspecto é nítido no caso de José e Tamar, e significa algo especial.

**20. Tamar . . . esteve desolada.** Não se pode provar se *shomem*, "desolada", sempre significou só ou solitária. Contudo, esta é a costumeira interpretação.

**21. Davi . . . muito se lhe acendeu a ira.** Ele se satisfez em ficar simplesmente zangado, uma vez que ele mesmo já fora culpado de adultério. Entretanto, sua falta de uma atitude apropriada brotava de sua indulgente afeição para com o filho e seu habitual fracasso em disciplinar membros de sua família.

**27. Deixou ir com ele Amnom.** Uma vez que Absalão não demonstrou nenhum desejo de vingança, Davi relutantemente permitiu que Amnom assistisse à festa.

**29. Seu mulo.** Esta é a primeira vez que a Bíblia fala em mulos. Os cavalos eram principalmente usados para puxarem carros de guerra; o jumento era a montada da realeza (I Reis 1:33). De acordo com a lei de Lv. 19:19, a criação de híbridos era proibida.

## 2 Samuel 14

**14:1.** Joabe achava que Absalão tinha as melhores oportunidades de tomar o trono. E achava que se pudesse colocar Absalão nessa posição, Absalão por sua vez cancelaria a ameaça de julgamento que pendia sobre ele.

**2. Tecoá.** Joabe criou-se nas vizinhanças de Tecoá, cerca de 9,65 kms ao sul de Belém. Ele podia ter conhecido esta mulher em dias parados.

**7. Não deixam . . . nome, nem sobrevivente.** A extinção da família era a maior temida de todas as tragédias. A instituição do concubinato e casamentos em levirato foi feita para evitar esta possibilidade. O nascimento de um filho para continuar com o nome da família era considerado como coisa importantíssima.

**9. A culpa . . . caia sobre mim.** Da resposta da mulher deduzimos que Davi a despediu com uma promessa porque compreendeu que se defendesse o filho culpado, ficaria envolvido em sua culpa. A mãe rogou pela ajuda do rei e ofereceu-se para assumir pessoalmente qualquer culpa.

**10. Traze-mo o mim.** Davi deu poderes à mulher para trazer seus perseguidores à presença real.

**11.** A mulher pediu a Davi que fizesse um juramento nesse sentido, antes de aplicar a sua história à situação embaraçosa de Absalão.

**12-20.** A mulher colocou Davi na posição de seus perseguidores imaginários. O que eles poderiam fazer à sua família exterminando o único herdeiro, Davi estava fazendo ao povo de Deus ao punir Absalão por um crime que ele cometera tomado de ira humana e no seu desejo de fazer justiça pela desonra cometida contra sua irmã, Tamar.

**25. Sua beleza.** Davi também era conhecido por sua boa aparência. Absalão cortava seu cabelo anualmente e o pesava de acordo com o sistema métrico introduzido na Palestina. Devia haver algum significado religioso nisso. 27. A LXX acrescenta uma observação dizendo que esta segunda Tamar veio a ser esposa de Roboão, o filho de Salomão, e foi mãe de Abia. De acordo com I Reis 15:2, Maaca, a filha de Salomão, casou-se com Roboão.

## 2 Samuel 15

**15:1-6.** Absalão deu início a uma vigorosa campanha para ganhar a lealdade das tribos. Seu método era reunir as pessoas junto aos portões, o tribunal da antiga Israel, descobrir de onde vinham, sugerir-lhes seu interesse e disponibilidade, esperando que retornassem ao seu distrito como embaixadores de sua causa.

**7. Hebrom** ainda conservava ressentimento contra Davi por ter removido a sede do governo para Jerusalém. Também as afãs confederadas do Neguebe, por cujos bons ofícios Davi subiu ao trono,

tinham ciúmes das tribos do norte - agora parte dominante do reino unido - por causa de seu poder e influência junto ao rei.

**12. Aitofel**, o gilonita. Gilo ficava de 9,65kms a 11,26kms a noroeste de Hebrom. Aitofel era o avô de Bate-Seba (11:3; 23:34). Geralmente se atribui o apoio que deu à causa de Absalão, ao desejo de vingar a desgraça que Davi desencadeou sobre sua família, além do assassinato de Urias.

**14,15. Fujamos.** A decisão de Davi de abandonar Jerusalém tem sido um constante enigma para os historiadores. Alguns supõem que a sua coragem falhou temporariamente; outros, que ele tinha fortes motivos para duvidar da lealdade da população, talvez ainda predominantemente jebusita; outros, que ele queria poupar à cidade os horrores de um sítio; e outros ainda, acham que ele achava que, se a revolta prosperasse no norte enquanto Absalão marchava contra ele vindo do sul, seria apanhado em Jerusalém como numa armadilha. O fato dos fiéis seguidores de Davi não discutirem a sua decisão, indica que não se baseou na covardia, mas em frios cálculos de um experimentado especialista militar.

**18. Os geteus.** Eram os homens reunidos a volta de Davi quando de sua fuga de Saul e que emigraram com ele para Gate. Depois moraram com ele em Ziclague, e finalmente o seguiram a Hebrom e Jerusalém. Com toda probabilidade, formavam um grupo separado de bem treinados veteranos, ou uma espécie de guarda pessoal, em Jerusalém, e eram muito conhecidos como "os geteus".

**21. Seja para morte seja para vida.** A resposta de Itai é magnânima à luz da aparente inutilidade da causa de Davi. Itai sentia gratidão imorredoura para com Davi por causa de benefícios do passado.

**23. O ribeiro Cedrom** é o bem conhecido vale a leste de Jerusalém. A estrada tomada foi provavelmente a da encosta sul do Monte das Oliveiras, a mesma que continua sendo usada para Jericó e o Vale do Jordão.

**24. Zadoque** significa *justo*. Esta família de sacerdotes triunfou sobre a casa de Abiatar (da linhagem de Eli) no reinado de Salomão. Os saduceus do Novo Testamento reivindicavam descender da casa de Zadoque.

## 2 Samuel 16

**16:1. Mefibosete** era o filho aleijado de Jônatas a quem Davi demonstrou bondade por causa do seu amor a Jônatas.

**3. O reino de meu pai.** De acordo com Ziba, Mefibosete cria que a luta interna dentro da casa de Davi capacitaria a casa de Saul a recuperar o trono. Isto daria a Mefibosete, o único herdeiro do trono, a oportunidade de assumir a liderança de Israel. A história de Ziba era uma rematada mentira, através da qual ele esperava obter uma doação das propriedades de Mefibosete.

**6. Atiram pedras.** Isto ainda se faz em sinal de ira ou insulto.

**7. Homem de Belial.** Um epíteto muitíssimo aviltante; significa "você não presta para nada".

**9-14.** Davi considerou a maldição de Simei como ordenada por Deus. Ele achou que se a suportasse em silêncio, Deus o recompensaria finalmente. Seu generoso espírito, contudo, estava incomodando seus soldados, os quais viam nas maldições, não a vontade de Deus, mas as observações infamantes de um cidadão insatisfeito. **Cão morto** (v. 9). Um epíteto de desprezo. **E lhe tirarei a cabeça.** Isto é, queria decapitá-lo. Amaldiçoar o rei era crime capital.

**16. Viva o rei** era um grito de respeito para com a pessoa real. A explicação costumeira é que significa: "Que o rei viva por muito tempo!" A repetição desta frase por Husai expressava seu fingido entusiasmo pelo novo regime.

**21. Coabita com as concubinas de teu pai.** Aitofel aconselhou Absalão a apossar-se dos direitos do trono através de confiscação pública do harém real. Este era o costume antigo de se demonstrar a tomada do trono. Os israelitas não o consideravam realmente abominável, uma vez



que seus sentimentos sobre o assunto estavam embotados por causa da prática da poligamia. Se ele seguisse este conselho haveria uma brecha irreparável entre pai e filho. O conselho de Aitofel foi o de assumir todos os riscos desta aventura.

## 2 Samuel 17

**17:4. O parecer agradou a Absalão.** Achou excelente o conselho de Aitofel. Se Davi fosse atacado nessa mesma noite, estaria cerca de apenas 19,3kms a 24,1 kms da capital, sem alimento e munição, e com seu exército em um sério estado de desorganização. A rebelião de Absalão alcançaria o seu objetivo e Davi teria sido certamente derrotado. Ao que parece, o plano de Aitofel era de rapidamente cercar os homens de Davi, criando tal pânico que todos fugiriam e possibilitando, assim, matar apenas a Davi. Isto tornaria mais fácil vencer o remanescente do grupo de Davi.

**8. Estão enfurecidos.** O argumento de Husai era que os homens de Davi lutariam como um urso acuado. Diz-se que o urso sírio é particularmente feroz. A Septuaginta acrescenta: "e como uma porca selvagem na campina", que parece-se mais com o grego do que o hebraico e deve ter sido acrescentado posteriormente.

**12. Cairemos sobre ele.** O verbo usado se aplica a enxames de locustas (Êx. 10:14) ou moscas e abelhas procurando lugar para pousar (Is. 7:18,19).

**13. Arrastá-la-emos até o ribeiro.** Husai disse que a cidade na qual Davi deveria estar escondido seria completamente destruída. Muitas cidades foram construídas sobre colinas e a penalidade para uma cidade conquistada era ser tratada conforme está expresso nas palavras de Mq. 1:6: "farei rebolar as suas pedras para o vale".

**17. A fonte de Rogel.** Talvez a fonte do pisoeiro mencionada em I Reis 1:9. Ficava no vale do Cedrom, abaixo da aldeia de Silwan, perto da junção dos vales do Cedrom e Hinom. Servia de marco de fronteira entre Judá e Benjamim. **Uma criada.** O artigo definido em hebraico pode

indicar simplesmente a moça escolhida para a tarefa, ou uma criada particular – tomada da casa de um dos sacerdotes. Ela poderia ir à fonte buscar água sem despertar suspeitas, uma vez que tirar água era trabalho feito principalmente por mulheres.

**19. Espalhou grãos pilados.** Era trigo ou cevada pilados ou descascados, que as pessoas preparavam batendo os grãos em um pilão.

**23. E se enforcou.** O número de suicídios na Bíblia é extremamente pequeno. O cuidado com o qual Aitofel se preparou e à sua família e o sepultamento no jazigo da família indicam que este suicídio não foi condenado. Aitofel tinha se colocado em uma situação difícil. Se Absalão saísse vitorioso, Aitofel teria de ceder lugar a Husai; se Davi vencesse, Aitofel seria chamado a acertar contas pelo conselho que dera quanto a pretendida captura de Davi. O povo sabia de sua difícil posição e compreendeu o modo de pensar de um homem completamente derrotado. Deve-se notar que o suicídio de Aitofel não o exclui de um sepultamento normal no sepulcro da família.

**24. A Maanaim.** Foi originalmente o quartel general do reino de Is-Bosete. Foi escolhido por Davi como seu quartel general por causa de sua forte posição entre as cidades da Transjordânia e por causa de sua oposição menor. Esta cidade foi significativa no tempo dos patriarcas e foi o cenário de uma das paradas de Jacó na sua volta à Palestina para se encontrar com seu irmão Esaú. Nesse lugar Jacó teve a visão dos mensageiros divinos que cercaram e protegeram seu acampamento, e ele o chamou de **Maanaim** (Campos Gêmeos).

**25. Abigail, filha de Naás.** De acordo com a tradição judia Naás é outro nome para Jessé. Outros acham que Naás foi o primeiro marido da esposa de Jessé.

**29. Coalhada.** É chamado *leben* pelos árabes modernos e grandemente apreciada como bebida refrescante.

## 2 Samuel 18

**18:1. Contou Davi o povo.** Isto significa que, além de contar suas tropas, ele também as convocou e as passou em revista. E pôs sobre eles capitães. Era o costumeiro arranjo militar, e corresponde ao arranjo civil sugerido por Moisés em Êx. 18:25. É interessante notar que Davi deu um terço do exército a Itai, um homem de Gate, que provou ser leal à causa do rei no exílio.

**5. Tratai com brandura o jovem.** Ao que parece, Davi continuava considerando Absalão como um menino. Ele tratou a rebelião como se fosse uma estripulia da juventude, a qual poderia perdoar mais ou menos facilmente. Contudo, Joabe e o exército consideraram a insurreição portadora de sérios presságios.

**8. O bosque . . . consumiu.** A costumeira explicação é que uma grande multidão pereceu nos abismos e precipícios. Ao que parece, por causa da natureza do solo, foram mais os que morreram durante a perseguição através da floresta do que na batalha propriamente dita. 9. Seu mulo. Montar em um mulo era sinal de realeza (I Reis 1:33, 38). Este mulo talvez pertencesse a Davi. Pela cabeça. A tradição de que Absalão ficou preso pelos cabelos vem de Josefo.

**10-13.** O homem que viu Absalão pendurado pela cabeça reprovou Joabe por sugerir que ele deveria ter matado Absalão e reclamado uma recompensa de Joabe pelo feito. Contudo, por mais que o capitão do exército de Davi desejasse a morte de Absalão, disse o homem, quando tivesse de enfrentar o rei, que ordenara a seus homens que tratassem gentilmente com Absalão, ele não apoiaria o matador.

**17. Numa grande cova.** Talvez fosse uma caverna ou cisterna fora de uso. Alguns acham que o monte de pedras sobre a sepultura de Absalão era símbolo do apedrejamento que era a penalidade legal para um filho rebelde (Dt. 21:20, 21). Hoje em dia ainda é costume no Oriente os passantes jogarem pedras sobre a sepultura de um criminoso.

**18. No vale do rei.** É um outro nome para o vale de Savé em Gn. 14:17. Ali o Rei de Sodoma encontrou-se com Abraão. A localização do

vale é desconhecida. A Sepultura de Absalão que ainda pode ser vista no Vale do Cedrom, foi construída pelos romanos e muito provavelmente é uma tradição posterior. Monumento de Absalão. Se era uma coluna, ou um obelisco, ou um monólito, não podemos determinar.

**23. Aimaás ... passou o cusita.** O caminho tomado pelo cusita era mais curto, mas passava pela colina e pelo vale. O caminho tomado por Aimaás corria ao longo do leito do rio Jordão e podia ser vencido mais rapidamente.

## 2 Samuel 19

**19:4. Tendo o rei coberto o rosto.** Era a maneira costumeira de expressar pesar. A cabeça coberta indicava o pesar que excluía a pessoa do mundo externo. Talvez simbolizasse a tristeza mortal que Davi sentia por seu filho Absalão. Sua expressão vocal dava a entender que o rei desejava estar morto com Absalão. Num certo sentido a cabeça coberta de Davi simbolizava a mortalha do sepultamento de Absalão. Os véus usados pelas viúvas são uma modernização deste antigo costume. Contudo, a sugestão no luto moderno é que a pessoa deseja ficar sozinha com sua tristeza. Pela mesma razão, nos funerais os membros achegados do morto ficam em uma sala separada.

**5. Envergonhaste . . . os teus servos.** A severa disciplina militar de Joabe não permitiu que compreendesse a tristeza de uru pai pela morte do filho. Davi encarou os acontecimentos em relação a si próprio, e sentiu profundamente a perda do seu filho Absalão. Joabe viu os mesmos acontecimentos à luz do seu significado para o povo de Judá e a família de Davi. Ele insistiu como rei a esconder seus sentimentos pessoais nos melhores interesses da Situação política. Joabe temeu a reação da população diante da expressão de sentimentos de Davi por Absalão. Conseqüências ainda mais sérias do que a rebelião de Absalão poderiam se seguir, se a multidão fosse incitada a se irar por causa da falta de gratidão do rei em face de sua valentia em benefício dele.

**7. Fala segundo o coração dos teus servos.** Literalmente, falar ao coração. Fala de maneira afável, encorajando-os e aplacando seu descontentamento. Esta expressão é usada com frequência no V.T.

**9. Todo o povo . . . andava altercando.** A rebelião abortara deixando de atingir seu objetivo, e o elemento do descontentamento espalhou-se pelo país. O movimento para restaurar Davi ao poder não era unânime. Alguns achavam que ele tinha perdido a sua capacidade de governar; outros achavam que ele tinha o direito de governar por causa do seu passado.

**11. Os anciãos de Judá.** Eram os homens que podiam recuperar a tribo de Judá para a causa de Davi. Sua reserva provinha do fato de Judá ter desempenhado parte proeminente na insurreição. Davi encarregou Zadoque e Abiatar, os líderes religiosos, a fazer o seu apelo a Judá por meio dos anciãos da tribo. O texto de sua mensagem é breve demais para revelar como esses dois delegados religiosos se desincumbiram da missão. Talvez fizessem os anciãos se lembrar do movimento de Israel para restaurar Davi e dessem a entender que devia também haver uru movimento para transferir a capital para uma cidade do norte. Davi já mudara uma vez a capital de Hebrom para Jerusalém, e outra mudança poderia tornar a acontecer. A atitude de Davi de voltar-se para a sua própria tribo era natural e essencial para o seu retorno ao poder. Contudo, há os que têm encarado sua atitude conciliatória para com Judá como uma ação que provocou nova rebelião.

**13. Dizei a Amasa . . . ser . . . comandante.** Este curso de ação foi um ousado golpe de política militar para assegurar-se da lealdade do general do exército rebelde. Fazendo assim, Davi esperava obter a lealdade do exército rebelde e ao mesmo tempo rebaixar Joabe por ter matado Absalão. A atitude tem sido debatida e considerada pouco prudente, pois Joabe não era o tipo de homem que aquiescesse sem reagir, nem a lealdade de Amasa foi comprovada.

**20. A casa de José.** As dez tribos de Israel diferenciavam de Judá pelo título da mais poderosa entre elas Efraim, filho de José.

**24. Não tinha tratado . . . nem . . . a barba nem lavado as vestes.**

A negligência de sua aparência era o sinal exterior de extrema tristeza.

**29. Repartas com Ziba as terras.** Não sabemos se Davi estava tentando manter a família de Ziba e Mefibosete simpática à sua causa, ou se se ele decidiu assim naquele instante, porque não tinha tempo de investigar as reivindicações de ambos os lados.

**37. Eis aí o teu servo Quimã; passe ele com o rei meu senhor.**

Cons. I Reis 2:7. Josefo diz que era filho de Barzilai.

**2 Samuel 20**

**20:1. Tocou a trombeta.** Seba, um filho inútil da faminta de Bicri, o segundo tubo de Benjamim, tocou uma trombeta para convocar Israel a se revoltar contra a casa de Davi. Esta rebelião talvez fosse engendrada pela hostilidade tradicional entre a casa de Saul e a casa de Davi, os benjaminitas e os de Judá. Seba estava interessado em arrancar o poder de Judá e restitui-lo a Benjamim. Em sua convocação, **cada um para as suas tendas, ó Israel**, empregou as palavras usadas na rebelião triunfante liderada por Jeroboão (I Reis 12:16). O significado é: "Homens, voltemos aos nossos uniformes e rações e voltemos às fazendas, e eu encabeçarei um grupo de resistência para obter melhores porções para todos nós". O uso da palavra tendas é estranho, uma vez que há muito Israel abandonara a forma de vida nômade e se estabelecera em Canaã. A terminologia da cultura do passado persiste em todas as sociedades, e Seba usava um clichê de valor promocional e sentimental.

**3. Vivendo como viúvas.** Foram as dez mulheres que Absalão violentara à plena luz do dia como sinal dado a Israel de que ele tomara o trono. Davi não podia fazer retornar essas mulheres ao harém real, nem ele o queria. Em vez disso, providenciou que fossem sustentadas e as declarou viúvas pelo restante de suas vidas. Esta atitude de Davi continha os elementos da generosidade e da tragédia. A vida no harém real continha a possibilidade de calamitosas conseqüências como também a recompensa de uma vida de luxo. Essas mulheres foram

encerradas a fim de proteger Davi de mais embaraços ou situações difíceis em relação a elas. Elas receberam o direito do sustento porque sua violentação foi perpetrada por Absalão e não foi iniciada como intriga de harém para derrubar o rei governante.

**5. Demorou-se além do tempo.** Amasa, primo de Joabe, a quem Absalão nomeou comandante do seu exército, era falto de iniciativa, ou a reunião do exército foi tarefa mais difícil do que Davi supunha? É provável que alguns homens tenham duvidado da força de Davi de retornar ao poder, enquanto outros ressentiram-se da troca de generais, preferindo Joabe em lugar de Amasa. Davi já tinha prometido a Amasa a posição de Joabe (19:13, 14). Talvez a demora de Amasa fosse o resultado de impedimentos militares e políticos levantados por aqueles que duvidavam da sabedoria das promessas precipitadas de Davi.

**6. Disse Davi a Abisai.** Davi ainda preteriu Joabe dando ordens ao irmão dele. Contudo, quando a campanha já estava em andamento, Joabe, com o consentimento de Abisai, retomou seu lugar de comandante-em-chefe.

**9. Para o beijar.** Segurar a barba de alguém para beijar ainda é costume entre os árabes e turcos como sinal de boas-vindas.

**10. Amasa não se importou com a espada.** Esta parte do texto é bastante difícil de traduzir com exatidão, e por isso a natureza da traição de Joabe é difícil de determinar. Parece que Joabe tinha uma outra arma escondida sob a sua roupa de militar, enquanto trazia a espada na sua bainha. Presumivelmente, ele deixou a espada cair, deliberadamente, para banir qualquer dúvida ou suspeita da mente de Abisai.

**14. Até Abel-Bete-Maaca.** Como se vê nos versículos 15, 18, poderíamos traduzir assim, *Abel de Bete-Maaca*. Também se conhece como "Abel-Maim" (*campina das águas*) em II Cr. 16:4. Esta cidade caiu sob o domínio de Ben-Hadade da Síria (I Reis 15:20) e depois de Tiglate-Pileser da Assíria. A menção de Maaca talvez sugira uma ligação com o reino da Síria que tinha esse nome (10:6). Sua localização é cerca de 19,3kms a oeste de Tell el Kadi, (Dã) no local da aldeia de Abil.

**15. Levantaram contra a cidade um montão.** O propósito dessa elevação foi o de capacitá-los a alcançar o ponto mais alto da parede, a fim de derrubá-la e forçar uma entrada. Este tipo de operação de guerra consta dos baixo-relevos do cerco de Laquis.

**17. Ouça as palavras de tua serva.** A mulher prosseguiu sugerindo a Joabe que antes de começar o cerco e a possível destruição da cidade, devia perguntar aos habitantes de Abel se pretendiam ou não lutar por Seba e seus homens. Isto devia ser feito de acordo com a legislação de Dt. 20:10 e segs. Seu segundo conselho era que Joabe devia tomar em consideração a paz e a fidelidade dos cidadãos de Abel para não destruir cidadãos de boa paz e membros da nação de Deus. Ela era sem dúvida uma sábia mulher, parecida com aquela de Tecoa que assumiu a responsabilidade de poupar derramamento de sangue desnecessário. Compare, também, a intercessão de Abigail na causa das famílias fazendeiras do Carmelo e vizinhanças. As mulheres geralmente pleiteiam a causa da paz e argumentam a favor da arbitragem pacífica para evitar derramamento de sangue. Eclesiastes (lit., *O Pregador*) diz que a sabedoria é melhor do que a força, e talvez usasse este incidente como referência em Ec. 9:13-16.

**22. Cada um para sua casa.** Este é um comentário satírico sobre a rebelião de Seba. Ele convocara Israel a que se separasse da união de Israel com Judá, e perdera a sua cabeça como resultado. Os homens de Judá retornaram às suas tendas, enquanto os de Seba foram dispersos. Resolver questões por meio da espada pode levar a calamitosas conseqüências.

**24. Adorão (era comandante) dos que estavam sujeitos a trabalhos forçados.** Ele manteve o seu cargo até o reinado de Roboão (I Reis 4:6; 12:18).

#### IV. Os Últimos dias de Davi. 21:1 – 24:25.

### 2 Samuel 21

#### A. A Fome. 21:1-14.



**1. Uma fome.** Ezequiel 14: 21 faz uma lista de espada (guerra), fome, bestas-feras e peste como os quatro maus (pesados) juízos de Deus pelos pecados de Jerusalém. Em I Reis 8:35-37, Salomão refere-se ao céu sem nuvens que poderia resultar em fome por causa dos pecados do seu povo. Não sabemos a época precisa desta fome. "Em dias de Davi" poderia se referir a qualquer período durante o seu longo reinado. Alguns a colocam depois que Davi travou relações com Mefibosete (cons. v. 7), mas antes da rebelião de Absalão. **Sobre Saul.** Parece que Saul recusou-se a reconhecer o tratado feito por Josué com os gibeonitas (Js. 9), e, em seu zelo por seu próprio povo, condenou à morte alguns destes amorreus remanescentes. Isto constituiu violação à aliança e tinha de ser considerado como homicídio não expiado, o qual, de acordo com Dt. 21:7-9, contaminava a terra.

**3. Que resgate vos darei.** Davi perguntou aos gibeonitas o que eles aceitariam para desfazer a injúria. O significado literal do verbo hebraico para "resgatar" é *cobrir*. Esta "cobertura" servia para esconder a ofensa aos olhos da pessoa ofendida, e afastar a culpa do ofensor diante dos olhos de Deus que é o vingador do erro. O resgate podia ser feito por meio de dinheiro, que deu lugar a expressão "dinheiro de sangue", ou pela aplicação da lei da vingança. Se neste caso fosse usado este último método, Davi teria que dar aos gibeonitas o mesmo número de homens que Saul executara. Podiam ser homens que tivessem caído no desfavor na corte de Davi ou homens escolhidos por sorte. Contudo, os gibeonitas não ficariam satisfeitos com algo menos que a vingança contra a família de Saul. Eles acusaram Saul de tentar exterminá-los (uma política antiga para invalidar a lei da vingança). Queriam que seus descendentes fossem tratados exatamente como ele os tratara (cons. v. 5). Esta exigência de justiça exata estava de acordo com a legislação de Nm. 35:31, 32, a qual insiste que a vida humana seja considerada seriamente. O pagamento em dinheiro pelo homicida à família do morto era um precedente perigoso, que poderia ser abusado pelos ricos. Homens com dinheiro poderiam contornar a situação.

**6. Sete homens.** Sete devia ser o número exato de gibeonitas executados por Saul; ou, muito provavelmente, era um número sagrado, sendo os homens escolhidos para serem executados em solene ritual "diante do Senhor". Esta execução, contudo, não era um sacrifício para suplicar a Deus que mandasse chuva, mas era um caso de retribuição judicial.

**8. Rispa.** Uma concubina de Saul. Is-Bosete uma vez acusou Abner de ter relações ilícitas com Rispa na tentativa de tomar o trono de Saul em seu (de Is-Bosete) lugar. Esta acusação levou Abner a transferir sua lealdade para a casa de Davi. Filhos de Merabe (Mical). Isto constitui um problema. De acordo com o registro bíblico, Mical morreu sem filhos porque Davi afastou-se dela. Sua atitude para com o seu marido em relação ao sacerdócio e a arca da aliança provocaram um relacionamento tenso. Ele não se divorciou dela, mas deu-lhe uma habitação especial e não manteve mais com ela relacionamento conjugal. O Targum reconheceu este problema-e sugeriu que Mical criou os cinco filhos de Merabe, sua falecida irmã, os quais Merabe teve com Adriel. **Meolatita.** Isto é, de Abel-Meolá, uma cidade no vale do Jordão, peno de Betesã, famosa por ter sido o lugar do nascimento de Eliseu (I Reis 19:16).

**10. Rispa...tomou um pano de saco, e o estendeu . . . sobre uma penha.** Rispa tomou um pano, fez uma tenda, e se colocou ali de abril até outubro, até que vieram as chuvas de outono em sinal de que o pecado da família de Saul fora expiado e que nenhuma reclamação posterior poderia ser feita contra a vida de sua família. Era contrário à lei de Dt. 21:23 permitir que um corpo ficasse pendurado de um dia para outro, mas esta lei foi ignorada no presente caso.

**13. E ajuntaram também os ossos dos enforcados.** Davi comoveu-se diante da devoção materna de Rispa. Para mostrar que ele pessoalmente não hostilizava a casa de Saul, desenterrou os restos mortais de Saul e Jônatas das sepulturas que lhes foram dadas pelos homens de Jabes-Gileade, e fez-lhes um sepultamento decente no sepulcro de sua família em Zela. Este lugar foi citado entre as cidades de

Benjamim em Js. 18:28, mas ainda não foi identificado. Beih Jala, perto de Belém, tem sido sugerida, mas esta não fica em Judá, nem em Benjamim. Estranho que o sepultamento de Saul não fosse feito em Gibeá, sua cidade natal.

### **B. Façanhas Heróicas. 21:15 -22.**

**16. Descendia dos gigantes.** A palavra para os descendentes foi usada em Nm. 13:22, 28 em relação aos filhos de Enaque, os gigantes da terra no período da Conquista. O hebraico **gigante**, *Rapha*, não é o nome de um indivíduo. É um termo coletivo usado em relação aos refains, uma raça de gigantes que habitavam a Palestina em um período primitivo e deram a um vale perto de Jerusalém o nome de "Vale dos Refains". A Vulgata diz *Arapha*, de onde surge *Harapha*, o nome do gigante apresentado em *Samson Agonistes* de Milton.

**17. Apagues a lâmpada de Israel.** Era uma metáfora para a mudança da luz da prosperidade para as trevas da calamidade. Em linguagem moderna, esses homens queriam que Davi continuasse carregando a tocha de Israel.

**19. Elanã. . . feriu** (o irmão de) **Golias.** O irmão está faltando no Texto Massorético. Acrescentou-se (K.J.V.) com base na narrativa paralela em I Cr. 20:5. Alguns comentaristas supõem que a narrativa de Samuel conserva a tradição mais antiga e que somente mais tarde a morte de Golias foi atribuída a Davi. Não encontramos, contudo, nenhuma séria dificuldade em supor que houvesse um outro homem de grande estatura chamado Golias, além daquele que Davi matou. Há um outro Elanã de Belém mencionado em II Sm. 23:24. Alguns (cons. Targum e Jerônimo) têm tentado identificar Elanã (*aquele a quem Deus concede favor*) com Davi. Mas não há provas suficientemente fortes para sustentar esta idéia.

**20. Seis dedos.** Não era uma deformidade fora do comum antigamente, nem hoje em dia. Plínio mencionou tal peculiaridade em

sua *História Natural*. De acordo com Lv. 21:18, alguém que tivesse uma deformidade assim ficava excluído do serviço do templo.

## **2 Samuel 22**

### **C. O Salmo de Davi. 22:1-51.**

**3. Minha salvação.** A salvação no modo de pensar do V.T. era geralmente considerada como livramento físico do poder das forças inimigas.

**6. Tramas de morte.** A sorte de Davi levou-o muitas vezes a lugares perigosos, quando ele esteve a um passo da morte. Em toda a sua vida ele viu a mão de Deus protegendo-o dos perigos sérios.

**7. Do seu templo.** O Senhor como rei governa dos céus e lá é o Seu templo. O Templo de Salomão ia servir de símbolo terrestre da celeste autoridade de Deus no destino nacional de Israel.

**17. Tirou-me.** A mesma raiz do nome de Moisés. Assim como Moisés foi tirado das águas do Nilo, Davi foi tirado das muitas águas da tribulação.

## **2 Samuel 23**

### **D. O Testamento de Davi. 23:1-7.**

**1. O maviioso salmista de Israel.** Davi é lembrado devido a muitos fatores. Além de ser o patrono da música coral da sinagoga e da igreja, foi o autor de hinos favoritos de Israel. Era amado por sua música que vinha das profundezas da sua alma. Suas últimas palavras foram em forma poética, expressando a glória de Deus no governo de um rei justiceiro.

**4. Como a luz.** Davi viu que um bom rei despertava na nação a prontidão diante da verdadeira liderança. Essa prontidão era tão bem recebida como o sol da manhã e tão refrescante como as chuvas nas devidas estações.

**5. Uma aliança eterna.** O Senhor é um Deus que faz alianças. As alianças da Bíblia incluem aquelas que foram feitas com indivíduos e

com nações. Em cada aliança estava implícita a obrigação da lealdade aos termos da aliança. Embora Israel fracassasse em manter a sua parte na aliança, ela aprendeu que Deus sempre é fiel.

**17. Não a quis beber.** O espírito magnânimo de um guerreiro vê-se no respeito que Davi tinha pela coragem dos três homens valorosos que desafiaram os exércitos dos filisteus para lhe trazer água fresca. Um poço na moderna Belém é mostrado aos turistas como o poço de Davi.

### **E. Façanhas Heróicas. 23:8-39.**

**18. Joabe não foi mencionado.** Ou ele foi considerado único e diferente, ou a desgraça de ter matado Absalão e o fato de ter tomado o partido do pretendente frustrado (I Reis 1:7) levou o seu nome a ser riscado desta lista de honra. Ele serviu bem, foi leal, chegando a sua devoção a ser quase canina, mas não tinha honra. As histórias dessas figuras heróicas são freqüentemente comparadas com as da Ilíada e Odisséia e com as façanhas pessoais das guerras do Egito e da Mesopotâmia. Nestas últimas, geralmente é o rei ou o faraó, a figura heróica celebrada; em Homero e no V.T. as figuras heróicas vêm das fileiras do exército.

## **2 Samuel 24**

### **F. Recenseamento e Praga. 24:1-25.**

**1. Incitou a Davi.** O autor das Crônicas (I Cr. 21:1) refere-se à Satanás incitando Davi. Do ponto de vista bíblico, todas as coisas têm sua fonte primária em Deus. Até a ira do homem e Satanás acabam por cumprir os propósitos divinos. **Vai, levanta o censo de Israel e de Judá.** Os recenseamentos no Oriente Médio sempre têm sido olhados com maus olhos, pois o propósito de contar o povo era determinar as proporções dos impostos e fazer alistamento para o serviço militar.

**14. Caiamos nas mãos do Senhor.** O aspecto religioso desta passagem é realmente de grande significado. As divindades iradas nas religiões pagas tinham de ser imediatamente apaziguadas e os ofensores deviam ficar fora do caminho das divindades ofendidas. Davi sabia que

sua ação pública constituía um pecado e que ele estava pondo a nação em perigo diante da justa ira de Deus no juízo. Contudo, ele também sabia que o seu Deus era um Senhor que perdoa, abundante de misericórdia para com o arrependido. Ele via mais misericórdia em Deus do que na mão do homem. Pecadores nas mãos de um Deus irado têm mais motivos de esperança do que o homem ofensor nas garras da sociedade ofendida.

**16. Arrependeu-se o Senhor do mal.** Arrependimento da parte do homem envolve uma mudança de atitude para com Deus. Arrependimento da parte de Deus é uma mudança de atitude para com o homem com base na mudança de atitude do homem para com Deus. **A eira de Araúna.** Araúna era conhecido como sendo um jebusita, um dos originais habitantes da cidade de Jerusalém. Seu nome indica origem hurriana, ou pelo menos um título hurriano. Muitos crêem que esta eira deve ser identificada com a formação rochosa preservada sob a Cúpula da Rocha, sobre ou perto do sítio do Templo de Salomão.

# 1 REIS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	Capítulo 22
Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17	
Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18	

## INTRODUÇÃO

**Título.** Os livros atualmente conhecidos como I e II Reis foram assim intitulados por causa do seu conteúdo. Na Septuaginta (a versão grega do V.T.), o original dos Reis Hebreus é considerado como uma continuação do material contido no livro de Samuel. Está dividido em duas partes e é intitulado Terceiro e Quarto Reinos. Jerônimo, embora retendo esta divisão na sua Vulgata, chamou as duas partes de, simplesmente, O Livro dos Reis.

Os dois livros formam obviamente um todo, cobrindo a história de Israel, desde a monarquia do período de Salomão até a dissolução da nação sob o reinado de Zedequias. Trata da sorte da nação de Israel sob a aliança com o Senhor, destacando os pecados dos reis que violaram a aliança e deram lugar à deportação de Israel e Judá.

**Data e Autoria.** II Reis termina com a soltura de Joaquim de sua prisão de trinta e sete anos - cerca de 562/561 A.C. O livro não poderia ter sido completado antes dessa data, nem muito depois de 536 A.C., o ano do retorno da Babilônia, uma vez que nada fala sobre esse acontecimento. Considerando que este livro é uma unidade e não o produto de diversos autores em datas sucessivas, deve ser datado do período de cerca de 562-536 A.C.

Uma vez que a soltura de Joaquim só teria significado para os judeus em cativeiro na Babilônia, podemos concluir que I e II Reis foram escritos por algum judeu cativo vivendo na região da Babilônia.

**Fontes.** O autor declara explicitamente que obteve o seu material de: 1) Atos de Salomão (I Reis 11: 41). 2) Crônicas dos reis de Judá (por exemplo, I Reis 14:29), e crônicas dos reis de Israel (por exemplo, I Reis 14:19). As fontes da história dos reis de Judá nunca estão misturadas com as da história dos reis de Israel. Portanto, sabemos que cada um dos acima citados eram documentos separados e distintos. As citações dessas obras mostram que continham muito mais material do que está contido em Reis.

Citam-se autores específicos das fontes de primeira mão nos paralelos entre I e II Crônicas: Natã, o profeta, Aias, o silonita e Ido (II Cr. 9:29); Semaías, o profeta e Ido, o vidente (II Cr. 12:15); Ido, o profeta (II Cr. 13:22); Isaías, o profeta (II Cr. 26:22; 32:32); Jeú (I Reis 16:1). Sendo as fontes, portanto, material considerado estritamente profético, não simples anais, temos aqui um registro sem rodeios dos feitos dos reis. Nenhum secretário real teria tido a coragem de publicar tais fatos incriminadores sobre Davi ou Jeroboão I, conforme apresentados aqui.

**Alvo e Propósito.** Embora a preocupação principal do autor fosse a monarquia davídica, trata primeiro de um assunto de interesse secundário – o reino de Israel. Então retorna à narrativa da monarquia davídica. Embora o povo conhecesse as fontes proféticas dessa história, elas eram demasiado numerosas, volumosas e embaraçadas para revelarem rapidamente a vontade de Deus ao povo; por isso foi escrito o livro dos Reis.

Usando trechos extraídos de diversas fontes, o autor desenvolve a história da nação eleita em relação à aliança de Jeová (Êx. 19:3-6). Não devia haver outro deus além do Senhor (Êx. 20:2-6). A idolatria e a adoração de imagens foram consideradas nesses livros como o pior de todos os pecados, os quais, continuados e repetidos, provocaram a deportação de Israel. A linguagem desses livros pode-se dizer que é



"deuteronômica" porque Deuteronômio fala de maneira muito semelhante contra os mesmos pecados condenados em I e II Reis. O autor de Reis apresenta a história de Israel e Judá aos cativos, para lhes ensinar que o único caminho para a liberdade é arrepender-se da idolatria, voltar para Deus, guardar a aliança e confiar nas promessas divinas. Procura despertar neles uma convicção da verdade deste ensino e fortalecê-los nesta convicção.

Quanto à aliança, os profetas foram mensageiros divinos que lembravam ao povo as suas provisões referente a mesma, e Seus instrumentos para superintenderem o cumprimento dela. Era sua missão procurar, por meio de advertências, ameaças e promessas, que o povo se mantivesse apegado à ela (cons. Jr. 7:13; 11:1-8). Nestes livros, os reis são declarados bons ou maus conforme se apegavam ou se afastavam da aliança.

**Antecedentes Históricos.** Os israelitas foram o primeiro povo da antiguidade a desenvolver uma verdadeira historiografia. Outras nações, tais como a Assíria, a Babilônia e o Egito, compunham anais, mas somente os heteus entre as nações gentias tentaram registrar sua história.

No tempo de Davi o poder do Egito já decrescera e a Assíria trilha se enfraquecido; portanto, em ambas as fronteiras de Israel, havia nações impotentes. Contudo, a Assíria logo despertou sob o reinado de Tiglate-Pileser III (também chamado Pul, II Reis 15:19; 745-727 A.C). Em 721 A.C. a Samaria caiu sob o ataque de Salmaneser e Sargão. Mais tarde, sob a liderança de Senaqueribe, a Assíria invadiu Judá e tomou muitas cidades, mas não conseguiu tomar Jerusalém por causa da ameaça do Egito na retaguarda. Esaradom e Assurbanipal estenderam a hegemonia da Assíria até o Egito.

No tempo de Josias, Faraó Neco subiu para ajudar a Assíria contra a Babilônia e Carquemis, mas os dois aliados foram derrotados. Logo após, o vitorioso Nabucodonosor invadiu a Palestina e no seu terceiro ataque contra Jerusalém, saqueou e destruiu a cidade, levando o povo para o último cativeiro (586 A.C.).

**Cronologia.** O leitor deve consultar as seguintes publicações sobre a cronologia do período de I e II Reis: BASOR, 100 (Dez. 1945); 130 (Abril, 1953); 141 (Fev. 1956); 143 (Out. 1956); E.R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Chicago, 1951); E.R. Thiele, "The Question of Co-regencies Among the Hebrew Kings", *A Stubborn Faith*, ed. E.C. Hobbs (Dallas, 1957).

## ESBOÇO

I. O reino unido desde Salomão até Roboão. I Reis 1:1 - 11:43.

A. Salomão sobe ao trono. 1:1 – 2:46.

1. As aspirações de Adonias ao trono são frustradas. 1:1-53.
2. As últimas palavras e a morte de Davi. 2:1-11.
3. O que Salomão fez com os aspirantes ao trono. 2:12-46.

B. A sabedoria e riqueza de Salomão. 3:1 – 4:34.

1. O casamento de Salomão com a filha de Faraó. 3:1.
2. Adoração e visão de Salomão. 3:2-15.
3. Prova da sabedoria de Salomão. 3:16-28.
4. Organização do império. 4:1-28.
5. Resumo da sabedoria de Salomão. 4:29-34.

C. Atividade construtora de Salomão. 5:1 – 9:28.

1. Preparando-se para construir o Templo. 5:1-18.
2. Construção do Templo. 6:1-38.
3. O palácio de Salomão e outros edifícios. 7:1-12.
4. O mobiliário do Templo. 7:13-51.
5. A dedicação do Templo. 8:1-66.
6. Ratificação da aliança davídica. 9:1-9.
7. Resumo das atividades construtoras de Salomão. 9:10-28.

D. A Idade de Ouro de Salomão. 10:1-29.

1. A visita da Rainha de Sabá. 10:1-13.
2. A glória e o poder do império de Salomão. 10:14-29.

E. A apostasia, o declínio e a morte de Salomão. 11:1-43.

1. A infidelidade de Salomão para com Deus. 11:1-13.

2. Adversários e divisão iminente. 11:14-40.
3. A morte de Salomão. 11:41-43.
- II. O reino dividido, desde Roboão até a queda de Israel.  
I Reis 12:1 – II Reis 17:41.
  - A. Começo do antagonismo entre Israel e Judá, desde Jeroboão até Onri. 12:1 – 16:28.
    1. A ruptura do reino. 12:1-33.
    2. O reinado de Jeroboão I e sua morte. 13:1 – 14: 20.
    3. Judá sob o reinado de Roboão, Abias e Asa. 14:21 – 15:24.
    4. Israel sob o reinado de Nadabe, Baasa, Elá, Zinri e Onri. 15:25 – 16:28.
  - B. Desde Acabe à ascensão de Jeú. I Reis 16:29 – II Reis 9:10.
    1. Começo do reinado de Acabe em Israel. 16:29-34.
    2. O ministério de Elias até a vocação de Eliseu. 17: 1 – 19:21.
    3. Últimos anos do reinado de Acabe e sua morte. 20:1 – 22:40.
    4. Judá sob o reinado de Josafá. 22:41-50.
    5. Israel sob o reinado de Acazias e Jorão. I Reis 22:51 – II Reis 1:1.

## COMENTÁRIO

### I. O Reino Unido desde Salomão até Roboão. I Reis 1:1 - 11: 43.

#### A. Salomão Sobe ao Trono. 1:1 - 2:46.

#### 1 Reis 1

##### 1) As aspirações de Adonias ao Trono são frustradas. 1:1-53.

**1. Sendo o rei Davi já velho.** Os muitos sofrimentos de Davi por causa de Saul, antes de subir ao trono, e seus quarenta anos de reinado sobre Israel deixaram nele impressões indeléveis. Contudo, antes que a morte sobreviesse, o rei, guerreiro e poeta, atingiu a idade de setenta anos (II Sm. 5:4), que, segundo suas próprias palavras, são o limite

máximo da vida. O último golpe que apressou a morte do ancião foi a rebelião de Absalão (II Sm. 15:1 – 19:10). **Envolviam-no com roupas.** *Begadim* indica roupa de cama, não roupas. Tomaram a mais simples medida de precaução para poupar o velho homem no seu declínio físico, o que, contudo, não ajudou em nada o monarca enfermo.

**2. Então lhe disseram os seus servos.** A sugestão dos servos para que se buscasse uma jovem para o rei a fim de lhe restaurar a vitalidade perdida e o aquecesse era uma prescrição médica aceita até a Idade Média. Nenhum significado imoral deve ser dado a esta prática um tanto estranha.

**3. Procuraram, pois, . . . uma jovem formosa.** Foi escolhida porque era virgem e bonita. Abisague de Sunam, uma cidade de Issacar na planície de Jezreel, ao pé do Monte Hermom, o menor.

**4. Cuidava do rei ... porém o rei não a possuiu.** Isto é, não manteve com ela relações sexuais. Abisague serviu de enfermeira prática junto ao moribundo Davi.

**5. Então Adonias, filho de Hagite, se exaltou.** Sua rebelião expressou-se nas palavras de determinação – **Eu reinarei.** Em sua vida atormentada Davi já experimentara a rebelião da parte de outro filho, Absalão. Adonias, cuja mãe era Hagite, foi o quarto filho de Davi. Talvez Adonias pensasse que sendo o filho mais velho vivo de Davi, tinha direito ao trono. Mas, nesse caso, ele ignorava as implicações teológicas de Deus já ter escolhido Salomão, o título de Davi com Bate-Seba, esposa de Urias, o heteu (II Sm. 12:24).

6. Jamais seu pai o contrariou. Disto podemos deduzir que Adonias tinha permissão de fazer o que entendesse, sem ser disciplinado.

**7. Entendia-se ele com Joabe . . . e com Abiatar.** Joabe era filho de Zeruia, irmã de Davi, e irmão de Abisai e Asael. Ao que parece ele residia em Belém. Na qualidade de comandante do exército de Davi, demonstrou ser um brilhante estrategista milita, valente na batalha, embora cruel e até mesmo traiçoeiro em certas circunstâncias. Suas principais realizações militares foram a tomada de Jerusalém e o cerco

de Rabá dos amonitas. Tendo ele desnecessariamente derramado o sangue de Abner e Amasa, Salomão ordenou que Benaia o condenasse à morte. A seu próprio pedido, Joabe foi morto ao lado do altar de Deus no Tabernáculo, onde se refugiou. **Abiatar** foi o único sacerdote que escapou à brutal vingança de Saul contra a ordem sacerdotal em Nobe, pela ajuda concedida a Davi. Depois de fugir para junto de Davi, tornou-se o conselheiro espiritual e amigo do guerreiro fugitivo. Até esse momento Abiatar fora fiel ao rei pessoalmente, mas agora juntou-se à conspiração de Adonias contra Salomão. Seu castigo em consequência disso não foi a execução que merecia, mas a expulsão do sacerdócio ordenada por Salomão.

**8. Porém Zadoque, o sacerdote . . . e Natã, o profeta . . . não apoiavam Adonias.** Zadoque se juntara a Davi no Hebrom, imediatamente após a morte de Saul (I Cr. 12:28), acompanhou-o na sua fuga de Jerusalém durante a insurreição de Absalão e atuou como espião do rei (II Sm. 15:24-29; 17:15). Nata. Veja I Reis 1:11.

**9. Imolou Adonias ovelhas e bois e animais cevados, junto à pedra de Zoelete.** Como pretendente ao trono, Adonias desejava ser considerado munificente. Por isso, antecipando a coroação, deu sua festa real aos interessados. **A pedra de Zoelete**, isto é, *a pedra da serpente*, ou "o lugar escarpado e rochoso no declive ao sul do Vale de Hinom, que lança uma sombra muitíssimo profunda". O lugar tem sido identificado como o Wadi el Rubab. **Rogel**. "Fonte dos pisoeiros", ou "a fonte do pé". Aqui os pisoeiros lavavam as roupas, pisando-as dentro das águas da fonte. Este sítio tem sido identificado como o "Poço de Jó" (mais provavelmente, Poço de Joabe), situado abaixo da junção do Vale do Cedrom com o Vale do Hinom, 165ms abaixo do Monte Sião.

**10. Porém ... a Benaia ... e a Salomão, seu irmão, não convidou.** Benaia, filho de Joiada o sumo sacerdote (I Cr. 27:5), nativo de Cabzeel, chefe da força policial de Davi, homem valente na luta contra os homens e feras, permaneceu fiel a Salomão. Por isso não foi convocado na rebelião de Adonias. Salomão, filho de Davi e Bate-Seba, o legítimo

herdeiro do trono designado por Deus, naturalmente também não foi convidado à festa de Adonias.

**11. Então disse Natã a Bate-Seba.** Natã, o profeta, aparece pela primeira vez nas Escrituras anunciando a Davi que devia prorrogar a construção do Templo (II Sm. 7). Mais tarde aparece a Davi para reprovar seu duplo pecado de homicídio e adultério na questão de Urias, o heteu (II Sm. 12; Sl. 51). Agora Natã garante o reino para Salomão, o filho de Davi, denunciando as maquinações de Adonias às devidas autoridades, neste caso, à Bate-Seba.

**12, 13.** Natã insistiu com Bate-Seba a que apelasse diretamente ao rei para nomear seu sucessor antes de sua morte.

**14. Eis que, criando tu ainda a falar ... eu também entrarei.** Isto é, eu aparecerei a fim de confirmar tuas palavras diante do rei, para mostrar que não és vítima do medo ou imaginação. A notícia da rebelião de Adonias, ao que parece, foram ter aos ouvidos de Davi pela primeira vez.

**20. Todo o Israel tem os olhos em ti.** Bate-Seba apelou a que Davi fizesse uma declaração direta e imediata.

**22.** Fiel à sua promessa, Natã apareceu para apoiar Bate-Seba na sua narrativa sobre a rebelião de Adonias, que de outro modo poderia parecer ao monarca uma história exagerada.

**23-27.** Natã repetiu substancialmente a mesma história que Davi acabara de ouvir dos lábios de Bate-Seba.

**28. Chamai-me a Bate-Seba.** À moda oriental, Bate-Seba se retirou discretamente quando Natã entrou, mas agora foi novamente chamada para ouvir o rei fazer seu pronunciamento oficial.

**29. Então jurou o rei, e disse: Tão certo como vive o Senhor.** Pelo sagrado nome de Jeová o rei jurou que Salomão, o filho de Bate-Seba, seria realmente designado como sucessor legítimo do seu trono. Assim, toda a questão foi declarada sem efeito.

**31. Então Bate-Seba se inclinou e se prostrou com o rosto em terra.** Assim ela demonstrou sua gratidão pela decisão do seu marido e monarca, que atendera ao seu pedido.

**32, 33. Fazei montar a meu filho Salomão na minha mula, e levai-o a Giom.** Esta ordem dada a Zadoque, Natã e Benaia, foi o desmoronamento da conspiração de Adonias, pois a coroação de Salomão, o meio-irmão do rebelde, ia começar. O rei deu instruções específicas para a cerimônia da coroação. Teria de ser usada a mula de Davi, a mula real, para indicar que Salomão era o escolhido do rei.

**34. Ali o ungirão rei sobre Israel.** Reis e sacerdotes em Israel eram empossados no seu ofício por meio do ritual da unção, em oposição ao profeta que não era ungido. O toque das trombetas anunciaria ao povo que Salomão estava agora tomando legalmente o trono do seu pai, antes mesmo da morte deste. Viva o rei Salomão! uma piedosa combinação de alegria e oração pela longevidade e prosperidade do reinado do novo monarca.

**36. Então Benaia . . . respondeu ao rei, e disse: Amém.** Benaia deu sua aquiescência e promessa de que obedeceria a tudo o que Davi tinha declarado em relação à coroação de Salomão.

**38. E a guarda real** (os queretitas e os peletitas). A guarda pessoal do rei executou assim as instruções reais até o último detalhe. Giom ficava no Vale do Cedrom logo abaixo da colina oriental (Ophel) e era uma fonte intermitente que, naquele tempo, era a principal fonte de água em Jerusalém.

**39. Zadoque, o sacerdote, tomou . . . o chifre do azeite.** Zadoque, o guardião da Tenda sagrada, providenciou o material que simbolizava a unção invisível de Deus (cons. II Sm. 6:17).

**40. Todo o povo . . . alegrando-se com grande alegria.** Com um novo e promissor rei no trono, uma nova e promissora era estendia-se diante de Israel. Para trás ficavam as lembranças de grandes conquistas realizadas por Davi; à frente estava um futuro de paz e expansão.

**41-48. Adonias e todos os convidados que com ele estavam o ouviram.** Estes versículos narram o colapso da conspiração de Adonias para tomar o trono.

**49. Então estremeceram . . . todos os convidados de Adonias.** Ficaram com medo e com razão, pois seriam considerados traidores do estado e seriam sumariamente punidos.

**50. Adonias, temendo a Salomão.** Abandonado e negado por aqueles que um pouco antes chamara de seus amigos, Adonias fugiu apavorado, temendo pela própria vida, e buscou asilo no santuário do Tabernáculo.

**51. Foi dito a Salomão: Eis que Adonias tem medo.** De acordo com a atitude oriental, uma insurreição como a de Adonias seria severamente punida, provavelmente com a morte. Contudo, Salomão foi misericordioso com ele, revogando a pena de morte e colocando-o sob cuidadosa observação, estabelecendo assim o padrão para seu governo magnânimo. Só quando Adonias cometeu outro ato de perfídia é que sua sentença foi pronunciada.

**53. Enviou o rei Salomão mensageiros, e o fizeram descer do altar.** Salomão respeitou o santuário do altar. Só quem fosse comprovadamente homicida podia ser removido do altar sem misericórdia. Adonias declarou submeter-se a Salomão e obedecer ao seu governo. Se a sua submissão fosse genuína, sua vida dali para frente teria sido mais pacífica e sua história mais feliz.

## **1 Reis 2**

### **2) Últimas Palavras e Morte de Davi. 2:1-11.**

**1-4. Aproximando-se os dias da morte de Davi.** Isto poderia ser um longo período de meses. As palavras não se referem necessariamente à morte imediata.

**2. Eu vou pelo mundo de todos os mortais.** A exortação de Davi a Salomão foi dupla: 1) uma exortação a que obedecesse à lei de Jeová (vs.



3, 4); 2) uma admoestação para tratar sabiamente com os inimigos e amigos de Davi, de acordo com seus merecimentos (vs. 5-9).

**5,6.** Davi instruiu Salomão especificamente a que liquidasse os inimigos do rei, isto é, Joabe e Simei. Os críticos declaram que as instruções de Davi em relação a esses homens foram uma "exibição de crueldade oriental". Contudo, deve-se notar que aquelas penalidades não eram simplesmente devidas ao desejo pessoal que Davi trilha de vingança. Joabe, comandante do exército, era culpado de duplo homicídio - o assassinato de Abner, um ato de mais profunda traição (II Sm. 3:27), e a morte de Amasa, filho de Jeter (II Sm. 20:10). Joabe foi justamente acusado por Davi de cometer atos de guerra em tempos de paz. Por isso devia morrer imediatamente. Observe a figura de linguagem pitoresca do cinto e das sandálias manchadas de sangue (I Reis 2: 5).

**7. Porém com os filhos de Barzilai ... usarás de benevolência.** Barzilai, já idoso, sustentara Davi quando fugia de seu filho Absalão (II Sm. 19:31 e segs.). Sem esta assistência Davi poderia ter sucumbido, morrendo de fome no deserto.

**8. Eis que também contigo está Simei . . . que me maldisse.** Durante a rebelião de Absalão, Simei saiu ao encontro do rei fugitivo, amaldiçoando-o e jogando (erra e pedras sobre Davi e seus acompanhantes (II Sm. 16:5-13). Depois que a rebelião foi sufocada, Simei apelou para o perdão. E Davi o perdoou quanto à execução da pena. Duas são as interpretações sobre as instruções que Davi deu a Salomão para "não o ter por inculpável" (I Reis 2:9). A primeira, considerando que Davi fosse supersticioso, acha que o rei, como oriental típico, temia a maldição. A maneira mais eficiente de remover a maldição, de acordo com o modo de pensar que prevalecia naquele tempo, era aniquilar aquele que a proferira, tornando-a inoperante. A outra, uma interpretação mais provável, é que Simei, sendo benjaminita, era oriundo das vizinhanças do falecido rei Saul, o que fada temer que esse homem, quando sua custódia protetora fosse retirada, tornasse a

atacar o trono. Além do mais, antes da penalidade propriamente dita ser imposta, Salomão concedeu a Simei um adiamento condicionado à obediência.

**10. Sepultado na cidade de Davi.** Jerusalém, jurisdição do Monte Sião (Atos 2:29). A cidade que Davi arrebatou aos jebusitas e proclamou sua capital veio a ser o lugar do sepultamento do grande rei. Embora Davi tivesse nascido em Belém, Jerusalém doravante passou a ser designada a cidade de Davi.

**11. Davi reinou sobre Israel quarenta anos.** Aqui não há nenhum problema cronológico particular. Davi morreu com setenta anos de idade, tendo reinado quarenta anos. Reinou sete anos sobre a região do Hebrom, um pequeno setor ao sul, e esteve sobre o trono de todo Israel durante trinta e três anos ( 1010-971 A.C.).

**3) O que Salomão fez com os aspirantes ao trono. 2:12-46.**

*Execução de Adonias. 2:13-25.*

**13-17. Então veio Adonias . . . a Bate-Seba.** Ele se aproximou da mãe de Salomão com um pedido aparentemente inocente mas na realidade insidioso. Ele disse: "Que se me dê Abisague". Esta moça cuidara de Davi quando enfraquecido pela idade. A inocente mãe nada viu de perverso neste pedido, mas achou que fosse simplesmente "uma questão amorosa" e prontamente concordou.

**19. Foi, pois, Bate-Seba ter com o rei Salomão.** Inocentemente transformou-se em intermediária de Adonias. Com grande cortesia o rei recebeu sua mãe... até que ela apresentou-lhe o pedido.

**22. Por que pedes Abisague . . . para Adonias?** A acuidade mental de Salomão penetrou na trama. Embora Davi não tivesse "possuído" Abisague, ela era contudo considerada uma herdeira. Com ela iam junto os direitos ao trono. Tendo uma vez falhado numa tentativa fracassada de apoderar-se do trono, Adonias buscava agora de maneira mais sutil obter o seu objetivo. Desta vez ele não foi perdoado. 25. Enviou o mi Salomão a Benaia. Adonias fracassara, desconsiderando a misericórdia que lhe fora demonstrada; por isso o juízo foi inflexível.

*Fim de Abiatar. 2:26, 27.*

**26. E a Abiatar . . . disse o rei: Vai para Anatote** (v. 26). Abiatar, um descendente de Arão através de Eli, foi retirado do seu ofício sacerdotal e enviado de volta à sua aldeia, em desgraça. O motivo do castigo imposto a Abiatar, conforme declarou Salomão, foi ter participado da rebelião de Adonias. Embora expulso, não foi executado, porque manteve-se fiel a Davi na rebelião de Absalão (II Sm. 15:24 e segs.).

*A Morte de Joabe. 2:28-35.*

**28. Fugiu ele para o tabernáculo do Senhor, e pegou das pontas do altar.** Salomão começou agora a executar as ordens de seu falecido pai em relação aos seus inimigos. O Tabernáculo estava localizado em Gibeom (veja 3:4), para onde Joabe fugiu, sabendo que seu destino estava selado. Contudo, nem mesmo o santuário do altar poderia fornecer refúgio ao homicida declarado.

**33. Assim remirá o sangue destes sobre a cabeça de Joabe ... para sempre.** O rei dava evidências concretas quanto à justiça da sentença. As palavras de "bênção" que se seguem dão a entender que uma vez removida a culpa de sangue do trono, ele podia permanecer para sempre em posição de bênção diante de Deus. Depois da execução, Joabe foi sepultado em sua própria casa. O velho general não foi desonrado afinal. Ser sepultado em sua propriedade era sinal de distinção, como no caso de Samuel, o -profeta (I Sm. 25:1), e outras personalidades importantes. A casa de Joabe ficava a leste de Belém, no deserto da Judéia.

**35. Constituiu o rei . . . em lugar de Abiatar a Zadoque por sacerdote.** Depois de substituir Joabe por Benaia, Zadoque ficou no lugar de Abiatar. A nomeação de Zadoque foi cheia de serias conseqüências, pois daquele período em diante, o sacerdócio ficou sujeito às manobras políticas do estado.

*O Castigo de Simei. 2:36-46.*

**36-41. Mandou o rei chamar a Simei** (veja 2:8,9). O próximo com o qual Salomão tinha de tratar, de acordo com a ordem de Davi, foi Simei. O rei ordenou que construísse uma casa em Jerusalém, e permanecesse dentro dos limites da cidade. **O ribeiro de Cedrom** dividia a tribo de Judá da tribo de Benjamim. Simei pertencia a esta última. Ficou assim proibido de retomar à sua própria tribo (v. 37). Simei concordou e prometeu obedecer (v. 38). Embora colocado sob rígida vigilância e sabendo o castigo que o esperava, violou as condições do adiamento de sua sentença, saindo de Jerusalém para procurar dois dos seus servos que fugiram para Gate, uma cidade dos filisteus (vs. 39, 40).

**42. Então mandou o rei chamar a Simei.** Aqui está implícito que cada um dos seus movimentos era avisado a Salomão. Pode-se argumentar a favor ou contra a plena justificação da pena de morte decretada por Salomão. No mínimo o monarca percebeu na desobediência de Simei os mais perniciosos motivos, e castigou-o com a morte. Agora Salomão acabara de cumprir as ordens deixadas por seu pai. Teria sido bom para Salomão se fosse assim tão zeloso como Senhor seu Deus (cons. 2:3).

**45. Mas o rei Salomão será abençoado.** Salomão congratulou-se com a morte de Simei; a maldição que pairava diretamente sobre Davi e indiretamente sobre ele, fora removida.

**46. Assim se firmou o reino sob o domínio de Salomão.** Com todas as ameaças removidas, Salomão pôde dedicar-se a um reinado pacífico e próspero.

## **B. A Sabedoria e Riqueza de Salomão. 3:1 – 4:34.**

### **1 Reis 3**

#### **1) O Casamento de Salomão com a Filha de Faraó. 3:1.**

Salomão aparentou-se com Faraó, rei do Egito. Esta aliança foi feita através do casamento. A identidade exata deste Faraó é assunto controvertido. Ele foi ou o último Faraó da Vigésima Primeira Dinastia

ou o primeiro da Vigésima Segunda. A arqueologia pode ainda vir a esclarecer melhor este assunto. **E a trouxe à cidade de Davi**, isto é, Jerusalém. O sentimento popular devia ser contra uma rainha pagã morando no lugar da habitação da arca. O casamento de Salomão foi um golpe político. Esta pequena seção deve estar um tanto fora da ordem cronológica.

## **2) Adoração e Visão de Salomão. 3:2-15.**

**2. O povo oferecia sacrifícios sobre os altos.** Não há uma acusação especial contra o povo por causa de seus diversos santuários. Era uma prática anacrônica herdada do período dos Juízes. *Bamoth* (altos) vem de uma antiga palavra cananita significando "plataforma elevada sobre a qual se colocavam objetos de culto" (Albright). Esses altos eram considerados sagrados nos cultos da divindade cananita. Durante os primeiros anos do reinado de Salomão, os "bamoth" eram dedicados à adoração do Deus de Israel somente e estavam localizados em Gibeom.

**4. Foi o rei a Gibeom para lá sacrificar.** Antes da construção do Templo, Gibeom de Benjamim (uma possessão desde os dias de Josué, e o último lugar de repouso do Tabernáculo) era o centro da adoração.

**5. Em Gibeom apareceu o Senhor a Salomão de noite em sonhos.** Deus revelou-se a Salomão. O espírito de Salomão provavelmente foi elevado a um alto estado de fervor religioso, próximo do êxtase. Nesse estado as revelações costumavam ser concedidas (cons. Is. 6:1-3). Disse-lhe Deus: Pede-me o que queres que eu te dê. O Deus dos céus inclinou-se para atender ao pedido de um homem. Dentro dos limites da razão, Salomão teria obtido o que quisesse.

**6. De grande benevolência usaste para com o teu servo Davi, meu pai.** Salomão reconheceu a bondade do Senhor para com o seu pai.

**7. Não passo de uma criança.** Salomão tinha cerca de vinte anos de idade quando subiu ao trono. Em relação à magnitude da tarefa, ele sentia sua própria imaturidade.

**9. Dá, pois, a teu servo coração compreensivo.** *Leb shomea'* "um coração que ouve", um coração inclinado a fazer a tua vontade. **Para que...discirna entre o bem e o mal.** Aqui as palavras bem e mal foram usadas no sentido jurídico. O ponto principal da oração de Salomão era para que pudesse julgar o povo com equidade e verdade.

**10-15. Estas palavras agradaram ao Senhor.** Deus congratulou-se com Salomão porque ele pedira o mais alto prêmio. Ele pedira o bem supremo, a sabedoria, em comparação com a qual todas as outras bênçãos são vãs e fúteis. Poderia ter pedido muitos outros dons que seriam inteiramente justificáveis, mas o pedido da sabedoria ultrapassou a todos. A literatura salomônica e do período pós-exílico dedicada à sabedoria, dão testemunho de como a sabedoria é desejável (Pv. 8:11-36; Ec. 12:9-11).

### **3) Demonstração da Sabedoria de Salomão. 3:16-28.**

**16. Então vieram duas prostitutas ao rei.** A sabedoria de Salomão recebeu logo um teste pragmático. Alguns críticos tem considerado este incidente como ficção acrescentada para embelezar a oração de Salomão. Contudo, nela se encontram os sinais da autenticidade. O problema proposto ao jovem monarca para julgar era complicado: Qual a mãe da criança morta e qual a mãe da criança viva? Ambas reclamavam a criança viva. Salomão, com uma atitude dramática, apelou para os sentimentos da verdadeira mãe, sugerindo que se dividisse a criança entre as duas mulheres. A mulher cuja reivindicação era falsa, não reconhecendo a intenção da sugestão, caiu rapidamente na armadilha cuidadosamente preparada. A mãe cujos sentimentos maternos foram avivados, rapidamente apresentou seu protesto. Salomão concedeu-lhe a custódia da criança.

## **1 Reis 4**

### **4) A Organização do Império. 4:1-28.**

**1. O rei Salomão reinou sobre todo o Israel.** Este versículo nos leva de volta ao período que antecedeu a divisão do reino. As tribos que antes costumavam lutar e entrechocar-se entre si estavam agora unidas sob um só chefe e vivendo em estado de prosperidade e felicidade (veja v. 20).

**2-6. Eram estes os seus homens principais.** Segue-se uma lista dos sacerdotes, príncipes e outros altos oficiais da corte real. À luz do versículo 4, o "principal" do versículo 2 refere-se a Zadoque, enquanto que Azarias ocupava a posição de escriba. **Azarias, filho de Zadoque.** A identidade deste homem é um problema controvertido. Segundo Unger (Merril Unger, *Bible Dictionary*) identificamos o mencionado Azarias com o neto de Zadoque, filho de Aimaás, que seguiu imediatamente a seu próprio avô (I Cr. 6:8,9). Em outras palavras, o Azarias, neto de Zadoque, de I Reis 4: 2 e o Azarias, tubo de Natã, de 4:5, não podem ser o mesmo indivíduo. Embora o termo "sacerdote", *hakkohen*, seja atribuído aos dois indivíduos, em 4:2 parece-nos ter sido empregado no sentido estrito ou religioso, para especificar um ministro; enquanto que no versículo 5 foi usado em um sentido mais secular, para especificar um *oficial*.

**7-19. Tinha Salomão doze intendentess sobre todo Israel.** Os nomes que se seguem constituem uma lista dos oficiais de Salomão, e para todos os efeitos eles não são identificáveis. É interessante notar que os serviços dos oficiais foram estipulados com base no calendário anual de doze meses, cada oficial sendo responsável por seu mês em particular.

**20. Eram, pois, os de Judá e Israel muitos, numerosos como a areia que está ao pé do mar.** Este versículo esboça em miniatura o quadro de um povo feliz e próspero. As guerras de Davi estavam no passado; os penosos conflitos da divisão ainda se encontravam misericordiosamente escondidos no futuro.

**21. Dominava Salomão . . . desde o Eufrates... até ao termo do Egito.** O reino de Salomão estendeu-se desde o Eufrates até a terra do Egito. Todos os reinos menores entre um termo e outro tinham nessa

ocasião se transformado em vassalos de Salomão. Pode parecer impossível que entre dois tão fortes poderes litigantes como o Egito ao sul e a Assíria ao norte se estabelecesse um império tão grande, mas esse foi o caso no começo do reinado de Salomão. Nessa ocasião, o reino do Egito estava sob a liderança da fraca e obscura Vigésima Primeira Dinastia; e o poder da Assíria estava em estado de declínio.

**24. Aquém do Eufrates.** Melhor, *além do rio*. **Tifsa**, ou *Thapsacus*, um muito importante ponto de travessia do Eufrates. Talvez o que esteja implícito aqui não seja mais do que o seguinte: Salomão tinha liberdade para usar sem restrições este grande centro de comércio sobre o Rio Eufrates.

**26.** Grande parte da riqueza de Salomão foi investida em cavalos (veja I Reis 9:19, especialmente à luz das informações prestadas pela arqueologia).

#### **5) Resumo da Sabedoria de Salomão. 4:29-34.**

**29. Deu também Deus a Salomão sabedoria . . . e larga inteligência.** Larga inteligência vem de um termo hebraico que significa *largueza de mente*.

**30. Era a sabedoria de Salomão maior do que a de todos os do Oriente.** Esta sabedoria está mais relacionada com negócios do mundo do que com as realidades espirituais. Infelizmente, nada sabemos sobre esses homens sábios aos quais Salomão sobrepujou em sabedoria.

**32. Compôs três mil provérbios.** De acordo geral a literatura sobre a Sabedoria contida nos Provérbios e Eclesiastes tem sido tradicionalmente atribuída à pena (ou aos secretários) de Salomão. A produção literária do reinante filho de Davi era um pouco desprovida do elemento prodigioso.

**34. De todos os povos vinha gente a ouvir a sabedoria de Salomão.** O escritor aqui expressa-se em hipérbole. Ele quer dizer que a corte de Salomão estava aberta para todos e que, na qualidade de um homem sábio, atraía a muitos visitantes importantes e influentes (cons. cap. 10).



---

**C. Atividades Construtoras de Salomão. 5:1 - 9:28.****1 Reis 5****1) Preparativos para a Construção do templo. 5:1-18.****1. Enviou também Hirão, rei de Tim, aos seus servos a Salomão.**

Hirão (cerca de 970-937 A.C.) fora amigo de Davi. Depois que Davi tomou a fortaleza de São, fez um tratado de paz permanente com o rei de Tiro. Irão ajudou Davi em suas obras públicas enviando a Jerusalém trabalhadores e madeira de cedro das Montanhas do Líbano (II Sm. 5:11; II Cr. 2:3, 4). Agora Hirão garantia sua ajuda contínua e sua boa-vontade para com Salomão através de um tratado comercial, estipulando que em troca da madeira e pedra do Tiro, Salomão lhe forneceria produtos agrícolas (II Cr. 2:3 e segs.). Uma brecha temporária ocorreu na amizade deles quando Salomão entregou vinte cidades da Galiléia a Hirão em troca de um carregamento maior de ouro, e Hirão não gostou das cidades (I Reis 9:11-14). Contudo, a brecha foi logo a seguir sanada, e os dois reis ocuparam-se de um comércio proveitoso entre os dois (10:22). Hirão ajudou Salomão materialmente na construção do Templo.

**3. Bem sabes que Davi, meu pai, vão pôde edificar uma casa.**

Salomão admitia que Irão sabia do grande desejo de seu pai de edificar uma casa para o culto a Deus, e sobre a negativa divina com base no fato de Davi ter sido um homem de guerra. Agora Salomão anunciou sua intenção de executar os planos e solicitou a ajuda de Hirão. Descreveu ao rei de Tiro as condições favoráveis em sua terra que contribuiriam para a sua capacidade de executar a tarefa.

**6. Dá ordem, pois, que do Líbano me cortem cedros.** Enquanto que no tempo de Salomão as encostas das Montanhas do Líbano deviam estar extensivamente cobertas com cedros, hoje em dia só umas poucas centenas dessas árvores restaram. Levando centenas de anos para crescerem, essas árvores eram valiosíssimas para a construção por causa

da beleza de sua madeira e seu forte gosto acre, o qual repelia os insetos e cupins e por isso não se estragava tão rapidamente como as outras madeiras.

**7. Ouvindo Hirão as palavras de Salomão, muito se alegrou.** A resposta de Hirão foi entusiástica. Ele garantiu que poderia fazer tudo o que Salomão lhe pedia. A madeira seria levada da floresta ao mar, e dali fluiria em jangadas ao longo do litoral mediterrâneo até um determinado porto de recepção.

**11. Salomão deu a Hirão vinte mil coros de trigo.** Um orçamento de 130.000 alqueires (medida seca) de trigo, além de 544,321s de puro azeite de oliva foram os produtos agrícolas que Salomão enviou a Tiro em troca do material fornecido por Hirão. Este é na realidade um bom exemplo de um "acordo comercial entre cavaleiros". Salomão estava se acautelando para que as suas "mercadorias não fossem depreciadas". Era um arranjo anual.

**13. Formou o rei Salomão uma leva de trabalhadores dentre todo Israel.** Não há nenhuma contradição entre este e o versículo de 9:22, pois os israelitas estavam livres quando expirava seu período de trabalho, enquanto que os cananeus eram escravos permanentes. Os homens foram organizados em turmas. Enquanto 10.000 homens estariam trabalhando no Líbano por um mês, os outros 20.000 estariam em casa lavrando a terra.

**14. Adonirão** (ou Adorão), que foi colocado sobre as turmas, veio a ser totalmente detestado (12:18). Além disso, Salomão tinha 70.000 transportadores e 80.000 canteiros trabalhando nas montanhas do norte. Ao que parece, todos os homens capazes, com exceção dos membros da corte, foram encarregados de algum serviço relacionado com a construção do Templo.

**17. Mandou o rei que trouxessem pedras ponde . . . para fundarem a casa.** Refere-se aos alicerces do Templo propriamente dito e das estruturas relacionadas.

**18. Edificadores.** Giblitas, homens de Gibal (a moderna Biblos, 20,92kms ao norte de Beirute).

## **1 Reis 6**

### **2) A Construção do Templo. 6:1-38.**

#### **a) Introdução. 6:1 .**

**1. No ano de quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel do Egito... no quinto ano do seu reinado.** Esta introdução, conforme concordam os mestres, apresenta um dos problemas mais cruciais da cronologia do V.T. O trabalho propriamente dito da construção do Templo, diz-se que começou 480 anos depois do Êxodo. Isto mexe com o espinhoso problema da data do Êxodo. Há dois sistemas principais de datar este acontecimento, um deles dando-lhe uma data precoce, o outro datando-o mais tardiamente. Para se empregar números redondos a bem da conveniência, o primeiro sistema data a saída do Egito em cerca de 1440 A.C., enquanto que o segundo sistema o data de cerca de 1250-1225 A.C., ou perto de dois séculos mais tarde. A data precoce está em substancial concordância com Gn. 15:13; Êx. 12:40, 41 e Jz. 11:26, onde Jefté indica que Israel já estava há 300 anos em Canaã.

Salomão subiu ao trono em cerca de 963 A.C. O quarto ano do seu reinado, no qual ele começou a construir o Templo, foi provavelmente em cerca de 959 A.C. Este versículo deve ser entendido favorecendo a data precoce do Êxodo. A cidade de Ramessés (Êx. 1:11), que se diz ter sido construída para Faraó pelos filhos de Israel, deve então ser considerada como um nome dado mais tarde a antiga cidade de Zoã ou Avaris. A entrada dos patriarcas no Egito seria em cerca de 1870 A.C., uma data que permite conceder os 400 anos no Egito. O Faraó do Êxodo pode então ser identificado com Amenhotep II, que começou a reinar em cerca de 1447 A.C. Há evidências de que seu irmão mais velho tenha morrido sem suceder ao pai. Parece que, à luz dos conhecimentos atuais, a data precoce é aquela que deve ser preferida. Deve-se destacar que, nesta base, a data que Garstang dá à queda de Jericó, em cerca de 1400

A.C., torna-se provável. **No mês de Zive** (*este é o mês segundo*). Mais tarde foi chamado Iyyar, o mês das flores, o nosso mês de Maio.

**b) Plano Geral e Medidas do Templo. 6: 2-10.**

Chegamos a uma descrição bastante detalhada da construção do Templo.

**2. A casa ... era de sessenta côvados de comprimento.** Em medidas modernas este edifício tinha 27,43ms de comprimento, 9,14ms de largura e 13,72ms de altura. Além disso, havia um terraço que acrescentava mais 9,14ms ao comprimento.

**4. Para a casa fez janelas.** As janelas, ou *molduras*, apresentam uma ligeira dificuldade. Pensa-se que eram fixas na estrutura e projetadas para deixarem entrar o ar e a luz, mas não podiam ser abaixadas ou levantadas como as nossas janelas.

**5. Conta a parede da casa ... edificou andares.** Hebraico *yasiw 'a*; E.R.C., *câmaras*. Deve-se entender que eram salas ou celas laterais, reservadas para os sacerdotes.

**6. O andar de baixo tinha cinco côvados de largura.** (E.R.C., *câmara*). A cela inferior tinha 2,29ms de largura, a do meio 2,74ms, e a de cima 3,20 ms. Um edifício com três andares ligados com escadas é o que está aqui esboçado.

**7. Edificava-se a casa com pedras já preparadas nas pedreiras.** As pedras eram preparadas nas pedreiras para que nenhuma ferramenta ou peça de ferro fosse preciso usar na construção do edifício. Sabe-se que Salomão possuía uma pedreira nos arredores de Jerusalém.

**8. A porta da câmara do meio do andar térreo estava à banda sul da casa. À ... direita da casa** (E.R.C.). Havia uma entrada principal para os aposentos laterais dos sacerdotes.

**c) Deus dá ordens a Salomão. 6:11-13.**

**11. Então veio a palavra do Senhor a Salomão.** Novamente o Senhor reafirmou sua aliança condicional com Salomão: isto é, se o rei obedecesse aos mandamentos divinos, Deus confirmaria a aliança davídica e honraria a casa de Salomão manifestando Sua própria augusta

presença ali. Que essa promessa foi realmente condicional ficou demonstrado pela subsequente história de Judá na época da divisão do reino (cap. 12). Quanto ao Templo propriamente dito, foi destruído em 586 A.C. pelo exército da Babilônia (II Reis 25:8, 9).

#### **d) O Acabamento e a Ornamentação do Templo. 6:14-38.**

**14. Assim edificou Salomão a casa, e a rematou.** O Templo foi construído de pedra, recoberto com madeira de cedro. Uma das críticas dirigidas contra o V.T. é a afirmação de que estruturas tão complexas não eram conhecidas no tempo de Salomão. Contudo, descobrimentos da arqueologia feitos em Megido, lançaram luz sobre o problema. Escavações feitas pela Universidade de Chicago descobriram fragmentos de tijolos de barro junto com cinzas de madeira da superestrutura de um grande edifício da era salomônica. Um pedaço de madeira queimada dessas relíquias foi submetido à análise química e descobriu-se que era cedro. A prova indicava que a superestrutura fora construída com um tipo de estrutura onde se combinavam a madeira e a pedra, semelhante a dos átrios de Salomão, que eram feitos de fileiras de pedras lavradas com vigas de cedro. Este tipo de construção julga-se ser de origem hitita (veja J.P. Free, *Archaeology and Bible History*, pág. 168). Os detalhes a seguir devem ser considerados como descrição detalhada da casa já depois de pronta.

**16. Da mesma sorte revestiu também os vinte côvados dos fundos da casa.** A sala dos fundos da casa foi chamada aqui de santuário, ou Santo dos Santos. Tinha 9,14ms (vinte côvados) de comprimento, 9,14ms de largura e 9,14ms de altura (6:20). Assim todo o edifício do Templo continha duas salas principais 1) o Santo dos Santos e 2) o Lugar Santo diante daquele, com 18,28ms de comprimento (6:17), reminiscência do arranjo do Tabernáculo. Portas corrediças separando as duas salas substituíram a antiga cortina (6:31, 32).

**18. O cedro da casa por dentro.** Do chão ao teto, todo o interior do Templo era coberto com tábuas de cipreste, de modo que a estrutura

de pedra ficava escondida. A decoração desta seção do Templo, que consistia de madeira de cedro esculpida em desenhos de colocintidas e flores desabrochadas, devia ser muito linda.

**19. No mais interior da casa preparou o Santo dos Santos.** **Oráculo** (E.R.C.) é uma designação técnica para a arca da aliança e para a sala ou aposento que a continha.

**23. No Santo dos Santos fez dois querubins de madeira de oliveira.** Neste edifício Salomão executou o antigo plano geral do Tabernáculo. Ele introduziu novas figuras de querubins que cobriam a arca. Esses querubins foram feitos de madeira de oliveira recobertos de ouro e tinham 4,57ms de altura. Suas asas, cada uma com 2,28ms de largura, formavam um arco por cima da arca. As dimensões da arca não foram registradas aqui, mas veja Êx. 25:10, 11.

**29. Nas paredes todas . . . lavrou . . . entalhes.** Os entalhes representavam figuras de anjos, palmeiras e flores desabrochadas. No átrio externo foi colocado o grande altar das ofertas queimadas, as bacias e o mar de bronze.

**31. Para a entrada do Santo dos Santos fez folhas (portas) de madeira de oliveira.** Parece que eram portas corrediças. Foram decoradas com as mesmas figuras esculpidas das paredes. A entrada do Templo propriamente dito era flanqueado com ombreiras de madeira de oliveira e duas portas decoradas combinando com as que estavam entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos.

**37, 38.** Estes versículos dão as datas do começo da casa e do seu término, um período que foi de sete anos, do quarto ao décimo primeiro ano do reinado de Salomão. Foi um período comparativamente curto para um edifício de estrutura tão magnífica. Deve-se lembrar que: 1) grande parte dos preparativos foram feitos antes do período de Salomão; 2) o edifício embora grandemente ornado era comparativamente pequeno; 3) foram muitas as pessoas empregadas na tarefa. O autor não vê nenhuma censura implícita na declaração de que Salomão levou treze

anos para construir a sua própria casa, mas apenas uma declaração de fato.

## **1 Reis 7**

### **3) O Palácio de Salomão e Outros Edifícios. 7:1-12.**

**1. Edificou Salomão os seus palácios, levando treze anos para os concluir.** O período de tempo consumido foi aproximadamente o dobro do período envolvido na construção do Templo. Mas observe que nenhum preparativo extensivo foi feito para o palácio e nenhuma grande urgência envolveu a sua construção.

**2. Edificou a Casa do Bosque do Líbano.** A esta altura, o hebraico no original é um tanto obscuro. A expressão *kol betho* (toda a sua casa, v. 1) é passível de diversas traduções. Pode-se ter em vista os palácios de Salomão, como uma grande estrutura, excluindo-se o Templo. Também é possível considerá-los junto com o Templo, como quatro estruturas distintas, mas intimamente ligadas entre si. As quatro seriam – 1) o Templo de Salomão, 2) seu palácio particular, 3) a Casa do Bosque do Líbano (arsenal de defesa), 4) a Sala do Trono para julgamento.

**10. O fundamento era de pedras de valor.** Essas pedras mediam de 3,66 ms a 4,57 ms de comprimento.

### **4) O Mobiliário do Templo. 7:13-51.**

#### **a) Hirão, Artífice de Tiro. 7:13,14.**

**13. Enviou o rei Salomão mensageiros que de Tiro trouxessem Hirão.** Hirão ou *Hurão* era meio judeu, sendo seu pai natural de Tiro, mas a mãe judia da tribo de Naftali. Uma aparente contradição surge entre este versículo e II Cr. 2:14, onde se diz que a mãe de Hirão era da tribo de Dã. A solução é bastante simples, pois um dos versículos pode se referir ao seu lugar de nascimento e o outro ao lugar de sua residência. Alguns comentaristas admitem que foram dois Hirãos artesãos, mas isto não é muito provável.

**14. Trabalhava em bronze . . . era cheio de sabedoria, e entendimento.** O bronze poderia ser traduzido para cobre (E.R.C.).

**b) As Colunas de Bronze. 7:15-22.**

**15. Formou dum colunas de bronze.** Cons. II Cr. 3:15-17; Jr. 52:21-23. As colunas que flanqueavam a entrada da corte tinham 15,85 ms de altura, com a circunferência de 2,29ms. Parece que só serviam para ornamentação. À volta de cada uma havia correntes decorativas com romãs pendentes.

**21. Receberam os nomes de Jaquim, *Ele estabelecerá*, e Boaz, *Nele está a força*.** Alguns têm encontrado nesses nomes o criptograma das palavras, "No nome de Jeová o rei se alegrará".

**c) O Mar de Fundição e as Pias de Bronze. 7:23-39.**

**23. Fez também o mar de fundição.** O mar, uma espécie de imensa piscina, exatamente redonda, feita de bronze ou de cobre, para uso dos sacerdotes, media 4,57ms de diâmetro, 2,29ms de profundidade e 13,72ms de circunferência. Repousava sobre doze bois, três de frente para cada um dos pontos cardeais. Ao que parece, o mar e as pias eram portáteis. Descobrimientos arqueológicos têm ajudado a tornar compreensível a difícil passagem relacionada com os suportes providos de rodas para as dez pias (7:38).

**d) Resumo da Obra de Hirão. 7:40-47.**

**40. Assim terminou ele de fazer toda a obra para o rei Salomão, para a casa do Senhor.** Não se menciona a feitura do altar de bronze, embora a existência dele esteja implícita em 8:64. Além das pias e do mar, a obra de Hirão incluiu os castiçais, a mesa dos pães da proposição, os caldeirões e as pás, e outros acessórios. Não se fez um levantamento do peso do bronze utilizado.

**1 Reis 8****5) A Dedicção do Templo. 8:1-66.****a) A Arca é Levada ao Templo. 8:1-11.**

**1. Congregou Salomão os anciãos de Israel, e todos os cabeças de tribos.** O rei ia realizar um culto de dedicação do Templo. Como prelúdio desse culto, a arca foi introduzida em seu novo local. A



dedicação propriamente dita foi feita cerca de onze meses depois de terminada a construção do Templo. A posição de Ewald, o mestre alemão do V.T. é insustentável, pois defende que o edifício foi dedicado um mês antes de terminado. Nos dias anteriores, a habitação da arca fora a cidade de Davi, ou o Monte São (II Cr. 6:5-7). A transferência final da arca foi acompanhada de uma procissão reverente mas alegre.

**5. Sacrificando ovelhas e bois, que . . . não se podiam contar.** O ato de sacrificar, na teologia de Israel, deve ser considerado não como um simples "ritual de penitência", mas também como um ato de ação de graças e regozijo. Tal grandiosa ocasião parecia exigir uma multidão de sacrifícios. A época escolhida para este acontecimento foi Etanim, o nome antigo para o mês de Tishri, outubro-novembro.

**6. Puseram os sacerdotes a arca da aliança do Senhor no seu lugar.** Da primeira e amarga experiência de Davi na remoção da arca, Salomão aprendeu a devida ordem do procedimento divino (II Sm. 6:6 e segs.). Por isso confiou a transferência da arca aos mordomos divinamente nomeados, os levitas.

**9. Nada havia na arca senão só as duas tábuas de pedra, que Moisés ali pusera junto a Horebe.** Em Hb. 9:4, dois outros artigos são mencionados como estando na arca, isto é, a vasilha com o maná e a vara de Arão que floresceu. A aparente discrepância entre o V.T. (I Reis 8:9) e o N.T. neste ponto pode surgir do fato de que o versículo de Hebreus se refere a um período anterior, talvez aos tempos de Moisés.

#### **b) O Sermão de Salomão. 8:12-21.**

**12. O Senhor declarou que habitaria em trevas espessas.** O orador dirigiu os pensamentos dos seus ouvintes para a condescendência divina. O alvo do sermão, fora de qualquer argumentação, foi mostrar que o Deus dos céus, Todo-poderoso, estava pronto a fazer Sua morada, em poder e presença protetora, na casa que Salomão acabara de erigir para Sua glória e honra. Magnífica e gloriosa como era a casa diante dos homens, Salomão justa e humildemente reconhecia que nada era comparado com a glória dos céus, a habitação de Deus.

**17. Davi. . . propusera em seu coração.** O principesco pregador não tinha se esquecido da dívida de gratidão que tinha para com o seu pai.

**c) A Oração de Dedicção de Salomão. 8:22-61.**

**22. Pôs-se Salomão diante do altar do Senhor.** Em narrativa semelhante em II Cr. 6:12-42, acrescenta-se uma observação indicando que fora levantado um tablado especial para este propósito. Esta oração de Salomão pode ser considerada contendo sete pedidos inteiramente distintos: 1) A contínua presença e proteção de Deus (I Reis 8:25-30). 2) Condenação dos perversos e a vindicação dos justos (vs. 31, 32). 3) Livramento da mão dos inimigos, sob confissão de pecado (v. 33). 4) Socorro divino em dias de calamidade (vs. 35-40). 5) Ajuda divina para o estrangeiro piedoso (vs. 41-43). 6) Vitória nas batalhas futuras (vs. 44, 45). 7) Perdão para a nação (vs. 46-53).

Nesta oração, a teologia de Salomão eleva-se a grandes alturas. A alegação da crítica (baseada sobre a hipótese evolucionista) de que a teologia de Israel não estava inteiramente moldada até o período do "Segundo Isaías", o "Grande Desconhecido", fica aqui definitivamente confundida diante das palavras de Salomão. Sustenta-se a imanência, ainda que transcendental da Divindade.

**23. Misericórdia.** O hebraico *hesed* implica em amor inerente à aliança, o tipo de amor que se expressa na aliança entre Deus e o Seu povo. Salomão orou nesta ocasião por uma continuidade desse amor convencional. Os termos da realização deste amor são apresentados com fundamento na obediência e fé. Através da linhagem de Davi, as promessas culminaram em seu grande filho, o Senhor Jesus Cristo.

**27. Mas, de fato habitaria Deus na terra?** A narrativa em II Cr. 6:18 contém a variação habitaria . . . com os homens na terra? A pequena divergência consta da LXX. Embora nesta oração a graça não fique de maneira nenhuma oculta, a ênfase ainda está sobre o atributo da justiça (v. 31 e segs.).

**37. Quando houver fome na terra, ou peste . . . crestamento, ou ferrugem. Crestamento** é uma praga. As condições aqui previstas são

aqueles cansados pela seca ou guerra, ou invasão de gafanhotos e larvas, pragas às quais as terras bíblicas estavam muito sujeitas. Essas aflições foram aqui consideradas num estado intensificado acima do curso normal dos acontecimentos, devido a medidas disciplinares. Salomão, contudo, reconhecia que a necessidade primária não era a remoção dessas criaturas odiosas, mas sim a remissão do pecado (v. 39).

**41-43. Também ao estrangeiro . . . ouve tu.** Contrário às alegações da crítica, o povo de Israel tinha ordens de amar o estrangeiro, lembrando-se de que também fora uma vez estrangeiro na terra do Egito. Sem dúvida aqui se tem em mente o estrangeiro temente a Deus, o prosélito.

**47. E na terra aonde forem levados cativos caírem em si.** Aqui parece que Salomão estava exercendo o dom profético da visão do futuro. Esquadrinhando os longos corredores do tempo, parece que ele previu o cativeiro da Babilônia, centenas de anos à frente. É muito significativo que o construtor do Templo tivesse uma visão de sua queda final, a qual se deu em 586/585 A.C., quando Nabucodonosor destruiu ambos, a cidade e o Templo. Assim, não foi simplesmente previsto o cativeiro da nação, mas também sua subsequente restauração.

**54. Tendo Salomão acabado de fazer ao Senhor toda esta oração.** Este e os versículos seguintes levam-nos à bênção. Por algum motivo esta breve, mas importante adição foi omitida na narrativa correspondente em II Crônicas. A bênção, com a qual o povo subsequentemente dispersa, já era um aspecto muito antigo da liturgia hebraica (cons. Nm. 6:23-26).

#### **d) Os Sacrifícios de Salomão. 8:62-66.**

**62. E o rei e todo o Israel com ele ofereceram sacrifícios diante do Senhor.** Embora as cifras fornecidas – 22.000 bois e 120.000 ovelhas – para o número dos sacrifícios oferecidos pareçam exageradas, não devem ser consideradas impossíveis, especialmente quando se considera a magnitude do acontecimento.

**65. No mesmo tempo celebrou Salomão também a festa do tabernáculo e todo o Israel com ele.** A festa da dedicação foi seguida da Festa dos Tabernáculos, um acontecimento regularmente programado, que celebrava os anos da peregrinação. Sua comemoração nesta ocasião devia ter significado especial para Israel. **Desde a entrada de Hamate até ao rio do Egito.** Embora as fronteiras exatas indicadas por esta frase sejam controvertidas, o sentido está bastante claro. A celebração foi feita pelo povo em toda a terra, do norte ao sul.

**66. No oitavo dia da festa despediu o povo.** Sete dias foram consumidos no culto espiritual centralizado à volta da dedicação e festa subsequente. O povo agora partia para suas fazendas e aldeias, com um novo senso do destino do reino.

## 1 Reis 9

### 6) Ratificação da Aliança Davídica. 9:1-9.

**1-3. O Senhor tornou a aparecer-lhe.** Este capítulo se preocupa com promessas e advertências. A primeira vez que o Senhor apareceu a Salomão foi em Gibeom (cons. 3:4, 5).

**4. Se andares . . . com integridade.** Uma comparação desta passagem com II Cr. 7:12-22 revela algumas variantes interessantes nos termos que condicionam o reavivamento: "Quanto a ti, se andares diante de mim". Deus apresenta o exemplo de Davi, um pai piedoso, como padrão claro e radiante para o monarca. É de profunda significação que nenhum grande escândalo moral esteja ligado ao nome ou reinado de Salomão, mas ele nunca atingiu o alto caráter espiritual de seu pai, e finalmente morreu no desprazer do Senhor. A promessa portanto deve ser considerada como condicional.

**6. Porém se vós ... vos apartardes de mim.** A anunciada penalidade era dupla: 1) o reino acabaria; 2) o Templo, no qual ambos, o rei e o povo, tinham um orgulho compreensível, seria arrasado. A história subsequente de Israel comprovou inteiramente a validade desta advertência profética. Depois da destruição do Templo, em 586/585

A.C., pelas mãos dos babilônios, nunca mais – nem mesmo por ocasião da restauração, nem sob Herodes, o Grande – ele recuperou sua antiga glória. A causa da apostasia de Israel foi a idolatria. É digno de nota que Salomão, aquele que recebeu a advertência, logo seria culpado dessa mesma ofensa (11:4, 5).

**7. E Israel virá a ser provérbio e motejo, entre todos os povos.**

Esta advertência profética vai além do cativo, e descortina a posterior rejeição de Israel pelo repúdio de Jesus, o Messias.

**8. Assobiará,** literalmente. Os passantes, observando a devastação do Templo, assobiariam com surpresa e espanto.

**7) Resumo das Atividades Construtoras de Salomão. 9:10-28.**

**a) A Insatisfação de Hirão. 9:10-14.**

**12. Saiu Hirão de Tiro a ver as cidades que Salomão lhe dera.**

Em troca da ajuda material de Tiro, Salomão concordara em dar a Hirão vinte cidades ao norte da Galiléia. Tem-se sugerido que o tesouro israelita estava sem fundos naquela ocasião e que portanto aquelas cidades foram dadas em lugar dos arranjos feitos em espécie. Vieram a compreender mais tarde a região conhecida como "Galiléia dos Gentios" (Mt. 4:15).

**13. Cabul.** Terra improdutiva ou de pântanos.

**14. Cento e vinte talentos de ouro.** Avaliado em 3.500.000 dólares. Nesta passagem há uma certa ambigüidade, evidentemente não ficou aqui registrado cada detalhe da transação entre os dois homens.

**b) O Recrutamento de Salomão. 9:15-28.**

**15. Megido.** As cavaliarias de Salomão em Megido eram consideradas pelos mestres "liberais" como pura ficção. Mas "escavações feitas em Megido pela Universidade de Chicago revelaram uma seção de extensas cavaliarias de pedra na camada geológica do período de Salomão" (Free, *op. cit.*). Estas cavaliarias eram suficientemente

grandes, conforme se calculou, para abrigarem de 300 a 500 cavalos. E encaixam-se muito bem dentro dos detalhes aqui apresentados.

**24. Subiu, porém, a filha de Faraó da cidade de Davi.** Ela foi retirada do Monte Sião por causa de seu passado pagão, para que não escandalizasse o povo piedoso de Israel. **A Milo.** Possivelmente, a fortificação cobrindo a brecha que Davi fizera no velho muro dos jebuseus (cons. 11:27; II Sm. 5: 9).

**25. Oferecia Salomão três vezes por ano holocaustos.** Embora o coração de Salomão não fosse justo aos olhos de Deus, ele contudo realizava a cerimônia exterior prescrita pela lei mosaica (Êx. 23:14-17). **Assim acabou ele a casa.** Esta última cláusula pode ser considerada como uma declaração geral de recapitulação.

**26. Fez o rei Salomão também naus em Ezion-Geber.** Ezion-Geber, o porto marítimo de Salomão, estava situado no braço oriental do Mar Vermelho, perto de Elote, a Elate israelense. Novamente a arqueologia confirmou a historicidade do registro bíblico a esse respeito. Em 1938 e 1939, sob a direção de Nelson Glueck, escavadores desenterraram uma cidade de tamanho reduzido, mas importante, no local de Ezion-Geber. Glueck descobriu ali os altos fornos que foram usados para produção de cobre para o comércio de Salomão. A cidade de Ezion-Geber tem sido muitas vezes denominada a "Volta Redonda" dos tempos bíblicos.

**28. Chegaram a Ofir.** A marinha mercante de Salomão estendeu suas viagens até Ofir. Este lugar tem sido geralmente colocado no sudoeste da Arábia, mas alguns mestres, com base na carga mencionada em 10:22, localizaram-na na Índia.

## **1 Reis 10**

### **D. Idade de Ouro de Salomão. 10:1-29.**

#### **1) A Visita da Rainha de Sabá. 10:1-13.**

**1. Tendo a rainha de Sabá ouvido a fama de Salomão.** A rainha de Sabá tem sido identificada como a governante dos sabeus (Jó 1:15),

que habitavam a Arábia Felix, ou a parte mais extensa do território do Iêmen. Nos tempos bíblicos, os governantes consideravam como um divertimento real pôr à prova a capacidade uns dos outros. O propósito primário da visita da rainha foi descobrir se as pretensões de Salomão quanto à sabedoria igualavam-se ao seu desempenho. Todas as reivindicações de que ela veio da Etiópia devem ser consideradas puramente lendárias.

**2. Chegou a Jerusalém com mui grande comitiva.** De acordo com o protocolo diplomático da antiguidade (e atual também), a rainha ofereceu ricos presentes ao governante de Israel.

**3. Salomão lhe deu resposta a todas as perguntas.** Sua curiosidade não foi de modo nenhum desapontada. A verdadeira sabedoria de Salomão estava inteiramente de acordo com sua reputação pré-estabelecida. O povo sabeu sobre o qual a rainha reinava era governado por reis-sacerdotes (Sl. 72:10). Sem dúvida a rainha levou de volta à sua terra natal um relatório apaixonado da sabedoria de Salomão.

**6. E disse . . . Foi verdade a palavra que a teu respeito ouvi.** A rainha confessou que achara os comentários grandemente exagerados. Agora admitia que nem a metade lhe haviam contado. Seu espanto foi devido não somente pelo que ouviu da boca do rei, mas do que viu com seus próprios olhos.

**9. Bendito seja o Senhor teu Deus, que se agradou de ti.** Considerando a pessoa que fala, esta declaração não era inconsistente com o politeísmo. A rainha estava agora pronta a admitir a existência do Deus de Israel ao nível das outras divindades. Forçar isto para que signifique que ela se tornou um prosélito da fé hebréia seria forçar demais (Mt. 12:42). **10. Deu ela ao rei cento e vinte talentos de ouro.** Cerca de 3.500.000 dólares, um rico presente de uma opulenta rainha! Isto foi além das pedras preciosas e especiarias.

**11. Também as naus de Hirão, que de Ofir transportavam ouro.** A inserção relativa a Hirão neste ponto indica que nessa ocasião

Salomão negociava um acordo comercial com Tiro no interesse de sua visitante.

**13. O rei Salomão deu à rainha de Sabá tudo quanto ela desejou e pediu.** A rainha, depois de "comer e beber" e receber muitos presentes, retornou à sua casa. Sem dúvida a rainha sentiu que sua missão diplomática fora altamente lucrativa.

## **2) A Glória e o Poder do Império de Salomão. 10:14-29.**

**18-20. Fez mais o rei um grande trono de marfim, e o cobriu de ouro puríssimo. Trono.** Uma cadeira, ou assento elevado, indicando realeza. O trono de Salomão tinha proporções especiais. Subia-se nele por meio de seis degraus, flanqueados por doze leões, seis de cada lado, presumivelmente representando as doze tribos. O trono era um símbolo da justiça do governo e do juízo.

**19.** As palavras hebraicas para **redondo** (E.R.C. e E.R.A.) e **novilho** (RSV) são formadas das mesmas consoantes; só os seus sinais vocálicos é que são diferentes. Aqueles que traduziram *novilho* neste versículo, acham que a palavra indica que havia a figura de um novilho por trás do trono. Se isto for verdade, podemos ver a figura feia da adoração de um bezerro lançando sua sombra sobre o teísmo de Israel (12: 28 e segs.).

**23-29.** Estes versículos constituem uma recapitulação da riqueza e sabedoria de Salomão.

**23. Assim o rei Salomão excedeu a todos os reis do mundo, tanto em riqueza como em sabedoria.** A corte de Salomão sempre estava aberta para receber admiradores nativos e estrangeiros. A reputada sabedoria de Salomão, mais a grandeza de seus edifícios públicos, incluindo o Templo, atraíam inevitavelmente muitos visitantes.

**26. Também ajuntou Salomão carros e cavaleiros.** Já se disse que as pequenas coisas descrevem o verdadeiro caráter de um homem mais do que as grandes. Um leitor desatento pode não ver nenhum significado no fato do rei ajuntar cavalos. Contudo, a lei mosaica, em



antecipação à monarquia, proibia o rei de Israel de maneira particular que reunisse cavalos do Egito (Dt. 17: 16). O fato do Egito não ter ficado famoso pela criação de cavalos apresenta aqui alguma dificuldade. Os cavalos poderiam ter sido criados na Cilícia, e o Egito podia ser apenas o comerciante. Os heteus e os sírios também supriam o mercado. Alguns acham que a palavra hebraica traduzida para "Egito" é, na realidade, um lugar da Cilícia - Musr.

## **1 Reis 11**

### **E. A Apostasia, Declínio e Morte de Salomão. 11:1-43.**

#### **1) A Infidelidade de Salomão para com Deus. 11:1-13.**

**1. Amou Salomão muitas mulheres estrangeiras.** Ele desobedeceu o regulamento da lei mosaica previsto profeticamente para o rei no código deuteronomico em relação à multiplicação dos cavalos (Dt. 17:16), às mulheres estrangeiras (17:17) e ao ouro (17:17). Embora os três pecados deste monarca, tomados separadamente ou mesmo pesados junto, não cheguem nem aos pés do grande pecado cometido por seu pai, foram pecados que afastaram o seu coração do Deus vivo. Além disso, não temos nenhuma indicação escrita de que ele jamais tenha se arrependido deles.

**2. Pois vos perverterão o coração, para seguirdes os seus deuses.** Os motivos apresentados para a proibição dos casamentos mistos é que levariam à idolatria, na qual Salomão ia incorrer. Que um grande monarca mantivesse setecentas esposas e trezentas concubinas estava inteiramente de acordo com os costumes de uma corte oriental típica. Quanto maior o número dos habitantes do harém, maior o governante. Talvez o grande pecado de Salomão não consistisse tanto no abuso do sexo como no simples desejo de ser considerado grande.

**4. Sendo já velho.** Vemos aqui o triste quadro de Salomão abandonando a Deus e voltando-se para a idolatria para agradar suas esposas pagãs.

**5. Astarote.** A deusa dos sidônios, uma divindade cananita ligada ao culto da fertilidade. O nome é cognato de *Ishtar* da Babilônia, a deusa do amor sexual, da maternidade e da fertilidade (Unger, *op. cit.*). Esta deusa está entre as mais conhecidas deusas do culto da fertilidade. **Milcom**, abominação. Outra forma de *Malcham*, às vezes identificado com *Moleche* ou Moloque, o principal deus de Moabe e Amom. Tão envolvido ficou Salomão na prática da idolatria que construiu altares para essas divindades do mal. A adoração a Moloque foi rigorosamente proibida pela lei (Lv. 18:21; 20:1-5). Moloque exigia o sacrifício humano, especialmente o de criancinhas. Sua adoração foi completamente exterminada pelo bom rei Josias.

**6. Fez Salomão o que era mau.** O pecado particular da idolatria; os pecados generalizados da ganância, amor ao luxo e a opressão do seu povo.

**7. Nesse tempo edificou Salomão um santuário a Camos.** Era a divindade nacional dos moabitas. Camos era "irmão gêmeo" do Moloque dos amonitas - igualmente cruel, licencioso e vulgar em suas exigências. **Sobre o monte fronteiro a Jerusalém.** Tentou-se identificá-lo com o Monte das Oliveiras.

**9-13. O Senhor se indignou contra Salomão, pois desviara o seu coração.** Estamos agora nos dirigindo rapidamente para a divisão do reino. Deus anunciou a Salomão a extensão do castigo divino. O reino seria dividido; Israel perderia sua unidade política. O sol de Salomão, que nascera com tanto esplendor, ia se esconder por trás das mais negras nuvens. No entanto, Davi ainda continuaria portando uma luz em Israel (cons. v. 36). Ainda o reino não seria de todo arrebatado.

## **2) Os Adversários e a Divisão Iminente. 11:14-40.**

**14-28. Levantou o Senhor contra Salomão um adversário.** Embora a divisão do reino não se desse antes da morte do rei, Salomão experimentaria o castigo, conforme Deus, no Seu desprazer, levantando inimigos externos e internos contra ele. Levantaram-se três fortes adversários:

1) **Hadade**, um príncipe da casa real de Edom, que escapara ao massacre de Joabe e fugira com alguns dos seus seguidores para o Egito, onde foi gentilmente tratado por Faraó. Agora, aparentemente sem nenhuma razão válida, mas pela providencial direção de Deus, pediu e obteve permissão de Faraó para retornar para casa. De volta em Israel, comprovou-se um espinho na carne de Salomão (vs. 14-22).

2) **Rezom de Damasco**, o filho de Eliada, depois da derrota de seu senhor, Hadadezer (II Sm. 8:3-8, 10), veio a ser um bandido que, com um grupo de renegados, atormentava o país. Logo após a morte de Davi ele tomou a cidade de Damasco, sem dúvida por meio de um ataque surpresa. Salomão não conseguiu expulsá-lo dali. Pouco a pouco Rezom tornou-se uma ameaça crescente que dominava as rotas comerciais do Oriente (vs. 23-25).

3) **Jeroboão, o filho de Nebate**, da tribo de Efraim, veio a ser, o adversário interno de Salomão. Um jovem de considerável capacidade e talento, ele logo atraiu a atenção do rei (v. 28), que o colocou como superintendente de suas obras públicas.

**29. Sucedeu nesse tempo que . . . o encontrou o profeta Aías, o sionita.** Saindo de Jerusalém um dia, o jovem Jeroboão foi subitamente abordado por Aías, o profeta (apresentado aqui pela primeira vez), que simbolicamente lhe revelou o seu futuro. O profeta pegou a sua própria capa que estava usando e a rasgou em doze pedaços. Entregando ao jovem dez pedaços e retendo dois, anunciou-lhe que Deus estava para dividir o reino de Salomão do mesmo modo, dando dez tribos a Jeroboão e deixando apenas duas com a casa de Davi.

**31. E disse a Jeroboão: Toma dez pedaços.** À luz da profecia, Jeroboão já era considerado o líder do novo estado de Israel, formado por causa do juízo disciplinar dos pecados de Salomão.

**32. Porém ele terá uma tribo, por amor de Davi, meu servo.** O pronome "ele" sem dúvida se refere à casa de Salomão, isto é, a Roboão e seus descendentes. Essa tribo, a de Benjamim, apegou-se fielmente à

casa de Davi. As duas tribos são consideradas como uma só; portanto, na realidade, nenhuma tribo ficou faltando aqui.

**33. Porque Salomão me deixou e se encurvou a Astarote . . . a Camos. . . e a Milcom.** Uma razão específica apresentada para a divisão iminente foi a idolatria – um pecado, que, apesar da severidade do juízo divino, continuou infestando os dois reinos até que foram para o cativeiro.

**34. Porém não tomarei da sua mão o reino todo.** Apesar da infidelidade dos homens, Deus era fiel preservando a semente de Davi "até que venha aquele a quem ela pertença de direito; a ele a darei " (Ez. 21:27; Mt. 1:1 ; Rm. 1:3).

**36. E a seu filho darei uma tribo; para que Davi, meu servo, tenha sempre uma lâmpada.** Literalmente, *para que haja uma lâmpada para o meu servo Davi*. O propósito divino seria cumprido apesar da desobediência de Salomão. A casa de Davi seria disciplinada mas não destruída. Salomão realmente se comprovara um pecador; contudo, Cristo, o Salvador dos pecadores, viria através da linhagem de Davi.

**38. Se ouvires tudo o que eu te ordenar.** Além de Deus declarar-se fiel à casa de Davi, Ele também prometeu, condicionalmente, estender Suas misericórdias a Jeroboão – ... e te edificarei uma casa estável, como edifiquei a Davi. Como teria sido diferente a história pessoal de Jeroboão, tal como a subsequente história de seu reino, se tivesse obedecido à voz do Senhor! Este homem, contudo, ganhou o indesejável epíteto, "que levou Israel a pecar". Embora a profecia de Aías não fosse imediatamente cumprida, tudo o que ele predisse realizou-se no devido tempo.

**40. Salomão procurou matar a Jeroboão.** Embora o aviso profético fosse feito em segredo, parece que Jeroboão não agüentou esperar o momento designado por Deus, mas começou a conspirar contra Salomão. O rei, entretanto, procurou matá-lo com base em suposta traição. Jeroboão foi forçado a fugir para junto de Sisaque no Egito e ficar lá até a morte de Salomão.

**3) A Morte de Salomão. 11:41-43.**

**41. Quanto aos mais atos de Salomão.** O livro dos atos de Salomão aqui mencionado é com toda certeza um manuscrito não mais existente, ao qual o autor do livro de Reis tinha acesso. Assim chegamos ao fim bastante trágico de uma vida tão promissora.

**42. Foi de quarenta anos o tempo que reinou Salomão.** O período foi realmente de quarenta e dois anos, embora parte dele tenha sido o da corregência com Davi.

**43. E Roboão, seu filho, reinou em seu lugar.** Roboão reinou sobre todo Israel por muito pouco tempo. A semente da divisão plantada no tempo de Salomão floresceu agora plenamente.

**II. O Reino Dividido, desde Roboão até a Queda de Israel.**

**I Reis 12:1 – II Reis 17:41.**

**A. Começo do Antagonismo entre Israel e Judá desde Jeroboão até Onri. 12:1 - 16:28.****1 Reis 12****1) A Ruptura do Reino. 12:1-33.**

**a) A Petição dos Insatisfeitos. 12:1-20.** A causa natural imediata para a iminente ruptura do reino foi os impostos pesados cobrados por causa das grandes despesas feitas por Salomão (cons. II Cr. 10). A causa invisível foi a disciplina divina.

**1. Foi Roboão a Siquém, porque todo o Israel se reuniu lá, para o fazer rei.** Roboão, que é o único filho de Salomão mencionado nas Escrituras, sem dúvida foi indicado por seu pai para a sucessão. Siquém. Uma cidade em Efraim, mais do que a capital, era um ponto de reunião.

**2. Tendo Jeroboão ouvido isso.** Sem dúvida foi por intermédio de espões que Jeroboão, que se encontrava no exílio no Egito (11:40), ouviu da iminente coroação de Roboão. Logo em seguida, retornou

apressadamente a Israel em busca do reino. À sua chegada, o povo fez dele seu porta-voz para transmitir suas muitas e variadas queixas. O povo pediu ao novo rei que aliviasse seu fardo.

**4. Teu pai fez pesado o nosso fardo.** Sem dúvida este é um resumo da petição do povo, dado em sua essência. A petição era principalmente pelo alívio do fardo econômico, mas talvez também tivesse em vista a opressão política e social.

**5. Ele lhes respondeu: Ide-vos, e, após três dias, voltai.** O pedido do rei para que tivesse tempo para pensar sobre a petição parecia razoável. Mas do que se segue, parece-nos que o veredito já estava determinado.

**6. Tomou o rei Roboão conselho com os homens idosos.** Os anciãos da corte aconselharam Roboão a falar com diplomacia, admitindo a validade das queixas e prometendo uma reforma no devido tempo.

**8. Porém ele desprezou o conselho que os anciãos lhe tinham dado, e tomou conselho com os jovens.** O conselho dos jovens conselheiros de Roboão foi exatamente o inverso do proposto pelos homens mais velhos e mais sábios.

**10. Assim falarás a este povo.** Seu conselho foi que tomasse uma atitude ameaçadora, anti-diplomática, para mostrar ao povo que ele conhecia as conspirações que se faziam às suas costas, advertindo-o que qualquer queixa seria considerada ato de traição.

**14. Açoites . . . escorpiões.** Um "açoite" era uma tira lisa de couro. Um "escorpião" era um açoite com pontas farpadas ou pedacinhos de metal embutidos. A linguagem foi altamente insultante. Além de Roboão ameaçar o povo com fardos mais pesados do que já tinham conhecido, deu a entender que pretendia tratá-lo como a uma nação de escravos. Deve-se acrescentar em defesa de Roboão que o tratamento que dispensou ao remanescente fiel da casa de Davi foi muito mais moderado do que suas palavras sugeriram. Esta atitude, contudo, o povo não podia prover, e assim a brecha se tornou intransponível.

**15. O rei, pois, não deu ouvidos ao povo.** O motivo oculto está na cláusula seguinte: Porque este acontecimento vinha do Senhor. As palavras do profeta Aías referentes à divisão do reino tinham de se cumprir. Os decretos de Deus, embora tenham sua origem na eternidade, atingem o seu ponto alto na história.

**16. Que parte temos nós com Davi?** Assim a soberania da casa de Davi foi repudiada pela maioria de Israel. Com estas palavras, eles voltaram as costas a sua herança para buscar novos caminhos com seu recém escolhido líder, Jeroboão, o filho de Nebate.

**17. Quanto aos filhos de Israel, porém, que habitavam nas cidades de Judá, sobre eles reinou Roboão.** Em cumprimento á promessa divina que Davi teria "sempre uma lâmpada . . . em Jerusalém" (11:36), os hebreus do sul que habitavam na Judéia permaneceram fiéis, enquanto os do norte foram por um caminho separado. A tentativa de Roboão de exercer poderes ditatoriais fracassou.

**18. Então o rei Roboão enviou a Adorão . . . porém todo o Israel o apedrejou.** Não percebendo claramente que a brecha entre as duas nações era final e decisiva, Roboão ingenuamente enviou Adorão, seu oficial, para recrutar trabalhadores em Israel. A reação do povo de Jeroboão foi rápida e terrível: o infeliz superintendente foi mono. **O rei Roboão conseguiu tomar o seu carro.** Parece que o próprio Roboão quase não escapava do mesmo destino.

#### **b) Guerra Civil Afastada. 12: 21-24.**

**21. Roboão . . . reuniu . . . cento e oitenta mil . . . destros para guerra.** Roboão pensava invadir as tribos do norte para torná-las novamente sujeitas ao seu governo. Somaras, o profeta, interveio com uma mensagem divina insistindo com ele a que não fosse para a guerra e declarando que tal curso de ação só acabaria com a sua derrota. Para crédito seu, desta vez ele obedeceu à voz do Senhor e dispensou o exército.

**c) Estabelecido o Reino do Norte. 12:25-32.****25. Jeroboão edificou Siquém na região montanhosa de Efraim.**

Nesta passagem descobrimos, que passos preliminares Jeroboão tomou para estabelecer seu novo reino. Escolheu Siquém para sua capital. Na verdade, três capitais existiram no norte - primeiro Siquém, depois Tirza e mais tarde Samaria, que finalmente veio a ser a capital permanente.

**26. Disse Jeroboão consigo: Agora tomai o reino para a casa de Davi.** Este pode ser considerado como o primeiro ato de infidelidade de Jeroboão contra Jeová. Ele já tinha recebido confirmação de que o Senhor lhe edificaria uma casa firme. Mas, não confiando na palavra de Deus, recorreu a esta medida de apostasia religiosa – a separação religiosa e política dos dois reinos.

**28. Pelo que o rei, tendo tomado conselhos, fez dois bezerros de ouro.** Dois bezerros (bois de ouro), em substituição aos querubins no propiciatório. Embora Jeroboão não tivesse talvez a intenção de estabelecer uma verdadeira idolatria, preparou o ambiente para o declínio espiritual. W.F. Albright (*From the Stone Age to Christianity*, pág. 299) desenvolve uma boa teoria, com provas arqueológicas, afirmando que os bezerros de ouro não eram realmente imagens de Jeová, mas formavam o pedestal visível sobre o qual o invisível deus de Israel permanecia. Mas mesmo tal uso de imagens era um retrocesso à idolatria dos cananeus ou do Egito, e foi inteiramente condenado pelos profetas Oséias e Amós (Os. 8:5, 6; 13:2, 3).

**30. E isso se tornou em pecado.** Mesmo que se deva insistir, em defesa do argumento, que Jeroboão erigiu esses bezerros em honra a Jeová, ainda nos parece evidente que, no que diz respeito ao povo, as imagens rapidamente se transformaram em ídolos.

**31. Jeroboão fez também santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes.** O segundo passo dado por Jeroboão para enfraquecer os laços religiosos entre o Israel do norte e do sul foi infiltrar homens que não eram levitas dentro do sacerdócio. A lei mosaica



especificava que ninguém que não fosse dessa tribo poderia receber as santas ordenanças.

**32. Fez uma festa no oitavo mês.** Era na realidade a Festa dos Tabernáculos, a qual de acordo com a Lei devia ser realizada no sétimo mês (Lv. 23:24 e segs.). Jeroboão mudou-a para o oitavo mês. Essas três medidas enfraqueceram os laços entre as tribos e alargaram o abismo religioso.

## 2) O Reino de Jeroboão I e a Sua Morte. 13:1 - 14:20.

### 1 Reis 13

#### a) Pronunciamento do Divino Julgamento. 13:1-10.

**1. Eis que por ordem do Senhor veio de Judá . . . um homem de Deus.** Um profeta anônimo, com apenas este simples título, **um homem de Deus**, veio de Judá a Betel, um dos dois centros de adoração do bezerro de Jeroboão, para administrar uma repreensão ferina e para anunciar o seu fim.

**2. Eis que um filho nascerá, cujo nome será Josias.** Este é um dos mais notáveis exemplos de profecia do V.T. demonstrando a onisciência de Deus. Esta profecia vincula-se à de Isaías em relação a Ciro (Is. 45:1 e segs.). Sendo tão notável, os críticos bíblicos "liberais" têm tentado reduzi-la à uma declaração *ad hoc*. Contudo, considerar isto como uma inserção histórica, feita após o período do Rei Josias, é deixar de compreender totalmente o verdadeiro caráter da profecia. Com referência ao notável cumprimento desta predição veja II Reis 23:15-20.

**3. Deu . . . um sinal.** A rachadura do altar pode ser considerada como confirmação do pronunciamento profético. Parece que houve uma manifestação do desagrado divino imediatamente e a longo prazo.

**4. Tendo o rei ouvido as palavras . . . estendeu a mão.** Tomado de ira, Jeroboão estendeu sua mão a fim de ordenar a prisão do profeta. Antes que a perversa ordem pudesse ser executada, entretanto, a mão do rei recuou, isto é, ficou paralisada de maneira que não pode mais abaixá-

la. O vingativo rei clamou agora por misericórdia (v. 6). Em resposta à oração do profeta, a mão de Jeroboão foi restaurada.

**7. Vem comigo à casa.** O convite de Jeroboão talvez tivesse a intenção de servir a dois propósitos: podia ser uma espécie de pedido de desculpas pela tentativa de prisão; e podia ser um expediente para desfazer ou pelo menos abrandar o juízo pronunciado sobre a casa real.

**8. Ainda que me desses metade da tua casa, não iria contigo.** Fiel às instruções divinas, o profeta declinou do convite com base na expressa proibição recebida de não comer pão nem beber água em Betel. Tal intercâmbio social poderia muito bem ter criado a impressão na mente do povo de que o juízo enunciado pelo profeta já fora desviado, ou pelo menos diminuído.

**10. E se foi por outro caminho.** Agora o profeta buscou o caminho de volta para casa. Até aqui agiu em estrita obediência à ordem divina.

### **b) Sedução do Homem de Deus pelo Velho Profeta. 13:11-32.**

**11-14. Morava em Betel um profeta velho.** O que o rei, com toda sua riqueza, fama e glória não conseguiu realizar na vida do homem de Deus, um crente obviamente sem "a mente do Espírito" foi capaz de fazer. Os filhos do velho profeta de Betel contaram ao pai a profecia que fora feita contra Jeroboão. Agindo de acordo com a notícia, o velho profeta saiu à procura do homem de Deus e o encontrou sob o carvalho ou terebinto.

**15. Vem comigo a casa, e come pão.** Os orientais são conhecidos por sua hospitalidade muito mais destacada que a dos seus irmãos ocidentais. Além de desejar demonstrar hospitalidade, talvez o velho profeta quisesse saber mais exatamente sobre a maravilhosa e incomum profecia.

**16. Não posso voltar contigo, nem entrarei contigo.** Conforme o profeta declinou do convite de Jeroboão, também recusou agora o convite deste seu colega com base na proibição divina (v. 17).

**18. Também eu sou profeta como tu, e um anjo me falou . . . (Porém mentiu-lhe.)** O profeta de Betel fingiu que tinha recebido ordens divinas revogando aquelas anteriormente dadas ao jovem profeta.

**19. Então voltou ele.** Ele desobedeceu a ordem divina. Uma lição prática que podemos extrair é que o conselho de outros homens, mesmo que sejam amigos cristãos, não devem substituir o explícito chamado ao dever que há em nossos corações.

**20. Estando eles à mesa.** O profeta que estivera pronto a assumir o papel de tentador, agora, por instância divina, assumiu o difícil papel de anunciar o castigo. A penalidade do profeta por causa da desobediência era a morte. Essa profecia realizou-se quase imediatamente.

**24. Foi-se, pois, e um leão o encontrou no caminho.** Leões ainda continuam errando pelas florestas à volta de Betel e de vez em quando aproximam-se de um viajante incauto. Entretanto, para que se soubesse que este era realmente um juízo; sobrenatural e não simplesmente um acidente infeliz, o leão, depois de matar o profeta, não molestou nem esfaqueou o seu corpo, nem mesmo matou o dócil jumento sobre o qual o profeta montava, mas calmamente ficou de guarda como se fosse por ordem divina.

**26. É o homem de Deus, que foi rebelde à palavra do Senhor.** Embora o profeta mentiroso não sofresse castigo físico, sua consciência deve tê-lo maltratado severamente quando compreendeu que fora o culpado da morte de um homem, insistindo com ele que trilha-se o caminho da desobediência.

**28. Ele se foi e achou o cadáver atirado no caminho.** O caráter sobrenatural da história está visível através dela toda. Estamos acostumados a pensar em milagres como atos ou sinais de grande curas ou benefícios, mas devemos nos lembrar que existem milagres de disciplina também.

**29-32. Então o profeta levantou o cadáver do homem de Deus.** O corpo do profeta desobediente não devia ser abandonado, mas tinha de

receber honroso sepultamento. A última homenagem que um profeta de Deus poderia prestar a outro foi assim tocantemente realizada. Com amargas lamentações o velho profeta de Betel baixou seu irmão profeta em sua sepultura. Talvez uma dupla fonte de tristeza possa ser percebida aqui: 1) Ele tinha contribuído para a morte do primeiro profeta, embora talvez de todo involuntariamente, 2) Naquele tempo a nação não podia sacrificar nenhum dos seus homens piedosos. O velho profeta, com a cabeça baixa, lamentou não apenas o destino cruel de seu companheiro, mas também o miserável estado do reino dividido. Ele reconheceu que as palavras proferidas pelo falecido profeta se cumpririam no devido tempo.

**c) A Persistência de Jeroboão no Mal. 13:33, 34.**

**33. Depois dessas coisas, Jeroboão ainda ao deixou o seu mau caminho.** Estes acontecimentos estranhos e nefastos, terríveis como eram, não detiveram o rei nos caminhos maus que ele escolhera. Ele repetiu, em vez de se arrepender, os três pecados iniciais que no começo deram início ao declínio espiritual do reino do norte.

**34. Isso se tornou em pecado à casa de Jeroboão, para destruí-la.** A causa espiritual original do declínio e queda final da casa de Jeroboão está aqui. Diversas condições políticas e sociais, e até mesmo relações internacionais, poderiam ser citadas como razão para a destruição da linhagem de Jeroboão. Contudo, a destruição brotou diretamente da desobediência do rei às ordens do Santo Deus. Portanto, julgamos em erro aqueles mestres que tentam desculpar, se não defender, a adoração dos bezerros de Jeroboão com a afirmação de que eram uma simples adoração do verdadeiro Deus de Israel sob outro aspecto.

**1 Reis 14**

**d) Mais Condenações e Desgraças Proferidas Contra Jeroboão. 14:1-14.**

**1. Naquele tempo adoeceu Abias, filho de Jeroboão.** Este Abias não deve ser confundido com o filho de Roboão que tem o mesmo nome e que veio a reinar em lugar do seu pai no trono de Judá. Esta doença da criança não foi uma das muitas desgraças desta vida a que todos os seres humanos estão sujeitos, mas antes um ato disciplinador de Deus. Jeroboão, o primeiro rei da união do norte, deixou de ouvir "as mais temas solicitações" de Deus; por isso, agora, o Senhor atingiu diretamente sua mais preciosa possessão, seu jovem filho.

**2. Disse este a sua mulher: Depõe-te, agora, e disfarça-te.** Com estas palavras o escritor apresenta a conspiração do rei para enganar o profeta Aías e desvendar o futuro. Jeroboão achava que se o profeta percebesse a identidade da pessoa que o buscava, certamente transmitiria uma mensagem de juízo e condenação. **Silo.** O antigo santuário central e anterior lugar da habitação da arca. A cidade era agora o lugar da morada de Aías, o profeta, que já previra antes a subida de Jeroboão ao poder (I Reis 11:26-40).

**4. Aías já não podia ver, porque os seus olhos já se tinham escurecido, por causa da sua velhice.** O profeta, agora privado de sua vista por causa da extrema idade, mantinha contudo seus ouvidos em sintonia com a voz de Deus, pronto a receber mensagens do céu.

**5. Eis que a mulher de Jeroboão vem consultar-te.** A ímpia rainha pensou que o ardil seria bastante adequado para enganar o profeta. Ela não imaginava que o "Deus diante do qual todas as coisas são reveladas" já fora diante dela para avisar o Seu servo sobre a visita dela e sobre a mensagem que lhe devia transmitir.

**6. Ouvindo Aías o ruído dos sem pés . . . disse: Entra, mulher de Jeroboão.** Disfarçada, desmascarada e condenada. Não apenas o véu sobre o seu rosto, mas também as cortinas que havia sobre o seu coração foram traspassadas. Suas mais perversas intenções, como também sua natureza foram desnudadas. Hipocrisia e fingimento sempre se deparam com o desprazer e julgamento de nosso Senhor.

**7. Vai, dize a Jeroboão: Assim diz o Senhor Deus de Israel.** Aías, com golpes ousados, prosseguiu falando sobre a unção do rei, a promessa condicional de Deus, Sua graça em colocar Jeroboão sobre as tribos do norte. Depois rispidamente fez Jeroboão se lembrar, através de sua esposa, de sua apostasia e séria idolatria, culminando na adoração dos bezerros de ouro. Por isso, devia aguardar o castigo.

**10. Portanto, eis que trarei o mal sobre a casa de Jeroboão, e eliminarei ... todo e qualquer do sexo masculino.** O reino de Israel ficaria despovoado das crianças do sexo masculino quer pelo cativo quer pela morte.

**11. Quem morrer.** Seus corpos seriam devorados pelos cães e aves de rapina – a pior desgraça que podia acontecer a um semita.

**12. Quando puseres os pés na cidade, o menino morrerá.** Assim, o destino foi declarado da maneira mais impressionante contra a casa de Jeroboão. Até a pessoa de mais calejado coração comove-se com a morte de uma criancinha, especialmente com as herdeiras de um trono. Mas a sentença tinha de ser executada com toda rapidez. A esposa de Jeroboão jamais veda novamente o seu filho com vida. Ele morreria quando seus pés passassem os limites da capital. Em contraposição a seu pai, ele teria um sepultamento honroso.

#### **e) A Previsão do Cativo. 14:15-19.**

**15. O Senhor ferira a Israel... e o espalhará para além do Eufrates.** Esta é uma profecia de longo alcance sobre o cativo ainda por vir. Quando Samaria caiu em 722 A.C., o reino do norte experimentou destino amargo nas mãos dos assírios. E quando Jerusalém caiu em 586/585 A.C., o reino do sul sofreu a deportação pelas mãos dos babilônios. O motivo apresentado para esse castigo foi a incurável idolatria de Israel.

**17, 18. Então a mulher de Jeroboão se levantou, foi, e chegou a Tirza.** Estes versículos narram a trágica seqüência da predição de Aías.

Conforme o profeta já previna, a criança tão amada por toda a população foi chorada e pranteada quando seu corpo desceu à sepultura.

**f) Continuação da Apostasia de Jeroboão e Sua Morte. 14:20.**

**20. Descansou com seus pais.** Para verificar fatos suplementares o leitor deve ler a narrativa de II Cr. 13:15 -20. Contudo, esta referência pode ser considerada como uma convenção ou formalidade, uma vez que a narrativa de I Reis referente a Jeroboão é muito mais completa do que a de Crônicas.

**3) Judá sob o Governo de Roboão, Abias e Asa. 14:21 - 15:24.**

**a) Roboão de Judá. 14:21-24.**

**21, 22. Roboão, filho de Salomão, reinou em Judá.** O cenário histórico, agora, transfere-se para o sul onde o destino da casa de Davi está sendo delineado. Roboão reinou um ano como co-regente de seu pai e dezesseis anos sozinho. Embora o seu reino fosse livre da adoração dos bezerros de ouro, contudo o declínio espiritual e a delinquência moral caracterizaram a derrocada. A idolatria, na forma mais grosseira, tornou-se a ordem do dia.

**23. Altos** (heb. *bamot*). Lugares elevados, os quais embora não fossem necessariamente idólatras no caráter, logo se prestaram a este tipo de adoração. **As colunas** (heb. *massebot*; E.R.C., **imagens**). Pedras colocadas com o fim de representar o correlativo masculino da divindade cananita. Os **postes-ídolos** eram postes representando a forma feminina da divindade.. Compare com imagens do bosque da E.R.C. A adoração licenciosa de Canaã infiltrou-se na adoração da Judéia.

**24. Havia também na terra prostitutos-cultuais.** Assim, todo o horrível quadro da idolatria se completou. **Prostitutos.** Homens reservados para propósitos sexuais em relação com os cultos religiosos. Como na terra de Canaã, os israelitas falharam em exterminar esta prática idólatra. Agora se transformou em uma cilada e armadilha para eles.

**b) A Invasão de Sisaque. 14: 25-28.**

**25. No quinto ano do rei Roboão, Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém. Sisaque.** *Sheshonk* dos registros egípcios (945-924 A.C.), o fundador da Vigésima Segunda Dinastia. Este foi o primeiro sério invasor estrangeiro no território israelita desde os dias de Saul. No templo de Carnaque, em um alto-relevo representando a vitória do Egito sobre Judá, Sisaque se vangloria dos problemas criados por ele ao rei judeu. Uma narrativa mais resumida e mais sóbria nos é fornecida pela Bíblia, onde, na sua honestidade, admite-se que Sisaque despojou o lindo Templo de Salomão antes de fazer um acordo de não espoliar totalmente a Jerusalém.

**c) A Morte de Roboão. 14:29-31.**

**29. Quanto aos mais dos atos de Roboão, e a tudo quanto fez.** Mais uma vez o leitor é orientado a ler a narrativa mais completa em II Cr. 12:13-16. Este reinado foi caracterizado pela tensão e freqüentes levantes militares entre as tribos divididas, antes tão fortemente unidas sob o glorioso chefe, Davi.

**1 Reis 15****d) Abias de Judá. 15:1-8.**

**1. No décimo oitavo ano do rei Jeroboão, ... Abras começou a reinar sobre Judá.** Reinou três anos, 913-911 A.C.

**2. Era o nome de sua mãe Maaca, filha de Absalão.** Maaca era a rainha mãe.

**3. Andou em todos os pecados que seu pai havia cometido antes dele.** Para detalhes sobre o reinado de Abias, veja II Cr. 13:1-22. Abias moldou a sua vida de acordo com o exemplo ímpio e perverso de Roboão. O seu coração não foi perfeito. Uma expressão usada para indicar que Abias infelizmente, tinha falta de devoção e fidelidade para com Deus.



**4. Mas por amor de Davi.** Os versículos 4 e 5 apresentam a bondade e fidelidade divinas. Apesar da contínua iniquidade de Abias, o Senhor não retirou Sua misericórdia do povo de Judá. Para verificar o significado de lâmpada, veja 11:36.

**6. Houve guerra entre Roboão e Jeroboão.** A guerra continuou perturbando e flagelando o reino dividido. 7. Quanto aos mais atos de Abias. Em II Crônicas temos um retrato um pouco mais piedoso de Abias. Particularmente, a oração que Abias fez contra Jeroboão, parece evidenciar alguma fé em Jeová. Talvez Abias, como muitos outros, sabia pregar melhor do que praticar.

### **e) Asa e Suas Reformas. 15:9-15.**

Faz bem ao nosso coração observar o jovem rei rompendo com a tradição ímpia dos dois reis que o precederam e determinando fazer o que era certo diante do Senhor, como Davi "seu pai".

**9, 10. No vigésimo ano de Jeroboão . . . começou Asa a reinar sobre Judá. Era o nome de sua mãe Maaca.** Abias e Asa talvez fossem irmãos. É mais provável, entretanto, que devamos entender mãe por "avó" aqui, de acordo com o costume semita.

**11-15. Asa fez o que era reto.** Tendo determinado fazer a vontade de Deus, Asa em primeiro lugar erradicou do reino as práticas idólatras e pessoas com elas relacionadas. Especialmente, acabou com os prostitutos-cultuais (14:24). Asa não limitou sua reforma com os que lhe eram estranhos, mas estendeu-a a sua própria família. Chegou até a remover Maaca da posição de rainha por ter ela introduzido a idolatria. O jovem rei, em seguida, derrubou as imagens de sua avó e mandou queimá-las no vale de Cedrom. Esse era o borbulhante ribeiro que, durante o inverno, corria ao norte de Jerusalém, o "Cedrom" que Jesus atravessou na noite de Sua agonia no Getsêmani (Jo. 18:1).

**f) Guerra com Baasa de Israel. 15:16-22.**

**16. Houve guerra entre Asa e Baasa.** Baasa declarou guerra contra seus vizinhos. O gesto ameaçador e hostil de Baasa foi a fortificação de Ramá, um forte 6,4 a 8kms ao norte de Jerusalém. Era uma atitude considerada muito belicosa.

**18. Então Asa tomou toda a prata e ouro instantes nos tesouros da casa do Senhor.** Por meio desse presente, Asa buscou o favor de **Ben-Hadade** da Síria. Ben-Hadade, ao que parece, subiu ao trono da Síria em 890 A.C. Mais tarde, o rei Acabe lutou contra Ben-Hadade.

**20. Ben-Hadade deu ouvidos ao rei Asa, e enviou os capitães dos seus exércitos contra as cidades de Israel.** As cidades aqui mencionadas, que Ben-Hadade tomou, eram cidades nos arredores do Mar da Galiléia.

**21. Ouvindo isso Baasa deixou de edificar a Ramá.** Amedrontado com a notícia da vinda do poderoso aliado sírio de Asa, Baasa retirou-se para a sua própria capital, Tirza.

**22. Com elas edificou o rei Asa a Geba. . . e a Mispa.** Geba de Benjamim identifica-se com *Jeba'* perto de Micmás. Asa tomou o material reunido ostensivamente por Baasa para se defender dele e utilizou-o para uma nova fortaleza particular.

**g) A Morte de Asa. 15:23, 24.**

**24. Descansou Asa com seus pais, e com eles foi sepultado . . . e Josafá, seu filho, reinou em seu lugar.** Asa foi seguido de seu piedoso filho, Josafá (873-848), que fora seu co-regente por três anos.

**4) Israel sob o governo de Nadabe, Baasa, Elá, Zinri e Onri. 15:25 - 16:28.****a) Nadabe de Israel. 15:25, 26.**

**25. Nadabe... começou a reinar sobre Israel.** O historiador aqui apanha um incidente que estava ocorrendo no norte. Nadabe (910-909),

o perverso filho de Jeroboão, filho de Nebate, subiu ao trono. Deve-se lembrar que, enquanto cerca de oito dinastias sucederam-se umas às outras em Israel, o reino do norte, em Judá, ao sul, apenas uma dinastia, a casa de Davi, dominava.

**26. (Nadabe) fez o que era mau perante o Senhor.** Nadabe teve um reinado curto, que durou, segundo variadas opiniões, de um ano a um ano e meio.

### **b) A Conspiração e o Reinado de Baasa. 15:27 - 16:7.**

**27. Conspirou contra ele Baasa, filho de Aias da casa de Issacar.** A dinastia da casa de Jeroboão aproximava-se de um fim inglório, enquanto a dinastia de Baasa, que também foi curta, estava em primeiro plano.

**29. Tanto que começou a reinar, matou toda a descendência de Jeroboão, . . . segundo a palavra . . . (de) Aías.** Baasa agiu sumária e cruelmente para destruir a casa de Nadabe. O juízo divino foi assim rapidamente executado contra a ímpia dinastia de Israel. Contudo, Baasa não deu atenção aos preceitos e leis de Deus, mas andou pelos mesmos caminhos maus dos seus predecessores. O conflito civil continuou entre as duas nações (v. 32).

**34. Fez o que era mau perante o Senhor, e andou no caminho de Jeroboão.** Embora Baasa extirpasse a casa de Jeroboão, infelizmente não aboliu seus pecados, nem do reino em geral nem de sua vida em particular.

## **1 Reis 16**

**16:1. Então veio a palavra do Senhor a Jeú, filho de Hanani, contra Baasa, dizendo.** Embora o Reino do Norte fosse infiel ao Senhor Deus de Israel, Deus ainda estendeu-lhe a Sua misericórdia, advertindo-o do juízo vindouro.

**2. Porquanto te levantei do pó, e te constitui príncipe sobre o meu povo.** Baasa devia ser apropriadamente castigado. O motivo era

que, embora fosse escolhido por Deus para governar Israel, o Seu povo, estimara com leviandade a sua sagrada vocação. Ele se apegara aos pecados de Jeroboão, o filho de Nebate, que "fizera Israel pecar".

**3. Eis que te exterminarei, a ti, Baasa, e os teus descendentes.**

Uma ameaça semelhante fora feita contra a casa de Jeroboão pelo profeta Aías (14:10, 11). Como Baasa quis participar da iniquidade da casa de Jeroboão, do mesmo modo tinha de participar da severa penalidade conseqüente, inclusive de ser devorado pelos cães.

**6. Baasa descansou com seus pais.** O reino de Baasa teve um fim ignóbil, e ele foi substituído por seu filho Elá. Podemos considerar Elá uma cópia do pai. Com base no versículo 7, parece que o ministério profético de Jeú continuou através do reinado de Elá. Bendito é o rei cujo profeta é seu conselheiro, mas maldito é aquele que não dá ouvidos ao seu profeta.

**c) Elá de Israel. 16:8-10.**

**8. No vigésimo sexto ano de Asa, rei de Judá, Elá, filho de Baasa, começou a reinar.** O reinado de Elá (886-85 A.C.), curto e infeliz, durou apenas um ano e terminou com morte violenta. Zinri, um dos capitães da guarda do próprio Elá, conspirou contra ele e o matou.

**9. Achaca-se Elá em Tirza bebendo e embriagando-se em casa de Arsa.** Elá e Belsazar tinham pelo menos isto em comum: ambos foram assassinados enquanto se embriagavam. **Arsa.** O mordomo do seu palácio, que fez os arranjos para a bebedeira e sem dúvida participou da conspiração.

**10. Entrou Zinri, e o feriu.** Assim a terceira dinastia tomou o trono de Israel - se, é claro, uma linhagem que governou apenas sete dias pode merecer o nome de dinastia.

**d) Zinri de Israel. 16:11-20.**

**11. Tanto que começou a reinar... feriu a todos os descendentes de Baasa.** Em cumprimento às palavras do profeta Jeú, Zinri destruiu

não apenas os parentes do seu predecessor, mas também os seus amigos (vs. 12, 13).

**15. No ano vigésimo sétimo de Asa, rei de Judá, trinou Zinri sete dias em Tirza (885 A.C.).** O mais curto reinado dos reis de Israel ou Judá – apenas uma semana!

**17. Subiu Onri de Gibetom, e todo o Israel com ele, e sitiaram Tirza.** As notícias andavam bem mais devagar do que hoje em dia, mas finalmente a traição de Zinri chegou aos ouvidos do povo de Gibetom. Liderados por Onri, marcharam contra Tirza, a capital.

**18.** Quando Zinri se viu cercado pelas forças de Onri, escondeu-se no castelo, fechou -as portas e ateou fogo na casa, morrendo.

**19. Por causa dos seus pecados que cometera, fazendo o que era mau perante o Senhor.** A causa principal do terrível e rápido fim de Zinri fica assim declarado. Ele foi visitado pelo juízo divino.

#### **e) Onri de Israel. 16:21-28.**

**21. Então o povo de Israel se dividiu em dois partidos.** Ocorreu agora um segundo cisma. Durante algum tempo pareceu que a nação de Israel poderia ficar dividida em três em lugar de duas partes. Agora o povo do norte organizou-se em dois blocos iguais, um esposando a causa de Onri, o outro defendendo a causa de Tibni. **Tibni** só ficou identificado assim.

**22. Mas o povo que seguia Onri prevaleceu contra o que seguia Tibni . . .** Tibni morreu e passou a reinar Onri. Onri não entrou na posse do trono de Israel imediatamente mas foi obrigado a lutar por ele. De acordo com Josefo (*Antiq.* VIII. 12.1), Tibni foi morto por seus oponentes. Mas esse significado não é o que somos obrigados a deduzir das palavras **Tibni morreu**. Deve-se, entender que este encontrou a morte nos árduos conflitos que se seguiram ao cisma, cinco anos mais tarde.

**23. No ano trinta e um de Asa, rei de Judá, Onri começou a reinar sobre Israel.** Onri (880-874) foi um hábil governante sob

diversos aspectos. A mancha no seu caráter é que não se afastou dos pecados de Jeroboão.

**24. De Semer comprou ele o monte de Samaria por dois talentos de prata.** Sobre esse monte estabeleceu uma cidade fortificada, e deu-lhe o nome do antigo proprietário do monte, Semer. Sem dúvida as ruínas resultantes do incêndio de Zinri foram um dos fatores que tomaram altamente desejável, se não absolutamente necessária, uma nova capital.

**28. Onri descansou com seus pais, e foi sepultado em Samaria.** Sua nova capital foi o local do seu sepulcro.

## **B. Desde Acabe até a Ascensão de Jeú. I Reis 16:29 - II Reis 9:10.**

### **1) Começo do Reinado de Acabe em Israel. 16:29-34.**

**29. Acabe, filho de Onri, começou a reinar sobre Israel no ano trigésimo oitavo de Asa, rei de Judá.** Acabe (874-853 A.C.), hábil governante sob muitos aspectos, foi não somente contaminado pelos pecados de Jeroboão, mas também com as práticas idólatras da princesa com quem se casou.

**30. Fez Acabe, filho de Onri, o que era mau perante o Senhor, mais do que todos os que foram antes dele.** Esta é a sóbria avaliação do historiador sobre a infame carreira de Acabe.

**31. Tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios.** Este casamento foi sem dúvida principalmente uma manobra política, baseada no antigo tratado de paz entre Israel e Sidom sob o reinado de Salomão. E Acabe talvez pensasse que estava parcialmente justificado nessa união. Entretanto, a cruel e licenciosa adoração de Baal, de tal maneira tinha permeado Tiro e Sidom que sua infiltração em Israel através de Jezabel foi inevitável. O termo **Baal**, a palavra hebraica para "senhor" e "mestre", era empregada de maneira mais ou menos indiscriminada para com diversos deuses nacionais. O Baal de Tiro, contudo, era Melcarte, o principal deus dos tiros. Jezabel fazia o papel de

principal sacerdotisa do Baal de Tiro. Melcarte era o tipo de deus que exigia o sacrifício de inocentes criancinhas queimadas sobre o seu altar. Um dos motivos latentes porque Baal era adorado, era a crença de que ele era o senhor da terra. Para induzi-lo a enviar chuva à terra, realizavam-se os cultos à fertilidade e ofereciam-se sacrifícios. Talvez Jezabel, que nascera e fora criada como princesa pagã, pudesse ser desculpada por seguir tal religião. Mas não havia nenhuma justificação para Acabe permitir que sua esposa introduzisse essa hedionda religião na vida de Israel.

**32. Levantou um altar a Baal, . . . em Samaria.** Somaria, a capital do Reino do Norte, tornou-se agora um dos centros da adoração a Baal.

**33. Também Acabe fez um poste-ídolo (E.R.C., um bosque).** De acordo com G. Ernest Wright, Jezabel talvez imaginasse que o poste-ídolo representasse não simplesmente um culto prestado a Baal, mas à esposa deste.

**34. Em seus dias Hiel, o betelita, edificou a Jericó.** A antiga cidade de Jericó, arruinada pelos israelitas no tempo de Josué, foi agora reconstruída, com o cumprimento da maldição contra ela pronunciada por Josué (Js. 6:26). Uma opinião mais antiga é que Hiel na realidade ofereceu seus dois filhos como "sacrifícios" pelos alicerces. De acordo com um ponto de vista mais atual, as vidas dos rapazes foram cortadas como visitação divina sobre Hiel, por causa de sua desobediência em restaurar a cidade que Deus amaldiçoara.

## **2) O Ministério de Elias, a Vocação de Eliseu. 17:1 – 19:21.**

### **1 Reis 17**

#### **a) Elias Prediz a Seca. 17:1-8.**

**17:1. Então Elias, o tesbita, . . . disse a Acabe.** Como o aproximar-se de um meteoro iluminando o céu negro da meia-noite, assim foi a entrada de Elias nas trevas da noite espiritual de Israel. Com

a chegada de Elias, o processo da revelação direta, interrompido desde os dias de Josué, recomeçou. Substituindo o culto a Jeová em Israel pelo culto a Baal, Jezabel desafiara a existência do Deus vivo. A resposta ao culto a Baal foi o poderoso profeta, Elias (*meu Deus é Javé ou Jeová*), o tesbita. Tesbe ficava em Gileade, entre os rios Jarmuque e Jaboque na Transjordânia. **Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, perante cujo face estou.** Com esta fórmula introdutória, Elias anunciou que a disciplina ia se fazer sentir sobre Acabe e Jezabel em particular, e sobre a terra de Israel. O castigo seria na forma de uma seca de três anos e seis meses de duração. Observe a particularidade desta medida punitiva. O povo de Israel se afastara de Jeová para seguir os deuses populares dos Baalins, os deuses do culto à fertilidade. Os israelitas precisavam que se files lembrasse que Jeová, o Deus de Israel, controla os elementos e portanto toda a fertilidade e vida. Por isso a chuva seria impedida de cair sobre a terra.

**2, 3. Veio-lhe a palavra do Senhor, dizendo: Retira-te daqui, vai para a banda do oriente.** Isto é, oriente de Samaria, na direção do Jordão. O regato de Quente é um dos diversos regatos que deságuam no Jordão. Embora sua exata identificação seja desconhecida, a tradição o localiza no Wadi el Kelt. Este local constituiu um esconderijo adequado para Elias fugir à ira de Acabe e Jezabel; ele também sustentou Elias durante a fome, pois bebia água do regato e era alimentado por corvos duas vezes ao dia.

#### **b) Elias em Sarepta. 17:9-24.**

**9. Dispõe-te, e vai a Sarepta.** Depois que a água do regato esgotou-se, Deus ordenou ao Seu servo Elias que fosse à cidade de Sarepta, onde uma viúva recebera ordens de sustentá-lo. **Sarepta** (na LXX) era uma pequena aldeia situada junto ao Mar Mediterrâneo entre Tiro e Sidom.

**10. Então ele se levantou e se foi.** Quando da sua chegada, foi recebido com o quadro de uma viúva preparando sua última refeição



para ela própria e seu filho. Seu pedido de água, embora razoável em circunstâncias normais, talvez fosse um teste de fé. Quando a mulher estava para oferecer ao profeta um pouco de água, ele também lhe pediu um pedaço de pão (v. 11).

**12. Tão certo como vive o Senhor teu Deus nada tenho cozido.** Ela revelou assim que reconhecia o estranho como um profeta de Deus. Ao mesmo tempo ela estava provocando uma maldição divina sobre si mesma, se as palavras que acabara de proferir não fossem verdadeiras, isto é, que ela e seu filho estavam para comer sua última refeição.

**13. Elias lhe disse: Não temas; vai, e faz o que disseste.** Com sua obediência em alimentar o profeta, a mulher trocou a incerteza pela certeza, a fome pela fartura, a morte pela vida.

**14. A farinha da panela não se acabará.** As proféticas palavras de certeza proferidas pelo homem de Deus foram o critério da conduta da mulher, que com indiscutível obediência executou as ordens do profeta. Considerando que ela era gentia, sua fé foi incomparável. Encontramos nosso Senhor referindo-se a ela em Lc. 4:26.

**16. Da panela a farinha não se acabou.** É mais do que inútil tentar atribuir alguma coisa natural para o suprimento inesgotável do azeite e da farinha da mulher. O ministério de Elias foi marcado de milagres. Neste caso Deus interveio sobrenaturalmente para preservar a vida desta mulher, de sua família e do profeta.

**17. Depois disto adoeceu o filho da mulher.** Na antiguidade a doença era considerada como visitação divina para chamar a atenção para algum pecado (v. 18). A atitude de Elias aqui prova que esta doença não foi um juízo por causa de pecado. 20, 21. Tomando a criança morta, o profeta retirou-se para o seu quarto, onde invocou a Deus para restauração da vida.

**22. O Senhor atendeu à voz de Elias.** A fé confiante de Elias levava em si a certeza de ser ouvida. Este é o primeiro genuíno e indiscutível exemplo de ressurreição dos mortos no V.T.

**24. Então a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus.** Todos os sem temores e dúvidas foram dissipados. As reivindicações de Elias como profeta ficaram comprovadas.

## **1 Reis 18**

### **c) Elias Encontra-se com Obadias. 18:1-16.**

**1. Veio a palavra do Senhor a Elias no terceiro ano.** O ano de estada em Sarepta se completou e Elias retornou para apresentar-se a Acabe. A fome agora estava no auge. Tão calamitosos e devastadores foram seus efeitos sobre a vegetação de Israel, que o gado já não encontrava mais local de pasto. Então Acabe partiu à procura de possíveis pastos. Em desespero de causa, enviou seu servo Obadias por um caminho, enquanto ele mesmo partiu por outro.

**7. Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele.** A duração da fome, de acordo com Lc. 4:25 e Tg. 5:17, foi de três anos e seis meses. Terminado esse período, Deus mandou que Elias se apresentasse a Acabe. Obadias. O superintendente ou mordomo do palácio de Acabe, um homem temente a Deus, que não deve ser confundido com o autor do livro de Obadias. Foi este mordomo que escondeu de Jezabel cem profetas de Deus (v. 4). A matança mencionada no versículo 4 torna a ser citada em 18:13, mas não mais. Jezabel ficara duplamente aborrecida, primeiro por causa da fome, e depois por causa de sua incapacidade de apanhar Elias. Por isso ela deu vazão a sua raiva sobre as cabeças dos infelizes profetas de Jeová.

**8. Vai, e dize a teu senhor: Eis que Elias está aí.** Com estas dramáticas palavras Elias anunciou sua determinação de aparecer diante do rei.

**9-16. Porém ele disse: Em que pequei?** Obadias protestou dizendo, que se fosse portador de tais notícias a Acabe poderia lhe custar a vida, especialmente se o Espírito de Deus arrebatasse Elias. Seus temores não eram de todo desprovidos de base, conforme podemos verificar de II Reis 2, onde lemos que Elias foi arrebatado e levado para

o outro mundo em um carro de fogo. No entanto, o profeta assegurou ao atemorizado Obadias que realmente pretendia defrontar-se com Acabe naquele mesmo dia.

**d) A Prova no Carmelo. 18:17-40.**

*Acabe Confrontado com Elias. 18:17-20.*

**17. És tu, ó perturbador de Israel?** A conduta de Acabe foi mais infantil que perversa, quando petulantemente acusou o homem de Deus de perturbar a terra de Israel. Elias enfrentou as insinuações de Acabe francamente, devolvendo a acusação diretamente.

**18. Fez o rei se lembrar que não era ele, Elias, que era o perturbador, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor, e seguistes os Baalins.**

**19. Monte Carmelo.** Um maciço de montanhas de beleza extraordinária, formado de muitos picos e cortado por centenas de gargantas grandes e pequenas. Estende-se por cerca de 20,9km na direção do sudeste, e sua ponta ocidental desemboca abruptamente no Mediterrâneo, perto de Haifa. Sobre um dos promontórios, Elias estabeleceu o campo da "batalha dos deuses", entre os deuses dos fenícios pagãos, representados pelos Baalins, e Jeová, o Deus vivo. É provável que o profeta escolhesse este local, em primeiro lugar por causa de sua proeminência geográfica natural, mas também porque era terreno litigioso entre Israel e a Fenícia, e porque os cananeus acreditavam que o Monte Carmelo era lugar especialmente habitado pelos deuses. Se esta interpretação é correta, Elias, como os santos antes e depois dele, teve a coragem de lutar contra "o espírito do mal nos ares", lá do alto do próprio Carmelo. Tão confiante ele estava do resultado que tornou a vitória o mais difícil possível para si mestria e sua causa, desafiando Baal a que fosse o vitorioso.

*Elias Desafia Israel. 18:21-24.*

**21. Então Elias se chegou a todo o povo.** Depois de reunir o povo de Israel, Elias apresentou-lhe o seu desafio. Até quando coxeareis entre

dois pensamentos? Antes, *Até quando titubeareis entre as duas ramificações da estrada?* Seja qual for a tradução escolhida, o significado é cristalino. A questão estava diante deles. Uma decisão definida tinha de ser tomada. Se Baal fosse Deus, Jeová tinha de ser renunciado. Se Jeová devia reinar como Deus, Baal e todos os seus cultos tinham de ser abandonados. Muitos em Israel foram provavelmente tentados a se comprometerem com ambos. Elias, que não deixava lugar ao compromisso duplo, viu claramente o caráter radical das duas posições e exigiu uma decisão definida. Homens assim sempre preferem as bênçãos divinas apesar da impopularidade temporária com as massas.

*A Proposta de Elias aos Profetas de Jezabel. 18:25-35 .*

**25. Disse Elias aos profetas de Baal: Escolhei para vós outros um dos novilhos.** Depois do sinistro silêncio do povo, Elias continuou apresentando sua proposta, tão simples quanto direta. As duas facções que se opunham (450 adoradores de Baal contra um representante do culto a Jeová), deviam ambas preparar cada uma o seu sacrifício, erigindo um altar e colocando nele o animal sacrificial preparado. Só o fogo não seria ateadado. A prova era clara e inequívoca – "o deus que responder por fogo esse é que é Deus" (v. 24).

**26. Invocaram o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia.** Com medidas cada vez mais frenéticas, os adoradores de Baal tentaram coagir o senhor da atmosfera a lhes responder com fogo, de acordo com as regras estipuladas.

**27. Elias zombava deles.** Estas palavras, que à primeira vista podem parecer engraçadas, foram pronunciadas com a mais profunda ironia e sarcasmo. Fazendo zombaria, Elias sugeriu que Baal, o seu deus, talvez estivesse dormindo ou caçando.

**28. E eles clamavam em altas vozes, e se retalhavam com facas e com lancetas.** Eles se entregaram a um êxtase de loucura. Tal condição não é desconhecida hoje em dia entre certos dançarinos dervixes. Para tornar Baal mais propício, não hesitaram em mutilar seus próprios corpos

até que começou a brotar sangue. Mas apesar de seu mais frenético empenho, não receberam resposta, pois clamavam a ouvidos surdos.

**30. Então Elias disse . . . Chegai-vos a mim.** Confiantemente, com calma e segurança, o profeta agora continuou invocando o único Deus verdadeiro, o Deus de Israel. Para construção do seu altar, ele escolheu doze pedras – uma para cada uma das tribos de Israel. Embora política e socialmente divididas, na mente de Deus elas continuavam sendo um único povo, com um só Senhor e uma esperança messiânica. Portanto, Elias construiu o altar com exatamente doze pedras, como testemunho delas e contra elas. À volta do altar abriu uma fossa bastante grande para conter duas medidas, isto é, dois alqueires de sementes (medida para secos).

**35. De maneira que a água corria ao redor do altar; ele encheu também de água o rego.** Terminando os arranjos para o sacrifício, Elias fez o estranho pedido de ensopar o altar com água três vezes, até que o rego transbordou. Isto foi feito para provar a validade absoluta do milagre que ia se seguir. Elias insistiu em tornar a prova o mais difícil possível para Deus, para que a resposta pudesse destacar-se em contraste mais claro e mais agudo com a impotência de Baal e seus profetas.

*A Oração de Elias e Sua Resposta. 18:36-39.*

**36, 37. Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel.** A extrema brevidade, embora absoluta sinceridade, da oração de Elias, torna-se notável quando comparada com os gritos, pulos e danças frenéticas dos adoradores de Baal. O profeta simplesmente fez Deus se lembrar que ele não estava inventando este aparentemente estranho procedimento, mas que o executara por ordem divina.

**38. Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto.** Tão intenso foi o fogo divino, que devorou as pedras do altar e até lambeu toda a água que transbordava do fosso. A intervenção sobrenatural na resposta à oração da fé do profeta de Deus resolveu a questão.

**39. O povo, lembrando-se dos termos do duelo espiritual, gritou: O Senhor é Deus!**

**40. Lançai mão dos profetas de Baal, que nem um deles escape.**

O fato de Elias ter matado os profetas de Baal tem sido um ponto discutido pelos críticos. Vamos nos lembrar que esta matança foi em represália da matança dos profetas de Jeová feita por Jezabel, e que a morte era a penalidade prescrita por Deus para a adoração de ídolos (Dt. 13: 13-15). **Quisom.** Um riacho que nasce no Monte Tabor e desce para o Mediterrâneo. Junto desse riacho Elias matou os sacerdotes de Baal.

**e) O Fim da Seca. 18:41-46.**

**41. Sobe, come e bebe.** Para que o povo soubesse que a seca não era simplesmente uma coincidência infeliz da natureza, mas que tinha vindo particularmente como medida disciplinatória, terminou agora tal como começou – à ordem do homem de Deus (Tg. 5:18).

**43. Sobe, e olha para a banda do mar. O mar** era o Mediterrâneo. As águas ofuscantes do mar podiam ser claramente vistas das alturas do Carmelo. Seis vezes o servo de Elias foi enviado ao alto da montanha para observar a vinda da chuva. Em todas ficou desapontado.

**44.** Mas na sétima ele retornou com a notícia: "Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem".

**45a.** Os céus se escureceram com nuvens e vento. A nuvem "pequena como a palma da mão do homem" cresceu rapidamente até que os céus ficaram cobertos com ela. Relâmpagos cortaram o céu como serpentes e os trovões rolaram pelas ravinas do Carmelo, enquanto a terra aguardava ressequida a chuva bem-vinda.

**45b.** Jezreel, localizada sobre o esporão do Monte Gilboa, era a capital de inverno de Acabe.

**46. A mão do Senhor veio sobre Elias . . . e correu adiante de Acabe.** Elias celebrou assim o triunfo divino. Que bom que ele não sabia que provas severas teria de enfrentar logo mais.

**1 Reis 19****f) A Fuga de Elias para Horebe. 19:1-18.**

**1. Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito.** Quando Jezabel ficou sabendo da morte dos seus profetas, sua fúria não teve limites. Sua reputação como sacerdotisa do culto a Baal estava em jogo.

**2. Então Jezabel mandou um mensageiro a Elias.** Jezabel sem dúvida pretendia cumprir cada uma das palavras de sua ameaça e tencionava punir Elias severamente. A essência de sua sinistra mensagem foi que lhe faria no dia seguinte exatamente o que ele fizera aos profetas dela.

**3. Elias, levantou-se, para salvar sua vida, se foi . . . a Berseba.** A cidade que fica no extremo sul de Judá. Elias fugiu do Reino do Norte para o reino mais benevolente de Josafá. Ele não foi simplesmente para Judá propriamente dita, mas "para os confins da civilização" - para Berseba.

**4. Elias mesmo, porém, se foi ao deserto.** Isto é, o Neguebe ao sul de Judá. Não se dando ao luxo do conforto da cidade, obviamente por temer ser encontrado por um dos espiões de Jezabel, retirou-se para o deserto. Ali, totalmente desanimado, não percebendo que Deus operava seus desígnios providenciais, Elias pediu a morte. **Zimbro.** Um gênero de conífera, sob o qual Elias encontrou refúgio e recolhimento.

**5. Eis que um anjo o tocou.** O cuidado amoroso de Deus para com o seu profeta esgotado está evidente aqui. As experiências emocionais pelas quais o profeta tinha acabado de passar deixaram nele as suas marcas.

**8. Levantou-se . . . caminhou . . até Horebe, o monte de Deus.** Fortalecido pelas milagrosas provisões, Elias retirou-se para o Horebe, uma montanha na Arábia, perto do Monte Sinai (Êx. 3:1; 33:6). **O monte de Deus.** Isto é, o monte sobre o qual a Lei fora dada a Moisés (Êx. 19:20).

**9a. Ali entrou numa caverna, onde passou a noite.** A experiência no cume do Monte Carmelo estava longe desta outra entre os duros penhascos do Horebe. Aquele cuja oração fizera Deus mover os

elementos, estava agora escondido por causa da raiva de uma mulher. No entanto, ele não teria de passar o resto de seus dias como um fugitivo, caçado por Jezabel e Acabe. Baal fora derrotado; Jeová estava no trono. E Deus ainda tinha alguma coisa para Elias fazer.

**9b. Que fazes aqui, Elias?** Um chamado divino e também uma pergunta.

**10. Tenho sido zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos.** Sozinho e solitário ele lastimou sua sorte diante do Senhor. Se essas palavras não fossem enunciadas em Um estado de angústia, teriam sido indesculpáveis. Mas Deus trata com amor seus filhos quando estão esgotados. As palavras do profeta tomadas ao pé da letra o que não podemos fazer - praticamente acusam Deus de infidelidade. **E eu fiquei só.** Veja o comentário de Paulo sobre esta experiência (Rm. 11:2-4).

**12. Depois do fogo um cicio tranqüilo e suave.** No hebraico *um som de suave tranqüilidade*. Em agudo contraste com as tremendas manifestações da natureza que se moviam de maneira tão catastrófica diante do Senhor, o próprio Senhor falava agora mansamente. O som de suave *tranqüilidade* convidou Elias a sair da caverna onde estava escondido para se apresentar a Deus face a face.

**15-18. Disse-lhe o Senhor: Vai, volta ao . . . deserto de Damasco.** Agora Deus transmitiu a Elias uma tarefa tripla: 1) ungir Hazael rei sobre a Síria (cons. II Reis 8:7-15); 2) ungir como novo rei sobre Israel, a Jeú, filho de Ninsi (cons. II Reis 9:1-10); 3) nomear seu próprio sucessor, Eliseu, o filho de Safate. Esses três indivíduos, embora diferindo em vocação e caráter, estariam contudo ligados para humilhação e vergonha da casa de Acabe.

#### **g) A Unção de Eliseu. 19:19-21.**

**19. Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate.** Eliseu significa, literalmente, *Meu Deus é salvação*. O lugar exato onde Eliseu se encontrava na ocasião de sua vocação não está declarado, embora seu lar tenha sido em Abel Meolá, ao norte do Vale do Jordão.



Elias jogou seu manto sobre ele, um ato simbólico que significava que o poder e a autoridade de Elias, o profeta que se aposentava, passariam para o jovem profeta, Eliseu.

**20. Deixa-me beijar a meu pai e a minha mãe.** Ficamos admirados diante da rude resposta de Elias a um pedido aparentemente razoável, até nos lembrarmos que as festas de despedida no Oriente às vezes levam dias e até mesmo semanas.

**21. Voltou Eliseu de seguir a Elias.** Apesar da recusa abrupta do versículo 20, o mau jovem recebeu permissão de dar um adeus rápido a sua família e amigos. A festa preparada para a ocasião foi sem dúvida em homenagem de Elias, o profeta idoso, além de ser uma despedida. **Então se dispôs e seguiu a Elias, e o servia.** A primeira das ordens recebidas no Horebe acabava de ser cumprida por Elias. Estava assegurada a continuação do ministério profético na pessoa de Eliseu, filho de Safate, depois da assunção de Elias.

### 3) Últimos Anos do Reinado de Acabe e Sua Morte. 20:1 - 22:40.

#### 1 Reis 20

##### a) A Guerra com a Síria – O Cerco de Samaria. 20:1-21.

**1. Ben-Hadade, rei da Síria, ajuntou todo o seu exército. Ben-Hadade.** Mais um título do que um nome próprio. Ben-Hadade I, retornando a luta contra Israel, resolveu agora cercar a capital de Samaria.

**2. Enviou mensageiros . . . a Acabe.** Ofereceu condições para a paz que se comprovaram ser inteiramente inaceitáveis para Israel.

**3.** Em primeiro lugar Ben-Hadade exigia as esposas e os filhos de Acabe, sua prata e seu ouro. Acabe relutantemente concordou em render-se. Então Ben-Hadade ampliou suas exigências descabidas.

**6.** Declarou que enviaria também seus servos para esquadrinhar a casa particular do rei e tirar tudo o que desejassem. Acabe respondeu

com uma nota diplomática entremeada de termos de cortesia oriental, mas rejeitando suas exigências.

**7. Então o rei de Israel chamou a todos os anciãos.** O rei declarou-lhes as exigências injustas do opressor sírio, Ben-Hadade. Tiveram de enfrentar um dilema: 1) Recusar essas exigências injustas e prolongar assim o cerco? Ou 2) concordar e permitir que esse bandido, que se intitulava rei, pilhasse sua cidade?

**8. Todos os anciãos. . . lhe disseram : Não lhe dêis ouvidos.** Os representantes do povo ficaram com o rei na sua decisão.

**9. Pelo que disse aos mensageiros de Ben-Hadade: Dizei ao rei, meu senhor.** Usando a linguagem respeitosa de um hábil diplomata, Acabe rejeitou os termos da rendição.

**10. Façam os deuses como lhes aprouver.** A arrogante jactância do monarca sírio declarava que havia mais soldados armados com ele do que punhados de terra em Samaria – um exagero oriental para falar do número de soldados liderados por ele e pelos trinta e dois reis (v. 1; nada mais especificado), seus aliados.

**11. Não se gabe quem se cinge como aquele que vitorioso se descinge.** Um ditado oriental que significa: *Que aquele que começa uma luta não se vanglorie prematuramente da vitória.*

**12. Tendo Ben-Hadade ouvido esta resposta, quando bebiam . . . disse . . . Ponde-vos de prontidão.** A embriaguez costuma geralmente criar um falso sentimento de confiança, conforme se vê na atitude de Ben-Hadade. **Nas tendas,** as barracas dos soldados sírios. **De prontidão.** *Tomem suas posições* (RSV). *Ataquem* (Berkeley). Assim Ben-Hadade deu ordens para se começar a batalha.

**13. Eis que um profeta se chegou a Acabe.** O profeta, anônimo, dirigiu a atenção de Acabe para a grande multidão que se lhe defrontava, não contudo para desencorajá-lo, mas para incentivá-lo. **Pois hoje a entregarei nas tuas mãos.** Esta surpreendente promessa de livramento divino baseava-se não sobre a fidelidade de Acabe, mas simplesmente no cuidado amoroso que Deus tinha por Seu povo.

**14.** Depois de ficar sabendo que poderia dirigir a batalha, Acabe convocou o exército, cerca de 7.000 homens.

**16.** Então, ao meio-dia, ele atacou estrategicamente, durante o tradicional período de repouso, quando Ben-Hadade e seus aliados estavam bebendo em suas tendas. Com este ataque de surpresa, Acabe lançou a confusão dentro do exército sírio e o pôs em debandada.

**20.** Ben-Hadade fugiu no seu cavalo. Mas seu exército foi dizimado.

### **b) A Advertência do Profeta. 20:22-30.**

**22. Então o profeta se chegou ao rei.** Deus advertiu Acabe de que por mais brilhante que fosse a vitória, não fora o fim da luta. Ben-Hadade voltaria.

**23. Seus deuses são deuses dos montes.** Essas palavras traem a falta de conhecimento que os sírios tinham da onipresença de Deus. As divindades sírias eram deuses do vale; por isso os servos de Ben-Hadade sugeriram que deviam recomeçar o conflito no vale. Esta insinuação sobre os "deuses" de Israel seria severamente corrigida nas mentes dos sírios pelo próprio Jeová (v. 28).

**26. Decorrido um ano, Ben-Hadade passou revista aos sírios.** Sem dúvida foi no começo da primavera que a luta foi renovada. **Afeque.** Hebraico, *uma fortaleza*. Há pelo menos quatro lugares que receberam o nome de **Afeque**. Parece que esta era uma cidade sobre o planalto a leste do Mar da Galiléia, onde Ben-Hadade teve o seu encontro com a fatalidade.

**28. Chegou um homem de Deus.** Tendo os -sírios pensado que o Deus de Israel limitava-se às colinas, tiveram de aprender que o poder de Jeová se encontra por toda parte.

**29. Sete dias estiveram acampados uns defronte dos outros.** Não sabermos o motivo exato da delonga. Talvez estivessem analisando a posição um do outro por meio de espias. No sétimo dia as hostilidades começaram. Foram os sírios – para surpresa sua – e não os israelitas que

foram derrotados e arrasados. Ben-Hadade escapou e escondeu-se em uma sala secreta de sua cidade.

**c) Ben-Hadade Poupado por Acabe. 20:31-34.**

**31. Eis que temos ouvido que os reis . . . de Israel são reis dementes.** Nas guerras orientais, a vitória não estava completa até que o líder, neste caso Ben-Hadade, fosse executado. Os servos de Ben-Hadade aconselharam-no a apelar para a misericórdia de Acabe. Deve-se notar que a misericórdia dos reis de Israel era maior do que a dos reis das nações inimigas ao redor.

**32. Então se cingiram com sacos pelos lombos. Sacos e cordas** eram sinais de submissão penitente. Lisonjeado com o elogio dos sírios, Acabe consentiu que Ben-Hadade ficasse vivo. **É meu irmão.** Estas palavras dão a entender uma disposição de fazer uma aliança.

**33. Aqueles homens tomaram isto por presságio, valeram-se logo dessa palavra.** Treinados na técnica de discernir os caprichos da vontade real, os servos consideraram a incerteza de Acabe como bom presságio e rapidamente se agarraram a ela. Assim Acabe se obrigou por meio de um juramento de salvar a vida de Ben-Hadade. Isto não foi apenas a maior das injustiças para com seus próprios súditos mas oposição declarada a Deus, que previna a vitória e entregara o inimigo em suas mãos (Keil e Delitzsch, pág. 267).

**34. As cidades que meu pai tomou . . . eu tas restituirá.** Em lugar de aproveitar a oportunidade de esmagar a Síria de uma vez por todas, Acabe permitiu que Ben-Hadade, dentro dos termos deste acordo, partisse em paz. Fez com ele afiança e o despediu. Sem dúvida Acabe poupou a Síria para que servisse de pára-choque entre Israel e o crescente poder da Assíria.

**d) A Reprimenda do Profeta. 20:35-43.**

**35. Então um dos discípulos dos profetas disse.** A instituição das escolas dos profetas já era coisa bem estabelecida em Israel naquele

tempo. **Esmurra-me; mas o homem recusou fazê-lo.** O profeta queria transmitir um sermão de repreensão por meio de uma parábola. Por isso pediu a seu companheiro que o esmurrasse. O outro profeta, entretanto, recusou-se a fazê-lo e foi, por castigo, morto por um leão (v. 36).

**37. O profeta pediu a outro companheiro que o esmurrasse.** Dessa vez o pedido foi atendido; o terceiro profeta esmurrou o primeiro e o feriu.

**38. Então se foi o profeta, e se pôs no caminho do rei.** Disfarçado, o profeta aguardou que o rei passasse a fim de lhe transmitir uma mensagem de censura vinda do Senhor.

**39. Ao passar o rei, gritou e disse.** Em uma forma parabólica, o profeta apresentou agora uma situação hipotética, a qual Acabe, não reconhecendo a identidade do profeta, aceitou como verdadeira. O profeta disse que um soldado de Israel lhe entregara um prisioneiro de guerra com a recomendação de que se o prisioneiro fugisse, ele, o soldado imaginário, daria a sua própria vida ou um talento de prata (US\$ 2,000).

**40. Quase sem hesitação.** Acabe apresentou o veredito de culpado e disse ao profeta disfarçado que ele devia escolher entre as duas alternativas.

**41. Então se apressou, e tirou a venda de sobre os seus olhos.** Sendo removido o disfarce, Acabe reconheceu no "soldado" o profeta de Deus. O profeta agora voltou o veredito de Acabe contra o próprio rei. O prisioneiro de guerra entregue em suas mãos fora Ben-Hadade. Tal como rei julgara o "soldado" negligente em deixar o prisioneiro escapar, assim o profeta condenava o rei com a mesma acusação.

**42. Assim diz o Senhor: Porquanto soltaste da mão o homem que eu havia condenado.** Este versículo não foi escrito para ensinar moral cristã em situações envolvendo prisioneiros de guerra. Antes o princípio espiritual apresentado é que os crentes não devem tolerar, nem mesmo em nome da misericórdia, as forças de Satanás. Estivera no poder de Acabe dar um fim na luta de vida e morte entre a Síria e Israel. Agora,

com a liberdade de Ben-Hadade, a luta continuaria, com resultados desastrosos.

**43. Foi-se o rei de Israel para sua casa, desgostoso e indignado.** Acabe retirou-se para Samaria truculento e melancólico. Ai daquele que, mesmo inocente, cruzasse o escuro caminho de Acabe, conforme vemos no capítulo 21.

## 1 Reis 21

### e) Acabe, Jezabel e a Vinha de Nabote. 21:1-16.

**1. Nabote, o jezeelita, possuía uma vinha ao lado do palácio que Acabe ... tinha.** Nabote não é mencionado em nenhum outro lugar a não ser neste capítulo. Era um judeu temente a Deus, proprietário de uma vinha em Jezreel que fazia limites com o palácio de inverno do Rei Acabe.

**2. Disse Acabe a Nabote: Dá-me a tua vinha.** Acabe tinha, é claro, direitos legais e morais de tentar comprar a vinha de Nabote. Sua grande transgressão estava em ter deixado de respeitar o direito e privilégio do seu vizinho de recusar sua oferta. A Bíblia nada conhece da hedionda doutrina política de que o indivíduo existe para o estado. Acabe fez uma proposta de negócio ao seu vizinho, oferecendo-lhe pagar pela propriedade em dinheiro ou trocá-la por outra vinha.

**3. Guarde-me o Senhor.** Nabote recusou-se, com base na religião, a vender a vinha a Acabe porque Deus proibira aos judeus de venderem sua herança de família (Lv. 25:23-28; Nm. 36:7 e segs.).

**4. Então Acabe veio desgostoso e indignado para sua casa.** Com modos emburrados e infantis, o rei voltou para o seu palácio, desanimado diante da recusa de Nabote.

**7. Então Jezabel, sua mulher, lhe disse.** Notando os ares birrentos de Acabe, Jezabel, induziu-o a lhe contar a causa dos seus problemas. Sua resposta foi cínica e irônica: **Governas tu, com efeito, sobre Israel?** Em outras palavras, você não exerce autoridade suprema? Que direito tem um dos seus súditos de lhe negar alguma coisa que você deseja? Já

notamos que Jezabel era uma mulher sem consciência. Acabe, satisfeito com o interesse de sua mulher, não percebeu o caráter sinistro de suas palavras : Eu te darei a vinha de Nabote.

**8. Então escreveu cartas em nome de Acabe.** Isto é, cartas com a insígnia real.

**9. Trazei a Nabote para a frente do povo.** Uma frase técnica para dizer que ele devia ser julgado. O veredito já estava predeterminado. Seria um pseudo julgamento com um simples aspecto de justiça. Mas para que, à vista do povo, desse a impressão de ser um julgamento leal, arranjou-se duas testemunhas, conforme pedia a Lei (Dt. 17:6, 7); mas eram falsas. A acusação técnica não foi simplesmente que Nabote se opusera ao rei, mas que tinha blasfemado contra o nome de Deus, um pecado do qual a própria Jezabel era notoriamente culpada. A penalidade para tal crime, se o homem fosse justamente condenado, era o apedrejamento (Lv. 24:16; Jo. 10:33). Depois de morta a vítima, costumava-se levantar uma pilha de pedras sobre a sua sepultura como testemunho de como morrera e o porquê.

**11. Os homens de sua cidade, os anciãos e os nobres . . . fizeram como Jezabel lhes ordenara.** Sempre há homens prontos a venderem seu testemunho por dinheiro a fim de que sirva aos maus propósitos daqueles que os alugam. Compare com os testemunhos dados no julgamento de Jesus (Mt. 26:60, 61). 13. E o levaram para fora da cidade e o apedrejaram. Nabote foi executado por um crime que jamais cometeu. E o Deus de toda a justiça observou a perversidade. Logo Acabe e Jezabel estariam no tribunal da eterna justiça, para serem devidamente julgados. Quando Acabe ficou sabendo que Nabote estava morto, imediatamente reclamou a vinha (v. 16).

#### **f) A Repreensão de Elias. 21:17-29.**

**17. Então vão a palavra do Senhor a Elias, o tesbita.** O Deus da verdade e da justiça, que vira o ato criminoso, enviava agora o seu

profeta com a mensagem do juízo. Observe que na estimativa divina Acabe era tão culpa(o quanto Jezabel.

**19. Mataste e ainda por cima tomaste a herança?** A sombra da justiça e do inevitável juízo estendeu-se agora por sobre a casa de Acabe.

**20. Já me achaste, inimigo meu?** A exclamação de Acabe revelou seu desânimo; ele percebeu que o seu pecado já fora descoberto. Tarde demais ele aprendeu que Deus julga nossos pecados à luz de Seu rosto (Sl. 90:8). **Respondeu ele: Achei-te.** Elias respondeu corajosamente à pergunta desesperada de Acabe e então continuou pronunciando a sentença. Acabe se transformara em desesperado escravo do pecado, conforme se deduz da explicação do profeta: **Porquanto já te vendeste para fazeres o que é mau perante o Senhor.**

**21. Eis que trarei o mal sobre ti.** A maldição pronunciada contra Acabe é idêntica àquela que foi pronunciada contra a casa de Jeroboão e contra Baasa (14:10, 11; 16:3, 4).

**23. Os cães conterão a Jezabel dentro dos muros de Jezreel.** Com referência ao terrível cumprimento desta profecia, veja comentário sobre II Reis 9:30-37. Por causa de seu arrependimento tardio, Acabe recebeu um pouco de respeito.

**25. Ninguém houve, pois, como Acabe, que se vendeu para fazer o que era mau.** Este é o sóbrio resumo que o historiador faz da vida, reinado e caráter de Acabe, filho de Onri, de Israel. Novamente vemos a figura notável mas terrível de Acabe vendendo-se como escravo de um mau senhor, com propósitos de lucro material. **Porque Jezabel, sua mulher, o instigava.** Estando casado com uma perversa companheira, a filha do rei de Tiro, Acabe preferiu não resistir-lhe. Os dois principais pecados de Acabe denunciados pelas Escrituras foram uma mente mercenária e a idolatria - dois males muito intimamente ligados entre si.

**27. Tendo Acabe ouvido estas palavras, rasgou suas vestes.** Sinceramente arrependido, Acabe vestiu-se agora de saco e cinzas e andava cabisbaixo diante do Senhor. Este não foi um arrependimento de



vida mas um afastamento temporário do pecado, para abrandamento da inevitável vingança temporal.

**29. Não viste que Acabe se humilha perante mim?** Mesmo um arrependimento insignificante e temporário, como este, desperta a misericórdia de Deus. As misericórdias do Senhor são infinitas. A plenitude da maldição divina não foi executada sobre Acabe como foi sobre Jezabel que não deu sinal de arrependimento.

## 1 Reis 22

### **g) A Batalha de Ramote de Gileade e a Derrota de Acabe. 22:1-4.**

**1. Três anos se passara sem haver guerra entre a Síria e Israel.** A renovação das hostilidades foi desencadeado desta vez por causa da aliança entre o norte e o sul, entre Acabe e Josafá. As duas nações israelitas aliadas recomeçaram a ofensiva contra Ben-Hadade.

**2. No terceiro ano desceu Josafá, rei de Judá, para avistar-se com o rei de Israel.** Em II Cr. 17:1 - 21:1 temos a narrativa completa do reinado do piedoso Josafá de Judá (co-regente 873-870 e sozinho 870-848 A.C.). Com propósitos políticos, Josafá, da linha de Davi, ignorou o grande abismo moral e religioso que separava os dois reinos e aliou-se com o Reino do Norte, governado por Acabe, filho de Onri.

**3. Não sabeis vós que Ramote de Gileade é nossa?** Ramote de Gileade, uma das cidades principais da tribo de Gade, ficava a leste do Jordão. Identifica-se hoje com Tell Ramith no norte da Transjordânia (Glueck). O objetivo imediato da projetada ofensiva de guerra era retomar a cidade de Ramote de Gileade.

**4. Irás tu comigo à peleja?** Acabe parecia muito satisfeito em receber a assistência do Sul no projeto em questão.

### **h) Profecia Falsa Versus Profecia Verdadeira. 22:5-18.**

**5.** Josafá, como rei verdadeiramente temente a Deus, demonstrou certa apreensão compreensível quanto à batalha à vista e queria não só a

concordância de Acabe, mas também a bênção de Jeová através da boca do Seu profeta.

6. Então o rei de Israel ajuntou os profetas, cem de quatrocentos homens. Estes quatrocentos não devem ser identificados com os quatrocentos profetas de Baal sob as ordens de Jezabel, os quais Elias já matara. Estes homens eram aparentemente profetas do Senhor, o que deduzimos do desejo de Josafá de procurar o conselho deles. Mas eles eram infiéis à sua vocação e prontos a torcer sua mensagem aos caprichos e vontades do perverso rei. **Eles disseram: Sobe, porque o Senhor a entregará nas mãos do rei.** Eles perceberam que esta era a mensagem que o rei mau desejava ouvir, mas a certeza que tinham da vitória foi demasiado fácil no entender de Josafá.

7. **Disse, porém, Josafá: Não há aqui ainda algum profeta do Senhor?** O rei de Judá suspeitava justificadamente da pronta e confiante declaração dos profetas. Por isso insistiu que se buscasse o conselho de mau um profeta.

8. **Há um ainda . . . porém eu o aborreço . . . Este é Micaías, filho de Inlá.** Micaías é a forma mais extensa de Miquéias (não deve ser confundido com o profeta do tempo de Isaías, cujo livro leva o seu nome). Josefo e os mestres rabinos supõem que Micaías seja o profeta anônimo que condenou Acabe por libertar Ben-Hadade (20:35 e segs.). Acabe mesmo declarou que odiava Micaías porque o profeta nunca profetizava nada de bom para ele, apenas o mal. **Disse Josafá: Não fale o rei assim.** Assim o rei de Judá rejeitou as objeções de Acabe e insistiu que Micaías fosse chamado.

10. **O rei de Israel e Josafá, rei de Judá, estavam assentados, cada um no seu trono, vestidos de trajas reais.** Antes que Micaías chegasse houve um interlúdio muito interessante. Outro falso profeta chamado Zedequias, filho de Quenaaná, apareceu para profetizar. Exibindo dois chifres de ferro simbólicos, ele previu que os dois reis empurrariam os sírios como se tivessem chifres, até derrotá-los

completamente. Este Zedequias deve, portanto, ser colocado entre os falsos profetas.

**13. O mensageiro que fora chamar a Micaías, falou-lhe, dizendo: ... fala o que é bom.** Em nome da diplomacia e da boa-vontade, mas obviamente não em nome da verdade, o mensageiro enviado a buscar Micaías rogou-lhe que transmitisse a sua mensagem de conformidade com os outros; isto é, que acabasse com a sua estabelecida reputação de ser o fornecedor de más notícias e que ao menos uma vez dissesse palavras encorajadoras aos reis aliados.

**14. Respondeu Micaías: Tão certo como vive o Senhor, o que o Senhor me disser isso falarei.** Eis aqui um profeta acima de considerações mercenárias, que não adaptava sua mensagem de acordo com a situação. Ele transmitia a mensagem do Senhor, e só bso ele declarava. Este profeta não se comprometeria como Zedequias e os outros tão prontamente fizeram.

**15. (O rei) lhe perguntou: Micaías, iremos a Ramote de Gileade à peleja?** O rei, com toda probabilidade, era Acabe, que estava mais ou menos encarregado da proposta expedição. A mesma pergunta apresentada aos outros foi feita a Micaías: Deviam ou não deviam prosseguir com os planos da batalha? **Sobe, e triunfarás.** O tom da voz de Micaías e os seus modos sem dúvida traíram o fato de estar ironizando - que pensava exatamente no oposto do que dizia.

**16. O rei lhe disse: Quantas vezes te conjurarei?** Percebendo claramente que Micaías falava com sarcasmo, Acabe agora suplicou-lhe, sob juramento, que falasse a verdade. O momento da brincadeira tinha passado; era hora de se falar com sobriedade.

**17. Então ele disse: Vi todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor.** Um quadro de desespero, confusão e tragédia. O pastor e líder, que era Acabe, estava para ser destruído e o povo disperso (Ez. 34:5; Zc. 13:7). O significado da profecia de Micaías estava clara: Desista de fazer guerra contra a Síria.

**18. Não te disse eu, que ele não profetiza . . . o que é bom?** Assim, com atitude infantil, Acabe desprezou a sóbria advertência do homem de Deus.

**i) A Visão de Micaías. 22:19-28.**

**19. Vi o Senhor assentado no seu trono.** Por um curto instante a cortina da eternidade foi levantada e Acabe teve permissão de lançar os olhos sobre a cena. Ali Jeová estava majestosamente assentado, o invisível Senhor da história. A mensagem do destino adverso já antes predita pelo profeta Elias ia ser cumprida. Ambos os Testamentos ensinam que os espíritos bons e maus estão sob a autoridade de Deus.

**22. Serei espírito mentiroso.** O método pelo qual Acabe seria enganado era através de um espírito mentiroso que se apossaria dos profetas. Acabe daria ouvidos aos conselhos deles, não atendendo ao profeta Micaías, para que o propósito divino se cumprisse.

**23. O uso do espírito mau deve ser considerado como feito pela vontade permissiva de Deus e não por sua vontade direta.** Devemos nos lembrar que Acabe já tivera muitas oportunidades de conhecer a verdade através de Elias, mas obstinadamente lhe resistira.

**24. Zedequias ... chegou, deu uma bofetada em Micaías. Zedequias, o falso profeta, esbofeteou Micaías.** Zedequias, o falso profeta, esbofeteou Micaías, um ato grandemente insultuoso na opinião de todos os orientais.

**25. Eis que o verás naquele mesmo dia.** Em resposta ao insulto de Zedequias e insinuação de que Micaías era culpado de tentar despertar o temor onde não existia motivo para isso, o profeta de Deus rapidamente replicou que haveria de chegar logo o dia em que Zedequias e todos os falsos profetas se esconderiam aterrorizados em um lugar secreto. Isto aconteceria quando Israel fosse derrotado e Acabe estivesse morto. Então Zedequias e todos os outros saberiam da verdade.

**26. Então disse o rei de Israel : Tomai a Micaías, e devolvi-o.** Micaías, o verdadeiro profeta, foi preso então por falar a verdade.

Apenas podemos imaginar que alguém tenha se lembrado de libertá-lo quando o rei não voltou.

**j) O Conselho do Senhor Desprezado. 22:29-33.**

**29. Subiram o rei de Israel e Judá . . . a Ramote de Gileade.**

Apesar do conselho do profeta de Deus, os dois reis preferiram seguir suas próprias inclinações.

**30. Disse o rei de Israel . . . Eu me disfarçarei.** Apesar de sua aparente ousadia, Acabe secretamente temia que Micaías estivesse falando a verdade. Por isso ele sugeriu que Josafá vestisse suas roupas reais (talvez um uniforme especial), mas que ele mesmo se vestisse como soldado comum. O bom Josafá não percebeu que estava sendo envolvido em um logro um logro que quase lhe custou a vida.

**31. Ora o rei da Síria dera ordem.** Acabe não sabia que ele era alvo pessoal de Ben-Hadade e seus homens. O rei da Síria, ao que parece, não se importava que outros escapassem com vida, contanto que o rei de Israel fosse morto. À vista do fato de Acabe ter recentemente poupado a vida de Ben-Hadade, isto não passava de grande ingratidão. Talvez Ben-Hadade justificasse sua conduta com base no fato de Acabe estar violando um tratado de paz, pois Acabe tinha recommçado a guerra.

**32. Vendo os capitães dos carros a Josafá.** Quando os arqueiros perceberam as vestes reais, naturalmente concluíram que a pessoa dentro delas era o Rei Acabe, seu alvo. **Porém Josafá gritou.** Talvez pronunciasse uma rápida mas sincera oração de libertação.

**33.** De qualquer forma, os sírios perceberam que ele não era o homem que procuravam e se afastaram.

**k) A Morte de Acabe. 22:34-40.**

**34. Então um homem entesou o arco e, atirando ao acaso.** No hebraico, a expressão **atirando ao acaso** significa *em sua simplicidade*, isto é, sem alvo específico. A probabilidade matemática de que a flecha

atingisse o alvo certo era extremamente pequena. Contudo dirigida pelo juízo do Senhor, ela o acertou.

**35,36.** Embora ferido mortalmente, Acabe não morreu imediatamente; resistiu à morte, sofrendo, enquanto a batalha prosseguia furiosa.

**37. Morto o rei levaram-no a Samaria, onde o sepultaram.** Jezabel seria comida pelos cães, mas Acabe, por causa de seu arrependimento temporário, teve um sepultamento honroso. Para um judeu, o pior dos castigos era não receber sepultamento.

**38. Quando lavaram o carro** (*quando lavaram sua armadura, AV*). Esta cláusula apresenta um problema de texto, uma vez que a forma consonantal hebraica dá lugar à tradução: *e as prostitutas se lavavam ali*. Embora possa se argumentar que a melhor tradução é a primeira, vamos nos lembrar que na lei mosaica cachorros e prostitutas eram colocados na mesma categoria. Os cães vieram lamber o sangue de Acabe; as prostitutas vinham se lavar. Talvez houvesse uma maldição dupla para mostrar o extremo desprazer de Deus contra um homem que assim desprezara a Sua palavra.

**39. A casa de marfim que construiu.** Através de investigações arqueológicas, o palácio de marfim de Acabe veio à luz em Samaria. Os restos desta estrutura revelam que as paredes eram revestidas com mármore branco, dando a impressão de marfim. Além disso, são numerosas as placas, painéis e peças de mobiliário enfeitadas com marfim. Assim, num duplo sentido o palácio de Acabe pode ser chamado de "casa de marfim".

**40. Assim descansou Acabe com seus pais; e Acazias . . . reinou.** Acazias substituiu seu pai no trono de Israel.

#### **4) Judá sob o governo de Josafá. 22:41-50.**

**41. E Josafá . . . começou a reinar sobre Judá.** Com este e os versículos seguintes temos um pequeno resumo do reinado de Josafá. Três fatos principais se destacam: foi co-regente com seu pai Asa; foi

sob quase todos os aspectos um homem temente a Deus; seu maior erro foi ter-se aliado com Acabe de Israel (II Cr. 17:1 - 21:1).

## **5) Israel sob o governo de Acazias e Jorão. I Reis 22:51 - II Reis 1:1**

*O Reinado de Acazias. 22:51 - 1:1.*

**51-53. Acazias . . . começou a reinar sobre Israel.** O reinado de Acazias (853-852 A.C.), apesar de sua brevidade, foi caracterizado por extrema iniquidade. O novo rei foi muito diferente do seu contemporâneo no sul. Uma rápida aliança foi feita entre os dois, a qual foi logo em seguida dissolvida quando os navios de Josafá foram quebrados em Ezion-Geber por causa do desprazer do Senhor (cons. II Cr. 20:37).

## 2 REIS

### Introdução

#### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 6	Capítulo 11	Capítulo 16	Capítulo 21
Capítulo 2	Capítulo 7	Capítulo 12	Capítulo 17	Capítulo 22
Capítulo 3	Capítulo 8	Capítulo 13	Capítulo 18	Capítulo 23
Capítulo 4	Capítulo 9	Capítulo 14	Capítulo 19	Capítulo 24
Capítulo 5	Capítulo 10	Capítulo 15	Capítulo 20	Capítulo 25

### INTRODUÇÃO

**Título.** Os livros atualmente conhecidos como I e II Reis foram assim intitulados por causa do seu conteúdo. Na Septuaginta (a versão grega do V.T.), o original dos Reis Hebreus é considerado como uma continuação do material contido no livro de Samuel. Está dividido em duas partes e é intitulado Terceiro e Quarto Reinos. Jerônimo, embora retendo esta divisão na sua Vulgata, chamou as duas partes de, simplesmente, O Livro dos Reis.

Os dois livros formam obviamente um todo, cobrindo a história de Israel, desde a monarquia do período de Salomão até a dissolução da nação sob o reinado de Zedequias. Trata da sorte da nação de Israel sob a aliança com o Senhor, destacando os pecados dos reis que violaram a aliança e deram lugar à deportação de Israel e Judá.

**Data e Autoria.** II Reis termina com a soltura de Joaquim de sua prisão de trinta e sete anos - cerca de 562/561 A.C. O livro não poderia ter sido completado antes dessa data, nem muito depois de 536 A.C., o ano do retorno da Babilônia, uma vez que nada fala sobre esse acontecimento. Considerando que este livro é uma unidade e não o produto de diversos autores em datas sucessivas, deve ser datado do período de cerca de 562-536 A.C.



Uma vez que a soltura de Joaquim só teria significado para os judeus em cativeiro na Babilônia, podemos concluir que I e II Reis foram escritos por algum judeu cativo vivendo na região da Babilônia.

**Fontes.** O autor declara explicitamente que obteve o seu material de: 1) Atos de Salomão (I Reis 11: 41). 2) Crônicas dos reis de Judá (por exemplo, I Reis 14:29), e crônicas dos reis de Israel (por exemplo, I Reis 14:19). As fontes da história dos reis de Judá nunca estão misturadas com as da história dos reis de Israel. Portanto, sabemos que cada um dos acima citados eram documentos separados e distintos. As citações dessas obras mostram que continham muito mais material do que está contido em Reis.

Citam-se autores específicos das fontes de primeira mão nos paralelos entre I e II Crônicas: Natã, o profeta, Aias, o silonita e Ido (II Cr. 9:29); Semaías, o profeta e Ido, o vidente (II Cr. 12:15); Ido, o profeta (II Cr. 13:22); Isaías, o profeta (II Cr. 26:22; 32:32); Jeú (I Reis 16:1). Sendo as fontes, portanto, material considerado estritamente profético, não simples anais, temos aqui um registro sem rodeios dos feitos dos reis. Nenhum secretário real teria tido a coragem de publicar tais fatos incriminadores sobre Davi ou Jeroboão I, conforme apresentados aqui.

**Alvo e Propósito.** Embora a preocupação principal do autor fosse a monarquia davídica, trata primeiro de um assunto de interesse secundário – o reino de Israel. Então retorna à narrativa da monarquia davídica. Embora o povo conhecesse as fontes proféticas dessa história, elas eram demasiado numerosas, volumosas e embaraçadas para revelarem rapidamente a vontade de Deus ao povo; por isso foi escrito o livro dos Reis.

Usando trechos extraídos de diversas fontes, o autor desenvolve a história da nação eleita em relação à aliança de Jeová (Êx. 19:3-6). Não devia haver outro deus além do Senhor (Êx. 20:2-6). A idolatria e a adoração de imagens foram consideradas nesses livros como o pior de todos os pecados, os quais, continuados e repetidos, provocaram a deportação de Israel. A linguagem desses livros pode-se dizer que é

"deuteronômica" porque Deuteronômio fala de maneira muito semelhante contra os mesmos pecados condenados em I e II Reis. O autor de Reis apresenta a história de Israel e Judá aos cativos, para lhes ensinar que o único caminho para a liberdade é arrepender-se da idolatria, voltar para Deus, guardar a aliança e confiar nas promessas divinas. Procura despertar neles uma convicção da verdade deste ensino e fortalecê-los nesta convicção.

Quanto à aliança, os profetas foram mensageiros divinos que lembravam ao povo as suas provisões referente a mesma, e Seus instrumentos para superintenderem o cumprimento dela. Era sua missão procurar, por meio de advertências, ameaças e promessas, que o povo se mantivesse apegado à ela (cons. Jr. 7:13; 11:1-8). Nestes livros, os reis são declarados bons ou maus conforme se apegavam ou se afastavam da aliança.

**Antecedentes Históricos.** Os israelitas foram o primeiro povo da antiguidade a desenvolver uma verdadeira historiografia. Outras nações, tais como a Assíria, a Babilônia e o Egito, compunham anais, mas somente os heteus entre as nações gentias tentaram registrar sua história.

No tempo de Davi o poder do Egito já decrescera e a Assíria trilha se enfraquecido; portanto, em ambas as fronteiras de Israel, havia nações impotentes. Contudo, a Assíria logo despertou sob o reinado de Tiglate-Pileser III (também chamado Pul, II Reis 15:19; 745-727 A.C). Em 721 A.C. a Samaria caiu sob o ataque de Salmaneser e Sargão. Mais tarde, sob a liderança de Senaqueribe, a Assíria invadiu Judá e tomou muitas cidades, mas não conseguiu tomar Jerusalém por causa da ameaça do Egito na retaguarda. Esaradom e Assurbanipal estenderam a hegemonia da Assíria até o Egito.

No tempo de Josias, Faraó Neco subiu para ajudar a Assíria contra a Babilônia e Carquemis, mas os dois aliados foram derrotados. Logo após, o vitorioso Nabucodonosor invadiu a Palestina e no seu terceiro ataque contra Jerusalém, saqueou e destruiu a cidade, levando o povo para o último cativeiro (586 A.C.).

**Cronologia.** O leitor deve consultar as seguintes publicações sobre a cronologia do período de I e II Reis: BASOR, 100 (Dez. 1945); 130 (Abril, 1953); 141 (Fev. 1956); 143 (Out. 1956); E.R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Chicago, 1951); E.R. Thiele, "The Question of Co-regencies Among the Hebrew Kings", *A Stubborn Faith*, ed. E.C. Hobbs (Dallas, 1957).

## ESBOÇO

### I. Fim do Ministério de Elias até Jeú – 1:2 – 9:10.

1. Fim do ministério de Elias até sua transladação. 1:2 – 2:11.
2. Apresentação de Eliseu. 2:12-25.
3. Expedição de Jorão contra Moabe. 3:1-27.
4. Ministério profético de Eliseu. 4:1 - 8:15.
5. Reinados de Jorão e Acazias em Judá. 8:16-29.
6. Jeú, rei de Israel. 9:1-10.

### II. Desde Jeú até a destruição de Israel. 9:11 - 17:41.

1. O reinado de Jeú. 9:11 - 10:36.
2. Atalia de Judá. 11:1-20.
3. Judá sob o governo de Joás. 11: 21 - 12: 1.
4. Israel sob o governo de Jeoacaz e Joás. 13:1-25.
5. Judá sob o governo de Amazias e Azarias. 14:1-22.
6. Reinado de Jeroboão II sobre Israel. 14:23-29.
7. Reinado de Azarias sobre Judá. 15:1-7.
8. Reinados de Zacarias, Salum, Menaém, Pecaías e Peca em Israel. 15: 8-31.
9. Judá sob o governo de Jotão e Acaz. 15:32 - 16:20.
10. Destruição e cativo de Israel. 17:1-41.

### III. O reino de Judá até a destruição final da nação de Israel. 18:1 – 25:30.

#### A. O reino sob o governo de Ezequias. 18:1 - 20:21.

1. Reformas de Ezequias. 18:1-1 2.
2. Livramento das duas invasões de Senaqueribe. 18:13 - 19:37.

3. A doença e a restauração de Ezequias. 20:1-11.
4. A embaixada de Merodaque-Baladã. 20:12-19.
5. A morte de Ezequias. 20:20, 21.
- B. Os reinos de Manassés e Amom. 21:1-26.
  1. A iniquidade e morte de Manassés. 21:1-18.
  2. Os pecados e a morte de Amom. 21:19-26.
- C. Reforma em Judá e Israel sob o governo de Josias. 22:1 – 23:30.
- D. Os últimos dias de Judá. 23:31 - 25:26.
  1. Reinado e deportação de Jeoacaz. 23:31-34.
  2. O reinado de Jeoquim e a invasão de Nabucodonosor. 23:34 – 24: 7.
  3. O reinado de Joaquim e seu cativeiro. 24: 8-16.
  4. Reinado de Zedequias. 24:17-20.
  5. Cerco e queda de Jerusalém. 25:1-21.
  6. Gedalias, o governador fantoche. 25:22-26.
- E. Epílogo. A soltura de Joaquim. 25:27-30.

## **I. Fim do Ministério de Elias até Jeú – 1:1 – 9:10.**

### **2 Reis 1**

**1:1. Revoltou-se Moabe.** Este versículo ficaria melhor em I Reis 22:51-53, dando uma conclusão à passagem. Era muito comum que, com a morte de um monarca reinante, houvesse uma revolta. Mesa, o rei de Moabe, conforme descobertas arqueológicas, deixou uma inscrição (conhecida por Pedra Moabita), descrevendo sua revolta triunfante contra Acabe por causa da "opressão" do rei israelita sobre Moabe.

#### **1) Fim do Ministério de Elias até Sua Trasladação. 1:1 - 2:11.**

Esta seção, que inclui a narrativa da tentativa do Rei Acazias de prender Elias e a morte do rei, ensina diversas lições importantes. Mostra que é fatal abandonar a Deus, que é necessário honrar o seu profeta e que

o poder e proteção só se encontram na obediência à palavra profética dada por Deus.

**2. Acázias . . . adoeceu.** A doença de Acázias foi provocada por uma queda da janela de um quarto no segundo andar. **Ide, e consultai a Baal-Zebube.** De acordo com as tabuinhas cuneiformes do alfabeto ugarita, este nome deve ser soletrado *Baal-Zebul*. Possivelmente a soletração foi modificada por algum copista para tornar o nome ridículo. O primeiro significa *Baal da mosca*. O outro, *Baal da habitação*, isto é, o deus da vida cananita, a principal divindade cananita. Acázias tentou sincretizar o culto a Baal com o culto a Jeová. Elias prova aqui que Baal não tem poder. Acabe, por seu lado, violara a aliança introduzindo o culto a Baal, substituindo a adoração ao Senhor pela idolatria. O pedido que Acázias fez de buscar um oráculo foi um desafio ao Deus de Israel. **Se sararei desta doença.** Uma doença prolongada resultante da queda despertara a preocupação do rei, levando-o a procurar um oráculo.

**3. O anjo do Senhor disse.** Gênesis 22:15, 16 faz do "anjo do Senhor" e do Senhor a mesma pessoa. Deus aceitou o desafio. **Não há Deus em Israel.** A idolatria do povo excluía Deus dos seus corações.

**4b. Sem falta morrerás.** Um oráculo adverso indicava que pecado público e afastamento deliberado de Deus deviam terminar com a morte.

**4c. Elias partiu.** Elias foi ao encontro dos mensageiros do rei.

**5. E os mensageiros voltaram para o rei.** Os mensageiros, tendo se encontrado com Elias e recebido a sua mensagem, imediatamente retornaram **para o rei**, isto é, para Acázias – para Samaria. A idolatria tinha de tal forma obscurecido seus corações que não reconheceram a intervenção divina através de Elias.

**6. Um homem nos subiu ao encontro.** Os mensageiros fielmente repetiram as palavras de Elias a Acázias.

**7. Qual era a aparência do homem?** Não tendo se esquecido das aventuras de Acabe com Elias, Acázias conjecturou que Elias estava agindo novamente.

**8. É Elias, o tesbita.** A descrição de Elias confirmou suas conjecturas. As vestes de Elias eram características dos pregadores do arrependimento. Um ministério de arrependimento era oportuníssima naquele período de apostasia em Israel (cons. Mc. 1:6, 7).

**9. Então lhe enviou o rei.** A segunda fase desta luta entre o Senhor e Baal começou então. Acazias pretendia castigar Elias pelo insulto. **Homem de Deus... Desce.** A maneira de tratar era desrespeitosa. O soldado não compreendia que o tratamento desonrava a aliança porque desonrava o profeta de Deus.

**10. Elias ... respondeu.** O desacato do capitão teria de resultar em morte. É com muita freqüência que o "mundo" trata os servos de Deus do mesmo modo. O pecado e o mundo cegam os olhos dos homens. **Fogo desceu do céu, e o consumiu.** O Senhor Deus confirmou a palavra de Elias e comprovou-se vitorioso no conflito.

**11. Outro capitão de cinqüenta.** Na segunda tentativa de apanhar Elias, o rei aumentou o seu pecado acrescentando a palavra **depressa**.

**12.** Veja o versículo 10. O pecado ainda não tinha dominado essa gente.

**13, 14. Indo ele, pôs-se de joelhos.** O terceiro capitão, percebendo ou não o significado dos acontecimentos, convenceu-se da posição e poder profético de Elias e o tratou com o devido respeito. Ele disse, com efeito, "eu sou apenas o servo do rei, cumprindo o meu dever; por isso, por favor, conceda-me a honra de vir comigo à presença do rei".

**15. O anjo . . . disse a Elias.** O poder do rei era vão. Elias não devia temer Acazias, pois o Senhor defenderia o Seu profeta.

**16. E disse a este.** Elias repetiu a primeira mensagem já transmitida aos mensageiros.

**17. Assim, pois, morreu.** A palavra de Deus nunca é enunciada em vão (veja E.R. Thiele, *Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, pág. 61). **Jorão . . . começou a reinar no seu lugar . . . porquanto Acazias não tinha filho.** Um irmão (cons. 8:16) de Acazias subiu ao trono (cons. 3:1; 1 Reis 22: 51). O reinado de Acazias, de pouco mais de um ano, foi

curto demais mais para que ele gerasse um herdeiro. **No ano segundo de Jeorão.** Jorão de Israel veio a ser rei no décimo oitavo ano de Josafá e no segundo ano de Jeorão, reis de Judá. Nessa ocasião havia uma coregência em Judá (cons. 3:1. Veja Introdução, *Cronologia*).

## 2 Reis 2

*A Trasladação de Elias.* 2:1-11. Veja o parágrafo acima, no Fim do Ministério de Elias, etc.

1. Em relação ao período em que se deu este acontecimento, veja I Reis 22:51; II Reis 3:1; 1:17. A trasladação de Elias obviamente ocorreu depois da morte de Acazias. **Um redemoinho.** Inserção retrospectiva. Nessa ocasião só se sabia da possibilidade da trasladação de Elias (2:3, 5). **Elias partiu de Gilgal em companhia de Eliseu.** O hebraico diz *desceu*. Gilgal fica acima de Betel e está em Efraim perto de Siló, a moderna Jiljilyeh. Em Amós 4:4 e Os. 4:15 ela foi citada junto com Betel, como centro de falsa adoração a Deus.

2. **Fica-te aqui.** Apesar da exortação, Eliseu declarou que ele iria com Elias, que ia agora voltar as três escolas de profetas para fortalecê-las contra a invasão do culto a Baal. A existência dessas escolas indica que os profetas estavam organizados em uma espécie de associação. Agora Elias começou a testar- a vocação pessoal de Eliseu para o ofício de profeta.

3. **Os discípulos dos profetas que estavam em Betel.** Estudantes e seguidores dos profetas de Deus, exercendo ministério sob a supervisão deles. **Sabes ... ?** Deus revelara a Elias que logo teria de partir. E Elias transmitira a revelação a fim de preparar Eliseu e os discípulos dos profetas para a sua partida. **Tomará o teu senhor, elevando-o por sobre a tua cabeça.** Eliseu ia perder seu mestre e líder. **Calai-vos.** Isto é, "submetam-se à vontade de Deus e não aumentem meu fardo de tristeza". Não devemos tentar reter aqueles que Deus chama, mas regozijarmo-nos com a entrada deles na Sua presença.

4. Veja versículo 2 com a mesma pergunta e resposta.

**5. Jericó.** Veja versículos 1-3. A esta altura parece que Deus tinha o propósito definido de apresentar Eliseu como sucessor de Elias (cons. v.3), qualificado para liderar a oposição à falsa adoração e deter sua expansão entre o povo.

**6.** Cons. versículos 2,4. A constância de Eliseu tomou« evidente. Veja o versículo 9 abaixo sobre o que deveria estar se passando em sua mente.

**7. Cinquenta homens . . . , pararam a certa distância.** Um grupo dos discípulos dos profetas seguia os dois e observava o que acontecia junto ao Jordão, provavelmente de uma ribanceira acima deles.

**8. Elias tomou o seu manto.** A vocação de Eliseu (I Reis 19:19) fez do manto de Elias um símbolo do ofício profético; aqui ele foi um símbolo do poder de Deus (cons. a vara de Moisés, Êx. 17:9).

**9. Pede-me o que queres que eu te faça.** Elias abriu a porta da sucessão profética. Porção dobrada. Comparando com Dt. 21:17 indica que Eliseu pedia para ser o herdeiro - o sucessor. Veja Hb. 3:5, 6 com referência ao treinamento na "filiação" para qualificação, a fim de desempenhar um ofício em questão.

**10. Dura coisa.** O favor pedido não pertencia a Elias conceder. **Se me vires quando for tomado de ti.** O sinal pelo qual Eliseu saberia que seu pedido fora atendido. Se Eliseu tivesse a coragem de presenciar a trasladação de Elias, e a compreensão espiritual para entender o significado da partida do homem mau velho, seria o sucessor.

**11. Indo eles andando.** Enquanto andavam do outro lado do Jordão. **O redemoinho** (tempestade, *se'arâ*, com nuvens negras e relâmpagos) e o carro de fogo com cavalos de fogo eram símbolos do poder de Jeová na batalha (cons. Is. 31:1; 34:8, 9; Êx. 14:9, 17; I Reis 10:29; Sl. 104:3, 4). Elias subiu na tempestade para a presença do Senhor, *não* no carro. Veja também Ml. 4:5, 6; Mt. 11:14.

### **7) Apresentação de Eliseu. 2:12-25.**

Eliseu foi apresentado como o profeta de Deus nomeado para substituir Elias. Seu ministério foi o do ensino, planejado para mostrar a



praticabilidade de se seguir ao Senhor e demonstrar que Baal não poderia atender às necessidades do povo.

**12. O que vendo Eliseu.** Esta foi a evidência de que Eliseu fora escolhido. **Meu pai.** Eliseu falou assim na qualidade de sucessor de Elias. **Carros de Israel, e seus cavaleiros.** O carro era a mais poderosa arma conhecida, símbolo do supremo poder de Deus. Eliseu estava falando de Elias como o instrumento profético pelo qual o poder de Deus operava em benefício da verdade em Israel. Pois a defesa de Israel estava só no Senhor, e sua idolatria era uma rejeição da sua defesa. Este poder divino poderia ajudar o povo a guardar a aliança. **E nunca mais o viu.** Elias desapareceu completamente. **Tomando as suas vestes, rasgou-as.** Assim Eliseu expressou sua sincera tristeza pela partida de Elias.

**13. Então levantou o manto.** O manto que caíra seria uma confirmação a mais da sucessão de Eliseu (veja v. 15).

**14. Onde está o Senhor, Deus de Elias?** Veja Jr. 2: 6-8 com a mesma pergunta, que o povo deixou de fazer pela fé. Eliseu não estava sendo impertinente; estava na realidade orando: "Aqui está a oportunidade de exibires teu grande poder em teu obediente servo".

**15. Vendo-os, pois, os discípulos dos profetas.** Ainda observando, eles viram Eliseu usando o manto. O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. Eliseu recebera os mesmos dons que Elias possuía, como prova de que fora ungido para o ofício do profeta.

**16-18. Deixa-os ir em procura do teu senhor.** Os discípulos dos profetas não compreenderam que a partida de Elias fora permanente. Sua insistência em enviar grupos de busca provocaram consentimento relutante. Quando sua busca comprovou-se infrutífera, tiveram de aceitar o fato de que Eliseu era agora o profeta do Senhor.

**19. Os homens da cidade disseram . . . as águas são más.** A agradável localização de Jericó era profundamente prejudicada pela água insalubre. Traduza: . . . *mas as águas são más – e a terra – causando aborto.* Achavam que a água má, que bebiam, era responsável pelos

abortos. A fonte principal junto à *antiga* localização de Jericó é doce e pura, enquanto que as outras são salobros.

**20. Trazei-me um prato novo.** A obra de Deus tem de ser realizada através de vasos novos não contaminados. Ponde nele sal. O sal limpa e preserva. Aqui ele é um símbolo do poder purificador e preservador de Deus.

**21. Tornei saudáveis a estas águas.** O sinal e símbolo da cura foi o sal lançado nelas.

**22. Ficaram, pois, saudáveis aquelas águas até ao dia de hoje.** Deus procurou testificar do Seu poder de curar do pecado e preservar pela fé. A purificação foi permanente; as águas desta fonte permanecem boas até o dia de hoje (veja v. 19). Do mesmo modo a obra da graça de Deus em nós é permanente, nosso único fundamento certo para edificação de vidas puras.

**23. Subiu dali a Betel.** A primeira visita "oficial" de Eliseu, como sucessor de Elias, foi a Betel (cons. vs. 2, 3), o centro da adoração dos bezerros de Jeroboão (I Reis 12:29). **Rapazinhos.** Antes, *homens jovens* (*nearim qetanim*, pl.), não crianças irresponsáveis. Tanto Salomão (I Reis 3:7) como Jeremias (Jr. 1:6, 7) foram chamados *na'ar* (sing.). Esses jovens eram moralmente responsáveis. **Sobe, calvo.** Fizeram eco às palavras dos discípulos dos profetas a Eliseu: "O Senhor levará (para cima) o teu mestre" (vs. 3,5). Suas palavras tinham o seguinte significado: "Suba, para que possamos nos ver livres de você (e possamos continuar imperturbados pelos nossos maus caminhos)!" Uma cabeça calva ou rapada era sinal de lepra e indicava desgraça (Is. 3:17). Embora Eliseu provavelmente não fosse calvo ainda, o epíteto mostra que os jovens o consideravam um "pária", como um leproso. Desprezavam o profeta de Deus.

**24. E os amaldiçoou, em nome do Senhor.** Sua zombaria desonrava a Deus. Por isso a promessa de julgamento divino. Eles violaram a aliança divina ridicularizando seu superintendente. **Duas ursos . . . despedaçaram quarenta e dois.** Violação da aliança produz

castigo. O tamanho do grupo dá a impressão de que a zombaria foi pré-arranjada.

**25.** Depois de completar seus negócios com os discípulos dos profetas, **foi ele para o monte Carmelo**, em busca de quietude e descanso a fim de se preparar para o trabalho que estava à frente. Voltou para Samaria. Eliseu voltou à cena de seus futuros e significativos trabalhos em benefício de Israel.

## 2 Reis 3

2) A Expedição de Jorão Contra Moabe. 3:1-27. A campanha de Jorão contra Moabe demonstra como Deus abomina completamente a religião pagã. O resultado foi uma lição objetiva para Israel, mostrando-lhe por que ela devia abandonar a idolatria. Não obstante, ela não o fez.

**1. Jorão . . . , começou a reinar . . . no décimo oitavo ano de Josafá.** Veja 3:1; 1:17 com referência à data dupla de sua ascensão. Isto indica uma co-regência de Josafá e Jorão em Judá (veja Thiele, *op. cit.*, pág. 61 e segs.).

**2. Fez o que era mau**, etc. Jorão não pecou como Acabe; mas violou a aliança, pois aderiu aos pecados de Jeroboão (v. 3). Com relação à vida ímpia de Jeroboão, veja I Reis 12:26-33; 13: 33; II Reis 10:29.

**4. Mesa, rei dos moabitas.** A Pedra Moabita descreve a duração da sujeição de Moabe a Israel (veja ANET, "Moabite Stone"). Pagava o seu tributo indica o estado de sujeição. Criador de gado. Moabe criava muito gado ovino. O número dos carneiros mencionados indica o tributo anual.

**5. Revoltou-se.** Mesa achou que Israel estava bastante enfraquecida, depois da morte de Acabe, para Moabe tentar obter sua liberdade. Veja II Crônicas 20 com referência a uma anterior invasão moabita em Judá, quando os moabitas foram destruídos, e Moabe ficou enfraquecida demais para repelir a aliança.

**6. Jorão ... fez revista de todo o Israel.** A rebelião de Mesa consistia em recusar-se a pagar o tributo. Jorão, portanto, convocou suas tropas para cobrá-lo.

**7. Mandou dizer a Josafá.** O fato de Jorão ter procurado uma aliança com Josafá indica que ele precisava atravessar o território de Judá a fim de avançar contra Moabe. Isto, por outro lado, indica que Mesa tinha fortalecido sua fronteira ao norte. Se Jorão obtivesse o apoio de Josafá, também teria a ajuda de Edom, que se encontrava sob o governo de Judá nessa ocasião. Josafá esqueceu-se que as alianças com aqueles que pecam contra o Senhor são proibidas aos crentes.

**8.** A rota escolhida por Josafá passava pela praia ocidental do Mar Morto e contornava seus limites ao sul.

**9. Após sete dias de marcha.** Tendo deixado Jerusalém e tendo se encontrado com Edom, a quem se uniu no caminho, andaram vagando à procura de Mesa, até que finalmente ficaram sem água.

**10.** A impiedade de Jorão levou-o a acusar Deus pelo desastre que enfrentavam.

**11, 12. Algum profeta do Senhor.** Josafá rejeitou a opinião de Jorão. **Aqui está Eliseu.** Parece que Jorão não sabia da presença de Eliseu. **Está com ele a palavra do Senhor.** Eliseu tinha reputação. Um aperto calamitoso forçou-os agora a consultá-lo.

**13,14. Vai aos profetas de teu pai.** Veja os versículos 2, 3. Eliseu rejeitou toda apelação para o seu ofício que tivesse o sabor de crença pagã na magia. **Não.** Veja comentário sobre o versículo 10 acima. Se não fosse pela presença de Josafá, Eliseu não teria respondido a tal impiedade. Um encontro como líder da idolatria do norte era exasperante.

**15. Trazei-me um tangedor.** Para que tocasse hinos a fim de que ele pudesse se colocar em um estado de espírito apropriado para ouvir a palavra do Senhor. **O poder de Deus.** Deus respondeu profetizando o sucesso da campanha. Ele o permitiria para mostrar a Seu povo o aspecto abominável dos cultos pagãos.

**16. Fazei neste vale covas e covas.** Era o vale de Zerede, atualmente Wadi el Hesa, fronteira meridional de Moabe.

**17. Não. . . vereis chuva; todavia este vale se encherá.** Água da chuva vindo das montanhas acima encheria as covas. O milagre estava na escolha do momento oportuno.

**18. Entregará Moabe.** Confirmação de que era operação de Jeová.  
19. Ferireis todas as cidades fortificadas. A destruição seria completa.

**20. Ao apresentar-se a oferta de mar.** A água, chegando no momento da oferta de amor no Templo, falava do amor de Deus e, assim, mostrava com antecedência a conclusão da expedição. **Pelo caminho de Edom.** Veja o versículo 17.

**21. Os moabitas . . . postos nas fronteiras.** Moabe convocou suas tropas para enfrentar a invasão.

**22, 23. De madrugada.** Na mesma manhã em que a água apareceu. Vermelhas como sangue. Devido ao seu aspecto barrento e sob os raios do sol. Os moabitas, ansiosos pelos despojos, concluíram que seus inimigos tinham matado uns aos outros.

**24. Chegando eles ao arraial . . . os israelitas se levantaram.** Os israelitas surpreenderam os atacantes surgindo de um acampamento aparentemente vazio. **Entraram.** A predição de sua conquista começou a se cumprir.

**25. Arrasaram as cidades.** Tal destruição representava a política militar costumeira daquele tempo, atualmente chamada de tática da terra arrasada. **Quir-Haresete.** A única cidade que não foi tomada, a atual el Kerak. Estando situada num ponto destacado ao fim de um desfiladeiro estreito, resistiu aos ataques com atiradores postados sobre as elevações à volta.

**26.** Com grande coragem Mesa pessoalmente liderou uma surtida de setecentos espadachins; esta tentativa, contudo, não teve efeito. Contra o rei de Edom. Mesa evidentemente esperava que fosse um elo fraco ou soldado menos zeloso que os outros.

**27. Tomou a seu filho primogênito.** O rei de Moabe procurou desesperadamente induzir o seu deus a lhe conceder a vitória. Para os povos pagãos, a adversidade era anal de que seu deus estava zangado. O

sacrifício do primogênito não era preço grande demais para se pagar pelo favor de um deus. **Sobre o muro.** À vista de Israel para que Israel temesse a Camos, o deus moabita, e conseqüentemente se retirasse. **Grande indignação em Israel**, E.R.C. (não **contra** como na E.R.A.). A preposição hebraica *'al* indica aqui que Judá e Israel se indignaram por causa deste ato abominável (cons. Lv. 18:21; 20:3). . . . se retiraram . . . e voltaram. Israel, Judá e Moabe encerraram o incidente e voltaram para suas terras, profundamente chocados em sua sensibilidade moral. Parece que o autor faz a pergunta: Se Israel ficou tão profundamente abalada neste caso, por que não se impressionava o suficiente para abandonar a sua própria idolatria? Mas a idolatria continuou em Israel e Judá.

### 9) O Ministério Profético de Eliseu. 4:1 – 8:15.

O ministério profético de Eliseu tinha a intenção de mostrar que não há necessidade pessoal ou nacional que Deus não possa suprir, que todos os acontecimentos são controlados por Ele e que Ele cuida do Seu povo.

## 2 Reis 4

### a) Eliseu e a Viúva Endividada. 4:1-7.

**1. Certa mulher, das mulheres.** A presença de homens casados entre os discípulos dos profetas indica que os profetas não eram monges. **Ele temia ao Senhor.** Fora um servo de Deus fiel. **É chegado o credor.** O fato de filhos serem algumas vezes exigidos em pagamento de dívidas encontra-se freqüentemente registrado nos registros cuneiformes.

**2. Não tem nada . . . senão uma botija de azeite.** Eliseu ia revelar à mulher o Deus vivo e caridoso. O azeite era azeite de olivas.

**3. Vai, pede emprestadas vasilhas.** Para a abundante provisão que estava para ser efetuada.

**4. Fecha a porta . . . deita o teu azeite.** Para excluir a interrupção durante o processo, o qual devia ser feito na presença de Deus.

**6. E o azeite parou.** A provisão divina atende exatamente a nossa capacidade e necessidade.

**7. Fez saber ao homem de Deus.** Pediu instruções adicionais. **Vende . . . e paga a tua dívida.** A dívida agora podia ser paga sem a perda dos filhos. O resto. Para o sustento deles até que os rapazes encontrassem trabalho.

**b) Eliseu e a Sunamita. 4:8-37.**

**8. Suném.** Atualmente *Solem*, perto de Jezreel. **Todas as vezes que passava.** A mulher observava Eliseu em suas freqüentes viagens.

**9. Santo homem.** Um verdadeiro homem de Deus, não apenas nominal.

**10. Façamos-lhe ... um pequeno quarto.** Um quarto ao abrigo das intempéries em cima no terraço da casa, mobiliado de acordo com as suas necessidades.

**12. Geazi.** Tentando retribuir à mulher a sua hospitalidade, Eliseu usou Geazi a fim de não constrangê-la.

**13. Habito no meio do meu povo.** Ela explicou que sua vida era agradável e sem problemas. Ela não lhes dispensara sua hospitalidade à espera de retribuição.

**14. Que se há de fazer por ela?** Afastando-se a mulher, Eliseu indagou a Geazi. **Ela não tem filho, e seu marido é velho.** Ela desejava um filho, mas seu marido era velho demais para satisfazer seu anseio.

**16. Abraçarás um filho.** Chamaram a mulher de volta e prometeram-lhe um filho. **Não, meu senhor.** Era o grito de um coração cansado de esperar. Tal coisa ela não se atrevia a esperar. Seu protesto queria dizer: "Não caçoe de mim!"

**17. Deu à luz um filho.** Só Deus pode reanimar e dar vida. Tais bênçãos Ele garante àqueles que guardam a Sua aliança.

**18. O menino, saiu certo dia a ter com seu pai.** O incidente seguinte ocorreu durante a colheita, o período mais quente do ano.

**19. Minha cabeça.** Provavelmente estava com insolação.

**20. E o levou a sua mãe . . . e morreu.** O Senhor estava para demonstrar novamente a impotência de Baal.

**21. E o deitou sobre a cama do homem de Deus.** Ela confiou à custódia de Eliseu, o único que poderia ajudá-la nesta situação angustiosa.

**22. Chamou a seu marido.** Ela pediu a seu marido a ajuda de um moço e uma jumenta, provavelmente porque só tinham dois jumentos e ambos estavam ocupados.

**23. Por que vais a ele hoje?** Não havia nenhum motivo religioso que desse lugar à visita. **Não faz mal.** Em hebraico, *paz*. Ela simplesmente insistiu com ele a que não se preocupasse. O profeta de Deus era seu único ajudador.

**25. Eis aí a sunamita.** Eliseu a viu quando ela se aproximou do monte Carmelo.

**26.** Instruiu a Geazi a que fosse verificar qual era o problema. Mas ela ignorou o servo, preferindo falar com Eliseu mesmo.

**27. Abraçou-lhe os pés.** Sua angústia já não podia mais ser contida. Deixa-a. "Deixe que ela se refaça e me conte o que há". O Senhor mo encobriu, Eliseu não sabia da morte da criança. Em algumas ocasiões, Deus preparou o seu profeta de antemão, mas nem sempre.

**28. Não me enganes.** "Eu não lhe pedi um filho. Se recebi um filho apenas para vê-lo morrer, seria melhor que eu nunca o tivesse".

**29. Cinge os teus lombos.** Eliseu fez de Geazi seu representante. Colocar o bordão, um símbolo do poder de Deus, sobre a cabeça da criança era deter a morte que se aproximava. Eliseu pensava que a criança ainda não estivesse morta.

**30. Não te deixarei.** Era como se dissesse: "Isto não basta". **E a seguiu.** Eliseu percebeu que o caso era sério.

**31. Porém não houve nele voz nem sinal de vida.** Eliseu não tinha autoridade de transferir para outro o poder que Deus lhe dera. Por isso Geazi nada pôde fazer. Eliseu fora apressado em instruir o seu servo.

**32. Tendo o profeta chegado . . . eis que o menino estava morto.** Agora Eliseu compreendia inteiramente a angústia da mulher.



**33. Fechou a porta.** Seguindo o exemplo de Elias, seu "mestre", Eliseu buscou a quietude para orar a Deus. Orou. Pediu ao Senhor que restaurasse a vida do menino.

**34. A carne ... aqueceu.** As atitudes precedentes eram símbolo daquilo que se desejava, e constituíram uma extensão da oração do profeta, que agora passou a ser respondida.

**35. Andou.** Eliseu, grandemente emocionado, esperou a resposta divina.

**36. Chama a sunamita.** O Senhor ia demonstrar a Sua graça e a Sua misericórdia (cons. Sl. 4:3 ; 25:10). Deus retribui aos crentes a fé e a confiança mas pune os idólatras e acaba com suas vidas.

**c) Eliseu e as Abóboras Venenosas. 4:38-41.**

**38. Voltou . . . para Gilgal.** Em uma de suas pequenas excursões. **Põe a panela grande ao lume, e faz um cozinhado.** À hora da refeição, Eliseu aproveitou o tempo, enquanto aguardavam, para ensinar aos discípulos dos profetas que aquele que vive na presença de Deus não precisa se preocupar com falta de coisa alguma.

**39. Apanhar ervas.** Ou "verduras". **Trepadora silvestre . . . colocíntidas.** Pepinos bravos, abóboras ovais com gosto amargo que, produziam cólicas e violenta diarreia. O jovem confundiu-as com a variedade comestível (cons. Nm. 11:5).

**40. Morte na panela.** O conhecido gosto amargo advertiu-os.

**41. Trazei farinha. Ele a deitou na panela.** Jogando na panela aumento comum e sadio, Eliseu demonstrou o poder de Deus para remover o mal. Pela fé o Senhor pode remover o mal que há em nós.

**d) Eliseu e a Multiplicação de Pães. 4:42-44.**

**42. Um homem de Baal-Salisa.** Ou *Bete-Salisa*, "Casa dos Três Vales" (I Sm. 9:4), perto de Gilgal. O presente era para suprir a necessidade dos profetas. **Primícias.** Veja Nm. 18:13; Dt. 18:4. Na falta de sacerdotes e levitas em Israel, ele guardava o espírito da ordenança. Os profetas podiam ser considerados os "sacerdotes e levitas" de Israel.

**43. Dá-o ao povo.** O profeta reconheceu e aceitou o alimento como provisão de Deus para o povo, mais do que para si mesmo e seu servo. **Comerão, e sobejará.** Seria o suficiente e ainda sobraria. Assim o Senhor demonstrou que o Seu poder e provisão sempre serão suficientes e chegam até a ultrapassar nossas necessidades, assegurando-nos que não precisamos desanimar na oposição ao mal.

## 2 Reis 5

### e) A Conversão de Naamã. 5:1-27.

**1. Naamã, comandante do exército.** Agora começava a fase pública do ministério de Eliseu. A posição de Naamã realçava a importância do acontecimento. **Leproso.** Na Síria, a lepra apenas incapacitava a pessoa de realizar suas obrigações; Naamã, estando leproso, já não podia mais obter vitórias para a Síria, o que causava sérias preocupações.

**2. Da terra de Israel levaram cativa uma menina.** Uma nota da providência divina.

**3, 4. Oxalá o meu senhor estivesse diante do profeta.** Seu pensamento se traduzia assim: Em Israel há um Deus vivo que pode curar. Foi Naamã e disse ao seu senhor. Suas palavras foram transmitidas ao rei.

**5, 6. Enviarei.** O rei prontamente enviou-o ao rei de Israel, porque acreditava que este poderia obter tudo o que quisesse do "seu" profeta. A mensagem foi ter à pessoa errada, pois o Senhor queria que a cura fosse uma questão pública. Ao que parece havia uma trégua entre Síria e Israel.

**8. Saberá que há profeta em Israel.** Isto é, "não tema que possa haver guerra por causa de sua incapacidade de curar Naamã. Deus Todo-Poderoso libertará Naamã". Quando temos medo, devemos nos lembrar que "estou convosco todos os dias" (Mt. 28:20).

**9,10. Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, lava-te ... no Jordão.** Eliseu permaneceu dentro de casa para enfatizar a Naamã

que nem a riqueza (v. 5), nem a posição (v. 1) podiam comprar a cura. O banho no Jordão enfatizava o poder de Deus para curar.

**11,12. Naamã quase perdeu a bênção por causa do orgulho.** Humildade e fé produzem libertação a todos (Mt. 18:3).

**13. Quanto mau.** Se não obedecermos a Deus nas pequeninas coisas, como podemos esperar que nos abençoe com as grandes?

**14. E ficou limpo.** A cura foi obtida através da obediência, no sétimo mergulho.

**15. Eis que agora reconheço.** Naamã ficou sabendo que havia um Deus em Israel, obedecendo as Suas ordens. Ficou assim persuadido que Jeová era o único Deus e seu único Senhor (v. 17).

**16. Não o aceitarei.** O Senhor não quer pagamento mas obediência e amor das almas redimidas.

**17. Terra.** Naamã queria a terra como lembrança de sua "bênção".

**18,19. Nisto perdoe . . . a teu servo.** Não se devia pensar que Naamã estivesse adorando o deus (Hadade) – **Rimom. Vai em paz.** Naamã demonstrou que tinha uma consciência sensível e não queria dar a impressão de que estivesse adorando ídolos. Ele recebeu a garantia de que Deus compreendia o seu coração. Contudo, devemos ficar alertas à constante exposição em ambientes que nos enfraquecem para que não sobreestimemos nosso poder de resistência.

**20, 21. Geazi . . . disse,** isto é, pensou em seu coração. **Vai tudo bem?** A pressa de Geazi levou Naamã a pensar que algo de mais tivesse acontecido a Eliseu.

**22-24. Meu senhor.** Geazi estava cego ao fato do que grande prejuízo poderia ser causado ao testemunho do Senhor através de sua ambição. **Dá-lhes.** Geazi tomou alguma coisa "desse sírio" e escondeu seus ganhos injustos.

**25-27. Teu servo não foi à parte alguma.** Geazi mentiu para esconder o seu pecado. **Era isto ocasião?** "Este é o pior momento possível para se receber ouro. . . ". Geazi esperava, através do presente de Naamã, comprar as coisas enumeradas. **Se pegará a ti.** "Se você

comprar essas coisas, há de comprar também a lepra de Naamã". Naamã se tomara um israelita, mas Geazi um pagão através do seu pecado (cons. Mt. 6:31-34). A conversão de Naamã servia para mostrar aos israelitas como é fácil ao Senhor mudar os corações dos adversários deles e conseqüentemente transformá-los em adoradores de Jeová, irmãos dos próprios judeus.

## 1 Reis 6

### f) Recuperando o Machado Emprestado. 6:1-7.

**1. O lugar em que habitamos . . . é estreito demais.** Devido ao aumento do número de crentes, surgiu a necessidade de recintos maiores. O ministério de Eliseu estava dando frutos. Nossas boas obras deveriam levar outros para a comunhão dos santos.

**3. Serve-te de ires com os teus servos.** Expressaram um sincero desejo da presença de Eliseu.

**5. Era emprestado.** Isto reflete sua maneira simples de viver e sua pobreza.

**6, 7. Fez flutuar o ferro.** Os que são fiéis a Deus experimentam a libertação em coisas aparentemente insignificantes. Às vezes o livramento vem por meio de intervenção extraordinária, conforme veremos no incidente seguinte.

**g) O Conquistador Frustrado. 6:8-23.** O fato de Deus poder lidar com os sírios com tanta facilidade devia ensinar a Israel que o Senhor podia protegê-los e também ajudá-los a controlar seu pecado.

**8. O rei da Síria fez guerra a Israel.** Traduza: *Estando o rei da Síria em guerra com Israel*. Havia guerra entre Israel e Síria (ver 5:5, 6). **Meu acampamento.** Antes, devemos supor que seja: "faremos uma emboscada". Teodósio traduz: *escondam-se*.

**9. Os sírios estão descendo para ali.** Os sírios tinham armado uma emboscada. "O hebraico em estão descendo é inexplicável. O contexto exige um significado como "escondidos".

**10. Assim se salvou.** O rei de Israel salvou-se diversas vezes por causa da advertência de Eliseu.

**11. Não me fareis?** "Um de vocês está revelando meus planos a Israel". Como poderiam ter sido descobertos?

**12. Eliseu . . . faz saber . . . as palavras que falas na tua câmara de dormir.** O Senhor contava a Eliseu. E os sírios souberam por intermédio de seus próprios espias que Eliseu tinha esta excepcional capacidade de prever o futuro.

**13. Para que eu mande prendê-lo.** O rei da Síria, desejando acabar com o trabalho de Eliseu, foi até Dotã (v. 14) para pegá-lo.

**15. Que faremos?** A vista vê as aparências e os temores; enquanto que a fé (v. 16) vê a Deus, e a alma fica em paz.

**17. O monte estava cheio de cavalos e carros de fogo.** A proteção poderosa de Deus estava evidente (cons. Sl. 34:7).

**18. Fere . . . de cegueira,** isto é, falta de capacidade de reconhecer. Eliseu e seu servo **desceram contra ele**, isto é, ao encontro do exército sírio. O Senhor deixou o exército sírio impotente, para mostrar a todos que qualquer pessoa protegida por Ele não pode ser tomada (veja comentário sobre o v. 7 acima).

**19,20. Guiar-vos-ei ao homem que buscais.** As palavras de Elias dão a entender uma pergunta da parte dos sírios: "Onde está Eliseu?" Mas sua resposta: **Não é este o caminho, nem esta a cidade**, foi para poupar Dotã e levar os sírios à Samaria, onde ele restaurou sua capacidade de reconhecimento. Eliseu queria confundir futuros ataques.

**21. Feri-los-ei?** O rei de Israel, reconhecendo que as circunstâncias eram fora do comum, não ordenou a costumeira execução dos prisioneiros de guerra (Dt. 20:13). Na verdade, eram prisioneiros do Senhor. "Este não é na realidade um caso de guerra", respondeu Eliseu, com efeito.

**22. E tornem a seu senhor.** A Síria devia ficar sabendo que nada podia fazer a Israel, cujo guardião era Deus.

**23. Não houve mais investidas.** As incursões sírias cessaram por algum tempo.

**h) O Cerco Inútil de Ben-Hadade em Samaria. 6:24 - 7:20.** Este era o Ben-Hadade de I Reis 20 e de II Reis 8:7, identificado como Ben-Hadade I. Não foram dois reis ao mesmo tempo, como alguns mestres têm defendido. Sua inscrição na Estela dedicada ao deus Melcarte tem sido de maneira fidedigna datada de cerca de 850 A.C. (BASOR, 87, pág. 23 e segs.; 90, pág. 30 e segs.). Portanto seu reinado estendeu-se desde antes do ano trigésimo sexto de Asa (873/872 A.C.; II Cr. 15:19) até um pouco antes de 841 A.C., quando Salmaneser, conforme consta, atacou Hazael de Damasco. Um reinado mínimo de trinta e dou anos e possivelmente mau de quarenta não é improvável, quando consideramos que Asa e Joás reinaram cada um quarenta anos, Uzias cinqüenta e dois, e Manassés cinqüenta e cinco anos.

**24. Ben-Hadade . . . sitiou a Samaria.** Veja comentário sobre 6:7. A fome (cons. Lv. 26: 26.29 ; Dt. 28:15-53) e o cerco foram planejados para punir o povo por violar a aliança (cons. I Reis 11:38 quanto às exigências normais da aliança). Este foi pelo menos o segundo cerco de Ben-Hadade em Samaria (veja I Reis 20).

**25. Cabeça dum jumento.** O cerco elevou os preços até mesmo de aumento considerado imundo. **Esterco de pombas.** Se eles estivessem comendo esterco de aves, provavelmente não seria só de pombos, portanto, o significado é, grão miúdo. Os árabes chamam uma certa planta (*herba alcoli*) de "esterco de pombo". **O cabo,** E.R.C. (*qab*) era uma medida.

**27. Onde te acudirei eu?** "Os armazéns estão vazios. Se Jeová não lhe ajudar, de onde poderei eu ajudá-lo?"

**28. Dá teu filho.** A idolatria desceu a um nível tão baixo que chegaram a pedir ao rei que mandasse executar um contrato canibalístico.

**30. Rasgou as suas vestes . . . pano de saco.** Já que usava pano de saco sob as roupas, como símbolo de arrependimento, ele pensou que Eliseu acabaria com o sofrimento do povo, cuja continuação lhe fora tão revoltantemente revelada.

**31. Se a cabeça de Eliseu . . . lhe ficar hoje sobre os ombros.** Enfurecido pelo crime da mulher, ele fez voto de vingança contra Eliseu por tê-lo enganado, conforme ele supunha (cons. 6:21, 22).

**32. O filho do homicida.** Um epíteto. Possivelmente fala de Jeú, o pai do rei. Mas, mau provavelmente indica que a atitude de Jorão era de homicídio sem arrependimento.

**33. Disse o rei.** O rei, tendo mudado de pensamento (cons. v. 31), surpreendeu o mensageiro reconhecendo que este mal vinha do Senhor. **Que mais, pois, esperada eu?** "O fim está próximo. Não há esperanças?" O rei tomara a atitude certa para Deus poder libertar, atitude esta que nós também devemos tomar.

## 2 Reis 7

**7:1. Ouvi a palavra do Senhor.** Diante do arrependimento do rei (6:33), Eliseu deu pronta resposta de que no dia seguinte haveria libertação, com abundância de alimento a preços baixos.

**2. Ainda que o Senhor fizesse janelas no céu.** O capitão (lit., *terceiro oficial*). Veja Thiele, *Mysterious Numbers*, pág. 114. Cons. v. 11) expressou sua incredulidade e zombou de tal possibilidade.

**3. Quatro homens leprosos.** Ninguém mais lhes trazia alimento.

**4. Demos conosco no arraial dos sírios.** Tinham de enfrentar a morte, ou morrendo de fome ou pelas mãos dos sírios, mas nada urro chance de que ela não fosse ao certo neste último caso.

**5. Eis que não havia lá ninguém.** Deus usou o raciocínio especulativo de quatro párias desprezados para revelar o livramento de Samaria.

**6. Fizer ouvir no arraial dos sírios ruído de carros.** Deus usou um som produzido de maneira desconhecida para enganar e amedrontar

os sitiadores. Talvez fosse o vento passando pelos desfiladeiros entre as montanhas. **Heteus. . . musrianos.** Não egípcios, como está na E.R.C, e E.R.A. Musri fica na Síria (I Reis 10:28). Salmaneser III cita Musri entre os seus adversários em Qarqar em 853A.C. (veja ANET, Salmaneser, 11. 78.102, nota sobre Musru). Os heteus, na qualidade de gente mercenárias, eram comuns e estavam à disposição, embora o seu império já tivesse desaparecido. Mercenários egípcios não eram comuns nem estavam à disposição.

**8. Chegando, pois, aqueles leprosos.** Naturalmente seu primeiro pensamento foi o de satisfazer sua fome.

**9. Não fazemos bem.** Se eles se demorassem até de manhã, seriam culpados de não se preocuparem com os sitiados.

**10. Não havia ninguém.** Primeiro contaram o essencial – que os soldados tinham fugido. Depois falaram das provisões nas tendas, o que foi tudo imediatamente transmitido ao rei.

**11, 12. Agora eu vos direi.** O rei, tão depressa se esquecendo da promessa de Eliseu, suspeitou de um golpe a fim de que Samaria abrisse os portões para sua destruição.

**13. Tomem-se.** "Não sejamos apressados; vamos descobrir o que aconteceu. De qualquer modo, a morte nos aguarda dentro ou fora; e, em caso contrário, o livramento virá rapidamente".

**15. Foram após eles até ao Jordão.** E descobriram as evidências conclusivas da fuga dos sírios.

**16. Um alqueire . . . por um siclo.** A previsão de Elias quanto à fartura tinha se cumprido.

**17. Dera o rei a guarda** ao "terceiro oficial" para que mantivesse a ordem junto a porta – o lugar do mercado. Tal funcionário era freqüentemente necessário. **O povo o atropelou.** Esse zombador foi pisado até morrer pelos pés do povo faminto lutando desesperadamente para alcançar o aumento.



**18-20.** A previsão de Eliseu quanto ao aumento e o oficial incrédulo torna a ser mencionada. Seu cumprimento foi perfeitamente natural, perfeitamente inevitável.

## 2 Reis 8

**i) O Interesse do Rei por Eliseu. 8:1-16.** Apesar do grande interesse que o rei revelou ter por Eliseu, demonstrado por este incidente, ainda assim não abandonou os seus pecados; pois o parágrafo seguinte (vs. 7-15) indica que o juízo estava para vir.

**1. Falou Eliseu,** serve de introdução ao que se segue. O momento exato do incidente é indeterminado. **Levanta-te.** A advertência de Eliseu foi mais um testemunho do cuidado de Deus por aqueles que nEle confiam. Evidentemente a mulher agora já enviuvara, pois Eliseu havia solicitado que ela partisse e foi ela que "clamou" pela restauração de suas propriedades quando retomou.

**3.** Quando a mulher retornou, encontrou outras pessoas morando em suas propriedades.

**4. Conta-me.** O rei queria conhecer os atos menos notórios da vida de Eliseu.

**5. A mulher** entrou – pela providência divina.

**6. Faze restituir-lhe.** O rei ficou impressionado com a história da ressurreição do seu filho. Ele lhe deu mais do que ela pediu. Este rei poderia ter sido Acazias ou Jorão, ambos reis que "fizeram o que era mau" (I Reis 22: 51, 52; II Reis 3:1, 2).

## **j) Hazael Usurpa o Trono de Ben-Hadade. 8:7-15.**

**7. O homem de Deus é chegado aqui.** Eliseu era bem conhecido na Síria. A predição de I Reis 19:15 aguardava até agora para a sua realização. A mudança de reis na Síria fora de menos importância para Elias do que a destruição do Baalismo, contra o qual ele agiu imediatamente. Agora, a visita de Eliseu aponta para o juízo por vir sobre Israel, por intermédio de Hazael, porque ela persistia em seu

caminho pecaminoso (veja I Reis 19: 17; II Reis 8:12). A subida de Hazael ao trono foi narrada para completar o quadro.

**9. Quarenta camelos carregados** indicam um presente costumeiro feito pelos povos pagãos aos seus deuses quando desejavam receber um oráculo.

**10. Certamente sararás.** Traduza: "Vá e lhe diga (como você pretende fazer): 'Certamente sararás'; contudo, o Senhor me revelou que ele certamente morrerá (por sua mão)".

**11. (Hazael) ficou embaraçado.** Conhecendo o coração de Hazael, Eliseu fitou-o com seriedade até que os pensamentos do sírio foram revelados através de seu acanhamento. E chorou o homem de Deus. Ele previu que crueldades Hazael descarregaria sobre Israel (II Reis 10: 32; 13:3, 4, 22) apesar de seus protestos de humildade - "este cão" e sua negativa - "não pense que eu quero ser rei" (8:13) - tão prontamente apresentados. Eliseu só repetiu o fato de que Hazael seria rei.

**15. Estendeu sobre o rosto do rei.** Hazael sufocou o rei para que a morte parecesse natural. Depois usurpou o trono e assim cumpriu as palavras de Eliseu e sua própria ambição. Salmaneser III (860-825A.C.), da Assíria, diz dele: "Hazael, filho de ninguém, apossou-se do trono" (Davi D. Luckenbul, *Ancient Records of Assyria and Babylon*, Vol. I, Sec. 681). Em outras palavras, Hazael não era de linhagem real.

**10) Reinados de Jeorão e Acazias em Judá. 8:16-29.** A breve história de Jeorão e Acazias está incluída para mostrar como o culto a Baal e os pecados conseqüentes entraram em Judá.

**16. No ano quinto . . . começou a reinar Jeorão, filho de Josafá** (cons. II Reis 3:1). Jeorão começou uma co-regência com seu pai (veja Thiele, *op. cit.*, págs. 54, 65).

**18. Porque a filha deste (Acabe) era sua mulher.** Ela foi a fonte dos pecados de Jeorão. Atalia introduziu o culto a Baal em Judá, o que acelerou a derrocada da nação e foi o fator principal de sua ruína (II Cr. 21: 5-7).

**19, 20. Porém o Senhor não quis destruir . . .** Nos dias de Jeorão. Embora Judá mergulhasse profundamente no pecado, nem a dinastia nem o reino veriam o seu fim tão logo. Contudo, Judá pagaria caro com a perda de principados antes submissos, tais como Edom (vs. 20-22a) e Libna (v. 22b).

**21. Zair.** Provavelmente deve ser lido *Seir*. Isto é, Edom. (Veja v. 21 com referência à região da campanha para apoiar a tradução de *Seir*).

**22b. Libna,** que ficava perto da Filístia, foi possivelmente incitada pelos filisteus (cons. II Cr. 21:16). O pecado provoca perdas incalculáveis.

**25. Começou a reinar Amazias.** Em 842 A.C. (veja Thiele, *op. cit.*, págs. 63, 64).

**26, 27. Sua mãe chamava-se Atalia. Ele andou no caminho . . . de Acabe.** Atalia passou os pecados de Acabe para Acazias. "As más companhias corrompem os bons costumes". Ela era a bisneta (descendente), não filha de Onri; um tributo a Onri. Em II Crônicas 21 o nome de Acazias é Jeoacaz, mas é o mesmo nome. **Acaz** é a parte verbal do nome, ao qual foi colocado como prefixo o nome divino *Jah*, que se pronuncia *Jeo* e *ias* é uma terminação. A ascensão de Acazias marcou um momento crítico em Judá, do qual ela nunca mais se recuperou.

**28. Foi com Jorão.** Eis aí a causa imediata que provocou a morte de Acazias (cons. 9:16), a qual veio como um juízo sobre a "casa de Acabe".

## 2 Reis 9

### 11) Jeú Feito Rei em Israel. 9:1-10.

**1. Eliseu chamou um dos discípulos dos profetas.** A taça da iniquidade da casa de Acabe estava agora transbordando e o juízo de I Reis 21:21-24 estava para ser realizado. Os próximos acontecimentos ocorreram durante a convalescença de Jorão. **Ramote-Gileade.** Jorão e Acazias juntaram-se numa tentativa de tomar esse lugar da Síria. Sua tentativa provocou a necessária força militar e disposição de personagens dentro do devido ambiente para a realização dos propósitos divinos.

**3. Assim diz o Senhor: Ungi-te rei.** Jeú foi a segunda das duas agências – os profetas Elias e Eliseu sendo a primeira – através das quais o Senhor procurou tornar conhecida a Sua vontade. Se a primeira e benigna administração do castigo não fosse levada em consideração, a segunda administração do juízo se seguiria.

**5. Eis que os capitães do exército estavam assentados.** A referência feita á "casa" (v. 6) indica que Ramote-Gileade fora tomada. **Perguntou-lhe Jeú.** Jeú falava como porta-voz, indicando que era o chefe. Jeú, ao que parece, era grandemente estimado pelos outros, provavelmente porque se distinguira na tomada de Ramote, quando Jorão se ausentou do cenário para se recuperar de ferimentos.

**6. Derramou-lhe o azeite.** Significava escolha divina para o reinado ou para serviço especial do Senhor. Jeú foi escolhido para os dois cargos com um simples propósito (veja vs. 6, 7).

**7. Ferirás a caso de Acabe.** A missão dada incluía toda a casa (v. 8).

**9. Como à casa de Jeroboão . . . e como à casa de Baasa.** Veja I Reis 15:29; 16:11, 10. **Fugiu.** Uma atitude preditiva da rapidez e da monstruosidade da destruição que se seguiria.

### **C. Desde Jeú até a Destruição de Israel. 9:11 - 17:41.**

Ameaçando a idolatria de destruir todas as boas influências restantes em Israel e invadir Judá para destruir toda a nação, a casa de Acabe foi assinalada para extinção.

**1) O Reinado de Jeú. 9:11 - 10:36.** De conformidade com os princípios divinos referentes ao julgamento do pecado, conforme apresentados em Deuteronômio, Jeú tornou-se o executante da ira de Deus contra os principais pecadores em Israel - Acabe e seus perversos descendentes.

**11. Vai tudo bem?** A pergunta relacionava-se com as condições em Israel. **Este louco.** O epíteto transmite a impressão que deixou seu

comportamento. **Bem conheceis.** Jeú deu a entender que tinham enviado o profeta discípulo 'tendo em vista propor-lhe que liderasse uma tentativa de revolta'. A resposta deles: "agora faze-no-lo saber", revela sua honestidade. Então Jeú revelou-lhes a história.

**13.** Traduza: *Tomando cada homem o seu manto e estendendo-o sobre o caminho até os degraus, tocaram.* . . Eles estenderam um tapete improvisado para sua coroação imediata.

**14. Tinha, porém, Jorão cercado.** Depois que Jorão tomou Ramote, os sírios o atacaram ali e o feriram em batalha. Cercado a Ramote-Gileade. Como um posto avançado contra as incursões de Hazael.

**15. Ninguém saia** – para divulgar os planos a Jorão.

**17. O Atalia . . . disse: Vejo uma tropa.** A falta de preparo de Jorão facilitou a rápida execução do juízo (cons. v. 10; **fugiu**).

**18. Passe para trás de mim.** Jeú reteve os dois mensageiros para evitar qualquer "escape" da parte de Jorão. A ação foi transmitida a Jorão.

**20. O guiar do carro parece como o de Jeú. . . porque guia furiosamente.** O guiar do carro parecia estar na velocidade furiosa comum a Jeú. Jorão agora temia a situação em Gileade.

**21. Aparelha.** Para estar preparado diante de possíveis más notícias.

**22. Há paz?** Isto é, a campanha de Gileade teve sucesso? **Que paz . . . ?** Jeú fez um jogo com a palavra paz, fazendo Jorão lembrar que não havia "paz" para aqueles que participavam dos pecados de idolatria e feitiçaria de Jezabel (cons. Êx. 22:18; Dt. 18:10). Jeú condenou Jezabel como a inauguradora e patrona da idolatria de Israel.

**23. Traição.** Jorão não percebeu o juízo divino.

**24. Entre as espáduas.** Jeú derrubou Jorão quando este se voltou para fugir.

**25. No campo da herdade de Nabote.** A sentença fora que ele sofreria morte por juízo. E o cumprimento da predição teve lugar justamente perto da vinha de Nabote (cons. vs. 21, 23, 25). Este

incidente destaca-se para mostrar o poder do Senhor para usar nossos atos no cumprimento de Sua vontade. Portanto, mostra, também, que Ele poderia ter destruído a nação de Israel, muito embora eles pensassem que isto não era provável.

**27. À vista disso, Acazias.** Acazias previu o destino que o aguardava, sendo ele descendente de Acabe (cons. I Reis 21:21). **Feri também a este . . . à subida de Gur.** Jeú deu ordens ao seus homens para perseguirem Acazias, enquanto ele mesmo partiu para Jezreel atrás de Jezabel. Ele calculou que os homens o alcançariam na passagem de Gur, perto de Ibleã.

**30. Jezabel o soube; então se pintou.** Jezabel sabia qual o propósito de sua vinda.

**31. Teve paz Zinri . . . ?** "Você, Zinri! Você, regicida!" Ela pensou impedir Jeú, fazendo-o lembrar do rápido destronamento e morte de Zinri.

**32. Quem é comigo?** Jeú convocou os observadores a tomarem partido na questão Eunucos. Estes provavelmente deram um sinal a Jeú como seus aliados.

**33. Lançaram-na abaixo . . . e Jeú a atropelou,** isto é, os cavalos do seu carro.

**34. Sepultai-a.** Depois de comer, ele finalmente se lembrou que Jezabel era princesa.

**36. No campo de Jezreel os cães comerão a carne de Jezabel.** De maneira tão singular e por esquecimento de Jeú cumpriu-se a profecia do Senhor relativamente a Jezabel.

**37. Já não dirão.** Jezabel não teria sepultura, mas seria considerada lixo.

## 2 Reis 10

**10:1. Setenta filhos de Acabe.** Cons. os versículos 2, 3. Inclui-se aqui todos os descendentes do sexo masculino. Jeú pretendia eliminar toda a casa de Acabe. Ele estava agora começando a executar o juízo

sobre Israel como nação. Para Israel perder esta família seria perder toda a linhagem de um de seus mais capazes reis. Contudo, o que Jeú fez, matando essas pessoas e os adoradores de Baal, foi condenado por Oséias (1:4), pois Jeú agiu com espírito de sanguinário, cheio de cobiça e ambição. 3. Escolhei . . . ponde-o sobre o trono de seu pai, e pelejar. Jeú propôs resolver a questão por meio de uma luta de gladiadores (cons. II Sm. 2:11-17), maneira comum de resolver disputas no antigo Oriente Próximo. A culpa e o medo geralmente agiam a favor do vencedor.

**5. Teus servos somos.** O medo despertou rápida aquiescência. Embora favorecessem o antigo regime (v. 4), renunciaram qualquer tentativa de revolta.

**6. As cabeças dos . . . filhos de vosso senhor.** Os anciãos foram convocados a executar o juízo sobre o pecado.

**7. Setenta pessoas.** Especificamente, as que foram exigidas (cons. I Reis 21:21, 22).

**8. Trouxeram . . . Ponde-as.** O pedido de Jeú foi atendido.

**9. Vós estais sem culpa, por isso podeis julgar.** Ele quis dar a impressão de que nada tinha a ver com o massacre, alegando que, embora os setenta tivessem morrido por ordem sua, isto aconteceu por causa da sentença da profecia de Elias.

**12. Foi a Samaria.** Depois que toda a oposição ativa cessou.

**13. Quem sois vós?** Cons. II Cr. 22:8. Eram primos dos filhos de Acázias. Nada sabiam sobre a revolução.

**14. Apanhai-os vivos.** Para eliminá-los também. E os trataram. Jeú os eliminou para evitar que liderassem uma contra-revolução.

**15.** A subida de Jonadabe para o carro de Jeú significou que ele aceitou Jeú como servo de Jeová, já que era adversário de Acabe. No papel de adversário de Acabe, liderou a comunidade religiosa no culto a Jeová. Jeú usou-o para sancionar suas ações em Samaria. Josefo fez que Jonadabe elogiou a atitude de Jeú.

**18. Jeú, porém, muito o servirá** (a Baal). Jeú aquietou as suspeitas do povo dizendo que pretendia adorar a Baal. Esta atitude, que foi de falsidade, comprova a sua sede de sangue.

**19-22. Chamai-me agora todos os profetas de Baal . . . Porém Jeú fazia isto com astúcia.** Jeú planejou uma armadilha. As roupas (v. 22) tornariam mais fácil identificar os sacerdotes de Baal. Reunindo-os nos limites do pátio externo do Templo (v. 21), ficou mais fácil efetuar sua morte.

**23. Examinai.** Só os sacerdotes de Baal deviam ser condenados à morte. Jeú pretendia quebrar o poder da dinastia de Acabe removendo completamente esses adeptos e esperava ao mesmo tempo obter o apoio daqueles que eram leais ao Deus de Israel, assegurando-se assim de sua posição.

**25.** Traduza: *Acabando de completar os preparativos para o sacrifício, Jeú disse ...* Jeú trio participou do sacrifício. Se o fizesse seria fatal a sua tentativa de ganhar o favor dos israelitas fiéis. **Entraí.** Só a execução dos sacerdotes de Baal teria servido adequadamente às exigências da justiça e santidade de Deus.

**27, 28. Derrubaram.** Jeú destruiu o centro da adoração para acabar com o culto.

**29, 30. Porém não se apartou Jeú de seguir os pecados de Jeroboão.** Jeroboão "transgrediu a aliança" levando o povo de Israel a adorar os bezerros de Betel e Dã. Jeú continuou praticando este pecado. Por causa deste ato de Jeú, Israel foi para o cativeiro. Assim Jeú destruiu o valor do seu trabalho. Sua dinastia foi militar, não religiosa.

**32. Começou o Senhor a diminuir os termos de Israel.** Em Jeú Israel teve sua última oportunidade. Sua deficiência foi que as reformas de Jeú terminaram com o reavivamento dos "pecados de Jeroboão". A "diminuição dos termos" começou com a perda do território tornado por Hazael (v. 33).



## 2 Reis 11

2) Atalia de Judá. 11:1-20. O pecado de Atalia resultou em sua morte, mas Deus preservou a linhagem da casa de Davi, de conformidade com II Sm. 7:28, 29.

**1. Vendo Atalia . . . que seu filho era morto.** Cons. II Cr. 22:10-12. Como muitos outros usurpadores orientais, ela tentou eliminar todo e qualquer reivindicador do trono.

**2. Jeoseba.** Meia irmã de Acazias (II Cr. 22:11), esposa de Joiada. **Ama.** De leite; Joás era lactante ainda.

**4. No sétimo ano.** Veja II Cr. 23:1 e segs. com referência à reunião da aliança dos quinhentos guardas pessoais e levitas com Joiada, no caso de Joás, provavelmente em uma das três festas anuais.

**5-8.** Estes versículos descrevem os grupos dos guardas pessoais do rei, preparados por Joiada, para levar Joás do Templo ao trono. Um terço daqueles que entrariam em serviço no sábado seria dividido em três partes: uma parte ficaria de guarda na casa do rei – o palácio; outra parte guardaria a saída do palácio – o portão Sur; e a terceira guardaria a entrada e a porta da casa do rei. Os outros dois terços que teriam folga no sábado teriam de guardar o Templo e Joás em fileiras cerradas e matar qualquer um que tentasse "furar" as fileiras.

**10. O sacerdote entregou aos capitães. .. as lanças e os escudos.** Joiada armou os soldados no dia designado para colocar Joás no trono.

**11,12.** Joás foi coroado pelo representante do Senhor (o sacerdote). **Testemunho.** No mínimo, o Decálogo (Êx. 25:21; 16:34). Cons. Dt. 17:19. A presença da multidão indica que a coroação aconteceu em um dia de festa. O povo deu a sua aprovação batendo palmas.

**13. Ouvindo Atalia.** Barulho como esse não ocorre normalmente quando da troca da guarda do palácio ou por causa de uma procissão sacerdotal. Bastou Atalia ver Joás de pé no lugar do rei (*'al ha'amod*) para compreender a intenção do ajuntamento. Veja II Cr. 23:13; Ez. 46:2; (cons. II Cr. 6:13 com referência ao conceito do lugar reservado para o rei). Seu grito de **Traição!** (v. 14) indica a presença de sua própria

guarda pessoal, à qual ela agora ordenava que pegasse o menino Joás e seus partidários.

**15. Fazei-a sair.** Joiada agiu primeiro ordenando que ela fosse executada. Apertada entre as fileiras, foi conduzida para fora e executada no portão do palácio que dava entrada aos cavalos. A fidelidade de Joiada evitou que a política de conveniência de Josafá resultasse na extinção da linhagem de Davi. Contudo, a atitude do sacerdote apenas protelou a derrocada final de Judá.

**17. Joiada fez aliança . . .** A aliança do Monte Sinai, violada pelos pecados de Atalia, Acazias e Jeorão. Joás aceitou este "testemunho" pelo qual governaria como vice-rei de Deus, secundado pelo povo. Esta é a aliança. A destruição da casa de Baal (v. 18), em Jerusalém, que necessariamente seguiu-se à renovação da aliança, aconteceu depois que Joás foi posto no trono (v. 19). A ordem é lógica, pois o versículo 18 segue-se ao versículo 19 em tempo, enquanto os versículos 19, 20 referem-se a acontecimentos sob o regime de Joás.

**18. O sacerdote pôs guardas.** Joiada instalou os turnos dos sacerdotes (cons. I Cr. 25; II Cr. 23: 18).

### **3) Judá sob o governo de Joás. 11:21 - 12:21.**

Aqui se dá ênfase à renovação da aliança sob o governo de Joás, que exigiu a limpeza do Templo e sua restauração para o culto a Jeová. As calamidades que lhe sobrevieram refletem o princípio de Gl. 5:17.

## **2 Reis 12**

**12:1.** Esta seção poderia começar com 11:21 de acordo com a fórmula normal usada em relação à vida e reinado de um rei. Começou Joás a reinar. Quanto ao período deste acontecimento veja Thiele, *Mysterious Numbers*, pág. 66.

**2. Fez Joás o que era reto . . . todos os dias em que o sacerdote Joiada o dirigia.** Joás andou com o Senhor enquanto Joiada viveu (II Cr. 24:17-25). Ele tinha falta de convicção pessoal da verdade.

**3. Os altos.** Veja I Reis 22:43; II Reis 12:3; 14:4; 15:4; II Cr. 15:17; 20:33. Não lugares altos para a idolatria, mas centros ilegais de adoração jeovista. Observe I Reis 3:2. Só dois reis de Judá, Ezequias (II Reis 18:4) e Josias (23: 8) retiraram os altos. Um dos maus efeitos deste culto sobre os altos era que dividia a visão espiritual de Judá; e assim contribuía materialmente para a queda da nação.

**4. Disse Joás aos sacerdotes.** Como estágio final da renovação da aliança com Jeová, foi necessário consertar aquelas partes do Templo que tinham caído em um estado de dilapidação durante o reinado de Atalia (cons. II Cr. 24:6, 7). Dois tipos de ofertas são citados: 1) pagamento em cumprimento de um voto (Lv. 27:2), a quantia estipulada pelo sacerdote, uma avaliação de pessoas (Lv. 27: 8) para o sustento do Templo; e 2) **todo o dinheiro que cada um trouxer voluntariamente** (II Reis 12:4b) – uma oferta voluntária a Jeová. Traduza: *Toda o dinheiro referente a questões dedicatórias, que for trazido . . . as peças de prata* (não moedas) *usadas em transação comercial, a prata do imposto pessoal...* Joás simplesmente pediu que os fundos do templo fossem usados para o Templo. **Todo o dinheiro.** Lâminas de prata de peso definido usadas em transações comerciais. Dinheiro cunhado não havia até o período do Êxodo.

**6. No ano vinte e três... ainda não tinham reparado.** As instruções não foram seguidas, possivelmente por causa da renda total do templo ser insuficiente para o sustento dos levitas. A idolatria anterior sob o governo de Atalia desencorajara as contribuições do povo.

**7. Não recebais mais dinheiro.** Joás ordenou que parassem de receber dinheiro dos fiéis.

**8. Consentiram os sacerdotes.** Devido a questões práticas, novos arranjos foram projetados para angariar fundos para o conserto, em cujo processo os sacerdotes foram excluídos.

**9. Joiada tomou uma caixa.** II Crônicas 24:8 diz "do lado de fora, à porta"; aqui se diz ao pé do altar. Talvez a caixa estivesse primeiro ao lado do altar, e mais tarde fora das portas para acesso mais fácil.

**10. O escrivão do rei subia com um sumo sacerdote.** A obra estava sob a orientação do rei em cooperação com o sumo sacerdote (cons. v. 8).

**13. Não se faziam . . . taças de prata.** II Crônicas 24:14 declara o que se fez com o que sobrou dos reparos. Não há nenhuma contradição aqui.

**16. O dinheiro de oferta pela culpa** (cons. Nm. 5:8, 9; Lv. 5:16). Sendo o "preço do pecado" não podia ser introduzido no Templo.

**17. Então subiu Hazael, rei da Síria.** Quanto ao pecado de Joás, o causador da invasão, veja II Cr. 24:15-22. A cobrança do resgate deve ser considerada como juízo sobre Joás e Judá por causa dos seus pecados (veja II Cr. 24:18b).

**20. Os seus servos, conspiraram.** Joás morreu porque mandou matar Zacarias, o neto de Joiada (II Cr. 24:25).

**21. Jozabade.** "Zabade" em II Cr. 24:26 foi escrito por engano em lugar de Zacar, contração de Jozacar.

## 2 Reis 13

### 4) Israel sob os governos de Jeoacaz e Jeoás.

**13:1-25.** Esta seção demonstra quão insidiosamente o pecado se entrincheira e se espalha apesar dos repetidos esforços para sua erradicação.

**1. No ano vinte e três de Joás.** A data não é do ano da ascensão, reduzindo este ano vinte e três para o verdadeiro vinte e dois, o primeiro ano de Jeoacaz, sendo o décimo sétimo ano deste rei equivalente ao trigésimo oitavo de Joás ( $21+17 = 38$ ; veja Thiele, *op. cit.*, pág. 37, 38, quadro, oposto pág. 74).

**2. Andou nos pecados de Jeroboão.** A aliança divina continuou quebrada sob este rei (veja também 10:29).

**3. O Senhor, o qual os entregou nas mãos de Hazael, rei da Síria** – por causa dos pecados enumerados no versículo 2 acima. Quanto à perda do território a leste do Jordão, veja II Reis 10:32. Estas novas

perdas foram agora no território a oeste do Jordão, portanto uma extensão dos castigos anteriores. Durante vários anos Hazael esteve ocupado com as incursões de Salmaneser III, ruas depois da morte desse monarca, ficou livre para mudar suas atividades opressoras contra Israel. **Todos aqueles dias**, isto é, os dias de Jeoacaz (cons. vv. 22, 25).

**4. Jeoacaz fez súplicas diante do Senhor.** A extrema dificuldade enfrentada por Jeoacaz (v. 7) forçou-o a buscar o Senhor, que enviou livramento por amor do povo oprimido.

**5. O Senhor deu um salvador a Israel.** Ele veio depois que Jeoacaz morreu (veja v. 22 abaixo).

**6. O povo continuou praticando os pecados... de Jeroboão,** prosseguindo portanto na violação da aliança. O "arrependimento" de Jeoacaz foi só mental; ele não retornou à aliança.

**7. Não se deixaram.** Veja o versículo 4.

**10. Começou Jeoás, filho de Jeoacaz, a reinar.** Isto foi em 798 A.C. (veja Thiele, *op. cit.*, pág. 67).

**11. Fez o que era mau.** Embora o Baalismo estivesse erradicado, não havia, contudo, um verdadeiro retorno ao Senhor da parte de Israel sob o governo de Jeoás, pois os bezerros de Dã e Betel ainda eram adorados. Os "pecados de Jeroboão" já tinham permanentemente se aninhado nos corações do povo.

**14. Estando Eliseu padecendo da enfermidade.** Este incidente foi narrado aqui, junto com os versículos 22-25 abaixo, por causa da exigência do esboço relacionado com o assunto. Este foi pelo menos o quadragésimo quinto ano depois da ascensão de Jeú (cons. 10:36; 13:1). A doença de Eliseu era bastante séria para provocar uma visita de Jeoás de Israel (13:14.19 encaixam no período de 13:10-13). Carros de Israel. Jeoás queria dizer: "Quando tu partires, de onde virá a sabedoria e o livramento?"

**15. Toma um arco e flechas.** Os meios da vitória e o método de demonstração para Jeoás.

**17. Ferirás** é uma promessa específica de livramento efetuado pelo Senhor em cumprimento da promessa do versículo 4.

**18. Toma as flechas.** Compare as últimas cláusulas dos versículos 17 e 19. Jeoás não tinha fé nem **zelo incansável** para perseverar confiando no Senhor a fim de **consumir** os sírios. Ele foi instruído (v. 18) a atirar as flechas contra a terra. Isto é, "ponha seus inimigos no pó".

**19. Cinco ou seis vezes.** Até que fossem subjugados.

**20. Morreu Eliseu.** As palavras formam uma transição para o próximo acontecimento.

**21. Reviveu . . . e se levantou.** O homem morto foi restaurado à vida porque o Senhor operou um milagre confirmando Sua promessa de livramento a Jeoás.

**22.** As palavras, **Hazael . . . oprimiu a Israel** retomam o tema do versículo 3.

**23. O Senhor teve misericórdia** retoma o tema de 4a. Embora Hazael tivesse quase arruinado Israel, o Senhor ainda não permitiu a destruição da nação, por causa de Sua aliança com Abraão.

**24. Morreu Hazael.** Um primeiro passo na libertação prometida.

**25. Retomou as cidades.** Elas ficavam a leste do Jordão (cons. 10:32, 33). Essas cidades foram tomadas por Hazael, que deixou apenas o lado oeste do Jordão para Jeoacaz. **Três vezes.** Cons. v. 19.

## 2 Reis 14

### 5) Judá sob o governo de Amazias e Azarias. 14:1-22.

O registro da vida de Amazias conta a história de como um coração arrogante e orgulhoso é humilhado, e como o Senhor julga o pecado do orgulho arrogante.

**1. No segundo ano de Jeoás . . . começou a reinar Amazias . . . rei de Judá.** Isto foi em 797/796 A.C. (Veja comentário sobre 13:1 com referência à cronologia do período, e Thiele, *Mysterious Numbers*, pág. 68 e segs.).

**3. Fez ele o que era reto . . . ainda que não como seu pai Davi** (pai = antepassado). Quanto à narrativa de como Amadas falhou em seguir a Davi, veja II Cr. 25:14 e segs. Mais tarde começou a adorar deuses edomitas que trouxe de sua campanha em Edom. Andou nos passos de seu pai Joás (3c).

**5, 6. Matou os seus servos.** Amazias não seguiu o costume oriental de matar os conspiradores e seus filhos; ele só matou os conspiradores, de conformidade com Dt. 24:16. *Observação:* A citação da lei de Moisés é uma evidência de que o Deuteronômio não é uma obra posterior, como defende a alta crítica.

**7. E tomou a Sela na guerra. Sela** é a antiga Petra. Ele também levou seus deuses para Jerusalém e os adorou (cons. II Cr. 25:14 e segs.). É a descrição de um ato de guerra sem provocação contra Edom, mostrando a arrogância e a crueldade de Amazias. Era mais um passo que Judá dava na ladeira de sua destruição final.

**8, 9. Amazias enviou mensageiros.** Sua arrogância o levou a se meter em encrencas com Israel, por causa dos seus deuses edomitas. No entusiasmo da vitória sobre Petra, Amadas desafiou Jeoás de Israel para uma guerra: Vem, meçamos armas. Josefo (*Antiq.* lx. 9. 2) diz que Amazias exigia submissão, ou o resultado seria a guerra (veja também II Cr. 25:13). **O cardo . . . mandou dizer ao cedro.** Jeoás era o cedro; Amazias era o cardo. O desafio de Amazias era presunçoso e arrogante. Jeoás tinha derrotado a Síria e a tinha julgado. Os versículos 11-14 descrevem a derrota de Judá, a parcial destruição de Jerusalém, e a tomada de reféns – tudo porque Amazias adorava deuses edomitas (II Cr. 25:20). O próprio Amadas foi levado prisioneiro (II Reis 14:13), pois rejeitou o conselho de arrependimento do profeta (II Cr. 25:15, 16).

**17-20. Amazias. .. viveu quinze anos depois . . . de Jeoás.** Veja Thiele, *Mysterious Numbers*, págs. 68-72. Jeroboão II teve uma co-regência de doze anos com Jeoás (cons. 14:23; 15:1); Azarias teve uma co-regência de vinte e quatro anos com Amadas (cons. 15:1, 8; 14:23). Azarias subiu ao trono, então, no quinto ano de Amadas, provavelmente

porque o povo estava insatisfeito com a expedição injustificada de Amazias contra Israel e o seu resultado (veja cap. 19). Amazias fugiu para **Laquis**, uma antiga cidade real, uma fortaleza que oferecia refúgio, para escapar aos conspiradores. Situada perto da fronteira meridional de Judá, oferecia rápido meio de escape para outros países e possível segurança. **E o mataram ali.** Possivelmente o povo de Laquis não ajudou o rei a se defender.

**21. O povo de Judá tomou a Uzias.** Veja os versículos 13, 19; cons. II Cr. 26:1, 2. A semelhança destas passagens em Reis e Crônicas, quando comparadas com II Reis 15:1-7, indicam que Uzias punha mais ênfase na conquista do que em livrar Judá dos lugares altos divisivos (cons. II Cr. 26: 11 e segs.). **Azarias** significa (Aquele cujo) *auxílio é Jah*. Seu outro nome, **Uzias**, significa "Minha força é Jah".

**22. Ente.** O acontecimento é importante; veja 15:1-7.

**6) Reino de Jeroboão II sobre Israel. 14:23-29.** Esta narrativa do minado de Jeroboão II mostra: 1) como Jeroboão violou a aliança (pois só o relacionamento do rei com a aliança era importante); e 2) como a promessa de Jeová a Jeoás (cons. 13: 17) foi cumprida.

**23. Décimo quinto ano de Amazias.** Amazias e Uzias reinaram na mesma época; por isso a ascensão de Jeroboão ao trono foi computada em termos de primada de ordem para o rei de Judá (veja vs. 17-20).

**24. Fez o que era mau.** Jeroboão continuou violando a aliança, e adorando os bezerros de Dã e Betel (cons. 10:29).

**25. Hamate.** Não a cidade mas a região (veja I Reis 8:65; Amós 6:2, 14; cons. II Reis 23:33; 25:21). Jeroboão II foi um hábil administrador e general. Ionas. Uma profecia eventual sobre o profeta Jonas, que não está contida no Livro de Jonas, mas revelando o período em que viveu o profeta - 780 A.C. 26. Porque viu o Senhor. Cons. 13:23. Dá-se o testemunho da fidelidade de Deus que pode voltar os corações dos homens para Ele.



## **2 Reis 15**

### **7) Reinado de Azarias sobre Judá. 15:1-7.**

A importância do reinado de Uzias jaz no seu fracasso de eliminar os cultos nos lugares altos, que dividiam a unidade religiosa do povo, contrariando Dt. 12:1-5, 14; 16:16.

**1. No ano vinte e sete de Jeroboão.** Veja comentário sobre 14:17.

**3. Fez o que era reto.** Ele imitou o começo da vida de seu pai Amazias.

**5. O Senhor feriu ao rei.** Uzias intrometeu-se no trabalho do sacerdote (II Cr. 26:17 e segs.), e por isso foi ferido de lepra (cons. Nm. 12:10; Dt. 24: 8, 9; II Sm. 3 : 29; II Reis 5:27). A falta de visão espiritual de Azarias, revelada na permissão da continuação dos lugares altos, contribuiu para que tentasse controlar o sacerdócio (cons. II Cr. 26:16,17).

### **8) Reinados de Zacarias, Salum, Menaém, Pecaías e Peca em Israel. 15:8-31.**

A falta de informação sobre as atividades destes homens é intencional, para mostrar como o seu desprezo pela aliança apressou a queda de Samaria, agora em sua final desintegração.

**8. No ano trinta e oito de Azarias.** Veja comentário sobre 14:17 e segs. Zacarias continuou violando a aliança através da manutenção dos bezerros de Dã e Betel, cujo culto idólatra dividiu a nação.

**10. Diante do povo.** Zacarias foi publicamente assassinado. Falta de vingança da parte do povo indica que todos já estavam profundamente orgulhados em seus pecados.

**12. Esta foi a palavra.** Zacarias era o quarto descendente de Jeú, o último desta linhagem a manter o trono (cons. 10:30).

**13. Salum . . . começou a reinar.** A rápida sucessão de assassinatos ilustra amplamente a condição deplorável do reino.

**14. Menaém . . . feriu . . . Salum.** Manaém, o comandante em chefe, segundo Josefo (*Antiq.* ix. 11. 1), estando aquartelado em Tirza, ouviu sobre o assassinato, marchou contra Salum, derrotou-o e matou-o e depois ele mesmo tomou o trono. A atitude de Manaém baseava-se no fato do reino israelita ser uma monarquia militar, Salum ser um usurpador e, tendo a linhagem de Jeú acabado, o trono poderia passar para o comandante-em-chefe do exército.

**16. Menaém feriu a Tifsa.** Não a Tifsa (Thapsacus) sobre o Eufrates, mas a que fica perto de Tirza; na primeira a Assíria teria impedido qualquer coisa nesse sentido. Ali surgiu uma recusa de reconhecê-lo como rei e seus feitos ferozes tinham a intenção de advertir e desmoralizar seus oponentes. Não restava nenhuma vitalidade espiritual para se lhe opor.

**17. Desde o ano trinta e nove.** Zacarias subiu ao trono no trigésimo oitavo ano de Uzias, e os reinados dos dois reis, Zacarias e Salum, passaram para o seu trigésimo nono ano.

**18. Fez o que era mau.** Veja comentário sobre versículo 8.

**19. Pul, rei da Assíria.** Este é Tiglate-Pileser III, que tinha um outro nome, a saber, Pul (*Pulu* da Assíria, inscrições. Veja JNES, Julho, 1944, págs. 137-188. Veja também Thiele, *Mysterious Numbers*, págs. 76, 77). Esta primeira referência bíblica aos assírios revela que a Assíria estava a caminho do seu império. A Assíria se transformou no grande poder do Oriente Próximo. O império caiu em cerca de 611 A.C. Tiglate-Pileser diz : "O terror se apossou dele (Menaém), fugiu como um pássaro solitário e se me sujeitou. Eu o levei de volta ao seu lugar e . . . prata . . . recebi . . . seu tributo" (Luckenbill, *Anc. Rec.*, Vol. 1, parágrafo 815). Menaém fugiu; mas foi capturado, estabelecido como fantoche e forçado a pagar tributo – mil talentos de prata. A data é aproximadamente em 743 A.C. (veja Thiele, *op. cit.*, pág. 98).

**23. No ano cinquenta de Azarias . . . começou a reinar Pecaías.** O reino de dois anos de Pecaías coincidiu com os dois últimos anos de

Azarias, sobrepondo-se ao seu quinquagésimo ano (veja Thiele, *op. cit.*, págs. 73, 74).

**24. Fez o que era mau.** Cons. comentário sobre o versículo 8. O mal foi ele seguir os pecados de Jeroboão.

**25. Peca . . . conspirou.** Peca era um auxiliar de Pecaías, um capitão de cinquenta homens da guarda pessoal do rei. O fato da guarda pessoal, em lugar de proteger o rei, ajudar Peca a matá-lo, mostra como os laços da disciplina, ordem, fidelidade e obediência tinham se dissolvido. "Porque o Senhor tinha uma contenda com os habitantes da terra" (Os. 4:1 , 2).

**27. No ano cinquenta e dois.** Peca tomou o trono de Israel no último ano de Uzias. A correlação de todas as referências a Pecaías, Uzias, Jotão, Acáz e Oséias revelam o fato espantoso que Peca usurpou os anos de Menaém e Pecaías (veja Thiele, *op. cit.*, págs. 102 e segs.; também págs. 133, 134).

**28. Fez o que era mau.** Veja comentário sobre o versículo 8. Peca perpetuou os pecados de Jeroboão, violando a aliança. Parece que o cativo sob Tiglate-Pileser foi o juízo sobre os pecados de Peca.

**29. Nos dias de Peca ... veio Tiglate-Pileser.** Estas atividades ocorreram antes de 732 A.C., quando Tiglate, como constatamos dos dados de *Eponym Chronicle*, colocou Oséias no trono de Israel. Esta deportação tomou-se o começo do fim de Israel, profetizada por uma longa linha de profetas. Tiglate-Pileser III (745-727 A.C.) fizera de Menaém um vassalo (veja Luckenbill, *Anc. Rec.*, Vol. I, parágrafo 816). **Tomou . . . e levou.** A primeira das duas deportações de Israel, a segunda sendo de Salmaneser V em 723/722. Isto aconteceu em cumprimento de Dt. 28:36. **Ijom.** Em Naftali. Veja I Reis 15:20. **Abel-Bete-Maaca.** Veja II Sm. 20:14,18. **Janoa.** Também em Naftali, provavelmente perto da primara das duas. **Quedes.** A noroeste do lago Hulé. **Hazor** foi escavada por Yigael Yadin (veja BA, XIX, n.º 1, Fev., 1956; XX, n.º 2, Maio, 1957; XXI, n.º 2, Maio, 1958; XXII, n.º 1, Fev., 1959).

**30. Oséias ... conspirou contra Peca.** Tiglate-Pileser diz: "Coloquei Ausi (Oséias) sobre eles como rei". O que aconteceu foi que Oséias precisou que Tiglate aprovasse a usurpação do trono já efetuada.

**9) Judá sob o governo de Jotão e Acaz. 15:32 - 16:20.**

**32. No segundo ano de Peca.** Cons. 15:5 ; II Cr. 27:1-9. Jotão teve uma co-regência com Uzias, 751/750 a 740/739, e quatro anos de co-regência com Acaz, 736/735 - 732/731 A.C. (cons. Thiele, *Mysterious Numbers*, págs. 116 e segs.). Na realidade começou a reinar no segundo ano do reinado de Menaém (II Reis 15:17).

33. Dezesesseis anos. Veja comentário sobre o versículo 37.

34. Em tudo procedeu segundo fizera seu pai Uzias, exceto que não entrou no santuário (II Cr. 26:16), isto é, não usurpou as funções do sacerdócio.

**35. Os altos.** Jotão permitiu que os altos divisivos continuassem existindo (veja comentário sobre 12:3). Ele edificou a porta de arma (alta, E.R.C.). Cons. Ez. 9:2 sobre o lado norte do Templo. **Ele a reconstruiu.** O versículo fala dos **altos** e da porta de **cima** ou *mais alta*, de cuja justaposição de palavras conclui-se que Jotão construiu a porta para atrair o povo ao Templo a fim de que oferecesse seus sacrifícios ali.

**37. Naqueles dias.** Nos dias de Jotão. **Rezim . . . Peca.** A Síria e Israel estavam agora procurando forçar Jotão no campo pró-Assíria (cons. Thiele, *op. cit.*, pág. 117). Acaz foi colocado no trono e Jotão só reinou dezesesseis anos (15 : 53) devido ao ressentimento popular de sua (de Jotão) política anti-Assíria. Veja também comentário sobre o versículo 32.

## **2 Reis 16**

**16:1. No ano dezessete.** Veja comentário sobre 15:32.

**2, 3. Acaz . . . andou no caminho dos reis de Israel** (cons. II Cr. 28:1-4, esp. 3, 4). Acaz violou a aliança do Senhor. Ele viveu como viviam os reis de Israel, e fez imagens de Baal para adorar (cons. Êx. 20:

3). Queimou a seu filho como sacrifício. Números 31:23 indica que isto significa queimar literalmente. Ele ofereceu seu filho como sacrifício queimado a Baal (II Cr. 28:3). Este foi um dos pecados pelos quais Israel foi deportada (veja comentário sobre 17:17).

**5. Então . . . Rezim . . . com Peca.** Veja comentário sobre verso 37. Agora os povos da Síria e Canaã estavam resistindo ao avanço da Assíria, e isto foi uma tentativa de forçar Acaz a se juntar ao movimento. Assim o Senhor usou circunstâncias para castigar Acaz, colocando essas forças contra ele por causa dos seus pecados. Quanto ao livramento oferecido pelo Senhor, veja Isaías 7. Acaz foi derrotado por Peca, entretanto, porque não tinha fé (Is. 7: 4, 9b,11,12), e muitos dentre o seu povo foram levados cativos (II Cr. 28: 5.8).

**6. Rezim . . . restituiu Elate à Síria,** tornando-a de Judá. Mais outro castigo para Judá por causa dos seus pecados.

**7. Acaz enviou.** Cons. Is. 7:17. A Assíria acabou despojando a terra mesmo tendo sido feito este apelo. Quando a Síria caiu, Judá perdeu seu pára-choque contra a invasão da Assíria. **Teu servo.** O preço da ajuda da Assíria foi a vassalagem.

**8. Tomou Acaz a prata e o ouro.** Ele não deu ouvidos à promessa de Isaías. Ele não cria!

**9. O rei da Assíria . . . subiu contra Damasco.** Tiglate tomou Damasco, mas também afligiu Acaz. II Crônicas 28:20 diz : "porém o pôs em aperto".

**10. Então o rei Acaz . . . vendo ali um altar** (em Damasco). Acaz foi expressar seus votos de obediência a Tiglate por causa de seus contínuos favores, mas o altar se transformou em mais um pecado que o afastou de Deus.

**11.** Observe a apostasia de Urias, o sumo sacerdote, o qual transgrediu a aliança por meio de suas atitudes.

**12. O rei, viu o altar . . . e nele sacrificou.** Acaz encontrou o altar pronto (cons. v. 10) – o altar original salomônico foi empurrado para o lado norte - e sobre ele sacrificou.

**15. Minha deliberação posterior**, isto é, "mais tarde eu resolvo o que fazer com ele". O altar salomônico não agradou a Acaz depois que viu o altar de Damasco. Pecou contra o Senhor removendo o altar que fora feito segundo as instruções do Senhor e ali colocado segundo Sua orientação. Os instrumentos determinados por Deus não devem ser alterados.

**17,18.** Acaz depredou mais ainda o mobiliário do templo, arrancando-lhe valiosa ornamentação por temer (não por causa de, em benefício de) o rei da Assíria. Ele se resguardou de excitar a cupidez de Tiglate-Pileser, caso este viesse a Jerusalém.

## 2 Reis 17

10) Destruição e Cativo de Israel. 17:1-41.

**1. No ano duodécimo.** Veja comentário sobre 16:1-4; 15:27-31 .

**2. Não como os reis de Israel que foram antes dele.** Crônicas silencia quanto à diferença. Isto foi apenas em relação ao seu "andar"; ele perpetuou os pecados de Jeroboão.

**3. Contra ele subiu Salmaneser.** Veja 15:30. Tiglate-Pileser III morreu em 727 A.C. Oséias veio a ser vassalo de Salmaneser. Tinha de pagar tributo anualmente. Em cerca do seu ano sexto, Oséias tentou a independência. Conspirou contra Salmaneser aliando-se com Sô do Egito e deixou de pagar o tributo. Assim, naturalmente, Israel foi atacada e o resultado foi a sua queda.

**5. O rei da Assíria . . . subiu a Samaria e a sitiou por três anos.** O tempo aqui é inclusivo; partes de anos são considerados como anos completos (cons. 18:9, 10 para verificar o tempo exato).

**6. O rei da Assíria tomou a Samaria.** Para comprovar que este era Salmaneser V e não Sargão II, veja J.P. Fure, *Archeology and Bible History*, págs. 199, 200. **Transportou a Israel para a Assíria.** Não a Assíria propriamente dita, mas para o seu império. **Em Hala, junto a Habor.** Cons. I Cr. 5:26. O **Habor** é o rio Khabur, que desemboca no Eufrates. **Gozã** é a atual Tell Halaf (Assiriano, *Guzanu*). **Cidades dos**

**medos.** A região a nordeste de Nínive. (Veja *National Geography Magazine*, mapa: "Bible lands and the Cradle of Western Civilizations".) Transportar os povos era então a norma aceita para controle de nações sujeitas.

**7. Tal sucedeu porque os filhos de Israel.** A conclusão está em 17:18: **Pelo que o Senhor.** Os versículos 8-12 contêm uma lista de pecados – especificações para o juízo. **Que os fizera subir da terra do Egito.** O povo de Israel pecou contra o seu Salvador. Os israelitas foram ingratos, miseráveis, transgressores e rebeldes.

**8. Andaram nos estatutos das nações . . . e nos costumes estabelecidos pelos reis de Israel.** Seus pecados se encaixam em duas categorias - as idolatrias dos cananeus e a adoração dos bezerros de ouro.

**9. Fizeram contra o Senhor seu Deus o que não era reto.** Por meio de caminhos e feitos idólatras, negaram ao Senhor, de modo que Ele já não podia mais ser visto ou reconhecido. **Desde as atalaias.** Nenhum lugar escapou desta idolatria. Imagens e estátuas de Astarte foram colocadas debaixo de todas as árvores frondosas (v. 10), e o incenso era queimado em seus cultos diante delas (v. 11), como faziam os pagãos.

**12. Ídolos** feitos de madeira, pedra, metal ou barro (Dt. 29:17). Serviram, isto é, adoraram.

**13. O Senhor advertiu por intermédio de . . .** Os versículos 13-17 recapitulam o procedimento do Senhor com Israel. O escritor mostra como Deus, em Sua fidelidade, suplementou as proibições da Lei com advertências diretas dos profetas, exortando o povo de Israel a se afastar de sua idolatria. Observe que em 17:13 Judá também está incluída na narrativa, pois isto se escreveu sobre a queda de Judá. Contudo não quiseram ouvir, seguindo o exemplo dos seus pais.

**14. Não creram.** É o ato proposital dos corações rebeldes, a cerviz dura.

**15. E se tornaram vãos.** "Toda a sua vida era um alvo sem valor".

**16. Desprezaram todos os mandamentos do Senhor seu Deus, e fizeram para si imagens de fundição, dois bezerros; fizeram um**

**poste-ídolo** (não *um bosque*; a deusa Astarote), e adoraram todo o exército do céu. Os instrumentos e objetos dos cultos – ídolos e divindades estelares da Assíria – são enumerados, todos estritamente proibidos em Dt. 4:14-19.

**17. Queimaram a seus filhos e a suas filhas.** O holocausto de crianças é proibido em Dt. 18:10,11, como também toda forma de adivinhações.

**18. Pelo que o Senhor ... os afastou da sua presença.** A ira de Deus foi provocada, e ele os castigou através da deportação; Judá ficou sozinha. O fato de que esses pecados violaram a aliança é o único motivo para sua deportação.

**19-23.** Estes versículos descrevem a total rejeição de Israel e, embora Judá fosse deixada, ela também era infiel. O versículo 19 insinua que ele iria partilhar do destino de Israel.

**20. O Senhor rejeitou a toda a descendência de Israel.** Deus os entregou ao juízo porque Israel *in toto* transgrediu a aliança. Portanto, isto foi escrito depois da queda de Judá.

**21. Ele rasgou a Israel da casa de Davi.** O Senhor não pretendia que a divisão nacional resultasse em pecado tal como está descrito aqui (cons. I Reis 11:37 e segs.).

**22,23.** O pensamento é: "Embora eu tenha separado os dois povos, Jeroboão induziu o povo a pecar, e o povo consentiu em ser levado pela estrada do pecado abaixo até a final destruição".

Os versículos 24-41 contam a transplantação dos povos de vários países para a terra de Israel.

**24. O rei da Assíria trouxe.** Salmaneser morreu durante ou logo após o cerco de Samaria, e Sargão II (722-705) deve ter sido aquele que repovoou a terra depois da deportação de Israel. Esdras 4: 2 indica que houve uma transplantação posterior sob Esaradom (681-668). Se esta primeira também foi sob Esaradom, então a terra deve ter permanecido despovoada pelo menos quarenta e um anos. Repovoá-la logo após a queda de Samaria seria efetuar um programa sensato de produção para os



cofres públicos. **Gente de ... Cuta.** Josefo os identifica como os cosseanos que viviam a nordeste de Susã (*Antiq.* ix. 14. 3; x. 8. 7). **Ava.** A "Iva" de 18:34; 19:13, entre o Anã e o Habor no Eufrates. **Hamate.** Uma cidade da Síria, sobre o Orontes. **Sefarvaim.** Sifar no Eufrates, acima da Babilônia. **Samaria.** Primeira aplicação deste nome à terra de Israel.

**25. Mandou o Senhor . . . leões.** O período de tempo entre a deportação e a chegada dos colonos deu tempo para a multiplicação dos leões, e Deus usou suas incursões naturais para humilhar o povo.

**26. As gentes ... não sabem a maneira de servir o Deus da terra; por isso enviou ele leões para o meio delas.** Uma análise supersticiosa da parte dessa gente, ruas verdadeira. Foi a base para o seu pedido que enviasse sacerdotes salvadores.

**27.** Seu pedido implícito no versículo 26 foi atendido.

**28. Um dos sacerdotes que haviam trazido de Samaria** foi enviado de volta. Ele voltou a Betel, sede da adoração dos bezerros de Jeroboão, e ensinou ao povo "como" devia temer ao Senhor.

**29-32.** O resultado foi uma mistura de religião pagã e adoração a Jeová, que era pior que o paganismo completo.

**33. Temiam o Senhor.** Um "temor" impuro, uma vez que **serviam aos seus próprios deuses**, como os israelitas anteriormente.

Os versículos 34-41 apresentam uma análise das atitudes do povo em relação às ordens do Senhor. O versículo 34 indica que as práticas religiosas mistas continuaram até o dia em que se escreveu o livro dos Reis. Os versículos 35-39 constituem uma longa citação emendando Êx. 20:5, 7; 22:1; 6:6; 20:23; Dt. 4:34; 5:15; 13:5; 28:14, etc. Aqui o Senhor torna a apontar para Suas obras entre eles, delineando a horrível hediondez de seus pecados.

**37. Que ele vos escreveu.** Esta é uma referência explícita ao fato de que Êxodo e Deuteronômio foram escritos por Moisés e não poderiam ter sido compostos em data posterior. Se esses livros fossem escritos em

data posterior, como os críticos defendem, como poderia Deus ter deportado o Seu povo por pecar contra Seus mandamentos e estatutos?

**40. Eles não deram ouvidos.** Eles inclui tanto os israelitas como os colonos. Continuaram em seus antigos pecados.

**41.** Este versículo é um resumo dos acontecimentos até o período em que foi escrito o registro que foi usado como fonte de informações pelo autor.

### **III. O Reino de Judá até a Destruição Final da Nação de Israel. 18:1 - 25:30.**

#### **A. O Reino sob o governo de Ezequias. 18:1 – 20:21.**

#### **2 Reis 18**

1) As Reformas de Ezequias. 18:1-12. Ezequias é o exemplo do Senhor de um rei justo que confiou nEle. No período da queda de Israel e na hora mais negra da nação, ele foi dado ao povo por Deus para mostrar-lhe seu verdadeiro destino e caráter, e demonstrar que os caminhos divinos são os da bondade e da verdade insuspeitas na manutenção de Sua aliança e testemunho. Durante a primeira campanha de Senaqueribe, em 701 A.C., Ezequias confiou em aliados; na segunda campanha, cerca de 688 A.C., ele dependeu do Senhor. O rei de Judá estava crescendo na fé e na confiança em Deus.

**1. No terceiro ano de Oséias.** Esta é a última coordenação no livro de Reis acerca dos reinados de Judá com os reinados de Israel. Outras informações históricas ajudam a estabelecer a devida seqüência cronológica daqui para frente.

**2. Reinou vinte e nove anos.** Ezequias reinou vinte e nove anos. Além disso, teve uma co-regência com Acás, conforme se deduz do que vem a seguir. Nabucodonosor II destruiu Jerusalém em 19 de julho de 586 A.C. (BASOR, 143, págs. 46, 47). Os reinados de Manassés (55 anos), Amom (2 anos), Josias (31 anos), Jeoacaz (3 meses), Jeoaquim

(11 anos), Joaquim (3 meses) e Zedequias (11 anos) dão um total de 110 anos. Acrescentando 110 a 586 A.C., temos 696 A.C., que seria a data da ascensão de Manassés. Isto, entretanto, não dá lugar aos quinze anos adicionais de Zedequias depois de 701 A.C. (veja comentário sobre o cap. 20). O intervalo de cinco anos (701-696) deduzidos dos quinze deixa dez anos inexplicados. Talvez fossem um período de co-regência com Manassés. (Veja abaixo comentário sobre cada um dos reis citados acima.) Contudo, a ascensão de Ezequias está colocada em 715 A.C. Mas diz-se que ele já reinava no quarto e sexto ano de Oséias, o que indica que ele teve uma co-regência com Acaz de no mínimo doze anos (veja comentário sobre 18:13). Acaz tinha vinte e um anos de idade quando subiu ao trono (II Reis 16:2) e reinou dezesseis anos. Portanto devia ter trinta e seis em 715 A.C. No terceiro ano de Oséias, Ezequias subiu ao trono (veja comentário sobre 18:1), que teria sido em 729/728 (computação inclusiva). Acaz teria, então, vinte e três anos de idade e Ezequias teria doze, o que daria a Acaz onze anos quando Ezequias nasceu, e isto é muito pouco. Fica claro que a idade de vinte com a qual se diz que Acaz subiu ao trono, realmente foi a sua idade no começo de sua co-regência com Jotão. A declaração de que ele reinou dezesseis anos deve se referir ao período de seu reinado independente (veja Thiele, *op. cit.*, pág. 133). De acordo com esta computação ele morreu com quarenta anos. E ele devia ter apenas quinze anos quando seu filho Ezequias nasceu. Tal paternidade precoce não era fora do comum nas terras do Oriente Médio.

**3. Fez ele o que era reto.** A vida de Ezequias está sendo avaliada em relação ao seu comportamento para com a aliança de Jeová; ele a cumpriu.

**4. Removeu os altos.** Veja a narrativa completa em II Cr. 29.31. Em II Reis 18:22 eram lugares de culto – adoração que dividiu o culto a Jeová (veja comentário sobre 12:3). Ezequias e Josias são citados como sendo "segundo Davi" porque não toleraram tal tipo de adoração. **Fez em pedaços a serpente de bronze que Moisés fizera.** O mais característico

objeto se transformara em motivo de idolatria e por isso foi destruído por Ezequias apesar de sua origem e veneração.

**5. Depois dele não houve seu semelhante** em confiança e obediência a Jeová, pois (v. 6) não deixou de servi-lo.

**7. Foi o Senhor com ele** indica que Deus favorece aquele que é obediente. **Rebelou-se contra o rei da Assíria.** Ezequias inverteu a política de Acaz de submissão à Assíria.

**8. Feriu ele os filisteus.** Evidência de que o Senhor estava com ele.

**9-12.** Estes versículos apresentam uma recapitulação da queda de Israel, inserida nos anais de Judá, de acordo com o padrão sincrônico do autor. Embora o incidente registrado viesse antes da primeira invado de Senaqueribe, foi mencionado aqui para fazer o povo lembrar do que pode causar a rebeldia contra o Senhor.

## **2) Livramento das Duas Invasões de Senaqueribe. 18:13 – 19:37.**

### **a) A Primeira Invasão de Judá por Senaqueribe. 18:13-16.**

a) A Primeira Invasão de Judá por Senaqueribe. 18:13-16. Quanto à cronologia veja o versículo 1. Senaqueribe era finto de Sargão II, e reinou de 705-681 A.C. Os versículos 13-16 resumem sua primeira campanha em Judá, em 701 A.C. (17 e segs. Referem-se a uma campanha posterior, cerca de 688). Embora Ezequias contrariasse a política de Acaz de sujeição à Assíria, Judá foi obrigada a se submeter porque foi abandonada por seus aliados (Luckenbill, *Anc. Rec.*, II; parágrafo 240; cons. II Reis 18:14). Ezequias acumulava o tributo dilapidando o Templo (vv. 15, 16). O fato de Senaqueribe receber os tributos em Nínive (Luckenbill, *ibid.*), indica que Ezequias lhe pagava na condição dos assírios saírem da Judéia.

### **b) A Segunda Campanha. 18:17-25.**

O ponto alto desta narrativa é que o Senhor provê o livramento em resposta à verdadeira fé. A ocasião da segunda campanha, que se deu

treze a quatorze anos depois dos acontecimentos dos versículos 13-16, fica determinada pela data do reinado de Tiraca, rei da Etiópia (19:9). Um artigo de BASOR (130, págs. 8, 9) indica que Tiraca não foi coregente até 690/689 A.C. Uma vez que seu nascimento se deu em 711/710 A.C., teria sido impossível que liderasse as forças egípcias em 701 com a idade de nove anos.

**17. Tartã.** Marechal de campo. **Rabe-Saris.** Chefe dos eunucos, isto é, dos servos do palácio, geralmente eunucos. **Rabsaqué.** Mordomo-mor. **Aqueduto do açude superior.** Estendiam desde Giom (II Cr. 32:30; 1 Reis 1:33) até ao campo das lavadeiras – lavandeiro.

**18. Tendo eles chamado o rei.** A delegação queria falar com Ezequias. Mas ele, guardando o protocolo, enviou oficiais de acordo com a categoria deles. Os versículos 19-25 constituem uma mensagem de afronta pagã a Jeová.

**19. Assim diz o sumo rei.** Assim intitulado porque governava sobre outros reis. **Que confiança.** Confiança aqui significa "coisa para se depender". Sua pergunta expressa sua admiração à vista das conquistas do poder assírio.

**20. Vãs palavras.** "Conversa mole". **Em quem, pois, agora, confias.** Rabsaqué supunha que esse **quem** era o Egito (v. 21). Evidentemente Senaqueribe supunha que Ezequias tivesse feito uma aliança com Faraó (cons. v. 22; 19:1 e segs.). Contudo, os filisteus de Ecrom perderiam a ajuda de Tiraca (Luckenbill, *Anc. Rec.*, *loc. cit.*).

**22. Cujos altos e altares Ezequias removeu.** Esses assírios interpretaram a limpeza que Ezequias fez dos ídolos na terra como sacrilégio e não obediência. Ele tinha agido em oposição direta às práticas e crenças pagãs. Senaqueribe queria voltar a atenção da população para si mesmo e assim enfraquecer as defesas de Ezequias.

**23. Empenha-te** deveria ser *faça uma troca*. Observe a insinuação sarcástica que Ezequias nem sequer tinha esse número de cavaleiros. Ezequias, entretanto, tinha escolhido outro meio de defesa.

**24. Como, pois, se não podes.** "Tu não podes, portanto, opor-te ao menor dos capitães de Senaqueribe".

**25. Acaso subi eu agora sem o Senhor?** "O Senhor me enviou para destruir a terra". Só para castigar a terra, entretanto, como os acontecimentos revelaram. É verdade que Deus usa nações estrangeiras para castigar o Seu povo (veja 19:25).

**c) A Tentativa dos Embaixadores de Persuadir o Povo. 18:26-37.**

**26. Fales em aramaico** (E.R.C., siríaco). Para evitar piores efeitos sobre o povo, os oficiais de Judá pediram que o restante das conversações fosse feita em língua aramaica, que rapidamente estava se tornando a língua comercial do mundo antigo. Já era a língua diplomática, mas ainda não era conhecida pelo povo de um modo geral.

**27. Antes aos homens, que estão sentados sobre as muralhas.** Defensores de Ezequias. **Para que comam.** "Recusando-se à rendição você sujeitará seu povo a uma terrível fome devido a longo cerco".

**28. Em judaico,** isto é, em hebraico. Dirigiu seu longo apelo à população.

**29, 30. Não vos engane.** A exortação de Ezequias para que confiassem no Senhor, ele disse, levá-los-á por um mau caminho, pois nem Ezequias nem Jeová poderia livrá-los.

**31. Fazei as pazes comigo,** ou, "submetam-se"; pois ele diz: **ande para mim. Comei.** Uma promessa temporária. Eles seriam transportados para uma terra 'melhor'.

**32. Para que vivaís.** "Vocês só podem viver através da rendição e deportação". Senaqueribe esperava confiante que eles se rendessem, e isto comprovaria o poder assírio.

Os versículos 33-35 mostram como os assírios interpretaram mal o poder e o propósito de suas conquistas anteriores. Rabsaqué era ignorante do fato que o Senhor geralmente seleciona certas nações para sujeição e outras para livramento.

**34. Hamate.** Veja comentário sobre 17:24. **Arpade.** A atual Tell Erfad, 20,9kms a norte de Aleppo. **Hena e Iva** ficavam na área compreendida ao norte do Eufrates, a leste de Hamate. Com relação aos outros nomes veja comentário sobre 17:24 e segs.

**35. Quais são, dentre todos os deuses desses países.** Veja comentário sobre versículo 33.

**36. Calou-se, porém, o povo.** Veja Is. 36:21. Tanto o povo como os ministros de Ezequias recusaram-se a responder. Ezequias pretendia que Deus respondesse.

**37. Vestes rasgadas.** Em sinal de tristeza pelas blasfêmias contra Jeová.

## 2 Reis 19

### d) O Apelo que Ezequias fez ao Senhor 19:1-19.

**1. Tendo o rei Ezequiel ouvido isto . . . cobriu-se de pano de saco.** Um sinal de penitência. Ezequias considerava a invasão como um castigo. Orei orou e também buscou a resposta divina com o profeta Isaías. Ele tinha aprendido a confiar no Senhor inteiramente. Ele tinha abandonado a prática de buscar alianças com o mundo. Só Deus devia liderar e livrar. Veja 3 abaixo.

**3. Dia de angústia, de disciplina e de opróbrio (não blasfêmia como está na E.R.C.).** A **angústia** do povo era o castigo da invasão pelos seus inimigos. **Filhos.** O povo estava em grande perigo, mas seus frágeis esforços para efetuar o livramento poderiam destruir a todos.

**4. Porventura.** Ezequias expressava esperanças em que o Senhor pudesse notar a blasfêmia.

**6. Não temas.** Isaías falou primeiro para afastar o temor, declarando que, tal como Senaqueribe fizera Ezequias temer, uma mensagem vinda de sua capital também o faria temer.

**7.** Assim como ele pretendia derrubar Jerusalém, ele mesmo cairia em sua própria terra (veja v. 37).

**8-13. Voltou, pois, Rabsaqué.** Ele se retirou porque Jerusalém estava fortemente defendida. **Laquis.** Uma escultura escavada em Nínive mostra Senaqueribe assentado diante de Laquis, recebendo seu tributo.

**9. O rei ouviu.** Senaqueribe ouviu do avanço de Tiraca, rei do E#to (veja BASOR, 130 págs. 8 e segs.). Veja comentário sobre 18:17. Isto aconteceu depois de 688, ao fim do reinado de Ezequias. **Enviar mensageiros.** Senaqueribe procurou subjugar Ezequias pelo medo e assim vencer Jerusalém sem lutar.

**10. Não te engane o teu Deus.** Senaqueribe atribuía agora o "engano" ao Senhor. Nisto ele atingiu o apogeu da blasfêmia e selou seu destino (cons. v. 7).

**11. Já tens ouvido.** "Tome nota de minhas conquistas anteriores" (cons. 18:34). Nenhuma dessas cidades foi mencionada nas três primeiras campanhas. Se este ataque ocorreu depois da captura dessas cidades, Senaqueribe não teria deixado de mencioná-las. Portanto isto deve se referir a uma campanha posterior não registrada (veja Luckenbill, *Annals of Sennacherib*, pág. 29). As cidades que não foram anteriormente mencionadas são: **Gozã** – a *Gazanu* assíria, moderna Tell Hallaf, sobre o Habor, a leste de Harã, que data de antes do quinto milênio A.C.; **Harã** – a antiga Harã sobre o rio Balique; **Rezeze** – a *Rasapa* assíria, provavelmente a atual Rusafá, ou Risafe, a nordeste de Palmira; **Éden** – a *Bit-Adini* das inscrições assírias, um pequeno reino atravessando o Eufrates, a oeste do rio Balique; **Telassar** – provavelmente na mesma região.

**13. O rei da cidade** poderia ser o rei de *Lair*, uma vez que esta cidade é atualmente conhecida como a cidade assíria de Lahiru (veja BASOR, 141, pág. 25; Luckenbill, *Anc. Records*, Vol II, parágrafo 252. Cons. II Reis 18:34). Senaqueribe faz uma lista de mais cidades, etc., para aumentar o efeito da mensagem.

**14. Tendo Ezequias recebido a carta ... leu-a.** O significado deste incidente jaz no que Ezequias fez com a mensagem. **Estendeu-a perante**



**o Senhor.** Passou a carta para o Senhor, por assim dizer, deixando que Ele punisse a blasfêmia contida nela.

**16.** As palavras, **Inclina . . . o teu ouvido . . . abre ... os teus olhos** expressa o mais ansioso apelo ao auxílio e sua mais específica atenção. Deus é glorificado quando nos lançamos assim tão completamente sobre o Seu poder e misericórdia.

**17,18. Verdade é.** Ezequias admitia a verdade das reivindicações de Senaqueribe (vs. 12, 13). Ao mesmo tempo ele reconhecia que os assírios tiveram sucesso não porque os deuses de madeira e pedra fossem incapazes, mas porque o Senhor estivera operando na história humana.

e) O Livramento de Jerusalém. 19:20-37.

**20. Assim diz o Senhor, o Deus.** A resposta veio rapidamente, provavelmente por meio de Eliaquim ou Sebna (v. 2). A primeira parte da resposta (vv. 21-28) era dirigida a Senaqueribe.

**21. A virgem, filha.** Isto é, Jerusalém ainda permanece inconquistada e inconquistável para Senaqueribe. . . . **te despreza.** Isaías, antecipando o livramento da cidade, apresenta as ameaças jactanciosas de Senaqueribe como desprezíveis e ridículas. "Ela meneia com a cabeça diante de teu vulto que se afasta em vergonha e frustração". Senaqueribe estava para perder todo o seu exército.

**22. A quem afrontaste?** A loucura de Senaqueribe consistia em ter injuriado o Senhor.

**23. Com a multidão dos meus carros.** Senaqueribe se jactam de poder terreno passageiro. **Subi.** Tempo perfeito. O Senhor revela o pensamento de Senaqueribe que achava que era invencível e que não poderia ser desviado seu propósito. **Líbano** é Judá, seu **cume** é Jerusalém, seus **cedros** são os príncipes de Judá, e suas **pousadas** com seu pomar são os palácios do Monte Sião (cons. Jr. 22:6,7,23; Ez. 17:3).

**24. Em mesmo cavei,** etc., continua a mesma idéia em outra figura.

**25. Acaso não o ouviste.** Agora o Senhor Deus fala dos seus próprios feitos e mostra que Senaqueribe é um ladrão que se apossou dos feitos de outrem, e que ele certamente será punido. **E eu quis que tu.**

Senaqueribe não passava de um instrumento e devia temer para não cair como outros arrogantes pecadores já tinham caído.

**26. Por isso os seus moradores, debilitados.** Não porque seus deuses fossem mais fracos que os da Assíria, mas porque o Senhor concedera poder a Senaqueribe para realização de Seus próprios propósitos. **O capim dos telhados** murcha por falta de terra. **O cereal queimado antes de amadurecer** é o cereal que tende a apodrecer antes de germinar. Essas comparações ilustram e confirmam o fracasso de Senaqueribe.

**27. Mas eu conheço o teu assentar.** Deus conhece o coração de um homem e seus pensamentos determinantes (Sl. 139:1-4). Furor. Ódio violento; animosidade positiva (cons. vs. 23, 24). Aqui ele forma a base para a vingança de Jeová.

**28. Porei o meu anzol no teu nariz.** Senaqueribe seria certamente afastado dos seus propósitos, assim como levava seus prisioneiros. A segunda seção da resposta do Senhor a Senaqueribe é endereçada a Ezequias (vs. 29.31).

**29. Isto te será por sinal.** A descrição do ciclo de três anos de colheitas indica que Isaías estava profetizando em um ano sabático, o que significa que no próximo ano não haveria colheita. O sinal seria que aquilo que a terra produzisse após o ano sabático ficaria para eles. Isto é, os exércitos de Senaqueribe não estariam por perto para despojá-los. O produto ficaria para os judeus colherem. Veja Levítico 25.

**30. O que escapou. . . dará fruto.** Jerusalém escaparia à destruição. E a população que restasse da invasão aumentaria grandemente.

**31. O zelo do Senhor.** Cons. Zc. 4:6b. Através do profeta Isaías, Deus predissera o colapso do cerco de Senaqueribe.

**32. Não entrará nesta cidade.** As invencíveis táticas do cerco dos assírios não seriam usadas contra Jerusalém. O Senhor levaria o rei da Assíria de volta pelo caminho no qual viera, vazio e derrotado.

**34. Por amor de mim;** isto é, para refutar a jactância de Senaqueribe. **Por amor de meu servo Davi.** Para que a casa de Davi

pudesse perdurar por um período de tempo mais longo como testemunho da promessa explícita de Deus a Davi.

**35. Naquela mesma noite ... o anjo do Senhor . . . feriu. . . os assírios.** Compare com o versículo 7. Heródoto registra uma tradição egípcia que talvez descreva os meios físicos usados por Deus para destruir o exército de Senaqueribe: "Os ratos comeram os tremedores". Presumivelmente os ratos chegaram trazendo a peste bubônica. A praga, incubada nos soldados, chegou ao seu ponto crítico naquela noite quando foi prometida a libertação da cidade, matando-os durante o sono. Deus ordena acontecimentos que coincidam com a Sua vontade. Isto aconteceu depois que Rabsaqué afastou-se de Jerusalém e encontrou-se com Senaqueribe em Libna.

**36. Senaqueribe . . . se foi; voltou.** Fugiu de Nínive por causa de possível ação do Egito. Ficou em Nínive indica que não se ocupou mais de campanhas ao oeste (cons. Luckenbill, *Annals of Sennacherib*, pág. 17).

**37. Seus filhos, o feriram.** Senaqueribe morreu como resultado de uma intriga no palácio (cons. v. 7). Esar-Hadom (681-668 A.C.) declara (Luckenbill, *Anc. Rec.*, Vol. II, parágrafos 501, 592) que seus mulos mataram Senaqueribe em uma conspiração para tomarem o trono. Assurbanipal (688-626 A.C.) declara (*ibid.*, Vol. II, parágrafo 795) que ele matou aqueles que mataram Senaqueribe, seu avó.

## 2 Reis 20

### 3) A Enfermidade de Ezequias e seu Restabelecimento. 20:1-11.

**1. Naqueles dias.** Os dias das primeiras invasões de Senaqueribe. Comparando-se a ordem de 18:1 – 20:19 com Is. 36:1 – 40:1 vemos que o registro de Isaías veio a ser a fonte desta narrativa. Está evidente que as duas narrativas tinham propósitos diferentes. Em Isaías o propósito foi mostrar que apenas o Senhor pode confortar o Seu povo; em Reis foi para mostrar que os reis judeus que seguissem a política de Ezequias buscando alianças com o mundo apressariam a queda de Judá. **Assim diz**

**o Senhor.** Acontecimentos subsequentes mostram que a sentença de morte foi condicional.

**2. Virou Ezequias o rosto para a parede.** Ezequias ficou a sós com Deus.

**3. Andei diante de ti com fidelidade.** Ezequias pediu mais dias de vida, tal como está prometido para aqueles que andam com justiça (Pv. 10:27). Considerando que suas ações foram feitas em obediência às ordens divinas, por que, então, ele teria de morrer? Compare com o testemunho de Ezequias em Is. 38:10-20. Ezequias queria mas tempo para estabelecer suas reformas morais mais firmemente entre o povo.

**4. Parte central da cidade** (E.R.C., **pátio**). A área do palácio, o Monte Sião. O Senhor respondeu rapidamente.

**5. Ouvi a tua oração.** Ele prometeu a cura. Em Is. 38:17,18 temos a impressão de que houve algum motivo para Ezequias ser castigado, muito provavelmente por causa de sua falta de fé quando da primeira invasão de Senaqueribe, ocasião em que Ezequias fez aliança com os árabes (Luckenbill, *Annals of Sennacherib*, pág. 33). A esta altura ele não era um exemplo notável de alguém que confiava e obedecia a Deus.

**6. Acrescentarei.** Deus propôs que Ezequias ainda desse provas de verdadeira fé. As palavras, . . . **te livrarei, a ti e a esta cidade**, colocam a enfermidade durante a primeira invasão por Senaqueribe. E defenderá. Veja 19:34, 35.

**7. Tomai uma pasta de figos.** Os antigos criam que cataplasma de figos curava feridas. A enfermidade exata de Ezequias, não sabemos qual foi. Talvez a **úlcera** fosse sintomática. Deus na sua graça concedeu ao rei um sinal de que certamente seria curado.

**8. Qual será o sinal.** Para ter a seqüência natural dos acontecimentos ler os versículos nesta ordem: - 6, 8, 11, 7. Ezequias queria um testemunho externo para alívio de sua ansiedade e fortalecimento de sua fé. Terceiro dia. Seu restabelecimento seria rápido.

**9. Adiantar-se-á a sombra dez graus, ou os retrocederá?** Ezequias escolheu o retrocesso como a prova mais forte e mais positiva da promessa do Senhor.

#### **4) Os Embaixadores de Merodaque-Baladã. 20:12-19.**

**12. Merodaque-Baladã** (*Marduk-Apalidin*) foi rei da Babilônia duas vezes (722-710, 703-702). Foi destronado pela primeira vez por Sargão em cerca de 710 A.C., mais tarde retomou o trono. A segunda vez ele foi derrotado e destronado por Senaqueribe, junto com o seu aliado Elã (veja Luckenbill, *Annals of Sennacherib*, pág. 24) em sua primeira campanha, 703 A.C. A embaixada de 20:12 veio no décimo quarto (uma vez que quinze anos foram acrescentados) ano do reinado de Ezequias, durante o decorrer da primeira invasão de Senaqueribe (vila comentário sobre v. 6). Merodaque quis fazer de Ezequias seu aliado (veja Josefo *Antiq.* x. 2. 2). Ezequias não tinha abandonado ainda seu hábito de fazer alianças. Ele o faria, contudo, antes da invasão e comprovaria ser um verdadeiro homem de fé. A embaixada de Merodaque provavelmente veio em 700 A.C.

**13. Ezequias se agradou ... e lhes mostrou toda a casa do seu tesouro.** Traduza o **se agradou** como *deu boas vindas*. Josefo (*Antiq.* x. 2. 2) indica que Ezequias mostrou seus tesouros para provar que era um aliado capaz. Evidentemente o tributo que prestou a Senaqueribe era 701 ainda não exaurira demais as suas reservas.

**14. Então Isaías . . . lhe disse.** Isaías, que compreendeu o motivo oculto da embaixada, chamou a atenção de Ezequias e o advertiu das conseqüências. Compare com II Cr. 32:31.

**17, 18. O que entesouraram teus pais até o dia de hoje, será levado.** A vaidade de Ezequias era um exemplo da vaidade e incredulidade que provocaria a queda de Judá. Ezequias deixou de lado a fé no Senhor dos exércitos e confiou em seus próprios meios (II Cr. 32:25).

**19. Então disse Ezequias . . . Boa é a palavra . . . Haverá paz e segurança em teus dias.** Isto não foi uma confissão de pecado. Foi uma expressão da política que só via "a paz atual", uma atitude sem visão que não se preocupa com aqueles sobre os quais a catástrofe recairá. Por isso a única coisa que Isaías fez foi virar-se para Jeová e exclamar: "Conforta tu, conforta tu o meu povo" (Is. 40:1). Só depois da destruição predita viria o fim do pecado e apostasia de Israel, e só então haveria paz duradoura.

### **5) A Morte de Ezequias. 20:20, 21.**

**20.** Aqui se faz um resumo das atividades construtoras de Ezequias (cons. II Cr. 32: 27.30).

**21. Dominou Ezequias com seus pais.** Os atos importantes de Ezequias foram contados. Agora temos de nos voltar para a próxima figura que é um exemplo da vaidade e do orgulho que promoveram a queda de Judá.

## **2 Reis 21**

### **B. Os Reinados de Manassés e Amom. 21:1-26.**

#### **J) A Iniquidade e Morte de Manassés. 21:1-18.**

**1. Tinha Manassés doze anos de idade quando começou a reinar.** Veja comentário sobre 18:1.3. Manassés teve uma co-regência de dez anos com Ezequias (cons. Thiele, *Mysterious Numbers*, pág. 155).

**2. Fez ele o que era mau.** Manassés, segundo os maus reis de Israel, violou a aliança.

**3a. Tornou a edificar os altos e construiu altares para Baal.**

**3b-5.** Reintroduziu o culto assírio-caldeu às estrelas e levantou altares **para todo o exército dos céus** nos átrios do Templo.

**6.** Chegou a oferecer seu filho como holocausto, e **adivinjava e tratava com médiuns e feiticeros**, tudo fazendo como se pretendesse provocar à ira o Senhor.

**7. Poste-ídolo.** Antes, imagem de Astarte, deusa feminina sanguinária. Este ato foi o principal pecado através do qual Manassés repudiou e violou a aliança como Senhor.

**9. Pior do que as nações.** Ele adorou mais deuses do que os cananeus pagãos.

**b) Enunciação do Destino Final de Jerusalém. 21:10-16.**

**11,12. Visto que Manassés . . . cometeu estas abominações.** Os deliberados pecados de Manassés destruiriam a nação e a levariam ao cativeiro. . . . **Ihe tinirão .. os ouvidos.** A notícia da devastação de Judá, como uma nota musical desarmoniosa, irritaria e faria tremer a todos que a ouvissem.

**13. Estenderei.** A justiça de Deus examinara Samaria e exigira sua queda.

**16. Manassés derramou ... sangue inocente** – o dos profetas de Deus. Isto tornou sua deportação inevitável (II Cr. 33:11).

**c) A Morte de Manassés. 21:17, 18.**

**18. Foi sepultado no jardim . . . de Uzá.** Porque não foi considerado digno de ser sepultado com os reis.

**2) Os Pecados e a Morte de Amom. 21:19-26.**

**19. Tinha Amom vinte e dois anos de idade quando começou a reinar.** Veja 18:1-3.

**20. Fez o que era mau perante o Senhor.** Violou a aliança, seguindo a seu pai (v. 21).

**22. Abandonou ele o Senhor.** Por isso Jeová o abandonou também; e a morte foi o resultado.

**23. Os servos do rei Amom . . . o mataram.** Oficiais da corte conspiraram contra ele, conspiração essa que morreu no início, pois o

**povo da terra feriu a todos (v. 24) e constituiu a Josias . . . rei.** Assim Josias poderia não ter sido co-regente; veja comentário sobre 18:1-3.

### **C. A Reforma em Judá e Israel sob o Governo de Josias.**

#### **22:1 – 23:30.**

A descoberta do livro da Lei estimulou grandes reformas de natureza temporária. Não houve tempo suficiente para a reforma de Josias desarraigar o pecado há tanto entronizado.

### **2 Reis 22**

#### **1. Tinha Josias oito anos de idade quando começou a reinar.**

Josias era jovem demais para uma co-regência (veja Thiele, *op. cit.*, pág. 154).

**2. Fez ele o que era reto.** Ele cumpriu a aliança com o Senhor. O motivo foi apresentado em II Cr. 34:3: ele buscou o Senhor em seu oitavo ano, e recebeu orientação no décimo oitavo.

**3. No décimo oitavo ano do seu reinado.** Cons. II Cr. 34:8. Os negócios desse ano referem-se à restauração do relacionamento convencional de Judá com o Senhor. A justaposição destes versículos com o versículo 2 indica que isto foi o resultado de Josias ter buscado a Deus.

**4. Conte o dinheiro.** O primeiro passo na restauração do relacionamento convencional entre Judá e Deus foi angariar dinheiro para reparar o Templo (cons. II Cr. 34:9).

**8. Então disse . . . Hilquias . . . Achei o Livro da Lei.** A Tora, os cinco livros de Moisés (cons. Dt. 31:24-26).

**10. ... me entregou um livro.** Safã ocupou-se primeiro do assunto mais importante. O que ele leu (v. 8) e o que ele leu ao rei (v. 10) foi sem dúvida a mesma coisa; tanto ele como Hilquias deviam estar desejando reformas mais completas.



**11. Tendo o rei ouvido . . . rasgou as suas vestes.** Possivelmente a porção lida foi Lv. 26, ou Dt. 28:15 e segs. O Senhor combinou várias circunstâncias para colocar o coração de Josias na direção da reforma.

**13. Consultai o Senhor.** "Vão descobrir se esse juízo iminente pode ser impedido".

**14. Hulda.** A mais próxima fonte de resposta de Jeová.

**16,17. Eis que trarei males ... visto que me deixaram, e queimaram incenso a outros deuses.** Eles transgrediram a aliança concedendo adoração a outros deuses. A ira de Deus não se apagaria, mas sobreviria a Judá em ocasião posterior.

**20. Os teus olhos não verão todo o mal que virá.** Por causa de suas boas obras (v. 19). O segundo passo na restauração da aliança convencional entre Judá e Deus foi a renovação da aliança (23:1-3).

## 2 Reis 23

**23:1. Os anciãos de Judá e de Jerusalém se ajuntaram a ele.** Os líderes espirituais tinham de participar.

**2. Desde o menor até ao maior.** Todas as classes sociais tinham de participar da restauração do relacionamento convencional. Leu diante deles todas as palavras do livro da aliança. Veja Dt. 31:24-26. Josias leu a aliança do Senhor. Cons. Js. 23:6; 24:22-25.

**3. O rei . . . fez aliança ante o Senhor ... e todo o povo anuiu a esta aliança.** Todos participaram na restauração. O terceiro passo foi erradicar a idolatria em Judá (vs. 4 .20).

**4. Que tirassem do templo.** Josias retirou os ídolos imundos e os mandou queimar (cons. Dt. 7:25; 12:3). O Templo de Deus é só dEle.

**5. Destituiu os sacerdotes** idólatras. "Funcionários sacerdotais" que induziam o povo à idolatria também foram destituídos para que os levitas pudessem ser restaurados. **Planetas.** Adoração do Zodíaco.

**6. Poste-ídolo.** Imagem de Astarte. Esses objetos indicam o alcance da idolatria de Judá.

**8. A todos os sacerdotes trouxe ... desde Geba até Berseba** e os afastou dos lugares altos. Isto é, acabou com o culto divisivo por toda Judá e Benjamim.

**9. Comiam pães asmos.** O culto divisivo impedia que participassem do trabalho levítico mas não os privava do sustento. **10.** Profanou a Tofete. Queimando ali ossos humanos (cons. vs. 16-18).

**11. Tirou os cavalos.** Acabou com a adoração do sol.

**12. Os altares que estavam sobre a sala de Acáz.** Usados para o culto astral.

**13,14. Monte da Destruição.** Sobre o Monte das Oliveiras. Em relação à origem do nome, veja I Reis 11:7. O rei Josias, também acabou com a idolatria em Israel.

**15. O altar que estava em Betel.** Ele arrancou a fonte principal da idolatria através da qual Israel tinha transgredido a aliança (cons. I Reis 12:28; 13:1; Amós 3:14; 6:10, 13; Jr. 48:13).

**16. Profanou.** Queimando sobre ele ossos humanos profanou-o para o uso, diante dos olhos dos idólatras.

**17. Que monumento é este que vejo?** Esta é a ligação entre Josias e I Reis 13:2.

**19,20. Josias .. . matou** os sumo sacerdotes, em holocausto à lei mosaica que proibia a idolatria. A seguir o rei substituiu o pecado pela adoração positiva de Jeová (vs. 21-23). Ele liderou o Seu povo na celebração da Páscoa, o lembrete central da aliança (cons. II Cr. 35:1-19).

**22.** As palavras, **tal páscoa**, indicam as circunstâncias e o rigor da celebração ultrapassando à do tempo de Ezequias.

**24.** Josias estendeu suas reformas a todas as casas, para cumprir as palavras da lei. Lares puros formam a base de uma sociedade pura.

**25. Antes dele não houve rei.** Ele executou a Lei com mais exatidão e mais fielmente do que os outros reformadores.

**26.** Mas as boas obras de Josias não podiam libertar Judá (cons. II Reis 22:16.20).

**27. Removerei** confirma a predição de II Reis 20:17 e acrescenta-lhe algo. A remoção do nome de Deus foi a garantia da queda de Jerusalém.

**29. Subiu Faraó-Neco** (609-594) ... contra (antes, ao), o **rei da Assíria** . . . para ajudá-lo contra Nabopolassar, rei da Babilônia (veja BASOR, 143, pág. 25; D.J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings*, pág. 19). **Em Megido.** Uma das rotas normais para a Síria. A Babilônia não foi impedida, porque os esforços de Josias enfraqueceram Neco e assim facilitaram o cumprimento de II Reis 20:17.

### **D. Os Últimos Dias de Judá. 23:31 - 25:30.**

**1) O Reinado e a Deportação de Jeoacaz. 23:31-34.** Veja 18:1-3 quanto à cronologia. O fato de ter sido constituído rei pelo povo dá lugar à possibilidade de uma co-regência (cons. Jr. 22:11).

**32. Fez ele o que era mau.** Transgrediu a aliança.

**33. Neco o mandou prender em Ribla,** para onde ele foi convocado com esse propósito (Josefo *Antiq.* x. 5. 2).

**2) O Reinado de Jeoaquim e a Invasão de Nabucodonosor. 23:24 - 24:7.**

**34. Neco . . . constituiu rei a Eliaquim** por direito de conquista, tendo matado Josias.

**35. Jeoaquim** pagou tributo a Neco a fim de continuar sendo rei.

**37. Fez ele o que era mau.** Veja comentário sobre o versículo 32.

### **2 Reis 24**

**24:1. Subiu Nabucodonosor** em 604 A.C., convocando os reis da terra de Hattu (Palestina-Síria) a lhe pagarem tributo (veja Wiseman, *op. cit.*, pág. 28; BASOR, 143, págs. 24, 25). O nome deveria ser escrito Nabucodonosor. **Jeoquim .. E ele, por três anos, ficou seu servo.**

Isto é, até 601, quando se rebelou, submetendo-se ao partido pró-Egito, mas obedecendo e pagando o tributo quando Nabucodonosor entrou na terra no mesmo ano.

**2. Enviou o Senhor . . . bandos.** Bandos de árabes e outros, que expressaram seu ódio contra Nabucodonosor em Jeoaquim, para destruir Judá, isto é, para contribuir para a sua queda (cons. 20:17; 23:27; Wiseman, *op. cit.*, pág. 32).

**3, 4. Esses bandos agiram por mandado do Senhor . . . por causa de todos os pecados cometidos por Manassés (20:17) e por causa do sangue inocente que ele derramou (21:16).**

**5. Quanto aos mais atos.** Cons. II Cr. 36:8a. Veja Introdução, Fontes. Cons. Jr. 22:19 quanto ao seu ignominioso fim.

**7. O rei do Egito nunca mais saiu da sua terra.** Nabucodonosor controlava agora as antigas possessões do Egito na Palestina e Síria, até o Wadi Arish, o **Ribeiro** que limitava o Egito.

### **3) Reinado e Cativo de Joaquim. 24:8-16.**

**8. Tinha Joaquim dezoito anos de idade . . . e reinou três meses** (e dez dias; cons. II Cr. 36:9a). Veja 18:1-3. Nenhuma co-regência está envolvida (veja Thiele, *Mysterious Numbers*, pág. 154).

**10. Naquele tempo.** Cons. II Cr. 36:10, "na primavera do ano", isto é, em Tishri (Set, . Out. Veja BASOR, 143, págs. 24, 25). Subiram os servos de Nabucodonosor. Ele convocou o seu exército em Kislev (Dez.), 598 A.C., **depois da morte de Jeoaquim.** E tomou Jerusalém em 15/16 de março de 597 A.C. (Wiseman, *op. cit.*, pág. 33), quando Joaquim já era rei.

**12. Então subiu Joaquim.** Ele esperava manter seu reinado mediante a rendição. E o rei . . . o levou cativo para deportá-lo, pois estava demasiadamente contaminado pela influência egípcia para que fosse um bom vassalo. **Oitavo ano do seu reinado.** Nisã, dia 10 (22 de abril), 597 A.C. (Thiele, *op. cit.*, pág. 163).

**15. Transferiu também a Joaquim para a Babilônia.** Cartões de racionamento da Babilônia para Joaquim e seus cinco filhos foram encontrados (veja BA, Dez., 1942, págs. 49-55).

**16. Todos os homens valentes . . . destros na guerra.** Características específicas daqueles relacionados no versículo 14.

#### **4) Reinado de Zedequias. 24:17-20.**

**17. Estabeleceu rei . . . Matanias.** Um tio de Joaquim (cons. Jr. 22:30). Mateus registra a linhagem legal através de Jeoaquim; Lucas traça a sua verdadeira linhagem através de Natã e Maria. A predição de Jeremias foi cumprida. Contudo, Joaquim ainda era considerado rei de Judá (II Reis 25:27). Zedequias. Um terceiro filho de Josias, tio de Joaquim, irmão de Jeoacaz (23:31). Observe que Jr. 52:1-34 (com exceção de II Reis 25:22-26) e II Reis 24:18 - 25: 30 (com exceção de Jr. 52:28-30) revelam a mesma fonte.

**19. Fez de o que era mau.** Ele transgrediu a aliança.

**20. Por causa da ira do Senhor.** Os pecados de Judá alcançaram o clímax sob o reinado de Zedequias e provocaram sua queda sob um juízo previamente pronunciado (20:17; 23:27).

## **2 Reis 25**

### **5) Cerco e Queda de Jerusalém. 25:1-21.**

**1, 2. Em o nono ano . . . aos dez dias do décimo mês.** 15 de janeiro de 588 A.C. (BASOR, 143, pág. 23). Veio contra Jerusalém. Zedequias quebrou seu voto de vassalagem. Até ao undécimo ano. O cerco durou um ano, cinco meses e vinte e nove dias (cons. Jr. 37:5, 11 com um intervalo no sítio devido a uma campanha contra o Egito; Wiseman, *op. cit.*, pág. 30).

**3, 4. Aos nove dias.** O povo estava enfraquecido por causa da fome e a cidade caiu. A cidade foi arrombada. A 19 de julho de 586 A.C. 6. Então o tomaram preso (a Zedequias) e o levaram a Ribla. (Veja Jr.

39:2-5 para provas de que os generais de Nabucodonosor tomaram Jerusalém.) Zedequias foi julgado como rebelde.

**7. Aos filhos . . . mataram.** Para acabar com sua dinastia intratável. **E a ele lhe vazaram os olhos** porque ele não fez a vontade do Senhor.

Os versículos 8-17 registram a destruição de Jerusalém.

**8. No . . . quinto mês,** isto é, quatro semanas depois do arrombamento. **Ano décimo nono.** Não deve ser confundido com o ano décimo oitavo, mas realmente o décimo nono ano de Nabucodonosor (de acordo com BASOR, 143, pág. 26, foi em 15 de agosto de 586 A.C.; cons. Thiele, *op. cit.*, pág. 164). **Nebuzaradã** (o chefe dos carrascos) . . . **queimou a cada do Senhor e a casa do rei . . . Todo o exército . . . derrubou os muros.** A destruição de Jerusalém como fortaleza de resistência cumpriu as profecias de 20:17; 23:27. Os babilônios não perderam tempo em liquidar os líderes da resistência.

**18-21. Levou também o chefe da guarda a Seraías,** um antepassado de Esdras (Ed. 7:1) e a Sofonias, provavelmente o filho de Maaséias (II Reis 23:4; cons. Jr. 21:7; 24; 25; 29) **e aos três guardas,** um de cada porta do templo, oficiais do exército, e . . . **a um oficial . . . comandante das tropas de guerra, e a cinco homens,** oficiais de alta patente, **e a sessenta homens,** líderes na revolta. Todos foram levados ao rei Nabucodonosor, em Ribla. As palavras feriu e matou indicam o poder e o vigor com o qual Nabucodonosor acabou com a nação.

## **6) Gedalias, o Governador Fantoche. 25:22-26.**

**22. Quanto ao povo que ficam na terra . . . nomeou governador . . . a Gedalias.** Gedalias era um amigo de Jeremias (39:14); ele era portanto, pró-Babilônia e por isso foi feito governador.

**23. Capitães dos exércitos.** Ou, dos campos (cons. Jr. 52:7). Gedalias, seguindo as palavras do Senhor, aconselhou a cooperação com a Assíria (II Reis 25:24).

**25. Porém . . . Ismael.** Gedalias, recusando-se a crer na advertência que lhe fora feita em relação a ele (Jr. 40:14), perdeu sua vida (Jr. 41:2). Sendo Ismael de sangue real, pensou que poderia governar.

**26. Então se levantou todo o povo ... e foram para o Egito.** Estes eram do partido pró-Egito, o partido que ajudou na derrota de Judá.

### **E. Epílogo. O Livramento de Joaquim. 25:27-30.**

**27. No trigésimo sétimo ano.** No trigésimo sétimo ano do seu cativeiro, mas no vigésimo sétimo dia do décimo segundo mês da ascensão de Evil-Merodaque. Se este fosse o trigésimo sétimo ano de Joaquim somente, o ano da ascensão de Evil-Merodaque não teria sido mencionado. De acordo com Thiele (*op. cit.*, pág. 165), foi em 21 de março de 561 A.C. **Libertou do cárcere.** Cons. Gn. 40:13. Joaquim estivera aprisionado depois de sua deportação, e Evil-Merodaque o soltou.

**28, 29. E lhe deu lugar de mais honra . . . mudou-lhe as vestes.** Sua mudança foi permanente. Passou a comer pão na sua presença todos os dias da sua vida. Por causa do tratamento dispensado a Joaquim, havia esperança para a restauração da nação em sua própria terra.

# 1 CRÔNICAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 9	Capítulo 17	Capítulo 25
Capítulo 2	Capítulo 10	Capítulo 18	Capítulo 26
Capítulo 3	Capítulo 11	Capítulo 19	Capítulo 27
Capítulo 4	Capítulo 12	Capítulo 20	Capítulo 28
Capítulo 5	Capítulo 13	Capítulo 21	Capítulo 29
Capítulo 6	Capítulo 14	Capítulo 22	
Capítulo 7	Capítulo 15	Capítulo 23	
Capítulo 8	Capítulo 16	Capítulo 24	

## INTRODUÇÃO

**Título.** Na Bíblia Hebraica, os livros de Crônicas são intitulados *Dibre hqy-hamim*, "Os negócios (lit., as palavras) dos dias". Outros diários históricos, que hoje estão perdidos, tais como o "*Dibre hqy-hamim do Rei Davi*" (I Cr. 27:24), empregavam esta mesma terminologia. O nome portanto significa "Os Anais", ou, conforme sugerido por Jerônimo, um dos Pais da Igreja, "As Crônicas", que veio a ser a designação dos livros em inglês. Os livros de I e II Reis mencionam semelhantes anais intitulados "*Dibre hay-hamim dos reis de Israel*" (por exemplo I Reis 14:19), ou "de Judá" (I Reis 14:29). Tais citações, contudo, não podem se referir aos atuais livros das Crônicas, que não foram escritos a não ser depois de cem anos após os Reis, mas sugerem outros livros perdidos, crônicas contemporâneas da história israelita.

As Crônicas já foram uma só unidade. A atual dividido em duas partes surgiu na tradução grega, que foi feita um pouco antes de 150 A.C., embora atualmente apareça em todas as Bíblias, incluindo as edições imprimírias em hebraico. Na atual disposição do cânon, de mais a mais, as Crônicas estão no fim do Velho Testamento. Assim Cristo, em



Lc. 11:51, falou de todos os mártires desde Abel, no primeiro livro (Gn. 4), até Zacarias, no último (II Cr. 24).

**Data e Autoria.** As Crônicas não declaram quando, ou por quem, foram escritas. Os livros registram acontecimentos até o decreto de Ciro em 538 A.C., o qual permitiu aos judeus que retornassem do exílio (II Cr. 36:22). Suas genealogias, além do mais, mencionam Zorobabel, neto do rei Jeconias (I Cr. 3:19), que liderou os judeus na volta em 537. Então eles traçam a família de Zorobabel através de dois netos, Pelatias e Jesaías (3:21), ou em aproximadamente 500 A.C. Quatro nomes se seguem, de homens cujo exato relacionamento como rei Jeconias não ficou especificado no texto. Mas a família do último deles, um certo Secanias (3:21), passou a ser esboçada através de sete tetranetos (3:24). Assim, se Secanias foi do mesmo período do rei Jeconias, que nasceu em 616, essas quatro gerações adicionais nos levariam novamente a aproximadamente 500 A.C., como a data mais precoce possível para a composição de Crônicas, com base em evidências internas.

A origem, contudo, das Crônicas fica fortemente indicada pelo seu íntimo relacionamento com outra parte do Velho Testamento, isto é, o Livro de Esdras, o qual descreve os acontecimentos desde o decreto de Ciro até 457 A.C. A tradição hebraica afirma que Esdras escreveu as Crônicas, além do livro de Esdras, uma conclusão confirmada pelos conhecimentos atualizados de William F. Albright (JBL, 40, 1921, págs. 104-124); e os livros têm o mesmo estilo de linguagem e tipo de conteúdo. Isto se evidencia de assuntos tais como as freqüentes listas de genealogias, a mesma ênfase sobre o ritual, e sua devoção comum à lei de Moisés. Os versículos finais, além disso, de Crônicas (II Cr. 36:22, 23) repetem-se nos versículos de abertura de Esdras (1:1-3a). Isto parece indicar que Esdras e Crônicas eram originalmente uma história consecutiva, composta por Esdras em cerca de 450 A.C. O próprio fato de que II Crônicas interrompe-se no meio do decreto de Ciro, sugere que quando Esdras foi inspirado a incorporar o seu livro de Crônicas como conclusão do Velho Testamento, estava assim deliberadamente levando

os seus leitores de volta ao seu livro de Esdras. Esta última metade de sua obra original parece já ter sido colocada por Deus no cânon das Escrituras para continuar o registro histórico dos livros dos Reis. Então, considerando que Esdras está separado de Crônicas no arranjo hebraico pela autobiografia de Neemias, a qual menciona o rei Dario II, que começou a reinar em 423 A.C. (Ne. 12:22), podemos datar a incorporação de Crônicas e a conclusão do cânon do Velho Testamento em cerca de 420 A.C.

Se Esdras, o escriba (Ed. 7:6), foi o autor das Crônicas, o fato de ser escriba explica bem seu conhecimento detalhado das fontes históricas desses livros. Essas fontes incluem as obras de profetas antigos como Samuel, Natã, Gade (I Cr. 29:29), Aías, Ido, Semaías (II Cr. 9:29; 12:15), Jeú, o filho de Hanani (20:34) e os mais recentes como Isaías (32:32), e Hozai (33:19). A maior obra de referência do cronista foi "O livro dos reis de Judá e Israel" (16:11; 25:26, etc.), com "O livro da história dos reis" (heb. *midrash*) (24:27). Mas, embora I e II Crônicas geralmente estejam de acordo com I e II Reis, nossos livros de Reis não podem ser a fonte aqui pretendida. Pois versículos tais como I Cr. 9:1 e II Cr. 27:7 referem-se ao "livro dos reis" para informações adicionais ou certas genealogias e guerras que na realidade não são mencionadas em nossos livros canônicos. Esta referência principal deve ter sido um registro real mais amplo, atualmente perdido, que também continha alguns dos escritos proféticos de Jeú (II Cr. 20:34), ou os capítulos 36-39 de [saías (II Cr. 32:32). Reis e Crônicas recorrem, então, à essa fonte (cons. Is. 36-39 com II Reis 18:13 - 20:19 e II Cr. 32).

**Época.** O mío de Esdras para a instituição da lei de Moisés (Ed. 7:10) levou-o a retornar, em 458 A.C., da Babilônia para a comunidade judia na Palestina. Tomou medidas imediatas para a restauração dos cultos no templo (Ed. 7:19-23, 27; 8:33,34) e para eliminar os casamentos mistos que um grupo de judeus também contraído com vizinhos pagãos (Ed. 9-10). À luz dos largos poderes concedidos a Esdras pelo rei persa (Ed. 7:18,25), parece que ele foi um dos que

começaram a reconstruir as fortificações de Jerusalém (Ed. 4:8-16). Mas só quando Neemias juntou-se a Esdras em 444 A.C. é que os muros foram realmente reconstruídos (Ed. 4: 17.23; Ne. 6: IS,16) e a lei mosaica inteiramente reconhecida (Ne. 8). Mas que o propósito do cronista foi estimular a reconstrução da teocracia evidencia-se pelo aspecto do livro propriamente dito.

Em comparação com histórias paralelas em Gênesis, I e II Samuel e I e II Reis, os livros das Crônicas, com seu alvo de manter a pureza racial e religiosa, estão sobrecarregadas de genealogias (por exemplo I Cr. 1-9). Novamente, por causa do seu alvo de preservar um sacerdócio e culto adequados, dedicam mais ênfase à lei de Moisés, ao Templo (I Cr. 22) e à arca, aos levitas e aos cantores (I Cr. 13; 15; 16). Omitem as atividades detalhadas dos reis (II Sm. 9; 1 Reis 3: 16.28) e também as extensas narrativas dos profetas (como I Reis 17 – 22:40; ou II Reis 1:1 – 8:15). Esta ênfase característica sobre o sacerdócio parece ser a responsável pela posição dos livros na terceira divisão (não profética) do cânon hebraico, separados de I e II Samuel e I e II Reis, cuja ênfase moral os coloca com os profetas da segunda divisão. Finalmente, o alvo dos livros de fornecer encorajamento àqueles que foram desiludidos pelas dificuldades pós-exílicas explica sua exposição das vitórias antigas concedidos por Deus a Judá (II Cr. 13; 14; 20; 25). Este alvo explica a omissão, em I e II Crônicas, da inicial falta de sucesso de Davi (II Sm. 1-4), de seus pecados e derrotas posteriores (II Sm. 11-21), do fracasso de Salomão (I Reis 11) e até de toda a história ingloria do Reino de Israel, ao norte.

Por causa destes aspectos, grande parte dos atuais críticos não evangélicos do Velho Testamento rejeitam I e II Crônicas como obra de propaganda dos levitas do quinto século, com extensas (e contraditórias) revisões que datam de 250 A.C. (também Adam C. Welch, Robert Pfeiffer, e W.A.L. Elmslie). O livro, argumentam, não pode refletir a história autêntica, pois não passa simplesmente da imaginação "do que deveria ter acontecido" (IB, III, 341). Suas grandes cifras, tais como os

1.000.000 etíopes invasores (II Cr. 14: 9) são alvo de particular ridículo. Explicações legítimas, contudo, estão disponíveis em tais casos (veja abaixo ou Edward J. Young, *An Introduction to the Old Testament*, págs. 388.390). Esta censura, além do mais, baseia-se na anterior rejeição que o liberalismo faz da autoria mosaica do Pentateuco, cujos rituais recebem confirmação através de todo o registro de Crônicas. A crítica incrédula fica, assim, compelida de antemão a negar a historicidade do livro. No entanto, escavações na antiga Ugarit têm confirmado a existência em Canaã de rituais exatamente tão elaborados e no próprio século em que Moisés tirava Israel do Boto (J.W. Jack, *The Ras Shamra Tablets; Their Bearing on the Old Testament*, pág. 29 e segs.). Albright tem observado quantas das declarações históricas encontradas unicamente em I e II Crônicas têm sido confirmadas por descobertas arqueológicas (BASOR, 100, 1945, pág. 18). Além disso, é significativo que enquanto os livros de Crônicas destacam o lado glorioso da história judia, não negam seus fracassos. Eles, antes, presumem tal conhecimento da parte de seus leitores (como em I Cr. 22:8; 28:3) e continuam enfatizando, por exemplo, a mais encorajadora *segunda* unção de Salomão (I Cr. 29:22) ou os mais exemplares primeiros caminhos de Davi (II Cr. 17:3). Os juízos proféticos de I e II Reis e as esperanças sacerdotais de I e II Crônicas, ambos são verdadeiros e necessários. A moralidade do primeiro é fundamental, mas a redenção do último é o aspecto mais distintivo da fé cristã.

## ESBOÇO

I. Genealogias. 1:1 - 9:44.

A. Patriarcas. 1:1-54.

B. Judá. 2:1 - 4:23.

1. O clã de Hezrom. 2:1-55.

2. A família de Davi. 3:1-24.

3. Outros clãs de Judá. 4: 1.23.

C. Simeão. 4: 24-43.

- D. As tribos da Transjordânia. 5:1-26.
- E. Levi. 6:1-81 .
- F. Seis outras tribos. 7:1 - 8:40; 9:35-44.
  - 1. Sumários. 7:1-40.
  - 2. Benjamim. 8:1-40; 9:35-44.
- G. Habitantes de Jerusalém. 9:1-34.
- II. O reinado de Davi. 10:1 - 29: 30.
  - A. Antecedentes: a morte de Saul. 10:1-14.
  - B. A ascensão de Davi. 11:1 - 20:8.
    - 1. Davi estabelecido em Jerusalém; seus heróis. 11:1 - 12:40.
    - 2. A busca da arca. 13:1-14.
    - 3. Independência dos filisteus. 14:1-17.
    - 4. A arca é trazida para Jerusalém. 15:1 - 16:43.
    - 5. A profecia de Natã. 17:1-27.
    - 6. Conquistas e administração. 18:1-17.
    - 7. Vitórias sobre Amom. 19:1 - 20:3.
    - 8. Guerras filistinas. 20:4-8.
  - C. Últimos dias de Davi. 21:1 - 29:30.
    - 1. O recenseamento. 21:1-30.
    - 2. Os preparativos para o templo. 22:1-19.
    - 3. Organização levítica. 23:1 - 26:32.
    - 4. Organização civil. 27:1-34.
    - 5. Palavras finais. 28:1 - 29:30.

## COMENTÁRIO

### **I. Genealogias. 1:1 – 9:44.**

#### **1 Crônicas 1**

##### **A. Patriarcas. 1:1-54.**

Este primeiro capítulo resume o desenvolvimento da raça humana. Começa com Adão e segue sua descendência genealógica através de

Abraão até Jacó e Esaú. Seu propósito é definir o lugar do povo escolhido por Deus na história do mundo. Ramos da raça humana afastados de Israel são, portanto, ignorados a não ser por uma rápida menção, quando muito; enquanto que aqueles que estão mais ultimamente relacionados com Israel são tratados nos menores detalhes. A maior parte do material foi extraído diretamente do registro de Gênesis.

**4. Noé.** O cronista espera que seus leitores compreendam que Sem, Cão e Jafé são os três filhos de Noé, e não gerações sucessivas (Gn. 5).

**5. Os filhos de Jafé.** Os versículos 5-23 reproduzem a tabela de Gênesis 10, com apenas pequenas diferenças de ortografia. Os jafitas incluem os povos da Europa e norte da Ásia, tais como Javã (Jônia, os gregos), Gômer (os cimérios das planícies russas), Tubal e Meseque (a antiga Tabali e Musqui do planalto turco) e Madai (os medas do Irã).

**8. Os filho de Cão.** Os descendentes de Cão ocuparam a África: Pute (Líbia), Mizraim (Egito) e Cuxe (Etiópia). Mas Cão também estabeleceu-se a sudoeste da Ásia: Canaã (Palestina) e o cuxita Ninrode na Babilônia (cons. Gn. 10:10; e observe como o segundo rio do Éden limita "Cuxe", 2:13).

**17. Os filhos de Sem.** Depois que se repartiu a terra (v.19), o que provavelmente se refere à confusão das línguas em Babel (Gn. 11:1-9), os semitas permaneceram mais perto do lar da humanidade na Ásia Central, embora vagueando desde Lude (Lídia da Ásia Menor) e Arã (Síria) até o Elão (norte do Golfo Pérsico). De Arfaxade veio Éber (isto é, o "hebreu"), o antepassado de Abrão e outros povos não fixados, conhecidos na história antiga como os habiru ou apiru. **Uz, Hul, Geter** e Meseque foram filhos de Arã (Gn. 10:23).

**27. E Abrão, que é Abraão.** Sua origem foi extraída de Gn. 11:10-26 e a mudança do seu nome está descrita em 17:5.

**28. Os filhos de Abraão.** Embora Isaque seja mencionado, os versículos 28-33 tratam dos descendentes de Abraão com suas segundas esposas, **Hagar** e **Quetura** (v. 32; veja Gn. 25:1-4, 12-16). O cronista

menção a estes nômades, descendentes de árabes, antes de se voltar para Isaque, o filho de Sara, que foi o filho da promessa.

**35. Os filhos de Esaú.** Então, dos gêmeos de Isaque, Esaú e sua descendência edomita foram rapidamente mencionados, antes de Jacó e seu povo israelita, que são o tema de I e II Crônicas, serem apresentados. Os versículos 35-54 resumem a tabela de Gênesis 36 com apenas variações na ortografia feitas pelo escriba.

**36. Timna** não era filho de Elifaz, mas sua concubina e filha de Seir (v. 39). Ela gerou Amaleque (Gn. 36:12) e seu nome foi dado a um distrito em Edom (v. 51).

**38. Seir** era dos "horreus" (Gn. 36:20), ou hurrianos, um importante povo da antiguidade, dentre o qual alguns se estabeleceram em Edom antes da chegada de Esaú (Dt. 2:12, 22). 42. Uz. Jó, que era proveniente da região desse homem (Jó 1:1), poderia ter sido um dos primeiros descendentes edomitas de Esaú (cons. Lm. 4:21). Compare com Elifaz, filho de Esaú, pai de Temã (v. 36), de quem Elifaz, o temanita, amigo de Jó (Jó 2:11), poderia ter recebido o seu próprio nome.

**51. Morreu Hadade.** Sua morte não foi mencionada na seção correspondente do Pentateuco (Gn. 36 : 39), provavelmente porque ele foi contemporâneo de Moisés, mas tinha, é claro, morrido há muito tempo quando Esdras escreveu as Crônicas. Os príncipes de Edom. Estes foram líderes, ou "chefes" tribais.

### **B. Judá. 2:1 – 4:3.**

A terra ocupada pelos judeus que retornaram do Exílio consistia primeiramente dos territórios de Judá e Benjamim. Os elementos líderes, além do mais, na comunidade de Esdras, foram igualmente representantes dessas duas tribos (Ed. 1:5; 10:9), das quais o antigo reino do sul era composto. Em sua tentativa, portanto, de estabelecer a pureza nacional, o cronista enfatizou principalmente Judá (a maior parte dos capítulos 2-4) e Benjamim (grande parte dos capítulos 7.9). Foi Judá que

se destacou particularmente (Ed. 4:4, 6), da qual o próprio nome "judeu" se deriva.

## **1 Crônicas 2**

### **1) O Clã de Hezrom. 2:1-55.**

Dos cinco filhos de Judá, os dois primeiros morreram sem deixar descendência. Perez, contudo, que foi o quarto, gerou Hezrom, sob cuja chefia foram incluídos alguns dos elementos líderes da posterior população de Judá. Este capítulo, portanto, movimenta-se rapidamente na direção deste neto de Judá e se concentra no seu relacionamento dentro de seu clã. Alguns nomes são de comunidades que descendiam de Hezrom, como Quiriate-Jearim e Belém (vs. 50, 51).

**4. Tamar.** Os detalhes sobre Judá, Tamar, Er e Onã se encontram em Gênesis 38.

**6. Os filhos de Zerá.** Parece que são cinco descendentes posteriores, mencionados por causa de sua importância. **Zinri**, que gerou o Carmi do versículo seguinte, é chamado Zabdi em Js. 7:1; os outros quatro "ezraítas" (Zerá) foram famosos por sua sabedoria (I Reis 4: 31) e escreveram o Sl. 88 e 89, mas não devem ser confundidos com Etã e Hemã, músicos de Davi, que eram de Levi, não de Judá (I Cr. 15:15).

**7. Acar, o perturbador de Israel.** Sua transgressão ocorreu sob a liderança de Josué em Jericó. Veja Js. 7, onde o nome é Acã.

**10.** Dos cinco filhos de Hezrom, **Rão** foi colocado em primeiro lugar, como antepassado da família real de Davi (vs. 10-17; cons. Rute 4:18-22).

**15. Ozém, o sexto.** Um sétimo filho foi mencionado em I Sm, 16:10; 17:12, mas não citado nominalmente. Talvez morresse na infância.

**16. Zeruia e Abigail** eram meias irmãs de Davi, por parte de mãe (II Sm. 17:25). Seus filhos foram famosos soldados sob a liderança de seu meio-tio, Davi (veja II Sm. 3:10, 20; 19: 13).



**18.** O ramo de **Calebe** (cons. v. 42), ou Quelubai (v. 9), **filho de Hezrom**, é o seguinte a ser pesquisado (vs. 18-20, 42-55). Não deve ser confundido com Calebe, o espião fiel (4:15), que viveu trezentos anos mais tarde.

**20.** **Bezalel** veio a ser o principal artífice na construção do Tabernáculo (Êx. 31:1, 2).

**23.** **As aldeias de Jair.** Veja Nm. 32: 41, 42; Dt. 3:14.

**25.** Os descendentes de **Jerameel, primogênito de Hezrom** (vs. 25.41) ocuparam uma extensa área no Neguebe, ou sul de Judá (I Sm. 27:10; 30:29).

**35.** **Deu, pois, Sesã sua filha por mulher a Jará**, provavelmente Alai (v. 31).

**42.** **O filho de Maressa** (uma variante de Messa?) **foi Abi-Hebrom** (do hebraico, KD).

**47.** O exato relacionamento de **Jadai** com os precedentes perdeu-se.

**49.** **Acsa foi filha de Calebe.** Foi realmente uma descendente afastada deste Calebe, filho de Hezrom, e filha imediata de Calebe, o espião fiel, filho de Jefoné. Ela é a famosa noiva de Otniel, que lhe foi dada por causa de sua conquista de Debir (Js. 15:15-19; Jz. 1:11-15).

**50.** **Os filhos de Calebe. Os filhos de Hur.** Leia-se: "Os netos de Calebe (foram): o filho de Hur, (a saber) Sobal, etc". **Efrate** é a esposa de Calebe (v. 19).

**55.** **Queneus** da família de Hobabe, cunhado de Moisés, foram incorporados por casamento ou adoção à tribo de Judá (Jz. 1:16). Jonadabe, um descendente posterior de Recabe, ficou famoso como reformador e proibicionista. Para evitar a corrupção da família, ele manteve formas primitivas da vida nômade (II Reis 10:15-28; Jr. 35).

## 1 Crônicas 3

### 2) A Família de Davi. 3:1-24.

Este capítulo traça a origem da casa real de Judá desde Davi, seu fundador, até uns 500 A.C. Durante o domínio persa os judeus não

tiveram permissão para ter um rei e uma profecia tomou claro que nenhum descendente puramente humano de Davi tornaria a ocupar o trono de Israel (Jr. 22: 30). O interesse pós-exílico, contudo, continuou centralizado nesta família. Pois, além de fornecer líderes cívicos (Zc. 12:7, 8), inclusive Zorobabel, o governador da primeira restauração, através da casa de Davi levantar-se-ia a derradeira esperança de Israel. Eles esperavam pelo maior Filho de Davi, um homem, mas mais do que um homem, "companheiro" de Deus (Zc. 13:7). Através desse Messias, a Divindade traspassada (Zc. 12:10), viria a redenção (Zc. 13:1) e o reino de Deus sobre a terra (Zc. 14: 9).

**1. O segundo Daniel** é conhecido por Quileabe em II Sm. 3:3.

**5. Bate-Sua** é conhecida por Bate-Seba. Esta lista de filhos aparece com pequenas variantes em 14:4-7 e II Sm. 5:14-16. Foi a Salomão que Deus selecionou para substituir Davi (I Cr. 22:9), e não um dos filhos mais velhos, três dos quais pelo menos foram assassinados em lutas entre famílias.

**6. Elisama, Elifelete.** Antes, *Elisua* e *Elpelete* (como em 14:5); eles não teriam os mesmos nomes de seus irmãos no versículo 8.

**9. Tamar, irmã deles.** Veja em II Sm. 13 a narrativa de como ela foi estuprada por Amnom e vingada por Absalão.

**10. Abias.** Em outra passagem de Crônicas a A.V. traduz este nome para Abija.

**15. Salum** também é chamado Jeoacaz (II Reis 23; II Cr. 36; cons. Jr. 22:11). Ele era, de fato, mais velho que Zedequias (II Reis 24:18), mas teve um reinado mais curto.

**16. Jeconias** também é chamado de Conias (Jr. 22:24, 28; 37:1) e Jeoaquim (II Reis 24; II Cr. 36). **Zedequias** foi seu filho apenas no amplo uso que o hebraico faz do termo filho para "sucessor" ou "parente". Na verdade, foi seu tio (v. 15).

**17. Jeconias, o cativo. Sealtiel** deve ter sido apenas um filho legal (adotado), pois Lc. 3:27 observa que seu verdadeiro pai deve ter sido um certo Neri.

**19. Zorobabel** costuma ser considerado como filho de Sealtiel, irmão de Pedaías (veja Ag. 1:1, 12; Ed. 3:2; Mt. 1:12; Lc. 3:27), talvez através do levirato, considerando que Sealtiel morreu sem deixar descendência (cons. Dt. 25:5-10). Zorobabel foi um líder no retorno dos judeus à Palestina depois do Exílio, 538 A.C. (Ed. 2:2; 3:2).

**21. Refaías, Arnã, Abadias e Secanias.** A ligação exata entre estes quatro e Jeconias não ficou declarada. Se eram irmãos, a quinta geração levaria novamente a linhagem até cerca de 500A.C., algum tempo antes de Esdras e a compilação das Crônicas. Veja acima, Introdução, Data.

## 1 Crônicas 4

### 3) Outros Clãs de Judá. 4:1-23.

Os versículos 1-7 fornecem um suplemento às genealogias de Hezrom no capítulo 2. O relacionamento familiar dos dez líderes relacionados nos versículos 8-20 não está claro no texto, ou por causa de falhas nos registros à disposição de Esdras ou por causa de subsequente corrupção das cópias. Os versículos 21-23 esboçam o clã do terceiro filho de Judá, Sela.

**1. Os filhos de Judá.** Mas não são de modo nenhum irmãos (veja acima, 2:4-7, 50).

**2. Reaías, filho de Sobal** é chamado Haroé em 2:52, ao qual este versículo constitui um suplemento; como também os versículos 3, 4 para 2:19, 50; e os versículos 5-7 para 2:24.

**8.** Não sabemos qual o relacionamento exato de **Coz, Jabez** (v. 9), **Quelube** (v. 11), **Quenaz** (v. 13), **Menotai** (v. 14), **Jealede** (v. 16), **Ezra** (v. 17), **Hodias** (v. 19), **Simão e Isi** (v. 20) dentro da tribo de Judá.

**9. Jabez e dores** estão associados no hebraico, *Ya'ābes* e *'oseb*; e o nome é traduzido, *Ele causa tristeza*. Mas a oração da fé de Jabez (v. 10) trouxe bênção em lugar de *'osbí* ("entristecendo-me").

**13. Os filhos de Quenaz . . . Otniel.** Este quenezeu foi adotado de seu povo do deserto (Gn. 15:19; 36:42) pela tribo de Judá, em Israel, e veio a ser um dos primeiros Juízes (Jz. 3:9, 10).

**14. Vale dos Artífices.** *Gravadores.*

**15. Calebe, filho de Jefoné,** foi o irmão mais velho (muito mais velho) de Otniel (Jz. 1:13; cons. Js. 14:6) e o espião fiel (Nm. 13; 14).

**17. Foram os filhos de Bitia.** Isto é, da mulher egípcia de Merede (v.18).

**18. E sua mulher, judia . . .**

**19. Pois, os filhos da mulher de Hodias.**

**23.** As palavras hebraicas traduzidas para *plantas* e *sebes* ficam melhor como nomes próprios: *Netaim* e *Gederá*. **Estes eram oleiros... moravam ali com o rei.** A arqueologia tem demonstrado a existência de corporações hereditárias de oleiros durante o reino dividido (930-586 A.C.), sob patrocínio real, usando regulares selos de fabricação de geração em geração (R.A. Stewart Macalister, *Palestine Exploration Fund Quarterly Statement*, Julho e Outubro, 1905, págs. 244, 245, 328, 329).

**C. Simeão 4:24-43.** Simeão, com Levi, foram dispersos entre as tribos por causa do massacre de Siquém (Gn. 34:24-30; 49:5-7). Especificamente, Simeão herdou o extremo sudoeste da Palestina e praticamente incorporou-se a Judá (Js. 19:1-9; cons. Jz. 1:3). Depois da divisão do reino, contudo, elementos de Simeão foram para o norte, ou pelo menos adoraram suas práticas religiosas (cons. a menção de Berseba em Amós 5:5, etc.), e foram contados com as dez tribos do norte (II Cr. 15:9; 34:6). Outros passaram a viver como nômades em lugares isolados dos quais se apossavam, sendo exemplos as duas migrações observadas nos versículos 34-41 e 42, 43.

**24. Os filho de Simeão.** Esta genealogia aumenta a família de Simeão além do que está esboçado em Gn. 46:10; Êx. 6:16; Nm. 26:12-14.

**31. As suas cidades até ao reinado de Davi.** Depois das guerras dos filisteus, algumas das cidades de Simeão, como Ziclague (v. 30) por exemplo, tornaram-se judias (I Sm. 27:6).

**40. Descendentes de Cão.** Provavelmente cananeus, descendentes de Cão (1:8).

**41. Os meunitas,** uma tribo edomita (cons. II Cr. 26:6; 20:1, observação).

**43. Os que escaparam dos amalequitas.** Tanto Saul como Davi devastaram esses antigos inimigos (I Sm. 14:48; 15:7; II Sm. 8:12).

## 1 Crônicas 5

### D. As Tribos da Transjordânia. 5:1.

26. Justamente antes da conquista de Canaã, Israel foi forçada a travar batalha com as nações a leste do Jordão (Nm. 21:21.35). Depois de derrotá-las, Moisés concedeu seus territórios às tribos de Rúben (I Cr. 5:1-10) e Gade (vs. 11-17) e à meia tribo de Manassés (vs. 23, 24). Este capítulo baseia-se tanto nos registros pré-exílicos como no possível recenseamento pós-exílico (v. 7). Descreve suas terras e genealogias familiares, sua antiga fé, a qual lhes concedeu uma grande vitória sobre os ismaelitas (vs. 16-22) e a final apostasia que provocou seu exílio na Assíria (vs. 25, 26).

**1. Rúben . . . por ter profanado o leito de seu pai.** Com Bila (Gn. 35:22; 49:4). Deu-se a sua primogenitura aos filhos de José. José era o primeiro filho de Raquel, a esposa que Jacó (Israel) amava.

**2. Judá . . . foi poderoso.** Conforme predito por Jacó (Gn. 49:8,9) e cumprido em Davi (II Sm. 5:1-3), o precursor de Jesus (Mt. 1:6). 3. Os filhos de Rúben. Esta seção alarga sua família em relação ao que está registrado em Gn. 46:9; Êx. 6:19; Nm. 26:5-7. 4. Qual dos quatro antecedentes foi o pai de Joel não ficou declarado.

**6. Tiglate-Pilneser** (Tiglate-Pileser) III da Assíria levou prisioneiras as tribos da fronteira em 733 A.C. (vs. 22, 26; II Reis 15:29) onze anos antes da queda de Samaria diante de Salmaneser V (ou possivelmente Sargão II, seu sucessor).

**16. Os arredores.** Antes, *pastagens*.

**17. Jotão e Jeroboão II** reinaram em 751-736 e 793-753 A.C., respectivamente.

**19. Hagarenos. Hagar**, foi a mãe de Ismael, antepassado de **Jetur**, **Nafis** e outras tribos árabes (Gn. 25:15).

**26. Pul** era o nome de Tiglate-Pileser antes de sua ascensão. Portanto, leia-se: "Deus suscitou o espírito de Pul, sim, o espírito de ...".

## 1 Crônicas 6

### E. Levi. 6:1-81.

Embora Simeão e Levi tenham sido amaldiçoados com uma dispersão tribal entre Israel (Gn. 34:24-30; 49:5-7), a subsequente devoção de Levi (Ex. 32:26-28) converteu sua suspensão em uma bênção e liderança religiosa (Dt. 33:8-11). Esdras mesmo era sacerdote levita e orgulhoso de sua genealogia (Esdras 7:1-5); e a comunidade pós-exílica centralizava-se ao redor do trabalho da tribo de Levi (cons. a preocupação de Esdras por sua presença, 8:15-20). Uma genealogia autêntica, contudo, era essencial para a reputação levítica (cons. Ed. 2:59-63); eis o significado deste capítulo. Ele amplia a família de Levi mais do que o registrado em Gn. 46:11; Ex. 6:17-19; Nm. 3:17-20; 26:57-62, e inclui a linhagem do sumo sacerdócio (vs. 3-15, 49-53), as três clãs de Levi (vv. 16-30), os cantores levitas (vv. 31-48) e os territórios esparsos destinados a Levi (vv. 54-81). Veja também os capítulos 23-26.

**3. Nadabe e Abiú** foram mortos no deserto por causa de sacrilégio e não deixaram filhos (Lv. 10:1, 2; Nm. 3:4).

**4. Eleazar, Finéias (I) e Abisua.** A relativamente curta lista de sumos sacerdotes que se segue não pode ser completa para os 860 anos entre o Êxodo e a queda de Jerusalém. Ele não inclui os descendentes de Itamar, que ocuparam a posição durante os últimos juízos e o começo do reino: Eli, Finéias II, Aitube I, Aimeleque I (= Aías), Abiatar e Aimeleque II (I Sm. 14:3; 22:20; II Sm. 8:17); ou certos outros sumos sacerdotes: Amarias II (II Cr. 19:11), Joiada (II Cr. 22:11), Zacarias (?)

(II Cr. 24:20), Urias (II Reis 16:10), Azarias III (II Cr. 31:10) e Meraiote (I Cr. 9:11).

**8. Zadoque** (I) foi sumo sacerdote sob o reinado de Davi e Salomão, 970 A.C.

**10. Azarias** (II) . . . **na casa**. Talvez se refira a sua resistência à tentativa de Uzias de assumir as funções sacerdotais, 751 A.C. (II Cr. 26:17).

**13. Hilquias** era o sumo sacerdote que descobriu o livro da Lei dado por Moisés, originando assim a reforma de Josias em 621 A.C. (II Cr. 34:14).

**16, 17, 20, 43. Gérson** é o Gérson do versículo 1 e outras passagens.

**22. Aminadabe** parece ser outro nome para Izar (vs. 18, 38). Core foi engolido pela terra por rebelar-se contra Moisés (Nm. 16:32).

**25.** Os nomes que se seguem indicam que este deve ter sido **Elcana (II)**, o filho de Saul (v. 24) e o tetraneto de Ebiasafe (vs. 36, 37), não Elcana (I), o irmão de Ebiasafe, mencionado em 6:23. **Aimote**, o filho (não irmão) de **Amasai**, também é chamado de Maate (v. 35).

**26.** Este é Elcana (III), filho de Aimote (v. 25). Zofai, Naate e Eliabe (v. 27) são Zufe, Toá e Eliel (vs. 34, 35).

**27.** Este **Elcana (IV)** é o famoso levita do Monte Efraim, marido de Ana e pai de Samuel (I Sm. 1:1).

**28.** O nome de Joel foi extraído do versículo 33 e de I Sm. 8:2.

**32. Tabernáculo da tenda da congregação.** *Tenda da reunião.* O lugar onde Deus se encontrava com o povo, e só secundariamente, as pessoas umas com as outras (cons. Ex. 29:42, 43).

**42,44. Etã e Quisi** são também chamados Jedutum (25:1) e Cusaías (15:17).

**54. Pois lhes caiu a sorte.** A primeira sorte lançada em 1400 A.C. quando da distribuição da terra (Js. 21:10). Os versículos seguintes sobre as cidades dos levitas comparam-se com Js. 21:3-40.

**56. Deram a Calebe.** Conforme prometido por Moisés e Josué (Js. 14:6-15).

**57. As cidades de refúgio.** Sobre estas seis cidades veja Nm. 35; Dt. 19:1-10; Js. 20.

**60. Treze cidades.** Só onze foram citadas em nosso texto, mas as outras são fornecidas por Josué 21.

**61. Cidades** que foram darias **da meia tribo . . . de Manassés** e também de Efraim e de Dã (cons. v. 66 e Js. 21:5).

## **F. Seis Outras Tribos. 7:1 – 8:40; 9:35-44.**

Embora Judá e Benjamim (com Levi) dominassem a Israel pós-exílica, as outras tribos que antes compunham o reino do norte não ficaram sem representantes. Muitos fugiram para Judá com a queda de Samaria em 722 A.C. (I Cr. 9:1; II Cr. 30:1, 2; cons. 34:6); e outros retornaram seu lugar entre o povo de Deus durante o exílio de 586-538 (cons. Ez. 37:15-23), e retornaram com o restante sob a liderança de Zorobabel e Esdras (Ed. 6:17; 8:35; cons. a Ana da tribo de Aser em Lc. 2:36). As chamadas dez tribos e suas genealogias eram uma questão de envolvimento pessoal para alguns dos contemporâneos de Esdras!

## **1 Crônicas 7**

### **1) Sumários. 7:1-40.**

Com base em Gênesis 46 e Números 26, 1 Crônicas 7 esboça os significativos clãs das seis tribos: Issacar (vs. 1-5), Benjamim (vs. 6. 12), Naftali (v. 13), Manassés do Oeste (vs. 14.19), Efraim (vs. 20.29) e Aser (vs. 30.40). O cronista não faz portanto menção nem de Dã nem de Zebulom. Tem-se feito tentativas de responsabilizar por isso uma corrupção textual, mas pode ser que simplesmente essas tribos tivessem pouco significado na sociedade de Esdras.

**1. Os filhos de Issacar.** Estes versículos desenvolvem os dados de Gênesis 46:13 e Nm. 26:23-25.



**6. Os filhos de Benjamim . . . três.** Houve mais outros (veja 8: 1). Estes parágrafos fornecem ligeiras variantes de Gn. 46:21 e Nm. 26:38-41. 12. **Ir** = Iri (v. 7) e **Aer** talvez possa ser identificado com Airã (Nm. 26:38).

**13. Os filhos de Naftali.** Estes versículos repetem Gn. 46:24 e Nm. 26:48,50, com pequenas diferenças de ortografia. Os nomes são dos netos de Bila, a serva de Raquel e mãe de Naftali (Gn. 30:3-8).

**14. Filho de Manassés: Asriel.** Este homem foi um bisneto de Manassés através de Maquir e Gileade. Para registros mais completos sobre a Manassés do oeste, veja Nm. 26:29,34; Js. 17:2-5.

**15.** O segundo, muitas gerações depois, foi **Zelofeade, o qual teve só filhas** que herdaram em igualdade de condições com os representantes do sexo masculino (Nm. 26:33; 27:1; 36:2).

**19. Semida** foi outro bisneto de Manassés através de Maquir e Gileade.

**20. Era filho de Efraim.** Estes versículos desenvolvem Nm. 26:35-37.

**21. Homens . . . naturais da terra,** em Canaã, **desceram** a Gósen, na fronteira do Egito com a Palestina, onde os israelitas estavam estabelecidos sob a liderança de José.

**23. Berias, porque as coisas iam mal na sua casa.** As palavras em hebraico são *beri'a* e *bera'a*.

**27. Num.** O nome do pai de Josué é geralmente escrito assim.

**28.** Em vez de Gasa, que fica longe demais de Efraim, leia-se antes "Azá".

**30. Os filhos de Aser.** Estes versículos desenvolvem o registro de Gn. 46:17 e Nm. 26:44-47.

**34, 35. Semer e Helém** aparecem como Somer e Hotão no versículo 32.

**38, 39. Jéter e Ula** aparecem como Itrã e Ara nos versículos 37 e 38.

## 1 Crônicas 8

2) Benjamim. 8:1-40; 9:35-44. Esta seção constitui um acréscimo importante a 7:6-12, como também a Gn. 46:21 e Nm. 26:38-40. Além da tribo de Benjamim ter produzido a família do rei Saul, que se distinguiu por muitas gerações (8:33-40; 9:39-44), também quase igualou-se à Judá na sociedade judia pós-exílica (Ne. 11:4, 7, 31, 36).

6. Nem a genealogia de **Eúde** em Benjamim, nem a de **Saaraim** (v. 8) foram preservadas.

7. **Naamã**, **Aías** e particularmente **Gera**, foram os que levaram Uzá e Aiúde, os descendentes de Eúde, neste cativeiro sem data.

8. **Saaraim, depois de ter repudiado**. Isto é, ele se divorciou de suas duas esposas, um exemplo precoce da deterioração moral dentro de Israel.

17, 18. **Mesulão** e **Ismerai** podem ser variantes de Misã e Smede (v. 12).

21. **Simei** é provavelmente uma variante para Sema (v.13).

27. **Jeroão** pode ser identificado com Jeremote (v. 14).

29. **O pai de Gibeom**: Jeiel (9:35; ou, como em I Sm. 9:1; 14:51, Abiel).

32. **Miclote** foi o filho mais novo de Jeiel (9:37, 38).

33. **Ner**, o quinto filho de Jeiel (9:36) foi o avô de Saul, o primeiro rei de Israel (1050-1010 A.C.), e pai de Abner, comandante militar de Saul e seu tio (I Sm. 14:50, 51). Abinadabe = Isvi (I Sm. 14:49). **Esbaal**. *Homem de Baal* parece ter sido o nome original de Isbosete (II Sm. 2:8); mas em Samuel *boshet*, "vergonha", foi usado em lugar do nome do vergonhoso ídolo. Saul, contudo, talvez não tivesse o ídolo Baal em mente quando deu o nome ao seu filho, mas pensava simplesmente na palavra hebraica baal, "senhor". O nome significaria então, "homem do Senhor", talvez se referindo a Deus.

34. Do mesmo modo, **Meribe-Baal**, "herói de Baal", ou "um guerreiro de Baal", foi intitulado Mefibosete em Samuel, ou *aquele que espalha (?) vergonha* (II Sm. 4:4).

## 1 Crônicas 9

### G. Os Habitantes de Jerusalém. 9:1-34.

Depois de um versículo tradicional (9:1) que serve de conclusão às genealogias de Israel (I Cr. 2-8), esta seção prossegue enumerando os habitantes de Jerusalém, antes da tomada e destruição da cidade em 586 A.C. Consiste primariamente de uma lista de certos chefes de grandes grupos familiares ou clãs que moraram na capital: clãs de Judá (vv. 4-6); de Benjamim (vs. 7-9); dos sacerdotes (vs. 10-13); dos levitas em geral (vs. 14-16); e dos porteiros e guardas das portas do templo (17-19a). Seguem uma descrição das obrigações dos levitas (19b-33). Um conhecimento desses elementos constitutivos da população da Jerusalém pré-exílica era de significado fundamental na subsequente campanha de Esdras para restauração da teocracia legítima em Judá. Contudo, tem-se feito tentativas de mudar este material com a lista posterior dos grupos pré-exílicos encontrada em Ne. 11:3-24. Mas, apesar de uma semelhança no arranjo geral, as diferenças específicas entre estas duas listas são pronunciadas; e só mediante uma tradução forçada de I Cr. 9:2 é que se pode defender a plausibilidade de uma data posterior para I Crônicas 9.

**1. No livro dos reis.** Isto se refere a algum registro da corte, hoje desaparecido; veja Introdução acima, Autoria.

**2. Os primeiros habitantes.** Isto deve se referir à população de Israel antes do exílio de 586 que acabou de ser mencionado. **Os servos do templo.** *Netinins* = *aqueles que foram dados*. Eram escravos do templo, tal como os homens de Midiã (Nm. 31:47, no contexto) e de Gibeão (Js. 9:23, no contexto), organizados por Davi em um grupo separado (Ed. 8:20).

**3. Os indivíduos dispersos e as famílias de Efraim e Manassés** não são mencionados nas listas que se seguem, que se limitam aos chefes de grupos familiares maiores ou clãs.

**5. Os sionitas.** Leia-se *selanitas*, isto é, de Selá. Estes, com Perez e Zerá, constituíram os três clãs de Judá (Nm. 26:20).

**10. Jedaías, Jeoiaribe, Jaquim** parecem ser os nomes do segundo, primeiro e vigésimo primeiro, respectivamente, dos vinte e quatro turnos sacerdotais instituídos por Davi (I Cr. 24:7-18), e não de indivíduos. **11. Azarias (IV)** . . . , príncipe da casa de Deus, foi sumo sacerdote em cerca de 600 A.C., um pouco antes do Cativoiro (6:13).

**12. Adaías** era um **filho de Malquias**, o quinto turno de Davi (24:9); e **Masai . . . de Imer**, o décimo sexto (24:14).

**14. Merari** foi um dos três filhos de Levi que deram início aos clãs. **15,16.** Arfe e Jedutum foram dois dos principais músicos de Davi, 1000 A.C.

**18. Os porteiros dos arraiais . . . de Levi** significa "os porteiros para os postos dos levitas", como antes acampavam à volta do Tabernáculo (Nm. 3:23, 29, 35, 38).

**19. Salum**, o porteiro, era um **filho de Corá**; pois, embora Corá mesmo fosse destruído, seu clã continuou como parte importante da divisão coatita de Levi (veja 6:22 acima e observações). **O tabernáculo** refere-se à tenda armada por Davi para servir de casa de Deus (16:1), antes da construção do Templo permanente.

**20.** Assim, o cargo de porteiro retrocede a **Finéias, filho de Eleazar**, que era filho de Arão e seu sucessor como sumo sacerdote no deserto.

**21. Zacarias** servira como porteiro no reinado de Davi (26:2).

**22.** A participação de Samuel é ilustrada pelo fato dele mesmo ter servido como porteiro em sua mocidade (I Sm. 3:15). Com **Davi** veio a organização final dos porteiros.

**31. O que se fazia em sertãs** (espécie de frigideira de metal). Os bolos chatos que se usavam nas ofertas de manjares.

**32. Os pães da proposição.** O pão colocado em fileiras sobre a mesa de ouro, simbolizando a comunhão dos redimidos com Deus (Lv. 24:5, 6).

**33. Quanto aos cantores** refere-se aos homens dos versículos 15, 16; tal como o versículo 34 resume toda a seção. O restante deste capítulo, 9:35-44, é praticamente idêntico a 8:29-38 (vide), exceto

questões de menos importância, tais como a ortografia dos nomes. Serve como introdução ao registro do fim do reinado de Saul (cap. 10, a seguir).

## **II. O Reinado de Davi. 10:1 – 29:30.**

### **1 Crônicas 10**

#### **A. Antecedentes: A Morte de Saul. 10:1-14.**

O interesse do cronista se centraliza no rei Davi. Ele foi o fundador da dinastia real de Judá e um exemplo heróico do sucesso que coroaria os esforços daqueles que confiavam em Deus, no tempo de Esdras, ou em qualquer outra ocasião. Mas para estabelecer os antecedentes de Davi, o cronista liga a genealogia de Benjamim (que acabou de ser apresentada em I Cr. 8; 9:35-44) com o desastre histórico que precipitou a ascensão de Davi ao trono, isto é, a morte de seu predecessor benjamita, o rei Saul. I Crônicas 10 é diretamente paralela à I Samuel 31, embora haja algumas diferenças na escolha dos detalhes descritos: O capítulo é uma demonstração histórica de como o fracasso resulta quando o Senhor é abandonado (vs. 13, 14).

**1. Os filisteus pelejaram contra Israel.** Os filisteus eram um povo hamítico, mas não cananita, que descendia de Mizraim (Egito) através de Casluim (Cirene) e Caftorim (Creta; veja I Cr. 1:8-12; Amós 9:7). Alguns vieram cedo para a Palestina, "terra dos filisteus" e foram encontrados lá por Abraão, 2050 A.C. (Gn. 21:32; cons. 26:14). Antes de 1400 ocupavam o litoral sul desde o Egito até Ecrom (Dt. 2:23; Js. 13:2, 3). Não foram derrotados por Josué (Js. 13:2, 3; Jz. 3:3), e Judá dominou suas cidades apenas temporariamente (Jz. 1:18). A vitoriosa escaramuça de Sangar, em cerca de 1250 A.C. (Jz. 3:31) mostra ao mesmo tempo a inferioridade material de Israel diante dos filisteus. Com a queda de Creta por causa dos movimentos bárbaros em geral, em 1200 A.C., o "resto de Caftor" (Jr. 47:4) reforçou os antigos filisteus minoanos.

Mas embora seu avanço sobre o Egito fosse interrompido em 1196 como consequência da esmagadora derrota dos "pulesti" por Ramsés III,

esse povo marítimo se reconsolidou e, em três ondas consecutivas, quase destruiu Israel. A primeira onda, em 1110-1070 (Jz. 10:7; 13:1; 1 Sm. 4), foi derrubada por Samuel na segunda batalha de Ebenézer (I Sm. 7:13); e a segunda, em cerca de 1055-1048, por Saul na batalha de Micmás (14:31). I Crônicas 10 data de 1010 A.C., a inauguração da sua terceira e última grande opressão.

**1. Os homens de Israel. . . caíram mortos no monte de Gilboa**, a sudoeste do Mar da Galiléia, na extremidade do Vale de Esdralom, através do qual os filisteus podiam penetrar no interior e alcançar o Jordão (cons. I Sm. 31:7).

**2. A Saul e a seus filhos.** Veja 8:33 e observações sobre a família de Saul. 5. Saul já era morto. Em II Sm. 1:6-10, a história contada a Davi difere do registro bíblico referente à morte de Saul. O inescrupuloso amalequita que levou a notícia, parece dar a entender que descobriu e despojou o corpo de Saul e então inventou sua história de assassinato, esperando receber recompensa.

**6. E toda a sua casa pereceu.** I Samuel 31:6 diz "todos os seus homens", isto é, aqueles que imediatamente o rodearam na batalha. Houve outros dos seus filhos e tropas que conseguiram sobreviver (II Sm. 2:8; 21:8).

**9. E os despojaram, tomaram a sua cabeça**, etc. Apesar do alcance da cultura material dos filisteus, a palavra "filisteu" era um sinônimo de crueldade e barbarismo.

**10. Na casa de Dagom**, um ídolo filisteu (I Sm. 5:2-5). I Sm. 31:10 acrescenta que pregaram seu corpo ao muro de Betesã, uma importante cidade que tomaram entre o monte Gilboa e o Jordão.

**11. Os homens de Jabes-Gileade**, na Transjordânia, ainda continuavam leais a Saul por causa do seu grande livramento efetuado quarenta anos antes (I Sm. 11:1-11).

**12. Um arvoredor.** O hebraico *'elâ* se refere a uma "grande árvore". I Sm. 31:13, contudo, especifica a árvore como sendo uma tamargueira.

**13. A palavra do Senhor, a que ele não guardara.** Ele desobedeceu a Samuel (I Sm. 13:8, 9; 15:2, 3); e também porque interrogara . . . uma necromante, em En-dor (I Sm. 28).

### **B. A Ascensão de Davi. 11:1 – 20:8.**

Depois da morte de Saul em 1010 A.C., Davi foi ungido em Hebrom, rei sobre a tribo de Judá (II Sm. 2:4). Mas ele foi rejeitado como monarca nacional (II Sm. 2:5, 6) quando Isbosete, o filho de Saul, foi coroado pelas tribos do norte e leste (II Sm. 2:8, 9). O cronista, entretanto, ignora este período inglório de sete anos e meio (II Sm. 5:5) de disputa pela sucessão, guerra civil e domínio filisteu (cons. II Sm. 3,4), e passa rapidamente para os acontecimentos depois do reconhecimento de Davi sobre todo Israel (1003 até cerca de 995 A.C.) - I Crônicas 11:1 – 20:3 faz, assim, um paralelo com II Sm. 5-10 (omitindo o cap. 9, a bondade particular de Davi para com Mefibosete), desenvolvendo-a. Descreve como tomou Jerusalém, que veio a ser "a cidade de Davi", sua capital política, junto com seus aliados militares (caps. 11-12). Narra como obteve a independência dos filisteus (cap. 14) e como centralizou o culto instalando a arca em Jerusalém, que assim veio a ser também a capital religiosa de Israel (caps. 13; is ;16). Registra o avanço dos seus exércitos vitoriosos em todas as direções (caps. 18.20).

O clímax é atingido na profecia divina através de Natã (cap. 17): "Eu fui contigo, por onde quer que andaste . . . abati a todos os teus inimigos" (17: 8, 10). Esta mensagem de esperança não se aplica somente a Davi, mas a "o meu povo Israel . . . para tempos distantes" (17:9, 17); à lutadora comunidade de Esdras; à igreja do grande Filho de Davi, de quem Deus disse: "Ele me será por Filho" (17:13); e ao reino, que ainda está para ser consumado, do Messias, cujo 'trono será estabelecido para sempre" (17:14).

**1) Davi Estabelece Seus Heróis em Jerusalém. 11:1 – 12:40.****1 Crônicas 11**

Depois de ser ungido rei sobre todo Israel (11:1-3), a primeira tarefa de Davi foi tomar a fortaleza de Jerusalém (vs. 4-9). Isto lhe forneceu não só uma cidadela inexpugnável, mas também uma região neutra, na fronteira entre Judá e o norte, para capital de seu reino unido. Então o cronista enumera os heróis de Davi, "os Três" (vs. 10-19), os dois comandantes (20-25) e "os Trinta" (26-47), seguidos de uma descrição dos oficiais e unidades militares que se agregaram sob a sua bandeira no exílio e que foram grandemente responsáveis por sua ascensão ao trono (I Cr. 12). Esta última seção se encontra apenas em Crônicas, embora o capítulo 11 tenha um paralelo semelhante em II Sm. 5:1-10; 23:8-39.

**11:3. Ungiram a Davi rei . . . segundo a palavra do Senhor.**

Vinte anos antes Samuel tinha consagrado Davi através da legítima unção divina (I Sm. 15:28; 16:1-13), e as tribos finalmente reconheceram ambos, seu valor pessoal e sua tarefa divina. Mas Davi **fez com eles afiança**, estabelecendo uma monarquia "constitucional", única no antigo Oriente Próximo. Pois o único freio eficiente contra o despotismo é a entrega do crente ao domínio de Deus. (Compare os escrúpulos religiosos do próprio Acabe na sua fraqueza, I Reis 21:3, 4, com a atitude mais "natural" de Jezabel, vs. 7-10).

**4. Jerusalém, que é Jebus.** Esta antiga cidade-estado tem sido conhecida como "Salém" por Abraão (Gn. 14:18) e como "Urusalim" pelos egípcios no tempo da conquista (nas cartas de Amarna de cerca de 1400 A.C.). Jerusalém foi um centro de resistência cananita contra os hebreus (Js. 10:1-5). Josué derrotou seu exército e executou seu rei (12:7, 10), e a tribo de Judá acabou com suas defesas em um ataque inicial (Jz. 1:8). Mas por quase 400 anos Judá tinha sido incapaz de tomar a cidade ou expulsar seus habitantes jebuseus (Js. 15:63; Jz. 1: 21; 19:10-12); eis a razão de sua super-confiança (I Cr. 11:4; cons. II Sm. 5:6).



**6. Será chefe e comandante.** Talvez Davi fizesse esta oferta na esperança de demitir Joabe, seu eficiente mas descontrolado general em Judá (cons. II Sm. 3:39), promovendo outro para o posto de comandante dos exércitos unidos de Israel. Mas Joabe **subiu primeiro**, usando um *sinnôr*, "gancho", ou escada própria para escalar (II Sm. 5:8). A E.R.A. traduz "canal subterrâneo", o que corresponde ao túnel jebuseu que os arqueólogos encontraram cavado através da rocha sob a cidade, evidentemente usado para puxar água em caso de cerco.

**8. Milo** significa aterro e talvez fosse uma fortificação construída para preencher uma lacuna nas defesas (cons. R.A. Stewart Macalister, *A Century of Excavation in Palestine*, pág. 106).

**10. Os principais valentes** foram incluídos a esta altura por causa de sua influência na ascensão de Davi ao poder. Parte desta lista – até o versículo 41a – também se encontra, com variantes de ortografia, etc., como um dos apêndices a II Samuel (23: 8-39). Doze dos heróis aparecem em uma lista de comandantes de doze batalhões das forças armadas de Davi (I Cr. 27).

**11. Os valentes.** O texto hebraico diz "os Trinta", que poderia ter sido o número inicial desta "legião de honra" de Davi. Realmente nomeados estão trinta e sete (II Sm. 23:39), incluindo os Três ilustres e os dois comandantes, mais outros dezesseis (I Cr. 11:41b-47), aparentemente adições subseqüentes ao grupo original.

**13.** O texto de I Crônicas é deficiente neste ponto. Com base em II Sm. 23:9-11 a seguinte restauração poderia ser feita: Quando se ajuntaram ali os filisteus à peleja, "e os homens de Israel tinham partido, ele se levantou e feriu os filisteus até que sua mão se cansou e sua mão apegou-se à espada, e o Senhor operou uma grande vitória naquele dia; e o povo retornou depois dele só para apanhar o despojo. E atrás dele vinha Shamá, o filho de Ageu, o hararita. E os filisteus estavam reunidos em um batalhão", **onde havia um pedaço de terra . . .** Os "Três" mais ilustres eram, então, Jasobeão, Eleazar e Shamá.

**15. O exército dos filisteus se acamparam no vale de Refaim** a sudoeste de Jerusalém. Isto se refere a sua primeira campanha contra Davi (14:8, 9), antes mesmo da tomada da cidade. Davi assim recorreu ao seu velho refúgio de foragido da justiça em Adulão (cons. I Sm. 22:1; II Sm. 5:21).

**20.** O meio-sobrinho de Davi, **Abisai**, tinha servido com Joabe contra Abner (II Sm. 2:24) e mais tarde liderou divisões nas guerras contra os amonitas (II Sm. 10:10), Absalão (II Sm. 18:2), e Seba (II Sm. 20:6). Seu heroísmo com Davi no acampamento de Saul está registrado em I Sm. 26:6, 7.

**21. Dos três foi mais ilustre do que os outros dois**, E.R.C. Leia-se : "Dentre os Três ele foi duas vezes mais nobre" (KD), sendo feito seu comandante, embora não logrando realizar seus específicos atos de heroísmo.

**22. Benaia** foi o comandante designado para os batalhões profissionais dos cretenses e filisteus que formavam a guarda pessoal de Davi (18:17). Ele veio a ser o general superior de Salomão (I Reis 4: 4).

**23. O eixo do tecelão** refere-se ao pesado eixo do tear que mantém os fios esticados.

**26. Asael** foi morto quando perseguia Abner na guerra de Davi contra Isbosete (II Sm. 2:18-23).

**34. Bené-Hasém** e não *os filhos de Hasém*.

**41. Urias, heteu**, o marido de Bate-Seba, morto por ordem de Davi, que estava tentando ocultar seu adultério com a esposa de Urias (II Sm. 11).

## 1 Crônicas 12

**12:1. Ziclague** era a cidade da fronteira de Judá para a qual Davi foi designado por Aquis, o rei filisteu de Gate (I Sm. 27:5-7).

**2. Da tribo de Benjamim.** Alguns dos próprios membros da tribo de Saul reconheceram a indicação divina de Davi.

**4. Valente entre os trinta, e cabeça deles.** Embora não fosse um membro deste grupo seletivo, **Ismaías** era digno de reconhecimento ainda maior.

**6. Os coraítas.** Descendentes de Corá, que se rebelou contra Moisés (veja observações sobre 6:22 e 9:19). Estes cinco deviam, portanto, ser da tribo de Levi e não da tribo de Benjamim, como os restantes da lista, embora provavelmente residissem no território benjamita.

**8. Os gaditas passaram-se,** deixando seu lares na Transjordânia e talvez rompendo relações com seus companheiros de tribo que ainda seguiam a Saul. **A fortaleza** talvez se refira à Caverna de Adulão (11:15).

**13. Jeremias,** no hebraico *Jeremiasu*, outro que o Jeremias do versículo 10.

**15. Primeiro mês** era março/abril, a época das enchentes da primavera (Js. 3:15; 4:19), o que tomou sua ação ainda mais notável.

**18. Então entrou o Espírito,** literalmente, revestiu-se com. **Em Amasai** (como em Jz. 6:34; II Cr. 24:20). A devoção de Amasai a Davi está expressa em forma de poesia hebraica e pode ser assim traduzida: “Nós te pertencemos, ó Davi; Estamos contigo, filho de Jessé! Paz, sim, perfeita paz seja contigo; A paz seja a bênção daquele que luta por ti, Porque teu Deus te ajuda!” *Versão Berkeley*.

**19. Quando veio com os filisteus para a batalha contra Saul.** Veja I Samuel 29 referente à descrição do acontecimento.

**21. Aquela tropa** dá a impressão de que se refere ao grupo de amalequitas que despojaram a cidade de Ziclague, na ausência de Davi (I Sm. 30).

**22. Como exército de Deus.** Isto é, "como um grandíssimo exército" (cons. I Cr. 9:19). A mesma frase é usada para com os cedros (Sl. 80:10).

**23. Vieram a Davi a Hebrom.** O total de quase 350.000 de todos os setores da Palestina, dá uma idéia do entusiasmo com o qual o governo de Davi foi recebido.

**27. Este Joiada** parece ter sido o pai de Benaia (11:22; 27:5).

**28.** Deve ter sido o **Zadoque** companheiro de Abiatar e seu sucessor como sumo sacerdote.

**31. A meia tribo de Manassés** a oeste é o que se pretende dizer (cons. v. 37).

## 1 Crônicas 13

### 2) A Busca da Arca. 13:1-14.

O alvo fundamental de Esdras era levar o seu povo a sujeitar-se entusiasticamente à fé e às práticas da lei de Moisés (Ed. 7:10). O cronista, portanto, registra o próximo ato de Davi: sua tentativa de levar a arca do Senhor para Jerusalém. Este projeto brotou da sincera piedade de Davi e seu desejo de adorar na presença do seu Deus (vv. 3, 8). E até mesmo sua temporária frustração serviu para destacar a necessidade da reverência para a divina revelação (vv. 9-13). A conformidade com a lei, portanto, produz bênçãos (v. 14). Com exceção de variações sem maior importância, II Sm. 6:1-11 é paralela à I Crônicas 13.

**2.** A frase, **nossos outros irmãos em todas as terras**, reflete a seriedade da opressão filistéia, 1010-1003 A.C. (cons. 16:35).

**3. Tornemos a trazer . . . a arca.** A arca era o objeto mais sagrado do ritual de Moisés, um símbolo sacramental da presença do próprio Deus (v. 6; Êx. 25:22; cons. I Sm. 4:7). Mas Israel chegou a crer em uma associação inerente da presença divina com a arca. A fim de provar a falsidade dessa noção supersticiosa de "um Deus mágico dentro de uma caixa", o Senhor permitiu que a arca fosse capturada pelos filisteus na desastrosa batalha de Ebenézer, em cerca de 1090 A.C. (I Sm. 4:10, 11). Contudo, depois de ensinada a lição, Deus tornou a manifestar o Seu poder a partir da arca; o povo atingido, tanto da Filístia como da cidade judia de Bete-Semes, afastou a terrível presença; e ela ficou descansando por mais de oitenta anos na casa de Abinadabe em Quiriate-Jearim, ou Baalá (I Sm. 7). **Porque nos dias de Saul não nos valemos dela.** Uma exceção nota-se em I Sm. 14:18; e mesmo ali a arca não foi exatamente utilizada, mas apenas requisitada.

**5. Sior** é o leito do ribeiro que demarca a fronteira do sudoeste da Palestina (Js. 13:3). **Todo o Israel.** II Samuel 6:1 especifica um total de trinta mil homens escolhidos.

**6. Uzá e Aiô** eram descendentes de Abinadabe (II Sm. 6:3).

**9. Quidom.** Uma variante do nome, "Nacom", aparece em II Sm. 6:6.

**10. Morreu ali perante Deus.** Tal severidade serviu ao propósito de enfatizar a todas as futuras gerações a necessidade de reverência e conformidade obediente para com os objetos sagrados de Deus. Duas diferentes transgressões combinaram para produzir a situação: 1) A arca não deveria ter sido colocada sobre um carro em primeiro lugar, mas sobre os ombros (Nm. 4:15; os filisteus tinham realmente usado um carro, mas por ignorância, I Sm. 6:11); e 2) não deveria ter sido tocada; mesmo aqueles que estavam autorizados a carregá-la, os levitas do clã de Coate (do qual Uzá e Aiô não se sabe se pertenciam), foram advertidos contra isto sob pena de morte (Nm. 4:15). As intenções de Uzá, contudo, foram boas; e sua salvação individual não foi necessariamente envolvida.

**11. Desgostou-se Davi.** Literalmente, zangou-se, uma reação natural, porque ele mesmo foi grandemente responsável. Mas sua raiva rapidamente se transformou em temor (v. 12). Perez-Uzá. A revolta de Uzá.

**14. Obede-Edom,** embora originário do setor de Gate, era um levita da família de Corá no clã de Coate (26:1, 4) e por isso atendia às exigências para tomar conta da arca.

## 1 Crônicas 14

### 3) Independência dos Filisteus. 14: 1-17.

I Crônicas 14 faz paralelo com II Sm. 5:11-25. Depois de resumir o reconhecimento oficial de Davi como rei (vv. 1-7), o cronista volta-se para o principal problema internacional de Davi, o domínio dos filisteus (vv. 8-17). Em sua fuga de Saul, Davi se tomara vassalo dos filisteus (I Sm. 27:1 - 28:2); e, durante seus anos em Hebrom, que coincidem com a

terceira grande opressão deles (1010-1033 A.C.; veja I Cr. 10, introdução), ainda era sem dúvida considerado um rei dependente dos filisteus. Sua ascensão, contudo, ao trono do Israel unido constituía uma ameaça que o poder filisteu não podia ignorar. Seu ataque foi efetuado imediatamente (I Cr. 14:8), antes mesmo da tomada de Jerusalém (cap. 11; veja v. 15, observação). Mas como dependia do poder divino, Davi foi capaz de enfrentar as duas invasões e conquistar a independência de sua nação. A lição é permanentemente válida para o crente: "Deus saiu diante de ti a ferir o exército dos filisteus" (v. 15).

**1. Hirão . . . mandou . . . madeira.** Anos mais tarde Hirão ajudou Salomão do mesmo modo (II Cr. 2:3), pois até o paganismo pode prestar serviço ao povo de Deus.

**3. Davi tomou ainda mais mulheres,** uma coisa que estava proibida pela Lei (Dt. 17:17) e que levava à calamidade (II Sm. 5:13-16; 11:27).

**4. São estes os . . . (seus) filhos.** A mesma lista aparece, com pequenas variantes, em 3:5-8.

**7. Beeliada, *O Senhor sabe*,** foi mais tarde mudado para *Eliada*, "Deus sabe", para fugir às implicações idólatras de Beel = Baal (cons. 8:33, observação).

**9. Vieram os filisteus e investiram . . . no vale de Refaim,** a sudoeste de Jerusalém (Js, 15: 8). Este talvez seja o Vale do "Pranto", hebraico baka[ bálsamo (cons. v. 15).

**11. Baal-Perazim** = Senhor das brechas.

**12. Os seus deuses.** Os homens de Davi os levaram (II Sm. 5:21) e os queimaram a fogo, conforme exigido pela Lei (Dt. 7:5, 25).

**15. Um estrondo de marcha pelas campos das amoreiras** (bálsamos). Foi um som miraculoso (cons. II Reis 7: 6), dando a Davi o sinal para acionar sua emboscada.

**16. E feriu . . . os filisteus . . . até Gezer** (Gezer, sobre a fronteira), expulsando-os assim do território israelita.

#### 4) A Arca Levada a Jerusalém. 15:1 – 16:43.

No tempo de Esdras, Jerusalém era mais importante religiosamente do que politicamente (e assim tem sido desde então). O cronista portanto retoma a sua narrativa (veja cap. 13) sobre a introdução da arca em Jerusalém, realização essa que provocou uma permanente centralização da religião de Israel dentro dos muros da nova capital de Davi.

Os capítulos 15 e 16 desenvolvem consideravelmente a descrição paralela encontrada em II Sm. 6:12-20. Pois eles fazem uma lista dos elaborados preparativos do rei (I Cr. 15:1-15) para impedir qualquer tragédia igual àquela que prejudicara sua tentativa anterior e para assegurar o devido séquito dos cantores (vv. 16-24) ; eles citam o modelo do salmo de ação de graças de Davi que foi usado quando da colocação da arca em sua tenda (16:7-36); e explicam a organização levita que ele estabeleceu para a preservação de um ministério regular no santuário de Jerusalém (w. 4 -6, 37-42).

### 1 Crônicas 15

**15:1. Preparou um lugar para a arca.** A notícia das bênçãos divinas para com Obede-Edom (II Sm. 6:12), renovou o desejo de Davi pela presença da arca.

**2. Ninguém pode levar a arca . . . senão os levitas.** Assim Davi reconheceu seus erros anteriores (veja 13:10, observação).

**7. Gérson,** como em 6:1 e outras passagens (porém cons. 6:16-17).

**8-10. Elisafã, Hebrom e Uziel.** Estas eram subdivisões familiares dentro do primeiro clã levita citado, o de Coate (v. 5; Êx. 6:18, 22).

**12. Santificai-vos.** Pelos prescritos banhos rituais e a abstinência de contaminação cerimonial (Êx. 19:10,14, 15; Lv. 11:44).

**16. E címbalos se fizessem ouvir.** Literalmente, aquilo que faz (os homens) ouvir (cons. v. 19, etc.). Isto é, os címbalos marcavam o tempo com som claro e alto.

**18. Obede-Edom e Jeiel.** Azarias (v. 21) poderia provavelmente ser acrescentado. 20. Aziel. Forma contraída de Jaaziel (v. 18).

**21. Em tom de oitava.** Com registro básico (lit., *a oitava*, ou uma oitava abaixo?), para dirigir o canto. **Obede-Edom**, o geteu, era por função um porteiro ou guarda (vv. 18, 24). Mas, por seu ministério fiel (13:14), ele e Jeiel foram recompensados com o posto de harpistas graves no cortejo, uma posição subsequente efetivada (16:5, 38). Berequias e Elcana assumiram então a guarda da pana em questão (15:23).

**24. Os sacerdotes, tocaram as trombetas.** Função que lhes era reservada (Nm. 10: 8; cons. I Cr. 16:6). **Jeías** é provavelmente o Jeiel dos versículos 18, 21 e 16:5.

**25. Foram Davi e . . . subir com alegria.** Parece que ele compôs o Salmo 24 para esta ocasião. "Levantai, ó portas, as vossas cabeças . . . para que entre o Rei da Glória".

**26. (Eles todos) ofereceram em sacrifício sete novilhos e sete carneiros.** II Sm. 6:13 registra apenas Davi oferecendo um de cada.

**27. Uma estola sacerdotal,** uma sobrepeliz ou pelerine, usada no culto (Êx. 28:6; I Sm. 2:18). Davi, em sua devoção entusiasta (cons. II Sm. 6:14) parece que removeu sua vestimenta exterior. Compare com a reação rígida e antipática de Mical, a rainha, filha de Saul (v. 29; II Sm. 6:20-23).

## 1 Crônicas 16

**16:3. Passas,** segundo a E.R.A., e não linho.

**4. Designou dentre os levitas os que haviam de ministrar.** Foi por ordem divina (II Cr. 29:25) e marcou a instituição dos cantores levitas regulares, que logo se tornaram parte importante do culto hebreu público, muito destacado em Crônicas.

**5. Asafe, o chefe.** Portanto Davi colocou Asafe sobre Hemã, que aparentemente fora antes escolhido pelos levitas (15:17). Asafe e seus descendentes subsequente compuseram doze de nossos inspirados



salmos (Sl. 50 e 73-83). **Jeiel** (primeira vez) é o mesmo que Jaaziel (15:18).

**7. Naquele dia foi que Davi . . . pela primeira vez.** O modelo de hino a seguir que Davi forneceu para eles consta, com ligeiras modificações, do Salmo 105:1-15; Salmo 96; e Salmo 106:1, 47, 48. Todos os três Salmos estão incluídos anonimamente no Saltério, mas com base no uso que Davi fez deles aqui, parece que realmente ele foi o seu autor. **A Asafe.** Assim, muitos dos salmos de Davi incluem em seus títulos a expressão, "Ao mestre de canto".

**12. Lembrai-vos das maravilhas que fez.** Salmo 105 é um dos grandes levantamentos históricos da fidelidade divina contidos no Saltério.

**15. Lembra-se perpetuamente da sua aliança,** ou *testamento* (heb., *berit*). Este era o instrumento legal divino da redenção, através do qual ele garantia aos homens a reconciliação com Ele, sob a condição deles exercitarem fé sincera em Suas promessas (Gn. 15: 6). Primeiro revelada no Éden ao Adão decaído (Gn. 3:15), foi confirmada a Abraão e sua descendência escolhida (Gn. 17:7, 8; Êx. 19:5, 6; Gl. 3:29). Sua final efetivação estava condicionada à morte de Jesus Cristo, o divino testador (Hb. 9:15-17), um fato simbolizado pelo testamento mais antigo que foi antecipatório, no derramamento do sangue dos sacrifícios (Êx. 24:6-8; Hb. 9:18-22).

**20. Andavam de nação em nação,** tendo a promessa da Palestina, mas não a tendo ainda recebido (Hb. 11:9).

**22. Meus ungidos.** Separados pelo Meu Espírito (cons. I Sm. 16:13). **Meus profetas.** Abraão foi um recipiente, embora não fosse um arauto regular, das revelações divinas. Ele foi, portanto, designado profeta quando Deus o protegia contra Abimeleque, rei de Gerar (Gn. 20:7). Outros patriarcas, contudo, profetizaram especificamente (por exemplo, Jacó, Gn. 48:19). O Salmo 105:16-45 continua então a história de Israel através da maior vindicação do Êxodo; mas, a esta altura, Davi passa para a sua segunda composição, o Salmo 96.

**29. Adorai ao Senhor na beleza da sua santidade.** Mais acertadamente, em *santo vestuário*. Entrai nos seus átrios. Isto é particularmente apropriado porque a presença divina descansava sobre a arca (Nm. 7:89).

**33. Porque vem a julgar a terra.** Uma expressão da esperança crescente de Israel na gloriosa (segunda) vinda de Jesus, o Messias (cons. Gn. 49:10; Nm. 24:17; 1 Sm. 2:10; Sl. 2).

**35. Livra-nos das nações.** Uma oração aplicável à luz da opressão filistéia que tinha acabado de se processar (cons, 13: 2, observação).

**36.** Este versículo baseia-se na conclusão do Salmo 106, o qual também é a doxologia que finaliza o Livro IV do Saltério (Sl. 90-106). Portanto parece que Davi compôs o Salmo 106 com o propósito de concluir esta coleção de salmos (cons. v. 13 no seu Sl. 41, que termina com o Livro Davídico I do Saltério). **E todo o povo disse: Amém!**, significando *firme, constante*. Amém pode portanto ser traduzido: "Verdadeiramente!" E louvou ao Senhor. "Louvai ao Senhor" em hebraico é Aleluia.

**37. A arca da aliança.** Pois a arca da presença divina era o símbolo de Seu testemunho redentor, com Sua promessa, "Eu sou o Senhor vosso Deus" (v. 14; cons. v. 15, observação; Gn. 17:7, 8).

**38. Jedutum.** O texto hebraico diz Jeditum, que não deve ser confundido com Jedutum, o cantor-mestre do clã de Merari. A família de Obede-Edom era de Coate (26:1,4). **Para serem porteiros.** Portanto Obede-Edom foi confirmado em seu duplo cargo (veja 15:21, observação).

**39. O tabernáculo** de Moisés permaneceu, como santuário separado, **num lugar alto de Gibeom** (II Cr. 1:13) até que Salomão construiu o Templo (I Reis 8:4).

**41.** A sua **misericórdia**, em hebraico, sua *hesed*, cujo significado básico é sua lealdade quanto às provisões do relacionamento convencional (cons. Gn. 21:23; Sl. 136:10).

## 1 Crônicas 17

### 5) A Profecia de Natã. 17:1-27.

O capítulo 17 (paralelo a II Sm. 7) é o clímax de I Crônicas e explica o significado permanente de Davi e sua carreira. Datado de cerca de 995 A.C., depois de cessadas as guerras narradas no capítulo 18 (veja 17: 8; cons. II Sm. 7:1) ele começa com o desejo de Davi de construir um templo permanente para a arca. Mas, embora Deus tenha proibido Davi de construir a Sua casa (vs. 1-6), Ele prometeu estabelecer a casa de Davi (vs. 7-15). Exatamente como Deus fizera Davi prosperar pessoalmente, Ele também faria o seu reino prosperar. Em um futuro imediato, a semente de Davi (Salomão) construiria o Templo de Deus (vv. 11,12). Em um futuro mais longínquo, a semente de Davi (Jesus Cristo) combinaria em sua pessoa a filiação humana e a Filiação Divina (v,13), e um dia estabeleceria nesta terra o Reino de Deus para sempre (v, 14). Davi então irrompe em louvores a Deus por Sua incrível graça (vv. 16-27).

**1. O profeta Natã** mais tarde repreendeu o pecado de Davi (II Sm, 12), ajudou Salomão (I Reis 1:10, 11) e registrou o material usado como fonte de informação para as Crônicas (I Cr. 29 : 29; II Cr. 9:29).

**2. Faze tudo quanto está no teu coração.** Esta foi a reação pessoal, não inspirada, de Natã, antes de receber a verdadeira palavra de Deus (v. 3).

**4. Tu não edificarás.** A guerra desapiedada (cons. II Sm. 8:2) o desqualificara (I Cr. 22:8; 28:3).

**5. Porque em casa nenhuma habitei.** Exceto pela casa de pouca duração em Siló (I Sm. 3:3), apenas para ser destruída pelos filisteus depois da primeira batalha de Ebenézer (Jr. 7:12).

**7. Tomei-te da malhada.** Do aprisco. Antes, *pastagem* (cons. I Sm. 16:11).

**9. Preparei lugar . . . e o plantarei, para que habite . . . e não mais seja perturbado.** O hebraico sugere, e o contexto dá preferência, ao tempo passado: "Eu preparei . . . e o plantei, para que habite . . . , e não

mais saia perturbado" (KD). **Como dantes.** Quando Israel foi oprimido no Egito.

**10. O Senhor te edificaria uma casa.** Não uma casa como a "casa" que Davi queria construir para Deus, mas uma dinastia (cons. v. 25).

**12. Ele me edificará casa.** Isto se cumpriu em Salomão (II Cr. 3; 4). Mas a promessa, eu te estabelecerei o seu trono para sempre leva-nos até o sucessor final ao trono de Davi; Jesus Cristo (Lc. 1:32, 33). Cristo estabeleceu o Seu reino (nos corações dos homens) na Sua primeira vinda (Lc. 17:21; Dn. 2:44a), embora Sua imposição sobre o mundo aguarde a Sua segunda vinda (Lc. 17:24; Dn. 2: 44b).

**13. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho.** Isto se refere à divindade de Jesus Cristo (Hb. 1:5; cons. Sl. 2:7, 12; Atos 13:33; Hb. 5:5) e não a Salomão (cons. I Cr. 22:10, observação). Foi necessário que Cristo combinasse em Sua pessoa a perfeita humanidade com a plena divindade (Mt. 22:12, 45; Fp. 2:9), para que pudesse fazer verdadeira substituição pelo homem pecador (I Pe. 2:24; Hb. 2:17, 18) e ainda assim nos restaurar para Deus, o Pai (Jo. 1:18; 14:6). Com as palavras, a minha misericórdia não apartarei dele, Natã retorna aos sucessores imediatos de Davi (cons. o contexto em passagem paralela, II Sm. 7:14,15), que não seriam derrubados como foi aquele que foi antes de ti, isto é, Saul.

**16. Davi . . . ficou perante ele** (o Senhor). No santuário da tenda que ele levantara para a arca (16:1).

**17. Homem ilustre.** O texto é um tanto incerto, mas reflete a admiração de Davi diante de sua própria exaltação, oriundo que era de família humilde (v. 7).

**22. Teu povo . . . o seu Deus.** Esta é a promessa central da aliança de reconciliação de Deus (cons. 16:14,15), desde o Gênesis (17:7) até o Apocalipse (21:3).

## 1 Crônicas 18

**6) Conquistas e Administração. 18:1-17.** Esta seção faz paralelo rigoroso com II Samuel 8 e estabelece a proposição de que "o Senhor

dava vitórias a Davi por onde quer que ia" (vv. 6, 13); ao oeste, contra a Filístia (v. 1); ao leste, contra Moabe (v.2); ao norte, contra a Síria (vs. 3-11); e ao sul, contra Edom (vs. 12, 13). Um parágrafo final faz um apanhado geral dos oficiais administrativos de Davi (vs. 14-17).

**1. Depois disto.** Uma fórmula introdutória, indicando nada mais que uma sucessão lógica de tópicos. Em relação ao tempo, o capítulo 18 precede o capítulo 17 (cons. 17:8), exatamente como o capítulo 19 (cons. estas mesmas palavras introdutórias em 19:1) deve preceder o 18 (v. 3). Cate era uma das cinco "cidades mães" dos filisteus (II Sm. 8:1).

**2,6. Tributo** e não presentes.

**3. Hadar-Ezer, E.R.C. Antes, Hadadezer** (II Sm. 8:3). O **rei de Zobá**, um território armênio ao nordeste de Damasco e ao sul de Hamate. Foi estabelecer o seu domínio. Foi a segunda derrota desses sírios (armênios), encontrando-se toda a narrativa no próximo capítulo (19:6-19). **O rio Eufrates.** Consideravelmente bem mais ao norte e leste. Hadadezer convocara reforços dessa região (19:16).

**4. Jarretou**, isto é, estropiou, a todos os cavalos dos carros, a fim de assegurar a paz.

**8. Tibate e Cum.** Esses e alguns dos nomes que vêm a seguir têm formas variantes em versículos correspondentes (II Sm. 8:8-10). **Bronze. Nehoshet. De que Salomão fez o mar de bronze** (cons. v. 1). As vastas reservas que Davi acumulou para o Templo de Salomão estão esboçadas em 22:2-5, 14, 15.

**12. Abisai. . . feriu a dezoito mil edomitas.** O título do Sl. 60 intitula Joabe "chefe de estado-maior" (cons. II Sm. 8:13, 16; I Reis 11:15, 16), e menciona uma variante na cifra, 12.000.

**16. Abimeleque.** Antes, **Aimeleque** (24:3; II Sm. 8:17). **Sausa.** Seraías (II Sm. 8:17).

**17. Guarda real.** Os queretitas e peletitas constituíam a guarda cretense e filistéia de Davi, vindo os filisteus originalmente de Caftor (Creta; cons. I Cr. 10, observações). Durante os períodos de seu domínio sobre Israel eles tinham utilizado os hebreus como soldados (I Sm.

14:21; 28:1). Mas as vitórias de Davi em 1003 inverteram a situação, e os filisteus estavam agora a seu serviço.

### **7) Vitórias sobre Amom. 19:1 – 20:3.**

Uma das últimas (cerca de 995 A.C.) e mais desesperadas lutas internacionais de Davi surgiu em relação com as duas campanhas contra os amonitas, um povo aparentado com Israel e habitando uma região logo a leste da Transjordânia. O cronista apresenta os detalhes deste exemplo específico do cuidado divino para com os Seus (19:13), incluindo: 1) as causas do conflito (19:1-5); 2) a vitoriosa campanha de Joabe contra o duplo exército dos amonitas e seus aliados mercenários, os sírios (vs. 6-15); 3) como Davi esmagou uma tentativa de contra-ataque da Síria (vs. 16-19); e 4) a segunda campanha de Joabe que resultou na destruição do estado amonita. Este registro, exceto a omissão do crime de Davi com Bate-Seba, faz paralelo com II Sm. 10-12.

## **1 Crônicas 19**

**19:1. Depois disto.** Veja 18:1, observação. **Os filhos de Amom.** Descendentes do incesto de Ló, o sobrinho de Abraão (Gn. 19:36-38). Eles tinham repetidamente devastado os territórios de Israel mais próximos, nos caóticos dias dos Juízes (Jz. 3:13; caps. 10; 11; I Sm. 11:11, mas foram primeiro repelidos e depois subjugados por Saul (I Sm. 11:11; 14: 47).

**2. Porque seu pai (Naás) usou de bondade.** Dificilmente poderia ser o mesmo Naás que Saul derrotou há cinquenta e cinco anos atrás (I Sm. 11), mas poderia ser um filho dele, que ajudou Davi contra Saul. Compare com a ajuda que Davi recebeu do rei de Moabe (I Sm. 22:3).

**4. Hanum . . . rapou-os.** II Samuel especifica: "e lhes rapou metade da barba" (10:4), uma situação embaraçosíssima no Oriente (v. 5) e merecedora de vingança (20: 3).

**6. Mil talentos de prata.** Cada talento pesava cerca de setenta e cinco fibras "avoirdupois", ou noventa e duas libras "troy", sendo o valor

total mais de US\$ 2.000.000. **Mesopotâmia.** A região entre o Tigre e o Eufrates forneceu os reforços mais tarde (v. 16). Provavelmente incluía a Bete-Reobe mencionada em II Sm. 10:6, 8 (cons. Gn. 36:37). **Maaca** ficava a sudoeste de Zobá (veja 18:3, observação), entre Damasco e Galiléia.

**7. Trinta e dois mil carros.** Acrescente "cavaleiros e homens a pé" (cons. v.18; II Sm. 10:6). **O rei de Maaca e a sua gente.** II Sm. 10:6 especifica mil homens. Eles **se acamparam diante de Medeba.** Uma cidade da Transjordânia ao norte de Rúben e a sudoeste da fronteira amonita.

**9. A porta da cidade;** isto é, de sua capital, Rabá (cons. v.15; 20:1).

**13. Pelejemos varonilmente . . . e faça o Senhor o que bem lhe parecer.** O máximo esforço combinado com a implícita (cons. Fp. 2:12, 13).

**15. Voltou Joabe . . . a Jerusalém.** Parece que devia ser muito fora de época para se dar início a um cerco (veja 20:1).

**16. Dalém do rio.** A leste do Eufrates (18:3).

**17. Pelejaram.** Em Helão (II Sm. 10:16,17), perto de Hamate, no vale do Orontes (I Cr. 18:3), a fronteira setentrional de Zobá.

**18. Os homens de sete mil carros.** A narrativa paralela (18:4) define corretamente esses homens como "cavaleiros", uma vez que o total de carros capturados era de apenas mil. As cifras no texto hebraico de Samuel (mas não na LXX, a qual concorda com as Crônicas) foram diminuídas para uma proporção bem menos provável de "setecentos" (II Sm. 8: 4) cavaleiros ("homens com carros", II Sm. 10:18). **Quarenta mil homens a pé** (não "cavaleiros", II Sm. 10:18) parece igualmente ser uma corrupção do texto original cuja cifra é de vinte mil (II Cr. 18:4). O total da força inicial foi dada como sendo de trinta e dois mil (19:7).

**19. Os servos** de Hadadezer incluía seus reis-vassalos (II Sm. 10:19).

## 1 Crônicas 20

**20:1. No tempo em que os reis costumam sair.** Na primavera do próximo ano, depois da estação das chuvas. **Davi ficou em Jerusalém.** Nessa ocasião ocorreu o caso escandaloso do adultério de Davi com Bate-Seba e o assassinato de seu heróico marido, Urias (II Sm. 11:2-27), o qual o cronista apenas sugere aos seus leitores, sem repassar os sórdidos detalhes.

**2. Tirou Davi a coroa.** Depois da capitulação de Rabé (II Sm. 12:27-29). **Seu rei.** Em hebraico *malkam*. Compare com Milcom (Sf. 1:5; I Reis 11:5, 33), nomes do principal ídolo amonita. Verificou que tinha o peso dum talento de ouro (veja 19:6, observação). Não poderia ser regularmente usada por um homem. **E nela havia pedras preciosas.** Antes, *uma pedra preciosa. Uma pedra rara.*

**3. E o fez passar à serra.** Em hebraico, *way-ya'sar*. Esta palavra poderia ser corrigida para uma forma muito semelhante no original, *way-ya'sem*. Leia-se: "E o fez trabalhar com serras", etc. Davi podia ser rude (cons. II Sm. 8:2), mas não era cruel. **Picaretas.** II Samuel acrescenta "e em fomos de tijolos" (12:31).

8) Guerras Filistéias. 20:4-8. O cronista conclui sua análise do período da ascensão de Davi com um apanhado geral de certos incidentes notáveis que ocorreram na batalha com os filisteus. Seguem-se às primeiras guerras filistéias (14:8-17), mas precedem o descanso dos inimigos estrangeiros concedido por Deus a Davi em cerca de 995 A.C. (17:8; II Sm. 7:1). Eles estão incluídos, com pequenas variações dentro do apêndice de I Samuel (em 21:15.22) e podem ser associados às campanhas esboçadas em I Cr. 18: 1.

**4. Depois disto.** Veja 18:1, observação. Gezer (II Sm. 21: 18, "Gobe") era a cidade fronteira à qual os filisteus se viram obrigados a fugir depois das guerras da independência de Davi (14:16, observações). **Sibecai** foi um dos "Trinta" heróis (11:29) e comandante do oitavo batalhão de Davi (27:11). **Descendente dos gigantes.** Em hebraico, *refains*, um antigo povo (Gn. 14: 5), notável por indivíduos de grande



altura. Exceto pelo reino de Ogue em Basã, os refains foram exterminados no tempo de Moisés (Dt. 3:11).

**5. Irmão de Golias**, que foi morto por Davi (I Sm. 17). Uma ligeira corrupção do texto faz a passagem paralela (II Sm. 21:19) parecer que Elanã matou o próprio Golias! **Eixo de tecelão**. Veja 11:23, observação.

### **C. Últimos Dias de Davi. 21:1 – 29:30.**

O pecado de Davi com Bate-Seba precipitou uma cadeia de crimes (cons. a licenciosidade de Amnom, na qualidade de "filho do rei", II Sm. 13:4), que se centralizaram à volta do príncipe Absalão e ocuparam o espaço de onze anos completos (II Sm. 13:23, 38; 14:28; 15:7, traduções com variantes), ou aproximadamente de 990 a 979 A.C. Tal conduta pouco exemplar contribuía pouco, contudo, para o propósito de Esdras de incorporar aos homens do seu tempo a piedade que caracterizou Davi nos melhores dias. Grande parte dos acontecimentos registrados em II Sm. 11-19 não encontram igualmente o paralelo na obra do cronista (cons. Introdução, **Ocasão**).

Entre esses deve-se também incluir a revolta de Seba (II Sm. 20); de modo que não foi antes de 975 A.C., nos últimos anos da vida de Davi, que a análise histórica das Crônicas foi retomada. Apresenta então o decorrer do recenseamento de Davi (I Cr. 21), que resultou na revelação do sítio para o Templo e os preparativos para a sua construção (cap. 22). Os resultados do gênio organizador de Davi, tanto na esfera religiosa (caps. 23-26) rumo na administração civil (cap. 27), foram esboçados, seguidos de seu desafio final feito ao povo para que fosse fiel ao seu Deus (caps. 28-29). Só o capítulo 21 tem um paralelo direto em outra passagem das Escrituras.

## **1 Crônicas 21**

1) O Recenseamento. 21:1-30. Embora a causa do recenseamento de Davi estivesse na provocação de Israel contra Deus (II Sm. 24:1), e embora a própria insistência do rei em se fazer um recenseamento

constituísse pecado (v. 3, observação), o conseqüente arrependimento de Davi não só foi exemplar sob todos os aspectos (vs. 8, 13, 17, 24), mas também veio a ser o meio pelo qual Deus indicou o local para se colocar o grande altar do sacrifício, dentro do Templo que logo seria construído em Jerusalém. O cronista portanto repassa esses acontecimentos, os quais também formam o capítulo conclusivo do apêndice de II Samuel (cap. 24).

**1. Então Satanás . . . incitou a Davi.** Por causa da antipatia de Satanás **contra Israel** e, em última análise, contra o Deus de Israel (cons. Jó 1:11; 2:5). O registro paralelo (II Sm. 24:1) penetra mais profundamente na questão e mostra quê Satanás não passou de um instrumento de Deus, sendo usado -para executar o castigo que Israel merecia por causa dos seus pecados, possivelmente suas revoltas contra Davi, o ungido de Deus, que terminaram só com a morte de Seba antes de 975 A.C. (cons. Jó 1:12; 2:6; I Reis 22:22, 23).

**3. Culpa sobre Israel.** Não que houvesse algo inerentemente errado no recenseamento (cons. Nm. 1:1, 2; 26:1, 2); mas neste caso Davi parecia estar procurando segurança na força dos seus exércitos (v. 5) mais do que na fé nas promessas de Deus (compare com 27:23 e Sl. 30:6; veja I Cr. 22:1, observação).

**4. Joabe . . . percorreu todo Israel.** II Samuel 24: 5-8 observa que levou cerca de dez meses e destaca seu roteiro de viagem.

**5. Havia em Israel um milhão e cem . . . e em Judá eram quatrocentos e setenta mil.** II Samuel 24:9 dá um número redondo de 500.000 para Judá e limita o recenseamento de Israel em 800.000 homens valentes.

**9. Gade, o vidente de Davi,** aconselhou-o com sabedoria em diversas ocasiões (I Sm. 22: 5 ; II Cr. 29:25), e mais tarde escreveu uma das fontes literárias para as Crônicas (I Cr. 29:29).

**12. Três anos de fome.** Também na LXX de II Sm. 24:13. O texto hebraico desta passagem paralela diz, entretanto, "sete anos", um número menos provável à luz das outras alternativas: "três meses" e "três dias".

**Peste . . . e o anjo do Senhor.** Compare exemplos semelhantes de castigo divino em I Sm. 6: 3-6; II Reis 19:35.

**13. Então disse Davi a Gade.** A submissão do rei à voz de Deus que veio através do profeta é digna de nota (cons. II Sm. 12:13).

**14. Caíram de Israel setenta mil.** Um castigo apropriado, uma vez que o pecado de Davi parece ter envolvido dependência de força militar numérica.

**15. Ornã.** "Araúna", em II Samuel 24.

**17. Estas ovelhas.** As Escrituras freqüentemente comparam o líder e o povo ao pastor e às ovelhas (11:2; Sl. 23). O espírito de auto-sacrifício de Davi é digno de elogios, embora este não fosse um caso da nação sofrer simplesmente por causa do pecado do líder (v. 1, observação).

**23. Os bois** eram usados para puxar a debulhadora sobre os grãos.

**24. Holocausto que não me custe nada.** Da mesma maneira Deus não encontra prazer no homem que lhe submete somente aquilo que não envolva sacrifício. Ele nos pede toda a vida (Rm. 12:1; cons. Lc. 21:1-3).

**25. Seiscentos siclos de ouro.** Valendo cerca de US\$ 5.000. II Sm. 24:24 registra uma pequena quantia em prata paga primeiramente pela eira propriamente dita.

**26. O qual lhe respondeu com fogo do céu.** Do mesmo modo Deus inaugurou outros lugares de sacrifício (Lv. 9: 24; II Cr. 7:1).

**29. O tabernáculo . . . no alto de Gibeom.** Veja 16:39, observação.

## 1 Crônicas 22

2) Preparativos para o Templo. 22:1-19. Um eficiente estímulo para devoção futura ao Templo pós-exílico estava no exemplo de consagração dado por Davi, quando fez preparativos para o seu protótipo pré-exílico (cons. caps. 28; 29). O cronista portanto alegra-se em falar dos esforços do próprio Davi (vv. 2-5) e das exortações que fez ao seu filho Salomão (vs. 6-16) e aos líderes de Israel (vs. 17-19) para encorajá-los no prosseguimento dessa tarefa sagrada.

**1. Aqui se levantará a casa do Senhor.** A eira de Ornã no Monte Moriá, local em que logo o Templo seria construído por Salomão (II Cr.

3:1). Parece, assim, que o Salmo 30, que é declaradamente de Davi e que foi usado "na dedicação da casa (templo)", encaixa-se historicamente neste ponto. Seus quinto e sexto versículos resumem muito bem as experiências de Davi registradas em I Crônicas 21.

**2. Davi mandou que fossem ajuntados os estrangeiros.** No hebraico, *gerim*, "estrangeiros residentes". Cons. semelhantes "planos de construção" feitos por Salomão (II Cr. 2:17, 18; 8:7, 8). Isto se compara com o emprego dos cananeus conquistados como "netinins", escravos do templo (I Cr. 9:2, observação).

**5. Salomão . . . ainda é moço tenro.** Parece que era o quarto filho de Davi com Bate-Seba (3:5). Portanto, se nascido em 990 A.C., devia ter vinte anos quando de sua ascensão.

**8. A mim me veio a palavra do Senhor.** Trazida por Natã antes do nascimento de Salomão (17:4). Fizeste grandes guerras. Não que a guerra não fosse necessária nem justa (com. 14:10; 19:13). Mas Davi fora longe demais; ele era culpado de derramamento de sangue inútil (por exemplo, II Sm. 8: 2).

**9. Salomão será o seu nome.** Em hebraico, *pacífico*.

**10. Este edificará casa ao meu nome . . . estabelecerei para sempre o trono do seu reino.** Uma citação direta de 17:12-14, a profecia de Natã que Salomão construiria o Templo. As cláusulas do meio, entretanto, **ele me será por filho, e eu lhe serei por pai**, referem-se a Cristo (17:13). As Escrituras parecem tê-las incluído aqui simplesmente para associar as relevantes passagem que as precedem e as seguem. Compare a inclusão de Atos 2:19,20 no total da citação que se estende de Atos 2:17 a 21, como um exemplo de semelhante estrutura de citação.

**14. Com penoso trabalho.** Os recursos de Davi excederam os de seu proverbialmente filho rico (II Cr. 9:13). Cem mil talentos de ouro e um milhão de talentos de prata = 9.200.000 e 92.000.000 libras "troy", respectivamente. Seu valor pelos padrões modernos seria de US\$

6.000.000.000 e o seu equivalente em capacidade negociável naquele tempo era muito maior!

**16. De ouro . . . não pode contar.** "Dos homens que trabalhavam em ouro . . . não se pode contar".

**17. Os príncipes de Israel.** Líderes nacionais e tribais, não necessariamente pessoas da nobreza (como em 23:2, etc.).

**19. Para que a arca . . . a esta casa.** O projeto original de Davi seda assim realizado (caps. 13; 15; 16; 17).

### **3) Organização Levítica. 23:1 – 26:32.**

Uma das mais duradouras e significativas contribuições de Davi para a posteridade jaz nos arranjos que ele fez para o ministério da tribo de Levi. O gênio que ele exibiu na organização dos levitas ajudou a preservar o culto levítico sob o governo de seus sucessores, proporcionou a força administrativa para o reavivamento da teocracia mosaica sob a liderança de Esdras (veja capítulo 6, introdução), e continuou a servir como base para a organização religiosa de Israel até o período do N.T. A política fundamental de Davi foi a de separar os 38.000 levitas do seu tempo em quatro grupos operacionais (23:3-5). Depois de um esboço dos clãs e famílias levíticas (vs. 7-23) e um breve apanhado de seus deveres (vs. 24-32), esses quatro grupos foram enumerados: 24.000 que "davam andamento ao trabalho na casa do Senhor" (cap. 24), entre os quais estavam incluídos os membros da família sacerdotal de Arão. (24:1-19) e os outros levitas que os assistiam (vs. 20-31); 4.000 que serviam como cantores (cap. 25); 4.000 "porteiros" ou guardas, responsáveis pelo tesouro do templo (26:1-28); e finalmente 6.000 "oficiais e juízos", que se ocupavam dos "negócios externos de Israel" (26:29-32). Os sacerdotes, os levitas do templo (?) e os cantores foram depois organizados em vinte e quatro turnos, cujo rodízio podia ser coordenado em períodos de serviços mensais.

## 1 Crônicas 23

**23:1. Sendo, pois, Davi . . . farto de dias** (cons. v. 27; 26:31). Ele tinha setenta anos em 970 A.C. (II Sm. 5:4). **Constituiu a . . . Salomão rei.** A discutida sucessão e cruel consolidação que se seguiu após a ascensão de Salomão ao poder (I Reis 1:2) são ignoradas pelo cronista como indignas de comentários.

**3. Foram contados . . . de trinta anos para cima** (veja v. 24, observação) e, presumivelmente, abaixo de cinquenta (Nm. 4:3).

**5. Os instrumentos que Davi fez.** O rei tinha gênio inventivo neste setor, o que foi lembrado por muito tempo (Amós 6:5).

**6. Os filhos de Levi.** Compare as listas em 24:20-30; 6:16-30, e outras referências bíblicas citadas na introdução do capítulo 6. Variações menos importantes existem em ortografia e em alguns outros detalhes.

**7. Ladã e Simei.** Estes não foram citados para dar uma genealogia completa mas antes para apresentar os principais afãs de Levi, dentre os quais a organização davídica foi formada.

**8. Jeiel o chefe.** Jeiel foi o antigo levita que instituiu esta importante família. Os "chefes" individuais que lideravam os turnos de Davi estão relacionados em 24:20-30.

9. Este **Simei** não é aparentemente o mesmo Simei, filho de Gérson, citado nos versículos 7, 10. É provável que ambos, este segundo Simei e Ladã fossem filhos de Libni, o filho mais velho de Gérson e irmão de Simei (6:17). Assim os afãs de Gérson fazem um total de nove - seis para Ladã e três para Simei (com base na união de Jeús e Berias, v. 11).

**14. Homem de Deus.** Título distintivo de Moisés (Dt. 33:1; Sl. 90, título). Moisés é superior às maiores figuras humanas em todo o V.T. (Dt. 34:10-12).

**22. Seus irmãos (primos) as desposaram,** de acordo com a lei mosaico para a preservação da propriedade da família (Nm. 36). Isto deu ao clã de Merari quatro divisões (uma para Mali e três para Musi), fazendo então, com as nove de Gérson e as nove de Coate, vinte e duas divisões levíticas, mais os sacerdotes araônicos.

**24. De vinte anos para cima.** Mas no versículo 3, é de trinta anos para cima. Moisés já tinha feito o recenseamento dos levitas de trinta anos para cima (Nm. 4:3), mas mais tarde incluiu no trabalho aqueles que eram de vinte e cinco anos para cima (8: 23-26). A explicação para Davi mais tarde baixar o limite de idade parece ter sido a diminuição das exigências físicas do serviço (v. 26), mais a crescente necessidade de homens que surgiria com o novo Templo.

**25. E habitará em Jerusalém para sempre e não para que eles possam habitar em Jerusalém para sempre.**

**29. Os pães da proposição.** Cons. 9:32, observação. **A flor de farinha para oferta de manjares.** Esta era uma das principais formas de sacrifício que não utilizava carne (Lv. 2). O tostado. Literalmente, o que é misturado (com azeite).

**30. Todas. as manhãs . . . e da mesma tarde à tarde.** As horas para os dois sacrifícios regulares diários (Êx. 29:38,39).

**31. E para cada oferecimento dos holocaustos.** Ligue ao versículo 30 e leia-se: **Deviam estar presentes ... à tarde e para cada oferecimento dos holocaustos.** Só os sacerdotes podiam realmente officiar junto ao altar. Festas fixas, comemorados anualmente, eram cinco: a Páscoa, o Pentecostes, a das Trombetas, o Dia da Expição e dos Tabernáculos (Lv. 23). A primeira, segunda e última exigia peregrinação ao santuário central (Êx. 23:14-17; Dt. 16:16).

## 1 Crônicas 24

**24:1. Os filhos de Arão.** Com relação à família sacerdotal compare com 6:3-15 e as observações que se lhe seguem.

**3. Davi, com Zadoque . . . e com Aimeleque . . . os dividiu.** Aimeleque II era o filho de Abiatar (v. 6) e neto de Aimeleque I, que foram sumo-sacerdotes no começo da vida de Davi.

**4. Dezesseis e oito.** Os vinte e quatro turnos sacerdotais (23:6) continuaram como base para o rodízio das obrigações sacerdotais até os tempos do N.T. Embora alguns desses turnos desaparecessem ou

tivessem de ser combinados com outros, novos foram formados para substituí-los. No retorno após o exílio, em 538 A.C., quatro turnos registrados foram representados, o segundo, o terceiro e o décimo sexto turno de Davi e um novo, o de Pasur (Ed. 2:36-39); e por volta de 520 A.C., estavam novamente em operação os vinte e dois (Ne. 12:1-7; cons. vv. 12:21; 10:2-8).

**10. A oitava a Abias.** Este era o turno ao qual Zacarias, o pai de João Batista, pertencia (Lc. 1:5).

**20. O restante dos filhos de Levi.** Os turnos que se seguem (vs. 20-30) são os dos assistentes levíticos do templo que correspondem aos turnos sacerdotais. Os primeiros nove (vs. 20-25) são os das nove divisões familiares (23:12-20) que descendiam dos quatro filhos do filho de Levi, Coate: **Anrão**, Izar, Hebrom e Uziel. Para cada turno foi dado o nome do chefe no tempo de Davi, por exemplo **Subael** (ou Sebuel, 23:16) e **Jedias**, com exceção dos chefes de Hebrom, cujos nomes deviam estar desaparecidos no tempo de Esdras.

**22. Selomote.** Ou Selomite (23:18).

**26. Os turnos dos filhos de Merari** (vv. 26-30) incluem quatro que correspondem às quatro divisões de família (23:21-23), embora o único nome de chefe que aparece seja o de Jerameel (24:29), para o grupo malita combinado de Eleazar e Quis (cons. 23:22). Dos filhos de Jaazias. Este Jaazias distingue-se contextualmente de **Mali** e **Musi**, os verdadeiros filhos de Merari, e talvez fosse um merarita posterior, cuja força numérica dos descendentes crescesse ao ponto de reconhecê-los como grupos separados por Davi.

**31. Também estes . . . lançaram sortes;** isto é, os chefes dos levitas mencionados acima, não araônicos. Se as nove divisões de Gérson do capítulo precedente (23:7-11) foram incluídas como turnos, e se os filhos de Jaazias, Beno (ou Bani, cons. LXX e ICC), Soão, Zacur e Ibri (24:27), foram considerados como representantes de dois turnos separados, com seus respectivos chefes, então o total das vinte e duas divisões levíticas (23:22, observação) dariam os vinte e quatro turnos de



aproximadamente mil homens cada, para corresponder aos vinte e quatro turnos dos sacerdotes.

## 1 Crônicas 25

### 25:1. Davi . . . separou para o ministério certos filhos de Asafe.

Esses arranjos foram, por ordem divina, mediados a Davi por intermédio dos profetas Natã e Gade (II Cr. 29:25). **Asafe . . . Hemã e . . . Jedutum**, pertencendo respectivamente aos clãs levíticos de Gérson, Coate e Merari (6:33-47), foram designados mestres de canto quando da entrada da arca em Jerusalém (16:5, 41).

**2. Asafe** profetizava. Muitas das profecias do V.T. estão em forma poética (cons. os profetas músicos de I Sm. 10:5); e, correspondentemente, grande parte da poesia é de natureza profética (cons. v. 4, observação). Especificamente, Asafe e os seus descendentes compuseram o Sl. 50 e 73-83.

**3.** Depois do nome **Jesaiás** insira-se "Simeí" (v. 17), para totalizar os seis exigidos.

**4.** Começando com **Hananias**, o sexto filho, estes nomes, quando traduzidos do hebraico, formam a seguinte oração de Hemã sobre o seu trabalho de cantor-profeta:

(6º) Sê gracioso, ó Senhor. (7º) Sê gracioso para comigo! (8º) Meu Deus, a Ti; (9º) Tenho louvado (10º) e exaltado pela ajuda; (11º) Embora seja miserável, (12º) tenho proclamado (13º) as mais altas (14º) visões.

**5. Hemã, o vidente do rei ... segundo as suas (de Deus) promessas.** Talvez fosse responsável por alguns dos salmos (42-49; 84; 85; 87; 88) compostos por seu clã coratita (6:33-38). **Filhos . . . cujo poder Deus exaltou.** Isto é, o poder de Hemã: Deus o abençoou com numerosa família. **Três filhas.** As mulheres, também, participavam da parte musical (Sl. 68:25).

**8. Deitaram sortes.** Para determinar os arranjos dos turnos sob a liderança dos vinte e quatro filhos de Asafe, Hemã e Jedutum. Tanto do

medre como do discípulo. A divisão parecia incluir todos os 4.000 cantores (23: 5) e não apenas os 288 cantores mestres.

**11. A quarta a Izri;** isto é, Zeri (v. 3). Compare semelhantes diferenças de ortografia nos mesmos líderes do sétimo, décimo primeiro, décimo terceiro e décimo quinto turnos.

## 1 Crônicas 26

**26:1. Porteiros** que serviam de guardas das portas (v. 13) e guardas da propriedade do templo em geral (v. 20, observação). **Coraitas** = descendentes de Coré, o levita notório que se rebelou contra Moisés (veja coment. sobre 6:22; 9:19). Asafe, pai de Coré, era o Ebiasafe (9:19), não o famoso músico Asafe que pertencia ao clã de Gérson. Coré e estes porteiros que eram seus descendentes, pertenciam ao clã de Coate.

**4. Obede-Edom.** O levita que recebera as bênçãos de Deus por guardar a arca depois da morte de Uzá (13:13,14). Ele tinha duplo cargo, cantor e guarda do templo (veja coment. sobre 15:21; 16:38).

**10. Hosa** foi designado na mesma ocasião de Obede-Edom (16:38). O número inicial de 68 porteiros aumentou, a esta altura, para 93 (18, 62 e 13), que constituam os líderes do total do grupo de 4.000 porteiros (23: 5). Na verdade, por ocasião da queda de Jerusalém em 586 A.C., o número aumentara para 212 (9:22).

**13. Deitaram sortes,** não para os períodos de serviço, como nas divisões anteriores, mas com referência aos lugares de serviço.

**14. Selemias.** Ou, Meselemias, como no v. 1 e outro lugar.

**15.** A casa de Asupim (cons. v. 17). Literalmente, a casa de depósitos.

**16. Supim** não é conhecido mas, provavelmente, era tal como Hosa, um porteiro do clã de Merari. **Na estrada que sobe** da cidade ocidental, mais baixa, através do Vale Tiropeom, para a parte elevada do templo.

**17, 18. Ao oriente estavam . . . seis**, etc. Um total de vinte e quatro chefes de guardas (?) (cons. v. 10, observação) estavam portanto a serviço de uma só vez.

**18. Parbar.** A forma não é certa, talvez uma colunata ou pátio.

**20.** Dos levitas, Aías tinha o encargo dos tesouros. A "custódia" dos porteiros incluía a tesouraria (9:26). Mas **Aías** (no texto hebraico, *'hyh*) não é conhecido; talvez seja melhor aceitar a tradução da LXX: *Dos levitas, seus irmãos que tinham o encargo dos tesouros*. Seus irmãos (no heb. *'hyhm*) seriam então os ladanitas de Jeiel, que guardavam o tesouro do templo (vs. 21, 22), e os anramitas de Selomite que guardavam as ofertas consagradas (vs. 23.28).

**22. Jeieli.** Um **homem de Jeiel**. Jeiel, Zetã e Joel eram, de fato, todos filhos de Ladã; mas Jeiel foi o líder aceito pelos seus dois irmãos (23:8).

**23. Os anramitas**, etc. As divisões do clã de Coate.

**24. Sebuel, filho de Gérson** (23:16; 24:20). Ele fora o tesoureiro principal sob a liderança de seu avô, **Moisés**. Mas **Selomite** (v. 25), o descendente de **Eliézer**, irmão de Gérson, ocupa" esse cargo sob a liderança de Davi (v. 26).

**26. Os tesouros das coisas consagradas.** Veja 18:11 e II Cr. 5:1 com referência à devoção de Davi neste sentido.

**29. Os isaritas e hebronitas** (vs. 30-32). Estes levitas do clã de Gérson, forneceram os 4.400 (1.700 mais 2.700) dos 6.000 **oficiais e juizes** (23:4). Moisés tinha primeiro, naturalmente, orientado que os levitas, que ensinavam a palavra de Deus (Dt. 33:10), ficassem encarregados de sua interpretação em juízo (Dt. 17:9; cons. II Cr. 19:8, 11; Ne. 11:15).

**32. Os rubenitas, os gaditas, e a meia tribo dos manassitas.** Isto é, a parte de Israel que estava a leste do Jordão.

## 1 Crônicas 27

**4) A Organização Civil. 27:1-34.** O florescente estado de Israel sob a liderança de Davi estava longe da empobrecida subprovíncia judia que existia no tempo de Esdras. Embora este esboço das glórias de uma administração passada fosse sem relevância política para os exilados que retornavam (como o é para nós!), ele devia contudo entusiasmar o povo de Esdras (como acontece conosco) com a verdade que revela que as recompensas políticas visíveis estão incluídas no decreto divino para seus servos fiéis (cons. Ap. 2:26). I Crônicas 27, conseqüentemente, compreende: O sistema militar de Davi com doze batalhões do exército, cada um com o seu comandante, com seus 24.000 homens e o período de um mês de serviço ativo por ano (vs. 1-15); sua organização regional por setores tribais, cada um com o seu príncipe (vs. 16-25); e a sua administração central com executivos e "ministros" sobre a propriedade real (vs. 25-34).

**2. Sobre o primeiro turno . . . estava.** Os "generais de exército" que comandavam os doze exércitos eram todos figuras militares de distinção (cons. I Cr. 11, com ocasionais afiações na ortografia dos nomes). **Jasobeão.** O primeiro dos "Três" heróis de renome (11:11).

**3. Jasobeão era dos filhos de Perez,** um dos dois principais clãs da tribo de Judá (2:4).

**4. Sobre o turno do segundo exército, Dodai,** o segundo dos "Três" (11:12). A cujo lado estava Miclote. Era o seu "oficial administrador".

**5. O terceiro capitão do exército, Benaia (11:22-25), . . . filho do sacerdote Joiada** (veja coment, sobre 12:27). Este era comandante da guarda cretense (18:17, Observação).

**6. Benaia . . . entre os trinta.** Veja observações sobre 11:11, 21; 12:4.

**7. O quarto . . . Asael.** O primeiro dos "Trinta", a heróica "legião de honra". Foi morto na guerra contra Abner logo no começo do reinado de Davi (11:26, observação).

**8. O quinto . . . Samute, o izraíta.** Samute era "de Zera" (isto é, um zeraíta, vs. 11,13), outro clã importante de Judá (cons. v. 3). Ele foi um membro dos "Trinta".

**9. O sexto,** etc. Os sete comandantes restantes também eram membros dos "Trinta" (11:28-31).

**15. Heldai** era dos descendentes de Otniel, o primeiro dos juízes hebreus (Jz. 1:13; 3:9-11).

**17. Hasabias e Zadoque,** o sacerdote. Dois príncipes foram assim designados para Levi, enquanto os príncipes das tribos de Gade e Aser eram desconhecidos de Esdras, ou talvez seus nomes estivessem ausentes do texto por motivo de erros posteriormente cometidos pelos escribas.

**18. Eliú, dos irmãos de Davi.** Em outro lugar é chamado Eliabe (2:13).

**21. Sobre Benjamim, Jaasiel, filho de Abner,** que foi o famoso general e tio do Rei Saul de Benjamim (26:28; I Sm. 14:50; cons. I Cr. 8:33; 9:39).

**23. O Senhor havia dito que multiplicaria a Israel como as estrelas do céu.** Promessa feita a Abraão, há mais de mil anos (Gn. 22:17). Davi, portanto, não ordenou um recenseamento *total* do povo, o que poderia dar a impressão de estar duvidando dessa profecia. Ele tinha, contudo, aparentemente por falta de fé no poder de Deus para proteger o seu reino, de fazer o recenseamento não permitido dos homens em idade de lutar (21:1-8).

**28. Nas campinas.** Em hebraico, *Sefelá*. A região do piemonte entre a planície costeira filistéia e as colinas judias no interior.

**32. Jônatas.** A lista dos altos oficiais suplemento o primeiro "ministério" apresentado em 18:15-17 e II Sm. 20:23-26.

**34. À Aitofel sucederam Joiada . . .** Aitofel desertou de Davi para seguir a Absalão (II Sm. 15:12, 31; 16:20-23); mas, quando impedido por Husai, **amigo de Davi** (*o amigo do rei*, um cargo ministerial oficial; II Sm. 15:32-37; 17:1-16), ele cometeu suicídio (II Sm. 17:23).

**5) Palavras Finais. 28:1 – 29:30.**

Esta passagem retoma o registro da última convocação feita por Davi dos líderes de Israel (v. 1 paralelo a 23:2), em 970 A.C. (23:27; 26:31). Seu propósito não fora simplesmente colocar a organização levítica em funcionamento permanente (caps. 23-26), mas também garantir a dedicação da nação para com o levantamento do templo de Jerusalém. Por isso Davi colocou sobre o povo (28:2-8) e sobre seu filho Salomão (vs. 9, 10) a responsabilidade dessa tarefa sagrada. Então, depois de apresentar ao seu filho os planos inspirados e anotados para a construção do Templo e suas dependências (vs. 11-19), tomou a exortá-lo a ser fiel (vs. 20, 21). Voltando-se para os líderes da nação, Davi a seguir apelou por uru esforço conjugado de contribuir para o Templo (29:1-5). A assembléia atendeu à exortação (vs. 6-9) e Davi louvou a Deus por sua generosidade (v. 10:22). Salomão foi então confirmado sobre o trono de seu pai e Davi foi receber sua recompensa eterna (vs. 22-30).

**1 Crônicas 28**

**28:2. O estrado dos pés do nosso Deus** sugere o prato de ouro, ou o "propiciatório" (v. 11), que cobria a arca e sobre o qual aparecia a gloriosa presença de Deus (Êx. 25:20, 21; II Sm. 6:2; 22:11).

**3. Derramaste muito sangue** (cons. 22: 8, observações). Davi já tinha conversado com Salomão em particular sobre esse mesmo assunto (22:7-16).

**4. O Senhor Deus . . . me escolheu . . . para que eternamente fosse eu rei sobre Israel.** Sua dinastia, culminando em Cristo, seria eterna (17:11). **Porque a Judá escolheu . . . para me fazer rei.** Com referência a esta progressiva restrigente escolha, consulte Gn. 49:8-10; I Sm. 16:1-13; I Cr. 22:9, 10.

**5. No trono do reino do Senhor sobre Israel.** Os monarcas terrenos não passam de ministros, representantes de Deus (29:23; I Sm. 12:14; Rm. 13:1-6).

**6. Porque o escolhi para filho, e eu lhe serei por pai.** Veja coment. sobre 22:10.

**9. Serve-o de coração íntegro.** O espírito desta exortação piedosa faz paralelo com semelhante advertência de Davi em I Reis 2:2-4.

**11. A casa do propiciatório.** Veja coment. sobre o versículo 2.

**12. A planta de tudo quanto tinha em mente** (cons. v. 19). As plantas para o Templo foram divinamente inspiradas, exatamente como foram aquelas do Tabernáculo de Moisés (Êx. 25:9, 40; 27:8). Pois os próprios itens do mobiliário e sua disposição eram tipos da maneira pela qual a salvação seria finalmente realizada por Cristo (Hb. 8 e 9, especialmente 8:5).

**18. O carro dos querubins.** Não os querubins da arca (veja v. 2, observação), mas os querubins maiores que cobriam todo o trono" de Deus (II Cr. 3:10-12; cons. Ez. 1:5-26).

## 1 Crônicas 29

**29:1,2. Salomão ... é ainda moço e inexperiente, e ... já preparei.** Pensamentos iguais aos expressos por Davi quando começou os preparativos para o templo (22:5, 14, observações).

**3. Afora tudo** que já preparei (22:14, 15). O que vem a seguir era um presente adicional, oriundo dos recursos pessoais de Davi.

**4. Três mil talentos de ouro . . . de Ofir** (da melhor qualidade), **e sete mil . . . de prata** (cons. 19:16; 22:14, observações) valem cerca de US\$ 1.100.000.000 e US\$ 16.000.000 respectivamente, embora seu valor aquisitivo antigamente deva ter sido bem maior.

**5. Trazer ofertas liberalmente.** Literalmente, encher sua raso (dar de mão cheia). A frase é técnica. Era usada quando os candidatos eram consagrados ao sacerdócio. Nossas ofertas deveriam ser igualmente "consagradas".

**7. Cinco mil talentos de ouro.** Cerca de US\$ 185.000.000. Dez mil daricos. Moedas de ouro penas valendo cerca de US\$ 5,00 cada. O cronista usou o darico para avaliar esta oferta em 970 A.C., embora a

cunhagem de moedas fosse completamente desconhecida para Davi. **Dez mil talentos de prata, dezoito mil talentos de bronze.** Isto é, 920.000 e 1.656.000 libras de peso "troy", respectivamente. **Cem mil talentos de ferro** equivalem a 3.750 toneladas. O ferro era naquele tempo um metal muito mais raro do que hoje.

**8. Jeiel, o gersonita.** O primeiro tesoureiro do templo (26:21, 22).

**9. Deram eles liberalmente.** A boa vontade é a atitude que Deus ama (II Cr. 9:7) e deveria caracterizar todas as nossas ofertas.

**10. Deus de nosso pai Israel.** Israel aqui é o patriarca Jacó (Gn. 32:28).

**11. Teu, Senhor, é o reino.** Deste louvor foram extraídas as palavras colocadas no final da Oração do Pai-Nosso (Mt. 6:13).

**14. Porque tudo vem de ti.** Esta é a base da "mordomia"; tudo o que temos e somos vem de Deus, estando simplesmente confiado à nossa tutela, e por isso deveria ser usado para Ele (Lc. 17:10).

**20. Adoraram o Senhor, e . . . o rei.** "Adorar" aqui significa "prostrar-se diante de". Portanto pode se referir tanto a Deus como a um homem.

**21. Sacrifícios em abundância por todo Israel.** Provavelmente ofertas pacíficas, com as quais o povo festejava, como convidados do Senhor (Lv. 7:15; cons. Êxo 24:11).

**22. Pela segunda vez fizeram rei a Salomão** (paralelo a 23:1). O cronista não faz, portanto, tentativas de esconder, mas antes sugere aos seus leitores o inglório incidente (o qual ele não registra) da primeira proclamação de Salomão como rei sob a pressão de uma conspiração feita para afastá-lo (I Reis 1:39). Rituais confirmatórios tinham o seu valor, particularmente porque a sucessão foi tão discutida (cons. I Sm. 10:24 e 11:14, 15 sobre Saul). **E Zadoque.** Sua unção, na qualidade de sumo sacerdote, também foi confirmada; pois o outro sacerdote de Davi, Abiatar, desqualificara-se nas conspirações (I Reis 1:7; cons. 2:26).



**24. Todos os filhos de Davi prestaram homenagens,** *particularmente* Adonias, o irmão mais velho de Salomão, que tentara usurpar o trono (I Reis 1:53).

**28. Morreu . . . cheio de . . . glória.** I Reis qualifica esta generalização com certos aspectos específicos de uma natureza menos elogiosa (1:1-4, 15; 2:5, 6, 8, 9).

## 2 CRÔNICAS

### Introdução

#### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 10	Capítulo 19	Capítulo 28
Capítulo 2	Capítulo 11	Capítulo 20	Capítulo 29
Capítulo 3	Capítulo 12	Capítulo 21	Capítulo 30
Capítulo 4	Capítulo 13	Capítulo 22	Capítulo 31
Capítulo 5	Capítulo 14	Capítulo 23	Capítulo 32
Capítulo 6	Capítulo 15	Capítulo 24	Capítulo 33
Capítulo 7	Capítulo 16	Capítulo 25	Capítulo 34
Capítulo 8	Capítulo 17	Capítulo 26	Capítulo 35
Capítulo 9	Capítulo 18	Capítulo 27	Capítulo 36

### INTRODUÇÃO

(Veja os Comentários Introdutórios em I Crônicas)

#### ESBOÇO

I. O reinado de Salomão. 1:1 – 9:31 .

A. A investidura de Salomão. 1:1-17.

B. O templo de Salomão. 2:1 – 7:22.

1 . Preparativos. 2:1-18.

2. Construção. 3:1 – 4:22.

3 . Dedicção. 5:1 – 7:22.

C. O reino de Salomão. 8:1 – 9:31.

1 . Suas realizações. 8:1-18.

2. Seu esplendor. 9:1-31.

II. O reino de Judá. 10:1 – 36:23.

A. A divisão do reino. 10:1 – 11:19.

B. Os reis de Judá. 12:1 – 36:16.

1 . Roboão. 12:1-16.

2. Abias. 13:1-22.

3. Asa. 14:1 - 16:14.
4. Josafá. 17:1 – 20:37.
5. Jeorão. 21:1-20.
6. Acazias. 22:1-9.
7. Atalia. 22:10 - 23:21.
8. Joás. 24:1-27.
9. Amadas. 25:1-28.
10. Uzias. 26:1-23.
11. Jotão. 27:1-9.
12. Acaz. 28:1-27.
13. Ezequias 29: 1 – 32:33.
14. Manassés 33:1-20.
15. Amom. 33:21-25 .
16. Josias. 34:1 – 35:27.
17. Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias. 36:1-16.
- C. O Exílio. 36:17-23.

## COMENTÁRIO

### I. O Reinado de Salomão. 1:1 - 9:31.

#### 2 Crônicas 1

##### A. A Investidura de Salomão. 1:1-17.

Antes de sua morte, o rei Davi colocou seu filho sobre o trono de Israel e assegurou-se de que os líderes da nação "jurassem fidelidade ao Rei Salomão" (I Cr. 29:24). Contudo, o brilhante reinado de Salomão recebeu sua inauguração quando Deus lhe apareceu em Gibeom (II Cr. 1:1-13). Este incidente, mais do que qualquer outro em toda a história, confirma o ensinamento bíblico que diz que, "se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus . . . , e ser-lhe-á concedida" (Tg. 1:5). Com isto, portanto, o cronista começa a segunda parte de seu grande estudo. fie assim faz rim paralelo com I Reis 3:4-15, embora

omita a imediata confirmação do acontecido em Gibeom na decisão que Salomão tomou a respeito dos filhos das duas prostitutas (I Reis 3:16-28), como sendo assunto de interesse pessoal e limitado. Ele o substituiu, antes, pela posterior confirmação econômica conforme comprovada pela prosperidade nacional de Israel (II Cr. 1:14-17, uma passagem que faz paralelo com I Reis 10:26-29).

**1. O Senhor . . . o engrandeceu.** Isto retoma o pensamento de I Cr. 29:25.

**3. Ao alto que estava em Gibeom.** Esta cidade ficava 11,26kms a noroeste de Jerusalém. No tempo de Salomão, Gibeom, **com a tenda da congregação de Deus** (I Cr. 16:39), e Jerusalém, com a arca de Deus (II Cr. 1:4), eram os únicos lugares legítimos para o divino sacrifício (veja I Reis 3:2; cons. o princípio do culto centralizado, onde Deus se revelou, em Êx. 20:24; Dt, 12:5). Outros lugares altos, mesmo se usados em nome de Jeová (*Yahweh*), o Deus de Israel, estavam contaminados com a associação do culto a Baal e estavam sob maldição divina (Nm. 33:52; Deut. 12:2). O pecado de Salomão começou, de fato, com o reconhecimento que deu aos altos, no plural (I Reis 3:3).

**4. Davi fizera subir a arca.** Veja I Cristo. 13; 15; 16.

**7. Apareceu Deus em sonhos** (I Reis 3:5, 15; cons. I Sm. 28:6).

**8. De grande benevolência usaste. Benevolência** (*hesed*) aqui significa "fidelidade" (veja coment, sobre I Cristo. 16: 41).

**9.** Com referência à **promessa de Deus feita a . . . Davi** veja I Cr, 17:11-14. Ela incluía a confirmação da semente de Davi sobre o seu trono e a construção do Templo em Jerusalém. **Um povo numeroso como o pó da terra.** Assim Deus cumprira exatamente Sua antiga promessa feita a Abraão (Gên. 13:16).

**10. Dá-me . . . sabedoria.** A oração de Salomão correspondia ao que seu pai Davi desejara para ele (I Cr. 22:12).

**12. Sabedoria . . . dado(s) a ti.** O conhecimento concreto de Salomão era limitado por seu meio ambiente cultural; mas sua "sabedoria", sua capacidade na aplicação do conhecimento, nunca foi

ultrapassada (I Reis 3:12). **E te darei riquezas, bens e honras** (cons. I Cr. 29:25). "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas" (Mt. 6:33).

**14. A existência das cidades para os carros** (cons. 9:25) de Salomão foi notavelmente confirmada pela arqueologia. Escavações em Megido, a sudeste do Monte Carmelo, revelaram uma extensa cavalaria capaz de abrigar cerca de quatrocentos cavalos (William F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, pág, 124).

**15. Sicômoros. . . nas planícies.** Este versículo faz paralelo com 9:27. Cons. I Cr. 27: 28, observação.

**17. Um carro por seiscentos siclos de prata, e um cavalo por cento e cinqüenta.** Um siclo tinha cerca de 11,35 gramas. O custo poderia, portanto, ser de cerca de US\$ 500 e US\$ 125 respectivamente, pelos padrões atuais, embora o valor aquisitivo antigamente fosse bem maior. A lei proibia excessos em tais questões (Dt. 17:16) e este foi exatamente o pecado no qual a prosperidade de Salomão o levou.

## **B. O Templo de Salomão. 2:1 – 7:22.**

As maiores obras de Salomão foram seus livros inspirados (Provérbios, Eclesiastes, Cantares de Salomão e possivelmente Jó) e o seu magnífico Templo. "Para nós hoje em dia, os primeiros têm significado maior. Mas para Esdras, vivendo em uma época quando as obras "inspiradas por Deus" contidas no cânon do V.T, chegavam a um fim (II Tm. 3:16; veja Introdução acima, **Data**), e o Templo concentrava em si o próprio meio de acesso a Deus, o último veio a ser, compreensivelmente, sua preocupação primária, o acontecimento que para ele obscurecia todos os outros da carreira de Salomão. Pois o Templo, como o Tabernáculo antes dele, simbolizava a presença do Deus reconciliado no meio do povo que Ele redimiu (II Cr. 7:1, 2 ; Êx. 29:45,46). Constituía o caminho da salvação, antecipando com seus sacrifícios o Cordeiro de Deus, que "tabernacularia" entre nós para tirar o pecado do mundo (Jo. 1:14). E ele tipificava a glorificação que aguarda

os homens na celestial presença do próprio Deus (Êx. 24:18; Hb. 9:24). O cronista por isso dedica seis dos seus nove capítulos salomônicos ao Templo: os preparativos para Ele (II Cr. 2); sua construção (caps. 3; 4); e sua dedicação (caps. 5.7). Estas seções formam um paralelo ampliado de I Reis 5; 6; 7:13 - 8:66.

## 2 Crônicas 2

**1) Preparativos. 2:1-18.** O principal planejamento do Templo já fora feito por Davi: os planos de arquitetura, o suprimento do material e a convocação dos trabalhadores (I Cr. 22; 28; 29). Restou a Salomão organizar sua força de trabalho (II Cr. 2: 2, 17, 18). Sua providência mais sábia, contudo, foi buscar a ajuda de Hirão, rei de Tiro, de um amigo de Davi (cons. v. 12) para uma experiente superintendência da construção, e o fornecimento de madeira inigualável do Líbano (vs. 3.10). Um contrato conveniente foi rapidamente negociado (vs. 11-16).

**2. Setenta mil homens para levarem as cargas,** etc. (paralelo com os vs. 17, 18). Esses 153.600 trabalhadores recrutados consistiam de estrangeiros residentes em Israel, como já fora determinado por Davi (I Cr. 22: 2, observação). Salomão também recrutou 30.000 homens de Israel, para trabalho em turmas de 10.000, cada homem servindo um mês em cada três (I Reis 5:13, 14).

**3. Hirão, rei.** Leia **Hirão** (isto é, Airão), como em I Reis, II Samuel e I Crônicas. **De Tiro.** Na costa do Mediterrâneo, ao norte de Israel. Tiro possuía o melhor porto nessa região, e seus habitantes fenícios eram conhecidos por sua capacidade mercantil. Como procedeste para com Davi. Veja I Cr. 14:1.

**4. Para queimar perante ele incenso aromático.** Isto era feito duas vezes por dia sobre o altar do incenso (Êx. 30:6.8). No contínuo da proposição, e os holocaustos . . . festividades. Cons. comentário sobre I Cr. 9:32; 23:30, 31.

**6. Os céus o não podem conter** (cons. 6:18; Atos 7:48, 49). Salomão portanto reconhecia desde o princípio que a presença de Deus

localizada no Templo era uma graciosa condescendência de Sua parte e não constituía nenhuma limitação para o Deus onipresente (cons. comentário sobre I Cr. 13:3).

**7. Manda-me . . . um homem que saiba trabalhar.** Salomão realmente contratou um grupo de experientes fenícios para orientar os menos capacitados palestínianos (I Reis 5:6, 18), de cuja cultura inferior a arqueologia testifica.

**8. Manda-me . . . madeira de cedros.** Os fragrantes cedros do Líbano, famosos em toda a antiguidade, eram resistentes à podridão e superiores a qualquer madeira nativa em Israel. Atualmente apenas algumas árvores esparsas ainda existem. Ciprestes. O junípero fenício, uma árvore parecida com o cipreste. Sândalo, artigo importado de Ora (9:10), usado para trabalho ornamental em madeira e para instrumentos musicais (I Reis 10:12).

**10. Aos . . . cortadores da madeira** (cons. I Reis 5:6) . . . **coros** (em hebraico, *kor*) . . . **batos**. Cerca de 352,30 litros e 37,85 litros cada, respectivamente. Salomão também enviava um fornecimento menor, mas anual, a Hirão (I Reis 5:11). Tais pagamentos, que foram especificados por Hirão (I Reis 5:6), constituíam um pesado escoamento da economia de Israel. Quando prolongados, por causa dos projetos dos edifícios particulares de Salomão (II Cr. 2:1, 12; cons. I Reis 7:1-12), exauriram o reino (cons. I Reis 9:10,11).

**11. O Senhor . . . te constituí rei**, etc. Embora essas palavras pareçam revelar sinceridade, talvez não passem de expressões cuidadosamente escolhidas por um prático homem de negócios.

**13. Hirão-Abi.** Antes, Hirão, meu pai. Hirão (cons. I Reis 7:13) é chamado de pai por causa de seus profundos conhecimentos de artesanato.

**14. Filho de uma mulher . . . de Dã**, uma viúva que morava em Naftali (I Reis 7:14). Púrpura era a tintura vermelho escura extraída dos múrices, um gênero de moluscos conhecidos como "púrpura real" por causa de sua raridade e alto custo.

**16. Jope** servia de porto a Jerusalém. Entre as duas cidades havia cerca de 56,3kms de terreno acidentado e montanhoso.

**18. Três mil e seiscentos estrangeiros para dirigirem o trabalho.** Também havia 250 israelitas (8:10); o total era de 3.850 superintendentes (equivalente aos 3.300 superintendentes menos importantes, mais os 550 superiores, de I Reis 5:16; 9:23).

**2) Construção. 3:1 - 4:22.** Para os homens do tempo de Esdras a forma do templo salomônico era um testemunho da glória de Israel no passado e exibia a idéia estrutural pela qual deviam restaurar o seu próprio santuário. Entretanto, para os homens de todos os tempos, as características principais do Templo de Salomão, como os do Tabernáculo de Moisés, que foi colocado dentro daquele (I Reis 8:4) e pelo qual foi modelado, fornecem ilustrações típicas de significado imortal, criadas como foram, pelo divino Arquiteto para descrever as verdades imutáveis do Evangelho. II Crônicas 3 (de um modo geral paralelo a I Reis 3) descreve seu mobiliário. A última, com exceção do altar do incenso e a arca do lugar santíssimo, evidenciam consideravelmente maior elaboração do que as peças correspondentes no Tabernáculo de Moisés.

## 2 Crônicas 3

**3:1. Monte Moriá.** O pico sobre o qual Abraão estivera pronto, quase 1.100 anos antes, a sacrificar seu filho Isaque (Gn. 22: 2). **Na eira de Ornã.** Veja I Cr. 21:18 – 22:1.

**2. No segundo mês,** abril/maio, **no quarto ano,** que ia do outono de 967 ao outono de 966. A data é portanto 966 A.C. (cons. Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 30, 31).

**3. Foram estas as medidas dos alicerces que Salmão lançou** e não *estas foram as coisas nas quais Salomão foi instruído*. **O comprimento em côvados, segundo o primitivo padrão.** O primeiro, ou sagrado, media cerca de 7,62 cms mais do que o côvado comum de



aproximadamente 45,72 cms. **Sessenta côvados, e a largura vinte** é, portanto, cerca de 41,34ms por 13,78ms e não 35,43ms por 11 ,81 ms. Constitui exatamente o dobro das dimensões de superfície do Tabernáculo.

**4. A altura cento e vinte côvados.** Este vestuário oriental era, portanto, na forma de uma grande torre, de mais de 61ms de altura.

**5. A casa grande,** ou o Templo propriamente dito, correspondendo ao recinto externo do Tabernáculo, o Lugar Santo. Compare com o "santíssimo lugar", literalmente, **o santo dos santos** (v. 8). **Madeira de cipreste.** Cons. 2:8, observação. Cedros também foram usados (I Reis 6:9).

**6. Ouro . . . de Parvaim** vinha, provavelmente, de uma mina do sudeste da Arábia. O consumo para esse revestimento de toda a casa foi enorme, mas veja I Cr. 22:14; 29:4, 7.

**7. Os umbrais** e não os postes. Querubins eram criaturas angélicas, símbolo da presença de Deus, soberano e transcendente (v. 14, observação; Gn. 3:24). Apareciam normalmente em forma humana, mas com asas (Ez. 1:5, 6). A tentativa da crítica "liberal" de relacionar os querubins à esfinge mitológica é completamente sem fundamentos bíblicos. Palmeiras e flores também foram representadas pelas esculturas (I Reis 6:29).

**8. Ouro . . . seiscentos talentos** (veja I Cr. 19:6, observação), valendo cerca de US\$ 22.000.000.

**9. Os pregos** para fixar as folhas de ouro às paredes pesavam cinquenta siclos de ouro (veja 1:17). Valiam US\$ 640.

**11. As asas . . . dos querubins mediam o comprimento de vinte côvados.** Não devem ser confundidos com os querubins sobre a arca, mas eram duas figuras grandes de madeira de oliveira revestidas de ouro (I Reis 6:23) que enchiam "o lugar santíssimo" (II Cr. 3:8) e, lado a lado, cobriam a arca com a sua sombra.

**14. O véu** (veja Êx. 26:31-33), excluindo do convívio humano o Lugar Santíssimo com a terrível presença de Deus. O véu era assim um emblema de que o caminho para Deus ainda não estava esclarecido (Hb.

9:8) e não o seda até que Cristo retirasse do caminho as formas antecipatórias do Velho Testamento (Mt. 27:15).

**15. As duas colunas** ficavam isoladas à frente do Templo. **Trinta e cinco** é provavelmente uma corrupção de dezoito (os dois números são facilmente confundíveis em hebraico), ou uma representação do comprimento original da peça fundida. Cada coluna tinha dezoito côvados de comprimento, caso se incluía o **capitel** que ornamentava cada uma. A existência de tais colunas ornamentadas, ou obeliscos, em templos antigos, tem sido repetidamente confirmada pela arqueologia.

**17. Jaquim.** *Ele estabelece.* **Boaz.** *Nele há força.*

## 2 Crônicas 4

**4:1. O altar de bronze** novo e maior era o primeiro objeto encontrado no átrio do templo, demonstrando que de Deus só se pode aproximar mediante o sacrifício, a morte substitutiva e testamentária de Cristo (Hb. 8:2, 3; 9:12).

**2. O mar de fundição** ensina a necessidade da pureza (Êx. 30:21), e aponta para a lavagem da regeneração e santificação em Cristo (Tito 3:5; Hb. 9:10). **E um fio de trinta côvados era a meada de sua circunferência.** Só aproximadamente, porque o diâmetro era de dez côvados.

**3. Por baixo.** Sob a borda havia **figuras de bois. . . . por dez côvados.** E.R.A. referência, caso não for um erro de copista aqui em Crônicas, deve ser para a forma arredondada da cabeça dos bois, porque em I Reis 7:24 lemos **botões**, E.R.C., isto é, em formato de abóbora. A E.R.A. usa o termo **colocíntidas** tanto em Crônicas como em I Reis.

**5. Com portam três mil batos.** A capacidade é grande demais para as dimensões. Talvez seja uma corrupção do texto de dois mil (I Reis 7:26), ou cerca de 90.720 litros (cons. II Cr. 2:10, observação). Este imenso reservatório, então, fornecia água para as dez pias menores sobre suas bases providas com rodas (vs. 6, 14; I Reis 7:27-39). A arqueologia confirma, pois estas últimas foram encontradas em escavações em

Chipre (cons. as placas em *Notes on the Hebrew Text of Kings*, de C.F. Burney).

7. Comparados com o "candeeiro" do Tabernáculo, o Templo estava equipado com **dez candelários** que tinham a mesma forma, **segundo fora ordenado**. Simbolizavam a perfeição (sétuplos) com a qual a Igreja de Deus devia brilhar para Ele (Lv. 24:3), através do azeite do Espírito Santo (cons. Zc. 4:2-6). Parecem assim tipificar a luz e a verdade que deveriam brilhar no cristão (Mt. 5:14) através do sacerdócio ministerial de Cristo (Lv. 24:4; Jo. 8:12).

8. **Dez mesas** que substituíram aquela uma do Tabernáculo, embora pareça que apenas uma mesa era usada por vez para os pães da proposição (13:11; 29:18). As mesas simbolizavam a harmonia restabelecida e a comunhão permanente do crente com Deus (Lv. 24:8 ; cons. Êx. 24:11), e talvez fosse um sinal dessa comunhão mais íntima que existirá no Reino celestial e escatológico de Deus (Lc. 14:15).

9. **O pátio dos sacerdotes e o pátio grande**. Era uma ampliação do Tabernáculo com seu pátio único. A bem da eficiência construiu-se uma área interna e mais alta (mais visível), na qual os sacerdotes podiam realizar seus deveres sagrados (I Reis 6:36; Jr. 36:10). Essa distinção (cons. II Reis 23:12) expressou tangivelmente o fato que sob o Velho Testamento não existia ainda o sacerdócio universal dos crentes que viria quando mediante Cristo todos teriam acesso ao Pai (Jr. 31:34; Hb. 4:14-16).

11. **Hirão**. Não o rei, mas o mestre dos artífices (2:13,14).

12. **Dois globos**. Eram as partes inferiores dos capitéis, em forma de bolas cobertas com redes, sobre as quais erguiam-se as coroas como lírios desabrochados (I Reis 7:17-20).

16. **Hirão-Abi**. Veja 2:14, observações. **De bronze purificado**. Ou bronze polido.

17. **Zeredá**. Ou Zaretã (I Reis 7:46). Ficava a leste do Jordão e cerca de meio caminho entre a Galiléia e o Mar Morto. **A terra barrenta** era adequada para os grandes moldes de metal.

**21. As flores** serviam de ornamentos aos candeeiros (Êx. 25:33).  
22. As portas eram de madeira de oliveira esculpida e revestida de ouro (3:7; I Reis 6:31-37). Protegia a entrada da casa, o lugar santo, e forneciam uma barreira, além do véu, para exclusão do Santo dos Santos (veja 3: 14, observação).

### **3) A Dedicção. 5:1 – 7:22.**

O significado do Templo torna-se explícito nas cerimônias que acompanharam a dedicação. Depois de reunir os líderes representativos de Israel, Salomão primeiro nomeou o seu Templo como o sucessor hereditário dos anteriores santuários de Israel, instalando dentro do seu Santíssimo Lugar a arca do testamento de Deus (5: 1-10). Então Deus confirmou a realidade de Sua habitação localizada dentro do Templo enchendo a casa como *Shekinah*, a nuvem de Sua glória (vs. 11-14). Salomão, em adoração, deu um rápido testemunho da fidelidade divina (6:1-11). A isto se seguiu uma oração más extensa de dedicação, invocando o Senhor para intervir em benefício do povo de Israel quando as petições fossem submetidas a Sua presença no Templo (vs. 12-42).

Isto, também, foi confirmado quando Deus enviou fogo do céu sobre o novo altar e assim instituiu duas semanas de grandes sacrifícios e festas dedicatórias (7:1-10). Mais tarde, depois que Salomão construiu o seu próprio palácio, o Senhor apareceu ao rei de noite e reafirmou-lhe Suas promessas, com a condição de que Israel se comprovasse fiel, mas ameaçou com o exílio e a destruição do Templo no caso da nação apostatar (vs. 11-22). Estes capítulos correspondem exatamente a I Reis 8:1 – 9:9.

## **2 Crônicas 5**

**5:1. As coisas que Davi . . . havia dedicado.** Veja I Cr. 18:11; 22:14; 26:26; 29:2-5. Alguns tesouros devem ter sobrado, mesmo depois da tremenda despesa com o Templo.

**2. Para fazerem subir a arca . . . da cidade de Davi.** Salomão a transportara da velha cidadela de Sião para o cume do Moriá, que ficava ao norte do antigo muro da cidade.

**3. No sétimo mês.** Setembro/Outubro. A dedicação não foi feita antes de terminada a obra (v. 1) no oitavo mês (out. /nov.) do décimo primeiro ano do reinado de Salomão, ou seja, 960 A.C. (cons. 3: 2, observação). Assim, o Templo não foi dedicado se não onze meses depois, isto é, em 959 A.C., por **ocasião da festa** dos tabernáculos (com. 7:8-10).

**4. Os levitas tomaram a arca.** Salomão tomou precauções adicionais (cons. coment. sobre I Cr. 13:10) empregando sacerdotes da tribo de Levi para fazer este trabalho (v. 7; 1 Reis 8: 3).

**5. A tenda do congregação.** Esta foi trazida de Gideão (cons. 1:3, observações).

**6. Sacrificando ovelhas e bois . . . tão numerosos.** A multidão de sacrifícios irritou os de Davi, mais modestos (I Cr. 15:26).

**7. No Santo dos Santos.** (Heb., *debir*). **Debaixo das asas dos querubins.** Veja 3:11, observação.

**9. Aí estão até o dia de hoje.** Não até os dias de Esdras, mas até o dia em que foi escrita a obra citada (cons. 9:29; I Reis 8:8).

**10. Nada havia na arca senão só as duas tábuas.** A essa altura dos acontecimentos a vasilha de ouro contendo o maná (Êx. 16:32-34) e a vara de Arão (Nm. 17:10,11; Hb. 9:4) tinham desaparecido. **Quando o Senhor fez aliança.** As duas tábuas de pedra do Decálogo expressavam a frutificação moral esperada do povo a quem Deus já tinha redimido (Êx. 20:2; cons. 19:4-6). Eram por isso chamadas de "o testemunho" (Êx. 25:16, 21) da aliança (testamento) redentora.

**11. Sem respeitarem os seus turnos.** Membros de todos os vinte e quatro turnos (I Cr. 24:3-19) tomaram pane nesta importante ocasião. O rodízio normal de serviço poderia entrar em vigor mais tarde!

**13. Sua misericórdia** (heb., *hesed*). Isto é, sua fidelidade. Veja I Cr. 16:41, observação.

**14. A nuvem . . . a glória do Senhor.** Isto representava a presença do divino Anjo de Deus, a aparição do Cristo pré-encarnado (Êx. 14:19; 23:20-23). Ela guiara o povo quando da saída do Egito (Êx. 13:21, 22) e então enchera o Tabernáculo Mosaico (Êx. 40:34, 35). Nos dias que antecederam o Exílio, o pecado de Israel expulsara esta nuvem da terra (Ez. 10:18, 19). Mais tarde foi chamada de "shekiná", a "habitação" de Deus. Ela marcou a primeira vinda de Cristo (Mt. 17:5); e ela anunciará Sua gloriosa segunda vinda (Ap. 1:7; 14:14, cons. R.E. Hough, *The Ministry of the Glory Cloud.*)

## 2 Crônicas 6

**6:1. O Senhor declarou que habitaria em nuvem espessa!** Isto é, coberto pela nuvem na escuridão, primeiro no Sinai (Êx. 19:9; 20:21), e então por trás do véu no Santo dos Santos do Tabernáculo (Lv. 16:2).

**2. A tua eterna habitação.** Havia, realmente, a condição de que Israel teria de ser fiel (7:20; Mt. 23:37, 38). Mas Cristo ainda reinará em Sião (Mt. 23:39; Rm. 11:26), na nova e final Jerusalém (Ap. 21:2).

**4. Deus . . . falou . . . a Davi . . . e . . . o cumpriu;** isto é, que o Templo seria edificado e que a dinastia de Davi seria estabelecida (v. 10; I Cr. 17).

**6. Mas escolhi Jerusalém** (I Cr. 22:1) para que ali seja estabelecido o meu nome. Isto é, a própria presença de Deus (Dt. 12:5,7).

**11. A arca em que estão as tábuas da aliança.** veja 5:10, observação.

**13. Salomão ajoelhou-se sobre uma tribuna** (plataforma). Cons. I Reis 8:54. O rei reconheceria, assim, publicamente que ele também não passava de servo de Deus, dirigindo um reino que não era seu (I Cr. 28:5).

**14. Guardas a aliança e a misericórdia** (*hesed*; cons. comentário sobre 5:13; I Cr. 16:41). Expressões sinônimas. O testamento da graça divina, através da morte de Cristo, é a fonte de todas as bênçãos, tanto para nós como para aqueles que receberam a promessa da herança sob o

primeiro testamento" (Hb. 9:15). **A teus servos.** A fé deve sempre ser manifestada pela obediência (v. 16; Tg. 2:17-26).

**18. O céu dos céus** (isto é, os mais altos céus) **não te podem conter.** Veja 2:6, observação.

**20. A oração. . . neste lugar.** Tornou-se prática entre os judeus devotos orarem literalmente voltados em direção de Jerusalém (Dn. 6:10). A ênfase aqui, no entanto, deveria ser sobre o compromisso feito de coração ao Deus da revelação especial, que ordenou que o santuário de Jerusalém descrevesse Sua obra redentora em Cristo (com. Introdução aos Caps. 5-7).

**21. Ouve . . . do céu,** local definitivo da habitação de Deus (Sl. 11:4; Hc. 2: 20), **e perdoa.** Os sete pedidos podem ser resumidos por I Jo. 1:9 : "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel . . . para perdoar . . . e purificar-nos . . .".

**22. 1) Se lhe for exigido que jure.** O testemunho em casos duvidosos era confirmado por um juramento no santuário (Êx. 22:10, 11; Lv. 6:3-5). Pedido a Deus que intervenha para resguardar a justiça.

**24. 2) A derrota e o exílio diante do inimigo** eram ocasionados pelo pecado (Lv. 26:17, 33; Js. 7:11, 12). **26. 3) Quando ... não houver chuva.** Os fenômenos naturais podem ter causas morais. Certamente Israel sofria secas em tempos de apostasia (I Reis 17:1; Lv. 26:19).

**28. 4) Quando houver fome . . . ou peste.** Pragas de todos os tipos eram, semelhantemente, cansadas pelo pecado (Lv. 26:16, 20, 25, 26), pois Deus conhece os corações dos homens (v.30; cons. I Sm. 16: 7).

**32. 5) Também ao estrangeiro, que . . . orar.** O Templo seria "uma casa de oração para todos os povos" (Is. 56:6-8). A própria eleição de Israel tinha por alvo o conhecimento universal de Deus (v. 33; Gn. 12:3; Ef. 2:11, 12).

**34. 6) Quando o teu povo sair à guerra.** Deus lutaria pelos Seus, que clamassem a Ele na batalha (14:11,12; I Cr. 5:20).

**36. 7) Não há homem que não peque.** Aqui está expresso o consistente ensino bíblico da total depravação do homem (cons. Jr.

13:23; 17:9; Ef. 2:3). Quando forem levados **cativos a uma terra**. O exílio e a restauração de Israel foram preditos desde o tempo de Moisés (Lv. 26:44, 45); e tudo se cumpriu, exatamente segundo a oração de Salomão (II Cr. 36:16, 22, 23).

**41. Levanta-te, pois, SENHOR Deus, e entra para o teu repouso** (cons. Nm. 10:35). Estes versículos finais são uma citação do Sl. 132:8-10, que é de autoria anônima, mas que provavelmente foram escritos por Davi para a ocasião, análoga a esta, quando instalou a arca na tenda de Jerusalém (I Cr. 16).

**42. Não repulses o teu ungido;** isto é, não rejeites as suas orações. Refere-se ao próprio Salomão, por causa das misericórdias (hesed), para com Davi.

## 2 Crônicas 7

**7:1. Desceu fogo do céu.** Do mesmo modo Deus inaugurou os sacrifícios no tabernáculo Mosaico (Lv. 9: 24) e no altar davídico em Moriá (I Cr. 11:26).

**3. Todos os filhos de Israel, vendo . . . a glória do Senhor sobre a casa.** Assim Deus fez urna manifestação maior do que já tinha feito aos Seus sacerdotes dentro do Templo (5.13,14), e Salomão transmitiu Suas próprias bênçãos à congregação (I Reis 8:55-61).

**5. Vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas.** I Reis 8:63 confirma essas cifras desconcertantes e as define como "ofertas pacíficas", portanto comidas pelo povo (cons. comentário sobre I Cr. 29:21). Foi um suprimento necessário para os quinze dias de festa (II Cr. 7:9, 10).

**7. A gordura dos sacrifícios pacíficos.** Porções escolhidas representativas foram oferecidas a Deus sobre o altar, antes do povo festejar (Lv. 3). Quanto aos holocaustos e as ofertas de manjares, veja, respectivamente, Levítico 1 e 2.

**8.** Salomão prorrogou a dedicação por muitos meses (cons. coment. sobre 5:3) para que coincidisse com a grande festa dos Tabernáculos.



Israel se reuniu desde . . . **Hamate** sobre o Orontes, no longínquo norte na direção do Rio Eufrates, até ao rio do Egito, Sior (I Cr. 13:5), a fronteira ao sudoeste na direção do Egito.

**10. No vigésimo terceiro dia do sétimo mês o rei despediu o povo.** Os sete dias especiais da festa da dedicação estenderam-se desde o oitavo dia até ao décimo quarto dia (v. 9), incluindo o grande Dia da Expição no décimo (Lv. 16). Isto então foi seguido pela Festa regular dos Tabernáculos desde o décimo quinto ao vigésimo segundo dia (isto é, o "oitavo" dia de II Cr. 7:9; cons. Lv. 13:33-36).

**11. Salomão acabou.. . a casa do rei.** Seu próprio palácio. Mais treze anos se passaram assim (I Reis 7:1; 9:10 , levando-nos ao vigésimo quarto ano do reinado de Salomão, 946 A.C.

**12. Apareceu o Senhor a Salomão.** Foi sua segunda revelação a Salomão (I Reis 9:11, a primeira sendo em Gibeão (II Cr. 1:3-13).

**13. Se eu cerrar os céus,** etc. Assim Deus respondeu especificamente as orações anteriores de Salomão (vs. 15, 16; cons. 6:22-39).

**14. Se o meu povo ... se humilhar ... e se converter dos seus maus caminhos, então eu ... sararei a sua terra.** Este grande versículo, o mais conhecido de todo o fino das Crônicas, expressa mais do que qualquer outra passagem das Escrituras, as exigências divinas para uma bênção nacional, quer na terra de Salomão, na de Esdras, ou em nossa própria. Aqueles que crêem devem abandonar seus pecados, abandonar a vida que se centraliza no ego e submeter-se à Palavra e vontade de Deus. Então, e somente então, os céus enviarão o reavivamento.

**16. Para que nela esteja o meu coração perpetuamente.** Veja o coment. sobre 6:2, 6.

**18. Também confirmarei o trono do teu reino.** É citação de I Cr. 17:12,14, mas torna explícita a condição divina de obediência irrestrita.

**19. Porém se vós . . . fordes e servirdes a outros deuses.** Salomão e seus sucessores serviram outros deuses (I Reis 11:1-8; II Cr. 36:16), e

sua infidelidade levou aos resultados propriamente ditos que ele mesmo antecipou (vs. 20-22; cons. 6:36, 36:17-20).

### **C. O Reinado de Salomão. 8:1 – 9:31.**

Exatamente como o elogio do cronista ao reinado de Davi forneceu o estímulo necessário à comunidade pós-exílica, por causa de sua demonstração de poder dado por Deus, também a sua descrição do reinado de Salomão fornece uma correspondente exibição efetiva da glória que resulta dos serviços prestados a Deus. Especificamente, as Crônicas concluem seu registro sobre Salomão com um esboço das realizações de sua administração (II Cr. 8) e com ilustrações do esplendor que rodeava o seu trono (cap. 9). Este material concorda de perto com o que encontramos em Reis, exceto em que omite intencionalmente, por ser pouco edificante, ou até mesmo detrimental para o alvo teocrático de Esdras, os detalhes do funcionalismo autocrático de Salomão (I Reis 4), as extravagâncias de seu ostensivo palácio (I Reis 7:1-12), a idolatria que resultou de sua vulgar poligamia (I Reis 11:1-8), e a resultante deterioração política que perturbou seus últimos anos (11:9-14).

## **2 Crônicas 8**

**1) As Realizações do Reinado de Salomão. 8:1-18.** II Crônicas 8 faz paralelo com I Reis 9, delineando o sucesso alcançado por Salomão: em seus empreendimentos militares e de expansão (vs. 16); em sua organização de potencial humano (vs. 7-10); em sua regulamentação do culto público (vs. 1(-16); e em suas aventuras comerciais (vs. 17, 18).

**1. Ao fim de vinte anos.** Isto é, em 946 A.C. (veja 7:11, observação).

**2. As cidades que Hirão lhe tinha dado.** Esta referência admite, sem comentários, o sórdido acontecimento de I Reis 9:11-13. O registro conta como Salomão teve de entregar umas vinte cidades não israelitas da Galiléia a Hirão, rei de Tiro, aparentemente porque Hirão exigiu de

Salomão o pagamento de uma dívida referente à construção. Na transação Hirão foi realmente enganado, pois o território estava grandemente exaurido. Onde, ao que parece, Salomão foi forçado a aceitar o território de volta. Depois disto ele efetuou algum desenvolvimento na região, fazendo **habitar nelas** (nas cidades) os filhos de Israel.

**3. Foi Salomão a Hamate-Zobá, e a tomou,** talvez por perturbar a paz de I Cr. 18:10. Assim, a única campanha de Salomão que foi registrada resultou na conquista do reino de Hamate, que fada fronteira com o já ocupado território de Zobá (veja comentado sobre I Cr. 18:3).

**4. Edificou a Tadmor no deserto.** Este é o oásis de Palmira, 241 kms ao nordeste de Damasco, e o ponto médio da rota das caravanas que iam para o Rio Eufrates. Tadmor controlava o comércio neste atalho através do deserto para a Babilônia, criando no período romano o fabuloso estado da Rainha Zenóbia. Alguns textos de I Reis 9:18 apresentam uma tradução menos desejável, *Tamar*, que era uma cidade no extremo sul de Judá.

**5. As duas Bete-Horom(s)** controlavam uma importante passagem a noroeste de Jerusalém que levava para o porto de Jope.

**6. Baalate** talvez fosse nas vizinhanças de Bete-Horom. Outras cidades estão relacionadas em I Reis 9:15-17. **As cidades para os carros.** Veja coment. sobre 1:14.

**8.** Salomão competiu os cananeus a pagamento de tributo (cons. I Reis 9:15, 21) e a trabalhos forçados (cons. II Cr. 8:9 e I Cr. 22:2, observação).

**10. Principais oficiais ... duzentos e cinqüenta.** Cons. o quinhentos e cinqüenta de I Reis 9:23; mas veja II Cr. 2:18, observação.

**11.** Logo no começo do seu reinado Salomão casou-se com **a filha de Faraó** (I Reis 3:1). Tal aliança, mesmo com Hor-Psibcano, contemporâneo de Salomão e último faraó da débil Vigésima Primeira Dinastia, proporcionava prestígio. Mas a idolatria desta mulher egípcia levou Israel à final apostasia (I Reis 11:1; cons. 11:8; Ed. 9:1), embora a

esta altura Salomão ainda tivesse a necessária sensibilidade para remover a residência dela dos **santos . . . lugares**.

**13.** Os holocaustos, **segundo o dever de cada dia**, foram prescritos por Moisés (Lv. 23:37).

**17. Eziom-Geber e Elote** (Elate). Portos no extremo norte do Golfo de Ácaba, que proporcionavam a Salomão acesso estratégico ao Mar Vermelho pelo sul. A arqueologia tem comprovado que também foram centros da indústria de cobre de Salomão (Nelson Glueck, *The Other Side of the Jordan*, caps. 3, 4).

**18.** O cobre fornecia um produto de exportação para ser trocado pelo ouro de Ofir, no litoral sudoeste da Península Árabe, ou talvez nas praias orientais da África. **Enviou-lhe Hirão . . . , navios, e marinheiros práticos**. Isto é, os tírios construíam nados com material enviado a Eziom-Geber e então orientavam os menos experientes israelitas em navegação, fazendo uma viagem cada três anos (9:21). Assim Salomão ganhou um total de **quatrocentos e cinquenta talentos de ouro** (420 é a variação de texto de I Reis 9:28) ou mais de US\$ 15.000.000.

## 2 Crônicas 9

**2) O Esplendor do Reinado de Salomão. 9:1-31.** Nosso Senhor Jesus Cristo falou de "Salomão em toda a sua glória" (Mt. 6:29); e II Cr. 9 (paralelo de I Reis 10) apresenta uma variedade de fatos históricos que ilustram o esplendor de Salomão: a visita que recebeu da rainha de Sabá (vs. 1-12); os impostos que cobrava, os escudos, o trono e o equipamento que produzia (vs. 13-21); e a extensão de sua fama e poder (vv. 22-28). Uma conclusão resume, então, o reinado de Salomão como um todo (vv. 29-31).

1. O reino semita-hamítico de **Sabá** (I Cr. 1:9, 22), no extremo sul da Península Arábica, distinguia-se por seu comércio de ouro e especiarias. Sua rainha visitou Salomão, talvez com propósitos comerciais (cons. II Cr. 8:18), mas também para testar a sua sabedoria divina (I Reis 10:1) com **perguntas difíceis**. O hebraico diz *hidot*,

"enigmas" (como em Jz. 14:12); o que costuma ainda hoje em dia ser feito entre os árabes.

**4. O lugar dos seus oficiais.** As autoridades do governo assentadas à sua mesa. O holocausto deve se referir à procissão da corte rumo ao templo para adorar.

**6. Não me contaram a metade.** Veja o v. 23 e 1:12, observação.

**8. Deus . . . se agradou . . . te colocar . . . como rei . . . para executares . . . justiça.** Este foi o propósito da sabedoria de Salomão desde o começo (1:10, 11).

**9. Cento e vinte talentos de ouro.** Bem mais de US\$ 4.000.000.

**10. Os servos de Hirão . . . trouxeram . . . sândalo.** Veja comentário sobre 2:8 e 8:18.

**11. Balaústres.** Em hebraico *mesillot*, "estradas". Talvez escadas (cons. I Reis 10:12).

**12. Salomão deu à rainha . . . tudo o que ela desejou.** I Reis 10:12 observa que isto foi além de sua hospitalidade real costumeira.

**13. Seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro por ano.** Cerca de US\$ 25.000.000.

**14. Negociantes.** Literalmente, *os homens das caravanas*. Governadores dessa mesma terra. Príncipes vassalos das terras vizinhas.

**15.** Cada um dos **duzentos paveses** (grandes escudos que protegem todo o corpo) era revestido com **seiscentos siclos de ouro** (cerca de 6,807kgs), no valor aproximado de US\$ 7.600. Os trezentos escudos menores (v. 16) tinham cada um a metade deste valor (em I Reis 10:17, em padrão diferente, "três arráteis", em heb. *manim*; cons. HDB, IV, 903).

**16. A Casa, ou o palácio, do Bosque do Líbano** (em Jerusalém) recebeu esse nome por causa de suas fileiras de colunas de cedros (I Reis 7: 2-5).

**21. Os navios de Salomão iam a Társis.** Literalmente, *eram freqüentadores de Társis*. Não que fossem realmente a Társis (Tartessus, na costa mediterrânea da Espanha) pois navegavam no Mar Vermelho (8:17,18), mas que eram grandes navios, como aqueles que eram construídos para navegarem até Társis.

**24. Armaduras.** Hebraico, *nesheq*.

**25. Quatro mil cavalos em estrebarias** (cons. comentário sobre 1:14, 17). I Reis 4: 26 diz, erradamente, **quarenta mil cavalos**.

**26. Dominava . . . desde o Eufrates** (I Reis 4:21, 24). Ele ocupou assim os limites prometidos por Deus a Abraão (Gn. 15:18).

**29. Escritos no livro . . . na profecia . . . e nas visões.** Veja Introdução, Autoria. I Reis 11:41 refere-se a uma outra fonte, "O livro dos atos de Salomão ".

## **II. O Reino de Judá. 10:1 – 36:23.**

### **A. A Divisão do Reino. 10:1 – 11:19.**

"Nosso Deus avança!" Humanamente falando, a maldição em três etapas do Reino de Judá – sua separação da maioria de Israel, sua sucessão de monarcas uns diferentes dos outros na sua maneira de pensar, e sua morte final no exílio foi uma tragédia completa. Até o autor profético de I e II Reis, escrevendo já perto do Exílio, só podia ver nisso tudo a vindicação moral de Jeová, retribuindo ao Seu povo infiel de acordo com seus feitos (II Reis 17:7-23; 24:1-4). Mas o cronista, escrevendo depois da restauração em 536 A.C., via por inspiração que por trás dos quatro séculos do declínio de Judá movia-se a mão de Deus, soberanamente realizando os Seus próprios planos na história. Isto está claro, mesmo na análise que o cronista faz da divisão inicial, 930 A.C. A resistência de Roboão diante da reforma e a subsequente rebelião contra ele (II Cr. 10) foram "de Deus" (10:15), e sua tentativa de tornar a subjugar o Israel do norte foi impedido pela palavra do Senhor (11:1-5). Aras o resultado foi a separação entre a parte piedosa do norte apóstata (11:6-22), "para fortalecimento do reino de Judá" (v. 17). Observe que II Cr. 10 e 11:4, 13-17, correspondem a I Reis 12, enquanto que II Cr. 5-12, 18-23 não tem paralelo.

## 2 Crônicas 10

**10:1. Foi Roboão**, o filho de Salomão, a Siquém. Esta cidade, que ficava 48,27 kms ao norte de Jerusalém, era o centro das tribos do norte. A dinastia de Davi fora divinamente indicada (I Cr. 17:14), mas cada monarca estava mesmo assim sujeito à confirmação popular (II Cr. 10:4). Roboão só podia reinar como servo "constitucional" (v. 7) sob a orientação de Deus (cons. coment. sobre I Cr. 11:3).

**2. Jeroboão** já fora ungido por Deus para o reinado sobre os dez doze avos de Israel (I Reis 11:26-40); eis o porquê da necessidade de sua fuga da presença do rei Salomão para o Egito.

**4. Teu pai fez pesado o nosso jugo.** Salomão dera-se ao luxo das extravagâncias ímpias às expensas do seu povo (cons. Dt. 17:17-20).

**9. Que respondamos.** Desde cedo em seu reinado Roboão se identificou - nós - coma insolente autocracia da geração criada no luxo de Salomão.

**15. Porque isto** (em heb. *nesibba*, "a direção que os acontecimentos estavam tomando") **vinha de Deus**, que ordenara a divisão de Israel, por meio do seu profeta **Aías, o silonita**, como castigo por Salomão ter caído na idolatria (I Reis 11:29 -33).

**16. Que parte temos nós com Davi?** Tal espírito de rebeldia, entretanto, contra a dinastia divinamente estabelecida também era condenável (13:5-7). **Às suas tendas** (cons. II Sm. 20:1). O isolamento geográfico que surgiu por causa da vida no terreno acidentado da Palestina era, por si mesmo, conduzente a uma ruptura política.

**17. Adorão . . . de Judá.** Os elementos mais piedosos de Israel, que tinham se apegado a Judá, permaneceram fiéis a Roboão (cons. 11:3).

**18. Adorão. Adonirão** (I Reis 4:6; 5:14), **superintendente dos que trabalhavam forçados.** Em hebraico *mas*, grupos de trabalho conscrito. Era provavelmente um dos homens mais odiados em Israel, uma personificação da autocracia.

**19. Israel se mantém rebelado.** I Reis 12:20 descreve como as tribos do norte confirmaram a Jeroboão o seu rei. Crônicas, contudo, se

concentrava no remanescente fiel e ignora a história de Israel a partir deste ponto.

## 2 Crônicas 11

**11:1. De Judá e de Benjamim.** Como já fora prometido por Aías (I Reis 11:31, 32), estas duas tribos continuaram leais à dinastia davídica (II Cr. 11:3, 12; cons. comentário sobre I Cr. 4:24-43).

**2. Semaías** era o profeta ou **o homem de Deus**, que aconselhou Roboão depois de seu erro posterior (12:5-7) e que compilou um dos registros dos acontecimentos do seu reinado (12:15).

**3. A todo o Israel em Judá e Benjamim** são definidos em I Reis 12:23, como "o remanescente", os sobreviventes piedosos do grande grupo apóstata (Lv. 26:39, 44; Is. 10:20-23).

**4. Eu é que fiz isto.** Veja 10:15, observação.

**5. Roboão . . . fortificou cidades.** Proibido de reconquistar Israel, preparou defesas para o território que lhe foi deixado, uma atitude necessária à luz das constantes guerras que se seguiram (12:15). As cidades relacionadas (vs. 6-10) ficam ao sul e a oeste, ao que parece por causa do perigo representado pelo Egito (cons. 12:2-4).

**14. Jeroboão e seus filhos . . . lançaram fora** os levitas (cons. I Reis 12:31), como parte de sua política geral de separar o seu povo da dependência religiosa de Jerusalém (I Reis 12:26-28). E seus filhos (sucessores). A migração dos fiéis para Judá foi assim um processo que continuou pelos anos afora.

**15. Constituiu os seus próprios sacerdotes . . . para os sátiros.** Em hebraico, *se'irim*, "bodes" (habitantes das ruínas; Is. 13:21; 34:14). Longe de serem os "sátiros" da mitologia como defende a crítica "liberal", os *se'irim* parecem ser simplesmente ídolos com forma de bodes, usados em conexão com os **bezerros** (de ouro), **que fizera** (cons. Lv. 17:7).



**17.** Mas mesmo ímpios, como eram os substitutos idólatras de Jeroboão, serviram na providência divina, para ajuntar os piedosos no sul (vs. 13, 16) e **assim fortaleceram o reino de Judá.**

**18.** Abiail era esposa de Jerimote e mãe de Maalate, não uma segunda esposa de Roboão.

**21. Maaca** (Micaías, 13:2) devia ser neta de Absalão, através de sua filha Tamar, a esposa de Uriel (13:2; cons. II Sm. 14:27; 18:18). Ele havia tomado dezoito mulheres. Assim Roboão ignorou descaradamente tanto a lei de Deus (Dt. 17:17; Lv. 18:18; cons. John Murray, *Principles of Conduct*, Apêndice B) como o desastroso precedente de seu pai.

**23. Procedeu prudentemente.** Delegando aos seus filhos autoridade na defesa nacional e fornecendo-lhes sustento e mulheres; mas também para dispersá-los, a fim de assegurar a indiscutível sucessão de Abias, o herdeiro indicado (v. 22).

### **B. Os Reis de Judá. 12:1 – 36:16.**

Os dezenove homens e uma mulher que ocuparam o trono de Davi de 930 a 586 A.C. voltaram em caráter desde o mais forte e melhor ao mais fraco e pior. O destino de cada nação é determinada grandemente pelo calibre de seus líderes e isto se notou marcadamente em Israel, onde a mão de Deus interveio e manifestou-se mais claramente do que em qualquer outro lugar. O cronista encoraja assim os homens dos seus dias à consagração, demonstrando com os milagrosos livramentos que Deus operou no passado em Judá como "a fé é a vitória" que vence o mundo (II Cr. 20:20).

Contudo, ao mesmo tempo, e com os mesmos dados históricos, ele adverte-os contra o compromisso com o mundo, contra a indiferença à Lei, e contra o afastamento do Senhor. Pois o padrão fundamental da história de Judá é o da deterioração religiosa. O pecado se torna tão entranhado que nem mesmo um Josias consegue inverter a correnteza que leva para baixo: "Subiu a ira do Senhor contra o seu povo, e não houve remédio algum" (36:16). Deus **pode** rejeitar o Seu povo que antes

reconheceu! Em certos pontos II Cr. 12:1 – 36:16 corresponde a I Reis 14:22 - II Reis 24:20. A maior parte de Reis, entretanto, foi omitida, como por exemplo as vidas dos profetas e toda a história do Israel do norte (cons. Introdução, **Ocasão**). Mas para Judá o cronista fornece exemplos estimulantes de fé e livramento que não têm paralelo na narrativa mais resumida de Reis.

## 2 Crônicas 12

**1) Roboão. 12:1-16.** O filho de Salomão subiu ao trono em 930\* A.C., e reinou até 913 A.C. II Crônicas 12 começa com o governo de Roboão na sua confirmação (v. 1), depois que a divisão do reino de Salomão comprovou-se permanente (caps. 10 e 11). Descreve o seu castigo por ter-se afastado da Lei (vs. 1-6) e então a sua restauração quando se submeteu a Deus (vv. 7-12). Um resumo de seu reinado de dezessete anos conclui esta parte (vv. 13-16). Uma narrativa mais curta, ainda que paralela, encontra-se em I Reis 14: 21-31.

**1. Roboão . . . deixou a lei.** Voltando-se para as imoralidades e politeísmo dos nativos cananeus (I Reis 14:23, 24; 15:12). Essa foi a causa determinante da invasão de Sisaque (v. 2).

**2. No quinto ano, 925\* A.C., Sisaque . . . subiu.** Esta campanha de Sesonque I, enérgico fundador da Vigésima Segunda Dinastia do Egito, foi confirmada por sua lista das cidades conquistadas na Palestina, gravada nas paredes do templo de Amom em Carnaque. A lista mostra que ele saqueou Israel do norte como também Judá.

**3. Líbios** do norte da África. Os **suquitas** continuam sem identificação.

**5. Semaías.** Veja 11: 2, observação.

---

\* O \* indica uma possível ocorrência nos últimos meses do ano precedente; veja Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, pág. 55.

**7. ... se humilharam** e foram libertados (v. 12), ilustrando assim um princípio permanente (I Pe. 5:6), embora pareça que Roboão não aprendeu a lição (II Cr. 12:14).

**8. Para que conheçam . . . a minha servidão.** Comparado com o serviço cobrado pelo mundo. Quão melhor é submeter-se a Deus! (Mt. 11:28-30).

**9. Sisaque . . . também levou todos os escudos de ouro.** Veja 9:15, observação.

**10. Em lugar destes fez o rei Roboão escudos de bronze.** A incredulidade reduziu-o à imitação da glória que antes era sua.

**11. Os da guarda . . . tornavam a trazê-los,** guardando-os após o uso.

**12. Em Judá ainda havia boas coisas.** Ainda existia verdadeira consagração.

**13. O Senhor escolheu . . . para ali estabelecer o seu nome,** isto é, em Jerusalém. Veja 6:6, observação.

**15. Nos livros . . . de Ido . . . no registro das genealogias.** Seu conteúdo devia ser grandemente genealógico.

## 2 Crônicas 13

**2) Abias (I Reis 15:1), 13:1-22.** O reinado de três anos de Abias, filho de Roboão, 913-910\*A.C., foi ocupado principalmente com sua guerra contra Jeroboão (cons. I Reis 15:6, 7). Além disso, embora o esboço de I Reis 15:1-8 não dê detalhes deste conflito, o registro paralelo em II Crônicas 13 revela a bravura de Abias nas dificuldades oriundas da confiança no Deus cuja lei ele obedecia (vs. 1-12), e sua gloriosa vitória resultante (v. 13:21). "Judá prevaleceu, porque confiava no Senhor Deus de seus pais" (v. 18).

**2. Era o nome de sua mãe Micaía** (Maaca); veja 11:21, observação.

**3. Quatrocentos mil** contra **oitocentos mil.** Abias estava em péssima situação. A historicidade dessas cifras, confessadamente altas

para tão limitada área, fica garantida por I Cr. 21:5 (cons. a observação correspondente). Foi um ataque devastador.

**4. Monte Zemaraim.** A cidade de Zemaraim fica dentro do território de Benjamim (Js. 18:22), portanto este campo de batalha devia estar sobre a fronteira entre os dois reinos de Efraim (Israel) e Judá.

**5. Deus . . . deu . . . a Davi a soberania,** e a seus descendentes (I Cr. 17:14), por uma aliança de sal, isto é, permanente (cons. Lv. 2:13). O sal é notadamente preservativo.

**7. Gente vadia** (heb., *sem valor*). **Sendo Roboão ainda jovem.** Sua idade real era de quarenta e um anos (II Cristo. 12:13), mas ele era **indeciso**, isto é, imaturo no entendimento e na experiência.

**8. Os bezerros de ouro que ... vos fez para deuses.** A crítica "liberal" ameniza a apostasia de Jeroboão aceitando que seus bezerros eram, como a arca, apenas "pedestais" para a presença invisível de Jeová. Ias aqueles que foram seus contemporâneos compreenderam que esses bezerros eram imagens fundidas de outros deuses (cons. I Reis 12:28; 14:9).

**10. O Senhor é nosso Deus.** Esta vibrante afirmação modifica-se diante do fato que Abias "andou em todos os pecados de seu pai" («ia sua poligamia, v. 21, e veja comentado sobre 12:1). Sua fé era flutuante, pois "seu coração não foi perfeito para com o Senhor seu Deus como o coração de Davi" (I Reis 15:3).

**11. Cada dia . . . oferecem holocaustos e queimam incenso aromático, dispondo os pães da proposição.** Veja observação sobre 2:4; 4:1, 8; I Cr. 9:32; 23:30. **O candeeiro.** O Templo de Salomão tinha dez desses candeeiros (4:7; cons. observação referente), um dos quais era sem dúvida o candeeiro original de Moisés.

**12. Os seus sacerdotes, tocando com as trombetas, para rebate.** Para chamar a Deus a fim de que viesse salvá-los (v. 14; Nm. 10:9).

**15. Feriu Deus a Jeroboão.** Não sabemos se foi através de direta intervenção sobrenatural, ou por causa da coragem do Seu povo que estava cercado.

**17. A matança de quinhentos mil** homens escolhidos, mais da metade do exército, foi uma perda desconcertante para a relativamente pequena nação de Israel (cons. v. 20).

**19. Abias . . . tomou. . . Betel**, perto da fronteira entre Benjamim e Efraim, o exato local da adoração do bezerro de Jeroboão (I Reis 12: 29, 33), embora o ídolo fosse provavelmente removido antes da tomada da cidade. **Jesana e Efrom** ficavam 6,4kms ao norte e nordeste de Betel, respectivamente.

**20. Feriu o Senhor a Jeroboão.** Os detalhes da morte de Jeroboão em 910 A.C., três anos depois da morte de Abias, não ficaram em parte alguma explicados.

**22. Na história do profeta Ido.** A palavra hebraica usada aqui para **história** é *midrash*, um "comentário", talvez um registro oficial da corte (cons. 24: 27).

### **3) Asa. 14:1 – 16:14.**

Estes três capítulos (acrescentando algo a I Reis 15:9-24) descrevem quatro acontecimentos notáveis no longo reinado de Asa - 910\*-869\* A.C.: 1) a primeira reforma, durante seus dez anos de paz (14:1-8); 2) a vitória sobre Zerá, o etíope, em 896\* A.C. (14:9-15); 3) a segunda reforma, que veio como resultado (cap. 15); e 4) a reação hostil de Baasa de Israel, em 895 A.C., que provocou uma série de divergências religiosas da parte de Asa (cap. 16). Asa foi, contudo, o monarca más justo que surgiu em Judá depois da divisão do reino de Salomão (I Reis 15:11).

## **2 Crônicas 14**

**14:1. A terra esteve em paz dez anos.** Isto é, até a invasão de Zerá em 896 (veja 15:19, observação). Esta paz, que foi a recompensa divina para a primeira reforma de Asa (vv. 5-7), pode ser buscada em parte, na esmagadora derrota do Israel do norte por Abias (13:17, 20).

**3. Aboliu. . . os cultos nos altos** (veja 1:3, observação), em obediência a Dt. 12:2, 3; mas parece que o povo continuava a recorrer a eles, apesar da proibição real (15:17). **As colunas** (heb., *massebot*) eram as colunas de pedra dos cananeus, os quais acreditavam que continham os Baalins, deuses da fertilidade locais. O termo poste-ídolo (heb., *'asherim*) refere-se, sem dúvida, à Asera, deusa-consorte de Baal, que criam residir em um poste de madeira ao lado da coluna de pedra. Ambos, quando esculpidos, transformavam-se em ídolos (cons. I Reis 15:12).

**5. As colunas**, sabe-se agora, segundo a arqueologia, que eram incensários (William F. Albright, *Archeology and the Religion of Israel*, págs. 215, 216).

**7. Enquanto a terra ainda está em paz diante de nós.** Livre dos inimigos.

**8. Trezentos mil de Judá**, lanceiros com pavese (pesados escudos que cobriam todo o corpo); **duzentos e oitenta mil de Benjamim**, arqueiros com escudos mais leves. Essas cifras tão grandes deviam incluir toda a população capaz de pegar em armas.

**9. Zerá, o etíope, saiu contra eles.** Em hebraico, *cushita*. Isto pode representar uma tentativa feita por Osorkon I, segundo faraó da Vigésima Segunda Dinastia do Egito, de duplicar a invasão e a pilhagem de seu predecessor, Sisaque (veja comentário sobre 12:2), os resultados, entretanto, contra o piedoso Asa, foram exatamente opostos! **Um exército de um milhão de homens.** Esta é uma cifra redonda; mas indica um grande ajuntamento, ultrapassando de longe o exército de Asa.

**10. Ordenaram a batalha . . . perto de Maressa.** No vale que marca a entrada das montanhas, a meio caminho entre Gaza e Jerusalém. Esta era uma das cidades que Roboão tinha fortificado em antecipação de um ataque exatamente como esse (11:9).

**11. Além de ti não há quem possa socorrer . . . o fraco.** A posição de Asa era desesperadora. Mas para Deus, aquilo que é humanamente

possível nada significa (Gn. 18:14); e Asa teve a fé para confiar em Deus e esperar o impossível (cons. Mc. 9:23).

**12. O Senhor feriu os etíopes** (cons. v. 13). Novamente, os detalhes não foram fornecidos (veja comentário sobre 13:15).

**13. Asa e o povo . . . os perseguiram até Gerar**, até o sul de Gaza, na sua fuga de volta para o Egito. Sem restar nem um sequer. Literalmente, *de modo que não puderam se recuperar* (KD). Israel não precisou mais se preocupar com o Egito por 170 anos, até a Vigésima Quinta Dinastia (II Reis 17:4).

**15. Também feriram as tendas dos donos do gado**; isto é, dos criadores de gado filistinizados da região.

## 2 Crônicas 15

**15:1. Azarias . . . de Odede** (cons, v. 8), desconhecido a não ser por esta profecia.

**2. Se o buscardes**, etc., foi a advertência que Davi fez a Salomão (I Cr. 28:9); e Azarias continua apresentando exemplos desta verdade extraídos da história passada de Israel.

**3. Israel esteve . . . sem o verdadeiro Deus**. Provavelmente se referindo aos caóticos dias dos juizes (cons. Jz. 21: 25). Sem sacerdote que o ensinasse. Uma das principais funções sacerdotais era ensinar a Lei (Lv. 10:11).

**4. Quando na sua angústia eles voltaram ao Senhor . . . foi por eles achado**. Cons. Juízes 2:18.

**5. Não havia paz**. Cons. Juizes 5: 6.

**8. Asa . . . lançou as abominações fora**, e também as imoralidades sexuais que acompanhavam os cultos cananeus (I Reis 15:12). **9.** O fato de que **muitos de Israel desertaram para ele** é um exemplo do propósito divino na divisão do reino de Salomão para que o "remanescente" pudesse ser preservado (cons, comentado sobre 11:3,14). Aras também explica os atos de represália praticados por Baasa de Israel logo após (16: 2). **Simeão**. Veja comentário sobre I Cr. 4:24-43.

**10. Reuniram-se . . . no terceiro mês, no décimo quinto ano,** maio/junho, 895 A.C., talvez para a Festa das Semanas (Pentecostes), uma das três festas de peregrinação anuais (cons. I Cr. 23:31, observação; Lv. 23:15-21). Este foi o ano que se seguiu ao ataque de Zerá (II Cr. 15:19, observação), uma vez que a perseguição e a ocupação dos territórios adjacentes (14:13-15) devem ter consumido diversos meses.

**12-15. Entraram em aliança.** Em hebraico, "a" aliança. O grande e eterno testamento de Deus (cons. I Cr. 16:15, observação) para redenção do Seu povo. Damos abaixo alguns de seus aspectos imutáveis e dignos de nota: 1) Redenção objetiva, conforme expressa pela frase **Deus de seus pais** (v. 12). Cons. o versículo 15, "e por eles foi achado". Deus entra em relacionamento salvador com Seus eleitos (Gn. 17:7; Jr. 31:34; Jo. 17:6). 2) A reação subjetiva do homem pela fé e pela obediência (v. 13). **Buscaram o Senhor** (cons. v. 15; Gn. 15:6; Êx. 19:5; Lc. 13:3; Jo. 3:16). Conformidade com as exigências foi aqui imposta sob pena de **morte** (cons. Dt. 17:2.6); pois, afinal de contas, é melhor que um homem seja limitado nesta vida para que ele, ou outros que podem ser por ele afetados, não se percam por toda a eternidade (Dt. 13: 12.15; Mc. 9: 43-48). 3) A herança da reconciliação (v. 15): **O Senhor lhes deu paz.** Aqui um repouso imediato dos seus inimigos. Mas o repouso testamentário envolve, em sua plenitude, todas as alegrias da vida redimida no presente (Sl. 103), do céu além da sepultura (Sl. 73:23-26; Hb. 4:9-11), e finalmente, do último reino de Deus na terra (Ap. 20:6; 22:5).

**16. Maaca** era **mãe** de Abias, Pai de Asa (cons. 11:21; 13:2, observações), e assim tecnicamente a rainha-avó. Uma vez que devia ser uma figura influente na corte, Asa deve ser elogiado por colocar a fé acima da família, visto que a destituiu (cons. Dt. 33:9 ; Mt. 10:37). **A Aserá uma abominável imagem.** Literalmente, *uma coisa horrível para Aserá* (veja comentário sobre 14:3). Fosse qual fosse o objeto de sua adoração, o rei a quebrou **no vale do Cedrom**, o vale abrupto entre o muro oriental de Jerusalém e o Monte das Oliveiras,



**17. Os altos, porém, não foram tirados.** Isto descreve o triste fato histórico, não a intenção pessoal do rei (veja comentário sobre 14:3).

**18. Trouxe à casa do Senhor** (cons. I Cr. 18: 11; 26:26-28) **as coisas consagradas por seu pai, e as coisas que ele mesmo consagrara** incluindo os despojos de Jeroboão (13:19) e de Zerá e seus aliados (14:13-15).

**19. Não houve guerra até ao ano vigésimo quinto.** A guerra que houve foi com Zerá no ano 896, que foi o trigésimo quinto ano depois da divisão do reino (cons. 16:1). Não poderia se referir ao trigésimo quinto ano do reinado do próprio Asa, uma vez que ele lutou contra Baasa antes do seu vigésimo sexto ano (I Reis 15:16, 33; com. Thiele, *Mysterious Numbers*, págs. 57-60).

## 2 Crônicas 16

**16:1. No ano trigésimo sexto, 895 A.C.** (cons. comentário sobre 15:19), depois do ajuntamento de maio-junho (15:10), subiu Baasa. Em 909 A.C. Baasa derrubou a dinastia de Jeroboão I e usurpou o trono de Israel (I Reis 15:27-29). Tendo suas diferenças com Asa desde o princípio (I Reis 15:16), e tendo sido espicaçado pela deserção do seu próprio povo em favor do rei do sul (II Cr. 15:9), ele se dirigiu para lá, provavelmente retomando Betel (cons. 13:19) e fortificando Ramá, bloqueando assim Jerusalém que ficava apenas 8kms a mais para o sul.

**2. Asa tomou prata e ouro** (tudo o que havia, I Reis 15:18) do Templo. Foi assim que sacrificou os resultados de sua própria piedade (II Cr. 15:18) e as bênçãos de Deus (14:12.14) para seduzir a **Ben-Hadade** (I), um rei pagão de Damasco, a fim de que se realizasse um ato de perfídia (v. 3) no sentido de assegurar a sua própria "proteção" e a de Judá! Mas veja Jr. 17:5.

**3. Haja aliança. Como houve entre meu pai e teu pai.** Isto é, entre Abias e Tabrimom (I Reis 15:18), o filho de Heziom (Reziom?), o adversário de Salomão e fundador do Reino de Damasco; I Reis 11:23-25. Damasco trocava de aliados conforme a conveniência.

**4.** O exército de Ben-Hadade **feriu a Idom, a Dã, a Abel-Maim** (Abel-Bete-Maaca, I Reis 15:20), **e todas as cidades-armazéns** (1 Reis especifica Quinerete, as planícies a noroeste da Galiléia) **de Naftali**, todas no extremo norte de Israel. Este ataque na retaguarda de Baasa compeliu-o a abandonar suas operações ao sul contra Asa.

**6.** Asa edificou a **Geba e a Mispa**, a leste e oeste de Ramá, respectivamente (cons. Jr. 41: 9).

**7. Hanani**, o vidente. Pai de Jeú, o vidente de Josafá, filho de Asa (19:2; 20:34). **O exército . . . da Síria escapou.** Pois ele sendo aliado de Baasa (v. 3), presumivelmente se unira a Israel para atacar Judá, e Deus livraria deles todo o exército de Asa.

**8. Os etíopes e os líbios.** Veja 14:9, 11; cons. 12:3, observações.

**9. Quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra.** O povo de Deus não tem nenhum problema do qual o Senhor não tome consciência, ou do qual Ele não venha a libertar (cons. Rm. 8:32). **Cujo coração é totalmente dele.** Em hebraico *shalem*, "íntegro". Deus protege aqueles que se Lhe dedicam "de todo coração". **Por isso desde agora haverá guerras** (cons. I Reis 15:32). Os próprios sírios cujos ataques Asa provocou, mais tarde colocaram Judá de joelhos (II Reis 12:17,18).

**10. Asa ... o lançou no cárcere.** Literalmente, *na casa dos troncos*. Esta é a primeira perseguição de profetas que ficou registrada, mas muitas se lhe seguiram (cons. I Reis 22:27; Mc. 6:17, 18). **Oprimiu Asa a alguns do povo.** Um pecado leva a outro.

**11. O livro dos reis de Judá e Israel** não é o livro que constitui os nossos I e II Reis, mas alguma crônica real, agora desaparecida (veja Introdução, *Autoria*).

**12. No trigésimo nono ano do seu reinado, 871\* A.C., não recorreu ao Senhor, mas confiou em médicos** (pagãos?). A medicina é um dom de Deus, mas é o Criador da medicina que efetua a cura (II Reis 20: 7; cons. vv. 2, 3).

**14. Sepultaram-no no seu sepulcro.** Isto esclarece a declaração generalizada de I Reis 15:24 de que ele foi sepultado na cidade de Davi". **Grande a queima** de especiarias (não cremação), que foi feita em sua homenagem (cons. Jr. 34:5).

#### **4) Josafá. 17:1 – 20:37.**

Os anos do seu reinado se estenderam de 872\* a 848 A.C. (veja 17:7; observação). Tal pai, tal filho! Assim como Asa realizou a primeira reforma, também Josafá removeu a idolatria, ensinou a Lei de Deus e fortaleceu o seu reino, 866 A.C. (II Cr. 17); mas tal como Asa entrou em alianças não recomendáveis, Josafá também aliou-se com Acabe de Israel e envolveu-se em uma campanha quase fatal em Ramote-Gileade, em 853 A.C. (cap. 18). Novamente, tal como o profeta Azarias advertiu Asa e provocou sua segunda reforma, também Jeú, o filho de Hanani, levou Josafá a continuar suas reformas de religião e de administração de justiça (cap. 19). Finalmente, tal como Asa enfrentou as hordas vindas do sudoeste, também Josafá, confiando no Senhor, enfrentou e venceu as multidões vindas do leste (20:1-30). Uma passagem final resume o reinado de Josafá e descreve o fracasso de sua aliança comercial com Israel (20:31-37). Destas divisões, só os capítulos 18 e 20:31-37 encontram verdadeiro paralelo em I Reis (cap. 22).

## **2 Crônicas 17**

**17:1. Josafá . . . se fortificou contra Israel.** O ímpio Acabe, segundo rei da dinastia de Onri, estava agora reinando em Samaria; a hostilidade entre os dois reinos continuava.

**2. Asa** tinha tomado as **idades de Efraim**. Não apenas os ameaçadores fortes de Ramá (veja comentário sobre 16:1), mas outras cidades também (15: 8).

**3. Nos primeiros caminhos de Davi.** Assim o cronista confessa implicitamente que os últimos caminhos de Davi não foram assim tão exemplares (cons. II Sm. 11.21). **Os Baals.** Plural no hebraico. Pois "os

Baals" eram múltiplos, cada campo tendo o seu próprio espírito da fertilidade.

4. As obras de Israel incluíam as inovações de Jeroboão no sacerdócio e no calendário, como também seu culto aos bezerros (I Reis 12:28-33).

6. Ainda tirou os altos e os postes-ídolos (postes de Aserá; veja comentário sobre 14:3). Cons. I Reis 22:46; embora sua atitude oficial, tal rumo aconteceu com Asa antes dele (II Cr. 15:17), não fosse popularmente apoiada (20:33).

**7. No terceiro ano do seu minado.** Isto é, depois que começou a reinar sozinho, ou em 866\* A.C. Uma comparação com II Reis 3:1 e 8:16 indica que o reinado total de Josafá de vinte e cinco anos (II Cr. 20:31) deve ter começado três anos antes da morte do seu pai, ou seja, em 872\*. Uma co-regência foi, talvez, necessária por causa da doença de Asa, que se tornou cada vez mais seria no ano seguinte (16:12, observação). **Enviou ... Bene-Hail**, etc. Esses eram os nomes dos príncipes. **Para ensinarem.** Josafá compreendeu que ensinar a Palavra de Deus (v. 9) é tarefa de todos os líderes que são da fé (cons. Mt. 28:20), não apenas os levitas e sacerdotes profissionais (Dt. 33:10; Lv. 10:11).

**9. Percorriam todas as cidades**, como os exortadores e evangelistas itinerantes do N.T. (cons. III Jo. 7, 8).

**12,13. Edificou fortalezas e cidades-armazéns.** Literalmente, *fortificou lugares e trabalho* (e as propriedades que adquiriu em consequência).

**14. Em Judá . . . Adna, e com ele trezentos mil . . .** Os três exércitos judaicos de Josafá totalizavam assim 780.000 homens, em comparação com os 500.000 do tempo de Davi (II Sm. 24:9). Ele também convocou os serviços dos dois exércitos benjaminitas de 380.000 homens. São cifras muito grandes, incluindo a convocação, sem dúvida nenhuma, de todos os seus cidadãos (cons. II Cr. 14; 8).

**19. Estes**, os cinco comandantes do exército, estavam a serviço do rei. Grupos de suas tropas poderiam ficar, então, estacionados **nas cidades fortificadas**.

## 2 Crônicas 18

**18:1.** Em cerca de 865 A.C. (cons. a idade de Acazias, seu neto, quando de sua ascensão em 841; II Reis 8:26), ou depois de sessenta e cinco anos de hostilidades entre os reinos de Israel e Judá. **Josafá . . . aparentou-se com Acabe** (cons. v. 3; I Reis 22:44). Isto incluiu o casamento de Jeorão, filho de Josafá, com Atalia, filha de Acabe e Jezabel (II Cr. 21:6), uma aliança que teria resultados desastrosos para Judá (22:10). Esta aliança deve ter sido provocada por canja da ameaça do poder assírio, contra o qual uma coligação dos estados ocidentais, incluindo Damasco e Israel, lutou em 853 A.C., em Qarqar sobre o Rio Orontes.

**2. A subir . . . a Ramote de Gileade.** Esta cidade chave, sobre a rota das caravanas nos limites do Israel da Transjordânia, havia sido tomada pela Síria (16:4, ou II Reis 20:38); mas talvez Acabe achasse que Damasco estivesse suficientemente enfraquecida por suas perdas em Qarqar, possibilitando assim a retomada da cidade a essa altura dos acontecimentos (853 A.C.).

**4. Consulta . . . a . . . Deus.** Josafá já tinha concordado (v. 3), mas ainda tinha piedade suficiente para perceber que tinha necessidade de orientação divina, embora não atendesse à orientação depois de recebê-la (v. 29).

**5. Os profetas, quatrocentos homens.** Esses homens da corte de Acabe falaram em nome do Senhor (na sua corrompida forma de bezerro), mas falsamente (v. 22) com uma mensagem calculadamente agradável (v. 12; Mq. 3:5, 11). Josafá não confiou muito neles (v. 6).

**7. Micaías**, que só ficou conhecido por este único incidente, **nunca profetiza . . . o que é bom** para Acabe. O verdadeiro profeta era,

portanto, conhecido pelo fato de ter fielmente advertido Israel dos resultados do seu pecado (Jr. 23:22; Mq. 3:8).

**9. Em hebraico, uma eira.** À entrada, o tradicional lugar para o julgamento (cons. Rute 4:1).

**10. Fez . . . uns chifres de ferro.** Símbolos da vitória (Dt. 33:17), mas talvez a superstição lhes atribuísse poderes mágicos também.

**13. O que meu Deus disser isso farei** (cons. Nm. 24:13). As revelações divinas eram objetivamente distintas dos pensamentos e desejos dos corações dos profetas genuínos (Jr. 14:14).

**14. Sobe, e triunfarás.** Ele falava zombando, como seu tom de voz devia indicar claramente (cons. v. 15).

**16. Estes não têm dono** (cons. Nm. 27:16,17). Assim ele previu a morte de Acabe (II Cr. 18:24) ficando o seu povo em paz (v. 30).

**18. O exército do céu . . . à sua direita.** Isto é, anjos. Cons. os "filhos de Deus" (Jó 1:6).

**19. Quem enganará Acabe.** Deus pode operar através dos seus espíritos para incitar os homens perversos a manifestarem seus pecados e assim poderem ser castigados ou conduzidos ao arrependimento (cons. I Sm. 16:14,15; 18:10, 11).

**20. Então saiu um espírito.** Em hebraico, *o* (renomado) **espírito**, Satanás (Jó 1:6-12). Micaías presumia que seus ouvintes conheciam o Livro de Jó (já teria sido escrito nos dias de Salomão?).

**23. Zedequias . . . deu uma bofetada em Micaías.** Este ato comprova que o Espírito de Deus não estava com Zedequias (Tg. 3:17). **Por onde saiu o Espírito . . .** O falso profeta assegurou descaradamente que uma profecia contrária à sua não podia ser do Espírito.

**24. Para te esconderes.** O cumprimento desta profecia não ficou registrado, mas talvez se refira ao castigo aplicado aos falsos profetas pela família de Acabe, depois da morte do rei.

**25. A ordem, Tomai . . . e devolvei-o,** implica em que Micaías já estivesse preso na ocasião; cons. o precedente de Asa (16:10).

**26. Com escassez de pão.** Racionamento de alimento.

**27. Ouvi isto, vós todos os povos**, no plural em hebraico. Micaías convocou todas as nações como suas testemunhas.

**29. Eu me disfarçarei.** Acabe buscou este modo fútil de fugir ao decreto divino (v. 16).

**30. Pelejareis . . . somente contra o rei de Israel.** Se ele pudesse ser derrotado, a batalha estaria ganha (cons. II Sm. 21:17).

**31. A ele se dirigiram.** Josafá poderia ter ali colhido o fruto de sua ímpia aliança se o Senhor não o socorresse.

**33. Um homem . . . atirando ao acaso.** No hebraico, *em sua ignorância*. Mas, em se tratando de Deus, não há acasos (Pv. 16:33). **Entre as juntas da sua armadura.** O hebraico diz: "entre as juntas da malha embaixo e o peitoral", isto é, no abdômen.

## 2 Crônicas 19

**19:1. Josafá . . . voltou . . . em paz**, cumprindo assim o último detalhe da profecia de Micaías (veja 18:16, observação).

**2. Jeú, filho de Hanani** condenara a dinastia de Baasa de Israel uns vinte e cinco anos antes (I Reis 16:1). **Devias tu . . . amar aqueles que aborrecem o Senhor?** Não que o cristão deva ter um amor compassivo para com os perdidos (Mt. 5:44), mas ele não deve comprometer a posição que tem ao lado de Deus (Sl. 139:21, 22) ou ajudar ao perverso cooperando com ele (II Jo. 10,11; Rm. 16:17). **Por isso caiu sobre ti a ira.** Estivera sobre ele (18:31) e continuada (20:1, 37; 22:10). Josafá, contudo, humilhou-se diante do profeta (cons. 12:6), como seu pai Asa não soubera fazer diante de Hanani, o pai de Jeú (16:10).

**3. Os postes-ídolos.** Veja comentário sobre 14:3.

**6. Julgais ... da parte do Senhor.** Bom governo brota da submissão ao Senhor (veja I Cr. 11:3, observação).

**7. Nem parcialidade, nem . . . suborno.** O servo de Deus tem de ser imparcial, e não deve aceitar subornos.

**8.** No tribunal de apelação que se centralizava em Jerusalém **estabeleceu . . . levitas e . . . sacerdotes . . . para julgarem;** veja comentário de I Cr. 26:29.

**10. Entre sangue e sangue.** Casos de derramamento de sangue. **Admoestai-vos.** O juiz é responsável diante de Deus pelos seus atos, pelo que a ira pode vir sobre eles (cons. Ez. 33:6).

**11. Coisas que dizem respeito ao Senhor... coisas que dizem respeito ao rei.** No Pentateuco, a lei religiosa, civil, cerimonial e moral eram inseparáveis. A distinção aqui feita pela primeira vez (embora com base em Dt. 17:9,12) fica mais clara em pensamento profético posterior (Is. 1:11-17; Amós 5:21-24).

## 2 Crônicas 20

**20:1. Com alguns dos amonitas.** O hebraico, *meha'mmonim*, é muito provavelmente um erro de cópia de *mehamme'unim*, "de Meunim", um povo do Monte Seir em Edom, mais ao sul (cons. vs. 10, 22, 23).

**2. Dalém do mar (Morto) e da Síria (Arã).** Leia-se **Edom**, que é uma muito pequena alteração de cópia da consoante hebraica, e que concorda com a geografia do En-Gedi, na margem ocidental do mar Morto.

**3. Josafá . . . apregoou jejum.** O jejum era um sinal de pesar (Jz. 20:26) e não era um procedimento regular na religião hebraica pré-exílica (a não ser que esteja implícita em Lv. 16:29-31). Mas do período de Samuel em diante, foi usado para enfatizar a sinceridade das orações do povo de Deus quando Israel enfrentava problemas especiais (I Sm. 7:6; cons. Atos 13:2).

**5. Pátio** novo era uma inovação no edifício do Templo de Salomão (veja comentário sobre 4:9). Talvez fosse recentemente restaurado por Josafá (com. 17:12).

**9. Se algum mal nos sobrevier.** O rei estava citando a oração de Salomão (6:28-30; cons. 7:13-15).



**10. Cujas terras não permitiste a Israel invadir** (Dt. 2:4). Josafá clamou assim a Deus suplicando que honrasse a antiga obediência de Israel, além de sua graciosa promessa (II Cr. 20:11).

**12. Em nós não há força . . . porém os nossos olhos estão postos em ti.** Eis aí uma fé como a de seu pai Asa (veja coment. sobre 14:11).

**14. Jaaziel . . . dos filhos de Asafe** parece que foi inspirado pelo Espírito de Deus a compor o Salmo 83 nessa ocasião (veja, especialmente, os vs. 2, 6-8 do salmo).

**15. A peleja não é vossa, mas de Deus.** Cons. I Sm. 17:47.

**16.** De um ponto a 11,26kms ao norte de En-Gedi, **a ladeira de Ziz** penetrava pelo interior até o Vale da Bênção (v. 26).

**17. Ficai parados, e vede o salvamento que o Senhor vos dará.** Cons. Êx. 14:13.

**20. O deserto de Tecoa** fica ao sul de Belém, na direção do Hebrom. **Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros.** Cons. Mc. 9:27.

**21. Ordenou cantores ... que ... marchando à frente do exército,** como tinham feito os trombeteiros sacerdotais diante da arca de Deus em Jericó (6:9). Vestidos de ornamentos sagrados. Cons. I Cr. 16:29.

**22. Pôs o Senhor emboscadas.** Talvez seiritas saqueadores, pois note como o exército entrou depois em choque com os homens de Seir (v. 23).

**23. Ajudaram uns aos outros a destruir-se.** Como no triunfo de Gideão (Jz. 7:22).

**26. Vale da Bênção** (veja v. 16).

**33. Contudo os altos não se tiraram.** Veja comentário sobre 17:6.

**34. Nas crônicas (de) Jeú . . . que as inseriu m história dos reis de Israel;** antes, *que foram inseridas no livro* (cons. comentário sobre 32:32).

**35. Josafá . . . se aliou com Azarias,** o filho de Acabe, que reinava em Israel, 853-852 A.C.

**36. Os navios em Ebiom-Gezer.** Veja comentário sobre 8:17, 18. **Que fossem a Társis.** Isto é, do tipo que pudesse ir a Társis (cons. comentário sobre 9:21). Seu destino era, realmente, Ofir (I Reis 22:48).

**37. Eliézer,** desconhecido a não ser por esta passagem. Os navios se quebraram. Deus não honra alianças comprometedoras.

## 2 Crônicas 21

5) Jeorão. 21:1-20. Ele reinou de 848 a 841A.C. II Crônicas 21 é um comentário sobre o homem que se casou com a filha de Acabe e Jezabel, e que andou nos caminhos deles (v. 6). Ele descreve a depravação e a apostasia de Jeorão (vs. 1-11), mas também a condenação divina que Deus pronunciou contra ele por meio do profeta Elias, e os fracassos, nacionais e pessoais, que o assoberbaram como resultado (vs. 12-20). Os primeiros versículos representam uma extensão de II Reis 8:16-24, embora os últimos não tenham paralelo bíblico, exceto quanto à notícia da morte de Jeorão.

**1. Josafá descansou com sem pais ... e Jeorão ... reinou.** Isto foi em 848 A.C. Jeorão partilhara do trono desde 853\* (cons. II Reis 3:1 com 1:17; II Cr. 17:7, observação; e Thiele, *Mysterious Numbers*, págs. 64, 65).

**2.** O segundo **Azarias** é Azariau em hebraico.

**3. Josafá fez muitas dádivas** aos seus seis filhos mais jovens, etc., seguindo a prudente política de seu bisavô Roboão (veja comentário sobre 11:23).

**4. Jeorão . . . matou a todos os seus irmãos** e outros. Tendo aceito os padrões pecaminosos de sua esposa Atalia, parece que imaginou (falsamente, v. 13) que seus irmãos agiriam da mesma maneira cruel para com ele, caso tivessem oportunidade.

**7. O Senhor não quis destruir a casa de Davi.** Foi esta mesma reserva divina que preservara o reino do sul para Roboão, depois do pecado de Salomão (I Reis 11:12, 13). O termo aliança, em hebraico *berit*, não aparece na promessa divina em I Cr. 17. Mas que essa foi

realmente uma das manifestações do testamento redentor de Deus está confirmado em muitas outras passagens (cons. II Sm. 23:5 ; Is. 55:3).

**8. "Porque deixara ao Senhor" (v. 10), se revoltaram os edomitas** contra o governo dos hebreus (I Reis 22:47). Moabe, ao norte de Edom, já estabelecera sua independência (II Reis 1:1).

**9.** Depois de ser sitiado (e quase derrotado), **Jeorão . . . feriu os edomitas**, em Zair (I Reis 8:21; possivelmente Zior (?), umas poucas milhas ao sul do local da vitória de seu pai no Vale da Bênção; II Cr. 20:26). Ele, contudo, fracassou em sufocar o levante edomita de uma vez (v. 10). Esta campanha corresponde, portanto, intimamente à tentativa infrutífera de Israel de tomar a subjugar Moabe pouco tempo antes (II Reis 3: 3-27).

**10. Também Libna.** Uma cidade filistinizada ao norte de Gate.

**11. Jeorão fez altos**, aqueles mesmos santuários que seus antepassados tentaram com tanta dificuldade erradicar (veja comentário sobre 14:3; 17:6). Embora o culto cananeu introduzido envolvesse obscenidades (cons. I Reis 22:46), a sedução neste caso refere-se à infidelidade de Israel para com Jeová, seu divino Esposo. Pois para Moisés e os profetas, a idolatria era "prostituição" (II Cr. 21:13; cons. Lv. 20:5; Nm. 25:1 , 2).

**12.** O último ato registrado de **Elias** aconteceu em 852 (II Reis 1:3,17). Mas o seu arrebatamento talvez não acontecesse antes do fratricídio de Jeorão, seguido de sua ascensão ao trono como monarca único em 848 (II Reis 3:3 não exige data anterior). Elias, contudo, já devia ter partido por ocasião da entrega de sua carta, de modo que suas sentenças de condenação soaram quase como a voz dos mortos.

**16. Os arábios que estão da banda dos etíopes** (heb. *cusitas*) talvez fossem nômades das terras fronteiriças entre a Filístia e o Egito (cons. comentário sobre 14:9).

**19,20. A enfermidade incurável** da qual morreu Jeorão parece ter sido uma violenta forma de disenteria. Ele morreu, entretanto, sem que alguém chorasse a sua morte – **não lhe queimou aromas** (cons, 16:14,

observação); e foi sepultado em desonra, longe dos sepulcros dos reis (cons. 24: 25).

## 2 Crônicas 22

**6) Acázias (841 A.C.). 22:1-9.** Estes versículos fornecem uma demonstração histórica de como, na providência divina, os resultados de um pecado podem servir de castigo para o próprio pecado. No caso de Acázias foi a proibida aliança de Judá com Israel que provocou a morte do rei (vs. 4, 7), após um reinado de apenas alguns meses. Os acontecimentos através dos quais isto se realizou estão explicados mais detalhadamente na passagem paralela de II Reis 8:25 – 10:14.

**1. Os moradores de Jerusalém . . . fizeram rei a Acázias.** Esta intervenção popular sugere uma sucessão que foi disputada (cons. II Reis 23:30), talvez pela própria mãe do rei, a cruel Atalia (cons. II Cr. 22:10). **A tropa . . . tinha matado a todos os (filhos) mais velhos** de Jeorão. Veja 21:17 (Joacaz é apenas uma forma variante de Acázias).

**2.** Quarenta e dois anos de idade – é impossível (cons. 21:5). É provavelmente um erro de copista. Leia-se **vinte e dois anos** (I Reis 8:26). Reinou um ano e apenas parte dele (cons. II Reis 8:25; 3:1; e observe que a morte de Acázias foi simultânea com a de Jeorão de Israel). **Atalia era filha de Onri**, isto é, pertencia a sua dinastia. Especificamente, ela era sua neta (cons. 21: 6; I Reis 16:29).

**3. Sua mãe era quem o aconselhava.** Outro testemunho da influência dominadora dessa mulher perversa (cons. 21:6; 21:4, observação). **Proceder iniquamente.** Atalia protegia o culto ao Baal fenício de sua mãe Jezabel (cons. 23:17).

**5.** Doze anos depois da morte de Acabe em **Ramote-Gileade**, em 853 A.C. (18:34). Jorão, o segundo filho de Acabe, retomara a cidade, aparentemente encorajado pelo assassinato de Ben-Hadade e a sucessão de Hazael como o novo rei de Damasco (II Reis 8:7-15). Hazael, entretanto, tornou a atacar Ramote-Gileade (cons. II Reis 9: 14, 15) e na luta feriu a Jorão.

6. Jorão **voltou para Jezreel**, na entrada do Vale de Esdralom, local do palácio de Acabe (I Reis 21:1), vindo de **Ramá** (isto é, de Ramote-Gileade, v. 5). **Acazias**, seguindo os melhores manuscritos, e não Azarias.

7. Os detalhes de como **o Senhor tinha ungido** a Jeú **para desarraigar a casa de Acabe** encontra-se em II Reis 9.

8. Só depois da morte de Acazias (v. 9) é que Jeú matou **os filhos dos irmãos** (v. 1) **de Acazias** (cons. II Reis 10:12-14). Eles não podiam ser mais que criancinhas (cons. II Cr. 21:5).

9. Depois do assassinato do seu tio Jorão feito por Jeú, **Acazias** fugiu para o sul e escondeu-se **em Samaria**. Então foi levado a Jeú que o feriu fatalmente peno de Ibleã (entre Jezreel e Samaria), de onde fugiu na direção do noroeste para Megido e morreu (II Reis 9:27). Os servos de Acazias o levaram para Jerusalém (II Reis 9:28) e **o sepultaram**.

7) **Atalia (841-835 A.C.). 22:10 – 23:21** (fazendo paralelo com II Reis 11). A aliança que Josafá fez, casando seu filho na casa de Acabe, quase provocou a total extinção da dinastia de Davi e a paganização oficial de Judá. Pois a rainha-mãe Atalia, depois da morte de Acazias, seu único filho restante, matou seus netos reais a fim de usurpar o trono para si mesma, e para oficializar em Judá o culto ao Baal de sua mãe Jezabel. Restou, contudo, Joás, filho de Acazias, com um ano de idade, que foi protegido pelo sumo sacerdote Joiada (II Cr. 22:10-12). Finalmente, depois de seis anos, Joiada maquinou uma revolta que resultou na coroação de Joás (23:1-11), na morte de Atalia (vs. 12-15) e na extirpação do falso culto (vs. 16-21).

**22:11. Jeosabeate** (Jeoseba, II Reis 11:2), filha do rei anterior (Jeorão), e irmã de Acazias (*ibid.*) escondeu seu sobrinho **Joás numa câmara interior**, onde se guardaram camas e colchões. Mais tarde foi removido para o Templo (v. 12) pelo sumo sacerdote Joiada, seu marido, bem mais velho do que ela (cons. 24:15).

## 2 Crônicas 23

**23:1.** II Reis 11:4 explica que os **capitães de cem** eram os oficiais dos carros (cons. os queratitas, I Cr. 18:17, observação) e outros elementos da guarda real.

**2. Congregaram os levitas . . . e os cabeças das famílias de Israel** – tal ato deve ter sido feito em segredo, uma vez que a revolta apanhou Atalia completamente desprevenida (v. 13).

**3. Fez aliança com o rei**, com Joiada na qualidade de protetor do rei (cons. v. 1; II Reis 11:4). Aqui está outro exemplo da necessidade da confirmação popular, que desempenhou um papel tão destacado na sucessão real da história de Israel (cons. I Cr. 11:3; II Cr. 10:1, observação).

**4. Uma terça parte . . . que entrais no sábado.** Nesta ocasião havia uma mudança de turnos dos levitas que estavam em serviço ativo no Templo (I Cr. 24:4, 20, observações). Desses que entrariam a serviço, um terço deveria ficar como **guardas da porta** do Templo, "detrás da guarda" para "defesa desta casa" (II Reis 11:6), evitando assim que entrassem pessoas não autorizadas, outros que não os levitas (v. 6).

**5.** O segundo terço deveria ficar **na casa do rei**, no Templo (cons. 22:12; não no palácio de Atalia, que ficou aberto; cons. 23:12). O outro terço restante deveria ficar **à Porta do Fundamento** (isto é, a porta de Sur; II Reis 11:6), uma porta do templo de localização incerta.

**8. Os que saíam no sábado.** Os dois grupos de levitas que deixavam o serviço não foram despedidos, mas montaram guarda ao redor do rei (II Reis 11:7), armados com as armas do templo (II Cr. 23:9).

**10. Dispôs todo o povo**, os chefes que não eram levitas (v. 2) e aqueles da guarda real que eram considerados leais com os cinco capitães aliados (v. 1; II Reis 11:6,11), **cada um de armas na mão**, em fileiras no pátio do templo (v. 5).

**11.** Deram a Joás o testemunho, talvez o livro da Lei de Moisés, que deveria orientar sua conduta oficial (Dt. 17:18,19).

**14. Joiada trouxe para fora** (antes, *ordenou*, II Reis 11:15) **os capitães** para fazer Atalia **sair por entre as fileiras**. Isto é, fazê-la sair do santo Templo por entre as fileiras armadas e matar qualquer um dos seus seguidores que fizesse uma tentativa de livrá-la.

**16.** Com a revolução política veio o correspondente reavivamento religioso, para que o rei, sacerdote e cidadãos, todos fizessem parte do **povo do Senhor**. Isto incluía a reafirmação da monarquia "constitucional" pelo rei e pelo povo sob a orientação divina (v. 3).

**17. E a Matã . . . mataram.** Essa era a sentença exigida pela Palavra de Deus para aqueles que levassem outros para a falsa religião (Dt. 13:5-10). E eles restabeleceram o culto verdadeiro, como fora sob o governo de Davi (v. 18).

## 2 Crônicas 24

**8) Joás (835-796 A.C.). 24:1-27.** O reinado de Joás serve de epítome a toda a história de Judá. No começo, Joás viveu de maneira justa, honrando o Senhor e cuidando do Templo, realizando os sacrifícios que descreviam o eterno plano da salvação de Deus (24:1-14). Mas, no final, ele abandonou a ambos, o Senhor e o Seu Templo (vs. 15-19), assassinou o profeta que o repreendeu, o filho do próprio profeta que o colocara sobre o trono e o orientara (vs. 20-22), sofreu humilhante domínio de Hazael de Damasco (23, 24) e morreu enfraquecido de ferimentos por causa dos seus crimes (vs. 25-27). Este capítulo fornece um paralelo mais desenvolvido de II Reis 12 (Joás = Jeoás).

**2. Fez Joás o que era reto**, exceto que não conseguiu remover os altos (14:3, observação; II Reis 12:3). **Todos os dias do sacerdote Joiada**; isto é, até alguns anos depois de 813 A.C. (v.14; com. II Reis 12:6). Mas depois da morte do seu grande protetor ele caiu em pecado (vs. 17,18).

**4.** Depois do vandalismo praticado no templo pelos filhos de Atalia (7), **restaurar a casa do Senhor** tornou-se uma necessidade.

**5. Levantai dinheiro.** Em hebraico, *prata*. A cunhagem de moedas só surgiu no período do Exílio. **Mas os levitas não se apressaram**, não

só porque as pessoas se acostumam com as coisas, mas também porque os sacerdotes dissipavam muito depressa a receita com despesas correntes e seu próprio sustento (II Reis 12:7; Nm. 18:19).

**6. O imposto (de) Moisés.** II Reis 12:4 especifica as fontes do fisco: "a taxa pessoal", ou seja, meio siclo cobrado no recenseamento (Êx. 30:14; Mt. 17:24); 2) "o resgate de pessoas segundo a sua avaliação", ou o resgate substitutivo de três a cinquenta siclos (Lv. 22:1-8; Nm. 18:15, 16); 3) e a oferta voluntária "que cada um trazer".

**7. Baalins.** Plural. Veja comentário sobre 17:3.

**8. Eles fizeram um cofre** (Joiada; II Reis 12:9), com uma fenda na tampa (*ibid.*). Os sacerdotes concordaram em desistir da cobrança e reconstrução (II Reis 12:8), sendo suas necessidades supridas pelo "dinheiro da oferta pela culpa, etc". (v. 16, Lv. 5:16). **E o puseram do lado de fora**, à porta; isto é, à direita do altar (II Reis 12:9).

**9. Publicou-se.** Para o necessário impulso na arrecadação (cons, v. 5, observação).

**13. Restauraram a casa de Deus no seu próprio estado**, pois nenhuma das ofertas foi usada para o santo equipamento (II Reis 12: 13) até que o trabalho da reparação estivesse consumado (II Cr. 24: 14). II Reis 12:15 destaca também a honestidade e lealdade dos **que faziam a obra**.

**16. Sepultaram-no ... com os reis**, uma honra que entra em choque com o destino de Joás (v. 25). Joiada era genro de Jeorão (22:11).

**17. Vieram os príncipes de Judá . . . e o rei os ouviu.** Os príncipes constituíam a classe mais atraída pelo materialismo do culto a Baal (v. 18; cons. Sf. 1: 8) e foram os más punidos posteriormente (v. 23).

**18. Postes-ídolos.** Postes de Aserá (veja comentário sobre 14:3).

**19. Deus lhes enviou profetas . . . estes profetas testemunharam contra eles.** Alguns dos primeiros, como, por exemplo, Semaías e Jeú, foram atendidos (11:2; 12:5; 19:2); mas os últimos, como, por exemplo, Hanani, Micaías e agora Zacarias (v. 20; 16:7; 18:16), foram cada vez mais ignorados.



**20. O Espírito de Deus se apoderou de**, literalmente "revestiu-se com", **Zacarias** (cons. I Cr. 12:18, observação).

**22. Joás não se lembrou da beneficência** (de) **Joiada** (em heb, *hesed*, "lealdade"; cons. I Cr. 16:41, observação). Ele devia seu trono e a própria vida à lealdade do sacerdote (II Cr. 23). O martírio de Zacarias foi citado por Cristo como exemplo final do cânon do V.T. (na ordem dos livros hebraicos), da total perversidade de Israel (Lc. 11:51). **O Senhor o verá, e o retribuirá**. Esta oração de imprecação, mais do que de perdão (cons. Lc. 23:34; Atos 7:60), justificava-se pela posição oficial de ambos, o assassino e a vítima. O nome de Deus estava em jogo e a vingança tinha de se seguir (II Cr. 24:24, 25).

**23. O exército dos siros** remeteu os despojos ao seu **rei**, junto com o tributo que Joás arrancou do Templo. Isto incluía tudo o que fora acumulado desde os dias de Asa (cons. 16:2, observação; II Reis 12:18), cujo pecado assim dava seus últimos frutos (cons. II Cr. 16:9, observação).

**24.** Um grande exército judaico caiu diante de um grupo de **poucos homens** (sírios), exatamente como Moisés tinha profetizado (Lv. 26:17; o oposto do v. 8).

**25.** Os siros se retiraram dele, deixando-o gravemente enfermo (em heb., *seriamente ferido*) e **os seus servos . . . o feriram no seu leito**, na casa de Milo (II Reis 12:20; talvez faça paralelo com I Cr. 11:8, veja observação). II Reis 12:21 descreve o seu sepultamento, dizendo que foi "com seus pais na cidade de Davi", o que fica aqui confirmado, mas com esta especificação: **não nos sepulcros dos reis** (cons. comentário sobre v,16).

**26.** Diferentes formas de **Zabade** etc., aparecem em II Reis 12:21.

**27. As numerosas sentenças profetizam contra ele** podem se referir às ameaças proféticas (v. 19). A história, em hebraico *midrash*, "comentário", dos reis sugere alguma interpretação dessa mesma fonte básica (cons, comentário sobre 13:22; e Introdução, *Autoria*).

## 2 Crônicas 25

**9) Amazias (796.797 A.C.). 25:1-28.** À parte de uma introdução sobre a sucessão de Amazias (25:1-4) e uma conclusão sobre a sua morte (vs. 25-28), o registro do cronista sobre o reinado de Amadas centraliza-se em duas guerras e nas lições históricas a serem extraídas: 1) sua reconquista do Edom, por causa de obediência ao Senhor (vs. 5.16); e 2) sua subsequente derrota pelo Israel do norte, como castigo pela idolatria adotada depois de sua anterior vitória (vs. 17-24). O capítulo é um paralelo próximo de II Reis 14:1-20, exceto quanto à descrição detalhada da guerra edomita, que em II Reis (v. 7) só recebe rápida menção.

**2. Fez ele o que era reto . . . não, porém com inteireza de coração.** Veja abaixo; e os altos não foram retirados (II Reis 14: 4; cons, v. 3).

**4. Ele matou os assassinos de seu pai (24: 26), mas os filhos deles não matou;** pois obedecia ao mandamento de Moisés (Dt. 24:16).

**5. Por causa das perdas de Joás (24:23), seus trezentos mil . . . , capazes de sair à guerra** estão consideravelmente abaixo dos totais de Asa e Josafá (veja comentário sobre 14:8; 17:14); mas eram **escolhidos**.

**6. Também tomou de Israel a soldo cem mil homens . . . , por cem talentos de prata,** ou mais de US\$ 200.000. Mas nenhuma aliança comprada com pecadores, tais como os efraimitas, poderia desfrutar das bênçãos de Deus (v. 7; cons. comentário sobre 16:2), pois dEle é a decisão final.

**10. Então Amazias mandou que voltassem para casa** novamente, pondo sua confiança em Deus, como seus pais fizeram (cons, comentário sobre 14:11; 20:12).

**11. Seir (Edom) desfrutara de cinquenta anos de independência de Judá (cons. 21: 8), mas agora ficaria novamente sob o seu domínio, com injustificada crueldade (v. 13). O Vale do Sal,** localizado ao extremo sul do Mar Morto (?), já fora antes cenário da vitória de Davi sobre Edom (I Cr. 18:12). Amadas finalmente tomou a cidade de Sela (Petra; II Reis 14:7), capital de Edom.

**13. Os homens das tropas que Amazias despedira** despojaram as cidades do reino de Judá a noroeste da fronteira benjamita **e feriram . . , três mil** cidadãos. A tentativa de alugar essas tropas mercenárias resultou assim no castigo merecido (v. 5; cons. 22:1-9, observação introdutória).

**14. E lhes queimou incenso.** Antes, *e lhes fez ofertas*.

**15.** A futilidade de **deuses que a seu povo não livraram** devia ser óbvia, mas mesmo hoje em dia os homens adoram coisas que sabem ser insatisfatórias.

**16. Pára com isso.** A maneira indelicada de Amazias tratar o profeta pelo menos não passou de ameaças (contraste com 24:21).

**17. Vem, meçamos armas.** A vitória de Amazias sobre Edom encorajou-o a desafiar as forças muitíssimo maiores de Israel. Foi uma arrogância sem sentido, como o próprio monarca do norte, Joás (Jeoás, II Reis 14, 798-782 A.C.), começou a destacar em sua fábula (II Cr. 25:18,19).

**21. E mediram armas** (lutaram, v. 17) **em Bete-Semes**, exatamente a oeste de Belém, em Judá, sobre território escolhido pelo próprio Amazias.

**23. Jeoás . . . rompeu . . . quatrocentos côvados** (200 jardas) do muro de Jerusalém **desde a Porta de Efraim à Porta da Esquina**, do lado norte da cidade.

**24.** Com **o ouro** levou também **Obede-Edom**, família de levitas porteiros e cantores (cons. I Cr. 26:4-8), e outros **reféns**.

**27.** Completando o castigo divino (cons. v. 20), este desastre deve ter então precipitado uma conspiração contra ele, Amadas, resultando na conseqüente elevação de seu filho de dezesseis anos de idade, Uzias, para a co-regência (e governo positivo) em 790\*A.C. (26:1). Pois embora Amazias morresse em 767, no vigésimo sétimo ano de Jeroboão II (II Reis 15:1), a morte deste último em 753, quatorze anos más tarde (II Reis 14:23), é colocada no "trigésimo oitavo" ano de Uzias (II Reis 15: 8). A fuga fatal de Amazias para **Laquis** (40,23kms a sudoeste de Jerusalém na rota para o Egito) em 767 talvez fosse provocada por uma

tentativa de recuperar o trono (cons. Thiele, *Mysterious Numbers*, págs. 71, 72).

**28. A cidade de Judá.** A cidade de Davi (II Reis 14:20).

## 2 Crônicas 26

**10) Uzias (790\*-739\*A.C.). 26:1-23.** A carreira de Uzias ("Azarias" em I Cr. 3:12 e predominantemente em II Reis) exhibe um certo paralelismo com a carreira de Amazias, seu pai, e Joás, seu avô. Isto é, o cronista avalia a primeira parte do longo reinado de Uzias como sendo piedoso e conseqüentemente próspero (II Cr. 26:1-15); mas, no final, foi marcado pelo desvio religioso, que resultou em ser afligido com lepra e banido do palácio, vindo a morrer finalmente (vs. 16:23). Seu fracasso, entretanto, foi menor que os crimes de seus pais; e suas realizações o tornam conhecido como um dos maiores reis de Israel, embora as passagens paralelas de II Reis (14:21, 22; 15:1-7) forneçam apenas um resumo formal do seu reinado.

**1. Uzias, que era de dezesseis anos** em 790, devia ter nascido quando seu pai tinha apenas quinze anos (cons. comentário sobre 25:1). Casamentos precoces desse tipo não são coisa fora do comum no Oriente.

**2. Ele edificou a Elote** (Elate; cons. comentário sobre 8: 17) . . . **depois que o rei descansou** em 767. Isto confirma a hipótese da ascensão de Uzias algum tempo antes da morte de seu pai Amazias (cons. comentário sobre 25 : 17).

**4. Ele fez o que era reto;** embora os altos permanecessem (cons. 25:2; II Reis 15:4) e as condições morais e espirituais de Israel declinassem (cons. Oséias e Amós) sob a prosperidade superficial (próxima observação).

**5. Zacarias, que era entendido nas visões de Deus.** Outros manuscritos dizem: *que (o) instruíra no temor de Deus*. Este profeta, embora aparentemente bem conhecido por Esdras, não pode ser hoje identificado. **Deus o fez prosperar.** O período de Jeroboão II e Uzias, ou

as quatro décadas desde 790-750 A.C., constituíram o "outono" (vs. 8,15) de Israel, quando os assírios destruíram seus inimigos siros nas fronteiras do norte (cons. II Reis 12:17-19; 13:3-5), mas ainda não tinham começado a destruir os estados hebreus (cons. II Reis 15:19 e segs., e a preocupação sugerida por Is. 6:1).

**6.** A tomada de **Gate** por Uzias reduziu desde então para quatro as principais cidades filistéias (cons. Sf. 2:4).

**7. Os árabes de Gur-Baal** e os meunitas parece que eram inimigos nômades ao longo da fronteira sudeste de Judá (cons. comentário sobre 20:1; I Cr. 4:41).

**9. A Porta da Esquina, a Porta do Vale e a Porta do Ângulo** estavam localizadas ao noroeste, oeste e leste (Ne. 3:19-25) do muro, respectivamente.

**10. No deserto.** Isto é, o árido sul de Judá. Nos mies. O Sefelá (veja comentário sobre I Cr. 21:28). **Nas campinas.** O **planalto** da Transjordânia, antes sob controle efraimita, mas aparentemente reconquistada, por Uzias, dos amonitas que a tinham ocupado (v. 8).

**11. Maaséias oficial.** Em hebraico, *shoter*, "assistente", escrevente ou oficial de recrutamento (Êx. 5:6). **13.** O exército de Uzias de 307.500 homens de guerra era aproximadamente do mesmo tamanho do exército de Amazias (25:5, observação).

**14. Couraças.** *Cotas de malha.*

**16.** Com o fato de Uzias ter quebrado incenso ele não só usurpou uma função exclusivamente sacerdotal (v, 18; Êx. 30:7, 8), mas também deixou implícita a sua proclamação de rei-sacerdote-divino segundo o costume dos cananeus (veja Gn. 14:18; cons. Nm. 12:10).

**17. O Azarias** que enfrentou Uzias é provavelmente o Azarias II (cons. I Cr. 6:10).

**21. Uzias . . . morou . . . numa casa separada.** Literalmente. Uma forma modificada da quarentena exigida (Lv, 13 : 46). **Jotão** assumiu então a co-regência sobre **a casa do rei**. A data era 751\* A.C.; pois o

vigésimo ano de Jotão (II Reis 15:30) foi o décimo segundo de Acáz (II Reis 16:1), que foi 732\* (cons. II Reis 18:10).

**22. Quanto aos mais atos de Uzias . . . Isaías . . . o escreveu** como os de Ezequias (cons, comentário sobre 32:32).

**23.** Sendo Uzias leproso, foi sepultado no **campo do sepulcro**, não no sepulcro dos reis (cons. 24:25).

## 2 Crônicas 27

**11) Jotão (751\*-736A.C.). 27:1-9.** Jotão foi um rei cuja integridade foi recompensada (vs. 2, 6), mas cujo reinado foi de tal maneira encoberto pelos reinados de outros monarcas que nada mais lhe restou a não ser uma pequena observação independente. Os poucos versículos de II Crônicas 27 desenvolvem o parco sumário de II Reis 15:32-38 só pelo fato de mencionar uma vitória que obteve sobre os amonitas e a declaração do tributo resultante (II Cr. 27:5, 6).

**1. Dezesseis anos reinou.** As palavras, "no vigésimo ano de Jotão" (II Reis 15:30) parece indicar um momento teórico, citado porque o próprio Jotão ainda não fora discutido, muito menos seu sucessor.

**2. E o povo continuou na prática do mal,** sacrificando aos ídolos nos altos, etc. (II Reis 15:35; cons. Is. 1.6, que pertence a este período).

**3. Ele edificou a porta de cima,** no lado norte do Templo (23:20; Jr. 20:2) **e também . . . sobre o muro de Ofel,** a parte setentrional da original cidade de Davi, ao sul do Templo (II Cr. 33:14).

**5. Cem talentos de prata.** Mais do que US\$ 200.000 (cons. 25:6) e dez mil coros. O hebraico *kor* indica uma medida de cerca de dez alqueires de capacidade.

**7. Todas as suas guerras.** Jotão foi provavelmente o real comandante da aliança concebida por seu pai Azadas que estava de quarentena (cons. 26:21), o qual foi mencionado nos anais assírios (mas não nas Escrituras) como derrotado por Tiglate-Pileser III em cerca de 743 A.C. (veja Thiele, *Mysterious Numbers*, págs. 78-98).

**8. Reinou dezesseis anos.** Mas após oito anos, em 743\*, seu filho Acaz foi associado com ele no trono (veja comentário sobre 26:21), talvez por causa da derrota em Tiglate-Pileser (cons. v.7; 28:5, observações, II Reis 15:37).

## 2 Crônicas 28

**12) Acaz (743\*-728\* A.C.). 28:1-27** (fazendo paralelo com II Reis 16, com modificações e adições). Acaz foi um dos mais fracos e mais corruptos dos vinte monarcas de Judá. Tanto II Reis como II Crônicas comentam seu reinado em dois estágios: 1) sua apostasia religiosa e resultante sujeição ao ataque siro-efraimita (II Cr. 28:1-7); e 2) sua subsequente capitulação defensiva diante da Assíria, que o levou a ainda maior corrupção por causa do seu envolvimento com a idolatria de seus novos senhores (vs. 16-27). Entre estes, o cronista insere um parágrafo falando de como o profeta Obede salvou um grupo de prisioneiros judeus das mãos de Efraim (vs. 8-15), fato que não foi mencionado em II Reis.

**1.** A ascensão de Acaz para a co-regência em 743 A.C., quando ele tinha **vinte anos de idade** (com. comentado sobre 27:8), indica que seu pai tinha treze anos quando seu filho nasceu (27:1; mas cons. comentário sobre 26:1).

**2. Baalins** (plural). Veja comentário sobre 17:3.

**3. Queimou incenso.** Antes, *fez ofertas* (vs. 4, 25, também). **No vale do filho de Hinom** (no heb. *ge'hinnom*) demarcava os limites meridionais de Jerusalém e se tornou notório como cenário de atrozidades práticas pagãs (33:6). Mais tarde foi transformado por Josias em monturo da cidade (II Reis 23:10), cujo fogo perpétuo veio a ser o sinônimo do inferno, Geena (Mc. 9:43). **Queimou a seus ... filhos.** A prática cananita de sacrificar crianças fora proibida a Abraão (Gn. 22:12) e foi transformada em ofensa capital por Moisés (Lv. 20:1-5).

**4. Nos altos.** Veja comentário sobre 14:3.

**5. O Senhor ... o entregou nas mãos do rei dos siros ... e nas mãos do rei de Israel, Rezim e Peca (752-732 A.C.), respectivamente.**

Talvez eles se voltassem contra Judá por causa do malogro da aliança de Azarias (veja comentário 27:7) e por causa dos sofrimentos que experimentaram nas mãos dos assírios vitoriosos (II Reis 15:19; cons. v. 37). Cercaram Jerusalém, nus não foram capazes de tomá-la (II Reis 16:5; Is. 7:1), embora Rezim tomasse Elate (II Reis 16:5; cons. II Cr. 26:2; 8:17, observação).

**9. Obede** que não é um personagem conhecido, lembrou os efraimitas que aqueles que servem como instrumentos divinos de punição não devem ultrapassar sua missão divinamente fixada (cons. Is. 10:5-19). Seu próprio padrão, além do mais, estava longe de ser seguro (II Cr. 28:10).

**15. E lhes deram de comer**, etc., seguindo o padrão do V.T. de demonstração de amor, até mesmo para com o inimigo (Êx. 23:4; Pv. 24:17; 25:21; com. Mt. 5:44).

**16.** Em 734 A.C. Acaz entregou-se à "misericórdia" dos assírios, pedindo-lhe que o ajudassem. Isaías tentara evitá-lo, pois constituía falta de confiança no Senhor (cons. 16:2, 9; 25:6, 10, observação). Além disso, a súplica de Acaz foi desnecessária (Is. 7:4-9); colocou Judá sob o calcanhar de ferro de Tiglate-Pileser (vs. 20, 21); causou a deportação de Israel para a Assíria – três tribos e meia em 733 A.C. (II Reis 15:29), os restantes, onze anos mais tarde (II Reis 17:6); e resultou na devastação da própria Judá em 701 pelos exércitos de Senaqueribe (II Reis 18:13).

**17. Vieram de novo os edomitas e derrotaram a Judá**, pois Edom estava sempre pronto a se aproveitar da desgraça de Judá (cons. 20:22; 21:8). Este ataque talvez fosse provocado pelas profecias de Obadias (cons. v. 11) e Joel (cons. 3:19).

**18. Também os filisteus.** Veja Joel 3:4. **A campina.** O Sefelá (veja comentário sobre I Cr. 21: 28).

**23. Os deuses de Damasco, que o feriram** (cons. II Reis 16:10-13). A referência é aos deuses do monarca assírio, que agora era o rei da Síria (II Reis 16:9). Homenagem aos seus deuses era sem dúvida uma parte do preço da lealdade de Acaz.



**24. Fechou as portas** do Templo, não simplesmente advogando a religião dos assírios e outras, mas especialmente desalojando a verdade (cons. II Reis 16:14-18).

**27. Não o puseram nos sepulcros dos reis.** Para harmonizar com II Reis 16:20, veja II Cr. 24:25b (cons. 21:19b), observações. **Ezequias ... reinou em seu lugar.** Insatisfação com Acaz parece ter forçado Ezequias a assumir o poder em 728\* (cons. II Reis 18: 9, 10), três anos antes de sua coroação oficial (e a morte de Acaz?) em 725\* (veja comentário sobre II Cr. 32:1).

**13) Ezequias (725\*-696\*A.C.). 29:1 – 32:33.** A piedade de Ezequias e a força do seu caráter foram uma antítese da apostasia de seu pai e abuso de expedientes. Enquanto Acaz tinha convertido Jerusalém em um santuário da idolatria e conseqüentes imoralidades, Ezequias purificou o Templo do Senhor de suas imundícia (II Cr. 29), celebrou uma Páscoa solene (cap. 30) e empenhou-se por toda parte em extinguir os altos idólatras e em estabelecer a religião pura (cap. 31). Na política, enquanto Acaz capitulou por falta de visão diante da Assíria, Ezequias planejou e lutou pelo bem-estar e liberdade definitiva de Judá, nem sempre com sabedoria, mas finalmente com sucesso (cap. 32). As passagens paralelas em II Reis só se referem superficialmente às reformas religiosas de Ezequias (18:1-6), mas fornecem um registro más detalhado de sua atuação política (18:7 – 20:21) do que o que se encontra no único capítulo de II Crônicas 32.

## 2 Crônicas 29

**29:2. Fez ele o que era reto.** Sua confiança no Senhor foi digna da observação: "depois dele não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá" (II Reis 18:5; cons. Is. 26:3, 4).

**3. No primeiro ano do seu reinado** deve-se referir àquele que se seguiu a sua ascensão como chefe único em 725\*A.C. (veja comentário sobre 30:1), e não ao tempo de sua ascensão ao poder três anos antes

(veja comentário sobre 28:27); caso contrário, Acáz teria onze anos e não quatorze quando do nascimento de Ezequias (cons. 26:1). O primeiro mês seria então março/abril, 724 A.C.. **Abriu as portas da casa do Senhor**, que tinham sido fechadas pelo apóstata Acáz (vs. 6, 7; 28:24), **e as reparou**, o que incluiu cobri-las de ouro (II Reis 18:16).

**4. Na praça oriental** (*lugar seguro*). O espaço em frente ao Templo (Ed. 10:9).

**5. Santificai-vos agora** (v. 15, também). Veja comentário sobre I Cr. 15:12.

**9.** Os castigos experimentados pelo Judá pecador incluíram o **cativeiro** de Damasco, Samaria, Edom e Filístia (28:5, 8, 17, 18).

**11. O Senhor vos escolheu**, aos levitas (v. 4; cons. Nm. 3:5-13), **para . . . queimardes incenso**. Antes, *para fazerdes ofertas*, que era, especificamente, função sacerdotal (v. 21).

**12.** Coate, Gérson e Merari eram as três clãs de Levi (I Cr. 6:1).

**13.** Menção separada foi feita da família de **Elisafã**, que fora príncipe de Coate no tempo de Moisés (Nm. 3:30; cons. I Cr. 15:8). **Asafe**, Hemã e Jedutum (v. 14) fundaram as três famílias de cantores (I Cr. 25).

**15.** Os mandamentos do rei foram **pelas palavras do Senhor**, de conformidade, portanto, com a Lei Mosaica inspirada (com. Dt. 12:2.4).

**16. Os sacerdotes. . . tiraram para fora . . . toda imundícia**. Não simples sujeira acumulada por negligência, mas a imunda idolatria de Acáz com todo seu equipamento (cons. II Reis 16:15). **Ao ribeiro Cedrom**. Onde Asa quebrou as abominações da rainha-avó (veja comentário sobre 15:16).

**19. Acáz . . . lançou fora** (desfez-se de) e parcialmente destruiu Os vasos do Senhor (28:24; II Reis 16:17).

**21.** Com referência à **oferta pelo pecado** e seu ritual veja Lv. 4:1 – 5:13.

**23. E puseram as mãos sobre eles** (*os bodes*), indicando-os assim como substitutos de suas próprias vidas e transferindo seus pecados para

os mesmos (Nm. 28:18-21; cons. 8:18,19). Os bodes eram símbolos da morte de Cristo em lugar do pecador (II Co. 5:21).

**24. Os sacerdotes os mataram . . . para expiação.** O hebraico *kipper* (**expiação**) significa "apaziguar" ou "pacificar" (Gn. 32:20; Pv. 16:14), para desviar o castigo pagando um resgate (KB, pág. 452). Israel foi salvo mediante tal antecipação da morte de Cristo na cruz, o qual suportou a ira de Deus por nós (Mc. 10:45; Rm. 3:25). **Por todo o Israel.** Cons. Lv. 4:13; 16:30.

**27. O holocausto.** Veja Levítico 1. **O cântico ao Senhor** sugere os Salmos, usados desde o tempo de Davi (I Cr. 16) nos cultos.

**31. Todos os que estavam de coração disposto trouxeram holocaustos** que foram totalmente consumidos no altar. Estes contrastam com as ofertas de gratidão, ou pacíficas, mais numerosas ("consagrados", v. 33), que foram partilhadas pelos sacrificantes em uma festa que se seguiu (veja comentado sobre I Cr. 29:21).

**34. Os levitas foram mais retos . . . do que os sacerdotes** (cons. 30:3; e a apostasia de Urias, II Reis 16:11). Isto foi exatamente o oposto do que se devia esperar (cons. Ez. 48:11). Mas a verdadeira fé geralmente se encontra entre os humildes, enquanto os líderes religiosos historicamente professos têm estado menos prontos a se submeterem a Cristo e a Sua Palavra (cons. Jo. 7:48).

**35. A gordura** escolhida das ofertas pacíficas foi apresentada a Deus sobre o altar antes do povo festejar (cons. v. 31, observação; Lv. 3).

**36. Eles se alegraram por causa daquilo que Deus fizera para o povo**, pois em última análise todo triunfo espiritual é dom da graça de Deus (30: 12; 1 Reis 18:37; Atos 11:18).

## 2 Crônicas 30

**30:1. Ezequias mandou chamar a Efraim e a Manassés para que viessem a Jerusalém.** Tal atitude tecla sido impossível em qualquer outro ponto anterior da história do Israel do norte (cons. v. 5, 26; I Reis

12 : 27, 28). Mas agora a capital de Oséias estivera sob o cerco assírio por diversos meses (II Cr. 30: 6; II Reis 17:5), e o rei do norte não tinha poder para interferir. Os assírios, além disso, encorajariam qualquer coisa que sugerisse deserção para com o rei.

**2. A páscoa no segundo mês** (abril/maio, 724) foi celebrada com um mês de atraso, mas o atraso foi justificado por precedente mosaico (Nm. 9:10, 11), quando circunstâncias obrigaram a isso, como nesta ocasião (cons. II Cr. 29:17).

**3. No devido tempo**, o dia quatorze do primeiro mês (29:3,17), porque não se tinham santificado sacerdotes (veja 29:34 e I Cr. 15:12, observações). Mas seguiu-se o arrependimento (v.15).

**5. Porque não a celebravam já com grande número**, isto é, como reino unido.

**8. Vinde ao seu santuário.** A Páscoa em uma das três peregrinações festivas anuais, que exigiam a presença de todo representante do sexo masculino no Templo (Dt. 16:16).

**9. Vossos irmãos . . . cativos . . . tornarão a esta terra**, como Moisés prometera preditivamente (Lv. 26:40-42).

**10. Porém riram-se e zombaram deles.** A depravação humana é tão completa que torna os homens inacessíveis, mesmo quando estão à beira do abismo (cons. Amós 4:10; Ap. 9:20).

**13. A festa dos pães asmos** durava sete dias depois da Páscoa propriamente dita (Lv. 23:5, 6), como lembrete a Israel de sua partida apressada do Egito e sua perpétua necessidade de separação do pecado (Ex. 12:11, 34; 1 Co. 5:7).

**14. E os lançaram no vale de Cedrom.** Veja 29:16; 15:16, observação.

**15. Imolaram o cordeiro da páscoa**, como um memorial do passado quando Deus livrou Israel da última praga no Egito (Êx. 12:27) e como um símbolo de seu contínuo direito sobre os pecadores, o qual seda definido pela futura morte substitutivo de Cristo, o Cordeiro de Deus (Ex. 13:15; I Co. 5:7).

**16. Os sacerdotes espargiam o sangue** dos cordeiros pascais sobre o altar, conforme os recebiam da mão dos levitas. Normalmente era apresentado pelo cabeça de cada família (cons. Lv. 1:11).

**17. Porque os levitas** deviam matá-los para os santificar (os cordeiros), porque **muitos na congregação ... não se tinham santificado**. Isto é, não estavam limpos (como em Nm. 9:6); e o valor do sacrifício que se apresentava como uma propiciação a Deus dependia de tipificar o perfeito resgate de Cristo (Hb. 9:14).

**18. E contudo comeram.** A oração de Ezequias intercedendo tornou possível que participassem dessa vez da Páscoa. Pois se fossem sinceros (v. 19), poderiam ser perdoados ("sarou", v. 20) por não se conformarem com as exterioridades nessa primeira vez.

**22. Os levitas que revelaram um bom entendimento no serviço do Senhor.** Antes, *que revelaram um bom entendimento no serviço* (musical) *de Jeová*. Do mesmo modo, não **fazendo confissão**; mas *renderam graças*.

**24. Pois Ezequias . . . apresentou . . . mil novilhos**, etc. A quantidade dessas ofertas pacíficas contribuiu para a decisão de estender a semana das festividades (cons. comentário sobre 29:31; 1 Cr. 29:21).

**27. Os sacerdotes . . . se levantaram para abençoar o povo**, conforme Moisés orientara (Nm. 6:23-27).

## 2 Crônicas 31

**31:1.** Eles **cortaram os postes-ídolos**. Veja comentário sobre 14:3. **E derribaram os altos** locais (veja 1:3, observação), tanto os de Baal como os que eram usados para o culto a Jeová segundo o padrão de Baal. Ezequias também foi forçado a destruir Neustã, a serpente de bronze de Moisés, porque ela fora convertida em objeto de idolatria (II Reis 18:4). **Também em Efraim.** Pois alguns se arrependeram de seus dois séculos de apostasia (30:11), enquanto os obstinados continuaram sem poder para agir, (30:10, 11, observações).

**2. Estabeleceu Ezequias os turnos dos sacerdotes.** Isto é, ele restabeleceu a administração ordenada do culto instituída por Davi (cons. comentário sobre 23:17; I Cr. 24, 25).

**3. A contribuição que faria o rei . . . para os holocaustos.** Esta responsabilidade em prover pelo culto nacional fora bem explicada por Moisés (Nm. 28; 29). **Para os da manhã e os da tarde . . . e das festas fixas.** Veja comentário sobre I Cr. 23 : 30, 31.

**4. Sua parte devida aos . . . levitas** (v. 5) consistia principalmente das "primícias" (Ex. 23:19; Nm. 18:12) e dos dízimos das outras tribos (Lv. 27:30-33 ; Nm. 18:21-24). Os levitas podiam se dedicar ao trabalho de Deus sem se atrapalharem com problemas seculares quando recebiam essa "parte" regularmente (cons. Ne. 13:10).

**6. Dízimos das coisas que foram consagradas** pode ser uma expressão generalizada para as porcentagens mínimas de certas ofertas que se tornaram propriedade dos sacerdotes (Nm. 18:6; cons. Lv. 6:16 - 7:36).

**7. No terceiro mês** (maio/junho), a ocasião da Festa de Pentecostes e da colheita dos cereais (Êx. 23:16a), **começaram . . . e no sétimo mês acabaram** (set./out.), a ocasião da Festa dos Tabernáculos e da colheita dos frutos e uvas (Ex. 23 : 16b).

**10. Azarias III** (v. 13; cons. I Cr. 6:4, observação) não é provavelmente o Azarias (II) que resistiu a Uzias (II Cr. 26:17) quase trinta anos antes.

**12. Disto era intendente Conanias.** Davi foi o primeiro a organizar as coisas consagradas sob fiscalização dos porteiros-tesoureiros levíticos (I Cr. 26:20, 26, observações).

**14. Para distribuir as ofertas do Senhor.** Ele designou essas ofertas voluntárias adicionais e coisas santíssimas (como, por exemplo, as partes especificadas das ofertas pelo pecado; Lv. 6:17) para seus recipientes sacerdotais legítimos (Lv. 7: 14; cons. 6: 29).

**15. Nas cidades dos sacerdotes** (v. 19). Essas foram nomeadas e distribuídas por Josué (Js. 21:9-19).

**16. Os homens, de três anos para cima, e que entravam na casa do Senhor.** Desde essa idade, os filhos dos sacerdotes deviam acompanhar seus pais ao culto, e assim recebiam suas porções diretamente, no Templo.

**17.** Renovando as distribuições levíticas **as famílias** receberam significado renovado e prático. De vinte anos para cúria. Veja comentário sobre I Cr. 23:24 ... **se houveram santamente com as coisas sagradas.** Coré e seus companheiros foram fiéis na delicada tarefa!

**21. Em toda a obra,** Ezequias foi sincero para com a **lei** de Moisés **e prosperou.** Cons. II Reis 18:6, 7.

## 2 Crônicas 32

**32:1. Depois destas coisas.** Em 715 A.C. Asdode e outros estados da Palestina rebelaram-se contra a Assíria. Foram instigados por Sabaca, da Vigésima Quinta Dinastia do Egito (isto é, "Sô", II Reis 17:4) e Marduke-Pal-Idina da Babilônia (veja comentário sobre II Cr. 32:25, 31). Mas em 711 A.C. Asdode foi dominado novamente, Ezequias se submeteu à vontade de Deus (Is. 20), e Sargão II, o monarca assírio, intitulou-se "o dominador de Judá que está situada bem distante" (cons. Is. 10:28-32; Mq. 1:9). Isto aconteceu no décimo quarto ano de Ezequias, calculado a partir da conhecida ascensão de seu filho Manassés em 696\* A.C. Mas com a morte de Sargão em 705, Ezequias deixou-se envolver em conspirações com o Egito (Is. 30:1-5; 31:1-3). Ele ignorou o conselho de Isaías e assumiu a liderança da revolta ocidental contra a Assíria, e até aprisionou Ecrom, o rei filisteu, que se recusou a cooperar (II Reis 18: 8). Então em 701 **Senaqueribe**, o filho de Sargão, **entrou em Judá.** Esses dois ataques foram resumidos sem especificações em II Reis 18:13. Compare com a descrição em II Cr. 32:24-26 da enfermidade de Ezequias em 711 A.C. depois da narrativa, nos versículos 1-23, da invasão de Senaqueribe em 701 A.C. Senaqueribe acampou-se contra as cidades fortificadas e intentou apoderar-se delas. E o conseguiu, exceto Jerusalém (II Reis 18:13; Is. 36:1).

**4. Taparam . . . o ribeiro.** Provavelmente o Giom (v. 30, observação).

**5. . . . restaurou todo o muro . . . fortificou Milo** (veja coment. sobre I Cr. 11:8). Seus esforços, contudo, foram criticados por Isaías (Is. 22: 9, 10), porque Ezequias desobedeceu a Deus (Is. 22:11) confiando no braço do Egito (Is. 30:7; 31:1-3; cons. II Cr. 16:2-9; 25:6, observações) mais do que no Senhor (Is. 30:15, 16). Como resultado, Senaqueribe se vangloria que "aprisionou (o rei) como um pássaro engaiolado em Jerusalém". E Ezequias se viu forçado a capitular e pagar imensa indenização a Senaqueribe, incluindo o próprio ouro com o qual ele adornara o Templo no começo do seu reinado (veja comentário sobre II Cr. 29:3; II Reis 18:14-16). Estes fatos são admitidos sem comentários em Crônicas mas são confirmados detalhadamente pelos anais do próprio Senaqueribe, com o acréscimo de informações sobre a deserção das tropas mercenárias árabes de Ezequias, e a libertação do rei Ecrom que se achava preso em Jerusalém e sua volta ao poder. Senaqueribe proclama ainda ter aprisionado 200.000 pessoas em Judá, o que explica as subseqüentes mensagens de Isaías de conforto à vista de um pau arruinado (Is. 40:1) e de esperança para o seu povo deportado (Is. 43:6, 7).

**9. Depois disto.** Isto é, depois que Ezequias submeteu-se ao tributo estipulado. Os anais de Senaqueribe, com diplomacia compreensível, nada dizem do que aconteceu além deste ponto. Mas o rato é que o traiçoeiro assírio renovou então suas exigências para arrasar com Ezequias. **Sitiava Laquis**, 42,23kms a sudoeste de Jerusalém e **enviou os sem servos**, inclusive o "tartã", seu representante militar **a Jerusalém**. Mas a insolência da mensagem que se segue (cons. II Reis 18:17-25) justificou a comovedora esperança expressa por Ezequias (II Cr. 32:7, 8; cons. v. 11).

**12. Não é Ezequias . . . que tirou os seus altos. .. ?** Senaqueribe esperava aproveitar-se de qualquer insatisfação popular com as reformas de Ezequias (31:1).



**14.** Mais pertinente foi sua blasfêmia contra Jeová, dizendo-o tão incapaz de livrar como os falsos **deuses das nações daquelas terras** já conquistadas pela Assíria (cons. v. 19; Is. 10:15).

**16.** Seus servos **falaram ainda mais** (vs. 18, 19), conforme registrado em II Reis 18:27-35.

**17. Escreveu também cartas**, tendo precisado recuar suas tropas para enfrentar o avanço do exército egípcio comandado por Tirraca, o irado mais jovem de Sabaca e mais tarde Faraó (cons. II Reis 19: 9-13).

**20. Ezequias e Isaías . . . oraram.** Veja em II Reis 19:1-7,14-34 essas orações comovedoras e vibrantes declarações de fé.

**21. Um anjo ... destruiu a todos os homens valentes ... da Assíria**, 185.000 homens numa só noite. Tem-se sugerido que uma praga transmitida por ratos tenha derrubado os assírios. Esta teoria se baseia em uma lenda egípcia que dizia que Ezequias devia sua vitória sobre Senaqueribe aos ratos que roeram o equipamento assírio (Heródoto, *Histories* II. 141). Mas a intensidade do desastre aponta para um agente sobrenatural. Este acontecimento pode igualar-se à travessia de Israel no Mar Vermelho como grande exemplo histórico da intervenção divina para salvar o Seu povo. **Voltou para sua terra** e foi morto (II Reis 19:35 -37).

**24. Naqueles dias.** Quinze anos antes de sua morte (II Reis 20:6), ou 711 A.C., seu décimo quarto ano. **Então orou** (cons. 16:12, observação; II Reis 20: 2, 3). "A oração da fé salvará o enfermo" (Tiago 5:15). **Que lhe falou** (II Reis 20:4-6) **e lhe deu um sinal** confirmatório, o milagre da sombra que retrocedeu (II Reis 20:8-11).

**25. Pois o seu coração se exaltou.** Veja comentário sobre verso 31. **Pelo que houve ira.** A ameaça que Isaías recebeu do subsequente exílio para a Babilônia (II Reis 20:16-18; cons. Mq. 3:12).

**26. Ezequias, porém, se humilhou**, de modo que **a ira . . . não veio ... nos** (seus) **dias**. Veja II Reis 20:19; Is. 39:8.

**30.** Para fornecimento permanente de água dentro dos muros de Jerusalém, **Ezequias tapou o manancial superior das águas de Giom**, canalizando-o por 515,78ms através de rocha sólida. Em 1880, a

arqueologia confirmou esta realização engenhosa com o descobrimento da dedicatória em antigo hebraico, "inscrição de Siloam", feita pelos próprios engenheiros que construíram o túnel.

**31. Os embaixadores . . . de Babilônia** foram enviados por Marduke-Pal-Idina (o Merodaque-Baladã de Is. 39:1,2; cons. II Reis 20: 12, 13), não apenas para se informarem da enfermidade de Ezequias e sobre o milagroso sinal de seu restabelecimento, mas também, presumivelmente, para tratar de medidas práticas a serem tomadas contra o ataque de Sargão em 711 A.C. A embaixada serviu assim **para prová-lo** quanto a sua relativa confiança em Deus ou nos homens. O fato da prova ter demonstrado que Ezequias confiava mais nestes últimos foi a causa da ira de Isaías (v. 25).

**32. A visão do profeta Isaías . . . no livro dos reis.** Isaías 36-39 foi incorporado à fonte comum da qual Reis e Crônicas foram extraídos (cons. Introdução, *Autoria*).

**33. Na subida para os sepulcros** pode identificar alguma posição mais elevada, usada depois que as sepulturas inferiores já estavam todas ocupadas.

## 2 Crônicas 33

**14) Manassés (696\* -641\*A.C.). 33:1-20.** Foi Manassés, mais do que qualquer outra coisa, que causou a destruição do Reino de Judá (II Reis 23:26; 24:3). Este mau filho de um pai piedoso teve o mais longo reinado concedido a um rei hebreu. Mas ele esbanjou a maior parte dele seduzindo o seu povo com o paganismo, religiosamente, e numa renovada subserviência à Assíria, politicamente (II Cr. 33:1-10, fazendo paralelo com II Reis 21:1-18). Em seus últimos anos, problemas pessoais o levaram ao arrependimento, embora tardio para produzir efeito na nação (II Cr. 33:11-20; não há nenhuma narrativa correspondente em Reis).

**3. Tornou a edificar os altos . . . levantou altares aos Baalins, fez postes-ídolos.** Veja 14:3; 17:3, observações. **E se prostrou diante de**

**todo o exército dos céus** (cons. II Reis 23:10, 11). Esta antiga forma de idolatria (Dt. 4:19) que era o pecado particular dos assírio-babilônios, cuja mentalidade se voltava para a astrologia, deve ter recebido estímulo em Judá por causa da renovada submissão de Manassés à Assíria em 676 A.C., quando Esaradom, filho de Senaqueribe, avançou na direção do ocidente contra o Egito.

**4. Em Jerusalém porei o meu nome para sempre** (cons. v. 9). Veja comentário sobre 6:2, 6.

**5. Os dois átrios.** Veja comentário sobre 4:9.

**6. E queimou a seus filhos ... no vale ... de Hinom**, como fizera Acaz (28:3, observações). **Praticava feitiçaria**, etc., procurava comunicar-se com os mortos por meio do espiritismo, o qual as Escrituras condenam uma vez que se opõe à verdadeira fé em Deus (Êx. 22:18; Dt. 18:10-12). Tratava com necromantes; originalmente "espíritos", que se supunha tivessem o conhecimento do sobrenatural; mas passou a ser aplicado aos médiuns. Manassés também praticou a tirania, derramando "muitíssimo sangue inocente" (II Reis 21:16).

**8. Deus não removeria mais o pé de Israel da terra . . . contanto que tenham cuidado de fazer** o que Ele tinha ordenado. Veja comentário sobre 7:14,19, 10. Falou o Senhor, por intermédio de "seus servos, os profetas" ameaçando os filhos de Israel de destruição (II Reis 21:10-15), porém não deram ouvidos.

**11. O rei da Assíria prendeu Manassés com ganchos . . . e o levaram a Babilônia.** Talvez em 648 A.C., quando Assurbanipal venceu uma revolta de quatro anos liderada por seu irmão naquela cidade. O Egito (Dinastia XXVI) aproveitou-se da oportunidade para se desvencilhar do jugo assírio; e Manassés poderia ter tentado o mesmo, com menos sucesso.

**12. Ele, angustiado . . . se humilhou.** Às vezes Deus tem de levar os homens até a conversão (cons. Atos 9:3-5).

**14. Giom e Ofel.** Veja observações sobre 27:3; 32:30. **Porta do Peixe.** No muro do norte (Ne. 3:3).

**17. Contudo o povo ainda sacrificava nos altos.** Meio século de paganismo não podia ser vencido por meia dúzia de anos de reforma. Mas somente ao Senhor (Jeová, Yahweh) seu Deus. Isto ainda contrariava a lei de Moisés que estipulava um santuário central (veja comentário sobre 1:3) e na verdade o resultado era pouco mais que o uso de um novo nome ao velho culto a Baal.

**18, 19. A sua oração** (cons. vv. 12, 13) perdeu-se. "A oração de Manassés" nos Apócrifos, cujo título foi extraído desta referência foi composta pouco tempo antes de Cristo. **As palavras dos videntes.** Antes, *a história de Hozai*, um profeta desconhecido.

**15) Amom (641\*-639\*A.C.). 33:21-25.** Amom foi o infeliz produto da vida pagã de seu pai, não de sua morte piedosa. Este pequeno resumo do seu reinado faz paralelo achegado a II Reis 21:19-26 e destaca a recaída imediata de Judá na religião de Manassés, anterior à sua conversão. Dentro de dois anos Amom morreu nas mãos de seus próprios cortesãos.

**22. Amom fez sacrifício a todas as imagens de escultura que Manassés, seu pai, tinham feito.** Ou sua remoção não envolvera sua destruição (v. 15), ou a concentração da reforma de Manassés em Jerusalém deixou intactos os centros de idolatria más afastados (cons. v. 17).

**16) Josias (639 \*-608). 34:1 – 35:27.** Josias foi o último rei bom de Judá, e em certos aspectos o maior de todos (veja comentário sobre 34:2). Pois foi sua reforma no ano 621 A.C. que mais contribuiu para restaurar Israel na submissão ao Livro de Deus ; e foi a lealdade para com esta mesma palavra escrita que forneceu o reflexo da esperança para o judaísmo durante o Êxodo (cons. Dn. 9: 2), em sua precária restauração (Ed. 7:10; Ml. 4:6), e pelos séculos afora até a volta de Cristo (Mt. 5:17, 18). II Crônicas 34, 35 analisa as primeiras reformas de Josias (34:1-7); a

grande reforma no seu décimo oitavo ano, que começou com os reparos no templo, durante os quais foi descoberto o importante livro da Lei (34:8-33); a solene Páscoa do rei, que se seguiu (35:1-19); e sua morte trágica (35:20-27). O primeiro e terceiro destes tópicos foram pouco mais que mencionados na seção paralela em II Reis 22:1 23:30, enquanto outros assuntos (veja II Cr. 34:33, observação) receberam urna ênfase correspondente maior.

## 2 Crônicas 34

**2. Fez o que era reto** (veja comentário sobre 29:2), particularmente em sua devoção a "toda a lei de Moisés" de modo que "depois dele nunca se levantou outro igual" (II Reis 23:25).

**3. No oitavo ano.** Isto é, em 631 A.C., quando Josias tinha dezesseis anos de idade. E no duodécimo ano. Ou, em 627 A.C.. Esta segunda data se encaixa no período do caos que foi causado pela invasão de cavaleiros nômades vindos do norte em quase todo o Oriente Próximo (628-626 A.C.). Essas hordas citas encheram de terror os corações dos judeus enfatuados (Jr. 6:22-24; Sf. 1:12); e, embora nunca avançassem além das planícies costeiras, onde foram finalmente barrados pelos egípcios, prestaram a Judá um duplo serviço: 1) precipitaram as profecias de Jeremias (Jer. 1:2) e Sofonias (cons. Sf. 1:1?), como também o estágio do reavivamento de Josias em 627 A.C., o qual foi muito mais do que um reavivamento pessoal (II Cr. 34:3-7); e 2) arrasaram com o domínio imperial assírio, que sufocara Judá por todo o meio século precedente (v. 6; cons. 33 : 3, observação).

**4. Às imagens** (no v. 7, também). Locais para se queimar incenso (veja comentário sobre 14 : 5).

**6. Simeão.** Veja comentário sobre I Cr. 4:24-43. **Até Naftali,** na Galiléia. Assim Josias recuperou a maior parte da antiga província assíria ao norte de Israel (vv. 7, 9).

**9. Os levitas, guardas da porta, tinham ajuntado** dinheiro, segundo o exemplo de Joás e sua arca (II Reis 12:9). **12. Os homens**

procederam fielmente na obra, sem que houvesse necessidade de supervisão (II Reis 22:7), como no tempo de Joás (II Reis 12:15).

**14. Hilquias . . . achou o Livro da Lei do Senhor.** Também chamado de "o livro da aliança" (v. 30), o qual faz pensar em Êxodo 19:24; enquanto as maldições nele contidas (II Cr. 34:24) e a lei do santuário central (fil Reis 23:8, 9) referem-se respectivamente a Lev. 26 ou Deut. 28 e 12:5-13, etc. O livro era provavelmente o rolo oficial do Pentateuco, geralmente guardado ao lado da arca (Dt. 31:25, 26) mas desviado durante as administrações precedentes, quando a arca foi deslocada (II Cr. 35:3). **Dada por intermédio de** (lit., *pela mão de*) **Moisés.** Embora o Pentateuco todo não reivindique autoria mosaica (cons. Dt. 34), o testemunho bíblico é claro que todo o seu conteúdo pertence ao período histórico do escritor (Dt. 4:2; 12:32) e que foi escrito sob sua orientação e autoridade (cons. as declarações do próprio Cristo, Jo. 7:19; Lc. 24:44). Nosso Senhor, como antecipando a atual muito difundida rejeição da autoria mosaica do Pentateuco, declarou explicitamente que aqueles que se negassem a crer nas palavras de Moisés não poderiam consistentemente aceitar as Suas próprias (Jo. 5:47).

**19. Rasgou as suas vestes.** Atormentado por ameaças tais como as contidas em Lv. 26:32, 33 e Dt. 28:36 (veja II Cr. 34:21, 24, 27), "tudo quanto de nós está escrito" (II Reis 22:13).

**20. Asaías, servo do rei.** Antes, *o servo*. Era uma posição específica, importante no governo. **Abdom, filho de Mica.** II Reis 22:12 apresenta formas variantes, "Acbor, filho de Micaías".

**22. A profetiza Hulda.** Discriminação com base no sexo era coisa desconhecida ao espírito do V.T. (cons. Jz. 4:4; II Sm. 20:16). A restrição feita às mulheres, como, por exemplo, com referência ao pátio separado no Templo, surgiu apenas devido às perversões do judaísmo inter-testamental. **Ela habitava na Cidade Baixa.** Em hebraico, *mishneh*, "o segundo (bairro)" da cidade.

**24. Eis que trarei males.** O Senhor não desistiria "do furor da sua grande ira . . . ; por todas as provocações (de) Manassés" (II Reis 23:26).

**28. E os teus olhos não verão todo o mal.** Adiamento da ira divina por causa de humilde arrependimento foi concedido a Ezequias (32:26) e até mesmo a Acabe (I Reis 21:29) antes dele.

**30. A aliança** (v. 31) é o instrumento que Deus usa para a redenção do Seu povo eleito. Isto se refere ao "antigo testamento" (cons. I Cr. 16:15 e II Cr. 15:12-15).

**31. O rei se pôs no seu lugar.** "Junto a sua coluna" (23: 13; II Reis 23: 3).

**33. Josias tirou todas as abominações.** Quanto aos detalhes de sua completa remoção da idolatria – com sua imoralidade sexual conseqüente – adoração nos altos e espiritismo, veja II Reis 23:4-14, 24. **De todas as terras que eram dos filhos de Israel** (veja v. 6). O rei destruiu o altar de Jeroboão em Betel, além de outros altos do antigo Reino do Norte, matando os sacerdotes restantes (II Reis 23:15.20). **Enquanto ele viveu não se desviaram de seguir o Senhor.** O testemunho, entretanto, de Jeremias, que apoiou a reforma de Josias (Jer. 11:1-5), mostra que para muitos isso não passou de concordância externa, não do coração (Jr. 11:9-13 ).

## 2 Crônicas 35

**35:1. Josias celebrou a páscoa.** Esta confirmação da reforma de Josias brotou igualmente de sua obediência ao restabelecimento da Lei, "como está escrito neste livro da aliança " (II Reis 23:21). **Primeiro mês.** No mesmo grande décimo oitavo ano (v, 18), 621 A.C.; compare com Ezequias que deixou sua páscoa para o segundo mês (30: 2).

**3. Ponde a arca sagrada na casa que edificou Salomão.** Nos negros dias de Manassés e Amom, a arca parecia ter sido removida pelos fiéis levitas e levada para algum lugar onde ficou sob sua proteção (cons. 33:7-17; 28:24).

**4. Segundo os vossos turnos, segundo . . . Davi.** Veja comentário sobre I Cr. 24:4, 20. **E a de Salomão.** Veja 8:14.

**6. Preparai-o para nossos irmãos.** Assim Josias evitou a confusão que surgiu sob o governo de Ezequias um século antes (cons. comentário sobre 30:16-18).

**7. E de bois três mil** (cons. vs. 8, 9,13b). O rebanho foi para os cordeiros pascais, mas estes deviam ter servido como ofertas pacíficas para os festejos nos dias dos pães asmos que se seguiram (cons. 30: 24; I Cr. 29:21 , observações).

**12. Puseram de parte o que era para os holocaustos.** Isto é, separaram algumas partes escolhidas dos cordeiros pascais **para que . . . oferecessem ao Senhor** (v. 14), aparentemente segundo o padrão das ofertas pacíficas (Lv. 3). O povo então assava e comia a Páscoa propriamente dita (Mt. 16:7).

**17. E a festa dos pães asmos.** Veja comentário sobre 30:13, 18. **Nunca, pois, se celebrou tal páscoa ... desde os dias do profeta Samuel.** II Reis 23:22 acrescenta: "desde os dias dos juízes". Isto é, a festa de Josias cumpriu os padrões bíblicos como nenhuma outra desde Moisés e Josué.

**20. Depois de tudo isto;** isto é, em 608 A.C. (Thiele, *Mysterious Numbers*, págs, 158-160). **Subiu Neco (II), rei do Egito.** Os faraós da vigésima sexta dinastia fizeram uma tentativa diligente para tomar o lugar do império assírio. Nínive caiu em 612 A.C.; e os egípcios se opuseram às reivindicações da Babilônia aos despojos, subindo "em favor do (não contra o) rei da Assíria, ao rio Eufrates" (II Reis 23:29), em cujo extremo ocidental ficava a cidade-chave de **Carquemis**.

**21. Não vou contra ti.** Neco queria simplesmente atravessar o litoral da Palestina, para se encontrar com a casa que me faz guerra, isto é, o exército da Babilônia sob a liderança do príncipe real Nabucodonosor. **E disse Deus que me apressasse.** Provavelmente isto não passava de um linguajar diplomático da parte de Neco (cons. comentário sobre 2:11; 32:12).



**22.** Josias, tal como Acabe, **se disfarçou** para proteger a sua vida (cons, 18:29, observação). Embora este fato pudesse surpreender o próprio Faraó, **as palavras que Neco lhe falara eram da parte de Deus**. Pois a insistente mensagem do Senhor a Judá fora que ela devia confiar nEle e evitar envolvimento em "política" internacional (cons. comentário sobre 16:9; 28:16; 32:1 , 5). **Megido** assinalava a passagem estratégica na serra entre a planície costeira e o vale de Esdralom ao nordeste. Foi cenário de batalhas decisivas desde o século quinze A.C. até a I Guerra Mundial. A batalha final desta dispensação, contra Cristo em sua segunda vinda, será travada no "Armagedom" (Ap. 16:16), isto é, **na montanha de Megido**.

25. Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias, a quem ele muito considerava (Jr. 22:15, 16). Escritas nas lamentações. Essas lamentações não devem ser confundidas com as posteriores lamentações de Jeremias sobre Joaquim (Jr. 22:10-30) e sobre a queda de Jerusalém (Lm.).

## 2 Crônicas 36

### 17) Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias (608-586 A.C.). 36:1-16.

Em marcante contraste à piedade e força de caráter de seu antepassado, estes últimos reis de Judá, três filhos e um neto de Josias, exibiram uma incapacidade moral que levou o que restava do reino de Israel ao seu fim inglório. A destituição de Jeoacaz assinalou o fim do governo independente em Judá (36:1-4); o regime de Jeoaquim viu o estabelecimento do domínio babilônico (vs. 5-8); Joaquim, o filho de Jeoaquim, colheu o fruto da revolta de seu pai (vs. 9, 10); e Zedequias causou incautamente a revolta final devido à sua infidelidade para com Nabucodonosor, seu soberano, que assim veio a ser o instrumento divino para a destruição de um povo infiel (vs. 11-16). Estes parágrafos são um paralelo abreviado de II Reis 23:31 – 24:20.

**2. Tinha Jeoacaz vinte e três anos**, sendo mais jovem que Jeoaquim, seu sucessor (v. 5). Mas embora tenha ele feito "o que era

mau" (II Reis 23:32), o povo da terra, os cidadãos livres (II Cr. 36:1), aparentemente tinham mais esperanças nele do que em seu irmão mais velho. **Reinou três meses**, ou até que Neco teve oportunidade de substituí-lo (cons. 35:20, 21).

**3. Neco impôs uma indenização de cem talentos de prata e um de ouro** (cons. 25:6; 27:5), cerca de US\$ 220.000 mais US\$ 35.000 (cons. I Cr. 19:6, observação).

**4. E lhe mudou o nome** de Eliaquim, *Deus levanta*, para **Jeoquim**, *Jeová* (Yahweh) *levanta*, demonstrando a boa vontade que Neco tinha em tolerar a religião dos judeus. De modo significativo este controle que o rei tinha sobre o nome do rei era prova do controle que tinha sobre sua pessoa (veja comentário sobre 6:6). Ao irmão Jeocaz tomou Nem, e o levou para o Egito, onde veio a falecer (II Reis 23 : 34; cons. Jr. 22:10).

**5. Jeoaquim . . , reinou onze anos**, 608-598 A.C., e fez ele o que era mau. Ele impôs à terra tributo que devia ser pago a Faraó (II Reis 23:35), enquanto ele mesmo vivia no luxo (Jr. 22:14, 15); perverteu a justiça e oprimiu os pobres (Jr. 22:13, 17); e perseguiu os profetas que o reprovaram (cons. II Cr. 35:8, 16, abaixo; Jr. 26:21-24; 32:36).

**6. Subiu, pois, contra ele Nabucodonosor (mais corretamente, Nabucodonosor**, II Reis 24:1, texto hebraico). Na primavera de 605, os babilônios obtiveram uma vitória decisiva contra Neco em Carquemis (veja comentário sobre 35:20; Jr. 46:2). Os egípcios, como resultado, foram expulsos até suas próprias fronteiras; e a Palestina ficou nas mãos de Nabucodonosor (II Reis 24:7). O conquistador amarrou Jeoaquim **com duas cadeias de bronze, para o levar prisioneiro**, embora a ameaça pareça ter sido suficiente, sem que houvesse necessidade de levá-lo fisicamente **a Babilônia**.

**7. Também alguns dos utensílios do templo levou Nabucodonosor para a Babilônia**, e também um primeiro grupo de prisioneiros selecionados como reféns, inclusive Daniel (cons. Dn. 1:1-3). Com isto começou o exílio babilônico que durou setenta anos, 605-536 A.C. (Jr.

29:10). A autenticidade desta campanha na Palestina em 605, antigamente desacreditada por críticos incrédulos do V.T., foi extraordinariamente confirmada pela publicação, em 1956, de duas tabuinhas babilônicas do reinado de Nabucodonosor. Nelas Nabucodonosor declara que conquistou "toda a terra dos hati" (o Crescente Fértil ocidental incluindo a Palestina) no verão de 605 e que "cobrou pesado tributo dos hati para a Babilônia" (cons. J.B. Payne, "The Uneasy Conscience of Modern Liberal Exegesis", *Bulletin of the Evangelical Theological Society*, 1:1, Inverno de 1958, 14-18).

**8. Quanto aos mais atos de Jeoaquim.** Depois de servir Nabucodonosor por três anos (até 602), ele se rebelou (II Reis 24:1, 2), mas morreu antes que recebesse todo o seu castigo.

**9. Tinha Joaquim dezoito anos** de acordo com outros manuscritos, e não "oito anos" (cons. II Reis 24:8; **e reinou três meses e dez dias**, de dezembro de 598 até 16 de março de 597, de acordo com os novos textos de Nabucodonosor (v. 7, observação).

**10. Mandou o rei Nabucodonosor levá-lo a Babilônia** em 597 A.C., junto com um segundo grupo de deportados, que incluíram Ezequiel e 10.000 dos mais importantes elementos da sociedade judia (cons. II Reis 24:10-16). **E estabeleceu a Zedequias, seu irmão** (tio, II Reis 24: 17), **rei**.

**12. Não se humilhou perante o profeta Jeremias.** A princípio Zedequias ignorou as mensagens de Jeremias (Jr. 34:1-10), depois o procurou (Jr. 21) e, finalmente, rogou que lhe ajudasse (Jr. 37), mas nunca se submeteu às suas exigências. **Zedequias** foi um homem fraco e maleável aos esquemas dos nobres manhosos que file foram deixados (Jr. 38:5).

**13. Rebelou-se . . . contra . . . Nabucodonosor**, diante da instigação de Hofra (588-567A.C.), Faraó da Vigésima Sexta Dinastia do Egito (cons. Ez. 17:15; Jr. 37:5). **Que o tinha ajuramentado.** Zedequias fora feito vassalo de Nabucodonosor por meio de juramento; assina sua deslealdade anulou-o (Ez. 17:13-19).

**C. O Exílio. 36:17-23.**

As Crônicas São essencialmente um livro de encorajamento. Os capítulos sobre os monarcas de Judá registram grandes triunfos, vindicações da fé dos homens em Deus, mesmo no meio da geral deterioração da nação. Então, tendo demonstrado que Deus pode expulsar o Seu povo por causa de sua desobediência e que realmente o fará (36:17-21, fazendo um pequeno paralelo com II Reis 25), o cronista prossegue insinuando que das ruínas se levantará uma terra rejuvenescida, um Templo reconsagrado descrevendo a imutável salvação de Deus e um povo aperfeiçoado e portanto restaurado (II Cr. 36:22, 23, fazendo paralelo com Ed. 1:1-3a). Pois o Exílio não foi uma derrota permanente, mas, essencialmente, um triunfo da providência divina. A história é um processo, não de desintegração, mas de peneiramento e seleção. Quando o refugio é removido, surge o remanescente fiel (cons. comentário sobre 10:9; 11:3). "Que suba, e o Senhor seu Deus seja com ele!" (II Cr. 36:23).

**17. O Senhor a todos os deu nas . . . mãos dos caldeus.** Veja II Reis 25:1-21 quanto aos detalhes da queda e saque de Jerusalém, e quanto à terceira e grande deportação em 586 A.C. (cons. II Cr. 36:7, 10, observações).

**20. Os que escaparam da espada.** II Crônicas omite, como irrelevante para o destino final de Judá, qualquer referência ao reajuntamento de Gedalias e a fuga do remanescente para o Egito (II Reis 25:22-27); à pequena e quarta deportação de 582 A.C. (Jr. 52:30); e aos "mais pobres da terra" que ficaram espalhados pela Palestina (II Reis 25:12). A arqueologia tem comprovado o total despovoamento de Judá nesse período. **A esses levou ele para Babilônia,** onde se tornaram seus servos. Depois de certo desânimo inicial (Sl. 137) e trabalho escravo (Is. 14:2, 3), alguns judeus alcançaram certo status e favor (cons. II Reis 25:27-30). Os que eram mundanos tornaram-se indiferentes e se desviaram (cons. Ez. 33:31, 32), mas os piedosos amadureceram espiritualmente (cons. Dn. 1:8; Et. 4:14-16; Ne. 1: 4).

**21. Para que se cumprisse a palavra do Senhor, até que a terra se agradasse dos seus sábados . . . repousou . . . setenta anos** (cons. v. 7, observação), presumivelmente compensando um meio milênio de anos sabáticos negligenciados (Gustav Oehler, *Theology of the Old Testament*, pág. 343; cons. Lv. 25:1-7; 26:34).

**22. Em 538 A.C. Ciro, rei da Pérsia** venceu Nabonidus e seu filho Belsazar, os últimos monarcas babilônios nativos (Dn. 5). Sua política de conciliação e restauração religiosa para os exilados recebeu inteira confirmação arqueológica devido as inscrições do próprio Ciro. (Sobre a correspondência deste material com Ed. 1:1-3a, veja Introdução, *Autoria*).

**23. O Senhor (Jeová) . . . me deu todos os reinos da terra.** Tal linguagem diplomática (cons. 35:21, observação) nada significava para Ciro; suas palavras a uma audiência de babilônios foram: "Marduque, rei dos deuses (principal divindade da Babilônia, mas não da Pérsia!) ... designou(me) para governar sobre todas as terras". Mas Cito foi realmente um instrumento da providência divina (Is. 44:28 - 45:5).

# ESDRAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 4	Capítulo 7	Capítulo 10
Capítulo 2	Capítulo 5	Capítulo 8	
Capítulo 3	Capítulo 6	Capítulo 9	

## INTRODUÇÃO

**Título.** O Livro de Esdras, como o de Rute, Jó, Ester e outros, recebeu o nome de seu personagem principal. Os judeus o consideravam uma unidade junto com o livro de Neemias (cons. Talmude, texto massorético, Josefo), mas a repetição de Esdras 2 em Neemias 7 indica que os dois livros foram originalmente obras distintas. Na LXX, Esdras e Neemias foram chamados de Esdras B, para distingui-los de um livro apócrifo, Esdras A (que continha II Crônicas 35:1, todo o livro de Esdras, mais Neemias 8:1-12, com variantes e adições).

**Data e Autoria.** Embora o autor não fosse mencionado, e a narrativa seja feita na primeira e terceira pessoas, é altamente provável que o próprio Esdras escrevesse o livro, usando diversos decretos, cartas e genealogias como fontes originais. Alguns documentos babilônicos usaram semelhante forma de narrativa; portanto a mudança de tratamento não é um argumento conclusivo contra sua autoria. Nem se pode usar o fato dele se referir a si mesmo como um "escriba versado na lei de Moisés" (7:6) para se argumentar eficientemente o contrário (cons. Nm. 12:3).

Considerando que Esdras viveu até o período de Neemias (Ne. 8:1-9; 12:36), ele teve tempo suficiente para terminar o seu livro entre abril de 456 A.C., quando os acontecimentos de Esdras 10:17-44 se realizaram, e o verão de 444 A.C., quando Neemias chegou a Jerusalém vindo da corte persa. Robert Dick Wilson ("Esdras-Neemias", ISBE, II,

1083) destacou que o hebraico de Esdras parece-se com o de Daniel, Ageu e Crônicas mais do que o de Eclesiástico (escrito cerca de 180 A.C.), e que as porções de Esdras em aramaico (4:7 – 6:18; 7:12-26) são muito parecidas com o aramaico dos papiros elefantinos do século quinto A.C.

**Antecedentes Históricos.** O Livro de Esdras registra o cumprimento da promessa divina feita à nação de Israel, através de Jeremias, de trazê-la de volta à sua terra depois de setenta anos de cativeiro. Por meio da proteção e ajuda de três reis persas (Ciro, Dano e Artaxerxes) e a liderança de grandes e piedosos judeus, tais como Zorobabel, Jesua, Ageu, Zacarias e Esdras, o segundo Templo foi terminado e a verdadeira adoração restaurada em Jerusalém.

Os seis primeiros capítulos do livro englobam os acontecimentos dos dois ou três primeiros anos do reinado de Cyrus (538-530 A.C.) e os seis primeiros anos do reinado de Darius I (521-486 A.C.). Os quatro últimos capítulos (Ed. 4:7-23) registram os acontecimentos que se sucederam durante a primeira parte do reinado de Artaxerxes I (464-423 A.C.). Não se faz menção de Cambises (530-522 A.C.) ou de Esmerdis (522 A.C.) e só um versículo (4:6) menciona Xerxes (486-465 A.C.). Assim, embora oitenta importantes anos da história persa aquemênida fosse abarcada pelo Livro de Esdras, praticamente nada se diz do período de cinquenta e oito anos compreendido entre 515 A.C. e 457 A.C., durante o qual os persas fizeram dois grandes mas fúteis esforços de conquistar a Grécia, quando tiveram lugar os acontecimentos contidos no livro de Ester.

Quando o cenário se abre em Esdras 1, os judeus tinham acabado de presenciar a derrota do odiado Império Neo-Babilônico, em 539 A.C., por Cyrus, o Persa. E Daniel acabara de ser colocado em lugar de honra por Darius, o medo, a quem Cyrus designara por soberano dos territórios neo-babilônicos (Dn. 5:30 - 6:3).

---

**ESBOÇO**

- I. Os exilados retornam da Babilônia. 1:1 – 2:70.
  - A. O decreto de Ciro. 1:1-4.
  - B. Preparativos para a viagem. 1:5-11.
  - C. Aqueles que retornaram. 2:1-70.
- II. Começa a construção do Templo. 3:1 – 4:24.
  - A. O altar e o alicerce. 3:1-13.
  - B. Oposição à obra. 4:1-24.
- III. O edifício terminado. 5:1 – 6:22.
  - A. O trabalho retomado. 5:1-5.
  - B. A carta de Tatenai a Dario. 5:6-17.
  - C. Decretos de Ciro e Dano. 6:1-12.
  - D. O Templo é terminado. 6:13-22.
- IV. A Viagem de Esdras a Jerusalém. 7:1 – 8:36.
  - A. Apresentação de Esdras. 7:1-10.
  - B. Carta de Artaxerxes a Esdras. 7:11-28.
  - C. A viagem a Jerusalém. 8:1-36.
- V. A grande reforma. 9:1 – 10:44.
  - A. A trágica notícia e a oração de Esdras. 9:1-15.
  - B. Casamentos mistos são desfeitos. 10:1-17.
  - C. Lista daqueles que tinham esposas estrangeiras. 10:18-44.

**COMENTÁRIO****I. Os Exilados Retornam da Babilônia. 1:1 - 2:70.****Esdras 1**

A. O Decreto de Ciro. 1:1-4. Deus cumpriu Suas promessas feitas a Israel por intermédio de Jeremias, de que o Cativo duraria apenas setenta anos. No fim desse período, Ele levantou Ciro, o persa, para denotar os babilônios que tinham escravizado os israelitas. Um dos



primeiros atos públicos de Ciro, na qualidade de novo rei da Babilônia, foi encorajar os judeus a retomarem a Palestina para reconstrução da casa de Jeová que estava arruinada.

**1. No primeiro ano de Ciro.** Estas palavras, e as que se seguem, até o meio do versículo 3, são idênticas às que concluem II Crônicas. Os dois livros estão portanto ligados por um elo comum. É bem possível que Esdras tenha escrito I e II Crônicas. Ciro, que, por volta de 550 A.C., caldeara os medos e os pensas em uma monarquia dual, finalmente, em outubro de 539 A.C., conquistou a Babilônia. **A palavra do Senhor, por boca de Jeremias.** Foi em 605 A.C. que Jeremias profetizou o cativo de Judá por setenta anos (Jr. 25:12; cons. 25:1). E foi esta profecia que levou Daniel a orar pelo livramento do seu povo no ano da queda da Babilônia (Dn. 9:2).

**2. O Senhor. . . me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém.** Cerca de duzentos anos antes, Isaías profetizara que Ciro seria o instrumento divino para libertar os judeus do exílio e iniciar a restauração do Templo (Is. 44:28 – 45:7; 45:13). Não é preciso que se pretenda que o libertador fosse um crente verdadeiro (cons. Is. 45:4 - "Eu te chamei pelo nome . . . ainda que não me conheces".) O famoso rolo cuneiforme de Ciro registra esta oração do rei persa: "Que todos os deuses que eu recoliquei em suas sagradas cidades peçam diariamente a Bel e Nebo que me concedam uma vida longa . . . ", Ciro provavelmente reconhecia o Deus de Israel como uma das divindades mais importantes, especialmente se Daniel lhe mostrou as profecias de Isaías (Jos. *Antiq.*, 11. 1. 1). Este decreto foi arquivado em Ecbatana, onde Dario I o descobriu vinte anos depois (Ed. 6:2).

B. Preparativos para a Viagem. 1:5-11. Milhares de judeus piedosos atenderam à convocação de Ciro e prepararam-se para a longa viagem. E muitos dos utensílios que Nabucodonosor tirou do Templo foram entregues aos judeus para serem levados de volta à Jerusalém.

**6. Todos os que habitavam nos arredores os ajudaram.** Só retornaram cerca de 50.000 judeus (cons. 2:64, 65). A maioria resolveu

permanecer na Babilônia, onde muitos já estavam estabelecidos (Jr. 29:4-7). Assim, estavam em condições de ajudarem àqueles que pretendiam retornar. Gentios, também, provavelmente deram presentes (cons. Êx. 12:35, 36).

**7. Os utensílios da casa do Senhor.** Alguns utensílios foram levados à Babilônia em 605 A.C. (Dn. 1: 2), alguns em 597 A.C. (II Reis 24:13), e o restante em 586 A.C. (II Reis 25:14, 15; Jr. 27:16-22). Aqueles que Ciro não enviou de volta nesta ocasião foram devolvidos ao Templo por Dario I em cerca de 518 A.C. (Ed. 6:5), contudo, o mobiliário do Templo, inclusive a arca da aliança, foram destruídos em 586 A.C. (Jr. 3:16; II Reis 25:13).

**8. Sesbazar, príncipe de Judá.** Assim como Daniel era oficialmente conhecido em Babilônia por Beltessazar (Dn. 1:7), Zorobabel era provavelmente conhecido por Sesbazar. Sabemos que Zorobabel lançou os alicerces do Templo (Ed. 3:8; 5:2; Zc. 4:9); mas em uma carta oficial a Dario, "Sesbazar" é quem o faz (5:16). Zorobabel era neto do Rei Jeoaquim (Jeconias; I Cr. 3:17-19) e um antepassado de José (Mt. 1:12). O fato de I Cr. 3:19 chamá-lo de filho de Pedaías em vez de Sealtiel (Ed. 3:2) dá a impressão de que Sealtiel morreu sem filhos e que Pedaías contraiu casamento em levirato com a viúva de seu irmão.

**11. Cinco mil e quatrocentos.** Os 2.499 utensílios relacionados em 1:9, 10 talvez fossem os maiores ou os mais importantes.

## **Esdras 2**

### **C. Aqueles que Retornaram. 2:1-70.**

A lista está dividida em oito grupos: Zorobabel e seus companheiros (vs. 1, 2); famílias judias (vs. 3-19); cidades palestinas (vs. 20-35); sacerdotes (vs. 36-39); levitas (vs. 40-42); netinins (vs. 43-54); servos de Salomão (vv. 55-58); aqueles com genealogia incerta (vs. 59-63). A seção termina com uma lista de totais (vs. 64-67) e uma breve declaração de sua chegada e os presentes que deram ao templo (vv. 68-70).

**2. Os quais deram com Zorobabel, Jesua, Neemias . . .** De acordo com Ne. 7:7, são doze os que faziam parte deste grupo de líderes. **Jesua**, ou Josué, era o sumo sacerdote (3:2), neto do sumo sacerdote Serias, que foi morto por Nabucodonosor em Ribla ((II Reis 25:18-21; cons. I Cr. 6:14). O **Neemias** mencionado aqui não é, certamente, o mesmo famoso governador de oitenta anos após.

**3-19.** Muitos destes nomes aparecem novamente em Esdras 8 e 10 e Neemias 10. Assim, temos aqui não os nomes de indivíduos que viveram nesse período, mas de famílias que eram antigas e bem estabelecidas. Alguns membros dessas famílias retomaram com Zorobabel em 536A.C., e o restante veio mais tarde com Esdras.

**20-35.** Muitas dessas cidades aparecem em outras passagens do V.T.

**36-39.** **Jedaías** é provavelmente o nome de um chefe de família dentro da família do sumo sacerdote **Jesua**, que descendia de Eleazar, o terceiro filho de Arão. **Imer** é o nome da terceira ordem de sacerdotes (I Cr. 24:14). **Pasur** é possivelmente da família de Malquias, a quinta ordem de sacerdotes (I Cr. 24:9; cons. I Cr. 9:12 ; Ne. 11:12). **Harim** é o nome da terceira ordem de sacerdotes (I Cr. 24:8).

**40-42.** Três classes de levitas foram mencionadas: 1) levitas regulares, que ajudavam os sacerdotes; 2) cantores; e 3) porteiros, ou guardas das portas. Só 341 levitas retornaram com os 4.289 sacerdotes. Esdras encontrou semelhante relutância da parte dos levitas no seu tempo, em retornar (Ed. 8:15). Isto não é fácil de se explicar.

**43-54.** **Os servidores do templo** (netinins) eram provavelmente descendentes dos gibeonitas, os quais Josué sujeitou ao trabalho (Js. 9).

**55-58.** **Os filhos dos servos de Salomão** eram sem dúvida os descendentes dos seus prisioneiros de guerra. Eram iguais aos netinins e foram contados com eles (v. 58).

**59-62.** Três famílias de gente comum (vv. 59-60) e três famílias de sacerdotes (vv. 61, 62) não puderam provar seu relacionamento com a nação por meio dos registros genealógicos, e por isso ficaram

oficialmente excluídos, embora tivessem permissão de acompanharem os verdadeiros judeus nesta viagem.

**63. O governador. Tirsata** era um título persa, possivelmente significando "sua excelência". Refere-se ao governador Zorobabel. Em Ne. 8:9 o mesmo título foi aplicado a Neemias. **Até que se levantasse um sacerdote com Urim e Tumim.** Em Êx. 28:30, o Urim e o Tumim são citados como parte da vestimenta cerimonial do sumo sacerdote. Eram usados de alguma certa maneira para determinar a vontade de Deus. Mas parece que a vontade de Deus já não podia mais ser determinada desse modo depois da partida da glória do Shequiná em 592 A.C. (Ez. 8-11). A ansiosa esperança de Zorobabel (e de todos os judeus piedosos) para que esta trágica situação não continuasse, naturalmente não se cumpriu e o problema das seis famílias ficou sem solução.

**64-67.** Este total de 42.360 é idêntico ao de Ne. 7:66; mas a cifra real de Esdras 2 chega somente a 29.818, e a de Ne. 7 totaliza somente 31.088. Nos números do V.T., algumas vezes ocorrem mudanças e omissões por causa de repetidas cópias; talvez essa seja a explicação desta discrepância. Cantores e cantoras (v. 65). Pessoas não israelitas contratadas para cantarem em festividades e lamentações, além dos cantores levitas.

**68-70. Vindo à casa do Senhor.** Uma expressão interessante sugerindo que ela continuou sendo em Jerusalém mesmo depois de sua destruição em 586 A.C. Cons. Jr. 41:5; Ageu 2:9. **Em ouro sessenta e uma mil dracmas.** Veja observação em passagem paralela, Ne. 7:70-72.

**Todo o Israel.** Cons. Ed. 2:2b. Está fora de dúvida que todas as doze tribos foram representadas nesta expedição, pois refugiados das tribos do norte afluíram abundantemente em Judá durante séculos antes do cativo da Babilônia.

## II. Começa a Construção do Templo. 3:1 - 4:24.

### **Esdras 3**

**A. O Altar e os Alicerces. 3:1-13.** Logo depois de chegar à Terra Prometida, os judeus providenciaram para que os holocaustos pudessem ser oferecidos. Na primavera seguinte colocaram os alicerces do segundo Templo, com grande cerimônia e emoções mistas.

**1. Em chegando o sétimo mês.** Foi no primeiro dia do mês (v. 6), na Festa das Trombetas (Nm. 29:1-6), uma sombra da final reunião de Israel. Considerando que tenha havido uma delonga de dois anos na partida da Babilônia depois do decreto de Ciro, isto teria acontecido em 25 de Setembro de 536 A.C. O lançamento dos alicerces do templo, na primavera seguinte, oficializada assim o término do septuagésimo ano de cativeiro predito por Jeremias, cativeiro esse que se estendeu de 605 a 535 A.C. (Jr. 25:1-12).

**3. Estavam sob o terror dos povos de outras terras.** Portanto, estavam inteiramente cômicos da necessidade que tinham da proteção de Deus. Compare como paganismo de II Reis 17:24-34. Que seus temores não eram exagerados pode ser visto nos capítulos seguintes de Esdras.

**4. Celebraram a festa dos tabernáculos.** Esta festa se estendia do décimo quinto dia ao vigésimo segundo do sétimo mês, exatamente duas semanas depois da Festa das Trombetas. Cons. Nm. 29:13 e segs. O Dia da Expição, no décimo dia do sétimo mês, não está mencionado neste capítulo.

**7. Para trazerem do Líbano madeira de cedro ao mar, para Jope.** Compare com a maneira pela qual Salomão ajuntou material, mais de 500 anos antes (II Cr. 2:16 e contexto). **Segundo a permissão que lhes tinha dado Ciro.** Os termos explícitos dessa permissão se encontram em 6:3-5.

**8. No segundo ano . . . no segundo mês.** Maio-junho de 535 A.C. Veja observações sobre Ed. 3:1. Levitas da idade de vinte anos para cima. Enquanto vinte e cinco era a idade mínima para o serviço dos levitas no tabernáculo (Nm. 8:24; 4:3), para o serviço no templo era de apenas vinte (I Cr. 23:24; II Cr. 31:17). Havia 24.000 levitas designados

para superintender a obra do Templo de Salomão (I Cr. 23: 4), enquanto que agora só havia MI ao todo! (Ed. 2:40-42).

**9. Jesua. . . Cadmiel . . . Judá . . . Henadade.** Para Judá substitua Hodavias. Assim, os três primeiros nomes aqui são os mesmos de 2:40, e representara famílias levíticas especiais colocadas para supervisão dos trabalhadores do templo.

**10. Os sacerdotes, paramentados e com trombetas, e os levitas ... com címbalos.** Esta foi a mesma ordem observada quando a arca foi levada para Jerusalém no tempo de Davi (I Cr. 16:5,6; cons. Nm. 10:8).

**11. Cantavam alternadamente,** antifonariamente. O próprio salmo cantado nesta ocasião (cons. Sl. 136:1) dá a idéia de estarem pensando nos termos da grande profecia de Jeremias (Jr. 33:11). E todo o povo jubilou com altas vozes. Sua alegria era contagiante, pois as orações e esperanças de décadas de cativeiro estavam agora sendo cumpridas diante dos seus olhos.

**12,13. Porém muitos . . . choraram em alta voz .. muitos no entanto, levantaram as vozes com gritos de alegria.** Cinquenta anos tinham se passado desde que o primeiro Templo fora destruído, e muitos dentre os homens mas velhos que o tinham visto choravam agora por causa do triste contraste em tamanho e grandeza de planos. E que contraste era para com o glorioso Templo Milenial profetizado por Ezequiel, os judeus desse período sabiam-no muito bem! Quando o trabalho do segundo templo foi recommçado em 520 A.C., alguns desses velhos homens choraram novamente (Ageu 2:3).

## Esdras 4

**B. Oposição à Obra. 4:1-24.** Tão logo os alicerces foram lançados começaram os problemas para os judeus. Primeiro veio a tentação de comprometer seu testemunho. Quando conseguiram resistir a isto com efeito, começou uma oposição ativa e continuou intermitente desde os dias de Ciro até os dias de Artaxerxes.

**1. Os adversários de Judá e Benjamim.** Estas duas tribos foram mencionadas de maneira particular porque agora constituíam a maioria da nação, e era principalmente em seus antigos territórios que o remanescente vivia agora.

**2. Desde os dias de Esar-Hadom.** Isaías profetizara que ai dez tribos do norte deixariam de ser um povo à parte dentro de sessenta e cinco anos. Considerando que ele o profetizou em 734 A.C. (Is. 7:8), a profecia se cumpriu em 669 A.C., dentro do reinado de Esar-Hadom, rei da Assíria (680-668 A.C.), que foi o responsável pela introdução de estrangeiros em Samaria (II Reis 17:24). Esses estrangeiros casaram-se com israelitas, e foram seus descendentes que agora se aproximaram de Zorobabel, dizendo: **“Como vós, buscaremos a vosso Deus”**. Foi uma proposta perigosíssima, pois veio disfarçada em religião verdadeira (II Cr. 11:15; cons. II Co. 6:17).

**3. Nós mesmos, sozinhos, a edificaremos.** Isto é, o povo de Jeová em oposição às "gentes da terra" (v. 4). Zorobabel viu claramente a impossibilidade de aceitar pagãos em base de igualdade com os verdadeiros judeus na construção do Templo de Jeová. Esses samaritanos revelaram seu verdadeiro caráter quando, depois de rejeições posteriores, edificaram seu próprio templo no Monte Gerizim (Jo. 4:20-22).

**4. Desanimaram o povo de Judá.** O profeta Jeremias foi acusado de fazer isso no seu tempo (Jr. 38:4).

**5. Alugaram contra eles conselheiros.** Teria isto acontecido na corte de Susã? Se isto aconteceu em 535 A.C., então provavelmente Daniel já não vivia mais e não havia nenhum judeu influente intercedendo pela nação na corte persa. **Todos os dias de Cito, rei da Pérsia, até ao reinado de Dario, rei da Pérsia.** Isto se refere aos anos que restavam a Ciro (535-530 A.C.), ao reinado de Cambises (530-522 A.C.), ao breve reinado de Esmerdis (522 A.C.) até o segundo ano de Dario I (521-520 A.C.). Depois da parentética história da oposição (vs. 6-23), a história propriamente dita é retomada (v. 24).

**6.** Agora começa um parêntesis na história principal, que fala de semelhante oposição aos judeus nos dias de Xerxes (486-465 A.C.) e Artaxerxes (464-423 A.C.). Uma vez que **Assuero** (em hebraico, *'ahashwerosh*) foi mencionado no versículo 6, depois de Dario no versículo 5, e tem o mesmo nome do rei do Livro de Ester, deve ter parecido óbvio aos comentaristas mais antigos que este era Xerxes. **Uma acusação.** A mesma raiz no hebraico para Satanás, "o acusador" (I Cr. 21:1; Jó 1: 6). Esta acusação escrita enviada a Xerxes em 486 A.C. não foi mencionada em nenhum outro lugar do V.T.

**7. Bislão, Mitredate, Tabeel** eram provavelmente samaritanos que pagaram a dois altos oficiais persas – Reum, o comandante, e Sinsai, o escrivão (v. 8) – para escrever a carta de 4:11-16 a Artaxerxes, acusando os judeus da reconstrução dos muros de Jerusalém. **Tabeel** (*Deus é bom*) talvez seja o mesmo Tobias (*Jeová é bom*) de Ne. 2:19. **Na língua siríaca.** Em aramaico, a língua comercial do Crescente Fértil durante o primeiro milênio A.C. Não somente esta carta de 4:11-16 foi escrita em aramaico, mas todo o trecho de Esdras desde 4:8 até 6:18. Este aramaico é muito parecido como dos papiros elefantinos.

**9. Afarsaquitas.** Cons. 5:6. Keil cria que eram membros de um povo especialmente devotado ao rei da Pérsia, que tinha posição de destaque entre os colonos da Síria. Alguns dos outros povos são difíceis de se identificar, embora a maior parte deles tenha provavelmente vindo de regiões da Babilônia, Pérsia e Média (cons. II Reis 17:24).

**10. O grande e afamado Asnapar.** O grande rei assírio Assurbanipal (688-626 A.C.), que completou o transplante dos povos que Esar-Hadom (v. 2) começara, um ou dois anos antes, a fazer em somaria.

**12. E em tal tempo.** Literalmente, *e assim por diante*. Esta abreviação da costumeira e extensa saudação aparece novamente em 4:11, 17; 7:12.

**12,13.** Os inimigos dos judeus aqui professam grande preocupação pelo bem-estar do rei da Pérsia. Seu relatório sobre o progresso dos



muros (v. 12) está obviamente exagerado, à luz do versículo 13. Não obstante, parece claro que alguns esforços foram despendidos para a reconstrução dos muros de Jerusalém, possivelmente por causa do estímulo de Esdras (veja observação sobre o v. 23). A construção do Templo não foi considerada nesta carta, pois já fora completada em 515 A.C. (6:15). **Aquela rebelde e malvada cidade.** Cons. 4:15. Jerusalém certamente se comprovara ser assim sob os trágicos reinados de Jeoquim (II Reis 24:1) e Zedequias (II Cr. 36:13). E até onde os assírios estavam envolvidos, também foi assim nos dias de Ezequias e Manassés (II Cr. 32 : 33).

**14. Somos assalariados do rei.** Literalmente, *comemos o sal do palácio*.

**15. No fim dos crônicas de seus pais.** Veja Ester 6:1, onde Xerxes, o pai de Dano, consulta "o livro dos feitos memoráveis". Devia incluir crônicas da história assíria, babilônica e também persa.

**20. Também houve reis poderosos sobre Jerusalém.** Ainda que Davi e Salomão fossem os maiores reis de Jerusalém, monarcas tais como Asa, Josafá, Uzias e Ezequias certamente deixaram sua marca na história antiga do Oriente Próximo.

**21. A não ser com autorização minha.** Esta cláusula final deixou a porta aberta para o rei mudar de idéia, conforme constatamos em Neemias 2. Certamente isto foi providencial, pois as leis dos medos e persas não podiam ser mudadas.

**23. De mão armada os forçaram a parar com a obra.** É claro que os samaritanos se aproveitaram deste decreto, e foram até os extremos de destruir parcialmente os muros que tinham sido construídos e queima os portões. Foi a notícia dessa tragédia que abalou Neemias e forçou-o a chorar e orar (Ne. 1:3, 4). Podemos portanto datar este decreto de 446 A.C. A relação de Esdras com toda essa crise não ficou indicada nas Escrituras, embora ele fosse certamente a favor da construção dos muros da cidade (Ne. 12:36).

**24. Cessou, pois, a obra da casa de Deus.** Isto se segue ao parêntesis de 4:6-23, voltando ao versículo 5, com a informação adicional de que foi no segundo ano de Dario que a obra da casa de Deus (não os muros da cidade) foi recomeçada (5:2). Comentaristas mais antigos, pensando que 4:24 devia seguir 4:23 cronologicamente, foram forçados a interpretar Assuero em 4:6 como Cambises e Artaxerxes em 4:7 como Esmerdis.

### III. O Edifício Terminado. 5:1 - 6:22.

#### Esdras 5

##### A. O Trabalho Retomado. 5:1-5.

Após quinze anos de estagnação, a obra do templo foi recomeçada sob o ímpeto da poderosa pregação de Ageu e Zacarias. Nem mesmo as ameaças de Tatenai puderam impedir o trabalho.

**1. Os profetas Ageu e Zacarias.** O nome do pai de Ageu foi omitido aqui, como também no seu livro. O avô de Zacarias era Ido, sendo Baraquias seu pai (Zc. 1:1). O ministério de Ageu começou em 29 de agosto de 520 A.C. (Ag. 1:1), mas Zacarias não começou o seu ministério antes de outubro-novembro.

**2. Começaram a edificar a casa de Deus.** A obra do templo foi retomada apenas três semanas após a pregação de Ageu! Isto foi em 20 de Setembro de 520 A.C. (Ag. 1: 14, 15). **Zorobabel** foi muito elogiado no livro de Ageu e em Zacarias 4, enquanto Jesus foi honrosamente mencionado em Zacarias 3 e 6.

**3. Tatenai, governador daquém do Eufrates.** Era o sátrapa persa para toda a região a oeste do Eufrates. Desde 539 a 525 A.C., não somente esta região, mas a Babilônia também, foi governada por Dario, o meda. **Setar-Bozenai** era provavelmente o assistente ou secretário de Tatenai, como Sinsai foi mais tarde de Reum (4:9). **Restaurardes este muro.** Aqui se refere ao muro do templo (com. 5:8). Os versículos 9, 10 contém toda a pergunta de Tatenai, a qual explica a resposta de 5:4. Mas

toda a resposta dos judeus à ameaça de Tatenai se encontra nos versículos 11-16.

**5. Porém os olhos de Deus estavam sobre os anciãos.** Uma evidência clara da providência de Deus. (Veja em 7:6 uma frase semelhante e mais freqüente.) Uma vez que provavelmente se passou um ano até que recebessem a resposta de Dario, interromper o seu trabalho nesse intervalo de tempo seria um severo golpe para os judeus.

### **B. A Carta de Tatenai a Dario. 5:6-17.**

Tatenai, o sátrapa persa, escreveu então a Dario, o rei, falando de seu desafio e da resposta dos judeus e perguntando qual o veredito com base no decreto de Cito.

**8. A casa do grande Deus.** Esta carta se refere exclusivamente ao templo, em contraste com a carta de 4:12-16, que foi escrita cerca de setenta anos mais tarde (veja observações).

**11-13.** Agora a carta cita a resposta dos judeus a Tatenai, na qual eles falam da história do seu templo desde o seu término em 960 A.C. até sua destruição em 586 A.C., e o decreto de Ciro para sua reconstrução em 538 A.C.

**16. Veio o dito Sesbazar, e lançou os fundamentos da casa.** Cons. 1:8; 5:14. Outro nome para Zorobabel, pois foi ele que lançou os fundamentos em 3:8-10. **E daí para cá se está edificando.** A terminologia hebraica aqui não impossibilita uma interrupção na obra (E.J. Young, *An Introduction to the Old Testament*, pág. 373). O ponto é que não houve uma ordem de "cessar obras" oficial vinda da corte persa (contraste com 4:23) desde os dias de Cito até o presente.

**17.** Mesmo se o decreto de Ciro fosse encontrado e fosse favorável, Tatenai provavelmente esperava que Dario, o fundador de um novo ramo da dinastia acata, o revogasse (veja observações sobre 6 1, 2).

## **Esdras 6**

### **C. Decretos de Ciro e Dario. 6:1-12.**

Além de Dano encontrar o decreto de Ciro relativo aos judeus e seu templo, também criou um próprio, ordenando a Tatenai que ajudasse os judeus em sua Obra e ameaçando aqueles que alterassem seu decreto.

**1, 2. Nos arquivos reais em Babilônia . . . em Acmetá.** Keil destaca que a vasta complexidade do Império Persa e a confusão geral que acompanhou a mudança do poder real da linhagem de Cito para a linhagem de Dario em 521 A.C., ajudam a explicar por que alguns decretos anteriores teriam sido esquecidos. Mas é um tributo à eficiência da administração persa que os registros estivessem seguramente arquivados em uma elaborada rede de arquivos centralizada **em Babilônia** e estendendo-se por filiais distantes como a de **Acmetá** (Ecbatana), capital do antigo império meda. **Os arquivos** (v. 1) são arquivos mesmo, mas o **rolo** (v. 2) quer dizer um rolo de papiro ou couro (outra palavra hebraica) e não a costumeira tabuinha de barro. Possivelmente todos os antigos rolos estavam arquivados na biblioteca de Ecbatana por causa do ar que não era tão quente e úmido como o da Babilônia.

**3.** Para uma explicação da diferença entre este decreto de Cito e o de Esdras 1, veja E.J. Young (*op. cit.*, pág. 372). Enquanto um consistia de proclamação pública, o outro era um complemento oficial mais detalhado para os arquivos. **A sua altura de sessenta côvados.** O pórtico do Templo de Salomão tinha duas vezes essa altura (II Cr. 3:4).

**8. Também por mim se decreta.** Além de Dario advertir Tatenai que deixasse os judeus em paz por causa do decreto de Cito, também acrescentou um decreto próprio que deve ter assombrado Tatenai e seus companheiros. **Da tesouraria real . . . dos tributos dalém rio, se pague pontualmente a despesa a estes homens.** Cons. 6:4. Isto provavelmente prejudicou o bolso de Tatenai, pois ele tinha a sua parte nos tributos.

**10. Para que ofereçam sacrifícios . . . ao Deus dos céus, e orem pela vida do rei e de seus filhos.** Dario podia pronunciar estas palavras facilmente sem abandonar o seu politeísmo. Orar pelos reis está implícito na ordem de Jeremias aos judeus exilados (Jr. 29:7). Carl F. Keil (*The*

*Books of Ezra, Nehemiah, and Esther*, pág. 87) mostra que isto foi feito nos séculos posteriores também (1 Macabeus 7:33; 12:11; Js. *Antiq.* 12. 2. 5).

**11. Uma viga se arrancará ... e que seja ele levantado e pendurado nela.** Keil cita Heródoto (III. 159) que conta que Dano empatou 3.000 babilônios depois de tomar a cidade. Portanto esta não era uma ameaça infundada! **E que da sua casa se faça um monturo.** Cons. Dn. 2:5; 3:29; II Reis 9:37.

**D. O Templo é Terminado. 6:13-22.** Com a ajuda de governadores seculares e profetas piedosos, os judeus terminaram o seu templo dentro de cinco anos e o dedicaram a Jeová com grande alegria. Um mês mais tarde, multidões se ajuntaram em Jerusalém para celebração da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos.

**14. Segundo o decreto de Ciro, de Dario, e de Artaxerxes, rei da Pérsia.** Esdras tomou o cuidado de acrescentar o nome de seu próprio rei, Artaxerxes, porque este ajudou na manutenção do Templo (7:15, 16, 21).

**15. No dia terceiro do mês de adar.** Foi em 12 de março de 515 A.C., quatro anos e meio depois de começada a obra com perseverança. Enquanto o Templo estava sendo construído sucederam-se os acontecimentos de Zacarias 7.

**17.** Salomão ofereceu duzentas vezes mais novilhos e carneiros por ocasião da dedicação do seu Templo! II Reis 8:63).

**19. A páscoa.** Isto aconteceu em 21 de abril de 515 A.C., exatamente cinco semanas depois da dedicação do Templo. Começando com este versículo, o texto volta novamente ao hebraico.

**20. Os sacerdotes e levitas se tinham purificado como se fossem um só homem.** Como um, sem exceções. Os levitas substituíram os chefes de famílias (Êx. 12:6) e mataram os cordeiros pascais para os leigos (que poderiam estar imundos) e os sacerdotes i que estavam ocupados demais). Cons. II Cr. 35:11, 14, 15.

**21.** Dois grupos de judeus foram mencionados aqui, aqueles que retornaram da Babilônia e aqueles que ficaram na terra, misturando-se com os pagãos (II Reis 17:33).

**22. O rei da Assíria.** Uma vez que os pensas agora governavam os antigos territórios da Assíria, pode se dizer que Dario era o rei da Assíria, tal como Ciro fora rei da Babilônia.

#### **IV. A Viagem de Esdras a Jerusalém. 7:1 – 8:36.**

##### **Esdras 7**

**A. Apresentação de Esdras. 7:1-10.** Agora se apresentam as ligações familiares e características pessoais de Esdras, como também um pequeno sumário de sua grande viagem.

**1. Passadas estas coisas.** Entre os capítulos 6 e 7, há um intervalo de cinquenta e oito anos, durante os quais tiveram lugar os acontecimentos do livro de Ester. Isto poderia explicar a atitude favorável de Artaxerxes para com Esdras. **Esdras, filho de Seraías.** Seraías era sumo sacerdote em 586 A.C. (II Reis 25:18). Mas Esdras devia descender de um filho mais jovem de Seraías, porque ele não foi chamado de "filho de Jozadaque", como Jesua (Ed. 3:2; I Cr. 6:14); e portanto seus ancestrais imediatos não se encontravam na linhagem sumo-sacerdotal.

**3. Azarias, filho de Meraiote.** Para encurtar a lista, seis nomes foram excluídos entre esses dois (I Cr. 6: 7-11).

**6. Ele era escriba versado na lei de Moisés.** Escriba. O *soper* hebraico significava anteriormente "secretário". Mas no tempo de Jeremias os escribas também eram professores da Bíblia (Jr. 8:8), e esse é o significado aqui.

**7-9.** A viagem de 1.448kms levou quatro meses – 27 de março a 24 de julho de 457 A.C.

**10. Porque Esdras tinha disposto o coração.** Veja em II Cr. 12:14; 19:3; 30:19, expressões semelhantes.

**B. Carta de Artaxerxes para Esdras.**

**7:11-28.** Artaxerxes escreveu uma carta em aramaico para Esdras, dando-lhe permissão para levar voluntários judeus, ouro e prata e os utensílios do templo de volta a Jerusalém. Além disso, fez ampla provisão de mantimentos e ministros para o templo, e deu autoridade a Esdras para nomear magistrados e juízes.

**14. Seus sete conselheiros.** A suprema corte de Artaxerxes (cons. Et. 1:14; Heródoto, III, 84). **Para fazeres inquirição a respeito de Judá e Jerusalém.** Ao que parece, Esdras tinha uma posição na corte persa que correspondia à de Secretário de Estado para os negócios judeus.

**18. O que a ti . . . , bem parecer.** Poderia Esdras interpretar isto como permissão inclusa para reconstrução dos muros da cidade? **E a teus irmãos.** Os sacerdotes.

**20-22.** Artaxerxes seguiu os exemplos de Ciro e Dario (cons. 6:4, 8). O total que foi dado chegou a **cem talentos de prata** (cerca de US\$ 100.000), **cem coros de trigo** (22.000 litros), **cem batos de vinho** e de **azeite** (2.631 litros).

**25. Que julguem a todo o povo que está dalém do Eufrates.** Isto é, os judeus ("a todos os que sabem as leis de teu Deus"). **E ao que não as sabe, que lhas façam saber.** Judeus que não tivessem conhecimento das Escrituras deviam ser instruídos nelas. Sem dúvida Esdras sugeriu a Artaxerxes o que o decreto deveria conter. A última provisão, particularmente, coincidia com o alvo da vida do escriba (v. 10).

**27, 28.** Esdras reconhecia, neste notável decreto, que Jeová inclinara o coração do rei para o Seu povo (Pv. 21:1). O embelezamento do Templo foi a causa principal para a ação de graças, pois o restabelecimento do culto a Deus foi a chave do reavivamento.

**Esdras 8****C. A Viagem a Jerusalém. 8:1-36.**

Cerca de 1.500 sacerdotes e chefes de famílias partiram da Babilônia com Esdras. Além desses, Esdras convidou alguns levitas e

netinins de Casifia. Confiou os tesouros do templo a vinte e quatro sacerdotes e levitas. Após um período de oração e jejum, o grupo encetou a longa viagem a Jerusalém. Quatro meses depois chegaram à cidade e depositaram seus tesouros no templo. Ofereceram sacrifícios sobre o altar e entregaram as ordens de Artaxerxes às devidas autoridades.

**2. Gérson . . . Daniel.** Esses chefes das famílias sacerdotais eram descendentes do terceiro e quarto filho de Arão respectivamente (veja v. 24, observação). É estranho que nenhum total dos sacerdotes seja apresentado, nem da família de **Hatus**, um descendente do Rei Davi.

**3-14.** Esta lista de genealogias também se encontra entre as dezessete genealogias de Ed. 2:3-15, com exceção de **Joabe** (v. 9). **Dos filhos de Zatu e Bani** provavelmente deveria aparecer em 8: 5, 10 (LXX e I Esdras), concordando com os mesmos nomes em 2: 8, 10. O fato dos mesmos nomes aparecerem com oitenta anos de intervalo indica que são nomes de famílias, não de indivíduos que viveram no tempo de Zorobabel e Esdras. Alguns membros dessas famílias retornaram com Zorobabel, mas outros membros não retornaram até os dias de Esdras.

**15. Onde ficamos acampados três dias.** Considerando que finalmente partiram do rio Aava (localização desconhecida, provavelmente um canal) no duodécimo dia (v. 31), deviam ter viajado nove dias a partir da Babilônia até aquele ponto (cons. 7:9). **Nenhum dos filhos de Levi.** Só 341 levitas retornaram com Zorobabel, em comparação com os 4.289 sacerdotes (2:36-42).

**17. Ido, chefe em Casifia.** Isto devia ser uma colônia de levitas e netinins. Ido era provavelmente um levita.

**18-20. Um homem entendido.** Provavelmente um nome próprio, Ichechel, um descendente de Mali, neto de Levi (Êx. 6:16,19). **Serebias e Hasabias** foram novamente mencionados em Ed. 8:24 (observação).

**21-23. Então apregoei ali um jejum.** Veja outros exemplos do V.T. de jejum para obter resposta às orações, em Jz. 20:26; I Sm. 7:6; II Cr. 20:3; Joel 1:14. Desta vez, nenhuma coluna de nuvem apareceu para



conduzir os peregrinos de volta à Terra Santa; mas a mão do Senhor os conduzia (Ed. 8:22). **Porque tive vergonha de pedir . . . exército e cavaleiros.** Esdras deu assim um bom testemunho. Mas o fato de Neemias ter uma escolta (Ne. 2:9) apenas prova que nossas vidas e circunstâncias diante de Deus nunca são idênticas. **E ele nos atendeu.** Assim Esdras olha para trás e contempla uma viagem segura e bem sucedida.

**24. Serebias, Hasabias, e dez dos seus irmãos.** Estes eram levitas obviamente (vs. 18, 19), perfazendo doze sacerdotes e doze levitas. Nenhum desses doze sacerdotes foram mencionados aqui, mas dois foram citados no versículo 2.

**25-27.** Veja o decreto de Artaxerxes em 7:14-16. O ouro, a prata e os utensílios preciosos valiam cerca de US\$ 3.000.000. Não foi por menos que Esdras proclamou um jejum para buscarem a proteção de Deus na viagem!

**31, 32.** Partiram de Aava em 8 de abril de 457 A.C., e chegaram a Jerusalém em 24 de julho (7:9). 1.448 kms em quatro meses perfazem cerca de 11, 26kms por dia. Foi uma boa média, considerando que havia crianças (v. 21), além de muito equipamento a ser transportado. E a boa mão do nosso Deus estava sobre nós. Cons. o testemunho de Esdras em 8:22. **Repousamos ali três dias.** Cons. Ne. 2:11.

**35, 36.** Que alegria tiveram aqueles judeus ao poderem oferecer sacrifícios sobre o verdadeiro altar de Deus! Entre eles havia sacerdotes e levitas que jamais tinham visto Jerusalém ou o seu templo. **Aos seus sátrapas e aos governadores.** Eram os sátrapas e governadores dos distritos que rodeavam Judá. Judá nessa ocasião e por muitas décadas depois foi considerada como parte de um setor governamental mais extenso.

## V. A Grande Reforma. 9:1 – 10:44.

## Esdras 9

A. A Trágica Notícia e a Oração de Esdras. 9:1-15. Quando Esdras foi consultado pelos governadores judeus em relação aos casamentos mistos contraídos nos últimos anos, ele foi tomado de tristeza, e sua profunda angústia trouxe a convicção do pecado a muitos corações.

Sua grandiosa oração não continha pedidos de perdão, mas forneceu a devida atmosfera para a confissão e abandono do pecado da parte da congregação. Ele contrastou a lealdade divina com a desobediência de Israel, pela qual a nação merecera extinção.

**1. Acabadas, pois, estas coisas.** Provavelmente passaram diversos meses depois dos acontecimentos de 8:36, pois estamos agora no mês de dezembro (10:9). Vieram ter comigo os príncipes. Todas as classes sociais da nação estavam envolvidas neste recente pecado; mas uma vez que foram os príncipes que deram o exemplo (9:2), foram eles e não os sacerdotes que primeiro vieram ter com Esdras. Cinco das sete nações cananitas foram aqui relacionadas (Dt. 7:1; Atos 13:19), além de três outras. Esses povos pagãos da terra escaparam à deportação de Nabucodonosor.

**2. Assim se misturou a linhagem santa.** Cons. Êxo. 19:5; Is. 6:13.

**3. Arranquei os cabelos da cabeça.** Rasgar a roupa era sinal de profunda aflição (Lev. 10:6; Is. 7:6); mas arrancar uma porção dos cabelos e barba era expressão de ira violenta e indignação moral (Is. 50:6; Ne. 13:25). Esdras percebeu claramente que por causa da santidade de Deus, pecado tão grave só poderia resultar em outro período de cativeiro.

**4. Os que tremiam das palavras do Deus de Israel.** Cons. 10:3; Is. 66:2, 5; Sl. 119:120, 161. A atitude de um homem para com a Palavra de Deus é um dos critérios definitivos para se medir a sua espiritualidade.

**8. Agora por breve momento.** Literalmente. Oitenta anos na Terra Santa pareciam um curto espaço de tempo quando comparados com os séculos de sofrimentos sob os assírios e babilônios (cons. Ne. 9:32).

**Estabilidade no seu santo lugar.** Cons. Is. 22: 23. O templo era como um ponto de referência que mantinha a comunidade unida. **Para nos alumia os olhos, ó Deus nosso.** Cons. Sl. 13: 3; I Sm. 14:27, 29.

**9. Porque somos servos.** Nenhum judeu bem instruído pensava que o Milênio já tivesse despontado quando o remanescente de Zorobabel retornou à Palestina (cons. Is. 14:1-3). **Para que nos desse um muro de segurança em Judá e em Jerusalém.** Muro aqui é figurativo. A palavra no hebraico *gader* significa muro ou cerca de vinha, construída para sua proteção (Is. 5:2,5). Uma vez que os reis da Pérsia os protegiam, eles eram num certo sentido um "muro" entre Judá e seus inimigos.

## Esdras 10

### B. Casamentos Mistos São Desfeitos. 10:1-17.

A oração de confissão de Esdras produziu o desejado efeito, e muitos se lhe juntaram para confessarem seus pecados. Foi feita uma proclamação que todos os judeus deviam apresentar-se em Jerusalém dentro de três dias. Contudo, a complexidade do problema e o tempo inclemente obrigou a um adiamento do processo judicial. Finalmente, os judeus culpados foram levados ao tribunal e forçados a abandonar suas esposas estrangeiras.

**1. Prostrado diante da casa de Deus.** Embora prostrado no pátio do Templo, ele continuava de joelhos (9: 5). **O povo chorava com grande choro.** Os judeus foram sensibilizados até as lágrimas por causa dos pecados da nação, vistos agora sob uma luz inteiramente nova. Esdras conseguiu muito mais através de amorosa e sincera preocupação do que jamais teria conseguido por meio da força.

**6. Na câmara de Joanã, filho de Eliasibe.** Josefo (*Antiq.* 11. 5. 5) declara que Joiachim (Ne. 12:10) era sumo sacerdote quando Esdras chegou a Jerusalém. Seu filho, o Eliasibe deste versículo, foi sumo sacerdote no tempo de Neemias (Ne. 13:4,7). Uma vez que Ne. 12:10 declara que Joanã (Jonatã) era neto de Eliasibe, podemos dizer que o Joanã do nosso versículo era um irmão mais moço de Joiada, filho de

Eliasibe. Em homenagem do seu irmão, Joiada chamou seu próprio filho de Joanã também. É inteiramente razoável supormos que o neto do sumo sacerdote Joiaquim tivesse um aposento no templo nos dias de Esdras.

**8. Todos os seus bens seriam totalmente destruídos.** Literalmente, *consagrados*. Isto provavelmente não se refere à destruição, como no caso de cidades idólatras (Dt. 13:12-17), mas à apropriação em benefício do templo (Lv. 27:28).

**9.** Em 8 de dezembro de 457 A.C., uma imensa multidão de judeus, não cabendo dentro da pequena cidade (cons. Ne. 7:4), ajuntou-se no espaço aberto que havia defronte da Porta das Águas no extremo sudeste do pátio do templo (Ne. 3:26; 8:13, 16; 12:37) para ouvir a solene mensagem de Esdras (Ed. 10:10, 11). **Tremendo por causa desta coisa e por causa das grandes chuvas.** Dois fatores criaram muito desconforto entre o povo : um temor esmagador da ira de Deus sobre a nação; e a chuva torrencial que caracteriza o mês de dezembro em Jerusalém.

**15. No entanto Jônatas . . . e Jaseías . . . se opuseram a esta coisa.** A oposição destes dois homens e seus dois partidários poderia ter surgido devido à solidariedade para com os lares que estavam sendo ameaçados com a divisão. Neste caso, eles não encaravam a questão pelo prisma divino, e sua oposição felizmente fracassou.

**17. E o concluíram no primeiro dia do primeiro mês.** Parker e Dubberstein (*Babylonian Chronology* 626 A.C. – 75 A.D.) demonstraram que houve um mês intercalado nesse ano, de modo que o exame na realidade durou quatro meses e não três, e terminou em 15 de abril de 456 A.C. Isto aconteceu cerca de um ano depois que Esdras partiu do rio Aava.

### **C. Lista Daqueles que Tinham Esposas Estrangeiras. 10:18-44.**

Dezessete sacerdotes, dez levitas e oitenta e seis homens da congregação de Israel foram declarados culpados e cada um separou-se de sua esposa estrangeira, oferecendo depois um carneiro pela sua culpa.

**18.** Todas as quatro ordens sacerdotais estão aqui representadas, comprovando a declaração dos príncipes (9:1; cons. 2:36-39).

**19. Com um aperto de mão . . . ofereceram um carneiro do rebanho pela sua culpa.** Fizeram um trato solene, empenhando a mão direita como ratificação (Pv. 6:1; Ez. 17:18), com a promessa de que abandonariam suas esposas estrangeiras. Veja Lv. 5:14-16 quanto à ordem de oferecer um cordeiro pela culpa.

**44. Alguns dos quais tinham filhos destas mulheres.** Isto foi mencionado para mostrar como essa separação foi cabal, sendo muito mais dolorosa do que se não houvessem filhos. "Sem dúvida fez-se provisão adequada pelas mulheres e crianças repudiadas, de acordo com os meios e circunstâncias dos maridos" (Robert Jamieson, *Commentary on Ezra* em JFB). Uma comparação com Ne. 10:30 (doze anos mais tarde) e Ne. 13:23 (cerca de trinta anos depois) mostra que o mal não foi permanentemente eliminado. Longa associação com vizinhos pagãos tornou essa separação definida uma coisa difícil de entender para judeus menos instruídos. Mas Esdras era o homem de Deus para aquela hora, pelo menos para aquela geração, a fim de que o testemunho da nação fosse preservado para o final cumprimento dos propósitos divinos.

# NEEMIAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	

## INTRODUÇÃO

**Título.** Tal como Esdras, o Livro de Neemias tem o seu título extraído do personagem principal. Veja na Introdução a Esdras o comentário sobre a relação que existe entre o Livro de Neemias e o Livro de Esdras, e desses dois livros canônicos com o livro apócrifo de Esdras A.

**Data e Autoria.** O fato da narrativa estar escrita na primeira pessoa do singular em muitos lugares evidencia que o livro foi escrito pelo próprio Neemias. Os lugares onde ele está mencionado na terceira pessoa (8:9; 10:1; 12:26, 47) podem ser explicados em harmonia com sua autoria. Por exemplo, 12:26 e 12:47, que parecem lembrar os "dias de Neemias", foram ambas citações em conjunto com os dias de alguma outra pessoa. A bem da uniformidade de estilo, é melhor usar a terceira pessoa do que dizer: "nos dias de Fulano e nos meus dias". Além disso, talvez Neemias estivesse afastado do governo e estivesse aqui lembrando sua administração.

Sérias objeções à unidade do livro foram levantadas por alguns por causa da menção, no mesmo capítulo, de Jadua (12:11, 22) como sendo o bisneto do sumo sacerdote Eliasibe, e de Dario, o persa (12:22). Argumentos que favorecem colocar Jadua no final do quinto século A.C. e de identificar Dario, o persa, como o Dario II (423-404 A.C.), estão nas observações sobre 12:22.

A historicidade do livro já ficou bem estabelecida pelo descobrimento dos papiros elefantinos, que mencionam Joanã (12:22, 23) como sumo sacerdote de Jerusalém, e os filhos de Sambalá (o grande inimigo de Neemias) como governadores de Samaria em 408 A.C. Também ficamos sabendo por meio desses papiros que Neemias deixou de ser governador da Judéia antes desse ano, pois Bagoas foi mencionado como ocupando essa posição.

**Antecedentes Históricos.** Artaxerxes I, o qual Neemias serviu como copeiro, era filho de Assuero (Xerxes), que tomou Ester por sua rainha. A Festa do Purim (Et. 9:20-32) foi instituída em 8 de março de 473 A.C., apenas oito anos antes de Artaxerxes I tornar-se rei. Na primavera de 457 A.C., Esdras dirigiu uma expedição de judeus de volta a Jerusalém com a bênção de Artaxerxes; e na primavera seguinte, ele já tinha terminado o exame daqueles que, na Judéia, tinham se casado com mulheres estrangeiras (veja observações sobre Esdras 10).

Um dos subprodutos do reavivamento de Esdras parece ter sido um esforço da parte dos judeus de reconstruir os muros de Jerusalém. Isto por outro lado provocou a ira de Reum e Sinsai, que escreveram uma acusação contra eles a Artaxerxes (Ed. 4:7-16). O rei ordenou que a obra fosse interrompida até que se publicasse outro decreto (Ed. 4:21). Reum e Sinsai, depois de receber este decreto do rei, correram a Jerusalém e "de mão armada os forçaram a parar com a obra", presumivelmente derrubando o muro já começado e queimando os portões (Ed. 4:23; Ne. 1:3). Foi a notícia desse desastre recente que angustiou Neemias e o levou a se pôr de joelhos diante de Deus.

O Livro de Neemias engloba um período de pelo menos vinte anos, desde dezembro de 445 A.C. até cerca de 425 A.C., quando Neemias retornou da Babilônia para eliminar em Jerusalém e na província os diversos males infiltrados durante sua ausência desde 432 A.C. As vidas de Esdras e Neemias coincidem parcialmente, como se vê em Ne. 8:1-9 e 12:26. É bastante provável que Malaquias profetizasse durante o governo

de Neemias, pois muitos dos males que ele denunciou se encontram destacados no Livro de Neemias.

Deve-se dizer, em conclusão, que nenhuma porção do Velho Testamento dá-nos um incentivo maior ao zelo dedicado e inteligente para com a obra de Deus do que o Livro de Neemias. O exemplo da paixão de Neemias pela verdade da palavra de Deus, fosse qual fosse o preço ou as conseqüências, é um exemplo urgentemente necessário na hora atual. Que um estudo deste livro, afiado à oração, leve um maior número dos filhos de Deus de hoje a "batalhar pela fé uma vez entregue aos santos".

## **ESBOÇO**

- I. A chegada de Neemias a Jerusalém. 1:1 – 2:20.
  - A. Trágicas notícias de Jerusalém e a oração de Neemias, 1 : 1-11.
  - B. O atendimento do pedido de Neemias. 2:1-8.
  - C. Neemias inspeciona os muros e faz seu relatório. 2:9-20.
- II. A construção do muro. 3:1 – 6:19.
  - A. Os operários e suas tarefas. 3:1-32.
  - B. A oposição dos inimigos. 4:1-23.
  - C. Reformas de Neemias como governador. 5:1-19.
  - D. O muro terminado apesar das intrigas. 6:1 – 7:4.
- III. Reformas civis e religiosas em Jerusalém. 7:5 – 10:39.
  - A. Lista dos judeus que retornaram com Zorobabel. 7:5-73.
  - B. A leitura e a obediência à Lei de Deus. 8:1-18.
  - C. Uma confissão pública e a aliança. 9:1 – 10:39.
- IV. Lista de habitantes. 11:1 – 12:26.
- V. Dedicção dos muros e organização do serviço do templo. 12:27- 47.
- VI. Reformas (mais de Neemias. 13:1-30.

## **COMENTÁRIO**

### **I. A Chegada de Neemias em Jerusalém. 1:1 - 2:20.**



## Neemias 1

### A. Trágicas Notícias de Jerusalém e a Oração de Neemias. 1:1-11.

Neemias fica sabendo que os muros e portões de Jerusalém foram destruídos e com grande remorso confessa a Deus os pecados de Israel, orando pelo livramento do Seu povo.

**1. Neemias, filhos de Hacalias.** Isto o distingue de outros com o mesmo nome (Ed. 2:2; Ne. 3:16), embora nada mais se saiba sobre o seu pai, nem sobre sua tribo. **No mês de quisleu, no ano vigésimo.** Isto foi em dezembro de 445 A.C., o vigésimo ano de Artaxerxes (2:1). **Na cidadela de Susã.** Em 478 A.C., Ester se tomou a rainha de Xerxes nesse mesmo palácio (Et. 2:8-18); e em 550 A.C., Daniel foi transportado para lá em uma visão (Dn. 8:2). **Hanani, um de meus irmãos.** Provavelmente um irmão consanguíneo (cons. 7: 2).

**3. A cidade . . . está assolada e tem as portas consumidas pelo fogo.** C.F. Keil (Os Livros de *Esdras, Neemias e Ester*) e outros insistem que isto se refere à destruição de 586A.C. Mas por que Neemias ficaria abalado com esta notícia? É mais provável que fosse uma destruição posterior (veja Antecedentes Históricos, e observações sobre Esdras 4:23).

**4-11.** Durante quatro meses (2:1), Neemias orou a Deus "dia e - noite" (1:6) em favor do Seu povo. **E os trarei para o lugar** (v. 9; cons. Dt. 12:5, 11, 14). Aqui Neemias não está orando para que maior número de exilados retomem a Palestina, mas pela proteção por aqueles que já se encontravam lá. Só pela proteção sobrenatural de Deus a cidade poderia sobreviver e ser restaurada. **Eu era copeiro do rei.** Era uma posição de destaque e de confiança na corte persa, pois era obrigação do copeiro provar o vinho do rei para verificar se não estava envenenado. "O copeiro... no fim do período aquemênida tinha mais influência que o comandante-em-chefe" (A.T. Olmstead, *The History of the Persian Empire*, pág. 217).

## Neemias 2

**B. O atendimento do Pedido de Neemias. 2:1-8.** A tristeza de Neemias na presença do rei provocou uma pergunta crítica, que levou Neemias a fazer o seu pedido de permissão para ir a Jerusalém a fim de reconstruir os muros. O rei atendeu não só a este pedido, mas também quanto às cartas de apresentação aos governadores do ocidente e com referência ao material para construção dos portões da cidade, do palácio e da cidadela.

**1. No mês de Nisã, no ano vigésimo do rei Artaxerxes.** Embora fosse o primeiro mês, era o vigésimo ano de Artaxerxes (cons. 1:1), porque seu ano oficial começava no sétimo mês – Tishri (outubro). **Posto o vinho diante dele.** Era provavelmente um banquete particular, pois a Tainha estava presente (v. 6).

**2. Por que está triste o teu rosto?... Então temi sobremaneira.** Neemias tinha motivos para temer, pois ficar triste na presença do rei era ofensa seria na Pérsia (cons. Et. 4:2). Além disso, ele sabia que o seu pedido do poder de deixar o rei muitíssimo irritado.

**4. Então orei ao Deus dos céus.** Esta rápida e silente oração apoiada por semanas de jejum e orações (1: 4-11), provocou uma das mais assombrosas inversões da política real em toda a história.

**5. Peço-te que me envies ... à cidade ... para que eu a reedifique.** Sem dúvida Neemias sabia do recente decreto de Esdras 4:21, com a possibilidade em aberto de um futuro decreto referente a Jerusalém. Agora ele pedia ao rei que invertesse o primeiro decreto.

**6. Estando a rainha assentada junto dele.** Era Damáspia. Lembrando-se do exemplo de Ester, talvez ela influenciasse Artaxerxes em favor desse judeu. **E marquei certo prazo.** Possivelmente era um prazo curto, mais tarde estendido; pois ele ficou em Jerusalém doze anos (5:14) e então voltou para junto do rei por diversos anos (13:6).

**7,8.** As cartas aos governadores ocidentais e a Asafe, as quais o rei garantiu a Neemias, provavelmente incluíam a sua nomeação como governador de Judá (5:14). A emissão dessas cartas, com autorização

para reconstruir Jerusalém e seus muros, é quase com certeza o decreto para "restaurar e construir Jerusalém" que daria início às setenta semanas dos anos proféticos de Dn. 9:24-27. **As matas do rei.** A palavra hebraica para **matas** é literalmente *paraíso*, significando um "parque ou pomar" (Cantares 4:13; Ec. 2:5). **A cidadela do templo.** A fortaleza que protegia o templo e dava para a extremidade noroeste de seus átrios. Hananias era o governador dessa cidadela (Ne. 7:2). Hircano I (134-104 A.C.) construiu ali uma acrópole (Jos. *Antiq.* 15:11 . 4), e mais tarde Herodes a reconstruiu e a chamou de *Antonia*. **A casa em que deverei alojar-me.** Seria o palácio do governador.

**C. Neemias inspeciona os muros e faz seu relatório. 2:9-20.** Depois de viajar até Jerusalém com escolta armada, Neemias inspeciona secretamente, durante à noite, os muros caídos. Ele desafia os judeus à reconstrução dos muros e responde aos insultos dos inimigos.

**9. O rei tinha enviado comigo oficiais do exército.** A posição oficial de Neemias exigia uma escolta militar (veja observações sobre Esdras 8:22). Esses soldados permaneceram em Jerusalém para sua proteção (Ne. 4:23).

**10. Sambalá, o horonita.** Ele era provavelmente de Bete-Horom Superior ou Inferior, cerca de 13kms a noroeste de Jerusalém. Um papiro elefantino menciona seus filhos como governadores de Samaria em 408 A.C. **Tobias, o servo amonita.** Talvez fosse um ex-escravo em Amom, ou possivelmente um servo do rei persa (veja observação sobre Esdras 4:7). **E muito lhes desagradou.** Neemias apela para a ironia a fim de descrever a atitude deles.

**12. Então à noite me levantei. . . não declarei a ninguém.** Foi uma atitude sábia que, com inimigos por todos os lados, ele mantivesse planos em segredo até que pudesse aquilata a verdadeira magnitude da tarefa. A fim de não chamar a atenção, seus companheiros foram a pé, enquanto ele cavalgava um cavalo ou mula.

**13-15.** Começando pelo portão que dava para o vale na extremidade sudoeste do muro da cidade, ele se dirigiu para o leste e então até o Vale do Cedrom (**pelo ribeiro**). Aqui seu caminho foi interrompido pelos muros em ruínas e ele foi forçado a desmontar. Contornando a cidade, ele entrou novamente pelo mesmo portão.

**16. Aos mais que faziam a obra.** Provavelmente aqueles que tinham trabalhado nos muros recentemente destruídos de Jerusalém.

**17. Estais vendo a miséria em que estamos.** Neemias absteve-se de acusar alguém por causa da situação e incluiu-se na dificuldade geral. Vinde, pois, reedifiquemos. . . e deixemos de ser opróbrio. A reconstrução dos muros acabaria para sempre com a condição exposta de sua cidade, que constantemente atraía ataques e o opróbrio dos seus inimigos.

**18. E lhes declarei . . . as palavras que o rei me falara.** Que ponto culminante para o seu discurso! Ninguém em Israel poderia negar a providência direta de Deus na alteração do decreto de Esdras 4:23 por Artaxerxes. O efeito foi imediato e sério: **E fortaleceram as mãos para a boa obra.** Era 19 de agosto de 444 A.C., pois o muro foi terminado cinquenta e dois dias mais tarde, em 21 de setembro (Ne. 6:15).

**19. Gesém, o arábio.** (Cons. 6:1, 2, 6). Provavelmente o governador de Dedã (Olmstead, *op. cit.*, págs. 295, 316), ou o chefe de alguma tribo árabe que vivia ao sul de Jerusalém (cons. 4:7). Zombaram de nós . . . Quereis rebelar-vos contra o rei? Cons. 4:1. Com sarcasmo interrogaram os judeus se pretendiam construir um muro suficientemente poderoso para resistir ao exército persa, contra o qual obviamente estavam se rebelando! (Cons. 6: 6).

**20. O Deus dos céus é quem nos dará bom êxito . . . vós, todavia, não tendes parte . . . em Jerusalém.** Por sua impressionante gravidade, a resposta de Neemias se compara com a de Zorobabel (Esdras 4:3). Só por meio de uma tal vigilância sem compromisso, a teocracia poderia ser perpetuada.

---

## II. A Construção do Muro. 3:1 - 6:19.

### Neemias 3

**A. Os Trabalhadores e Suas Tarefas. 3:1-32.** Começando pelo extremo nordeste da cidade, em sentido contrário dos ponteiros do relógio, Neemias relaciona neste capítulo oito diferentes portões e suas seções anexas de muro, junto com os homens que os reconstruíram. Pela ordem, foram: **Porta das Ovelhas** (extremidade nordeste); **Porta do Peixe** (norte); **Porta Velha** (extremidade noroeste); **Porta do Vale** (extremidade sudoeste); **Porta do Monturo** (sul); **Porta da Fonte** (extremidade sudeste, perto do Tanque de Siloé); **Porta das Águas** (leste, perto de Ofel); e **Porta dos Cavalos** (leste, perto do templo).

**1. Então se dispôs Eliasibe** (cons. Ed. 10:6; Ne. 12:10). Posteriormente esse velho sumo sacerdote (neto de Jesua e portanto provavelmente já com mais de oitenta anos) causou muitos problemas a Neemias (13:4). Onde estava Esdras nessa ocasião? Possivelmente em viagem de volta à Babilônia, mas ele retomou em tempo para o reavivamento do sétimo mês (8:1-18) e para a dedicação do muro (12:36c). **Consagraram-na, assentaram-lhe as portas.** Talvez dedicassem essa porta primeiro, a fim de santificar todo o empreendimento. Por outro lado, 6:1 declara que as portas não foram levantadas até mais tarde.

**5. Os seus nobres, porém, não se sujeitaram ao serviço do seu senhor.** Senhor, referindo-se a Neemias. Tecoá era a cidade natal do profeta Amós.

**26. E os servos do templo (netinins) que habitavam em Ofel.** Sabe-se hoje que Ofel é a colina imediatamente ao sul daquela sobre a qual o templo foi construído. Também era conhecida como São, e era o local da fortaleza dos jebusitas que Davi tomou e fez sua capital (II Sm. 5:6-10).

## Neemias 4

**B. A Oposição dos Inimigos. 4:1-23.** Quando Sambalá e seus aliados descobriram que o ridículo não bastava para interromper a obra, conspiraram ativamente contra os trabalhadores de Neemias. Muitos dos judeus ficaram desanimados e outros temeram por seus lares e famílias. Mas Neemias estabeleceu uma guarda continua de modo que o trabalho pôde prosseguir sem delongas.

**2. Permitir-se-lhes-á isso? Sacrificarão?** Em outras palavras: "Com o material e mão de obra completamente inadequados, será que eles realmente acham que poderão terminar este projeto? E para que serve oferecer sacrifícios? Deus não pode ajudá-los de qualquer maneral" (cons. Is. 36:7, 15). **Nascerão, acaso . . . as pedras que foram queimadas?** Pedras calcárias são amolecidas pelo fogo e perdem a sua durabilidade (Keil, *The Books of Ezra, Nehemiah and Esther*, in loc. ).

**5. Não lhes encubras a iniquidade.** Não permita que prossigam sem castigo (cons. Sl. 85:2, 3). **Na presença dos que edificavam.** Esses inimigos blasfemavam contra Deus diante dos construtores para desencorajá-los (cons. Ne. 6:5; II Reis 18:26, 27).

**7. Os arábios, os amonitas e os asdoditas.** Os árabes eram liderados por Gesém e os amonitas por Tobias (2:19). Os asdoditas, que pertenciam ao povo filisteu, foram provavelmente facilmente incitados por Sambalá a que lutassem contra seus velhos inimigos, os judeus.

**8. Ajuntaram-se todos de comum acordo para virem atacar Jerusalém.** Tornava-se óbvio agora que seria necessário mais que o ridículo (v. 2) e as raposas (v. 3) para interromper o trabalho! Por isso planejaram atacar, como em Esdras 4:23, "de mão armada". Mas o ataque tinha de ser secreto por 'causa do decreto favorável de Artaxerxes.

**9. Nós oramos . . . e . . . pusemos guarda.** Naquelas circunstâncias, oração e vigilância foram uma excelente combinação, ligando fé e responsabilidade.

**10, 11. Não podemos.** A combinação do desânimo por causa do excesso de trabalho e o medo dos planos invasores foram quase demais para o povo de Deus.

**12.** A ASV tem a melhor tradução aqui: *Dez vezes nos disseram de todos os lugares: Deveis retomar a nós.* Judeus em cidades distantes (3:2, 5, 7) queriam que seus homens acabassem com o projeto da construção dos muros e ajudassem a defender suas famílias contra as ameaças dos inimigos.

**13, 14. Não os temais.** Aparentemente Neemias introduziu esses judeus e suas famílias dentro da cidade. Ele os colocou em espaços abertos por trás do muro e os supriu de armas para que protegessem suas famílias e também a cidade.

**15. Ouvindo os nossos inimigos que já o sabíamos.** Os inimigos deviam ter abandonado seus planos de atacar quando viram os guardas judeus de prontidão sobre os muros. A crise passou, o trabalho do muro pôde continuar.

**16. Metade dos meus moços trabalhava na obra.** Eram provavelmente servos oficiais que trabalhavam para Neemias na qualidade de governador (4:23; 5:10, 16). **Couraças.** Casacos de couro cobertos com finas escamas de metal. **Os chefes estavam por detrás de toda a casa de Judá.** Em caso de ataque, cada chefe estava preparado a liderar a sua gente contra o inimigo.

**17,18.** O significado parece ser que cada um dos que transportavam o material levava uma arma em uma das mãos, enquanto que cada construtor usava ambas as mãos no trabalho mas mantinha uma espada à cinta. O que tocava a trombeta. Para dar o alume em caso de perigo (cons. v. 20). **21.** Metade empunhava as lanças. Metade daqueles que foram mencionados em 4:16.

**22. Cada um . . . fique em Jerusalém.** Ao que parece, nem todos os trabalhadores ficavam na cidade à noite. Voltar para suas aldeias, além de tomar tempo valioso, deixava também a cidade exposta aos ataques noturnos.

**23. Não largávamos as nossas vestes.** Os servos do próprio Neemias e a guarda pessoal persa dava o exemplo de vigilância. A última frase do hebraico é obscura. Keil a traduz: cada um deixava a sua arma à direita; isto é, quando dormia, sua arma ficava pronta à mão.

## Neemias 5

**C. Reformas de Neemias como Governador. 5:1-19.** Este capítulo parentético descreve como Neemias conseguiu acabar com a prática da usura, que resultara em extrema pobreza e até mesmo escravidão para muitos judeus. Durante seus doze primeiros anos de governador, ele foi um exemplo de desprendimento e generosidade para com seus companheiros judeus.

**1. Foi grande, porém, o clamor do povo.** É possível que isto acontecesse durante os cinquenta e dois dias da construção do muro, por causa da interrupção do comércio normal; mas a convocação de uma grande assembléia (v. 7) e as palavras do versículo 14 sugerem um período posterior, apesar da posição do capítulo.

**2-5. Porque havia os que diriam.** Esta frase divide os que se queixavam em três categorias: 1) famílias grande sem propriedades; 2) famílias com propriedades, que se encontravam em vias de hipotecá-las; e 3) aqueles que estavam tomando dinheiro emprestado para pagamento de impostos com penhora de suas colheitas, sem possibilidade de pagamento, sendo forçados a venderem seus filhos como escravos. Quanto às leis de empréstimos, penhora e escravos hebreus devido à dívidas (que deviam ser libertados após seis anos, ou no ano do jubileu), veja Êx. 21:2-11; Lv. 25:10-17, 39-55; Dt. 15:7-18.

**7. Sois usurários, cada um para com seu irmão.** "O empréstimo de dinheiro, etc., com cobrança de juros não é coisa que a Bíblia considere errada por si mesma (Dt. 23:19, 20; Mt. 25:27), mas era proibida entre os israelitas (Êx. 22:25), uma vez que o dinheiro era emprestado para alívio de situações angustiantes, não para comércio" (J. Stafford Wright, *New Bible Commentary*).



**8. Negociaríeis vossos irmãos?** Neemias e outros que respeitavam a Lei haviam resgatado seus irmãos judeus vendidos a senhores pagãos. Mas esses usurários tinham vendido seus irmãos aos pagãos desafiando a Lei! (Lv. 25:42).

**9. Por causa do opróbrio dos gentios.** Os judeus eram alvo constante da observação e ódio das nações inimigas, sendo isto poderoso motivo para viverem de maneira limpa e consistente.

**11.** Neemias apelou aos judeus ricos que restaurassem imediatamente as propriedades que mantinham penhoradas (v. 5c) e que também parassem de cobrar de seus devedores judeus o centésimo do dinheiro (provavelmente um por cento ao mês, ou 12 por cento ao ano, como a "centésima" dos romanos). Assim seus "irmãos" teriam uma possibilidade de começar a pagar o principal.

**12,13. E os fiz jurar.** Tal como Esdras antes dele (Ed. 10:5), Neemias insistiu em confirmar promessas verbais com juramento administrado pelos sacerdotes. Desta vez foi enfatizado por um ato simbólico descritivo de advertência contra os transgressores (cons. Atos 18:6), e confirmado por um "amém" de toda a congregação, cuja maior parte sem dúvida estava se beneficiando com esta reforma atrasada.

**14. Nem eu nem meus irmãos comemos o pão devido ao governador.** Exatamente antes do término de seu primeiro período administrativo de governador da Judéia (cons. 13:6), Neemias fez lembrar que por doze anos (444-432 A.C.), por causa da pobreza que prevalecia (v. 18), nem ele nem os da sua casa exigiram os safados a que tinham direito de receber do povo. Embora rico, o governador sacrificara muito em favor de Israel.

**15. Mas os primeiros governadores . . . oprimiram o povo.** Esses foram provavelmente persas que não temiam a Deus (cons. 15c). Podemos ter a certeza de que ele não estava se referindo a Zorobabel Quarenta siclos de prata. "Isto (como os juro do v. 11) provavelmente se refere ao mês. Os primeiros governadores recebiam o sustento de 480 siclos por ano de salário. Os 480 siclos seriam apenas US\$ 360 em prata; mas isto

devia representar um grande salário oficial segundo os valores daquele tempo" (Howard Crosby, *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*, in loc.).

**16. Terra nenhuma compramos.** Neemias cooperou com a obra dos muros e não impôs hipotecas sobre terras por meio de empréstimo de dinheiro ou sementes (v. 10).

**17.** Neemias recebia à mesa, regularmente, 150 convivas, além daqueles judeus que retomavam das nações ao redor e que não encontravam lugar para viver na cidade. Tudo isso saía do seu próprio bolso. A rainha Jezabel recebia 400 profetas de Asera "em sua mesa", isto é, ela os sustentava (I Reis 18:19).

**18. Um boi e seis ovelhas.** Compare com I Reis 4: 22, 23, onde se registra que Salomão servia trinta bois e cem ovelhas diariamente. Os tempos estavam realmente mudados!

**19. Lembra-te de mim para meu bem, ó nosso Deus.** Cons, 13:14, 22, 31.

## **D. O Muro é Terminado apesar das Intrigas. 6:1 - 7:4.**

### **Neemias 6**

Tendo falhado em apanhar Neemias em uma armadura em Ono, onde o chamaram para conferenciar, Sambalá envia uma carta aberta a Jerusalém acusando Neemias de se proclamar rei. Ele tenta também amedrontar Neemias para que se esconda no templo. Mas apesar dos falsos profetas e falsos irmãos, os muros foram finalmente terminados para consternação do inimigo; e guardas especiais são colocados para guardar a cidade.

**2. Nas aldeias, no vale de Ono.** Tentando aparentar imparcialidade, deixando que Neemias escolhesse a aldeia, Sambalá e Gesém tentaram engodar o governador, fazendo-o afastar-se 32kms para o norte, onde seria morto ou raptado.

**3,4. Estou fazendo grude obra.** Neemias via sua tarefa de maneira adequada. Sua presença em Jerusalém era desesperadamente necessária

para se completar os muros, para não se falar da futilidade e perigo óbvio que havia em uma viagem até Uno, que ficava 11kms a leste de Jope.

**5. Uma carta aberta.** Para desanimar os trabalhadores, esta carta de acusação contra Neemias foi pública. Possivelmente foi escrita em papiro e exposta ou lida em voz alta em um ajuntamento público em algum lugar de Jerusalém.

**6, 7.** Sambalá, que tinham o apoio de Gasmu (o mesmo Gesém, o árabe, 2:19), acusava Neemias de se proclamar rei e de alugar profetas para sustentar suas reivindicações. Talvez profetas como Malaquias, por exemplo, estivessem nessa mesma ocasião pregando sobre o Rei Messias, e suas mensagens foram propositadamente deturpadas por Sambalá para colocar Judá em dificuldade com os persas. O propósito da carta era forçar Neemias a vir para uma entrevista a Ono, a fim de esclarecer as suspeitas.

**10.** Com medo de Sambalá, Semaías, o falso profeta, convidou Neemias à sua casa para lhe revelar uma conspiração contra a vida do governador. Ele queria que Neemias soubesse que Deus lhe revelara a conspiração de Sambalá e que a hora fatídica seria naquela mesma noite. A única esperança, disse ele, consistia em se refugiarem no templo.

**11-13.** Mas isto desmascarou a traição de Semaías, pois Neemias sabia que Deus não o faria contrariar a lei mosaica que proibia aos leigos a entrada no templo (Núm. 1:15; 18:7). Tal atitude covarde e crime cerimonial teria, de qualquer maneira, prejudicado permanentemente o seu testemunho em Israel. Novamente Satanás ultrapassou-se.

**14. Da profetiza profetisa Noadia e dos mais profetas.** Tão pouco tempo depois do Cativoiro a terra já estava novamente amaldiçoada com falsos profetas! (Veja Ez. 13 quanto a denúncia divina de falsos profetas e profetizas durante o período do Cativoiro.) A conspiração de 6:10-13 foi sem dúvida apenas uma das muitas que aumentou o fardo já pesado do líder. Como nos dias de Jesus, os falsos líderes religiosos eram os inimigos mais determinados e inescrupulosos dos verdadeiros servos de Deus.

**15,16. Em cinqüenta e dois dias.** A obra foi terminada entre 19 de agosto e 21 de setembro de 444 A.C. Isto pode parecer um período extremamente curto; mas havia milhares de trabalhadores zelosos, os muros não estavam completamente destruídos (era principalmente uma tarefa de reparar brechas; veja 6:1), e a Porta de Efraim, que não foi mencionada no capítulo 3, talvez nem estivesse danificada. Não obstante, foi realmente uma realização tremenda, na qual os inimigos dos judeus perceberam a mão de Deus.

**17-19.** Concluindo sua narrativa sobre as conspirações e intrigas, Neemias fala da aliança de Tobias com os nobres judeus através de seu casamento com a filha de **Secanias, filho de Ará** (Ed. 2:5), e o casamento de seu filho **Joanã com a filha de Mesulão** (Ne. 3:4, 30). Mais tarde, até o sumo sacerdote fez uma aliança com ele (13:4 -8). Keil sugere que Tobias e seu filho (tendo genuínos nomes judeus) talvez fossem descendentes das tribos do norte embora estivessem ligados também aos amonitas naturalizados (2:10). **Tobias escrevia cartas para me atemorizar.** Ao que parece, alguns nobres judeus comprovavam sua aliança com Tobias, sendo os portadores de algumas de suas ameaçadoras cartas a Neemias, como a do versículo 6.

## Neemias 7

**7:1,2.** Quando os muros foram concluídos, Neemias colocou as diversas portais (cons. 6:1). Ele nomeou cantores e porteiros levíticos - cujo trabalho era normalmente o cuidado do templo e das portas dos átrios (26:12-19) - para guardarem as portas da cidade ("enquanto os guardas ainda estão ali, que se fechem as portas e se tranquem" - v. 3). Então colocou seu irmão Hanani (1:2) e Hananias, o governador da cidadela (ao norte do templo, 2:8), como responsável pela cidade.

**3. Cada um no seu posto diante de sua casa.** Durante a noite os habitantes de Jerusalém deviam guardar a cidade, presumivelmente um

grupo colocado em diversos postos espalhados pelo muro e o outro junto às casas para guardar as diversas partes da cidade.

#### **4. A cidade em espaçosa e grande, mas havia pouca gente nela.**

Embora grandes multidões se reunissem em Jerusalém em ocasiões especiais (8:1; Ed. 10:9), durante várias gerações os judeus evitaram morar numa cidade sem muros. Veja observações sobre 11:1,2.

### **III. Reformas Cívicas e Religiosas em Jerusalém. 7:5 - 10:39.**

#### **A. Lista dos Judeus que Retornaram com Zorobabel. 7: 5-73.**

Agora que o muro estava terminado, Neemias faz planos imediatos para povoar a cidade com judeus puros. O registro daqueles que voltaram com Zorobabel veio a ser a base que usou para determinar pureza de genealogia. Com exceção dos versículos 70-72, o registro é idêntico ao de Esdras 2:1-70.

**70. Quinhentas e trinta vestes sacerdotais.** Literalmente, *trinta vestes sacerdotais e quinhentos*. Por causa da analogia entre os versículos 71 e 72 e por causa da ordem fora do comum das palavras, a frase, "arráteis em prata", deveria provavelmente ser acrescentada ao final deste versículo. Se esta suposição for correta, então Zorobabel ("o Tirsata"), alguns dos chefes de famílias e o restante do povo deram um total de 41.000 dracmas de ouro, 4.700 libras de prata, 97 vestes sacerdotais e 50 bacias. Isto concorda com as cifras redondas de Esdras 2: 69, exceto quanto às dracmas de ouro, que são exatamente 20.000 menos do que em Esdras.

### **Neemias 8**

**B. A Leitura e Obediência à Lei de Deus. 8:1-18.** No primeiro dia do sétimo mês, Esdras leu a Lei para o povo. O povo chorou por causa do pecado, mas seus líderes fizeram-no se lembrar do caráter alegre desse dia. No dia seguinte os líderes descobriram na Lei que todos os

judeus deviam celebrar a Festa dos Tabernáculos; por isso essa festa foi celebrada por todos e com grande solenidade.

**1. O capítulo deveria começar com a última sentença de 7:73:** "Em chegando o sétimo mês, e estando os filhos de Israel nas suas cidades". Esdras 3:1 começa da mesma maneira, depois da lista daqueles que retomaram da Babilônia; mas a ocasião, é claro que é absolutamente outra. **Na praça, diante da Porta das Águas.** A praça ficava perto da extremidade sudeste do templo junto à Fonte de Giom no Vale do Cedrom. **E disseram a Esdras, o escriba.** Possivelmente Esdras estivera na Babilônia durante o período da construção do muro. Mas ele era a pessoa mais indicada para ler a Lei de Deus nesta ocasião, uma vez que Neemias era leigo.

**2. Em o primeiro dia do sétimo mês.** Esta era a Festa das Trombetas, a qual em 444 A.C. ocorreu a 27 de setembro. Só uma semana antes, o muro fora terminado (6:15). A Festa das Trombetas era a mais sagrada das luas novas, e começava no último mês dos festivais religiosos (Lv. 23:23-25; Nm. 29:1-6).

**3. Desde a alva até ao meio-dia.** Deveria ser cerca de seis horas, com a leitura da Lei feita por Esdras, alternando-se com apresentações instrutivas sobre a Lei feitas pelos levitas (vs. 7, 8).

**4. Esdras, o escriba, estava num púlpito de madeira.** Esta é a primeira menção de um púlpito na Bíblia. Por trás dele estavam seis (sacerdotes?) à sua direita e sete à sua esquerda (compare com o v. 7, onde treze levitas são mencionados participando).

**8. Leram . . . claramente** (em hebraico, *meporosh*) sugere não apenas uma exposição da Lei, mas também, possivelmente, uma tradução dela para o aramaico (cons. Ed. 4:18).

**9. Este dia é consagrado ao Senhor vosso Deus ... não pranteeis, nem choreis.** A clara exposição da Palavra de Deus (provavelmente porções do Deuteronômio) poderosamente convenceu o povo do pecado e provocou lágrimas de arrependimento. Mas o único dia do ano que Deus tinha especificamente designado para lágrimas e tristeza era o Dia

da Expição (o décimo dia do sétimo mês). Portanto, a força deles se encontrava na **alegria do Senhor** (v. 10).

**12. A regozijar-se grandemente.** Observe a súbita mudança de emoções de 8:9 para 8:12! Também cons. Et. 9:19.

**13-18.** O estudo detalhado da Lei de Deus levou muitos dos líderes a procurarem Esdras no dia seguinte para maiores detalhes, especialmente no que se referia à devida guarda da Festa dos Tabernáculos (décimo quinto ao vigésimo segundo dia do sétimo mês). Os judeus tinham comemorado esta festa durante séculos (I Reis 8:65; II Cr. 7:9; Ed. 3:4); mas agora percebiam, devido a um exame mais cuidadoso de Lv. 23:42, que todos os filhos de Israel deviam habitar em cabanas. Ao que parece, nos séculos passados, este ponto fora negligenciado; por isso, agora, pela primeira vez, desde os dias de Josué, filho de Num, todos da **congregação . . . fizeram cabanas e nelas habitaram** (v. 17). Provavelmente os habitantes da cidade construíam suas cabanas em seus próprios lares, os sacerdotes e levitas nos átrios do templo, e os leigos que não residiam na cidade, nas praças (v.16).

### C. Uma Confissão Pública e a Aliança. 9:1 - 10:39.

#### Neemias 9

Logo após a Festa dos Tabernáculos, o povo se reuniu para ouvir novamente a Palavra de Deus, e para confessar seus pecados a Deus em uma solene cerimônia pública dirigida por certos levitas. Depois disso, todas as categorias sociais de israelitas assumiam um compromisso de guardar a Lei de Deus, especialmente quanto à separação com os pagãos e o sustento do templo.

**1.** Exatamente um mês depois de completar o muro (6:15) e dois dias depois da Festa dos Tabernáculos (8:18), o povo pôs de lado sua alegria e regozijo a fim de reconhecer diante de Deus de maneira Pública a profundeza de seus pecados e demonstrar a tristeza que sentia por eles (com. Joel 2:15-17). **Pano de saco** era veste feita de pelos usada para

penitência. **Terra sobre si.** Punham terra sobre suas cabeças em sinal de profunda tristeza (I Sm. 4: 12).

**3. Uma grande parte do dia.** Durante três horas a Palavra de Deus foi lida publicamente, ao que se seguiu uma grande confissão de pecado dirigida pelos levitas (vs. 5.37).

**5. Levantai-vos, bendizei ao Senhor vosso Deus.** Agora os levitas exortavam o povo a se lhe juntarem na confissão de pecado que vem a seguir.

**36. Eis que hoje somos servos.** Esta triste confissão, como a de Esdras 9: 9, fornece provas concretas de que os líderes do judaísmo pós-exílico não consideravam seu retomo da Babilônia como cumprimento final das profecias de restauração de Israel na terra, tais como as de Is. 11:11-16; 14:1, 2.

**38. Por causa de tudo isso estabelecemos aliança fiel.** Esta aliança escrita, à qual cada líder foi convidado a anexar seu selo pessoal, está detalhadamente apresentada em 10:29-39. Era simplesmente um esforço renovado de manter a sua parte na aliança do Sinai.

## Neemias 10

**10:1-8.** Neemias, o governador, e vinte e dois sacerdotes são relacionados em primeiro lugar. Veja observações sobre 12:1-9.

**9-13.** Dos levitas, Jesua, Binui, Cadmiel e quatorze de seus irmãos são mencionados. Levitas assinaram individualmente em lugar de suas famílias, pois dois desses nomes aparecem em 7:43.

**14-27.** Aqui se encontram relacionados quarenta e quatro chefes do povo. Das tanta e três famílias que voltaram da Babilônia (Ed. 2), só treze se encontram nesta lista. Talvez subdivisões de famílias posteriores foram feitas durante os anos intermediários.

**30, 31.** Três pontos ao juramento foram aqui destacados: a) não fariam casamentos com pagãos (Dt. 7:3); b) não comerciariam no sábado e em outros dias santos (Amós 8:5); c) guardariam fielmente o sétimo ano, o ano da remissão (Êx. 23:10,11; Dt. 15:1, 2).



**32.** O restante do capítulo trata do sustento do templo. **A terça parte de um siclo.** Era um reavivamento do preceito mosaico de que cada homem com mais de vinte anos tinham de pagar meio siclo para o sustento do Tabernáculo (Êx. 30:13; cons. Mt. 17:24). Talvez a pobreza do povo nesta ocasião exigisse que se rebaixasse ligeiramente o imposto. Esta era uma adição às contribuições garantidas por Artaxerxes (Ed. 7:20-22).

**34.** Sortes foram lançadas para determinar a ordem correta na qual as diversas famílias contribuiriam com o suprimento para o templo. **A oferta da lenha** era para o contínuo fogo do altar (Lv. 6:12; cons. Ne. 13:31). **A tempos determinados, de ano em ano.** A ordem era estabelecida com antecedência de diversos anos.

**38, 39. O sacerdote . . . estaria com os levitas, quando estes recebessem os dízimos.** Os levitas, que recebiam os dízimos, como também os demais judeus, erva responsáveis pelo sustento dos sacerdotes (Nm. 18:26-29) e os porteiros e cantores (dentre os levitas) que serviam no templo. Observe como este sistema benévolo de sustento mútuo logo se desintegrou, sendo restaurado por Neemias (13:10-14).

#### **IV. Listas de Habitantes. 11:1 - 12:26.**

##### **Neemias 11**

A narrativa de Neemias sobre como ele procurou povoar Jerusalém com judeus puros de acordo com a lista daqueles que voltaram da Babilônia (7:4 e segs.), tendo sido interrompida pela narrativa dos cultos especiais do sétimo mês (caps. 8-10), está sendo retomada agora (11:1, 2). Então se segue uma lista daqueles que habitavam em Jerusalém (11:3-24); uma lista de outras cidades onde moravam judeus (11:25-36); uma lista dos sacerdotes e levitas que voltaram com Zorobabel (12:1-9); e uma lista dos sumo sacerdotes, sacerdotes e levitas dos últimos anos (12:10-26).

**1,2.** Conforme declaramos em 7:4, Jerusalém tinha poucos habitantes permanentes, provavelmente por causa dos perigos de se morar em uma cidade sem muros (especialmente depois do desastre mencionado em Ne. 1:3). Aqui somos informados de que aqueles que moravam em Jerusalém eram na maioria príncipes. Sem dúvida Neemias aproveitou a ocasião, durante o reavivamento do sétimo mês, para encorajar outros a se mudarem para a capital. A sorte era aceita como vontade de Jeová neste assunto e aqueles chefes de famílias que concordavam prontamente eram abençoados pelo povo. Jerusalém é chamada de santa cidade por causa do templo que se encontrava ali (Is. 48:2).

**3-24.** O número total de homens vivendo em Jerusalém, excluindo-se os netinins, era de 3.044. Se isto consistia em um décimo do número total de homens que viviam na Judéia (v. 1), a população tinha aumentado consideravelmente durante o século anterior; pois os 50.000 que retomaram da Babilônia com Zorobabel (Ed. 2:64-67) incluíam aparentemente mulheres e crianças.

**25-36.** Chefes de famílias não são citados nos distritos do interior, mas apenas nas cidades dos antigos territórios de Judá (vs. 25.30) e Benjamim (vs. 31.35). É estranho que as cidades de Jericó, Gibeom e Mispá, embora constem de Neemias 3, fossem omitidas aqui.

## Neemias 12

**12:1-9.** Temos aqui os nomes de vinte e dois sacerdotes e oito levitas que voltaram com Zorobabel. Uma vez que quinze desses sacerdotes são mencionados entre aqueles que selaram a aliança no tempo de Neemias, temos de concluir que eles selaram a aliança em nome de suas famílias (10:3-9). Em Esdras 2:36-39, só quatro famílias sacerdotais são nomeadas como tendo voltado com Zorobabel.

**10,11.** Uma genealogia dos sumo sacerdotes pós-exílicos foi apresentada aqui para fornecer uma cronologia comparativa. Assim, 12:1-9 relaciona sacerdotes e levitas do tempo de Jesua, enquanto que

12:12-26 relaciona os sacerdotes e levitas do tempo de seus sucessores nosso sacerdócio. **Jônatas** é o mesmo Joanã dos versículos 22, 23. Quanto a comentários sobre **Jadua**, veja o versículo 22.

**12-21.** Os filhos dos sacerdotes relacionados nos versículos 1-7, que viveram no tempo de Joiaquim, sucessor de Josué. **De Ido, Zacarias.** Este é o famoso profeta (Ed. 5:1).

**22. Nos dias de Eliasibe, ... Joiada, Joanã e Joiada . . . até ao reinado de Dario, o persa.** Tem-se freqüentemente presumido que este Jadua era o sumo sacerdote que viveu no tempo de Alexandre, o Grande (Jos. *Antiq.* 11. 8. 4), e que Dario, o persa, foi Dario III (335-331 A.C.). Mas mesmo se Josefo está certo ao declarar que Jadua foi sumo sacerdote no tempo de Alexandre (e ele está longe de ser digno de confiança quanto à cronologia deste período), continuamos com as possibilidades distintas de que houveram dois sumo sacerdotes chamados Jadua, ou de que o Jadua de Ne. 12:11, 22 viveu até cerca de 100 anos (o sumo sacerdote Joiada morreu com 130 anos; II Cr. 24:15).

É bastante provável que Neemias conhecesse Jadua quando jovem, talvez já sumo sacerdote. São duas as linhas evidenciais que apóiam tal ponto de vista. Primeira, o sumo sacerdote Eliasibe deveria ter mais de noventa anos quando fez aliança com Tobias (Ne. 13:4-9), depois da partida de Neemias para a Babilônia em 432 A.C., pois seu avô Jesua, foi sumo sacerdote em 536 A.C. (Ed. 3:2). Portanto, em 432 A.C., Joiada poderia estar com quase setenta anos, Joanã (Jônatas) com mais de quarenta e Jadua, vinte. Segunda, Neemias expulsou de Jerusalém um dos filhos de Joiada por ter se casado com uma estrangeira (Ne. 13:28), demonstrando assim que Joanã, o filho mais velho de Joiada, poderia estar casado há muito tempo para ter um filho de vinte anos de idade, Jadua.

Eliasibe alcançou idade tão avançada que as quatro gerações contemporâneas de sua família de sumo sacerdotes são mencionadas juntas no versículo 22. Isto tem o apoio do fato que "em cada uma das outras listas do mesmo capítulo, só se menciona os dias de um único

sumo sacerdote e no final da lista, v. 26, declara-se expressamente que os levitas (anteriormente registrados) foram chefes nos dias de Joiaquim, Esdras e Neemias" (Keil, pág. 147).

Além disso, é importante que se observe que a data posterior mencionada no livro é do sumo sacerdócio de Joanã (v. 23). O fato de Joiada, o pai de Joanã, não reter seu sumo sacerdócio até o quarto século A.C. tem sido comprovado pelos papiros elefantinos, os quais mencionam Joanã como o sumo sacerdote em 408 A.C. Portanto Neemias, que deveria ter vivido (talvez não como governador) até cerca de 400 A.C., e que até mesmo poderia ter visto Jadua como sumo sacerdote em algum período depois de 408 A.C., poderia muito bem ter escrito tudo que se encontra neste capítulo e neste livro. À luz dessas considerações, podemos concluir que **Dario, o persa** era quase com certeza, não Dario III (335-331 A.C.), mas antes Dario II (423-404 A.C.). O versículo nos conta que os levitas foram registrados durante a vida de Eliasibe; enquanto que os sacerdotes foram registrados depois da morte de Eliasibe, nos dias de Dario, o persa (423-404 A.C. Veja RD. Wilson, ISBE, II, 1084).

**26. E nos dias de Neemias, o governador.** Cons. 12:47. Tem-se defendido que isto comprova que Neemias deveria ter morrido antes do livro ser terminado. "Mas em resposta podemos observar que a frase, em cada exemplo, foi usada junto com os dias de mais alguém, Joiaquim (v. 26), Zorobabel (v. 47). Portanto, pareceria natural a Neemias empregar uma frase semelhante com referência ao seu próprio tempo" (EJ. Young, *Intro. to the O. T.*, pág. 378. Veja também Data e Autoria, acima).

## **V. Dedicção dos Muros e Organização do Serviço no Templo. 12:27-47.**

Para a dedicação dos muros da cidade, os levitas, especialmente os cantores, foram trazidos das aldeias vizinhas. Duas grandes procissões movimentaram-se do extremo sudoeste do muro, rodeando a cidade, uma

dirigida por Esdras e outra seguida por Neemias. Encontrando-se no templo, ofereceram sacrifícios e alegraram-se grandemente. O serviço do templo foi então organizado e seus obreiros foram fielmente sustentados.

**27.** Agora a história retoma o assunto de 11:2, embora não se dê a data exata dos acontecimentos que vão ser registrados. As diversas indicações de tempo podem até levar alguém a colocar a dedicação uns dezessete ou mais anos após o término dos muros! (cons. 13:4 com 13:1; e 13:10, 11 com 12:28-30). **Procuraram os levitas de todos os seus lugares.** De acordo com 11:18, só 284 levitas realmente moravam em Jerusalém nesse tempo.

**28, 29.** Membros dos três grupos levíticos de cantores (11:17; 12:25a) receberam menção especial por causa da importância da música nesta grande ocasião (v. 27b). As aldeias de Netofate. Cerca de 24kms a sudoeste de Jerusalém (I Cr. 9: 16). **30.** Purificaram-se os sacerdotes e os levitas. Com o oferecimento do sangue dos sacrifícios (II Cr. 29).

**31-37.** Falando novamente na primeira pessoa, Neemias fala dos dois grandes coros que ele reuniu no extremo sudoeste do muro da cidade (presumivelmente na Porta do Vale) com o propósito de rodear a cidade e dar publicamente graças a Deus nesse dia de dedicação. O primeiro grupo era conduzido por Esdras e muda-se para o leste e então para o norte. Para ambos os grupos a ordem do desfile parece que consistiu primeiro dos cantores levitas "que dava graças" (v. 31), seguidos pelos príncipes (vs. 32, 33), os sacerdotes com trombetas (v. 35; cons. 41) e finalmente os levitas com instrumentos de cordas (v. 36).

**38-43.** O segundo grupo dirigia-se para o norte e então para o leste até a área do templo, seguido de Neemias. As diversas portas seguem a mesma ordem apresentada no capítulo 3, com exceção da **Porta de Efraim** e da **Porta da Guarda**, que não foram mencionadas naquele capítulo (possivelmente porque não foram anteriormente destruídas e não precisaram ser reconstruídas). Contudo, em 3:25 menciona-se "o pátio do cárcere", provavelmente na extremidade sudeste da área do templo. Os dois grupos parece que se encontraram na praça diante da

Porta das Águas (v. 37; cons. 8:1) e dali entraram no templo para oferecerem seus sacrifícios. (v. 43). Com referência à tremenda alegria desta ocasião, cons. II Cr. 20:27; Ed. 3:13; 6:22.

**44-47. Ainda no mesmo dia.** Esta frase (cons. 13:1) refere-se não somente ao dia da dedicação, mas possivelmente também à toda subsequente administração de Neemias, que se caracterizou pelos movimentos da reforma (Keil, op. cit., pág. 152). Isto poderia ajudai a explicar a frase, "antes disto", em 13:4. **Dos tesouros.** As diversas ofertas relacionadas a seguir. **Dos dízimos.** Um décimo das colheitas da nação ia para o sustento dos levitas. **Os levitas ministravam.** Um verbo técnico no hebraico (Dt. 10:8). O mandado de Davi e de seu filho Salomão (v. 45). Cons. II Cr. 8:14. E os levitas (consagravam) as (coisas) destinadas aos filhos de Arão. O povo dava dízimos aos levitas, os quais por sua vez davam os dízimos desses dízimos aos sacerdotes (Ne. 10:38; cons. Nm. 18:25-32).

## VI. Reformas Finais de Neemias. 13:1-30.

### Neemias 13

O clímax das reformas do dia da dedicação chegou com a separação dos israelitas da multidão mista. Durante a longa ausência de Neemias de Judá, muitos abusos se infiltraram na vida da nação, tais como a aliança de Eliasibe com Tobias, o povo deixando de sustentar os levitas, a violação do sábado e os casamentos com pagãos. Mas com a ajuda de Deus, Neemias valentemente purificou a nação desses abusos, e estabeleceu novamente as devidas observâncias religiosas.

**1-3. Naquele dia.** Presumivelmente no mesmo dia de 12: 44, e portanto o dia da dedicação. **Os amonitas e os moabitas.** Separação das nações pagãs foi o primeiro ponto enfatizado na aliança que o povo fizera antes (10:30). Os descendentes dos casamentos mistos com essas duas nações foram excluídos da congregação de Israel até a décima geração. Foi necessário que os judeus se lembrassem dessa lei, pois

Tobias era amonita (2:19) e ele já forjara fortes alianças com destacadas famílias judias por meio do casamento (6:18; cons. 13:4-9). **Assalariaram contra eles a Balaão.** Fora um rei moabita que pagara a Balaão para amaldiçoar Israel (Nm. 22:2-6). Todo elemento misto (v. 3). Cons. Êx. 12: 38. Os descendentes dos casamentos mistos com egípcios e edomitas tinham permissão de participar plenamente da comunhão com Israel depois da terceira geração (Dt. 23:7, 8).

**4-9. Antes disto.** Veja observações sobre 12:27; 12:44. **Eliasibe, sacerdote, ... se tinham aparentado com Tobias.** A palavra **aparentado** significa *parente chegado* (Rute 2:20) e se refere literalmente a um laço de família existente entre os dois através de Mesulão, um sacerdote (Ne. 6:18; cons. 3:30). Durante a ausência de Neemias, Eliasibe cedera para Tobias uma câmara ponde no átrio do templo (vs. 5, 7-9), onde os dízimos e as ofertas da nação eram armazenados (12:44). Ali Tobias tinha um quarto mobiliado (v. 8), ou talvez um apartamento (observe o plural no v. 9), sempre que visitava Jerusalém. **Mas quando isto aconteceu não estive em Jerusalém** (v. 6). No ano de 432 A.C., depois de governar Judá por doze anos (5:14; cons. 2:6). Neemias retomara para junto do Rei Artaxerxes. **Rei da Babilônia.** Uma vez que a maioria dos judeus ainda se encontrava na Babilônia, e o próprio rei talvez se encontrasse lá naquela ocasião, Neemias usa o título mais restrito (veja observação sobre Ed. 6:22). **Ao cabo de certo tempo.** Neemias devia ter ficado ausente por diversos anos, pois os abusos que encontrou quando de sua volta, tiveram tempo de se espalhar por toda Judá (Ne. 13:10,15, 23). Considerando que Artaxerxes morreu em 423 A.C., Neemias deve ter retornado a Jerusalém em cerca de 425 A.C. É muito possível que Malaquias estivesse profetizando durante esse tempo (compare 13:12 com Mal. 3:8-10).

**10-14. Tinham fugido cada um para o seu campo.** Apesar do juramento de 10:35-39 (cons. 12:47), os levitas (e presumivelmente muitos sacerdotes também) ficaram privados do sustento a que tinham direito (I Co. 9:8-14). Por causa disto tiveram de abandonar suas

obrigações no templo a fim de ganharem seu sustento nas fazendas (Ne. 12:29). Então contendi com os magistrados (v. 11). Em obrigação dos chefes das comunidades verificar se os dízimos, etc., estavam sendo regularmente levados ao templo (cons. 17, 25). **Ajuntei os levitas . . . , e os restituí aos seus postos.** Isto é, os levitas foram trazidos de suas aldeias e colocados novamente no cumprimento dos seus deveres.

**15-18.** Enquanto visitava os distritos mais afastados de Judá, Neemias encontrou homens conspurcando o sábado com preparativos intensos para as vendas durante a próxima semana em Jerusalém (Amós 8:5). Esperou que levassem seus produtos a Jerusalém para vender, e então protestou **contra eles**. Pior do que isso eram os mercadores de Tiro que vendiam peixe seco e outros produtos para os judeus na província e em Jerusalém no dia do sábado, levando os judeus a violarem o juramento que tinham feito (Ne. 10:31a). **Acaso não mor vossos pais assim?** (v. 18). Sem dúvida Neemias tinha em mente a explícita advertência de Jr. 17:21-27, que não fora considerada, levando toda a nação ao desastre.

**19-22.** Ao pôr do sol, exatamente antes de começar o sábado, Neemias ordenou que as portas principais fossem fechadas. Presumivelmente durante o dia do sábado o povo tinha permissão de entrar e sair da cidade, mas a guarda do próprio Neemias (4:23) ficou de prontidão junto às portas para não permitir a entrada dos mercadores. **Lançarei mão sobre vós** (v. 21). Quando eles se opuseram a esta medida armando barracas do lado de fora da cidade, ele acabou com esta profanação do sábado ameaçando com medidas violentas (cons. v. 25). Depois de passada a crise, parece que ele substituiu a guarda especial pelos levitas (v. 22), que guardavam as portas e santificavam o sábado como dia santo acima dos dias comuns.

**23-27.** Viajando até as fronteiras da província de Judá, Neemias descobriu judeus que há muito tinham se casado com mulheres das nações vizinhas, especialmente com **asdoditas** (uma cidade na Filístia), **amonitas e moabitas**. Isto, apesar das reformas que foram iniciadas por



Esdras cerca de trinta anos antes, e apesar de decisões mais recentes de 10:30 e 13:1-3. Os filhos dessas uniões nem sabiam falar o hebraico puro. Neemias, reagindo à situação com o zelo que lhe era característico, discutiu com eles, chegando até a espancá-los (Dt. 25:2), arrancando-lhes os cabelos (Is. 50:6) e fê-los jurar por Deus que não se casariam mais com estrangeiros. À luz de Ed. 10:19, provavelmente também insistiu que tais alianças não santificadas fossem dissolvidas. Embora aparentemente rudes, tais medidas eram absolutamente necessárias conforme a história veio comprovar. O triste caso de **Salomão** (cons. Ne. 12:45) pode ser aplicado a esta altura. Embora fosse único entre os reis (II Cr. 1:12; I Reis 3:12) e amado de Deus (II Sm. 12:24), esposas estrangeiras comprovaram-se ser o motivo de sua queda (I Reis 11:1-8),

**28, 29. Um dos filhos de Joiada . . . era genro de Sambalá.** Sabemos de 12:22, 23 que Joanã era o filho mais velho de Joiada e o pai de Jada. Joanã aparece nos papiros elefantinos como sumo sacerdote em 408 A.C. Portanto, aquele que se casou com a filha de Sambalá deve ter sido um irmão mais moço de Joanã. Este fato é importante, porque mostra que Joanã tinha, nesta ocasião, idade suficiente para ter filhos, dos quais Jada era o mais velho. Veja observação sobre 12:22. **Pelo que o afugentei de mim . . . pois contaminaram o sacerdócio.** Este pecado mereceu menção especial, pois foi cometido contra os maiores privilégios. Casando-se com a filha de um estrangeiro, este filho do sumo sacerdote Joiada, descaradamente, desafiou a aliança de santidade de Deus com o sacerdócio araônico (Lv. 21:6-8, 14, 15), e assim mereceu amplamente o banimento da nação. Josefo (*Antiq.* 7, 8) fala de um certo Manassés, irmão do sumo sacerdote Jada, nos dias de Alexandre, o Grande, que se casou com a filha de Sambalá. Quando as autoridades judias o excluíram do sacerdócio, Sambalá instalou-lhe um novo templo e um novo culto no Monte Gerizim, na Samaria. É verdade que tal templo rival foi mais tarde instalado (cons. Jo. 4:20), mas Josefo confundiu os fatos tentando ligar esse acontecimento com o episódio registrado em Ne. 13:28.

**30, 31.** Neemias resume suas grandes contribuições para o bem-estar de sua nação. Negativamente, estrangeiros foram removidos das posições de honra em Israel; e positivamente, os sacerdotes e levitas foram reinstalados em suas devidas ocupações, e as diversas ofertas para o templo foram recomeçadas. **Lembra-te de mim, Deus meu, para o meu bem.** Cons. 5:19; 13:14, 22. Esta oração foi maravilhosamente respondida pelo Senhor, pois as memórias de Neemias formam parte permanente da Palavra de Deus.

# ESTER

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 4	Capítulo 7	Capítulo 10
Capítulo 2	Capítulo 5	Capítulo 8	
Capítulo 3	Capítulo 6	Capítulo 9	

## INTRODUÇÃO

**Título.** O livro recebeu o nome de seu personagem principal, Ester. É um nome persa e significa *estrela*. Seu nome hebraico era Hadassa, **murta** (veja 2:7).

**Data e Autoria.** Temos quase certeza que o livro foi escrito após 465 A.C., pois menciona-se o reinado de Xerxes (486-465 A.C.) no tempo passado (10:2). Mas o autor demonstra ter conhecimento muito íntimo dos acontecimentos desse reinado e do mobiliário do palácio de Susã (que foi destruído pelo fogo em cerca de 435 A.C.) para que se date o livro após o período de Artaxerxes 1 (464-424 A.C.). Embora Josefo achasse que Mordecai escrevera o livro, parece que 10:2, 3 exclui tal possibilidade. Não obstante, o autor devia ser um judeu morando na Pérsia por ocasião dos acontecimentos narrados e que tinha acesso às crônicas dos reis da Média e da Pérsia (2:23; 9:20; 10:2). Palavras e nomes em puro persa aparecem no livro, e seu estilo hebraico assemelha-se muito com o de Esdras, Neemias e Crônicas.

**Historicidade e Propósito.** Apesar das objeções que se têm levantado contra a historicidade do livro, ele nos dá uma narrativa perfeitamente acreditável dos acontecimentos que poderiam ter acontecido durante o reinado de Xerxes. A declaração relativa à extensão do domínio de Xerxes (1:1; 8:9) concorda com as declarações de Heródoto (Histories, 3.97, 98; 7.9) e não se aplica a nenhum outro rei

persa. A grande festa do terceiro ano do reinado de Xerxes (Et. 1:3) harmoniza-se com a data fornecida por Heródoto (7.8) para o planejamento da expedição do rei persa contra a Grécia. A descrição do Seu palácio (Et. 1:6) tem sido confirmada por descobrimentos arqueológicos. A nova esposa que foi tomada no seu sétimo ano (2:16) encaixa-se na descrição que Heródoto faz do renovado interesse que ele manifestou em seu harém depois da desastrosa campanha grega (9.108, 109).

A Festa do Purim, que foi mencionada em II Macabeus 15:36 como sendo festejada já há cerca de 160 A.C., dificilmente poderia ter sido instituída sem nenhum motivo. A explicação mais lógica é que foi instituída em comemoração dos acontecimentos descritos neste livro. Os judeus sempre aceitaram o Livro de Ester como canônico. Quando voltamos nossa atenção para o propósito do livro, surge imediatamente a questão relativa ao por que de todas as referências à oração, adoração, Jerusalém, o templo e o nome de Deus terem sido omitidas, com exceção de algumas insinuações sobre oração e providência (Et. 4:14; 4:16; 9:31). Alguns têm conjecturado que era perigoso demais adorar Jeová abertamente naquele tempo e por isso todas as referências a Ele foram cuidadosamente excluídas do livro. Mas isto forma uma opinião debilitada sobre a inspiração das Escrituras. Parece melhor concluir que "considerando que estes judeus já não se encontravam mais na linha teocrática, por assim dizer, o Nome do Deus da Aliança não foi associado com eles. O livro de Ester, então, serve ao propósito de mostrar como a Providência Divina governa todas as coisas; mesmo estando em uma terra distante, o povo de Deus continua em Suas mãos. Mas, uma vez que esse povo se encontra em uma terra distante, e não na terra da Promessa. Seu nome não foi mencionado" (Edward J. Young, *An Introduction to the Old Testament*, pág. 349).

**Antecedentes Históricos.** Desde 722 A.C., os israelitas das tribos do norte foram transplantados, em cativeiro, para "as cidades dos medos" além de outros lugares (II Reis 17:6). Além disso, depois da conquista da

Babilônia por Ciro em 539 A.C., alguns dos judeus que foram transportados por Nabucodonosor para a Babilônia provavelmente dirigiram-se para o leste na direção de Susã e outras cidades da Medo-Pérsia, como fez Mordecai (Et. 2:5, 6). Mas dos milhões de judeus que foram dispersos por todo o Oriente Próximo, somente cerca de 50.000 escolhidos retornaram à Terra Prometida com Zorobabel e Jesua em 536 A.C. (Ed. 2: 64-67).

De acordo com Esdras 6:15, o segundo templo foi terminado em 515 A.C., no sexto ano de Dario I. Foi exatamente trinta e dois anos depois que Xerxes, o filho de Dario I, "deu um banquete, a todos os seus príncipes e seus servos" (Et. 1:3). Os acontecimentos deste livro cobrem um período de dez anos, desde a grande festa de Xerxes (483 A.C.) até a Festa do Purim (473 A.C.). Dezesesseis anos depois da primeira Festa do Purim, Esdras dirigiu sua expedição de volta a Jerusalém (Ed. 7:9). Assim, os acontecimentos deste livro se encaixam entre o sexto e o sétimo capítulos do Livro de Esdras.

## **ESBOÇO**

- I. Vasti divorciada. 1:1-22.
- II. Ester toma-se rainha. 2: 1-23.
- III. A conspiração de Hamã contra os judeus. 3:1-15.
- IV. A decisão de Ester. 4: 1-17.
- V. O primeiro banquete de Ester. 5 : 1-14.
- VI. Hamã humilhado diante de Mordecai. 6: 1-14.
- VII. O segundo banquete de Ester. 7:1-10.
- VIII. O contra-decreto de Mordecai. 8:1-17.
- IX. Os judeus vitoriosos e a instituição do Purim. 9:1 -10:3.

## **COMENTÁRIO**

### **I. Vasti Divorciada. 1:1-22.**

## Ester 1

No último dia de uma festa de sete dias em Susã, no palácio, o rei Xerxes mandou chamar a rainha Vasti a fim de que exibisse a sua beleza diante dos nobres embriagados. Sua recusa provocou a ira do rei e ele aceitou o conselho de Memucã, um dos conselheiros do rei, divorciando-se dela por decreto público. Este castigo, diziam, serviria de advertência a todas as esposas do império a que respeitassem seus maridos.

**1. Nos dias de Assuero.** Este não poderia ser nenhum outro além de Xerxes (486-465 A.C.; cons. Ed. 4:6), o filho de Dario I, que tentou conquistar a Grécia em 481 A.C. Falhou completamente em seu objetivo devido a uma derrota esmagadora em Salamina (480A.C.) e Platéia (479 A.C.). **O Assuero que reinou desde a Índia até à Etiópia.** A fim de evitar qualquer possível confusão com o pai de Dario, o medo, que tinha o mesmo nome (Dn. 9: 1), o autor aponta o vasto território sobre o qual este Xerxes reinava (cons. 8:9; 10:1). A **Índia** mencionada era o território correspondente à província de Punjab no atual Paquistão Ocidental, a região a oeste do Rio Indus, até o qual os exércitos de Alexandre chegaram em suas conquistas. Heródoto nos conta que tanto a Índia como a Etiópia foram dominadas por Xerxes (3.97, 98; 7:9). **Sobre cento e vinte e sete províncias.** Isto se tem confundido com as vinte satrapias relacionadas por Heródoto para Dario I (3:89-94) e os cento e vinte sátrapas designados por Dario, o medo (Dn. 6:1). A palavra **províncias** (no heb. *medina*) refere-se a unidades governamentais menores do império, tais como a província de Judá (Ne. 1:3), enquanto que Heródoto se referia às unidades maiores, tais como a quinta satrapia, que incluía toda a Fenícia, Palestina, Síria e Chipre. Mas o Livro de Daniel não fala dessas unidades territoriais, pois simplesmente declara que Dario, o medo, achou por bem "constituir sobre o reino a cento e vinte sátrapas" (Dn. 6:1, cons. John C. Witcomb, *Darius the Mede*, págs. 31-33).

**2. Na cidadela de Susã.** Susã (ou Susa) era uma das principais capitais do Império Persa, sendo as outras Ecbatana (Ed. 6:1-2) e

Persépolis. Daniel foi, certa vez, transportado em visão para esta cidade (Ed. 8:2); e, mais tarde, Neemias serviu ali como mordomo de Artaxerxes (Ne. 1:1, 2:1).

**3. No terceiro ano do seu reinado, deu um banquete.** Esta festa (literalmente, *uma festa báquica*) aconteceu no ano de 483/482 A.C. e certamente foi aquela mencionada por Heródoto (7-8) na qual Xerxes fez planos para a grande invasão da Grécia. **O escol da Pérsia e Média, e os nobres e príncipes.** No tempo de Ciro, a Média era mencionada antes da Pérsia (Dn. 6:8), mas agora a Pérsia estava em destaque na monarquia dualista. O escol representa os governadores militares, enquanto que os **nobres e príncipes** são os governadores civis.

**4, 5.** Durante os 180 dias, Xerxes discutiu planos de guerra com seus subordinados e os assombrou com a opulência e a grandeza de sua corte. Depois disto, realizou-se uma festa de sete dias (vs. 3 e 5 provavelmente se referem à mesma festa) para todo o povo que se achava na cidadela de Susã, inclusive os líderes das diversas províncias que tinham vindo para o planejamento de 180 dias (Keil, *in loco*). **No pátio do jardim do palácio real.** O terreno ou parque que rodeava o palácio.

**6.** O significado de algumas destas palavras é obscuro. Cortinas em azul e branco (as cores reais; cons. 8:15) pendiam de colunas de mármore por meio de argolas de prata. Também, havia divãs de ouro e prata (cons. 7:8) sobre o assoalho coberto de pedras de valias cores. Este notavelmente belo palácio foi queimado até os alicerces no final do reinado de Artaxerxes, o filho de Xerxes, em cerca de 435 A.C. (A.T. Olmstead, *The History of the Persian Empire*, pág. 352).

**7, 8. Vasos de ouro...de várias espécies.** Grande variedade de vasos para se beber era um luxo persa. **Graças à generosidade do rei.** (Cons. I Reis 10:13). **Bebiam sem constrangimento, como estava prescrito.** Geralmente o rei exigia que seus convivas bebessem uma certa quantidade, mas agora eles podiam beber tanto ou tão pouco quanto quisessem.

**9-12.** No último dia da festa, orei embriagado (Jz. 16: 25; II Sm. 13:28) enviou seus sete camareiros (ou eunucos; cons. Et. 1:12,15), que eram o seu meio de comunicação com o harém, para buscarem Vasti. As rainhas persas costumavam comer à mesa do rei, mas nem sempre nos grandes banquetes. Temendo por sua dignidade no meio de tal grupo embriagado (Heródoto, 5.18), ela recusou-se terminantemente a obedecer as ordens.

**13,14. Os sábios que entendiam dos tempos . . . os sete príncipes.** Talvez o sete fosse um número sagrado na Pérsia (cons. 1:10, 2:9; Ed. 7:14). Esses sábios talvez fossem astrólogos ou legisladores. Era nessas famílias de líderes que os reis persas tomavam suas esposas (Heródoto, 3.84).

**16-20.** Memucã, um dos sete príncipes (v. 14), aproveitou a oportunidade para transformar um negócio público em uma crise nacional, sem dúvida por causa de algum antigo conflito entre a rainha e os príncipes. As esposas dos cidadãos comuns desobedeceriam a seus maridos (v. 17), e as esposas dos sete príncipes poderiam "hoje mesmo" (v. 18) exigir igualdade de direitos para apoiar a rainha. **E não se revogue** (v. 19). Cons. 8:8; Dn. 6:9. Sem dúvida não queriam que Vasti retornasse ao poder e os punisse por terem dado tal conselho!

**21, 22. Enviou cartas a todas as províncias do rei . . . segundo o seu modo de escrever.** O Império Persa gabava-se de possuir um eficiente sistema postal, mas a comunicação era complicada pela multiplicidade de línguas faladas por todo o império. **Que cada homem fosse senhor em sua casa, e que se falasse a língua do seu povo.** O significado aqui é um tanto obscuro, mas presumivelmente "o governo do marido em sua casa devia ser demonstrado pelo fato de só se falara língua nativa do chefe da casa na família" (Keil; cons. Ne. 13:23). A menção deste ponto no decreto dá a idéia de que os fatos relativos à Vasti também foram mencionados.



## II. Ester Torna-se Rainha. 2:1-13.

### Ester 2

Quando Xerxes sentiu saudades de Vasti, alguém propôs que se procurasse uma nova rainha entre as mais lindas virgens da terra. Ester, jovem judia que fora criada por seu primo Mordecai, estava entre as que foram levadas à casa das mulheres. Xerxes a preferiu acima de todas as outras e escolheu-a para sua rainha. Logo depois Mordecai descobriu uma conspiração contra o rei. Através de Ester o assunto foi levado ao conhecimento de Xerxes e os criminosos executados.

**1. Passadas estas coisas . . . lembrou-se de Vasti.** Considerando que Ester se tornou rainha em dezembro de 479 A.C. (2:16) e mais de um ano deveria ter-se passado entre o decreto de 2:3 (cons. 2:12) e o seu casamento, a saudade que o rei sentiu de Vasti deveria ter surgido durante a sua grande campanha contra a Grécia (481-479 A.C.).

**2-4.** Entendendo que se Vasti fosse restaurada, eles estariam perdidos (veja observação sobre 1:19), os príncipes não seguiram o costume de arranjar uma rainha entre suas próprias filhas e sugeriram ao rei que escolhesse a nova rainha entre as mais lindas virgens do império. **Hegai, eunuco do rei, guarda das mulheres.** Cons. 2: 8,15. Só os eunucos tinham acesso à "casa das mulheres" (v. 9). **A moça que cair no agrado do rei essa que reine** (v. 4). Deste modo, a saudade do rei seria apaziguada. Os príncipes estavam bem conscientes da fraqueza do caráter de Xerxes (Heródoto, 9.108-113) e se aproveitaram totalmente disso para atingir seus propósitos.

**5-7. Certo homem judeu . . . chamado Mordecai .. . criara a Hadassa, que é Ester, filha de seu tio.** Agora se introduzem os heróis desta história. Mordecai, da tribo de Benjamim, era bisneto de um homem chamado Quis, que fora levado para a Babilônia junto com o rei Jeconias (Jeoquim) em 597 A.C. Após a morte de seu tio Abiail (2:15), Mordecai levou a órfã, filha de seu tio, para sua casa e a criou. "Considerando que Hadassa vem de *hadas*, murta, e Ester de *sitar*, a

palavra persa para estrela (do sânscrito, *sta'na*; Akk, *istar*), temos aqui um exemplo precoce da prática judia de usar dois nomes – um hebraico e outro gentio, tais como João Marcos, José Justo, etc". (A. Macdonald, "Ester", *The New Bible Commentary*, pág. 382).

**8-11 . Levaram também a Ester ... sob os cuidados de Hegai ... A moça lhe pareceu formosa** (vs. 8, 9). Os sentimentos pessoais de Ester, neste caso, não foram registrados, mas podemos crer que ela confiava em Jeová e por isso foi por Ele abençoada (mais ou menos como José e Daniel). Contudo, diferindo de José e Daniel, ela não identificou sua nacionalidade e por isso deve ter participado de alimento cerimonialmente impuro. Por que Mordecai lhe ordenara que mantivesse a sua nacionalidade em segredo (v. 20) não é fácil de determinar. Talvez temesse por sua segurança (v. 11). Ou talvez recebesse do Senhor um pressentimento especial de problemas futuros para Israel e do papel que Ester teria de desempenhar libertando o seu povo (4:14).

**12-15.** Após todo um ano de preparativos, chegou a vez de cada jovem comparecer diante do rei. Para essa visita ela podia usar todos os ornamentos, jóias ou roupas que quisesse. Ester revelou um espírito incomparável, demonstrando que não estava preocupada em agradar ao rei pelo que "é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário", mas por "um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus" (I Pe. 3:3, 4). Não nos surpreende, portanto, que Ester tenha alcançado **favor de todos quantos a viam**, e que tenha conquistado o coração do rei.

**16-18.** No mês de dezembro de 479 A.C., exatamente quatro anos depois do seu divórcio com Vasti, Xerxes fez de Ester a sua rainha. Durante esses quatro anos, o imperador arrojara um dos maiores exércitos da história antiga contra os gregos, só para sofrer derrotas humilhantes e esmagadoras em Salamina e Platéia. Ester forneceu-lhe a medida de consolo que ele tanto precisava. **Concedeu alívio às províncias** (v. 18). Ou era remissão de impostos ou de trabalho (um feriado).

**19-23. Quando pela segunda vez se reuniram as virgens.** O propósito desta segunda reunião não foi explicado, mas devemos nos lembrar que Xerxes (tal como Salomão) era polígamo e estava constantemente aumentando o seu harém. Foi, todavia, durante esta segunda reunião, que Mordecai descobriu a conspiração contra a vida do rei. Dois eunucos, Bigtã e Teres, que talvez tivessem acesso ao rei através das virgens mencionadas em 2:19, e que possivelmente estivessem enraivecidos com o divórcio de Vasti, planejaram matar o rei. É interessante observar que Xerxes finalmente morreu assassinado, (Olmstead, *op. cit.*, pág. 289). Providencialmente, Mordecai foi aquele que frustrou a conspiração, pois sua boa ação foi registrada nas crônicas reais e mais tarde veio a ser o instrumento de sua exaltação (6:1-3). Ambos foram pendurados numa forca (v. 23). Provavelmente foram crucificados ou empalados vivos (cons. 7:10).

### **III. A Conspiração de Hamã Contra os Judeus. 3:1-15.**

#### **Ester 3**

Mordecai recusou prostrar-se diante de Hamã, o qual Xerxes elevara a uma posição de dignidade logo abaixo a do rei; e conseqüentemente a ira de Hamã foi despertada contra a nação de Mordecai. Por meio de sortes (*Pur*), foi determinado o dia fatídico para a destruição dos judeus, e Hamã prometeu ao rei todas as propriedades que seriam confiscadas. Hamã enviou cartas a todo o império em nome do rei, anunciando o dia da destruição dos judeus.

**1-6.** De acordo com 3:7, os acontecimentos deste capítulo aconteceram em 474A.C., mais do que quatro anos depois de Ester se tornar rainha (cons. 2:16). Agora, Hamã, o agagita, tornara-se o favorito do rei e diante dele todos tinham de se ajoelhar (cons. Gn. 41:43). Os judeus se inclinavam diante dos seus reis (II Sm. 14:4; 18:26; I Reis 1:16). Mas quando os persas se inclinavam diante dos seus reis, eles o faziam como se estivessem diante de um ser divino. Por isso os

espartanos se recusaram a inclinar-se diante de Xerxes (Heródoto, 7.136). **Ele lhes tenha declarado que era judeu** (v. 4). Considerando que a sua lealdade a Jeová era a base de sua recusa em inclinar-se diante de Hamã, ele teve de divulgar a sua nacionalidade finalmente. Naquela ocasião, a situação deve ter parecido desastrosa para Mordecai; mas Deus, no final, produziu bênçãos maiores através dela, pois Ele se deleita nas testemunhas que não guardam silêncio (cons. 8:17). **Procurou Hamã destruir todos os judeus** (v. 6). Descobrimos que a recusa de Mordecai em se inclinar diante dele baseava-se em motivos religiosos, Hamã entendeu que nada além de um *pogrom* de grande alcance poderia finalmente resolver este problema.

7. No começo de abril de 474 A.C., Hamã mandou que os astrólogos e adivinhos lançassem sortes para determinar qual o dia do ano que seria propício para destruir Israel (Pur é uma palavra persa antiga que significa "sorte"). Os antigos confiavam muito na astrologia e nos adivinhos, mas não percebiam que quando "a sorte se lança no regaço, ... do Senhor procede toda decisão" (Pv. 16:33). O poder do Senhor foi particularmente evidente neste caso, pois enquanto eles lançavam a sorte em relação a cada dia do ano, ela caiu sobre o dia treze do décimo segundo mês, que era o Átimo, dando "tempo a que a conspiração de Hamã fosse superada e um contra-decreto fosse assinado!"

8-11. Hamã revelou sua extrema sutileza quando apresentou sua proposta ao rei. Percebendo que Xerxes era absolutamente egoísta, Hamã obteve permissão para exterminar os judeus convencendo-o de que estavam desafiando suas leis e que Suas propriedades confiscadas trariam grandes riquezas para o tesouro do rei. A singularidade das leis e costumes de Israel sempre foi causa de ofensa para os gentios pagãos (Nm. 23:9; Atos 16:20, 21). Mas é quase impossível que eles tenham se recusado a obedecer às leis das nações nas quais viviam, com exceção do caso em que se deveria reverenciar uma simples criatura (cons. Dn. 3:12; 6:10). Contudo, Hamã estava certo em presumir que os judeus eram muito ricos. Muitos puderam contribuir generosamente para seus irmãos

que retornaram à Palestina (Ed, 1:4). "Trinta e oito nomes hebreus ... aparecem em 730 tabuinhas contendo contas correntes pertencentes a Murashu e filhos, uma família de banqueiros em Nipur (Babilônia) em 464-404 A.C." (DJ. Wiseman, *Illustrations From Biblical Archaeology*, pág. 76). **Dez mil talentos de prata** (v. 9). Seria aproximadamente US\$ 15.000.000 em dinheiro atual. Heródoto (3.95) declarou que Dano I recebia perto de 15.000 talentos por arfo de rendimentos públicos. **Então o rei tirou o seu anel da mão, deu-o a Hamã** (v. 10). Antigamente o anel com o selo real era muito importante, pois equivalia à assinatura da pessoa. Com este anel, Hamã podia enviar cartas em nome do rei (3:12). Mais tarde esse anel foi entregue a Mordecai (8:2,8). **Essa prata seja tua, como também esse povo, para fazeres dele o que melhor for de teu agrado.** (v. 11). Possivelmente para fugir à aparência de ganância, Xerxes ofereceu o dinheiro a Hamã. A completa indiferença do rei para com o destino de milhões de seus súditos encontrou paralelo, nos tempos modernos, em Hitler, Stalin e Kruchev.

**12-15.** No décimo terceiro dia de Nisã (17 de abril de 474 A.C.), os escribas foram convocados para prepararem cópias e traduções do decreto para distribuição por todo o império. **Enviaram-se as cartas por intermédio dos correios** (v. 13). Heródoto escreveu: "Nenhum mortal viaja tão rapidamente como esses mensageiros persas. Todo o plano é uma invenção persa; e o método é o seguinte. tio longo de toda a estrada há homens (dizem eles) estacionados com cavalos, em número igual aos números dos dias que a viagem vai levar, com um homem e um cavalo por dia; e esses homens não serão impedidos de percorrer na velocidade máxima a distância que têm de vencer, seja pela neve, ou chuva, ou calor, ou pela escuridão da noite. O primeiro cavalo entrega a missiva ao segundo, e o segundo a passa para o terceiro; e assim ela vai de mão em mão ao longo de toda a baba, como a tocha que os gregos levavam na corrida em homenagem a Hefestus" (8.98). **No dia treze do duodécimo mês.** Isto seria em 7 de março de 473 A.C., cerca de um ano mais tarde. **E que lhes saqueassem os bens.** Todos os que ajudassem a exterminá-

los ganhariam a sua parte, mas uma porção seria entregue a Hamã. Mas a cidade de Susã estava perplexo (v. 15). Sem dúvida os judeus tinham muitos amigos nesta capital (cons. 8:15), que ficaram estupefatos diante de tão assustador exemplo de despotismo irresponsável. Talvez o decreto fosse publicado com tanta antecedência a fim de incentivar os judeus a fugirem, deixando para trás suas propriedades (Keil).

#### IV. A Decisão de Ester. 4:1-17.

##### Ester 4

A grande tristeza de Mordecai provocou a curiosidade de Ester, que então ficou sabendo a respeito do decreto e do seu desejo que ela apelasse para o rei. Quando ela protestou dizendo que isto poderia lhe ser fatal, Mordecai insistiu dizendo que era sua responsabilidade diante de Deus. Ela prometeu ir ter com o rei se Mordecai se lhe juntasse em um jejum de três dias.

**1-3. Soube Mordecai tudo quanto se havia passado** (v. 1). Não só ele sabia de tudo o que tinha sido publicamente anunciado, tendo em seu poder uma cópia do decreto (v. 8), mas também sabia do acordo entre Hamã e o rei e a quantia exala do dinheiro que lhe tinha sido prometida (v. 7). Isto agravou sua tristeza, pois ele provavelmente compreendeu que fora pelo fato dele ter divulgado sua nacionalidade (3: 4) que a ira de Hamã se desencadeara sobre o seu povo. **Se cobriu. . . de cinza.** Sinal de tristeza assoladora (Jó 2:12; Dn. 9:3). Ninguém vestido de pano de saco podia entrar pelas portas do rei (v. 2). O rei não toleraria tristeza ou tragédia na sua presença (cons. Ne. 2:1, 2).

**4-8.** Quando soube da tristeza de Mordecai, Ester enviou-lhe roupas apropriadas para que pudesse entrar na corte (cons. v. 2). **Porém ele não as aceitou.** Ele queria impressionar Ester com a gravidade da situação e obter uma oportunidade de falar com ela. Então Ester chamou a Hatá. É possível que Hatá fosse um judeu que soubesse do relacionamento que havia entre Ester e Mordecai. De qualquer maneira ele acabou sabendo,

pois entre outras coisas Mordecai lhe disse que mandasse Ester fazer o pedido ao rei **pelo povo dela** (v. 8).

**9-12. Uma sentença, a de morte** (v. 11). Desde os tempos antigos, os reis medos recusavam a entrada na sala do trono a pessoas que não fossem anunciadas a fim de intensificar sua dignidade e proteger-se (Heródoto, 1.99; 3.118). Além disso, Ester não fora chamada a sua presença por trinta dias e sem dúvida temia que a temporária falta de interesse do rei nela pudesse prejudicar o sucesso de um pedido formal para uma audiência. A única e outra possibilidade era aparecer à entrada da corte sem ser anunciada e esperar uma atitude simpática do rei. Era para Ester um plano extraordinariamente perigoso naquelas circunstâncias.

**13, 14. Não imagine que . . . só tu escaparás.** Mordecai fê-la lembrar da posição perigosa na qual ela própria se encontrava, especialmente porque sua recusa em ajudar o povo de Deus nesta hora de crise traria o juízo divino sobre ela e sua família, enquanto que o alívio e o livramento **de outra parte se levantará para os judeus** (v. 14). Mordecai conhecia a promessa de Deus e a história de Israel bem demais para duvidar disso por um momento que fosse. Falando-se claramente, Deus podia muito bem tê-la feito rainha da Pérsia por causa da crise que Ele sabia que seria desencadeada através da ira de Hamã! Esta passagem é uma chave para o significado básico de todo o livro, isto é, demonstrar a providência infalível de Deus em benefício do Seu povo, Israel. Mordecai insinuou isto com bastante clareza e seu pedido era irresistível.

**15-17. Jejuar por mim . . . por três dias** (v. 16). Aqui não se menciona oração, mas está implícita (cons. Joel 1:14). **Eu e as minhas servas também jejuaremos.** Possivelmente eram moças judias ou prosélitas às quais Ester teria ensinado a orar. **Se perecer, perecerei.** Este não é um fatalismo cego, ou uma resignação desesperada (cons. Gn. 43:14), mas antes uma confiança na vontade e sabedoria divinas (cons. Jó 13:15; Dn. 3:17,18 ).

---

**V. O Primeiro Banquete de Ester. 5:1-14.****Ester 5**

O Rei recebeu Ester afavelmente e ela por sua vez convidou-o e a Hamã para um banquete particular. No banquete o rei ofereceu-se para satisfazer qualquer pedido que ela quisesse fazer; ela pediu que viessem a um outro banquete no dia seguinte. Hamã não cabia em si de contentamento por causa desses convites especiais, mas ficou mortificado com a recusa de Mordecai de inclinar-se diante dele. A esposa e os amigos de Hamã deram-lhe a idéia de obter permissão do rei para enforcar Mordecai na forca que ele construía.

**1-4. Ao terceiro dia.** No terceiro dia do jejum, que provavelmente durou mais de quarenta horas (4:16). **Alcançou ela favor perante ele** (v. 2). Uma evidência notável de que "o coração do rei" está "na mão do Senhor" (Pv. 21:1); especialmente à vista de Et. 4:11. **Até metade do reino se te dará** (v. 3). Provavelmente surpreso por causa de sua aparição sem ser anunciada, ele pensou que o seu pedido devia ser algo urgente. Embora esta expressão não passe de uma hipérbole, não era uma promessa sem fundamentos (cons. 5:6; 7:2; Mc. 6:23; e Heródoto, 9.109).

**5-8. Minha petição e desejo é . . . farei segundo o rei me concede** (vs. 7, 8). O propósito de Ester em convidar o rei e Hamã para um banquete particular era, em primeiro lugar, acusar Hamã de conspirar para destruir seu povo (cons. 7:6). Mas agora, talvez sentindo que ainda não tinha suficiente influência para com o rei a fim de fazer tão ousada acusação, deixou o seu pedido para mais tarde e convidou-os para outro banquete no dia seguinte. Isto foi providencial, é claro, conforme vemos no capítulo 6, fornecendo a base necessária para a sua acusação no segundo banquete.

**9-14. Então saiu Hamã naquele dia alegre e de bom ânimo; . . . então se encheu de furor contra Mordecai.** Um exemplo interessante do pecador frustrado, gloriando-se no seu ego, odiando a Deus e ao povo



de Deus. Embora os servos de Ester soubessem do seu relacionamento com Mordecai (cons. observação sobre 4:4-8), Hamã não sabia, é óbvio. Essa ignorância provou ser sua ruína. **A multidão de seus filhos** (v. 11). Hamã tinha dez filhos (9:7-10). Ter muitos filhos era considerado uma grande honra, não apenas em Israel (Sl. 127: 3-5), mas também na Pérsia (Heródoto, 1.136). **Faça-se uma forca de cinqüenta côvados de altura ... que nela enforcuem a Mordecai** (v. 14). Hamã ordenou que construíssem uma forca de 23ms em seu próprio quintal, para que pudesse ser vista de longe, provavelmente até mesmo do palácio. A construção começou naquela mesma noite porque Hamã sentia-se supremamente confiante em que o rei atenderia o seu pedido para que pudesse desfrutar do segundo banquete de Ester com completa paz de espírito.

## **VI. Hamã Humilhado Diante de Mordecai. 6:1-14.**

### **Ester 6**

Não tendo sono à noite, o rei mandou que se file lessem as crônicas oficiais, as quais falavam da lealdade de Mordecai no caso da conspiração contra o rei, atitude que ainda não fora recompensada. Quando Hamã chegou à corte para pedir a morte de Mordecai, perguntou-se-lhe que honras se poderiam conceder a um favorito do rei. Pensando em si menino, ele sugeriu uma elaborada exaltação, só para ter de ouvir que essas honrarias ele deveria conceder a Mordecai, o judeu. Ao chegar em casa, sua esposa e amigos o advertiram de que se Mordecai era realmente judeu, não prevaleceria contra ele; seu destino já estava certamente selado.

**1-3. Naquela noite não pôde o rei dormir.** Possivelmente sentia ansiedade para com o pedido de Ester ou talvez excessos de vinho no banquete mantivessem o rei Xerxes acordado aquela noite (cons. Dn. 6:18). Mas, acima de tudo, foi a providência de Deus, pois, se não fosse assim, o rei nunca teria ouvido falar do feito de Mordecai conforme registrado "no livro das crônicas" (cons. 2:23).

**4-9. Quem está no pátio?** Tendo seus carpinteiros trabalhando toda a noite a fim de terminar a forca, Hamã chegou cedo à corte naquela manhã para pedir ao rei a permissão de enforcar Mordecai. Mas antes que pudesse fazer o seu pedido, o rei o convocou à sala do trono para ajudá-lo a resolver um importante problema. Ao que parece, o rei queda consultar qualquer homem do governo que aparecesse, e aconteceu que Hamã foi aquele que estava à disposição naquele momento! **Mais do que a mim** (v. 6). Esta é uma ilustração clara do texto: "A soberba precede a ruína, e altivez do espírito, a queda " (Pv. 16:18; cons. 11:2; 18:12). Hamã imediatamente começou a fazer uma lista daquelas honrarias que mais seriam estimadas no Oriente, como se já tivesse muitas vezes meditado nesta possibilidade e estivesse pronto a dar uma resposta caso o rei lhe perguntasse algo assim! **Vestes reais, de que o rei costuma usar** (v. 8). Não uma simples toga oficial, mas uma vestimenta cara que o rei possuísse e estivesse usando (cons. I Sm. 18:4). **E tenha na cabeça a coroa real.** A coroa devia ser colocada na cabeça do cavalo, pois nas esculturas assírias e persas os ornamentos são vistos nas cabeças dos cavalos (Keil). **Levem-no .. , pela praça da cidade, e diante dele apregoem** (v. 9). Comparem com honrarias semelhantes concedidas a José no Egito (Gn. 41:42).

**10. Faze assim para com o judeu Mordecai.** Sem dúvida, o rei já tinha descoberto que Mordecai era judeu nas conversas com seus cortesãos a respeito da boa ação praticada por ele (6:1-3). Mas sendo um monarca instável e esquecido, tinha deixado de ligar este fato com o decreto que tinha recentemente assinado ordenando a exterminação dos judeus! (cons. 3:11).

**13,14.** Os amigos de Hamã que anteriormente agiram como conselheiros (5:14), agiram agora como **sábios** (*vaticinadores*), prevendo a sua queda. **Se Mordecai . . . é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele** (v. 13). A súbita mudança na sorte de Mordecai fê-los perceber, com um respeito supersticioso nascido da cuidadosa observação do cuidado providencial de Deus para com o Seu povo desde

o tempo de Ciro, que a queda de Hamã seria total. **Apressadamente levaram a Hamã ao banquete.** Com o espírito abatido, Hamã compareceu ao segundo banquete de Ester como uma ovelha a caminho do matadouro.

## VII. O Segundo Banquete de Ester. 7:1-10.

### Ester 7

Ester pediu ao rei que salvasse o seu povo da destruição e ousadamente acusou Hamã de ser o adversário. O rei foi para o jardim tomado de fúria diante da descoberta, e retornou para encontrar Hamã rogando a Ester que salvasse a sua vida. Acusando-o de atacar a rainha, ordenou que Hamã fosse enforcado na mesma forca que mandara construir para Mordecai.

**1-6. Fomos vendidos, eu e o meu povo.** Encorajada pela súbita mudança na sorte de Mordecai, Ester finalmente identificou-se com o povo de Israel que fora vendido (3:9; 4:7) **“para nos destruírem, matarem, e aniquilarem”** (as mesmas palavras de 3:13). **Se ainda como servos e como servas nos tivessem vendido, calar-me-ia, porque o inimigo não merece que eu moleste o rei.** Literalmente, *embora o inimigo não se compare ao prejuízo do rei*. Mesmo que o hebraico não seja bastante claro para nós hoje em dia, provavelmente significa que o castigo de Hamã envolveria muito menos prejuízo financeiro para o rei do que a destruição de trilhares de judeus. Pelo contrário, Contudo, Ester ficaria em silêncio se os judeus fossem vendidos como escravos, pois isso sem dúvida traria muito lucro inicial para o rei (F.U. Shultz, "Ester", em *Lange's Commentary*). **Quem é esse . . . cujo coração o instigou a fazer assim?** (v. 5). Esta era a resposta pela qual Ester e Mordecai tinham orado. O rei tomando conhecimento pela primeira vez que sua rainha era judia, sentiu-se esmagado pelo pensamento de que ela e o seu povo estavam condenados à destruição por um decreto inalterável. A bem da verdade, ele no começo consentira na conspiração de Hamã sem

muita deliberação (3:10,11); mas é difícil imaginarmos que ele não soubesse quem era o responsável pelo início desse *pogrom* dois meses antes (cons. 3:7; 8:9). Talvez ele propositadamente se abstinhasse de voltar-se contra Hamã a fim de que toda a perversidade do ato em si fosse primeiramente enfatizada. **O adversário e inimigo é este mau Hamã** (v. 6). Ester desenvolveu o seu caso cuidadosamente antes de finalmente citar Hamã.

7. Enquanto o rei tomado de raiva se retirava para o jardim a fim de recobrar seu auto-controle, Hamã rogava a Ester por misericórdia, percebendo que não encontraria mais o favor do rei a não ser por intermédio dela. Um dia antes tivera de conduzir um judeu em cortejo triunfal pelas ruas da cidade e agora tinha de rogar por sua vida a uma judia! Semelhante inversão terá lugar quando do início do Milênio (cons. Is. 14:1-3).

8. **Acaso teria ele querido forçar a rainha perante mim na minha casa?** (v. 8). Desesperado, temendo por sua vida, Hamã caiu aos pés de Ester que estava reclinada sobre um divã de ouro e prata (cons. 1:6). Os persas e também os gregos e romanos se reclinavam durante as refeições, e os judeus o fizeram nos últimos anos (cons. Jo. 13:23). Quando Assuero retornou do jardim, derramou sua ira sobre Hamã e atribuiu-lhe o pior dos motivos para se aproximar assim da rainha. O rei certamente não pensou que Hamã estivesse realmente atacando Ester, mas no auge de sua raiva falou assim para mostrar aos servos como se sentia para com Hamã. **Tendo o rei dito estas palavras, cobriram o rosto a Hamã. Estas palavras** não se referem à pergunta que ele acabara de fazer, mas à ordem de executar Hamã, a qual não ficou registrada no texto. Antigamente, alguns povos costumavam cobrir as cabeças daqueles que iam ser executados.

9,10. **Harbona** era um dos sete eunucos que o rei tinha enviado em busca de Vasti no grande banquete (1:10). **Eis que existe . . . a força . . . que ele preparou para Mordecai.** Os eunucos provavelmente citaram os diversos crimes de Hamã a fim de manter acesa a ira do rei contra ele,

e concluíram falando da força de 22,86ms no quintal de Hamã, a qual podia ser claramente vista do palácio. Aceitando a sugestão dos seus cortesãos, como de costume, o rei ordenou que Hamã fosse enforcado na sua própria força.

## VIII. O Contra-decreto de Mordecai. 8:1-17.

### Ester 8

A propriedade e posição de Hamã foram transferidos para Mordecai por ato de Xerxes e Ester. Mas o rei não tinha poderes para anular seu decreto contra os judeus; por isso deu poderes a Mordecai para criar um novo decreto que neutralizasse o primeiro. Isso foi feito rapidamente e os judeus receberam permissão para se defenderem no dia treze de Adar, data que Hamã havia determinado para sua destruição. Isto produziu grande alegria por toda parte e muitos se tornaram prosélitos judeus.

**1, 2.** Agora que ela revelara sua nacionalidade a Xerxes (7:4), Ester alegrou-se em poder apresentar Mordecai ao rei como seu primo e guardião. O rei já tivera o prazer de homenagear Mordecai pela denúncia da conspiração contra sua vida (6:6); por isso achou perfeitamente natural dar-lhe o anel como sinete (cons. 3:10; 8:8) e nomeá-lo o primeiro ministro do império (cons. Gn. 41: 42).

**3-6.** Apesar da morte de Hamã e exaltação de Mordecai, os judeus ainda estavam sob sentença de morte por causa de um decreto irreversível. Por isso a tarefa de Ester ainda não estava terminada. Em 8:3 temos o conteúdo geral de sua petição, mas em 8:5,6 lemos quais foram suas palavras. **Escreva-se que se revoguem os decretos concebidos por Hamã ... Pois como poderei ver ... a destruição da minha parentela?** (vs. 5, 6). Ester estava desesperadamente preocupada com o destino de Israel agora, o que se pode ver pela fórmula introdutória quádrupla que ela usou, a qual enfatiza seu relacionamento pessoal com o rei. Não compreendendo bem as complicadas leis persas, ela apelou diretamente para o coração do rei, pedindo misericórdia para

Israel e a revogação dos "decretos concedidos por Hamã", tendo o cuidado de não acusar o rei pela sua parte nos feitos de Hamã.

**7, 8. Eis que dei a Ester a casa de Hamã . . . os decretos . . . não se podem revogar.** Ansioso por mostrar a Ester que a amava, ele começou lembrando os favores que já lhe fizera. Mas acrescentou que ninguém, nem mesmo o próprio rei da Pérsia, tinha o poder de revogar as leis dos medos e pensas (compare semelhante situação angustiosa de Dano, o meda, em Dn. 6). Não obstante, Mordecai tinha plenos direitos de criar um contra-decreto em nome do rei, que seria exatamente tão irreversível quanto aquele criado por Hamã.

**9,10.** As cartas oficiais foram agora preparadas da mesma maneira como aquelas que Hamã enviara (3:12-15). A data era 25 de junho de 474 A.C., um pouco mais que dois meses após o primeiro decreto, dando mais de oito meses aos judeus para prepararem suas defesas (v. 9). **Correios montados em ginetes criados na coudelaria do rei.** Ênfase especial foi posta aqui sobre a pressa com a qual as cartas de Mordecai foram enviadas, algumas das quais talvez até chegassem antes das de Hamã.

**11-14.** Quatro aspectos principais se destacam no decreto de Mordecai: a) os judeus deviam se reunir em grupos no dia treze de Adar; b) eles deviam defender suas vidas; c) eles deviam matar aqueles que os atacassem; e d) eles deviam tomar os despojos de seus atacantes. **Força armada do povo** (v. 11) refere-se às forças militares. **Impelidos pela ordem do rei** (v. 14). Muitas vezes já se notou que isto serve como notável ilustração para o trabalho missionário atual. A sentença de morte decretada por Deus paira sobre a humanidade pecadora, mas Ele também nos ordenou que nos apressemos com a mensagem da salvação a todas as terras (cons. Pv. 24:11,12). Só conhecendo e aceitando o segundo decreto, os terríveis efeitos do primeiro decreto podem ser evitados.

**15-17.** Tendo criado o decreto, Mordecai vestiu-se com roupas reais, em azul e branco (as cores reais da Pérsia, cons. 1:6), uma grande coroa de ouro e um manto de linho fino e púrpura. Eram provavelmente

suas roupas oficiais de primeiro ministro e não a veste especial que recebeu no dia de sua primeira exaltação (6:8). Seu aparecimento na cidade reforçou a alegria produzida pelo decreto (contraste com a tristeza produzida pelo decreto de Hamã, 4:3). **Para os judeus houve felicidade, alegria, regozijo e honra** (v. 16). Esta festa foi uma antecipação da Festa do Purim, que foi pela primeira vez celebrada oito meses mais tarde (9:17-19). **E muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus** (v. 17). O verbo se fizeram judeus só aparece uma vez no V.T. Realmente, poucas evidências encontramos de gentios se tornando prosélitos em número significativo até o período do N.T. (cons. Atos 2:10; Mt. 23:15). **O temor dos judeus tinha caído sobre eles.** Israel começava a experimentar um dos maiores livramentos divinos desde o Êxodo, e a lição foi óbvia a muitos (9:2,3; Êx. 15:16; Dt. 11:25).

## IX. Os Judeus Vitoriosos, e a Instituição do Purim. 9:1 - 10:3.

### Ester 9

Chegado o dia fatídico, os judeus se defenderam eficientemente com a ajuda das autoridades e mataram quinhentos homens em Susã, incluindo os dez filhos de Hamã. Ester obteve permissão para os judeus se defenderem mais um dia e mais trezentos inimigos foram mortos em Susã. Nas províncias, setenta e cinco mil inimigos foram mortos. A Festa do Purim foi então instituída através de cartas especiais para comemoração desse tremendo livramento. Uma segunda carta confirmou a primeira e estabeleceu também um jejum. A grandeza de Mordecai e o seu amor a Israel foram registrados nas crônicas do reino.

**1-4.** Finalmente, a 7 de março de 473 A.C., chegou o dia fatídico, e os judeus se reuniram em grupos compactos dentro das diversas cidades à espera dos seus atacantes. **Sucedeu o contrário** (v. 1). Uma óbvia referência à providência divina, e ainda assim o nome de Deus não aparece! **Para dar cabo daqueles que lhes procuravam o mal** (v. 2). Cons. 2:21; 3:6; 6:2. **Todos os príncipes das províncias . . . auxiliavam**

**os judeus, porque tinha caído sobre eles o temor de Mordecai** (v. 3). O teor do segundo decreto tornou perfeitamente claro aos oficiais persas que o rei, sem mencionar Mordecai, seu primeiro ministro, favorecia agora os judeus. Juntar-se ao ataque contra os judeus agora certamente desencadearia contra eles a desgraça. Talvez se lembrassem do destino daquelas autoridades que se opuseram aos desejos de Dario, o meda, em uma situação mais ou menos semelhante (Dn. 6:24).

**5-10.** Não obstante, muitos cidadãos persas aproveitaram-se do primeiro decreto para atacar seus odiados vizinhos judeus. Sem o apoio do governo e enfrentando um povo zeloso e recém-encorajado, foram totalmente derrotados. Em Susã mesmo, foram mortos quinhentos homens, inclusive os dez filhos de Hamã. Todos esses filhos de Hamã, com a possível exceção de Adalia, tinham nomes persas (veja *Lange's Commentary, in loco*, quanto ao significado das raízes dos nomes). **Porém no despojo não tocaram** (v. 10). Cons. 3:13; 8:11; 9:15, 16. Os judeus se abstiveram de aproveitarem-se do privilégio a que tinham direito, para que a pureza dos seus motivos fosse evidente a todos.

**11-16. Nas mais províncias do rei que terão eles feito?** (v, 12). Ao que parece o rei se regozijou com a notícia de que os judeus tinham alcançado tão estupenda vitória em Susã, e ele esperava notícias de vitórias ainda maiores das províncias. **Conceda-se aos judeus que se acham em Susã que também façam amanhã segundo o edito de hoje** (v. 13). Ao que parece, Ester sabia de alguma conspiração persa para atacar os judeus no dia seguinte também, e por isso pediu permissão para os judeus se defenderem novamente. O rei atendeu ao seu pedido e assinou novo decreto permitindo aos judeus a matarem seus inimigos em Susã no dia quatorze de Adar também, pois o decreto de Mordecai especificara apenas um dia para os judeus se defenderem dessa maneira (8:13). Este decreto adicional foi obedecido (v.15) e mais trezentos persas foram mortos em Susã. Assim, o decreto de 9:14 não se refere especialmente ao empalhamento dos corpos sem vida dos filhos de



Hamã (14b; cons. Dt. 21:22, 23). Enquanto isto, os judeus nas províncias mataram setenta e cinco mil dos seus inimigos no dia treze de Adar.

**17-28.** Os judeus das províncias começaram a guardar o dia quatorze de Adar como um feriado, enquanto os de Susã festejaram o dia quinze. Como no Natal, trocaram presentes entre si (cons. Ne. 8:10, 12; Ap. 11:10) e cuidaram dos pobres (v. 22). **Mordecai escreveu estas coisas e enviou cartas a todos os judeus** (v. 20). Ao que parece, após diversos anos terem se passado, Mordecai relembrou os acontecimentos relacionados com sua vitória e decretou que não deviam mais ser comemorados dois feriados distintos (o dia quatorze nas províncias e o quinze em Susã), mas que os dois dias deviam ser comemorados como a Festa do Purim (vs. 26-28). Na verdade, muitos judeus já tinham começado a festejar os dois dias (v. 23).

**29-32. Segunda vez, para confirmar a carta do purim.** Esta não foi a carta de 9:20, mas uma nova carta descrita em 9:30-32, na qual um período de jejum e oração (**acerca do jejum e do seu lamento**, v. 31), além dos dias de regozijo, foi instituído em memória dos ansiosos dias de oração que precederam o livramento divino. Talvez Ester e Mordecai já observassem esse período de oração há diversos anos (cons. 4: 15-17), e achassem que seria bom transformá-lo em um costume nacional. **E se escreveu no livro** (v. 32). Não no livro de Ester, mas no livro no qual Mordecai registrou os acontecimentos (v. 20) e que serviu de fonte básica para o livro de Ester.

## Ester 10

**10:1-3.** Xerxes morreu em 465 A.C. Recapitulando seu reinado, o autor enfatiza o estupendo poder e riqueza desse rei (v. 1) a fim de mostrar a maravilhosa providência divina em elevar um judeu desprezado a uma posição de honra em um império como esse. **O bem-estar do seu povo** (v. 3), não se refere propriamente aos filhos de Mordecai, mas a Israel, **o povo da sua rança** (cons. II Reis 11:1).

# JÓ

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 10	Capítulo 19	Capítulo 28	Capítulo 37
Capítulo 2	Capítulo 11	Capítulo 20	Capítulo 29	Capítulo 38
Capítulo 3	Capítulo 12	Capítulo 21	Capítulo 30	Capítulo 39
Capítulo 4	Capítulo 13	Capítulo 22	Capítulo 31	Capítulo 40
Capítulo 5	Capítulo 14	Capítulo 23	Capítulo 32	Capítulo 41
Capítulo 6	Capítulo 15	Capítulo 24	Capítulo 33	Capítulo 42
Capítulo 7	Capítulo 16	Capítulo 25	Capítulo 34	
Capítulo 8	Capítulo 17	Capítulo 26	Capítulo 35	
Capítulo 9	Capítulo 18	Capítulo 27	Capítulo 36	

## INTRODUÇÃO

**Título.** O nome do livro e do seu herói, *ʿiyyôb*, aparece em textos extra-bíblicos que datam desde 2000 A.C. Sua forma monossilábica, Jó, vem da versão da Vulgata (isto é, do latim).

**Gênero Literário.** A essência do livro é poesia, engastada como uma pedra preciosa entre um prólogo e um epílogo de prosa épica. Tal estrutura A B A encontra-se em outras peças de literatura antiga. Como, por exemplo, Hamurabi que colocou suas leis entre um prólogo e um epílogo poéticos. E uma obra egípcia, *The Eloquent Peasant*, emoldura os nove protestos semipoéticos do camponês entre a prosa do prólogo e do epílogo.

Junto com os Provérbios, o Eclesiastes e, sob um certo aspecto, os Cantares de Salomão, Jó pertence ao gênero da Sabedoria (*hokmâ*), um tipo de obra amplamente ilustrada em uma variedade de formas na literatura antiga do Oriente Próximo. Dentro do cânon das Escrituras do Velho Testamento, a contribuição característica dos livros da Sabedoria é que eles expõem a relação que existe entre a revelação da aliança

fundamental dada através de Moisés e os grandes problemas da vida do homem neste mundo, mais especificamente, da vida do homem à parte do conteúdo peculiarmente teocrático da história de Israel. Existe muita semelhança formal entre Jó e as diversas obras da Sabedoria extra-bíblica; como, por exemplo, o estilo coloquial, e motivos tais como o problema do sofrimento e o anseio pela morte. Não obstante, em seus ensinamentos essenciais, Jó difere completamente da literatura da Sabedoria extra-bíblica porque representa a mensagem única da revelação redentiva, a sabedoria de Deus que torna tola a sabedoria dos homens. Mesmo em sua estrutura literária, considerada como um todo, ele é único – uma obra prima universalmente aclamada.

Intimamente relacionada com a forma literária está a questão da historicidade. É claro que Jó foi um personagem histórico (cons. Ez. 14:14, 20; Tg. 5:11) e sua experiência foi real e substancialmente de acordo com o registro deste livro. Não obstante, a poesia magnífica dos diversos discursos tem competido ao assentimento geral da conclusão de que o tratamento da narrativa aqui não é literal mas livre. Além disso, o estilo épico semipoético do prólogo e do epílogo (com sua estrutura estrófica e os refrãos), embora não exija que se aceite que a narrativa seja lendária, sugere a possibilidade de um tratamento livre e figurativo de alguns detalhes.

**Autoria e Data.** As discussões sobre a autoria de Jó da maior parte dos críticos são complicadas pelas dúvidas que os críticos têm quanto à unidade do livro tal como o temos atualmente. A prova não é primordialmente externa, pois embora o texto de Jó na LXX seja um quinto mais curto do que o texto massorético, suas omissões são claramente secundárias. As partes que mais amplamente têm sido consideradas como acréscimos à obra básica original são o prólogo e o epílogo, o poema sobre a sabedoria (cap. 28), o material sobre Eliú (caps. 32-37) e parte ou todos os discursos do Senhor (caps. 38-41). Também, os capítulos 24-27 são considerados como seriamente alterados. Contudo, encontramos forte defesa da integridade de nosso

texto atual na unidade magistralmente estrutural do tudo e no rico inter-relacionamento de todas as partes.

A questão da data tem recebido as mais diversas opiniões possíveis, o que vem indicar a dificuldade em se determinar o tempo com precisão. A data da autoria do livro não deve ser confundida com a data da história contada. O homem Jó, ao que parece, viveu nos primitivos tempos patriarcais. Observamos, por exemplo, a longevidade de Jó, como também a prática não desprezível da verdadeira religião (assistida pela revelação especial sobrenatural) fora dos limites da aliança abraâmica, e no desenvolvimento econômico e político primitivo que se reflete no livro. A questão da data do livro, então, é esta: Durante quanto tempo a história do patriarca Jó foi transmitida – oralmente ou pelo menos parcialmente escrita – antes que um escritor israelita anônimo, sob inspiração divina, transformasse a tradição no livro canônico, isto é, Jó. A maioria das críticas negativas favorecem uma data exílica ou pós-exílica, estando influenciada pela maneira como deduzem a interdependência de Jó, Isaías e Jeremias – e como datam as passagens de Isaías relacionadas. A crítica mais extrema (segundo século A.C.) parece estar decisivamente contrariada pelos fragmentos do manuscrito de Jó incluídos entre os achados do Mar Morto, especialmente aqueles em antigos caracteres hebraicos. A grandeza e espontaneidade do livro e a sua profundamente enfática recriação dos sentimentos dos homens que viviam no início do progresso da revelação indicam um precoce período pré-exílico, antes da contribuição doutrinária, especialmente a escatológica, dos profetas. Muitos mestres conservadores têm favorecido o período de Salomão, como sendo o grande período da literatura da Sabedoria bíblica (cons. por exemplo, a semelhança entre Jó e os Salmos 88 e 89, que são do período salomônico; cons. I Reis 4:31).

**Tema.** Através do problema da teodicéia, o livro de Jó apresenta novamente a exigência central religiosa da Aliança. Exige dos homens consagração sem reservas para com o seu soberano Senhor. E este aspecto da Aliança, esta consagração ao Criador transcendente e

incompreensível, identifica-se com o aspecto da sabedoria. Desse modo apresenta a Igreja como seu conseqüente testemunho da revelação redentora diante das escolas da sabedoria do mundo.

## **ESBOÇO**

- I. Desolação : A provação da sabedoria de Jó. 1:1 – 2:10.
  - A. Descrição da sabedoria de Jó. 1:1-5.
  - B. A sabedoria de Jó é negada e manifesta. 1:6 – 2:10.
    - 1. A inimizade de Satanás. 1:6-12.
    - 2. A integridade de Jó. 1:13-22.
    - 3. A persistência de Satanás. 2:1-6.
    - 4. A paciência de Jó 2:7-10.
- II. Lamentação: O caminho da sabedoria perdido. 2:11 – 3:26.
  - A. A vinda dos homens sábios. 2:11-13.
  - B. A impaciência de Jó. 3:1-26.
- III. Julgamento. O caminho da sabedoria obscurecido e iluminado. 4:1
  - A. O veredito dos homens. 4:1 – 37:24.
    - 1. Primeiro ciclo de debates. 4:1 – 14:22.
      - a. Primeiro discurso de Elifaz. 4:1 – 5:27.
      - b. A réplica de Jó a Elifaz. 6:1 – 7:21.
      - c. Primeiro discurso de Bildade. 8:1-22.
      - d. A réplica de Jó a Bildade. 9:1 – 10:22.
      - e. Primeiro discurso de Zofar. 11:1-20.
      - f. A réplica de Jó a Zofar. 12:1 – 14:22.
    - 2. Segundo ciclo de debates. 15:1 – 21:34.
      - a. Segundo discurso de Elifaz. 15:1-35 .
      - b. A segunda réplica de Jó a Elifaz. 16:1 – 17:16.
      - c. Segundo discurso de Bildade. 18:1-21.
      - d. A segunda réplica de Jó a Bildade. 19:1-29.
      - e. Segundo discurso de Zofar. 20:1-29.
      - f. A segunda réplica de Jó a Zofar. 21:1-34.
    - 3. Terceiro ciclo de debates. 22:1 – 31:40.

- a. Terceiro discurso de Elifaz. 22:1-30.
- b. A terceira réplica de Jó a Elifaz. 23:1 – 24:25.
- c. Terceiro discurso de Bildade. 25:1-6.
- d. A terceira réplica de Jó a Bildade. 26:1-14.
- e. Instruções de Jó aos amigos silenciados. 27:1 – 28:28.
- f. Protesto final de Jó. 29:1 – 31:40.
- 4. O ministério de Eliú. 32:1 – 37:24.
- B. A voz de Deus. 38:1 - 41:34.
  - 1. O desafio divino. 38:1 – 40:2.
  - 2. Submissão de Jó. 40:3-5.
  - 3. O desafio divino renovado. 40:6 – 41:34.
- IV. Confissão: O caminho da sabedoria retomado. 42:1-6.
- V. Restauração: O triunfo da sabedoria de Jó. 42:7-17.
  - A. A sabedoria de Jó é vindicada. 42:7-9.
  - B. A sabedoria de Jó é abençoada. 42:10-17.

## COMENTÁRIO

### I. Desolação: A Provação da Sabedoria de Jó. 1:1 - 2:10.

#### Jó 1

##### A. Descrição da Sabedoria de Jó. 1:1-5.

O temor do Senhor, que é o começo da sabedoria, foi o sinete da qualidade de Jó. A fonte de sua vida e caráter foi a religião da aliança da fé no Cristo da promessa, "o qual se nos tomou da parte de Deus sabedoria" (I Co. 1: 30; cons. Is. 11:2).

**1. Uz**, a terra natal de Jó, fica em algum lugar a leste de Canaã, perto das fronteiras do deserto que separa os braços leste e oeste do Crescente Fértil. Era uma região de cidades, fazendas e rebanhos migrantes. **Íntegro e reto**, não se refere à perfeição sem pecado, (cons. Jó reconhecendo seus pecados; por exemplo, 7:20; 13:26; 14:16 e segs.) mas à integridade sincera, especificamente a lealdade para com a aliança

(cons. Gn, 17:1, 2). Havia uma harmonia honesta entre a sua profissão de fé e a sua vida, exatamente o oposto da hipocrisia da qual ele foi acusado por Satanás e mais tarde por seus amigos. **Temente a Deus.** No V.T. "o temor do Senhor" é o nome da religião verdadeira. A piedade de Jó era fruto de submissão genuína ao Senhor, diante de quem ele andava em reverência, rejeitando resolutamente o que Ele tivesse proibido.

**2, 3.** A verdadeira sabedoria se expressa na vigorosa execução do mandato criativo divino de encher e dominar a terra (Gn. 1:28). Por causa da anormalidade da história, que resultou da Queda, o fracasso persegue os esforços até mesmo dos piedosos. Mas os empreendimentos de Jó na família, no campo e nos rebanhos foram coroados com as bênçãos do Criador (cons. a descrição que Jó faz deste período no cap. 29).

**4, 5.** Atento ao seu Deus nos dias bons como nos maus, Jó fielmente cumpria suas funções de sacerdote dentro da família. Não um simples formalista, Jó percebia a raiz do pecado no coração humano (cons. cap. 31); não mero moralista, ele reconhecia, como a especial revelação redentiva tornara claro, que não há remissão de pecados sem derramamento de sangue sacrificial. Holocaustos, embora fossem símbolo da expiação messiânica do pecado, eram também um ritual de consagração. Por meio deles Jó dedicava os frutos do progresso no setor da cultura (cons. 1:2, 3) ao seu Criador. Assim a cultura humana alcançava seu devido fim na adoração a Deus.

### **B. A Sabedoria de Jó é Negada e Manifesta. 1: 6 - 2:10.**

Aquele que é sábio para a salvação está cômico da dimensão demoníaca da história, a fúria secular de Satanás contra "a semente" da mulher (cons. Gn. 3:15), isto é, Cristo e o Seu povo. O Adversário protestou dizendo que a piedosa sabedoria de Jó não era genuína, que a sua piedade era apenas temporária e resultante de sua prosperidade. Mas provado, Jó esmagou Satanás sob os pés demonstrando que estava pronto a servir a Deus "debalde". Uma vez que a verdadeira sabedoria, o temor a Deus, é um dom redentor divinamente concedido, a acusação de

Satanás contra Jó foi realmente uma desafiadora negação da sabedoria de Deus, um desafio à eficácia soberana do decreto redentor de Deus de "pôr inimizade" entre os eleitos e a serpente (Gn. 3:15). O propósito primário do sofrimento de Jó, desconhecido para ele, foi que permanecesse diante dos homens e anjos como um troféu do poder salvador de Deus, uma exibição dessa sabedoria divina que é o protótipo, fonte e fundamento da verdadeira sabedoria humana.

### 1) A Inimizade de Satanás. 1:6-12.

6, 7. Para que o leitor possa descobrir o propósito primário dos sofrimentos de Jó e assim se colocar em posição de julgar corretamente onde jaz a verdadeira sabedoria na seqüência, afasta-se o invisível véu angélico, pintado aqui como uma corte real com o Soberano assentado em Seu trono no meio dos Seus servos. **Os filhos de Deus.** Esta frase, nos antigos mitos politeístas indicava seres divinos. Na Bíblia se refere ou aos homens (Gn. 6:2 por exemplo) ou, como aqui, a criaturas celestes. **Satanás**, literalmente, o *Adversário*, está entre aqueles que são obrigados a prestar contas diante do trono celestial. Isto, como também o fato de Satanás não poder tentar Jó sem permissão, torna conhecida sua absoluta subordinação, ao lado de todas as outras criaturas visíveis e invisíveis, ao Deus que Jó temia.

**8-10.** Deus Se glorifica quando aponta para Jó como criação da Sua graça redentora. **Ninguém há na terra semelhante a ele** (v. 8b). Este endosso divino vai além até da descrição do versículo 1. Mas embora o acusador hostil não encontre nada na vida visível de Jó para condená-lo (compare com a situação em Zc. 3), ele insinua que a aparente devoção do patriarca é de calculado interesse pessoal. Ele diz, realmente: "Jó é um enganador como eu, seu verdadeiro pai, o diabo". Satanás tentou arrancar Jó da mão de Deus, e assim pôs em dúvida o direito que o Senhor tinha sobre Jó por tê-lo feito Seu filho através da graça redentora. O diabo dá a entender que, deixando de reconhecer a fraudulência da piedade de Jó, Deus é ingênuo. Pois que, tendo recebido um mundo todo



seu com uma cerca à volta, não manteria as devidas aparências de lealdade ao doador? O assalto satânico contra a integridade de Jó é, em última análise, um assalto à integridade divina: Deus subornara o profano Jó para que agisse com piedade. A oportunidade que foi dada a Jó em sua provação foi, portanto, não tanto para justificar-se mas para justificar a Deus.

**11, 12.** Na tentação, no Éden, Satanás desacreditou a Deus diante do homem; aqui ele desacreditou o homem diante de Deus. Mas, em ambos os casos, ele usou a mesma técnica sutil. Começou com uma pergunta insinuante, depois prosseguiu contradizendo atrevida e declaradamente a palavra divina. Remova a prosperidade de Jó, disse, e a piedade que repousa sobre ela vai desmoronar. Deus aceitou o desafio. Realmente, dirigindo a atenção de Satanás para Jó, em sua insondável sabedoria, Ele provocou o desafio. Que a cena celestial, e as transações da corte celeste não foram reveladas a Jó está de acordo com o fato de que este livro não tem intenção primordial de responder à pergunta: Por que sofrem os justos? Antes, o livro representa a absoluta consagração do ser ao fiel Criador-Salvador do homem como sendo a verdadeira sabedoria. Um homem deve continuar temendo a Deus mesmo quando seu mundo se desmorona e a vida o coloca em dificuldades, como no caso de Jó, assombrado e perplexo sobre um monte de refugio.

## **2) A Integridade de Jó. 1:13-22.**

**13-19.** Como a prova parece justa! Conhecimento e poder sobrenatural – com o elemento surpresa em seu favor – disposto contra um mortal! Davi e Golias, em comparação, estavam igualmente equipados. Mas a integridade constante de Jó, como o heroísmo de Davi, era apenas o índice visível do poder da redenção divina operando no servo de Deus e através dele. A estratégia divina, como a de Elias no Carmelo, era tornar impossível a Satanás insinuar, por meios fraudulentos, às testemunhas uma explicação naturalista da maravilha que Ele estava para realizar. A assombrosa vantagem que Deus deu a

Satanás tomou-se, na seqüência, a medida da ignomínia diabólica e o elogio divino.

**Sucedeu um dia** (v. 13b). Talvez as semanas de festa fossem celebrações especiais; mas se havia uma contínua sucessão de séries semanais de festas, este era o dia no qual Jó tinha oferecido holocaustos. Sua piedade e desolação sendo assim confrontadas, a sua desolação parece tanto mais incompreensível. Certamente a repetição do quadro da família feliz de Jó como prelúdio para o registro dos golpes que o destruíram serve para colocar a feliz prosperidade e a súbita desolação em contraste agudo. **Os sabeus** (v. 15). Beduínos árabes. **Fogo de Deus** (v. 16b). Possivelmente raios. **Os caldeus** (v. 17) deste período precoce, diferindo dos posteriores edificadores do império, eram saqueadores nômades. **O grande vento** (v. 19b) era, ao que parece, um tufão do deserto, como aquele do qual Deus mais tarde se dirigiu a Jó. Observe como os assaltos inclementes dos homens sobre o fruto acumulado da vida de Jó alternaram-se com os assaltos da natureza. Os mensageiros foram poupados apenas para levarem as más novas, em uma sucessão esmagadoramente rápida, ao seu consternado senhor.

**20-22. E adorou** (v. 20b). Eis o homem sábio! Não sábio porque compreendesse o mistério dos seus sofrimentos, mas porque, sem compreender, continuou temendo a Deus. **E nu voltarei** (v. 21b), isto é, além do cenário da vida debaixo do sol, ao pó (ao qual Jó talvez apontasse). Cons. Gn. 3:19. **Bendito seja o nome do Senhor** (v. 21c). O notável aspecto é que Jó, reconhecendo que não podia resistir ao Deus soberano, não manteve simplesmente sua compostura espiritual, mas até foi capaz de na adversidade também louvar a Deus. Talvez medindo a grandeza de sua perda, Jó tenha avaliado a abundância que o tempo todo estivera confiada a sua mordomia. Mais do que isto, esta hora de desolação foi um momento da verdade para ele. Despido das coisas deste mundo, Jó tornou-se incomumente sensível à presença confrontante de Deus. Um abismo chama outro abismo. E como poderia o coração do redimido, que adora, reagir na presença de Deus a não ser com a

doxologia: "Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra" (Sl. 73:25). Satanás profetizou: "Ele blasfemará de ti" (Jó 1:11). Mas Jó bendisse a Deus seu Salvador. No hebraico, existe aqui um trocadilho com a raiz de uma palavra, Satanás usando-a com o sentido de maldição, e Jó, com o sentido de bênção.

## Jó 2

### 3) A Persistência de Satanás. 2:1-6.

**1-3.** Convocado novamente diante do trono da corte celestial para prestar contas, Satanás não apresenta relatório voluntário de sua tentação a Jó. Deus, contudo, para glorificar o Seu nome, declara abertamente a integridade comprovada e verdadeira do Seu servo. Sem causa (v. 3c). Esta é a mesma palavra hebraica que Satanás usou ("debalde") em sua pergunta (1:9). Deus faz eco ao termo para se opor à insinuação de Satanás. Agora era óbvio que Jó servia a Deus sem interesse e, portanto, Satanás o acusava sem causa.

**4-6. Pele por pele** (v. 4b). Uma paródia cínica do reverente louvor com o qual Jó reagiu à sua desolação (1:21). Satanás insinua que mesmo a doxologia de Jó, brotada na angústia da aflição, era a reação calculada de um hábil regateador. Embora desapontado por Deus não lhe ter permitido ficar com nada, Jó escondeu sua amargura pelas perdas, sem profana solicitude por seu bem-estar físico: **tudo quanto o homem tem dará por sua vida** (v. 4b). Satanás dá a entender que Jó, através de sua doxologia apenas fingiu amor a Deus como gratificação exorbitante mas necessária para garantir sua saúde. Toca-lhe nos ossos e na carne (v. 5b). Se Deus consentir que Satanás toque não simplesmente nas posses de Jó, mas também em sua pessoa, de modo que não reste nenhuma vantagem para "o acordo religioso", Jó devolverá maldição por maldição. Assim novamente Satanás continua a partir da depreciação da piedade passada de Jó até uma predição de que ele se comprovará profano. Assim novamente Deus permite que o mistério da aflição venha trazer o seu servo.

**4) A Paciência de Jó. 2:7-10.**

**7,8. Tumores malignos** (v. 7b). Opiniões médicas modernas não são unânimes no diagnóstico da doença de Jó, mas de acordo com a prognose dos dias de Jó, era aparentemente incurável. Os horríveis sintomas incluíam erupções inflamadas acompanhadas de intenso prurido (2:7,8), feridas contaminadas por bichos (7:5), erosão óssea (30:17), escurecimento e descamação da pele (30: 30) e terríveis pesadelos noturnos (7:14), embora alguns desses sintomas possam ser atribuídos à prolongada duração que se seguiu à instalação da doença. Todo o corpo de Jó, ao que parece, foi rapidamente tomado pelos sintomas repugnantes e dolorosos. Embora Satanás fosse obrigado a poupar a vida de sua vítima, o sofredor provavelmente pensava que sua morte era iminente. **Em cinza** (v. 8b). A doença incurável foi tal que reduziu este antigo príncipe dos patriarcas orientais, respeitado acima de qualquer outro, a um pária da sociedade humana. Antes considerado o sal da terra, foi agora expulso dela como se fosse refugo. Sua habitação foi o isolamento completo daquilo que provavelmente era o monturo da cidade.

**9,10.** A narrativa nos faz pensar na tentação do Éden (Gn. 3). A esposa de Jó desempenhava um papel notavelmente semelhante ao de Eva. Ambas sucumbiram ao tentador e se tomaram seu instrumento para ruína do marido. Satanás poupou a esposa de Jó – como poupou os quatro mensageiros – para usá-la mais tarde em sua guerra contra a alma de Jó. **Amaldiçoa a Deus, e morre** (v.9b). A blasfema apostasia na qual insistia que o sofredor incorresse era precisamente o que Satanás profetizara de Jó. Seu maligno conselho conduziu esta fase do tormento de Jó para o mais alto grau de intensidade e provocou sua segunda reação decisiva. **Como qualquer doida** (v. 10a). A caridosa reserva da resposta de Jó testifica tão convincentemente quanto suas doxologias da genuinidade de sua piedade. Ele não chamou sua esposa de doida, mas acusou-a de estar falando, no seu frenético desespero, como alguém em cuja companhia ela não costumava andar. A loucura do seu

comportamento realça mais a sabedoria da piedosa paciência de Jó. Na Bíblia, "sabedoria" é uma virtude religiosa, e a "loucura" à qual Jó se refere não é ausência de acuidade intelectual mas grosseira anarquia e impiedade (cons. Sal. 14:1). **Não receberíamos também o mal?** (10b). O verbo significa *receber com mansidão, com paciência*. É usado em um antigo provérbio cananita: "Se as formigas são magoadas, elas não se submetem (passivamente) mas mordem a mão do homem que as feriu" (Cartas de Amarna, 252:18). **Em tudo isso não pecou Jó com os seus lábios** (v. 10c). Ele não amaldiçoou a Deus, como Satanás profetizara confiantemente. Certamente não há aqui nenhuma sugestão velada de que Jó tenha amaldiçoado a Deus em seu coração. A sabedoria de Jó comprovou-se perfeita; ele servia a Deus verdadeiramente, sem pretensão à alguma coisa, pelo próprio Deus.

Satanás seduziu Adão quando ainda Adão se encontrava na integridade de sua justiça após a criação. Por causa disso Satanás achava que poderia passar uma rasteira nos depravados filhos de Adão segundo a sua vontade e que poderia espezinhá-los. Mas aqui se encontra a grande maravilha da graça redentora: o pecador Jó permanece triunfante, onde o justo Adão caiu tragicamente! Assim, para confusão de Satanás e conforto dos santos, o Senhor deu prova inequívoca de que uma justiça mais duradoura do que a de Adão estava sendo providenciada através do segundo Adão. Este triunfo da paciência de Jó sobre a malícia do Adversário forneceu um selo, especialmente para os séculos que precederam a Encarnação, da promessa de Deus de que Ele concederia aos fiéis o dom da salvação eterna através do Cristo que viria.

## **II. Lamentação. O Caminho da Sabedoria Perdido. 2:11 - 3:26**

### **A. A Vinda dos Homens Sábios. 2:11-13.**

A prova da sabedoria de Jó não terminara ainda. Uma nova fase desta sabedoria começa agora com a agravação do estado de Jó mediante tormento espiritual. Embora Satanás não apareça novamente, ele continua presente sutilmente usando os bem-intencionados confortadores

de Jó como cúmplices involuntários, com sucesso mais aparente do que seus esforços até este ponto.

**11.** Após a segunda crise da tentação e antes da chegada dos amigos, há um intervalo de vários meses (7:3), durante os quais o espírito de Jó foi perturbado pelo desespero inexorável do sofrimento na carne enquanto a ruína da enfermidade imunda o desfigurava além do reconhecimento (veja caps. 19 e 30). **Três amigos de Jó.** Os queridos companheiros e conselheiros do "homem que era o maior de todos os do Oriente" deviam ser príncipes do seu povo e sábios de renome. Temã, em Edom, era proverbial por sua sabedoria (Jr. 49:7). A tribo dos suítas (cons. Gn. 25:2, 6) e sem dúvida dos naamatitas localizavam-se nas terras do leste, região de homens sábios (cons. I Reis 4:30).

**12,13.** Embora os amigos estivessem cômicos das calamidades de Jó, não estavam preparados para o que encontraram. Seu silêncio atordoado de uma semana de duração foi como o luto por um morto (cons. Gn. 50:10; I Sm. 31:13). Sinceros em sua simpatia, sua presença muda, evidentemente pouco conforto fornecia. A julgar de sua subsequente interpretação da miséria de Jó, sua missão de consolo teria falhado antes, se tivessem falado. Contudo, parece lamentável que o prolongado silêncio precisasse ser quebrado pelo grito do atormentado sofrido e não por uma palavra de consolo de um amigo.

## **Jó 3**

### **B. A Impaciência de Jó. 3:1-26.**

Entre as alturas da serenidade espiritual do prólogo e do epílogo, estende-se o abismo da agonia espiritual de Jó. A descida e a subida do abismo ficam marcadas por mudanças súbitas e dramáticas de temperamento espiritual. Estas foram descritas em breves passagens transicionais (isto é, caps. 3; 42:1-6). O primeiro delas descreve o mergulho assustadoramente abrupto da paciência às profundezas do abatimento.

**1. Amaldiçoou o seu dia.** O que transformou as submissos doxologias de Jó em incontidas imprecações? Teria a sua resistência espiritual se esgotado pelos dias e noites de desespero físico? Ou teria, à vista dos distintos companheiros de sua antiga prosperidade, revivido nele as honras desaparecidas e a felicidade do passado? Ou será que o rosto dos seus amigos, horrorizados, cheios de piedade inexprimível, refletiam de maneira horrível a feiúra do seu presente? A chave não se encontraria na identidade dos seus amigos que eram "homens sábios?" A presença taciturna desses filosóficos intérpretes da vida não poderiam deixar de levar Jó a filosofar sobre a sua trágica experiência. Mas quanto mais intensamente procurava uma explicação para ela, mais ansiosamente cômico ele se tornava da parede misteriosa que o aprisionava. À procura do por que, ele logo perdeu o Caminho. Obcecado pelo terror de ter sido abandonado por Deus, ele amaldiçoou sua vida desamparada. Nem a esta altura nem mais tarde Jó cumpriu as predições satânicos de que renunciaria a Deus com uma maldição. Amaldiçoando a sua própria existência, entretanto, Jó, realmente, atreveu-se a discutir com o Soberano que a decretara. Tudo o que não é de fé é pecado; portanto, eis aí a necessidade do arrependimento de Jó (cons. 42:1-6) para renovar a sua paz com Deus.

**3-10.** A inevitável presente miséria de Jó obstrui as lembranças dos felizes anos passados quando ele lamenta o fato de ter nascido. Que o Todo-Poderoso não o faça se lembrar do dia em que nasceu (v. 4), mas que **reclamem-no as trevas e a sombra de morte** (v. 5a). Se a noite de sua concepção pudesse ser apagada do calendário do tempo (v. 6), ou o monstro marinho (v. 8b, ASV, *leviatã*, símbolo mitológico do inimigo da ordem cósmica) pudesse engoli-lo no caos.

**11-19. Por que?** Imprecação explosiva produz lamentação de autopiedade. Por que, já que fora concebido e nascera, não ficara entre os abortos ou natimortos (vs. 11, 16)? Até o confinamento da negra sepultura – ainda não iluminada pela glória da ressurreição de Cristo – parecia muito melhor do que a sua existência. Ali Jó, um pária e um

provérbio entre os homens desprezíveis e loucos, participaria da sorte comum dos reis e príncipes (vs, 14, 15); ali todos aqueles que são afligidos pelos "maus" e pelos senhores encontram alívio das perturbações humanas (vs. 17-19).

**20-26. Por que,** não tendo nascido morto, mas tendo sido bem recebido e nutrido (v.12), sua vida miserável teve de continuar? Quando a lamentação se aproxima do fim, Jó finalmente anuncia seu problema básico : Por que Deus concedeu a luz da vida **ao homem cujo caminho é oculto, e a quem Deus cercou de todos os lados** (v. 23; cons, v. 20). A palavra que Satanás usou para descrever Jó como "cercado com sebe" por todos os lados com o favor de Deus (1:10), agora Jó usa referindo-se a alguém que está "tolhido" por Deus através de trevas e desfavores.

### **III. Juízo : O Caminho da Sabedoria Obscurecido e Iluminado.**

**4:1 – 41:34.**

#### **A. O Veredito dos Homens. 4:1-37:24.**

Considerando que o diálogo de Jó com seus amigos relacionava-se mais com a lamentação de Jó do que diretamente com suas calamidades, a missão dos amigos assume mais os ares de um julgamento do que de consolo pastoral e continua assim progressivamente em cada sucessivo ciclo de discursos. (Em relação à estrutura cíclica do diálogo, veja o Esboço acima.) Os amigos assentaram-se como em um conselho de anciãos para julgarem o ofensor clamoroso. A avaliação da culpa de Jó envolve discussão dos aspectos mais amplos do problema da teodicéia, mas sempre com o caso particular de Jó e a condenação à vista. Portanto, para Jó o debate não consiste em um estudo imparcial e acadêmico do sofrimento em geral, mas uma nova e dolorosa fase dos seus sofrimentos. Os amigos são enganados por seu apego à tradicional teoria, ajudando e favorecendo a Satanás em sua hostilidade contra Deus, e obscurecendo o caminho da sabedoria para Jó, o servo de Deus. Mas o debate serve para silenciar esta sabedoria do mundo e assim prepara o



caminho para a apresentação da via de acesso da aliança para a sabedoria, que são apresentados nos discursos de Eliú e o Senhor. Novamente, no apelo que Jó faz dos vereditos humanos ao supremo tribunal, expresso em seu apaixonado anseio de expor o seu caso diante do Senhor, o debate busca a manifestação visível de Deus.

### **1) Primeiro Ciclo de Debates. 4:1 – 14:22.**

#### **a) Primeiro Discurso de Elifaz. 4:1 - 5:27.**

### **Jó 4**

**4:1.** Como o mais velho dos amigos (cons. 15:10) aparentemente e, portanto, possuidor da sabedoria mais amadurecida, Elifaz recebe a dignidade da precedência em todas as séries de discursos (cons. 42:7). Ele estabelece o clima do conselho dos amigos, apresentando sua teoria sobre o pecado e o sofrimento, aplicando-a ao caso de Jó. A suposição fundamenta, mas falsa, de Elifaz é que a justiça invariavelmente produz bem-estar, e a injustiça o infortúnio, e que existe uma proporção direta entre o pecado e o sofrimento. Primeiro ele se dirige ao desânimo de Jó (4:2-11), depois à sua impaciência (4:12 – 5:7) e finalmente aconselha-o a arrepender-se (5:8-27).

**2-11. Quem, todavia, poderá conter as palavras?** (v. 2b). Durante sete dias os sábios ficaram observando as calamidades na vida de Jó sem oferecer uma palavra de consolo. Quando Jó se queixou, entretanto, os confortadores não puderam abster-se de reprová-lo. Assim, através de todo o decorrer do debate, seus olhos estiveram fixos no temporário escorregão de Jó para a impaciência, enquanto sua anterior exibição prolongada de paciência desapareceu por completo de sua perspectiva. Reprovaram a Jó como se ele tivesse entregado os pontos ao primeiro sabor da adversidade: **Sendo tu atingido, te perturbas** (v. 5b).

**Segundo eu tenho visto** (v. 8a; cons. 5:3). A autoridade da teoria de Elifaz está na experiência. Ele espousa o ponto de vista tradicional dos sábios orientais porque é o que tem observado na vida. Por exemplo,

suas estatísticas mostram que calamidade extrema segue-se à perversidade extrema (vs. 8-11). Só os pecadores arrogantes que passam a vida semeando o mal, colhem a morte entre as calamidades. Perecem como a erva ressequida pelo sopro quente do vento do desejo (v. 9) ou como uma ninhada de leões ferozes dispersos por um golpe súbito (vs. 10,11). Sua observação também confirma o inverso: **Acaso já pereceu algum inocente?** (v. 7a). Embora os justos experimentem certa medida de sofrimento, jornais são destruídos por meio da aflição. Com estas observações Elifaz deduz sua lei do pecado e sofrimento, e ele presume que essa lei deve governar universalmente a história humana. Infelizmente, o método de Elifaz de arquitetar a doutrina da providência é falível. Pois a verdadeira teologia descansa sobre a autoridade da revelação divina, não sobre limitadas observações humanas e especulações falíveis. Infelizmente também, conforme Jó destaca mais tarde, até as observações e estatísticas de Elifaz são inexatas (cons. 21: 17 e segs.).

Doutrina vil só pode oferecer conforto vão. **Porventura não é o teu temor de Deus aquilo em que confias, e a tua esperança a retidão dos teus olhos?** (4: 6). Elifaz não duvida da justiça essencial de Jó. Portanto, esperando arrancá-lo de seu abatimento, ele lhe assegura que por causa de sua piedade, ele não perecerá. Mas esta avaliação favorável de alguém que foi humilhado é inconsistente com a teoria do próprio Elifaz. Para ser consistente ele deveria considerar Jó como o mais desprezível filho de Belial. Pois a agonia do patriarca é tão grande que ele cobiça apaixonadamente a morte da qual Elifaz, declarando ser a pior calamidade que pudesse sobrevir aos incrédulos, diz que ele está imune. Mais tarde, quando Elifaz já elaborou sua posição mais consistentemente, ele acusa Jó de hipocrisia e criminalidade. No seu primeiro discurso, contudo, desprezando a severidade excepcional dos sofrimentos de Jó, ele o classifica entre os pecadores generalizadamente moderados, homens justos moderadamente sofrendores e apenas fica perplexo diante de suas lamúrias não imoderadas.

Jó levantou uma questão sobre a sabedoria da providência divina. Elifaz se opõe com o argumento de que os homens decaídos, piedosos ou incrédulos, estão carentes de sabedoria e justiça e, portanto, incompetentes para criticar a Providência (4:12-21). Eles são, além disso, alvos justos de todos os infortúnios que sobrevêm aos mortais (5:1-7).

**12. Uma palavra se me disse em segredo; e os meus ouvidos perceberam um sussurro dela.** Como fonte suplementar de seus conhecimentos, Elifaz refere-se impressionantemente a uma revelação especial que lhe foi concedida em uma visão noturna (v. 15) de arrepiar os cabelos. Sua narrativa da misteriosa aparição e voz (vs. 15, 16) serve para o revestir de um manto profético. (Com referência a semelhantes aspectos de teofanias testemunhadas por Abraão, Moisés e Elias, veja Gn. 15:12; Nm. 12:8; I Reis 19:12). O conteúdo da alegada revelação está em Jó 4:17-21, seria porventura o mortal justo diante de Deus?

**17. Seria a o homem puro diante do seu Criador?** A tradução da E.R.C. também é gramaticalmente possível e fornece uma réplica adequada para o desafio feito ao governo de Deus implícito na lamentação de Jó. Se, comparando-se com a sabedoria divina, até a sabedoria dos anjos é imperfeita (v. 18), certamente os homens que vivem e morrem **e não atingem a sabedoria** (v. 21b) não estão qualificados para se assentarem e julgarem os caminhos de Deus. Analisando a inferioridade do homem diante dos anjos, em termos de sua mortalidade, Elifaz faz eco ao veredito divino contra o corpo do homem que é pó (v. 19; cons. Gn. 3:19).

Em comparação com a vida angélica, a vida humana, como a traça (Jó 4:19, 20), é transitória. A morte do homem é como o colapso de uma tenda quando suas cordas são desatadas (v. 21).

## Jó 5

**5:1-7.** Se Elifaz aplicasse a si mesmo a mensagem da sabedoria transcendente do Senhor e da falta humana disso, recebida na visão

noturna, ele não teria se apresentado como voluntário para tão dogmáticas explicações do procedimento divino com Jó. **Porque a aflição não vem do pó . . . mas o homem nasce para o enfado** (vs, 6a, 7a; cons. 4:8). Embora servo de Deus, ele insiste, Jó continua sendo um mortal decaído. Seus problemas, portanto, não brotam da terra como colheita mágica que jamais foi semeada; do os frutos espinhosos dos seus pecados. Portanto, nem os homens nem os anjos podem ouvir com simpatia o seu lamento (v. 1).

**2a. O zelo do tolo o mata.** Exibir ressentimento para com a providência divina é mais do que fútil; é um convite a aflição que leva para a morte.

**3a. Bem vi eu o louco.** Novamente a autoridade de Elifaz vem da experiência. Seu esboço descuidado da maldição sobre a casa, campo e filhos do louco intratável (vs. 3-5), reminiscências das recentes perdas de Jó, talvez fizesse Jó pensar que Elifaz o considerava tal como aquele louco.

**8-27.** Elifaz insiste com a vítima murmuradora a que se submeta confiantemente a Deus. O conceito central de sua exortação é a beatitude do homem castigado (v. 17). Ele descreve a bondade dos maravilhosos caminhos de Deus (vs. 8|6), profetiza sobre a felicidade que se segue após o arrependimento (vs. 18-26) e acrescenta uma garantia confiante à sabedoria que oferece (v. 27).

**8. Quanto a mim eu buscaria a Deus** (v. 8). O sábio ileso não tem dúvidas de como agiria se fosse tentado como Jó. Seu conselho é declaradamente lógico; sua apresentação da bondade da providência divina e Seu interesse especial nos pobres sofredores é excelente (veja citação de Paulo do v. 13 em I Co. 3:19). Mas sua falsa interpretação dos extraordinários sofrimentos de Jó e sua atitude inclemente indis põe Jó para que não aproveite nada de sua exortação.

**17. Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina.** Elifaz reconhece a diferença que há entre a disciplina e o castigo, e ele aprecia os benefícios finais da paternal disciplina divina. Contudo, sua opinião

sobre a relação entre o pecado e o sofrimento não deixa lugar para outros propósitos, tais como a provação e o testemunho, que existem no sofrimento dos justos. (Para maiores comentários sobre este tema, veja 33:31-33).

**18-26.** Restauração das lavouras e dos rebanhos, descendência multiplicada (v. 25) e vida longa (v. 26) – esta será finalmente a feliz porção de Jó. Elifaz acerta mais do que percebe, também, ao prever o livramento do **acoite da língua** (v. 21a), conforme o leitor, cômico das calúnias de Satanás e do mau juízo dos amigos, já sabe. A perícia do autor está evidente nesta antecipação precoce do resultado final, apresentado como está, na forma de um prognóstico baseado em um mal-entendido tão profundo. Pois Elifaz está errado em presumir que a prosperidade renovada sempre se segue ao arrependimento. O sofrimento não é enviado em proporção exata ao pecado nesta vida, e nem a prosperidade é coisa garantida na proporção da piedade. Tudo depende da boa vontade de Deus.

### **b) A Resposta de Jó a Elifaz. 6:1 - 7:21.**

A presença dos filósofos fez Jó especular sobre o seu destino e isto o levou a duvidar da *sabedoria* divina (cap. 3). Os pronunciamentos de Elifaz relativos ao relacionamento entre o pecado e o sofrimento introduziu um tema que levaria Jó a duvidar da *justiça* de Deus; pois Jó sabia que seus próprios sofrimentos extraordinários não podiam ser levados em conta de pecados extraordinários. Nesta primeira réplica, contudo, o patriarca não se ocupa de discussões teológicas sobre a justiça de Deus, mas expressa novamente seu tumulto interior, conseqüência de seus sentimentos de alienação do Deus que o afligia. Essa foi a tendência oculta da lamentação original de Jó, e os esforços de Elifaz somente agravaram-na. A presente preleção é uma continuação da lamentação com certos aspectos novos. Começando pela defensiva, Jó justifica sua explosão original (6:1-13). Então, tomando a ofensiva, ele reprova seus amigos por sua atitude impiedosa (6:14-30). Finalmente, afastando-se

dos seus amigos e dirigindo-se a Deus, ele renova o seu lamento (7:1-21).

## **Jó 6**

**6:1-13.** Como indica a forma do plural, neste capítulo dirige-se a todos os antigos. Pois todos eles concordavam com as opiniões de Elifaz, e com olhares e gestos sem dúvida expressaram seus "améns", os quais viriam, a ser vocalmente expressos em seus próprios discursos.

**2a. Oh! se a minha queixa de fato se pesasse.** Jó ignora as insinuações de Elifaz quanto à causa de sua desolação, e defende a irritação expressa em seu lamento. Para Elifaz o lamento soara ominoso (5:2). Mas, diz Jó, se as palavras precipitadas (v. 6:3b) que subitamente brotaram de seus lábios, por causa da angústia, fossem pesadas, facilmente seriam ultrapassadas por suas calamidades, que eram mais pesadas do que a areia do mar.

**4. As flechas do Todo-poderoso . . . os terrores de Deus.** Uma indiferença, um ressentimento quase taciturno, ficou aparente na lamentação de Jó, em sua relutância de mencionar Deus até mesmo como autor de seus sofrimentos. A vigorosa interpretação teísta de Elifaz operou pelo menos uma mudança sadia quanto a isto. Agora Jó expressa francamente seus sentimentos de que Deus o está tratando como a um inimigo, dispondo contra ele exércitos terroristas.

**5.** Defendendo mais seus lamentos, Jó observa que até os animais não se queixam sem motivos. E é natural que um homem rejeite alimento insípido e repugnante (vs. 6, 7). Então, recordando a descrição que Elifaz fez da morte dos frágeis mortais (4:19-21), Jó declara que a morte é precisamente o que ele anseia (vs. 8, 9).

**10b. Saltaria de contente, na minha dor que ele não poupa.** Ainda que ele morresse da morte que Elifaz diz ser reservada aos incrédulos, seria bem-vinda. E nem seria, no seu caso, morte de incrédulo; pois, contrariando as insinuações de Elifaz, ele não era culpado de ter negado as palavras do Santo (v. 10c).

**11b. Por que prolongar a vida se o meu fim é certo.** Os recursos da paciência de Jó tinham se esgotado. Apesar das predições de Elifaz, o futuro neste mundo era sem esperanças.

**14-30.** Elifaz atacara os lamentos de Jó; agora Jó ataca a "consolação" de Elifaz.

**15a. Meus irmãos aleivosamente me trataram.** Ele não implorara favores, tais como um grande resgate (vs. 22, 23) – só a piedade que um homem espera naturalmente dos amigos. Contudo fora amargamente desapontado com os seus "consoladores" tal como uma sedenta caravana no deserto quando alcança um wadi – um curso de água rápido e escuro – mas não encontra nem sequer um filete entre as rochas (vs. 15-21).

**21b. Vedes os meus males e vos espantais ... e especularíeis com o vosso amigo (v. 27b).** Seu procedimento desapiedado, diz Jó, foi ditado pelo temor de que males como os seus pudessem sobrevir-lhes. Se eles simpatizassem com ele, Deus poderia interpretar mal sua preocupação como crítica à Sua providência, e poderia castigá-los da mesma forma. Para comprar o favor divino, eles insinuavam que Jó devia ter pecado em proporção aos seus sofrimentos. Como evidência eles apontavam para o aspecto rebelde de seu lamento. Mas suas palavras desesperadas pronunciadas sob extrema provocação não consistiam como provas de sua atitude e conduta normais (v. 26).

**29a. Tornai a julgar, vos peço.** Isto é, "Parem de incorrer em petição de princípio teológico, considerando que tenho culpa, pois sou inocente" (v. 30).

## Jó 7

**7:1-21.** No meio de suas réplicas Jó repetidamente volta-se dos seus amigos e dirige-se a Deus. A estrutura dos discursos individuais do patriarca reflete assim o curso geral de sua luta íntima que, desapontado com os amigos terrenos, sente-se competido a voltar-se novamente para o seu Amigo celestial e divino Redentor em busca de compreensão.

**1-16. Dias como os de um jornaleiro** (v. 1). A existência humana e a vida de Jó em particular é como a dura campanha de um soldado ou como o trabalho maçante e cansativo de um camponês. É uma sucessão de dias, anelando pela brisa da tarde, e noites inquietas à espera da manhã, um círculo vicioso de miséria e desespero (vs. 1-6). **Os teus olhos me procurarão, mas já não serei** (v. 8b). Revertendo ao tema da mortalidade humana apresentada por Elifaz, Jó fundamenta nEle seu lamento renovado. Ele apresenta (vs. 7-10) e conclui (v. 21b) seu apelo por alívio (vs. 11-21a) com a esperança patética da Divindade buscando o seu servo demasiadamente tarde para lhe demonstrar piedade atrasada. **Acaso sou eu o mar, ou algum monstro marinho** (v. 12a). Julgando da incessante vigilância mantida sobre ele, Jó diz, daria para pensar que ele era o monstro do caos (uma figura mitológica, cons. 3:8) ameaçando a estabilidade do universo.

**17a. Que é o homem.** Uma torção irônica do Sl. 8:4 (cons. Sal. 144:3). O contraste entre a transcendência divina e a limitação humana foi explorada para desprezar o significado da ação humana.

**20a. Se pequei, que mal te fiz a ti.** Na realidade, é claro que a transcendência de Deus engrandece a seriedade do pecado; ela é o fundamento do significado da experiência humana e de tudo o que existe. Além do mais, esta luta de Jó era particularmente significativa porque fora transformada em precedente para a própria verdade da autoridade transcendente e controle divino sobre a história. Na tentação de Jó a estabilidade do universo fora atacada – como os "filhos de Deus" deviam ter dito a Jó – pelo verdadeiro "dragão" (cons. Ap. 20:2), do qual o monstro marinho da mitologia era a versão paganizada. Os anjos viram o mundo tremendo em cada tremor do espírito de Jó. Pois se o poder redentor de Deus não pudesse preservar Jó no temor de Deus, não apenas Jó mas o mundo se perderia no caos satânico.

## Jó 8

### c) Primeiro discurso de Bildade. 8:1-22.



Bildade prova ser tão insensível quanto Elifaz em relação à miséria de Jó. Ele despreza a defesa que o sofredor faz do seu lamento, ignora sua crítica sobre a atitude pouco simpática dos seus amigos e continua dando a Jó mais conselhos iguais aos de Elifaz em nome da justiça divina (vs. 2-7) e da tradição venerável (vs. 8-19). Depois, desajeitadamente, anexa uma palavrinha de estímulo (vs. 20-22).

**2a. Até quando.** Aqui não há nenhuma apreciação pelos meses de paciência; só indignação pelos poucos minutos de impaciência!

**3a. Perverteria Deus o direito?** É claro que Deus não era injusto com Jó. Mas por trás da pergunta retórica de Bildade jaz o julgamento: Jó colhia os frutos do pecado. Esse aspecto da justiça divina, embora sem dúvida envolvesse o lamento de Jó, não estivera antes de tudo em seus pensamentos. O patriarca contemplara seu destino mais pela perspectiva metafísica da transcendência divina e limitação humana. Focalizando a atenção sobre o aspecto judicial, os consoladores só conseguiram intensificar a tentação do seu amigo. A teodicéia de Jó era tão inadequada quanto a deles. A razão portanto lhe dizia que Deus devia estar profundamente aborrecido com ele. Mas sua consciência se recusava a reconhecer uma transgressão proporcional ao seu sofrimento. Onde então ficava a justiça? Onde estava o bom Deus que ele conhecia?

**4b. Ele os lançou no poder de sua transgressão.** Uma aplicação surpreendentemente impiedosa, mas inteiramente consistente com a tese do amigo! Embora a forma seja condicional, a intenção é declarada.

**5a. Se tu buscares a Deus.** Uma vez que as aflições de Jó não se comprovaram ser fatais, como as de seus filhos, ele podia alimentar esperanças de que ele não era, como aqueles, um réprobo e que o seu arrependimento seria seguido de uma restauração de bênçãos além de sua antiga prosperidade (v. 7; cons. 42:12).

**8. Pergunta agora a gerações passadas.** Cômico das limitações do indivíduo mortal (v. 9), Bildade apoiada a autoridade das observações pessoais sobre o conhecimento tradicional (vs. 8, 10). Entre Bildade e Elifaz não há diferença essencial. Ambos edificam sobre areia – sobre

especulações extraídas da subjetividade de sua própria consciência e da relatividade do mundo mutante – e não sobre a revelação firme do Criador onisciente. Bildade reproduz a sabedoria proverbial dos pais, apoiada em símiles extraídos principalmente da vegetação luxuriante do pântano e do jardim (vs. 11-19).

**13a. São assim as veredas de todos quantos se esquecem de Deus.** Todos os símiles ensinam uma lição: a felicidade dos maus é frágil, perecível. Se as aparências parecem às vezes contradizer a teoria tradicional de que o sofrimento é o salário do pecado, nunca o faz por muito tempo. Mas por que Bildade permuta que uma advertência destinada aos ímpios domine o seu conselho a Jó?

**20-22.** A peroração aplica a doutrina de Bildade ao íntegro e aos malfeitores (v. 20). O orador oferece algum encorajamento a Jó, mas é breve e perfunctório (vs. 21, 22). Embora o sofredor se encaixe aqui na categoria do "íntegro", não pode deixar de considerar o **Se** anterior de Bildade (v. 6).

#### **d) A Resposta de Jó a Bildade. 9:1 – 10:22.**

Seguindo o padrão geral de sua resposta anterior, Jó se dirige primeiramente aos seus amigos (9:1-24) e depois mais ou menos diretamente a Deus (9: 25 – 10:22). Ele começa sua refutação a Bildade endossando sarcasticamente o tema inicial (e fundamental) do seu amigo (9:2; cons. 8:3) e conclui com veemente contradição da conclusão de Bildade e sua alegação (dominante) (9:22-24; cons. 8:20-22). Depois Jó retoma seu lamento dirigido a Deus, assumindo a temerária oposição à qual o conselho dos seus amigos o açulou. Neste discurso ele mergulha nas mais negras profundezas de sua imaginária alienação de Deus. Embora, em sua agitação, comece blasfemando, ele não se afasta de Deus amaldiçoando-O, mas luta em oração. Pois Satanás não pode arrancá-lo da mão do seu Pai.

## **Jó 9**

**9:1-24. Na verdade sei que é assim** (v. 2a). Veja comentário sobre 8:3. O aspecto judicial da situação agora volta-se favorável a Jó. Deus se lhe apresenta como um juiz em ação.

**2b. Como pode o homem ser justo para com Deus?** Embora esta pergunta seja parecida na forma à revelação de Eh faz (4:17), seu significado é diferente. Jó não diz que o homem, sendo mortal decaído, não possa permanecer em sua própria integridade diante de Deus. Ele diz (conforme vemos no versículo seguinte) que seja qual for a justiça da causa de um homem, ele é demasiado insignificante e ignorante para defendê-la com sucesso no tribunal, diante da sabedoria e poder esmagadores de Deus. A idéia da transcendência divina levou Jó a perguntar por que Deus deveria se dar ao trabalho de afligir o homem tão frágil. Agora o mesmo pensamento provoca a pergunta: Por que deveria um homem tão frágil se incomodar em contender com Deus? Esta pergunta expõe a perda de Jó da percepção da benevolência divina. O Todo-poderoso parece-lhe opor-se como um adversário gigantesco.

**10a. Quem faz grandes coisas, que se não podem esquadrinhar.** Novamente Jó faz uma nova aplicação a uma citação de Elifaz (cons. 5:9) para responder a Bildade. Elifaz pronunciou estas palavras como base para Jó entregar sua causa a Deus (5:8) e as ilustrou com graciosas obras da providência (5:10-16).

Jó as repete para mostrar como estas palavras são fúteis para apresentar o seu caso a Deus. Ele ilustra com os exemplos mais sinistros da onipotência absoluta do governo cósmico de Deus (vs. 5-13). Na ilustração final Jó adota novamente, ao que parece, a imagem retórica da mitologia usual, **os auxiliares do Egito** (v. 13b), para descrever o governo divino sobre o mar (cons. 26:12). **Nem a uma de mil coisas lhe poderá responder . . . ainda que eu fosse justo, não file responderia; antes ao meu Juiz pediria misericórdia** (vs. 3b,15). Isto antecipa extraordinariamente a teofania subsequente (38:3 e segs) e a resposta de Jó (40:3-5). Contudo essa prévia exposição está novamente velada com sutileza pelo equívoco. Pois a realidade que se comprovará ser o prelúdio

da alegria reconquistada, parece aqui, a Jó, ser uma contingência melancólica.

**21a. Eu sou integro.** Esta seção termina com um crescendo de denúncias, as exclamações de Jó quase se transformando em um staccato incoerente. Em completo desespero de não conseguir estabelecer sua integridade diante do Deus irresistível, que parece determinado a quebrá-lo, despedaçando-o **sem causa** (v. 17b; cons. 2:3), Jó contudo afirma desafiadoramente sua honestidade.

**22b. Tanto destrói ele o integro como o perverso.** A afirmativa dos amigos de que só os perversos são carregados com dor precisa de correção; Jó, contudo, fracassa em discernir o amor de Deus na morte do justo.

**23b. Então se rirá do desespero do inocente,** exatamente como, assentado inatacável nos céus, ele "ri-se" (Sl. 2:4, a mesma palavra) dos rebeldes que se enfurecem contra o seu trono. Os amigos condenaram Jó, afirmando que Deus devia ser justo – de acordo com o padrão deles. Jó, defendendo-se contra suas insinuações injustificadas, é levado a condenar Deus para que ele mesmo possa ser justificado (cons. 40:8).

**9:25 – 10:22.** O sofredor lamenta suas mágoas, continuando a interpretá-las como prova de condenação divina. Ele não pode impedir seu anseio por um dia no tribunal, embora não tenha esperanças de receber tal privilégio. Portanto, ele discute veementemente com o Deus estranho, criação fantástica de suas dúvidas loucas.

**25a. Os meus dias foram mais velozes do que um corredor.** A oportunidade para o Juiz de revogar sua decisão e devolver a prosperidade de Jó logo se desfará. Jó compara a rápida passagem de sua vida miserável com aquelas coisas que são as mais rápidas na terra (v. 25), no mar (v. 26a) e no ar (v. 26b). Mesmo assim me submergirás no lodo (v. 31a). Mesmo se o caso fosse ao tribunal e Jó comprovasse sua inocência tanto quanto fosse possível à eficiência humana (v. 30), o Juiz o sobrepujaria com acusações de culpa. Não há entre nós árbitro (v. 33a). Aqui, estando a fé de Jó em seu ponto mais baixo, surge nesta forma

negativa do lamento o conceito do Mediador, que mais tarde viria a se tornar para Jó uma convicção positiva. Este conceito alcança sua expressão mais alta no discurso (cap. 19) que marca o topo atingido pela fé de Jó dentro do andamento do debate. Pois à falta de um árbitro, Jó treme diante do Onipotente, que parece decidido a aterrorizá-lo até o silêncio (vs. 33-35) e declará-lo culpado.

## Jó 10

**10:1-22. Falarei com amargura da minha alma** (v. 1b). Com a bravata do desespero Jó discute com o Juiz que o condena (v. 2). Ele apela a Deus contra Deus – à natureza do Deus que ele conhecia contra o Deus fantástico que contende contra ele. Em particular, Jó apela ao orgulho profissional de Deus como Juiz (vs. 3-7) e à sua condição de Criador (vs. 8-12). Está Deus sujeito às limitações humanas, sujeito portanto à má-interpretação dos fatos (v. 4) ou capaz de não alcançar o culpado (vs. 5, 6)? Não. Ele tem as qualificações de ser o juiz de toda a terra; ele é onisciente e onipotente (v. 7). **As tuas mãos me plasmaram** (v. 8). Será que o Criador destrói a criatura com a qual despendeu tão maravilhosa perícia no processo da procriação e gestação (vs. 10, 11) e cuidado tão providencial (v. 12)?

O "julgamento" imaginado de Deus termina quando a realidade da dor e da ignomínia reafirmam-se na consciência de Jó. O Deus fantástico prevaleceu, ao que parece, e Jó muda abruptamente do apelo à lamúria e ao lamento (vs. 13-22). **Estas coisas ocultaste no teu coração** (v. 13a). O secreto desígnio divino na anterior formação e educação da vida de Jó foi preparar uma presa para ser espreitado como um leão, sem misericórdia, implacavelmente (vs. 14 -16). O propósito secreto de Deus foi o tempo todo tornar essa vida miserável no final, testemunhando da sua culpa com uma interminável hoste de pragas (v. 17). Porque, pois me tiraste da madre? (v. 18a). A consideração do papel divirto na origem da sua vida leva Jó de volta ao tema de suas queixas originais (cons. 3:11). Deixa-me (v. 20b). Excluído, como se julga ser, do amor de Deus, o

mínimo que pode pedir, antes de escorregar para as trevas da morte, é que Deus simplesmente cesse de lhe prestar atenção por um momento. Não obstante, é ainda a Deus que Jó clama.

## Jó 11

### e) Primeiro Discurso de Zofar. 11:1-20.

Jó reagiu à concentração de Elifaz e Bildade no seu status judicial com protestos cada vez mais intensos de inocência. Estes por sua vez provocaram os amigos a uma aplicação ainda mais consistente de suas teorias, até que Zofar agora bruscamente condena a alegada iniquidade de Jó (vs. 1-6). Ele suporta sua acusação apelando à infinidade de Deus (vs. 7-12), concluindo contudo com uma afirmação de prosperidade restaurada (vs. 13-20).

**1-6.** Jó insistira que Deus o tinha afligido quando sabia ser ele justo (v. 4; com. 9:21; 10:7). Isto, destaca Zofar, contradiz a teoria tradicional, é irreligiosidade e não pode ser permitido que permaneça como a última palavra.

**2b. Acaso tem razão o tagarela?** As costumeiras cortesias introdutórias, inteiramente dispensadas por Bildade, são agora aviadas por Zofar com tanta pressa e falta de gosto que a acusação funde-se com a apologia.

**5. Falasse Deus e abrisse os seus lábios contra ti.** Jó parece irreprimível na controvérsia com seus companheiros; mas se ele tivesse a liberdade de conseguir a coisa que ele mais almeja, um debate franco com Deus (cons. 9:35), seria silenciado.

**6b. Sabe, portanto, que Deus permite seja esquecida parte da tua iniquidade.** Mais literalmente, *Deus é a causa do esquecimento de parte da tua iniquidade*. No seu zelo de contradizer a lamentação de Jó de que Deus esquadrinha e sem misericórdia destaca cada pecado seu (cons. 10:6,14), afligindo-o desproporcionalmente às suas iniquidades, Zofar aventura-se a modificar a teoria dos outros dois amigos que é a da proporção direta – mas na direção oposta de Jó! Eis aqui o clímax da

condenação no primeiro ciclo. Jó 11:6 é de vital importância; conclui a acusação mas também introduz a sabedoria insondável de Deus (cons. 5:9).

### **7. Porventura ... penetrarás até à perfeição do Todo-poderoso.**

Através de sua sabedoria infinita Deus compreende e controla a criação em sua altura, profundidade, comprimento e largura (vs. 8,9).

**10b. Quem o poderá impedir?** Se Deus quer levar um homem a juízo, o homem não pode escapar. Zofar assim apóia a conclusão à que Jó já chegara devido à absoluta sabedoria de Deus, isto é, de que resistir a Ele é futilidade (cons. 9:12; 10:7b). Mas enquanto Jó já tinha apelado à onisciência divina vindicando sua inocência (10:7a), Zofar fá-lo para convencer Jó do pecado: (Ele) **vê a iniquidade** (v. 11b). Tendo condenado Jó abertamente, e sendo ele mesmo ignorante de qualquer evidência direta para consubstanciar sua acusação, Zofar acha conveniente suplementar sua própria ignorância com a onisciência do Todo-poderoso. Ele teria feito melhor uso de sua excelente doutrina da incompreensibilidade de Deus, entretanto, se tivesse humildemente reconhecido as limitações de seu próprio conhecimento da providência divina e não tivesse a presunção de entender os sofrimentos de Jó até a perfeição. Esta verdade da sabedoria inescrutável de Deus, embora tristemente manipulada por Zofar, é a doutrina que deveria ter aquietado o espírito de Jó e silenciado suas queixas. Levando-a em conta com mais seriedade, Jó e também os seus amigos teriam reconhecido que os seus sofrimentos eram compatíveis com a piedade exemplar de um lado e o favor divino do outro. É especialmente pela proclamação de sua incompreensibilidade que o próprio Senhor mais tarde liberta Jó às suas tentações. Assim o autor do livro emprega novamente uma velada antecipação. Em 11:12 ele usa outro artifício, favorito, concluindo um argumento com um provérbio. Ele cita a asneira dos homens estúpidos como um realce para a sabedoria divina que é infinita.

**13-20.** Compare exortação semelhante de Elifaz (5:8 e segs.) e Bildade (8:57, 20-22). Contrariando a opinião pessimista de Jó (9:28 e

10:15), a busca do favor divino teria sucesso (v.15). Pelo menos seria precedida de completo arrependimento, abrangendo o coração, a mão e o lar (vs. 13,14; cons. Sl. 24:4). Apresentando esta condição Zofar consegue insinuar uma acusação no meio da consolação. A renovação do favor divino será acompanhada de restauração da prosperidade, na qual a presente angústia será esquecida **como de águas que passaram** (v. 16b). Também, contrariando os presságios de Jó de trevas sem alívio (10:21, 22), um novo despertar da esperança, segurança pacífica e honra, como as de antigamente, estão a sua espera (vs. 17-19).

**20a. Mas os olhos dos perversos desfalecerão.** A crescente suspeita de Zofar em relação a Jó sugere a prudência de sua consolação sazoadada e incrementada com admoestações. Ele conclui identificando a única esperança dos ímpios com a morte, em palavras que claramente lembram a descrição das perspectivas do próprio Jó. O padrão de Zofar de arrependimento e restauração tinha de ser posto em prática; mas de maneira que o surpreenderia.

### **f) A Réplica de Jó a Zofar. 12:1- 14:22.**

Completamente desdenhando a ignorância arrogante de seus conselheiros, Jó os sujeita à crítica devastadora (12:1 - 13:12). Declara sua retidão aos amigos (13:13-19), e apela mais uma vez diretamente a Deus (13:20 - 14:22). No meio desse apelo, uma nova esperança desponta na alma de Jó - a esperança da vida além do Sheol! Embora a melancolia obscureça as palavras finais de Jó, está claro que em sua resposta a Zofar, sua fé começa triunfantemente a subir, saindo do abismo do desespero.

## **Jó 12**

**12:2b. Convosco morrerá a sabedoria.** O sarcasmo de Jó sugere o quão intoleráveis ele considera as pretensões do trio que lhe canta a mesma melodia vazia. Suas palavras podiam continuar atormentando-o,



mas ele não mais as aceitaria com seriedade como se fossem soluções possíveis ao quebra-cabeças dos seus sofrimentos.

**12:3b. Eu não vos sou inferior** (cons. 13:2). A fórmula familiar que eles recitavam dificilmente justificava sua atitude de superioridade.

**12:5a. No pensamento de quem está seguro há desprezo para o infortúnio.** Em total exasperação Jó lastima toda situação. Por causa dos seus problemas, um homem de sabedoria divina é tratado como um simplório ou um criminoso com base em uma teoria que se contradiz por outro fato (igualmente desesperador), isto é, que os roubadores estão prosperando enquanto ele está reduzido a tal ridículo (12:4-6).

**12:6c. Têm o punho por seu Deus.** Antes, *que trazem o seu deus na mão*. Como Lameque (cons. Gn. 4:23, 24; Dn. 11:38) eles idolatram a arma que têm na mão.

**12:7a. Pergunta agora às alimárias.** A doutrina dos três amigos em relação à sabedoria majestosa de Deus é o senso comum; toda a criação a ensina. Em 12:11-25 Jó demonstra sua familiaridade com o conceito da regra divina, que seus amigos pensaram lhe ensinar. Sua explicação ultrapassa realmente à deles (cons. Sl. 107). Toda a glória e dignidade dos reinos terrestres do homem estão à mercê do poder soberano de Deus (Jó 12:23; cons. I Co. 1: 25). As forças elementares da natureza estão à sua disposição para subverter a terra (Jó 12:15; cons. Gn. 7). As mais altas autoridades civis e religiosas são impotentes contra ele (Jó 12:17-21, 24). O versículo 19 menciona sacerdotes e *'etanim* (cons. *ytnm* ugarita, uma corporação religiosa). Jó se deleita especialmente em interpretar o texto: "Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?" (I Co. 1:20) e ninguém precisa ir longe para descobrir que certos homens sábios ele tinha particularmente em mente.

## Jó 13

**13:3a. Falarei ao Todo-poderoso** (cons. 5:8). Desgosto crescente para com os ajudadores humanos incita Jó a novamente arrazoar com

Deus, mas primeiro ele apresenta uma censura mordaz ao conselho legal auto-nomeado para defender a causa divina (13:4-12).

**5b. Isso seria a vossa sabedoria.** Se eles jamais tivessem quebrado o seu silêncio de sete dias, não teriam exposto sua estupidez (cons. Pv. 17:28).

**8. Sereis parciais por ele? Contendereis a favor de Deus?** Eles desgraçaram sua dignidade através da servilidade. Pior ainda, adularam a Deus às expensas da verdade: besuntais (lit.) a verdade com mentiras (13: 4; cons. v. 7). Veja acusação semelhante em 6:21, 27.

**10a. Acerbamente vos repreenderá** é a predição exata de Jó (cons. 42:7 e segs.). Embora a confiança de Jó na justiça divina esteja obscurecida, em seus momentos de maior desespero, quando atribui absoluto capricho ao Todo-poderoso, ele ainda não a perdeu de todo.

**12. As vossas máximas são como provérbios de cinza, os vossos baluartes ... de barro.** As máximas graves com as quais falsamente condenam a Jó a fim de justificarem a Deus são tão vulneráveis sob o martelo da verdade como o barro sob um martelo de ferro. A defesa que fazem de Deus era uma ofensa a Deus. Eles igualavam um certo procedimento providencial, falsamente considerado como invariável, com a justiça divina. Na verdade, eles estabeleciam um princípio abstrato como absoluto e portanto Deus lhe ficava subordinado. **Ser-vos-ia bom, se ele vos esquadrinhas?** (13:9a. Zofar tentou convencer Jó de sua suposta culpa arrastando-o para o tribunal da onisciência de Deus. O patriarca o faz lembrar e aos seus colegas promotores que, no processo de condená-lo, eles também estavam diante desse Juiz; e sob tal esquadrinhamento seus motivos ímpios e falsas acusações não podiam escapar à revelação.

**13:13-19.** Agora, no processo de voltar dos homens para Deus, Jó suscita coragem para enfrentar seu Juiz.

**13b. E venha sobre mim o que vier.** Ele pretende pleitear sua causa a despeito de todo o perigo, mesmo com o risco de vida (v. 14).

**15. Eis que me matará, já não tenho esperança: contudo defenderei o meu procedimento.** Esta tradução segue o texto hebraico e encaixa-se bem no contexto, melhor que a familiar tradução da AV – *contudo confiarei nele*. Esta última depende da sugestão marginal do texto massorético que diz *lô* ("por ele") em lugar de *lô* ("não"). O verbo na cláusula discutida significa "aguardar em paciente e ansiosa expectativa" (cons. 6:11;14:14). Jó não tinha nada mais a esperar, pois achava que Deus logo acabaria com a sua vida – talvez antes ainda por causa do pedido atrevido que ia fazer. Não obstante ele tinha de declarar sua inocência.

**16a. Também isto será a minha salvação.** O temerário desejo de comparecer diante de Deus é por si mesmo um sinal de veredito. favorável; pois a presença divina é o lugar mais evitado por alguém cujo coração o condena como hipócrita.

**19. Quem há que possa contender comigo? Neste caso eu me calaria, e renderia o espírito.** Um desafio triunfante, mas impróprio se Jó considerasse Deus igual aos homens. Se ele pudesse ser desacreditado com sucesso, se ele fosse comprovado ímpio na realidade - e não apenas de acordo com aparências e teorias -morreria mudo. Mas isso, ele sabe, é impossível: **Estou certo de que serei justificado** (v. 18b).

**20b. Então me não esconderei do teu rosto.** Se lhe concedessem um julgamento justo, Jó não fugiria de Deus, como Adão, coberto de vergonha. Se apenas Deus desistisse por um momento de oprimi-lo e se abstivesse de acabrunhá-lo com sua terrível majestade (13:21; cons. 9:34, 35), Jó apareceria diante dEle como réu ou como queixoso (v. 22). Se Jó pudesse com sucesso defender sua integridade, seria evidente (de acordo com seu conceito inadequado do sofrimento humano) que Deus estivera em falta ao afligi-lo tão severamente. Ou, se Jó conseguisse convencer Deus desse erro, teria primeiro de demonstrar sua própria integridade. Imaginando-se confrontado com o seu atormentador no cobiçado julgamento, o sofredor agora exige uma explicação da hostilidade divina (13:23, 24). Mas a cena judicial rapidamente

desaparece e a oratória do tribunal se transforma na costumeira lamentação final (13:25 e segs.). **E me atribuis as culpas da minha mocidade** (13:26b).

## **Jó 14**

Compare com isto a afirmação do pecado universal do homem em 14:4. Quando Jó discutia com seus amigos, a questão em jogo era a sua integridade geral, com referência à qual ele estava sinceramente confiante. Mas aparentemente, na imaginária confrontação com o Juiz, esse ponto ficava sujeito à questão mais penetrante do status do pecador diante do perfeitamente Santo. A reação posterior de Jó à presente teofania está aqui prefigurada (cons. 40:3-5). Enquanto isto, sua terrível desolação, não levando em conta o pecado generalizado dos homens, esmaga seu espírito.

**6. Desvia dele os teus olhares, para que tenha repouso, até que, como o jornaleiro, tenha prazer no seu dia.** Embora este lamento esteja expresso em termos da fragilidade de todos os mortais, é, não obstante, pessoal (cons. 14:3b). Que o trabalho e a tristeza comuns à humanidade bastem a Jó (cons. 7:1 e segs.; Gn. 3:17-19).

**12b. Enquanto existirem os céus não acordará.** Uma vez prostrado na morte, o homem, como uma árvore abatida (14:7-9), não tem perspectiva de levantar-se novamente sobre a terra (14:10-12). (Quanto à eternidade dos céus, cons. Sl. 72:5, 7, 17; 89:29, 36, 37; Jr. 31:35, 36). Jó não espera aniquilação, mas ele se desespera por qualquer coisa além da morte, exceto a existência no Sheol, que não é vida real.

**13.** Retrocedendo de tal desalento, ele exclama: **Oxalá me encobrisses na sepultura . . . e depois te lembrasses de mim!** Se este anseio pudesse se realizar; se o Sheol só fosse uma habitação temporária e, realmente, um lugar de alívio da atual inexplicável hostilidade de Deus (v. 13); se além do Sheol houvesse uma ressurreição (v.14c) brotando de uma renovada compaixão no Criador (v. 15) – um futuro tão bendito transfiguraria a presente guerra (v. 14b)! O conceito da ressurreição não

fornece a chave para se abrir o mistério do atual sofrimento de Jó, mas oferece uma estrutura para a esperança. O anseio de Jó mais tarde se transforma em convicção (19:25 e segs.), e essa esperança é gloriosa. Esta esperança final de redenção não é, contudo, o tema central do Livro de Jó. O livro realmente nos desafia a suportarmos tudo com esperança. Mas ele nos coloca diante de uma experiência ainda mais profunda. Ele faz principalmente uma convocação eterna para a alegre consagração, haja o que houver, ao Senhor da aliança.

**16a. E até contarias os meus passos (ASV).** A curva do estado principal de Jó através do decorrer do grande debate está representado por meio de um gráfico em escala reduzida nas respostas individuais como esta, onde o clímax não se encontra no final mas é seguido por um decrescendo emocional. A chama da esperança do patriarca se extinguiu, embora apenas por um momento, por causa de Seus amargos pensamentos sobre a severidade impiedosa de Deus, o qual como um sovina dá caça a cada pecado de Jó para castigá-lo (14:16,17). Assim destróis a esperança do homem (14:19c). Através da aflição incessante, isto é, da mesma forma como os objetos mais duros sofrem o desgaste da natureza.

**20a. Tu prevaleces para sempre contra ele.** A hostilidade divina culmina no golpe de morte, excluindo o homem do convívio com este mundo, até mesmo do conhecimento de sua posteridade (14:21), isolando-o consigo mesmo na morte, para a infinita e enfadonha dor da decomposição e da melancólica nova da alma (14:22).

## **2) Segundo Ciclo de Debates. 15:1 – 21:34.**

### **Jó 15**

**a) Segundo Discurso de Elifaz. 15:1-35.** Como um ciclo de debates pode alienar amigos! O gentil Elifaz até se esquece das civilidades introdutórias. Tudo é novamente censuras e advertências. O filósofo expõe sua sensibilidade profissional à descortesia de Jó (cons.

12:2, 3, 7 e segs.; 13:1, 2, 5, 12), retornando à sua própria sabedoria relativa e à de Jó cada vez que introduz uma nova acusação (cons. v. 1 e segs., 7 e segs., 17 e segs.).

**1-6. Ciência de vento** (v. 2a). Literalmente. Cons, com o paralelo vento orientar (v. 2b), isto é, o violento e sufocante vento do deserto. As reivindicações de Jó quanto à sabedoria são desfiguradas por seus discursos bombásticos (v.3). **Torna vão o temor de Deus, e diminuis a devoção a ele devida** (v. 4). As explosões imprudentes de Jó são mais que imoderadas, pois depreciam o temor de Deus, e assim solapam a religião. **A língua dos astutos** (v. 5b). Possivelmente uma alusão à serpente "sagaz" (mesma palavra) de Gn. 3:1. A culpa de Jó explica suas palavras (v. 5) e suas palavras provam sua culpa (v. 6).

**7-16.** Os antigos têm contra Jó a vantagem da idade e portanto em sabedoria (vs. 7-10; cons. 12:12). Apesar de sua bravata, Jó não tem a antiguidade de Adão nem de alguns seres primevos (v. 7; cons. com a sabedoria personificada em Pv. 8:22 e segs.). Nem tem ele algum conhecimento especial e secreto dos decretos divinos (Jó 15:8, cons. com as cenas celestiais no Prólogo). Talvez o versículo 10 se refira particularmente a Elifaz.

**11. Porventura fazes pouco caso das consolações de Deus.** Uma descrição mais caridosa do conselho dos amigos, mas de acordo com a alegada revelação especial de Elifaz (4: 12 e segs.), à qual ele agora faz eco (vs. 14-16; cons. 4:17-19). O propósito da repetição está revelado por meio de uma comparação de 15:16 com 4:19. Elifaz procura expressar sua avaliação revista de Jó como alguém que deseja ardente e repugnantemente o pecado.

**17-35. Aos quais somente se dera a terra** (v. 19a). Em aditamento às observações pessoais dos companheiros mais velhos (v. 17; cons. v. 10), Elifaz invoca a sanção da mais pura tradição (vs. 18, 19) para sustentar seu dogma retributivo e contrariar a heresia de Jó que dizia que os incrédulos prosperam com freqüência (cons. 12:6). A prosperidade dos perversos, com os quais Jó (por causa de suas aflições) está sendo

evidentemente identificado, é meramente imaginária (vs. 20-35). **Não crê que tornará das trevas** (v. 22a). Sua paz está arruinada por pressentimentos de calamidade sem remédio (vs. 20-24), por atormentadores presságios de uma consciência maculada pela licença carnal e desrespeito a Deus (vs. 25-28). Cada empreendimento promissor que ele inicia comprova-se abortivo (vs. 29-34), de acordo com a lei da retribuição (v. 35), a qual pode tardar mas não pode ser impedida (v. 35). Aqui Elifaz traça a diretriz dos conselheiros para o segundo ciclo de debates.

### **b) A Segunda Réplica de Jó a Elifaz. 16:1 -17:16.**

#### **Jó 16**

Conforme se aproxima a crise da fé, Jó presta pouca atenção aos argumentos dos seus amigos, exceto para expressar seu desapontamento em uma breve introdução (16:1-5). No restante deste discurso Jó parece estar meditando em voz alta e apenas ocasionalmente dirige suas palavras a Deus (16: 8; 17: 3,4) ou aos seus amigos (17:10).

**2b. Consoladores molestos.** Literalmente. Uma resposta sarcástica à interrogação de Elifaz (15:11). O conselho dos três amigos não foi meramente irrelevante; mas também expôs sua ignorância do conforto da justiça redentora.

**6a. Se eu falar.** Parece inútil a Jó continuar a lamentação e o debate, pois tanto o homem como Deus estão dispostos contra ele. Seus fervorosos protestos de inocência foram e serão interpretados como prova de incredulidade. Desprovido de recursos interiores e apoio exterior (v. 7), ele está marcado como "pecador" por causa de sua impotente miséria (v. 8).

**9a. Na sua ira me despedaçou.** Parece a Jó que Deus selvagememente o alugou (v. 9) e o entregou à rale despeitada, que antes se sentia obrigada a respeitá-lo (vs. 10, 11). Deus o despedaça (v. 12a) e o esmaga (v. 14), perfurando seus órgãos vitais (vs. 12b,13) e reduzindo-o a uma

ruína soluçante, prostrada no pó (vs. 15, 16). E tudo sem motivos: **Embora não haja dor nas minhas mãos, e seja pura a minha oração** (v. 17; cons. Is. 53:9).

**16:18 - 17:3.** O poder de Deus que é revelado ao homem na sua fraqueza capacita Jó agora a esperar pelo impossível.

**18a. Ó terra, não cubras o meu sangue.** O grito do sangue inocente de Jó exigindo vingança não deve ser abafado (cons. Gn. 4:10; Hb. 12:24).

**19a. Já agora sabeis que a minha testemunha está no céu.** Esta testemunha vingadora celestial é o próprio Deus! Jó ora com lágrimas (v. 20b), **para que ele mantenha o direito do homem contra o próprio Deus, e . . . contra o seu próximo** (v. 21).

## Jó 17

Esta fé paradoxal em Deus para advogar o caso de Jó contra Deus, que agora o mata, reaparece no pedido: Dá-me, pois, um penhor, sê o meu fiador para contigo mesmo (17:3). Que a aliança divina estabeleça a integridade de Jó por ocasião do juízo.

**17:4-9.** O versículo 4 é transicional. Explica que Deus deve dar garantias a Jó Porque seus amigos humanos se recusam a fazê-lo, e ele lança um lamento sobre a humilhação pública do patriarca. A experiência de Jó não pode deixar de estarrecer os homens justos (v.8). Mas eles (e Jó entre eles) perseverarão tanto mais na justiça, não temendo as atitudes irregulares da providência ou as calúnias do Público. Uma confissão triunfante; confunde as esperanças de Satanás (cons. 2:5).

**10-16.** As mudanças no humor de Jó são abruptas e extremas. Desdenhosamente convidando os sábios sem sabedoria a renovarem seu conselho insensato (V. 10), Jó conclui com uma descrição de seu patético transe – à beira da comunidade com os vermes.

## Jó 18

### C) Segundo Discurso de Bildade. 18:1-21.



Em sua ânsia por um advogado divino, Jó penetra mais profundamente no mistério da piedade do que seus conselheiros, cujas respostas posteriores degeneram em arengas irrelevantes sobre a desgraça dos ímpios.

**1-4.** Ressentido com o pouco valor concedido por Jó à perspicácia dos seus acusadores (v. 3; cons. 17:10; 12:7), Bildade refuta na mesma moeda: **Tu, que despedaças na tua ira** (v. 4a), como um bruto estúpido, bramindo que Deus tem culpa (cons. 16:9). A julgar da maneira como Jó se debate mortalmente contra a ordem da criação estabelecida e contra a providência (particularmente contra a lei da retribuição invocada por seus amigos), pareceria que ele espera que o universo seja replanejado só para ele (v. 4b, c). As formas do plural nos versículos 2 e 3 são possivelmente alusões sarcásticas ao fato de Jó ter-se associado com o grupo dos justos (cons. 17: 8, 9).

**5-21.** Este quadro de palavras, intitulado pelo artista as moradas do perverso (v. 21a), não é uma semelhança exata do original, mas é suficiente para que Jó o reconheça como seu retrato. Ele contempla o local da sua tenda salpicado de enxofre, símbolo da maldição perpétua de Deus (v. 15b; cons. 1:16; Gn. 19:24; Dt. 29:23). Ele se vê consumido pelo primogênito da morte (v. 13b), isto é, a enfermidade mortal; enviado apressadamente ao rei dos terrores (v. 14b), a própria morte; precipitado no esquecimento (vs. 16-19), um espetáculo de horror diante do qual o povo involuntariamente estremece (v. 20).

## Jó 19

### d) A Segunda Réplica de Jó a Bildade. 19:1-29.

Derrubado pelo julgamento brutal de Bildade (cons. 18:20), Jó não consegue aparentar a indiferença desdenhosa que demonstrou para com os contendores em seu discurso anterior. Ele está morrendo à míngua de compreensão e procura a piedade dos outros seres humanos (19:2-22). Mas eles continuam desumanos. No auge do seu sofrimento, contudo, ele

descobre novamente o hálito da vida no amor de Deus, seu celestial Partidário (vs. 23-29).

**2-22.** O lamento introdutório de Jó leva à auto-defesa, além de uma descrição da sua desolação (vs. 7-12) e isolamento (vs. 13-19). Se os amigos são tão antagônicos que devem instaurar um processo contra ele (v. 5; cons. 22), que saibam agora que **Deus é que me oprimiu**, declara Jó (v. 6a, Bildade usou o mesmo verbo em 8:3, para com o qual esta é tinha reação adiada). Eles estão defendendo a injustiça. **Como estranhos se apodaram de mim** (v. 13b). O sentimento de ostracismo de Jó, agravado pela manipulação insensível dos seus opositores para com ele, transformou-se em fardo esmagador. Ele é evitado, esquecido, aborrecido por todos – desde os conhecidos que apenas o cumprimentam de longe até os membros mais íntimos da família (vs. 13-18), e finalmente, mas não menos importante, pelo grupo dos seus conselheiros (v. 19). Desse abandono brota o duplo: **Compadecei-vos de mim** (v. 21a). Basta de acusações e falsidades! (v. 22). Assim esta seção completa o ciclo (cons. vs. 2, 3), envolvendo Jó em desamparo.

**23-29.** Uma vez que seus contemporâneos desacreditam seu testemunho pessoal quanto a sua integridade, Jó deseja que pudesse ser registrado em um livro (v. 23), ou, mais indelevelmente, em uma rocha (v. 24). Então seriam ouvidas e possivelmente um veredito mais delicado por alguma futura geração seria concedido. Pela inclusão da história de Jó nas Escrituras, esse desejo foi atendido além da sua imaginação. Contudo, Jó desesperou-se de qualquer cumprimento. Além disso, o que sua alma mais ansiava não era a vindicação humana, mas divina. A visão do futuro era, portanto, apenas uma preliminar da visão do céu:

**25. Eu sei que o meu Redentor vive, e por fim se levantar sobre a terra.** A esperança de um vingador celestial, divino, que estivera fortalecendo a alma de Jó (cons. 9:33; 16:18 e segs.), aqui se aperfeiçoa. A posição do redentor (*go'el*) era a do parente mais achegado. Era de sua responsabilidade restaurar a fortuna, liberdade e nome do seu parente, quando se fizesse necessário, e de corrigir o mal que lhe fosse feito,

especialmente vingar o derramamento de sangue inocente. Jó está confiante em que, embora toda a sua parentela terrestre o deserde (cons. v. 13 e segs.), seu parente divino está preparado para reconhecê-lo e falar a seu favor a última palavra no caso (cons. Is. 44: 6). O *go'el* celeste, ouvindo o grito do sangue inocente de Jó, vindo do pó de sua sepultura (cons. Jó 16:18; 17:16), perseguirá seus difamadores (vs. 28, 29) e vingará o seu nome.

**26. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus.** A preposição hebraica aqui traduzida para "em" é ambígua, significando "em" ou "de" (embora o último significado não seja comprovado em nenhum outro lugar com um verbo de percepção). Jó continua considerando a morte iminente para o seu corpo desgastado, a ser rapidamente destruído por enfermidade (cons. v. 20); mas seu antigo anseio de um retorno do Sheol para a verdadeira vida (14:13-15) revive agora como esperança firme. Deus cumprirá inteiramente seu papel de parente remidor, até mesmo libertando Jó da tirania do rei dos terrores. Portanto, Jó testemunhará, como jamais poderia se ele fosse destinado ao isolamento do Sheol (cons. 14: 21, 22), da intervenção divina no mundo real para sua vindicação. Seja como for que a frase **em minha carne** foi traduzida, Jó continua expressando a idéia de uma renovação do homem como um todo após a morte. A ênfase de 19:27, provavelmente, não está em que Jó, mais do que qualquer outro venha a ver Deus, mas que Jó o verá como seu parente remidor, não como a um estranho que lhe é hostil (cons. vs. 11, 12). Aqui está o começo daquilo que a revelação progressiva finalmente enunciaria na doutrina da vinda de Cristo no final dos tempos, a ressurreição dos mortos e o juízo final. O fato de que nem Jó nem qualquer outro orador subsequente se refira a estas exaltadas convicções é mais uma indicação de que o propósito do autor não era a teodicéia. Esta notável investida da fé no meio do debate serviu para quebrar a tensão de Jó, ainda que seu espírito não tivesse a capacidade de manter este nível sublime.

## Jó 20

### e) Segundo Discurso de Zofar. 20:1-29.

Jó tocou tais acordes da verdade redentora que faria vibrar a anjos, mas Zofar, tendo ouvidos, não ouve. Ele está enamorado da canção de Elifaz e junta-se em harmonia com Bildade, continuando a balada do homem mau. Infelizmente, Zofar com demasiada frequência sente-se satisfeito demais para extrair inspiração para seus poemas líricos do monte de esterco onde seus amigos encontraram Jó.

**3a. Eu ouvi a repreendo, que me envergonha.** Com a ameaça da perseguição divina para vingar o sangue de Jó (cons. 19:29), Zofar ferve de raiva. Ele se apressa a redistribuir o papel dos atores, fazendo de Jó um criminoso sobre o qual Deus descarrega a vingança pela opressão dos pobres (v. 19). De acordo com todos os amigos, a alegada prosperidade dos incrédulos é enganadora, evanescente. Elifaz destacou a contínua falta de paz interior dos incrédulos; Bildade apontou para sua perpétua desolação; Zofar enfatiza sua súbita vingança no pináculo de sua carreira voraz. Enquanto sua ambição está nas nuvens (v. 6) **e os seus ossos . . . cheios de vigor** (v. 11), quando ele acabou de saborear o pecado como um petisco delicado (vs. 12, 13, 15a), **na plenitude da sua abastança** (v. 22) – então o Vingador o surpreende (v. 23). O versículo 27 é uma contradição direta da esperança de Jó (cons. 16:18,19; 19:25) e serve, no caso de haver alguma dúvida na mente de Jó, para identificar o homem mau de Zofar.

## Jó 21

### f) A Segunda Réplica de Jó a Zofar. 21:1-34.

Os acusadores, cegos à transparente sinceridade de Jó, antes negaram e não explicaram o mistério de suas aflições. Mas fortalecido agora na esperança, Jó se levanta acima do seu desapontamento com respeito a eles e toma a iniciativa do debate. Seus olhos, uma vez abertos por sua própria estranha experiência com a falácia da ordeira noção tradicional da retribuição, percebe que a história tem abundância de

casos "excepcionais". Depois de um pedido preliminar para que lhe prestem atenção (vs. 2-6), ele continua solapando a oposição e denunciando a falácia em suas análises sobre a sorte dos incrédulos (vs. 7-34).

**2b. Isso me será a vossa consolação.** Seus ouvidos abertos proporcionavam mais conforto do que suas bocas (cons. sarcasmo semelhante na resposta a Zofar em 13:5). A força do argumento de Jó deveria silenciá-los (v. 5).

**7-34.** Jó descreve a prosperidade dos perversos, primeiro em termos gerais (vs. 7-16), depois contradizendo as específicas apresentações dos amigos (vs. 17-26) e finalmente através de sua autodefesa (vs. 27-34).

**7-16. Como é. . . ?** A aparente iniquidade da vida, embora apóie o caso de Jó, perturba-o (cons. v. 6) precisamente porque ele reconhece que Deus governa tudo (vs. 9b, 16a). É prova da integridade de Jó que, mesmo em sua miséria, ele não trocaria de lugar com os ricos incrédulos (16b). Jó, contudo, não valoriza suficientemente a necessidade da graça divina para a continuidade da raça decaída neste mundo. Além disso, falta-lhe a compreensão do alvo evangélico da graça comum desfrutada pelos incrédulos (Rm. 2:4; cons. Mt. 5:45).

**17-26. Quantas vezes** (v. 17). O patriarca desafia as estatísticas sobre as quais os acusadores descansam (cons. v. 29). O próprio Jó exagera, mas está mais perto da verdade do que seus oponentes. Em 21:19a Jó antecipa uma possível evasiva (cons. 5:4; 20:10) e a refuta (21:19b-21). Os verbos nos versículos 19b, 20 tem a força da ordem; por exemplo, **Seus próprios olhos devem ver a sua ruína** (v. 20a). Acaso alguém ensinará ciência a Deus? (v. 22a). A teoria tradicional constitui uma crítica disfarçada dos verdadeiros caminhos de Deus (vs. 23-26).

**27b. Conheço os vossos pensamentos.** Jó reconheceu a sua imagem nos seus retratos velados.

**29a. Porventura não tendes interrogado os que viajam?** Embora os amigos recomendem suas observações como lei primeva (cons. 20:4),

não passam de teóricos de torre de marfim, fora do contato com a vida real (cons. comentários sobre 4:2-11).

**30. Os maus são poupados no dia da calamidade, são socorridos no dia do furor?** Jó insiste que a morte de tais homens é frequentemente fácil (vs. 13b, 23) e honrosa (32, 33). A avaliação que Jó faz da carreira dos injustos carece de uma ênfase equilibrada (encontrada até certo ponto nos discursos dos amigos) sobre sua falta de paz espiritual durante a vida e a perdição depois dela. Mas furando o balão da retribuição hermética, Jó deixa seus acusadores apegados à falsidade (v. 34).

### 3. Terceiro Ciclo do Debate. 22:1 – 31:40.

#### Jó 22

##### a) Terceiro Discurso de Elifaz. 22:1-30.

A conclusão inerente à teoria dos três amigos desde o começo e cada vez mais amplamente exposta, agora está completamente desmascarada. Esta acusação direta de Jó foi sua única alternativa da capitulação depois que Jó considerou a negativa de que a justiça é uniformemente discernível na maneira pela qual Deus trata os homens. O fato lamentável é que os amigos endossaram a opinião que Satanás tinha de Jó, isto é, que ele era um hipócrita. Pensando em defender Deus, eles se transformaram em advogados de Satanás, insistindo que aquele a quem Deus indica como Seu servo pertencia ao diabo.

**2-11.** Uma vez que o Deus Todo-suficiente não pode ser ajudado ou prejudicado por atos humanos, a resposta para os sofrimentos de Jó não se encontra nele (vs. 2, 3). Certamente Jó não está sendo punido pela piedade: **Ou te repreende pelo teu temor de Deus** (v. 4a). Dessas premissas negativas Elifaz extrai sua conclusão positiva em uma triste traição à verdade e à fraternidade. **Porventura não é grande a tua malícia?** (v. 5a). **Por isso estás cercado de laços** (v. 10a). Por falta de evidências reais, Elifaz encontra a chave da natureza exata dos crimes de Jó em sua antiga riqueza – sua acumulação devia estar contaminada por

abuso desumano dos pobres e dos fracos (vs. 6-9). Contrariando esta drástica super-simplificação do dilema de Jó, o Prólogo revelou para o leitor, é claro, que a resposta se encontra em Deus, o qual, ainda que Todo-suficiente em si mesmo, glorifica-se nas Suas obras e tinha decretado a provação de Jó para o louvor de Sua sabedoria redentora.

**12-20. E dizes: Que sabe Deus?** (v. 13a). Presumindo que lê os pensamentos secretos de Jó, Elifaz coloca blasfêmias na sua boca, contrárias aos sentimentos que ele realmente expressou (vs. 12.14). O argumento fictício é, então, insatisfatoriamente respondido, apelando ao juízo divino excepcional sobre a geração do Dilúvio (15 e segs.; cons. Gn. 6:1-7; 8:21, 22).

**21-30.** As últimas palavras de Elifaz, insistindo na volta para Deus com esperança de paz e bênçãos, fazem-nos lembrar que, apesar de tudo, ele era um amigo na família da fé. Não obstante, esta consolação está viciada por seu espírito farisaico e sua implícita repetição de falsas acusações. Em sua maneira distorcida essas promessas eram proféticas quanto ao resultado. Observe especialmente 22:30. **E livrará até ao que não é inocente; um, será libertado, graças à pureza de tuas mãos.** Cons. intercessão de Jó em favor dos amigos (42:7-9).

## **b) A Terceira Réplica de Jó a Elifaz. 23:1 - 24:25.**

### **Jó 23**

O patriarca abstém-se de indignamente negar as infundadas acusações de Elifaz, e retoma o tema de seu discurso anterior (cap. 21). Este monólogo é, portanto, só indiretamente uma resposta a Elifaz. Jó medita sobre a ausência desconcertante de justiça discernível na conduta divina para com ele, um homem justo (cap. 23), e para com os ímpios (cap. 24).

**2-9. Ainda hoje a minha queixa é de um revoltado** (v. 2a). Jó recusa-se teimosamente a aceitar qualquer exortação à penitência, que implique em aceitar que seus sofrimentos são justamente merecidos

(cons. 22: 21 e segs.). Ah! se eu soubesse onde o poderia achar! (v. 3a). Considerando que agora ele crê que o seu divino Vingador vive, seu anseio de comparecer diante de Deus é mais ardente do que antes, e a confiança em sua vindicação mais fume do que nunca (vs. 4-7). Mas ele não consegue encontrar a Deus para discutir com Ele face à face (vs. 8, 9).

**10-17. Mas ele sabe o meu caminho** (v. 17a). **Sabe** provavelmente expressa aqui não simples amizade mas aprovação (como em Sl. 1:6). Escondi no meu íntimo as palavras da sua boca (v. 12b). Jó seguiu o tempo todo o caminho recomendado por Elifaz (cons. 22:22). Contudo Deus inexoravelmente executa contra Jó tudo o que já predestinou, ignorando aparentemente o seu mérito ou demérito (23:13,14). **Por isso me perturbo perante ele** (v. 15a) . . . **porque não estou desfalecido por causa das trevas, nem porque a escuridão cobre o meu rosto** (v. 17). Nem negra calamidade (cons. 22:11) nem visão desfigurada poderia desanimar Jó, mas sim a inacessibilidade de Deus (23:16) e seu aparente fracasso em informar seu papel providencial com justiça.

## Jó 24

**24:1-12.** A idéia principal desta seção se encontra em suas palavras iniciais e conclusivas: **Por que o Todo-poderoso não designa tempos de julgamentos? E por que os que o conhecem não vêm tais dias?** (v. 1) . . . **e contudo Deus não tem isso por anormal** (v. 12c). Deus não tem, como Samuel (cons. I Sm. 7:16), um circuito judicial regular para preservação da ordem e castigo do crime. Homens cruéis e gananciosos saqueiam à vontade os desamparados. Jó enuncia, portanto, o plangente "Até quando?" daqueles que estão oprimidos pelos senhores da terra.

**13-17.** Tiranos econômicos, como os que acabaram de ser descritos, costumam operar dentro das minúcias legais. Junto com eles, homens dissolutos e violentos governam a terra. São homicidas, adúlteros, ladrões (cons. Êx. 20:13-15), todos amantes das trevas.



**18-20.** Se o ponto alto destes versículos é a morte rápida e fácil do ímpio e a subsequente maldição de sua herança, ignorada por este, então os versículos ora mencionados concordam com a opinião de Jó no capítulo 21. A E.R.A. os introduz assim: "Vós dizeis: ", adotando assim a interpretação de que Jó aqui cita a opinião da oposição sobre a ruína certa dos ímpios, afim de replicar (cons. v. 21 e segs.). Possivelmente esta seção representa a modificação corretiva da primeira análise de Jó sobre os ímpios (cons. 27:7 e segs.).

**21-25. Deus por sua força prolonga os dias dos valentes (22a).** Deus permite a vida dos ímpios para que amadureçam completamente e terminem como as vidas dos outros homens (v. 24). **Quem me desmentirá (25a).** Certo destes fatos, Jó profere o seu desafio vitorioso.

## Jó 25

### c) Terceiro Discurso de Bildade. 25:1-6.

Bildade foge ao desafio de Jó (24:25). Ansioso, entretanto, para dizer alguma coisa, ele repete idéias expressas antes por Elifaz (cons. 4:17 e segs.; 15:14 e segs.) e aceitas por Jó (cons. 9:2; 14:4). A repetição inepta indica que os filósofos esgotaram seus recursos de sabedoria. O breve e frágil esforço de Bildade representa seu alento moribundo. O subsequente fracasso de Zofar em falar representa o silêncio dos derrotados (cons. 29:22).

Jó, um insignificante verme do pó, diz Bildade, comparando-o com os gloriosos corpos celestes (v. 6), não deve ter esperanças de comprovar sua inocência diante de Deus (v. 4), cuja majestade imponente prevalece universalmente (vs. 2, 3), deixando envergonhados até o resplendor da lua e das estrelas (v. 51). O discurso é reverente mas irrelevante.

## Jó 26

### d) A Terceira Resposta de Jó a Bildade. 26:1-14.

Jó persiste impressionantemente e com melhor propósito no tema experimentado por Bildade – Os maravilhosos caminhos de Deus (cons. 9:4-10; 12:13-25).

**2-4.** O patriarca segue sua inclinação em direção do sarcasmo ao desviar-se desdenhosamente da recitação inútil de Bildade. **Com a ajuda de quem proferes tais palavras?** (4a. Com referência a '*et*', "de", cons. *Akk. ittu*; sobre este uso de '*et*', com *higgíd*, cons. Mq. 3:8). As idéias de Bildade não passavam de ecos das palavras de Elifaz e o uso que fez delas para condenar Jó foi provavelmente mais inspirado por Satanás do que por Deus.

**5-14. As almas dos mortos tremem debaixo das águas com seus habitantes** (v. 5). Mais notável que o respeito que Deus instila nos seres que rodeiam seu trono celestial (25:2) é a consternação que a Sua sabedoria e domínio produz nas trevas do Sheol (26:5, 6). Se a cosmologia de Jó realmente concorda com os conceitos antigos ou se está meramente expressa em termos figurados, não foi apresentado como revelação necessariamente normativa. Em seu exame das evidências da grandeza divina, o orador agora passa do outro mundo para este (vs. 7-13). Embora o versículo 7 possa analisar a ação criativa, esta seção como um todo descreve o governo divino da natureza generalizadamente providencial. **O norte sobre o vazio** (v. 7a), refere-se ao firmamento setentrional. **Encobre a face do seu trono** (v.9a) significa: Ele recobre os céus com nuvens. A qualificação em 26:10b não é temporal, mas espacial. **As colunas do céu** (v. 11), são montanhas, cujos picos se escondem entre as nuvens. **Abate o adversário** (v. 12b) . . . **a sua mão fere o dragão veloz** (v. 13b). Deus controla as águas superiores e inferiores à procura de ordem climática favorável. Com referência às imagens mitológicas, cons. Is. 27:1; texto ugarita, Gordon UH, I, 1 e segs. **Eis que isto não são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele!** (v. 14a, b; cons. cap. 28). Se os amigos de Jó reconhecessem as limitações do seu conhecimento, teriam evitado seus erros de interpretação. Jó louva a perfeição do

conhecimento de Deus contradizendo aqueles que o identificaram com os homens ímpios.

### e) Instruções de Jó aos Amigos Silenciados. 27:1 – 28:28.

#### Jó 27

Uma vez que Zofar não se pronunciou, Jó continua, dirigindo-se agora a todos os amigos (cons. plurais em 27:11,12). Cômico de sua capacidade, ele assume o papel de professor (27:11). Depois de mais de uma vez declarar sua justiça, com um forte juramento (27:1-7), ele contrasta sua própria experiência com a dos ímpios (27:8-23). O cap. 28 é uma introdução artística ao caminho da sabedoria. Críticos modernos têm argumentado forçadamente que o texto de 27:7 em diante sofreu alterações. Eles defendem que os sentimentos expressos contradizem as observações anteriores de Jó, ou, no caso do capítulo 28, são incompatíveis com a seqüência. Parece possível, entretanto, que se defenda a originalidade do presente arranjo textual, e a exposição que se segue está baseada nele.

**27:1-7. Tão certo como vive o Senhor, que me tirou o direito** (v. 2a). Esta imprecisão epitomiza notavelmente o dilema espiritual de Jó. De um lado, proclama Deus como o Deus da verdade, e por outro lado, acusa-o de tratar Jó injustamente. **Nunca os meus lábios falarão injustiça** (v. 4a). Este não é um voto; é uma declaração de que a reivindicação irremovível de Jó quanto à sua integridade (vs. 5, 6) é verdadeira quanto à consciência e fato. **Seja como o perverso o meu inimigo** (v. 7a). O leitor do Prólogo avalia como era diabólica a acusação de que a piedade de Jó não era genuína.

**8-23. Porque qual será a esperança do ímpio, quando file for cortada a vida** (v. 8a). Jó não se sentindo impelido aos extremos reacionários pela pressão do debate, Jó atinge uma análise mais penetrantemente espiritual dos ímpios. Estão sem Deus no mundo. Isto significa que, além de sofrerem perdição eterna (v.8), não têm o refúgio

divino no meio dos problemas presentes (vs. 9, 10; cons. 22b). **Por que, pois alimentais vãs noções?** (v. 12b). Os amigos deveriam ter reconhecido pelo persistente clamor de Jó a Deus que a identificação que fizeram dele com os ímpios era falsa (cons. 35: 9 e segs.). **Eis qual será da parte de Deus a porção do perverso** (v. 13a; cons. 20: 29; 31: 2). A prosperidade de uma família ímpia (vs. 14-18) não passa para as gerações sucessivas. Quanto ao indivíduo perverso, a prosperidade não é o seu destino final (vs. 19-23). Jó modifica tanto sua antiga declaração que chega a concordar com seus oponentes emudecidos que a prosperidade dos perversos não é a tendência dominante do mundo. Mas ainda reconhece que os perversos podem prosperar por algum tempo. E qualquer exceção é fatal à lógica da teoria que o condenava.

## Jó 28

**28:1-28.** Alguns comentadores consideram este capítulo como um interlúdio único inserido pelo autor para separar o diálogo do sumário final de Jó (caps. 29-31). Foi tratado aqui como uma continuação da instrução de Jó sobre "o que encerra a mão de Deus" (27:11a) e, como tal, demonstra ainda mais que a sua piedade é genuína e fervorosa.

**1-11.** Em contraste com o tema seguinte sobre o fracasso do homem quando procura a sabedoria longe de Deus (v. 12 e segs.), aqui está o quadro do sucesso dos ousados filhos de Tubal-Caim (cons. Gn. 4:22) em explorar os tesouros escondidos da terra. A conquista da terra pela humanidade, ordenada por Deus no princípio (Gn. 1: 28), foi delineada por fenomenais triunfos tecnológicos.

**12-19. Mas onde se achará a sabedoria?** (v.12a). A seção seguinte (20-27) também foi introduzida por esta pergunta que faz um estribilho. Ali ela recebe resposta positiva, mas aqui uma negativa. Apesar de espantosas conquistas nos empreendimentos científicos (vs. 1-11), os homens não são capazes de alcançar a sabedoria por meio da técnica ou pelos tesouros da ciência. Esse prêmio supremo não pode ser obtido por

meio de investigações ou compras, porque não está, como algumas pedras preciosas, depositado na terra ou no mar (vs, 13, 14).

**20-27.** Por trás da suposição que o homem pode descobrir a sabedoria, jaz a pressuposição que o Criador possui sabedoria infinita. A sabedoria não se encontra na terra dos vivos (v. 21; cons. 13, 14), nem no reino dos mortos (v. 22). O caminho da sabedoria está além do alcance do homem desamparado, aqui ou na outra vida. Só é diretamente visível por Aquele que desfruta da percepção que tudo abrange e em tudo penetra (vs. 23, 24). Observe o uso de **ouvir** e **ver** em relação ao conhecimento parcial e perfeito respectivamente (vs. 21-27). O Criador percebeu a sabedoria desde o começo, quando ordenou as leis do mundo (vs. 25, 26). De fato, a criação natural, com suas leis governantes estabelecidas por Deus, é uma expressão e corporificação da sabedoria (v. 27; cons. Pv. 8:22-31). Pois a sabedoria é a expressão da Sua vontade e torna-se articulada para o homem na lei de Deus - natural e moral. A lei divina é a forma na qual Deus revela Sua sabedoria aos homens.

**28. O temor do Senhor é a sabedoria.** Quando o homem reconhece reverentemente que ele e o seu mundo estão sujeitos ao Criador, esse reconhecimento passa a ser o sangue vital da sabedoria humana, a ponto de poder ser identificado com a própria sabedoria. Um homem meça a ser sábio quando ele deixa de procurar sabedoria independentemente de Deus e no seu próprio poder. Ele progride na sabedoria através da meditação sobre a lei moral e da investigação da lei natural. Além de um verdadeiro reconhecimento da revelação divina, quer na criação natural quer na Palavra, a meditação do homem e a sua investigação produzem não a sabedoria mas a loucura. O empreendimento cultural que não começa nem se consuma no culto é vão. E o culto, se não for o verdadeiro culto ao Senhor, é vaidade. O temor do Senhor, a consagração da aliança, é o começo e a parte principal da sabedoria.

#### **f) O Protesto Final de Jó. 29:1 - 31:40.**

## Jó 29

O compromisso com os amigos termina; agora, o encontro com Deus fica em primeiro plano. Em um monólogo final Jó resume a sua causa. O discurso direto de 30:20-23 indica que é uma parte da apelação ininterrupta de Jó para com Deus. Este discurso é uma reiteração da lamentação inicial de Jó, consideravelmente temperada por ter passado pelo fogo do grande debate. É uma trilogia, consistindo de uma descrição da anterior exaltação de Jó (cap. 29), uma descrição de sua presente humilhação (cap. 30) e um protesto final de inocência (cap. 31).

**1-25.** Jó começa esta exposição de sua extraordinária história onde o Livro de Jó a começa – nos prósperos meses passados (v. 2a). **Nos dias do meu vigor** (v. 4a); não mocidade (E.R.C.). Jó começa com o ponto central do assunto (como também o livro) – o íntimo laço de aliança existente entre ele e Deus (cons. 1:1). Aqueles abençoados dias do passado, que agora despertam tantas saudades em Jó, não eram exatamente os de um paraíso abundante (v. 6), mas continham os favores amigos de Deus (cons. Sl. 25:14), do qual essa prosperidade fluía (vs. 2-5). **Quando eu saía para a porta** (v. 7a). Estando as propriedades de Jó localizadas junto à cidade, ele era ativo nos negócios civis e judiciais. A porta e a "praça" adjacente eram o local do fórum da cidade.

O papel importante que o patriarca desempenhava no conselho e no tribunal parecia-lhe agora o aspecto mais significativo do seu passado (vs. 7-17, 21-25), quando visto da sua presente luta pessoal pela justiça. A última palavra, que lhe fora tão relutantemente concedida no presente debate, antes sempre fora seu direito incontroverso (vs. 21-23), quando se assentava como um rei entre seus companheiros (v. 25). A ironia consistia em que, ele que fora o celebrado defensor dos pobres e oprimidos (vs. 11-17), o bem-amado confortador dos aflitos (v. 25c), recebera agora, em sua angústia, a negativa de uma audiência de seus amigos (cons. esp. cap. 22) e, aparentemente, de Deus. **Eu me cobria de justiça, e esta me servia de veste** (v. 14a). A causa justa encarnou-se em Jó, o qual, impávido, apesar do abatimento e das dificuldades (v. 24),

brandia a espada da justiça para livrar os inocentes dos homens predatórios (v. 17a; cons. Is. 11:2-5; Sl. 72:12-14). Uma das bênçãos do paraíso perdido de Jó fora sua alegre esperança de dias prolongados no seio de sua família (Jó 29:18), de honra (20a) e de força (20b) constantemente renovada (v.19). Jó agora conta a triste decomposição dessas esperanças (cap. 30 ).

### Jó 30

**30:1-31.** A repetição de **Mas agora . . . Mas agora ... Agora** (vs. 1, 9, 16) destaca eficazmente o tema quando Jó contrasta o presente árido e turbulento com o passado cheio de paz. O rei dos conselheiros torna-se objeto do desprezo dos tolos (vs. 1-15). O amável favor divino tornara-se em crueldade (vs. 16-23).

**1-15.** A extrema desonra de Jó aparece no fato de que até os homens mais baixos olhavam para ele de cima. Descrevendo sua desgraça (vs. 1-8; cons. 24:5 e segs.), o sofredor sugere com hábil dissimulação sua própria condição ainda pior. Assim despido de toda dignidade e confiança era esta estirpe bestializada (vs. 68) de párias famintos (vs. 3-5), que Jó, apesar de toda a sua simpatia para com os socialmente inferiores (cons. 29:12 e segs.; 31:15), não confiaria nem mesmo aos seus anciãos mais velhos a responsabilidade normalmente outorgada aos cães dos pastores (v. 1b). **Homens cujo vigor já pereceu** (v. 2b). Eles têm falta até de resistência física para servirem de mercenários. **Mas agora** até os mais jovens (v. 1a) dessa ralé olham para Jó como se fosse o alvo certo de suas ridículas canções (v. 9). Nenhuma exibição de desrespeito é demasiada mesquinha para eles (v. 10; cons. 17:6) quando com maldade descontrolada (v. 11b) maquinam tormentos (v. 12 e segs.) contra este burguês arruinado, agora um pária desamparado no domínio do seu monte de lixo.

**16-23.** Muito mais desesperador para o patriarca do que a crueldade dos homens é a de Deus (v. 21a), que parece fitar inexpressivamente (v. 20b) para sua implorante vítima. Deus persegue Jó (v. 21b) com aflições

físicas continuamente (vs. 16b, 17), humilhanamente (vs. 18, 19), sem misericórdia (vs. 20, 21), violentamente (v.22), até a sepultura (v. 23). Embora Jó deixe aqui de seguir as implicações lógicas e apropriar-se do conforto de seus pensamentos recentemente expressos quanto à sabedoria, humana e divina (cap. 28), deve-se lembrar que ele não é de pedra mas um homem de carne e ainda assim esmagado pelos amplexos da serpente.

**24-31.** Um grito melancólico conclui as reflexões de Jó sobre sua humilhação e desamparo. Gritar por socorro no meio do desespero é coisa natural (v. 24), especialmente quando a calamidade é contrária a todas as expectativas (vs. 25, 26; cons. 29:15 -20). Em um turbilhão emocional (v. 27), Jó geme diante do mundo (v. 28) como um chacal que uiva ou uma avestruz alta (v. 29). Com uma febre mortal a consumi-lo (v. 30), ele representa de antemão uma nênia em preparação de seu sepultamento (v. 31).

## **Jó 31**

**31:1-40.** Jó protesta sua inocência o tempo todo. Aqui, elaboradamente formulado, esse protesto se transforma no clímax de sua peroração. Na forma, é um juramento retroativo de lealdade à aliança (cons. v. 1a). Em tais juramentos o orador invoca maldições sobre si mesmo para comprovar violações do código moral (cons., por exemplo, o Juramento dos Soldados Heteus, ANET, 353, 354). Até as figuras dos exemplos existentes de tais juramentos antigos correspondem como de Jó (por exemplo, perda de colheitas, trabalho duro, fratura de ossos, lavoura infestada de mato. Veja vs. 8, 10, 22, 40). O quadro, portanto, é o do vassalo convencional declarando sua lealdade às várias estipulações que lhe foram impostas, atônito porque o seu soberano o afligira com maldições e não com as bênçãos da aliança (cons. Dt. 28:18, 31, 35 ). Jó tem a impressão de que Deus abandonou o seu papel de suserano protetor e estranhamente se tornou o inimigo de um vassalo obediente.



**1-8.** Jó começa negando pecados escondidos no coração – concupiscência (v. 1), trapaça (v. 5), cobiça (v. 7). Nisto exhibe profunda penetração na espiritualidade da lei divina (cons. o Sermão do Monte, Mt. 5; 6; 7). Sua profunda preocupação com o iminente juízo do Suserano vem à tona freqüentemente (vs. 2-4; cons. 11, 12, 14, 23, 28), mais notavelmente em suas automaldições (v. 8; cons. Dt. 28: 30c, 33). Com estas referências às sanções penais da aliança Jó torna solene o seu juramento de inocência. Mesclado do reverente temor de Jó para com o seu Juiz está seu anseio confiante de comparecer diante dEle, eloqüentemente proclamado nos vs. 35-37 e mais simplesmente aqui (v. 6).

**9-23.** O patriarca também repudia pecados públicos contra seus próximos adultério (v. 9), maus tratos dispensações a empregados (v.13), negligência das obrigações sociais de caridade para com os necessitados (vs. 16, 17, 19-21). Automaldições estão ligadas à primeira e última cláusulas condicionais desta seção. Além disso, Jó nega vigorosamente, reforçando suas negativas: o adultério, denunciando severamente tal abuso (vs. 11,12); o abuso com servos, contando com a investigação divina (v. 14) e reconhecendo a origem comum das criaturas (v. 15); e falta de caridade, afirmando positivamente o oposto (v. 18) e confessando o seu temor a Deus (v. 23).

**24-27.** A acusação de hipocrisia e iniquidade secreta que os conselheiros lançaram contra ele, por falta de evidência dos supostos crimes de Jó, já foram negados através dos seus protestos. Agora a repudia diretamente, negando pecados ocultos em seu relacionamento com Deus, seus inimigos e estranhos. Nem a ilusão das riquezas (vs. 24, 25), nem a fascinação dos cultos pagãos às entidades celestes (vs. 26, 27) conseguiram engodá-lo em idolatria dissimulada, a transgressão da exigência mais fundamental da lealdade a Deus (v. 28). Malícia secreta contra inimigos (v. 29) ele a nega firmemente (v. 30). Os íntimos da casa, conhecedores de sua vida particular, podem garantir que ele não teve má vontade de conceder hospitalidade ao forasteiro (vs. 31 e 32). Resumindo, ele nega sob juramento qualquer semelhança com Adão, que

tentou encobrir o seu pecado (v. 33; cons. 13:20; Gn. 3:7-10). Jó não deve temer o escrutínio público da sociedade (Jó 31:34) ou de Deus (v. 35 e segs.). Em total contraste ao temor e fuga de Adão quando da aproximação do Senhor. Jó deseja apaixonadamente confrontar-se com Deus (v. 35a; cons. 13:3, 22; 23:3-9; 30-20). **Eis aqui a minha defesa assinada** (v. 35b). Dramatizando a desejada audiência com Deus, Jó representa a defesa que ele acabou de oferecer como um documento legal assinado e selado. Então, com arrogância consumada, ele declara como desfilará diante de Deus como um príncipe (v. 37b), coroado com o próprio rolo de sua iniciação (vs. 35c e 36) que se transformará em um emblema de honra para ele, sendo refutada acusação por acusação (v. 37a).

**38-40.** O ímpio desafio que acabou de ser proferido (vs. 35-37), enquanto respondia à condição "Se, como Adão" (vs. 33, 34), forma uma refutação tão satisfatória de todo o catálogo de pecados e uma conclusão tão grandiloqüente para todo o discurso que muitos mestres consideram os versículos 38-40 anticlimáticos e como estando fora de lugar. Quanto ao estilo, entretanto, o autor de Jó é apaixonado pelo penúltimo clímax (cons. por exemplo 3: 23 e segs.; 14:15 e segs.). E materialmente este último pecado (vs. 38,39) e esta última imprecação (v. 40) seguem naturalmente a alusão à queda de Adão (v. 33 e segs.), pois Jó aqui invoca a maldição primeva elementar com fundamento (Gn. 3:17, 18; cons. Gn. 4:11,12).

Os protestos de inocência de Jó acompanharam o ritmo de sua percepção aprofundante das exigências divinas de santidade. Mas agora sua exibição de notável penetração nas exigências morais divinas denunciam uma igualmente notável profundidade de justiça própria. Tal cegueira para com a depravação e ilusão do seu próprio coração não negam a genuinidade da obra redentora divina em Jó. Mas constitui uma séria necessidade espiritual que deve ser sanada – conforme Eliú estava para destacar (cap. 32 e segs.) – um dos propósitos de Deus (embora não fosse o propósito principal) ao determinar os sofrimentos de Jó.

**4) O Ministério de Eliú. 32:1 – 37:24.**

Eliú, aparentemente alguém do auditório mais amplo assistindo ao debate dos mestres, sai à frente e apresenta sua teodicéia. Introduzi-lo antes desfiguraria os movimentos dramáticos do poema por causa de uma antecipação canhestra do resultado do debate. O mais jovem era tão ignorante quanto os outros no que se refere às transações celestiais relacionadas no Prólogo. Sua interpretação dos sofrimentos de Jó é, portanto, inclusiva. Contudo, Eliú percebeu o significado do princípio importantíssimo da livre graça de Deus, que os outros não consideraram.

Por isso, a partir deste discurso, a luz do dia começa a despontar no caminho da sabedoria após a longa noite do debate, cortada apenas por algum ocasional raio de luz do entendimento. A arrogância principesca de Jó é subjugada, e assim Eliú serve como alguém enviado diante da face do Senhor para preparar o caminho para a Sua vinda no redemoinho (cap. 38 e segs.).

O discurso de Eliú (32:6 - 37:24), embora cortado por diversas pausas (34:1; 35: 1; 36:1), é uma unidade em sua essência. Seguindo-se à apologia (32:6-22), a teodicéia desenvolve-se em resposta às queixas particulares de Jó (citadas em 33:8-11; 34: 5-9; 35:2, 3; cons. 36:17 e segs.) e por meio de uma exposição da graça de Deus (33:12-33), sua justiça (34:10 – 36:25) e poder (36:26 – 37:24).

**Jó 32**

**32:1-5.** A forma poética está um tanto interrompida por este prefácio em forma de prosa. As origens de Eliú estão, por outro lado, totalmente traçadas (v. 2a; cons. 1:1; 2:11). **O buzita.** Cons. Gn. 22:21. O fracasso de Jó em ser mais zeloso para com a honra divina do que para com a sua própria despertou a indignação de Eliú (v. 2b); observe a concordância do Senhor (40:8). O que levou Eliú a instruir os que eram mais velhos que ele, foi o fracasso de seus amigos em responder satisfatoriamente aos protestos desafiadores de Jó contra Deus. **Condenavam a Jó** (v. 3b). A acusação de hipocrisia da parte dos amigos

foi um expediente vergonhoso para encobrir suas deficiências de lógica e teológicas. Outra possível tradução seria: *porque não condenaram a Jó*. Isto é, deixaram de comprovar o erro dele nas suas calúnias contra a justiça divina. Isto se aplica bem ao interesse de Eliú em justificar a Deus. De acordo com uma variante tradição textual antiga, o versículo 3b poderia ser traduzido assim: **e assim condenaram a Deus**. Isto é, o silêncio dos amigos diante do ainda protestante Jó foi equivalente a uma condenação de Deus da parte deles.

**6-22.** A apologia preliminar de Eliú para solicitar a atenção do auditório foi estendida além do gosto ocidental, mas isto talvez não contrariasse a etiqueta da terra de Uz (cons. *Ilíada* 14: 122 e segs.). **Falem os dias** (v. 7a). Deferência para com a sabedoria associada com a idade impedira uma intervenção antecipada de Eliú (vs. 6, 7, 11). A sabedoria, entretanto, é basicamente uma questão de dom divino, especificamente proveniente do Espírito de Deus sobre o homem: **Há um espírito no homem, e o sopro do Todo-poderoso o faz entendido** (v. 8; cons. Gn. 2:7). O desempenho inglório dos conselheiros demonstrara sua falta de sabedoria apesar da idade (Jó 32:9, 12, 15, 16), enquanto Eliú proclama compreensão apesar da juventude (v. 6b, 10). Repreendendo-os por abandonarem a cruzada (v. 13). Eliú assume a responsabilidade dela (vs. 16,17) com nova estratégia (v. 14), sob a compulsão de um espírito cheio de conhecimento do mistério que os sábios acharam tão desconcertante (vs. 18-20), e com devoção ousada para com a verdade somente (vs. 21, 22).

## Jó 33

**33:1-33.** A apologia geral fora dirigida para os amigos. Agora apresentando sua resposta diante dos protestos de Jó, Eliú dirige-lhe um desafio (vs. 1-7). Ele cita declarações de Jó (vs. 8-11) e dá sua própria resposta (vs. 12-30). Assim a manopla desce mais uma vez (vs. 31-33).

**1-7. Eis que diante de Deus sou como tu és** (v. 6a). Eliú é um ser humano igual a Jó, feito de barro (v. 6b) com o sopro criador divino (v.

4; cons. Gn. 2:7). Enfrentando o desafio de Eliú, Jó não pode, portanto, apresentar sua desculpa favorita de que terrores divinos paralisantes o destituíram da compostura necessária para se defender (cons. Jó 9:34; 13:21).

**8-11.** Eliú não interpreta mal a posição de Jó. Jó dera assentimento em seu envolvimento para com o pecado humano (cons. 7:21; 13:26). Além disso, seus protestos de inocência foram justificados até onde defenderam sua integridade contra o clamor da hipocrisia e outras acusações excessivas dos amigos. Não obstante, uma tendência para com uma avaliação excessiva da sua justiça pode ser encontrada naqueles protestos (cons. 9:21; 10:7; 12:4; 16:17; 23:10 e segs.; 27:5, 6; 29:11 e segs.). E este conceito torna-se quase incrivelmente atrevido e ousado nas últimas palavras de Jó (cap. 31). Em 33:10b Eliú cita 13: 24b; em 33:11 ele cita 13:27a.

**12-30.** Quando Eliú cita a adicional lamentação de Jó acusando Deus de não dar **contas de nenhum dos seus atos** (v. 13b; cons. 19:7; 30:20), poderia parecer que ele abandonara as dúvidas de Jó quanto à justiça de Deus muito rapidamente (vs. 8-12) para retomá-las mais tarde (cons. caps. 34-37). Mas em resposta à alegada falta de revelação com referência aos caminhos divinos (vs. 14-30), Eliú incorpora uma explicação do sofrimento dos servos de Deus e assim realmente começa sua defesa da justiça divina. Nos dias do V.T. Deus falava com o Seu povo por meio de diversos instrumentos especiais que deixaram de ser usados depois que se concluiu a revelação do N.T. (cons. Hb. 1:11), Eliú menciona sonhos (Jó 33:15-17) e o anjo intérprete (vs. 20-30) como meio especial de revelação. Deus não abandonou o povo de sua aliança para tatear sem a luz da revelação autorizada. **Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares** (v. 23). inumeráveis anjos servem os herdeiros da salvação (Hb. 1:14; cons. Jó 4:18; 5:1; Dt. 33:2; Sl. 68:17; Dn. 7:10; Ap. 5:11), sendo que um dos ministérios é o da interpretação da vontade e caminhos de Deus. Possivelmente um dos milhares refere-

se não à abundância desses hierofantes, mas à raridade e destaque do seu anjo intercessor (cons. Ec. 7:28).

**30a. Para reconduzir da cova a sua alma** (cons. vs. 18, 24, 28).

No íntimo de tal revelação encontra-se o princípio e os propósitos da graça divina. Os homens vivem sob a sombra dos portadores da morte (v. 22b), anjos da morte enviados por Deus, por causa do santo desprazer divino para com seus pecados. **Mas de um modo ... duas e três vezes** (vs. 14, 29) a graça intervém. Algumas vezes uma revelação especial se introduz como advertência para evitar o mal proposto e assim livrar de suas conseqüências desastrosas (vs. 15-18). Outras vezes a revelação vem na undécima hora, quando a maldição de um castigo acerbo conduziu o homem à beira do abismo (vs. 19-22). Então ali se observa notável restauração das bênçãos da justiça (vs. 25, 26), celebrada por um salmo de confissão e ação de graças (vs. 27, 28). Tal livramento realiza-se pelo confronto do homem com **o que lhe convém**, isto é, o caminho certo e reto para ele (v. 23b; cons. v. 16), e pelo arrependimento do homem. Este processo é o **resgate** (v. 24c) que se encontra se Deus tiver **misericórdia** dele (v. 24a). À luz da revelação passada outorgada aos servos de Deus, Eliú intitula seus sofrimentos como castigos (v. 19).

**31-33.** A interpretação do sofrimento como castigo aplica-se ao caso de Jó (veja comentados conclusivos sobre o cap. 31). Elifaz também sugerira que o castigo era um dos motivos da aflição (5:17), mas ele considerou o castigo distribuído proporcionalmente ao pecado. Embora castigo severo possa realmente ser uma "bênção", todavia estigmatiza o crente colocando-o em posição humilhanamente, baixa na comunidade dos santificados! Eliú viu o castigo no contexto redentivo, como computado e governado pelo princípio da graça soberana. Uma vez que a graça é pela sua própria natureza soberanamente livre, pode conceder a bênção do castigo com mais abundância sobre os santos que relativamente tenham a menor necessidade! Eliú não se refere aqui aos homens ímpios, mas à sua descoberta de que o sofrimento que é uma operação da livre graça de Deus é claramente a chave para o

imprevisível, a aparentemente arbitrária variedade nos seus sofrimentos, e na sua prosperidade também. Para eles também o sofrimento é uma dispensação graciosa advertindo-os do abismo eterno, Assim Eliú remove o aguilhão do mistério do sofrimento dos justos e a prosperidade dos ímpios. O coração de Jó pula de alegria. Mas a vergonha se faz presente quando se lembra das acusações que jogou contra o Deus da graça, e assim ele se cala (v. 33).

### **Jó 34**

**34:1-37.** A estrutura do capítulo 33 repete-se: um chamado introdutório para despertar a atenção (vs. 2-4), citação da lamentação de Jó (vs. 5-9), uma resposta à mesma (vs. 10-28) e um desafio final (vs. 29-37).

**2-4.** O versículo 34:34 dá a impressão de que Eliú chama a atenção de um círculo de ouvintes maior do que os três amigos.

**5-9.** Mais uma vez Eliú tem por alvo a lamentação de Jó de que Deus perverte a justiça afligindo-o com feridas incuráveis embora não se encontre nele transgressão nenhuma. Isto foi detalhadamente resumido nos discursos de Jó (com referência ao v. 5a, cons. esp. 13:18; 23:10; 27:6; quanto ao v. 5b, 27: 2; v. 6, 9:20; 6:14; 16:13; v. 9, cons. 9:22; 10:3; 21: 7 e segs.; 24: 1 e segs.).

**10-28.** A perversidade da acusação de Jó comprova-se pela consideração da justiça divina. Eliú começa com uma negativa direta de que Deus seja injusto (v. 10-12). Logicamente, com isto se incorre em petição de princípio, mas só serve para demonstrar as limitações da lógica humana. Pois Eliú apela para o senso de divindade naquele que é a imagem de Deus, e este é o único procedimento basicamente sólido para se declarar o nome de Deus. A confirmação da perfeita justiça divina encontra-se em Sua onipotência e onisciência (v. 13 e segs.). Pura imparcialidade é o correlato de sua transcendência acima de todas as motivações possíveis de se exhibir respeito para com a personalidade de Suas criaturas (vs. 13-20). Em Deus toda carne viva movimenta-se e

existe (vs. 13-15); reis e poderosos não são exceção (vs. 16-20). Além disso, Deus criou o universo e isto contradiz a acusação de que nEle exista injustiça, pois a injustiça cria a anarquia, não a ordem (v. 17a). Nenhuma falha pode surgir através da ignorância do governo divino (vs. 21-28). **Pois Deus não precisa observar por muito tempo o homem** (v. 23a). Com um único olhar onisciente Deus compreende todos os fatos, até as obras secretas das trevas (vs. 21, 22) e a opressão oculta dos pobres (vs. 24-28).

**29-37.** Duvidar da providência benevolente de Deus é loucura (vs. 29, 30). **Se alguém diz a Deus: Sofri, não pecarei mais** (v. 31). Ao que parece, Eliú retoma o pensamento dos versículos 5.9 – a presunção despercebida (cons. v. 7) dos protestos de Jó contra Deus (cons. v. 6b). **Acaso deve ele recompensar-te segundo tu queres, ou não queres? Acaso deve de dizer-lhe: Escolhe tu, e não eu?** (v. 33a, b). Novamente se concede oportunidade a Jó de defender sua rebeldia, mas ele permanece silencioso.

## Jó 35

**35:1-16.** Retornando à idéia de que Deus é infinitamente nobre para ser tentado de algum modo a falsificar a justiça (vs. 4-8), Eliú a introduz novamente citando a queixa de Jó, a qual ele refuta (vs. 2,3). Então corrige uma distorção desta doutrina da transcendência divina (vs. 9.13), aplicando a questão a Jó (vs. 14.16).

**2, 3.** Cons. 34:9. **Acha que é justo?** (35; 2a). Isto se refere não a 2b mas ao versículo 3. Também, 2b está subordinado a 3, assim: Para criticar as conseqüências da justiça é preciso arrogar-se uma justiça superior a de Deus.

**4-8. Aos teus amigos contigo** (4b). Os obreiros da iniquidade com os quais Eliú associou Jó nesta lamentação sobre a justiça infrutuosa (cons. 34:8, 9). Está evidente que os homens não podem diminuir (v. 6) nem aumentar (v. 7) a glória dAquele que está exaltado acima dos céus (v. 5). Portanto, nem o temor nem o favor pode impedi-Lo em Sua



administração de justiça. Elifaz apresentara argumento semelhante em relação à justiça divina (cons. 22:2-4), mas ele ficou prejudicado pela má interpretação da administração daquela justiça. Jó também se referiu à imutabilidade do Criador autodominate, mas concluiu que isto reduz a responsabilidade humana (cons. 7:20, 21).

**9-13.** A transcendente imutabilidade divina não equivale à indiferença para com a virtude e vícios humanos; não é um desinteresse distante para com as multidões que **clamam . . . por causa da arrogância dos maus** (v.12a, c), como Jó já se queixara (cons. 24:12). Tal oração fica antes passível de não ser atendida porque **gritos vazios Deus não ouvirá** (v. 13a), um mero grito animal (v. 11) em busca de alívio físico. **Ninguém diz: Onde está Deus que me fez, que inspira canções de louvor durante a noite** (v. 10). Não é que Deus seja indiferente para com os homens, mas os homens são indiferentes para com Deus. Eles não buscam a Deus por amor a Deus, tendo prazer em cantar doxologias no meio da desolação contanto que Ele seja a sua porção. Eliú intima Jó à sabedoria de sua original resposta de fé (cons. 1:21).

**14-16.** Se o juízo de Deus tarda (v. 14; cons. 19:7; 23:8 e segs.; 30:20), e Sua ira fica limitada enquanto isso (v. 15; cons. 21:7 e segs.), Jó não deveria lançar mão de conclusões vãs (v. 16).

## Jó 36

Continuando no tema da justiça divina, Eliú expõe ainda o gracioso desígnio das aflições dos justos, exortando Jó a tirar proveito disso (36:1-25; cons. 33:19 e segs.). Nos versículos finais desta exortação, o apelo passa para a excelência do poder de Deus (cons. 34:12 e segs.) e se transforma no assunto principal da conclusão de Eliú (36:26 – 37:24), o grito do arauto antes do advento do Senhor (cap. 38 e segs.).

**36:1-25.** Eliú caracteriza sua teodicéia como sendo a verdade completa (vs. 2-4). Possivelmente, 4b refere-se a Deus (cons. 37:16). A grandeza de Deus é uma grandeza de bondade e sabedoria (v, 5), de justiça concedida imparcialmente e de graça concedida abundantemente

ao justo (vs. 6, 7). Aqui novamente Eliú poderia estar escorregando para a via de acesso dos amigos, mas a diferença entre eles aparece em sua interpretação das aparentes exceções do padrão geral observado no governo divino (8 e segs.; cons. comentário sobre 33:12-30). As aflições convocam o justo a uma luta espiritual mais ardente e assim constituem meio eficiente de livramento do pecado e suas conseqüências (vs. 8-10,15). Elas desaparecem quando seu propósito específico se realiza (v. 11); e somente então (v. 12). Do mesmo modo, se **os ímpios de coração** (v. 13a) reagem com fúria soturna às advertências de aflição de um Deus longânimo (v. 13), eles só podem esperar a fatalidade precoce para com sua devassidão (v. 14). **Guarda-te, pois, de que a ira não te induza a escarnecer** (v. 18b; cons. 33:24). As perdas esmagadoras acarretadas pelo castigo recebido por Jó afastou-o da instrução (lit., *boca*) da aflição (v. 16a; cons. 15b) para uma reação de deduções iradas e escarnecedoras (vs. 17, 18a ). **Estimaria ele as tuas lamúrias e todos os teus grandes esforços?** (v. 19a). Na lamentação irada de Jó, com seu amargo anseio pela noite da sepultura (v. 20), ele desdenha a obra santificadora da aflição (v. 21). Que ele, portanto, considere as obras excelsas de Deus (vs. 22a, 25), preste atenção submissamente à instrução que Ele envia (vs. 22b, 23) e assim transforme a lamentação em doxologia (v. 24; cons. 35:10).

### Jó 37

Adotando sua própria opinião (36:24), Eliú profere louvor salmódico ao Senhor da criação. A regra divina fica ilustrada por diversos fenômenos atmosféricos: o ciclo de evaporação e precipitação da chuva (36:26-28), as tempestades terrivelmente majestosas (36:29 - 37:4), o gelo e a neve do inverno (37:5-13). Cada um deles é introduzido por uma afirmação sobre a incompreensibilidade das obras divinas (36:26, 29; 37:5). Eliú observa que as forças elementares uma vez desencadeadas não escapam ao controle divino; mas como os mísseis peritadamente arremessados pelos guerreiros do esquadrão de elite ambidestro (36:32,

cons. *Ilíada* (21: 183; I Cr. 12:2), realizam as ordens de Deus (37:12), quer como maldição (36:31a; 37:13a; cons. 1:16,19) quer como bênção (36:31b; 37:13b; cons. 37:7).

A relação íntima assim sugerida entre o governo de Deus na natureza e o seu governo da história prepara a aplicação final de Eliú para Jó: Se o homem não consegue compreender o governo natural de Deus, não deve esperar compreender o seu governo moral. Com uma série de perguntas humilhantes (37:15 e segs.), Eliú faz Jó perceber a sua condição de criatura, lembrando-o de que, por seus padrões finitos, não pode julgar a Deus, cujos caminhos todos são infinitamente mais altos que os do pensamento humano. Portanto, eis a loucura de questionar Seu governo (37:19, 20, 24b). O caminho da sabedoria é temer Aquele que é incompreensível e excelente em todos os seus atributos (vs. 23,24a).

Tendo completado seu ministério, Eliú retira-se da cena. Ele preparou o caminho do Senhor nos corações de Jó e seus amigos. Da perspectiva literária, o discurso de Eliú forma uma transição destacadamente bem sucedida para a teofania seguinte. A pitoresca descrição que o homem mais jovem faz da fúria dos elementos, estabelece o ambiente para (talvez verdadeiramente inspirado) o redemoinho que se aproxima como veículo de Deus. Sua concentração temática sobre a revelação natural é continuada pelo Senhor, como também até mesmo o estilo interrogativo de sua exortação final (cons. 38: 3 e segs.). Ao julgar a controvérsia de Jó com seus amigos (cons. 42:7-9), o Senhor não menciona Eliú, porque o homem mais jovem não participou da discussão dos mais velhos, nem suas palavras precisaram de expiação. Embora Aquele que fala do redemoinho não mencione Eliú pelo nome, não o ignora. Pois continuando a argumentação essencial de Eliú e endossando seu julgamento em relação a Jó (cons. 32: 2 e 40:8) e os amigos (cons. 32:3 e 42: 7 e segs.), o Senhor admite Eliú como seu precursor.

**B. A Voz de Deus. 38:1 - 41:34.**

Os vereditos pronunciados contra Jó pelos homens obscureceram o caminho da sabedoria até que Eliú falou. Esse caminho está agora inteiramente iluminado pela voz do redemoinho. É coisa apropriadíssima que o Senhor se aproximasse de Jó por meio de uma interpelação. Assim também ele se confrontou com Satanás (cons. 1:7, 8; 2:2, 3). Deus interpelou a ambos, Satanás e Jó, confrontando-os com Suas obras maravilhosas. E considerando que o próprio Jó é a obra divina pela qual Satanás foi desafiado, é através do sucesso deste desafio a Jó que Deus aperfeiçoa o triunfo do Seu desafio a Satanás. O desafio de Deus a Jó prossegue em dois estágios (38:1 - 40:2 e 40:6 - 41:34 ), com uma pausa no meio, marcada pela submissão inicial de Jó (40:3-5 ).

**1) O Desafio Divino. 38:1 - 40:2.****Jó 38**

**38:1-3. De um redemoinho** (v. 11. Este veículo característico da teofania (cons. Sl. 18: 7 e segs.; 50:3; Ez. 1:4, 28; Naum 1:3 ; Hc. 3; Zc. 9:14) deriva para dramatizar a revelação falada que o acompanhava. **Quem é este que escurece os meus desígnios?** (v. 2). O absurdo de Jó criticar as resoluções divinas está na respectiva identidade de ambos. A criatura criticando o Criador! **Cinge, pois os teus lombos como homem** (v. 3a). A imagem do desafio divino foi extraída do antigo esporte popular da luta do cinturão. A figura é especialmente aplicável a este contexto porque esse tipo de luta também era usado como prova nu tribunal, e é por meio de provas que o caso de Jó está sendo resolvido.

**38:4 - 39:30.** A prova para a qual o Criador desafia Sua criatura é o teste da sabedoria. Muitas das perguntas divinas tratam do poder executivo, mas o conceito de sabedoria do V.T. inclui o talento do artista. Chama-se a atenção para a sabedoria insondável do Criador exibida por toda parte - na terra (38: 4-21, nos céus (38:22-38) e no reino animal (38:39 - 39:30), a seqüência da narrativa sendo, de maneira

generalizada, a mesma que este Orador adotou em Gênesis 1. Jó fica cada vez mais impressionado com a imensidão de sua própria ignorância e impotência.

**38:4-21. Onde estavas tu?** O conhecimento que Jó tinha da terra estava limitado pelo tempo e espaço. Esta seção começa e termina com referências à não existência de Jó na criação (vs. 4, 21; cons. 12; contraste com "Sabedoria" em Pv. 8:22 e segs.). Eis a sua ignorância sobre como a terra foi estabelecida (Jó 38: 47) ou o mar encerrado (vs. 8-11), sobre como os dias da terra estão controlados pelo ciclo da madrugada e das trevas (vs. 12-15, 19-21). Jó também não sondara as profundezas do mar nem medira a largura da terra (vs. 16-18).

**38:22-38. Podes estabelecer a sua influência sobre a terra?** (v. 33b). Para se qualificar como diretor e juiz da vida humana sobre a terra, deve-se ter capacidade de governar os corpos celestiais que governam a terra (cons. Gên. 1:14-18). Observe a repetida menção da influência do céu atmosférico e astral sobre os negócios da terra (Jó 38:23, 26, 27, 33, 34, 38). Mas Jó não tem o controle sobre as águas acima no que se refere a se, onde, quando ou como elas se precipitarão. O relâmpago não se apresentará diante dele como um servo obediente (v. 35); nem tem ele a mais remota influência sobre os sinais periódicos dos céus (vs. 31, 32).

**38:39 - 39:30.** Novamente nesta seção sobre a criação animada, o propósito é convencer Jó de sua incompetência para o papel de governador do mundo, enquanto magnífica a sabedoria dAquele que realmente é o Governador da criação (cons. 12:7). A atividade criativa e providencial de Deus envolve as criaturas selvagens além do controle humano, como exatamente, na esfera inanimada, abrange a vastidão além do conhecimento humano (cons. 38:26, 27). Leões e corvos não são aproveitáveis nem igualmente sujeitos à benevolência do homem (38:39-41).

**Jó 39**

Nem as cabras monteses recebem o cuidado solícito do criador de gado (39:1-4) O homem não pode colocar o jumento selvagem e esquivo (39: 5-8) nem o boi selvagem e indomesticável (39:9-12) 9Jb o seu jugo. Até a estúpida avestruz zomba dos orgulhosos cavaleiros (39:13-18), enquanto o cavalo, por seu lado, zomba dos exércitos humanos e da vanglória de Lameque (39:19-25; cons. Gn. 4:22-24). O último esboço dirige os olhos de Jó para cima, para o trono do Criador - para o falcão e a águia rapaces, à espera de que Deus os chame para a Sua festa de julgamento, com sua presa de homens rebeldes, reis e capitães, cavalos e cavaleiros (Jó 39:26-30; cons. Ez. 39:17; Ap. 19:17 e segs.). Eis aqui a vaidade máxima de todos os esforços da sabedoria humana - que o homem se reduz a alimento da criação sub-humana- "Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios" (I Co. 1:27a). Até os animais selvagens riem-se dos esforços culturais do homem (vs. 7, 18, 22).

**Jó 40**

**40:1, 2. Acaso quem usa de censuras contenderá com o Todo-poderoso?** (v. 2a). O primeiro "encontro" da prova está para ser decidido. Deus exige que Jó admita a derrota. Isto ficaria ainda mais claro de acordo com a tradução refletida em algumas versões antigas: "O que contende com o Todo-poderoso se renderá? "

**2) A Submissão de Jó. 40:3-5.**

**4a. Sou indigno.** A sabedoria extraordinária do Criador impressionou a Jó tão profundamente que ele não mais quer discutir os caminhos divinos como o fizera mais de uma vez (v. 5). Muito menos se aproximará de Deus como um príncipe (cons. 31:37). As atitudes de Jó começam a adornar novamente a doutrina da sabedoria que ele confessa (cons. 28:8).

### 3) O Desafio Divino Renovado. 40:6 – 41:34.

**40:6, 7.** Um dos alvos da luta dos cintos era arrancar o cinto do oponente, mas uma prova nem sempre terminava com tal "queda". Assim Jó deve, figuradamente, amarrar o cinto novamente e recomeçar a prova. Sua submissão inicial (40:3-5) era boa mas apenas o início de seu arrependimento. Ele devia reconhecer não apenas a irracionalidade mas também a pecaminosidade da crítica ao Todo-poderoso.

**40:8-14. Ou tens braço como Deus?** (v. 92). O poder redentor de Deus através do qual Ele salva o Seu povo e julga seus inimigos é freqüentemente retratado como um braço estendido e uma grande mão (cons. v. 14b). A crítica de Jó ao governo de Deus, especialmente sua jactância de que venceria a imaginária oposição do Senhor à sua justificação, era, em princípio, uma usurpação da prerrogativa divina do governo do mundo, um desejo ardente de conhecimento igual ao divino do bem e do mal (cons. Gn. 3: 5), uma autodeificação. Que Jó provê sua capacidade de executar a sentença condenatória contra os homens perversos, cuja prosperidade lhe parece injusta (Jó 40:10-13). Então Deus adorará de acordo com o culto de Jó, reconhecendo que ele possui o poder divino do juízo redentor pelo qual pode justificar e salvar a si mesmo (v. 14).

**40:15 - 41:34.** (Texto heb. 40:15 – 41:26). Uma vez que Jó não pode obviamente subir ao trono celestial para experimentar o seu poder de julgar os perversos, Deus propõe um teste mais exequível. O motivo da divindade convocando um animal invencível para lutar contra um herói humano encontra paralelo na mitologia antiga. (Cons. Épica de Gilgamesh, na qual Ishtar envia o touro celeste contra Gilgamesh.) Na arte mesopotâmica, além disso, o touro celeste foi representado usando o cinturão da luta. O **beemote** (40:15 e segs.) identifica-se comumente com o **hipopótamo**; o **leviatã** (41:1 e segs.; texto heb. 40: 25 e segs.), com o **crocodilo**. Ambos se encontram juntos na arte egípcia. Não é necessário demonstrar-se a presença do hipopótamo ou crocodilo na área do Jordão de antigamente, uma vez que *yarden* (40:23b), ao que parece,

é um substantivo comum significando "rio" (cons. paralelo no v. 23a). Muitas outras identificações já foram sugeridas; recentemente, por exemplo, identificou-se o beemote com o crocodilo e o leviatã com a baleia. Se o beemote pode com sucesso ser identificado com o crocodilo (cons. 40:17, 24a, Heb.), deve-se considerar se toda a passagem não descreve apenas uma criatura, isto é, o leviatã. A designação, **beemote**, tomada como plural intensivo, "a besta por excelência", poderia ser um epíteto como **obra-prima dos feitos de Deus** (v. 19a). Observe reivindicações superiores semelhantes para o leviatã (41:33, 34). Certos detalhes descritivos não se enquadram em nenhuma criatura real. Isto tem induzido a opinião que aqui não se tem em mente criaturas zoológicas, mas monstros do caos mitológico concebidos à semelhança do hipopótamo e do crocodilo. Então 40:15 e segs. poderiam ser uma elaboração simbólica do desafio precedente para subjugar os homens rebeldes (40:9-14). Compare o uso do dragão como símbolo de Satanás em Apocalipse. Como seria apropriada uma intimação a que Jó lutasse com o príncipe dos rebeldes convencidos!

## Jó 41

Aplicável ao contexto como é esta interpretação mítica, a passagem torna-se mais naturalmente compreendida como figura de criaturas reais pintadas com algumas pinceladas altamente figurativas (como 41:19 e segs. por exemplo). Observe especialmente que Deus apresenta beemote como alguém **que eu criei contigo** (40:15b). Eis aí o verdadeiro ponto alto da passagem: Jó tem de descobrir por meio de sua incapacidade de derrotar até mesmo uma criatura igual a ele, a loucura de aspirar o trono do Criador. A conclusão *a fortiori* torna-se explícita em 41:10b. **Quem é, pois, aquele que pode erguer-se diante de mim?** A absoluta transcendência divina contradiz o pretendido direito de Jó de declarar-se contra Deus porque impede a possibilidade de Jó ter dado algo a Deus: **Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu** (41:11).



Uma vez que a ocasião desta demonstração extensa do poder de Deus foi quando Ele atraiu Jó para uma prova de tribunal, a demonstração foi explicitamente oferecida como defesa da justiça divina. Do mesmo modo, foi introduzida pela pergunta: **Acaso anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares?** (40:8; cons. 38:2). Não que o atributo da justiça possa ser abstratamente deduzido do atributo da onipotência. Antes, a atenção é dirigida para as obras grandiosas e divinas como testemunhas forçadas de Deus – não simplesmente de um atributo mas do próprio Deus; o Deus que se revelou ao homem de dentro e de fora, por meio de revelação generalizada e especial; o Deus vivo, infinito, eterno e imutável em Seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade; O Deus cuja veracidade e justiça eram a pressuposição do julgamento de Jó por meio de provas, que jura por si mesmo porque não pode jurar por alguém maior do que Ele.

#### **IV. Confissão: O Caminho da Sabedoria Readquirido. 42:1-6.**

##### **Jó 42**

**42:1-6.** Esta confissão é o contrapeso da lamentação de Jó (cap. 3). Reconhece a rebeldia pecadora que deu origem a essa lamentação. Não é uma admissão de pecados anteriores aos seus sofrimentos como sustentavam as acusações de seus amigos. Por meio desta entrega sem reservas ao seu Senhor, uma entrega feita enquanto ele ainda se encontrava em seus sofrimentos, não tendo recebido nenhuma explicação sobre o mistério do passado ou alguma promessa para o futuro, Jó prova ser um verdadeiro servo da aliança, pronto a servir o seu Deus por nada. A confissão portanto indica que Jó finalmente "esmagou" a Satanás, vindicação final do poder redentor de Deus.

**2b. Nenhum dos teus planos pode ser frustrado.** Isto não é resignação vazia sob pressão onipotente, mas louvor ao Deus vivo e uma aquiescência confiante em seus sábios propósitos. Em 42:3a, 4 Jó cita as

palavras divinas (cons. 38:2, 3b; 40:7), dirigindo sua luz convincente para si mesmo, e então responde: "Eu sou o homem" (42:3b, 5, 6). **Coisas maravilhosas demais para mim** (v. 3c). O homem finito não pode se apresentar como árbitro final, pois em Deus e Seus caminhos há um mistério além da compreensão humana.

**5b. Mas agora os meus olhos te vêem.** Quanto ao contraste entre o ouvir e o ver em relação ao conhecimento veja 26:14; 28:21-27. Nenhuma forma divina apareceu no redemoinho mas a revelação da voz foi uma experiência transformadora, iluminando todas as outras revelações divinas, quer generalizadamente quer alguma revelação especial anterior que fora transmitida a Jó. Por meio dessa nova luz Jó encontra novamente o caminho da sabedoria.

**6. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza.** Ódio santo contra sua própria corrupção é a consequência natural da confrontação do crente com o seu santo Senhor (cons. Is 6:5). O filosófico "Por quê?" não fora respondido, mas Deus, pela condescendência de Sua vinda, assegurou a Jó a Sua preocupação benévola. Isto bastou para Jó.

## **V. Restauração : O Triunfo da Sabedoria de Jó. 42:7-17.**

### **A. Vindicação da Sabedoria de Jó. 42:7-9.**

O Senhor opera o livramento dos males que assolam Jó na ordem inversa de sua ocorrência e na ordem inversa de sua gravidade. O falso senso de alienação divina que havia em Jó foi o primeiro mal corrigido. Agora, trata-se da difamação do nome de Jó entre os homens e, depois, a fama e a riqueza são restauradas.

**7c. Não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.** Se *'elay* fosse traduzido para *a mim*, haveria uma referência explícita à confissão de Jó. Mas mesmo tendo sido traduzido para *de mim*, parece necessário pensar primeiramente na confissão de Jó e na falta de tal arrependimento por parte dos amigos em resposta à teofania. Pois em

termos da teologia expressa no debate deles, a diferença entre eles consistia simplesmente em uma questão de grau. As palavras de todos eles foram parcialmente censuráveis. Convenientemente, o remédio consistia em que Jó fosse seu mediador oferecendo sacrifício, que era uma maneira de expressar arrependimento público no V.T. (v. 8 ). A proporção das ofertas era de acordo com o status dos ofensores e a solenidade da ocasião (cons. Núm. 23 e segs.). Jó está vingado, e os amigos, repelidos, mas de tal maneira que os amigos são perdoados por Jó e também por Deus. Pois a própria forma da dedicação de Jó é o privilégio de orar pur aqueles que o usaram maldosamente (cons. Ez. 14:14-20). O reconhecimento vindicatório de Jó da parte de Deus, como meu servo, veio ao encontro da fé de Jó em seu Remidor celestial e antecipou o escatológico, "Muito bem, servo bom e fiel" (Mt. 25:21 e segs.). Mais ainda, foi a confirmação do original motivo do orgulho de Deus diante de Satanás (Jó 1:8; 2:3) que assim coroa o Seu triunfo sobre o mal.

### **B. A Sabedoria de Jó é Abençoada. 42:10-17.**

A religião não é o caminho da prosperidade. Mas a criação de Deus é boa e a herança da terra prometida aos mansos é uma parte integral da beatitude total do homem como um todo. Conforme o próprio livro de Jó ensina, neste mundo a piedade e a prosperidade nem sempre são companheiras inseparáveis. Mas sob o governo do Criador que é justo, os homens justos devem em última análise receber beleza em lugar de cinzas. A vida de Jó foi moldada por Deus para ser um sinal profético do "fim do Senhor" (cons. Tg. 5:11) para maior encorajamento dos justos naquele período precoce da revelação redentora quando o fim ainda estava muito distante (cons. arrebatamento de Enoque, Gn. 5:24).

De modo significativo, o momento crítico das circunstâncias externas de Jó, seu livramento das mãos de Satanás, foi marcado pelo ato no qual ele espiritualmente ilustrou a justiça do reino de Deus (cons. Mt. 6:33 ) e cerimonialmente tipificou o sacrifício messiânico que estabelece

aquela justiça (Jó 42:10). A bênção dupla (v. 10b; cons. Is. 61:7; Zc. 9:12 ) estende-se à propriedade de Jó (Jó 42:12), sua família (vs. 13-15), pois os filhos mortos de Jó continuavam sendo de Jó na esperança da imortalidade (cons. também v. 16b). Possivelmente o prolongamento de sua vida até à plenitude patriarcal (vs. 16, 17; cons. Gn. 25:7, 8; 35: 28, 29) é uma duplicação dos setenta anos prévios (cons. Sl. 90:10). Certamente sugere a restauração da saúde, como a herança das filhas entre seus irmãos (Jó 42:15b) e sugere a restauração da antiga felicidade familiar de Jó.

# SALMOS

## Introdução

### Esboço

Cap. 1	Cap. 31	Cap. 61	Cap. 91	Cap. 121
Cap. 2	Cap. 32	Cap. 62	Cap. 92	Cap. 122
Cap. 3	Cap. 33	Cap. 63	Cap. 93	Cap. 123
Cap. 4	Cap. 34	Cap. 64	Cap. 94	Cap. 124
Cap. 5	Cap. 35	Cap. 65	Cap. 95	Cap. 125
Cap. 6	Cap. 36	Cap. 66	Cap. 96	Cap. 126
Cap. 7	Cap. 37	Cap. 67	Cap. 97	Cap. 127
Cap. 8	Cap. 38	Cap. 68	Cap. 98	Cap. 128
Cap. 9	Cap. 39	Cap. 69	Cap. 99	Cap. 129
Cap. 10	Cap. 40	Cap. 70	Cap. 100	Cap. 130
Cap. 11	Cap. 41	Cap. 71	Cap. 101	Cap. 131
Cap. 12	Cap. 42	Cap. 72	Cap. 102	Cap. 132
Cap. 13	Cap. 43	Cap. 73	Cap. 103	Cap. 133
Cap. 14	Cap. 44	Cap. 74	Cap. 104	Cap. 134
Cap. 15	Cap. 45	Cap. 75	Cap. 105	Cap. 135
Cap. 16	Cap. 46	Cap. 76	Cap. 106	Cap. 136
Cap. 17	Cap. 47	Cap. 77	Cap. 107	Cap. 137
Cap. 18	Cap. 48	Cap. 78	Cap. 108	Cap. 138
Cap. 19	Cap. 49	Cap. 79	Cap. 109	Cap. 139
Cap. 20	Cap. 50	Cap. 80	Cap. 110	Cap. 140
Cap. 21	Cap. 51	Cap. 81	Cap. 111	Cap. 141
Cap. 22	Cap. 52	Cap. 82	Cap. 112	Cap. 142
Cap. 23	Cap. 53	Cap. 83	Cap. 113	Cap. 143
Cap. 24	Cap. 54	Cap. 84	Cap. 114	Cap. 144
Cap. 25	Cap. 55	Cap. 85	Cap. 115	Cap. 145
Cap. 26	Cap. 56	Cap. 86	Cap. 116	Cap. 146
Cap. 27	Cap. 57	Cap. 87	Cap. 117	Cap. 147
Cap. 28	Cap. 58	Cap. 88	Cap. 118	Cap. 148
Cap. 29	Cap. 59	Cap. 89	Cap. 119	Cap. 149
Cap. 30	Cap. 60	Cap. 90	Cap. 120	Cap. 150

---

INTRODUÇÃO

**Natureza.** Entre todos os livros da antiguidade, nenhum tem agradado tanto ao coração humano como **Os Salmos**. Em nenhum outro livro da Bíblia podemos encontrar tal variedade de experiências religiosas. Aqui o coração de Israel foi desnudo em múltiplas expressões de fé, pois Israel conheceu experimental, mente a verdade da revelação de Deus. Nos diversos Salmos, o conhecimento que Israel tinha dos dias passados uniu-se à adoração e assim recebeu permanência. A experiência dos indivíduos está aqui ligada à vida corporativa de Israel. Portanto, no Livro dos Salmos existe uma qualidade universal que só pode advir da expressão combinada das experiências espirituais dos homens nos muitos períodos da história e em uma variedade de circunstâncias da vida. Cada homem foi motivado pelo seu desejo de reação para com o Deus vivo. Todos foram unidos pelo seu desejo inerente de reagir através de suas mais profundas emoções. Cada tipo de experiência religiosa reflete-se no cadinho da vida dada e projeta-se sobre a vida do crente de hoje. Assim, encontramos nos Salmos uma ausência da limitação do tempo que toma este livro igualmente aplicável a cada período da história.

O termo "Salmos" vem da LXX, que deu o título de *Psalmoi* à coleção. Um dos maiores manuscritos bíblicos, o Códice Alexandrino, fornece a designação "Saltério" pelo uso da palavra grega *Psalterion*. Contudo, a Bíblia Hebraica usa a designação *Tehillîm*, que significa "Louvores". Na literatura rabínica esta mesma idéia foi transmitida no termo *Seper Tehillîm*, significando "Livro dos Louvores". Em ambos os termos, hebraico e grego, encontramos a raiz significando cântico com acompanhamento instrumental. Através da passagem do tempo a palavra assumiu o significado de "o canto com acompanhamento musical", um aspecto do culto israelita popularizado pelo cântico dos coros levíticos. Muitos dos salmos dão evidências de terem sido usados pelos coros e devotos como hinos, enquanto outros não se adaptavam a tal uso.

Entretanto, a coleção como um todo atesta do mais profundo e mais apaixonado anseio de Israel em conjunto na adoração de Deus.

**Títulos e Autoria.** Uma das coisas que primeiro se nota em um salmo é o título que leva. Como chegar a uma adequada interpretação desses títulos é um dos problemas mais exasperantes apresentados por este livro. Às vezes é a autoria que está enfatizada nos títulos; noutras, o relacionamento. A ocasião da composição dos salmos às vezes é indicada. Certos títulos fazem referência do uso específico de um salmo para o culto público. Outros títulos indicam o desejado efeito musical ou cenário. Outros ainda descrevem o caráter básico do salmo como 1) um hino para ser cantado com acompanhamento musical (*mizmôr*), 2) uma canção (*shîr*), 3) uma antena (*maskîl*), ou 4) uma lamentação (*miktam*).

Todos, menos trinta e quatro salmos, têm algum tipo de título sobrescrito. Os trinta e quatro salmos sem título são chamados de "órfãos" judeus. Entre os salmos com título, setenta e três têm a inscrição *le Dawid*, que foi traduzida para "Um Salmo de Davi" na E.R.A, e E.R.C. Contudo, o uso hebraico da expressão pode indicar "pertencente a Davi", "no estilo de Davi" ou "por Davi". De modo nenhum se deve considerar que esses títulos sempre indiquem autoria, quer se refira a Davi ou outros. A LXX acrescenta o nome de Davi a quinze salmos que não foram assim intitulados no hebraico. Em adição aos setenta e três atribuídos a Davi (oitenta e oito na LXX), doze são relacionados com Asafe, doze com os Filhos de Coré, dois com Salomão, um com Etã e um com Moisés.

Embora esses títulos não façam parte do texto original, eles se baseiam em tradição relativamente antiga. Uma comparação entre o Texto Massorético e a LXX indica que os títulos antedatam a LXX, pois algumas das orientações musicais já eram incompreensíveis aos tradutores gregos e os títulos não se fixaram. Embora os sobrescritos não façam parte do texto original, são dignos de consideração, pois representam o primeiro esforço do homem em escrever uma introdução ao Saltério.

Estrutura. Embora o livro de Salmos pareça carecer de um plano, não está em uma ordem indefinida. Embora careça de organização em termos de assunto, segue um sistema muito mais óbvio de organização. Está dividido em cinco seções, representando diversas coleções que foram reunidas. De acordo com o *Midrash on the Psalms*, um antigo comentário judeu, esta divisão quántupla foi feita para corresponder aos cinco livros da Lei. Assim deve ter havido um propósito original entre os editores das coleções de salmos para fazer um paralelo entre esta quántupla expressão do povo com a quántupla convocação divina.

Mais evidências de um plano é a presença da doxologia no fim de cada um dos cinco livros. Os salmos 41, 72, 89, 106 e 150 incluem doxologias para cada um dos cinco livros. Realmente, o Salmo 150 é uma doxologia global, enquanto o Salmo 1 é uma introdução geral ao Saltério. Os salmos 2, 42, 73, 90 e 107 servem de introdução aos seus respectivos livros.

Esta cuidadosa organização dá evidência de que a edição final de toda a coleção teve a intenção de se enquadrar no esquema do culto judeu. Há uma espantosa correlação entre os quatro primeiros livros da Lei e as quatro primeiras divisões dos Salmos. Considerando que o crente no judaísmo palestiniiano completava a leitura do Pentateuco cada três anos, é muito provável que o uso dos Salmos fosse programado para lhe corresponder. De acordo com a antiga tradição, parece que oito porções da Lei destinavam-se aos sábados em um período bimensal, junto com devidas porções dos profetas.

N.H. Snaith (*Hymns of the Temple*, pág. 18) tem mostrado que salmos sucessivos poderiam ter sido usados em estilo semelhante. Ele calculou que o livro do Êxodo era começado no quadragésimo segundo sábado, chegando-se ao Levítico no septuagésimo terceiro, Números no nonagésimo e Deuteronômio no centésimo décimo sétimo. Estes sábados correspondem exatamente com os primeiros capítulos de cada um dos cinco livros do Saltério. Nenhum Salmo sena mais apropriado que o Salmo 1 para introduzir a próxima "meditação sobre a Lei" de três anos.



O Salmo 23, por exemplo, acompanharia a leitura da história de Jacó em Betel.

**Compilação e Desenvolvimento.** A presente organização do Saltério é o resultado de um processo de desenvolvimento. Muito tempo antes do livro dos Salmos tomar sua presente forma, coleções menores já estavam em circulação. E gradualmente estas coleções menores foram reunidas em uma só.

Dentro do atual arranjo quártuplo, os limites de certas coleções menores ainda são discerníveis. Em adição às coleções davídicas, há certos agrupamentos atribuídos aos Filhos de Coré e Asafe. No Salmo 72:20, declara-se que ali "findam as orações de Davi", embora sigam-se outros salmos que se atribuem a Davi. Outras coleções menores incluem os Salmos das Peregrinações e os Salmos dos Aleluias. Certas seções também demonstram uma preferência decisiva por *Jeová* ou *Elohim*, indicando a antiga existência de determinadas seções. As coleções abaixo podem ter circulado separadamente, sendo mais tarde reunidas:

Salmos 3-41. Uma coleção davídica com doxologia e preferência por *Yahweh* (272 ocorrências com 15 de *Elohim*).

Salmos 51-72. Uma coleção davídica com doxologia e preferência por *Elohim* (208 ocorrências com 48 de *Yahweh*).

Salmos 50, 73-83. Coleção de corporação levita atribuída a Asafe.

Salmos 42-49. Coleção de corporação levita atribuída aos Filhos de Coré.

Salmos 90-99. Salmos sabáticos intimamente relacionados com o culto regular do sábado.

Salmos 113-118. Salmos de Halel do Egito, relacionados com o culto da Festa da Páscoa (cons. Sl. 136).

Salmos 120-134. Cânticos das Peregrinações ou dos Degraus, provavelmente cantados pelos peregrinos quando iam ao Templo.

Salmos 146-150. Salmos dos Aleluias cantados nos festivais.

T.H. Robinson (*The Poetry of the Old Testament*) e outros têm sugerido que uma divisão tripla precedeu a forma quártupla final. Esses

três livros, 1-41, 42-89, 90-150, podem bem ter sido redivididos na forma presente para fazê-los corresponder às divisões da Lei. Quer se possa ou não provar esta teoria, uma compreensão adequada da natureza composta do livro dos Salmos é coisa essencial. Através do processo gradual da compilação, rearranjo e revisão, Deus preservou este tesouro da expressão de Israel diante de Sua revelação.

**Data.** Um preciso sistema de datas para o livro de Salmos é impossível. Os responsáveis pela edição final do Saltério, como também os compiladores anteriores, esforçaram-se em fornecer um hinário para suas gerações. Em tempos de tensão e dificuldades, tentaram reviver o vigor do passado para servir às necessidades dos seus dias. O processo da revisão e adaptação faz muitos dos salmos parecerem posteriores aos períodos de sua origem.

N.H. Snaith (*Twentieth Century Bible Commentary*, pág. 235) diz: "Poucos Salmos são pré-exílicos ou totalmente pós-exílicos. Alguns Salmos podem conter elementos de várias datas distantes em mais de mil anos". Alguns mestres têm seguido Duhm, afirmando que a maioria dos salmos pertencem ao período dos Macabeus. Contudo, a tendência hoje em dia entre esses mestres, tais como Gunkel, Snaith, Patterson, Oesterley e outros é de lhes conceder datas mais antigas. A frase, "O Hinário e Livro de Orações do Segundo Templo", pode bem se aplicar à coleção como um todo por causa da edição final depois do Exílio. No entanto, a maior parte do Saltério é pré-exílico, com alguns elementos originalmente pré-davídicos. Este reconhecimento de material antigo e novo torna o livro dos Salmos ainda mais precioso como registro de toda a história da expressão de Israel diante de Deus na qualidade de Seu Povo Escolhido.

Embora seja importante na interpretação conhecer os antecedentes históricos exatos e a data de certa passagem, torna-se menos imperativo nos Salmos do que em outras seções do Velho Testamento. Por causa da universalidade de suas verdades, o livro sofre menos da falta deste conhecimento do que se poderia esperar. Sua mensagem eterna toma-a

aplicável ao período pré-exílico, ao período pós-exílico e à nossa presente dispensação. Contudo, esta ausência da limitação temporal não deveria nos afastar de buscarmos os antecedentes históricos sempre que possível. O estilo literário, as alusões históricas, a linguagem, as idéias teológicas e outras evidências internas deveriam ser examinadas, porque qualquer passagem é enriquecida quando seus antecedentes são devidamente compreendidos. Mesmo que tais aquisições da realidade sejam desejáveis, o dogmatismo em atribuir autores, datas e circunstâncias é descabido por causa da mensagem ilimitada do livro. Devemos nos lembrar de que a história costuma repetir-se muitas e muitas vezes.

**Forma Poética.** Os hebreus deram ao mundo uma herança de expressão poética simples e infantil. Seus pronunciamentos poéticos saíram mais do coração do que de um desejo de atingir a excelência da arte. Considerando que o hebraico é uma linguagem pitoresca, cada palavra é viva e descritiva. As raízes verbais retratara ação visível, enquanto o seu uso dá lugar à imaginação. A linguagem tem uma qualidade intensamente emocional muito apropriada para exibir ardente paixão religiosa.

Embora a poesia hebraica não tenha rima e seja pobre na métrica, tem aspectos compensatórios. Em lugar dos fundamentos básicos da poesia inglesa, o hebraico emprega duas principais características que a distinguem – acento rítmico (ritmo) e paralelismo. De acordo com F.C. Eiselen (*The Psalms and Other Sacred Writings*), o ritmo é "a repetição harmoniosa de determinadas relações de som". Um padrão rítmico de dois, três ou quatro compassos em cada linha torna possível esta harmoniosa repetição. Diversas sílabas átonas entre os compassos formam a regra das sílabas curtas e longas. Esta forma de regulamentação depende do ritmo dentro das cláusulas e do equilíbrio rítmico entre as cláusulas. O resultado é um agradável subir e descer da voz que pode expressar espírito animado, segurança, calma, excitação, lamentação ou qualquer outra qualidade emocional .

A segunda principal característica distinta da poesia hebraica é o equilíbrio de forma e sentido chamado *paralelismo*. O poeta apresenta uma idéia; depois ele a reforça por meio da repetição, variação ou contraste. Três tipos principais de paralelismo se encontram através do Saltério:

1. Sinônimo. A segunda linha repete a primeira com palavras um pouco diferentes (cons. Sl. 1:2).

2. Antitético. A segunda linha faz agudo contraste com a primeira (cons. Sl. 1:6).

3. Sintético. A segunda linha completa a primeira, suplementando o pensamento original (cons. Sl. 7 : 1).

Três tipos menos importantes contribuem acrescentando riqueza e variedade á expressão hebraica:

1. Introvertido. A segunda linha é paralela da terceira e a primeira da quarta (cons. Sl. 30:8-10; 137:5, 6).

2. Climático. A segunda linha completa a primeira, levando o pensamento ao clímax (cons. Sl. 29:1, 2).

3. Emblemático. A segunda linha continua o pensamento da primeira elevando-a a um nível mais alto ou usando um símile (cons. Sl. 1:4).

Há outros fatores que explicam a eficiência do paralelismo. No âmago da questão está a expectativa e a satisfação do leitor. A primeira linha sempre desperta um senso de expectativa, enquanto as subseqüentes satisfazem essa expectativa. O poeta pode ganhar em variedade, mudando o grau da expectativa despertada ou o método da satisfação, com o uso de contraste para mostrar o inesperado. O paralelismo às vezes é completo, às vezes incompleto, com a falta de um elemento; e em outras vezes há um elemento compensatório acrescentado para produzir um melhor senso de satisfação. Não apenas o paralelismo, mas o ritmo padronizado produz esta sensação de expectativa e satisfação. GE. Gray (*The Forms of Hebrew Poetry*, 1915) deu nomes aos dois tipos básicos de ritmo. O "ritmo balanceante" produz

uma certa satisfação porque o padrão rítmico é igual (3:3 ou 2:2). "Ritmo ecoante" produz uma diferente sensação, dando à segunda linha menos acentos do que na primeira (3:2). A forma mais frequentemente usada deste último é a métrica *Quinah* usada em lamentos e nênias.

Além do paralelismo e ritmo, dois outros elementos afetam a poesia hebraica. Não são características distintas, pois estão presentes em toda poesia. O primeiro é a qualidade emocional que produz uma *expressão intensificada*. Palavras especiais ou frases cheias de potência podem produzir este efeito. O uso de um profusão de guturais pode indicar aspereza. Sibilantes agudas podem expressar vitória ou tristeza pela derrota. Palavras onomatopéicas podem com facilidade transmitir a mensagem. O segundo elemento é o *valor mnemônico* do poema, que ajuda o leitor a lembrar-se dele. Em lugar de usar rima, o salmista ocasionalmente emprega um arranjo acróstico. Cada linha ou um grupo de linhas começaria com letras sucessivas do alfabeto hebraico. O salmo 119 é um exemplo excelente, onde cada linha em um grupo de oito linhas começa com a mesma letra. Todas as vinte e duas letras do alfabeto grego foram usadas em seções sucessivas. Tal expediente artificioso torna mais fácil para as pessoas guardar esses salmos na memória. Na verdade, só oito ou nove salmos foram assim construídos em sua inteireza. Cada um deles é proverbial por natureza e sofreria alguma desunião de pensamento se não fosse por esse arranjo alfabético.

No estilo básico a poesia hebraica é vastamente diferente da poesia moderna. Contudo, o padrão hebraico tem grande afinidade com o do Oriente Próximo. Existem numerosas semelhanças de estilo entre a poesia de Israel e a do Egito e Mesopotâmia. Contudo as semelhanças mais destacadas são evidentes quando se comparam os salmos hebraicos com os poemas ugaritas. A poesia de Ugarit é basicamente do tipo siro-cananita. Canaã e Síria estiveram em íntimo contato com Israel através de toda a história pré-exílica. As semelhanças principais se relacionam com as metáforas, frases, ritmo e paralelismo – todas questões de estilo

literário e fraseologia. Religiosamente e teologicamente, as diferenças ultrapassam todas as semelhanças.

**Classificação.** Qualquer comparação superficial dos poemas do Saltério revela que eles não foram agrupados por assunto. Os assuntos, compreendidos ou mencionados, passam por toda a escala das experiências humanas. Embora os diversos tópicos sejam numerosos demais para se fazer uma lista, cinco temas dominantes podem ser reconhecidos :

1. Percepção da presença divina.
2. Reconhecimento da necessidade da ação de graças.
3. Comunhão pessoal com Deus.
4. Reminiscência do papel divino na história.
5. Consciência da libertação dos inimigos.

Tem havido muitas tentativas de se classificar os salmos de acordo com um padrão preconcebido. Mowinckel e outros centralizaram-se no conteúdo, desenvolvendo elaboradas subdivisões por tópicos. Outros tentaram revelar o sentimento básico do autor de cada salmo. Enquanto outros ainda basearam-se no tipo de cada salmo como critério para classificação. Isto começou simplesmente como uma divisão tripla de hinos de louvor, orações e hinos de fé. Recentemente Gunkel fez um trabalho valioso de identificar melhor esses tipos e categorias. Sua premissa básica é que os salmos foram originalmente hinos para serem usados nos cultos de Israel. Assim ele classifica cada um deles de acordo com "fórmulas regulares recorrentes" de cada tipo em particular. Gunkel reconhece cinco tipos principais conforme se segue:

1. Hinos de Louvor
2. Lamentações Nacionais
3. Salmos Reais (incluindo os Salmos Messiânicos)
4. Lamentações Individuais

5. Ações de Graças Individuais A estes ele acrescenta um certo número de tipos menos importantes representados por alguns poucos salmos cada um:

6. Hinos Peregrinos
7. Ações de Graças Nacionais
8. Poemas da Sabedoria
9. Liturgias da Torá
10. Tipos Mistos

Estas categorias representam o esquema último e final de Gunkel (cons. N.H. Snaith em *Twentieth Century Bible Commentary*, pág. 235 e segs.). Anteriormente, Gunkel excluía alguns tipos menos importantes, tais como: "Bênçãos e Maldições" e "Salmos Proféticos" (cons. John Patterson, *The Praises of Israel*, pág. 32). Podemos acrescentar a estas classificações a categoria dos Salmos Messiânicos.

Tentador como é o trabalho de se descobrir um sistema de classificação, há uma certa imprecisão em relação ao Saltério que se opõe a uma classificação absoluta. Esta falta de definidade é resultado das características eternas e universais da coleção. Na verdade, cada método de classificação apresenta uma opinião diferente sobre os Salmos, tomando possível uma compreensão das muitas facetas disponíveis.

**Valor Permanente.** O Saltério é em primeiro lugar um testemunho vivo da fé de Israel. Os salmos individuais evidenciam o pensamento e o sentimento de inumeráveis crentes hebreus. Eles fazem eco às aspirações e esperanças de homens e mulheres em cada período da história de Israel. Refletem as dificuldades e lutas do povo de Deus. Descortinam a peregrinação da dúvida à certeza nesses séculos críticos de orientação divina. Apontam sempre para a derrota do desespero por meio da fé no Deus vivo. A história de Israel ficaria realmente desfalcada sem essas evidências da reação da fé para com a revelação de Deus.

Em segundo lugar, os Salmos formam um cenário importante para o ministério de Jesus. Ele os aprendeu em seu lar judeu nos seus momentos devocionais. No seu batismo, Sua missão ficou declarada nas palavras de um salmo. Na cruz, um salmo lhe veio à mente nos Seus últimos momentos. Os Salmos são citados com mais frequência no Novo Testamento do que qualquer outro livro do Velho Testamento. Existem

cerca de cem referências diretas ou alusões ao Saltério no Novo Testamento. Frases e versículos são citados para explicar o caráter e a mensagem de Jesus como o Messias.

Em terceiro lugar, o livro de Salmos comprovou-se fonte indispensável de material devocional. Cristãos de todo o mundo foram auxiliados em seu contato pessoal com Deus no culto. O Salmo 51 expressa os pensamentos do pecador arrependido. O Salmo 32 mostra que alegria o homem perdoado pode experimentar. O Salmo 23 expressa o sentimento de confiança comum a todos os filhos de Deus. O Salmo 103 derrama o louvor de Deus que todo crente deveria expressar. Outros salmos satisfazem às necessidades devocionais básicas, enriquecendo a experiência pessoal de qualquer pessoa que se deleita em Deus.

Finalmente, o Saltério tornou-se o hinário de todas as épocas. Nenhum outro livro de hinos tem sido usado há tanto tempo por tanta gente. Ele é lido, cantado, recitado em todos os dias do ano. Samuel Terrien diz a respeito dele: "Nenhum outro livro de hinos e orações já foi usado há tanto tempo e por tantas e tão diversas pessoas" (*The Psalms and Their Meaning for Today*, p. vii). Numa era de informalidade, os Salmos fornecem uma linguagem indispensável para o culto. Nas palavras de Lutero, "Castelo Forte É Nosso Deus", de Watts, "Jesus Reinará" e "Ó Deus, Auxílio Nosso no Passado", a mensagem do Saltério ecoa ao redor da terra.

## ESBOÇO

A presente organização do livro indica claramente seu próprio e adequado esboço :

Livro I. Salmos 1-41.

Livro II. Salmos 42-72.

Livro III. Salmos 73-89.

Livro IV. Salmos 90-106.

Livro V. Salmos 107-150.



---

COMENTÁRIO

## LIVRO 1. Salmos 1-41

O primeiro livro na divisão quántupla do Livro dos Salmos parece ter sido alguma vez uma coleção davídica em separado. O nome Senhor, *Yahweh* em hebraico, aparece 272 vezes, enquanto o mais generalizado *Elohim* só se encontra 15 vezes. Os salmos são de conteúdo variado, mas os ensinamentos morais são simples e diretos. Evidente através de toda esta divisão está a fé positiva na justiça de Deus. O Salmo 1 serve como introdução a todo o Saltério, enquanto o Salmo 2 introduz a coleção do Livro I. O fato de alguns manuscritos darem o Salmo 3 como sendo o primeiro torna o caráter introdutório do salmo 1 e 2 mais aparente. Também é possível que os salmos 1 e 2 fossem originalmente um só salmo, começando e terminando com "bem-aventurados". Todos com exceção do 1, 2, 10 e 33 estão ligados a Davi pelo título e anotações.

## Salmo 1 – Os Dois Modos de Vida

O salmo apresenta em contraste agudo os dois extremos - o modo de vida verdadeiramente honesto e o modo basicamente perverso. Ó contraste introduz de maneira didática as duas categorias de homens a serem descritos em todo o Saltério. O salmista continua com a antítese, mostrando os destinos presente e futuro de cada grupo.

**1-3. O Caminho do Homem Justo. Bem-aventurado o homem.** O Saltério começa com uma forte interjeição: Oh! que felicidade u do homem que segue o plano de Deus. Os verbos, **anda, se detém, se assenta**, descrevem os passos característicos do perverso que o justo evita: aceitação dos princípios dos ímpios, participação das práticas de pecadores declarados e finalmente a união com aqueles que zombam abertamente. Observe o paralelo triplo entre os três verbos e suas cláusulas modificadoras. A mudança então se faz da recusa negativa para

o deleite positivo. Tal homem medita ou constantemente reflete nos ensinamentos divinos. Como resultado, ele se torna cada vez mais como uma "árvore transplantada", com as raízes nas realidades eternas. Vitalidade constante lhe é assegurada e o sucesso final é certo porque ele colocou a sua confiança firmemente em Deus.

**4-6.** O Caminho do Homem Ímpio. **Os ímpios não são assim.** Agora surge uma mudança abrupta com as palavras **não do assim**. O agudo contraste intensifica-se com o uso deste termo freqüente para os ímpios, que representa a antítese exata para o outro termo, os justos. Diferindo da árvore firmemente estabelecida, os ímpios são varridos pelo vento. O quadro é de uma eira no alto de uma colina, onde o vento carrega a palita e deixa o grão. Em construção paralela, os dois grupos (**ímpios e pecadores**) não têm a promessa de participação na companhia vindicada dos justos. Enquanto Deus **conhece** ou se preocupa com o caminho dos justos, os ímpios simplesmente vão à deriva até a final destruição.

## Salmo 2. A Vitória do Messias de Deus

Este é basicamente um salmo real, com qualidades altamente dramáticas e grande poder poético. Incluído em sua estrutura está um oráculo do Senhor que têm provocado variadas interpretações. Gunkel acha que está ligado a um festival celebrando a coroação de um rei judeu. Se esse foi o cenário original, o salmo foi inteiramente adaptado às esperanças messiânicas mais extensas. Tal como o Salmo 1 lida com os dois caminhos da vida individual, o Salmo 2 apresenta os dois caminhos para as nações e os povos.

**1-3.** A Rebeldia das Nações. **Por quê?** Em estilo profético, o salmista começa com duas perguntas retóricas. O ponto alto das perguntas é demonstrar o absurdo daqueles que se rebelariam contra o decreto do Todo-poderoso. Sua rebeldia contra o povo de Deus e o seu rei é considerada como um ataque contra o próprio Deus. Basicamente,

este antagonismo é dirigido contra o governo de Jeová através do seu Ungido.

**4-6.** A Resposta de Deus. **Ri-se ... lhes há de falar.** Um ousado antropomorfismo traça agudo contraste entre os preocupados reizinhos e o Governador supremo que **os confundirá** (idéia de radicalar, "gaguejar"). Sua risada muda rapidamente para ardente ira quando informa esses rebeldes de que já empossou o Seu rei com toda a aprovação divina.

**7-9.** O Plano para o Ungido. **Ele** (o Senhor) **me disse.** O oráculo apresentado pelo ungido de Deus está declarado como decreto divino. A declaração, **Tu és meu filho**, faz paralelo ao **meu Rei** da resposta divina. A frase aplicou-se a Jesus no seu batismo (Mc. 1:11). O termo, **gerei**, é parte de uma fórmula oriental de adoção usada no Código de Hamurabi. Observe que duas promessas foram feitas ao ungido de Deus – domínio e vitória. Embora o, salmista provavelmente pensasse do **Filho** como governador escolhido (II Sm. 7:14), à luz do N.T. vemos que o Messias é o verdadeiro Filho de Deus.

**10-12.** A Advertência aos Reis. **Sede prudentes; deixai-vos advertir.** A escolha está diante dos reis, junto com a advertência a que sejam prudentes e honestos ao tomar a decisão. A escolha da sabedoria vai além da mera aceitação do decreto. Devem servir ao Senhor com admiração e reverência que Lhe é devida. Beijar os pés e as mãos do rei era símbolo de prestação de homenagem. Exatamente como o caminho dos ímpios perecerá no Salmo 1, também acontecerá com o caminho daqueles que se recusam a Lhe prestar homenagem.

### **Salmo 3. Uma Oração Matinal de Confiança**

As características básicas de um lamento individual estão neste salmo, cuja seqüência se encontra no Salmo 4, onde está evidente um senso de alívio. Por causa da expressão de sublime confiança na proteção

divina, este salmo tem sido o favorito de muitas pessoas que enfrentam o perigo. O versículo 5 identifica-o claramente como oração matinal.

**1,2.** A Situação Angustiosa do Salmista. **Os que se levantam contra mim.** Os inimigos do salmista estavam se tornando mais numerosos do que nunca. Fisicamente havia sério perigo. E além disso, seu espírito estava sendo tão oprimido pelas zombarias dos seus adversários que se considerava além do ponto de poder ser ajudado por Deus. Esses comentários desanimadores são parecidos com os que foram dirigidos contra Jó (Jó 2:11-13).

**3, 4.** Seu Ajudador. **Porém tu, Senhor.** No meio de seus problemas ele se lembra novamente de que Deus é um escudo para protegê-lo, **minha glória** para restaurar sua dignidade, **e o que exaltas a minha cabeça** para lhe dar nova coragem. Os verbos no versículo 4 deveriam ser freqüentativos: *Sempre que clamo me responde!*

**5, 6.** Sua Confiança. **Deito-me e pego no sono.** A certeza de que Deus é o seu ajudador e protetor torna possível este sono. Quando acorda, percebe que foi Deus que o guardou. Com sua confiança aumentada por esta experiência, ele tem certeza de que nenhuma quantidade de inimigos pode amedrontá-lo.

**7, 8.** Sua Oração. **Levanta-te, Senhor!** O poder e o livramento de Deus são invocados por esta petição, quando o salmista busca intervenção ativa. Ou ele está se lembrando do que Deus fez em ocasiões anteriores ou está usando um perfeito profético. Este último prevê um fim absolutamente certo e por isso fala dele como se já tivesse se realizado. O último versículo adapta o salmo ao culto público, e pode indicar uma falta de egoísmo em toda a oração particular.

## **Salmo 4. Uma Oração Vespertina de Alívio**

As circunstâncias que rodeiam este salmo são semelhantes às do Salmo 3. Contudo, aqui o lamento se transforma em uma canção de confiança para expressar o alívio do salmista. A serenidade do tom

através de todo ele é o resultado de uma experiência da ajuda divina no passado. Exatamente como Deus deu o descanso na experiência anterior (Sl. 3), há certeza de que ele proverá esse mesmo descanso e paz novamente. O versículo 8 liga este cântico com a oração vespertina.

**1. Urgente Apelo a Deus. Responde-me . . . tem misericórdia . . , ouve a minha oração.** Aqui está um pedido triplo feito a Deus, o qual provou ser justo e capaz de conceder livramento. Experiência do passado leva o salmista a crer que Deus novamente atenderá às suas mais profundas necessidades.

**2-5. Conselho Sábio para o Próximo. Ó homens.** Esses homens difamaram a reputação do salmista; apegaram-se a vãs maquinações e prosperaram á custa de falsidades. Eles deviam buscar a quietude para meditar sobre suas necessidades e deixar de pecar. Eles deviam falar com suas próprias consciências e silenciarem. Tal como o salmista clama, "ó Deus da minha justiça" (v. li, ele exige esta mesma motivação justa nos sacrifícios deles. O paralelo lógico é o da confiança nAquele a quem eles oferecem esses sacrifícios.

**6-8. Confiança Serena em Deus. Mais alegria me puseste no coração.** Muitos indivíduos viviam inconformados e pessimistas, com falta da alegria que o salmista conhecia. Em contraste com esses pessimistas o autor sabe que o auxílio divino na hora da necessidade causa mais alegria do que colheitas abundantes. Ele termina com o quadro do sono sossegado possível àquele que conhece o cuidado divino por experiência pessoal.

## **Salmo 5. Uma Oração Matinal, em Preparação para o Culto**

Neste salmo há uma atmosfera de luta entre o justo e o ímpio, tal como se encontra com frequência no Saltério. A situação é semelhante à dos Salmos 3 e 4 no que se refere aos perigos que estão a toda volta. O salmo talvez fosse usado pelos sacerdotes em sua preparação para o

sacrifício matinal ou por pessoas individualmente, quando se preparavam para o culto.

**1-3.** Uma Invocação a Deus. **Dá ouvidos ... acode ... escuta.** A preparação para o culto devia sempre incluir o clamor do indivíduo a Deus. Não apenas suas palavras, mas também sua meditação (lit., cochichos) era parte desta invocação. Na forma paralela, o tempo está especificado, provavelmente relacionando a oração do orador com o sacrifício da manhã.

**4-9.** Uma Lição Contrastante. **Iniquidade . . . e me prostrarei.** Há um contraste duplo nestes versículos: as atitudes dos justos e dos ímpios para com o pecado e a adoração são colocadas em contraste, como também as diferentes reações de Deus para com os dois grupos. O salmista reconhece que Deus não pode tolerar o pecado nem conviver com o homem ímpio. Portanto, Deus não permitirá que os **arrogantes** (literalmente) permaneçam na Sua presença. Ele considera detestável **todos os que praticam a iniquidade.** O fim destinado àqueles que proferem mentira é a destruição completa, e o **sanguinário** e o **fraudulento** são uma abominação que Deus detesta. Enquanto esses homens ímpios lidam traiçoeiramente, o salmista prostra-se diante de Deus, orando por orientação divina.

**10-12.** Uma Oração por Retribuição. **Declara-os culpados.** A oração continua com um pedido de justiça sobre aqueles inimigos. Como aqueles que se rebelam contra Deus, eles devem ser considerados culpados, deve-se permitir que caiam e que sejam rejeitados completamente. Em contraste ao destino triplo dos ímpios, aqueles que confiam em Deus participam de alegria infinda. Eles que **regozijem-se, folguem de júbilo, e em ti se gloriem.**

## Salmo 6. Um Grito em Busca de Alívio

Eis aqui um quadro vivo do homem que se encontra em calamitosa angústia por causa de severa enfermidade. Embora o salmista se refira

aos seus inimigos, está em primeiro lugar clamando por alívio para a sua doença. A menção que faz da ira divina prova que ele imagina o seu sofrimento como resultado do pecado. Uma vez que é usado entre os cristãos como um dos sete Salmos Penitenciais, é possível que fizesse parte da liturgia penitencial do culto no templo.

**1, 2a.** Oração Pedindo Interrupção de Castigo. **Não me repreendas .. . nem me castigues ... tem compaixão de mim.** Estas expressões mostram o reconhecimento do aspecto disciplinar do sofrimento. O escritor não nega sua culpa, nem proclama sua inocência. Seu castigo deve ser interrompido para que seu corpo emaciado possa ser restaurado. Tudo o que pode fazer é lançar-se sobre a misericórdia de Deus.

**2b-5.** Oração Pedindo Restauração. **Sara-me ... livra a minha alma; salva-me.** O sofredor claramente percebe que o livramento deve vir de fora, pois ele mesmo é inteiramente insuficiente. Ele baseia seu pedido sobre a seriedade do seu sofrimento, a misericórdia de Deus e o fato de que Deus perderia sua ação de graças se ele fosse para o Sheol.

**6, 7.** Descrição de Sua Condição. **Gemer ... lágrimas ... mágoa.** A natureza de sua enfermidade está um tanto oculta pelas expressões orientais características. Contudo, não pode haver dúvida que sua tristeza é real e seu sofrimento intenso. Como Jó, ele tem de suportar os insultos dos seus inimigos em aditamento a sua desgraça.

**8-10.** Orações Atendidas. **O Senhor ouviu.** Duas vezes o salmista usa esta frase para indicar que uma nova era chegou. Ele prediz que todos os seus inimigos retrocederão porque Deus assumiu o comando.

## **Salmo 7. Uma Oração por Justiça**

Como muitos outros salmos, este é em primeiro lugar um lamento individual. Há um elemento de justiça própria no apelo do salmista. Talvez se deva á natureza da luta religiosa que ocasionou amarga perseguição. Contudo, há aspectos gerais que apontam para a possibilidade de que diversos salmos foram combinados neste um. Se o

indivíduo for tomado como representante da nação, a unidade do Salmo fica preservada.

**1,2.** Oração por Livramento. **Salva-me ... livra-me.** Este apelo baseia-se na confiança pessoal em Deus do autor do salmo. O furioso ataque do inimigo também parece ser pessoal, conforme indica a expressão "me arrebate".

**3-5.** Protestos de Inocência. **Senhor ... se eu fiz.** O autor estava certo que não merecia a perseguição que sofria. Ele desejava colocar o protesto em forma de juramento e oferecer-se para aceitar qualquer retribuição merecida por castigo.

**6-8.** Oração por Julgamento. **Levanta-te, Senhor.** Uma figura atrevida, como se Deus precisasse ser despertado, foi usada para indicar a necessidade de um julgamento imediato. Aqui há uma combinação de vindicação pessoal e idéia escatológica de julgamento mundial.

**9-13.** Confiança no Justo Juiz. **Pois sondas a mente e o coração, ó justo Deus.** O resultado está assegurado pela própria natureza de Deus. O justo é preservado, enquanto o ímpio sofre a ira divina diariamente. A ação do juízo divino sobre o que não se arrepende fica figurativamente declarada em termos de combate terreno.

**14-16.** A Natureza do Ímpio. **Iniquidade . . . malícia . . . mentira.** Estas palavras caracterizam o adversário, que foi destruído por seus próprios ardis. Ele se esconde sob a mortalha de seus próprios desejos malignos.

**17.** Voto Final. **Cantarei louvores.** Esta doxologia característica ilustra a certeza do salmista que a causa da justiça triunfará.

## **Salmo 8. A Dignidade do Homem e a Glória de Deus**

Este salmo é um hino que atinge alturas majestosas raramente atingidas pelo homem finito. Há um desenvolvimento de idéias sobre a grandeza do trono de Deus nos céus até a mais ínfima besta da terra. O homem é descrito como o centro da criação de Deus. O poema está



artisticamente colocado entre um refrão no começo e outro no fim. Este refrão serve de linda introdução e conclusão. As perguntas do Salmo 8 são citadas em Hb. 2:6 e segs. descrevendo a humilhação e a exaltação de Cristo.

**1, 2.** A Glória de Deus. **Quão magnífico ... é o teu nome.** A introdução identifica cuidadosamente esse "nome" como sendo Jeová, **Senhor** (*'Adôn*) **nosso**. A frase, **pequeninos e crianças**, pode estar representando o homem em sua fraqueza. O louvor sincero desses "pequeninos" está colocado em agudo contraste com as artimanhas dos inimigos de Deus.

**3, 4.** O Homem em Contraste. **Quando contemplo os teus céus ... que é o homem?** A cena noturna suscita este louvor à glória de Deus nos céus. Quando o homem (*'enôsh*, homem frágil) se compara com todo o espaço acima, como parece insignificante. Ele é verdadeiramente apenas o filho da humanidade (*'adam*, homem genérico).

**5, 6.** O Lugar do Homem. **Por um pouco, menor do que Deus.** Ficaria melhor traduzido assim: "um pouco menos que divino" ou "um pouco abaixo da divindade". Três coisas designara a posição do homem: seu relacionamento com a divindade, sua dignidade (glória e honra) e o seu domínio.

**7,8.** Ilustrações Sobre o Domínio do Homem. **Ovelhas e bois . . . animais do campo; as aves do céu e os peixes do mar.** Essas formas inferiores da vida ilustram "todas as coisas" do versículo anterior. As criaturas da terra, do ar e do mar estão incluídas nesta referência óbvia à história da criação em Gênesis 1.

**9.** Doxologia. **Quão magnífico ... é o teu nome.** O refrão torna a chamar a atenção do homem para a majestade de Deus para que não fique absorvido por pensamentos sobre a sua grandeza pessoal. O homem tem dignidade, mas só Deus é majestoso.

## Salmo 9. Louvor pela Destruição do Inimigo

Evidentemente este salmo foi originalmente ligado ao Salmo 10, conforme se encontra em certos manuscritos hebreus, a LXX, a Vulgata e outra versão latina feita por Jerônimo. Os dois salmos formam um acróstico com as letras do alfabeto hebraico. A presença de *selah* no final do Sl. 9 e a falta de título no Sl. 10 dá testemunho disso. O primeiro salmo é grandemente nacional, enquanto o segundo é fortemente pessoal.

**1-3.** A Razão da Ação de Graças. **Louvar-te-ei . . . contarei. . . alegrar-me-ei . . . cantarei.** Tudo isto é ação de graças sincera porque os inimigos do salmista foram condenados por Deus. Assentado em seu trono, Deus fez o julgamento de tal modo que não pode haver dúvidas quanto ao resultado.

**4-8.** Uma Visão do Juízo Final. **Ele (o Senhor) mesmo julga o mundo com justiça.** Este é um quadro escatológico do juízo final, visualizado como se fosse no presente. Mowinckel crê que este era um salmo usado na Festa dos Tabernáculos em uma celebração simbólica de entronização.

**9-12.** Uma Exortação ao Louvor. **Cantai louvores.** Considerando que Deus abençoará aqueles que confiam nele, o salmista procura aqueles que se lhe querem juntar em sincero louvor. A seqüência natural do louvor ao nome de Deus é a declaração dos seus feitos.

**13,14.** Um Apelo do Favor Divino. **Compadece-te de mim.** No meio do apelo nacional uma nota pessoal foi inserida. Este lamento é coisa fora do comum em uma expressão de ação de graças, mas pode ser considerada natural em alguém que expresse uma gratidão tão sincera.

**15-20.** A Certeza do Julgamento. **Faz-se conhecido o Senhor, pelo juízo.** A idéia, anteriormente introduzida, de um juízo mundial por vir, prossegue quando o escritor declara que a ruína certamente sobrevirá aos ímpios. O salmista acrescenta um pedido de que as nações sejam obrigadas a perceber que não passava de homens!

## Salmo 10. Intercessão para que Haja Ação

Apesar deste salmo ter afinidade literária e textual com o precedente, o sentimento expresso aqui é totalmente diferente. O inimigo já não é mais o ímpio das nações mas o ímpio dentro de Israel. A calamidade foi causada pelo abuso do poder da parte de homens ímpios no poder. A disposição é más de lamento que de ação de graças.

**1, 2.** A Declaração da Intercessão. **Por quê?** A freqüente pergunta que começa com "por que" sempre descreve uma situação de frustração e desamparo. O salmista demonstra sua própria impaciência e desespero. Afinal, a perseguição dos pobres pelos líderes ímpios e presunçosos chegou a um limite insuportável. Seu pedido é que os ímpios colham o que semearam.

**3-11.** A Base do Problema. **O perverso se gloria.** Esta longa lista de agravos começa com a arrogância mencionada nos versículos precedentes. O singular foi usado coletivamente com referência aos muitos de Israel que não têm pensado em Deus. Cada condição é eticamente orientada para o modo de vida de Israel, e toda a passagem faz pensar em alguém que consta dos escritos de Isaías, Miquéias e Jeremias.

**12-18.** Clamando por Intervenção. **Levanta-te, Senhor . . . ergue a tua mão.** Este intenso apelo por ação direta da parte de Deus está seguido por argumentos que intensificam o apelo. A fé do salmista não vacila quando conclui que o Senhor é Rei para sempre.

## Salmo 11. A Certeza da Fé

Um grave perigo defronta-se ao salmista quando os inimigos buscam tirar sua vida. Sua situação desesperada dá lugar a profundos pensamentos e nobre expressão de sua confiança no Senhor. Suas palavras de confiança brotam de um poema de verdadeira qualidade

lírica. As circunstâncias são extraordinariamente semelhantes às aquelas de diversos episódios da vida de Davi.

**1, 2. Fé versus Oportunismo. (Eu) me refugio . . . foge.** O conselho dos amigos bem-intencionados é o de aproveitar-se da oportunidade. "Foge para o monte, onde há abundância de esconderijos" é a idéia que o mundo tem de segurança. Mesmo enfrentando o arco retesado do inimigo, o salmista declara que a sua confiança está no Senhor. Em lugar de escapar pelo caminho mais fácil, ele prefere tomar o caminho da fé.

**3-7. O Fundamento da Fé. Destruídos os fundamentos.** O salmista sabe que a fuga só serviria para solapar sua fé básica. Afinal, Deus é o seu santo templo, seu trono está firmado nos céus, e os olhos dEle observam o que acontece aqui em baixo. Portanto, o castigo divino sobrevirá aos ímpios como aconteceu com Sodoma, enquanto os justos verão a face de Deus.

## Salmo 12. Uma Oração pelos Fieis

Este salmo descreve outra hora negra de perseguição, quando a sociedade está se desintegrando. Enquanto lamenta uma situação na qual prevalecem a mentira e a falsidade, o autor também expressa sua confiança máxima em Deus, que continua sendo adorado pela minoria fiel. Gunkel trata este salmo no sentido litúrgico, generalizando-o. Mesmo que esse tenha sido o seu uso final, pode muito bem ter havido uma base individualista original em sua composição.

**1-4. A Oração do Fiel. Socorro, Senhor.** O escritor fala pelos fieis homens piedosos que foram insultados por gente vulgar que prefere lisonjas fúteis e se agrada com palavras de duplo sentido. Como Elias, o salmista fala de si mesmo como se fosse o único que ainda não se juntou a esses fanfarrões.

**5. A Resposta de Deus. Diz o Senhor.** Este versículo toma a forma de um oráculo do Senhor respondendo a oração sincera dos fieis. Deus promete sua ajuda, que resultará em segurança completa.

**6-8.** A Reação do Crente. **Palavras ... puras.** Em contraste às palavras das pessoas vulgares, as palavras de Deus são puras como a prata refinada. O que Ele prometeu, realizará. Em sinal de adoração proclama-se e assegura-se que Ele é digno de confiança.

### **Salmo 13. Da Dúvida à Confiança**

Neste pequeno salmo foram expressos os más profundos anseios de uma alma perturbada. Embora um inimigo pessoal esteja por trás do cenário, o salmista está lutando com suas próprias dúvidas quanto à atividade divina em seu benefício. Uma vez que não se fala de enfermidade, o problema provavelmente é mental, muito provavelmente o medo. Em sua estrutura este salmo é um exemplo excelente de uma lamentação individual em três pequenas estrofes de dois versos cada.

**1,2.** Seu Problema de Dúvida. **Até quando . . . ?** A repetição quádrupla desta frase demonstra claramente o intenso sofrimento do escritor. Ele está cansado do seu inimigo, mas muito mais perturbado pela aparente indiferença de Deus. Ele sente-se abandonado por Deus na sua maior necessidade.

**3,4.** Sua Oração por Assistência. **Atenta . . . responde-me ... ilumina-me os olhos.** No meio da dúvida e da depressão, ele ora a Deus pedindo que compreenda o seu problema e devolva-lhe o brilho dos seus olhos. Além de temer a morte física, ele sabe como os seus inimigos, que são ímpios, vão se gabar da derreta de um amigo de Deus.

**5, 6.** Seu Alívio na Confiança. **Confio na tua graça.** Embora nenhuma resposta fosse registrada, sua alma perturbada recebeu alívio verdadeiro. Sua confiança se baseia na longanimidade de Deus, no seu regozijo por causa da salvação divina, nos hinos entoados sobre o abundante cuidado de Deus. Ele descobriu a verdadeira paz através da inteira confiança em Deus.

## Salmo 14. Juízo por Ter Negado a Deus

Temos aqui um bom exemplo de como o Saltério se desenvolveu. Exceto quanto a variações textuais menores (esp. v. 6) é idêntico ao Salmo 53. Considerando que o último é de uma coleção posterior e substitui *Yahweh* por *Elohim*, o Salmo 14 é considerado como a forma más antiga. Nos dois salmos o salmista considera a condição depravada dos homens com verdadeiro espírito profético.

**1-3.** A Depravação dos Tolos. **Não há Deus.** O uso da palavra **insensato** (*nabal*) não indica um ateu teórico, mas um ateu prático, que vive como se não existisse Deus. Para todos os propósitos práticos Deus não faz parte dos seus pensamentos. As palavras **corrompem-se, abominações e se corromperam**, todas apontam para a depravação de tal indivíduo, que é claramente descrito como o israelita típico desse período.

**4-6.** A Corrupção do Sacerdócio. **Não entendem.** Aqueles que têm falta de conhecimento de Deus são possivelmente os sacerdotes, que comem o ao da propiciação e deviam invocar a Deus. Em vez disso estão se transformando em obreiros da iniquidade (cons. Os. 1:4.6). Em lugar de orientar o povo de Deus, eles o devoram. A linhagem do justo obviamente se refere a seu povo, enquanto os humildes têm um lugar especial no refúgio divino.

**7.** A Esperança do Livramento. **Oxalá . . . !** Esta oração pode ter sido acrescentada com propósitos litúrgicos. Ou talvez expresse o primeiro vislumbre de esperança do salmista neste período de trevas. Fazer **voltar os cativos** deve significar simplesmente "restaurar a sorte". Não importa quando este versículo tenha sido composto, ele serve de conclusão adequada.

## Salmo 15. O Hóspede de Deus

Este salmo da Sabedoria é um comentário sobre a obrigação do homem para com Deus e para com o seu próximo conforme estipulada em Dt. 6:5 e Lv. 19:18. Trata das qualificações morais e éticas que admitem o crente à presença de Deus. O antigo costume de desafiar a idoneidade de um crente talvez se reata aqui. Talvez o sacerdote fizesse as perguntas do versículo 1, o crente respondesse com algo parecido ao que está aqui e o sacerdote concluísse o desafio com a promessa final do versículo 5b. Alguns intérpretes atribuem a pergunta ao crente, sendo a resposta e a promessa a réplica costumeira dos sacerdotes aos crentes que entravam no Templo. A primeira forma parece mais aceitável.

**1. A Pergunta Pertinente. Quem, Senhor...?** A pessoa que deve comparecer à presença divina tem de enfrentar francamente esta pergunta dupla. A prática de armar tendas no Monte Moriá deve ter sido permitida aos peregrinos em certos períodos da história de Israel. Contudo, as perguntas paralelas enfatizam que os padrões divinos devem ser cumpridos se um homem quiser ser hóspede de Deus.

**2-5b. A Resposta Aceitável. O que.** A questão da integridade e justiça relaciona-se com as obrigações do homem para com Deus, enquanto a verdade e demais virtudes referem-se aos deveres do homem para com o seu próximo. Combinando os análogos, integridade e justiça, toma-se possível descobrir o decálogo ético nas fases desta seção.

**5c. A Promessa Sacerdotal. Quem deste modo procede.** Aquele que preenche o padrão divino deve ser aquele que deste modo procede. Tal pessoa não apenas uba o que Deus espera do seu hóspede, mas também põe tais princípios em prática. A nota da estabilidade dá ao salmo um clímax adequado.

## Salmo 16. A Alegria da Lealdade

Esta canção da fé é uma declaração sincera da alegria que vem da fidelidade e lealdade. O autor viveu em tempos de extensa apostasia e idolatria. Contra esse cenário ele destaca sua felicidade suprema e a

situação angustiosa daqueles que escorregaram para a idolatria. Sua grande esperança amplifica sua atual confiança em Deus. O salmo é atribuído por Pedro (Atos 2: 25) e por Paulo (Atos 13:35, 36 ) a Davi, quando se referem às suas profecias sobre a ressurreição do Messias.

**1-4.** A Alegria de Servir. **Guarda-me, ó Deus.** Esta oração não é por livramento de algum inimigo mas por continuidade da felicidade que ele já descobriu. Seu deleite está nos santos, enquanto confia em Deus. Em contraste está o estado de tristezas multiplicadas que é a porção daqueles que buscaram outros deuses.

**5-8.** A Alegria da Fé. **Porção ... herança . . . divisas.** Estas figuras todas se referem á divisão da terra em lotes, por meio da qual os levitas não receberam dotação específica. Junto com a figura do cálice da felicidade do escritor, essas figuras completam a herança realmente linda porque Deus é a sua porção melhor. Sua estabilidade se baseia na liderança constante de Deus.

**9-11.** A Alegria da Esperança. **Alegre-se, pois.** Com base em sua alegria presente, o salmista usa frase após frase para demonstrar a base de sua alegre esperança. O seu **coração, espírito** (melhor que glória E.R.C.) e **corpo**, tudo reage na expectativa desta esperança. O versículo 10a não apresenta uma referência bem definida a uma vida após a morte, porque a primeira frase ficaria melhor traduzida assim: "Pois tu não abandonarás a minha alma no Sheol"; mas o versículo 10b deve-se referir a uma outra pessoa que não o salmista ao dizer: "nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção". O versículo 11 aponta para uma continuação da vida feliz que ele já veio a conhecer na presença do Senhor.

## Salmo 17. A Vindicação dos Justos

O salmista aqui lamenta o injusto tratamento que recebeu nas mãos dos seus inimigos. A causa do seu problema não é conhecida, sabendo-se apenas que ele é inocente das acusações levantadas contra ele. Deus é



claramente seu último tribunal de apelação, sua única esperança. Sua confiança absoluta em Deus está demonstrada por todo o salmo, mas especialmente no versículo final.

**1-5.** Um Apelo por Justiça. **Ouve . . . a causa justa.** O salmista ora em primeiro lugar para que Deus ouça, atenda e dê ouvidos ao seu lado da história, a qual ele apresenta, declara, com lábios livres de mentiras. Seu clamor é apenas no sentido de receber sentença justa d'Aquele que sabe da sua inocência. Deus o tem sondado, provado e visitado e continuará percebendo que não tem culpa.

**6-12.** Um Apelo por Misericórdia. **Mostra as maravilhas da tua bondade.** O salmista repete o seu clamor, desta vez com referência direta aos seus inimigos. Ele requer que Deus demonstre sua bondade, que o guarde em segurança e que o esconda daqueles que se levantam contra ele. Ele descreve seus inimigos em termos que destacam o contraste entre ele e aqueles.

**13-15.** Um Apelo por Livramento. **Livra . . . a minha alma.** O passo seguinte é naturalmente o verdadeiro livramento deste sofredor e a destruição resultante do inimigo ímpio. O salmista pede ação decisiva para desapontar e arrasar o inimigo em declarada vindicação a seu favor. **Quando acordar** pode-se referir à manhã do dia seguinte a esta experiência ou a uma visão de Deus além do sono da morte.

## Salmo 18. A Gratidão do Vencedor

Tal como o Salmo 14, este salmo pode ser comparado com outra passagem que, neste caso, é II Samuel 22. O salmista repetidamente fala de sua ação de graças e sua confiança em Deus.

**1-3.** Hino de Louvor Introdutório. **Eu te amo ... invoco.** Este louvor baseia-se na total percepção do que Deus significa para ele. Estas figuras de linguagem mostram Deus como ajudador-defensor, não como o instigador da agressão.

**4-19.** Um Quadro do Livramento Divino. **Livrrou-me.** Quando o salmista, no seu desespero, clamou ao Senhor por ajuda, a terra tremeu, o Senhor trovejou e o livramento veio. Em figuras pitorescas como aquelas que descrevem a teofania por ocasião da entrega da Lei no Monte Sinai (Êx. 19:16-18; 20:18, 21; 24:16-18), apresenta-se o poder de Deus.

**20-30.** A Base Deste Livramento. **Segundo a minha justiça.** O livramento aqui está claramente considerado como recompensa da justiça, pureza das mãos, fidelidade e honestidade. Esta avaliação pessoal é mais comparativa que absoluta. Tudo isto é possível através da confiança em Deus.

**31-45.** Um Quadro de Profunda Gratidão. **O Deus que me revestiu de força.** O crédito da vitória está explicitamente concedido a Deus. Ele preparou o caminho, ensinou, treinou e conduziu à batalha.

**46-50.** Um Hino de Louvor Final. **Exaltado seja o Deus da minha salvação.** Toda honra e todo o louvor são devidos a Deus somente.

## **Salmo 19. A Glória de Deus no Firmamento e no Coração**

Este salmo está claramente dividido em duas seções distintas, o que sugere que seja composto de dois poemas. A primeira parte (vs. 1-6) usa um nome semítico genérico para Deus (*El*, enquanto a segunda usa o nome convencional especial (*Yahweh*). Em assunto, estilo e forma as duas seções se diferenciam. Contudo, a ligação foi feita com perícia; a exaltação que o salmista faz da revelação da natureza funde-se com a sua exaltação da lei de Deus em um único glorioso hino de louvor.

**1-6.** O Testemunho dos Céus. **Os céus . . . o firmamento . . . o sol.** Cada um destes tem a sua parte na revelação do mistério da glória de Deus. Em constante revelação, de dia e de noite, a expansão dos céus revela a excelência da obra criadora de Deus. O sol surge como o membro mais importante do coro celeste, percorrendo o seu determinado caminho de testemunha. Ainda que figuras semelhantes abundem na literatura acadiana descrevendo Shamash, o deus-sol (ANET, págs. 91,

116, 179, 387-389), o salmista claramente considera o sol como um agente de Deus na revelação de Sua glória.

**7-10.** O Testemunho da Tora. **A lei do Senhor.** O salmista usa aqui seis nomes para descrever o todo da revelação interior de Deus. A palavra *torá* (lei) incorpora algo mais que uma lista de preceitos escritos; inclui todos os ensinamentos divinos. Com o uso de adjetivos e frases participais, o salmista descreve a excelência da revelação de Deus, que ultrapassa até o ouro ou o mel.

**11-14.** A Aplicação Pessoal. **Absolve-me.** O ensinamento moral de Deus, que serve de advertência pode levar uma pessoa á recompensa desejada. Meditar sobre os ensinamentos divinos é como olhar num espelho que torna visível o homem interior. Portanto, o salmista termina pedindo a força necessária para vencer todo tipo de pecado e se tornar aceitável.

## Salmo 20. Suplicando Vitória

Tanto na estrutura como no conteúdo este salmo real está muito intimamente ligado com o Salmo 21. O último age como um resultado da ação de graças pela oração respondida. O rei é a figura central, enquanto sua vitória ocupa a atenção dos seus súditos. É bem possível que fosse arranjado para cântico antifonário, com a congregação ou o coro dos levitas cantando os versículos 1-5 e 9. Um sacerdote ou levita poderia enunciar as palavras de conforto dos versículos 6-8. Todo o salmo expressa completa confiança em Deus.

**1-5.** Oração pelo Rei. **O Senhor te responda.** Embora a oração seja dirigida ao rei, também é um ato de intercessão pelo rei. Isto descreve um passo vital na preparação para a batalha, quando o rei oferecia os seus sacrifícios ao Senhor e recebia a certeza da bênção divina.

**6-8.** Oráculo de Garantia. **Agora sei.** Após um intervalo, possivelmente o período durante o qual os sacrifícios eram oferecidos, a resposta confiante do salmista brota na forma de um oráculo profético. O

uso do tempo perfeito profético fornece a necessária garantia divina ao rei e aos crentes. O exército agora está preparado para avançar em o nome do Senhor.

**9. Coro Final. Ó Senhor, dá vitória ...** A LXX faz uma declaração mais literal: *Ó Senhor, salva o Rei e responde-nos quando clamamos*. Poderia ter sido cantado por toda a congregação ou pelo coro dos levitas.

## **Salmo 21. Ação de Graças pela Vitória**

Este salmo real age como resultado natural do Salmo 20, uma vez que a súplica se transforma em ação de graças por causa da recente vitória. O mesmo arranjo antifonário pode ter sido usado em sua adaptação para o culto no templo. Alguns comentadores têm sugerido que a ocasião era o aniversário (cons. v. 4) ou a coroação de um rei (cons. v. 3).

**1-7. Ação de Graças por Oração Respondida. O rei se alegra.** O coro da congregação ou do templo dirige uma oração de gratidão a Deus por sua vitória extraordinária. Cada versículo contribui á lista das coisas que Deus fez pelo rei e através dele. Todas essas bênçãos são diretamente relacionadas com a completa confiança do rei em Deus.

**8-12. Confiança no Futuro. A tua mão.** As palavras agora estão dirigidas diretamente ao rei, mas ainda em atitude de adoração. A ação de graças continua em termos de vitórias antecipadas até que finalmente todos os inimigos sejam destruídos.

**13. Doxologia Final. Exalta-te.** Novamente o coro junta-se em uma expressão final de gratidão profundamente sentida e louvor unido, retornando ao quadro de força do versículo 1.

## **Salmo 22. Triunfo no Sofrimento**

Este salmo é o primeiro daqueles que às vezes são chamados de Salmos da Paixão. O uso da exclamação introdutória por Cristo na cruz e

a espantosa fraseologia dos versículos 6-8 e 13-18 tornou este salmo especialmente importante para os cristãos. Há dentro dele uma estranha mistura de louvor e lamentos. Não há referências ao pecado como causa do problema, nenhuma declaração de inocência, nenhuma reivindicação de justiça e nenhum sentimento de vingança. Por isso as palavras são peculiarmente apropriadas ao Messias sofredor, embora em seu significado primário se baseassem em alguma experiência do salmista.

**1-18. Seu Sofrimento Pessoal. Deus meu, Deus meu, porque . . . ?**

Este apelo inicial, no hebraico, foi feito em uma pergunta de apenas quatro palavras (*Elí Elí lamâ 'azabtânî*). Essas palavras foram citadas por Jesus na cruz, em aramaico. Observe que o salmista não perdeu a fé mesmo enquanto descrevia seu intenso sofrimento e perseguição. Ele se sente abandonado por Deus mas sabe que Deus está perto. Depois de citar a confiança de seus antepassados e o livramento que receberam, ele descreve a insolente ação dos seus inimigos.

**19-21. Seu Apelo por Livramento. Não te afastes de mim. Esta idéia ocorre pela terceira vez em um apelo declarado Pela ajuda divina. Apressa-te em socorrer-me; livra a minha alma e salva-me** todos indicam a urgência de sua necessidade,

**22-26. Sua Pública Ação de Graças. Declararei.** Este voto descreve a transição do seu sofrimento para a sua expressão de louvor. Seu desejo é agora reconhecer publicamente na dependência de Deus e proclamar seu próprio livramento pessoal.

**27-31. Sua Alegre Antecipação. Os confins da terra.** Cheio de esperança, o salmista vê o círculo se alargando para incluir toda a humanidade e as futuros gerações. Suas esperanças pessoais incluem a nação e então o mundo. De acordo com a mais alta esperança de Israel, a humanidade se voltará para Deus em adoração (cons. Is. 40:7; Fp. 2:10) com base sobre o que ele (o Senhor) tem feito.

---

**Salmo 23. Meu Pastor**

Este salmo não tem comparação quando tomado como a canção da fé. É impossível avariar seus efeitos sobre o homem através dos séculos. Dor, tristeza e dúvida têm sido afastadas por meio de sua poderosa afirmação de fé. Paz, satisfação e confiança têm sido as bênçãos recebidas por aqueles que partilham da sublime confiança do salmista. Embora a linguagem seja simples e o significado claro, ninguém foi capaz de exaurir a mensagem do poema ou melhorar sua beleza tranqüila.

**1-4.** Deus como o Pastor Pessoal. **O Senhor é o meu pastor.** Uma longa experiência de confiança em Deus jaz por trás dessas palavras. O rico relacionamento de Israel como um todo com Deus é tomado como realização individual. O quadro de um pastor fiel é a epítome do terno cuidado e contínua vigilância. A ovelha instintivamente confia no pastor quanto às necessidades do dia seguinte. O aspecto mais notável desta metáfora extensiva é a orientação sábia do pastor. Ele conduz ao descanso e à restauração, pelas lutas da vida e através de lugares perigosos. O pastor cuida assim das necessidades da vida e afasta o temor do perigo.

**5-6.** Deus como o Hospedeiro Benévolo. Preparas uma mesa. O escritor introduz uma metáfora secundária para expressar melhor a sua confiança. A cena muda para mostrar o salmista como hóspede de honra na casa de Deus, desfrutando de calorosa hospitalidade característica no Oriente. Ele está sob a proteção de Deus. Sua cabeça é ungida com azeite perfumado. Cada uma de suas necessidades é completamente satisfeita. Com base nesta verdade, cada momento de sua vida será preenchido com as mais ricas bênçãos de Deus. A maior das bênçãos será uma comunhão íntima com Deus através de contínua adoração.

## Salmo 24. Uma Antena Inaugural

Este é um dos hinos mais majestosos e imponentes de todo o Saltério. Por causa de diversas mudanças abruptas no assunto, muitos têm julgado que este salmo tenha sido composto de seleções de três poemas originalmente independentes (vs. 1, 2; 3-6; 7-10). Embora isto possa ter sido assim, o salmo agora é uma unidade apropriada. A ocasião tem sido associada com a Festa dos Tabernáculos, com um festival anual do Ano Novo, a dedicação do Templo e a transferência da arca para Jerusalém. É muito provável que este salmo, como muitos outros, fosse usado antifonariamente.

**1,2.** O Coro Processional. **Ao Senhor pertence a terra.** Esta ênfase dada à soberania de Deus sobre a terra habitável e todas as criaturas é uma advertência digna de atenção contra o limitar-se Deus a uma cidade ou templo. Essas palavras eram provavelmente cantarias em muitas ocasiões por grupos que se aproximavam da cidade de Jerusalém.

**3-6.** Os Requisitos para a Adoração. **Quem subirá ... Quem há de permanecer?** Um reconhecimento do Criador. Deus, na qualidade de soberano de toda a terra, não deve ser buscado levemente. As exigências morais para nos aproximarmos de Deus são cuidadosamente estipuladas por meio de perguntas semelhantes às do Salmo 15. Os mesmos elevados padrões éticos de conduta são exigidos, com ênfase especial sobre o caráter da adoração. As perguntas e respostas eram provavelmente cantadas por sacerdotes ou levitas, enquanto o versículo 6 devia ser usado como coro.

**7-10.** A Entrada Divina. **Levantai, ó portas, as vossas cabeças.** A parte superior das portas é considerada baixa demais para o rei divino entrar. **Para que entre o Rei da Glória.** A convocação dos porteiros simboliza a verdade de que a presença de Deus têm de ser evidente. Então o desafio de identificar este Rei é cantado por outro grupo ou por um indivíduo sobre o muro da cidade. A poderosa resposta pode bem ter sido a resposta da congregação claramente identificando este Rei como o

Senhor. Depois da segunda convocação e desafio, a resposta ecoa clara - **O Senhor dos Exércitos (*Yahweh Seba'ôt*). Ele é o Rei da Glória.**

## **Salmo 25. Uma Oração em Acróstico Pedindo Auxílio**

Este salmo, a súplica de um indivíduo, emprega as letras do alfabeto hebraico por estrutura. É difícil reconhecer aqui a ordem lógica do pensamento por causa da necessidade de começar cada versículo com a subsequente letra do alfabeto. Só temos três lugares em nosso presente texto (vs. 2, 5 18) onde o acróstico é interrompido. O estilo é simples, direto, em forma de oração e humilde.

**1-7.** Uma Oração por Proteção. **A ti, Senhor.** A base desta petição por proteção é a simples confiança do salmista em Deus. Embora seus inimigos não tenham triunfado sobre ele, são uma constante ameaça. Ele apela para a misericórdia e bondade de Deus, que se revelaram na história.

**8-10.** Uma Meditação sobre o Caráter de Deus. **Bom e reto é o Senhor.** Essas e outras características divinas podem ser percebidas de Sua ação na história. Por causa de Sua justiça, bondade e verdade, Ele guiará e ensinará os homens a andarem por esses mesmos caminhos.

**11-14.** Uma Meditação sobre o Relacionamento do Homem para com Deus. **A intimidade do Senhor.** Após uma pequena oração pedindo perdão, o salmista medita sobre o segredo do relacionamento adequado do homem para com Deus. Isto ele descobre ser o temor do Senhor – esse relacionamento reverente e confiante tão freqüentemente mencionado nos Provérbios.

**15-22.** Uma Oração por Livramento. **Volta-te para mim.** Usando verbos pitorescos (tirar, voltar-se, aliviar, perdoar, considerar, guardar, preservar), o escritor ora pedindo que Deus o livre. Uma conclusão adequada para o salmo se encontra na visão ampliada do versículo 22, onde pede-se a Deus que redima a nação e também aquele que ora. Se este versículo for tomado como parte integrante do salmo original, ele



forma o clímax do pensamento. Se, contudo, for tornado como adição, serve para adaptar o salmo para uso corporativo.

## Salmo 26. A Oração do Adorador

Este lamento torna evidente que havia um conflito entre os grupos religiosos em Israel. Alguns comentadores sugerem que uma epidemia está envolvida nos antecedentes. Mesmo que isso seja verdade, os protestos do salmista quanto à sua integridade apontam para uma sociedade na qual os ímpios têm ascendência. Este salmo, embora mais individual que corporativo, poderia bem ter sido usado por um grupo piedoso em tempo de aflição.

**1-7. Um Protesto de Inocência. Faze-me justiça, Senhor.** O salmista está tão certo de sua integridade que busca o juízo divino; pede a Deus que o examine, prove, sonde. Ele proclama ter andado na verdade, ter evitado qualquer contato com judeus renegados e de ter participado regularmente nos cultos. Tudo isto contrasta agudamente com a conduta dos seus inimigos.

**8-12. Uma Oração por Vindicação. Não colhas a minha alma com a dos pecadores.** Ele não pede que a morte seja afastada, mas que ele não seja colocado junto com os ímpios, os quais ele teve tanto cuidado de evitar em vida. Nesta oração por tratamento especial, ele ora a Deus para que o livre e seja misericordioso porque pretende continuar andando em integridade, permanecer firme e bendizer o Senhor publicamente.

## Salmo 27. Um Hino de Fé

O marcado contraste entre os versículos 1-6 e 7-14 tem levado muitos comentaristas a classificar este salmo como composto. Tanto o conteúdo como o espírito dessas seções são vastamente diferentes. O espírito muda da confiança alegre para o temor ansioso. Contudo, dois

elementos ligam essas partes tão diversas - inimigos semelhantes e fé em Deus.

**1-3. Fé Incondicional. O Senhor é a minha luz e a minha salvação.** Essas palavras exultantes introduzem uma cena de serenidade. Em nenhum outro lugar do V.T. o Senhor é chamado de **minha luz**. Tendo o salmista descoberto que Deus é a sua **luz, salvação e fortaleza**, não há lugar para o medo e o terror. Sua serenidade não está condicionada pelas circunstâncias, mas é incondicional.

**4-6. O Maior Anseio da Vida. Uma coisa peço ao Senhor.** A única coisa desejada não pode ser igualada ao templo, como muitos comentaristas sugerem. Deve se referir a uma base para o desejo triplo. Essa base ou denominador comum é muito provavelmente a presença do Senhor, que o salmista deseja e busca. A percepção desta presença torna-se viável pela habitação na casa de Deus, contemplando a Sua beleza e meditando no seu Templo. Esta mesma presença resulta na segurança em tempo de aflição.

**7-14. Um Grito de Temor e Ansiedade. Ouve, Senhor.** Essas palavras mudam completamente a disposição do triunfo para o profundo desespero quando introduzem uma nova situação. Embora o salmista tenha sido abandonado e rejeitado, sua confiança não vacila. Das profundezas do desespero, ele se recorda que precisa ter paciência para esperar que Deus opere a Sua vontade.

## **Salmo 28. Uma Oração Respondida**

Este salmo, como muitos outros lamentos, trata da luta entre aqueles que já pertencem à fé tradicional e aqueles que são afetados por influências externas. O salmista tem profundo temor de vira sofrer o destino que deveria sobrevir aos seus antagonistas perversos. Que ele considera sua oração respondida está óbvio na mudança do versículo 6.

**1,2. Apelo a Ser Ouvido. Não sejas surdo ... ouve-me.** O salmista apela a Deus a que ouça e responda. Para um hebreu, a falta de resposta

costumava indicar que Deus não ouvira sua petição. A natureza urgente do grito do salmista está enfatizada pelo seu temor de que morra se Deus não responder.

**3-5. Oração por Intervenção. Não me arrastes . . . retribui-lhes o que merecem.** Sua primeira oração é proteção contra seus inimigos ímpios. Contudo, sua ênfase muda rapidamente para um pedido de retribuição para esses inimigos.

**6, 7. Ação de Graças por Oração Respondida. Bendito seja o Senhor.** A razão desta explosão de louvor deve-se entender que seja a resposta divina ao apelo dos versículos 1 e 2. Esta ação de graças deve ter sido acrescentada mais tarde pelo salmista. Ou pode ser a expressão de uma confiança mais íntima de que Deus realmente ouvira e já não permaneceria silente.

**8,9. Aplicação à Nação. O Senhor é a força.** O fato de Deus ser a força do salmista encontra aplicação para a nação e o rei. Isto pode muito bem significar uma adição posterior destinada a adaptar a expressão de fé individual ao culto conjunto.

## Salmo 29. A Glória de Deus na Tempestade

Em poesia imponente, este hino de louvor aponta para a tempestade como sendo mais uma evidência da glória de Deus. Observações de segurança são constantemente entremeadas com frases descritivas da onipotência de Deus. Raramente um salmista exibe maior poder poético descritivo do que aquele que escreveu este salmo sobre a natureza. Os íntimos paralelos de terminologia com poemas cananitas de 1400-1300 A.C. descobertos em Ugarit na Síria indicam que este salmo é pelo menos tão antigo quanto Davi, mas o salmista reconhece Yahweh somente como o Deus verdadeiro.

**1,2. Chamado à Adoração. Adorai o Senhor.** Toda a hoste celestial recebe a exortação de tributar **ao Senhor glória e força**. Esta adoração deve ser feita com *ordem santa*. Muitos comentaristas crêem que usando

o termo *benê 'elim* (*ó vós poderosos*) que poderia ser traduzido como “**filhos de Deus**”, o autor esteja convocando os anjos. Mas outros crêem que o povo de Israel, como filhos de Deus, é o que se pretende (cons. Dt. 14:1; Sl. 82: 6).

**3-9.** A Voz Sétupla. **A voz do Senhor.** Esta frase foi usada sete vezes para expressar o trovão da tempestade. Não é a ira de Deus mas seu poder majestoso que dá andamento à tempestade. Ela começa sobre o Mar Mediterrâneo com poder e majestade. Depois move-se sobre as montanhas para o norte da Palestina e sobre o deserto para o sul. A descrição do efeito sobre as árvores, montanhas, deserto e animais é seguido pelo coro de "glória" que parte da adoração do homem.

**10, 11.** Conclusão. **O Senhor abençoa.** Enquanto Deus se assenta em toda a sua glória (v. 9), Ele garante ao Seu povo as duas coisas que mais ele precisa – força e paz. Já não se contendo, o salmista quer que todos saibam da mudança operada em sua vida – do pranto à dança, do pano de saco à alegria, do silêncio ao louvor.

## Salmo 30. Louvor pela Cura Divina

Este Salmo conta a experiência de alguém que acabou de escapar da morte, tendo sido libertado de uma séria enfermidade. Seu notável restabelecimento produz ação de graças cheia de alegria e leva-o a refletir sobre as lições que aproveitou do seu sofrimento.

**1-3.** Louvor pelo Restabelecimento. **Eu te exaltarei, ò Senhor.** A objeção do salmista é, claramente, de exaltar o Senhor porque foi salvo do Sheol e da sepultura. Ele dá todo o crédito a Deus pelo seu livramento. Aqui há contudo, inimigos que surgem em cena e que se regozijam com o sofrimento de um homem justo.

**4, 5.** Uma convocação para Recordar. **Salmodiai . . . e dai graças.** Por causa de sua experiência pessoal. com Deus, o salmista convoca os santos a que se lhe juntem no louvor. São aqueles que têm a mesma mente e que estão ligados ao Senhor pela aliança. insiste-se com eles a

que rendam graças ao seu santo nome. A frase **em seu favor há vida** também pode ser traduzido assim: *o seu favor dura a vida inteira*. Esta tradução contrasta o momento da ira divina com uma vida inteira repleta dos Seus favores.

**6-10.** O Sofrimento em Retrospecto. **Jamais serei abalado.** Antes de sua enfermidade, ele se vangloriara, em um espírito de auto-suficiência. Seu orgulho desmoronou com a pressão da enfermidade. Contudo, a enfermidade teve o efeito de lhe abrir os olhos para a sua dependência de Deus, de modo que ele gritou por misericórdia e cura.

**11,12.** Louvor Renovado. **Senhor, Deus meu, graças te darei para sempre.**

### Salmo 31. Uma Oração de Submissão

Aqui, novamente, temos os fortes protestos de um indivíduo contra o tratamento desumano dos seus inimigos. A natureza geral dos seus sofrimentos (esp. vs. 1-8) toma este salmo a expressão de muitos crentes através dos séculos. A aparente mudança de tom no versículo 9 e o fato de que o alívio já veio, levou muitos comentaristas a sugerir autoria múltipla. Contudo, a última seção parece descrever um problema intensificado da parte do mesmo autor.

**1-8.** Um Apelo Confiante. **Em ti . . . me refugio.** É em Deus que o salmista tem se refugiado. Com base nisto ele pode apelar pela fé a que haja livramento e segurança. O uso que Jesus fez do versículo 5 na cruz tornou todo este salmo sagrado e memorável.

**9-18.** Um Apelo Intensificado. **Compadece-te de mim.** Enquanto os versículos precedentes descrevem as misericórdias do passado, estes versículos apresentam a extrema necessidade do presente. Esta seção tem diversos paralelos notáveis com as experiências de Jeremias. O salmista tornou-se **opróbrio e espanto** para os seus amigos. Ele é um homem esquecido e jogado fora como um vaso quebrado. Nesta condição de

solidão e desespero, seu único amigo é Deus e sua única esperança é entregar-se à misericórdia de Deus.

**19-24.** Espírito de Gratidão. **Como é grande a tua bondade.** A lembrança das misericórdias do passado e a certeza de auxílio contínuo suscitam palavras de louvor e bênção. Esta confiança em Deus estimula-o a exortar os outros a amar o Senhor e a serem fortes.

## Salmo 32. A Alegria do Perdão

O salmista, neste segundo dos sete Salmos Penitenciais, fala claramente de sua própria experiência pessoal. Há apenas um sentido secundário no qual a aplicação pode ser corporativa. A verdadeira natureza do pecado é convincentemente percebida enquanto a liberdade feliz do perdão é uma realidade passada e presente. O propósito didático do salmista indica que o poema tem afinidade com os salmos da Sabedoria.

**1,2.** A Bênção do Perdão. **Bem-aventurado.** Literalmente, *ó quão feliz*. O pecador se alegra porque Deus o perdoou completamente. Observe as quatro palavras que falam do pecado: **transgressão** significa desobediência declarada ou rebeldia; **pecado** refere-se a errar o alvo; **maldade** (iniquidade) implica em deformação ou perversidade; **engano** sugere enganar-se a si próprio, no contexto. Cada um deles é um aspecto de ofensa moral e é tratado pela misericórdia e perdão divinos.

**3,4.** O Fardo da Culpa. **Enquanto calei.** Seu silêncio anterior foi na realidade uma recusa de reconhecer seu pecado diante de Deus. Quer a enfermidade estivesse envolvida ou não, o salmista reconhecia que o castigo divino fez-se sentir. Não houve alívio, nem de dia nem de noite, enquanto ele se recusava a confessar o seu pecado diante do Senhor.

**5.** O Alívio da Confissão. **Confessei-te . . . e tu perdoaste.** Isto era sem dúvida mais um processo do que um ato instantâneo. Primeiro ele começou a reconhecer, a não esconder, e finalmente disse: "Eu

confessarei". Observe a posição enfática do **tu** quando o escritor passa a ênfase para o que Deus faz.

**6-11.** A sabedoria da Experiência. **Sendo assim.** Por causa da disponibilidade do perdão divino, o salmista exorta os homens a orarem do mesmo modo. Com base em sua própria e profunda experiência, ele se torna um instrutor, um professor, e um guia, usando a linguagem de um sábio. O versículo 8 parece ser uma citação de um dos cânticos de livramento mencionados no versículo 7, de modo que é Deus quem guia e instrui o crente.

### **Salmo 33. Convocando a Congregação para Adorar**

Este salmo corresponde aos salmos nacionais do Livro V. À primeira vista parece estar fora de lugar aqui no Livro I, mas foi colocado aqui como resposta ao convite do versículo 11 no salmo precedente. A resposta traduz a experiência pessoal em um hino nacional de ação de graças. A presença de vinte e dois versículos sugere um relacionamento com o alfabeto hebreu, embora não haja arranjo de acróstico.

**1-3.** Chamamento à Adoração. **Exultai . . . celebrai . . . louvai . . . entrai . . . tangei.** A resposta dos justos toma a forma do culto público. A natureza do acompanhamento a ser usado, quanto ao tipo de instrumentos e intensidade de som, está explícita. A ocasião exige um cântico novo ou uma nova composição.

**4-9.** Louvor à Palavra de Deus. **A palavra do Senhor.** O verdadeiro louvor começa com uma lista dos atributos morais de Deus conforme evidenciados na história. Retidão, fidelidade, justiça, direito e bondade, tudo o descreve. O louvor continua enquanto o escritor descreve o poder criativo da palavra de Deus. A palavra é assim considerada como uma expressão do pensamento, vontade e ação do Senhor.

**10-12.** Louvor ao Conselho do Senhor. **O conselho do Senhor dura para sempre.** Em contraste com o fútil conselho dos pagãos, Deus escolheu e orientou Seu povo.

**13-19.** Louvor à Vigilância do Senhor. **O Senhor olha.** Deus olha, observa e considera tudo o que os homens pensam ou planejam. Ele entende as tramas dos homens perversos e o Seu olho que tudo vê reconhece as necessidades do Seu povo.

**20-22.** O Coro Final do Louvor. **Nossa alma espera.** O regozijo de todo o salmo se baseia na espera, na confiança e na esperança dos crentes reunidos.

### **Salmo 34. A Bondade do Senhor**

Este cântico de louvor é um acróstico, semelhante na estrutura do Salmo 25. É realmente extraordinário que ambos os salmos omitam a letra *Waw* e acrescentem um Pe extra no final. Quanto ao conteúdo ambos são cânticos de ação de graças, semelhantes no pensamento ao livro de Provérbios.

**1-3.** Seu Convite ao Louvor. **Engrandecei o Senhor comigo.** A resolução de louvar a Deus continuamente é a base para levar outros a magnificar e exaltar o Senhor. Este convite é dirigido àqueles que são humildes e capazes de aprender.

**4-6.** Seu Testemunho de Livramento. **Chamou ... ouviu ... livrou.** Partindo de sua experiência de primeira mão, o salmista ilustra a base deste louvor sincero. Seguindo a LXX e diversos manuscritos e versões, o versículo 5 poderia ser traduzido melhor assim: *Olhem para mim e sejam iluminados, e seus rostos não ficarão envergonhados.*

**7-10.** Sua Certeza de Bênção. **Oh! provai, e vede.** A "única maneira que os outros têm de tomar conhecimento das bênçãos é pondo Deus à prova. O salmista diz: "Ponham-no à prova e vejam". As verdadeiras bênçãos só vêm para aqueles que confiam, temem e buscam o Senhor.



**11 -22.** Sua Lição para Discípulos. **Vinde, filhos ... eu vos ensinarei.** Seu conhecimento experimental deu-lhe o direito de ensinar aos outros. Aqueles que são chamados de filhos são novamente os humildes e capazes de aprender, discípulos de todas as idades. O estilo é do método que compreende a pergunta e a resposta didática dos homens sábios. O tema é a retribuição conforme interpretada pelo judaísmo ortodoxo.

### **Salmo 35. Um Pedido de Vingança**

O salmista aqui fornece mais evidências de que Deus é o tribunal de apelo para os perseguidos em Israel. Parece que dois incidentes ou duas séries de incidentes são descritos. Os versículos 1-10 referem-se principalmente a atos físicos, enquanto os versículos restantes sugerem a cena de um tribunal. O poema está claramente dividido em três ciclos, cada um terminado por um voto de ação de graças. O salmista aparece como defensor através de todo o salmo, mas constantemente recomenda o castigo para seus inimigos.

**1-10.** O Primeiro Apelo para o Julgamento. **Contende, Senhor com os que contendem comigo.** Na linguagem de guerra, o salmista roga por justiça em seus próprios termos. Ele expressa seu ressentimento, pedindo que seus inimigos sejam completamente derrotados, desacreditados, e apanhados em seus próprios laços. Ele conclui este ciclo com um voto de realmente regozijar-se no Senhor.

**11-18.** A Base para a Continuação do Apelo. **Pagam-me o mal pelo bem.** Isto parece pertencer a outra ocasião, embora possa ser uma seqüência do primeiro apelo. Os inimigos aqui são antigos amigos que se voltaram contra o escritor e se regozijam contra sua falta de sorte. Empregaram falsas testemunhas e zombaram dele, enquanto ele apenas fez o bem para merecer o seu mal. Novamente termina o ciclo com um voto de que irá publicamente louvar a Deus, se Ele tão somente o livrar.

**19-28.** O Segundo Apelo para O Julgamento. **Julga-me, Senhor.** O Salmista apela para que seus inimigos não possam mais zombar dele

nem falar mal dele. Depois apela para que haja um julgamento final do caso para que seus inimigos recebam o tratamento de opróbrio e desonra que file dispensaram. Novamente conclui o ciclo com um voto de ação de graças.

### Salmo 36. Uma Lição de Contrastes

Duas figuras destacadamente definidas, uma de piedade e outra de impiedade são apresentadas aqui. O estilo varia com o contraste nos temas. O salmista um forma poética e linguagem rude para descrever o mal e forma suave com linguagem bela para descrever a Deus. Embora alguns comentaristas sugiram que dois diferentes poemas foram reunidos neste salmo, não há certeza nem necessidade disso. A linguagem e o pensamento da conclusão nos versículos 10-12 reverterem ao padrão da primeira ação.

**1-4. A Hediondez do Pecado. Não há temor de Deus.** Isto parece ser a substância de um oráculo que descreve em essência o inimigo maligno do salmista. Os manuscritos e as versões diferem, não se podendo ter certeza se o oráculo é dirigido ao coração do salmista ou ao do homem perverso. Há também uma dúvida quanto ao sujeito de **lisonjeia** no versículo 2. Pode ser o homem perverso, a transgressão, ou Deus. O primeiro parece ser o preferível se o oráculo tem a intenção de alcançar o coração do salmista, enquanto a segunda possibilidade se enquadra melhor se o versículo 1 se refere ao coração do perverso. Os frutos óbvios da negação de Deus estão declarados nos versículos 3,4.

**5-9. A Magnificência de Deus. A tua benignidade ... a tua fidelidade ... a tua justiça ... os teus juízos ... a tua benignidade ... na tua luz.** Num fluxo belo e melodioso de palavras, esses diversos atributos divinos são comparados com os diferentes fenômenos da natureza e então Com a experiência humana. Além disso, fala-Se de Deus Como "o manancial da vida". Cada aspecto da glória de Deus está

espiritualmente orientado a fim de produzir um dos quadros mais espirituais de Deus no Saltério.

**10-12.** O Triunfo do Amor. **Continua a tua benignidade.** Depois de uma pequena oração para que haja continuidade do procedimento divino para com o justo, o salmista descortina a derrocada final do perverso.

## Salmo 37. Uma Vindicação da Providência

Este Salmo está relacionado com a literatura da Sabedoria por seu caráter notavelmente didático. O problema principal para o salmista é a inconsistência relacionada com a prosperidade dos ímpios. Embora tentado a duvidar da bondade de Deus, o autor silencia seu próprio pensamento e a de seus ouvintes, apelando para a paciência e confiança. A organização é alfabética, semelhante em muitas maneiras ao acróstico dos Salmos 9 e 10.

**1-11.** Conselho para os Sábios. **Não te indignes por causa dos malfeitores.** O versículo de abertura apresenta a máxima básica para uma perspectiva amadurecida: Não se indigne nem tenha inveja daqueles que parecem prosperar apesar de ímpios. Em vez disso, o sábio **confia, agrada-se, entrega-se, descansa e espera** no Senhor. Eis aí a cura positiva para a indignação e a inveja.

**12-20.** O Destino dos Ímpios. **O seu dia se aproxima.** Na passagem anterior armou-se o cenário para esta proclamação de infortúnio com a declaração de que os ímpios só têm **mais um pouco de tempo** (v. 10). As diversas calamidades estão cuidadosamente catalogadas.

**21-31.** A Recompensa dos Justos. **Possuirão a terra. Os mansos** (v. 11), **aqueles a quem o Senhor abençoa** (v. 22) e **os justos** (v. 29) são os termos aplicados aos recipientes da recompensa prometida. A ilustração pessoal do versículo 25 é a única vez que o autor se afasta do estilo formal do salmo como um todo.

**32-40.** Contrastes de Retribuição. **Presenciarás isso quando os ímpios forem exterminados.** Enquanto os ímpios esperam uma

oportunidade de apanharem o justo, no futuro o justo terá a sua oportunidade de observar. O fim do justo é paz, mas o fim do ímpio é a destruição.

### Salmo 38. A Lamentação do Sofredor

Embora este salmo seja uma lamentação pessoal, também está classificado como um dos sete Salmos Penitenciais. O escritor se queixa de uma seria aflição física agravada pela angústia mental e pelo abandono sofrido. Ele aceita o fato dos seus sofrimentos como retribuição merecida pelos seus pecados. Abandonado e desanimado, ele busca a Deus como a última e única esperança.

**1-8.** O Sofrimento por causa do Pecado. **Não há parte sã na minha carne, por causa da tua indignação.** O salmista não discute com Deus nem proclama sua inocência. Ele roga por misericórdia, para que o seu fardo seja aliviado. Seu sofrimento é sem dúvida **por causa do meu pecado**. A seriedade do seu mal está indicado pela descrição que se faz de uma doença da pele comparável à de Jó.

**9-14.** O Sofrimento por causa da Perseguição. **Afastam-se . . . armam ciladas . . . dizem coisas perniciosas.** Estas palavras descrevem o tratamento dispensado por aqueles que antes eram seus amigos. Seus **amigos** e **companheiros** e os seus **parentes**, todos guardam distância. Seus inimigos aproveitam-se do seu desespero e condição de fraqueza. Esta fase do seu sofrimento também é semelhante às circunstâncias enfrentadas por Jó, pois os amigos o abandonaram ou deixaram de lhe dar o devido apoio.

**15-22.** A Esperança da Libertação. **Pois em ti, Senhor, espero.** O autor não tentou refutar seus inimigos por causa de sua esperança que está em Deus somente. Depois de repetir sua confissão de pecado, ele profere novamente o seu pedido de misericórdia.

## Salmo 39. Um Apelo por Forças

Isto parece ser uma seqüência do salmo anterior. Contudo, o autor não precisa ser necessariamente o mesmo em ambos os casos, uma vez que foi o arranjo dos salmos dentro desta coleção que lhes deu esta continuidade. Embora penitencial no caráter, este poema não está incluído entre os sete Salmos Penitenciais. Existem certas afinidades com a experiência de Jó no que se refere ao sofrimento do salmista como também um paralelo com o livro de Eclesiastes quanto à visão da vida.

**1-3.** Uma Resolução de Auto-Controle. **Porei mordaça à minha boca.** Por causa do golpe divino mencionado no versículo 10, o salmista sente-se dolorosamente tentado a se queixar de Deus. Tal como Jó, ele deve reprimir a tentação de acusar Deus totalmente. A presença do ímpio sugere uma fonte externa de tentação e a possibilidade de prejudicar grandemente a causa dos justos através de lamentações públicas.

**4-6.** Uma Oração pedindo Entendimento. **Dá-me a conhecer, Senhor.** O objetivo de sua oração é ter entendimento para compreender a fragilidade e a vaidade da vida. Ele dá vazão aos seus sentimentos e pensamentos relativamente à vaidade das aspirações humanas. Ele espera ser conduzido de volta à uma confiança sossegada em Deus que desfaria esses pensamentos inúteis.

**7-13.** Um Pedido de Misericórdia. **Senhor ... livra-me.** Com base em suas esperanças atuais em Deus, ele pode pedir a Deus: **Livra-me ... tira de sobre mim teu flagelo ... ouve . . . desvia.** Estes pedidos são completamente diferentes dos pensamentos anteriores. O reconhecimento e a confissão dos seus pecados deram um sentido de humildade que não era possível anteriormente.

## Salmo 40. Um Novo Cântico de Louvor

Eis aqui uma nova e boa ilustração do método usado na compilação de nosso atual saltério. Uma leitura do salmo logo indica a súbita

mudança do louvor pela oração atendida para o pedido por imediato livramento, no versículo 12. Que um novo salmo começa aqui, verifica-se pelo uso dos versículos 13-17 como no Salmo 70. Embora o último possa ter sido extraído deste salmo em sua forma atual, a identidade separada do versículo 12 é óbvia.

**1-3. Uma Experiência de Oração Respondida. Esperei . . . ele se inclinou . . . e me ouviu.** Após um período de espera, o salmista foi livrado de grandes problemas. Talvez fosse uma enfermidade ou qualquer outra situação onde a morte parecia iminente. Esta experiência proporcionou-lhe um novo cântico que inspirada confiança em Deus.

**4, 5. O Tema do Cântico. São muitas . . . as maravilhas que tens operado.** Embora o salmo comece, como o Salmo 1, com uma bem-aventurança, o tema da bondade divina predomina no louvor do salmista. Seus maravilhosos feitos e pensamentos são grandes demais para serem descritos e numerosos demais para serem contados.

**6-11. A Reação diante do Novo Cântico. Agrada-me fazer a tua vontade.** É o novo cântico e a experiência por trás dele que leva o salmista a olhar para além do sistema sacrificial. Os quatro sacrifícios básicos e ofertas do versículo 6 são inaceitáveis para apresentação da verdadeira gratidão e louvor. As profundezas da experiência do escritor encontram-se nesta proclamação declarada da natureza e obra do Senhor. O autor de Hebreus cita estas palavras aplicando-as a Cristo (Hb. 10:5-7).

**12-17. Pedido de Livramento. Dá-te pressa, ó Senhor, em socorrer-me.** O versículo 12 parece ser um elo de ligação entre esses dois poemas e uma introdução ao pedido de auxílio. Quase todas as frases nesta seção encontram-se em outros salmos como também no Salmo 70. Este uso de outras fontes faz agudo contraste com a originalidade dos versículos 1-11. Contudo, a grande necessidade do salmista não é menos real. Depois de rogar por atenção imediata, ele pede que seus inimigos **sejam ... envergonhados e cobertos de vexame . . . tornem atrás e cubram-se de ignomínia. . . sofram perturbação.**

Ele ainda pede que aqueles que buscam a Deus possam se regozijar justamente e magnificar o Senhor. Percebendo sua própria falta de capacidade, ele confia em que Deus se lembre dele e se comprove ser o seu ajudador e libertador.

## **Salmo 41. Ação de Graças por Cura e Vindicação**

Um indivíduo que acabou de recuperar a saúde, após uma séria enfermidade, expressa aqui sua ação de graças. Não é uma ação de graças simples pois está influenciada pela escola da Sabedoria nos versículos introdutórios e reverte em uma lamentação ao descrever sua situação desesperadora. Contudo, o perigo agora já é passado e a recuperação está assegurada.

**1-3. Meditação sobre a Libertação Divina. Bem-aventurado o que acode ao necessitado.** Esta beatitude corresponde ao "bem-aventurados os misericordiosos" do Sermão da Montanha. Tal homem é libertado, preservado, abençoado e fortalecido por Deus. O salmista se reconhece como ilustração do caso que apresenta.

**4-9. Oração por Restauração. Disse eu . . . sara.** Seu apelo inclui um pedido de misericórdia e cura verdadeira. Observe que uma confissão de pecado torna a oração completa. Seus inimigos deleitaram-se grandemente à vista de suas aflições. Até um amigo íntimo virou-se contra ele, e como Judas Iscariotes traiu seu Mestre e Amigo (cons. Jo. 13:18; Atos 1:16).

**10-12. Oração por Vingança. Levanta-me, para que eu lhes pague.** Esta não é uma oração para que Deus puna aqueles que se aproveitaram dele. Ele pede força para fazê-lo por si mesmo! É só por meio de tal vitória que ele pode sentir a certeza do favor divino.

**13. Bênção. Bendito seja o Senhor.** Este subscrito indica o final do Livro I do Saltério.

---

**LIVRO II. Salmos 42-72**

O livro segundo da divisão quártupla dos Salmos parece ser uma parte de uma coleção maior, isto é, Salmos 42-83, que empregam o nome de *Elohim* em lugar de *Yahweh* em sua maioria. O primeiro nome é usado 163 vezes e o último só 30 vezes no Livro II. Dentro da coleção maior, diversas coleções menores se observam: uma ligada à família dos levitas chamada Filhos de Coré; uma associada a Davi; e uma referindo-se a Asafé. Além dessas coleções, o Livro II também inclui um salmo anônimo e um atribuído a Salomão.

**Salmos 42. Anelo por Deus**

Os salmos 42 e 43 são dois poemas tão intimamente ligados em conteúdo e estilo que desafiam a separação. A ocorrência do mesmo refrão em 42:5; 42:11; e 43:5, o fato do Salmo 43 ser sem título, e a forma interna dos dois salmos, tudo indica uma só composição original. A divisão provavelmente foi feita antes que a coleção eloísta, 42-83, começasse a circular. O salmista está desanimado porque não pode fazer sua costumeira peregrinação ao Templo. Parece que mora ao norte da Palestina, onde está constantemente assediado por inimigos que não partilhara do seu anseio pela presença divina. Todo o poema é de grande beleza poética, constantemente misturando os anseios com a esperança.

**1-5.** A Natureza dos Seus Anseios. **Por ti, ó Deus, suspira a minha alma.** Tal como a **corça** (não **cervo**, E.R.C.) não pode disfarçar a sua sede, o salmista não consegue esconder sua paixão pelo **Deus vivo**. Seus inimigos pagãos o ridicularizam com observações sobre a indiferença do seu Deus. A coisa mais difícil para ele suportar é a lembrança dos dias quando era capaz de conduzir peregrinos aos grandes festivais. O refrão do versículo 5 é a finda fórmula da fé com a qual ele aquieta sua melancolia.



**6-11.** As Profundezas do Seu Desespero. **Um abismo chama outro abismo.** Novamente o salmista fica deprimido e expressa desespero, que é mais plangente do que antes. Embora tente orar e pensar em como Deus foi desmedidamente benigno com ele, continua se sentindo abandonado. Mesclando-se com seu anseio pelo Templo estão suas recordações das constantes setas dos seus inimigos. Recupera suas forças repetindo sua fórmula de paz interior.

### **Salmo 43. Anelo por Deus e pelo Santuário**

**43:1-5.** Oração por Sua Restauração. **Faze-me justiça, ó Deus, e pleiteia a minha causa.** Novamente desesperado, o salmista apresenta o seu caso a Deus. Dois desejos alternam-se aqui – o desejo de libertação da perseguição e o desejo de ir ao Templo. **Luz e verdade** são as forças personificadas que ele solicita que o conduzam tal como ele conduziu os peregrinos no passado. A repetição do refrão ecoa uma esperança confiante em que Deus responderá a sua oração.

### **Salmo 44. Um Pedido de Justiça**

Este salmo, nacional no seu alcance, está permeado com um profundo sentimento de autojustificação. A séria calamidade mencionada e a humilhação conseqüente não é considerada resultante do pecado mas é tomada como base para censurar a Deus. O espírito de censura desrespeitosa não se encontra em nenhum outro lugar do Saltério. Nenhum outro salmo faz tais reivindicações de fidelidade nacional a Deus. Aqui está apresentado o outro lado da vida íntima de Israel. O valor permanente jaz na ênfase dada ao poder de Deus para ajudar.

**1-3.** As Bênçãos do Passado. **Ouvimos.** Por tradição oral, como também nas Escrituras Sagradas lidas publicamente nos festivais religiosos, os grandes feitos de Deus no passado foram preservados. Este

senso da história vê-se com frequência porque Deus é mais conhecido pelo que tem feito.

**4-8.** A Segurança do Presente. **Em Deus nos temos gloriado.** É através de Deus que todas as Vitórias são possíveis. A ilustração pessoal do arco e flecha destaca o argumento do salmista.

**9-16.** O Abandono de Israel. **Tu nos lançaste fora.** Sua única esperança não fora com eles à batalha. Assim Deus é acusado por sua recente derrota. O salmista usa de cortante sarcasmo ao dizer que Deus fizera uma troca péssima vendendo o Seu povo por nada ao inimigo.

**17-22.** Declaração de Fidelidade. **Entretanto não nos esquecemos de ti.** A reivindicação de que a nação permaneceu fiel é repetida muitas vezes. Em nenhuma passagem da história de Israel isto foi literalmente verdade. O salmista devia ter em mente uma fidelidade comparativa baseada em generalidades.

**23-26.** Pedido de Justiça. **Desperta! . . . não nos rejeites para sempre.** O conceito de Deus cochilando em serviço não tem cabimento, mesmo em expressão poética. Isto se assemelha ao sarcasmo de Elias no Monte Carmelo em relação a Baal. Contudo, o salmo termina com o pedido: **resgata-nos por amor da tua benignidade.**

## Salmo 45. O Casamento de um Rei

Este é um dos diversos salmos reais que se relacionam com as muitas fases da vida real. Sua natureza secular logo é reconhecida. Contudo, o acontecimento está sublimado e espiritualizado por um assistente da corte que obviamente se sentiu tocado por esta ocasião solene. A incapacidade de identificarmos o rei ou o período da história dá-lhe um significado mais sublime. Mais tarde os intérpretes judeus o tomaram messiânico como também os antigos escritores cristãos (cons. Hb. 1:8, 9).

**1.** Dedicção do Hino. **Ao Rei consagro.** Tendo o coração transbordante, o salmista dedica este hino de sua autoria ao rei.

**2-9. Panegírico ao Noivo. Tu és o mais formoso.** Ele tem boa aparência; suas palavras são cheias de graça; seu porte é majestoso; seu governo é justo; seu poder militar é grande; sua escolha espiritual é certa; suas vestes e sua corte são régias. Se o versículo 6a refere-se a um rei humano, deveria ser traduzido assim: *Teu trono é como o de Deus*. Em Hb. 1: 8, 9 as palavras se aplicam a Cristo, de acordo com o sentido literal, "Teu trono, ó Deus".

**10-12. Conselhos à Noiva. Ouve, filha.** Conselho paternal apropriado para uma jovem princesa, para ajudá-la a encontrar seu devido lugar na família real. Ela tem de ser submisso ao rei como também leal ao seu povo.

**13-15. Entrada da Noiva. Conduzem-na perante o Rei.** A noiva não está detalhadamente descrita; mas, por outro lado, destaca-se a cena da marcha processional. Suas roupas e séquito são adequados para a ocasião.

**16,17. Antecipação do Casamento. Teus filhos . . . o teu nome.** Dois desejos são expressos como resultados certos. Haverá príncipes que abençoarão esta união e perpetuarão seu nome. O salmista promete fazer tornar este nome lembrado em todas as gerações. O nome representa o caráter, a reputação, a natureza e os atributos de uma pessoa.

## **Salmo 46. Poderosa Fortaleza**

Este e os dois salmos seguintes formam uma trilogia de louvor. A probabilidade de que a mesma situação histórica tenha fornecido o cenário para todos os três tem provocado muita especulação quanto ao acontecimento propriamente dito. Embora algum grande livramento pareça estar envolvido, a ocasião em particular não pode ser identificada. Os elementos apocalípticos declarados são usados pelo salmista para encorajar o povo em sua crise atual.

**1-3. Nosso Refúgio. Deus . . . nosso refúgio e fortaleza.** Estas palavras expressam o tema dominante do salmo, um tema que inspirou

Lutero a escrever "Castelo Forte É Nosso Deus". A idéia de uma catástrofe mundial foi extraída das obras dos profetas. Fornece os antecedentes para assegurar ao povo que Deus estará presente sejam quais forem as circunstâncias externas. O refrão que se encontra nos versículos 7 e 11 devia originalmente também aparecer entre os versículos 3 e 4.

**4 -7. Nosso Libertador. Deus a ajudar.** Em contraste com as águas tumultuadas, há um rio que dá vida e que sustenta Jerusalém, pois Deus está no meio dela (cons. Ez. 47). Novamente, no quadro da batalha final dos séculos, faz-se referência à visão apocalíptica. O livramento é certo porque **o Senhor dos Exércitos está conosco.**

**8-11. Nossa Paz. Ele põe termo à guerra.** O resultado da batalha apocalíptica é a vitória e o fim da guerra. A linda frase, **Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus,** transmite a idéia de evitar lutas inúteis e falta de confiança. O refrão é repetido a fim de mostrar o triunfo desta confiança em Deus.

### Salmo 47. Um Rei Vitorioso

Este segundo salmo na trilogia que expressa a confiança em Deus desenvolve o pensamento expresso em 46:10 e 48:2. De acordo com o Talmude, o Salmo 47 era usado pelo judaísmo posterior nas comemorações do Ano Novo Judaico. Como resultado da obra de Mowinckel, muitos comentadores consideram os Salmos 47, 93, 95-100 como celebrações da entronização de Jeová como o Rei de toda a terra. Não há nenhuma evidência direta de que tal festival tivesse sido celebrado no tempo pré-exílico. Mas estes salmos tomam-se mais significativos quando considerados diante de tal celebração. Em seu aspecto profético este salmo cumpre-se no futuro reinado de Cristo sobre a terra.

**1-4. Um Chamamento para o Regozijo. Batei palmas . . . celebrai.** Com disposição escatológica, todos os povos são convocados a se

regozijarem. A descrição da soberania divina introduzida no Salmo 46 atinge novas alturas aqui. O salmista, como os profetas, descortina aqui a ação do futuro como se estivesse acontecendo no presente. Ele vê todas as nações subjugadas, enquanto Israel permanece em relacionamento especial com Deus por causa de sua herança.

**5-9.** Um Chamamento para o Louvor. **Cantai louvores.** Aqui há uma leve mudança do regozijo jubiloso para Um louvor mais formal. A sugestão para a mudança de louvor vê-se no versículo 5. A futuro vitória do Senhor apresenta-se novamente a fim de transmitir confiança em sua absoluta certeza.

## Salmo 48. Uma Cidade Santa

A trilogia começada no Salmo 46 com ênfase dada à confiança em Deus conclui-se aqui com uma semelhante nota de confiança. Os conceitos de Deus como Refúgio no Salmo 46 e de Deus como Rei no 46 e 47 estão ambos incorporados neste salmo. Os aspectos escatológicos continuam aqui mas em grau menor. O fato de haver algum antecedente histórico para a trilogia torna-se mais aparente. O salmo foi sem dúvida usado em ligação com um festival importante quando peregrinos visitavam a cidade pela primeira vez.

**1-8.** Cidade do Nosso Deus. **Na cidade do nosso Deus.** Os dois temas dentro desta seção – a grandeza de Deus e a glória de Sua cidade, ambas se complementam. Além do Senhor ser grande, Ele é também o grande rei e extraordinariamente digno de louvor. A última ligação deste salmo com os precedentes sugere que talvez seja a Jerusalém apocalíptica como centro do reino messiânico que esteja sendo descrita. Contudo, é possível que o cerco por Senaqueribe em 701 A.C. seja a mencionada nos versículos 4-8 (cons. Is. 37:33-37).

**9-14.** Louvor do Nosso Deus. **Este é Deus, o nosso Deus.** Enquanto o salmo começa com o louvor "na cidade do nosso Deus", esse louvor é levado até aos Confins da terra no versículo 10. Depois de concluído o

culto no Templo, os peregrinos sem dúvida reuniam-se em alegre procissão à volta da cidade. Cada lugar sagrado os lembrava de que Deus poderia guiá-los exatamente como guiara seus antepassados.

## Salmo 49. A Loucura das Riquezas Terrenas

O Salmo 49 é uma lição moral destinada a todas as pessoas. Através de todo ele há um reconhecido propósito didático, de acordo com o propósito dos escritores da Sabedoria. Em nenhum ponto o escritor se dirige a Deus, e só duas vezes ele O menciona pelo nome. Seu propósito é apresentar uma meditação sobre o enigma da vida.

**1-4. Convocação. Escutai ... dai ouvidos.** A convocação não se restringe a nenhuma classe ou nacionalidade. É de alcance universal; o salmista fala à humanidade. Ele usa com frequência quatro palavras empregadas pela escola da Sabedoria: **sabedoria, pensamentos judiciosos, parábola e enigma**. O uso que faz da harpa para acompanhar suas palavras é interessante, porque não era prática comum neste tipo de instrução.

**5-12. A Riqueza e a Vida Presente. Por que hei de eu temer.** O salmista trata de maneira diferente com o velho problema da prosperidade dos ímpios. Ele diz: Por que me preocupar? Com esta premissa ele prossegue discutindo o problema com atitude mais confiante do que pessimista. Ele jamais acusa Deus de injustiça, mas continuamente aponta para o destino daqueles que confiam em Sua justiça. Todos devem morrer e todos devem deixar suas riquezas aqui. Seguindo a LXX, o versículo 11a fica melhor assim: *Suas sepulturas são suas casas eternas*. O versículo 12 é um refrão, enfatizando que o homem sem discernimento irá pelo caminho de todas as bestas.

**13-20. A Riqueza e o Destino do Homem. Como ovelhas são postos na sepultura.** Aqueles que confiam em sua riqueza e honra desfrutarão de destino idêntico. Serão levados ao Sheol pelo mesmo pastor, a Morte. O versículo 15 é uma das evidências mais claras de uma

indicação de imortalidade no V.T. Esta não é uma promessa geral mas uma predição relacionada com o destino pessoal do salmista em contraste com o dos homens ímpios e ricos. **Ele me tomará para si.** Aqui foi usado o mesmo verbo empregado para descrever os casos especiais de Enoque e Elias. O refrão do versículo 12 é usado novamente como pensamento concludente.

## **Salmo 50. A Natureza da Verdadeira Adoração**

O salmo didático aproxima-se mais da tradição profética do que da ênfase da Sabedoria. O pronunciamento introdutório divino, a ênfase dada à religião espiritual e a denúncia direta do ímpio apontam para um cenário profético. Adoração aceitável e moralidade social são os dois temas dominantes. Correspondem às duas divisões principais dos Dez Mandamentos – o relacionamento do homem com Deus e o relacionamento do homem com seu vizinho.

**1-6. A Citação do Juiz. Fala o Poderoso, o Senhor Deus.** Em uma teofania profética, Deus vem ajuntar e julgar Israel. Esta manifestação se realiza em São e não no Monte Sinai. Observe que o julgamento deve ser para o **seu povo**, embora outros povos devam ouvir. Na verdade, os céus e a terra devem fazer o papel de testemunhas silenciosas.

**7-15. A Mensagem do Devoto. Escuta, povo meu.** Deus está falando com o devoto formal e com aquele que confia no ritual. O julgamento não se destina ao sacrifício como tal mas aos motivos errados envolvidos. Torna-se claro que Deus não depende dos sacrifícios do Seu povo. Ele deseja muito mais a ação de graças que vem do coração, cumprimento devido de votos e oração sincera.

**16-23. A Mensagem do Ímpio. Mas ao ímpio diz Deus.** Este julgamento destina-se aos hipócritas dentro de Israel que proclamam guardar a lei de Deus em observâncias externas, mas usam a guarda da lei como justificação para seus atos malignos. Ainda que Deus tenha

guardado silêncio, retardando o castigo, o momento da reprovação chegou.

## Salmo 51. Um Grito de Perdão

Este é o quarto e o mais profundo dos Salmos Penitenciais. As profundezas da experiência individual, o senso do pecado e o pedido de perdão não são superados em nenhum outro salmo. Este é o primeiro salmo de outra coleção levando o nome de Davi, Salmos 51-70. As opiniões são muitas quanto à ocasião que deu origem a esta confissão. Para alguns ele tem um significado corporativo; para outros ele teve origem na bem conhecida experiência de Davi; para outros, ainda, descreve um crente que vai ao Templo em busca de perdão e purificação. O acréscimo dos versículos 18 e 19 parece adaptar um pedido puramente individual aos requisitos da adoração corporativa. Quer Davi tenha ou não composto o poema, sua experiência parece tê-lo ocasionado.

**1, 2.** Um Grito por Misericórdia. **Compadece-te de mim, ó Deus.** O salmista nem pede inocência nem lança a culpa sobre outrem. Uma vez que sabe que não merece perdão, ele primeiro roga por misericórdia, com base na bondade divina. De acordo com esta misericórdia, ele pede que a sua transgressão saia apagada e a sua iniquidade seja lavada.

**3-6.** Uma Confissão de Pecado. **Pois eu conheço as minhas transgressões.** Aqui o salmista enfatiza o fato de que sabe e está constantemente cômico do seu pecado, e reconhece que o seu pecado é mais do que o pecado contra o homem. Ao mesmo tempo ele reconhece a tendência universal para o pecado mas não se desculpa com base nisso. A profundidade de sua confissão está visível no seu desejo de descobrir o íntimo e o escondido do seu ser.

**7-12.** Um Pedido de Purificação. **Purifica-me . . . lava-me.** Os verbos são extremamente significativos na transmissão do pedido. O salmista começa (vs. 7-9) pedindo purificação externa. Purificar com hissopo e lavar estão relacionados com o ritual. Com o pedido de um



coração regenerado e um espírito constante renovado, a ênfase passa para a purificação interior.

**13-17.** Um Voto de Consagração. **Então ensinarei.** Este voto de testemunhar aos outros dá evidências do perdão recebido pelo escritor e sua natureza modificada. A maneira como o salmista encara o sacrifício é essencialmente profético e muito semelhante com o do autor do Salmo 50. Seu senso do pecado e culpa exigem mais do que ofertas queimadas; por isso oferece seu espírito quebrantado e seu coração contrito.

**18,19.** Uma Oração de Restauração. **Faze bem ... edifica ... então.** Esta ênfase dada às obras como recurso de fazer sacrifício aceitáveis parece ser um acréscimo de um escritor ou editor sacerdotal.

## **Salmo 52. O Destino de um Pecador Arrogante**

Nesta lamentação individual, apresentada na maneira direta dos profetas, não há pedido de auxílio divino, só confiança de que Deus dará a devida retribuição. Embora se dirija a um indivíduo em particular através de todo ele, pode-se referir a uma classe de homens, com o profeta como exemplo de um homem justo.

**1-4.** O Caráter do Oponente. **Amas o mal.** Esta denúncia dirige-se a um tirano arrogante, cuja língua parece ser a sua arma. Sua avareza, traição e falsidade, tudo tem sua fonte nesta língua afiada como navalha.

**5-7.** A Retribuição de Deus. **Também Deus te destruirá para sempre.** Este é o pronunciamento do salmista, ainda dirigido ao tirano arrogante.

**8, 9.** A Confiança do Salmista. **Confio na misericórdia de Deus.** Enquanto o tirano confia em suas riquezas, o salmista tem a estabilidade da confiança absoluta em Deus. A oliveira verdejante devia estar no pátio do templo, ou o salmista poderia estar enfatizando sua força no Senhor com duas figuras – como a oliveira verdejante e na casa de Deus.

## **Salmo 53. O Julgamento para Quem Nega a Deus**

Este salmo é na realidade uma outra versão do Salmo 14. A única alteração significativa é que o conteúdo de 14:5,6 está aqui reforçado e reduzido a um único versículo. É possível que ambos esses salmos sejam versões adaptadas de um poema original. Contudo, o 53 pode ser simplesmente uma versão do 14, adaptado para alguma crise histórica. (Com referência ao esboço e comentário, veja o Sl. 14.)

## **Salmo 54. Uma Oração Pedindo Assistência**

Embora este seja o apelo de um homem perturbado, na forma característica de uma lamentação individual, a linguagem e o conteúdo do tão generalizados que se torna adaptável às necessidades de qualquer um que esteja oprimido por homens ímpios.

**1-3. Oração em Situação Perigosa. Ó Deus, salva-me.** Este pedido de ajuda está baseado no caráter revelado de Deus (seu nome) e seu poder revelado (seu poder). Os adversários são chamados de estrangeiros (*zarîm*) de acordo com o Texto Massorético, enquanto certos manuscritos os chamam de soberbos e insolentes (*zadîm*). O Salmo 86:14 parece citar o versículo 3 deste salmo, usando o último termo. A mais destacada característica desses homens, entretanto, é o seu completo desprezo a Deus.

**4-7. Louvor por uma Libertação Assegurada. Louvarei . . . pois me livrou.** Considerando que o salmista tem completa confiança em Deus como seu ajudador, tem certeza de que Deus castigará devidamente os seus inimigos. Sua certeza é tão grande que ele pode fazer o voto de uma oferta voluntária e promete louvar o nome de Jeová.

## **Salmo 55. Um Protesto Contra os Ímpios**

Basicamente, esta é a lamentação de um indivíduo oprimido pelos inimigos e abandonado pelos amigos. Contudo, alguns comentaristas consideram que a lamentação original foi adaptada para uma situação nacional. Realmente, muitos mestres crêem que foram dois os poemas combinados em um só salmo. Os versículos 12:14, 18b-21 e 23 são os mais discutidos. Contudo, não se pode chegar a uma conclusão quanto aos versos que antes formavam um poema em separado.

### **1-8. Queixas do Salmista. Sinto-me perplexo em minha queixa.**

De acordo com a forma de uma lamentação poética, o escritor apela para a atenção de Deus a fim de que considere sua condição intranquila. Ele está sendo caluniado, oprimido, maltratado e odiado. A constante ameaça à sua vida causa dor, temor, tremor e horror. Com palavras de beleza lírica, ele expressa seu desejo de voar para o deserto, onde poderá escapar à perseguição.

**9-15. Denúncia dos Ímpios. Destrói, Senhor, e confunde os seus conselhos.** Esta seção começa e termina com um pedido de vingança. A confusão dos conselhos é reminiscência do juízo divino sobre os construtores da Torre de Babel (Gn. 11:5-9). **Violência, contenda, opressão e engano** descrevem a perversidade que reina dentro dos muros da cidade. O pior a suportar, segundo o salmista, é a traição de um amigo íntimo que adorava no templo junto com ele.

### **16-23. Confiança através da Oração. Tarde ... manhã ... meio-dia.**

Sua persistência na Oração é recompensada pela paz pessoal e pela confiança na aflição dos seus adversários. A confusão entre o singular e o plural tem feito certos intérpretes entenderem que os versículos 20, 21 deviam se seguir aos versículos 12-14, ou formar um poema original separado. Contudo, a intensidade da ira teria levado o salmista a passar do grupo para o seu inimigo principal sem uma transição definida. A confiança do versículo 22 produz a certeza do versículo final.

## Salmo 56. O Triunfo da Fé

Aqui, novamente, um indivíduo profere o seu lamento devido ao tratamento recebido pelos inimigos. O desespero do salmista, provocado pelas tramas maliciosas de homens astuciosos, torna o medo inevitável. Contudo, sua confiança em Deus vence todo o temor.

**1-4.** O Pedido de Auxílio. **Tem misericórdia de mim.** Este pedido é repetido com frequência pelo crente israelita devoto. Parece que os inimigos do salmista são guerreiros e não antagonistas religiosos. Eles o tratam com crueldade. Mesmo assim, o temor inevitável é dominado pela confiança em Deus.

**5-11.** O Pedido de Vingança. **Derruba os povos, ó Deus, na tua ira.** Depois de descrever a traição dos seus inimigos, o salmista pede auxílio divino. Ele dominou o medo, mas Deus tem de dominar os opressores para que não escapem ao julgamento. O escritor tem certeza de que Deus responderá suas orações e concederá vingança. Esta certeza conduz a uma repetição da expressão da confiança, uma espécie de refrão, que se encontra no versículo 4.

**12,13.** Os Votos da Vitória. **Os votos que fiz.** Uma vez que a vitória já foi concedida ou é considerada como certa, o salmista lembra-se de sua obrigação de louvar e render graças. Talvez ele tivesse feito um voto durante seus apuros. Uma vez que Deus cumpriu a sua parte em livrá-los da opressão e da morte, o descanso está à disposição do salmista.

## Salmo 57. Uma Oração de Proteção

A mesma pessoa que escreveu o Salmo 56 possivelmente teria também escrito esta lamentação individual. Em espírito, conteúdo, estilo e situação, os dois salmos são semelhantes. Ambos começam com o mesmo apelo e ambos usam um refrão notável como divisão de estrutura. Os versículos 7-11 deste salmo formam um hino admirável que

é repetido no Salmo 108. É possível que os dois poemas fossem reunidos para formarem este salmo na sua forma atual.

**1-5.** Uma Oração por Proteção. **Tem misericórdia de mim, ó Deus.** O pedido do salmista não é por vingança ou destruição mm pelo cuidado e misericórdia de Deus. Uma vez que sua confiança em Deus é tão implícita, ele se refugia na confiança de que a misericórdia e verdade divinas serão suficientes.

**6-11.** Uma Resolução de Ação de Graças. **Firme está o meu coração . . . cantarei e entoarei louvores.** Depois de breve lembrete de sua atual situação e a certeza de que seus inimigos sofrerão auto-destruição, o salmista toma sua firme resolução. Seu louvor é universal e baseia-se em dois motivos para a sua confiança, mencionados no versículo 3 - a misericórdia divina e a sua verdade. O salmo termina com um refrão em forma de oração exaltando a soberania universal de Deus.

## **Salmo 58. Um Protesto Contra a Injustiça**

Este é o lamento de um indivíduo indignado pela falta de justiça no mundo. Ele vê a tirania e a opressão que reina na sociedade e que não é uma exceção. Ele está especialmente preocupado com a perversão da justiça pelos governantes ou juizes da terra. É difícil, entretanto, determinar se ele se refere aos líderes de Israel ou aos governadores estrangeiros (cons. Sl. 82).

**1-5.** Um Mundo de Injustiça. **No íntimo engendrais iniquidades.** Todo o problema da injustiça nos negócios dos homens está aqui reconhecido como devido à maldade inata. O termo traduzido para juizes (*'elem*) no versículo 1 é obscuro. Alguns comentadores preferem a tradução – ó deuses (*'elîm*), e acham que é uma expressão de sarcasmo dirigida aos juizes injustos. Esta revisão faz paralelo com o Salmo 82 mas não tem o apoio da MSS ou da LXX. Nos versículos 3-5 faz-se referência direta a esses homens perversos como sendo inatamente perversos e indomáveis.

**6-11.** Um Grito de Vingança. **Ó Deus, quebra-lhes os dentes.** Com linguagem empolada o salmista cria uma série de pequenas metáforas com os dentes dos leões, ribeiros, uma serpente, aborto e espinhos. Cada uma delas foi enunciada como uma imprecação contra seus injustos inimigos. Assim, temos aqui uma maldição sétuplo em forma de oração. Os versículos 10, 11 mostram a confiança do salmista em termos realistas. Ele tem certeza de que os justos, que ele representa, verão e se regozijarão na completa destruição daqueles inimigos injustos.

### **Salmo 59. Uma Oração por Salvamento**

Embora este salmo seja basicamente o lamento de um indivíduo, tem nuances que o adaptam também ao uso nacional. Temos aqui pontos de semelhança com os salmos 55 e 58. O quadro da opressão é novamente dominante, como também a atitude vingativa do escritor. Contrariando o padrão normal do lamento individual, os refrões são evidentes. Os versículos 6,13, embora não sejam completamente idênticos, agem como pensamento recorrente. Os versículos 9, 10 são repetidos da mesma maneira em semelhante padrão de pensamento no versículo 17.

**1-5.** Oração por Proteção. **Livra-me ... salva-me.** A seriedade da situação angustiosa do salmista está evidente neste grito duplo. Depois de descrever a atividade dos seus inimigos e advogar sua inocência, o salmista implora que Deus se levante contra os pagãos, isto é, **as nações**. A referência ao castigo das nações parece aplicar-se à experiência de uma emergência nacional.

**6-9.** A Rebeldia do Inimigo. **Uivam como cães.** As palavras ásperas e a zombaria fazem o salmista pensar em cães vagabundos à procura de alimento à noite. Contudo, ele confia em que Deus há de se rir do inimigo e vir em sua defesa.

**10-13.** Pedido de Vingança. **Não os mates . . . dispersa-os.** Por causa da confiança de que Deus virá ao seu encontro, ele ora pedindo um

castigo gradual para os seus inimigos. Ele não quer que sejam destruídos imediatamente mas que sirvam de exemplo para o povo. A mudança de atitude, pedindo que Deus os consuma, no versículo 13, mostra qual o destino final que deseja para eles.

**14-17. Contrastes de Fé. Uivam ... rosnam . . . Eu, porém, cantarei a tua força.** O versículo 7 é repetido para estabelecer este contraste vivo. Enquanto os ímpios buscam infrutiferamente a noite toda, como cães vagabundos, o salmista faz o voto de cantar em altas vozes pela manhã. Os versículos 9, 10 servem como base para o conclusivo refrão da certeza.

### **Salmo 60. Um Pedido de Vitória Final**

Por causa de evidente desastre que a nação enfrentava, e por causa dos freqüentes plurais, este salmo deve ser classificado como lamentação nacional. Uma queixa pública está no começo e no final do salmo, e um oráculo divino separado foi colocado no meio. O salmo termina com uma nota de confiança. Os versículos 6-12 são repetidos pelo autor do Salmo 108.

**1-5. Uma Circunstância Calamitosa. Ó Deus, tu nos rejeitaste.** A situação é pior do que mera derrota militar e um simples desastre porque foi interpretado como o abandono do povo da parte de Deus. O aparente desagrado divino foi pitorescamente descrito como provocador de terremotos, fazendo o povo cambalear como se estivesse embriagado. Conclui-se que Deus lhes dera sua bandeira mas os conduziu à derrota. O pedido do versículos é transicional, introduzindo a promessa divina.

**6-8. Um Oráculo Profético. Falou Deus.** A resposta está expressa em termos de uma promessa prévia de Deus. As referências a vastas áreas geográficas parecem expressar o poder e o domínio universais de Deus mais do que descrever uma situação histórica.

**9-12. Uma Esperança Confiante. Em Deus faremos proezas.** Embora a lamúria pública continue apesar do oráculo animador, a

esperança começa a emergir. Deus é sua única esperança de vencer a batalha. O pedido de ajuda traz consigo uma certeza de vitória final.

### Salmo 61. Oração pelo Rei

Este salmo é a profunda lamentação e o apelo de alguém que está longe de Jerusalém. Os confim da te«a não precisa necessariamente se referir a uma região remota, porque a distância foi exagerada pelo anseio de voltar para casa. Embora um exibo forçado fosse o quinhão do salmista, não o exige esta frase.

**1-4.** Um Pedido de Restauração Pessoal. **Ouve, ó Deus, a minha súplica.** Desesperado o salmista roga o senso da presença e proteção divinas. Ele deseja experimentar a segurança de uma rocha que é alta demais para ele escalar sem o auxílio divino. Por causa das bênçãos divinas do passado, ele encontra garantia para o presente e esperança pua o futuro.

**5-8.** Uma Oração de Bênção Real. **Pois ouviste.** O escritor expressa profunda confiança de que a sua oração pelo bem-estar do rei reinante será atendida. Os versículos 6, 7 podem ser considerados como uma declaração de sua oração anterior ou traduzida como um pedido presente – **dias sobre dias acrescenta ao rei . . .** Observe que o escritor ora pedindo três coisas – vida prolongada, reino extenso e as bênçãos da misericórdia e verdade. Sua confiança de que Deus responderá fá-lo determinar o pagamento de votos diários de ação de graças.

### Salmo 62. Uma Fé Inabalável

Há um pedido de lamentação nos versículos introdutórios deste notável cântico de confiança passivo, e um propósito didático nos versículos finais. Contudo, a nota dominante de confiança está evidente através de todo ele. O autor é um homem de autoridade cuja posição está ameaçada. Embora seus oponentes sejam de diversos tipos de vida, ele os considera todos indignos.



**1-4. A Única Salvação. Dele vem a minha salvação.** A chave da serena confiança está provavelmente ligada à partícula hebraica, *‘ak*, que ocorre seis vezes neste pequeno salmo, três vezes como a primeira palavra da estrofe. A partícula pode ser traduzida para "certamente", "mas", "só", ou melhor, "somente". Somente em Deus ele espera, enquanto somente Ele é a sua rocha, salvação e defesa. Seus perseguidores estão tramando contra ele o tempo todo.

**5-8. A Única Esperança. Dele vem a minha esperança.** As palavras dos versículos 1 e 2 estão um pouco alteradas para formar uma introdução para esta estrofe. O escritor recorda-se tranqüilamente da chave de sua paz. Novamente é só em Deus que ele espera e em quem ele confia. Nessa quietude de humilde resignação ele acrescenta esperança ou expectativa à certeza da salvação.

**9-12. O Único Poder. O poder pertence a Deus.** Embora ele comece a estrofe Com a mesma partícula hebraica *‘ak*, é só no verso 12 que ele apresenta a base desta fase de sua paz interior. Seus inimigos confiam na opressão, no furto e nas riquezas, mas ele recebeu o duplo Oráculo que descreve a Deus como o único poder e a única misericórdia que vale a pena.

## Salmo 63. Sede de Deus

Como o salmo anterior, este é um cântico de fé baseado sobre o íntimo relacionamento com Deus. O salmista está obviamente em exílio ou foi banido do seu lar. Seu profundo desejo de participar do culto público é parcialmente satisfeito por sua comunhão com Deus em meditação. Este cântico é um excelente exemplo do mais alto tipo de culto pessoal e espiritual em Israel.

**1-4. Ansiando por Deus. A minha alma tem sede ... meu corpo te almeja.** Depois de identificar positivamente a sua vida com Deus, o salmista expressa seus profundos anseios. Todo o seu ser anseia por comunhão com Deus. Sua vida é tão seca como um árido deserto quando

fica privado desta comunhão. A bondade de Deus é mais importante para ele do que a própria existência e provoca louvores eternos.

**5-8.** Lembrando as Misericórdias Passadas. **Quando de ti me recordo.** Recordando suas experiências no culto, ele compara a satisfação da alma na meditação noturna à banha e à gordura dos sacrifícios. Na quietude das três vigílias da noite, ele louva e se regozija porque Deus tem estado perto como seu Ajudador.

**9-11.** Esperando por Retribuição. **Abismar-se-ão nas profundezas da terra.** Os inimigos do salmista entram em cena pela primeira vez. Esta não é uma oração imprecatória contra eles, mas confiante e sossegada na certeza de que a justa retribuição será o resultado. O orador sente-se certo de que eles morrerão pela espada, seus corpos ficarão sem sepultura para serem comidos pelos chacais, e eles mesmos irão para o Sheol.

### **Salmo 64. Um Pedido de Auxílio**

O familiar pedido de ajuda ouve-se novamente neste lamento individual. A situação do salmista é desesperadora, embora não haja referência aqui a dano físico. Seus inimigos tramam e caluniam secretamente em vez de enfrentá-lo declaradamente. Depois de enumerar e descrever seus feitos de perversidade, o salmista expressa sua certeza de que Deus os julgará com justiça.

**1-6.** O Pedido de Proteção. **Ouve . . . a minha voz ... preserva-me a vida.** O apelo começa com o pedido para que Deus ouça a sua voz (não *oração*) agindo no sentido de protegê-lo do temor. Ele descreve as maquinções dos inimigos que conspiram contra ele em uma série de metáforas normalmente usadas para descrever a caça dos animais selvagens.

**7-10.** A Certeza do Julgamento. **Mas Deus.** A mudança é rápida e abrupta indo para Uma declaração de autoridade profética. O salmista declara que os feitos malignos dos inimigos se voltarão contra eles.

Então os homens reconhecerão a mão de Deus agindo. A tristeza do coração finalmente muda para alegria quando o escritor considera o destino dos justos.

## Salmo 65. Um Hino de Ação de Graças

Como salmo de ação de graças esta é uma revisão notável da maneira benévola com a qual Deus lida com os filhos dos homens. Um espírito de universalismo rompe os limites do estreito nacionalismo de Israel. Este hino está intimamente ligado com o festival de ação de graças no Templo, composto para tal ocasião ou inspirada nela.

**1-4.** Louvando o Favor Divino. **A ti . . . Confiança e louvor.** Conforme comprovam as versões mais antigas, esta frase fica melhor traduzida assim: *o louvor é decoroso ou apropriado*. O louvor é expresso diante da resposta de Deus à oração, seu perdão de pecados e seu favor espiritual. A forte nota universal é que todos os homens estão incluídos.

**5-8.** Louvando o Poder Divino. **Com tremendos feitos ... em tua justiça.** Os feitos divinos são descritos como sendo espantosos e justos, até para os homens que estão nos **confins da terra**. Seu domínio sobre a criação e o seu poder de aquietar a tempestade são apenas duas ilustrações de Sua soberania sobre a terra.

**9-13.** Louvando as Colheitas Divinas. **Tu visitas a terra e a segas.** O louvor acima mencionado prepara o caminho para o louvor básico por causa das colheitas. Está claro que é Deus quem rega a te«a, prepara a semente e prepara o solo. Tudo isto resulta em uma colheita maior – **Coroas o ano**. E tanta a felicidade que as colinas, postos e vales juntam-se em regozijo.

## Salmo 66. Um Hino de Lamento

O Salmo 66 é tanto nacionalista quanto individual na sua apresentação de ação de graças. Os versículos 1-12 relacionam-se com a

nação mas também alcançam o mundo, enquanto os versículos 13-20 referem-se à vida pessoal do salmista. Alguns comentadores vêem aqui dois salmos distintos que foram reunidos em um só. Contudo, a experiência corporativa da nação forma um excelente cenário para a experiência individual do autor.

**1-4.** Chamado para o Louvor. **Aclamai a Deus . . . salmodiai a glória.** O salmista se refere a todo o mundo de uma só vez ao proferir o chamado e apresentar as devidas palavras para a expressão do verdadeiro louvor.

**5-12.** O Testemunho da História. **Vinde e vede.** Os acontecimentos do êxodo do Egito e a primitiva história de Israel foram suficientemente notáveis para despertar o louvor a Deus pelos povos da terra. Evidências mais recentes de livramento também estão incluídas para justificar este chamamento universal para o louvor.

**13-20.** A Experiência do Salmista. **Vinde, ouvi.** Aqueles que temem a Deus são chamados para testemunharem o escritor pagando o seu voto no Templo. Suas ofertas e sacrifícios são suplementados pelo seu testemunho público do que Deus fez por ele.

## **Salmo 67. Hino para uma Festa da Colheita**

Este pequeno salmo de ação de graças é notável por sua beleza, sua simplicidade e seu aspecto mundial. A ocasião de seu uso é provavelmente a que se verifica no versículo 6, onde o clímax está expresso em termos de ação de graças pela colheita. O hino talvez fosse parte de uma música para a Festa do Pentecostes ou a Festa dos Tabernáculos.

**1, 2.** O Propósito das Bênçãos de Deus. **Para que se conheça na terra o teu caminho.** A conhecida bênção sacerdotal de Nm. 6:24-26 está adaptada para o uso na primeira pessoa a fim de fornecer a base para a grande missão de Israel. A maneira benévola de Deus agir está apresentada como o meio pelo qual todos o-s povos são levados a se

voltar para Deus. Israel tem de ser a testemunha pela qual o conhecimento de Deus é espalhado por toda parte.

**3,4.** Chamado para o Louvor Universal. **Louvem-te os povos.** O refrão nos versículos 3 e 5 parece introdutório, por causa da presença do *selá* no final do versículo 4 e por causa do desenvolvimento geral de idéias. Este chamamento para o louvor cheio de regozijo baseia-se na vindicação divina e orientação das nações. Esta é uma nota notavelmente universalista.

**5-7.** A Esperança da Bênção Continua. **Deus . . . nos abençoa.** O salmista repete o significativo refrão para corresponder às alegações introdutórias dos versículos 1 e 3. A declaração de que **a terra deu o seu fruto** parece ser uma ligação óbvia do salmo com os alegres festivais da colheita. O versículo 7 desenvolve o pensamento do versículo 1 expressando esperança pela continuada bênção divina a fim de que a nação de Israel seja completa.

## Salmo 68. A Vitoriosa Marcha de Deus

Este salmo está composto de tais e tão diversos elementos que desafiam a classificação. Os versículos 1-18 são basicamente uma ode, enquanto os versículos 19-35 parecem-se mais aproximadamente com um hino. Diverses comentaristas têm reconhecido um grande número de formas, classificando-o como uma miscelânea de cânticos e hinos. O tema dominante parece ser a marcha de Deus como o vencedor do passado, presente e futuro. Os antecedentes do material se encontram em sua totalidade na história de Israel mais do que em um livramento específico.

**1-6.** Aparecimento de Deus como Líder. **Levanta-se Deus.** Isto poderia ser um pedido ("Que Deus se levante !") ou uma referência ao seu aparecimento. A base para esta linguagem se encontra no antigo sinal que se dava para o levantamento da arca (cons. Núm. 10:35). Os

justos devem se regozijar diante do Seu aparecimento enquanto os ímpios se desvanecerão.

**7-18.** A Marcha de Deus Como Libertador. **Ao avançares pelo deserto.** O quadro ainda é de um líder diante do seu povo, libertando-o através de atos especiais de misericórdia. A marcha começa com o livramento do Egito e termina com a habitação de Deus em Sião. Cons. Ef. 4:8 e segs., onde Paulo aplica o versículo 18 ao ministério do Cristo ressuscitado.

**19-23.** A Presença de Deus como Salvador. **Deus é a nossa salvação.** Tal como Deus realizou atos de livramento no passado, Ele continua sendo um auxiliador sempre presente que abençoa diariamente e continua a libertar.

**24-27.** O Cortejo de Deus como Rei. **Viu-se, ó Deus, o teu cortejo . . . meu rei.** A cena é na realidade o cortejo de uma ocasião festiva celebrando a vitória e a entronização de Deus como Rei. Benjamim e Judá representam as tribos do sul, enquanto Zebulom e Naftali representam as tribos do norte.

**28-35.** A Exaltação de Deus como Senhor. **Os reis te oferecerão presentes.** Os livramentos do passado e as bênçãos do presente apontam para o futuro triunfo de Deus. Deus é convocado para liderar Suas forças em um ato final de poder. Após a declaração da vitória final, todas as nações são convocadas para exaltar a Deus como Senhor através do Louvor.

## **Salmo 69. Uma Oração Pedindo Retribuição**

Um indivíduo nas profundezas do desespero e da agonia lamenta aqui o seu caso. Sua perseguição é vista como resultado de suas convicções religiosas. Com fervor ele roga por retribuição contra seus perseguidores. Por causa de seu estado de espírito cheio de preocupação, seu humor é variável. Contudo, seu desespero se transforma em triunfo e suas queixas se transformam em louvor depois que expressa seus sentimentos mais íntimos.

**1-6.** A Queixa Básica. **Salva-me ... Estou atolado em profundo lamaçal.** Depois de gritar pedindo socorro em uma frase curta, o salmista descreve sua situação angustiosa. As palavras **águas, lamaçal, profundezas das águas e corrente**, todas foram usadas para mostrar a natureza extrema de seus problemas. Seus inimigos são numerosos, odiosos e poderosos. Ele está grandemente preocupado com que a sua desgraça não venha a prejudicar outros homens devotos que vêm nele um exemplo.

**7-12.** A Causa Subjacente. **Por amor de ti.** É por causa de sua lealdade, fidelidade e zelo que tem sofrido. Parece que ele lutava contra o formalismo liberal e popular da expressão religiosa do seu tempo. Por causa de tudo isto ele se transformou no ridículo da comunidade e na galhofa dos bêbados.

**13-18.** O Apelo Intensificado. **Faço a ti . . . a minha oração.** De maneira sucinta e breve, ele pede o livramento e a vingança. Seus lamentos anteriores repetem-se mas ficam em segundo plano diante do seu pedido de assistência imediata.

**19-28.** A Amarga Imprecação. **Derrama sobre eles a tua indignação.** Cada um destes pedidos de retribuição baseia-se na participação divina da amarga indignação do salmista. Aqueles eram inimigos de Deus tanto quanto seus. O clímax é atingido pelo pedido para que sejam completamente eliminados do livro dos vivos (com. Êx. 32:32; Fp. 4:3; Ap. 13:8; 20:15). Os escritores do Evangelho deviam certamente ter o versículo 21 em mente quando descreveram a paixão de Cristo (Mt. 27:34; Mc. 15:23; Jo. 19:29).

**29-36.** O Livramento Assegurado. **Ponha-me o teu socorro, ó Deus, em alto refúgio.** O voto de ação de graças que se segue parece pressupor uma resposta afirmativa a este pedido de livramento. É interessante notar-se que a maneira do salmista encarar o sacrifício talvez fosse em parte a causa de sua oposição. O salmo termina com uma observação de intenso louvor quando céus e terra são convidados a se unirem no coro.

## Salmo 70. Um Grito por Socorro Imediato

Este salmo é um lamento individual, o qual ocorre como parte do salmo 40. Aqui o nome de Deus foi mudado de *Yahweh* para *Elohim*, e algumas pequenas variações na redação são evidentes. Sua existência como um salmo independente pode indicar que foi achado em ambas as coleções básicas já mencionadas ou que foi separado do Salmo 40 para uso litúrgico no Templo (cons. Sl. 40:13-17 para notas complementares.)

## Salmo 71. A Confiança de um Santo Idoso

Eis aqui o lamento de um indivíduo que sofreu forte adversidade em seus muitos anos sobre a terra. Perseguições, doenças, calamidades e provações aumentaram os cabelos brancos de sua cabeça. No entanto ele tem mantido sua íntima comunhão com Deus desde a meninice. Seu pedido de ajuda baseia-se mais uma vez nas bênçãos experimentadas no passado. Seu desejo é viver o suficiente para ensinar à presente geração algo do que a vida lhe ensinou.

**1-3.** Sua Confiança em Deus. **Em ti, Senhor, me refugio.** Estas palavras foram extraídas do Salmo 31 pelo salmista como expressão de sua profunda confiança em Deus. Ele sabe que Deus é o seu **refúgio** e a sua rocha.

**4-13.** Seu Apelo por Livramento. **Livra-me, Deus meu.** Embora seus inimigos sejam hábeis em se aproveitarem de sua fraqueza, Deus tem sido a sua esperança desde o seu nascimento (cons. Sl. 22:9, 10). Estes inimigos, que crêem que Deus o abandonou, são repreendidos pela má interpretação de sua aflição. Seu apelo baseia-se tão somente em sua confiança no poder de Deus e a prontidão em livrá-lo.

**14-16.** Sua Esperança em Deus. **Quanto a mim, esperarei sempre.** Aqui se vê o ponto decisivo do salmo, quando o apelo muda da esperança para o louvor. O passado cede lugar ao futuro.



**17-21.** Seu Testemunho da Revelação. **Tu me tem ensinado.** Com base no ensino especial de Deus, ele tem podido ensinar aos outros. Agora ele pede más tempo a fim de mostrar aos outros a força, o poder e a justiça de Deus (vs, 18, 19).

**22-24.** Seu Voto de Louvor. **Eu também te louvo.** O salmista promete louvar com a voz, com instrumentos, com os lábios, com a língua e com todo o seu ser. Ele tem a certeza íntima de que será vindicado tal como pediu (v. 13).

## Salmo 72. Bênçãos para o Rei

Esta é a oração de um súdito leal que deseja as mais ricas bênçãos divinas para um jovem rei. Todas as esperanças da nação descansam sobre este rei, que é o representante de Deus. A descrição foi inspirada no reinado ou ascensão de Salomão, mas pode ter sido aplicada a mais de um rei em seu uso histórico. Há através de todo ele a figura de um rei ideal, e assim o salmo tem significado messiânico.

**1-7.** Oração por Justiça e Retidão. **Concede ao Rei, ó Deus, os teus juízos.** Esta oração começa apropriadamente com um pedido pelas duas mais importantes características reais – justiça e retidão. É com base nos juízos divinos que o rei pode agir com justiça. A frase, **ao Filho do Rei**, provavelmente se refere ao novo rei que é jovem e faz paralelo com a primeira linha do versículo. Os verbos traduzidos como futuros podem expressar confiança profética ou traduzir orações, isto é, *que ele venha a julgar* ou *possa julgar*.

**8-14.** Oração por Domínio e Paz. **Domine ele.** Com base na justiça, retidão e domínio do rei, haverá paz para os seus súditos. Os verbos nos versículos 12-14 são devidamente indicativos ("ele poupa . . . salva . . . redime", etc.), e destacam as recompensas públicas advindas dessas características ideais.

**15-17.** Oração por Fama e Bênção. **Subsista para sempre o seu nome, e ... nele sejam abençoados todos os homens.** Esta seção

também é uma oração. O salmista ora pedindo que a fama do rei (*seu nome*) perdures muito tempo depois de sua morte, até entre as outras nações que ele governa.

**18-20.** Doxologia de Louvor e Conclusão. **Bendito seja o Senhor Deus.** Estes versículos foram acrescentados como doxologia finalizando o Livro II do Saltério. O versículo 20 é uma nota editorial que originalmente separava a coleção precedente dos salmos relacionados com Asafe que vem a seguir. Alguns manuscritos não incluem o versículo 20 aqui.

### LIVRO III. Salmos 73-89

A terceira e maior divisão do Saltério, que é muito mais curta do que os dois livros anteriores, só incluem dezessete salmos. Os primeiros onze estão ligados ao nome de Asafe, que foi um dos principais músicos sob o governo de Davi. Os outros dois músicos importantes de Davi foram Hemã e Etã, cada um dos quais está ligado com um salmo neste livro. Um dos salmos é atribuído a Davi, enquanto os quatro salmos restantes são associados aos filhos de Coré. Novamente não se torna necessário atribuir autoria àqueles que estão ligados a esses títulos. Exatamente como os filhos de Coré formavam uma associação levita, os tubos de Asafe continuaram ocupando lugares de liderança musical.

### Salmo 73. A Prova da Fé

Eis aqui outro aspecto do problema da prosperidade dos ímpios. Embora o salmista esteja perturbado pelo seu próprio sofrimento, ele se sente mais perplexo pela falta de castigo dos ímpios. Este salmo penetra mais profundamente no problema do que os Salmos 37 e 49, e o autor encontra a paz na comunhão espiritual com Deus. Pode ser classificado como um hino de fé, com nuances que o ligam aos escritores da Sabedoria. O propósito didático está evidente através de todo ele, mas

está interligado com a confissão de um homem cuja fé foi duramente provada.

**1. Sua Conclusão. Com efeito Deus é bom.** O salmista declara primeiro a confiante conclusão que tirou de seu supremo teste da fé. Ele usa a partícula hebraica ‘*ak*, que pode ser traduzida de diversos modos – “**agora**”, “verdadeiramente”, “certamente”, “somente”, “afinal”. Aqui e nos versículos 13 e 18 ficaria provavelmente melhor traduzido para **certamente**.

**2-12. Seu Problema. Ao ver a prosperidade dos perversos.** Contrastando com a conclusão generalizada do escritor está sua peregrinação pelo vale das dúvidas, introduzida pela enfática expressão **quanto a mim**. Ele estava em perigo de completa apostasia por causa da inveja que sentia dos ímpios. Ele descreve o comportamento arrogante, a ausência de sofrimento, o orgulho despótico e a zombaria deles para com Deus.

**13-22. Sua Luta. Com efeito, inutilmente conservei puro o coração.** Esta não é a sua conclusão conforme declarado no versículo 1, mas um relato da tentação durante a sua luta com as dúvidas. Ele se recusa a exhibir suas dúvidas para não influenciar os outros adversamente. Embora lutasse com suas indagações, não conseguiu encontrar alívio até que entrou no Templo. Ali recobrou seu equilíbrio espiritual ao receber uma visão do futuro reservado para os ímpios.

**23-28. Sua Vitória. Todavia, estou sempre contigo.** Agora o escritor encontrou vitória completa sobre suas dúvidas. Sua loucura é coisa do passado, porque Deus é o seu guia e sua força. A frase, **depois me recebes na glória**, pode bem se referir a uma esperança além da vida; o mesmo verbo que aqui foi traduzido para “me recebes” foi usado na experiência de Enoque (Gn. 5:24) e Elias (II Reis 2:10; cons. Sl. 49:15). Contudo, o salmista enfatiza o senso da proximidade divina ao experimentá-la em suas circunstâncias presentes.

## Salmo 74. Um Apelo por Vingança

Este salmo é a expressão da lamentação nacional por Israel após um desastre extremo. O sentimento generalizado é de que Deus abandonou e esqueceu o Seu povo. A destruição da cidade e do Templo sugere que a ocasião seja a da conquista babilônica. Esta é a única ocasião conhecida quando o Templo foi queimado até os alicerces. As condições são semelhantes às aquelas descritas no livro das lamentações.

**1-3.** O Apelo da Nação. **Lembra-te da tua congregação.** O salmista profere o apelo básico para que Deus se lembre de Seu relacionamento de amor com Israel. Mesmo quando a ira divina está evidente na presente tragédia, é incompreensível ao salmista que o Senhor, como o Pastor de Israel, possa abandonar Suas ovelhas. Por isso, ele roga a Deus que dê os gigantescos passos necessários para redimir o Seu povo.

**4-11.** A situação Angustiosa da Nação. **Os tem adversários bramam.** Em vez de se encher de crentes felizes, a área do templo está cheia de inimigos que rugem. Em lugar dos emblemas das tribos, vêem-se as bandeiras do inimigo. A paciente e silente obra através da qual o Templo foi edificado tem sido nulificada pelos machados cruéis e martelos dos invasores. As perguntas apresentadas por até quando e por que expressam a natureza intensificada da lamentação, e relacionam o apelo básico ao desastre específico.

**12-17.** O Rei da Nação. **Deus, meu rei, é desde a antiguidade.** Aqui se descreve o poder do Rei supremo de Israel. Usando linguagem simbólica e terminologia descritiva extraída da mitologia dos cananeus, o Salmista insiste que foi Deus que obteve as imensas vitórias do passado. Enquanto as figuras de linguagem derivam das antigas histórias da criação, o salmista as aplica à divina exibição de poder no Êxodo e nas peregrinações no deserto.

**18-23.** A Oração da Nação. **Levanta-te, Ó Deus, pleiteia a tua própria causa.** O primeiro apelo é levado a um nível mais elevado com este pedido veemente. Esta causa não é simplesmente a causa de Israel,

mas também a causa de Deus. Portanto, o salmista ora para que Deus cuide de Seu povo indefeso, lembre-se da aliança de amor e mantenha os olhos nos inimigos que gritam.

## Salmo 75. A Gratidão da Nação

Enquanto as primeiras palavras deste salmo são uma expressão de ação de graças nacional e a conclusão se relacione com um indivíduo, a porção central é difícil de classificar. Alguns comentaristas sugerem que o versículo 1 foi acrescentado à uma oração pela vitória individual a fim de adaptar o salmo para o culto público. Embora este possa ter sido o caso, o salmo apresenta um cuidadoso arranjo poético além de uma seqüência progressiva de pensamentos.

**1.** A Invocação de Israel. **Graças te rendemos.** Por trás desta declaração sucinta de gratidão parece que há realmente uma libertação histórica. A realidade de uma manifestação recente de poder proporciona a confiança de que a natureza revelada de Deus (seu *nome*) está perto.

**2, 3.** A Resposta de Deus. **Hei de julgar retamente.** Este oráculo divino dá a base para os pronunciamentos que se seguem. É no **tempo determinado** (v. 2; *mô'ed*, não o **lugar determinado**. E.R.C.), quando Deus tomar Seu lugar no tribunal. Seu controle do universo assegura que o julgamento será certo.

**4-8.** A Advertência do Salmista. **Digo aos soberbos ... e aos ímpios.** Os soberbos e os ímpios são advertidos que a força levantada altivamente não vem do leste, oeste ou sul. Só Deus pode abater e exaltar (v. 7), pois Ele é quem executa o juízo e faz os ímpios beberem a taça de Sua ira (Sl. 11: 6; Ap. 14:10).

**9,10.** O Triunfo dos Justos. **Quanto a mim, exultarei para sempre.** Falando como representante de Israel, o salmista faz voto de louvor perene. Com esses votos vem a certeza de que o arrogante cairá do lugar onde se colocou, enquanto o justo ganhará o lugar a que tem direito.

## Salmo 76. Um Cântico de Vitória

Este cântico está intimamente relacionado com os Salmos 46, 48 e 75 em sua celebração de vitória militar. Muitos comentaristas procuram os antecedentes comuns a estas quatro peças na derrota dos assírios em 701 A.C. Ainda que algum acontecimento histórico possa ter inspirado o poema original, o presente salmo parece ter sido adaptado para o culto no templo.

**1-3.** A Fama de Deus. **Em Judá ... em Israel ... Em Salém ... em Sião.** A reputação divina propagou-se por toda parte por causa de suas vitórias. Jerusalém é o centro de sua fama porque o quartel general de suas guerras fica ali.

**4-6.** O Poder de Deus. **Tu és ilustre, e mais glorioso.** O Senhor deu, na batalha, a prova de ser mais poderoso do que todos os seus inimigos. Facilmente Ele conquista **os de ânimo forte e dos valentes.** Ele é glorioso e majestoso, mais majestoso ainda do que as montanhas eternas (cons. LXX).

**7-9.** O Juízo de Deus. **Tu, sim, tu és terrível.** O pensamento vai além do cenário da batalha quando Deus toma o Seu assento no céu. Ele é o juiz que deve ser temido, que fere o homem com o terror. Toda a terra permanece quieta enquanto o Senhor salva os povos oprimidos, dos quais Israel é representante.

**10-12.** A Homenagem Devida a Deus. **Fazei votos, e pagai-os ao Senhor vosso Deus.** Esta convocação para se dar louvor e fazer ofertas baseia-se sobre a ousada afirmação de que o Senhor pode transformar até a paixão mais perigosa do homem em instrumento de glória. A última gota da ira dos seus inimigos só pode aumentar a glória de Deus, quando ele se envolve nela.

## Salmo 77. Relembrando as Obras de Deus

O lamento é entremesclado de louvor neste salmo. Os primeiros versículos (1-9) constituem a lamentação de um indivíduo, que talvez represente a nação em aflição. Os versículos restantes (10-20) são palavras de louvor que claramente complementam a seção introdutória. Os versículos 16-19 exprimem um estado de espírito diferente e exibem um estilo diferente e um ritmo do restante do salmo.

**1-3. A Perplexidade do Seu Espírito. Elevo a Deus a minha voz ... a minha alma recusa consolar-se.** Nessas cláusulas a profunda angústia do salmista e a sua ansiedade foram vivamente descritas. Sua mão estendida procura a Deus, mas não encontra conforto. Suas meditações e pensamentos só sobrecarregam o seu espírito.

**4-9. Sua Busca de Respostas. O meu espírito perscruta.** A preocupação e a ansiedade ainda governavam sua vida de modo que ele não podia dormir. Ele contava os dias do passado, em vez de contar ovelhas. Finalmente, ele proferiu as seis perguntas que o deixavam perplexo e o perturbavam. Ele não conseguia entender por que o Deus de misericórdia e compaixão podia permanecer silencioso e inativo.

**10-15. Sua Solução na História. Recordo os feitos do Senhor.** Recordando as maravilhas de Deus no passado, o salmista sente esperanças. Deus provou ser alguém capaz de feitos gloriosos; Ele mostrou o Seu poder e redimiu os filhos de Israel. O pedido não pronunciado é que Deus agiria assim novamente.

**16-19. Sua Confiança no Poder de Deus. Viram-te as águas . . . e temeram.** Estes versículos, que ocupam o lugar de um hino dentro de um hino, diferem grandemente no espírito e na forma do restante do poema. Embora a nota dominante desta seção seja o poder de Deus sobre a natureza em geral, a posição da passagem, entre os versículos 15 e 20, relaciona-a com o livramento no Mar Vermelho.

**20. Sua Certeza da Liderança Divina. O teu povo, tu o conduziste.** Este versículo enuncia novamente o pensamento do versículo 15, com a implicação vigorosa de que Deus pode fazê-lo novamente.

## **Salmo 78. Sabedoria da História**

Aqui está um bom exemplo dos propósitos didáticos dos escritores da Sabedoria. Os maravilhosos atos de libertação efetuados por Deus, a bênção e a orientação são lembradas para servir de lição para a geração do salmista. O ensinamento é dirigido aos habitantes de Judá, exemplificando a escolha de Jerusalém feita por Deus e a linhagem davídica como recipientes de Suas promessas em lugar da tribo de Efraim, a qual desqualificou-se pela rebeldia (vs. 9-11, 57, 60, 67, 68).

**1-11. As Advertências do Passado. Publicarei enigmas dos tempos antigos.** O propósito didático do salmista está declarado. Uma observação geral destacando a responsabilidade dos "pais" de ensinarem os filhos, e o perigo da apostasia serve de introdução aos muitos exemplos históricos que se seguem.

**12-39. As Experiências do Deserto. Prodígios fez ... mais ainda assim prosseguiram em pecar.** As obras de Deus estão descritas detalhadamente: a travessia do mar, a nuvem e a coluna de fogo como guias, a provisão da água, o maná, as codornizes. Mesmo diante dessas bênçãos constantes, o povo continuou pecando e tentando a Deus. Aras apesar do seu pecado, Deus demonstrou Sua compaixão e compreensão, perdoadando-os.

**40-55. A Libertação, do Egito até Canaã. Não se lembraram do poder dele.** A mesma história trágica se repetiu. Desta vez a ênfase foi colocada sobre as pragas como exemplos do livramento divino. Embora só sete das dez pragas sejam citadas e não estejam na mesma ordem do Livro de Êxodo, servem de exemplos vivos da fidelidade divina. O salmista conta como Deus conduziu o Seu povo até Canaã e como o provocaram voltando-se para a idolatria tão logo tomaram posse da terra.



**56-72.** As Escolhas do Deus de Israel. **Abandonou ... despertou ... escolheu.** A sujeição de Israel durante o período dos juízes está destacada como evidência do abandono de Deus. Então, em linguagem ousada, o salmista sugere que o Senhor despertou para as necessidades de Israel. A rejeição das tribos do norte confirmou que Deus escolhera Judá. O estabelecimento de Jerusalém como o centro religioso de Israel e a confirmação de Davi como rei destacaram as tribos do sul como líderes indiscutíveis do povo de Deus.

### **Salmo 79. Uma Oração por Vingança**

Este salmo é o lamento coletivo da comunidade de Jerusalém em período de calamidade nacional. A descrição da profanação do Templo e a devastação da cidade apontam para uma séria destruição, tal como a da conquista babilônica em 586 A.C. Há aqui íntima afinidade com os antecedentes do Salmo 74, onde a destruição babilônica parece ser a mais apropriada. Os judeus há muito usam estes dois poemas com o dia do jejum que comemora as duas destruições de Jerusalém, em 586 A.C. e em 70 A.C.

**1-4.** O Pesar em Jerusalém. **As nações invadiram.** A cidade de Jerusalém é descrita como se encontrando em verdadeiro estado de emergência. Os gentios profanaram o Templo, deixando a cidade em ruínas e os mortos insepultos. Toda esta devastação e matança resultara em zombada e ridículo da parte dos vizinhos gentios de Israel.

**5-8.** O Pedido de Misericórdia. **Até quando, Senhor?** Este freqüente clamor dos desesperados é seguido imediatamente da segunda pergunta: **Será para sempre?** A dor amarga do salmista está evidente quando implora a Deus para tomar vingança dos ímpios antes mesmo de lhe pedir que estenda as Suas ternas misericórdias ao Seu povo.

**9-12.** A Oração Pedindo Auxílio. **Assiste-nos . . . livra-nos . . . perdoa-nos . . . por amor do teu nome.** Além de reconhecer os pecados dos seus antepassados, o salmista também confessa o pecado de sua

própria geração. Ele não destaca nenhum desejo egoísta, mas a glória do nome de Deus. Afinal, o nome de Deus foi abusado na profanação do Templo e na zombaria dos pagãos. O salmista clama a Deus para que lhes retribua sete vezes mais.

**13.** O Voto de Louvor. **Para sempre te daremos graças.** Se Deus responder a oração pedindo ajuda, Seu povo cumprirá um voto duplo. Eles tomaram a decisão de louvar a Deus dando-Lhe graças continuamente e publicamente declarando o seu louvor.

### **Salmo 80. Um Pedido de Restauração**

Aqui está outra expressão da lamentação nacional em um período de angústia. O salmista tem interesse sincero no Reino do Norte, como observador ou como habitante daquela região. Provavelmente é a primeira situação, pois a angústia parece estar associada com o Exílio. A ocorrência irregular de um refrão, nos versículos 3, 7 e 19, com uma forma abreviada no versículo 14, torna a estrutura do salmo difícil de explicar.

**1-3.** O Grito à Procura do Pastor. **Dá ouvidos, ó pastor de Israel.** Embora a frase, **pastor de Israel**, não se encontre em nenhum outro lugar do V.T., a figura ocorre com frequência. As três tribos, Efraim, Benjamim e Manassés, todas descendem de Raquel e representam o Reino do Norte. O grito tem a intenção de provocar uma atitude divina a fim de restaurar o Seu povo.

**4-7.** A Situação Angustiante do Rebanho. **Dás-lhe a comer pão de lágrimas.** Como nos Salmos 74 e 79, o salmista exclama: **Até quando?** Ele quer saber quanto tempo ainda Deus vai continuar enfurecido. Embora o Senhor não seja mencionado como pastor nestes versículos, a metáfora continua na expressão "pão de lágrimas".

**8-13.** O Trato da Videira. **Trouxeste uma videira do Egito.** Outra metáfora foi usada aqui para mostrar como Deus cuidou do povo escolhido. Depois de transplantar a videira do Egito para Canaã, o

Senhor fê-la cobrir as colinas e espalhou-a do Mediterrâneo ao Eufrates. Como versículo 12, o cuidado do passado está comparado com a presente rejeição. A videira foi devastada pelo homem e pelas bestas ao passarem por ali.

**14-19.** O Apelo ao Dono da Videira. **Volta-te ... e visita esta vinha.** Uma vez que Deus plantou o cuidou da vinha, ele devia prosseguir cuidando dela. Foi a ira de Deus que provocou a sua queima e desde então o povo estava em perigo de aniquilação. Se Deus reanimar e restaurar o Seu povo, será por Ele adorado. A última vez que o refrão aparece está intensificado pelo uso do nome de Deus empregado na aliança. **O que a tua mão direita plantou.** O salmista ora pedindo ajuda para Israel, o povo de Deus, que foi plantado pela mão direita de Deus. Em última análise, é claro que o Messias tornou-se o cumprimento desta oração (cons. o uso da frase, "Filho do homem" nos Evangelhos e referências a Cristo assentado à direita da Majestade nas alturas (Hb. 1:3; 8:1; 10:12; Atos 7:56).

## **Salmo 81. Uma Advertência Extraída da Experiência**

Um hino de louvor introduz este salmo, e um pronunciamento profético o conclui. A mudança abrupta no fim do versículo 5 tem sugerido a muitos comentaristas que fragmentos de dois salmos foram reunidos aqui. Contudo, este ponto de vista não é imperativo, pois um festival solene seria a ocasião para tal recital do relacionamento de Deus com Israel. O termo especial para o festival, o tocar da trombeta, as referências à luz nova e à lua cheia provavelmente fornecem uma dupla referência do poema à Festa das Trombetas e à Festa dos Tabernáculos.

**1-5.** Uma Convocação para o Festival. **Cantai de júbilo ... celebrai.** Este chamado é uma figura do ritual introdutório de um grande festival. Provavelmente a convocação era enunciada por um sacerdote, que chamava o povo para juntar suas vozes em alegres cânticos com o coro dos levitas que participava com salmos e instrumentos e os sacerdotes

que tocavam os chifres. O **tempo marcado** (E.R.C.) do versículo 3 fica melhor traduzida para **lua cheia**.

**6-10.** Um Testemunho Divino. **Livre os seus ombros do peso.** Em declarações concisas, os livramentos do Êxodo são recordados por um profeta que age como porta-voz de Deus. Uma vez que Deus sempre satisfaz as necessidades de Israel, Ele promete continuar enchendo sua boca contanto que a abra em completa confiança.

**11-16.** Uma lamentação Divina. **Mas o meu povo não me quis escutar a voz.** O pronunciamento profético continua como Um lamento por causa da ingratidão de Israel. A exclamação do versículo 13 intensifica a tristeza do lamento. Como as coisas teriam sido diferentes se pelo menos Israel tivesse andado nos caminhos de Deus! Então ela teria alcançado a vitória e as bênçãos em vez de derrota e miséria.

## Salmo 82. A Autoridade Final

Uma cena do julgamento da injustiça foi apresentada neste poema didático. A devida interpretação de todo o salmo repousa sobre a identidade do segundo *Elohim* no versículo 1. Alguns comentaristas o traduzem literalmente como *deuses* e o relacionam a um conceito de deuses subordinados em um conselho celestial. Outros o traduzem como *anjos* e o ligam a um conceito menos politeísta. Outros intérpretes ainda traduzem-no como *juízes* e o fazem referir-se aos homens injustos com autoridade. Esta última interpretação parece a preferível.

**1.** O Juiz Supremo. **Deus assiste . . . estabelece o seu julgamento.** A cena é uma visão da assembléia sobre a qual Deus preside. Isto pode ser identificado com a nação de Israel (com. Ne. 13:1, onde encontramos a frase sinônima, *qahal ha'elohim*). Assim Deus toma Sua posição na Sua nação e julga entre os juízes humanos colocados sobre Israel.

**2-4.** Os Juízes Corruptos. **Até quando julgareis injustamente.** A denúncia envolve os juizes da nação reunidos em assembléia; a acusação relaciona-se com as decisões injustas que proferiram. O problema básico

envolve os juízes favorecendo homens influentes nos tribunais. Essas autoridades injustas são advertidas a que cessem com sua parcialidade, façam justiça e defendam os oprimidos.

**5-7. A Sentença Justa. Morrereis ... haveis de sucumbir.** Considerando que esses juízes tinham falta de entendimento, a qualidade essencial da justiça, o juízo tornou-se inevitável. Eles receberam funções semelhantes às dos deuses quando foram nomeados juízes, mas agora tinham de cair como todos os homens que pervertem a justiça.

**8. O Juiz Soberano. Levanta-te, ó Deus, julga a terra.** O salmo termina com um apelo a Deus para que complete Sua obra de Juiz Soberano de todas as nações. Ele deve tomar posse como também proferir a sentença para que a verdadeira justiça possa perdurar.

### **Salmo 83. O Julgamento das Nações**

O Salmo 83 é uma lamentação nacional típica em tempo de grande perigo. Considerando que os inimigos de Israel eram automaticamente os inimigos de Deus, o nome de Deus (Yahweh) está em jogo. A ocasião não pode ser identificada com certeza, porque em nenhum período da história de Israel existiu tal confederação de nações. O salmo talvez se refira a um acontecimento não registrado em outro lugar qualquer da história de Israel, ou talvez se refira a grupos tribais que simplesmente deram apoio moral em um período de crise.

**1-8. Um Apelo Para que Haja Ação. Ó Deus, não te cales.** No hebraico este é um apelo forte para que haja atividade, repetido de três maneiras. O silêncio divino devia ser quebrado porque essas nações também eram inimigas suas. Elas faziam grande alarde sobre a sua conspiração para exterminar o nome de Israel. A maior parte desses povos mencionados eram tribos nômades que habitavam ao sul e a leste de Israel. Filístia e Tiro são exceções; ocupavam o território a oeste e norte respectivamente. A maioria delas eram inimigos tradicionais de Israel.

**9-18.** Uma Oração Para que Haja Vingança. **Faze-lhes.** Com imprecação empolada o salmista apela pela destruição total desses inimigos supostos. Ele usa a derrota dos cananeus e midianitas como exemplo do tipo de destruição que deseja. A severidade de sua oração é amenizada nos versículos 16-18 quando insere base moral de conversão e expressa um desejo de outros poderem aprender por causa dessa destruição.

### **Salmo 84. Uma Peregrinação Jubilosa**

Este é o cântico de um peregrino cujo alvo é quase atingido. Através de todo ele há um sentimento de paz e comunhão que transcende o ritual e outros aspectos externos do culto. Embora o poema reflita os sentimentos dos peregrinos de qualquer período, parece que vem do período da monarquia em uma ocasião quando o Templo ainda estava de pé.

**1-4.** Saudades da Casa de Deus. **A minha ama suspira e desfalece.** Depois de exclamar, quão amáveis são os teus tabernáculos, o salmista participa sua saudade intensa, que está para ser satisfeita. Todo o seu ser anseia pela comunhão com Deus. Ele inveja as aves que vivem nos recintos do templo. Ele reconhece como são afortunados aqueles servos que vivem dentro dos edifícios do templo.

**5-8.** A Peregrinação à Casa de Deus. **Bem-aventurado o homem cuja força está em ti.** A felicidade do morador constante reflete-se no peregrino. Ele tem um senso especial da força de Deus e temem seu coração **os caminhos aplanados** para Sião. Quando passa pelo vale desprovido de águas, onde só o bálsamo cresce, surge uma mudança. O vale seco é transformado em lugar de fontes quando o peregrino recebe e transmite as bênçãos de Deus.

**9-12.** A Alegria da Adoração na Casa de Deus. **Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil.** Após proferir uma pequena oração pelo rei ungido de Deus, o salmista descreve a alegria de se juntar. aos outros

no culto de adoração. Um dia no local do culto, ele sente, vale mais que mil dias em qualquer outro lugar. Ele preferida ser o mais humilde servo do Templo, do que ter um lugar de habitação permanente onde a impiedade abunda. **É sol e escudo.** Deus, como o principal corpo celeste no reino físico, é a única fonte de todo o nosso poder espiritual, energia e luz. Ele é a nossa proteção, e Ele concede a graça necessária nesta vida e glória na vida por vir. Feliz ou bem-aventurado. A felicidade é enfatizada novamente por aquele que refugiou-se em Deus através da adoração espiritual.

### Salmo 85. Um Grito Pedindo Perdão

Embora basicamente um lamento nacional, este salmo tem um forte elemento profético também. Em sua primeira parte (vs. 1-3) parece referir-se ao retorno do cativo, mas estes versículos são idealizados além da situação conhecida naqueles dias. O salmista usa esta figura ideal para mostrar o forte contraste entre o presente e a certeza do futuro.

**1-3. O Ideal do Perdão. Favoreceste, Senhor.** As figuras do favor, da restauração, do perdão e interrupção da ira divina estabelecem o ideal do relacionamento perfeito com Deus. Os verbos nestes versículos, embora traduzidos para tempos passados, são provavelmente passados proféticos, indicando que o salmista considera os acontecimentos que prediz tão certos como se já se tivessem realizado.

**4-7. A Realidade do Presente. Restabelece-nos . . . e retira de sobre nós a tua ira.** A situação atual destaca-se em alto relevo quando visto em relação ao ideal profético. A ira de Deus ainda é evidente e parece ser sem fim. O salmista faz um apelo a Deus a que torne a vivificá-los mostre a Sua misericórdia e conceda a Sua salvação.

**8-13. A Resposta da Esperança. Escutarei o que Deus, o Senhor, disser.** De maneira profética o salmista faz uma pausa para Ouvir a mensagem divina em resposta à Oração do povo. Ele tem certeza de que Será uma mensagem de paz. Por meio de vivas personificações, ele

descreve a realidade da salvação de Deus. A união da misericórdia ou do amor que Deus demonstrou através da aliança com a nossa **verdade** ou fidelidade, de Sua **justiça** e a **paz** de nosso coração, da terra com os céus, é coisa certa quando Deus e os homens se encontram. Como resultado deste encontro, Deus proverá pelas necessidades dos homens e os conduzirá por caminhos certos. Para nós hoje, o lugar da reunião só pode ser ao pé da cruz.

### **Salmo 86. Uma Oração Pelo Favor Divino**

No Salmo 86 reconhecemos a sincera oração de um indivíduo que atravessa um período de infortúnios pessoais. A natureza generalizada desses infortúnios faz a mensagem se aplicar a qualquer pessoa em dificuldade. É esta falta de detalhes específicos que tem levado diversos comentaristas a considerar o salmo como corporativo e não individual. Embora seja basicamente uma meditação pessoal, o autor às vezes identifica-se com sua comunidade.

**1-5. Um Pedido Geral de Auxílio. Inclina . . . e responde-me.** Em termos gerais o salmista apresenta suas necessidades. Cada pedido leva em si o motivo porque Deus deveria atendê-lo. Ele clama a Deus que o ouço por causa de sua condição necessitada, que o preserve por causa de sua natureza piedosa, que o salve por causa de suas orações contínuas e que o alegre por causa de suas devoções sinceras. Sua fé se baseia sobre o fato de Deus ser "perdoador" que demonstra misericórdia e concede perdão.

**6-10. Esperança Confiante na Resposta. Escuta . . . porque me respondes.** A majestade e o poder de Deus torna a confiança possível. Enquanto que as outras nações têm seus próprios deuses, nenhuma delas pode realizar as poderosas obras do Senhor. Sua grandeza levará finalmente essas nações a adorar Aquele que é o único Deus.

**11-17. Uma Oração Pedindo Orientação e Proteção. Ensina-me . . . dispõe-me o coração.** São os ensinamentos divinos que capacitarão o



salmista a andar na verdade. Ele deseja união de propósito para poder dignamente louvar e glorificar o nome do Senhor. Com a humildade de um escravo ou do filho de uma serva, ele pede a misericordiosa proteção divina e pede algum sinal do favor divino para com ele.

## Salmo 87. A Cidade de Deus

O salmista canta um cântico em louvor de São como centro de adoração do mundo. O estilo abrupto e severo, que identifica o salmo com oráculos proféticos, também traduz diversas frases obscuras é difíceis. O destacado universalismo aponta para o contato do autor com os profetas maiores. A menção do Egito e da Babilônia juntas como potências mundiais sugerem o período do Exílio como sendo a ocasião da composição do poema.

**1-3. As Glórias de Sião. Gloriosas coisas se têm dito de ti.** Essas glórias incluem o fato do próprio Deus ter fundado Sião, de tê-la escolhido de preferência a qualquer outro lugar habitado por israelitas e porque ela é realmente a *cidade de Deus*. Outros fatos gloriosos são mencionados nos versículos seguintes.

**4-6. Os Cidadãos de São. Lá nasceram.** Estas palavras são como um refrão neste pronunciamento profético. Os egípcios (*Raabe*), os babilônios, os filisteus, os fenícios (*Tiro*) e os etíopes, todos virão a ser cidadãos de São. A certeza deste edito está assegurada porque Deus os registrou no recenseamento das nações que "lá nasceram". O conceito da futura Jerusalém como a mãe de todos os povos desenvolveu-se em Is. 60; 66:7-13, 20, 23; e foi mencionada em Gl. 4:26 e Hb. 12:22.

**7. O Regozijo em Sião. Todas as minhas fontes são em ti.** Os músicos são instruídos a cantarem: **Todas as minhas fontes são em ti.** **Ti** é feminino, referindo-se a São. O salmista exulta ao chamar a cidade sagrada de mãe ou berço das futuras gerações de Israel. Com referência a

*ma'yan* "fontes", no sentido de esposa ou mãe, a fonte da prole, veja Pv. 5:16; Cant. 4:12, 15; Is. 48:1.

## Salmo 88. As Trevas do Desespero

Esta lamentação e oração individual completamente envolvidas em desânimo e desespero termina sem uma resposta ou mesmo um vislumbre de esperança. Embora alguns intérpretes considerem o salmo como uma continuação corporativa de porções do livro das lamentações, os aspectos pessoais são intensos demais para uma tal interpretação nacional. O salmista não pode ser localizado dentro da história, pois seus sofrimentos têm uma qualidade sem ligação alguma com o tempo.

**1, 2. Seu Apelo. *Chegue à tua presença a minha oração.*** No meio dos seus sofrimentos ele demonstra sua fé através deste apelo direto ao Senhor, Deus da minha salvação. Este não é o seu primeiro pedido a Deus mas a continuação de uma oração que começa de dia e atravessa a noite.

**3-8. Suas Queixas. *A minha vida já se abeira da morte.*** Seu problema é tão sério que ele se sente como se já estivesse para morrer. Nada lhe resta além da sepultura e do Sheol. Seu termo mais descritivo para o Sheol é a **cova** (v. 4), lugar de trevas onde os mortos são deixados fora do alcance de Deus. Parece que ele sente que o Senhor já não se lembra dele, uma vez que é considerado pertencente ao número dos mortos.

**9-12. Sua Urgência. *Dia após dia venho clamando a ti, Senhor.*** Ele tem certeza de que estará fora do alcance do auxílio de Deus quando realmente passar para o Sheol. Portanto, Deus deve agir imediatamente se pretende dar provas de Suas maravilhas, Sua bondade, fidelidade e justiça.

**13-18. Seu Desespero. *Mas eu, Senhor, clamo a ti.*** Seu pedido se torna mais apaixonado em cada exclamação. Agora, completamente desesperado, ele pergunta muitas vezes: **Por que . . . ?** Tendo orado

continuamente pedindo alívio desde a sua mocidade, resta uma única conclusão: "Tudo resulta da ira de Deus". Nada mais ele pede, mas deixa o seu fardo com o Senhor. Como difere da esperança neotestamentária da vida com Cristo. após a sepultura (cons. Fp. 1:21, 23; II Co. 5:1-8).

## **Salmo 89. Um Apelo às Promessas de Deus**

Este salmo é basicamente o lamento de um indivíduo que fala pela nação. O lamento propriamente dito está prefaciado por uma longa introdução, que consiste de um hino de louvor e um oráculo. Estes elementos divergentes têm sugerido a alguns comentaristas que esta peça é composta de dois ou três poemas originais. Embora seja possível que o autor tenha reunido poemas existentes, o assunto principal está arranjado de maneira lógica. O hino e o oráculo ambos apresentam a base deste lamento.

**1-4.** A Bondade Sem Limites de Deus. **Misericórdia . . . fidelidade . . . aliança.** Nesta linda introdução o salmista apresenta os temas que ele vai desenvolver. O Senhor tem demonstrado a sua bondade (v. 1) em Seus atos de livramento. Sua fidelidade é a garantia de Sua bondade contínua. Sua afiança fornece poder constringente àqueles importantes atributos.

**5-18.** A Incomparável Fidelidade Divina. **Pois quem nos céus é comparável ao Senhor?** A excepcionalidade divina tanto ao céu como entre os Seus santos dentro de Israel serve de justificativa diante de Deus e conforto para o povo. A referência a Raabe (v. 10) emprega um termo extraído de uma antiga lenda do Oriente Próximo que fala da vitória divina sobre o Egito no Mar Vermelho (cons. Jó 9:13; Sl. 74:13-15; 87:4; I Sm. 30:7; Is. 51:9, 10). Outras alusões são feitas aqui para intensificar a figura do poder divino na criação, sua vitória sobre toda oposição, e o seu domínio sobre o céu e a terra.

**19-37.** A Promessa que Deus jurou. **Outrora falaste em visão.** O motivo da aliança com Davi toma-se agora central, embora ainda ligada

à bondade e fidelidade divinas (cons. 24, 28, 33). O salmista primeiro fala da promessa divina feita a Davi. A antiga promessa feita à nação na qualidade de primogênito de Deus quanto a sua apreciação (Êx. 4:22) está agora focalizada sobre o rei; o epíteto do versículo 27 estende-se a toda a sucessão davídica, culminando em Jesus, o ungido de Deus (o Messias). Depois a ênfase passa, no versículo 29, para o cumprimento da promessa através da semente de Davi. Enquanto ele apela para o testemunho divino no qual jurou que a aliança permanecerá, ele reconhece que o castigo tem de vir sobre a semente de Davi por causa de sua infidelidade (vs. 30-32).

**38-51. A Aliança Divina Arruinada. Tu, porém, o repudiaste e o rejeitaste.** O enfático tu, porém marca um contraste agudo entre as promessas de Deus e a situação presente. A aliança foi anulada, os muros da cidade foram derrubados, a terra foi despojada, a batalha está perdida, e o trono abatido. O encurtamento da mocidade do rei talvez se refira a Jeoaquim, que tinha apenas dezoito anos quando foi levado prisioneiro. Depois de apresentar a presente situação angustiosa da nação, o salmista volta-se para o seu apelo no versículo 46. A transitoriedade da vida humana, o poder divino para salvar, e sua antiga bondade, tudo está ligado à afiança feita com Davi no quem refere aos motivos urra restauração imediata. Embora nenhuma esperança esteja expressa, o entusiasmo das porções anteriores sugere uma expectativa positiva de esperança.

**52. Bênção Final. Bendito seja o Senhor para sempre!** Esta bênção não é uma parte do salmo propriamente dito, mas uma doxologia acrescentada como conclusão formal ao Livro III.

## LIVRO IV. Salmos 90-106

A quarta divisão principal no Saltério é na realidade uma parte de uma coleção maior incluindo os salmos 90-150. A brecha no Salmo 106 parece ter sido feita por conveniência, uma vez que o mesmo

pensamento dominante continua no Salmo 107. Enquanto os salmos no Livro I eram principalmente pessoais e os dos Livros II e III eram generalizadamente nacionais, o restante do Saltério é basicamente litúrgico. A ênfase foi colocada sobre a adoração do povo de Deus quando de sua ação de graças e louvor de maneira conveniente para o culto no templo. Yahweh, o nome dado a Deus na aliança, é o que predomina. Aparece em cada salmo do Livro IV e está ausente apenas em dois salmos no Livro V.

### **Salmo 90. Nosso Auxílio no Passado**

Embora esta possa ser a meditação de um indivíduo, está claro o seu propósito de proferir o pedido feito por um grupo corporativo. O autor volta os olhos para um longo período da história por vir segundo o seu conceito da ira de Deus. À vista da fragilidade e brevidade da vida humana, ele roga pela restauração do favor de Deus.

**1-6.** A Vida Humana em Contraste com a Eternidade de Deus. **Senhor, tu tens sido o nosso refúgio.** O salmista começa citando sua confiança na natureza eterna de Deus (cons. Dt. 33:27). Verdadeiramente todas as gerações o têm confirmado. O Senhor é imortal; o homem é mortal. O Senhor está acima da limitação do tempo; o homem sempre está consciente do tempo. O Senhor é de eternidade à eternidade; o homem, como a relva, tem a vida curta. Os símiles dos versículos 4-6 não enfatizam só a brevidade ou fragilidade da vida, mas também a dependência humana do Eterno. O homem certamente está à disposição de Deus, retornando ao pó quando Ele ordena e sendo varrido como por uma enchente.

**7-12.** O Homem Consumido pela Ira de Deus. **Pois somos consumidos pela tua ira.** Agora o salmista interpreta a razão da transitoriedade da natureza humana e seus sofrimentos. Ele percebe a partir da história e da experiência pessoal que a face divina é como a luz do sol em seu poder de sondar as profundezas do ser humano.

Comparado com a eternidade de Deus, o período de vida de setenta ou oitenta anos parece deploravelmente curto. Além disso, este período de anos está cheio de tristeza e sofrimentos. Fora desta visão pessimista da vida parte o clamor plangente para que se conceda ensinamento e sabedoria para auxiliar um homem a discernir o verdadeiro significado da vida.

**13-17.** O Homem Busca o Favor Divino. **Volta-te, Senhor .. . Sacia-nos.** O apelo introduzido no versículo 12 continua através do poema. O escritor deseja que Deus garanta ao seu povo a felicidade na proporção dos sofrimentos que suportaram sob a Sua ira. O salmo terna com um pedido para que a beleza ou formosura (sua graça) seja a base para o Senhor preparar e estabelecer (cf. com Efésios 2:10) todas as tarefas diárias no futuro (veja, a obra de nossas mãos; cons. Dt. 2:7; 14:29; 16:15; 24:19).

## Salmo 91. A Segurança da Fé

Neste poema associado ao Salmo 90 o salmista canta um nobre hino de fé, mas ele tem também um propósito didático. O oráculo profético no final acrescenta uma nota de autoridade à confiança expressa através de todo ele. As profundezas da fé e a confiança sossegada sugerem que esta seja uma meditação individual. Contudo, seu possível uso como cântico antifonário torna-o adaptado ao uso congregacional.

**1,2.** Proteção Divina. **Meu refúgio e meu baluarte.** O escritor começa com uma poderosa apresentação do seu tema – a segurança daquele que confia completamente em Deus. **Esconderijo** é tradução melhor que *lugar secreto*, pois o seu significado faz paralelo com o conceito de **sombra**.

**3-8.** Providência Divina. **Pois ele te livrará . . . cobrir-te-á.** A idéia de proteção está ampliada para incluir os muitos atos do cuidado providencial além do livramento ativo. Por causa das referências feitas à pestilência e às doenças, muitos comentaristas tratam todo o salmo como se fosse uma polêmica contra o uso de fórmulas mágicas para repetir

demônios. Realmente, o Talmude sugere que o salmo seja usado no caso de ataques demoníacos. O **terror noturno** talvez se refira a Lilite, o demônio da noite, enquanto que **a seta ... de dia** talvez descreva os ardis dos demônios perversos. **A peste . . . nas trevas** talvez tenha afinidade com o demônio Nantar, enquanto a **mortandade ... ao meio-dia** talvez se refira a um demônio que só tinha um olho, também mencionado na tradição rabínica. Mesmo que tais idéias estivessem ausentes dos pensamentos do autor, faziam parte integrante do salmo em seu uso real entre os judeus. **O laço do passarinho** é uma referência às armadilhas feitas pelos adversários (cons. Sl. 124:7). **A peste que se propaga** é, literalmente, *morte de destruição*, talvez se referindo a uma morte violenta. O salmista estava cômico do cuidado divino nas diversas circunstâncias da vida.

**9-13. Recompensa Divina. Fizeste do Altíssimo a tua morada.** O salmista, voltando ao seu tema principal, prossegue com a idéia à recompensa mencionada no versículo 8. Assegura-se ao homem de fé que Deus enviará anjos guardiões para protegê-los das pragas e do tropeço. Satanás citou estas palavras quando tentou Jesus (Mt. 4:6; Lc. 4:10). De acordo com o Talmude, cada homem tem dois anjos que o assistem durante toda a sua vida.

**14-16. Promessa Divina. Porque a mim se apegou com amor.** A autoridade que sustenta a idéia da recompensa é fortalecida pelo oráculo divino. A promessa inclui as bênçãos do livramento, exaltação, resposta à oração, vida longa e vitória. Estas bênçãos e mais outras são prometidas àquele que ama e confia em Deus.

## Salmo 92. Um Hino de Gratidão

Um indivíduo com grande confiança no justo juízo de Deus expressa aqui sua ação de graças. Sua confiança vai além da teoria e da teologia formal, pois deriva-se de experiência pessoal. O uso do salmo como hino na guarda semanal do sábado é comprovado por antigas

fontes judias. A citação explícita, no versículo 3, dos instrumentos a serem usados mostra que provavelmente ele se destinava ao culto corporativo.

**1-4.** O Prazer do Louvor. **Bom é render graças ao Senhor, e cantar louvares.** O salmista expressa seu deleite pessoal no serviço do Templo. Após enumerar os instrumentos envolvidos, ele claramente apresenta a base do louvor público. São as maravilhosas **obras** de Deus que alegam os crentes.

**5-8.** A Soberania de Deus. **Quão grandes, Senhor, são as tuas obras.** A natureza soberana e sublime de Deus conforme expressa em Suas obras e pensamentos está colocada em contraste com a falta de compreensão do **inepto** e do **estulto**. Em comparação com a destruição certa desses homens que têm falta de percepção e compreensão, Deus permanece inabalável **eternamente**.

**9-15.** A Certeza do Juízo. **Os teus inimigos perecerão ... porém tu exaltas o meu poder.** Os inimigos do escritor são considerados novamente inimigos de Deus também. O salmista está certo que Deus dará a retribuição devida, pois ele se sente como se fosse um com o Senhor, que ele é inseparável do triunfo vingador da justa causa de Deus. Ele termina com uma linda descrição da porção feliz do justo, que foi transplantado para a casa do Senhor (v. 13). Seguindo o padrão da antiguidade, ele se regozija por causa dessa destruição certa, mas retoma rapidamente à descrição da porção feliz dos justos.

## Salmo 93. O Rei Eterno

A ênfase dada à entronização de Jeová como Rei dá a este salmo grande afinidade com o Salmo 47 e 96-99. Por causa disso, estes seis poemas são geralmente chamados de Salmos Reais ou Salmos da Entronização. Mowinckel e outros fizeram extensas pesquisas numa tentativa de reconstruírem uma verdadeira cerimônia de entronização em conexão com a celebração do Ano Novo. Estes salmos teriam significado



maior se pudéssemos comprovar que foram usados em tal cerimônia. Contudo, evidências positivas de tal prática são realmente insignificantes.

**1,2.** A Realeza Divina. **Reina o Senhor.** Estas palavras de introdução ficariam melhor traduzidas assim: *Jeová é Rei* ou *tornou-se rei*. Ele se revestiu de majestade, cingiu-se de poder e está preparado para a ação. O salmista apressa-se a declarar que o poderio do Senhor não é coisa nova, mas desde a antiguidade está firme (cons. Jz. 8:23), enquanto Deus mesmo é desde a eternidade.

**3,4.** O Poder Divino. **Mais poderoso do que o bramido das grandes águas.** É o poder de Deus que assegura a permanência e imutabilidade do Seu governo. Tempestades violentas e ondas furiosas não podem abalar Seu trono eterno. A supremacia do Senhor na criação é o que se pretende falar aqui, como também de Sua vitória sobre o poder dos pagãos.

**5.** O Governo Divino. **Fidelíssimos são os teus testemunhos.** A realeza divina e o seu poder são evidências de suas leis ou decretos morais. Permanência e imutabilidade caracterizam a santidade que Deus transmite à Sua casa.

## Salmo 94. Pedido de Vingança

Embora este lamento abranja toda a comunidade, está permeada de um profundo elemento pessoal. Alguns escritores consideram o salmo composto, mas há pouca justificação para negarmos sua unidade básica. Sua posição entre dois salmos alegres destaca-o fortemente. Embora seja possível que os opressores estrangeiros sejam os considerados, o autor está principalmente preocupado com aqueles líderes de Israel que oprimem os justos.

**1-7.** O Juiz Solicitado. **Resplandece. Exalta-te.** O salmista apela para o Senhor como o Deus das **vinganças** e **juiz da terra**, como Aquele que tem o poder de punir e o direito de retribuir. A grande questão não é

se Deus pode vingar o mal praticado, mas **até quando** será necessário esperar que Ele faça justiça.

**8-11.** Os insensatos Repreendidos. **Atendei, ó estúpidos ... e vós insensatos.** Estes dois epítetos classificam os opressores como cruéis e faltos de senso comum. O discurso direto (v. 8) insiste em que Deus está cômscio de tudo o que acontece no mundo.

**12-15.** Os Justos Vingados. **Bem-aventurado o homem.** Feliz é o homem que é educado por Deus. Ele terá forças nos dias difíceis e certeza da vindicação final.

**16-23.** O Julgamento Realizado. **Quem se levantará a meu favor, contra os perversos?** De sua experiência com Deus, o salmista responde sua própria pergunta: Deus realmente executará a vingança que ele busca (cons. v. 1).

## Salmo 95. Um Chamado para o Culto

Este salmo combina um hino e um oráculo profético para culto em grupo. A última parte tem o propósito claramente didático de lembrar aos crentes os fracassos de seus antepassados para que não incorram nos mesmos erros. A parte do hino tinha sem dúvida o propósito de servir de hino para ser cantado pela congregação reunida durante o cortejo do culto no sábado. Junto aos outros salmos deste grupo (95-100), parece ter sido composto para ser usado nos cultos do Segundo Templo.

**1, 2.** Anuncia-se o Chamado. **Vinde, cantemos.** Esta convocação era provavelmente cantada pelo coro dos levitas quando o cortejo para o Templo começava. Os crentes felizes rapidamente se lhes juntavam fazendo muito barulho e louvando exuberantemente no estilo oriental.

**3-5.** O Senhor Descrito. **Deus supremo e grande rei.** A base para a convocação dos versículos 1 e 2 está em verdadeiro estilo hínico. A grandeza de Jeová como Rei e Criador e Pastor está lindamente expressa. A ameaça de crenças estrangeiras torna necessário que se declare explicitamente a natureza de Deus em preparação para o culto.

**6,7.** O Chamado é Repetido. **Vinde, adoremos.** A procissão agora alcança os portões do templo. Os cânticos alegres cedem lugar aos atos mais solenes do culto, tais como o inclinar-se e ajoelhar-se diante de Deus. A ênfase dada à soberania de Deus sobre a Sua criação cósmica cede lugar a um lembrete feito aos crentes sobre o Seu relacionamento especial com Israel.

**8-11.** A Advertência Enunciada. **Não endureçais o vosso coração.** O lembrete do pecado de Israel no deserto serve de advertência àqueles que aguardam o momento de entrar no Templo. O **descanso** de Deus refere-se historicamente à entrada na Terra Prometida, que foi negada àqueles que duvidaram. Aqui os crentes são exortados a manterem seus corações sensíveis ao Senhor para que Ele também não os rejeite.

## Salmo 96. A Glória de Deus

Aqui está um hino de louvor que termina com uma nota escatológica. O notável universalismo que o atravessa de ponta a ponta demonstra a visão ampliada dos exilados que retornaram do cativeiro. A LXX identifica a ocasião como o tempo em que "a casa estava sendo construída depois do cativeiro". A freqüente citação de outros salmos (9, 29, 33, 40, 48, 95, 98, 105), o universalismo e o conceito da nulidade dos deuses, tudo tende a confirmar a ocasião indicado pela LXX.

**1-3.** A Missão Israelita do Louvor. **Cantai . . . anunciai entre as nações a sua glória.** Um cântico novo era necessário para a expressão do louvor de Israel pelo livramento do cativeiro. O povo é exortado a cantar a Deus e a bendizê-Lo, tornando conhecida a Sua salvação com novas explosões de louvor cada dia.

**4-6.** A Gloriosa Natureza de Deus. **Grande ... e mui digno de ser louvado.** Como no salmo anterior, o povo é exortado a louvar a Deus, porque o grande Deus é digno de grande louvor. **Glória e majestade ..., força e formosura,** embora aqui estejam personificadas, no pensamento ainda se relacionam às características de Deus.

**7-9.** O Dever do Louvor da Humanidade. **Ó família dos povos.** De acordo com a missão universal de Israel, todas as nações são chamadas para louvarem a Deus. São convidadas a prestarem o devido louvor, a trazerem suas ofertas, a entrarem nos recintos sagrados e a adorarem a Deus. Observe que devem adorar devidamente ataviadas – **na beleza da sua santidade** (vestuário sagrado) e com atitudes apropriadas – com temor ou reverência.

**10-13.** O Governo Justo de Deus. **Reina o Senhor.** A tradução literal desta frase é: *Jeová é Rei* ou *tornou-se Rei*. Talvez isto se refira à entronização cerimonial que devia fazer parte das celebrações do Ano Novo. Contudo, a ênfase principal é escatológica; Deus é representado como Rei das nações e Juiz da terra.

### Salmo 97. A Soberania de Deus

Neste hino de louvor proclama-se o princípio teocrático da realeza de Deus. Uma nota escatológica predomina na primeira metade do salmo, que então se aplica ao povo. Todo o hino talvez se destinasse como um comentário sobre o último versículo do salmo precedente, ou talvez fosse colocado na presente porção por causa do íntimo relacionamento de idéias. Embora quase cada uma de suas frases já tenha sido usada por outros escritores, a capacidade deste salmista de tecer as frases umas com as outras evidencia-se de ponta à ponta.

**1-6.** A Manifestação do Rei. **Reina o Senhor.** Novamente a idéia é esta: *“Jeová tornou-se Rei”*. Todos aqueles que se beneficiarão são convocados para se regozijarem na verdade deste domínio escatológico. Mistério e majestade impressionante caracterizam a vinda do Rei. Contudo, a justiça do governo de Deus ultrapassa toda essa impressionante exibição de poder.

**7-12.** O Efeito sobre a Humanidade. **Sejam confundidos .... se regozijem.** A manifestação de Deus como Rei torna evidente um agudo contraste. Aqueles que adoram ídolos são envergonhados, enquanto os

que adoram o Senhor ficam alegres. Com este contraste na mente, a conclusão que se segue é que Israel tem um dever especial para com Deus. Aqueles que se regozijam com a vinda do Rei devem desde agora amar o Senhor, odiar o mal, regozijar-se e dar graças.

## **Salmo 98. O Louvor de Toda a Natureza**

O Salmo 98, um hino de louvor, faz eco aos pensamentos de muitos outros salmistas. É uma parte integral da coleção que enfatiza a realeza divina (Sl. 95-99). A referência feita a Deus como rei no versículo 6 e a nota escatológica nos versículos finais são o ponto de ligação deste salmo com os precedentes. Toda a natureza está sendo aqui convocada a se juntar para proclamar os louvores devidos a Deus.

**1-3. Louvor ao Libertador. Cantai ao Senhor um cântico novo.** Este cântico novo, embora extraído de fontes anteriores, foi ocasionado por algum livramento recente. Deus fez coisas maravilhosas, concedeu a vitória e produziu o livramento. Tudo isto se baseia sobre a declaração de Sua justiça para com as nações e a lembrança de Sua misericórdia e veracidade para com Israel.

**4-6. Louvor ao Rei. Celebrai com júbilo ao Senhor . . . que é rei.** Considerando que toda a terra viu como Deus libertou Israel, todos os homens são convocados a se juntarem aos israelitas na adoração. Este é um chamado para a participação universal, de acordo com a ampla visão de Isaías 40-66.

**7-9. Louvor ao Juiz. Ruja o mar ... porque ele vem julgar a terra.** Embora esta estrofe continue com o apelo da estrofe precedente, um novo elemento foi introduzido aqui. Deus, o Rei, vem como o Juiz da terra. Considerando que toda a criação deve ser julgada, todas as coisas criadas devem se juntar ao louvor. O salmo termina com a predição de que o julgamento se caracterizará pela **justiça e eqüidade**.

## Salmo 99. A Santidade de Deus

A ênfase neste hino de louvor está sobre a natureza sublime de Deus, expressa por Sua santidade. Embora o hino se baseie no conceito da realeza divina, este salmo apresenta menos o fator escatológico que os quatro precedentes. O refrão nos versículos 3, 5 e 9 expressa fortemente o ensino distintivo da santidade de Deus.

**1-3.** O Deus Santo é Soberano. **Reina o Senhor.** Novamente a tradução deveria ser: *Jeová é Rei* ou *tornou-se Rei*. Deus é descrito entronizado sobre o propiciatório, entre os querubins, o lugar de Sua manifestação terrena no Templo. Ele também está representado tomando o lugar no Seu trono terrestre em Sião, um conceito que relaciona este salmo explicitamente com uma celebração de entronização. Tal manifestação do Eterno provoca o temor do homem e da natureza, mas resulta em louvor ao Seu nome.

**4, 5.** O Deus Santo é Justo. **Justiça . . . eqüidade ... juízo.** Além de Deus ser soberano no Seu governo mundial, Ele também é justo em Seu julgamento dos homens. Ele não empunha o Seu poder arbitrariamente mas de acordo com Sua natureza justa e reta. Novamente, esta justiça está resumida nas palavras do refrão, **ele é santo**.

**6,9.** O Deus Santo é Fiel. (Eles) **clamavam ... ele os ouvia**. Moisés, Arão e Samuel são citados como grandes intercessores do passado. Esta é a única passagem do V.T. onde Moisés está classificado como sacerdote, embora ele exercesse algumas funções sacerdotais e tivesse acesso ao Tabernáculo. Embora Deus atendesse as orações desses gigantes espirituais de Israel, ele ainda achou necessário punir o Seu povo por causa da persistente prática do mal. O chamado final para exaltação e adoração ocasionado pela fidelidade do Senhor baseia-se em Sua santidade.

## **Salmo 100. Os Pontos Essenciais do Culto**

Um chamado duplo para o culto caracteriza este curto mas eloquente hino de louvor. O salmo foi sem dúvida usado como hino processional e parece que foi escrito com este propósito. Os versículos 3 e 5 fazem uma declaração concha da doutrina do Judaísmo.

**1-3. Uma Procissão Cheia de Alegria. Celebrai com júbilo ao Senhor.** Este primeiro chamado para o culto pode muito bem ter sido cantado por um coro fora dos recintos do Templo. O fundamento elementar dessa adoração é o conhecimento de Deus; isto é, um reconhecimento de que o Senhor é Deus, Criador e Pastor do Seu povo, Israel. E este conhecimento conduz ao louvor cheio de alegria, expresso em cânticos.

**4, 5. Uma Entrada Cheia de Gratidão. Entrai por suas portas com ação de graça.** Este segundo chamado para o culto talvez fosse o convite feito por um coro dentro dos recintos do Templo. Os crentes, aproximando-se das portas, eram convidados a continuarem o seu culto entrando por elas e, então, nos átrios. Os fundamentos elementares seguintes são a ação de graças, louvor, oração e conhecimento adicional do caráter de Deus. Os atributos divinos de bondade, amor e fidelidade devem ser reconhecidos pelos crentes em qualquer período de tempo.

## **Salmo 101. Um Código Real de Ética**

Isto fica melhor classificado como salmo real uma vez que é uma declaração de princípios pelos quais o governante pretende reinar. Estes princípios, ou resoluções, são expressos na forma de promessas feitas a Deus e portanto dirigidas a Ele. Embora nenhum rei seja mencionado no corpo do salmo, a nobreza de expressão certamente se encaixa à personalidade e caráter de Davi. Como ideal de realaleza, poderia ter sido usado por muitos governantes em Israel, fosse qual fosse a ocasião de sua composição.

**1-4. Resoluções Pessoais. Cantarei a bondade e a justiça.** Os princípios mentores da misericórdia e juízo formam a base para as resoluções. Depois de declarar sua determinação de preferir o caminho da retidão e integridade, o autor enuncia seu anseio por uma comunhão mais íntima com Deus. Ele resolve abster-se da maldade e da apostasia. Além de odiar a obra dos apóstatas, ele também se recusa a tomar conhecimento ou aninhar qualquer pensamento mau (v. 4).

**5-8. Intenções Oficiais. Ao que às ocultas calunia ... a esse destruirei.** De acordo com os princípios mentores de misericórdia e juízo, o autor apresenta suas intenções, e que tipo de pessoas ele pretende favorecer e a que tipo ele evitará ou destruirá. Só os fiéis e aqueles que andam em integridade conhecerão o seu favor. Os caluniadores e aqueles que fazem o mal ele os destruirá, e negará seu favor aos orgulhosos, aos enganadores e aos mentirosos. Fazendo assim ele purificará a corte real, a cidade real – Jerusalém e toda a terra.

## **Salmo 102. Uma Oração Pedindo Auxílio**

Embora basicamente seja a lamentação de um indivíduo, este salmo tem também um elemento corporativo. Por causa disso, os comentaristas dividem-se quanto à sua intenção original. Um apelo distintamente pessoal está seguido de uma intercessão pela nação. Então o salmista reverte aos seus próprios problemas novamente, enfrentando-os à luz de sua esperança confiante em benefício da nação.

**1-11. O Sofrimento do Salmista. Ouve, Senhor, a minha súplica.** O profundo Senso de urgência do salmista torna este clamor especialmente comovedor. Ele precisa de resposta imediata. Ele está sofrendo de uma enfermidade que produziu ansiedade mental e seus inimigos se aproveitaram de sua condição. Todo este sofrimento, ele crê, deve-se à ira de Deus.

**12-22. A Restauração da Nação. Tu, porém, Senhor, permaneces para sempre.** Em contraste com a natureza transitória do salmista (v.



11), Deus permanece. A restauração de Sião se baseia nesta verdade. A sugestão de alguns que esta seção seja um salmo separado inserido aqui pelo compilador não tem apoio. Está evidente que a solução do problema do autor está intimamente ligada com a solução do problema da nação (cons. vs. 12, 26, 27).

**23-28.** A Certeza do Salmista. **Eles perecerão, mas tu permaneces.** Embora o autor volte novamente para seus sofrimentos e fraquezas, ele recebe conforto da esperança que a nação tem no Senhor. Mesmo quando toda a criação já tiver desaparecido, Deus permanecerá. Os versículos 25:27 referem-se a Cristo, o Senhor, em Hb. 1:10-12 (cons. Hb. 13:8). Nesse meio tempo, Sua eternidade garante a libertação e a permanência do povo do salmista.

### **Salmo 103. Um Hino de Louvor com Ação de Graças**

Este hino de louvor é sem par em toda a literatura mundial. Parece ser a expressão de um indivíduo, embora alguns comentaristas encontrem nele uma voz corporativa. O salmista procura em primeiro lugar avivar o seu próprio espírito para oferecer louvores e ação de graças a Deus, e depois o espírito dos outros. Suas palavras saio desprovidas de tristeza, queixumes ou dor. O modo de expressar-se e a profundidade da penetração são notáveis para alguém que tenha vivido antes da vinda de Cristo.

**1-5.** Louvor Por Causa de Bênçãos Pessoais. **Bendize, ó minha alma, ao Senhor.** Em primeiro lugar o salmista faz uma exortação a si mesmo. No termo traduzido por **alma** (*nepesh*) como também na expressão paralela – **tudo o que há em mim**, ele se refere a todo o seu ser. Agora ele induz seu ser interior a se lembrar e contar as muitas bênçãos. Observe a força dos verbos – perdoa, sara, redime, coroa, satisfaz e renova.

**6-10.** Louvor Por Causa de Bênçãos Nacionais. **O Senhor faz justiça, e julga.** Deus não é apenas reto e justo em si mesmo, mas Ele se

ocupa ativamente em atos de retidão e justiça em prol das pessoas oprimidas. Exatamente como o Senhor tem coroado o salmista com **graça** (*hesed*, v. 4), ele se comprovou, na história de Israel, ser **misericordioso e compassivo**. Isto se vê melhor em Sua lentidão para irar-se e punir o Seu povo menos severamente do que ele merece.

**11-14.** Louvor Por Causa do Amor Perdoador. **Assim é grande a sua misericórdia.** Com ilustração após ilustração, o salmista procura transmitir uma descrição adequada da bondade de Deus. Ele não sabe qual a distância entre a terra e o céu, mas sabe que nem mesmo essa vastidão poderia conter a misericórdia divina. Ele não sabe qual a distância entre o leste e o oeste, mas sabe que o amor de Deus removeu os nossos pecados para mais longe ainda. A mais linda e íntima ilustração é a de Deus como Pai que se compadece do homem em sua fraqueza e fragilidade.

**15-18.** Louvor Por Causa do Amor Eterno. **De eternidade a eternidade.** A continuidade da bondade de Deus permanece no mais vivo contraste possível com a transitoriedade humana. A extensão dessa bondade para com o homem está condicionada pela reação do homem diante da aliança e dos mandamentos de Deus numa atitude própria de temor e reverência.

**19-22.** Chamado para o Louvor Universal. **Bendizei ao Senhor todos os seus anjos . . . exércitos . . . ministros.** Depois de declarar o princípio da realeza divina, o salmista convoca todo o universo a louvar em coro. O propósito do louvor é declarar todas as suas obras em todos os lugares, tanto nos céus como na terra. O salmista termina tomando o seu lugar na antena eterna.

## Salmo 104. O Poder Criativo de Deus

Aqui está um hino de louvor parecido sob certos aspectos com o anterior. As frases introdutórias e conclusivas dos dois salmos são quase idênticas, estabelecendo uma atitude de ação de graças e louvor.

Enquanto o hino anterior enfatizava o relacionamento divino histórico, este descreve o relacionamento de Deus com a criação. Oferece paralelo com o pensamento persa, babilônio e egípcio (com. "Hino a Atenas", ANET, pág. 369-371). Ainda mais importantes são os paralelos com Gênesis 1 e Jó 38-41.

**1-4.** A Grandeza de Deus na Criação. **Como tu és magnificente.** Depois de convocar todo o seu ser para o louvor, o salmista descreve o Senhor revestido com a maravilhosa majestade de Sua criação. Na Sua roupa há luz; os céus se estendem como um dossel; Sua habitação está sustentada por colunas; nuvens, vento e anjos são criados para Seu uso.

**5-9.** Como Deus Formou a Terra. **Os fundamentos da terra.** Os conceitos de cosmologia do Oriente Próximo estão evidentes aqui como em todo o salmo. A terra está firmemente estabelecida em **suas bases** ou colunas (v. 5); montanhas e vales foram formados; os mares foram divididos e fixados nos seus limites.

**10-18.** A Provisão de Deus para Suas Criaturas. **Fazes rebentar fontes.** Uma das maiores necessidades da antiga Palestina era o fornecimento de água. O salmista louva a Deus pela provisão das fontes e da chuva de modo que todas as formas de vida, animal e vegetal, podem ser mantidas. Ele O louva também pelas bênçãos do alimento, vinho, azeite, árvores, colinas e rochas.

**19-23.** Deus Ordena a Formação dos Céus. **A lua ... o sol.** Estes dois corpos celestes foram destacados para a atenção porque são indispensáveis no ordenamento das estações e dos dias. Enquanto os animais selvagens lutam nas trevas, o homem trabalha principalmente nas horas iluminadas pelo dia.

**24-30.** A Providência Divina. **Todas com sabedoria as fizeste.** O salmista faz uma pausa maravilhando-se diante da sabedoria divina exibida em toda a maravilhosa criação de Deus. As maravilhas do mar e os mistérios da vida são destacados como ilustrações da providência de Deus.

**31-35.** Louvando a Glória de Deus. **A glória do Senhor seja para sempre.** O salmista faz voto de cantar louvores a Deus durante toda a sua vida. Seu desejo de erradicação do mal está de acordo com seu conceito da bondade da criação divina (cons. Gn. 1).

### **Salmo 105. As Maravilhas do Passado**

Novamente o salmista canta um hino de louvor, desta vez enfatizando os maravilhosos atos de Deus dentro do relacionamento da aliança. Os salmos 105 e 106 são obras complementares e em ambos a história é pesquisada. No primeiro, enfatiza-se os atos divinos; no último, os atos da desobediência de Israel foram citados. Ambos os poemas têm afinidade com o salmo 78, no qual os dois temas foram entretecidos.

**1-6.** O Chamado para a Ação de Graças. **Rendei graças . . . invocai . . . cantai . . . narraí . . . gloriái . . . alegre-se . . . buscai . . . lembrai.** As instruções detalhadas do salmista revelam o que significa louvar o Senhor. Está claro que o hino foi criado com propósito de uso congregacional.

**7-15.** A Aliança com os Patriarcas. **Lembra-se perpetuamente da sua aliança.** O aspecto especial da aliança que foi destacado é a promessa de que Canaã seria a herança de Israel. O restante do salmo demonstra o resultado deste aspecto da aliança. Observe o uso fora do comum de **meus ungidos** e **meus profetas** referindo-se aos patriarcas.

**16-25.** As Experiências da Peregrinação. **Fez vir fome.** Também fora do comum é esta referência a Deus como causa direta da fome que levou a família israelita para o Egito. O salmista está primeiramente enfatizando a parte de Deus em tudo o que aconteceu: Fez vir uma fome, enviou um homem (José), experimentou-o, permitiu que assumisse o poder, fez aumentar o seu povo, provocou o ódio dos egípcios contra Israel. De acordo com a idéia generalizada do V.T, o salmista ignora causas secundárias.

**26-38.** O Livramento do Egito. **E lhes enviou Moisés . . . e Arão.** O escritor coloca ênfase especial sobre as pragas como sinais do poder de Deus. Ele coloca a nona praga no alto da lista, invertendo a ordem da terceira e quarta, e omite a quinta e a sexta.

**39-45.** A Realização da Promessa. **Porque estava lembrado da sua santa palavra.** Depois de recordar-se de como Deus guiou Israel no deserto, o salmista tira sua conclusão : Cada um dos maravilhosos atos de Deus foi realizado porque o Senhor se lembrou de cumprir Sua promessa, pela primeira vez feita a Abraão. O clímax é atingido no cumprimento da promessa através da qual Canaã, as terras das nações, com todos os frutos do trabalho prévio, deveria pertencer a Israel.

### **Salmo 106. A Natureza Paciente de Deus**

A contínua rebeldia de Israel está enfatizada nesta seqüência ao Salmo 105. Embora começando como um hino (vs. 1-5), o poema continua como uma lamentação ou confissão nacional. A tristeza do lamento está contrabalançada, até um certo degrau, pelo quadro da misericórdia paciente de Deus ao tratar com o seu povo.

**1-6.** Louvor e Confissão. **Rendei graças ... Pecamos.** À moda de um hino o autor solta uma exclamação de louvor, seguida por uma expressão de beatitude, uma oração pessoal e uma confissão de pecado nacional. Observe que a presente geração está incluída entre as gerações do passado.

**7-33.** Murmuração e Desobediência. **Nossos pais ... não atentaram.** Aqui, coisa freqüente nos Salmos, o Êxodo e o período da peregrinação através do deserto fornece ilustrações de como os filhos de Israel interpretaram mal Deus. Murmuraram por causa da comida (vs. 13-15); rebelaram-se contra Moisés e Arão (vs. 16-18); apostataram fazendo o bezerro de ouro (vs. 19-23); recusaram-se a aceitar a liderança divina no incidente dos espias (vs. 24-27); juntaram-se ao culto moabita (vs. 28-31); e envolveram Moisés em suas murmurações em Meribá (vs. 32, 33).

**34-36. Apostasia e Infidelidade. Assim se contaminaram com as suas obras.** Em contraste com a fidelidade de Deus, comprovada pelas obras maravilhosas que Ele realizou em benefício de Israel, Seu povo comprovou-se repetidas vezes infiel depois de entrar em Canaã. Misturando-se com os habitantes da terra, os israelitas aprenderam novas modalidades de pecado. Além de servirem aos ídolos, participaram da abominação dos sacrifícios humanos. Apesar da compaixão de Deus, o castigo tomou-se necessário repetidas vezes.

**47, 48. Oração e Doxologia. Salva-nos ... Bendito seja o Senhor.** A longa confissão leva a um pedido de misericórdia e restauração. A doxologia parece ser parte integral do salmo, enquanto serve também de doxologia conclusiva para o Livro IV.

## **LIVRO V. Salmos 107-150**

O quinto livro da divisão quártupla inclui diversas coleções menores ou grupos de salmos. Os Salmos dos Degraus (120-134) e os Salmos das Aleluias (111-113, 105-117, 146-150) são evidentemente os núcleos em cujo redor outros salmos foram agrupados. Antes da divisão quártupla, havia provavelmente um arranjo triplo no qual os Livros IV e V constituíam uma grande coleção. Um propósito litúrgico global está evidente de ponta à ponta, resultando em um profundo senso de culto público, que culmina nas palavras finais do Salmo 150: "Todo ser que respira louve ao Senhor. Aleluia!"

### **Salmo 107. A Canção dos Redimidos**

Os Salmos 105, 106 e 107 constituem uma trilogia de louvor e ação de graças, apesar da divisão do livro aqui. O caráter diverso dos versículos 33-42 tem sugerido a muitos que esta passagem foi acrescentada más tarde. As diferenças em conteúdo e estilo tornam esta sugestão plausível embora não obrigatória.

**1-3.** Chamado à Ação de Graças. **Rendei graças ao Senhor.** Os recipientes deste chamado são os remidos do Senhor. Isaías 62:12 usa este termo em relação aos cativos que retomam da Babilônia, mas um uso mais amplo do termo seria possível.

**4-32.** Os Motivos da Ação de Graças. **Andaram errantes ... clamaram ao Senhor . . . Conduziu-os.** O salmista usa quatro ilustrações vivas do livramento efetuado por Deus para reforçar seu chamado à ação de graças. Após cada incidente ele repete o chamado na forma de uma interjeição. Este refrão quádruplo mantém o tema central da ação de graças. O cuidado divino pelos viajantes perdidos (vs. 4-9), pelos cativos (vs. 10-16), pelos doentes (vs. 17-22) e pelos navegantes (vs. 23-32) exige que se recorde isso com ação de graças. Em cada exemplo, o autor descreve a condição desamparada dos que se encontram em dificuldades, seu clamor a Deus e o livramento que lhe dá.

**33-42.** A Providência de Deus. **Ele converteu rios em desertos ... e a terra seca em mananciais.** Estes versículos descrevem as bênçãos e as maldições visíveis no governo divino da natureza e da humanidade. Servem de conclusão geral extraída de situações mais particularizadas descritas nos versículos 4-32. Contudo, as frustrações dadas são bastante diferentes daquelas das passagens anteriores. Este fato, mais a falta de qualquer nota de ação de graças, o propósito didático, a ênfase colocada sobre a sabedoria no versículo final, e a falta de qualquer refrão, certamente sugere que estes versículos destinavam-se a ocasiões diferentes.

## **Salmo 108. Um Oração Pedindo o Auxílio Divino**

Neste salmo estão combinados um hino e um lamento, ambos encontrados em outros salmos. Os versículos 1-5 também aparecem no Sl. 57:7-11, enquanto os versículos 6-13 se encontram no Sl. 60:5-12 com apenas algumas variações menos importantes. Considerando que o nome **Jeová** foi usado no versículo 3 e não o *Adonay* do Salmo 57, o

presente salmista sem dúvida extraiu o seu material das duas obras anteriores. Talvez a combinação fosse feita para atender às necessidades de uma nova situação histórica. (Cons. os anteriormente mencionados salmos quanto à comentários mais extensos.)

## Salmo 109. Um Pedido de Vingança

Contrariando o ponto de vista de alguns comentaristas, este salmo é claramente um lamento individual e não a voz da nação. O caráter pessoal de pensamento e expressão é forte demais para significado corporativo. As imprecações dos versículos 9-20 tornam o poema inadaptável para propósitos de culto. A teoria de alguns intérpretes de que estas imprecações são as zombarias dos inimigos do salmista não é convincente. Há uma indignação justificada contra o mal (cons. Mt. 23:13 e segs.); e o salmista tem a certeza de que Sem inimigos são inimigos de Deus.

**1-5.** Seu Pedido de Ajuda. **Não te cales.** Em uma declaração severa o escritor faz o seu apelo, e imediatamente começa a enunciar sua queixa. Seus inimigos estiveram extremamente loquazes enquanto Deus esteve silente. Eles o difamaram injustamente **com mentirosa língua**. Eles retribuíram seu amor e bondade com ódio e maldade.

**6-20.** Seu Pedido de Retribuição. **Seja condenado.** O salmista imagina um tribunal no qual um homem ímpio está para ser julgado. O orador apresenta os detalhes da sentença que o acusado merece. À morte do acusado alguém tomará o seu lugar e muitas dificuldades advirão a sua esposa e filhos. Pior que o desejo do orador com referência à morte do seu inimigo é o seu desejo de que a família do seu inimigo seja exterminada e que o nome do chefe seja esquecido dentro de uma geração. No versículo 20, todos os adversários do orador são incluídos nas imprecações precedentes.

**21-31.** Sua Oração Pedindo Livramento. **Mas tu ... age por mim ... livra-me.** O salmista ora pedindo que Deus tenha misericórdia dele em



sua condição angustiosa e necessitada, e que o vingue, para que seus inimigos percebam que a mão de Deus o livrou. Depois de outra explosão de imprecações, ele termina com uma promessa confiante de que terá oportunidade de louvar a Deus por ter sua oração atendida.

## Salmo 110. A Promessa de Vitória e Domínio

Este é apropriadamente um salmo real com nuances messiânicas através de todo ele. O salmista enuncia um oráculo divino com a autoridade de um profeta. Ele dirige o oráculo ao seu rei e lhe dá certeza de vitória. Homens desde Abraão até Simão do período dos Macabeus têm sido sugeridos como os recipientes históricos da mensagem. Contudo o uso que Jesus fez do versículo 1 autoriza-nos claramente a descobrirmos aqui um significado mais amplo do que o significado básico do salmo na história do V.T. (cons. Mt. 22:41-45).

**1-4. O Oráculo do Senhor. Disse o Senhor.** O termo usado é uma fórmula profética: "Oráculo do Senhor". Não foi empregado em nenhum outro lugar do Saltério, mas foi freqüentemente -usado pelos profetas. Enquanto alguns comentaristas limitam a extensão do oráculo ao versículo 1, parece melhor estendê-lo até o versículo 4. O rei messiânico recebe ordem de ocupar a posição da mais alta honra e partilhar do governo divino até que seus inimigos sejam completamente dominados (cons. Js. 10:24; I Reis 5:3). A expressão **debaixo dos pés** é usada por Davi (I Cr. 28:2). O rei governa de Sião e todos os inimigos se lhe submetem. O oráculo é dirigido **a meu Senhor** (*'Adonî*), um título de respeito usado para com um rei ou superior. Este rei deve ser honrado e protegido por bênção divina. Seu governo deve ser universal. Seus súditos devem se lhe submeter voluntariamente. Tudo isto é confirmado pelo uso de um juramento profético declarando o sacerdócio do rei mediante indicação divina. O governante messiânico ocupa um cargo tanto sacerdotal quanto real. Nisto ele está comparado com

Melquisedeque, o rei-sacerdote de Salém (Gn. 14:18), cujo ministério tipificou o de Jesus (cons. Hb. 6:20 – 7:24).

**5-7.** A Vitória do Rei Sacerdote. **O Senhor, à tua direita.** A cena muda agora para o campo de batalha, onde o Senhor à direita de Jeová destruirá todos os seus inimigos. A linguagem viva e os tempos perfeitos proféticos têm a intenção de mostrar claramente a totalidade da vitória. O assunto muda no versículo 7, para o rei ungido, cuja cabeça se erguerá em triunfo. A freqüente aplicação neotestamentária deste salmo a Cristo dá-lhe importância especial para o intérprete cristão.

## Salmo 111. As Maravilhosas Obras de Deus

Aqui está um hino de louvor cuidadosamente preparado como um acróstico. As vinte e duas curtas linhas começam com sucessivas letras do alfabeto hebraico. Embora isto sirva de excelente artifício mnemônico, restringe grandemente a escolha das palavras para cada linha. Este hino está intimamente ligado ao Salmo 112 na forma, linguagem e assunto principal. Os dois salmos introduzem a coleção do *Hallel*, o qual propriamente dito começa com o Salmo 113.

**1.** A Anunciação do Louvor. **Renderei graças ao Senhor.** O salmista declara sua intenção de louvar a Deus de todo o coração como ato de adoração pública. Isto provavelmente significa que a mensagem foi transmitida nos cultos do templo por uma voz de solo.

**2-4.** A Grandeza das Obras de Deus. **Grandes são as obras do Senhor ... glória e majestade.** Assim o autor descreve as obras divinas em geral, depois fala da justiça eterna do Senhor, Sua graça e compaixão, atributos esses revelados de maneira mais completa em Seus poderosos atos. Observe que o homem reage às evidências da obra de Deus, buscando outras evidências e recordando as obras já realizadas.

**5-9.** A Veracidade do Cuidado Divino. **As obras de Suas mãos são verdade e justiça.** A provisão divina do maná e das codornizes demonstrou que Ele tem consciência da aliança. Suas obras na conquista

de Canaã comprovaram Sua intenção de cumprir a promessa da aliança feita com Abraão. A **verdade** das obras divinas fez-se conhecida através de Sua fidelidade.

**10.** O Começo da Sabedoria. **O temor do Senhor.** O salmo termina com uma máxima familiar aos escritores da Sabedoria. Este tipo de temor entende-se melhor como *reverência* e *respeito* que permeiam todos os setores da vida. É o começo da verdadeira religião quando seguido de visão interior e entendimento. É também a consumação, pois nunca se substitui na verdadeira expressão religiosa.

### Salmo 112. O Retrato do Homem Justo

O pensamento conclusivo do Salmo 111 desenvolve-se aqui de modo mais completo, de acordo com a ênfase da literatura da Sabedoria. Enquanto o 111 declara as obras maravilhosas de Deus, o 112 descreve o homem justo que já aprendeu o que significa o temor de Deus. Em sua construção acróstica como também no seu assunto principal, este salmo didático é companheiro do precedente.

**1-3.** Sua Bem-aventurança. **Bem-aventurado o homem.** Em linguagem que faz lembrar o Sl. 1:1, apresenta-se a felicidade do homem temente a Deus. Um homem que teme ao Senhor naturalmente encontra prazer na guarda dos mandamentos divinos. Seus filhos vêm a ser os herdeiros de suas bênçãos espirituais e materiais. Observe que a frase, **sua justiça permanece para sempre**, aplica-se a Deus no salmo precedente.

**4-6.** Seu Caráter. **Benigno, misericordioso e justo.** Estes termos são também usados no Salmo 111 na descrição que o autor faz de Deus. Esta é uma aplicação da verdade eterna que declara que um homem devoto torna-se cada vez mais igual ao objeto de sua adoração. Sua prosperidade será duradoura e ó seu nome grandemente lembrado por causa do seu caráter piedoso.

## Salmo 113. A Condescendência Divina

Este hino de louvor é o primeiro salmo de uma coleção conhecida no Talmude como "O Halel do Egito". A designação vem de um repetido uso da exclamação hebraica **Aleluia (Louvai ao Senhor)** e da referência ao Êxodo em 114:1. Esta coleção (113-118) foi incluída no culto judaico em ocasiões festivas.

**1-3. Louvor ao Seu Nome. Louvai o nome do Senhor.** O salmista começa com um apelo feito aos servos ou adoradores do Senhor. Com **nome** o escritor quer se referir não a uma simples invocação, mas ao caráter da natureza revelada de Deus e a manifestação de Sua pessoa. Observe que o louvor deve ser infinito (v. 2) e universal (v. 3).

**4-6. Louvor por Sua Incomparabilidade. Quem há semelhante ao Senhor?** A natureza incomparável do Senhor está descrita sob o aspecto de Sua transcendência e Sua imanência. Estes dois aspectos não são apresentados em contraste mas quando examinados complementam-se. Embora supremo sobre as nações da terra e os exércitos dos céus, Deus condescende em considerar as necessidades da humanidade.

**7-9. Ilustrações de Sua Condescendência. Ele ergue ... o necessitado.** O elemento da condescendência divina, apresentado pelo salmista no versículo 6, merece uma ilustração. O **desvalido**, o **necessitado** e a **mulher estéril** são destacados como os beneficiários da providência divina especial. Esses exemplos são citados como representativos de todos os generosos feitos divinos para com os filhos dos homens.

**7-10. Sua Permanência. O seu coração é firme.** Sua total confiança em Deus proporciona um senso de estabilidade que os ímpios não conhecem. A verdade que a sua justiça permanece para sempre destaca-se em agudo contraste com o destino dos ímpios.

## Salmo 114. A Maravilha do Êxodo

O poder da poesia hebraica foi representada da melhor maneira possível por este poema lírico. A expressão severa, a vivacidade dramática, o excelente paralelismo e o imaginativo exagero destacam o salmo como obra prima poética. O arranjo do material, em quatro estrofes de dois versículos cada, acrescenta equilíbrio à expressão elevada do poema. O "Aleluia" final do Salmo 113 sem dúvida estava no começo deste salmo, conforme comprovado pela LXX.

**1, 2.** O Nascimento de Israel. **Quando saiu Israel do Egito.** Em linguagem concisa, o salmista apresenta o seu tema como sendo o Êxodo e a subsequente colonização de Canaã. Deus tirou o Seu povo de uma terra de língua estranha e o levou para o seu lar. A referência paralela a Judá e Israel aponta para um período quando o Templo era o centro do culto e a área do norte era considerada como parte do domínio divino.

**3-6.** O Efeito sobre a Natureza. **O mar viu isso, e fugiu.** Com imaginação poética, o salmista descreve o efeito das obras divinas sobre a natureza. O **mar**, o **Jordão**, os **montes** e as **colinas** foram testemunhas do Seu poder em vencer todos os obstáculos que ameaçavam impedir todo o progresso de Israel. As declarações dos versículos 3, 4 transformaram-se em interrogações – Por quê? nos versículos 5, 6. As respostas estão claramente implícitas na ênfase posterior à impressionabilidade do poder de Deus.

**7,8.** A Advertência da Natureza. **Estremece, ó terra.** O reconhecimento dos maravilhosos atos de Deus e o efeito de Sua presença devia fazer toda a criação tremer. A conclusão a ser tirada é que exatamente como Deus produziu água no deserto, proverá pelas necessidades do Seu povo.

## Salmo 115. Glória ao Seu Nome

Este salmo é basicamente um hino de louvor apropriado para o uso no culto do templo. A presença de uma lamentação (vs. 1, 2) não nulifica as qualidades hínicas, nus fornece base histórica para sua composição original. Que ele era usado no culto das celebrações festivas é sabido de várias fontes. Na verdade, os Salmos 115-118 eram contados no final da refeição da Páscoa, exatamente antes dos crentes retornarem aos seus lares. O hino parece ter sido ordinariamente destinado para uso antifonário.

**1-8. Um Contraste de Poder. O nosso Deus . . . os ídolos deles.** A idéia principal do salmo vê-se na pergunta dos inimigos gentios de Israel, **onde está o Deus deles?** Ao pedir ajuda, o salmista não busca a glória de sua nação mas o reconhecimento da parte dos pagãos da glória devida ao nome de Jeová. Os ídolos impotentes e seus débeis adoradores contrastam vivamente com o poder e a glória de Deus.

**9-11. Uma Exortação à Confiança. Israel confia no Senhor.** Este apelo triplo para que haja confiança era provavelmente enunciado por um sacerdote; e muito provavelmente um coral respondia logo a seguir a cada apelo. A nação, os sacerdotes, e os devotos que temiam a Deus eram os destinatários do apelo, cada grupo em sua vez.

**12-15. Uma Certeza de Bênçãos.** De nós se tem lembrado o Senhor. A lembrança das anteriores bênçãos divinas dão a certeza do presente e do futuro. Observe que as bênçãos são garantidas para cada um dos grupos destacados na exortação anterior.

**16-18. Um Coro de Louvor. Nós, porém, bendiremos o Senhor ... para sempre.** O Senhor que criou os céus e a terra reservou os céus para o Seu domínio. Ao homem ele concedeu a terra e o direito de louvá-lo aqui e agora. Na opinião da maioria dos escritores, a morte acaba com a possibilidade de adoração posterior. Eis o motivo da urgência da exortação: **Louvai ao Senhor.**

## **Salmo 116. Um Hino de Ação de Graças Pessoal**

Este hino de ação de graças é destacadamente pessoal do começo ao fim. O seu uso nesta coleção do Hallel em relação com as festas principais provavelmente indicam que estava associado com o pagamento de votos individuais. A LXX divide este salmo em dois poemas separados, fazendo uma divisão depois do versículo 9. A presença de freqüentes expressões em aramaico aponta para um cenário pós-exílico.

**1-11.** Louvor por Livramento. **Amo o Senhor, porque.** Das profundezas dos problemas e da enfermidade o salmista clamou e o Senhor atendeu. Desta experiência de oração respondida, ele veio a saber que Deus é **compassivo, justo e misericordioso**. Agora ele sabe por experiência que Deus preserva, ajuda, é generoso e liberta. No meio de sua exultação ele se lembra que mesmo anteriormente apegou-se à sua fé quando ainda dizia: "Estive sobremodo aflito" (v. 10). Em sua consternação ou alarme ele dizia: "Todo homem é mentiroso", isto é, enganador porque não cumpre suas promessas de ajuda. Ao citar o Sl. 31:22 no versículo 11 provavelmente quer indicar que já aprendeu a descansar em Deus diante da fragilidade humana.

**12-19.** Expressões de Gratidão. **Que darei ao Senhor?** A percepção que o orador tem das bênçãos divinas dá lugar ao seu desejo de uma expressão mais concreta de gratidão. Ele promete oferecer uma libação (**tomarei o cálice da salvação**), adoração (**invocarei o nome do Senhor**), pagar votos e oferecer um sacrifício de ação de graças. Esta não é a ordem costumeira para tais sacrifícios e ofertas. A humildade do salmista e o senso de dedicação se vêem no versículo 16. Como um servo, sim, como um servo de confiança (**filho da tua serva**), ele expressa sua dependência de Deus.

### **Salmo 117. Uma Exclamação de Louvor**

Este é o hino de louvor mais curto registrado no Saltério. Em algum MSS ele está ligado ao poema precedente e em outro MSS, ao seguinte.

Contudo, tanto o Texto Hebraico como a LXX o tratam como uma entidade à parte. Os dois versículos contêm um ato de louvor completo. O primeiro versículo, empregando um paralelismo estrito de forma, apresentam um chamado universal para o louvor. O versículo segundo, que tem a forma semelhante, completa o chamado expressando os motivos do louvor. Verdadeiramente universal, o chamado inclui todas as nações e todos os povos. O conceito de Deus é igualmente grandioso, conforme Sua misericórdia e verdade são destacadas.

### **Salmo 118. Ação de Graças por um Livramento**

Como processional e jubilante expressão de ação de graças, este hino de louvor serve de conclusão exata para a coleção do Hallel. Explicitamente indicado para uso antifonário, emprega vozes de solo, coros e refrões congregacionais. Os versículos 5-21 são inteiramente individualistas no conteúdo, sugerindo que os versículos 1-4 e 22 e segs. foram acrescentados para adaptar o salmo original ao uso coletivo.

**1-4.** A Invocação ao Louvor. **Rendei graças ao Senhor.** Este chamado para ação de graças e louvor era o sinal para o início da procissão que se dirigia para o Templo. O líder ou sacerdote apresentava o chamado, enquanto um coro ou a congregação respondia com o refrão. Observe que a mesma divisão tripla se encontra também no Sl. 115:9-11 (Israel, casa de Arão e os que temem a Deus), enquanto o refrão vem do Salmo 136.

**5-21.** O Livramento Divino. **Invoquei o Senhor, e o Senhor me ouviu.** O tema através desta passagem é de regozijo porque Deus concedeu o livramento e a vitória. Em seu uso real, esta passagem, por causa de sua natureza individual, exigia uma voz de solo. A voz representava a nação personificada de modo geral e os crentes reunidos particularmente. Com os versículos 19-21, a procissão sem dúvida alcançava os portões do templo e pediam entrada.



**22-29.** A Aplicação do Culto. Isto procede do Senhor. Estes versículos contêm muitas palavras bastante conhecidas por causa de sua aplicação neotestamentária. O versículo 22, descrevendo a principal pedra de esquina, era provavelmente um provérbio daquele tempo referindo-se a Israel, rejeitado pelos grandes edificadores de impérios por ser indigna de se adaptar aos seus planos. Mas a missão divina de Israel foi focalizada e cumprida em seu representante maior, o Messias. Assim Jesus apropriou-se dessas imagens retóricas no seu próprio ministério (cons. Mt. 21:42; Mc. 12:10; Lc. 20:17; Atos 4:11; Ef. 2:20; I Pe. 2:7). A bênção sacerdotal do versículo 26 encontrou expressão seis vezes nos Evangelhos por causa de sua aplicação distinta à missão de Cristo.

### **Salmo 119. A Torá do Senhor**

Essencialmente um poema didático, este salmo toma a forma de um testemunho pessoal. Embora o poema contenha alusões à perseguição e mostre certas características de lamentação, seu propósito principal é glorificar a *Torá* (a lei ou os ensinamentos de Deus). O salmista dirige quase cada versículo a Deus, usando muitas formas de petições. Ao mesmo tempo, ele usa alguns sinônimos para a lei em quase todos os versículos. Os sinônimos são a lei, testemunho, preceitos, juízos, mandamentos, estatutos, decretos, palavra, caminho, vereda. Possivelmente ao empregar dez termos para descrever a Torá Divina, ele seguia a orientação do Sl. 19:7-9, onde seis desses sinônimos foram usados com referência à lei.

O princípio acróstico foi altamente desenvolvido neste salmo, empregando todas as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Cada estrofe está composta de oito linhas, que começa com a letra característica daquela estrofe. Este arranjo artificial, ainda que artístico, cria uma certa monotonia na grande repetição de palavras e frases.

Contudo, esta monotonia mecânica está superada pela intensidade da devoção do próprio salmista para com os ensinamentos divinos.

**1-8.** A Bênção da Obediência. **Bem-aventurados os ... que andam na lei do Senhor.** O tema do salmo está aqui claramente apresentado. Observe que a maior parte dos dez sinônimos para a lei foram usados na primeira estrofe.

**9-16.** O Caminho da Purificação. **De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho?** A pergunta e a resposta estão de acordo com a ênfase dos escritores da Sabedoria. A resposta dos problemas da mocidade em qualquer período da história é dar atenção à Palavra de Deus, meditando nela (v. 15), memorizando-a (v. 11) e dando o seu testemunho aos outros (v. 13).

**17-24.** O Deleite da Experiência. **Os teus testemunhos são o meu prazer.** Este deleite está baseado na sua própria experiência do passado com Deus em períodos de perseguição. Uma nota de tristeza e anseio permeia esta estrofe, mas a seção termina com alegria.

**25-32.** A Força do Entendimento. **Vivifica-me . . . ensina-me . . . faze-me atinar.** O perigo confrontando o salmista fá-lo pedir força e conforto. Ele percebe que a vivificação que ele deseja vem da compreensão dos ensinamentos de Deus.

**33-40.** A Necessidade de Orientação. **Ensina-me . . . e os seguirei.** Em frase após frase, o orador roga pela orientação divina a fim de orientar sua vida e afastá-lo da insensatez.

**41-48.** A Coragem para Dar o Testemunho. **Venham também . . . as tuas misericórdias.** Este apelo por auxílio não é egoísta; foi inspirado por um desejo de **responder aos que me insultam.** O orador ainda declara que ele testemunhará aos reis sem se acanhar.

**49-56.** A Fonte de Conforto. **Lembra-te da promessa que fizeste ao teu servo . . . o que me consola.** Em tempo de aflição, os ensinamentos divinos foram o seu sustento e o **motivo** dos seus **cânticos, na casa da minha peregrinação.**

**57-64.** A Resolução da Fidelidade. **Eu disse que guardaria as tuas palavras.** Meditando sobre a vida ele chegou a conclusão de que devia se voltar na direção dos testemunhos divinos. Sua gratidão está evidente nas suas promessas de se levantar à meia-noite para agradecer a Deus.

**65-72.** A Disciplina da Aflição. **Foi-me bom ter eu passado pela aflição.** Tendo-se desviado antes da sua aflição, o salmista vê agora um propósito benéfico no seu sofrimento.

**73-80.** A Justiça da Retribuição. **Envergonhados sejam os soberbos.** Depois de anunciar novamente o seu desejo de possuir entendimento, ele implora as bênçãos divinas para si e a vergonha para os seus inimigos. Seu último desejo é que possa fortalecer a fé dos outros.

**81-88.** A Esperança no Meio das Trevas. **Desfalece-me a alma . . . porém espero na tua palavra.** Numa sucessão de soluços, ele expressa sua esperança e determinação no meio da hora mais negra. Com cada pedido de conforto ele reitera o seu desejo de ser fiel.

**89-96.** O Triunfo da Fé. **Não fosse a tua lei ter sido o meu prazer, há muito já teria eu perecido** (v. 92). A esperança contida na estrofe precedente toma-se aqui a certeza da vitória. Ele afirma que jamais se esquecerá dos preceitos divinos **visto que por eles me tens dado vida.**

**97-104.** O Arrebatamento da Instrução. **Quanto amo a tua lei!** Sem os pedidos costumeiros, o salmista descreve como o estudo da divina lei o tomou mais sábio e mais entendido do que os seus inimigos, seus mestres e os mais idosos. Aqui a ênfase está sobre a lei propriamente dita, sobre a fonte do conhecimento e não sobre a inteligência nata.

**105-112.** A Luz da Vida. **Lâmpada . . . é a tua palavra, e luz.** Sua peregrinação através da vida foi sob a orientação dos ensinamentos divinos. Ele assim faz o voto de seguir a luz onde quer que a leve e sejam quais forem os perigos envolvidos.

**113-120.** A Inspiração da Lealdade. **Tu és o meu refúgio e meu escudo.** O agudo contraste traçado entre os homens sem fé e o salmista enfatiza a lealdade deste último. Esta lealdade lhe dá senso de segurança e a inspiração de enfrentar o futuro.

**121-128.** O Momento da Intervenção. **Já é tempo, Senhor, para intervires.** Depois de declarar que diligentemente seguiu o que é reto, o salmista apela por ação da parte de Deus. Tão completamente os seus opressores ignoraram a lei de Deus que só lhes resta o juízo divino.

**129-136.** A Maravilha da Iluminação. **Admiráveis são os teus testemunhos.** A maior de todas as maravilhas é a luz interior que dá entendimento até mesmo ao homem que não tem estudo. O salmista se sente abatido por causa daqueles que não guardam a lei de Deus.

**137-144.** O Desafio da Justiça. **Justo és, Senhor.** O conceito da natureza divina justa está enfatizado nos versículos 137, 138, 142 e 144. Sendo o Senhor justo, seus juízos e testemunhos também são eternamente justos.

**145-152.** A Certeza que a Oração Dá. **Ouve-me, Senhor ... clamo a ti.** Lembrando-se das muitas vezes em que ele clamou incessantemente por auxílio divino, clama novamente para que Deus lhe conceda poder vivificante. Então reafirma sua fé na proximidade do Senhor e na veracidade dos Seus ensinamentos.

**153-160.** A Consciência da Necessidade. **Atenta para a minha aflição, e livra-me.** A severidade da aflição do orador e o conhecimento que tem de sua necessidade pessoal estão claramente expostas na repetição da expressão vivifica-me nos versículos 154, 156 e 159. A natureza permanente dos justos juízos de Deus é a sua esperança e segurança.

**161-168.** A Paz no Amor. **Grande paz têm os que amam a tua lei.** Até mesmo na presença de potentes inimigos, o salmista tem uma paz interior que brota, do seu amor pelos caminhos divinos. Observe a ausência de qualquer pedido, como nos versículos 97-104.

**169-176.** A Determinação da Constância. **Profiram louvor os meus lábios.** O salmista resume a sua mensagem rogando auxílio espiritual no futuro, enquanto declara a sua intenção de permanecer firme sobre os fundamentos dos ensinamentos divinos.

## Salmo 120. A Viagem dos Peregrinos

O Salmo 120 começa com uma nova coleção que se estende até o Salmo 134. Cada peça lírica deste grupo foi nomeada com um termo variadamente traduzido por "Cântico dos Degraus" (E.R.A. e E.R.C.), "Cântico da Ascensão" (ASV) e "Cântico de Romagem". Diversas teorias quanto ao significado do termo relacionam-no com o retorno da Babilônia, os quinze degraus do pátio das mulheres para o pátio dos homens, o paralelismo climático destes poemas e as viagens dos peregrinos. A teoria mais aceitável é que esta coleção surgiu como um hinário dos peregrinos que subiam ao Templo nas grandes festas. O fato de que o Salmo 120, 124, 125, 130 e 131 não estão explicitamente relacionados como uma peregrinação aponta para sua incorporação na coleção a partir de outras fontes. A maior parte destes salmos encaixam-se no padrão de vida da sociedade pós-exílica, embora alguns possam ter tido uma origem pré-exílica.

**1, 2.** Um Grito por Livramento. **Senhor, livra-me.** O salmista se encontra na angustiada situação de alguém que tem de se associar com homens dados à falsidade. Seu pedido de livramento baseia-se sobre a ajuda que Deus lhe concedeu no passado em períodos semelhantes. Muitos acham que há aqui uma referência à oposição difamatória de Sambalá e Tobias contra Neemias quando reconstruía os muros de Jerusalém (Ne. 4; 6).

**3,4.** Um Pedido de Retribuição. **Que te será dado?** A língua enganadora e seu dono são destacados para o juízo. A resposta à pergunta retórica baseia-se na natureza da ofensa alegada. Flechas afiadas e brasas vivas serão retribuição adequada.

**5-7.** Uma Lamentação pela Paz. **Ai de mim . . . Sou pela paz.** A lamentação básica do poeta é que ele acha necessário peregrinar entre os inimigos sedentos de sangue e bárbaros. **Meseque**, na Ásia Menor, e **Quedar**, no deserto árabe setentrional, ao sul de Damasco, foram usados simbolicamente para representar poderes bárbaros.

## Salmo 121. O Ajudador dos Peregrinos

A certeza intensa daqueles que viajavam em direção de Sião reflete-se neste cântico peregrino. Aqui eles expressam um profundo senso de confiança em Deus sem murmurar lamentações ou pedidos. O cântico era provavelmente usado como hino antifonário, embora as vozes exatas ou partes usadas não possam ser identificadas com certeza.

**1, 2.** A Fonte de Ajuda. **De onde me virá o socorro?** Olhando para as colinas à volta de Sião, um dos peregrinos faz uma pergunta que estabelece o espírito de tudo o que vem a seguir. A pergunta não expressa dúvidas mas introduz a afirmação que contém o tema do salmo, isto é, que o seu ajudador é Jeová, o Criador.

**3-8.** A Promessa de Proteção. **O Senhor é quem te guarda.** Todos os versículos com exceção do versículo 6 empregam a palavra hebraica *shamar* para enfatizar esta idéia de guardiania. Não como a sentinela que às vezes cochila, ou Baal, que precisa ser despertado (cons. I Reis 18:27), o Senhor nunca cochila ou dorme. O salmista emprega um paralelismo climático através de todo o salmo, edificando cada nova frase a partir do pensamento da frase anterior. Observe que a conclusão aplica-se aos peregrinos, pois Deus preserva-os em, cada fase de sua jornada, levando-os em segurança para o lar.

## Salmo 122. A Cidade dos Peregrinos

Este poema foi criado por causa de uma visita de peregrinos a Jerusalém. Indicando que a viagem terminou, age como seqüência aos dois salmos precedentes. Alguns intérpretes defendem que o orador retornou ao lar e está recordando sua recente peregrinação. Embora isto seja possível, é mais provável que ele ainda esteja em Jerusalém, pronto a retornar para casa.

**1,2.** A Alegria da Peregrinação. **Alegrei-me quando me disseram: Vamos.** O salmista se lembra da alegria com a qual ele aceitou o convite

para reunir-se a um grupo de peregrinos. Agora, terminada a viagem, ele pode dizer: **Pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó Jerusalém.**

**3-5.** Impressões de Jerusalém. **Jerusalém . . . como cidade compacta.** Embora a cidade fosse sem dúvida totalmente cercada de muros maciços, a ênfase aqui parece estar sobre a função da unificação do povo. O verbo *habar*, traduzido para "compacta", refere-se principalmente às associações humanas íntimas. O subir das tribos acentua esta união e o conseqüente senso de comunhão.

**6-9.** Oração por Jerusalém. **Orai pela paz de Jerusalém.** Antes de partir, o peregrino exorta seus companheiros a orarem pela prosperidade e paz da cidade, porque aqui é a casa do Senhor. Aqui há um excelente jogo de palavras no hebraico, que não está evidente em nenhuma tradução portuguesa.

### **Salmo 123. O Pedido dos Peregrinos**

Este é um lamento intenso de um indivíduo que fala por seu povo. A mudança do singular para o plural no fim do versículo 1 sugere um arranjo antifonário usado como cântico de peregrinos.

**1, 2.** Os Olhos da Esperança. **A ti . . . elevo os meus olhos.** O salmista refere-se aos olhos quatro vezes nestes versículos, a fim de enfatizar o fato de que os peregrinos estão buscando o favor de Deus. Exatamente como o servo e a serva -olham para os seus superiores em busca de um favor, assim o grupo dos peregrinos espera pela misericórdia de Deus.

**3, 4.** Um Pedido de Misericórdia. **Tem misericórdia de nós, Senhor.** A medida de sua necessidade está indicada pela reiteração deste grito por misericórdia. A menção anterior de servos e senhores, junto com o desacato para com **os que estão à sua vontade**, sugerem ou a muito difundida servidão de Israel durante o Exílio ou a dispersão durante o período pós-exílico.

## Salmo 124. O Libertador dos Peregrinos

Aqui a comunidade livremente expressa a ação de graças. Embora o propósito original fosse sem dúvida louvar a Deus por um determinado ato de livramento, o lugar deste poema na coleção dos peregrinos indica também um uso generalizado. Estando os viajantes constantemente sujeitos ao perigo, as palavras deste salmo poderiam proporcionar-lhes segurança, fortalecendo a sua fé.

**1-5.** Livramento Operado por Deus. **Não fosse o Senhor.** A repetição nos versículos 1 e 2 é litúrgica; a congregação (mais tarde os peregrinos) repetia as palavras do líder. Observe que o uso efetivo das cláusulas condicionais como apódose tripla (vs. 3-5) completa a prótase dupla (vs. 1, 2). **Se não fosse o Senhor, então** o fim seria certo e completo.

**6-8.** Ação de Graças. **Bendito o Senhor.** O salmista emprega mais adiante figuras de linguagem para descrever a difícil saída e para exaltar a expressão de gratidão. O último versículo se refere ao ato de invocar o nome do Senhor na oração, reconhecendo-o como fonte de ajuda.

## Salmo 125. A Segurança dos Peregrinos

Este hino de fé enfatiza a confiança dos fiéis em Israel. Como no salmo precedente, este não se destinava a ser o cântico dos peregrinos, mas foi incluído na coleção. O seu uso vigente nas peregrinações pode ser imaginado das referências feitas às montanhas à volta de Jerusalém, que ficavam à vista após a longa e árdua jornada.

**1-3.** Uma Declaração de Confiança. **Os que confiam . .. como o monte Sião . . . Como ... estão os montes, assim o Senhor.** Não só a presença de Deus foi simbolizada pelas colinas ao redor de Jerusalém, mas também aqueles que confiam no Senhor são considerados irremovíveis como a rocha de Sião. Se o governo estrangeiro permanecesse, um afastamento da fé geral ocorreria, até mesmo entre os



justos. O perigo da apostasia é grande demais até mesmo para o justo suportar.

**4,5.** Uma Oração Pedindo um Favor. **Faze o bem, Senhor.** O salmista ora pedindo o favor divino para os fiéis, os quais ele identifica como bons e netos. Em contraste com esses indivíduos, os infiéis renegados são abandonados ao seu próprio destino. O salmo termina com uma oração simples: **Paz sobre Israel!**

## **Salmo 126. A Restauração dos Peregrinos**

O salmo 126 é a lamentação da comunidade por causa de esperanças frustradas no passado e no presente. Embora haja uma referência óbvia ao retorno do Exílio, as condições não são aquelas descritas na primitiva sociedade pós-exílica. O salmista trata de condições ideais esperadas e da desilusão experimentada por muitos anos.

**1-3.** O Ideal da Restauração. **Ficamos como quem sonha.** A esperança de uma gloriosa restauração foi idealizada até o ponto de ser boa demais para ser verdade. A frase, **fez retornar os cativos**, pode ser traduzida para *restaurou a sorte*. Contudo, o contexto parece exigir um quadro dentro do Exílio. Havia riscos e cânticos – como no Dia da Vitória – quando o Edito de Ciro tornou-se conhecido. Os exilados juntaram-se em um coro de louvor reiterando as palavras dos observadores das outras nações.

**4-6.** O Pedido de Cumprimento. **Restaura, Senhor, a nossa sorte.** O lindo ideal da restauração previsto pelos profetas e cantado pelos exilados não se realizara totalmente através daqueles que retornaram à terra natal. As condições não eram ainda gloriosas e ideais (cons. Ageu 1:10, 11; 2:19). Portanto, o pedido agora é que se complete o ideal. Assim como o fazendeiro semeia com ansiedade e colhe cantando alegremente, Israel realizará o ideal da restauração. Obreiros cristãos costumara fazer uma aplicação dos versículos 5 e 6 ao ministério do ganhador de almas.

## **Salmo 127. A Dependência dos Peregrinos**

O didaticismo deste salmo é característica dos ensinamentos da literatura da Sabedoria. Aqui a ênfase está colocada sobre a futilidade do esforço humano sem a ajuda de Deus. Embora o propósito didático original saia generalizado, este salmo encontrou especial aplicação como canção popular entre os peregrinos.

**1,2.** Uma Dependência do Senhor. **Se o Senhor não edificar . . . guardar.** A total dependência do homem de Deus está ilustrada com a referência às diligências humanas básicas. Construir uma casa e guardar uma cidade não adianta nada (de acordo com os padrões divinos) se Deus não for incluído nos planos e esforços do homem. Até mesmo o homem diligente que trabalha desde a manhã até tarde da noite não pode esperar ter sucesso sem as bênçãos e a sanção de Deus.

**3-5.** Uma Herança do Senhor. **Herança do Senhor são os filhos.** O conceito da necessidade da dependência de Deus é transmitido para a constituição da família (cons. Gn. 30:2). Um reconhecimento de que os filhos são um presente de Deus é a base para a constituição de um lar bem sucedido. Alegria e proteção são descritas como os resultados de se ter filhos e educá-los. Especialmente importante são os filhos da mocidade de um homem, que podem protegê-lo e defender sua causa contra seus adversários quando ficar velho, no local do tribunal da justiça junto às portas da cidade.

## **Salmo 128. A Vida no Lar dos Peregrinos**

Como o salmo precedente, este é didático no caráter, e assim vitalmente ligado com a literatura da Sabedoria. A doutrina básica da Sabedoria, "o temor do Senhor é o começo da sabedoria", é o ponto de partida para o salmista. Depois ele aplica esta verdade a uma situação ideal dentro do lar. Embora não seja destinado a ser hino de peregrinos, o

salmos provavelmente foi introduzido na coleção como canção popular, vindo ao encontro das necessidades de todos os peregrinos.

**1-4. Bênçãos para o Lar. Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor.** O salmista começa declarando que a felicidade é a porção daquele que aprendeu a temer o Senhor e andar nos Seus caminhos. Tudo lhe vai bem porque ele come do fruto do seu trabalho e não o perde por ocasião da seca nem precisa cedê-lo a senhores que o oprimem. Sua esposa é comparada a uma videira frutífera, enquanto seus filhos são comparados a brotos tenros da oliveira. Este quadro de satisfação, alegria, prosperidade e fertilidade descreve como o temente a Deus encontra a felicidade perfeita.

**5, 6. Bênçãos para a Comunidade. Para que vejas a prosperidade de Jerusalém.** Uma parte vital das bênçãos desfrutadas por aquele que teme a Deus vem de fora dos limites do seu lar – desde Sião. A natureza corporativa da sociedade de Israel vê-se na adaptação deste salmo no culto público. Tal como no Salmo 125, este termina com uma pequena oração: **Paz sobre Israel!**

## Salmo 129. O Pedido do Israel Sofredor

Este é um lamento da comunidade, com nuances de confiança e fé. As características de um hino de fé estão presentes, mas ficam obscurecidas pelos queixumes e apelos da lamentação. Recordando problemas passados o salmista renova sua confiança, enquanto seus apelos em relação ao futuro resultam em certeza de alívio.

**1-4. As Aflições Passadas de Israel. Muitas vezes me angustiarão.** A longa história dos problemas de Israel foi comprimida pelo salmista em uma única declaração. Desde o tempo do Êxodo (desde a mocidade de Israel), a nação sofreu severas aflições provenientes de numerosos inimigos. Duas metáforas são usadas para ilustrar esta aflição: os sinais do chicote sobre suas costas são comparadas aos sulcos feitos por um arado; e as cordas dos seus opressores às cordas usadas para atrelar bois.

Contudo, o Senhor manifestou Sua justiça rompendo as cordas e livrando o Seu povo.

**5-8.** A Esperança Futura de Israel. **Sejam envergonhados ... todos.** Numa impreciação contra aqueles que odeiam São, o orador expressa o desejo de ver o inimigo envergonhado e mandado de volta para sua casa. Depois ele emprega um longo símile para pedir que os planos malignos do inimigo sejam torcidos. O capim que cresce sobre a sujeira dos telhados secava rapidamente porque o solo era pouco profundo para suas raízes. Não podia ser colhido nem atado em feixes. Não merecia nem sequer a costumeira saudação dos que passavam.

### **Salmo 130. O Redentor dos Peregrinos**

Aqui um indivíduo profere uma oração penitencial como pedido pessoal de perdão. O pedido final em benefício de outros na casa de Israel não transforma todo o salmo em corporativo, mas antes enfatiza a natureza pessoal do apelo do orador. Contudo, uma vez que os problemas do salmista e o seu desespero foram partilhados pela nação, o salmo se tomou apropriado para os bandos de peregrinos na sociedade pós-exílica.

**1, 2.** O Clamor do Penitente. **Das profundezas clamo a ti.** O orador está provavelmente usando aqui um tempo presente, como o restante da oração indica. Ele continua clamando das profundezas quando O Salmo termina, mas expressa claramente sua segurança e esperança.

**3,4.** A Certeza do Perdão. **Contigo, porém, está o perdão.** A universalidade do pecado está apresentada de maneira forçada na declaração que diz que ninguém poderia ser justificado se Deus anotasse cada pecado e não os apagasse. A única esperança vem do perdão divino, que por outro lado aviva o sentimento de respeito no pecador perdoado .

**5,6.** A Expectativa da Esperança. **Aguardo o Senhor . ., eu espero m sua palavra.** O senso de expectativa está fortemente enfatizado Pela repetição de frases. Todo o ser (sua **alma**) do orador está ocupado na

espera diligente. Ele espera no Senhor como a sentinela sobre os muros aguarda o alívio da sua substituição matinal.

**7, 8.** A Aplicação Feita a Israel. **Espere Israel no Senhor.** Os pensamentos do salmista voltam-se para os outros que precisam partilhar de sua confiança entusiasta. À vista da bondade e abundante redenção do Senhor, ele pode afirmar que Deus remirá Israel de todas as suas iniquidades.

### **Salmo 131. A Serenidade dos Peregrinos**

Embora seja essencialmente um hino de fé, esta linda composição literária parece uma confissão. O quadro da humilde resignação sob a orientação divina exemplifica um profundo senso de disciplina pessoal. Embora alguns intérpretes considerem este salmo como expressão corporativa, o pedido final em benefício de Israel dá a idéia de uma voz individual que fala consistentemente de uma ponta à outra. É mais do que natural que uma bela expressão de humildade como esta se tornasse uma canção popular dos peregrinos.

**1,2.** Um Espírito de Humildade. **Senhor, não é soberbo o meu coração.** Após longa luta, o salmista foi curado dos seus desejos presunçosos e orgulho excessivo. Agora pode declarar-se livre das atitudes anteriores de altivez ou ambição sem freios. Ele acalmou ou apaziguou sua alma ou seu íntimo de modo que agora é como uma criança desmamada do seio da mãe, já não choramingando mais pelo seu leite.

**3.** Um Desejo para Israel. **Espere, ó Israel, no Senhor.** Como no salmo anterior, aqui o escritor expressa seu desejo a que outros em Israel possam vira conhecer sua paz interior.

## Salmo 132. A Segurança dos Peregrinos

Único entre os hinos da coleção dos peregrinos, este salmo parece ter sido incluído por causa de sua natureza de hino processional, que pode muito bem ser apresentado antifonariamente. É basicamente um cântico de Sião, ligado em pensamento com o transporte da arca da aliança para Jerusalém feita por Davi.

**1-10. A Oração da Congregação. Lembra-te, Senhor, a favor de Davi.** Embora as aflições de Davi fossem mencionadas em primeiro lugar, a ênfase desta oração está sobre a sua intenção de encontrar um lugar adequado para a arca. Uma vez que as narrativas históricas não mencionam nenhum voto relacionado com este acontecimento, o salmista deve estar se baseando em uma tradição independente. Os versículos 6, 7 eram provavelmente cantados por um grupo de peregrinos enquanto reapresentavam a procura da arca, sua descoberta em Quiriate-Jearim (**no campo de Jaar**) e sua entrada em Jerusalém. A oração está incluída no versículo 10 com um pedido para que Deus mostre Seu favor a cada rei consecutivo na linhagem de Davi.

**11-18. A Resposta do Senhor. O Senhor jurou . . . escolheu.** Estes versículos servem de responso litúrgico citados de dois oráculos separados do Senhor. O primeiro oráculo (vs. 11, 12) é a promessa feita a Davi de que sua linhagem real continuará enquanto seus descendentes forem fiéis (cons. II Sm. 7:12-16). O segundo oráculo (vs. 14-18) foi introduzido com a declaração do versículo 13 de que **o Senhor escolheu a Sião**. Por causa desta divina escolha, haverá bênçãos espirituais e materiais para São e para a linhagem de Davi, enquanto haverá vergonha para os inimigos de Israel. Considerando que, quando um homem morre sem deixar filhos, sua linhagem é interrompida, diz-se que sua lâmpada foi apagada; portanto Uma lâmpada simbolizava descendência. Assim Deus estabeleceu uma série de descendentes de Davi que culminaram no Messias, a Luz do mundo (cons. I Reis 11:36; 15:4).

### **Salmo 133. A Fraternidade Entre os Peregrinos**

Neste curto poema didático temos uma linda expressão de solidariedade familiar de acordo com a ênfase dos escritores da Sabedoria. A sugestão de muitos comentaristas de que o salmo espelha os esforços de Neemias para aumentar a população de Jerusalém é interessante. Contudo, o salmo deve ter ligação mais significativa com o espírito de comunhão e harmonia fraternal das grandes festas.

**1.** A Declaração na Premissa. Como é bom e agradável. O escritor começa com uma declaração proverbial em relação aos benefícios da solidariedade fraternal. A ênfase dada ao padrão da antiga vida hebréia, na qual os filhos casados e os filhos destes continuavam vivendo com os pais. Uma aplicação mais ampla, entretanto, está evidente nas reuniões familiares e tribais por ocasião das festas.

**2,3.** O Princípio Ilustrado. **Como o óleo precioso ... como o orvalho.** O salmista emprega duas comparações para ilustrar o princípio incorporado em sua premissa básica. Tal como o óleo da unção sobre a cabeça do sacerdote simbolizava sua consagração, assim o espírito do amor fraternal permeava a nação e simbolizava sua consagração. Tal como o orvalho sobre a vegetação simbolizava fertilidade e crescimento, o senso da verdadeira fraternidade reavivava e despertava a devoção da nação como um todo.

### **Salmo 134. A Bênção Sobre os Peregrinos**

Eis aqui uma conclusão adequada para a coleção de canções populares usadas pelos peregrinos. Em sua natureza de bênção este salmo corresponde à bênção final de cada livro do Saltério. A posição do hino dentro da coleção e a referência ao culto noturno sugerem que era cantado no final do culto vespertino. A Festa dos Tabernáculos é a ocasião mais indicada.

**1,2.** O Chamado dos Sacerdotes e levitas. **Bendizeis ao Senhor, vós todos, servos do Senhor.** Reconhece-se de modo geral que o chamado se dirigia aos ministros regulares do Templo. Contudo, a voz do chamado é diversamente atribuída ao sumo sacerdote, ao coro de levitas, ou aos peregrinos reunidos. A última explicação dá mais lugar à inclusão do salmo na coleção, uma vez que os peregrinos participavam ativamente. Os ministrantes do templo são convocados a que levantem suas mãos em atitude de oração e bênção.

**3.** A Resposta dos Sacerdotes. ... **te abençoe o Senhor.** A resposta ao chamado é dada através de uma abreviação da bênção sacerdotal encontrada em Nm. 6:22-26. O povo recebe o lembrete de que Deus é Criador e que Suas bênçãos fluem de Sião. Isto poderia ter sido usado como ato final antes dos peregrinos retornarem aos seus lares.

## **Salmo 135. Um Mosaico das Obras de Deus**

Este hino de louvor é um mosaico de citações de outros salmos e diversos livros do V.T. A ênfase principal está sobre aquelas obras de Deus que ilustram o Seu poder na natureza e na história. Que o salmo destinava-se ao culto no tempo num padrão antifonário está evidente em sua estrutura. Contudo, não há unanimidade na divisão em vozes. Sem dúvida, havia partes do solo, coros de levitas e respostas congregacionais.

**1-4.** O Chamado Inicial para o Louvor. **Louvai o nome do Senhor.** Frases semelhantes são repetidas como um chamado litúrgico enfático para o louvor. Como no salmo precedente, aqueles **que assistis na casa do Senhor** são sem dúvida os sacerdotes e os levitas. A bondade do Senhor e a escolha que fez de Israel são apresentadas como razões iniciais para o louvor.

**5-14.** A Grandeza de Jeová. **Eu sei que o Senhor é grande . . . acima de todos os deuses.** O **eu** é enfático, indicando conhecimento pessoal, e possivelmente uma passagem para uma voz de solo no uso



vigente dentro do templo. O uso do nome de **Jeová** é importante neste ponto, porque o Deus da aliança de Israel está em contraste com os deuses dos pagãos. Ele foi descrito como o Deus da Natureza (vs. 5-7), fazendo o que bem entende no céu, na terra, nos mares e em todas as profundezas. Ele ainda foi descrito como o Deus da história (vs. 8-14), liderando o povo escolhido na saída do Egito e na conquista de Canaã.

**15-18. A Impotência dos Ídolos. Os ídolos das nações.** Esta seção foi citada quase ao pé da letra do Sl. 115:4-8. Contudo, as palavras são especialmente apropriadas para a ocasião, destacando fortemente a onipotência do Senhor e a inutilidade de todos os ídolos.

**19-21. O Chamado Final ao Louvor. Bendizer ao Senhor.** O chamado para o louvor nos Salmos 115 e 118 expande-se agora pela adição de **casa de Levi** e um versículo conclusivo. A nação como um todo, os sacerdotes, os levitas e os crentes que temem a Deus deviam todos ter as suas próprias partes antifonais, mas terminavam o salmo em coro.

## Salmo 136. A Misericórdia Permanente de Deus

Este hino de ação de graças parece grandemente com o Salmo 135 no conteúdo. Ele é, entretanto, muito mais litúrgico, tendo um refrão antifonário que aparece em cada versículo. O fato do salmo ser mais fácil de ler e compreender sem o refrão sugere que originalmente ele não tinha esta repetição nos versículos 4-25. Contudo o refrão deu-lhe um caráter distinto e um lugar de destaque no culto judeu. Nas obras dos rabinos, era intitulado de "o Grande Halel" (às vezes em conjunto com o Sl. 135). O termo **Aleluia** no fim do salmo anterior provavelmente devia estar no começo deste salmo, como evidencia a LXX.

**1-3. Chamado para Ação de Graças. Rendei graças ao Senhor.** O salmo começa com um convite triplo para agradecer a Deus a Sua bondade e misericórdia. É dirigido pelo líder ou pelo coro à congregação. O refrão era provavelmente cantado através de todo ele por

todo o grupo dos crentes. A brevidade do refrão é especialmente evidente nas três palavras hebraicas (**porque a sua misericórdia dura para sempre**). Os três termos para Deus – **Jeová, Deus dos deuses e Senhor dos senhores** – são interessantes à luz da ênfase dada, no salmo precedente, à impotência dos ídolos e a onipotência de Deus..

**4-9.** O Deus da Criação. **Maravilhas . . . céus . . , terra . . , luminares.** As maravilhas da criação testificam a bondade e misericórdia de Deus, em declarações concisas. Todas vezes em que àquele é usado, é objeto de **rendeí graças**.

**10-25.** O Deus da História. **Àquele que feriu o Egito.** Cada acontecimento, desde o Egito até Canaã, testemunho do modo pelo qual Deus manifesta Sua misericórdia dentro do campo de ação da história de Israel.

**26.** A Doxologia da Ação de Graças. **Oh! Tributai louvores ao Deus dos céus.** O chamado inicial está sendo repetido aqui mas com um termo diferente para Deus. Este termo seria especialmente adequado se a ênfase fosse primeiramente sobre as maravilhas criativas de Deus somente.

## Salmo 137. O Cântico dos Exilados

Um profundo espírito de vingança está claramente evidente neste lamento comunitário. Os versículos iniciais evocam uma profunda simpatia pelos cativos, enquanto os versículos finais dão vazão à sua indignação experimentada quando testemunharam a desolação de sua terra. Embora não seja certo onde o salmista se encontrava quando escreveu este hino, ele parece ter sido um dos exilados que retomaram a Jerusalém em 538 A.C. Sua primeira visão de Jerusalém poderia muito bem ter provocado suas imprecações contra Edom e Babilônia.

**1-3.** Tristeza do Exílio. **Às margens dos rios de Babilônia . . . chorávamos.** A voz do salmista soluça de agonia ao descrever a dor do cativo. Os exilados sem dúvida tinham lugares especiais ao longo do

Eufrates ou seu sistema de canais onde podiam chorar a sua condição. Quando se lhes pedia que cantassem para divertimento dos seus captores, respondiam dependurando suas liras sobre os salgueiros que se alinhavam sobre os barrancos do rio.

**4-6. Amor a Jerusalém. Como, porém, haveríamos de entoar o canto do Senhor?** Afinal, como poderiam cantar os hinos sagrados dos cultos do templo para divertimento dessa gente em terras estranhas? Seria conspurcar coisas sagradas e cometer um ato de traição contra São. O salmista preferiria antes perder sua capacidade de tocar a lira e de cantar do que esquecer-se da santidade de Jerusalém.

**7-9. Ódio Contra os Inimigos. Filhos de Edom ... Filha de Babilônia.** A intensidade das emoções do salmista se vê em seu ódio contra os seus inimigos como também em seu amor por Jerusalém. Ele destaca Edom pela sua conduta em ajudar o inimigo contra Jerusalém (cons. Ez. 25:12-14; 35; Ob. 10-14). Então a Babilônia se transforma em objeto das apaixonadas imprecações do salmista. Embora uma tão cruel matança como a descrita no versículo 9 fosse naturalmente praticada quando se saqueavam as cidades de antigamente (Is. 13:16; Naum 3:10) e fosse praticada contra Israel (II Reis 8:12; Os. 13:16), não podemos justificar tais palavras.

### **Salmo 138. Ação de Graças Dedicada**

Esta obra literária começa como um hino de ação de graças, mas mais tarde se transforma em um cântico de fé. Embora o orador esteja no meio de problemas, ele não começa com um lamento mas com grato reconhecimento das bênçãos divinas. Muitas das idéias e frases desta obra são reminiscências de outras seções das Escrituras, especialmente Is. 40-66. Diversos manuscritos da LXX ligam este salmo com o tempo de Ageu e Zacarias.

**1-3. Louvor pela Força Recebida. Render-te-ei graças . . . de todo o meu coração.** O salmista experimentara recente reposta às suas

orações pedindo auxílio. Por causa de Deus ter concedido o dom da força espiritual, ele o adora de todo o coração. A frase, **na presença dos poderosos**, tem sido diversamente interpretada, porque a LXX usa *anjos* e o Targum, *juízes*. Contudo, a melhor tradução parece ser *deuses* por causa da referência subsequente a **todos os reis da terra**. Considerando que agora eles servem seus diversos deuses, mas que no futuro adorarão o verdadeiro Deus, o salmista desafia o poder desses "deuses" (cons. Sl. 95:3; 96:4, 5; 97:7).

**4-6. Adoração dos Reis. Render-te-ão graças . . . todos os reis da terra.** O louvor individual é prefigurado no louvor universal final. Há um extraordinário relacionamento aqui com o Edito de Ciro, no qual o rei conquistador louva Jeová (junto com os deuses de outros povos desalojados). Observe que a glória de Deus está especialmente revelada em Sua condescendência para com os humildes.

**7,8. Certeza de Livramento. Se ando em meio à tribulação, tu me refazes a vida.** O orador expressa profunda confiança de que Deus cumprirá Suas promessas e completará o livramento de Israel. Embora todo o salmo seja proferido por um indivíduo de maneira muito pessoal, ele enuncia a ação de graças e a confiança em prol de sua nação também.

### **Salmo 139. A Preocupação Pessoal de Deus**

Aqui um indivíduo que tinha íntimo conhecimento de Deus e uma experiência com Ele oferece sua oração pessoal. Do ponto de vista da teologia do V.T., este é o clímax do pensamento no Saltério sobre o relacionamento pessoal de Deus com o indivíduo. O salmista não se ocupa de filosofia abstrata ou meditação especulativa; ele simplesmente descreve sua humilde caminhada com Deus e partilha de seu conhecimento experimental com o Senhor.

**1-6. A Onisciência de Deus. Senhor, tu me sondas e me conheces.** O salmista está convencido por experiência que Deus sabe tudo a respeito dele. Ele sabe que o conhecimento perfeito de Deus vai além de

seus atos individuais até suas motivações e propósitos. Enquanto ele permanece respeitosamente dentro do seu próprio conhecimento da onisciência divina, ele sabe que a total compreensão está além do entendimento humano.

**7-12. A Onipresença de Deus. Para onde me ausentarei do teu espírito?** Por meio de duas perguntas retóricas, o salmista mostra que ele não pode jamais colocar-se fora do alcance do cuidado pessoal de Deus. Ele nem pensa em fazê-lo, mas usa este método de apresentar seus pensamentos. As quatro suposições que se seguem expressam os extremos do universo e reforçam sua premissa básica.

**13-18. A Presciência de Deus. Os teus olhos me viram a substância ainda informe.** Duas idéias estão envolvidas no pensamento do salmista aqui: o modo maravilhoso pelo qual ele foi criado, e amaneira pela qual Deus já sabia tudo o que estava acontecendo no processo. Ele parece enfatizar este último fato ao ver a mão de Deus penetrando em toda a sua vida. Este é na verdade outro vislumbre da onisciência de Deus nos maravilhosos processos da criação e procriação. Novamente o orador permanece respeitosamente diante da natureza incompreensível dos pensamentos divinos.

**19-24. O Problema do Mal. Tomara, ó Deus, desses cabo do perverso.** Esta surpreendente mudança de tom e perspectiva é considerada por alguns intérpretes como adição posterior. Contudo, a intensidade da aparente convicção dos versículos anteriores vê-se aqui novamente. Deus, que tem um conhecimento tão minucioso do homem, não pode ignorar pecadores flagrantes. O salmista termina com um pedido pessoal para que Deus o sonde, prove, conheça, veja e guie. Seu alvo é o caminho eterno, o modo devida e paz que contrasta como caminho de ruína e destruição do ímpio.

### Salmo 140. Um Pedido de Preservação

Um indivíduo que sofreu amarga perseguição da parte dos infiéis dentro de Israel profere esta lamentação. Está intimamente ligada com os Salmos 141-143, refletindo as mesmas condições gerais e empregando semelhante linguagem, forma e padrões de pensamento. E ele pode naturalmente refletir o começo de uma luta entre partidos dentro de Israel, embora os grupos não possam ser identificados por nome.

**141.** Seu Apelo por Auxílio. **Livra-me, Senhor.** Através de três estrofes (vs. 1-3; 4, 5 ; 6-8) o salmista faz o seu apelo, pedindo o auxílio divino. Ele roga: **Livra-me . . . guarda-me . . . preserva-me . . . não concedas . . . ao ímpio os seus desejos.** Ele usa termos muito descritivos para descrever esses inimigos a fim de representar vivamente o seu próprio perigo. As designações no singular devem ser entendidas coletivamente, conforme vemos no uso dos verbos no plural. As quatro armadilhas que os inimigos armaram devem provavelmente ser interpretadas aqui no sentido figurativo.

**9-11.** Seu Desejo de Retribuição. **Cubra-os a maldade dos seus lábios.** A profunda amargura do salmista torna-se mais aparente nestes versículos. Embora ele empregue linguagem figurada ao expressar seus desejos em relação aos seus inimigos, está claro que deseja que todos os seus planos malignos se voltem contra eles. Ele não se satisfará com nada menos que a sua completa destruição.

**12,13.** Sua Confiança no Senhor. **Sei que o Senhor manterá a causado oprimido.** O salmista está convencido de que o justo, em contraste com o ímpio, terá motivos de regozijo, porque Deus é o paladino daqueles que, como o salmista, são oprimidos.

### Salmo 141. Um Grito Pedindo Proteção

Este salmo é outra lamentação individual de alguém que tem sofrido nas mãos de gente infiel e poderosa dentro de Israel. Sua oração

não tem a costumeira forma da lamentação, onde o livramento dos inimigos é o que se busca. É mais espiritual no sentido de que ele busca o auxílio divino para vencer as tentações à sua volta.

**1,2.** Seu Pedido por uma Resposta. **Senhor, a ti clamo, dá-te pressa ... inclina os teus ouvidos.** O salmista começa com um pedido urgente para que Deus ouça e responda sua oração. A referência ao **incenso** e à **oferenda vespertina** parecem se referir à oferta de maniates, que era acompanhada de oração e apresentada de manhã e de tarde.

**3-5.** Sua Oração Pedindo Força. **Põe guarda, Senhor, à minha boca.** Passando pelas circunstâncias de suas queixas, O salmista ora pedindo força para vencer a tentação. Ele busca o poder para guardar a sua boca, manter puro o seu coração, evitar a prática do mal, refrear a sua participação dos luxuosos prazeres e para aceitar com prazer a repreensão dos justos.

**6-10.** Sua Confiança na Retribuição. **Os seus juízes serão precipitados.** As circunstâncias históricas por trás dos versículos 6, 7 são tidas por certas. Parece que o orador espera ser comprovado certo quando esses juízes forem punidos. O versículo 7 refere-se à matança dos amigos do salmista ou então deveria ser traduzido para os seus essas em lugar de os meus. Seja qual for o significado original por trás desses versículos, o salmista está aguardando que Deus o continue fortalecendo, embora tenha certeza de que o homem ímpio receberá a justiça retributiva caindo em sua própria armadilha.

## Salmo 142. Um Pedido de Livramento

Eis aqui a oração de um indivíduo que está enfrentando intensa perseguição. Segue os padrões normais da lamentação pessoal. O salmista enuncia o seu apelo, faz a sua queixa, declara o seu pedido, e termina com uma nota de confiança. Em sua fervorosa oração, ele não pede vingança e não profere imprecações vingativas.

**1, 2.** O Pedido. **Ao Senhor ergo a minha voz e clamo.** Os verbos nos versículos 1-5 podem ser traduzidos para o tempo presente, uma vez que o contexto mostra que o salmista não está falando de um apelo no passado. Sua grande necessidade está óbvia por causa dos termos clamo e denuncio, como também por causa da ênfase colocada sobre o erguer da sua voz.

**3,4.** A Queixa. **No caminho em que ando me ocultam armadilha ... ninguém que por mim se interesse.** O salmista tem por certo que Deus sabe de sua condição desde o começo. Por causa disso, simplesmente declara o fato do seu problema e descreve o seu senso de solidão.

**5-7.** O Pedido. **Livra-me . . . Tira a minha alma do cárcere.** Apelando novamente por atenção às suas necessidade, o salmista declara que Deus é agora o seu único refúgio. A referência ao **cárcere** talvez seja a um verdadeiro confinamento ou a um estado desesperador. Fazendo um voto de louvar a Deus pelo seu livramento, ele expressa sua confiança em que outros se lhe juntarão em sua ação de graças.

### **Salmo 143. Uma Oração por Orientação e Livramento**

Novamente um indivíduo em situação terrível profere esta oração muito pessoal. Seus perseguidores lhe tiraram tudo, menos a vida. Embora busque o livramento, seu maior desejo é a orientação divina. Uma vez que toma o lugar do pecador arrependido, este salmo está classificado como um dos penitenciais (cons. Sl. 6, 32, 38, Sal. 102, 130).

**1-6.** O Apelo do Penitente. **Atende . . . à minha oração . . . não entres em juízo.** Depois de rogar atenção, o salmista dá a entender que reconhece-se culpado diante de Deus. Ele não se declara inocente, mas lança-se sobre a misericórdia divina. Sua queixa, sucintamente declarada, como no salmo precedente, indica perseguição cruel. Ele foi perseguido, esmagado e obrigado a habitar nas trevas como se estivesse morto. Contudo, lembrando-se das grandes obras de Deus no passado, ele tem coragem de apelar que manifeste novamente o seu poder.



**7-12. Pedido de Ação. *Dá-te pressa, Senhor, em responder-me.*** Em orações rápidas, o salmista expressa a urgência de sua necessidade de ajuda. Ele busca uma resposta imediata, uma expressão da bondade de Deus, orientação para sua vida, livramento dos seus perseguidores, instrução quando à vontade de Deus e a destruição dos seus inimigos. Como servo penitente, ele sente que a desforra é certa.

### **Salmo 144. Triunfo na Guerra e na Paz**

Começando como se fosse um hino de louvor, este salmo passa para o lamento depois do versículo 4. Muitos comentaristas têm levantado sérias dúvidas quanto à sua unidade. Os versículos 12-15 parecem já ter constituído parte de um salmo desconhecido. Na verdade, todo o salmo é uma compilação de citações de outros salmos (cons. Sl. 8, 18, 33, 39, 104).

**1-4. Bênçãos do Passado Reconhecidas. *Bendito seja o Senhor, rocha minha.*** O salmista começa com um hino de louvor pela ajuda que Deus lhe tem concedido na qualidade de guerreiro. Ele conhece o Senhor pessoalmente, pois o chama de **rocha minha, minha misericórdia, fortaleza minha, meu alto refúgio, meu libertador e meu escudo**. O contraste entre a grandeza de Deus e a insignificância do homem impressiona o salmista. Usando as conhecidas palavras do Salmo 8, ele confessa a sua falta de merecimento antes de apresentar o seu pedido de auxílio.

**5-8. Ele Busca Livramento Agora. *Abaixa, Senhor, os teus céus, e desce.*** Esta oração para que o poder de Deus se manifeste na forma de uma teofania foi extraída de diversos versículos dos Salmos 18 e 104. O salmista está pedindo que Deus intervenha nas suas lutas com os inimigos, porque eles são culpados de falsidade e violação de tratados.

**9-11. Votos de Louvor Futuro. *A ti, ó Deus entoarei novo cântico.*** Citando muitas citações de velhos hinos, o salmista faz Voto de dar graças de maneira nova quando a vitória for alcançada. Depois de fazer

este voto e de expressar a sua confiança na vitória, ele repete o pedido dos versículos 7, 8.

**12-15.** A Paz e a Prosperidade Descritas. **Filhos . . . como plantas viçosas . . . filhas como pedras angulares.** Conforme acima indicado, isto parece citação de um salmo desconhecido. O quadro é o de um lar ideal numa comunidade cujo Deus é o Senhor. Os filhos são vigorosos como plantas jovens; as filhas são altas e majestosas; os celeiros estão cheios; os rebanhos são férteis; e os bois são torres. Essas são as bênçãos materiais que se esperam numa tal sociedade ideal.

### **Salmo 145. Louvor pela Grandeza de Deus**

Este hino de louvor é uma expressão triunfante da fé de um indivíduo e um chamado aos homens para que glorifiquem a grandeza de Deus. Tem uma nota de apelo universal raramente presente em expressões de fé em Israel. O salmista usa uma estrutura com acróstico, começando cada versículo com uma letra do alfabeto hebraico. Só uma letra está faltando, o *nun*, que deveria estar entre os versículos 13 e 14. O salmo serve de introdução à coleção final de louvores (Sl. 145-150).

**1, 2.** A Promessa de Louvor. **Exaltar-te-ei ... bendirei ... e louvarei.** O propósito do salmista está claramente demonstrado em sua promessa de louvar a Deus **todos os dias**, sim, **para todo o sempre**. Seu relacionamento pessoal e sua visão universal se encontrara em sua saudação inicial: **Deus meu, e Rei.**

**3-20.** A Grandeza de Deus. **Grande é o Senhor e muito digno de ser louvado.** O versículo 3 é o tema deste louvor. Embora esta grandeza seja insondável, o salmista consegue ilustrá-la admiravelmente. Sua esperança constante é que outros darão testemunho da grandeza de Deus. Nos versículos a seguir ele enfatiza a grandeza de Deus mencionando Suas podes obras, Sua glória e esplendor, Sua bondade, Sua compaixão cheia de graça, Sua tema misericórdia, Seu Reino glorioso e eterno, Seu cuidado providencial, Sua justiça, Sua santidade e Sua disponibilidade

em relação àqueles que o buscam em verdade e com temor. Esta compreensão da natureza divina é o ponto culminante do Saltério.

**21.** A Doxologia do Louvor. **Toda carne louve o seu santo nome para todo o sempre.** Depois de repetir sua promessa de louvor pessoal, o orador começa a fazer o convite a toda a carne. Seu desejo inclui toda a humanidade e vai até o fim do mundo.

## **Salmo 146. Louvor Pela Ajuda Divina**

Este é o primeiro dos cinco hinos de louvor semelhantes, todos começando e terminando com um **Aleluia**. Esta pequena coleção tem servido de hinário usado diariamente nos cultos da sinagoga. Como a maior parte dos salmos deste Livro Final, a forma atual destes salmos reflete circunstâncias, idéias e linguagem pós-exílicas.

**1,2.** O Voto de Louvor. **Louvarei ao Senhor durante a minha vida.** Em linguagem semelhante à do salmo precedente, o voto de louvor está apresentado em termos absolutos.

**3,4.** A Falta de Poder do Homem. **Não confieis em príncipes.** Por causa de suas próprias experiências, o salmista roga aos homens que não dependam dos favores dos nobres (cons. Pv. 19:6). Ele entende que nenhum auxílio duradouro pode vir de alguém cuja vida e pensamentos desaparecem quando volta ao pó. A circunstância exata à qual o salmista se refere não pode ser identificada. Contudo, tal conclusão pode ser extraída de qualquer ocasião na história de Israel.

**5-10.** O Poder de Deus. **Bem-aventurado aquele . . . cuja esperança está no Senhor.** Aquele que tem o Senhor como seu ajudador e sua esperança é verdadeiramente abençoado. Esta esperança se baseia na criação do universo por Deus, Seu cuidado amoroso para com o homem e Seu reino eterno. A ênfase especial dada a Deus como o defensor dos necessitados e oprimidos sugere que o salmista era membro de um

desses grupos dentro da sociedade do seu tempo. Observe que deu-se uma ênfase quántupla ao nome de Jeová nos versículos 7-10.

### **Salmo 147. Louvor pela Providência Divina**

O derramamento da gratidão, como neste salmo, sempre tem sido parte vital do culto de Israel. Este é verdadeiramente um hino de louvor do começo ao fim sem uma palavra de queixa ou simples pedido que seja. É difícil descobrir um desenvolvimento lógico porque três salmos foram aqui comprimidos em um só (vs. 1-6, 7-11, 12-20). Estes elementos separados são parcialmente evidentes na LXX, onde os versículos 12-20 são relacionados como parte de um outro salmo.

**1-6.** Sua Bondade para com Israel. **O Senhor edifica ... e congrega.** Após um rápido chamado à adoração, o salmista declara como o Senhor tem sido bom para com o seu povo. Os versículos 2, 3 sem dúvida se referem à restauração após o Exílio. Todas as coisas que Deus fez estão ligadas à Sua grandeza, Seu poder e Seu entendimento.

**7-11.** Sua Providência para com a Natureza. Que cobre de nuvens os céus. A idéia vai além das fronteiras de Israel incluindo todas as criaturas. A provisão da chuva e alimento que o Senhor faz é especialmente importante numa terra onde os céus ficam desprovidos de nuvens desde abril até outubro. O salmista percebe que o favor divino não se baseia na força física quer seja para com o homem ou para com a besta.

**12-20.** Seu cuidado para com Jerusalém. **Pois ele reforçou as trancas das tuas portas. Jerusalém e Sião** foram usados como termos paralelos m personificação descritiva, simbolizando o povo de Deus que habita e adora dentro delas. As bênçãos da proteção, paz e prosperidade são apresentadas como realidades presentes. O salmo termina com uma referência ao relacionamento especial de Israel com Deus na qualidade de seu Povo Escolhido.

## Salmo 148. Louvor por Toda a Criação

O terceiro hino de louvor nesta coleção final é a convocação de um coro universal de louvor por tudo o que há nos céus e na terra. O versículo final sem dúvida se refere ao retorno do exílio e indica as razões e ocasião que motivaram um louvor assim tão empolgante.

**1-6.** Convocação dos Céus. **Do alto dos céus.** Usando a linguagem da cosmologia do antigo Oriente Próximo, o salmista pede o louvor dos seres e dos fenômenos celestiais. Versículos 5 e 6 correspondem a um refrão que provavelmente foi cantado por um coral no estilo antifonal. A criação de Deus quanto aos objetos celestiais e sua sustentação é razão suficiente para o louvor.

**7-12.** Convocação da Terra. **Da terra.** O salmista começa com as profundezas da terra e se refere a todas as formas de vida, animadas e inanimadas. Observe que o homem, como a coroa da criação, ficou reservado para o fim. Os versículos 13, 14 agem como um segundo responso, com os motivos básicos para este louvor. A glória de Deus e a redenção do Seu Povo escolhido são considerados razões suficientes.

## Salmo 149. Louvor pelo Triunfo Divino

Este hino de louvor faz referência especial à celebração de uma recente vitória. Muitos intérpretes entendem que os versículos finais são escatológicos e não históricos. Contudo, os quatro primeiros versículos estão claramente relacionados a uma realidade presente de livramento divino. Embora o acontecimento não possa ser identificado com precisão, o propósito da composição original é evidentemente agradecer a Deus a vitória por ocasião da volta dos guerreiros.

**1-4.** Convocação para o Louvor. **Cantai ao Senhor um novo cântico.** O cenário é uma grande assembléia de **santos** ou de crentes no Templo. A importância da ocasião se vê na necessidade de um novo cântico para celebração da nova vitória dos seus exércitos. O versículo 3 com a

menção de danças destaca claramente o espírito de regozijo e alegria do versículo 2. A vitória propriamente dita é uma indicação de que o favor e a salvação de Deus foram derramadas sobre o povo oprimido.

**5-9. O Hino de Vitória. Exultem ... os santos ... cantem de júbilo.** Os piedosos são descritos regozijando-se em triunfo e cantando nas suas camas por causa da segurança que agora desfrutam. O quadro de guerreiros louvando a Deus com espadas de dois gumes nas mãos é símbolo de vitórias obtidas em Seu nome. Figurativamente os santos de Deus devem empunhar a espada do Espírito, que é a palavra de Deus (Ef. 6:17; Hb. 4:12).

## **Salmo 150. Louvor em Seu Clímax Universal**

Este hino final de louvor tem o gabarito de ocupar posição de honra como a doxologia de todo o Saltério. Cada frase do salmo parece basear-se no pensamento anterior em preparação para o clímax, o qual vem subitamente como uma explosão de louvor grandioso vindo das hostes dos céus e da terra.

**1. O Lugar Especificado. No seu santuário . . . no firmamento.** O santuário talvez seja uma referência à habitação celestial de Deus ou ao Templo aqui na terra. Enquanto o primeiro significado é paralelo a **firmamento**, a segunda idéia teria muito mais significado para os crentes reunidos.

**2. Os Motivos Superiores. Seus poderosos feitos ... sua muita grandeza.** Seus feitos poderosos na criação e na história constituíram o tema de muitos salmos. Sua grandeza tem sido um tema repetido nos hinos de louvor finais (cons. Sl. 145, 147).

**3-5. Os Instrumentos Enumerados. Som de ...** Parece que o salmista arrumou estes instrumentos a esmo. É como se cada um soasse quando foi mencionado e continuasse tocando até o final da Aleluia (cons. W.O.E. Oesterley, *The Psalms*, págs. 589 e segs., para uma descrição dos instrumentos envolvidos).

6. O Coro Reunido. **Todo ser que respira.** Não apenas os sacerdotes e levitas, não apenas a congregação, mas todas as criaturas no tempo e no espaço, que tenham fôlego foram incluídas neste coro dos coros. O Saltério termina, mas a melodia permanece enquanto os crentes continuam cantando, **Aleluia! Louvai ao Senhor.**

# PROVÉRBIOS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 9	Capítulo 17	Capítulo 25
Capítulo 2	Capítulo 10	Capítulo 18	Capítulo 26
Capítulo 3	Capítulo 11	Capítulo 19	Capítulo 27
Capítulo 4	Capítulo 12	Capítulo 20	Capítulo 28
Capítulo 5	Capítulo 13	Capítulo 21	Capítulo 29
Capítulo 6	Capítulo 14	Capítulo 22	Capítulo 30
Capítulo 7	Capítulo 15	Capítulo 23	Capítulo 31
Capítulo 8	Capítulo 16	Capítulo 24	

## INTRODUÇÃO

**A Doutrina dos Provérbios.** A essência do Livro dos Provérbios é o ensino da moral e dos princípios éticos. A peculiaridade deste livro é que ele ensina principalmente por meio de contrastes. Especialmente dignos de nota são os capítulos 10-15, onde quase todo versículo distingue-se pela palavra "mas".

Na primeira seção, os capítulos 1-9, também foram empregados contrastes entre o bem e o mal. O bem nesta seção está indicado por diversas palavras sabedoria, instrução, entendimento, justiça, juízo, equidade, conhecimento, discernimento, saber, conselhos – mas especialmente sabedoria, que aparece dezessete vezes nesta porção e vinte e duas vezes no restante do livro. A bem conhecida declaração de 1:7, "o temor do Senhor é o princípio do saber", repetida no final da seção (9:10) pode ser considerada o tema do livro. Esta declaração reaparece ao pé da letra (com as cláusulas invertidas) no alfabético Salmo 111:10, e em forma quase idêntica no clímax do capítulo 28 de Jó, o qual descreve em forma altamente poética a busca da sabedoria.



Peculiar a esta seção de Provérbios é a personificação da sabedoria como se fosse uma mulher. Pela primeira vez aparece em 3:15. Provérbios 7:4 abre o caminho à personificação: "Dize à sabedoria: Tu és minha irmã". Ela se completa nos capítulos 8 e 9, onde a Sabedoria convida os tolos a participarem de sua festa. Só em Provérbios e só nesta primeira parte a sabedoria foi assim personificada.

É essencial à compreensão desta primeira parte que se reconheça esta personificação. Considerando que "sabedoria" em hebraico é um substantivo feminino, é natural e prontamente personificada em uma mulher. Mais do que isto, o autor aqui contrasta a "sabedoria", uma mulher virtuosa, com a prostituta, a mulher estranha. E tal como a sabedoria representa todas as virtudes, provavelmente a mulher estranha tipifica e inclui todo o pecado.

O contraste é estudado e artístico. A Sabedoria clama nas ruas (8:3). Seu convite é: "Quem é simples, volte-se para aqui" (9: 4). Em contraste, a mulher tola, que convida às águas roubadas e cujos convidados estão nas profundezas do inferno (9:17,18), faz um convite idêntico: "Quem é simples, volte-se para aqui" (9: 16). A Sabedoria chama os simples a abandonarem o pecado; a prostituta os chama à indulgência para com ele.

Esta seção, Provérbios 1 a 9, contrasta portanto o pecado com a justiça. As palavras "sabedoria", "instrução", "entendimento", etc., através de toda esta passagem, não se referem simplesmente à inteligência e capacidade humanas; mas antes contrastam com aquilo que é mau. A sabedoria conforme usada aqui é portanto uma qualidade moral. Deve-se notar que este é um uso especial. Na maior parte do Velho Testamento, a sabedoria é simplesmente capacidade ou sagacidade. Até no Eclesiastes, onde a sabedoria também foi enfatizada, é apenas inteligência humana e portanto foi colocada ao lado da loucura como vaidade (Ec. 2:12-15).

Só em Jó 28 e em certos salmos (37:30; 51: 6; 91: 12; 111:10) é que se nota o conceito proverbial da sabedoria. Mesmo a sabedoria pela qual

Salomão se tornou famoso nos livros históricos não era exatamente esta sabedoria. Ele ficou famoso por sua capacidade na ciência natural (I Reis 4:33), na jurisprudência (I Reis 31 16-28) e por sua grande inteligência (I Reis 10:1-9). Provérbios acrescenta ao conceito da acuidade mental a retidão moral a única que dá mérito à inteligência.

Na segunda seção, os Provérbios de Salomão, 10:1 – 22:16, a doutrina é apresentada quase que exclusivamente através de versículos isolados. Através do capítulo 15, o ensino é feito por meio de contraste, indicado por um "irias" no meio de quase todos os versículos. Subseqüentemente há paralelos de idéias mais freqüentes que os contrastes. Esta seção cobre uma larga escala de assuntos e torna difícil fazer um esboço. O ponto de vista, contudo, é bastante consistente. Salomão faz um contraste entre a sabedoria e a loucura. E, como na Seção I, não é a inteligência versus a estupidez; é a sabedoria moral versus o pecado. Nesta seção a sabedoria não está personificada, mas os mesmos sinônimos da Seção I foram usados aqui em se tratando dela – entendimento, justiça, instrução. O louco também tem o seu paralelo: o zombador, o preguiçoso, o obstinado.

As seções seguintes (veja Esboço) continua nesta linha. Conforme Toy destaca (Crawford H. Toy, ICC sobre *Proverbs*, pág. xi), a ética do livro é muito alta. Honestidade, verdade, respeito pela vida e propriedade são os pontos nos quais se insiste. Os homens são aconselhados a exercerem a justiça, o amor, a misericórdia para com os outros. Uma boa vida familiar, com cuidadosa educação das crianças e um alto padrão feminino é o que se reflete.

Quanto ao aspecto religioso, o Senhor se entende como o autor da moral e da justiça, e o monoteísmo é pressuposto. As referências à Lei e à profecia (29:18) ao sacerdócio e aos sacrifícios (15:8; 21:3, 27) são poucas, no entanto. O autor fala de si mesmo, inculcando princípios de boa conduta como vindos do Senhor.

**Autoria.** O nome de Salomão aparece em três partes do livro - 1:1; 10:1; 25:1. Há portanto uma reivindicação de autoria salomônica para a

maior parte das seções, na realidade para quase todas com exceção das Partes III, 22:17 – 24:22; IV, 24:23-34; e VI 30:1 – 31:31. Esta reivindicação é discutida por mestres da crítica.

Toy (*op. cit.*, pág. xix) que nega a autoria mosaica do Pentateuco e defende que Isaías e os profetas não escreveram os livros que lhes são atribuídos, mais do que naturalmente não dá a Salomão o crédito da autoria aqui. Com base em muitas indicações internas, ele atribui o livro a uma data pós-exílica.

Driver (S.R. Driver, *Introduction to the Literature of the Old Testament* 4ª ed., págs. 381 e segs.) defende que partes do livro são pré-exílicas, mas pouco atribui a Salomão, se é que atribui.

Pfeiffer (Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, págs. 649-659) examina detalhadamente as características internas de Provérbios com a intenção de datar diversos períodos. Considerando que a literatura da Sabedoria do Egito datada de 1700-1500A.C, era puramente secular, ele conclui que o estrato religioso de Provérbios deve provir do século quarto A.C. Depois de reconstruir a seu bel-prazer a história do pensamento israelita, ele data o livro de Provérbios relacionando-o com esse desenvolvimento. Sua conclusão é que o livro foi terminado depois de 400 A.C. e algum tempo depois do fim do terceiro século.

W. F. Albright ("Some Cannanite-Phoenician Sources of Hebrew Wisdom" in *Wisdom in Israel and the Ancient Near East*, ed. por M. Noth e D.W. Thomas, pág.13) estuda a semelhança da linguagem com o ugarita e argumenta que o livro em "seu conteúdo total" é provavelmente pré-exílico, mas que grande parte dele foi transmitido oralmente até o século quinto. Ele defende que é provável que haja um núcleo salomônico. Consulte também um artigo escrito por Cullen I.K. Story, um dos alunos de Albright, *The Book of Proverbs and Northwest Semitic Literature*", JBL, LXIV, 1945, 319-337. Charles T. Fritsch (*The Book of Proverbs*, IB, Vol. IV, pág. 775) defende a mesma opinião com motivos semelhantes.

Oesterley (W.O.E. Oesterley, *The Book of Proverbs*, pág. xxvi) prefere colocar a maior parte do livro no período pré-exílico, mas data a Seção I, 1:1 - 9:18, e a Seção VI, 30:1 - 31:31, do terceiro século "e muito provavelmente mais tarde ainda".

O fato é que por mais que se dê atenção a estas evidências internas não se consegue datar corretamente o livro ou as suas coleções. Assumindo que provérbios seculares tenham precedido os religiosos, ou as máximas mais simples às variedades mais desenvolvidas, ainda se pode considerar que o desenvolvimento até o complexo e o religioso já estava completo antes do tempo de Salomão. Considerando que Jeremias se opôs aos sábios do seu tempo (Jr. 18:18), isto nada prova em relação às datas. Ele também se opôs aos sacerdotes, profetas e reis, mas isto não prova que tais cargos tenham sido pós-exílicos! A mais promissora maneira de tratar o assunto em relação à determinação da data por meio do critério interno é a de Albright em sua comparação com as palavras e formas ugaritas.

Nossas evidências externas não são tão completas quanto gostaríamos que fossem, mas não devem ser totalmente ignoradas. Provérbios 15:8, por exemplo, foi citado com a fórmula "está escrito" no Documento Zadoquita (col. XI, linha 20; C. Rabin, *The Zadokite Documents*, pág. 58). Isto mostra que o livro era considerado canônico no segundo século A.C. A produção Salomônica de Provérbios e parábolas" foi citada em Eclesiastes 48:17, datada de 180 A.C. Não há nenhuma evidência que seja anterior a esta data. Oesterley reivindica um caso de empréstimo feito ao livro de Provérbios pela *Story of Akikar* no século quinze (veja os comentários em 23:14). Qualquer opinião sobre a data do livro deverá ser fortemente influenciada pela opinião que tem dos outros livros. Se alguém defende que o Pentateuco não foi escrito antes de 400 A.C, e que os profetas foram na sua maioria pós-exílicos, terá de negar que Salomão escreveu os Provérbios. Se, contudo, a data pré-exílica do Pentateuco, Salmos e Profetas for aceita (como o faz este

autor), não temos motivos válidos para negarmos a tradicional imputação salomônica às seções que levam o seu nome.

Fritsch (*op. cit.*, pág. 770) faz objeções à tradicional glorificação da sabedoria de Salomão quando "ele cometeu tantos erros tolos através de toda a sua vida em todos os setores". Esse parece ser um julgamento demasiadamente áspero do mais brilhante rei de Israel. Que ele praticou erros em seu longo reinado de quarenta anos está claro; mas a arqueologia testifica da capacidade de Salomão na arquitetura, na administração e suas descobertas na engenharia relativamente à sua fundição de cobre em Ezion-Geber. É verdade que em idade avançada ele se tomou tirânico (I Reis 12:10), mas seu declínio não deveria nos deixar cegos ao seu talento anterior. Muitos críticos fazem objeções quanto ao caráter de Salomão por causa de suas muitas esposas.

Contudo, quando examinamos melhor os textos (e eles constituem nossa única fonte), concluímos que eles não retratam Salomão como uma criatura concupiscente. Na qualidade de rei importante sobre uma região que incluía muitos reis fantoches e cidades estados, sem dúvida Salomão estava sujeito a muitos tratados. Certamente em muitos casos tais tratados eram selados com o casamento de Salomão com as filhas desses reis fantoches, conforme antigo costume e como foi no caso da aliança com o Egito (I Reis 9:16, 17). Sem dúvida os casamentos de Salomão foram principalmente arranjos políticos. Seu erro não consistiu tanto na concupiscência quanto na permissão que concedeu a suas politicamente importantes esposas de introduzirem seus cultos pagãos na cidade de Deus (I Reis 11 : 7-9).

Os autores das outras seções dos Provérbios (III, 22:17 – 24:22; IV, 24:23-24; VI, 30:1 – 31:31) são completamente desconhecidos. Veja observações no Comentário. Não podemos, portanto, ser dogmáticos quanto às suas datas, exceto quanto a dizer que não há necessidade de colocarmos a edição final do livro depois do encerramento tradicional do período bíblico - cerca de 400 A.C.

**As Coleções dentro dos Provérbios.** Toy (*op. cit.*, pp. vii, viii) e outros que concordam com ele, têm argumentado que o aparecimento da mesma linha ou verso em diversas partes do livro prova que diversos autores cooperaram na formação do mesmo. Toy faz uma lista de más de cinquenta similaridades, embora algumas não sejam muito exatas. Inadvertidamente ele omite 15:13 e 17:22. A maior parte desses paralelos foram destacados na parte do Comentário deste exame. Toy não deu atenção suficiente para o fato óbvio de que, em muitos casos, a porção de um versículo fosse repetida com variações que também são significativas. Tais repetições não provam nada quando à autoria variada dos provérbios. Às vezes, a repetição também vem dentro de uma seção que Toy defende ser uma coleção uniforme, como 14-12 e 16: 25. Aqui Toy vê-se obrigado a sugerir a existência de sub-coleções. Mais ainda, há, uma repetição semelhante em uma obra egípcia considerada de autoria única (cons. Comentário sobre 22:28). Ao que parece, a alegação de Toy baseia-se em uma suposição ilusória. Está claro que, dentro do livro dos Provérbios, há muitas coleções distintas, conforme os títulos indicam; mas as evidências internas de tais paralelos são suficientes para invalidar a autoria de Salomão nas porções que lhe são atribuídas.

**Provérbios e outra Literatura da Sabedoria.** Tal como a poesia antiga não se limitou aos hebreus, assim a forma literária dos Provérbios não é também unicamente hebréia. Não nos surpreenderíamos em descobrir que há coleções de provérbios do antigo Egito ou Mesopotâmia. Diversas dessas obras têm títulos, nus duas são especialmente importantes – *Story of Ahikar* e *Wisdom of Amen-em-Opet* que devem ser consideradas de categoria inferior em algum detalhes.

Uma das mais antigas dessas obras da Sabedoria é a *Instruction of Ptah-Hotep*, de cerca de 2450A.C, no Egito. São poucos os paralelos que poderíamos citar entre essa obra e o Livro de Provérbios, mas o seu estilo é proverbial e as idéias são semelhantes em alguns ursos. Por exemplo, ela ordena a obediência dos filhos, a humildade, a justiça, o cuidado junto à mesa de um nobre, o ouvir mais que falar, etc. É óbvio

que tais advertências pias são antigas e eram propriedade comum do Oriente. Paralelos entre tais obras e o livro de Provérbios nada provam quanto à origem do nosso livro. Observações semelhantes se aplicam a *Instruction of Ani*, e outras obras antigas do Egito. Poderíamos mencionar algumas obras da literatura da Mesopotâmia.

O assim chamado Jó da Babilônia, intitulado *Louvarei o Senhor da Sabedoria* faz-nos lembrar de uma certa maneira o Jó bíblico quando conta a história de um homem muito doente que foi curado pelos deuses. Há também um *Diálogo Sobre a Miséria Humana*, às vezes chamado de *Eclesiastes da Babilônia*. A semelhança com a linguagem do *Eclesiastes* bíblico é bem menor, mas inclui alguns poucos provérbios.

Diversas tabuinhas babilônicas do século oito ou anteriores incluem provérbios ou conselhos sobre a retribuição do mal com o bem, sobre o não falar precipitadamente, sobre o não intrometer-se nas brigas alheias, etc. Novamente, considerando que tais princípios de moralidade são muito generalizados, sua presença nessas tabuinhas nada prova sobre a origem do Livro dos Provérbios, exceto que ele deveria naturalmente ser considerado segundo o seu fundo de cena. Exatamente como Moisés poderia ter recorrido às leis de Hamurabi, e Davi usou algumas das formas da poesia de Canaã, assim Salomão e seus sucessores tinham abundância de material a que recorrer para fins ilustrativos. Em todos esses casos, contudo, o antigo material comum foi moldado pelo autor hebreu, que foi inspirado pelo Espírito de Deus a escrever Suas revelações para o Seu povo. (Todas essas obras podem ser convenientemente observadas na coleção editada por James B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 2ª ed.).

De mais importância para o nosso estudo é a *Estória de Ahikar*, uma estória da Mesopotâmia enfeitada com muitos provérbios. A estória já é conhecida há muito tempo, pois partes dela aparecem nos antigos autores cristãos. Mas em 1906, onze papiros contendo a estória foram encontrados em escavações na colina judia de Elefantina, no Egito. Esta cópia é de cerca de 400 A.C. Ahikar foi conselheiro dos reis Senaqueribe

e Esaradom na Assíria, em cerca de 700A.C. Ele adotou seu sobrinho, que por meio de mentiras conseguiu persuadir o rei a executar Ahikar. Mas os executores oficiais, sendo amigos do homem condenado, esconderam Ahikar por algum tempo, reempossando-o depois quando a ira do rei abrandou. Dois terços do livrinho compõem-se dos ditos de Ahikar, que apresentam certos paralelos com Provérbios.

W.O.E. Oesterley no seu *The Book of Proverbs* (pág. xxxvii-liii) faz uma lista de tanta e três paralelos, que provavelmente é um número um tanto exagerado. Story (*op. cit.*, págs. 329336) também apresenta comparações importantes. Na sua maioria esses paralelos são generalizados. Por exemplo, Ahikar adverte os homens a que não olhem para uma mulher enfeitada e pintada ou que não a desejem, pois isto constitui pecado contra Deus (cons. Pv. 6:25, etc.). Ele também insiste com um pai a que domine seu filho enquanto ainda é jovem, para que não se rebele quando ficar mais forte (cons. Pv. 19:18). Contudo, duvidamos que haja alguma ligação direta entre os provérbios de Ahikar e os da Bíblia. Mais ainda, os provérbios de Ahikar têm falta de aspecto moral do Livro dos Provérbios. Eles não possuem o contraste entre o homem sábio versus o pecador que é característica dos Provérbios. São de aspecto mais secular. O Livro de Provérbios, contudo, ocasionalmente usa esta tela de fundo secular para desenvolver seus ensinamentos morais. Na verdade é difícil ter-se a certeza – se há alguma dependência – qual a obra devedora. A Estória de Ahikar, embora se passe na Assíria, era conhecida dos judeus e mais tarde dos cristãos. Nossa melhor cópia vem de fonte judia. Os provérbios de Ahikar poderiam ter sido facilmente influenciados pelo Livro dos Provérbios ou pelo estoque geral dos provérbios judeus, o contrário também sendo plausível, (veja Comentário sobre 23:14 quanto a um provável caso de empréstimo feito por Ahikar dos Provérbios).

Alguns acham que o caso é outro em se tratando da *Sabedoria de Amen-em-Opet* do Egito. Esta notável coleção de provérbios tem ainda mais paralelos com o livro bíblico do que Ahikar. Sua data é incerta. Os



papiros são mais antigos que a composição, a qual não pode ser datada. F.L. Griffith fez o trabalho principal da tradução do egípcio. Oesterley apresenta a data de Griffith para o livro como sendo o sétimo ou sexto século A.C, e H.O. Lange ainda mais tarde. O próprio Oesterley atribui a obra ao século oito ou mais tarde (*The Wisdom of Egypt*, págs. 9, 10), Albright favorece uma data posterior, em cerca de 1100-1000 A.C. (op. cit., pág. 6). Se esta data for sustentada, qualquer idéia de derivação deve ser de um original egípcio. John A. Wilson (ANET, pág. 421), em sua tradução da obra, não se compromete quanto à data.

A natureza dos paralelos deve ser observada. Oesterley, em seu estudo perspicaz, observa que a *Sabedoria de Amen-em-Opet* é muito anti-egípcia. Sua ética é muito elevada e tem um desenvolvido conceito divino de monoteísmo. Ele declara que "não se encontra nada semelhante na literatura egípcia do período pré-cristão" (op. cit., pág. 24). Oesterley encontra paralelos em diversos livros do Velho Testamento além dos Provérbios, como por exemplo Dt. 19:14; 25:13-15; 27:18; I Sm. 2:6-8; Sl. 1; Jr. 17:6 e segs. Essas passagens não são particularmente significativas, entretanto, pois a maior parte delas trata de temas que também aparecem em Provérbios, onde os paralelos são numerosos – mais de quarenta relacionados por Oesterley (*The Book of Proverbs*, págs. xxxvii-líiii). Os paralelos aparecem em diversas partes dos Provérbios, mas são particularmente notáveis no trecho de 22:17 - 23:14. Todos esses versículos com exceção de cinco fazem paralelo com *Amen-em-Opet*.

Mais notável que tudo é que o livro egípcio está dividido em trinta capítulos (de considerável extensão) e conclui com uma exortação a que se dê atenção a esses trinta capítulos. Esta seção de Provérbios, incluindo 22: 17 – 24: 22, diz-se que contém trinta ditados (Oesterley, op. cit., pág. 192). As palavras introdutórias desta seção de Provérbios são: "Porventura não te escrevi *excelentes coisas*" (22:20). Isto poderia ser traduzido, mais justificadamente, com pequena alteração de vogais: "Porventura não te escrevi *trinta*". Deve-se admitir que a descoberta de

exatamente trinta ditados nesses sessenta e nove versículos é um tanto arbitrária. E os trinta ditados não são tão longos como os trinta capítulos do livro egípcio. Ainda mais, o paralelo é notável. Oesterley (*The Wisdom of Egypt*, pág. 105) destaca o fato curioso de que a seção de Pv. 22: 17 – 23:12 faz paralelos com todos exceto três versículos esparsos da obra egípcia. Mas as demais partes dos Provérbios, que têm paralelos menos constantes, encontram esses paralelos de modo geral nos capítulos X e XXI de *Amen-em-Opet*. Ele argumenta a partir disto com muita plausibilidade que o uso no que se refere ao empréstimo difere nas diferentes seções dos dois livros. Nenhuma das obras emprestou diretamente da outra. Em algumas seções, ambas emprestaram de um reservatório comum de provérbios. Mas por causa do caráter peculiar da obra egípcia, ele argumenta que a fonte de ambos está nos antecedentes da sabedoria e teologia hebraicas.

Talvez possamos ir um pouco adiante. Muito se tem dito da tradução: "Porventura não te escrevi *trinta* coisas". Está claro que os trinta ditados nesta seção dos Provérbios não foram copiados dos trinta ditados egípcios. Na realidade, a última parte da seção dos Provérbios não tem paralelo qualquer com o livro egípcio. Os "trinta" de Provérbios poderia ter sido modelada segundo os "trinta" egípcios, mas de qualquer forma, não foram servilmente emprestadas. Antes, devemos ver aqui outro exemplo do uso característico de números na literatura da Sabedoria. Exemplos bem conhecidos são as referências climáticas "as três coisas ... senão ... quatro" muito difíceis para serem entendidas (Pv. 30:18 e segs.) ou as "seis coisas ... e a sétima" (6:16-19). Tais referências encontram par na literatura ugarita. Diz-se que Baal tem dois sacrifícios, sim, três (C.H. Gordon, *Ugaritic Literature*, pág. 30). Baal captura sessenta e seis cidades, sim, setenta e sete cidades (*ibid.*, pág. 36). Mais tarde, setenta e sete irmãos, sim, oitenta e oito são mencionados (*ibid.*, pág. 55). Muitos outros exemplos poderiam ser apresentados. Ao que parece, nos ditados de *Amen-em-Opet* e em Provérbios 22:20 temos dois exemplos do uso literário do numeral trinta que provavelmente poderia ser multiplicado se nossas fontes da Sabedoria do antigo Egito e Hebraica fossem mais completas. Quanto às comparações

detalhadas dos Provérbios com os ditados egípcios, veja observações sobre os versículos no Comentário.

Deveríamos também mencionar os dois livros apócrifos, Eclesiástico de cerca de 180 A.C. e a Sabedoria de Salomão, provavelmente um pouco posterior. Esses livros, de grande interesse por si mesmos, foram modelados sob diversos aspectos segundo os Provérbios. Mas são posteriores e exibem um desenvolvimento maior na personificação da sabedoria e outros assuntos. Eles emprestaram material do nosso Livro de Provérbios, não vice-versa, e portanto referência extensiva a eles não se faz necessária em nossos atuais propósitos.

## ESBOÇO

- I. O tributo de Salomão à sabedoria, o temor do Senhor. 1:1 – 9:18.
  - A. Introdução. 1:1-7.
  - B. Sabedoria, a mulher virtuosa, versus a mulher má. 1: 8 – 9:18.
- II. Miscelânea dos provérbios de um só versículo de Salomão. 10:1 – 22:16.
  - A. Provérbios em contraste. 10:1 – 15:33.
  - B. Provérbios especialmente comparativos. 16:1 – 22:16.
- III. As Palavras do Sábio, trinta provérbios. 22:17 – 24: 22.
  - A. Provérbios correspondentes na Sabedoria Egípcia. 22:17 – 23:12.
  - B. Provérbios sem paralelo no egípcio. 23 : 13 - 24 : 22.
- IV. As Palavras do Sábio, Apêndice. 24:23-24.
- V. Provérbios de Salomão, editados pelos homens de Ezequias. 25:1 – 29:27.
- VI. Apêndices finais. 30:1 – 31:31.
  - A. Palavras de Agur. 30:1-33.
  - B. Palavras de Lemuel. 31:1-9.
  - C. Poema alfabético sobre a mulher virtuosa. 31:10-31.

---

COMENTÁRIO**1. O Tributo de Salomão à Sabedoria, o Temor do Senhor.****2. 1:1 – 9:18.****Provérbios 1**

**A. Introdução. 1:1-7.** Autor e Assunto. Alguns comentaristas consideram esta porção uma introdução a todo o livro, mas como diversas outras seções também têm premissas do autor, provavelmente deve ser considerada referente apenas à primeira seção.

**1. Provérbios.** A raiz da qual esta palavra é originada tem sido usada tanto no hebraico como em outras linguagens semitas para expressar comparação. Um derivado acadiano significa "espelho". De tal uso, a palavra passou a incluir uma observação condenatório (Sl. 69:11) e uma mensagem profética (por exemplo, Nm. 23:7,18). Foi traduzida "parábola" dezesseis vezes no V.T. No livro dos Provérbios foi usada principalmente nos títulos (1:1, 6; 10:1; 25:1) para indicar as comparações e contrastes usados para expressar os ensinamentos morais do livro. **De Salomão.** Veja o comentário sobre a autoria na Introdução ao livro.

**2-4. A Sabedoria, e o ensino, etc.** Aqui temos cinco sinônimos para **sabedoria**. Incluem a **justiça** e a **equidade**, que são mais virtudes que habilidades. A ênfase foi colocada sobre a sabedoria moral ou conduta honesta. **Aos simples.** Esta palavra, usada quatorze vezes nos Provérbios, quatro em outras passagens, designa o oposto de um homem moral. Não se refere a um simplório como nós entendemos o termo, mas um pecador, um velhaco. Os provérbios têm uma mensagem de moralidade para os ímpios. Não constituem apenas um almanaque de bons conselhos para criaturas de pouca inteligência ou hábitos preguiçosos. Esta introdução adverte-nos contra a atitude de considerarmos o livro num sentido secular. É um livro de princípios cristãos.

**7. O temor do Senhor.** Uma expressão comum nos Salmos e em outras passagens, esta frase foi usada quatorze vezes nos Provérbios. Ilustrações sobre o uso aparecem no Sl. 115:11 - "Confiam no Senhor os que temem o Senhor", e em Is. 11:2, 3, onde o temor do Senhor é citado como característica do Messias. Tal temor inclui o respeito para com o Todo-poderoso (Sl. 2:11 - "servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos nele com tremor"). Jó 28:28 é praticamente uma definição - "Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento". Provérbios 8:13 tem o mesmo efeito - "O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal". O **princípio do saber.** Não o "mais importante" ou a "essência", Como a raiz hebraica poderia sugerir, pois Pv. 9:10 usa uma palavra significando especificamente "o começo" ou "o princípio". Antes, o primeiro passo na moralidade é o nosso relacionamento com Deus. **Os loucos desprezam a sabedoria.** "Loucos" aparece diversas vezes em Provérbios. Também o uso difere. Em Is. 35:8, "louco" significa obviamente "simpório". Mas no uso especializado de Provérbios, "louco" significa um pecador. Provérbios 14:9 é ilustrativo - "Os loucos zombam do pecado". A cláusula significa que os pecadores ridicularizam a santidade. A LXX grega traduz bem loucos para ímpios.

## **B. Sabedoria, a Mulher Virtuosa, Versus a Mulher Má. 1:8 - 9:18.**

Nesta seção o método de ensino por meio do contraste ficou lindamente ilustrado. Nas seções mais importantes, a Sabedoria personificada é colocada em oposição ao pecado (veja Introdução, *A Doutrina dos Provérbios*).

**11. Embosquemo-nos para derramar sangue ... espreitemos ... o inocente.** O motivo, conforme se deduz, é o assalto, mas esta quadrilha sugere abertamente que se mate para obter mais lucro.

**12. Vivos, como o abismo.** A expressão se encontra em Nm. 16:30, 33; Sl. 55:15. A primeira passagem diz que Coré e o seu grupo foram engolidos vivos pela terra que se abriu. A última expressa a maldição desejando que os homens desçam "vivos" à cova. Estes homens de Pv.

1:11-14 estariam prontos a matar com presteza. Eles queriam levar os homens inteiros, isto é, sadios à morte. **A cova.** O hebraico *sheol*. O autor do presente comentário crê que este termo significa simplesmente "sepultura". Foi usado nove vezes nos Provérbios, sendo que três vezes referindo-se aos resultados do adultério. Cons. 5: 5; 7: 27; 9:18, onde foi posto em paralelo com a "morte" e "os mortos". Finalmente em 1:12, a ênfase foi posta simplesmente sobre o assassinato. Aqui não há nenhuma preocupação com a vida após a morte das vítimas. Isto não a nega que houvesse entre os hebreus uma crença na vida após a morte e na ressurreição, mas simplesmente para dizer que esta discutida palavra pode ter um significado muito mais simples do que se lhe dá algumas vezes. (Veja R. Laird Harris, "O Significado do Sheol no Velho Testamento", *The Evangelical Theological Society Bulletin*, Vol. IV, 1961, N.º 4.)

**16. Os seus pés.** Idêntico com Is. 59:7. Possivelmente Isaías faz citação aqui, ou talvez fosse uma expressão comum. Veja comentários sobre 30:5 com referência a outras citações encontradas nos Provérbios de outras passagens do V.T.

**22. Ó néscios.** Obviamente aqueles que estão em pecado. A palavra **escarnecedores** foi usada no Sl. 1:1 fazendo paralelo com **ímpios** e **pecadores**. Cons. comentário sobre 3:34.

**25. E vós.** Os versículos 24 e 25 dão um motivo como uma prótase; a apódose ou conclusão está no versículo 26. Quando recusamos o convite do Senhor, chega o momento em que a porta da graça se fecha.

**32. Seu desvio.** A *inconstância* dos pecadores (de acordo com a Versão Berkeley). A palavra geralmente se refere à apostasia, ao afastamento de Deus.

## Provérbios 2

**2:1. Filho meu.** Esta saudação aparece treze vezes nos primeiros sete capítulos. Ela ajuda na demonstração da unidade desta seção 1:1 - 9:18.

**6. O Senhor dá a sabedoria.** A natureza essencialmente religiosa da exortação ficou aqui ilustrada.

**13. Caminhos das trevas.** Os versículos 12-15 falam do mal de maneira generalizada. Isto ficou habilmente caracterizado pela expressão **caminhos das trevas**. O pecado continua florescendo nas trevas. O contraste está expresso em 4:18,19, onde o caminho dos justos foi comparado à luz e o caminho dos ímpios às trevas, Contudo, uma palavra hebraica diferente da que foi usada em 2:13). A figura ética da luz e das trevas aparece também em Is. 5:20; Sl. 43:3; e em alguns poucos outros lugares onde o contraste é menos explícito. Não é comum ao V.T., mas encontra-se nos códices do Mar Morto e no N.T.

**16. Da mulher adúltera, da estrangeira.** Estas duas expressões obviamente se referem à mulher "livre". As palavras significam basicamente "estranha" e "estrangeira" (Berkeley), mas em Provérbios está claro que a imoralidade está implícita. Em outras passagens do V.T. não acontece isto. Rute intitula-se uma "estrangeira" (Rute 2:10). Essas expressões quando usadas em Provérbios são eufemismos de *zônâ*, "prostituta", uma palavra poucas vezes usada neste livro.

**17. O amigo da sua mocidade.** Seu marido (Berkeley). **A aliança do seu Deus.** Provavelmente uma referência interessante à divina sanção dos votos matrimoniais.

**18. A sua casa se inclina para a morte.** A tradução torna-se difícil nos detalhes, mas o significado está claro por meio de comparação: o salário do pecado é a morte. O mesmo pensamento foi repetido com palavras muito semelhantes em 5:5; 7:27; 9:18. A passagem mais parecida é 7:27, que diz que sua casa é a estrada do Sheol, descendo para as câmaras da morte; isto é, o adultério é fatal. É difícil contudo aceitar **sua casa** como sujeito de **inclina** em 2:18, porque "casa" é masculino e hebraico e o verbo *shuah* é feminino. Toy (*The Book of Proverbs*, ICC, ad loc.) acha, portanto, que ele deriva de um verbo semelhante com as mesmas consoantes, *shahah*, "ser vergado". Isto, possivelmente, está correto. **Da morte.** Hebraico, *repâim*, traduzido por alguns como

*sombras da morte* (RSV e Berkeley). Esta tradução não é absolutamente necessária. A palavra não pode se referir à teologia do outro mundo. Sua etimologia é incerta. Encontra-se diversas vezes no ugarita (C.H. Gordon, *Ugaritic Handbook*, glossário) e ali foi feito paralelo de "divindades". O uso não é muito instrutivo, uma vez que envolve a teologia ugarita, que é inteiramente diferente da Bíblia. Somos levados a considerar os sete outros exemplos bíblicos do uso da palavra. Três vezes foi usado como paralelo de "mortos"; duas de Sheol; duas não tem paralelo. Instrutiva é a passagem de Is. 26:14, 19. No primeiro versículo a queixa é que os mortos, os *repa'im*, não viverão nem ressuscitarão; no último versículo há a promessa de que viverão. A palavra significa simplesmente gente morta. Quanto ao estado dos mortos ser irreal, consciente ou inconsciente, a palavra nada diz. (Sobre este assunto cons. o ensino claro de Fp. 1:23; Lc. 23:43; et. al.). Há outra palavra soletrada da mesma maneira que é o nome de uma das nações de Canaã, os refains. Essa palavra às vezes é traduzida para "gigantes", mas provavelmente não o é corretamente.

### Provérbios 3

**3:1. Os meus ensin.** Esta frase e "meus mandamentos" (2:1) e palavras semelhantes não devem ser pressionadas para se referirem à lei de Moisés. São os conselhos do pai e mestre. Considera-se, entretanto, que seja a palavra do Senhor. O autor dá a entender que está transmitindo mandamentos divinos, como Paulo faz em I Co. 14:37. Embora um fim prático seja geralmente a intenção dos Provérbios, o autor insiste na retidão por si mesma, não porque ela seja a melhor política.

**2. Aumentarão os teus dias.** Uma possível alusão ao primeiro mandamento com promessa (Êx. 20:12).

**3. Ata-as ao teu pescoço.** Uma frase semelhante, mas não idêntica aparece em Dt. 6:8. Mais aproximada é a de Pv. 7: 3: "Escreve-os na tábuas do teu coração".



**5. De todo o teu coração.** Este versículo precioso contrasta a sabedoria humana comum e a sabedoria divina que é a base de todo o livro. **Coração** no hebraico é usado simbolicamente para representar não tanto a sede das emoções como a sede do intelecto e da vontade. Em outras palavras, submeta seu ego a Deus. Não procure ser independente dEle.

**6. Endireitará.** Hebraico, *tornar reto*. O versículo não promete propriamente orientação mas capacidade para avançarmos.

**9. As primícias.** Uma interessante referência à legislação levítica. De maneira geral, os Provérbios silenciam quanto às leis mosaicas (mas cons. os versículos mencionados no Comentário em 115:8), embora essas leis estivessem declaradamente em vigor quando os Provérbios foram escritos – mesmo de acordo com a opinião dos críticos que colocam tanto os Provérbios como a legislação levítica no período pós-exílico. O silêncio dos Provérbios neste setor simplesmente tornam a indicar que o argumento do silêncio é muitas vezes ilusório.

**10. Vinho.** O hebraico tem duas palavras para vinho. *Yayin*, que significa vinho fermentado, foi usado na passagem condenatória de Pv. 23: 31-35. *Tirôsh*, usado aqui referindo-se ao produto fresco do lagar, é exatamente o "mosto" ou "suco de uva". As duas palavras foram traduzidas para *oinos*, "vinho", pela LXX.

**11. Não rejeites a disciplina do Senhor.** Citação de Jó 5:17, exceto que em Jó aparece o característico nome Shadday, "Todo-poderoso". Hebreus 12:5,6 cita a LXX ao pé da letra (textos alexandrino e sinaítico), como é normal em Hebreus. (Quanto a outras citações do V.T. em Provérbios, cons. 30:5).

**14. Lucro.** Talvez "valor".

**15. Pérolas.** Cons. Jó 28:18; Pv. 8:11; 31:10.

**18. Árvore de vida.** A frase também aparece em Gn. 2:9; 3:22-24; Pv. 11:30; 13:12; 15:4; Ap. 2:7; 22:2. Gênesis é a única fonte satisfatória para a referência de Provérbios. Devemos portanto concluir que, como no Apocalipse, esses versículos em Provérbios relacionam-se à narrativa

da Queda. Não há nenhuma evidência de uma "primitiva árvore da vida sagrada" como supõe Toy. Apocalipse 22:2 também se refere a uma árvore curativa junto ao rio do santuário (cons. Ez. 47:12; Zc. 14:8). Árvores famosas do Éden, o jardim de Deus, são mencionadas em Ez. 31:8-16. Todas essas referências presumem conhecimento da narrativa do Gênesis.

**19. Com sabedoria fundou a terra.** Cons. 8:25-31. A "sabedoria" dos Provérbios é basicamente um atributo divino, e não deve ser igualado com as máximas meramente terrenas de um professor inteligente. Esta sabedoria é a lei de Deus. Em Pv. 8, a sabedoria está personificada e é chamada de eterna, como Deus é eterno. Muitos têm encontrado aqui uma sombra de Cristo, que é uma interpretação possível, mas não certa.

**27. Não te furtas.** Pague os salários e os pague a tempo, isto é, trate o trabalhador com honestidade e justiça (cons. Lv. 19:13; Ml. 3:5). Outros alargariam a injunção incluindo toda a caridade.

**32. O perverso.** O significado da raiz é aparentemente *partir*. Esta forma só é usada em Pv. 2:15; 3:32; 14:2; Is. 30:12. Seu paralelo é "trapaceiro". A LXX diz *transgressor*. Talvez "transgressor" ou "apóstata" dê o significado mais certo.

**34. Ele escarnece dos escarnecedores.** A mesma raiz, *lis*, foi usada em ambos, substantivo e verbo. Mas os significados provavelmente são um tanto diferentes. O verbo tem o significado de "ridicularizar" (cons. Sl. 119:51). A LXX foi citada em Tg. 4:6 ao pé da letra; I Pe. 5:5 usa *resistir* numa tradução livre. O substantivo, contudo, limita-se a Provérbios, Sl. 1:1 e Is. 29:20. É um dos muitos sinônimos para o homem ímpio. O grego usa a palavra *arrogante*, que é uma imagem exata. Seu antônimo é **humilde** na segunda metade do versículo. Mas há uma larga variedade na tradução grega desta raiz. Evidentemente ela tem muitas implicações de perversidade.

## Provérbios 4

**4:3, 4. Filho ... de meu pai.** Estes versículos dão um toque interessante. O pai-professor declara que sua doutrina não é nova. Não há motivo para não percebermos aqui o solícito cuidado de Davi e Bate-Seba por seu filho Salomão.

**7. Adquire a sabedoria.** A RSV e Berkeley insistem em traduzir aqui o genitivo – *O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria.* Também Toy e Delitzsch (*The Proverbs of Solomon*, KD, reeditado). Mas isto parece desnecessário. Oesterley (*op. cit.*) e Fritsch (*op. cit.*) preferem ignorar o versículo uma vez que não aparece na LXX. A mesma forma **princípio** foi usada quatro vezes não no genitivo. O significado de "o mais importante" ou "principal" está bem comprovado. A tradução da E.R.A. pode ser defendida. **O princípio da sabedoria é: Adquire sabedoria** deforma a idéia de 1:7 e parece inconveniente. **Com tudo o que possúis** e não *com todo o teu esforço*. **Adquire o entendimento.** Aqui não há um progresso – Não pare na sabedoria; adquira entendimento verdadeiro. Antes, conforme ocorre normalmente nos Provérbios, a sabedoria e o entendimento são sinônimos.

**9. Coroa de glória.** A expressão também foi usada em 16:31; Is. 62:3.

**12. Não se embaraçarão** (cons. Mt. 7:14). Seus passos não serão impedidos (Toy).

**14. Não entres.** Os versículos 14-27 representara o conselho da sabedoria isto é, afasta-te do mal (cons. Jó 28:28).

**18. A vereda dos justos.** Observe o contraste enfático com "o caminho dos perversos" (v. 19). **Dia perfeito.** O significado exato é discutível. Rashi e muitos outros preferem *meio-dia* (citado em Julius H. Greenstone, *Proverbs Math Commentary*). O significado geral está claro: o justo anda em luz crescente; os ímpios, nas trevas (cons. comentário sobre 21 13).

**22. Vida ... e saúde.** Cons. 3:8.

**23. Guarda o teu coração,** isto é, a mente que deveria buscar a conduta reta (cons. 23:26). **Dele procedem.** Gramaticalmente seria "do coração procedem"; mas mais provavelmente, "no guardar o coração com sabedoria" está a vida.

## Provérbios 5

**5:3. Os lábios.** Como um favo goteja mel, assim a mulher estranha diz palavras melosas; sua fala (lit. *paladar*, como o órgão da fala) é, nós diríamos, "manhosa". **Mulher adúltera.** Veja comentário sobre 2:16.

**4. Abismo.** O grego traduz para *fel* como sendo o máximo da amargura. O hebraico *la'anâ* parece que se refere a um arbusto amargo usado na preparação do absinto e tradicionalmente usado como medicamento para combater vermes.

**5. À morte.** veja comentário sobre 2:18.

**6. Não.** Um termo difícil traduzido pela LXX, Delitzsch, e outros para uma negativa. Pondera significa "pesa" ou "aplaina". O sujeito poderia ser "tu" ou "ela". Leia-se: **Ela não pesa** (ou considera) **o caminho da vida.** A última metade poderia ser traduzida: **Anda errante nos seus caminhos.** O último verbo também poderia ter por sujeito "tu" ou "ela". *Ela não sabe* (Berkeley e RSV do mesmo modo). Jones e Walls ("Proverbs", *The New Bible Commentary*) favorece um significado pouco autêntico do verbo: Ela não descansa.

**9. Dês a outrem a tua honra.** Provérbios 5:9-14 foi habilmente intitulado "A Estrada do Libertino" por Jones e Walls.

**15. Tua própria cisterna.** Os versículos 15-17 são altamente poéticos e contêm lindas exortações à fidelidade, enquanto 16, 17 provavelmente se referem aos filhos. Sob qualquer circunstância, as bênçãos da fidelidade conjugal estão lindamente apresentadas.

**19. Saciem-te os seus seios.** Esta palavra hebraica, *dad*, traduzida para **seios**, não tem a conotação esperada neste versículo como uma outra palavra, *shad*, poderia conter. Certas cópias da LXX e o paralelo em Pv. 7:18 argumentam que a palavra aqui deveria ser lida com outra

vogal, *dod*, e traduzida para: *Que o seu amor te satisfaça* (também Greenstone e a RSV).

**21. Perante . . . O Senhor.** Contrariando Toy, que costuma encontrar em Provérbios o conceito das bênçãos temporais como incentivo para a moralidade; este versículo prova que a opinião do autor inclui uma referência mais elevada da santidade de Deus como justificativa para a retidão.

**23. Falta de disciplina.** O hebraico diz: *sem instrução*. Sem dúvida "por falta de disciplina" é a idéia (também a RSV, BV, Jones e Walls, etc.).

## Provérbios 6

**6:1. Se ficaste por fiador.** Os costumes referentes ao empréstimo de dinheiro entre os judeus na antiguidade não são de todo conhecidos. Toy imagina que não havia o emprego da fiança na vida pré-exílica "comercialmente simples". Contudo poderia parecer que os extensos empreendimentos de Salomão, atualmente comprovados pela arqueologia, e o desenvolvimento da vida econômica descrito por Amós e outros deveria conceder ampla oportunidade para fazer empréstimos com fiança; embora não tenhamos exemplos disso em outras passagens. As atitudes rabínicas são discutidas por Greenstone, que observa que a palavra hebraica para "fiança" nesta passagem era usada pelos comerciantes fenícios e passou para o latim como *arrabo*. Ele deveria acrescentar que no grego é *arrabon* (Ef. 1:14; cons. Zellig S. Harris, *Grammar of the Phoenician Language*, "American Oriental Series", Vol. VIII; Glossário).

Resumindo, a lei levítica proibia o empréstimo com juros a israelitas pobres (Lv. 25:35-37). O conceito era que devia-se emprestar o dinheiro necessário ao israelita pobre sem qualquer garantia. A Lei exigia que se um homem emprestava e tomava algo como garantia, ele não devia entrar na casa do seu devedor para retirar a garantia à força. E se um homem pobre entregava suas vestes como garantia, o seu credor

devia devolvê-las naquele mesmo dia (Dt. 24:10-12). Essas provisões satisfazem às nossas isenções pessoais mínimas. Era permitido fazer empréstimos aos não israelitas e provavelmente se faziam empréstimos comerciais. O autor do artigo "Usura", no ISBE, observa que a regulamentação do Pentateuco não inclui empréstimos comerciais; mas talvez ele vá longe demais ao dizer que os empréstimos comerciais eram praticamente desconhecidos. Antes é provável que a prática dos empréstimos comerciais desse lugar às injustiças de II Reis 4:1; Ne. 5:1-12. No ano da remissão são todas as dívidas israelitas eram canceladas (Dt. 15:2). O argumento é que os empréstimos comerciais eram permitidos, enquanto outros empréstimos eram proibidos.

Os juros, se podemos julgar segundo Ne. 5:11, eram geralmente de 1 por cento ao mês, embora sem dúvida variassem. Cobrar juros tão altos era usura e aqueles que o faziam em relação aos companheiros judeus eram condenados. O profeta Jeremias protesta (Jr. 15:10) que ele não se ocupou de tais especulações, ainda que todos os homens o odiassem – presumivelmente como odiavam os usurários. A palavra poderia ser traduzida para *extorquidores* no Sl. 109:11. A própria palavra empregada para "usura", *neshek* (Pv. 28:8), implica em "morder" ou "devorar", embora palavras mais brandas também fossem usadas. Não praticar a usura é um elemento de justiça no Sl. 15:5; Ez. 18: 8, 13, 17; 22:12. A prática do crédito está ilustrada em II Reis 4:1. Podemos racionalmente completar os detalhes imaginando que o marido tivesse feito um empréstimo comercial que sua viúva não tinha possibilidade de pagar; ou talvez algum usurário emprestasse a uma viúva violando a lei de Lv. 25:35-37. A E.R.A. traduz estas palavras por **juros**. Seria melhor traduzir para "usura", que aparentemente era o excesso condenado. Por causa desses excessos, Salomão adverte contra o tornar-se fiador de "outrem". Ele insiste a que se fuja rapidamente às possibilidades da ruína. A fiança está recomendada em Eclesiásticos 29:14, um livro pós-bíblico. Quando se desenvolveram ou que forma tomaram, não sabemos. É provável que no período de Salomão os abusos eram tais que

provocaram a censura aqui registrada (Veja também Pv. 11:15; 20:16; 27:13 – os últimos dois versículos são praticamente idênticos).

**6. A formiga.** Mencionada apenas nesta passagem da Bíblia e em Pv. 30:25 embora não haja provavelmente nenhuma dúvida quanto à tradução. Antigamente levantou-se o problema quanto ao armazenamento de comida pela formiga (veja Toy). Uma espécie de formiga do Oriente Próximo, entretanto, age assim. As formigas têm organização social, mas não têm nenhum chefe que corresponda à abelha rainha. **Ó preguiçoso.** Este nome se encontra quatorze vezes nos Provérbios e em nenhum outro lugar. Geralmente define-se como "pessoa que não gosta de trabalhar". Embora a palavra inclua esta idéia, pode conter nuances, tais como "incapaz", que não se refere apenas a um "fracassado". O seu uso em Provérbios prova que "preguiçoso" não é a conotação integral. Em 15:19, o contraste é de um *homem honesto* – não simplesmente um "trabalhador". Em 19:15 o paralelo é com *remiyyâ*, que geralmente se traduz por **mentira** na AV e na RSV, mas que foi traduzido para *inativo* nesta passagem. Em Pv. 21 : 25, 26 o contraste evidentemente é do *homem justo* (também na AV e Berkeley). A RSV separa os dois versículos e acrescenta uma idéia extra no versículo 26. Em 26:12-16 há diversos versículos sobre o preguiçoso. O versículo 13 é semelhante a 22:13. O versículo 15 é de 19:24. Mas 26:16, como versículo final, talvez contendo o clímax, diz que o "preguiçoso" é sábio a seus próprios olhos. Devemos observar que esta seção de Prov. 26 foi introduzida pelo versículo 12, que declara que aquele que é sábio a seus próprios olhos é pior que um "louco". Está claro que o autor está reprovando um "preguiçoso" não apenas por causa da preguiça mas por causa dos pecados associados à mesma. Esperamos provar com muitos exemplos que a palavra "louco" significa não um "débil mental" mas um "pecador". Assim o autor dos Provérbios aqui não está simplesmente recomendando economia e diligência; ele está, ao que parece, condenando uma característica que combina a preguiça com a astúcia!

10. Um pouco para dormir. Os versículos 10 e 11 são paralelos exatos de

24:33,34, com exceção de algumas vogais (cons. Introd.). Neste caso ambos os contextos falam de um homem preguiçoso, com o uso de diferentes comparações, mas tirando a mesma conclusão. O ditado devia ter sido um epigrama conhecido. A LXX o traduz de maneira um pouco diferente em dois lugares. O siríaco também difere, mas não da mesma maneira da LXX.

**12. O homem de Belial, uma pessoa má.** O homem vil. No hebraico, desonesto.

**13. Arranha com os pés.** Na LXX, *faz um sinal com seus pés*. O hebraico *malal* pode significar "falar", "esfregar", "arranhar", "definhar" ou "murchar" (BDB). O significado "arranhar" tem provas fracas. A expressão talvez se refira a algum gesto grosseiro. **Faz sinais com os dedos.** A palavra provavelmente significa "apontar", mas a conotação é difícil. Possivelmente um outro gesto grosseiro típico do homem perverso.

**14. Perversidade.** Uma palavra diferente daquela do versículo 12. Foi usada nove vezes nos Provérbios e fora daqui só em Dt. 32:20. A raiz significa *derrubar*. Está claro que se refere a algum tipo de mal, mas é difícil perceber a intenção exata. A LXX traduz *pervertido* (também Fritsch). Delitzsch diz *malícia*; Toy, *maldade*. Em 8:13 "uma boca perversa" faz paralelo com orgulho e arrogância. Em 23:33 um bêbado foi escrito falando "coisas perversas", com o uso desta palavra. **Semeando contendras.** Literalmente, *desencadeia contendras*. A tradução da LXX, *perturba uma cidade*, surgiu da confusão havida entre a palavra com uma derivada posteriormente. A raiz é *din*, "julgar", de onde temos *madon*, "luta". Esta palavra, **contendras**, com variações, encontra-se vinte e sete vezes nos Provérbios e três vezes em outras partes. Faz parte do vocabulário moral peculiar do livro. A redação de 16:28, "o homem perverso espalha contendras", é muito parecida com a. deste versículo.

**16. Seis coisas . . . e a sétima.** Não se refere aos sete pecados cardinais (Greenstone e Jones e Walls) nem a seis ou sete pecados indefinidos (Toy). Delitzsch acerta em cheio quando diz que o provérbio



é climático. Os seis itens são os antecedentes do sétimo, o qual recebe a ênfase (cons. Jó 5:19; Pv. 30:18, 19). A declaração conclui enfaticamente com o que o versículo 14 introduz – "espalhando contendas".

**21. Ata-os . . . ao teu coração.** Cons. 3:3.

**23. Mandamento . . . instrução.** Jones e Walls observam acertadamente que isto se refere à instrução paternal, mas que tal instrução consistia da lei divina (Dt. 6:6, 7).

**25. No teu coração.** Observe bem que os mandamentos do V.T. tratam das atitudes internas do homem. Quando Cristo dizia que a concupiscência já era adultério (Mt. 5:28) não estava desenvolvendo a doutrina do V.T. na intenção de livrá-la dos tradicionais comentários farisaicos (cons. R. Laird Harris, *Inspiration and Canonicity of the Bible*, pág. 53).

**30. O ladrão.** A idéia é que devia haver circunstâncias atenuantes para o roubo, e que a restituição contribuía grandemente para a remoção da culpa. Mas para o adultério não há justificativa. Traz consigo um conjunto de más conseqüências. Não há possibilidade de se fazer restituições.

**35. O resgate.** Um bom exemplo do significado de *koper*, "pagamento pacificador". Diz-se que a raiz significa *cobrir* (BDB), mas não tem esse uso no V.T., e constitui uma inferência dúbia do árabe. Do substantivo resgate formou-se um verbo demonstrativo, *kipper*, que logicamente significa "pagar um resgate". É o verbo muitas vezes traduzido "fazer expiação". Desse verbo se formou um outro substantivo, *kapporet*, "lugar de expiação". É a palavra que indica a tampa da arca chamada "o propiciatório" na A.V., ou hilasterion na LXX. Cristo é chamado de nosso hilasterion, ou "propiciação", em Rm. 3:25.

## Provérbios 7

**7:2. A menina dos teus olhos.** A pupila, um símbolo de coisa preciosa.

**5. Lisonjeia.** Não tanto lisonjeia como usa palavras agradáveis, isto é, sedutora (também Delitzsch e a RSV).

**7. Entre os simples.** Os tolos, os moralmente instáveis. Veja comentário em 1:4 e cons. 9:4 e 16.

**10. Astuta.** O hebraico, ao que parece, significa "prevenida", isto é, cheia de segredos, ardilosa (também Delitzsch). A descrição da -cena seguinte é clássica. Conforme Delitzsch diz: "os semelhantes se atraem", a sedução é completa, as justificativas são apresentadas. Mas o autor inspirado apresenta de maneira bastante severa o produto final do mal.

**11. Apaixonada e inquieta.** Antes, *tumultuosa e rebelde*. A rebeldia obviamente é a recusa em obedecer à lei de Deus e às obrigações da moral.

**14. Sacrifícios pacíficos.** Os sacrifícios pacíficos eram parcialmente comidos pelo crente. Portanto, nas festas nacionais, com milhares de pessoas presentes, as ofertas pacíficas eram feitas aos milhares. A mulher não está declarando que tenha recentemente prestado culto. Está, antes, tentando o jovem com a declaração de que a geladeira está bem provida, diríamos nós. "Meu marido não está em casa", ela diz; "o caminho está desimpedido. Podemos dar largas aos nossos sentimentos e ninguém ficará sabendo". Ninguém além de Deus!

**20. Lua cheia.** Palavra rara. A LXX e a Siríaca dá o sentido de *daqui a muitos dias*. Provavelmente o significado é "por volta da lua cheia", referindo-se a alguns dias pela frente.

**22. Num instante.** Antes, *imediatamente*. A resistência do homem ao pecado desmorona finalmente e o seu destino é selado. **Como o boi que vai ao matadouro.** O sentido é claro, mas novamente os detalhes são obscuros. O hebraico parece dizer: "como o tolo (que se dirige) para a prisão". A palavra "prisão" (grilhões) é, entretanto, rara e em outro lugar significa tornoeleira. A LXX traduz a palavra boi para "cachorro", dando um aspecto diferente ao texto "como um cachorro (que vai) para prisão". A palavra "prisão" na LXX vem da palavra hebraica "correção", com diferentes vogais. Então a LXX termina o versículo com esta

cláusula – "como um cachorro que vai para a prisão". A palavra "tolo" se entende com diferentes vogais e foi transferida para o versículo seguinte que, na LXX, tem esta tradução: "Um cervo ferido no fígado com uma flecha". A LXX traduz toda a passagem de maneira diferente do hebraico apenas em duas palavras. Tem o apoio da Siríaca e do Targum, e talvez deveria ser a tradução adotada.

**27. Sepultura.** Veja comentários em 1:12 e 2:18. Não devemos passar por cima da solene investida desta passagem nos detalhes da exposição. O pecado não pode ser saciado impunemente; seu salário é a morte. A fraudulência do pecado é uma velha história, mas o antigo escritor hebreu desmascara aqui lindamente suas mentiras e apresenta a verdade nua e crua. Mas ele não para aqui. Há uma cura para o pecado - é a Voz da Sabedoria no capítulo 8.

## Provérbios 8

**8:1. Não clama porventura a sabedoria?** Greenstone observa acertadamente que aqui não temos apenas um discurso sobre as belezas da vida familiar ou sobre a castidade, senão o contraste com a prostituta seda uma esposa consciente. Mas Greenstone não reforça sua sugestão para provar que o contraste é realmente entre o pecado e a piedade. É por causa disso que a sabedoria está personificada e tão intimamente relacionada com o próprio Deus. Provérbios 8:1-13 dá a exortação da sabedoria; 8:14-31 descreve a excelsa qualidade da sabedoria; 8:32 - 9:11 apresenta o convite da sabedoria, a fim de que se lucre com a sua instrução.

**5. Simples ... néscios.** Não são os débeis mentais, mas, conforme se deduz pelo precedente, os pecadores. Em relação a simples, veja comentários sobre 1:4. A palavra *kesil*, "louco", foi usada quarenta e nove vezes em Provérbios, dezoito em Eclesiastes, três vezes em outras passagens. É óbvio que faz parte do que temos chamado de vocabulário moral dos Provérbios. Seu uso em Eclesiastes é um tanto diferente, tal como seu correlativo, "sabedoria", foi usado nele de maneira diferente.

Em Eclesiastes, a sabedoria se refere ao gênio inventivo, à capacidade mental; a loucura é o prazer – até mesmo o prazer nobre do trabalho como a arquitetura, a jardinagem, etc. Ambos são igualmente condenados como infrutíferos. Em Provérbios, tanto a sabedoria como a loucura são de qualidade moral. Exemplos do uso de *kesil* são: 1) em conexão com *'iwwelet*, a "loucura" da qualidade pecadora, 12:23; 13:16; 14:8; 15:14; 17:12; etc.; esta raiz não se encontra no Eclesiastes. 2) o louco (*kesil*) foi colocado em contraste com o homem sábio ou com a sabedoria em Pv. 3:35; 10:1, 23; 13:20; 14:16; 29:11. 3) A palavra "louco" foi posta em paralelo com "simples" (*peti*) em 1:22; com "zombadores" (*les*) em 19:29; e associada com "mal" (*ra'*) em 13:19. A palavra "louco" ou "loucura", *'iwwelet*, em Provérbios, obviamente implica em maldade moral. Isto deve-se compreender caso tenhamos a doutrina de Provérbios em foco. Ele não é tanto um livro sobre a inteligência quanto sobre a integridade (veja Introdução, *The Teaching of Verbs*).

**8. Torta.** Não a palavra usada em 2:12 e outros lugares. Esta raiz, *patal*, significa "torcida"; é usada portanto em se tratando de "corda", "laço", "luta", etc. Aqui se trata de coisa moralmente torta, o oposto da honestidade. Perversa. Deturpada.

**10. Meu ensino.** O hebraico declara estritamente: *Aceite a minha instrução e não (aceite) a prata*. É um negativo comparativo (cons. 9:8; 31:6; e, como outro exemplo famoso, veja Os. 6:6).

**11. Do que jóias.** Cons. 3:15; 8:10; 16:16; 31:10.

**12. Prudência.** O hebraico *'orma*. A raiz significa "seja sábio" e é usada no bom sentido, como aqui, e também no mau sentido (Gn. 3:1). **Conhecimentos.** Esta palavra também foi usada em outro lugar no mau sentido (Prov. 12:2). Aqui o sentido é bom,

**13. Aborrecem o mal.** Os versículos que ampliam o conceito do "temor do Senhor" são: 1:7, 29; 2:5; 8:13; 9:10; 10:27; 14:27; 16:6; 19:23. Jó 28:28, tal como Pv. 16:6, enfatiza o afastamento do mal. Pv. 8:13 adverte-nos que a verdadeira piedade nem sempre é positiva. A

doutrina que ensina que o pecado é odioso é uma verdade vital e maravilhosa. Antigamente, como agora, só a revelação bíblica destacava esta verdade.

**22. O Senhor me possuía.** Um versículo famoso. A LXX traduz assim: *O Senhor me criou*, como também a Siríaca. A personificação específica destes versículos levou a maioria dos primeiros Pais da Igreja a perceber aqui uma profecia sobre Cristo. Os heréticos arianos do quarto século fizeram, portanto, grande alarde com este versículo, considerando a sabedoria como coisa criada. O partido ortodoxo repeliu esta idéia, como dizem Jones e Walls, "por outros motivos". É curioso notar-se que a controvérsia se desenvolveu com base no texto da LXX. Pouco se recorreu ao hebraico. O hebraico usa a palavra *qana*. Este verbo foi usado muitas vezes com o sentido de "comprar", "possuir", "adquirir". Seu derivado significa "gado", ou praticamente, "riquezas". Só em Gn. 14:22 a expressão "criou" poderia ser uma tradução razoável. A RSV diz *criador* em Gn. 14:22 e criou aqui. A BV diz *possuidor* em Gn. 14:22 e fez aqui. Albright defende que as semelhanças do ugarita com Provérbios 8 e 9 são notáveis e defende a expressão "criar" nesta base (*op. cit.* pág. 7). A pergunta mais profunda é esta: Que função está sendo aqui atribuída à sabedoria? Parece que ela está sendo descrita como eterna – tendo existido. Antes mesmo que Deus criasse o mundo. Ela não foi ativa na criação, mas estava com Deus enquanto ele criava. Se a sabedoria é a justiça personificada, então a natureza eterna de Deus é justiça. **O Senhor me possuía** simplesmente significa: "Eu era do Senhor". A semelhança verbal com João 1:1 tem levado muitos a pensar em uma sombra de Cristo. Devemos comparar com Provérbios 8 a doutrina de Eclesiásticos 24, originária em cerca de 180 A.C., e a Sabedoria de Salomão, cap. 7. O Eclesiásticos é exagerado em seu louvor à Sabedoria, mas fá-la residir em Israel e à iguala com a lei de Moisés. A Sabedoria de Salomão também parece ser um desenvolvimento extravagante da doutrina dos Provérbios. Parece que não há indicação exata de que deveríamos encontrar Cristo revelado em

Provérbios 8. Nem deveríamos nos perturbar com a tradução, *O Senhor me criou*. Delitzsch observa: "A sabedoria não é Deus, mas é de Deus; ela . . . não é o próprio Logos".

**23. Desde a eternidade.** Em diversas expressões a Sabedoria se diz eterna: "no início de sua obra" (v. 22); "antes de haver abismos" (v. 24); "antes que os montes fossem firmados" (v. 25); isto é, antes que qualquer coisa fosse criada, a sabedoria já existia. É verdade, diz-se que a sabedoria nasceu no princípio (v. 24). Mas considerando que esta linguagem é altamente figurada, não há motivo para não aceitarmos que o versículo 22 também, em linguagem figurada, se refira à criação da sabedoria. É uma declaração poética da eternidade da sabedoria. Veja Delitzsch quanto às interpretações de Nicéia.

**24. Antes de haver abismos.** Toy deu grande importância ao conceito hebraico sobre a criação do mundo conforme sugerido em 8:24-29. Ele defende que os hebreus, tal como os babilônios, pensavam em um oceano subterrâneo (os **abismos**) do qual as fontes brotaram e no qual os **fundamentos** da terra foram estabelecidos. O céu era uma sólida cúpula sustentada por colunas e a chuva passava através dela quando as "janelas do céu" se abriam (Gn. 7:11). Tudo isto é uma interpretação imaginosa dos autores modernos que explicam literalmente as expressões poéticas das diversas passagens e, reunindo-as, criam uma cosmologia tosca que não está de acordo com a Bíblia. Toy argumenta que os hebreus criam que a chuva descia através dessas janelas quando estas se abriam. Ele se esquece que as janelas nas antigas casas hebréias não se fechavam como as nossas, pois não passavam de fendas nas paredes. Abrir uma janela numa casa podia significar fazer essa janela. Além disso, as "janelas dos céus" podiam derramar cevada e trigo (II Reis 7:2) ou outras bênçãos (Mt. 3:10). É obviamente uma expressão figurada que Toy forçou em um literalismo tosco. Também a afirmação de que os hebreus criam em águas subterrâneas é inteiramente incorreta. A palavra que aqui foi usada para "abismos", *tehom*, muitas vezes tem sido usada apenas referindo-se ao mar no qual Jonas foi jogado (Jn. 2:5),

ou onde os navios são sacudidos (Sl. 107:26). "As águas debaixo da terra" do segundo mandamento não podem se referir a algum oceano subterrâneo invisível. São simplesmente as águas além da linha da praia. Assim como os hebreus estavam proibidos de fazerem imagens de aves e astros dos céus ou animais da terra, também estavam proibidos de fazer imagens de qualquer coisa que existisse nas águas debaixo da terra, isto, peixes que habitavam os mares, lagos e rios (cons. Dt. 4:18). A Bíblia não fala de águas subterrâneas e a presumida cosmologia hebraica dos escritores modernos é mais ficção que qualquer outra coisa.

**27. Quando traçava o horizonte.** Isto é, marcava o círculo do horizonte (cons. 26:10; 22:14; Is. 40:22). Estes versículos provavelmente se referem ao círculo do horizonte. O uso desta frase deveria nos ensinar que as outras expressões, "os quatro cantos da terra" e "os confins da terra" não têm a intenção de dar a entender que a terra seja quadrada.

**30. E em seu arquiteto.** Esta expressão hebraica só foi usada aqui e em Jr. 52:15. A LXX diz: *Eu estava planeando*. A tradução *artesão mestre* (RSV e Berkeley) parece ser a melhor. Baseia-se em uma tabuinha encontrada em Taanaque que tem essa mesma raiz com o significado de "mágico" ou "artífice" (W. F. Albright, "A Prince of Taanach in the Fifteenth Century", BASOR, Nº 94, Abril, 1944, pág. 18).

## Provérbios 9

**9:1. A sabedoria.** Aqui, como em Pv. 1:20, o substantivo é feminino plural, embora usado com um verbo no feminino singular. Este uso é comprovado pela gramática ugarita, conforme Albright destacou ("Some Canaanite - Phoenician Sources of Hebrew Wisdom", *Wisdom in Israel and the Ancient Near East*, etc. por M. Noth e D.W. Thomas, pág. 9). **Sete colunas.** Isto tem sido diversamente interpretado como um aspecto arquitetônico, artes liberais, sete sacramentos, etc. (veja Toy). Foi até usado por T.E. Lawrence como o título (irrelevante) do seu livro sobre a campanha árabe na Primeira Grande Guerra! Provavelmente é um

número redondo que traduz perfeição, dando a idéia de que a Sabedoria está inteiramente preparada para satisfazer.

**2. Misturou o seu vinho.** Exatamente o que isto quer dizer não está claro. Os gregos misturavam vinho com água em uma vasilha chamada *krater*, e a LXX traduz, *ela misturou o seu vinho em uma vasilha*. Apocalipse 14:10 declara que os ímpios beberão o vinho da ira divina sem misturas, isto é, não diluído. O livro apócrifo, II Macabeus, 15:39, declara que o vinho não diluído com água era considerado de mau gosto. Os rabinos diziam que o vinho da Páscoa devia ser diluído com três partes de água (Art. "vinho", ISBE; O Mishná, Berakoth, 7:5). Obviamente, nem todo o vinho da antiguidade era assim diluído, pois então ele não embriagaria. O vinho também era misturado com especiarias (Is. 5:22). O vinho da sabedoria é sempre simbólico.

**5. Vinde, comei.** O abençoado convite aparece com freqüência como um convite para um banquete; cons. Is. 55:1; Jo. 6:35; Ap. 22:17. Do. Este é um bom exemplo do uso ugarita da preposição *b*, indicando procedência (Story, *op. cit.*, pág. 329).

**7. O escarnecedor.** Veja observações sobre 1:22 e 3:34. Aqui **escarnecedor** faz paralelo com "pecador".

**8. Não repreendas o escarnecedor.** A negativa é comparativa. Não considera alguns homens incorrigíveis (como Toy), mas adverte da recusa a ser esperada do pecador. Veja em 8:10 outra comparação negativa.

**10. O temor do Senhor.** Veja comentados sobre 1:7. O Santo (E.R.A.) ou o Santíssimo (Berkeley). O nome está no plural, mas evidentemente é um plural de majestade (veja acima, 9:1) e é paralelo de Senhor.

**13. A loucura.** O feminino abstrato do substantivo "louco" que é freqüentemente usado em Provérbios com referência ao pecado (veja comentários sobre 8: 5). **Alvoroadora.** (E.R.C.). Veja também 7:11, onde a palavra aparece em contexto semelhante. Quer dizer "barulhenta", provavelmente com nuances que implicam em imoralidade.



**18. Os mortos.** Não as sombras (RSV) ou espíritos (BV). A palavra hebraica é simplesmente uma expressão poética para se referir aos mortos. Veja comentários sobre 2:18. Com referência a todo o quadro da prostituta, veja 7:5-27; 5:3-13, etc. O maior contraste da sabedoria versus o pecado na primeira porção do livro encontra aqui asna conclusão.

## **II. Miscelânea dos Provérbios de Salomão. 10:1 - 22:16**

É ponto de vista nosso que nos Provérbios a inspirada Palavra de Deus foi dada em uma forma literária especial. Tal como Davi usou o veículo da poesia, assim Salomão usou o veículo da literatura da Sabedoria, que ensina principalmente por meio de contrastes. Na primeira e principal parte (I) o contraste é mantido através de longas passagens – como, por exemplo, no contraste da mulher má com a sabedoria. Na seção fio contraste foi expresso em pequenas unidades constituídas de um só versículo. A grande maioria dos versículos desta seção tem um "mas" no meio do versículo.

A exposição se torna mais difícil por causa da natureza isolada desses provérbios. Não há um contexto imediato para nos orientar. Alguns comentaristas concluíram que os provérbios não seguem um plano, mas são uma coleção heterogênea (Greenstone). Toy os chama de "aforismos destacados". Delitzsch declara que há um agrupamento de idéias, não dentro de um plano compreensivo, mas um "desdobramento progressivo" que "brota continuamente". Há nesta seção uma espécie de unidade, mas vem mais da linguagem e do assunto que do arranjo. Anuncia-se um provérbio, depois o mesmo é repetido em outro lugar com variações que desenvolvem o significado.

O primeiro exemplo pode fazer um contraste entre as partes *a* e *b*; o segundo, entre *a* e *c*. Até mesmo um terceiro pode ocorrer, comparando *a* com *d*. Reunindo todos os três exemplos, temos uma definição mais completa do pensamento expresso em *a*. Seria mais fácil se esses pensamentos estivessem agrupados. Os antigos evidentemente achavam mais interessante ter esses pensamentos separados e um tanto ocultos.

Como já vimos, também há uma certa unidade no vocabulário moral que foi usado. Assim, muitos provérbios se relacionam com os justos, os sábios, os retos versus os cruéis, os tolos, os perversos. Estudo adequado de um versículo pode envolver estudo da concordância de todo o livro – mas, dizendo melhor, não um simples estudo da concordância mecânica, mas antes uma meditação séria sobre toda a maneira de pensar do autor. Pois através da repetição, contrastes, vocabulário diferente e variadas considerações do tema, Deus, através deste autor, ensina-nos que a justiça exalta qualquer um, mas que o pecado é sempre um opróbrio. Devemos insistir novamente que este não é um Almanaque de ditados substanciais, cheios de senso comum sobre os problemas da vida; é uma coleção divina de máximas que ensinam o caminho da santidade.

### A. Provérbios Contrastantes. 10:1 - 15:33.

#### Provérbios 10

**10:1. Provérbios de Salomão.** Veja Autoria na Introdução. Um **filho sábio**. Esta frase foi novamente usada em 13:1; 15:20. Na última, 20a é idêntica a 10:1a. O contraste em 13:1 é com "escarnecedor" (veja comentários sobre 1:22). Em 15:20 o contraste é com "louco" (veja observações sobre 8:5).

**2. Os tesouros da impiedade,** isto é, lucro desonesto. O versículo 10:2b faz paralelo com 11:4b.

**3. (A alma do) justo.** Aqui, como ocorre com frequência, abria foi usada com referência ao todo da pessoa (cons. Sl. 37:3, 25).

**4. Mão remissa.** À primeira vista, nas traduções inglesas, parece que é apenas uma recomendação de frugalidade. Mas a palavra **remissa** costuma significar *fraudulenta*. A dificuldade consiste em que sua raiz, *ramâ*, tanto pode significar "enganar" quanto "afrouxar", embora este último significado não seja bem confirmado. Encontramos o contraste com "diligente" em 12:24 e 12:27. "Remissa" tem seu paralelo em "indolente" em 19:15, que se contrasta com "diligente" em 13:4.

"Indolente" tem conotações morais, conforme vimos em 6:6. Podemos portanto concluir que 10:4 significa: "Aquele que trabalha com mão fraudulenta fica pobre; mas a mão do justo o torna rico".

**5. Filho entendido.** Nas traduções inglesas este é um provérbio que se opõe à preguiça. Toy, contudo, observa que o versículo poderia também ser invertido – "O filho entendido ajunta no verão", etc. Esta é a ordem do grego. De acordo com este ponto de vista, temos aqui uma característica de um homem bom – ele é providente – e não uma sugestão de que a providência torna boa uma pessoa!

**6. Violência,** E.R.C. É melhor inverter a frase como faz a RSV e a Berkeley. O contraste vê-se melhor em 10:11, onde 11b é idêntico a 6b: a boca dos perversos "oculta a violência".

**7. A memória do justo é abençoada.** Esta frase é famosa entre os judeus e usada quando da morte de um homem bom. É a réplica hebraica do *requiescat in pace*, geralmente abreviado para *zsl* (*zeker saddîq liberaka*).

**8. O insensato de lábios** ("sempre moralmente mau", BDB) e seu paralelo feminino, "loucura", foram usados cinquenta vezes no V.T., e quarenta e uma dessas ocorrências de *'ewil* estão nos Provérbios. A tradução para **louco** no inglês moderno é enganosa. Uma palavra tal como "patife" seria melhor. O versículo 8b repete-o em 10b.

**10. O que acena com os olhos.** Veja comentados sobre 6:13.

**11. A violência.** Veja versículo 6.

**12. O amor cobre.** Observe a ligação entre este versículo e 17:9; 16:28. Em 17:9 o oposto do homem que cobre uma transgressão é o homem que amplia a falta de outrem. Tal homem em 16:28 "semeia contendas". Excitar contendas é a característica do ódio em 10:12. Há semelhanças verbais entre esta passagem e 6:14-19, a qual já Amos. Obviamente o significado aqui e nas alusões em I Pe. 4:8 e Tg. 5:20, não é que se amamos os outros, nosso amor expiará os nossos pecados; mas se realmente amamos os outros, daremos menos importância às suas faltas.

**14. A boca do néscio é uma ruína.** Jones e Walls observam de maneira precisa que ruína neste provérbio fornece uma deixa para o versículo seguinte. Geralmente isso acontece e a deixa oferece uma ligação entre os dois provérbios, porém algumas vezes a conexão fica totalmente perdido em português,

**15. O rico.** Este versículo sozinho seda enganador. Nem a riqueza nem a pobreza são coisas sagradas nos Provérbios. Uma comparação com 18:11 mostra que o homem rico pensa na imaginação que as sum riquezas são a sua força.

**19. No muito falar.** Provavelmente os versículos 18-21 formam uma unidade, onde o 20 e o 21 mostrara que não é a loquacidade que está sendo condenada, mas as palavras más.

**23. O insensato.** O restante do capítulo dá uma série de severos contrastes entre o ímpio e o piedoso. **Maldade.** Só em três lugares a AV traduz assim a expressão *zimmâ*. Em outros lugares é "iniquidade", "obscenidade", "crime". O patife acha que o pecado é divertimento.

**31. Perversidade.** Aqui e no versículo 32 fica melhor empregar o termo perverso.

## Provérbios 11

**11:1. Balança enganosa.** O mesmo pensamento se encontra em 16:11. Em 20:10 diferentes pesos e medidas são chamados de "abominação ao Senhor", e em 20:23 uma "balança enganosa" torna a ser condenada. São diversos os métodos do furto comercial. Um deles é a balança mal aferida. Outro é possuir unidades de peso de diversos pesos para serem usados na compra e venda com vantagem pessoal. Esses são os "dois pesos" condenados. **O peso justo.** Em hebraico, *pedra perfeita*. As pedras eram usadas como peso e era muitíssimo fácil raspá-las ou lascá-las. A lei de Moisés proibía toda essa desonestidade (Lv. 19:36; Dt. 25:15; cons. Ez. 45:10; Amós 8:5, et al.). Nossos governos, hoje têm repartições que fiscalizam pesos e medidas para manter os devidos padrões. Na teocracia de Israel, o estabelecimento de tais padrões ficava

geralmente a cargo dos sacerdotes. Por isso encontramos referências ao "siclo do santuário" (Êx. 38:26). Os pesos eram especialmente importantes, pois com a ausência de moedas, antigamente, a prata e o ouro eram pesados para se fazer pagamentos. Muitos desses siclos já foram descobertos. Pesava cerca de 11,4 gramas cada siclo comum (R.B.Y. Scott, "Weights and Measures of the Bible", BA XXII, 1959, 32-40).

**2. A soberba.** No hebraico há uma alteração entre soberba, *zadon*, e desonra, *qalon*.

**7. A expectativa da iniquidade.** O versículo 7a é paralelo a 10:28b. Veja também 11:23. Em Jó o termo **expectação (esperança)**, Jó 14: 7) se refere à vida do além (cons. Jó 14:7-15). Se o homem ímpio não tem esperanças após a morte, se a sua expectativa é a ira, quando a expectativa do justo é alegria, então o autor aqui olha pela fé além da sepultura como fizeram Jó, Davi, Daniel e outros.

**13. O mexeriqueiro.** O hebraico, *rakil*, "caluniador". A declaração de 13a faz paralelo com a de 20:19a, a qual veremos. **Encobre.** Veja também 10:12, onde se usa a mesma palavra.

**14. Multidão de conselheiros.** Cons. 24: 6 com referência à mesma expressão.

**15. Fiador.** Veja comentários sobre 6:1.

**16. A mulher graciosa.** Não no sentido moderno, isto é, culta e agradável, mas literalmente, *uma mulher virtuosa*. Possivelmente o versículo 16b não é uma simples declaração adicional, mas uma comparação bem conhecida – "Uma mulher virtuosa alcança honra como os poderosos adquirem riqueza".

**17. O homem bondoso.** Provavelmente um paralelo de "mulher graciosa" no versículo

**16. A si mesmo se fere,** isto é, há uma recompensa para a bondade.

**18. O perverso ... recompensa.** Uma aliteração, *sheqer* versus *seker*. Tais aliterações, deixas e repetições são alguns dos aspectos do

estilo de Provérbios que às vezes explicam a ordem do material, mas que -ficaram perdidos na tradução.

**20. Perversos. Desonestos. Os que andam em integridade. Perfeitos, completos** (moralmente).

**22. Jóia de ouro.** O anel que as mulheres do Oriente costumavam usar no nariz. Que coisa incongruente se estivesse no focinho de um animal tão imundo! Mas é a mesma coisa quando uma mulher só tem beleza sem caráter. **Discrição.** Isto sem dúvida é percepção moral, como em Sl. 119:66.

**24. A quem dá liberalmente.** Os versículos 24-29 podem ser considerados como um grupo que trata da liberalidade "Dai e dar-se-vos-á". Esta pessoa dá com o coração generoso (v. 25). O oposto acumula cereais – e podemos supor que havia muitos comerciantes fazendo o mercado negro em ocasiões de cercos e fomes – e recebe maldição em lugar de bênçãos. O erro não está em *ter* riquezas mas em *confiar* nelas (v. 2).

**25-31. A alma generosa prosperará** (cons. Sl. 1:3; 52:7, 8; 92:12-14; Jr. 17:8). Este pensamento aparece com freqüência nos Provérbios.

**30. Árvore da vida.** Veja comentários sobre 3:18. **O que ganha almas.** A expressão idiomática não está claramente é: *aquele que toma almas* (pessoas) *é sábio*. Alguns interpretam: "o homem sábio adquire amigos" (Berkeley). Fritsch diz que *toma* significa "destruir". A RSV dá-nos uma hipótese desnecessária de que a ilegalidade tira muitas vidas (trocando *hakam* para *hamas*). Delitzsch apóia a AV, que é satisfatória, embora possa incluir mais que pescar homens.

**31. O justo.** A LXX interpreta que o justo será punido pelo seu pecado; quanto mau o ímpio. I Pe. 4:18 cita esta passagem ao pé da letra. Contudo, o hebraico também pode ser entendido como significando que o justo obterá uma bênção, enquanto o perverso receberá o juízo. O siríaco concorda com a LXX e esta interpretação pode ser aceita.

## Provérbios 12

**12:4. A mulher virtuosa.** A frase foi novamente usada em 31:10. A palavra *hayil*, quando se relaciona com os homens, especialmente soldados, significa "força". Referindo-se a uma esposa, indica as virtudes femininas, talvez "nobreza". Provérbios 11:16 fala de uma mulher **graciosa**; 19:14 refere-se a uma mulher **prudente**. Todos estes termos no contexto de Provérbios falam de uma mulher *boa* sob diversos aspectos.

**8. Entendimento.** A palavra *sekel* foi aqui colocada em contraste com um coração "perverso" ou "desonesto". Em outro lugar foi colocado em oposição à "perfidia" (13: IS), "estultícia" (16:22; 23:9). Delitzsch, Toy e outros parecem absolutamente enganados em chamá-la de simplesmente "inteligência". A sabedoria moral ou bondade é o que certamente se pretende.

**11. O que corre atrás de coisas vãs.** Este provérbio foi repetido quase ao pé da letra em 28:19. A RSV, Berkeley e Delitzsch traduzem para *procura vã*. Mas a Palavra não foi empregada dessa maneira em nenhum outro lugar. Em Jz. 9:4; 11:3; II Sm. 6:20 ela se refere a pessoas vãs, patifes. A LXX diz *vaidades*, talvez se referindo a ídolos.

**12. Do que caçam os maus.** A palavra *caçam* é difícil. A LXX a omite. A Siríaca a traduz: *fazer o mal*. Ela pode significar *torre forte* (RSV), e muito dificilmente, *presa de guerra* (Berkeley). A raiz é *caçar*. Possivelmente a Siríaca dá uma indicação para uma tradução proveitosa – "o desejo do perverso é andar atrás do mal", aceitando-a em uma forma arcaica.

**18. Alguém há cuja tagarelice.** Diversos provérbios começam com esta construção especial: "Há aquele que . . . " Os versículos 18-23 referem-se ao falar palavras torpes.

**28. Não há morte.** Não a negativa usual para esta construção hebraica, mas foi usada de maneira semelhante em 31:4. A LXX e a Siríaca faz de 28b um contraste de 28a, "os caminhos do perverso levam para a morte", que foi adotado pela RSV, Fritsch, Toy e outros. A tradução da AV, da BV, Delitzsch, Greenstone e outros relaciona o

versículo com a imoralidade. Mas a observação de Berkeley de que há "poucas declarações sobre a moralidade no Velho Testamento" é infeliz. Muitas referências positivas à ressurreição e vida futura existem nos Salmos e nos Profetas, embora grande parte seja discutida pelos mestres "liberais". Cons. Jó 19:25-27; Sl. 16:10; 17:15; Is. 25:8; 26:19; Ez. 37:10; Dn. 12: 2 e outras.

## Provérbios 13

**13:1. O filho sábio.** Veja comentários sobre 10:1. O verbo "ouve" tem de ser acrescentado na primeira parte do versículo como na AV, na LXX e na Siríaca.

**4. O preguiçoso.** Sobre as implicações morais do termo, veja observações sobre 6:6. A **alma** significa simplesmente o indivíduo.

**8. Com as suas riquezas se resgata.** A idéia é que o homem rico atacado ou raptado pode pagar o seu próprio resgate. Segundo uma lei hebraica um homem não podia comprar a sua própria liberdade em caso de julgamento. Ao pobre não ocorre ameaça. Cons. 1b, "o escarnecedor não ouve a repreensão". "Não ouvir a repreensão" é característica do homem mau. Por que dizê-lo do pobre? A LXX e a Siríaca seguem o hebraico. A RSV faz emendas drásticas. Talvez devamos traduzir *rash*, "pobre", como *ro'sh*, "chefe", tornando este versículo paralelo ao versículo 8a. O "chefe" ("chefão", como diríamos) não aceita repreensão; ele sempre consegue sair dos seus apertos por causa do seu dinheiro.

**9. A lâmpada dos perversos.** Veja também 20:20; 24:20; Jó 18:5; 25:17. Era uma metáfora popular.

**12. Árvore de vida.** Veja comentários sobre 3:18.

**14. O ensino do sábio.** O versículo anterior menciona a "palavra" e o "mandamento". O ensino, portanto, é mais do que isso nesta passagem (RSV, Berkeley). Este versículo é como o 14:27 com o "ensino do sábio" substituído por o "temor do Senhor". Certamente foi de propósito que o autor recorreu assim a um pensamento semelhante com variações.



**15. A boa inteligência consegue favor.** Muito parecido com 3:4. *Hen*, **favor** e *sekel*, **inteligência**, são aqui tão claramente termos morais resultantes dos mandamentos de Deus, que torna-se difícil entender como Delitzsch pode chamar *sekel* de "educação esmerada". A BV diz: *A boa inteligência empresta encanto*. A RSV fala de *bom senso*. Essas traduções perdem o significado do contraste entre a bondade e a transgressão

**16. Todo prudente.** Com. 8:12. O sábio, oposto de *kesil*, "velhaco".

**20. O companheiro dos insensatos se tomará mau.** Um jogo de palavras. No hebraico, *companheiro* e *mau* (destruído) são palavras semelhantes.

**24. O que retém a vara.** Sobre a vara da correção veja também 19:18; 22:15; 23:13,14. "Poupe a vara e estrague a criança" tornou-se um ditado popular. Devemos nos lembrar, contudo, que Provérbios não recomendam espancamentos. Nem o castigo físico constitui o único instrumento de educação mencionado (cons. 22:6). Na verdade, o ensino da justiça e O temor do Senhor são necessários para que a vara não venha a falhar.

## Provérbios 14

**14:1. A mulher sábia.** Não são exatamente as mesmas palavras de 9:1, mas aqui e em 14:2 a alusão àquele que "teme ao Senhor" é sem dúvida uma referência à primeira seção do livro, 1:1 – 9:18.

**5. A falsa** (testemunha). Repetido com variações interessantes em 19:5,9 e 21:28. As palavras são semelhantes às do nono mandamento, mas não idênticas.

**9. Os loucos zombam do pecado.** A primeira metade deste versículo é difícil de entender, principalmente porque *zombam* foi usado como verbo finito apenas seis vezes no V.T. Seu significado não está claro. Parecido com 14:9 é 19:28 – "A testemunha ímpia escarnece da justiça" (RSV). Parece que há motivos idênticos para traduzirmos os loucos *zombam* do pecado.

**12. Há caminho que . . . parece direito.** Este versículo foi repetido ao pé da letra em 16:25. (A respeito dessas repetições cons. Introd., *Coleções de Provérbios*). Neste caso, há uma deixa no versículo 12, "ao cabo", que se liga ao versículo 13.

**13. Até no riso.** Em vez de entendermos que este versículo exhibe um pessimismo incomum ao livro de Provérbios, o versículo pode ser ligado ao anterior, assim – "O fim do caminho que parece direito ao homem é triste e difícil".

**20. O pobre é odiado até do vizinho.** Este versículo não declara simplesmente uma verdade comum, nem a aprova. A deixa **do vizinho** no versículo 21 mostra que odiar o vizinho dessa maneira é pecado.

**24. A riqueza.** O grego, mudando uma letra, diz: *A coroa do sábio é a sua prudência* (também na RSV).

**27. O temor do Senhor.** Este versículo é continuação do 26, conforme a repetição do "temor do Senhor" indica. Sob outros aspectos, o versículo é paralelo de 13:14.

**31. A este honra.** Veja comentários sobre 19:17, e compare 17:5.

**32. Ainda morrendo, tem esperança.** Conforme vemos, um testemunho da esperança na eternidade. Pois em ainda morrendo, a LXX e a Siríaca dizem *betummo, em sua integridade*, traduzindo com o *m* e o *t* invertidos. É um forte testemunho contra o texto hebraico e foi adotado pela RSV. Toy argumenta a seu favor porque, conforme diz, o autor não tinha esperanças na vida futura. Torna-se perigoso julgar de antemão uma dúvida. Veja comentários sobre 12:28. Mas o texto em sua integridade tem um bom apoio.

## Provérbios 15

**15:4. Árvore de vida.** Veja observações sobre 3:18.

**8. O sacrifício dos perversos é abominável.** A frase, **abominável ao Senhor**, liga os versículos 8 e 9. Um grupo de versículos estão assim associados no hebraico. Provérbios 15:8 está repetido em 21:27a, onde se acrescenta que tal sacrifício provém de um coração perverso. Este

versículo foi citado nos Documentos Zadoquitas. Documentos do período da literatura do Mar Morto (veja Introdução sob o título *Autoria*). Toy, representando os mais antigos "liberais", observa que os sacrifícios foram mencionados só nesta passagem de Provérbios e em 7:14; 17:1; 21:3, 27 e sempre com desaprovação (mas veja também 3:9). Ele vê aqui um contraste entre a religião profética, que exigia moralidade, e a ênfase sacerdotal sobre o ritual. Ele cita o Sermão da Montanha como parte do movimento profético, que ele também vê em Amós 5:22; Is. 1:11; Jr. 7:22; I Sm. 15:22 e outros. Felizmente, esta reconstrução unilateral da religião israelita, com a perversão de tais textos, já não está mais na moda. É claro que os profetas se opunham a sacrifícios idólatras (Jr. 7:18; Amós 4:4, 5; e outros) e o sacrifício oferecido em desobediência; mas eles não se opunham aos sacrifícios verdadeiros. Na verdade, Isaías chama o Servo sofredor que estava para vir de "oferta pelo pecado" (Is. 53:10). Infelizmente o "liberalismo" mais recente da chamada Escola Sueca parte para outra tangente: Ela reúne os profetas e os sacerdotes, mas os transforma juntos em devotos do culto do Ano Novo babilônio.

**11. O além e o abismo estão descobertos perante o Senhor.** "Os olhos do Senhor estão em todo lugar" (15:3) e "os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor" (5:21). O **abismo** (*Abaddon*) faz paralelo com *Sheol* aqui e em 27: 20 e Jó 26:6. Faz Paralelo com "morte" em Jó 28:22 e com "sepultura" no Sl. 88:11. Fora destas passagens só foi usado em Jó 31:12 e Ap. 9:11. Sua raiz significa *perecer, morrer* (BDB). Delitzsch é vítima da tendência comum dos mestres de interpretarem *Sheol* e *Abaddon* segundo o Tartarus e Hades do grego. Isto é ilusório, pois os conceitos grego e hebraico da vida do além são tão diferentes quanto suas divindades. Essas palavras não designam o reino dos mortos nem os colocam em uma caverna subterrânea. São apenas palavras poéticas para sepultura, a qual, é claro, fica debaixo da terra. Com referência a *Sheol*, veja observações sobre 1:12 e 2:18.

**12. O escarnecedor.** O pecador. Veja observações sobre 1:22, 13. O coração alegre. Semelhante a 17:22. Este é um provérbio secular usado aparentemente para fazer contraste com o seguinte, com referência ao "coração entendido, isto é, um coração que tem integridade (cons. 12:25).

**17. O boi cevado.** Um boi gordo (RSV, Berkeley). Os versículos 16 a 18 combinam entre si como provérbios contra a ira. O versículo 18a faz paralelo com 29:22a.

**20. O filho sábio.** Veja comentários sobre 10:1. 24. O inferno em baixo. Com referência ao Sheol, veja observações sobre 1:12 e 2:18. As bênçãos do homem bom o salvam da morte prematura. Toy defende que o homem sábio é preservado da partida prematura para a sepultura. Delitzsch faz do versículo um contraste entre o céu e o Sheol para os ímpios, desenvolvendo a doutrina da vida futura. É mais simples aceitá-lo como a vida versus a morte.

## **B. Provérbios Especialmente Comparativos. 16:1 – 22:16.**

### **Provérbios 16**

**16:2. Puros aos seus olhos.** O mesmo pensamento aparece em 14-12 e 16:25. Este versículo torna mais explícito que o Senhor é o verdadeiro Juiz. O mesmo, com variações, ocorre em 21:2.

**3. Confia ... as tuas obras.** Estas palavras são muito parecidas com às do Sl. 37:5. E o Sl. 37:1 é nitidamente paralelo de Pv. 24:19.

**4. E até o perverso para o dia da calamidade.** Este versículo tem sido usado como apoio para o extremo calvinismo. Delizsch comenta que "a perversidade dos agentes livres está surdo considerado neste plano", mas ele não considera o versículo no sentido de um predestinação para o mal, o que os calvinistas meticolosos não fazem. O próprio Calvino, de acordo com Delizsch, afirmava que a predestinação para o mal seria um "dogma horrível". Mas na Bíblia a soberania divina tem sido ensinada lado a lado como livre arbítrio. O conhecido versículo,

"faço a paz e crio o mal" (Is. 45:7), naturalmente não se refere ao mal moral, mas às calamidades.

**5. Arrogante de coração.** Observe a ligação que há entre os versículos contra o orgulho; o espírito altivo e o orgulho antes da destruição (16:18); o orgulho antes da destruição e a humildade antes da honra (15:33); todo o orgulho é abominável diante do Senhor (16:5; cons. também 11:20a).

**8. O pouco havendo justiça.** Veja em 15:16, 17 palavras semelhantes.

**10. Decisões autorizadas.** Os versículos 10-15 apontam para diversas obrigações e funções dos reis (Greenstone). A passagem começa com um interessante versículo que devia ter agradado ao Rei Tiago I em 1611! Mas a palavra *qesem*, **decisões autorizadas**, não foi usada em nenhum outro lugar no bom sentido! Significa basicamente **adivinhação**, ou **oráculo** (LXX). *Decisões inspiradas* (RSV) e *decisão piedosa* (Berkeley) são grandiosas demais para se encaixarem no hebraico. Delizsch nos faz lembrar que Israel jamais considerou seus reis infalíveis. O provérbio do versículo 10 significa que o juízo verdadeiro é a obrigação dos reis. O dever é especificado e limitado em 16:12, 13.

**11. Peso e balança justos.** Veja a exegese de 11:1.

**15. A sua benevolência.** A palavra transmite a idéia de 16:13, onde o deleite do rei (a mesma palavra) diz-se orem os lábios justos.

**16. Melhor . . . do que o ouro.** Com. 8:10, 11. 18. A soberba precede a ruína. Veja observação sobre o versículo 5.

**21. Aumenta o saber.** O versículo 21b é paralelo de 23b em uma associação consciente. Evidentemente os sábios hebreus gostavam desta repetição com variações artísticas.

**22. Fonte de vida.** Com referência a 22a, cons. 10:11; 13:14; 14:27. Quanto a 22b, cons. 14:24.

**25. Há caminho que parece direito.** Idêntico a 14:12. Cons. 16:2.

**28. O homem perverso.** Compare com 17:9; 18: 8 (que é igual a 26:22). Sobre o falar mal dos outros, veja exegese de 20:19. Conforme

16:28 indica, *O difamador* não é simplesmente aquele que conta os segredos alheios mas um homem perverso "que espalha contendas" (cons. 6:14,19).

**31. Coroa de honra.** Os jovens têm a força com que podem se gloriar (20:29) e os idosos têm os cabelos brancos. Mas este versículo torna explícita a condição para a glória dos velhos – a justiça.

**33. A sorte se lança.** Greenstone conclui claramente (versus Toy e Delizsch) que esta não é uma sanção especial para o lançamento de sortes para determinar questões e muito menos para determinar a vontade de Deus. É simplesmente uma declaração de que o lançamento de sortes o mais extravagante dos atos humanos está controlado pelo Deus Todo-poderoso.

## Provérbios 17

**17:1. A casa farta de carnes.** Abundância de comida. Grande parte das ofertas pacíficas era comida pelo próprio ofertante. Veja observações sobre 7:14.

**2. O filho que causa vergonha.** Veja também 19:26; 29:15. Um servo sábio, isto é, honesto, desapossa o filho mau. Toy interpreta isto de maneira puramente secular, intitulado-o: "O talento tem sucesso."

**3. O crisol.** O cadinho que se usa na refinação.

**5. O que escarnece do pobre.** Compare com 14:31a, que é bastante parecido, e as observações sobre 19:17.

**6. Coroa dos velhos.** Veja observações sobre 16: 31.

**8. Suborno.** Vê-se por esta passagem que os subornos eram considerados eficientes (cons. 18:16; 21:14). Mas o autor não para aqui; ele condena o seu uso (17:23).

**9. O que encobre a transgressão.** Quanto a uma verdade semelhante a esta, veja 10:12. Veja 16:28 e a exegese de 20:19 quanto à verdade contida em 9b. Um bom exemplo de versículos distantes que se encaixam nos Provérbios.

**12. Uma ursa roubada dos filhos.** A mesma figura foi usada em Os. 13:8. Provérbios não contém tantas ilustrações da natureza como esperaríamos.

**13. O bem com o mal.** A maioria dos comentaristas aceita isto como prova de que Provérbios apenas adverte contra a ingratidão. Mas mesmo o mal praticado contra o mal é condenado (veja 20:22; 25:21, 22, citado em Rm, 12:20).

**18. Ficando por fiador.** Veja exegese de 6:1.

**21. O pai do insensato.** Veja exegese de 10:1 e compare 17:25 em relação a esta palavra, "insensato" (em heb. *nabal*; conseqüentemente, Nabal, I Sm. 25:25). Em Provérbios, só nesta passagem e em 17:7; 30:22. É um dos muitos sinônimos para "insensato". Como no Sl. 14:1, não significa simples estupidez. Salmo 14:1 significa: "O velhaco disse em seu coração: Não há Deus".

**22. O coração alegre.** Observe a semelhança com 15:13. Neste versículo também há uma deixa semelhante à do versículo anterior.

**23. Suborno** (cons. v. 8).

**25. O fino insensato.** Cons. 17: 21 e veja observações sobre 10:1. Os versículos 21, 25 ambos usam a palavra *kesil*, "insensato", em sua primeira parte, mas mostra variação artística na segunda parte.

**27. O sereno de espírito.** Ou espírito calmo (Berkeley e Delizsch). Podemos contrariar a declaração de Toy que diz que 17:27, 28 apenas ensina o "valor do silêncio". Antes, como prova Delizsch e enfatizam as palavras inteligência e estulto (*'ewil*, "patife"), o ensino é contra as palavras coléricas.

## Provérbios 18

**18:1. O solitário.** Este versículo é um tanto difícil de compreender nos detalhes. Por isso recebeu algumas interpretações forçadas. Delizsch toma a primeira parte do versículo como condenação dos "cismáticos e sectários", isto é, dos membros de igreja dissidentes, no sentido moderno da palavra. Hilel, também, de acordo com Greenstone, usou-o para

condenar o separatismo religioso. Mas esta interpretação é desnecessária e discorda de outras passagens das Escrituras. Paulo separou-se dos fariseus (Atos 19:9) de maneira inteiramente justificada. Obviamente, este versículo nada tem a ver com tais questões. O solitário é aquele que indevidamente separou-se de Deus, buscando o seu próprio desejo, não o do Senhor. Tal homem é um pecador.

**4. Águas profundas.** Com referência a 4a, compare com 20:5a.

**5. Ser parcial com o perverso.** Parcialidade no julgamento. Cons. 17:15, 16; 24:23; 28:21; Dt. 1:17; 16:19; et al.

**8. Maldizente.** Paralelo de 26:22. Veja observações sobre 20:19. *Doces bocados* (feridas). Usado só nestes versículos. A evidência para esta tradução, *doces bocados*, é insignificante.

**11. Uma alta muralha.** Este termo vem da mesma raiz de "seguro" no versículo 10. Este provérbio oferece um contraste ao provérbio do versículo 10, que dá o segredo da verdadeira segurança. Um homem rico só se sente seguro "segundo imagina". A RSV faz sua tradução partindo de uma raiz diferente e assim perde a ligação que existe com 18:10. O versículo 11 faz paralelo com 10:15a.

**12. Antes da ruína.** Observe a semelhança entre 18:12a e 16:18a; entre 18:12b e 15:33b. Veja observações sobre 16:5.

**20. Do fruto da boca.** Este versículo não fala de alimento, mas de palavras, e adverte sobre o que Jones e Walls chamam de "po der letal da língua!"

**22. Uma esposa.** A LXX acrescenta boa esposa, o que se entende de 12:4 e 31:10, mas não precisa ser expresso.

## Provérbios 19

**19:1. Melhor é o pobre.** Observe que 19:1a é idêntico com 28:6a. O contraste em 19:1 é com o homem perverso, o insensato. Em 28:6, o contraste é com o homem rico perverso. As riquezas por si não são condenadas, mas as riquezas com a maldade.



**3. É contra o Senhor.** O verbo hebraico significa *ficar zangado* ou *irritado*. O *ofendido* de Berkeley é bom. A LXX diz *censura a Deus*.

**4. As riquezas multiplicam os amigos.** Observe a semelhança com 14:20. Aqui o pensamento está aprimorado em 19: 6,7. Veja comentários sobre 17:8, 23. Aqui se declara o fato da influência das riquezas, mas não se aprova; em outro lugar condena-se o uso abusivo dos presentes.

**5. A falsa testemunha.** Quase idêntico a 19:9.

**10. A vida regalada.** Ou *luxo* (como na maioria das versões).

**11. A discrição.** A palavra *sekel* refere-se à sabedoria, mas à sabedoria moral que o livro de Provérbios recomenda. *Prudência* (Berkeley) é melhor do que *bom senso* (RSV). **Longânimo.** A palavra refere-se ao controle da ira, à lentidão em irar-se. O substantivo em Êx. 34:6 é "longanimidade".

**13. As contensões da esposa.** Esses provérbios sobre a mulher contenciosa às vezes evocam risadas. Os versículos com palavras semelhantes se encontram em 21:19; 25:24; e 27:15. Temos aqui a impressão de que o gotejar contínuo de um telhado esburacado é como uma mulher resmungona. Mas a palavra hebraica para contensões não se refere a resmungar. O pecado ao qual se faz objeção é declaradamente a ira. A mesma raiz se usa para "discórdia" (cons. 6:14,19). Muito se tem dito da ira nos homens. Estes versículos protestam contra o mesmo vício nas mulheres.

**14. Prudente.** A mesma raiz de "vida regalada" em 19:10.

**15. A preguiça.** Veja observação sobre 6:6.

**17. Quem se compadece do pobre.** Aquele que é caridoso. Provérbios 14:31a é semelhante. A caridade para com os pobres está veementemente ordenada na lei hebraica (Dt. 15:7 e segs.). Muitos versículos em Provérbios recomendam esta liberalidade (21:13; 22:9, 16; 28:3, 8, 27; 29:7). O usuário, por outro lado, está condenado porque oprime o pobre (cons. sobre 6:1).

**18. Castiga a teu filho.** Veja comentários sobre 13:24; 23:13, 14. A palavra traduzida para **matá-lo** deriva da raiz *hama*, "murmurar",

"berrar". A palavra também poderia ser traduzida como se a raiz fosse *mut*, "matar". Toy traduz: *Não te disponhas a matá-lo* e é apoiado por Greenstone, a RSV, Berkeley e outros. Delitzsch traduz de maneira semelhante. No hebraico é literalmente *não te exaltes até que chore* (ou até a sua morte). A tradução da AV ainda continua parecendo mais achegada do que as outras ao fraseado e contexto do hebraico. Mas conforme diz o paralelo em 23:14 ao declarar que o castigo salva a criança da morte, assim talvez, em uma expressão resumida, este provérbio quer dizer o mesmo: "Não evite o castigo e (assim) provoque a sua morte".

**24. O preguiçoso.** O provérbio de 24a está repetido em 26:15 em uma série que trata da preguiça.

**26. Filho é que envergonha.** Veja observações sobre 10:1 e compare com 29:15, que repete esta frase.

**27. Instrução** (que leva ao erro). As palavras "que leva ao erro" não se encontram no hebraico e o livro de Provérbios não usa esta palavra instrução em se tratando de doutrina falsa. Portanto a RSV e a Berkeley reconhecem acertadamente que o provérbio se refere a ouvir a instrução "só para dela se desviar".

## Provérbios 20

**20:1. O vinho é escarnecedor.** Veja o comentário sobre o vinho em 3:10. **Bebida forte.** No hebraico, *shekar*. O significado exato é incerto. Não é bebida forte no sentido que nós damos à palavra; pois antes da destilação ser inventada pelos árabes, nenhuma bebida era mais forte do que 7-10 por cento. Era intoxicante, corri o contexto das Escrituras freqüentemente declara. Toy e Berkeley (anotação ao pé da página) sugerem que talvez fosse uma bebida fermentada feita de sucos de frutas. O escritor sobre o artigo "bebida" no ISBE argumenta que *shekar* é o termo que inclui todo o tipo de tais bebidas, inclusive o vinho. Isto se deduz de Nm. 28:7, 14. O termo devia pelo menos incluir a cerveja. Sabemos que a cerveja era feita e usada na Palestina, pois já se

encontraram ali vasos para filtrar a cerveja. Nenhuma palavra hebraica parece referir-se à cerveja especificamente. O vinho era proibido aos sacerdotes em serviço (Lev. 10:9) e aos nazireus (Nm. 6:13). Era usado como oferta mas não era bebido. "Libação" seria mais exato. A palavra traduzida para **escarnecedor** é *les*. Como diz Delitzsch, o vinho é condenado por causa dos seus efeitos. Podemos observar que a condenação é bastante severa. **Por eles é vencido.** A palavra geralmente significa "errar" ou "desviar". A BDB argumenta que também significa "cambalejar" como faz o bêbado. Contudo, a única evidência para isto é Is. 28:7, onde a palavra é usada com referência ao "errar" por causa do vinho e também ao "errar" na visão. Não deveria se limitar ao embebedar-se, como Berkeley dá a entender. A passagem se relaciona com *qualquer* uso do vinho, por causa de seus efeitos finais. A LXX diz: *Mas todo insensato se deixa enredar por eles.* Veja comentários sobre 23:29 e segs.

**2. O terror do rei.** Sobre os reis, veja 16:10 e segs. e 20:8.

**4. Por causa do inverno.** A palavra não significa tanto o "frio" mas "outono" ou "inverno". Ele não lavra na estação apropriada. Cons. 10:5. A diligência é uma virtude. Observe a regra apostólica em II Ts. 3:10.

**5. Águas profundas.** Compare versículo semelhante em 18:4.

**6. A sua própria benignidade.** A palavra *hesed* significa "bondade", "amabilidade" (BDB), não "lealdade" (RSV). A BV aqui e a RSV em outros lugares com freqüência diz "amor constante", que é mais curioso e estranho do que errado. A palavra inclui amor, mas a constância que encontramos em alguns contextos deve-se à constância do Deus que ama.

**8. Um rei.** Veja 20:2.

**10. Dois pesos e duas medidas.** Pesos diferentes. Veja observações sobre 11:1.

**13. Não ames o sono.** Sobre a diligência, veja 6:9-11.

**16. Fiador.** Este versículo é idêntico a 27:13. Sobre fianças ver 6:1.

**19. O mexeriqueiro.** No hebraico, *rakil*. Provérbios 20:19a faz paralelo com 11:13a. Provérbios 20:19b explica o significado: "Não ande com alguém de lábios mentirosos" (Leia-se "enganar", não "adular", para o hebraico *pata*). *Rakil* em outro lugar está traduzido para *caluniador*. Levítico 19:16 o condena. Mas um **mexeriqueiro** não é o que as crianças chamam de "enredeiro". Outra palavra, *nirgan*, foi usada em 16:28; 18:8 (que faz paralelo 26:22); 26:20. Aqui, também, a ênfase foi colocada sobre o espalhar calúnias e discórdia, não sobre a tagarelice.

**20. Amaldiçoa a seu pai.** Uma ofensa capital (Êx. 21:17; Lv. 20:9). Vários graus de maldição e rebeldia filial eram reconhecidos. Sem dúvida a pena capital só era executada em casos extremos. Mas a atitude divina para com a ofensa foi declinada aqui e em 30:11 (veja contexto). Mús densas trevas. A palavra significa menina dos olhos, como símbolo da escuridão do meio da noite.

**22. Vingar-me-ei do mal.** O princípio estabelecido aqui foi reforçado em 25:21, 22, citado em Rm. 12:20.

**23. Dois pesos.** Compare com o versículo 10 e veja observações sobre 11:1.

**24. Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor.** A primeira parte de 20:24 é idêntica com a primeira parte de um versículo mais famoso, Sl. 37:23. Como o Sl. 37:1 também faz eco em Pv. 24:19, não devemos hesitar em chamar esses provérbios de citações (veja outras citações em 30:5, 6).

**26. Joeira os perversos.** Observe a semelhança com 20:8b. Literalmente, **joeira**. **Faz passar sobre eles a roda.** A palavra roda tem sido com frequência usada em outras passagens, mas o seu uso como castigo é desconhecido. Talvez tenha aqui o sentido figurado. Tal como um homem joeira o trigo e passa Sobre ele a roda debulhadora, assim Um rei pune o mal.

**29. Cãs.** Veja exegese de 16: 31.

**30. Os vergões das feridas.** Antes, *as equimoses dos golpes*, isto é, os sinais deixados pelos golpes. Eles curam a maldade do homem. **Os**

**açóites . . . o mais íntimo.** Não que os açóites atinjam as partes mais íntimas (Berkeley). Antes, os açóites, como os golpes, purificam o interior do homem (veja mesma frase em 27b).

## Provérbios 21

**21:2. Reto aos seus próprios olhos.** Quase idêntico a 16: 2.

**3. Mais aceitável ... do que sacrifício.** O pensamento é o de I Sm. 15:22, mas as palavras diferem um pouco. S/ sacrifícios, veja Pv. 15:8.

**9. Mulher rixosa.** Paralelo de 25:24. Na Verdade, o que se condena é o pecado da ira. **Na mesma casa** (numa casa larga). Ao que parece, um celeiro, de acordo com evidências ugaritas (Story, op. cit., pág. 325).

**10. Perverso.** Aqui há um jogo de palavras. No hebraico, "perverso" e "vizinho" têm o mesmo som.

**12. O Justo considera.** Um versículo difícil nos detalhes. A AV acrescenta "Deus" como sujeito da segunda metade. A BV torna a segunda metade passiva. Nenhum dos casos é inteiramente justificado pelo texto. Talvez fosse melhor dividir o versículo de maneira diferente: "O justo age sabiamente em casa; a perversidade lança o perverso na ruína". Isto envolve a introdução de uma vogal em "perverso".

**13. O clamor do pobre.** Veja exegese de 19:17.

**14. A dádiva em sigilo.** Um suborno. Veja observações sobre 17:8.

**16. Congregação dos mortos.** A palavra é *refaim*, "sombras", de acordo com Toy (também Berkeley, n.). A idéia não é certamente que o perverso "encontra repouse" (Berkeley), mas que ele "habita" ou "jaz" ali (Delitzsch). A frase **assembléia dos mortos**, nada diz do estado em que existem suas almas. Refere-se simplesmente ao seu jazer na sepultura. Veja exegese de 2:18.

**18. Resgate para o justo.** Um pensamento e um uso fora do comuta de resgate. A LXX diz *escória*, evidentemente interpretando que o versículo diz que o perverso não passa de refugo quando colocado em contraste com o justo. O sentido geral do versículo é que o mau e não o

bom deve ser julgado (Toy). Em Is. 43:3, 4 a palavra foi usada para como juízo divino sobre o Egito a fim de libertar Israel.

**19. Mulher rixosa.** Veja comentários sobre 19:13.

**27. O sacrifício dos perversos.** O versículo 27a faz paralelo com 15:8a, que já vimos.

**28. A testemunha falsa.** Paralelo a 19:9b.

## Provérbios 22

**22:1. O bom nome.** Não apenas reputação no nosso sentido da palavra, mas bom caráter.

**3. O prudente.** Este versículo é idêntico a 27:12.

**4. Da humildade.** Isto é, a consequência da humildade e do temor do Senhor. Cons. a tríade em 21:21.

**5. O perverso.** O desonesto.

**6. Ensina a criança.** Não uma palavra comum com o sentido de educar, mas o significado está claro e a promessa é rica.

**7. O rico domina sobre o pobre.** Com Provérbios 22 22:1, 2 em mente, vemos que esta cláusula declara um fato, mas não o aprova. Possivelmente o versículo é uma outra evidência contra o empréstimo com usura: "Assim como o rico domina o pobre, aquele que toma emprestado é servo . . ." Veja exegese de 6:1, sobre a usura.

**8. A vara da sua indignação falhará.** A LXX acrescenta aqui um versículo: "Deus abençoa um homem prestativo e liberal, mas ele punirá o insensato por causa de suas obras". Possivelmente II Co. 9:7 faz alusão à primeira metade deste versículo, mas não podemos ter certeza disso. Não precisamos supor a existência de um texto hebraico diferente, embora não seja impossível.

**14. Mulher estranha.** O versículo paralelo, 23:27, mostra que está se referindo à mulher de vida fácil.

**15. A estultícia ... ao coração da criança.** Como já vimos, a estultícia não se refere apenas a "travessuras estúpidas, brincadeiras tolas" (Delitzsch), pelo que naturalmente não bateríamos em nossos

filhos. O versículo também não declara que eles sejam "moralmente imaturos" (Toy). Ele diz que são pecadores e merecem castigo. As teorias atuais que dizem que as crianças não são naturalmente más, mas apenas desajustadas, e que a educação deve conduzi-las à auto-expressão, não encontram apoio no livro de Provérbios.

**16. O que dá ao rico.** Subornos e presentes são condenados (veja observações sobre 17:8, 23). Oprimir os pobres costuma ser condenado pelas Escrituras, mas dar aos pobres é recomendado em 28: 27.

### **III. As Palavras do Sábio, Trinta Provérbios. 22:17 – 24:22**

A seção anterior, 10:1 – 22:16, tinha o título, "Os Provérbios de Salomão". Era composta quase que exclusivamente de versículos de duas partes. Esta seção se compõe de unidades mais longas, geralmente estrofes de quatro partes, ou "tetrastichs" (por exemplo, os vs. 22, 23). Não concordamos com Oesterley e Fritsch que dizem que, em 22:17, a LXX tem o título, "As palavras do Sábio", porque no grego, "palavras" está no caso dativo, quando em um título deveria estar no caso nominativo. A tradução da LXX é um tanto livre, mas substancialmente é igual ao hebraico, exceto que inclui duas palavras do versículo 18 e no 17. A frase, "palavras do Sábio", que se encontra tanto no grego como no hebraico, caracteriza, contudo, devidamente, esta seção.

#### **A. Provérbios que Encontram Paralelo na Sabedoria Egípcia. 22:17 - 23:12.**

Os paralelos nesta seção com a Sabedoria de *Amen-em-Opet* foram extraídos de ANET e podem convenientemente ser localizados pela referência no quadro ao pé da pág. 424 naquela obra. (Com referência a um comentário desses paralelos e seu significado, veja Introdução, Provérbios e Outras Obras da Literatura da Sabedoria.)

**17. Inclina o teu ouvido.** A semelhança entre este versículo e a introdução da obra egípcia tem sido muito enfatizada. Mas as expressões "inclina o teu ouvido" e "ouve" são bastante comuns e encontram-se em outras passagens dos Salmos e Provérbios.

**18. Porque é cousa agradável ... os aplicares todos aos teus lábios.** Não há motivo para alterar esta tradução.

**19. A ti mesmo.** Toy e Oesterley fazem objeções a estas palavras por considerá-las redundantes. Mas não devemos julgar o hebraico através de nossas idéias de redundância. Greenstone cita Pv. 23:15 e I Reis 21:19 referindo-se a palavras muito parecidas.

**20. Excelentes coisas.** Comentaristas mais antigos e a BDB lutaram com esta palavra, a qual vem de uma raiz que significa três. Apenas foi usada em uma outra frase, **três dias antes**, com o significado de *anteriormente*. A pequena alteração de vogais sugerida pela evidência egípcia (veja Introdução, Provérbios e **Outras Obras da Literatura da Sabedoria**) resulta na tradução de tanta que é uma solução feliz. A palavra, então, foi usada com referência a trinta provérbios que vem a seguir. Toy sugere que a menção do escrever neste versículo é fora do comum nos Provérbios e aponta para uma data mais recente. Oesterley, defendendo a dependência da obra egípcia, conclui o oposto!

**21. A fim de que possas responder claramente.** Oesterley compara isto com o egípcio: "dar um relatório a alguém que o enviou", referindo-se à devida transmissão da mensagem. Mas os versículos seguintes não são instruções para mensageiros! Na realidade, até o egípcio tem obviamente um significado mais profundo, pois prossegue: "a fim de orientá-lo nos caminhos da vida". O hebraico usa um plural - "aqueles que te enviam". A LXX provavelmente tem o significado carreto: "Responda palavras da verdade àqueles que te interrogam" (cons. I Pe. 3:15).

**23. O Senhor defenderá a causa deles.** Isto não tem paralelo em *Amen-em-Opet*. O egípcio, afinal, só fornece ditados morais de senso



comum. Os Provérbios absorvem esses ditados de muitas fontes e os transformam no cenário de sua instrução divina.

**24. O iracundo . . . o homem colérico.** Literalmente, *proprietário da ira ... um homem de cólera*. Em 29:22 a fraseologia é semelhante, mas inversa: "Um homem de ira . . . proprietário da cólera". O paralelo egípcio é: "Não te associes ao homem acalorado nem o visites para conversar". Diversas vezes *Amen-em-Opet* contrasta o homem "acalorado" como "silencioso", isto é, o impulsivo versus o humildemente devoto (ANET, pág. 422, n. 7).

**25. Para que não aprendas as suas veredas.** O alegado paralelo egípcio, "para que o terror não causa a tua morte", não impressiona.

**26. Os que se comprometem.** Nenhum paralelo se alega para 22:26,27. Sobre os perigos da fiança, veja observações sobre 6:1.

**28. Não removas os marcos antigos.** O egípcio diz: "Não retires os marcos das fronteiras da terra cultivável . . . nem ultrapasses as fronteiras da viúva". Remoção dos marcos implica em falsificação do levantamento topográfico e roubo de terras (cons. Dt. 19: 14 e 27:17). Este versículo não ensina a veneração dos costumes históricos, mas o respeito pelo direito da propriedade. O provérbio egípcio é parecido, mas especialmente adaptado ao Vale do Nilo. Alguns têm defendido (Toy, pág. viii) que a repetição de um provérbio prova a existência de duas coleções, uma vez que um autor não repetiria aquilo que já havia mencionado. Contudo, nesta coleção dos "trinta" este provérbio aparece uma segunda vez; nus com uma variante no final (23:10). É interessante notar-se que *Amen-em-Opet* (no inglês) também tem uma repetição de três linhas no texto (ANET, pág. 422, col. 2; pág. 423, col. 2). Uma vez que tal repetição era aparentemente propositada, não pode ser usada para provar que houve dois autores. Cons. Introdução, **Coleções de Provérbios**.

**29. Um homem perito na sua obra.** Considerando que o egípcio diz: "O escriba que é experimentado no seu ofício, será digno de vir a ser um cortesão", e porque a palavra **perito** está um tanto associada com os

escribas no V.T., Oesterley e Fritsch acham que aqui se fala de um escriba. Mas não temos justificação para tal limitação. Os egípcios em *Amen-em-Opet* e em outros lugares ("In Praise of Learned Scribes", ANET, págs. 432, 434) glorificaram o trabalho dos escribas considerando a sua profissão superior à todas as outras. O hebreu exalta a diligência em qualquer profissão.

## Provérbios 23

**23:1. Comer com um governador.** Parece superficial dizer, concordando com Fritsch e Oesterley, que isto se refere às boas maneiras à mesa. Antes, relaciona-se com o trato da realeza. Prescreve o temor e a prudência diante de um rei. A questão é que a mesa do rei não é destinada apenas para a sociedade mas também para as conferências. Temos o quadro de uma festa real acompanhada de discursos na *Letter of Aristeas*, linhas 236.274 (R.H. Charles, *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, II, 117, 118), onde os emissários judeus junto a Ptolomeu são experimentados com perguntas feitas pelo rei à mesa. O paralelo de *Amen-em-Opet* diz: "Não coma pão na presença de um governador ... olhe para o prato que está na sua frente". As diferenças são tão grandes quanto as semelhanças. Nos Provérbios a atitude para com o rei (cons. também 25:6, 7) é a tela de fundo para a advertência de 23:4,5 contra a procura de riquezas, poder ou vantagens incertas.

**2. Mete uma faca à tua garganta.** Ameace o seu apetite com a morte.

**5. Fitarás os teus olhos.** Literalmente, *se você fizer os seus olhos voarem* sobre as riquezas, eles acabarão fugindo. O alegado paralelo egípcio refere-se às riquezas adquiridas pelo roubo.

**6. Os olhos malignos,** E.R.C. Não o mau olhado dos supersticiosos. A LXX também errou sob esse aspecto. A frase aparece em 28:22, o que não ajuda a esclarecer, mas Greenstone, Toy e Delitzsch comparam 23:6 com 22:9, onde os "bons olhos" se referem a um homem generoso. Aqui

a idéia correta é o avarento (**o invejoso**, E.R.A.) O paralelo egípcio é apenas aproximado. **Nem cobices os seus delicados manjares.** Repetição de 23:3. Poderíamos extraí-lo do versículo 3, diz Toy e Oesterley, mas não temos justificativa para fazê-lo.

**8. Perderás as tuas suaves palavras.** Cons. o versículo 9. O "insensato" desprezará a sabedoria das tuas palavras. Este paralelo ocorre na identificação do "insensato" de 23:9 com o homem avarento dos versículos 6, 7.

**10. Os marcos antigos.** Veja 22: 28. Aqui terminam os paralelos com *Amen-em-Opet*.

### **B. Provérbios sem Paralelo no Egípcio. 23:13 – 24:22.**

De maneira curiosa os alegados paralelos com o egípcio param subitamente, e os dois últimos terços desta seção dos "trinta" só tem um alegado paralelo com os trinta capítulos da obra egípcia.

**12. Aplica o teu coração.** Uma nova subdivisão dos "trinta" está indicada com essas palavras (cons. o título de 22:17).

**13. Não retires . . . a disciplina.** Sobre o uso da vara, veja exegese de 13:24.

**14. Livrarás a sua alma do inferno.** A palavra **alma** muito freqüentemente significa simplesmente a pessoa (cons. Sl. 107:9 e muitos outros exemplos em concordâncias). A palavra Sheol pode significar e geralmente significa simplesmente a sepultura (veja Gn. 42 : 38 ; Is. 14: 11 ; e comentário sobre Pv. 1:12; 2:18). A expressão paralela de 23:13 é "ela não morrerá". O versículo provavelmente não significa que o bater salvará a alma da criança (Greenstone), mas que lhe será espiritualmente benéfico e a salvará de morte prematura (Delitzsch e Toy). Oesterley faz a interessantíssima observação de que este provérbio tem um paralelo nos provérbios de Ahikar. Mas quanto à forma, o provérbio é mais parecido com 23:14 na cópia elefantina de *Ahikar* do que nas outras cópias, que presumivelmente criaram os originais babilônios. Ele conclui que os judeus no Egito moldaram o seu *Ahikar*

por este versículo dos Provérbios. Esta seção dos Provérbios retrocede, portanto, além do século quinto (cons. Introdução, **Provérbios e Outras Obras da Literatura da Sabedoria**).

**15. Filho meu.** Uma nova subseção caracterizada por um tratamento mais longo dado aos tópicos.

**16. O meu íntimo,** literalmente, *rins*. A linguagem hebraica usava os rins e o fígado como termos psicológicos exatamente como nós usamos o "coração". O "coração" hebraico aproxima-se mais de nossa palavra "espírito".

**20. Não estejas entre os bebedores de vinho.** A palavra *saba'* só aparece aqui e em Dt. 21:20; Is. 56:12; Naum 1:10. **Bebedores de vinho** não é uma tradução exata. A palavra não se refere tanto ao beber habitual de um homem, mas principalmente ao beber da bebida forte (Is. 56:12). Delitzsch observa : "beber vinho ou qualquer outra bebida intoxicante".

**21. Comilão.** Não parece haver justificativa para esta tradução. A palavra foi usada em Dt. 21:20; Pv. 23:20; 28:7; Lm. 1:8, 11; Jr. 15:19; e em Sl. 12:8 usou-se um derivado. Em cinco destes casos o comer nem sequer foi sugerido pelo contexto. O significado básico é o ser "leviano", "indigno". Refere-se mais à natureza desenfreada de uma festa do que ao excesso no comer (cons. Pv. 23:20). Ao que parece, o comer demais por si não é condenado de maneira nenhuma.

**26-28. Dá-me, filho meu, o teu coração.** Uma exclamação solene pedindo a atenção do ouvinte. Cons. Pv. 5; 7; 9 quanto à condenação do adultério.

**29. Para quem os pesares?** Esta seção parece não ser exatamente uma condenação ao excesso de bebida, mas uma exortação a que se fuja da bebida por causa de suas fatais conseqüências finais. Com. comentário sobre 3:10, onde uma bebida não intoxicante foi mencionada.

**30. Os que se demoram.** Uma palavra, realmente, derivada da preposição comum "após". Significa "permanecer atrás". Foi usada no Sl. 127:2 significando "permanecer acordado" em ansiedade. Foi usada em Is. 5:11 numa passagem semelhante à nossa para referir-se ao

permanecer acordado tarde da noite para beber. Que tragédia antiga e comum! **Bebida misturada.** Veja observação sobre 9:2.

**31. Resplandece no copo.** Ênfase dada à sedução das bebidas. Literalmente, *tem aparência. Resplandece. E se escoa suavemente.* Literalmente, *vai em frente. Desce suavemente.*

**32. Pois ao cabo.** Condenação enfática. "Não olhes" (v. 31) por causa das conseqüências finais. Você nunca irá montanha abaixo se não começar a descer! Como é forte e adequada a comparação que se faz com o veneno da serpente! Será que o autor dá a entender que um pouquinho não faz mal, mas que você não deve ir longe de mais? Essa não é a nossa atitude para com o veneno da serpente. **Picará.** O significado da palavra hebraica é incerta. A mesma palavra foi usada para com a picada da cobra em ugarítico (Story, *op. cit.*, pág. 326).

**33. Coisas esquisitas.** Antes, *mulheres estranhas.* A palavra foi usada em Pv. 2:16; 5:3, 20; 7:5; 22:14, sempre com referência a prostitutas. Temos aqui os trágicos companheiros e conseqüências da bebida – imoralidade, insensibilidade, irresponsabilidade. Não implica em ter idéias extravagantes que se observe que nenhuma palavra foi dita aqui sobre a permissão da bebida moderada. Nem se pode alegar honestamente que as palavras de Pv. 31:4-7 o fazem. Essa passagem menciona o excesso na bebida para entorpecer os profundamente infelizes. Provavelmente não justifica tal conduta, mas apenas contrasta a situação de um rei com a do criminoso: "Outros fazem assim; você não deve fazê-lo".

Se esta é a conclusão de Provérbios, quanto mais cuidadosos devemos ser nós hoje em dia. O vinho e a bebida forte dos tempos bíblicos eram como a nossa cerveja e vinhos leves. Não existia a destilação e por isso não se faziam bebidas fortes. Hoje em dia, a bebida socialmente tomada converte-se com muita facilidade em alcoolismo. Também, em uma era mecanizada um simples trago pode ter conseqüências bem piores para os outros do que 23:35 sugere. Por que, então, tanto se apegam a uma prática que rapidamente escraviza e tão

frequentemente degrada? Por que o beber em sociedade não poderia se limitar aos refrigerantes? Ou, então, se a fuga fornecida pelo álcool constitui o valor da bebida social, não seria o desejo de "fugir" já um alcoolismo incipiente contra o qual nosso autor contende? Eclesiásticos, um dos livros apócrifos aceito pelos católicos romanos, mas não pelos protestantes, contém um tratamento diferente para atacar o alcoolismo, mas que expressamente permite a bebida moderada (Eclesiásticos 31:25-30).

## Provérbios 24

**24:1-3. Com a sabedoria edifica-se a casa.** Nesta porção e nos versículos que vêm a seguir, os pensamentos se assemelham a alguns da primeira seção, 1:1 – 9:18. Isto indicaria alguma dependência (cons. 9:1).

**5. Mais poder tem o sábio.** A LXX, a Siríaca e o Targum diz *é melhor do que um homem forte*, o que é mais suave.

**7. Alta demais para o insensato.** Em 24:7-9, a loucura e o pecado aparecem novamente como o contraste do padrão proverbial da sabedoria.

**10. Se te mostras fraco.** Isto envolve um jogo com as palavras *sara*, "adversidade", e *sar*, "pequeno", "comprimido".

**12. Não o saberá.** Provavelmente este versículo liga-se ao precedente e denuncia as justificativas inconsistentes dos mortais. Estes versículos insistem em que somos guardadores de nossos irmãos. **E não pagará.** O pensamento parece-se com o de Sl. 62:12, mas as palavras não são idênticas. Reaparece em Mt. 16:27.

**13. Filho meu.** Outra subseção desta divisão dos "trinta".

**14. A tua esperança.** Cons. 23:18.

**17. Quando cair o teu inimigo.** O mesmo pensamento de 17:5. Oesterley e Fritsch opõem-se ao último pensamento de 24:18 – que se não nos regozijarmos, o Senhor continuará punindo nossos inimigos; caso contrário ele os poupará! Toy, Delitzsch e Greenstone não aceitam

este ponto de vista com tanta severidade. Da mesma forma, se aceitarmos Rm. 12:20 (citação de Pv. 25:21, 22) com o mesmo rigor, teríamos de alimentar nossos inimigos a fim de que eles fossem condenados com maior severidade! Antes, estas expressões apresentam os resultados dessas questões, não os propósitos.

**19. Não te aflijas.** Este versículo é idêntico ao Sl. 37:1, exceto pela última palavra. Com referência a outras citações, veja 30:5.

#### IV. As Palavras do Sábio, Apêndice. 24:23-34.

A razão principal para considerarmos este trecho separadamente é que com 24:22, os "trinta provérbios" chegam a um fim. Toy e Delitzsch, que escreveram antes da seção dos "trinta" ter sido sugerida, falam desta seção como de um apêndice ou suplemento dessa porção, como de fato deve ser. O material não é muito diferente. A LXX insere 30:1-14 antes desta seção.

**23. Parcialidade no julgar.** Cons. 18:5.

**26. Como beijo nos lábios.** Fritsch, Oesterley e outros observam que o beijo nos lábios não foi mencionado em nenhuma outra passagem do V.T. Toy acha que o costume veio dos persas. Outro argumento do silêncio! Está positivamente mencionado em ugarítico (C.H. Gordon, *Ugaritic Literature*, pág. 60).

**29. Como ele me fez a mim.** Isto é realmente uma declaração da regra de ouro (Lc. 6: 31). Foi lindamente expresso aqui, mas também em outras passagens (20:22; 17:13; 25:21, 22). Este ele Nado princípio ético não se opõe à legislação mosaica que estipula "olho por olho" (Êx. 21:24; Lv. 24:20; Dt. 19:21). Esta particular lei mosaica era para os juizes, e exigia que a penalidade fosse de acordo com o crime. Provavelmente não tinha a intenção de ser literalmente executada, e não temos exemplos de sua aplicação literal no V.T. Era e é um princípio de justiça. Cristo (em Mt. 5:38) não contradisse este princípio da lei do V.T., não se opôs à interpretação farisaica que permitia uma atitude de

vingança (*The Inspiration and Canonicity of the Bible* do autor, pág. 50-52). Encontramos o paralelo disto (24:29) em *Counsels of Wisdom* da Babilônia (ANET, pág. 427). Afinal, não é a ética do Cristianismo que se destaca como única – Deus deu consciência a todos os homens. A ética do Cristianismo é a mais elevada, mas o elemento único é a redenção.

**30-34. Campo do preguiçoso.** Veja comentário sobre 6:6-11. Os últimos versículos das duas seções são praticamente idênticos.

## V. Provérbios de Salomão, Editados pelos Homens de Ezequias.

**25:1 - 29:27.**

A LXX insere 30:15 - 31:9 antes desta seção. O significado do título é obscuro. Começa como os títulos de 1:1 e 10:1, exceto que *também estes* fazem-nos pensar em 24:23. Mas o que *os homens de Ezequias* fizeram? Reuniram, editaram ou transcreveram? O verbo "copiar" Significa "ser velho" ou "remover". Oesterley e Fritsch defendem que o significado de "copiar" é muito recente. Na verdade, tem sido usado em tempos pós-bíblicos, mas nossa prova em relação às atividades literárias não são suficientes para negar sua existência em épocas mais remotas. Toy diz que a referência a Ezequias não tem mais valor do que os títulos dos Salmos ou títulos dos livros proféticos! Podemos acrescentar, nem menos valor. Oesterley cita a tradição do Talmude que diz que Ezequias editou os Provérbios e o Eclesiastes. Ele explica a tradição asseverando que ela surgiu porque Ezequias tinha na corte um escriba notório, Sebna! (Is. 37:2). Oesterley esquece que outros reis – como todos os reis – tinham escribas (II Sm. 8:17; I Reis 4:3) cujas obrigações eram aparentemente militares mais que literárias. Mas convocavam os soldados para o exército. É mais seguro apenas considerar este título pelo seu significado visível. Aparece na LXX e portanto é pelo menos anterior a 200 A.C.



## Provérbios 25

**2-7. A glória dos reis.** Um trecho pequeno sobre os reis. Observe nos versículos 2 e 3 a repetição das deixas traduzidas para **esquadrinhá-las e insondável**. Também nos versículos 4 e 5 o provérbio secular sobre a refinação está ligado a uma máxima moral pela repetição de **tira**. O rei ideal está firmado na justiça. Fritsch observa que a referência aos reis apóia uma data pré-exílica.

**11,12. A palavra dita a seu tempo.** A figura de linguagem é difícil de interpretar porque o nosso vocábulo das frutas hebréias não é extenso. Delitzsch diz que **maçã de ouro** são laranjas; Toy diz que do marmelos. Mais importante é que **a palavra dita a seu tempo** do versículo 11 é igual ao **sábio repreensor** do versículo 12.

**13. Como o frescor da neve.** Outra linda comparação. Mas isto não significa uma nevada na estação das colheitas (março/setembro) que não é normal e seria desastroso. Refere-se a um gole de água fresco ando das montanhas cobertas de neve ou a uma viagem refrescante às mesmas.

**15. Esmaga ossos.** A brandura consegue coisas difíceis se você tiver paciência.

**16,17. Na casa do teu próximo.** O versículo 16 serve de tela de fundo ao 17. Os dois versículos estão ligados pelos verbos **fartar-se e enfadar-se**, que no hebraico é um só.

**18. Falso testemunho.** As palavras de 18a citam o nono mandamento. Para outras citações, veja 30:5.

**20. Vinagre sobre salitre,** E.R.C. A química é simples e interessante. O salitre era colhido nos lagos de álcalis do Egito. Era chamado "natron" pelos egípcios. A reação produz dióxido de carbono que borbulha violentamente. A comparação não enfatiza a "alegria" como diz Oesterley, mas antes a violência. A E.R.A. segue a LXX traduzindo para *feridas*, mas provavelmente a LXX interpretou mal a química. A observação no rodapé da RSV observa de maneira estranha: "No heb. *lixívia*". Isto não se encaixaria nem na química nem no vocabulário. O natron egípcio era notável fonte de salitre até que

Napoleão, notando o seu valor na campanha egípcia, ofereceu um prêmio para a sua síntese industrial.

**21, 22. O que te aborrece.** Veja observações sobre 24:17. Citado em Rm. 12:20 na forma da LXX, que segue de perto o hebraico.

**24. Mulher rixosa.** Paralelo com 29:9. Mulher de discórdia. Veja observações sobre 19:13.

**26. O justo que cede.** O verbo no hebraico significa convencer. Delitzsch, Oesterley e Fritsch acham com acerto que se refere à deserção da moral.

**27. Procurar a própria honra.** O versículo é difícil de ser entendido, embora as palavras tal como se encontram não sejam desconhecidas. Muitos escritores dizem que o versículo está completamente torcido e não faz sentido (Fritsch, Oesterley e Toy). Também seria lógico dizer que há nele uma expressão idiomática escondida na expressão condensada, cujo significado nos escapa. Greenstone segue a AV. Delitzsch muda algumas vogais e obtém: *procurar coisas difíceis é honroso*.

**28. Que não tem domínio próprio.** Muito parecido com 16:32.

## Provérbios 26

**26:1. Insensato.** Os versículos 1-12 constituem uma subseção sobre a questão dos insensatos. Veja exegese de 10: 8. Aqui se refere à loucura moral.

**4, 5. Não respondas ao insensato.** Um famoso amo de aparente contradição que não é real. O equilíbrio se deve ao contraste artístico dos provérbios, não um erro. Sob um certo aspecto deve-se responder ao patife; em outro sentido, não. Estes versículos levaram alguns dos antigos rabinos judeus a duvidarem da canonicidade dos Provérbios! Mentes mais sóbrias vêem através da dificuldade.

**8. Na funda,** E.R.C. Não a palavra costumeira para "funda". Talvez "como alguém que coloca pedras em um monte".

**10. Como um flecheiro que a todos fere.** Todos os comentários admitem a dificuldade deste versículo. A LXX diverge muito. **Fere** pode ter muitos significados. **Flecheiro** é possível, mas *flecha* também é possível (cons. Jó 16:13). A possibilidade é: "Uma flecha fere a todos; assim é aquele que recompensa um tolo e um transgressor".

**11. Como o cão que torna ao seu vômito.** Citado em II Pe. 2:22,

**12. Um homem que é sábio o seus próprios olhos.** Esta atitude orgulhosa é repetidas vezes chamada de pecado (3:7; 26:5, 16; 28:11). Até mesmo é possível que seja o clímax depois de toda a discussão sobre o tolo; isto é, um homem cheio de orgulho é pior.

**13-16. O preguiçoso.** Veja comentários sobre 6:6.

**15. Mete a mão no prato.** Praticamente idêntico a 19:24.

**17. Quem se mete em questão alheia.** O texto hebraico diz: '*ober mit'abber*, "passando e se exasperando". A AV, seguindo a Siríaca e a Vulgata, traduz como se a palavra fosse *mit'areb*. Do mesmo modo Delitzsch está certo fazendo o "passando" referir-se ao cão (também Oesterley). "Como aquele que toma pelas orelhas um cão que passa" é aquele que se intromete nas questões alheias.

**22. Maldizente.** Este versículo é igual ao 18:8. Veja comentados sobre 20:19.

**23. Escórias de prata.** Uma palavra nova usada em relação ao polimento da cerâmica na literatura ugarita explica este versículo. As duas palavras "escórias de prata", *kesep sigim*, deveriam ser uma só palavra significando "como polimento", com as consoantes kspsg (cons. H.L. Ginsberg, "The North Canaanite Myth of Anath and Aqhat", BASOR, N° 98, Abril, 1945, pág. 21, e W.F. Albright, "A New Hebrew Word for Glaze in Proverbs 26:23", *ibid*, págs. 24, 25).

**24. Aquele que aborrece.** Repetido em 26:26 como palavra para explicar o pensamento.

## Provérbios 27

**27:1. Não te glories do dia de amanhã.** Um pensamento comum, mas solene. Oesterley indica um paralelo com a *Sabedoria de Amen-em-Opet* diferindo mais ou menos da citação de ANET, pág. 423 (cap. XIX, 12.13). O paralelo pode ser permitido, entretanto, de um modo geral.

**2. Seja outro o que te louve.** Louve é a mestria palavra hebraica para "glories" no versículo 1.

**12. Os simples.** O versículo encontra o seu paralelo em 22:3.

**13. Tome-se a roupa.** Paralelo a 20:16.

**14. O que bendiz ao seu vizinho.** A maior parte dos escritores diz que esta bênção falsa e espalhafatosa é uma maldição. Possivelmente temos também aqui um uso oposto de "bênção", significando "maldição" (veja nos léxicos). Uma maldição enunciada de manhã atingirá o alvo de noite!

**15. O gotejar contínuo.** Muito parecido com 19:13.

**16. Conter o vento.** O pensamento é sobre algo impossível. Antes, *aquele que a aprecia, aprecia o vento*, isto é, ela não tem valor. Toy e Oesterley declarou que o final do versículo é impossível. A tradução de Delitzsch parece correta, *pegar o óleo com a mão*, isto é, coisa impossível.

**17. O ferro com o ferro se afia.** O significado deste provérbio é óbvio no setor da educação. Mas exemplifica o fato de que os símiles escolhidos nos Provérbios podem ser obscuros.

**19. Como na água.** Provavelmente isto se refere ao reflexo na água.

**20. O inferno e o abismo.** No hebraico *Sheol* e *Abaddon*. Sobre *Sheol* veja 1:12; 2:18. Com freqüência o *Sheol* se refere simplesmente à sepultura, que aqui se diz ser insaciável.

**21. O crisol.** Cadinho.

**22. Ainda que pises o insensato,** como se pisa o grão no almofariz para moê-lo.

## Provérbios 28

**28:1. Os perversos.** Embora aqui não haja um título, muitos escritores entendem que aqui começa uma nova sub-seção. Os provérbios dos capítulos 28 e 29 fazem-nos lembrar daqueles que se encontram na segunda seção (10:1 – 22:16), com seus freqüentes contrastes entre o bem e o mal.

**2. Mudam-se . . . os príncipes.** Seus reinados são rápidos e cheios de problemas.

**4. Os que desamparam a lei.** Toy está certo em destacar que m palavras implicam em uma lei codificada, como a lei de Moisés. Ele conclui, portanto, que o versículo é posterior. Podemos também argumentar que a Lei seja anterior! Se indignam. Opõem-se aos perversos. Oesterley observa que "desamparar a lei" concorda melhor com o período grego. Como se o povo de Deus em outros períodos fosse sempre fiel!

**8. Juros.** Veja observações sobre 6:1.

**9. A sua oração será abominável.** Por ser insincera (cons. 20:4).

**13. O que as confessam.** Oesterley argumenta que este é um uso posterior da palavra (embora apareça no salmo 23 de Davi sobre a penitência). Toy e Fritsch observam que aqui o perdão depende não do sacrifício mas da ética. Esta é uma boa argumentação do silêncio. O salmo 32 também omite a menção do sacrifício. Mas o outro salmo davídico sobre a penitência, o 51, incentiva o sacrifício nos versículos 16-19. Estes versículos foram desligados por W.R. Taylor (IB, ad loc.) por considerá-los um apêndice posterior. O fato é que Deus exige ambos, a contrição e o sacrifício.

**14. No mal.** Problemas, *calamidades*.

**17. Carregado do sangue.** Toy, Oesterley e Fritsch declaram o hebraico sem nexos. Mas Greenstone relaciona o versículo com homicídio. A raiz '*shq*' aparece no siríaco com o significado explícito de "acusar". Um homem acusado de derramar o sangue de uma pessoa

fugirá para a cova (ou a sepultura). Eles não o apóiam. O verbo *'ashaq* foi provavelmente escolhido para contrastar com *'aqash* do versículo 18.

**21. Parcialidade.** Cons. 18:5 quanto a referências semelhantes.

**22. Olhos invejosos.** Cons. 23:6.

**23. Depois.** Literalmente, *depois de mim*. Toy, Oesterley e Fritsch insistem na sua delegação. Uma simples mudança de vogal torná-lo-ia facilmente traduzível: "Um homem repreendendo outro".

**25. O cobiçoso.** Uma frase semelhante aparece em 21:4. 26. O que confia no seu próprio coração. Um contraste deliberado com o versículo 25, "o que confia no Senhor".

**28. Quando sobem os perversos.** Paralelo a 28:12, com pequenas variações.

## Provérbios 29

**29:4. O amigo de impostos.** A palavra impostos geralmente se refere às ofertas alçadas do Templo. Mas refere-se claramente aos impostos em Ez. 45:13, 16; portanto aqui pode ser aceito como referindo-se a impostos pesados demais, ou a presentes com o efeito de suborno. Não é a palavra geralmente usada para "suborno".

**5. O homem que lisonjeia.** Cons. 26:28; 28:23. 8. Alvorçam a cidade e não *colocam armadilhas*.

**10. Aos retos procuram tirar-lhes a vida.** O uso de **procuram** não parece admitir a idéia de "procurar auxílio". Portanto, Oesterley e Fritsch declarara a segunda linha sem nexos. Delitzsch e Greenstone resolvem a questão satisfatoriamente fazendo o "eles" referir-se aos sanguinários – **aos retos procuram tirar-lhes a vida**.

**11. Expande toda a sua ira.** Ira e não *pensamento* (também Delitzsch, Oesterley, RSV).

**15.** Observe o paralelo em 19:26. **Vem a envergonhar a sua mãe.**

**16. Quando os perversos se multiplicam.** **Multiplicam** é a mesma palavra traduzida para "autoridade" no versículo 2, mas aqui se aplica aos perversos. Oesterley observa: "Veja observação sobre o versículo 2,

onde ocorre a mesma leve corrupção do texto". Nós diríamos antes: "Veja o versículo 2, onde Oesterley torna a forçar levemente o texto!" Não parece lógico aceitar que a mesma corrupção fosse feita em dois versículos sem boas razões.

**18. Não havendo profecia.** Este famoso versículo tem sido muitas vezes citado erradamente porque a palavra **profecia** (visão) tem sido tomada com novo significado desde 1611 A.D. No hebraico significa "onde não há visão profética, o povo perece". A E.R.A. está certa, **não havendo profecia**. O provérbio não se refere à necessidade de alto idealismo, como normalmente ocorre. Não há nenhum apoio para o comentário de Fritsch aqui e em 13:13 que diz que os Profetas do V.T, já tinham sido canonizados e os Escritos ainda não. (*A Inspiration and Canonicity of the Bible* do autor, nas págs. 138-148, dá evidências da canonização dos Escritos.) **Corrompe**. Antes, ignora o controle.

**22. O iracundo.** Palavras parecidas às de 15:18; 22:24.

**24. Denuncia.** Cons. Lv. 5:1, que exige confissão dos parceiros na culpa.

**25, 26. Quem teme ao homem e aos governantes.** Esse temor é sobrepujado pelo temor a Deus (cons. 18:10).

## VI. Apêndices Finais. 30:1- 31:31.

### Provérbios 30

A. Palavras de Agur. 30:1-33. A LXX divide estes últimos capítulos em quatro partes: 30:1-9 está localizado depois de 24:22; 30:10-33 e 31:1-9 se encontram depois de 24:34; 31:10-31 está no final do livro. A referência feita a Agur é difícil de entender. De Agur, Jaque, Itiel e Ucal (v. 1), nada sabemos. Além disso, o tempo e a residência do autor também são obscuros. À vista das dificuldades apresentadas pelo texto, Toy e Oesterley acham que está desanimadoramente desvirtuado. Agur e os outros nomes próprios não aparecem na LXX, que começa assina: "Meu filho, respeite minhas palavras, aceite-as e arrependa-se. Assim diz

o homem àqueles que crêem em Deus, e eu concluo". Nesta versão, as palavras hebraicas por vezes traduzidas para Itiel e Ucal são provavelmente substantivos comum ou verbos. O siríaco traduz o nome Ucal para *prevalece* e só traduz Itiel uma vez. As vogais de nosso atual texto hebraico foram inseridas posteriormente e aparentemente servem para confundir esta seção. As consoantes originais, entretanto, parecem que eram muito achegadas ao que está representado na LXX e na Siríaca, e em nosso hebraico moderno.

1. Não temos motivos para fazer este primeiro versículo ter esta aparência **Palavra de Agur, filho de Jaque, o oráculo enunciado pelo homem**. Os nomes **Itiel** e **Ucal** apresentam mais de um problema. A explicação menos costumeira sugerida foi a de Charles C. Torrey ("Proverbs Chapter 30", JBL, LXXIII, 1954, 93-96). Ele argumenta que estas palavras não são nomes mas uma frase aramaica. As letras conforme aparecem no original, com vogais ligeiramente diferentes, podem ser traduzidas para: "Eu não sou Deus". Formam então um contraste com o versículo 2: "Pois sou mais estúpido que um homem". A favor da sugestão de Torrey está o fato bem conhecido de que em 31:2 a palavra aramaica usada para "filho" foi usada três vezes.

4. **Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho**. O orador busca a resposta ao quebra-cabeças do universo em palavras que fazem lembrar o desafio divino feito a Jó, em 38:4-9. Ele busca a Deus. A pergunta sobre o filho de Deus é peculiar. Greenstone nega que a palavra se aplique a Israel, Moisés ou o Logos, mas não apresenta uma sugestão positiva que se refira ao mediador na criação, revelado finalmente como o Filho de Deus. Ele observa acertadamente: "Ele não teria se aventurado a fazer uma pergunta assim se não tivesse idéia de que Deus não é uma unidade que não tenha complexidade em Si mesmo".

5. **Toda palavra de Deus é pura**. Este versículo foi citado ao pé da letra do Sl. 18:30, substituindo a forma aramaica de Deus em lugar de "Senhor". A idéia é que a resposta de sua busca se encontra na Palavra



de Deus. Cons. outras citações do V.T. em 1:16; 3:11; 20:24; 24:19; 25:18; 30:5.

**6. Nada acrescentes.** De Dt. 4:2. Oesterley e Fritsch estão certos em considerar isto uma referência às Escrituras. Oesterley, entretanto, insiste que não encontra apoio para a terceira divisão do V.T. não estar completa até o período cristão. Os pergaminhos do Mar Morto mostram que o cânon do V.T. estava completo no segundo século A.C. pelo menos. Veja exegese de 29:18.

**7-33.** Provérbios numerais (cons. Introdução, *Proverbs and Other Wisdom Literature*). Nesta seqüência de três coisas, sim, quatro , é provável que a quarta, que é o clímax, seja a enfatizado. O autor defende que nas Beatitudes também existe esta disposição com o uso do clímax nos dois grupos de quatro bênçãos: Mt. 5:3-6; 7-10; veja também Lc. 6:20-23; 24-26. Os ensinamentos de Jesus no método proverbial e climático enfatizam o quinto item.

**8. Dá-me o pão que me for necessário.** No hebraico está: *que me é destinado*.

**10. Não calunies** (Delitzsch). Este provérbio é o único desta seção que se encontra isolado, diz Oesterley. Toy pensa que está fora de lugar. Mas do mesmo modo, como em 6:14-19, o provérbio numeral começa com um pensamento que foi reiterado na declaração conclusiva. "Não calunies o servo", diz o versículo 10. O item que forma o clima mencionado no versículo 14 fala de alguém que tem "os dentes como facas".

**15. A sanguessuga.** Este provérbio tem ocasionado muitos comentários por causa da obscuridade da idéia. Toy e Oesterley concluem que o texto foi corrompido. Delitzsch repete no meio do versículo 15 a referência à sepultura e ao ventre estéril do 16. A LXX designa três filhas à sanguessuga. Nosso problema está na insistência. Tudo o que o provérbio numeral exige é uma tela de fundo para estabelecer o clímax. O versículo 7 refere-se a duas coisas; cons. observações sobre o versículo 17. As duas filhas insaciáveis da

sanguessuga no versículo 15 apenas constituem o pano de fundo para o 3 e o 4 do 15 e do 16. O sábio sabia contar!

**17. De quem zomba do pai.** Um versículo, fora de lugar, dizem Oesterley e Fritsch. Conforme se nota acima, faz parte de uma seqüência regular - 2 mais 3, sim 4. Zombar do pai e desprezar a mãe constitui o pano de fundo para o três e o quatro dos versículos 18 -20.

**19. O caminho do homem com uma donzela.** Esta donzela é a famosa palavra '*almâ*', "donzela", usada em Is. 7:14; Gn. 24:43 (referindo-se à Rebeca); Êx. 2:8 (à Miriã); Sl. 68:25; e Cantares 1:3; 6:8 (onde as "virgens" se distinguem das rainhas e concubinas). A palavra não se refere em nenhum lugar a uma mulher casada. Significa uma virgem e uma virgem jovem. A raiz significa "esconder". Provavelmente a palavra se refere a uma jovem que ainda está na casa de seu pai.

Toy, Oesterley, Fritsch e Greenstone defendem que nosso versículo não se refere às maravilhas da corte, mas aos mistérios da procriação. Mas Delitzsch destaca que existem outras palavras – "macho e fêmea", ou "homem e mulher" – para exprimir este pensamento. Aqui as palavras são literalmente, **homem forte** e **donzela**. Delitzsch acha que o provérbio se refere ao pecado, à imoralidade oculta. Contudo, a "virgem" parece ficar em contraste com a adúltera do versículo 20. E o adultério, conforme repetidas vezes descrito nos Provérbios, jamais foi representado como sendo *maravilhoso* ou "além do entendimento". Parece que não há nenhuma boa razão para que um ponto de vista mais romântico seja mantido: Maravilhosa é a corte que termina finalmente nos mistérios do amor e da vida gerada.

**21-31.** Três grupos de provérbios sobre a autoridade e a realeza. A idéia dos dois primeiros não é nítida, fazendo cada um dos três uma referência ao rei. Talvez os dois primeiros realçando especialmente o último.

**23. A serva, quando se torna herdeira.** Uma situação invertida como a de um servo que se toma rei.

**25. As formigas.** Veja comentários sobre 6:6-8.

**26. Os arganazes.** Não coelhos, que não vivem nas rochas, mais provavelmente texugos, animaizinhos peculiares, remotamente relacionados com os rinocerontes (ISBE, artigo, "lebre"). As lebres estão classificadas como impuras pela lei mosaica (Lv. 11:5; Dt. 14:7), por que ruminam. Alguns objetam dizendo que as lebres não são ruminantes e só aparentam sê-lo. A descrição em Levítico, contudo, provavelmente não tem a intenção de ser uma descrição científica de ruminantes, mas apenas uma classificação baseada sobre os hábitos ruminantes facilmente observáveis desses texugos das rochas. O hebraico talvez não signifique mais do que isso.

**27. Os gafanhotos.** Não a cigarra comum nem a cigarra de ciclo larvar de dezessete anos.

**28. O geco** [*lagartixa*, Trad. Brasileira]. As opiniões diferem quanto à tradução desta palavra, mas Delitzsch apresenta bons argumentos quanto ao significado de "lagarto" – um animalzinho que se pode pegar nas mãos e que invade os palácios dos reis.

**31. O galo.** O significado da palavra hebraica é incerto. A RSV diz o galo pomposo, mas os argumentos de Delitzsch para gato são razoáveis. A quem não se pode resistir. A palavra hebraica é desconhecida. A tradução da LXX, falando publicamente diante de sua nação, é a melhor de todas as traduções que temos.

## Provérbios 31

B. Palavras de Lemuel. 31:1-9. A LXX omite o nome de Lemuel em 1 e 4. O siríaco o traduz por Muel.

**1. De Massá.** Esta é a palavra para o oráculo profético. Mas pode ser o nome de um lugar (Lemuel, rei de Massá). É difícil explicar a ausência do artigo junto a "rei", mas não há artigos nesta seção, talvez por causa da influência aramaica. Parece mais fácil traduzir a primeira parte como um título: "As palavras do Rei Lemuel, uma profecia, palavras que lhe ensinou sua mãe".

**2. Que te direi meu filho?** Três vezes a palavra "filho" foi usada na forma aramaica *bar*, como no Sl. 2:12.

**3. Os reis.** Novamente, uma forma aramaica.

**4. Não é próprio dos reis.** A escolha do negativo é peculiar, como em 12:28. A LXX segue um texto diferente, mas o hebraico parece o preferível. Delitzsch sugere esta tradução: "Que não seja . . ." É a tradução mais difícil e, conforme geralmente se aceita, a mais difícil é a preferida.

**6. Dai bebida forte.** Conforme mencionamos em 23:31, isto não constitui Uma permissão para ingerir bebida alcoólica com moderação, como Fritsch sugere, nem um conselho cínico (Oesterley). Talvez recomende o álcool como remédio (Toy). Delitzsch menciona o vinho oferecido nas execuções pelas mulheres nobres de Jerusalém, com base neste versículo (cons. Mc. 15:23). Mais provável, contudo, é que o versículo seja um comparativo negativo (cons. 8:10). Apesar dos outros, você não deve tomá-lo. Vinho, mulheres e música constituem o velho trio aviltante. Um rei tem uma responsabilidade mais elevada, conforme vemos nos versículos 8 e 9.

### **C. Poema Alfabético Sobre a Mulher Virtuosa. 31:10-31.**

O alfabeto nesta obra está completo, como em Lamentações 1 e Salmo 119. (Lamentações 2, 3 e 4 têm as letras *Ayin* e *Pe* invertidas. Alguns dos salmos alfabéticos têm irregularidades menores.) Considerando que foi descoberto um alfabeto ugarítico datado do século quinze, obras alfabéticas já não precisam mais ser consideradas como mais recentes.

**10. Mulher virtuosa.** Literalmente, *uma esposa nobre*. A mesma frase como em 12:4. Fritsch faz observações sobre o elevado status da mulher apresentado em 12:4; 18:22; 19:14 e outras passagens.

**15. Mantimento à sua alma.** As palavras hebraicas para alimento e porção são fora do comum, mas foram usadas de maneira muito semelhante em 30:8.

**16. Examina uma propriedade.** Oesterley observa que isto é um exagero, uma vez que "essas coisas estavam inteiramente fora da esfera de atividades de uma mulher". Poderemos realmente ser assim dogmáticos? Não temos a tendência de julgar o Israel antigo segundo os moldes dos árabes modernos?

**18. Lâmpada.** O candeeiro dos tempos antigos. Será que isto se refere a um costume de manter as lâmpadas acesas a noite inteira? O significado é que ela tem abundância de azeite. Contraste com Mt. 25:8.

**19. Fuso ... roca.** A palavra para "fuso" só foi usada aqui. "Roca" em um outro lugar parece significar "cajado". A mulher hebreia não tinha roda de fiar, mas girava uns pesos com a forma de rosquinhas sobre varetas, para formar fios. Isto constituía seu **fuso**. Atualmente a palavra foi encontrada no ugarita referindo-se a um instrumento feminino, mas o contexto acrescenta poucos detalhes (Story, *op. cit.*, pág. 329).

**21. Escarlata.** A LXX diz *dupla*, usando vogais diferentes. Isto se encaixaria bem por causa da menção do frio, mas a mudança não é necessária. A palavra significa roupa boa.

**26. Sabedoria.** Suas virtudes não se constituem de mera diligência. A sabedoria, a bondade e a nobreza também são suas características - o que não acontece com uma mulher indolente. Estas virtudes, típicas no Livro de Provérbios, são rematadas pelo fato dela "temer ao Senhor" (v. 30; cons. 1:7).

O livro termina como começa, com aquela sabedoria que teme ao Senhor.

# ECLESIASTES

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 4	Capítulo 7	Capítulo 10
Capítulo 2	Capítulo 5	Capítulo 8	Capítulo 11
Capítulo 3	Capítulo 6	Capítulo 9	Capítulo 12

## INTRODUÇÃO

**Título.** O livro de Eclesiastes conservou o nome que tem na versão grega, isto é, *ekklesiastes*, "assembléia". A palavra hebraica, *qohelet*, "aquele que se reúne em assembléia". Considera-se que isto significa: 1) "aquele que coleciona" ditos sábios (cons. 12:9, 10), ou 2) "aquele que se dirige a uma assembléia", isto é, um pregador ou orador, implicando na idéia de que alguém reúne um grupo em assembléia com o propósito de lhe falar. Aceita-se de maneira geral que constitui um título técnico para indicar um ofício.

**Data e Autoria.** Até o século dezenove cria-se de modo geral que Salomão escrevera o livro em sua totalidade. Atualmente grande parte dos mestres concordam que Salomão não foi o autor, mas antes que a obra é o produto de época pós-exílica. Contudo, costumam aceitar geralmente que a figura central do livro é Salomão e que o autor desconhecido o usou como artifício literário para transmitir sua mensagem. Ele não tinha a intenção de enganar seus leitores originais, e sem dúvida ninguém foi realmente enganado. A falta de certeza quanto à autoria não destrói a canonicidade do livro.

**Propósito.** O principal alvo do autor é mostrar, a partir da experiência pessoal, que todos os alvos e bênçãos terrenos, quando buscados como fins em si mesmos, levam à insatisfação e ao vazio. O bem mais alto da vida jaz na reverência e obediência a Deus, e no

desfrutar da vida enquanto for possível. Assim, o autor foi um homem de fé; só foi cético quanto à sabedoria e diligências humanas.

## ESBOÇO

- I. Introdução. 1:1-3.
  - A. O título. 1:1.
  - B. O tema. 1:2, 3.
- II. O tema demonstrado (I). 1:4 – 2:26.
  - A. Pela vida humana em geral. 1:4-11.
  - B. Pelo conhecimento. 1:12-18.
  - C. Pelo prazer. 2:1-11.
  - D. Pelo destino de todos os homens. 2: 12-17.
  - E. Pelo trabalho humano. 2:18-23.
  - F. Conclusão : Desfrute da vida enquanto pode. 2:24 -26.
- III. O tema demonstrado (II). 3:1 – 4:16.
  - A. Pelas leis de Deus. 3:1-15.
  - B. Pela falta de imortalidade. 3:16-22.
  - C. Pela opressão do mal. 4:1-3.
  - D. Pelo trabalho. 4:4-6.
  - E. Pela miserável acumulação de riquezas. 4:7-12.
  - F. Pela natureza transitória da popularidade. 4:13-16.
- IV. Palavras de Conselho (A). 5:1-7.
- V. O tema demonstrado (III). 5:8 – 6:12.
  - A. Pelas riquezas que se podem desfrutar. 5:8-20.
  - B. Pelas riquezas que não podem ser desfrutadas. 6:1-9.
  - C. Pela fixidez do destino. 6:10-12.
- VI. Palavras de conselho (B). 7:1 – 8:9.
  - A. A honra é melhor que o luxo. 7:1.
  - B. A sobriedade é melhor que a frivolidade. 7: 2-7.
  - C. A precaução é melhor que a precipitação. 7: 8-10.
  - D. A sabedoria com as riquezas é melhor que a sabedoria sozinha. 7:11, 12.

- E. A resignação é melhor que a indignação. 7:13, 14.
- F. A moderação é melhor que a intemperança. 7: 15-22.
- G. Os homens são melhores que as mulheres. 7:23-29.
- H. Às vezes é melhor concordar que ter razão. 8:1-9.
- VII. O tema demonstrado (IV). 8:10 - 9:16.
  - A. Pela incongruência da vida. 8:10-14.
  - B. Conclusão: Desfrute da vida enquanto pode. 8:15 – 9:16.
- VIII. Palavras de conselho (C). 9:17 - 12: 8.
  - A. Algumas lições sobre sabedoria e loucura. 9:17 - 10:15.
  - B. Algumas lições sobre o governo dos reis. 10:16-20.
  - C. Algumas lições sobre o excesso de cautela. 11:1-8.
  - D. Algumas lições sobre como desfrutar a vida. 11:9 – 12:8.
- IX. Epílogo. 12: 9-14.
  - A. O alvo do pregador. 12: 9, 10.
  - B. Um elogio aos seus ensinamentos. 12:11, 12.
  - C. A conclusão do assunto. 12:13, 14.

## COMENTÁRIO

### Eclesiastes 1

#### I. Introdução. 1:1-3.

##### A. O Título. 1:1

**1:1.** Salomão, embora não esteja identificado pelo nome, torna-se o porta-voz literário das observações e convicções do autor. Ele é o **rei de Jerusalém** que, por causa de sua riqueza, sabedoria e preocupações terrenas, tem ampla oportunidade para experimentar a vida na sua totalidade.

##### B. O Tema. 1:2, 3

**1:2, 3.** Toda a existência humana, quando vivida longe de Deus, é frustrante e insatisfatória. Todos os prazeres e coisas materiais da vida,



quando buscadas por causa delas mesmas, nada produzem a não ser a infelicidade e um senso de futilidade.

**2. Vaidade de vaidades!** A palavra **vaidade** significa basicamente "alento" (veja Is. 57:13) ou "vapor" (veja Pv. 21:6), como o do hálito condensado que se respira em um dia frio. Aqui parece implicar em ambos: 1) aquilo que é transitório e 2) aquilo que é fútil. Enfatiza a rapidez com a qual as coisas desaparecem e o pouco que oferecem enquanto de posse delas (cons. Tg. 4:14). Este conceito recebeu ênfase maior pelo uso repetido do superlativo, **vaidade de vaidades**. A frase, **tudo é vaidade**, é literalmente, *o tudo é vaidade*, isto é, a coisa toda, a totalidade da existência é vã. Isto, entretanto, precisa ser compreendido, não com referência ao universo, mas a todas as atividades da vida terrena, as coisas "sob o sol" do versículo 3. O contexto posterior indica isto com bastante clareza. O autor não é um rematado pessimista; ele está simplesmente sendo pessimista em relação à existência humana que produz satisfação longe de Deus.

**3. Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho.** Da raiz, "restar", a palavra proveito transmite aqui mais a idéia de "vantagem" do que de "lucro" (cons. 7:11). Se uma pessoa encara a vida simplesmente em termos de valores terrenos, não há nenhuma vantagem discernível para lutar e labutar. O autor prossegue então para provar sua tese por meio de um exame dos vários setores da atividade humana.

## II. O Tema Demonstrado (I). 1:4 – 2:26.

### A. Pela Vida Humana em Geral. 1:4-11.

A vida é uma repetição infinita e sem significado. O trabalho humano nada alcança de permanente; só a terra permanece para sempre. O curso da atividade humana é tão monótono e sem alvo quanto aos processos da natureza.

**4. Geração vai.** Aqui o hebraico usa participípios – uma geração *está* sempre saindo do cenário e outra *está* sempre entrando. O homem nasce

somente para ser erguido pela maré, e então sai de cena. Mas em contraste, **a terra permanece para sempre**, novamente um particípio que expressa continuidade. O homem, que foi feito da terra, tem vida curta e morre, mas o material do qual foi formado continua permanente. Esta cansativa repetição também se observa no "sol" (1:5), no "vento" (1:6) e nos "rios" (1:7).

**8. Todas as coisas são canseiras.** A frase, *são canseiras* fica melhor traduzida assim do que *são trabalhosas*, referindo-se ao fato de que **todas as coisas da vida** são monótonas e fúteis, que onde quer que se olhe, encontra-se a mesma roda cansativa e infinita de atividades. **Ninguém as pode exprimir.** É impossível pôr em palavras a futilidade de tudo. Na realidade nunca produz verdadeira satisfação aos olhos ou ouvidos do homem.

**11. Não há lembrança das coisas que precederam.** É a razão do "nada novo" do versículo 10 e provavelmente ficada melhor traduzido para homens que precederam. O homem não só é perseguido por sua incapacidade de realizar qualquer coisa digna de valor, mas também pela percepção de que até mesmo a lembrança dos seus esforços será logo esquecida. Eis a resposta completa à pergunta do versículo 3: "Que proveito tem o homem? " Ele nada ganha, nem mesmo a lembrança de sua luta. O mundo da natureza é fútil; a atividade humana também é fútil.

### **B. Pelo Conhecimento. 1:12-18.**

O autor buscava o conhecimento mais do que qualquer outra pessoa, mas não encontrou satisfação duradoura, pois o 'mundo continuava cheio de problemas que não podiam ser resolvidos.

**14. Correr atrás do vento** é uma tradução melhor do que *aborrecimento do espírito*, constituindo uma referência à atividade humana fútil e sem alvo, pois ninguém pode realmente tomar posse da satisfação.

**15. Aquilo que é torto.** A investigação do escritor forçou-o a perceber que a vida está cheia de paradoxos e de anomalias que não podem ser solucionados; e, por outro lado, está vazia daquilo que lhe poderia dar significado e valor.

**17. A conhecer a sabedoria.** Ela procurou determinar o padrão daquilo que era sabedoria e daquilo que era loucura, não simplesmente descobrir os dois lados da questão.

**18. Aumenta tristeza.** Além da busca do significado da vida comprovar-se frustrante e o seu alvo inatingível, também produz sofrimento mental e espiritual. Parece não haver um padrão de vida consistente sobre o qual se possa basear a conduta.

## **Eclesiastes 2**

**C. Pelo Prazer. 2:1-11.** Tendo falhado suas faculdades intelectuais, o autor voltou-se para o prazer como possível fonte de completa satisfação. Ele se abasteceu de vinho, mulheres e música, com coisas luxuosas, edifícios e jardins. E embora essas coisas lhe proporcionassem prazeres momentâneos, também não lhe concederam satisfação duradoura, pois ele sempre estava procurando algo novo para fazer.

**3. Regendo-me ... pela sabedoria.** A idéia não é que ele andava a procura de mais sabedoria. O autor não se apegou cegamente aos prazeres da vida, mas antes conduziu-se na busca da satisfação com esmero e cuidado.

**8. Tesouros de reis.** Provavelmente os impostos e os objetos de arte obtidos junto aos povos e nações súditas. A frase *tesouros peculiares* (*sequilla*) significa basicamente "propriedade", mas geralmente se usa com referência à propriedades de valor. Assim Israel foi chamada de "povo peculiar" de Deus (Êx. 19:5), um povo a quem Deus especificamente escolheu e valorizou.

**10. Isso era a recompensa de todas elas** (as fadigas). Havia um certo ganho na vida sensual, pois o seu coração "se alegrou" com toda a

sua luta. Isto constitui a sua recompensa, o proveito que tirou de sua saciedade. Más o lucro foi efêmero, durando enquanto durou o prazer.

**11.Considere.** Literalmente, então me voltei (para considerar). O autor interrompeu sua indulgência sensual para avaliar os resultados. E concluiu que embora uma certa quantidade de bens possa ser obtida do prazer, ele não proporciona lucro permanente; é aborrecimento do espírito.

**D. Pelo Destino de Todos os Homens. 2:12-17.** O autor fez uma comparação entre a sabedoria e a loucura e admitiu que a sabedoria tem certa utilidade pelo fato de evitar que se sofra desnecessariamente. Aras o lucro só. é temporário, pois tanto o sábio como o tolo morrem e são esquecidos.

**14. Os olhos do sábio estão na sua cabeça.** O sábio tem condições de ver o que está a sua frente e então escolhe o caminho que lhe dá maior prazer; enquanto o néscio precisa tatear a procura do seu caminho, descobrindo o prazer por acaso. Alas a vantagem não é duradoura porque **o mesmo lhes sucede a ambos.**

**E. Pelo Trabalho Humano.** Ele tinha desgosto não somente com a vida mas também com o labor humano. Algum dia ele terá de deixar o esforço do seu trabalho diligente nas mãos de alguém que talvez será descuidadoso ou com alguém que não havia feito nada para merecê-lo.

**20. Então me empenhei.** Ficaria melhor, *então me virei*. O verbo se usa com referência à atitude física de voltar o corpo. Fala aqui de um viajante que se volta para contemplar a estrada que palmilhou. O verbo que se encontra nos versículos 11 e 12, é diferente; fala de uma volta mental. O que ele viu quando se voltou levou-o a "desesperar-se de todo trabalho" feito, pois sentiu que a estrada palmilhada não valera o esforço e o desconforto que existiu.

**21. A quem por ele não se esforçou.** Não apenas acontece do herdeiro ser um tolo, mas há ainda a possibilidade desesperadora da

riqueza pela qual se trabalhou com tanto cuidado cair nas mãos de alguém que, não tendo nunca trabalhado por ela, não a preze condignamente e a desperdice.

**F. Conclusão: Desfrute a Vida Enquanto Pode. 2: 24-26.** Embora os prazeres da vida sejam temporários, e não satisfaçam completamente, pelo menos são reais. Portanto, o melhor que um homem pode fazer sob as circunstâncias é desfrutar do fruto do seu trabalho enquanto pode.

**24. Da mão de Deus.** A vontade de Deus é que o homem obtenha o seu prazer comendo, bebendo e trabalhando. Uma vez que o autor acha que dentro da providência divina isto é o máximo que o homem pode desfrutar, recomenda que cada um viva a vida que Deus lhe dá.

**25.** A AV implica na idéia: "Quem pode experimentá-lo melhor do que eu?" Mas talvez a melhor maneira de ler o versículo, à luz do contexto, é na versão grega, *separado deste* (isto é, de Deus).

**26. Ao homem que lhe agrada.** O autor não está fazendo um julgamento moral aqui, pois a palavra **agrada** significa simplesmente "resolve favorecer", enquanto o **pecador** é aquele com o qual Deus se aborrece. Ele está apresentando outro motivo para a sua filosofia de vida; não há nenhuma consistência discernível para a conduta divina.

### III. O Tema Demonstrado (II). 3:1 – 4:16.

#### Eclesiastes 3

**A. Pelas Leis de Deus. 3:1-15.** Tudo o que faz parte da vida, inclusive a atividade humana, faz parte de um ciclo determinado. Embora o homem anseie por algo mais, nada pode fazer a respeito disso. Deve se contentar com o pouco de felicidade que tem enquanto se ocupa desta roda infinita de acontecimentos.

**1. Tudo.** Literalmente, *para tudo*, isto é, o conjunto das coisas. Tudo na natureza e na vida humana está sob um esquema estabelecido. Há um **tempo** (um período determinado) e um **tempo** (um acontecimento

predeterminado) para tudo o que acontece sob o sol. Os incidentes aparentemente ocasionais, todos fazem parte de um imenso plano.

**3. Tempo de matar.** A matança que acontece na guerra, na auto-defesa, no juízo, nunca é acidental. Isto encontra eco na linguagem moderna dentro da expressão "chegou a hora dele partir".

**5. Tempo de espalhar pedras.** À luz do restante do versículo, a interpretação judia parece a melhor, isto é, uma metáfora que se aplica ao ato do casamento.

**7. Tempo de rasgar.** Isto é uma referência à prática de se rasgar roupas em sinal de aflição (veja Gn. 37:29; Jó 1:20). O **tempo de coser** é quando a tristeza já foi aquietada. Isto então seria um paralelo da parte final do versículo e daria a idéia de que o **tempo de estar calado** refere-se a um período de profundas emoções (cons. Lv. 10:3).

**11. Tudo . . . formoso.** Embora a palavra formoso seja geralmente usada no V.T. com o sentido de beleza física, parece que esta é uma alusão a um conceito igual ao de Gn. 1:31 referindo-se à "propriedade" de toda a criação. **Tudo** (lit. *o todo*) é exatamente como Deus quer que seja. A frase põs a eternidade no coração tem uma variedade de interpretações. A tradução da E.R.C., **o mundo**, é um tanto desarmoniosa dentro do contexto e opõe-se ao uso da palavra em outras passagens. Os versículos precedentes parecem exigir que a palavra seja traduzida em seu sentido normal de "eternidade". O autor está sugerindo o contraste entre o *tempo* (ocorrências individuais) e a **eternidade** (continuidade sem limites discerníveis). Deus ordenou todos os acontecimentos da vida de acordo com a Sua vontade. Ele também deu a mente aos homens que percebem, além das ocorrências diárias, a extensão total da vida. Contudo a mente humana foi limitada, para que não **possa descobrir as obras que Deus fez**; ela jamais consegue resolver os aparentes paradoxos da vida. Deus deu ao homem o poder de raciocinar, mas não lhe deu o suficiente para desenredar todos os mistérios.

**15. Deus fará renovar-se o que se passou.** Literalmente, *Deus busca aquilo que é perseguido*. A idéia é que Deus ordenou o ciclo contínuo

dos acontecimentos da vida, de modo que cada qual tem o seu tempo predeterminado. O quadro é de Deus continuamente perseguindo as coisas que já passaram a fim de capturá-las, causando a repetição destas.

**B. Pela Falta da Imortalidade. 3:16-22.** O fracasso da justiça na vida deveria ser retificado em alguma vida futura, mas não é; pois na morte todos os homens retornam ao pó, exatamente como os animais.

**16. No lugar do juízo.** Nos tribunais, onde se espera que haja a devida administração de justiça, há, entretanto, maldade e maldade ainda.

**17. Deus julgará o justo.** O autor sugere uma solução para o problema – Deus um dia irá acertar os erros cometidos, **pois há tempo** que ele estipulou para todas as coisas.

**18. Para que Deus os prove.** Aqui o autor se contradiz, oferecendo outra solução para a dificuldade. Deus está apenas demonstrando aos homens que, apesar de sua inteligência, eles não diferem dos animais quanto ao valor. A palavra **prove** é geralmente traduzida para "teste" ou "experimente"; isto é, os homens estão sujeitos à disciplina da vida para que vejam que são em si mesmos como os animais.

**21. Quem sabe que o fôlego de vida dos filhos dos homem se dirige para cima.** A E.R.A. implica em uma crença da parte do autor em algum tipo de imortalidade. Mas o texto ficaria talvez melhor traduzido, como na RSV: *quem sabe se o fôlego da vida dos filhos dos homens se dirige para cima*. O autor proclamou no versículo anterior que não há uma vida posterior onde a injustiça possa ser retificada. Aqui ele acrescenta que mesmo se houvesse, ninguém tem prova disso; portanto a coisa melhor a fazer para o homem é **alegrar-se ... nas suas obras** (3:22) enquanto pode.

## **Eclesiastes 4**

### **C. Pela Opressão do Mal.**

**4:1-3.** Por causa de tanta opressão que existe na vida, os únicos homens felizes são os homens mortos. Os mais felizes ou mais bem-aventurados são aqueles que nunca nasceram. Este é um estado de espírito transitório que o escritor contradiz de certo modo em 9:4.

#### **D. Pelo Trabalho.**

**4:4-6.** O trabalho humano é fútil porque 1) embora o homem que trabalha possa adquirir algo na vida, sua motivação é apenas a inveja que sente do vizinho; contudo 2) o homem que não trabalha destrói-se a si mesmo, pois não pode subsistir em nada.

**5. E come a própria carne.** É uma expressão metafórica que implica em passar fome (cons. Amós 4:6). A pessoa que não trabalha usa tudo o que tem até que nada mais lhe sobra além de sua própria pessoa para comer.

**6. Um punhado de descanso.** Um homem não deve ir aos extremos. O trabalho traz alguma recompensa (cons. 2:10, 24), mas muito trabalho, ou uma preocupação total como trabalho, pode destruir esse bem. É melhor ter apenas um punhado de ganhos obtidos com paz de espírito do que buscar grandes ganhos através de preocupações e lutas cansativas.

#### **E. Pelo Acúmulo Miserável de Riquezas.**

**4:7-12.** A riqueza costuma fazer do homem um avarento, de modo que se afasta da companhia dos outros. Portanto isto o priva de uma das poucas alegrias que a vida pode oferecer.

**8. Sem ninguém.** Isto se explica pelo que vem a seguir, isto é, que o homem não tem parceiro ou ajudante. Considerando que a passagem se relaciona com a avareza, faz-se compreender que se trata do avarento que luta sozinho para que não precise partilhar os seus lucros com ninguém. Então o autor prossegue fazendo uma lista das vantagens da associação com os outros – assistência nas dificuldades, simpatia, proteção e segurança (cons. 4: 9-12).



**12. O cordão de três dobras.** Isto provavelmente se refere à vantagem do companheirismo e significa que se a comunhão com dois é boa, então com três ainda é melhor. Um cordão com três fios agüentará tensão maior do que aquele que só tem dois.

### **F. Pela Natureza Transitória da Popularidade.**

**4:13-16.** Aqueles que buscam a popularidade como seu alvo principal descobrirão que ela não proporciona satisfação real, pois depende da inconstância das pessoas, e portanto não é coisa segura.

**13. Melhor é o jovem pobre e sábio.** Um exemplo hipotético do que geralmente acontece quando um homem passa da pobreza para o trono. Um rei **que já não se deixa admoestar**, isto é, que não aceita conselho, era muitíssimo melhor quando era um jovem pobre. Então pelo menos aceitava ensinamentos. Agora a idade e os anos diante dos olhos do público cegaram-no (o autor dá a entender) às suas incapacidades e à necessidade do conselho sábio.

**14. Nasça pobre no reino deste.** Geralmente a idade e a experiência nada ensinam ao homem. O rei que já foi pobre, que saiu do cárcere para o trono, que provocou a queda de outro, não aprendeu as lições principais de sua luta o favor popular é incerto e imprevisível. A tradução *aquele que nasceu no seu reino tornou-se pobre* sugere que o rei, através do seu fracasso em aprender as lições da popularidade pode um dia vir a se tornar um pobretão em seu próprio reino.

## **Eclesiastes 5**

### **IV. Palavras de Conselho (A). 5:1-7.**

Aqui estão diversas palavras de conselho sobre o culto apropriado. O autor recomenda cautela e brevidade nas orações (5:1-3) e alegria no pagamento de seus votos (5:4 -7).

**1. Guarda o teu pé.** Tenha consciência do que faz quando for à **casa de Deus**. Na frase **ouvir é melhor**, o autor não está se referindo à ida ao Templo para ouvir a exposição da Lei, mas antes está advertindo contra o adorar a Deus de maneira errada. A palavra **ouvir** geralmente tem o sentido de "obedecer" no V.T. O contraste é entre aqueles que se aproximam de Deus em obediência, isto é, a partir de uma conduta ética e moral (cons. Sl. 119:101), e aqueles que são tolos, isto é, aqueles que adoram com corações sem arrependimento.

**2. Não te precipites com a tua boca.** A ênfase está na conscientização da oração. As "vãs repetições" (Mt. 6: 7) de muitos não conseguem aquilo que obtém as poucas palavras daqueles que são sinceros.

**3. Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos.** O autor cita um provérbio para apoio do que disse anteriormente. Tal como uma noite de sonhos é o resultado de demasiadas preocupações com os negócios, assim também as palavras disparatadas são o resultado de excesso de palavras no culto.

**6. Te faça culpado.** A idéia é de não permitir que a boca faça alguém se colocar em dificuldades com Deus. O anjo ou mensageiro não é o anjo do juízo enviado por Deus, mas antes o sacerdote cuja obrigação era cobrar o que fora votado (cons. M. 2: 7).

**7. Na multidão dos sonhos.** Este provérbio difícil é provavelmente uma alusão ao versículo 3, e o autor está resumindo a sua idéia. Exatamente como excesso de preocupação com os negócios provoca sonhos, assim também muitas palavras enunciadas no culto provocam promessas precipitadas e o castigo de Deus.

## **V. O Tema Demonstrado (III). 5:8 – 6:12.**

**A. Pela Riqueza que Pode Ser Desfrutada. 5:8-20.** Aqui as riquezas são consideradas de três ângulos. Embora Deus possa conceder ao homem certo poder para desfrutar de riquezas, contudo 1) as riquezas

são a causa de muita ganância e injustiça entre os oficiais do governo (5:8, 9); 2) o ganho das riquezas nunca produz satisfação, pois quanto mais se ganha, mais se quer (5:10-12); e 3) as riquezas são uma possessão insegura, pois um homem adquire riqueza apenas para passá-la aos outros (5:13-17). Assim, em 5:18-20 o autor dá o seu conselho já muitas vezes repetido: Desfrute da vida enquanto pode.

**8. Porque o que está alto tem acima de si outro mais alto.** Esta não é uma declaração sobre o fato de que Deus observa todos os governantes para finalmente castigá-los, mas antes é uma referência ao sistema de governo daquele tempo. Cada oficial observava o seu subalterno a fim de obter sua parte nos impostos e subornos. Por causa deste sistema ninguém deveria se maravilhar diante da opressão e falta de justiça.

**9. O proveito da terra é para todos.** Parece melhor traduzir de acordo com a observação marginal da RSV: *o proveito da terra está entre todos eles; um campo cultivado tem um rei*. Em outras palavras, não apenas os oficiais obtêm sua parte na extorsão, mas não há nenhuma área cultivada que não esteja debaixo de impostos.

**13. As riquezas que seus donos guardam para o próprio dano.** Isto se refere à perda que o homem sofre pela má ventura (v. 14), isto é, em uma especulação de maus negócios. A vaidade da riqueza jaz no fato do homem poder acumular muito, apenas para perdê-lo em um negócio infeliz, nada tendo assim para deixar para o seu filho.

**20. Deus lhe enche o coração de alegria.** Melhor traduzir de acordo com a RSV: *Deus o mantém ocupado com alegria no seu coração*. Não há muita alegria na vida, mas aquela que existe deve ser buscada por causa do prazer que proporciona. Isto fará a vida fluir de maneira agradável, pois Deus permitirá que um homem seja absorvido por essas coisas, fazendo que esqueça as dificuldades da vida.

## **Eclesiastes 6**

**B. Pela Riqueza que Não Pode Ser Desfrutada. 6:1-9.** Uma das maiores infelicidades da vida é que o homem pode ter riquezas sem poder desfrutar delas, ou por causa de uma morte precoce ou talvez por causa de um espírito de avareza que não permitirá que seja satisfeito.

**2. Deus não lhe concede que disso coma.** O versículo seguinte, como também a frase, antes o estranho o come, mostra que o quadro é de um homem que morre no começo da vida antes deter oportunidade de desfrutar de sua riqueza. Não tem filhos que sejam seus herdeiros, mas algum estranho se beneficia de tudo.

**3. Se alguém gerar cem filhos.** É o oposto do caso anterior. Mesmo se um homem tem vida longa e muitos filhos, não constitui garantia de prazer na vida. Ele pode estar tão amarrado pela avareza ou pelas preocupações que lhe falta a capacidade de se sentir satisfeito. Para tomar o contraste ainda maior, o autor acrescenta **e além disso não tiver sepultura**. Isto é, se tiver de viver para sempre sem poder desfrutar da vida, seria melhor que nunca vivesse.

**9. Melhor é a vista dos olhos.** Satisfação nas coisas que a vida proporciona é melhor do que o andar ocioso da cobiça, isto é, melhor do que a vida que não chega nunca a realizar os seus anseios.

**C. Pela Fixidez do Destino. 6:10-12.** Em última análise, é inútil tentar mudar as coisas, e desejar mais do que se tem. Submissão à ordem estipulada é o melhor, uma vez que Deus tem determinado as coisas do modo que são. O homem não tem poder até mesmo para discutir o assunto.

## **VI. Palavras de Conselho (B). 7:1 – 8:9.**

O autor debateu, em 6:12, a possibilidade de determinar o bem máximo. Aqui ele admite que existem certos modos de vida que são

"melhores" do que outros. E assim ele dá o seu conselho sobre como descobri-los.

## **Eclesiastes 7**

### **A. A Honra é Melhor do que o Luxo.**

**7:1.** Ter uma **boa fama**, isto é, uma boa reputação (cons. Pv. 3:4; 22:1), é melhor do que ter o luxo de possuir os mais finos perfumes. Uma vida honrosa faz o dia da morte do homem melhor do que o seu dia de nascimento porque no fim ele sabe que fez alguma coisa com a sua vida.

### **B. A Sobriedade é Melhor do que a Leviandade. 7:2-7.**

Compreensão compassiva na tristeza e na morte dão à pessoa a devida avaliação da vida. Quando alguém visita a com do luto (v. 4), lembra-se da brevidade da vida e portanto da necessidade de se viver sabiamente.

**3. Com a tristeza do rosto se faz melhor o coração.** Esta frase implica em uma mente séria e refletida preocupada com os problemas da vida.

### **C. A Cautela é Melhor do que a Precipitação. 7:8-10.**

**8. Melhor é o fim das coisas do que o seu princípio.** Esta frase sugere a sabedoria da cautela no falar, uma vez que só após alguém ter falado é que pode determinar os efeitos plenos de suas palavras.

**9. Não te apresses em irar-te.** É melhor ser lento em irar-se, não fazendo uma declaração apressada da qual venha a se arrepender mais tarde.

**10. Por que foram os dias passados melhores.** É melhor dar uma segunda olhada calma ao passado e ao presente antes de dizer que foram **os dias passados melhores do que estes**. Os anos provavelmente obscureceram as dificuldades do passado que foram semelhantes às do presente.

**D. A Sabedoria com a Riqueza é Melhor do que a Sabedoria Sozinha. 7:11, 12.** O autor é rápido em reconhecer que a riqueza pode proporcionar boas coisas ao homem (cons. Pv. 13:8) e quando esta riqueza é combinada com a sabedoria, o homem tem duplos meios de descobrir os poucos prazeres da vida.

**E. A Resignação é Melhor do que a Indignação. 7:13, 14.** Este é um resumo de quase toda a filosofia de vida do autor.

**14. No dia da prosperidade . . . no dia da adversidade.** Considerando que nossas vidas estão seguras pelo punho de ferro de Deus, tanto o **dia da prosperidade** como o **dia da adversidade** foram por ele determinadas. Portanto, que o homem aproveite ao máximo o que a vida pode proporcionar.

**F. A Moderação é Melhor do que a Intemperança. 7:15-22.** A experiência mostra que o justo nem sempre vive mais e uma vida mais feliz do que o ímpio (cons. Sl. 1:3, 4). Portanto a melhor maneira de viver é moderadamente.

**16. Não sejas demasiadamente justo,** pois isto não garante a felicidade. Portanto a moderação é a resposta, pois **por que te destruirias a ti mesmo?** Isto é, por que você se alienaria devido a uma conduta extremista das poucas coisas boas que a vida pode proporcionar?

**17. Não sejas demasiadamente perverso,** pois o mal pode acarretar uma morte prematura.

**G. Os Homens São Melhores do que as Mulheres. 7:23-29.**

**25. A perversidade é insensatez.** Um bom exemplo da perversidade da insensatez é a **mulher** má (v. 26) que procura atrair os homens ao pecado.

**28. Entre mil homens achei um ... entre tantas mulheres não achei nem sequer uma.** É bastante difícil encontrar um homem bom, mas uma (boa) **mulher** é quase impossível descobrir.

**29. Deus fez o homem reto.** Embora Deus tenha feito o **homem reto**, os homens desviaram-se dessa condição buscando **as muitas astúcias**, isto é, propósitos e planos (talvez aqui, artimanhas femininas) que introduziram a corrupção e o mal no mundo.

## **Eclesiastes 8**

**H. Às Vezes é Melhor Transigir do que Ficar com a Razão. 8:1-9.**

**3a. Não te apresses em deixar a presença dele.** Quando o rei ordena alguma coisa desagradável, não te apresses em deixar a presença dele. Isto é, não lhe vire as costas impulsivamente por causa do que ele quer.

**3b. Nem te obstines.** A serviço de um rei que costuma ser arbitrário e que faz o que bem entende, a atitude sábia não é exigir que se faça a sua vontade em todos os assuntos. Há tempo e lugar para tudo (v. 6).

## **VII. O Tema Demonstrado (IV). 8:10 - 9:16.**

**A. Pela Incongruência da Vida. 8:10-14.** Embora, talvez, geralmente o justo tenha assegurado uma vida feliz, enquanto os ímpios são deserdados; contudo, até mesmo isto tem suas exceções, de modo que ninguém pode depender da moral como guia para a vida.

**B. Conclusão: Desfrute da Vida Enquanto Pode. 8:15 – 9:16.**

Considerando que os propósitos finais de Deus são desconhecidos (8:15-17), que não há nada após a vida (9:1-10) e que a duração da vida é incerta (9:11-16), a atitude sábia é a de deleitar-se aqui e agora.

## **Eclesiastes 9**

**9:1. Se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem.** Esta frase difícil melhor se encaixa referindo-se a Deus. Nenhum homem sabe se suas atitudes obterão o amor ou o ódio de Deus (cons. Mt. 1:1-3; Rm. 9:13).

**5. Nem tão pouco terão eles recompensa.** O homem que está vivo pode obter uma recompensa, isto é, alguns lucram do seu trabalho aqui na terra e pelo menos é alguém, enquanto o morto não constitui nem sequer uma lembrança.

**10. No além (E.R.C., na sepultura).** Os hebreus de antigamente achavam que o Sheol era uma profunda cova sob a terra onde moravam os mortos (cons. Dt. 32:22). Está uniformemente descrita como o lugar para o qual tanto os justos como os injustos iam após a morte, e onde não havia castigos ou recompensas (cons. Ec. 3:19, 20; 6:6). Era a "terra do esquecimento" (Sl. 88:12) e das trevas (Jó 38:17), onde os homens existiam como réplicas desbotadas de seus seres anteriores (cons. Isa. 14:9, 10). Aqui (Ec. 9:10) está uma das mais fortes declarações do V.T. sobre a vacuidade do Sheol.

## **VIII. Palavras de Conselho (C). 9:17 - 12:8.**

**A. Algumas Lições sobre a Sabedoria e a Loucura. 9:17 - 10:15.** Aqui o autor acrescenta alguns grupos de máximas sobre o uso sábio das palavras (9:17, 18; 10:12-14), sobre a conduta sábia (10:2-4, 8-11), e sobre a sabedoria em geral conforme comparada com a loucura (10:1, 5-7, 15).

**17. As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio.** As palavras calmas do homem sábio são atendidas com mais prontidão do que a tagarelice clamorosa de um falador. Parece que este provérbio foi acrescentado para sugerir que aquilo que foi dito no versículo 16 nem sempre é verdade.

## **Eclesiastes 10**

**10:1. Mosca morta.** Se uma mosca, uma das pragas do Oriente, mergulha no perfume e morre, seu corpo em decomposição estraga todo o perfume. Assim também uma pequena loucura pode arruinar muita sabedoria e honra. Pode parecer insignificante, mas pode destruir todo o



bem que a sabedoria alcançou. Um homem pode cometer um pecado, e isto pode destruir toda uma vida virtuosa.

**5. Erro que procede do governador.** Um dos males da vida é o julgamento falho do homem, que pode designar um tolo para uma posição de autoridade, e ignora aquele que poderia governar.

**8. Quem abre uma cova.** Estes provérbios são observações gerais sobre os perigos de diversas atividades e portanto sobre a necessidade da prudência.

**11. Se a cobra morder antes de estar encantada.** O sucesso na vida vem de se exercitar a habilidade na hora certa. Para que o encantamento dê resultado, deve ser aplicado antes da serpente morder, caso contrário de que serve saber como encantar?

**15. O trabalho do tolo o fatiga.** Literalmente. O tolo, embora possa falar um bocado, trabalha até a exaustão sem realmente conseguir realizar alguma coisa. Ele é estúpido demais para perceber a maneira óbvia de realizar seu propósito. Este é o significado da última frase, **nem sabe ir à cidade**; aquilo que está claro para a maioria fica oculto ao tolo. Esta última parte tem o seu paralelo em: "Ele não sabe o suficiente para se abrigar da chuva".

## **B. Algumas Lições Sobre a Regra dos Reis. 10:16-20.**

As conseqüências da vida da nação quando é governada por um tolo foram ilustradas pelo autor. Os edifícios são arruinados e o dinheiro é esbanjado. Contudo uma pessoa, se é sábia, não dá lugar às críticas.

**16. Cujo rei é criança.** A **criança** é aquele que é influenciado pelos conselheiros (está implícito que os conselheiros são inescrupulosos), enquanto o filho de nobres (v. 17), que fica traduzido melhor para homem livre, é amadurecido e capaz de pensar sozinho.

**18. Pela muita preguiça desaba o teto.** A referência é à negligência dos negócios nacionais pelos governadores que se banqueteiam já de manhã (v. 16), isto é, gastam o seu tempo em frivolidades quando deveriam estar trabalhando.

## **Eclesiastes 11**

### **C. Algumas Lições Sobre o Excesso de Cautela. 11:1-8.**

Considerando que o futuro é sempre imprevisível, até mesmo "os melhores fazem planos de ratos e os homens geralmente se desviam do bom caminho". Portanto um homem deve estar pronto a aceitar os riscos se quiser alcançar qualquer tipo de sucesso. A pessoa que espera até ter certeza vai esperar eternamente.

**1. Lança o teu pão sobre as águas.** Não há explicação certa sobre este provérbio. Tradicionalmente, tem sido apresentado como uma exortação à liberalidade ou caridade, que deve ser **lançada** (lit., *enviada*) diante dos outros sem qualquer imediata realização de ganho, mas que um dia retomará para recompensar o doador (cons. Lc. 16:9). Mas talvez o versículo deva ser traduzido assim: "Lança o teu pão sobre as águas (por estranho que pareça), porque depois de muitos dias o acharás". Traduzido assim, refere-se à incerteza desta vida, na qual até mesmo Uma atitude aparentemente pouco sábia pode produzir a sua recompensa.

**2. Reparte com sete.** Eis novamente uma ênfase sobre os resultados obtidos na vida mesmo quando se age com sabedoria. Traduza-se: "reparte com sete, e ainda com oito (isto é, seja sábio nos seus investimentos); porque não sabes que mal sobrevirá à terra".

**3. Estando as nuvens cheias.** É o ponto central do argumento do autor e parece fazer parte dos versículos 4-6. É um argumento contra o excesso de cautela, à luz da imprevisibilidade da natureza e da incapacidade humana de mudá-la.

**4. Quem somente observa o vento.** O momento ideal para se agir sempre parece incerto, mas é preciso agir se há trabalho a ser realizado. Se alguém se preocupa por causa das tempestades antes da sementeira e antes da colheita, jamais terá colheita a fazer.

**D. Algumas Lições Sobre Como Desfrutar da Vida. 11:9 - 12:8.**

Aproveite ao máximo os dias da juventude, quando os prazeres da vida ainda podem ser desfrutados, e não espere pelos dias da velhice, quando a vitalidade já tiver acabado. Contudo, é o caminho divino e não a devassidão que deve ser o guia ao prazer.

**9. Deus te pedirá conta.** O autor recomenda prazer inteligente. Satisfaça os anseios do seu coração, ele diz, mas lembre-se de que Deus faz certas exigências na vida, e que ele castiga os excessos e o abuso da sua vontade. Este pensamento continua pelo versículo 10 nas palavras **afasta . . . , o desgosto e remove . . . a dor.**

**Eclesiastes 12**

**12:1. Lembra-te do teu Criador.** Talvez fique melhor traduzido assim: *Lembra-te então do teu Criador*, pois parece que o autor está resumindo o que acabou de dizer.

**2. Antes que se escureçam o sol . . .** A imagem neste versículo e nos seguintes tem produzido uma variedade de interpretações, mas a maioria dos comentaristas aceitam a passagem como uma extensão do conselho do autor a que seus leitores desfrutem da mocidade. Estes versículos são provavelmente uma alegoria sobre o declínio da idade avançada e da proximidade da morte. As figuras do **sol**, da **lua**, das **estrelas** e das **nuvens** descrevem a idade avançada como uma tempestade que obscurece a luz dos corpos celestiais, de modo que já não há mais calor ou esplendor, isto é, prazer na vida.

**3. Os guardas da casa.** Aqui o escritor compara o corpo do homem a uma casa. Os **guardas** são as mãos e os braços, os **homens fortes** são as pernas que ficam fracas, os **moedores** são os poucos dentes que ainda não caíram, e **olhos nas janelas** que escurecem são os olhos que se tornaram fracos.

**4. As portas . . . se fecharem.** A forma da palavra **portas**, no hebraico, é de duplo sentido, sugerindo portanto "duas portas" ou "portas duplas", provavelmente referindo-se aos ouvidos que se tomaram surdos.

O **baixo ruído da moedura** refere-se à boca sem dentes. A incapacidade do velho de dormir está ilustrada pelo fato dele se levantar **à voz das aves**. **Filhas da música** são provavelmente as notas musicais que se ouvem com dificuldade por causa da audição prejudicada.

**5. O que é alto.** Provavelmente é uma referência à falta de fôlego que torna difícil uma escalada. O homem tem temores **no caminho** por que não pode confiar em suas frágeis pernas quando tem de seguir o seu caminho pelas ruas estreitas e apinhadas de gente. A **amendoeira** talvez seja uma figura do cabelo grisalho. Pois, embora as flores da amendoeira sejam na realidade rosadas, quando vista à certa distância, a árvore em plena florescência tem um aspecto branco como se estivesse recoberta de neve. **O gafanhoto te for um peso** fica melhor traduzido assim: *o gafanhoto se moverá pesadamente*, uma figura do homem velho enrugado que mal consegue movimentar seus membros endurecidos e endireitar o seu corpo. A frase **e te perecer o apetite** é, literalmente, *as amoras se tornarão ineficientes*; refere-se a um tipo de amora afrodisíaca que estimulava o apetite sexual ou físico.

**6. O fio de prata.** A figura representa uma lâmpada luxuosa pendendo do teto. Sua corrente foi arrancada de maneira que caiu estrondosamente ao chão. O azeite foi derramado do vaso quebrado e a luz se foi. A luz é o símbolo da vida. O **cântaro** e a **roda** continuam transmitindo a mesma idéia, mas usando o símbolo da água que é tirada do poço. O cântaro se quebrou e portanto não pode mais conter água, isto é, a vida; a roda se quebrou, de modo que a água já não pode mais ser puxada.

**7. O pó volte a terra.** Esboçada aqui em ousado relevo está a idéia comum do que acontece após a morte: o corpo volta àquilo do que foi feito (cons. 3:20; Gn. 2:7); e o **espírito**, isto é, o fôlego da vida, retorna à sua fonte (cons. Gn. 2:7; Jó 34:14, 15; Sl. 104:29). O homem deixa de existir como homem.

**IX. Epílogo. 12:9-14.**

**A. O Alvo do Pregador. 12:9, 10.** O propósito de sua sabedoria diz o autor, foi o de comunicá-la aos outros. Ele tentou fazê-lo de maneira eficiente e franca.

**10. Achar palavras agradáveis.** O autor procurou tornar seus ensinamentos interessantes para ganhar a atenção, mas nunca sacrificou a franqueza ou a **verdade** para prender seus ouvintes.

**B. Um Elogio aos Seus Ensinamentos. 12:11, 12.** Proclamando que recebeu seus ensinamentos por meio de revelação direta de Deus, o autor declara que, portanto, seus ouvintes não precisam ir a nenhum outro lugar em busca da verdade.

**11. Como pregos bem fixados.** Estes ensinamentos são verdades às quais se pode afixar com segurança. **Os mestres das congregações.** As escolas dos sábios. Pelas palavras **único Pastor** parece que o autor não se refere a algum mestre, tal como Salomão, mas a Deus, que geralmente recebe este título (cons. Sl. 23:1). Ele dá a entender, portanto, que seus ensinamentos foram recebidos de Deus.

**12. Não há limite para fazer livro.** Falando aos leitores em geral como **filho meu**, o autor adverte contra as leituras e os estudos inúteis. O leitor deveria se concentrar nos ensinamentos do autor, pois são divinamente inspirados.

**C. A Conclusão do Assunto. 12:13, 14.**

Levando tudo em consideração - as experiências e o torvelinho mental que o autor atravessou - o mais alto bem da vida é a devida recorrência a Deus em toda a vida.

**13. Teme a Deus.** O fundamento da vida é o temor a Deus, isto é, reverência, um devido reconhecimento de quem Ele é e do que Ele exige dos homens no cotidiano da vida (cons. Pv. 15:33; Is. 11:3).

**14. Há de trazer a juízo todas as obras.** Tanto as **obras** dos homens como os seus segredos, isto é, seus pensamentos, serão julgados

por Deus. A atitude do coração é coisa importante diante de Deus, como também as atitudes públicas.

Na realidade o autor não diz nada mais nestes últimos versículos além do que disse em todo o livro – desfrute da vida enquanto pode. Isto só pode ser feito temendo a Deus; pois Deus está no controle e dEle se espera que recompense a justiça e castigue o mal.

O autor do Eclesiastes tem sido muitas vezes chamado de pessimista, mas não o é necessariamente. Ele ansiava por respostas aos quebra-cabeças da vida mais completas do que as que já obtivera, mas Deus em Sua providência não achou por bem revelá-las a ele. Contudo o autor descobriu que a vida separadamente de Deus é fútil. Um homem se atém à "boa vida" respeitando a Deus. O fato de que o "bem supremo" do escritor fosse principalmente a felicidade física não deveria obscurecer a questão. Ele viveu na esfera do físico e do sensual; ele não conheceu as coisas melhores. Mas ele jamais desistiu de sua fé em Deus. O pregador aprendeu a viver com os paradoxos da vida, tendo descoberto, como Jó, que a vida não ficava escravizada à solução de todos os seus problemas.

# CANTARES DE SALOMÃO

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 3	Capítulo 5	Capítulo 7
Capítulo 2	Capítulo 4	Capítulo 6	Capítulo 8

## INTRODUÇÃO

**Nome, Autoria e Integridade.** Este livro, pertencente aos cinco *megilloth*, ou pergaminhos, era anualmente lido pelos judeus no oitavo dia da Páscoa. O título Cântico dos Cânticos (1:1) é a tradução literal do hebraico *Shir hash-shirim*. A repetição do nome no genitivo plural é a maneira hebraica de destacar o caráter especial do Hino: é o melhor ou o mais excelente dos hinos (cons. Gn. 9:25; Êx. 26:33; Ec. 1:2).

Embora o primeiro versículo do capítulo primeiro também possa ser traduzido: "O Cântico dos Cânticos que é *sobre* ou *relaciona-se* com Salomão", o ponto de vista tradicional tem sido o de considerar o Rei Salomão como o autor do Hino. Considerando que o conteúdo do livro está plenamente em harmonia com os grandes dons da sabedoria que sabemos que Salomão possuía (I Reis 4:32, 33), não temos terreno suficiente para nos desviarmos desta posição histórica.

A unidade do livro dificilmente poderia ser desafiada. Refrões semelhantes aparecem em 2:7; 3:5; 8:4; as imagens são as mesmas através de todo o livro; e os mesmos personagens aparecem repetidas vezes.

**Interpretação.** Quanto ao seu gênero literário, os Cantares de Salomão obviamente constituem um poema de amor. A dificuldade está em como interpretá-lo. Abaixo damos algumas das variadas interpretações que têm sido apresentadas.

1. **Alegórica.** Esta é a interpretação comum dos judeus da antiguidade e deles passou para a Igreja Cristã. Os judeus consideravam

o Hino como uma expressão do relacionamento amoroso entre Deus e o seu povo escolhido. A Igreja Cristã via nele o reflexo do amor entre Cristo e a Igreja. Essencialmente, este ponto de vista tem sido advogado por Hengstenberg e Keil.

2. **A interpretação dramática.** A essência desta interpretação, conforme advogada por Franz Delitzsch, é que o Hino é um drama apresentando Salomão apaixonado pela Sulamita, uma jovem inculta, a qual ele introduz no palácio real em Jerusalém. Uma forma particular desta interpretação, **a hipótese do pastor**, introduz no Hino um terceiro personagem, um pastor, ao qual a jovem sulamita permanece fiel apesar das atitudes de Salomão.

3. **A interpretação típica.** Esta interpretação também defende que no Hino foi descrito o grande amor entre Cristo e a Igreja, sendo o Rei Salomão considerado um tipo de Cristo, e a esposa representando a Igreja. Este ponto de vista difere do alegórico pois tenta justificar a própria linguagem do Hino sem buscar um significado especial em cada frase, como faz a interpretação alegórica.

4. **A interpretação natural ou literal.** O princípio básico desta interpretação é que o Hino é um poema que exalta o amor humano. A partir deste ponto, por causa da inclusão deste livro no cânon das Escrituras, os defensores desta interpretação diferem grandemente quanto ao significado máximo desta canção de amor. Este comentário foi edificado sobre a pressuposição de que a interpretação natural está correta. Aceitando esta interpretação, o significado canônico dos Cantares pode ser assim especificada.

a) O livro está intitulado "o melhor dos cânticos" e sem dúvida o é. É um hino que Adão poderia ter cantado no Paraíso quando o Senhor em sua sábia providência entregou-lhe Eva por esposa. Em linguagem franca mas pura o livro louva o amor mútuo entre marido e esposa, e portanto ensina-nos a não desprezarmos a beleza física e o amor conjugal considerando-os de natureza inferior. Considerando que são dons do Criador às Suas criaturas (cons. Tg. 1:17), são bons e perfeitos no seu



lugar e no seu propósito. O livro apresenta uma forte advertência contra o dualismo bíblico que considera o físico e o material inferior ao espiritual, e que exalta o celibato como sendo mais virtuoso do que o estado matrimonial.

b) Em oposição ao parágrafo a, o Hino nos instrui a não glamorizar a beleza física e a não idolatrar o aspecto biológico do casamento. Apesar da maneira direta pela qual a beleza física e a atratividade são descritas, o relacionamento amoroso descrito nos Cantares é de caráter sublime. Em nenhum lugar a descrição nem mesmo se aproxima do que poderia ser considerado lascivo ou licencioso. Assim o Hino descortina diante de nós o relacionamento amoroso ideal no casamento. (Sobre a separação entre os dois amantes a que se refere, veja o comentário.) O Apóstolo Paulo usa o casamento para ilustrar a natureza do amor entre Cristo e a Sua Igreja (Ef. 5), mas certamente nem todo casamento reflete este laço de amor íntimo. Só um relacionamento conjugal tão puro como o descrito nos Cantares pode servir a tal propósito.

c) A leitura deste livro, longe de despertar pensamentos sensuais em nossas mentes, deveria nos levar a louvar o Criador que criou o homem à Sua própria imagem, que fez o corpo humano tão lindo, que despertou em Adão o desejo de uma companheira igual a ele e contudo diferente, e que entregou a primeira noiva – o próprio clímax das obras da criação – ao seu noivo reverente. A leitura deste livro também deveria nos tornar cômescios de nossos fracassos pecaminosos em nossa atitude para com os membros do outro sexo em geral, e em particular nossos pecados da carne dentro do casamento. Assim, através deste livro o Espírito Santo levará os pecadores a Cristo que também é o Redentor e Santificador dos sagrados laços conjugais. Vendo e experimentando a pureza e a santidade deste vínculo de amor terreno também seremos levados a compreender melhor aquele relacionamento de amor que é celestial e eterno, isto é, o laço de amor imaculadamente puro e indestrutível que existe entre Cristo e a Sua Igreja.

**ESBOÇO**

**(O livro não apresenta divisões definidamente separadas. Damos abaixo uma sugestão de esboço.)**

- I. A afeição mútua entre o esposo e a esposa. 1:1 – 2:7.
- II. A esposa fala de seu esposo. Seu primeiro sonho sobre ele. 2:8 – 3:5.
- III. O cortejo nupcial. O segundo sonho da esposa. Sua conversa com as filhas de Jerusalém. 3:6 - 6:3.
- IV. O esposo continua louvando a beleza da esposa. O desejo dela é para ele. 6:4 - 8:4.
- V. Expressões finais de amor mútuo. 8: 5-14.

**COMENTÁRIO****I. A Afeição Mútua Entre o Esposo e a Esposa. 1:1 - 2:7.****Cantares 1**

**A. Título. A Virgem Expressa o Seu Amor pelo Seu amado. 1:1-4.**

1. Em relação a este versículo veja a Introdução.

2. A esposa fala em primeiro lugar, expressando eloqüentemente seu grande amor e anseio pelo seu amante. **Beija-me.** Não a expressão de simples desejo sensual. Nas Escrituras o beijo é freqüentemente mencionado como uma expressão de amor profundo e puro (Rm. 16:16; I Ts. 5:26; I Pe. 5:14). O uso que a esposa faz dos pronomes **ele** e **seu** dá a idéia da espontaneidade com a qual esta expressão de amor explode dos seus lábios. Não há necessidade de se recorrer à tradução de **tu** e **teu** como na E.R.A.; oscilações no uso das pessoas ocorre freqüentemente no hebraico (cons. Dt. 32:13-15; Jr. 2:2, 3; Os. 4:6; Zc. 9:13, 14). O vinho geralmente se associa ao gozo e à alegria (Jz. 9:13; Sl. 104:15; Pv. 31:6; Ec. 10:19). Pode também expressar a alegria espiritual que vem da posse dos dons da graça de Deus (Is. 55:1; Joel 3:18; Amós 9:13). Mas melhor do que o vinho que alegra o coração é o amor do esposo pela esposa.

**3. Ungüentos.** Os ungüentos eram itens indispensáveis no Oriente. O clima quente tomava necessários os banhos freqüentes, depois dos quais a pele era tratada com óleos perfumados (cons. II Cr. 28:15; II Sm. 14:2; Dn. 10:13; Mt. 6:17). **O teu nome.** Não simplesmente como um símbolo de identificação. O nome de uma pessoa costumava dizer algo específico a respeito dela (Êx. 2:10). Podia até mesmo dar a idéia de todo o seu caráter (Mt. 1:21). A esposa está falando do caráter esplêndido de seu esposo e da fama que ele tem por toda Parte. Por causa dessas características notáveis, as **virgens** o amam. Em sua admiração sem limites, a esposa não pode deixar de se lembrar da grande afeição que as outras virgens também sentem pelo seu esposo. A palavra para virgem (hebraico '*almâ*') usa-se em relação a uma jovem em idade de se casar e que ainda é solteira (Gn . 24:43; ÊX. 2:8; Is. 7:14 e Mt. 1:23; Sl. 68:25; PV. 30:19).

**4.** A esposa já está perto do seu amante, tendo sido introduzida **nas suas recâmaras**, mas ela anseio por estar em sua presença imediata. O rei aqui mencionado é Salomão. Aqueles que interpretam tipicamente acham que esta e expressões semelhantes se referem a Cristo. **E nos alegraremos.** A esposa deseja partilhar a sua alegria com os outros; a referência é às virgens mencionadas no versículo 3. Essas virgens não se enganam quanto à afeição que dedicam ao rei; ele a merece inteiramente.

### **B. A Esposa às Filhas de Jerusalém. 1:5, 6.**

**5. Estou morena, porém formosa.** A exposição ao sol tornou morena a pele da esposa, mas ela não perdeu com isso a sua boa aparência. Mesmo estando morena **como as tendas de Quedar**, ainda é agradável **como as cortinas de Salomão**. **Quedar** era um filho de Ismael (Gn. 25:13). As tendas da tribo nômade descendente dele (Jr. 2:10; Sl. 120:5) eram feitas de peles de cabras negras ou marrons. A referência hiperbólica feita às tendas enfatiza a pele escura da jovem. As cortinas de Salomão deveriam ser muito lindas; e apesar de sua pele escura, a esposa era tão linda quanto aquelas. O significado alegórico de

"negro (AV) por causa do pecado, mas agradável por causa da graça" é o que geralmente se sugere.

**6. Os filhos de minha mãe se indignavam contra mim.** A jovem não deve ser acusada por causa de sua atual pele escura. Por uma razão não mencionada seus irmãos ficaram zangados com ela e a puseram para cuidar das vinhas. Foram ao ponto de não consentirem que ela cuidasse de sua própria vinha. Contudo, esse tratamento áspero não prejudicou a sua boa aparência e não evitou que o rei a amasse de maneira especial.

### **C. A Jovem para o Seu Amado Distante e a Resposta. 1:7, 8.**

**7. Dize-me . . . onde apascentas o teu rebanho.** O amor genuíno que sente pelo amado desperta uma saudade constante de estar em sua presença imediata. O livro destaca isto diversas vezes apresentando os dois amantes separados um do outro. O rei é descrito como um pastor; certamente uma designação adequada. **Para que não ande eu vagando,** uma referência às prostitutas (Gn. 38:14). O verdadeiro amor quer evitar qualquer aparência de infidelidade e impureza.

**8. Sai-te pelas pisadas dos rebanhos, e apascenta os teus cabritos.** Aqui não se declara quem responde à pergunta da jovem. O pensamento expresso pela resposta é que tudo o que a esposa tem a fazer é cumprir suas obrigações de esposa do rei. Estas obrigações ela deve realizar perto das tendas dos pastores, isto é, na presença dos outros; e tal serviço fiel, confirmará sua reputação imaculada.

### **D. O Esposo e a Esposa, Um ao Outro. 1:9-17.**

**9. Às éguas ... te comparo.** Fala o rei. Os cavalos eram conhecidos pela sua força e beleza e eram geralmente lindamente ornamentados. Uma bela descrição de um cavalo se encontra em Jó 39:19-25. Salomão possuía grande número de cavalos e carros (I Reis 4:26; 10:26), muitos dos quais tinham vindo do Egito (I Reis 10:28, 29). A comparação sugere a beleza estonteante da esposa e as características de sua notável personalidade.

**10. Formosas são as tuas faces entre os teus enfeites.** A descrição dada aqui continua com ainda maiores detalhes no capítulo 4. Os ornamentos acentuavam a beleza de suas faces e do pescoço da esposa.

**11. . . . te faremos.** O rei promete novos ornamentos do seu amor para realçar sua beleza ainda mais (cons. Ez. 16: 11).

**12.** A esposa começa a falar. O hebraico poderia também ser traduzido para: *Enquanto o rei estava em seu leito.* O **nardo** era uma planta perfumada da Índia da qual se extraía óleo aromático, muito precioso e grandemente procurado (Mc. 14:3-5). O cheiro suave do nardo é um símbolo do amor da esposa.

**13,14.** A **mirra** era uma substância perfumada preparada com uma planta que também vinha da Índia. Era usada com diversos propósitos (cons. Sl. 45:8; Pv. 7:17; Et. 2:12). As mulheres costumavam usar pequenos saquinhos contendo mirra entre os seios. A mirra estava entre os presentes que os Magos ofereceram a Jesus (Mt. 2:11). A **hena** é uma planta com fragrantas flores amarelas e brancas. Na Palestina se encontrava especialmente no vale do En-Gedi, um oásis na praia ocidental do Mar Morto. Estas comparações sugerem a grande estima que a esposa tinha pelo seu amado.

**15. Eis que és formosa, ó querida minha.** O esposo retoma a palavra, elogiando novamente a notável beleza de sua esposa. Aparentemente é a resplandecente beleza dos olhos da esposa e não a sua pureza e inocência que faz o amado pensar nas pombas, pois nesta passagem é a beleza física da esposa que está sendo enfatizada. O intérprete alegórico insistirá que a beleza da esposa é um dom da graça de Deus.

**16.** A esposa responde, chamando-o de belo, como ele fez a ela. Então, imediatamente, ela se volta para uma descrição do cenário imaginário que serve de pano de fundo para o grande amor recíproco entre os amados. Considerando que todos os outros detalhes do contexto imediato são figurados, não é necessário aqui que se imagine um lugar

real ao ar livre ou uma cabana de folhas construída sobre o terraço de uma casa.

## **Cantares 2**

### **E. Continua o Diálogo Entre a Esposa e o Esposo. 2:1-7.**

**1. Eu sou a rosa de Sarom.** A esposa continua falando. É difícil determinar qual a flor a que a esposa está se referindo. A única outra vez em que esta palavra aparece no V.T. é em Is. 35:1. **Açafrão** parece que é a melhor das traduções. **Sarom** é a planície costeira do Mediterrâneo entre Jope e Cesaréia. Nos dias de Salomão era lugar de grande fertilidade.

**2. O lírio entre os espinhos.** Fala o esposo. Na sua humildade a esposa se considera apenas como um belo mas humilde açafrão; ela se considera um lírio entre os espinhos. Assim como o lírio se sobressai entre os espinhos, assim ela se sobressai entre as outras virgens.

**3. Qual a macieira.** A esposa responde da mesma maneira. Assim como a macieira que produz frutos deliciosos se sobressai entre as outras árvores da floresta, assim o seu esposo se sobressai entre os outros jovens.

**4. O rei a levou, uma simples camponesa,** para o salão dos banquetes. Mas ela não precisa temer nem se acanhar na presença das jovens senhoras de Jerusalém, pois com o seu amor ele a protege e a põe à vontade. (Quanto à idéia de proteção, veja Êx. 17:15.)

**5. Tomada do amor e da admiração pelo seu amado,** a esposa pede bolos de passas e maçãs para fortalecê-la fisicamente.

**6. A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça.** Este versículo pode ser traduzido expressando um desejo ou declarando um fato. Ambas as traduções se encaixam bem no contexto igualmente. A primeira tradução faz deste versículo outra exclamação de socorro feita pela esposa. De acordo com a segunda tradução possível, o fato declarado neste versículo é a resposta do esposo ao pedido da esposa; ou talvez indique como os dois estão juntos no salão de banquetes.

**7. Conjuró-vos.** Não se pretende nenhum juramento verdadeiro, pois a jovem faz a adjuração em nome de animais. Porque esses animais foram escolhidos, não o sabemos. Talvez porque se achasse que melhor simbolizavam o caráter do verdadeiro amor. Colocando o seu pedido na forma de um juramento, ela enfatiza seu muito urgente pedido de não despertar o amor prematuramente, pois o amor é muito delicado e fácil de se ferir. No seu devido tempo despertará por si mesmo.

## **II. A Esposa Fala do Seu Esposo. Seu Primeiro Sonho Sobre Ele. 2:8 – 3:5.**

### **A. O Hino de Amor da Esposa para o Esposo. 2:8-17.**

**8. A voz do meu amado.** De maneira muito especial a esposa fala da vinda do seu amado. Embora esta seção possa muito bem ter algum antecedente histórico na vida do rei, seu propósito é expressar o profundo amor da esposa pelo seu esposo. As figuras foram extraídas da natureza. As gazelas e os gamos escalam montanhas e saltam pelas colinas com leveza e graça.

**9. Detrás da nossa parede** deve ser uma referência à parede da casa na qual a sulamita mora. Diante desta parede o esposo, como gazela ou gamo tímido que desconfia dos homens, espia pela janela através das cortinas. Ele não se aproxima de sua esposa rudemente, nem mesmo com atrevimento, mas como alguém que a respeita profundamente.

**10, 11. Parou o inverno, cessou a chuva.** Ele a chama para acompanhá-lo. Aqui o simbolismo da gazela e do gamo foi deixado de lado, introduzindo-se a figura das estações. Elas dão a entender que a esposa e o esposo alcançaram o devido estado de maturidade para desfrutarem do seu mútuo amor (contraste com o v. 7).

**12-14.** A figura da chegada da primavera desta vez é mais detalhada com a enumeração das mudanças que acontecem na natureza durante esta estação. A urgência da chamada do esposo para a esposa a que se lhe junte está evidente na repetição das palavras do versículo 10:

**Levanta-te, querida minha . . . e vem.** Ela o chamou de gazela e jovem gamo; agora ele a chama de pomba minha, uma expressão de carinho. A esposa aqui reproduz as palavras do seu esposo.

**15.** Estas são as próprias palavras da esposa. **As raposas.** Tal como os aborrecimentos e preocupações que podem interferir e prejudicar o amor. Seu amor está desabrochando em sua plenitude, e nada deve ter permissão de perturbá-lo.

**16, 17. O meu amado é meu, e eu sou dele.** A esposa está confiante de que ela e o seu esposo pertencem um ao outro. Ela o descreve aqui como um pastor que durante o dia alimenta o seu rebanho e por isso fica longe dela. Na linguagem devocional, estas palavras têm com frequência sido aplicadas ao relacionamento de Cristo e Seu povo bem-amado. **Entre os lírios** sugere que o esposo desempenha suas obrigações diárias num ambiente que está de acordo com o seu caráter e dignidade. **Antes que refresque o dia.** Literalmente, *até que o dia respire*, isto é, até que chegue a brisa da tarde. A referência é ao fim do dia quando o calor, geralmente escaldante, é substituído por um frescor revigorante. A tarde também é o período quando as sombras, que só existem durante o dia, desaparecem. O versículo 17 é a resposta final, nesta seção, da esposa ao seu esposo. Através de toda a seção ambos expressaram o desejo anelante que sentem um pelo outro. **Montes de Beter**, E.R.C. Ou, possivelmente, **montes escabrosos**. O verbo hebraico vem de uma raiz que significa "cortar em pedaços" (cons. Gn. 15:10; Jr. 34:19). Se esta etimologia for aceita, as palavras podem ser traduzidas para montes "escabrosos" ou "montes da separação", isto é, montes que nos separam (Berkeley).

### Cantares 3

#### B. O Sonho da Esposa Sobre o Seu Esposo. 3:1-5.

**1. De noite . . . busquei.** A seção que começa com este versículo registra um sonho da esposa. O verdadeiro amor não desaparece durante o sono mas manifesta-se em sonhos sobre a pessoa amada. No sonho



aqui descrito – uma consequência da constante preocupação da esposa com o seu amado durante as horas do dia – ela o busca por toda parte mas não pode encontrá-lo.

**2. Pelas ruas . . . buscarei.** A esposa sonha que se levanta e vai pela cidade à busca do seu esposo.

**3. Os guardas, que rondavam.** Um detalhe do sonho. As palavras, **então lhes perguntei**, não se encontrara no texto massorético. Em um sonho, as cenas passam rapidamente; eis porque a aparente desconexão da pergunta.

**4. Encontrei.** A cena muda novamente. Não se registrou nenhuma resposta dos guardas; em um sonho isto não se torna necessário. O sonho da jovem e a saudade que sente do seu ornado culminam no seu encontro com ele quando o traz para casa e para o quarto de sua própria mãe. Este quarto, que fala da intimidade, devia ser algo quase sagrado para a jovem. Levá-lo até lá dá a idéia da ternura e afeição que sente por ele.

**5. Que não acordeis, nem o desperteis . . . até que este o queira.** O amor pode ser uma força poderosa na vida dos homens e mulheres. Não recebendo resposta ou não sendo satisfeito pode causar dor indizível e grande sofrimento ao coração humano. Mas o amor retribuído proporciona alegria inefável. A sulamita em seu sonho experimenta ambos em certo grau – o amor insatisfeito e o amor retribuído. Portanto este refrão (cons. 2: 7) não é um anticlímax da reunião dos dois amantes no sonho. Antes, indica reconhecimento do fato que, sendo esses os efeitos que o amor pode proporcionar, deve ser tratado com o máximo cuidado e não deve ser despertado antes do momento apropriado.

### **III. O Cortejo Nupcial. O Segundo Sonho da Esposa. Sua Conversa com as Filhas de Jerusalém. 3:6 - 6:3.**

#### **A. O Cortejo Nupcial. 3:6-11 .**

**6. Que é isso.** A seção que começa aqui fala do cortejo nupcial (veja versículo 11). A palavra **deserto** (*lugar despovoado*) talvez aqui

não signifique mais que campo aberto que se distingue das vilas e cidades habitadas. As **colunas de fumo** indicam que durante o cortejo muito incenso foi queimado, indicando a rota do cortejo. **De mirra e de incenso, e de toda sorte de pós aromáticos do mercador.** Acrescentavam dignidade e importância a que se via subir do deserto.

**7. É a liteira.** A chegada do cortejo nupcial foi apresentado em forma de pergunta; este versículo dá a resposta. De acordo com a dignidade real, sua liteira está rodeada de fortes soldados escolhidos dentre os melhores homens de Israel.

**8. Destros na guerra.** São todos soldados experimentados, capazes de proteger o rei e sua esposa de qualquer perigo a que possam estar expostos, especialmente dos perigos noturnos.

**9,10. Um palanquim.** Ou *uma cama*, ou *um trono*. Uma descrição mais detalhada da liteira ou palanquim que Salomão mandou fazer para si. O conjunto dá uma idéia de esplendor e dignidade real magnificente. **Tudo interiormente ornado . . .** Possivelmente, *feito o seu interior de ofertas de amor*. As filhas de Jerusalém, ao que parece, forneceram o material para o interior do palanquim real, em prova do seu amor pelo rei.

**11. Contemplai ao rei Salomão com a coroa.** A esposa não foi mencionada separadamente neste versículo; mas a partir do fato de Salomão estar usando a coroa que lhe deu sua mie, pode-se deduzir que ela está assentada ao seu lado no assento real. Por causa das muitas esposas de Salomão (I Reis 11:3), torna-se impossível dizer-se que isto que ficou registrado nesta seção se refira a um acontecimento específico na vida do rei. Esta passagem, contudo, fala de um casamento e da grande alegria que tal acontecimento proporciona ao casal de noivos, uma alegria que é testemunhada e partilhada por outros.

## Cantares 4

### B. O Esposo Louva a Beleza de Sua Esposa. 4:1-15.

O capítulo 4 é um hino de louvor à beleza apurada da esposa, com figuras de linguagem melhor entendidas e apreciadas pela mente oriental.

**1. Quanto aos olhos como das pombas;** veja comentário sobre 1:15. **Monte de Gileade**, uma cadeia de montanhas a leste do Rio Jordão, muito adequado para criação de animais (cons. Nm. 32:1). Cabras, que geralmente são de cor escura, descendo as encostas das montanhas, sugerem as ondas escuras do cabelo de uma jovem.

**2. Por causa do costume de se lavar as ovelhas antes da tosquia,** alguns comentaristas preferem traduzir este versículo assim: *Seus dentes são como um rebanho de ovelhas prontas para a tosquia*. Parece melhor, contudo, traduzir, *seus dentes são como um rebanho de ovelhas tosquadas que acabaram de ser lavadas*, porque a comparação tem a intenção de destacar a brancura dos dentes. Nenhum dos dentes da esposa está faltando, conforme indica a próxima comparação.

**3. Escarlate.** É um carmim brilhante e vistoso extraído de um inseto chamado *kirmis* pelos árabes (*Westminster Dictionary of the Bible*). As faces da esposa são comparadas a uma romã partida, porque o interior desta fruta está cheio de numerosas sementes da cor dos rubis.

**4. Como a torre de Davi.** Esta torre, embora não seja mais conhecida por nós, era ao que parece bem conhecida naquele tempo. A tradução exata das palavras traduzidas na E.R.A. por **edificada para arsenal** permanece em dúvida. A tradução, *construída com terraços*, que parece a mais plausível, retrocede à Vulgata. O **arsenal**, ou os *terraços*, sobre os quais **mil escudos pendem** (cons. Ez. 27:11) talvez sugeriram jóias usadas pela esposa, as quais acentuam a beleza do seu pescoço.

**5. Como duas crias.** Os seios da esposa são de aspecto juvenil como as crias de uma gazela. Alimentados **entre os lírios** dá a idéia do corpo bem formado da esposa do qual os seios se destacam.

**6. Irei ao monte.** Este versículo no qual o esposo afasta-se da descrição da beleza da esposa é difícil de explicar. Alguns comentaristas acham que o **monte da mirra** e o **outeiro do incenso** são símbolos dos

atrativos físicos da jovem. Uma interpretação melhor parece a que diz que a intenção de Salomão aqui é de colher aqueles preciosos aromas para com eles, ao entardecer, ir ter com sua amada. Em relação a antes que refresque o dia, veja 2:17.

**7. Não há defeito.** Isto resume a beleza e o poder de atração da jovem.

**8.** Este versículo expressa o grande anseio do rei por sua esposa. As palavras, do Líbano, talvez indiquem que devido ao grande desejo que sente por ela, pareça-lhe ela muito distante e inacessível. **Amana** é um dos regatos que correm para o leste vindos do alto das montanhas do Líbano (cons. II Reis 5:12). Hermom, chamado **Senir** pelos amorreus (cons. Dt. 3:9), é o mais alto pico do Líbano.

**9.** Para o rei a beleza da esposa é irresistível. A expressão **minha irmã** revela quão inefavelmente querida ela é para ele.

**10.** Compare 1:3, 4.

**11.** A fragrância do Líbano, vindo dos cedros e outras plantas que crescem ali em abundância, talvez fosse proverbial (cons. Os. 14:6, 7).

**12. Jardim fechado.** Considerando que a esposa pertence exclusivamente a Salomão, ela se assemelha a um jardim trancado e inacessível a todos, exceto o dono. Também os poços e fontes eram às vezes selados para preservar a água, coisa mais do que preciosa no Oriente, evitando que outros a tomassem.

**13,14. Um pomar . . . com frutos excelentes.** A figura do jardim continua. Pára o rei, a sulamita, que ele considera propriedade sua, é como um jardim que proporciona ao seu dono os melhores frutos.

**15. Fonte dos jardins.** Como os versículos 13 e 14 desenvolvem a primeira parte do 12, assim este versículo desenvolve a segunda parte desse versículo. Para o rei sua esposa é como fontes e rios que proporcionam abundância de água fresca e pura.

**C. A Resposta da Esposa. 4:16.**

A esposa convoca os ventos do norte e do sul a que soprem sobre ela, para que a maravilhosa fragrância que o esposo lhe atribuiu possa exalar dela como de um parque cheio de frutos excelentes. Uma vez que ela mesma é este jardim, ou pomar, ela chama seu amado a que venha desfrutar dos frutos a que tem direito.

**Cantares 5****D. A Resposta do Esposo a Sua Esposa e uma Convocação feita aos Dois Amantes. 5:1.**

**1a.** Atendendo ao convite da esposa, o rei agora diz que ele vem e desfruta dos excelentes frutos do seu jardim, a sua esposa. A reunião dos dois amantes, tão profundamente apaixonados um pelo outro, é o que se tem em vista novamente.

**1b.** É melhor não compreender estas palavras como parte do parágrafo precedente. Alguém (possivelmente mais de uma pessoa), não sabemos quem, fala aqui exortando os dois amantes a se deleitarem plenamente um na presença do outro. Este convite forma o clímax adequado à descrição que o esposo faz da beleza diferente de sua esposa.

**E. O Sonho da Esposa Saudosa do Seu Esposo. 5:2-7.**

**2.** A primeira declaração aqui dá a idéia de que aquilo que está para ser descrito aconteceu em um sonho. O conteúdo deste sonho deve ser entendido como formando a introdução das expressões de amor e descrição da aparência do esposo em 5:8-16. Em 5:2 o poeta está eficientemente representando o esposo que vem para sua esposa após ter caminhado muito através da noite, conforme se evidencia pelo **orvalho** que umedeceu os seus cabelos.

**3. Já despi a minha túnica.** A desculpa que a esposa apresenta para deixar de abrir a porta para o seu amado. No Oriente, quer se ande descalço ou de sandálias, os pés sempre ficam sujos, havendo necessidade de que se os lave com freqüência.

**4. Por uma fresta.** Não pôs a mão sobre o trinco (RSV; Berkeley). Em acontecimentos dentro de um sonho não se deve pressionar a exatidão nos detalhes. Através de um tipo de abertura o esposo coloca a sua mão, a fim de abrir a porta. Vendo isto, a esposa fica grandemente excitada (cons. v. 5) e vencendo sua relutância ela se levanta para abrir a porta. Tocando a tranca, seus dedos e mãos gotejam a mirra que o esposo ali derramou.

**6. A minha alma se derreteu quando . . . me falou** dá uma razão adicional para que deixasse de lhe abrir a porta imediatamente; o som da voz dele deixou-a acabrunhada.

**7.** Em lugar de encontrar o seu amado, ela se depara com a desgraça. Como no sonho anterior (cap. 3), ela se encontra com os guardas. Mas desta vez, pensando que fosse uma mulher de má reputação vagando pelas ruas da cidade, eles a espancam e lhe tomam o manto. Então o sonho se desfaz.

**F. Diálogo Entre a Esposa e as Filhas de Jerusalém. 5:8 - 6:3.** O sonho que precede esta seção introduz uma -separação entre os dois amantes. Esta separação toma-se agora a base de renovadas declarações de amor e devoção entre os parceiros.

**8. Que lhe direis? Que desfaleço de amor.** Desta vez é a noiva que dá expressão ao seu profundo sentimento de amor pelo esposo. Não tendo sido capaz, em seu sonho, de encontrar o seu amado, agora apela urgentemente às (ilhas de Jerusalém a que, se o encontrarem, lhe falem do seu grande amor (cons. 2:7; 3:5).

**9. Que é o teu amado mais do que outro amado?** Esse apelo urgente leva essas jovens a perguntarem o que há de tão especial" a respeito do seu amado. Sua pergunta dá oportunidade à noiva de descrever a aparência notável do esposo.

**10. O mais distinguido entre dez mil.** Sua aparência é tal que entre dez mil ele é facilmente distinguível.

**11. A cabeça . . . como o ouro mais apurado** ilustra a nobreza que se irradia de sua cabeça e rosto.

**12.** Em relação aos **olhos ... como os das pombas** veja comentário sobre 1:15. A deslumbrante beleza da pomba é particularmente destacada quando ela se assenta junto a ribeiros de águas. **Lavados em leite** se refere ao branco dos olhos.

**13. Canteiros de bálsamo.** Literalmente, *elevações de plantas*. A RSV, com uma pequena variação no original hebraico, traduz: *fragrância dócil*. Contudo, elevações deveria ser aceito, uma vez que se refere à plenitude das maçãs do rosto.

**14-16. Suas mãos . . . seu falar.** A esposa prossegue descrevendo outros aspectos físicos do seu amado, cada um dos quais ela acha sobremodo lindo. Finalmente, ela exclama para as filhas de Jerusalém: **Tal é o meu amado, tal o meu esposo.**

## Cantares 6

**6:1.** Em 5:8 a esposa insiste comas jovens de Jerusalém a que falem ao seu amado do seu grande amor por ele, caso o encontrem. Agora as jovens perguntam: **Para onde foi o teu amado?** Esta pergunta vem também como seqüência direta ao sonho da esposa no qual ela não consegue encontrá-lo.

**2. Desceu ao seu jardim.** Mas a esposa já não precisa mais das outras virgens. Seu esposo foi para o seu jardim. À luz de 4:12-15 e 5:1, onde cada um dos amantes chama ao outro de jardim, não nos parece forçado que entendamos neste versículo que o esposo já retomou para ela.

**3.** Cons. 2:16.

## IV. Outros Elogios do Esposo à Beleza da Esposa. O Desejo que Ela Sente por Ele. 6:4 - 8:4.

### A. O Amante Louva a Sua Amada. 6:4-10.

**4.** A cidade de **Tirza**, localizada a nordeste da cidade de Samaria, foi a primeira capital do reino do norte até os dias de Onri (I Reis 14:17; 15:21, 33; 16:8, 15, 23, 24). Se consideramos Salomão o autor dos Cantares, é claro que ele não poderia ter conhecido Tirza como capital. Parece que a cidade era muito linda, o que explicaria a sua menção aqui. **Formidável como um exército com bandeiras.** Embora as modernas mentes ocidental achem difícil apreciar esta ilustração, ela indica a beleza irresistível da esposa.

**5. Desvia de mim os teus olhos.** A grande beleza da esposa confunde o rei. Com referência a 5b, 6, 7, veja comentário sobre 4:1-3.

**8.** O número total das rainhas e concubinas de Salomão era maior do que o mencionado aqui (cons. I Reis 11:3).

**9.** Mas entre todas estas mulheres e virgens, a sulamita se destaca pela virtude de sua beleza imaculada, tal como o rei se distingue entre dez mil (5:10). **A única** (ou a *muito amada* ou *querida*) **de sua mãe.**

**10.** As palavras, **quem é esta?** entendem-se melhor reproduzindo as palavra de elogio pronunciadas pelas rainhas e concubinas.

## **B. A Esposa e os Seus Admiradores. 6:11-13.**

**11. Desde ao jardim.** É difícil determinar quem fala aqui, se Salomão ou sua esposa, embora seja melhor considerar a esposa como a oradora. Ela dirige estas palavras às mulheres que a admiram (v. 10), às quais ela diz que está descendo para o jardim das nogueiras.

**12. Imaginei-me no carro do meu nobre povo.** Ninguém ainda foi capaz de fornecer uma tradução satisfatória e uma interpretação adequada destas palavras. Talvez a esposa esteja falando aqui da maneira pela qual foi inesperadamente e repentinamente elevada à dignidade de rainha. Este versículo, como também o versículo 11, seriam então a resposta da esposa às palavras de louvor que lhe foram dirigidas pelas rainhas e concubinas.

**13.** As rainhas e outras mulheres pedem à esposa que volte muitas e muitas vezes de modo que a possam admirar. Não se pode declarar com



certeza quem faz a pergunta, **Por que quereis contemplar?** Esta pergunta é declaradamente um artifício empregado pelo poeta a fim de introduzir a sua próxima descrição da beleza da esposa. Não é impossível que esta pergunta fosse feita pelas mulheres que insistiam com a sulamita a voltar-se muitas e muitas vezes. A designação **Sulamita** para a esposa parece derivar-se da localidade de Suném (com. Js. 19:18; I Sm. 28:4; II Reis 4:8). A dança de Maanaim devia ser uma dança muito conhecida. Maanaim era um lugar localizado nas fronteiras da tribo de Gade, não muito longe do rio Jordão.

## **Cantares 7**

### **C. O Rei Elogiando a Beleza de Sua Esposa e o Amor que Ela Lhe Dedicou. 7:1-13.**

Os versículos 1-9 constituem uma ode de louvor à excelência física da esposa. Nosso Deus, que criou a magnificência da natureza, com sua variedade quase infinita, também criou o corpo humano de tal maneira que constitui a maravilha da obra de Suas mãos. A beleza física e o desejo puro entre o marido e a mulher (e noivo e noiva) são dons que Deus concedeu ao homem. A perversão desses dons é vil (cons. Rm. 1:26, 27) e deve por isso ser condenado.

A segunda parte de Cantares 6:13 forma a introdução à descrição da noiva apresentada aqui.

**7:1. Que formosos são os teus passos.** O rei está falando. Talvez possamos pensar na esposa ocupada em dançar, ato em que a sua beleza se toma ainda mais notavelmente aparente.

**2. A que não falta bebida** (AV, *que não sente falta de licor*), serve para completar o quadro, como a frase cercado de lutos.

**3.** Veja comentário sobre 4:5.

**4. Como torre de marfim.** O pescoço da esposa é belo e suave como o marfim e esguio como uma torre. As **piscinas de Hebron** sugerem a clareza cintilante dos olhos. **Hesbon** era a antiga capital dos amorreus (Nm. 21:25, 26; Dt. 2:24). **Bate-Rabim** era uma porta de

Hesbom. A **torre do Líbano** era uma espécie de torre de vigia. O escritor devia considerar um nariz grande como característica muito linda.

**5. Carmelo** é a cadeia de montanhas cujos picos descortinam o mar Mediterrâneo e a terra da Palestina em solitária majestade. **Cabeleireira como a púrpura**. A beleza do cabelo da esposa era tal que cativou o rei.

**6.** De todas as coisas que uma pessoa possa desejar, nada há que se compare com esta bela esposa.

**7. Esse teu porte é semelhante à palmeira**. Ela se parece com uma esguia palmeira. **Cachos**. Como cachos de tâmaras é o que se quer dizer.

**8,9a.** O esposo expressa o seu desejo de abraçar sua amada esposa desfrutando inteiramente do seu amor e beleza.

**9b. Como o bom linho**. A resposta da esposa, que continua com a linguagem simbólica usada pelo amado. Mesmo enquanto ele dorme, o autor dela flui em sua direção.

**10.** A esposa faz eco às palavras de Gn. 3:16 "teu desejo será para o teu marido".

**11, 12. Vamos ao campo**. A esposa insiste com o seu amado a que vá com ela a um lugar onde possam desfrutar plenamente o amor um do outro.

**13.** Os antigos criam que as mandrágoras estimulavam o apetite sexual (como também induziam a concepção; cons. Gn. 30:14-16). Por isso as mandrágoras também são afamada de maçãs do amor. As frutas excelentes são uma indicação do cuidado amoroso que a esposa tem por seu esposo.

## Cantares 8

**D. O Desejo da Noiva de Ser Inteiramente Unida ao Seu Amado. 8:1-4.**

**1. Como meu irmão**. Obviamente a Sulamita não deseja realmente que o seu esposo seja seu irmão; antes, ela deseja o relacionamento íntimo e achegado que só os irmãos e irmãs conhecem. O fato de sua ascendência ser muito mais humilde do que a de Salomão pode constituir

os antecedentes desta declaração (cons. 1:5, 6). Se ele fosse seu irmão, ela poderia também beijá-lo livremente em público sem incorrer em zombarias públicas.

**2. E te introduziria na casa de minha mãe.** A comunhão íntima no círculo familiar é o que se está mencionando (cons. 3:4).

**3.** Veja comentário sobre 2:6. Outro clímax dentro do livro; a esposa está perto do seu amado.

**4.** Com exceção de **pelas gazelas e cervas**, este versículo é idêntico a 2:7 e 3:5. O amor não deve ser excitado antes que chegue o momento adequado, porque o relacionamento amoroso, se não for cuidadosamente resguardado, pode causar sofrimento em vez de grande alegria que pode dar ao coração humano (cons. 2:7; 3:5). Nem é necessário procurar despertar o amor, pois o amor verdadeiro desperta sozinho no devido tempo.

## V. Expressões Finais de Amor Mútuo. 8:5-14.

### A. O Amante e a Amada Caminhando Juntos. 8: 5-7.

**5a. Quem é esta que sobe . . . ?** Esta pergunta foi feita pelo poeta para armar o cenário ao que vem a seguir. Quanto ao **deserto**, veja comentário sobre 3:6. Os dois são vistos andando juntos e conversando. O rei faz sua esposa se lembrar de como certa vez a encontrou (talvez no seu primeiro encontro) dormindo sob uma macieira perto da casa de sua mãe e de como a despertou.

**6, 7. Põe-te como selo sobre o teu coração.** Estas palavras, preferidas pela esposa, resumem o reino de todo o trino e constituem o seu clímax. Um sinete ou **selo** era um anel usado na mão direita (Jr. 22:24), ou carregado sobre o coração por meio de uma corrente pendurada no pescoço (Gn. 38:18). Era emblema de autoridade (com. Gn. 41:42; I Reis 21:8) e portanto uma propriedade muito preciosa. O simbolismo é a expressão do desejo irresistível da esposa de ser a propriedade mais preciosa de seu esposo.

O rei Salomão, que compôs este Hino sob a inspiração do Espírito Santo, transcende aqui suas próprias atitudes, pois para atender ao desejo da Sulamita ele deveria abandonar a sua poligamia. Esta expressão de amor fervoroso e irresistível saindo dos lábios da esposa aponta para o caráter monogâmico do casamento. O casamento é a união amorosa de *um* homem com *uma* mulher, e qualquer intrusão de uma terceira pessoa viola o relacionamento especial entre os dois. O desejo de alguém que aula de verdade é tão forte que se dá inteiramente ao outro e deseja a mesma afeição forte e exclusiva em troca.

Tal amor por outrem vem do Senhor, que o coloca no coração do homem, e não pode ser extinguido. Nem pode ser comprado. Nem mesmo Salomão, com toda a sua riqueza, podia comprar o amor da jovem sulamita. Pelo contrário, ela lho deu espontaneamente, e seu amor era esmagadoramente grande. Tal amor absoluto é semelhante ao ideal espiritual entre Deus e o Seu povo. Somos advertidos a não servirmos a dois senhores (Mt. 6:24) e a amarmos o Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, alma, mente e forças (Mc. 12:30).

### **B. A Vida Virtuosa da Esposa. 8:8-10.**

**8, 9. Temos uma irmãzinha.** Estes versículos, aparentemente pronunciados pelos irmãos da esposa, formam a introdução do verso 9, onde ouvimos novamente a esposa falando. **Que ainda não tem seios.** Ela ainda não atingiu a maturidade; ela ainda não atingiu a idade do casamento. A figura de um muro sugere a virtude da castidade e a capacidade de manter os pretendentes a uma devida distância. **A torre de prata** mostra que grande respeito, neste caso, os irmãos deveriam ter por sua irmã. Contudo, se ela fosse uma **porta**, isto é, facilmente acessível, então tomariam as devidas medidas para defendê-la para que não desse a sofrer por causa de sua própria fraqueza. Não se pode ter certeza quem é a jovem mencionada neste versículo, talvez uma irmã mais nova da esposa; embora seja também possível que os versículos 8 e 9 se refiram à esposa quando ainda criança.

**10.** A Sulamita era como um **muro**, protegendo sua sagrada honra. Só ao seu pretendente real, a Salomão, ela se renderia. A ele, ela não repeliaria; ela lhe ofereceria paz; isto é, ela se lhe entregaria.

### **C. Palavras da Esposa. 8:11, 12.**

**11.** Estas também talvez sejam palavras do próprio poeta. Ele mostra como Salomão era rico e como suas riquezas continuaram aumentando. **As mil peças de prata** deviam ser entregues ao rei por cada um que desfrutava do produto da vinha. **Baal-Hamom** não foi mencionado em nenhuma outra passagem das Escrituras; sua localização é desconhecida.

**12. A vinha . . . está ao meu dispor.** A esposa também tinha uma vinha, mas diferindo de Salomão ela não guardava o preço dos frutos para si mesma. **Duzentos** siclos ela pagava àqueles que cuidavam da vinha, mas os **mil siclos** (moedas de prata), que representavam a renda da vinha, ela os dava a Salomão. Ela se entregou não somente a si mesma ao rei mas também suas propriedades.

### **D. Expressões Finais de Amor Mútuo. 8:13,14.**

**13.** O esposo pronuncia suas palavras finais de desejo pela esposa. Para ele, ela é agora como alguém que habita num jardim (cons. 2:1). Os companheiros, isto é, aqueles que estão ao redor dela, gostam de ouvir sua doce voz. Ele também gosta de ouvi-la.

**14.** Ela lhe responde com palavras semelhantes àquelas que falou antes (cons. 2:17). Com essas palavras termina o Hino. Talvez devamos pensar que uma conclusão mais apropriada seria reunir os dois amantes em alegre reunião. Mas devemos nos lembrar que o Hino não é uma novela moderna ou um poema de amor; é a Palavra de Deus ensinando-nos a beleza e a pureza do genuíno amor humano, um dos dons do Criador às suas criaturas.

Este amor o Espírito Santo achou por bem para descrever em termos de desejo mútuo de companhia da parte daqueles que são

devotados um ao outro. Este relacionamento pode realmente ser usado para descrever o amor entre Cristo e a Sua Igreja, embora o amor humano, mesmo em sua forma más pura, não possa nunca ser mais que uma sombra desse relacionamento espiritual. As pessoas que verdadeiramente se amam sempre hão de ansiar pela companhia um do outro. Mas muito maior é o anseio da Igreja de estar com Cristo, seu Esposo celestial. A Igreja é a Noiva de Cristo, e por meio do Espírito Santo que habita no seu meio ela dá expressão ao seu grande anseio de estar com Ele nestas palavras: "Ora, vem, Senhor Jesus" (cons. Ap. 22:17, 20).

## ISAÍAS

Introdução	Capítulo 16	Capítulo 33	Capítulo 50
Esboço	Capítulo 17	Capítulo 34	Capítulo 51
Capítulo 1	Capítulo 18	Capítulo 35	Capítulo 52
Capítulo 2	Capítulo 19	Capítulo 36	Capítulo 53
Capítulo 3	Capítulo 20	Capítulo 37	Capítulo 54
Capítulo 4	Capítulo 21	Capítulo 38	Capítulo 55
Capítulo 5	Capítulo 22	Capítulo 39	Capítulo 56
Capítulo 6	Capítulo 23	Capítulo 40	Capítulo 57
Capítulo 7	Capítulo 24	Capítulo 41	Capítulo 58
Capítulo 8	Capítulo 25	Capítulo 42	Capítulo 59
Capítulo 9	Capítulo 26	Capítulo 43	Capítulo 60
Capítulo 10	Capítulo 27	Capítulo 44	Capítulo 61
Capítulo 11	Capítulo 28	Capítulo 45	Capítulo 62
Capítulo 12	Capítulo 29	Capítulo 46	Capítulo 63
Capítulo 13	Capítulo 30	Capítulo 47	Capítulo 64
Capítulo 14	Capítulo 31	Capítulo 48	Capítulo 65
Capítulo 15	Capítulo 32	Capítulo 49	Capítulo 66

## INTRODUÇÃO

**Data e Autoria.** Isaías, o filho de Amós, era ao que parece um cidadão de Jerusalém altamente estimado, que desfrutava do acesso à corte real, e era um conselheiro de confiança do Rei Ezequias. Seu ministério se estendeu do fim da morte do Rei Uzias em 740 A.C. (se não antes) até o reinado do idólatra Rei Manassés, em cuja perseguição ele foi provavelmente martirizado. A tradição conta que ele foi morto serrado ao meio (cons. Hb. 11:37). Aparentemente, não pregou publicamente depois que Manassés subiu ao trono em 698, mas confirmou sua mensagem à forma escrita preservada nos capítulos de 40 a 66. O ponto alto de sua influência política foi atingido no ano decisivo

de 701 A.C., quando a invasão assíria ameaçou destruir o Reino de Judá e remover seus habitantes para a escravidão e o exílio. Através de sua intercessão diante de Deus, o terrível perigo foi milagrosamente removido e o remanescente do exército de Senaqueribe fugiu ingloriamente para Nínive.

**Antecedentes Históricos.** Foi durante o período crítico da última metade do século oitavo que Israel, o Reino do Norte (as Dez Tribos), sofreu um declínio rápido e catastrófico, depois da morte do temível Jeroboão II. Samaria foi finalmente destruída após um cerco desesperado no ano de 711. A longa sucessão de reis ímpios e a crescente diminuição da fé bíblica causou a derrocada de Israel. Judá, sob o governo do corrupto e degenerado Rei Acaz, parecia pronta a seguir o exemplo horrível da apostasia de Israel, e buscou a proteção e o livramento da Assíria pagã, em vez de buscar a Jeová, o Deus de sua aliança. Contra esta infidelidade Isaías e Miquéias estabeleceram um protesto severo e determinado. Lá pelo ano de 626 o governo estava sob o controle de Ezequias, o filho de Acaz que temia a Deus. Ele eliminou grande parte dos "altos" idólatras, até mesmo os que eram dedicados a Jeová (contrariando a Sua Lei), e promoveu o estudo bíblico entre todo o povo. Uma doença quase fatal aprofundou a piedade de Ezequias, e o movimento da reforma continuou. Mas ainda assim Judá aderiu à enganosa política de confiar em aliados pagãos, mesmo quando Isaías advertiu veementemente contra as intrigas com o Egito. Como predisse o profeta, a confiança no poder secular do Egito (e não na proteção de Deus somente) comprovou-se quase fatal. Os exércitos egípcios esfacelaram-se diante da violenta investida da máquina da morte de Senaqueribe, e só a divina intervenção salvou o reino de Ezequias da completa ruína. A essa altura da crise o rei completamente arrependido por ter ignorado as advertências divinas (que lhe foram transmitidas por Isaías) elevou-se a tais alturas de fé e pureza de confiança que o Senhor dignou-se ouvir sua oração.



Ezequias sobreviveu a este momento de glória mas por apenas alguns poucos anos. Então seu jovem e voluntarioso filho Manassés subiu ao trono. Ele deu ouvidos à nobreza mundana, que há muito se aborrecia sob a pureza religiosa imposta por seu pai, e com espírito de "liberalidade" deu licença à reassunção da idolatria. Passo a passo ele mesmo se tomou um convicto adorador de ídolos, e brutalmente perseguiu aqueles que considera verdadeira a fé de seu pai. A corrupção doutrinária do povo foi acompanhada por uma decadência moral generalizada. O rei e os nobres que exploravam O povo com propósito de lucros egoístas, encheram Jerusalém de sangue e rapina. Nesta atmosfera de corrupção e depravação Isaías recebeu uma série de maravilhosas revelações com vistas à futura conquista babilônica no século futuro e além do período da Restauração, quando o Segundo Estado Judeu seria estabelecido na Terra Prometida.

**Teorias de Crítica da Autoria.** Principalmente presumindo que uma genuína profecia preditiva é impossível, a alta crítica racionalista tem contestado a autenticidade de Isaías 40-66, desde os rios do século dezoito. O autor destes capítulos parecia saber da queda de Jerusalém (um bom século após a morte de Isaías), e também da restauração da Palestina pelos judeus cativos após a queda da Babilônia para os persas em 539 A.C. Portanto esta seção de "Isaías" deve ter sido escrita por um autor desconhecido – o "Deutero-Isaías" – que viveu pelo menos 130 anos depois da morte do profeta do século oito.

Para sustentar esta posição, argumenta-se: a) que um ponto de vista futurista não poderia ser mantido com referência a um tão grande número de capítulos; b) que o verdadeiro nome do conquistador persa, Ciro, que estava destinado a libertar os judeus cativos, não poderia ser conhecido século e meio antes do acontecimento. Na realidade, contudo, uma interpretação futurista não se sustenta de maneira nenhuma através de todos esses vinte e sete capítulos; muitas passagens tratam de questões contemporâneas do Isaías histórico. Em segundo lugar, as Escrituras Sagradas não hesitam em predizer nomes específicos quando a

ocasião o exige. O nome do Rei Josias foi predito por um profeta de Judá três séculos antes do seu nascimento (I Reis 13:2), a fim de fornecer um sinal de que a destruição vindoura do altar -idólatra de Jeroboão em Betel foi ordenado pelo Senhor. Belém foi especificamente mencionada como o lugar do nascimento do Messias sete séculos antes do seu advento (Mq. 5:1, 2). Além disso, deve-se reconhecer que através de todos os sessenta e seis capítulos de Isaías deu-m ênfase extraordinária à profecia preditiva como sinal de inspiração divina. Algumas das predições seriam logo cumpridas (tais como o livramento de Jerusalém do exército de Senaqueribe por meios súbitos e sobrenaturais - 37:33-35; a derrota de Damasco dentro de três anos por meio da Assíria - 8:4-7; a destruição de Samaria dentro de doze anos 7:16; o retrocesso da sombra no relógio solar - 38: 8).

Outras eram para um futuro mais distante (tais como a Glória que viria à Galiléia como Messias - 9:1, 2; cons. Mt. 4:15,16; a devastação da Babilônia pelos medas e sua final e total destruição, a ponto de permanecer desabitada e amaldiçoada para sempre - 13:17, 19, 20). Deveria se notar que foi precisamente o reino do perverso Manassés (696-641 A.C.) que forneceu o mais sério desafio à sobrevivência da verdadeira fé. Era portanto mais apropriado nessa ocasião para o Jeová mantenedor da aliança demonstrar Sua soberania e autoridade absoluta anunciando com um ou dois séculos de adiantamento quais os passos exatos que tomada para julgamento da Judá apóstata e contra a Babilônia que desafiava a Deus. Este teste do cumprimento de profecia poderia fornecer prova irrefutável da divina autoridade da mensagem de Isaías: "Quem há, como eu, feito predições . . . que o declare . . . as coisas futuros, as coisas que hão de vir (a acontecer) ... acaso desde aquele tempo não vo-lo ia ouvir, não vo-lo anunciei? Vós sois as minhas testemunhas" (44: 7, 8). (Cons. 41:21-23, 26; 42:9, 23; 43:9, 12).

Tem-se imaginado que este hipotético "Deutero-Isaías" viveu e escreveu na Babilônia participando do Cativo Judeu em cerca de 550 A.C. Mas isto é impossível de se reconciliar com evidências internas.

Isaías 40-66 mostra pouca familiaridade com a geografia da Babilônia, mas grande familiaridade com a Palestina. As árvores mencionadas são nativas da Palestina, mas desconhecidas na Babilônia (o cedro, o cipreste e o carvalho 44:14; 41:19). O ponto de vista é palestino, pois diz-se que o Senhor enviou uma mensagem da Babilônia (43:14); Israel foi descrita como a semente de Abraão que o Senhor tomou dos "confins da terra" (41:9), ou "desde o oriente" ou "de uma terra longínqua" (46:11). Os contemporâneos do profeta presume-se que morassem na Palestina, não na terra do exílio. Por exemplo: "Não é este o jejum que eu escolhi: soltar as amarras da iniquidade, e deixar que os oprimidos sejam libertados, e que vós desfaçais todo jugo?" A inevitável inferência é que os judeus ainda mantinham seus próprios tribunais de justiça (ou injustiça) como nação independente, e não que estivessem sujeitos a uma terra estrangeira.

Alguns dos críticos mais recentes (como Bernhard Duhm) têm desistido da idéia de que qualquer parte de Isaías 40-66 tenha sido escrita na Babilônia, mas continua insistindo em que o livro não foi escrito antes da última parte do período do Exílio ou mesmo um século mais tarde. Mas esta teoria também é controvertida pela data do próprio texto. Os mesmos males que prevaleciam no tempo de Isaías I ainda continuavam exuberantes nos últimos vinte e sete capítulos também. A hipocrisia prevalecia na religião (cons. 29:13 e 58:2.4); derramamento de sangue e dor eram a ordem do dia (1:15 e 59:3, 7); a falsidade, a injustiça e a opressão controlavam tudo livremente (10:1, 2 e 59:3-9).

A mesma degeneração e fracasso moral que caracterizaram o reinado de Manassés, que "derramou muitíssimo sangue inocente, até encher Jerusalém de um ao outro extremo", prevalecem em 59:1.8 (II Reis 21:16). O fato mais decisivo é que em Isaías II a idolatria surge como um mal amplo e prevalecente entre os judeus contemporâneos do profeta. "De quem chasqueais? ... que vos abrasais na concupiscência ... debaixo de toda árvore frondosa, e sacrificais os filhos nos vales, nas fendas dos penhascos?" (57:4, 5; cons. 65:2, 3 e 66:17, que também

falam das práticas dos judeus daquele tempo.) Já está quase que universalmente reconhecido pelos críticos de todos os credos que Judá foi completamente purgada da idolatria depois do cativeiro da Babilônia. Muitos outros males e pecados nacionais são denunciados e tratados nos registros pós-exílicos de Esdras, Neemias e Malaquias, tais como: casamentos mistos com mulheres estranhas, opressão dos pobres pelos ricos, a violação do sábado e a sonegação dos dízimos. Mas jamais a idolatria foi mencionada sob qualquer forma ou aspecto, ainda que nos registros pré-exílicos fosse muito comentada e severamente denunciada como o pecado Número Um de Israel. A única conclusão lógica que podemos tirar à luz das evidências é que essas passagens anti-idólatras foram compostas antes do Exílio. E considerando que incluídos no contexto do restante de Isaías II (também em 44:9-20 e outras passagens), não é mais que razoável que presumamos que todos os vinte e sete capítulos fossem compostos antes da queda de Jerusalém em 587. Não há nenhuma partícula de evidência interna para sustentar a teoria de um Segundo Isaías, fora de um preconceito filosófico contra a possibilidade da profecia preditiva. Em cada aspecto que examinemos o único lugar de origem que satisfaz os elementos do texto é a Palestina; a única ocasião para a composição que se encaixa nas evidências internas é uma data anterior ao Exílio, e mais especificamente, o reinado de Manassés.

A unidade da autoria de todos os sessenta e seis capítulos comprova-se pela prevalência da característica do título que Isaías dá a Deus – "o Santo de Israel". Isto acontece só cinco vezes no restante do V.T., mas aparece doze vezes nos primeiros trinta e nove capítulos de Isaías e quatorze nos últimos vinte e sete. Muitas frases e figuras distintas de linguagem que foram empregadas na primeira parte do livro tornam a aparecer também na segunda parte (cons. 35:10 e 51:11; 11:9 e 65:25; 1:11, 14 e 43:24). A unidade também está comprovada pelas referências do N.T., notadamente em Jo. 12:38-41, onde João faz a primeira citação de Is. 53:1 e então de Is. 6:9, seguindo-se o comentário:

"Isto (i.e., estas duas citações) disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito". Se o mesmo autor não compôs as duas partes de Isaías, então o inspirado apóstolo estava completamente errado, e todo o seu registro evangélico está sujeito à suspeita de falsidade.

## ESBOÇO

**(Em suas principais divisões este esboço segue a excelente análise de B.F. Copass em *The Prince of the Prophets*.)**

### VOLUME I. REPREENSÃO E PROMESSA. 1:1 – 6:13.

Sermão I. A rebeldia confrontada com o juízo e a graça. 1:1-31.

Sermão II. O castigo do pecado como preparação da glória. 2:1 – 4:6.

Sermão III. O juízo e o exílio reservados para Israel. 5:1-30.

Sermão IV. O profeta purificado e comissionado por Deus. 6:1-13.

### VOLUME II. EMANUEL. 7:1 – 12:6.

Sermão I. O Emanuel rejeitado pela sabedoria do mundo. 7:1-25.

Sermão II. O livramento messiânico prefigurado. 8:1 – 9:7.

Sermão III. A orgulhosa Samaria destinada ao exílio. 9:8 – 10:4.

Sermão IV. O império do mundo esmagado; o glorioso império vindouro. 10:5 - 12:6.

A. O instrumento do juízo divino a ser julgado por sua vez. 10:5-34.

B. O Messias para restaurar e reinar. 11:1-16.

C. Ação de graças e triunfo dos redimidos por Cristo. 12:1-6.

### VOLUME III. SENTENÇA DO JUÍZO SOBRE AS NAÇÕES GENTIAS. 13:1 – 23:18.

Sentença I. A queda da Babilônia; seu rei desce para o Hades. 13:1 – 14:27.

Sentença II. A queda da Filístia. 14:28-32.

Sentença III. A queda de Moabe. 15:1 – 16:14.

Sentença IV. A queda de Damasco e Samaria, 17:1-14.

Sentença V. A queda e conversão da Etiópia, 18:1-7.

Sentença VI. Aflições do Egito. 19:1 – 20:6.

Sentença VII. A Babilônia tem de ser vencida e seus ídolos destruídos.  
21:1-10.

Sentença VIII. Derrota de Edom; vitória de Israel. 21:11, 12.

Sentença IX. Dedã e Quedar tem de ser desbaratadas. 21:13-17.

Sentença X. A queda de Jerusalém prevista; Eliaquim substitui Sebna.  
22:1-25.

Sentença XI. A queda e a escravidão de Tiro. 23:1-18.

#### VOLUME IV. REPREENSÕES GERAIS E PROMESSAS – I. 24:1 – 27:13.

Sermão I. Juízo universal para o pecado universal. 24:1-23.

Sermão II. Jeová louvado como libertador e confortador de Sião.  
25:1-12.

Sermão III. Hino de alegria pela consolação de Judá. 26:1-21.

Sermão IV. Os opressores têm de ser punidos mas o povo de Deus  
preservado. 27:1-13.

#### VOLUME V. MALDIÇÕES SOBRE OS INCRÉDULOS DE ISRAEL. 28:1 – 33:24.

Sermão I. Julgamento dos bêbados de Efraim e zombadores judeus.  
28:1-29.

Sermão II. O desastre que aguarda os hipócritas. 29:1-24.

Sermão III. Confiança no Egito versus confiança em Deus. 30:1-33.

Sermão IV. Deus, não o Egito, deve ser a defesa de Jerusalém. 31:1-9.

Sermão V. O livramento final de Israel, e sua renovação espiritual.  
32:1-20.

Sermão VI. Punição do Traidor e Triunfo de Cristo. 33:1-24.

#### VOLUME VI. REPREENSÕES GERAIS E PROMESSAS, II. 34:1 – 35:10.

Sermão I. Completa destruição do poder mundial dos gentios. 34:1-17.

---

Sermão II. Bênçãos no caminho da santidade. 35:1-10.

VOLUME VII. O VOLUME DE EZEQUIAS. 36:1 – 39:8.

A. Destruição de Judá afastada. 36:1 – 37:38.

Cena 1. Jeová desafiado pelo poder mundial da Assíria. 36:1-22.

Cena 2. A Assíria recebe a resposta e é julgada. 37:1-38.

B. Destruição do rei de Judá afastada. 38:1 – 39:8.

Cena 1. Ezequias se recupera de uma doença mortal. 38:1-22.

Cena 2. O tolo orgulho de Ezequias e a repreensão divina. 39:1-8.

VOLUME VIII. O VOLUME DO CONFORTO. 40:1 – 66:24.

Seção I. O Propósito da Paz. 40:1 – 48:22.

Sermão I. A majestade soberana de Jeová, o Confortador. 40:1-31.

Sermão II. Deus desafia os ídólatras incrédulos. 41:1-29.

Sermão III. O Servo de Jeová - individual e nacional. 42:1-25.

Sermão IV. A nação redimida testemunha da escravidão caldaica.  
43:1-28.

Sermão V. Israel dá testemunho de Deus contra os ídolos. 44:1-28.

Sermão VI. O futuro libertador dos gentios e a conversão dos passos.  
45:1-25.

Sermão VIII. A queda da Babilônia e a preservação de Israel.  
46:1 - 47:15.

Sermão VIII. A honra digna tem de ser sustentada pelo livramento de Israel. 48:1-22.

Seção II. O Príncipe da Paz. 49:1 – 57:21.

Sermão I. O Messias para restaurar Israel e iluminar os gentios.  
49:1-26.

Sermão II. O pecado de Israel e a obediência do Servo. 50:1-11.

Sermão III. Encorajamento a confiar em Deus e não temer o homem.  
51:1-16.

Sermão IV. Israel convocada a despertar e voltar ao favor divino.  
51:17 – 52:12.

Sermão V. A divina expiação substitutiva do Servo. 52:13 – 53:12.

Sermão VI. Bênçãos resultantes para Israel e a Igreja. 54:1-17.

Sermão VII. A graça divina para com os pecadores arrependidos.  
55:1-13.

Sermão VIII. Os gentios serão incluídos nas bênçãos de Israel. 56:1-8.

Sermão IX. Condenação dos líderes corruptos de Israel. 56:9 – 57:21.

### Seção III. O Programa da Paz. 58:1 – 66:24.

Sermão I. A falsa adoração contrastada com a verdadeira. 58:1-14.

Sermão II. A confissão de Israel e o seu livramento operado por Deus.  
59:1-21.

Sermão III. Radiância e paz do redimido povo de Deus. 60:1-22.

Sermão IV. O Evangelho da Alegria do Ungido. 61:1-11.

Sermão V. Restauração de Sião; destruição dos pagãos infiéis.  
62:1 – 63:6.

Sermão VI. Israel pede ajuda com base nas misericórdias do passado.  
63:7 – 64:12.

Sermão VII. A misericórdia divina reservada para o Israel espiritual.  
65:1-25.

Sermão VIII. Bênçãos para os verdadeiros crentes no século vindouro.  
66:1-24.

## COMENTÁRIO

### VOLUME I. REPREENSÃO E PROMESSA. 1:1 – 6:13.

#### Isaías 1

SERMÃO I. A Rebeldia Confrontada com o Juízo e a Graça. 1:1-31.

1. Título: **A visão.** Um termo técnico (*hâzôn*) para revelação divina, como algo que foi exibido diante dos olhos da mente do profeta. Na



realidade não há nenhuma visão (no sentido moderno da palavra) em todo o primeiro capítulo. Isaías. Em hebraico *yeshá'-yahu*, "Jeová é salvação". **Amós**. "Forte" ou "corajoso". **Uzias**. Também conhecido como Azarias, um bom rei, que caiu no pecado do orgulho e acabou os seus dias leproso (reinou de 767-740 A. C.). **Jotão** (co-regente em 750-740 e sozinho em 740-736). O piedoso sucessor de Uzias. **Acaz** (736-716). Um rei ímpio e idólatra, que fez o reino pecar. **Ezequias** (co-regente em 726-716, e sozinho em 716-698 A. C.), o piedoso filho de Acaz que promoveu a reforma religiosa e deu muita atenção à mensagem de Isaías, exceto quanto à questão de sua política pró-Egito.

### **A.A Ingratidão e Rebeldia de Judá Contra Deus. 1:2-9.**

**2.** As palavras **céus** e **terra** dão a entender que os habitantes angélicos dos céus e os habitantes humanos da terra devem servir como testemunhas de condenação contra o povo da aliança divina. **O SENHOR**. Este título indica o Deus da aliança, "Jeová" (ou mais propriamente, Yahweh), e na E.R.A. está assim em todo lugar. O nome é usado sempre que se acha envolvido o relacionamento convencional. *Revoltados*. O primeiro dos cinco termos significativos usados em relação ao pecado neste capítulo (com. vs. 4, 13). Significa que o pecado original do homem é a revolta contra Deus por meio da qual ele busca destronar a Deus do Seu lugar de primazia e substituí-Lo por si mesmo e tendo sua vontade como a suprema.

**3.** A ingratitude desses "crentes" rebaixou-os abaixo do nível de bestas embrutecidas, pois até as bestas reconhecem e apreciam seus proprietários que as alimentam e cuidam delas. **Manjedoura**. Cocho, para alimentar os animais. **Não entende**. Este verbo comum, "entender", é muitas vezes usado no hebraico com o significado de possuir e reconhecer um marido, esposa, parente ou filho. Israel ignorava a Deus, mas essa ignorância não era involuntária, mas deliberadamente preferida por um coração rebelde e voluntarioso.

**4. Pecaminosa.** Um particípio do verbo *hata'*, significando originalmente "errar o alvo" (cons. Pv. 8: 6; Jz. 20:16); partindo daí, errar o devido alvo da vida, errar o caminho que Deus ordenou. **Carregado.** Como uma carroça com uma carga pesada. A carga é a iniquidade de Israel – uma perversão ou entortamento (de *'awâ*, "entortar ou torcer") do padrão da retidão e do dever. **Raça de malignos.** Fazem parte da família espiritual daqueles que participam do pecado néscio e injurioso (de *ra'a*, "ser néscio", "ser mau"). Eles foram filhos corruptores, isto é, que destroem ou apodrecem (*hishhîth*) aquilo que foi feito sadio e perfeito. Tendo eles se rebelado contra a devida soberania de Deus sobre os seus corações, abandonaram-no totalmente, juntando-se ao inimigo, no que se refere à vida moral e comportamento. Embora freqüentassem a igreja, por assim dizer, mantendo as aparências externas da piedade, aos olhos de Deus, contudo, desertaram atando-se aos inimigos (vs. 11-15). Um hipócrita igrejeiro é uma das mais preciosas armas de Satanás.

Provocaram a ira do **Santo de Israel**. Este nome dado a Deus é o mais significativo título empregado pelo profeta Isaías. No capítulo 6 Jeová revela-se em um cenário de glória celeste como o Santo (*Qadôsh*), isto é, o Deus transcendente, que está inteiramente separado da fragilidade e limitação da Criação (sua santidade majestosa), e inteiramente separado do estado pecador e da corrupção do homem (sua santidade de pureza). Mas este Santo proclamou a família de Abraão, Isaque e Jacó como Seus filhos convencionais. Ele se lhes deu e eles se Lhe deram em uma aliança de âmbito nacional, da parte deles, que foi solenizada diante do Monte Sinai (Êx 19:5-8). Por isso ele é o **Santo de Israel**. Sempre que este termo aparece em Isaías (doze vezes nos caps. 1-39, quatorze vezes nos caps. 40-66), Ele apresenta o Seu amor puro e santo agindo em vindicação dos Seus direitos convencionais – quer castigando o Seu povo quando este se revela desobediente, para que se arrependa e volte, quer defendendo e libertando-o de seus inimigos pagãos. Sendo o Santo de Israel, não podia permanecer inerte enquanto

testemunhava a deplorável apostasia do Seu povo (*voltaram para trás*). Antes, tinha de discipliná-lo, permitindo que sofresse aflição e invasão – como já tinha acontecido.

**5, 6.** A terra de Israel, e mais especificamente o Reino do Sul de Judá, foi figuradamente apresentada como a vítima de um assalto brutal, abandonada sangrando e meio morta à beira do caminho. O método antigo de tratar de um ferimento infeccionado era espremê-lo (por isso a tradução, **não espremidas**) para fazer sair o pus, ungi-lo com azeite de oliva para que continuasse a purgar e então atá-lo com ataduras. Nenhuma dessas coisas fora feita para Judá. **Todo o coração está enfermo.** Aqui não se trata apenas de aflição externa, mas também enfermidade da alma. Esta doença da cabeça e do coração (v. 5) encontrou expressão na obstinação voluntariosa e na desobediência da nação, manifestada contra Deus.

**7,8.** A linguagem figurada dos versículos anteriores foi agora traduzida em realidade desagradável, descrevendo a devastação da terra pelos sírios saqueadores (sob o Rei Rezim), pelos israelitas do Norte (sob o Rei Peca) e pelos edomitas e filisteus em 734-733 A.C. (cons. II Cr. 28). A própria Jerusalém foi ameaçada por esses invasores e grandemente desligada dos territórios circunvizinhos pelos que a sitiaram. Sem dúvida esses versículos viam profeticamente no futuro uma investida muito mais seria contra Jerusalém pelos assírios sob a liderança de Senaqueribe em 701 A. C. (alguns mestres preferem que todo este capítulo se refira àquele período posterior). A **choça** ou cabana (*sukká*) na vinha e a palhoça ou abrigo noturno (*melûnâ*), ambas se referem a telhados de meia água improvisados ou barracas construídos para o abrigo de guardas que protegiam dos ladrões as lavouras que amadureciam.

**9. Alguns sobreviventes** ou grupos de refugiados (*sarîd*). Isto é, um remanescente de verdadeiros crentes, por amor de quem Deus pouparia toda a nação de uma total destruição merecida. (Cons. a completa aniquilação de Sodoma e Gomorra, centros de imoralidade

imunda e perversão sexual, no tempo de Abraão; Gên. 18; 19), o Senhor continuou, na subsequente história, a preservar a raça hebraica por amor de uma pequena minoria de crentes sinceros. Em Rm. 9:29 Paulo cita este versículo com referência aos convertidos cristãos vindos do judaísmo.

### **B. O Subterfúgio Pecaminoso da Adoração Hipócrita. 1:10-15.**

**10.** O povo apóstata de Jerusalém e seus corruptos governadores (sob a liderança do perverso Acaz) são aqui cognominados de cidadãos de Sodoma e Gomorra porque culposa e perversamente viraram as costas à revelação especial de Deus – como os sodomitas para com a revelação generalizada – e a voz da consciência.

**11-14.** Estes versículos não representam rejeição da validade do sacrifício sangrento (como alguns mestres têm argumentado), pois tal interpretação também poderia acarretar a rejeição da oração (cons. v. 15). Antes, eles esclarecem que até mesmo as formas corretas e próprias de culto são inteiramente ofensivas ao Senhor quando prestado por crentes não arrependidos que tentam suborná-Lo a fim de que os poupe do castigo que merecem. Deus não aceita e não pode aceitar mesmo as ofertas mais pródigas e mais dispendiosas que os não arrependidos Lhe possam colocar sobre o altar.

**12.** Quando o crente presuntivo não tem propósitos sinceros de abandonar seus maus caminhos, sua presença diante de Deus no Templo resulta em espezinamento (RSV) dos sagrados recintos (um verbo usado com referência à violenta intrusão dos invasores estrangeiros) e não em uma entrada devidamente reverente sobre o pavimento sagrado.

**13. Ofertas vãs.** Literalmente, *uma oferta* (de manjares) *indigna* – indigna por causa das motivações carnavais. **Iniquidade associada ao ajuntamento solene.** Melhor traduzida colocando as palavras anteriores como antecipação (uma vez que um **ajuntamento solene** ou *asârâh* era geralmente feito nesses feriados solenes). Assim: "Quanto ao festival da

lua nova e do sábado (e) da convocação – não suporto a iniquidade e (isto é, junto com) o solene ajuntamento".

**14. As vossas solenidades.** (*mô âdim*). Provavelmente as três mais importantes do ano hebraico: Páscoa e os Pães Asmos no primeiro mês, Pentecostes no terceiro mês e Tabernáculos no sétimo mês. Nestas três ocasiões todo macho em Israel tinha de comparecer diante do Senhor. Mas nenhuma celebração dessas festas tinha algum valor espiritual se não fosse sustentada com a oferta de um coração completamente submisso e obediente.

**15. Estendeis as vossas mãos** (lit. *palmas*). Em oração suplicatória o hebreu estende suas mãos com as palmas voltadas para Deus. Como essas palmas devem ofender a Deus se estão manchadas com sangue de vítimas inocentes que foram oprimidas ou mortas! fracasso em voltar-se dos seus pecados tornava esses crentes inteiramente imundos aos olhos de Deus.

### **C. O Convite a que se Escolha Entre o Perdão e a Destruição. 1:16-20.**

Duas coisas são necessárias para aqueles que pretendem se aproximar de Deus em busca de perdão e favor: arrependimento do pecado (v. 16) e um propósito definido de andar nos caminhos da santidade (v. 17).

**16. Lavai-vos** não implica em auto-aperfeiçoamento por meios esforços humanos ou o exercício da força da vontade. Antes, sugere aplicação da graciosa promessa do Senhor de purificar aqueles que vêm a Ele da maneira indicada que é o sacrifício sangrento. Esse modo indicado inclui o abandono de todo o pecado conhecido – **cessai de fazer o mal** – com um sentimento de ódio para com ele e sincero arrependimento de tê-lo cometido. De diante dos meus olhos dá a idéia de que hedionda afronta é para o homem aparecer, sem arrependimento, diante de um Deus que tudo pode ver, até mesmo nas profundezas de uma alma culpada.

**17. Aprendeí a fazer o bem.** Isto é, aprendei a viver virtuosa e honestamente, de acordo com a santa vontade de Deus, e particularmente sendo justos para com os fracos e oprimidos. **Atendei à justiça.** Tenham um propósito firme e consistente de aplicar os princípios da justiça a situações concretas (*mishpât*). A preocupação principal de um crente deve ser a de demonstrar justiça verdadeira e honestidade, até mesmo para com aqueles que são facilmente vitimados e não podem se defender. Defendei o direito do órfão. *Juízo* e *juiz* ambos vêm de *shapat*, "julgar". Esta ordem significa: "Sejam justos e imparciais ao tratar dos direitos do órfão". **Pleiteai a causa das viúvas** emprega outro termo legal, *rîb*, que significa "argumentar ou pleitear ou pleitear sobre o caso de alguém". A viúva deve receber seus direitos legais mesmo contra um litigante rico ou influente. Naquele tempo, considerando que uma mulher não podia trabalhar na indústria, a perda do marido geralmente significava total ausência de rendimentos. Forçada a hipotecar suas propriedades, logo caía nas mãos de ricos agiotas, que não tinham escrúpulos em lhe tirar as propriedades ou em vender seus filhos como escravos para pagamento do débito.

**18. Vinde, pois, e arrazoemos.** Outro termo legal. O Senhor estava dizendo: "Vamos demandar um contra o outro como querelante e defensor em um tribunal". Os defensores neste caso eram os israelitas culpados que tinham se arrependido e demonstravam o desejo de viver piedosamente, conforme descrito em 1:16, 17. Por mais hediondos que fossem os seus crimes, embora eles contivessem a culpa gritante do sangue derramado (e a tintura **escarlate** e **carmesim** aqui mencionadas eram absolutamente firmes e indesbotáveis), contudo a graça de Deus era capaz de purificá-los completamente e restaurá-los à brancura imaculada da inocência.

**19,20.** O destino do povo dependia de sua reação diante desta oferta que exigia que se afastassem de sua maldade para receber as benévolas promessas do Senhor, e se fossem obedientes (isto é, a apresentassem-se como sacrifícios vivos para fazer a vontade de Deus, fazendo disso o

propósito principal de suas vidas), então seria certo e próprio que Deus lhes concedesse o Seu favor. Ele indicaria e selaria o Seu favor concedendo-lhes as bênçãos visíveis da prosperidade material, seguramente protegida dos invasores. Mas se eles continuassem rejeitando a Sua oferta benevolente e persistissem em sua rebeldia contra a justa soberania divina sobre os seus corações, Ele teria de desatrelar o invasor gentio sobre eles para criar a devastação no seu meio. **Porque a boca do Senhor o disse.** Esta fórmula foi acrescentada por se tratar de solenidade especial. Contendo o pronunciamento do próprio Senhor, este aviso preditivo realmente se realizaria; caso contrário Deus não seria mais Deus e a Sua palavra não merecia confiança. Neste caso o cumprimento veio em duas prestações: a invasão assíria em 701 A. C. e as invasões caldaicas em 588-587 A. C. Os judeus foram realmente devorados pela boca da espada.

#### **D. A Tristeza de Jeová diante do Declínio Moral de Judá. 1:21-23.**

**21.** Ao transgredir o relacionamento convencional com o Senhor, Israel cometeu um pecado semelhante ao de uma esposa que se torna infiel ao seu marido. Espezinhar os ternos laços do casamento é ferir o seu esposo no setor em que ele é mais sensível e vulnerável; portanto este é o erro mais cruel que pode ser perpetrado. Houve um tempo em que Israel (no tempo de Josué e Davi) era fiel esposa de Jeová e no seu afeto apegava-se a Ele. Naqueles dias a pureza doutrinária de Israel era acompanhada de justiça moral e aplicava as leis de modo igual em benefício de todos. Mas quando a nação, mais tarde, se tomou "liberal", pronta a ver "o bem em todas as religiões", logo descambou para a prostituição espiritual, a prostituição da alma com os deuses falsos e abomináveis dos pagãos. O declínio doutrinário foi acompanhado do declínio moral e gangsters assassinos passaram a dominar a vida e a política da Cidade Santa!

**22. O teu licor se misturou com água.** O vinho costumava ser diluído com água antes de ser servido à mesa. Mas os negociantes eram

obrigados a lidar honestamente com os compradores vendendo apenas produto puro, não diluído.

**23. Príncipes . . . rebeldes.** Isto é, contra a soberania e lei de Deus. Esses príncipes e autoridades governamentais, que estavam encarregados de manter a lei e proteger o público contra o crime, estavam secretamente aliados com o sub-mundo – **companheiros de ladrões**. Aqueles que decidiam casos judiciais e estabeleciam o seu custo; o litigante mais rico em cada processo tinha certeza de obter o veredicto favorável. Os pobres e os indefesos, tais como viúvas e órfãos, nem sequer recebiam o direito de serem ouvidos em audiência, porque não tinham direito para subornar o juiz.

#### **E. Restauração Após o Castigo e o Arrependimento. 1:24-31.**

**24. O Senhor dos Exércitos**, isto é, dos exércitos dos poderosos anjos que servem à Sua disposição. Este título divino implica em Sua onipotência e soberania. Este pensamento está fortalecido pela frase adicional, o Poderoso de Israel, que faz alusão ao poder miraculoso do Senhor (comprovado pelos milagres do Êxodo e da conquista), que agora poderia ser empregado contra a nação convencional apóstata e não mais em seu benefício. **Tomarei satisfações.** Literalmente, *eu me confortarei ou me aliviarei dos meus adversários*. Isto é, Ele aliviaria Seus sentimentos de santo desprazer que há muito tempo estavam reprimidos diante da flagrante violação de Sua aliança e da opressão dos fracos em Israel. Ele infligiria o merecido castigo a todo o estado judeu e esmagaria inteiramente seus líderes ímpios.

**25. Voltarei contra ti a minha mão.** Literalmente, *farei minha mão voltar sobre*. Isto indica a especial interferência divina em tomar uma atitude apropriada e sumária contra os ofensores; ou, como aqui, lidar com eles de acordo com suas condições espirituais. Só o fogo da fornalha pode dissolver a mistura deletéria e a escória que há nos metais que estão sendo refinados; por isso a provação abrasadora do sofrimento e do exílio está implícita aqui na promessa divina.



**26. Teus juízes, como eram antigamente,** isto é, no tempo de Josué, Davi e Salomão. Deus não ignoraria o livre arbítrio da nação de Israel, mas, não obstante, Ele cuidaria para que o Seu ideal de um povo convencional piedoso um dia se realizasse. Os israelitas, apesar de sua voluntariosa obstinação, não frustrariam permanentemente os Seus propósitos. Ele ainda faria de Jerusalém **a cidade de justiça, cidade fiel**. Isto se cumpriria espiritualmente na formação da Igreja do N. T. (cons. Hb. 12:22 - "a Jerusalém celestial"). Mas também se cumpriria na gloriosa cidade do Milênio, sob o governo pessoal de Cristo.

**27. Redimida,** isto é, resgatada ou comprada de volta do seu estado de escravidão. Pela justiça. Não por algum modo de salvação que desvia a culpa do pecado. Um ato judicial que inflige o castigo aos inimigos de Deus (e aos inimigos do Seu povo escolhido), e também sobre o Redentor, como representante dos pecadores, no Gólgota.

**28. Os que deixam o SENHOR;** isto é, mesmo que sejam israelitas nominais. Só os crentes convertidos e verdadeiros partilharão do glorioso futuro de Sião. O restante será destruído junto com os pagãos.

**29. Porque vos envergonhareis.** No juízo Final, quando forem desmascarados como loucos que arriscaram suas almas imortais em uma mentira e selaram seu destino eterno; e até mesmo nesta vida, quando a calamidade e a recompensa flui sobre eles, e seus falsos ídolos comprovam-se incapazes de libertá-los. **Carvalhos** e **jardins** referem-se aos bosques supersticiosamente venerados e aos jardins de delícias ligados aos templos da idolatria, onde se realizavam orgias sexuais em conexão com os cultos pagãos (cons. 57:5).

**30. Que não tem água.** Contraste com a árvore verdejante "junto a corrente de águas" do Salmo 1, cujas folhas não murcham. Quando não há ligação vital com a vida e o Espírito de Deus, só pode resultar em deterioração.

**31. A sua obra,** (pois a palavra "obra" pode ser assim soletrada no hebraico, e torna melhor o sentido neste contexto). Os feitos perversos do pecador nesta vida fornecerão a base para sua condenação e ardente

destruição no final. **E não haverá quem os apague.** Nenhum poder humano pode desviar este castigo ardente dos pecadores não arrependidos, e o castigo será infinito e eterno.

Sermão D. Castigo do Pecado como Preparação para a Glória. 2:1 – 4:6.

## Isaías 2

**A. O Alvo de Deus para Israel: Conquista Espiritual, Paz Duradoura. 2:1-4.**

**2:2. Monte da casa do SENHOR** (*Jeová*). A saber, o Monte Moriá (que passou a ser chamado de Sião), sobre o qual foi construído o Templo de Salomão. Mas o Templo literal foi um tipo do templo espiritual - a Igreja do N. T. , ou o corpo de Cristo (Ef. 2:21), a luz do farol do testemunho divino ao mundo. O ajuntamento das nações em Jerusalém com fé sincera significa, portanto, a conversão dos gentios. Mas, considerando que esta cena diz-se acontecer **nos últimos dias**, e considerando que outras passagens nos ensinam que o Reino de Deus finalmente vencerá todos os reinos deste mundo, devemos portanto aguardar o tempo da volta de Cristo, no final de nossa presente dispensação, para o cumprimento final desta profecia. Neste versículo somos assegurados com uma visão do alvo final de Deus para Israel e para a raça humana. **E se elevará sobre os outeiros.** O Reino de Deus será exaltado acima dos reinos deste mundo (Dn. 2:35). **Todos os povos.** Todos os *gôyîm*, ou nações gentias, para distinguir do '*am* ou "povo" de Jeová – os israelitas. Mas estes estão mencionados no versículo 3 como **muitas nações**, ou '*ammîm*.

**3.** A preocupação primária dos gentios sobreviventes dos "últimos dias" será descobrir a vontade de Deus e fazê-la. E eles estarão ansiosos para levar outros a partilharem das bênçãos do relacionamento da aliança com Deus, pois exortarão e encorajarão uns aos outros a virem a Ele. Eles procurarão aprender os Seus caminhos e andarão nas Suas veredas de santidade. **De Sião . . . a lei.** Sião aqui representa a revelação divina

autorizada, uma vez que foi em Sião que Deus Se encontrou com o homem para sua iluminação e perdão, e em nenhum outro lugar. A lei ou *torá* aqui significa "instrução revelativa" no sentido mais amplo (uma vez que a *torá* vem do verbo *hôrâ* ou *yarâ*, "instruir"). O verbo **sairá** também pode ser igualmente traduzido para *sai* (no tempo presente). Portanto pode igualmente ser incluído no que as nações convertidas dirão nos "últimos dias" ao perceberem a validade única da revelação hebraico-cristã.

**4. Ele julgará entre os povos.** O próprio Jeová (isto é, o Senhor Jesus, de acordo com 11:3, 4) imporá Seu justo governo sobre a terra e competirá as nações a praticar a justiça e a honestidade entre si, Não haverá, portanto, lutas internacionais, nem nações agressoras; todos os países habitarão juntos em paz. **Corrigirá.** Antes, *aconselhará* (isto é, como um juiz assentado na cátedra). Uma vez que não haverá apelo às armas ou à violência para acertar as diferenças – pois todos estarão governados pela decisão judicial de casto – as armas de guerra serão convertidas em instrumentos de paz ou em produtividade econômica. O reino milenial será caracterizado por uma sociedade sem guerras.

## **B. O Julgamento do Pecado Precederá o Governo do Messias. 2:5 - 4:1.**

### **1) Uma Nação Amadurecida para o Julgamento. 2:5-11.**

**5.** À luz das promessas divinas de perdão para os pecadores arrependidos, e à vista das perspectivas gloriosas da futura conversão dos gentios, o profeta insiste com seus compatriotas a que andem na luz e vivam agradando a Deus, confiando nEle para cumprimento de Sua palavra. Ela deviam fazê-lo ainda que significasse correr contra a corrente dos tempos e opor-se à corrente das inclinações da moda.

**6.** Judá adotara avidamente as novas idéias dos pagãos e aceitara muitos elementos das religiões e da moral pagã. . . . **se encheram da corrupção do Oriente.** Literalmente. Estavam cheios de idéias e influências da Assíria e Babilônia. Dos seus vizinhos filisteus na costa

ocidental, adotaram a fé nos **agoureiros** (*'onenín* provavelmente significava originalmente "aqueles que ajuntam presságios nas nuvens"). **E se associam ...** Antes, *eles aplaudem com* os filhos dos estrangeiros, um termo usado em relação aos pactos e à defesa comum das causas.

7. As campanhas triunfantes e as operações mercantis de Uzias resultaram em considerável prosperidade econômica em Judá, mas esta riqueza só serviu para encorajar os judeus no materialismo e na negligência do Deus da Bíblia. De tal carnalidade de ponto de vista foi fácil e natural passar para a idolatria e juntar-se ao resto do mundo na "adoração da criatura mais do que ao Criador".

9. Diante dos mais abomináveis ídolos – Baal, Astarote, Milcom, Dagom e Hadade e todos os outros – tanto as classes mais elevadas de Judá quanto o povo comum se inclinavam em adoração pagã. Permitir este pecado permanentemente e sem castigo lançada o maior descrédito sobre a causa divina e comprometeria a Sua glória. Por isso Isaías orou pedindo que vindicasse a sua verdade punindo aqueles que vergonhosamente a pisaram com os pés.

10. Como se fosse assegurado que Jeová certamente visitaria com o juízo todos aqueles que desprezavam a Sua Palavra revelada, o profeta exorta os que não se arrependeram de todas as gerações a que busquem abrigo, se puderem. Pois todas as nações serão assoladas com terríveis revides e toda a civilização que ignora a mensagem da Bíblia. Aqui notamos a insinuação dos horrores incomparáveis da Grande Tribulação que está para vir. A referência imediata, contudo, é sem dúvida aos juízos históricos das invasões assíria e caldeia. Não apenas Israel e Judá, mas todas as nações pagãs daquele período igualmente experimentaríamos golpes esmagadores de tragédias conforme cada império sucessivo se levantasse e caísse.

## 2) O Orgulho do Homem a Ser Esmagado no Dia do Senhor. 2:12-22.

12. **O dia do SENHOR** (*Jeová*). Um termo matas vezes repetido nos livros proféticos. Refere-se à intervenção divina especial na história

humana de impor às nações e aos impérios juízos catastróficos. Como um processo, o Dia do Senhor ocorre sempre que Deus esmaga as pretensões e o poder da sociedade humana em revolta contra Ele; por exemplo a queda de Nínive e do Império Assírio em 612 A.C., a queda de Jerusalém em 587 e a queda da Babilônia em 539. Mas como uma ocorrência escatológica, o Dia do Senhor é aquele acontecimento final para o qual todos esses juízos anteriores e parciais apontam profeticamente, aquela derrota final de todo o poder humano que precederá a segunda vinda de Cristo (de acordo com II Ts. 1:7 - 2:12; II Pe. 3:12; Atos 2:20).

**13. Cedros e carvalhos.** Símbolos de orgulho, os líderes auto-suficientes da sociedade (como em 10:33, 34). Semelhantemente os **montes** e os **outeiros** são símbolos das cidadelas nos altos dos outeiros e os reinos por elas governados (como em 2:2), com a conotação inclusa do orgulho e da auto-confiança humanos na frase *tudo o que se exalta*.

**16. Os navios de Társis.** Um termo que se aplica, é o que parece, de maneira ampla, especialmente aos grandes navios mercantes, capazes de fazer a viagem à distante Társis (provavelmente Sardenha e também Espanha) – quer estivessem ou não realmente ocupados no comércio de Társis (como os construídos em Eziom-Geber certamente não estavam; II Cr. 20:36). **Tudo o que é belo à vista.** Ou, **agradáveis imagens.** Provavelmente os lindos objetos de arte e destreza manual que esses navios mercantes trariam aos ricos compradores.

**19. Nas cavernas das rochas.** Cavernas menores, um tradicional esconderijo em ocasião de invasão ou calamidade maior (cons. I Sm. 14:11). Mas isto parece referir-se definitivamente aos acontecimentos de Ap. 6:15. À vista das modernas armas de destruição, necessidade de se abrigar sob a terra ou nas cavernas das montanhas para escapar a uma força esmagadoramente destrutiva parece muito atualizada.

**20.** O completo colapso de todas as defesas e medidas de segurança sobre as quais as pessoas mundanas descansam, resultarão finalmente em

sua angustiada rejeição de todos os falsos deuses e das suas filosofias que eles colocaram no lugar do único Deus verdadeiro.

**22. Afastai-vos, pois, do homem.** Cessem de pôr sua confiança no homem (em contraste a Deus, o único verdadeiro refúgio). **Fôlego . . . no seu nariz.** Um lembrete da frágil mortalidade do homem. Uma vez cessando o fôlego no seu nariz, a vida do homem é extinguida e o seu poder se vai (mesmo sendo um Senaqueribe ou um Tirraça).

### 3) Todas as Escalas Sociais Devem Ser Humilhadas e Castigadas.

**3:1 - 4:1.**

### Isaías 3

**1. Sustento** é simplesmente a forma masculina da palavra hebraica para *cajado*. Ambas as palavras significam *aquilo sobre que alguém se apóia*. Neste caso as colheitas e as chuvas são mencionadas como apoio ou base para o bem-estar material da nação.

**2, 3.** Além da seca e da fonte que assediaria a terra de Judá, também as classes dirigentes da sociedade judia seriam removidas do sua posição no governo e no exército; e até mesmo os artífices capacitados, responsáveis pelos produtos manufaturados, seriam removidos. A terra ficada sem liderança e sem recursos. Esta sentença foi gradualmente executada pelas sucessivas invasões de Nabucodonosor, particularmente a de 597 A. C., quando "levou cativos . . . os homens principais da terra . . . todos os homens valentes, até sete mil, e os artífices e ferreiros até mil, todos eles destros na guerra" (II Rs. 24:15, 16).

**4. Meninos por príncipes.** Crianças não apenas quanto à idade (o perverso e degenerado Rei Manassés, que reinou de 698 a 642 A. C., tinha apenas doze anos quando começou a reinar), mas especialmente quanto à prudência e capacidade política. Tais foram Joaquim, Jeoaquim e Zedequias. Estes reis, por causa de sua tola vacilação entre o Egito e a Babilônia, levaram a sua terra à completa destruição dentro de vinte anos após a morte do bom Rei Josias.

**6. Tu tens roupa,** isto é, roupas externas ou um manto (*simlâ*), que destacaria um homem como relativamente rico nesse dia futuro de miséria. Ele estava, portanto, capacitado a governar sobre os demais, que seriam pobres demais para possuírem esse tipo de roupa.

**7. Médico.** Um confortador, alguém que possa cuidar dos outros que esmo feridos ou passando necessidade. Tão desprezada seria a nação que os homens não considerariam uma honra governar sobre ela. Aqueles que fossem convidados a fazê-lo se escusariam com base em sua pobreza.

**8. Jerusalém está arruinada.** Literalmente, *tropeçou e caiu*. Sua destruição vindoura já fora decidida por Deus, embora não devesse ser consumada até mais ou menos 150 anos mais tarde. **A sua gloriosa presença.** literalmente.

**9. Porque fazem mal a si mesmos.** Ferem-se a si mesmos.

**12. Os opressores do meu povo são crianças.** Incompetentes, governadores degenerados, que não tinham mais capacidade de governar do que crianças instáveis e imprevidentes, influenciados por suas amantes manhosas.

**13-15.** Esses governadores e aristocratas tirânicos podiam ser imunes ao castigo dos tribunais humanos merecido por sua cruel exploração do povo de Jeová; mas o próprio Deus os castigaria por causa de sua infidelidade para com o que lhes fora confiado, o que constituía uma injúria pessoal a Deus.

**16-26.** A elegante sociedade feminina de Jerusalém entregara-se aos flertes e ao coquetismo para atrair os maridos de outras mulheres. Elas se entregavam às últimas modas em jóias, penteados e roupas. Elas só se preocupavam com os enfeites, não com a lei de Deus ou sua sagrada missão na vida. Mas todas essas bugigangas espalhafatosas através das quais vendiam suas almas lhes seriam arrancadas nas próximas invasões (da Assíria e Babilônia). Sua nudez seria descoberta quando fossem levadas como miseráveis escravas por seus conquistadores (v. 17). Ou elas se agachariam em algum canto miserável, cheias de desespero e

cobertas de saco e cinzas. Todas suas propriedades terrenas seriam destruídas ou arrebatadas e seus homens seriam mortos. (O Pergaminho de Isaías no Qumran diz, em 3:24: ". . . uma vestimenta de saco; certamente, em lugar de beleza haverá vergonha".)

## Isaías 4

1. Tão poucos seriam os elementos masculinos da população, após a matança da guerra, que cada homem sobrevivente seria importunado por diversas mulheres solteiras para que se casasse com elas, estando prontas a se sustentarem.

### C. Bênçãos Finais do Israel Reavivado Sob o Governo do Messias. 4:2-6.

2. **Naquele dia** não se refere ao período que acabou de ser descrito, exceto no que se refere à devastação assíria e caldeia prefigurando a tribulação dos "últimos tempos". Antes, refere-se ao período do fim, quando o Messias virá para reinar sobre a terra. Esta é a força que geralmente possui a frase, "naquele dia", através de todos os livros proféticos do V.T. **O Renovo** (*semah*) refere-se ao próprio Cristo como descendente da prometida linhagem de Davi. A mesma palavra, literalmente, broto, foi usada com referência ao Messias em Jr. 23:5; 33:15; Zc. 3:8; 6:12. Nele se encontrará a verdadeira beleza e glória de Israel (conforme contrastadas com a beleza falsa e mundana da sociedade feminina de Jerusalém). Observe a prosperidade final prometida apenas aos de Israel que forem salvos (*peletâ*). Embora a nação como um todo precisasse ser rejeitada por causa da desobediência, o Senhor continuaria a operar no Seu propósito com os verdadeiros crentes remanescentes (conforme Paulo mais tarde destacou em Rm. 11:5).

3. Só aqueles que têm sido santificados com o novo nascimento e que foram intimamente transformados para refletir a santidade de Cristo serão alistados como cidadãos da Jerusalém espiritual. Purificados da



carnalidade e do mundanismo, as mulheres dessa santa cidade se destacarão completamente daquelas da geração de Isaías.

4. Mas esta nova ordem não prevalecerá até que o Espírito de Deus tenha purificado a cidade de sua perversidade e idolatria com fogo do juízo e do sofrimento. Naquele dia futuro a presença de Jeová será novamente coisa certa para Israel como nos dias do Êxodo, e o Senhor protegerá Seus piedosos filhos de todas as calamidades e adversidades.

(Este sermão conclui, conforme começou em 2:2, com um quadro resplandecente de um cumprimento final do plano convencional divino para Israel.)

## Isaías 5

Sermão III. O Juízo e o Exílio Preparados para Israel. 5:1-30.

### A. Produto Mau da Vinha do Senhor. 5:1-7.

Cronologicamente, esta é a primeira vez que a vinha aparece como símbolo de Israel. No V.T, a figura toma a aparecer em Jeremias 12:10 e no Salmo 80. No N. T. ela aparece na Parábola dos Lavradores Perversos (Evangelhos Sinóticos), e, com adaptação especial, no discurso de Cristo sobre a videira e os ramos (Jo. 15). **Meu amado** talvez se refira não a Deus (pois este termo, *dôd*, não foi usado desta forma em nenhum outro lugar), mas a algum amigo de Isaías que sofreu tal desapontamento em sua vinha. Contudo, a maneira pela qual o profeta se identifica com este "amado" em Is. 5:4 indica uma união mística entre eles que melhor se aplica ao relacionamento de um profeta com Deus cujo porta-voz ele é.

Que pecado indesculpável foi o de Israel, produzir fruto tão mau quando Deus lhe concedeu todas as vantagens possíveis em uma terra linda e fértil! Seu inevitável castigo devia ser a remoção de sua cerca protetora e a sua devastação pelos invasores.

### B. O Veredicto do Juiz: Culpado em Sete Enquadramentos. 5:8 -23.

8, 9. **Culpado de ganância.** Por execução de hipotecas e por forçar a venda de terras, os ricos proprietários adquiriam todas as fazendas

vizinhas para formar grandes patrimônios. Mas tudo isso lhes seria arrancado: suas mansões seriam abandonadas em ruínas fumegantes e suas férteis terras ficariam quase estéreis quando os invasores estrangeiros acabassem sua obra sinistra.

**11-17. Culpado de frívolos divertimentos e dissipação viciosa.**

Eles se levantavam cedo, não para começar o dia com Deus em oração, mas para começá-lo com suas garrafas de bebidas, em bebedeiras. E terminavam o dia com bebedices e música. Ignorando a Deus e a Seus santos propósitos para suas vidas, seu castigo temporal seria o cativeiro, o exílio e a fome (v.13); e o seu castigo eterno seria a destruição no Hades (sheol) com todas as suas espalhafatosas possessões. Seus lindos patrimônios reverteriam em simples pastagens (v. 17). A justiça de Deus receberia inteira vindicação no seu destino (v. 16).

**18,19. Culpado de materialismo cínico.** Como adoradores de ídolos puxando o carro de um grande ídolo em uma procissão festiva, esses apóstatas arrastavam o ídolo de sua iniquidade, desafiando o Santo de Israel como se este fosse incapaz de intervir na história humana para exercitar a sua soberania.

**20. Culpado de reverter os padrões da moralidade.** Proclamavam a depravação do caráter como força viril e a impureza sensual como verdadeira virtude e poder.

**21. Culpado de orgulho intelectual e auto-suficiência.** Consideravam-se mais sábios que Deus e imaginavam-se mais experientes que as gerações do passado.

**22. Culpados de indulgência alcoólica.** Mediam a força pela dissipação e os excessos.

**23. Culpados de corrupção.** Vendiam a sua integridade por prata quando em exercício de cargos públicos e roubavam ao pobre inocente seus direitos legais nos tribunais.

**C. A Sentença de Deus: Derrota e Devastação por um Inimigo Estrangeiro. 5:24-30.**

Como planta murcha, podre nas raízes, que subitamente se desintegra na baga, ou como restolho seco que subitamente começa a queimar ao contato da fagulha mais insignificante, assim tão rapidamente Israel se desintegrada. Sua secura espiritual brotava de sua rejeição insolente da Palavra de Deus (v. 24). Por isso o Senhor *estende a sua mão* (v. 25); isto é, seu poder miraculoso seria voltado contra eles e não contra os seus inimigos. Seus cadáveres jazeriam como lixo nas ruas. Os agentes desta vingança seriam os invasores de uma terra distante (a Assíria e a Babilônia, por exemplo) – e não da Síria ou outras terras vizinhas, – e seus ataques seriam espetacularmente súbitos. Os guerreiros inimigos seriam ferozes e cruéis, e seus exércitos engoliriam a Palestina como a maré alta. (Estas especificações se cumpriram em Nabucodonosor depois de sua vitória em Carquemis, em 605 A.C.).

## **Isaías 6**

Sermão IV. O Profeta Purificado e Comissionado por Deus. 6:1-13.

### **A. A Visão de Deus em Sua Santidade. 6:1-4.**

A morte de Uzias em 740 ou 739 A. C. marcou a passagem de uma idade de ouro, de vigor espiritual em Judá (pelo menos até que o rei pecasse por presunção dez anos antes de sua morte); e Acaz, seu neto incrédulo, talvez já exercesse alguma influência no governo de Jotão. Para o desanimado profeta, ao se ajoelhar em oração no Templo em Jerusalém, o Senhor concedeu uma visão transformadora de Sua glória. Assim ele assegurou a Isaías que, apesar da aparente vitória da maldade sobre a terra, o Senhor Jeová continuava reinando onipotente sobre o Seu trono celestial, adorado pelos poderosos anjos celestiais (simbolicamente representados pelos querubins de seis asas). Até os alicerces do Templo terrestre tremeram sob o estrondo do coro angelical, e o santuário se encheu de fumaça do incenso da oração de adoração.

### **B. Confissão, Purificação e Santificação. 6:5-7.**

Como poderiam os lábios impuros repetir o hino angélico? Sua consciência pesava sob o sentimento de uma fraqueza e fracasso pessoais. Ele nada mais podia fazer que confessar a sua incapacidade e condição decaída. Mas a graça redentora de Deus apressou-se em atender à sua necessidade, aplicando aos seus lábios uma brasa do altar do incenso (originalmente do altar do holocausto; cons. Lv. 16:12). Isaías foi assim purificado e equipado para o louvor, a oração intercessória e proclamação da palavra de Deus.

### **C. Resposta e Comissionamento do Crente Submisso. 6:8-13.**

Cada crente é salvo para servir; ele é, *ipso facto*, uma testemunha divina desde o momento da conversão. Mas observe que Isaías foi convidado por meio da pergunta: **Quem há de ir por nós?** (v. 8). Deus só pode usar serviço espontâneo e cheio de amor. Ao lado da tripla exclamação "Santo" de 6:3, esta referência feita a nós talvez aponte para a pluralidade trinitária que há em Deus (embora possa também incluir os anjos como associados a Deus em ponto de vista e propósito comuns). Isaías foi desse modo comissionado a pregar a mensagem de Deus fiel e destemidamente, embora o seu ministério pudesse resultar em rejeição e aparente fracasso.

**9.** Traduza isto, como exige a sintaxe hebraica: *Continue ouvindo e continue vendo*. Tendo sido prevista a rejeição da mensagem de Isaías por Israel, ela já seria como se não tivesse sido ouvida. E a sua falta de vontade em lhe dar ouvidos resultaria em cegueira judicial dos seus corações. (Por amor da clareza sua resposta negativa está no modo imperativo, embora é claro que o profeta não teria citado essas palavras exatas ao se dirigir ao povo.)

**13.** Todavia seu trabalho não seria em vão, pois após a total destruição da invasão caldaica aqui profetizada (resultando em completa despovoação da tona), a declina parte da população deportada de Judá retomaria – **tomar**á (pois é assim que este verbo deveria ser traduzido à vista do significado do nome do filho de Isaías, *Shear-jashub* – **Um-**

**resto-volverá** – no próximo capítulo). Isto é, um restante retornaria à Palestina pela fé, confirmando nos promessas divinas de estabelecê-los. Contudo, até esse remanescente, seda consumido pela invasão e pela guerra (notadamente no tempo de Antíoco IV da Síria). Israel só se perpetuaria pela fidelidade de um remanescente ainda menor, **a santa semente**, que brotaria do toco da derrubada árvore de Judá. (O terebinto e o carvalho são especialmente sujeitos à produção de tais brotos em seus tocos.)

## VOLUME II. EMANUEL. 7:1 - 12:6.

### Isaías 7

Sermão I. O Emanuel Rejeitado pela Sabedoria do Mundo. 7:1-25.

#### **A. O Povo de Deus Enfrenta o Perigo. 7:1, 2.**

A Síria e o Reino do Norte, Israel, formaram uma aliança contra o perigo de um império assírio reavivado, e tomaram a decisão de introduzir Judá em sua coligação, ainda que significasse depor Acáz e substituí-lo por um rei fantoche, o filho de Tabeel (veja Albright, "The Son of Tabeel", BASOR, § 140, págs. 34, 35). Conduzindo seus exércitos nas invasões vitoriosas registradas em II Cr. 28, eles fizeram tremer de medo aos homens de Judá, mesmo em número bem menor, comandados por seu rei ímpio.

#### **B. A Promessa do Livramento de Deus. 7:3-9.**

**3.** Acáz inspecionou o suprimento de água da cidade preparando-se para o cerco que estava para vir (provavelmente em 735 A. C.). Deus revelou ao profeta os pensamentos exatos que passavam pela mente do rei e orientou-o a enfrentar Acáz, levando consigo o jovem *Shear-Jashub*, provavelmente por causa da bendita promessa contida em seu nome – **Um-resto-volverá** (do cativoiro).

7. Sem mencionar anteriormente os pecados não renunciados do rei, Deus, através de Isaías, fez-lhe uma promessa de livramento prático, tratando-o com benevolência, ainda que não merecida.

**8. Dentro de sessenta e cinco anos Efraim será destruído.** Isto é, em cerca de 669 A. C. (computando a partir de 735). Realmente, Samaria caiu dentro de onze anos. (722 A. C.) e sua população foi deportada além da Assíria. Mas o estabelecimento de colonizadores não israelitas pelo governo parece que não aconteceu de maneira generalizada até o reinado de Assurbanipal (669-626) – um fato mencionado em Esdras 4:10, onde os imigrantes referem-se ao rei da Assíria, chamando-o de Asnapar (ou *Osnapar*). Com este fluxo estrangeiro, o Reino do Norte foi realmente "destruído" etnicamente, e os poucos israelitas nativos que ficaram na terra foram assimilados.

9. Aqui está implícita uma ameaça a Peca, embora não seja explícita. Observe que os judeus (vós) tinham de aceitar e confiar nesta promessa divina se quisessem "permanecer", isto é, receber benefícios práticos do juízo derramado sobre seus aliados do norte. Se deixassem de fazê-lo, suas condições piorariam pois se tornariam súditos da Assíria.

### **C. A Promessa Divina Desdenhada pela Incredulidade. 7:10-12.**

O Senhor ofereceu um milagre confirmatório para incentivar a fé de Acáz, convidando-o a pedir o que quisesse. Podia ser qualquer coisa entre os céus e a terra em baixo. Mas Acáz, tendo resolvido colocar sua confiança na Assíria, despediu Isaías com um pretexto hipocritamente piedoso de uma proibição generalizada em Dt. 6:16.

### **D. O Livramento Divino Reafirmado e a Promessa do Seu Libertador. 7:13-25.**

**14. Eis que a virgem conceberá.** A palavra para **virgem** aqui foi cuidadosamente escolhida. Etimologicamente *'almâ* não significa necessariamente uma *virgo intacta* (virgem intacta). Contudo, no uso real das Escrituras Hebraicas, só se refere a uma virgem casta e solteira

(até onde o contexto o prova). Isto se encaixa bem na mãe em perspectiva mencionada nesta situação. Julgando de 8:1-4, a mãe típica era uma profetiza que veio a ser a esposa de Isaías pouco tempo depois desta profecia ter sido pronunciada. Portanto ela era uma virgem no tempo em que esta promessa foi feita. Ela serve como figura da Virgem Maria, que permaneceu virgem até mesmo depois da milagrosa concepção pelo Espírito Santo. O filho desta profetiza, de maneira correspondente, era uma figura do Emanuel Messiânico, conforme logo veremos a seguir.

**15. Manteiga e mel** era a dieta padrão daqueles que viviam na terra devastada que revertera em pastagens. Tal dieta o filho da profetiza deveria comer como resultado das depredações assírias, como também das depredações das nações vizinhas (cons. II Cr. 28). Leia conforme a E.R.A., quando souber, e não conforme a E.R.C., até que saiba (no hebraico, ambos os significados são admissíveis). Isto é, quando atingir a idade da responsabilidade legal (sem dúvida os doze anos de idade). Isto deveria ter acontecido em 721, após as campanhas destruidoras de Salmaneser V e Sargão. Certamente por volta de 721 Damasco foi abandonada (tendo sido capturada pela Assíria em 732) e Samaria do mesmo modo (que caiu em 722).

**17. O Senhor fará vir sobre ti.** Sobre Acáz e seu povo, porque recusaram-se a confiar nEle. O rei da Assíria, isto é, opressão sem paralelo e a tirania do Império Assírio. Este castigo por vir sobre Judá está detalhadamente descrito no restante do capítulo.

**18. Às moscas que há no . . . Egito, e às abelhas . . . na terra da Assíria.** Uma advertência sobre o encontro entre os exércitos (notadamente em Elteke em 701) das forças rivais do Egito e da Assíria. Suas tropas sem dúvida varreram toda a terra de Judá em busca de provisões e suprimentos.

**20. Uma navalha alugada** era o futuro rei Senaqueribe, que arrasou a maior parte de Judá em 701, destruindo quarenta e seis cidades (de acordo com seus próprios registros) e levando cativos cerca de

200.000 pessoas. Os assírios eram alugados no sentido de que foram primeiramente subornados por Acaz para intervirem no Ocidente (II Cr. 28:21).

**21, 22.** Aqui encontramos novamente a **manteiga e mel** como o alimento de sobreviventes esparsos em uma terra de campos e pomares arruinados e cidades desoladas.

**23.** Naturalmente em tais áreas as terras ficariam desvalorizadas e os campos reverteriam em jovens florestas nas quais seria possível caçar animais selvagens (v. 24) ou onde se poderia criar gado (v. 25).

Sermão D. O Livramento Messiânico Prefigurado. 8:1 – 9:7.

## Isaías 8

### A. O Nascimento de uma Criança Prefigurando a Queda dos Inimigos de Judá. 8:1-4.

Deus disse a Isaías, antes mesmo que se casasse com sua noiva, que ela lhe daria um filho, ordenando-lhe que inscrevesse o nome da criança em uma tábua como se fosse um registro público diante de duas testemunhas de boa reputação. *Maher-Shalash-Hash-Baz*, significando "**Rápido-despojo-presa-segura**", devia indicar o assalto vitorioso da Assíria em Damasco e Samaria. Este assalto esmagaria nimbos esses reinos antes que o menino atingisse idade suficiente para dizer "mamãe" ou "papal", isto é, dentro de três anos. (Esta profecia se cumpriu na tomada de Damasco e na espoliação de Samaria em 732 por Tiglate-Pileser III.)

### B. A Louca Escolha da Sabedoria Deste Mundo. 8:5-8.

**6. As águas de Siloé** ou Siloam. Uma fonte agradável e benéfica que havia em Jerusalém, tipo do reino de Deus no coração do crente submisso. O povo que se esquecera de Deus regozijava-se em (ou melhor, por causa de) Rezim de Damasco e Peca de Samaria, por terem



sido derrotados por Tiglate-Pileser. (Deduz-se daí que esta parte do capítulo foi escrita dois ou três anos mais tarde que o episódio do cap. 7.)

**8.** As palavras **ó Emanuel** aqui são muito significativas. O filho de Isaías era nada mais nada menos que um tipo de Emanuel, **Deus conosco**. O nascimento da criança devia ter evocado esta grata exclamação dos pais enquanto observavam o cumprimento da palavra de Deus. Mas desse momento em diante, Israel se tornou a terra do prometido Redentor, o antitipo messiânico de *Mahe-Shalash-Hash-Baz*. Apesar de assolada pela invasão assíria, ela permaneceu a terra da promessa por causa do Messias.

### **C. Triunfo Final da Graça de Deus. 8:9-15.**

**9.** Embora os povos pagãos se esforçassem ao máximo para extinguir a luz de Israel, finalmente teriam de fracassar, porque "Deus está conosco" (*'immânû'el*).

**12.** Isaías e seus discípulos não deviam ser intimados com a **conjuração** de seus compatriotas que os acusavam de conspiradores contra o seu país em oposição à aliança de Acaz com a Assíria.

**13.** Por mais desfavoráveis que as presentes circunstâncias fossem, os verdadeiros crentes santificariam a Jeová. continuando a considerá-Lo supremo no governo dos negócios humanos e como cumpridor de Suas promessas. Eles deviam temer e reverenciar tão somente a Ele.

**14.** Os apóstatas de Judá tropeçariam em Sua palavra (a qual desprezaram), o que lhes resultaria em destruição e danação.

### **D. O Remanescente Fiel Confia em Deus Somente. 8:16-22.**

**16.** Agora que a profecia de Isaías se tornara pública, ela devia ser selada até o dia de seu cumprimento, quando Deus a autenticaria com os acontecimentos da história.

**18.** Os filhos que o Senhor me deu eram, sem dúvida, *Shear-Jashub* e *Mahe-Shalash-Hash-Baz*, com seus nomes de significado profético. (Hb. 2:13 indica que aqui Isaías fala de si mesmo e seus filhos como

figuras de Cristo e Seus filhos comprados com Seu sangue, que são sinais e maravilhas do Senhor.)

19. Espíritos familiares e feiticeiros eram muito consultados naquele tempo em que o povo tinha perdido a fé nas Escrituras. Como os espíritos hoje em dia, pretendiam ter comunicação com os mortos. Eis a razão da pergunta retórica: A favor dos vivos se consultarão os mortos?

20. Todas as opiniões, religiões ou filosofias humanas são válidas apenas quando concordam com a Palavra de Deus – a única medida absoluta de verdade espiritual. 21,22. Uma descrição da desilusão e desespero trágico daqueles que confiam em alguma coisa além da Palavra de Deus. Jamais verão a alva ou, o livramento jamais se files despontará. Eles mergulharão na noite eterna da perdição com maldições amargas e vãs em seus lábios.

## Isaías 9

### E. Livramento Vindouro Através de um Rei Divino. Reis 9:1-7.

1. Este versículo deve ter a seguinte construção: **Mas para a terra que estava afligida não continuará a obscuridade** (isto é, a terra da Galiléia). **Nos primeiros tempos tornou desprezível a terra de Zebulom e . . . Naftali** (permitindo que se colocassem sob o jugo direto da Assíria; cons. II Rs. 15:29); mas nos últimos tempos tornará glorioso o caminho do mar, etc. (enviando Seu Filho a morar na Galiléia e a desempenhar a principal pane do seu ministério ali; cons. Mt. 4:13-17).

**3-5. Tens multiplicado este povo;** isto é, com o acréscimo da igreja gentia, a qual, no século vindouro, se uniria aos cristãos judeus para cumprimento da Grande Comissão de Cristo, fazendo a colheita dos redimidos de toda a terra. Compare com a declaração de Cristo sobre a alegria dos trabalhadores em Jo. 4:36.

4. No tempo por vir, todos os inimigos e perseguidores do povo de Deus serão totalmente esmagados (como a hoste midianita foi derrotada por Gideão há muito tempo atrás).

**5. Porque toda bota** (E.R.A.; melhor do que a tradução da E.R.C., **armadura**) **Com que anda o guerreiro no tumulto da batalha, e toda veste revolvida em sangue serão queimadas, servirão de pasto ao fogo. Isto se refere à destruição completa de todas as armas de opressão** – tanto no julgamento temporal da queda dos impérios, como no Armagedom nos "últimos tempos".

**6.** Aqui temos delineado o caráter do Emanuel que efetuará este livramento. Ele virá ao mundo como criancinha nascida ao povo hebreu, um presente misericordioso de Deus para eles. (Contraste com a violenta negativa da fé muçulmana que declara que Deus jamais teria um filho, conforme a Sura 112 do Corão.) Ele regerá o reino de Deus com autoridade divina. Ele será **Maravilhoso, Conselheiro**. Isto é, como pessoa de duas naturezas distintas – Deus e Homem – será realmente uma maravilhosa vinda de Jeová; e como Aquele único que tem as palavras de vida eterna, será um conselheiro sem igual. Como Deus Forte (um termo explicitamente aplicado a Jeová em Dt. 10:17; Is. 10:21; Jr. 32:18), Ele será o irresistível campeão nas batalhas (conforme esta palavra "forte" dá a entender) que ganhará a vitória final na arena da história. Como **Pai da Eternidade** (literalmente), Ele será não só o Senhor da eternidade mas também o autor da vida eterna dos redimidos. Como o **Príncipe da Paz** Ele concederá o que *shalom*, "paz", implica em seu sentido completo: saúde para a alma doente de pecado; um relacionamento forte e sadio entre os pecadores e Deus, como também entre os pecadores e seus companheiros; e uma condição estável de justiça e prosperidade universais prevalecendo no mundo.

**7.** Como antítipo do Rei Davi, e como seu descendente e herdeiro, este Prometido reinará sobre o povo de Deus para todo o sempre (cons. II Sm. 7 :16).

Sermão III. A Orgulhosa Samaria Destinada ao Exílio. 9:8 – 10:4.

Mesmo depois da desastrosa invasão do Reino do Norte por Tiglate-Pileser em 732 (o ano no qual ele também destruiu o Rei Rezim

de Damasco), os efraimitas continuaram cegamente ignorando a última advertência de Deus. Eles se vangloriavam de que reconstruiriam sua terra devastada tornando-a mais forte e mais gloriosa do que fora antes (vs. 9b, 10). Mas logo viria o dia quando até mesmo seus antigos aliados da Síria e Filístia se juntariam aos exércitos atacantes da Assíria para a final extinção de Samaria.

**14, 15.** Todas as camadas dirigentes, que não se arrependeram nem se voltaram para Deus e que foram infiéis à sua responsabilidade, seriam totalmente destruídas, com os seus filhos.

**18-21.** O pecado traz em si mesmo as sementes de sua própria retribuição e destruição. Além das agonias da fome haveria os horrores da guerra civil entre Efraim e Manassés, as duas tribos principais componentes do Reino do Norte (sem dúvida envolve as outras tribos também).

## **Isaías 10**

**10:1-4.** Aqueles juízes injustos e oficiais do governo que abusavam do poder oprimindo o seu povo e pronunciando sentenças e decretos injustos para seu próprio ganho pessoal teriam suas iniquidades devidamente castigadas diante do tribunal da justiça de Deus. Perderiam todas as suas propriedades desonestamente adquiridas quando os invasores estrangeiros os despojassem de tudo o que tinham, levando-os como miseráveis prisioneiros para o cativeiro. A vossa glória. Os tesouros e valores que tinham em substituição de Deus (a verdadeira glória de Israel).

Sermão IV. O Império Mundial Esmagado; o Glorioso Império Futuro. 10:5 - 12:6.

**A. O Instrumento do Juízo Divino a Ser Julgado Por Sua Vez. 10:5-34.**

**5,6.** Não através do seu próprio poder humano, mas pela ação soberana de Deus é que a Assíria tinha poder para castigar Israel e pôr em ação o desprazer punitivo de Deus contra as nações pagãs.

**9.** As cidades aqui mencionadas eram notadamente poderosas e defendidas por fortes exércitos mas ficaram desamparadas diante do avanço da Assíria. Os vencedores se vangloriavam que venceram sozinhos todos esses reinos e os deuses que ali se adoravam. A insignificante e pequena Judá com seus deuses débeis, declararam, cairia facilmente. Mas tal desacato para com Jeová resultaria em completa destruição deste império altivo quando dele não precisasse mais. Os governadores humanos não passam de instrumentos nas mãos de Deus, e eles são loucos quando se vangloriam contra Aquele que os usa para Seus próprios propósitos.

**17.** Deus aqui foi chamado de **Luz de Israel**. Seu fogo de julgamento consumiria os pagãos tão ferozmente como se seus invencíveis exércitos não passassem de um simples canteiro de sarça. A floresta das árvores vistosas, representando seus altivos líderes, seria de tal maneira devastada por este fogo que uma criancinha contaria facilmente o número dos restantes. (Tudo isto se cumpriu entre 612, a queda de Nínive, e 605, a Batalha de Carquemis.)

**20-23.** Enquanto os impérios pagãos tivessem o seu dia de glória e desaparecessem, o senhor declarou, o fraco e desprezado povo de Deus continuaria existindo através da história. Através de disciplina divina seria ensinado a confiar só no Senhor para sua salvação. Novamente a esperança de Israel torna a ser colocada no remanescente dos verdadeiros crentes que retornariam do cativeiro. Por menor que fosse o seu número, depois que o juízo de Deus se desencadeasse sobre a nação apóstata, o futuro seria deles.

**24-27.** Eles deviam confiar nestas promessas de Deus e não temer os conquistadores cruéis que pareciam conseguir realizar tudo o que desejavam. Pois esses inimigos também seriam rapidamente destruídos,

como foram os midianitas por Gideão, Ou os egípcios que afogaram no mar Vermelho.

**28-34.** No presente, os assírios irresistivelmente passariam de uma fortaleza judia para outra (seu plano de marchar está predito em detalhes); mas eles um dia seriam decepados e cairiam como gigantesca árvore sob o machado do lenhador.

## Isaías 11

### B. O Messias Para Restaurar e Reinar. 11:1-16.

**1, 2.** O Messias (que estabelecerá um império justo e piedoso, o oposto da Assíria) será um descendente da prometida linhagem de Davi, Deus o declara aqui. Depois de derrubada a árvore de Davi ficando apenas o toco, este *naser* ou **rebento**, um significativo título messiânico, brotará. Ele será sobrenaturalmente dotado pelo sétuplo Espírito Santo de Deus. Portanto, ele administrará um governo perfeitamente justo, pois nenhum litigante ou requerente astuto será jamais capaz de enganá-lo com falsas evidências (v. 3). Mais ainda, ele defenderá os direitos dos indefesos- e dos pobres (especialmente dos mansos que são perseguidos por sua fidelidade a Deus) contra os ricos e influentes. Tal como um cinto mantém a roupa no lugar, assim o padrão divino de santidade será a constante e unificadora força do governo do Messias (v. 5).

**6-9.** As condições do império de Cristo serão de harmonia e paz, com base na verdadeira religião. A figura dos ferozes animais predatórios vivendo em paz com os fracos e indefesos simboliza a remoção de toda a hostilidade natural e temor entre os homens. (As referências ao **pequenino**, no v. 6, e à **criança de peito**, no v. 8, claramente impedem que interpretemos as bestas como diversos tipos de homens.)

**9.** A base desta harmonia edênica será o conhecimento pleno e adequado de Deus que toda a humanidade possuirá então, e que até a criação refletirá (cons. Rm. 8:21).

**10-16.** O reino messiânico será introduzido por uma segunda (v. 11) restauração dos judeus (que claramente exclui a referência ao retorno com Zorobabel em 537 A. C. e indica uma restauração nacional de magnitude comparável). Desta vez o povo esparso virá de todas as direções geográficas: leste – Assíria, Elão, Shinar; oeste – as ilhas do mar; norte Hamate ; e sul – Egito, Patros ou Egito Superior, e Cush ou Etiópia. Todas essas diferentes regiões não foram envolvidas no retorno de 537 A.C. Não só os judeus, mas também as nações gentias (*gôyîm*) se reunirão sob o padrão da cruz (v. 12), para formação de uma Igreja Judio-Gentia até os últimos tempos. Mais ainda, naquele tempo não haverá mais uma fenda entre as tribos do norte e do sul, mas os israelitas cristãos constituirão um povo único e harmonioso. Além disso, o povo de Deus triunfará sobre todas as nações ainda não convertidas à sua volta (como a Filístia, Edom e Moabe que cercavam a antiga Israel). As barreiras naturais do Eufrates e do Nilo serão removidas e a comunicação entre todas aquelas regiões antes hostis será fácil e desimpedida quando o Príncipe da Paz governar sobre elas.

## **Isaías 12**

### **C. Ação de Graças e Triunfo dos Redimidos de Cristo. 12:1-6.**

Temos aqui uma linda peã de louvor expressando a alegria de um povo completamente submisso à vontade de Deus e à Sua disciplina, e completamente contente com Sua graça. Este hino dos crentes do milênio fornece certeza de que apesar dos impedimentos apresentados pelos desobedientes e apóstatas da raça escolhida, o perfeito plano de Deus para essa raça será completamente realizado no final da história humana.

## **VOLUME III. TEMA DO JUÍZO SOBRE AS NAÇÕES GENTIAS.**

13:1 - 23:18

Sentença I. Queda da Babilônia; e a Descida do Seu Rei ao Hades.

13:1- 14:27.

## Isaías 13

### A. A Queda da Babilônia. 13:1-22.

1. Sentença (*massa'*) também traduzido por oráculo, como se significasse um simples elevar da voz do profeta (de *nasa'*, "elevar"). Mas a julgar pelo seu uso, parece melhor entendê-lo como aquilo que se levanta – um peso. Isto é, um peso de juízo divino que um ofensor deve carregar.

2. **Tiranos.** Os chefes babilônios.

3. Os persas sob Ciro, o Grande, são profeticamente chamados de **meus consagrados** por Deus porque Ele lhes ordenou que derrubassem a Babilônia. Observe que eles deviam vir de **um país remoto** (v. 5) e não de alguma região vizinha. A Pérsia ficava bem a leste do Elão, cerca de 560 quilômetros da Babilônia.

6. Aqui o **dia do SENHOR** (*Jeová*) declaradamente não é escatológico, mas refere-se aos acontecimentos de 539 A. C. Contudo esta queda da Babilônia é profeticamente típica da derrota da Babilônia dos últimos tempos (Ap. 14 :8), à qual o terrível fenômeno meteórico de 13:10 se aplica particularmente (cons. Mt. 24:29). Isto se deduz pela referência ao **mundo** (*tebel*) em 13:11, e não ao Império Caldaico apenas.

Mas os versículos **14-16** certamente se aplicam a 539, pois a menção dos **medos** no versículo 17 torna isto claro ("Medos" era um nome mais familiar no tempo de Isaías do que "Persas", que ainda era então desconhecido aos asiáticos ocidentais).

**19-22.** Nestes versículos o Senhor prediz muito definidamente a final extinção da Babilônia histórica de maneira totalmente permanente. Posteriormente a história comprova o cumprimento literal desta profecia, pois a Babilônia ficou completamente desabitada lá pelo século XVII A.C. O local abandonado tem sido supersticiosamente considerado terrível pelos povos da língua árabe, o *árabe* (v. 20), desde então.



## Isaías 14

### B. A Queda do Rei da Babilônia. 14:1-27.

**1,2.** O ímpio Poder Mundial da Babilônia será esmagado, mas o povo de Deus emergirá triunfante no final. Até as nações pagas se fileficarão sujeitas (através da conquista espiritual do Evangelho e mediante a poderosa imposição do governo de Cristo no "final dos tempos"). Os gentios ajudarão na restauração de Israel à posição de terra prometida.

**3-11.** Um hino de triunfo sobre a Babilônia derrotada (tanto a cidade histórica como a escatológica)

**8. Ciprestes e cedros.** Ambos são literais (uma vez que foram poupados do desflorestamento dos madeireiros caldeus) e simbólicos – representando outras nações na floresta da humanidade.

**9. O Além** ou o *Sheol*. Um nome para a habitação generalizada dos mortos antes da ressurreição de Cristo. Mas aqui representa a habitação dos espíritos dos altivos governantes que desafiaram a Deus nas dispensações passadas. Estes estão representados como dando as boas vindas à chegada do rei da Babilônia com maliciosa satisfação, pois toda a sua breve glória terrena já terá sido extinguida, como foi a deles.

**12-20. Lúcifer.** O nome romano para a estrela da manhã (heb. *hêlêl*, "a brilhante"), a qual logo desaparece diante do esplendor muito maior do sol. Este título foi concedido ao rei da Babilônia, não se referindo a ele como indivíduo humano específico (como Belsazar, por exemplo), mas como representante ou incorporação de Satanás, que é considerado o poder por trás do trono real. O orgulho titânico e a ambição expressas nos versículos 13, 14 estão deslocados em quaisquer lábios que não sejam os de Satanás. A poesia épica do ugarita cananeu geralmente se refere à "montanha do Norte" ou *Sapunu* (equivalente ao heb. *sâphôn* usado aqui) como sendo a habitação dos deuses. A ignominiosa queda do tirano da Babilônia, aqui descrito profeticamente, cujo cadáver jaz insepulto e desonrado, reflete Satanás, seu senhor.

**21-27.** Esta passagem reverte mais particularmente à queda da Babilônia histórica em 539, e a permanente extinção de seu poder e

posteridade. Como confirmação antecipada desta promessa referente à Babilônia, o Senhor predisse a catástrofe mais iminente dos exércitos da Assíria (o suserano da Babilônia na ocasião) na Palestina (v. 25), que aconteceu quando da invasão de Senaqueribe em 701 A. C. Todos esses desastres nas nações vizinhas demonstrariam o poder de um Deus único e verdadeiro, o Deus de Israel (vs. 24, 27).

#### Sentença II. A Queda da Filístia. 14:28-32.

Os filisteus, em sua guerra contra Acaz, tinham recentemente tomado quatro grandes cidades judias (II Cr. 28:18). Mas aqui são advertidos da retribuição vindoura através de Ezequias, a serpente do versículo 29, e dos posteriores príncipes judeus da dinastia hasmoneana (como Jônatas Macabeu, que incendiou Asdode e Asquelom e competiu Gaza a se render).

**31. Do norte vem fumaça** refere-se às devastações futuras de Sargão (20:1) e Senaqueribe (mencionada em seu registro de campanhas em 701).

**32.** Os enviados filisteus tinham portanto de ser enviados para casa com a declaração de que a única e verdadeira -segurança de Judá se encontrava em Jeová, o seu Deus.

#### Sentença III. A Queda de Moabe. 15:1 – 16:14.

### Isaías 15

Temos aqui uma visão das terríveis depredações que os assírios infligiram às diversas cidades de Moabe que ao mencionadas através de todo o capítulo 15. Embora os moabitas tenham sido implacáveis inimigos de Israel, o profeta só podia chorar de compaixão diante do espetáculo da sangrenta crueldade do conquistador e das deprimentes fileiras dos refugiados infligindo de suas cidades condenadas.

**9. As águas de Dimom ... cheias de sangue.** Um jogo de palavras entre o hebraico *dâm*, "sangue", e *Dimom*, que talvez seja uma variação

sinistra do nome Dibom mais familiar. Os **leões** aqui mencionados talvez se refiram à Judá triunfante em um período posterior, ou talvez a Esaradom, o assírio (que registra a vitória sobre Mutsuri, o rei moabita), ou até mesmo aos caldeus de um período subsequente.

## Isaías 16

O capítulo 16 apresenta um pronunciamento relacionado mas separado, ocasionado pela futura fuga dos refugiados moabitas a Sela, capital de Edom (que era aliada de Moabe). De seu asilo em Edom eles foram convidados a se submeterem ao povo de Deus, pois Jeová é o seu único refúgio seguro. Seu trono será um dia estabelecido em Jerusalém, a capital de Davi (uma predição sobre a segunda vinda de Cristo).

**16:3.** Uma convocação a Judá para que mantenha um testemunho piedoso e para que demonstre compaixão para com os refugiados moabitas. 6-12. O profeta apresenta os motivos da tragédia moabita: seu orgulho arrogante (tão claramente evidenciado na "Pedra Moabita" do Rei Mesa). Ele prossegue com uma descrição de sua futura devastação às mãos de Senaqueribe (que registra a submissão de Quemoshnada, rei de Moabe).

**7.** Quanto aos **fundamentos** (E. R. C.) de Quir-Haresete, traduza de acordo com a E.R.A., **pastas de uvas**. Eram ofertas que já não poderiam mais ser feitas aos ídolos adorados por causa da destruição de todas as vinhas.

**8. Mar.** Possivelmente o Mar Morto, ou ainda os celebrados tanques de Hesbom. Isaías não podia deixar de lamentar a destruição derramada por toda a bela e sorridente terra de Moabe. Em vão seus crentes rodeariam os altares pagãos de seus altos; seus deuses imaginários seriam desprovidos de poder para salvá-los.

**13, 14. Dentro em três anos.** Uma data mais precisa para esta invasão. O tempo foi sem dúvida revelado em 704 A. C. e referia-se à vinda de Senaqueribe, três anos mais tarde.

## Isaías 17

### **Sentença IV. A Queda de Damasco e Samaria. 17:1-14.**

Este capítulo é contemporâneo de Isaías 7, e prediz a queda da coligação do norte no reinado de Acaz. Tiglate-Pileser deixada Damasco em um montão de ruínas em 732 A.C.; do mesmo modo suas cidades vassalos, tais como Aroer perto de Rabate-Amom. A glória de Damasco seria removida junto com a do Israel do Norte (que alcançara tais alturas sob o governo de Jeroboão II, 782-753 A. C.). Só um remanescente lamentavelmente pequeno das dez tribos é o que restaria, como as últimas espigas de trigo ou as últimas olivas deixadas após a colheita.

**7-11.** Uma predição dizendo que estes últimos sobreviventes dos trágicos acontecimentos de 722 (quando Samaria seria tomada por Sargão e de portada para a Assíria) se arrependeriam. Renunciariam às suas imagens de escultura e os seus **postes-ídolos** (v. 8; *'asherîm* pilares de madeira ou troncos de árvores representando a esposa consorte da divindade adorada nos "altos"). Eles se voltariam com fé para Jeová o **Santo de Israel** (v. 7). (Cons. o registro da grande celebração da Páscoa em II Cr. 30:1-22, na qual participaram os crentes dos sobreviventes samaritanos. Mas talvez a perspectiva aqui também seja escatológica.) O motivo dessa futura devastação era, obviamente, o fato de terem abandonado o verdadeiro Deus, que era sua única força verdadeira para resistir aos conquistadores pagãos.

**12-14.** Uma descrição gráfica da invasão futura pelos exércitos assírios, com seus vários contingentes de súditos-aliados sob a liderança de Senaqueribe (herdeiro dos conquistadores de Damasco e Samaria). Deus subitamente repreenderia os assírios, declara a profecia, em uma noite de terrível praga e destruição. Assim Ele fará finalmente com todos os Seus inimigos e os exércitos que estes comandam contra a Sua causa.

## Isaías 18

### **Sentença V. A Queda e Conversão da Etiópia. 18:1-7.**

Sob a liderança de Pianqui, os etíopes estabeleceram a Vigésima Quinta Dinastia no Egito, e Sabaca, o filho de Pianqui (chamado "Sô" em II Rs. 17:4) encorajou Oséias de Israel na última revolta infrutífera contra a Assíria. Sabaca também se aliou a Merodaque-Baladã da Babilônia, e foi mais tarde um incentivo para Ezequias se rebelar contra Senaqueribe, que finalmente esmagou as forças etíope-egípcias em Elteque, em 701. Tirraca, o sobrinho de Sô, dirigiu um novo esforço egípcio, mas foi finalmente esmagado por Assurbanipal em 567.

7. Aqui os etíopes são identificados como oriundos da terra onde o Nilo Azul se ajunta ao Nilo Branco – **cuja terra os rios dividem** – sendo de estatura alta e de pele lisa. Eles seriam podados como ramos, diz o profeta, e suas carcaças cairiam na batalha para serem consumidas pelos abutres. Contudo, algum dia, os etíopes prestariam o seu tributo a Deus e viriam a Sião como verdadeiros crentes.

Sentença VI. As Aflições do Egito. 19:1 - 20:6.

## Isaías 19

### A. A Subjugação do Egito. 19:1-25.

1-10. Isaías apresenta as aflições da guerra civil, da conquista assíria, da seca e da devastação que sobreviria ao Egito nas próximas décadas. Jeová demonstraria Sua soberania para descrédito dos falsos deuses do Egito. A guerra civil começaria através da Dinastia Líbia (XXII) entrechocando-se com os etíopes e com os saítas da Dinastia XXIV, e assim loucamente prepararia o caminho através do mutuamente destrutivo conflito para a cruel subjugação de todos por Esaradom da Assíria (v. 4). Isto aconteceria em 671, e o governo assírio duraria dezenove anos. A ruína economia do Egito ficaria assegurada por uma seca prolongada e terrível (vs. 5, 6), na qual o Nilo não transbordaria.

7. **A relva que está junto ao Nilo.** Portanto não haveria peixes para pescar nem linho para fiar.

**10. Grandes (fundamentos,** E. R. C.). Antes, *tecelões*. Portanto, traduza-se: *E seus tecelões serão esmagados, todas os jornaleiros andarão de alma entristecida*.

**11-15.** Os egípcios se orgulhavam de serem o povo mais sábio e mais culto. Mas se comprovariam ser totalmente loucos e incapazes ao se depararem com os futuros golpes da tragédia e seus líderes conflitantes os levariam à ruína.

**13. Zoã** ou Tanis era uma capital no norte perto das fronteiras do Sinai. **Mênfis** ficava mais ao sul no ápice do Delta.

**15.** Todas as camadas sociais seriam lançadas em estado de desemprego e necessidade.

**16-25.** Mas Deus ainda tinha um brilhante futuro guardado até mesmo para esta terra excessivamente pagã. Em primeiro lugar, os egípcios tremeriam diante do poder terrível do Deus de Israel quando Ele os julgasse, especialmente quando os exércitos vingadores de Nabucodonosor invadissem sua terra em perseguição aos judeus que ali se refugiassem (cons. Jr. 46:24-26). Então eles reconheceriam que Jeová intervirá na história. Mais tarde, os imigrantes judeus exerceriam uma influência poderosa sobre o Egito. Estabeleceriam colônias judias consideráveis em pelo menos cinco das cidades egípcias, uma das quais seria Heliópolis.

**18.** A palavra *Heliópolis*, "Cidade do Sol", aqui foi deliberadamente alterada, em um jogo de palavras, traduzindo-se para *cidade da destruição*. Haveria até um altar erguido para Jeová no Egito (v. 19; levantado por um sacerdote chamado Onias no retilado de Ptolomeu VI), como um penhor da posterior conversão de egípcios ao cristianismo. Deus lhes enviaria um salvador (Alexandre, o Grande) para libertá-los dos seus opressores persas, como garantia desse Salvador divino que os libertaria do governo de Satanás. 21-22. Provavelmente uma referência à cristianização da terra.

**23-25.** Uma previsão do relacionamento harmonioso a ser estabelecido pela expansão do Evangelho por todas as terras do

Crescente Fértil antes da conquista maometana. E isto, por sua vez, não passa de um vislumbre dessa paz final e mais duradoura que será estabelecida entre o Oriente e o Ocidente no tempo do Messias.

## Isaías 20

### B. O Egito Será Dominado pela Assíria. 20:1-6.

Este oráculo foi provavelmente revelado um pouco depois daquele do capítulo 19, pois desenvolve a predição feita em 19:4. Pelo menos, ficou claro o ano exato do cumprimento da profecia. Foi em 711 A. C. quando o Rei Sargão enviou Tartã (v. 1; *tartanu* em acadiano), seu "principal general", para tomar a cidade filistéia de Asdode. Azuri, rei de Asdode, foi deposto (de acordo com os *Anais* de Sargão), e uma revolta iniciada por Iatna foi abafada. Esta profecia sobre a desgraça e derrota do Egito foi feita cerca de quarenta anos antes da Conquista Assíria. O Egito mereceu severo castigo porque pretendeu servir de libertador de Israel e lhe fez promessas que não foi capaz de cumprir, desviando os hebreus de uma confiança integral em Deus somente.

## Isaías 21

### Sentença VII. A Babilônia Será Derrotada e Seus Ídolos Destruídos. 21:1-10.

**1. O deserto do mar.** A planície aluvial da Babilônia, formada pelo Eufrates e o Tigre com seus diversos tributários. Numerosos pântanos e lagos pouco fundos sempre se formavam quando os canais de drenagens eram negligenciados ou ficavam avariados.

**2. O pérfido . . . destruidor** (*comerciante*) aqui mencionado é a Babilônia caldaica, amadurecida para o juízo. **Elão.** Pérsia. O Elão era mais conhecido como Pérsia no tempo de Isaías, e foi mais tarde incorporado ao território da Pérsia propriamente dita.

**3,4.** Para um homem com a natureza compassiva de Isaías, a visão da sangrenta carnificina nas cidades invadidas da Babilônia, quando os

exércitos de Ciro forçavam o caminho para a Capital, teve um efeito profundamente perturbador, como o de um terrível pesadelo.

**5.** Na visão profética ele viu os príncipes da Babilônia, descuidados em seu falso sentimento de segurança, banquetecendo-se com Belsazar.

**7. Uma tropa.** Contingentes da cavalaria e homens a camelo eram pane característica dos exércitos medo-persas.

**8. Então gritou como um leão.** Tão intenso foi o sentimento do atalaia profético.

**9.** Este é o primeiro pronunciamento de juízo sobre a civilização degenerada e idólatra que a Babilônia representava; a última se encontra em Apocalipse 14 e 17.

**10.** Isaías viu a Babilônia totalmente derrotada e batida, como trigo sobre a eira.

Sentença VIII. Derrota de Edom; Vitória de Israel. 21:11,12.

**11. Dumá.** Edom. Ao que parece um jogo de palavras agourento, segundo o qual a sílaba principal do nome se encaixa em uma palavra que significa *silêncio* (usado em relação ao reino dos mortos no Sl. 94:17; 115:17). Isaías, como o atalaia, anuncia aos idumeus do Monte Seir que a manhã do livramento está ralando para Israel, mas a noite da derrota e da escravidão logo cairá sobre Edom. Que os idumeus, portanto, busquem a Jeová em arrependimento e fé.

Sentença IX. Dedã e Quedar Serão Derrotadas. 21:13-17.

Aliados aos filisteus, esses árabes do norte saquearam Jerusalém no reinado de Jeorão (cerca de 845 A.C.). Mais tarde foram derrotados por Uzias. Mas aqui são advertidos dos golpes mortais que receberiam dos assírios (como Senaqueribe, por exemplo) e dos caldeus (como Nabonidus, que fez de Tema sua segunda capital).



**Isaías 22**

Sentença X. Previsão da Queda de Jerusalém; Eliaquim Substitui Sebna. 22:1-25.

**A. A mundana Jerusalém Será Destruída. 22:1-14.**

Jerusalém está localizada sobre duas ou três colinas no meio de vales rodeados por notáveis cadeias de montanhas. Como cenário das revelações concedidas aos profetas de Deus, esse local foi apropriadamente intitulado **o Vale da Visão**. Os jersalemitas, do alto dos telhados de suas casas, descortinariam a aproximação dos exércitos atacantes da Babilônia. Apesar do iminente perigo, os judeus se entregaram aos frívolos prazeres e à indulgência carnal. E se deparariam com a tragédia total. Seu rei (Zedequias) tentada inutilmente fugir da cidade. Destruição lamentável seria destinada à cidade e ao povo (v. 4).

**5-11.** O profeta dá detalhes do cerco que está por vir (589-587 A.C.), no qual os soldados súditos de Quir lutariam nas fileiras dos persas do Elão (cons. 21:2). Os arranjos materiais para a defesa da cidade (a refortificação das brechas e a guarda do precioso reservatório de água) seriam inúteis, porque os judeus se recusariam a confiar no seu Deus, sua única defesa garantida contra o mundo.

**12-14.** A insistência do Senhor a que se arrependessem foi recebida com cinismo e indulgência carnal crassa. Mas o amor paternal de Deus não pode ser assim tão espalhafatosamente ignorado e desprezado sem as mais severas conseqüências. Este oráculo deve certamente se referir ao começo da invasão de Senaqueribe, quando Judá errou e preferiu confiar na ajuda do Egito, enfrentando a vingança da Assíria. Foi preciso os horrores da invasão de 701 A.C. para fazer Jerusalém se arrepender e renovar sua submissão a Deus.

**B. Um Corrupto Oficial Substituído por um Servo Público Piedoso 22:15-25.**

À luz do contexto precedente, parece que podemos presumir que Sebna, o tesoureiro real, era um líder da facção pró-Egito nos conselhos

de estado. Na confiança de que sua posição era segura, ele ordenou que lhe preparassem uma suntuosa tumba, não percebendo que poderia ser demovido de seu cargo, morrendo pobre em uma terra distante. (Em 701 ele foi realmente substituído por Eliaquim, de acordo com II Reis 18:18, embora ainda fosse secretário do serviço governamental.) Mas Eliaquim (*Deus estabelecerá*) era um verdadeiro e devotado seguidor de Deus e portanto representa o remanescente dos verdadeiros crentes que se opuseram à aliança com o Egito idólatra.

**22, 23. A chave da casa de Davi** refere-se à posição de alta confiança e influência que Eliaquim desfrutava como primeiro ministro de Ezequias (Ezequias era da dinastia de Davi). Sua posição era tão firme quanto uma **estaca** na parede de uma casa, e sua glória e prosperidade passariam à sua família e descendentes. Muitos interpretam o versículo 25 como uma predição da queda final de Eliaquim. Mas à vista do **lugar firme** do versículo 23 (o qual, certamente, foi declarado pelo próprio Deus) parece melhor entender isto como referindo-se não a Eliaquim, mas a outros que falsamente se supunham tão seguramente estabelecidos quanto ele, mas que não deram seus corações a Jeová como ele fizera, e que portanto um dia seriam destituídos.

## Isaías 23

### Sentença IX. Queda e Escravidão de Tiro. 23:1-18.

Tiro representa o materialismo desapiadado de um grande centro comercial. Através de Jezabel, filha do rei de Sidom e Tiro, ela exercia uma influência perniciosa em Samaria, e dirigia um comércio vigoroso de escravos israelitas (Amós 1:9). Foi forçada a capitular diante da Assíria em 664; Nabucodonosor arrasou-a deixando apenas a cidade da ilha, no século sexto; e Alexandre demoliu completamente a cidade da Ilha em 332 A. C.

**1. De Quitim** (E. R. A.) ou *Chipre*, viriam as melancólicas notícias da queda de Tiro. Isto significaria a ruína do comércio com Társis

(localizada na Sardenha ou Espanha) e para as colônias fenícias por todo o Mediterrâneo generalizadamente.

**3.** Não mais poderiam os produtores do **Egito** – *Shior* (ASV), um tributário do Nilo – vender seus bens preciosos nos mercados de Tiro.

**4. Sidom** seria envolvida na mesma calamidade, e sua população dizimada seria reduzida. 8-12. Jeová seria o autor desse destino (como o cumprimento desta predição demonstrada amplamente), que serviria de juízo não só para Tiro mas a todo o ponto de vista mundano por ela representado.

**11. Canaã** (*cidade mercante*). Originalmente o nome da lã púrpura tingida com múrice fenício, que formava a base do comércio com outras nações. Então o nome passou a ser aplicado aos mercadores generalizadamente. Mesmo em Chipre os refugiados não encontrariam segurança (pois esta ilha se tornaria tributária da Assíria e seus sucessores).

**13-18.** Tiro se eclipsaria durante setenta anos, entre o desastroso cerco de Nabucodonosor e a queda da Babilônia em 539. A Versão de Berkeley faz de **terra dos caldeus** (v.13) um vocativo, dando a entender diretamente que os tiros é que não mais seriam; os assírios tornariam sua terra em um lugar para as bestas feras perambularem. Foram presumivelmente os caldeus que inventaram as máquinas usadas nos cercos.

**16.** Tendo perdido sua independência, a cidade teria de alcovitar a luxúria e os desejos dos seus conquistadores, como se fosse uma mulher das ruas. Sob os persas, Tiro desfrutou de muitos favores e recuperou-se bem da repressão dos caldeus. Mas mesmo o persa Ciro competiu Tiro e Sidom a contribuir materialmente para a reconstrução do Templo de Jeová em Jerusalém (Ed. 3:7) – um cumprimento parcial de Is. 23:18. Atualmente Tiro é praticamente uma região deserta, e muito provavelmente vai continuar servindo apenas como símbolo histórico do futuro poder comercial e materialismo capitalista dos "últimos tempos".

24:1 – 27:13.

Delitzsch descreve estes quatro capítulos como um final apropriado, um aleluia conclusivo, da narrativa reveladora da justiça divina para com as nações.

## Isaías 24

Sermão I. Juízo universal para o Pecado Universal. 24:1-23.

O juízo que foi particularizado nos capítulos 13-23 para cada uma das nações envolvidas com a Palestina agora está sendo apresentado como iminente a ser derramado sobre a terra como um todo. O verso 4 torna claro que terra aqui deve significar "todo o mundo habitado" e não simplesmente a **terra** (da Palestina), como a **terra** do v. 3 poderia ser diferentemente interpretada. Aqui se tem em vista justamente duas classes de homens: a sociedade perversa e corrupta deste mundo; e o povo fiel a Deus. Sem distinção quanto à classe ou condição, a ira do Todo-Poderoso está para ser derramada sobre todas as pessoas do mundo; e todos os prazeres do pecado ser-lhe-ão arrancados. Só um mínimo remanescente (vs. 6, 13) sobreviverá a esta destruição geral.

Por outro lado, haverá um grupo de crentes por todo o mundo que se regozijará com esta operação da justa condenação do pecado por Deus (vs. 14-16). No presente, conforme Isaías reconhece com tristeza (v. 16b), parece que a impiedade triunfa vitimando o devoto povo de Deus. Mas um destino terrível aguarda cada cidadão da terra conforme o mundo se aproxima de um catastrófico fim (v. 19). E os altivos governadores humanos serão lançados na prisão do inferno para aguardarem o juízo final de Deus (v. 22). Então a glória de Deus será revelada (quando Cristo retornar para reinar sobre a terra) em tal esplendor que a luz do sol e da lua empalidecerão de insignificância. Jerusalém será a capital do império messiânico, e seus fiéis seguidores se aquecerão na sua radiância (cons. os vinte e quatro anciãos em Ap. 4:4; 7:11; 14:3)

## Isaías 25

Sermão II. Jeová Louvado como Libertador e Confortador de Sião. 25:1-12.

Como porta-voz do povo da aliança divina, o profeta dá expressão ao louvor de adoração do Senhor por Sua maravilhosa providência e Sua conduta para com os homens. Através dos séculos o Santo impõe as suas leis a todos aqueles ofensores que a transgrediram. A mais forte será destruída e desfeita em ruínas se os seus habitantes não tiverem fé em Deus. Mal os fiéis e obedientes serão preservados e protegidos através dos anos. Apesar das provas e desvantagens, eles sobreviverão através dos séculos mesmo depois que os mais arrogantes impérios humanos tiverem se desfeito em pó.

**6. Neste monte.** Monte Sião. **Todos os povos** sem dúvida inclui os cristãos gentios, que estarão incluídos nas bênçãos do Israel espiritual. **Coisas gordurosas.** Pratos especiais preparados com azeite de oliva e tutano, grandemente apreciados pelos semitas. **Vinhos velhos bem clarificados** (ou "sem resíduo") eram vinhos filtrados, constituindo uma bebida transparente e muito saborosa. Estes detalhes sobre alimento e bebidas simbolizam os deleites e as satisfações nutritivas do Evangelho. Talvez também simbolizem "a ceia das bodas do Cordeiro" (Ap. 19:9).

**7. A coberta.** O véu de cegueira espiritual que encobre as almas dos incrédulos.

**8. Para sempre** e não *em vitória* (uma vez que *lanesah* tem esse significado em qualquer outro lugar; contudo *nesah* significa "glória" em duas outras passagens do V. T. ). Esta promessa se refere à vitória final dos céus (cons. I Co. 15:54; Ap. 21:4).

**10. Moabe** representa aqui o mundo obstinadamente hostil e incrédulo, cujas tropas que se opõem a Deus serão exterminadas na destruição final.

**12. Seus muros.** Dirige-se diretamente a Moabe. Todas as fortificações do mundo rebelde se comprovarão incapazes contra Deus.

## Isaías 26

Sermão III. Hino de Ajuda pela Consolação de Judá. 26:1-21.

1. Os santos redimidos virão em multidões aos portões de Jerusalém no final dos tempos, cantando hinos de louvor (donde a propriedade de chamá-los de Judá, pois *Yehûdâ* significa "Louvor").

2. Constituirão **a nação justa** porque estará revestida da justiça de Crista e habitada pelo Espírito de Deus.

3. Sua característica fé evangélica será expressa como fé completa na suficiência de Deus e na perfeição de Sua vontade. Perfeita paz. Mais literalmente, *paz paz (shalom shalom)*, que significa "uma paz que realmente é paz", e não essa paz espúria e temporária que é tudo que os homens podem conceder.

4. **Confiai.** Os redimidos testificarão prontamente da fidelidade eterna de Jeová.

6. Os **aflitos** e os **pobres**. Aqui (como acontece nos profetas e nos Salmos) os humildes, os perseguidos, o povo de Deus desprezado que sofre dificuldades e discriminações nesta vida. Eles verão o poder e as pretensões do mundo esmagados.

8. **O desejo da nossa ama.** Eles serão totalmente envolvidos pela verdade e glória de Deus. Isto inclui tudo o que Ele tem revelado sobre a Sua pessoa e vontade (pois tudo isto se entende pelo uso da palavra *nome* no hebraico), especialmente no Seu caráter de Jeová (o Deus misericordioso que mantém a Sua aliança), pois esse é o Seu "nome comemorativo". Seu desejo e oração mais ardentes (v. 9) serão "Venha a nós o teu reino!"

10. **Perverso.** Os pecadores obstinados, os réprobos que rejeitam a fé no Evangelho (cons. "os ímpios" do Sl. 1).

12. **Tu as fazes.** Os redimidos confessarão que não são justos à parte de Jeová, e foi Ele que realizou Suas próprias boas obras através deles (quando Lhe entregaram seus membros como instrumentos de Sua justiça).

**13. Outros senhores.** Provavelmente deuses falsos e não governadores estrangeiros. São considerados como alternativas falsas do Senhor, que eles perversamente preferiram em outros tempos.

**14.** Agora estão **mortos**, pois suas "vidas" dependiam de seus agora desaparecidos devotos; também não **tornarão a viver**, pois seu culto foi para sempre abandonado. (O cristianismo aboliu para sempre o culto de todos os deuses pagãos conhecidos pelos israelitas.)

**15. Aumentaste o povo.** Este notável *aumento* do povo de Deus aponta para a inclinação da Igreja Gentia mundial; eis também o motivo do alargamento das fronteiras do Reino.

**16, 19. Derramaram as suas orações.** Israel clamou a Jeová repetidas vezes em períodos da mais profunda desgraça (comparados à agonia do parto) e frustração pungente – (**o que demos à luz foi vento**). **Não nasceram.** Antes, *não caíram*. Isto é, "não caíram em combate sob nossa violenta investida" (não se refere ao parto, como alguns mestres interpretam). Judá, aquele que fala aqui, refere-se aos santos mortos (v.19) chamando-os de **nossos mortos** – falando a Deus – **e meu cadáver**. Esta é a mais explícita profecia do V. T. sobre a ressurreição corporal dos crentes.

**20, 21.** O convite confortador de Deus ao Seu povo. Eles deverão se refugiar nEle durante o sinistro período da Tribulação, quando Ele estiver punindo os não convertidos por causa de sua rebeldia e por causa de seus crimes sangrentos, que serão trazidos à luz no Juízo Final.

## Isaías 27

Sermão IV. Os Opressores Serão Punidos mas o Povo de Deus Preservado. 27:1-13.

**1. O dragão.** Uma criatura simbólica (refletindo os mitos dos semitas pagãos), representando o mundo arrogante e turbulento em revolta contra Deus. Mais particularmente representa os sucessivos impérios mundiais do Egito, da Assíria (associados com o Tigre de águas ligeiras) e da Babilônia (associada com o Eufrates serpenteante).

2. No final dos tempos haverá ocasião para uma bendita contraparte do fúnebre Hino da Vinha de Isaías.

5. Israel redimido constituirá uma vinha que o Deus santo devidamente protegerá contra os seus inimigos.

4. Leia-se de acordo com a Versão Berkeley: *Não há indignação em mim. Quem me dera encontrar espinheiros e abrolhos (nela), para repeli-los e queimá-los totalmente.*

5. **Que . . . se apoderem.** Até mesmo um espinheiro, isto é, um inimigo do povo de Deus, terá oportunidade de receber o perdão e a graça.

6. **Dias virão em que Jacó lançará raízes . . .** Quando se fala de Israel enchendo a terra com frutos, a referência é à expansão do Cristianismo (que é a fé do verdadeiro Israel de Deus).

7-12. Deus revela o Seu plano para o futuro de Israel: sobrevivência através da provação; purificação pelo sofrimento; e destruição para todos os seus inimigos. Traduza-se o versículo 7 de acordo com Delitzsch: *Ele a feriu* (isto é, Israel) *como fere o seu feridor, ou foi ela morta como morreram aqueles que Ele matou?* Isto é, Deus feriria Israel apenas para castigá-la; Ele feriria seus inimigos para destruí-los para sempre. Leia-se o versículo 8 (Berkeley): *Expulsando-a, mandando-a embora, Ele contendeu com ela. Ele a removeu com Seu rude sopro como no dia do vento oriental.* Isto se refere, naturalmente, ao cativo da Babilônia. O vento oriental duna do cáldo Deserto da Síria.

9. A profecia se refere ao futuro completo abandono da idolatria da pane de Israel.

10. **Cidade fortificada.** As aparentemente inexpugnáveis capitais dos conquistadores de Israel, como, por exemplo, Nínive e Babilônia. Seus habitantes não tinham entendimento espiritual; eles não receberiam compaixão (tal como seria concedida à exilada Judá.)

12. **O seu cereal.** O remanescente reunido e convertido de Israel.



---

VOLUME V. MALDIÇÕES SOBRE OS INCRÉDULOS DE ISRAEL. 28:1 - 33:24.**Isaías 28**

Sermão I. Julgamento dos Bêbados Efraimitas e Zombadores Judeus. 28:1-29.

**A. Destino dos Bêbados de Efraim. 28:1-8.**

O moribundo Reino do Norte foi apresentado como uma advertência para o Reino de Judá.

**2.** Embora o **certo homem valente e poderoso de Deus**, a Assíria, se destinasse a desferir o golpe final da destruição, os efraimitas continuaram a confiar na fertilidade do seu solo e na sua prosperidade econômica, vivendo uma vida de libertinagem e deboche – na qual até mesmo os homens religiosos participavam com excesso repulsivo (vs. 7, 8).

**5.** Em contraste com esta glória evanescente e carnal de Efraim está o próprio Senhor, que é a verdadeira e única glória de Israel, e que um dia será reconhecido como tal pelo remanescente dos verdadeiros crentes. Ele os fortalecerá com justiça no juízo e vitória na guerra.

**B. A Zombaria de Judá Respondida com as Promessas Messiânicas de Deus. 28:9-22.**

**9,10.** Estes versículos dão-nos a resposta sarcástica do partido pró-assírio do Rei Acaz, que resistiu ao impacto das palavras de Isaías registradas nos parágrafos anteriores. Eles zombavam de suas observações chamando-as de "moral de Escola Dominical" apropriada para as crianças, mas inteiramente irrelevante para homens adultos que entendiam a arte da política prática. Eles repudiavam os ensinamentos proféticos como se fossem triviais **preceito sobre preceito, preceito e mais preceito.**

**11-13.** A solene resposta a essas zombarias. Deus lhes oferecera segurança e paz se confiassem nEle e se Lhe submetessem; mas eles

preferiram confiar na Assíria (contra a Coligação do Norte). Portanto teriam de aprender com seus próprios erros pelo castigo recebido através daqueles que falavam uma língua estrangeira (pois a língua assíria era totalmente incompreensível para os hebreus, embora distantemente aparentada com a sua língua). Pelos golpes do martelo da desgraça e infortúnio cumulativos, teriam de aprender a amarga lição do **preceito sobre preceito, preceito e mais preceito**.

**14,15.** Estes zombadores são identificados como os altos oficiais do governo, que apoiaram a política estrangeira de Acaz de subornar a Assíria a que entrasse em um tratado de aliança. A Assíria manejava o seu poder nos interesses do inferno, e espalhava a morte e a destruição por onde passava. No entanto os judeus a escolheram, e não a Deus, para ser sua protetora, inutilmente supondo que poderiam assim escapar ao seu poder devastador. Fizeram um pacto com um poder pagão que considerava os tratados inconvenientes, como simples pedaços de papel – **por nosso refúgio temos a mentira**.

**16.** Em contraste com esta supostamente inteligente diplomacia de poder político, Deus declara a verdadeira base da segurança de Israel: a pessoa e a obra do Redentor Messiânico. **Uma pedra** dá a entender que a obra expiatória de Cristo é a base sobre a qual Israel e a Igreja são edificadas; sem Ele e os Seus méritos, não haveria nenhuma Igreja. **Em Sião**. O indicado lugar de revelação, o único lugar de divulgação do único Deus verdadeiro; e do sacrifício sangrento, o único caminho da salvação. **Pedra já provada** (lit., *pedra de toque*), isto é, uma pedra sem defeitos ou rachaduras. Cristo provou ser capaz de enfrentar as mais sutis e astuciosas tentações que Satanás podia colocar em Seu caminho. **Pedra preciosa, angular**. Ele vale mais que o mundo. Só Ele faz a diferença entre o céu eterno e o inferno eterno para o pecador. **Não foge**. Antes, *não fica nervoso* ou *alarmado* (cons. I Pe. 2:6).

**17.** O falso fundamento dos sábios do mundo teriam de ser violentamente varridos na catástrofe da invasão assíria, e o tratado da aliança feito por Judá se comprovada ser um refúgio falso.

**18. A vossa aliança com a morte.** A aliança com a Assíria seria anulada quando o governo assírio se voltasse contra Judá para tratá-la como um inimigo subjugado. Então Judá se juntaria a uma conspiração de revolta contra Sargão, mas mais especialmente contra Senaqueribe, quebrando assim solenes juramentos de fidelidade ao governo assírio.

**19.** As incursões punitivas dos assírios seriam periódicas e de intensidade crescente, até a terrível campanha de 701.

**20. A cama será tão curta.** Mesmo com a ajuda do Egito, os recursos de Judá seriam desgraçadamente insuficientes para enfrentar a pressão da Assíria.

**21. Monte Perazim.** O lugar onde Davi, com a ajuda de Deus, derrotou os filisteus (II Sm. 5:20). Mas agora esse poder de Jeová seria voltado contra Seus próprios filhos da aliança – **ato inaudito**, ao qual Deus foi competido por causa de sua desobediência.

**23-29.** A situação de Judá está exposta como uma parábola. O fazendeiro não passa o arado por prazer, mas antes a fim de preparar a terra para a pretendida sementeira. Assim também Deus prepara o Seu jardim para a lavoura que pretende cultivar – da justiça de um povo santo. Para tal fim Deus tem de empregar a força cortante e esfaceladora dos juízos disciplinantes, perfeitamente ajustados às necessidades espirituais de Israel, exatamente como o fazendeiro (usando a inteligência que Deus lhe deu) usa os devidos instrumentos debulhadores para cada tipo de grão.

## Isaías 29

Sermão II. O Desastre Aguarda os Hipócritas. 29:1-24.

**1-4.** Os descuidados judeus tinham de ser humilhados e chamados à sobriedade diante de Deus. **Ariel** (E.R.C.), que significa **Lareira de Deus**, é um nome simbólico para Jerusalém, dando a entender que o fogo do juízo divino queimaria lá (quando os invasores espalhassem o fogo e a devastação até os seus portões). **Deixai as festas que completem o seu ciclo** e não *que matem os sacrifícios* (AV). Os judeus eram fiéis na

celebração das festas da Páscoa, do Pentecostes e dos Tabernáculos todos os anos, ainda que com mãos culposas, sem arrependimento.

**3. Cercar-te-ei.** Por meio da instrumentalidade dos assírios em 701.

**4. Desde o pó.** Jerusalém seria colocada em abjeta humilhação e extrema posição de súplica.

**5-8. Como sonho . . . será a multidão de todas as nações.** O Senhor subitamente dispersaria e destruiria esses pagãos assediadores. Os exércitos de Senaqueribe interromperam o cerco para lutar contra os egípcios em Elteque. Foi na volta desta sua campanha vitoriosa que este golpe devastador predito por Deus aqui, caiu sobre eles. A perda de 185.000 homens em uma só noite foi como a devastação destruidora de uma tempestade ou de um redemoinho fortíssimo. Para os judeus o súbito desaparecimento do inimigo seria como o esmaecer de um pesadelo quando aquele que sonha desperta de seu torturado sonho.

**9-12.** Uma reprimenda aos patricios espiritualmente cegos de Isaías.

**9. Estatelai-vos, e ficai estatelados, cegai-vos e permanecei cegos; bêbedos então . . .** Tal como o beerrão teria evitado sua condição de embriaguez abstendo-se do álcool, assim aqueles que a si mesmo se cegaram com a loucura do pecado e incredulidade, esquivaram-se de sua condição.

**10. O Senhor . . . fechou os vossos olhos.** Cegueira judicial foi o resultado natural de terem inicialmente fugido da vontade de Deus revelada. Até mesmo os profetas profissionais perderam o contato com Deus e já não recebiam dEle nenhuma mensagem.

**11. De um livro selado.** A Bíblia e os oráculos dos profetas verdadeiros e fiéis de Deus permaneceram incompreensíveis e irrelevantes aos "homens modernos" do século oitavo, que achavam que trilham avançado além dos seus antepassados na sua submissão fora de moda à autoridade da revelação de Deus. Não tendo portanto nenhuma autoridade fora de si mesmos e do seu raciocínio, não viam nem pé nem cabeça na mensagem de Deus para eles através das Escrituras.

**13-16.** Estes versículos anunciam a sentença divina de cegueira judicial sobre todos aqueles que se iludiam com piedade simulada ou submissão dissimulada. Simples mandamentos de homens. Um simples princípio intelectual ensinado pela filosofia moral não é um substituto satisfatório para a verdadeira submissão do coração. O seu temor para com#o, ou piedade, era uma simples forma artificial, que não partia de um sincero amor a Deus sem segundas intenções. Qualquer noção de verdade espiritual que ainda tivessem lhes seria tirada até que ficassem sem nada além do agnosticismo estéril ou superstição pagã.

**15. Escondem profundamente o seu propósito.** Os judeus viviam fazendo intrigas secretas com seus aliados pagãos, para cujo poderio militar eles olhavam com esperanças de livramento, quando deviam fazê-lo para Jeová.

**16. Que perversidade a vossa!** Eles tentavam inverter os verdadeiros valores, colocando o homem no alto da escada e Deus em baixo, supondo que a coisa criada tivesse mais valor que o criador. Mas Deus não ficaria sujeito ao julgamento mesquinho do homem nem toleraria seu comportamento como se ele existisse de si próprio, independentemente da vontade divina.

**17-24.** Uma profecia da final remoção da cegueira de Israel.

**17. Líbano** provavelmente representa o homem em seu orgulho. O orgulhoso será abatido; mas por causa desta humilhação, o arrependimento resultante faria o solo desobstruído brotar como um jardim frutífero ou um pomar (*karmel*). Mas aqueles que agora produzem os frutos da justiça poderão mais tarde, por causa da falta de cuidado e negligência, reverter para uma floresta desordenada.

**18, 19.** Deus promete um reavivamento em Israel, centralizado nos humildes e pobres do rebanho do Senhor. Então a cegueira e a surdez espirituais cederão lugar a uma prontidão para com as gloriosas verdades do Evangelho, e o resultado será um grupo alegre e cantante de crentes.

**20, 21. Os que cogitam da iniquidade.** Os materialistas rudes e inescrupulosos que dominavam a vida econômica e política de Israel

deviam receber sua justa retribuição e serem removidos do reino de Deus.

**22-24.** O Redentor certamente fará executar o Seu plano perfeito para Israel, moldando os israelitas em um povo piedoso e reverente, depois que tiverem se arrependido e aberto os seus corações às verdades de Cristo.

## Isaías 30

Sermão III. Confiança no Egito Versus Confiança em Deus. 30:1-33.

### A. A Futilidade da Aliança com o Egito. 30:1-17.

**1-5.** Aqui o Senhor pronuncia uma maldição sobre aqueles que buscam conselho humano em vez de divino, e seguem as regras da sabedoria do mundo. A **aliança** (E.R.A.; **conselho**, E.R.C.). Uma aliança secreta com o Egito para se desvencilhar do jugo da Assíria (uma política na qual Ezequias foi insensatamente atraído com a morte de Sargão, 705 A.C.).

**4. Os príncipes.** Os nobres judeus incluídos na embaixada enviada à corte egípcia, que dirigiu as negociações em Hanes (a antiga *Hwtmn'-nsw* egípcia – "Casa do filho do rei" – Heracleópolis), 80 quilômetros ao sul de Mênfis, como também em Zoã (ou Tanis) a noroeste de Delta.

**6-17.** O Senhor aqui condena a embaixada ao Egito.

**6. A Besta do Sul** (ou Neguebe, o extremo sul de Judá, que se liga ao deserto do Sinai). Aquele que levava os enviados judeus e seus presentes destinados ao rei do Egito (Sabaca). O Neguebe é, certamente, a terra onde essas criaturas barulhentas viviam.

**7. Gabarola** significa "insolente arrogância". Que nada faz. Mais literalmente, estão assentados; isto é, são indolentes.

**8.** Isaías devia inscrever em uma tabuinha, como num registro público, que Deus estava aborrecido com o povo de Judá que rejeitava a Sua palavra e pretendia esmagá-lo totalmente por causa de sua desobediência teimosa.

**10. Dizei-nos coisas aprazíveis.** É muito atualizada esta exigência da congregação a que seus dirigentes temperem suas mensagens de acordo com os desejos e preferências do povo, e que não preguem alguma doutrina pouco popular derivada da Palavra de Deus.

**11. Não faleis mal do Santo de Israel.** Eles não queriam mais ouvir sobre o Deus da Bíblia, mas apenas sobre um Deus de amor injusto que não os perturbaria seriamente quando andassem buscando seus próprios desígnios e desejos.

**13.** A parede de obstinação que edificaram para sua proteção entrada subitamente em colapso sobre eles e os esmagaria mortalmente.

**14.** Deus despedaçaria sua iniquidade (ou o muro que a simbolizava) como se fosse um vaso de barro.

**15. Não o quisestes.** Por intermédio dos seus profetas Deus os tinha advertido a que "retornassem" para Ele ; isto é, a que se arrependessem, e a que "descansassem" ou confiassem nEle, pois então Ele os libertaria do jugo da tirania do senhorio assírio. Mas eles preferiram depender dos carros egípcios, como se os cavalos e não o forte braço do Senhor dos exércitos pudessem garantir-lhes a vitória. Nos problemas que estavam para enfrentar, despojados do favor divino, eles não seriam nem sequer capazes de resistir a uma força inimiga que eles excederiam em número de mil para um (v. 17) e só alguns poucos refugiados esparsos sobreviveriam.

## **B. Conforto para o Povo de Deus Castigado e Arrependido. 30:18-26.**

**18. Por isso o SENHOR espera.** Apesar da falta de fé da nação como um todo, Jeová tratava os israelitas com paciência (e não os destruiria totalmente) até que um remanescente penitente se voltasse com fé para Ele; pois Ele prazerosamente demonstrada neles as riquezas de Sua bondade e graça. Aqueles crentes perseguidos e altos que olhavam para Ele à espera de livramento veriam um dia o juízo que Ele infligiria aos ímpios.

**19. O povo habitará em Sião.** O propósito final para o Seu povo é que possa habitar em segurança e paz na santa cidade. Por isso tinha de prepará-los e ensiná-los (traduza **Mestre** no v. 20 e não *mestres*) através de aflição e provações, dando-lhes orientação certa para cada passo, impedindo que se desviassem. Assim, através do sofrimento Ele levaria Israel a desprezar seus falsos deuses, que não podiam salvá-los do desastre (v. 22) e a abjurar totalmente a idolatria.

**23-26.** Evidentemente uma das glórias do Milênio (uma vez que este tipo de prosperidade não é adequada à existência celestial).

**25. No dia da grande matança** refere-se ao Armagedom, quando os baluartes dos perversos terão se desfeito em ruínas. A luz intensificada de 30:26 é símbolo do glorioso livramento e paz que haverá quando o reino de Davi for estabelecido sobre a terra.

### **C. Destruição do Poder Mundial. 30:26-33.**

**27, 28.** O profeta descreve, com rico simbolismo, a terrível devastação a ser executada sobre as nações rebeldes da terra no último grande conflito, um sinal da qual seria a imediata destruição do exército de Senaqueribe. Mas mesmo quando essas taças da ira divina estivessem sendo derramadas sobre o mundo perverso, o redimido povo de Deus habitaria em paz e alegria, reconhecendo que Ele está operando Seus propósitos de justiça e vindicando a autoridade de Sua santa lei diante dos anjos e homens. Os tamborins e as harpas de 30:32 constituem a orquestra que fada ecoar louvores ao Senhor em Jerusalém quando o exército assírio fosse destruído de maneira sobrenatural.

**33. Tofete** (E.R.C.). O nome de um lugar onde se adorava Moloque no Vale dos Filhos de Hinom, exatamente do lado de fora da extremidade sudoeste de Jerusalém. Ali, judeus idólatras, desde o tempo de Acáz, executavam abomináveis sacrifícios de crianças (II Reis 23:10), utilizando fornos especiais com este propósito. Possivelmente o rei aqui mencionado não é o rei da Assíria (pois Senaqueribe não teve um rim assina), mas antes Moloque, o deus-rei. Uma fornalha ou o Tofete da



destruição estava sendo preparado para a Assíria semelhantemente à fornalha dos sacrifícios no Vale de Hinom. Talvez deva-se entender aqui o fogo do inferno do juízo final.

### Isaías 31

Sermão IV. Deus, não o Egito, Deve Ser a Defesa de Jerusalém. 31:1-9.

**1-3.** O desastre está aguardando aqueles que confiam na força humana mais do que em Deus. Os auxiliares (v. 3) eram, certamente, os egípcios, e os ajudados eram os judeus que efetuaram uma aliança com eles contra a Assíria.

**4-9.** Deus defenderia Jerusalém sem ajuda humana. Primeiro Ele foi comparado a um leão, invencível e intrépido diante de todos os atacantes quando protege os seus. Depois o Seu cuidado atento foi comparado ao das aves que protetoramente pairam sobre os ninhos quando ameaçados.

**Poupa-la-á** no versículo 5 é da mesma raiz de *pesah* ou Páscoa. A intimação a que se arrependam e abandonem a idolatria (v. 6) está acompanhada de uma garantia que os judeus sitiados em Jerusalém, na pior das situações, com os assírios trovejando diante dos seus portões, abandonariam os seus ídolos e se lançariam totalmente sobre Jeová. O versículo 8 contém uma predição muito notável que diz que nenhum exército humano destroçará o inimigo, mas um golpe direto de Deus.

**9. A sua rocha**, isto é, a força dos assírios desapareceria da Palestina, fugindo para Nínive. A bandeira. Talvez a bandeira que os judeus usavam na batalha, a qual sem dúvida trazia o nome de Jeová sobre ela.

### Isaías 32

Sermão V. Livramento Final de Israel e Sua Renovação Espiritual. 32:1-20.

A destruição do exército assírio aponta profeticamente para o final conflito mundial, o qual introduzirá o governo de Cristo, o perfeito Rei

de Israel. O reino de Cristo preencherá o ideal divino de uma nação santa, administrando uma justiça perfeita por toda a terra. O Rei divino fornecerá abrigo total a todos os que procurarem se refugiar nEle e satisfará suas almas sedentas com água viva. (Observe como todas essas bênçãos já estão à disposição na presente dispensação para aqueles que são cidadãos espirituais do seu reino invisível.) Ele concederá aos crentes a visão espiritual e um poder de ouvir que jamais falharão, um coração compreensivo e um testemunho luminoso resultantes da completa transformação do novo nascimento. Sob o Seu governo e influência, os homens já não serão mais enganados pelo príncipe das mentiras mas verão claramente a diferença entre a sabedoria moral e a loucura, discernindo como é fátua a vida entregue ao mal. Os padrões divinos de juízo finalmente se tornarão os padrões humanos.

**9-14.** O profeta emite uma advertência severa à sociedade feminina mundana de Jerusalém para que saiba a devastação da guerra acabará com seus rendimentos e a lançará na pobreza (v. 10). Elas, as mulheres, teriam de enfrentar grandes apuros e tristes lamentações quando suas mansões fossem destruídas e suas propriedades arruinadas se transformassem em lugares desertos na passagem do flagelo de Senaqueribe. (Virtualmente toda cidade judia além de Jerusalém foi saqueada e queimada na campanha de 701, e as localidades do interior ficaram despovoadas pela passagem dos assírios.)

**15-20.** A luminosa promessa que apontava o futuro era que depois da completa devastação da terra (isto parece apontar para a futura invasão caldaica e mais além), o Espírito Santo seria derramado sobre o povo de Deus. Isto aconteceria no Pentecostes, como já sabemos agora, e o deserto árido de almas não convertidas seria transformado em jardins frutíferos. Mas à luz de 32:18 é necessário que se veja nisto também uma promessa do grande reavivamento dos "últimos dias". Junto com aquele misericordioso derramamento viria prosperidade sem precedentes e fertilidade, até mesmo em terras então estéreis. E as condições da justiça e paz salvaguardariam os produtos do trabalho de cada homem. A guerra

seria completamente abolida, depois que a floresta do poder e orgulho humano fosse derrubada pelo granizo do juízo divino.

**20.** Isto parece se aplicar às terras bem aguadas e frutíferas a serviço de Israel nos últimos tempos, onde seu gado pode pastar desimpedido.

### Isaías 33

Sermão VI. Castigo aos Traidores e Triunfo de Cristo. 33:1-24.

**1-6.** Uma profecia do triunfo de Jeová sobre os assírios traidores. Veja II Reis 18:14-36 quanto à narrativa de como Senaqueribe primeiramente aceitou a indenização que arruinou Ezequias, exigindo depois rendição incondicional. Os versículos 2, 3 expressam o apelo dos judeus crentes a Jeová pedindo livramento na crise vindoura, e sua admiração e louvor diante de Sua intervenção especial e derrota dos gentios invasores.

**4. O vosso despojo.** O profeta dirige-se diretamente aos assírios considerando-os um inimigo derrotado. O versículo 5 é uma afirmação da gloriosa soberania de Deus, que seria demonstrada no desastre assírio. Em Sua Palavra revelada e no Seu santo Templo Ele encheu Sião de bênçãos de justiça e integridade, manifestando estas qualidades em Sua própria e maravilhosa maneira de tratar com Israel.

**6. Sabedoria e conhecimento.** Uma referência às bênçãos do reavivamento sob a liderança de Ezequias, especialmente nos últimos anos do seu reinado. **Teu** se refere à Judá daquela geração.

**7-12.** Um quadro da situação de Judá quando Senaqueribe devastaria a terra, rejeitando desdenhosamente a paz oferecida por Ezequias. A anterior aceitação da indenização por parte dos assírios implicava em uma aliança de paz, que ele quebraria. Na situação extrema de desamparo em que Judá se encontrava, Jeová se levantaria para destruir o exército invasor, denunciando seu orgulho como coisa sem valor, e sua provocação como ocasião propícia para cumprimento de seu destino terrível. **Como se queima a cal** (v. 12) dá a entender que é uma

queima tão completa, que só cinzas restariam, como o montinho que resta depois que a cal é quebrada.

**13-16.** O Senhor faz todos os observadores notarem a moral do Seu juízo para com Senaqueribe. Os pecadores não convertidos de Judá ficariam consternados diante desta prova do poder de Deus, pois implica em uma ameaça que suas próprias iniquidades também seriam visitadas. Eles veriam que apenas um crente sincero e honesto pode se sentir seguro diante da chama perpétua da justa vingança de Deus – **chamas eternas** (v. 14). A única segurança verdadeira é a vida piedosa que segue as leis divinas do modo prático. Nenhum lugar é tão seguro como o centro da vontade de Deus. Ali o crente está rodeado pelo cuidado protetor do Senhor e fica defendido contra todos os possíveis assaltos (v. 16).

**17-24.** Esta passagem, a julgar pela declaração que Jerusalém será inviolável, é um vislumbre do reino milenial. Portanto o rei de Israel (v. 17) deve ser Cristo em seu esplendor real, reinando sobre um território mundial.

**18, 19.** O Todo-poderoso profetiza a remoção completa do cenário dos "assírios" dos últimos tempos, depois de seu abortivo cerco a Jerusalém. O sossego imperturbável da Cidade Santa indica um período após a conclusão do "tempo dos gentios" (cons. Lc. 21:24). A presença de Jeová em uma Sião obediente e fiel assegurará sua defesa inexpugnável (v. 21). Ela será como uma cidade rodeada por fossos protetores – impenetráveis aos navios inimigos – e correntes férteis. Não um simples homem governa sobre Israel, e mas o próprio Deus Jeová, e isto garante sua libertação final. Mas o navio invasor da Assíria (figuradamente falando) cairá desamparado por terra, com suas talhas soltas; e todo o seu conteúdo será o despojo dos defensores hebreus. Até mesmo os judeus aleijados (v. 23) serão capazes de subir a bordo para pilhar o desamparado atacante. Não haverá mais doença espiritual na terra limpa e perdoada do Israel dos últimos tempos.

---

VOLUME VI. REPREENSÕES E PROMESSAS GENERALIZADAS, II.  
34:1 – 35:10.**Isaías 34**

Sermão I. Destruição Total do Poder do Mundo Gentio. 34:1-17.

**1-7.** A ira judicial de Deus será derramada sobre todas as nações rebeldes da terra e poderes satânicos. Aqui temos descrita a cena da carnificina que resultará da Batalha do Armagedom. O exército dos céus (v. 4) parece referir-se às forças angélicas que se opõem a Deus, em colaboração com a humanidade não convertida (cons. Ef. 6:12 – "as forças espiritual do mal, nas regiões celestes"; cons. Mt. 24:29; Ap. 6:12). Também está envolvida uma remoção ou alteração dos céus (inferiores?) como são atualmente constituídos, introduzindo os "novos céus e uma nova terra" (cons. Is. 65:17).

**5-7.** A profecia aqui representa a destruição da humanidade pagã segundo o exemplo de Edom, ou a Iduméia, a nação amaldiçoada por Deus (v. 5). Exatamente como Edom foi um irmão separado de Israel (Esaú e Jacó foram seus respectivos ancestrais), assim os homens incrédulos são os irmãos separados e perdidos dos redimidos. Sua morte sobre o campo de batalha será como a de animais sacrificiais sobre o altar. Eis a propriedade da menção de Bozra, um famoso centro de criação de ovelhas em Edom. **Os bois selvagens** (E.R.C., **unicórnios**) e os **touros** são símbolos dos invasores conquistadores, que se vingarão por meio de uma destruição sangrenta através de toda a terra dos idumeus.

**8-15.** Uma descrição da futura desolação total dos domínios idumeus, e, por implicação, a ruína de toda a civilização que nega a Deus, constituída pela humanidade não regenerada. A completa despopulação e ocupação da região pelas feras e aves de rapina assemelha-se bastante ao que foi antes predito sobre a Babilônia (13:21, 22). Babilônia, Moabe e Edom, todas representam diferentes fases da degeneração da civilização corrupta da humanidade decaída.

**11. Destruição e ruína.** Em Gênesis 1:2, as mesmas palavras, *tohû* e *bohû*, são traduzidas "sem forma e vazia".

**16, 17.** Uma forte afirmação de que essas predições registradas por escrito no livro de Jeová, isto é, as inspiradas profecias de Isaías, se cumpririam literalmente; e essas criaturas repugnantes seriam os únicos habitantes permanentes de Edom.

## Isaías 35

Sermão II. Bênçãos no Caminho da Santidade. 35:1-10.

Em contraste completo como futuro do mundo não arrependido que se opõe a Deus está o futuro do povo de Deus.

**1,2.** O florir da vegetação do deserto simboliza a mudança interna que terá lugar na alma do redimido. Em lugar de esterilidade árida e morte espiritual haverá a linda florescência da fé recém-brotada e a grandeza mais amadurecida dos cedros do Líbano. Os redimidos refletirão, numa certa medida, a glória do Salvador que apareceu para sua redenção.

**3,4. Eis o vosso Deus . . . ele vem.** Uma certeza confortadora aos desanimados e desalentados de que o Senhor intervirá no cenário mundial, para fazer a sociedade se sujeitar às exigências da justiça e para livrar o Seu povo dos opressores.

**5-7.** Uma garantia de que a força divina substituirá a fraqueza do homem. Os crentes serão capazes de ver a verdade de Deus e de ouvir a Sua voz, de andar nos Seus caminhos desimpedidos e de cantar Seu testemunho e louvor. Refrigério rico e satisfatório será sua porção constante, em lugar do calor cauterizante e da sede ressecante do seu passado não regenerado.

**7.** Observe que **a areia esbraseada** talvez fosse o termo hebraico para "miragem do deserto", que zomba do viajante sedento com uma visão enganosa de água no horizonte.

**8-10.** O povo redimido andarà pelo **Caminho Santo**, do qual a corrupção moral ficará excluída, como também os leões vorazes da

malignidade satânica. Sobre aquele caminho até mesmo o viajante tolo e desprevenido, uma vez redimido e regenerado, poderá viajar sem se perder. E aqueles que viajaram para a Cidade Santa por este caminho vindos da Babilônia, a Cidade da Destruição, se caracterizarão por uma alegria especial da qual o mundo nada sabe, e cantarão uma canção especial de ação de graças que os não salvos não são capazes de enunciar.

## VOLUME VII. O LIVRO DE EZEQUIAS. 36:1 - 39:8.

### **A. A Destruição de Judá Afastada. 36:1 - 37:38.**

#### **Isaías 36**

Cena I. Jeová Desafiado pelo Poder Material da Assíria. 36:1-22.

Nesta absorvente narrativa, de um lado da arena está o arrogante e cruel poder do mundo, com todas as vantagens materiais do seu lado. Do outro está o frágil remanescente de Judá, não tendo recurso além do próprio Deus. Temos aqui um texto histórico para demonstrar de uma vez por todas que Jeová é o único Deus verdadeiro, o Soberano de toda a terra.

**1. No ano décimo quarto** parece referir-se ao segundo reinado de Ezequias, o período adicional de quinze anos que foram acrescentados ao rei por ocasião de sua doença mortal registrada em Is. 38. A doença deve ter ocorrida em 714 A.C., ou onze anos depois da morte de Acáz, o pai de Ezequias. Senaqueribe começou o seu reinado em 705 A.C., e gastou a maior parte do seu tempo desde então sufocando rebeliões em diversas partes do seu império. **Todas as cidades fortificadas.** O próprio registro de Senaqueribe apresenta uma lista de quarenta e seis cidades.

**2. Rabsaquê.** Não um nome próprio, mas o título de um alto funcionário da corte (originalmente um mordomo, uma vez que o nome significa "copeiro-mor"). Observe que o seu desafio foi feito exatamente no ponto em que Isaías confrontou-se com Acáz vinte e três anos antes (cons. Is. 7).

**3. Eliaquim e Sebna.** Cons. 22:15-25.

7. Com muita astúcia o assírio apelou para o partido idólatra de Judá, que se aborrecera com as reformas de Ezequias.

**8. Empenha-te.** *Faça uma troca com.* Ele lhe lançou em rosto sua triste incapacidade em matéria de carros e cavalos. Eles não tinham número suficiente de homens treinados para manejarem dois mil cavalos mesmo se a Assíria lhes desse tantos.

**10.** A arrogância blasfema de Senaqueribe em clamar pela autorização de Jeová contém dentro dela um desconcertante elemento de verdade (cons. 10:5, 6).

**11.** Neste período precoce, o aramaico – língua síria – já estava se tornando a língua falada em todo o Oriente Próximo (em substituição ao acadiano, língua nativa de Rabsaquê, que desfrutara desse status no milênio anterior). Mas o judeu comum, destreinado para o comércio com os estrangeiros, não o conhecia.

**17.** A política assíria anda era a de deportar populações rebeldes, exatamente como acontecera no caso das dez tribos em 721. Observe que isto é uma oferta de segurança econômica ao preço da liberdade, uma oferta feita pelos correlativos da Assíria hoje em dia.

**18-20. Acaso os deuses das nações livraram cada um a sua terra.** O rei assírio considerava a subjugação desses principados do norte da Assíria como um triunfo sobre os deuses das diversas nações. Certamente, ele arrazoava, nenhum deus poderia ser maior e mais forte do que a nação que o servia. A derrota de Israel poderia ser interpretada como a derrota do Deus de Israel.

**Isaías 37**

Cena II. A Assíria Recebe a Resposta e é Julgada. 37:1-38.

**1. Ezequias ... rasgou as suas vestes** em sinal da mais profunda humilhação e desespero: Ele sabia muito bem até que ponto era responsável pelo terrível golpe que fora desferido contra o seu reino. Ele ignorara as advertências divinas (cons. Is. 30; 31) e assinara a desastrosa



aliança com o Egito. Agora só podia retroceder em penitência junto ao profeta cujas advertências tinha ignorado.

**3. Porque filhos são chegados à hora de nascer.** A situação de Judá assemelha-se ao impasse desesperado de uma criancinha que se aloja na abertura do ventre e não consegue passar. A morte ameaça tanto a mãe como a criança.

**6, 7.** A primeira resposta de Deus ao desafio de Senaqueribe foi o de predizer que: a) um rumor de ataque inimigo faria Senaqueribe interromper o cerco; b) ele retornaria à Assíria. sem renovar o cerco; c) ele seria assassinado lá.

**8. Libna** ficava a menos de 16 quilômetros ao norte de Láquis e exatamente abaixo da fronteira de Dã.

**9.** Tiraca não era rei nessa ocasião, mas sim Sabaca. Portanto, Tiraca devia ser o comandante-em-chefe das forças expedicionárias do Egito em 701 A. C. Seu reinado como rei do Egito não começou antes de 688 A.C. (Ou talvez este Tiraca fosse de uma geração anterior à daquele que veio a ser rei, uma vez que algumas inscrições indicam que o último teria sido apenas uma criança nessa ocasião.)

**12. Gozã** era em Padã-Arã, cerca de 288 quilômetros a oeste de Nínive. Harã ficava ainda mais a oeste, cerca de 112 quilômetros. Embora **Rezefe** e Telessar ficassem na região da Mesopotâmia do norte, sua localização não é certa. As cidades citadas em 37:13 ficavam todas na Síria, ao norte de Damasco.

**15.** Tão profunda era a preocupação do rei e a sua tristeza diante do insulto feito ao Senhor Deus que ele dispensou qualquer mediação profética e foi diretamente a Deus.

**16. Que estás entronizado acima** (E.R.A.) e não **que habitas entre** (E.R.C.). Isto é, os querubins do propiciatório da arca da aliança no Templo.

**19.** Sob as aparentemente desesperadas circunstâncias que Ezequias enfrentava, esta declaração direta da divindade única de Jeová e da não existência dos deuses dos pagãos comprovou uma fé resoluta.

**20.** Ele fundamentou o seu pedido sobre a necessidade de vindicação da glória de Deus, não sobre suas próprias necessidades pessoais ou as de seu povo (pois ele compreendeu que não tinham direito nenhum ao favor divino).

**21-29.** A segunda resposta de Deus, dirigida a Senaqueribe pessoalmente desta vez, como também a Ezequias.

**23.** Muito significativo é o título **o Santo de Israel**, pois era a esta altura que Jeová ia demonstrar Sua imensurável superioridade sobre suas criaturas, e Seu compromisso pessoal para com Israel, Sua possessão preciosa.

**24.** Os **cedros e ciprestes** do Líbano eram madeiras de primeira escolha para os madeireiros cortarem. Os assírios julgavam derrubar as maiores nações, incluindo o povo que Deus escolhera de maneira especial.

**26.** Como era fátua o orgulho da Assíria, pois seus exércitos foram vitoriosos até então apenas pela ordenação do próprio Deus que ela desafiara.

**29.** Deus humilharia a Assíria tratando-a como besta fera subjugada por meio de ganchos (especialmente usados para subjugar touros) e freios, e competindo-a a voltar para casa sem a realização dos seus objetivos.

**30-32.** O Senhor designara um sinal confirmatório da autoridade divina além desta garantia: Os judeus ficariam livres para retomar aos seus campos arruinados e colher livremente os renovos; isto é, os cereais que brotariam dos grãos caídos na colheita anterior (tendo a invasão durado portanto até muito além do outono). No ano seguinte eles também ficariam grandemente dependentes do crescimento espontâneo, uma vez que suas casas, equipamentos e gado teriam de ser reparados e substituídos. No outro ano eles se ocupariam de sementeiras, araduras e colheitas, pois os saqueadores assírios não voltariam mais. (Isto, certamente, é o cumprimento para o qual este "sinal" aponta, e não para a mais imediata destruição do exército de Senaqueribe.)

**31,32.** Deus assegurou que os refugiados presos por trás das muralhas de Jerusalém se espalhariam e estabeleceriam suas cidades e vilas (durante os 113 anos de intervalo antes da queda de Jerusalém para os caldeus).

**33.** Depois de se retirar para ir ao encontro dos egípcios em Elteque, Senaqueribe não retornaria para recomeçar o cerco, mas voltaria depressa para casa pelo caminho mais curto.

**35.** A base do livramento divino para Jerusalém não era o mérito daquela geração mas antes suas promessas feitas na aliança a Davi antigamente.

**36.** A suposição costumeira é que o Senhor usou um súbito irrompimento de peste bubônica transmitida por ratos para provocar essa mortandade. Heródoto registra uma tradição que fala de uma praga de ratos silvestres que roeram todas as cordas dos arcos dos assírios durante a campanha egípcia.

**38.** Este assassinato parece ter acontecido vinte anos mais tarde, em 681 A.C. A ortografia assíria desses nomes era *Adamiki* e *Shar-usur* (cujo crime está mencionado em inscrições de Esaradom e Assurbanipal). O nome do ídolo ainda não foi identificado nos registros assírios, anão ser que **Nisroque** seja uma variante de Nusku. (Schrader explica-o como partícipio de *saraku*, significando "O Despenseiro" ou "O Benévolo". Este talvez fosse o título de alguma divindade muito conhecida.) A **terra de Ararate** era a Armênia central. A tradição armênia conta que esses parricidas viveram e instituíram influentes dinastias naquela terra.

## **B. A Destruição do Rei de Judá Afastada. 38:1 – 39:8.**

### **Isaías 38**

Cena I. Ezequias se Recupera de Enfermidade Mortal. 38:1-22.

Os versículos 5, 6 deste capítulo mostra claramente que por ocasião da enfermidade de Ezequias a ameaça assíria à existência de Judá não se

manifestou por muitos anos, presumivelmente não até o final dos quinze anos adicionais na vida do rei. Portanto esta doença deve ter ocorrido muito tempo antes dos acontecimentos dos capítulos anteriores. Porque a ordem cronológica foi assim violada no arranjo do material deste livro? Porque a profecia do cativo final na Babilônia para Judá surgiu da loucura de Ezequias em exibir suas riquezas aos enviados caldeus. Isto, por sua vez, formou o cenário para os acontecimentos da última parte do livro (caps. 40-66), que tende a centralizar a atenção sobre o Exílio e a volta a Jerusalém. Quanto à enfermidade propriamente dita, parece que foi um sério carbúnculo ou abscesso, até mesmo um câncer (veja v. 21).

**3. Com inteireza de coração**, isto é, com um coração inteiramente sincero e devotado. Ele não alegou perfeição sem pecado, nem o hebraico *shalém* carrega tal conotação.

**8.** À luz das atuais informações torna-se impossível assegurar quantos passos ou graus indicava este relógio do sol de Acaz. Talvez indicasse meias horas ou até mesmo quartos de horas. Não podemos também ter certeza se este milagre envolveu uma real inversão da rotação da terra (que teria ocasionado violentos distúrbios geológicos), ou foi causado por alguma condição atmosférica especial envolvendo alguma refração sem precedentes dos raios solares.

**10-14.** A perspectiva de uma morte dolorosa e prematura fez Ezequias mergulhar em angústia e desespero.

**12. A minha habitação** (E.R.A.; de *dôr*) e não **o tempo da minha vida** (E.R.C.). Em vez de me cortarás, leia-se eu enrolei. Isto é, a tira de tecido, agora pronto, foi enrolado em uma peça de fazenda.

**13. Espero com paciência**, ou *eu acalmei*, ou aquietei (minha alma) **até à madrugada; mas ele como leão me quebrou todos os ossos**. Uma expressão proverbial indicando aguda angústia mental e desespero de alma).

**15-20.** O tema do segundo movimento deste salmo é ação de graças pela misericórdia divina.

**15.** Deus falou ao rei poderosamente através desta grande case em sua vida. **Passarei tranqüilamente.** Antes, *andarei em solene procissão* por causa da (anterior) amargura de minha alma.

**16. Por estas disposições.** Por tais divinas providências como a enfermidade severa ou o perigo. Vivem os homens; isto é, alcançam vida prolongada ou ao salvos (espiritualmente).

**17.** Traduza-se de acordo com a E.R.A.: **Eis que foi para minha paz que tive eu grande amargura.** Por meio desta provação ele aprendeu uma lição muitíssimo valiosa.

**18. A sepultura.** Mais apropriadamente, *Sheol*. Os habitantes das regiões infernais não podem manter comunhão com Deus como aqueles que ainda vivem sobre a terra. No sheol, de acordo com a teologia cristã, os mortos ficavam presos em local aguardando o dia da ressurreição de Cristo (ou o Dia do Juízo).

**19.** Naturalmente é impossível aos pais, depois de mortos, falar a seus filhos sobre Deus.

## Isaías 39

Cena II. O Louco Orgulho de Ezequias e a Repreensão Divina. 39:1-8.

**1.** Na Babilônia. **Merodaque-Baladã** era *Marduk-apla-iddina*. "Marduque deu um filho". Em 721 este líder caldeu assumiu o controle da Babilônia e foi aceito como vassalo de Sargão. Esta sua embaixada congratulatória enviada a Judá em 712 A. C. teve o motivo principal de interessar Ezequias em uma conspiração contra a Assíria. Mas dois anos mais tarde Sargão tomou a Babilônia, e fez do caldeu um prisioneiro em 709.

**5.** Deus deixara estes tesouros em custódia, mas Ezequias os considerou como seus e perdeu uma bela oportunidade de dar um testemunho espiritual a esses enviados pagãos. Ele assumiu toda a glória e não a concedeu a Deus.

6. Esta muito explícita predição cumpriu-se ao pé da letra nos dias de Nabucodonosor. Todo esse tesouro foi levado à Babilônia como presa de guerra (e não para Nínive, a capital da Assíria, como a percepção humana teria suposto.)

8. Ezequias sentiu a justiça da repreensão divina e submissamente se inclinou diante dela. Ao mesmo tempo apegou-se à garantia confortadora de que pelo menos este cativo babilônico não aconteceria durante a sua vida.

## VOLUME VIII. O LIVRO DO CONFORTO. 40:1 – 66:24.

### Seção I. O Propósito da Paz. 40:1 – 48:22.

#### **Isaías 40**

Sermão I. A Majestade Soberana de Jeová, o Confortador. 40:1-31.

**1-11.** O Espírito de Deus aqui proclama conforto divino. Não se declara neste capítulo (nem em Is. 41; 42) o que tinha acontecido a Israel. Nem se refere especificamente ao Exílio nem à restauração da terra. Declara-se simplesmente que Israel teria passado por um severo alistamento militar (milícia, v. 2) e recebera dupla penalidade de Deus por causa dos seus pecados.

**1. O meu povo.** A linguagem misericordiosa do Deus compassivo que cumpre a aliança. **Consolai.** Uma convocação de todos os verdadeiros profetas de Deus, desde o tempo de Isaías até o final do Exílio.

**2. Falai ao coração,** literalmente; isto é, para acalmar ou tranqüilizar. **A sua iniquidade está perdoada.** Mais literalmente, *foi expiada*. **Em dobro** talvez se referia a: a) o castigo temporal de setenta anos de cativo, e b) o castigo eterno colocado sobre a pessoa de cristo, o expiador dos pecados no Calvário.

**3.** A implicação aqui é que Jeová teria de retornar a Jerusalém através da rota do deserto pela qual os exilados retomariam da Babilônia, e que preparativos adequados para o seu advento seriam a remoção dos

obstáculos e o alisamento do caminho. Mas da aplicação quê Mateus faz deste versículo ao ministério de João Batista (Mt. 3:3) está visível que estes aspectos geográficos simbolizam a falta de vida de uma alma não convertida. As montanhas, portanto, representara o orgulho carnal do pecador, e os vales sua disposição de desamparo e auto-piedade carnis.

**5. A glória do SENHOR** deveria ser revelada por intermédio de: a) Ciro libertando os exilados do cativoiro da Babilônia e a sua restauração à terra da promessa; b) Cristo libertando os escravos de Satanás e sua adoção na família de Deus. **Toda a carne.** Toda a humanidade deve testemunhar desta divina intervenção em benefício do povo redimido.

**6, 7.** Em si mesmo, o homem é tragicamente fraga e transitório e a sua beleza se desvanece rapidamente. Sua vida é desprovida de verdadeira dignidade ou significado. Mas a eterna e infalível Palavra de Deus concede à humanidade crente um significado e uma glória imperecíveis.

**9-11.** A tradução da E.R.A., aqui, **Tu, ó Sião, que anuncias boas novas** (isto ó, que pregas o Evangelho) é preferível à da E.R.C.: **Tu o anunciador de boas novas a Sião.** Esta última não explica que personagem feminino poderia ser este que deveria evangelizar a Sião (pois o "tu" está no feminino no hebraico). Jerusalém, a Cidade Santa, deve anunciar a vinda de Jeová a todas as outras cidades de Judá.

**10. Com poder.** A sua recompensa, isto é, benefícios aos justificados e retribuição aos ímpios.

**11. Apascentará . . . recolherá . . . levará . . . guiará.** Uma predição lindamente explicada e vivida pelo nosso Senhor Jesus Cristo.

**12-17.** Estes versículos apresentam uma figura incomparável de Jeová como o Criador infinitamente grande e sábio. De acordo com a mitologia pagã, os deuses dos pagãos foram gerados da matéria pré-existente. Mas este Deus da revelação sempre foi eternamente pré-existente antes da criação, e permanece transcendente acima da Sua criação, totalmente inacessível em sabedoria e profundidade de

pensamento. Isto estabelece o cenário para a denúncia da idolatria (vs. 18-20) em todo o seu deplorável despropósito. A feitura de uma imagem esculpida fala eloqüentemente sobre o fato de que o próprio deus pagão não passava de uma criatura da imaginação do homem.

**21.** Até mesmo os ancestrais dos gentios (Adão e Noé, por exemplo), no começo da história, conheciam o único e verdadeiro Deus-Criador.

**22.** Observe que **redondeza** (*hûg*) é compatível com a noção que temos da terra como uma esfera (ou de formato discóide).

**23.** Os grandes desta terra – até mesmo um Senaqueribe ou Nabucodonosor – como simples refugo (*nada*), inútil diante do Soberano onipotente. Eles são como sementes sem raízes que são rapidamente varridas do solo sobre o qual pensaram (v. 24). **26.** A grandeza dos céus estrelados é um lembrete de quão insignificante e infinitesimal é o homem.

**27-31.** Se, então, o Deus de Israel é este onipotente Criador e Soberano, Seu povo não precisa temer que seus problemas e dificuldades sejam demasiado difíceis para Ele resolver, ou que Ele seja incapaz de julgar seus injustos opressores (embora os longos anos do cativeiro de Israel possa lhe ter dado tal impressão). Seu poder de libertar e vingar jamais se reduz por causa de cansaço ou excesso de trabalho. Sua sabedoria em ordenar os negócios humanos está além da compreensão dos homens. Para os Seus filhos, que têm falta de força e resistência, Ele concede literalmente tudo o que necessitam para o seu constante progresso e realizações espirituais, contanto que confiem nEle em oração e esperança.

## Isaías 41

Sermão II. O Desafio de Deus aos Incrédulos Idólatras. 41:1-29.

**1-7.** Jeová, como Senhor do destino das nações e dos homens, declara aqui Sua onipotente providência. As **ilhas** ou *litoral* (v. 1). As terras do Mediterrâneo. Os **povos**. A humanidade em geral, como um



agregado de unidades nacionais. Deus condescende em arrazoar com eles na base dessa inteligência e consciência relacionada com a lei moral que implantou em seus corações por meio da graça comum.

**2. Do oriente** (ou *lugar onde nasce o sol*) O futuro conquistador da Babilônia. Ciro, o Grande, da Pérsia (558-529 A.C.). Ele viria como servo ungido de Deus (45:1), um tipo de Cristo, o Libertador do povo de Deus que se encontrava na escravidão. Isaías destaca o valor evidente do futuro cumprimento dessas predições referentes ao irresistível triunfo de Ciro sob as bênçãos divinas.

**3. Persegue . . . passa . . . trilharam.** Traduza-se como tempo presente ou futuro.

**4.** A queda iminente da Babilônia e o sucesso de Ciro demonstrada que este Deus de uma pequena nação desprezada e exilada é verdadeiramente o Eterno, o Ordenador dos destinos dos homens.

**6, 7.** O ídolo manufaturado pelos pagãos é um artifício carnal com o desígnio de dar aos homens algum senso de segurança em face das forças sobre-humanas da vida.

**8-20.** Israel, como o povo escolhido do Todo-poderoso, é um instrumento de Sua providência soberana.

**8.** O primeiro aparecimento da momentosa figura do Servo do Senhor. O Servo aqui é a nação de Israel, crente, em oposição aos gentios incrédulos. O significado do povo de Israel jaz nos fatos: 1) os israelitas são descendentes de Abraão, o amigo de Deus (lit., *meu amado*); e 2) são, portanto, herdeiros das promessas da aliança (Gn. 12:1-3). Como imigrante de Ur na Suméria, Abraão veio dos "confins da terra" (do ponto de vista palestino, pelo menos). Portanto os prisioneiros exilados teriam de ser reunidos de volta da Babilônia, em 537 A. C.

**10.** Embora nenhuma nação exilada na história tivesse jamais sido levada de volta para recomeçar a vida em sua terra natal, e muito embora o governo gentio não tivesse meios práticos de introduzir os judeus a retomarem para casa, Deus tornada em realidade esta aparente impossibilidade. Nas palavras deste versículo Ele procurou fortalecer o

Seu povo para que pudesse triunfar sobre qualquer poder material (Babilônia, Pérsia, Grécia ou Roma) que procurasse extinguir o seu testemunho. Todos esses impérios pagãos seriam derrotados e desapareceriam, enquanto o povo de Jeová continuaria existindo e se desenvolvendo. Incrível profecia que se cumpriu espantosamente!. Não que Israel alcançaria grande poder mundial, mas o seu Deus seria sua força constante. Em si mesma Israel não passava de um frágil **vermezinho** (v. 14), a ser desprezado e pisado pelo mundo. Mas como instrumento submisso nas mãos de Deus, seria o meio de derrotar as mais poderosas nações, arruinando-as. As orações dos fiéis desencadeiam os maiores poderes da história humana, e até mesmo os invencíveis exércitos da Pérsia, Grécia o Roma seriam reduzidos a cacos diante dos decretos divinos, deixando o povo de Deus triunfante no meio de suas ruínas.

**17-20.** Estes versículos apresentam com rico simbolismo a transformação de vida que Deus prometeu realizar no Israel espiritual. Tanto na geração que retornaria da Babilônia como em todas as gerações subseqüentes, Ele garantiu que supriria as necessidades físicas e espirituais da nação-serva. Até nas mais desesperadoras dificuldades e nos momentos dos mais graves perigos, Deus proveria abundantemente de tudo o que seu povo pudesse precisar, revigorando suas almas com o mais doce refrigério, mostrando-lhe jardins e bosques liildos e cheios de sombra para seu deleite espiritual. As sete espécies de árvore do versículo 19 simbolizam a perfeição da obra de Deus neste sentido.

**20.** Tal provisão misericordiosa fortaleceria grandemente a fé do povo de Deus quando reconhecesse e se regozijasse em sua fidelidade.

**21-29.** Voltando-se agora para os gentios adoradores de ídolos, Jeová os desafia a provar a realidade e o poder dos seus ídolos por meio da prova da profecia e o seu cumprimento (v. 22). Seu povo acusa esses falsos deuses de serem totalmente incapazes de predizerem sua vontade e propósitos, através dos seus profetas, para depois executá-los. Mas Jeová (v. 25) declara o Seu propósito de suscitar iso anos mais tarde – um

irresistível conquistador do oriente (fazendo o seu ataque pelo norte), que respeitaria o nome de Deus e executaria seus planos. Os deuses imaginários dos pagãos não poderiam realizar um feito igual a este.

**27. Eis! ei-los aí!** Isto é, eis o cumprimento das minhas predições. Então: "Eu sou o que primeiro disse a Sião: Eis! ei-los aí! e a Jerusalém dou um mensageiro de boas novas". (Isto é, o próprio Isaías).

**28. Não há ninguém.** Nenhum profeta entre os devotos aos ídolos.

## Isaías 42

Sermão III. O Servo de Jeová - Individual e Nacional. 42:1-25.

**1-4.** O Messias-Servo está apresentado como o Profeta compassivo (uma passagem que se aplica ao Senhor Jesus em Mt. 12:18-20). O Servo agora é obviamente um indivíduo e não a nação de Israel como um todo. Deus **se compraz** ou "se agrada" dele (cons. Mt. 3:17). Como o Escolhido, Ele seria a Cabeça que controlada o povo eleito de Deus. Ele seria especialmente capacitado pelo Espírito Santo (cons. Is. 11:2). Evitando toda a ostentação ou auto-exibição, Ele exerceria um ministério silencioso e despretensioso (embora multidões, como sabemos, correriam para Ele nos campos e montanhas). Mansamente Ele evitaria esmagar a **cana quebrada** (v. 3). isto é, o pecador contrito, ou extinguindo o testemunho frágil do mais fraco dos crentes. Ele teria um ministério para com todas as nações, aplicando o **direito** (nos vs. 1, 4 *mishpat* implica em padrões ou princípios de santidade e verdade divinas – a verdadeira fé do evangelho). Além disso, esta sua mensagem e padrão se enraizaria permanentemente no mundo, até mesmo nas *ilhas* ou **terras do mar** do ocidente.

**5-9.** A missão dupla do Servo de Deus seria: a) realizar as promessas da aliança feitas a Israel; b) levar a luz da revelação aos gentios. O Criador e Sustentador da vida apoiada e sustentada o Servo em sua missão terrena (v. 6). O Evangelho do Servo operaria para libertação de todos os crentes da prisão do pecado (v. 7). Toda a glória

da previsão exata dos acontecimentos vindouros deve ser dada a Deus somente. Ele não a partilhará com os deuses inventados pelos homens.

**10-13.** Estes versículos apresentam os gentios cantando louvores por sua libertação e conversão e se regozijando com o Israel fiel porque Deus derrotou todos os seus inimigos, abalou os impérios e sistemas intelectuais hostis à Sua autoridade e verdade. A vitória culminante será, naturalmente, o grande conflito final do Armagedom.

**14-17.** Estes versículos apresentam a promessa de que Deus executaria o juízo devido para com os pagãos e ternamente restauraria Seu povo castigado. Tendo se controlado durante seus sofrimentos disciplinares, agora Ele explodiria em juízo contra os poderes pagãos simbolizados por essas montanhas e colhas e as muitas barreiras de águas da Babilônia que manteriam os exilados judeus no cativeiro (v. 15).

**16. Os cegos.** Os judeus apóstatas e desviados, que estavam para passar por sofrimento a fim de abandonar sua idolatria e retornar a Deus. Por sua longa noite de desgraça e tristeza, o Senhor daria renovação espiritual, e Ele alistaria todas as dificuldades que obstruíssem sua volta à Palestina. Mas os idólatras pagãos que se apegavam às suas abominações Ele os desacreditaria e destruiria.

**18-25.** Aqui Jeová chama a atenção para a estranha e inexplicável cegueira de Israel, a nação-serva. Tendo presenciado seus milagres e a sua libertação, os judeus não obstante, permaneceram obtusos e ignorantes. O propósito divino, quando Ele escolheu Israel, foi exaltar e dignificar sua santa lei através de um povo que a obedecesse. Mas, que tristeza!, os judeus ignoraram totalmente essa lei; e por isso teriam de ser espoliados por seus inimigos e levados cativos para a Babilônia.

**24.** Deus tornou claro que a derrota e o exílio teriam de ser experimentados por Seu povo, não porque Ele fosse incapaz de protegê-lo, mas antes porque Ele escolhera e determinara que os judeus fossem assim punidos.

**Isaías 43**

Sermão III. A Nação Testemunha Redimida do Cativo Caldeu. 43:1-28.

**1-7.** Aqui o Senhor promete a Israel uma restauração bendita, por causa do Seu amor o através da redenção.

**1. Eu te remi.** Aqui, como em outros lugares, a palavra "redimir" vem de *ga'al*, "servo de *go'el*, ou parente remidor". Através de Isaías Deus tornou claro que tratava a Israel como membro de Sua família; reclamaria seus direitos e cumpriria suas obrigações para com ele.

**3.** A base dessas promessas de companheirismo e libertação por meio do sofrimento e provação não foi nenhuma superioridade ou mérito da parte dos judeus, mas o favor e a graça de Deus não merecidos, e Seu compromisso de Pai para com o povo da aliança. Ele garantira aos persas, de antemão, como recompensa por terem libertado a Israel que se encontrava na Babilônia, a terra do Egito e uma porção da Etiópia, como acréscimo ao seu império (terras essas que foram acrescentadas durante o refilado de Cambises, filho de Ciro).

**4. Tu.** O povo de Israel, precioso aos olhos do Pai por estar investido das perfeições do Senhor Jesus, que lhe foram imputadas pela graça. **5.** Os exilados esparsos serão reunidos de todas as direções geográficas. Mas, por implicação, a volta à Sião, parece referir-se também à reunião de todos os eleitos (7) na Igreja de Jesus Cristo, pois ela incluirá a todos . . . os que criei para minha glória.

**8-13.** Aqui a nação-serva foi apresentada como testemunha divina ao mundo gentio. Israel restaurado, curado de sua cegueira, seria qualificada como testemunha da verdade e fidelidade do Deus vivo – em contraste com os pagãos devotados à idolatria, que não podiam testemunhar de coisa igual em seus próprios deuses. Era da responsabilidade de Israel proclamar Jeová como o único Deus existente, e como o único Salvador de pecadores.

**12.** Jamais alguma divindade pagã foi associada a Jeová na libertação de Israel da tirania estrangeira ou dos perigos nacionais.

Jamais o Todo-poderoso demonstrou o seu poder de salvar exceto quando o Seu povo abandonava a adoração de todos os outros deuses.

**14-21.** Esta passagem declara que Deus demonstrada a Sua soberania derrubando o Império Caldeu e levando os judeus de volta à Palestina. Ele destronada os caldeus de sua preeminência e os faria fugir da Babilônia antes da violenta investida da Pérsia. Era o mesmo Deus que fizera um caminho através do Mar Vermelho para os hebreus do Êxodo e que fizera afundar os carros egípcios que os perseguiram. Mas este livramento futuro eclipsaria até mesmo aquele em glória. Pois Ele conduziria os judeus libertados através do ressecado Deserto da Síria, e faria brotar rios de água para matar a sede deles (provavelmente figurativamente referindo-se à provisão que Ele forneceria aos pioneiros durante seus primeiros anos de privação e sofrimento). Os animais do deserto que são apresentados regozijando-se neste suprimento de água podem ser as nações gentias que se beneficiariam do testemunho dos judeus restaurados.

**22-28.** O ingrato Israel teria de sofrer um desastre nacional antes que essas prometidas bênçãos pudessem ser concedidas. Cansados de Deus e da religião fora de moda das Escrituras, os judeus voltaram-se para outros deuses, novas fés e aliados pagãos. Portanto, embora mantivessem as formas do culto, o que realmente davam a Jeová não eram as suas ovelhas, mas seus corações não arrependidos e seus pecados não confessados. O que o Senhor exige não são ofertas pródigas e caras, mas confiança filial nEle e submissão à Sua vontade. Apesar da culpa do Seu povo, Deus propôs cancelar todas os seus pecados de uma vez (v. 25), não por causa de algum mérito atenuante da parte de Israel, mas apenas por causa de Seu próprio desejo carinhoso de honrar Seus compromissos assumidos na aliança. Do ponto de vista das leis da justiça, os judeus não tinham defesa, pois até mesmo Abraão, seu antepassado convencional, foi culpado de pecado (ao mentir a Faraó e Abimeleque relativamente à sua esposa) e seus líderes espirituais trilham

se voltado contra o Senhor (v. 27). Portanto eles teriam de suportar a catástrofe nacional e a vergonha (em seu cativeiro na Babilônia).

**28. *Profanei*. Antes, **profanarei**.**

## Isaías 44

Sermão V. O Testemunho de Israel em Favor de Deus Contra os Ídolos. 44:1-28.

**1-5.** Apesar da apostasia de Israel, era o povo escolhido por Deus e objeto de Seu favor imerecido.

**2.** Desde o começo – **desde o ventre** – Ele o tinha escolhido para Seu povo peculiar, concedendo-lhe o título de **Jesurum** (E.R.C.), o *Justo* (cons. Dt. 32:15; 33:5, 26) – um penhor de sua final conversão à santidade do Evangelho. Circunstâncias no reinado de Manassés (quando baías sem dúvida recebeu estas revelações) talvez pudessem indicar um afastamento completo e permanente da fé. Mas aqui Deus explicitamente prediz que o futuro Israel receberia a Água Viva e o próprio Espírito Santo derramado sobre os israelitas (destacadamente no Pentecostes, em Atos 2).

**6-8.** Deus apresenta novamente o Seu desafio a um mundo adorador de ídolos, declarando a Sua existência eterna e a Sua singularidade de Deus único e verdadeiro. Novamente Ele torna a apontar as predições realizadas (um fenômeno peculiar às Escrituras hebraicas) como um tipo de evidência da autoridade divina que nenhuma religião inventada por homens jamais poderia produzir. A nação judia é testemunha desse cumprimento de profecias, fornecendo provas a todo o mundo de que somente Jeová é Deus, e de que não há segurança em nenhum outro a não ser nEle.

**9-20.** Jeová denuncia a loucura do politeísmo e a cegueira dos idólatras diante da verdade que é absolutamente óbvia. (Esta prolongada exposição de fatos era sem dúvida destinada a fortalecer os judeus contra as seduções do paganismo durante o longo cativeiro na Babilônia.)

**9. As suas coisas preferidas.** Os ídolos que esses pagãos preferiam, todos enfeitados de ouro e pedras preciosas. **As testemunhas.** Os próprios devotos espiritualmente cegos.

**11. Envergonhados,** quando o terrível juízo de Deus viesse sobre eles, e suas cidades e impérios desmoronassem, ainda que eles fossem fiéis devotos ou companheiros (*habarîm*) de seus ídolos.

**15-17.** Com sarcasmo e sem misericórdia o Senhor aponta para a rematada loucura de se fazer um deus com uma substância usada para acender o fogo. (John Knox, ao censurar a idolatria da Missa, parafraseou esta passagem com efeito devastador: "Com parte da farinha vocês fazem pão para comer, com os resíduos vocês fazem um deus diante do qual caem de joelhos").

**20.** O idólatra alimenta a sua alma com **cinza**; isto é, com degradante e revoltante indignidade. Do mesmo modo, no reino filosófico, os agnósticos rejeitadores da Bíblia provam cegueira semelhante às leis óbvias e inescapáveis da causa e efeito (por exemplo, que o mecanismo do Universo exige um Mecânico para formá-lo). Mas nem os idólatras nem os modernos livre-pensadores podem responder à pergunta sumamente importante: "Como posso ser salvo?"

**21-23.** Eis aqui uma promessa de misericórdia para a nação que permanece fiel à verdade divina. Os muitos e lamentáveis pecados dos judeus poderiam ser cancelados, e eles poderiam vir a Deus em busca de perdão, uma vez que Ele operaria a sua redenção (indicando um Messias como sua expiação). Diante dessas Boas Novas os anjos dos céus cantariam com alegria e também os santos do V.T. que se encontrassem no Sheol à espera da ressurreição de Cristo. Até a criação não humana, que aguarda ansiosamente a "manifestação dos filhos de Deus" (Rom. 8:19), participariam desse regozijo triunfal.

**24-28.** Jeová apresenta-se como 1) o criador onipotente, que preparou Israel desde a eternidade para ser o Seu povo redimido; e 2) o Soberano onisciente da história, que destrona a sabedoria insignificante dos filósofos e sábios deste mundo, denunciando a ilusão de sua vã



imaginação. As pessoas mundanas jamais teriam acreditado que Jerusalém e o seu santo Templo seriam completamente reconstruídos setenta anos depois que os caldeus os demoliram; contudo a cidade e o Templo foram restaurados exatamente como Deus previna. Essas pessoas materialistas também deveriam ter zombado da possibilidade de que uma Judá repovoada pudesse ser reconstruída pelos descendentes dos exilados por Nabucodonosor; contudo Jeová realizaria até mesmo isto. A menos passível de cumprimento, à mente de um incrédulo, era a predição de que os judeus pudessem ser libertados por um pagão não israelita como Ciro; e, contudo, assim aconteceu 150 anos depois que o Senhor o predisse.

## Isaías 45

Sermão III. O Futuro Libertador Gentio e a Conversão dos Pagãos. 45:1-25.

1. Seu **ungido** é *mashiah* ou Messias. Como libertador do povo de Deus que se encontrava na escravidão, como conquistador invencível dos seus inimigos, Ciro é um tipo de Jesus Cristo; e muitas das promessas que file foram feitas também tiveram um cumprimento espiritual no ministério e carreira de nosso Redentor. **As portas, que não se fecharão.** Notavelmente exemplificado na tomada da Babilônia em 539 A.C. Por meio de um estratagema, um contingente persa entrou na cidade pelo leito seco do rio e abriu os portões pelo lado de dentro para o grosso do exército poder entrar.

3. **Riquezas encobertas.** Tesouros escondidos em lugares secretos (Ciro obteve . . . US\$ 630.000.000 em lingotes só de Creso).

4. **E te pus o sobrenome.** Antes, *eu lhe dei um epíteto honroso*, isto é, "Meu ungido".

6. Grande destaque foi dado sobre o valor evidencial de se dar nome à Ciro de maneira específica com tanto tempo de antecedência. O cumprimento desta predição era fornecer prova positiva da autoridade

divina desta profecia e da soberania do Revelador, como o único Deus que existe.

7. Jeová é o Criador e Sustentador do universo físico, como também da lei moral. O mal que Ele cria é a antítese da paz. Mas considerando que o oposto da paz não é o pecado ou o mal moral, fica óbvio que o mal físico, ou as calamitosas conseqüências do mal é o que se pretende dizer aqui. Em nenhum lugar as Escrituras atribuem a Deus a criação ou autoria do pecado; este se origina apenas da agência moral livre dos seres criados.

8. O propósito final de Deus é o de formar uma sociedade santa e justa. Como os céus físicos derramam a chuva fertilizante sobre o solo, assim a influência espiritual dos céus é produzir fertilidade espiritual nos corações e vidas daqueles que habitam a terra.

9, 10. É loucura sujeitar os atos divinos à crítica ou condenação humanas. Todo o entendimento humano sobre a questão do bem e do mal originou-se nEle na qualidade de Criador, e portanto jamais pode ultrapassá-lo em excelência ou validade. Uma criança não pode chamar seus pais à ordem, como se possuísse autoridade judicial sobre eles. Muitos menos o homem pode criticar a Deus!

11-13. Como Criador dos céus e da terra, como o Senhor da história, que faz acontecer aquilo que Ele diz que vai acontecer, Jeová convida aqui o povo de Israel a confiar nEle inteiramente.

11. **Quereis dar ordens acerca de meus filhos?** Traduza-se, de acordo com Delitzsch: *Confiais à minha guarda os vossos filhos*. O verbo "dar ordens", usado com o acusativo da pessoa e a preposição "acerca de" forma uma expressão idiomática significando: "confiar algo aos cuidados de alguém".

13. **Eu . . . suscitei a Ciro**, o Grande, que subsidiaria a reconstrução de Jerusalém e do seu Templo sem qualquer incentivo monetário ou prático.

14-19. As nações que jazem ao sul de Israel seriam vencidas pelo poder da verdade de Deus e conseqüentemente compelidas a reconhecer

o Jeová de Israel como o único Deus verdadeiro. Abandonando a idolatria (v. 16), perceberiam que somente através de revelação especial das Escrituras pode Deus ser verdadeiramente conhecido. (O Cristianismo foi, durante algum tempo pelo menos, expandido até as regiões sabéias do sul da Arábia, v.14a; havia também sabeus no lado etíope do Mar Vermelho.) A história, no seu longo percurso, vindicará a verdade divina confiada a Israel depois que todas as outras religiões e filosofias tiverem caído em descrédito (v. 14b). Através do V.T. e do N.T., Deus revela que Ele tinha um sábio propósito em criar a terra como o lugar para o homem habitar.

**18. Um caos e não *em vão*.** Portanto, **Não a fez para ser um caos**, *tohû* sendo a palavra traduzida para "sem forma" em Gn. 1:2. (Contudo, *tohû* também significa "em vão", como em Is. 45:19.) O Senhor não deixou a raça humana às suas próprias conjecturas desesperadas, mas falou ao povo de Sua aliança através da revelação clara e suficiente das Escrituras, para que se saiba com certeza como entrar em um relacionamento salvador com Ele.

**20-25.** Aqueles gentios que sobrevivessem ao juízo que sobrevida às suas respectivas nações são aqui convidados a abandonarem sua louca adoração de deuses imaginários e fúteis e a virem pela fé para o único Deus verdadeiro que é o único que pode realizar o que predisse e que é o único que pode salvar do pecado e da morte. Todas as nações estão incluídas neste convite, até as mais remotas. Elas podem ser salvas simplesmente olhando para o Senhor, pela fé, como o único Deus e salvador.

**23. O que é justo.** Em cumprimento de seus compromissos convencionais. . . . **se dobrará todo joelho**, quer pela dedicada submissão da fé, quer constrangido por Seu poder esmagador (no segundo advento de Cristo).

**24. Serão envergonhados** porque descobrirão que apostaram sua vida numa mentira e portanto terão de ser enviados à condenação eterna.

**25. A descendência de Israel.** A descendência espiritual de Israel, todos aqueles que pela fé são reconhecidos como filhos de Abraão (Gl. 3:7).

Sermão VII. A Queda da Babilônia e a Preservação de Israel. 46:1 - 47:15.

## Isaías 46

**1-12.** A inutilidade dos ídolos pagãos em contraste com a onipotência de Jeová.

**1. Bel** (a forma babilônica do nome Baal). O deus da atmosfera inferior e da terra seca, o patrono da Babilônia. O seu nome está em Belsazar, que significa *Bel, proteja o rei!* **Nebo.** O neto de Bel (filho de Marduque), o deus das letras e da educação. Seu nome aparece em Nabucodonosor, significando *Nebo, proteja as fronteiras!* As imagens inúteis desses deuses tinham de ser arrumadas como bagagem sobre os animais de carga dos refugiados caldeus quando fugiam dos invasores persas. Os pagãos tinham de carregar seus deuses, mas Jeová carregava e cuidava do Seu povo (v. 3) desde a sua infância como nação, e assumira cuidar dele até o final de sua carreira nacional (no fim desta dispensação).

**7.** Por mais dispendioso que seja o material, as imagens de escultura são inúteis para prestar socorro em tempo de verdadeira crise. Mas o Senhor Deus é ilimitadamente capaz de salvar, pois é diferente de qualquer divindade conhecida pelas religiões criadas pelos homens.

**8-11.** Todos os infiéis e céticos são convidados a enfrentarem a irrefutável evidência objetiva da profecia divirta e seu cumprimento. Tal como Jeová previna a queda de Jerusalém, os setenta anos de exílio e o retorno à terra natal, assim tudo aconteceu, cumprindo a profecia ao pé da letra e demonstrando que as Escrituras falam a verdade do único Deus verdadeiro.

**11. A ave de rapina** e o homem que executa o **conselho** de Deus é sem dúvida, Ciro de Ansã, província da Pérsia.

**12, 13.** Aqui a ênfase foi colocada sobre a justa vindicação de Deus pelo Seu povo injustamente vitimado e oprimido. Isto conduz ao anúncio da justiça da salvação (de acordo com a qual Deus cumpre as promessas de livramento feitas na aliança para a descendência de Abraão).

### Isaías 47

**47:1-7.** Esta passagem apresenta uma canção de triunfo sobre a Babilônia subjugada. Derrubada do seu poder imperial, a Babilônia seda reduzida ao estado infeliz de uma escrava semi-nua, moendo farinha com a pedra da mó. O silêncio e as trevas do versículo 5 referem-se à impotência e à obscuridade que passariam a ser suas para sempre. A Babilônia nunca mais readquiriria a independência ou o poder imperial (e depois de 539 A. C. ela não o fez nunca mais).

**6, 7.** O Senhor explica que Ele permitiria a vitória e o cativoiro caldeu apenas para castigo de Israel apóstata. Mas os pagãos vitoriosos iriam muito além dos limites da decência humana em seus selvagens maus tratos dispensados aos prisioneiros. Além disso, eles fracassariam em reconhecer a justiça divina por trás do desastre que sobreviria a Judá. Eles imaginavam que agiam com seu próprio poder como senhores do destino das nações e que estivessem seguros para sempre em sua posição suprema.

**8-11.** Jeová pronuncia uma maldição sobre o humanismo ateu da civilização da Babilônia. A Babilônia representa a civilização do mundo não regenerado centralizada no homem: viver em busca do prazer carnal e da luxúria, abjurar a responsabilidade para com o Deus de justiça e até mesmo – com a auto-confiança da megalomania – negar totalmente a existência de Deus. A Babilônia da Caldéia (v. 10) combinava o ateísmo prático do livre pensador com a astrologia, a necromancia e superstição grosseira. Observe como é moderno o credo do humanismo filosófico: "Eu sou e não há (Deus) além de mim". O único julgamento adequado

para essa degeneração moral e intelectual era a destruição súbita e espantosa, a matança dos exércitos da Babilônia (v. 9a), e o fim abrupto do seu poder político (o que aconteceu tudo em 539 A.C.).

**12-15.** Deus desafia o poder mundial presunçoso a que se desvie da sua destruição. A antiga Babilônia se orgulhava da sabedoria acumulada pelos seus sábios operadores de milagres, especialmente aqueles que tinham aperfeiçoado a ciência da astrologia e proclamavam ter a capacidade de adivinhar o trituro e predizer os dias propícios para todos os negócios. (A literatura cuneiforme está cheia desse tipo de coisas.) Mas o fogo do juízo divino devoraria todo o emaranhado das mentiras desses homens "sábios", deixando apenas cinzas. As nações que admiravam o brilho da civilização babilônica retornariam, deixando a Babilônia sozinha para enfrentar os persas.

## Isaías 48

Sermão VIII. A Honra Divina Tem de Ser Mantida Através do Livramento de Israel. 48:1-22.

**1-11.** Aqui Deus adverte os hipócritas infiéis que se encontram no meio do seu povo escolhido. Esses aparentemente piedosos israelitas praticavam a idolatria nas horas vagas (v. 5) e não obstante tinham a coragem de invocar o nome de Jeová como seu Deus também, fazendo de conta que eram verdadeiros cidadãos de Sua santa cidade. A fim de denunciar a falsidade e a vacuidade desses outros deuses para com os quais dividiam a sua lealdade, Deus lhes deu a prova de sua existência como o único Deus verdadeiro a inatacável prova objetiva da profecia cumprida.

**3. As primeiras coisas.** A profecia da queda de Jerusalém diante dos caldeus e a deportação para a Babilônia. O ponto alto aqui é que esta profecia foi feita muito tempo – cem anos – antes de seu cumprimento. Nenhum ser humano, nem mesmo um devoto de ídolos inspirado pelos demônios pode predizer acertada e especificamente os acontecimentos com tanta antecendência.

**6. Coisas novas.** As profecias de livramento da escravidão e retorno à terra de Israel, não preditas antes da geração de Isaías, para que os judeus não se vangloriassem que já sabiam de tudo sobre esses futuros acontecimentos há muito tempo (v. 8). Deus sabia, muito bem desde o começo de Israel como nação, no tempo de Moisés, de que a piedade dos judeus era em grande parte um fingimento e que seus ouvidos estavam fechados ao chamado para uma vida de devoção genuína. Mas os tendo escolhido e tendo lhes dado o seu nome, Ele se refrearia, por amor à Sua glória, de acabar com eles como mereciam. Antes, Ele os purificaria de sua idolatria e impureza espiritual fazendo-os passar por grandes sofrimentos, levando-os assim ao arrependimento.

**10.** Prata e não *com prata*, uma vez que a prata não é agente de purificação na metalurgia. Literalmente, *na qualidade ou capacidade da prata*; isto é, com um fogo ainda mais abrasador, espiritualmente falando, do que o fogo usado para derreter o minério da prata.

**11. A minha glória não a dou a outrem.** Isto é, ou a) a glória de minha possessão sobre Israel não deve ser dada aos ídolos ou poderes demoníacos; ou b) a minha glória na purificação espiritual de Israel não deve ser concedida aos homens, isto é, aos próprios judeus, como se fossem capazes de auto-aperfeiçoar-se.

**12-16.** Jeová convida Israel a reconhecer a Sua sabedoria soberana de usar um instrumento pagão para libertá-los. Na qualidade de Criador eterno, Deus é o Senhor da história humana e toma providências além de toda suposição humana ou capacidade de prever. Era realmente uma maravilha que Deus pudesse nomear a Ciro, o libertador de Israel, 150 anos antes dele ter nascido, e amá-lo como Seu instrumento escolhido para desferir um golpe contra a Babilônia e destruir o seu poder. Mas uma maravilha ainda maior é o fato que, desde o princípio da raça humana, Deus Filho, o "anjo do Senhor" (do V. T.) e a "Palavra" ou Logos (no N. T.) têm repetidas vezes falado claramente aos filhos da aliança divina, revelando a vontade divina e o seu plano para o futuro. No versículo 16 o Cristo pré-encarnado identifica-se como o enviado

pelo Pai e pelo Espírito para transmitir a mensagem profética de Deus para o profeta inspirado.

**17-22.** Deus amorosamente adverte o perverso e obstinado Israel, exortando o seu povo a retornar e confiar nEle, como no tempo das peregrinações do Êxodo. Ele lamenta a tragédia desnecessária da perda de suas bênçãos por causa da obstinação egoísta.

**18. Paz como um rio.** Um suprimento constante, abundante e frutífero de bênçãos. Justiça. A justiça e a santidade do próprio Deus implantadas e operando dentro deles e através deles como vastas e profundas ondas, fluindo em sucessão contínua.

**19.** Se Israel tivesse obedecido a Deus, seu nome não seria excluído (como teria de ser durante o Cativo na Babilônia) da Terra da Promessa.

**20.** Uma convocação prévia aos judeus que estariam cativos em 539 A. C. , a que não se demorassem no solo pagão da Babilônia, mas que se aproveitassem do edito permissivo de Ciro para retornar a Judá. Eles deviam dar um testemunho triunfante diante dos gentios ao celebrar esta libertação e recordar as misericórdias de Jeová para com seus antepassados naquele primeiro retorno do Egito.

**22.** Aqueles que não fugissem da contaminação da Babilônia jamais conheceriam a paz de Deus, ficando espiritualmente *desligados* (como *rash'*, a palavra traduzida para penemos dá literalmente a entender). Observe que este mesmo sentimento, quase nas mesmas palavras, também conclui a Seção Dois (57:21) deste Volume .

## Seção II. O Príncipe da Paz. 49:1 – 57:21.

Enquanto a Seção I trata especialmente com a Doutrina de Deus, a Seção II trata principalmente da Doutrina da Salvação. A salvação vem só de Deus e através do ministério do Servo de Jeová. Ela inclui o livramento da penalidade do pecado e uma nova vida de proteção, alegria e paz. Tem um alcance mundial.



## Isaías 49

Sermão I. O Messias Para Restaurar Israel e Iluminar os Gentios. 49:1-26.

**1-7.** O encargo divino do Servo como Profeta é o que se apresenta. Embora dirija-se ao Servo chamando de "Israel" no versículo 3, devemos entender este nome como aplicando-se Àquele sobre quem o relacionamento da aliança se baseia e sobre quem repousam todas as promessas da aliança, Aquele em cuja pessoa se cumpriram todas as expectativas divinas de um povo santo.

**1. Desde o ventre.** Sem dúvida uma alusão à anunciação do anjo à Virgem Maria (Lc. 1:31-33). Suas palavras, como espada afiada, perfurariam a consciência dos pecadores e administrariam o julgamento também (Ap. 19:15).

**4.** Cristo, o Servo, teria momentos de desânimo, quando enfrentasse a incompreensão quase que universal e até mesmo a de seus discípulos. Mas mesmo então ele encontrada satisfação principalmente em "fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo. 4:34). Seu encargo seria duplo: 1) restaurar Israel diante de Deus, isto é, o Remanescente dos verdadeiros crentes que formariam a Igreja de Jerusalém do período do N. T. (como também os judeus cristãos deste presente período e do reavivamento dos últimos dias); 2) levar a luz da salvação de Deus a todas as nações da terra.

**7.** Em sua humilhação Ele seria desprezado e rejeitado, até mesmo por Sua própria nação, os judeus. Mas em Sua exaltação, depois da vitória da ressurreição, Ele seria finalmente adorado como o Senhor, até mesmo pelos reis dos pagãos.

**8-13.** O profeta descreve a alegria daqueles a quem Cristo libertará.

**8. No tempo aceitável.** Uma referência antecipada da "plenitude dos tempos" quando o Cristo encarnado ofereceu-se ao Pai e foi libertado da malícia dos demônios e homens. Na hora da expiação no Calvário, Ele cumpriu a aliança da graça estabelecida com Abraão e sua descendência. Na força dessa expiação vindoura Deus restaurada

fisicamente os exilados ao seu desolado patrimônio em Judá, e repovoada espiritualmente a herança perdida de Israel, confiando a uma "nação que produza os devidos frutos".

Do **versículo 9** em diante, a referência é principalmente espiritual e pertence ao livramento da escravidão do pecado por meio do poder do Evangelho, seu suprimento de alimento e bebida para as almas, e sua proteção das pressões, da tentação e da oposição do mundo hostil. Até mesmo nos altos (v. 9), isto é, nas colinas arenosas desnudas do deserto semi-árido, Deus os alimentará com abundância. Isto é, os tempos da aflição serão usados para o enriquecimento espiritual deles. As barreiras montanhosas (v. 11) que Ele colocará em seu caminho, quando vencidas pela fé, provarão ser degraus para a glória. Para o forte núcleo dos primeiros cristãos judeus na Palestina juntar-se-iam outros convertidos vindos de todos os gentios, até mesmo de uma região tão remota quanto a China (a mais provável identificação para **Sinim** do v. 12, embora o Elão e o Sião também tenham sido sugeridos). O versículo 13 mostra que o alcance dessa ação é mundial e que aqui se tem em vista a Dispensação da Igreja.

**14-26.** O Senhor oferece a Israel confiança renovada à vista do seu desânimo. Na desgraça e miséria do Cativo, seria fácil para Israel sentir-se abandonada por Deus. Eis porque a afirmação encorajadora (vs, 15, 16) que o amor paterno de Deus ultrapassa o de uma mãe humana. Os destruidores caldeus passariam para o esquecimento e no devido tempo os convertidos pagãos viriam a Israel para se submeterem ao seu Deus, e para reconhecer o Messias como seu Salvador e Rei. Assim multidões de novos cidadãos preencheriam totalmente os espaços deixados pelos judeus que seriam mortos nas guerras dos caldeus, macabeus e romanos. O Israel espiritual, que depois da vinda de Cristo seria o Israel cristão, se encheria de feliz incredulidade diante deste tremendo influxo de gentios regenerados. É muito provável que sejam os gentios convertidos os mencionados no versículo 22, afluindo para a cruz e demonstrando preocupação terna e amorosa para com seus

correligionários judeus. Até a realeza gentia se colocaria sob a influência do Messias e demonstraria reverente preocupação para com a Terra Santa e o seu povo, orgulhando-se de servir de protetores e guardiões da Igreja de Cristo.

**24.** A **presa** deveria ser *seus prisioneiros de direito*, ou aqueles que "o valente" capturou em uma luta honesta.

**25.** Esses **valentes** e **tiranos** eram, em primeiro lugar, os caldeus, mas também os gregos seleutas, que se ocupariam em freqüentes guerras mortíferas quando dinastias rivais lutassem pela supremacia.

**26.** Esses opressores se tornariam bêbedos com o seu próprio sangue. Aqui novamente o cumprimento da profecia demonstra ao mundo a soberania do poder de Deus Jeová.

## Isaías 50

Sermão II. O Pecado de Israel e a Obediência do Servo. 50:1-11.

**1-3.** Não foi por inclinação pessoal que Deus abandonou Israel, sua esposa convencional, durante o cativeiro na Babilônia, mas antes por compulsão da iniquidade incorrigível do próprio Israel e por causa de sua surdez aos apelos dEle. Não foi também por Jeová dever alguma coisa aos caldeus que venderia Judá como escravo. Sua onipotência era a mesma para libertar o Seu povo deles ou de qualquer outro inimigo, quando achasse bom e apropriado fazê-lo.

**4-9.** Por meio de um contraste o Senhor Jesus é apresentado como o verdadeiro Israel, o Servo inteiramente obediente. **Língua de eruditos** (E.R.A.). Antes, *dos que foram ensinados*. Isto é, o Messias falaria como alguém a quem Deus tivesse ensinado sua verdadeira mensagem de conforto àqueles que estão cansados do pecado. **Todas as manhãs** caracteriza seus encontros matinais a sós com o Pai.

**5.** Diferentemente do Israel nacional, o Servo apresentada a Deus obediência perfeita e disposição de enfrentar humilhação e perseguição por amor do Pai.

7. Este versículo fala profeticamente da confiança sublime e calma majestosa que nosso Salvador manteve durante Seus sofrimentos na Sexta-feira Santa, sustentado pela consciência de estar dentro da vontade de Deus (v. 8) e, portanto, na posição certa contra todos os assaltos e calúnias dos seus inimigos. Ele estava confiante na vitória que seu Pai lhe concederia através da crucificação e do sepultamento e que seus oponentes seriam inexoravelmente consumidos pelo juízo divino (até o golpe final da tomada de Jerusalém por Tito em 70 A. C.).

10, 11. Deus enviada a libertação aos crentes confiantes, mas condenação ardente àqueles que se rebelavam contra a Sua soberania. Observe que o Servo devia falar com uma autoridade que tinha de ser obedecida e que a salvação só seria recebida pelos pecadores por meio da fé, confiando na graça de Deus. **Setas incendiárias** (*tições*). Esses incendiários que incendiariam o acampamento do Senhor seriam eles mesmos consumidos pelo fogo da destruição que esperavam infligir aos outros.

## Isaías 51

Sermão III. Encorajamento a Confiar em Deus, Não Temendo o Homem. 51:1-16.

1-3. Israel devia se confortar quanto ao futuro com base na fidelidade divina no passado. Abraão era a rocha da qual seus descendentes tinham sido cortados tendo uma qualidade de rocha conferida a ele pela fidelidade e misericórdia divina. Desse único ancestral Deus formou uma nação grande e numerosa. Ele tem o propósito de no futuro estabelecê-la em um Éden moderno (em que a terra de Canaã será transformada quando o próprio Israel for transformado espiritualmente).

4-8. O Senhor promete julgar o mundo e purgá-lo do mal.

4. **Lei** aqui significa "instrução autorizada". O padrão divino de justiça será colocado como padrão para todas as nações da terra, que se submeterão à autoridade de Jeová por meio da conversão e confiarão em

Sua força e graça. Sua salvação provará ser mais duradoura que os céus físicos (que são temporais, porque é matéria, enquanto as almas redimidas habitarão para sempre na presença de Deus). Considerando que todos os incrédulos que rejeitam a Cristo são destinados à mais completa destruição, nenhum crente poderia jamais fraquejar diante da ameaça do mundo ou da hostilidade dos homens ímpios, cuja causa é desesperada e cujo destino é certo.

**9-11.** O crente ora para que Deus possa realmente cumprir Sua promessa.

**9.** O **braço** de Jeová implica em Sua intervenção ativa e sobrenatural para salvar o Seu povo e punir Seus inimigos. **Raabe**, E.R.C. (*arrogância* ou *violência furiosa*) é aqui um monstro mitológico representando o Egito, que perdeu seus melhores carros ao atravessar o Mar Vermelho.

**11.** Como os israelitas do Êxodo explodiram em cânticos alegres quando de sua libertação (Êx. 15), assim foi o retomo dos deportados quando voltavam da Babilônia em 537 A.C. (este versículo é uma repetição de Is. 35:10). A perspectiva final é, sem dúvida, a bem-aventurança celestial (Ap. 15:3; 21:4).

**12-16.** Deus fala novamente para renovar a confiança do Seu povo. Ele aponta para a loucura do temor ao homem mortal (que só pode matar o corpo) mais que ao Criador onipotente, que no final frustra a fúria até mesmo dos oponentes mais ferozes.

**14. O exilado cativo.** Antes, *Aquele que foi obrigado a inclinar-se* (como um escravo desgraçado). Os assírios e os caldeus desceriam à destruição e apenas os judeus antes cativos sobreviveriam.

**15.** O **mar** simboliza o mundo turbulento, inquieto, não regenerado (cons. 57:20). Mas Deus colocou Sua Palavra inspirada na boca do povo da Sua aliança (v. 16); é a posse das Escrituras que dá a Israel a sua importância.

Sermão IV. Israel Convocada Para Despertar e Retornar ao Favor de Deus. 51:17 – 52:12.

**17-23.** Deus anuncia que Ele considera o Cativo penalidade suficiente para Israel, e que um novo dia de perdão já despertou. Tal como o bêbado se prejudica a si mesmo através do veneno do álcool, o Israel apóstata bebe o veneno lento da desobediência e incorre na miséria decretada pela justa ira de Deus. Destituída de toda a liderança espiritual entre os seus cidadãos, a nação depararia com calamidades que ela certamente merecia. E as ruas de Jerusalém se cobririam com seus mortos, que seriam encurralados para a matança pelos exércitos da Babilônia (v. 20). Mas então viria a vez dos brutais opressores de Judá - que arrogantemente pisaram seu corpo prostrado – beberem o copo da vingança divina.

## Isaías 52

**52:1-6.** Aqui Deus transmite Sua determinação de restaurar a cativa Israel por rumor do Seu nome e para Sua glória. Pela graça os presenteou com Seu poder perfeito e Sua beleza espiritual, equipamento certo e completo, que só tinham de vestir pela fé. Ele acrescenta a certeza de que o seu santo reino jamais seria novamente assim conspurcado pela idolatria como o fora sob o reinado de Acaz, Manassés e Ezequias. Seu povo devia confiantemente apropriar-se da "gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (Rm. 8:21).

**3. Fostes vendidos** à escravidão por nada que tivesse valor, apenas as varias promessas do mundo. Mesmo assim seriam redimidos do cativeiro da Babilônia sem que Ciro recebesse qualquer dinheiro de resgate.

**5. Sem preço.** Sem motivo adequado, no que se referia aos seus conquistadores. O arrogante desprezo dos pagãos para com o Deus de Israel, exigia que Ele justificasse o Seu nome da Aliança, "Jeová, o Santo de Israel" e demonstrasse pela derrota da Babilônia Sua soberania

continua. Este cumprimento da profecia também confirmaria a autoridade da santa palavra de Deus.

**7-10.** Estes versículos expressam a alegria e a consolação que o Evangelho dá ao povo de Deus. Para os crentes os próprios pés dos mensageiros são belos, porque transmitem novas da coisa mais linda do universo – o amor redentor de Deus. Levando à arruinada Jerusalém as boas novas que anunciavam que Deus providenciara a libertação de Israel da Babilônia, esses mensageiros deviam servir como tipos dos missionários do Evangelho do N. T. (Rm. 10:15). **Paz**, ou *shalom*, inclui reconciliação entre Deus e o homem, a cura da alma doente de pecado e a prosperidade espiritual de uma vida harmoniosa com Deus.

**8. O retorno do SENHOR.** Uma referência ao retorno dó favor de Deus e também a presença do seu Shekinah, no Segundo Templo, na Jerusalém reconstruída e restaurada.

**11-12.** Esta é uma exortação dirigida de antemão aos judeus de 537 A.C., que teriam de escolher entre a segurança econômica de sua situação na Babilônia e os riscos e dificuldades da peregrinação de volta à terra devastada de seus ancestrais. Mas a segurança e a pureza de suas almas dependeriam de sua fuga desta atmosfera contaminada, e de se adaptarem ao programa divino da redenção.

**12. Não saireis apressadamente.** Não seriam refugiados fugitivos como seus antepassados no Êxodo, pois desfrutariam do patrocínio e teriam o salvo-conduto do imperador da Pérsia. Mas muito mais importantes que estas garantias humanas seria a defesa de vanguarda do Todo-poderoso, o qual também cuidaria de sua **retaguarda**.

Sermão V. A Expição Substitutiva do Servo Divino. 52:13 - 53:12.

**13-15.** Aqui se apresenta a espantosa vitória de Cristo através da humilhação.

**13. Procederá com prudência** (de *hiskîl*). A implicação é que Ele agiria com tal inteligência que alcançaria os Seus objetivos. As palavras de exaltação são amontoadas umas sobre as outras a fim de transmitir a

idéia de que Ele seria elevado altíssimamente, acima de todos os outros homens, às alturas do próprio Deus. As palavras para exaltado e elevado são as mesmas que foram usadas em 6:1 em se falando de Jeová entronizado - "alto e sublime trono".

**14.** Com as palavras o profeta fala diretamente ao Messias divino, como se o visse diante dos olhos de sua mente. Então se volta para o povo propriamente dito e continua falando dEle na terceira pessoa. Esse desfiguramento, como o sabemos agora, seria o resultado dos maus tratos que receberia das mãos dos soldados de Pilatos.

**14,15. Como . . . assim.** A comparação que se faz é esta: Por mais assombrosa que fosse a Sua humilhação, também o seria a Sua exaltação (conforme descrita no v. 15). *Aspersão* é ainda a melhor tradução para esta palavra tão freqüente, embora alguns prefiram traduzir para “**admiração**” (a qual seria então a única ocorrência com este significado para esta raiz no V. T.). A aspersão dá a idéia de concessão de purificação espiritual às nações evangelizadas. **Os reis fecharão as suas bocas** – por causa do espanto e por causa de sua incapacidade de dizer alguma coisa que os justifique. **Aquilo que não lhes foi anunciado**, a esses reis gentios, seria certamente a mensagem da salvação do Evangelho mediante a cruz.

## Isaías 53

**53:1-3.** O Servo, na opinião dos homens, seria rejeitado e desprezado.

**1. Pregação.** Literalmente, *coisa ouvida* (isto é, pelo profeta de Deus); daí a mensagem profética. **Nossa pregação.** A mensagem de Isaías e seus companheiros profetas. **O braço do SENHOR** é uma frase sempre usada para designar intervenção especial nos negócios humanos sempre quando Deus livra Seu povo e pune seus inimigos. Foi especialmente usada com referência ao milagre do Êxodo. Cristo, então, seria o maior dos milagres de Deus.



**2. Renovo.** Mais literalmente, *lactente* (usado para com uma criancinha ao peito de sua mãe, como também em relação ao broto de um toco de árvore). **Não tinha aparência**, e não *forma*. Nem formosura (*hadar*). Mais literalmente, *majestade* ou *resplendor*. Em outras palavras, o Servo teria falta de grandeza terrena que atrai a admiração do mundo. O nós aqui inclui o profeta ao identificar-se com seus patrícios espiritualmente cegos.

**3. Rejeitado entre os homens.** Mais exatamente, *falta de homens nobres* (que o apoiassem). **De quem os homens escondem o rosto.** Mais literalmente, *e (era) como se escondessem o rosto dEle*. Isto é, os homens evitariam persistentemente de enfrentar o Cristo verdadeiro, preferindo o "Jesus histórico", que não os perturbaria corri a sua cruz.

**4-6.** O Servo conforme visto por Deus seria o Redentor vicário.

**4. Enfermidades**, mais literalmente, e não *pesares*. Em sinal do poder de Cristo de perdoar os pecados, Ele curou muitas das enfermidades físicas dos homens. Mas considerando que o assunto principal aqui é a enfermidade da alma e não do corpo, a tradução *pesares* justifica-se.

**5. Ferida** (E.R.C.). **Traspassado** (E.R.A.) ou *furado*. Um termo bem apropriado à crucificação. **Transgressões.** Uma palavra derivada da raiz "rebelar-se", dando a entender a revolta contra a soberania de Deus. **Moído.** Mais acertadamente. *Totalmente esmagado*. **O castigo que nos traz a paz**, isto é, o castigo que nos proporciona a paz, ou sentimento de bem-estar (não uma infeliz consequência do pecado do homem).

**6. Como ovelhas** – incapazes de se protegerem a si mesmas ou de fugir ao perigo quando atacadas, e perdidas sem o pastor. **Cada um se desviava pelo caminho.** Cada um de nós preferia o seu próprio caminho e não o de Deus; esta é a essência do pecado ou do "desviar-se". **Fez cair sobre ele.** Literalmente, *fez pousar sobre Ele*, ou, melhor ainda, *fez encontrar-se com Ele* (cons. Nm. 35:19, onde o vingador do sangue recebe autorização de matar o assassino quando se "encontrar" com ele no caminho – o mesmo verbo foi usado lá e aqui.) Nossas transgressões

deviam "encontrá-Lo" no caminho e matá-lo como se fosse Ele o culpado e não nós. Observe que o remédio devia ter uma aplicação universal (**nós todos**) tão ampla quanto a necessidade (todos nós).

**7-9.** Quando vistos pelo homem, os sofrimentos do Messias seriam uma trágica infelicidade na vida de um inocente.

**7. Não abriu a boca,** isto é, em sua própria defesa, diante de Caifás, ou Herodes, ou Pilatos.

**8. Por juízo opressor.** Antes, *como resultado de coerção e ação judicial*. Isto é, por meio de um tribunal injusto um assassinato judicial seria perpetrado. **Arrebatado;** isto é, levado ao lugar da execução. Traduza-se a sentença seguinte de acordo com a ASV: *E quanto à sua geração, quem (nela) considerou que fosse cortado da terra dos viventes por causa da transgressão do meu povo a quem o golpe (era devido)?*

**9. Designaram-lhe a sepultura, impessoal. Os perversos.** Os dois ladrões e assassinos crucificados um de cada lado dEle. **O rico.** José de Arimatéia, em cuja sepultura Ele foi sepultado. **Posto que nunca fez injustiça** (aos outros) e não *porque não praticou a violência*.

**10-12.** Deus vê os sofrimentos do Messias como a redenção dos pecadores e o triunfo sobre a morte.

**10. Quando der ele a sua alma como oferta.** Dirigida a Deus diretamente, como Aquele único com a prerrogativa de designar a vida de Cristo para oferta pelo pecado (Isaías usou a palavra '*asham* – oferta pelo pecado – que envolvia o pagamento de 120 por cento dos danos como também a apresentação do correspondente animal sacrificial). **Verá a sua posteridade.** Seus filhos pela fé, os cristãos regenerados. **Prolongará os seus dias.** Isto não se refere a um período subsequente à Sua morte e sepultamento? Só a Sua ressurreição física serviria para preencher uma predição igual a esta.

**11. Com o seu conhecimento.** À luz do cumprimento, este deveria ser um genitivo objetivo, significando: *pelo conhecimento dele* (como Salvador). O versículo continua ... **o meu Servo, o Justo ... justificará a muitos** (isto é, os muitos pelos quais ele morrerá).

**12. Muitos como a sua parte**, pois é a mesma palavra (*harabbîn*) que foi traduzida para muitos no versículo 11, e ambas se referem à mesma categoria de pessoas – os redimidos. **Os poderosos**. Seus seguidores, que lutam contra Satanás e seus asseclas no poder das armas espirituais de Cristo. **O despojo**. O despojo de almas preciosas ganhas para Cristo através da pregação do Evangelho.

## Isaías 54

Sermão VI. Bênçãos Resultantes para Israel e a Igreja. 54:1-17.

**1-3.** Fertilidade e progresso são prometidos ao Israel pós-exílico. Primeiro Jerusalém se tornaria **estéril**, visto que sua população seria arrancada e levada pelos caldeus. Mas viria o tempo (especialmente depois do primeiro advento de Cristo) quando os crentes em Jeová seriam mais numerosos do que jamais o foram antes do Exílio (quando Israel desfrutou da posição de esposa convencional no lar que Seu marido celestial lhe providenciou na Palestina). **Alarga o espaço da tua tenda e alonga as tuas cordas** (de se medir a terra). Israel em sua fase neotestamentária espalharia a verdadeira fé por todas as terras dos gentios, cujas nações conseqüentemente viriam a ser "possuídas" pela posteridade de Sião conforme fossem conquistadas pelo Evangelho.

**4-10.** O profeta prediz a misericordiosa restauração de Israel, a esposa convencional de Jeová. A vergonha da sua mocidade refere-se às suas rebeldes murmurações durante a viagem do Êxodo e à apostasia do período dos Juízes e da monarquia dividida; o opróbrio da sua viuvez, ao cativeiro da Babilônia.

**6. Que foi repudiada**, (*lançada fora*) parece referir-se aos setenta anos de separação entre Jeová e Israel.

**9.** A promessa aqui deve ser entendida à luz da analogia do dilúvio. Tal como Deus ali prometeu a Noé que nunca mais haveria tal enchente, da mesma forma promete a Israel restaurada que ela jamais tomará a ir para o exílio. Considerando que os judeus na realidade foram novamente levados para o exílio depois de sua revolta contra os romanos em 135

d.C., isto só pode significar que Deus considera a Igreja Cristã como o verdadeiro Israel.

**10. Misericórdia.** De *hesed*, traduzida pela E.R.C. como benignidade. Mas uma vez que implica em entrega mútua ou solidariedade entre as partes envolvidas no relacionamento contratual, rica melhor traduzido para *amor convencional* (relativo à aliança).

**11-17.** O Senhor descreve a pureza e a glória do Israel convertido do futuro. Conforme o Evangelho transforma as vidas dos judeus e gentios convertidos, eles se transformam em peritas vivas (I Pe. 2:5) para edificação de um templo espiritual, refulgindo com a beleza do Cristo que habita neles. Mas a glória plena dessa nova cidade de Deus será a da Nova Jerusalém descrita em Ap. 21. A Igreja será composta daqueles "ensinados do Senhor" (Is. 54:13), como Cristo reafirmou em Jo. 6:45. A libertação final do medo e do terror aponta para as condições do Milênio. Mas durante todo o trajeto do Calvário até o Armagedom, os inimigos da Igreja serião totalmente derrotados.

**16.** Deus retém controle soberano sobre os poderes humanos da guerra e da destruição; eles não Lhe podem escapar.

**17.** O Senhor concederá a Israel redimida uma justiça que Ele jamais vindicará em oposição aos seus inimigos, quer humanos quer satânicos.

## Isaías 55

Sermão VII. A Graça de Deus Para com os Pecadores Arrependidos. 55:1-13.

**1-5.** O prego para a admissão na vida eterna é o arrependimento e a fé, mais nada. Aqueles que participarão da água viva devem antes sentir sede (arrependimento) e então desejo (*fê*) de vir ao Salvador (cons. Jo. 7:37). **Vinho** simboliza o Evangelho que alegra e revigora a alma; leite indica a sua qualidade nutritiva (I Pe. 2:2).

**2. Naquilo que não satisfaz.** A miragem da felicidade pessoal baseada sobre as vantagens e as bênçãos terrenas. Só o próprio Deus

pode satisfazer a alma humana. O Davi de Is. 55:3, 4 é o Filho Messiânico de Davi, uma vez que aqui foi descrito exercendo e controlando a influência na próxima dispensação.

**5.** Este versículo é uma predição de que os gentios serão convertidos e se juntarão ao Israel redimido por causa do seu Deus.

**6,7.** À vista destas promessas refulgentes do futuro, os pecadores são insistentemente convidados a aceitar o convite do Evangelho enquanto ainda têm oportunidade.

**8-11.** A graça de Deus ultrapassa o entendimento humano, mas é garantia eficiente da palavra (**que sair da minha boca**) fiel e inspirada.

**12, 13.** Quando a Palavra de Deus for ouvida e obedecida, os redimidos serão libertados de sua escravidão e desfrutarão de alegria e paz. Toda a natureza ao seu redor partilhará desta exultação diante da graça manifesta de Deus. E um dia a natureza realmente partilhará da liberdade e da glória dos filhos de Deus (Rm. 8:21).

## Isaías 56

Sermão VIII. Os Gentios Serão Incluídos nas Bênçãos de Israel. 56:1-8.

Temos aqui uma advertência aos crentes a que mantenham o testemunho de uma vida piedosa. No devido tempo colherão, "se não desanimarem". A guarda carinhosa do sábado foi especialmente enfatizada como sinal contratual que testifica de uma fé salvadora. Os gentios convertidos á fé de Israel recebem a afirmação de uma cidadania plena e permanente no reino de Deus. Os eunucos (e por implicação todos os crentes sem filhos) que manifestam a fé salvadora por meio de sua vida piedosa, recebem a certeza da vida eterna e uma glória muito mais significativa do que a de uma longa linhagem de descendentes. Dois grupos estão incluídos entre o povo de Deus: os convertidos gentios e os párias de Israel. Em contraste com os crentes nominais, hipócritas, demonstrarão amor sincero pelo sábado e adesão cordial à aliança.

Sermão IX. Condenação dos Líderes Corruptos de Israel. 56:9 - 57:21.

**9-12.** A Acusação contra os profetas egoístas e inescrupulosos de Israel. (Esta passagem volta-se para as condições morais degeneradoras do tempo de Isaías, que prevaleciam no reinado de Manassés.) Esses profetas são descritos como atalaias que não vigiam. São como cães que não latem para advertir os homens do perigo, estando interessados apenas em encher seus próprios ventres. Ou, como pastores estúpidos, tão inteiramente ocupados com seus próprios interesses que não cuidam de suas ovelhas, mas que se entregam a bebedices.

### Isaías 57

**57:1, 2.** Deus expressa indignação diante da situação angustiosa dos crentes fiéis e conscienciosos que estão sendo explorados pelos líderes cruéis e imorais da sociedade judia. Um exemplo notável de tal líder foi o Rei Manassés, que "derramou muitíssimo sangue inocente, até encher a Jerusalém de um ao outro extremo" (II Reis 21:16). Esses mártires, contudo, foram salvos dos horrores do iminente cerco e conseqüente exílio de Judá e passaram para o "seio de Abraão" (Lc. 16:22), para ali aguardarem a ressurreição de Cristo.

Os versículos **3-10** descrevem as abominações da adoração dos ídolos por parte de Judá.

**3.** O parentesco degenerado dos idólatras indica-se por suas práticas degeneradas.

**4.** Eles faziam esgares de zombaria e desprezo contra Jeová.

**5. Junto aos terebintos** e não *com os ídolos*. Eles consentiam em rituais e orgias sexuais nos bosques de terebintos e realizavam sacrifícios infantis.

**6. Ribeiros.** Antes, *vales*. Lá eles ofereciam bebidas aos seus ídolos.

7. Nos lugares altos se encontravam seus santuários, onde cometiam adultério espiritual.

8. **O leito . . . alargas.** Uma referência ao culto de diversos deuses ao mesmo tempo.

9. O **rei** é provavelmente o deus-rei. Moloque (e não algum rei humano).

10. Apesar da amargura e da escravidão resultante de sua vida ímpia, o povo de Judá estava demasiado obcecado para abandoná-la.

11-13. Esses compromissos teológicos foram feitos sob a pressão dos poderes pagãos – embora todos esses poderes fossem provenientes de insignificantes mortais – quando, ao mesmo tempo, negligenciou-se o seu Deus misericordioso. Nas próximas invasões eles teriam de olhar para os seus ídolos inúteis em busca de um livramento que não viria. Só verdadeiros crentes herdariam o Reino de Deus.

14-21. O profeta fala da compaixão do Senhor para com os verdadeiros arrependidos. **Aterrar** refere-se à construção de uma estrada atravessando campos e matas, por meio de uma elevação contínua de terna e pedras. **Os tropeços** são os corações idólatras e não arrependidos. O versículo 15 apresenta a declaração clássica nas Escrituras de duas habitações divinas. **Vivificar**, isto é, restaurar a vida ao que está espiritualmente morto (lit. *fazer viver*).

16. O **espírito**, isto é, do pecador culpado, sendo repreendido.

17. Esta **cobiça** (*besa'*) é provavelmente a expressão hebraica que mais se aproxima do português "egoísmo".

18. A graça de Deus é concedida sem o menor mérito para justificá-la.

19. O Senhor concede bênçãos que inspiram os lábios humanos a oferecerem adoração e louvor – Fruto dos seus lábios (cons. Hb. 13:15). Os homens o louvam pela paz genuína e perfeita (aqui *shalom*, como em Is. 26:3). **Os que estão longe** – gentios convertidos; **os que estão perto** – judeus convertidos (cons. Ef. 2:17).

20. **Os perversos** aqui são representados pela palavra usada para "ímpios" (Sl. 1) ou "moralmente fora de lugar" (*rasha'*). Os não

convertidos jamais conseguem encontrar a paz verdadeira, mas finalmente são vomitados como abomináveis destroços na praia do tempo.

Seção Três. O Programa da Paz. 58:1 - 66:24.

Nesta terceira seção de Isaías a ênfase está sobre o Espírito Santo que põe em prática e estende a obra da redenção. O programa da graça divina está esboçado até o fim desta dispensação e o começo do novo mundo.

## Isaías 58

Sermão I. Falsa Adoração Contrastada com a Verdadeira. 58:1-14.

**1-7.** A hipocrisia da piedade de Israel está exposta aqui. O profeta é convidado a denunciar impiedosamente a fé espúria dos judeus, com sua pose santarrona nos cultos de adoração e seus jejuns ostentosos, logo seguidos das mesmas maldades e impiedades de antes (v. 4). Nenhuma observância religiosa tem valor para Jeová se não for apoiada por uma vida piedosa, cumpridora das leis e uma compaixão para com aqueles que estão passando por necessidades. Comportamento honesto, o fruto da fé salvadora, assegura o despontar da libertação (v. 8) para a infeliz Judá; a justiça do amor compassivo aclara o caminho para o fiel exército divino que avança.

**8-14.** O Senhor promete restaurar a comunhão e as bênçãos com aqueles que abandonam a hipocrisia.

**9. O dedo que ameaça,** isto é, em (falsa) acusação do inocente.

**10. E a tua escuridão será como o meio-dia;** isto é, "seu presente estado de calamidade e desgraça será substituído pelo brilho do favor de Deus".

**11. Um manancial.** A influência piedosa que flui de um crente afetuoso que partilha suas bênçãos com os outros.

**12.** A nova comunidade (depois do Exílio) devia ser edificada por crentes sinceros e dedicados que eram comprometidos com Deus. Eles



reparariam as maldades resultantes da perversa hipocrisia de seus antepassados.

**13.** A mais significativa evidência de amor sincero para o Senhor é o deleite com o qual Seus adoradores santificam o sábado para o serviço divino e o louvor (e não o usam para propósitos pessoais ou trabalho secular).

**14. Os Altos.** Exaltação espiritual e prosperidade.

## Isaías 59

Sermão II. A Confissão de Israel e a Sua Libertação Operada por Deus. 59:1-21.

**1-8.** Esta passagem descreve o consternador fracasso moral da sociedade judia que se enquadra perfeitamente no que sabemos sobre o degenerado reinado de Manassés. Isaías disse ao povo por que Deus não ouvia seus clamores de livramento da opressão do jugo da Assíria.

**5.** Os **ovos de áspide** e não de *basilisco*. A idéia é que o povo apóstata era como serpentes venenosas que produzem más influências calculadas para destruir os desavisados que nelas confiam. As teias do mal que tecem não cobririam de modo nenhum a sua nudez diante do olho perscrutador de Deus no dia do juízo (v. 6). Consagraram cada parte do seu corpo à iniquidade e à maldade.

**8.** A paz com os outros exige uma boa vontade amorosa de que os ímpios são incapazes; não podem também jamais desfrutar da satisfação ou da paz em seus próprios corações.

**9-15a.** As conseqüências desagradáveis desta depravação de vida estão claramente expostas.

**9.** Judá se tornou vítima da injustiça e opressão assíria, e todas as suas esperanças de independência e prosperidade eram constantemente arrojadas ao chão.

**10. Ao meio-dia como nas trevas.** Antes, no *crepúsculo*. A verdade divina reluz sobre eles, mas eles estão mergulhados nas trevas da ignorância espiritual e da calamidade nacional. A palavra hebraica

para **robustos** não aparece em nenhum outro lugar, mas provavelmente deve ser traduzido assim mesmo ou *vigorosos*, entre os quais os judeus enfraquecidos não passavam de cadáveres quando comparados.

**12-15.** Esta passagem tem o som de uma confissão quebrantada de pecado indesculpável e de maldade agravada.

**15. É tratado como presa.** Isto é, qualquer um que tentasse viver uma vida honesta tornava-se vítima dos assassinos cruéis que dominavam a sociedade israelita.

**15b-21.** Nestes versículos está predita a interferência pessoal de Deus para salvar os pecadores desamparados de sua culpa e escravidão. O posto de observação aqui é o Calvário.

**16.** Descontente como estava Jeová com o completo fracasso moral dos judeus, Ele também estava angustiado com a total ausência de um mediador humano qualificado para Israel. A única atitude que restava a tomar era Ele mesmo se tornar o Mediador – **o seu próprio braço lhe trouxe a salvação** – na pessoa de Jesus Cristo, que sozinho foi revestido da justiça imaculada e impenetrável aos dardos de Satanás.

**18.** Mas o Primeiro Advento foi aqui combinado com o Segundo no qual o Messias virá para esmagar o poder mundial (no Armagedom) e impor os padrões santos de Deus sobre todos os habitantes da terra.

**19.** O mundo inteiro reverenciará a Jeová e seu Santo Espírito repelirá com sucesso todos os ataques feitos ao Seu povo redimido. (A tradução do v. 19b na E.R.C, é preferível à E.R.A.)

**20. Redentor** aqui é *go'el*, "parente remidor", que envolve um relacionamento consanguíneo (no qual Deus não poderia entrar a não ser pela encarnação de Cristo).

**21.** O verdadeiro povo de Deus sempre será um povo que dá testemunho, fielmente proclamando a verdade do Evangelho no poder do Espírito Santo.

## Isaías 60

Sermão III. A Radiância e a Paz do Povo Redimido de Deus. 60:1-22.

**1-3.** O profeta declara que as trevas do mundo devem ser vencidas com a luz de Israel. O ponto de partida é o do primeiro advento de Cristo, pois ele é a Luz a despontar para os judeus. E a sua Igreja seria a luz, isto é, o refletor de Sua gloriosa perfeição e amor, e o canal para a Sua verdade alcançar os pagãos. O Evangelho do N.T. teria uma poderosa atração para os gentios, tal que o Evangelho do V.T. jamais teve.

**4-9.** Aqui os gentios convertidos são descritos como multidões entrando no Reino e apresentando todas as suas posses e talentos como ofertas de ação de graça ao Senhor. Talvez estes convertidos devam ser considerados filhos adotivos de Deus, uma vez que são os **filhos** e as **filhas** de Israel (v. 4). Ou talvez sejam judeus dispersos que seriam acompanhados e escoltados pelos cristãos gentios ao entrarem pela fé no Reino de Deus. É bastante digno de nota que, em origem, todos esses tesouros oferecidos são preponderantemente árabes. Talvez haja uma sugestão aqui de que o Islã um dia se voltará para a Cruz. Todos esses imigrantes na Terra Prometida se assemelham a vãos de **pombas** em sua rapidez, grande ansiedade e grande número (v. 8). Eles são impelidos por sua *esperança* (v. 9) ou confiança no Senhor (uma tradução melhor do que aguardarão, E.R.A., E.R.C.; que é inapropriada). O cortejo será encabeçado primeiro pelos navios vindos de muito longe – aqueles de Társis.

**10-14.** Aqui as Escrituras nos dão um quadro da glória e paz da Sião do Milênio, quando os crentes gentios darão as mãos aos crentes judeus para estabelecerem a nova teocracia e sua gloriosa capital Jerusalém. (A aparência terrestre deste cenário impede de atribuí-lo aos céus.) O império do Messias será supremo e não tolerará oposição ou rebeldia (v. 12). Ao que parece, (como Ez. 40-48) em Sião se construirá um lindo templo (Is. 60:13), para o qual até os descendentes convertidos dos perseguidores de Israel acorrerão para adorar.

**15-22.** A glória do reino milenial está em contraste com a ignomínia do reino apóstata pré-exílico de Israel: glória em lugar de contumácia,

riqueza em lugar de pobreza (vs, 16, 17a), justiça em lugar de injustiça (v. 17b), paz infinita em lugar de derramamento de sangue e guerra (v. 18), a luz da glória do favor e da presença divinos para sempre (v. 19, um versículo que aponta especificamente para as condições celestes; cons. Ap. 22:3-5), reavivamento contínuo e piedade prevalecente em toda a sociedade em vez das apostasias e declínios periódicos do Israel do V. T. (Is. 60:21). O plano divino para uma raça humana perfeitamente justa e obediente será então finalmente realizado sobre a terra (v. 21b), quando a insignificamente minoria dos verdadeiros crentes se expandir em um número grandioso e em uma nação poderosa (v. 22). (No v. 16 as ousadas imagens indicam que exatamente como a mãe concede energia vital quando amamenta o seu filho, assim as nações e os seus governadores concederão energia vital para o serviço da Igreja Milenial.)

## Isaías 61

Sermão IV. O Evangelho do Ungido Produzindo Alegria. 61:1-11.

**1-3.** Cristo aqui está representado com poderes do Espírito para pregar o Evangelho libertador e transformador de vidas (uma passagem que Jesus aplicou a si mesmo em Lc. 4:18-21). O Evangelho é especialmente destinado aos **quebrantados** (isto é, os humildes, que reconhecem seu próprio pecado e a necessidade de um Salvador e os que se arrependem dos seus pecados). É uma mensagem de libertação do cativeiro, de consolação da tristeza e do poder de Deus para uma nova santidade de vida – **carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor** (v. 3). Este Evangelho também promete o justo juízo de Deus sobre todas as forjas do mal sem arrependimento – **o dia da vingança do nosso Deus** (v. 2).

**4-9.** Um quadro da glória da nova vida que substituirá a antiga. O novo Israel, impregnado com a energia do Evangelho de Cristo, reconstruirá a estrutura da teocracia que foi arruinada pela consequência terrível da desobediência e infidelidade.

5. Os convertidos gentios juntar-se-ão na obra pastoral e serviço do Reino, submetendo-se aos apóstolos e Escrituras judias, e alegremente apresentando-se com todas suas posses ao Senhor.

7. **Dupla.** A glória ou bênção dupla de a) a filiação na família de Deus, b) a posse do próprio Cristo que habita no crente como Senhor e Companheiro.

8. **Roubo** (ou *rapacidade*) *relacionado com* (e não *para*) o *holocausto* (E.R.A, acrescenta sem necessidade a palavra **iniquidade**) era o que caracterizava a maioria hipócrita de Israel, mas ele não terá lugar no Reino. Os sinceros judeus redimidos terão posição de mando e influência entre toda a humanidade naquele período final (v. 9).

10,11. O crente regenerado reage alegremente diante dessas promessas misericordiosas. Ele foi revestido com a justiça que Cristo file imputou e foi adornado com a Sua graça como um casal de noivos adornados para o casamento. Ele se regozija no Salvador que é o seu bem maior e no triunfo da justiça sobre a terra.

Sermão V. A Restauração de Sião; a Destruição dos Pagãos Infiéis.  
62:1 – 63:6.

## Isaías 62

1-5. A beleza da justiça imputada e concedida a Sião está exposta e o seu novo estado como a santa noiva de Cristo. Deus não ficará permanentemente frustrado em Seu plano de criar uma nação santa, embora o triste registro do fracasso e apostasia de Israel.

4. "Naquele dia" ela exibirá a justiça de Cristo e portanto receberá um novo nome: *Hephzibah*, **Minha-Delícia**. E sua terra será chamada *Beulah*, **Desposada**.

5. Neste versículo altere-se a vogal acentuada em *banayik*, "teus filhos", para *bonayik*, "teus edificadores", um plural de majestade para "Teu Edificador" (Jeová); isto evita a implicação de um relacionamento

incestuoso na palavra "filhos", e forma um paralelo perfeito com a segunda metade do versículo.

**6-12.** A graça perseverante de Deus garante que esta beleza será conferida a Israel na segunda vinda de Cristo. Profetas fiéis e diligentes que fazem lembrar as palavras divinas (**os que fazeis lembrado**) persistirão pregando e orando até que o reino terreno do Messias seja estabelecido. Desse momento em diante, nenhuma invasão mais prejudicará as colheitas da Palestina (uma predição que só poderá se cumprir no milênio terrestre).

**10.** Neste temos uma convocação ao arrependimento muito semelhante com a de 57:14. A **bandeira**, ou a *insígnia*, é a cruz de Cristo.

**12.** O povo da Jerusalém daqueles dias será exatamente o oposto do que era no tempo de (saías e seus sucessores imediatos: povo profano, escravizado por seus inimigos, não buscado pela graça salvadora de Deus, mas abandonado às conseqüências da apostasia.

### Isaías 63

**63:1-6.** O julgamento divino será infligido sobre o Poder Mundial (em contraste com a bênção final de Israel).

**1.** Aqui novamente (como em 34:5, 6) **Edom** tipifica o mundo rebelde implacavelmente hostil para com o povo de Deus (Amós 1:11). Bozra em Edom sugere o verbo *basar*, "cortar cachos de uvas, vindimar". Cristo está descrito usando roupas manchadas de sangue. É o sangue daqueles que foram mortos no Armagedom (cons. Ap. 19:13), onde Ele mesmo será o responsável pela vitória (como o fez sozinho no Calvário).

**3-6.** Nestes versículos Cristo responde à pergunta do profeta no versículo

**2. Meu próprio braço** (v. 5) como em 59:16, indica a interferência pessoal de Deus na arena da história. Aqui a cena é a mesma de Ap. 14:18,19. Um mundo que rejeita a Cristo e desdenha o Evangelho não

deixa ao Senhor outra alternativa a não ser a de enviar uma destruição terrível e medonha quando o período de Sua paciência se esgotar.

Sermão VI. Israel Roga por Auxílio, com Base nas Misericórdias do Passado. 63:7 – 64:12.

**63:7-9.** Israel canta um hino de ação de graças pelo terno amor de Jeová para com os filhos da Sua aliança, com quem partilhou de todos os rigores e provações.

**10-14.** O profeta se lembra da rebeldia ingrata de Israel, que competiu o Senhor a castigar o Seu povo escolhido como se fosse inimigo Seu. Omita-se as palavras em *itálico*; a pergunta que começa com **Onde** é feita pelo profeta como porta-voz de Israel.

**14. . . . lhes deu descanso;** isto é, durante a viagem pelo deserto sob a liderança de Moisés e Arão (os pastor (es) mencionados no v. 11).

**15-19.** Estes versículos apresentam a súplica dos infiéis arrependidos para que Deus acabe com o seu isolamento e tome a demonstrar-lhes o Seu temo amor (ainda que fossem deserddados por Abraão e Jacó devido a sua infidelidade).

**18. Só por breve tempo.** Cerca de 800 anos por ocasião da queda de Jerusalém em 587 A. C. (e apenas 673 anos depois: de 538 A. C. a 135 d. C.).

## Isaías 64

**64:1-7.** Isaías representa o povo de Israel implorando a Jeová que intervenha no cenário mundial, impondo os direitos de Sua santidade e soberania. 1. A imagem faz lembrar a erupção do Monte Sião.

2. Os homens justos sentem-se entristecidos com o desprezo que os homens demonstram para com Deus, com aparente impunidade. Eles reconhecem que o Senhor não pode intervir devidamente para libertar, a não ser que o seu povo ande em amor e obediência (v. 5), enquanto que o povo de Israel (e *a fortiori* o restante da humanidade) está contaminação pelo pecado; até mesmo suas pretensões à justiça (v. 6) estão viciadas

com motivações basicamente egoístas, e não pelo supremo amor de Deus (a única base para a verdadeira moralidade; cons. Dt. 6:5).

**8-12.** Reconhecendo a sua própria culpa imperdoável, os israelitas arrependidos rogam apenas pelas promessas misericordiosas da aliança divina e apresentam sua terra devastada e o seu Templo arruinado como argumentos para a sua piedade e compaixão.

## Isaías 65

Sermão VII. A Misericórdia Divina Reservada para o Israel Espiritual. 65:1-25.

**1-7.** Esta é uma acusação severa contra a nação judia hipócrita do tempo de Isaías, professando ser um povo santo e justo (v. 5), e contudo praticando todas as execráveis abominações dos pagãos. (Esta descrição seria de todo desapropriada para o Israel pós-exílico, que abandonou a idolatria para sempre).

**1. A um povo que não se chamava do meu nome.** Os gentios (de acordo com Rm. 10:20,21), que um dia atenderiam ao Evangelho, enquanto a nação da aliança permaneceria obstinadamente rejeitando a Cristo. Advertências e amorosas instâncias provaram ser infrutíferas; não havia outra alternativa a não ser o bem merecido castigo do cativo babilônico (e a expulsão romana da Palestina em 135 d. C.).

**8-12.** Contudo este castigo inevitável demoraria a acontecer, a rum de preparar o remanescente dos verdadeiros crentes para as futuras bênçãos. O cacho de uvas do versículo 8 compõe-se, em grande parte, de uvas estragadas ou mirradas; poucas são boas e doces. Por razões sentimentais, sendo este cacho o primeiro da colheita, o agricultor o preserva.

**11. Fortuna** (*Gade* aqui é o nome próprio para o deus sírio da sorte). Destino (*Menî*, o deus do Destino – que introduz o obscuro jogo de palavras do versículo seguinte).

**12. . . . vos destinarei** (da mesma raiz de *Menî*) **à espada.**



**13-16.** O último grupo de israelitas desobedientes foi posto em contraste com o Israel espiritual. Os judeus incrédulos sofrerão fome e sede na alma e os tormentos do inferno; mas os fiéis desfrutarão da generosidade dos céus para sempre, e serão chamados por outro nome (v. 15), presumivelmente de "cristãos".

**17-25.** Aqui se dá um vislumbre da felicidade milenial sobre a terra depois de ter sido purgada dos incrédulos.

**17.** A designação **novos céus e nova terra** aplica-se ao reino milenial apenas como estágio preliminar das glórias eternas do céu (a Nova Jerusalém de Ap. 21; 22) – exatamente como o Pentecoste devia ser considerado (Atos 2:17) uma introdução aos "últimos tempos", embora ocorresse pelo menos dezenove séculos antes do Segundo Advento.

**20.** Esta predição requer as condições de uma cidade terrestre, onde nascem criancinhas e onde pessoas idosas morrem (embora a duração da vida seja bastante prolongada). Esta cena final é a de uma sociedade sem guerras, capitalista (v. 22), na qual até mesmo os animais predatórios se tornaram mansos e inofensivos (como em 11:7-9).

## Isaías 66

Sermão VIII. A Bênção dos Verdadeiros Crentes no Fim dos Tempos. 66:1-24.

**1-4.** Jeová condena o externalismo na adoração. O Todo-poderoso não precisa de templos construídos por homens para habitar nem sacrifícios de animais para se alimentar (que contraste com o conceito pagão!). Ele quer um coração arrependido e crente. Um sacrifício válido é o selo sacramental da fé. À parte da fé, a matança animais é uma abominação diante de Deus igual a um assassinato, ou ao oferecimento de uma besta imunda (v. 3). Aqueles que se desviam do seu chamado descobrem para tristeza sua que Ele vai se desviar quando eles o chamarem.

**5-9.** O maravilhoso livramento do remanescente arrependido é o que se prediz aqui. A maioria dos incrédulos zomba dos que crêem sinceramente na Bíblia, desafiando o seu Deus a que exiba a Sua glória através de um milagre de libertação ou vingança, se for capaz. A resposta de Jeová ao desafio virá quando a tempestade dos caldeus sitiar tumultuosamente os muros de Jerusalém (v. 6). Nos "últimos dias" (a começar com o Pentecostes) esse remanescente se multiplicará rapidamente até formar um povo grande e numeroso pela pregação do Evangelho. E sem as prolongadas dores de parto, a comunidade extensa da Igreja Cristã brotaria por todo o Império Romano em apenas uma geração.

**10-14.** No conforto e na prosperidade da dispensação do Milênio, todo o grupo dos crentes desfrutará de paz ininterrupta e abundante (**como um rio** – v. 12) e exercerá uma influência totalmente dominante sobre todo o mundo. O relacionamento mais íntimo e mais afetuoso prevalecerá entre o Israel dos últimos tempos e o seu Deus. Um castigo decisivo e imediato será aplicado a todos os injustos e desobedientes.

**15-17.** Incrédulos idólatras serão destinados ao fogo do inferno (conforme está reafirmado em II Ts. 1:7-9).

**17. Após a deusa,** isto é, após o líder do culto que dirigia cerimônias de purificações idólatras (Jazânias, por exemplo, em Ez. 8:11).

**18-21.** A glória de Deus será manifesta a todo o mundo, isto é, a todos os que foram salvos da destruição do Armagedom, e se reuniram como adeptos da Igreja Milenial. Ao que parece, haverá então uma extensa atividade missionária estrangeira. Mencionados foram **Társis** (Mediterrâneo oriental), **Pul** (sul do Egito, talvez a Somália), **Lude** (provavelmente Lídia na Ásia Menor), **Tubal** (sudoeste do Mar Negro) e **Javã** (Grécia).

**20,21.** Todos os judeus regenerados da Dispersão serão honrosamente escoltados por seus correligionários gentios a caminho da Palestina. Possivelmente serão recebidos como tão santos (**para**

**sacerdotes e para levitas)** quanto os judeus já na terra e em pé de igualdade. Ou talvez deles se refira aos crentes gentios propriamente ditos.

**22-24.** A criação dos novos céus e uma nova terra introduzirá um estado final, permanente e imutável para ambos, redimidos e condenados. Ao que parece, o aparecimento total da humanidade em Jerusalém para adoração é uma figura do compromisso e da obediência religiosa para com Jeová na qualidade de único Deus verdadeiro. Contudo as visitas a Jerusalém poderiam ainda ser uma possibilidade lógica decorrente da duração do período de mil anos. Os fiéis olharão para os cadáveres daqueles que se juntaram ao assalto final do Poder Mundial contra Jerusalém, esparramados pelo campo de batalha, e os detestarão e a tudo o que representam nesta vida. Observe que não se diz que os cadáveres ficarão lá para sempre. As almas dos ímpios serão consignadas para os tormentos eternos do inferno (como Cristo reafirmou em Mc. 9:48).

Assim a majestosa teologia deste Volume Oito chega a um fim comum vislumbre do destino eterno de toda a humanidade. A obra expiatória do Servo de Jeová estabeleceu os fundamentos para uma nova Comunidade, para os Novos Céus e a Nova Terra que nunca mais passarão.

# JEREMIAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 14	Capítulo 27	Capítulo 40
Capítulo 2	Capítulo 15	Capítulo 28	Capítulo 41
Capítulo 3	Capítulo 16	Capítulo 29	Capítulo 42
Capítulo 4	Capítulo 17	Capítulo 30	Capítulo 43
Capítulo 5	Capítulo 18	Capítulo 31	Capítulo 44
Capítulo 6	Capítulo 19	Capítulo 32	Capítulo 45
Capítulo 7	Capítulo 20	Capítulo 33	Capítulo 46
Capítulo 8	Capítulo 21	Capítulo 34	Capítulo 47
Capítulo 9	Capítulo 22	Capítulo 35	Capítulo 48
Capítulo 10	Capítulo 23	Capítulo 36	Capítulo 49
Capítulo 11	Capítulo 24	Capítulo 37	Capítulo 50
Capítulo 12	Capítulo 25	Capítulo 38	Capítulo 51
Capítulo 13	Capítulo 26	Capítulo 39	Capítulo 52

## INTRODUÇÃO

**A Vida e a Época de Jeremias.** Na história do Reino de Judá, após a morte de Salomão e a divisão do seu reino, houve quatro declínios religiosos e três reavivamentos. Josias (640-609 A. C.) foi o último rei bom. No seu reinado aconteceu o bem conhecido reavivamento ocasionado pelo descobrimento do rolo da Lei. Este foi o último reavivamento. Depois disso a história judia é um declínio político, moral e religioso constante, culminando no exílio babilônico. Este período final de declínio foi o período do ministério do profeta Jeremias.

Este foi o período durante o qual se levantou o novo império babilônico. Durante os meados do Reino Dividido, a Assíria dominou o Crescente Fértil. Mas após a queda de Nínive, a sua capital, em 612 A. C., o Império da Assíria desintegrou-se e a Babilônia veio a ser a senhora do

mundo civilizado. A tentativa vã dos egípcios de assegurar a sua autoridade nesta crise de impérios deixou as suas marcas na história bíblica. Na verdade, pelas fontes bíblicas parece que havia dois partidos na corte de Jerusalém. O partido pró-egípcio cria que o Egito estava se renovando como poder mundial e que se poderia confiar nele como anteparo contra a agressão da Babilônia. Os pró-babilônicos viam na estrela nascente da Babilônia um poder invencível e insistiam em se lhe submeter como preço de uma existência nacional continua. Os profetas aconselharam a nação a não esperar nada do Egito nem da Babilônia, mas a confiar em Deus.

Jeremias começou o seu ministério no décimo terceiro ano (626 A. C.) de Josias, arco anos depois do reavivamento. Seu ministério continuou pelos primeiros anos do Exílio . Ele morreu no Egito, provavelmente alguns poucos anos depois da destruição de Jerusalém, que aconteceu em 587 A. C.

Josias foi morto em 609 A. C., em Megido, na sua tentativa infrutífera de fazer Faraó-Neco parar, o qual estava a caminho de dar o seu apoio ao vacilante Império Assírio. Jeoacaz, filho de Josias, sucedeu a seu pai em Jerusalém. Neco evidentemente cria que Jeoacaz fosse do partido pró-babilônico, pois o levou para o Egito (após um governo de três meses) e fez rei a Jeoaquim (609.598 A. C.). Jeoaquim foi um governante vigoroso e um homem muito perverso. Ele tentou, em diversas ocasiões, silenciar a Jeremias. Durante o seu reinado Jeremias ditou o seu primeiro livro, o qual o rei destruiu imediatamente (Jr. 36). Durante o seu reinado também teve lugar a batalha de Carquemis (605 A. C.), na qual o Egito foi esmagado por Nabucodonosor, o príncipe herdeiro da Babilônia, que logo após veio a ser o rei da Babilônia. Naquela ocasião o império babilônico estava a caminho do domínio do mundo.

A vitória de Nabucodonosor em Carquemis foi seguida da tomada da Palestina, o que colocou Judá na órbita babilônica. Uns poucos hebreus (Daniel entre eles) foram deportados para a Babilônia naquela

ocasião. Mais tarde Jeoaquim se rebelou. Seguiram-se muitos problemas para Judá, inclusive outra possível tomada de Jerusalém pelos babilônios. No meio dessa inquietação, Jeoaquim morreu – possivelmente vítima de um golpe no palácio – depois de um reinado de onze anos.

Joaquim, o filho de Jeoaquim, sucedeu a seu pai no trono. Jeremias chamou a este de Conias e Jeconias (22:24,28; 24:1; 27:20; 29:2). Quando Joaquim estava reinando há apenas três meses, os babilônios atacaram a Jerusalém (em uma tentativa atrasada de esmagar a revolta de Jeoaquim) e levaram Joaquim para a Babilônia (597 A. C.) junto com outros judeus importantes e muitos artesãos. Após trinta e sete anos de confinamento ali, Joaquim foi solto da prisão.

No lugar de Joaquim, Nabucodonosor colocou Zedequias, o tio de Joaquim. Durante onze anos ele manteve uma posição precária na qualidade de rei-vassalo de Nabucodonosor. Ele tinha um caráter fraco, mas contudo protegeu Jeremias contra as tentativas dos nobres que ameaçavam sua vida e aceitou os conselhos de Jeremias, embora nunca fosse capaz de executá-los. Inevitavelmente, ele, também, foi apanhado pela quimera da independência e rebelou-se. No nono ano de Zedequias, Nabucodonosor começou o cerco final de Jerusalém; no undécimo ano de Zedequias (587 A. C.) a cidade foi tomada e destruída. Zedequias, cego, foi levado para a Babilônia, junto com muitos outros conterrâneos de Jeremias.

Em relação aos acontecimentos em Judá depois da destruição de Jerusalém, dependemos quase exclusivamente de Jeremias (caps. 40-45). Jeremias e muitas pessoas simples foram deixadas na terra sob a liderança de Gedalias, o governador fantoche judeu. Após as inquietações civis nas quais Gedalias foi assassinado, certos judeus, sem dúvida remanescentes do partido pró-Egito, fugiram para o Egito, forçando Jeremias a acompanhá-los. No Egito o profeta morreu.

A morte de Jeremias conclui a história do reino hebreu. A proclamação de Cito, permitindo que os exilados retornassem a Judá, foi o sinal do começo da nova época do Segundo Estado.

**Jeremias: O Homem e a Sua Mensagem.** Jeremias, o sacerdote, foi convocado para o ofício profético em um período muito infeliz. O reavivamento de Josias tinha acabado e seus resultados tiveram curta duração. O declínio final estava a caminho. Quando o profeta foi chamado, ele foi intimado a transmitir uma mensagem de condenação e não de salvação. Através de todo o seu longo ministério de mais de quarenta anos, sua pregação refletiu este tema de juízo. Deus se levantara cedo e enviara os seus servos, os profetas, mas Israel não queria ouvir. Agora, o destino previsto para uma nação apóstata em Deuteronômio 28-30 era inevitável. A Babilônia tomara Judá. E seria melhor que o povo capitulasse com elegância para salvar suas vidas.

Esta mensagem, transmitida a homens cujo nacionalismo desesperado era tudo que lhes restava para se apegarem, foi completamente rejeitada e seu transmissor foi rejeitado juntamente com ela. Jeremias foi considerado um intrumeto e traidor; e o povo, os nobres, e o rei, alternadamente, tentaram matá-lo.

Entendemos mais claramente a personalidade de Jeremias do que a de qualquer outro profeta. Isto se deve ao fato de seu livro estar cheio de partes autobiográficas – "confissões de Jeremias". Esses derramamentos do espírito humano são algumas das declarações mais pungentes e patéticas sobre a tensão de um homem sob o imperativo divino que se encontram nas Escrituras. Temo-las abaixo relacionadas. Elas nos mostram um Jeremias que estava se retirando, sensível, com medo das "caretas" do povo, alguém que consideraríamos singularmente inadequado para o trabalho que lhe foi concedido. Que ele tenha tenazmente se apegado à tarefa que lhe foi consignada através de sucessivos anos de rejeição e perseguição é um tributo a ambos, ao

caráter do homem e à graça de Deus, sem a qual a sua personalidade certamente teria se desfeito em pedaços.

### **As Confissões de Jeremias.**

10:23, 24          17:9-11, 14-18.

11:18 – 12:6      18:18-23

15:10-21          20:7-18

**A Composição do Livro.** O livro de Jeremias não está na ordem cronológica. Este comentário declara a data de cada seção ou capítulo, isto é, o tempo quando os acontecimentos tiveram lugar ou quando a profecia foi proclamada, sempre que tal data seja conhecida. Porque o livro foi arrumado nessa ordem, não o sabemos. Qualquer esboço de Jeremias é um tanto arbitrário. O que damos abaixo tenta mostrar a unidade do livro.

É impossível, na presente situação de nossos conhecimentos, falar sobre as circunstâncias da composição do livro. Muitos comentaristas modernos acham que cenas partes dele não foram escritas por Jeremias mas por escritores posteriores, cujo ponto de vista diferia marcadamente do ponto de vista do profeta. Este comentário acha que há boas razões para se tomar uma atitude conservativa para com a autoria do livro - que em seu atual estado é substancialmente a obra de Jeremias e Baruque, o seu auxiliar (cons. Jr. 45:1).

É provável que o livro tenha passado por diversas edições, cada uma substituindo outra com material adicional. A história da criação da primeira edição, sua destruição e a composição da segunda edição, com acréscimos, está no capítulo 36. Sem dúvida houve revisões subseqüentes. Há muito que já se notou que a tradução grega de Jeremias, conforme aparece na Septuaginta, feita no Egito antes de 132 A. C., é muito mais curta que o livro hebraico, do qual foi feita a tradução portuguesa. Além disso, a Septuaginta omite muitas das repetições que estão na cópia hebraica e altera a ordem do material até



um certo ponto. Atualmente não se pode chegar a nenhuma conclusão definida sobre a relação que há entre a Septuaginta e o texto hebraico; este comentário, com base na Bíblia portuguesa, segue o Jeremias hebraico.

**O Inimigo do Norte.** Através de todos os sermões de Jeremias surgem referências a um inimigo do norte que devastaria Judá e a levaria cativa. O capítulo 4 é típico desses oráculos: O inimigo destruirá como leão ou como redemoinho, deixando a terra desolada como o caos primevo. Quem é este inimigo destruidor? O cumprimento indica que o inimigo do norte era a Babilônia. Embora a Babilônia fique na mesma latitude da Samaria, suas invasões na Palestina sempre vieram pelo norte, uma vez que o deserto que separa as duas era intransitável. A opinião que considera os citas como os mencionados inimigos do norte em alguns lugares do livro não é defendida hoje em dia ao fortemente como antigamente e pode ser rejeitada com segurança.

Às vezes o norte é usado referindo-se à origem dos conquistadores da Babilônia (50:3, 4, 41; 51: 48). Este uso do termo é difícil de explicar. Os persas, que foram os principais conquistadores da Babilônia, deram do leste. Provavelmente o norte aqui tenha se transformado em uma expressão para a fonte de qualquer problema, uma vez que os problemas de Israel por tanto tempo vieram dessa direção. Maiores explicações podem ser tiradas do fato dos medos, localizados ao norte, terem se juntado aos babilônios na tomada de Nínive. Veja observação sobre Jr. 50:11.

**As Cartas de Láquis.** Láquis, ao pé das colinas da Judéia, era uma das fortalezas mantidas para a defesa de Jerusalém contra os ataques vindos da Planície do Mediterrâneo. Foi uma das últimas cidades a cair no poder dos babilônios antes da tomada final e da destruição de Jerusalém (Jr. 34:7, observação). Luz interessante foi lançada sobre esses últimos dias agitados da história de Judá por causa de um descobrimento nas ruínas da antiga Láquis. Quando a cidade foi escavada (1932/1938), encontrou-se em uma guarita do portão externo, vinte e uma cartas

escritas sobre pedaços de cerâmica. Estavam escritas em antigo hebraico, com tinta de ferro-carbônico, datadas do período de Jeremias, quando Láquis estava enfrentando o seu cerco final.

Muitas dessas cartas foram escritas por um certo Oséias, um oficial militar em algum posto avançado perto de Láquis, para Yaos, o comandante de Láquis. Sua linguagem é muito parecida com a do Livro de Jeremias. Oséias está constantemente defendendo-se diante do seu superior. Talvez fosse suspeito de estar pronto a se entregar aos babilônios. Uma vez ele descreve um dos príncipes com palavras quase idênticas usadas pelos príncipes contra Jeremias (Jr. 38:4). Há uma menção do "profeta" cuja mensagem é "perigosa". Seria uma referência a Jeremias? Não podemos ter certeza. De acordo com o livro de Jeremias, havia profetas em abundância naqueles tempos cheios de perturbações. Outra carta menciona a incapacidade de Oséias de ver os sinais de fumaça de Azeca, embora pudesse ver os de Láquis. Talvez nessa ocasião Azeca já tivesse caído (cons. Jr. 34: 7). Embora o significado específico de muitas das referências dessas cartas fuja à nossa compreensão, as cartas lançam uma luz viva sobre o tempo perturbado e terrível exatamente antes da queda do reino judeu.

(Para consultar uma tradução dessa correspondência, veja *Ancient New Eastern Texts Relating to the Old Testament*, ed. por James B. Pritchard, 2nd ed.).

**A Literatura sobre Jeremias.** Comentaristas do livro podem ser divididos em dois grupos. Os comentaristas antigos criam de modo geral que a profecia era de inspiração divina e explicavam as profecias nessa base, mas estão ultrapassados em questões de cenário histórico. Desses, o melhor provavelmente continua sendo C.F. Keil, *The Prophecies of Jeremiah*, Edinburgh, 1883, recentemente reeditado em *Keil and Delitsch Commentaries Series* de Eerdmann.

A maior parte dos novos comentaristas, naturalistas na maneira de interpretar, considera a mensagem profética originária da mente do profeta, cuja intuição brilhante é a mais alta forma de inspiração. Eles

geralmente usam as mais recentes descobertas arqueológicas e portanto dão uma orientação melhor à grande quantidade de material histórico do livro. "Jeremias" no *The Interpreter's Bible* (1956), com introdução e exegese de James Philip Hyatt, demonstra este método de uma maneira mais perfeita. O capítulo intitulado "The Doom of the Nation" em *Understanding the Old Testament*, por Bernhard W. Anderson, dá um bom sumário do conteúdo do livro colocado em seu cenário histórico, junto com um esboço simpático do caráter de Jeremias.

Edward J. Young em sua *Introduction of the Old Testament* arruma o material do livro em sua ordem cronológica, e faz uma discussão do problema da autoria do ponto de vista da Cristandade conservadora.

## ESBOÇO

- I. Oráculos contra a teocracia. 1:1 – 25:38.
  - A. A vocação do profeta. 1:1-19.
  - B. Reprimendas e advertências, na maior parte do período de Josias. 2:1 – 20:18.
    - 1. A negligência de Israel para com Deus. 2:1 – 3:5.
    - 2. Judá advertida com o destino do Reino do Norte. 3:6 – 6:30.
    - 3. A falsa religião de Jerusalém. 7:1 – 10:25.
    - 4. Israel rejeitada por transgredir a aliança divina. 11:1 - 13:27.
    - 5. A interpretação profética incapaz de evitar o juízo. 14:1-17:27.
    - 6. Dois sermões simbólicos e um aprisionamento. 18:1 - 20:18.
  - C. Profecias posteriores. 21:1 - 25:38.
    - 1. A questão do cerco. 21:1-14.
    - 2. Uma exortação ao rei e ao povo. 22:1-9.
    - 3. O destino de Salum. 22:10-12.
    - 4. Um oráculo contra Jeoaquim. 22 : 13-23.
    - 5. Um oráculo contra Joaquim. 22:24-30.
    - 6. O Rei Messiânico. 23:1-8.
    - 7. Contra os falsos profetas. 23:9-40.
    - 8. A visão dos figos. 24:1-10.

9. O julgamento de Judá e todas as nações. 25:1-38.

II. Acontecimentos da vida de Jeremias. 26 : 1 - 45 : 5.

A. O sermão do templo e a prisão de Jeremias. 26:1-24.

B. O jugo da Babilônia. 27:1 - 29:32.

C. O livro da consolação. 30:1 – 33:26.

1. O Dia do Senhor: Seu terror e livramento. 30:1-24.

2. A restauração da nação e a nova aliança. 31:1-40.

3. Jeremias resgata um campo em Anatote. 32 : 1.44.

4. Mais promessas de restauração. 33:1-26.

D. Algumas das experiências de Jeremias antes da queda de Jerusalém. 34:1-32.

1. Um oráculo para Zedequias. 34:1-7.

2. A aliança transgredida em relação aos escravos hebreus. 34:8-22.

3. O exemplo dos recabitas. 35:1-19.

4. As profecias de Jeremias ditadas a Baruque. 36:1-32.

E. Jeremias durante o cerco e a destruição de Jerusalém. 37:1 – 39:18.

1. Jeremias aprisionado. 37:1-21.

2. Jeremias retirado da cisterna. 38:1-28.

3. A queda de Jerusalém. 39:1-18.

F. Os últimos anos de Jeremias. 40:1 – 45:5.

1. A administração de Gedalias e o seu assassinato. 40:1 – 41:18.

2. Migração dos refugiados para o Egito. 42:1 – 43:7.

3. Jeremias no Egito. 43:8 – 44:30.

4. O oráculo de Jeremias a Baruque. 45:1-5.

III. Os oráculos de Jeremias contra as nações estrangeiras. 46:1 -51:64.

A. Oráculo contra o Egito. 46:1-28.

B. Oráculo contra os filisteus. 47:1-7.

C. Oráculo contra Moabe. 48:1-47.

D. Oráculo contra os amonitas. 49:1-6.

E. Oráculo contra Edom. 49:7-22.

F. Oráculo contra Damasco. 49:23-27.

G. Oráculo contra Quedar e Hazor. 49 : 28.33.

H. Oráculo contra Elão. 49:34-39.

I. Oráculo contra a Babilônia. 50:1 – 51:64.

IV. Apêndice: A queda de Jerusalém e os acontecimentos relacionados. 52:1-34.

## COMENTÁRIO

### 1. Oráculos Contra a Teocracia. 1:1 - 25:38.

#### Jeremias 1

##### A. A Vocação do Profeta. 1:1-19.

Jeremias, apesar de sua reserva, foi comissionado a proclamar a mensagem que dizia que Judá seria destruída por um inimigo vindo do norte. Deus prometeu protegê-lo da ira dos seus concidadãos.

##### 1) Introdução. 1:1-3.

**1. Palavras.** O hebraico *dibrê* não significa só **palavras** mas também "feitos" e foi assim traduzido em 5:28. Talvez aqui ambos os significados possam ser aplicados. Este livro contém a história do profeta como também suas mensagens. **Sacerdotes.** Um homem podia ser sacerdote por direito de nascimento, mas só era profeta por vocação divina. **Anatote.** Uma cidade no território de Benjamim, separada para residência dos sacerdotes e levitas (Js. 21:18). Está localizada duas milhas e meia a nordeste de Jerusalém e chama-se Anata atualmente.

**2. Veio a palavra do SENHOR.** Jeremias freqüentemente usava esta declaração de inspiração profética. **Josias.** O último bom rei de Judá, que instituiu uma grande reforma na religião da nação. **Décimo terceiro ano.** Foi o ano 626 A. C.; ele ainda tinha dezoito anos para reinar.

**3. Jeoaquim** subiu ao trono três meses após a morte de Josias. Durante os meses intermediários, reinou seu irmão Jeoacaz, até que Faraó-Neco o levou para o Egito. (II Reis 23:30-34 ; II Cr. 36: 1.4; Jr. 22:10-12). Jeoaquim era um apóstata, que reavivou o paganismo que seu pai aboliu e Jeremias não tinha nada de bom para lhe dizer. Ele reinou onze anos (609.598 A. C.), tempo durante o qual Nabucodonosor atacou Jerusalém e forçou Jeoaquim a pagar-lhe tributo. Mais tarde Jeoaquim rebelou-se. Não se sabe como ele morreu, mas a profecia de Jeremias (22:19, observação) parece indicar que ele teria um fim violento (II Reis 23:36 - 24:7; II Cr. 36:5-8). **Zedequias**. O último governante de Judá. Embora chamado rei, parece mais que foi um regente, agindo em lugar de Joaquim, seu sobrinho, o qual, após três meses de reinado, foi levado para a Babilônia por Nabucodonosor (II Reis 24 : 8-16; 25:27-30; II Cr. 36: 9, 10). Seu reinado durou onze anos (597-587 A. C.) e chegou ao fim com a destruição de Jerusalém e o cativeiro dos judeus (II Reis 24:18 – 25:7; II Cr. 36:11-21). **Quinto mês**. Veja observação sobre 52:12, 13. Cons. II Reis 25:8, 9.

## **2) Deus Vocaciona Jeremias. 1:4-10.**

**4. A mim**. A mudança da terceira pessoa (vs. 1-3) para a primeira não é anormal na literatura do antigo hebraico.

**5. Conheci . . . consagrei. . . constitui**. Estes verbos são sinônimos aproximados. A tarefa de Jeremias seria difícil; estas palavras asseguraram-lhe a escolha divina e o Seu apoio. *Conhecer*, quando usado em relação a Deus nas Escrituras, tem uma conotação ativa. **Consagrei**. Separar para o ofício profético. **Profeta**. O termo hebraico *nabi* parece referir-se a um "orador" que é uma boa caracterização do profeta hebreu. Ele era porta-voz de Deus.

**6. Uma criança**. Isaías, quando chamado para ser profeta, sentiu-se "impuro" (Is. 6:5). Jeremias, de acordo com sua natureza tímida, expressa seus sentimentos de incapacidade.

**8. Diante deles.** Suas faces, uma parte usada como todo. As faces dos homens de Jerusalém refletirão a animosidade de suas personalidades perversas.

**9. Tocou-me na boca.** Para capacitá-lo a vencer o temor e a falar. **Na tua boca as minhas palavras.** Jeremias recebeu uma mensagem para pregar. Ezequiel, quando veio a ser o porta-voz de Deus, comeu simbolicamente um rolo (Ez. 3:2, 3).

**10.** O uso divino de quatro sinônimos para a destruição e só dois para a edificação bíblica que a mensagem de Jeremias devia ser predominantemente de advertência sobre o juízo vindouro. Constituo. Faça-o supervisor. Gn. 39:4, 51.

### **3) A Visão da Amendoeira. 1:11, 12.**

**11.** Aqui há um jogo de palavras. **Amendoeira** é *shaqed* e **velo** é *shoged*. A menção de *shaqed* traz à mente *shoged*, que tem o mesmo som. Esse tipo de jogo de palavras é freqüente na Bíblia hebraica.

**12. Eu velo** e não *eu me apresentarei* (cons. 31:28; 44:27).

### **4) A Visão da Panela ao Fogo. 1:13-16.**

**13. Ao fogo.** Literalmente, *assoprada*; portanto, fervendo. **Cuja boca se inclina do norte.** A panela estava inclinada para o sul. Logo estava derramando o seu conteúdo escaldante que escorreria sobre Judá. **Norte.** Cons. Introdução. **O Inimigo do Norte.**

**14. O mal.** Antes, *a calamidade*. A palavra hebraica significa geralmente "miséria", "desespero", "problemas", como também "mal". Tema. isto é, Judá.

**15. Eis que convosco.** *Estou convocando agora.* **À entrada das portas.** O lugar aberto do lado de fora das portas da cidade era o cenário dos negócios públicos (Rute 4:1,11); ali os reis faziam justiça (I Reis 22:10). O cumprimento desta profecia está registrada em Jr. 39:3.

### **5) Encorajamento ao Profeta. 1:17-19.**

**17. Cinge os teus lombos.** Cons. 13:1 observação. **Não te espantes . . . não te infunda espanto**, literalmente.

**18. Cidade fortificada** (cons. Ez. 3:8, 9). **Reis . . . príncipes . . . sacerdotes . . . povo.** As diversas categorias de cidadãos; cada grupo mais tarde se opôs a Jeremias. **Povo.** A expressão hebraica significa "o povo simples".

## **B. Repreensões e Advertências, Principalmente do Período de Josias. 2:1 – 20:18.**

Estas seis seções, que são generalizadas e repetitivas no caráter, parecem datar do primeiro período do ministério do profeta. Talvez constituam exemplo típico de suas pregações.

### **1) A Negligência de Israel para com Deus. 2:1 – 3:5.**

#### **Jeremias 2**

A apostasia do povo hebreu foi aqui muito ternamente descrita em termos semelhantes àqueles usados em Oséias.

**2. Afeiçoão.** *Hesed* contém a idéia de "amor" e "fidelidade". A E.R.C. traduz para **beneficência**. O relacionamento de Deus com Israel tem sido muitas vezes comparado pelos profetas com o do marido com a sua esposa (Is. 54:4; Os. 2:2-20; Ez. 16). Aqui os primeiros dias de Israel são comparados com os de uma lua-de-mel. Israel deixara o Egito e seguiu o seu marido a uma terra estranha (Êx. 19:4). Jeremias não pretende negar as freqüentes apostasias dos primeiros dias, mas ele enfatiza aqui a determinação digna de louvor da nação de seguir o seu Deus no deserto. **Deserto** está definido como **terra em que se não semeia**. O *midbar* do Oriente Médio não é uma terra completamente desolada, mas é uma terra não cultivada pela qual os beduínos perambulam à procura de pasto para os seus rebanhos (cons. Joel 2: 22; Sl. 65:12, 13). Aqui a viagem dos hebreus através do deserto do Egito para Canaã é o que se pretende dizer.



**3. Consagrado.** *Santo* (cons. Êx. 19:5, 6). **Primícias.** As primícias da colheita eram separadas por serem sagradas (Êx. 23:19; Lv. 23:9-21); assim também Israel, as primícias de Deus entre as nações, era sagrado. As **primícias** eram oferecidas a Deus e não podiam ser comidas pelos israelitas leigos. Do mesmo modo aqui, aqueles que **devoraram** Israel serão considerados culpados . . . **se faziam culpados** (cons. Gn. 12:3). A história comprovou a verdade desta declaração.

**4. Jacó . . . Israel.** Toda a nação hebréia é o que se tem em vista. Os profetas freqüentemente ignoravam a divisão do reino e o exílio das tribos do norte e se dirigiam a "toda a família que fiz subir da terra do Egito" (Amós 3:1).

**5. Nulidade . . . se tornando nulos.** O substantivo e o verbo vieram da mesma raiz hebraica, que significa basicamente "vapor", "hálito" e daí, "inutilidade" ou "inútil". É freqüentemente usado (como aqui) como sinônimo de idolatria (cons. 10:15; 16:19; e muitos outros).

### **A ingratidão de Israel para com o seu Deus Salvador. 6-8.**

**7. Uma terra fértil.** *Um jardim*, cultivado e fértil, em contraste com o deserto pelo qual tinham acabado de viajar.

**8. Os sacerdotes não disseram . . .** A deserção do povo era causada por seus líderes. **Lei.** Provavelmente lei no sentido mais amplo de "instrução na vontade de Deus". Não me conheceram. A falta de conhecimento de Deus é um tema freqüente dos profetas (cons. Os. 4:6), o que se quis dizer é que os sacerdotes deliberadamente rejeitaram a Deus "em cujo conhecimento está nossa vida eterna" (cons. Jr. 31:34). **Os pastores.** O hebraico *ro'eh* tem o significado fundamental de "pastor" e aqui deveria ser traduzido para *governadores*. **Baal.** O deus cananita da tempestade e da fertilidade. Causas de nenhum proveito. Esta expressão (igual à nulidade, v. 5) geralmente se usa em relação à idolatria, conforme aqui (cons. v. 11).

**9. Pleitearei.** A idéia sugerida por esta palavra é a de instauração de processo contra uma pessoa em um tribunal.

**10. Terra do mar** e não *ilhas*. Ou *terras costeiras*, ou *regiões*. **Chipre**, ou talvez as terras litorâneas do Mediterrâneo em geral. Quedar. Provavelmente no deserto da Arábia na direção oposta à de Chipre (cons. Gn. 25:13). O significado é: "Esquadrinhai o leste e o oeste".

**11. Sua Glória.** Deus era a glória de Israel (Sl. 106:20).

**13.** Um contraste vivo entre a água fresca de uma fonte perene e a de uma cisterna (cuja água era salobra na melhor das hipóteses) agora completamente vazia por causa de um terremoto.

### **Os resultados da apostasia de Israel. 2:14-19.**

Enquanto a nação se aproximam do colapso, duas opiniões políticas se desenvolviam na corte. Alguns aconselhavam um pacto com a Babilônia – aqui indicada com "beber as águas do Eufrates", e outros insistiam em um tratado como Egito – "beber as águas do Nilo" (v. 18). Jeremias descreve a destruição que adulta à nação nas recentes guerras na Palestina. Nada além de escravidão e ruína seria o resultado em qualquer um dos rumos; seria melhor se o povo se voltasse para Deus.

**14. Servo nascido em casa.** Os escravos eram de dois tipos: os adquiridos por compra e os nascidos na casado senhor e portanto sua propriedade permanente (Ex. 21:24).

**15. Da terra dele fizeram uma desolação.** O reino do norte já se encontrava nesse estado por causa da apostasia do seu povo.

**16.** Ao mesmo tempo, os exércitos do Egito tinham começado a devastar as terras de Judá. **Mênfis**, uma importante cidade egípcia perto da moderna Cairo (44:1). **Tafnes**. A moderna Teel Defenneh, sobre a margem oriental do Delta, dominando a estrada para a Palestina (cons. 43:7-9; 44:1).

**18. Nilo**, simbolizando o Egito (Is. 23:2). Eufrates, simbolizando a Assíria (cons. Os. 7:11; 12:1).

**20.** A RSV deve ser a preferida: "Há muito tempo quebraste o teu jugo e rompestes as tuas cadeias; e disseste: 'Não servirei'. Sim, sobre cada colina elevada e sob cada árvore verde tu te inclinaste como uma

prostituta.” A infidelidade de Israel ao seu senhor e marido é com freqüência intitulada prostituição. A figura foi traduzida com mais robustez por causa da prostituição cultural freqüentemente praticada no culto a Baal, provavelmente aludida aqui (cons. Ez. 16; Os. 1-3).

**Outeiro alto . . . árvore frondosa.** Cons. 3:6 observação.

**21.** A viticultura era uma das ocupações principais dos antigos hebreus. Considerando que o plantio e os cuidados devidos às videiras implicavam em dificuldades e perigos, e as colheitas eram incertas, e que o produto era valioso e desejado, a vinha é com freqüência usada como ilustração de pregação profética. Israel foi comparada a uma videira, Deus ao viticultor (Is. 5:1-7; Sl. 80: 8; Os. 10:1; cons. Jo. 15:1-8). **Vide brava.** *Uma videira estranha.*

**22. Continua a mácula da tua iniquidade perante mim.** Em outras palavras, "ainda que aparentes justiça exteriormente, isto não oculta de mim tua iniquidade oculta, a qual não pode ser purificada por meios físicos". **Salitre** é lixívia, um mineral alcalino extraído dos lagos de sódio no Egito, e misturado com óleo para a lavagem de roupa.

**23-25.** Jeremias compara o seu povo com as criaturas selvagens no cio. Seu desejo é tão grande que qualquer parceiro que as deseje pode tê-las sem se afadigar. Aqui a fêmea persegue o macho. **Baalim** (v. 23), **Baal** (cons. 2:8, observação). **Dromedária nova de ligeiros pés . . . zigue-zagueando pelo caminho.** *Uma jovem camela impaciente cruzando suas próprias trilhas.* **No ardor do cio, sorve o vento. Quem a impediria de satisfazer o seu desejo? No mês dela.** Isto é, no seu período de cio.

**25. Guarda ... os teus pés.** "Não continues perseguindo e ansiando pela idolatria", diz Deus. Mas Israel replica: "continuarei seguindo os deuses estrangeiros".

**26-28.** Em um futuro período de dificuldades, o Senhor adverte, os tão procurados deuses de Judá não serão capazes de salvá-la. **Pau . . . pedra** (v. 27). Provavelmente referências aos objetos de culto tão largamente disseminados, 'asherâ e massebâ. O 'asherâ (**pau**) deveria

ser um poste colocado e adorado nos lugares altos dos cananeus. Era símbolo de Aserá, a deusa da fertilidade. O *massebâ* (**pedra**) era usado em ligação com o culto a Baal (Dt. 12:3). **Tantos como as tuas cidades** (v. 28). Os Baús eram geralmente identificados com lugares. Havia um Baal de Ecrom (II Reis 1:1-16). Assim cada cidade tinha uma divindade local (cons. Jr. 11:13).

**29. Por que contendeis comigo?** "Por que vocês se queixam dizendo que eu os tenho abandonado em sua crise, uma vez que vocês têm se rebelado contra mim?"

**31. Somos livres!** e não *somos senhores*. Isto é, vagamos à vontade, sem restrições.

**33. Como dispões bem os teus caminhos, para buscares o amor! pois até às mulheres pendidas os ensinaste,** e não *Porque enfeitaste os teus caminhos!*

**34,35.** Uma condenação da opressão iníqua aos pobres. Cons. Amós 2:6-8; 4:1; 5:10-12.

**34. Pobres e inocentes** e não *pobre inocente*. A última metade do versículo poderia ser relacionado com o versículo 35 assim: "Tu não os encontraste assaltando casas (o que teria justificado um ato de homicídio; Êx. 22:2). Contudo, apesar disso, tu dizes: Estou inocente".

**35. Entrarei em juízo contigo,** isto é, eu te julgarei.

**36, 37.** Aqui o Senhor condena os planos desesperados do partido pró-Egito. Veja observação sobre 2:14-19. **Também daquele** (do Egito) sairás de mãos na cabeça (vazias), *batendo a cabeça com as mãos com dor e desalento* (cons. II Sm. 13:19). **Em quem confiaste.**

### Jeremias 3

**3:1-5.** Os tradutores da E.R.A. entenderam que este parágrafo é um apelo a que Israel retome a Deus. Muitos comentaristas modernos crêem que é uma mensagem de reprovação, não de apelo. É difícil a uma esposa divorciada retornar. Contudo Israel falava descuidada e impunemente em retomar, esperando assim adiar o juízo.

1. Deuteronômio 24:1-4 proíbe ao homem de tornar a aceitar a esposa divorciada que tornou a se casar, mesmo se o seu segundo marido morrer e se divorciar dela. **Repudiar**, isto é, divorciar-se. **Mas ainda assim, torna para mim.** Ou, *você retornaria para mim?*

2. A idolatria de Judá, apresentada na figura de um animal em 2:23, 24, agora foi descrita com o termo mais comum, "prostituta". **Nos caminhos.** Literalmente, *à beira do caminho*. Como o arábio no deserto coloca-se à espreita para despojar o incauto, assim Judá apressou-se para a idolatria.

3. **Chuvas ... chuva serôdia.** As chuvas precoces (provavelmente aqui intituladas **chuvas**) caem em outubro e novembro, acabando com a seca do verão. Então o fazendeiro passa o arado e semeia a terra, e a lavoura começa a crescer. A chuva serôdia cai em março e abril, fazendo as lavouras frutificarem. Logo após vêm as colheitas. Deus mostrou seu aborrecimento com o povo restando as chuvas (por exemplo, 14:1-6; I Reis 17:1; Amós 4:7, 8). **A frente de prostituta.** Cons. no inglês, "desavergonhado".

4. **Não é fato que agora mesmo tu me invocas ...?**

5b. **Falas, mas cometes maldade.** Embora você falasse em retornar, você praticou todo o mal que pôde.

## 2) Judá Advertida com o Destino do Reino do Norte. 3:6 – 6:30.

Jeremias continua condenando Judá (2:1 - 3:5). Além disso, aqui ele apresenta a promessa divina de perdão, contanto que o povo se arrependa genuinamente. A Israel cativa foi mencionada aqui como advertência a Judá, e prediz-se a sua restauração.

6-10. A apostasia de Israel e o. seu castigo eram uma advertência para Judá, apesar dela não se arrepender. **Israel** aqui significa as dez tribos do norte, levadas em cativeiro cerca de cem anos antes (721 A. C.). Sua infidelidade resultou no cativeiro, intitulado aqui de "divórcio" (v. 8 ; cons. Os. 2:2-13). O pretense arrependimento de Judá (v. 10) é uma referência ao reavivamento de Josias (II Rs. 23; II Cr. 34; 35), que

parece ter sido legislado pelo rei, e não penetrou profundamente na vida da nação.

**6. Monte alto . . . árvore frondosa.** Referências feitas aos lugares altos, onde os cananeus cultuavam o seu Baal.

**11-18.** Deus convoca Israel ao arrependimento, e lhe promete perdão e restauração. Os profetas do V. T. recusavam-se a reconhecer a divisão do reino davídico como final. Muitas vezes mencionaram a sua reunião e glorificação de toda a nação no reino messiânico.

**11 . . . se mostrou mais justa.** Judá desfrutara de maiores privilégios (realeza divinamente estabelecida, sacerdócio), e tinha diante de si o exemplo de Israel cativa, sendo por isso mais culpada (Ez. 16:44-63; 23:1-49; Lc. 12:48).

**12. Apregoa estas palavras para a banda do norte.** Isto é, para o lado da Assíria, para onde Israel fora levada cativa, pois ela não fora totalmente abandonada por Deus. **Não farei cair a minha ira.** Literalmente, *não farei cair o meu semblante* (cons. Gn. 4:5; contraste com Nm. 6:26).

**13. E te prostituíste com os estranhos debaixo de toda árvore frondosa.** Eles amavam livremente os deuses estrangeiros nos lugares altos.

**14. Eu sou o vosso esposo.** Israel deveria retornar ao seu Deus, que é o seu Esposo e Senhor (cons. 31:32). A palavra *baal* significa, em primeiro lugar, "ser senhor", depois "ser casado". Estas duas são na realidade uma só na mente semita. **Uma de cada cidade e dois de cada família.** A doutrina do remanescente, freqüentemente encontrada em Jeremias (23:3; 32:36-44), está sendo aqui mencionada. Do juízo purificador de Deus restarão algumas almas refinadas. Elas serão reunidas e constituirão o novo Israel, abençoado por Deus (cons. Rm. 11:5).

**15. Pastores,** isto é, líderes obedientes a Deus (cons. 2:8, 26; 23:4).

**16, 17.** No futuro reajuntamento, a arca já não será mais o trono de Deus (Êx. 25:22), mas a própria Jerusalém será o seu trono, pois Ele

governará todas as nações (cons. Ap. 21:22). A aliança simbolizada pela arca será substituída por uma nova aliança escrita sobre os corações (cons. Jr. 31:31-34). A arca desapareceu quando Jerusalém foi destruída em 587 A. C, e jamais foi substituída.

**16. E não se fará outra,** isto é, outra arca.

**17. Em nome do Senhor.** Isto é, a presença de Deus, que é o que seu nome significa.

**18.** O cativoiro de Judá como o de Israel é o que aqui se entende. Ambas serão reagregadas na Palestina.

**3:19 – 4:4.** Deus convoca Israel a que retorne. Uma seção antifonária, caracterizada por um profundo sentimento. A insistência divina (3:19-22a) está seguida de uma resposta cheia de remorsos da parte de Israel (3:22b-25), então mais insistência divina e mais promessas (4:1-4).

**19.** O versículo começa com uma exclamação, não uma pergunta. Deus queria colocar Israel entre os filhos, mas eia rejeitou seu Pai e Marido.

**20. Perfidamente.** De maneira infiel.

**23. Orgias nas montanhas** (orgias barulhentas que acompanhavam os cultos idólatras).

**24. Coisa vergonhosa,** circunlóquio para o culto a Baal (cons. Os. 9:10).

## Jeremias 4

Os versículos 1 e 2 do capítulo 4 constituem uma sentença, 4:1-2a sendo a condição e 4:2b, o resultado.

**1. Se removeres.** *E (se) não te abalares.*

**2. As nações.** Então as nações.

## A vinda do inimigo do norte. 4:5-31.

A vinda do exército da Babilônia está aqui vivamente descrito. O povo foi aconselhado a fugir para a fortaleza em busca de segurança (v.

5). Muitas expressões figuradas foram usadas para descrever o inimigo: leão (v. 7), vento abrasador (v. 11), águias (v. 13). Ele vem através do norte da Palestina, de Dã, através do Monte Efraim a caminho de Jerusalém (vs. 15, 16). De maneira viva o profeta expõe a sua angústia diante da destruição (vs. 19-26).

**5. Fortificadas.** As cidades muradas para as quais o povo do campo acorda em busca de refúgio em tempos de guerra.

**6. Do norte.** Cons. Introdução. O inimigo do norte.

**7. Nações,** os gentios.

**9. Perderão a coragem,** e não *perecerão*.

**10. Verdadeiramente enganaste.** Uma declaração difícil de entender. Possivelmente significa que, tendo Deus permitido aos falsos profetas que gritassem "Paz! Paz! " (cons, cap. 28), era considerado responsável pelo engano do povo. Jeremias tem uma série de profundas explosões deste tipo (cons. 20:7, embora aqui a palavra seja outra no hebraico).

**11. Vento abrasador.** O siroco, que sopra vindo do deserto, produzindo um calor insuportável e muita poeira. **A filha do meu povo** é o povo de Judá personificado como mulher (cons. v. 31). **Padejar . . . alimpar.** Cons. Mt. 3:12. Este vento cálido não pode ser usado para padejar cereais, pois carregada o grão junto com a palha.

**12. Vento mau forte do que este virá ainda de minha parte.** Antes, *um vento forte demais para este (padejar) vem de mim*.

**15. Dã.** O extremo norte da Palestina. **Monte Efraim.** A última região grande da Palestina a ser atravessada antes de se chegar a Jerusalém.

**16. Sitiadores,** e não *atalaias*.

Nos versículos 19-22 Jeremias torna novamente a expressar suas reações de sofrimento. **Coração** (v. 19). *Entranhas*, a sede das emoções no pensamento hebraico. **Meu coração se agita,** bate apressadamente.

**23-26.** Em vigorosa linguagem figurada o profeta descreve a destruição de Judá a ser feita pelos exércitos da Babilônia. Entre as



idades judaicas que foram escavadas, os arqueólogos descobriram que todas as que existiam no tempo de Jeremias foram completamente destruídas. **Sem forma e vazia** (v. 23). As mesmas palavras aparecem em Gn. 1:2. Jeremias está comparando a destruição por vir sobre Judá ao caos primevo.

**24. Tremiam**, *moviam-se de lá para cá*.

**27.** Esta declaração dizendo que a desolação não será de todo total parece, à primeira vista, fora de lugar. Contudo não é, pois os profetas todos concordam sobre a preservação do remanescente e a reconstituição da nação através dela (cons. 5:10, 18; 30:11; 46:28).

**28-31.** A declaração sobre a destruição está agora completa. Conclui com uma referência sobre a prostituta de escarlate, destituída e contorcendo-se de dor. Com referência ao versículo 28, veja observação sobre 18:8. **Alargas os olhos com pinturas** (v. 30). Um pó mineral negro, o antimônio, era usado para aumentar o brilho dos olhos, escurecendo a linha das pálpebras. **Os amantes**. Um termo de zombaria – *teus amantes*. **Ofegante** (v. 31). Com dificuldade para respirar. **A minha alma desfalece**. Estou desmaiando.

## Jeremias 5

### A corrupção de Jerusalém. 5:1-9.

**1-3.** O profeta é informado a que procure na cidade um homem temente a Deus, tal como Diógenes na antiguidade procurou um "homem honesto". Não encontrando ninguém entre o povo comum, Jeremias o procura entre os líderes, mas estes não são melhores (vs. 4-6). Por isso Deus não vê razão para perdôá-los (vs. 7-9).

**1. Praças**, lugares largos. **Verdade**, sinceridade.

**2. Tão certo como vive o SENHOR.** O fato de usarem o nome de "Jeová" nos seus juramentos não é nenhuma prova de que realmente o adorem, pois juram usando uma base mentirosa.

**3. Para a fidelidade.** Buscando a sinceridade.

**4. O direito.** A palavra aqui (e em v. 5, e II Reis 17:26), significa "a lei divina", isto é, a religião.

**5. Os grandes.** Aqueles que têm tempo para aprender a conhecer os mandamentos divinos.

**6.** A nação está tão desamparada quanto um homem numa floresta de bestas feras (cons. 4:7). **Dos desertos**, e não *vespertinos*.

**8. Garanhões bem fartos**, e não *cavalos alimentados pela manhã* (cons. 2:23, 24).

**9. Castigar**, e não *visitar*.

### **A convocação do destruidor. 5:10-19.**

Jeremias, tal como Isaías (Isa. 10:5-34), vê Deus acenando a uma nação estrangeira para que venha castigar o Seu povo.

**10. Vinha**, e não *muros*. **Gavinhas**, e não *ameias*. A vinha de Israel será devastada (2: 21; cons. Is. 5:1-7).

**12. Não é ele.** *Ele nada fará.*

**13.** Este versículo continua apresentando a declaração dos incrédulos: "Os profetas que anunciam a desgraça são sacos cheios de vento, e suas profecias ameaçadoras só se realizarão para eles mesmos". Aqui há um jogo com a palavra *rûah*, que pode significar "espírito" o "vento". Os profetas criam que tinham o espírito de Deus; o povo replicou: "É só vento!"

**17. Comerão . . . os teus filhos e as tuas filhas.** Antes, *Eles comerão seus filhos e suas filhas* (a ser entendido metaforicamente).

**19. Deuses estranhos**, Deuses estrangeiros. A causa da calamidade iminente.

**5:20-31. Deus, o governador moral do universo, deve julgar o Seu povo rebelde.**

**24. Chuva.** Veja 3:3. **Que nos conserva as semanas . . . da sega.** A estação da colheita (a segunda metade de abril e maio) deveria ser uma estação seca ; as chuvas estragam a colheita (Pv. 26:1).

**26-29.** Uma repreensão ao rico perverso que oprime o pobre.

**26, 27.** As aves eram apanhadas com uma rede; os homens amarravam a rede com cordas quando a ave era apanhada. Depois passavam as aves para um cesto gaiola; cons. Mq. 7:2).

**28.** *Nédios* e não *luzidios*.

**29.** *Castigaria*, e não *visitaria*.

**30, 31.** Uma repreensão aos falsos profetas e sacerdotes que se lhes sujeitavam. **Espantosa**, não *maravilhoso*. **De mãos dadas com eles** e não *às suas ordens*.

## Jeremias 6

A ameaça da destruição de Jerusalém. 6:1-8. Ela será cercada dia e noite pelo inimigo do norte. O povo fugirá da cidade em busca de segurança, pois ela ficará devastada.

**1.** Os benjamitas, que moravam perto de Jerusalém, costumavam fugir para lá em busca de refúgio. O profeta insiste a que sinais de advertência sejam colocados ao sul de Jerusalém, pois o inimigo virá do norte (cons. 4:15). **Tecoá.** Uma cidade a 22,5 quilômetros ao sul de Jerusalém, provavelmente escolhida por causa do seu nome que dá lugar a um trocadilho mm a palavra "tocai" (*tiq'ú*). **Bete-Haquerém.** Uma cidade de Judá, provavelmente a atual Ain Karin, 7,2 quilômetros a oeste de Jerusalém. O sinal de fumaça aqui mencionado foi citado nas cartas de Laquis como meio de comunicação entre as cidades sitiadas naquele tempo (cons. Introdução. **As Cartas de Láquis**).

**2. Eu deixarei em ruínas.** A formosa e delicada, a filha de Sião, eu a deixarei em ruínas.

**3.** Os invasores são comparados a pastores cujos rebanhos desnudam a terra.

**4. Preparai.** Literalmente, *santificai a guerra*, isto é, oferecei sacrifícios para garantir o sucesso.

**6. levantai tranqueiras** (para o cerco). **Punida.** *Visitada*.

**7. Conserva frescas**, literalmente.

A falta de vergonha do povo à vista de sua total corrupção. 6: 9-15. Israel, tal como uma vinha respigada, será totalmente devastada. Crianças e adultos, casas e campos, nobres e comuns, profetas e sacerdotes, todos serão tomados.

**9. Vai metendo a tua mão . . . , por entre os sarmentos.** *Como um vindimador, passe a mão novamente pelos seus ramos para retirar a última uva.*

**10,11.** Jeremias expressa sua reação pessoal diante da incredulidade do seu povo. Ele é identificado com Deus nesta crise, e cada vez mais se torna claro que, tendo o povo rejeitado a Deus, também rejeitou a Jeremias. **Pelas ruas**, isto é, brincando. Todo o povo, até mesmo as crianças, sofrerá as dores da guerra.

**14.** Os profetas e sacerdotes asseguram ao povo que tudo vai bem, mesmo enquanto a calamidade está adejando sobre suas cabeças.

**15. Castigar** e não *visitar*.

### **Os caminhos antigos rejeitados pelo povo. 6:16-21.**

Eles não davam ouvidos aos verdadeiros profetas e por isso seus contínuos sacrifícios não agradavam a Deus (I Sm. 15:22, 23).

**16. Veredas antigas.** As veredas dos patriarcas e dos antepassados que experimentaram a redenção do Egito.

**17. Atalaias.** Em uma localidade rural, desprovida de muros, o atalaia desempenhava importante papel. Os profetas costumavam intitular-se atalaias (Ez. 3:17; 33:7).

**18. O que se fará entre eles.** O que acontecerá entre eles.

**19. Seus pensamentos.** Suas (malignas) maquinações.

**20. Sabá.** O atual Iêmen. Antiga fonte de incenso, o qual se usava no ritual dos sacrifícios. **Cana aromática.** Cálamo, uma planta aromática que vinha da Índia.

**A crueldade do inimigo e a incorrigibilidade do povo. 6:22-30.**

A vinda dos exércitos do norte traria o terror para todos; que o povo chore. O profeta fora feito por Deus um examinador para descobrir até onde ia a maldade deles.

**22. Os confins.** As partes remotas da terra (cons. 25:32; 31:8).

**25. Caminho, estrada. Há terror por todos os lados** – uma expressão favorita de Jeremias (cons. 20:3, observação, 10; 46:5; 49:29).

**26. Filha do meu povo.** Cons. 4:11, observação. **Cilício e cinza** eram sinais de luto profundo (cons. Ez. 27:30). **Por filho único.** A mais severa aflição que um hebreu poderia enfrentar (cons. Amós 8:10; Zc. 12:10).

**27. Acrisolador . . . fortaleza.** As palavras são de difícil interpretação, mas o sentido é provavelmente, "eu te constituí um examinador e acrisolador entre o meu povo". O profeta examinaria o povo como um ferreiro testa e refina o metal, purificando-o. Mas esse povo era todo constituído de escória que não podia ser refinado e por isso era rejeitado (cons. 5:14).

**29.** Com nota de rejeição e desespero termina a seção.

**3) A Religião Falsa de Jerusalém. 7:1 – 10:25.**

Jeremias adverte contra a confiança no Templo e seus rituais. Jerusalém não é mais santa que a derrotada Siló (7:1 - 8:3). O povo resistiu a todas as reformas e certamente será castigado (8:4 - 9:22). A verdadeira sabedoria, que consiste no conhecimento de Deus, contrasta com a idolatria (9:23 - 10:25).

**a) O Sermão do Templo. 7:1 - 8:3.****Jeremias 7**

Parece que o capítulo 26 dá o cenário histórico deste sermão. A fúria que despertou indica bem sua irrefutabilidade. Siló, em Efraim, foi o lar do Tabernáculo durante o período dos Juízes. A Bíblia não menciona a queda de Siló. Jeremias dá a entender que ela foi destruída

(7:12, 14; 26:6, 9), o que foi confirmado por recentes escavações no local, que indicaram que a cidade foi destruída pelos filisteus em cerca de 1050 A. C., provavelmente depois da batalha de Ebenézer (I Sm. 4).

**4.** O Templo se transformara em um amuleto, como o fora a arca quando Siló foi destruída (I Sm. 4: 3).

**5-7.** Só a prática da justiça e piedade garantiriam a presença divina que o Templo simbolizava.

**12. Silo.** Cons. Is. 18:1; 22:12; Jz. 21:19; 18:31; I Sm. 1:19, 24; 2:14; 4:3, 4.

**14. Como fiz a Silo.** Tal como a arca resultou em uma simples caixa vazia quando Silo foi destruída, agora também Jerusalém, privada da promessa divina, de nada mais adiantará e ela própria perecerá.

**15. A posteridade de Efraim.** O reino do norte, Israel.

**16-20.** Jeremias não deveria interceder por seu povo (contraste com Moisés, em Êx. 32:32; Nm. 14:13-19), pois Deus estava determinado a puni-lo (cons. 11:14; 14:11, 12). Bolos à rainha dos céus (v. 18). Provavelmente uma referência à deusa da fertilidade da Babilônia, Ishtar, a deusa do planeta Vênus. Os bolos eram provavelmente com o formato da deusa (cons. 44: 15-25).

### **A futilidade dos sacrifícios sem obediência. 7:21-28.**

Jeremias não está dizendo que Deus jamais quis ou ordenou os sacrifícios. Ele está- expressando, por meio de um forte contraste, a relativa importância dos sacrifícios e da obediência (cons. I Sm. 15:22). Os profetas se opunham ao ritualismo vazio, não às cerimônias mosaicas propriamente ditas. **Ajuntai** (v. 21). As ofertas queimadas eram totalmente queimadas no altar; partes dos outros sacrifícios eram comidas pelos sacerdotes e ofertantes. A idéia aqui é que não há santidade nas ofertas oferecidas por homens não arrependidos. São simplesmente carne e por isso também deveriam ser comidos.

**Rituais impuros no vale do filho de Hinom. 7:29 – 8:3.**

Este vale, imediatamente ao sul de Jerusalém, era o centro do culto dos sacrifícios infantis. Este ritual estrangeiro, introduzido por Acaz e Manassés (II Reis 16:3; 21:6) foi extinto por Josias (II Reis 23:10), mas agora foi reavivado, provavelmente sob a liderança de Jeoaquim. O vale se tornará em um ermo desolado.

**29. Corta os teus cabelos.** Um sinal de luto (Mq. 1:16; Jó 1:20).

**30. Abomináveis,** isto é, ídolos abomináveis.

**31. Tofete** provavelmente significa originalmente "lareira", mas agora era pronunciado de modo a amar com *boshet*, "vergonha" – um circunlóquio para ídolo. Referências à **matança, enterrados** (v. 32), **cadáveres** (v. 33) e **ossos** (8:1), tudo indica que aquilo que era agora um local religioso viria a se transformar em lugar profano, pois o contato com um cadáver tomava a coisa impura. Mais tarde parece que este vale veio a ser o local do lixo da cidade, daí o *gehenna*, a palavra do N. T. para indicar o lugar da desgraça. *Gehenna* é uma transliteração do hebraico *gê'hihom* – "o vale do Hinom".

**33. Espante.** Amedronte.

**34. Farei cessar.** Cons. 25:10, observação.

**Jeremias 8**

**8:1.** (Eles – os conquistadores de Jerusalém) **lançado para fora.** A profanação de sepulturas era prática comum nas guerras (Amós 2:1). Frequentemente, os inimigos mortos também eram deixados insepultos, como um insulto e na esperança de que seus espíritos assim não tivessem repouso no outro mundo.

**2. O exército do céu.** Cons. 19:13, observação.

**b) O Resultado da Impenitência – Retribuição. 8:4 - 9:22.**

Temos aqui um grupo de oráculos proféticos com temas diversos.

A anormalidade da apostasia de Israel. 8:4-7. Aqueles que caem levantam-se de novo; até as aves voltam em determinada estação. Mas Israel está perpetuamente apostando. Juízo (v. 7). Ordenanças, lei.

Falsas reivindicações de sabedoria dos líderes. 8:8-12. Os escribas, profetas e sacerdotes proclamavam serem sábios nas coisas da lei e tentavam acalmar as pessoas profetizando que tudo acabaria bem.

**8. Pois com efeito, a falsa pena dos escribas a converteu em mentira.** Esta é a primeira menção dos escribas. Eles copiavam e estudavam a Lei (isto é, as Escrituras; cons. 2:8). Já tinham começado a tornar a lei de Deus ineficiente (Mt. 15:6).

**10-12.** Estes versículos são quase idênticos a 6:12-15. Deus dá um vislumbre dos resultados da derrota na guerra. **Novos possuidores.** Antes, *seus conquistadores* (cons. 49: 2).

8:13 – 9:22. Estes versículos abrangem o *Haptarâh* (lição dos profetas) lido na sinagoga no dia 9 de Ab, o aniversário da destruição do Templo e o fim do reino hebreu (cons. 52:12, obs.).

### **Desespero do povo diante da invasão estrangeira. 8:14-17.**

**14. E ali pereçamos . . . já nos decretou o perecimento. E ali silenciemos . . . já nos decretou o silêncio. Água venenosa.** Veja observação sobre 9:15.

### **A lamentação do profeta. 8:18 – 9:22.**

Jeremias, em um poema comovente, expressa sua simpatia para com o seu povo atingido (8:18-9:1), lamenta a traição do povo (9:2-9), e geme por causa da destruição de Judá (9:10-22).

### **19. Ídolos dos estrangeiros** (cons. 2:5, observação).

**20. A sega.** Esta palavra (*qasîr*) refere-se à colheita da cevada, do trigo e da espelta em abril, maio e junho. O verão (*qayîs*) significa na verdade "frutos do verão", isto é, figos, uvas e romãs, que eram colhidos em agosto e setembro, e azeitonas, colhidas a partir de outubro. Assim Jeremias recorda toda a estação das colheitas que trilha terminado, mas



nenhum fruto fora armazenado para o inverno que estava para começar – **e nós não estamos salvos.**

**22. Bálsamo em Gileade.** A resina de uma árvore usada medicinalmente. Era exportada (46:11; 51:8 ; Gn. 37:25; Ez. 27:17).

## **Jeremias 9**

**9:4. Não faz mais do que enganar.** O hebraico, *'aqôb ya'qob* vem da mesma raiz de "Jacó" (cons. Gn. 27:36).

**8. Arma ciladas.** Planeja emboscadas.

**9. Castigaria** e não *visitaria*.

**10. Pastagens do deserto,** e não *habitações do deserto*. O profeta vê toda a terra despojada (cons. 4 : 23-26).

**11. Chacais,** e não, *dragões*.

**12. Por que razão pereceu a terra.** Antes, *explique por que a terra foi arruinada*.

**14. Baalins.** Baais (cons. 2:8, observação).

**15. Absinto.** Uma planta muito amarga. Água venenosa. Os dois termos foram usados em conjunto para indicar aflições amargas.

**17. Carpideiras;** isto é, pranteadoras profissionais (cons. Mt. 9:23). **Hábeis,** com prática em lamentações.

**19. Eles transtornaram as nossas moradas.** Antes, *Eles* (os nossos inimigos) *derrubaram nossas casas* (cons. II Reis 25:9).

**22. Gavela,** feixe de espigas. O ceifeiro segura um punhado de espigas, corta-o e passa para o seguinte. Assim a morte colhe vidas, inexoravelmente.

## **c) O Deus Verdadeiro em Contraste com os Ídolos. 9:23 - 10:25.**

**24. Misericórdia.** Esta palavra freqüente descreve a fidelidade divina para com as promessas da Sua aliança. A E.R.C. traduz para **beneficência** (cons. 2:2, observação).

**25, 26.** Estes versículos são de difícil interpretação. A idéia parece ser que a circuncisão sem o verdadeiro conhecimento de Deus é inútil

(cons. 4:4). Assim a declaração de Paulo (Rm. 2:28, 29) foi antecipada. **Circuncidados juntamente com os incircuncisos.** Antes, *circuncidados, mas contudo ainda incircuncisos*. **Egito.** Veja observações referentes a Jeremias 46. **Edom.** Veja observações referentes a 49:7-22. **Amom.** Veja observações referentes a 49:7-22. **Moabe.** Veja observações referentes a Jeremias 48. **Os que cortam os cabelos nas têmporas e habitam no deserto.** Uma prática pagã (cons. 25:23; 49:32; Lv. 19:27).

## Jeremias 10

Os ídolos são vigorosamente acusados de nada serem. 10:1-16. Deus, em contraste, é o Criador e Mantenedor do universo.

### A nulidade dos ídolos. 10:1-5.

**2. Os sinais dos céus.** Tais como eclipses e cometas.

**3,4.** A feitura de um ídolo demonstra a sua nulidade. **Vaidade.** A palavra hebraica significa "hálito", que é imaterial e inútil. Geralmente se usa em relação aos ídolos (cons. 2:5, observação).

**5. São como um espantalho em pepinal, e não, eretos como uma palmeira.**

### A majestade de Deus. 10:6-16.

**7. Rei das nações.** Deus é o Rei universal, não um deus tribal.

**9. Prata batida, e não prata espalhada em pratos.** **Társis** é um lugar na Espanha ou Cecília; fonte de metais (Ez. 27: 12). **Ufaz** é desconhecido.

**11.** Este versículo é o único em todo o livro de Jeremias escrito em aramaico. Talvez fosse originalmente uma observação marginal, a qual veio finalmente a se tornar parte do texto.

**14. Todo ourives . . . imagem,** literalmente. **Vaidade** (v. 15). Veja o versículo 3. **Castigo,** e não *visitação*.

**16. Porção de Jacó.** Enquanto Deus é o Rei do Universo (v. 7), Ele é também a porção (possessão) peculiar do povo hebreu.

A desolação vindoura. 10:17-25. Provavelmente Jerusalém é à que se referem os versículos 19-21. As idades são geralmente descritas como mães com filhos (Ez. 26:6, 8).

**21. Pastores.** Cons. 2:8, observação.

**4) Israel Rejeitada por Transgredir a Aliança Davídica. 11:1 – 13:27.**

## **Jeremias 11**

"Esta aliança" (11:3) foi feita com Israel no Sinai. Sua exposição mais completa se encontra em Deuteronômio (caps. 29; 30). Muitos mestres crêem que estes capítulos de Jeremias têm como antecedentes as reformas de Josias que foram precipitadas por se ter achado um livro, provavelmente Deuteronômio, no Templo (cons. Introdução, **A Vida e o Período de Jeremias**). Jeremias apoiou essas reformas, mas aqui ele considera esse reavivamento superficial e inadequado para remover o juízo.

### **a) Os Judeus Violaram a Aliança. 11:1-17.**

**3. Maldito.** Cons. Dt. 27:11-26. **Desta aliança.** Israel tinha de obedecer ao Senhor e ser o Seu povo; então o Senhor seria o Seu Deus e Canaã seria sua terra (Êx. 19:5, 6; 24:3-8; Dt. 29:1-28 ).

**5. Conforme o juramento.** Cons. Dt. 7:8; 8:18; 9:5. **Amém.** No hebraico, "assim seja", um termo usado para indicar a confirmação da maldição do versículo 3 (cons. Dt. 27:15-26).

**8. Dureza.** Obstinação. Fiz cair, e não, *farei cair*. O povo já estava começando a sentir a penalidade da aliança transgredida.

**11. Eis que trarei.** Antes, Estou trazendo. Tendo fracassado o reavivamento de Josias, Deus estava agora na iminência de rescindir a aliança e dar lugar ao castigo.

13. Os judeus tinham tantos deuses e altares quantas eram suas cidades e ruas (cons. 2:28, observação). **Vergonhosa coisa.** Veja comentário sobre 3:24.

14. Veja comentário sobre 7:16.

15. Um versículo obscuro, evidentemente uma declaração da inutilidade do ritual do templo para impedir a desgraça iminente (7:1 – 8:3). De acordo com a LXX, a RSV o traduz assim: *Que direitos tem a minha amada em minha casa, quando agiu com vileza? Podem os votos e a carne do sacrifício evitar seu destino? Pode você exultar?* Minha amada, Israel. **Minha casa**, o Templo.

16, 17. Judá foi amparada a uma oliveira destruída. A oliveira era a fonte do azeite para a luz, a cozinha, os remédios, a unção do corpo e muitos outros usos. Tornou-se o símbolo da "prosperidade e bênção divina, da beleza e força". Assim, aqui, é uma figura exata do povo hebreu, abençoado por Deus, mas agora rejeitado. Paulo usa a mesma figura (Rm. 11:17-24)

### **b) A Conspiração Contra a Vida de Jeremias. 11:18 - 12:6.**

Talvez Jeremias ainda não tivesse se mudado de Anatote para Jerusalém quando escreveu esta seção. Fica evidente em 12:6 que a pergunta "por que prospera o caminho dos perversos?" feita em 12:1-6 deve ser ligada à conspiração contra a vida do profeta (11:18-23). Possivelmente os parentes de Jeremias em Anatote (talvez fossem também sacerdotes) procurassem matar o profeta por causa de suas freqüentes acusações contra a falsa confiança no ritual. Isto explicaria a posição desta seção depois de 11:15-17. Esta é uma das confissões de Jeremias (cons. Introdução, **Confissões de Jeremias**).

18. **As suas maquinações**; isto é, a conspiração contra a vida de Jeremias. O profeta parece querer dizer que Deus o informou da conspiração em tempo a fim de que pudesse escapar.

19. **Manso cordeiro**, e não, *um cordeiro ou um boi*.

**20. O mais íntimo do coração.** Literalmente, *rins*, isto é, a região dos rins, considerada então como a sede das afeições.

**23. Vir o mal, o castigo.**

## Jeremias 12

**12:3.** Jeremias não teve o exemplo de Cristo: "Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem" (Lc. 23:34). A prosperidade dos perversos foi um dos problemas mais desconcertantes enfrentados pelos santos do V.T. 4. Dizem, isto é, os homens.

**5,6.** Deus responde ao seu profeta desanimado. **A floresta do Jordão** (v. 5), as terras baixas através das quais corre o Jordão, quentes, cheias de vegetação espessa e rasteira e habitadas por animais selvagens (cons. 49:19; 50; 44). **Com fortes gritos.** Eles levantaram um grito de protesto contra Jeremias, como se ele fosse um criminoso comum.

**c) Lamentação de Jeová por Causa da Destruição de Sua Terra. 12:7-13.** É mais o Senhor e não o seu profeta que chora sobre a terra nesta passagem fora do comum. Muitas figuras de linguagem – casa, herança (v. 7); **leão** (v. 8); **ave** (v.9); **unha, porção** (v. 10) – são usadas para descrever Israel.

**9. Ave de rapina de várias cores.** Seria atacada por outros pássaros por causa de sua plumagem vistosamente colorida.

**10. Pastores.** Veja comentário referente a 2:8. Aqui os pastores são os reis das nações estrangeiras que despojaram Israel.

**12. Todos os altos desnudos do deserto,** e não, *todos os altos através do deserto.*

**13. Envergonhados sereis, dos vossos frutos,** e não, *às vossas rendas.*

**d) o Destino dos Inimigos de Judá. 12:14-17.**

Eles também serão despojados, mas serão restaurados quando se arrependerem (cons. 25:8-14). Tornarei a compadecer-me deles (v. 15), e não, regressarei e me compadecerei deles.

## **Jeremias 13**

### **e) Parábolas e Advertências. 13:1-27.**

O capítulo contém cinco passagens ligadas pelo tema da humilhação e destino de Judá. Possivelmente este capítulo data do reinado de Joaquim (13:18; cons. 22:26).

A parábola do cinto sepultado. 13:1-11. Esta parábola mostra pitorescamente a importância que Israel tinha diante de Deus e a sua atual corrupção e rejeição.

**1. Um cinto.** Antes, *tanga*, usado para manter no lugar a articulação do fêmur com o ílio nos esforços prolongados, e para amarrar as largas roupas a fim de que houvesse liberdade de movimentos ao andar ou trabalhar.

**4. Eufrates.** A distância de Judá ao rio Eufrates é de pelo menos 640 quilômetros, considerada antigamente uma distância muito grande. Duas viagens completas são mencionadas (cons. vs. 4, 6). Alguns mestres crêem que não se refere ao Rio Eufrates mas a alguma cidade da Palestina com nome parecido. Muitos, contudo, crêem que refere-se ao Rio Eufrates mas consideram a narrativa como parábola e não um acontecimento literal. A verdade contida na história não depende de Jeremias ter ou não feito a viagem. Certamente a referência ao Eufrates em 2:18 não deve ser tomada literalmente!

**11.** Israel, tão intimamente ligada a Deus quanto uma tanga (v,11), tornou-se corrupta e inútil. Será jogada fora.

**A parábola dos jarros. 13:12-14.** Ela indicava que Deus encheria o povo de confusão, como quando os homens se encontram bêbedos; eles se lançariam uns contra os outros e seriam destruídos.

**12. Todo jarro se encherá de vinho.** Provavelmente um conhecido ditado entre os bebedores. **Jarro.** Um grande jarro de barro usado para guardar azeite, cereais ou vinho. Os maiores que foram encontrados pelos arqueólogos podem conter até 40 litros.

**13. Embriaguez.** Não intoxicação literal. Aqui, como em outras passagens dos profetas (Jr. 25:15-28; Ez. 23:31-34; Is. 51:17, 18), a figura de um bêbado foi usada para simbolizar a condição patética do povo quando levado para o cativeiro.

### **Uma advertência contra o orgulho. 13:15-17.**

**16. Dai glória.** Confessem o seu orgulho pecador. **Montes tenebrosos,** montes crepusculares. Um quadro pitoresco. O viajante nas montanhas primeiro é tomado pela penumbra, depois pela espessa escuridão.

**Lamentação pelo rei e pela rainha-mãe. 13:18, 19.** Provavelmente se refere a Joaquim e Neusta (22:26; II Reis 24:8).

**18. Rainha-mãe.** Os hebreus davam muita atenção à mãe do rei. Considerando que o rei tinha muitas esposas, nem todas com o mesmo status, a identidade da mãe do príncipe era importante na sucessão ao trono. **Porque caiu da vossa cabeça a coroa da vossa glória.** Talvez seja a tradução melhor.

**19. Do sul.** O Neguebe, ao sul de Judá. Só recentemente se compreendeu a importância desta parte da terra na antiguidade. **Fechadas;** isto é, sob a ação do cerco.

### **A vergonha de Jerusalém. 13:20-27.**

A cidade é uma pastora que perdeu o seu rebanho. Ela, a cabeça da nação, levou-a para o pecado.

**21.** Difícil. Talvez: "O que você dirá quando ele (o conquistador da Babilônia) estabelecer como cabeça sobre você aqueles a quem você ensinou a serem seus amigos?"

**22. Levantaram as tuas fraldas.** Evidentemente uma referência ao tratamento concedido a uma prostituta (cons. v. 26; Os. 2:3). **Calcanhares** deve ser um eufemismo para "partes pudentes" e o paralelo do anterior.

**25. Mentiras, idolatria.**

**26.** Veja comentário referente ao versículo 21.

### **5) A Intercessão Profética Não Pode Evitar o Juízo. 14:1- 17:27.**

Uma seção bem autobiográfica, cheia do pessimismo do profeta com referência ao futuro de seu povo, e revelando também sua comunhão com Deus, da qual ele recebeu sua sustentação.

#### **a) A Seca e a Intercessão do Profeta. 14:1 - 15:9.**

### **Jeremias 14**

Descrição da seca. 14:1-6. O período das chuvas na Palestina é marginal; um simples ano de seca pode causar muitíssimo sofrimento. Aqui se descreve a seca primeiro afetando a cidade (vs. 2, 3), depois os fazendeiros (v. 4) e então os animais selvagens (vs. 5, 6).

**3. Cisternas.** Grande parte do suprimento de água nas cidades era recolhido em cisternas durante a estação das chuvas. **Cobrem as cabeças.** Em sinal de luto (cons. II Sm. 15:30).

**4. Deprimida, estorricada.**

**6. Ofegantes sorvem o ar como chacais, e não, como dragões.**

### **A intercessão de Jeremias pelo povo. 14:7-9.**

**7. Nossas maldades.** O profeta se identifica com seu povo. Por rumor do teu nome. Um apelo a que Deus aja por amor de Sua reputação e graça (cons. Sl. 25:11; 79:9; 106:8; 109:21; 143:11).

**8. Estrangeiro . . . viandante.** Estrangeiros e viajantes pouco se preocupam com a terra através da qual viajam. Com Deus não acontece assim. Surpreendido (v. 9), por um ataque imprevisto.



**Jeremias proibido de orar pelo povo. 14:10-12.**

**Juízo para os falsos profetas. 14:13-16.** Compare com 6:13, 14; 23:9.32.

**Jeremias continua a lamentar e orar por Judá. 14:17-22.**

**17. A virgem, filha do meu povo.** Judá está personificada como uma virgem, termo que enfatiza a seleção do povo feita por Deus para ser Sua possessão peculiar, Sua noiva virginal.

**18. Vagueiam pela terra, e não sabem para onde vão.** Antes, *ocupam-se do seu comércio no país* (não se deixando abalar) *e não tomam conhecimento* (da desgraça iminente).

**22. Ídolos.** Veja comentário referente a 2:5.

## **Jeremias 15**

**A determinação divina de não abrandar-se. 15:1-9.**

**1. Moisés e Samuel.** Dois grandes intercessores. Para Moisés, cons. Êx. 32:11-14; Nm. 14:13-19. Em relação a Samuel, veja I Sm. 7:5-11; 12:19; Sl. 99:6. Contudo nem eles teriam sucesso agora.

**3. Quatro sortes de castigos,** para que sejam um espetáculo horrendo (v. 4), isto é, *objeto de terror*. **Manassés** introduziu grande idolatria em Judá (II Reis 23:26; 24:3). Mas Jeremias insiste diversas vezes em que o povo mesmo era responsável pelos seus pecados e castigo (por exemplo, 31:29, 30).

**6. Voltaste para trás.** Compare com observações sobre 18:8.

**7. Cirandei-os com a pá.** *Então eu os joeirarei com um forcado* (cons. Mt. 3:12).

**b) A Renovação do Chamado de Jeremias e o Seu Preço. 15:10 - 16:9.** Uma confissão profundamente reveladora, exibindo a amargura da alma do profeta. A resposta divina indica que Jeremias precisava tomar cuidado com o seu estado de espírito e não falar nada além da verdade. Então ele é encorajado e recomissionado.

**A lamentação do profeta e o seu recomissionamento. 15:10-21.**

**11.** Este versículo é de difícil interpretação. O significado parece ser que nem protegerá o profeta quando ocorrer a catástrofe.

**13, 14.** Esses versículos aparecem novamente, com variações, em 17:3b,4. São dirigidos ao povo de Judá e predizem o exílio.

**16.** A suficiência da Palavra de Deus está declarada de maneira pitoresca. Cons. Js. 1:8; Ez. 3:1-3; Ap. 10:8-11, onde a experiência de João é muito parecida com a de Jeremias. **Pelo teu nome sou chamado.** Literalmente, *o teu nome me foi imposto*. Uma referência à chamada divina do profeta que era especial. A lembrança desta chamada fortalecia Jeremias a prosseguir.

**17. Tua mão.** A mão de Deus estava sobre Jeremias – uma expressão que revela a inspiração divina, que era a razão da perseguição feita a Jeremias (cons. Ez. 1:3, e frequentemente em Ezequiel; I Reis 18:46 ; Is. 8:11). 1

**8. Ilusório ribeiro,** e não, *mentiroso*. Jeremias reprova Deus por ter-lhe falado, como quando um viajante, na estação da seca descobre que o ribeiro do qual esperava beber secou-se (cons. Jó 6:15-20).

**19. Se tu te arrependeres, eu te farei voltar.** A idéia é: Se você se arrepender (de sua auto-piedade), eu o restaurarei. **Se apartares o precioso do vil.** O profeta devia disciplinar seu pensamento e palavras. Então ele poderia ser o porta-voz (a minha boca) de Deus. O final do versículo é uma ordem ao profeta a que não se rebaixe ao nível daqueles aos quais ele prega.

**20, 21.** Estes versículos repetem a substância de 1:18, 19.

## Jeremias 16

**O profeta recebe ordem de permanecer solteiro e evitar vida social. 16:1-9.** Sua vida devia ser uma advertência do juízo iminente.

**2. Mulher.** O celibato era coisa muito fora do comum no antigo Israel. A Jeremias foram negadas a alegria e a plenitude do casamento. Outros profetas usaram sua vida de casados como sinais (cons. Os. 1-3; Is. 8:3, 4; Ez. 24:15-27).

**4,6,7,9.** Estes versículos retratam os resultados da guerra.

**5-7.** Os antigos semitas faziam grandes exposições de luto (cons. 7:29; observação; 9:17, observação). Auto-lacerações e o rapar da cabeça (v. 6) eram proibidos (Dt. 14:1; Lv. 19:28), mas outras menções parecem indicar sua prática freqüente (Jr. 41:5; 47:5; Is. 22:12; Amós 8:10; Mq. 1:16; Ez. 7:18).

**7. Não se dará pão a quem estiver de luto.** Os amigos de quem estava de luto costumavam oferecer-lhe a primeira refeição após os funerais (II Sm. 3:35). Provavelmente o **copo de consolação** era um costume semelhante.

### **c) Advertências e Promessas. 16:10 – 17:27.**

**10-13.** Quando o povo pergunta: "Por que o exílio?" Jeremias deve apontar para a sua maldade.

**14, 15.** Eles experimentarão um segundo Êxodo. veja comentários referente a 23:7, 8.

**16-18.** Israel continua sendo conhecida por Deus.

**18. Dobro.** Em grande quantidade (cons. Is. 40:2). **Cadáveres.** Assim como os cadáveres profanam, os ídolos poluem.

**19-21.** Os gentios se converterão ao senhor. **Mentiras e coisas vãs, em que não há proveito** (v. 19). Sinônimos de ídolos (cons. 2: 5, observação).

## **Jeremias 17**

**O pecado da nação é indelével. 17: 1-4.**

**1. Na tábua do seu coração.** Onde a nova e melhor aliança será escrita (31:31-34). **Nas pontas dos seus altares.** Onde se passava o sangue dos sacrifícios (Lv. 4:7).

**2. Postes-ídolos.** Veja comentário referente a 2:27. **Árvores frondosas . . . altos outeiros.** Veja observação referente a 3:6.

**3,4.** Estes versículos repetem substancialmente os de 15:13, 14.

**O contraste entre a confiança no homem e em Deus. 17:5-8.**

Os antecedentes destes versículos talvez sejam a tendência dos últimos reis judeus de buscarem a ajuda do Egito contra a ameaça da Babilônia (cons. 2:18, observação).

**5. Carne mortal.** No V. T. o termo se refere à fragilidade da raça humana.

**6. O arbusto solitário.** O junípero anão, que cresce no deserto estéril e tem uma aparência melancólica e murada.

**8. Não receia,** não fica ansioso.

**O pecado é uma doença do coração. 17:9-13.**

**9. Coração.** No V.T., o ser interior do homem, do qual brota sua vontade e ações. Também pode se referir à razão. **Corrupto.** Esta palavra às Vezes se refere à doença, e é traduzida para "incurável" (v. 15:18). Aqui se refere à devassidão, coração (v. 10). Veja comentário referente a 11:20.

**13. Escritos no chão;** isto é, na terra ou na areia, e não no Livro da vida (Êx. 32:32).

**Uma oração de vindicação. 17:14-18.** Cons. 15:15-18. Paráfrase: "Eu não abandonei a missão que tu me deste".

**A observância do sábado, pré-requisito para o retorno da glória nacional. 17:19-27,** cons. Is. 58:13, 14.

Pode parecer estranho que Jeremias, que vitupera contra as observâncias rituais, estivesse interessado no sábado. Mas o sábado é mais do que uma observância ritual. É uma instituição humanitária (Dt. 5:14, 15) e um sinal de que Deus é o Santificador de Israel (Êx. 31:13). Estas palavras não são incongruentes na boca de Jeremias.

**26. Planícies.** O Shefelá, as colinas e os valentes entre a terra montanhosa da Judéia e a Planície filistéia. Um centro da antiga vida agrícola hebréia. **Montanhas.** A terra montanhosa no centro da Judéia. Sul. O "Neguebe" (cons. 13: 19, observação).

**6) Dois Sermões Simbólicos e um Aprisionamento. 18:1 – 20:18.**

A parábola do oleiro e a atitude simbólica do vaso quebrado são bons exemplos da pregação viva dos profetas. O restante da seção trata da reação negativa do povo para com a pregação de Jeremias e da comunhão do profeta com o seu Deus.

**Jeremias 18****a) A Parábola do Oleiro. 18:1-23.**

O trabalho do oleiro, um símbolo do procedimento divino. 18:1-17. Aqui se enfatiza o caráter condicional da profecia. Mesmo a mais inflexível declaração de desgraça, proferida por Jeremias, como a de Jonas (Jn. 3:4), pressupõe uma oportunidade para o arrependimento. Esta parábola também ensina a paciência do divino Oleiro.

**2, 3. Casa do oleiro.** Provavelmente localizada no bairro dos oleiros no extremo sul da cidade, perto da Porta do Oleiro e do Vale do Filho de Hinom (cons. 19:2, observação ). **Sobre as rodas.** Eram usadas duas rodas de pedra. A inferior, que era impulsionada pelo artista, era ligada à superior por meio de um eixo, onde o barro era moldado (Eclesiástico 38:29, 30 descreve o processo).

**5-11.** A homília. Jeová, o Oleiro das nações, é soberano em Sua obra; contudo a Sua soberania reage à vontade de Suas criaturas. Aqui a analogia é interrompida. O barro humano não é passivo como o do oleiro de Jeremias; e se Israel se arrepender, Deus ainda fará dela um "vaso para honra".

**8. Eu me arrependerei.** O uso da palavra "arrepender-se" com referência a Deus não implica em instabilidade da parte do Todo-poderoso. Quando uma palavra humana é usada para descrever as atitudes do Divino, a palavra passa por uma sutil redefinição. Deus não é como o homem que deve se arrepender (cons. 4:28; 15:6) – Ele não se inflama, nem se acalma. Contudo Ele se enternece quando o Seu povo se aproxima dEle; e esta atitude de enternecimento é chamada de arrependimento (cons. 20:16; 26:3, 13, 19; 42:10).

**13. A virgem de Israel.** Veja observação referente a 14:17.

**14.** Este versículo 14 é de difícil interpretação. Parece ensinar a impropriedade da apostasia de Israel. A RSV traduz assim: *Por acaso a neve do Líbano faltará à rocha do campo? ou as águas frias que vêm de longe por acaso secarão?* É o mesmo que dizer que a natureza segue o seu curso imutável, mas a nação mudou o seu curso contrariando a natureza.

**15. Ídolos.** Veja observação referente a 2:5. **Veredas**, desvios. **Veredas não aterradas**, isto é, indevidamente construídas, não estradas propriamente ditas.

**16. Espanto . . . espantará.** Essas palavras têm a mesma raiz no hebraico. Poderiam ser traduzidas para *um horror. . . horrorizará*.

**17. Vento oriental.** Veja observação referente a 4:11. As costas, e não o rosto. Porque Deus está de partida. O rosto de Deus simboliza o Seu favor (Nm. 6:25, 26).

**Uma conspiração contra Jeremias. 18-23.** Cons. 11:18 - 12:6; 15:15-21.

Os três grupos de líderes religiosos são mencionados (v. 18), junto com o trabalho especial de cada um. O **sacerdote** ensinava a lei (Ml. 2:6) e executava os rituais ordenados; o **sábio** apresentava a sabedoria acumulada através dos séculos; e o **profeta** era o transmissor da **palavra** direta do Senhor (o falso profeta, que se opunha a Jeremias, é o que foi mencionado aqui). Certamente Jeremias (que rejeitava todas as três categorias) não podia estar certo! **Firamo-lo com a língua**; isto é, vamos acusá-lo de alguma coisa. Quanto aos versículos 21-23, veja observação referente a 12:3.

## Jeremias 19

### b) O Vaso Quebrado. 19:1-15.

Este sermão sobre uma ação simbólica segue-se naturalmente à parábola do oleiro. Enquanto o vaso permanecesse maleável, podia ser

refeito. Contudo, uma vez colocado no forno, já não podia mais ser remodelado. Se não servisse para nada, seria, então, quebrado.

**1. Botija de oleiro.** Uma moringa de barro, chamada de *baqbuq* por causa do ruído característico que fazia ao se derramar a água contida nela.

**2. O vale do filho de Hinom.** O limite meridional de Jerusalém (cons. 18:2, observação). **Porta do Oleiro**, ao sul da cidade.

**4. Sangue de inocentes** ; isto é, sacrifícios infantis (cons. 7: 29, observação).

**5. Queimarem os seus filhos.** Cons. II Reis 16:3; 23:10l; Jr. 32:35; e observações sobre 7:29 – 8:3.

**6. Tofete.** Veja observação referente a 7:31.

**11.** Não se conhecia nenhum jeito de se remendar um vaso quebrado; jogava-se fora e comprava-se um novo; assim Jerusalém seria rejeitada, tendo perdido a sua oportunidade de arrependimento.

**13. O exército dos céus**, uma expressão usada com referência às estrelas (por exemplo, Gênesis 2:1; Is. 45:12), mas aqui se refere à adoração dos planetas ou deuses dos planetas. Acaz e Manassés introduziram este culto pagão em Judá (II Reis 21:5; 23:12), provavelmente da Mesopotâmia, onde era praticada desde a remota antiguidade.

## Jeremias 20

### c) A Perseguição e as Queixas de Jeremias. 20:1-18.

#### Jeremias no tronco. 20: 1-6.

**3. Pasur.** Um nome de origem egípcia. Não há nenhum trocadilho com ele aqui, mas apenas com *Magormissabib*, que significa, "Terror-por-todos-os-lados"; cons. **terror** (v. 4).

As queixas do profeta contra Deus. 20:7-18. Uma das mais reveladoras confissões de Jeremias, esta oração mostra o terrível preço que pagou para transmitir a palavra.

**7. Persuadido.** Uma palavra forte, usada na "sedução" de uma virgem (Êx. 22:16), e com referência ao espírito "de mentira" que enganou Acabe (I Reis 22:20-22). Aqui o profeta, amargurado, queixa-se da compulsão divina, que ele chama de engodo.

**8. Sempre que falo,** e não, *desde que falo*.

**10. A murmuração de muitos . . .** Uma declaração clara do sentimento de um homem que crê que todos são contra ele. **Há terror por todos os lados.** Um valente guerreiro.

**12. Os afetos e o coração.** Cons, observações referentes a 11:2; 17:9.

**14-18.** Jeremias lamenta o dia do seu nascimento (cons. Jó 3). **Cidades** (v. 16). **Sodoma e Gomorra** (Gên. 19). **Alarido**, alarme.

### **C. Profecias Posteriores. 21:1 – 25:38.**

Estes capítulos registram oráculos relativos aos reis de Judá e os falsos profetas depois de Josias. Refletem o sentimento crescente de desgraça que havia conforme o cativo se aproximava.

## **Jeremias 21**

### **1) A Questão do Cerco. 21:1-14.**

Data: Em algum período no final do reinado de Zedequias. Zedequias é aconselhado a submeter-se a Nabucodonosor, pois a cidade cairá.

#### **a) Resposta a uma Delegação de Zacarias. 21:1-10.**

**1. Pasur.** Não o Pasur de 20:1-6. **Sofonias, filho de Maaséias.** Veja observação referente a 29:25.

**2. Nabucodonosor** tinha, evidentemente, começado o ataque final contra Jerusalém (588-587 A. C.) que resultou em sua destruição. Este é o Nabucodonosor dos livros de Reis e Crônicas. A ortografia de Jeremias é a forma mais aproximada do nome babilônico.

**4. Caldeu.** O nome dado à dinastia retirante do império neobabilônico e, por extensão, aos babilônios em geral nessa época.



**8-10.** O povo faria melhor se se entregasse aos caldeus. Não foi por menos que Jeremias era considerado traidor. Mas o seu patriotismo era mais elevado; a piedade era para ele a única razão de existência da nação, como também sua única esperança de sobrevivência.

### **9. Despojo de guerra.**

#### **b) Uma Mensagem à Casa Real. 21:1-14.**

O versículo 12 é típico das exigências das profetas sobre a justiça social. Mesmo com a cidade nos seus últimos suspiros, a preocupação com o bem-estar humano foi apresentada. Não se sabe ao certo contra quem foram proferidos os versículos 13 e 14.

## **Jeremias 22**

### **2) Uma Exortação ao Rei e ao Povo. 22:1-9.**

Esta seção, uma exortação a que o palácio e a cidade façam justiça ou sejam destruídas, é provavelmente uma introdução aos oráculos seguintes contra os reis citados e talvez date do reinado de Jeoaquim.

**3-5.** Veja observação referente a 21:11-14. **O oprimido** (v. 3), aquele que foi roubado.

**6. Gileade ... Líbano.** Regiões cobertas de matas.

**7. Teus cedros escolhidos.** O complexo que continha o palácio em Jerusalém incluía a Casa do Bosque do Líbano; e muito cedro do Líbano foi usado na construção do palácio e Templo de Salomão (I Reis 5:6, 8-10; 10:27). Tudo seria queimado.

### **3) O Destino de Salum. 22:10-12.**

Sem dúvida este oráculo foi feito logo no começo do reinado de Jeoaquim. O povo não devia chorar por Josias, que fora morto recentemente, nem por seu filho **Salum** (o nome particular de Jeoaquim; I Cr. 3:15), a quem Faraó Neco deportou para o Egito, para nunca mais retornar (II Reis 23:29-35).

**4) Um Oráculo Contra Jeoaquim. 22:13-23.**

Esta denúncia contra o Perverso Jeoaquim, feita durante o seu reinado, é uma das mais claras de Jeremias. Condena o rei pela edificação do seu palácio com trabalho forçado em um período quando pesados tributos estavam sendo pagos ao Egito (II Reis 23:35). Termina (Jr. 22:20-23) com uma lamentação sobre o fim dos reis, ou talvez sobre a cidade de Jerusalém.

**13. Aquele que edifica a sua casa;** isto é, Jeoaquim.

**14. Forra-a de cedros,** reveste-a.

**15. Teu pai,** isto é, Josias.

**16.** O conhecimento de Deus é uma questão moral; o intelecto não basta.

**19. Como se sepulta um jumento;** isto é, ele não tem sepultamento, deixando-se a carcaça para os animais e aves (36:30). Não fomos informados sobre o cumprimento desta profecia (cons. II Reis 24:6). Talvez este rei perverso fosse morto em uma revolta dentro do palácio e seu corpo fosse jogado fora da cidade.

**20. Desde Abarim** ("as regiões além"), a cadeia de montanhas (que incluíam o Nebo) da qual Moisés avistou a Terra Prometida (Nm. 27:12; Dt. 32:49). Os teus amantes. Talvez as nações de quem os reis esperavam ajuda, em vez de confiar em Deus.

**22. Os teus amantes.** Cons. observação referente a 22:20.

**23. Ó tu, que habitas no Líbano.** Cons. observação referente aos versículos 6, 7.

**5) Um Oráculo Contra Joaquim. 22:24-30.**

Poucas vezes um rei foi tão severamente castigado em um oráculo, durante o seu reinado, quanto o foi Joaquim nesta passagem.

**24. Jeconias.** Este homem, também chamado Conias e Joaquim, substituiu Jeoaquim, seu pai, e subiu ao trono em 598 A. C. Durante o seu reinado, logo no começo de 597 A.C., Nabucodonosor cercou e

invadiu Jerusalém e levou Joaquim e muitas pessoas importantes à Babilônia (II Reis 24:8-17; II Cr. 36:9, 10).

**26. Tua mãe.** Veja observação sobre 13:18.

**28. Coisa quebrada;** isto é, um vaso quebrado, esquecido.

**30. Como se não tivera filhos.** Jeconias não teria filho que o sucedesse no trono. Ele teve sete filhos (I Cr. 3:17). Tabuinhas com escrita cuneiforme encontradas na Babilônia apresentam listas de rações de azeite fornecidas a "Iauquim (isto é, Joaquim), rei da terra de Iaúde (isto é, Judá) e seus cinco filhos". Embora a genealogia de Mt. 1 siga a ascendência do Messias através de Salomão e Jeconias, esse registro da linhagem de Davi indica só o pai legal de Jesus, não seu pai real. Lucas traça a sua genealogia real a partir de Maria, até o Seu pai verdadeiro, através de Natã até Davi.

## Jeremias 23

### 6) O Rei Messiânico. 23:1-8.

Depois dos oráculos contra os reis maus, vem uma promessa de um rei justo, o Renovo de Davi. A árvore davídica, cortada rente ao solo pelo cativoiro, brotaria novamente, e o seu renovo seria chamado "O Senhor, nossa Justiça". Profeta, sacerdote e rei são os três ofícios do período do V.T, que são tipos e profecias de Cristo. A Igreja sempre viu aqui uma profecia do Messias, "o Grande Filho de Davi", o Rei dos Reis.

**1, 2. Ai dos (falsos) pastores.** Esses são os reis e governadores ímpios de Judá, que foram condenados nos capítulos 21 e 22. A casa de Davi antes gloriosa foi totalmente degenerada. Mas esta lamentação, diferindo das muitas lamentações deste livro, é apenas um prelúdio do pronunciamento de uma esperança melhor.

**2. Delas não cuidastes, e não, não as visitastes. Eu cuidarei em vos castigar a maldade.** Um jogo de palavras.

**3, 4.** Israel tornará a ser trazida do exílio e será governada por pastores piedosos. Os versículos 3-8 pressupõem o Exílio. Isto não quer dizer que Jeremias não seja o autor desta passagem. É um aspecto

comum do estilo dos profetas pré-exílicos que, depois de anunciar o enfio, passem a predizer a restauração (cons. Amós 9:11-15; Is. 11:1-16; 44:24 - 45:13; e muitos outros).

**3. De todas as terras.** A profecia parece implicar não apenas no exílio babilônico, mas em uma dispersão mundial.

**4. Pastores.** Os líderes da nação depois\$ do Exílio (Zorobabel, Esdras, Neemias, os Macabeus) que prepararam o caminho para o Messias.

**5, 6. O descendente de Davi;** repetido em 33:15, 16. **Eis que vêm dias** (v. 5). A fórmula geralmente usada para introduzir predições sobre o período messiânico. **A Davi;** isto é, na linhagem de Davi (cons. II Sm. 7:8-16; Is. 11; 12; Mt. 1:1; 21:9, 15; Lc. 1:32; Rm. 1:3). **Renovo,** um título messiânico (Zc. 3:8; 6:12; uma palavra diferente usada em Is. 11:1). **O juízo e a justiça.** Estes freqüentes atributos messiânicos lançavam um raio de esperança nos períodos de tirania da antiguidade, como também atualmente.

**6. Judá . . . e Israel.** Todo o povo hebreu estava envolvido, não apenas o reino do sul (Ez. 37:19). **O SENHOR Justiça Nossa:** Jehovah Sidqenú – "Jeová é justo"). O rei davídico ideal certamente merecerá o nome. Justiça aqui tem duplo significado de "justiça" e "salvação" (cons. Is. 46:13; 51:6, 8; Rm. 1:16, 17). Deus aqui é visto como Salvador ou Libertador.

**7, 8.** Um segundo êxodo (cons. 23:3, 4, observação).

### **7) Contra os Falsos Profetas. 23:9-40.**

Jeremias foi perturbado através de toda a sua carreira por homens que pretendiam ser verdadeiros profetas mas não eram (27:16-22; 28; 29:8, 9). Eles pregavam uma mensagem fácil de "paz atual" e sem dúvida eram populares. Aqui o profeta os desmascara.

**13. Da parte de Baal,** em nome de Baal.

**15. Absinto . . . água venenosa.** Veja observação referente a 9:15,

**16. Vãs esperanças,** esperanças falsas. As visões do seu coração; isto é, eles falavam coisas que se originavam em seus próprios corações, ou mentes (cons. 17:9, observação), mas o verdadeiro profeta fala a palavra que Deus lhe dá (cons. v. 18).

**20. Coração.** Veja observação referente a 17:9.

**22. No meu conselho.** A mesma palavra hebraica significa conselho (Amós 3:7) e, como neste versículo, *concílio*. O V. T., descreve, em diversos quadros, uma assembléia celestial, presidida pelo Senhor. Os seres que formam esta assembléia são chamados "santos", "espíritos de Deus", "filhos de bens", etc. Esses seres adoram a Deus e estão sob o Seu poder (Sl. 82; I Reis 22:19-22; Jó 1:1 – 2:7; Is. 6:1-13). Os verdadeiros profetas são evidentemente admitidos a este concílio.

**23, 24.** Os falsos profetas não podem se esconder de Deus para escapar ao seu castigo.

**25-32.** Parece que Jeremias está dizendo que a palavra do Senhor lhe veio não num sonho, mas de alguma forma melhor, talvez estando ele completamente acordado.

**33. Peso.** Um termo de oráculo profético. A palavra vem de uma raiz hebraica que significa "levantar". Deus colocou o peso sobre o profeta. Ele o carregava para o povo. O povo aqui está sendo informado a não usar o termo levemente.

## Jeremias 24

### 8) A Visão dos Figs. 24:1-10.

Nesta visão, usada como parábola, o profeta declara que aqueles que forem para o exílio com Joaquim passarão melhor do que aqueles que ficarem em Jerusalém. Concedida logo no começo do reinado de Zedequias.

**1. Levou em cativeiro.** Cons, observações referentes a Jeremias 29.

**2. Figs temporãos.** A primeira colheita feita em junho era considerada a melhor. A última colheita era feita em agosto.

6. Os exilados seriam purificados e mais tarde retornariam; os que ficassem em Jerusalém seriam destruídos durante a queda da cidade.

7. Cons. 31:33.

9. **Objeto de espanto, calamidade.** Veja observação referente a 15:4.

## **Jeremias 25**

### **9) O Julgamento de Judá e Todas as Nações. 25:1-38.**

Este importante capítulo, significativamente datado do primeiro ano de Nabucodonosor (o quarto de Jeoaquim; v. 1), prediz um exílio de setenta anos para Judá, e então prossegue, no estilo apocalíptico, convocando as nações a beberem a taça da ira de Deus. Daniel lia esta passagem quando lhe foi dada a profecia das setenta semanas (Dn. 9:2; cons. II Cr. 36:21).

#### **a) O Cativo de Judá e o Castigo da Babilônia. 25:1-14.**

1. **Ano quarto de Jeoaquim.** 605 A.C. (cons. 36:1; 45:1; 46:2).

9. **As tribos do Norte.** Cons. Introdução. **O Inimigo do Norte. Meu servo.** O pagão Nabucodonosor estava inconscientemente fazendo a vontade de Deus (cons. 27:6; 43:10). Também Ciro é chamado de "ungido" de Deus (Is. 45:1). Todas estas nações em redor. Grande parte do Oriente Próximo seria conquistado pelos babilônios.

10. Os sons das atividades humanas diárias cessariam.

11. **Setenta anos.** Um número redondo. Se o começo da rendição de Judá à Babilônia for computada a partir da primeira invasão de Jerusalém por Nabucodonosor (605 A. C.; cons. 1:3, observação), e o decreto de Ciro permitindo o retorno em 538 A.C., o Exílio durou setenta e sete anos.

12. A Babilônia, depois de ser usada por Deus para castigar a Judá, seria destruída por causa de seus próprios pecados (cons. Is. 10:5-34). **Ruínas perpetuas.** Veja observação referente a 50:12,13.

**14. Eles serão escravos**, isto é, os babilônios. A referência é aos medos e persas que conquistaram a Babilônia (cons, observação introdutória aos caps. 50, 15 e 51:11, observação).

**b) As Nações que Beberão a Taça da Ira de Deus. 25:15-38.**

Estes versículos serviriam de introdução aos oráculos de Jeremias contra as nações estrangeiras (caps. 46-51) e foram ligadas a esses oráculos pela LXX. As nações relacionadas nestes versículos são em grande parte as mesmas mencionadas nos oráculos; só aquelas que não foram mencionadas lá serão comentadas aqui.

**15-17.** Receber uma porção estupefaciente é sentir o efeito da ira de Deus (cons. 49:12; 51:7).

**20. Misto de gente**; isto é, "estrangeiros" no Egito. **Uz.** A terra de Jó (Jó 1:1). Ficava a leste da Palestina, provavelmente em território idumeu (Gn. 10:23; 22:21; 36:28; Lm. 4:21).

**22. Terras além do mar.** Veja observação referente a 2:10.

**23. Tema** ficava no norte da Arábia (cons. Is. 21:14; Já 6:19). **Buz** não é conhecida. Os que cortam os cabelos nas têmporas. Veja comentário referente a 9: 26.

**25. Zimri** é desconhecida. **Média.** Veja observação referente a 51:11.

**26. Babilônia.** O profeta usa aqui um código que substitui a última letra do alfabeto pela primeira, a penúltima pela segunda, etc.

**32. Confins da terra.** Veja observação referente a 31:8.

**34. Pastores . . . donos dos rebanhos**; isto é, os governantes das nações.

**37. Malhadas**, e não, *habitações*.

**II. Acontecimentos da Vida de Jeremias. 26:1 – 45:5.**

Esta seção consiste principalmente de material autobiográfico e histórico. O relacionamento de Jeremias com os governantes e o povo tornou-se mais tenso, até que finalmente Jerusalém caiu conforme ele

tinha predito. Contudo, um tema de esperança brota com a mensagem da Nova Aliança. A seção termina com uma rápida narrativa dos últimos dias de Jeremias.

## **Jeremias 26**

### **A. O Sermão do Templo e a Prisão de Jeremias. 26:1-24.**

Aqui são dadas as circunstâncias que rodearam a pregação do sermão do templo que está registrado em 7:1-8:3. A data é do começo do reinado de Joaquim

#### **1) A Pregação do Sermão. 26:1-6.**

**3. (Eu) me arrependerei.** Veja comentários referentes a 26:13, 19; 18:8.

**4-6.** Um resumo da mensagem registrada em 7:3 - 8:3. **Silo** (v. 6). Veja observações referentes a 7:12-14. **Maldição**, isto é, o povo amaldiçoará os outros dizendo: "Que você fique igual a Jerusalém".

#### **2) A Prisão e o Julgamento de Jeremias. 26:7-19.**

**8, 9.** Parece que os líderes religiosos incitaram o povo contra Jeremias. *Contra. Antes, ao redor de.* Jeremias foi rodeado por uma multidão.

**10. Príncipes.** Estes eram os bons oficiais da corte que foram designados por Josias e sobreviveram mais tempo do que ele. Aqui eles defendem o profeta (cons. 26:24).

**14, 15.** A coragem inflexível de Jeremias nem precisa de comentários.

**16. Todo o povo.** Compare com o versículo 8. Como a população muda de partido com facilidade!

**17. Os anciãos.** Evidentemente eram homens idosos e piedosos. O termo hebraico geralmente significa "governadores".

**18. Miquéias, o morastita.** O profeta escritor, natural de Morasti, que viveu mais de cem anos antes. A citação é de Mq. 3:12.



19. Não temos outro registro do arrependimento de Ezequias, mas ele é conhecido como um reformador (II Reis 18:3-6).

### **3) A Prisão e a Execução de Urias. 26:20-24.**

Esta narrativa de como Jeoaquim descarregou a sua bília sobre um adversário menor dá idéia do seu intenso ódio a Jeremias, e nos dá motivos para crer que ele estava por trás da perseguição de Jeremias (26:8).

20. **Urias, filho de Semaías.** Nada se sabe dele fora destes versículos. **Quiriate-Jearim.** Uma cidade que fica 12,8 quilômetros a oeste de Jerusalém, sobre a estrada que desce para a planície costeira.

21. **Temeu, fugiu.** Nem todos os homens têm a fibra para perseverar como Jeremias, e nem sempre é sábio fazê-lo.

23. **Tiraram.** Joaquim continuava sendo um marionete do Egito; por isso a extradição foi facilmente arranjada.

24. **Aicão, filho de Safã.** Um dos príncipes de Josias (cons. v. 10, observação; II Reis 22:12, 14). Seu filho Gedalias foi o malfadado governador de Judá depois da queda de Jerusalém (II Reis 25:22).

### **B . O Jugo da Babilônia. 27:1 – 29:32.**

Zedequias, embora colocado no trono por Nabucodonosor, conspirou contra ele, e os reis vizinhos reuniram-se em Jerusalém para planejarem uma revolta. Sem dúvida as esperanças do povo foram despertadas. Jeremias aconselha aqui os íeis estrangeiros e Zedequias a desistirem, pois não havia esperança de sucesso. Talvez o seu conselho exerceu alguma influência. Pelo menos, parece que a rebelião não aconteceu nessa ocasião. Os acontecimentos de Jeremias 27 e 28 tiveram lugar no quarto ano de Zedequias (cons. 25:1, observação); os de Jeremias 29, em alguma ocasião durante o mesmo reinado.

## **Jeremias 27**

### **1) A Mensagem aos Reis Estrangeiros. 27:1-11.**

Um sermão simbólico; os grilhões e jugos apresentariam de maneira viva o quadro do cativo. Um semelhante ato simbólico está registrado em I Reis 22:11.

**1. Joaquim**, E.R.C. Os versículos 3, 12, 20 indicam que Zedequias reinava nessa ocasião. A Versão Siríaca e alguns manuscritos dão aqui o nome de Zedequias, E.R.A. A LXX omite o versículo totalmente. Muitos comentaristas crêem que este versículo foi copiado por engano de 26:1. É claro que **Zedequias** é o correto.

**2. Brochas**. Os canzis consistiam de barras de madeira amarradas com tiras de couro. Em 28:10 Jeremias ainda está usando essa canga.

**3. Moabe**. Veja observação referente a 48:1. **Filhos de Amom**. Veja observação referente a 49:1. **Sidom**. Veja observação referente a 47:4. As pequenas nações da Síria-Palestina freqüentemente se rebelavam contra seu senhor da Mesopotâmia, geralmente com a conivência do Egito. Raras vezes tinham sucesso.

**6**. Não só a revolta seria infrutífera, como também errada, pois Deus ordenara o poder da Babilônia para a Sua estranha obra e Nabucodonosor era o servo de Deus (cons. 25:9, observação).

**7. A seu filho e ao filho de seu filho**, expressão idiomática que significa "durante muito tempo".

**9. Encantadores**, adivinhos. A prolongada crise nacional fizera surgir uma multidão de charlatões religiosos. O povo histérico, ao que parece aceitou-os de todo o coração. Diziam ao povo o que este queria ouvir : "Paz, paz" (6:14).

## **2) A Mensagem a Zedequias. 27:12-15.**

Zedequias era uma pessoa fraca e vacilante, pronta a chapinhar em qualquer revolta para logo depois retrair-se na última hora. A palavra transmitida para ele foi semelhante a que receberam os enviados estrangeiros. Evidentemente Jerusalém poderia ter evitado a sua destruição e a grande deportação final poderia ter sido afastada, se Zedequias continuasse a se submeter à Babilônia.

**3) A Mensagem aos Sacerdotes e ao Povo. 27:16-22.**

Todos são advertidos a não se deixarem confundir com a agradável mensagem dos falsos profetas (cons. 23:940, observação).

**16. Os utensílios.** No Templo havia depósitos, alguns dos quais guardavam objetos caros que tinham sido oferecidos a Deus. Esses tesouros foram levados para a Babilônia quando Nabucodonosor invadiu Jerusalém em 597 A.C. (II Reis 24:13).

**19. Colunas.** De bronze. Ficavam na frente do Templo (I Reis 7:15). **Mar.** A bacia de bronze no átrio do Templo (I Reis 7:23-26). **Suportes.** Eram os objetos sobre rodas mencionados em I Reis 7:27-36. O metal desses objetos, como também o dos "utensílios" mencionados no versículo 16, era muito valioso.

**20. Jeconias.** Veja observação referente a 22:24.

**22. Atentar.** Dar atenção.

**Jeremias 28****4) A Oposição de Hananias. 28:1-17.**

Este conflito foi logo depois dos acontecimentos do capítulo anterior, pois Jeremias ainda estava usando o jugo (v. 10). Sobre os falsos profetas, veja observações referentes a 29:9-32.

**1. Hananias, filho de Azur.** No V. T. temos quatorze Hananias; o nome significa, *O Senhor tem sido misericordioso*. Nada mais se sabe sobre o filho de Azur, exceto o que se diz aqui.

**2-4.** Não satisfeito com as predições generalizadas de paz, Hananias prediz ainda o retorno dos deportados e a devolução do tesouro dentro de dois anos. Esta predição específica prova a sua falsidade, pois na realidade não houve tal retorno. O cumprimento é o teste da verdadeira profecia (Dt. 18:22). É interessante notar-se que de acordo como recentemente publicado *Babylonian Chronicle*, Nabucodonosor estava nessa ocasião debelando uma rebelião na Babilônia. Provavelmente os amigos de Hananias entre os deportados na Babilônia enviaram-lhe esta

informação, despertando assim o seu otimismo de maneira específica. **Jeconias** (v. 4). Veja observação referente a 22:24.

**6. Amém.** Assim seja (cons. 11:5, observação). Jeremias está desejoso que a predição seja verdadeira.

**7-9.** Evidentemente Jeremias não recebera nenhuma palavra do Senhor contra Hananias nessa ocasião. Por isso ele declarou que o tempo diria – se a predição se realizasse – se Hananias era ou não enviado de Deus.

**10. Canzis.** Veja observação referente a 27:2.

**12.** Mais tarde Jeremias recebeu uma resposta para Hananias.

**16.** Jeremias fez um contra-sinal (cons. v. 3). Seu cumprimento não significava só o descrédito para Hananias como profeta, mas também a sua morte (v. 17).

## **Jeremias 29**

### **5) Uma Carta aos Exilados. 29:1-32.**

Os profetas do otimismo estavam ocupados entre os judeus já exilados na Babilônia (os que foram levados depois do ataque feito a Jerusalém em 597 A. C.), como também entre os que ainda se encontravam em Jerusalém. O propósito desta carta foi persuadir os deportados a se estabelecerem na Babilônia e se acomodarem ali. Sem dúvida ela foi escrita alguns poucos anos depois de 597 A. C.

**2. Jeconias.** Veja observação referente a 22:24. Carpinteiros e ferreiros. Nabucodonosor levou importantes líderes como reféns e também artesãos (os quais recolheu de todas as nações conquistadas) para ajudá-lo na reconstrução e embelezamento da Babilônia.

**3. Eleasa, filho de Safã.** Possivelmente o irmão de Aicão, que protegeu Jeremias contra Jeoaquim (26:24), e também de Gemarias, em cujo quarto no Templo, Baruque leu o rolo de Jeremias (36:10). **Gemarias, filho de Hilquias,** é desconhecido. É pouco provável que fosse irmão de Jeremias (1:1). **Eleasa e Gemarias** foram enviados em missão oficial à Babilônia; seu propósito é desconhecido.

**5.** Os exilados hebreus na Babilônia não eram escravos mas deportados. Evidentemente eram livres e podiam viver como lhes agradasse. Com o passar do tempo alguns enriqueceram no comércio e outros atingiram altas posições na corte.

**7.** Esta ordem muitíssimo incomum foi dada com vistas ao bem-estar do povo. A aderência dos judeus a este princípio de lealdade ao governo da terra na qual vivem é um dos motivos de sua sobrevivência no mundo até os dias de hoje.

**8. Que sempre sonham segundo o vosso desejo.** Os falsos profetas floresciam por causa do encorajamento geral do povo.

**10. Setenta anos.** Veja observação referente a 25:11.

**11. O fim que desejais.** Um futuro e uma esperança. Israel tinha ambos; mas não se realizariam imediatamente. Primeiro a nação teria de passar pela purificação do fogo (cons. vs. 12-14).

**14. Farei mudar a vossa sorte** é o significado comum da frase: Aqui significa de modo particular, "eu os restaurarei em sua terra".

**18. Um espetáculo horrendo.** Veja comentário referente a 15:4. Para onde os tiver arrojado. Aqui, como acontece nos profetas, fala-se de um acontecimento futuro como se já tivesse acontecido.

**21. Acabe, filho de Colaías . . . Zedequias, filho de Maaséias.** Nada sabemos sobre estes homens ou o incidente aqui mencionado.

**22. Assou no fogo.** Outra referência ao uso babilônico de tal castigo encontra-se em Dn. 3:6.

**23.** É difícil acreditar que os babilônios condenassem homens à morte por tais motivos. Eram pecados contra Deus, o qual entregou esses homens a Nabucodonosor, que provavelmente os condenou à morte por conspirar contra o estado.

**24. Semaías, o neelamita.** Um líder judeu na Babilônia que escrevera ao sacerdote Sofonias em Jerusalém, insistindo com ele a que silenciasse Jeremias. **Semaías** é desconhecido.

**25. Sofonias, filho de Maaséias,** era oficial do templo (cons. 21:1; 37:3; 52:24).

**26-28.** O texto da carta de Semaías. **Que vos profetiza** (v. 27). Semaías não entendia nada da compulsão divina que impulsionava o tímido Jeremias a agir e pronunciar coisas que ele eram tão repugnantes!

**29. Leu esta carta.** Evidentemente Sofonias simpatizava com Jeremias.

### **C. O Livro da Consolação. 30:1 – 33:26.**

Grande parte da obra de Jeremias foi proclamar o juízo. Nesta seção ele olha além do juízo iminente para o Dia do Senhor, a restauração e salvação de Israel e a Nova Aliança.

## **Jeremias 30**

### **1) O Dia do Senhor: Seu Terror e Livramento. 30:1-24.**

O Dia do Senhor começará com grande desespero para Israel, mas resultará em seu reajuntamento e salvação.

#### **a) Introdução. 30:1-3.**

Aqui o cativo é considerado coisa certa (cons. 23:3, 4, observação). Haveria uma restauração da terra. Mudarei a sorte (v. 3). Veja comentário referente a 29:14.

#### **b) A Angústia de Jacó. 30:4-7.**

Na visão profética, o Dia do Senhor começa com um período de grandes perturbações para as nações e para Israel (Amós 5:18-20; Is. 2:12-22; 34:1-15; Sf. 1:2 – 3:8; Zc. 14:1-8, 12:15).

#### **4. Israel e Judá.** Veja observação referente a 2:4.

**7. Aquele dia;** isto é, o Dia do Senhor. Cons. Is. 13:6; Jr. 46:10; Lm. 2:22; Ez. 30:3; Joel 1:15; 2:1; e as referências anteriores neste parágrafo).

**c) O Livramento de Jacó. 30:8-11.**

Israel será libertada do sofrimento, livre do domínio gentio e retomará à sua terra, onde servirá a Deus e a um rei da linhagem de Davi. Esta é a segunda parte da visão sobre o Dia do Senhor.

**8. Farão escravo este povo.** Veja comentário referente a 27:7.

**9. Davi, seu rei.** Não o Davi, filho de Jessé, ressuscitado, mas um rei da linhagem de Davi (Os. 3:5; Ez. 34:23). César era originalmente o nome de um imperador romano; tornou-se o título dos seus sucessores. Jeremias já indicou antes que o Messias virá da linhagem de Davi (23: 5, observação).

**10,11.** Estes versículos são repetidos em 46:27, 28.

**10. Servo meu, Jacó.** A idéia de que Israel é servo de Deus está mais desenvolvida em Isaías (por exemplo: 41:8-14; 43:1-7; 44:1, 2).

**d) Os Ferimentos Aparentemente Incuráveis de Sião Serão Curados. 30:12-17.**

**14. Já não perguntam por ti.** Não te procuram mais.

**17. Já ninguém pergunta por ela.** Não a procuram mais.

**e) Jerusalém Será Reconstruída e Será Feliz. 30:18-22.**

**18. Eis que restaurarei a sorte.** Veja observação referente a 29:14. **Montão.** Em Hebraico, *tel*. A mesma palavra é atualmente usada pelos árabes com referência aos morros desabitados da Palestina, locais das antigas cidades. **Será habitada como outrora.** Antes, *estará no seu devido lugar*.

**21. O seu príncipe procederá deles, e não, os seus nobres. Príncipe e o que há de reinar** parece que foram usadas para evitar a palavra mais usual "rei". **Pois quem de si mesmo ousaria aproximar-se de mim?** Este príncipe é também um sacerdote que tem o direito de aproximar-se de Deus.

**23, 24.** A tempestade da vingança do Senhor.

## **Jeremias 31**

### **2) A Restauração da Nação e a Nova Aliança. 31:1-40.**

Em antecipação à declaração da Nova Aliança, primeiro Israel (vs. 1-22) e depois Judá (vs. 23-30) são asseguradas do amor de Deus e do Seu propósito de tornar a reuni-las.

#### **a) Deus Fará pelo Israel Esperso o que Fez pelos Sobreviventes do Êxodo. 31:1-6.**

1. O propósito da Aliança Abraâmica (Gn. 17:7) finalmente será realizado. Esta é a mais alta bênção que Deus pode conceder.

2. **Que se livrou.** Que escapou. **No deserto**, isto é, na peregrinação de quarenta anos no deserto (Êx. 14 - Dt. 34).

3. **Benignidade.** Veja observação referente a 9: 24.

4. **Virgem de Israel.** Veja observação referente a 14:17. **Adufes.** Os pandeiros ou tambores usados para marcar o compasso nas danças e ocasiões festivas (cons. Êx. 15:20).

5. **Gozarão dos frutos.** Os hebreus não comiam os frutos nos primeiros três anos, O fruto do quarto ano era oferecido a Deus. Mas podia ser "redimido" e comido como coisa comum (Lv. 19:23-25; Dt. 20: 6). Este versículo quer dizer que Israel se estabeleceria e viveria na terra em condições normais.

6. Israel também retornada ao culto puro do Senhor, que se perdeu quando da divisão do reino. **Região montanhosa de Efraim** era o centro do Reino do Norte. Os atalaias provavelmente davam o sinal para os peregrinos.

#### **b) O Reajuntamento. dos Exilados Predito. 31:7-14.**

Eles retornarão, arrependidos e restaurados no favor divino (cons. Is. 40:3-5, 9, 11; 42:5-16; 43:1-21; 48:20-22; 49:8-13).

8. **Terra do Norte.** Cons. Introdução, **O Inimigo do Norte.** Das extremidades da terra. Isto parece indicar uma dispersão por todo o mundo.



**10. Terras longínquas do mar.** Veja comentário referente a 2:10.

**11 . Redimiu . . . livrou.** Referências ao livramento do povo de Deus do cativeiro estrangeiro para a liberdade de sua própria terra. O uso que o N. T. (provavelmente antecipado em Is. 44:22, 23; 62:12) faz destas palavras no sentido de livramento do pecado é uma extensão muito natural do significado.

**12. Radiantes de alegria por causa dos bens.** Como na expressão inglesa: "o povo afluiu à cidade". **Cereal . . . linho . . . azeite.** Símbolos da boa vida (cons. Sl. 104: 15). **Jardim regado.** Na Palestina que é uma terra sujeita a seca, a irrigação é a única garantia de perpétuo verdor. (Is. 58:11).

### **c) Raquel e Efraim Serão Consolados. 31:15-22.**

Raquel, a mãe de José e Benjamim, de quem as principais tribos do Reino do Norte descendiam, está sendo representada chorando pelo cativeiro de Israel; mas Deus a conforta com a promessa de sua restauração.

**15, 16. Ramá.** Uma cidade cerca de 8 quilômetros ao norte de Jerusalém, evidentemente o lugar onde os cativos eram reunidos antes de serem levados para a Babilônia (40:1). A profecia apresenta Raquel, que roga por seus filhos (Gn. 30:1) e morre de tristeza (Gn. 35:18, 19), chorando em Ramá por ver seus descendentes sendo levados. (O lugar da sepultura de Raquel é motivo de discussão.) Mateus vê o cumprimento deste versículo no Massacre dos Inocentes (Mt. 2:17, 18).

**18, 19.** Efraim faz uma oração de arrependimento. Efraim é um sinônimo de Israel.

**19.** Depois que me converti; isto é, que me afastei de Deus. Bati no peito. Sinal de grande tristeza (Ez. 21:12).

**20.** Deus declara Efraim perdoado. **Coração,** entranhas. Cons. 4:19, observação.

**21, 22.** O profeta adverte Israel a que se prepare para voltar do cativeiro. **Postes** (v. 21) para orientação. **Andarás errante** (v. 22), sem

definição. **A mulher infiel virá a requestar um homem.** Esta declaração é difícil de se compreender. Comentaristas discordam muito - entre si quanto ao seu significado. É difícil saber como traduzir o verbo traduzido para **requestar**. A opinião que aqui vê uma profecia do nascimento virginal de Cristo é atualmente rejeitada pela maioria. A RSV traduz para "*uma mulher protegerá um homem*"; isto é, a frágil nação de Israel ficará forte para proteger os outros. Outros ainda, "uma mulher abraçará um homem"; isto é, a nação de Israel voltará para o seu esposo-Deus. Nenhuma interpretação jamais obteve a aceitação da maioria dos comentaristas.

**d) Judá Também Será Restaurada. 31:23-30.**

**23. Ainda.** Ainda novamente. **Quando eu lhe restaurar a sorte.** Veja observação referente a 29:14.

**24. Lavradores.** Na antiga Palestina lavradores e pastores moravam nas cidades e saíam pelas manhãs aos campos e pastagens. Refere-se a uma situação de bastante prosperidade.

**25. Saciei,** satisfiz (com alegria).

**26.** Parece que é o profeta quem fala. Mas é estranho, pois Jeremias repudiava os sonhos (23:25-28).

**27.** O cativo resultou na dizimação dos habitantes humanos e animais. No futuro, Deus repovoará a nação unida (Ez. 36:8-11; Os. 1:11; 2:23).

**28. Edificar e plantar.** Cons. 1:10.

**29.** Um provérbio popular (cons. Ez. 18:24).

**30. Pela sua iniquidade.** Uma declaração da responsabilidade do indivíduo.

**e) A Nova Aliança. 31:31-34.**

O conceito de uma nova aliança é a mais importante contribuição de Jeremias ao pensamento bíblico. O V. T, menciona com frequência a aliança que Deus estabeleceu com Israel (Ex. 19:3-8; 24:3-8; Dt. 29:1-29),

aliança essa que foi o fundamento da vida nacional e religiosa dos israelitas. Deus torna claro, através de Jeremias, que Israel fracassou no cumprimento dessa aliança (7:21-26; 11:1-13) e prediz que Ele fará uma nova aliança com o Seu povo. A nova aliança não será uma nova lei (a velha lei continuava boa), mas produzirá um novo "coração" – isto é, dará uma nova motivação na obediência à lei de Deus. Jesus, quando instituiu a Ceia do Senhor, declarou: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue" (I Co. 11:25; cons. Lc. 22:20). A epístola aos hebreus ensina que Cristo estabeleceu a nova aliança através do Seu sacrifício perfeito e final pelo pecado (Hb. 7:22; 8:7-13; 10:15-22; cons. II Co. 3:5-14).

**31. Eis aí vêm dias.** Uma fórmula escatológica. O Dia do Senhor é o que Se pretende dizer (cons. 30:7, observação).

**32. A aliança que fiz com seus pais.** A aliança feita no Sinai, renovada nas Planícies de Moabe (cons. referências no parágrafo introdutório acima). **Eu os haver desposado;** isto é, eu lhes fui fiel, mesmo quando eles me foram infiéis.

**33. No coração.** A velha aliança foi escrita em pedras (Êx. 31:18). Só a nova aliança, escrita sobre o coração, podia realizar o que a velha pretendia: "Serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo" (Lv. 26:12; cons. Ez. 36:25-27).

**34. Todos me conhecerão.** Este conhecimento é íntimo, experimental, baseado sobre o perdão dos pecados.

#### **f) Israel Permanecerá para Sempre. 31:35-37.**

A sobrevivência do povo hebreu, muito tempo após seus vizinhos terem perecido, não se explica a não ser com base no sobrenatural.

#### **g) Jerusalém Será Reconstruída e Será Santa. 31:38-40.**

**38. Para o SENHOR.** Não mero nacionalismo; a cidade é dedicada a Deus, é santa (v. 40). **Torre de Hananeel.** No limite nordeste da

cidade (Ne. 3:1; 12: 30; Zc. 14: 10). **Porta da Esquina**; isto é, no limite noroeste (II Reis 14:13; II Cr. 26:9).

**39. Outeiro de Garebe . . . Goa.** Desconhecido; provavelmente indicam os extremos sudoeste e sudeste da cidade.

**40. O vale dos cadáveres.** O Vale de Hinom (cons. 7:31; observação). **Ribeiro Cedrom** é o limite leste de Jerusalém e se dirige para o Vale de Hinom. A **Porta dos Cavalos** parece ter sido o limite sudeste da cidade.

## **Jeremias 32**

### **3) Jeremias Resgata um Campo em Anatote. 32:1-44.**

Por meio dessa atitude, que aconteceu durante o cerco final de Jerusalém, Jeremias provou sua fé na restauração da Palestina depois do cativeiro. A lei do resgate ordenava que se um hebreu necessitado estivesse para vender sua terra a fim de pagar suas dívidas, seu parente próximo devia resgatar a terra – isto é, comprá-la para devolvê-la ao dono. A atitude de Jeremias teve significado maior quando lembramos que Anatote já tinha caído nas mãos dos inimigos; assim, sua atitude não teria significado se não fosse pela esperança de restauração.

#### **a) A Ordem Divina. 32:1-8.**

**1.** Ano décimo. Jerusalém caiu no ano seguinte. Já estava enfrentando o cerco.

**2.** A história do aprisionamento de Jeremias foi narrada em 37:11-21.

**7. Resgate.** Cons. parágrafo introdutório acima; Lv. 25:23-28. **Anatote.** O lugar do nascimento de Jeremias (cons. 1:1, observação).

#### **b) O Resgate da Terra. 32:9-15.**

Um exemplo interessante de transação comercial daquele tempo.

**9. Pesei.** Considerando que não havia dinheiro em moedas, os pagamentos eram feitos pesando-se o metal precioso. Dezesete siclos. Cerca de sete onças. Provavelmente o campo era pequeno.

**10. Assinei a escritura . . . chamei testemunhas.** As **testemunhas** eram sempre importantes nas transações legais. Cons. uma transação imobiliária anterior, onde não houve escritura, Rute 4:1-12.

**11.** Duas cópias da escritura eram tiradas, provavelmente em papiro. Uma era enrolada e lacrada para evitar falsificação, e a outra ficava à disposição dos interessados.

**12. Baruque.** A primeira menção do secretário de Jeremias, que escreveu grande parte do livro de Jeremias sob a orientação do profeta.

### **c) A Reação de Dúvida de Jeremias. 32:16-25.**

A compra foi feita, mas uma onda de dúvidas tomou conta do profeta e ele orou com o espírito angustiado. Sua oração é um tanto parecida com a oração dos levitas registrada em Ne. 9:6-38.

**18. Misericórdias.** Veja observação referente a 9:24.

**20. Sinais e maravilhas na terra do Egito.** Cons. Êx. 7:8 - 12:36. Até ao dia de hoje. Provavelmente esta frase modifica a declaração que se segue.

**24. Trincheiras (do cerco). Caldeus.** Veja observação referente a 21:4.

**25.** A oração irrompe quando o profeta sente a incongruência de sua atitude tão inconsistente com a situação da terra que está sendo perdida para os babilônios. Contudo ele não vai se estender mais detalhadamente sobre as suas dúvidas.

### **d) A Misericordiosa Resposta de Deus. 32:26-44.**

O Senhor conforta e tranquiliza o seu profeta dizendo-lhe que embora a cidade venha a cair como ele esteve profetizando, haverá uma restauração, quando o povo tornará a comprar e vender na terra de Judá.

**27.** Com grande delicadeza Deus insiste com Jeremias a que tenha mais fé, retomando a declaração do próprio profeta (v. 17), como se lhe perguntasse: "Jeremias, você realmente crê no que disse?"

**34. Abominações;** isto é, ídolos. Havia ídolos até mesmo no Templo de Jerusalém (cons. Ez. 8: 3-11).

**35.** Veja observações a 7:29, 31; 19:13.

**38-40.** Veja observações referentes a 31:31-34.

**44. Região montanhosa.** Veja observações referentes a 17:26. Planícies. O Sefelá (cons. 17:26, observação). **Sul.** O Neguebe. (Cons. 13:19, observação). **Porque lhes restaurarei a sorte.** Veja observação referente a 29:14.

## **Jeremias 33**

### **4) Mais Promessas de Restauração. 33:1-26.**

Os temas apresentados em Jeremias 31 foram repetidos aqui. Este capítulo registra revelações que Jeremias recebeu durante o cerco final de Jerusalém.

#### **a) A Reconstrução de Jerusalém para Ser Santa. 33:1-9.**

**2. Que faz estas coisas.** Que coisas? A terra, provavelmente. SENHOR. Veja observação referente a Ex. 3:14.

**4. Contra as trincheiras e a espada.** Os edifícios perto dos muros foram destruídos para que os soldados que defendiam a cidade pudessem ter mais espaço para as suas manobras (cons. 32:24, observação).

**7. Restaurarei a sorte.** Veja observação referente a 29:14. Como no princípio. Antes que o reino se dividisse depois da morte de Salomão.

**8. Purificá-los-ei.** Cons. 31:34.

#### **b) A Jerusalém Devastada Reviverá. 33:10-13.**

**11.** Veja observação referente a 25:10. **Rendei graças ao SENHOR.** Um refrão litúrgico usado nos cultos do templo (Sl. 135:1). **Porque restaurarei a sorte da terra.** Veja observações referentes a 29:14.

**12. Repousar aos seus rebanhos.** Uma figura de doce paz.

**13. Região montanhosa.** Veja observação referente a 17:26. **Planícies.** O Sefelá (cons. 17: 26, observação). **Sul.** O Neguebe (cons, 13:19, observação).

**c) Os Reis Davídicos, os Sacerdotes Levíticos e os Israelitas Jamais Serão Deserdados. 33:14-26.**

**15-16.** Estes versículos repetem os de 23:5, 6 com referência aos quais veja observações.

**21.** A aliança divina com Davi está declarada em II Sm. 7:8-16. Veja observação referente a 23:5.

**24. As duas famílias;** isto é, Israel e Judá.

**D. Algumas das Experiências de Jeremias Antes da Queda de Jerusalém. 34:1 - 36:32.**

Estes acontecimentos ilustram as profundezas às quais o rei e o povo desceram, e assim prepara o caminho para a narrativa da destruição de Jerusalém que vem a seguir.

## **Jeremias 34**

### **1) Um Oráculo para Zedequias. 34:1-7.**

Esta advertência foi transmitida no reinado de Zedequias, quando Jerusalém enfrentava um ataque. Contém as muito repetidas advertências de derrota nacional com a promessa ao rei.

**1. Jerusalém.** Aqui, como acontece na Bíblia, o nome da capital representa toda a nação, como, por exemplo, Tiro e Sidom são usadas representando a Fenícia e Damasco, a Síria, etc.

**5.** Estas palavras de promessa não parecem ter sido cumpridas. Os olhos de Zedequias foram arrancados e ele morreu em uma prisão da Babilônia (39:7; 52:8-11; II Reis 25:5-7; Ez. 12:13). Parece que esta promessa foi condicional, dependendo da submissão do rei à Babilônia. Uma vez que Zedequias se recusou a obedecer, o seu fim foi o pior.

**Queimarão perfumes.** O queimar do incenso fazia parte da cerimônia fúnebre.

**7. Laquis.** Uma importante cidade no Sefelá (cons. 17:26, observação), 36,8 quilômetros a sudoeste de Jerusalém (atualmente, Tell ed-Duweir). Ela se situava sobre uma estrada que atravessava o vale a caminho de Jerusalém, e era por isso importante na defesa da capital. Evidências positivas de sua destruição pelo exército da Babilônia foram encontradas por seus escavadores. (Quanto às cartas de Laquis, cons. Introdução, **As Cartas de Laquis.**) **Azeca.** Outra cidade importante do Sefelá em virtude da defesa da estrada que levava a Jerusalém. É a atual Tell ez-Zakariyeh, 29 quilômetros à oes-sudoeste de Jerusalém, cerca de 18 quilômetros ao norte de Laquis. Ambas estas cidades teriam de ser tomadas antes que Jerusalém pudesse ser atacada.

## **2) A Aliança Transgredida em Relação aos Escravos Hebreus. 34:8-22.**

Durante o cerco te Jerusalém, o povo prometeu libertar seus escravos hebreus, esperando assim obter o favor divino. Mas quando os babilônios foram temporariamente distraídos do cerco pela aproximação do exército egípcio (37:6-11), e afastados da cidade, o povo tomou a se apoderar dos seus escravos novamente, merecendo assim o castigo de Jeremias.

**9. Que ninguém retivesse como escravos . . . seus irmãos.** Os escravos hebreus (geralmente comprados por dívidas) só podiam ser mantidos durante seis anos; no sétimo tinham de ser libertados (Êx. 21:2; Dt. 15:1, 12-15). Parece que esta lei (semelhantemente à do ano sabático, II Cr. 36:21) raramente era obedecida. Numa onda de arrependimento, todos os escravos comprados há mais de seis anos foram libertados. Provavelmente, com a cidade agora sob o cerco e os campos lá fora habitáveis, os escravos eram um peso econômico, e os proprietários eram incapazes de alimentá-los.



**14. Sete anos.** Na realidade seis anos. Mas aqui está incluído o ano da libertação (cons. Dt. 15:1, 12).

**18. O bezerro que dividiram em duas partes, passando eles pelo meio das duas porções.** Uma alusão à maneira de ratificar uma aliança. Uma vítima sacrificial era cortada ao meio, e as partes contratantes passavam juntas entre as partes antes do oferecimento do sacrifício (cons. Gn. 15:9-17). Isto, provavelmente explica o fato do verbo hebraico, regularmente usado para fazer uma aliança, significar literalmente cortar.

## **Jeremias 35**

### **3) O Exemplo dos Recabitas. 35:1-19.**

Jeremias faz a aplicação moral do estranho comportamento dos filhos de Jonadabe, filho de Recabe, durante o reinado de Jeoaquim.

#### **a) Os Recabitas Recusam-se a Beber Vinho. 35:1-11.**

Os recabitas eram um grupo puritano, seguidores de Jonadabe, filho de Recabe (II Reis 10:15, 16, 23). Seguiam o ideal do deserto, abstendo-se do que lhes pareciam ser influências degenerativas da vida citadina – lavoura, vinho e casas. O Senhor os elogia não por seu estranho comportamento, mas pela tenacidade com que se apagavam ao que criam ser certo.

**2. À casa dos recabitas,** isto é, à clã dos recabitas.

**3, 4.** As pessoas aqui mencionadas não são conhecidas, exceto Maaséias que devia ser o pai do sacerdote Sofonias mencionado em 21:1; 29:25; 37:3.

**6. Nosso Pai.** Usado no extenso sentido semita de "fundador" da ordem.

**11. E assim ficamos em Jerusalém.** Provavelmente em tendas. Contudo, agora se lhes tornava impossível guardar os seus votos de maneira absoluta.

**b) O Sermão de Jeremias Sobre os Recabitas. 35:12-17.**

**19.** compare com a maldição proferida sobre Jeconias (22:30). Ainda hoje em dia, na Síria e Arábia, há grupos que proclamam ser recabitas e que seguem as regras deles.

**Jeremias 36****4) As Profecias de Jeremias Ditadas a Baruque. 36:1-32.**

Este capítulo é de grande interesse pela fato de dar a única descrição detalhada do V.T, sobre a escrita de um livro profético. Que Jeremias tivesse ditado a um secretário era normal naquele tempo. A escrita era uma aptidão especializada, muitas vezes restrita a uma categoria profissional. Homens cultos sabiam ler, mas (como os executivos de hoje) não se dignavam a escrever. O livro foi fitado no quarto ano de Jeoaquim. Esta "primeira edição" do livro foi queimada; imediatamente após, o profeta produziu a "segunda edição" com acréscimos (v. 32). A estranha ordem do material contido em nosso atual Livro de Jeremias talvez se deva ao método da composição - um pequeno livro original com freqüentes revisões.

**a) O Rolo Escrito por Baruque. 36:1-7.**

**2. O rolo,** o livro. Um rolo virgem, provavelmente papiro importado do Egito. Nossa atual forma para os livros (códice) originou-se no começo do período cristão.

**4. Batuque, filho de Nerias.** O secretário de Jeremias, supostamente de uma família proeminente (32: 12, 13, 16; 51: 59).

**5. Estou encarcerado.** Não sabemos se era alguma impureza ritual ou prisão física imposta por seus inimigos que mantinha Jeremias afastado do Templo.

**6. No dia de jejum.** Um jejum fora proclamado por conta de alguma, atualmente, desconhecida calamidade. Isto garantiu que uma multidão ouvisse a leitura.

**b) O Rolo Foi Lido em Voz Alta por Baruque. 36:8-21 .**

**9. Quinto ano . . . mês nono.** Foi em dezembro de 605 A. C. Crêem alguns que o rei começou a reinar no outono (que começava no sétimo mês). Se for assim, o quarto ano do rei terminara há apenas dois meses, e não é necessário que se considere que muito tempo tenha se passado antes da escrita (cons. 6:1) e leitura do livro.

**10. Gemarias, filho de Safã,** era irmão de Aicão (26:24; 39:14; II Reis 22:8-14). Evidentemente esta era uma piedosa família de nobres.

**11, 12.** Relativamente a estes príncipes, veja observação referente a 26:10.

**17. Acaso te ditou o profeta . . . ?** Aqui não se menciona o nome de Jeremias, mas subentende-se. Os nobres temiam por Jeremias e simpatizavam com ele, por isso procuraram protegê-lo (v, 19).

**c) O Rolo Queimado pelo Rei. 36:22-26.**

**22. Casa de inverno.** Provavelmente uma parte protegida do palácio, batida pelo sol. Braseiro. A estação das chuvas na região montanhosa da Judéia é fresca, com um pouco de neve às vezes, além das chuvas.

**23. Folhas.** Antes, *colunas*. Um rolo era composto de folhas de papiro coladas umas às outras, com a escrita do lado de dentro do rolo, em colunas. Quando algumas poucas colunas foram lidas, o rei as cortou e queimou.

**24.** Baruque escandalizou-se com a falta de respeito dos homens pelo rolo. No passado, quando Josias ouviu a leitura do rolo da Lei, "ele rasgou suas roupas" (II Reis 22:11). Parece que Baruque considerava o rolo de Jeremias como parte das Escrituras igual à Lei que tanto impressionara Josias.

**26. Hameleque.** Literalmente, o rei. Mas Jeoaquim era provavelmente muito jovem para ter um filho adulto nessa ocasião. Talvez fosse um título honorário. **Seraías.** Veja observação referente a 51:59.

**d) Uma Segunda Edição Ditada por Jeremias. 36:27-32.**

**30. Não terá quem se assente no trono de Davi.** O filho de Jeoaquim, o último dos seus descendentes a reinar, reinou três meses. **Cadáver.** Como Jeoaquim morreu não ficou registrado em nenhum lugar. Com base neste versículo, crê-se que este rei mau talvez morresse em um golpe político ou levante popular (cons. 22:19).

**32. Muitas palavras semelhantes.** A destruição do primeiro rolo não podia acabar com os oráculos; apenas aumentou as palavras de juízo.

**E. Jeremias Durante o Cerco e a Destruição de Jerusalém. 37:1 - 39:18.** Esta seção fala da sorte de Jeremias durante os últimos dias do Reino Judeu. Os capítulos 21, 32-34 também dão informações sobre este período.

**Jeremias 37****1) Jeremias Aprisionado. 37:1-21.**

Não temos motivos para crer que o profeta tinha a intenção de passar para os babilônios quando procurou deixar a cidade durante a rápida interrupção do cerco. Mas o seu povo, que o considerava um odioso traidor, assim interpretou a sua atitude, e por isso foi lançado em um cárcere.

**1. Zedequias.** Veja observação referente a 1:3. **Reinou.** A expressão hebraica é fora do comum; literalmente, *e Zedequias reinou* (como) *rei*. Zedequias, tio de Joaquim (Conias), provavelmente era considerado um regente em lugar do seu sobrinho, que fora levado para a Babilônia. **A quem Nabucodonosor . . . constituirá rei** refere-se a Zedequias, não a Conias (II Reis 24:17).

**a) Jeremias Prediz a Volta dos Caldeus e a Queda da Cidade. 37:3-10.** (Cons. 21:1-10, onde se refere a uma situação diferente.)

**3. Jucal, filho de Selemias,** opunha-se a Jeremias (38:1). **Sofonias, filho de Maaséias.** Veja observação referente a 29:25. **Roga por nós.**

Zedequias não era um homem obstinado e perverso como Jeoaquim. Era antes um homem fraco e vacilante, geralmente levado pelo mau caminho através dos nobres ímpios que subiram ao poder durante o reinado de Jeoaquim. Parece que ele tinha um respeito supersticioso por Jeremias, conforme o seu pedido aqui indica..

**5. Faraó.** Em 44:30 ele é chamado Faraó-Hofra. Uma aliança com Hofra provavelmente encorajou Zedequias a se rebelar. Agora Faraó vinha ajudá-lo, mas, logo depois, os babilônios derrotaram os egípcios e voltaram a Jerusalém.

### **b) Jeremias Preso. 37:11-15.**

**12. Para receber o quinhão de uma herança.** A construção do hebraico aqui é difícil. A porção talvez não fosse a terra mencionada em 32:8, pois os acontecimentos daquele capítulo anda não tinham se passado. Provavelmente ele se destinava a Anatote.

**13. Porta de Benjamim.** Uma porta no lado norte da cidade, dando para a terra de Benjamim (cons. 38:7). Capitão da guarda, sentinela. **Jerias.** Desconhecido. É interessante notar-se como todos os personagens do comovente drama do ministério de Jeremias são citados por nome, até uma humilde sentinela.

**15. Os príncipes.** Veja observação referente a 37:3. **Casa de Jônatas.** Talvez as prisões regulares estivessem cheias de presos políticos.

### **c) O Encontro Secreto de Zedequias com Jeremias. 37:16-21 .**

**17-20.** Outra situação dramática, na qual o profeta não recua nem se rebaixa.

**21. Um pão, e não um pedaço de pão. Rua dos Padeiros.** Nas antigas cidades (e na velha cidade de Jerusalém hoje em dia) cada tipo de negócio tinha sua própria rua ou bairro (cons. 18:2, observação). Até acabar-se todo o pão. Por causa da escassez provocada pelo cerco.

## Jeremias 38

### 2) Jeremias Retirado de uma Cisterna por Ebede-Meleque. 38:1-28.

Estes acontecimentos parecem ter se passado depois daqueles do capítulo anterior, perto do final do cerco, quando, desesperado, o partido anti-Babilônia na corte procurou se livrar do seu oponente mais vigoroso. Zedequias parece enfraquecido, mas não inamistoso para com o profeta. Sua entrevista final com Jeremias também ficou registrada aqui.

### a) A Libertação de Jeremias. 38:1-13.

**1. Gedalias, filho de Pasur.** Talvez fosse o filho do Pasur que anteriormente bateu em Jeremias e o colocou no tronco (20: 1-6). Jucal, filho de Selemias. Cons. 37:3. Pasur, filho de Malquias. Veja observação referente a 21:1. 2. Este versículo é quase idêntico a 21:9.

**4. Afrouxa as mãos dos homens de guerra;** isto é, Jeremias é um traidor. A mesma acusação foi feita em uma das Cartas de Laquis contra certa pessoa em Jerusalém (cons. Introdução, **As Cartas de Laquis**).

**5. Ele está nas vossas mãos.** Isto revela a fraqueza de Zedequias.

**6. Cisterna.** Jerusalém estava cheia de cisternas, onde se guardava a água recolhida durante a estação das chuvas para uso durante os meses em que não chovia (de maio a outubro). Malquias, filho do rei (Hameleque). Talvez o pai de Pasur do versículo 1. **Hameleque.** Veja observação referente a 36:26.

**7. Ebede-Meleque, o etíope.** Ebede-Meleque quer dizer *servo do rei*, mas este homem não era um escravo. **Eunuco** é uma tradução demasiado limitada para o hebraico sons, que significa "oficial" ou "oficial palaciano". Contudo, deve-se duvidar que ele tenha sido algum oficial importante. Está de acordo com o espírito melancólico deste livro que apenas um desprezado estrangeiro se preocupasse o suficiente com o profeta a ponto de se arriscar a salvá-lo (cons. 39:15-18). **Porta de Benjamim.** Veja observação referente a 37:13.

**10. Trinta homens.** O número parece desnecessariamente grande e a construção gramatical é desusada, como se o número fosse trocado. Um manuscrito hebraico e a LXX dizem *três homens*, o que provavelmente deve ser o número original.

**12.** Esta delicadeza contrasta com o ódio malévolo demonstrado contra o profeta pelos seus conterrâneos judeus.

### **b) Último Encontro de Jeremias com Zedequias. 38:14-28.**

**17. Então viverá tua alma.** Tua vida será poupada. O significado básico de *nepesh* é "vida". A palavra aparece duas vezes no versículo 16, uma vez traduzida para "alma", outra para "vida" (cons. v. 20).

**19. Alguns judeus se renderam** (39:9; 25:15). O rei temia que os caldeus o entregassem àqueles para ser torturado.

**22.** O rei conquistador sempre tomava posse do harém do inimigo derrotado (cons. II Sm. 16: 21, 22). A segunda metade do versículo representa as mulheres do harém real enunciando um oráculo enquanto eram levadas.

**26. Casa de Jônatas.** Veja observação referente a 37:15.

## **Jeremias 39**

### **3) A Queda de Jerusalém. 39:1-18.**

A tomada e destruição da cidade estão descritas com maiores detalhes em Jeremias 52, exceto quanto ao conteúdo de 39:3, 14 que não se encontra lá. Quanto ao comentário veja observações sobre o capítulo 52.

**3.** Um grande prisma de barro encontrado na Babilônia, com a relação dos altos oficiais da corte babilônica, ajudam-nos a entender estes nomes. Três pessoas são mencionadas: **Nergal-Sarezer** (cujo ofício é) **Sangar-Nebo** (significado desconhecido); **Sarsequim** (cujo ofício é) **Rabe-Saris** (chefe dos eunucos – um alto cargo); e **Nergal-Sarezer** (cujo ofício é) **Rabe-Mague** (significado desconhecido); Nergal-Sarezer era o genro de Nabucodonosor e seu segundo sucessor.

**9. Nebuzaradã** era um general. Este nome tem sido encontrado em diversas listas babilônicas, com o título de "Padeiro Mor". Sendo comum naquele período, não podemos ter certeza de que a pessoa bíblica seja a mesma mencionada naquelas listas.

**13.** Veja observação referente ao versículos.

**14. Gedalias, filho de Aicão.** Cons. 40:5.

### **O oráculo relativo a Ebede-Meleque. 39:15-18.**

**15. Estando ele ainda detido.** Antes da cidade cair (cons. 38:13).

**16. Ebede-Meleque.** Veja comentário referente a 38:7.

**17. Homens, a quem temes.** Talvez os príncipes de Zedequias, que estivessem planejando a sua vingança contra aquele que salvara a vida de Jeremias.

### **F. Os Últimos Anos de Jeremias. 40:1 - 45:5.**

A velhice de Jeremias foi tão patética quanto o começo de sua vida. Deixado em Judá depois da queda de Jerusalém, foi levado ao Egito contra a sua vontade, e morreu naquele país idólatra.

**1) A Administração de Gedalias e o Seu Assassinato. 40:1 – 41:18.** II Reis 25 : 22.26 dá um resumo destes acontecimentos.

## **Jeremias 40**

### **a) Jeremias foi Solto Quando a Cidade Caiu. 40:1-6.**

É difícil reconciliar esta declaração que diz que Jeremias foi solto depois de ter sido feito prisioneiro em Ramá com a inferência de 39:13, 14 que os príncipes babilônios o libertaram da prisão de Jerusalém sob a custódia de Gedalias. Talvez a inferência seja infundada, e 39:14 aceite por certo o episódio de Ramá.

**1. Nebuzaradã.** Veja observação referente a 52:12. **Ramá.** Uma cidade benjamita algumas milhas ao norte de Jerusalém. Provavelmente os prisioneiros foram interrogados e selecionados antes da deportação.



**2-4.** Este discurso, em termos da linguagem teológica judia, não parece tão ilógico na boca de um babilônio como à primeira vista parece. Temos a impressão de que os assírios estudavam a teologia dos povos que atacavam para usá-la em guerra psicológica (II Reis 18:22, 33-35). E os babilônios sem dúvida ouviram falar do estranho profeta traidor por trás dos muros de Jerusalém e seus discursos aparentemente pró-babilônicos. Tendo ele lhes servido tão bem (como pensavam), os babilônios fizeram o propósito de libertá-lo. O orgulhoso coração hebreu de Jeremias devia ter-se rebelado diante da inferência de que ele estivesse do lado deles, mas aceitou a sua liberdade.

**5. Gedalias, filho de Aicão.** Um homem de nobre nascimento, neto de um dos nobres de Josias. Os babilônios o fizeram um governador fantoche da província subjugada e quase totalmente desolada de Judá. Um selo daquele período, achado em Laquis, menciona um Gedalias que estava "sobre a casa"; isto é, um governador palaciano. (Cons. Is. 36:3). Este bem poderia ser o Gedalias mencionado nestes versículos.

**6. Mispa.** Somente alguns poucos lavradores pobres foram deixados na terra (52:16). Eles se estabeleceram em Mispa, perto de Ramá (cons. 40:1), um lugar a poucas milhas ao norte de Jerusalém, algumas vezes identificado com Tell en-Nasbeh, recentemente escavada. Este lugar não foi tão completamente destruído pelos babilônios que não podia servir como refúgio após a destruição de Jerusalém. Ali foi achado um belo selo em alto relevo com o nome do seu proprietário, "Ya'-azanyahu servo (oficial) do rei", talvez Jazanias de II Reis 25:23 e Jr. 40:8.

### **b) O Governo de Gedalias. 40:7-12.**

Gedalias foi um bom governador e provavelmente tinha o apoio de Jeremias. Acredita-se que o seu governo durou aproximadamente 5 anos. (Cons. 52:30 nota). Terminou com o seu assassinato. Isto foi consumado pelo mesmo grupo desesperado que tinha induzido Judá em sua resistência infrutífera contra a Babilônia, antes da queda de Jerusalém.

**7. Exércitos . . . no campo**, isto é, unidades militares judias, ainda não capturadas.

**8. Seraías.** Veja comentário sobre 51:59; cons. II Reis 25:23. **Jezanias.** Veja comentário sobre 40:8.

**9. Gedalias** procurou aquietar estas forças explosivas de resistência, com a promessa de que se eles se submetessem, suas vidas seriam salvas.

**10. Mispa.** Veja observação referente a 40:6. Jerusalém foi destruída no meio do verão. Ainda havia tempo para a produção de vinho, a colheita das últimas frutas do verão (cons. 8:20, observação) e azeitonas, a fim de não se morrer de fome durante o primeiro inverno de desolação. Nisto tiveram sucesso.

### **c) A Vida de Gedalias Ameaçada. 40:13-16.**

O bem-estar da pequena comunidade salva dependia de sua submissão à Babilônia e seu apoio a Gedalias. Joanã sabia que Ismael, incentivado pelos amonitas e provavelmente também pelo partido pró-Egito, queria matar Gedalias, mas este último recusou-se a tomar as necessárias precauções.

## **Jeremias 41**

### **d) Gedalias Assassinado por Ismael. 41:1-3.**

**1. Sétimo mês.** Outubro. Os judeus fazem um jejum em memória deste assassinato. **De família real.** Talvez, além de ser um extremista anti-babilônico, Ismael quisesse vingar as indignidades praticadas contra o Rei Zedequias, seu parente.

### **e) O Massacre de Setenta Peregrinos. 41: 4-9.**

Esta matança brutal, que não pode ser justificada, mostra o desespero de Ismael e seu bando.

**5.** Peregrinos das cidades que ficavam no Reino do Norte estavam a caminho de Jerusalém. **Barba rapada. . , vestes rasgadas . . . corpo**

**retalhado.** Indicações de luto, provavelmente pela queda de Jerusalém e a destruição do Templo (cons. 16:5, observação).

**7. Poço.** Compare com observação referente ao versículo 9.

**8. Depósitos . . . no campo.** Cisternas no campo eram freqüentemente usadas como depósitos. Podiam ser facilmente disfarçadas, uma vantagem nesse período de inquietação política.

**9. Poço.** Veja observação referente a 14:3. O Rei Asa fortificara Mispa contra Baasa, rei de Israel (I Reis 15:22). Cisternas para guardar água durante os cercos eram vitais para as cidades fortificadas. Em Tell en-Nasbeh (cons. 40:6, observação) encontraram-se cinquenta e três dessas cisternas.

#### **f) Os Demais Prisioneiros que Retornaram. 41:10-18.**

Ismael, que se aliara ao rei amonita (40:14), levou os refugiados de Mispa, pretendendo levá-los aos amonitas. Mas Joanã, com alguns soldados judeus, libertou-os e eles vieram para o sul, a um lugar perto de Belém.

**12. Grandes águas;** isto é, uma grande represa. Mencionadas em II Sm. 2:13. Gibeom é a atual El-jib, uns 4,8 quilômetros a sudoeste de Tell en-Nasbeh (40:6, observação). Em recentes escavações, ali descobriu-se um complicado sistema de distribuição de água, com uma grande cisterna para armazenamento.

**17. Gerute-Quimã.** Lugar desconhecido. **Para dali entrarem no Egito.** Eles temiam que, mesmo inocentes de atividades anti-babilônicas, pudessem vir a sofrer em represália ao assassinato de Gedalias e da guarnição babilônica por Ismael.

#### **2) Migração dos Refugiados para o Egito. 42:1 - 43:7.**

### **Jeremias 42**

#### **a) Jeremias é Solicitado a Buscar Conselho de Deus. 42:1-6.**

O povo temia ficar na Palestina, mas hesitava deixar sua terra natal em busca de proteção numa terra estrangeira.

**1. Jezanias, filho de Hosaiás.** Não o mesmo Jezanias de 40:8. Talvez fosse o mesmo Azarias, filho de Hosaiás de 43:2, pois os dois nomes têm significado semelhante.

**b) A Advertência do Profeta Contra a Ida ao Egito. 42:7-22.**

**7. Ao fim de dez dias.** Embora o pedido fosse urgente, Jeremias precisou esperar até que tivesse certeza da resposta divina. Ele temia em confundir seus próprios desejos de permanecer na pátria com a vontade de Deus.

**10. Arrependido.** Veja observação referente a 18:18.

**20. À custa da vossa vida, a vós mesmos vos enganastes.** Indo para o Egito, vocês perderão tudo (cons. v. 22).

**Jeremias 43**

**c) Jeremias Levado pelo Povo para o Egito. 43:1-7.**

Impacientes, depois de dez dias de espera, os refugiados ignoraram a advertência de Jeremias e migraram para o Egito. Levaram Jeremias e Baruque com eles contra a vontade . destes. Evidentemente Jeremias morreu no Egito.

**2. Azarias, filho de Hosaiás.** Veja observação referente a 42:1.

**3. Baruque, filho de Nerias.** Veja observação referente a 36:4. Não há nenhuma evidência neste livro que confirme a opinião do povo que Baruque indevidamente influenciava o agora já envelhecido Jeremias.

**5. Voltado dentre todas as nações.** A guerra que culminou na destruição de Jerusalém levou muitos judeus a se espalharem pelas nações vizinhas em busca de segurança. Alguns destes haviam retornado agora a sua terra.

**6. Nebuzaradã.** Veja observação referente a 52:12. **Gedalias, filho de Aicão.** Veja observação referente a 40:5. **Jeremias.** Está evidente que

Jeremias foi contra a sua vontade. Não sabemos se à força ou por um sentimento de dever para com os seus patrícios irresponsáveis.

**7. Tafnes.** Veja observação referente a 2:16.

### **3) Jeremias no Egito. 43:8 - 44:30.**

A vida de Jeremias no Egito parece ter sido infeliz. A terra estava cheia de ídolos; seu próprio povo não simpatizava com ele ; e ele não podia esperar bom tratamento da parte do governo quando suas atitudes políticas declaradas durante os últimos anos de Judá fossem conhecidas.

#### **a) Jeremias Prediz que Nabucodonosor Conquistará o Egito. 43:8-13.**

Outra atitude simbólica do profeta. Nossos conhecimentos sobre o império neobabilônico é bastante fragmentário. Embora não tenhamos suficientes informações extra-bíblicas no presente para confirmar o fato de Nabucodonosor ter realmente conquistado o Egito, sabemos que ele o invadiu. O fato desta profecia ter sido deixada neste livro pela geração seguinte argumenta a favor do seu conhecimento (o que não acontece conosco) de uma conquista da terra por Nabucodonosor.

**9. A argamassa do pavimento.** Sir Flinders Petrie, que escavou Tell Defenneh, encontrou uma grande área pavimentada que ele acredita ser a que está mencionada aqui. Estava diante do que ele identificou como a casa de Faraó e era provavelmente usada como área de desembarque e armazenagem.

**10. Meu servo.** Veja observação referente a 25:9.

**12. Levará cativos.** Os ídolos eram freqüentemente carregados nas procissões triunfais dos reis conquistadores. **Despiolhará . . . despiolha.** São traduções do mesmo verbo hebraico. O sentido parece ser que Nabucodonosor subjugou o Egito tão completamente quanto o pastor cobre-se com o seu manto.

**13. Bete-Semes.** A expressão hebraica para "a Casa do Sol", antiga Heliópolis, atual Tell Husn, perto de Cairo. Rá, o deus-sol, foi ali

adorado na antiguidade. As **colunas** eram obeliscos. Um dos obeliscos de Heliópolis se encontra atualmente no Central Park da cidade de Nova York e outro no Thames Embankment em Londres. Ambos são erradamente chamados de "Agulha de Cleópatra".

## **Jeremias 44**

### **b) Condenação da Idolatria dos Judeus Egípcios. 44:1-14.**

**1. Migdol.** Na fronteira nordeste do Egito, provavelmente a atual Tell el-Heir, 17,6 quilômetros ao sul de Pelusium. **Tafnes.** Veja observação referente a 2:16. **Mênfis.** Localizada perto do ápice do Delta, era importante centro da vida egípcia, tendo sido capital da nação antigamente. Ali se adorava o deus Ptah, o criador e patrono dos artesãos e escultores. **Na terra de Patros.** O Egito superior (ou meridional) – a terra ao sul do Delta. O fato de alguns judeus terem migrado para o sul indica que rapidamente se dispersaram pela terra. Um pouco mais tarde houve uma colônia de soldados judeus mercenários em Elefantina, a atual Aswan, na fronteira etíope.

**14. Serão alguns fugitivos** (cons. 44:28).

### **c) A Resposta dos Judeus. 44:15-19.**

Esta confissão espalhafatosa de confiança na Rainha dos Céus é característica do povo a quem Jeremias pregara toda a sua vida.

**15. Suas mulheres.** As mulheres pareciam especialmente devotas da Rainha do Céu, talvez porque esperava-se dela a desejada fertilidade. Patros. Veja observação referente a 44: 1.

**17. À rainha dos céus.** Veja observação referente a 7:18. **Tínhamos fartura.** Na opinião dessas mulheres, a reforma de Josias, que excluía a idolatria anteriormente praticada (II Reis 23), fora a causa do declínio da nação.

**19. Bolos que a retratavam** (cons. 7:18, observação). **Sem nossos maridos;** isto é, os maridos também aprovavam tais sentimentos.

**d) Conclusão da Advertência de Jeremias. 44:20-28.**

**26. Nunca mais será pronunciado o meu nome.** Porque os judeus no Egito pereceriam. Mais tarde, durante o Período Inter-Testamentário, houve uma grande população judia no Egito, adorando o Senhor. Talvez este seja um exemplo do caráter condicional do juízo profético. Os judeus se arrependeram de sua idolatria e foram poupados.

**e) A Derrota de Faraó Hofra, um Sinal do Desastre para os Judeus Egípcios. 44:29, 30.**

Faraó Hofra reinou de 588 a 569 A.C. (cons. 37:5 , observação). Jeremias disse que Faraó seria capturado por seus inimigos, tal como Zedequias. Amasis, um dos seus oficiais, revoltou-se contra o seu governo, e finalmente o matou e o substituiu.

**Jeremias 45****4) O Oráculo de Jeremias para Baruque. 45:1-5.**

Baruque, tal como seu mestre, ficou desanimado no trabalho. Evidentemente também foi tentado a procurar "grandes coisas". Talvez aspirasse influenciar Jeremias (cons. 43:3). De qualquer forma, aqui ele está sendo animado e advertido. Certamente o fato de transmitir as memórias de Jeremias ao mundo concedeu-lhe faina legítima.

**1. Baruque, filho de Nerias.** Veja observação referente a 36:12. Aquelas palavras. Evidentemente Jeremias 36 é o que se pretende dizer. Compare a data mencionada neste versículo com a de 36:1.

**5. Eu te darei a tua vida como despojo.** Embora Baruque sofresse, sua vida seria poupada.

**III. Os Oráculos de Jeremias Contra as Nações Estrangeiras. 46:1 – 51:64.**

O profeta hebreu tinha uma palavra especial para as nações vizinhas dos hebreus, além das que tinha para o Povo Escolhido propriamente dito. Jeremias foi comissionado um "profeta às nações" (1:5) e foi

estabelecido "sobre as nações, e sobre os reinos" (1:10). Na última parte deste livro estão reunidas as acusações proféticas dos gentios feitas em diversas ocasiões. A Bíblia Grega coloca estes oráculos imediatamente depois de 25:13.

## **Jeremias 46**

### **A. Oráculo Contra o Egito. 46:1-28.**

1) Título. 46:1. Este versículo forma o cabeçalho de toda a seção de 46:1 – 51:64.

a) O Hino da Vitória de Nabucodonosor sobre Faraó-Neco em Carquemis. 46:2-12.

**2. Em Carquemis.** Uma rica cidade comercial situada perto do vau do Eufrates, ao norte da Síria. Foi um centro hitita antigamente e mais tarde foi dominada pelos assírios. Depois do colapso do império assírio, tornou-se o ponto de encontro entre as forças do Egito e da Babilônia com frequência. A batalha de Carquemis (605 A.C.) foi uma das batalhas decisivas da história. Os egípcios procuraram aqui refrear o poder nascente da Babilônia e favorecer o quase destruído império assírio. Os egípcios foram derrotados e Nabucodonosor perseguiu Neco na direção do Egito até que recebeu a notícia da morte de seu pai Nabopolassar. Regressou rapidamente à Babilônia e tornou-se o novo rei. Nessa ocasião o império assírio deixou de existir e a Babilônia dominou não só a Mesopotâmia mas todo o Levante.

**4. Couraças.** Armaduras protetoras.

**5. Os medrosos voltando as costas.** Veja observação referente a 6:25.

**7. Como o Nilo.** Os exércitos egípcios, aqui, são comparados ao Nilo durante sua inundação.

**9. Etíopes e os de Pute . . . e os lídios.** Aliados aos egípcios na batalha (cons. Ez. 30:5). Os **etíopes** (*hush* no hebraico) ocupavam a região do Nilo superior e parece que se envolveram com os egípcios de maneira crescente mais para o fim da grandeza egípcia (cons. II Cr. 14:9-



15; II Reis 19:9; Is. 37:9). **Os de Pute** (líbios) viviam a oeste do Egito, ao longo do Mediterrâneo. Lídios. Este termo refere-se de modo geral ao reino da Ásia Menor. Seu significado aqui não é claro.

**10. O Dia do SENHOR dos Exércitos.** Esta expressão não aparece em nenhuma outra passagem de Jeremias. Aqui (como em Joel 1:15; 2:1) o dia do SENHOR significa o dia do juízo divino sobre uma nação e não se refere ao dia do juízo que precederá o Dia Messiânico.

**11. Bálsamo.** Veja observação referente a 8:22.

**3) A Devastação que Nabucodonosor fez no Egito. 46:13-26.** Cons. 43:8 e observação.

**14.** Com referência a estes lugares, veja observação referente a 43:7 e 44:1.

**15.** A RSV traduz este versículo assim: *Por que Apis fugiu? Por que o seu touro não permaneceu de pé? Porque o Senhor o derrubou.* Aqueles que traduzem assim dividem a palavra *arrastado* (AV) em duas. Se esta divisão for correta, esta é a única vez em que a Bíblia menciona Apis, o deus-touro do Egito. A imagem deste deus era frequentemente carregada para as batalhas e a influência que exercia sobre os hebreus provavelmente se vê no bezerro de ouro que Arão fez (Ex. 32:4, 5) e na imagem semelhante feita por Jeroboão (I Reis 12:28, 29).

**17. Deixou passar o tempo adequado.** Talvez isto queira dizer que Faraó procrastinou e por causa do medo deixou passar o momento oportuno da batalha.

**18. Tabor e Carmelo** são destacadas montanhas do norte da Palestina. A estrada que vai para o Egito passa por elas. Ele (isto é, Nabucodonosor) virá ao Egito tão certo quanto esses picos existem na Palestina.

**19. Filha;** isto é, os egípcios (cons. v. 11). **Mênfis.** Veja observação referente a 2:16.

**20. Mutuca,** moscardo. Um tipo de inseto que virá perturbar a bela novilha.

**21. Soldados mercenários;** isto é, soldados alugados.

**22. Um ruído como o da serpente que foge.**

**23. Impenetrável. Gafanhotos.** Quanto à severidade dessa praga, veja observações referentes a Joel 1:1. 2:27.

**25. Amom de Nô.** Antes, *Amom de Tebas*. O deus Amom, nesta época identificado como Ra, o deus-sol, era adorado em Tebas (atual Luxor). Era então quase que um deus nacional (cons. Naum 3:8). **Os que confiam nele;** isto é, os estados satélites do Egito.

**26. Depois será habitada.** O Egito será restaurado e não permanecerá uma ruína eterna (cons. Ez. 29:13-15).

#### **4) A Salvação de Israel. 46:27, 28.**

Os profetas freqüentemente acrescentam um oráculo favorável a Israel depois de acusarem uma nação estrangeira (cons. Ob. 17-21). Estes versículos também são encontrados em Jr. 30:10, 11 (cons. observações).

### **Jeremias 47**

#### **B. Oráculo Contra os Filisteus. 47:1-27.**

Os filisteus habitavam aquela parte da área costeira da Palestina intitulada de Planície Filistéia. Suas cinco cidades eram Ecrom, Asdode, Ascalom, Gaza e Gade. Embora Davi subjugasse os filisteus até um certo ponto durante o Reino Dividido, suas cidades mantiveram sua independência de Judá. Nas inscrições assírias são mencionadas como de gente terrível. As muitas batalhas na Planície Filistéia desde o período assírio até o período de Alexandre, o Grande, causaram o desgaste gradual dos filisteus. Aqueles que sobraram foram conquistados pelos macabeus (segunda metade do segundo século A. C.) e absorvidos pelo povo hebreu. Outros oráculos contra os filisteus se encontram em Amós 1:6-8; Is. 14:28-31; Ez. 25:15-17; Sf. 2:4-7.

**1. Antes que Faraó ferisse a Gaza.** Talvez isto acontecesse durante a campanha na qual Josias perdeu a sua vida em Megido (II Reis 23:29, 30).

**2. Eis que do Norte.** Os babilônios eram ameaça não só para Judá, mas a todo o Levante. Veja Introdução, **O Inimigo do Norte**.

**4. De Tiro e de Sidom.** Tiro e Sidom eram as principais cidades fenícias, localizadas na costa onde atualmente se encontra o Líbano. Eram grandes centros de comércio marítimo e resistiram vigorosamente às conquistas assíria e babilônica. Embora amistosos com os hebreus durante o Reino Unido, mais tarde se tomaram inimigos acerbos. Alguns dos oráculos proféticos contra eles são: Amós 1:9, 10; Joel 3:4-8; Is. 23:15-18; Jr. 27:1-11; Ez. 26-28. Por que Tiro e Sidom são mencionadas em conexão com os filisteus não sabemos; possivelmente eram aliados. **O resto de Caftor.** Caftor é geralmente identificada com Creta, o suposto lar dos filisteus antes de sua migração para a Palestina (Amós 9:7; Dt. 2:23).

**5. Calvície.** Talvez uma declaração figurada indicando que Gaza poderia ser totalmente arrasada. Ou talvez seja um sinal de luto por sua destruição (cons. 16:5, observação). **Com o resto do seu vale.** Esta frase é difícil de se compreender. A LXX diz: *o remanescente de Anequim*, que representa apenas a mudança de uma letra hebraica. Os anequins eram originalmente habitantes da Palestina (cons. Js. 11:21, 22). **Vós vos retalhareis.** Veja observação referente a 16:5.

**7. As bordas do mar;** isto é, a Planície Filistéia.

## Jeremias 48

### C. Oráculo Contra Moabe. 48:1-47.

Os moabitas eram descendentes de Moabe, filho de Ló (Gn. 19:37). Viviam na Transjordânia, a leste do Mar Morto. Vizinhos achegados dos hebreus, freqüentemente entravam em conflito com eles; pois os hebreus reivindicavam controle do território moabita e faziam valer seus direitos quando se encontravam fortes., Nabucodonosor subjugou os moabitas

que então desapareceram como nação. Outros oráculos proféticos contra Moabe se encontram em: Is. 15; 16; Jr. 9:26; 25:21; 27:3; Ez. 25:8-11; Amós 2:1-3; Sf. 2:8-11. Este oráculo é mais extenso que os outros desta seção, e parece conter Semelhanças com Is. 15; 16. Talvez a invasão dos moabitas (entre outros) em Judá durante o reinado de Jeoaquim (II Reis 24:2) seja o antecedente segundo o qual o oráculo deveria ser entendido. Dos muitos lugares moabitas aqui citados, só os mais significativos receberão comentários.

**1. Nebo.** O pico de uma montanha do outro lado do Jordão na altura de Jericó.

**2. Em Hesbom tramaram contra ela.** Um jogo de palavras. O verbo traduzido para **tramaram** tem o som de **Hesbom**. Esta cidade, ora era controlada pelos moabitas, ora pelos israelitas. Continha famosos reservatórios (Cantares 7:4). **Ó Madmém, serás reduzida a silêncio.** Outro jogo de palavras. **Madmém** é um lugar desconhecido. **Serás reduzida a silêncio**, e não, serás exterminada.

**5. Pela subida de Luíte**, uma cidade. Na descida de Honoraim.

**6. O arbusto solitário no deserto** é um símbolo da destruição e solidão (cons. 17:6, observação).

**7. Carros.** O deus nacional de Moabe (cons. vs. 13, 46; Nm. 21:29; I Reis 11:7, 33; II Reis 23:13). Os ídolos eram freqüentemente levados cativos junto com o povo que os adorava (cons. Jr. 43:12; Is. 46:1, 2).

**8. O vale.** O vale do Jordão, perto do Mar Morto, Campina, o planalto habitado pelos moabitas.

**11. Moabe . . . tem repousado nas fezes do seu vinho.** Moabe ficava tão isolada que não tinha experimentado a disciplina das freqüentes invasões e cativo. A figura vem da fabricação do vinho. O vinho teria de ser purificado sendo despejado de jarro para jarro através de um filtro, Moabe jamais fora assim purificada e era igual ao vinho com fezes ou sedimentos.

**12. Trasfegadores, que o trasfegarão:** isto é, passar de uma vasilha para outra (decantar), seguindo a figura do versículo anterior.

Mas no caso de Moabe, essa decantação seria desastrosa; pois os decantadores descuidados poderiam quebrar os jarros e Moabe pereceria.

**13. Betel.** Uma referência ao centro de adoração feito por Jeroboão I em Betel, uma pedra de tropeço religiosa à nação de Israel (I Reis 12:26-33).

**18. Dibom.** A atual Dibam, 20,8 quilômetros a leste do Mar Morto, perto do Rio Amom. Aqui foi descoberta a formosa Pedra Moabita.

**20. Em Arnom.** Junto ao Rio Arnom. Uma corrente perene que deságua no Mar Morto, cerca de meio caminho entre suas extremidades norte e sul.

**21. Terra da campina.** Veja observação referente a 48:8.

**22. Nebo.** Veja observação referente a 48:1.

**25. O poder** (chifres). Um símbolo de poder militar e político, provavelmente derivado dos chifres dos touros.

**26. Embriagai-o.** Veja observação referente a 25:15.

**28. Nos flancos da boca do abismo** (do Arnom). Os moabitas levariam uma existência acossada e precária.

**30. Insolência, arrogância. As suas gabolices nada farão,** e não *as suas mentiras*.

**32, 33.** A futura desolação de Moabe está descrita como a de uma vinha arruinada. **Mais que a Jazer te chorarei a ti, ó vide de Sibma; os teus ramos passaram o mar** (v. 32). Jazer e Sibma eram lugares perto de Hesbom, notável por suas videiras. **Frutos de verão.** Veja observação referente a 8:20.

**34. Zoar.** Evidentemente a cidade do refúgio de Ló ainda existia nessa ocasião (Gn,19: 20.22). Tem sido identificada com el-Keryeh, a sudeste do Mar Morto. **Eglate-Selisias,** outro nome de lugar.

**35. Altos.** Veja observação referente a 3:6.

**36. Flautas** usadas nos funerais.

**37.** Com referência a essas práticas veja observação sobre 16:5.

**40. Eis que voará;** isto é, o inimigo destruidor virá.

**42. Será destruído.** Quanto ao destino de Moabe, veja o parágrafo introdutório deste capítulo.

**45.** Parece que este versículo relaciona-se com Nm. 21:28, 29; 24:17. O pensamento parece ser que os refugiados moabitas fugiram à fortaleza de Hesbom, mas mesmo lá seriam destruídos. **Seom** (Nm. 21:21-30) foi mencionado em lembrança da derrota dos amorreus em Hesbom muito tempo antes.

**46. O povo de Camos.** Veja observação referente a 48:7.

**47. Contudo mudarei a sorte de Moabe.** Moabe não pereceria totalmente, pois um remanescente de Moabe será encontrado no Reino de Deus (cons. 46:26; 49:6, 39). Mudarei a sorte. Veja observação referente a 29:14.

## Jeremias 49

### D. Oráculo Contra os Amonitas. 49:1-6.

Os amonitas descendiam de Ben-Ami, filho de Ló (Gn. 19:38). Eles viviam na Transjordânia, entre os rios Arnom e Jaboque, a leste na direção do deserto. Eles, tal como os moabitas, freqüentemente lutavam contra os hebreus. Demonstraram sua hostilidade durante o reinado de Jeoaquim (II Reis 24:2) e ajudaram a destruir a comunidade dos refugiados depois da queda de Jerusalém (Jr. 40:11-14). Outros oráculos contra eles se encontram em Ez. 21:20; 25:1-7; Amós 1:13-15; Sf. 2:8-11.

**1. Acaso não tem Israel filhos?** Isto é provavelmente uma referência à invasão da Transjordânia pelos assírios vindos do Reino do Norte (II Reis 15:29) em 732 A. C. Após a deportação dos israelitas, os amonitas mudaram para o território de Gade - aquela parte da Transjordânia entre o Arnom e o Jaboque, perto de Jordão. **Malcã**, E.R.C. Se as vogais desta palavra forem trocadas, lê-se **Milcom** (E.R.A.), o deus dos amonitas (I Reis 11:5, 7, 33; II Reis 23:13). As Bíblias grega, siríaca e latina apóiam esta mudança.

**2. Rabá.** A cidade principal dos amonitas, atualmente chamada *Amã* a capital do Reino do Jordão. Montão. Vaia observação referente a 30:18. **Aldeias** vizinhas que dependiam de Rabá.

**3. Hesbom,** embora distasse apenas 8 ou 10 quilômetros da fronteira amonita, era controlada por Siom, o rei amorreu, quando Israel veio (Nm. 21:25-30, 34). Mais tarde passou para as mãos dos moabitas (cons. 48:2, observação). **Aí.** Parece que um lugar amonita com esse nome (não a Aí tomada por Josué, Js. 8:1-29) é do que se trata aqui. Em nenhum outro lugar foi mencionado. **Muros.** Cercados para as ovelhas. **Milcom.** Veja observação referente a 49:1.

**4. Que confiais nos teus tesouros.** O versículo expressa a confiança de uma pessoa vivendo em uma terra tão remota e inacessível que a invasão parecia impossível.

**6. Mudarei a sorte.** Vaia observação referente a 48:47.

### **E. Oráculo Contra Edom. 49:7-22.**

Os idumeus eram descendentes de Esaú, que também era chamado Edom (Gn. 36:1-19). Viviam na terra de Seir, ou Edom, um país muito acidentado e montanhoso, que se estende ao sul do Mar Morto, de ambos os lados da Arábia, até o Golfo de Ácaba. O relacionamento entre os reinos hebreu e edomita nunca foi bom. Estes (os edomitas) se regozijaram com a destruição de Jerusalém (Sl. 137:7), e depois ocuparam o sul de Judá. Foram por sua vez desapossados pelos nabateanos. Os macabeus lutaram com sucesso contra os idumeus e forçaram os seus remanescentes a se tomarem judeus. Outras profecias, contra os idumeus se encontram em Ez. 25:12-14; 35:1-15; Joel 3:19; Amós 9:12; Ob. 1-16. Partes desta seção se parece muito com partes da profecia de Obadias.

**7. Temã.** Uma tribo de idumeus conhecida por sua sabedoria (cons. Jó 2:11).

**8. Dedã.** Uma tribo que morava ao sul de Edom, conhecida por sua influência comercial (Ez. 25:13; 27:15, 20; 38:13; Is. 21:13; Jr. 25:23). Possivelmente o nome ainda permanece como Daidã, no deserto árabe.

**9, 10.** Edom seria completamente despojada, nada restando para os respigadores.

**12.** Edom, por causa de cumplicidade na queda de Jerusalém (Ob. 10-14), era especialmente culpada (cons. 25:15, observação, 28).

**16. Fendas das rochas . . . alturas dos Outeiros.** Uma referência à solidez das altas montanhas de Edom. **Rochas.** *Sela'*, o nome hebraico para Petra, a principal cidade dos idumeus (cons. Ob. 3).

**19-21.** Estes versículos são repetidos em 50:44-46, onde se aplicam à Babilônia. O versículo 19 é de difícil interpretação. Aparentemente diz que o inimigo de Edom virá contra ela do Vale do Jordão, mas fugirá dela – não se diz o porquê. Deus fará o Seu escolhido reinar sobre Edom. Lá estabelecerei, isto é, o conquistador de Edom. A floresta jordanica (cons. 12: 5, observação). **Tema** (v. 20). Veja obs. referente a 49:7.

### **F. Oráculo Contra Damasco. 49:23-27.**

Damasco era a cidade principal da Síria. Pouco se sabe sobre ela no período de Jeremias. Amós 1:3-5 registra uma profecia contra ela.

**23. Hamate.** A atual Hamá, sobre o rio Orontes, 193 quilômetros ao norte de Damasco. Originalmente uma cidade hitita, nessa ocasião fazia parte da Síria. **Arpade.** Uma cidade perto de Hamate (cons. Is. 10:9). **O mar agitado.** A Síria não tinha litoral antigamente. A expressão é uma metáfora referindo-se à inquietação e aos distúrbios. **Não se pode sossegar.** Esta é a mesma expressão hebraica traduzida para o mar agitado de Is. 57:20.

**25.** Damasco era considerada uma das mais lindas cidades de antigamente. Suas fontes formavam um grande oásis no deserto da Síria.

**27. Ben-Hadade.** O nome de diversos reis damascenos (I Reis 15:18, 20; II Reis 13:24).



**G. Oráculo Contra Quedar e Hazor. 49:28-33.**

Este oráculo foi dirigido contra as tribos árabes. **Quedar e Hazor** não foram mencionadas entre as nações do oráculo de Jeremias 25, mas os versículos 23, 24 desse capítulo parecem se referir à mesma gente. Pouco se sabe da história primitiva da gente do deserto a leste da Palestina, que atualmente chamamos de árabes.

**28. Quedar.** Uma tribo ismaelita do deserto (Gn. 25:13; Is. 21:13, 16; 60:7; Ez. 27:21. Cons. Jr. 2:10, observação). **Dos reinos de Hazor.** Isto dificilmente pode se referir à grande fortaleza de Hazor ao norte da Palestina (Js. 11:1-13; 12:19), pois aqui se usa em relação a uma região do deserto. Não há nenhuma outra menção nas Escrituras sobre um deserto de Hazor. **Feriu.** Anteriormente, os assírios atacaram os árabes, e Josefo se refere a uma invasão da Arábia feita por Nabucodonosor.

**29. Há horror por toda parte!** Uma expressão favorita de Jeremias (cons. 6:25; 20:3, 10; 46:5).

**31. Levantai-vos . . . subi.** Uma ordem aos babilônios para saquear o povo do deserto.

**32. Aqueles que cortam os cabelos nas têmporas, e não os que estão nas extremidades.** Veja observação referente a 9:26. **33. Chacais, e não dragões.**

**H. Oráculo Contra Elão. 49:34-39.**

Pouco se sabe sobre o Elão do tempo de Jeremias. A terra do Elão se localiza além do Rio Tigre, a leste da Babilônia. Fora conquistada pelos assírios. Os elamitas talvez estivessem nessa ocasião planejando uma campanha contra a Babilônia. Ezequiel 32:24, 25 também menciona o Elão.

**35. O arco.** Os elamitas eram famosos por sua perícia com o arco (cons. Is. 22:6).

**38. Porei o meu trono,** isto é, eu julgarei (cons. 1:15). **39.** Veja observação referente a 48:47.

**I. Oráculo Contra a Babilônia. 50:1 – 51:64.**

Este longo oráculo tem dois temas – a queda da Babilônia e o retorno dos judeus do exílio babilônico. Argumentar que poderia não ter sido escrito por Jeremias por causa da severidade da linguagem contra a Babilônia é interpretar mal o profeta. Ele não era "pró-babilônico". Como porta-voz de Deus ele realmente insistia na submissão dos judeus a Nabucodonosor, o servo punidor (27:6). Aqui, ele prediz que a nação pagã da Babilônia será por sua vez punida por causa do seu orgulho e rapacidade. A Babilônia caiu em 539 A.C, diante dos exércitos de Ciro, o persa, sem que houvesse luta. Ciro revogou a velha política assírio-babilônica de deportação, emitindo uma série de decretos, permitindo aos povos cativos o retorno às suas terras. Os judeus receberam permissão de pôr um fim ao seu exílio e reconstruir Jerusalém.

**Jeremias 50**

**2. Bel ... Merodaque.** Bel é um título que significa *senhor* e parece que era nesse tempo aplicado a Marduque, o principal deus da Babilônia, chamado **Merodaque** no V. T. Era um deus-sol e, de acordo com o mito babilônico da criação, o criador do mundo.

**3. Do norte.** Evidentemente uma alusão aos persas, que vinham do leste. Talvez a essa altura o norte já tivesse se transformado para os judeus em um termo sinistro que indicava o lugar da origem de todo o mal. (Cons. Introdução, **O Inimigo do Norte**).

**4.** Veja observações referentes a 31:7-9.

**5. Aliança eterna.** Cons. 31:31-34; 32:40.

**6. Pastores.** Veja observação referente a 23:1.

**8. Os bodes** são os líderes do rebanho. Que os judeus liderem o retorno dos povos cativos aos seus lares.

**9. Terra do Norte.** Veja observação referente a 50:3, 12, 13. Ciro não destruiu a Babilônia quando a tomou. Mais tarde no período persa a cidade se sublevou e Dario Histaspis invadiu-a e destruiu seus muros (514 A. C.), dando assim início à sua derrocada. A cidade continuou

declinando até a era cristã, quando deixou de existir. As ruínas desoladas permaneceram até quando os arqueólogos vieram a desenterrá-las no século 19.

**15. Muros.** Veja observação referente a 50:2.

**16. O que semeia.** A Babilônia estava localizada em uma terra fértil e irrigada, própria para a lavoura. Com a destruição da autoridade central, o sistema dos canais de irrigação ficaram entupidos e por isso atualmente a região parece um deserto.

**19.** A fertilidade da terra à qual Israel seria restaurada foi descrita neste versículo. **Carmelo** significa *a terra dos jardins*. As regiões transjordânicas de Gileade e Basã eram conhecidas por suas pastagens e florestas (Dt. 32:14; Is. 2:13; Mq. 7:14; Zc. 11:2). As colinas de Efraim continham muita terra própria para a agricultura.

**21. Duplamente rebelde . . . de castigo. Merataim . . . Pecode.** Esses nomes fazem trocadilhos com nomes de localidades da Babilônia. **Merataim** significa *dublamente rebelde*, e faz trocadilho com *mât marrâti*, um nome aplicado ao sul da Babilônia. **Pecode** significa *castigo*, e se refere ao nome de uma tribo a leste da Babilônia, os *Puqudu* (cons. Ez. 23:23).

**25. As armas da sua indignação.** Cons. Is. 13:5. 34. Redentor; isto é, o Libertador do cativo da Babilônia (cons. Is. 43:14; Pv. 23:11).

**38. Secarão.** Veja observação referente a 50:16.

**39, 40.** Os viajantes dizem que estas palavras ainda continuam se aplicando às ruínas da Babilônia. Os beduínos evitam-nas por julgarem que são o refúgio de animais selvagens e maus espíritos (cons. Is. 13:19-22).

**41. Do norte.** Veja comentado referente a 50:3.

**44-46.** Veja observação referente a 49:19-21.

**44. Eis que . . . sobe.** Refere-se a Ciro. **Da floresta jordânica.** Veja observação referente a 12:5.

## Jeremias 51

**51:1, 2.** O juízo divino sobre a Babilônia comparado aos padejadores e ao vento que joeiram o cereal em uma eira oriental (cons. 51:33; Sl. 1:4). **E contra os que habitam em Lebe-Camai** (v. 1). O hebraico é *leb qamay*, código para "Caldéia", usado de maneira idêntica ao código de 25:26. Traduza-se: "contra os habitantes da Caldéia". **Um vento destruidor.** Uma figura exata de Ciro.

**3. Couraça.** Veja observação referente a 46:4.

**6. Cada um salve a sua vida,** e não *alma*. **Maldade,** castigo.

**7. A videira da ira do Senhor** (cons. 25:15-17, observação).

**10. A nossa justiça;** isto é, nossa vindicação de vitória (cons. 23: 6, observação).

**11. Medos.** Um povo antigo que vivia ao sul do Mar Cáspio e a leste da região norte da Mesopotâmia. Juntaram-se aos babilônios para destruir Nínive. Junto com os persas, os medos (ambas são nações arianas) venceram a Babilônia em 539 A.C. E o império medo-persa substituiu o da Babilônia (cons. Is. 13:17-19; 21:2, 9; Dn. 5:28, 31; 8:20).

**13. Muitas águas.** Uma referência ao Eufrates e seus muitos canais (cons. 50:16, observação).

**14. Gafanhotos** (cons. Joel 1:1-2: 27).

**15-19.** Estes versículos são repetições de 10:12-16. Veja observações.

**20-23.** Estes versículos devem-se dirigir a Ciro (cons. Is. 41:24).

**25. O monte que destróis.** A Babilônia estava situada em uma planície. **Monte** aqui é símbolo de reino poderoso (cons. Dn. 2:35, 44).

**27. Ararate, Mini e Asquenaz** eram povos ao norte da Babilônia que foram conquistados pelos medos no século sexto. Aqui são convocados a que se juntem aos medos (v. 28) na batalha contra a Babilônia. **Ararate,** A terra aproximadamente equivalente à Armênia, ao norte do Lago Vã. **Mini.** Um povo perto do reino de Ararate, a leste do Lago Vã. **Asquenaz.** Diz-se que descendem de Gômer (Gn. 10:3).

Asquenaz identifica-se, segundo alguns, com os ferozes citas. **Gafanhotos.** Veja observação referente ao versículo 14.

**28. Medos.** Veja observação referente ao versículo 11.

**34. Monstro marinho,** e não *dragão*.

**36. Secarei.** Cons, observação referente a 50:16.

**37. Chacais,** e não *dragões*.

**39. Estando eles esganados.** Antes, estando eles inflamados. Este versículo descreve sucintamente a queda da Babilônia conforme registrada em Daniel 5.

**41. Babilônia.** Veja observação referente a 25:26.

**42. Mar . . . ondas.** Linguagem figurada para descrever os exércitos inimigos superabundantes (cons. v. 25, observação).

**44. Bel.** Veja observação referente a 50:2. **O que havia tragado;** isto é, as pessoas deportadas que foram levadas de suas pátrias para a Babilônia retornariam aos seus lares novamente.

**45. Salve cada um a sua vida.** Veja observação referente a 51:6.

**46. Não desfaleça o vosso coração.** Um tempo de ansiedade precederia a queda da Babilônia. O povo de Deus deveria aguardar pacientemente o resultado.

**48. Do norte.** Veja observação referente a 50:3.

**55. As ondas.** Veja observação referente a 51:42.

**59-64.** Um apêndice ao oráculo contra a Babilônia. Seraías devia tomar uma atitude simbólica em lugar do profeta (cons. 13:1-11). **Seraías filho de Nerias** (v. 59). Este Seraías é outro, e não aquele que ajudou a prender Jeremias (36:26), nem o sumo-sacerdote do mesmo nome (52:24-27), e nem o Seraías de 40:8. O Seraías deste versículo era irmão de Baruque, secretário de Jeremias (32:12). **No ano quarto.** Esta viagem à Babilônia não ficou registrada em nenhuma outra passagem. Supõe-se que Zedequias a fizesse para limpar o seu nome de suspeitas de cumplicidade em uma revolta. Não era fora de comum que governantes fantoches de países satélites visitassem a capital do império ocasionalmente.

## Jeremias 52

### IV. Apêndice: A Queda de Jerusalém e Acontecimentos Relacionados. 52:1-34.

Este capítulo é quase idêntico a II Reis 24:18 – 25:30. O material de II Reis que foi omitido aqui está em Jr. 40:7 – 43:7 (cons. 39:1, observação). Provavelmente este apêndice foi acrescentado ao livro de Jeremias para mostrar como a mensagem do profeta foi cumprida.

#### 1) O Reinado de Zedequias. 52:1-3.

1. **Zedequias.** Cons. Introdução. Antecedentes Históricos do Profeta; e veja comentário referente a 1:3. **Sua mãe se chamava.** Veja observação referente a 13:18. **Jeremias.** Obviamente não o profeta.

2. **Jeoquim.** Cons. Introdução, **Antecedentes Históricos do Profeta**; e veja comentários referentes a 1:3.

#### 2) O Cerco e a Queda de Jerusalém. 52:4-7.

7. Desesperados, Zedequias e sua guarda, procuraram fugir através dos desolados vales a caminho do Arabá (**campina**) – essa falha geológica na qual o Jordão e o Mar Morto se localizam. Atravessando o Jordão, queriam se esconder nas extensões da Transjordânia. **Jardim do rei.** Localizado ao sul da cidade, perto do Vale do Cedrom, que desce para o Mar Morto.

8. **Campinas de Jericó.** É espantoso que o rei e seu séquito conseguisse evadir-se ao cerco e fugir até aí.

9. **Ribla, na terra de Hamate.** Uma cidade (provavelmente Riblé sobre o Rio Orontes, 57,6 quilômetros a nordeste de Ba'al-bek) onde os babilônios mantinham o seu quartel-general (II Reis 25:6, 7, 21).

12. **Décimo dia do quinto mês.** De acordo com II Reis 25:8, esses acontecimentos se sucederam no sétimo dia do quinto mês, O jejum dos judeus no nono dia de Ab (agosto) comemora esta destruição de Jerusalém e a de Tito em 70 d.C. **Ano décimo nono.** 587 A.C. **Nebuzaradã.** Veja observação referente a 39:9.

**16. Pobres da terra.** Com referência ao que aconteceu a essas pessoas depois, veja Jr. 40-45.

**17-23.** Os vasos sagrados foram levados para a Babilônia (cons. I Reis 6-8).

**24. Seraías.** Veja comentários referente a 51:59. **Sofonias.** Veja comentários referentes a 29:25.

**25. Um oficial.** Veja comentários referentes a 38:7. **O escrivão-mor do exército.** O secretário do comandante do exército.

**27.** Esses homens foram executados por se rebelarem contra o império, pois os babilônios consideravam Judá como um estado súdito há alguns anos, pelo menos desde 605 A. C.

### **3) As Três Deportações. 52:28-30.**

Grande parte desta informação é peculiaridade desta passagem.

**28.** A Primeira Deportação. Esta deportação está descrita em II Reis 24:12-16. Ali o número dos deportados foi dado como "dez mil". Esta discrepância foi explicada por alguns supondo-se que o número de II Reis é dos que foram levados de Jerusalém; o número de Jeremias conta quantos chegaram à Babilônia, tendo o resto morrido na viagem. II Reis indica o oitavo ano de Nabucodonosor como sendo a data; Jeremias, o **sétimo**. Com referência a isto, compare com a observação feita ao versículo 29.

**29.** A Segunda Deportação. Esta aconteceu **no ano décimo oitavo de Nabucodonosor**; isto é, a ocasião da destruição da cidade (587 A. C.), chamada de ano décimo nono no versículo 12. O sistema de datar com base no ano do reinado de certo rei é muito confuso. Às vezes o ano no qual o rei começava a reinar era considerado o primeiro; em outras ocasiões (e lugares), o primeiro ano completo (isto é, o ano que começava coma primeira celebração do Ano Novo depois da ascensão do rei) era considerado o seu primeiro ano. Este fato explica algumas das discrepâncias de um ano na cronologia do período babilônico (cons. v. 28, observação).

**30.** A Terceira Deportação. Não foi mencionada em nenhuma outra passagem. Talvez fosse causada por alguma expedição babilônica para punir os judeus devido a distúrbios por ocasião do assassinato de Gedalias (cons. 40; 41; 40:7, observação). **Nebuzaradã.** Veja observação referente a 39:9.

#### **4) Joaquim é Solto da Prisão. 52:31-34.**

Esta seção repete-se em II Reis 25:27-30. (Cons. Jr. 22:24-30). Depois de um reinado de três meses, Joaquim foi levado prisioneiro para a Babilônia (II Reis 24:8-17). Jamais retornou. Selos encontrados na Palestina levam-nos a deduzir que os judeus continuaram a considerá-lo o rei reinante, e Zedequias (seu tio) apenas um regente. Tabuinhas de escrita cuneiforme encontradas na Babilônia confirmam esta história da pensão de Joaquim (cons. 22:30, observação).

**31. Evil-Merodaque.** O filho e sucessor de Nabucodonosor. **Libertou a Joaquim.** Literalmente, *levantou a sua cabeça*, que significa que Joaquim foi tratado benignamente por Evil-Merodaque e teve permissão de *ver a face do rei* – significado literal da frase traduzida para **conselheiros pessoais do rei** (v. 25). Ver a face do rei (na corte) era o maior privilégio político que alguém podia obter (cons. Gn. 40:13, 20; contraste com Et. 7:8).

**34. Subsistência vitalícia.** Joaquim viveu às expensas do governo; recebia uma pensão.



# LAMENTAÇÕES

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5

### INTRODUÇÃO

Os cinco capítulos de Lamentações são cinco lindas e solenes elegias, ou lamentações, expressando a angústia do povo judeu à vista da total ruína de sua cidade, seu Templo e sua população, quando da conquista da Babilônia em 586 A. C.

**Título.** O título deste livro no hebraico é a primeira palavra dos capítulos 1, 2 e 4 – *'êkâ*, literalmente, *Oh, como!* ou *Ai de mim!* Na versão grega do Velho Testamento, a Septuaginta (LXX), o Livro das Lamentações está associado com a profecia de Jeremias, como em nossa Bíblia Portuguesa. Na Bíblia Hebraica foi colocado entre os livros que forma a terceira divisão das obras sagradas. Nosso Senhor falou deste arranjo triplo, chamando-o de "a lei, os profetas e os salmos" (Lc. 24:44).

O título grego para estes poemas na LXX é *threnoi*, o plural de *threnos*, "uma lamentação". Este título vem do verbo grego *threomai*, "chorar em voz alta, ou lamentar". O termo hebraico para lamentação é *qinâ*, e a métrica peculiar dos poemas deste livro chamava-se métrica *qinôt*. É o equivalente hebraico do termo "métrica elegíaca". Assim, no Talmude Babilônico o livro aparece com o título de *Qinôt* – "Lamentações". O título deste livro na Bíblia Latina é *Liber Threnorum*, "O Livro das Lamentações". Em português "trenódia" significa "canto plangente" ou "Lamentação".

**Forma e Estilo Literários.** O livro consiste de cinco lindos poemas, um em cada capítulo. Os quatro primeiros são lamentações, mas o quinto é mais uma oração. Os quatro primeiros são alfabéticos (acrósticos) no arranjo, cada um contendo vinte e duas estrofes (exceto o

capítulo 3, onde cada estrofe está dividida em três versículos), e cada estrofe começa com uma letra do alfabeto hebraico. O quinto capítulo também tem vinte e duas estrofes, mas falta-lhe o arranjo alfabético. (Compare Com o arranjo alfabético das seções do Sl. 119.) No capítulo primeiro de Lamentações os versículos seguem uma ordem estabelecida do alfabeto hebraico, mas nos capítulos 2 e 4 as posições das letras ayin e pe estão trocadas. Não encontramos nenhuma explicação satisfatória para esta transposição.

Nos capítulos 1 e 2 cada estrofe tem três partes, mas só a primeira começa com a letra apropriada do alfabeto. No capítulo 3 cada estrofe tem três membros, cada qual começando com a mesma letra do alfabeto. Uma vez que cada parte é numerada separadamente na Bíblia Portuguesa, temos sessenta e seis versículos para o terceiro capítulo. O capítulo 4 tem estrofes de duas partes cada, mas aqui novamente só a primeira parte começa com a devida letra hebraica. Nos quatro primeiros capítulos usou-se a métrica elegíaca, na qual o segundo dos dois elementos paralelos (versos na poesia portuguesa) é um pouquinho mais curto que o primeiro. Isto dá, geralmente, uma linha de quatro tônicas equilibrada com outra de três. No capítulo 5 foi usada a métrica hebraica norma, com quatro tônicas em cada linha, ou a metade do paralelismo.

Trenódias nessa "métrica claudicante" eram usadas, nos tempos bíblicos, pelas carpideiras nas lamentações fúnebres dos velórios. E por isso os hinos com essa cadência plangente e melancólica parecia ser o modo apropriado de chorar a destruição da amada Jerusalém, agora em um montão de ruínas. Talvez isto ajudasse a explicar por que esses hinos nacionais emanavam um patos tão requintado e foram construídos com arte tão intencional. A forma poética elegíaca hebréia adapta-se admiravelmente à expressão do infortúnio nacional. Nesses hinos patrióticos ouvimos os gemidos mortais da Sião abatida.

Quanto ao estilo, existe muito paralelismo nesses poemas, muita repetição, antíteses e apóstrofes e trocadilhos com palavras e frases.

Imagens mentais vivas palpitam através de toda a obra. O leitor, assim, é levado a ver o sofrimento e a sentir a dor da Sião despojada e chorosa.

**Autoria.** Embora o livro não mencione O nome do autor, II Crônicas 35:25 liga definitivamente Jeremias com a literatura das Lamentações. Nosso Livro de Lamentações não compreende as lamentações de Jeremias sobre a morte do bom rei Josias, como alguns têm sugerido. Mas há pontos definidos de semelhança entre as Lamentações e as seções poéticas da profecia de Jeremias. E desde a antiguidade o livro tem sido atribuído a Jeremias. A LXX contém a seguinte observação como título do primeiro versículo do primeiro capítulo de Lamentações: "E aconteceu que, depois que Israel foi levada para o cativeiro e Jerusalém se encontrava devastada, Jeremias assentou-se chorando e lamentando esta lamentação por causa de Jerusalém, e disse . . . " Então segue-se o primeiro versículo do primeiro capítulo. Alguns mestres acham que o caráter hebraico desta sentença indica que estas palavras vêm de um original hebraico que se perdeu.

Deve-se notar que a mesma sensibilidade para com a tristeza nacional encontra-se tanto nas Lamentações como na profecia de Jeremias. Ambas as obras atribuem as calamidades nacionais às mesmas causas - pecado nacional e falsa confiança do povo em aliados fracos e traiçoeiros, além da culpa dos seus falsos profetas e sacerdotes relaxados. Imagens semelhantes se encontram em ambas as obras. A frase característica, "filha de", aparece cerca de vinte vezes em cada livro. A lamentação do profeta, seus temores que o levam a pedir a ajuda de Deus, o Justo Juiz e a sua expectativa de que finalmente os inimigos de Jerusalém serão castigados – tudo se evidencia de maneira destacadamente manifesta em ambos os livros. Essas similaridades de expressão defendem a identidade do autor. Embora um grupo de destacados mestres rejeitem a idéia de que Jeremias seja o autor destes poemas, muitos outros igualmente importantes estão fortemente a favor de Jeremias como autor.

A vivacidade da descrição argumenta a favor de uma autoria muito perto da queda de Jerusalém por alguém que viveu a terrível catástrofe e que escreveu enquanto o seu coração ainda estava dolorido e em cuja mente cada detalhe horripilante ainda se encontrava fresco. Este fato também aponta para Jeremias como o mais provável autor.

A ocasião em que tal livro foi escrito é com toda a certeza a destruição da cidade de Jerusalém em 586 A.C., e por isso a data da obra não poderia ter sido muitos meses depois.

**Importância e Uso Religioso.** O Livro das Lamentações representam o grito de morte de Jerusalém, apresentada como uma princesa viúva e desonrada. É interessante lembrar que em seguida à destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d. C. , no arco do triunfo construído em memória da conquista dos romanos, o general Tito representou Judá como uma mulher desgrehada e chorando, assentada no chão, de luto. Lembramo-nos também que as filhas de Jerusalém quiseram cantar uma lamentação semelhante para Jesus quando de sua morte (Lc. 23:27-31). Certas porções das Lamentações têm sido interpretadas aplicando-se à paixão de Cristo. Na verdade, o uso destes cânticos nacionais indica que o povo judeu aceitava uma interpretação religiosa da destruição de sua cidade. Os judeus incluíram esta obra entre os Cinco Rolos a serem lidos em importantes dias comemorativos. O dia estabelecido para a leitura das Lamentações é o nono dia de Ab, que comemora a queima do Templo. Mas sempre o versículo 21 do capítulo 5 é repetido depois do versículo 22, de modo que a leitura possa terminar com uma nota mais positiva.

Entre os católicos romanos o tempo estabelecido para a leitura das Lamentações é o dos três últimos dias da Semana Santa. Os cristãos protestantes, lamentamos dizer, têm negligenciado muito a leitura destes poemas solenes. Mas, nestes dias de crises (e desastres) pessoais, nacionais e internacionais, a mensagem deste livro é um desafio ao arrependimento dos pecados pessoais, nacionais e internacionais e à entrega renovada de nossas vidas ao amor imutável de Deus. Embora

este amor esteja sempre presente e seja expansivo, o Deus justo e santo deve certamente julgar os pecadores não arrependidos.

## ESBOÇO

"Os Infortúnios de Sião Prisioneira"

- I. A sofredora e arruinada cidade de Sião. 1:1-22.
  - A. A condição miserável de Jerusalém devastada. 1:1-11.
  - B. O lamento da "filha de Jerusalém". 1:12-22.
- II. O sofredor e arruinado lugar santo de Sião. 2:1-22.
  - A. Os juízos de Jeová sobre os baluartes e o seu santuário. 2:1-10.
  - B. A lamentação das testemunhas oculares deste juízo. 2:11-19.
  - C. Os terrores deste dia da ira de Jeová. 2:20-22.
- III. O sofredor representante da Sião ferida. 3:1-66.
  - A. As tristezas que proporcionou ao seu servo. 3:1-18.
  - B. A oração tranqüilizante do servo. 3:19-42.
  - C. A oração de vindicação do servo. 3:43-66.
- IV. O povo sofredor de Sião. 4:1-22.
  - A. Horrores do cerco e o destino da nobreza de Sião. 4:1-11.
  - B. As causas e o clímax da catástrofe de Sião. 4:12-20.
  - C. Uma apóstrofe à insolente e satisfeita Edom. 4:21, 22.
- V. Súplicas da Sião penitente. 5:1-22.
  - A. Sião roga a Jeová que considere sua aflição e desgraça. 5:1-18.
  - B. Uma apóstrofe final ao Soberano eterno. 5:19-22.

## COMENTÁRIO

### Lamentações 1

#### I. A Arruinada Cidade de Sião. 1:1-22.

**A. A Condição Miserável de Jerusalém Devastada. 1:1-11.**  
**Como jaz solitária a cidade.** Veja introdução, parágrafo 2.

**1, 2. Princesa entre as províncias.** Não mais a primeira entre as províncias da terra, Judá tornou-se viúva dependente, desfilhada e traída por seus amigos e aliados, sozinha e desolada, chorando amargamente, sem ninguém para confortá-la (cons. o inverso em Ed. 4:20).

**3. Judá foi levada a exílio.** O exílio e a escravidão se tornaram piores por causa do ambiente pagão. A profecia de Isaías se realizou (Is. 39:5-7; 47:8, 9).

**4-6. Da filha, de Sião já se passou todo o seu esplendor** (v. 6). A descrição que o poeta faz é viva. Suas vias de acesso estão abandonadas, suas festas não têm convivas, seus portões (lugares de reunião) estão desertos, seus sacerdotes estão em angústia, suas virgens foram arrastadas para longe, e ela mesma sofre amargamente. O juízo divino pelos seus pecados concedeu aos seus inimigos o domínio para forçarem seus filhos ao exílio. Seus príncipes, como animais sem pasto, absolutamente não conseguem escapar ao perseguidor. (Os filhos de Zedequias foram capturados e mortos à vista do pai, cujos olhos foram depois arrancados; Jr. 39:4-7).

**7. Lembra-se Jerusalém.** A lembrança de dias melhores só aumenta as atuais tristezas de Sião, especialmente quando ela é zombada por aqueles que a observam deleitados. Sua queda, ou destruição, como na Versão Berkeley.

**8-11. Jerusalém pecou gravemente.** O pecado jantais produziu felicidade. Jerusalém, desprezada e profanada por aqueles que antes a honravam, volta as costas envergonhada de sua nudez, pois a corrupção e a negligência trouxeram trágicas conseqüências. Pagãos a despojaram dos utensílios do templo e pessoas moral e cerimonialmente impuras invadiram seu santuário em desafio às ordens de Jeová. Gemendo com fome, o povo vendeu coisas valiosas em troca de simples comida. (Observe as duas apóstrofes a Jeová nos vs. 9,11).

**B. O Lamento da "Filha de Jerusalém". 1:12-22.** O sofrimento nas mãos de Deus é severo mas merecido, o orador reconhece.

**12. No dia do furor da sua ira.** Muitos modernistas querem ignorar a severidade da natureza divina. Deixar de reconhecer que a verdadeira bondade não é indulgência.

**13-16. Lá do alto . . . fogo a meus ossos.** (v. 13). A filha de Judá fala dos seus sofrimentos suportados na mão do Senhor – febre nos membros, armadilha para os seus pés, frustração e fraqueza o dia todo. Deus teceu seus pecados em um jugo de escravidão. O vinho para a festa dos inimigos de Judá é o sangue dos sem homens de valor pisado na lagar da aflição. Por isso Judá chora, inconformada e desanimada, por causa dos seus filhos que perecem e sobre os quais seus inimigos prevaleceram.

**17-19. Meus amigos . . . me enganaram** (v. 19). As mãos de Sião estendidas em busca de ajuda não foram consideradas, pois a justa ordem de Jeová transformou em inimigos todos os seus amantes (cons. Lv. 15:19-27). Os vizinhos de Jacó, agora seus adversários, tratam Jerusalém como se fosse coisa imunda. Sião colhe a recompensa de sua rebeldia. Seus sacerdotes e anciãos, à procura de simples alimento, morreram de fome; e seus jovens e suas virgens foram feitos prisioneiros.

**20-22. Olha, SENHOR, porque estou angustiada . . . não tenho quem me console.** Sião roga por vingança. A espada está em suas ruas e o silêncio de morte está em todos os lares. Que seus exultantes inimigos experimentem o mesmo, ela ora. "Dê-lhes outros tantos gemidos e um coração exatamente tão sofredor quanto o meu".

## **Lamentações 2**

### **II. O Arruinado Lugar Santo de Sião. 2:1-22.**

#### **A. Os Juízos de Jeová sobre os Baluartes e o Seu Santuário. 2:1-10.**

**1-5. Como cobriu o Senhor de nuvens . . . a filha de Sião!** O Deus de Sião veio a ser o inimigo de Sigo. Jeová, na Sua ira, destruiu o Templo, o **estrado de seus pés** (I Cr. 28:2), a **glória de Israel**. As fronteiras de Jacó foram derrubadas, as fortalezas de Judá foram

arrasadas e o reino com os seus príncipes foram degradados. Deus se transformou em um fogo consumidor (Hb. 12:29; Dt. 4:24) para a terra, simplesmente retirando o Seu poder na presença dos seus inimigos. E como um arqueiro em busca de sua caça, matou todos os seus jovens, sua beleza e seus soldados. Sua fúria ardeu como um fogo no tabernáculo (tenda) de Sião. O divino Adversário devorou Judá, seus palácios e fortalezas, e multiplicou **o pranto e a lamentação** da filha de Judá.

**6-10. Demoliu com violência o seu tabernáculo.** Isto é, seu Templo e suas sagradas instituições. Tabernáculo, assembléia, sábado, rei e sacerdotes - todos foram desprezados e violentamente destruídos. O Senhor se desfez do seu próprio altar, desprezou seu santuário, entregando às mãos inimigas a arca da aliança, e permitindo que o grito da vitória ressoasse na Casa de Jeová como o som de uma orgia. Em sua determinação de destruir o muro de Sião, o prumo do seu juízo fez que ambos, os baluartes e os muros, vacilassem e caíssem. As portas de Sião estão abaladas, suas trancas quebradas, seus nobres exilados; sua Lei revogada e já não é mais ensinada, e os seus profetas não têm mais revelações. Por isso os anciãos de Judá, em sua tristeza, assentam-se no chão em silêncio, com pó sobre as suas cabeças e sacos de estopa sobre os lombos; enquanto suas virgens abaixam as cabeças envergonhadas.

### **B. Lamento das Testemunhas Oculares Deste Juízo. 2:11-19.**

**11, 12. Com lágrimas se consumiram os meus olhos.** Uma descrição pitoresca do prolongado desespero emocional: olhos exauridos de lágrimas (Jr. 9:1; 14:17), sentimentos ultrajados, coração partido à vista das criancinhas desmaiando e meninos chorando por alimento e água, e – pior que tudo – crianças expirando junto ao seio de suas mães.

**13, 14. A quem te compararei?** A testemunha desses sofrimentos não consegue encontrar uma figura ou uma situação com a qual comparar a ruína de Sião. Está além da reparação. As visões falsas e agradáveis dos seus profetas (Jr. 14:14-16; 23:9-40) deixaram de mostrar



à nação o seu pecado, para que pudesse ser poupada do cativoiro. Temos aqui a causa moral de Sua infelicidade claramente exposta.

**15, 16. Todos os que param . . . batem palmas.** Os inimigos de São zombam de sua ruína. O bater das palmas, o menear da cabeça, o assobiar entre os dentes, acompanham as zombarias diante de Jerusalém. Os inimigos em sua vanglória, gritam, assobiam e rangem os dentes abençoando o dia da sua ruína. É uma zombaria incontida.

**17-19. Fez o SENHOR o que intentou,** isto é, o que ele predisse que fada. Que Sião gema em seu desespero. Ela se rebelou e ele deixou que seus inimigos triunfassem. Os versículos 18, 19 São uma apóstrofe aos muros da cidade: Chorem dia e noite com lágrimas perpetuas; levantem as mãos implorando a Jeová a Sua misericórdia para seus filhos moribundos.

**C. Os Terrores Deste Dia da Ira de Jeová. 2:20-22.** Temos aqui a quarta apóstrofe de Sião a Jeová.

**20-22. Considera a quem fizeste assim.** "Ó Senhor, tu percebes a quem mataste?" Crianças são vítimas de mãos canibais; sacerdotes jazem mortos no santuário; jovens e velhos jazem insepultos nas ruas; virgens e moços são vítimas da espada. Nesta matança impiedosa, da qual ninguém escapa, estes objetos da afeição de Sião são consagrados ao morticínio do inimigo. (Compare a descrição que Josefo faz da queda de Jerusalém em 70 d.C., *Jewish Wars*, Bk, vii).

## Lamentações 3

### III. O Sofredor Representante da Sião Ferida. 3:1-66.

Este capítulo é o ponto alto do livro. Aqui Jeremias desnuda o seu coração ao leitor, o que faz freqüentemente na sua profecia. Sua vida foi um longo martírio, no qual serviu de juiz e intercessor do povo empenhado em sua própria destruição. Nenhum profeta jamais argumentou com um povo de maneira mais apaixonada do que ele,

convocando uma conversão nacional. Estes fatos estão claramente evidentes nestes sessenta e seis versículos do capítulo 3.

### **A. As Tristezas que Deus Proporcionou ao Seu Servo. 3:1-18.**

**1-3. Eu sou o homem.** Aqui o sofredor está identificado e o seu tema declarado. Ele fala como um israelita representativo, enfrentando os caminhos negros e desconcertantes da Providência. Ele descreve nos versículos 4-18 o ataque furioso e impiedoso de Jeová.

**4-13. Despedaçou os meus ossos.** Sob a tribulação dos constantes ataques de Jeová contra ele, o poeta só experimenta amargura e frustração. Ele sofre fisicamente; sua luz (Sl. 143:3) e sua liberdade se foram; suas orações são rejeitadas. Todo o tempo parece que Jeová o espreita numa armadilha - como um animal perseguindo sorrateiramente a sua presa e ao mesmo tempo Ele parece bloquear todas as vias de escape. Deus o impediu, mutilou e deixou. Como alvo do arco de Jeová, seus órgãos vitais estão cheios de flechas.

**14-18. Fui feito objeto de escárnio para todo o meu povo.** Como objeto de escárnio público, sua paz de espírito e confiança em Jeová se desvaneceram. Ele é o alvo das piadas do seu povo, e o tema de suas sátiras diárias. Sua condição abjeta é como a de alguém que está empanzinado de ervas amargas, bêbedor com absinto (cons. Jr. 23:15), seus dentes quebrados por pedrinhas e seu corpo coberto de cinzas. Sua bem-aventurança e prosperidade estão esquecidas e sua esperança no Eterno se foi.

### **B. A Oração Tranqüilizadora do Servo. 3:19-42.**

**19-21. Quero trazer à memória o que me pode dar esperança** (v. 21). O profeta, meditando em suas amargas aflições, percebe como elas rebaixaram a sua alma. Ele sabe que Deus se lembra dos humildes e aflitos e por isso tem esperanças. Os versículos 22-39 falam da certeza do poeta na bondade de Jeová e na sua resignação para com os Seus caminhos soberanos.

**22-24. Suas misericórdias não têm fim.** A benignidade (*hesed* "amor imorredouro") de Jeová é infalível. Ele é diariamente renovado (como o maná de antigamente); por isso Seu povo não é consumido, e um remanescente permanece como semente para um novo começo. **Grande é a tua fidelidade** (v. 23). "Jeová é meu tesouro mais precioso", declara minha alma, "por isso confiarei nele" (v. 24).

**25-27. Bom é aguardar a salvação do SENHOR, e isso em silêncio** (v. 26). A espera paciente em Jeová torna a pessoa participante de Sua bondade. **O jugo de sua mocidade** (v. 27). A disciplina no começo da vida produz maturidade digna de confiança.

**28-30. Fique em silêncio.** Que a alma castigada se submeta silenciosa e humildemente, pois nisso há esperança. **A sua boca no pó** (v. 29). Uma confissão de indignidade.

**31-33. Porque não aflige ... de bom grado** (v. 33). No hebraico, *de coração*. Jeová não rejeitará para sempre, nem há algum espírito de vingança em Seu coração. Ele não se deleita em produzir dor e sofrimento.

**34-36. Perverter o direito do homem** (v. 35). O Altíssimo não é como uma divindade pagã, volúvel e imperfeita. Ele não aprova a opressão, a injustiça ou a subversão. (O favoritismo nas cortes era, então, como ainda hoje, coisa comuníssima.) Deus é o Governador Moral sobre tudo e todos.

**37-39. Por que, pois, se queixa o homem vivente?** (v. 39) Nada pode acontecer sem a permissão do Altíssimo. Então por que deveria um homem se queixar quando castigado pelos seus pecados? Não o sofrimento, mas o pecado devia ser lamentado. Não murmuremos contra Deus por causa do que nós mesmos provocamos.

**40-42. Esquadrinhemos os nossos caminhos, provemo-los.** Uma exortação ao exame do coração, ao arrependimento sincero. Que nossas mãos sejam levantadas em súplicas e arrependimento e que o nosso coração se torne submisso. **Nós . . . tu** (v. 42). Estas palavras fazem um

contraste. Nós, de nosso lado, pecamos e nos rebelamos; e tu, por causa disso, não nos perdoaste (cons. o hebraico e a Alemã de Lutero).

**C. O Servo Ora por Vingança. 3:43-66.** O poeta e o seu povo falam das calamidades sofridas por causa da ira de Jeová.

**43-45. E nos perseguiste.** Envolto em Uma nuvem de ira que nenhuma oração pode atravessar, Jeová perseguiu o povo de Judá, matando sem piedade, até que Sião se tornou nada mais que lixo entre os povos.

**46-48. O temor e a cova** (v. 47). Na presença dos seus inimigos que gritam, Sião está tomada de terror, como um animal perseguido que não vê por onde escapar da armadilha (cova, arapuca), enquanto torrentes de lágrimas fluem dos olhos do seu intercessor.

Os versículos 49-54 compreendem a lamentação do poeta sobre a inimizade de seu próprio povo contra ele.

**49-51. Os meus olhos . . . não cessam.** Suas lágrimas derramadas por causa do destino deles fluirão incessantemente até que Jeová no céu tome conhecimento de seu sofrimento .

**52-54. Caçaram-me . . . , sem motivo . . . meus inimigos.** Sem explicar seu ódio, eles o perseguiram como a uma ave e O lançaram em um poço, amontoando pedras Sobre ele até que a água cobriu a sua cabeça.

Nos versículos 55-66 temos a oração que levou Jeová a socorrê-lo. Segue-se um confiante pedido de vingança contra os inimigos do poeta.

**55-57. Invoquei . . . disseste: Não temas.** Sua oração desesperada trouxe a presença de Jeová e o seu confortador preceito – **Não temas.**

**58-60. Viste, Senhor** (v. 59). Agora ele confia em que Jeová, tendo examinado a sua causa, se transformará em seu Redentor, Advogado e Vingador.

**61-63. Ouviste.** Ele também tem certeza de que Jeová ouviu os insultos dos seus assaltantes, suas conspirações e murmurações diárias, sendo ele o tópico de suas canções de escárnio.

**64-66. Tu lhes darás a paga**, isto é, vingança de acordo com os seus feitos – cegueira de coração, a maldição de Jeová, perseguição e extinção de sob os céus.

## **Lamentações 4**

### **IV. O povo Sofredor de Sião. 4:1-22.**

Neste capítulo temos algo da narrativa da testemunha ocular tanto da culpa de Sião quanto do seu castigo. O inspirado poeta-profeta primeiro descreve seu destino como povo, e então dá a explicação moral desse destino.

**A. Os Horrores do Cerco e o Triste Destino da Nobreza de Sião. 4:1-11.** Os versículos 1-6 dão-nos a descrição do sofrimento dos descendentes da realeza.

**1, 2. Os nobres filhos de Sião** (v. 2). Valendo o seu peso em ouro, conto os preciosos tesouros de Sião, foram jogados fora como vasos quebrados e jazem esparsos pelas ruas.

**3-5. Os que se criaram entre escarlata se apegam aos monturos** (v. 5). Até os animais predatórios não tratam seus filhotes como Sião foi forçada a tratar seus filhos. Crianças de peito morrem de sede e criancinhas têm falta de pão, enquanto suas mães, como cruéis avestruzes do deserto, ignoram seus gatos. A dieta e as vestes reais deram lugar à fome e ao monte de lixo.

Nos versículos 7-11 o poeta contrasta a antiga beleza dos príncipes de Sião com o destino terrível que agora suportam.

**7. Seus príncipes.** Como eram inocentes, atraentes e saudáveis!

**8-10. As vítimas da fome** (v. 9). Agora toda a beleza se tornou em negrume. Observe o inverso da situação no versículo 7. A pele antes alva está enegrecida, seca e enrugada (uma figura dos corpos insepultos ao sol do deserto). Antes a espada aguda do que as dores da fome. Algumas mães comem seus próprios filhos durante a fome do cerco.

**11. Sua indignação.** A ira consumidora de Jeová incendiou-se como um fogo atingindo até os alicerces de Sião.

**B. As Causas e o Clímax da Catástrofe de Sião. 4:12-20.** Aqui o escritor luta com a explicação moral de tal infelicidade. Os versículos 12-16 destacam que aquilo que os pagãos julgavam ser impossível de acontecer com Sião – que ela pudesse ser invadida pelo inimigo – foi realizado em consequência dos pecados dos seus profetas, sacerdotes e anciãos. Judá destruiu-se por causa do pecado.

**12. Não creram.** Ninguém sobre a terra, nem mesmo os seus inimigos, jamais imaginaram que os portões de Sião seriam derrubados pelo inimigo.

**13-15. Que se derramou . . . o sangue dos justos.** Ai desses líderes culpados do derramamento de sangue justo e inocente, agora contaminados pelo sangue dos homens que antes evitavam. (Tocar em um cadáver era considerado como impureza cerimonial.)

**16. Não honra os sacerdotes.** Agora, como fugitivos e vagabundos, os sacerdotes ficaram sem honra e respeito. Se Jeová antes os considerava como Sua herança, agora não lhes dá nenhum valor.

**17-20.** Conforme o fim se aproxima, a esperança de ajuda estrangeira é malograda e as tentativas de fuga são frustradas. Até o rei é aprisionado, e assim toda a esperança de viver em uma terra estrangeira sob o seu governo desaparece.

**C. Uma Apóstrofe Dirigida a Edom Arrogante e Jubilosa. 4:21-22.** Edom era o "irmão" de Judá, descendente de Esaú e Ismael. Geralmente as ironias que mais magoam vêm dos parentes. Mas agora Jeová volta sua atenção para Edom e prediz a sua humilhação.

## Lamentações 5

### V. As Súplicas da Sião Penitente. 5:1-22.

Este capítulo é realmente uma oração nacional feita a Jeová, a única esperança e auxílio de Sião.

**A. Sião Roga a Jeová que Considere a Sua Aflição e Desgraça.**

**5:1-18.** O versículo 1 introduz o tema com a quinta apóstrofe de Sião a Jeová. O desesperado pedido de Sião merece a atenção de Jeová.

**2-10.** Este é um quadro do geral do povo com falta de viveres: perderam os lares e os seus queridos; têm de pagar preços inflacionários (câmbio negro) até mesmo pela água e lutam sem descanso; são forçados a implorar comida aos seus inimigos do leste e oeste; sofrem as conseqüências dos pecados dos pais; são escravizados pelos antigos servos; em busca de alimento ficam expostos aos assaltos dos beduínos; e o tempo todo a febre da fome os consome. Esses infortúnios são os costumeiros resultados da guerra.

**11-13.** Aqui estão os casos específicos de sofrimento individual, tais como estupro, insulto e trabalho além das forças.

**14-18.** O abatimento é geral. **O júbilo . . . converteu-se em lamentações** (v. 15). Os anciãos abandonaram todas as reuniões sociais e de negócios, enquanto os jovens deixaram de cantar e tocar. A alegria se transformou em lamentos. A única coroa é a da desgraça pelos pecados cometidos. **Caiu doente o nosso coração** (v. 17). A coragem e a visão desfalecem porque o lugar do santuário está desolado e tomado pelos animais selvagens.

**B. Uma Apóstrofe Final ao Soberano Eterno. 5:19-22.** Nesta estrofe o livro chega ao seu final. Observe aqui a sexta e a sétima apóstrofe a Jeová.

**19. O teu trono.** O trono de Jeová permanece irremovível.

**20. Por que?** Por que, então, Ele se esqueceria do Seu povo para sempre?

**21. Converte-nos. . . e seremos convertidos.** Restaura-nos e confirma-nos. Deus é a única fonte do verdadeiro reavivamento.

**22. Por que nos rejeitadas totalmente?** No hebraico é mais do que provável que saia uma interrogação final: Tu nos rejeitarás para sempre? Em outras palavras: "Certamente não podes nos abandonar e permanecer zangado conosco para sempre!" Deus não reprova sempre. Ou como outro orou: "Na ira, lembra-te da misericórdia" (Hb. 3:2).



# EZEQUIEL

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 13	Capítulo 25	Capítulo 37
Capítulo 2	Capítulo 14	Capítulo 26	Capítulo 38
Capítulo 3	Capítulo 15	Capítulo 27	Capítulo 39
Capítulo 4	Capítulo 16	Capítulo 28	Capítulo 40
Capítulo 5	Capítulo 17	Capítulo 29	Capítulo 41
Capítulo 6	Capítulo 18	Capítulo 30	Capítulo 42
Capítulo 7	Capítulo 19	Capítulo 31	Capítulo 43
Capítulo 8	Capítulo 20	Capítulo 32	Capítulo 44
Capítulo 9	Capítulo 21	Capítulo 33	Capítulo 45
Capítulo 10	Capítulo 22	Capítulo 34	Capítulo 46
Capítulo 11	Capítulo 23	Capítulo 35	Capítulo 47
Capítulo 12	Capítulo 24	Capítulo 36	Capítulo 48

## INTRODUÇÃO

**A Época.** Os fatos contidos no livro de Ezequiel situam o ministério do profeta no começo do exílio babilônico, entre 593/592 e 571/570 A. C. (1:1; 29:17). O profeta Ezequiel, fazendo da Babilônia o seu palco de acontecimentos, analisou a queda e a restauração da casa de Israel; enquanto que seu contemporâneo mais velho, Jeremias, em Jerusalém, observou de perto os últimos suspiros do reino de Judá (Jr. 1:1-3).

Durante grande parte dos séculos oito e sete A. C., o cruel poder assírio perturbou os reinos de Israel e Judá. O reino do norte caiu em 721 A.C.; mas Judá, embora seriamente enfraquecido, conseguiu sobreviver ao seu opressor. Como reinado de Assurbanipal (669-633 A.C.), o império assírio começou a declinar. O Egito esquivou-se ao seu

jugo em 655. Dentro de poucos anos a Assíria estava lutando pela sobrevivência contra a Babilônia e os medos. Assur, antiga capital da Assíria, sucumbiu em 614, e a muito poderosa Nínive foi completamente destruída em 612. Por volta de 607 os restos do império assírio desmoronaram.

Aproveitando-se do declínio assírio, Josias (640/639-609/608 A.C.), o último grande rei de Judá, fortaleceu o seu reino. Sua brilhante carreira foi interrompida por um encontro com Faraó-Neco II do Egito em Megido, que tentava escorar o império assírio como proteção contra a Caldéia (II Reis 23:29). Salum ou Jeoacaz (Jr. 22; 10-12; Ez. 19:2-4), que sucedeu a seu pai Josias, foi deportado para o Egito após um reinado de três meses, e Jeoaquim, o filho mais velho de Josias, foi colocado no trono por Neco (II Reis 23:31-35).

Os egípcios sob as ordens de Neco foram derrotados por Nabucodonosor (também chamado Nabucodonosor) em Carquemis sobre o rio Eufrates em 605 A.C. (Jr. 46:2 e segs.). Os caldeus se tornaram os novos senhores do mundo (II Reis 24:7), com Judá por estado vassalo. Jeoaquim (608-597 A.C.) perseguiu os profetas (Jr. 7; 26; 36), degradou a vida espiritual da nação (Jr. 7:1-15; 13:16-20; cons. Ez. 8), demonstrando ser um tirano fantoche (Jr. 22:13-15, 17-19). Ele se rebelou contra Nabucodonosor em 602 A.C. e foi molestado pelos estados vizinhos (II Reis 24:1 e seguintes.). Morreu em desgraça antes da invasão, punitiva de Nabucodonosor chegar a Judá (Jr. 22: 19).

Joaquim (Jeconias ou Conias), o filho de Jeoaquim, reinou três meses e então se rendeu a Nabucodonosor (II Reis 24:8-17; Jr. 22:24-30; Ez. 19:5.9). Depois de saquear Jerusalém, o monarca caldeu deportou várias centenas de seus cidadãos aristocratas para a Babilônia. Esses, Jeremias comparou a "figos bons", a esperança do futuro de Israel, em contraste com os "filhos ruins", os mais pobres entre o povo, que foram deixados (Jr. 24:29). Entre o grupo de exilados estava Ezequiel, que data suas mensagens do ano do cativo de Joaquim (1:1, 2; 3:16; 8:1; 20:1; 24:1; 26:1; 29:1; 29:17; 30:20; 31:1; 32:17; 33:21; 40:1). As "tabuinhas

de Joaquim" publicadas em 1939, falam de um "Yaukin, rei de Yahud" e seus filhos (cons. W. F. Albright, "Rei Joiakin no Exílio", BA, V (Dec. 1942), págs. 49-55). Foi libertado de sua prisão por Amel-Marduke, o filho de Nabucodonosor, em 560, o trigésimo sétimo do seu exílio.

O décimo nono e último rei de Judá foi Zedequias (597-506), o terceiro filho de Josias (II Reis 24:17 - 25:7; Ez. 19:11-14), um rei fraco (Jr. 37; 38), que logo quebrou o seu voto de fidelidade para com Nabucodonosor, juntando-se a uma coligação de estados revoltosos (Ez. 17:13-15; Jr. 27:1-11). Esta loucura logo trouxe os caldeus vingativos a Jerusalém. Depois de um cerco de um ano e meio (II Reis 25:1-3), aliviado por pouco tempo pelos rumores do exército egípcio de Faraó-Neco que se aproximava (Jr. 34:3 e segs.; 37:5-8), a cidade foi destruída, o Templo despojado e incendiado, Zedequias levado prisioneiro e uma multidão de exilados deportados para a Babilônia (II Reis 25:1-21). Jeremias preferiu ficar na terra com os sobreviventes desventurados sob o governo de Gedalias em Mispa. Após o traiçoeiro assassinato deste último, o grupo, temendo represálias, migrou para o Egito, contra os conselhos de Jeremias (Jr. 40-44).

A Bíblia diz muito pouco sobre os exilados e Ezequiel é especialmente reticente sobre eles. Alguns sem dúvida vieram a ser servos ou escravos, enquanto outros prosperaram, conforme indicam as tabuinhas contratuais de Nipur (veja com. referente a 1:1). Líderes tais como Zorobabel, Esdras e Neemias saíram dos *gôlá* (exilados). Muitos exilados, ao que parece, viviam em suas próprias casas (Jr. 29:1-7), em diversas colônias (Ed. 2:59; Ne. 7:61), e tinham uma organização de anciãos (Ez. 3:15, 24; 8:1; 14:1; 20:1; 33:31). Alguns perderam a sua fé; mas para aqueles que permaneceram fiéis, Ezequiel se tornou uma torre de apoio. Não devemos estranhar que, depois de serem arrancados de sua terra, templo e sacrifícios, eles tenham enfatizado o jejum, o sábado e a circuncisão, e que a oração, a leitura das Escrituras e o cântico dos salmos - precursores das sinagogas – fossem enfatizados.

**O Homem.** Ezequiel (*Deus fortalece*), o filho de Buzi, era de família sacerdotal, possivelmente da linha de Zadoque (1:3; 40:46; 44:15). Ele manifesta grande familiaridade com Jerusalém, onde passou os primeiros anos de sua vida, e com o Templo. Em 597 A. C., foi exilado para Babilônia por Nabucodonosor, junto ao Rei Joaquim e as classes superiores de Jerusalém. Seu lar foi em Tel-abib, a principal colônia dos exilados, sobre o rio Quedar ou "Grande Canal" (1:1; 3:15) perto da cidade de Nipur, a sudeste da Babilônia. Ele tinha uma esposa muito amada, mas não trilha filhos (24:16-18). Ao que parece, era uma pessoa respeitada e seu lar se tomou lugar de reunião dos anciãos exilados (3:24; 8:1; 14:1; 20:1).

Em consequência a uma magnífico teofania (1:4-28), ele foi convocado a m o porta-voz e atalaia de Deus junto aos exilados (caps. 2; 3). Seu ministério estendeu-se do ano quinto do exílio de Joaquim, em 592 A.C., ao ano vigésimo sétimo, 570 A.C. (1: 2; 29: 17). Antes da queda de Jerusalém em 586 A.C., ele era principalmente um pregador do arrependimento e juízo (caps. 1-24). A um povo rebelde, inclinado para a idolatria, e susceptível ao ambiente pagão, ele trouxe constantes advertências (2:3 e segs.; 3:4-11; 13; 14:1 e segs.; 18:2, 25; 20:1 e segs.). Ele fez os exilados se lembrarem de que as pessoas que ainda viviam em Jerusalém apegavam-se falsamente à inviolabilidade do Templo e da terra (11:1-15), e protelavam indefinidamente o dia da retribuição (12:21-28 ). Aos seus desesperados ouvintes, depois da queda de Jerusalém (24:21 e segs.; 33:10, 17; 37:11), ele veio a ser um consolador, um arauto da salvação, um expositor da necessidade da religião interior, um profeta do reajuntamento e o que previa a restauração divina do Templo, dos cultos e da terra para um Israel redimido e purificado (33:11; 34; 36:25-31; 37; 40-48 ). Ele descrevia o juízo sobrevindo às nações hostis lideradas por Gogue e Magogue (caps. 38; 39), mas dava a entender que outros povos se convertiam, como, por exemplo, Sodoma e Samaria (16:53 e segs.), e previa muitas nações Se abrigando, como aves, sob o cedro piedoso, o Messias (17:22-24).

Ezequiel transmitia sua mensagem por métodos extraordinários tais como alegorias (caps. 15; 16; 17:1-21; 19; 21:1-17; 23; 24:1-14), atos simbólicos (4:1 - 5:4; 12:1-7, 17-20; 21:18-23; 24:3-5, 15 -24; 37:15-17) e visões (1:4-28; 2:9 - 3:3; 3:22, 23; 8-11; 37:1-10; 40-48 ). Quanto a Zacarias, e também Ezequiel, um anjo interpretador é elemento destacado de suas visões (geralmente em 40-48; como, por exemplo, em 40:3-4; 43:6, 7; 47:1 e segs.). Imagens apocalípticas aparecem freqüentemente (7:5-12; 20:33-44; 28:25, 26; 34:25-31; 36: 8-15, 33-36; 38; 39; 47:1-12). A maestria de Ezequiel em dominar muitos estilos de prosa e poesia demonstra seu cuidadoso preparo e reflexão.

Durante a última geração, mestres têm apresentado teorias muito diferentes em relação a Ezequiel: que tal pessoa não existiu e que o livro é uma pseudoepigrafia de 230 A.C. (C.C. Torrey); que ele viveu no tempo de Manassés, era nativo do Israel do Norte, e que se dirigiu à diáspora assíria (James Smith); que todo o seu ministério foi na Palestina (Hemtrich, Harford); que ele exerceu parte do seu ministério na Palestina, mas que, depois de 586 A.C., esteve na Babilônia (Bertholet, Auvray, Van den Born, Oesterley e Robinson); que teve diversas residências (I.G. Matthews, Fisher, Freedman); e que ele foi um israelita do norte de 400 A.C. (Messel). A incapacidade dos mestres de apresentarem uma teoria superior ao tradicional ponto de vista, mais as devidas evidências, prova que não há necessidade de mudança com referência à residência de Ezequiel (Cons. Carl G. Howie, "The Residence of Ezekiel", em *The Date and Composition of Ezekiel*, págs. 5-26).

Tem-se feito tentativas de provar que Ezequiel era psicopata. E.C. Broome, escrevendo sobre "Ezekiel's Abnormal personality" (JBL, 65, 1946, págs. 272-292), diagnosticou que ele sofria de esquizofrenia catatônica ou paranóica! Howie comparou cuidadosamente as pseudo-evidências da esquizofrenia de Ezequiel com os paralelos entre Ezequiel e outros místicos ("Aspectos Psicológicos de Ezequiel e Sua Profecia", op, cit., págs. 69-84). Ele destaca o absurdo de um estudante de

psiquiatria não profissional reivindicar sucesso na psicanálise de uma pessoa que já morreu há 2500 anos!

Diz Howie: "Ezequiel . . . , foi um místico por natureza com uma imaginação sensível e artística que produziu algumas das mais conhecidas visões e figuras de linguagem simbólicas na literatura bíblica

. . . . Ele se desviou consideravelmente do "normal" mas não foi realmente um psicopata. Nenhum profeta é "normal", pois se o fosse não seria profeta. A atitude estranha ou anormalidade de Ezequiel poderia ser o segredo de sua grandeza" (Ibid., pág. 84).

O profeta Ezequiel tem sido chamado de "o primeiro dogmático do Velho Testamento", "o Calvino do Velho Testamento", "o mais influente homem em todo o curso da história hebraica", "o pai do Judaísmo", "o profeta da responsabilidade pessoal", etc. Alguém que estude com seriedade o livro de Ezequiel pode ver facilmente que tais encômios podem se aplicar ao sacerdote, profeta e pastor.

**O Livro – Autoria e Unidade.** O livro, exceto quando erroneamente interpretado, tem sido atribuído pela maioria dos mestres a Ezequiel na Babilônia, entre os *gôlân*; mas mestres modernos freqüentemente desafiam a unidade e autoria única do livro.

Oeder, em 1771, negou a autenticidade dos capítulos 40-48, e Carrodi (1791) rejeitou também o 38 e 39. Zunz (1831) colocou o livro dentro do período persa, em cerca de 440-400, com os capítulos 25-28 em 332 A.C. Seinecke (1876-1884) considerava Ezequiel como uma pseudoepigrafia de 163 A.C. Kraetzchmar (1900) e Herman (1908) defendiam que havia duas revisões do livro. Gustav Holscher, em 1924, propôs a teoria radical de que só as mensagens de juízo escritas na métrica que podiam ser atribuídas a Ezequiel com certeza. Portanto, seis sétimos da obra são editoriais, ele dizia, só 170 versículos do total de 1273 foram escritos pelo profeta. C.C. Torrey (1930) considerava o livro como uma pseudoepigrafia datada de 230 A.C., mas dando a entender que era do período de Manassés. Para apoio de suas teorias ele citava o Talmud *Baba Bathra* 14b-15a, do século quarto d.C., que trata o exílio

abilônico como sendo uma invenção (contrariando os descobrimentos da arqueologia; cons. W.F. Albright, "The American Excavations at Tell Beit Mirsim", ZAW, 6, 1929, pág. 16), e encontrou muitos aramaísmos recentes no livro. Para uma explicação, consulte Howie, "The Aramaic of the Book of Ezekiel" (*op. cit.*, págs. 47-68). W. A. Irwin (1943) só atribui 251 versículos em forma poética dos capítulos 1-39 a Ezequiel. O restante da profecia, 80 por cento do livro, ele diz, é "comentário falso", refletindo muitos acréscimos de uma multidão de mãos por um longo período de tempo.

É bom dar atenção à nota de cautela proferida por H.G. May em seu comentário sobre Ezequiel : "A crítica literária e histórica não é uma ciência exata . . . Entra nela o elemento subjetivo, pois em um livro como Ezequiel, os mestres são influenciados pelo seu conceito total de desenvolvimento e características da religião e história hebraicas" (IB, VI, 45).

As alegações históricas, a natureza da linguagem usada, a evidência de que Ezequiel viveu antes do Templo Salomônico ser destruído são todas evidências positivas de apoio à data tradicional do livro (cons. Howie, "The Date of the Prophecy", *op. cit.*, págs. 2746).

O Texto Massorético (MT, o texto hebraico recebido, preservado e pontuado pelos escribas entre os anos 600 e 900 d.C.) tem muitas corrupções textuais, conforme indicado no comentado. Os recorrem às versões, particularmente à Septuaginta (LXX), tentando restaurar o texto. O Códice 967 do Papiro da Septuaginta, o papiro de Chester Beatty, contendo Ezequiel 11-17 com lacunas, e a coleção de John H. Scheide, contendo a maior parte de Ezequiel 19:12-39: 29, com data anterior ao Hexapla de Orígenes do terceiro século d.C., são especialmente úteis. É de se esperar que dos manuscritos e fragmentos dos Rolos do Mar Morto logo brotará luz sobre o texto de Ezequiel.

**O Livro – Conteúdo.** Uma pequena referência ao conteúdo do livro está em ordem. Há muitas semelhanças entre Jeremias e Ezequiel quanto à linguagem, figuras e idéias. G. Currey apresenta, em um quadro

sinótico, uma comparação entre Ezequiel, Daniel, Zacarias e o Apocalipse (*Ezekiel in The Speaker's Commentary*, págs, 12-16).

Algumas das notáveis passagens deste livro, relacionadas por capítulos, são: 1; 2; 3:16-21 (cons. 33:1-9); 8 e 9; 11:19 e segs. (cons. 18:31; 24:7; 31:31; 32:39; 36:26); 14:14; 15; 16; 17: 22-24; 18 (cons. 33); 21:8-17; 21:18 -27; 23; 27 e 28; 31; 32:17.22; 34; 36:16-38; 37; 38 e 39; 47.

As principais passagens messiânicas são: 11:16-20, o Senhor, o santuário; 17:22-24, o maravilhoso renovo do cedro; 21:26, 27, o rei justo; 34:11-31, o pastor fiel; 36:25-35; a grande purificação; 37:1-14, a grande ressurreição; 37:21-28, a grande reunião; 38 e 39, a derrota de Gogue; 47:1-2, o rio da vida que sai do Templo.

As doutrinas fundamentais de Ezequiel podem ser enumeradas assim: 1) Idéias relacionadas com Deus: Sua glória, capítulos 1; 10; 43; Seu nome; 20:8,9, 14, 22; 36:22-23; Sua santidade, 20: 41; 28 : 22-25. 2) Ênfase sobre a responsabilidade individual, 18:2, 5-9, 19, 20, uma extensão de Jr. 31: 29, 30. 3) O pecado de Israel no começo de sua história, 20:8,9; 23:3 e segs. 4) Promessas de restauração: julgamento das nações, 25-32; 38 e 39; concessão de extraordinária fertilidade à terra, 36:8, 9, 29, 30, 34, 35; uma regeneração espiritual, 36:25-27; restauração dos exilados, 37:1-14; o governador messiânico, 34:11-22, 23, 24; 37:22 e segs.; a volta do Senhor para o povo regenerado, 37:26, 27; 43: 1-12. 5) Organização da comunidade restaurada, 40-48. Ezequiel, escrevendo como um sacerdote sob a antiga aliança, descreve o Templo renovado, os sacerdotes e o sistema sacrificial como meio através dos quais Deus entra em relacionamento com o Seu povo redimido.

## ESBOÇO

I. Profecias contra Judá e Jerusalém. 1:1 – 24:27.

A. Introdução: A vocação de Ezequiel. 1:1 – 3:27.

1 . Título. 1:1-3.

2. A visão inaugural do profeta: Uma teofania. 1:4-28.



3. Sua iniciação no ofício profético. 2:1 – 3:27.

B. Predição da derrota da cidade e do estado. 4:1 – 7:27.

1. Quatro atos simbólicos relacionados com Jerusalém.  
4:1 – 5:17.

2. Oráculo contra as montanhas de Israel, locais de idolatria.  
6:1-14.

3. Lamentação sobre a queda de Judá. 7:1-27.

C. O pecado e o destino de Jerusalém. 8:1 – 11:25.

1. Visão de quatro abominações praticadas no Templo. 8:1-18.

2. Visão de habitantes mortos por vingadores divinos. 9:1-11.

3. Visão de Jerusalém destruída pelo fogo. 10:1-22.

4. Visão da condição interna da cidade e do Senhor saindo dela.  
11:1-25.

D. A necessidade moral do cativo. 12:1 - 19:14.

1. Atos simbólicos descrevendo o exílio e a invasão. 12:1-20.

2. A profecia e seus abusos, 12:21 – 14:23.

3. Parábola da videira. 15:1-8.

4. Alegoria da criança enjeitada. 16: 1-63.

5. Parábola da videira e das duas águias, 17:1-24.

6. A justiça divina demonstrada em seu modo de tratar os indivíduos. 18:1-32.

7. Alegoria dos dois leões e da videira. 19:1-14.

E. A futura queda de Israel é inevitável e necessária. 20:1 – 24:27.

1. Recordação da infidelidade de Israel e sua preservação.  
20:1-44.

2. Israel deve ser punida pela espada vingadora de Deus.  
20:45 – 21:32.

3. Os pecados de Jerusalém devem ser julgados no alto forno.  
22:1-31.

4. Alegoria de Oolá e Oolibá. 23:1-49.

5. Símbolos do cerco final de Jerusalém. 24:1-27.

II. Oráculos contra as nações estrangeiras: A soberania universal

de Deus. 25:1 – 32:32.

A. Amom. 25:1-7.

B. Moabe. 25:8-11 C. Edom. 25:12-14.

D. Filisteus. 25:15-17.

E. Tiro. 26:1 - 28:19.

1. Profecia da destruição de Tiro. 26:1-21.

2. Lamentação sobre a queda de Tiro. 27:1-36.

3. Queda do Príncipe de Tiro. 28:1-19.

F. Sidom. 28:20-26.

G. Egito. 29:1 – 32:32.

1. Desolação e restauração do Egito. 29:1-16.

2. O Egito será dado a Nabucodonosor como recompensa.  
29:17-21.

3. Destruição do Egito e seus aliados. 30:1-19.

4. O poder de Faraó será destruído. 30:20-26.

5. Alegoria do cedro majestoso. 31:1-18.

6. Lamentação por Faraó, o dragão. 32:1-16.

7. Lamentação pela descida de Faraó ao Sheol. 32:17-32.

III. Profecias da restituição de Israel. 33:1 – 39:29.

A Nova Aliança: Purificação de Israel, sua restauração e paz eterna e sua restauração secular.

A. O profeta: Sua função na preparação para a nova dispensação.  
33:1-33.

B. A casa real : Os pastores egoístas de Israel e o Bom Pastor.  
34:1-31.

C. A terra: Israel será restaurada e feita frutífera. 35:1 – 36:38.

1. A hostil Edom será devastada. 35:1-15.

2. Israel será exaltada e abençoada. 36:1-15.

3. Princípios de redenção ilustrados. 36:16-38.

D. O povo: Ressurreição dos ossos secos de Israel; reunião de Judá e Israel. 37:1-28.

E. Paz: O Senhor defende Israel contra a invasão de Gogue.

38:1 – 39:29.

1. Invasão de Gogue e sua destruição. 38: 1-23.

2. Prosseguimento da profecia contra Gogue. 39:1-29.

IV. Visão da comunidade restaurada: O novo Templo e a nova lei.

40:1 – 48:35.

A. Descrição do novo Templo. 40:1 – 43:27.

1. O novo santuário com seus átrios e câmaras. 40:1 – 42:20.

a. Os átrios, muros e pórticos. 40:1-49.

b. O Templo e o Santo dos Santos. 41:1-26.

c. Câmaras para os sacerdotes. 42:1-20.

2. A volta do Senhor ao Templo. 43:1-12.

3. O altar e as provisões para a dedicação do Templo. 43:13 -27.

B. Um novo culto de adoração com um ministério e sistema sacrificial ideais. 44:1 - 46: 24.

1. Aqueles que vão servir no Templo. 44:1-31.

2. Porções de terra para os sacerdotes, levitas e o príncipe; e as taxas pagas ao príncipe. 45:1-17.

3. Ofertas a serem feitas nas festas e outras ocasiões indicadas, 45:18 – 46:24.

C. Israel reorganizada de acordo com as divisões tribais. 47:1 - 48:35.

1. O rio da vida fluindo do Templo. 47:1-12.

2. Fronteiras e divisões da terra santa. 47:13-33.

3. Porções de tribos, sacerdotes, cidade e príncipe. 48:1-35.

## COMENTÁRIO

O livro de Ezequiel compreende duas porções: os capítulos 1-24, uma série de mensagens transmitidas antes da queda de Jerusalém, cuja idéia principal é "o juízo"; e os capítulos 25-48, transmitidos depois de sua queda, com o tema fundamental da "esperança". O livro é mais apropriadamente estudado sob quatro divisões: capítulos 1-24, Profecias

do Juízo de Judá e Jerusalém; capítulos 25-32, Profecias Contra as Nações Vizinhas; capítulos 33-39, Profecias da Restauração de Israel; capítulos 40-48, Visões do Novo Templo e da Nova Lei para o Povo Redimido.

### **I. Profecias Contra Judá e Jerusalém. 1:1 – 24:27.**

Os ameaçadores discursos contra Jerusalém e a casa de Israel, transmitidos antes da queda de Jerusalém, consistem de uma seção introdutória, expondo em detalhes a vocação do profeta (caps. 1-3); atos simbólicos e oráculos descrevendo a derrota da cidade e do estado (caps. 4-7); um grupo de visões descrevendo os terríveis pecados de Jerusalém, que exigiam a sua destruição (caps. 8-11); atos simbólicos, parábolas e alegorias apresentando a necessidade moral do cativo (caps. 12-19); e uma recordação da história passada de Israel que clama por um certo juízo (caps. 20-24).

### **A. Introdução : A Vocação de Ezequiel. 1:1 - 3:27.**

#### **Ezequiel 1**

##### **1) Sob rescrito. 1:1-3.**

**1. No trigésimo ano.** Desde o tempo de Orígenes (185-254) esta referência ao tempo tem sido considerada como uma referência à idade do próprio profeta, cidade quando os sacerdotes começavam o seu ministério (Nm. 4:3, 4), um sistema de datar sem paralelos na história hebraica. Outros têm sugerido outras interpretações: trigésimo ano da idade de Jeoaquim, 585 A. C. (Snaith); trigésimo ano depois da reforma de Josias, 593/592 A.C. (segundo o Targum, Jerônimo, Herman, Holscher, L. Finkelstein); trigésimo ano do período referente ao jubileu corrente (*Seder Olam*, Kimchi, Hitzig); trigésimo ano do império neobabilônico, 606/605 A.C. (Scaliger, Ewald); trigésimo ano de Manassés, 667 A.C. (Torrey); trigésimo ano de Artaxerxes III, 328 A. C. (sic! L. E. Browne); e diversas emendas: trigésimo ano do reinado de

Nabucodonosor, 592 A. C. (Rothstein, Bertholet); quinto ano do exílio de Jeoaquim, 595 /594 A.C. (Hemtrich). Albright e Howie sugerem que este foi o trigésimo ano da edição do livro de Ezequiel, três anos depois do vigésimo sétimo ano de 29:17, ou 567 A. C. , e o trigésimo ano do reinado de Jeoaquim. Compare com II Reis 26:27. Todas as outras datas na profecia são calculadas também a partir do "reinado" ou cativeiro de Jeoaquim.

**O quarto mês** era dos meados de junho aos meados de julho, calculando a partir do primeiro mês dos meados de março aos meados de abril.

**No meio dos exilados.** A palavra hebraica *gôlá* é um termo coletivo que significa "exilados", ou, de maneira abstrata, "o exílio".

**Rio Quebar** (ké-bär) ou Nehar-Kebar (1:1, 3; 3:15, 23; 10:15 , 20, 22; 43:3). Provavelmente o *nâru kabari*, "ou grande rio", ou "o grande canal", um curso de água artificial do Eufrates. Começando acima da Babilônia, corre para o sudeste, passando por Nipur, local das antigas colônias judias [e da rica casa bancária de Murashû e Filhos, cujos arquivos (464-405 A. C.) contém muitos nomes judeus], e junta-se novamente ao Eufrates abaixo de Ur. Seu nome atual é Shatt en Nîl, "o rio Nilo" (veja H. V. Hilprecht, *Explorations in Bible Lands in the Nineteenth Century*, págs. 409 e segs.).

**Visões de Deus** aqui incluem visões dadas por Deus e visões nas quais Deus foi visto.

**2. Rei Joaquim.** O décimo oitavo e penúltimo rei de Judá foi o filho de Jeoaquim, o tirano fantoche, e neto do piedoso Josias. Seu nome significa "o Senhor estabelece" e escreve-se de diversas maneiras: *Yôyakin*, Ez. 1:2; *Yehôyakin*, II Reis 24:6, 8, 12, 15; 25:27a, b; Jr. 52:31a, b; II Cr. 36: 8, 9; *Yekonya*, Jr. 27:20; Qerê, 28:4; 29:2; Et. 2:6; I Cr. 3:16, 17; *Yekon Yahú*, Jr. 24: 1; *Konyahû*, Jr. 22:24, 28; 37:1. Entronizado por Faraó-Neco do Egito, reinou apenas três meses, quando foi deportado para a Babilônia por Nabucodonosor no ano de 597 A. C. , junto com os aristocratas (II Reis 24:8-16). Foi solto por Amel-

Marduque (Evil Marduque), filho de Nabucodonosor em 560 A.C., no trigésimo sétimo ano do seu exílio (II Reis 25:27). "As tabuinhas de Joaquim" publicadas em 1939 referem-se a "Yaukin" e seus filhos recebendo rações (Albright, BA, V, Dec, 1942, págs. 49-55). Jeremias (22: 20-30) e Ezequiel (19:5-9) parecem simpatizar com ele. Seu neto Zorobabel era da linhagem messiânica (cons. Mt. 1:11, 12; Ed. 3:8; I Cr. 3:17-19).

**No quinto ano de cativeiro do rei Joaquim** (junho-julho, 592) é a primeira das quatro referências a datas no livro de Ezequiel (cons. 1:2; 3: 16; 8:1; 20:1; 24:1; 26:1; 29:1, 17; 30:20; 31:1; 32:1, 17; 33:21; 40:1). Ezequiel foi o primeiro profeta a datar a sua mensagem cronologicamente. (Quanto às datas do período, cons. J. Finegan, "Nabucodonosor e Jerusalém", JBR, 25, 1957, págs. 203-205 ).

**3. Ezequiel** (*Yehezqe'l*, "Deus fortalece") . . . o sacerdote. Nada se sabe do seu pai Buzi. Outros profetas com antecedentes sacerdotais foram: Samuel (I Cr. 6:28; I Sm. 7:9; 11:14; 16:2 e segs.); Jeremias (1:1); Zacarias (1:7; Ne. 12:4, 16; Ed. 5:1). **Esteve sobre ele a mão do Senhor.** Uma expressão que descreve uma condição aproximada do êxtase profético. (Veja também 3:14, 22; 8:1; 33:22; 37:1; 40:1.) Treze manuscritos hebraicos e a Septuaginta, a Siríaca e a Versão Árábica dizem sobre mim.

## **2) A Visão Inaugural do Profeta : Uma Teofania. 1:4-28.**

A vocação de Ezequiel veio na forma de uma teofania, uma manifestação de Deus no meio de uma tempestade. Sua visão foi descrita com muito maiores detalhes do que as teofanias de Moisés (Êx. 33; 24:9 e segs.), Amós (7:15), Isaías (cap. 6), Jeremias (1: 4-10) ou Daniel (7:9 e segs.). Ele começa de baixo, descrevendo primeiro os quatro seres viventes com as quatro asas e quatro rostos, combinando formas humanas com animais para formar o trono-carro (vs. 4-14), depois as rodas dentro das rodas que faziam o carro se mover em todas as quatro direções sem se voltar (vs. 15-21), e finalmente a plataforma de cristal

sobre a qual estava a semelhança do trono no qual estava assentada a semelhança daquele que estava rodeado de fogo e coroado da glória do arco-íris (vs. 22-28).

#### a) As Criaturas Vivas e o Carro. 1:4-14.

4. Quanto a aparição divina no **vento tempestuoso** (AV, *redemoinho*) e **nuvem**, veja também Ex. 9:24; 19:16; Jz. 5:4; I Reis 19:11; Sl. 29; Zc. 9:14. **Do norte**. Aqui Ezequiel não está tomando emprestado o conceito mitológico de que o norte era o trono dos deuses, mas talvez esteja sugerindo a transcendência divina. **Metal brilhante (Uma coisa de cor âmbar, E.R.C.)**. No hebraico, *como o olho do hashamal*. Usado apenas em 1: 4, 27; 8:2. Compare com o *elmesu acadiano* e o *hesmen egípcio*, "bronze" (G. R. Driver, V.T. , 1, 1951, 60-62).

5. **Semelhança** (*demût*) e **aparência** (*mar'eh*) aparece dez e quatorze vezes respectivamente na narrativa. O profeta sente a impropriedade da língua humana para descrever o inefável, mas também tem o cuidado de evitar os antropomorfismos. **Quatro seres vivos** (*hayyôt*) são mais tarde identificados como querubins (10:15, 20).

7. **As suas pernas** (e não *pés*; cons. Gn. 49:10; Is. 6:2; 7:20) **eram direitas**, sem joelhos; e **a planta** de seus **pés** era redonda (Targum, Áquila) como a de um bezerro, para que não se flexionasse ou virasse.

8. Cada querubim tinha provavelmente duas mãos, pois **aos quatro lados** pode significar também "ao lado dos quatro".

9. Os querubins, com um par de asas estendidas que se tocavam umas às outras, formavam os lados da carruagem, que podia se movimentar em todas as quatro direções, mas **não se viraram** (cons. v. 12). Um segundo par de asas que cobriam os corpos (v. 11).

10. Cada querubim tinha quatro rostos, **como o de homem**, na frente; **à direita . . . rosto de leão**; **à esquerda, rosto de boi e rosto de águia**, atrás (cons. 10:14; Ap. 4:7).

**12.** O Espírito de Deus dirigia seus movimentos (cons. v. 20; 10:17), exatamente como dirigiu Ezequiel (2:2; 3:12, 24; 11:24).

**13.** Leia-se *no meio dos seres viventes* (de acordo com a RV marg., Moffatt, RSV, LXX e a Antiga Latina). **Tochas . . . fogo e relâmpagos saíam do meio deles** (cons. Êx. 3:2; 13:22; 19:18; Nm. 11:1-3 ; Dt. 4:24; II Reis 1:12).

**14.** Este versículo foi omitido pela LXX B por se considerar uma ampliação marginal do versículo 13. O texto hebraico parece corrompido.

### **b) As Quatro Rodas. 1:15-21.**

**15.** O profeta viu a seguir ao lado dos seres viventes, rodas.

**16. Pareciam brilhantes** (lit. *olho*) **como o berilo** (turquesa, E.R.C.). No hebraico, *tarshîsh*. A pedra que recebeu o nome de Társis, ou Tartessus, ao sul da Espanha, é provavelmente o antigo crisólito (*pedra de ouro*) correspondendo ao nosso topázio dourado, não à água marinha verde claro ou o berilo. **Uma roda dentro da outra.** A explicação comum é que cada roda parecia como duas rodas que se atravessavam fazendo ângulos retos e formando uma roda composta, que podia se movimentar em diferentes direções sem se virar (v. 17).

**18.** O texto hebraico está em desordem. A LXX sugere: *e tinham rebordos* (ou, aros; AV, *anéis*). *E olhei para elas* (em vez do heb. **e metiam medo**). *E os seus rebordos eram cheios de olhos*, símbolos da vida e inteligência.

**19-21.** Havia uma unidade entre os **seres viventes** e as rodas orientadas pelo Espírito de Deus. Compare com as referências às rodas do trono do "Ancião de dias" em Dan. 7:9, às bases do Templo de Salomão, I Reis 7:27-30, e às da carruagem em I Cr. 28:18. Mais tarde, os "ofanins", as rodas personificadas, foram colocadas perto dos querubins e serafins na presença de Deus (Enoque 61:10; 71:7).



**c) A Plataforma, o Trono e a Aparência Divina em Cima Delas. 1:22-28.**

**22. Algo semelhante ao firmamento.** O hebraico *raqi'a* aparece dezessete vezes nas Escrituras, em Gn. 1; Ez. 1; 10:1; Sl. 19:1; 150:1; Dn. 12:3. Aqui a figura é de uma "plataforma" *estendida por sobre* (RSV) as cabeças dos seres viventes **como cristal** (lit., *como o olho ou a cintilação do gelo*; também a LXX, Sir. , Vulg. Cons. Ap. 4:6. Omita-se "que metia medo", de acordo com a LXX).

**24.** Quando em movimento, o som de suas asas era **como o rugido de muitas águas** (Sl. 42:7; Is,17:12), **como a voz do Onipotente** (Sl. 29, "a voz de Deus", sete vezes), **o estrondo tumultuoso, como o tropel de um exército** (Is. 17:12; Joel 2:5 ). **Onipotente.** Hebraico *Shadday* é um termo pré-mosaico para Deus, usado principalmente para poesia, ou em prosa com *El* (Deus) antes (Gn. 17:1). O nome é de origem incerta, mas pode significar "onisciente, que tudo sabe", e não "onipotente", ou "das montanhas" (cons. N. Walker, "Uma Nova Interpretação do Nome Divino Shaddai" ZAW, 72, 1960, págs. 64-66).

**25.** Este versículo foi omitido por nove manuscritos hebraicos, pela LXX e pelo manuscrito siríaco, sendo considerado uma ditografia.

**26.** Sobre a plataforma havia um trono **como uma safira** (cons. Êx. 24:10). Talvez fosse o antigo *lapis lazuli* semelhante ao mármore.

**27.** A parte superior da figura semelhante a um homem assentado sobre o trono parecia **metal brilhante** (*bronze reluzente*, RSV; lit, *como o olho do hashmal*; cons. v. 4) rodeada de fogo (lit. *como se o fogo .a envolvesse de todos os lados*); enquanto a parte inferior, também, era coberta por um resplendor ardente.

**28.** O resplendor à volta do trono do Senhor era como **o arco que aparece na nuvem em dia de chuva**. Isto sugere a quietude após a tempestade. Para os hebreus e para nós o arco-íris faz lembrar a aliança feita com Noé (cons. Gn. 9:12 e segs.; Ap. 4:3; 10:1). **Da glória do SENHOR** (*kebôd YHWH*, 1:28; 3:12, 23; 10; 4, 18 ; 11:23; 43:4, 5; 44:4; e "a glória do Deus de Israel", 8:4; 9:3; 10; 19; 11; 22; 43:2) em Ezequiel

significa principalmente "uma aparência de luz e esplendor indicando a Presença divina" (Cook, *Ezekiel*, ICC, pág. 22). A déia básica de *kabôd* é "peso", "densidade" e transmite a idéia de alguma manifestação externa e física de dignidade, pré-eminência ou majestade (cons. Betteridge, "Glory", ISBE, II, 1235 e Segs.).

Na presença de Deus, Ezequiel reconheceu a sua indignidade (cons. Gn. 32:30; Êx. 20; 19, 20; 24:11; Is. 6:5; Jr. 1: 6).

Da sua visão, Ezequiel ficou sabendo que Deus não se limitava à Palestina, mas estava presente na Babilônia entre os exilados, descendo à terra sobre querubins e tempestade (Sl. 18:10; 104:3). O carro podia movimentar-se rapidamente em todas as direções, simbolizado pelo número quatro. As figuras olhando para as quatro direções (vs. 9, 10, 17) dão a idéia que todas as partes do universo estão abertas aos olhos divinos. As asas ligavam a visão ao céu e as rodas à terra. Assim nenhum lugarzinho fica inacessível à presença e energia divinas. A onipresença de Deus fica desse modo transmitida de maneira poderosa.

A figura assentada sobre o trono fala da onipotência e governo soberano de Deus (v. 26). A soberania de Deus está manifesta sobre a criação inanimada vento, nuvens, fogo, trovão (vs. 4, 24) e criação animada – os quatro seres vivos (vs. 5, 10).

A forma humana generalizada e as diversas faces das criaturas viventes expressam a dignidade conferida por Deus às diversas porções de Sua criação, um reflexo de Sua majestade: homem, inteligência; águia, rapidez; boi, força; leão, majestade. Os rabis explicam o simbolismo assim: "O homem foi exaltado entre todas as criaturas; a águia, entre as aves; o boi, entre os animais domésticos; o leão, entre as feras; e todos eles receberam o domínio e a grandeza, mas ainda assim estão sob o carro do Santo". (*Misdrash Rabbah Shemoth*, § 23, coment. sobre o Êx. 15:1). o ruído das asas dos querubins (v. 24) é o testemunho de toda a criação para com Deus (Sl. 19:1), enquanto os corpos velados (vs. 8, 11) representam a incapacidade de todas as criaturas de permanecerem na presença de Deus santo (cons. Is. 6:2). Os Pais da

Igreja empregavam os quatro rostos como emblema dos Evangelistas. Irineu, Jerônimo, Atanásio e Agostinho variavam no seu uso, o de Jerônimo, de maior aceitação, tem a seguinte ordem: o homem, Mateus; o leão, Marcos; o boi, Lucas; a águia, João. Embora as divindades babilônicas, Marduque, Nebo, Nergal e Ninib fossem indicadas pelo boi, homem, leão e águia respectivamente (Jeremias), Ezequiel deve ter extraído o seu simbolismo mais provavelmente das figuras do templo de Salomão (I Reis 6:23-35; 7:27-37 ) e do propiciatório em cima da arca do Tabernáculo (Êx. 25:10-22).

Os olhos nas rodas sugerem inteligência onisciente (v. 18), enquanto que o espírito nas asas e rodas (vs. 20, 21) descreve a operação penetrante do Espírito de Deus vista na unidade e harmonia de suas obras. A pureza e santidade divinas estão indicadas pelo fogo (v. 27), enquanto que o arco-íris à volta do trono ilustra a beleza sublime, e talvez também a idéia do perdão e da misericórdia (v. 28).

Esta glória foi vista por Ezequiel em Quebar (1:4-28), deu-lhe uma mensagem em Tel-Abibe (3:12 e segs., 22 e segs.), transportou-o de sua casa no exílio até a entrada da porta do pátio interno do Templo em Jerusalém (8:4, 5), afastou-se dos querubins no Templo até a soleira do mesmo (9:3; 10:4), elevou-se da soleira da porta leste do pátio externo do Templo (10:15, 16, 18, 19), passou do meio da cidade ao Monte das Oliveiras no lado leste da cidade (11:22, 23), mas retornou para encher o novo Templo e purificar o povo (43:2-7; 44:4).

### **3) Sua Iniciação no Ofício Profético. 2:1 – 3:27.**

Nos capítulos 2 e 3, o profeta foi comissionado a ser um mensageiro destemido junto a um povo rebelde (2:1-7), recebeu ordem de assimilar a palavra ou mensagem divina como se fosse a sua própria (2: 8-3: 3), foi imbuído de coragem para falar a um Israel endurecido (3:4-9) foi impelido em uma missão junto aos exilados em Tel-Abibe

(3:10-15), foi encarregado da responsabilidade de atalaia (3:16-21) e foi colocado sob a imposição do silêncio e reclusão (3:22-27).

## Ezequiel 2

### a) A Comissão do Profeta. 2:1-7.

**1. Filho do homem** (*ben-'adam*) aparece noventa e três vezes em Ezequiel, significando simplesmente "homem" ou "homem mortal". O termo expressa fraqueza humana na presença da majestade e poder de Deus (cons. Dn. 8:17). O aramaico *bar'enosh*, "filho do homem", de Dn. 7:13, é um título messiânico. O uso que Jesus fez do título talvez tivesse a intenção de ocultar e ao mesmo tempo revelar sua verdadeira natureza (Mt. 8:20; 11:19; 16:13; Jo. 12:34; Mc. 2:10, 28; 8:31; 9:9, 12; 10:43; 14:41, etc.; cons. G. P. Gould, "Filho do Homem", HDCG, II, 665-695; e J. Stalker, "Filho do Homem", ISBE, V, 2828-2830).

**2. Entrou em mim o Espírito.** Embora a palavra esteja sem o artigo definido no hebraico, este é o Espírito Santo. (Quanto a uso semelhante veja 3:12, 14, 24; 8:3; 11:1, 5, 24; 37:1; 43:5). Em 11:5 e 37:1, "o Espírito do Senhor" aparece e em 11:24, "o Espírito de Deus" (cons. H. B. Swete, "Espírito Santo", HDB, II, 402-411).

**3. Filhos de Israel.** O TM diz *filhos de Israel*; a LXX, *casa de Israel*. Esta frase é comum a Ezequiel. **Às nações rebeldes.** O TM *gôyîm* quase sempre significa "nações pagãs". A palavra foi omitida pela LXX e pela Antiga Latina. Aparece no singular *gôy*, "nação", na siríaca. A missão de Ezequiel foi junto à nação como um todo, tanto em Jerusalém como no exílio.

**4. O SENHOR DEUS.** O Texto Massorético diz *Adonay Yahweh*. O hebraico antigo diz *Adonay*, "Senhor", em lugar do sagrado tetragramatom *Yahweh* (assim chamado por causa das quatro consoantes YHWH, não havendo vogais antigamente). Quando *Adonay* e *Yahweh* aparecem juntos, o hebraico traduz o tetragramatom para *Eloim*, Deus. No português o tetragramatom está representado pelas letras maiúsculas, SENHOR ou DEUS. Um aspecto raro de Ezequiel é a ocorrência do

duplo nome SENHOR Deus mais de 200 vezes. A. D. Johnson, Gehman e Kase, editores de *The John H. Scheide Biblical Papyri: Ezekiel*, defendem que apenas Yahweh, o SENHOR, deveria ser a tradução nestas passagens (págs. 48-63).

**5. Que esteve no meio deles um profeta.** Cumprimento é o teste da veracidade de um profeta. Veja Dt. 18:21, 22; Jr. 28: 9.

**6. Sarças e espinhos.** As duas palavras são *sarabîm* e *sallômîm*. O primeiro só se encontra nesta passagem do V.T, e é provavelmente uma palavra emprestada do aramaico; o último, de etimologia desconhecida, aparece também em 28:24. Em Eclesiásticos 4:2 e no aramaico, a raiz *srb* significa "contradizer". A LXX e a Siríaca traduz: "pois eles contradirão". A expressão hebraica sustenta a tradição inglesa. **Casa rebelde.** "Casa de rebelião" (*bêt merî*, como no versículo 5). Esta tradução tem o apoio de trinta e dois manuscritos hebraicos, como também da LXX e da Siríaca.

### **b) A Inspiração do Profeta. 2:8 – 3:3.**

**8. Ouve ..., não te insurjas.** Cons. Jr. 1:7, 8, 17; Is. 50:5.

**9. O rolo de um livro.** Na Palestina e na Babilônia, as peles eram comumente usadas para códices. O rolo de Isaías encontrado na gruta do Mar Morto (I Q Isa<sup>a</sup>) é de pergaminho, 7,38m de comprimento. (Cons. Jr. 36; Sl. 40:7; veja J.P. Hyatt, "The Writing of an Old Testament Book", BA, VI, 1943, 41-80).

**10. Escrito por dentro e por fora.** Literalmente, *ele estava escrito* (sobre) *a face e a parte oculta*, isto é, dos dois lados, contrariando a prática costumeira. **Lamentações**, seguindo a tradução *qinâ*, "elegia, lamento", da LXX, da Antiga Versão Latina, da Versão Árábica e do Targum, e não o masculino plural fora do comum, *qînîm*, do T.M. **Suspiros.** (Cons. Sl. 90:9). Traduzido para **trovão** em Jó 37:2. **Ais.** Esta tradução foi feita pontuando *hî* do T.M. como *hôy*, de acordo com a LXX e as Versões da Antiga Latina, Árábica e Siríaca. Antes da queda

de Jerusalém em 586 A.C., as mensagens de Ezequiel nos capítulos 1-24 são de juízo.

### **Ezequiel 3**

**3:1. Come o que achares.** Literalmente, *tome conhecimento do que você achar*. O Senhor tocou na boca de Jeremias (Jr. 1:9), mas deu a Ezequiel um rolo para comer. A imanência e transcendência de Deus estão ilustradas pelos modos.

**3. Dá de comer ao teu ventre, literalmente, e enche as tuas entranhas.** Ventre e estômago (*beten* e *me'im*), ambos são usados em relação ao "abdômen", "útero", "entranhas", e figuradamente como a "sede das emoções". A mensagem foi dada por Deus alas devia ser assinalada pelo profeta a ponto de parecer dele. Embora as palavras fossem amargas, o rolo tinha um sabor doce porque o seu conteúdo era a palavra de Deus e o privilégio de ser o mensageiro de Deus é uma grande alegria. Entre as passagens que ilustram a inspiração da . mente e da vontade através do "comer" da palavra de Deus c que falam da doçura dessa palavra temos: Jr. 15:16; Dt. 8:3; Sl. 19:11; 119:103; Ap. 10:9, 10. (Sobre a inspiração através do ato de beber, cons. II Ed. 14:38-41).

### **c) O Encorajamento do Profeta. 3:4-9.**

**4. Entra na casa de Israel.** Esta e passagens semelhantes (por exemplo, 6:2; 7:2; 12:10, 11; 16:2; 21:7; 22:2, 3), são apresentadas como apoio para se aceitar que Ezequiel não morava na Babilônia e que tinha uma missão junto aos seus contemporâneos em Jerusalém (cons. Introd.).

**5, 6.** De estranho falar, e de língua difícil. Literalmente, *lábios abstrusos e língua pesada* (cons. Êx. 4:10; Is. 28:11; 33:19; e quanto a uso semelhante do genitivo de especificação, veja Ez. 16: 26; 17:3, 6, 7). A empedernida Israel muitas vezes é colocada em contraste com os pagãos desfavorecidos (cons. 5:16,17; 16:4, 5, 51; Jr. 2:10, 11; Mt. 11:24-27; Lc. 4:24-27).

**7. Toda a ama de Israel é de frente obstinada e dura de coração,** literalmente. (Cons. 2:4; Jr. 5:3; Is. 48:4).

**8. Duro.** Talvez um trocadilho como nome de Ezequiel, Deus fortalece. Cons. Jr. 1:18; 15:20.

**9. Como o diamante, mais duro do que a pederneira.** O hebraico *shamir* é um termo estrangeiro, possivelmente relacionado com o acadiano *asmar*, "esmeril". Também é traduzido para diamante (cons. Jr. 17:1; Zc. 7:12). Quanto à oposição entre o verdadeiro profeta e o povo, veja Amós 7:10-17; Jr. 20:7-18; 26:1-24.

#### **d) A Missão do Profeta. 3:10-15.**

**11. Vai aos do cativoiro** (cons. 1:1), **aos filhos do teu povo.** O hebraico *'am*, "povo", é usado, na maioria das vezes, para nação escolhida. A missão do profeta era à casa de Israel (v. 4), mas na realidade limitou-se aos exilados. Contudo faz pequenas referências às circunstâncias dos exilados.

**12. Levantou-me o Espírito.** Veja também 3:14; 8:3; 11:1,24; 43:5. Não são referências à levitações físicas, como em "Bel and the Dragon", versículos 36, 39; nem à clarividência; mas às experiências místicas de uma alma grandemente sensível sob a exaltação do Espírito. **Voz de grande estrondo** (*tropel*). Considerando que *k* e *m* são facilmente confundidos na escrita paleo-hebraica, Hitzig e Luzzato traduziram para: *A glória do Senhor levantou-se do seu lugar*, trocando *brwk* (*barûk*) do T.M, para *brwm* (*berûm*). Não há nenhuma referência no texto de uma antena celestial que fosse cantada ou ouvida.

**13. Tatar das asas . . . que tocavam umas nas outras.** Literalmente, *que se beijavam*. **O sonido dum grande estrondo** (literalmente).

**14. Eu fui amargurado.** Um acusativo adverbial (cons. 27:30). Ezequiel, simpatizando com a causa divina, sentiu-se amargurado e irado contra o seu povo e a sua tarefa (cons. Jr. 6:11; 20:7-11). Embora o carro se afastasse, ele sentiu a mão do Senhor que o impelia.

**15. Então fui a Tel-Abibe, aos do exílio.** Obedecendo a Deus, o profeta foi à colônia principal dos exilados **junto ao rio Quebar**, à antiga *Tilabûbu*, "morro das chuvaradas" (cons. Hilprecht, *Explorations in Bible Lands*, pág. 411). Quanto aos nomes das outras colônias, veja Ed. 2:59; Ne. 7:61. A frase hebraica, após Quebar, diz, *e aos que moravam ali*, ou, seguindo o *Qerê*, **e passei a morar onde eles habitavam**. Está ausente em dois manuscritos e na Siríaca. **Assentei-me ali atônito**. Literalmente, *exibindo horror*, um verbo transitivo interiormente (veja G.K., § 53d e § 67cc; cons. Ed. 9:3, 4; Dn. 9:27; 11:31).

### **e) A Responsabilidade do Profeta. 3:16-21.**

**17. Eu te dei por atalaia;** isto é, um espia, ou sentinela (cons. Jr. 6:17; Is. 57:10). A vocação do profeta para ser um pastor, um atalaia das almas dos indivíduos como também da nação, está mais extensamente exposta em 18:1-32 e 33:1-20. No presente parágrafo, quatro casos são considerados – o pecador habitual que não foi advertido (v. 18), o pecador que é advertido mas não se arrepende (v. 19), o homem justo que cai mas não é advertido (v. 20), e o justo que é advertido e permanece justo (v. 21). Ezequiel é responsável pela transmissão fiel da mensagem de Deus, não por seu sucesso ou fracasso (vs. 17-19). **Morrerás** (v. 18) e **viverás** (v. 21) não foi usado no sentido mais elevado do N. T. , mas se refere respectivamente 1) a perecer na destruição do estado e ser excluído do restaurado reino de Deus, e 2) a ser preservado e entrar na bem-aventurança do reino.

**20. Eu puser diante dele um tropeço.** Isto só pode significar que as "tentações dos justos estão sob o controle providencial de Deus" (*Dummelow's Commentary*). Os hebreus atribuíam as tentações a Deus reconhecendo que o próprio Satanás está sujeito à vontade divina (cons. Gn. 22:1; Êx. 4:21; Jr. 6:21 ; compare II Sm. 24:1 com I Cr. 21:1).

**21. Se tu avisares o justo.** Isto está mais de acordo com as versões do que com o T.M., *se tu o avisares, o homem justo*. A segunda vez em



que "homem justo" aparece no T.M. não se encontra na LXX, nem na Antiga Latina e Siríaca.

### **f) A Coibição do Profeta. 3:22-27.**

Alguns mestres entendem que esta seção indica um elemento patológico em Ezequiel: que sofresse de catalepsia ou afasia (vs. 23, 26) e que seus contrerrâneos o ataram com cordas depois que enlouqueceu (v. 25). Contudo, é melhor considerar as diversas expressões de coibição como figuras de um período de silêncio e inatividade da parte do profeta.

Possivelmente Ezequiel profetizava publicamente aos exilados depois de sua chamada e encontrou oposição. Será que esta oposição foi ocasionada por hostilidade depois da execução de certos falsos profetas que incitaram o povo à rebelião? (Cons. Jr. 29:21-23; H. L. Ellison, *Ezekiel: The Man and His Message*, pág. 31). Ele foi convocado por Deus para ir ao vale (v. 22), onde em gloriosa teofania o Senhor o instruiu a que deixasse de ser um acusador público por algum tempo (v. 2b). Ele só devia abrir a sua boca em sua própria casa àqueles que o consultassem em particular (v. 24; 26:8). Este silêncio intermitente prevaleceu desde o começo do cerco de Jerusalém (24:1, 27) até que a notícia da queda da cidade foi levada ao profeta por um fugitivo dois anos mais tarde. Então Ezequiel falou abertamente e o povo compreendeu que Deus tinha falado.

**22. Para o vale.** Da Babilônia. Não o lugar- da visão em 1:1 (cons. 8:4; 37:1, 2).

**23. A glória do SENHOR.** Veja coment. 1:28.

**25. Eis que porão cordas sobre ti.** Isto se refere não a magia misteriosa nem ao aprisionamento do profeta "louco", pois não se registrou nenhum ato de hostilidade, mas a coibição divina (cons. 4:8), exceto quando Ele lhe mandasse falar (vs. 26, 27).

**B. A Queda da Cidade e do Estado São Preditas. 4:1 – 7:27.**

Neste ciclo de ameaças o profeta prediz a queda de Jerusalém e Judá por meio de quatro atos simbólicos (4:1 – 5:17), um oráculo contra os centros idólatras do estado (6:1-14), e uma lamentação sobre a queda do reino de Judá (7:1-27).

**1) Quatro Atos Simbólicos Relativos a Jerusalém. 4:1 – 5:17.**

Em 4:1 – 5:4 foram registrados quatro atos simbólicos apresentando o futuro cerco de Jerusalém, com suas respectivas dificuldades e o cativo resultante. Os profetas Aías (I Reis 18), Isaías (Is. 8:20), Jeremias (Jr. 13; 14; 18; 19; 27; 28; 34; 35; 43; 51), todos fizeram uso eficiente de atos simbólicos; e Ezequiel também empregou simbolismo: 3:25, 26 ; 4:1-54; 12:3-7, 17:20; 21:11, 12; 24:3-5, 15-24; 37:15-17. Os mestres discordam quanto ao desempenho desses atos simbólicos, se foi total, em parte, ou nem foi feito. Alguns são considerados tão extraordinários ou tão ridículos que se tornam impossíveis de serem executados. Mas talvez não parecessem ridículos aos orientais. Esses símbolos devem ser considerados ilustrativos, não magia sobrenatural. Talvez enquanto o propósito dos símbolos fosse realmente completado, uma linguagem metafórica fosse usada para descrever alguns dos seus detalhes (cons. 4:3, 12; compare com 8:3. O profeta não foi levado para fora de Jerusalém literalmente pelos cabelos de sua cabeça, mas numa visão). Têm-se feito tentativas de reconstruir o capítulo para lhe dar uma ordem moral e lógica – mas como visões poderiam ser lógicas? – e essas reconstruções são quando muito hipotéticas.

**Ezequiel 4****a) Símbolo do Cerco de Jerusalém. 4:1-3.**

Nesta seção o profeta desenha sobre um tijolo de barro o esboço do cerco de Jerusalém.

**1. Toma um tijolo.** De barro mole, igual ao que os babilônios usavam para escrever ou desenhar com um estilete de forma piramidal.

**2. Fortificações.** Barreiras ou muros ou torres de vigia com rodas. A palavra *dayeq* é provavelmente aramaica. **Trincheiras** para ligar a torre com os muros da cidade sitiada. **Arraiais.** Ou destacamentos de soldados. **Árletes.** Ou britadores. Quanto às operações, veja 17:17; 21:22; 26:8; Dt. 20:20; Mq. 4:11; Is. 29:3. Veja também o alto relevo do exército de Senaqueribe atacando Laquis (II Reis 18) nas paredes do palácio de Nínive em J.B. Pritchard, *The Ancient Near East* (Fig. 101).

**3. Toma . . . uma sertã de ferro;** isto é, uma assadeira. Este ato devia representar os fortes ataques do inimigo contra a cidade e dar uma idéia da barreira que havia entre Deus e o povo.

#### **b) Símbolo da Duração do Exílio. 4:4-8.**

**4, 5. Deita-te também sobre o teu lado esquerdo.** Com referência ao Reino do Norte, Israel. Quando se olha para o nascer-do-sol, à esquerda fica o norte e à direita o sul (cons. Gn. 14:15; Sl. 121:5). **Levarás sobre ti a iniquidade.** O texto corrigido é preferível ao T.M. Aqui Ezequiel representa Israel sofrendo a sua iniquidade e não suportando-a substitutivamente. **Trezentos e noventa dias.** Igual ao número de anos do seu castigo. A LXX dá "cento e noventa dias".

**6. Deitar-te-ás sobre o teu lado direito . . . (pela) casa de Judá;** isto é, pelo reino do sul. **Quarenta dias . . . cada dia por um ano** (v. 7). Igual à LXX.

**7.** No assunto em questão este versículo parece pertencer aos versículos 1-3.

**8. Eis que te prenderei com cordas; assim não te voltarás dum lado para o outro.** Não prisão física, mas a coibição divina observada em 3:25; um símbolo da perda da liberdade que aguardava o povo.

Alguns mestres defendem que uma catalepsia ou uma doença prolongada foi usada por trás desse segundo símbolo. Parece-nos melhor aceitar os comentários feitos em 3:25 e descobrir aqui uma referência

semelhante a um impedimento espiritual e físico. Quando se deitou na intimidade do seu lar, deitou-se sobre o seu lado esquerdo e direito, de acordo com as instruções divinas.

Desde a queda de Jerusalém em 586 A.C. até o primeiro retorno dos exilados em 538 A.C. passaram-se 48 anos, que em números redondos representam a duração da **iniquidade da casa de Judá** (v. 6). Sobre os 390 (ou 190) dias há um grande desacordo. As penalidades de Israel e Judá poderiam ter sido coincidentes nos últimos quarenta anos, mas qual é o *terminus a quo*? Desde a queda da monarquia em 922 A. C. até a volta em 538 são 384 anos, que se aproximam muito dos 390 anos. Talvez isto pudesse ser considerado como um período de iniquidade e castigo para o Reino do Norte. No livro dos Reis a duração total dos reinados dos reis de Judá desde Roboão até Zedequias é de 394 anos e meio; mas isto dificilmente poderia ser igualado à iniquidade ou castigo de Israel. Outros encontram alguma semelhança mística com os 430 anos da escravidão no Egito somando os 390 aos 40! Calculando a partir de 734 A.C., os ataques de Tiglate-Pileser (II Reis 15:29), até o exílio, temos 148 anos, o que se aproximaria muito dos 150 anos da LXX na frase que foi acrescentada a 4:5. Da queda de Samaria em 721 até 538 temos 183 anos, que se aproxima da figura de 190 anos na Septuaginta em 4:5, 9. Talvez os números devam ser aceitos teoricamente e não literalmente. Com o material que temos à disposição, parece-nos pouco sábio dogmatizar sobre o como os 40 e os 390 (ou 190) anos devem ser computados.

### c) Símbolo da Escassez Durante o Cerco. 4:9-17.

9. O profeta devia fazer um pão misto de **trigo e cevada, favas e lentilhas** (uma planta leguminosa com sementes pequenas e avermelhadas; cons. Gn. 25:34). *Painço* (*dohan*, um hapax legomenon, provavelmente uma palavra aramaica; uma planta periódica que cresce e amadurece sem chuva e cujas sementes são trituradas em farinha e misturadas com outros cereais para fazer pão para os pobres), e espelta,

um tipo de trigo bravo (cons. II Sm. 17:28). O número dos dias que te deitares sobre o teu lado. A não ser que consideremos que esta é uma intromissão do símbolo anterior, parece que o segundo e terceiro símbolos foram encenados simultaneamente. O profeta não poderia ter sido literalmente atado sobre o seu lado e também colhido os cereais para fazer o pão.

**10. A tua comida será por peso, vinte siclos por dia.** Um siclo tem 11,5 gr. Sua ração alimentar era portanto de cerca de 230 gr. por dia.

**11. Água . . . a sexta parte de um him.** Aproximadamente 1 litro.

**12. Esterco.** Pão cozido sobre esterco de homem seria nojento e poluído (cons. Dt. 23:12-14; Lv. 5:3; 7:21).

**13. Comerão . . . o seu pão imundo, entre as nações.** As nações estrangeiras e seus produtos eram considerados impuros (cons. Amós 7:17; Os. 9:3, 4).

**14. Contaminada.** Sendo membro da família sacerdotal, Ezequiel tinha observado as leis dietéticas (cons. Êx. 22:30; Lv. 7:18, 24; 17:11-16; 19:7; 22:28; Dt. 12:16; 14:21). O versículo 14 é uma das poucas orações registradas neste livro.

**15.** Ezequiel recebeu a permissão de substituir o esterco humano por esterco de vacas, que ainda hoje em dia é usado como combustível pelos beduínos e felás da Arábia e Egito.

**16. Tirarei o sustento de pão.** Cons. 12; 17-19; 14:13; Lv. 26:26. 17. E se consumirão nas suas iniquidades. Cons. 24:23; 33:10; Lv. 26:39.

## Ezequiel 5

### d) Símbolo da Destruição dos Habitantes de Jerusalém. 5:1-4.

**1. Toma uma espada afiada; como navalha de barbeiro a tomarás,** segundo a Siríaca, a Teodociana, Symmachus e Antiga Latina. **Barbeiro.** O nome é *gallab*, do acadiano *gallabu*, através do fenício ou qualquer outro dialeto cananita. Um *hapax legomenon*. **E a farás passar pela tua cabeça e pela tua barba.** Figura da cidade que seria varrida dos seus

habitantes (com. Is. 7:20; Jr. 41:5). **Tomarás uma balança de peso.** "A justiça divina é exata" (A. B. Davidson).

**2. Queimarás no fogo.** Um terço do cabelo devia ser queimado, em sinal dos que seriam consumidos pela peste e fome; um segundo terço devia ser ferido com a espada, que seria o destino de muitos habitantes; e a terceira parte devia ser espalhada pelo vento, uma figura dos exilados esparsos (cons. v. 12).

**3. Uns poucos . . . nas abas da tua veste,** isto é, do seu manto. Uma referência aos remanescentes piedosos. Com referência a outras alusões aos remanescentes, em Ezequiel, veja 6:8; 10; 9:8; 11:13.

**4. Tomarás alguns, e os lançarás no meio do fogo.** Mesmo este remanescente pequenino seria sujeito a provações adicionais.

#### e) Explicação dos Símbolos. 5:5-17.

**5. Jerusalém . . . no meio das nações.** Isto não se refere ao igualar de Jerusalém com o "centro da terra" dos últimos escritores apocalípticos, rabínicos e cristãos (cons. Enoque 26:1, 2; O Livro dos Jubileus 8:12, 19). Israel, é verdade, localizava-se no meio das rotas de tráfego que ligavam a Ásia, África e Europa; mas mais especialmente ela era o centro da escolha e cuidado providenciais de Deus (cons. Êx. 19:5, 6; Dt. 7:6-8; 14:2; 26:19).

**6. Ela, porém se rebelou.** Esta tradução do T.M. é preferível ao das traduções, e ela foi mudada (Teodociana, Symmachus, Samaritana, Targum e AV). A raiz é *marâ*. Quanto a hediondez do pecado de Israel, veja 16:47, 48; Jr. 2:10, 11; 18:13.

**7. Porque sois mais rebeldes.** Böttcher liga o *hamonkem* (raiz *hamâ*, "rugir, ser turbulento") do T.M. ao *hamrôtkem* (raiz *marâ*, como no v. 6), "por causa de sua rebeldia ostentosa". **Nos meus estatutos.** Apoiado pela LXX, a Antiga Latina e Siríaca. **Cumprido.** O "não" do T.M. foi omitido por cerca de trinta manuscritos hebraicos e a Siríaca.

**8. À vista das nações** (lit. *olhos*). Deus vindicará a Sua santidade diante do mundo (cons. 20:9, 14, 22, 41; 22:16; 28:25; 38:23; 39:27).

**9. O que nunca fiz.** Castigos sem paralelo adviriam a Israel da parte do Senhor (cons. Lm. 1:12; 2:20; 4:6).

**10. Os pais comerão a seus filhos.** Canibalismo (cons. II Reis 6:24-29; Lv. 26:29; Dt. 28:53; Lm. 4:10).

**11. Profanaste o meu santuário.** Veja capítulo 8 com referência aos detalhes. **Eu retirarei** (*'egda*). A tradução da RSV (*derrubarei*) segue dez manuscritos hebraicos, como também a Symmachus, o Targum, a Vulgata e o Texto Massorético.

**12. Uma terça parte . . . morrerá.** Estes juízos se referem ao versículo 2 (cons. Jr. 14:12).

**13. E me consolarei.** Forte antropopatia. "Eu me consolarei", vingando-me (cons. Is. 1:24). **No meu zelo.** O "ciúme" divino incita-o a punir a deslealdade descuidada do Seu povo (16:38, 42) e a restaurá-lo para que os pagãos não duvidem do Seu poder (36:5, 6; 38:19; 39:25-29). A solene asseveração, "Eu, o Senhor, falei", aparece nos versículos 13, 15, 17; 17:21, 24; 21:17, 32; 23:34; 24:14; 26:14; 30:12; 32:24; 36:36; 37:14; 39:5; e em outros lugares em fraseologia muito parecida com esta.

**15. Serás objeto de opróbrio.** Esta é a tradução da LXX, da Siríaca, da Vulgata, do Targum, que está de acordo com o restante do versículo.

**16. Quando eu despedir . . . contra eles.** Esta tradução difere apenas em uma letra – *bakem* em lugar de *bahem* – do T.M.

**17. "Os quatro penosos atos do juízo", fome, bestas-feras, peste e espada,** também aparecem em 14:20. Veja tb. Lv. 26:22-26; Dt. 32; 24, 25; Ap. 6:7, 8. Os juízos sobre Israel têm significado para o mundo (Ez. 5:5-8); para Israel (5:13-17); e para os sobreviventes (6:8-10).

## Ezequiel 6

**2) Um Oráculo Contra as Montanhas de Israel, Sede de Idolatria. 6:1-14.** Enquanto o profeta acusa Jerusalém nos capítulos 4-5, neste capítulo ele acusa a nação.

**a) O Destino dos Altos. 6:1-7.**

**2. Os montes de Israel.** Eles formavam o principal aspecto topográfico da terra de Israel. A frase é peculiar a Ezequiel. Veja também 6:2, 3; 19:9; 33:28; 34:13, 14; 36:1, 4, 8; 37:22; 38:8; 39:2, 4, 17. Em 36:1-15, o profeta descreve a felicidade das montanhas sob o novo reino.

**3. Montes . . . outeiros . . . ribeiros . . . vales** são aspectos físicos diferentes das planícies niveladas da Babilônia. Eram também a sede da idolatria de diversos tipos (Amós 7:9; Os. 4:13; Jr. 2:20, 23; 7:31, 32; Is. 57:3-12; Zc. 12:11; Ml. 2:10, 11). O curso da idolatria fora refreada em Israel por líderes tais como Samuel, Davi, Asa e Ezequias. Manassés reintroduziu muitos tipos de cultos pagãos. Josias ocupou-se de uma reforma de longo alcance em 622 A.C. (II Reis 23: 13.20), mas seus sucessores não prosseguiram com a sua obra. Altos. Para uma descrição dos lugares altos, veja W.F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, págs. 92, 105.107; G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 113, 114.

**4. Altares de incenso.** Não "imagens do sol" das versões mais antigas. Veja também Lv. 26:30; II Cr. 14:3; 34:4, 7; Is. 17; 8; 27; 9; Ez. 6; 4, 6. Pequenos altares de calcário, com um chifre em cada canto, e suportes de cerâmica para a queima de incenso foram encontrados em Megido. Um exemplar com inscrições encontrado em Palmira na Síria forneceu a identificação do *hamman* (cons. Albright, *op. cit.*, págs. 144-147, 215; Wright, *op. cit.*, págs. 113, 114). **Vossos ídolos.** O hebraico *gillûlîm* aparece trinta e nove vezes em Ezequiel e só nove vezes no restante do V. T. A raiz significa enrolar, mas a origem específica desta expressão de desprezo é obscura.

**5. Espalharei os vossos ossos.** Era um método de profanar altares (cons. II Reis 23:16).

**6. Para que os vossos altares sejam destruídos.** Esta tradução segue a tradução de *weyeshammû* da Symmachus, a Siríaca, o Targum e a Vulgata, em lugar de *weyeshamû*, "e serão culpados" do T.M.



**7. Para que saibais que eu sou o SENHOR.** Esta declaração, com suas variantes, a frase mais característica de Ezequiel, aparece mais de sessenta vezes no livro. O Senhor está identificado como o Deus verdadeiro, a única divindade.

**b) Um Remanescente Poupado. 6:8-10.**

**8. Mas deixarei um resto.** "Ele tempera o juízo com "a graça" (Flack; cons. sobre 5:3).

**9. Pois me quebrantei por causa do seu coração dissoluto.** Tradução de *shabartî* (segundo Áquila, Symmachus, Teodósio, o Targum e a Vulgata) em lugar de *nishbartî* do T.M., "pois me quebrantei". Literalmente, *seu coração que esteve cometendo adultério*. Compare as alegorias de Ezequiel 16 e 23. *E cegou os seus olhos* (RSV). Este verbo é necessário para expandir o severo *zeugma* literal, "quebrantar seu coração e olhos".

**10. Debalde.** O hebraico *hinnam* (um *hap. leg.* cons. o *annâma* assírio, "em vão"), um substantivo usado como advérbio, de hen; assim, "gratuitamente, por nada, em vão".

**c) Desolação Total. 6:11-14.**

As repetições neste parágrafo são características de Ezequiel e enfatizam sua função de atalaia.

**11.** O profeta deve exultar diante do castigo às abominações de Israel (cons. 21:14, 17; 22:13; 25:6) e exclamar: Ah! (cons. 25:3; 26:2; 36:2).

**12. O que estiver longe . . . o que estiver perto.** O juízo não virá apenas sobre a Palestina mas a todos os judeus. idólatras onde quer que estejam. **O que ficar. . . cercado,** ou antes, preservado (lit. observado; com. Is. 26:3). Os sobreviventes morrerão de fome.

**13. Debaixo de toda árvore frondosa, debaixo de todo carvalho espesso.** Literalmente, . . . *terebinto folhudo*. O terebinto (*'elâ*) é uma árvore decídua com folhas peniformes e frutinhas vermelhas (*Pistacia*

*terebinthus*), que geralmente atinge uma altura de 12,31m e tem galhos espalhados. Produz uma espécie de terebintina. O versículo se refere ao culto da deusa da fertilidade (cons. Os. 4:13). **Suave perfume.** No hebraico, *perfume confortante*, isto é, odor tranqüilizante de sacrifícios que se elevam (Gn. 8:21; Êx. 29:18, 25, 41; Lv. 1:9). Usado em referência a ídolos, aqui e em 16:19; 20:28.

**14. Farei a terra tornar-se desolada . . . desde o deserto até Ribla** (de acordo com as variantes da Bíblia Massorética de Ginsberg e no Códice Metropolitano de 916 d. C.); isto é, desde as fronteiras no extremo sul às fronteiras utópicas do norte (cons. Nm. 34:11, 12). O T.M. e a LXX dizem *desde o deserto de Diblata*. Não se conhece tal lugar, nem poderiam as cidades moabitas mencionadas em Nm. 33:45; Jr. 48:22 serem locais lógicos para este contexto. O nome da cidade está no acusativo (ou *diretivo*). Michaelis, destacando a freqüente confusão entre as letras *d* e *r* tanto nos caracteres arcaicos quanto nos regulares, admite que seja Ribla, uma cidade a 80 quilômetros ao sul de Hamate sobre o Rio Orontes (veja também II Reis 23:33; 25:20, 21; Ez. 48:11).

## Ezequiel 7

### 3) Lamentação por Causa da Queda de Judá. 7:1-27.

Ezequiel 7 é o clímax dos capítulos 4-6. Parcialmente lírico, parcialmente homilético, declara que chegou o momento do castigo final de Israel. Quatro oráculos curtos de desgraça dão início ao capítulo (vs. 1-18) com o tema repetido, "chegou o fim" (vs. 2.4), "chegou o mal" (vs. 5-9), "chegou o dia" (vs. 10, 11), "chegou o momento" (vs. 12, 13). As cenas finais da desolação do estado (vs. 14-27) descrevem a inutilidade da defesa (vs. 14-18), a riqueza da cidade se tornando a presa do invasor (vs. 19-22), e a estupefação tomando conta de todas as categorias sociais (vs. 23-27). A cidade (vs. 13-15), o rei (v. 27), o Templo (vs. 20-22), e o inimigo (v.24) são todos mencionados de maneira enigmática. O capítulo abunda em repetições e o hebraico apresenta muitos problemas textuais.

**a) Quatro Oráculos Sobre a Desgraça. 7:1-13.**

**2. O fim vem sobre os quatro cantos da terra.** Esta profecia se restringe a Israel (vs. 1, 3, 7. Cons. Amós 8:2; Jr. 19:22).

**3. Enviarei . . . a minha ira.** Cons. Jó 20:23; Sl. 78:49. **E te julgarei.** Literalmente, *e darei* (ou porei) *sobre ti todas as tuas abominações* (cons. vs. 4, 8, 9; 23:49). Levar a culpa era parte do castigo.

**4. Os meus olhos não te pouparão.** Cons. 5:11; 7:9; 8:18; 9:10. Embora a linguagem dos versículos 5-9 se aplique à queda de Judas, tem semelhanças com passagens escatológicas, como, por exemplo, 30:3; Joel 1:15; MI. 4:1; Dn. 12:1.

**5. Mal após mal.** Esta tradução, encontrada em trinta manuscritos hebraicos e no Targum, deriva-se da tradução de *'ahar*, "depois" em lugar de *'ahat*, "um", do T.M. (lit. um mal, chegou um mal). Cons. v. 26.

**6. O fim, despertou-se.** Um exemplo de paronomásia, ou jogo de palavras, *haqges heqqîs*. Paronomásia semelhante aparece em Amós 8:2 sobre "fruto de verão" e "fim", *qayis* e *qes* (*cai o fruto . . . Israel cairá*) e Jr. 1:11 sobre "amêndoa" e "vigando", *shaqed* e *shoked* (*uma árvore despertada . . . estou desperto*).

**7. Tua sentença** (AV, *manhã*). Esta tradução de *sepîrâ* admite uma raiz igual à cognata acadiana *sapâru* "destruir", que o significado "diadem" de Is. 28:5, ou *manhã* da AV baseada no aramaico *saphrâ*, "madrugada". **É chegado o dia.** Cons. o versículo 10. No pensamento popular, "o dia" significava a vitória de Israel sobre seus inimigos (cons. Is. 9:3; Os. 2:2; Ez. 30:9), mas os profetas destacaram seus aspectos relacionados com o juízo de Israel (Amós 5:18; Is. 2:12 e segs.; 13:9; Jr. 30:7; Ez. 7:19; 13:5; 36:33; MI. 4:1). Um desenvolvimento posterior atribuído ao "dia de Jeová", a derrota do paganismo (Jr. 46:10; Ez. 30:2 e segs.; 38:10, 14; 39:8, 11, 13; Zc. 14:3) e a introdução da nova ordem, o governo de Deus (Ez. 39:22; MI. 4:2). **Da turbacão, e não da alegria, sobre os montes.** *Ruído de batalha* e não (alegres) *gritos das montanhas* (lit. ). O T.M. é obscuro.

**8,9.** Estes versículos são virtualmente uma repetição de 3, 4.

**10. Eis o dia.** Cons. o versículo 7. Já floresceu a mora. O Texto Massorético diz *matteh*, "vara". Substituindo outros pontos vocálicos obtém-se *mutteh*, "justiça pervertida" (cons. 9:9). Isto faz paralelo com reverdeceu a soberba. São provavelmente referências ao poder governante de Jerusalém.

**11. Nada restará deles.** O texto hebraico aqui é incerto. (Veja T.H. Gaster, "Ezekiel and the Mysteries", JBL, 60 (1941), 299).

**12, 13.** Propriedades têm pouco valor tanto para **o que compra** como para **o que vende** quando há ameaça de exílio (Is. 24:2).

**13. Porque a ira . . . está sobre toda a multidão** (RSV). Traduzir *harôn*, "ira" (cons. v. 12b), por *hazôn*, "visão", do T.M. A segunda metade do versículo diz literalmente, *e um homem – na sua iniquidade (é) sua vida – eles não se fortalecerão*.

#### **b) Cenas Finais da Desolação do Estado. 7:14-27.**

**14. Prepararam tudo.** Uma forma anômala do infinitivo absoluto usado como continuação do verbo finito precedente (cons. Is. 5:5. Gesenius - Kautzsch, *op. cit.*, 72z, 113zN). **Porque toda a minha ira.** Cons. versículos 12, 13.

**15. Espada . . . fome . . . peste.** Cons. 5:2, 12; 6:12; 33:27; Jr. 14:18; Lm. 1:20.

**16. Como Pombas . . . gemendo.** Literalmente, *murmurando* ou *resmungando* (cons. Is. 38:14; 59:11). A tradução siríaca, *Todos eles morrerão, cada qual por causa de sua própria iniquidade*, parece prematura à vista dos versículos seguintes.

**17.** Aqui se descreve paralisia de força. Cons. 21:7; Is. 13:7; Jr. 6:24.

**18. Cingir-se-ão de . . . saco . . . e calva em todas as cabeças.** Eram usados para lamentar tragédias (27:31; Is. 15:2, 3; Jr. 48:37) e para chorar os mortos (Gn. 37:34; Jr. 16:6; Mq. 1:16). Os hebreus estavam

proibidos de cortar os cabelos em memória dos mortos (Lv. 21:5; Dt. 14:1; Ez. 44:20).

**19. O seu ouro lhes será como sujeira.** Literalmente, *como impureza*, isto é, a impureza cerimonial da menstruação (Lv. 15:19 e segs.; Ez. 18:6); ou de se tocar em um cadáver (Nm. 19:13, 20, 21); e aqui em se tratando de idolatria (cons. v. 20 e 36:17). Ezequiel "tem a suspeita neotestamentária sobre o dinheiro" (Lofthouse, *op. cit.*, pág. 92). **A sua prata . . . o seu ouro . . . não saciarão a sua fome.** Cons. Lm. 1:11; 2:11, 12, 19, 20; 4:4, 8-10; II Reis 6:25. Era o **tropeço** que causou a sua ruína (cons. 14:3; 18:30; 44:12).

**20. De tais precisas jóias.** Antes, *seus lindos ornamentos* (de acordo com a Siríaca, Symmachus e o T.M.). **Fizeram.** Antes, *usaram para vanglória*. Traduza-se *samuhû* (de acordo com a LXX, a Antiga Latina de Dold, a Siríaca e a Vulgata) em lugar *samuhû* do T.M. **Fabricaram suas abomináveis imagens de prata e ouro.** Cons. 16:16, 17; Os. 2:8; 8:4.

**21. E o entregarei na mão dos estrangeiros. . . e aos perversos.** Uma referência aos caldeus (cons. v. 24; 11:9; 28:10; 30:12; 31:12). Eles o profanarão, isto é, o ouro dos ídolos pelo uso comum.

**22. O meu recesso** (lugar secreto). A raiz significa esconder, entesourar. Aqui a idéia é de ambos, "segredo" e "precioso". Provavelmente é uma alusão ao Templo (cons. 24:21, 25; Lm. 2:1). Profanadores. Os saqueadores caldeus.

**23. Faze uma desolação** (RSV). A LXX anexa a frase ao final do versículo 22, dando, "e eles farão confusão". A tradução do T.M., **faze cadeia** (para os prisioneiros) não dá sentido.

**24. Os piores de entre as nações.** Os caldeus (veja também v. 21; 28:7; 30:11; Jr. 6:23; Hc. 1:6, 7, 13). **A arrogância.** *O orgulho de sua força* (de acordo com um manuscrito hebraico, a LXX, a Antiga Latina de Dold, a Árábica e costumeira frase de Ezequiel; cons. 24:21; 30:6, 18; 33:28). A tradução do T.M. é *a arrogância dos valentes*. **Seus lugares santos serão profanados.** Uma referência aos relicários locais. As

vogais pontuadas em lugares santos apresentam uma forma participial, "aqueles que os santificam", que pode ser facilmente corrigida.

**25. Vem a destruição.** Literalmente, *vem o estremecimento*.

**26. Virá miséria sobre miséria.** A palavra hebraica *howâ*, "desastre, ruína", é diferente da palavra do versículo 5, *ra'â*, "mal" (cons. Jr. 4:20). **Profetas** com oráculos do Senhor, sacerdote com a instrução da Lei e os **anciãos** com o seu conselho em assuntos civis pareciam mudos (cons. Jr. 18:18; Lm. 2:9).

**27. O rei . . . o príncipe . . . o povo também se sentiam incapazes.** Ezequiel se refere a Joaquim (17:12), aos reis do passado (43:7, 9) e ao futuro governante (37:22, 24) chamando-os de **rei**, mas ele não usa o título em relação ao reinante Zedequias (12:12; 21:25). **Príncipe** é a designação para o chefe da nova comunidade (45:7, 8, 10, 17, 22 ; 46:2 e segs., 16 e segs.; 48:21, 22), da qual só Jeová é o rei. Usou-se em relação membros da classe governante em 21:2; 22:6. **O povo da terra.** Aqui, o de Israel em geral (*'am ha' ares*; 12:19; 33:2; 39:13; 46:3,9). No período o termo foi usado com desprezo quando se tratava de outra gente e não os hebreus, na Palestina (Ed. 4:4; 10:2,11; Ne. 10:31). No Mishna significa a multidão vulgar que não conhece a Lei (cons. *Aboth* ii, 5; João 7:49). E com os seus próprios juízos. Assim dizem vinte manuscritos hebraicos e a Vulgata. O T.M. diz e em seus próprios juízos.

### **C. O Pecado e o Destino de Jerusalém. 8:1 – 11:25.**

O profeta é transportado em Espírito a Jerusalém, onde em visão ele vê e descreve quatro formas de idolatria praticadas no Templo (cap. 8), a matança dos habitantes idólatras pelos vingadores divinos (cap. 9), a destruição de Jerusalém pelo fogo (cap. 10), e o abandono da cidade e do santuário pelo Senhor, junto com a predição da restauração (cap. 11).

## **Ezequiel 8**

### **1) Visão das Quatro Abominações Praticadas no Templo. 8:1-18.**

Neste capítulo se descreve a idolatria e a superstição praticadas em público e em particular por todas as categorias sociais. O contraste entre o Deus glorioso e santo e este culto degradante é espetacular.

### **a) A Imagem do Ciúme. 8:1-6.**

**1. No sexto ano.** Esta visto é datada quatorze meses mais tarde que o da vocação de Ezequiel (1:1, 2) em cerca de agosto/setembro de 591 A.C. **Estando eu sentado em minha casa, e os anciãos de Judá assentados diante de mim.** Os líderes representativos dos exilados ou do *gôlá* são freqüentemente mencionados (cons. 11:25; 14:1; 20:1, 3). **A mão do SENHOR Deus** pôs Ezequiel em estado de transe (cons. 1:3; 11:5).

**2. Uma figura como de fogo.** A tradução da LXX de homem, *'ish*, é preferível a "fogo", *'esh*, do T.M. e concorda com a descrição de 1:26, 27.

**3. O Espírito . . . me levou a Jerusalém em visões de Deus.** Somos claramente informados de que essas visões (v. 3; 11:24; veja 3:12) eram uma espécie de "sexto sentido" e não levitações físicas (cons. II Reis 5:26; 6:8-12; Is. 21:6-10). Compare com Bel e o Dragão, versículos 33-39, onde o anjo de Deus transporta Habacuque fisicamente de Judá até a Babilônia pelos cabelos de sua cabeça.

**Até a entrada da porta do pátio de dentro.** O pátio de dentro era o pátio do templo propriamente dito (v. 16; 10:3; I Reis 6:36; 7:12). O pátio do meio, em um nível mais baixo, continha o palácio (I Reis 7:8; II Reis 20:4). Em um nível ainda mais baixo ficava o grande pátio ou o pátio externo, que rodeava todo O conjunto do palácio (Ez. 10:5; I Reis 7:12. Veja descrição e plano, W. S. Caldecott, "Templo", ISBE, V, 2932 e seguintes). Nos antigos templos a entrada era uma construção coberta contendo uma porta (vs. 3, 5, 7).

**Onde estava colocada a imagem dos ciúmes,** não os "ciúmes" propriamente ditos, mas (aquilo) "que prova o ciúme" (cons. 5:13; 16:38, 42; 36:6; 38:19; Dt. 32:21). Talvez fosse uma imagem de Asera, a deusa-mãe dos cananeus, entronizada por Manassés (II Reis 21:7) e

subseqüentemente destruída por Josias (II Reis 23:6). Albright defende que a limagem ou um altar esculpido (heb., *semel*; só usado aqui e em Ez. 8:5; Dt. 4:16; II Cr. 33:7, 15). Semelhantes aos que foram encontrados na Síria, na Ásia Menor e Mesopotâmia, eram colocados em nichos na parede (veja *Archaeology and Religion of Israel*, págs. 105, 166, 221). Estariam as mulheres chorando por Tamuz porque o nicho estava vazio (v. 14)?

**4. A glória do Deus de Israel.** Veja comentário referente a 1:28.

**5. Eis que da banda do norte, à porta do altar, estava esta imagem dos ciúmes.** A porta do norte era a mais freqüentemente usada, pois os edifícios do palácio ficavam ao sul e a leste.

**6. Abominações . . . de Israel** estavam causando o afastamento de Jeová do **santuário** (cons. 11:1, 22, 23). **Verás ainda maiores abominações.** Veja versículos 13, 15.

**b) A Idolatria Secreta dos Anciãos. 8:7-13.**

**7. À porta do átrio** é ao que parece a entrada externa da porta que dava para o pátio interno (cons. v. 3).

**8, 9.** Ele viu um buraco na parede, foi ordenado a que cavasse através da parede e ali viu uma porta, através da qual recebeu ordem de passar.

**10. Pintados** (lit. , *esculpidos*; 23:14) **na parede em todo o redor** (enfático, **em todo o redor, em todo o redor**) havia "toda forma" de **répteis**. Albright (*op. cit.*, pág. 166) vê aqui um culto sincretista de origem egípcia, enquanto que outros acham que é de influência babilônica, ou um primitivo culto cananita. **Ídolos.** Os ídolos de 6:4.

**11. Setenta homens.** Provavelmente um número redondo dos cidadãos proeminentes do Exílio (cons. Êx. 24:1; Nm. 11:16, 24, 25). **Jazánias.** Aparentemente um homem muito conhecido. Se este homem era **o filho de Safã**, que ajudou na reforma de Josias (II Reis 22:3-10; Jr. 26:24; 29:3; 36:10-12; 39:14), ele corrompeu grandemente a fé de sua



família. **O aroma.** A palavra hebraica *athar* é um *hapax legomenon* e seu significado é suposto do contexto e das versões.

**12. Nas trevas;** isto é, em segredo. **Cada um nas suas câmaras pintadas.** Câmara tem o apoio da LXX, a Siríaca, o Targum e a Vulgata. *Em sua câmara secreta* é a tradução da LXX, da Siríaca e da Vulgata. *Na câmara de sua habitação*, isto é, "no Templo", parece ser a tradução do Targum. Talvez tudo isto signifique "em sua imaginação".

Duas razões são dadas para suas práticas: **O SENHOR não nos vê;** **o SENHOR abandonou a terra.** Cons. 9:9; Sl. 94:7.

### **c) Mulheres Chorando por Tamuz. 8:14, 15.**

**14. Tamuz.** Este deus tem sua origem no Dumuzi sumeriano, o deus do oceano subterrâneo e uma divindade pastoral, cuja irmã consorte, Inana-Ishtar, desceu ao mundo dos mortos para tomar a trazê-lo à vida. Em sua adoração encontramos semelhanças com o Osíris egípcio, o Baal cananeu e o Adônis sírio. Gebal ou Biblos, 36,6 quilômetros ao norte de Beirute, era o grande centro da adoração a Adônis. A morte noturna do deus, a morte do deus antes da descida do inverno, ou a morte prematura do deus com o verão escaldante são variações do tema da morte e da ressurreição. A lamentação pelo deus era seguida por uma celebração da ressurreição. Sacrifício humano, castração, virgindade e relações sexuais faziam parte dos rituais em uma e outra ocasião (veja S. Langdon, *Mythology of All Races: Semitic*, págs. 336-351, e *passim*). Aqui, as mulheres judias se vêem ocupadas em rituais fúnebres do nuto vegetativo que envolvia a adoração de Tamuz. Talvez haja alusões a Tamuz em Dn. 11:37 e Zc. 12:11.

### **d) Adoradores do Sol no Pátio Interno. 8:16-18.**

**16. No átrio de dentro da casa do SENHOR, perto da entrada do templo ... entre o pórtico,** no extremo leste do Templo (I Reis 6:3) e **o altar** dos holocaustos (I Reis 8:64), havia cerca de vinte e cinco homens. Isto dá a idéia de que eram sacerdotes (cons. Joel 2:17), os vinte

e quatro líderes dos turnos dos sacerdotes (I Cr. 24:5 e segs.) e o sumo sacerdote (*Keil*). Esses homens são chamados "anciãos" em Ez. 9:6, mas Jeremias também refere aos "anciãos dos sacerdotes" (Jr. 19:1) ou "sacerdote superiores" (RSV). Ao adorarem **o sol virados para o oriente**, naturalmente ficavam de costas para o Templo. Quanto à referências à adoração do Sol, veja Dt. 4:19; II Cr. 14:5; II Reis 23:5; Jr. 44:17 (?); Jó 31:26.

**17. Encham de violência a terra.** A palavra **violência** pode significar atitudes erradas para com o homem e também para com Jeová (7:23; 12:19; 22:26; cons. 11:1-13). **Ei-los a chegar o ramo ao seu nariz.** O significado é incerto. Alguns encontraram uma referência ao uso zoroástrico de ramalhetes de ramos de murta, ou os sagrados raminhos *barsom* que os parsas seguravam enquanto oravam, ou mesmo a símbolos fálicos.

**18. Pelo que também eu os tratarei com furor.** Cons. 5:11; 7:4, 9; 9:5, 10.

## Ezequiel 9

### 2) Visão dos Habitantes Mortos pelos Vingadores Divinos. 9:1-11.

**1. Chegai-vos, vós executores da cidade.** O substantivo abstrato hebraico "visitação" deve ser tomado no sentido concreto no plural – "supervisores, oficiais, executores" (por exemplo, 44:11; II Reis 11:18; Jr. 52:11). **Cada um com as suas armas destruidoras na mão . . .**

**2. Eis que vinham seis homens.** Agentes sobrenaturais em forma humana. **Porta superior, que olha para o norte.** Esta porta foi mencionada em 8:14 e talvez em 8:3, 5, 7. Cons. II Reis 15:35; Jr. 20:2, 10; 36:10. **Cada um com as suas armas destruidoras na mão.** Certo homem vestido de linho. Vestimentas brancas sugerem santidade e eminência divinas (cons. Dn. 10:5; 12:6, 7; Ap. 15:6). Com **um estojo de escrevedor.** Expressão que aparece só aqui e nos versículos 3, 5, 11. A palavra parece ser uma palavra emprestada do egípcio. Era um estojo com penas de bambu, um recipiente para tinta que era carregado junto ao

cinto ou faixa (cons. J. P. Hyatt, "The Writing of an Old Testament Book", BA, VI (1943), págs. 78, 79). O aparecimento de sete anjos é comum; veja Ap. 8:2, 6; 15:6; Enoque 20:1-8; 81:5; 87:2; 90:21; 22. Não passa de conjectura a explicação de que o seu número é equivalente aos deuses dos sete planetas (incluindo o sol e a lua). **E se puseram junto ao altar de bronze.** Fora construído por Salomão (I Reis 8: 64; II Cr. 4:11 e foi mais tarde substituído pelo altar de pedra de Acáz (II Reis 16: 14).

**3. A glória do Deus de Israel se levantou do Querubim.** Alguns dizem: *dos querubins no lugar santíssimo no Templo*. O texto implica em que Jeová se aproximou da soleira (9:3), enquanto os querubins e o trono vazio aguardaram (10:3) até que o Senhor voltou a se assentar e partiu (10:18).

**4,5.** O Senhor ordenou ao homem com o estojo de escrevedor que marcasse **com um sinal a testa** daqueles que choravam os pecados da cidade, enquanto os demais deviam ser mortos indiscriminadamente pelos seis executores. Aqui a palavra **sinal** é *taw* (no inglês, "t"), a última letra do alfabeto grego, escrita na antiga forma de uma cruz. Compare o "sinal" dado para proteger a Caim (Gn. 4:15); o sangue na verga e nas ombreiras da porta na noite da primeira Páscoa (Êx. 12:23); e o selo dos santos de Deus (Ap. 7:3-8; 9:4; 14:1; 22:4). Orígenes e Jerônimo encontraram significado místico no sinal.

**6.** A matança era para dizimar todas as categorias sociais incluindo crianças (compare com Jonas 4:11), mas não devia tocar **a todo homem que tiver o sinal**. Ezequiel costuma destacar a doutrina da responsabilidade pessoal pelo pecado (cons. 3:19; 14; 18; 33). Tal como Elias, ele descobriu que não se encontrava sozinho em sua lealdade para com Deus (I Reis 19:18). **Começai pelo meu santuário.** Onde a mais vulgar idolatria fora levada avante. Nem Ezequiel nem Jeremias se apegaram à inviolabilidade do Templo (Cons. Jr. 7:4 e segs.; I Pe. 4:17).

**7. Contaminai a casa.** O Templo foi profana o com a matança. Compare com o que realmente aconteceu, II Cr. 36:17,18. Veja também

Ap. 14:9-11, onde aqueles que receberam o sinal da besta (Ap. 13:16-18) foram sujeitos a tormentos divinos.

**8. Dar-se-á . . . que destruas todo o restante de Israel.** De tal modo Ezequiel se identificou com a ira do Senhor contra o pecado que raramente encontramos expressões de piedade nele. Veja, contudo, 11:13; 24:15 e segs. Compare com as intercessões de Abraão (Gn. 18:23-32), Amós (Amós 7:1-6), Jeremias (Jr. 14; 15).

**9.** A culpa da terra estava no derramamento de sangue e na perversão da justiça (cap. 22). O povo sentia que podia pecar impunemente, proclamando, **O SENHOR abandonou a terra e o SENHOR não nos vê.** Todos os profetas faziam Israel se lembrar de que o Deus justo quer um povo justo, e que a calamidade nacional é um castigo para o pecado nacional.

**10. Os meus olhos não pouparão.** Veja também 5:11; 7: 4, 9; 8:18; 9:5; Is. 5:25 e segs.; Amós 1:3, 6 e segs.

**11. O homem que estava vestido de linho.** O anjo "secretário" declarou que já trilha executado sua tarefa, e o silêncio sinistro com referência aos seis executores implicava na execução de suas tarefas também.

## Ezequiel 10

### 3) Visão de Jerusalém Destruída pelo Fogo. 10:1-22.

A porção da narrativa do capítulo compreende os versículos 2-4, 6, 7, 18, 19 e fica completada por 11:22-25. O restante do capítulo contém descrições do carro-trono muito parecidas às do capítulo 1. O anjo escrevedor recebe fogo dos querubins para queimar a cidade e a glória do Senhor afasta-se para a porta externa oriental do pátio externo.

**1. Olhei.** Cons. 1:26. O trono estava vazio (cons. 9:3) e o carro aguardava o retomo do Senhor (10:3, 18).

**2. O Senhor se dirigiu ao homem vestido de linho** que, neste capítulo se torna o agente da destruição. *Vai por entre as rodas rodopiantes* (RSV). O hebraico *galgal*, "redemoinho" tem sido usado

referindo-se a carros (23:24; 26:10); rodas (Is. 5:28; Jr. 47:3); e dos redemoinhos (Sl. 77:18; 83:13 ). Aqui a palavra está no singular e no coletivo, descrevendo todo o conjunto de rodas. **Debaixo dos querubins.** A LXX, a Siríaca e a Vulgata dão o plural querubins enquanto o T.M. dá o singular *querubim*, mas o singular pode ser usado no sentido coletivo, como acontece com referência aos "seres vivos" dos versículos 15, 17, 20. **Brasas acesas . . . espalhadas sobre a cidade.** Deus propôs-se a destruir Jerusalém. Compare o acontecimento com o registro de II Reis 25:9. Sodoma e Gomorra também foram destruídas por Deus (Gn. 19:24).

**3. Os querubins estavam ao lado direito (literalmente) da casa;** isto é, do Templo. E a nuvem encheu o átrio interior, indicando a Presença Divina (cons. v. 4; Êx. 33:9, 10; I Reis 8:10, 11; Is. 6:1).

**4. Então se levantou a glória do SENHOR.** A primeira metade do versículo é uma repetição do ato descrito em 9:3.

**5. O tatar das asas dos querubins.** Cons. 1: 24.

**6. E se pôs junto às rodas.** Cons. versículo 2; e 1:13.

**7.** Um querubim que estava ao lado aproximou-se do escrevedor e lhe entregou o fogo. A narrativa nada diz sobre como foi espalhado sobre a cidade, mas isto se presume.

Nos versículos 8-17, há uma nova descrição do carro-trono, muito parecida com a do capítulo 1, mas com um aspecto adicional onde os seres vivos são definitivamente identificados como querubins.

**8. Mão de homem.** Cons. 1:8. 9,10. Rodas. Cons. 1:16. 11.

**Não se viravam.** Cons. 1:9, 17. **Para onde ia a primeira.** Literalmente.

**12. Estavam cheias de olhos ao redor.** O T.M. diz: *E seu corpo e costas e mãos e asas e rodas estavam cheios de olhos*, o que parece confundir os querubins com as rodas. *Costas* podem ser traduzidas para **cambotas** (cons. 1:18) e mãos para **raios**, limitando a referência às rodas.

**13.** Este versículo está definidamente fora de lugar e ficaria melhor após o versículo 6.

**14. Cada um . . . tinha quatro rostos.** Cons. 1:10, onde cada querubim tem quatro rostos. Neste versículo, o que se tem em mente é que o profeta, que estava ao norte do carro e olhando para ele, viu um dos rostos de cada querubim que estava voltado para ele, e não todos os quatro rostos dos quatro querubins. Assim, à frente do carro, diretamente em frente dele, estava o *boi* (em lugar do **querubim**), ao norte ficava o **homem**, por trás do carro ficava o **leão**, e ao sul, a face interna, a **águia**.

**15.** Cons. os versículos 19, 20, 22. Seres viventes é um nome singular usado coletivamente aqui e nos versículos 17, 20.

**16.** Cons. 1:19. **As rodas não se separavam deles** dá a idéia de que as rodas não saíam de perto dos querubins. A preposição *min*, "de", geralmente perde o seu significado em outra língua, e fica melhor não traduzida, colocando assim a frase de acordo com 10:11; 1:9, 12, 17 (cons. BDB, pág. 581, com referência a *min*, 4c).

**17. Parando eles, paravam elas.** Cons. 1:21.

**18. A glória do SENHOR** (afastou-se) **da entrada da casa** (cons. 9:3), **e parou sobre os querubins**, preparando-se para partir.

**19.** O carro-trono dirigiu-se para **a porta oriental**, ao que parece do pátio externo, parou rapidamente sobre o das Oliveiras "ao oriente da (11:23), e foi-se de todo. Mais tarde visão profética, Ezequiel viu a retornar pelo mesmo portão (43:1-4).

**20. Os seres . . . eram querubins**, já identificados no versículo 15.

**21, 22. Quatro rostos.** Cons. 1:6, 8, 9, 12a. A etimologia de querubim, querubins, ainda é duvidosa, embora o acadiano *karâbu*, "ser misericordioso, abençoar" e *karubu*, "intercessor", podem ser consideradas formas cognatas. São figuras compostas e simbólicas representando a natureza humana espiritualizada, santificada e exaltada para ser o lugar da habitação de Deus. Funcionam de diversos modos: a) eles guardam a árvore da vida (Gn. 3:24), e a arca no Templo de Salomão (I Reis 6:23-28; 8:7); b) ocupam-se da adoração a Deus em

relação com o propiciatório no Tabernáculo (Êx. 25:18, 20; 37:7-9); c) sustentam o trono do Senhor (I Sm. 4:2; II Sm. 6:2; II Reis 19:15; Sl. 80:1; 99:1); e d) personificados no vento e na nuvem, formam o carro da Divindade (II Sm. 22:11; Sl. 104:3; 1 Cr. 28:18). Esses diversos conceitos estão presentes em Ezequiel, especialmente na lua função de sustentadores do trono de Jeová. No livro do Apocalipse eles estão ocupados em adoração perpétua (4:6 e segs.; 5:6 e segs.; 6:1 e segs.; 7:11). Quando a humanidade redimida entrou no céu, essas figuras representando a humanidade, tendo servido ao seu propósito, desaparecem (Veja G. A. Cook, ICC, págs. 113, 114, e uma discussão completa de "querubim" em P. Fairbairn, *The Typology of Scripture*, I págs. 215-239).

## **Ezequiel 11**

### **4. Visão da Condição Interna da Cidade e o Afastamento do Senhor Dela. 11:1-25.**

Nos capítulos 8-10, o profeta denuncia o sincretismo religioso. Neste capítulo ele denuncia a falsa confiança dos líderes de Jerusalém que achavam que a cidade estava em segurança e que os habitantes eram moralmente superiores do que os exilados que tinham sido deportados para a Babilônia em 597 A.C. (vs. 1-13). Então ele faz soar uma mensagem de esperança para os exilados, declarando que Deus substituirá seu coração de pedra com um coração de carne (vs. 14-21). A glória divina levanta-se da cidade e se transfere para o Monte das Oliveiras; o profeta é "levado de volta" para a Babilônia; e logo após transmite sua visão aos exilados (vs. 22-25). A narrativa parece seguir o capítulo 8, e parece fora de lugar depois dos acontecimentos descritos no capítulo 10; mas em uma visão não se deve esperar ordem cronológica.

#### **a) A Carne e a Panela. 11:1-13.**

**1.** Ezequiel foi transportado ao portão oriental externo, onde viu **vinte e cinco homens** (não os mesmos de 8:16), entre os quais se

encontrava Jazánias (não o mesmo personagem de 8:11) e Pelatias, **príncipes do povo**. Eles representam o governo civil de Judá.

**2.** Esses homens deram conselhos perversos em detrimento da cidade. O partido antibabilônico aconselhava que a nação devia rebelar-se contra Nabucodonosor e fazer uma aliança com o Egito (cap. 17), contrariando as ordens de Deus (Jr. 28:16), e que violasse o juramento que seu governador fizera para com o monarca caldeu (II Cr. 36:13). Era o partido da violência (7:23; 9:9; 11:6; cap. 22).

**3. Não está próximo; o tempo de construir casas.** Se traduzido como pergunta: "Não está próximo o tempo de construir casas? " (lit. *não está próxima a construção de casas?*), temos uma indicação do conselho que contrariava o dos profetas. Então segue-se o dito popular: **Esta cidade é a panela**, que nos protege do fogo **e nós a carne**, coisa valiosa em contraste com o caldo inútil que foi lançado fora, como os exilados para a Babilônia. Mas em Jeremias 24, dá-se exatamente a avaliação oposta quanto aos remanescentes em Jerusalém e os exilados na Caldéia.

**5 Caiu . . . sobre mim o Espírito do SENHOR.** Só aqui foi usada esta expressão em Ezequiel. O Profeta foi capacitado a profetizar enquanto ainda se encontrava em transe.

**6, 7.** Ezequiel inverte o significado do provérbio, comparando a **cidade** a um *caldeirão* fervendo com o fogo do juízo, e à **carne** dos monos pelas ruas (cons. 7:23; 22:25).

**8. A espada.** Os de Jerusalém participariam do destino dos exilados. Para a antítese veja 35:6.

**9. Estrangeiros . . . juízos.** Cons. 7:21; 5:10.

**10, 11. Nos confins de Israel vos julgarei;** isto é, longe da cidade que era considerada protetora. O juízo terrível do Rei Zedequias e os demais líderes aconteceu em Ribla (veja comentário em 6:14). Com. Jr. 39:5-7; 52:24-27; II Reis 25:18-21.

**12. Eu sou o SENHOR.** Este versículo repete um grupo das frases de Ezequias. Cons. v. 10; 5:6; 18:9, 17.



**13. Ao tempo em que eu profetizava.** Ezequiel, capacitado pelo Espírito de Deus para discernir coisas à distância e no futuro, viu a morte de Pelatias, um dos vinte e cinco líderes. A seguir ele intercedeu pelo **restante de Israel** (cons. 9:8).

**b) Esperança para os Exilados 11:14-21.**

**14. A palavra do SENHOR.** Cons. 6:1; 7:1; 12:1.

**15. Os homem do teu parentesco.** De acordo com a LXX, a Antiga Latina de Dold e a Siríaca, traduza-se *gelluteka* em vez de *geullateka* do T.M. "sua redenção, parentela". Os exilados **e toda a casa de Israel**, descendentes do cativeiro de Samaria de 722-721, foram desprezados pelos habitantes de Jerusalém, que agora reivindicam a posse da terra.

**16. Ainda que os espalhei** (cons. 20:23; 28:25; 36:19), **todavia lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo** (lit. , *em pequena medida*). Não no sentido de asilo, mas como Alguém maior que o Templo, cuja presença santifica (cons. Sl. 84; 137:4-6; Is. 8:12, 13). Até **nas terras para onde foram**. Cons. 12:16; 36:20-22.

**17. Hei de ajuntá-los.** O ajuntamento dos exilados é uma freqüente em Ezequiel 20:34, 41, 42; 28:25; 29:13; 34:13; 36:24; 37:31; 38:8; 39:27; como nos outros profetas: Jr. 23:3; 29:14; 31:8, 9; 32:37; Is. 43:5, 6; 54:7; 56:8; Zc. 10:8, 9. **E lhes darei a terra de Israel.** Cons. 20:42; 28:25; 34:13; 37:21; 39:28 ; e em outras passagens. O anseio de retornar à terra de Israel, reunia motivos patrióticos e religiosos, caracterizando o Judaísmo através dos séculos.

**18. Os exilados ao retornar removerão todas as suas abominações** da terra. Adoração pura é a condição para a renovação do verdadeiro relacionamento com o Senhor (cons. 14:6; 18:30, 31).

**19. Dar-lhes-ei um só coração.** Três manuscritos hebraicos e a Siríaca dizem: *um novo coração*, como em 18:31; 36:16. A LXX diz *outro coração*. Na Bíblia o coração é considerado como a sede das atividades mentais do homem, sua mente, sua vontade. O **espírito** é

considerado como hálito, vento, disposição que anima as ações. Os dois juntos constituem o ser humano interior, no qual Deus instilaria energia. Em lugar do "coração de pedra", insensível, obstinado, Deus lhes daria um **coração de carne** (cons. 36:26, 27; Jr. 31:31-33), que seria "sensível, receptivo ao toque divino e obediente à Sua vontade" (Bewer). Esta é a obra de Deus, seu dom da graça.

**20. Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.** Veja também 14:11; 36:28; 37:23, 27. Cons. Jr. 24:7; 30:22; 31:1, 33; 33:28. A comunidade do futuro será composta de indivíduos convertidos.

**21. Mas, quanto àqueles cujo coração se compraz em . . . ídolos detestáveis.** Literalmente, *e quanto ao coração de suas coisas detestáveis e as abominações que o seu coração busca*. A tradução mais certa se obtém com a ajuda do Targum e da Vulgata.

### **c) Afastamento da Glória Divina. 11:22-25.**

A narrativa do capítulo 10 está completa com este parágrafo.

**23. Do meio da cidade.** O Templo ficava na fronteira oriental da cidade, mas era o foco da vida da cidade :O monte que está ao oriente da cidade, do outro lado do vale do Cedrom, ou vale de Josafá, era o Monte das Oliveiras (cons. II Sm. 15:30; Zc. 14:24). Nesse monte Jesus chorou pela cidade condenada (Lc. 19:37-44). Cons. Ez. 10:19; 43:1-4.

**24. O Espírito . . . me levou na sua visão à Caldéia, para os do cativoiro,** veja comentário referente a 8:3.

**25. O profeta contou aos anciãos assentados diante dele (8:1), todas as coisas que o SENHOR me havia mostrado.**

### **D. A Necessidade Moral do Cativoiro. 12:1 – 19:14.**

As mensagens anteriores de Ezequiel previam a queda da nação. Nesta seção (caps. 12-19), o profeta trata das objeções dos homens que achavam que a tempestade era passageira, que não viam a calamidade iminente, e que achavam que o Senhor jamais repudiaria o Seu povo. Por meio de atos simbólicos, alegorias e parábolas, Ezequiel demonstra a

necessidade moral do cativo. Ele apresenta dois quadros simbólicos de fuga da cidade cercada (12:1-20), debate com os falsos profetas (12:21 - 14:23), descreve Israel como uma videira inútil (cap. 15), e numa alegoria detalhada recorda a longa história da infidelidade de Israel para com o seu esposo divino (cap. 16). Ele retorna à metáfora da videira para enfatizar a deslealdade de Zedequias (cap. 17), responde às objeções ao castigo divino por meio de uma análise da responsabilidade individual (cap. 18), e explode em uma lamentação pelos príncipes de Judá e pela própria Judá (cap. 19).

O assunto principal dos capítulos 12-24 pode ser classificado em três categorias. I. Israel Infiel: a videira inútil (cap. 15); a criança enjeitada que se tomou uma esposa infiel (cap. 16); as duas irmãs infiéis (cap. 23); uma recordação da história de Israel (20:1-44). II. O Pecado e o Seu Julgamento: profecia e seus abusos (12:21 - 14:23); liberdade moral e responsabilidade pessoal (cap. 18); o castigo que Jerusalém necessitava pelos seus pecados (cap. 22). III. O Fim da Monarquia: dois atos simbólicos (12:1-20); duas águias e a videira (cap. 17); dois leões e a videira (cap. 19); a espada vingativa do Senhor (20:45 - 21:32); a alegoria da panela enferrujada (cap. 24).

## Ezequiel 12

**1) Ações Simbólicas Representando o Exílio e a Invasão (caps. 4; 5). 12:1-20.**

### **a) Símbolo do Exílio e Sua Exposição. 12:1-16.**

**1. Veio a num a palavra do SENHOR, dizendo.** Esta fórmula aparece seis vezes: aqui e nos versículos 8, 17, 21, 26; 13:1.

**2. Os exilados na Babilônia são da casa rebelde** (2:3, 6-8; 3:26, 27). **Têm olhos para ver** mas não discernem o significado moral dos acontecimentos (Dt. 29:3, 4; Is. 6:9; Jr. 5:21; Mc. 8:18; Atos 28:27).

**3-7. O profeta recebeu a ordem de preparar uma bagagem de exílio** (lit., *faça recipientes de exílio*), tais como as provisões sumárias

carregadas pelos exilados em sobre as costas, que ele devia trazer fora à **vista deles . . . de dia**. Depois sair **à tarde . . . à vista deles**, abrir **um buraco na parede**, talvez em sua saindo por ali (é preferível a da LXX, Siríaca, Vulgata e Targum ao *trazer para fora* do T.M.), carregando a bagagem sobre os seus ombros *na escuridão espessa* (vs. 6, 7, 12). Devia também cobrir sua face (lit. olhos). Fazê-lo seria um **sinal** ou presságio para **a casa de Israel**. Veja também o v. 11; 24:24, 27; cons. Is. 8:18; 20:3; Zc. 3:8.

**10. Esta sentença refere-se ao príncipe em Jerusalém.** Literalmente, *o príncipe é este oráculo*, ou *responsabilidade*. Aqui há um trocadilho com as palavras equivalente a "o líder é este fardo". Ezequiel não se refere em nenhum lugar a Zedequias como rei. **E a toda a casa de Israel, que está no meio dela.** Leia-se *betôkâh* em lugar de *betôkam* do T.M. "no meio deles".

**11. Eu sou vosso sinal.** Literalmente, *seu presságio, símbolo*. Cons. o versículo 6. Assim se lhes fará a eles; isto é ao povo de Jerusalém.

**12. O príncipe (Zedequias) . . . levará** ("sua bagagem" deveria ser acrescentado como objeto direto). **Abrirá um buraco na parede**, seguindo a LXX e a Siríaca. O TM. diz *eles cavarão*, o que poderia se referir aos servos de Zedequias. **Para sair por ele.** De acordo com a LXX, a Siríaca e o Targum. O T.M. diz *para trazer* (acrescentar o pronome "o") *através dele*. **Para que seus olhos não vejam a terra.** A LXX tem uma tradução divergente: *para que ele não seja visto por um olho, e ele mesmo não veja a terra*. O versículo 12 refere-se ao disfarce de Zedequias, enquanto que o versículo 13 refere-se a sua subsequente cegueira em Ribla (II Reis 25:4-7; Jr. 52:8, 11).

**13. Minha rede . . . minhas malhas.** Veja também 17:20; cons. 19:8, referindo-se a Joaquim. **Babilônia . . . não a verá.** Zedequias, devido a quebra do seu juramento de fidelidade, ficou cego e morreu no cativeiro da Babilônia (cons. 17:1-21).

**14. Espalharei todos os que para o ajudarem estão ao redor dele.** (*Seus ajudantes*, de acordo com a LXX, a Antiga Latina de Dold, a

Siriaca e o Targum). O TM, diz *sua ajuda*, um substantivo abstrato usado no sentido concreto, **E todas as suas tropas**. Uma palavra emprestada do acadiano, "asas"; de onde "ala de um exército", "hordas"; usado metaforicamente também em 17:21; 38:6, 9, 22; 39:4. Desembainharei a espada. Cons. 5:2, 10, 12.

**15. Saberão que eu sou o SENHOR.** Veja 6:10.

**16. Deles deixarei ficar alguns poucos que escaparão.** Literalmente, *deixarei deles homens em número*; isto é, "homens poucos em número". Cons. a expressão em Gn. 34:30; Dt. 4:27; Sl. 105:2; Jr. 44:28. Veja também Ezequiel 6:8-10. **Para que publiquem . . . entre as nações.** Preservando os sobreviventes, o Senhor tornará claro às nações, que a catástrofe do Seu povo era devida não à Sua impotência mas à Sua justiça. Ele se preocupa com a honra do Seu nome. Veja 14:21-23.

**b) Símbolo do Cerco, 12:17-20.**

**18.** Com este símbolo de comer o pão **com tremor** e beber a água **com estremecimento e ansiedade**, compare o símbolo exposto em 4:9-17. Ali a ênfase está sobre a escassez do alimento; aqui sobre o terror. A palavra com tremor, *ra'ash*, se aplica a um terremoto (3:12; 37:7; Amós 1:1); ao tremor hiperbólico da terra devido as lutas na guerra (Is. 9:4; Jr. 47:3; Jó 39:24; 41:21).

**19. Ao povo da terra.** A população, aqueles que foram deixados para trás, em Judá (cons. 7:27). **Que a sua terra será despojada de tudo quanto contém.** *A fim de que a sua terra* (isto é, Jerusalém) seja despojada de sua plenitude (lit.; cons. construção semelhante em 32:15). **Por causa da violência de todos os que nela habitam.** Veja Amós 3:9-11 sobre a violência de Israel.

**20.** Cons. 35:4.

**2) A Profecia e os Seus Abusos, 12:2 – 14:23.**

Nesta coleção de oráculos o profeta com a atitude popular de desprezo com a profecia (12:21-28), referindo-se ao ditado popular que

dizia que a profecia já não se cumpria mais (vs. 21-25), e que as profecias de Ezequiel referiam-se a um futuro distante (vs. 26-28). Diante dessas acusações Ezequiel responde que as profecias referem-se ao presente e que se cumprirão. Isto leva a uma discussão dos enganadores do povo, falsos profetas e falsas profetizas (cap. 14). Os profetas mentirosos são comparados a raposas que gostam de ruínas (vs. 1-9); aos que caíam as paredes instáveis que o povo constrói; isto é, eles aprovam lisonjeiramente os fúteis projetos do povo (vs. 10-16). As falsas profetizas, mulheres execráveis que afirmam lerem o futuro sob pagamento e prediziam o sucesso para os perversos, são acusadas (vs. 17-23). O profeta então volta-se para a maldade daqueles que fazem perguntas referentes a Deus mas cujos corações estão apegados aos seus ídolos o tempo todo (14:1-11). Isto levanta o problema da responsabilidade geral. A presença de um homem justo entre um povo pecador não salvará a terra quando Deus derramar o Seu juízo sobre ela (14:12-23).

### **a) Repreensão Contra o Desprezo à Profecia. 12:21-28.**

**22. Que provérbio é esse.** A palavra hebraica *mashal* é aparentemente um verbo com o significado de "assemelhar-se, comparar, ser igual"; por isso, uma "comparação" ou "similitude". Bentzen e J. Pedersen deriva-o de um verbo significando "governar"; portanto, uma sentença enunciada por governantes cheios de poder de almas poderosas, uma palavra sublime, sobrevivendo ao momento efêmero. Ezequiel muitas vezes cita e replica aos ditados populares (8:12; 11:3; 16:44; 18:2; 20:32). O tempo passa **e não se cumpra a profecia** (AV, *falha*); isto é, torna-se uma ameaça mona. O fracasso da profecia em se realizar tornou-se um provérbio. Os zombadores fadam pouco do juízo ameaçador. Veja também Jr. 5:13, 14; 17:15 ; II Pe. 3:3, 4, 9.

**23. O cumprimento** (AV, *efeito*; lit., *palavra*). O conteúdo logo se realizaria. Os profetas não costumavam estabelecer datas definidas para

o cumprimento de suas mensagens por causa do seu caráter moral e condicional (veja coment. referente ao v. 27).

**24. Visão falsa.** Os falsos profetas falavam o contrário dos homens que foram chamados por Deus, e não havia nenhuma maneira externa de distinguir a verdade da mentira exceto que, 'todo aquele que é da verdade ouve a minha voz' (Jo. 18:37). Os pagãos faziam uso de *oráculos*, magia e médiuns para saber o pensamento da divindade (21:21; Dt. 18:9-12). Na verdadeira profecia os estratagemas mecânicos eram evitados, pois Jeová falava à mente do profeta. **Adivinhação lisonjeira** ou muito agradável prometia imunidade das dificuldades (cons. 13:10, 16; Jr. 23:16, 17; 28:1-17).

**25. Eu . . . falarei.** Este versículo é continuação do versículo 23. Literalmente, *porque eu, o Senhor, falarei a palavra que eu falarei*.

**27, 28. Aqueles que diziam: A visão . . . é para muitos dias . . . mui longe,** isto é, não devia causar preocupações imediatas, o profeta replicou que as palavras divinas se cumpririam imediatamente. Pronunciando ameaças, os profetas não davam datas normalmente, pois tais profecias eram ameaças morais e condicionais, que podiam ser evitadas com base no arrependimento e retificação (veja Jonas; Jr. 18; 26:17-19; Joel 2:14, 18).

## Ezequiel 13

### b ) Os Falsos Profetas. 13:1-16.

O termo *falsos profetas* não está no V.T., mas a perspectiva histórica acertou em designá-los assim. Havia duas classes de falsos profetas: aqueles que eram representantes de algum objeto de culto, outro que não o verdadeiro Deus, como, por exemplo, Baal, Moloque (cons. o desafio de Elias aos profetas de Baal, I Reis 18:19 e segs.); e aqueles que falsamente se propunham a falar em nome de Jeová (cons. a oposição de Micaías aos profetas de Acabe, I Reis 22:5-28). A mais forte acusação desses enganadores foi feita por Jeremias, que se lhes opôs com base moral, pessoal e política (Jr. 23:9-32). Durante os últimos

suspiros de Jerusalém, Hananias se opôs a Jeremias na pátria (Jr. 28) e Acabe, Zedequias e Semaías se lhe opuseram na Babilônia (Jr. 29:15-32). Ezequiel neste capítulo também denuncia os falsos profetas e as falsas profetizas. (Veja A.B. Davidson, "The False Prophets", *O.T. Prophecy*, págs. 285-308).

**2.** Ezequiel aqui se refere sarcasticamente aos **profetas de Israel**, falsos profetas que profetizando dizem **o que lhes vem do coração**, isto é, suas emoções e desejos. Ele desmascara a fonte (v. 3), o conteúdo (vs. 4, 5) e o resultado de sua mensagem (vs. 6, 7) e o destino dos falsos profetas (vs. 8, 9).

**3. Profetas loucos.** Um jogo de palavras: *nebi'im nebalim*, algo assim como "profetas infrutuosos". A loucura é mais uma deficiência moral que intelectual. No livro de Provérbios, por exemplo, a sabedoria é apresentada como o "temor do Senhor", e a loucura como o desprezo por Ele e Seus preceitos. A força que impetra esses profetas era **seu próprio espírito**, não o Espírito do Senhor.

**4.** As ruínas lhes eram tão familiares como às raposas saltitantes, e eles promoviam a devastação.

**5.** Falhavam em permanecer nas **brechas**, para impedir o desastre da invasão (cons. 22:30; Sl. 106:23). Nem edificavam muros de conselho moral e espiritual para Israel enfrentar a crise iminente. **O dia do SENHOR.** Cons. coment. sobre 7:7.

**6. Adivinhação mentirosa.** Adivinhar significa obter um oráculo de um deus tirando a sorte (cons. 21:21). Receber o conhecimento das coisas secretas através de meios supersticiosos era proibido a Israel (Êx. 22:18; Nm. 23:23; Dt. 18:10, 11) e a adivinhação era considerada desdouro (cons. Ez. 13:7, 9, 23; 21:29; 22:28; Mq. 3:6, 7, 11). **Que dizem : O Senhor disse.** *Oráculo do Senhor (ne'um Yahweh)*, a fórmula da verdadeira inspiração (cons. Amós, que a usa 21 vezes, 2:11,16, etc.). **Esperam o cumprimento da palavra.** Não havia critério externo para a verdadeira profecia. "Enquanto o verdadeiro profeta tinha em si próprio



o testemunho de ser verdadeiro, o falso profeta podia não estar cômico de que era falso" (Jr. 23:21, 31; A. B. Davidson, *op. cit.*).

**9.** Predição de castigo triplo para os falsos profetas. No momento tinham prestígio e influência, mas no novo reino **não estarão no conselho do meu povo** (cons. Gn. 49:6; Sl. 89:7; 111:1, nem **serão inscritos nos registros** (isto é, na lista) **da casa de Israel** (cons. Ed. 2; Ne. 7; Êx. 32:32, 33; Is. 4:3; Ml. 3:16), **nem entrarão na terra de Israel** (cons. Ez. 20:38; Jr. 29:32).

**10.** Os falsos profetas anunciaram **paz**, quando **não há paz**. Veja Mq. 3:5; Jr. 6:14; 8:11; 23:17.

A seção seguinte diz, literalmente, *e ele* (o povo) *está construindo uma parede-meia* (*hayis*, só aqui nesta passagem; uma parede de pedras simplesmente colocadas umas sobre as outras sem nenhuma liga), *e eis que os profetas as rebocam com barro amargoso*, ou *cal*. Os profetas concordavam com a tentativa do povo de defender a cidade, escondendo sua fraqueza por meio de profecias mentirosas.

**11.** Há um jogo com as palavras **caiam**, *tapel* e **ruirá**, *napal*. Três elementos da natureza farão a parede cair (cons. v. 13). **Pedras de saraivada**. Omita-se o *e tu* do T.M.

**13.** Cons. Mt. 7:24-27. **Pedras**. A palavra fora do comum, *'elgabîsh*. (só aqui e em 38:22), é provavelmente o acadiano *algamesu*, "cristal" e, portanto, "cristais de gelo".

**14. Derribarei a parede.** Os profetas seriam sepultados debaixo da parede caída (cons. Is. 25:12; Lm. 2:2; Amós 9:1).

### c) Falsas Profetizas. 13:17-23.

Diversas mulheres piedosas e talentosas são mencionadas nas Escrituras como profetizas: Miriã (Êx. 15:20); Débora (Jz. 4:3, 4); a esposa de Isaías (Is. 8:3); Hulda (II Reis 22:14); Ana (Lc. 2:36); e as quatro filhas de Filipe (Atos 21:9). Neste parágrafo, as profetizas, ou antes adivinhas, eram parceiras dos falsos profetas, precursoras das atuais "buenas-dichas", cartomantes e médiuns.

**17. De seu coração.** Cons. o versículo 2.

**18. Que cosem invólucros feiticeiros para todas as articulações das mãos e fazem véus para cabeças de todo tamanho.** As enigmáticas expressões deste versículo parece que descrevem aspectos da "magia invisível" através da qual as feiticeiras transmitiam influência mágica sobre seus clientes atando nós e cobrindo as pessoas com véus de variados tamanhos de acordo com a estatura da pessoa. Cria-se que um desejado resultado podia ser obtido simulando-o e que as coisas uma vez postas em contato continuavam a agir umas sobre as outras mesmo separadas. **Para caçarem almas.** Ou *pessoas* (cons. BDB, pág. 660b. Também nos vs. 19, 20; 17:17; 18:4; 22:27 ). As profetizas faziam vítimas entre aqueles que as consultavam, matando algumas pessoas e deixando outras vivas para seu próprio proveito, ou para se manterem vivas.

**19. Vós me profanastes.** Poluir e profanar é o oposto de santificar. É colocar Deus na esfera do comum, do falso, do indigno (cons. 20:39). *Com* (não **por**) **punhados de cevada**, e *com* (não **por**) **pedaços de pão**, usados para obter os oráculos (cons. Jr. 44:15-19). **Para matardes as almas que haviam de morrer**, isto é, os ímpios (cons. v. 22; Os. 6:5; Jr. 1:10). Compare com o trabalho do verdadeiro profeta, apresentado em Ez. 3:16-21.

**20. Invólucros feiticeiros, com que** (de acordo com a Antiga Latina de Dold, a Siríaca, o Targum e a Vulgata, em vez do *onde* do T.M.) **vós caçais as almas**, ou pessoas (omita-se, de acordo com a LXX e a Siríaca, a expressão *voadoras* do T.M.). *Parah*, "voar" é uma palavra aramaica, talvez uma glosa. **Soltarei livres . . . as almas**, ou pessoas, **que prendestes**. Esta é uma emenda de Cornill, traduzindo o '*et nepashîm* do T.M. por '*otan hopshîm*, "como aves" (também Ewald), em lugar do T.M., "para as aves". Talvez também seja uma glosa aramaica como a anterior.

**21. Para ser caçado.** Cons. os versículos 18, 20.

**22. Visto que ... entristeceastes ... não o havendo eu entristecido.** O segundo verbo é, literalmente, *causar dor*. Os verbos são, respectivamente, *ka'â* e *ka'ab*. Cornill usa "causar dor", *ka'ab* em ambos os lugares. **Para que vivesse.** Literalmente, "a fim de mantê-lo com vida". Tudo o que encoraja o pecado é falsidade (cons. Jr. 23:22).

**23. Já não tereis visões falsas;** isto é, falsidades, como no verso 6. O julgamento dos adivinhos era iminente. Cons. 12:24; Mq. 3:6, 7; Amós 8:11. O resultado seria que Jeová seria verdadeiramente conhecido.

## Ezequiel 14

### d) Os Idólatras Duvidam do Senhor. 14:1-11.

**1. Anciãos de Israel;** isto é, anciãos dos exilados (cons. 8:1; 20:1). Esses líderes, provavelmente perplexos pelas denúncias que Ezequiel fez dos falsos profetas, queriam saber mais sobre Jerusalém e o seu futuro.

**3. Levantaram os seus ídolos dentro em seu coração.** Observe a freqüente citação dos ídolos (*gillûlîm*) no parágrafo. Cons. 6:4, 5. Tropeço para a iniquidade. cons. 7:19, 20. Ocuparam seus pensamentos com a idolatria, o que os levou a tropeçar e cair (cons. v. 6).

**4. Qualquer homem da casa de Israel.** Uma fórmula legal (cons. Lv. 17:3, 8, 10, 13; 20:2). O homem cujo coração estava dividido em sua lealdade para com Jeová não receberia instrução através de um profeta, mas receberia resposta do próprio Jeová por meio de atos. **Eu, o SENHOR, ... lhe responderei.** Esta tradução segue a do Targum e do versículo 7, *bî*, em lugar do *bâ*, "vindo ele " do T.M.

**5. Para que eu possa apanhar a casa de Israel no seu próprio coração.** O Senhor os convocaria para prestarem contas por sua idolatria. Ele não pode tolerar a infidelidade secreta.

**6.** Embora o profeta apontasse a lei automática da divina retribuição (v. 4), aqui ele diz que Deus argumenta com os homens a que abandonem seus maus caminhos.

**7. Estrangeiros que moram em Israel.** Observe o cuidado de Ezequiel para com os estrangeiros residentes (22:7, 29; 47:22, 23). O prosélito tinha direitos iguais sob a lei e recebia penalidades iguais (Lv. 17:8, 10, 13; 20:2).

**8.** Cons. Lv. 17:8-10; 20:3, 5, 6. **Sinal** ou advertência (cons. Nm. 26:10; Dt. 28:37, 46). E **provérbio**, traduzindo a palavra no singular de acordo com a Siríaca e a Vulgata.

**9. Se o profeta for enganado.** Isto não resultaria apenas de auto-engano (13:3, 6) e dos indagadores idólatras (v. 7), mas **eu, o SENHOR, enganei esse profeta**. Na filosofia antiga, causas secundárias costumavam ser ignoradas, e os acontecimentos eram atribuídos diretamente à operação do Senhor. Veja Amós 3:6; Is. 45:7. Quando um homem peca contra a luz espiritual, o resultado é a sua própria cegueira espiritual. Isto não o livra de responsabilidade, contudo, pois sempre predomina o princípio do "nenhum outro deus diante de num". Cons. II Reis 22:15-23:3.

**10, 11. O profeta e daquele que consulta**, ambos seriam punidos, com o duplo propósito de impedir Israel em sua infidelidade (cons. Is. 4:4); e de restaurar seu verdadeiro relacionamento com o Senhor (cons. 11:20). Os juízos todos tinham a misericórdia em vista.

**e) O Justo Salva-se a Si Mesmo, não a Terra Pecadora. 14:12-23.**

**13.** O profeta declara que **quando uma terra pecar**, e Deus enviar um dos seus quatro juízos (cons. 5:16, 17) contra ela – fome (vs. 12-14), feras (vs. 15, 16), espada e guerra (vs. 17, 18), pestilência (vs. 19, 20) – ainda que, Noé, Daniel e Jó, os justos da antiguidade, estivessem na terra, só poderiam salvar-se a si mesmos. A aplicação a Jerusalém (vs. 21-23) não encontra nela pessoas justas. E que sobreviventes perversos escaparão a todos os quatro juízos, em aparente exceção ao princípio acima enunciado, será uma prova desagradável aos exilados de Deus, do justo juízo de Jerusalém. **Cometendo graves transgressões.** Uma

tradução mais exata é *traíçoeiramente cometendo traições*. Veja também 15:8; 17:20; 18:24; 20:17; 39:26; Lv. 5:15; 6:2.

**14. Noé, Daniel e Jó** são citados como exemplos de homens justos, não hebreus, da antiguidade. Cons. Gn. 6:8; 7:1; Jó 42:7-10. Virolleaud, Devaux e outros acham que o Daniel de Ezequiel é o Daniel. "justo juiz da causa das viúvas e dos órfãos", mencionado no texto de Rash Shamra em cerca de 1400 A. C. (Aqht, 170; 2 Aqht, V; 7, 8. Para um comentário mais detalhado, cons. Ginsberg, BA 8 1 1945), pág. 50; Pére deVaux, RB (1937), págs. 245, 246; W.H. Morton, "Ras Shamra" – Ugarita e Exegese do Velho Testamento", *Review and Expositor*, 45, (1948), págs. 70.72).

**15. Bestas-feras.** Literalmente, *uma besta ruim* (cons. 5:17; Lv. 26:22 ). **E elas** (lit. *ela*, sing. coletivo) **a assolarem**, ou *a despojarem*. Cons. Jr. 9:10, 12.

**16. Esses três homens.** Cons. 18:10-13; Jr. 15:1-4.

**17. A espada.** Veja também 5:12; 6:3; 11:8; 21:3, 4; 29:8; 33:2; Lv. 26:25. 19, 20. A peste. Cons. 5:17; 38:22.

**21-23. Aplicação a Jerusalém.**

**21. Os meus quatro maus juízos.** Cons. Jr. 15:2, 3; Lv. 26:22-26. Quatro dá idéia de inteireza, totalidade .

**22. Eis que alguns restarão.** *Quaisquer sobreviventes que conduzam os filhos e as filhas.* (LXX, Sir. , Sym., Vulg.). Quando esses maus figos (Jr. 24:8-10; 29:16-20) **virão a vós outros** na Babilônia, ficareis consolados ou reconciliados pela justiça do castigo divino sobre Jerusalém.

## Ezequiel 15

### 3) Parábola da Videira. 15:1-8.

A figura de Israel como videira aparece com muita freqüência (Gn. 49:22; Dt. 32:32; Os. 10:1; Is. 5:1-7; Jr. 2:21; Ez. 17:61; Sl. 80:8-16). Aqui a referência é à videira brava da floresta e não à videira cultivada na vinha.

**3. Toma-se dele madeira.** Se a videira não produz fruto, sua madeira não serve nem para se fazer uma estaca.

**4.** Se, além disso, estiver queimada em ambas as pontas, seria, acaso, para alguma obra?, a não ser para o fogo?

**6. Jerusalém** é a videira que se destina ao fogo (5:2; 10:2, 7; 16:38-42).

**7. Ainda que saiam do fogo, o fogo os consumirá.** Eles escaparão da cidade incendiada, apenas para enfrentarem outro destino (5:4; 11:9; 12:14; 23:25).

## Ezequiel 16

### 4) A Alegoria da Enjeitada. 16:1-63.

Esta alegoria, como aquela do capítulo 23, descreve a ligação entre o Senhor e o Seu povo em termos de relacionamento conjugal (cons. Os. 2; Jr. 2:1-3; 3:1-5). Raramente o V. T. usa esta figura do relacionamento entre pai e filho, enquanto nas outras religiões cananitas politeístas, o casamento de divindades com mortais, e o nascimento físico de deuses e semi-deuses é natural. Depois que a idolatria foi extirpada de Israel, os autores do N. T. puderam realmente descrever o relacionamento entre Deus e os seus redimidos, Cristo e sua Igreja, sob os símbolos da paternidade e do relacionamento conjugal (Ef. 5:25, 26; I Jo. 3:1-3).

Possivelmente Ezequiel usou uma fábula conhecida e a desenvolveu em uma alegoria, de acordo com o gosto oriental. A cidade de Jerusalém, uma criança enjeitada de origem desconhecida, foi deixada à beira da estrada para morrer. Mas foi recolhida pelo Senhor, que se transforma no seu benfeitor (vs. 1-7). Tendo crescido e se tornado uma linda moça, ela se casa com o seu benfeitor e se torna a sua consorte real (vs. 8-14). A orgulhosa rainha se comprova ser totalmente infiel e adúltera com os cananeus e outros pagãos (vs. 15-34). O castigo para tal conduta, que está descrita nos versículos 35-43, está justificado, uma vez que a sua depravação é pior do que a de suas duas irmãs, Sodoma e Samaria (vs. 44-52). Não obstante, o Senhor faz gloriosas promessas de restauração

para as três irmãs (vs. 53-58), predizendo que a penitente Jerusalém experimentará uma gloriosa reconciliação através de uma aliança eterna (vs. 59-63).

**a) Jerusalém, a Criança Enjeitada. 16:1-7.**

**2. As suas abominações.** Especialmente a adoração de Baal e Moloque (vs. 15-22) e as alianças com as nações pagar (vs. 23-34).

**3. Os cananeus.** Mencionados na Estela de Amenhotep II (1447-1421), nas Cartas de El Amarna em cerca de 1370 A.C., e nos antigos encantamentos heteus (Veja ANET, págs. 246, 352, 483, 484). **Amorreu** (habitante do oeste). Ou os amurru, um poderoso povo semita que invadiu o Crescente Fértil em cerca de 2000 A.C. Cons. Gn. 14:7; 15:16; Nm. 21:21-30; Js. 24:15. Hamurabi (1728-1686), da primeira dinastia da Babilônia, foi amorreu. (Veja G.E. Mendenhall, "Mari", BA, XI (1948), 1-19). **Hetéia.** Um povo não semita, residente na Ásia Menor no segundo milênio A.C., com contatos em Canaã desde o período dos patriarcas até os dias de Salomão (Gn. 23:10-20; 26:34; Js. 1:4; I Sm. 26:6; I Reis 11:1). Sobre a bestialidade hetéia, consulte G. A. Barton, *Archaeology and the Bible*, págs. 423-426. Ezequiel destacou o paganismo nos antepassados de Israel.

**4.** O sal tornava a pele mais seca e mais firme, ajudando a limpeza. **Para te** (*lemish'î*), **limpar** (AV, *tornar flexível*) é uma expressão desconhecida, mas é sugerida pelo acadiano e pelo Targum.

**5.** Esta menininha entretanto, foi **lançada em pleno campo.** O abandono de crianças era praticado no tempo do nascimento de Cristo (W. H. Davis, *Greek Papyri of the First Century*, págs. 1.7).

**6. A revolver-te.** Cinco manuscritos, a LXX, a Antiga Latina e a Siríaca omitem o segundo, "e te disse . . . vive", considerado uma ditografia.

**7. Eu te fiz multiplicar.** A LXX e a Siríaca dizem *crescer* em lugar do *fiz de ti . . . uma miríade* do T.M. **E chegaste a grande formosura.** *Alcançaste a total maturidade.* Na Siríaca, *no mênstruo*, ou o versículo

8, **tempo de amores**, dão a idéia do significado *total maturidade*. **Estavas nua e descoberta** ; isto é, "solteira".

**b) A Jovem se Casa com o Seu Benfeitor. 16:8-14.**

**8. Estendi sobre ti as abas do meu manto.** Símbolo do casamento (Rute 3:9; Dt. 22:30). **E entrei em aliança contigo.** Cons. Ml. 2:14; Pv. 2:17.

**9. Então te lavei com água.** Cerimônias preparativas para as núpcias. Cons. Rute 3:3. Purificação do paganismo e consagração ao Senhor.

**10. E te calcei com peles.** *Tahash* (usado para cobertura do Tabernáculo, Êx. 25:5; 26:14), ou é uma palavra emprestada do egípcio, "couro", ou o *dugong* árabe, uma espécie de boto, cuja pele era usada para a confecção de sandálias.

**11-13.** Com referência aos adornos da noiva, veja Is. 3:18-24; Gn. 24:22, 30, 47.

**12. Um pendente no nariz** (E.R.C., *na testa*). Veja também Jz. 8:24; Is. 3:21.

**13. Abundância de alimento.** Cons. Dt. 32:13, 14; Os. 2:10.

**14.** O esplendor de Jerusalém no tempo de Salomão (cons. I Reis 10; Lm. 2:15).

**c) A Desavergonhada Infidelidade da Esposa. 16:15-34.**

Suas idolatrias com os cananeus (vs. 15-22) e com os povos estrangeiros (vs. 23-29): egípcios (vs. 26, 27), assírios (v. 28), e caldeus (v. 29).

**15.** Depois de se estabelecer em Canaã, Israel freqüentava os santuários cananeus (cons. 20:28; Jr. 2:5-7; 3:1-3).

**16.** Tendas alegremente coloridas nos lugares altos (cons. II Reis 23:7).

**17. Estátuas.** Ou Baais? Ou símbolos fálicos? (May, IB).



**18, 19.** Cons. Jr. 10:9 ; Os. 2:8. 20-21 . Sacrifício de crianças. Cons. 20:26, 31; 23:37-39. Cons. Êx. 22:29; Jz. 11:39; II Reis 16:3; 21:6; 23:10; Jr. 7:31; 19:5; 32:35.

**24.** Lugares de culto ilícito.

**25.** Cons. 23:8, 17, 30, 40.

**26, 27. Aliança com o Egito.** Cons. Is. 30:1 e segs.; 31:1 e segs.; II Reis 18:21.

**21. Teus vizinhos de grandes membros** (RSV, *libidinosos*); cons. 23:20, eufemismo referente ao poder do Egito.

**27.** Os ataques sucessivos dos filisteus a Judá no tempo de Senaqueribe (veja ANET, pág. 288).

**28. Os filhos da Assíria.** A política pró-Assíria de Acaz e Manassés (II Reis 10:7 e segs.; 21:1 e segs.; II Cr. 33:1 e segs.).

**29. A terra comercial da Caldéia.** Literalmente. **Na terra de Canaã até Caldéia.** Aqui a palavra *Canaã* foi usada no sentido de "comerciante, mercador", isto é, na terra dos mercadores, até a Caldéia (cons. 17:4; Os. 12:7; Sf. 1:11; Zc. 14:21).

**30. Quão fraco é o teu coração.** "Como está cego de amor o teu coração", parece ser a idéia. No aramaico e acadiano a frase é assim: "Como estou cheio de ira contra ti" (Cook, ICC). Os atos de uma meretriz descarada. Literalmente, *a obra de uma mulher, uma meretriz arrogante*.

**31.** Compare os versículos 24, 25. **Desprezaste** ou "zombaste" do pagamento (cons. H. G. May, "O Culto à Fertilidade em Oséias", AJSL, 48 (1932) 89.93).

**32-34.** Outras prostitutas recebiam pagamento; ela era diferente pois pagava aos estrangeiros (cons. Dt. 23:18; Os. 2:19; 9:1).

**33.** As palavras *nedeh*, "presente" (E.R.A., presentes), e *nadan*, "presentes de casamento" (E.R.A. , presentes), são *hapax legomena*.

**d) O Castigo da Esposa Adúltera. 16:35-43.**

A passagem entretece uma descrição do castigo de uma adúltera com a previsão da destruição de Jerusalém.

**36.** A palavra traduzida para **a tua nudez**, em outra passagem significa "cobre" ou "bronze". Talvez seja uma palavra emprestada do acadiano – "excesso, prodigalidade". A última parte do versículo faz eco aos versículos 20, 21.

**37. Todos os teus amantes.** As nações às quais ela se aliou; e **os que aborreceste**. Aqueles com os quais não foram feitas alianças, como, por exemplo, os filisteus.

**38. Adúlteras.** Com. Lv. 20:10; Dt. 22:22; Jo. 8:5-7. **Sanguinárias.** Com. versículos 20, 36; Gn. 9:6; Êx. 21:12; Lv. 24:17. **Vítima de furor.** Com uma pequena modificação, a tradução fica idêntica a de 23:25.

**39. Despir-te-ão de teus vestidos.** Isto significa o desmascaramento da adúltera. Veja também 23:26; Os. 2:3, 10.

**40. Uma multidão.** Gente que se reuniu para o julgamento e apedrejamento da adúltera (cons. v. 38).

**41. Queimarão as tuas casas.** Cons. Jz. 15: 6; 12:1. **À vista de muitas mulheres.** Como advertência. Cons. 23:10, 48.

**42. Meu furor será apaziguado.** Cons. 5:13.

**43. Nisto que não te lembraste.** Um resumo dos versículos 35:43.

**e) A Depravação de Jerusalém Comparada com a de Sodoma e Samaria. 16:44-52.**

**44, 45. Tu és filha de tua mãe.** Jerusalém e suas irmãs se pareciam com sua mãe, os heteus (cons. v. 3).

**46. E tua irmã, a maior** (lit., em poder político e territorial). A **irmã** era **Samaria**, que vivia com **suas filhas** (cidades dependentes) ao norte (isto é, à esquerda, quando se olha para o leste; Gn. 14:15), enquanto a tua **intra**, a **menor** (isto é, menos importante) ao sul, ou à direita (I Sm. 23:19), era **Sodoma** e suas filhas. Comparações mortificantes. Cons. Jr. 3:6 e segs.; Is. 1:9.

**47. Mais do que elas.** Jerusalém excedeu a maldade de suas irmãs (cons. Mt. 10:15; 11:20-24).

**48-50.** Os hediondos crimes de Sodoma em Gênesis 19 não são recontados, mas antes sua soberba e próspera tranquilidade (abundância de ociosidade, E.R.C.) e o fracasso em amparar o pobre e o necessitado. Cons. Amós 6:4-6; Et. 3:15; Lc. 16:19-31.

**51, 52. Samaria.** Os pecados de Samaria não são enunciados, mas ela e Sodoma parecem honestas, relativamente falando, em comparação com Jerusalém (cons. Amós 3:2).

**f) Gloriosas Promessas de Restauração para as Três Irmãs. 16:53-58.**

**53. Restaurarei a sorte delas.** Cons. Jr. 12:14-17; 46:26; 48:47; 40:6, 39; Is. 19:24. 54-56. Se Samaria e Sodoma foram punidas, quanto mais castigo merecia Jerusalém! Se Jerusalém fosse restaurada, não era mais que justo que elas que eram desprezadas por aquela também fossem restauradas.

**57, 58.** Jerusalém tornou-se objeto de opróbrio das filhas (isto é, cidades) da Síria (de acordo com muitos manuscritos e a Siríaca, leia-se *Edom* em lugar do *Aram* do T.M., isto é, a Síria) e **as filhas dos filisteus**. A destruição de Jerusalém, aqui profeticamente admitida, provoca ímpio regozijo nos idumeus e filisteus (25:12-14; 15:17; Ob. 10-14; Sl. 137:7-9).

**g) Uma Gloriosa Reconciliação e uma Aliança Eterna. 16:59-63.**

**59-60. Invalidando a aliança.** Jerusalém invalidou a aliança feita em sua mocidade no Êxodo (cons. vs. 8, 43). Conseqüentemente, ela devia sofrer; mas no dia do seu arrependimento, Deus lhe dará uma aliança eterna (cons. 37:26; Is. 54:9, 10; 55:3; Jr. 31:35, 36; 32:40; 33:20-22). Samaria e Sodoma (como representantes do mundo pagão) deviam ser incluídas na nova aliança como um ato de graça, uma vez que a antiga aliança invalidada por Israel não as incluía.

**63. Para que te lembres.** Jerusalém será envergonhada com a lembrança de sua indignidade passada "quando eu te purificar", "fizer

expição por ti". A palavra "expiar", *kipper*, com Deus por agente, foi usada (cons. Dt. 21:8; Jr. 18:23; Sl. 78:38).

A queda de Israel foi o motivo de Ezequiel se estender ao mundo gentio. Até pessoas como os habitantes de Sodoma se converteriam ao Senhor, diz Ezequiel. Semelhantemente, o apóstolo Paulo declara: "Pela sua (de Israel) transgressão, veio a salvação aos gentios" (Rm. 11:11, 12). "Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos" (Rm. 11:32).

## Ezequiel 17

### 5) Parábola da Videira e das Duas Águias. 17:1-24.

#### a) A Alegoria. 17:1-10.

2. O profeta apresenta um **enigma** (*hidâ*; cons. Jz. 14:12; I Reis 10:1) para interpretação, ou uma parábola (*mashal*; cons. 24:3; Is. 14:4) contendo uma similitude ou comparação.

3, 4. **Uma grande águia.** A grande águia de extensas asas (*neshet*; geralmente "abutre"; Os. 8:1; Lm. 4:19 ; mas aqui "águia" fica melhor) e compridas guias representa Nabucodonosor. As muitas cores possivelmente indicam as diferentes nações incluídas no império babilônico. **Líbano** é a montanha de Israel; o **cedro** é a casa de Davi (vs. 12, 22). Nabucodonosor está representado levando Joaquim, o rei de Judá, para a **terra de negociantes**, a Babilônia.

5, 6. **Muda da terra**, nativo da região, é Zedequias. Ele foi plantado em um **campo fértil** (a terra de Israel), na vizinhança de abundantes águas (Dt. 8:7; 11:11), onde possuía todas as vantagens naturais para crescimento e produtividade. A prosperidade está indicada pelo fato de que a muda **cresceu e se tornou videira mui larga . . . e produzia ramos e lançava renovos**.

7, 8. **Outra grande águia.** Faraó-Hofra do Egito entra em cena (Jr. 44:30; 37:7). Embora florescendo em boa terra, a videira (Zedequias) procurou a influência de outro poder para supri-la com mais abundância.

**9, 10.** Ezequiel pergunta: **Acaso prosperará ela?** Tal como Isaías e Jeremias, Ezequiel se opôs à aliança egípcia (Is. 30:1-5; 31:1-3; Jr. 2:36). Cook (ICC) sugere uma transposição dos versículos 9 e 10. Primeiro vem a destruição da vegetação da Palestina pelo vento oriental e então a destruição pelo braço de Nabucodonosor, cuja cidade, a Babilônia, ficava quase a leste de Jerusalém.

### **b) A Interpretação da Alegoria. 17:11-21.**

Ezequiel endereça a interpretação para a **casa rebelde** (v. 12), os exilados judeus entre os quais ele vivia. A história da deportação de Joaquim e do voto de fidelidade de Zedequias (II Cr. 36:13; cons. Gn. 15:9-18; Jr. 34:8,22) torna a ser contada.

**13, 14.** Nabucodonosor retirou os poderosos (líderes) da terra que poderiam se revoltar, a fim de que Judá pudesse permanecer como um estado dependente e amigo da Babilônia.

**15-17. Ele se rebelou.** Zedequias violou a aliança com o rei da Babilônia, como também como Senhor (v. 19), e conseqüentemente teria de morrer na Babilônia sem nenhuma ajuda de Faraó.

**21. Todos os seus fugitivos** (isto é, os melhores homens), **com todas as suas** (de Zedequias) **tropas** (E. R. A. , de acordo com o Targum e a Siríaca) **cairão** diante dos exércitos da Babilônia.

### **c) A Promessa de um Reino Novo e Universal em Israel. 17:22-24.**

O Senhor torna claro que Ele não permitirá que o Seu reino seja aniquilado, mas cumprirá a Sua promessa feita à semente de Davi.

Nabucodonosor arrancou um broto do cedro e o levou à Babilônia, mas a mudinha morreu. O Senhor declara que Ele mesmo vai arrancar a ponta do alto cedro (a casa de Davi, vs. 2, 3; Is. 53:2) e plantá-la em uma alta montanha, para que todos a vejam (cons. Is. 2:2; 11:10) e encontrem proteção debaixo dela (Ez. 17:23; cons. Mt. 13:31, 32). O estabelecimento deste reino novo e universal por Jeová levará o mundo a reconhecê-Lo como o Senhor da vida humana e o Controlador do destino

de Israel. Outros reinos também são chamados de árvores. Veja 31:5, 8, 14, 16, 18. Quanto a passagens em Ezequiel referentes ao reino de Deus veja 21:27; 34:24 e segs.; 37:24 e segs. Veja também Lc. 1:51-55. A linhagem de Cristo traçada através de Joaquim (Mt. 1:11, 12).

## **Ezequiel 18**

### **6) A Justiça de Deus Demonstraria na Maneira pela qual Ele Trata os Indivíduos. 18:1-32.**

Ezequiel começa esta passagem com citações de Jeremias de um ditado popular (Jr. 31:29) que fazia sucesso entre os exilados em Tel Abibe: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram" (Ez. 18:2).

Jeremias descreveu os exilados sendo levados com Joaquim em 597 A. C. como "figos bons", enquanto os que ficaram para trás junto com Zedequias eram os "maus figos" (Jr. 24). Os judeus do tempo de Zedequias provavelmente se consideravam justos em comparação com o povo da época de Manassés; e portanto o provérbio talvez transmitisse um pensamento de justiça própria.

Contudo, o povo escorregava para o desespero e o fatalismo. Se estavam sendo punidos pelos crimes de Manassés (II Reis 24:3, 4) e pelos pecados de seus pais, por que deveriam lutar? Que chance tem um indivíduo diante do destino herdado do passado? Por que alguém tentaria ser piedoso em um mundo tão injusto? (Cons. o hedonismo descrito em Is. 22:12, 13). Há alguma alternativa para o desespero desolador do homem? (Ez. 33:10).

Ezequiel tinha anteriormente trovejado a condenação total do povo (cons. caps. 16; 20; 23). Contudo Deus permitiu que tições fossem arrancados da fogueira. Os justos foram excluídos dos ímpios por meio de um sinal (4:4). Diante do juízo iminente, salvariam as suas próprias vidas, mas não as de outros (14:14, 16, 18, 20), contudo, o arrependimento seria possível (14:6, 11).

Os conceitos da solidariedade social e da responsabilidade de grupo eram coisas antigas em Israel. A homília ou ensaio de Ezequiel no capítulo 18 implica na operação da seqüência natural da causa e efeito no meio das circunstâncias da vida humana. Deus não considera um homem responsável pelas circunstâncias nas quais nasceu, mas apenas pelo uso que fizer delas subsequente. Portanto, um homem é livre para renunciar o seu passado, tanto para o bem como para o mal.

Exatamente como um escritor pode mudar o curso de uma narrativa acrescentando novo material aos capítulos anteriormente escritos em um livro, assim, apesar do passado melancólico, o presente pode se tornar em uma oportunidade de total transformação e pode produzir um futuro triunfante. O perdão não apaga o passado, mas relaciona-o de maneira nova com Deus, de modo que podemos transformá-lo de maldição em uma fonte de bênçãos (cons. Allen, IB, págs, 157-161).

Nosso profeta deseja vindicar a justiça divina e assim fazendo atribui novos valores ao indivíduo manipulado pelas mãos de Deus. Deus trata com os homens na qualidade de indivíduos, diz o profeta. "Todas as almas são minhas" (18:4). "Não tenho prazer na morte de ninguém" (v.32). Considerando que toda a alma está imediatamente relacionada com Deus, seu destino depende desse relacionamento. "A alma que pecar, essa morrerá" (v. 4). "Portanto convertei-vos e vivei" (v. 32). Cons. 3:16-21; 33:10-20.

Como representante de Deus, Ezequiel declara que o homem individual não está envolvido nos pecados e destino de seus antepassados (vs. 1-4). E então ele desenvolve o princípio da responsabilidade pessoal do indivíduo no caso de três gerações sucessivas: um pai justo, um filho perverso e um neto justo (vs. 5-9, 10-13, 14-18). Ele toma a declarar o princípio da responsabilidade individual (vs. 19, 20), e declara que o perdão divino está à disposição do pecador arrependido, mas que o apóstata morrerá nos seus pecados (vs. 21-29). Ele conclui com uma exortação de arrependimento para a salvação (vs. 30-32).

**a) Todas as Pessoas São Individualmente Responsáveis diante do Senhor. 18:1-4.**

**2. Provérbio** (*mashal*). Cons. 8:12; 12:22, 23. **Os pais comeram** (lit., *comiam* ou *tinham o hábito de comer*) **uvas verdes** ou azedas (*boser*), **e os dentes dos filhos é que se embotaram** (AV, *ficaram arrepiados*). Isto é, os filhos sofrem as conseqüências dos pecados de seus pais (citado em Jr. 31:29, 30). Sobre a transmissão de culpa, veja Ex. 34:7; Nm. 14:18; Dt. 24:16; II Reis 14:6; Lm. 5:7.

**3.** O uso deste provérbio, atribuindo injustiça a Deus, devia cessar imediatamente.

**4. Todas as almas são minhas**, isto é, todas as pessoas pertencem ao Senhor da mesma maneira e individualmente, e só ele tem autoridade para julgar. **A ama que pecar, essa morrerá.** "Viver" (vs. 9, 17, 19) e "morrer" (vs. 4, 13, 18) são usados no sentido literal e escatológico. "Viver" é entrar no perfeito reino do Senhor o qual está para vir (caps. 37; 38) e "morrer" é não participar dele. Ezequiel, como outros autores do V. T., considera este reino como terreno.

**b) A Vida Será a Recompensa do Justo. 18:5-9.**

Neste quadro do homem justo vemos as obrigações da vida piedosa. Uma declaração generalizada sobre a justiça do homem (v. 6) é seguida da descrição de sua prática de piedade, sua castidade e sua beneficência (vs. 7, 8), quando enraizada na obediência aos mandamentos de Deus (v. 9). Para semelhantes listas de virtudes veja Sl. 15; 24:3-6; Is. 58:5-7; Jó 31. A conduta aparente de um homem bom é à revelação do seu caráter interno, resultado da obediência a Deus.

**6. Não comendo carne sacrificada aos falsos deuses nos altos, nem levantando os olhos para os ídolos** em oração (cons. 6:4). Um homem justo abstém-se do adultério e impureza (Lv. 15:19-30).

**7, 8. Tornando ao devedor a coisa penhorada.** Cons. Ex. 22:26; Dt. 24:6; Jó 22:6; Amós 2:8. Não recebendo juro. Os judeus estavam proibidos de cobrar juro de seus irmãos necessitados (Êx. 22:25; Lv.



15:25-37; Dt. 23:19) mas tinham permissão de cobrar juros sobre empréstimos feitos a estrangeiros (Dt. 23:20).

9. O TM. diz: "E os meus juízos ele tem guardado para praticar a verdade (*'emet*), que a LXX traduz: "para fazê-los" (*ôtam*). Certamente viverá. Contraste do versículo 4.

**c) Um Filho Perverso de um Pai Justo Merece a Morte. 18:10-13.**

10. **Se ele gerar um filho violento, derramador de sangue** (o restante do versículo talvez seja uma glosa de Lv. 4:2).

11. **E não cumprir todos aqueles deveres.** Os que estão relacionados nos versículos 6-9.

13. **Porventura viverá?** Esta é a conclusão lógica da pergunta proposta no versículo 10. **Não viverá.** Literalmente, *será condenado à morte*, a fórmula de Êx. 21:15; 22:18; Lv. 20:9, 11. Um bom pai não pode amontoar méritos para o seu filho.

**d) Um Filho Justo de um Pai Perverso Merece a Vida. 18:14-18 .**

14. O homem no terceiro elo da corrente vê **todos os pecados que seu pai fez**, teme (de acordo com a LXX, a Antiga Latina e a Vulgata) e evita seguir o seu exemplo.

16. **Não retiver o penhor**, indo assim além dos versos 7, 12. 17. *Desviar sua mão da iniquidade* (RSV). Esta tradução segue a leitura do versículo 8 e da LXX. A tradução do T.M., *afastou a sua mão de*, para não oprimir, *o pobre* (cons. 20:22) é aceitável.

Ezequias, Manassés e Josias, os últimos reis de Judá, exemplificam perfeitamente os três casos acima, embora abranjam quatro gerações.

**e) O Princípio da Responsabilidade Pessoal Torna a Ser Declarada. 18:19, 20.**

19. **Mas dizeis.** Veja também os versículos 25, 29; 33:17, 20; Ml. 1:2; e freqüentes ocorrências em Malaquias. **Por que não leva o filho a iniquidade do pai?** Ezequiel destaca que nem o filho nem o pai será

responsável um pela iniquidade do outro, mas cada pessoa é individualmente responsável diante de Deus.

**f) Perdão Divino para o Pecador Arrependido mas não para o Apóstata. 18:21-29.**

Assim como o homem não herda as conseqüências do que seus pais fizeram, assim o indivíduo, por meio do arrependimento, pode ser emancipado do seu próprio passado. O homem perverso que se afasta do mal e busca a justiça viverá (vs. 21-23). Contudo, o homem justo que abandona sua justiça para fazer o mal morrerá no seu mal (v. 24). Contra a objeção de que os caminhos do Senhor não são justos, vem a réplica de que os caminhos da casa de Israel não são justos (vs. 25-29).

**21.** O pecador é livre para se arrepender e abandonar o pecado e fazer a vontade de Deus. Compare com a idéia de Os. 5:4; Jr. 13:23.

**22. Pela justiça que praticou.** Cons, versículo 24; 33:16.

**23. Acaso tenho eu prazer na morte do perverso?** Esta pergunta reflete a misericórdia divina e o seu desejo de salvar a todos. "A mais preciosa palavra em todo o Livro de Ezequiel" (Kraetzschmar). Cons. o versículo 32; 33:11; I Tm. 2:4; II Pe. 3:9.

**25. O caminho do SENHOR,** o princípio sobre o qual Ele age não é direito (*yittaken*). Literalmente, *de acordo com o padrão*. Uma figura extraída das transações comerciais (cons. v. 29; 33:17; I Sm. 2:3). 26-29. Estes versículos repetem de forma mais resumida o pensamento apresentado nos versículos 21-25, para enfatizar este novo conceito.

**g) Exortação ao Arrependimento para Salvação. 18:30-32.**

**31. Lançar.** Aqui Ezequiel se refere à participação do homem na renovação. Em 11:19; 36:25-27, ele destaca a parte divina. Cons. Jr. 4:4; 24:7; 31:33; Sl. 51:7; Fp. 2:12, 13. Seu ministério requeria ambas as ênfases.

**32. Porque não tenho prazer na morte do que morre (E.R.C.).**  
*Não desejo a morte daquele que está para morrer*; isto é, daquele que merece morrer (cons. v. 24; 33:11).

Ezequiel, como o atalaia escolhido pelo Senhor (3:16-21; 33:1-9), advertia e instava com seu povo, proclamando a justiça de Deus e também o Seu amor para com o pecador arrependido. Como harmonizar a responsabilidade pessoal do indivíduo e sua liberdade moral com a justiça de Deus e o tratamento de cada indivíduo é um problema difícil, com o qual lutam o livro de Jó e o Salmo 73. Jó não recebeu uma solução, mas satisfez-se com uma visão revitalizada de Deus (Jó 42:5, 6). "O coração tem razões que a razão desconhece", dizia Pascal. Apesar dos problemas do sofrimento e do pecado, confiar em um Pai Celestial amoroso é sempre a melhor atitude para o crente.

## **Ezequiel 19**

### **7) Alegoria dos Dois Leões e a Videira. 19:1-14.**

Duas lamentações em métrica elegíaca (*qinâ*), sob o disfarce de uma alegoria, descrevem: 1) uma leoa, a nação de Israel, privada sucessivamente de seus dois filhotes – Jeoacaz, deportado para o Egito (vs. 24) e Jeoaquim, levado para o cativeiro da Babilônia (vs. 5-9); e 2) uma videira e as suas varas, arrancada, transplantada para um deserto e consumida pelo fogo que brotou de uma de suas próprias varas; isto é, Israel foi envolvida na destruição pelo seu próprio rei, Zedequias, e exilada na Babilônia (vs. 10-14).

#### **a) A Leoa Privada de Seus Dois Filhotes. 19:1-9 .**

**1. Uma lamentação** (*qinâ*; veja também 26:17; 27:2; 28:12; 32: 2; Amós 5:1) é um poema em métrica caracteristicamente elegíaca, na qual um verso mais longo, geralmente de três tônicas, é seguido de um mais curto, geralmente de duas tônicas (cons. Amós 5:1-3 ; Lm. 1).

**2.** A nação de Israel (ou Judá) está descrita como uma **mãe** de reis poderosos, uma leoa, em poder e majestade. Os leões eram comuns na

antiga Palestina (Jr. 49:19 ; 50:44; Zc. 11:3; Cantares 4:8; Is. 30:6). Cinco nomes diferentes para eles se encontram em Jó 4:10, 11 , três dos quais aparecem neste versículo. Os leões ficaram praticamente extintos na Palestina depois das Cruzadas.

**3. Um dos seus cachorrinhos.** Jeoacaz. **Aprendeu a apanhar a presa;** isto é, veio a ser um rei no poder.

**4. As nações ouviram falar dele.** Leia-se o Texto Massorético como cláusula causativa, *fizeram um clamor que foi ouvido*. Cons. Is. 31:4; Jr. 50:29. Jeoacaz foi levado para o **Egito** por Faraó Neco (II Reis 23:33, 34).

**5. Frustrada** (E.R.C., **havia esperado**). Leia-se *nô 'alâ* em lugar de *nôhalâ*, "esperado", do T.M. Outro dos seus cachorros. Jeoaquim.

**6. Aprendeu a apanhar a presa,** andou à espreita da presa.

**7. E destruiu suas fortalezas** (RSV). Esta tradução segue o Targum em vez do T.M. *e ele conheceu suas viúvas*. Cons. Jr. 2:15,16; 4:7; 5: 6; 25:37.

**8. (Armou ciladas) em roda.** Cons. 12:13; 17:20, onde também é paralelo de "rede".

**9.** Nabucodonosor levou Jeoaquim para a Babilônia (II Reis 24:15).

## **b) A Videira Arrancada e Consumida pelo Fogo. 19:10-14.**

**10.** Aqui se introduz outra metáfora. Israel foi comparada a uma videira. Veja também Is. 5:1-7; 27:2, 3; Sl. 80:9; Mc. 12:1-9. **Em uma vinha** (RSV) aparece em dois manuscritos, contrastando com o T.M. *em teu sangue*.

**11. Sua vara mais forte veio a ser um cetro dominador.** Também a LXX B, a Antiga Latina, a Árábica e os versículos 12, 14. Esta vara é Zedequias (ou Jeoaquim).

**12. Mas foi arrancada** (ela, a nação). Cons. 17:9, 10; 31:12; Amós 9:15. O vento oriental, a Babilônia, secou-se o fruto.

**13.** A nação agora está no exílio entre condições onde a vida nacional não podia se desenvolver.

**14. Das varas dos seus ramos saiu fogo.** A videira foi consumida pelo fogo que saiu de um dos seus próprios ramos. Zedequias, por causa de sua rebeldia, desencadeou a destruição sobre a nação e a dinastia (II Reis 24:20 e segs.; Jr. 52:3). **Esta é a lamentação.** Isto é, a lamentação terminou e transformou-se em história (cons. 32:16).

### **E. A Futura Queda de Israel era Inevitável e Necessária. 20:1 – 24:27.**

Ezequiel recorda a história do povo de Israel a quem o Senhor manteve vivo por amor do Seu próprio nome (20:1-4). Mas agora o Seu nome exige que a Sua espada vingadora rua Jerusalém (20:45 – 21:23 = T.M. 21:1-37). Além disso, as abominações de Jerusalém, como escória, devem passar pelo fogo da fundição do juízo, sobre os nobres e o povo da mesma maneira (cap. 22). Em uma alegoria que faz lembrar a do capítulo 16, o Senhor se distende sobre a infidelidade e a devassidão de duas irmãs, Oolá (Samaria) e Oolibá (Jerusalém), para com seu esposo divino, e o castigo resultante do seu adultério (cap. 23). No dia em que começou o cerco de Jerusalém (Jr. 39 : 1), Ezequiel conta a alegoria da panela enferrujada colocada sobre o fogo para purificação. E por meio de sua abstenção de chorar a morte de sua esposa, ele veio a ser um símbolo do desespero do povo diante do destino de sua cidade (cap. 24).

## **Ezequiel 20**

### **1) Recapitulação da Infidelidade de Israel e Sua Preservação. 20:1-44.**

Aos anciãos da comunidade Judia na Babilônia que buscavam um oráculo divino (vs. 1-4), Ezequiel faz recordar a história de Israel, com sua rebeldia repetida (vs. 8, 13, 16, 21, 28), e sua preservação efetuada pelo Senhor por causa do Seu próprio nome (vs. 9, 14, 17, 22, 41-44). Israel pecou no Egito (vs. 5-9) e na sua viagem do Egito para Cades-Barnéia (vs. 10-17). A segunda geração no deserto rebelou-se contra Deus (vs. 18-26), e o povo que entrou em Canaã foi continuamente infiel

para com Ele (vs. 27-29). A geração do profeta também foi idólatra tal como as gerações precedentes (vs. 30-32). Contudo, o propósito de Deus para como Seu povo no futuro envolveria juízo e esperança (vs. 33-44). Israel seria levada para o deserto uma segunda vez, com o propósito de juízo (vs. 33 -39). Então, depois que a idolatria fosse arrancada e a verdadeira adoração fosse possível, o Senhor seria conhecido pelas nações e por um Israel que odiaria o seu passado (vs. 40-44).

**a) Introdução: Ezequiel Consultado pelos Anciãos de Israel. 20:1-4.**

**1. Sétimo ano.** Julho-agosto de 590 (591) A. C., onze meses depois da última data mencionada (8:1). **Dos Anciãos.** Cons. 8:1.

**3. Vós não me consultareis.** Cons. versículo 31; 14:3; 36:37. Em vez de responder às suas perguntas relativas ao presente, Deus recorda a relevante lição do passado de Israel.

**4. Julgá-los-ias** (cons. 22:2; 23:6) fazendo-os saber as abominações de seus pais.

**b) Israel Rebelde Preservada por Causa do Zelo do Senhor pelo Seu Próprio Nome. 20:5-32.**

**5-9.** *A rebelião de Israel no Egito.*

**5.** Só nesta passagem de Ezequiel é que se faz menção da escolha de Israel feita por Deus. Pela primeira vez foi mencionada em Dt. 4:37; 7:7, 8; 10:15; 14:2; uma vez em Jr. 33:24; diversas vezes em Is. 40-66, como, por exemplo, em 41:8, 9. **Levantando a minha mão**, em juramento (veja também os vs. 6, 15, 23, 28, 42; 36:7; 44:12; 4:28 e segs.; 6:3).

**6. A qual mana leite e mel.** No Pentateuco esta expressão aparece quinze vezes, como, por exemplo, em Ex. 3:8. Em outras passagens aparece somente em Ez. 20:15; Jr. 11:5; 32:22. Sobre a beleza de Israel, veja Jr. 3:19; Dn. 8:9, 7,8. A acusação da idolatria de Israel no Egito. (cons. 23:3; Js. 24:14; Lv. 18:3) não foi mencionada na narrativa do Êx.

**9. O que fiz . . . foi por amor do meu nome.** Este refrão também aparece nos versículos 14, 22. Cons. Jr. 14:7, 21; Is. 43:25; 48:9, 11. O nome representa o que Deus é e tem revelado ser. Se Ele não tivesse retirado o Seu povo do Egito, as nações poderiam acusá-Lo de fraqueza (Nm. 14:13-16; Dt. 9:28). Seu nome é **profanado** quando os homens armazenam pensamentos a respeito dEle ou Lhe atribuem feitos inconsistentes com o Seu caráter santo e único (cons. v. 39; 36:20-22). O oposto de "profanar" é "santificar", que é reconhecer o Senhor como o único Deus verdadeiro em todos os setores da vida, e viver de modo condizente.

**10-17.** *A rebelião de Israel no deserto.*

**11. Estatutos . . . juízos.** Dando a Lei no Sinai (Êx. 19 e segs.).

**12. Meus sábados.** Como sinal de que o Senhor era o seu Deus e eles eram o Seu povo (v. 20; Êx. 31:13, 14; Is. 66:2, 4). Durante o Exílio a guarda do sábado se tornou um sinal distintivo dos judeus como povo do Senhor (veja vs. 12, 13, 16, 20, 21, 24). **Eu sou o SENHOR que os santifica**; isto é, eu os separei dos outros povos e os consagrei para ruim mesmo. Por causa do zelo pelo Seu nome (v. 14) e por causa da piedade pelos pecadores (v. 17), o Senhor poupou a segunda geração.

**18-26.** *Rebelião da segunda geração contra Deus.*

**18. Seus filhos no deserto.** Veja Dt. 1:39; Nm. 14:31, 33.

**21.** Eles imitaram os pecados de seus pais (Nm. 25:1, 2; Dt. 9:23, 24; 31:27).

**23-26.** Os pecados eram punidos de duas maneiras: com a ameaça da dispersão depois de entrarem em Canaã (vs. 23, 24); e castigando-os (vs. 25, 26).

**23. Espalhá-los entre as nações.** Tais ameaças podiam ser desviadas com o arrependimento (cons. Mq. 3:1-2; Jr. 26:16-19; 18; Jonas).

**25. Também lhes dei estatutos que não eram bons.** Aqui o Senhor não está falando da Lei, que era boa (vs. 13, 12). Mas o povo rebelde foi abandonado a uma lei diferente (v. 18), que produzia a morte

e não a vida. "É parte do governo moral universal do mundo . . . que o efeito da desobediência e a negligência da graça leve o pecador a um pecado maior" (F. Gardiner em *Commentary* de Ellicott). Quanto à cegueira judicial com a qual Deus aflige aqueles que voluntariamente fecham seus olhos, veja Atos 7:42; Rm. 1:24, 25; II Ts. 2:11.

**26.** Deus permitiu que incorressem no crime de oferecer **a fogo tudo o que abre a madre** (primogênitos; cons, v. 31; 16:21; 23:37) a fim de que soubessem que eu sou o SENHOR.

**27-29.** A rebelião de Israel contra Deus depois de entrar em Canaã.

**28.** O culto cananita sobre os lugares altos e sobre as árvores foi adotado por Israel. Foi condenado por Amós (4:4; 5:21); por Oséias (6:6; 8:11,13; 9:11; por Jeremias (2:20; 3:6). Aí ofereciam os seus sacrifícios. O termo hebraico *zebah* significa animais mortos e corridos nas festas, especialmente ofertas pacíficas e ofertas de gratidão (Lv. 3:1 e segs.; 7:12-25). **Ofertas provocantes**, ou irritantes (omitido pela Siríaca). O termo hebraico *qorban*, "oferta", refere-se a ambos, oblações sangrentas e sem sangue (Lv. 1:2, 3, 10; 2:1, 5), tais como as primícias (Lv. 2:12; 23:10, 17). **Suaves aromas** (*rêah nihôah*). Cheiro de carne, gordura ou alimento queimado sobre o altar, agradável ao Senhor (Gn. 8:21; Êx. 29:18; Lv. 1:9). **Libações** (*neseq*). Libações de vinho que acompanhavam as ofertas de manjares e as ofertas pacíficas (Lv. 23:13; Nm. 15:1-12).

**29. Que alto é este, aonde vós ides?** Esses sacrários com ídolos (v.28) não serviam para prestar culto ao Senhor. "Lugares altos", *bamâ*, é o objeto de um jogo de palavras irônico – *bâ'*, "ir", mais *mâ*, "o que".

**30-32.** *A rebelião da geração de Ezequiel.*

**30, 31.** Os contemporâneos de Ezequiel que, tal como seus pais, tinham se contaminado, não podiam receber um oráculo vindo do Senhor. (cons, v. 3).

**32. Seremos como as nações.** Uma interpretação defende que os exilados estavam planejando permitir que o ambiente pagão os assimilasse, mas não nos parece que tenham participado tais planos ao



profeta Ezequiel. Uma segunda opinião é que os exilados queriam a aprovação de Ezequiel para levantar um altar e um templo para o Senhor na Babilônia, (Cons. o templo judeu em Elefantina, no Egito). Mais provável é que o profeta, falando em nome de Jeová, estivesse condenando o sincretismo e as práticas idólatras de seus conterrâneos em Judá.

**c) O Zelo do Senhor pelo Seu Nome a fim de Fazer Israel Atravessar o Juízo Futuro até a Perspectiva de Esperança. 20:33-44.**

**33-39.** *Um segundo encontro no deserto* (um contraste com os vs. 10-26) *com o propósito de juízo.*

**33. Hei de reinar sobre vós.** Fala o Vingador soberano do direito e da verdade.

**34. Tirar-vos-ei dentre os pavor.** Como povo diferente, para ser tratado como povo particular.

**35. Deserto dos povos.** Talvez não um deserto material, mas uma condição árida - dispersos entre as nações.

**37. Far-vos-ei passar debaixo do meu cajado.** Uma referência figurada ao cajado do pastor, usado para contar as ovelhas (Lv. 27:32; Jr. 33:13). **E vos sujeitarei à disciplina** (eu os contarei, segundo a LXX).

**38. Separarei dentre vós os rebeldes.** Os rebeldes não terão permissão de participar da futura restauração.

**39. Cada um sirva os seus ídolos.** Deus os abandonará para que prossigam pelo carrinho que escolheram até o seu fim inevitável.

**40- 44.** *A idolatria será arrancada de Israel e o verdadeiro culto será estabelecido.*

**40. No monte alto de Israel** ( Miq. 4:1, 2; Is. 2:2, 3 ), toda a casa ( dos redimidos ) de Israel será aceita.

**41. Como aroma suave** diante do Senhor. *Manifestarei entre vós a minha santidade* (RSV). De modo que as nações reconhecerão o poder do Senhor e sua divindade única. Veja também 28:22, 25; 36:23; 38:16, 23; 39:27.

**42. Eu sou o SENHOR.** Israel conhecerá o Senhor como o Deus a ser honrado e servido quando Ele cumprir suas promessas antigas feitas aos pais, da restauração da terra.

**43. Tereis nojo de vós mesmos.** Pelos seus pecados do passado (6:9; 16:61 e segs.). Mas eles serão levados a se arrependerem por canoa da bondade de Deus (Rm. 2: 4).

**44. Eu sou o SENHOR.** O povo verá que, através de todo o seu passado, o Senhor, por amor ao Seu nome, lidou com eles com misericórdia e não como mereciam (com. Is. 40:5). Os versículos 40-44 apontam para o capítulo 40 e seguintes.

## **2) Israel Será Punida pela Espada Vingadora de Deus. 20:45 – 21:32.**

O T.M. coloca este trecho no capítulo 21, enquanto a versão inglesa, seguindo a LXX, a Siríaca e a Vulgata, o coloca entre 20:45-49 e 21:1-32. Quatro oráculos se distinguem: a) Um fogo devorará a floresta do Sul (20:45-49), o fogo da guerra e da espada contra Jerusalém e Israel (21:1-7); b) a "canção da espada", apesar das obscuridades do texto, descreve pitorescamente a divina visitação pendente sobre Jerusalém (vs. 8-17); c) O rei da Babilônia, o manejador da espada, é orientado a atacar Jerusalém por meio da sorte na encruzilhada (vs. 18-27); d) Amom, ameaçando Israel com a espada, ele mesmo será condenado (vs. 28-32).

### **a) O Fogo Devorador da Guerra Contra Jerusalém e Israel. 20:45 – 21:7.**

**45-59.** *A figura de um fogo devorando as florestas do sul.*

**46. Volve o teu rosto para o Sul.** Três palavras para Sul aparecem neste versículo – *têman*, *darôm* e *negeb*, significando respectivamente, "mão direita", "brilhante" ou "meio-dia" e "terra seca". Todas são designações de Israel, que fica ao Sul do caminho dos conquistadores que vinham da Babilônia (cons. 1:4). Observe a referência tripla a Israel

em 21:2, 3. *Derrama as tuas palavras contra*, literalmente (cons. 21:2; Amós 7:16; Mq. 2:6, 11).

**47. Eis que acenderei em ti um fogo.** Esta é uma figura de destruição (cons. Is. 9:17; 10:17-19; Jr. 21:14; Zc. 11:1-3; Sl. 83:14). **Árvore verde . . . árvore seca.** Cons. 21:3. Todos igualmente, justos e injustos, seriam envolvidos no julgamento da nação (cons. Lc. 23:31). **Todos os rostos.** Dos espectadores, ou das árvores.

**49. Parábolas.** Ou enigmas. Com referência à palavra *mashal*, veja 18:2. O povo tomou nota do método de falar do profeta, mas não aceitou a mensagem.

## Ezequiel 21

**21:1-7.** *O fogo da guerra e da espada dirigido contra Jerusalém e Israel.*

**2. Derrama as tuas palavras.** Cons. 20:46. As palavras, **Jerusalém . . . santuários** (o Templo e seus recintos), e Israel correspondem aos três termos (**sul**) de 20:46.

**3. A minha espada.** Cons. 21:5; 30:24, 25; 32:10. Jeová lutará em benefício do Seu povo (Js. 5:13-15); derrotará os Seus inimigos (Dt. 32:41, 42; Is. 31:8; Jr. 50:35), e julgará os injustos (Jr. 25:31; Is. 66:16): A espada desembainhada contra Israel é a do Seu agente, Nabucodonosor (veja v. 19; 12:13; 17:20). **Eliminarei . . . assim o justo como o perverso.** As árvores "verdes" e "secas" de 20:47. Este exemplo de solidariedade não evita que o indivíduo justo tenha uma comunhão com Deus que transcenda a morte (cons. cap. 18).

**6. Suspira. . . com quebrantamento dos teus lombos.** Referência aos lombos, considerados como a sede da força (Jó 40:16; cons. Sl. 66:11; 69:23; Is. 21:3; Na. 2:10). **À vista deles.** Uma parábola objetiva.

**9.** Os exilados na Babilônia ficariam igualmente entristecidos diante da notícia da queda de Jerusalém (cons. 33:21).

**b) A Canção da Espada. 21:8-17.****9-11. A espada está afiada para a matança.**

**10.** *Deveríamos nos alegrar então?* Estas palavras, até o final do versículo, estão deturpadas. A interpretação de Keil (*Biblical Commentary on Ezekiel, in loco*) retém o T.M.: "Deveríamos nos alegrar (dizendo): O cetro de meu filho despreza qualquer pau (isto é, os outros cetros)". Esta interpretação vê aqui uma referência a Gn. 49:9, 10; II Sm. 7:14. Cons. o versículo 27.

**12, 13. A agitação do profeta.**

**12. Dá, pois, pancadas na tua coxa.** Num gesto de desespero (Jr. 31: 19).

**13. Haverá uma prova.** Este texto está deturpado. Das muitas reconstruções, a de Keil aproxima-se do T.M.: "Pois a prova está feita, e se o cetro que despreza os outros não vier?" Isto é, o que acontecerá se esse reino, Judá, ficar sem um rei? Cons. versículos 10, 27.

**14, 15.** *A espada duplicada e triplicada em intensidade para a carnificina.* O T.M. destes versículos é difícil, e todas as traduções recorrem a emendas conjecturas. **Bate com as palmas.** Um gesto de forte emoção (cons. v. 17; 22: 13).

**16. Vira-te . . . para a direita . . . para a esquerda.** Uma apóstrofe para a espada.

**17. Também eu baterei as minhas palmas.** O Senhor exulta sobre a vingança iminente.

**c) O Rei da Babilônia, o Manejador da Espada, Procede Contra Jerusalém. 21:18-27.**

**19. Propõe dois caminhos.** O profeta tinha ordem de traçar sobre a areia, ou talvez sobre um tijolo ou ladrilho (cons. 4:1), duas linhas representando duas estradas que o rei da Babilônia e seu exército seguiriam. Essas estradas partiam da mesma terra, Babilônia, e seguiam a mesma rota centenas de quilômetros até o Vale Orontes, antes de se bifurcarem. **Na entrada do caminho para a cidade.** Talvez isto se refira

a Ribla, no Líbano (ou Damasco), onde as duas estradas se separavam. Um ponteiro ou indicador (cons. I Sm. 15:12; II Sm. 18:18) devia ser levantado, indicando a direção.

**20. Rabá dos filhos de Amom** (cons. 25:5). No período greco-romano esta cidade chamava-se Filadélfia; hoje é conhecida por Amman. Fica situada na fonte de Jaboque, 40 quilômetros a nordeste do Mar Morto. Rabá de Amom ficava em uma estrada e Jerusalém na outra. Ambas eram culpadas de conspirar contra Babilônia (Jr. 27:1-3).

**21. Na encruzilhada** (lit., *base*) . . . **dos dois caminhos**, o rei da Babilônia usaria três tipos de oráculos. Ele sacudiria as flechas, uma para Jerusalém e outra para Amom, em uma aljava ou escudo; e a que tivesse o nome de Jerusalém seria tirada. Ele consultaria **ídolos do lar**, ou *terafins*, pequenas imagens domésticas com forma humana (cons. Gn. 31:19; I Sm. 19:13, 16). Ele examinaria o **fígado** (como a sede da vida, cheio de sangue) buscando prognósticos, um costume entre os babilônios, gregos e romanos.

**22. Oráculo . . . sobre Jerusalém.** Todos os métodos apontariam para Jerusalém como o alvo contra o qual os invasores deviam dar o seu grito de guerra e levantar os **aríetes**. . . **terraplenos e baluartes**.

**23.** Mas para os judeus que tinham feito **juramentos solenes** de fidelidade a Nabucodonosor para depois quebrá-los (17:16-18), os oráculos pareceriam falsos.

**24. Visto que me fazeis lembrar da vossa iniquidade.** Por causa da vossa culpa (*awôn*), transgressões (*pasha'*) e pecados (*hatta't*), **sereis apreendidos**; isto é, presos pelos oficiais inimigos.

**25.** O desonrado e perverso **príncipe de Israel**, Zedequias, alcançara o **dia . . . do seu castigo final** (I Sm. 26:10). (Cons. Ez. 21:29; 35:5).

**26. O diadema** (*turbante*, na RSV; *misnepet*, "diadema" ou "mitra" usado em outras passagens referente ao sumo sacerdote; veja Êx. 28:4; Lv. 8:9) e a **coroa** (*'atarâ*; cons. Jr. 13:18; II Sm. 12:30) da casa real seriam removidos. Todo o estado de coisas atual seria subvertido.

**27. Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei.** A repetição expressa o grau superlativo (cons. Is. 6:3; Jr. 22:29). A condição prevalecente seria subvertida, **até que venha aquele a quem ela pertence de direito, a ele a darei.** Esta é a primeira referência clara de Ezequiel ao Messias pessoal, que teria o direito de usar a coroa e seria um rei de verdade. Veja Gn. 49:10, onde Ezequiel evidentemente leu *shellô*, "de quem ele é" (equivalente a '*asher lô*'; cons. v. 27) em lugar de *Shîloh*. Sobre este uso de **direito**, veja Dt. 21:17; Jr. 32:7, 8.

**d) Oráculo Contra Amom. 21:28-32 (cons. 25:1-7; Amós 1:13-15; Sf. 2:8-11; Jr. 49:1-6).**

Embora Nabucodonosor se desviasse de Amom para Jerusalém (vs. 19, 20), o destino de Amom seria pior que o de Jerusalém.

**28.** Fazendo insultos a **Israel**, eles desembainharam a espada para conquistá-la.

**29. Adivinham mentiras.** As falsas visões e mentiras dos adivinhos amonitas apressariam seus soldados a colocarem as espadas sobre **o pescoço dos . . . perversos**, príncipes e povo de Israel.

**30. Torna a tua espada à sua bainha** diz o Senhor, pois em tua própria terra, **na terra do teu nascimento**, eu te julgarei.

**31.** Eles seriam entregues **nas mãos dos homens brutais** (cons. Sl. 94: 8), selvagens do deserto (Ez. 25: 4, 10), **"mestres de destruição"**.

**32.** Amom se tornaria como **pasto ao fogo**, o sangue vital da nação seria derramado em sua própria terra. Em contraste com Israel, não haveria restauração futura para Amom.

## **Ezequiel 22**

**3) Os Pecados de Jerusalém Seriam Julgados na Fornalha Ardente. 22:1-31.**

Do ponto de vista homilético, este capítulo especifica as abominações das quais a nação era culpada (vs. 1-12), lamenta a

ausência de qualquer voz que se levante contra esses pecados (vs. 23-31) e anuncia o fogo do juízo sobre a nação (vs. 13-22).

### **a) Catálogo dos Crimes Profanadores de Jerusalém. 22:1-12.**

Quatro grupos principais de feitos abomináveis foram tratados neste primeiro oráculo. 1) Idolatria e irreligião. Negligência para com o Senhor (v. 12) é a raiz de todos os pecados (23:35). **Ídolos** (vs. 3, 4), desprezo das **coisas santas** e profanação do **sábado** (v. 8; cons. v. 26; 20:20, 21), e o comer dos sacrifícios feitos aos ídolos sobre os **montes** (v. 9; cons. 18:6) são denunciados. 2) Grande derramamento de sangue acontecia por toda a cidade (veja vs. 2-4, 6, 9, 12, 13, 27). 3) A imoralidade e o incesto eram comuns. Os homens cometiam **perversidade** (v. 9b ; cons. 16: 27; Lv. 18:17), casando-se com suas madrastas (v. 10; cons. Lv. 18: 7, 8; 20:11 e segs.).

Eles humilhavam **da mulher no prazo da sua menstruação** (v.10b, cons. 18:6; Lv. 18:9). Cometiam adultério **com a mulher do seu próximo**, incestos com **a sua nora** e com **a sua irmã** (v. 11; cons. Lev. 18:20, 5, 9). 4) A desumanidade era praticada: **desprezam o pai e a mãe, praticam extorsões contra o estrangeiro e são injustos para com o órfão e a viúva** (v. 7; cons. Ex. 21:17; 22:21, 22). **Homens caluniadores** induziam ao derramamento de sangue (v. 9; cons. Lv. 19:16). Homens aceitavam **subornos**, praticavam **usura e extorsão** (v. 12 ; cons. Êx. 23:8; 22:25; Lv. 19:13). O povo não obedecia ao código de justiça exaltado em 18:5-9.

### **b) O Juízo do Senhor Visitada a Nação Pecadora. 22:13-22.**

**13-16.** *A necessidade e certeza do juízo.*

**13. Eis que bato as minhas palmas.** Um gesto de desdém (cons. 21:14, 17).

**16. Serás profanada em ti mesma.** Antes, *serei profanado através de ti*. Leia-se de acordo com a LXX, *wenihaltî bak*, e não segundo o

T.M., *wenihalt beka*. O castigo seria a dispersão entre as nações, através do qual o Senhor seria profanado. Cons. 20:9; 36:20.

**17-22.** *O juízo de Israel na figura de uma fornalha ardente.* Com referência a figura, veja-se também Is, 1: 22, 25; 48: 10; Jr. 6:27-30 ; Zc. 13:9; Ml. 3:2, 3. Aqui Israel é a matéria prima, Jerusalém é a fornalha, Jeová funde o minério, e Israel é lançada fora como refugo! Observe a repetição de idéias através deste parágrafo.

**18. A casa de Israel se tornou para mim em escória.** Escória era símbolo de indignidade (cons. Sl. 119:119; Pv. 25:4; 26:23).

### **c) A Elite e o Povo, Todos são Culpados de Fracasso em Repreender os Vícios Nacionais. 22:23-31.**

Começando com a camada de cima na escala social, Ezequiel acusa príncipes, sacerdotes, potentados, profetas e o povo por sua cumplicidade com o pecado.

**24.** Israel é uma terra que **não tem chuva.** LXX, *não foi molhada pela chuva*. Está enfrentando uma seca (cons. 34:26). **No dia da indignação.** O dia da destruição de Jerusalém (cons. v. 31; 21:31).

**25. Seus profetas.** Leia-se, *seus príncipes*; substituindo-se rabi, "profeta", do T.M., por *nasî*, "príncipe", da LXX. Eram membros da casa real (cons.v.6). Os profetas foram destacados no versículo 28. Cons. 19:1; 21:12; 45:8, 9 ; Sf. 3:3.

**26. Seus sacerdotes.** Os *kohen*. Cons. Sf. 3:4.

**27. Seus príncipes;** isto é, seus nobres e potentados, os *sarîm*, chefes ou líderes do povo. Cons. Jr. 26:10; 36:12; Sf. 3:3.

**28. Seus profetas.** Os *nabî*. Cons. 13:10, 11; 21:28; Sf. 3:4.

**29. O povo da terra** (*'am ha'ares*). O povo simples. Cons. 7:27; 12:19; II Reis 25:3, 19; Jr. 37:2.

**30. Busquei . . . um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha.** Cons. 13:5; Sl. 106:23. O Senhor buscou em vão por um homem que detivesse a maré da ruína e invertesse o destino do povo, mas não



encontrou nenhum. Compare com Is. 59:15, 16; 63:5, onde, na ausência de um homem, o Senhor operou a vitória.

**31.** A indignação do Senhor e o fogo do Seu furor foram derramados sobre esse povo (cons. vs. 21, 22; 9:10; Sf. 3: 8).

## **Ezequiel 23**

**4) Alegoria sobre Oolá e Oolibá. 23:1-49.** O capítulo 23 contém uma descrição alegórica da história de Samaria e Jerusalém, as duas irmãs que foram infiéis ao seu divino esposo. Na alegoria do capítulo 16, a infidelidade religiosa de Israel por causa da sedução do culto cananita é comparado ao adultério. O presente capítulo trata das alianças políticas de Israel com as nações pagãs, envolvendo falta de confiança para com o poder do Senhor, na figura da prostituição. Em um poema com detalhes os mais repulsivos (vs. 1-35), o profeta descreve 1) a infidelidade de Oolá (Samaria) e o seu castigo (vs. 1-10); 2) a infidelidade de Oolibá (Jerusalém; vs. 11-21) e o seu castigo (vs. 22-35 ). Um discurso final (vs. 36-49) descreve as duas irmãs pecando e recebendo o castigo contemporaneamente. O reino do Senhor deve ser fiel a Ele e não confiar em alianças com os pagãos. "Já tomava conta da mente profética o conceito de que o reino de Deus não era um estado mas o que agora chamamos de uma igreja" (A. B. Davidson, *Cambridge Bible*, pág. 165).

### **a) Introdução. 23:1-4.**

**2. Os dois reinos, Israel e Judá, são apresentados como duas irmãs (cons. Jr. 3:7; Ez. 16:46).**

**4. Oolá, aquela que tem uma tenda, e Oolibá, a tenda está nela,** eram "irmãs parecidas no nome e na culpa". Quanto a nomes semelhantemente formados, veja Gn. 35:18; Is. 62:4. Ewal destaca que no Oriente os irmãos e irmãs geralmente tinham nomes muito parecidos, como Hasan e Husein (pequeno Hasan), filhos de Ali, genro de Maomé. **E foram minhas.** A lei proibía tomar duas irmãs em casamento (Lev.

18:18). A figura do casamento (cons. Jr. 2:2; Os. 2:21, 22) foi amplamente desenvolvida por Ezequiel.

**b) As Infidelidades de Oolá, Samaria. 23:5-10.**

**5, 6.** *Seus amantes os assírios, guerreiros.* (RSV). Os **vizinhos**, *qerôbîm*, provavelmente liga-se à palavra *qerab*, "batalha" (Jó 38:23; Zc. 14:3); ou talvez seja cognata do acadiano *kurâdû*, "guerreiros", a ser lido *qerôdim*.

**7.** O Obelisco Negro de Salmaneser III (859-824) mostra Jeú, rei de Israel, pagando tributo, 842 A.C. (cons. Pritchard, ANET, págs. 281-284). Israel fez custosa aliança com Tiglate-Pileser III (745-727), rei da Assíria (II Reis 15:19-29). Os versículos 8, 9 falam das intrigas de Samaria com a Assíria e o Egito (veja também Os. 5 : 13; 7: 11; 8, 9, 10; 12:1). As intrigas de Oséias com o Egito contra a Assíria resultaram na ruína de Samaria (II Reis 17:3-6).

**10. E ela se tornou falada**, isto é, mal-falada (lit, nome; cons. v. 48; 16:41; 36:3).

**c) As Infidelidades de Oolibá, Jerusalém. 23:11-21.**

**11-13.** *Intrigas com a Assíria.*

**11. Vendo isto sua irmã Oolibá.** O exemplo de Samaria não constituiu um impedimento para Jerusalém, a qual foi culpada de maiores excessos ainda (16: 47, 51; Jr. 3:8, 11).

**12. Inflamou-se pelos filhos da Assíria.** Cons. os versículos 5, 6. Acaz solicitou a ajuda dos assírios (II Reis 16:7; 23:11, 12; Is. 7:1-25).

**14-18. Intrigas com a Babilônia. Homens pintados na parede.** Os babilônios decoravam as paredes de suas salas com painéis esculpidos e coloridos (cons. 8:10; Jr. 22:14).

**15. Lombos cingidos.** Cintos e tangas faziam parte das roupas dos babilônios (veja Is. 5:27; 11:5; também a descrição feita dos nobres babilônios por Heródoto, em *Histories I*, 195). **Turbantes pendentes da cabeça.** Panos atados à volta com fitas pendendo atrás. **Com aparência**

**de oficiais.** Um "oficial" (*shalîsh*) era o terceiro homem a ocupar o cano junto com o rei e o condutor, um homem de alta linhagem.

**16. E lhes mandou mensageiros.** A ocasião é desconhecida, embora Ezequias tenha recebido uma embaixada da Babilônia em cerca de 712 A. C. (cons. Is. 39).

**17. Enojada os deixou** (lit., *perturbada*; cons. Gn. 32:25). Ela sentiu a revolta da paixão saciada.

**19-21. Intrigas como Egito.**

**19. Dias . . . em que se prostituía na terra do Egito.** No tempo de Isaías, havia um forte partido pró-Egito (Is. 30-31; cons. Jr. 2:18; 37:5 e segs.; Ez. 29-32).

**20. Amantes.** Veja em Os. 8:9; Jr. 2:24; 5:8; 13:27 paralelos para as revoltantes figuras deste versículo. Como uma prostituta se sente atraída pela potência sexual, assim Judá foi seduzida pelo valor militar do Egito.

#### **d) O Castigo de Oolibá. 23:22-35.**

Quatro ameaças são feitas, cada uma começando com a expressão: "Assim diz o Senhor Deus" - versículos 22-27, 28-31, 32-34, 35.

**22-27. Primeira ameaça de castigo.**

**23. Peco, Soa e Coa** (cons. Jr. 50:20; Is. 22:5) se identificam com *Pukûdû*, *Sutû* e *Kutû*, tribos que viviam ao leste do Rio Tigre, perto de sua foz, todas pertencentes ao império caldeu. **Governadores e sátrapas.** Oficiais e guerreiros, seguindo a tradução dos versículos 5, 6 e 12. **Príncipes.** O T.M. traduz "chamados" para dar conselhos.

**24. Pavese,** pequenos escudos que se carregavam no braço. Escudos, uma grande arma de proteção. Porá diante deles o juízo, isto é, de Jerusalém, para os caldeus (cons. I Reis 8:46). Eles a julgariam de acordo com seus próprios juízos cruéis.

**25. Porei contra ti o meu zelo.** Cons. Nm. 25:11. Sobre a mutilação de adúlteras e outras, veja Código de Leis da Assíria Média (Barton, *Archaeology and the Bible*, págs. 427-438) especialmente as

seções 4, 8, 9,11-14, 40,41, 50-59. Sobre essa prática no Egito, veja Diodorus Siculus, *The Historical Library* 1. 78. Cons. Ez. 12:13; 16:40.

**26. Despojar-te-ão.** Cons. 16:38, 39.

**28-31.** *Segunda ameaça de castigo.*

**29. Fruto do teu trabalho;** isto é, riqueza (Jr. 20:5; Sl. 128:2).

**31. Copo.** Jerusalém tinha de beber no copo do castigo de sua irmã (cons. Is. 51:17, 22, 23; Jr. 25:15, 16; Hc. 2:16).

**32-34.** *Terceira ameaça de castigo.* Estes versículos formam um poema sobre a taça do juízo.

**34. Arrancarás os teus cabelos.** Uma tradução livre do T.M., na LXX diz *roerás os cacos*. **E te rasgarás os peitos.** Cons. Jr. 25:16; Jó 39:24.

**35.** *Quarta ameaça.* **Também carregará com** (as conseqüências de) **a tua luxúria.** Cons. versículos 8, 27, 44.

e) Julgamento de Oolá e Oolibá. 23:36-39. Esta passagem constitui um apêndice com uma descrição independente.

**36-39.** *As irmãs são culpadas de adultério e idolatria.*

**37.** O **sangue** do sacrifício infantil estava **nas suas mãos**, em sua adoração de ídolos, especialmente Moloque (cons. 16:20, 21).

**38. Contaminaram o meu santuário e profanaram os meus sábados.** Cons. 20:12, 13; 22:8.

**39.** Depois de realizar o culto pagão, entravam despreocupadamente na casa do Senhor. Cons. Mq. 3:11; Jr. 7:9-11.

**40-44.** A prostituição de Israel nas alianças com estrangeiros. Nestes versículos a prostituta faz preparativos cuidadosos para receber os seus amantes.

**40.** As mulheres pintavam suas pálpebras com antimônio ou estíbio em pó para fazê-los parecer grandes e brilhantes (cons. II Reis 9:30; Jr. 4:30; veja também o nome da filha de Jó, *Kerenhappuch*, "chifre de pintura para olhos", Jó 42:14).

**42, 43.** Estes versículos são ininteligíveis no T.M., e as versões não apresentam traduções satisfatórias. O versículo 44 é um resumo dos

versículos anteriores. Traduza-se para: *para praticar obscenidades* (RSV), segundo a LXX, em lugar do T.M., **mulheres depravadas**.

**45-49.** *A adúltera condenada à morte por homens justos*. Homens justos. Talvez o significado é que o senso moral da comunidade (não dos caldeus) julgaria as adúlteras (cons. vs. 24:47; 16:40).

**47. As apedrejará.** O apedrejamento era o castigo para o adultério prescrito pela Lei (cons. 16:38-40; Dt. 21:21).

**48. Escarmentem.** Advertidas por um exemplo público (cons. o versículo 10; 16:41).

**49. Será retribuído** (RSV). De acordo com o Targum. **O castigo ... recairá sobre vós.** Cons. o versículo 35; Lv. 20:20.

## Ezequiel 24

### 5) Símbolos do Cerco Final de Jerusalém. 24:1-27.

a) Alegoria da Panela Enferrujada Colocada Sobre o Fogo. 24:1-14.

No dia em que o cerco e a tomada de Jerusalém começaram, o Senhor deu ao profeta uma alegoria e uma parábola objetiva referente ao cerco e tomada rural da cidade. Ele trilha de colocar um caldeirão enferrujado (Jerusalém) sobre o fogo, enchê-lo de água e jogar pedaços de carne (os habitantes de Jerusalém) dentro dele. Devia amontoar lenha debaixo dele para que fervesse furiosamente (o cerco e sua severidade). Então devia retirar pedaços de carne indiscriminadamente do caldeirão (a dispersão universal depois do cerco). Depois devia colocar a panela vazia sobre as brasas para que sua ferrugem e sujeira fosse derretida e consumida (os juízos purificadores deviam continuar muito tempo depois da destruição da cidade).

**1. O nono ano, no décimo mês, aos dez dias do mês.** O dia do começo do cerco de Jerusalém (II Reis 25:1; Jr. 30:1; 52:4). Janeiro de 587 A. C. (ou 588) A. C. Durante o Exílio e até 518 A. C. , este dia era guardado com jejum (Zc. 8:19).

**3. Propõe uma parábola.** Um *mashal* (cons. 17:2). Os versículos 3-5 estão na forma poética. A inspiração do profeta vinha geralmente

quando se ocupava com coisas corriqueiras, aqui aparentemente quando se dispunha a preparar uma refeição.

**5. Empilha lenha.** Leia-se de acordo com o versículo 10, em lugar de *empilha os ossos* do T.M. **Faze-a a ferver** (ferve os seus pedaços, RSV). De acordo com dois manuscritos hebraicos em lugar do T.M., *ferve a sua fervura*. **Cozam-se . . . os ossos.** Junto com a carne em cima deles (cons. v. 4).

**6. Panela cheia de ferrugem** ou sujeira, **ferrugem que não foi tirada.** Cons. 22:2. Sem escolha. Em 597 A. C., os habitantes foram levados por escolha? Agora não seria assim. A dispersão seria indiscriminada.

**7, 8. Sangue. . . numa penha descalvada.** O descaramento do pecado de Jerusalém (cons. Is. 3: 9) seria igualado à imparcialidade do seu castigo. O sangue derramado clamava por vingança (Gn. 4:10; Lv. 17:13; Dt. 12:16; Jó 16:18). No versículo 8 diz-se que o Senhor está determinando este derramamento, para atrair o juízo sobre Jerusalém por causa dEle.

**10. Amontoa muita lenha.** É um paralelo do versículo 5. *Esvazia o caldo* (RSV). Da mesma forma a LXX, com pequena alteração, em lugar do T.M., *tempera os temperos*. **Ardam os ossos.** Pela ação poderosa do calor durante o cozimento.

**12. Trabalho inútil!** (Em vão eu me cansei, RSV). Uma ligeira emenda dá esta tradução, em lugar do T.M., *com luta ela* (me ou se) *cansou*. **Sua muita ferrugem**, ou *grande sujeira* tem de ser extraída do pote.

**13. Até que eu tenha satisfeito** ou apaziguado o meu furor. Veja também 5:13; 8:18; 16:42.

**14. Eu te julgarei** (RSV). Do mesmo modo em dois manuscritos hebraicos e diversas versões. Cons. 23:49.

**b) A Abstenção Fora do Natural do Profeta de se Entristecer.**  
**24:15-24.**

O Senhor disse a Ezequiel que sua amada esposa morreria subitamente, e que ele não devia se ocupar das costumeiras atitudes de luto. Ele devia assim se tornar um símbolo do desespero do povo diante do destino de sua amada cidade de Jerusalém.

**16. A delícia dos teus olhos.** Cons. versículos 21, 25. "A frase sozinha revela que havia uma fonte de lágrimas oculta no seio deste severo pregador" (J. Skinner, ExpB). **Às súbitas.** Esta expressão refere-se à uma enfermidade súbita e fatal (Nm. 14:37), geralmente uma praga (Êx. 9:14; II Cr. 21:14).

**17.** O profeta devia sufocar seus instintos naturais quando o golpe fosse desferido. Quanto aos costumes referentes ao luto, consulte Eclesiástico 38:17; Is. 20:2; Mq. 3:7; Lv. 13:45. **Não comas o pão que te mandam.** O pão dos pranteadores (RSV). Do mesmo modo o Targum e a Vulgata. Cons. Os. 9:4, traduzindo 'ônîm em lugar do T.M. 'anashîm, "pão dos homens". Cons. Jr. 16:7; Tb. 4:7.

**18, 19.** O povo, acostumado a consultar Ezequiel (8:1; 14:1; 20:1), perguntaram-lhe por que não chorava a morte de sua esposa. Compare com 21:12.

**21. Eu profanarei o meu santuário.** Pela ação de um inimigo pagão (7:24; 25:3; 44:7; Dn. 11:31). O Senhor aqui vê além das causas secundárias. **Objeto do vosso mais alto orgulho.** O Templo (cons. v. 25).

**22, 23.** Ezequiel devia dizer ao povo que eles se entristeceriam em silêncio, profundamente, diante da destruição do Templo (cons. 33:10; Sl. 38:8), como ele se entristecera por sua esposa.

**24. Assim vos servirá Ezequiel de sinal.** Cons. o versículo 27; 12 : 6, 11.

### **c) O Ministério do Profeta Liberado das Limitações durante a Queda da Cidade. 24:25-27.**

Quando chegaram as novas da queda da cidade, cumprindo as predições do profeta, ele já não precisava mais se fazer de mudo; as

limitações seriam removidas e ele poderia falar irrestritamente para os que quisessem ouvi-lo.

**25. No dia.** Da queda de Jerusalém.

**26. Nesse dia.** Quando a notícia da queda da cidade chegasse à Babilônia.

**27. Abrir-se-á a tua boca.** Em conversa com aquele que escapar. Não ficarás mudo. Cons. 3:26, 27; 33:21, 22. Ele poderia então ser um atalaia no sentido pastoral. Suas profecias da destruição teriam sido confirmadas; estaria livre para se dedicar na edificação de uma nova comunidade. **Assim lhes servirás de sinal.** Cons. o versículo 16:18.

## **II. Oráculo Contra as Nações Estrangeiras. 25:1 – 32:32.**

Os oráculos anunciando o castigo para os vizinhos hostis de Israel (caps. 25-32) constituem uma transição entre as profecias do juízo de Judá e Jerusalém (caps. 1-24) e as predições de sua restauração (caps. 33-39; 40-48). Os oráculos contra as nações estrangeiras estão agrupados em outros profetas também: Is. 13-23; Jr. 46-51; Amós 1, 2; Sf. 2:4-15.

Antes que o estado ideal pudesse ser alcançado, os inimigos teriam de ser destruídos e Israel tinha de se estabelecer seguramente em sua terra (28:24, 26; 34:28, 29). Sete nações, possivelmente um símbolo de plenitude, estão destinadas à retribuição. Cinco delas fizeram uma aliança contra a Caldéia (Jr. 27:1-3). A Babilônia, o poder anti-Deus do V. T. , não está incluída nas acusações, talvez porque esta nação foi o instrumento da justiça de Deus (29:17 e segs.), embora Ezequiel conhecesse o caráter dos caldeus (7:21, 22, 24; 28:6; 30:11, 12; 31:12).

O Senhor devia repartir o castigo pelos inimigos que estavam à volta de Israel por causa de seu comportamento para com Israel (25:3, 8, 12, 15; 26:2; 29:6) e por causa de seu orgulho ímpio e sua auto-deificação (28; 29:3). Aqui, como nos oráculos referentes aos estrangeiros feitos pelos outros profetas, exibe-se o panorama internacional da profecia hebraica, com o destaque dado à soberania universal de Deus e a responsabilidade moral de toda a humanidade. "A



posição de uma nação entre os povos depende da contribuição que faz ao propósito divino para a humanidade e de seu tributo para com o Seu governo universal" (Cook, ICC, pág. 282).

As nações que foram examinadas pelo profeta são Amom, Moabe, Edom, Filístia (25:1-7, 8-11, 12-14, 15-17), Tiro (três oráculos: 26; 27; 28:1-19), Sidom (28:20-26) e Egito (sete oráculos: 29:1-16, 17-21; 30:1-19, 20-26; 31; 32:1-16, 17-32). Os quatro primeiros oráculos são curtos e prosaicos (cap. 25), enquanto que os pronunciamentos contra Tiro (caps. 26-28) e Egito (caps. 29-32) são longos, poemas magníficos, cheios de colorido e fogo, boa ilustração do estrio variado de Ezequiel. As datas atribuídas a alguns dos oráculos localizam esta seção entre 587-586 A.C. (sete meses antes da queda de Jerusalém, 29:1) e 571-570 A. C. (16 anos depois de sua queda, 29:17).

## **Ezequiel 25**

### **A. Oráculo Contra Amom. 25:1-7.**

Quanto às outras acusações, veja 21:28-32; Amós 1:13-15; Sf. 2:8-11; Jr. 49:1-6.

Amom certa ocasião possuía a terra entre o Amom e o Jaboque, mas foi empurrada para o leste pelos amorreus (Juízes 11:13; Nm. 21:21). Um inimigo implacável de Israel através dos anos (Jz. 10-11; I Sm. 11; II Sm. 10). Amom foi denunciada neste oráculo por causa de seu júbilo ímpio e sua malícia diante da destruição do Templo e miséria de Israel e Judá (Ez. 25:3, 6). Referências pós-exílicas feitas a Amom encontram-se em Ne. 4:3; I Mac. 5:6.

**4. Filhos do Oriente.** As tribos aramaicas e árabes a leste de Amom (cons. Jz. 6:3, 33; Is. 11:14; Jr. 49:28) despojariam Amom.

**5. Rabá.** Sua cidade principal (cons. 21:20), onde se encontra Filadélfia, fundada por Ptolomeu II Filadelfo (285-246), viria a se transformar em pastagens (cons. Is. 17:2; 32:14; Sf. 2:14). **Sabereis que eu sou o SENHOR.** O propósito destes juízos é o de fazer os homens reconhecerem que o Senhor governa os homens e dá forma à história

(cons. Dn. 4:17). A expressão em formas diferentes, começando em Ez. 6:7, aparece cerca de sessenta e cinco vezes em Ezequiel, e repetidamente nos oráculos referentes aos estrangeiros.

### **B. Oráculo Contra Moabe. 25:8-11.**

Outras maldições são Is. 15-16; 25:10-12; Jr. 48; Amós 2:1-3; Sf. 2:8-11.

O território de Moabe jaz entre o rio Arnom e o regato de Zerede, mas Moabe freqüentemente reivindicava a posse das terras que se estendiam desde o Mar Morto. Possuía um grau de cultura superior a Amom. (Sobre as cidades de Moabe, cons. Nelson Glueck em BASOR, 18-19, 1938-39, 72-75; *The Other Side of the Jordan*; New Haven: ASOR, 1940, págs. 134.139. Cons. Gn. 19:30-38 ; Nm. 22-24; Rute; Ne. 13:1).

**8.** Moabe não via nada de bom ou especial na existência de Israel:  
**A casa de Judá é como todas as nações.**

**9. Bete-Jesimote.** Tell el-Azeiman, 4,80 quilômetros a nordeste do Mar Morto (Js. 12:3; 13:20). **Baal-Meom.** *Mâ'iñ*, 14,40 quilômetros a leste do Mar Morto e 6,40 quilômetros ao sul de Medeba (Js. 13 :17). **Quiriataim.** Identificada como El Qereiyat, 16 quilômetros abaixo de Baal-Meom e 11,20 quilômetros a noroeste de Dibom (Js. 13:9; Jr. 48:1, 23). A segunda e terceira destas cidades estão mencionadas na "Inscrição de Mesha" ou "Pedra Moabita" (ANET, págs. 320, 321).

### **C. Oráculo Contra Edom. 25:12-14.**

Com referência a outras maldições, veja 35:1-15; 36:5; Is. 34; 63:1-6; Joel 3:19; Amós 1:11, 12; Ob.; Ml. 1:2-5.

Edom desalojou os hurrianos de Seir para ocupar o acidentado território que se estendia desde o extremo sul do Mar Morto de ambos os lados do Arabá até o Golfo de Ácaba (Gn. 14:6; 32:3; 36:20, 21, 30; Dt. 2:1, 12; Jz. 11:17, 18; I Reis 9:26). Sua capital era Sela, provavelmente mais tarde o local de Petra. Quando da queda de Jerusalém, os edomitas

penetraram no sul de Judá (I Mac. 4:29; 5:65). Desde os fins do quarto século A. C. até o primeiro século d. C., os árabes nabateanos estabeleceram um elevado grau de cultura no território edomita. Os edomitas foram subjugados por João Hircano em 125 d. C. e incorporados a Israel. Herodes, o Grande, era idumeu, nome grego e romano para os edomitas. (Veja Josefo Ant. MI. 8. 6; XIV. 1. 3; 7. 3; Guerras IV. 9. 7. I Mac. 5:3-5).

**12. Visto que Edom se houve vingativamente para com a casa de Judá, todo o seu território, desde Temã** (v. 13), provavelmente *Tawîlân* perto de Sela ao norte, **até Dedã**, ao sul (cons. Jr. 49:7, 8; não a Dedã da Arábia, 27:20; 38:13), ficaria desolada.

#### **D. Oráculo Contra Filístia. 25:15-17.**

Com referência a outras maldições, veja Is. 14:29-31; Jr. 47; Amós 1:6-8; Sf. 2:4-7; Zc. 9:5-7.

Os filisteus, dos quais se deriva o nome **Palestina** (*Histories* de Heródoto, Ai. 89), vieram de Caftor, ou Creta, na bacia do Egeu (Jr. 47; 4; Amós 9:7), e como parte dos "povos do mar" estabeleceram-se no litoral sul de Canaã, desalojando os avins (Dt. 2:23). Sempre uma ameaça para os hebreus (Êx. 3:17, 18; Jz. 14-16; I Sm. 4.6); seu monopólio dos instrumentos de ferro (I Sm. 18:19-23) tomou-os particularmente temíveis. Sua pentápolis estava sob o controle de cinco senhores ou *serens* (cons. gr. *tyrannos*; Js. 13:3; I Sm. 6:4). Adotaram o culto a Dagã, divindade semita das colheitas (I Sm. 5), e diversos deuses cananitas. Os grandes "incircuncisos" da antiguidade foram grandes beberões, como dão a entender os cálices de vinho e os canecos de cerveja que estavam presentes em todos os lugares. (Albright, *Arch. of Pal.*, pág. 115). Saul lutou contra eles (I Sm. 13-14; 17-18; 31), e Davi os derrotou (II Sm. 8:1, 12; 5:17.25; 21:15.22). O relacionamento continuou hostil entre Judá e os filisteus (II Cr. 21:16; 28:18; II Reis 18:8; II Cr. 26:6, 7), até que os macabeus finalmente os liquidaram (I Mac. 5:68; 10:83-89; 11:60, 61).

**16. Os quereteus**, E.R.C. (cretenses) eram mercenários estrangeiros. A guarda pessoal de Davi (II Sm. 8:18; 15:18; 20:7). Aqui é um sinônimo de filisteus e não deve ser igualado a Keret das tabuinhas ugaritas (cons. Albright, BASOR, 71, Out. 1938, 35-40).

Os filisteus experimentariam as **furiosas repreensões** (v. 17) de Deus, porque se vingaram com malícia **para destruírem com perpétua inimizade** (v. 15).

### **E. Oráculos Contra Tiro. 26:1 – 28:19.**

Com referência a outras maldições, veja Is. 23; João 3:4-8; Amós 1:9, 10; Zc. 9:3, 4.

A antiguidade de Tiro se atesta através de Heródoto (ü, 44) e as Cartas de Amarna (cons. Pritchard, ANET, 484). Forçados a sair da Palestina e Síria no décimo terceiro e décimo segundo séculos, os fenícios voltaram suas energias para o lado do mar e vieram a ser os maiores marinheiros e comerciantes de todos os tempos, em relação ao mundo conhecido (cons. Albright, "The Role of the Canaanites in the History of Civilization", em *The Bible and the Ancient Near East*, ed. por G. E. Wright, págs. 328-362, esp. págs. 328, 335, 340 e segs.). Rirão I, rei de Tiro (969-936), fez pactos com Davi e Salomão (II Sm. 5:11; I Reis 5:1-18; 9:10-14, 26, 27). Jezabel, a rainha consorte de Acabe e filha de Etbaal (Ittobaal 1, 887-856), rei dos sidônios, introduziu o culto a Baal Melcarte de Tiro, senhor do inferno, da tempestade e da fertilidade, em Israel (I Reis 16:31; 18).

Tiro foi molestada pelos monarcas assírios e subjugada por Assurbanipal (ANET, pág. 295). Procurou fazer uma aliança com Zedequias contra Nabucodonosor (Jr. 27:3; 28:1). Em 588 Faraó Hofra atacou Tiro e Sidom (Heródoto ii. 161; Diodorus Siculus, 1. 68). Nabucodonosor cercou Tiro durante treze anos (585-573), mas não conseguiu tomá-la (Ez. 29:18; Josefo Antiquities X. 11. 1; Against Apion 1. 20, 21). Após um cerco de sete meses, Alexandre, o Grande, finalmente destruiu a cidade-ilha em 332 A.C., construindo um molhe do

continente até a ilha (Diod. Sic. XVII. 40-46). Foi reconstruída em 314 A.C.. Tiro está relacionada com o ministério de Jesus (Mt. 15:21-28; Mc. 3:8; cons. Mt. 11:21, 22), e foi o lar de crentes (Atos 21:3-6). Orígenes foi ali sepultado em 254 d. C. e Eusébio pregou ali em 323. Os muçulmanos a conquistaram em 638 e os cruzados a tomaram em 1124. A cidade foi completamente destruída pelos sarracenos em 1291. Atualmente é uma pequena vila de pescadores, *Es-Sur*.

Ezequiel dedica mais espaço a Tiro, "A Veneza da Antiguidade ", do que qualquer outro escritor do V. T. Nos capítulos 26-28, o profeta prediz a derrota deste grande poder naval sob as mãos de Nabucodonosor (cap. 26), lamenta o naufrágio deste galante navio Tiro em uma lamentação magnífica (cap. 27); e em uma canção de escárnio descreve o orgulho e a queda do príncipe de Tiro (28:1-19).

## **Ezequiel 26**

### **1) Derrota e Destruição de Tiro. 26:1-21.**

O capítulo contém quatro oráculos, cada um introduzido por "assim diz o Senhor" (vs. 3, 7, 15, 19). A tradicional observação marginal hebraica do capítulo diz "metade do livro".

#### **a) A Culpa de Tiro. 26:1-6.**

**1. No undécimo ano, no primeiro dia do mês;** isto é, 586 (ou 587) A. C. O versículo 2 dá a entender que o oráculo veio depois da destruição de Jerusalém em 586 A.C., cuja notícia Ezequiel não ouviu até o décimo segundo ano e o décimo mês (33:21). Alguns manuscritos hebraicos, a LXX e a Siríaca dão *undécimo ano* em 33:21, que colocaria esta profecia no undécimo ano e undécimo ou décimo segundo mês.

**2. A porta dos povos.** Jerusalém ficava sobre as estradas dos pedágios. **Está quebrada.** Já não poderia mais receber das caravanas os impostos que Tiro cobiçava.

**4. Tiro** (= *sôr*; e *sûr*= "rocha"), localizada em uma ilha rochosa de 57,46 hectares, tinha dois portos ligados por um canal, o porto sidônio a

nordeste e o egípcio ao sul. A cidade-ilha tinha 1.107m ao longo da praia desde a cidade murada até o continente.

**6. Suas filhas, que estão no continente** (cons. v. 8). A linha das colônias fenícias do outro lado da cidade-ilha.

### **b) Sua Iminente Destruição por Nabucodonosor. 26:7-14.**

**7. Nabucodonosor** é a forma do nome sempre usada por Ezequiel para *Nabukudurri-usur*, "Nebo, proteja minhas fronteiras". Rei de Babilônia . . . o rei dos reis. Um título assírio (cons. Dn. 2:37; Esdras 7:12). **Desde o norte.** Veja também Jr. 1:14; 4:6; 6:1, etc.

**8,9.** Em seu ataque, Nabucodonosor empregou um **baluarte**, ou uma torre móvel; um **terrapleno** (AV, monte); um **telhado de paveses** (AV, levantamento de escudos), igual ao *testudo* romano; **aríetes e ferros**, literalmente, *espadas*, no sentido de ferramentas.

**11. Fortes colunas** (fortes guarnições, AV; singular, *massebâ*). Colunas sagradas ou monumentos (cons. Heródoto ii. 44).

### **c) Efeitos de Sua Queda Sobre os Príncipes do Mar. 26:15-18.**

**15. Terras do mar.** As praias e as ilhas com as quais Tiro comerciava. Muitas de suas colônias e seus mercenários temiam uma ameaça à sua própria prosperidade na queda de Tiro.

**16. Os príncipes do mar.** Príncipes mercadores ou reis de cidades. **Tirarão de si os seus mantos e despirão as suas vestes bordadas.** Cons. João 3:6. Observe as roupas elaboradas dos reis assírios nas esculturas e monumentos.

**17, 18. As lamentações dos príncipes.** Cons. 27:25b-36.

### **d) A Descida de Tiro ao Inferno. 26:19-21.**

**19. As ondas do mar** (*tehôm*). A profundidade do mar, virtualmente um nome próprio aqui, como em 31:15; Amós 7:4. Tiro foi conquistada pelas muitas águas em lugar de conquistá-las.

**20.** Tiro teria de descer **com os que descem à cova, ao povo antigo** (aqueles que morreram há muito, Sl. 143:3; Lm. 3:6), às mais baixas partes da terra. Cons. 31:15 para comentário sobre cova, partes baixas, Sheol. As Escrituras geralmente falam do lugar dos mortos como sendo as profundezas da terra (cons. Ef. 4:9), mas isto não prova que os escritores cressem que esse fosse o verdadeiro lugar dos espíritos que partiam. Considerando que os homens pensam em termos concretos, é natural que, à vista do sepultamento do corpo, se localize este lugar sob a terra. Os homens de todos os lados da terra falam de Deus dizendo que está "acima" deles, embora saibam que Ele é onipresente (cons. Mc. 6:41; 7:34; Lc. 9:16; Jo. 17:1). **Para que não sejas habitada** (LXX, e tu não permanecerás, isto é, não existirás). Esta tradução das vogais pontuadas parece dar o sentido exigido mais do que a antítese fora do comum do T.M., *e eu darei glória*.

Nabucodonosor, ou não conquistou Tiro, ou deixou de conseguir dela qualquer despojo considerável (29:18); pois seus tesouros provavelmente foram levados por navios, como Jerônimo sugere. Alexandre, o Grande, destruiu a cidade em 332 A. C. , e a destruição rural da cidade reconstruída foi obra dos sarracenos em 1291 d.C. Isto pode ser um exemplo da natureza condicional de algumas profecias, um caso em que o arrependimento revogou a sentença de morte (cons. o livro de Jonas; Jr. 26:17-19, que é uma elucidação de Mq. 3:12; Is. 38; Jr. 11:7-11, uma exposição clara deste princípio). É possível que Tiro fosse poupada por causa de um arrependimento não registrado.

## Ezequiel 27

### 2) Lamentação Sobre a Queda de Tiro. 27:1-36.

Neste esplêndido poema, introduzido por um trecho em prosa, Tiro está representada por um elegante navio manobrado por marinheiros das

idades fenícias (vs. 1-9a), ricamente carregado com mercadorias de muitas nações (vs. 9b-25a), que naufragou para consternação e lamentação dos navegantes (25b -36).

**a) A Construção e a Tripulação do Navio. 27:1-9a.**

**2. Lamentação.** Cons. 19:1.

**3. Entradas** (literalmente) do mar. Possivelmente uma referência aos seus dois portos (cons. 26 4). **Eu sou perfeita em formosura.** O pecado de Tiro foi o seu orgulho (28:2, 5, 17).

**5, 6.** A madeira do navio foi descrita. Seus conveses eram feitos de ciprestes de Senir, nome amonita para o Monte Hermom. **Senir** significa *montanha sagrada* e é equivalente ao *Siriom* sidônio. Seus **mastros** eram feitos de **cedros do Líbano**. Seus remos, de **carvalhos de Basã**, uma região a leste e nordeste de Quinerete, ou o Mar da Galiléia. Seus bancos (literalmente, estrutura; cons. Êx. 26:15, 16; Nm. 3:36) eram feitos de **buxo** (o *te'ashshur*, ou *sherbîn*, arábico, refere-se a uma espécie de cedro) **das ilhas dos quiteus**. *Kinttîyyîm* designava primeiramente os habitantes de Quitiom na costa sul de Chipre, e então passou a ser aplicado às ilhas e litoral do Mar Mediterrâneo, especialmente à Grécia (cons. Dn. 11:30; I Mac. 1:1; 8:5). Os Códices de Habacuque do Mar Morto dão *Kittîm* (1:6) para o *Kasdîm*, "caldeus", do T.M. (Cons. Brownlee, BASOR, 112, Dez. , 1948, 8-18; Ginsberg, ibid, 20, 21). Os bancos eram embutidos em marfim.

**7.** Suas *velas* eram **de linho fino bordado do Egito** (*shesh*; cons, 16:10). E o seu **toldo** ou cobertura era de **azul e púrpura** (púrpura azul e púrpura vermelho) de **Elisá**, provavelmente Chipre, Alashiya (ANET, pág. 29; Cartas de Amarna 33-40) ou Cartago. A Fenícia, de *phoenix*, "púrpura", era famosa por suas tinturas, obtidas de urna concha, o múrice (com. Pliny, *Natural History*, ix. 60; B. Maisler, BASOR, 102, Abril, 1946, 7-12).

**8.** Os **remeiros** do navio eram de **Sidom e Arvade** (no extremo norte da Fenícia; a clássica Aradus; atualmente Ruwad). Em lugar de os



**teus sábios, ó Tiro**, leia-se *os sábios de Zemer* (Tell Kezel, ao sul de Aradus; cons. Gn. 10:18). Estes serviram de pilotos. Literalmente, puxadores de cabo.

**9.** Os magistrados (**anciãos**) de **Gebal** (gr. Biblos, atualmente Jebeil, 33,60 quilômetros ao norte de Beirute) faziam o papel de carpinteiros do navio.

### **b) O Extenso Comércio de Tiro. 27:9b-25a.**

Segue -se uma seção em prosa.

**9b-11.** Seus mercenários.

**10. Os persas.** A primeira menção da Pérsia (*Paras*) na Bíblia. Os *Weidner Tablets* da Babilônia, 592 A. C., mencionam um persa e quatro medos. Uma embaixada de Assurbanipal foi enviada a Ciro, rei da Pérsia, em 639 (com. Albright, JBL, 51, 1932, 98, 99). Os **lídios**. Da Lídia, a oeste da Ásia Menor. **Pute** talvez seja Cirene, ao norte da África, ou mais provavelmente Punt ou Somalilândia (cons. 38:5).

**11. Arvade.** Cons. o versículo 8. Possivelmente *Helech*, na Cilícia; ou *Hethlon* perto de Hamate. **Gamaditas**. Talvez os cumidi ao norte da Síria, mencionados nas Cartas de Amarna, 116, 129, etc., ou os gomerins da Capadócia. **Penduravam os seus escudos** sobre os muros de Tiro (cons. Cantares 4:4; I Mac. 4:57).

**12-25.** Nesta seção citam-se lugares que agiram como comerciantes de Tiro. É o "Catálogo dos Comerciantes". Quanto aos problemas que estão envolvidos na identificação desses lugares, veja J. Simons, *The Geographical and Topographical Texts of the Old Testament* (Leiden: Brill, 1959), pág. 455 e segs.

**12.** Tiro recebia de **Társis . . . prata, ferro, estanho e chumbo**. Os fenícios tinham estabelecido um grupo de tarshishes, isto é, "fundições ou refinarias". Tartessus fica ao sudoeste da Espanha, construída no século nove A. C., famosa pela exportação de minérios (Strabo, *Geography* iii. 2. 8, 9; Diodorus Siculus, *Hist. Lib*, v. 35 e segs. Cons. Albright, em *The Bible and the Ancient Near East*, ed, por G. E. Wright,

págs. 346, 347). **Das tuas mercadorias.** O hebraico *'izzabôn*, isto é, "o que fica (*'azab*) com o negociante". A expressão aparece também nos versículos 14, 16, 22.

**13. Java, Tubal e Meseque.** Estes são, respectivamente, os jônios da Ásia Menor, Tabal e Musku de fontes cuneiformes, que se estabeleceram em ambos os lados da cordilheira do Anti-Taurus na Ásia Menor, remanescentes da antiga população hitita (Cook, ICC, pág. 353); ou talvez sejam os tibarenoi e moschoi, que viviam ao sudeste do Mar Morto (Heródoto iii. 94; Ai. 78). Faziam o tráfico de escravos e bronze.

**14. De Togarma . . . cavalos, ginetes e mulos.** Provavelmente a Armênia, a leste do extremo sul do Rio Halys, famosa por sua criação de cavalos.

**15. Dedã . . . dentes de marfim e pau de ébano** (não a mesma Dedã do versículo 20) era provavelmente uma tribo árabe que habitava uma parte de Edom (v. 16). A LXX B diz *rdn*, "Rodes", em lugar de *ddn*, "Dedã" (cons. Is. 21:13).

**16. A Síria . . . esmeralda, púrpura, obras bordadas.** (RSV, *Edom*, tradução apoiada por vinte e cinco manuscritos, a LXX, Áquila e a Siríaca). "Aram" ou **Síria** do T.M., vem no versículo 18.

**17. Judá e . . . Israel . . . trigo.** O T.M. diz *trigo de Minnith* (uma cidade amonita, Jz. 11:33) e *Pannag*. Nenhuma das versões dá um nome próprio aqui. Cornill sugere "trigo e especiarias" (cons. Gn. 37:25). *Pannag* talvez venha do acadiano *pannigu*, "painço" (Zimmern).

**18. Damasco . . . vinho de Helbom e lã de Saar.** Helbom, 19,20 quilômetros ao norte de Damasco, era famosa por seus vinhos (Strabo, *Geog.* xv. 22).

**19. Também Dã.** A LXX omite o hebraico *wedan*, "e Dã", e traduz *Yawan* ("Javã") para *yayin*, "vinho". Junto com treze manuscritos, a LXX e a Siríaca dão *me'uzal*, **de Uzal**, em lugar de *me'uzzal*, "andando de lá para cá", do T.M. **Uzal.** Sana, capital do Iêmen, a sudeste da Arábia. **Cássia.** Uma madeira aromática do sul da Índia, ingrediente para o azeite da unção (Êx. 30:24). **Cálamo.** Uma cana adocicada, usada nos

sacrifícios e no azeite da unção (Êx. 30:23; Cantares 4:14; Is. 43:24; Jr. 6:20).

**20. Dedã . . . baixeiros para cavalgaduras.** Esta é *El-'Ulâ*, perto de *Tema*, a sudeste do Golfo de Ácaba (cons. Is. 21:13,14; Jr. 25:23).

**21. Arábia . . . Quedar.** Os beduínos nômades ao norte da Arábia e uma raça nômade no deserto siro-árabe (cons. Gn. 25:13; Jr. 2:10; 49:28).

**22. Sabá e Ramná . . . finos aromas.** O antigo país se localizava ao sudoeste da Arábia, quase 1.920 quilômetros de Jerusalém. Era famosa pelo ouro, incenso e pedras preciosas (cons. I Reis 10:1-13; Jó 6:19). Raamá provavelmente ficava no Golfo da Pérsia (Gn. 10:7).

**23. Harã**, cidade antiga ao noroeste da Mesopotâmia, 96 quilômetros a leste de Carquemis (Gn. 11:31, 32; 12:45). **Cane**. Um lugar não identificado na Mesopotâmia. **Éden**. Situado no curso médio do Eufrates, ao sul de Harã (cons. Amós 1:5; Is. 37:12). **Mercadores de Seba** do T.M., é provavelmente uma repetição do versículo

**22. Assíria** (Assur) é a cidade ao sul de Nínive a oeste do Tigre, entre os rios Zabe Superior e Zabe Inferior. **Quilmade**. Desconhecida, embora aparentemente perto de Assur.

**24. Em pano de azul.** No hebraico, *gelômîm*, "mantas", é um *hapax legomenon* do aramaico através do acadiano. **Tapetes de várias cores.** Leia-se (*ginzê be'rômîm*) fazendo paralelo com o aramaico e acadiano. **Trançadas e fortes.** Cons. a raiz árabe significando "unido, rume". O T.M., *feito de cedro*, é improvável. **Estes eram teus mercadores.** Em lugar do T.M., *em teu mercado*.

### c) O Navio Naufraga, com Carga e Tripulação. 25b-36.

**25b-31. Consternação entre todos os homens do mar. O vento oriental.** Como agente de destruição (cons. 17:10; 19:12; Sl. 48:7; Jr. 18:14; Atos 27:14).

**27.** A carga compreendia **riquezas, mercadorias** (E. R. C, feiras) e **bens**. A tripulação consistia de **marinheiros, pilotos, calafates** (carpinteiros), negociantes e os **soldados**.

**28.** As praias, isto é, as terras à volta da cidade (Lv. 25:34; Nm. 25:2), ouviam os gritos dos marinheiros que se afogavam.

**30, 31.** Oito sinais de tristeza foram enumerados. Veja também 7:18; 26:16; Jó 2:12; Jr. 6:26.

**32-36.** *Lamentação sobre navio naufragado.*

**32.** Fizeram **lamentações** (*qinã*) . . . **dizendo : Quem foi como Tiro . . . , reduzida ao silêncio?** (destruída, RSV, também a LXX, a Siríaca, o Targum e a Vulgata).

**34. Foste quebrada.** (Naufragaste, RSV). Traduza-se de acordo com os manuscritos e versões.

**35. Se espantam.** Aqueles que negociaram com Tiro ficarão horrorizados (cons. vs. 3, 6, 7; 26:15,18). Apocalipse 18:11-20 está de acordo com 26:16, 17; 27:12 e segs.

## Ezequiel 28

### 3) A Queda do Príncipe de Tiro. 28:1-19.

Da cidade o profeta passa para o seu governador, como representante do caráter da comunidade, a personificação do espírito da orgulhosa cidade comercial. Rei e povo constituem uma corporação solidária, cujo orgulho e auto-deificação estão condenadas. Outros exemplos da "insanidade da prosperidade" são Senaqueribe (II Reis 17:33-35); Faraó (Ez. 29:3); Nabucodonosor (Dn. 3:15; 4:30; observe particularmente o autoteísmo da Babilônia, Is. 47:7-10); Herodes (Atos 12:21-23); "o homem do pecado " (II Ts. 2:3, 4) e os conquistadores que confiam em suas armas (Hc. 1:11, 16); e todos aqueles que hoje em dia adoram "a deusa da prosperidade".

O profeta descreve o castigo do orgulhoso príncipe (Ez. 28:1-10); e profere uma lamentação irônica sobre a sua queda (28:11-19).

**a) O Castigo do Príncipe de Tiro por Causa de Sua Auto-Exaltação 28:1-10.**

**2. Príncipe de Tiro** é chamado de *nagîd*, "líder", um termo usado apenas para com os governantes israelitas, exceto aqui e em Dn. 9:25,26. Seu aparecimento aqui sugere que ele tinha essa posição apenas por designação divina. Ele é chamado "rei", *melek*, no versículo 12, exemplificando o conceito do Crescente Fértil de que o governante era o representante dos deuses, e mais do que humano. Ittobaal II era rei de Tiro nessa ocasião (Josefo, *Against Apion* 1. 21), mas foi o autoteísmo de Tiro, mais que qualquer governante específico, que foi acusado. **Cadeira de Deus.** Antes *dos deuses* (RSV). Talvez se refira 1) a um trono vazio no templo tiro reservado para o rei, ou 2) a uma situação invencível de Tiro, ou 3) à ilha como lugar consagrado aos seus deuses.

**3. Mais sábio que Daniel.** Talvez seja o Daniel das tabuinhas de Ras Shamra (cons. coment. sobre 14:14, 20); ou o Daniel da Bíblia (Dn. 1:17-20; 2:48; 4:8, 9).

**4, 5.** Esta sabedoria foi dedicada para aquisição de uma grande fortuna.

**7. Os mais terríveis estrangeiros dentre as nações;** isto é, os caldeus. Veja também 7:21, 24; 30:11; 31:12; 32:12; Hc. 1:5-10. **8.** À cova (*shahat*). Equivalente ao Sheol, o reino dos mortos debaixo da terra (cons. 31:15). Da raiz *shûah*, "afogar"; da mesma forma, "lugar vazio", "caverna".

**10. A morte dos incircuncisos.** Para os fenícios, que praticavam a circuncisão (Heródoto II. 104), morrer como um incircunciso desprezado era grande vergonha (cons. Ez. 31:18; 32:19, 21, 24 e segs.).

**b) Lamentação sobre a Queda do Rei de Tiro. 28:11-19.**

Ezequiel aplica ao rei de Tiro uma fábula conhecida entre os fenícios. Ela só tem semelhanças superficiais com a narrativa do Jardim do Éden em Gênesis 2 e 3. No Jardim de Deus, no Éden, vivia com o querubim que o guardava, uma pessoa ideal (o *Urmensch*, ou primeiro

homem), a perfeição em sabedoria e beleza. Embora fosse apenas um homem, ele em seu orgulho proclamou-se deus. Pelo seu pecado foi expulso do jardim pelo querubim. De acordo com a palavra de Deus a Ezequiel, o rei de Tiro, seria arruinado por causa de uma ofensa semelhante. Alguns Pais da Igreja Primitiva interpretaram esta parte como se referindo principalmente à queda de Satanás, ou o Anticristo (cons. Is. 14:4-20). Este ponto de vista continua mantido por alguns grupos evangélicos hoje em dia.

**12. Lamentações.** A lamentação de Ezequiel sobre o rei de Tiro, embora fosse em métrica *qinâ*, é mais uma ironia que uma lamentação. **Tu és o sinete da perfeição.** O T.M. diz: *Tu és* (ou eras) *aquele que sela*, ou *aferidor (hôte) de proporções*, medidas, simetria, isto é, "perfeição" (*toknît*). No V. T. este uso não se encontra em nenhum outro lugar e as versões variam consideravelmente. Um manuscrito, a LXX, a Siríaca e a Vulgata dão: *Tu és* (ou eras) *o anel do sinete* (selo) (*hôtam*) *da proporção*, etc., como no T.M. A Siríaca e a Vulgata dão: *o anel do selo da imagem* (*tabnît*) de Deus. Outra tradução proposta é a seguinte: *Tu eras sábio até a perfeição* (*'atâ hakam letaklît*).

**13. Estavas no Éden, jardim de Deus.** Observe "monte de Deus" nos versículos 14, 16. **Éden** deriva-se do acadiano *edinu*, "planície", um lugar que comporta irrigação e fertilidade. Também é um jogo com as palavras *'eden*, "luxo, gulodice, deleite" (Gn. 49:20; Jr. 15:39; Sl. 8. Veja também Ez. 31:9, 16). **De todas as pedras preciosas te cobrias**, isto é, eram o teu manto. Nove das doze pedras do peitoral do sumo sacerdote foram mencionadas. Veja Êx. 28:17-30, que faz paralelo com Êx. 39:10-13. Veja também Ap. 21:19, 20. A terceira carreira, omitida aqui, encontra-se na LXX. **De ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos.** O T.M. diz: *e* (de) *ouro* (era) *o acabamento* (*me'lakâ*) *de seus tamborins* (o contexto exige "engastes") *e dos seus encaixes* (penetrações, *neqeb*; provavelmente, "gravuras". Cons. Ac. e Ug.).

**14. Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci.** O T.M. diz *Tu (át)* *eras um querubim*. Leia-se com a LXX e a Siríaca: *Com ('et)*

*um querubim*. O T.M. diz: *ungido* (ou "de expansão"; *hapax legomenon*) *que cobre* (que faz sombra) *e eu te dei* (coloquei). **Monte santo de Deus**. Localizado no recesso do norte (Is. 14:13). Para os fenícios este monte deveria ter sido o Monte Saphôn ou Casius, entre Antioquia e Laodicéia. Cons. o deus tiro, *Baal Saphôn*, "senhor do Norte". **Brilho das pedras**. Pedras que reluziam como fogo (cons. Enoque 18:6-9; 24:1; 25:3); ou, fenômeno que acompanhava a presença divina (cons. Ez. 1:13; 10:16). Cons. o jardim com árvores cheias de jóias no *Gilgamesh Epic* (IX, v. vi. ANET, pág. 89 ).

**15. Perfeito eras** (*tamîm*, "em boa condição, inigualável, inocente") . . . **até que se achou iniquidade** (*'awlaltâ*, para o mais costumeiro *'awel*) **em ti**. Não há nenhuma referência ao querubim aqui, pois a Bíblia não fala da queda de algum querubim; e os seres celestiais existiram antes da criação (Jó. 38:7).

**16. Na multiplicação do teu comércio**. A primeira parte do versículo é provavelmente uma glosa do versículo 5; 26:12; 27:12, 18, antecipando o versículo 17. **Pelo que te lançarei profanado fora**. O T.M. diz: *E eu te profanei* (lançando-o fora) *do monte de Deus*. *E o querubim guardião te expulsou* (RSV). Esta tradução segue a LXX, *we'ibbedka* (cons. Gn. 3:24), em lugar do T.M.: *E eu te destruí* (*wa'abbedka*), *ó querubim da guarda* (cons. Ez. 28:14).

**17. O teu coração**. Esta é uma aplicação direta da história ao rei que representa a cidade (27:3) e os seus habitantes (27:8, 9).

**18, 19. Profanaste os teus santuários**. O profeta prediz a ruína da própria Tiro. O rei profanou os templos que fadavam de Tiro uma ilha santa, provocando a sua destruição por causa do seu próprio pecado. Ele ficou abaixo do padrão da verdade que a sua religião preservou para ele.

## F. Oráculo Contra Sidom. 28:20-26.

Outras maldições contra Sidom aparecem em Joel 3:4-8; Zc. 9:2. Sidom (atualmente Saida, provavelmente ligada ao deus *Sid*, da raiz *sûd*, "caçar") está localizada 40 quilômetros ao norte de Tiro. Foi mencionada

nas Cartas de Amarna (75, 85, 149, etc.) e por Homero, na *Ilíada*, 7:290. A tribo de Aser não expulsou os sidônios (Jz. 1:31; 10:12). Sidom mais tarde ficou sujeita à sua filha, a cidade de Tiro (Josefo, *Antiq.* IX. 14: 2). Foi destruída por Esaradom em 677; junto com Tiro ficou sujeita a Faraó Hofra em 588; a Cambises em 526 (Heródoto VII. 89; VIII. 67); vendeu cedros para a reconstrução do Templo de Jerusalém (Esdras 3:7); foi destruída pelos persas em 345; submeteu-se a Alexandre, o Grande, em 333; e passou para os romanos em 64. Em diversas referências do N. T., está ligada a Tiro (cons. introd. ao cap. 26) e Paulo passou por seu porto (Atos 27:3).

**20-23. Eis-me contra ti, ó Sidom.** A grandeza do Senhor está reconhecida pelos juízos que são proferidos contra Sidom. Sidom, e outras nações, sempre foram "um espinho que pica e um abrolho que causa dor" para Israel (v. 24).

**24-26. A casa de Israel.** O castigo para as nações resultará na restauração da casa de Israel. A providência de Deus está claramente visível nestes versículos. O cativo de Israel entre seus vizinhos (v. 24) resultará no seu arrependimento e restauração (v. 25), no juízo divino dos seus inimigos ímpios e na paz e prosperidade para Israel (v. 26).

### **G. Sete Oráculos Contra o Egito. 29:1- 32:32.**

Outras maldições contra o Egito aparecem em Is. 19; Jr. 46; Zc. 14:18, 19. O pecado do Egito foi o seu orgulho (Ez. 29:3, 9b; 30:10) e o fato de ter afastado Israel do seu Senhor (29:6-9a).

O envolvimento de Israel com o Egito nessa ocasião foi discutido na Introdução a Ezequiel. Considerando que o Egito era um grande poder mundial, que governava nações e aspirava o domínio universal (29:15), o profeta o trata em escala cósmica. O julgamento do Egito seria "o dia do Senhor" (30:3). A queda desta grande nação seria sentida através de todo o mundo (32:10), enquanto até a criação estremeceria (31:15). O mundo ficaria sabendo que Deus é o Senhor (30:19, 26).



Os sete oráculos descrevem de diversos modos o juízo divino sobre o Egito: 1) Faraó como um monstro marinho ou crocodilo seria lançado fora para ser devorado, e a nação seria restaurada em condição mais humilde depois de quarenta anos (29:1-16). 2) O Egito seria entregue a Nabucodonosor como recompensa por seu cerco inútil a Tiro (29:17-21). 3) O Egito seria vencido junto com os seus aliados, sua riqueza, príncipes e cidades (30:1-19). 4) Os braços do Egito seriam quebrados pelos braços do rei da Babilônia (30:20-26). 5) Numa alegoria, Faraó, o cedro magnífico, é cortado e vai para o além em desgraça (31:1-18). 6) Uma lamentação sobre Faraó, o crocodilo do Egito, destruído pelo rei da Babilônia (32:1-16). 7) Um cântico fúnebre pela descida do Egito ao inferno (32:17-32).

## **Ezequiel 29**

### **1) A Desolação e a Restauração do Egito. 29:1-16.**

#### **a) O Destino do Grande Monstro Marinho. 29:1-5.**

**1. No décimo ano, no décimo mês, aos doze dias do mês.** Janeiro de 586 (ou 587) A. C., sete meses antes da queda de Jerusalém.

**2. Faraó, rei do Egito.** Apries ou Hofra, da vigésima sexta dinastia (588-569).

**3. Crocodilo enorme** (*tannîm*, em muitos manuscritos). Cons. 32:2; Is. 27:1; 51:9. Gunkel e outros igualaram este crocodilo (dragão) ao mitológico *Tiamat* dos babilônios. Ele é, também, frequentemente associado com o leviatã (Is. 27:1; Jó 41:1; Sl. 74:14) e com "Raabe" (Is. 51:9; Jó 26:12, 13. Cons. Barton, *Archaeology and the Bible*, 279-302; ANET, 61-68, 137). Aqui talvez o dragão seja o crocodilo, pois não há associações mitológicas no presente contexto (cons. A. Heidel, *The Babylonian Genesis*). O rio, Nilo, *yeôr*, é uma palavra emprestada do egípcio. Os rios, *yeôrîm*, são os braços do Nilo no Delta (cons. vs. 4, 5, 10). "O Egito é o presente do Nilo", diz Heródoto, mas Faraó se vangloria: **Eu o fiz** (cons. v. 9. Também a Siríaca; cons. a LXX).

**4. Os peixes dos teus rios.** A população dos mercenários do Egito.

**5. Aos animais da terra . . . te dei por pasto.** Sepultamento impróprio era considerado destino terrível no mundo antigo, especialmente para os egípcios, à vista de seu meticuloso cuidado com os mortos (cons. 32:4, 5 ; Jr. 22:18, 19 ).

**b) Uma Espada a Vir Sobre o Egito. 29:6-9a.**

**6. E saberão todos os moradores do Egito.** Cons. Êx. 2:3, 5; Is. 19:6; II Reis 18:21. **Tremer.** Também a Siríaca, uma tradução derivada da transposição de duas letras do T.M., fazer resistir.

**8. A espada.** Isto é, os caldeus. Veja também os versículos 10; 32:11, 12; Jr. 46: 13 e segs.

**c) Desolação e Restauração. 29:9b-16.**

**10. Migdol** (torre). Tell el-Heir, 19,20 quilômetros a sudoeste de Pelusium, fronteira nordeste do Egito (cons. 30:6; Êx. 14:2; Jr. 44:1). **Sevene.** O *Sun* egípcio (provavelmente significando "elefante"), na primeira queda d'água do Nilo, perto de Assuã, na fronteira meridional do Egito (cons. 30:6), perto da fronteira da **Etiópia**, ou *Kûsh* (Josefo, *Wars* IV. 10. 5).

**11. Pé de homem, nem pé de animal.** Cons. 32:13, 15; 26:20. **Quarenta anos.** O período da supremacia caldaica, antecipando o versículo 13.

**12. A terra do Egito em desolação, no meio** dos desertos da Arábia e da Líbia (cons. 30:7). Os egípcios seriam dispersos (cons. 30:23, 26).

**13-16. Ao cabo de quarenta anos** o Egito seria restaurado mas apenas à condição de um reino humilde. Cons. Jr. 46:26. **Patros** (terra do sul). Egito Superior. Veja também 30:14; Is. 11:11; Jr. 44:15.

**2) O Egito Será Dado a Nabucodonosor como Recompensa. 29:17-21.**

**17. No vigésimo sétimo ano, no mês primeiro, no primeiro dia do mês.** Março /abril de 570 (571) A.C. A última profecia de Ezequiel. Nabucodonosor invadiu o Egito no trigésimo sétimo ano do seu reinado, 568-567 A.C., mas o Egito não veio a ser parte do seu império.

**18.** No árduo cerco feito pelo exército de Nabucodonosor a Tiro (585-573), **toda cabeça se tornou calva** carregando fardos, e **de todo ombro saiu a pele** pelo atrito dos pesos.

**19, 20.** O despojo do Egito viria a ser a paga do exército de Nabucodonosor. Cons. 30:10, 24, 25; Jr. 43:10, 11.

**21. Naquele dia.** Cons, os versículos 19, 20; 30:9; 24:26, 27. **O poder.** Símbolo da restauração do poder de Israel (cons. I Sm. 2:1, 10; Sl. 92:10). Salmo 132:17 indica que a dinastia de Davi seria restaurada. **Fales livremente.** A confirmação das palavras do profeta aos seus companheiros de exílio (16:63), de que os juízos divinos seriam seguidas por uma nova esperança.

## **Ezequiel 30**

**3) Todas as Fases da Vida do Egito Seriam punidas no Dia do Senhor. 30:1-19.**

Esta seção, de caráter escatológico, é a única que não foi datada mas talvez seja cronologicamente ligada a 29:1-16. Consiste de quatro oráculos, todos começando com "Assim diz o Senhor" (veja vs. 2, 6, 10,13).

**a) O Dia do Senhor Anunciado com Referência ao Egito. 30:1-5.**

**3. O dia do SENHOR.** O *dies irae*, "dia da ira". Veja também 7:7; Amós 5:18-20; Sf. 1:7, 14; Is. 13:6; Joel 1:15; 2:1, 2. Este é o dia do julgamento do pecado e o destino final do mundo pagão, do qual o Egito é o representante.

**4. Fundamentos.** As instituições política e social sobre as quais se apoiava o poder do Egito (cons. vs. 6, 8, 13, 15,17).

**5.** Os aliados do Egito seriam derrotados. *Arábia* (RSV). Esta tradução segue o Symachus, Áquila e a Siríaca, em lugar da E. R. C., *toda mistura de gente*. **Os de Cube** (Líbia). Ao norte da África, oeste do Egito (cons. Naum 3:9). Leia-se *Lûb*, de acordo com a LXX e a Siríaca para a desconhecida *Chûb* do T.M. **Outros aliados**. Literalmente, *e os filhos da terra em aliança com eles*. Uma referência aos aliados do Egito e não aos mercenários judeus no exército de Psamtik II (594-588; veja-se *Letter of Aristeas*, cap. 13).

**b) O Egito e Seus Afiados Seriam Destruidos. 30:6-9.**

**6. Migdol até Sevene.** Preferível à E.R.C., desde a torre de Sevene. Cons. 29:10. 7. Cons. 29:12.

**8. Fogo.** Figurativo de guerra (cons. vs. 14, 16).

**9.** Com. Is. 18:2. Os atos do Senhor contra o Egito tinham a finalidade de advertir a **Etiópia descuidada** e o mundo.

**c) A Riqueza do Egito Seria Tomada por Nabucodonosor. 30:10-12.**

**10. A pompa do Egito** (cons. 4; 29:19) seria arrasada por Nabucodonosor, pela primeira vez mencionado nominalmente. A referência de 29:17-19 é de uma data posterior.

**11. Terríveis.** Cons. 28:7; 31:12; 32:12; 7:24.

**12. Secarei os rios.** Secar os afluentes do Nilo (cons. 29:3) seria uma calamidade para o Egito. Cons. Is. 19:5 e segs. **Na mão dos maus... estrangeiros.** Cons. Hc. 1:6 e segs., 12, 13.

**d) Príncipes e Cidades do Egito a Serem Destruidos. 30:13-19.**

As oito principais cidades, três no Egito Inferior e cinco no Superior, são destacadas para a destruição.

**13. Ídolos . . . imagens.** As palavras *gîllûlîm*, "troncos, blocos" e *'elîlîm*, "não deuses", só se encontram aqui em Ezequiel, mas com frequência em Isaías. Uma sugestão é ler-se *gedôlîm*, "nobres" e *'êlîm*, "chefes" (LXX).

**Mênfis** (gr.). Ou *Noph* (heb.), *Menofri* (egípcio), perto de *mit Rahîneh*, 16 quilômetros ao sul do Cairo. O lar de Ptah, o deus do fogo, e do boi Apis.

**14. Patros.** Cons. 29:14. **Zoã.** O *S'nt* egípcio, ou Tanis grego. Avaris, a capital hicsa, atual Sân el-Hagar, no Delta oriental do Nilo, a oeste de Pelusium. *Tebas*. Ou **Nô**, No-Amom, em egípcio Net, capital do Egito Superior, 640 quilômetros de Mênfis, lar de Amom, o deus do sol.

**15. Pelusium** (RSV). Também na Vulgata. No T.M. **Sim** (só nesta passagem de Ezequiel). Identificada como Tell-Foramen. Era uma fortaleza de fronteira, nos limites nordestes, nas vizinhanças de Pelusium, 36,80 quilômetros ao sudeste de Port Said.

**16. De Pelusium (Sim) a Tebas (Nô)** é o Egito todo de norte a sul.

**17. Áven.** Em egípcio *'nw*, no grego Heliópolis. A atual Tell Hasn, ou 'Ain Shems, "fonte do sol", localizada cerca de 11,20 quilômetros a nordeste do Cabo. Era a sede de Ra, o deus do sol. Foi também o lar do sogro de José (Gn. 41:45, 50). **Pi-Besete.** Em egípcio, *Pi Bastis*, no grego *Bubastis*. Atualmente Tel Basta, 48 quilômetros nor-nordeste do Cairo. Foi o lar da deusa Bast, à qual eram consagrados os gatos.

**18. Tafnes.** Em outros lugares *Tahpanhes*. Em grego *Daphnae*. A moderna Tell Defenneh, sobre a margem pelusíaca do Nilo. Era uma fortaleza sobre a fronteira oriental, cerca de 48 quilômetros a sudoeste de Pelusium.

**19. Executarei juízo.** O propósito do juízo era a revelação do Senhor e o reconhecimento de sua divindade.

#### **4) Os Braços de Faraó Seriam Quebrados. 30:20-26.**

**20. No undécimo ano, no mês primeiro, aos sete dias do mês.** Março/abril de 586 (ou 587) A.C., três meses depois de 29:1, e quatro meses antes da queda de Jerusalém. Nos versículos 21-23 o Senhor é o destruidor de Faraó; nos versículos 24-26, o rei da Babilônia é o Seu agente.

**21. Eu quebrei o braço de Faraó.** Provavelmente uma referência a uma recente derrota de Faraó Neco (Jr. 37:5-8; 34:21).

**22.** A quebra de ambos os braços de Faraó, **tanto o forte como o . . . quebrado**, refere-se ao exército ainda no Egito para a defesa e o outro derrotado e em fuga.

**23. Espalharei os egípcios.** Cons. o versículo 26; 29:12.

**24. Fortalecerei os braços do rei de Babilônia.** Isto se refere à espada do Senhor na mão de Nabucodonosor. Cons. 21:9.

**25. E saberão que eu sou o SENHOR.** Veja também os versículos 8, 19, 25.

## Ezequiel 31

### 5) Alegoria do Cedro Gigantesco. 31:1-18.

No presente capítulo, prediz-se a derrota do poder de uma **terra** importante (em contraste com o poder **marítimo** no cap. 26). Ezequiel torna a usar uma alegoria, agora descrevendo Faraó, representante do Egito, como um cedro gigantesco, que vai até as nuvens, em cuja fronde se abrigam aves e animais (vs. 1-9). Na alegoria o orgulhoso cedro é cortado e despojado como advertência às outras árvores, isto é, nações (vs. 10-14). A natureza estremece sob a queda da árvore, enquanto as árvores na terra do além são confortadas com a sua descida (vs. 15-18).

#### a) Grandeza do Cedro. 31:1-9.

**1. No undécimo ano, no terceiro mês, no primeiro dia do mês.** Maio/junho de 586 (ou 587) A.C., cerca de dois meses antes da queda de Jerusalém.

**3. *Eu te compararei a um cedro no Líbano* (RSV).** O T.M. diz: **Eis que a Assíria era um cedro.** O capítulo nada tem a ver com a Assíria, nem há qualquer motivo para se comparar o Egito com a Assíria. Acrescentando uma letra ausente de *'ashshûr*, temos *te'ashshûr*, com a tradução: "Eis um sherbin, um cedro no Líbano". Cons. 27:5. Com relação à figura, veja 17:3; Dn. 4:10 e segs. **Cujo topo estava entre as**

**nuvens.** Leia-se *'abôt*, de acordo com a LXX, em lugar do *'abôtîm* do T.M., "ramos espessos". Esta tradução se aplica sempre aos versículos 10, 14.

**4. As águas.** Do Nilo. **Profundezas** (*tehôm*). Os recursos subterrâneos de todas as fontes e rios. (Cons. 26:19; 29:3; Hc. 3:10).

**6. As aves e os animais**, isto é, as nações, habitavam **debaixo da sua fronde**, a proteção do Egito.

**8, 9.** As folhosas árvores do Éden, o **jardim de Deus** invejavam-na. Cons. 28:13; Sl. 104:16; 31:16,

### **b) Queda da Árvore e seu significado. 31:10-14.**

**10. Como sobremaneira se elevou.** O orgulho do Egito (cons. 29:3, 9) cairia sob o poder caldeu (vs. 11, 12).

**11. Da mais poderosa** (lit., *um carneiro*) **das nações.** Cons. 17:13.

**12. Os mais terríveis estrangeiros.** Cons. 28:7; 30:11; 32:11, 12.

**13.** A árvore caída, como a carcaça de 29:5, viria a ser presa de animais e aves.

**14.** A queda do grande cedro seria uma advertência contra o orgulho. A última parte do versículo, começando em **porque todos . . . estão entregues à morte**, pertence ao tema da próxima estrofe.

### **c) Consternação diante da Queda do Cedro e Sua Descida ao Inferno. 31:15-18.**

Há um certo número de referência ao além neste parágrafo (com, observação feita a 26:20). O mundo do além (*'eres tahtîl*) está localizado profundamente no seio da terra (26:20; 31:14, 16, 18; 32:18, 24). **À cova** (*bôr*). Nome dado ao mundo do além por ser a sua boca. Indica a entrada do Sheol, e freqüentemente é uma palavra que lhe é paralela (26:20; 31:14, 16; 32:18, 23, 24, 25, 29, 30). Inferno ou Sheol ("lugar de interrogações" para a necromancia; lugar que não cessa de "pedir", Pv. 20:15, 16; "lugar vazio", "mundo inferior"). O grande cemitério da terra, cheio de sepulturas (31:15, 16, 17; 32:21, 27. Cons. shahat, 28:9).

**15. Fiz eu que houvesse luto.** O mundo da natureza poria luto por causa do Egito. O Líbano, "Branco", se vestiria de negro.

**16. As árvores do Éden ... se consolavam nas profundezas da terra** (RSV, no além). Cons. Is. 14: 9-11; Enoque 25:4-6.

**17. Com ele passarão para o além.** Mais especificamente, *também descerão* (perfeito profético) *para o Sheol* (RSV). Os aliados de Faraó iriam perecer juntamente com ele (cons. v. 18). Faraó jazeria **no meio dos incircuncisos . . . com os que foram traspassados à espada.** Cons. 28:10; 32:19-21. Os egípcios também praticavam a circuncisão. Cons. ANET, pág. 326.

## **Ezequiel 32**

### **6) Lamentações sobre Faraó e o Egito. 32:1-16.**

a) O Monstro do Egito Apanhado, Morto e Devorado. 32:1-10.

**1. No ano duodécimo, no duodécimo mês, no primeiro dia.** Fevereiro/março de 584 (585) A.C., um ano e sete meses depois da queda de Jerusalém.

**2. Lamentações** (19:1). Aqui, um cântico trágico com acusações "Faraó, jovem leão das nações, você está destruído!" Não passas de um crocodilo (*tannîm*; cons. 29:3), perturbando as nações.

**4, 5. Então te deixarei.** O monstro seria morto e sua carcaça arremessada fora para presa de animais selvagens e aves. Cons. 29:3-5.

**7, 8. Quando eu te extinguir.** Faraó está sendo comparado a um astro cuja extinção escurece os céus e as estrelas. Cons. 30:18; Amós 5:18, 20; Is. 13:9, 10; 14:12.

**9, 10. Afligirei o coração de muitos povos.** A queda do Egito deixada impressão profunda sobre as nações. Cons. capítulos 30 e 31.

### **b) A Devastação do Egito pelo Rei da Babilônia. 32:11-16.**

**11, 12.** A espada do rei de Babilônia e seus guerreiros viriam sobre o Egito (cons. 21:19; 29:8; 30:11).



**13, 14. Farei perecer.** Um quadro dramático do Egito desabitado. Cons. o versículo 2; 29:11.

**14. Então farei assentar as suas águas.** O lodo assentaria e as águas se tornariam limpas e os rios correriam como o azeite, sem que homens ou gado os perturbassem. Esta é a única comparação de um regato deslizando mansamente com azeite.

**15.** O propósito do julgamento.

**16. A lamentação** cantada pelas **filhas das nações**. Pessoas contratadas para prantear (cons. v. 18; 19:14; Jr. 9:16, 17).

### **7) A Descida do Egito para o Além. 32:17-32.**

**17. No ano duodécimo, aos quinze do primeiro mês** (de acordo com o T.M.). Com base em 32:1, pode-se deduzir que este oráculo estava datado do décimo mês, duas semanas mais tarde.

Este oráculo contém um quadro vivíssimo da Cova ou do Sheol no V. T. É a habitação internacional dos mortos, cheia de sepulturas (vs. 22, 23), habitado por nações antes importantes (vs. 18, 29, 30); nações estão em honra ou desonra (vs. 23-25, 30); os reis em seus tronos estão rodeados por seus súditos (cons. Is. 14: 9, 10, 18, 19); guerreiros são sepultados com suas armas sob as cabeças (v. 27); as nações estão enfraquecidas (vs. 20, 21; Is. 14:10; cons. também Jó 3:17-19).

**19.** O Egito estaria consignado entre os incircuncisos. Cons. 31:18.

**22-30.** *Seis nações dão as boas-vindas ao Egito no Sheol.* A repetição, 24-27, 32, concede uma qualidade de luto ao oráculo. Seu tema geral é: "Aqueles que vivem da espada morrerão pela espada".

**22, 23.** Assíria ficaria consignada ao fundo do Sheol.

**24, 25. Elão** (*região montanhosa*), mencionada apenas aqui em Ezequiel, estava localizada a leste do Rio Tigre e ao norte do Golfo da Pérsia. Sua capital era Susã (Susa; Ne. 1:1; Dn. 8:2). Os elamitas não eram um povo semita.

**26-28. Meseque e Tubal.** Cons. 27:13.

**27.** A LXX e a Siríaca omitem o **não**, traduzindo para: *eles jazem com os homens poderosos*, mortos na antiguidade, tendo suas armas sepultadas com eles. O modo de morrer e sepultá-los estaria de acordo com a sua vida sanguinária e violenta.

**29. Edom.** Cons. 25:12-14. Os edomitas eram circuncidados, mas aqui jazeriam com aqueles que não eram.

**30. Os príncipes** (ou *chefes*, *nashîk*, de *nashak*, "instalar"; cons. Josefo 13:21; Mq. 5:4; Sl. 83:11; Dn. 11:8) **do Norte** (*Sapôn*); isto é, dos estados sírios fazendo limites com o Monte Saphon (cons. 28:14). Os sidônios, ou fenícios em geral. Cons. Dt. 3:9; I Reis 16:31. O povo dos estados sírios e os sidônios eram circuncidados, e por isso o texto deveria ser, como no versículo 29, "eles jazem com os incircuncisos".

**31, 32. Faraó os verá.** Faraó seria miseravelmente confortado sabendo que não se encontrava sozinho no seu destino. Cons. 14:22; 31:16.

### III. As Profecias da Restauração de Israel. 33:1 – 39:29.

A queda de Jerusalém assinala um ponto decisivo no ministério de Ezequiel. Os até agora ameaçadores oráculos contra Judá (caps. 1-24) e seus inimigos pagãos (caps. 25-32) cedem lugar às mensagens exortativas de um pastor para o seu povo arrasado (caps. 33-39). Após o colapso do estado (33:21) e a completa prostração das mentes dos indivíduos sob suas calamidades (33:10), o profeta declarou que o Senhor não acabara com Israel (contraste ao cap. 35). Para ela havia uma nova era à frente. Em palavras comoventes, Ezequiel fala aqui de purificação, restauração e paz de Israel (caps. 34; 36:16 e segs.; 37).

Em primeiro lugar o profeta foi recomissionado como atalaia para preparar o seu povo para uma nova era (cap. 33). Um novo governo sob Davi, o servo de Deus, suplantaria a antiga dinastia, cujos perversos pastores (governantes) deixaram as ovelhas se dispersarem (cap. 34). A integridade territorial de Israel seria assegurada pela desolação do Monte

Seir e outros inimigos (cap. 35), enquanto Israel experimentaria tanto a restauração exterior (36:1-15) quanto a restauração interior (36:16-38). A reintegração do povo em uma só nação sob um só rei, Davi, está simbolizada pela ressurreição dos ossos secos e pela junção de dois pedaços de pau (cap. 37). A paz de Israel restaurada será perpétua, pois o Senhor protegê-la-á milagrosamente da invasão ameaçadora de Gogue nos últimos dias (caps. 38 e 39).

### **Ezequiel 33**

#### **A. A Função do Profeta na Preparação para a Nova Era. 33:1-33.**

Neste capítulo transitório, Ezequiel indica que o profeta não passa de instrumento através do qual os princípios do novo reino e da maneira de se entrar nele são anunciados. Exatamente como o atalaia deve advertir os habitantes de uma cidade quanto aos perigos, assim o profeta deve fazer soar a advertência divina contra o pecado (vs. 1-9). Em resposta ao desespero do povo diante do seu castigo, Ezequiel enuncia lembretes da boa vontade de Deus e sua perfeita justiça (vs. 10-20). Os presunçosos sobreviventes da queda de Jerusalém em Judá não teriam futuro (vs. 21-29), mas antes, os propósitos divinos seriam elaborados através dos que estavam no exílio (vs. 30-33).

#### **1) O Profeta Designado como Atalaia do Seu Povo. 33:1-9.**

##### **a) A Parábola. 33:1-6.**

**2. Atalaia.** O hebraico *sôpeh*, "alguém que cuida, espia, vigia". Cons. II Sm. 18:25; II Reis 9:17,18.

**3. Espada.** Cons. 21:1-19. **Trombeta.** Veja Os. 8:1; Jr. 6:1; Ne. 4:19, 20.

##### **b) Sua Aplicação. 33:7-9.**

**7. A ti . . . te constitui por atalaia.** O profeta recebe uma nova tarefa como atalaia do povo. O conceito que Ezequiel tinha da seriedade

de sua tarefa tem tido um profundo efeito sobre todos os servos de Deus. Cons. Is. 21:6; 56:10; Jr. 6:17; Hc. 2:1.

## **2) A Mensagem do Profeta aos Exilados Desesperados. 33:10-20.**

**10. Nós desfalecemos.** Cons. 4:17; 24:23.

**11, 12.** Duas palavras graciosas são concedidas aos exilados atordoados pelo sentimento de destino irrevogável: 1) Deus não tem **prazer na morte do perverso**, mas quer que ele se converta do seu **caminho** e viva. 2) O passado não é irrevogável para os homens, pois eles são livres para se arrependerem ou pecarem. Cons. 18:21-32.

**13.** Sobre "viver" e "morrer", veja comentário em 18:4; cons. 18:24, 26. **14.** Cons. 3:18; 18:27.

**15. Estatutos da vida.** A "vida", nesta e em outras passagens relacionadas, é "o deleite do favor divino e a prosperidade externa que é o reflexo e o selo dele" (Davidson, *Cambridge Bible*). Cons. 18:7; 20:11.

**16.** Cons. vs. 18-22.

**17-20.** Cons. 18:24-30.

## **3) As Notícias da Queda de Jerusalém e a Mensagem do Profeta aos Sobreviventes em Judá. 33:21-29.**

Jerusalém caiu no undécimo ano, quarto mês e nono dia do reinado de Zedequias (Jr. 39: 2 comparado com 52:5-7 e II Reis 25:2), e foi incendiada um mês depois (Jr. 52:12-14 comparado com II Reis 25:8-10).

**21. No ano duodécimo . . . aos cinco dias do décimo mês.** A tradução do T.M, implica em que os fugitivos alcançaram o exílio, ano e meio depois da queda de Jerusalém. Stuernagel defende que o ano de Jeremias começava no outono, enquanto que o de Ezequiel, seguindo a contagem babilônica, começava na primavera. Assina o undécimo ano de Jr. 39:2 e o mesmo duodécimo ano de Ez. 33:21 e a notícia alcançou Ezequiel em Janeiro de 585 A.C.

E. Auerbach (V.T. , X, 1960, 69, 70) e M. Noth (ZDPV, LXXIV, 1958, 133-157) acumularam dados para mostrar que no fim da monarquia o ano começava na primavera. Oito manuscritos, a LXX, Luciano e a Siríaca dão *ano undécimo*. Datando este oráculo do ano undécimo, décimo mês, quinto dia, permite que seja encaixado antes de 26:1, que deve ter sido transmitido no décimo primeiro ou décimo segundo mês do undécimo ano. A notícia teria chegado seis meses após a queda de Jerusalém, isto é, cerca de Janeiro, 585 A.C. Cons. a viagem de Esdras, 108 dias (Esdras 8:31; 7, 8, 9 ).

**22.** O profeta estivera em êxtase **pela tarde** e o Senhor abriu a sua boca quando o homem chegou na manhã seguinte (cons. 3:26, 27; 24:27). Uma tradição identifica o mensageiro com Baruque (Jr. 45:5; Baruque 1:2). Agora Ezequiel estava livre para se dedicar ao trabalho pastoral, antes já insinuado. Cons. 16:60 e segs.; 17:22 e segs.; 20:33 e segs.

**24. Os moradores destes lugares desertos** (lit., *ruínas*; cons. II Reis 25:12, 22), que sobreviveram à destruição de Jerusalém, continuaram **dizendo: Se Abraão ... só ... possuiu esta terra** (Is. 51:1, 2), certamente eles, seus inúmeros descendentes, tinham mais direito de fazê-lo (cons. Mt. 3:9).

**25, 26. Dize-lhes.** Os sobreviventes de Jerusalém, tão confiantes em sua segurança antes da queda da cidade (11:3-12), são acusados de seis pecados específicos (cons. 18:6, 10-12, 15; 22:6, 9), que os desqualificavam para qualquer herança.

**27.** Aqueles que se escondiam nas "ruínas", nos campos despovoados e nas **fortalezas e cavernas** cairão diante das três forças destrutivas de 5:12; 14:13-20.

**28. Os montes de Israel** (cons. 6: 2, 3).

**29.** A visitação de Deus sobre a terra levaria os israelitas apóstatas a reconhecerem que Ele é o Senhor, uma lição geralmente necessária aos pagãos (25:7, 11, 17).

**4) Um Oráculo para os Exilados. 33:30-33.**

Considerando que as profecias de Ezequiel foram tão notavelmente cumpridas, os exilados interessaram-se nele; mas o seu entusiasmo foi superficial.

**30, 31.** Neste fragmento da vida oriental, os exilados são vistos falando um com o outro sobre Ezequiel, assentados diante dele (cons. 8:1; 14:1; 20:1). Gostavam de suas mensagens sobre a futura restauração e as profecias contra as nações, mas não obedeciam às condições morais e religiosas sem as quais não participariam da nova era.

**32. Canções de amor** ("amor sensual", *'agab*). Cons. I Sm. 16:17; Sl. 33:3; 137:3.

**33. Quando vier isto** (o julgamento ou a crise), saberão que deram ouvidos a um profeta do Senhor e não a um cantor mercenário. Cons. 2:5.

**Ezequiel 34****B. Os Pastores de Israel e Suas Ovelhas. 34:1-31.**

Considerando que os pastores e governantes desta alegoria foram negligentes e egoístas, o Senhor os punirá (vs. 1-10). Ele mesmo irá procurar as ovelhas e será o Bom Pastor (vs. 11-16). Ele julgará entre uma ovelha e outra, protegendo as fracas das violentas (vs. 17-22). O Senhor estabelecerá Davi como o pastor (vs. 23, 24) e fará uma aliança de paz para a terra (vs. 25-31).

**1) Julgamento dos Pastores Egoístas e Negligentes. 34:1-10.**

A palavra pastor, *rô'eh*, aparece dezesseis vezes neste capítulo.

**2. Pastores de Israel.** Governantes como Jeoaquim e Zedequias. Veja 19:1-9; Jr. 22:10 - 23:4; veja também Jr. 25:34-38; Mq. 5:5; Zc. 10:2, 3; I Reis 22:17. (Cons. Homero, *Ilíada* 1. 273; 11. 85; Dante, *A Divina Comédia*, "Paraíso", xxvii, 55, 56; Milton, *Lycidas*, 112 e segs. Sobre o rei e deus como pastor em outras obras da literatura, cons. G.E. Wright, "The Good Shepherd", BA, 2, 1939, 44-48 ).

**3. Comeis a gordura.** Ou, *o leite*; isto é, coalhada (também a LXX e a Vulgata).

**4. Fraca . . . doente . . . quebrada . . . desgarrada . . . perdida.** Cinco casos de negligência do pastor. Cons. versículo 16; Jr. 50:6; Mt. 18:12-14; Lc. 15:4; 19:10.

**5. Assim se espalharam, por não haver pastor.** Cons. I Reis 22:17; Mt. 9:36; Mc. 6:34.

**8. Como eu vivo.** Cons. 5:11. **As feras do campo.** As nações exploradoras, especialmente a Babilônia.

## **2) O Senhor é um Bom Pastor para o Seu Povo. 34:11-16.**

O Senhor procurará as suas ovelhas (v. 11); livra-las-á (v. 12); introduzi-las-á na sua terra (v. 13); apascenta-las-á em bons pastos (v. 14); e será o pastor das Suas ovelhas (15, 16). Ezequiel, tal como o Senhor, tinha coração de pastor.

**15.** O Senhor se identifica como o bom pastor. Cons. Is. 40:11; Jr. 31:10; Sl. 23:1; 30:1; 95:7. No N.T. Cristo é o bom pastor. Veja Lc. 15:3-7; João 10:10-16; Hb. 13:20; I Pedro 2:25; 5:4; Ap. 7:17.

## **3) O Senhor Protege as Ovelhas Fracas das Violentas. 34:17-22.**

**17.** O Senhor julgará entre **ovelhas** e **ovelhas** (*seh*). Isto é, entre as fracas e os líderes, os carneiros e os bodes, que oprimem os pobres.

**18, 19.** Maldades cruéis das classes superiores são destacadas. Com. Is. 1:23; 3:14, 15; 5:8; Os. 4:7-11; 7:1-6; Amós 3:9, 10; 4:1, 6; Mq. 3:1-3.

## **4) Davi Empossado como Príncipe-Pastor. 34:23, 24.**

**23,24.** Em lugar de muitos pastores indignos haverá **um só pastor . . . o meu servo Davi . . . príncipe**. Aqui não há uma referência à ressurreição de Davi. Antes, o governante ideal do futuro será como Davi, um servo do Senhor, comportando um governo universal, e assegurando a paz para o povo (Is. 55:3, 4; Jr. 23:5, 6). Ele será o vice-rei ou príncipe do Senhor (*nasî*) para sempre. Cons. 37:24, 25. Cristo na

qualidade de bom pastor (João 10:14-18) e de "Filho de Davi" preenche inteiramente as promessas que se encontram em II Sm. 7:13; Jr. 23:5, 6; Mq. 5:2-5; Is. 9:6, 7; Dn. 9:25, 26; cons. Mt. 1:1; 22:41-45; Lc. 1:31-33; João 1:43; 4:25; Atos 2:29-33; 13:22, 23, citando alguns poucos. A profecia messiânica indica todas as profecias que tratam da pessoa, obra ou reino de Cristo. Por extensão ela inclui aquelas passagens que falam da futura salvação, glória e consumação do reino de Deus até mesmo onde o mediador não está especificamente citado. O período messiânico compreende a era que Cristo inaugurou e dirige como rei mediatorial, quer visto em sua inteireza, quer somente em alguns dos seus aspectos.

### **5) Aliança Divina de Paz para a Terra. 34:25-31.**

A aliança divina de paz removerá da terra tudo o que seja danoso (vs. 25, 28). Ela proverá **chuvas de bênção** (v. 26) e restaurará a produtividade da natureza (vs. 27, 29). E o melhor de tudo é que ela estabelecerá a presença de Deus com o seu povo, as ovelhas do seu pasto (vs. 30, 31).

**26. Chuva a seu tempo . . . chuvas de bênção.** As palavras comuns para chuva são: *yôreh*, "a chuva precoce" dos fins de outubro ao começo de dezembro (Os. 6:3); *malkôsh*, "a chuva serôdia, chuva de primavera" de março-abril (Os. 6:3); *geshem*, "chuva", a palavra usada aqui; e *matar*, "chuva" (Êx. 9:33), ambas usadas em relação às pesadas chuvas de inverno dos meados de dezembro até março.

**27.** Cons. Os. 2:22; Joel 3:18; Amós 9:13; Zc. 8:12.

**31. Vós . . . , ovelhas do meu pasto.** Cons. Sl. 74:1; 79:13; 95:7; 100:3. A LXX B, Antiga Latina de Ranke e a Arábica omite **homens** (**vós . . . homens sois**, ou *vós sois Adão*).

### **C. A Integridade Territorial de Israel Assegurada. 35:1 - 36:38.**

Após a promessa de um bom pastor para substituir os pastores perversos que governaram sobre Israel, seguem-se três oráculos de segurança da própria terra. O Monte Seir, por causa de sua hostilidade



para com Israel, seria deixado deserto (35:1-15); enquanto as montanhas de Israel, que tinham sido arruinadas pelas nações, ficariam luxuriantemente frutíferas (36:1-15). O Senhor faria todas essas coisas pelo Seu povo por amor do Seu nome (36:16-38).

## Ezequiel 35

### 1) A Desolação do Monte Seir. 35:1-15.

O presente oráculo, muito mais detalhado do que em 25:12-14, foi devido ao comportamento hostil de Edom contra Judá depois de 586 A.C. Israel precisava ficar livre dos vizinhos hostis antes das bênçãos da nova dispensação começarem (36:1-7). A desolação do Monte Seir e a restauração das montanhas de Israel formam um contraste gritante (35:3, 4, 7-9, 15; 36:1-6, 8).

**2. O monte Seir** (*cabeludo*, isto é, coberto com mato). As terras montanhosas a leste da Arábia, que se estendem do Mar Morto até o Golfo de Ácaba, eram o lar de Edom (Gn. 36:8, 9; Dt. 1:2; I Cr. 4:42). Os edomitas são culpados de: "1) por causa de sua **inimizade perpétua** contra Israel (v. 5a; cons. Gn. 25:15; 27:41; e referência a Ez. 25:12. Veja N. Glueck, *The Other Side of the Jordan*, págs. 50-113; *Rivers in the Desert*); 2) ter abandonado **Israel à violência da espada** durante a queda de Jerusalém (v. 5b, cons. Ob. 10-14; Sl. 137:7, 8); 3) ter planejado apossar-se do território de Israel depois da dizimação de seus habitantes (v. 10; cons. v.12), sem autorização de Nabucodonosor ou do Senhor (36:5).

**6-9.** Edom tinha de receber a retribuição.

**10. As duas terras.** Israel e Judá (cons. Jr. 33:24). Depois da queda de Jerusalém, os edomitas gradualmente penetraram em Judá, ocupando-a até o Hebrão (com. Ez. 25:12 e segs.). **Ainda que o SENHOR se achava ali.** O Senhor retirara Sua presença visível do Templo e da cidade (10:18; 11:22, 23), irias não renunciara a Seus direitos à terra (36:5). Um Israel purificado, declara esta profecia, retornará e Jerusalém receberá um novo nome (48:35).

**14, 15.** Como Edom se regozijou sobre a destruição de Judá, assim toda a terra se regozijará quando o Senhor desolar a Edom. Observe a frequência dos pronomes na primeira pessoa através de todo o capítulo, aplicado à obra do Senhor.

## **Ezequiel 36**

### **2) A Restauração das Montanhas de Israel: a Restauração Exterior. 36:1-15.**

#### **a) Julgamento das Nações. 36:1-7.**

**1. Montes de Israel**, denunciados por causa da idolatria em 6:1-7, recebem promessas misericordiosas neste capítulo.

**2. O inimigo.** Edom e as outras nações (vs. 3-7). Cons. 35:3, 5, 10, 11. Observe que nos versículos 2-7, "assim diz o Senhor" aparece seis vezes. Os versículos 3-7, 14, todos começam com *laken*, "portanto".

**5. No fogo do meu zelo.** Cons. v. 6; 5:13; 23:25; 38:19; 39:25.

**6.** Cons. os versículos 2, 3; opróbrio das nações. Zombada e ocupada por elas (veja v. 2; 34:29).

**7. Jurei.** Literalmente: *Levantando eu a minha mão jurei* (cons. 20:5, 6).

#### **b) Restauração de Israel. 36:8-15.**

Aproximando-se a época da regeneração, a terra se tornará frutífera (vs. 8, 9); populosa (vs. 10-12); livre da escassez (vs. 13, 14); e livre do opróbrio (v. 15). Cons. Is. 54:1-8.

**8. O meu povo de Israel . . . está prestes a vir do exílio.** Cons. 4:5, 6. 10. Toda a casa de Israel. Israel e Judá (cons. 37:16 e segs.).

**11. Como dantes.** No tempo do Êxodo (Os. 11:1-4; Jr. 2:1-3, 6, 7).

**12b, 13, 14.** As montanhas, flageladas pela fome e pelos animais selvagens, são comparadas a animais de rapina que devoram seus habitantes ou *desfilham* o seu povo (cons. Nm. 13:32). Em Ez. 36:13, 14, 15, Israel é chamado de *goy* ou nação, designação costumeira para os

pagãos (cons. 2:3). Leia-se a palavra como singular, de acordo com a anotação hebraica marginal, *ketib*, e as versões.

**15. Ignomínia . . . opróbrio.** Ocupação pelos vizinhos hostis (v. 6), destituição e empobrecimento (v. 30).

### **3) Restauração do Povo de Israel: Restauração Interna. 36:16-38.**

Esta seção contendo unta filosofia de história divinamente conferida declara que os pecados de Israel mereciam o castigo do exílio (vs. 16-21); mas que o Senhor restaurará Israel, não por causa de algum merecimento seu, mas para santificar o Seu nome. As gloriosas circunstâncias Concomitantes da restauração são enumeradas (vs. 22-32). Em dois apêndices o Senhor prediz que a prosperidade de Israel e sua população acrescida levará as nações a reconhecerem a Sua grandeza (vs. 33-36, 37, 38).

Os versículos 16-23 constituem a lição profética ou *haphtarah* da leitura sabática semanal, Nm. 19:1-22:1, o *Parah*, "A Vaca Vermelha".

#### **a) Israel Exilada por causa dos Seus Pecados. 36:16-21 .**

**17. A imundícia de uma mulher.** Figura de idolatria. Compare com 7:19; 18:6. (Com relação à figura, veja Lv. 15:19 e segs.).

**18. Ídolos (*gillîlîm*).** Cons. 6:4; 20:7, 8; 30:13.

**20. Profanaram o meu santo nome.** O exílio de Israel levou à profanação do santo nome do Senhor pelas nações. Observe a expressão "meu santo nome" nos versículos 20-23. Cons. comentário sobre 20:9, 14, 22. **O povo do SENHOR.** Cons. Êx. 6:7; Lv. 20:24; Dt. 4:20; 7:6.

#### **b) Restauração de Israel. 36:22-32.**

**23. Vindicarei a santidade.** Ou separarei como coisa sagrada. A volta de Israel depois do seu castigo manifestará às nações que o Senhor é o Deus supremo e santo, e que Ele deseja revelar-se a todo o mundo. Veja também os versículos 36; 29:6; 37:28; 39:7; Ml. 1:11; Ef. 1:3-10.

A próxima passagem, os versículos 25-29, embora se refiram principalmente a Israel, é usada na liturgia cristã, e preciosa a toda a igreja.

**25-27.** Os passos na redenção de Israel são o perdão, a regeneração e o dom do Espírito de Deus.

**25. Então aspergirei água pura sobre vós.** Ezequiel, o sacerdote, recorda o ritual mosaico (cons. Êx. 30:17-21; Lv. 14:5-7, 9; Nm. 19:9, 17-19) que é um quadro do perdão. Veja também Sl. 51:7; Jr. 33:8; Hb. 9:13; 10:22.

**26. Coração novo . . . espírito novo.** Aqui se destaca a parte divina na regeneração. Cons. 11:19; 18:30-32. Veja também Jr. 31:31-34; Sl. 51:10-12. Sobre coisas novas no esquema redentor divino, veja também Is. 42:9, 10; 62:2; II Pedro 3:13; Ap. 5:1; 21:1, 5.

**27. Porei dentro em vós o meu Espírito.** A aspersão do Espírito de Deus tem de constituir um aspecto da futura dispensação (cons. 37:14; 39:29; Is. 42:1; 44:3; Joel 2:28, 29; Ageu 2:5; Atos 2:16-21; Rm. 8:23; Ef. 1:13, 14; 4:30).

**28-32.** Os resultados da regeneração de Israel serão: sua permanente ocupação da terra (v. 28a); um relacionamento convencional com Deus (v. 28b); proteção contra a reincidência da idolatria (v. 29a); o suprimento abundante de todas as necessidades (vs. 29b, 30); a auto-humilhação e arrependimento devido ao pecado passado (vs. 31, 32; cons. Plumptre, *Pulpit Commentary*, in toco). Tais benefícios são de pura graça (v. 22).

### **c) O Efeito da Prosperidade de Israel Sobre as Nações. 36:33-36.**

A restauração de Israel levará os transeuntes (v. 34b) das **nações** (AV, pagãos) **que tiverem restado ao redor de vós** (v. 36) a reconhecer a supremacia do Senhor.

**35.** A história vai do Éden ao Éden. **Cidades . . . fortificadas.** Compare com 38:11.

**d) A População de Israel Aumentada. 36:37, 38.**

**37a. Que seja eu solicitado.** Agora Deus está pronto a ouvir Israel, contrastando com Sua atitude no tempo do seu pecado (14:3; 20:3, 31).

**37b, 38.** A terra será repovoada com **homens como rebanho**, numerosos como os cordeiros oferecidos ao Senhor em **Jerusalém nas suas festas** (Dt. 16:16 e segs.; cons. I Cr. 29:21; II Cr. 7:4 e segs. ; 29:33; 36:7-9; Josefos *Wars* VI. 9. 3).

**Ezequiel 37****D. Reintegração do Povo de Israel em uma Só Nação. 37:1-28.**

Com a visão dos ossos secos restaurados à vida, o Senhor, através de Ezequiel, proclama a Israel a próxima ressurreição de sua vida nacional (vs. 1-14): Ele profetiza através de ato simbólica da junção de dois pedaços de pau a futura união dos dois reinos sob um só líder, Davi (vs. 15-28).

**1) A Visão dos Ossos Secos. 37:1-14.**

Esta porção do capítulo constitui o *haphtarah* (leitura dos Profetas) para a Páscoa e seu Sábado na sinagoga. Toda a igreja tem usado esta passagem em cultos públicos e particulares. Um quadro sobre a cena, pintado em 244-245 d.C., se encontra nos restos de uma sinagoga em Dura-Europos (cons. RB 43, 1934, 117, 1 18).

**a) Visão para os Exilados que Temiam a Aniquilação Nacional. 37:1-10.**

**1. A mão do SENHOR** (cons. 1:12, 20; 3:14) levou Ezequiel, em êxtase profético (cons. 1:3; 3:14) a um vale (cons. 3:22, 23) juncado de ossos secos de corpos humanos.

**4.** Ezequiel recebe a ordem de profetizar aos ossos a promessa de vida.

**5. Eis que farei entrar o espírito em vós.** A palavra hebraica *rûah* traduz-se por "hálito" nos versículos 5, 6, 8, 9, 10, "ventos" no versículo

9, e "espírito" nos versículos 1, 14. O contexto geralmente determina a tradução. Hálito é um sinal de vida, o mesmo acontecendo como vento ou o ar, e vem a ser, nesta profecia, o próprio princípio da vida, o espírito.

**9.** O hálito da vida é soprado **dos quatro ventos** do céu (cons. Jr. 49:36), um símbolo da concessão universal de vida pelo Espírito de Deus (v. 14).

### **b) A Explicação da Visão. 37:11-14.**

**11.** Estes ossos são toda a casa de Israel (tanto Israel como Judá, vs. 16, 22), cujos sobreviventes dizem: **Pereceu a nossa esperança.** O profeta freqüentemente cita ditados do povo (por exemplo, 11:13; 12:22, 27; 16:4; 18:2; 20:49; 36:20).

**12.** A figura passa dos mortos no campo de batalha para os mortos nas sepulturas. **E vos farei sair** de vossas sepulturas e vos trarei de volta, da negrura do cativeiro, **à terra de Israel.** Veja também os versículos 14, 21; 36:24.

**14.** **Porei em vós o meu Espírito, e vivereis.** O Espírito do Senhor dá vida. Cons. o versículo 10; Sl. 104:30. Em 36:27, 28, Ele é o Espírito regenerador. Cons. Is. 49:8-12; 61:1.

O profeta aqui não está falando da ressurreição física, embora haja insinuação da doutrina no V.T., particularmente em Is. 25:8; 26:19; Dn. 12:2. Foi "nosso Salvador Jesus Cristo que aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade através do evangelho" (II Tm. 1:10).

## **2) Um Símbolo da Reunião de Judá e Israel. 37:15-28.**

### **a) Os Dois Paus Juntos. 37:15-17.**

**16.** **Um pedaço de pau.** Hebraico 'es, "árvore, madeira, cajado" (também vs. 17, 19, 20). Cons. Zc. 11:7. Talvez uma tabuinha de madeira. **Para Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros,** como,

por exemplo, Benjamim, Simeão, Levi. **José** ou **Efraim** representam as tribos do norte.

**b) Explicação do Símbolo. 37:18-20.**

Exatamente como os pedaços de pau foram unidos em um só, Israel e Judá serão reunidos em um só reino.

**c) As Bênçãos Resultantes da Unificação. 37: 21-28.**

Cinco grandes bênçãos são prometidas aqui: 1) O povo seria trazido de volta ao lar (vs. 21, 22). **Uma só nação . . . , e um só rei . . . nunca mais . . . duas nações.** Os profetas consideravam Israel do norte como ainda existente (Os. 1:11; 8:3, 4; Jr. 3:12-15; Is. 43:5-7; 49:5, 6). Observe a disposição das doze tribos no novo reino (cap. 48). 2) Eles serão purificados da idolatria (v. 23; cons. 36:25). 3) Davi será empossado como rei sobre eles (vs. 24, 25). Ele é chamado rei (*melek*) aqui e no versículo 22, mas "príncipe" em outros lugares.

25. Cons. 36:28. **Meu servo Jacó.** Jacó era antepassado de Israel, como Abraão (Os. 12:12; Is. 29:22). **Seu príncipe eternamente.** Cons. 34:23, 24. Um governante ideal semelhante a Davi, e não uma referência a Davi ressuscitado reinando para sempre. 4) Uma aliança de paz será estabelecida (v.26a). Cons. 34:25. 5) Deus habitará no meio deles (vs. 26b-28).

**26. Meu santuário (*miqdash*).** O Templo como habitação do Senhor, santo por causa de sua presença.

**27. O meu tabernáculo (*mishkan*) estará com eles.** Literalmente, *sobre eles*, isto é, num nível mais elevado (veja 40:2; Is. 2:2; Mq. 4:1), protegendo-os ou santificando-os. **Eu serei o seu Deus.** Veja também 11:20; 14:11; 36:28.

**28. Eu . . . santifico a Israel.** Deus desceu para habitar com o homem, transformando a terra em céu (cons. 43:7, 9; 48:8, 10, 21). Os versículos 26-28 levam à reconstrução do Templo (cap. 40 e segs.).

Esta profecia, como a precedente, ainda não se cumpriu historicamente, pois até agora Israel ainda não cumpriu as condições. Seu cumprimento jaz no futuro quando um Israel convertido fizer parte do corpo de Cristo. Prevê um futuro quando o Tabernáculo de Deus estará com o seu povo (Ap. 21:3).

### **E. O Senhor Protege Israel Contra Gogue e Seus Aliados. 38:1 – 39:29.**

Estes capítulos descrevem de maneira apocalíptica o livramento divino do Seu povo de uma invasão sem paralelos por um inimigo temível. Israel estará restaurada em sua terra (34:12, 13, 15, 23, 27) e convertida (36:24.28). Deus habita no meio deles (37:21-28), e a nação vive em prosperidade e segurança (38:8, 11, 12, 14). Seus inimigos vizinhos já não a molestam (25-32; 36:36). Então no futuro distante (38:8, 16), tem lugar uma invasão anteriormente predita (38:17; 39:8) por nações habitando nos limites do mundo (cons. Is. 66:19). Elas vêm como uma nuvem (38:9, 16) – Gogue da terra de Magogue, e seus aliados, Rosh (?), Meseque e Tubal (38:2, 3), das regiões do extremo norte (38:15; 29:2), junto com a Pérsia, Cush e Pute (38:25) e Gômer e Togarma, com suas hordas do norte (38:6). As nações comerciantes de Seba, Dedã e Társis e suas cidades (38:13) também estão interessadas nesta invasão. Gogue vem orientado pelo Senhor (38:4-7, 16; 39:2, 3), mas também por sua própria iniciativa, incitado por sua ganância (38:10-14). De todos os profetas Ezequiel é o único que coloca "aquele dia" (38:10, 14, 18, 19; 39:11) depois de Israel desfrutar a restauração e a prosperidade em sua terra. Veja também Ap. 19:11; 20:7.

Israel é milagrosamente preservada, mas as hordas de Gogue são destruídas por um terremoto, lutas internas, pragas, chuvas torrenciais, fogo e enxofre (38:19-22), como também pela derrota na batalha (39:3, 4). Suas armas abandonadas servirão de combustível para Israel durante sete anos (39:9, 10). Serão precisos sete meses para o sepultamento dos seus cadáveres (39:11-15), e também os seus corpos e sangue virão a ser



uma festa para as aves e os animais (39:17-20). O resultado desta batalha será que as nações hão de saber que Deus é o Senhor (38:16, 23; 39:6, 7, 21, 23; cons. Is. 45:23), enquanto que Israel jamais precisará duvidar da proteção do seu Deus (39:22; com. 39:25 -29 ). São três as opiniões divergentes sobre estes capítulos.

1) Eles apresentam uma **descrição literal** de um futuro ataque a Israel. Desde Jerônimo até os nossos dias, Gogue tem sido diversamente identificado como os babilônios; os citas; Cambises, rei da Pérsia; Alexandre, o Grande; Antíoco, o Grande; Antíoco Epifânio; Antíoco Eupator; os partas; Mitrídates, rei do Ponto; os turcos de Suleiman; os turcos e os cristãos; os descendentes armênios dos citas; e uma confederação dos poderes do norte da Europa incluindo a Rússia (Rosh; Meseque e Tubal como Moscou e Tobolsqui) e a Alemanha (Gômer).

Damos a seguir as objeções às interpretações literais (cons. Fairbairn, 414-431, esp. pág. 421; Keil, II, 432; Faussett, JFB, IV, 348 e segs.):

a) A impossibilidade de identificar Gogue e Magogue com uma pessoa ou lugar históricos.

b) A improbabilidade de um tal exército conglomerado formando uma coligação milita.

c) O tamanho desproporcional do exército invasor em comparação a Israel e seus produtos.

d) Os problemas envolvidos no sepultamento dos cadáveres durante sete meses e no uso de armas abandonadas como combustível durante sete anos.

e) A rude carnalidade da cena sendo inconsistente com os tempos messiânicos.

2) Eles são uma **descrição simbólica** de algum acontecimento futuro. Alguns mestres adotam a opinião de Hengstenberg de que esta

seção descreve o conflito final da nação de Israel com inimigos não identificados. A interpretação mais tradicional de Havernick e Keil vê isto como a luta final e catastrófica entre a Igreja e as forças do mundo, e o triunfo da verdade divina sobre todas as formas de mundanismo. Este ponto de vista permite que a narrativa seja uma fonte de conforto para Israel e para a Igreja, mas restringe-a a um cumprimento muito distante.

3) Eles constituem uma **parábola profética** ilustrando uma grande verdade e não se referindo a nenhum acontecimento histórico específico.

As ilustrações de Ezequiel frequentemente têm detalhes que não podem ser literalmente forçados (por exemplo, 16:46-51, 53-56, 61) mas fazem parte do aspecto da história. Aqui as imagens elaboradas e misteriosas expressam uma grande verdade. Para Israel na Babilônia esta profecia dava a certeza de que, uma vez restaurada à sua terra, o poder de Deus a protegeria dos piores inimigos imagináveis. Para a Igreja sofrendo nas mãos de seus mais implacáveis perseguidores, esta é uma promessa do livramento divino. O triunfo final do Messias no tempo do fim também está implícito nesta parábola. Este ponto de vista torna a passagem pertinente a cada período da história. O propósito das obras apocalípticas como esta é o "desvendamento" do futuro, mostrando o Senhorio de Deus sobre ele. Assim elas orientam e fortalecem o povo de Deus em períodos de trevas (por exemplo, Daniel, Apocalipse. Cons. H.H. Rowley, *The Relevance of Apocalyptic*).

Na sinagoga, 38:18 – 39:16 é o *haphtarah* para Êx. 33:12 – 34:26 e Nm. 29:26-31 para o Sábado dentro do festival de Sucote.

Os capítulos contêm sete oráculos introduzidos pela fórmula, "Assim diz o Senhor" (veja Introdução abaixo, 38:1, 2; também os vs. 3-9, 10-13, 14-16, 17.23; 39:1-16, 17-24; conclusão, vs. 25-29).

## Ezequiel 38

### 1) A Invasão de Gogue e Sua Destruição. 38:1-23.

**a) Introdução. 38:1, 2.**

**2. Gogue** (nos caps. 38; 39; Ap. 20:7) não se baseia em Gogaia das Cartas de Amarna, nem Gyges, rei da Lídia (670-652), mas nas profecias transmitidas. **Da terra de Magogue.** A localização deste lugar é desconhecida. Talvez fique entre a Capadócia e a Média; ou talvez o termo se refira aos citas (Josefos Antq. 1. 6.1). **Príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal** (cons. 27:13). Leia-se o T.M, *nesî'rô'sh* em oposição, *príncipe de, cabeça de Meseque e Tubal*. A palavra *rô'sh* significa "cabeça" ou "chefe". O T.M, também pode ser traduzido para "príncipe de Rosh, Meseque e Tubal". **Rôs** não tem sido identificado. Possivelmente se refere a alguma tribo cita na região das montanhas Taurus.

Sobre as últimas batalhas com Gogue e Magogue, veja Enoque 56, 57; Livros Sibílicos (Oráculos), III, 319, 320; II Esdras 13; Talmude Babilônico, *Aboda Zara*, 3b; *Berakoth*, 7, 8; G.F. Moore, Judaísmo, II, 344, 348. Cons. as batalhas sangrentas de Anate, ANET, 136, 137.

**b) Gogue e Suas Hordas Conduzidas pelo Senhor. 38:3-9.**

**4. Far-te-ei que te volvas.** A figura é a de se fazer uma besta fera voltar-se de suas inclinações sem significado para cumprir propósitos divinos.

**5. Persas e etíopes** (*Kûsh*), **e Pute** (*Lídia*). Cons. 27:10; 30:5.

**6. Gômer** (Gn. 10:2). Os gimirrai dos assírios; os cimérios dos gregos, que moravam ao sul do Mar Negro, provavelmente na Capadócia. **Togarma** (cons. 27:14) da banda do norte. (Das partes extremas do norte, RSV). Do mesmo modo Roma nos Sal. de Salomão, 8:16.

**7. Serve-lhe de guarda** ou líder para os exércitos invasores.

**8. Depois de muitos dias . . . no fim dos anos.** Uma expressão usada com referência ao futuro escatológico (cons. introd. observações sobre os caps. 38 e 39).

**9. Gogue e seus aliados virão como tempestade . . . como nuvem** (cons. v. 16; Is. 21:1; Jr. 4:13) contra o Israel pacífico e próspero (cons. vs. 8, 11, 12).

**c) O Propósito Maligno de Gogue na Invasão. 38:10-13.**

**10. No teu coração.** Os planos do homem são apenas parte dos extensos propósitos divinos. Veja, por exemplo, 39:2; Is. 10:5, 6.

**12. No meio** (lit. , no umbigo) da terra. Cons. 5:5.

**13. Sabá e Dedã . . . mercadores de Tarsis.** Cons. 27:22, 20, 12. **E todas as suas cidades** (RSV). Também a LXX e a Siríaca, dão *ke'parîm* em lugar do T.M. *kepîrîm*, "jovens leões". O clamor das nações comerciantes talvez saia irônico ou talvez uma aprovação dos lucros antecipados que aguardam.

**d) A Vinda de Gogue Determinada pelo Senhor. 38:14-16.**

**14. Quando o meu povo Israel habitar seguro.** Cons, os versículos 8, 11, 12.

**16. Meu povo. . . minha terra.** Um ataque contra a terra do Senhor é um ataque contra Ele.

**e) A Destruição de Gogue. 38:17-23.**

**17. Os profetas . . . os quais . . . , profetizaram.** Esta invasão foi prevista, ou na precedente profecia de Ezequiel, ou nas profecias que já não existem mais (cons. 39:8; Sf. 1:14 e segs.; Jr. 3-6; Joel 3; Zc. 14).

**19-22.** A destruição de Gogue se efetua por meio de um terremoto (v. 19) que aterroriza toda a natureza (v. 20), por meio de um pânico sobrenatural entre os seus soldados (v. 21.), por meio de pestilência e derramamento de sangue e visitas da natureza (v. 22).

**23.** Cons. 36:23.

## **Ezequiel 39**

### **2) Retomada da Profecia Contra Gogue. 39:1-29.**

Esta não é uma segunda invasão mas uma narrativa paralela. Ezequiel costuma repetir seus ensinamentos. Cons. capítulos 1 e 10; 2:3-7 e 8:4-11; 3:17-21 e 33:1-19; capítulos 16 e 23.

**a) A Destruição e o Sepultamento das Hordas de Gogue. 39:1-16.**

**1. Profetiza . . . contra Gogue.** Cons. 38:2, 3.

**2. Far-te-ei que te volvas.** (Eu te impelirei, RSV). Cons. 38:4.

**4. Gogue cai nas montanhas.** Cons. o versículo 17; 38:21.

**6. As terras do mar** (ilhas, E.R.C) também sentirão o fogo que fere Magogue.

**7. Farei conhecido.** Isto expressa o propósito de Deus através da invasão (cons. 38:16, 17, 23): o reconhecimento de sua santidade por Israel e pelas nações. Veja também os versículos 13, 21, 25-28.

**9. As armas** dos inimigos servirão de combustível para Israel durante sete anos.

**11.** Os cadáveres de Gogue serão sepultados no Vale dos Viajantes (*ha'ôbe'rîm*), ao oriente do mar. Este lugar tem sido identificado como Wady Fejjas, milha e meia ao extremo sul do Lago de Quinerete (Mar da Galiléia), ou Vale de Abarim (*há'abarîm*) em Moabe, a leste do Mar Morto (Dt. 32:48), chamado o **Vale das Forças de Gogue**.

**12, 13.** Todo o povo leigo (veja obs. sobre 44:25) se ocupará **sete meses** no sepultamento. O número sete (vs. 9, 14) significa a totalidade da limpeza da terra dos seus inimigos.

**14-16. Serão separados homens que sem cessar percorrerão a terra** (lit. homens de continuidade), que porão **um sinal** (*sîyûn*, indicação, monumento) junto a qualquer ossada não sepultada para ajudar os **enterradores** a limpar a terra. *Ali está a cidade de Hamonah* (forma fem., "multidão", RSV). De acordo com o Targum *sham*, "ali", em lugar de *shem*, "nome". É uma cidade de sepulturas (cons. Josefos *Life* 54).

**b) Aves e Feras Convidadas a Festejarem com as Hordas de Gogue. 39:17-24.**

**17-20.** Aves e animais necrófagos fazem a limpeza (cons. Is. 63:1-6; Ap. 19:17-21).

**17, 18.** A matança dos animais era originalmente um ato sacrificial (cons. Lv. 17; Is. 34:6; Sf. 1:8). Aqui as **aves** e os **animais** são convidados a um **sacrifício grande ... com a carne dos poderosos e ... o sangue dos príncipes**, que são comparados aos animais **engordados em Basã** (cons. 27:6), uma região pastoril famosa por seu gado (Dt. 32:14; Amós 4:1).

**19.** Geralmente, a gordura e o sangue, as partes mais santas do sacrifício, eram oferecidas ao Senhor (Lv. 3:11 e segs., 17). Aqui elas são comidas pelas feras.

**20. Cavalos e cavaleiros** (LXX, *rokeb*, "cavaleiro" em lugar do T.M. *rekeb*, "carro"; mas cons. II Sm. 8:4, "cavalos de canos") são o preço pago aos necrófagos convocados à mesa do Senhor. Esses horrendos detalhes dão força à parábola profética de Ezequiel.

**21-24.** *Lições da grande destruição.*

**21. Manifestarei a minha glória entre as nações.** O grande poder de Deus será revelado às nações através da destruição de Gogue (38:16, 23).

**22.** Israel jamais duvidará de Sua proteção **desse dia em diante**.

**23, 24.** As nações ficarão sabendo que o povo de Israel foi levado **para o exílio** e caiu **à espada** não por causa da incapacidade do Senhor em proteger (36:20), mas por causa de sua **iniquidade** e perfídia, que o levaram a esconder deles o Seu rosto. Que lição para os nossos dias cheios de armas poderosas!

**c) Conclusão: A Restauração da Sorte de Jacó. 39:25-29.**

Nesse parágrafo, que não faz parte do Apocalipse, o profeta volta ao ponto de vista dos capítulos 33-37, prevendo a restauração de Israel.

**25. Zelo pelo meu santo nome.** Cons. 20:9, 14, 22, 44.

**26. Esquecerão** (*wenashû*, portanto ketib) **a sua vergonha**, isto é, opróbrio (cons. Is. 54:4). *Qerê*, diversos manuscritos e as versões dão: *eles suportarão* (*wenaseû*) **a sua vergonha**, isto é, um sentimento interno de indignidade diante da bondade de Deus (cons. 16:52, 54).

**27, 28. Quando eu tornar a trazê-los.** Através da história do seu povo, Deus se revela a ambos, às nações e a Israel. 29. Derramarei o meu Espírito. Cons. 36:25-31; Joel 2:28; Zc. 12:10.

#### **IV. Uma Visão da Comunidade Restaurada. 40:1 – 48:35.**

Primeiramente Ezequiel mencionou os pecados que provocaram a queda de Judá (caps. 1-24), e anunciou a humilhação de seus vizinhos hostis (caps. 25-32). Então ele descreveu a gloriosa restauração do seu povo à sua terra (caps. 33-39), sua regeneração (36:22-32) e a habitação do Senhor no seu meio para sempre (37:26-28). Como um vidente prático, sob a orientação divina, a próxima preocupação do profeta era dar atenção à organização da vida religiosa na comunidade restaurada (caps. 40-48).

Estes capítulos finais apresentam vastas dificuldades. Os rabis do Talmude (*Menahot* 45a) comentam que apenas o profeta Elias, que será o arauto da redenção final, é que elucidará as discrepâncias com as leis do Pentateuco e os termos que não aparecem em nenhum outro lugar. Além disso, dizem eles, se não fosse pelo Rabi Chanina ben Ezequias (*Babylonian Talmud, Hagiga* 13a), que explicou diversas dessas dificuldades, o livro de Ezequiel seria excluído do Cânon das Escrituras.

Corrupções textuais e os desnorteantes detalhes arquitetônicos e rituais desconcertam o leitor. Mas o problema mais persistente é o da interpretação desses capítulos, sobre os quais mestres piedosos têm discordado através dos anos. Será que os múltiplos detalhes desta visão (Ez. 40:2) pretendem ser atualizados em data futura? Que parte os sacrifícios sangrentos executarão em alguma futura economia (40:38-43; 43:18-27; 45:13-17; 46:13-15)? Será que o sacerdócio de Zadoque, sem

um sumo-sacerdote, funcionará novamente (40:45, 46; 42:13, 14; 43:18-27; 44:15-31; 45:18-20; 46:19-24)? Quem é este príncipe e quais os seus filhos (44:3; 45:7-12, 13-17, 21-24; 46:1-8, 12, 16-48)? Quem são os levitas decadentes (44:10-14), os estrangeiros incircuncisos excluídos do santuário (44:5, 9) e os estrangeiros residentes que recebem propriedades (47:22, 23)? Como os problemas geográficos se relacionam com 1) as águas que brotam do Templo (47:1.12) e 2) com a divisão da terra entre as doze tribos (47:13 - 48:29) para serem explicados?

A ênfase sobre as cerimônias, formas e instituições conduziram à acusação de que Ezequiel transformou os ideais dos profetas em leis e dogmas e assim veio a ser "o pai do Judaísmo". Ezequiel, é verdade, cria que a nova época exigia a expressão dos seus conceitos religiosos em forma concreta externa. A comunidade judia pós-exílica ainda precisava do Templo, dos sacerdotes e de sacrifícios. Duvidamos que tivesse sobrevivido sem eles. Como os profetas do século oitavo, Ezequiel estava interessado em uma vida justa (por exemplo, os caps. 3; 18; 33). Os regulamentos dos capítulos 40-48 são destinados a um povo regenerado (cons. caps. 33-37).

As interpretações da visão do templo basicamente aparecem sob duas categorias – a literal e a figurada. Damos abaixo um resumo das principais opiniões referentes à narrativa do templo na "Utopia política" ou "nomocracia" (o governo por meio de estatutos; de acordo com Joseph Salvador, citado em J. Clausner, *The Messianic Idea in Israel*, pág. 131) de Ezequiel nos capítulos 40-48.

1) Alguns defendem que é uma **descrição do Templo de Salomão**, preservada para que os exilados, ao retomar, pudessem reconstruir o seu santuário. Na realidade, as especificações para o Templo de Ezequiel eram diferentes e maiores do que as do Templo de Salomão.

2) Outros dizem que ela representa **um ideal elevado, um padrão geral para guiar os exilados**, que retomavam, na sua edificação. Toda a



seção é considerada como uma constituição para a teocracia pós-exílica. Mas em parte nenhuma dos livros pós-exílicos do V.T. há uma referência ao Templo de Ezequiel, nem há alguma indicação dele na obra de Zorobabel e Josué, Ageu e Zacarias (Esdras 3:8-13; 5:1, 2, 13-17; cons. 1:2-4; 6:14; Ageu 1:2, 7-15; 2:1-9; Zc. 6:9-15), ou Esdras (Esdras 7:10, 15, 16, 20, 27) e Neemias (8-9) que este fosse o tipo de templo que deviam edificar.

3) Alguns comentaristas judeus têm defendido que **o Rei Messias, na sua vinda, completará o Templo** e instituirá os detalhes do ritual.

4) Do mesmo modo há alguns cristãos que defendem que existirão **um Templo literal, sacrifícios e um sacerdócio durante o Milênio**, de acordo com as especificações apresentadas por Ezequiel.

Entre as sérias objeções a este ponto de vista, estas devem ser observadas:

a) A expiação de nosso Senhor Jesus Cristo anulou os sacrifícios do V.T. para sempre (Hb. 9:10-15; 10:1-4, 18).

b) O velho sistema era de natureza provisional, ao qual os crentes em Cristo não precisam reverter (Gl. 3:23-25; 4:3.9; 5:1; Cl. 2:16, 17; Hb. 10:11-14).

c) Todos os crentes, quer judeus ou gentios, são semente de Abraão. (Gl. 3:7, 16, 29), e membros do "Israel de Deus" (Gl. 6:16), um relacionamento baseado na fé, não na genealogia (Rm. 4:11, 14, 16; 8:17; 9:6-8). Cristo derrubou "a parede da separação" (Ef. 2:11-22), de modo que as diferenças judeu-grego, circuncisão-incircuncisão, escravo-livre, macho-fêmea já não têm nenhum mérito superior (Gl. 3:28; Cl. 3:11; Ef. 3:6; Rm. 2:28, 29).

d) O N.T. refere-se à Igreja como sendo o Novo Israel, no qual os adeptos do velho Israel podem participar aceitando Cristo (I Pedro 2:3-5, 8-10). As promessas feitas ao velho Israel se alargam para incluir a

Igreja universal (Atos 2:39; 10:43 e segs.; 13:26; 15:14-18; Rm. 15:9-12).

e) Não uma específica tribo ou família, mas todos os crentes são sacerdotes e têm acesso direto a Deus através do sangue de Cristo (veja Hb. 8:8-13, cumprindo Jr. 31:3-34; Lc. 22:20; Hb. 9:26; 10:4-10). É um culto espiritual, não ritual, que Deus reconhece (João 4:21-24; Atos 7:48-50).

f) Quando João emprega estes capítulos para descrever a Igreja de Cristo, ele remove os elementos especificamente judeus (Ap. 21:9 – 22:5). Insistir em uma explicação literal da visão não nos parece necessária. Rejeitar uma interpretação literal não impossibilita a defesa de uma doutrina milenista.

5) Ainda outros defendem que **o Templo de Ezequiel é uma figura representando os redimidos** de todas as idades adorando Deus nos céus. Contudo, muitos dos detalhes terrenos da visão, como, por exemplo, a oferta pelo pecado, negam a sugestão de que este seja um retrato da perfeita adoração nos céus.

6) O **ponto do vista simbólico típico**, ou, mais acertadamente, o alegórico, foi preferido pelos Pais da Igreja e pelos Reformadores. Eles descobriram no príncipe, nos sacerdotes, nas ofertas, nas medidas do templo, na corrente que brota do santuário, nas divisões tribais, etc., elementos descrevendo Cristo e as perfeições espirituais da Igreja através da dispensação do Evangelho. Esta opinião sofre da excentricidade do subjetivismo e rouba à passagem o significado para o tempo de Ezequiel.

7) Alguns vêem nela simplesmente **uma parábola profética**. Esses capítulos, dizem, apresentam grandes verdades espirituais em linguagem e pensamentos padrões de Ezequiel, o sacerdote. São caracterizados pela mesma minuciosidade de detalhes observada em suas visões (cap. 1),

alegorias (caps. 16-23), pregações (cap. 18) e previsões (caps. 26-28; 29-32), transmitindo assim o sentido da segurança divina.

Ezequiel e outros profetas concebiam o ideal da vida futura vivida no corpo, nesta terra (veja coment. sobre 18:4; cons. Is. 66:20; Jr. 33:17, 18). A verdadeira perfeição religiosa, eles ensinavam, só se pode atingir através da presença pessoal do Senhor entre o Seu povo (cons. 48:35b). Assim, para os contemporâneos de Ezequiel no exílio da Babilônia, e para as gerações futuras, a descrição do novo Templo, culto e terra trazia conforto e edificação.

A Igreja Cristã, através de toda a sua história, extrai desses capítulos, não detalhes minuciosamente alegóricos ou tipológicos de sua vida, mas o grande princípio geral da presença de Deus com o Seu povo e do poder frutificante do seu Santo Espírito. Eles apontam para a Igreja, especialmente em sua adaptação em Ap. 21 e 22, para a consumação que aguarda o povo de Deus na *parousia* (segunda vinda) do seu Filho, que tem preparado lugares de habitação para os seus na casa do Pai. Eles fazem a Igreja se lembrar de seu caráter peregrino neste mundo, enquanto aguarda os "novos céus e a nova terra onde habita a justiça" (II Pedro 3:13).

A visão de Ezequiel da comunidade restaurada abrange um novo Templo, ao qual a glória do Senhor retorna (caps. 40-43), um novo culto de adoração, com um ministério e sistema sacrificial ideais (caps. 44-46) e uma nova terra santa redividida entre as tribos sobre novos princípios (caps. 47 ; 48).

### **A. Um Novo Templo. 40:1 - 43:27.**

A área do templo, conforme descrita por Ezequiel, consiste de três terraços, sendo que no mais elevado deles, que dá para o leste, fica o Templo com os seus anexos, o átrio do templo e um grande edifício diretamente por trás dele. No terraço do meio estão as cozinhas e dependências dos sacerdotes, o átrio contendo o altar dos holocaustos e os átrios internos com três pórticos elaborados. O terraço inferior,

rodeado por um muro externo, contém os átrios externos com três pórticos e as cozinhas e dependências para o povo.

1) O Plano do Novo Santuário, com seus Átrios e Quartos. 40:1 - 42:20.

## Ezequiel 40

**1-4.** Introdução. O profeta é transportado em visão para o monte do templo, onde um guia celestial o conduz em uma visita ao Templo, começando pelo portão do átrio externo.

**1. No ano vinte e cinco . . . no princípio do ano, no décimo dia do mês.** Março/abril 572 (573) A.C.

**2. Em visões.** Cons. 8:3; 11:22-25. **Um monte muito alto.** O Monte Sião idealizado (cons. Sl. 48:2; Is. 2:2; Mq. 4:1; Zc. 14:10). Nas visões, o natural e o sobrenatural misturam-se livremente. O Templo parecia **como edifício (AV, estrutura) de cidade.**

**3. Um homem cuja aparência era como a do bronze.** Um personagem sobrenatural (cons. Ap. 21:10-27). Um cordel de linho, para tomar medidas longas. Uma cana de medir, para medidas mais curtas.

### a) As Medidas dos Átrios. 40:5-47.

**5-27.** *O pátio externo e seus três portões.*

Um **muro** rodeava **toda a casa** (v. 5), com **uma cana** de espessura e uma cana de altura (v. 6), com três elaboradas **portas** ou portões no oriente (vs. 5-16), no norte (vs. 20-23) e no sul (vs. 24-27). **Sete degraus** levavam a esses portões (v. 6; LXX 22, 26) que davam para o terraço ou plataforma sobre a qual estava situada toda a área do templo (v. 18).

**5-16.** *O portão do oriente.*

**5.** O côvado hebraico tinha 17,58 polegadas ou 44,65 centímetros. O côvado mais longo tinha 52,31 centímetros e a com de Ezequiel tinha cerca de 3,16 metros.

**6. A porta (*sha'ar*)** do templo é de 50 côvados de comprimento (v. 15) e 25 côvados de largura (v. 13). Contém um **limiar** externo de 6

côvados de profundidade e 10 côvados de largura (vs. 6, 11) com três **câmaras**, saletas ou salas da guarda de cada lado, cada um com 6 côvados quadrados (v. 7), com janelas chanfradas (v. 16) e protegidas do lado do corredor por um gradil ou muro baixo de 1 côvado de espessura (v. 12); umbrais ou colunas de tijolos de 5 côvados quadrados entre as passagens com aberturas chanfradas e esculpidas com **palmeiras** em relevo (v. 16); um **limiar** interno de 6 côvados de profundidade (v. 7); um **vestíbulo** ou *varanda* de 20 côvados por 8 côvados na extremidade interna da passagem, com janelas chanfradas (vs. 8, 16); e **pilares** ou colunas de 2 côvados de espessura (v. 9).

**17-19.** *As trinta câmaras no pátio externo.* Atravessando o portão oriental, Ezequiel e seu guia entraram no átrio exterior, situado sobre o pavimento ou terraço inferior (v. 17). Dispostas em redor do átrio há trinta curaras (para uso do povo e dos levitas que adoram no átrio exterior) defronte deste pavimento, talvez dez a leste, ao norte e ao sul, cinco de cada lado da passagem. O pavimento é de cinquenta côvados de largura, a pardo comprimento das portas externas (v.18, 15). Os quatro cantos abrigam as cozinhas do povo (46:21-24).

**19.** *Desde a dianteira da porta* exterior até a margem externa do **átrio interior** são **cem côvados**.

**20-27.** *Os portões do norte e do sul.* Os detalhes para os portões do norte o do sul correspondem aos do portão oriental, com a menção específica dos **sete degraus** que dão para a plataforma (vi. 22, 26).

**28-47.** *O átrio interno e seus três portões.* O **átrio interior** está localizado 100 côvados adentro dos portões externos (v. 19) sobre uma plataforma de oito degraus mais alta que a do átrio externo (vs. 31, 34, 37). Entra-se nele por meio de portões ao sul (vs. 28-31), a leste (vs. 32-34) e ao norte (vs. 35-37). No vestíbulo da passagem oriental há dispositivos para a manipulação dos sacrifícios (vs. 38-43). Nos lados orientais das passagens internas ao norte e ao sul há câmaras para os sacerdotes responsáveis pelo cuidado das dependências do templo e do altar (vs. 44-46). Dentro do átrio interno está o átrio do altar (v. 47), um

quadrado de 100 côvados de lado, situado a leste do Templo, no centro do qual está o altar dos holocaustos (43:13-27). As cozinhas e quartos dos sacerdotes estão situados no extremo oeste do átrio interno (42 : 1.14). O Templo propriamente dito está sobre uma plataforma de dez degraus mais alta que o átrio interno (v. 49).

**28-31.** *O portão sul do átrio interno.*

**28.** Do portão sul do átrio externo (vs. 24-27), Ezequiel é levado para o **átrio interior** através de sua **porta do sul**. Os portões do átrio interno correspondem às do átrio externo em todos os aspectos com exceção de seus vestíbulos que ficam no extremo exterior da passagem, perto do átrio externo (vs. 31, 34, 37).

**31.** **Oito degraus** levavam do pavimento inferior para o terraço que sustentava o átrio interior.

**32-37.** *Os portões interiores a leste e ao norte.* Esses portões são parecidos em descrição ao portão do sul.

**38-43.** *O vestíbulo do portão oriental interior e os dispositivos para o sacrifício.*

**38.** Uma **câmara** construída dentro do **vestíbulo** da porta oriental (cons. vs. 40, 44. 43:17b; 46:2 e segs.), onde os sacerdotes e levitas em exercício lavariam os holocaustos.

**39.** No **vestíbulo da porta havia duas mesas** do cada lado, sobre as quais se preparava a carne para o **holocausto** (*'olâ*; Lev. 1, "aquilo que sobe", um animal ou ave totalmente consumidos sobre o altar simbolizando a submissão total do ofertante a Deus), **a oferta pelo pecado** (*hatta't*; Lv. 4:1 – 6:13, em expiação do pecado) e a oferta **pela culpa** (*'asham*; Lv. 5:14 - 6:7), na qual se faz a restituição.

**40.** **Da banda de fora da subida para a entrada da porta do norte** (Cook, ICC) estão mais quatro mesas, totalizando as **oito mesas** (v. 41) para os sacrifícios mencionados no versículo 39.

**42.** Há também quatro mesas, ou pedestais, de **pedras lavradas** sobre as quais **se punham os instrumentos com que imolavam o holocausto**.

**43. Ganchos** ou cavilhas **estavam fixados** na parede externa do vestibulo sobre os quais se colocava as carcaças dos animais antes de esfolá-las.

**44-46.** *As câmaras dos sacerdotes nos lados orientais dos portões do norte e do sul.*

**44. Há duas câmaras . . . no átrio de dentro**, uma (v. 45) para o lado oriental **da porta do norte e olhava para o sul, para os sacerdotes** (levitas, 44:10-14) **que têm a guarda do templo** e a outra no lado leste da porta do sul, de frente para o norte **para os sacerdotes que têm a guarda do altar** (v. 46). Os sacerdotes zadoquitas.

**47.** *As medidas do átrio do altar.* Dentro do átrio interno está o átrio do altar, um quadrado de 100 côvados de lado diante (isto é, a leste) do templo, no qual fica o altar dos holocaustos.

#### **b) As Medidas do Templo Propriamente Dito e seus Arredores. 40:48 – 41:26.**

O templo do século oitavo em Tell Tainat na Síria e o recentemente escavado templo cananita em Hazor tinham uma divisão tripla de vestibulo, nave e recinto interior, parecido com a disposição dos planos das estruturas de Salomão e Ezequiel. O Templo de Ezequiel ficava sobre uma terceira plataforma, dez degraus mais alta que o átrio interno (v. 49). Consiste de três partes, o vestibulo (vs. 48, 49), a nave (41:1, 2) e o Lugar Santíssimo (41:3, 4). Um anexo de câmaras laterais limita-se com os três lados do Templo (vs. 5-11) e por trás dele há um grande prédio (v. 12). São dadas as dimensões do Templo (vs, 13-15a) e uma pequena descrição do seu interior (15b-26).

**48, 49.** *O vestibulo ou alpendre ('ûlam).*

O **vestibulo** (cons. I Reis 6:3) é de 20 côvados de largura do norte para o sul e 12 côvados de profundidade do leste para o oeste. Sua **entrada**, de 14 côvados de largura, trilha uma **parede lateral** de 5 côvados de cada lado. Além dos **umbrais** de 5 côvados de espessura

havia duas **colunas** (cons. I Reis 7:15-22, onde são chamadas de Jaquim e Boaz).

### **Ezequiel 41**

**41:1, 2.** *A nave ou Lugar Santo (hêkal).* A nave é de 40 côvados de comprimento de leste a oeste e de 20 côvados de largura de norte a sul. Sua **entrada** é de 10 côvados de largura com **paredes laterais** de 5 côvados de largura de cada lado e **umbrais** de 6 côvados de espessura (cons. I Reis 6:5).

**3, 4.** *O lugar santíssimo.* Ou *recinto interno (qodesh haqqodashîm).* O anjo sozinho entrou no *recinto interno*, ou **Santo dos Santos**, além da nave, que tinha 20 côvados por 20. Sua entrada, paredes laterais e umbrais medem 6, 7 e 2 côvados respectivamente (cons. I Reis 6:16; 7:50; 8:6).

**5-11.** *As câmaras laterais do anexo.* **Por todo o redor** das três paredes do Templo havia câmaras laterais para fins de armazenagem em 3 andares, 30 em cada andar (v. 6; cons. I Reis 6:5-10). **A grossura da parede das câmaras laterais** era de 5 côvados de espessura (v. 9), e a fileira inferior de câmaras era de 4 côvados de largura (v. 5), cada andar ficando mais largo, **correspondendo às reentrâncias do templo de andar em andar ao redor** (v. 7). Com base no Templo de Salomão (I Reis 6:6), as paredes do templo tinham provavelmente 6 côvados de espessura no primeiro andar, com uma câmara de 4 côvados de largura (v. 5), 5 côvados de espessura no segundo andar, dando lugar a uma câmara de cinco côvados e 4 côvados de espessura no terceiro andar com uma câmara de seis côvados. Escadas, possivelmente em caracol, ligavam os andares (v. 7; cons. I Reis 6:6). Tanto o Templo como o bloco lateral estavam sobre uma plataforma de 6 côvados de altura (v. 8), os dez degraus de 40:49 e 5 côvados de largura (v. 9), que davam acesso às câmaras laterais do norte e do sul (v. 11). Esta, por sua vez, estava rodeada por um pátio ou *lugar separado* de 20 côvados de largura (vs. 10, 12).



**12.** *O edifício (binan) por trás do Templo.* O propósito do edifício grande (90 X 40 côvados, com paredes de 5 côvados de espessura) por trás ou a oeste do Templo, de frente para o átrio do templo ("lugar separado", *gizrâ*, 41:12-15; 42:1, 10, 13), não está explicado. É chamado de *parwarim* em II Reis 23:11, onde os reis guardavam os cavalos consagrados ao sol, e *parbar* em I Cr. 26:18.

**13-15a.** *As medidas do Templo.* O Templo do leste a oeste é de 100 côvados de comprimento (v. 13; umbrais do vestibulo, 5 côvados, vestibulo, 12; umbrais da nave, 6; nave, 40; umbrais do Santíssimo, 2; o Santíssimo, 20; paredes, 6; câmaras laterais, 4; paredes externas do edifício lateral, 5 = 100). **Assim mediu o templo com côvados de comprimento**, de norte ao sul, incluindo o pátio (v. 14; largura do Templo, 20; parede lateral 6 + 6; câmaras laterais, 4 + 4 e suas paredes, 5+5; plataforma elevada, 5+5; pátio, 20 + 20 = 100). O pátio e o edifício ocidental com suas paredes era de 100 côvados de comprimento de leste a oeste (vs. 12,13). O comprimento do edifício ocidental de norte a sul, mais suas paredes era de 100 côvados. Havia portanto três quadrados adjacentes de 100 côvados: o pátio do altar (40:47); o Templo e os pátios do norte e do sul; e o edifício ocidental com seu pátio diante dele.

**15a-26.** *Descrição do interior do Templo.* As três partes do Templo – nave, sala interior e vestibulo externo (15b) são revestidos e guarnecidos com madeira (ou "*sehîp*"; Ak. palavra emprestada para indicar preciosa madeira negra; cons. G.R. Driver, "Notes on Hebrew Lexicography", JNT 23 (1922), 409), **desde o chão até as janelas** (v.16). As janelas com molduras em nicho (cons. 40:16) eram cobertas ou esculpidas (v. 16). As paredes da sala interna e da nave eram esculpidas com figuras de querubins com dois rostos alternando com palmeiras (vs. 17, 18). **Um rosto de homem e um rosto de leãozinho** olhavam para as palmeiras de ambos os lados (cons. 1:6; 10:14, 21; I Reis 6:29 e segs.).

**As ombreiras do templo eram quadradas. À entrada do Santo dos Santos** (RSV; isto é, Lugar Santíssimo), há uma mesa de madeira

parecida com um altar de 3 X 2 X 2 côvados, possivelmente para os pães da propiciação (v. 22; cons. Êx. 25:23 e segs.; Lv. 24:5-9). **O templo e o Santíssimo** tinham cada um uma porta dupla (v. 23), com duas folhas de vai-e-vem para cada porta (v. 24), sobre as quais se encontram esculpidas **querubins e palmeiras** (v. 25). Um dossel ou cornija de madeira se encontra sobre o lado de fora do vestibulo.

## Ezequiel 42

### c) Outros Edifícios no Pátio Interno. 42:1-20.

**1-14.** *As câmaras dos sacerdotes.* Os edifícios contendo as câmaras dos sacerdotes estão localizados, ao que parece, no extremo ocidental do pátio interno, entre os pátios norte e sul do templo (vs. 1, 10; cons. 41:10, 12) e na extremidade interna do pátio externo (v. 3). As câmaras do norte são descritas pormenorizadamente (vs. 1-10a) e as do sul lhes correspondem (vs. 10b-12). Os detalhes são obscuros e o texto é corrompido. Aparentemente há duas estruturas, uma correndo paralela ao pátio do templo, 100 X 20 côvados (v. 2), com uma passagem do lado de 10 côvados de largura (v. 4), do outro lado da qual, dando para o pátio externo, fica a segunda estrutura, 50 X 20 côvados (v. 8). As duas estruturas mais a passagem perfazem uma largura total de 50 côvados (v. 2). As câmaras dentro dessas estruturas podem ser arranjadas em três andares (v. 6) ou em três fileiras sobre terraços descendo para o pátio externo. Em algum lugar da extremidade oriental da série mais curta das câmaras fica uma entrada, dando acesso a um lance de dez degraus (40:49) do pátio externo para as câmaras dos sacerdotes (v. 9).

**13, 14.** *O uso dessas câmaras pelos sacerdotes.* As câmaras serão usadas pelos sacerdotes para comer as ofertas sagradas, para depositá-las até serem assadas nas cozinhas (cons. 44:29; 46:20), e para guardar as roupas sacerdotais quando os sacerdotes não se encontram no cumprimento do dever (cons. 44:19; 46:20). A seção das cozinhas dos sacerdotes (46:19-24) talvez façam pane delas.

**15-20.** *As medidas gerais da área do templo.* A área total do templo é um quadrado de 500 côvados de cada lado (v. 20; 45:2), não um quadrado de 500 canas, o que totalizaria 3.000 côvados (cons. Ap. 21:13). O propósito da parede ao redor é o de fazer uma **separação entre o santo e o profano** (v. 20).

## **Ezequiel 43**

### **2) A Volta do Senhor à Casa Preparada para Ele. 43:1-12.**

Cerca de dezoito anos e meio antes, Ezequiel tivera uma visão da partida da glória do Senhor do Templo (10:19; 11:22, 23). Agora que todas as coisas estavam prontas, ele via o retorno da glória (Vs. 1-5). O Senhor entronizado diz que o Templo é O Seu trono e instrui o profeta a ensinar o povo os regulamentos do templo (vs. 6-12).

#### **a) A Volta do Senhor. 43:1-5.**

**1. À porta que olha para o oriente** o profeta viu a manifestação visível da presença do Senhor do modo pelo qual a vira quando Ele viera **destruir a cidade** (v. 3; cons. caps. 8-11) e em sua visão inaugural junto ao rio Quebar (1:28; 3:12, 23).

**4. A glória do SENHOR** entrou pelo portão oriental e o Espírito o levantou (v. 5; cons. 2:2; 3:12-14; 8:3) e o levou ao átrio interior. O profeta não consegue atravessar o portão oriental depois que o Senhor passa por ele (cons. 44:2). Quanto à glória do Senhor enchendo o Tabernáculo e o Templo, veja Êx. 40:34, 35; I Reis 8:11.

#### **b) A Exortação de Deus a Israel de dentro do Santuário Interno. 43:6-12.**

O Senhor (não o homem ao seu lado, v. 6) fala a Israel através de Ezequiel relativamente à santidade do Templo (vs. 7-9). Sua exortação forma uma conclusão aos capítulos 40-42; e os regulamentos do templo (vs. 10-12) formam uma introdução ao capítulo 44 e os capítulos seguintes.

7. O Templo de Jerusalém está aqui representado como o trono de Deus (veja também Jr. 3:17; 14:21; 17:12. Quanto ao céu como o **trono** de Deus, veja Is. 66:1; Sl. 2:4; 11:4; Mt. 5:34; 23:22). Ezequiel descreve o céu descendo à terra (cons. 37:26-28). **Prostituições** do templo (II Reis 23:7); ou idolatria (cap. 8). **Cadáveres dos seus reis**. Os sepulcros reais ficavam na mesma elevação do Templo, separadas deles apenas por uma parede (II Reis 21:18, 26).

8. Anteriormente o Templo e o palácio eram contíguos (I Reis 7:8; II Reis 20:4, corrigido). **Limiar e ombreira** talvez se refiram às sepulturas dos reis com feitiço de casas (Is. 14:18; Jó 17:13).

Os versículos 10-27 constituem o *haphtarah* da Sinagoga para o Êx. 27:20 – 30:10.

10. Cons. 40:4; 44:5.

12. **A lei do templo** está declarada nos capítulos 40-42. Toda a área do templo sobre o cume do monte foi declarada santíssimo (41:4; 45:3; 48:12).

### 3) O Altar das Ofertas Queimadas e Sua Consagração. 43:13-27.

#### a) A Descrição do Altar. 43:13-17.

Compare os diversos altares: no Tabernáculo (Êx. 27:1-8), no Templo de Salomão (II Cr. 4:1); no Templo de Zorobabel (Esdras 3:2, 3; I Mac. 4:47); no Templo de Herodes (Mishna *Middoth* IV, 1a, 3b, 4. Josefos *Wars* V. 5, 6; *Letter of Aristeas*, 87).

13. O **altar** das ofertas queimadas (cons. 40:47), feito de material não especificado, possivelmente pedra, consistia de quatro barras transversais quadradas, diminuindo em tamanho, colocadas umas sobre as outras. A base era de 18 X 18 côvados e um côvado de altura, com uma margem externa de meio côvado de altura, provavelmente como uma calha para o sangue do sacrifício.

14. Sobre esta descansava a barra mais baixa de 2 côvados de altura e 16 X 16 côvados de largura. Logo a seguir vinha a barra superior e

mais alta, de 4 côvados de altura e 12 X 12 de lado, com chifres de um côvado de altura, saindo dos quatro cantos. O nome *har'el* (v. 15), ou *'ariel*, tem afinidade com o acadiano *arallû* "submundo", ou com a "montanha dos deuses" (Albright, *Arch. and the Religion of Israel*, págs. 150-152), e seu desenho é reminiscência do zigurate da Babilônia (Nielson, *Journal of the Palestine Oriental Society*, 13 (1933), 203 e segs.). Sua altura total, incluindo os chifres, era de 12 côvados. Degraus no lado oriental levavam o sacerdote oficiante a olhar para o Templo e não para o sol (cons. 8:16; Êx. 20:26).

### **b) A Consagração do Altar. 45:18-27.**

O altar era consagrado com a aplicação do sangue da oferta pelo pecado durante sete dias sobre os quatro chifres, nos quatro cantos da barra superior, e sobre a beirada da base, para *limpar* (*hitte*, remover o pecado, "despecar", pela aplicação do sangue sacrificial sobre o objeto), e para *purgar* (*kipper*, "expiar por um ato ritual"), (v. 20; cons. Êx. 29:12; Lv. 8:15). Por causa dos objetos usados no culto entrarem em contato com a corrupção do homem pecador, o sangue, como a sede da vida, era aplicado sobre eles para remover a impureza e transmitir santidade (cons. Lv. 16:15-20). A oferta pelo pecado no primeiro dia era um **novilho** (v. 19) e nos dias seguintes da semana um **bode** (vs. 22, 25). Seguindo a oferta diária pelo pecado, um novilho e um carneiro aspergidos com sal eram oferecidos como oferta queimada (23, 24). O sal, originalmente acrescentado às ofertas de cereais (Lv. 2:13) e ao incenso (Êx. 30:35), foi mais tarde também colocado sobre as ofertas queimadas (Mc. 9:49; Jos. Antiq. III. 9. 1).

**26. E assim o consagrarão.** Literalmente, *encherão a sua mão*, isto é, conferirão dignidade, e serão investidos do seu ofício (cons. Êx. 28:41; Lv. 16:32; I Cr. 29:5).

**27. Ao oitavo dia, dali em diante,** as ofertas queimadas e ofertas pacíficas regulares (*shelem*, Lv. 3, significando paz e comunhão com

Deus; também incluíam ação de graças, votos e ofertas voluntárias, Lv. 7:12, 16a, 16b) podiam ser oferecidas sobre ele.

### **B. Um Novo Culto de Adoração. 44:1 – 46:24.**

As ordenanças seguintes tratam de: 1) quem podia ministrar no Templo (cap. 44); 2) as rendas dos sacerdotes, dos levitas e do príncipe, e as obrigações do príncipe para com o Templo (45:1-17); e 3) as ofertas festivas e diárias no Templo, e as ofertas especiais do príncipe (45:18 - 46:24).

## **Ezequiel 44**

### **1) Aqueles que Podiam Ministrar no Templo. 44:1-31 .**

#### **a) O Portão Oriental Externo é Fechado. 44:1-3.**

Ezequiel, levado pelo anjo até o portão oriental externo (v. 1), é informado de que o portão permanecerá fechado depois que o Senhor entrar por ele, para que a passagem de um modal não o contamine (v. 2). A "Porta do Ouro" no muro oriental da Velha Jerusalém encontra-se atualmente murada. O muro foi construído pelo sultão otomano, Suleiman, o Magnífico, em 1542. Ele mandou fechar a porta para evitar a comemoração dos festivais da "recuperação da Santa Cruz". O **príncipe** não podia passar pelo portão mas tinha permissão de comer da refeição sacrificial em seu vestíbulo (v. 3; cons. Jr. 30:21).

#### **b) Restrições sobre o Serviço no Templo. 44:4-14.**

**4. A glória do Senhor.** Cons. 43:3.

**5.** Cons. 40:4.

#### **7. Porquanto introduzistes estrangeiros . . . no meu santuário.**

Escravos estrangeiros ou prisioneiros de guerra trinam até então ajudado na oferta dos sacrifícios e realizado tarefas de menor importância (Dt. 29:11; Js. 9:23, 27; I Sm. 2:13; Zc. 14:21; Ed. 8:20; 2:43-54).

**9. Estrangeiros** ficavam agora excluídos por serem espiritual e fisicamente impróprios (cons. Nm. 3:10; 16:40; Ageu 2:14; Esdras 4:3; Ne. 13:7-9, 30). O Templo Herodiano continha letreiros no átrio externo, advertindo os que não eram judeus, a que não transpassassem os limites sob pena de morte (Josefos *Wars* V. 5.2; J.E. XII. 85).

**10. Os levitas** (cons. 48:11, ou Israel, v.15; 14:11 ), que se desviando afastaram o povo (v. 12; Jz. 17:7-13; 18:18, 19; 30; Dt. 33:8-11), seriam rebaixados de posto. Eles passariam a guardas dos portões (com. 40:7), ajudariam o povo no átrio externo e matariam seus sacrifícios e assariam os mesmos (v. 11; cons. 46:24; Nm. 3:5 - 4:33).

### **c) Regulamentos para os Sacerdotes Zadoquitas. 44:15-31 .**

**15. Os sacerdotes levíticos, os filhos de Zadoque**, eram descendentes de Zadoque, um contemporâneo de Davi e Salomão (II Sm. 8:17; 15:24-29; 20:25; I Reis 2:27, 35) e Arão através de Eleazar (I Cr. 6:50-53).

**16. Os fiéis sacerdotes** ministrarão diante de Deus. **Eles se chegarão à minha mesa.** Cons. Ml. 1:7,12. **Para me servirem.** Cons. 40:45, 46.

**17-19.** Estes versículos descrevem suas roupas (cons. Lv. 13:47, 48; Jr. 13:1; Heródoto ii. 37). Eles deviam retirar suas roupas de linho antes de sair, **para que com as suas vestes não santifiquem o povo**, uma santidade ritual que temporariamente desqualificava as pessoas para as obrigações quotidianas (cons. Lv. 6:18, 27; Êx. 29:37; 30:29; Ageu 2:10-12).

**20, 21.** Sobre o cortar os cabelos, veja Lv. 21:5; 10:6; 21:10. Sobre o beber vinho durante o exercício de suas obrigações, veja Lv. 10:9; Os. 4:11; Pv. 20:1 (Cons. Jos. Antiq. III. 12. 2).

**22. Não se casarão.** Cons. Lv. 21:7, 13, 14.

**23, 24. A meu povo ensinarão.** Esses versículos apresentam as obrigações dos sacerdotes para com o povo: instrução cerimonial (cons. 22:26; Lv. 10:10; Ageu 2:11; Ml. 2:7); orientação para administração da

justiça (Dt. 17:8-13; 33:10; I Sm. 4:18; 7:1 5; Os. 4:6); **as minhas leis e os meus estatutos** (cons. 5:6; Lv. 26:46); orientação para a guarda dos **sábados** (cons. 20:12).

**25-27. Não se aproximarão de nenhuma pessoa morta.** Regulamento para o necessário contato dos sacerdotes com as pessoas mortas. Eles não podiam pôr luto a não ser pelos parentes consangüíneos mais achegados (cons. Lv. 21:1-3, 11; Nm. 19:14 e segs.).

**26. Depois de ser ele purificado.** Cons. Nm. 19:14-19.

**27. Apresentará.** Cons. Lv. 4:3.

**28-31.** Nestes versículos providencia-se pela manutenção dos sacerdotes. Eles viveriam das ofertas, das coisas dedicadas ao Senhor (Nm. 18:14 e segs.; Lv. 28:28, 29), das primícias (Nm. 8:13; Dt. 18:4), das contribuições (*terûmâ*; cons. 20:40), talvez dos dízimos (Nm. 15:19; 18:19).

**30b. Bênção.** Cons. Ml. 3:10.

**31. Que de si mesma haja morrido.** Cons. 4:14; Lv. 22:8.

## **Ezequiel 45**

**2) As Porções da Terra para os Sacerdotes, os Levitas e o Príncipe. 45:1-17.**

### **a) Território Sagrado do Templo e Seus Arredores. 45:1-8.**

O Templo de Ezequiel, além de se encontrar em um alto monte (40:2) e de ter átrios murados (caps. 40-42) e além de ser protegido pelas medidas de precaução de 44:4 e segs., ainda era protegido de profanação estando localizado no meio de território sagrado rodeado pelas dependências dos sacerdotes (48:8-22). Uma porção (*terûmâ*, "parte elevada ou separada do todo") da terra santa em toda a sua extensão (v. 1).

A área consiste de três tiras paralelas, indo de leste a oeste, formando um quadrado de 25.000 X 25.000 côvados. A tira do meio, de 25.000 x 10.000 côvados, era separada para os sacerdotes e suas casas (vs. 3, 4). No meio dela um quadrado de 500 x 500 côvados para o



santuário era rodeado por um espaço aberto de 50 côvados de todos os lados (vs. 1, 2). Ao norte dele ficava a área dos levitas e suas cidades, 25.000 X 10.000 côvados (v. 5, LXX; Nm. 32:5; Js. 14:4). Ao sul ficava uma seção de 25.000 X 5.000 côvados, no centro do qual ficava um quadrado de 5.000 côvados de lado para a cidade santa, com campos cultivados de ambos os lados (cons. 48:15-20), propriedade de todas as tribos (v. 6). De ambos os lados desta porção santa ficava a porção de terra designada para o príncipe, 25.000 côvados de largura, que se estendia desde o termo ocidental até ao tenro oriental da terra (vs. 7, 8). Em contraste com os maus pastores do passado, os seus **príncipes nunca mais oprimirão o . . . povo** (cons. 22:25; 34:1 e segs.).

#### **b) Obrigações dos Príncipes. 45:9-12.**

Os príncipes do futuro reino deviam afastar a dolência (Amós 3:6; Jr. 6:7) executar a justiça (Jr. 22:3, 15; 23:5) e acabar com os desapossamentos (v. 9; cons. 46:18; I Sm. 8:14; Is. 5:8; I Reis 21:9). Não devia haver um reavivamento da monarquia com o poder e a pompa de antigamente. A principal função do príncipe era providenciar as ofertas. Através dele a unidade da nação seda expressa em sua adoração (45:6, 17, 21-25; 46:1-12). Ele não tinha poder sacerdotal nem autocrático. O Senhor é o verdadeiro proprietário da terra. O príncipe devia estabelecer um sistema de medidas (vs. 10, 11) e pesos (v. 12; cons. G.A. Barrois, "Chronology, Metrology, etc. , of the Bible", IB, 1, 142.164) carreto.

#### **c) As Ofertas do Povo ao Príncipe e as Ofertas do Príncipe ao Templo. 45:13-17.**

O povo devia fazer ofertas específicas de suas colheitas (v. 13), azeite (v. 14) e ovelhas (v.15) para o príncipe (v.16), que por sua vez forneceria as diversas ofertas para as **festas, luas novas, sábados e todas as festas fixas**, a fim de se fazer expiação por Israel (v. 17).

Os capítulos 45:16 – 46:18 é o *haphtarah* para Êx. 12:1-20.

**3) As Ofertas para as Diversas Estações Sagradas. 45:18 - 46:24.****a) Ofertas nas Festas. 45:18-25.**

**18-20.** *Purificação semi-anual do Templo.* O santuário devia ser purificado semi-anualmente por meio do sangue da oferta do pecado no primeiro dia do primeiro mês, março-abril (vs. 18, 19) e através de ritos similares "no sétimo mês" (set./out.) "no primeiro dia do mês" (v. 21, LXX) **assim expiarás o templo.**

**21-25.** *Ofertas na Festa da Páscoa e Festa dos Tabernáculos.* Durante a **páscoa** na primavera (cons. Êx. 12:6; Dt. 16:1) e os sete dias dos *pães asmos* (cons. Êx. 13:6, 7; Dt. 16:8), o **príncipe** devia fornecer **por si e por todo o povo** a devida oferta pelo pecado, um holocausto e a oferta de manjares (vs. 21, 24). No **sétimo mês**, ele devia providenciar ofertas semelhantes para a festa das cabanas ou *sukkoth*, o grande festival da colheita (cons. Êx. 23:16; 34:22; Dt. 16:13 e segs.).

**Ezequiel 46****b) Ofertas nos Sábados e Luas Novas. 46:1-12.**

**1-5. Sábados.** O portão oriental do átrio interno, fechado durante os seis dias de trabalho, devia ser aberto no sábado (v. 1). O príncipe entraria por ali e adoraria no seu limiar, onde poderia ver os sacrifícios sobre o altar (v. 2). Do lado de fora do portão, o povo adoraria, vendo através dele (v. 3). O príncipe forneceria o holocausto, a oferta de manjares e as ofertas voluntárias (vs. 4, 5; cons. Nm. 28:11-15).

**6-8. Lua Nova.** Ofertas semelhantes deviam ser fornecidas pelo príncipe para as luas novas.

**8.** Ele **entrará pelo vestíbulo . . . e sairá pelo mesmo caminho.** Isto é, sem colocar o pé no átrio interior.

**9, 10. Quando vier o povo da terra.** Para evitar confusão, o povo vindo às festas entraria por um portão e sairia pelo outro. O príncipe adoraria com o povo como se fosse igual.

**11. Nas solenidades e nas festas fixas**, a oferta de manjares devia acompanhar o holocausto, como nos sábados.

**12.** As ofertas **voluntárias** deviam ser preparadas pela comunidade. Sobre a contínua oferta queimada (*tamid*), veja Êx. 29:42; Nm. 28, 29; Dt. 8:11-13.

### **c) O Príncipe e Suas Propriedades Fundiárias. 46:16-18.**

Estes versículos suplementam 45:8, 9. **Quando o príncipe der** qualquer propriedade em terras a seus filhos, ficará sendo deles (v. 16). Se ele der terras a seu servo, **será deste até ao ano da liberdade** (v. 17), provavelmente o Ano do Jubileu, cada décimo quinto ano (cons. Lv. 25:10; Jr. 34:14; Is. 61:1). O príncipe não deveria desapossar o povo de suas propriedades (v. 18; cons. 45:8, 9).

### **d) Cozinhas para as Refeições Sacrificiais. 46:19-24.**

As cozinhas para os sacerdotes (vs. 19, 20) ficavam no extremo oeste das câmaras sacerdotais, descritas em 42:1-14). **Para (não) santificarem o povo.** Veja 44:19.

**21-24.** As cozinhas para cozimento das refeições sacrificiais do povo ficavam localizadas nos quatro cantos do átrio externo. Em cada um deles havia pátios ou cercados menores, de 40 X 30 côvados de tamanho, para abrigar as cozinhas, onde os levitas (44:10-14) serviam o povo.

O circuito dos prédios do templo está agora completo, e introduz-se um novo tópico.

### **C. Uma Nova Terra Santa. 47:1 – 48:35.**

Depois de uma descrição da corrente que dá vida à terra (47:1-12), indica-se os limites da terra (47:13-23) e a disposição das tribos dentro dela (48:1-35).

## Ezequiel 47

### 1) A Torrente que Proporciona Vida e Sai do Templo. 47:1-12.

O profeta é levado do átrio externo (46:21) ao vestíbulo do Templo (40:48, 49). Ali ele vê uma torrente brotando de sob a soleira do Templo, vinda do leste, passando ao sul do altar (v. 1) e ao sul do portão oriental externo (v. 2). A 1.000 côvados do portão, as águas já davam pelos artelhos (v. 3), mas aos 4.000 côvados já tinham se transformado em um **rio** (*nahal*), bastante profundo para se nadar nele (vs. 4, 5).

Ao longo das margens do rio cresciam **árvores** sempre verdes (v. 7) que davam **novos frutos** todos os meses e cujas folhas serviam **de remédio** (v. 12). As águas desciam para o Arabá, a depressão do Vale do Jordão que vai até o Golfo de Ácaba, transformando-o, **e entram no Mar Morto, cujas águas ficarão saudáveis** (v. 8) e cheias de vida (v. 9), tal como o Mar Mediterrâneo (v. 10). **Junto a ele se acharão pescadores** (junto ao Mar Morto), **desde En-Gedi** (*fonte do cabrito*, no meio da praia ocidental do Mar Morto, um oásis de fertilidade por causa de suas abundantes águas; Cons. Cantares 1:14) **até En-Eglaim** (v. 10); "fonte dos dois bezerros"?), possivelmente perto da atual Ain Feshka, cerca de 3,2 quilômetros ao sul de Khirbet Qumran, onde se encontraram os Códices do Mar Morto. **Os seus charcos . . . não serão feitos saudáveis**, isto é, continuarão salgados (v. 11). A transformação da terra será devida à presença de Deus (cons. 34:26-30; 36:8-15, 30-36; 37:26-28).

Observe a influência desta visão sobre os outros escritores: Joel 3:18; Zc. 13:1; 14:8; João 4:14; 7:37, 38; Ap. 22:1, 2; também Sir. 24:34, 35; Enoque 26:2, 3. Para o crente cristão, ela fala de vida, cura, paz e prosperidade, tudo ao seu alcance através do Espírito Santo.

### 2) Os Limites da Terra. 47:13-23.

Compare Nm. 34:1-12, onde as fronteiras do norte ao sul medem cerca de 448 quilômetros. A nova terra seria dividida igualmente entre as doze tribos (vs. 13, 14).

**14-17. *Os limites do norte: desde o Mar Grande*** (o Mediterrâneo) **caminho de Hetlom** (Heitela, 9, 60 quilômetros ao norte de Trípoli, ou Adlun, entre Zarepta e Tiro) **até** (*a entrada de*, LXX) **Hamate** sobre o Orontes (184 quilômetros ao norte de Damasco, Amós 6:2) **até Zedade** (Sadad, a sudoeste de Homs), **Berota** (pertencente a Zoba, II Sm. 8:8; ou Beraitan perto de Baalbeque), **Sibraim** (Zifrom, entre Hamate e Homs, Nm. 34:9) até **Hazer-Haticom** (Hazer central = Hazer-enam?) que está junto ao termo de **Haurã** (a leste do Jordão, sul de Damasco).

**18. *Os limites orientais.*** Cons. Nm. 34:10-12. RSV.: Desde *Hazer-Enom*, ao longo do Jordão, *até ao mar do oriente* (o Mar Morto), até Tamar (talvez Kurnub, 40 quilômetros a sudoeste do extremo do Mar Morto; cons. I Reis 9:17).

**19. *Os limites ao sul.*** **Desde Tamar até às águas de Meribá-Cades** (Cades-Barnéia; Nm. 27:14; Js. 10:41; etc., geralmente identificada com 'Ain Qadeis, cerca de 80 quilômetros ao sul de Berseba) **junto ao ribeiro do Egito** (Nm. 34:5; o Wadi el-arish) **até ao Mar Grande.**

**20. *Os limites ocidentais:*** Do Mar Mediterrâneo até um ponto oposto à entrada de **Hamate** (provavelmente ao extremo norte da planície el *Biqa*, entre o Líbano e Anti-Líbano).

As terras a leste do Jordão estão excluídas.

**21-23. Segundo as tribos.** Os estrangeiros que morassem entre as tribos deviam receber a sua herança na tribo em que morar.

## Ezequiel 48

### 3) A Disposição das Tribos na Terra. 48:1-35.

#### a) Sete Tribos ao Norte da Porção Sagrada. 48:1-7.

Sete tribos – Dã, Aser, Naftali, Manassés, Efraim, Rúben e Judá – receberiam tiras de terra de leste a oeste a partir das fronteiras ao norte até a terra da Porção Sagrada. As dificuldades físicas e topográficas são ignoradas.

**b) A Porção Sagrada. 48:8-22.**

Quanto a uma descrição paralela veja 45:1-8a. Uma tira de terra de 25.000 côvados de largura que ia da fronteira oriental à ocidental da terra foi separada para uso sagrado. No centro dela ficava o distrito santo (vs. 8, 9, 20; cons. 45:1, 2).

**10-12.** *A porção do sacerdote.* Cons. 45:3, 4.

**13, 14.** *A porção dos levitas.* Cons. 45:5.

**15-20.** *A porção da cidade.* Com. 45:6. No meio da terceira tira da porção sagrada, de 25.000 X 5.000 côvados, ficava a cidade (v.15), um quadrado de 4.500 côvados de cada lado (v. 16), rodeada por uma tira larga de 250 côvados de arredores (E.R.C., arrabaldes; v. 17). Os 10.000 côvados de terra de cada lado da cidade tinham propósitos de agricultura, cujo produto será para os operários e lavradores (v.18). Os membros de todas as tribos tinham de trabalhar nela (v. 19).

**21, 22.** *A porção do príncipe.* O que restar será para o príncipe. Cons. 45:7, 8a. Seu território está limitado por Judá ao norte e Benjamim ao sul.

**c) As Cinco Tribos ao Sul da Porção Sagrada. 48:23-29.**

Benjamim, Simeão, Issacar, Zebulom e Gade receberiam seções de terra de leste a oeste, a partir da área do templo até as fronteiras meridionais da terra.

Esta divisão não segue a disposição original das tribos. Toda a nação está aqui unida a oeste do Jordão. Considerando que o Templo tinha de permanecer em Jerusalém, sete tribos ficaram localizadas ao norte e cinco ao sul dela. As tribos de Lia e Raquel ficaram localizadas mais perto do Templo, enquanto as tribos de Bila e Zilpa ficaram mais afastadas.

**d) A Nova Cidade de Jerusalém. 48:30-35.**

**30-34.** *As saídas da cidade;* isto é, as portas da cidade. Cada lado da cidade era de 4.500 côvados de comprimento, com três portões de

cada lado, cada um segundo uma tribo de Israel. Ao norte, os portões de Rúben, Judá e Levi (v. 31); a leste, os portões de José, Benjamim, Dã (v. 32); ao sul, os portões de Simeão, Issacar e Zebulom (v. 33); e a oeste, os portões de Gade, Aser e Naftali (v. 34). Observe que Levi está reconhecido como tribo e José representa Efraim e Manassés. Cons. Ap. 21:12-21; 7:5-8.

**35a. Dezoito mil côvados em redor.** A circunferência da cidade era de 18.000 côvados. No tempo de Josefo, a circunferência da cidade de Jerusalém era de tanta e três estádios, cerca de 6, 4 quilômetros (*Wars* V. 4. 3).

**35b. O nome da cidade,** desde o dia em que existir novamente, será: **O SENHOR está ali** (*Yahweh shammâ*). Cons. Ap. 21:3.

# DANIEL

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 4	Capítulo 7	Capítulo 10
Capítulo 2	Capítulo 5	Capítulo 8	Capítulo 11
Capítulo 3	Capítulo 6	Capítulo 9	Capítulo 12

## INTRODUÇÃO

**Nome do Livro.** Em nossas Bíblias o título desta porção das Escrituras é "O Livro de Daniel". Na Bíblia Hebraica o título é simplesmente, "Daniel", o que, de acordo com o costume seguido pelos Profetas Maiores e Menores, corresponde ao nome do autor do livro. Como em diversos outros livros de profecia (por exemplo, Jeremias e Oséias), o autor também é o personagem principal dos acontecimentos registrados. Essa obra do Velho Testamento leva esse nome nas mais antigas listas e referências. Jesus referiu-se às profecias deste livro como "de que falou o profeta Daniel" (Mt. 24:15; Mc. 13:14). O testemunho de nosso Senhor não diz simplesmente que o livro tinha o nome de Daniel, mas que suas profecias foram proferidas por ele.

O nome de Daniel tem sido identificado na literatura de diversas outras línguas antigas – acadiano, sabeu, palmirênio, nabateano (J.A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, ICC, pág. 128), e na literatura cananita de Ras Shamra, onde aparece um herói chamado Daniel (*Tale of Aqhat*, ANET, 149-155).

Os mestres evangélicos geralmente identificam o autor de nosso livro com o Daniel de Ezequiel 14:14, 20 e 28:3, onde é citado, junto com Noé e Jó, como exemplo de homem justo. Aqueles que negam a autenticidade de Daniel defendem que o Daniel de Ezequiel é "uma figura da tradição antiga e cosmopolita, como o Noé-Utnapishtim da



história do dilúvio", etc. (Montgomery, ICC, pág. 2). O Jó e o Noé de Ezequiel, contudo, são figuras bíblicas, não cosmopolitas. Podemos portanto presumir que o Daniel de Ezequiel também é o autor de nosso livro. (Quanto ao significado do nome, veja observações de Dn. 1:6).

**Data e Autoria.** Desde o terceiro século da Era Cristã, a data e autoria de Daniel tem sido um campo de batalha entre aqueles que aceitam as reivindicações bíblicas por si mesmas e aqueles que não as aceitam. Até onde sabemos, todo judeu e cristão da antiguidade aceitava o livro como escrito nos períodos babilônico e persa no sexto século, na e perto da cidade de Babilônia, como o livro reivindica. O Novo Testamento, como também diversas obras não bíblicas, aceitam inquestionavelmente a genuinidade do livro. Um filósofo neoplatonista, chamado Porfírio (233-304 d.C.), em controvérsia com os cristãos, viu que o livro se refere à história dos acontecimentos que tiveram lugar entre o século quinto e o começo do século segundo. Especificamente, ele fala do advento dos impérios medo-persa e grego, e especialmente dos detalhes da vida de um certo Antíoco Epifânio, rei da Síria, 175-163 A.C., no seu conflito com o rei do Egito e com os judeus na Palestina. Assim Porfírio, negando que o livro fosse escrito conforme reivindicações, declarou que foi escrito na Palestina por um judeu que viveu no tempo de Antíoco e que aquilo que foi escrito como profecia era, na realidade, história. Ele ainda defendia que o livro era exato como história até Antíoco, mas inexato depois dele. Eusébio de Cesaréia, Apolinário, Metódios e mais notadamente Jerônimo, todos escreveram réplicas a Porfírio (veja *Jerome's Commentary to Daniel*, Prólogo).

Nos tempos modernos o desenvolvimento da incredulidade nos círculos eclesiásticos tem provocado a ressurreição dos argumentos de Porfírio e seus oponentes. Conforme E.B. Pusey escreveu, perto de um século atrás: "A engenhosidade humana nas coisas espirituais e seculares é muito limitada. Seria provavelmente difícil inventar uma nova heresia. Os oponentes de antigamente eram tão ou mais perspicazes quanto os de

hoje; de modo que o terreno está quase exaurido" (*Daniel the Prophet*, pág. iii).

Os motivos básicos por que alguns mestres negam a autenticidade de Daniel é que eles já rejeitaram previamente a possibilidade da profecia preditiva (veja J.E.H. Thomson, *Daniel in Pulpit Commentary*, pág. xliii). Isto, embora geralmente não seja explícito, é por vezes francamente admitido (por exemplo, Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, pág. 755). Os argumentos apresentados em defesa do ponto de vista negativo são principalmente estes: 1) O autor comete erros históricos crassos. 2) O hebraico e o aramaico de Daniel são de tipos muito posteriores ao século sexto. 3) Diversos termos usados são palavras persas e pegas que um escritor judeu do século sexto não poderia conhecer. 4) A posição do livro na terceira seção (Escrituras ou Hagiografia) do Velho Testamento indica origem tardia, depois de concluído o cânon profético. 5) Não há testemunho externo da existência de Daniel antes do século segundo. 6) As idéias teológicas do livro são demasiadamente avançadas para o sexto século. 7) As histórias são fantásticas, não são fiéis à história e irreais. 8) A literatura apocalíptica da qual Daniel é um exemplo, só apareceu "tardamente no período helenístico" (Montgomery, ICC, pág. 80).

Os argumentos usados pelos modernos apologistas para sustentarem a autenticidade de Daniel são os seguintes: 1) evidências visíveis do testemunho do livro; 2) sua recepção no cânon, o que dá testemunho do fato dos judeus dos séculos pré-cristãos crerem na sua autenticidade; 3) o testemunho uniforme do Novo Testamento, inclusive a opinião expressa de nosso Senhor; 4) o antigo testemunho externo direto (inclusive Ez. 14:14, 20; 28:3; IMC. 2:59, 60) e diversas passagens em Josefo; 5) evidência da influência de Daniel antes de 165 A.C.; 6) refutação dos argumentos negativos referentes às idéias e história do livro. Estes têm encontrado apoio especialmente forte na arqueologia. A maior parte das objeções históricas têm sido silenciadas por Boutflower, (*In and Around the Book of Daniel*; R.H. Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar*). Ob

serve particularmente a admissão bastante prejudicial de Montgomery (ICC, pág. 72, todo o 2º parágrafo).

**Estrutura do Livro.** Um exame superficial poderia provocar a divisão do livro em duas partes principais, cada uma com seis subdivisões de um capítulo cada: capítulos 1-6, as **Histórias** de Daniel; capítulos 7-12, as **Profecias** de Daniel. Como acontece com tais esboços simples, entretanto, esta divisão em duas partes é mais aparente que real. Os capítulos 10-12, na realidade, constituem uma importante unidade em si mesmas.

A verdadeira base da divisão deveria ser buscada no fato de que a seção 1:1 – 2:4a está no hebraico, a seção 2:4b – 7:28 está no aramaico (síriaco, caldeu) e a seção 8:1 – 12:13 está no hebraico. Este uso estranho de duas línguas, por mais misterioso que seja, foi da intenção divina e significa alguma coisa. Segundo C.A. Auberlen (*The Prophecies of Daniel and the Revelation of St. John*, 1757) e S.P. Tregelles (*Remarks on the Prophetic Visions in the Book of Daniel*, 1864), se considerarmos a mudança de línguas como a chave para a estrutura do pensamento na medida em que exista uma estrutura. Observamos que o Livro de Daniel transmite uma mensagem de julgamento e derrota para o mundo gentio, do qual os principais representantes no tempo do profeta eram Nabucodonosor, Belsazar, Dario e Ciro. A linguagem apropriada nesta porção que se refere aos gentios (2:4b – 7:28) é o aramaico, a língua diplomática e comercial da época. O livro transmite ainda outra mensagem, uma de esperança e livramento para o santo povo de Deus, precioso ainda que oprimido, os hebreus. Para a porção que trata dos hebreus a linguagem é, naturalmente, o hebraico. Com isto não queremos dizer que os hebreus não aparecem nos capítulos 2-7 ou os gentios nos capítulos 8-12. Significa apenas que o ponto de vista básico é que muda.

Todo o livro de Daniel é uma profecia. Do ponto de vista bíblico isto significa que o seu autor era um profeta (Mt. 24:15; cons. Hb. 1:1, 2). Portanto, enquanto a profecia bíblica inclui predição, é mais do que predição. Pode-se relacionar com acontecimentos do passado, do

presente e do futuro. Sempre é apresentada de um ponto de vista moral e espiritual divinamente orientado. Portanto, as porções históricas e exortativas são quase tão proféticas quanto as preditivas.

Com base nisso damos a análise abaixo.

**Antecedentes Históricos.** Ezequiel e Daniel foram escritos no Exílio, um nome geralmente dado ao período durante o qual os judeus do reino judeu foram desalojados de seu país depois da destruição de seu templo, sua capital e comunidade por Nabucodonosor. Esta destruição foi feita em três estágios: Primeiro, em 605 A.C. Nabucodonosor fez Joaquim se ajoelhar diante dele e levou reféns, entre eles Daniel e seus três, companheiros (Dn. 1:1-6; veja coment, abaixo sobre 1:1). Mais tarde, em 597 A.C., em outra expedição à Palestina, depois de certas atitudes rebeldes da parte dos reis judeus, Joaquim e Jeoaquim, houve necessidade de punição e Nabucodonosor tomou a subjugar Jerusalém. Desta vez ele levou 10.000 prisioneiros, entre os quais o rei Jeoaquim e o jovem profeta Ezequiel (Ez. 1:1-3; cons. II Cr. 36:10; II Rs. 24:8-20). Finalmente, em 587 A.C. , depois de um longo cerco, Nabucodonosor destruiu a cidade e o Templo e destruiu toda a comunidade judia (II Reis 25:1-7; Jr. 34:1-7; 39:1-7; 52:2-11).

A restauração da terra começou em 538 A.C. , quando o vitorioso Ciro, rei do novo império medo-persa e conquistador da Babilônia, de acordo com uma política geral de restauração dos povos desalojados às suas terras, decretou que os judeus podiam retornar (II Cr. 36:22, 23; Esdras 1:1-4). Embora alguns judeus permanecessem no exílio muitos anos depois de dada a permissão para retomar (realmente, uma maioria jamais retornou permanentemente), o Exílio como tal, durante o qual a residência dos exilados em Jerusalém foi proibida, durou apenas cerca de quarenta e oito anos. O Templo, contudo, permaneceu sem restauração até cerca de 515 A. C. (veja Esdras 6:15), mais ou menos setenta anos depois de sua destruição em 587 A.C.. A profecia de Jeremias de "setenta anos", contudo, relaciona-se ao período de servidão a Babilônia (Jr. 25:11) e inclui não apenas Judá mas também seus vizinhos. Esse foi

o período de 605 a 538, "setenta anos" em números redondos (cons. Dn. 9:1, 2, cuja data é 539/538 A.C.).

Muitas mudanças culturais e religiosas foram impostas aos judeus pelo seu exílio. Entre estas estava o surgimento do culto na sinagoga em lugar do culto no Templo, e pelo menos o começo da adoção de uma segunda língua – o aramaico (também chamado siríaco ou caldeu). Muitas evidências levam à conclusão de que a língua de Abraão foi originalmente o aramaico. Observações bíblicas (Dt. 26:5; Gn. 31:47) mostram que a família da qual vieram Abraão, Isaque e Jacó falava o aramaico.

Evidências arqueológicas (por exemplo a Pedra Moabita, as tabuinhas de Ras Shamra) demonstram que os cananitas falavam uma língua quase idêntica ao hebraico. Assim os judeus, anos antes, antes mesmo de se estabelecerem em Canaã, adotaram a língua cananita, a qual, devido à pequena evolução, veio a ser o hebraico.

Na Babilônia eles encontraram o aramaico na língua do comércio. Foi também a língua diplomática durante algum tempo (cons. Is. 36:11, 12). Portanto, provavelmente os judeus aprenderam com facilidade o aramaico, realmente muito parecido com o hebraico (embora não fosse idêntico de modo algum; veja II Rs. 18:26) e foram durante algum tempo bilíngües. Esta circunstância, ao que parece, está por trás do fato de que os seis capítulos de Daniel são em hebraico.

**Forma de Literatura.** Daniel é o primeiro grande livro do Apocalipse. Embora apocalipse seja simplesmente uma palavra grega significando "descobrimento" ou "revelação" e é portanto com bastante propriedade um nome para todas as Escrituras, especialmente as porções preditivas, os teólogos e os exegetas costumam agora aplicá-la exclusivamente a certos tipos de literatura da qual Daniel é o único exemplo no Velho Testamento e o Apocalipse é o único no Novo Testamento. Há porções apocalípticas em outros livros (por exemplo, Zc. 1:7 – 6:8), mas nenhum outro livro apocalíptico bíblico. Nenhum mestre conservador poderia estruturar uma definição do Apocalipse aceitável ao

temperamento naturalista da maioria dos mestres bíblicos da atualidade. Pois os racionalistas defendem que a atribuição de autoria e datas falsas, como a da literatura apocalíptica judia não bíblica dos dois séculos imediatamente após Cristo, são a essência do apocalíptico.

Aqueles que consideram Daniel e o Apocalipse como autênticos e verdadeiros, defendem a literatura apocalíptica bíblica como uma forma de profecia preditiva. Distingue-se principalmente por: 1) Narrativa das vimes conforme vistas (mais que sintetizadas e resumidas, como na maioria das profecias). 2) Uso de símbolos de maneira predominante como veículo da revelação – interpretados (como no caso do carneiro e do bode de Dn. 8), ou sem interpretação (como a mulher vestida de sol de Ap, 12). 3) Predição do futuro do povo de Deus (Israel ou a Igreja) em relação às nações da terra quando da vinda do Messias. 4) Estilo de prosa e não poético que caracteriza as outras porções proféticas do Velho Testamento.

**Interpretação do Apocalipse.** O caráter especial do Apocalipse requer o maior esforço do intérprete e sua humilde dependência de Deus. Nenhuma regra de hermenêutica especial para se lidar com a literatura apocalíptica foi produzida até agora. É preciso cuidado especialmente grande para que as regras de interpretação do apocalipse não bíblico não sejam inescrupulosamente passadas para a interpretação do Apocalipse bíblico. Afinal, só as obras inspiradas de Daniel e João são verdadeiros Apocalipses. As outras são falsas; e, por mais úteis que saiam fornecendo dados sobre o Novo Testamento ou por mais que despertem o interesse daqueles que gostam de literatura fantástica, continuam sendo pseudoepigrafia, isto é, obras espúrias. São todas imitações cômicas do verdadeiro Apocalipse, do qual Daniel é o modelo bíblico reluzente.

## ESBOÇO

Título: Profecias sobre as Nações do Mundo e o Futuro de Israel no Relacionamento com Elas Dentro do Plano de Deus.

I. A introdução histórica. 1:1 – 2:4a.

II. As nações da terra – seu caráter, relacionamento, sucessão e destino. 2:4b – 7:28.

1. Nabucodonosor sonha com uma grande imagem: A profecia sobre "o tempo dos gentios". 2:1-49.

2. Nabucodonosor testa a fé dos crentes: Uma lição da firmeza na fé. 3:1-30.

3. Nabucodonosor tem a visão da grande árvore: Uma lição de humildade. 4:1-37.

4. A festa de Belsazar: Uma lição sobre o pecado e o seu castigo. 5:1-31.

5. Dario, o medo, no papel de perseguidor religioso: Uma lição sobre fé e oração. 6:1-28.

6. A visão dos quatro animais, do Ancião de Dias, e do Filho do homem: O conflito de Cristo com o Anticristo. 7:1-28.

III. A nação hebraica, seu relacionamento com o domínio gentio e o seu futuro no plano de Deus. 8:1 - 12:13.

1. Um carneiro, um bode e um chifre pequeno: Israel em conflito com o Anticristo do Velho Testamento. 8:1-27.

2. A profecia das setenta semanas: O futuro de Israel no plano de Deus. 9:1-27.

3. Visão final: Israel através dos séculos e na consumação, nas mãos dos inimigos e nas mãos de Deus. 10:1 – 12:13.

## COMENTÁRIO

1. A Introdução Histórica. 1:1 - 2:4a.

Nesta seção os personagens principais do livro são apresentados, junto com as circunstâncias que os colocaram nas posições que mais tarde virão a ocupar.

### Daniel 1

#### A. O Cenário da História e do Livro. 1:1-5.

**1. No ano terceiro do reinado de Jeoaquim.** De acordo com Jr. 25:1, o quarto ano de Jeoaquim foi o primeiro ano de Nabucodonosor. Contudo o caldeu é chamado de "rei da Babilônia" aqui no terceiro ano de Jeoaquim. Isto constitui uma "prolepse" (C.F. Keil, *Biblical Commentary on the Book of Daniel*) ou "antecipação" (Rose, *The Bible Commentary*), por meio da qual um título posterior é aplicado à pessoa ao se falar de um período ainda anterior ao que o título foi realmente conferido. Um pouco depois o pai de Nabucodonosor, o rei da Babilônia, morreu, e Nabucodonosor, apressando-se em voltar para a Babilônia à frente dos exércitos, recebeu o trono (Jos. *Antiquities* x, 11, 1.). **Veio Nabucodonosor.** Veja Introdução, **Antecedentes Históricos.** Se o *ba'* hebraico deveria ser traduzido para "foi" ou "partiu" (isto é, deixou a Babilônia), ou "veio", ou "chegou" é fato incerto. O lugar de onde Daniel falava era a Babilônia; por isso, "foi" é aceitável.

A palavra hebraica é capaz de conter qualquer um desses significados. Até pouco tempo este versículo foi a única informação disponível relativa a esta tomada de Jerusalém, exceto por um pequeno comentário de Josefo. Contudo, II Reis 24:1, como II Crônicas 36:6, 7, talvez se refira ao acontecimento. Na ausência de mais provas tem-se tornado quase axiomático entre os modernos críticos irreverentes negar que tal acontecimento tenha realmente tido lugar, citando o caso como o primeiro "erro crasso histórico" do autor. Em fevereiro de 1956, foram publicados antigos documentos que agora fornecem todo o apoio histórico para a presença de Nabucodonosor em Judá exatamente nessa época (veja JBL, Dez. 1956, Vol. LXXV, Pt. IV, pág. 277).

É desesperador ver que estes novos dados são ignorados por escritores recentes (veja B.W. Anderson, *Understanding the Old Testament*, 1957, pág. 355; N.K. Gottwald, *A Light to the Nations*, 1959, pág. 618; John Bright, *A History of Israel*, 1959, pág. 569). Os crentes, entretanto, não precisam esperar pelas confirmações arqueológicas para aceitarem a palavra de Daniel.



**2. Esta é a verdadeira interpretação da história. O Senhor lhe entregou . . . Jeoaquim.** "Para o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos" (I Sm. 14:6). Como também não há nenhum impedimento para *destruir* com muitos ou com poucos. Mais tarde o governo divino sobre a história torna-se mais enfático (Dn. 4:17). Nabucodonosor era "servo" de Deus (Jr. 25:9). Do mesmo modo, Deus usou ditadores que a si mesmo se exaltaram neste nosso século para castigar terras e povos, e mais tarde os destruiu (cons. Jr. 25:12-14). Como alguém já disse de maneira singular, suas proezas de auto-exaltação nada mais são que "exercícios para mantê-los saudáveis para a execução". **Utensílios da casa de Deus.** Com os pecados da nação provocaram o empobrecimento gradual do magnífico templo de Salomão vê-se em I Rs. 14:25, 26; II Rs. 14:8-14; 16:8; 18:13-16; 24:8-13; Jr. 27:16-22; 52:17-23. Quanto à profanação dos utensílios do templo, veja Dn. 5; e quanto ao seu retorno a Jerusalém, veja Esdras 1:7-11.

**3. Chefe dos seus eunucos.** Eunuco (heb. *sarîs*), um macho castrado. Por motivos óbvios, os eunucos eram freqüentemente encarregados dos haréns reais. Às vezes a palavra, por metáfora, era usada simplesmente com referência a um oficial. Há uma grande possibilidade de que Daniel e seus amigos tenham sido desvirilizados. Veja novamente a predição sinistra de Isaías (II Rs. 20:18). **Dos filhos de Israel** (heb. *Mib-benê-yis-ra-el*, lit, *tirados dos filhos de Israel*). Esses eram originalmente todos os descendentes de Jacó ou Israel. Mais tarde, **Israel** passou a ser o nome das dez tribos que se separaram e se juntaram a Jeroboão (I Rs. 11:13; cons. 12:19). Mas depois da destruição do "Reino do Norte", o nome Israel voltou ao seu primitivo significado. **Da linhagem real** (lit, semente da reato). Isto se refere à família de Davi (cons. Is. 7:2, 13). Quanto a um exemplo da degeneração espiritual de certos membros da linhagem real mais ou menos nesse período, veja II Rs. 25:25; Jr. 41:1 e segs. **Como dos nobres.** A palavra nobres (Heb, *partemîm*) é um termo persa aparentemente cognata de palavras usadas com referência a pessoas importantes em diversas línguas indo-

européias. Talvez fosse de uso comum na corte. Refere-se a importantes famílias, não à casa de Davi. O sentido dos três termos, **Israel . . . linhagem real . . . nobres**, indica que a seleção tinha de ser feita entre os hebreus, tanto da família real como de outras famílias da nobreza.

**4. Jovens sem nenhum defeito.** Esta é a primeira de uma série de qualificações estipuladas para a seleção de homens a serem treinados na corte da Babilônia. Jovens. No hebraico, *yeladîm* é uma palavra de significado indefinido, dependendo da idade da pessoa que fala. Em uma narrativa objetiva como esta, a estimativa comum de quatorze ou quinze anos de idade é o que parece certo. Ausência de defeito não elimina a possibilidade de sua castração. Ao serem selecionados, naturalmente não tinham essa mutilação. **De boa aparência.** O rei devia olhar para pessoas e coisas perfeitas e lindas. A mesma combinação de palavras se usou em relação à beleza de Raquel (Gn. 24:16; 26:7), Bate-Seba (II Sm. 11:3), da Rainha Vasti (Ester 1:11) e de Ester (Ester 2:2, 3,7). **Instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, e versados no conhecimento.** Essas três expressões cumulativas enfatizam a capacidade natural e a instrução prévia. A redundância da expressão hebraica é para dar ênfase e não para estabelecer distinções. Referia-se mais ao que os jovens já eram e não ao que iriam se tornar. Geralmente, a capacidade intelectual se revela em pessoas que não eram muito brilhantes na infância. **Que fossem competentes para assistirem no palácio do rei.** Talentos naturais e adquiridos que capacitassem esses homens a servirem um rei esplêndido em um edifício magnífico é o que se quis dizer. Os rapazes deviam ser humildes mas não tímidos, nem obtusos.

**E lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus.** O aprendizado (Heb. livro) dos conhecimentos dos caldeus refere-se à literatura do povo da Mesopotâmia inferior. Desde que as descobertas arqueológicas do século passado trouxeram à luz e forneceram a chave para a tradução desta literatura, sabemos como era vasto o conhecimento dos caldeus. Recentes descobertas nas regiões mais próximas do Egeu Oriental demonstraram que um grande acúmulo de intercâmbio cultural

aconteceu entre as duas áreas. E os vizinhos filisteus de Israel eram, ao que parece, de origem grega. Com eles, prova o Livro de Juízes, houve intercâmbio cultural. (Veja G. Bonfante, "Quem Eram os Filisteus?" *American Journal of Archaeology*, 1, 2, abril/junho, 1946, págs. 251.262.) **A língua dos caldeus** deve-se referir ao acadiano (babilônio, assírio), a língua da época. **Caldeus** aqui foi aparentemente usado em um sentido mais extenso, para designar os habitantes da região da Caldéia, que no seu significado mais amplo incluía toda a Babilônia. As diversas línguas da região, incluindo a muito antiga língua ritual, eram escritas sobre o barro com caracteres cuneiformes. Era um sistema ideográfico e silábico, muito diferente da escrita alfabética dos papiros feita com tinta e pena a que o povo da Palestina e Síria estava acostumado. Os fundamentos da astronomia, a matemática, as leis e uma dúzia de outras disciplinas eram registradas nessa antiga escrita cuneiforme, ao lado de uma grande quantidade de falsidades mágicas. Se tudo isso tinha de ser ensinado a esses jovens, então três anos (com. v. 5) não era demais para a sua educação.

**5. A ração diária, das finas iguarias da mesa real, e do vinho que ele bebia.** Nem *guloseimas* (ASV) nem *alimentos nutritivos* (RSV) substitui bem as **finas iguarias**. A palavra assim traduzida (*pathag*) é uma palavra emprestada do antigo persa pelo hebraico, significando "apropriação" ou "concessão" (Montgomery, ICC, págs. 122-124). Refere-se ao fato desses jovens serem sustentados pelo governo, partilhando da "ménage" dos outros oficiais do rei. Não há nem sequer a mais leve indicação no texto hebraico de que havia algo física ou moralmente prejudicial na comida ou na bebida. O vinho era comum à dieta dos judeus (veja Sl. 104:15; Is. 55:1; Ne. 5:18, onde a mesma palavra *yayin* foi usada). Muitas insinuações contra o uso excessivo do vinho aparecem, contudo, no V.T. (Pv. 20:1; 23: 20,30, 31); e certas ordens religiosas estavam proibidas do uso do vinho (Nm. 6:1-20; Jz. 13:1-7; Jr. 35:1-14). Os sacerdotes estavam proibidos de usarem vinho

imediatamente antes de servirem no Templo (Lv. 10:1-9), e os reis eram desencorajados a beberem vinho (Pv. 31:4, 5).

## **B. A Identidade do Personagem Principal da História e Seus Companheiros. 1:5-7.**

Daniel, apresentado pelo nome, é alguém que através de todo o livro, além de fazer a narrativa, é também o personagem da maior parte dela em diversas circunstâncias: intérprete de sonhos (caps. 2; 4; 5), amigo dos sofredores (cap. 3), receptor de visões e sonhos reveladores de Deus (caps. 6-12). Em diversos incidentes três amigos judeus associam-se a ele. Aqui todos são apresentados por nome. A mudança dos nomes dos jovens é muito significativa. Sua educação dentro da história da mais desenvolvida cultura pagã que já tinha existido devia se completar com a substituição dos nomes honrando as vis divindades da Babilônia em lugar daqueles que honravam o Santo de Israel. Eles deviam ser afastados da antiga religião e cultura e totalmente transformados, até na *identidade*, em Babilônios. Pois entre os antigos o nome de um homem era ainda mais parte de sua identidade e caráter que entre os homens da atualidade.

**7. Outros nomes, a saber: a Daniel o de Beltessazar.** Daniel significa em hebraico príncipe (ou juiz) de Deus, enquanto que o novo nome **Beltessazar**, na língua da Babilônia, significa *príncipe de Bel*. Este nome Beltessazar (uma variante do nome do Rei Belsazar, cap. 5), homenageia Uma das principais divindades da Babilônia (veja Is. 46:1; Jr. 50:2; 51: 44). Hananias significa *misericórdia de Jeová* (sendo uma variação do original do nome do apóstolo amado, João), enquanto que **Sadraque** possivelmente significa "ordem de Aku", o deus da lua (HDB) uma forma mais ou menos disfarçada d *Marduque* (Montgomery, ICC, pág. 123), um dos principais deuses da Babilônia. Misael Com muita certeza significa Quem é como Deus? enquanto que **Mesaque** (de acordo com Fred. Delitzch, uma competente autoridade) significa *Quem é como Aku?* Lamentavelmente não podemos ter certeza porque o nome

não aparece em nenhum outro lugar e sua origem é incerta. **Azarias** significa *A quem Jeová ajuda*, ou *Jeová ajudará*, enquanto que **Abede-Nego** muito provavelmente significa *Servo de Nebo*.

"Um costume . . . , de impor novos nomes quando as pessoas passavam para novas condições de vida ou adquiriam novos relacionamentos", destaca Moses Stuart, "é muito comum no V.T. : veja **Abrão e Abraão**, Gn. 17:5; **José e Zafenate-Panéia**, Gn. 41:45; comp. II Sm. 12:24, 25; II Rs. 23:34; 24:17; também Ester 2:7; Esdras 5:14 comp. com Ageu 1:14; 2:2, 21. Do mesmo modo no N.T., Mc. 3:16, 17. Esses nomes, assim impostos, geralmente designavam alguma coisa para honra da pessoa que os recebia, ou uma homenagem ao deus adorado por quem os impôs, ou para comemorar algum acontecimento interessante, etc." (*A Commentary on the Book of Daniel*, pág. 9). Um comentário mais extenso sobre esses nomes poderá ser encontrado nas enciclopédias e dicionários bíblicos, como também nos léxicos hebraicos.

### **C. Acontecimentos Destacando o Autor. 1:8 – 2:4a.**

Uma crise de Justiça. Isto foi descrito acima no versículo 5. OS versículos 6 e 7 intervêm para identificar Daniel e os seus amigos.

**8a. Uma Decisão pela Justiça. Resolveu Daniel firmemente.** Inteligência inata e comportamento nobre eram complementados neste homem por uma firme lealdade aos princípios. **Não contaminar-se.** A contaminação (v. 5) nada tinha a ver com qualquer elemento prejudicial que houvesse no alimento ou na bebida. Era antes por ser "do rei". A palavra traduzida por contaminar-se (*ga'al*, uma palavra heb. antiga) pode significar contaminação física (Is. 63:3, "mancha"), contaminação moral (Sf. 3:1), ou, mais freqüentemente, contaminação cerimonial (por exemplo, Esdras 2:62; cons. Ne. 7:64). Quanto à relação entre o alimento e a bebida com a contaminação cerimonial, veja Mt. 15:11. Embora recomende moderação, a Bíblia em lugar nenhum ordena abstinência de qualquer alimento ou bebida com base moral; o problema era cerimonial ou religioso. A religião afetava toda a vida dos antigos, como ainda nos

povos primitivos da atualidade – e como deveria para todos os homens. Até mesmo o comer e o beber tinha um ritual e significado místico. O matar de um animal era um ato religioso que deveria ser executado com solenidades próprias. A carne da mesa do rei era sem dúvida morta de acordo com o ritual pagão e oferecida a um deus. Os judeus estavam proibidos de comer carne sacrificada a um deus pagão (veja Êx. 34:15), pois era "servir a outros deuses" aos olhos públicos. Os judeus sempre enfrentaram este problema ao comer fora de sua terra (Oséias 9:3, 4; Ez. 4:13, 14). Uma situação semelhante prevalecia quanto ao vinho. Outro problema era que os procedimentos levíticos não eram considerados, isto é, a comida e a bebida do rei não eram "Kosher" (veja Lv. 3:17; 6:26; 17:10-14; 19:26).

**8b-14.** *Um Procedimento de acordo com a Justiça.*

**8b. Então pediu,** etc. Em caso de necessidade, as leis cerimoniais podiam ser postas de lado (Mt. 12:3-5; I Sm. 21:6; Nm. 28:8, 9). Foi porque Daniel tinha o discernimento de perceber o propósito real nestas coisas de afastá-lo de sua santa fé, que ele então resolveu não se submeter sem lutar. Ele "simplesmente determinou ... através do alimento manter viva a lembrança de sua pátria. Ele queria viver na Caldéia como um exilado e cativo, mas como procedente da sagrada família de Abraão" (Calvino, *Commentaries on the Book of Daniel the Prophet*, in loco.) A palavra **pediu** (*biqesh*, "buscou") não se pode usar com referência a uma solicitação desprovida de energia. Sendo um *piel* (ou intensivo ativo) na forma, sempre é uma palavra incisiva (usada em II Sm. 2:17; 12:16).

**9. Ora Deus concedeu.** A A.V. dá a impressão de que Daniel já tinha previamente obtido o favor do chefe eunuco. O sentido hebraico é mais naturalmente traduzido como consecutivo, isto é, Daniel fez o pedido e conseqüentemente Deus lhe concedeu o favor do chefe dos eunucos. Observe que bons motivos e sentimentos admiráveis não se encontram ausentes dos corações pagãos (cons. Js. 2:1 e segs.; contraste

com Pv. 12:10; veja Gl. 5:22). Deus chama os defensores para o Seu povo de maneiras estranhas.

**10.** Faz lembrar o copeiro e o parteiro, amigos de José (Gn. 40). Parece que, embora o eunuco chefe desejasse ajudar Daniel, não via possibilidades disso (veja Tiago 2:14-18).

**11. Daniel, Hananias, Misael e Azarias.** Orientado só pelo ponto de vista do Espírito santo, o autor não condescende em reconhecer os novos nomes homenageando deuses pagãos da Babilônia conferidos por um burocrata pagão oportunista, mas prefere usar os nomes que honram a Deus e lhes foram conferidos por piedosas mães judias.

**12. Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias.** A palavra **experimenta** (*nasâ*) é uma forma intensiva (*piel*) e junto com o coortativo *na'* expressa forte pedido. Para Daniel e seus amigos, como também para o camareiro, o limite de dez dias era um teste da vontade de Deus. Se a experiência fracassasse, os jovens hebreus estavam preparados para vencer seus próprios escrúpulos cerimoniais, conforme veremos no próximo versículo. Não há evidência de que Daniel soubesse o resultado final. Nenhuma presunção estava envolvida, como supõe Young (Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel*, in loco), pois as Escrituras nos fornecem um bom número de exemplos aprovados de tais testes. **Dez dias.** Um número redondo favorito (1:20; cons. Amós 5:3; Zc. 8:23). **Legumes a comer** (lit., do *zero'im* e nós comeremos). Embora usado apenas aqui e em 1:16 em toda a Bíblia, e em nenhuma outra obra literária conhecida, a palavra aparentemente significa vegetais, pois origina-se de uma palavra que significa "semear" (semente). Portanto **legumes** eram coisas que cresciam de sementes plantadas no solo. Nenhum ritual religioso de dedicação a algum deus estava diretamente envolvido no preparo de vegetais, como acontecia com a carne; e os vegetais não eram usados no ritual pagão como as libações com o vinho. Esta passagem não constitui uma aprovação do vegetarianismo (veja Rm. 14:1-4).

**14. Ele atendeu o pedido.** O hebraico indica que ele deu consideração atenta ao pedido de Daniel.

**15, 16. Recompensa da Justiça.** A prova teve sucesso e assim Daniel e seus amigos foram poupados do embaraço e tensão emocional que a ofensa aos seus próprios padrões teriam lhes causado.

**17. A estes quatro jovens.** Antes, aos moços, aos quatro. Isto enfatiza que todos os quatro recebiam cedas coisas, enquanto que Daniel tinha ainda dons naturais especiais. **Deus deu.** Todos os talentos e dons naturais ou adquiridos, vêm dEle e devem ser usados para Ele. **Conhecimento.** O hebraico *madda'*, uma palavra rara e antiga. Embora relacionada com o comuníssimo verbo "conhecer", prece significar "pensamento", no sentido de um processo racional secreto, como o seu uso em Ec. 10:12 claramente indica. Talvez "mente em boas condições" ou "bom senso" transmitem a idéia. **Inteligência.** De *haskel* (um *hiph.* inf. abs.), aparentemente significando "visão interior" ou "compreensão". **Cultura.** O *seper* hebraico geralmente com o significado de "livro", mas aqui, como em 1:4, designando o mundo das letras, a literatura. **E sabedoria.** O hebraico *hakmâ*. Embora geralmente designando o proverbial conhecimento do antigo Oriente Próximo, tem o significado mais amplo de qualquer "corpo de princípios inteligentemente arrumado", ou, como diríamos agora, "ciência" (S.R. Driver, Daniel, em *Cambridge Bible for Schools and Colleges*). Observe que a palavra "toda" qualifica esta **sabedoria**, mostrando que era mais que o conhecimento supersticioso dos sacerdotes pagãos que se pretendia mencionar.

Pesquisadores têm demonstrado que além da astronomia (um acessório aos cultos pagãos), também a arquitetura, a lingüística, a agricultura, a meteorologia, a agronomia e muitas outras ciências já estavam em desenvolvimento na terra dos dois rios. **A Daniel deu inteligência de todas as visões e sonhos**, ou melhor, em todo tipo de visão e em sonhos. Isto apenas aponta, antecipando-se à narrativa que vem a seguir, O destaque de Daniel como agente da revelação divina.



**19. Então o rei falou com eles; e entre todos . . .** Todo o grupo, incluindo muitos além dos quatro moços especiais, participaram dos três anos de educação e todos foram apresentados a Nabucodonosor. A pergunta se faz insistente: o que aconteceu aos outros jovens judeus educados na verdadeira religião? É óbvio que foram por água abaixo no compromisso com a apostasia. Nenhum **como Daniel . . . por isso passaram a assistir diante do rei.** "O rei, através de um exame pessoal, escolheu exatamente aqueles indivíduos que a Providência premiara com dons especiais que os colocaram em situação superior aos outros jovens" (Stuart, *Commentary*).

**20. Dez vezes mais doutos do que todos os magos.** "Provavelmente. . . , homens conhecedores do ocultismo em geral" (Driver). A obscura palavra *hartummim*, também usada em 2:2, 10, 27; 4:7, 9; 5:11, pensa-se ser, segundo autoridades, de origem egípcia. Fora do livro de Daniel só é usado com referência aos "mágicos" egípcios (Gn. 41:8, 24; Êx. 7:11, 22; 8:7, 18, 19; 9:11). Há quem sugira que a palavra, aparentemente derivada de *heret*, "um estilete", poderia ser traduzida para *escribas*, isto é, os escribas dos antigos textos de rituais religiosos na língua arcaica dos antigos habitantes da Babilônia, uma língua desconhecida para o povo em geral no período de Daniel. **E encantadores.** No hebraico não há a conjunção e, portanto **encantadores** foi usado como aposto. É uma palavra babilônia, encontrada em ambas as porções hebraicas e aramaica de Daniel, mas em nenhuma outra porção das Escrituras. Fica melhor traduzir assim (ou *enfeitiçadores*) do que *astrólogos*. Aquelas palavras indicam que falsidades supersticiosas viciavam o conhecimento da verdade científica na Babilônia.

**21. Até ao primeiro ano do rei Ciro.** Uma contradição de 10:1 freqüentemente imaginada. É mais provável que considerando-se que a época em que o cativeiro foi oficialmente eliminado coincidiu com o primeiro ano de Ciro (Esdras 1:1 e segs.), o versículo esteja apontando para o notável fato de que o jovem Daniel, que se encontrava no

primeiro destacamento de judeus que foram levados cativos de Jerusalém para Babilônia (605 A.C), atravessou vivo o longo e melancólico período do cativeiro para ver o primeiro destacamento de exilados retornando. Esta é a explicação mais natural para o versículo.

## Daniel 2

Em *linguagem e significado primário*, Dn. 2:1-4a, que vem a seguir, pertence ao capítulo 1; pois esses versículos fazem parte da introdução do livro. Aqui o leitor é informado da situação precisa que levou Daniel a ocupar lugar de destaque na Babilônia. Esses versículos também servem de prólogo para a dramática narrativa profética do capítulo 2. São, portanto, examinados neste relacionamento dentro do Comentário.

Um as poucas observações sobre o significado prático da capítulo 1 não deveria ser omitidas. Para a instrução de uma centena de gerações, esta história apresenta os *elementos do heroísmo moral*. 1) *Discernimento*. Os quatro jovens perceberam com exatidão o que havia de errado em se comer o alimento prescrito. Onde o aprenderam? De pais piedosos (Dt. 6:4-9). 2) *Resistência ao mal*. A distância de uma observação crítica não enfraquece o fato (veja (Mt. 10:26-28; Tiago 4:7). Esta resistência ao mal também se desenvolveu muito cedo em seus lares piedosos. As crianças não resistem ao mal naturalmente; antes elas o aceitam de braços abertos. Elas devem ser ensinadas a odiarem o mal (veja Hb. 12:9-13; Pv. 3:11, 12; 13:24; cons. os filhos de Eli, I Sm. 2:12-30). 3) *Poder para tornar conhecida a discordância*. A juventude é uma idade de adaptação. Portanto este incidente dá forte evidência de graça especial nas vidas desses quatro. 4) *Coragem física*. O chefe dos eunucos estava certo. Tanto a sua cabeça como a deles estaria em jogo (cons. Dn. 2:5, a cova dos leões, a fomalha). 5) *Perseverança*. Quando não houve nenhuma ajuda da parte do eunuco, Daniel tentou o camareiro. 6) *Determinação*. Seu propósito estava no seu coração, o centro do seu ser. Não era um propósito frívolo. 7) *Brandura*. Sem nenhuma encenação de heroísmo,

Daniel respeitosamente "pediu" ou "implorou" a seus superiores. 8) Bom senso. A prova sugerida era razoável e exequível. (Veja também Ez. 28:3; Pv. 2:23 no contexto).

## **II. As Nações da Terra - Seu Caráter, Relações e Destino. 2:4b - 7:28.**

### **A. Nabucodonosor Sonha com uma Grande Imagem: Uma Profecia sobre os Tempos dos Gentios. 2:1-49.**

(Para se incluir 2:1-4a aqui, veja observação sobre 1:21).

Nesta parte conta-se que Nabucodonosor teve um sonho terrível (v. 1), que foi usado para experimentar a capacidade e disposição de seus conselheiros ocultos (vs. 2-6). O fracasso do principal grupo de "sábios" em reproduzir e interpretar o sonho põe em perigo as vidas de todos os sábios, inclusive os quatro hebreus (vs. 7-12). Mas Daniel, sustentado por intercessões suas e de seus amigos, reproduz o sonho (vs. 13-23). Ele conta o sonho a Nabucodonosor (vs. 24-35) e fornece uma interpretação divina (vs. 36-45). Como recompensa Daniel é feito "governador" sobre a província da Babilônia, no que ele garante promoções para os seus três companheiros (vs. 46-49). A interpretação do sonho fornece ao leitor um esboço da sucessão dos reinos mundiais desde o tempo de Nabucodonosor até a filial instauração visível do reino de Cristo na Sua segunda vinda. (Com relação aos diversos pontos de vista sobre este capítulo, veja observação no final do capítulo.)

#### **1) O Terrível Sonho de Nabucodonosor. 2:1.**

**1. No segundo ano do reinado de Nabucodonosor.** Uma aparente contradição com os dados do capítulo 1. Nabucodonosor é chamado "rei" quando da tomada de Jerusalém (1:1). Contudo, depois de pelo menos três anos (1:5, 18), quando Daniel é chamado à presença de Nabucodonosor neste capítulo, o rei está no segundo ano do seu reinado.

Qualquer uma das diversas explicações possíveis está à nossa disposição. Nenhuma delas é certamente correta, embora diversas expliquem os fatos. Naturalmente um escritor verdadeiramente famoso como o autor do livro de Daniel não poderia ter incorrido em crassa discrepância. Seus primeiros leitores o entenderam. Há, naturalmente, a possibilidade da corrupção textual, freqüente em se tratando de números no V.T. (Montgomery, ICC, apresenta diversas sugestões). Alguns sugerem um diferente começo da época mencionada em 1:1: seu reinado sobre todo o império, ou após saquear o Egito, etc.

Mestres mais atuais aceitam a aparente discrepância como uma simples questão de diferença entre os métodos hebraico e babilônio de contar os anos do reinado. Entre as sugestões deste tipo, o ponto de vista de Driver (apoiado por Young) é bom: "Não há, talvez, necessariamente uma contradição aqui com os 'três anos' de 1, 5, 18. Segundo o costume hebraico, frações de tempo eram reconhecidas como unidades integrais. Assina, dá-se que Samaria, cercada desde o quarto até o sexto ano de Ezequias, foi tomada no fim de três anos (II Rs. 18:9, 10) e em Jr. 34:14, 'no fim do sétimo ano' significa evidentemente que o sétimo ano tinha chegado (veja também Mc. 8:31, etc.). Se, entretanto, o autor, seguindo um costume que era certamente às vezes adotado pelos escritores judeus e que era generalizado na Assíria e Babilônia, 'atrasou' os anos do reinado de um rei, isto é, contou como seu primeiro ano, não o ano de sua ascensão, mas o primeiro ano completo de reinado, e se depois Nabucodonosor deu ordens para a educação dos jovens no ano de sua ascensão, o fim dos 'três anos' . . . poderia ser reconhecido como caindo dentro do seu segundo ano do seu reinado" (Driver, *Daniel*, CBSC, pág. 17). Como acontece com a maioria das dificuldades deste tipo, a questão quase sempre pode ser resolvida quando se esclarece o ponto de vista e a maneira de usar as palavras do autor.

**Teve este sonho; o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o sono.** Nabucodonosor não era um neurótico trêmulo facilmente assustável como uma criança por meio de vagas impressões. Este

versículo é apenas o primeiro de um grupo de evidências de que a E.R.C. não está correta ao sugerir que Nabucodonosor tenha esquecido o sonho (v. 5). Ele estava assustado exatamente porque não se esquecera dele.

## 2) A Prova por Meio do Senhor. 2:2-6.

2. Os magos, os encantadores, os feiticeiros e os caldeus. Sobre os magos e encantadores, veja observações em 1:20. **Feiticeiros.** No hebraico, *mekashshepîm*. Possivelmente de uma raiz semita significando "cortar"; daí, picar os elementos para poções mágicas e fórmulas. Conseqüentemente o grego *pharmakoi*, isto é, farmacêutico. Mestres modernos preferem uma idéia complementar de "recitadores de ditos mágicos, feiticeiros". A mesma raiz aparece no acadiano em relação a feiticeiros e feiticeiras. A prática da feitiçaria é proibida pelo V.T. (Êx. 22:18, na Bíblia Hebraica, v. 17, feitiçaria, no feminino; Dt. 18:10; Is. 47:9). **Caldeus.** Não usado no amplo sentido etnológico de 1:4, mas no estreito sentido profissional, indicando a classe sacerdotal da religião babilônica. Embora seja usado neste sentido apenas em Daniel, dentro dos livros bíblicos, era comumente usado assim pelos escritores clássicos, dos quais o mais antigo é Heródoto (*Histories* 1, 181, c. 440 A.C.; veja Driver, *op. cit.*, págs. 12-16 e Young, *op. cit.*, págs. 271-273). A maioria das autoridades concorda que os quatro termos não foram usados indicativamente mas antes distributivamente para incluir todas as categorias de conselheiros reais.

4. **Caldeus.** Aqui, todas as categorias de sábios. Em aramaico. A linguagem do povo semita concentrado naqueles dias principalmente na Mesopotâmia Superior e na Síria. São os sinos do V.T. A idéia não é que os caldeus falassem o aramaico mas que, a partir daqui, o trecho de Daniel está em aramaico. Compare a frase "em aramaico" com Esd. 4:7.

5. **Uma coisa é certa: se não me fizerdes saber, etc. Certa.** Uma rara palavra de origem persa, agora de modo geral reconhecida ser um adjetivo e não um verbo, significando "certo". **Coisa.** Antes, *palavra*.

"Palavras" (v. 9) é uma tradução da mesma palavra. Portanto, traduza-se: *a palavra é certa, se não me, etc.*

O rei não se esquecera do sonho, mas antes, justamente por se lembrar dele, achava que os seus sábios, se fossem capazes de prever o futuro por meio da interpretação dos sonhos, deviam ser capazes de realizar a tarefa bem menor de reconstruir o passado, isto é, o sonho particular do rei. Esta interpretação da passagem encontra apoio não só no temor do rei (cons. comentários sobre o v. 1) e na tradução revista de 2:5, mas também no fato de que os sábios não elaboraram alguma coisa que passasse por ser o "sonho" do rei quando viram suas vidas ameaçadas. Teria valido a pena! Tudo indica que eles sabiam que o rei se lembrava do seu sonho e por isso não tentaram nada (veja também v. 8 abaixo).

### **3) O Fracasso dos Sábios. 2:7-12.**

**8. Quereis ganhar tempo.** Não que eles estivessem simplesmente adiando o momento fatal de sua execução (Driver, *et al.*), ou tentando ganhar tempo para inventar uma saída (H.C. Leupold, *Exposition of Daniel*, et al.); mas antes, no sentido primitivo de '*idana*', "tempo", a referência é a um tempo específico (cons. BDB). A interpretação dos sonhos era relacionada com a posição dos astros. Quando aquele arranjo particular do Zodíaco que afetara o sonho se passasse, eles se defenderiam dizendo que a interpretação era impossível. (Thomson, *Pulpit Commentary*, et al.).

**10.** A queixa de que o rei estava sendo injusto na sua exigência parece justa. Mas quando nos lembramos do gigantesco logro em que consistia todo o abracadabra da antiga astrologia, da adivinhação, seus vaticínios, etc, o decreto do rei, embora excessivamente severo, pois incluía também as "casas" (famílias? v. 5), não era injusto no que diz respeito aos "sábios" propriamente ditos. Eles reivindicavam ter poderes ocultos e não passavam de fraudes, dando lugar a uma boa porção de

trapaça. Deus responsabiliza os homens pela ignorância obstinada (cons. Rm. 1:28).

**11. Os deuses . . , não moram com os homens.** A vírgula depois de deuses torna a cláusula seguinte não restritiva, aplicável a todos os deuses. Se a vírgula for omitida, a cláusula será lida como se fosse restritiva, isto é, aplicando-se apenas a certa classe de deuses. Talvez seja melhor omitir a vírgula e entender que os sábios reivindicavam ter comunicação em sua "carne" com certos deuses do panteão, mas não com os maiores (Marduque), que eram capazes de controlar ou revelar o futuro.

**13.** O fato de Daniel e seus companheiros serem afetados pelo decreto destrutivo indica que eles estavam incluídos como conselheiros oficiais. Seria por causa do orgulho caldeu que os hebreus não foram consultados antes? Ou, será que supunham que os jovens exilados não tivessem nenhum conhecimento que não fosse comum aos seus companheiros de profissão mais antigos?

#### **4) Sucesso Milagroso Através da Intercessão de Daniel e Seus amigos. 2:13-23.**

Daqui em diante a sabedoria e piedade de Daniel são destacadas. A mesma força de caráter demonstrada no capítulo 1 foi elevada um pouco mais, O valor da oração importuna e conjunta diante de perigo pessoal iminente é aprovado e exemplificado. A oração de ação de graças de Daniel (2:20-23) é um modelo eterno ao lado de outras orações modelos deste livro (veja também 9:3-19; cons. 6:9-11; 10:2-12).

#### **5) O Sonho Divinamente Reconstruído. 2:24-35.**

**25. Achei um** (homem). Parece que Arioque era outro burocrata oportunista que estava desejoso de receber o crédito pelo bem que ele não tinha criado.

**28. O que há de ser nos últimos dias.** Este é o alcance da profecia a ser revelada pelo sonho e sua interpretação. É um erro restringi-la ao

período do fim. Uma frase dentro da literatura profética geral, refere-se ao futuro desenvolvendo-se e consumado na era messiânica. Veja Is. 2:2; Mq. 4:1; Gn. 49:1 e segs. (no contexto) e Jr. 48:47. Incluindo os dois adventos de Cristo, além do período compreendido entre eles, envolve a presente dispensação. O estudante que investiga ficará satisfeito a esta altura se comparar At. 2:17 com Joel 2:28 e João 5:18 com Hb. 1:1, 2.

**29. O que há de ser depois disto (lit.). Depois disto** (*'ahe'rê denâ*) não se refere à vida após a morte, nem ao futuro de maneira geral. Mas, antes, como a expressão grega equivalente, *meta tauta* ou *meta touto* (Ap. 4:1; 7:1), refere-se ao futuro que virá após algum item anteriormente mencionado no contexto. Aqui esse item parece ser o pensamento do rei sobre seu próprio reino e futuro. Portanto, sob um certo aspecto, o significado do sonho limita-se ao que o rei poderia entender. As "coisas" que viriam "depois disto" é o domínio mundial em seu aspecto político. Deveríamos esperar aqui, neste capítulo, a verdade sob um aspecto político externo, pois Deus está revelando a verdade em um nível ao alcance do entendimento de um rei pagão ("fez saber a . . . Nabucodonosor", Dn. 2:28; ". . . te revelou", v. 29; "para que entendesses as cogitasses da tua mente", v. 30). Qualquer espiritualização da mensagem na direção da igreja neotestamentária ou do "Israel espiritual" está inteiramente fora de lugar.

A descrição do sonho e a narrativa das ações envolvidas são tratadas no comentário junto com a interpretação do sonho que se segue.

## **6) A Interpretação Divina do Senhor. 2:36-45.**

O sonho fora de uma imagem impressionante, reluzente, aterrorizante, na forma de um homem.

### **a) A Cabeça de Ouro (vs. 36-38 ; cons. v. 32).**

**37. Rei dos reis.** Um título geralmente aplicado aos imperadores medo-persas e babilônios, encontrado não só nos clássicos gregos mas também nos registros de países envolvidos e nas Escrituras (Ez. 26:7;



Esdras 7:12), garante que a maior parte da literatura envolvida é posterior ao sexto século.

**38. Onde quer que eles (*os filhos dos homens*) habitem . . . para que dominasses sobre todos eles.** O poder de Nabucodonosor é devido à providência divina (cons. Jr. 25:9; 27:5, 6; 28:14; Dn. 12:1). A expressão pode ser hiperbólica, pois Nabucodonosor não foi um governante universal. É possível, entretanto, que a referência seja a uma concessão divina universal, que Nabucodonosor jamais chegou a tomar posse. **Tu és a cabeça de ouro.** Veja Is. 14:4.

**b) O Peito e os Braços de Prata (v. 39a; cons. v. 32).**

**39a. Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu.** O peito e os braços de prata representam o reino conhecido na história e nas Escrituras como o reino dos "medos e persas" (veja Dn. 5:28, 31; cons. 6:8). Substituiu a Babilônia em 539 A.C. (cons. cap. 5). A dualidade do reino está obviamente representada pela dualidade do peito e braços.

**c) O Ventre e os Quadris de Bronze. (v. 39b; cons. v. 32).**

**39b. E um terceiro reino, de bronze, o qual terá domínio sobre toda a terra.** A história e as Escrituras concordam que este foi o império grego (macedônio) de Alexandre e seus sucessores. Esta interpretação fica estabelecida por Dn. 8:20, 21. Este reino substituiu o dos medos e dos persas quando Alexandre, em uma série de avanços, começando em 334 A.C. , venceu os medos e os persas.

**d) O Quarto Reino de Ferro (vs. 40-43; cons. v. 33).**

Embora dividido em pernas de ferro e pés e artelhos de ferro misturado com barro, era um reino. É a forma de domínio mundial, conhecido na Bíblia e na história por Roma, e que, através de progressiva ocidentalização da humanidade, parece prevalecer até o dia de hoje. Em Lucas 2:1 está mencionado historicamente (cronologicamente) em primeiro lugar.

**40. Forte como ferro.** De todos os quatro metais este é o mais forte. Considerado no contexto do seu próprio tempo, nenhum dos três reinos anteriores foi tão forte quanto Roma. E até o presente momento o governo tende cada vez mais a exercer o controle sobre todas as áreas das atividades humanas. Isto é uma circunstância concomitante necessária à progressiva industrialização da sociedade. **Ele fará em pedaços.** Roma fragmentou e reconstruiu – socialmente, culturalmente e politicamente – todos os povos, instituições, etc., que venceu. A única exceção notável foi o Cristianismo propriamente dito como movimento espiritual (embora verdadeiramente romanizado na perversão da Igreja Romana). **Esmiuçará.** "O império dos romanos encheu o mundo, e quando o império caiu nas mãos de uma só pessoa, o mundo veio a ser uma prisão segura e terrível para os seus inimigos. Resistir era fatal e era impossível fugir" (Gibbon). Alguns vêem nas duas pernas uma profecia da divisão do império em dois impérios, com capitais em Roma e Constantinopla.

**41. Será . . . um reino dividido.** A palavra *pelî-ga*, embora cognata de um verbo hebraico comum que significa "dividir", aparece só aqui no V.T. A sugestão de Young, de acordo com Buxtorf, de que deve ser traduzida para "composto" é boa, e parece consistente com o significado da prevalecente raiz semita.

**42, 43.** Em seu estágio final, este reino ficará quebradiço e será facilmente destrutível. Isto devido à mistura (em símbolo) do barro com o ferro. **Misturar-se-ão.** Esta cláusula, um simples particípio reflexivo no aramaico, significa aparentemente o barro e o ferro (como sugere a concordância gramática). Eu aceito que isto signifique que "a semente do homem", isto é, a humanidade generalizada, intrometer-se-á no governo *en masse*. O governo romano veio a se transformar no governo da massa popular. Se aqui se prediz a história moderna, a sugestão da ditadura do homem comum, no socialismo, também é um pensamento aceitável.

**e) O Reino Messiânico da Pedra (vs. 44, 45; cons. 34, 35).**

Intérpretes de todas as escolas – reverentes cristãos, judeus e incrédulos racionalistas – concordam que isto se refere ao reino messiânico. O significado gramatical dos versículos não é obscuro. Discordância quanto à interpretação está enraizada nos diversos pontos de vista com os quais os leitores examinam a passagem. Deve-se tomar conhecimento aqui dos dois pontos de vista principais defendidos pelos cristãos evangélicos. Aqueles que identificam o reino do Messias totalmente com a Igreja (principalmente os pós-milenistas e amilenistas) vêem o cumprimento desta profecia no primeiro advento de Cristo. Aqueles que, embora reconhecendo na Igreja um aspecto do reino de Cristo (Cl. 1:13; João 3:3; Atos 1:3; 20:25; I Pedro 2:9), esperam que ele seja finalmente manifesto sobre a terra somente por ocasião do Segundo Advento (quiliastas, pré-milenistas), vêem o cumprimento nos dois adventos. Eles chamam a atenção para o fato de que a profecia é de domínio político externo conforme revelado à mente de um rei pagão (cons. Dn. 2:29, 30 e comentários), e assim liga a profecia ao Segundo Advento e ao estabelecimento de um "milênio" (cons. Ap. 20).

Os motivos principais apresentados para apoiar este ponto de vista são os seguintes: 1) A profecia se refere à sorte política de importantes impérios da história. O quinto reino (messiânico) desta série aparentemente não difere neste aspecto dos outros. Contudo a Igreja (a não ser que se assuma o ponto de vista romano católico), não é uma instituição política. O Milênio tem um aspecto político. 2) De acordo com o sonho e sua interpretação, a destruição do quarto reino pelo Messias é súbita, violenta e catastrófica. Exatamente uma tal destruição costuma ser atribuída à inauguração do reino milenial messiânico (veja Ap. 19:11 e segs.). No que se refere às vitórias que a Igreja tem obtido neste mundo presente, elas têm sido de maneira completamente diferente. 3) Esta passagem prediz a vitória completa do reino messiânico sobre os reinos do mundo. Exatamente uma vitória assina completa está destinada ao Milênio (por exemplo, Ap. 19; 20; Is. 2). A

Igreja não tem conquistado o mundo e não o fará (Mt. 13:24-30, 36-43; II Tm. 3:1 e segs.). A atual dispensação terminará em grande apostasia e não na vitória da Igreja (II Ts. 2).

### **7) Recompensa e Promoção de Daniel e Seus Amigos. 2:46-49.**

**48. Governador de toda a província de Babilônia.** Esta província evidentemente incluindo a cidade e suas cercanias, era aparentemente um território pequeno. Talvez fosse o mesmo "reino dos caldeus" (9:1).

**Chefe supremo de todos os sábios de Babilônia.** "Quais as obrigações particulares deste oficial, não o sabemos. Que Daniel conseguiu abster-se da adivinhação, feitiçaria e astrologia, e da execução dos rituais pagãos, parece implícito na narrativa de seu comportamento que é dado no livro de Daniel" (Stuart, *Comm.* ).

**49. Na corte do rei.** (A porta do rei.) Cons. Ester 2:19, 21. Uma importante posição de rápido acesso ao rei. Há muitos exemplos antigos e modernos de tais títulos concedidos aos cortesãos orientais. Talvez a palavra **porta** deva realmente ser traduzida *corte* (cons. BDB).

## **Daniel 3**

**B. Nabucodonosor Prova a Fé do Crente: Uma Lição de Firmeza na Fé. 3:1-30.**

Tudo em Daniel 3 sugere claramente que o propósito principal deste capítulo é diretamente prático e não doutrinário. Não há predições. A narrativa simplesmente fala da sorte dos três amigos de Daniel na qualidade de firmes confessores da fé (Daniel não aparece no capítulo). Hebreus 11:34 cita a história como uma lição de fé. O incidente principal é o tema de um desenvolvimento espúrio da história em um livro apócrifo conhecido como "A Canção dos Três Jovens Hebreus".

Os personagens do "drama" são conhecidos, todos já tendo sido apresentados anteriormente: Nabucodonosor (Dn. 3:1; cons. 1:1; 2:1); os caldeus (3: 8; cons. 2:2); os "três jovens hebreus" (3:12 e segs.; cons. 1:6, 7; 2:17, 49). Por que Daniel não foi descoberto em desobediência

civil como os três foram, explica-se melhor pela conjectura de que estivesse ausente da cidade em alguma obrigação oficial.

Em harmonia com o caráter didático desta narrativa, sugerimos um esboço *homilético* e não um *analítico*. Os atos apresentados são os seguintes : 1) a oposição à fé (v. 1; cons. v. 8); 2) a tentação da fé (vs. 2-15); 3) a demonstração da fé (vs. 16-18); 4) a salvação pela fé (vs. 19-30).

### **1) A Oposição à Fé. 3:1 (cons. v. 8).**

A *ocasião* foi o levantamento de uma Imagem idólatra. As medidas fornecidas em proporção,  $60 \times 6 = 10 \times 1$ , dão a idéia de uma imagem sobre um pedestal. Quanto à *localização* em Dura, embora haja pelo menos três lugares com esse nome de acordo com os mestres, só uma ficava perto da cidade. A imagem devia ter sido dedicada a alguma divindade babilônica, embora os versículos 12, 14, 18 pareçam anular isto. Montgomery e Keil argumentam que era um símbolo do império de Nabucodonosor. A acusação de traição (v. 12) sustenta essa declaração.

Seiss (Joseph A. Seiss, *Voices from Babylon*) acha que devia ser um símbolo de Jeová, uma vez que Nabucodonosor parecia querer declarar a Sua supremacia (2:47, 48). Temos precedentes para imagens de Jeová (Ex. 32; I Reis 12:25-33; cons. Atos 17:23), mas parece-nos improvável que esta tenha sido uma delas. As pessoas que lideraram o ataque (Dn. 3:8) eram aquelas que deveriam ser amigas desses hebreus, uma vez que lhes deviam suas vidas. Mas, como todos os homens perversos, opunham-se ao verdadeiro culto a Deus (cons. Pv. 29:25; Mt. 10:16-39, esp. v. 28).

### **2) A Tentação da Fé. 3:2-15.**

A tentação era em *primeiro* lugar para perversão da fé. A idolatria é essencialmente a perversão de um apetite sadio de ver a Deus (João 14:6). Mas a fé deve sempre ser colocada no "Invisível" só mais tarde "feito carne" (veja Rm. 1:23; I João 5:21; Atos 17:29; Êx. 20:4-6). A

tentação era em segundo lugar, para comprometer a sua fé. O progresso de sua profissão parecia depender de sua conformação com a idolatria, contanto que ocultassem ardilosamente a sua rejeição (cons. II Reis 5:15-19). O versículo 14 sugere também uma tentação de *ocultamento* da fé.

**3. Os sátrapas, os prefeitos e governadores, os juízos, os tesoureiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias** (cons. v. 2). Alguns desses termos são semita, como o eram as línguas da Babilônia, o hebraico e o aramaico; outros vinham do persa, uma língua não semita dos senhores medo-persas do reino que se seguiu em 539 A.C (cont. caps. 5 e 6). Argumenta-se que as palavras persas foram usadas anacronicamente. Isto não está implícito, uma vez que a narrativa foi composta por Daniel, que publicou o seu livro no período persa. As palavras escolhidas, então, poderiam ter sido termos que melhor se adaptassem à compreensão e costumes dos seus leitores. Se este livro fosse composto no período grego, na Palestina, como muitos críticos defendem, seria bastante surpreendente que se usasse nele alguma palavra babilônica.

**5. O som da trombeta, do píforo, da harpa, da citara, do saltério, da gaita de foles, etc.** (com. vs. 7, 10, 15). Tem-se defendido que, considerando que alguns dos nomes desses instrumentos são gregos, o livro deve ter sido escrito depois que Alexandre conquistou o Oriente. Com o passar dos anos, contudo, estudos históricos demonstram cada vez mais convincentemente que houve uma troca de cultura precoce entre a Grécia e o Oriente. Esses instrumentos musicais de origem grega simplesmente levaram consigo seus nomes gregos, como acontece com semelhante intercâmbio cultural hoje em dia, a saber, o piano, a viola, a guitarra, a citara, etc.

### **3) A Demonstração da Fé. 3:16-18.**

**16. Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder.** Ausência de quaisquer títulos lisonjeadores na maneira dos hebreus tratarem o rei não indica nenhum desrespeito – antes integridade

concisa. Talvez o nome Nabucodonosor deveria estar ligado ao sentido de "o rei" do discurso começasse com "não estamos preocupados . . . " Em vez de **não necessitamos**, leia-se *não há necessidade*. Estas palavras expressam total submissão e parecem responder à pergunta do rei no versículo 14. **É verdade . . . ?** ou antes, *Estais determinados a . . . ?*

**17, 18. O nosso Deus . . . quer livrar-nos.** (Cons. II Tm. 1:12). **Ele nos livrará . . . das tuas mãos.** Isto expressa *a plena confiança* de sua fé. Eles não sabiam *como* Deus os livraria da mão do rei – se pela morte, chamando-os à Sua presença, ou por intermédio de um ato especial da providência, salvando-os com vida. Mas mortos ou vivos, sabiam que pertenciam a Deus (I Cr. 3:21-23; veja também Hb. 13:6).

#### 4) A Salvação pela Fé. 3:19-30.

**19. Sete vezes mais.** Possivelmente a palavra aramaica *had*, traduzida para *um*, na A.V., tenha aqui o sentido de nosso artigo indefinido "um"; portanto *um sete vezes mais*. Talvez fosse uma espécie conhecida de alguma coisa que podia ser multiplicada por sete (por exemplo, a palavra heb. **para** semana é sete, como também a palavra semelhante para juramento). Este sete seria, então, como sugere Zoeckler (*Lange's Comm.*), um número que totalizava a penalidade judicial. Veja também Lv. 26:18-24; Mt. 18:21, 22.

**21.** Foram amarrados em suas próprias roupas, pois não foi dado tempo para preparativos especiais. O significado das palavras para as peças das roupas está atualmente quase que totalmente perdido. Deve ter-se perdido desde o tempo das primeiras traduções, e a Septuaginta (não o texto grego de Teodósio, que é melhor) vem do período quando certos críticos acham que este livro foi escrito. Se as palavras eram desconhecidas nos dois primeiros séculos e meio A.C. , então o livro deve ter sido escrito muito antes.

**24,25.** Estas palavras devem ser interpretadas do ponto de vista pagão de Nabucodonosor, não de nosso ponto de vista cristão. **Semelhante a um filho dos deuses** (no aram. *da-mê lebar elahîn*), isto

é, como um ser de aparência divina. O rei estava pensando nas diversas classes de divindades pagãs. (Um caso semelhante de erro na A.V. se encontra em Mt. 27:54). Esta pessoa poderia muito bem ter sido o Filho de Deus pré-encarnado, mas nesse caso, Nabucodonosor não sabia quem Ele era. Veja Is. 43:1-3.

A vitória da fé tinha cinco objetivos:

- 1) Foram soltos de suas amarras (v. 25).
- 2) Foram protegidos do mal (v. 27).
- 3) Foram confortados na provação (vs. 24, 25, 28).
- 4) Seu Deus foi glorificado (v. 29).
- 5) Como servos de Deus foram recompensados (v. 30).

## **Daniel 4**

### **C. A visão de Nabucodonosor, uma Grande Árvore: Uma Lição de Humildade. 4:1-37.**

Os três primeiros versículos no aramaico foram por engano ligados ao capítulo 3. Tanto no estilo como no pensamento pertencem ao capítulo 4. O fato de Nabucodonosor estar falando na primeira pessoa através de todo o capítulo 4, desde o primeiro versículo, indica uma mudança nítida da terceira pessoa de 3:30.

Começando com uma pequena saudação (vs. 1-3), seguida das palavras do próprio rei sobre as circunstâncias na cativeira (vs. 4-9), ele apresenta a narrativa de um sonho (vs. 10-18), que Daniel interpretou (vs. 19-27), e que se cumpriu nas experiências humilhantes de Nabucodonosor (vs. 28-33), seguidas de maneira feliz pela recuperação e restauração do rei (vs. 34-37).

#### **1) Saudação de Nabucodonosor. 4:1-3.**

A forma da saudação, como do restante do capítulo, indica que este é um documento governamental da Babilônia, incorporado por Daniel às Sagradas Escrituras. Isto indica que a inspiração das Escrituras é através da autoridade divina da pessoa por cuja orientação uma determinada



palavra é incluída. Até as palavras de uma mula foram incluídas nas Escrituras (Nm. 22:28, 30) pela autoridade de Moisés! A saudação de Nabucodonosor deu início a este documento – que sem dúvida circulava independentemente antes de ser incluído nas Escrituras – dirigido a todo o seu reino. Não é demais esperar que alguns arqueólogos o encontrem algum dia. Talvez ele já esteja incógnito entre alguns dos milhares de documentos em tabuinhas de barro, descoberto, mas ainda não decifrado.

## **2) Circunstâncias na Corte. 4:4-9.**

**4. Eu, Nabucodonosor, estava tranqüilo em minha casa.** Guerras bem sucedidas e grandes construções na Babilônia tinham lhe proporcionado a tranqüilidade da realização. (Imensas ruínas arqueológicas testificam disso. Veja bibliografia e texto de Boutflower, *In and Around the Book of Daniel*, págs. 65-113). **Feliz no meu palácio.** Geralmente usado em relação a plantas, o adjetivo *ra-'anan*, florescente (E.R.C.), aparece na Bíblia Hebraica nas descrições do luxuriante crescimento das árvores (Sl. 92:12) e figurativamente da saúde das pessoas (Sl. 92:14). Materialmente tudo prosperava.

**5. Tive um sonho, que me espantou.** O rei tinha uma neurose! A cabeça que carrega uma coroa não tem sossego.

**6, 7.** Apelar para os seus conselheiros não tinha propósito. Esse grupo de pomposos charlatões já há muito devia ter sido desfeito.

**8. Por fim se me apresentou Daniel.** Seria o orgulho nacional que o impediu de chamar Daniel antes? Perversidade? Depravação? O restante do versículo indica que embora tivesse uma elevada opinião sobre Daniel, ainda continuava mantendo um ponto de vista inteiramente pagão. Não há evidência de que *rûah 'elahîn qaddishîn* deveria ser traduzido para "o Espírito do Santo Deus", como defendem alguns, embora essa tradução seja possível gramaticalmente e o paralelo com a cognata hebraica de Js. 24:19 a apóie, como também a grega de Teodósio e a RSV, à margem. Vendo que Nabucodonosor reconhecia outro como "meu deus", duvidamos que ele considerasse Jeová como o

Deus santo e único. Santo aqui parece significar simplesmente "divino". **Meu Deus** é de identidade incerta. Pode significar Bel, como em **Belsazar**, ou Nabu como em Nabucodonosor, ou Marduque o principal deus da Babilônia e de todo o panteão babilônico. Via as palavras de Faraó em Gn. 41:38 semelhantes a estas.

Quatro expressões resumem as circunstâncias na corte: *prosperidade* aparente, *perturbação* no coração do rei, *frustração* dos seus esforços e um *apelo* patético ao profeta de Deus.

### 3) Narrativa do Sonho. 4: 10-18.

**10, 11. Uma árvore.** A mais útil de todas as plantas, que serve para dar sombra, alimento para o homem e os animais, decoração e beleza, combustível, material de construção. Nas Escrituras um símbolo comum (por exemplo, Jz. 9:8 e segs.; Sl. 1:13; Jr. 1:11, 12; Ez. 15:1 e segs. 31:3-18). Nabucodonosor amava as árvores do Líbano. Registros existentes falam de suas viagens para vê-las e trazer sua madeira para a Babilônia (Wady Brissa Inscription. Boutflower, *op. cit.*, in loco). Cons. Ez. 31:3-18, 12. Cons. Mt. 13:31, 32.

**14, 16.** Se qualquer insinuação naturalmente psicológica sobre o passado do rei estava *por trás* do sonho, era provavelmente sua experiência no Líbano, onde ele pessoalmente supervisionara o corte dos cedros para o transporte até a sua capital. A queda de uma árvore alta deixa uma profunda impressão na pessoa que observa.

Para maiores detalhes, veja comentários sobre a interpretação na seção seguinte. O que importa aqui é a declaração de propósito, que resume a mensagem espiritual não só deste capítulo mas também de todo o livro.

**17.** A observação de Young (*Proph. of Dan.*, in loco) de que o rei aqui fala como um pagão parece estar errada. O rei está repetindo as palavras de um mensageiro divino. É melhor dizer que temos uma citação aparentemente exata que um pagão faz das palavras de um mensageiro divino. A profecia aqui, como no capítulo 2, está no nível do

entendimento de um rei pagão. **Esta sentença.** Antes, *o decreto*, ou *a decisão*. Autoridades concordam que esta é a linguagem do paganismo. Possivelmente foi usada a linguagem das decisões astrológicas (Montgomery, BDB). **Por decreto dos vigilantes . . . dos santos.** Cons. v. 13 – "um vigilante, um santo" (RSV). Os dois nomes são para o mesmo mensageiro divino geralmente conhecido pelos hebreus como aqui. São anjos santos e vigilantes. **O Altíssimo.** Este nome é peculiarmente apropriado. O rei pagão atribuiu assim ao Deus de Daniel, com o qual ele identificava o próprio Daniel, a preeminência acima de todos os deuses. A designação também pode ser entendida como a solitária grandeza de Deus na qualidade de Deus único e verdadeiro (cons. I Co. 8:4-6). **Ao mais humilde dos homens.** A referência é aos homens de situação humilde e não aos de caráter mau.

Este versículo que declara solenemente o controle providencial e soberano de Deus no decorrer da história humana é o centro do livro de Daniel (cons. Is. 40:15 e contexto; Pv. 21:1; Rm. 13:1; Atos 17:24-26).

#### 4) A Interpretação do Sonho. 4:19-27.

**19. Daniel . . . esteve atônito.** Antes, *perplexo* – não porque tivesse dificuldade na interpretação do sonho mas porque não tinha nenhuma dificuldade e se sentia muitíssimo relutante em dar as más notícias ao bondoso monarca. **Algum tempo** e não *uma hora*. Provavelmente uma expressão familiar como o nosso "um minuto", significando um momento. **Seus pensamentos o turbavam** (isto é, o amedrontavam). Ele se sentia amedrontado por causa do rei. O fato do rei ter se compadecido de Daniel parece indicar a afeição que ele sentia por seu conselheiro hebreu, apesar de não tê-lo convidado antes à sua presença. **Contra os que te têm ódio.** Alguns acham que esta e a cláusula seguinte indicam que Daniel desejava que a desgraça predita ao rei pudesse recair sobre os seus inimigos e rivais. É inteiramente possível interpretar suas palavras como uma simples afirmação de que os acontecimentos preditos dariam

satisfação aos inimigos e rivais do rei, e este parece ser o sentido mais provável.

**20-22. A árvore . . . és tu, ó rei.** O próprio rei, conquistador e senhor orgulhoso de toda a terra, está simbolizado pela árvore. **A tua grandeza cresceu, e chegou até ao céu, e o teu domínio até à extremidade da terra.** Esta declaração, especialmente a segunda e terceira partes dela, não era literalmente verdadeira, embora fosse a declaração de um profeta. Os antigos semitas gostavam das hipérboles e as usavam sem que fossem mal-interpretados por alguém. O reino de Nabucodonosor, na realidade, era geograficamente menor do que os impérios persa, grego ou romano. Era, entretanto, muito grande e incluía a maioria das partes conhecidas do mundo.

**23.** A intenção dessas palavras era de que o rei pessoalmente experimentasse um grande desastre, perdendo a sua posição durante um período de **sete tempos**. O aramaico não é mais específico do que a tradução portuguesa no que se refere à duração de tempo envolvido. Considerando que dias, semanas ou meses dificilmente teriam dado tempo suficiente para o desenvolvimento do versículo 33b, parece melhor acompanhar a maioria dos comentaristas e adotar "anos" como o significado.

**26.** Isto assegurava ao rei uma final restauração.

**27.** O conselho de Daniel era no sentido de que o rei desse sinais de arrependimento (veja Joel 1:8, 14; 2:17, 18), sem dúvida como prova de mudança interior (via Joel 2:13). Impureza pessoal (*pecados*) como também a opressão aos súditos e inimigos derrotados (*iniquidades*) precisavam acabar. Seu arrependimento poderia provocar o "arrependimento" divino (veja Jr. 18; Joel 2:12-14).

## **5) Cumprimento do Sonho. 4:28-33.**

**29. Doze meses.** Houve um misericordioso "prolongamento de sua tranquilidade" (v. 27). **O palácio real de Babilônia.** Escritores antigos contam, e a arqueologia confirma, que Nabucodonosor, além de

remodelar e ampliar os antigos edifícios da Babilônia, levantou seus próprios projetos de magníficas construções. Uma grande rua que ele reconstruiu para desfiles estendia-se diante dele, como também muitos templos e quilômetros de muros. "Agora, neste palácio, tendo construído grandiosas estruturas de pedra e tendo plantado sobre elas todos os tipos de árvores, dando-lhes um aspecto muito parecido com o de montanhas, ele elaborou e preparou os famosos Jardins Suspensos, para agradar à sua esposa, que gostava das terras montanhosas, porque fora criada na Média" (Josefos *Against Apion* 1, 19).

**30. A grande Babilônia que eu edifiquei.** Veja observações sobre 4:29. Cons. Is. 14:4 e segs. "Todo o cenário e a auto-complacência do rei em sua gloriosa Babilônia são extraordinariamente leais à história" (Montgomery, *op. cit.*, pág. 243. Consulte também o padrão de obras da antiga história e arqueologia da Babilônia. Algumas das melhores são as do século dezenove; por exemplo, Layard, *Nineveh and Babylon*; as diversas obras de Rawlinson; *Assyrian Discoveries* de George Smith. Cons. Boutflower, *op. cit.*, quanto aos trabalhos mais recentes, além de Montgomery, *op. cit.*, pág. 243).

**31-33. Uma voz do céu.** A última experiência consciente e lúcida do rei voltou sua atenção para Deus no céu. Na próxima seção vemos que *sete anos depois*, quando ele retomou à sanidade mental, sua primeira reação foi a de reagir olhando para cima.

Quanto a evidências históricas da veracidade do fato, o leitor deve recorrer a obras de maior alcance. Existe apoio, mas não provas. Na antiguidade, diversos exemplos da doença de Nabucodonosor têm sido descritos. Se foi um juízo divino especial, não temos necessidade de um paralelo natural, por mais interessante que seja. Considerando que os antigos geralmente consideravam as pessoas loucas como "possuídas" por um deus, o rei talvez fosse mantido em um parque recebendo tratamento especial. Exemplos das alterações físicas do rei existiram na antiguidade na história aicar (ANET, págs. 427-430).

**6) Recuperação e Restauração do Rei. 4:34-37.**

**34.** Quando o homem recuperou o **entendimento**, ele louvou a Deus! Nada é mais insano que o orgulho humano. Nada é mais sóbrio e sensível que o louvor de Deus.

**35-37.** A restauração do rei deveria encorajar os homens a esperar dias melhores, na providência divina, por mais profundo que o castigo do Senhor possa ter sido para com eles.

Este capítulo mostra que os pagãos não estão isentos do governo moral de Jeová. As leis morais governam a elevação e a queda dos homens quer estejam relacionadas com Deus através da graça salvadora quer não (vaia também Amós 1:1 – 2:3).

**Daniel 5****D. A Festa de Belsazar: Uma Lição sobre o Pecado e o Seu Castigo. 5:1-31.**

O propósito deste capítulo é dar instrução moral mais que informação histórica. Os versículos 1, 30, 31 fornecem os únicos dados históricos significativos. O resto é uma lição sobre o pecado e o seu castigo.

Gobryas (babl. *Gubaru*), general de Ciro, está junto ao portão da Babilônia no exato momento em que o rei dava início a sua festa. Ele tinha desviado as águas do Eufrates e marchava com seus homens subindo o leito do rio a caminho da cidade que ficava em suas duas margens. Os portões do rio tinham ficado sem guardas. A Babilônia, com mantimentos estocados para vinte anos, supunha-se segura por trás dos muros maciços. Nabonidus (bab. *Nabunaid*), o pai de Belsazar, fora derrotado na batalha pelos exércitos de Ciro, e agora estava cercado em Borsipa, não muito longe. Não havia lugar para loucas bebedices!

**1) Prazer, o Motivo da Festa. 5:1-4.**

**1. Belsazar.** Desconhecido a não ser através deste capítulo, o rei atualmente está bem autenticado através de documentos antigos (RP.

Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar*). **Um grande banquete.** Uma festa sensual, indicada pela presença de mulheres entre os homens, coisa fora do comum no Oriente, (com. Ester 1:9). **Bebeu vinho na presença dos mil.** Mesmo nas festas públicas os reis orientais (pelo menos no período persa) ficavam ocultos da vista pública. Era uma liberdade não contida pelas convenções.

**2. Mandou trazer os utensílios.** Para Nabucodonosor tirar esses vasos do templo de Jerusalém (1:1-3) estava de acordo com os costumes de guerra. Mas retirá-los do depósito nacional para uma orgia era sacrilégio. Nabucodonosor, o grande rei, tinha *verdadeiras* façanhas a seu crédito, e num certo grau, Nabonidus, o pai do rei, realizara façanhas pacíficas para crédito seu. Mas o príncipe covarde só sabia realizar tolos atos de sacrilégio para ganhar fama.

**4.** O comportamento de Belsazar era sensual, incontrolado, selvagem e sacrílego. Também era estúpido. Os exércitos de Gobryas já se encontravam dentro da cidade.

## **2) Uma Contribuição Pressaga de Deus para a Festa. 5:5, 6.**

**5. No mesmo instante.** Deus falou de repente. O tempo se esgotara. **Uns dedos de mão de homem.** O presságio era misterioso. O sobrenatural se apresentava. **Na caiadura.** Sobre a mesma parede onde deviam estar registrados os grandes acontecimentos nacionais. Ação impiedosa! Deus não se preocupa com vanglórias patrióticas. **E o rei via.** Era extraordinário.

## **3) Perplexidade, o Efeito da Visitação Divina. 5:7, 8.**

**7. Encantadores . . . caldeus . . . , feiticeiros.** Uma vez mais (cons. 2:2-14; 3:8; 4:6, 7) esses monumentais charlatões apareceram. Além deles "não conhecerem a Deus" (I Co. 1:21) em sua "sabedoria", pouco sabiam sobre qualquer outra coisa mais (cons. Dn. 5:8). **Púrpura,** a cor da realeza entre diversos povos antigos e provavelmente também os babilônios. **Cadeia de ouro.** Cons. Gn. 41:42. **O terceiro no meu reino.**

De significado incerto. Algumas autoridades identificam a palavra como significando "ajudante" ou "oficial". A palavra *talti* é, com toda certeza, derivada do aramaico *telat* (cons. BDB) e provavelmente significa *terceiro* (governante ou parte). Comumente só o pai de Belsazar, o cercado Nabonidus, teria autoridade para nomear um **terceiro**. Mas por uma ou duas horas Belsazar foi *de fato*, se não *de jure*, o supremo monarca, e achou que podia conferir esta honra. Nenhum judeu na Palestina, durante o período dos Macabeus (século segundo A.C.), poderia ter reconstruído tão corretamente a situação histórica, contrariando certos críticos que assim pensam.

#### **4) Declaração de Desgraça, a Parte de Daniel na Festa. 5:10-28.**

**10. A rainha-mãe.** Não a esposa do rei, mas sua mãe. Nas famílias polígamas, a rainha é a mãe do rei (cons, narrativas sobre mães de reis judeus no V.T.). Esta rainha era presumivelmente uma esposa de Nabonidus. Talvez também fosse uma jovem esposa do notável Nabucodonosor (cons. Boutflower, *in loco*).

**11. Nabucodonosor . . . teu pai.** Nabucodonosor era, naturalmente, não o parente masculino imediato do rei. É pouco provável também que Nabucodonosor tenha sido seu avô. Provavelmente pai apenas num sentido legal, uma vez que Nabonidus teria se aparentado com a família do grande Nabucodonosor através do casamento (Boutflower, *in loco*). A repetida afirmação da rainha sobre o relacionamento com o "pai" sugere que era uma questão de etiqueta na corte, não um fato real. Esse tipo de etiqueta não é desconhecida em outras partes da Bíblia (por exemplo, I Cr. 3:17, onde Salatiel, o filho de Neri que descendia de Davi através de Natã, II Cr. 3:27, 31), é chamado de "filho" de Jeconias).

**17.** Os presentes materiais de um rei cujo tempo de vida estava contado, pouco significavam para um santo profeta avançado em anos.

**25. MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM.** Evidência textual, como também os versículos seguintes, indicam que aqui provavelmente há uma combinação de má interpretação e corrupção do texto. O



versículo seria possivelmente assim, com aspas: "Estas são as palavras escritas : 'Mene Mene, Tequel' e 'Parsim' ". O U de *UPARSIM* é a forma aramaica de "e". O PH é um som aspirado de P para acomodar o som da vogal anterior. O IN é a forma do plural, provavelmente introduzido mais tarde por algum escriba que ligou a palavra aos persas, pois a terminação só pluraliza a palavra. **Mene** foi repetido para dar ênfase. As três palavras **Mene, Tequel e Peres**, conforme se apresentam, são participios passivos, exatamente traduzidos para *contado, pesado e dividido*. São também, quando sem as vogais, a saber, **MN, TKL, PRS**, os nomes de três pesas antigos que poderiam ser paralelos dos nossos termos, uma libra, uma onça, meia onça, Além disso, é possível que a inscrição sobre a parede fosse cuneiforme silábica ou em ideogramas. Nenhum desses modos de escrever seria inteligível sem um contexto. Na realidade, à parte da interpretação, seu único valor foi o de captar a atenção do rei para que Daniel pudesse lhe falar.

**26, 28.** (Boutflower, Montgomery e Young ajudam muito aqui.) É possível que as palavras interpretadas sejam nomes de pesas ou moedas conforme indicado acima. Nesse caso, fazem um jogo de palavras. *Mane* (aram.), um peso de cinquenta siclos, equivalente a cerca de duas libras (veja Ez. 45 : 12), faz paralelo a **mene**, que significa contado. *Tequel*, uma moeda ou peso, equivalente ao siclo hebreu, sugere **tequel** no sentido de pesado. *Peres* (meio *mane*) sugere **peres**, dividido. Também sugere agourentamente a Pérsia, que aparece no versículo 28. **Aos medos e aos persas.** Este versículo prova conclusivamente que o autor deste livro cria que o sucessor do reino babilônico seria um *reino dual*, incluindo dois elementos nacionais. Ele não imaginava o segundo e o terceiro estágio do império (caps. 2; 7) como respectivamente dos medos e persas, mas reconhecia-os como medo-persa e grego respectivamente. A crítica incrédula está "enroscada" neste versículo como se o autor estivesse supondo uma sucessão da Babilônia, Média, Pérsia e Grécia, e não a verdadeira sucessão da Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.

**5) O Castigo, o Final da Festa. 5:29-31.**

**30.** O sacrilégio de Belsazar, como o de outros (II Sm. 6:6, 7; Lv. 10:1, 2; I Co. 3:17), exigia castigo imediato **naquela mesma noite**. Detalhes do cerco e queda de Babilônia já foram há muito profetizados por Jeremias (caps. 50 e 51). Assim Deus cumpria a profecia de Isaías referente a Ciro (Is. 44:24, 28; 45).

**Daniel 6****E. Dario, o Medo, no Papel de Perseguidor Religioso: Uma Lição sobre Fé e Oração. 6:1-28.**

O tema da fé e oração desenvolve-se na história da perseguição religiosa, um tema pela primeira vez mencionado nas Escrituras em Gênesis e que prossegue até o Apocalipse 20 (veja também Mt. 10:16-26; 23:33-36; 24:1-28; João 21:18, 19; Atos 7; 18:2; I Pe. 4:12, 13; I João 3:12; Ap. 1:9; 13).

O capítulo começa explicando a posição de destaque que Daniel tinha na Babilônia (vs. 1-3). Logo a seguir fala-se de uma conspiração contra a sua vida (vs. 4-9). Segue-se a oração modelo de Daniel (vs. 10, 11), depois a narrativa do sucesso aparente da conspiração (vs. 11-17). O capítulo continua com a surpreendente resposta divina à oração e o fracasso da conspiração (vs. 18-28).

**1) O Destaque de Daniel. 6:1-3.**

**1a.** Pareceu bem a Dado. O mesmo Dario conforme representado em 5:31 como sendo o primeiro governador da Babilônia depois da conquista medo-persa, um homem de sessenta e dois anos de idade. A história não nos conta sobre nenhum homem chamado Dado que nessa ocasião reinasse na Babilônia. Ciro (1:21; 10:1) foi o rei persa de suprema autoridade nesse período, segundo testificam a Bíblia (Is. 44:21-45:5; II Cr. 36:22, 23; Esdras 1:1-4), historiadores seculares (Heródoto, Berosus, Xenofonte) e evidências arqueológicas (Crônica de Nabonidus, Cilindro de Ciro, etc.). A verdade da narrativa pode

permanecer sem outro apoio, entretanto. Dario obviamente foi um vice-rei sob Ciro. A linguagem de Dn. 5:31 e especialmente de 9:1 praticamente o indica. Ele foi um "rei sobre o reino dos caldeus" (9:1, isto é, a Babilônia), rei local; enquanto que Ciro era o "rei da Pérsia" (isto é, do império, 10:1).

Se podemos identificar Dario com o próprio Ciro, com Ciáxares, ou Astíages, ou Cambises das fontes seculares, ou com Ugbaru ou Gubaru dos registros contemporâneos, não pode ser considerado ou estabelecido, embora uma boa conjuntura tenha sido recentemente estabelecida para Gubaru (John Withcomb, *Darius the Mede*). Diversas das teorias acima mencionadas são anualmente consideradas muito improváveis. A fé pode aguardar por informações futuras. Sabemos que era coisa comum entre os reis ter dois ou mais nomes (por exemplo II Cr. 36:4, 8; cons. Jr. 22:24).

**1b. Cento e vinte sátrapas.** Não eram os chefes das 127 províncias do grande império de Assuero (Xerxes, 486-465 A.C.). Não se mencionam divisões geográficas. Antes, eram os 120 assistentes de Dario como governador da Babilônia. "Rei" no aramaico e hebraico é um termo bastante elástico encampando qualquer governante desde um reizinho fantoche (por exemplo, os reis das cidades no livro de Josué) até Nabucodonosor (Dn. 1:3), Ciro (10:1) e Assuero (Ester 1:2).

**2. Três presidentes.** Antes, *supervisores*. Para que o rei não sofresse dano. O rei estava preocupado com o seu próprio lucro financeiro e material, não pela administração da justiça. Os antigos monarcas pagãos não tinham o verdadeiro conceito do governo "para o povo" (veja I Sm. 8).

**3.** Evidentemente Daniel, com mais de cinquenta anos de serviço público, era uma figura de destaque internacional, conhecido por sua integridade ; pois ele era um estrangeiro, afastado somente dois cargos de Dano, e uma herança da administração inimiga. Isto dá idéia do valor da idade em posições de alta responsabilidade (Pv. 16:10-16). Mas era

exatamente no destaque de Daniel que estava o perigo, por causa da inveja e do ciúme dos outros.

## **2) A Conspiração Contra Daniel. 6:4-9.**

**4.** A inveja estava operando (cons. Pv. 27:4; os irmãos de José; Atos 7:9; Joabe, II Sm. 20: 4-10; os inimigos de Jesus, Mt. 27:18).

**5.** A renomada integridade de Daniel fez dele o alvo certo. Já se sabe de antemão o que fará um homem honesto em determinadas circunstâncias. Controle as circunstâncias e você o controlará!

**6-9.** O poder do plano estava em se aproveitar da vaidade de Dado. O discurso e as sugestões dos homens, tudo apelava para os desejos pagãos de vanglória do rei. Sendo um homem de sessenta e dois anos de idade, ele sabia que se quisesse obter glória, seria agora ou nunca! A declaração de que "todos" os conselheiros tinham sido consultados era uma mentira, pois Daniel não fora consultado. **Na cova dos leões.** Os persas, na qualidade de zoroastrianos, consideravam o fogo sagrado. Por isso, para eles, teria sido impróprio cremar ou executar pelo fogo. Os zoroastrianos (parsas) continuam até o dia de hoje a expor seus mortos a aves carniceiras.

## **3) A Oração de Daniel. 6:10, 11.**

A reputação de Daniel diante do próprio Deus nos céus tornou suas orações dignas de atenção e imitação (cons. Ez. 14:14; Dn. 10:11). A sublimidade de sua corajosa fé está reconhecida por todos os que procuram se colocar dentro da situação. Ele manteve seus hábitos piedosos e suas crenças – como costumava fazer - diante de um transe absolutamente insuportável – quando soube que a escritura estava assinada.

**10. Quando soube.** A oração, em primeiro lugar, foi corajosa (cons. Hus at Constance, d.C. 1415 ). **Entrou em sua casa ... e orava.** Em segundo lugar, ela era verdadeiramente piedosa, sem exibição do heroísmo em público. Não houve ostentação de religião. Daniel só fez o

que achou que era certo (cons. Tg, 1: 27; Mt, 6: 5 e segs.). Em terceiro lugar, foi uma oração de acordo com as Escrituras. Como Moisés, em Dt. 28:36-68, predisse o cativeiro dos judeus, assim as palavras de Salomão em II Cr. 6:36-39 determinaram que adorariam em cativeiro. Daniel 6:10, 11 deve ser entendido à luz indispensável destas passagens.

Oito elementos específicos da verdadeira oração aparecem na comparação:

(1) *Fé*. Daniel cria na Palavra, pois ele obedecia e orientava suas orações por meio dela. A oração dos exilados tinha de ser orientada "na direção de sua terra" e ao orar voltado para os lados de **Jerusalém**, Daniel demonstrou fé respeitosa.

(2) *Adoração*. Salomão determinou que fosse "em direção da cidade", isto é, Jerusalém (Dt. 12:5-7; I Cr. 11:4-9; 13:1-14; 15:25-29; II Cr. 3:1, 2; 5:1-14; 7:1-3. Cons. João 4:20-22; Atos 4:12). Daniel não podia adorar literalmente na Cidade Santa, mas sua atitude demonstrava que ele desejava fazê-lo; e em espírito ele o fazia.

(3) A base da *expição pelo sangue*. "A casa . . . edificada para o meu nome" era o centro do ritual sacrificial. A atitude de Daniel reconhecia isto (cons. Hb. 10:19-22).

(4) *Humildade*. Isto está indicado pela ênfase marcada sobre a posição de joelhos (cons. Luc. 18:13, 14).

(5) *Regularidade*. **Três vezes no dia** (cons. Sl. 55:16, 17).

(6) *Petição*. **E orava** ou *e perseverava orando*. A palavra *sela'* significa "curvar-se num pedido".

(7) *Ação de graças*. **Dava graças**, etc. (cons. Fp. 4: 6).

(8) *Constância*. **Como costumava fazer**.

**11. Então aqueles homens foram juntos, e, tendo achado a Daniel a orar . . .** Aqui, como no versículo 6, juntos tem o sentido de assembléia tumultuosa. No primeiro exemplo cercaram o rei com sugestões nervosas e no segundo rumorosamente interromperam um

idoso e santo servidor público em suas devoções particulares. Nenhuma das atitudes falava a seu favor.

#### **4) O Aparente Sucesso da Conspiração. 6:12-17.**

Dario encontrou-se tolhido e amordaçado por sua própria lei. Nisto demonstrou que sua autoridade era bastante inferior em natureza a de Nabucodonosor, cuja pessoa estava acima da lei. O governo de Dario aproximou-se do ideal democrático, mas era menos absoluto do que o dos caldeus. Neste sentido era inferior, e assim cumpriu o que fora predito dele pela porção de prata da imagem na profecia do capítulo 2. Observe que a admiração do rei por Daniel não desapareceu, e que a fé de Daniel inspirou o rei a crer também.

#### **5) A Espantosa Resposta à Oração de Daniel. 6:18-28.**

Se Daniel orou por si mesmo, então os versículos 21-23 descrevem a resposta; se foi pelo rei, então o versículo 16 da seção anterior mostra a operação divina no seu coração; se pela glória de Deus, então os versículos 24-28 dão a resposta. A fé zoroastriana do rei era o ponto mais próximo do monoteísmo ético judeu que o paganismo conseguiu alcançar. Esta declaração traduz-se quase como se ele tivesse contribuído para o desenlace. Deus foi glorificado pela destruição dos Seus inimigos, pela confissão do rei e pela recompensa do Seu servo.

### **Daniel 7**

#### **F. Uma Visão das Quatro Bestas, o Ancião de Dias e o Filho do Homem: O Conflito de Cristo e o Anticristo. 7:1-28.**

Três importantes mudanças têm início neste capítulo. Até o capítulo 7 a matéria é principalmente histórica. Daí em diante é principalmente preditiva. Até agora Daniel fora o agente divino na revelação, interpretando sonhos de outros. Daqui para frente, um anjo interpreta os sonhos e as visões do próprio Daniel (7:16; 8:15-17; 9:20-23; 10:10-14).

Até agora o autor falou na terceira pessoa; daqui para frente ele escreve na primeira, dando um relatório mais íntimo de suas experiências.

Uma transição da profecia centralizada nas nações gentias para a profecia centralizada nos judeus toma posição coma entrada do "povo santo" (traduzido "santos", vs. 18, 22, 25). Os judeus são o centro do interesse do final do livro.

A mesma sucessão de reinos que se encontra no capítulo 2 aparece aqui – quatro impérios gentios, então o reino do Messias. O ponto de vista que defende que o capítulo 7 só descreve acontecimentos dentro da área mediterrânea ao findar a presente dispensação é habilmente apresentado por G.H. Lang (*The Histories and Prophecies of Daniel*) na perspectiva pré-milenial. O ponto de vista de que os quatro reinos são: 1) Babilônia, 2) Medo-Pérsia, 3) Grécia e 4) os sucessores gregos de Alexandre e que o quinto é o reino do Messias, é defendido de maneira reverente mas não amilenista por Moses Stuart (*Commentary on Daniel*) e de maneira amilenista reverente pela obra católica romana de C. Lattey (*The Book of Daniel*). Após o costumeiro estabelecimento do cenário histórico (v. 1), seguem-se detalhes de uma série de visões (vs. 2-14, 21, 22), o novo método de interpretação de sonhos e visões (vs. 15, 16), a interpretação (vs. 17-20, 23-27), e uma declaração pessoal final (v. 28).

### 1) Cenário Histórico. 7:1.

**1. No primeiro ano de Belsazar.** Cerca de quatorze anos antes dos acontecimentos do capítulo 5. É provável que a fraqueza da Babilônia já estivesse começando a aparecer. **Um sonho, e visões.** Nem sempre claramente distintas. Os sonhos são experiências durante o sono; as visões podem surgir estando-se acordado, ou, como aqui, podem ser "cenais" ou estágios sucessivas em um sonho. **Escreveu logo o sonho e relatou a suma de todas as coisas.** Ele as registrou imediatamente (**logo**, ou *logo após*, ou *naquela hora*, como o aramaico *'edayin* com o prefixo *b* enfaticamente exige). Foi *escrito*, contrariando a generalizada teoria das profecias-por-transmissão-oral (veja Is. 30:8; cons. 8:1, 16;

Hc. 2:2; Ap. 1:19; 14:13; 21:5). Era um resumo, pois apenas a **suma** (aram. *cabeça*) ou substância do material foi registrado. Semelhante uso do hebraico *ro'sh* aparece em Sl. 119:160 (surtia, ASV) e 137:6 (principal). (Veja Stuart, *Comm.*, in loco.)

## **2) Detalhes das Visões. 7:2-14, 21, 22.**

**2. Os quatro ventos do céu.** O uso em outros lugares indica que os ventos representam o poder providencial de Deus através do qual Ele controla as nações, agitando-as ou apaziguando-as (Ap. 7:1-3; Jr. 23:19; 49:36; 51:1; Zc. 6:1-6; 7:14). *Rûah* pode ser traduzido para "espírito" ou "vento", e aqui é propositadamente ambíguo. (Verifique também Dn. 4:17; I Tm. 2:1, 2.) Jerônimo acha que os ventos representavam os anjos.

**O Grande Mar.** Não um mar qualquer, mas, como Lang demonstrou de maneira hábil (*Histories and Prophecies of Daniel*, pág. 86 e segs.), o Mediterrâneo (veja esp. Nm. 34:6, 7; Js. 1:4; 9:1; 15:11, 12, 47; 23:4; Ez. 47:10-15, 19, 20; 48:28).

**3. Quatro animais grandes . . . subiam do mar.** Portanto, os animais, mais tarde descritos, estão ligados com o Mediterrâneo. Do mesmo modo, como indica o uso simbólico e profético de "mar", eles se levantaram com reboiço, inquietação, com palavras turbulentas, etc., coisas que acompanham a falsa diplomacia (Is. 57:20; Jr. 6:23; 50:42; 51:42; Ap. 17:15; cons. Lc. 21:25). As nações e o seu levantamento não são encaradas de maneira lisonjeira nas Escrituras (Is. 34:2; 40:15-17; Joel 3:2; cons. "o mundo", I João 2:15 e segs.; 5:19; II Pe. 3:10).

**Diferentes uns dos outros.** Cada nação tem as suas próprias características especiais, embora todas partilhem do mesmo caráter brutal, irracional e bestial. Que diferença tem esta visão interior do profeta da dignidade rutilante da imagem do sonho do pagão Nabucodonosor!

**4. O leão** simboliza a Babilônia aqui e também em Jr. 4:6,



**7. As asas de águia** falam de velocidade, como o leão da força. São símbolos naturais dificilmente precisando de explicação (cons. II Sm. 1:23; Jr. 49:19-22; Ez. 17:3-24).

**5. O urso** é um símbolo adequado para o reino medo-persa. Força e ferocidade fazem parte de quase todas as vezes em que a Bíblia usa a figura de um urso. A magnitude poderosa se ajusta bem aos grandes exércitos persas. Diz-se que Xerxes comandou dois milhões e meio de homens quando atacou a Grécia. A dualidade pode estar sugerida pela referência aos lados do animal.

**6. O musculoso leopardo** de quatro asas fala, sem dúvida, do reino grego (macedônio) de Alexandre. O governo passou de Nínive (Assíria) para a Babilônia em 612 A.C. ; da Babilônia para a Pérsia em 539 A.C. e Dario III para Alexandre em 331 A.C.

**7, 8.** Como no capítulo 2, o quarto estágio do império romano. Desde que o reino deve prevalecer até a destruição do Anticristo (o **pequeno** chifre) e o estabelecimento do reino de Cristo, eterno, final e visível (cons. Ap. 19:11 – 20:4), deve ser considerado como urda prevalecente. A forma décupla do estágio final, talvez sugerida pelos dez artelhos do capítulo 2, está clara aqui e confirmada por Ap. 17:3 e segs. Mais tarde o **pequeno** chifre está identificado com o Anticristo final.

**9-14.** Esta cena do trono está minuciosamente elaborada no Ap. capítulos 4-20. Evidentemente os cinco versículos de Daniel abrangem o mesmo terreno dos dezessete capítulos do Apocalipse. É uma cena do juízo onde o **Ancião de dias** – ninguém outro que "o Alto, o Sublime, que habita a eternidade" (Is. 57:15) – toma posse dos reinos da terra através do **Filho do homem** – um nome que o Senhor claramente reivindicou para si mesmo (Mt. 24:30). A ação dramática através da qual o reino da besta é violentamente derrubado encaixa-se em muitas predições bíblicas sobre a maneira pela qual nosso Senhor julgará as nações no final desta dispensação.

**21, 22.** Embora separados por detalhes de interpretação (vs. 15-20), estes versículos pertencem à visão propriamente dita e não à

interpretação. **Os santos do Altíssimo . . . os santos possuíram o reino.** Nada é mais certo que o fato de todos os santos de todas as dispensações participarem do triunfo final de Cristo no Seu reino. Mas esta passagem apenas afirma uma parte desta verdade. A perspectiva do livro, o significado das palavras, e o contexto aqui limitam a aplicação ao povo de Daniel, o Israel claramente identificado em 10:14 (aqui se usou a expressão hebraica equivalente). "Por 'santos do Altíssimo' que receberão todo o domínio (Dn. 7:18-27), Daniel só poderia entender o povo de Israel, que se destacava das nações e reinos pagãos, que deveriam reinar até então (2:44); nem temos nós, de acordo com a exegese estrita, o direito de aplicar a expressão a qualquer outra nação; portanto não podemos aplicá-la imediatamente à Igreja . . . As palavras do profeta se referem ao restabelecimento do reino de Israel" (C.A. Auberlen, *The Prophecies of Daniel and the Revelation of St. John*, págs. 216, 217).

### **3) O Método de Interpretação. 7:15, 16.**

De modo muito estranho, um anjo que faz parte da visão, mas também é um ser pessoal real, mais tarde identificado como Gabriel, vem a ser o intérprete aqui e através do restante do livro (cons. 8:16; 9:21). Embora tratado rapidamente por Daniel, este é um aspecto importante.

### **4) A Interpretação das Visões. 7:17-20, 23-27.**

Exceto às observações feitas no começo deste capítulo, concorda-se de modo geral que a sucessão dos quatro domínios gentios seguidos pelo refil messiânico é a mesma do capítulo 2. Mas, começando como versículo 19, a profecia avança muito além do sonho de Nabucodonosor, para dar detalhes de predição ao Anticristo final e o relacionamento que o povo de Deus terá com ele no período escatológico.

**19. Tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal.** Esta besta é de interesse especial porque produz o "pequeno

chifre", o Anticristo, e é a forma final do domínio gentio (veja vs. 23-25 e cons. comentados sobre 2:40-43).

**20. E também dos dez chifres.** Veja o versículo 24. Dez reis se levantarão no estágio final do quarto reino (o romano) e reinado contemporaneamente (não sucessivamente; cons. Ap. 17:13 e segs., conforme explicação a seguir). **Daquele chifre que tinha olhos, e uma boca,** etc. Todos os intérpretes – judeus, cristãos, incrédulos – concordam que este é o Anticristo. Os racionalistas que insistem que isto foi escrito no período dos macabeus dizem que é Antíoco Epifânio (cerca de 165 A.C.) e que o nosso autor, embora enganado, pensava que o reino messiânico viria logo a seguir.

**24-26.** Observe aqui doze fatos sobre o Anticristo:

(1) Ele não *criará* uma confederação décupla; ele a *observará* (v. 24).

(2) Ele apenas será um outro rei "dez chifres . . . outro . . . diferente" (v. 8), e ele será mortal (Ap. 13:2; II Ts. 2:9). Ele será importante por causa da força satânica por trás dele.

(3) No começo ele será obscuro – "pequeno" (Dn. 7:8).

(4) Sua marcha para o poder começará com a conquista de três reinos (v. 8; cons. v. 24).

(5) Haverá nele, entretanto, algo de especial (**diferente dos primeiros dez**, v. 24). Veja Ap. 13:15; II Ts. 2:4. Muitos acontecimentos extraordinários estarão relacionados com ele (Ap. 13:16, 17; II Ts. 2:9, 10).

(6) Ele será muito inteligente - "olhos, como os de homem" (Dn. 7:8).

(7) Ele terá a habilidade da oratória (v. 8).

(8) Sua aparência será formidável (v. 20; cons. Is. 53:2, 3).

(9) Ele será blasfemo (Dn. 7:25; cons. Ap. 13:5, 6).

(10) Ele tentará introduzir uma nova era (Dn. 7:25, mudar os tempos).

(11) Ele tentará destruir Israel (v. 25a; cons. 9:26, 27).

(12) Seu tempo será curto (v. 25), um tempo, dois tempos e metade de um tempo (cons. Ap. 11:2; 13:5; Dn. 9:25; 12:7-12).

### **Evidências Aqui para um Ponto de Vista Premilenial:**

(1) O reino do Messias segue-se ao aparecimento do Anticristo (aqui descrito mau em termos pessoais que institucionais) e sua destruição. A pessoa ainda não apareceu. Isto parece tornar impraticáveis os esquemas pós-milenial e amilenial de identificarem a Igreja com o Reino.

(2) O reino do Messias aqui seguir-se-á aos reinos gentios; de modo nenhum lhes é contemporâneo. Deve, portanto, ainda se encontrar no futuro.

(3) O reino de Cristo seguir-se-á a uma forma final de domínio gentio que ainda não apareceu.

(4) o reino messiânico é aqui externo no aspecto, não um reino no coração dos homens, como exige a teoria do Reino-Igreja.

(5) Este reino é de algum modo israelítico (cons. vs. 7, 22, 25, 27 com 8:24). Os "santos" ou povo santo mencionados aqui é o povo de Israel e nenhum outro. A Igreja não é um reino judeu.

## **III. A Nação Hebraica: Seu Relacionamento com o Domínio Gentio e o Seu Futuro no Plano de Deus. 8:1 – 12:13.**

### **Daniel 8**

#### **A. Um Carneiro, um Bode, e um Pequeno Chifre: Israel em Conflito com o Anticristo do V.T. 8:1-27.**

Este capítulo repete muito da predição do capítulo 2, e especialmente do capítulo 7. Acrescenta detalhes quanto aos períodos medo-persa e grego. Após uma introdução histórica (v. 1), descreve-se a visão de um carneiro e um bode (vs. 2.14), seguida por uma interpretação (vs. 15.26), e uma conclusão (v. 27).

### **1) Introdução Histórica. 8:1.**

Esta visão veio dois anos após a do capítulo 7 (cons. 7:1). Ela veio quando os judeus exilados precisavam de encorajamento para crer que Deus realmente os restaurada, como tinha prometido (Jr. 25:11, 12).

### **2) As Visões. 8:2-14.**

**2. Quando a visão me veio . . . na cidadela de Susã.** Sua presença em Susã, uma cidade 400 quilômetros a leste da Babilônia, foi apenas na visão (cons. Ez. 8:1-3; II Cr. 12:2 e segs.; contraste com Jr. 13:1-7). Susã foi mais tarde a capital da Babilônia no Império Persa. **Cidadela.** Uma estrutura ainda futura, um palácio persa, provavelmente (cons. Ap. 20; 21; e a visão de João da futura cidade). Era provavelmente o palácio de Xerxes um século mais tarde (486-465 A.C.), um dos mais magníficos de toda a antiguidade, abrangendo cerca de 1,01 hectare (cons. obras sobre arqueologia). Os acontecimentos do livro de Ester (cons. Et. 1:2) tiveram este cenário.

**3. Um carneiro estava diante do rio, o qual tinha dois chifres.** Novamente se insinua a dualidade do império medo-persa (cons. o peito e os braços do capítulo 2.). **O mais alto subiu por último.** Embora a Pérsia fosse mais notável dentro da união, era o reino mais jovem. Em 550 A.C., Ciro, um persa, o construtor de Passárgada, a 40 quilômetros ao norte de Persépolis, a capital mais antiga, revoltou-se contra os medos, que dominavam até então, e veio a ser o senhor do reino duplo. Isto aconteceu mais ou menos quando Daniel estava profetizando.

**4.** Dois livros das *Histórias* de Heródoto descrevem os acontecimentos resumidos aqui. O Império Persa não sofreu nenhum contratempo sério até 490, quando um pequeno mas determinado exército de atenienses em Maratona derrotaram as forças de Dario (pai de Xerxes, o Assuero de Ester). Uma segunda derrota, desta vez em uma batalha naval no golfo do Egeu (acima de Atenas), sucedeu a Xerxes dez anos mais tarde. Mas o carneiro realmente se engrandecia com uma magnificência que continua sendo lembrada e britada até o dia de hoje.

**5. Um bode vinha do ocidente.** Observe que ambos os animais são relativamente mansos animais domésticos e não iguais ao voraz urso ou leopardo do capítulo 7. Isto parece ser porque, no que se refere a Israel, ambos foram relativamente mansos a maior parte do tempo. Quanto ao relacionamento de um para com o outro, foram Viciosos (veja Ez. 34:17 e contexto, também Zc. 10:3). Conforme os metais da imagem se tornavam progressivamente mais fortes, assim o bode é mais forte do que o carneiro. O ímpeto destro dos exércitos de Alexandre está predito na última parte de Dn. 8:7. Seu pequeno e rápido exército, com sua devastadora formação em falanges, varreu a Ásia Menor, a Síria, o Egito e finalmente a Mesopotâmia (334-331 A.C). Depois disso seus exércitos avançaram na direção leste para a Índia, e então voltou-se novamente para o oeste.

**8.** Alexandre morreu com trinta e três anos de idade, de febre e excessos alcoólicos, na Babilônia. Nos vinte anos subseqüentes, suas vitórias foram divididas por quatro de seus sucessores militares. Duas das divisões resultantes – o Egito sob os Ptolomeus (o último dos quais foi a formosa Cleópatra) e a Síria sob os Selêucidas, os históricos reis do Sul e do Norte, respectivamente – são de importância na qualidade de vizinhos dos judeus. Eles se destacam de maneira especial no cap. 11.

**9-14.** Estes versículos predizem o triste conflito dos judeus, na segunda metade do segundo século A.C. (depois do seu regresso do exílio), com Antíoco IV, o rei selêucida, chamado *Epifânio* (o "Magnífico") pelos amigos, e *Epímanes* (o "louco") pelos inimigos. Muitos intérpretes evangélicos vêem aqui um tipo do Anticristo e o seu conflito com Cristo e o Seu povo no rural dos tempos. É possível que seja (veja abaixo). Os 2.300 dias são literalmente, **manhãs-e-tardes**, isto é, os holocaustos das manhãs e das tardes, e assim se referem na realidade a apenas 1.150 dias. Parecem se referir ao período de 168-165 A.C. quando o Templo foi profanado pelos sacrifícios pagãos.

**3) Interpretação das Visões. 8:15-26.**

**15, 16. Gabriel** significa *herói de Deus*. (Veja 9; 21; 10; 13; Lc. 1:19. Cons. Dn. 7:16 e observações.)

**17, 18.** Que um homem de caráter tão íntegro quanto o de Daniel pudesse reagir assim demonstra o abismo moral que separa Deus e os seres santos do céu do restante da humanidade. Veja também 10:9, 15, 17; Êx. 3:6; Is. 6:5; Ez. 1:28; Atos 9:3, 4; Ap. 1:17. Daniel tinha motivos para temer a morte (veja Êx. 33:20; Jz. 13:22).

**19.** Os termos, **ira** e **fim** (cons. 11:36), sugerem que aqui temos mais do que a história nos conta de Antíoco e os Macabeus. Esta observação dá apoio à interpretação típica acima sugerida. Não é incomum que se combine um ponto de vista literal, aproximado com um típico, distante dentro do escopo de uma profecia particular.

**23-26.** Esses versículos acrescentam detalhes específicos ao retrato de Antíoco. Os judeus dificilmente deixariam de reconhecê-lo quando aparecesse. Esta profecia pode muito bem ter sido o próprio meio divino usado para sustentar os fiéis através daqueles dias difíceis. Hebreus 11:34-37 comemora o seu heroísmo.

**4) Conclusão Histórica.**

**8:27. Enfraquecerá.** Literalmente, exausto. Mais tarde regressou ao trabalho, evidentemente meditando no que vira.

**Daniel 9****B. A Profecia das Setenta Semanas: o Futuro de Israel no Plano de Deus. 9:1-27.**

Esta profecia é única nas Escrituras em que realmente estabelece uma espécie de horário para os acontecimentos futuros. O que mais se aproxima dela é a profecia de Jeremias sobre os setenta anos (veja abaixo). A tabela conta os acontecimentos no futuro dos israelitas. Após dedicar um pouco de atenção ao cenário histórico (vs. 1, 2), Daniel prossegue falando de um período intensivo de oração (vs. 3-19), seguido

da chegada de um mensageiro angélico podador da profecia (vs. 20-23). A importantíssima profecia sobre as setenta semanas está no final (vs. 24.27).

### 1) O Cenário Histórico da Profecia. 9:1, 2.

**1. No primeiro ano de Dario.** Isto é, 539-538 A.C. sessenta e sete anos depois de Daniel ter sido levado no verão de 605 A.C.; cerca de cinquenta e nove anos do começo do cativeiro do Rei Jeoaquim (II Cr. 36:9, 10; Ez. 1:1 e segs.); um pouco menos que cinquenta anos a partir da destruição final de Jerusalém em 586 A.C. Isto explica o interesse de Daniel em Jerusalém (Dn. 9:2). Ele imaginou que o tempo já estava sendo contado. **Constituído rei sobre o reino dos caldeus.** Daniel não o confunde com Ciro. Ele não era constituído rei sobre o império medopersa, mas apenas sobre a Babilônia.

**2. O número de anos.** A referência parece ser a Jr. 25:11, 12, que diz "quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei de Babilônia". Esse rei já fora punido; por isso Daniel sabia que já era o momento das **assolações de Jerusalém** terem um fim. **Setenta** é um número redondo; era na realidade sessenta e oito. Com. Lc. 21:26.

### 2) A Oração Exemplar de Daniel. 9:3-19.

Na apreciação de um poema, uma peça, ou uma pintura, o maior valor se encontra quando aceitamos simplesmente a criação como um todo. Do mesmo modo a oração de Daniel deve ser estudada como um todo. A oração foi um meio providencial para a reafirmação do que já estava determinado (veja Is. 42:24, 25; 43:14, 15; 48:9-11; Jr. 49:17-20. Cons. Jr. 50:4, 5, 20). Os nomes da Divindade que foram empregados são significativos. Daniel faz Deus se lembrar de que tanto Jerusalém (Dn. 9:18) como os judeus (v. 19) **são chamados pelo teu nome**. Ele se dirige ao Senhor como o Senhor Deus (*Adonay* e *Elohim*, v. 3) e SENHOR Deus (*Yahweh Elohim*, v. 4). Veja um dicionário bíblico com referência aos nomes de Deus. O conceito que Daniel tinha de Deus



indica um equilíbrio entre o Deus grande e temível (v. 4; cons. Is. 6:1 e segs.) e um Deus de misericórdia e perdão (v. 9; cons. Êx. 20:5, 6).

Os problemas de interpretação aqui não são difíceis. Observe que luz este versículo lança sobre a oração (Mt. 6:5-15; Lc. 11:1-13). Observe: 1) A oração de Daniel foi *persistente*, não desesperada (Dn. 6:1-10; cons. 9:1-3). Em sessenta e oito anos de espera, o profeta não perdeu a esperança. 2) Ele tinha *determinação* (v. 3; cons. Lc. 9:15). 3) Ele foi *importuno* (Dn. 9:3. Veja também Mt. 9:27; 15:22; 17:15; 20:30, 31. Com. Lc. 16:24; 17:13; 18:38, 39). 4) Ele demonstrou *humildade*. Observe como ele se associou com o seu povo em seus pecados (com. Lc. 18:10-14; II Co. 12:7). 5) Ele fez *confissão* (esp. Dn. 9:4, 5. Cons. Sl. 32:5; 51:4; Tg. 5:16). 6) Ele deu mostras de *submissão* (Dn. 9:14) e envolveu-se em 7) *petição* e 8) *intercessão*.

Tal como Moisés (Êx. 32:10-14; cons. Ez. 14:14, 20), Daniel, no papel de intercessor, argumentava com o Todo-Poderoso, sobre diversos assuntos: 1) O povo de Deus constituía um opróbrio entre os pagãos (Dn. 9:16). 2) A misericórdia de Deus era notória (v.18). 3) A reputação de Deus estava em jogo (v. 19).

### **3) O Mensageiro Angélico da Profecia. 9:20-23.**

Importante à continuidade do livro é o fato de que através da segunda metade de Daniel o revelador é o mesmo indivíduo (cons. 7:16, 23; 8:16; 9:21; 10:5 e segs. e comentários). Observe também que aqui está uma resposta imediata à oração, enquanto que no capítulo 10 há uma resposta bastante atrasada, ambas dentro da vontade e plano de Deus.

### **4) A Grande Profecia das Setenta Semanas. 9:24-27.**

(Para um exame mais detalhado, veja R.D. Culver, *Daniel and the Latter Days*, págs. 135-160).) Esta profecia é mencionada por Josefo: "Cremos que Daniel conversou com Deus; pois ele, além de profetizar o futuro, como os demais profetas, também determinou a hora do seu cumprimento" (*Antiq.* X. xi. 7). Jerônimo relata as interpretações cristãs

correntes em seu tempo. São variadas como as nossas hoje em dia, sendo que naquele tempo, como atualmente, todos sentiam que a profecia se referia a Cristo. Pelo menos um escritor (Hipólito) achava que a profecia atingia o tempo do Anticristo no final dos tempos conforme declarado e defendido neste comentário (*Comm. on Daniel* de Jerônimo, tradução Archer, pág. 103. Veja também Froom, *The Prophetic Faith of the Fathers*, 1, 277. Hipólito, "Treatise on Christ and Antichrist", *Ante-Nicean Fathers*, V, 213).

**24. Setenta semanas estão determinadas.** A palavra hebraica para semanas (*shabu'im*), "setes", significa "setes" de anos. Esta interpretação era comum na antiguidade. Daniel estava pensando em um múltiplo de "sete" de anos (9:1, 2; cons. Jr. 25:11, 12). Ele sabia que esse múltiplo (setenta anos) seria uma época de juízo por 490 anos de sábados violados ( $490 \div 7 = 70$ . Veja II Cr. 36:21). Além disso, havia um simples "sete" de anos usado nos ajustes de contas civis e religiosos (Lv. 25, esp. v. 8) também chamado de "semana" como o grupo de sete dias.

Ainda mais, quando se referia a semanas de dias (Dn. 10:2, 3) o termo hebraico para "dias" (*yamim*) era acrescentado às "semanas" (*shabu'im*). Isto aparentemente indica uma alteração no uso do cap. 9. Mais importante ainda é que, se qualquer significado literal for acrescentado às semanas, nenhum período menor que as semanas de anos preenchem as exigências do contexto. **Sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade.** O povo é o dos judeus; a cidade é Jerusalém.

"Traduzi aqui *a/* por sobre . . . a fim de me aproximar o mais possível da verdadeira idéia do hebraico; pois *a/* freqüentemente designa a idéia de *sobre* no sentido do que é um fardo, ou é usado num sentido hostil de acordo com o léxico . . . Aqui isto está explícito. As setenta semanas compreendiam um fardo especial, as provações, as dificuldades, através das quais Israel devia passar, antes que o Grande Libertador pudesse fazer o Seu aparecimento, ou na linguagem do restante do versículo, antes que o pecado fosse completamente subjugado ou expiado, e a justiça fosse introduzida na medida plena geralmente profetizada" (Stuart, *Commentary*, pág. 268).

É este fato, a referência Jerusalém-judeus da profecia, que torna improvável qualquer das interpretações mais amplas de "Igreja" e "redenção".

Seis realizações de 490 anos são preditas:

1) **Cessar a transgressão.** "Cessar" (heb. *lekalle'*) significa "completar", não "expiar", como às vezes se sustenta. O tipo de transgressões que Daniel estivera confessando em nome do seu povo tinha de chegar ao fim. Isto, contudo, só aconteceu dois milênios e meio mais tarde.

2) **Dar fim aos pecados.** Literalmente, *selar*. Esta palavra (como em Jó 9:7; 37:7) significa colocar sob controle. Cons. o selamento da prisão de Satanás para contê-lo (Ap. 20:1-3).

3) **Expiar a iniquidade** (*lekap-per 'awon*). A reconciliação do Calvário será novamente efetivada para o povo de Daniel, "naquele Dia" do segundo advento do Messias, quando eles olharem para Ele, "ao qual traspassaram" (Zc. 12:10; cons. Ap. 1:7) e em arrependimento crerão nEle (Jr. 50:4, 5, 17-20).

Os três primeiros itens da realização são negativos. Os três restantes são positivos:

4) **Trazer a justiça eterna.** Isto se efetuará pela transformação moral interior (Jr. 31:33, 34).

5) **Para selar a visão e a profecia** (heb. *profeta*). Quando o povo deixar de pecar, os oráculos disciplinares já não serão mais necessários (Jr. 31:34).

6) **Ungir o Santo dos Santos** (*o lugar santíssimo*). A maioria dos comentaristas até mesmo muitos amilenialistas (por exemplo, Keil e Leupold), para os quais esta passagem é um tanto embaraçadora, acham que isto se refere a um Templo renovado, ungido como o Tabernáculo de outrora, seguindo-se aos resultados enumerados nas cinco promessas precedentes (veja Ez. 40:1-7; Is. 4:2-6). A natureza da adoração em tal templo é problemática tendo em vista o fim do sistema ritual (veja

Epístola aos Hebreus; Cl. 2:14-17). Mas este problema não deveria interferir com a aceitação desta predição.

**25. Desde a saída da ordem para restaurar.** Embora o decreto fosse feito no céu, seria manifestado na terra em algum edito humano permitindo a volta e a restauração. O ponto de vista preferido é o de Africano (segundo e terceiro séculos) que afirma que isto se refere ao decreto de Artaxerxes, o Longímanso (465-423? A.C.) feito em 445-444 A.C. (Ne. 2). A linguagem de Daniel se encaixa melhor aqui do que no decreto de Ciro (Is. 44:28, no contexto; Esdras 1:1-4). **Até ao Ungido, ao Príncipe.** As opiniões são unânimes de que este é Cristo nosso Senhor. *Messias* é a palavra hebraica para **ungido**, traduzido *Christos* no grego e transliterado *Christus* para o latim, do qual derivamos "Cristo". Algumas apresentações oficiais, tais como a do seu batismo e o começo formal do seu ministério, ou sua entrada triunfal, parecem estar preditas.

**Sete semanas; e sessenta e duas semanas.** Esta tradução traduz melhor o hebraico e tem o peso de séculos de tradição e tradução cristã a apoiá-la. O raciocínio e as evidências apresentadas pela RSV, que traduz esta cláusula quase incompreensivelmente, é mais obscura, embora o efeito – fazer o foco profético recair sobre Antíoco e não sobre Cristo – é bastante claro. A Versão Berkeley não é melhor. Ambas parecem destruir a referência essencial a Cristo neste versículo.

Na realidade, 7 mais 62 são 69;  $69 \times 7 = 483$ . De 444 A.C. até 30 d.C., O período geral do ministério de Cristo é de 470 e mais alguns anos – tão próximo dos 483 especificados que, sem mais sutilezas a correspondência é bastante convincente – e tão precisa em proporção quanto os 70 anos da profecia de Jeremias, realmente apenas cerca de 68 anos. Visto que Cristo se apresentou oficialmente como o "Príncipe-Messias" apenas uma vez (Zc. 9:9; cons. Mt. 21:5. Compare Mt. 16:20; Lc. 9:20, 21) no começo desta última semana os intérpretes que favorecem a Entrada Triunfal no final das 69 semanas parecem estar na trilha certa.

A obra de Sir Robert Anderson, *The Coming Prince*, que procura reduzir a profecia à precisão matemática, é a mais convincente. Contudo, à vista do atual estado dos estudos neotestamentários em relação à cronologia da vida de nosso Senhor e especialmente à data da crucificação, aceitar este ponto de vista é assunto arriscadíssimo. As evidências de Anderson para o término *a quo* e *ad quem* são ainda mais respeitáveis mesmo se a sua matemática não for considerada como prova de inspiração absolutamente demonstrativa.

**26. Depois das sessenta e duas semanas.** É mais importante observar que certos acontecimentos são ditos serem depois (heb. *we'aherê*) das sessenta e duas semanas (mais, é claro, as sete, ou sessenta e nove ao todo). A palavra hebraica não significa "então" ou "naquele tempo" como algumas outras palavras (cons. 12:1). Como também a profecia não coloca de forma alguma o próximo acontecimento na septuagésima semana. Ela a coloca depois da sexagésima nona.

**Será morto o Ungido, e já não estará** (ou, *e nada terá*, ASV); **e o povo de um príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário.** Quase todos os intérpretes evangélicos concordam que esses dois acontecimentos, a morte do Messias (**Ungido**) e a destruição do santuário referem-se à crucificação de Cristo e à destruição de Jerusalém pelos romanos. Esses dois acontecimentos estão separados por um período de aproximadamente quarenta anos (29-60 d.C.). Contudo, na ordem literária da passagem, ambos se encontram **depois** da sexagésima nona semana e *antes* da "última semana" final mencionada no versículo seguinte. Assim a própria sintaxe, gramática e significado das palavras indicam uma interrupção na sucessão das setenta semanas.

Outras importantes razões para se supor a existência de um intervalo aqui são:

(1) Jesus colocou a semana culminante, com sua "abominação", no período final do Anticristo, exatamente antes de Sua segunda vinda (Mt. 24:15).

(2) Daniel 7:25, que descreve o que parece ser os mesmos acontecimentos de 9:27, a septuagésimo semana, é certamente uma profecia do Anticristo final.

(3) O período de três tempos e meio ou anos (a segunda meia semana do v. 27) é geralmente mencionado em outras passagens das Escrituras e sempre num cenário escatológico (Ap. 11:2, 3; 12:6, 14).

(4) As seis coisas a serem realizadas nas setenta semanas (veja Dn. 9:24 e comentários) exigem o segundo advento de Cristo e a restauração e conversão de Israel.

Estas considerações demonstram que a idéia de um intervalo entre as semanas a esta altura é questão de exegese. Considerações teológicas não estão envolvidas de maneira direta. O autor não é de opinião que a Igreja seja uma simples compensação provisional lançada nesse hiato ou intervalo. Tanto os teólogos "dispensacionais" como os "reformados" que seguem a linha presbiteriana encontram, sem dúvida, mais material nesta profecia do que realmente existe. Vamos ficar com o que a passagem declara. C.F. Keil (*Commentary*, in loco) está certo em afirmar que diz-se que o príncipe virá (*habba'*) porque já foi apresentado e discutido na profecia do capítulo 7 como o Anticristo final. Os romanos que destruíram Jerusalém (70 d.C.) eram o seu povo porque eles e ele pertencem ao quarto estágio (o romano) do império mundial (caps. 2 e 7).

**27. Ele fará firme aliança com muitos por uma semana.** A linguagem (*hîgbîr*, de *gabar*, "ser forte") não significa uma confirmação de uma aliança mas a causa de uma firme aliança. *E ele prevalecerá* é uma excelente tradução. O mais natural antecedente para **ele**, o sujeito da cláusula, é o "príncipe" perverso do versículo 26. Esta é a palavra mais próxima na concordância gramatical e se encaixa no sentido. Os **muitos** aqui, como também em outras passagens, é uma referência ao povo hebreu, o assunto em discussão através de todo o capítulo 9 (cons. vs. 2, 12, 18, 19, esp. 24, "teu povo . . . , tua santa cidade"). Evidentemente a aliança será feita entre o Anticristo e Israel quando os judeus voltarem a

sua terra nos últimos tempos. A natureza exata da aliança é desconhecida.

Os acontecimentos maus e destrutivos descritos no restante do versículo deveria ser interpretado como um resumo informativo relativo ao "tempo da angústia de Jacó" final (Jr. 30:7 e contexto) apresentado mais detalhadamente em Dn. 12:1 e segs.; II Ts. 2; Ap. 13; 14; e outras passagens.

### **C. A Visão Final: Israel Através dos Séculos e na Consumação nas Mãos dos Inimigos e nas Mãos de Deus. 10:1 – 12:13.**

#### **Daniel 10**

Os três últimos capítulos de Daniel constituem uma unidade profética. As "datas" de 11:1 e 12:1 não anunciam novos oráculos, como as informações similares no começo de outros capítulos.

O capítulo 10 é o registro de uma visão introdutória, correspondente na estrutura da seção com os dois primeiros versículos do capítulo 9. O capítulo 11, até o versículo 35, trata de acontecimentos há muito passados que transpiraram principalmente no período grego depois da morte de Alexandre e culminaram com a perseguição dos judeus por Antíoco Epifânio. De 11:36 até o fim do capítulo 12, a predição é dos eventos relacionados com o fim dos tempos.

Através de toda esta seção, Daniel está preenchendo com mais detalhes o quadro pincelado nas suas primeiras profecias. Capítulo 2 nos deu o esboço principal; capítulo 7 reforça-o de um outro ponto de vista, ampliando a etapa final do fim dos tempos do quarto reino e o reino do Messias, o futuro dos Hebreus ("santos" ou "povo santo") é meramente introduzido. Capítulo 8 nos dá mais detalhes do estado dos judeus no período da Média-Pérsia e Grécia, dando ênfase a Antíoco Epifânio e o conflito dos Macabeus. O capítulo 9 apresentou um esboço de todo o futuro de Israel e Jerusalém. Agora este oráculo final, os capítulos 10 a 12, preenche os detalhes do futuro de Israel, concentrando-se no período

do Anticristo e na questão relacionada com "as últimas coisas": a Grande Tribulação, a ressurreição dos mortos, as recompensas e castigos finais.

Estes capítulos finais também tratam do maravilhoso ponto culminante na experiência do crescimento espiritual atingido pelo profeta de Deus. Primeiro, ele apenas interpretou o sonho de outrem através de um sonho seu (cap. 2). Mais tarde ele interpretou outros sonhos e experiência de Nabucodonosor e Belsazar (caps. 4 e 5). O capítulo 7 conta suas próprias visões – experiências espirituais verdadeiramente grandes. A história do capítulo 8 trata de um "arrebatamento" espiritual, através do qual ele recebeu, em uma terra longe do lar, uma visão do futuro que afetaria a sua nação. Logo a seguir trata de uma visão verdadeiramente física do anjo Gabriel no quarto do próprio Daniel. Agora o profeta vê com os seus olhos alguém parecido com o próprio Filho de Deus em sua presença física.

### **1) As Circunstâncias da Revelação. 10:1-4.**

1. A data explica o pranto de Daniel. No terceiro ano de Ciro o trabalho da restauração do Templo (Esdras 1.3) foi interrompido (Esdras 4: 4, 5).

2, 3. Estes versículos mostram que a idade avançada pode ser um período de intensa atividade e realizações espirituais (cons. Lc. 2:36, 37).

Era uma abstinência temporada, não ascetismo (veja Mc. 7:14-23; Atos 10:9-18; I Tm. 4:1-5).

### **2) A Revelação e os Seus Efeitos. 10:5-9.**

Favorecendo a identificação do homem do versículo 5 como sendo Gabriel, o anjo que mais tarde fala com Daniel, está a ausência de qualquer indicação categórica que diga o contrário. Favorecendo a identificação do homem como sendo o Cristo pré-encarnado estão: 1) correspondência de linguagem com 7:13; 2) semelhanças com a visão que Ezequiel teve dEle (Ez. 1:26, no contexto); 3) semelhança com a visão que João teve de Cristo (Ap. 1:12-20); 4) o fato dEle permanecer,



mais tarde na visão, "acima das águas", separado, onde nem mesmo os anjos se atrevem a ficar (Dn. 12: 6); 5) a maneira pela qual os anjos apelaram para Ele em busca de conhecimento superior (12: 6).

O efeito desta visão sobre Daniel deveria fazer-nos cautelosos em buscar ou orar pedindo experiências sobrenaturais fora do comum da presença de Deus além daquelas experiências comumente garantidas aos crentes sinceros.

### **3) O Fortalecimento do Profeta para o Seu Trabalho. 10:10-12, 15-19.**

Sugestões para a vida devocional particular do crente: 1) O temor não é necessariamente prejudicial (compare com Rm. 3:18). "Deus quer que os nossos temores nos sirvam de freios" (Calvino). 2) A oração deve ser fervorosa quando sabemos a vontade de Deus. O anjo apenas confirmou o que Daniel já sabia (cons. I Jo. 5:14). 3) Profunda humildade é uma circunstância concomitante da oração à vista da soberania de Deus. 4) O temor, o fervor, a humildade, devem estar ligados à confiança ou ousadia, pois nós nos aproximamos do nosso Deus em Cristo (cons. "teu Deus" Dn. 10:12). Veja também Hb. 11:6; Tg. 1:6, 7 ; Hb. 4:16. 5) Expectativa. Algo realmente aconteceu.

### **4) O Alcance da Profecia. 10:14. Veja comentários sobre 2:38.**

### **5) Os Conflitos do Mensageiro Angélico. 10:13, 20, 21.**

No mundo do V.T. os homens criam que cada nação tinha o seu próprio Deus especial (por exemplo, Is. 37:38; Dn. 4:8; II Cr. 28:23). Os profetas proclamaram a nulidade dos ídolos. Há, entretanto, em outras porções das Escrituras, informações ocasionais sobre o fato que os maus espíritos, que não devem ser identificados com os ídolos, estavam por trás de todo o engano, tendo nisso prazer e lucro perverso (Ef. 6:11, 12; I Co. 8:4, 5; 10:19, 20; Judas 9; Ap. 12:7; Mt. 25:41). Veja também II Co. 10:3, 4; I Tm. 4:1-4.

**Daniel 11****6) O Futuro Imediato de Israel em Relação às Nações. 11:1-35.**

a) A profecia sobre os Medos e os Persas (vs. 1, 2).

O propósito e a natureza do fortalecimento angélico dado a Dario só pode ser imaginado. Talvez tenha algo a ver com o tratamento benevolente que o rei concedeu aos judeus. **Os três reis . . . da Pérsia** parece que foram: primeiro, Cambises, o filho de Ciro (ascensão em 529 A.C.); segundo, Pseudo-Smerdis, um impostor (embora Olmstead, *History of Persia*, argumente que ele foi um genuíno aquemênida que reinou por pouco espaço de tempo em 522 A.C.); e terceiro, Dario I, ou Histaspes, também chamado, o Grande, (522-486 A.C.), um monarca verdadeiramente grande. O quarto, **mais do que todos**, era, então, Xerxes, conhecido em Ester como Assuero (486-464 A.C.). As guerras de Dario e Xerxes, com as quais os persas enfureceram toda a Grécia, são bem conhecidas dos estudantes da antiguidade clássica e história antiga.

b) A Profecia sobre os Gregos e Alexandre (vs. 3, 4). Veja observação sobre o capítulo 8.

c) Profecia sobre a Síria e o Egito em Conflito Entre Si e com os Judeus (vs. 5-35). Falta de espaço proíbe-nos de nos aprofundarmos em detalhes na correspondência entre a profecia de Daniel e a história do reino selêucida sírio (o rei do norte) e a história do reino egípcio dos Ptolomeus (o rei do sul). A profecia não apresenta um aspecto contínuo; isto é, tem brechas. Nem apresenta um apanhado completo da história egípcia da época. Até mesmo nas porções do V.T, que são chamadas de históricas falta a precisão exigida na história estrita. Não podemos, portanto, esperar que as predições sejam tão precisas quanto a sequência, cronologia, etc., quanto a nossa curiosidade exige.

O **Egito** (v. 8) é mencionado pelo nome de modo a identificar-se como sendo o "rei do sul" (v. 9); mas a Síria (na realidade abrangendo território mais extenso que o da Síria e historicamente não relacionada com o reino do V.T, que leva esse nome) ficou sem ser mencionado. Isto parece acontecer porque o Egito há muito que era conhecido como um reino no tempo de Daniel, mas o reino dos Selêucidas ainda não existia. Se Daniel fosse escrito no segundo século, como alguns críticos defendem, o reino da Síria teria sido certamente nomeado.

No versículo 21 Antíoco Epifânio (175-163 A.C.) é apresentado como um **homem vil**. A perversa perseguição que ele moveu contra os judeus e a profanação do Templo são descritos por uma testemunha contemporânea em I Macabeus, que deve ser lido por todo estudante de Daniel. Sua ação está predita também em Dn. 8:13, e seus atos fornecem um tipo de padrão para aqueles do perverso "príncipe, que há de vir" (Dn. 9:26, 27; cons. II Ts. 2:4, 5; Mt. 24:15-21).

Nos tenebrosos dias de Antíoco só aqueles que conheciam **o seu Deus** (Dn. 11:32) foram capazes de manter as cabeças erguidas sem se envergonharem, sendo capacitados por Deus a permanecerem em atividade. Muitos morreram por causa de sua fé (vs. 34, 35), ensinando a muitos através de sua atitude (v. 33). Seus sofrimentos formaram caracteres fora do comum, com a ajuda de Deus (vs. 34, 35). Foram os separatistas daquele tempo, que se recusaram a partilhar dos vícios pagãos de seus senhores gregos e dos belos aspectos ilusórios de seu ritual e sua religião. Eles constituem o elo principal entre os dois Testamentos, pois seus descendentes espirituais aparecem nos Evangelhos como nome de fariseus (que significa "os separados"). Como é triste saber que seus descendentes afastaram-se de seus verdadeiros princípios! Hebreus 11:34-39 comemora os judeus fiéis daquele tempo de tribulação.

d) A Profecia de Israel em Conflito com "o Rei Voluntarioso" (vs. 36-45). Jerônimo declara que no seu tempo esta porção de Daniel era

aplicada ao Anticristo pelos "nossos escritores". E até os dias de hoje esta interpretação é a que prevalece. Damos abaixo as principais razões para defendermos que a profecia passa de Antíoco para o Anticristo precisamente no versículo 36.

(1) O alcance da profecia (10:14) exige alguma referência escatológica, tornando assim possível esta divisão.

(2) Embora toda a profecia de Daniel até 11:35 possa ser facilmente relacionada com os acontecimentos bem conhecidos da antiga história, essa correspondência não pode continuar além desse ponto.

(3) O versículo 36 menciona um rei cujo período é "a indignação", um termo técnico extraído da literatura profética de Israel, geralmente referindo-as aos acontecimentos escatológicos (por exemplo, Is. 26:20).

(4) As predições inclusas correspondem com bastante precisão às profecias reconhecidas do Anticristo final (cons. II Ts. 2:4 e segs.; Ap. 13; 17).

(5) Uma brecha literária natural aparece antes de Dn. 11:36.

(6) O rei voluntarioso é um elemento novo, separado dos outros dois reinos cuja história está sendo examinada até o versículo 35.

(7) De força decisiva é a ligação com a Grande Tribulação, a ressurreição dos mortos e as recompensas finais, etc. (12:1-3), fornecida pelas palavras "nesse tempo" (heb. *ûbe'et hahî*, 12:1). O tempo desses acontecimentos escatológicos é o tempo dos acontecimentos da parte final do capítulo 11.

**36.** Este rei é o mesmo "filho da perdição" (II Ts. 2:3, 4), que deve aparecer antes do segundo advento de Cristo (II Ts. 2:1, 2; cons. Dn. 7:11, 25). Sua carreira será curta, durando apenas até a indignação de Deus se desencadear sobre a humanidade no fim dos tempos.

**37. Deus de seus pais** (*elhê 'abatayw*). Embora possa ser traduzida assim, esta frase certamente deve ser interpretada referindo-se ao Senhor Deus de Israel, pois um falso Messias dos judeus dificilmente seria um gentio. "Deus de seus pais" é uma designação familiar para o Senhor. **Desejo de mulheres.** Significado desconhecido. As interpretações

variam desde ídolos femininos até paixões sexuais. (Veja comentários sobre o "pequeno chifre" do cap. 7.)

**38, 39. O deus das fortalezas.** Adoração ao poder militar, como a dos Césares, dos heteus, etc. Os dois versículos descrevem uma fraude monumental, que, embora se proclamasse um deus, secretamente praticava charlatanices com astrólogos, adivinhos, etc. uma situação não de todo incomum na história.

**40. No tempo do fim.** Cons. I Co. 15:24; Mt. 28:20; 13:39. O fim é o fim dos acontecimentos profetizados neste livro – a chegada do reino messiânico para substituir os outros. Daqui para o final das profecias de Daniel, foram focalizados acontecimentos rurais (cons. esp. 12:1, "nesse tempo", etc.). O fim do Anticristo foi apresentado em outra parte (Ap. 19:11 e segs.; Is. 11:4; Sl. 2). Observe que através desta seção este rei voluntarioso não é nem "o rei do norte" nem "o rei do sul", os quais lutam contra ele. Com que nação esses dois oponentes serão identificados é difícil dizer-se ao certo. O Sucesso do Anticristo na guerra é o que se profetiza aqui (cons. Dn. 7:8, 20; Ap. 17:13). Do mesmo modo as máquinas de guerra especiais – redemoinho, canos, cavaleiros, nados – devem ser interpretados em termos de traquinas do futuro. Ele terá armas modernas. Daniel viu a guerra em termos do seu próprio dia, caso contrário não os teria entendido.

**41.** Aqui há uma descrição de um ataque à Palestina. Talvez deveria ser ligado com a quebra da aliança do Anticristo (Dn. 9:27). No seu fracasso de tomar Edom, Moabe e Amom, veja Is. 11:14. **Muitos.** No hebraico não se encontra a palavra "países" após muitos.

**42-44.** A coincidência desta seção com os acontecimentos que prepararam o caminho à II Guerra Mundial, especialmente o começo da carreira de Mussolini, é surpreendente. Mas o fracasso da história em justificar a interpretação profética daquela década deveria desencorajar outras identificações prematuras com os poderes contemporâneos. Isto é certíssimo: haverão pelo menos três fortes poderes nacionais

contemporâneos como o Anticristo, o rei "romano". Eles se da "do norte" (v. 40), "do sul" (v. 40), **e do oriente** (v. 44).

45. Evidentemente na Palestina, querendo acabar com o perene problema dos judeus, procura acabar com os próprios judeus, e aí encontra o seu fim (Zc. 12:1-14; cons. Joel 3:16; veja também Zc. 14; Ap. 14:17-20; 19). Tregelles (op. cit.) aplica Is. 14: 14 e Ez. 28 à queda deste homem. G.H. Lang (*Histories and Prophecies of Daniel*) aplica Ez. 38 e 39 neste ponto.

## Daniel 12

e) Profecia Relativa à Grande Tribulação de Israel (12:1). Veja Jr. 30:4-11. **Neste tempo** (cons. coment. sobre Dn. 11:36). Exatamente quando se desenrolam os acontecimentos de 11:36-45. **Miguel**. Veja Ap. 12:7; Js. 5:13-15; II Rs. 6:15-17; Is. 37:35, 36; Mt. 26:53. Este é o período da angústia de Israel. Toda a referência que lhe é feita usa a linguagem superlativa (cons. também Mt. 24:21). É um castigo providencial através das perversas mãos do Anticristo preparando a vinda do Messias (cons. Jr. 30; 31; Ez. 20:33-38. Veja R. Culver, *Daniel and the Latter Days*, págs. 69-76). Embora seja especialmente a **tribulação** de Israel, é um tempo de *indignação* divina sobre toda a terra igualmente; portanto outros sofrerão também (Is. 26:20; Dn. 11:36; Ap. 16:10).

f) Profecia referente à Ressurreição dos Mortos (v. 2). Como o restante da profecia, este versículo relaciona-se com os israelitas. Considerando que a Escritura nada diz sobre uma ressurreição especial para Israel, a "primeira ressurreição" predita em Ap. 20:6, incluirá este grupo. Daniel 12:2 refere-se apenas ao Israel **justo**. Outras passagens que falam de três estágios na ressurreição (a de Cristo, a dos santos, a do restante dos mortos) são I Co. 15:20-24 (veja R. Culver, "A Neglected Millennial Passage from St. Paul", *Bibliotheca Sacra*, Abril, 1956; C.F.

Kling, trad. de D.W. Poor sobre I Co. 15: 20.24 em *Lange's Commentary*) e Ap. 20. Veja também João 5:28, 29 ; Atos 24:15.

Que esta passagem descreve uma ressurreição seletiva é assunto pacífico não somente entre muitos mestres premilenialistas, mas também entre alguns amilenialistas (por exemplo, Keil). Veja R. Culver, *Daniel and the Latter Days*, págs. 172-176; Tregelles, *Remarks*, in loco.

g) Profecia Relativa às Recompensas Finais (v. 3). **Sábios.** Veja 11:33, 35; 12:10. Cons. Pv. 11:30; I Co. 9:19; Tg. 5:20; I Pedro 2:19-25; 4:12-16. Veja também I Co. 3:19-23; 9:25; II Co. 5:8-10; Fp. 4:1; I Ts. 2:19; II Tm. 2:5; 4:8; Tg. 1:12; I Pedro 5:4.

h) Profecias Finais e Instruções (vs. 4-13).

**4. Encerra as palavras e sela o livro.** Nenhuma referência ao obscurecimento do significado. Uso paralelo indica que está relacionada com a proteção e autenticação da mensagem. Veja uma concordância. **Muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará.** Os olhos das pessoas percorrerão a profecia e a compreensão aumentará. Está se tratando da disposição do livro e o seu futuro.

**5.** Daniel (como os apóstolos, Atos 1:3-6) sabia que a revelação estava se aproximando do fim. Ele ficou imaginando quando todos esses acontecimentos teriam lugar (cons. Atos 1:7,8). **Outros dois.** Duas figuras angélicas, uma das quais deve ter sido o Gabriel das visões anteriores.

**6. Sobre as águas.** Aqui o abismo que separa as criaturas (anjos) do Criador aparece na visão. O homem vestido de linho parece ser o próprio Filho de Deus pré-encarnado (cons. Ap. 1:13-20), observe que as últimas questões se referem a ele.

**7.** A consumação terá lugar quando os três tempos e meio (3 anos e meio; 1.260 dias, 42 meses) tão freqüentemente mencionados nas profecias anteriores de Daniel tiverem se esgotado. Este versículo é base importante para sustentar a interpretação futurista não só de Dn. 9:27 (a septuagésima semana), mas das porções principais do Apocalipse. A

última metade das semanas de anos é um aspecto importante na profecia, porque nela se realizam os principais acontecimentos da consumação. A majestosa cena do juramento reaparece no Ap. 10:5-7. Observe que o centro do interesse profético ainda é o precioso **povo santo** de Deus (e de Daniel).

8. Daniel ainda não era um ás da interpretação profética. Não pode haver um especialista em profecias até que estas se transformem em história (cons. Jo. 2:22).

9. Veja coment. sobre o versículo 4.

10. Veja Sl. 19:7.

11. Este versículo leva a profecia do meio da septuagésima semana de Daniel 9 até os primeiros trinta dias do Milênio que vem a seguir, talvez o fim de algum período de "operação de limpeza".

12. Isto leva a profecia sessenta e cinco dias além do fim da "semana". Será que atinge o pleno estabelecimento do reinado do Messias depois de sessenta e cinco dias de operação preliminar inicial? O Milênio, se for uma verdadeira administração do governo celeste na terra de maneira visível, exigirá tempo para o processo administrativo começar a operar.

13. **Tu, porém, segue o teu caminho até o fim; pois descansarás, e, ao fim dos dias, te levantarás.** Um homem com a avançada idade de Daniel não pode vestir uma roupa especial e subir até a colina mais próxima para aguardar a vinda do Senhor. E nós também não. Antes, todos devemos como Daniel, servir fielmente até o fim.

Vamos, pois, estar de pé e agindo  
com o coração preparado pra lutar –  
Ainda realizando, ainda persistindo,  
Aprendendo a viver e a esperar.

– Longfellow.

**Pois descansarás.** À luz do restante da Bíblia, estas palavras significam simplesmente que Daniel, como todo crente verdadeiro, encontrará um tipo real de repouso na sepultura (cons. Is. 57:2), seu



espírito se regozijando na presença de Deus, onde ele veria a sua face (Ap. 22:4; Lc. 16:19-22). O estado intermediário, isto é, o período entre a morte e a ressurreição, não é nenhum purgatório doloroso, como a Igreja Romana ensina, nem um estado de sono inconsciente do corpo e alma. É antes "partir e estar com Cristo" (Fp. 1:23), "no paraíso" (Lc. 23:43). É um período de descanso, como lemos aqui, no seio de Abraão (Lc. 16:22) e um período de conforto (Lc. 16:25).

**E ao fim dos dias ... para receber a tua herança.** Nem Daniel nem qualquer outro santo jamais ficará perdido no "campo de batalha do mundo, no bivaque da vida" – antes ele se *levantará* na glória da ressurreição. Semeados em corrupção, colhidos em incorrupção; abatidos em desonra, elevados em honra; humilhados em derrota, exaltados em vitória; sepultados em tristeza, ressuscitados em alegria, nós nos levantaremos para receber a nossa **herança**. Há uma "coroa de justiça" guardada e que o Senhor nos dará naquele dia.

Com esta calma nota de alegria sem medida, o livro de Daniel chega ao fim.

# OSÉIAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	

## INTRODUÇÃO

**O Autor.** Nosso conhecimento sobre a vida de Oséias, o filho de Beerí, vem exclusivamente do livro que leva o seu nome. Ele profetizou para o Reino do Norte (Israel, ou Efraim), durante o período em que Isaías estava profetizando em Judá (1:1; cons. Is. 1:1). Outro contemporâneo, Amós (Amós 1:1), era nativo de Judá que profetizou em Israel. Oséias foi, entretanto, o profeta que escreveu para o Reino do Norte, o seu próprio povo. Falando-lhes com o coração partido, ele profetizou seu exílio iminente (Os. 3:4). Sua visão profética olhava além do exílio para a sua restauração, quando um povo castigado reconheceria novamente as reivindicações exclusivas do Senhor (3:5). Desde que a queda de Samaria não foi mencionada como fato consumado por Oséias, crê-se que ele ministrou principalmente antes de 722 A.C. A maior parte do seu ministério profético aconteceu durante o quarto de século entre 750 a 725 A.C. Que ele viveu e profetizou até o período de Ezequias (começando em cerca de 715 A.C.) está comprovado em 1:1.

**O Casamento de Oséias.** A infidelidade de Israel para como Senhor está descrita por Oséias em termos de uma esposa que voltou as costas para o marido fiel a fim de ir atrás de amantes indignos. A imagem foi extraída da experiência do próprio Oséias, pois 1:2 nos fala que o Senhor falou a Oséias dizendo: "Vai, toma uma mulher de

prostituições". As muitas interpretações dessas palavras estranhas encaixam-se principalmente em três categorias:

(1) Alguns sugerem que as palavras têm a intenção de apresentarem uma alegoria destinada a transmitir a lição espiritual da infidelidade de Israel, e que Oséias na realidade não contraiu tal casamento. Entre os mestres que defendem este ponto de vista estão Calvino, Keil, von Hoonacher, Reuss, Gressman, Robert Pfeiffer e E.J. Young.

(2) Alguns insistem que Oséias realmente se casou com uma mulher que ele sabia ser prostituta, talvez uma prostituta ritual. T.H. Robinson e T. Laetsch defendem este ponto de vista.

(3) Muitos defendem que Oséias casou-se com uma mulher que ele julgava ser pura e que mais tarde ficou sabendo de sua infidelidade. De acordo com este ponto de vista a expressão "mulher de prostituições" (1:2) foi usada por antecipação. Quando escreveu o livro, Oséias viu que Deus realizara um casamento que, do ponto de vista humano, estava marcado por tragédia sem atenuantes. Com grandes esperanças, Oséias casou-se com Gômer, só para constatar sua tendência para o adultério. A separação se seguiu e 2:2 contém praticamente uma fórmula de divórcio – "ela não é minha mulher, e eu não sou seu marido". O amor de Oséias foi persistente mesmo assim e, mais tarde, ele tornou a se casar com ela (3:1). É uma comparação com o que Deus fez com Israel. Depois de fazer votos de fidelidade à Lei do Senhor, Israel prosseguiu buscando a Baal e aos outros deuses de Canaã até que Deus a rejeitou temporariamente (o Exílio), depois do que Israel castigada retornou ao favor divino na terra de Judá. Este ponto de vista identifica a "mulher" de 3:1 com a "mulher de prostituições" de 1:2. Com algumas variações, Ehrlich Marti, W. R. Harper e G.W. Anderson têm defendido este ponto de vista. Este comentário também foi escrito baseado nele.

**A Época de Oséias.** As profecias de Oséias foram primeiramente enunciadas durante o caótico reinado de Jeroboão II, quando Israel desfrutava de prosperidade externa mas sofria corrupção interna. Os santuários estavam cheios de adoradores (Amós 4:4,5), mas os pobres

eram oprimidos (Amós 4:1) por gente cuja religião era aparente. Durante os prósperos dias de Jeroboão II o juízo parecia coisa remota aos israelitas, contudo logo sentiriam o poder assírio na Ásia ocidental. O ano que se seguiu à morte de Jeroboão, Tiglate-Pileser III subiu ao trono da Assíria (745 A.C.). Por volta de 732 A.C. Damasco foi tomada pelos assírios e uma década depois Samaria, a capital de Israel caiu e o seu povo foi deportado. Amós e Oséias profetizaram durante os anos finais do Reino do Norte, exatamente como Jeremias de Jerusalém profetizou durante as últimas horas da história de Judá.

## ESBOÇO

- I. A vida conjugal do profeta. 1:1 – 3:5.
  - A. Seu casamento com Gômer. 1:1-9.
  - B. Uma mensagem de esperança. 1:10, 11.
  - C. Julgamento de Israel infiel. 2:1-13.
  - D. A restauração de Israel infiel. 2:14-23.
  - E. Oséias redime sua esposa infiel. 3:1-5.
- II. A infidelidade de Israel e conseqüente juízo. 4:1 – 13:16.
  - A. A culpa do povo. 4:1-3.
  - B. A culpa dos sacerdotes. 4:4-8.
  - C. Castigo para todos. 4:9, 10.
  - D. Práticas religiosas imorais. 4:11-19.
  - E. Julgamento dos reis e sacerdotes por desviarem o povo. 5:1-7.
  - F. Política externa desastrosa em Efraim (Israel) e Judá. 5:8-15.
  - G. A desculpa de Israel e a réplica divina. 6:1-6.
  - H. Os crimes de Israel. 6:7 – 7:7.
  - I. A desastrosa política externa de Israel. 7:8 – 8:3.
  - J. A idolatria de Israel e as alianças iníquas. 8:4-14.
  - K. Predição do exílio de Israel. 9:1-9.
  - L. A antiga apostada de Israel em Baal-Peor. 9:10-14.
  - M. A apostasia de Israel em Gilgal. 9:15-17.
  - N. Profetizada a destruição do culto a Baal. 10:1-8.

- O. O pecado de Gibeá. 10:9, 10.
- P. A ruína de Israel. 10:11-15.
- Q. O amor de Deus; a ingratidão de Israel. 11:1-7.
- R. A piedade de Deus por seu povo. 11:1-7.
- S. Os pecados de Jacó. 11:12 – 12:14.
- T. A iníqua adoração de bezerros. 13:1-3.
- U. O Deus gracioso induz a destruição. 13:4-11.
- V. Ruína inescapável. 13:12-16.
- III. A conversão e a renovação de Israel. 14:1-9.
  - A. Chamado ao arrependimento, 14:1-3.
  - B. A promessa de perdão. 14: 4-8.
  - C. Uma advertência derradeira. 14:9.

## COMENTÁRIO

### I. A Vida Conjugal do Profeta. 1:1 – 3:5.

#### Oséias 1

##### A. Seu Casamento com Gômer. 1:1-9.

1. A afirmação de Oséias começa com a afirmativa de que sua origem é divina: **Palavra do SENHOR, que foi dirigida**. A palavra é divina; encontra sua expressão em um instrumento humano – o profeta **Oséias, filho de Beerí**. O nome **Oséias** significa "livramento" ou "salvação". **Beerí**, o pai do profeta, não é mencionado em nenhum outro lugar nas Escrituras, embora desde cedo os escritores judeus o tenham identificado com Beera (I Cr. 5:6), que foi levado para o exílio por Tiglate-Pileser. Oséias profetizou **nos dias de Uzias** e foi contemporâneo de Isaías (cons. Is. 1:1). Isaías, entretanto, viveu em Jerusalém e dirigiu suas profecias principalmente ao Reino do Sul (Judá), enquanto que Oséias profetizou para o Reino do Norte (Israel ou Efraim).

2. Oséias recebeu ordem de se casar com **uma mulher de prostituições** e ser o pai de **filhos de prostituição**. Muitos comentaristas

defendem que ele na realidade não se casou com uma prostituta, mas que a descrição deve ser tomada alegoricamente (veja Introd.). Eles interpretam as palavras de Oséias como a descrição de uma visão que ele teve e não de um acontecimento do qual fosse participante.

Não há nenhuma indicação de alegoria no texto e as palavras parecem realmente descrever a vida conjugal de Oséias. O adultério de sua esposa talvez fosse algo que se desenvolvesse após o casamento com o profeta. Fazendo um retrospecto, Oséias poderia considerar este casamento como coisa providencial ordenada por Deus, pois forneceu a analogia que ele usou ao se dirigir a Israel. O profeta acusa: **a terra se prostituiu**. Assim como a esposa de Oséias provou ser-lhe infiel, Israel foi infiel ao Senhor. O adultério espiritual é uma figura de linguagem extraída do culto à fertilidade dos cananeus, com o seu ritual de prostituição.

**3. Gômer, filha de Diblaim**, era o nome da esposa de Oséias. O nome era comum e não temos base para lhe conceder algum significado alegórico.

**4.** O primeiro filho de Gômer foi chamado **Jezreel**, que significa *Deus semeia*. Tinha significado duplo: 1) Depois que o povo de Israel fosse disperso por causa do pecado, Deus o plantaria ou "semearia" novamente em sua própria terra. 2) Os pecados cometidos no vale de Jezreel por Jeú seriam punidos e Israel experimentada a derrota. O **sangue de Jezreel** é uma referência à tentativa pouco sábia de Jeú de defender a causa do Senhor matando todos os adoradores de Baal (II Reis 10:1-11).

**5.** Em juízo Deus disse: **Quebrarei o arco de Israel**. O arco aqui representa o poder (cons. Gn. 49:24) do Reino de Israel, que logo chegaria ao fim. Um arco quebrado era sinal de impotência.

**6. Desfavorecida.** A filha de Gômer recebeu um nome destinado a dizer ao povo de Israel que não havia possibilidade de misericórdia. Como a "desfavorecida" ela simbolizava a situação angustiosa do Reino do Norte, que pecara contra Deus e estava amadurecida para o juízo.

7. Contrastando com a iminente queda de Israel, Deus disse: **Da casa de Judá me compadecerei.** Israel capitulou diante dos assírios (722 A.C), mas quando Senaqueribe cercou Jerusalém, Deus interveio para salvar a cidade (II Reis 19:35).

9. O segundo filho de Gômer recebeu o nome de **Não-meu-povo.** No Sinai, Israel fizera a aliança de se constituir o povo do Senhor e Ele de ser o seu Deus (Êx. 19:1-7). Repetidas vezes Israel transgrediu a aliança e aqui Oséias profeticamente declara que seria rejeitada. Não seria uma rejeição permanente (cons. Os. 2:3), mas resultaria no Exílio e na destruição do Reino do Norte como entidade política.

### **B. Uma Mensagem de Esperança. 1:10, 11.**

10. De acordo com a promessa (Gn. 15:5, 6) o número dos filhos de Israel seria **como a areia do mar.** Oséias pronunciou o juízo sobre o Israel não arrependido, mas apresenta a promessa da redenção final. O povo, embora dizimado pelo inimigo, seria numericamente reavivado e seria novamente chamado de **filhos do Deus.**

## **Oséias 2**

### **C. O Julgamento do Israel Infel. 2:1-13.**

2. Oséias devia se dirigir a Gômer com as palavras – **ela não é minha mulher, e eu não sou seu marido.** A esposa do profeta separara-se dele, e com o coração partido ele reconheceu que os laços matrimoniais entre os dois tinham sido quebrados. As palavras são reminiscência da fórmula usada no divórcio. Da mesma maneira Deus se dirige a Israel.

3. Ela tinha de abandonar seus adultérios **para que eu não a deixe despida.** Este castigo por adultério é comprovado pelas Escrituras (Ez. 16:38) e pelas tabuinhas de Nuzi na Mesopotâmia setentrional. As palavras aqui se aplicam a Israel, que viria a se tornar uma presa dos inimigos quando fosse abandonada sozinha e nua pelo seu Deus.

5. A esposa de Oséias dissera: **Irei atrás de meus amantes. Conforme ela olhava para os seus amantes**, Israel olhava para Baal e outros deuses cananitas.

7. Depois de passar por desapontamentos, Gômer, tal como Israel, diria: **Irei, e tornarei para o meu primeiro marido**. Nem Gômer nem Israel podia encontrar a satisfação na infidelidade. Deus aqui declara que ele colocou Israel no lugar em que ela veda a necessidade que tinha dele.

8. Deus agita misericordiosamente com o seu povo: **Eu é que lhe dei o grão, e o vinho, e o óleo**. Toda a fartura da terra tinha a Sua fonte no Senhor, mas Israel se esquecera dEle e trilha Suas bênçãos como ponto pacífico. Grão, vinho e óleo eram as bênçãos materiais que Deus concedera à Canaã (Dt. 7:13).

9. Deus, em atitude de disciplina, declarou que reteria o grão. Retirando a bênção, Ele colocaria Israel em situação de se lembrar de sua fonte divina. Baal não tinha o poder de ajudar; e se o Senhor não cuidasse de Israel, ela ficaria faminta e destituída. Assim como o grão era usado para alimento, a **lã** e o **linho** forneciam vestimentas. Israel infiel ficaria nua por ter-se esquecido do Senhor.

10. Em juízo, Deus acrescentou que Ele descobriria **as suas vergonhas**. Literalmente, *suas obscenidades*, isto é, revelaria aos seus amantes o que ela era na realidade.

13. Os **dias de Baalins** eram os dias do pecado, durante os quais Israel se esquecera do Senhor e tornara as práticas idólatras e freqüentemente obscenas uma parte da vida religiosa dos israelitas. Deus não ficava indiferente enquanto o Seu nome era assim profanado.

#### **D. A Restauração de Israel Infiel. 2:14-23.**

14. Com amor Deus diz de Israel: **Eu a atrairei**. Deus diz que com palavras de afeto Ele persuadirá o Seu povo a abandonar os seus ídolos e se alegrar com Ele. Em Canaã Israel rejeitou o seu Deus. Rodeada por outros "amantes" (isto é, Baal e seus ídolos), ela não sentia necessidade



dEle. Deus, entretanto, de clara o Seu propósito de remover o Seu povo da terra de leite e mel e levá-la **para o deserto**, para que possa lhe falar **ao coração**, literalmente. O magoado amante desejava reconquistar o objeto do seu amor. Ele levaria Israel ao deserto solitário, onde ela pudesse lhe ouvir a voz sem se distrair.

**15. Vinhas**, que falam da prosperidade e fertilidade, seriam os presentes de Deus ao Seu povo restaurado. **O vale de Acor** é descrito como **porta de esperança**. Ali, Séculos antes, Acã morrera como perturbador de Israel (Js. 7:25, 26). Só através de Acor, a perturbação, Israel poderia voltar a ter comunhão com o Senhor e suas bênçãos resultantes. Deus restauraria assim **os dias da sua mocidade**. Quando a jovem Israel cruzou o Mar Vermelho, cantava uma canção (Êx. 15:1-19). Ao perder o seu primeiro amor, a canção silenciou; mas Oséias descreve Israel arrependida e restaurada, cantando novamente.

**16.** Israel restaurada se dirigiria a Deus chamando-o de **Meu marido** (literalmente), uma palavra de carinho. *Baali* é um sinônimo de *ishi* (marido), mas contém a palavra **Baal** (*senhor*), o nome de uma divindade cananita. Por causa disto estava associado à idolatria e foi rejeitada por Oséias. Os baalins (v. 18) não seriam mais mencionados pelo Israel restaurado, que então usaria de sinceridade para como seu Senhor.

**18.** As antigas alianças hetéias eram de dois tipos: 1) alianças de paridade, entre iguais; 2) alianças de soberania entre soberano e seus súditos. A aliança entre Deus e Israel era deste último tipo. A aliança bíblica tem alguma coisa da natureza de uma ordenança com as bestas-feras do campo. A própria natureza ficará em paz com o Israel restaurado (cons. Is. 11:1-9). Deus acrescenta: Tirarei desta o arco. As armas dos inimigos de Israel serão quebradas de modo que já não possam mais prejudicar Israel.

**19.** Com amor Deus diz ao Seu povo: **Desposar-te-ei**. Um segundo casamento entre Deus e Israel – depois de sua restauração – foi descrito precedido por um segundo compromisso. Este compromisso será **para**

**sempre**; isto é, não será como o primeiro casamento entre Deus e Israel no Sinai, que terminou em violência. Este compromisso será **em justiça**. O laço entre Deus e Israel não é simplesmente sentimental, mas baseia-se sobre o relacionamento certo. Será também **em juízo**, ou justiça, Opondo-se a arbitrariedades, Deus lidará com o seu povo **em benignidade**. O hebraico *hesed*, uma palavra que destaca a idéia de solidariedade e dependência mútua. Deus lida com o Seu povo de maneira consistente com a sua condição de dependência dEle. Mas também Ele o faz **em misericórdias**, ou compaixão, tomando conhecimento de suas necessidades.

**20.** O compromisso é **em fidelidade**, pois Deus será fiel à Sua afiança, e Seus amados aprenderão a Lhe corresponder.

**21.** Agora Deus pode responder às orações do Seu povo: **Eu serei obsequioso . . . aos céus**, ou *corresponderei aos céus*. Oséias descreve o pedido de prosperidade de Israel como se passasse pelos céus até alcançar o Senhor. A terra não suspirará em vão pelas chuvas dos céus, pois eles ouvirão **a terra**, isto é, os céus serão sensíveis aos rogos da terra ressequida. Toda a natureza opera em harmonia.

**22.** **A terra atenderá obsequiosa ao trigo, e ao vinho, e ao óleo**, os principais produtos da agricultura na Palestina. As necessidades das colheitas são compreendidas pela terra; as necessidades da terra são compreendidas pelos céus; e as necessidades dos céus são compreendidos por Deus. Em linguagem poética Oséias descreve assim o Deus dos céus na posição de fonte final de todas as bênçãos. Deus reage amorosamente a todas as necessidades da terra, regando-a de tal maneira que produza em abundância, o trigo, o vinho e o óleo atenderão então a **Jezreel** (*o Senhor semeia*), aqui representando Israel.

**23.** Logo após Deus acrescenta: **Semearei Israel para mim**. Israel restaurada florescerá como a semente plantada em solo fértil.

### Oséias 3

#### E. Oséias Redime Sua Esposa Infiel. 3:1-5.

1. Oséias recebe a ordem de amar a mulher que lhe voltou as costas por amor de outros. **Ela era amada de seu amigo**, isto é, seu amante. Oséias foi exortado a amar uma **adúltera**, mulher que lhe fora infiel. Ela era como os israelitas, que amavam **bolos de passas**. Eles participavam dos rituais pagãos de Baal que envolviam ofertas de bolos de passas.

2. Oséias resgatou sua esposa da escravidão à qual seu pecado a levava **por quinze peças de prata**. O preço de um escravo era trinta peças de prata (Êx. 21:32). Evidentemente Oséias pagou metade em dinheiro e metade em grão.

3. Como castigo por seus pecados, o profeta declara: **Esperarás por mim muitos dias**. O verbo é às vezes usado no sentido de "viver em reclusão" (Lv. 12:4; Dt. 21:13). Gômer levada uma vida sossegada e reclusa até que Oséias se sentisse livre para tomá-la por esposa. **Assim também eu esperarei por ti** é, literalmente, e também eu por ti. Parece que Oséias está dizendo que Gômer teria de ficar separada dos outros, e que ele não teria relações conjugais com ela durante o período definido por **muitos dias**.

4. A experiência de Oséias com Gômer tinha uma contraparte na experiência divina com Israel, que ficaria **muitos dias sem rei, sem príncipe**. Israel, no exílio, não teria governo civil, mas seria governada por estrangeiros. Ficaria também **sem sacrifício**. O modo e o lugar dos sacrifícios foram particularmente destacados na lei levítica. Israel não teria meios de atender a essas exigências na terra do exílio. **Sem coluna**, literalmente, um objeto de culto usado pelos pagãos mas proibido pela Lei (Dt. 16:22). O exílio de Israel removê-la-ia das tentações familiares de Canaã. **Sem estola sacerdotal**. Era uma parte da vestimenta do sumo sacerdote (Êx. 28: 6-14). O significado da raiz da palavra é, "revestir" e no tempo de Gideão havia uma estola que se transformou em ídolo. **Ídolos do lar** (cons. Gn. 31:19, 34; I Sm. 19:13, 16). Oséias declara que o Exílio seria um período durante o qual os objetos de culto tão queridos dos israelitas, antes do Exílio, seriam removidos.

**5. Depois.** Depois que Israel fosse removida de sua terra, destituída do seu rei e seus cultos idólatras, Deus restauraria a **Davi, seu rei**, isto é, o rei davídico, ou Messias, que governada como o justo rei de Israel (cons. Ml. 3:1). A dinastia seria reavivada nos últimos dias. Literalmente, no *fim dos dias*. A expressão é usada para descrever a era messiânica, o clímax da história, quando o Messias de Deus governará sobre todo o mundo.

## II. A Infidelidade de Israel e Conseqüente Julgamento. 4:1 - 13:16.

### Oséias 4

#### A. A Culpa do Povo. 4:1-3.

1. Israel fora infiel à aliança com o Senhor, resultando em uma **contenda** com ela. Agora Deus atua como querelante e juiz (cons. 12:2; Is. 1). Israel fora culpada de repetidas transgressões, e o profeta declarou que a terra não tinha **verdade** ou fidelidade (*'emet*) nem **amor** ou lealdade para com a afiança (*hesed*), nem **conhecimento de Deus**, no sentido de conhecer ou obedecer à Sua vontade.

2. **O que só prevalece** são atos de violência, e **homicídios sobre homicídios**. Um homicídio levava a outro homicídio, e a trilha de sangue era contínua. A idolatria e os crimes de violência estão intimamente relacionados na idéia de Oséias. Aquele que rejeita o verdadeiro Deus pode ser culpado das mais vergonhosas atrocidades.

#### B. A Culpa dos sacerdotes. 4:4-8.

4. Israel tinha rejeitado as reivindicações divinas e assemelhava-se a um povo que era como **os sacerdotes**, rejeitando o conselho do mensageiro enviado por Deus (cons. Ml. 2:7).

5. O resultado é que Israel tropeçaria de **dia**, quando normalmente os homens podem ver e evitar os abismos. Oséias tinha consciência do fracasso dos líderes espirituais ou profetas (isto é, falsos profetas). Não se apegando à verdade, tropeçariam de **noite**. Tropeçariam nas trevas.

6. O resultado era a destruição de Israel **porque lhe falta o conhecimento**. O povo não conhecia a Deus e os seus caminhos. Não era simplesmente o resultado da negligência mas uma atitude criminosa. Rejeitaram o conhecimento, preferindo resolver os seus problemas buscando falsos deuses e as nações poderosas que os adoravam. Os sacerdotes foram exemplos fracos, levando Israel para a apostasia. Por causa disso foram rejeitados nas palavras: **para que não sejam sacerdotes diante de num**.

7. Os sacerdotes foram altamente respeitados, mas **quanto mais estes se multiplicaram, tanto mais contra mim pecaram**.

8. Os sacerdotes ficaram gananciosos, e o espírito mercenário que prevalecia entre eles se expressa na acusação: **Alimentam-se do pecado do meu povo**. O **pecado** pode se referir à oferta pelo pecado, devido ao fato dos sacerdotes enriquecerem por avidamente se apoderarem das ofertas que o povo trazia ao Senhor. Os filhos de Eli (I Sm. 2:13-17) foram culpados de tais pecados.

### C. O Castigo para Todos. 4:9, 10.

9. O julgamento divino se expressa nas palavras **como é o povo, assim é o sacerdote**. Povo e sacerdotes, todos transgrediram igualmente e devia-se aguardar o julgamento que sobreviria aos dois grupos.

10. Apesar da rapacidade dos sacerdotes, Oséias declara que **comerão, mas não se fartarão**. Não ficarão nunca satisfeitos. A avareza seria castigada com a falta de alimento.

### D. Prática de Culto Imoral. 4:11-19.

11. A **sensualidade, o vinho e o mosto** caracterizam aqueles que rejeitam a palavra de Deus. Oséias declara que eles **tiram entendimento**.

12. Em seu desnorteamento, o povo buscava a ajuda de pedaços **de pau**. Isto é, de ídolos de madeira (cons. Is. 40:19-21; Jr. 2:27). Semelhantemente usavam a **vara**, através da qual os pagãos praticavam a adivinhação, para predizer o futuro.

**13.** Sacrifícios eram oferecidos **sobre os outeiros**, em vez do santuário do Senhor. Cultos de natureza licenciosa caracterizavam os "altos". Isto acontecia debaixo dos **choupos e terebintos**. Os lares dos israelitas seriam contaminados, pois suas **filhas e noras** adotariam as práticas religiosas obscenas do culto a Baal.

**14.** O Senhor declara com ironia: **Não castigarei vossas filhas e esposas (noras)**. Ele enfatiza o fato dos homens serem os piores ofensores e que eles não podem apontar as mulheres como as culpadas.

**15.** Oséias adverte o Reino de Judá a que não imite os pecados de Israel. Judá é aconselhada a não se fazer culpada, literalmente. Ela deve fugir dos santuários de **Gilgal e Bete-Áven** (*Casa de perversidade*, como o profeta chama Betel). Judá devia evitar o juramento – (Como) **vive o SENHOR**. Ser culpada de idolatria enquanto jura pelo Senhor seria um pecado duplo.

**16. Como vaca rebelde se rebelou Israel.** Leia-se, *Israel é teimosa como vaca rebelde*. Rashi comenta: "Como um animal cevado que dá coices, assim Israel encheu-se de gordura e escoiceia". **O SENHOR o apascenta como a um cordeiro em vasta campina.** Antes, *Pode o Senhor apascentá-lo . . . ?* A pergunta é retórica. Uma vaca teimosa é amarrada para que não paste livremente como um cordeiro. Deus tinha de restringir a liberdade de Israel por causa de sua propensão ao mal.

**17. Efraim (Israel) está entregue aos ídolos.** O relacionamento de Israel com os ídolos da terra levou Deus a exclamar: **Deixá-lo**. Isto é o mesmo que dizer: "Que se desvie sozinho". O futuro mostrada se os ídolos podiam ajudar.

**18. Tendo acabado de beber, eles se entregam à prostituição.** Quando se cansam de um pecado, voltam-se para outro. **Os seus príncipes amam apaixonadamente a desonra.** O texto é difícil. A JPS dá: *Seus governantes amam profundamente a desonra*. Cheyne traduz: *Seus escudos estão enamorados da infâmia* (CBSC).

19. Falando do desastre iminente, Oséias acrescenta: **O vento os envolveu nas suas asas.** O vento chega súbito e violentamente, trazendo destruição. Do mesmo modo Israel seria levada para o exílio.

## Oséias 5

### E. O Julgamento dos Reis e Sacerdotes por Desviarem o Povo. 5:1-7.

1. O vocativo, **ó sacerdotes**, faz-nos lembrar que o sacerdócio de Israel fora responsável pelo afastamento do povo para a adoração idólatra nos altos. O rei e seus cortesãos também tinham rejeitado a mensagem dos profetas de Israel; por isso o vocativo seguinte: **ó casa do rei**. Os relicários idólatras em Betel e Dá tinham implicações políticas. Tinham a finalidade de afastar o povo da participação nos cultos do templo em Jerusalém. Oséias cita **Mispa** e **Tabor** como exemplo da idolatria que era praticada por todo o Israel. Havia diversos lugares chamados Mispa (*torre de vigia*). Este é provavelmente Es-Salt em Gileade. Tabor é a bem conhecida montanha da Galiléia (cons. Juízes 4:6; 10:17).

2. **Aqueles que se desviaram**, portanto apóstatas da lei de Deus, são descritos como profundos praticantes de **excessos**. **Aprofundastes**, no contexto, deve ter um sentido literal e não metafórico. A tradução destas palavras tem perturbado os mestres bíblicos desde os tempos antigos. Cheyne sugere: *Os apóstatas aprofundaram-se na corrupção*. Com uma pequena alteração o texto fica assim: "E tornaram profundo o abismo de Sitim". Se esta última é a interpretação certa, Sitim (Nm. 25:1; Js. 2:1; 3:1), tal como Mispa e Tabor, era considerada o centro do culto idólatra. Deus acrescenta: **Eu castigarei a todos eles**. Literalmente, *eu sou o castigo de todos eles*. Se *mûsar* for traduzido como participio hophal, temos: *Fui rejeitado deles todos*. Isto indicaria que a idolatria de Israel resultou na rejeição do Deus de Israel.

3. **Conheço a Efraim**. Neste contexto conheço dá a idéia de familiaridade. O comportamento idólatra de Efraim não era desconhecido por Deus. Ele era culpado de prostituição, afastando-se

deslealmente do Senhor para seguir a Baal e participando de seu culto licencioso.

**4. O seu proceder não lhes permite voltar para o seu Deus** é a tradução preferida. Israel rejeitara o Senhor e estava mergulhando cada vez mais nas práticas pagas. O pecado era um déspota, afastando Israel de sua única esperança – o próprio Deus. **Não conhecem ao SENHOR** é uma acusação contra um povo cujos feitos desmentiam qualquer profissão de fidelidade ao seu Deus. A palavra "conhecer" talvez aqui possa ser traduzida no tempo presente.

**5. A soberba de Israel** sugere um espírito de arrogância e autoconfiança que tinha de ser abatido. Esta interpretação é sugerida pela LXX, o Targum e a Peshita. Cheyne sugere que se refere ao próprio Senhor, aquele que é chamado de "o orgulho de Israel", o Deus de Israel. Deus, então, testifica contra Israel por causa do seu pecado (cons. Rute 1:21).

**6. Israel podia aproximar-se de Deus com ofertas sacrificiais, com os seus rebanhos e o seu gado;** mas os seus pecados a tinham alienado tanto do Senhor que tais gestos externos seriam sem significado. O profeta advertiu que os ídolos não ajudariam Israel na hora da necessidade e que o Senhor mesmo não lhe responderia quando fizesse gestos vazios de reconciliação.

**7. Os pais se afastaram de Deus e geraram filhos bastardos** (cons. 2:4, 5), que do descritas seguindo os seus maus caminhos. **Agora a festa da lua nova os consumirá.** A palavra hebraica para "mês" é **festa da lua nova**. O profeta destaca a iminência do juízo. Em vez de aguardarem alegremente a chegada da lua nova, eles se lembrariam, com a sua chegada, da proximidade do juízo pelas mãos da Assíria. Com as suas porções é uma referência às terras concedidas às diversas tribos. Elas seriam "devoradas" pelo inimigo.

## **F. Desastrosa Política Externa de Efraim (Israel) e Judá. 5:8-15.**



**8. Tocaí a buzina . . . trombeta** (E.R.C). Observe que esses nomes aparecem com relacionamento paralelo. Oséias não pretende destacar uma diferença nos dois instrumentos. Os dois eram provavelmente pequenas variantes do mesmo instrumento. O Mishna declara que o *shôpar* (aqui traduzido para **buzina**) era às vezes reto e às vezes curvo. Geralmente era um simples chifre de carneiro. Uma trombeta de prata, *hasosrá*, era determinada pela Lei para certas ocasiões (Nm. 10:1-10; 31:6). **Gibeá e Ramá** ficavam ambas no alto das montanhas da Palestina central. O toque de alarme vindo dessas alturas poderia ser ouvido tanto em Judá como em Israel. **Bete-Áven**. Cons. 4:15. **Cuidado, Benjamim!** talvez fosse uma advertência dirigida a Benjamim pelos homens de Bete-Áven (Betel). Talvez significasse: "Benjamim, o inimigo está atrás de você".

**9. O castigo** no pensamento hebreu é uma decisão judicial. Deus declararia o veredito de "culpado" contra Israel idólatra e os exércitos da Assíria seriam seus instrumentos de castigo para o povo infiel. Deus tornou **conhecido o que se cumprirá**. O juízo iminente fora decretado por Deus. Portanto era certo.

**10. Os que mudam os marcos**. Os marcos eram os demarcadores de limites. A remoção dos marcos era um crime sob as leis israelitas (Dt. 19:14; 27:17; Pv. 22:28; 23:10). Judá foi descrita como aguardando a derrocada de Israel, depois do que poderia atravessar a fronteira e apropriar-se do território israelita. A ira de Deus estava para ser derramada **como água**. Uma corrente de água aumentada produz destruição em sua esteira, e os príncipes de Judá mereciam o julgamento.

**11. Quebrantado pelo castigo** expressa o conceito da guerra como um juízo de Deus. Os exércitos inimigos são descritos como defendendo sua causa diante do tribunal de Deus. Aqui o juízo se desencadeia sobre Israel. O Juiz declara uma decisão adversa. "Mandamento" aqui seria difícil de explicar. Israel não seguiu aos mandamentos de Deus, mas está sendo acusada de idolatria. A LXX, o Targum e a Peshita dão a tradução: vaidade, ídolos. O tratado talmúdico Sanh. 56b interpreta a passagem

como uma condenação da adoração de ídolos. Jeroboão I ordenou a Israel que adorasse bezerros em Betel e Dá, e Oséias talvez se refira àquele mandamento. A JPS corrige o texto assim: *Foi do seu agrado andar após a imoralidade.*

**12.** Deus compara a destruição que estava por vir sobre Efraim ao trabalho de uma **traça** e à **podridão** que acaba com uma habitação. Ambas operam em silêncio. A traça vem de fora, a podridão de dentro. Efraim estava sendo destruída tanto por sua própria corrupção interior como por seus inimigos externos.

**13.** Consciente dos seus problemas, Efraim buscou a ajuda da **Assíria**, pedindo o auxílio do rei principal (*Jarebe = Contencioso*), "o rei lutador", talvez Tiglate-Pileser III.

**14.** Deus declara que ele será **como um leão**, levando Israel e Judá como presas. Nenhuma das duas tem forças suficientes para impedir o leão em seus propósitos.

**15.** Olhando para Israel idólatra, Deus diz: **Irei, e voltarei para o meu lugar** (isto é, os céus), deixando o Seu povo rebelde pelos seus pecados. **Estando eles angustiados**, se buscarem a Deus, Ele estaria pronto a vir em seu auxílio.

## Oséias 6

### G. A Súplica de Israel e a Réplica de Deus. 6:1-6.

**1.** Israel aflita aprendeu as amargas lições da desobediência, e o seu povo encorajava-se com as palavras: **Vinde, e tornemos para o SENHOR**. As palavras contêm uma confissão implícita, pois Israel se afastara do Senhor em suas práticas idólatras. O Deus que **despedaçou** em juízo podia ser aguardado em misericórdia. As feridas de Israel não poderiam ser curadas pelo Egito ou Assíria (7:1; 11:3). Só Deus poderia criar nova vida para a nação ferida.

**2.** Além de se poder contar com Deus para libertar o Seu povo, Sua ajuda viria rapidamente. O profeta declara que **depois de dois dias nos revigorará** acrescentando uma linha paralela, **ao terceiro dia nos**

**levantará.** Ezequiel usou linguagem semelhante ao descrever a vida que entrada nos ossos secos que representavam Israel (Ez. 37:1-10; com. Is. 26:19). O Targum parafraseia Os. 6:2: "Ele nos reavivará nos dias da consolação que estão por vir". Calvino interpretava as palavras como expressões de esperança de Israel durante o Exílio: ". . . embora eles permanecessem em trevas por muito tempo, e o exílio que tinham de suportar fosse longo, não cessavam de ter esperanças: 'Bem, deixa passar mais dois dias e o Senhor nos reavivará' ". (João Calvino, *The Twelve Minor Prophets*, 1, 218). Pusey, por outro lado, considera a referência à ressurreição de nosso Senhor como aquilo que se pretendia principalmente: "Que mais poderia ser além dos dois dias nos quais o corpo de Jesus ficou na sepultura, e o terceiro dia no qual ele ressuscitou..." (E.B. Pusey, *The Minor Prophets*, 1, 63). O fato de "depois de dois dias" e "ao terceiro dia" servirem de expressão idiomática para indicar um período de tempo curto pode ser demonstrado pelo uso que Jesus fez da expressão em Lc. 13:32, 33. As palavras não deveriam ser aplicadas à Ressurreição em um sentido primário, embora possam ser consideradas como tipos dela (cons. Os. 11:1). Assim como Deus trouxe seu filho Israel do Exílio "depois de dois dias" (isto é, um breve espaço de tempo), assim ele ressuscitou seu filho Jesus da sepultura fora dos muros de Jerusalém no terceiro dia (literalmente).

**3. Conheçamos** continua o pensamento do versículo 1. Aqueles que retornassem ao senhor e deixassem sua apostasia viriam a conhecer o Senhor. Experimentariam Sua presença e poder em suas vidas. O verbo pode ser traduzido como o coortativo hebraico – "Conheçamos" – sugerindo que as calamidades tinham sobrevindo a Israel por causa de sua vida sem o conhecimento de Deus. **Sua vinda.** Sua resposta às necessidades do seu povo. **Como a alva . . . é certa.** Israel estava "em trevas" (Is. 9:1), mas o aparecimento de Deus trazendo alívio podia ser comparado ao despontar de um novo e glorioso dia.

**4. Que te farei, ó Efraim?** Que se poderia fazer para trazê-la de volta à comunhão divina? **O vosso amor (ou piedade) é como a nuvem**

**da manhã.** Vocês fizeram esforços no sentido de se reformarem, mas sem perseverança. A nuvem da manhã é enganadora. É uma densa massa de vapor que os ventos orientais do verão trazem do Mediterrâneo. O sol as dissipa rapidamente e elas não produzem chuva para amenizar o seco verão palestino, Semelhantemente **o orvalho da madrugada** não permanece. Gramaticalmente deveríamos ler, *o orvalho (que) se desvanece cedo*. O orvalho não fornece alívio permanente para o sol do verão.

**5.** Deus, queixando-se do comportamento do Seu povo; diz: **Por isso os abati por meio dos profetas.** Deus procurou abater Israel, moldando-a através dos profetas. Os profetas advertiram das conseqüências do pecado (Is. 11: 4; 49:2; Jr. 1:10; 5:14; I Reis 19:17). Eles prenunciaram *as palavras da ... boca de Deus*.

**6.** Deus repudia as exterioridades na religião, que caracterizavam muitos israelitas, com as palavras **misericórdia quero, e não sacrifício.** **Misericórdia** (*hesed*) é uma palavra que fala da afeição e lealdade convencionais. Laetsch (*The Minor Prophets*, pág. 60) e Harper (ICC, pág. 286) traduziu-a por *amor*. Harper acrescenta: "Não é o amor a Deus separadamente do amor ao próximo, mas ambos".

## **H. Os Crimes de Israel. 6:7 – 7:7.**

**7. Como Adão.** Israel transgredir os mandamentos divinos como Adão no Éden. A RSV toma **Adão** como referência geográfica, *em Adão*. O "como homens" da AV provavelmente significa "como outros homens".

**8.** Gileade, o distrito ocidental do Jordão é citado como um exemplo de infâmia particular. Os gileaditas eram menos civilizados que as tribos a oeste do Jordão. Aqui Gileade é mencionada como uma cidade na qual o homicídio era coisa comum.

**9.** Os sacerdotes **matam no caminho para Siquém.** Siquém, localizada sobre a estrada que ia de Samaria para Betel, era conhecida há muito tempo por sua violência (cons. Jz. 9:25, 43).

10. Dos céus o Senhor diz: **Vejo uma coisa horrenda na casa de Israel.** A abominação de Israel desencadearia o juízo, e Judá também certamente colheria os frutos semeados.

## Oséias 7

**7:1. Quando me disponho . . . a sarar a Israel** (*quando eu deveria restaurar* (ter restaurado) *a sorte do meu povo*, RSV), o pecado de **Efraim** e sua capital, **Samaria**, torna-se visível. Especificamente são mencionados os pecados de **falsidade** e furtos.

2. Os governantes de Israel **não dizem no seu coração** que Deus é o juiz de seus atos. Suas consciências foram dessensibilizadas através do constante pecar. Mas **os seus próprios feitos os cercam**. Eles foram enredados em seu próprio pecado e não podem escapar.

3. Até mesmo o **rei** e os **príncipes** eram tão depravados que se regozijavam com as iniquidades que abundavam em Israel. Os governantes chegavam a lucrar com os pecados do povo. Todo o corpo político estava corrompido.

4. Oséias descreve um incidente no qual rei e povo estavam envolvidos em uma orgia de bebedice. Ele começa generalizando: **Todos eles são adúlteros**, dizendo que desejos malignos ardiam dentro deles como o fogo de um forno. Para o padeiro há um intervalo de descanso entre o período quando ele **sovou a massa** até o momento em que ela fica toda levedada. Assim Israel teria um pequeno descanso após uma indulgência, antes de mergulhar em outra concupiscência e infâmia maiores.

5. **No dia da festa do nosso rei** era alguma ocasião especial, talvez a coroação (de acordo com o Targum) ou um aniversário real (cons. Mt. 14: 6). O rei participava da orgia – **ele deu mãos aos escarnecedores** (cons. Pv. 21:24; Is. 28:14).

6. **Prepararam o coração como um forno.** Os corações dos cortesãos iníquos ardiam de intrigas. O Texto Massorético diz: *seu padeiro dorme*. Mas a LXX e muitas traduções recentes sugerem: *Sua*

*ira dorme a noite inteira; de manhã ela arde como um fogo flamejante.* Se seguirmos o T.M. , o *padeiro* pode ser o assassino que, depois de uma noite de sono, atacou o rei. Lehrman identifica o assassino com Salum (II Reis 15:10).

**7. Todos eles são quentes como um forno** parece caracterizar as últimas décadas de Israel. Salum, que matou Zacarias, foi por sua vez mono por **Menaém**. Quatro dos seis últimos reis de Israel foram assassinados.

### **I. A Desastrosa Política Externa de Israel. 7:8 – 8:3.**

**8.** Com referência à política estrangeira de Israel, Oséias lamenta que **Efraim se mistura com os povos, é um pão que não foi virado**. A busca de alianças resultou em uma situação na qual Israel já não era mais verdadeiramente uma nação israelita nem verdadeiramente estrangeira, mas "meio assada", como uma panqueca frita de um só lado.

**9.** As nações estrangeiras, descritas como **estrangeiros**, enfraqueceram Israel, que já dava sinais de decadência, os cabelos brancos aparecendo sobre a sua cabeça. Mas Israel não dava atenção ao sinal, presumindo que ainda se encontrava no vigor da mocidade e que era capaz de cuidar de si mesma.

**10. A soberba de Israel** (cons. 5:5). Aqui evidentemente Deus mesmo testifica contra o Seu povo; mas este não demonstra disposição de ouvir.

**11.** O estremecer de Israel é destacado em termos de **pomba enganada**, sem entendimento. Primeiro chama o Egito, depois vai à **Assíria**. Oséias vê alianças com ambos, o Egito e a Assíria, como evidências de falta de confiança no Senhor.

**12.** Em seus vôos confusos, Deus lhe diz: **Sobre eles estenderei a minha rede**. Assim as aves seriam derrubadas por Deus. Israel não encontrada livramento nem no Egito nem na Assíria. Deus a humilhava por sua rebeldia.

**13. Ai deles!** Israel fugiu de Deus como uma ave espantada do seu ninho, mas ao fazê-lo, deixou sua única habitação segura. **Eu os remiria, mas eles falam mentiras contra mim.** Deus desejava demonstrar misericórdia para com o Seu povo confuso e errante, mas este endureceu o seu coração.

**14.** Vindo os problemas, **dão vivos nas suas camas**, angustiados, mas ainda assim não clamam ao Senhor. Tendo necessidade de alimento, **para o trigo e para o vinho se ajuntam**, desejando o presente mas não o Doador. Uma variação de tradução de alguns manuscritos hebraicos, de acordo com a LXX, dizem: *se cortam*, aludindo à prática do retalhamento do corpo em sinal de tristeza (Dt. 14:1; Lv. 19:28; 21:5; Jr. 16:6; 41:5; 47:5; 48:35).

**15.** Em dias melhores Deus adestrou e fortaleceu **os seus braços**, capacitando-os a enfrentarem o inimigo; contudo Israel rejeitou Sua vontade revelada.

**16. Eles voltam, mas não para o Altíssimo** pode ser traduzido literalmente: *Eles voltam – não para cima*. Israel procurou ajuda, mas não de Deus. Ela procurou a ajuda da vara quebrada do Egito. **Um arco enganoso** fracassa em atingir o alvo escolhido. Assim as atitudes políticas de Israel não tiveram os resultados esperados, os príncipes falaram soberbamente desafiando o Senhor, mas a **insolência da sua língua** seria a sua própria ruína. Eles esperavam a ajuda do Egito, mas tudo o que obteriam seria escárnio.

## Oséias 8

**8:1. Emboca a trombeta.** Literalmente: *Ao teu palato a corneta*. O profeta recebe a ordem de advertir do inimigo que se aproxima. Os assírios viriam **como a águia**. No hebraico *heshher*, o abutre carniceiro. A ave de rapina é um símbolo apropriado para a Assíria, que tentou controlar todo o oeste da Ásia através de uma política de crueldade sem paralelos. O inimigo é descrito vindo **contra a casa do SENHOR**, isto é, Israel. Um termo afetivo para com Israel. Compare com "o meu servo

Moisés, que é fiel em toda a minha casa" (Nm. 12:7). Embora o Reino do Norte (Israel) estivesse separado de Judá, os dois juntos ainda eram reconhecidos como a casa de Deus.

**2.** Em seu desespero, Israel clamaria: **Nosso Deus! ... te conhecemos.** A ordem das palavras é esta: *Meu Deus, nós, Israel, te conhecemos.* Em tempo de aflição, Israel acentuada o fato de que conhecia o Senhor. Em tempos de prosperidade ela viera a se esquecer.

**3. Israel rejeitou** (*desprezou*, RSV) **o bem.** Deus, que fora bom para com Israel através dos anos de sua história, fora rejeitado, resultando daí que Israel teria de enfrentar o mal dos seus inimigos sem a Sua ajuda.

### **I. A Idolatria e as Alianças Iníquas de Israel. 8:4-14.**

**4.** Israel procurou a ajuda de um sucessão de governantes: **Eles estabeleceram reis.** Contudo os reis de Israel tiveram a falta das bênçãos divinas e não produziram nenhum bem duradouro para o povo. Reis e príncipes não foram de nenhuma ajuda quando a idolatria irrompeu na terra.

**5.** Samaria devotou-se à adoração do bezerro (ou touro), um fato que levou o profeta a dizer: **O teu bezerro, ó Samaria, é rejeitado.** A RSV traduz: *Eu desprezei o teu bezerro.* E Cheyne (CBSC) sugere: *Teu bezerro, ó Samaria, é odioso.* O bezerro de Samaria era provavelmente semelhante ao que Jeroboão colocara em Betel e Dã (I Reis 12:28, 29), que veio a ser o motivo do pecado de Israel.

**6.** Perplexo diante da enormidade do pecado de Israel, Oséias exclama: **Porque vem de Israel,** isto é, o ídolo, como também a sucessão de reis ímpios, vieram de Israel. **É obra de artífice.** Portanto era coisa inútil adorar a obra das mãos do homem. Na verdade, **O bezerro de Samaria** devia ser destruído pelo Deus justo de Israel.

**7.** Israel tinha de aprender as lições da causa e efeito, da semeadura e colheita. **Porque semeiam ventos,** aquilo que. não pode dar frutos, mas haveria uma colheita, de tormentas destrutivas. Os esforços de Israel



não tinham resultados produtivos. Eles nada produziam além de esperanças vãs. Se houvesse algo que se assemelhasse a uma colheita, os **estrangeiros** a comeriam. O inimigo a apanharia. Israel não teria nada.

**8.** Não somente a plantação, mas **Israel** a nação seria **devorada**. As tribos foram levadas ao exílio, jogadas de lado **como coisa de que ninguém se agrada**, isto é, um pedaço de cerâmica sem valor.

**9.** Israel no exílio é comparada com um **jumento montês** que vagueia de lá para cá. Os jumentos geralmente andam juntos, mas um jumento solitário e obstinado às vezes procura de propósito andar sozinho. Voltando as costas à aliança do amor de Deus, Israel mercou amores. Ela tentou através de presentes obter a ajuda da Assíria e do Egito.

**10.** Embora Israel tentasse comprar o favor das nações, Deus a congregará (isto é, aos israelitas) e a enviará para o exílio. **Já começaram a ser diminuídos**. Seriam empobrecidos por causa do fardo que lhes seria imposto pela *opressão do rei e dos príncipes* (*rei dos príncipes*, uma expressão só usada aqui, que talvez se refira a Tiglate-Pileser III, conhecido como "o rei dos reis"). A LXX, de acordo com a RSV, dá uma tradução alterada – *logo eles deixarão de ungir reis e príncipes*.

**11.** Israel passou por formalidades religiosas. **Multiplicou altares**, mas a sua multiplicação de sacrifícios foi uma abominação diante de Deus (cons. Is. 1:11). Oséias diz que foram **altares para pecar**. Os altares foram levantados desafiando a Deus e vieram a ser a causa de pecados posteriores.

**12.** Deus levantou profetas para Israel que ousadamente declaravam a sua Lei. **Dez mil** ou *jamais tantas coisas* (JPS) e não *as grandes coisas*. Bewer traduz o versículo assim: "Se eu lhe tivesse escrito dez mil preceitos, eles teriam sido considerados como os de um estranho".

**13.** O profeta continua insistindo que os sacrifícios são simples formas: **Gostam de carne** e, de acordo com a Lei, eles a comem. Mas nisso não existe nenhum mérito espiritual. As palavras traduzidas para

**amam o sacrifício** pela RSV são de significado duvidoso. A JPS as traduz assim: *Quanto aos sacrifícios que são feitos no fogo*, o que se justifica com base no fato da palavra ser usada no hebraico rabínico com o significado de "assar". O significado dado pela RSV é conjectural. Por causa do declínio espiritual de Israel, Oséias profetiza: **Eles voltarão para o Egito**, isto é, irão para o exílio. É discutível se Oséias pretendia dizer literalmente que eles iriam para o Egito. Ele afirmou categoricamente que sofreriam a escravidão no futuro semelhante a que tinham experimentado no Egito.

**14.** Oséias acusa Israel de esquecer-se de Deus, e construir **palácios** (*templos*, AV). O significado variante da palavra, **palácios**, encaixa-se melhor aqui. Judá também é acusado de edificar **idades fortes**, isto é *fortificadas*. Palácios e cidades fortificadas não constituem um mal em si mesmos, mas eram evidências de uma confiança secular em coisas materiais, que constituía o complemento da decadência espiritual.

## Oséias 9

### K. Predição do Exílio de Israel. 9:1-9.

**1.** As nações pagãs compraziam-se em orgias durante seus alegres festivais, mas o profeta advertia Israel: **Não te alegres**. Os vizinhos de Israel participavam dos licenciosos rituais da fertilidade, e Israel, imitando-os, amara a **paga de prostituição**, literalmente, *o preço de prostituta*. Os pagãos oferecem presentes a Baal, o deus da fertilidade, para induzi-lo a dar fertilidade aos campos. Israel seguiu os passos deles.

**2.** O profeta adverte que **a eira e o lagar** falharão. Esforços em obter bênçãos de Baal se comprovarão inúteis porque só o Senhor pode conceder bênçãos aos campos.

**3.** O exílio futuro está descrito como um retorno **ao Egito**, isto é, à casa da escravidão. Na verdade, Israel seria levada à Assíria, mas a experiência é metaforicamente comparada à antiga escravidão no Egito (cons. 8:13). Na Assíria os israelitas teriam de comer **coisa imunda**. Ali

não haveria oferta de primeiros frutos ao Senhor (cons. Êx. 22:29; 23:19; Lv. 23:10-12); portanto o alimento seria imundo.

4. No exílio não haveria **libações de vinho**. As ofertas são comparadas ao **pão de pranteadores** (cons. Dt. 26:14), o qual, por causa de sua associação com a morte, era considerado impuro. O alimento guardado nos lares judeus, enquanto o defunto ali permanece, ainda é considerado ritualmente imundo. No exílio **o seu pão será exclusivamente para eles** (*exclusivamente para a sua fome*, RSV). *Não seu alimento para suas almas* (AV). Os exilados teriam alimento para suas necessidades físicas, mas seriam excluídos da **casa do SENHOR**; devido à falta de sacrifícios aceitáveis.

5. Os exilados ficariam perplexos e perturbados por causa do dia da solenidade quando o dia da festa do SENHOR seria normalmente comemorado.

6. O profeta descreve a terra como seria depois que o inimigo viesse. **Por causa da destruição** a Palestina ficaria despovoada. Algumas das pessoas iriam para o Egito (cons. II Reis 25:26). **Urtigas e espinhos** cresceriam sobre suas cidades aprazíveis (*as preciosidades da sua prata*) e suas **moradas** (isto é, tendas – casas ou tendas onde guardavam antigamente os seus ídolos).

7. O julgamento é descrito como os **dias do castigo** e os **dias da retribuição**. Oséias parece aqui citar as observações do povo incrédulo que não reagiria ao seu ministério: **O seu profeta é um insensato, o homem de espírito é um louco**. Eles ridicularizavam o profeta por causa de sua mensagem pessimista. Alguns mestres sugerem que Oséias está enunciando as palavras em condenação dos falsos profetas (também Laetsch, in loco).

8. **Sentinela contra Efraim** provavelmente deve ser identificado com Oséias, o verdadeiro profeta. O versículo é difícil conforme está. Bewer sugere a tradução: "O profeta é o vigia de Efraim, o povo do meu Deus. A armadilha de um caçador de aves selvagens está em todos os seus caminhos, a inimizade na casa do seu Deus ". O verdadeiro profeta

declara fielmente a oposição dos líderes cegos de Israel, inclusive seus falsos profetas.

9. A corrupção dos dias de Oséias é comparada à dos **dias de Gibeá** (Jz. 19-21) que levou à aniquilação quase total da tribo de Benjamim. Por algum tempo pareceu que Benjamim seria vitorioso e a justiça fracassaria, mas Deus disse a última palavra. Assim seria novamente.

### **L. A Antiga Apostasia de Israel em Baal-Peor. 9:10-14.**

10. Oséias volta à história antiga de Israel. Deus encontra o Seu povo **como uvas no deserto**. O viajante se regozija ao se aproximar de um oásis com suas uvas suculentas. Assim Deus se regozijava com Israel, que recebeu sua Lei no deserto e lhe votou fidelidade. Em **Baal-Peor** (Nm. 25) a disposição de Israel para com a idolatria fazia valer seus direitos. Ali **se tornaram abomináveis como aquilo que amaram**, isto é, Baal (RSV).

11. Antes frutífero, Efraim logo veria a sua **glória** voar **como ave**. **Glória** aqui parece referir-se aos descendentes (cons. 4:7). O resultado do afastamento desta "glória" está especificado: *não haverá nascimento, nem gravidez, nem concepção* (JPS).

12. Se alguma criança fosse criada, o Senhor os privava dela. Crianças que sobrevivessem na infância não atingiriam a idade adulta. Lamenta-se um povo do qual o Senhor se afastou. Suas bênçãos se foram e estão aguardando o seu julgamento.

13. Efraim é comparado à antiga **Tiro, plantado num lugar aprazível** (cons. Ez. 27 e 28), contudo destinada a criar seus filhos **para o matador**.

14. À luz dos horrores que estavam para vir, o profeta ora pedindo que Deus lhes dê um **ventre estéril e seios secos!** Os juízos divinos são justos e Oséias ora pedindo que os filhos de Israel sejam levados antes de nascer, para que sejam poupados aos horrores que estão por vir.

**M. A Apostasia de Israel em Gilgal. 9:15-17.**

**15.** O santuário idólatra em **Gilgal** (cons. 4:15; 12:11; Amós 5:5) personificava todo o mal que assinalava a história de Israel. As iniquidades ali perpetradas e em outros santuários semelhantes, levaram Deus a dizer: **os lançarei fora de minha casa**, isto é, da terra de Canaã, que Deus files dera por herança. Em linguagem forte Deus diz que os aborrece e já não os ama mais. Enquanto Israel permanecesse em seu pecado, não desfrutaria das bênçãos do amor de Deus.

**16.** O pensamento dos versículos 11, 12 é retomado no versículo 16: O "frutífero" Efraim ficada estéril; os filhos que lhe nascessem seriam destruídos.

**17.** A recusa em dar atenção a Deus e seus profetas traria a Israel o juízo do exílio. Tal como caim (Gn. 4:12) estava destinado a ser **errante**.

**Oséias 10****N. Profetizada a Destruição do Culto a Baal. 10:1-8.**

**1.** Israel está descrita como **vide luxuriante** (não *vazia* de acordo com a AV). A vide era muito frutífera, mas **segundo a abundância do seu fruto, assim multiplicou os altares** (pagãos). Com o aumento da riqueza e do poder em Israel, houve um aumento da idolatria e seus males conseqüentes.

**2.** Ao tentar servir a Deus e a Baal, **o seu coração é falso**. Mas Deus é zeloso e se recusa a partilhar Sua glória com outros. **Altars e colunas** que lhe eram ofensivos tinham de ser destruídos.

**3.** Quando Israel viu suas cidades assoladas pelo inimigo, ela exclamou: **Não temos rei**, isto é, ninguém digno do nome. Governantes ímpios não foram capazes de impedir a derrocada da nação.

**4. Falam palavras vãs.** Reis e seus ministros falavam palavras sem significado, **fazendo aliança** com a Assíria e o Egito. Seu juízo pervertido **brota . . . como erva venenosa** que cresce abundantemente nos sulcos dos campos.

**5. Os moradores de Samaria**, vendo seus ídolos carregados pelo inimigo, se encheriam de temor. **O bezerro de Bete-Áven**. Os ídolos de Betel. Betel significa casa de Deus, mas o culto idólatra lhe concedeu um novo nome – **Bete-Áven**, casa de iniquidade. Sob trágicas circunstâncias o **povo se lamentará** e os sacerdotes idólatras **tremerão**, ou *gemerão* (RSV). Compare o *regozijarão* da AV. A referência é à uma dança ritual realizada pelos sacerdotes idólatras, durante a qual eles imploravam ao seu ídolo para salvá-los e a si mesmo.

**6.** O bezerro seda levado de Betel para a **Assíria**, onde seria apresentado ao **rei principal** (*Jarebe*) ou "o rei lutador". O JPS o designa "Rei Contencioso" (cons. 5:13). O Reino do Norte (Israel – Efraim), cheio de vergonha, finalmente aprenderia a futilidade do estabelecimento de uru ídolo inerte como protetor da nação.

**7. Samaria**, a capital de Israel, cairia. Seu **rei** é aniquilado. Não apenas perdeu sua vida, mas a sua morte marcou o fim de Israel como estado. O rei é descrito como **lasca de madeira, na superfície da água**. Um desamparado fragmento de madeira irresistivelmente carregado pela força da corrente.

**8.** Oséias declara categoricamente que **os altos de (Bete) Áven** seriam destruídos. **Espinheiros e abrolhos**, mencionados por ocasião da maldição com base no pecado de Adão (Gn. 3:18), cobririam os altares de Bete-Áven, o que viria a simbolizar o pecado de Israel pré-exílico. As palavras do povo, a serem dirigidas **aos montes e aos outeiros** fazem eco em Lc. 23:30 e Ap. 6:16.

### **O. O Pecado de Gibeá. 10:9, 10.**

**9.** O pecado de Israel em Gibeá (Jz. 19) encontrou muitos ecos na história subsequente. Israel se vingara dos benjaminitas por causa do ultraje de Gibeá, mas a maldade perpetrada ali entrou na vida de todo Israel.

**10. Meu desejo.** Leia-se de acordo com JPS, *quando for do Meu desejo, eu os castigarei*. O castigo viria no tempo determinado por Deus,

e as nações sobre as quais Israel tinha se apoiado seriam comprovadas varas quebradas. As palavras, **quando eu o punir por causa de sua dupla transgressão**, são difíceis de explicar. Talvez se retira aos bezerros de Betel e Dá. A dupla transgressão talvez seja sua rejeição do Senhor e da linhagem de Davi (cons. 3:5).

### **P. A Ruína de Israel. 10:11-15.**

**11.** Israel está sendo comparada a uma bem treinada **bezerra** que **gostava de trilhar** o grão do qual podia comer livremente (Dt. 25:4). Nenhum jugo pesado era colocado sobre a formosura do seu pescoço, como os jugos que freqüentemente feriam os pescoços dos animais no Oriente. Contudo a bondade divina foi abusada e agora Ele atrelada Efraim a um fardo pesado. O trabalho pesado da Bezerra está mais adiante descrito em termos de lavrar e desfazer torrões. Puxar, lavrar e desfazer os torrões do solo são trabalhos difíceis quando comparados com a tarefa mais amena de trilhar.

**12.** Oséias anda tem esperanças para o seu povo: **Semeai para vós outros em justiça**, se ao menos eles se voltassem para Deus, descobririam que Ele é misericordioso. Se uma colheita tivesse de ser feita, Israel teria de arar **o campo de pousio**. Ela não poderia semear entre espinhos na esperança de fazer uma boa colheita. Oséias faz Israel se lembrar de que ainda há um **tempo de buscar ao SENHOR**. Se o fizerem ardentemente, Deus responderia com chuvas de justiça. Embora carecessem de bênçãos materiais, Oséias destaca a "chuva" espiritual de justiça, ou salvação, que era a primeira necessidade.

**13.** Em contraste com as possibilidades espirituais de regeneração, Oséias acusa Israel de ter arado a **malícia** e colhido a **perversidade** ou a injustiça. A política de mentiras produziu frutos amargos!

**14.** Um **tumulto**, ruído de exércitos, se levantaria entre os povos que foram o objeto da confiança de Israel. As **fortalezas** israelitas seriam despojadas. **Salmã** talvez seja Salmaneser V, o rei da Assíria (727-722 A.C.; cons. II Reis 17:1-6). A batalha de **Bete-Arbel** é desconhecida. A

cidade pode ser Irbide, na Galiléia, ou Arbela, 19,2 quilômetros a sudeste de Gadara, na Transjordânia.

**15.** O julgamento de Bete-Arbel foi causado pelos pecados associados com a **Betel** idólatra. **A alva.** *De madrugada* – quando se antecipam coisas melhores. **O rei de Israel** seria **destruído**. A nação seda levada ao exílio e o dia da graça chegaria ao fim. Verdadeiramente, Deus se lembraria do seu povo na terra da escravidão, mas o Reino do Norte e sua sucessão de governantes chegada ao fim para sempre com a queda de Samaria (722 A.C.).

## Oséias 11

### Q. O Amor de Deus; a Ingratidão de Israel. 11:1-7.

**1. Quando Israel era menino.** Deus se refere à história antiga de Israel, e a compara com a subsequente idolatria do Seu povo. **E do Egito chamei o meu Filho** (com. Êx. 4:22). Deus chamou Israel do Egito para Canaã e lhe deu proteção e sustento. As palavras do usadas referindo-se a Cristo em Mt. 2:15. Israel, o filho de Deus, foi tirado do Egito, comprovando-se contudo, infiel na história subsequente e foi ameaçado de juízo. Jesus, o Filho unigênito do Pai, foi tirado do Egito, cresceu até atingir a virilidade perfeita e consumou a tarefa que o Pai lhe designara.

**2. Quanto mais eu os chamava.** Quanto mais eles (isto é, os profetas) os chamavam (a Israel), tanto mais eles (Israel) obstinadamente endureciam os seus corações e recusavam-se a obedecer ao Senhor. **Sacrificavam a Baalins** (cons. 2:13). Os objetos de culto da iníqua adoração a Baal reivindicava a lealdade de Israel.

**3. Eu ensinei a andar a Efraim.** Novamente o Senhor se refere à infância de Israel. **Andar** é preferível a *ir* neste versículo. Na qualidade de pai, Deus ensinou Israel a andar. Seu cuidado protetor foi demonstrado quando Israel tropeçava, mas Israel não deu mostras de discernimento: **não atinaram que eu os curava**. Israel nem percebeu que o Senhor era quem a curava. Ela recebeu Suas bênçãos como coisas certas, atribuindo-as a Baal e outras divindades.



**4. Atraí-os com cordas humanas.** O cuidado de Deus por Israel continuou até que ela atingiu a maturidade. A ilustração aqui foi extraída do mundo animal. Um homem pode conduzir o seu animal com cordas próprias para um animal. Deus usou cordas adequadas para um homem – isto é, meigas, humanas procurando conduzir Israel. **Quem alivia o jugo.** Um dono atencioso alivia o jugo do pescoço de seus animais para que possam comer mais confortavelmente. Deus deu mostras de consideração quando lidou com Israel.

**5. Não voltarão para a terra do Egito.** O profeta fala de julgamento, mas esse julgamento não tomada a forma de uma nova escravidão no Egito (cons. Dt. 17:16). **Mas o assírio será seu rei.** O Reino do Norte caiu nas mãos da Assíria em 722 A.C.

**6. A espada** é um símbolo de guerra. Oséias descreve as cidades de Israel devastadas pela guerra. **Por causa dos seus próprios caprichos.** Em desespero, Oséias conspirou com Sô do Egito em busca de livramento, mas isso apenas apressou a derrota de Israel (II Reis 17:46).

**7. Inclinado a desviar-se de mim.** Em lugar de voltar-se para Deus, Israel persistia em desviar-se dEle. **Se é concitado** é uma referência aos profetas cujo ministério foi rejeitado por Israel.

## **R. Deus se Apieda do Seu Povo. 11:8-11.**

**8. Como te deixaria . . . ?** O grito é de rasgar o coração. Deus amou o Seu povo, mas mesmo assim a justiça exigia que fosse punido. Considerando que Deus não podia facilmente se esquecer dos dias em que Israel lhe fora fiel, Ele decretou o juízo com grande relutância. **Admá . . . Zeboim** eram cidades da planície que foram destruídas junto com Sodoma e Gomorra (Gn. 19).

**9. Não executarei o furor da Sua ira.** Embora o juízo estivesse para ser desencadeado contra Israel, Deus podia se lembrar da misericórdia no meio da ira. "Não entrarei na cidade" não parece encaixar-se aqui. A JPS sugere: *Não virei em fúria*. Cheyne prefere: *Não*

*virei para exterminar*, que faz paralelo com **não tornarei para destruir Efraim**.

**10. Este bramará.** O Senhor é comparado a um leão que brama para reunir seus filhotes. Ao som do Seu bramido eles devem vir do oeste (Egito, v. 11) e do leste (Assíria). **Os filhos, tremendo, virão** dá a entender um tremor de ansiedade mais que de medo. O siríaco combina as idéias de pressa e tremor.

### **S. Os Pecados de Jacó. 11:12 - 12:14.**

**12. Efraim me cercou por meio de mentiras.** No texto hebraico, 11:12 vem a ser 12:1, pois começa um novo assunto. O Senhor está falando relativamente à infidelidade de ambos, Efraim (isto é, Israel) e Judá. **Judá ainda domina com Deus** poderia ser: *Judá ainda está desviado de Deus* (JPS). Apesar de todas as mensagens proféticas dirigidas a Judá, ela continua em seu pecado! **É fiel com o santo.** A JPS diz: *E para com o Santo que é fiel*. A LXX dá uma tradução inteiramente diferente: *Judá ainda é conhecido de Deus e fiel para com o Santo*.

## **Oséias 12**

**12:1. Efraim apascenta o vento.** Literalmente, a RSV diz: *Efraim pastoreia o vento*. As palavras descrevem a futilidade de correr em busca da ajuda da Assíria e do Egito. **O vento leste** era o siroco quente e destruidor. Além de ser inútil esperar a ajuda do leste (Assíria), era também perigoso, pois a destruição podia vir dessa direção. A política externa de Israel era tal que ela podia fazer uma **aliança com a Assíria** enquanto que, ao mesmo tempo, exportava o azeite para o Egito, que era aval da Assíria. Tal duplicidade era possível através de uma política de **mentiras** que finalmente apanhariam Israel em uma armadilha e a arruinariam.

2. Não só Israel, mas **Judá** também seguia por um caminho de enganos e duplicidade. Seu julgamento veio mais tarde que o de Israel,

alas Jerusalém foi destruída tão violentamente quanto Samaria, **Jacó** aqui é Judá (cons. Sl. 77:15).

**3. Pegou do calcanhar de seu irmão** (Gn. 25:26), **no vigor da sua idade lutou com Deus** (Gn. 32:22-32). A RSV diz: *Em sua virilidade lutou com Deus.*

**4. Em Betel achou a Deus** (Gn. 28:10-17). Encontrou-se face à face com Deus em Betel. **E ali falou Deus conosco.** Deus, ao falar com Jacó, falou a todos os israelitas que podiam ser considerados como se estivessem nos lombos de seu ancestral (cons. Hb. 7:9, 10).

**5.** O Deus que se dirigiu a Jacó em Betel está identificado como o **SENHOR, o Deus dos exércitos.**

**6.** Em lembrança de misericórdias passadas, o profeta insiste com Israel a que volte para o seu Deus. As vitórias de Jacó forneceriam um exemplo das bênçãos que seus descendentes poderiam desfrutar. Ao voltar para Deus, Israel teria de obedecer aos Seus mandamentos: **Guarda o amor e o juízo, e no teu Deus espera sempre.**

**7.** Além de Israel ter seguido os cananitas em sua religião licenciosa, ela também adotou suas práticas comerciais perversas. A palavra **mercador** é idêntica à palavra *Canaã*. Como designação geográfica significa as terras baixas e foi aplicada à Fenícia como também a outras partes da Palestina (cons. Is. 23:11). "Cananita" tornou-se assim um sinônimo de mercador (Jó 41:6; Pv. 31:24; Sf. 1:11; Ez. 17:4). A má reputação dos mercadores fenícios reflete-se em Homero (*Odisséia* XIV,290, 291).

**8, 9.** Vivendo como seus vizinhos cananitas, Israel ficou orgulhosa e arrogante. Nem sequer percebeu que sua vida ficara marcada pelo pecado. Deus, entretanto, fê-la lembrar dos acontecimentos do Êxodo, o período durante o qual as tribos habitaram em tendas. Em sua história subsequente, a Festa dos Tabernáculos, festival no qual os israelitas construíam cabanas para comemoração de sua antiga vida em tendas, transformara-se em alegre comemoração. O profeta, entretanto, advertia que Deus tomara a fazer o Seu povo habitar em **tendas** e que isto

significaria que suas cidades seriam destruídas e a vida violentamente alterada.

**10.** Israel não podia alegar ignorância, pois Deus falara **aos profetas** e multiplicara as **visões**. De "diversas maneiras" (Hb. 1:1) Deus falara através de seus porta-vozes proféticos. Aqui se mencionam três palavras ("Falei"); visões ("Multipliquei as visões"); e parábola ("Propus símiles").

**11. Se há em Gileade transgressão.** Leia-se com a RSV: *Se houver iniquidade em Gileade, certamente se reduzirá a nada.* II Reis 15:29 conta como os exércitos de Tiglate-Pileser despojaram Gileade nos dias de Peca de Israel. O Senhor foi também insultado pelo sacrifício de bois no santuário de Gilgal.

**12.** Os versículos 3-5 dão certas lições da vida de Jacó que eram relevantes para o Israel dos dias de Oséias. Continuam no versículo 12, onde lemos que **Jacó fugiu para a terra da Síria, e Israel serviu por uma mulher.** Jacó-Israel trabalhou na casa de Labão para obter uma esposa. Através de todos esses anos Deus cuidou de Jacó e finalmente o levou de volta a Canaã. Este fato oferecia um relance de esperança para a nação que partia para o cativeiro na Assíria. Deus trouxera o antigo Israel de volta da Síria (lit., *o campo de Arã*, com o mesmo significado que tem em Padã-Arã).

**13.** Novamente, após um período de tempo em terra distante, **por meio de um profeta** (Moisés) **fez subir a Israel do Egito.** O Deus que levantou Moisés para ser o líder do Êxodo, podia levantar ainda outros profetas durante o cativeiro para levar Seu povo de volta à sua terra natal.

**14.** Através de pecado persistente, **Efraim ... provocou a ira do Senhor.** O resultado foi que o **SENHOR deixará ficar sobre ele o sangue.** Efraim-Israel sofreriam as conseqüências de sua culpa.

## Oséias 13

### T. A Iníqua Adoração do Bezerro. 13:1-3.

**1. Quando falava Efraim, havia tremor.** A tribo de Efraim era tão influente que exigia respeito indiscutível nos dias do Reino do Norte. Efraim e todo o Israel subseqüentemente fora enfraquecido através do impacto do culto a Baal, de modo que Oséias podia dizer: **morreu**. A morte era espiritual, mas o profeta também previu o juízo nacional e a vitória dos inimigos de Israel.

**2.** Em sua morte espiritual **pecam mais e mais**, fazendo e adorando **imagens de fundições**. Aqueles que beijavam os bezerros em atitude de adoração eram culpados de pecado contra Deus (cons. 8:5; I Reis 19:18; Is. 40:18-20; 44:9-20; 46:6, 7).

**3.** Por causa do pecado, Israel seria **como nuvem de manhã**, a névoa matinal que parece uma nuvem mas que logo se dissipa. Cons. 6:14.

#### **U. A Graça de Deus Produz Destruição. 13:4-11.**

**4.** Apesar dos pecados de Israel, Deus faz Seu povo se lembrar de seu relacionamento através da aliança: **Eu sou o Senhor teu Deus desde a terra do Egito**. A referência ao Egito serve como um lembrete dos grandes acontecimentos associados com o Êxodo. Deus foi fiel ao seu povo, mesmo durante os períodos de sua infidelidade. **Não conhecerás outro deus além de mim** deve ser traduzido no tempo presente – *Não conheces outro deus além de mim*. Só o Senhor atendeu às necessidades do Seu povo. Todas as outras divindades foram inúteis em si mesmas e para os seus devotos.

**5.** Deus faz Israel se lembrar: **Eu te conheci no deserto**. Como no Sl. 1:6, *conhecer* transmite a idéia de "ter conhecimento favorável de". Aqueles que Deus conhece Ele abençoa, e Israel recebera incontáveis bênçãos – por exemplo, o maná do céu, a água da rocha – durante a sua viagem pelo deserto. Contudo, Israel veio a se transformar em um povo murmurador, rebelando-se contra Deus, cuja geração pereceu sem ver a Terra Prometida.

**6.** Deus cuidou de todas as necessidades do Seu povo, mas logo se esqueceram dEle. **Quando tinham pasto eles se fartaram**. Quando

comeram até a saciedade, **ensoberbeceu-se-lhes o coração** e esqueceram-se da fonte de suas bênçãos, o próprio Deus.

7. Deus, que fora o protetor do Seu povo, veio a ser o Seu destruidor em juízo. Aqui Ele se compara a um **leão**, pronto a devorar, e a um **leopardo**, pronto a saltar sobre o Seu povo desprevenido (cons. Jr. 5:6). **Como leopardo espreito no caminho.**

8. Prosseguindo em suas comparações no mundo animal, Deus se compara a uma **ursa, roubada de seus filhos**, e portanto feroz (cons. II Sm. 17:8). O coração de Israel resistira ao chamado amoroso do seu Deus; agora, entretanto, Deus se compara a um animal enfurecido, dizendo: **E lhes romperei a envoltura do coração.**

9. Deus continua dirigindo-se a Israel: **A tua ruína, ó Israel, vem de ti.** A JPS diz: *É a tua destruição, ó Israel.* Deus descreveu o caminho que levou Israel à destruição, mas acrescenta: **e só de mim (vem) o teu socorro.** A LXX e a Siríaca sugerem uma tradução diferente: *Quem pode te ajudar?* (Também a RSV). A JPS traduz o versículo assim: *É a tua destruição, ó Israel, que sejas contra Mim, contra o teu auxílio.* Embora haja aqui problemas referentes ao texto, o significado está claro: Rebelando-se contra Deus que sempre esteve pronto a ajudar o Seu povo, Israel provocou a sua própria destruição.

10. **Onde está agora o teu rei?** (LXX, Sir., Vulg., BV, RSV). Temos então uma pergunta retórica: "Onde está agora o teu rei para te salvar . . . ?" O povo dissera antes : **Dá-me reis e príncipes** (cons. I Sm. 8:5), mas na atual emergência tais governantes se comprovaram ser inúteis. A BV e a RSV acrescentam as palavras *em todas as tuas cidades* depois de *todos os teus príncipes* por causa da referência aos reis e príncipes no final do versículo. O versículo então passa a ser assim: "Onde está agora o teu rei para te salvar; onde estão todos os teus príncipes para te defenderem – aqueles dos quais disseste: Dá-me rei e príncipes?"

11. **Dei-te um rei na minha ira.** A referência inicial pode ser a Saul, mas as palavras são semelhantemente apropriadas à história

dinástica do Reino do Norte, começando com Jeroboão I. Reis foram repetidamente dados e tomados. Laetsch traduz a passagem assim: *Eu tenho lhe dado reis em minha ira e os tenho tirado em minha indignação*. Estando os reis sujeitos ao governo providencial de Deus, podem ser descritos como dados por Deus. Mas seus modos idólatras e a rejeição da dinastia davídica pelo Reino do Norte forneceu a base para a declaração de que foram dados na ira de Deus.

### V. Ruína Inevitável. 13:12-16.

**12. As iniquidades de Efraim** (isto é, o pecado do Reino do Norte) estão descritos como **atadas junto** ou *embrulhadas*. **O seu pecado está armazenado** nos tribunais celestes e um dia será examinado em juízo. A tradução da AV, *seu pecado está escondido*, não tem a força necessária da tradução **armazenado**.

**13.** Efraim-Israel está comparado a uma mulher em trabalho de parto: **Dores da parturiente lhe virão**. Como as dores de parto são inevitáveis, assim Israel tem de enfrentar as provocações merecidas por seus pecados. Ela também foi comparada a um **filho insensato** que, por ocasião do nascimento, não se apresenta **à luz ao abrir-se da madre**. Na ilustração apropriada de Oséias, uma criança esperta estaria ansiosa em apressar-se, deixando a madre para uma nova vida (cons. João 3:3,4). Israel (Efraim) teria tido uma nova vida de obediência, mas ele preferiu permanecer em sua idolatria.

**14. Eu os remirei do poder do inferno.** As palavras expressam o sentimento de um pai que não agüenta contemplar a ruína total de um filho ainda que infiel. Israel teria de passar pelo juízo, mas além do juízo estava a libertação. O **inferno** (*sheol*) e a **morte** foram usados como sinônimos do além. Seus poderes são dispostos contra o povo de Deus de todos os tempos (cons. Mt. 16:18). Deus, contudo, será vitorioso sobre a **Morte** e o **Inferno**. Paulo, em I Co. 15:55, cita Os. 13:14, descrevendo o triunfo do cristão sobre a morte: "Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?"

15. Voltando-se novamente para o juízo imediato de Efraim (que significa fertilidade), Oséias diz : **Ainda que ele viceja entre os irmãos**, o fustigante vento oriental vindo do deserto trará a desolação sobre a terra. O vento do Oriente parece ser uma alusão à Assíria que logo viria despojar Israel.

16. Com a vinda dos assírios, **Samaria levará sobre si a sua culpa** (literalmente). Os reis de Israel foram culpados de atrocidades semelhantes às descritas neste versículo (cons. II Reis 15:16).

## Oséias 14

### III. A Conversão e Renovação de Israel. 14:1-9.

#### A. Chamado ao Arrependimento. 14:1-3.

1. Oséias voltou-se para o seu povo com um pedido: **Volta . . . para o SENHOR**. Israel fora infiel, mas o profeta ainda via esperanças se ela se arrependesse do seu pecado. Israel tinha **caído**. Literalmente, *tropeçado*. O pecado colocara uma pedra de tropeço em seu caminho.

2. Oséias pede a confissão de pecado: **Tende convosco palavras**. Israel estivera caminhando na direção do julgamento, que só podia ser desviado através de um completo abandono do pecado e da idolatria e uma volta a Deus e às Suas justas reivindicações sobre as vidas do Seu povo; por isso a ordem: **Converti-vos ao SENHOR**. A oração: **Perdoa toda a iniquidade**, implica em renúncia do pecado. As palavras, **aceita o que é bom**, são literalmente: *toma o bem*. O Salmista diz : "é bom cantar louvores ao nosso Deus" (Sl. 147:1). Com referência aos **novilhos . . . dos nossos lábios**, a LXX diz: *o fruto dos nossos lábios* (cons. Hb. 13:15). Confissão de pecado e renúncia dele na vida de Israel resultaria em bênção, como o conseqüente louvor e ação de graças. O louvor é comparado ao sacrifício que é oferecido pelo crente cheio de gratidão.

3. Um partido dentro da corte israelita esperava a ajuda da Assíria, mas Oséias insistia: **A Assíria já não nos salvará**. Para os que confiavam no Egito, a fonte dos cavalos de guerra (cons. I Reis 10:28; Is.



31:1), o profeta insistia, **não iremos montados em cavalos**. Israel sentia-se tentada a confiar em um ou outro dos poderes rivais para satisfação de suas necessidades, mas Oséias tentava fazê-la lembrar que tal política resultaria em juízo divino. **A obra das nossas mãos** refere-se a ídolos que Israel fizera. A salvação não viria da Assíria, Egito, ou dos próprios esforços e invenções idólatras de Israel (cons. Is. 42:17; 54:17). Nas palavras, **o órfão alcançará misericórdia**, Israel foi descrito como um órfão sem pai que o sustente. Embora exposto ao perigo da Assíria, do Egito e outros inimigos, Israel em seu desamparo só podia encontrar misericórdia em seu Deus.

### **B.A Promessa de Perdão. 14:4-8.**

4. Quando o povo de Deus clama em genuíno arrependimento, Ele está pronto a vir em seu auxílio e curar a sua infidelidade. O amor do Senhor é motivado pela Sua própria graça e não por algum mérito nos Seus súditos. Ele é dado gratuitamente, uma palavra sugerindo que ele é concedido pela vontade espontânea do próprio Deus. Israel não mereceu o amor de Deus, mas Ele estava pronto a fito dar como um presente. A **ira** do Senhor fala de Sua reação diante do pecado, o qual sempre provoca a Sua indignação. Pela graça, entretanto, a ira pode ser desviada e o juízo evitado.

5. A chuva é escassa em grande parte do Oriente Próximo, e o **orvalho** é essencial para a vegetação poder crescer. Deus capacitada Israel a florescer: **Florescerá como o lírio**, sugerindo beleza e fertilidade. Diversas flores têm sido sugeridas como sendo esse lírio. Pliny falou dos lírios brancos que crescem livremente na Palestina e "são incomparáveis em sua fecundidade, muitas vezes produzindo cinquenta bulbos em uma simples raiz" (Pliny, *Natural History* XXI. 5). Também se sugeriu a *Anemone coronária*. As palavras, **raízes como o cedro do Líbano**, dão idéia de estabilidade. Não se sabe ao certo se a referência é aos cedros ou às montanhas do Líbano, mas em ambos os exemplos o símbolo é de permanência.

6. Os **ramos** que se estenderão são os brotos ou mudinhas que brotaram das raízes depois que a videira de Israel foi derrubada (cons. Is. 53:2). Oséias dá a entender que a raiz da árvore emitirá muitas plantinhas novas. O fruto da **oliveira** era elemento principal da economia do antigo oriente. Jeremias 11:16 fala de Israel como "uma oliveira verde, formosa por seus deliciosos frutos". O **Líbano** tinha o cheiro suave dos seus cedros e arbustos que cresciam sobre suas encostas.

7a. Leia-se : "Os que habitam sob a sua sombra tornarão a plantar o grão" (JPS). Deus está falando e declarando que Israel restaurada desfrutará de tais bênçãos, que outros povos serão abençoados através da associação com Israel. Plantarão cereais e farão colheitas sob a proteção de Israel.

8. O versículo 8 se entende melhor como um diálogo entre Israel e Deus. Israel pergunta: **Que tenho eu com os ídolos?** Efraim (Israel) aprendeu a lição e está pronta a renunciar a idolatria. Deus responde: **Eu te ouvirei e cuidarei de ti.** Deus olha satisfeito para Israel que renunciou a idolatria. Israel torna a falar: **Sou como o cipreste verde.** Em sua prosperidade Israel se compara à figueira majestosa, ou ao cipreste. Contudo, a jactância parece presunçosa e Deus faz Seu povo se lembrar: De num se acha o teu fruto.

C. Uma Advertência Final. 14:9.

A pergunta: **Quem é sábio que entenda estas coisas?** transmite a idéia: "Aquele que for sábio entenda estas coisas". O sábio e o prudente, espera-se que dêem atenção à mensagem do profeta. **Os caminhos do SENHOR** abrangem a sua Palavra, ou vontade. O termo "caminho" foi usado aqui como metáfora. Os justos podem andar nos caminhos do Senhor sem medo, mas os transgressores encontram pedras de tropeços ao longo da estrada e constantemente têm muitos desgostos.

# JOEL

## Introdução

### Esboço

#### Capítulo 1

#### Capítulo 2

#### Capítulo 3

## INTRODUÇÃO

**O Nome e a História Pessoal do Autor.** O autor é intitulado "Joel, filho de Petuel" (1:1). O nome hebraico *Yô'el* (LXX; *Ioél*, Vulg.) significa "Yahweh (ou Jeová) é Deus". Por isso, tal como o nome Miquéias, pode indicar uma confissão de fé da parte dos pais da criança.

A história pessoal de Joel está limitada ao que foi sugerido pela própria profecia. Embora mais outras treze pessoas do Velho Testamento tenham o nome de Joel, o profeta não pode ser identificado com nenhuma delas. Sua mensagem se relaciona principalmente com Jerusalém e Judá. Suas referências à terra e à cidade sugerem que ele foi cidadão da Palestina meridional e provavelmente habitante de Jerusalém (Veja "Sião, 2:1, 15, 32; 3:16, 17, 21; os "filhos de Sião", 2:23 ; "Judá" e "Jerusalém", 2:32; 3:1, 16, 17, 18, 20; os "filhos de Judá" e Jerusalém, 3:6, 8, 19). Ele demonstra um conhecimento completo do Templo, seus cultos e pessoal (por exemplo, 1:9, 13, 14,16; 2:14,17). Contudo, sua correção dos sacerdotes parece indicar que não era membro dessa classe.

**Data.** Até agora os mestres não têm sido capazes de chegar a um acordo sobre a data do livro de Joel. Entretanto, das várias datas propostas, há duas sugestões principais : 1) Uma data precoce, durante o reinado de Joás (ou Jeoás) em Judá, em cerca de 830 A.C. 2) Uma data pós-exílica, em cerca de 400 A.C. – durante o período persa. Há alguns argumentos lógicos que apóiam esta data tardia. De um lado, não há referência no versículo-título (1:1) a um rei regente, como em outros profetas pré-exílicos. Também não se menciona o Reino do Norte (Samaria), portanto evidentemente devia estar há muito extinto. Joel usa

a palavra Israel em se tratando de Judá, o que nenhum profeta pré-exílico teria feito. O termo só era usado em relação às dez tribos do norte antes de 722 A.C. (a queda de Samaria). Os sacerdotes, não os nobres ou reis, foram os líderes da sociedade pós-exílica. A referência aos gregos em 3:6 (jônios) indica um período quando os judeus estavam em contato com eles. Também os versículos 1, 2, 17 de Joel 3 indicam que o cativo já tinha acontecido.

Por outro lado, os argumentos que defendem uma data pré-exílica também são fortes. O destaque dado aos sacerdotes e a ausência da nobreza deve-se ao fato de que Joiada, o sumo-sacerdote, reinava em lugar de Joás, o rei infante. O argumento do silêncio (veja observação sobre Samaria acima) não tem peso, pois o autor não estava principalmente preocupado com os acontecimentos do Reino do Norte. O termo Israel podia ser apropriadamente usado com referência a Judá na qualidade de herdeiro legítimo das bênçãos espirituais de Jacó. Intercâmbio entre os gregos e Tiro poderia ter ocorrido em data precoce, pois a Grécia não foi mencionada como uma nação. A palavra hebraica *Yawun* (= jônio) poderia referir-se a um grupo de bandos isolados de mercadores de escravos de um país distante. Em Joel 3 não há nenhuma descrição que se encaixe no período pré-exílico. Joel 3-4-6 refere-se aos mesmos acontecimentos descritos no livro de Obadias. Os inimigos mencionados não são os países do Exílio (Assíria, Babilônia e Samaria), mas países pré-exílicos (Fenícia e Filístia; com. II Cr. 21:16, 17).

**Autoria.** O livro de Joel tem sido tradicionalmente aceito como a obra de um só autor. Contudo, em 1870 aproximadamente, M. Vernes sugeriu que 2:28 – 3:21 (na Bíblia Hebraica, caps. 3 e 4) não foram escritos pelo autor de 1:2 – 2:27 (na Bíblia Hebraica, 1:1 - 2:18). Mais tarde, ele modificou seu ponto de vista e admitiu que o mesmo autor escreveu as duas seções; contudo, ele ainda afirmava que diferenças marcantes existiam entre ambas as seções. Outras tentativas menores também foram feitas para provar que o livro não é uma unidade literária. Nowack, Marti e outros que tiveram sucesso em contestar a validade

desta. escola de pensamento defendem que Joel é uma unidade. O ponto de vista da alta crítica geralmente aceito hoje em dia é que Joel é o autor responsável pelo livro, mas que modificações posteriores, expansões e interpolações podem ter ocorrido através dos séculos de transmissão das Escrituras.

**Estilo.** O estilo de Joel é clássico, fazendo lembrar o de Amós e Miquéias. Se Joel tomou emprestado abundantemente dos profetas que o precederam, ou se ele foi o poço do qual estes beberam, não podemos determinar com certeza; mas a afinidade literária é forte. Compare Joel 3:18 com Amós 9:13; Joel 1:4 com Amós 4:9; Joel 2:11 com Sf. 1:14, 15; Joel 2:3 com Ez. 36:35 e Is. 51:3; Joel 2:11 com Mi. 3:2; Joel 3:10 com Is. 2:4.

**Ocasão.** A ocasião imediata para a criação do livro foi a devastação da terra por uma praga dupla de locustas e uma seca. Em estilo poético de rara elegância e força, o profeta descreve a invasão das locustas na figura de um exército, sugerindo que elas são precursores do "Dia do Senhor". Ele convoca todas as categorias sociais ao arrependimento, e files promete que se todos preencherem os requisitos de obediência a Deus, a terra será restaurada à sua antiga fertilidade. Também o Espírito de Deus será derramado sobre toda a carne, o povo da afiança triunfará finalmente sobre todos os seus inimigos, e haverá uma era de santidade e paz universal.

**Ensinamentos.** Que "o Dia do Senhor" está para vir é o ensino central do livro o dia quando o Senhor se manifestar pessoalmente na destruição dos seus inimigos e na exaltação dos seus amigos. Esse dia será acompanhado de grandes convulsões da terra e exibição de extraordinários fenômenos da natureza (2:30, 31). A atitude do coração e da vida do homem diante do Senhor será o fator que determinará sua reação naquele dia. Será um dia de terror para o pecador (1:15; 2:11) e um dia de bênçãos para o santo (2:12-14, 19-29). Aqueles que invocarem o nome do Senhor serão salvos, mas os inimigos do seu povo serão aniquilados (cap. 3).

## ESBOÇO

Versículo-título: O Autor da Profecia. 1:1.

- I. A praga da locusta como precursora do Dia do Senhor. 1:2 – 2:17.
  - A. Uma calamidade tripla: gafanhotos, seca e conflagrações. 1:2-20.
    - 1. A invasão das locustas. 1:2-12.
    - 2. Chamado ao arrependimento, 1:13, 14.
    - 3. Os terrores do Dia do Senhor. 1:15-20.
  - B. O flagelo como precursor do dia do juízo. 2:1-17.
    - 1. Um quadro vivo do juízo vindouro. 2:1-11.
    - 2. Uma exortação ao arrependimento. 2:12-17.
- II. O afastamento do juízo e a concessão de bênçãos. 2:18 – 3:21.
  - A. As bênçãos no futuro imediato. 2:18-27.
  - B. O derramamento do divino Espírito. 2:28-32.
  - C. Juízo sobre as nações. 3:1-17.
    - 1. A vingança das maldades cometidas contra os judeus. 3:1-3.
    - 2. Julgamento da Fenícia. 3:4-8.
    - 3. Julgamento do mundo. 3:9-17.
  - D. As bênçãos que se seguirão ao juízo. 3:18-21.

## COMENTÁRIO

### Joel 1

Versículo-título, 1:1 .

**1. Joel** significa Yahweh (ou Jeová) é Deus. **Petuel** significa *persuadido por Deus*. No Oriente o uso do nome do pai serve de sinal de identificação. É análogo ao nosso uso de sobrenomes (cons. Os. 1:1; Sf. 1:1; Mq. 1:1).

- I. A Praga dos Gafanhotos como Precursora do Dia do Senhor. 1:2 – 2:17.
  - A. Uma Calamidade Tripla: Gafanhotos, Seca e Conflagrações, 1:2-20.

No meio de uma terrível calamidade o profeta convoca o povo para uma lamentação universal. Ele interpreta a condição presente como uma precursora do Dia do Senhor (1:2-12). Para desviar os seus terrores ele convoca todas as categorias sociais da população a se voltarem para Deus em arrependimento (1:13, 14). Ele torna a enfatizar a atual situação angustiosa e termina com uma oração pedindo libertação (1:16-20).

1) A Invasão dos Gafanhotos, 1:2-12.

**2. Ouvi isto.** Uma invocação solene para chamar a atenção para o que vem a seguir (cons. Amós 3:1; 4:1; 5:1). **Velhos.** Não os anciãos oficiais, mas as pessoas idosas que transmitem o saber do passado para a próxima geração. **Nos dias de vossos pais.** Entre o povo do Oriente as lembranças do passado eram transmitidas de geração para geração.

**3.** A resposta à pergunta do versículo 2 não está declarada. Só poderia ser Não! **Narraí.** A palavra hebraica *sâpperû* (um radical intensivo) vem da mesma raiz da qual vela a palavra "livro". Aqui o verbo significa a transmissão de informação cuidadosa e detalhada. (Quanto à transmissão do registro do pronunciamento e revelação divinos deste modo, veja Dt. 4:9; 6:6, 7; 11:8; Sl. 78:5). Agora o mesmo procedimento devia registrar esta calamidade sem precedentes.

**4. Gafanhoto cortador ... migrador ... devorador ... destruidor.** Literalmente, descrevendo quatro das oitenta ou noventa espécies de gafanhotos no Oriente.

**5. Ébrios, despertai-vos.** Chegou a hora de se acordar do sono intoxicante! Os ébrios representam as classes ricas, que aqui são convocadas a chorar e gritar por causa da destruição das vinhas que acabou com seus estoques.

**6, 7.** A razão da angustiosa situação, isto é, do imenso número de inimigos, suas armas horríveis e os horríveis resultados do seu ataque. **Povo** (Heb. *gôy*). Os enxames de gafanhotos são como um povo; devastam a terra como um exército invasor. **Veio . . . contra.** Um termo militar usado quando da aproximação de um inimigo (cons. I Reis 20:22;

Is. 21:2). **Dentes.** Os "dentes caninos" ou "presas". As mandíbulas de alguns gafanhotos são denteadas como serras. Com tais mandíbulas conseguem roer madeira e couro, além de verduras. **Destroçou** (ou *lascou*). É uma hipérbole. Os gafanhotos não poderiam destroçar uma figueira, mas poderiam reduzir o valor de uma figueira a meras lascas. **Tirou-lhe a casca.** Literalmente: *Desnudando-a, desnudou-a*. Roendo constantemente, os gafanhotos desnudaram a figueira de suas flores, folhagens e casca. **Brancos.** Não à aparência de um campo queimado, mas o de solo coberto com neve, devido à brancura de árvores e ervas.

**8. Lamenta** (heb. *'êlî*). Este verbo foi usado somente aqui, mas o significado está claro no aramaico e siríaco. A forma é feminina porque o discurso é dirigido a toda a comunidade. **Com a virgem** (heb. *betûlâ*). Literalmente, *uma que está separada* de todos os outros, que não conheceu ainda nenhum homem (Gn. 24:16). **Marido da sua mocidade.** Viúva antes de se casar.

**9.** A justificação para a convocação à lamentação universal. **A oferta de manjares e a libação.** Representam os sacrifícios diários (cons. Nm. 15:5; 28:7; Êx. 29:38). No Judaísmo daquele período nada era mais temido que a suspensão do Tamid (veja Dn. 8:11; 11:31; 12:11). Josefo achou que esta ausência dos sacrifícios diários foram a calamidade mais terrível e sem precedentes no cerco de Jerusalém (Antiq. xiv. 16:2; *Wars* vi 2.1).

**11, 12.** O profeta faz um convite ao lavrador e ao vinhateiro. **Envergonhai-vos.** Os fazendeiros, tal como os vinhateiros, ficariam em dificuldades. Joel descreve homens, colheitas e campos, todos se lamentando juntos. Jerônimo faz aqui uma alegoria e afirma que os lavradores e vinhateiros são os sacerdotes e pregadores. A **figueira** é nativa na Ásia ocidental e muito encontrada na Palestina. Era muito estimada e freqüentemente mencionada junto com o vinho (cons. Dt. 8:8; Jr. 5:17). "Assentar-se sob a videira e a figueira de alguém" era símbolo de prosperidade e segurança (I Reis 4:25; Mq. 4:4). Os figos eram desidratados e prensados em bolos para servir de alimento (I Sm. 25:18)



e como cataplasmas (II Rs. 20:7; Is. 38:21). Uvas e figos são mencionados por Josefo como as principais frutas da terra (*Wars* iii. x. 8). Ainda hoje em dia muitas casas no Oriente Próximo estão inteiramente cobertas com videiras e ficam completamente escondidas sob figueiras. **Romeira.** Há muitas referências feitas a esta árvore nas Escrituras (por exemplo, Nm. 13:23; 20:5; Dt. 8:8; I Sm. 14:2; Cantares 4:3, 13). É um arbusto ou árvore de porte pequeno, de 3 a 4, 6 metros de altura, com folhas pequenas e verde escuras. Tem um fruto do tamanho de uma laranja, doces ou ácidas conforme a qualidade. A polpa é muito refrescante ao paladar. O suco da qualidade ácida era adoçado e usado como bebida (Cantares 8:2). Também era usada em saladas.

**Palmeira.** A palmeira tem existido desde os tempos pré-históricos em uma vasta área na zona quente e seca que se estende do Senegal até a bacia do Indus principalmente entre o décimo **quinto** e trigésimo grau de latitude. É muito comum na Palestina. A moeda cunhada para comemorar a tomada de Jerusalém em 70 d.C. representava uma mulher chorando (o símbolo da terra) assentada sob uma palmeira; tinha a inscrição *judaea capta*. **A macieira.** Diversas sugestões já foram feitas para a identificação desta árvore, a saber, marmelo, limão, laranja, abricó e maçã. De acordo com os Cantares era uma árvore majestosa própria para se assentar em sua sombra, com seus galhos se espalhando sobre uma tenda ou casa, com fruto agradável ao paladar e cheiro apetecível, refrescante. **As árvores ... se secaram** Literalmente, *se envergonharam*. O mesmo verbo aparece nos versículos 10, 11, 12. Esta freqüente repetição da palavra "envergonhado" é um chamado indireto ao arrependimento no versículo 13. Quando a alegria desaparece, chega o momento da penitência.

2) Chamado ao Arrependimento. 1:13,14.

**13.** O pensamento volta ao versículo 9. Os sacerdotes estão sendo convocados com base no mesmo princípio dos ébrios no versículo 5. Com o fracasso das colheitas, seu ministério terminaria, pois já não

haveria mais primícias e os sacrifícios logo se acabariam. **Cingi-vos de pano de saco.** O uso de pano de saco pelos sacerdotes acrescentaria solenidade à ocasião. **Lamentai.** A palavra é usada especialmente com referência às lamentações pelos mortos - expressão de sofrimento intenso (LXX, *Feri-vos no peito*). **Meu Deus . . . vosso Deus.** Contraste agudo! O Deus do profeta exigia arrependimento; o Deus dos sacerdotes exigia oferta de manjares e libação.

**14.** Joel apela aos sacerdotes a que convoquem **uma assembléia solene**, um ajuntamento religioso público, do qual todos deveriam participar. **Os anciãos.** Embora autoridades, estavam sujeitos aos sacerdotes em questões religiosas. **Casa do SENHOR.** O Templo.

3) Os Terrores do Dia do Senhor. 1:15-20.

**15. O dia do SENHOR.** O homem tem o seu dia e anda pelos seus próprios caminhos, mas finalmente tem de vir o Dia do Senhor! À luz do pecado humano, o Dia do Senhor deverá ser um dia de vingança. Todo-poderoso. O hebraico *Shadday* é usado como nome de Deus, com referência distinta ao poder divino (usado trinta e uma vezes no Livro de Jó).

**16. Diante dos vossos olhos.** Os judeus não tinham meios de evitar a destruição. **A alegria e o regozijo.** A **alegria** da convocação religiosa e a apresentação das primícias. Estas deviam ser oferecidas no Templo com regozijo (Dt. 26:1-11).

**18.** Até os animais irracionais são representados chorando em agonia. **Geme** (*soluça*). O **gado** participa da tristeza do homem. **Estão perecendo**, como se fossem culpados. As pobres, inocentes e desamparadas bestas tinham de arcar com o pecado do homem.

**19, 20.** Enquanto as bestas só podem gemer e sofrer, as almas humanas podem clamar ao Senhor. Os postos do deserto. (Terras sem cultivo onde as ovelhas pastavam; cons. Amós 1: 2). **O fogo ... a chama.** Calor e seca que acompanhavam a praga dos gafanhotos.

## Joel 2

B. A Praga como Precursora do Dia do Juízo. 2:1-17.

O profeta visualiza uma praga ainda mais terrível que está por vir. Em termos altamente poéticos ele descreve os enxames de gafanhotos como se fossem um exército hostil, vindo como o exército do Senhor para julgamento (2:1-11). Mas a porta da misericórdia, ele diz, ainda está entreaberta! Se o povo se voltar para o seu Deus com coração contrito, a calamidade pode ser evitada (2:12-14). O profeta convoca toda a comunidade para uma reunião de oração e jejum na casa do Senhor (2:15-17).

1) Um Quadro Vivo do Juízo Vindouro. 2:1-11.

**1. Tocaí a trombeta.** Um aviso de perigo (veja Jr. 6:17; Ez. 33:3; Os. 8:1). **Perturbem-se.** Está passando da hora e é preciso despertar da indiferença descuidada. A convocação é para atos de penitência diante do flagelo.

**2, 3.** Uma descrição mais real do Dia já percebido pela atual calamidade. **Dia de escuridade e densas trevas, . . . nuvens e negridão.** Quatro sinônimos foram usados para dar ênfase, significando escuridão intensa, impenetrável (cons. Sf. 1:15; Ez. 34:12). Três das palavras foram usadas em Dt. 4:11 falando da escuridão que envolveu o Sinai quando o Senhor desceu sobre nuvem de fogo. A quarta palavra foi aplicada em Êx. 10:22 à praga das trevas. **A alva por sobre os montes.** Os bandos de gafanhotos são comparados à alva, ou por causa de sua aparência robusta, ou porque o amanhecer é envolvido em massas de nuvens e neblina, e assim o dia fica excluído. Um viajante conta ter visto um enxame de gafanhotos que tinha dois quilômetros e meio de largura e que, à distância, parecia uma nuvem negra. **Fogo devorador.** Tudo está perdido; a linda terra transformou-se em deserto despovoado. Tudo está estorricado, queimado ou reduzido a cinzas. **Jardim do Éden.** Esta e Ez. 36:26-35 são as únicas referências ao jardim fora do livro de Gênesis.

Antes da destruição a terra era rica em vegetação, agradável de se ver; agora era um deserto desolado, como o Egito e Edom.

4. O profeta descreve de maneira viva o aparecimento dos exércitos e seu terrível avanço. **Como . . . cavalos.** "O gafanhoto tem . . . , o rosto de um cavalo, o olho de um elefante, o pescoço de um boi, os chifres de um veado, o peito de um leão o ventre de um escorpião, as asas de uma águia, as coxas de um camelo, os dentes de uma avestruz, o rabo de uma serpente" (um ditado árabe, citado por Pursey em *The Minor Prophets*, I, 174).

5. O barulho que acompanha o avanço de incontáveis cavalos é comparado ao matracolejar de carros – veículos baixos de duas rodas usados com propósitos militares. O espantoso ruído dos gafanhotos pode ser ouvido a 9,6 quilômetros de distância. É comparável ao som de uma catarata, uma torrente, um vento impetuoso, ou um fogo furioso.

7. Joel começa comparando este bando com um exército bem equipado. O avanço é irresistível; não há confusão entre as fileiras de guerreiros; eles escalam os mais altos muros; penetram no recesso mais íntimo das casas. **Correm** para o assalto, prontos para atacar. **Não se desvia da sua fileira.** Literalmente, *não mudam de caravana*; cada esquadrão permanece compacto, como os regimentos de um exército.

8. **Lanças** ou mísseis. Os gafanhotos desafiam todas as armas que possam ser arregimentadas contra eles. São tão numerosos que, mesmo depois que milhões foram destruídos, os enxames avançam como se nada tivesse acontecido. Só se pode eliminá-los pela destruição dos seus ovos.

9. **Como ladrão.** As portas são fechadas, mas os invasores passam pelas janelas sem vidros. Esta imagem indica que o profeta não está se referindo a um exército atacante, mas apenas a gafanhotos. A mesma imagem foi usada no N.T, para com a vinda do Senhor (Mt. 24:43, 44; Lc. 12:39; I Ts. 5:2; II Pedro 3:10).

11. **A sua voz.** Na terrível tempestade descrita em 2:10, o profeta ouve a voz de Deus (cons. I Sm. 12:18; Sl. 18:14; 46:8). **Quem o poderá suportar?** Por trás e além da destruição dos gafanhotos, do terremoto e

da tempestade, espreita o Dia do Senhor, trazendo um exército ainda mais inconquistável, uma hoste ainda mais irresistível e um castigo ainda maior e mais terrível. Quem poderá suportá-lo? Aparentemente *ninguém*! Mas ainda há esperanças. A porta da misericórdia está aberta! Se o povo se voltar para Deus em verdadeiro espírito de arrependimento, Ele pode perdoar!

## 2) Uma Exortação ao Arrependimento. 2:12-17.

**12. Ainda assim, agora mesmo.** Na hora undécima, quando a destruição parece iminente! Converti-vos a mim. Abandonem seus próprios caminhos de rebeldia; tenham juízo; reconheçam-me como o seu Deus ; e sigam rainhas instruções. Este é o apelo de todos os grandes profetas (por exemplo, Os. 14:1; Is. 1:2; Amós 4:6). **Converti-vos** enfatiza a idéia de conversão. **De todo o vosso coração.** A sede não só das emoções, mas de todos os poderes da personalidade, intelecto, sensibilidade e vontade. Todas as atividades do espírito humano (todos os pensamentos, todas as afeições e todas as aspirações) devem se centralizar no Senhor. A mudança interior (no coração) se manifestará por si mesma na mudança externa de atitudes.

**13. Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes.** Uma exigência de religião moral e ética. A penitência tem de ser profundamente sentida; não deve ser uma questão de simples ritual. Joel, como todos os verdadeiros profetas, exige "coração arrependido e uma vida limpa subsequente" (com. Ez. 36:26; Sl. 51:19). A penitência não é um *opus operatum* ("um trabalho realizado", isto. é, uma obra meritória), um rasgar de vestes (cons. esta expressão de tristeza em Lv. 13:45; Jr. 36:24), mas uma tristeza interior, um anseio, uma angústia e um rasgar do coração! **Compassivo.** Literalmente, inclinado a perdoar o pecador arrependido. **Misericordioso.** Possuindo abundância de misericórdia – equivalente a "cheio de compaixão". **Tardio em irar-se.** Literalmente, *longo como o respirar às narinas* na ira. O Senhor não permite que Sua ira irrompa imediatamente como uma avalanche quando descobre o

pecado, mas Ele aguarda para ver se o pecador não se arrepende. **Grande em benignidade.** A palavra hebraica *hesed*, usada para 1) o amor de Deus aos homens, 2) o amor do homem ao homem e 3) o amor do homem a Deus.

**14. Quem sabe.** Talvez Ele se volte e se arrependa. Deus não é homem que pudesse se arrepender ; Ele não pode voltar-se e converter-se como um homem. Contudo Ele tem os Seus próprios meios divinos de se arrepender e voltar-se. Embora imutável em Sua atitude para como pecado, Deus pode demonstrar misericórdia para com o Seu povo pecador. **Uma bênção.** Uma nova colheita, que tornará possível novamente a oferta de manjares e as libações.

**15, 16. Uma assembléia solene.** Primeira vez convocada em terror em 1:14 e 2:1, *agora* está sendo convocada em esperança de misericórdia divina. Todas as classes sociais de todas as idades da população estão sendo convocadas para esta grande e expectante reunião de arrependimento! Até os noivos, que tinham o direito de se afastar dos deveres públicos durante o período de um ano, estão incluídos (cons. Dt. 24:5).

**17. Os sacerdotes, ministros.** Os mediadores entre Deus e o povo **Chorem.** De tristeza e arrependimento ao conduzir o povo. Entre o **pórtico e o altar.** A parte interna do pátio dos sacerdotes (cons. Ez. 8:16). Aqui Zacarias ficou quando foi martirizado (II Cr. 24:20-22; Mt. 23:35). **Poupa.** Tenha misericórdia e impeça juízo futuro. **Teu povo . . . tua herança.** A base do apelo (cons. Dt. 9:25, 29). O Senhor está intensamente interessado em seu bem-estar. **Opróbrio.** Novamente o Todo-poderoso é lembrado que, se Ele abandonar Israel e permitir que seja destruída, Seu poder será posto em dúvida. **Onde está o seu Deus?** Uma zombaria à vista do relacionamento entre o Senhor e o Seu povo. A única maneira de evitar essa zombaria, seria Deus desviar a calamidade (cons. Êx. 32:12; Sl. 79:10).

---

II. O Juízo é Desviado e Bênçãos são Concedidas. 2:18 - 3:21.

## A. As Bênçãos no Futuro Imediato. 2:18-27.

Este é o ponto crucial do livro. Evidentemente o povo reagiu favoravelmente ao convite do profeta. A solene convocação foi feita, o povo se arrependeu e o Senhor perdoou. Conseqüentemente, agora Ele promete remover os gafanhotos e restaurar a prosperidade da terra. Agora todos saberão que o próprio Deus habita com o Seu povo.

**18. Então.** O tempo não foi definitivamente declarado, mas dá a entender que o povo voltou-se para o Senhor em Penitência de coração. **Se mostrou zeloso . . . Compadecer-se.** O zelo divino se fundamenta na afiança (cons, relacionamento conjugal entre o Senhor e o Seu povo em Is. 54:5; 62:5; Os. 2:19). Seu zelo é despertado quando o Seu povo despreza o Seu amor.

**20. O exército que vem do norte.** O Nortista. Os terríveis gafanhotos serão retirados e espantados no deserto. o Mar Morto e o Mar Mediterrâneo. O profeta visualiza a invasão da terra pelos exércitos da Assíria e Babilônia vindos do norte, tipificados pelos gafanhotos. **Agiu poderosamente.** Dois sujeitos estão implícitos, um imediato – os gafanhotos, e um mais remoto – o Nortista. O exército de gafanhotos é considerado como instrumento do Senhor. Tão terríveis e repulsivos como são, os gafanhotos levaram o povo a Deus em arrependimento. O mau cheiro dos gafanhotos mortos geralmente é citado como intolerável e motivo de pragas. Agostinho cita Julius Obsequens mostrando que uma grande nuvem de gafanhotos que caiu no Mar Africano veio à praia em massa pútrido e houve uma praga que matou 800.000 pessoas.

**21.** Os animais, homens e todos os sofredores do capítulo 1 agora são convocados a lançarem fora o seu temor e a se regozijarem. **O SENHOR faz grandes coisas.** Um perfeito profético (ação completada). O profeta está tão certo, baseado em autoridade divina, dos acontecimentos, que fala como se já tivessem acontecido.

**23. Regozijai-vos no SENHOR.** No meio de seu regozijo devem se lembrar que foi a misericórdia divina que tornou tudo isso possível. **Em**

**justa medida a chuva** (hammôreh *lisedaqâ*). Não há dúvida de que *môreh* na última cláusula do versículo significa chuva temporã. Mas o Targum, a Vulgata e os escritores judeus, seguidos por Keil, Pusey e outros, traduzem "Instrutor da justiça" – o Messias. O líder da comunidade Qumran usava este título. Contudo, o contexto não permite essa tradução, a qual Calvino intitulou de "uma estranha exposição". **A chuva temporã e a serôdia.** As chuvas de setembro-outubro e março-abril eram necessárias para a fertilidade da terra da Palestina.

**24, 25.** Mais uma vez os céus se abrirão, a seca terá um fim, os gafanhotos desaparecerão, as colheitas retornarão e a presença do Senhor será percebida.

**26.** O resultado da restauração generosa: os judeus reconhecerão o Senhor como o seu Deus e o louvarão por sua divina intervenção. **O nome do SENHOR.** Equivalente à pessoa do Senhor (com. Amós 2:7; Mq. 5:4).

**27. Eu sou o SENHOR vosso Deus.** Todo o líder religioso do tempo de Moisés insistia que o Senhor era o Deus de Israel (veja, por exemplo, Êx. 20:2; Dt. 5:6), mas o povo com muita freqüência se esquecia disso e por isso "se prostituta após outros deuses" (Os. 2:5, 8). O Senhor, a fim de fazê-lo perceber a realidade, tinha de derramar o juízo sobre eles muitas e muitas vezes. Contudo, o presente golpe haveria de curá-los de uma vez para sempre; eles o reconhecerão como seu único Deus. **Não há outro.** Os deuses que no passado seduziam o povo são sem valor. Não possuem poder de proteger ou ajudar. Acrescentam fardos e não os aliviam (veja Os. 2:7; Is. 1:29-31; 45:5, 6, 18).

#### B. O Derramamento do Espírito Divino. 2:28-32.

Na Bíblia Hebraica, os versículos 28-32 constituem o capítulo 3. A palavra **depois** considera um período bem além da praga dos gafanhotos e o arrependimento e restauração de Israel. Pois aqui o profeta desvia-se do físico e material para o espiritual e eterno. Através de sua visão profética, Joel eleva-se acima da experiência religiosa da atual praga dos



gafanhotos para um quadro histórico mais amplo. Ele mergulha no futuro e vê o reavivamento espiritual de Israel e o livramento de todos os inimigos que a cercam. Sua visão assim antecipa um cumprimento primo do dia de Pentecostes e uma realização final na vitória completa do reino do Senhor Cristo.

**28. Derramarei o meu Espírito.** Com grande abundância (Calvino). O Espírito é o princípio da vida no homem (com. Gn. 1:2; Jó 33:4), o poder invisível para o qual reverterem todas as ações externas, e que concedeu aos heróis de Israel energia guerreira (por exemplo, Juízes 3:10; 11:29). O Espírito produz poder profético em sua forma mais elevada e mais simples (I Sm. 10:6, 10; 19:20; Is. 61:1). **Toda a carne.** Não os animais, mas *toda a humanidade* profetizará, sonhará, terá visões. Nesta futura manifestação do Espírito, nenhuma distinção será feita com base em sexo, idade ou posição; mas ela será feita nos diferentes métodos pelos quais a revelação for recebida e o dom profético exercido. Isto é, seus filhos, filhas, pessoas idosas e jovens receberão o Espírito do Senhor com todos seus variados dons. Profetizarão. Virão a ser "órgãos da revelação divina" diante de todas as nações!

**29. Até** (E.R.C., **também**). Algo extraordinário. No Período Messiânico não se fará nenhuma distinção entre o escravo e o livre. Em Ez. 39:29 e em Zc. 12:10 o Espírito é prometido a Israel, à casa do rei e aos favorecidos habitantes de Jerusalém. Mas Joel vai mais além e inclui todas as categorias sociais, no espírito do universalismo que também caracteriza o livro de Jonas.

**30.** Haverão maravilhosos presságios da aproximação do juízo. **Prodígios.** Fenômenos extraordinários sobre a terra e no céu. **Sangue, fogo e colunas de ramo.** Terrores de guerra, derramamento de sangue, violência e colunas de fumo subindo das cidades queimadas. Guerras em escala sem precedentes serão os precursores do Dia do Senhor (cons. Is. 13:6; Sf, 1:7). Alguns mestres entendem que são "fenômenos atmosféricos anormais", ou resultados do holocausto nuclear. **Sangue.** A

cor vermelha da lua. **Fumo.** Talvez nuvens de fumaça enchendo o ar como resultado de erupções vulcânicas. **Fogo.** Relâmpagos, considerando que tempestades geralmente acompanham os terremotos.

**31.** Fenômenos no céu. O escurecimento do sol e a extinção dos luminares celestes são freqüentemente mencionados nas Escrituras como precursores do Dia do Senhor ou da aproximação do juízo (2:2, 10; 3:15; Is 13:10; 34:4; Jr. 4:23; Mt. 24:29; Mc. 13:24; Lc. 21:25; Ap. 6:12).

**32.** Um grande e horrível dia para as nações (3:2), mas os verdadeiros adoradores do Senhor não precisam temer! **Invocar o nome do SENHOR.** Não numa cerimônia fria ou insensível repetição de frases, mas em adoração espiritual e sincera. Aquele que *invoca* o Senhor é aquele que o *adora*. O caminho da fuga é através da participação na comunidade do verdadeiro Israel, não o Israel segundo a carne, mas o Israel segundo o Espírito. Esta participação se evidencia através de verdadeira e sincera devoção ao Senhor. **Sobreviventes** (heb. *pelêât*). Todos os que escaparam (AV, o *remanescente*). O remanescente em Jerusalém abrange todo aquele que crê ou crerá de todas as nações, povos e línguas! O Apóstolo Pedro citou 2:28-32 depois do derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, considerando cumprido aquele evento. Contudo, o derramamento do Espírito no Dia de Pentecostes foi simplesmente o começo. Continuará até que toda a carne seja equipada com iluminação divina.

### Joel 3

#### C. O Julgamento das Nações. 3:1-17.

Quando o grande dia anunciado por fenômenos extraordinários realmente irromper, seus terrores só sobrevirão aos inimigos de Israel. Este juízo é duplo: primeiro, consumir uma separação completa e final entre os fiéis e os inimigos de Deus ; segundo, estabelecer o reino do Senhor sobre a terra em glória triunfal. Este conflito será travado no vale de Josafá (lit. *o juízo do Senhor*; 3:1-3). Talvez este vale deva ser identificado com o Quidrom. As nações que tiverem exibido a maior

hostilidade sofrerão mais (3:4-8); não obstante sua superioridade numérica, serão totalmente aniquiladas e os habitantes de Jerusalém não experimentado dano nenhum (3:9-17).

1) A Vingança das Maldades Cometidas Contra os Judeus. 3:1-3.

1. O versículo 1 começa o capítulo 4 no hebraico. **Eis** liga 3:1 com 2:32. Ele introduz a explicação do profeta sobre o livramento dos judeus somente; as outras nações serão destruídas. **Naqueles dias, e naquele tempo.** Não se refere retroativamente a 2:28, mas ao futuro, quando do livramento dos judeus (Jr. 33:15).

2. **Congregarei todas as nações.** Todas aquelas que tiverem maltratado o povo de Deus. **Vale de Josafá,** ou vale do juízo divino. Este nome é dado ao cenário do conflito final por causa do significado do nome – *o Senhor julga*. **Espalharam . . . repartindo.** Duas acusações específicas contra as nações: eles deportaram os israelitas; e dividiram a terra entre eles.

3. Destaca-se o tratamento ignominioso dado aos judeus desamparados pelos conquistadores. **Lançaram sortes.** Um costume comum entre os povos antigos (cons. Ob. 11; Na. 3:10; Tucídides, *History* iii, 50). Isto tornava os prisioneiros propriedade absoluta dos seus senhores. **Meninos.** Considerando que eles não tinham serventia imediata, trocavam-nos por meretrizes a fim de satisfazer a sua sensualidade. **Meninas.** Jovens demais para os seus propósitos; ou, após satisfazerem sua sensualidade, eles as trocavam por vinho, para satisfazer seus anseios de orgias licenciosas.

2) O Julgamento da Fenícia. 3:4-8.

4. O profeta volta-se para o lado momentaneamente, para se dirigir às nações que foram especialmente hostis para com o povo da aliança. Ele destaca as maldades especiais e promete às nações retribuição imediata e justa pelos seus crimes. **Tiro e Sidom.** As duas principais cidades da Fenícia. Originalmente Tiro estava localizada no continente,

mas foi transferida, por questões de segurança, para uma ilha rochosa próxima. **Regiões da Filístia.** O distrito ao sudoeste da Palestina cobrindo uma área de cerca de 64 quilômetros de comprimento por 24 quilômetros de largura. Os filisteus foram excessivamente hostis para com os israelitas através de sua história cheia de altos e baixos.

**5.** Estas nações trataram o Senhor com total desprezo. Roubaram Seu ouro e a Sua prata, encheram seus templos com essas preciosidades e venderam Seus filhos como escravos. **A minha prata e o meu ouro, e as minhas jóias preciosas.** Isto incluía as coisas tomadas das casas dos ricos além daquelas que foram tiradas do Templo. Antigamente, a espoliação sempre se seguia à conquista de uma cidade (por exemplo, I Reis 14:26; II Reis 14:14).

**6. Os gregos.** lateralmente, *jônios*, ou Javã (cons. Gn. 10:2-4; Is. 66:19; Ez. 27:13, 19). A literatura pós-bíblica menciona o comércio de escravos dos fenícios (com. Ez. 27:13; I Mac. 3:41). Contudo, os escritores gregos provam que os fenícios e os gregos desfrutavam de intercâmbio comercial desde um período mais precoce. **Para os apartar para longe dos seus termos.** Portanto não trilham mais esperanças de retornarem. Foi um golpe severo para os judeus, pois consideravam imundas as nações e os países estrangeiros.

**7, 8.** Tudo o que os inimigos tinham feito seria retribuído *lex talionis* (isto é, pela lei da retaliação). **Os** (pronome oblíquo). Os filhos de Judá e Jerusalém. Serão despertados para a atividade e voltarão para a sua terra natal; as bênçãos do Senhor os tornarão fortes e poderosos. Os judeus, por seu lado, serão usados por Deus para invalidar os tiros, sidônios e filisteus – para vendê-los como escravos! **A uma nação remota.** Uma nação comercial célebre na Arábia. **Porque o SENHOR o disse.** Uma fórmula comum de afirmação no V.T. (por ex., Is. 1:20; 22:25; Ob. 18).

3) O Julgamento do Mundo. 3: 9-17.

**9. Proclamai isto entre as nações.** O profeta retoma ao aviso que interrompeu no versículo 3. Insiste-se com as nações a que se preparem

para o conflito e se reúnam no vale de Josafá. Ali serão convocadas por ordem do Senhor, mas serão aniquiladas. **Apregoai guerra santa** (lit., *santificai-vos para a guerra*). Tragam os sacrifícios, executem os costumeiros rituais religiosos que precedem à batalha. **Suscitai**. Despertem os heróis, pois a ocasião não é para sono. **Cheguem-se, subam**. Termos militares técnicos.

**10. Relhas de arado, e lanças das ... podadeiras.** Os implementos (pacíficos) da agricultura devem ser transformados em anuas de guerra.

**11. Apressai-vos.** *A toda pressa!* O assunto deve ser resolvido rapidamente. **Os povos em redor.** Não apenas os vizinhos imediatos mas todas as nações gentias.

**12, 13.** A réplica de Deus à sucinta oração é que Ele cuidará do Seu povo. Ali me assentarei, para julgar. Não para atender à pedidos adicionais mas para enunciar a sentença. O julgamento é descrito por meio de uma figura dupla – a colheita do grão e o esmagamento das uvas (veja também Ap. 14:15, 16, 19, 20). **Madura.** São tão pecadoras que estão prontas para o juízo (cons. Amós 3). **Cheio.** Uma figura adicional de pecado extremo. **Os seus compartimentos transbordam.** As uvas do pecado são tão abundantes e tão maduras que antes mesmo de serem artificialmente esmagadas, o suco está sendo espremido pelo seu próprio peso.

**14.** A figura do juízo começa aqui. **Multidões, multidões.** Literalmente, tumultos. Isto é, grandes multidões. A repetição é a bem da ênfase. **Vale da decisão.** O juízo será decisivo! As nações estão reunidas porque o juízo está prestes a irromper.

**15, 16.** Estas trevas, símbolo do juízo, como na crucificação, talvez signifique que diante da grande luz de Deus, as luzes menores se apagam. Mas a referência é mais provavelmente ao terror diante da ira de Deus (veja 2:10, 31; Is. 13:10; Ez. 32:7; Mt. 24:29; Mc. 13:24). **O SENHOR brama.** O verbo descreve a ira do leão quando salta sobre a sua presa. Sob a figura de um leão enfurecido (cons. Amós 1:2; Jr. 25:30), o Senhor é representado pronto para saltar sobre as nações. **E se**

**fará ouvir.** O aparecimento de Deus, no V.T., costuma ser descrito freqüentemente sob a imagem de uma tempestade com trovões. **Sião . . . Jerusalém.** O Templo do Monte Sião em Jerusalém é a habitação terrena do Senhor, a base de Suas operações. O fato de Deus não abandonar o Templo é um sinal favorável para com o Seu povo. **Os céus e a terra tremerão.** Um terremoto severo acompanhará a tempestade.

**17.** A crise atual, isto é, a destruição das nações e o livramento de Israel, ensinará ao povo de Israel que o Senhor é o seu Deus. Agora o reconhecerão como ser supremo (2:27; cons. Os. 2:8; Ez. 28:23). **Jerusalém será santa.** Separada, inteiramente consagrada a Deus. Estranhos. Estrangeiros, cidadãos de outras terras, que não se interessam nem amam as coisas que são preciosas para os judeus redimidos (cons. Os. 7:9; Jr. 30:8).

#### D. As Bênçãos Subseqüentes ao Julgamento. 3:18-21 .

Após o julgamento das nações, Judá sob o cuidado e a mão protetora do Senhor, desfrutará da plenitude da bênção divina. A sede dos antigos poderes mundiais se transformará em um deserto estéril, mas em Judá haverá fertilidade e paz.

**18. Naquele dia.** O começo da Era Messiânica – o dia do juízo dos inimigos de Deus e o livramento dos judeus. Uma figura hiperbólica de extrema fertilidade é o que vem a seguir. O território de Judá estava coberto com rochas calcárias, e o solo produzia apenas uma escassa colheita em troca do trabalho mais árduo. Mas nesta nova era, descreve-se a fertilidade em termos de **montes e outeiros que destilarão mosto e manarão leite.** Canaã é chamada de "terra que mana leite e mel" (Êx. 3:8). **Águas.** A água em Judá era parcamente racionada. A maior parte dos riachos secavam inteiramente durante a estação da seca. Na nova era não haveria mais secas. Haverá abundância de água para homens e animais. **Uma fonte da casa do SENHOR.** De Jerusalém brotará uma fonte, ou do Templo do Senhor (Ez. 47:1-12; Zc. 14:8). **O Vale de Sitim.** Literalmente, o vale das Acácias – um lugar seco e sedento. Este

foi o nome do último acampamento dos israelitas antes de entrarem em Canaã (Nm. 25:1; Js. 3:1). Ezequiel descreve a água correndo na direção leste atravessando o Jordão.

**19.** Enquanto Judá prospera, a maldição da ruína (cons. 2:3) recairá sobre Edom e o Egito por causa dos crimes que cometeram contra os israelitas. **Egito.** O velho opressor. **Edom.** O espinho constante na carne de Israel, que venceu os israelitas e se beneficiou com as calamidades de Israel (Sl. 137:7; Lm. 4:22; Ez. 25:12; 35:15; 36:5; Ob. 10-14). Esta violência consistia não apenas no derramamento do sangue dos judeus durante a guerra, mas também do massacre sem provocação de judeus pacíficos que viviam nessas terras (Amós 1:11; Ob. 10).

**20.** Enquanto as nações vizinhas ficarem arruinadas, Judá e Jerusalém florescerão para sempre. **Será habitada.** Literalmente, assentada – uma expressão poética indicando habitação e prosperidade contínuas. Para sempre (heb. *'ólam*). Um período sem fim – sinônimo de **geração em geração.** Nem os romanos nem os turcos realmente reduziram este pequeno país de Judá à ruína. Atualmente os israelitas estão reconstruindo suas cidades, rejuvenescendo sua terra e restaurando sua glória antiga!

**21. Eu expiarei** (purificarei, AV). O julgamento das nações será uma prova decisiva de sua culpa e da inocência das vítimas judias. **Porque o SENHOR habitará em Sião.** Uma reiteração da maior de todas as promessas. Com a execução do juízo, o Senhor se estabelecerá para sempre em Sião. Jamais tornará a abandonar o Seu povo de modo que este não tornará a constituir objeto de desprezo dos seus inimigos.

No Livro de Joel temos a descrição da passagem de Israel de Cidade de Destruição para Cidade Celestial. A luminosa promessa destes versículos finais fazem paralelo com o glorioso final do Evangelho de Mateus!

# AMÓS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 4	Capítulo 7
Capítulo 2	Capítulo 5	Capítulo 8
Capítulo 3	Capítulo 6	Capítulo 9

## INTRODUÇÃO

**A Data e os Antecedentes.** O primeiro versículo da profecia de Amós, junto com 7:10-13, coloca o profeta no meio do século oitavo A.C., contemporâneo com Uzias de Judá e Jeroboão II de Israel. Uzias, rei de Judá, reinou cerca de cinquenta anos (791-740 A.C.), e teve sucesso num certo sentido. Ele derrotou os inimigos de Judá e fortaleceu os muros de Jerusalém. O país foi próspero sob a sua liderança, e durante algum tempo a influência de Amós foi espiritualmente construtiva.

Mas Uzias estava provavelmente sob a influência de Jeroboão, rei de Israel. O reinado de Jeroboão de aproximadamente quarenta anos (793 - 753 A.C.) foi extremamente auspicioso, e sua influência eclipsou o de Uzias em praticamente todos os setores. Em sua liderança religiosa, Jeroboão, tal como o primeiro Jeroboão, filho de Nebate, encorajou deliberadamente a prática dos cultos à fertilidade (II Rs. 14:24, 25). Ele não excluiu a adoração de Jeová, mas paganizou-a pelo acréscimo de colunas, imagens e terafins (Os. 2:13, 16, 17; 3:4; 4:12; 10:2; 11:2). A vida social da nação foi caracterizada pelo adultério, furtos e assassinatos. O luxo dos ricos era baseado na injustiça e na opressão dos pobres (Amós 2:6-8; 3:15; 4:1; 5:7-12; 6:3-6; 8:4-6; Os. 4:1, 2, 11-13; 6:8, 9; 12:7, 8).

Crê-se generalizadamente que Amós profetizou em cerca de 760 A.C. O período de Amós foi um período de segurança política para Israel, que se refletiu no orgulho e negligência das classes governantes.



A luta com a Síria terminou com a vitória de Israel; Jeroboão tinha restabelecido "os termos de Israel, desde a entrada de Hamate até ao mar da planície" (II Rs. 14:25). Esta atitude de negligência caracterizou os últimos anos do reinado de Jeroboão e não o princípio dele. A ameaça do poder assírio sob Tiglate-Pileser III (745-727 A.C.; veja comentário sobre Amós 1:14) ainda não se desenvolvera. O terremoto mencionado em 1:1 não ajuda na determinação mais definida da data do ministério do profeta.

**A Vida de Amós.** Amós era nativo de Tecoá, localizada no deserto de Judá, 19,2 quilômetros ao sul de Jerusalém. Era um pastor, que suplementava seus ganhos tomando conta de sicômoros (figueiras bravas; 1:1; 7:14, 15). Não há registro de sua família. Deus o chamou enquanto apascentava seu rebanho. Sua declaração de que o Senhor o chamou diretamente (7:15) coloca-o ao lado de todos os profetas que experimentaram uma revelação direta de Deus. Embora Amós fosse nativo de Judá, profetizou no Reino do Norte. Sua pregação despertou tal antagonismo, entretanto, que ele retornou a Judá, onde registrou a sua mensagem. A maneira de Amós escrever indica que ele não era uma pessoa inculta, mas tinha profundo conhecimento de história e dos problemas de sua época. Sua linguagem, rica em figuras e símbolos, está ao lado dos mais finos estilos literários do Velho Testamento.

**A Mensagem de Amós.** A grande proclamação no começo desta profecia (1:2) estabelece o tom da mensagem de Amós. A voz do Senhor, como o rugido de um leão, será ouvida em julgamento desde Sião. O profeta revela a corrupção espiritual sob o formalismo religioso e prosperidade material da época (5:12, 21). Ele castiga os líderes pela deterioração da justiça social e da moral (2:7, 8), e destaca seu total desrespeito para com a personalidade e direitos humanos (2:6). Ele insiste que o povo de Deus deve buscar o Senhor e se arrepender e que deve impor a justiça para que haja vida (5:14, 15). Mas como o povo de Israel não se arrependia, nada mais restava para ele a não ser a destruição (9:1-8). O Dia do Senhor será uma asserção das reivindicações do caráter

moral de Deus sobre aqueles que o repudiaram. Quando isto for reconhecido, ficará estabelecida a glória do prometido reino davídico; e esse dia é inevitável (9:11-15). A mensagem de Amós é principalmente um "grito por justiça".

## **ESBOÇO**

- I. Profecias contra as nações, 1:1 – 2:16.
  - A. Sobrescrito e proclamação. 1:1, 2.
  - B. Acusação das nações vizinhas. 1:3 – 2:3.
  - C. Acusação de Judá. 2:4, 5.
  - D. Acusação de Israel. 2:6-16.
- II. Três sermões contra Israel. 3:1 – 6:14.
  - A. Uma declaração de juízo. 3:1-15.
  - B. A depravação de Israel. 4:1-13.
  - C. Uma lamentação pelo pecado e destino de Israel. 5:1 – 6:14.
- III. Cinco visões da condição de Israel. 7:1 – 9:10.
  - A. Os gafanhotos devoradores. 7:1-3.
  - B. O fogo consumidor. 7: 4-6.
  - C. O prumo. 7:7-9.
  - D. Oposição eclesiástica. 7: 10-17.
  - E. O cesto de frutos maduros. 8: 1-14.
  - F. O julgamento do Senhor. 9:1-10.
- IV. A promessa da restauração de Israel. 9:11-15.

## **COMENTÁRIO**

- I. Profecias Contra as Nações. 1:1 - 2:16.

### **Amós 1**

- A. Sobrescrito e Proclamação. 1:1, 2.

O sobrescrito (1:1) serve de título para todo o livro e identifica o escritor. Ele coloca o livro em seu encaixe histórico. A proclamação (1:2) cria o espírito e o caráter da profecia como um todo.

**1. Palavras, que . . . vieram a Amós.** Às vezes um profeta refere-se à sua profecia como "a palavra de Jeová" (por exemplo, Joel 1:1; Jonas 1:1; Mq. 1:1). Mas nesta declaração (cons. meu 1:11) as palavras da profecia são declaradas serem as palavras de Jeová. A origem divina das palavras do profeta está enfatizado pela frase, em visão. A palavra *hazah*, "ele viu", geralmente caracteriza o método sobrenatural da recepção da mensagem divina (cons. Is. 1:1). A mensagem era de Deus e não de Amós. **Que era entre os pastores.** A palavra hebraica para pastores não é a palavra comum para pastor, *ro'eh*, mas *noqêd*, que significa que o rebanho de Amós não era do tipo comum. A palavra se refere a alguém que cuida de ovelhas anãs, de pernas curtas. Ajuda a explicar a expressão árabe, "mais vil que um naqqad". Esta raça de ovelhas é valiosa por sua lã boa e abundante. Além desta referência em Amós, *noqêd* só se encontra em II Rs. 3:4, onde se refere a Mesa, rei de Moabe, e foi traduzido para "criador de gado". Os arqueólogos encontraram-na na linha 30 da Pedra Moabita de Mesa. Com base em II Rs. 3:4, os judeus têm insistido que Amós era um rico proprietário de ovelhas, com outros interesses além de suas ovelhas (cons. Amós 7:14) e que ele voluntariamente se submeteu à aflição por causa dos pecados de Israel. Mas esta interpretação não é um resultado espontâneo. Tecoá. Uma vila em Judá, 9,60 quilômetros a sudoeste de Belém e 19,20 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. As terras à volta da colina sobre a qual Tecoá estava localizada eram rochosas mas ricas em pastagens. **A respeito de Israel.** Embora haja alusões a Judá na profecia, as palavras de Amós destinavam-se a Israel. **Uzias . . . Jeroboão.** Veja **Data e Antecedentes.** Dois anos antes do terremoto. O terremoto mencionado tem a intenção de ser uma observação cronológica. Devia ter sido um terremoto fora do comum para ser assim mencionado, uma vez que os terremotos eram muito comuns naquela região. O profeta Zacarias

também se refere a este terremoto (14:5). Josefo (*Antiq.* xi. 10:4) relaciona-o com o pecado de Uzias em agir como sacerdote (II Cr. 26:16).

**2. Rugirá.** O verbo hebraico *sha'ag* descreve o rugido de um leão quando este salta sobre a sua presa. Expressa a proximidade do juízo; pois quando o pastor ouve o rugido, ele sabe que o ataque já está sendo efetuado, e é tarde demais para salvar as ovelhas. A palavra reflete a origem de Amós, que, na qualidade de pastor, estava familiarizado com o terror que o salto do leão encerrava, e o usou simbolicamente, aplicando-o ao juízo do Senhor que era iminente (cons. Joel 3:16). Este versículo é o texto do livro. **Sião . . . Jerusalém.** Aos verdadeiros adoradores do Senhor, estes termos representavam o centro da teocracia e da vida nacional. **Os prados ... estarão de luto.** *As pastagens secarão.* Isto reflete novamente a vida pastoril de Amós. **Secar-se-á o cume do Carmelo.** Carmelo significa **terra ajardinada** e é a terra mais fértil do país. O fato indica a severidade da seca que haveria (com. Is. 33:9; Na. 1:4).

B. Acusação das Nações Vizinhas. 1:3 – 2:3. Amós foi um profeta de Israel, mas ele deu início à sua pregação com o aviso de que o juízo estava para se desencadear sobre as nações vizinhas. Deste modo ele foi capaz de mostrar que, desde que as outras nações iam ser castigadas, Israel também não poderia escapar. Tendo ela pregado a verdade através dos profetas do Senhor, sua condenação era maior que a das nações que não possuíam esta verdade.

**3. Por três transgressões . . . e por quatro.** A palavra traduzida para transgressões, na realidade significa *rebeliões*, e a expressão se refere aos inumeráveis atos maus cometidos e à verdade que Deus é longânimo e não age apressadamente em juízo. **Damasco.** De acordo com a tradição da região, é a cidade mais velha do mundo, e os árabes acham que ela é o jardim do mundo. Era a capital da Síria, o maior dos reinos armênios. **Não sustarei.** Ou, *não intervirei*. E uma referência ao

rato de que na natureza das coisas, por causa das rebeldias de Damasco, o juízo era inevitável, a não ser que Deus interviesse. **Trilharam a Gileade.** Os corpos das vítimas eram rasgados pelos dentes das debulhadoras.

**4. À casa de Hazael.** Hazael, cuja subida ao trono foi predita por Eliseu (II Rs. 8:7-13), foi o fundador da dinastia síria que governou no tempo de Amós. Ele foi contemporâneo de Jorão (I Rs. 8:29), Jeú (II Rs. 10:31, 32) e Jeoacaz (II Rs. 13:22). **Casa de Hazael** é uma referência ao seu palácio real, conforme indicado pelo paralelismo da parte seguinte do versículo. **Ben-Hadade.** O filho e sucessor de Hazael (II Rs. 13:3, 25).

**5. O ferrolho de Damasco.** Os ferrolhos eram usados para trancar os portões das cidades antigas. Por meio de sinédoque referem-se às defesas de uma cidade (Juizes 16:3; I Rs. 4:13; Jr. 51:30; Lm. 2:9). **Biqueate-Áven.** Um vale cerca de quatro horas de viagem de Damasco. **Ao que tem o cetro.** O mais alto oficial. **Bate-Éden.** Não o Éden de Gn. 2:8, mas a residência de verão do rei, não muito longe de Damasco. **Quir.** De acordo com Amós 9:7, foi o lar original dos sírios (armênios), e foi para Quir que foram exilados (II Rs. 16:9). Sua localização é desconhecida.

**6. Gaza.** Este juízo é contra os filisteus em geral, mas especialmente contra Gaza, a cidade mais importante das cinco cidades filistéias (I Sm. 6:17). Gaza, que fica sobre uma junção de rotas comerciais, era culpada de tráfico de escravos. Comunidades israelitas inteiras eram vendidas a Edom, o mais acerbo inimigo de Israel.

**7. Muros.** Uma referência à força da cidade.

**8. Asdode. . . Ascalom . . . Ecrom.** Amós omite Gade entre as cinco cidades filistéias importantes, talvez porque já perdera a sua influência (II Cr. 26:6). **O resto ... perecerá.** A destruição será completa.

**9. Tiro.** Tiro, com sua localização sobre uma ilha e seus dois portos, veio a ser muito poderosa. Era grande centro comercial (Is. 23:1-3), e tal como Gaza, ocupava-se com o tráfico de escravos. **Não se lembraram da aliança de irmãos.** Uma referência a uma aliança entre

Salomão e Irão de Tiro (I Rs. 5:12), que tinha implicações espirituais além de acordos políticos (I Rs. 5:7), e talvez também proibisse o comércio de escravos hebreus. Irão chama Salomão de "irmão" (I Rs. 9:13), e diversas passagens indicam que durante um longo período Israel e Tiro desfrutaram de relações amistosas (II Sm. 5:11; I Rs. 5:1-12; 16:31).

**11. Edom.** As Escrituras traçam a inimizade entre Edom e Israel até a rivalidade existente entre Jacó e Esaú, dos quais as duas nações descendiam. A palavra significa *vermelho* (Gn. 25:25, 30). **Perseguiu o seu irmão à espada.** Não é uma referência a qualquer exemplo específico mas uma descrição da atitude tradicional de Edom para com Israel (Nm. 20:17-21; II Cr. 21:8-10; II Rs. 8:20-22).

**12. Temã.** Outro nome para Edom (Jr. 49:7; Ob. 8, 9; Hc. 3:3). Usado paralelamente com Edom em Jr. 49:20. **Bozra.** Uma das importantes cidades de Edom (Is. 63:1; Jr. 49:22).

**13. Filhos de Amom.** Descendentes de Ben-Ami, filho de Ló e uma de suas filhas (Gn. 19:38). Eram mais nômades que os vizinhos moabitas. **Rasgaram o ventre às grávidas de Gileade.** Esses crimes talvez aconteceram quando Hazael (Amós 1:3, 4) também atacou Gileade (II Rs. 8:12; 10:32, 33).

**14. Rabá.** Uma referência a "Rabá dos filhos de Amom" (Dt. 3:16; II Sm. 12:26-31; Jr. 49:2; Ez. 21:20). Era a capital dos amonitas. Esta profecia talvez fosse cumprida com a invasão de Amom pelos assírios. Tiglate-Pileser. III (745-727 A.C.), o Pul de II Rs. 15:19, em suas inscrições menciona Sanipu, Reis de Amom, em uma lista de reis que foram obrigados a lhe pagar tributo. Outros da lista eram Salamanu de Moabe, Qaushmalaca de Edom, Mitinti de Asquelom, Hanno de Gaza, Acaz de Judá e Menaém de Samaria. O assírio Senaqueribe (705-681 A.C.) diz que Buduilu de Amom, Etbaal de Sidom, Mitinti de Asdode e outros pagaram-lhe tributo e lhe beijaram os pés.

## Amós 2

**2:1. Moabe.** Uma nação descendente de Moabe, filho de Ló com sua filha mais velha (Gn. 19:37). Os moabitas eram intimamente relacionados com os israelitas e amonitas. **Queimou os ossos do rei de Edom.** Isto talvez acontecesse em relação com o que está registrado em II Rs. 3, quando Mesa, o rei de Moabe, foi temporariamente vitorioso em sua rebelião. O acontecimento também foi descrito na Pedra Moabita, gravado por Mesa, que era rei de Moabe naquele tempo (II Rs. 3:4). **A cal.** Ou, *a pó*. A LXX diz a *konia*, que era o pó fino com o qual se cobria o corpo dos lutadores depois de untados. Isto garanti ao oponente a vantagem de agarrá-lo firmemente. A Vulgata diz *a cinzas*. O Targum indica que o rei de Moabe usava o pó para rebocar a sua casa.

**2. Queriote.** Talvez a capital de Moabe, chamada de Quir de Moabe em Is. 15:1. Foi citada sobre a Pedra Moabita como o sítio de um templo de Camos, um deus moabita.

**3. Juiz.** A palavra hebraica é *shôpet*, que às vezes refere-se a um juiz no sentido usual do termo. Também se usa em relação a um rei (cons. Mq. 5:2) que executa as funções de juiz (II Sm. 8:15; Jr. 21:12), e pode ser usado em relação a um alto funcionário no palácio de um rei (cons. II Rs. 15:5).

C. Acusação de Judá. 2:4, 5. As profecias contra as nações vizinhas levaram às profecias contra Israel. As predições punitivas do profeta contra as nações circunvizinhas provavelmente despertaram a simpatia de seus conterrâneos judeus, pelo menos no começo.

**4. Judá.** As únicas referências específicas a Judá fora deste juízo se encontram em 1:2; 6:1; 7:12; 9:11.

**5. Os castelos de Jerusalém.** Jerusalém, até mesmo para o Reino do Norte, era um símbolo de Jeová, que unta os Reinos do Norte e do Sul em adoração.

D. Acusação de Israel. 2:6-16. Israel ia agora aprender que o seu relacionamento especial com Jeová não a excluía do castigo.

**6. Vendem o justo por dinheiro.** Uma figura da injustiça e da opressão em Israel.

**7. Coabitam com a mesma jovem.** Uma referência às prostitutas religiosas que executavam suas práticas dentro do ritual do culto à fertilidade dos cananitas, no qual os israelitas tinham se envolvido.

**8. Roupas empenhadas.** Eram roupas entregues pelos pobres em penhor de alguma dívida. Eram mantidas em penhor de um dia para outro pelos credores, em violação à Lei (Êx. 22:25, 26; Dt. 24:12). A Lei dizia que, tendo o pobre necessidade de suas vestes para dormir, tinham de ser devolvidas no final do dia. **Bebem o vinho dos que foram multados.** O vinho realmente pertencia àqueles que o tinham empenhado. O versículo apresenta um quadro de cruel execução de hipoteca contra devedores honestos.

**9. Amorreu.** Um nome generalizado dado ao povo a leste do Jordão e aos cananitas a oeste do rio.

**11. Nazireus.** A lei dos nazireus está em Nm. 6:1-21.

**13. Eis que farei oscilar a terra debaixo de vós.** Antes: *Eu os forcarei a permanecerem em seu lugar como um carro carregado de feixes* (ASV). Como oscila um carro. Israel experimentaria a pressão esmagadora de um carro totalmente carregado sobre o solo em que viaja.

**16. Naquele dia.** O Dia do Senhor, quando o juízo de Deus recaía sobre Israel. Os versículos 14 e 16 descrevem um desastre esmagador.

## II. Três Sermões Contra Israel. 3:1 - 6:14.

### Amós 3

A. A Declaração do Julgamento. 3:1-15. Esta parte do livro é uma expansão do tema dos dois primeiros capítulos. Amós começa mostrando o relacionamento único que Israel desfrutava com Jeová. Mas sob a compulsão de sua responsabilidade profética, o profeta também fala da mensagem de condenação e adverte da destruição.



**1. Toda a família.** Amós torna claro que o juízo recairá sobre todas as doze tribos.

**2. A vós outros vos escolhi.** O verbo hebraico traduzido para "escolher", quando usado para expressar o relacionamento entre duas pessoas, freqüentemente descreve a intimidade do casamento (Gn. 4:1). Deus escolheu Israel acima de todas as nações para desfrutar de um relacionamento especial com Ele e para executar um serviço particular diante do mundo. Esta doutrina é peculiar aos profetas de Israel, e não tem panfleto entre as outras nações. Isto naturalmente coloca Israel em uma posição de responsabilidade especial.

**3. Se não houver entre eles acordo.** A ASV diz: *a não ser que tenham concordado*, isto é, tenham assumido um compromisso.

**5. Laço,** o mecanismo que abre a armadilha.

**6. Tocar-se-á a trombeta.** A trombeta era tocada para se advertir de um ataque ou para se convocar à batalha (cons. Ez. 33:3; Joel 2:1). Sem que o povo se estremeça? As advertências de Amós deviam ser levadas em consideração. **Mal.** Não uma referência ao pecado mas à calamidade e ao desastre.

**7. O SENHOR Deus não fará coisa alguma.** Quando Deus envia uma calamidade, Ele também revela o propósito da calamidade.

**8. Rugiu o leão.** O profeta ouviu o rugido no marchar do exército assírio.

**9. Asdode . . . Egito.** Às vezes os profetas destacam a superioridade moral das nações pagãs sobre o Israel rebelde. **Os montes.** Ebal e Gerizim, dos quais podia-se avistar Samaria. **Samaria.** Fundada por Onri (I Rs. 16:24).

**10. Não sabe fazer o que é reto.** Perdeu todo o senso de orientação moral.

**11. Um inimigo.** O rei da Assíria.

**12. Livra da boca do leão.** A declaração reflete os antecedentes de Amós. Os restos de um animal eram às vezes exibidos como evidência (Ex. 22:13). A insignificância do que restava servia para enfatizar a comparação.

**O canto da cama.** A ASV e a RSV dizem *o canto de um sofá*. O canto era o lugar de honra. **E parte do leito.** Ou, *sobre as almofadas de seda de um leito* (ASV). A figura se refere a uma sala de conferências em Samaria onde os líderes da nação descansavam de suas obrigações.

**13. A casa de Jacó.** Uma referência às dez tribos, conforme indicado pela menção de Betel no versículo seguinte. **O SENHOR Deus, o Deus dos exércitos.** Esta é a forma mais extensa do nome de Deus na Bíblia, e aparece apenas aqui no V.T. Enfatiza de maneira especial a onipotência de Deus com o propósito de engrandecer o efeito do julgamento predito.

**14. As pontas do altar.** As pontas do altar simbolizam o poder e eram sagradas para os israelitas (I Rs. 1:50). Eram importantes porque o sangue do sacrifício era aplicado nelas (Lv. 4:30). Cortá-los fora era um ato de profanação.

## Amós 4

### B. A Depravação de Israel. 4:1-13.

Amós acusa as mulheres de serem responsáveis pela maioria dos males de Israel. Ironicamente o profeta insiste com Israel a continuar praticando os cultos formais paganizados em seus santuários. Deus já demonstrara repetidas vezes a Sua desaprovação da conduta de Israel, mas sem resultados. Conseqüentemente, o castigo era inevitável.

**1. Vacas de Basã.** **Basã**, que ficava a leste do Mar da Galiléia, era famosa por seu trigo e seus pastos, e especialmente por seu gado gordo e luzidio (Dt. 32:14; Sl. 22:12; Ez. 39:18). É uma censura às bem-alimentadas mulheres de Samaria, que eram parcialmente responsáveis pela injustiça que faziam aos homens por causa de sua vida luxuosa.

**2. Pela sua santidade.** A santidade de Deus será vindicada através do castigo do pecado. É uma expressão do monoteísmo ético de Amós, pois a santidade descreve o ser essencial de Deus. **Com anzóis.** Como animais levados por meio de ganchos ou argolas em suas narinas. **As vossas restantes**, ou *até os últimos de vós*, segundo a RSV. **Com fisga**

**dê pesca.** Quando os ganchos se esgotassem por causa do grande número de prisioneiros, estas seriam usadas para os outros.

**3. Brechas.** As mulheres serão levadas prisioneiras através das aberturas feitas pelo inimigo nos muros da cidade. **E vos lançareis para Harmom, um lugar de cativoiro.**

**4. Transgredi . . . e multiplicai as transgressões.** A ironia da declaração tem a intenção de mostrar que quanto mais os israelitas visitavam os seus santuários, mais se afastavam de Deus. Mesmo se ofereciam seus sacrifícios anuais (I Sm. 1:3, 7, 21) todas as manhãs e o dízimo do terceiro ano (Dt. 14:28; 26:12) cada três dias (cons. ASV), seus sacrifícios seriam viciados por sua apostasia.

**5. Levedado.** O fermento era proibido em Êx. 23:18 e Lv. 7:12. **Ofertas voluntárias** referem-se às ofertas espontâneas (Dt. 12:6, 7), que eram a mais sincera expressão da religião. **Porque disso gostais.** Ou, *com isso vos agradais* (ASV).

**6. Dentes limpos.** Nada para se comer.

**7. Retive . . . fiz chover.** Destaca-se o fato de que foi o poder de Deus que foi revelado nos negócios das nações.

**8. Contudo não vos convertestes a mim.** Esta frase periódica revela a ternura de Deus, que procurou, mesmo na severidade do juízo, fazer o Seu povo chegara um entendimento mais profundo da Sua pessoa.

**10. À maneira do Egito.** Uma referência à severidade especial e destrutividade das pragas egípcias.

**12. Isso te farei.** Amós prediz dramaticamente o castigo final sem que realmente o descreva. **Prepara-te . . . para te encontrares com o teu Deus.** Não é um desafio a que Israel se prepare para enfrentar o castigo, mas um chamado ao arrependimento (LXX diz: *para clamar ao teu Deus*). Cada profecia de juízo é uma exortação ao arrependimento.

**13. É ele quem forma.** Amós torna a declarar que as forças da natureza são uma revelação da majestade de Deus.

C. Uma Lamentação sobre o Pecado e Destino de Israel. 5:1 – 6:14. Amós exorta o povo a que ouça a Sua lamentação por Israel. O profeta enfatiza a necessidade do arrependimento e especifica alguns dos pecados dos quais o povo era culpado. Considerando que sua persistente idolatria estabeleceria um padrão de vida, o castigo na forma do cativeiro era inevitável.

## Amós 5

**5:1. Ouvi esta palavra.** Esta introdução a um novo discurso tinham o propósito de despertar a atenção e o temor nos corações do povo.

**2. A virgem de Israel.** Israel é chamada de **virgem** por causa do tempo que permaneceu inconquistada. A designação destaca o contraste, entre o seu passado e futuro. **Nunca mais tornará a levantar-se.** Nenhum poder seria capaz de ajudá-la.

**3. Conservará cem ... conservará dez.** O versículo descreve uma terrível matança na guerra, com 90 por cento de dizimação do exército.

**5. Não busqueis a Betel . . . Gilgal.** Centros de cultos corruptos.

**7. Vós que converteis o juízo em alosna.** Isto é dirigido aos líderes. A figura é extraída de uma erva amarga e venenosa (Jr. 9: IS; Dt. 29:18). Aqueles que têm a responsabilidade de administrar a justiça produziam injustiça.

**8. O que faz o Sete-estrela, e o Órion.** Essas constelações são mencionadas no V.T. (Jó 9:9; 38:31) em demonstração do poder criativo de Deus. **O que chama as águas.** O versículo não se refere apenas ao controle divino das forças da natureza, mas provavelmente ao dilúvio de Noé.

**9. Que faz vir súbita destruição sobre o forte.** O poder irresistível de Deus destrói aquilo que é a base do orgulho humano.

**10. Na porta ao que vos repreende.** O poder de qualquer cidade era o lugar onde a justiça era administrada (Dt. 22:15). Um juiz ou profeta que repreendia a injustiça perdia em popularidade (Is. 29:21).

**13. O que for prudente guardará então silêncio.** O homem que entendia a natureza do pecado de Israel percebia a futilidade de se condená-la. É um contraste penetrante aos ataques diretos contra os pecadores do seu tempo.

**15. O restante de José.** A doutrina do remanescente (isto é, haverá alguns poucos salvos e purificados, nos quais a maior parte das profecias do V.T. se cumprirá) é proeminente nos profetas (Is. 11:11; Mq. 2:12; 4:7).

**18. O dia do SENHOR.** O dia quando o Deus de Israel se revelará com grande poder. Havia pessoas que criam que esse dia seria o dia da vingança de Israel contra os seus inimigos, mas Amós fez ver que o Dia do Senhor poderia significar apenas a destruição de uma nação apóstata.

**19. Se encontrasse com ele o urso . . . fosse mordido de uma cobra.** O versículo enfatiza o súbito aparecimento da catástrofe, quando e onde ela não for esperada.

**22. Não me agradarei deles.** Um repúdio não qualificado dos sacrifícios de Israel.

**24. Juízo . . . justiça.** Não era um apelo a que Israel se voltasse para a justiça, mas uma proclamação de que a única coisa que restava era o juízo e a destruição.

**25. Apresentastes-me, vós, sacrifícios e ofertas de manjares no deserto . . . ?** A implicação é que os israelitas no deserto não ofereceram simples sacrifícios e ofertas (cons. Jr. 7:22, 23). Eles ofertaram algo mais que cerimônias formais. Amós não diz que nenhum sacrifício foi oferecido no deserto. A conexão é com o que vem a seguir.

**26. Levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus estrela.** Ainda é impossível identificar-se Sicute. Quium era um deus babilônio às vezes identificado com Saturno. Os ídolos podiam ser levados ao exílio pelos seus adoradores.

**27. Além de Damasco.** Para a Assíria. Estêvão diz Babilônia em vez de Damasco (At. 7:43).

## Amós 6

**6:1. À vontade em Sião.** Amós adverte os homens e mulheres despreocupados de Judá, como também os de Israel, dizendo que sua temeridade resultará em desastre. **Vivem sem receio no monte de Samaria.** Deve ser entendido como confiança no grande poder da fortaleza da montanha da cidade, mas também poderia ser uma referência ao sentimento de segurança e confiança em suas próprias forças da parte daqueles que habitavam em Samaria. **Aos quais.** Os juízes e líderes de Israel, aos quais o povo da nação duna em busca de justiça.

**2. Calne.** O sítio é incerto. Hamate. Uma importante cidade sobre o rio Orontes.

**3. Estar longe o dia mau.** Agiam como se o dia da calamidade não existisse.

**4. Dormis em camas de marfim.** A estrutura de seus leitos era incrustada de marfim.

**5. E inventais como Davi instrumentos músicos para vós mesmos.** Na tradução que a LXX faz do Saltério, Davi é citado dizendo: "Minhas mãos fizeram um instrumento e meus dedos formaram um saltério" (cons. II Cr. 29:26, 27).

**6. Taças.** As taças comuns não eram suficientemente grandes; por isso, em sua auto-indulgência, eles se apropriavam dos vasos comumente usados com propósitos sacrificiais (Êx. 38:3; Zc. 14:20).

**8. Jurou o SENHOR Deus por si mesmo.** O juramento foi feito por Sua santidade. Esta expressão foi usada apenas em Amós 4:2 e Jr. 51:14. Veja expressões similares a estas em Gn. 22:16 e Hb. 6:13. A soberba de Jacó. Isto não se refere como poderia parecer, ao que Israel era em si mesma, mas aos seus palácios e cidades, dos quais ela se vangloriava e orgulhava (com. Na. 2: 2).

**9. Se . . . ficarem dez homens.** Os que não morressem na guerra pereceriam numa praga.

**10. O qual os há de queimar.** Uma referência não à cremação mas ao costume de se homenagear os mortos queimando especiarias (Jr. 34:5; II Cr. 16:14; 21:19). **Não menciones o nome do SENHOR.** Quando um único sobrevivente da praga fosse encontrado em uma casa, os parentes e amigos teriam o cuidado de evitar a menção do nome do Senhor por causa do temor do juízo de Deus (cons. Amós 8:3; Hc. 2:20; Sf. 1:7).

**12. Poderão correr cavalos na rocha?** Há uma ordem espiritual e moral no universo que é tão impossível de se ignorar quanto a ordem natural. É tão sem sentido perverter a justiça quanto esperar que os cavalos corram sobre rochas ou que os bois puxem o arado sobre elas.

**13. Com Lo-Debar.** Com ninharias. O povo tinha confiança naquilo que apenas existia em sua imaginação.

**14. Hamá.** Sobre a fronteira setentrional da terra (Nm. 13:21). **Ribeiro de Arabá,** que flui para o Mar Morto entre Edom e Moabe.

### III. Cinco Visões da Condição de Israel. 7:1 – 9:10.

#### **Amós 7**

##### **A. Os Gafanhotos Devoradores. 7:1-3.**

Uma visão dos gafanhotos destruidores, cuja invasão devastadora foi impedida pelo Senhor quando o profeta orou.

**1. Isto me fez ver o SENHOR Deus.** Esta fórmula introduz todas as visões que se seguem, exceto a quinta (9:1). **Ele formava gafanhotos.** Eram locustas em estágio larval. Em 4-9 o Senhor diz que enviou locustas para destacar o pecado de Israel, o que foi na realidade uma revelação da misericórdia de Deus. Aqui a misericórdia de Deus está revelada no afastamento das locustas antes que destruíssem completamente as colheitas. As duas narrativas falam da mesma praga e revelam os dois lados da misericórdia de Deus em primeiro lugar o lado ativo, e aqui o lado passivo. **A erva serôdia.** O capim que cresce depois das chuvas tardias de março e abril. **As ceifas do rei.** O primeiro corte de capim era deixado de lado para alimentação dos cavalos do rei, antes que

o povo cortasse tudo. O pensamento do versículo é que "desde o brotar da erva até o seu crescimento total", as locustas. estavam em estágio de larvas ; depois das "ceifas do rei", desenvolveram-se em locustas adultas. Assim Amós advertiu Israel de uma completa destruição das colheitas quando o calor do verão estivesse começando.

**2. Tendo eles comido de todo a erva.** A destruição não foi completa. Como subsistirá Jacó? Ou, quem levantará a Jacó? Pois ele é pequeno. Apesar de sua vanglória (cons. 6:1), Jacó era pequeno.

**3. O SENHOR se arrependeu.** É uma expressão antropomórfica (cons. 7:6; Gn. 6:7; I Sm. 15:35; Jonas 3:9). Deus não muda de pensamento, como os homens, mas muda o curso de Suas ações, o que é consistente com sua eterna imutabilidade. Foi em resposta ao grito de Amós: "Senhor Deus, perdoa" (7:2). De acordo com alguns mestres, Amós tinha em mente a praga das locustas propriamente dita; de acordo com outros, ele pensava em um ataque dos assírios.

B. O Fogo Devorador. 7: 4-6. Uma visão do fogo devorador, cujo trabalho destruidor é interrompido pelo Senhor quando o profeta ora.

**4. O SENHOR Deus chamou o fogo.** O Senhor estava agora em constante conflito com o Seu povo (cons. Is. 66:15-18; 3:13; Jr. 2:9; Os. 4:1). Ele executaria o Seu juízo através do fogo. **Consumiu o grande abismo, e devorava a herança.** O calor do verão foi tão severo que consumiu as fontes subterrâneas das nascentes e dos rios e assim afetou a terra. O fogo simboliza um castigo mais severo que o das locustas. As duas primeiras visões são paralelas com os castigos de Amós 4:6-11.

C. O Prumo. 7:7-9. Uma visão do prumo e da destruição completa.

**7. Sobre um muro.** *Ao lado de um muro* (ASV) é melhor. O muro é o reino de Israel.

**8. Eis que eu porei o prumo.** Medir um muro é o símbolo da conduta de Israel sendo experimentada (cons. II Sm. 8:2; II Rs. 21:13). **E jamais passarei por ele.** Ou, *não perdoarei*. Nas visões anteriores Deus



ouvira aos rogos do profeta, mas agora Ele não permitiu que houvesse intercessão. O castigo justo tinha de acontecer.

**9. Os altos.** O povo fazia os seus cultos nos chamados altos, que eram colinas naturais ou elevações artificiais. Outras nações também usavam esses altos (Dt. 12:2; Is. 15:2; 16:12). Esses altos, com sua influência pagã, finalmente vieram contribuir para a corrupção de Israel (I Rs. 12:31-33; 13:32-34). **De Isaque.** Muitas e variadas interpretações desta passagem têm sido apresentadas, mas está claro que Amós usa o nome como sinônimo de Israel, a nação. **Serão. . . destruídos os santuários de Israel.** O paralelismo desta declaração com o que a precede está evidente. A espada. Um símbolo do exército assírio (Amós 6:14).

D. Oposição Eclesiástica. 7:10-17. Amazias, o sacerdote de Betel, acusou Amós de conspirar contra Jeroboão, e ordenou-lhe que retornasse a Judá. Amós respondeu que ele falava pela ordem de Deus.

**12. E ali come o teu pão.** Amazias mandou que Amós fosse ganhar o seu pão profetizando em Judá.

**14. Boieiro.** Amós negou que fosse um profeta no sentido profissional, mas disse que era pastor e **colhedor de sicômoros**. O *sicômoro* produz um figo de categoria inferior, que precisa ser aberto com um instrumento especial para soltar o excesso de suco antes de amadurecer.

**15. O SENHOR me tirou . . . e me disse.** A repetição do nome de Deus destaca nitidamente que Amós profetizava não pela vontade do homem mas por vocação direta de Deus, que o fez profeta.

**17. Tua mulher se prostituirá.** Violada pelos soldados invasores.

## Amós 8

E. O Cesto de Frutos Maduros. 8:1-14. Amós teve uma quarta visão de destruição, representando a prontidão de Israel para o juízo. Esta visão deu lugar ao discurso que vem a seguir.

**1. Frutos de verão.** A palavra significa verão avançado ou outono e portanto inteiramente maduros.

**2. Chegou o fim.** Uma reiteração do pensamento da terceira visão. Israel estava madura em seus pecados e o fim estava próximo.

**3. Os cânticos do templo.** Alguns, de acordo com a LXX, interpretam **cânticos** como mulheres cantoras e não cânticos.

**5. A lua nova . . . o sábado.** Os dias sagrados que as ocupações eram proibidas. **Diminuindo o efa, e aumentando o siclo.** Os comerciantes usavam medidas menores que as justas e pesos mais pesados para enganar, recebendo mais que o devido nos negócios.

**8. Como o Nilo; ou como o grande rio (E.R.C.).** O texto hebraico diz na verdade **como a luz**, mas os mestres têm concordado que é uma referência ao Nilo.

**9. Naquele dia.** O Dia do Senhor, que será caracterizado por mudanças no mundo natural. **Entenebreerei a terra.** Isto provavelmente se refere a um eclipse.

**10. Filho único.** Descrição da mais intensa tristeza (Jr. 6:26; Zc. 12:10).

**11. Enviarei fome.** O povo ansiaria por ouvir as palavras que há tanto ignoravam.

**14. Ídolo de Samaria.** O hebraico diz *a culpa de Samaria*, que é uma referência aos cultos idólatras ali executados. Alguns preferem dizer *Ashima*, o nome da deusa pagã adorada em Samaria (II Rs. 17:30). **O culto de Berseba.** Ou, *o caminho de Berseba*, referindo-se às peregrinações ao santuário pagão.

## Amós 9

F. O Julgamento do Senhor. 9:1-10.

A quinta visão foi a do Senhor executando o julgamento do qual era impossível escapar. Segue-se uma descrição viva da devastação.

**1. Vi.** A introdução desta visão difere das quatro primeiras. Aqui o próprio Senhor apareceu e por isso Amós não usa mais símbolos. **Junto ao altar.** A destruição começou no centro da idolatria.

**2. Desçam ao mais profundo abismo.** Uma referência ao Sheol, o lugar dos mortos (Is. 14:9), como lugar inacessível. **Subirem ao céu.** Os céus e o inferno são às vezes usados como símbolos de total oposição (Jó 11:8).

**3. Carmelo.** Um símbolo de inacessibilidade. **A serpente.** Uma palavra usada com referência ao monstro do abismo (Is. 27:1).

**5. Como o Nilo.** Cons. 8:8.

**6. As suas câmaras no céu.** Um quadro da vastidão do universo. **A sua abóbada.** No hebraico, *ligar junto*. A primeira parte do versículo é uma descrição do vasto arco do céu, que parece estar firmemente estabelecido sobre a terra.

**7. Etíopes.** Antes, cusitas. **Caftor.** Geralmente considerado como referência à Creta.

#### IV. A Promessa da Restauração de Israel. 9:11-15.

Esta última seção da profecia dá uma descrição do reino davídico restaurado. Destaca o alvo do controle de Jeová na história. A idéia de que a vontade de Deus deverá ser feita na história era parte integrante do pensamento de Amós.

**11. Naquele dia.** O Dia do Senhor. **O tabernáculo . . . de Davi.** Para castigar Israel, a casa de Davi foi reduzida a uma cabana. É um quadro da futura restauração de Israel, quando o trono de Davi será restabelecido (cons. Atos 15:15-17).

**12. O restante de Edom.** A visão de Amós do reino messiânico sob o trono de Davi representa-o como universal, incluindo os gentios.

**13. O que lavra segue logo ao que ceifa.** Uma predição da fertilidade milenial da terra.

**14. Mudarei a sorte do meu povo.** Uma promessa de que Israel seria restaurada à sua terra, que seria reconstruída e prosperaria.

**15. Plantá-los-ei na sua terra** (cons. Jr. 24:6; 32:41; 42:10). O retorno seria um ato direto de Deus. **E, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados.** Uma promessa incondicional de posse permanente, que ainda não foi cumprida (II Sm. 7:10; Is. 60:21; Joel 3:20). **O SENHOR teu Deus.** As palavras finais da profecia foram a base da certeza de Israel de que essas coisas realmente aconteceriam.

# OBADIAS

Introdução

Esboço

Capítulo 1

## INTRODUÇÃO

**Título.** O Livro de Obadias nem identifica o profeta (além de declarar o seu nome) nem fornece alguma declaração que especifique claramente a data de sua composição. Aproximadamente uma dúzia de homens do Velho Testamento são chamados de Obadias, mas nenhum corresponde ao profeta cuja obra foi preservada. Seu parentesco, status social e ocupação na vida permanecem obscuros. O nome do profeta significa "Servo do Senhor", ou "Adorador do Senhor". É um composto de *'obed*, "servo", e *yâ*, uma forma abreviada do nome de quatro letras *yhwh*, pronunciado *adonay* pelos judeus piedosos, e traduzido para Senhor ou Jeová nas versões.

**Autoria.** Os nove primeiros versículos deste livro, que é o mais curto de todos os livros do Velho Testamento, fazem paralelo íntimo com partes de Jeremias 49, embora a sequência do material seja diferente (cons. Ob, vs. 1-4 com Jr. 49:14-16; Ob. vs. 5, 6 com Jr. 49:9, 10; Ob, vs. 8, 9 com Jr. 49:7-22). A questão é: Qual o profeta que usou o outro? O mais aceitável é que ambos os escritores usaram uma profecia anterior e bem conhecida. Sem dúvida a atual disposição deste livro é obra de Obadias. Certamente todo o livro é um oráculo do Senhor (1a).

**Data.** A profecia de Obadias faz alusão a uma situação histórica na qual os idumeus aliaram-se aos inimigos de Israel e participaram no saque de Jerusalém (vs. 10-14). Jerusalém foi despojada pelos filisteus e árabes durante o tempo de Jeorão (II Cr. 21:16, 17), nos meados do século nono mais ou menos. Edom foi mencionada aqui tendo mais de um aliado (vs. 7, 11). Sabe-se que Edom aliou-se aos babilônios e outros quando da queda de Jerusalém em 587-586 A.C., e participou do saque

da cidade. Provavelmente a profecia de Obadias encaixa-se melhor nesse período.

**Resumo da Mensagem.** O tom emocional da profecia de Obadias é forte mas não suficientemente amargo para justificar a acusação de que é um hino de ódio. A intensidade do poema está cingida de um profundo senso de justiça. Parentes violaram os laços que mantinham as tribos unidas e cometeram crimes terríveis. Seus pecados trilham de ser castigados! Os israelitas não se encarregaram de punir os idumeus. Pelo contrário, reconheceram o seu Deus como Juiz de todas as nações e creram que Ele executada a justiça com base nos crimes cometidos (v. 15). Deus aqui é considerado como universal em Seu poder, de modo que nenhuma nação pode escapar ao Seu olho onipresente. Deus está preocupado com os oprimidos e os levantará, restaurando o que lhes foi tirado. Há uma forte nota de esperança e conforto na profecia. A soberania de Deus, entretanto, jamais se perde de vista. Ele é o Juiz no começo do livro e o Reino final.

## ESBOÇO

- I. Sobrescrito. Versículo 1a.
- II. As nações dispostas contra Edom. Versículo 1b.
- III. O Inimigo Público Número Um é denunciado. Versículos 2-7.
- IV. Edom é acusado. Versículos 8-14.
  - A. A intenção do Juiz. Versículos 8, 9.
  - B. O caso contra Edom. Versículos 10-14.
- V. Edom é sentenciado. Versículos 15-20.
  - A. Julgamento. Versículos 15, 16.
  - B. Vingança. Versículos 17-20.
- VI. O Senhor será Rei. Versículo 21.

## COMENTÁRIO

## Obadias 1

I. Sobrescrito. Versículo 1a. (veja Introdução).

II. As Nações Dispostas Contra Edom. Versículo 16.

A profecia de Obadias foi disposta em forma de um processo criminal. Identifica-se um fora da lei, ele é julgado e sentenciado. **O SENHOR Deus** é o juiz que fala contra o fora da lei – **Edom. Temos ouvido as novas . . . foi enviado um mensageiro.** Antes do julgamento, arautos do Juiz proclamara o acontecimento às nações, convocando-os a comparecerem a fim de estarem preparadas para a batalha (cons. Jr. 49:14).

VI. O Inimigo Público Número Um É Denunciado. Versículos 2-7.

O Juiz divino torna público Sua própria opinião sobre o criminoso que está sendo convocado a prestar contas.

**2. Eis que te fiz pequeno.** Edom considerava-se uma nação superior (vs. 3, 4), mas à vista de Deus era insignificante. Não seria accidental se as outras nações a desprezassem; seria operação do Senhor. A força do verbo hebraico não se refere à ação passada mas a uma certa ação futura. Ironicamente, Edom desejava desesperadamente ser igual às demais nações, mas nenhuma a considerava como tal.

**3. A soberba do teu coração te enganou.** A opinião que Edom tinha de si mesmo inflou-se além das proporções do seu verdadeiro poder. Ela veio a depender grandemente da proteção de suas fortalezas nas montanhas. **Nas fendas das rochas.** A inacessibilidade do Monte Seir fizera da montanha um refúgio para os idumeus muitas vezes. É uma cadeia de montanhas de granito, da largura de 24 a 32 quilômetros, na direção norte-sul, com rochas que atingem 615 m de altura. Sua fortaleza é uma rocha elevada e achatada com o nome de **Sela** no Velho Testamento, mas mais popularmente conhecida por Petra hoje em dia. A fortaleza só podia ser alcançada através de uma ravina estreita de

encostas rochosas. Edom viera a crer que nenhum inimigo conseguiria derrubar suas defesas.

**4. Como águia.** A fortaleza estava localizada tão alto na montanha que foi comparada ao ninho de uma águia entre as estrelas. Contudo o Senhor declarou que Edom não estava fora do Seu alcance. Ele a derrubaria e a julgaria na presença das nações.

**5. Ladrões. . . roubadores . . . vindimadores.** Apelando para uma prática comum, o divino Juiz descreve de maneira extraordinária o fim do poder de Edom. Ladrões e assaltantes (os idumeus eram conhecidos como ladrões e assaltantes) geralmente levavam por despojo apenas aquilo que julgavam valioso. Do mesmo modo os vindimadores só colhiam uvas maduras. Mas a fortaleza de Edom seria destruída e *todas* as suas propriedades seriam arrancadas dos seus esconderijos.

**7. Os teus aliados.** Através de fraudes Edom seria entregue ao Juiz por seus próprios aliados. Aqueles mesmos que Edom alimentara se voltariam contra ela.

#### IV. Edom é Acusada. Versículos 8-14.

A. A Intenção do Juiz. Versículos 8, 9. O Juiz declara que pretende expor a frivolidade da sabedoria e do poder de que Edom se jactava.

**8. Os sábios** não serão capazes de inocentar Edom. Ficarão confundidos com a força dos argumentos do promotor.

**9. Os teus valentes.** A habilidade e destreza dos guerreiros não livraria Edom desta vez. **Temã** era a principal colônia edomita perto da fortaleza, *Sela* ou Petra. A justiça obteria uma condenação bem definida e conseguiria uma sentença de morte.

B. O Caso Contra Edom. Versículos 10-14. A exposição dos pecados de Edom é devastadora e assombrosa.

**10. Violência feita a teu irmão Jacó.** O antepassado dos idumeus era Esaú, o irmão gêmeo de Jacó. Embora Jacó agisse erroneamente para



com Esaú (Gn. 25:33; 27:36), este file perdoara (Gn. 33:4). Agora a violência substituiu o perdão.

**11. Tu mesmo eras um deles.** Quando estrangeiros levaram os descendentes de Jacó para o exílio e tomaram a Cidade Santa, os descendentes de Esaú não foram ajudar Judá contra o inimigo, mas aliaram-se ao invasor. Edom participou do saque da cidade. Esta situação se encaixa melhor nos acontecimentos relacionados com a queda de Jerusalém em 587-586 A.C. e o período que se lhe segue imediatamente.

**12. Mas tu não devias ter olhado com prazer o dia de teu irmão.** Nos versículos 12, 13, 14, esta frase aparece sete vezes: **não devias**, ou equivalente. Destaca os crimes específicos cometidos pelos idumeus. Um parente era obrigado, por laços de sangue, a ajudar outro parente em perigo. Edom recusou-se a ajudar a Jacó (Israel) quando foi preciso. Veja em Jz. 5:23 um exemplo da condenação de uma pessoa que deixou de prestar auxílio a um parente em uma case. **Nem te alegrado.** Edom, além de não prestar ajuda, chegou a se regozijar com a derrota dos israelitas. Os idumeus falaram **de boca cheia**, ou se vangloriaram diante dos outros sobre o fato dos israelitas merecerem o seu castigo. Assim, à injúria acrescentaram o insulto.

**13. Entrado pela porta do meu povo.** Edom deixou de ser um alegre espectador e começou a participar ativamente do saque de Jerusalém. Este crime está enfatizado neste versículo através de mais duas declarações paralelas.

**14. Parado nas encruzilhadas.** A acusação representa Edom primeiro como espectador alegre, depois como participante da pilhagem da cidade e então servindo nas barricadas que bloqueavam as estradas de escape da cidade jornada, cruelmente prendendo os fugitivos e entregando-os como escravos ao invasor. Uma atitude covarde e digna do mais severo castigo!

A. Julgamento. Versículos 15, 16. O promotor fundamentou o seu caso contra Edom e, agora, o Juiz esboça a base para punir o criminoso.

**15. O dia do SENHOR.** O Dia do Senhor é o dia em que Deus vai julgar a perversidade e vingar a justiça. Deus é misericordioso, mas não vai tolerar o pecado para sempre. Quando o pecador, individual ou nação, ignora completamente as regras divinas, Ele vem para julgar e vingar (cons. Joel 2:1; Amós 5:18-20; Sf. 1:7, 8, 14-18; Ez. 25:12-14; 35:1-15). **Como tu fizeste, assim se fará contigo.** Os juízos do Senhor se basearão sobre a justiça, não no capricho ou na vingança. O castigo não será menor nem maior que os crimes cometidos. (Veja em Os. 8:7 uma forma pitoresca de declarar este mesmo princípio.) A sentença de um pecador não será desproporcional aos seus pecados, mas por ter certeza de que sofrerá por seu pecado.

Historicamente, Edom veio a conhecer a realidade desta verdade. Logo após este período, Edom foi expulsa de seu antigo lar pelos nabateanos, de modo que precisou se mudar para o lado oeste do Mar Morto. Hebron passou a ser a capital de seu novo lar ao sul de Judá. Os macabeus, especialmente João Hircano (cerca de 125 A.C.), subjugou e judaizou os edomitas. Foram finalmente destruídos com os judeus em 70 d.C. por Tito, o general romano.

**16. Como bebestes . . . assim beberão . . . todas as nações.** O sofrimento resultante do castigo é às vezes descrito pelos profetas como sendo comparável ao beber do vinho forte. Vejam em Jr. 25:15-28 uma aplicação mais extensa desta analogia. Deus não usaria Edom simplesmente como exemplo mas julgaria igualmente todas as nações pelos seus pecados.

B. Vindicação. Versículos 17-20. Deus não castigada simplesmente os perversos; Ele também libertaria os oprimidos de sua miséria.

**17. Mas no monte de Sião haverá livramento.** Na destruição do Monte Sião, Israel foi castigada pelos seus pecados; mas Israel também veria o livramento. Por trás dos juízos divinos há o amor de Deus. O

castigo tem de ser punido, mas Deus deseja muito mais dar a libertação àqueles que se voltam para Ele. A queda de Jerusalém acabou com o Reino de Judá, mas a preocupação de Deus com o Seu povo não acabara. Ele traria de volta ao Monte Sião um remanescente do cativoiro. **O monte será santo.** No V.T., a santidade significa principalmente separação para Deus (Dt. 7:6; Jr. 1:5), mas também significa separação de tudo o que é impuro (Lv. 20:7; 21:6; 22:9). O povo libertado seria o povo de Deus, mas também teria de ser purificado das práticas idólatras que provocaram a destruição da nação. **Os da casa de Jacó possuirão.** A terra prometida retornaria aos exilados que voltassem, e as casas e porções da terra que pertenceram a seus pais seriam suas novamente.

**18. Será fogo, e . . . chama.** No Dia do Senhor, o relacionamento entre Israel e Esaú será invertido. **A casa de Jacó . . . e a casa de José** (sinônimos de Israel) seriam senhores sobre **a casa de Esaú** (Edom) e seriam instrumentos nas mãos de Deus para execução do juízo divino sobre Edom.

**19. Os de Neguebe possuirão o monte de Esaú.** Outra tradução diz: *Eles possuirão o Neguebe; isto é, o Monte Esaú.* As fronteiras do reino davídico seriam restauradas no sul e na **planície** dos **filisteus** o que incluiria as cidades de Gade, Ecom, Asdode, Asquelom e Gaza. (Todas essas regiões com exceção de Gaza fazem parte atualmente do território de Israel.) Então, para o norte, **os campos de Efraim e os campos de Samaria** retornariam aos exilados repatriados. A tribo de Benjamim se moveria através do Rio Jordão e retomaria Gileade.

**20.** As fronteiras davídicas se estenderiam pela inclusão dos cananeus (fenícios) até o extremo norte em **Sarepta**, atualmente conhecida por Sarafanda. Fica localizada entre Tiro e Sidom sobre a costa do Mediterrâneo. **Sefarade.** Mais provavelmente Sardis, a capital de Lídia a oeste da Ásia Menor.

Assim como a profecia de Obadias começa com o Senhor dominando o cenário, ela termina com a proclamação de que Ele será o Rei de todos. **Salvadores.** A LXX diz: *aqueles que foram salvos*; mas o hebraico parece se referir aos vitoriosos, isto é, aos exilados que voltaram, que tornarão a governar em Jerusalém sobre a terra de Edom. **E o reino será do SENHOR.** Os exilados que retornassem ficariam sob o governo teocrático do próprio Deus. Esta foi a grande visão de Obadias e outros profetas – que o Senhor será o Rei de Israel e que do Monte Sião ele governará o mundo. (cons. Zc. 14:9-11).

# JONAS

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 2

## Capítulo 3

## Capítulo 4

## INTRODUÇÃO

**Título.** O livro recebe o seu nome do personagem principal da narrativa. Jonas (*pombo*) está identificado como o filho de Amitai. Diz-se que um profeta com este mesmo nome, que aparece em uma curta narrativa de II Rs. 14:25, veio de Gate-Hefer, localizado no território de Zebulom, hoje conhecido por Galiléia. Este profeta previu as triunfantes conquistas de Jeroboão II na primeira metade do século oito A.C. Poucas são as dúvidas de que esse profeta de Gate-Hefer seja o mesmo profeta deste pequeno livro.

**Data e Autoria.** Em nenhum lugar do texto há qualquer declaração de que o profeta mesmo tivesse escrito o livro, embora a oração do capítulo 2 esteja na primeira pessoa do singular. Contudo, a tradição tem firmemente mantido que Jonas mesmo foi o autor. Nos últimos anos muitos têm defendido que o livro é sobre Jonas e não escrito por ele. Este ponto de vista se baseia sobre diversas observações: os capítulos 1, 3 e 4 foram escritos na terceira pessoa; há expressões recentes das línguas hebraica e aramaica no livro; o grande número de milagres registrados impossibilita estabelecer-se uma base histórica; e a ênfase dada à misericórdia de Deus para com um povo estrangeiro sugere uma data pós-exílica. Mestres conservadores têm consistentemente defendido que esses fatores em si mesmos não são suficientemente importantes para excluírem a possibilidade do profeta ter vivido no século oito ou ter escrito o livro naquela época.

**Antecedentes Históricos.** Assumindo que seja uma narrativa histórica de um profeta ativo no período de Jeroboão II, rei de Israel, os

acontecimentos do livro poderiam ter acontecido em algum período entre 780 e 750 A.C. Jeroboão II tivera sucesso em restabelecer o poder de Israel sobre a maior parte do território ao norte de Judá controlado por Davi e Salomão. No século anterior o império assírio fora uma ameaça ao longo da costa oriental do Mediterrâneo, e se tornara bem conhecido como opressor cruel e desapiedado. Durante o reinado de Jeroboão II, embora o poder da Assíria tivesse se aquietado, ainda se devia contar com ele. Nínive ainda não era a capital do império, mas Calá, uma das partes do complexo da antiga cidade-estado que incluía Nínive, foi a capital entre 880 e 701 A.C.

Não há nenhuma inscrição assíria declarando que um reavivamento como o descrito neste livro tivesse acontecido ali; mas durante o período em que a Rainha Semíramis foi co-regente de seu filho Adade-Nirari III (810-782), houve um pequeno impulso na direção do monoteísmo. Se os frutos do ministério de Jonas e esta purificação do culto assírio devem ser identificados um com o outro é difícil de se dizer. Houve duas pragas severas na Assíria em 765 e 759 A.C., como também um eclipse total em 763 A.C., os quais eram normalmente considerados pelos antigos como evidências de juízo divino e deveriam ter preparado os corações do povo para a pregação de Jonas.

**Interpretações do Livro.** Muita controvérsia tem sido suscitada em relação ao significado do Livro de Jonas, e isto tem produzido uma grande série de pontos de vista. O livro já foi interpretado como uma lenda, uma parábola, -um mito e uma alegoria profética; e também já foi aceito como história de significado messiânico.

Já se sugeriu (R.H. Pfeiffer, *Introd. to the O. T.*) que o livro é uma ficção baseada sobre um possível caráter lendário cujo nome real se perdeu. De acordo com este ponto de vista, o autor desconhecido extrai seus milagres das histórias de Elias e Eliseu (comp. Jonas 4:3 com I Rs. 19:4b e Jonas 4: 5, 6 com I Rs. 19:4a, 5a) e a cena da lamentação de Joel. Assina o livro teria apenas a intenção de ser um protesto contra o nacionalismo estreito dos judeus, que se guiavam pelos ensinamentos de

Esdras. O salmo de Jonas 2 é a oração de ação de graças de um homem salvo do afogamento.

A interpretação do livro como parábola (IB) é muito semelhante ao ponto de vista que o considera lendário. De acordo com este segundo ponto de vista, o caráter de Jonas é uma análise e uma crítica ao Judaísmo Pós-Exílico, e a cidade de Nínive representa o vasto mundo não judeu que aguarda o despertar que só a verdadeira mensagem de Deus pode produzir. A parábola procura descrever a justiça e a misericórdia de Deus para com qualquer homem ou grupo que venha a se arrepender dos seus pecados.

Aqueles que entendem que a história de Jonas é um mito revestido de imaginação judia, encontram nela semelhanças com as antigas fábulas pegadas. Um rei de Tróia acorrentou sua filha Hesione a uma rocha à beira-mar. Pretendia oferecê-la a Netuno, o qual, com a aparência de um tubarão, viria na maré alta e a devorada. Contudo, Hércules lutou contra o monstro e o destruiu, salvando a moça.

De acordo com a interpretação alegórica popular (veja *Abingdon Bible Commentary*), Jonas se identifica com Israel.

A verdadeira missão de Israel é declarar a verdade de Deus ao mundo, mas ela fracassou nisso. O "grande peixe" é Babilônia, que engoliu os israelitas (levando-os para o exílio). O fato de Jonas ter sido vomitado sobre a terra representa o retorno dos judeus do exílio. A insatisfação de Jonas com o arrependimento dos pagãos é um paralelo do espírito do Judaísmo depois de seu retorno.

Aqueles que defendem o caráter histórico do livro têm argumentado que um verdadeiro profeta (Jonas) viveu o que ficou registrado e assim cumpriu, parcialmente, a tarefa missionária de Israel na antiguidade. Para esses (veja Unger, *Introd. Guide to the O.T.*) a história real também tem um significado oculto – messiânico e típico. Passagens importantes que sustentam este ponto de vista são cenas declarações que Jesus fez referente a Jonas como um sinal de Sua morte e ressurreição (Mt. 12 :40; Lc. 11:30). Aqueles que defendem este ponto de vista usam estas

referências num duplo sentido: para verificar a historicidade da narrativa e para apresentar seu significado típico. A posição deste comentário é que a história de Jonas é uma narrativa histórica.

**A Mensagem do Livro.** A narrativa propriamente dita não é complicada, mas rápida e comovente. Jonas, um profeta, é enviado pelo Senhor a pregar aos ninivitas. Mas ele foge e compra passagem em um navio que se destina ao outro lado do mundo. Ele se isola e vai dormir. Logo após o navio ter partido, desencadeia-se uma severa tempestade que provoca ondas gigantescas e os marinheiros aterrorizados jogam fora a carga e começam a orar freneticamente aos seus deuses. Por meio de sortes Jonas é identificado como o criminoso que ofendeu a Providência. A tempestade cessa só depois que Jonas, à sua própria sugestão é lançado no mar. Ele foi engolido por um grande peixe. Agora inteiramente arrependido, ele ora sinceramente pedindo salvação, quando Deus o coloca ileso sobre a praia.

Dessa vez o profeta obedece a ordem de ir a Nínive e proclama em altas vozes, por toda a cidade, sua sucinto mensagem de desgraça. O povo de Nínive, desde o rei até o mais insignificante súdito, reage com sincero arrependimento, até vestindo de saco os próprios animais. O Senhor ouve o seu clamor e revoga a ameaça de destruição. Jonas, contudo, vê no livramento de Nínive apenas uma negação de sua profecia, e queixa-se ao Senhor em oração. A fim de ensinar uma lição ao profeta, Deus prepara uma planta de rápido crescimento para protegê-lo do sol, mas na noite seguinte permite que um verme a destrua. Depois envia um quente vento oriental. Resulta daí que Jonas desfalece e deseja a morte. A história termina com a declaração que assim como Jonas se preocupa com abóboras, Deus está preocupado com a salvação dos homens pecadores.

Alguns dos ensinamentos religiosos básicos do livro são:

a) Deus se preocupa com os pagãos e pede aos Seus servos que os adviria do juízo.



b) Diante de uma tarefa difícil, os homens se sentem mais inclinados a fugir à responsabilidade,

c) Deus é poderoso e pode, se quiser, usar as forças da natureza para os Seus próprios propósitos.

d) Embora Deus venha a punir a desobediência, Ele deseja contudo demonstrar Sua misericórdia.

e) Os campos missionários menos promissores são geralmente os mais receptivos,

f) Acima de tudo, Deus anseia por tratar com o homem com misericórdia e bondade.

## **ESBOÇO**

### **I. Fugindo. 1:1-17.**

A. A ordem do Senhor. 1:1, 2.

B. Um navio para Társis: 1:3.

C. Uma tempestade no mar. 1:4-14.

1. Dormindo na tempestade. 1:4-6.

2. Achado o criminoso. 1:7-10.

3. Marinheiros desesperados. 1:11-14.

D. Jogado no mar. 1:15-17.

### **II. Orando. 2:1-10.**

A. Jogado fora. 2:1-4.

B. Restaurado. 2:5, 6.

C. Pagando votos. 2 : 7.9.

D. Salvo. 2:10.

### **III. Pregando. 3:1-10.**

A. A segunda ordem do Senhor. 3:1, 2.

B. Apresentando a mensagem. 3:3, 4.

C. O arrependimento de Nínive. 3:5-9.

1. Em saco e cinzas. 3:5, 6.

2. O decreto do rei. 3:7-9.

D. Juízo contido. 3:10.

## IV. Aprendendo. 4:1-11.

A. Queixas. 4:1-3.

B. A abóbora e o verme. 4:4-7.

C. O vento e o sol. 4:8.

D. A lição. 4:9-11.

## COMENTÁRIO

**Jonas 1**

I. Fugindo. 1:1-17.

A. A Ordem do Senhor. 1:1, 2.

**1. Veio a palavra do SENHOR.** Não há nenhuma indicação de como Deus falou a Jonas. Para os verdadeiros profetas do V.T., o *modo* pelo qual Deus lhes falava não era tão importante quanto ao fato dEle ter falado. **Jonas.** Veja Introdução com referência ao profeta.

**2. A grande cidade de Nínive.** Localizada na margem leste do Rio Tigre na Mesopotâmia, foi uma cidade-estado influente desde a antiguidade. Uma cidade-estado compreendia a área ocupada por ela e o território à volta, inclusive as vilas vizinhas sob o seu controle. Em Gn. 10:11, 12, Reobote-Ir, Calá e Resém são mencionadas junto com Nínive fazendo parte da "grande cidade". Senaqueribe tornou a cidade em capital do seu império em cerca de 700 A.C., que foi algum tempo depois de Jonas. Ficava a mais de 800 quilômetros da Palestina – um longo caminho a ser percorrido a pé. **Sua malícia.** Os pecados de Nínive não foram descritos, mas a cidade era grandemente conhecida como o centro do culto à fertilidade, e por sua crueldade para com as vítimas da guerra.

B. Um Navio para Társis. 1:3.

**3. Társis.** Talvez deva Ser identificada com uma colônia de mineração semita localizada exatamente a oeste de Gibraltar na foz do Rio Guadalquivir (cons. Gn. 10:4; Is. 23:1, 6, 10; Ez. 27:12). Na mente

de Jonas, fugir para Tárzis era fugir o mais longe possível de casa. **Jope.** O porto mais próximo da parte central da Palestina e, na antiguidade, um dos poucos lugares ao longo da costa oriental do Mar Mediterrâneo onde se podia estabelecer um porto (cons. I. Rs. 5:9 ; II Cr. 2:16). **Da presença do SENHOR.** Esta frase que foi repetida duas vezes deve-se relacionar à vinda da palavra do Senhor a Jonas. Jonas pensava erradamente que afastando-se o mais possível de Nínive, podia anular a ordem do Senhor.

### C. Uma Tempestade no Mar. 1:4-14.

Considerando que no Mar Mediterrâneo oriental as tempestades só costumam ocorrer no fim do outono, os marinheiros deviam estar pensando que tinham tempo suficiente para alcançar Tárzis sem perigo (cons. viagem de Paulo a Roma séculos mas tarde, Atos 27). Esta tempestade foi fora de época, enviada pelo Senhor com propósito especial.

#### 1) Dormindo na Tempestade. 1:4-6.

**4. O SENHOR lançou.** Literalmente, *jogou sobre o mar*. **Um forte vento.** A expressão vem da palavra hebraica como significado de "agitar ou enraivecer". Naquele tempo os nados eram pequenos e não eram suficientemente fortes para enfrentarem fortes tempestades.

**5. Marinheiros.** Esses marinheiros eram mais provavelmente homens vindos das cidades da Fenícia, pois aquele país era o maior poder marítimo dos séculos nono e oitavo A.C., e Tárzis era uma colônia da Fenícia. Eram remanescentes da antiga cultura cananita que se espalhou pela Palestina antes do tempo de Josué. Sendo pagãos, crendo em muitos deuses e atravessando essa crise, os homens começaram a orar cada um ao seu próprio deus predileto. **Lançavam ao mar a carga.** Um navio com carga pesada facilmente emborça num mar agitado. Um navio aliviado poderia enfrentar melhor as ondas. **Dormia profundamente.** Jonas evidentemente se sentia tão aliviado por estar no

navio que imediatamente achou um lugar para descansar o seu corpo fatigado pela viagem. Ele se retirou para a parte mais afastada do convés inferior e, deitando-se rapidamente caiu em profundo sono. (Este é o único lugar no V.T. onde um navio é descrito tendo um convés inferior e outro superior coberto, fatos que estão claros no texto hebraico.)

**6. Chegou-se a ele o mestre do navio.** O capitão, fazendo cuidadosa inspeção do seu navio, encontrou Jonas. Surpreso pela despreocupação deste homem, exortou-o a orar. **O teu deus.** Literalmente, **o Deus**, um termo freqüentemente usado no V.T. em relação ao verdadeiro Deus de Israel. O capitão estava tão desesperado que sentiu-se pronto a experimentar qualquer deus a fim de se livrar dos perigos da tempestade.

2) Achado o Criminoso. 1:7-10.

**7. E a sorte caiu sobre Jonas.** Lançar sortes era uma forma popular de adivinhação entre as nações pagas, e ainda é. Os hebreus às vezes usavam as sortes, sob a orientação de Deus, a fim de selecionar pessoas para alguma posição ou tarefa (veja Js. 7:14; I Sm. 10:20, 21) e até mesmo os apóstolos usaram as sortes uma vez (At. 1:26). Provavelmente usavam-se pedras especiais.

**8. Declara-nos.** Uma vez separado, Jonas veio a ser o centro das atenções. Foi minuciosamente interrogado.

**9. Sou hebreu.** Francamente Jonas contou toda a história aos marinheiros. Ele deu testemunho do fato de que era um devoto do grande Deus universal de todo o mundo e que o desobedecera.

**10. Então os homens ficaram possuídos de grande temor.** Como a maioria dos pagãos, esses homens eram supersticiosos e temiam grandemente que a ira de Deus recaísse sobre eles por deixar de adorá-lo devidamente.

---

3) Marinheiros Desesperados. 1:11-14.

**11. Que te faremos?** Os marinheiros ficaram perplexos sobre como resolver o problema. Eles tinham a bordo um homem com o qual Deus estava zangado, e estavam afastados de qualquer lugar onde o pudessem desembarcar.

**12. Tomai-me, e lançai-me ao mar.** Jonas finalmente viu que grande calamidade ele desencadeara sobre os marinheiros através de sua desobediência, e, condenando-se, mandou que o lançassem ao mar.

**13. Os homens remavam, esforçando-se.** Os marinheiros, não querendo tratar uma vida humana com tanta leviandade, puseram-se a remar em um último e desesperado esforço de alcançar a praia através da tempestade. Sua preocupação com uma única vida destaca-se em contraste notável da atitude de Jonas, que mais tarde admitiu que tinha fugido do Senhor para não ver os ninivitas salvos da destruição (4:2).

**14. Não faças cair sobre nós este sangue . . . inocente.** Esses homens não eram monstros cruéis, mas homens suficientemente religiosos para orar com sinceridade diante do perigo. Os marinheiros finalmente chegaram à conclusão que, tendo Deus enviado a tempestade para castigar Jonas, Ele não tinha a intenção de puni-los. Portanto, decidiram que só Jonas devia sofrer pelo seu pecado e, seguindo seu conselho, jogaram-no ao mar.

D. Lançado ao Mar. 1:15-17.

**15. Cessou o mar da sua fúria.** O cessar da tempestade parecia confirmar sua decisão e sentiram-se sacudidos no íntimo dos seus corações quando perceberam como tinham escapado por pouco da ira do grande Deus.

**16. Ofereceram sacrifícios . . . fizeram votos.** Os pagãos foram imediatamente convencidos de que o Senhor de Israel era o Deus verdadeiro. Abandonando os seus ídolos, ofereceram um sacrifício de ação de graças e consagraram-se ao Deus de Israel.

**17. Deparou. . . um grande peixe.** Mesmo sendo castigado, Jonas não foi esquecido por seu Deus. Ser engolido por um grande peixe pode não parecer à vítima um ato da bondade divina. Mas o peixe era o meio que Deus usou para levar Jonas à praia em segurança. A criatura que engoliu Jonas não foi uma baleia. "Baleia" é um erro de tradução do grego em Mt. 12:40. Não sabemos que tipo de peixe é o animal mencionado em Jonas 1:17. Alguns acham que o tubarão é suficientemente grande para se encaixar na situação; há exemplos de ter engolido homens. O texto é claro em dizer que o peixe foi *especialmente* preparado pelo Senhor. **Três dias e três noites.** Isto não significa setenta e duas horas, uma vez que parte de um dia ou de uma noite pode ser considerada um todo de acordo com a maneira do V.T. contar o tempo. Um total de quarenta e nove horas seria adequado para uma interpretação literal da expressão. Ainda seria muito tempo para um homem permanecer dentro de um peixe. Jesus aplicou o incidente ao Seu próprio sepultamento. Se Cristo foi sepultado antes do pôr-do-sol de sexta-feira (como se crê tradicionalmente) e ressuscitou antes do nascer-do-sol de domingo, então uma tradução literal de "três dias e três noites" (isto é, setenta e duas horas) não é o que se pretende.

## Jonas 2

II. Orando. 2:1-10.

A. Jogado Fora. 2:1-4.

**1. Jonas . . . orou.** Jonas não tinha orado durante a tempestade e os marinheiros clamaram freneticamente aos seus deuses. Agora ele sentia o desespero de sua situação.

**2. Clamei.** Obviamente a oração não foi escrita enquanto Jonas se encontrava dentro do peixe orando. Ela está toda no tempo passado, indicando o fato de ter sido registrada depois da experiência. **Ao SENHOR.** Jonas pelo menos sabia a quem devia orar. Os marinheiros tinham os seus próprios e variados deuses mas os abandonaram quando descobriram como o Senhor era poderoso. Jonas, entretanto, sempre

conhecera o verdadeiro Deus. Essa era a sua dificuldade. Ele sabia que Deus se preocupa com o homem e mesmo assim tinha fugido dEle. Agora que se encontrava em perigo, foi esse mesmo amor divino cheio de compreensão que o levou de volta a Deus. **Ele me respondeu.** De acordo com a maneira hebréia de pensar, ouvir envolvia responder. Para o homem, ouvir Deus envolvia obedecê-Lo. Para Deus, ouvir o homem envolvia livrá-lo. **Do ventre do abismo.** O hebraico aqui nada mais indica que o ventre do peixe era uma espécie de sepultura.

**3. Pois me lançaste.** No V.T. um aspecto típico da súplica é a declaração da causa e a natureza da aflição que provoca a oração. Jonas sabia por que fora punido, e reconhecia a justiça divina para com ele.

**4. Tornarei, porventura, a ver.** Contudo Jonas viu mais que a justiça; viu também o amor de Deus e esperançoso implorou misericórdia.

B. Levantado. 2:5, 6.

**5. As águas me cercaram.** A experiência de ser engolido foi tão horrível que Jonas aqui retorna à descrição pitoresca. Ele estava emaranhado no material dentro do peixe.

**6. Fundamentos dos montes.** Diversas das frases deste versículo são difíceis de traduzir de maneira clara. A palavra **fundamentos** parece se referir à base das montanhas no fundo do oceano. O bater das ondas do mar sobre a praia sugere a existência de barreiras que evitam que o mar transpasse os limites da terra (cons. Jó 38:4-11). **Para sempre.** Jonas não via como escapar ao seu problema, embora esperasse em Deus. **Contudo fizeste subir da sepultura a minha vida.** A salvação é um ato divino diante do impossível, e Jonas, em suas palavras, reconhecia a preocupação de Deus com ele pessoalmente – **meu Deus.** **Sepultura** é melhor que corrupção.

C. Pagando Votos. 2:7-9. O livramento de Jonas fez brotar em seu coração o desejo de expressar a gratidão a Deus de alguma forma.

**7. Desfalecia a minha alma, eu me lembrei.** Quando o profeta já desistira de tudo, voltou-se para o Senhor em busca de ajuda. Este tema é repetido diversas vezes em oração, porque a impossibilidade física de livramento contrastava remotamente com a intervenção divina. Era fonte de constante perplexidade para Jonas. **Teu santo templo.** Comumente, a oração tinha de ser feita nos átrios do Templo em Jerusalém. Mas Jonas sabia que a presença de Deus não se limitava a qualquer templo terreno e que o Senhor tinha consciência das necessidades dos Seus filhos onde quer que estivessem.

**8. Idolatria vã.** Um nome descritivo para os ídolos e deuses do paganismo (cons. Sl. 31:6; Dt. 32:21). Neste contexto, idolatria vã não tem o sentido de "superficialidade" mas de "inutilidade". **Misericordioso.** No contexto a palavra não se refere nem ao ato de salvar alguém, nem ao espírito de amor para com o homem, mas à fonte de salvação – Deus mesmo. Jonas reafirma seu repúdio da idolatria como forma de culto.

**9. Com a voz do agradecimento eu te oferecerei sacrifício.** Em contraste com os conceitos pagãos, o verdadeiro ato de sacrifício é uma expressão de gratidão para com Deus, e não um esforço de apaziguar Sua ira. Com o sacrifício, fazia-se uma entrega total à vontade de Deus. Nas palavras, **o que votei pagarei**, o profeta indicava que ele se entregava ao que Deus desejava para ele. Ele tinha certeza de uma coisa : A salvação é um dom de Deus e não uma façanha humana.

D. Salvo. 2:10. A segurança íntima de que Deus salva através de um ato do Seu poder não foi uma imaginação qualquer nem uma idéia abstrata, mas relacionada com um evento verdadeiro. Jonas foi salvo do grande peixe e se achou em terra firme, seguro mas castigado.

## Jonas 3

III. Pregando. 3:1-10.

A. A Segunda Ordem do Senhor. 3:1, 2. Agora que Jonas tinha se submetido a Deus, estava pronto para servir. A segunda ordem foi quase



idêntica à primeira (1:2). O conteúdo da proclamação seria dado mais tarde ao profeta.

#### B. Apresentando a Mensagem. 3:3, 4.

Desta vez a receptividade de Jonas foi imediata. Seguindo a trilha das caravanas até a região superior do Rio Tigre, chegou ao complexo conhecido por **a grande cidade de Nínive** (v. 2), tendo sido orientado em sua viagem pelo Senhor.

**3. Nínive era.** Alguns têm defendido que o verbo hebraico traduzido para **era** está no tempo passado puro, o que dá a idéia de que no momento da história a cidade já fora destruída. Sabemos que a destruição da cidade ocorreu em 612 A.C. A língua hebraica não tem um tempo passado verdadeiro, e na realidade nem tem tempos em seu sistema verbal. O aspecto "perfeito" do verbo pode às vezes ser traduzido para um tempo passado, mas o seu sentido é muito mais amplo. A forma "perfeita" também pode indicar um ato (tal como fundar uma cidade) que se estendeu à existência. Conseqüentemente, tido o que se pretende aqui é o seguinte: Nínive existia nos dias de Jonas como uma cidade. **E de três dias para percorrê-la.** Antigamente uma cidade não compreendia apenas a área construída, mas também o seu território e vilas ou cidades dependentes (veja comentários sobre 1:2). A frase descritiva talvez se refira à circunferência deste complexo, isto é, cerca de 96 à 112 quilômetros. Por outro lado, a expressão talvez seja apenas um paralelismo idiomático de "aquela grande cidade".

**4. Começou ... a percorrer ... caminho de um dia.** A declaração não quer dizer que Jonas completou a viagem de um dia antes de começar a pregar; quer dizer que ele começou a pregar no começo de sua visita a Nínive. A viagem de um dia em campo aberto era cerca de 32 quilômetros, mas em uma área desabitada o curso de tal viagem naturalmente não era em linha reta mas dava voltas por entre os mercados e vielas. **Ainda quarenta dias.** A mensagem de Jonas era

curta, e à primeira vista parecia ser incondicional. Era um grito de desgraça e calamidade.

C. O Arrependimento de Nínive. 3:5-9.

1) Em Saco e Cinzas. 3:5, 6.

**5. Os ninivitas creram em Deus.** O povo de Nínive aceitou as palavras de Jonas como uma mensagem de Deus e ficou grandemente preocupado com o perigo que corria. Quando agrupados, os semitas sempre foram facilmente influenciáveis, e um homem com a aparência de Jonas clamando solitário, provavelmente atraiu as multidões e as perturbou profundamente. As reações populares ainda são comuns no Oriente Médio. Aqui, sem dúvida, sua tendência natural foi reforçada pelo Espírito de Deus. **Proclamaram um jejum.** Em tempos de perigo era considerado coisa apropriada recusar-se a alimentação e devotar-se integralmente às súplicas diante dos deuses até que o perigo passasse. **Vestiram-se de panos de saco.** O pano de saco era considerado como símbolo de humildade e completa dependência de Deus. Era uma roupa feia e rústica que não servia para vestimenta normal.

**6. Rei de Nínive.** Não o imperador do império assírio mas o governador da cidade-estado. Ele também tomou parte no jejum para torná-lo oficial. Tendo se vestido de pano de saco com os outros, começou a implorar misericórdia. **Assentou-se sobre cinza** (cons. Jó 2:8; Jr. 6:26; Mq. 1:10). Maneira pitoresca de declarar que o homem nada é diante do grande perigo.

2) O Decreto do Rei. 3:7-9.

**7. E fez-se proclamar . . . mandado do rei.** A receptividade do povo foi transformada em um ato do estado. Coisa comum entre os povos semitas tem sido a inclusão dos animais em seus jejuns e lamentações. Pode parecer estranho aos ocidentais que os gritos dos animais famintos fossem intencionalmente acrescentados aos do povo; mas os orientais consideravam-nos coisa essencial às súplicas eficazes.

**8. Sejam cobertos . . . os animais.** Colocando pano de saco sobre os animais também, os ninivitas simbolizaram a união entre o homem e a natureza na humilhação e nas orações. **E se converterão . . . do seu mau caminho.** Como acontece em momentos de perigo, as pessoas que doutro modo parecem completamente indiferentes ficam muito cômicas de suas maldades – um triste comentário sobre a falta de gratidão do homem para com as bênçãos divinas em bons tempos. **Da violência.** O povo da Assíria era conhecido por sua crueldade para com outros povos, especialmente os prisioneiros de guerra. Os ninivitas foram despertados em suas consciências para perceberem que o modo de tratarem outros estava para desencadear o desastre sobre eles.

**9. Voltará Deus e se arrependerá.** Estes dois verbos não significam que os ninivitas pensassem que Deus fosse instável. Indicam que esses pagãos criam que o maior desejo do Senhor era salvá-los e não destruí-los. A palavra **arrependerá**, quando usada para com Deus, não indica tristeza pelo pecado. Antes aponta para uma decisão da parte de Deus de mudar o Seu método de lidar com Suas criaturas. O total repúdio do pecado da parte do homem é agradável a Deus e em resposta Ele derrama graciosamente o Seu amor.

D. O Juízo Retido. 3:10. A mensagem de Jonas ao que parece, não foi uma sentença condicional; mas na realidade o era porque a ameaça do castigo divino pode ser desviada quando se evidencia um arrependimento verdadeiro. As promessas do Senhor de salvar têm precedência sobre Suas ameaças. O amor de Deus é eterno, mas Suas expressões de ira servem para despertar o arrependimento do homem. No caso de Nínive, o Senhor não mudou em essência; apenas foi mudado o Seu modo de lidar com o homem. Esta é a maravilha da misericórdia e do amor.

## Jonas 4

IV. Aprendendo. 4:1-11.

A. Queixas. 4:1-3. Jonas obedecera ao Senhor indo a Nínive e pregando a mensagem de Deus, mas a atitude do seu coração não fora mudada. Ele odiava tanto os ninivitas por causa de sua crueldade que lá no fundo do seu coração antegozava a sua destruição. Agora, passados os quarenta dias, Nínive continuava intacta.

**1. Desgostou-se . . . . extremamente, e ficou irado.** Um paralelismo tipicamente hebreu, expressando a reação extrema de Jonas diante da salvação da idade de Nínive.

**2. Pois sabia que és Deus clemente.** Finalmente desvendou-se o segredo. Jonas não ignorava o caráter do seu Deus. Ele fugiu para Társis não porque temesse os ninivitas, mas porque não queria que fossem salvos. Ele sabia que todas as ameaças divinas são condicionais, não importa como sejam enunciadas. Deus era **clemente**, isto é, Ele tinha no seu coração o bem-estar do homem e apaixonadamente desejava tirá-lo do pecado. Até a nação do próprio Jonas não teria se formado se Deus não fosse gracioso para com os filhos de Israel desde o começo (Êx. 34:6, 7). Qualquer livramento da escravidão, da opressão, da fome ou da destruição é uma evidência do gracioso amor de Deus para com o homem (Is. 30:18) e o Senhor perdoa os pecados porque Ele é gracioso (Os. 14:2). **Misericordioso.** Uma palavra companheira de **clemente**, apontando para o amor de Deus que é derramado sobre o pecador indigno que se arrepende dos seus pecados. Deus guarda para si o direito de ajudar aqueles que demonstram arrependimento genuíno do pecado e que confiam em sua bondade. **Tardio em irar-se.** O desejo de Deus não é punir imediatamente o desviado. Mas quando se torna evidente, em qualquer dada situação, que os homens são orgulhosos e teimosos demais para serem facilmente disciplinados, Ele começa a ensiná-los através do "caminho mais duro", expressando o Seu descontentamento para com o pecado. **Grande em benignidade.** Para o profeta, o amor de Deus é tão grande que ele só pode multiplicar frases na tentativa de expressá-lo. **Benignidade** é uma tradução da palavra hebraica *hesed*, significando lealdade a uma promessa convencional. A expressão da

benignidade não se exaure quando a afiança é quebrada pela outra parte, mas ela vai em busca do desviado e o traz de volta para um relacionamento pessoal íntimo. A benignidade de Deus é tão grande que Ele se alegra em desviar o juízo para que o pecador penitente possa reentrar no relacionamento convencional.

3. Jonas não tinha em seu coração o amor de Deus e ele se sentiu envergonhado porque a sua profecia foi anulada pela conversão daqueles que ele detestava. O profeta ficou tão abatido que desejou a morte.

B. A Abóbora e o Verme. 4: 4-7.

4. **É razoável essa tua ira?** O Senhor examinou a atitude de Jonas. À luz da preocupação divina para com o homem, como seu servo podia ser tão impiedoso?

5. **Fez uma enramada.** Embora Jonas estivesse cômico que uma onda de arrependimento em Nínive faria Deus salvar o povo, ele obstinadamente determinou esperar a destruição que tinha predito. Foi para um lugar mais elevado fora da cidade propriamente dita, armou um caramanchão de galhos de árvore para se proteger do sol. Tais abrigos ainda se usam em campo aberto no Oriente Médio. Um homem pode ficar confortavelmente em sua sombra mesmo quando o sol fica muito quente.

6. **Então fez o SENHOR Deus nascer uma planta.** A planta, *palma cristi*, é comum no Oriente Médio. A rapidez do seu crescimento neste caso é declaradamente um ato divino. Jonas sofria tanto com seus conflitos íntimos que reagia com as mais disparatadas emoções. Antes, se sentira grandemente deprimido, agora se alegrou grandemente.

7. **Enviou um verme.** A destruição da planta também foi um ato divino. O verme atacando as raízes, destruiu a planta, e com ela, a bênção de sua sombra.

C. O Vento e o Sol. 4:8. **Deus mandou um vento.** Este ato final do Senhor privou Jonas de seu último conforto terreno – a sombra fresca. O

vento oriental é famoso por sua temperatura cauterizante, do qual nem mesmo a sombra de um abrigo pode proteger o homem. Quando Jonas chegou ao ponto de não suportar mais o calor, clamou pelo alívio da morte pela segunda vez. A primeira vez ele desejou morrer por causa de seu desespero íntimo; desta vez ele clamou a Deus por causa de seu desconforto físico.

D. A Lição. 4:9-11. Obviamente, a série das ações divinas destinadas a Jonas tinha um propósito. Deus tentava destacar o absurdo da falta de preocupação espiritual de Jonas pelo bem-estar humano, contrastando-o com a sua legítima preocupação por seu próprio bem-estar físico.

9. A pergunta do versículo 4 torna a ser repetida. Do conteúdo de 4:1-3 pode-se deduzir que a resposta de Jonas à primeira pergunta devia ter sido a mesma que esta.

**10. Tens compaixão da planta.** Era uma preocupação cabível e provavelmente motivo razoável para se zangar. Mas a planta não passava de uma planta, e Jonas nada tinha a ver com o seu crescimento ou destruição.

**11. Não hei de eu ter compaixão . . . de Nínive.** Os ninivitas eram seres humanos – homens, mulheres e crianças – objetos da criação especial de Deus e portanto do Seu amor. Uma simples planta, como essa, não podia entrar em comunhão pessoal com Deus; nem o pecado podia corrompê-la. A preocupação de Jonas pela planta era egoísta; ele sentia a sua destruição porque lhe servira para o conforto pessoal. Mas a preocupação de Deus pelo homem é altruísta, pois Ele apenas procura ajudar, livrando-o do pecado. Nenhum homem tem o direito de questionar nem ressentir-se do amor de Deus derramado para salvar o homem qualquer homem – do pecado e da destruição do pecado. Os ninivitas precisavam dEle mais que os outros porque ninguém lhes mostrara as diferenças morais.

# MIQUÉIAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 3	Capítulo 5	Capítulo 7
Capítulo 2	Capítulo 4	Capítulo 6	

## INTRODUÇÃO

**Título.** A profecia de Miquéias recebe o seu título do nome do próprio profeta. O nome *Mîkâ* (LXX, *Micaías*; Vulg., *Miquéias*) é uma abreviação de *Mîkayâ*. O profeta é chamado por este último nome completo em Jr. 26:18. A forma original e mais completa é *Mîkayâhû*, que significa, "Quem é Jeová?" Esta forma mais completa era o nome de um príncipe em II Cr. 17:7. É usado para homens e mulheres indistintamente e geralmente é abreviado. *Yahu* é uma forma antiga do nome do Deus de Israel, geralmente traduzido para "Jeová" (Êx. 6:3; Sl. 83:18; Is. 12:2; 26:4).

O nome do profeta, como o de outros profetas, Elias, Eliseu, Oséias, Joel, Obadias e outros, é detalhe importante. Tais nomes, junto com o nome de Deus ou de Jeová, indicavam a atitude de submissão do profeta para com o verdadeiro Deus e, no caso de Miquéias, era um desafio aos pecadores e falsos profetas.

**Data e Autoria.** A data do ministério é dado em relação aos reinados de Jotão (739-735 A.C.), Acaz (735-715 A.C.) e Ezequias (715-687 A.C.), reis de Judá (Mq. 1:1). Miquéias começou a sua obra no tempo de Jotão e serviu através de todo o reinado de Acaz e talvez todo o de Ezequias. Sua obra, que está intimamente relacionada com a de Isaías, foi escrita durante os reinos de Acaz e Ezequias. Tanto Miquéias como Isaías, embora se dirijam principalmente a Judá, torna claro que o juízo divino também recairá sobre o Reino do Norte. Que Miquéias profetizou durante o reinado de Ezequias é confirmado por Jr. 26:18, 19.

Há certos críticos liberais que julgam a obra objetivamente, usando o método histórico-crítico. Para eles o livro de Miquéias não passa de outra produção humana. Esquecendo-se que temos apenas partes de suas mensagens transmitidas em épocas diferentes e que ele estava profundamente preocupado com as condições políticas e sociais do seu povo, e que ele foi movido pelo Espírito de Jeová, esses críticos encontram o que eles consideram glosas e interpolações que eles datam do período pós-exílico. Eles rejeitam o sobrenatural na profecia, especialmente a citação de Babilônia em 4:10, apesar do fato da Assíria ser o poder hostil naquele tempo. Na disposição e no campo de ação, os capítulos 1-5 são semelhantes às profecias de Isaías. Nos capítulos 1-3 Miquéias anuncia o iminente julgamento do pecado, e nos capítulos 4 e 5 ele proclama que Israel será confortada através do perdão e da restauração. Por isso os "liberais" atribuem os capítulos 4 e 5 a um Deutero-Miquéias do período pós-exílico.

Achamos que a obra toda é de Miquéias, que profetizou no período de Isaías. Miquéias não vinha de uma grande cidade, como o seu contemporâneo mais idoso, mas da cidadezinha de Moresete que pertencia a Gate. Ele falava como homem do povo, que simpatizava com a gente do campo e que tentou protegê-la dos ricos e nobres gananciosos das grandes cidades. Embora o profeta vivesse e profetizasse no Reino do Sul, ele condenou os pecados do Reino do Norte; e profetizou e testemunhou a sua queda. A profecia de Miquéias não é apresentada na forma de um tratado sistemático. Talvez seja devido ao fato de conter uma coleção de oráculos, subsequenteiramente escritos pelo profeta ou por um dos seus discípulos.

O estilo de oratória e o jogo de palavras do capítulo 1 fazem lembrar Cícero. Nos capítulos 2; 6; 7, a forma literária é a de um diálogo dramático.

**Antecedentes Históricos.** Os reis assírios deste período foram Tiglate-Pileser III (745-727), Salmaneser V (727-722) Sargão II (722-705) e Senaqueribe (705-681). Senaqueribe conduziu seu exército para



as regiões setentrional e ocidental de Judá, subjugando cidades e vilas conforme avançava, até chegar a Jerusalém, a qual, embora sujeita a um demorado cerco, jamais foi tomada. A profecia relativa à tomada e destruição finais de Jerusalém aponta para o período posterior de Nabucodonosor. A Assíria conquistou todo o Oriente Próximo exceto o Egito e Jerusalém. Seus exércitos, entretanto, não ocuparam todas essas terras; antes, exigiu delas, na qualidade de nações subjugadas, que lhe pagassem tributo anual. Quando um novo sucessor subia ao trono da Assíria, os reinos tributários se revoltavam. Conseqüentemente, o novo monarca tinha de tomar a subjugar todas as terras previamente conquistadas através de uma série de campanhas militares. As campanhas mais difíceis foram contra as nações vizinhas do Egito. Esses países fronteiriços, no papel de pára-choques suportando o impacto da guerra, eram encorajados pelo Egito no esforço de se proteger.

Foram dias de inquietação, insegurança e dificuldades, especialmente para os camponeses e habitantes das cidades pequenas. Os exércitos importunos que passavam e que não raras vezes invadiam as vilazinhas fazendo escravos os seus habitantes, estabeleciam um estado de guerra. As condições políticas em Israel e Judá não podiam ser piores. Os governantes, os ricos, os sacerdotes e os profetas coniventes nas capitais, sentindo-se seguros dentro das fortalezas, usavam de todo o seu poder para oprimirem os pobres. Os camponeses não tinham proteção, nem dos assírios nem dos funcionários públicos de sua própria nação. Miquéias se dirigiu a esses, defendendo a causa dos oprimidos. Destemidamente seguindo a liderança do Espírito Santo, ele pregou com risco de vida. As mensagens de Miquéias refletem as corrupções prevalentes. Suas alusões aos assírios mostram qual era o assunto principal daquele tempo.

## **ESBOÇO**

Sobrescrito. 1:1 .

I. O iminente juízo de Israel e Judá por causa do pecado persistente, 1:2-16.

A. Chamando a atenção. 1:2.

B. A terrível anda do Senhor Jeová anunciada e descrita, 1:3, 4.

C. Os pecados da capital representante da nação. 1:5.

D. Conseqüências terríveis deste juízo. 1:6, 7.

E. A reação do profeta e a visão que teve deste juízo. 1:8-16.

II. Destino dos opressores corruptos e falsos profetas. 2:1 – 3:12.

A. A desgraça dos monopolizadores da terra. 2:1-5.

B. Falsa pregação dos profetas mentirosos. 2:6-13.

1. Esforços para interromper a pregação do verdadeiro profeta. 2:6.

2. Pregação falsa de que o Espírito de Jeová está em dificuldades. 2:7.

3. Insegurança dos cidadãos devido ao governo dos opressores. 2:8-13.

C. Denúncia dos líderes do povo. 3:1-7.

1. Miquéias responde aos falsos profetas e opressores. 3:1.

2. Descrição do Caráter dos opressores perversos. 3:2, 3.

3. Recusa de Jeová de ouvir suas orações. 3:4.

4. O caráter dos falsos profetas. 3:5.

5. Os falsos profetas Serão desacreditados. 3:6, 7.

D. Miquéias tem conseqüência do poder do Espírito de Jeová. 3:8.

E. Pecados e crimes grosseiros trarão a destruição de Jerusalém. 3:9-12.

III. Visão de esperança através daquele que virá. 4:1 – 5:15.

A. Triunfo final de Jerusalém. 4:1 – 5:1.

1. Reavivamento da verdadeira religião e a volta a Jeová. 4: 1, 2.

2. A volta a Jeová trará paz e prosperidade. 4: 3.5.

3. A volta prometida dos que estão no cativeiro. 4: 6, 7.

4. Jerusalém será restaurada a esplendor e poder maiores ainda. 4:8.

5. A redenção será precedida pelo sofrimento que será o castigo pelo pecado. 4:9, 10.
6. Os inimigos verão Jeová vingando o Seu povo. 4:11, 12.
7. Predita a vitória final, com exortação a que se preparem para o futuro cerco. 4:13 – 5:1 (4:14 no texto heb.)
- B. O futuro e poderoso líder nascerá em Belém e restaurará o remanescente de Jacó. 5:2-15.
  1. O Messias nascerá em Belém. 5:2, 3.
  2. O reinado benéfico do Messias. 5:4-7.
  3. O Israel espiritual virá a ser um grande conquistador. 5:8, 9.
  4. O Israel espiritual será privado de força e ajuda material. 5:10-15.
- IV. Litígio de Jeová. 6:1 – 7:20.
  - A. Primeira reclamação de Jeová. 6:1-5.
  - B. A primeira réplica de Israel. 6:6-8.
  - C. Segunda reclamação de Jeová. 6:9-16.
  - D. Segunda réplica de Israel - uma confissão de pecado. 7:1-10.
  - E. Promessa de bênçãos para Israel após o juízo. 7:13.
  - F. Oração final por Israel - reunida de muitas nações. 7:14-17.
  - G. Doxologia: O triunfo da graça. 7:18-20.
    1. Jeová, o Deus do amor perdoador. 7:18.
    2. Jeová, o Deus do poder redentor. 7:19.
    3. Jeová, o Deus da fidelidade perpétua. 7:20.

## COMENTÁRIO

### Miquéias 1

Sobrescrito. 1:1.

**1. Palavra do SENHOR.** A mensagem vinha de Jeová, e por isso, tinha autoridade divina. Essa era a reivindicação usual dos profetas hebreus (cons. Jonas 1:1; Ob. 1:1). **Veio a.** No sentido de "ter sido dirigida a". A palavra de Jeová foi dirigida a Miquéias e lhe foi dada

para ser proclamada. **Em visão**, isto é, mental e espiritual, não necessariamente com os olhos do corpo. Este verbo significa ver subjetivamente. Miquéias tinha entendimento espiritual da mensagem que ia proclamar.

I. O Iminente Juízo de Israel e Judá por causa do Pecado Persistente. 1:2-16.

A. Chamando a Atenção. 1:2.

**2. Ouvi ou escutai.** Ouvi com interesse, com percepção mental e espiritual e com disposição para obedecer. Esta é uma palavra costumeira usado pelos profetas para chamar a atenção para suas mensagens (cons. Is. 1: 2, 10; Amós 3:1; Joel. 1:2; Os. 4:1). **Todos os povos . . . ó terra e tudo o que ela contém.** A mensagem está sendo dirigida a todos os povos. A terra e tudo o que ela contém deve permanecer atenta (cons. Is. 1:2; Dt. 32:1). **Prestai atenção.** Literalmente. O povo devia prestar atenção enquanto a mensagem fosse proclamada. **SENHOR.** O "Senhor" ou "Mestre" entronizado sobre o universo. **Contra** ou *entre vós* (ASV margem.). Se é "contra", a referência é a Samaria e Jerusalém. Se o sentido é "entre", o pronome se refere a todos os povos. Em ambos os casos Jeová está falando com relação à maldade das capitais de Israel e Judá. Ele está testemunhando do *templo de sua santidade*. Este templo, conforme indica o contexto, é o céu. "Santidade" primeiramente significa "separação". O céu está separado e consagrado aos propósitos de santidade de Jeová. A santidade ativa do Senhor penetra em toda a terra, salvando e julgando.

B. A Terrível Vinda do Senhor Jeová Anunciada e Descrita. 1:3, 4. Estes versículos introduzem uma razão solene por que todos os povos deveriam ouvir a mensagem.

**3. Sai do seu lugar.** A forma usada indica que Jeová está continuamente assentado para julgar o pecado e os pecadores. **E desce, e anda.** Os dois verbos expressam ação repetida.

4. Quando os passos majestosos de Jeová tocam o alto das montanhas, **os montes debaixo dele se derretem**. Novos vales serão formados quando os *montes* (**vales**) **se fenderem** e, como cera diante do fogo, jorrarem como uma torrente de água sobre um precipício. Deve-se notar que Orelli (*The Twelve Minor Prophets*, 191) prefere *planícies* a **vales**. Outros sugerem a emenda, **montes**, para evitar a dificuldade aparente de "vales" sendo fendidos. Semelhantes descrições de tão imponentes manifestações de Jeová aparecem também em Êx. 19:18, 19; Jz. 5:5; Is. 64:1; Hc. 3:6.

C. Os Pecados da Capital São Representativos da Nação. 1:5.

5. A **transgressão de Jacó** significa literalmente *libertação* ou *rebelião*. *Apostasia* se aproxima mais do hebraico (Cheyne, "Micah", *The Cambridge Bible*). Israel, o Reino do Norte, libertara-se de Jeová e se rebelara contra suas justas exigências. **Tudo isto por causa** – ou do testemunho que precede ou dos juízos que se seguem. A frase pode apontar em ambas as direções. **Pecados**. Pecar é literalmente *errar o alvo*, como quando um atirador atira e falha. No N.T., a palavra grega para pecado é *hamartia*, com o mesmo significado. Deus estipulou um alvo e a casa de Israel errou em acertá-lo. **Qual é**. Literalmente, *quem é*. A rebeldia e o pecado são cometidos pelo povo. A forma da pergunta exige uma resposta afirmativa. Os **altos** eram lugares para cultos idólatras proibidos pela lei mosaica (cons. Dt. 13). O profeta acusou as duas capitais como centros dos pecados da nação. Esta acusação pode ser feita contra muitas capitais através da história.

D. Conseqüências Terríveis deste Juízo. 1:6, 7.

6. **Por isso**. Por causa dos pecados de Samaria, Jeová fará o que se segue. **Um montão**, isto é, uma ruína para **plantar vinhas**. As guerras causaram a destruição da cidade diversas vezes e esta profecia foi cumprida literalmente (cons. Is. 21:1-3). Jeová declara que Ele fará as pedras de Samaria rolaem para o vale, descobrindo totalmente os seus

alicerces. Atualmente Samaria é um monte de pedras, não apenas no alto da colina mas também nos campos em baixo. Expedições arqueológicas têm feito descobrimentos até dos alicerces dos palácios de Onri e Acabe.

7. Todas as suas imagens de escultura, Jeová prediz, Ele fará que sejam despedaçadas, em Sua ira contra a idolatria (Êx. 20:4). **Preço da prostituição**, isto é, o pagamento feito às prostitutas como salário do seu pecado. O profeta olhava para a civilização idólatra de Samaria considerando-a o produto do salário das prostitutas; isto é, considerava a idolatria como prostituição. Samaria tinha de ser destruída e os fragmentos de suas imagens tinham de retornar ao seu uso original, o preço das prostitutas.

E. A Reação do Profeta e Sua Missão deste Juízo. 1:8-16.

8. **Por isso.** O profeta declara que de lamentará e gerará, andarà despido e espoliado, por causa das feridas incuráveis de Samaria que sobrevieram ao seu próprio povo, até as portas de Jerusalém, a capital política e centro de adoração. O profeta se identifica com a nação. A forma literária do versículo 8 produz uma impressão solene. Miquéias começa, **faço lamentações como de chacais**. Ele vai se lamentar até que se acabem suas forças, até que sua voz se transforme no piar de uma avestruz recém-nascida. A nudez era porção natural do prisioneiro. Em sua tristeza o profeta andarà nu e despojado.

9. A idolatria e perversidade de Samaria influenciou de tal modo a Jerusalém que esta se tomou culpada de pecado idêntico. Os descendentes da casa de Acabe (rei do Reino do Norte, esposo de Jezabel) reinaram em Jerusalém e levaram a nação a se afastar de Jeová. As feridas resultantes, que não podiam jamais ser curadas, infeccionaram a vida política, social e religiosa de Judá, incluindo o próprio lugar do conselho, isto é, "as portas da cidade". No Oriente Próximo, **porta** significava o conselho ou ministério real e esse significado persistiu até a queda do sultanato turco recentemente. Durante séculos o ministério da

Turquia foi chamado de "a Porta Sublime". Pecados idênticos exigem castigos idênticos, quer sejam de Samaria, quer de Jerusalém.

**10.** Observe, começando com o versículo 10, que a lista de cidades mostra a rota do invasor. Enquanto as cinco primeiras cidades ficavam ao norte de Jerusalém, as cinco últimas ficavam a sudoeste ou sul da cidade. Em estilo de oratória, o profeta cita as cidades de acordo com o significado. Não apenas Jerusalém, mas também as localidades vizinhas sofreram. **Em Gate (*gat*) não o anuncieis (*taggîdû*). Em Bete-Leafra (*casa do pó*) revolvei-vos no pó.** Ambas eram cidades pagãs. O profeta temia a efusão da zombaria dessa gente quando soubesse do pecado e conseqüente castigo daqueles que eram chamados de povo de Jeová. Revolver-se no pó significava lamentação intensa e abjeta.

**11. Moradora** está na forma feminina. Miquéias prevê as mulheres dessas cidades condenadas passando diante dos homens. Nuas e envergonhadas elas irão para o cativeiro e os homens nada poderão fazer para protegê-las contra o poder do inimigo. Em 1:6 o profeta introduz a profecia contra Samaria. Em 1:11 o castigo de Judá não tem declaração introdutória. **A moradora de Zaanã (*Saída*) não pode sair**, isto é, sair da casa. Ela ficará aterrorizada por causa do invasor. **O pranto de Bete-Ezel (*Casa da Separação*) tira de vós o vosso refúgio.** Esta cidade, que provavelmente era fortificada, deveria ajudar a resistir ao invasor. Mas o seu povo lamentaria o sofrimento dos outros até que suas forças se esgotassem.

**12. Pois (*kî*) ... porque (*kî*).** O primeiro *kî* é um particípio – "sim" ou "realmente". O segundo dá o motivo da primeira cláusula. A habitante feminina de Marote, diz Miquéias, dolorosamente esperará o bem, mas Jeová enviará o mar à porta de Jerusalém. A invasão dos assírios foi a violência enviada por Jeová como julgamento (cons. Is. 10:5).

**13. Ata os corcéis ao carro.** A moradora de Laquis (*monte inexpugnável*) recebe ordem de fugir dos invasores. O juízo sobrevirá a Laquis porque é **o principio do pecado** (isto é, do *erro ao alvo*) **para a filha de Sião** (Jerusalém). Através dela, **as transgressões** (*afastamento*

*de Deus*) de Israel – adoração a Baal com suas abominações conseqüentes – entraram em Sião. O uso de *Laquis* e *rekesh* ("corcéis velozes") juntos é um característico jogo de palavras hebraicas.

**14. Presentes de despedida**, ou devolução de presente, isto é, a devolução do dote de uma noiva, devido a um divórcio. A "filha de Sião" e **Moresete-Gate** (a cidade natal do profeta ) estiveram unidas no pecado. Agora estão separadas. **As casas de Aczibe** (*lugar de engano*) serão **para engano** dos reis de Israel. Esta cidade (doze quilômetros ao norte de Moresete) em lugar de servir de defesa contra os invasores passará a ajudá-los ou até mesmo se transformará em traidora.

**15. Enviar-te-ei ainda quem tomará posse de ti.** Jeová fará o possuidor (os invasores assírios) vir para levá-las prisioneiras. **Maressa**, "cidade hereditária (de Judá)", passará a ser possessão da Assíria. **Chegará até Adulão a glória de Israel.** A nobreza **fugirá para Adulão**, famosa por suas cavernas; os homens que deveriam estar na frente da batalha ficarão escondidos.

**16. Faze-te calva, e tosquia-te.** Isto está expresso no gênero feminino. Talvez Israel, no papel de mãe, seja exortada a manifestar exageradamente a angústia por seus filhos, nascidos e criados no luxo (*delicadamente criados*), que foram para o cativeiro. Miquéias vê os horrores como se já estivessem acontecendo.

## II. O Destino dos Opressores Corruptos e dos Falsos Profetas. 2:1 – 3:12.

### Miquéias 2

A. A desgraça dos Monopolizadores da Terra. 2:1-5.

**1. Ai daqueles que** ficam acordados de noite imaginando métodos desonestos ou traiçoeiros para alcançar seus fins egoístas. Quando a manhã desponta eles põem seus esquemas em ação, pois têm o poder nas mãos. "Ao poderoso tudo é permitido".

**2. Arrebatam . . . tomam . . . fazem dolência.** Tomam tudo o que **cobiçam** – campos, casas e heranças. Nada reduz mais um povo à



impotência do que deixar o povo simples sem lar e reduzi-lo à servidão (cons. Goldsmith, *The Deserted Village*).

**3. Portanto** Jeová recompensará esses opressores de acordo com seus feitos. Em vez de andarem por aí com as cabeças orgulhosamente erguidas, serão levados para o cativeiro com os pescoços amarrados.

**4. Naquele dia** alguns pranteadores lamentarão amargamente a ruína (lit., *lamentarão a lamentação de uma lamentação*) quando virem os campos divididos entre os inimigos. Por isso não haverá prosperidade, nem terras, e para essa rica gente inescrupulosa não haverá também nenhuma parte na herança do Senhor. (v. 5).

B. A Falsa Pregação dos Profetas Mentirosos. 2:6-13.

1) Esforços para Interromper a Pregação do Verdadeiro Profeta. 2:6.

**6. Não babujeis tais cousas.** Os líderes corruptos usando os falsos profetas que atendem ao seu gosto, tentarão impedir o verdadeiro profeta em sua pregação. "Profetizar" foi usado com sentido duplo: "pregar" pelos profetas verdadeiros e "falar bobagens" pelos falsos profetas.

2) Pregação Falsa Dizendo que o Espírito de Jeová Está em Dificuldades. 2:7.

**7. Está irritado (impaciente) o Espírito do Senhor? São estas as suas obras?** Os opressores não podem atribuir as calamidades a um Deus que está acostumado apenas a punir. Não. Para os justos suas palavras são boas.

3) A Insegurança dos Cidadãos Deve-se ao Governo dos Opressores. 2:8-13. Em vez de viver de maneira justa, o povo de Jeová está se rebelando como os seus inimigos. Espoliam sociedades desavisadas e desamparadas, não apenas files roubando as vestes e expulsando mulheres e crianças fraudulentamente de seus lares, mas também roubando às crianças (que logo serão levadas para o cativeiro) os direitos de cidadania e privando-as do privilégio de adorar no templo

(vs. 8, 9). "Levantem-se", proclama o profeta, "e vão para o cativeiro, pois a impureza destrói completamente" (v. 10). A acusação do profeta é severa. Se uma pessoa viesse pregando-lhes a favor do vinho e da bebida forte, esses opressores seriam bastante desprezíveis para fazerem dela o seu profeta (v. 11).

Estudantes da Bíblia não concordam quanto ao retorno do exílio predito em 2:12, 13. Alguns acham que a mudança de rumo abrupta da mensagem relativa a uru futuro próximo para um futuro remoto geralmente faz parte das obras dos verdadeiros profetas, e é o que se poderia esperar de alguém que confiava em uma bênção final. Para esses **o que abre caminho** (v. 13) refere-se ao Messias, que conduzirá seu remanescente acossado na qualidade de rei, Jeová mesmo, na sua segunda vinda. Outros acham que esta profecia foi enunciada pelos falsos profetas que tinham falsas esperanças em uma volta imediata. No que se refere ao Reino de Israel do Norte, esta profecia jamais se cumpriu.

### Miquéias 3

C. A Denúncia dos Líderes do Povo. 3:1-7.

1) A Resposta de Miquéias aos Falsos Profetas e Opressores. 3:1.

1. Miquéias chama a atenção dos governantes de ambas as nações a que ouçam com entendimento e disposição. Primeiramente atacando os líderes políticos, ele pergunta se não é da obrigação deles conhecer a justiça por experiência. A pergunta implica em resposta afirmativa.

2) Descrição do Caráter Perverso dos Opressores. 3:2,3.

2, 3. Em vez de conhecer a justiça, são aborrecedores habituais do bem e amantes do mal. Tratam os pobres como os canibais fazem vítimas em suas festas.

3) Jeová se Recusa a Ouvir Suas Orações. 3:4.

4. **Então.** Quando o juízo de Jeová sobrevir, eles o invocarão repetidamente, mas Jeová não lhes responderá e **esconderá deles a sua**

**face.** Esses líderes preferem fazer o mal (2:1-3) e são culpados, por isso Jeová não pode deixar de esconder a Sua face deles e deixar que a justiça siga o seu curso.

4) O Caráter dos Falsos Profetas. 3:5.

**5.** Quando esses profetas tinham abundância de alimento (quando têm o que mastigar) pregavam paz. A implicação é que os ricos apressares protegiam e sustentavam os falsos profetas. E, se os representantes não tivessem o seu sustento, uma guerra santa seda declarada contra os benfeitores.

5) Os Falsos Profetas Têm de Ser Desacreditados. 3:6, 7.

**6,7.** Os falsos profetas, Jeová declara, não terão visões nem serão capazes de profetizar. Esta frustração lhes será como as trevas da noite. Os profetas desacreditados **se envergonharão** (lit., *ficarão vermelhos*); cobrirão seus lábios; nada terão para dizer. E o povo ficará tateando em trevas religiosas.

D. Miquéias Tem Consciência do Poder do Espírito de Jeová. 3:8.

**8.** Miquéias se contrasta aqui com os falsos profetas. Ele está cheio de poder heróico, força interior, **Espírito do Senhor**. Ele também está cheio de zelo pela administração da justiça e não do amor à opressão, coragem e não covardia como a dos falsos profetas. Este zelo e coragem encontram expressão em fazer conhecida **a Jacó a sua transgressão (rebelião)** e **a Israel o seu pecado (erro do alvo)**. Miquéias, estando cheio de santa paixão pela causa de Jeová, podia fazer as ousadas declarações deste versículo.

E. Pecado e Crime Grosseiros Desencadeariam a Destruição de Jerusalém. 3:9-12.

**9. Ouvi agora isto, vós.** Começando com um pedido compassivo, Miquéias resume suas acusações aos **cabeças (juízes)**, **chefes**, **sacerdotes**

e falsos **profetas** (vs. 9-11) que até se atrevem a dizer: **Não está o SENHOR no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá** (v. 11), buscando no povo um aceno de confirmação.

**12.** Por causa de tais líderes – a destruição virá. Não mais uma cidade, Sião será **lavrada como um campo** de lavoura, ela se transformará em **montões de ruínas e o monte do templo** (Monte Moriá) onde há muito se adorava a Jeová se transformará em uma colina coberta de mato.

### III. Visão de Esperança Através Daquele que Virá. 4:1 – 5:15.

#### A. Triunfo Final de Jerusalém. 4:1 – 5:1 .

#### **Miquéias 4**

Os versículos 1-3, encontram-se quase palavra pôr palavra em Is. 2:24. Embora Miquéias e Isaías sejam contemporâneos (Jr. 26:18; Is. 1:1), é duvidoso que o mais velho, Isaías no caso, copiasse do profeta mais jovem. Além disso, os versículos parecem melhores e mais completos conforme se encontram em Miquéias. Alguns mestres propõem a existência de uma terceira fonte da qual o Espírito Santo levou os dois homens a buscar material para seus discursos.

1) O Reavivamento da Verdadeira Religião e o Retorno a Jeová. 4:1, 2.

**1. Nos últimos** (lit., *depois*) **dias**. Após os dias do juízo, descritos no capítulo anterior. Esta frase é comumente usada pelos profetas para indicar o período messiânico (cons. Os. 3:5). C.F. Keil declara: "A predita exaltação do monte do templo é atribuída ao período da conclusão do reino de Deus" (*The Twelve Minor Prophets*, II, 456). **O monte da casa do SENHOR** será espiritualmente exaltada acima de todos os montes. As nações **afluirão** (como um rio) para ele, espontaneamente, pois Deus estará ali.

2. Elas convidarão e insistirão com outras e Jeová será o mestre. A palavra hebraica para *ensinar* vem de uma palavra que significa "jogar um dardo" ou "atirar uma flecha". Veio a significar "ocasionar o destaque", de onde "ensinar ou instruir". A coisa destacada veio a ser conhecida como "tora" ou lei. Esta palavra não é usada apenas para com a lei mosaica mas para com todo o V.T.; portanto os ensinamentos relacionados com o Messias estão incluídos. Todas as nações afluirão para a habitação de Jeová, pois desejaram **seus caminhos e suas veredas**. Jeová ensinará seus propósitos e exigências, e será possível andar assim porque esta **lei** (heb. *tôrâ*) sairá de Sião.

2) Retornar a Jeová Trará Paz e Prosperidade. 4:3-5.

3. **Ele julgará . . . e corrigirá** (lit. *arbitrará*). Jeová agirá como árbitro entre povos litigantes, corrigindo **nações poderosas e longínquas**. Elas deixarão de fazer guerra e mudarão os instrumentos de guerra em ferramentas pacíficas. Isto aponta novamente para a determinação dos povos de andar nos caminhos de Jeová e para a Tora fluindo de Jerusalém (v. 2). Em Jerusalém, a habitação dos reis, encontra-se o conceito da realeza e da autoridade como também do julgamento. A paz é a frutificação do ensinamento da Palavra de Deus.

4, 5. Não mais se preocupando com a guerra, **assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante** (cons. Zc. 3:10). Isto é possível porque Jeová, o Deus de Israel, é o eterno, o auto-existente. Contrastando com Ele, os deuses pagãos são sem vida, e a adoração deles desaparecerá. Aqueles que andam **em o nome do Senhor nosso Deus** (v. 5) **terão paz eterna**.

3) Promessa do Retorno Daqueles que Estão no Cativoiro. 4:6, 7. O oráculo de Jeová é que aqueles que estão no cativoiro retornarão, mas nos dias "depois" (v. 1), depois de sofrer e serem julgados. Jeová reunirá os coxos e os abandonados, aqueles que sofreram crueldades no cativoiro, os afligidos por Deus por causa dos seus pecados. Esses

constituirão **a parte restante** (v. 7) mencionada pelos profetas (cons. Is. 37:32; 46:3; Jr. 23:3; Amós 5:15). Os rejeitados virão a constituir a **poderosa nação** do próprio Jeová. E Ele reinará sobre ela no Monte São desde o seu retorno até a eternidade. (Veja conclusão do cap. 5 para cumprimento desta profecia.)

4) Jerusalém Será Restaurada a um Esplendor e Poder Ainda Maiores. **4:8. O primeiro domínio.** Os reinos de Davi e Salomão representam Jerusalém em sua glória. Aqui está implícito um esplendor ainda maior que virá a Sião, a torre, uma porção do palácio davídico, da qual o bom pastor vigia, figuradamente, o seu rebanho.

5) A Redenção Será Precedida pelo Sofrimento como Castigo por causa do Pecado. **4:9, 10. Não há rei** em Israel. **Como da que está para dar à luz** (v. 10) a casa de Jacó deverá sofrer o cativeiro na Babilônia. Ali ela será libertada.

6) Os Inimigos Verão Jeová Vingando o Seu Povo. **4:11, 12.** O desprezo virá das cruéis nações pagãs que desejam a poluição de Israel. Mas elas não terão percebido os planos de Jeová, que pretende reuni-las em Jerusalém **como feixes m eira**. Alguns acham que os inimigos são os assírios ("Micah", *The Cambridge Bible*, pág. 40), ou o exército de Antíoco Epifânio, conforme descrito em Daniel e em I e II Macabeus (Cowles, *The Minor Prophets*, pág. 200), ou as nações reunidas na grande batalha final de Joel 3; Ez. 38; 39; Zc. 12; e Ap. 20:8 e segs.

7) A Vitória Final é Predita, com Exortação a que se Preparem para o Cerco Iminente. 4:13 – 5:1.

**13. Levanta-te, e debulha.** Sião castigará com chifre de ferro e cascos de bronze. Seus inimigos serão destruídos como o grão é pisado pelos bois na eira. Os inimigos de Sião pensarão estar obtendo algum

lucro para seus fins egoístas, mas pelo contrário, o lucro deverá ser **dedicado**, ou *devotado*, a Jeová.

## Miquéias 5

**5:1** (4:14 na Bíblia Hebraica). Miquéias abruptamente se volta para uma experiência iminente. **Israel**, aqui representando Judá, deverá dirigir suas tropas para um cerco, no qual o rei no poder, que é um juiz, será humilhado. Isto foi cumprido em parte pelo cerco de Senaqueribe em 701 A.C., quando da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor em 587 A.C. e seu golpe contra o Rei Zedequias e por todos os cercos subseqüentes até a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

B. O Futuro Poderoso Líder Nascerá em Belém e Restaurará o Remanescente de Jacó 5:2-15.

1) O Messias Nascerá em Belém. 5: 2, 3.

**2. Belém** (Heb. *Casa do Pão*), no distrito de **Efrata**, era pequena demais para ter um lugar entre os **milhares** (ou famílias) **de Judá**, mas destinava-se a ser exaltada por todo o mundo; pois o Messias nasceria neste humilde lugar, na cidadezinha de seu grande ancestral Davi. **De ti me sairá** aquele que existe **desde os dias da eternidade**, pois este que **há de reinar em Israel** é o eterno "Anjo-Jeová", co-igual de Jeová através de todo o V.T.

**3. A que está em dores** refere-se à Israel em aflição, ou a mãe pessoal daquele que virá; esta última interpretação é a preferida. Então haverá um retorno do **restante** (ou remanescente) **de seus irmãos** (companheiros judeus) para Jeová e para o lar.

2) O Reinado Benéfico do Messias. 5:4-7.

**4. Apascentará o povo.** O Messias virá a ser o pastor que opera no poder e majestade de Jeová (cons. João 10:11; Hb. 13:20; I Pedro 5:4). Os inimigos não serão capazes de molestar, porque o seu **nome . . . será . . . engrandecido até aos confins da terra.**

**5, 6. Este será a nossa paz** (cons. Ef. 2:14) nas almas dos homens, entre os homens e entre as nações. **Quando a Assíria vier.** A Assíria era o inimigo mais temido no tempo de Miquéias e foi usado aqui para tipificar os inimigos de Israel. Aquele em quem há paz tem poder para levantar líderes que protegerão Israel e vencerão os inimigos. Miquéias aponta para a vitória dAquele que virá se impor sobre os poderes mundiais.

**7. O restante de Jacó** (Israel espiritual) **estará no meio de muitos povos, como orvalho.** O verdadeiro povo de Jeová é restaurador e bendito como o orvalho de Deus – não feito ou removido **pelo homem.**

3) O Israel Espiritual Virá a Ser um Grande Conquistador. 5:8, 9. Israel será **como um leão** do qual não há **quem as livre**, como um guerreiro poderoso que exterminará os seus **adversários** (v. 9). Esta guerra será completada quando "Aquele" tiver colocado todos os inimigos sob os seus pés (I Co. 15:25-28).

4) O Israel Espiritual Ficarà Destituído de Poder e Ajuda Material. 5:10-15.

Jeová proclama que virá o tempo quando todo equipamento de **guerra** do qual o Seu povo depende, será eliminado (vs. 10, 11). Todas as religiões feitas pelo homem – com suas bruxarias, adivinhações, ídolos, santuários e cidades dedicadas à idolatria – pelas quais Israel tem sido desviada, Jeová as eliminará (vs. 12-14). Israel então confiará no poder e na misericórdia de Deus conforme revelados nAquele que virá de Belém. Israel e o mundo terão de reconhecer que sua dependência está sobre Ele. Para as nações que rejeitarem a mensagem de Jeová (v. 15) só haverá **ira** (o profeta dá a entender que alguns aceitariam a mensagem; veja ASV, *os que não derem atenção*).

Nos capítulos 4 e 5 Miquéias desenvolveu claramente os ensinamentos da promessa abraâmica conforme dada a Abraão (Gn. 12:1-



3; 13:14-18; 15:1-21) e conforme elaborada na Aliança Patriarcal (Dt. 30:1-20).

1) Israel devia ser castigada por causa de seu pecado: a) Imediatamente – isto é, as pestes, a seca, etc.; b) Futuramente – o cativo mesmo.

2) Israel deverá ser salva e prestará um serviço de alcance mundial: a) Haverá um retorno mesmo, ele diz (e houve realmente), embora apenas para um remanescente. Este remanescente será a semente do Reino e virá a ser grande e mundial. Tal semente será produzida não por nascimento natural apenas (o Israel natural foi apenas o veículo para a realização do Reino espiritual), mas pela conversão espiritual, como no Pentecostes, etc. Para Miquéias o reino espiritual é a adoração universal de Jeová, e o Rei Davídico ideal é o Messias.

b) Durante o período dos Macabeus Israel existiu realmente como nação, com um rei araônico por monarca. O espírito de nacionalismo era forte, e muita ênfase foi colocada sobre a futura restauração literal do monarca davídico. Contrariando o propósito missionário de Deus (Gn. 12:3), a nação nessa ocasião era altamente isolacionista na sua atitude. Miquéias predisse que o reino a ser estabelecido seria universal, eterno e essencialmente espiritual.

3) O capítulo 5 prediz o nascimento e as características do futuro Rei. Esta profecia foi cumprida em Jesus Cristo, que proclamou um reino espiritual, para o desapontamento dos fariseus, saduceus e outros. Os judeus rejeitaram a Jesus porque mantinham um conceito materialista do reino prometido.

4) Paulo em suas cartas aos romanos e gálatas ensinou que não existem judeus nem gregos . . . no reino; *todos são um* e **em** Cristo todos são da semente de Abraão e herdeiros da Promessa.

#### IV. O Litígio de Jeová. 6:1 – 7:20.

Os capítulos 4 e 5 do livro de Miquéias predizem a vinda e a obra do Messias. A profecia se estende à consumação de todas as coisas, que

Miquéias viu realizadas através do pecado, juízo e salvação. Nestes dois últimos capítulos o profeta descreve o pecado do povo, como também a luta de Jeová com eles e o Seu juízo sobre eles; ele também prediz que o povo confessará os seus pecados e receberá as bênçãos prometidas. Tudo isto está exposto na forma de um processo judicial. O profeta é o promotor público de Jeová, tendo as montanhas e as colinas (talvez símbolos de justiça imutável) por tribunal e juizes. Jeová argüi através do profeta; o povo replica; as montanhas e as colinas ficam em silencioso julgamento.

## Miquéias 6

A. Primeira Reclamação de Jeová. 6:1-5.

1. **Ouvi** (em obediência). O profeta chama o tribunal à ordem; Jeová exige que Suas palavras sejam obedecidas. **Defende a tua causa.** Terminologia legal, significando, "advogar uma causa no tribunal". Jeová convoca Miquéias a que se levante e apresente o seu caso contra o seu povo.

2. Há uma **controvérsia** e ele **entrará em juízo**. Literalmente, *comprovará totalmente*.

3. **Povo meu, que te tenho feito?** Aqui está a exposição formal de Jeová contra o seu povo, que traria à mente a sua fidelidade e a infidelidade deles.

4, 5. Jeová não espera uma resposta, mas aponta sua orientação e proteção benévolas na história. Ele os livrou da escravidão do Egito, deu-lhes grandes líderes e os livrou de Balaque e Balaão (Nm. 22-24). Não poderiam eles aprender com a experiência a justiça do SENHOR (v. 5)? Os caminhos dos homens podem ser tortos, mas na história humana Jeová exhibe sua fidelidade convencional em seus caminhos "retos".

B. A Primeira Réplica de Israel. **6:6-8**. Com sinceridade aparente, Israel replica através de três perguntas específicas de intensidade crescente. **Com que me apresentarei ao SENHOR?**

1) Com sacrifícios de bezerros costumeiros? (v. 6).

2) Com uma quantidade extraordinária de sacrifícios, "milhares de carneiros" ou "dez mil ribeiros de azeite?" (v. 7).

3) Com sacrifícios tão extraordinários como a violação da lei de Moisés mediante o oferecimento dos primogênitos? (v. 7b; cons. Dt. 12:29-31; II Reis 3:27; Jz. 11:30-40).

Se a salvação pudesse ser assim comprada, por meio do oferecimento de bens materiais em propiciação pelo pecado, toda a humanidade estaria lutando pela salvação. Mas a verdadeira salvação é uma submissão de espírito. Israel se esquecera da lei da redenção dos primogênitos (Êx. 13:12,13) e da experiência de Abraão (Gn. 22).

8. O que Jeová exige aplica-se a todos os homens em todos os tempos, perpétua e imutavelmente.

1) **Que pratiques a justiça.** Isto é, que vivas corretamente em relação ao seu próximo na sociedade, na política e nos negócios.

2) **Que ames a misericórdia.** Isto é, que exibas aquela qualidade de benevolência incessante que se observa em Jeová e vem dEle.

3) **Que andes humildemente com o teu Deus.** Isto é, que tenhas humildade e devoção para com Deus através da fé. Tais sacrifícios – de atitudes corretas e caráter honesto – são aceitáveis a Jeová.

C. A Segunda Reclamação de Jeová. 6:9-16.

9. Jeová repreende e adverte a cidade de Jerusalém. A **verdadeira sabedoria** teme-lhe o **nome** (isto é, Jeová) e por isso aceita a advertência, pois a vara do juízo a Assíria – designada por Jeová está prestes a descer.

**10-13. Anda há . . . tesouros de impiedade?** A resposta se encontra nas acusações de desonestidade nos negócios, medidas insuficientes, falsas balanças (v. 11), opressão dos pobres pelos ricos, mentiras e enganos (v. 12; cons. Tg. 4:1-12). Esta é a velha história das deploráveis condições sociais, financeiras e morais apesar das advertências de Jeová.

**14-16.** Jeová não é arbitrário em seus juízos. São os resultados naturais do pecado, isto é: 1) fome (lit. , *depressão* . . . etc. , significando "uma sensação depressiva no estômago devido a falta de alimento", v. 14); 2) labuta; sem a possibilidade de acumular propriedades, as quais, se acumuladas, seriam tomadas pela espada; e 3) desolação. Antes o povo de Israel tivesse obedecido cuidadosamente às exigências de Jeová como seguiu à perversidade de **Onri** e **Acabe!** (v. 16; I Rs. 16-22). Em sua persistente perversidade, eles se encaixavam nos propósitos dos juízos de Jeová. Ele faz que até o pecado se preste aos Seus próprios rins para a Sua glória.

## Miquéias 7

D. A Segunda Réplica de Israel - uma Confissão de Pecado. 7:1-10.

Este capítulo final conclui o processo de Jeová contra Israel que começou no capítulo 6. A seção está com a linha do pensamento interrompida, o que dá uma idéia da profunda emoção com que Miquéias enuncia a réplica do povo – sua confissão e lamentação.

**1-4.** As bênçãos de Jeová sob a figura da colheita de frutas, Israel não tomou em consideração, declara Miquéias, e agora a nação está destituída de padrões e de homens com moral. Observe o paralelismo de **piedoso (benigno da terra, E.R.C.) com cacho de uvas e reto com figos temporãos** (vs. 1, 2). Tais homens com moral não saem de cena, simplesmente desaparecem. Todos os homens estão sedentos de sangue, até mesmo contra seus irmãos. O príncipe exige injustiça continuamente; o juiz está sempre pronto a receber propinas (heb. "pagar", como em uma transação); e o grande homem enuncia seus desejos vis. **E assim todos eles juntamente urdem** (heb., *traçar* ou *tricotar*; AV, *enrolar*) **o trama** (v. 3) numa realidade terrível. **As sentinelas** (v. 4), isto é, os verdadeiros profetas (cons. Is. 62:6; Ez. 3:16 e segs.). O dia das sentinelas de Israel seria o dia do **castigo** enviado por Jeová.

**5, 6.** A sociedade estava se esfacelando em suas bases; sim, os inimigos do homem eram os de sua própria casa. Suspeitas, desconfiança

e inimizades prevaleciam. Considerando o mundo moderno, a natureza humana pouco mudou (cons. Mt. 10:34 e segs.).

7. A nação ferida está representada voltando-se para a única fonte de esperança – **Eu, porém, olharei para o SENHOR; esperarei. Pois meu Deus me ouvirá, "observará e libertará".**

8. **Levantar-me-ei.** O inimigo, até mesmo a Assíria, é advertida a não se regozijar, pois Jeová reluzirá nas trevas para aqueles que esperam nele.

9, 10. **Ira** (lit., *fervente indignação*). A nação está desejosa de enfrentar a ira de Jeová porque reconhece que pecou. Eis aí o verdadeiro arrependimento e também a fé em que Jeová mesmo decidirá a questão (do pecado) e o pecador será levado para a luz, a fim de contemplar e andar em Sua justiça. O inimigo de Israel verá e se esconderá envergonhado; pior ainda, sofrerá castigo. Tal é o fim daqueles que zombam de Jeová.

E. A Bênção Prometida a Israel Seguir-se-á ao Juízo. 7:11-13.

11, 12. **No dia da reedificação dos teus muros.** Aqui está a prosperidade, edificação e expansão das fronteiras de Israel. Será que é uma previsão da expansão do Evangelho? Israel (talvez o Israel espiritual) deverá ser o centro ou ponto de reunião, e os povos virão até ela de lugares distantes por causa das bênçãos de Jeová, as quais desejarão. Ou serão esses viajantes os próprios filhos de Israel dispersos?

13. Mas o juízo como o **fruto das suas obras** virá antes da bênção.

F. Oração Final por Israel – Reunida dentre Muitas Nações. 7:14-17.

Nesta passagem Miquéias ora a Jeová, o Pastor, para que, como nos gloriosos dias do passado, alimente e oriente o seu povo, agora habitando a salvo na floresta: A resposta é uma promessa de ajuda milagrosa, como no êxodo do Egito. O terror caracterizará as nações pagãs na presença dessas manifestações do poder de Deus, e elas se lhe submeterão no mais humilde temor e reverência. Que contraste com sua jactância e

arrogância quando atormentavam o povo de Jeová (cons. Os. 11:10 e segs.).

G. Doxologia: O Triunfo da Graça. 7:18-20.

O profeta começa esta doxologia com um trocadilho com o seu próprio nome, **Quem, ó Deus, é semelhante a ti?** (veja Introd., **Título**), e com louvor cheio de gratidão ele explode nesta descrição inigualável de Jeová.

1) O Deus do amor perdoador (v. 18): Ele perdoa (heb., *levantar* ou *levar o pecado de outrem*, com a idéia de perdão) **a iniquidade** (heb. *desonestidade*) e se esquece (tolera; cons. Pv. 19:11) a **transgressão** (heb. *rebelião*). A benevolência é a qualidade ativa de seu amor cheio de ternura.

2) O Deus do poder redentor (v. 19): Ele terá terna **compaixão**, como se fosse a mãe do seu filhinho e fará que os **nossos** (versus *deles*, AV) **pecados** (também na LXX, Pesh., e Vulg.) sejam lançados **nas profundezas do mar**.

3) O Deus da fidelidade perpétua (v. 20): Ele cumprirá a aliança que jurou a Jacó e Abraão (cons. Gl. 3:29).

Quem mais é ou poderia ser um Deus assim? Com que benevolência Ele atende e satisfaz todas as necessidades humanas! Assim as últimas palavras que ouvimos dos lábios do profeta são as desta maravilhosa doxologia. Tal doxologia só foi possível por causa de sua fé em Deus. Deus jurou e cumprirá o Seu juramento (cons. Hb. 6:18-20).

# NAUM

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 2

## Capítulo 3

## INTRODUÇÃO

**Título.** Como acontece com todos os livros proféticos do Velho Testamento, este também leva o nome do seu autor. **Naum** (*nahûm*) significa "consolação" ou "consolador". A natureza do conteúdo da profecia está indicada no título : "sentença". Quando usado tecnicamente entre os profetas, significa aquilo que é um peso no coração de Deus e também no coração do profeta; isto é, uma mensagem ameaçadora ou de juízo. O tema único do livro é Nínive, a antiga capital do Império Assírio.

**Data e Autoria.** O Livro de Naum é suscetível de ser datado dentro dos limites de meio século. De pesquisas arqueológicas sabe-se que Nínive caiu em 612 A.C. A predição de Naum foi escrita provavelmente um pouco antes da destruição da cidade. Além disso, em 3:8 o profeta menciona o cativeiro de Nô (Nô-Amom ou Tebas, a capital do Egito Superior) como acontecimento histórico. Assurbanipal da Assíria (668-626 A.C.) efetuou a tomada da cidade egípcia no ano de 663 A.C. Portanto, o livro pode ser datado entre 663 A.C. e 612 A.C., provavelmente mais próximo desta última data.

Embora nada se saiba sobre a vida de Naum, além da declaração de que ele era um elcosita, nenhuma evidência válida tem sido apresentada para declarar que qualquer outro tenha sido o autor da profecia. Até mesmo o lugar de nascimento do profeta não é bem conhecido. Três sugestões principais quanto à sua identidade têm sido apresentadas. 1) Era uma cidade ao norte de Nínive. Este ponto de vista fundamenta-se em tradição que vem desde o século dezesseis. 2) Jerônimo, tradutor da

Vulgata, identificou-se com uma pequena vila na Galiléia. Não se pode afirmar com certeza que Cafarnaum tenha recebido o nome do profeta.

3) Um terceiro ponto de vista localiza Elcos no território ao sul de Judá. É bem possível que Naum tenha nascido na Galiléia e mais tarde exercido o seu ministério no sul.

**Antecedentes Históricos.** Junto com os profetas Jeremias, Habacuque e Sofonias, Naum foi uma testemunha no Reino do Sul. O Reino do Norte foi levado para o cativeiro pela Assíria quase um século antes (722-721 A.C.). Agora estava no propósito de Deus visitar aquela nação que fora a vara da ira de Deus contra Israel. Nínive tinha genuinamente se arrependido nos dias do profeta Jonas, mas agora estava pronta para o juízo por causa de sua crueldade e cupidez. Ela fora cruel na guerra e gananciosa em acumular riquezas desonestamente. O poder que governara a Ásia ocidental por cerca de três séculos agora já fora derrotado pelo poder combinado dos babilônios e medos.

## ESBOÇO

### Capítulo I

I. Título 1:1.

II. O majestoso Deus de Israel. 1:2-8.

III. O juízo de Deus sobre a Assíria. 1:9-14.

IV. O livramento de Judá. 1:15.

### Capítulo II.

I. Uma canção de escárnio sobre Nínive. 2:1, 2.

II. O cerco de Nínive. 2:3-7.

III. O destino de Nínive. 2:8-10.

IV. A razão da queda de Nínive. 2:11-13.

### Capítulo III.

I. O retrato da destruição. 3:1-3.



II. O fracasso moral de Nínive. 3:4-7.

III. A advertência ignorada de Nô-Amom. 3:8-10.

IV. A desesperança da condição de Nínive. 3:11-19.

## COMENTÁRIO

### Naum 1

I. Título. 1:1.

**1. Sentença contra Nínive.** A designação indica que a profecia é uma mensagem pesada ou uma sentença judicial contra Nínive (cons. Is. 13:1; Zc. 9:1; 12:1). A **visão**. A palavra hebraica (cons. Is. 1:1) é um termo técnico para uma revelação autorizada por Deus.

II. O Majestoso Deus de Israel. 1:2-8.

**2. O SENHOR é Deus zeloso.** O profeta, recordando o zelo passado de Deus em benefício do Seu povo quando ameaçado pelos assírios, está confiante de que agora Ele não deixará de fazer o mesmo protegendo e vingando. Quando as Escrituras falam de Deus chamando-o de "zeloso", não usam o termo no sentido em que se usa o mesmo para com os homens. Antes, significa que Deus é zeloso em manter Sua santidade e o governo justo do mundo (cons. Êx. 20:5; Nm. 25:11, 13). Deus ama o Seu povo, e deve acertar os erros perpetrados contra ele na deportação do reino de Israel e na invasão do reino de Judá, ambas feitas pelo reino da Assíria. **O SENHOR toma vingança.** Três vezes neste versículo o profeta declara que Deus se vingará dos seus inimigos. O pronunciamento é feito com solenidade e certeza de que há muito o Deus justo determinou iniciar o juízo contra os seus adversários.

**3. O SENHOR é tardio em irar-se.** O fato da vingança de Deus ser proclamada sem rodeios e repetidas vezes não é motivo para se deduzir que a decisão divina tenha sido apressada; antes, ele é paciente. É loucura imaginar que a paciência do Senhor brota da falta de poder

(veja Êx. 34:6, 7). O Senhor não pode ser induzido a lidar com os culpados como se fossem inocentes. Seria uma negação de sua natureza. **Na tormenta e na tempestade.** A onipotência de Deus está explícita no fenômeno do mundo natural, esses poderes elementares que o homem, mesmo atualmente, não tem poder de domesticar ou aproveitar (cons. Êx. 19:16-18). **As nuvens são o pó dos seus pés.** Deus usa as nuvens dos céus como o homem usa o pó da terra. Na literatura cuneiforme de Ras Shamra (Ugarita) na Síria, os poetas pagãos falam de seus deuses cavalcando as nuvens. Mas só o Deus verdadeiro tem capacidade de tais feitos de poder e majestade (cons. Sl. 104: 3).

**4. Ele repreende o mar.** Sob as ordens de Deus, os rios e os mares secam, como o Mar Vermelho e o Jordão (Is. 50:2). Nosso Senhor Jesus manifestou este poder no Mar da Galiléia (Mt. 8:26). **Desfalecem Basã ...** Na terra prometida Basã era famosa por suas ricas pastagens, o Carmelo por suas vinhas e o Líbano por suas florestas majestosas. Mas tudo podia secar se fosse a vontade do Senhor (cons. Is. 33:9; Os. 14:7).

**5. Os montes tremem.** Os terremotos, que nivelara montes e colinas, estão sob o controle de Deus ; o fogo também serve para Seus propósitos irresistíveis. Mais ainda, qualquer atitude de secar a terra envolve aqueles que nela habitam.

**6. Quem pode suportar?** Se o Deus onipotente pode assim manipular as forças e os fenômenos da natureza, como poderia o homem insignificante pretender enfrentar a indignação do Senhor? Estas perguntas retóricas do profeta sugerem a sua própria réplica poderosa. As rochas são por ele demolidas. A atividade vulcânica atende à mão poderosa de Deus.

**7. O SENHOR é bom.** Para que os contemporâneos do profeta não recebam uma impressão errada de Deus, como se Ele fosse amedrontador e austero, Naum enfatiza agora três verdades confortadoras referentes a Ele. Primeiro, Ele é inata e inerentemente bom. Ele jamais pode ser associado ao atributo oposto. Segundo, Ele é o refúgio incomparável para os Seus no momento do infortúnio, "um

castelo forte", como Lutero disse no seu hino da Reforma. Terceiro, Ele conhece, dentro do amoroso cuidado convencional, todos aqueles que têm fé nEle (cons. SI. 1:6; 144:3).

**8. Com trevas perseguirá . . . os seus inimigos.** O cuidado solícito de Deus não deve nunca ser interpretado como sentimentalismo fraco. O Senhor jamais compromete Sua verdade ou Sua santidade; portanto, seus inimigos serão tratados de maneira sumária. O golpe será esmagador. Este versículo antecipa o que Naum desvenda relativamente a Nínive nos capítulos seguintes do livro. As Escrituras empregam a figura de um rio transbordante para representar um exército invasor que invade uma terra e espalha a desolação por onde passa (cons. Is. 8:8; 10:5-19). Como matéria de interesse histórico, Ctesias (um historiador grego do século quinto A.C.) conta que, durante uma festa de bêbados em Nínive, uma súbita inundação do Rio Tigre varreu a Cidade e levou os alicerces do palácio, permitindo assim que o exército babilônico entrasse e queimasse a cidade.

### III. Deus Julga a Assíria. 1:9-14.

**9. Que pensais vós contra o SENHOR?** Nesta porção do capítulo o profeta prediz a derrota das forças assírias. A pergunta de Naum, em seu discurso abrupto, implica em perplexidade diante da audácia do inimigo estrangeiro em sua tentativa sem sentido e fútil de tentar obter vantagens de alguma forma contra o Senhor. Resumidamente, o profeta pergunta: "Como podem vocês esperar lutar contra tal Deus como o de Israel?" (com. Is. 37:23-29). **Ele mesmo vos consumirá de todo.** O castigo que Deus pretende dar aos assírios seria tal que jamais teria de repeti-lo. Seria um golpe irreparável.

**10. Os espinhos.** Um povo agrícola, como Israel, facilmente compreenderia a figura viva dos espinhos entrelaçados e do restolho totalmente seco. **Como bêbados.** O que tornou o exército assírio mais fácil de ser vencido foi o fato de se encontrarem os assírios no meio de sua farra durante o cerco da capital. De acordo com o historiador

Diodorus Siculus (*The Historical Library*, 2:26), o rei e seus cortesãos foram tomados de surpresa no meio de sua orgia; e o império caiu.

**11. De ti . . . saiu.** Embora alguns estudantes da passagem não queiram identificar esta pessoa especificamente, aceita-se de modo geral que esse que planejava o mal contra o Senhor foi Senaqueribe da Assíria (705-681 A.C.), o filho de Sargão II (o invasor de Samaria). Ele aconselhava o mal (lit., *belial*, "coisa indigna"); mas não se saiu bem sob a controladora mão divina (cons. II Reis 19:22, 23).

**12. Por mais seguros que estejam.** Antes, *embora estejam completos* (isto é, com forças completas ou totais). Apesar do fato do exército assírio ser formidável (II Cr. 32:7), seria impotente contra o povo de Israel. A Assíria, que já dizimara muitos povos, seria ela mesma abatida (lit., *podada*) em seu desafio feito ao Senhor. **Passarão.** Para se dizer a verdade, o rei da Assíria, tendo 185.000 homens seus, mortos em uma só noite, interrompeu o cerco de Jerusalém e retirou-se para Nínive (II Reis 19:35, 36; Is. 37:36-37). **Eu te afligi.** Esta seção da passagem fala de Deus lidando com Israel. Embora tivesse permitido que as forças assírias castigassem Israel, não o faria mais (veja v.9, "por duas vezes").

**13. Quebrarei o jugo deles.** A Assíria teve sucesso em reduzir Judá a um reino vassalo, exigindo que pagasse tributo (II Reis 18:14), mas o Senhor determinara libertar o Seu povo. O jugo e laços do poder opressor seriam quebrados para sempre (veja também Is. 14-25).

**14. Que não haja posteridade que leve o teu nome.** O profeta dirige-se agora ao rei da Assíria e prediz o trágico fim de uma vida que desafia a Deus. A dinastia de Senaqueribe se extinguiria, uma profecia que se cumpriu com o suicídio de Saracus, bisneto de Senaqueribe, nos últimos dias do império Assírio. **As imagens de escultura.** Junto com a queda da dinastia viria o fim de sua adoração e idolatria. Sabe-se que os medos que, junto com os babilônios, destruíram o Império Assírio, eram inimigos da idolatria e gostavam de demolir os ídolos dos seus prisioneiros. **Farei o teu sepulcro.** O lugar da morte de Senaqueribe foi declarado nas Escrituras (II Reis 19:37; Is. 37:38). Enquanto o rei

adorava seus deuses no templo, seus filhos o assassinaram. **Porque és vil.** Quando foi pesado na balança da justiça divina, o monarca assírio foi constatado vil (lit., *leve*; cons. Dn. 5:27).

IV. O Livramento de Judá. 1:15-15. **O que anuncia boas novas.** Este versículo começa o capítulo 2 no texto hebraico; no que se refere à sequência de idéias, ele também pode pertencer ao capítulo 1. A cena é aquela na qual os mensageiros anunciam uma libertação há muito esperada. As palavras fazem paralelo com Is. 52:7. Ali o profeta anuncia a liberdade da Babilônia; aqui é a liberdade da Assíria. A queda de Nínive (em 612 A.C.) seria bem recebida pelos judeus. Exatamente como Deus interveio em benefício de Judá e Jerusalém em 701 A.C. e dizimou o exército de Senaqueribe durante o reinado do piedoso Ezequias, assim Deus logo destruiria o Império Assírio completamente. **Celebra as tuas festas.** Manifestamente, era impossível executar as cerimônias religiosas da lei mosaica durante o prolongado cerco dos assírios, e foi difícil durante as décadas subseqüentes. Com a interrupção dessas crises e opressões, a cidade de Jerusalém retomaria à sua vida religiosa normal. **Os teus votos.** Nas horas da provação muitos dentre os piedosos devem ter feito votos ao Senhor. Passada a provação, essas promessas tinham de ser cumpridas. **O homem vil.** A referência é claramente ao ímpio Senaqueribe e seus sucessores no trono da Assíria (cons. v. 11). Não molestariam mais o povo de Deus. Romanos 10:15 aplica esta passagem ao bendito livramento efetuado pelo Senhor Jesus Cristo.

## Naum 2

I. Uma Canção de Escárnio sobre Nínive. 2:1, 2.

**1. Sobe contra ti.** Com ironia e zombaria amarga Naum se dirige a Nínive, advertindo-a a que não poupe esforços e reforce todas as fortificações a fim de enfrentar o exército de Ciáxares, o medo, e Nabopolassar, o babilônio, que se aproximavam. Para se dizer a verdade,

tudo seria inútil, pois o Senhor mesmo decretara a queda da Assíria. O sarcasmo e a zombada servem para destacar a desesperança do inimigo de Judá de maneira mais vigorosa.

**2. A glória de Jacó.** Com glória de Jacó e Israel entende-se a terra e o Templo de Deus. Embora favorecidos pelo Senhor, estavam sob a vara do castigo divino por causa do pecado de Israel. **Destruíram os seus sarmentos.** Nas passagens do V.T. a herança do Senhor é comparada a uma vinha (cons. Is. 5 com Sl. 80: 8-16). Ela sofrera com a crueldade da Assíria, que a despojara à sua vontade.

## II. O Cerco de Nínive. 2:3-7.

**3. Vermelhos.** No seu retrato da tomada de Nínive, os homens poderosos são as forças dos medos e dos babilônios. Eles gostavam particularmente do vermelho (veja Ez. 23:14). Fadam seus escudos vermelhos pintando-os ou cobrindo-os de cobre. Calvino acha que eles o faziam para amedrontar o inimigo com a vivacidade da cor e para esconder o sangue de seus ferimentos, para que o inimigo perdesse a confiança. **Escarlate.** Xenofonte achava que esta era a cor preferida dos medos, a qual usavam para suas túnicas militares. **Cintila o aço dos carros.** Alguns dos carros de guerra cintilavam com o reflexo do aço das gadanhas fixas em ângulo reto aos seus eixos para formar os chamados carros de gadanha. Qualquer um pode imaginar como eram terríveis essas armas que podiam derrubar tudo o que resistisse ao progresso do exército. **E vibram as lanças** (os abetos serão terrivelmente sacudidos). Introduzir aqui abetos não dá bom sentido à passagem. Provavelmente é melhor entender que o profeta está descrevendo lanças feitas de ciprestes que estão sendo sacudidas pelos lanceiros prontos para o conflito.

**4. Os carros passam furiosamente pelas ruas.** Os ninivitas não aceitariam a invasão de sua capital sem se atarefarem em sua defesa. Os carros de guerra, convocados para a batalha, correriam de lá para cá na cidade assediada. Os velozes carros disparando de um lado para outro por causa do pânico pareceriam tochas acesas sob a luz do sol. Sua

rapidez, segundo a visão que Naum teve deles, poderia ser comparada a dos relâmpagos. Esta é uma das melhores descrições de um cerco na literatura, se não a melhor. Não dá bons resultados imaginar que é uma referência aos automóveis modernos, como pensam alguns. Tal manuseio das Escrituras não é digna do estudante sério das Escrituras.

**5. Os nobres.** Os líderes militares assírios, com o rei à frente, convocariam os mais corajosos soldados para o serviço militar. Eles atenderiam, por estranho que pareça, tropegamente; seriam apanhados completamente desprevenidos. Em sua perplexidade seriam de pouca ajuda na crise. **Ao muro.** Antigamente era de suma importância proteger-se o muro da cidade; por isso os mais hábeis defensores colocavam-se junto dele. **Quando o amparo for preparado,** E.R.C. Em lugar de amparo, leia-se *mantelete* (ASV). Era algum tipo de proteção móvel, sob cuja proteção os defensores podiam rapidamente efetuar o contra-ataque.

**6. As comportas dos rios se abrem.** Tem-se entendido que os assírios, de posse das comportas que controlavam as águas do rio Chaser, que fluía através da capital, abriram-nas, de modo que os edifícios foram inundados e o palácio foi finalmente solapado pelas águas. É mais provável ainda que, tendo resistido em sua cidade fortificada por dois anos, os assírios testemunhassem pesadas chuvas que derrubaram os muros da cidade. Quando os canais do Rio Tigre foram abertos, o palácio foi destruído.

**7. Está decretado.** Os intérpretes ainda estão em dúvida se esta palavra deve ser tomada como nome próprio (*Huzzab*) ou se é um verbo que significa "está decretado". Nenhuma rainha de Nínive teve esse nome, nem alguma deusa assíria. A passagem é clara se conservarmos a força do verbo. **Levada em cativeiro.** Conforme Deus já determinara, a cidade iria para o cativeiro, enquanto as servas, os habitantes da metrópole, lamentariam a queda de uma amada cidade.

---

III. O Destino de Nínive. 2:8-10.**8. Desde que existe.** Cons. Gn. 10:11. **Como um açude de águas.**

Alguns intérpretes têm considerado esta declaração como significando que a população de Nínive era heterogênea, como um açude alimentado por muitos tributários, com um único objetivo em mente, enriquecer. O sentido literal é melhor. A cidade era como um açude de águas devido aos diques à volta da cidade que formavam uma barreira de água. Mas em vez de fornecer segurança, não ajudaram nada às pessoas que fugiram em pânico. Parar, parar. A ordem dos líderes militares a que mantivessem suas posições contra os invasores de nada adiantaria na hora da confusão.

**9. Saqueai.** O Senhor está representado dirigindo-se aos vitoriosos, convocando-os a despojarem a cidade da sua prata, ouro, móveis e todas as riquezas. A inundação da cidade seria temporária, por causa da posição elevada de Nínive acima do Tigre. Escritores antigos confirmam que haviam grandes tesouros acumulados em Nínive, resultado de repetidas campanhas dos edificadores do império assírio.

**10. Vacuidade, desolação, ruína!** A cidade antes influente e rica está descrita como abandonada, desolada, despojada e completamente destruída. As palavras do original transmitem a idéia de vacuidade. **O coração se derrete.** A coragem desapareceu e ninguém tem o coração disposto a continuar a luta. Os sobreviventes vêem com tristeza e terror a ruína de sua antes magnificente cidade.

## IV. A Razão da Queda de Nínive. 2:11-13.

**11. Onde está agora o covil dos leões?** O profeta, antevendo os acontecimentos, pergunta com zombaria à orgulhosa cidade para onde foi o seu orgulho e para onde fugiu a sua proclamada coragem. A figura do leão indica a ganância dos governantes e do povo. A comparação é bastante apropriada, porque os leões de diferentes formatos, com asas e às vezes com a cabeça de um homem, eram freqüentemente vistos nas esculturas assírias. As predições de Naum se cumpriram tão literalmente



que durante séculos exércitos marcharam sobre o sítio de Nínive sem perceber o que jazia sob os seus pés.

**12. O leão arrebatava.** A crueldade sem precedentes dos assírios foi o motivo de sua queda sob o golpe de Deus. Ruínas assírias revelam como os seus monarcas foram rapaces. Eles se vangloriavam de que fadavam o sangue de seus inimigos jorrar dos altos das montanhas. Um deles chegou a declarar que atingiu uma montanha de vermelho com o sangue dos seus inimigos.

**13. Queimarei . . . os teus carros.** A resposta divina para esta série de atrocidades era que Ele acabada com os carros assírios, objeto de confiança fundamental dos seus exércitos. Considerando que a Assíria se deleitava em incendiar as cidades de outras nações (quase toda descrição de batalha incluía tal declaração), ela seria recompensada do mesmo modo. **Já não se ouvirá.** Durante anos os reis assírios exigiram o pagamento de tributo dos povos conquistados; agora a voz desses mensageiros silenciaria para sempre. O povo e a sua posição seriam destruídos igualmente.

### Naum 3

#### I. O Retrato da Destruição. 3:1-3.

**1. Cidade sanguinária.** Nínive foi fundada e mantida à custa de homicídios, derramamento de sangue e constantes guerras. **Cheia de mentiras e de roubo.** Dentro do reino, como também fora dele, as promessas eram quebradas e o desrespeito às tréguas era coisa comum. A extorsão e a violência estavam na ordem do dia. **Que não solta a sua presa.** Ela jamais deixara de viver da pilhagem e rapina. O final da história da Assíria é de quase ininterruptas guerras.

**2. O estalo de açoitões.** Como no capítulo 2, Naum descreve em termos vivos o sítio da cidade. O leitor que chega a ouvir o barulho dos açoitões incentivando os cavalos, o chocalhar das rodas dos carros de guerra, o galope aos cavalos, o sacolejar dos carros. Chega até a ver o

relampejar das espadas e o rebrilhar das lanças; e então a morte – por toda parte.

**3. Tropeça gente sobre os mortos.** Neste cerco não havia tempo para um sepultamento decente, tão importante no mundo antigo; os vivos tropeçavam sobre os montes de mortos. Nenhum trecho de literatura hebraica ultrapassa em intensidade esta descrição.

## II. O Fracasso Moral de Nínive. 3:4-7.

**4. A mestra de feitiçarias.** Nínive é comparada a uma prostituta formosa. Tal figura quando usada com referência a Israel diz respeito à idolatria dos judeus, porque eles tinham um relacionamento convencional com Deus. No caso da Assíria, a prostituição consistia no tráfico da feitiçaria, o ocultismo. Através de suas velhacarias ela subjugava outros povos.

**5. Levantarei as abas de tua saia.** Nínive se desgraçara; agora Deus ia tomá-lo manifesto (cons. Is. 47:3; Ez. 16:37-41).

**6. Imundícias.** Refugos, sinal do maior desrespeito. Ela seria o alvo dos olhares de todas as nações.

**7. Todos os que te virem, fugirão de ti.** Aqueles que vissem a desolação da cidade fugiriam aterrorizados, não desejando participar de suas misérias. Ela ficaria sem amigos, objeto de zombaria e nojo.

## III. A Advertência Ignorada por Nô--Amom. 3:8-10.

**8. És tu melhor do que Nô-Amom.** Tolamente Nínive não levava em conta o destino de Nô. Deus, que não faz acepção de pessoas, tinha de tratar do pecado de Nínive como fizera em Nô. Nô-Amom ou Tebas, a capital do Egito Superior, floresceu durante os reinados dos Faraós da Décima Oitava, Décima Nona e Vigésima Dinastias. Até os gregos e os romanos admiraram sua arquitetura. Os gregos se lhe referiam chamando-a de Diospolis, "Cidade de Deus ", porque o correlativo egípcio de Júpiter grego era adorado ali. **Situada entre o Nilo e seus canais.** Estava localizada sobre as duas margens do rio Nilo. O grande

poeta grego Homero falou dela como tendo cem portas. Ali Amam (ou Amum), o principal deus dos egípcios, era adorado na figura de um corpo humano com cabeça de carneiro.

**9. Etiópia e Egito eram a sua força.** Nô-Amom era muito melhor do que Nínive, pois enquanto esta última tinha se alienado das nações vizinhas, a primeira tinha feito alianças poderosas. A capital egípcia podia depender de um suprimento de fortes etíopes na sua fronteira meridional, como também da ajuda de toda a terra do Egito. A ajuda era tão extensa que o profeta a expressa em termos infinitos. **Pute e Líbia.** Tanto na Vulgata como na Septuaginta, **Pute** foi traduzido para **Líbia**. Nesta passagem, entretanto, Pute e Líbia são distintas uma da outra. Na opinião moderna Pute seria Punt, a atual Somalilândia na África. A Líbia aqui mencionada seria a Líbia (com sua capital em Cirene) do Norte da África.

**10. Todavia ela foi levada ao exílio.** Apesar de ter todas as vantagens geográficas e políticas, Nô-Amom sofreu horrível derrota nas mãos de Assurbanipal da Assíria (cons. Is. 20:3, 4). Tais atrocidades como as que foram perpetradas contra a cidade egípcia eram coisas comuns nas conquistas daquele tempo (veja II Rs. 8:12). A queda de Nô-Amom era coisa tão recente que Naum podia usá-la como paralelo excelente com o juízo que logo adviria a Nínive.

#### IV. A Desesperança da Condição de Nínive. 3:11-19.

**11. Também tu . . . serás embriagada.** O Senhor escreve suas lições em letras grandes sobre as páginas da história humana. Nínive deixou de perceber a advertência divina no destino de Nô-Amom. Não que seria interrompida no meio de uma orgia, mas que beberia até o rim a taça da ira de Deus (quanto à figura, veja Is. 51:17, 21.23; Jr. 25:15-28; Ez. 23:33, 34). **E te esconderás.** A profecia foi cumprida ao pé da letra. Nínive desapareceu do cenário da história – até 1842, quando o francês Botta e os ingleses Layard e Rawlinson descobriram o local da antes famosa metrópole.

**12. Todas as tuas fortalezas são como figueiras.** Na hora da necessidade extrema Nínive descobriu que nenhuma de suas fortificações serviam para enfrentar os ataques do inimigo. Os figos maduros são colhidos com facilidade e não oferecem resistência; assim Nínive ficaria nas mãos dos seus inimigos.

**13. Mulheres.** No meio do pânico os guerreiros não seriam mais capazes que mulheres aterrorizadas. **As portas do teu país estão abertas de par em par.** Uma vez abertas as entradas da cidade sem a necessária defesa, o inimigo acharia muito fácil entrar e queimar a capital sitiada.

**14. Tira água.** Novamente Naum volta-se da descrição da derrota iminente para zombar e fazer pouco da ímpia cidade. Para enfrentar um longo cerco, a água era artigo de primeira necessidade. O profeta a adverte a acumular bons suprimentos. **Entra no barro.** O inimigo sem dúvida traria armas de demolição a fim de abrir brechas nos muros da cidade. Assim haveria necessidade imediata de tijolos para reparação dos buracos que fossem abertos nos muros.

**15. O fogo ali te consumirá.** Inúteis seriam todas essas medidas desesperadas, pois tanto o fogo como a espada abateriam Nínive. A história antiga e a arqueologia moderna, ambas atestam o fato de que a predição de Naum se realizou e a cidade foi destruída pelo fogo. **Como a locusta.** A locusta é muito conhecida pelo seu poder destruidor. Nínive ficaria com a aparência de ter sido invadida por uma praga de locustas. Então, de repente mudando de rumo, o profeta compara o povo de Nínive a um bando de locustas. Mesmo se fosse tão numerosos como um bando de locustas, não escapariam ao que o profeta estava profetizando.

**16. Fizeste os teus negociantes mais numerosos.** Ninguém podia duvidar do destaque comercial da cidade. Era um dos grandes centros comerciais do mundo antigo. Seu comércio com outras nações, especialmente a Fenícia, era lucrativo. E sai voando. O que fora acumulado durante muitos anos com luta paciente e infatigável, seria todo levado pelo inimigo.

**17. Os teus príncipes saio como os gafanhotos.** De que serviriam os grandes chefes militares no dia da calamidade? Eles são comparados a enxames de locustas com as asas endurecidas pelo frio, as quais, depois de aquecidas pelos raios solares, recuperam a força e a vitalidade e fogem voando. As locustas no Oriente Médio são tão destrutivas que a língua hebraica tem quase uma dúzia de nomes para elas. As locustas podem desaparecer sem deixar vestígios e foi esse o aspecto considerado aqui.

**18. Os teus pastares dormem.** O sono da morte seria a porção dos oficiais do rei e dos governadores. Pelos montes. O povo da Assíria seria espalhado pelas montanhas ao norte de sua terra, sem que houvesse alguém para tornar a reuni-lo.

**19. Não há remédio para a tua ferida.** Não haveria compensação para as perdas e destruições sofridas pela Assíria. Não se menciona remanescentes ou sobreviventes. **Baterão palmas sobre ti.** Aqueles que ouvissem as notícias da calamidade se regozijavam com o destino do insensível império. Aplaudiriam a paga finalmente recebida pelo seu opressor. A tua maldade. A pergunta é feita ao rei como representante do reino. O governo do tirano chegou a um fim inglório em 612 A.C., de acordo com as Crônicas Babilônicas. A profecia de Naum conclui assim com uma forte declaração de causa e feito morais: perversidade e desgraça, crueldade e calamidade, crime e catástrofe.

# HABACUQUE

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 2

## Capítulo 3

## INTRODUÇÃO

**O Autor.** Do próprio Habacuque nada se sabe, exceto o que se pode deduzir deste livro que leva o seu nome. Ele é chamado de "o profeta", sendo possível, portanto, que além de possuir o dom da profecia fosse também membro do grupo de profetas profissionais. Algumas observações musicais feitas ao salmo contido no capítulo dão a idéia de que ele tenha profetizado no Templo, como os homens que foram mencionados em I Cr. 25:1.

Coisa precária é dizermos algo sobre o caráter do profeta com base na sua obra. Seu nome parece derivar de uma raiz hebraica que significa "abraçar". Jerônimo (quinto século d.C.) declarou que o profeta era chamado "O Abraçador", por causa do seu amor a Deus ou porque lutou com Deus. Uma tradição rabínica liga o nome com II Reis 4:16 e diz que Habacuque era filho da sunamita. É claro que isto não passa de fantasia e a não ser que o nome do profeta fosse dado em antecipação ao seu ministério, como no caso de Jesus (Mt. 1:21), qualquer conjectura quanto ao seu significado, embora interessante, é absolutamente sem sentido. Habacuque foi citado na lenda apócrifa de Bel e o Dragão salvando Daniel da cova dos leões uma segunda vez. Não necessitamos dar crédito a esta ou outras tradições que declaram que Habacuque fugiu para a Arábia quando Jerusalém caiu e retornou à Palestina depois do exílio babilônico. Essas histórias, entretanto, apontam para o momento aproximado em que o profeta ministrou.

**Data.** O momento exato da autoria da profecia tem sido objeto de conjecturas como também a pessoa do profeta. Mestres competentes têm

sugerido datas que vão desde 650 A.C. (C.F. Keil, *Commentary on the Minor Prophets*, pág. 410) a 330 A.C. (E. Sellin, *Introduction to the Old Testament*, pág. 183). Por diversos motivos a primeira data parece ser um tanto precoce, uma vez que coincide com o período do domínio assírio em Judá; enquanto a última está intimamente relacionada com a opinião de que os exércitos invasores descritos no primeiro capítulo da profecia não foram os caldeus mas os gregos sob a liderança de Alexandre, o Grande. A conclusão mais satisfatória parece ser que a profecia foi escrita em um período quando os caldeus ou babilônios estavam começando a ficar indóceis contra o poder assírio e talvez até mesmo a demonstrar a sua força. Colocar a composição do livro bem mais tarde do que isto, seria presumir que não foi realmente um predição da invasão de Judá pelos caldeus mas uma referência ao que realmente já tinha acontecido e portanto uma simples explicação da presença dos babilônios no ocidente como instrumento do Senhor. A melhor conclusão parece ser que a profecia foi escrita quase no fim do reinado de Josias (640-609 A.C.), de preferência depois da destruição de Nínive pelas forças dos babilônios, medos e citas combinados em 612 A.C. Essa época parece plausível por dois motivos. Uma é que o profeta parece surpreso em saber que os caldeus foram escolhidos por Deus para castigarem a Judá desobediente; afinal, o bom Rei Josias não era pró-babilônico em suas simpatias políticas e não procurou atrapalhar o avanço de Faraó-Neco quando este pretendia lutar contra os babilônios em 609 A.C.? O outro motivo é que o despertar do poder caldeu fosse suficientemente evidente para que a descrição do profeta tivesse significado para os seus ouvintes. Certamente o livro deveria datar de antes de 605 A.C. , quando Nabucodonosor fez sua primeira invasão da Palestina e levou Daniel e outros como prisioneiros para a Babilônia.

**Problema do Capítulo 3.** Tem-se argumentado às vezes que o capítulo 3, que é um salmo, não foi escrito por Habacuque. As observações musicais encontradas no capítulo mostram que era destinada ao uso do culto no templo. Isto tem levado alguns mestres, que preferem

achar que o culto no templo logrou pureza comparativa e uma teologia avançada só no período após o Exílio, a datar o salmo do período pós-exílico. Mais apoio para o argumento parece haver no fato do comentário a Habacuque encontrado entre os Códices de Qumran não fazer referência ao terceiro capítulo de Habacuque. Esta aparente ignorância de Habacuque 3 pode ser explicada, entretanto, pelo fato dos escritores do comentário estarem tentando explicar os dois primeiros capítulos com referência aos acontecimentos do seu próprio período. Não acharam que o salmo de Habacuque fosse adequado ao seu propósito. O uso de anotações litúrgicas dificilmente constituem evidências conclusivas a favor da origem pós-exílica de qualquer obra. Considerando que alguns dos salmos mais antigos contêm tais anotações, parece que faziam parte de tal literatura consideravelmente antes do Exílio.

**Raridade do Livro.** Uma vez que o conteúdo do terceiro capítulo fornece um clímax triunfante aos problemas colocados nos dois primeiros capítulos, temos uma teodicéia através de todo o livro. A estrutura desta profecia é diferente de todo o Velho Testamento, no que se refere ao conteúdo teológico. Nos dois primeiros capítulos há um diálogo entre o Senhor e o profeta, no qual este último não apenas se queixa do mal, como alguns Salmistas, mas também desafia o Senhor a indicar como Ele, o Santo, pode tolerar esse mal. Este diálogo deve ser considerado transpirando o reino da visão (cons. 1:1 e 2:2). O terceiro capítulo é uma oração, na qual o profeta começa pedindo ao Senhor que confirme na história o propósito que já anunciou, fazendo a Sua obra sobreviver através dos anos. Após esta oração, Habacuque recebe uma visão de Deus manifestando o Seu poder e a Sua glória na terra mais ou menos da mesma forma como se manifestou na experiência do Êxodo no Monte Sinai. O resultado da visão é uma mistura de temor e confiança da parte do profeta.

## ESBOÇO

### I. Introdução. 1:1.



- II. O profeta se queixa de dolência incontrolada em Judá. 1:2-4.
- III. A resposta do Senhor: Os caldeus são o seu instrumento de castigo. 1:5-11.
- IV. Um outro problema: Os caldeus são mais perversos do que os Judeus. 1:12 – 2:1.
- V. A segunda resposta do Senhor: O propósito é certo e a fé será recompensada. 2:2-4.
- VI. Cinco castigos para a iniquidade, quer judia quer caldéia. 2:5-20.
- VII. Uma visão do juízo divino. 3:1-16.
- VIII. O triunfo da fé. 3:17-19.

## COMENTÁRIO

### Habacuque 1

#### I. Introdução. 1:1.

**1. Sentença.** Muitos pronunciamentos proféticos são descritos como "sentença", particularmente quando há denúncia de caráter sinistro ou ameaçador. Aqui o profeta deplora a iminente subjugação e devastação do seu próprio povo, de modo que há um aspecto agourento no que se lhe refere. Ao mesmo tempo a sentença é contra os orgulhosos caldeus, cuja força está no seu deus (1:11). **Revelada.** A palavra *hazâ*, "ver", um termo mais ou menos técnico, indica que esta é uma revelação. O Espírito de Deus imprime a mensagem no âmago da consciência dos profetas com tanta força e clareza como se tivessem visto algo com os olhos físicos. Em I Reis 22:17 Micaías diz: "Eu **vi** todo Israel disperso..."

#### II. O Profeta se Queixa de Violência Incontrolada em Judá. 1:2-4.

**2. Até quando.** Ao que parece, o profeta se angustiava por causa da situação reinante em Judá. Pela experiência constataria que o povo parecia não ter consciência e sem dúvida já tinha pedido a Deus que corrigisse tal impiedade, pois ele declara que clamou ao Senhor. **Tu não me escutarás.** Não devemos presumir que o profeta duvidasse de que o

Senhor não tivesse ouvido o seu clamor (no sentido de tomar conhecimento). Ele tinha por certo que se Deus ouvisse, também responderia. Como se a sua oração fosse infrutífera (cons. Sl. 22:1, 2).

**Violência.** A referência é à perversidade violenta e cruel. A pergunta é: Quem é o responsável? Presume-se aqui que seja a dolência dos judeus. Há os que crêem que, tendo sido usada a mesma palavra em 2:8 e 2:17 para descrever os caldeus, a violência da qual o profeta se queixa era a dos caldeus. Contudo, considerando que seriam o instrumento do castigo que logo seria suscitado, não podiam ser considerados os perpetradores da violência. Ela também não pode se referir ao senhor assírio que já controlava Judá há algum tempo, uma vez que parte da queixa do profeta se prende ao fato da lei ter sido afrouxada e a justiça pervertida (v. 4). Estas duas palavras costumam se referir no V.T. ao código mosaico, e parece, portanto, que a dolência consistia nos atos de crueldade e injustiça que permeavam a vida pública e privada de Judá.

### **3. Por que me mostras a iniquidade, e me fazes ver a opressão?**

A aparente indiferença do Senhor com a situação desesperadora era desnorteante para o profeta. Além de Deus ter permitido que o profeta presenciasse a iniquidade, Ele mesmo tinha visto e aparentemente permanecido indiferente ou inativo. O que preocupava Habacuque era que, considerando que Deus é santo, ele não podia entender como Deus podia olhar complacentemente para a malícia. A forte expostulação do profeta, portanto, é na realidade uma expressão de fé. Sua indignação fora despertada à vista da abundância do pecado e sua confiança em um Deus santo file dizia que Deus tinha de fazer alguma coisa a respeito. **A destruição e a violência.** Esses termos apontam para a animosidade entre os membros da comunidade judia. Os senhores assírios não se misturavam com os habitantes locais. Eles apenas exigiam submissão política e um imposto, que era recolhido do rei. Essas duas palavras, portanto, apóiam a conclusão de que a maldade da qual o profeta se queixava era a do seu próprio povo.

**4. A lei se afrouxa.** A lei aqui é a lei divina conforme expressa no código mosaico. A lei, como diz Delitzsch, é a "lei revelada em toda a sua substância que deveria ser a alma e o coração da vida política, religiosa e doméstica". Os dois verbos hebraicos traduzidos para **afrouxa** e **se manifesta** indicam que a discórdia em Judá era tal que a lei e a ordem estavam paralisadas. As regras divinas eram um assunto morto. **Justiça.** A justiça se faz através de decisões legais baseadas sobre precedentes ou leis já em vigor. Equivale, portanto, à lei em nossa língua. A questão é que a justiça praticamente não existia e aquilo que recebia tal nome era uma perversão dela. Não havia segurança na vida pública para as pessoas ou propriedades. Que tal estado de coisas existiu durante o reinado de Jeoaquim pode ser verificado em Jr. 26:1 – 27:11. **O perverso cerca o justo.** O homem justo vê-se rodeado de maldade e de gente ímpia. Era uma condição triste essa que se descortinava diante do profeta. A lei de Deus era desprezada por toda parte. Até aqueles que deveriam defender a causa da justiça e da verdade entregavam-se eles mesmos à desonestidade. Os piedosos se achavam desesperadamente em minoria e sobrepujados, de modo que o seu testemunho tinha pouca importância. É claro que Deus não poderia suportar por muito tempo tais coisas entre o Seu povo!

III. A Resposta do Senhor: Os Caldeus São o Seu Instrumento de Castigo 1:5-11.

**5. Vede entre as nações** (AV, *pagãos*). O profeta expressou assombro por Deus permitir há tanto tempo que as faltas de Judá ficassem sem castigo. A resposta do Senhor é que há um instrumento na Sua mão que pretende usar imediatamente. Será ainda mais espantoso que a sua indulgência. As palavras estão no plural, uma vez que Deus está falando, não ao profeta sozinho, mas através dele a todo o povo.

O Apóstolo Paulo, citando este versículo da LXX, aplica o princípio da conduta divina no tempo de Habacuque à situação na igreja do seu próprio tempo (Atos 13:41). Sem dúvida a obra de Deus em chamar os

gentios para a sua igreja seria exatamente tão espantosa quanto a obra dEle usar os exércitos da Babilônia para punir Judá. A linguagem do versículo justifica a conclusão de que no tempo da profecia a Babilônia não era considerada um grande poder mundial. Os ouvintes do profeta deviam olhar para as nações porque era do meio delas que se levantaria a obra de Deus que seria a recompensa justa para uma gente pecadora. **Maravilhai-vos, e desvanecei (maravilhai-vos e admirai-vos, E.R.C.)**. Poucas justificativas haveriam para aqueles que não prestassem atenção, pois, conforme Calvino observa: "Ele lhes diz duas vezes que olhem e duas vezes os exorta a que se maravilhem". **Vós não creereis, quando vos for contada**. Eles não creriam que a catástrofe lhes poderia sobrevir por determinação divina. Eles tinham um falso senso de segurança, achando que ser o povo escolhido de Deus era simplesmente uma questão de relacionamento externo. Sob o reinado de Josias houvera um retorno às prescritas cerimônias do Templo, mas não necessariamente um retorno ao Senhor que habitava no Templo. O cerimonialismo logo se transforma em um inimigo da verdadeira espiritualidade. Israel sempre estava pronto a dizer: "Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este" (Jr. 7:4).

6. Agora Deus começa descrevendo detalhadamente a nação através da qual vai punir Judá, **os caldeus**. Embora esta palavra geralmente se refira ao império neo-babilônico, que alcançou o seu zênite sob o reinado de Nabucodonosor, no século sexto A.C., há indicações de que, como um grupo, os caldeus eram um povo muito antigo. Jeremias 5:15 os descreve como um povo primevo ou nação antiga. Provavelmente eles tinham uma organização tribal frouxamente consolidada no começo, como acontecia com muitos grupos semitas, e gradualmente se infiltraram na Babilônia vindos das orlas externas do Vale da Mesopotâmia. Finalmente obtiveram ascendência na cidade de Babilônia. E Merodaque-Baladã, que tentou estabelecer a independência da Babilônia, libertando-a da Assíria, no tempo de Ezequias, era um caldeu. O Império Neo-Babilônico ou Caldeu foi estabelecido sob a

liderança de Nabopolassar, um general caldeu no exército assírio. O mais ilustre monarca dos caldeus foi Nabucodonosor, que é chamado em Esdras 5:12, "o caldeu". Eis que suscito. Os caldeus estavam para serem suscitados, não apenas como um poder político, mas para execução de uma parte especial no plano divino. Esta é a resposta à pergunta do profeta: "Até quando?" **Nação amarga e impetuosa.** As duas palavras apontam para uma campanha feroz e rápida. Os caldeus não perderam essas características no tempo de Daniel, pois ele viu o império babilônico como um leão com asas de águia (Dn. 7:4).

**7. Cria ela mesma . . . a sua dignidade.** O conquistador futuro seria arrogante e imperioso. Não reconheceria nenhuma autoridade acima da sua e, com efeito, negaria a Deus. Em caráter e aspecto o império caldeu se pareceria com todos os impérios mundiais posteriores.

**8. Os lobos ao anoitecer.** Esta expressão se encontra várias vezes no V.T. (veja Gn. 49:27; Jr. 5:6; Sf. 3:3). Os lobos ao anoitecer são provavelmente aqueles que caçaram o dia todo sem sucesso e são os mais vorazes quando caem as sombras da noite. A guerra é para o invasor como o apanhar da presa para um animal selvagem – um prazer selvagem. **Voam como águia**, ou melhor, talvez, *como abutre*. Há alguma evidência de que uma distinção cuidadosa nem sempre tem sido feita entre uma águia e um abutre. Em Mt. 24:28 as palavras de Jesus são traduzidas assim: "Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias". A águia não é uma ave necrófaga, mas o abutre é. Os abutres são também conhecidos por sua capacidade de ver ou sentir o alimento de grandes distâncias. Voam rapidamente para se apoderar dele e quando o comem, rasgam-no vorazmente.

**9. Os seus rostos suspiram por seguir avante** (como o vento oriental). Na Palestina o vento oriental sopra vindo do deserto, amontoando areia por onde passa. Tais ventos eram o terror dos habitantes da Palestina porque crestavam as lavouras e eram muito destrutivos.

**10. Amontoando terra, as tomam,** isto é, sem dúvida, uma referência ao levantamento de terra para transpor com facilidade os muros da cidade. Muitas inscrições antigas descrevem tais atividades.

**11. Então passam como passa o vento** (AV, *suas idéias mudam*). Aqui o profeta retoma a metáfora do versículo 9 e indica que o avanço dos caldeus poderia ser impedido localmente por meio de uma fortaleza. Mas, como o vento, ele rapidamente a transporia, mudada de direção e passaria adiante. **Fazem-se culpados esses, cujo poder é o seu deus.** Um raio de esperança brilhava através da obscuridade, e, para aqueles que confiavam em Deus, havia uma esperança real. Contudo por mais sucesso que o invasor tivesse, seria culpado diante de Deus, e ainda que fosse o instrumento de Deus para castigar os culpados em Judá, ele mesmo seria no devido tempo julgado por Deus.

IV. O Segundo Problema: Os Caldeus São Mais Perversos que os Judeus. 1:12 - 2:1.

**12.** Tem-se sugerido que houve um intervalo de tempo entre a resposta dos versículos 2-11 e a pergunta dos versículos 12-17. Neste intervalo, supõem-se que os caldeus tenham estado em Judá comprovando-se piores que o povo que foram enviados a castigar. Eles infringiram as leis da humanidade. Nada no texto, entretanto, indica que se tenha passado algum período de tempo. O profeta teve uma visão dos caldeus como uma horda veloz reunindo prisioneiros como alguém varre areia. As imagens dos versículos 12-17 dão a idéia de um pescador empregando todos os meios possíveis para apanhar peixes com abundância. Pode ser, então, que a expostulação do profeta brotou do que ele cria com toda a certeza que ia acontecer se tal instrumento de vingança fosse usado por Deus. Sem dúvida Habacuque ficou desesperado não apenas com a destruição de Judá, mas também porque o castigo que estava para ser efetuado contra os perversos. em sua própria terra recairia igual e inevitavelmente sobre os fiéis. **Desde a eternidade.** A eternidade de Deus em sua conduta com o povo da afiança de

antigamente é geralmente o alicerce da confiança dos crentes (com. Is. 40:28; Sl. 90:2). A acumulação de vocativos, **ó SENHOR meu Deus, ó meu Santo**, é semelhante às expressões de profunda confiança que se encontram com tanta freqüência nos Salmos. O que se quer dizer com Santo está revelado no versículo

**13. Não morreremos.** Pusey diz acertadamente que este é o pensamento iluminador da fé. As palavras dos homens em momentos de crise geralmente indicam suas convicções reais e mais íntimas. O uso do pronome *nós* deve ser entendido em relação ao remanescente, que é chamado de "os justos" (1: 2-13), ou aqueles que vivem pela fé (2:4).

**13. Tão puro de olhos, que não podes ver o mal.** Deus não pode olhar para a iniquidade com complacência ou tolerância, muito menos favorecê-la. Não se refere aqui apenas às atrocidades dos caldeus. Deus é demasiadamente puro de olhos para contemplar *qualquer* mal. Ele não podia ficar calado, quer diante da violência dos caldeus, quer daquilo que foi encontrado em Judá. Tendo o profeta considerado certo que Deus é puro por natureza, não haveria absolutamente nenhum problema. Alguém que duvida da onipotência do Senhor, ou de quaisquer outros atributos Seus, diria que a justiça de Deus é irreconciliável com esse mal, e portanto, ou Deus não é justo, ou Ele não é onipotente. O profeta, entretanto, fez duas perguntas: Por quê? Até quando? E foi do próprio Deus que buscou uma resposta. Ao mesmo tempo, o problema permaneceu: a porção piedosa da nação sofreria quando os ímpios fossem punidos.

**14. Fazes os homem como os peixes do mar.** Aqui se diz que o Senhor faz o que Ele permite que seja feito pelos outros. Como resultado da aparente indiferença divina diante da destruição, os homens se tornam como peixes apanhados no mar pelo pescador que usa todos os meios concebíveis – anzol, rede, draga (v. 15) – a fim de apanhar o mais possível. Um comentarista diz que este pensamento é o inverso do pensamento de Jesus, que declarou que até os pardais se encontram sob os cuidados de Deus. Entretanto só a crença em uma Providência

absolutamente compreensiva pode produzir uma declaração como esta que o profeta faz.

**16. Oferece sacrifício à sua rede.** A referência não é provavelmente a qualquer prática real, embora os citas oferecessem sacrifícios de animais a uma cimitarra em honra do seu deus da guerra. O que, se quis dizer é que os babilônios atribuíam honras divinas a suas amas e, portanto, a eles mesmos. Eles adoravam e serviam à criatura mais que ao Criador.

## Habacuque 2

Com 2:1, a expostulação do profeta chega ao fim. Não foi com ceticismo que ele apresentou a sua queixa a Deus, mas com fé, pois estava agora preparado a aguardar no Senhor, certo de que viria uma resposta. A declaração feita às vezes de que Habacuque é o primeiro exemplo nas Escrituras de um duvidador honesto é inteiramente sem garantia. Nada na linguagem da profecia traz qualquer elemento de dúvida. Na realidade, a profecia termina com uma nota de fé sublime. Uma coisa é encarar os problemas que têm de ser enfrentados por todos aqueles que crêem em um Deus bom e onipotente e perguntar por que as coisas são assim, ou como podem ser assim. É uma coisa inteiramente diferente duvidar da bondade ou justiça divinas, ou da própria existência de Deus, simplesmente porque alguém não consegue responder essas perguntas.

**2:1. Torre de vigia.** Diversos intérpretes entendem que é uma torre ou elevação de fato, citando os exemplos de Moisés (Êx. 33: 21), ou Balaão (Nm. 22:41) e de Elias no Sinai (Monte Horebe, I Reis 19:8 e seg). Nenhum desses casos é na realidade comparável ao de Habacuque, que talvez apenas usasse uma figura de linguagem. Certamente ele devia ter-se preparado com oração e meditação para receber a resposta divina. Jeremias esperou dez dias por uma resposta à sua pergunta (Jr. 42:7). Provavelmente algum intervalo de tempo passou-se entre a expostulação



do capítulo 1 e a resposta recebida. Habacuque registra apenas a sua determinação de aguardar uma resposta ; não nos diz quando ela veio.

V. A Segunda Resposta do Senhor: O Propósito é Certo e a Fé Será Recompensada. 2: 2-4.

Estes três versículos contêm o que talvez seja a porção mais difícil da profecia, tanto do ponto de vista de tradução, quanto da interpretação.

**2. Escreve a visão.** Tem-se discutido se o profeta realmente anotou a visão em tabuinhas para o público ler, mas todos concordam que ele recebeu a ordem de registrar a visão. O propósito do registro era duplo: Para orientar aquele que lê; a visão foi para um tempo determinado e devia ser preservada a fim de ser comprovada. **Sobre tábuas.** Diferentes tipos de material eram usados para fazer registros, uma vez que os judeus tiveram cantata com todas as civilizações do Oriente Próximo. (saías e Jeremias usaram códices, embora Isaías também tenha usado tabuinhas (Is. 30:8). Pode-se supor racionalmente que Habacuque registrou a sua visão em uma tabuinha de barro, a qual ele apresentou a muitas pessoas. **Para que a possa ler até quem passa correndo.** O assunto devia ficar tão claro que qualquer um pudesse lê-lo e passá-lo adiante. Em Dn. 12: 4 também, as palavras, "muitos o esquadrinharão", parecem apontar para uma publicação de informações, uma vez que acrescentou-se que o saber se multiplicará.

**3. Tempo determinado . . . para o fim.** O cumprimento da visão devia acontecer no tempo determinado por Deus mesmo. Considerando que essas mesmas duas palavras foram usadas em Dn. 8:19, alguns concluíram que se referem ao tempo do fim, ou os últimos dias. Aqui as palavras se referem ao desígnio divino com referência aos caldeus. Devemos, portanto, entender que a visão se refere à destruição de uru poder mundial ímpio, do qual a Babilônia era a manifestação existente e que só o dia do Messias veria um cumprimento final dessa promessa. **Mas se apressa para o fim, e não falhará.** Os propósitos divinos se apressam para o cumprimento, embora na estimativa humana possa

parecer que esteja havendo delongas desnecessárias. João Calvino diz: "Este é o verdadeiro sacrifício do louvor, quando nos refreamos e ficamos firmes na persuasão de que Deus não pode enganar nem mentir, embora possa parecer por algum tempo que ele não nos esteja levando a sério". **Certamente virá.** A expressão idiomática hebraica que foi usada aqui foi literalmente traduzida na versão grega (a LXX), *vindo ele virá*. A referência é à certeza do acontecimento. O escritor da Epístola aos Hebreus usando a LXX, adaptou o texto à promessa da segunda vinda de Cristo, um acontecimento igualmente certo no plano de Deus, embora possa parecer aos olhos dos homens indevidamente deferido. Lemos assim em Hb. 10:37: "aquele que vem virá".

4. Uma compreensão clara deste versículo é de grande importância para o cristão. Das passagens do V.T., citadas no N.T., esta aparece três vezes de maneira essencial no contexto. Deve-se notar que quando o versículo é usado no N.T. está como *um princípio imutável do relacionamento do Senhor com o seu povo*, não como uma predição de acontecimentos na dispensação do N.T. Em Habacuque, a divina resposta tem a intenção de estimular a esperança e a confiança daqueles que são espiritualmente filhos de Deus, enquanto dedara o destino certo do poder mundial caldeu.

**Eis o soberbo.** Dizer que se refere ao caldeu, distinguindo-o do judeu, é uma resposta muito simples. Mas considerando que a visão é uma resposta à pergunta de 1: 12-17, o caldeu é aquele que se tem em vista.

**Pela sua fé.** Um problema de menor importância é o seguinte : É o homem, justificado pela fé, que vive, ou o homem justo é o que vive pela fé? O uso que Paulo fez da passagem parece destacar o primeiro significado, embora o caráter de suas obras permita a segunda interpretação. De qualquer forma, o apóstolo usa a palavra "viver" com força particular. Não significa simplesmente sobreviver, mas viver eternamente na graça de Deus.

Uma pergunta mais importante é se o hebraico 'ê<sup>m</sup>û<sup>n</sup>â deve ser traduzido para "fé" ou "fidelidade". Em muitos lugares do V.T. tem o segundo significado, como, por exemplo, em II Reis 12:15 e Jr. 5:1. Contudo, é digno de nota que a raiz desta palavra já foi usada em Hc. 1:5 com o sentido de dar crédito à palavra ou promessa de Deus. Mais ainda, a fidelidade, mesmo como um aspecto do caráter do homem, não preenche a lacuna. A fidelidade tem de ser exercida em relação alguém ou alguma coisa. Neste caso o indivíduo tem de ser fiel a Deus, à palavra e à aliança de Deus. Ele deve confiar firme ou profundidade em Deus mesmo. O uso neotestamentário está de completo acordo com isto.

Pode-se destacar também que seria melhor enriquecer nossa idéia neotestamentária do significado da "fé" usada no V.T. A fé não é um mero consentimento para com uma proposição sobre Deus conforme revelada em Jesus Cristo, Seu Filho. É o oposto do orgulho que incha, da auto-confiança. É humildade diante de Deus, uma prontidão de se conformar com a Sua vontade. É uma convicção de que Ele não pode mentir nem falhar (2:3), uma dependência apesar das circunstâncias externas (3:17). Um homem profundamente religioso como Habacuque dificilmente teria deixado de pensar em Abraão e no que se disse dele, que ateou no Senhor e isto lhe foi imputado por justiça.

**Viverá.** Sem dúvida nesta profecia se encontra presente a idéia de sobrevivência. Não obstante, à vista do relacionamento espiritual envolvido, esta não é a única idéia. O significado verdadeiro está bem ressaltado no pedido que Abraão faz em Gn. 17, 18, usando o mesmo verbo: "Que Ismael possa viver diante de ti". *Viver* significa não apenas ter segurança ou proteção nesta vida, mas desfrutar a bondade divina, que é melhor do que a vida. É ser querido por Ele, objeto do Seu cuidado.

Permanecem duas perguntas em relação ao uso que Paulo faz de Hc. 2:4 em Rm. 1:17 e Gl. 3:11. O apóstolo não estaria usando a palavra "fé" no sentido distinto de uma antítese às obras da lei como meio de aceitação diante de Deus? Esta antítese não se encontra em Habacuque.

Mais ainda, não seria a fé da qual Paulo fala uma fé no Messias, do qual não se faz menção em Habacuque?

Deve-se reconhecer desde o princípio que Paulo não tinha a intenção de ensinar que a justificação pela fé em Cristo foi apresentada pelo profeta. Ele ensina, entretanto, que um princípio definido tem sido exposto nas Escrituras em relação ao relacionamento do homem com Deus e que este princípio opera mais definidamente no refile do padrão legal do homem diante de Deus. Colocando o assunto em outras palavras, Habacuque estabeleceu um princípio através do qual a fidelidade, que é uma confiança humilde e inabalável na palavra de Deus, foi declarada ser o instrumento que ocasiona o bem-estar e a segurança do povo da aliança. Paulo dedara que o mesmo instrumento é o meio de se alcançar a justificação diante de Deus. Fazendo assim ele não priva a idéia da fidelidade, ou da fé, do seu verdadeiro significado. Na realidade, se muitos pregadores evangélicos modernos dessem à palavra "fé" o significado que a palavra hebraica tem, haveria menos superficialidade na profissão e prática do Cristianismo.

Por outro lado, também se deveria reconhecer que Paulo, em comparação com Habacuque, alarga infinitamente o alcance da palavra "viver", pois ele a aplica à vida futura, à esfera da salvação ou bem-estar eterno, distinguindo-a do bem-estar meramente temporal. Que o apóstolo está justificado fazendo assim é logo reconhecido pelos cristãos, uma vez que os escritores do N.T. empregara muitas formas e figuras do V.T, com uma plenitude de significado de muito transcendendo àquele que trilha para os crentes da velha dispensação. Finalmente, a antítese entre o princípio da fé ativa e o princípio das obras da lei meritórias como meio de salvação é, naturalmente, uma parte do argumento do próprio apóstolo. É um desenvolvimento lógico da natureza da própria fé.

VI. Cinco Castigos para a Iniquidade, quer dos Judeus, quer dos Caldeus. 2:5-20.

**5. O vinho é enganoso.** A palavra hebraica *yayin*, "vinho", constitui um problema porque aparece no texto como sujeito do verbo. A LXX a interpreta figuradamente como *o arrogante*. Alguns comentaristas mudam as consoantes formando outra palavra, "o opressor". O Comentário Qumran apóia o texto hebreu, entretanto. Provavelmente o significado é que a conduta do homem enganoso é como a que o vinho produz. Lembramo-nos das palavras de Kipling em "Recessional":

"Se, bêbados à visão do poder, soltamos  
Violentas palavras que não Te respeitam".

**Cuja gananciosa boca se escancara como o sepulcro (*sheol*).** O Sheol, habitação dos que partiram, é imaginada como uma criatura voraz ansiosa por engolir a humanidade.

**6. Todos estes.** A referência é às nações e povos mencionados no versículo 5. **Provérbio.** A palavra hebraica significa uma semelhança, da qual ela toma o sentido de parábola. Considerando, entretanto, que não há nenhuma parábola neste capítulo, a palavra deve ser entendida como o equivalente a **um dito zombador. Penhores.** A palavra que foi usada aqui não se encontra em nenhum outro lugar das Escrituras, mas esta tradução é a melhor. O significado se encontra no ódio do hebreu ao usuário e nas leis levíticas contra a aceitação de penhores de valor maior do que o exigido pela segurança. Os caldeus roubaram os pobres, açambarcando tudo o que podiam ganhar de maneira ilegal.

**7. Os teus credores.** Os caldeus, embora agissem como credores, eram na realidade devedores de todos; e chegaria a sua vez de serem abalados ou irritados (cons. Mt. 18:28).

**8. Os mais povos te despojarão a ti.** Os babilônios seriam recompensados na proporção de olho por olho e dente por dente. A lei da retaliação que está em todo o V.T. desde Gn. 9:6 não pretende ser uma regra de vingança mas um princípio de justiça. Os homens receberão o castigo que merecem.

Considerando que os caldeus foram o alvo do primeiro castigo, os castigos enunciados no restante do capítulo, nos versículos 9-20, aplicam-se mais universalmente, e certamente incluem os pecados de Judá e Israel. Confinar a condenação divina aos inimigos de Israel somente seria confirmar num sentido de segurança carnal os pecadores dos quais Habacuque se queixou no princípio.

**9. Ajunta . . . bens mal adquiridos.** Aqui o extorsionário e o concessionário são condenados. Basicamente, é claro que não foram considerados perversos apenas os atos específicos, mas os alvos e as tendências da alma da qual fluíam. **Em lugar alto o seu ninho.** A águia e o abutre constroem seus ninhos nas alturas, em penhascos inacessíveis. Esperar manter a felicidade e a permanência através de acumulação desonesta de poder e propriedades é tentar "estabelecer" o seu ninho "em lugar alto". Por outro lado, o Senhor é a habitação dos crentes em todas as gerações.

**10. Vergonha maquinaste** (AV, *consideraste*). Os caldeus e outros não planejaram realmente a confusão para si mesmos; antes, Deus transformaria em vergonha o que eles tinham inventado. Eles, portanto, pecaram contra suas próprias almas, embora talvez parecesse que eles tinham pecado contra outros.

**12. Edifica a cidade com sangue.** Expressões semelhantes em Mq. 3:10 e Jr. 51:8 apontam para o fato de que os pecados de Judá, como também os da Babilônia estão envolvidos aqui. É muito possível que seja uma referência ao desgoverno de Jeoaquim (cons. Jr. 22:13). Árduas atividades construtivas eram geralmente enfrentadas pelos monarcas na busca da auto-glorificação. **Com sangue.** É uma expressão freqüente significando culpa de sangue ou culpa grave.

**13. Não vem do SENHOR.** A causa principal do fracasso dos planos e programas humanos é a providência soberana de Deus. Ela não se limita em sua aplicação à destruição da Babilônia. Os termos usados são muito generalizados e incluem todos os que se opõem à vontade de Deus e o Seu reino. O Senhor dos exércitos não é simplesmente o Deus

das batalhas e, portanto, Aquele em quem se encontra a vitória final dos judeus. Ele é o Senhor de todos os exércitos do universo e é capaz de fazer a Sua vontade entre os exércitos dos céus e os habitantes da terra. Labutem para o fogo. Eles assumirão um trabalho inútil.

**14. A terra se encherá.** Muitos têm considerado este versículo como predição ou da dispensação do Evangelho ou do reino milenial de Cristo. Diferindo da predição de Isaías, em Isa. 11:9, que prediz um tempo quando os homens conhecerão a Deus, desfrutando de íntima comunhão com Ele, este versículo diz que haverá uma manifestação da **glória** do Senhor. A referência é ao poder e à majestade de Deus conforme demonstrados no juízo contra os ímpios e os inimigos do Seu povo (cons. Nm. 14:21-23; Sl. 97). Como a água enche o mar com abundância transbordante, assim a glória de Deus se manifestará a todos os homens em medida abundante.

**15. Que dá de beber ao seu companheiro.** Uma comparação com diversas outras passagens do V.T. , tais como Jr. 25:15, 16; Is. 51:17; Sl. 75:8, mostra que esta declaração não deve ser aceita literalmente. O conceito é o de induzir em um estado de humilhação e prostração desamparada como o de uma pessoa embriagada. **As vergonhas.** A concupiscência foi usada como metáfora para o bárbaro desejo do poder. O uso dessas figuras implica, naturalmente, em uma forte condenação dos atos pessoais que substituem a figura.

**16.** Este versículo promete que os caldeus sofreriam nas mãos do Senhor o mesmo tipo de vergonhosa exposição que eles infligiram aos outros. **A tua incircuncisão.** Ficar em tal condição era se expor como objeto de zombaria diante do povo de Deus (Juízes 14:3; 15:18; I Sm. 17:26) e não ter condições de comparecer diante de Deus. **Chegará a tua vez de tomares o cálice da mão direita do SENHOR.** Não é uma convicção de que algo justo deverá prevalecer, ou que a injustiça será punida na ordem natural das coisas. É uma filosofia da história na qual Deus julga as nações e o desmoronar do império é o resultado de Sua vontade.

**17. A violência (feita) contra o Líbano.** Monarcas sucessivos de diversas nações cortaram a madeira do Líbano, caçaram seus animais selvagens e mataram o seu gado. Neste exemplo o Líbano é um nome usado para descrever a Judéia, como também em Jr. 22:6, 23; Zc. 10:10; 11:1.

**18. Mestra de mentiras.** Em que sentido podem os ídolos, que são mudos, serem também mestres de mentiras? Conforme Calvino observa, eles seduzem as almas simples. São instrumentos de iludir homens. A imagem, disse Matthew Poole, "era o produto da arte (do homem) e contudo a esperança de sua alma".

**19. Que diz ao pau: Acorda . . .** A linguagem, obviamente, é de zombaria, como a de Elias escarnecendo dos sacerdotes de Baal. Uma inscrição babilônica em honra de Bel diz: "Quanto tempo o senhor que dorme continuará dormindo?"

**20. No seu santo templo.** Enquanto os mestres de muitas nuances de opiniões teológicas identificam o **santo templo** como sendo o santuário de Jerusalém, uma comparação com Sl. 11:4; 18:6, 9; II Sm. 22:7, 10 mostra que a expressão é usada com referência específica aos céus. À vista do fato de toda a terra ser ordenada a permanecer em silêncio diante do Senhor, esta conclusão parece a melhor. **Cale-se.** O hebraico tem um imperativo forte, *has!* muito parecido com a nossa expressão *Silêncio!* Os crentes, especialmente, manterão suas almas em quietude e confiança, pois Deus tem prometido que até mesmo que a visão tarde em se realizar, não deixará de acontecer.

### Habacuque 3

VII. Uma Visão do Juízo Divino. 3:1-16.

Este capítulo é chamado de oração pelo escritor (*tepillâ*), embora se concorde universalmente que a maior parte dele é a descrição de uma teofania experimentada pelo profeta. Só o versículo 2 é um pedido. Contudo as atitudes de temor reverente, de respeito, de fé que triunfa em circunstâncias perturbadoras encontram-se tão profundamente enraizadas



no espírito da oração que pouca dúvida pode existir que a "oração" inclui todo o capítulo. O capítulo também é chamado de salmo embora não por Habacuque – uma vez que as instruções dadas no título se referem ao modo pelo qual devia ser cantado, e a subscrição diz que instrumentos devem acompanhar o cântico. Além disso, o enigmático **Selá**, que geralmente indica as pausas periódicas, ou talvez mudanças de tempo, aparece três vezes.

Por diversos motivos, como já foi mencionado na Introdução, pensa-se que este capítulo tenha sido escrito por outra pessoa e não por Habacuque. Isto significaria, naturalmente, que 3:1, que lhe atribui o capítulo, estaria incorreto. O fato do terceiro capítulo não aparecer no Comentário Qumran não constitui objeção real. Nem o argumento de que esta passagem não tem a forma de diálogo das seções anteriores. A própria natureza do capítulo, que é uma oração, impede o estilo de diálogo. Há algumas evidências lingüísticas que confirmam a unidade do livro, além do fato da teodicéia ser incompleta sem este capítulo.

**1. Sob a forma de canto.** *Shigionoth* é uma palavra de significado incerto, sendo mais seguro transliterá-la assim. A Vulgata Latina a traduz para *pro ignorantibus*, "pelos pecados feitos em ignorância". A profecia não dá a idéia de que os pecados de Judá ou os dos caldeus pudessem ser considerados pecados cometidos em ignorância. Provavelmente a palavra indica o tipo de música ou o tempo no qual o salmo podia ser cantado quando usado no culto.

**2. As tuas declarações.** São aquelas do juízo divino que provavelmente trarão sofrimento a Habacuque e àqueles que file são ligados por laços comuns de fé e amor. É o juízo anunciado no cap. 1.

**Aviva.** Embora as versões inglesas traduzam o hebraico para *reaviva* ou *renova*, o profeta não está pedindo a Deus que repita o que já fez nos grandes dias de outrora. O verbo foi usado em outras passagens com força cansativa, como, por exemplo, em Gn. 7:3; 19:32; Dt. 32:39, onde o significado é preservar com vida, ou chamar à vida. Pede-se a Deus que ponha em operação as Suas obras, isto é, Seu programa

exposto, para que se torne uma ação viva. Que esse é o caso está confirmado pelo paralelismo: "no decurso dos anos faze-a conhecida". **A tua obra** é então o propósito anunciado em 1:5, junto com os juízos enunciados no capítulo 2.

**No decorrer dos anos.** Bengel, um comentarista mais antigo, declara que este versículo aponta para o nascimento de Cristo e a era cristã. A obra de Deus tem de ser feita em um período que divide a história, o Velho Testamento do Novo. Esta proposição não tem encontrado boa aceitação. Habacuque está pedindo que no correr dos anos futuros Deus possa castigar e curar.

Alguns acham que os versículos 3-15 descrevem uma teofania, ou uma manifestação da Divindade ao profeta. Outros acham que é simplesmente um recital poético das obras divinas com um motivo referente ao Êxodo, isto é, empregando os padrões da atividade divina no período do Êxodo. Não há motivos para acharmos que Habacuque tivesse o tipo de experiências teofanias dadas a Abraão. Ao mesmo tempo estes versículos são mais que uma celebração poética.

Enquanto a linguagem parece referir-se ao Êxodo e narrativas subseqüentes de Deus lidando com Israel, há também uma grande dose de originalidade na descrição. O profeta fala, por exemplo, de montanhas retorcendo-se e fragmentando-se e também de uma exibição de brilhante resplendor que encheu a terra e o céu. É melhor considerar todo o panorama de perturbações cósmicas que são o resultado da presença de Deus como sendo parte da visão do profeta.

**3. De Temã . . . de Parã.** Parã era a área deserta a oeste do Arabá e perto do sítio tradicional do Monte Sinai. Tema era a rochosa capital-fortaleza de Edom, mas o nome também indica o território a leste de Pará. Deus é representado aproximando-se em Juízo vindo do distrito onde Israel não só experimentara sua graça redentora mas também fizera aliança com ele. Também foram os distritos nos quais algumas das gerações incrédulas pereceram. **Do seu louvor. Louvor** aqui não se

refere ao louvor enunciado pelos habitantes da terra, mas antes à excelência de Deus que merece o louvor de toda a criação.

**4. Raios brilham da sua mão.** A palavra hebraica "chifres" também é usada para descrever raios de luz, cujo significado parece óbvio aqui. Esses raios emanavam de ambos os lados. O centro de onde vinha esse brilho parecido como sol era o esconderijo do poder de Deus.

**5. A peste, e a pestilência** são fenômenos que acompanham o aproximar-se do senhor, como os relâmpagos e os trovões acompanham o aproximar-se de uma tempestade. Talvez o profeta veja a criação animada murchando diante de Deus, como se fosse ferida por um vento pestilento. Deixa um caminho chamuscado como se fosse cauterizado pelo fogo.

**6. Ele pára.** Jeová interrompeu Seu avanço para que pudesse examinar a terra, para determinar a espécie e grau de juízo a ser administrado. As montanhas tremiam e se desfaziam só por Deus tocar nelas. Aqui há um argumento a fortiori. Se as próprias rochas e montanhas que desafiaram a destruição do tempo desfaziam-se em nada sob o toque dos pés do Senhor, ou sob os seus olhos, então quem permanecerá no dia de Sua ira?

**7. Cusã.** Aceita-se de modo geral que Cusã é a Etiópia. Contudo é mais lógico supor que Cusã era a parte do território sobre o qual os midianitas vagavam e que foi de lá que veio Zípora, a esposa de Moisés, chamada de cusita.

**8. Acaso é contra os fios, SENHOR?...** A pergunta é retórica, calculada para levar a mente para o motivo verdadeiro da visitação do Senhor – a *salvação*. A salvação divina constitui, pode-se presumir, o tipo de livramento pelo qual o profeta orou no capítulo 1. Incluirá o livramento da violência e da malícia pelas quais os piedosos estão rodeados, de modo que a lei já não ficará mais relaxada. A salvação não é sinônimo daquilo que nos é oferecido em nosso Senhor Jesus Cristo, embora sob diversos aspectos seja uma prefiguração da obra do Messias.

**9. E farta está a tua aljava de flechas.** De todas as cláusulas da profecia inteira, esta é provavelmente a mais difícil de explicar. Pode ser uma interpolação, significando que a única esperança de Judá é a promessa convencional de Deus, particularmente a Aliança do Sinai ou Mosaica. Em um pequeno grupo de manuscritos antigos esta frase diz: **E farta está a tua aljava de flechas**, que tem bom sentido mas não tem o apoio dos melhores manuscritos hebraicos.

**10. As profundezas do mar. . . levantam . . . as suas mãos.** Em sua visão o profeta vê ondas imensas se levantando no mar, e se lembra dos gestos do homem apossado pelo terror.

**11. O sol e a lua param.** As duas esferas que dão luz à terra e governam o tempo pareciam estar consternadas, junto com o restante da criação, diante do esplendor do Senhor quando Ele apareceu em juízo. Pareciam pálidas em comparação com a luz das flechas de Deus e sua espada reluzente.

**12. Marchas.** O Senhor marchava através da terra como um conquistador triunfante, pisando as nações como um camponês pisa os grãos.

**13. Para salvamento do . . . (com) o teu ungido.** O **ungido** deve ser o remanescente fiel entre o povo da aliança. No tempo do V.T. todos os israelitas não constituíam o Israel (Rm. 9:6). A libertação divina estendia-se às pessoas que esperavam pela consolação de Israel na pessoa do seu rei messiânico.

**13. E lhe descobres de todo o fundamento** (*até o pescoço, ou até a rocha*). Aparentemente o texto deveria ser *a rocha*. As duas palavras são muito parecidas no hebraico. A figura é do conquistador derrubando os fundamentos até o chão. A casa dos ímpios é totalmente demolida.

**16. Ouvi-o.** Embora a visão fosse vista, seu significado foi *ouvido*, ou assinalado pelo profeta. Cons. Is. 55:3, "**ouvi**, e a vossa rima viverá". O profeta sabia muito bem o que significava a execução do juízo divino para ele e para o povo entre o qual vivia. O efeito imediato sobre ele foi o de tremendo espanto, como indica a comoção dos órgãos internos. O

efeito final, entretanto, foi o de fé confirmada. Conforme Calvino declara: "Aquele que em tempo antecipa a ira de Deus e se sente tocado pelo temor, logo que ouve que o juízo divino está perto, assegura-se do mais seguro refúgio para o dia da aflição".

#### VIII. O Triunfo da Fé. 3:17-19.

**17.** A menção da figueira, da videira, da oliveira, dos cereais e dos rebanhos abrange toda a linha dos produtos agrícolas dos quais a nação dependia. Presumivelmente a razão para o fracasso das colheitas fosse a invasão caldéia. As tropas inimigas não só acabavam com a terra mas com freqüência e deliberadamente destruíam árvores e colheitas. Uma antiga crônica egípcia gaba-se de que os soldados egípcios arruinaram as árvores frutíferas de uma planície costeira da Palestina.

**18. Todavia eu me alegro no SENHOR.** A ruína tão vivamente descrita leva o profeta não ao desespero mas a fé no seu Senhor.

**19. Os meus pés como os da corça.** A corça é veloz e não pisa em falso, por isso escapa rapidamente ao perseguidor. O quadro é o de alguém supremamente confiante em que aquele que leva o seu povo a passar por provações é fiel e fornecerá em cada provação um caminho de escape, para que o povo seja capaz de enfrentá-la.

**Ao mestre de música.** Esta oração foi evidentemente destinada ao coro dos levitas, embora o salmo, ao contrário de alguns outros que foram encontrados fora da coleção, como, por exemplo, II Sm. 22:2 e segs. e I Cr. 16:8 e segs., jamais fosse colocado dentro do Livro dos Salmos.

# SOFONIAS

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 2

## Capítulo 3

## INTRODUÇÃO

**Título.** O livro de Sofonias recebe o seu nome do profeta cujo ministério ele registra. *Sepanyâ* significa "o Senhor esconde" ou "o Senhor tem escondido". O profeta nasceu durante o cruel reinado de Manassés (692-638 A.C.), que "derramou muitíssimo sangue inocente, até encher a Jerusalém de um ao outro extremo" (II Reis 21:16). Seu nome indica uma confiança do poder de Deus para esconder (isto é, proteger) seu adorador em momentos de perigo.

**O Profeta e a Sua Mensagem.** De Sofonias muito pouco se sabe. Era provavelmente de descendência real (Sf. 1:1; presumivelmente Ezequias era o Rei Ezequias) e profetizou durante o reinado de Josias (637-607 A.C.), entre a queda de Nínive e o ataque babilônico à Judéia. Sob Josias a administração da Lei e a adoração do Senhor foi brevemente revivida, mas o povo continuou praticando a idolatria em segredo. A percepção desta hipocrisia incitou o jovem profeta à ação. Embora o rei se juntasse ao profeta em um movimento de reforma, a maré do mal avançou. O desenvolvimento da impiedade inevitavelmente levou ao momento em que Deus usaria Nabucodonosor como vara de Sua ira.

Sofonias aponta a causa do juízo de Deus, proclamando a degeneração moral do povo. Ele, entretanto, torna claro que a porta da misericórdia está aberta para aqueles que sinceramente se arrependem. O profeta vê o significado de tudo isto à luz do propósito de Deus em enviar o seu Filho, o Senhor Jesus, como o Messias de Israel e o Salvador de toda a humanidade.

**Autoria e Data.** O primeiro versículo de Sofonias (usando a fórmula costumeira das obras dos profetas) indica que o livro constitui a mensagem que Deus concedeu ao profeta e que o profeta mesmo registrou. E não temos motivos para considerar esta indicação como inserção de algum escritor não identificado posteriormente. Embora Sofonias tivesse nascido durante o reinado de Manassés (692-638 A.C.), ele não assumiu seu ofício profético até o começo do reinado de Josias, provavelmente em 627-626 A.C. Presumivelmente a profecia foi escrita não muitos anos depois.

**Antecedentes Históricos.** Os perversos reinados de Manassés (692-638 A.C.) e Amom (638-637 A.C.) já tinham chegado ao fim. O Rei Josias (637-607 A.C.) tinha subido ao trono de Judá. Sua reforma ainda se encontrava diversos anos pela frente, e as condições apóstatas que prevaleciam por mais de meio século durante os reinados de Manassés e Amom ainda não tinham sido contestados. No começo do reinado de Josias (provavelmente cerca de 627-626 A.C.), Sofonias começou a advertir o seu povo do juízo divino iminente, cuja ira tinha sido provocada pelo seu comportamento. O destino de Samaria em 722 A.C, foi um solene lembrete do poder e justiça divinos. Com vigor juvenil Sofonias estabeleceu os fundamentos das reformas que aconteceram mais tarde no reinado de Josias.

## ESBOÇO

I. Introdução. 1:1.

II. Uma advertência do juízo iminente. 1:2-18.

A. O juízo anunciado. 1:2-6.

B. O juízo definido. 1:7-13.

C. O juízo descrito. 1:14-18.

III. Uma exortação ao arrependimento imediato. 2:1 – 3:8.

A. Um convite ao -arrependimento. 2:1-3.

B. Uma advertência detalhada do juízo. 2:4 – 3:8.

1. A terra dos filisteus. 2:4-7.

- 2. A terra de Moabe e Amom. 2:8-11.
- 3. A terra dos etíopes. 2:12.
- 4. A terra dos assírios. 2:13-15.
- 5. A terra de Judá e a cidade de Jerusalém. 3:1-8.
- IV. A promessa da bênção futura. 3:9-20.
  - A. A promessa da conversão. 3:9-13.
  - B. A promessa da restauração. 3:14-20.

## COMENTÁRIO

### Sofonias 1

#### I. Introdução. 1:1.

1. A declaração de Sofonias sobre a sua ordenação no ofício de profeta assume a forma familiar: **Palavra do SENHOR que veio** ao profeta. Um homem assumia o ofício profético em atenção a um chamado direto; o ofício sacerdotal, que era restrito à família de Arão, passava de pai para filho. O pai de Sofonias foi Cusi; seu avô, Gedalias; seu bisavô, Amarias; e seu tetravô, Ezequias, com toda probabilidade o piedoso rei Ezequias.

#### II. Uma Advertência do Juízo Iminente. 1:2-18.

##### A. O Juízo Anunciado. 1:2-6.

2. **De fato consumirei.** A descrição seria certa e completa. Destruição total sugere as conseqüências horríveis da idolatria e do adultério espiritual. Alguns mestres sugerem que o juízo pronunciado tinha referências iminentes e futuros também. Sua referência imediata, alguns acham, foi aos citas bárbaros, que deixaram sua terra natal ao norte do Mar Negro, que estavam varrendo a Ásia Ocidental e poderiam atacar Judá a qualquer momento. Os cruéis citas empregavam a política da terra arrasada com fúria e vingança.



**3. Consumirei os homens e os animais.** Nada poderia escapar. O homem, os animais, as aves e os peixes seriam sujeitos à ira do Senhor. As águas ficariam infestadas e o ar contaminado.

**4. Exterminarei deste lugar o resto de Baal.** Os homens se inclinando diante de Baal, o deus da fertilidade dos cananeus, cujo culto incluía atos de prostituição ritual, teriam de ser destruídos. **O nome dos ministrantes.** Esses sacerdotes de longas vestes que representavam os ídolos (cons. II Reis 23:5) tinham de ser completamente exterminados.

**5. O exército do céu.** A astrologia e a adoração dos corpos celestiais conforme praticados pelos assírios e babilônios eram comuns entre os idólatras de Judá (cons. (II Reis 23:11; Jr. 19:13; 32:29; Ez. 8:16). **Milcom.** Moloque, uma divindade semita honrada com sacrifícios de crianças.

**6. Os que deixam de seguir.** Apanhados nesta rede de apostasia estavam aqueles que rejeitaram as reivindicações do Deus de Israel e foram atraídos pelo culto sensual e imoral prestado à fertilidade. **Os que não o buscam.** Alguns jamais se aproveitaram da graça e misericórdia do Senhor. Eram auto-centralizados e auto-suficientes, vivendo em total ignorância de suas necessidades espirituais.

B. O Juízo Definido. 1:7-13.

**7. Cala-te diante do SENHOR.** As pessoas que apostataram ao ponto de não poderem retornar. O castigo era agora inevitável. Seu clamor vão nos fazer lembrar da geração que pereceu no Dilúvio quando a porta da arca foi fechada. Tinham-se recusado a oferecer um sacrifício quebrado ao Senhor; agora elas seriam o sacrifício. **O dia do SENHOR** é o dia do juízo como em Amós 5:18. Os **convidados** são os inimigos de Judá, e o **sacrifício** é Judá (cons. Is. 34:6).

**8. Hei de castigar os oficiais e os filhos do rei.** Após a morte de Josias, Judá apressou-se em concretizar o seu destino. O péssimo reinado de Jeoacaz (o sucessor de Josias) só durou três meses e o governo do idólatra Jeoaquim só durou onze anos. O reinado de três meses de

Jeoquim foi rapidamente seguido pela segunda deportação à Babilônia. Então veio a destruição final de Jerusalém durante o reinado de Zedequias, que foi levado à Babilônia como prisioneiro, depois que seus olhos foram arrancados (II Reis 25:6, 7).

**9.** Aqui, ao que parece, a referência foi feita aos servos do rei que constantemente se achavam à sua disposição. Eram evidentemente os políticos corruptos daquele tempo – vendendo sua influência e posição por dinheiro. Os mestres rabínicos judeus sugerem que **aqueles que sobem ao pedestal** eram os filisteus, que, depois que Dagom caiu diante da arca, não pisavam mais na soleira da porta ao entrarem no templo, mas, antes, pulavam por cima dela. Outros defendem que eram bandidos que arrombavam as casas das pessoas e levavam o que queriam. Talvez eles pulassem por cima do pedestal para evitar provocar os deuses que eles pensavam que guardassem a porta das casas.

**10. Far-se-á ouvir um grito . . . e um uivo.** Um quadro profético apresentado sobre o ataque inimigo vindo do norte sobre Jerusalém. A Porta do Peixe se abria para o lado setentrional do Vale de Tyropoeon (cons. Ne. 3:3; 12:39). Esta seria a direção da qual a notícia da aproximação do exército caldeu viria. O som da aproximação do inimigo está descrito como **grande lamento desde os outeiros**.

**11. Mactés** ("um pilão", "uma gamela", ou "uma bacia"). Alguns comentaristas identificam Mactés com a parte de Jerusalém que fica no Vale do Cedrom, onde se moia arroz, trigo e outros cereais em um pilão. A configuração de **Mactés** talvez desse origem ao seu nome. Profeticamente é usado para descrever o modo pelo qual os habitantes seriam batidos e triturados, como grãos em um pilão. **Todos os que pesam prata são destruídos.** Mais especificamente, os comerciantes e cambistas seriam abatidos até a morte sem esperanças e privados de toda a ajuda.

**12. Esquadrinharei a Jerusalém com lanternas.** Uma busca total, de dia e de noite, seria feita. Ninguém escaparia. Não ficaria nenhum cantinho não esquadrinhado no qual o pecado escapasse ao castigo. **Os**

**homens que estão apegados à borra.** A borra constitui o refugo ou os sedimentos depositados pelo vinho ou licor (cons. Is. 25:6). Apegar-se à borra significava tornar-se complacente e satisfeito com o seu próprio caráter e circunstâncias – talvez ficar em estupor alcoólico (cons. Jr. 48:11).

**13. Os seus bens.** As coisas nas quais confiavam viriam a se tornar uma armadilha para eles. Seus esforços pelo ganho material acabariam em nada. Não desfrutariam dos frutos do seu trabalho. Não morariam nas curas construídas por eles, nem colheriam as uvas plantadas (cons. Amós 5:11).

C. O Juízo Descrito. 1:14-18.

**14. Está perto.** Após a morte de Josias, o juízo aproximou-se rapidamente. Aqui ele é comparado a uma tempestade que se movimenta com rapidez. Enquanto a referência imediata parece referir-se à invasão cita, o cumprimento final virá com o Juízo final, quando haverá "choro e ranger de dentes" (Mt. 8:12; 25:30, e outras).

**15. Aquele dia é dia de indignação.** Quando as misericórdias do Senhor são desdenhadas, a ira é o resultado certo. **Dia de angústia e dia de alvoroço.** Todas as horríveis conseqüências do juízo: a invasão, o ataque, a confusão, a tortura – sofrimento e horror de todo tipo. Será um dia de trevas. A cidade ficará encoberta por pesado véu de fumaça e cheiro de carnificina.

**16. Dia de trombeta.** O alarme soará, e correios levarão as terríveis notícias, mas sem resultado. A nação terá chegado ao ponto em que não há retorno. O juízo terá de prosseguir o seu curso. As cidades muradas serão invadidas e **as torres altas** cairão sob o toque dos aríetes.

**17. Angústia sobre os homens.** Um severo estado de sofrimento, dor e aflição virão. Em seu desespero sem esperanças, os homens ficarão enlouquecidos. Andarão às apalpadelas em busca de auxílio e salvação, mas toda a esperança de livramento do juízo terá desaparecido. Seu pecado e apostasia contra o Senhor terão provocado a Sua ira. O sangue

cobrirá as ruas como pó, e corpos humanos ficarão amontoados em montes como lixo.

**18. Nem a sua prata nem o seu ouro.** Já se foi o tempo em que os privilegiados podiam comprar tudo. Seu dinheiro não comprará mais comida, porque não haverá comida. Um juízo de fogo consumirá suas posses terrenas. Uma desolação universal tomará conta da terra.

### III. Uma Exortação para o Arrependimento mediato. 2:1 – 3:8.

#### Sofonias 2

##### A. Um Convite ao Arrependimento. 2:1-3.

**1, 2. Concentra-te.** A miséria gosta de companhia. O povo de Judá devia se reunir para que pudesse observar sua própria corrupção coletiva. **Ó nação, que não tens pudor.** Através de sua apostasia eles tinham perdido o seu direito à vida. Tinham se divorciado do Senhor. **Antes que saia o decreto.** O povo foi convidado a uma convocação final **antes que venha sobre ti o furor da ira do SENHOR.** Os agentes do castigo do Senhor, talvez os citas, dariam início imediato ao juízo e os babilônios terminariam o que os cita deixassem por fazer.

**3. Buscai o SENHOR.** Um último rogo foi feito pelo Senhor através do profeta. **Porventura lograreis esconder-vos no dia da ira do SENHOR.** Ainda seria possível o arrependido escapar ao juízo se ao menos se voltasse para o Senhor. Tal como Deus advertira os endurecidos entre o povo a que se humilhassem, assim ele agora advertia os humildes a que o buscassem a fim de escapar da calamidade geral (cons. Sl. 76:9).

##### B. Uma Detalhada Advertência de Juízo. 2:4 – 3:8.

##### 1) A Terra dos Filisteus. 2:4-7.

**4. Porque Gaza será desamparada.** Até mesmo a vizinha comunidade dos filisteus sentiria o juízo iminente. Esse povo tinha sido

importunado pelos egípcios; agora os babilônios trariam o juízo total. É impossível reproduzir a assonância deste versículo exatamente, mas a tradução de J.R. Dummelow sugere o seguinte: "Gaza será uma ruína horripilante; Ascalom um monte de cinzas deserto" (*A Commentary on the Holy Bible*, in loco).

**5. Os quereítas.** Um povo que ocupava a costa sul da Filístia (veja I Sm. 30:14; Ez. 25:16). A LXX traduz esta palavra para oveus (Amós 9:7; Dt. 2:23). Os **quereítas** eram provavelmente parentes dos filisteus e eram imigrantes de Creta. Toda a costa filistéia sentiria a ira de Deus. Nenhum habitante seria deixado; todos seriam mortos ou levados prisioneiros. O invasor não faria acepção de pessoas.

**6. O litoral . . . com refúgios para os pastores.** Todos os edifícios permanentes seriam destruídos. Os pastores levantariam pequenos abrigos e currais de alvenaria (Is. 17:2). A população e a lavoura desapareceriam da região.

**7. Aos restantes da casa de Judá.** Um pequeno remanescente seria deixado depois do ataque babilônico. Um remanescente, mantido pelo poder de Deus na Babilônia, voltaria no final do Exílio. **E lhes mudará a sorte.** Novamente voltariam a ser povo livre (cons. Mq. 4:6, 7).

2) A Terra de Moabe é Amom. 2: 8-11.

**8. Moabe, e . . . Amom . . . escarneceram do meu povo.** O castigo lhes seria imposto por terem abusado do povo de Judá (com. Jr. 48:27-31; Ez. 25:8-11).

**9. Moabe será como Sodoma, e os filhos de Amom como Gomorra.** Sodoma e Gomorra são mencionados como símbolo do juízo violento do Senhor. Tal como essas cidades foram totalmente destruídas, assim o juízo de Deus cairia sobre as cidades de Moabe e Amom. Todo o distrito seria reduzido a um canteiro de espinhos e sua desolação perpétua seria comparável a marnotas (cons. Is. 15:1 e segs.).

**10. Isso lhes sobrevirá por causa da sua soberba.** Um espírito orgulhoso precede a queda (Pv. 18:12). Os amonitas e os moabitas exibiram a sua arrogância diante do povo de Judá. Agora o seu orgulho seria reduzido à humilhação e à calamidade (cons. Ez. 25:8-11).

**11. Aniquilará todos os deuses.** A destruição de Jerusalém pelos babilônios demonstrava a futilidade da confiança nos deuses de Canaã. O culto a Baal perdeu o seu destaque entre os judeus durante o Exílio.

3) A Terra dos Etíopes. 2:12.

**12. Também vós, ó etíopes.** Eles também seriam vítimas da matança de Nabucodonosor (cons. Jr. 46:2, 9; Ez. 30:4, 5; Amós 9:7).

4) A Terra dos Assírios. 2:13-15.

**13. Destruirá a Assíria; e . . . Nínive.** Nínive foi tão completamente destruída que sua localização se perdeu na memória dos homens até o seu redescobrimento pelos arqueólogos durante o século dezenove. Naum dá uma descrição viva de sua destruição total em 612 A.C. (cons. Is. 10:12; Na. 1:2; 2:10; 3:15).

**14. No meio desta cidade repousarão os rebanhos.** Esta profecia foi literalmente cumprida. Ovelhas pastam exatamente onde antes se levantava a orgulhosa Nínive. Arqueólogos têm escavado porções desta grande cidade, inclusive as imensas figuras de bois alados com cabeças humanas que ficavam de nabos os lados do portão principal simbolizando o seu poder. Atualmente este sítio é verdadeiramente o local da habitação do **pelicano** (uma ave de grande porte, cons. Lv. 11:17) e do **ouriço**.

**15. Esta é a cidade alegre e confiante** (cons. Is. 47: 8, 9). Nínive foi a arrogante capital da Assíria – a cidade de imperadores tais como Senaqueribe e Esaradom. Esta orgulhosa cidade, a capital da Ásia ocidental, onde os emissários de toda a região do Mediterrâneo oriental apresentavam suas credenciais reais em busca de favores – se tornaria um lugar de desolação e ruína.

**Qualquer que passar por ela assobiará com desprezo, e agitará a mão.** Ambas atitudes são sinais de desprezo e vergonha.

### **Sofonias 3**

5) A Terra de Judá e a Cidade de Jerusalém. 3:1-8.

**1. Cidade opressora . . . rebelde e manchada.** Como resultado da adoração de Baal e Moloque, Jerusalém ficou degenerada. Os líderes religiosos viviam em adultério, e ofereciam seus filhos como sacrifício humano a fim de obter o favor dos deuses da natureza (Jr. 19:5; 23:13, 14; 32:35). Jeremias tinha dificuldade em descobrir um homem justo em Jerusalém (Jr. 5:1). Seus líderes civis e religiosos estavam do lado da idolatria e não agiam como porta-vozes de Deus.

**2. Não atende a ninguém.** Jerusalém fora advertida. Os profetas insistiram com o povo, mas toda a sua insistência para que houvesse arrependimento foi ignorada. A ruptura entre o povo e o Senhor alargava-se com o passar de cada dia (cons. Jr. 22:21).

**3. Os seus príncipes são leões rugidores.** As pessoas que tinham autoridade e poder não davam importância à verdade e à justiça. Seus arrogantes rugidos eram os de animais selvagens. **Seus juízes são lobos do cair da noite.** Os juízes rasgavam em tiras qualquer vestígio de justiça. Eles se esgueiravam pelas sombras, prontos a aceitarem subornos. Praticavam a violência e a opressão predatória dos animais selvagens (Ez. 22 : 27 ; Mq. 3 : 9-11).

**4. Os seus profetas são levianos, homens perversos.** Os profetas já não possuíam a seria convicção e integridade dos homens santos. Eles enganavam as almas cegas. **Os seus sacerdotes profanam o santuário.** Os sacerdotes violaram a Lei oferecendo animais com manchas e defeitos. Os sacrifícios eram destituídos de conteúdo espiritual (cons. Jr. 23:11, 32).

**5. O SENHOR é justo, no meio dela.** O Senhor continuava presente e mantinha um registro das perversidades deles. A bondade

seria a porção do justo, mas o castigo seria certo para o perverso (cons. Dt. 32:4).

**6. Exterminei as nações.** Evidentemente Síria e Israel são as aludidas. Era profético o que o Senhor estava executando. **Ninguém que as habite.** Todos os lares seriam desarraigados. **Certamente me temerás.** O Senhor tinha razão para esperar o arrependimento e a obediência depois do castigo intermitente imposto a Jerusalém, mas o povo persistia em seus maus caminhos. Finalmente, a destruição total veio pelas mãos dos babilônios.

**8. A minha resolução é ajuntar as nações.** A misericórdia do Senhor é dirigida a todos os povos e nações. Até Nínive arrependeu-se com a pregação de Jonas. Mas, do mesmo modo, o juízo virá sobre todos aqueles que abandonam o Senhor. O julgamento pelo fogo está sempre associado com o castigo das nações através da guerra.

#### IV. A Promessa de Bênçãos Futuras. 3:9-20.

##### A. A Promessa de Conversão. 3:9-13.

**9. Então darei lábios puros aos povos.** Esta é uma referência ao período quando os judeus abandonariam a blasfêmia da idolatria e prefeririam louvores ao Senhor (cons. Joel 2:28; Atos 2:16-21). **Lábios puros** talvez se refira à forma do culto religioso que praticarão. Eram idólatras; agora Deus prometia restaurar o seu culto entre eles.

**10. Dalém dos rios da Etiópia.** Após o julgamento o Senhor traria o Seu povo de volta de todas as regiões para onde foram levados prisioneiros. Até mesmo a remota terra da Etiópia experimentaria este ato de graça soberana.

**11. Naquele dia não te envergonharás.** O castigo teria um fim para aqueles que se arrependessem. Um remanescente seria purificado da idolatria e retornada. **Tirarei do meio de ti.** Os perversos líderes teriam o seu destino. **E tu nunca mais te ensoberbecerás.** Falso orgulho se converteria em humildade.



**12. Um povo modesto e humilde.** O cativo reduziria muitos dentre o povo à pobreza. Na verdade, muitos dentre os pobres reagiram diante da liberação de Ciro, enquanto os ricos ficaram escondidos. A profecia também vê além do retorno da Babilônia para o tempo quando os pobres e os humildes finalmente aceitarão o Messias – "E os do povo o ouviam com prazer" (Marcos 12:37).

**13. Os restantes de Israel.** Após o cativo da Babilônia um remanescente limpo e purificado retornaria. Jamais tornariam a se inclinar diante dos deuses pagãos (cons. Mq. 4:7).

B. A Promessa da Restauração. 3:14-20.

**14. Canta, ó filha de Sião.** Um tempo de regozijo viria quando o remanescente tornada novamente a adorar no Templo reconstruído. Haveria também um tempo de regozijo num futuro mais distante quando Israel aceitasse o seu Messias.

**15. O Rei de Israel, o SENHOR, está no meio de ti.** Esta é uma antecipação profética do dia quando o Rei Messias as governar. Israel não teve mais um rei davídico no trono desde a morte de Zedequias.

**16. Não temas.** No glorioso dia do Messias, todos os cativos e aflições nacionais serão removidas.

**17. O SENHOR teu Deus.** Este é o ponto alto da profecia de Sofonias. **O SENHOR . . . Deus** é o Ser divino e auto-existente que permanecerá no meio de Israel. **Poderoso.** Ele é o Herói conquistador. Este é o caráter que Isaías dá ao Messias (Is. 9:6). Ele salvará o Seu povo. **Ele se deleitará em ti.** Após salvá-los, o Messias encontrará no Israel redimido seu motivo de alegria (cons. João 15:11).

**18. Os que estão entristecidos . . . eu os congregarei.** Um remanescente se arrependerá dos seus pecados, e novamente se reunirá em Jerusalém para ver o seu grande esplendor restaurado. **Sobre os quais pesam opróbrios.** O povo judeu não tem podido desfrutar de sua religião nas terras de sua dispersão por causa do opróbrio acumulado sobre ele pelos vizinhos pagãos (cons. Sl. 137).

**19. Procederei contra todos os que te afligem.** Aqueles que puniram Judá serão punidos.

**20. Eu vos farei voltar.** Eles tomarão a possuir a sua terra e serão restaurados no favor do Senhor. Finalmente, todas as nações da terra serão abençoadas pelos judeus através do seu Rei Messiânico, o Senhor Jesus (cons. Is. 11:12; Ez. 28:25; 34:13; Amós 9:14).

# AGEU

## Introdução Esboço

## Capítulo 1 Capítulo 2

### INTRODUÇÃO

**Data e Autoria.** O autor deste livro é a única pessoa do Velho Testamento com o nome de **Ageu** (significando "festivo" ou "alegre"). O nome talvez indique a fé dos pais do profeta em que o filho tivesse a alegria de ver suas predições de restauração cumpridas. É possível que fosse chamado por ter nascido em alguma festa sagrada do calendário hebraico. Embora seja um dos profetas cujos detalhes da vida pessoal são desconhecidos, ele foi mencionado por Esdras (Esdras 5:1; 6:14). Ele foi o primeiro dos profetas pós-exílicos que ministrou ao remanescente que voltou do cativeiro da Babilônia. Sua profecia está claramente datada de 520 A.C., o segundo ano do rei Dario. Ageu provavelmente nasceu no exílio no começo do século sexto. Seu contemporâneo no ofício profético foi Zacarias (cons. Ageu 1:1 com Zc. 1:1; veja também Esdras 5:1; 6:14).

**Antecedentes Históricos.** Os profetas antes do Exílio (586 A.C.) previram a queda do reino judeu para o novo império babilônio. Também foi revelado que depois de setenta anos o Senhor restauraria o Seu povo à sua terra (Jr. 25:11, 12; Dn. 9:2). Quando Ciro, o persa, destruiu o poder babilônico, favoreceu e promoveu o retorno dos judeus à terra da promessa para reconstrução do santuário em Jerusalém. Os alicerces do novo Templo foram colocados e a obra começou com grandes esperanças. Logo vizinhos hostis empregaram seus ardis para impedir o trabalho. A obra foi interrompida, mas a oposição externa à tarefa foi apenas parte do problema. Um estado de indiferença apoderou-se dos cinquenta mil exilados que retornaram com a resolução de reconstruir a casa de Deus. Quando Dario Histaspes subiu ao trono persa,

o Templo estava intacto por cerca de dezesseis anos. Ageu (e mais tarde Zacarias) foi enviado por Deus para despertar o povo e ativá-lo de sua letargia prosseguindo na obra da restauração. Seria injusto para com Ageu considerar que suas mensagens só se ocupassem de assuntos da reconstrução. Ele começa desse ponto de partida, mas prossegue falando da glória da presença do Senhor Jesus Cristo, o futuro estabelecimento do reino de Deus na terra, do juízo divino dos poderes mundiais ímpios e das bênçãos que aguardavam as nações que se voltassem para Deus.

## ESBOÇO

### Capítulo I.

- I. Censura à indiferença. 1:1-4.
- II. Convocação à reflexão séria. 1:5, 6.
- III. Os castigos de Deus para Israel. 1:7-11.
- IV. Obediência da nação. 1:12-15.

### Capítulo II.

- I. Estímulo à construção. 2:1-5.
- II. Promessa da glória futura. 2:6-9.
- III. Puro e impuro nas questões levíticas. 2:10-14.
- IV. A aplicação dessas verdades. 2:15-19.
- V. A futura bênção de Deus para Zorobabel. 2:20-23.

## COMENTÁRIO

### Ageu 1

- I. Censura à Indiferença. 1:1-4.

**1. No segundo ano.** Cons. Introdução. O profeta data todas as suas profecias, como se mantivesse um compenetrado diário de todos os acontecimentos importantes na reconstrução do Templo. **No primeiro dia do mês.** A lua nova era o período quando o povo se reunia para adoração (como o fazem atualmente os judeus ortodoxos); portanto era

urna ocasião apropriada para a pregação da divina mensagem de Ageu. **No sexto mês.** Chamado Elul, este mês caía em Setembro mais ou menos. A data da profecia no reinado de um monarca gentio é testemunho eloqüente de que "o tempo dos gentios" já tinha começado (cons. Lc. 21:24; Esdras 4:24). Conforme as datas se sucedem através de toda a profecia, o progresso da obra se torna claro. **Zorobabel.** Seu nome significa "nascido ou gerado na Babilônia". Nos registros históricos ele é chamado de Sesbazar (veja Esdras 1:8; 5:14, 16). Ele era um descendente da dinastia davídica, o bisavô de Jeoaquim (Jeconias; I Cr. 3:17, 19), e foi feito governador de Judá por Ciro (Esdras 5:14). **Josué.** Era filho de Jeozadaque, sumo sacerdote no tempo da invasão babilônica (I cr. 6: IS). Assim a profecia de Ageu se dirige aos chefes civis e religiosos da nação.

**2. Este povo.** Não o "Meu" povo, mas "Este" povo, a fim de demonstrar o desagrado do Senhor. **Não veio ainda o tempo.** Esta era a desculpa que o povo oferecia para não reconstruir o Templo. De acordo com o seu modo de pensar, o tempo não era apropriado. Na realidade, a raiz da dificuldade se encontrava neles mesmos, não em alguma circunstância externa ou fator de tempo. O subterfúgio está claro ; eles não diziam que a obra não deveria prosseguir, mas que não era o momento apropriado de fazê-lo. Alguém poderia achar que um lapso de dezesseis anos teria demonstrado a necessidade de um esforço de sua parte. Mas o coração que não está pronto sempre encontra desculpas. Dificilmente podemos aceitar que eles tivessem calculado meticulosamente os setenta anos a partir de 586 A.C. A impressão é, antes, de que eles achavam que uma renovação da atividade da construção despertada a hostilidade latente dos persas e os colocaria em dificuldades.

**4. Acaso é tempo . . . ?** A ASV traduz o pronome adicional no original, *vós mesmos*. Ageu perguntou aos líderes se a hora não era auspiciosa apenas para os assuntos relacionados com Deus. Sua atividade nas questões pessoais (tais como a construção de casas) dava

uma impressão totalmente diferente. Que contraste – o Templo do Senhor desolado e devastado ao lado das habitações particulares acabadas e enfeitadas dos exilados que tinham retornado! A pergunta do profeta, com um golpe magistral, desmascarou a indiferença, o egoísmo e a desobediência da nação. **Casas apaineladas.** Eram casas meticulosamente adornadas. Lambrismo com cedros se encontravam em palácios de reis (veja I Reis 7:7; Jr. 22:14). Considerando que essa madeira era cara e não comum na Judéia, o seu uso era sinal de luxo. **Em ruínas.** Onde estavam os seus corações, aí também se encontrava o Seu tesouro. Compare sua indiferença para com a casa de Deus coma elogiável preocupação de Davi (II Sm. 7:2).

## II. Convocação à Séria Reflexão. 1:5, 6.

**5. Considerar o vosso passado.** A necessidade da hora era considerar (lit., *colocai o vosso coração em*) suas ações. No vi, o coração geralmente representa a sede dos pensamentos. Para uma pessoa se sentir grata ela deve refletir nas causas de sua gratidão. Convocação à reflexão. Convocação à reflexão é um assunto favorito deste profeta. Ele fala nisso no versículo 7 e então duas vezes em 2:18. É um desafio para o auto-exame e o auto-julgamento. O povo judeu podia facilmente avaliar a natureza dos seus atos pelos resultados obtidos deles.

**6. Tendes semeado muito.** Eles se consumiam por ocasião da semeadura. Eles não poupavam esforços para assegurar a prosperidade. Mas suas colheitas eram totalmente desapontadoras. Eles deviam ter percebido que não podiam se enriquecer à custa de Deus (cons. Lv. 26:26; Os. 4:10; Mq. 6:14). **Vestis-vos.** Nada parecia ser o suficiente, nem o alimento, nem a bebida, nem as roupas. **Saquitel furado.** Os salários eram tão pequenos que desapareciam diante das necessidades diárias; os ganhos dos trabalhadores logo eram gastos. Não há nenhuma contradição entre a descrição da pobreza aqui e a descrição das casas apaineladas e caras do versículo 4. Como em outras sociedades, os ricos coexistem com os pobres. Aquela época, como toda época na história da

humanidade, comprovou a verdade de Mt. 6:33. Quando Deus é esquecido, todo o trabalho é sem lucro. As civilizações materialistas da atualidade precisam pensar nesta verdade mais do que em qualquer outra coisa.

### III. Os Castigos de Deus para Israel. 1:7-11.

**8. Subi ao monte.** Após outra convocação para um sério exame de sua condição, apresenta-se o remédio. O povo devia subir às terras altas e às áreas cobertas de matas para buscar madeira para o Templo. **Dela me agradarei.** Deus prometeu desde o início que a obediência resultaria em sua aprovação. Resumidamente Ageu dedara: "Obedecei a Deus e tereis as suas bênçãos e a sua aprovação". **Serei glorificado.** Aqui está a prova de que Deus se preocupava, com Ageu, com os aspectos espirituais da reconstrução. Salomão tinha orado (I Rs. 8:30) que Deus fosse magnificado através da adoração do Seu povo. Quando essa atividade da vida espiritual foi negligenciada, resultou em esterilidade. O Talmude Babilônico declara que cinco das coisas que havia no primeiro Templo faltavam no Templo de Zorobabel: 1) a glória do Shequiná, 2) o fogo Santo, 3) a arca da aliança, 4) o Urim e o Tumim, e 5) o espírito de profecia (provavelmente o Espírito Santo). Apesar de qualquer coisa que possa ter faltado na restauração do Templo, Deus inequivocamente prometera que Suas bênçãos lá estariam.

**9. Esperastes o muito.** Ageu retorna ao tema das conseqüências desastrosas da indiferença do povo pelas coisas espirituais. Tal negligência tinha um efeito direto em seus assuntos temporais. Embora tivessem grandes esperanças em colheitas abundantes, tais expectativas foram frustrantes. Pouco havia para exibirem pelo seu grande dispêndio de energias. **Eu com um assopro o dissipei.** Até o pouco que foi colhido de nada lhes adiantou. Deus providenciou que fosse impróprio para o consumo ou que fosse disperso. O povo foi assina informado que não devia atribuir a pequena produção do solo a nenhuma outra causa, como por exemplo à terra há tanto negligenciada durante o período do

cativeiro, mas ao castigo direto de Deus. **Por quê?** Como a providência divina podia ser explicada? O castigo divino tinha de ser declarado segundo seus atos. Em que eles falharam? **Cada um de vós corre.** A resposta é clara. Em buscar a sua própria sorte, exibiram considerável grau de zelo, correram para se dizer a verdade, na busca de seus interesses egoístas, ignorando os interesses do Senhor. Um contraste notável entre a minha casa e a sua própria casa.

**10. Retêm o seu orvalho.** O Senhor reteve o orvalho que substituíra a chuva durante os meses secos do verão, de modo que a terra não produzia. Assim Deus manifestou claramente que Ele era o administrador supremo do alimento de Israel.

**11. Fiz vir a seca.** Mais de uma vez na história de Israel Deus viu que havia necessidade de fazer a nação perceber sua total dependência dEle para todas as necessidades da vida. Repetidas vezes os mestres e profetas do V.T. enfatizaram que no caminho da obediência Israel encontraria o equilíbrio das forças da natureza para o seu benefício e recebimento de bênçãos. Deus advertira o povo de que se fosse desobediente, os próprios céus se tornariam como bronze (Dt. 28:23). A seca que ele enviou à terra e às montanhas afetou o *cereal*, o vinho, o azeite, todos os produtos da terra e todo o trabalho do homem e do gado. A fome sempre fora um flagelo terrível na mão de Deus. Veja II Rs. 8:1; Sl. 105:16; cons. Dt. 11:14; 18:4. A criação inferior sempre fica envolvida na sorte do homem (Rm. 8:19-21).

#### IV. Obediência da Nação. 1:12-15.

**12. Atenderam à voz do SENHOR.** Aqui se encontra a indicação de que houve uma cooperação sincera entre os líderes e o povo. A mensagem do profeta tivera o efeito pretendido. O povo prontamente avaliou a mensagem de Ageu, aceitando-a como a vontade de Deus expressa através do seu servo. **Seu Deus.** Duas vezes Deus foi assim chamado. Parece que há uma implicação aqui de que a nação agora se inclinou a uma conformação mais achegada com o relacionamento que



tinha com Deus na qualidade de Seu povo escolhido e participante da aliança.

**13. O enviado do SENHOR . . . a mensagem do SENHOR.** Com nova visão espiritual, o povo reconheceu Ageu como o porta-voz do senhor, investido de autoridade divina **Eu sou convosco.** A mensagem era curta, mas não poderia ser mais confortadora ou mais fortalecedora. No passado esta mensagem fora usada por Deus para incitar os homens a grandes realizações (como, por exemplo, em Êx. 3:12; Jr. 1:8) e continua sendo a mais tranqüilizadora de todas as promessas feitas aos servos do Senhor Jesus Cristo em todo o mundo (cons. Mt. 28:20). O retorno ao Senhor foi sincero; caso contrário esta forte palavra de tranqüilização não lhes teria sido dada.

**14. O Senhor despertou.** Todas as boas intenções e propósitos do povo de Deus emanam do Senhor. Ele é que dá energia aos homens para querer e fazer a Sua vontade (Fp. 2:13). Espírito. O uso triplo do termo indica que a batalha estava ganha ou perdida no reino espiritual, não em qualquer condição externa favorável ou desfavorável. **Eles vieram e se puseram ao trabalho.** O povo começou a trabalhar reunindo o material necessário para a estrutura; os fundamentos não foram, contudo, colocados até três meses mais tarde.

**15. Vigésimo quarto dia.** Ageu toma o cuidado de dar uma outra data precisa, tão importante é o assunto no qual tem colocado o seu coração. Houve um intervalo de vinte e três dias entre esta data e a que foi dada no versículo 1. Deus sempre toma nota de qualquer aspecto da obediência dos seus filhos.

## Ageu 2

I. Estimulo à Construção. 2:1-5.

**1. No sétimo mês, no vigésimo primeiro do mês.** A segunda mensagem do profeta está datada do sétimo dia da Festa dos Tabernáculos, a festa final da colheita no calendário hebreu (cons. Lv. 23:39-44). A festa ficava assinalada por muita alegria (como ainda

acontece hoje em dia) e os sacrifícios de ação de graça eram mais numerosos no último dia do que em qualquer outro dia do ano. Contudo, comas colheitas escassas e o humilde começo da construção do Templo, o contraste com as antigas condições devia ser especialmente doloroso. Havia, portanto, necessidade de estímulo (cons. Esdras 3:12, 13). Frequentemente Satanás faz seus mais fortes ataques aos homens logo após eles terem firmemente se resolvido a seguir a liderança do Senhor. O povo precisava de forte estímulo para resguardá-lo do desalento. No primeiro capítulo a necessidade era uma mensagem às consciências e vontades de um povo indiferente; aqui havia necessidade de uma palavra de conforto e estímulo para os corações da nação despertada.

**3. Quem há entre vós . . . ?** As palavras são dirigidas aos líderes civis e religiosos e ao remanescente que voltara. Deus comparava o Templo de Salomão com o que estava em construção. Através de Ageu perguntava aos líderes e ao povo quantos deles se lembravam da glória da primeira estrutura. Passado um período de setenta anos de exílio, provavelmente poucos eram os que tinham visto o primeiro Templo. **Como nada.** A conjuntura da pergunta do Senhor se encontra na narrativa de Esdras 3:8-13. O registro declara que na colocação dos alicerces do segundo Templo os sacerdotes acompanharam a cerimônia com o cânticos de salmos e tocar de trombetas. A geração mais jovem, sem meios de comparação neste caso, exultava por causa da realização. Mas os homens mais velhos que tinham conhecido o primeiro e glorioso Templo choravam abertamente por causa do notável contraste entre os dois santuários. Ageu dirigiu a sua pergunta a este último grupo. Do ponto de vista divino só havia uma única casa do Senhor em Jerusalém, quer edificada por Salomão, Zorobabel ou mais tarde por Herodes. Uma vez Deus se referira ao edifício de Salomão chamando-o de "esta casa em sua primeira glória". Os pensamentos divinos não são humanos, e os seus juízos são tomados com base no absoluto.

**4-2. Sê forte.** No exórdio dirigido ao príncipe, sacerdote e povo, o Senhor ordena a todos que sejam fortes. Deus, que primeiro estabeleceu

um contraste notável entre as edificações, agora oferecia ao povo preparação espiritual para a execução de suas tarefas. Seu propósito em estabelecer a diferença não era o de desencorajá-los, mas antes de fazê-los perceber a magnitude de sua obra, sua incapacidade de realizá-la com suas próprias forças e a necessidade de confiar na suficiência dEle. O Senhor era a sua força. Novamente, a palavra encorajadora de que a presença do Senhor seria sua constante porção lhes foi apresentada.

**5. Segundo a palavra da aliança que fiz convosco.** Se havia uma nação da terra que devia estar certa da fidedignidade de Deus em relação às suas promessas, essa nação era Israel. Ela tinha feito uma aliança (lit., *cortado uma aliança*, falando com referência às vítimas que eram divididas pelo meio para ratificação de uma aliança; cons. Gn. 15:10) para estabelecer um relacionamento permanente com os filhos de Israel quando saíram do Egito. A aliança no Monte Sinai é o que se temem vista (cons. Ex. 19:5; especialmente 33:12-14). Considerando que Deus fora fiel a essa promessa através dos séculos passados da história de Israel, podia-se confiar nEle com toda certeza para manutenção de sua palavra empenhada aos contemporâneos de Ageu. **O meu Espírito habita no meio de vós.** Um sinal da veracidade da promessa era a presença do Espírito de Deus habitando entre eles. Deus não os abandonara, embora estivesse grandemente aborrecido com sua indiferença para com o Seu amor e Suas ordens. Eles nada tinham a temer.

## II. Promessa de Glória Futura. 2:6-9.

**6. Ainda uma vez, dentro em pouco.** A expressão crítica provavelmente significa que dentro de muito pouco tempo os acontecimentos mencionados se realizariam. **Farei abalar o céu.** Este versículo e os três seguintes são distintivamente messiânicos no pensamento (veja também Is. 61:1-3; Dn. 9:24-27; Zc. 9:9, 10). Aqui a mensagem do profeta mescla detalhes da primeira e segunda vindas de Cristo, como outras profecias do V.T. fazem com freqüência. A predição do abalo nos céus, na terra, no mar, certamente se refere a algo mais que

uma exibição fora do comum da onipotência de Deus no reino natural; toda a atmosfera da profecia leva o leitor para o período apocalíptico. Vemos aqui novamente Deus intervindo sensível e manifestamente nos negócios dos homens. Qual seria o relacionamento de idéias entre a declaração deste versículo e a do versículo 5? O profeta encorajou os judeus a prosseguirem na obra do Templo com toda a diligência, pois, conforme ele lhes assegurava, o seu Deus, o Senhor das nações, logo demonstraria o Seu grande poder em benefício de Israel. Ele sacudiria o universo material e derrubaria os reinos terrenos e finitos a fim de estabelecer um reino final e definitivo na terra, o reino do querido Filho de Deus.

**7. Farei abalar todas as nações.** Esta predição tem se referido à ascensão e sublevação dos impérios persas e grego. Ninguém pode negar racionalmente que esses governos foram abalados no passado. Mas a leitura cuidadosa das profecias da Escritura convencem o estudante sem preconceitos que essas ocorrências não passaram de passos preparatórios no processo através do qual Deus pretende desalojar os reinos deste mundo, para substituí-los pelo governo justo do Messias de Israel e Redentor do mundo (veja Hb. 12:26, 27; Ap. 11:15). **As coisas preciosas de todas as nações.** Os tradutores não têm concordado com a tradução das quatro palavras hebraicas desta porção do versículo. A LXX as traduz assim: *as coisas preferidas de todas as nações virão*. A ASV prefere esta tradução: *as coisas preciosas de todas as nações*, com a anotação à margem, *as coisas desejadas* (heb., *desejo*) *de todas as nações virão*. Outros sugeriram: *os gentios virão com suas coisas deliciosas*, ou *as possessões preciosas dos pagãos*. Que significado deve ser dado à passagem segundo essas traduções? A falta de esplendor e adornos externos no Templo de Zorobabel seriam mais que compensados pelos presentes preciosos que todos os povos trariam para tornar o Templo do Senhor em uma coisa bela e gloriosa. É claro que tal tributo ao Senhor será prestado como sincera homenagem. Faz jus a esta interpretação o uso do sujeito feminino singular e do verbo no plural.

É bom lembrar, contudo, que desde o começo a maioria dos intérpretes cristãos seguiram a tradição judia associando a passagem à vinda do Messias de Israel. Parece claro a esses intérpretes que o anseio que todas as nações têm em comum deve ser o seu anseio pelo Libertador, quer percebam ou não a natureza do seu desejo ou a identidade do seu verdadeiro cumprimento no Senhor Jesus Cristo. Mais ainda, no hebraico geralmente um nome abstrato substitui um concreto; assim a referência ao Messias não é automaticamente excluída com base nas considerações lingüísticas. O uso do verbo no plural não milita contra a interpretação messiânica, pois há exemplos nos quais o verbo concorda com o segundo dos dois nomes.

**Encherei de glória esta casa.** É interessante que toda a habitação terrena do Deus infinito encheu-se de glória (veja Êx. 40:35 com referência ao Tabernáculo Mosaico; I Rs. 8:10,11; II Cr. 5:13, 14 quanto ao Templo Salomônico). O Templo de Zorobabel tinha ainda de se encher com a glória da presença do Filho de Deus encarnado (João 1:14), não se mencionando a glória do Segundo Advento (Ml. 3:1). O Senhor prediz que as nações serão abaladas (não redimidas). Esse abalo foi o preparativo de Sua primeira vinda e se completará com o segundo aparecimento (Dn. 2:35, 44; Mt. 21:44). Concordantemente, Deus encherá a sua casa, o Templo do futuro, com glória sem precedentes.

**8. Minha é a prata.** Para que o remanescente não ficasse sobrecarregado com a preocupação sobre a falta dos preciosos metais para a restauração do Templo, o Senhor apontava para os seus inesgotáveis suprimentos. Tem-se calculado que no Templo de Salomão foram usados cerca de vinte milhões de dólares em ouro para revestimento do compartimento mais interno do santuário. Mas o que era isto em comparação com os suprimentos d'Aquele que tem tudo? (Sl. 50:12). Sim, mais do que isso, Deus o embelezará na vinda do Seu Filho. Os pobres exilados tinham pouco para enfeitar o Templo, mas Deus lhes assegurou que supriria a falta.

**9. A glória desta última casa.** O sentido é que a última glória da casa excederia de muito toda a glória antiga. É de vital importância que se perceba que nas Escrituras o Templo de Deus em Jerusalém é considerado como uma entidade, existindo sob diferentes formas em diferentes períodos da história. A presença de Cristo emprestaria uma glória ao segundo Templo que o primeiro Templo jamais conheceu. Tem-se defendido o ponto de vista que a última glória se refere à glória milenial do Templo visto em Ezequiel, capítulos 40 a 48. Considerando que há uma continuidade nos Templos das diferentes épocas, esta posição não pode ser excluída. Embora o Templo de Zorobabel fosse totalmente modificado por Herodes quando o reformou, o seu Templo continuou sendo considerado como o segundo Templo. É assim chamado por todas as autoridades judias. **E neste lugar darei a paz.** Cristo estabeleceu as bases para a paz espiritual de -Jerusalém (Cl. 1:20). Ele garante a paz do coração e da mente para os crentes agora (Rm. 5:1; Fp 4:7) Mas finalmente Ele proporcionará a paz mundial na pessoa do Príncipe da paz (Is. 9:6, 7). Mais do que suficiente, então, é esta resposta de Deus para a aparência pouco impressionante do versículo 3 Deus sempre reserva o melhor para o fim só os olhos da fé podem vê-lo.

### III. Puro e Impuro nas Questões Levíticas. 2:10-14.

**10. Ao vigésimo quarto dia do mês nono.** A quarta mensagem da profecia de Ageu foi dada dois meses depois da anterior. Foi no nono mês que as chuvas temporãs podiam ser esperadas para regarem as lavouras. Tendo já experimentado a escassez e o desapontamento no período anterior o povo devia estar especialmente preocupado com a produção para o ano seguinte. Durante seu anterior período de desobediência, foram castigados em assuntos temporais. Haveria uma mudança agora que tinham obedecido à ordem de Deus através de Ageu? O profeta responde agora a esta pergunta.

**11. Pergunta agora aos sacerdotes, a respeito da lei.** O povo devia buscar ajuda legal com os sacerdotes daquele tempo. Os sacerdotes

de Israel eram os mestres autorizados da Lei Mosaica (veja Dt. 17:8, 9). Eram comissionados por Deus a interpretar a Lei; os profetas eram enviados para aplicá-la (por exemplo, Ageu 2:13, 14). Nos versículos 11 a 13 o povo de Israel foi descrito, indiretamente, no seu estado de desobediência, condição que não devia se repetir.

**12. Se alguém leva carne santa.** Duas perguntas distintas foram feitas. A primeira é: Se um homem estivesse carregando carne santa (sacrificial) e tocasse em outro objeto, esse objeto ficaria santo ou separado para o Senhor por causa do contato com a carne? **Responderam os sacerdotes: Não.** A resposta no primeiro caso está na negativa (cons. Lv. 22:4-6; Nm. 19:11).

**13. Ficaré ela imunda?** A segunda pergunta era: Se um homem cerimonialmente impuro por causa de contato com um cadáver tocasse em um objeto, o objeto ficaria impuro por causa da impureza Cerimonial do homem? A resposta à segunda pergunta está na afirmativa. O princípio é que a pureza moral não pode ser transmitida, de acordo com os regulamentos mosaicos, mas a impureza moral pode ser transmitida. A impureza legal é transmitida e não a pureza legal ou levítica. Um homem não pode transmitir sua saúde a uma criança doente, mas uma criança doente pode transmitir sua doença a um homem.

**14. Assim é este povo.** Embora o povo estivesse negligenciando a obra do Templo, estivera oferecendo sacrifícios sobre um altar improvisado em Jerusalém (Esdras 3:3). Essas ofertas não eram agradáveis ao Senhor; por isso Deus tinha retido Suas bênçãos do povo, conforme se vê claramente no capítulo 1. **O que ali oferecem: tudo é imundo.** Exatamente como os israelitas impuros poluíam tudo o que tocavam, assim o povo em sua desobediência transmitia os resultados dessa desobediência a sua obra, que se comprovava sem proveito. Assim como carne sagrada não podia comunicar sua consagração a qualquer objeto, as ofertas que tinham o cuidado de apresentar sobre o altar de Deus não eram suficientes para garantir a bênção de Deus e a alegria da santidade. Todo o seu trabalho passado participava de sua impureza

espiritual. A conclusão é clara: não deviam retornar à sua desobediência anterior, mas deviam abandoná-la. Aqui Ageu está interpretando causa e efeito de um ângulo da Lei Mosaica, exatamente como antes a explicara (1:6, 9-11) do ponto de vista da sementeira e colheita. Os paralelos são claros entre "este povo", "esta nação" aqui e "Este povo" em 1: 2.

#### IV. Aplicação Destas Verdades. 2:15-19.

**15. Antes de pordes pedra sobre pedra.** O povo de Deus foi intimado a considerar suas difíceis circunstâncias durante o período em que fora interrompido o trabalho no Templo.

**16. Alguém vinha a um monte de vinte medidas.** Naqueles dias de escassez, quando um homem se aproximava de um monte de trigo do qual pensava obter vinte medidas, descobria que, após debulhado, só dava metade daquela porção. **Vinha ao lagar.** O lagar do qual se esperava que desse cinquenta medidas de vinho só dava vinte. As expectativas eram constantemente frustrantes, pois a prospera não de Deus não estava sobre elas.

**17. Eu vos feri.** Como nos dias do profeta Amós (cons. Amós 4:9), o Senhor feria os campos e as vinhas do Seu povo com crestamento, em resultado da seca excessiva, e com mofo, em consequência de umidade excessiva. O restante da obra de suas mãos era destruído pela saraiva. Toda a natureza era convocada contra eles. **E não houve entre vós quem voltasse para mim.** Esses sinais do desprazer divino deviam ser advertências bastante claras de castigos futuros, mas o povo era lento em perceber e não se voltava para Deus com arrependimento e confiança.

**18. Considerai . . . desde este dia em diante.** Este versículo expressa uma exortação dupla. Como os homens dedicam pouco de suas mentes e pensamentos ao relacionamento que mantém com o Senhor! . . . Antes do vigésimo quarto dia o povo ainda não tinha se entregado sem reservas à obra, como deveria ter feito. Queriam comparar condições antes e depois de sua obediência.



**19. Já não há somente no celeiro?** O povo podia facilmente verificar a veracidade ou falsidade das conclusões do profeta. Ao fazê-lo teriam descoberto há muito que não havia mais sementes no celeiro, e que as videiras e árvores já não produziam mais frutos. **Mas desde este dia vos abençoarei.** Mas agora, permanecendo obedientes, Israel acharia tudo diferente. O profeta não falava como um técnico agrícola inteligente, prevendo boas colheitas, mas como o profeta de Deus anunciando a bênção da fé, a prosperidade da confiança. O Deus que podia reter bênçãos também podia concedê-las ao povo fiel.

V. As Futuras Bênçãos de Deus para Zorobabel. 2 : 20-23.

**20. Aos vinte e quatro do mês.** No mesmo dia em que transmitiu sua mensagem anterior (v. 10), Ageu transmitiu também seu último pronunciamento, uma palavra de encorajamento pessoal a Zorobabel, o líder civil.

**21. Fala a Zorobabel.** É possível que Zorobabel, na qualidade de governador e líder civil, tivesse dificuldade em entender as predições anteriores (vs. 6, 7) referentes às revoluções entre os poderes e feitos mundiais. Talvez ele se preocupasse sobre como esses procedimentos divinos afetariam o povo cujo chefe ele era. **Farei abalar o céu e a terra.** Prontamente se verá e reconhecerá que a mensagem pessoal a Zorobabel funde-se com o pronunciamento profético referente aos futuros juízos de Deus sobre as nações.

**22. Derrubarei o trono dos reinos.** Alguns intérpretes têm colocado esta passagem no período da revolta das nações súditas contra o Império Persa. Isto aconteceu quando Dario Histaspis subiu ao trono em 521 A.C. Mas a profecia de Ageu considera o futuro ; não se refere a algum acontecimento histórico conhecido de todos. Mais ainda, há um significado no uso do singular "trono". É melhor que se veja aqui, de acordo com hábeis expositores, uma referência à derrota final deste sistema mundial dominado por Satanás, quando o Rei da justiça, o Senhor Jesus Cristo, retornar para absorver os governos (cons. Ap.

11:15). **O carro.** As nações, naquele tempo como agora, ainda dependerão de forças e armas materiais para alcançarem seus objetivos carnaís, mas o Senhor destruirá totalmente seu poder e demonstração de força. **Pela espada do outro.** A destruição começada pelo Senhor terá um fim através da insanidade da luta civil (veja também Ez. 38:21; Zc. 14:13). Esses acontecimentos terão lugar nos dias da Guerra do Armagedom. Sem muito esforço de imaginação os acontecimentos deste versículo podem ser torcidos para se encaixarem em algum conflito ou movimento político de impérios outrora grandes.

**23. Naquele dia, diz o SENHOR dos exércitos, tomar-te-ei.** A nota pessoal é inconfundível. Zorobabel não se destinava ao juízo, mas para uma missão específica. Deus trilha reservado honras especiais para este servo Seu. A promessa realmente se refere ao ofício que Zorobabel exercia como governador em Judá; não pode se referir ao período de vida do próprio Zorobabel. No seu tempo os acontecimentos preditos não transpiravam. O significado é que o descendente messiânico viria através de Zorobabel, da linha de Davi, tal como se fosse através do próprio Davi. O trono garantido a Davi está aqui comparado com as dinastias vacilantes do mundo. Zorobabel se encontra em ambas as genealogias do Messias (Mt. 1:12; Lc. 3:27). Os expositores judeus relacionavam esta passagem de Ageu com o Messias. Em Zorobabel como tipo está prefigurada, portanto, a pessoa do antítipo, o Messias. Ambos eram descendentes de Davi; por isso a mistura nesta profecia.

**Como um anel de selar.** O selo era um objeto de valor e cuidado no Oriente. Era sinal de honra e autoridade (veja Cantares 8:6; Jr. 22:24). Antigamente, quando o anel de selar era usado para assinatura de cartas e documentos, representava o seu possuidor, que sempre o usava (cons. Gn. 38:18; Jr. 22:24). Era uma propriedade de sua estima. Aqui o selo prefigurava o Cristo precioso. **Porque te escolhi.** Como outras pessoas ilustres do V.T. tomaram o seu lugar na linhagem da sucessão messiânica pela seleção soberana de Deus, assim Zorobabel foi honrado

---

tomando lugar nesse grupo de homens que apontavam para o Escolhido de Deus, o Senhor Cristo.

# ZACARIAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	

## INTRODUÇÃO

**Data e Autoria.** Zacarias, um contemporâneo de Ageu, começou o seu ministério profético em 520 A.C. A data mais antiga indicada no livro (7:1) é 518 A.C. , o quarto ano de Dario Histaspes. O nome "Zacarias" era comum no Velho Testamento, sendo usado por vinte e nove pessoas. Significa o Senhor se lembra. Mestres "liberais", observando certas diferenças de estilo e tema, acham que os capítulos de 9 a 14 não foram escritos pelo autor dos capítulos 1 a 8. Contudo, os capítulos de 9 a 14 parecem ter sido escritos mais tarde, e a isto se deve naturalmente a mudança de estilo. A diferença de tema nasce do fato de que na última parte do livro o profeta foi comissionado a revelar acontecimentos apocalípticos relacionados com a vinda do Messias e seu reino terrestre. Todas as evidências internas apontam para um só autor e não para uma autoria múltipla.

**Antecedentes Históricos.** Ciro, o rei persa, assinou um decreto (em cerca de 538 A.C.) dizendo que todos aqueles que desejassem retornar a Jerusalém para reconstrução do Templo tinham permissão de fazê-lo (II Cr. 36:22, 23; Esdras 1:1-4). Cerca de 50.000 exilados aproveitaram-se desta política de demência. Com nobres propósitos determinaram restabelecerem-se na terra e restaurarem o Templo. No segundo mês de 536 A.C. lançaram os alicerces (Esdras 3:11-13). Logo no começo do trabalho, os samaritanos, não recebendo licença de participarem na

reconstrução, opuseram-se ao projeto (Esdras 4:5). Por quase quatorze anos a obra ficou paralisada.

Quando Dario Histaspes subiu ao trono persa em 521 A.C., Ageu e Azarias, supondo que os decretos dos monarcas anteriores não estivessem em vigor, estimularam seus compatriotas a retornarem a tarefa. Zorobabel e Josué, o governador e o sumo sacerdote respectivamente, orientaram a reconstrução. Uma investigação feita por Tatenai, governador persa do território ocidental do Eufrates, interrompeu a obra novamente, mas Daria confirmou o decreto original de Ciro. Infelizmente, a esta altura houve uma mudança de atitude do povo judeu. Achavam que impedimentos na reconstrução indicavam que Deus não estava empenhado na obra. Ageu e Zacarias tentaram despertar a nação da sua indiferença. O povo reagiu, e a construção foi terminada em 516 A.C., o sexto ano do reinado de Dario. A data cronológica desta profecia cai dentro do período da construção do Templo. Embora Zacarias comece com o tema da restauração do santuário, ele se refere a muitas fases da vida espiritual da nação, e trata com notável amplidão dos acontecimentos proféticos que preparam o caminho para a volta e o reinado do Messias.

## **ESBOÇO**

I. Introdução : Chamado ao arrependimento. 1:1-6.

II. As visões noturnas de Zacarias. 1:7 – 6:15.

A. A visão dos cavalos e cavaleiros. 1:7-17.

B. Visão dos chifres e dos ferreiros. 1:18-21

C. Visão do topógrafo. 2:1-13.

D. Visão de Josué, o sumo-sacerdote. 3:1-10.

E. Visão do candelabro de ouro. 4:1-14.

F. Visão do rolo volante. 5:14.

G. Visão da mulher na efa. 5:5-11.

H. Visão dos carros. 6:1-8.

I. A coroação de Josué. 6:9-15.

## III. Perguntas referentes ao jejum. 7:1 – 8:23.

A. As perguntas. 7:1-3.

B. A ação da história. 7:4-14.

C. O propósito de Deus em abençoar Israel. 8:1-23.

## IV. O futuro das nações, Israel e o reino do Messias. 9:1 – 14:21.

A. A primeira sentença. 9:1 – 11:17.

1. As vitórias de Alexandre, o Grande. 9:1-8.

2. O reinado de paz do Messias. 9:9, 10.

3. As vitórias dos Macabeus. 9:11-17.

4. Bênçãos através do reinado do Messias. 10:1-12.

5. A rejeição do Bom Pastor. 11:1-17.

B. A segunda sentença, 12:1 – 14:21.

1. Os poderes mundiais contra Jerusalém. 12:1-14.

2. A terra e o povo purificado. 13:1-6.

3. O Pastor ferido e o remanescente. 13:7-9.

4. O visível retorno do Messias à terra. 14:1-5.

5. O santo reino do Messias. 14:6-21.

## COMENTÁRIO

### Zacarias 1

I. Introdução: Chamado ao Arrependimento. 1:1-6.

**1. O segundo ano de Dario.** Datar uma profecia segundo o reinado de um monarca gentio evidencia que o tempo dos gentios, que começou com Nabucodonosor, já estava em andamento (cons. Lc. 21:24).

**2. O SENHOR se irou em extremo.** Em linguagem enfática o profeta declara o aborrecimento divino com os pais de seus patrícios. Foi mais que a negligência deles em construir o Templo que o aborreceu; foi a sua visão espiritual de modo geral. Voltar do exílio não bastava para agradar ao Senhor; eles precisavam fazê-lo de coração.

**3. Eu me tornarei para vós outros.** Seu arrependimento encontraria Deus pronto e desejoso de recebê-los e abençoá-los.

**4. Não sejais como vossos pais.** O mau exemplo é tão infeccioso que Zacarias precisou advertir seus correligionários a não imitarem o modo de vida de seus predecessores. Estes trilham fracassado em atender às mensagens autênticas dos profetas de Deus e conseqüentemente tinham feito uma colheita de miséria e sofrimento no cativeiro babilônico.

**5. Vossos pais, onde estão eles?** Pais e profetas, todos tinham partido. O homem é uma planta que murcha, mas há uma força permanente no universo (Is. 40:6-8).

**6. Não alcançaram a vossos pais?** O homem é mortal, mas as palavras e os estatutos de Deus são imortais. Embora a geração anterior já tivesse partido, os acontecimentos subseqüentes revelaram a verdade da mensagem de Deus nos juízos que sobrevieram a Israel por causa da desobediência. **Assim ele nos fez.** Deus cumpriu todas as predições ao pé da letra. Os contemporâneos de Zacarias deviam aprender das lições da história e decidir a obedecer a Deus implicitamente.

## II. As Visões Noturnas de Zacarias. 1:7 – 6:15.

### A. Visão de Cavalos e Cavaleiros. 1:7-17.

**7. Aos vinte e quatro dias do mês undécimo.** Todas as oito visões noturnas foram concedidas ao profeta em uma só noite, três meses depois da primeira mensagem. Formam uma unidade que tem a sua chave na primeira visão.

**8. Um homem montado num cavalo vermelho.** Nos versículos 11 e 12 o homem sobre o cavalo vermelho é chamado de "anjo do Senhor". O Anjo do Senhor através de todo o V.T. é considerado o próprio Deus (veja Gn. 16:7-13; Êx. 3:2-6; Juízes 13:9-18, 22; e outros). O Talmude babilônico interpreta assim : "Este homem não é outro que o Santo, bendito seja"; pois foi dito, "O Senhor é um homem de guerra". **Cavalos vermelhos, baios e brancos.** Já houve quem dissesse que as cores dos cavalos representam as diversas missões dos cavalos com os seus cavaleiros. De acordo com este ponto de vista, o vermelho significa

guerra, e, neste exemplo, juízo para os inimigos de Israel (cons. Ap. 6:4). O fato do Anjo do Senhor estar cavalgando este animal revela qual o propósito de Deus para aquela hora. O bafo indica uma mistura das outras cores. O branco indica vitória (cons. Ap. 6:2). As murteiras representam Israel.

**9. O anjo que falava comigo.** Este anjo é o mediador ou anjo intérprete, comissionado para explicar as visões ao profeta (cons. Ap. 1:1; 22:16). Ele não apresenta as visões, mas esclarece o seu significado a Zacarias.

**10. O SENHOR tem enviado para percorrerem a terra.** Os cavalos que simbolizam atividade divina entre as nações da terra, foram enviados em uma missão de reconhecimento. Deus está sempre interessado nos negócios da terra, especialmente quando se relacionam com a sorte de Israel, Seu povo terrestre.

**11. Eis que toda a terra está agora repousada e tranqüila.** O relatório dos cavaleiros foi fora do comum; disseram que a terra estava em paz. Na realidade, os primeiros anos do reinado de Dario foram tempestuosos, marcados por repetidas rebeliões através de todo o seu domínio; mas nesse ano tudo estava em paz novamente. Mas Deus antevira que as nações seriam abaladas (Ageu 2:21, 22). Por que essa disparidade e como podia ser explicada?

**12. Até quando não terás compaixão?** O contraste entre as nações tranqüilas e o povo de Deus tiranizado era doloroso; por isso o Anjo de Deus intercedeu por eles. Ele orou pedindo que a misericórdia fosse estendida a eles após seu longo período de castigo sob a disciplinadora mão de Deus. **Setenta anos.** O período tem sido diversamente computado. Um cálculo estabelece as datas finais em 606 A.C. (cons. II Reis 24:1) e 538 A.C., o ano do decreto de Ciro para a reconstrução (cons. Jr. 25:11; 29:10). Neste caso setenta anos seriam obtidos ou contando ambos os anos finais, que é uma prática antiga, ou considerando setenta como um número redondo. Aqui os setenta anos



parecem referir-se ao período de 586 a 516, quando o Templo ("minha casa", v. 16) se encontrava em ruínas.

**13. Palavras boas, palavras consoladoras.** De acordo com sua necessidade Deus lhes respondia com palavras que previam coisas boas e davam conforto. O restante da primeira visão mostra o que eram essas palavras consoladoras. O conforto consistia na certeza que o Senhor dava de 1) que tinha ciúmes contínuos por Israel; 2) que estava grandemente aborrecido com as nações; 3) que retornariam a Jerusalém pela misericórdia; 4) que o Templo seria reconstruído; 5) que a cidade arruinada seria restaurada; 6) que as cidades da terra prosperariam; 7) que Sião seria consolado; e 8) que Jerusalém seria escolhida.

**14. Estou zelando por Jerusalém.** Em confortador para Israel saber que Deus anda se preocupava grandemente e zelava pelo seu bem-estar.

**15. Estou irado contra as nações.** Este é o inverso do conceito do amor zeloso de Deus por Israel. Mas pela própria natureza do caso Ele devia se opor inalteravelmente a tudo o que buscasse prejudicar o Seu povo. **Confiantes.** O fato das nações estarem desfrutando de paz não significava que Deus as estava abençoando. **Elas agravaram o mal.** É verdade que Deus comissionou as nações para castigar Israel, mas elas assumiram e executaram a tarefa por si mesmas e não por causa dEle. Seus propósitos malignos dominavam suas ações. Elas não pensavam na glória de Deus; assim elas se sentiam despreocupadas e insensivelmente confiantes.

**16. Voltei-me para Jerusalém com misericórdia.** Agora os propósitos divinos em relação a Israel referiam-se à sua restauração, bênçãos e engrandecimento. A minha casa nela será edificada. O sinal do favor divino restituído a Jerusalém era a reconstrução do Templo. O Templo já estava sendo reconstruído, mas não ficou pronto até o sexto ano de Dario (Esdras 6:15). **O cordel será estendido.** Antes de uma cidade ser destinada à destruição, estendia-se um cordel sobre ela, como para delimitar e definir a área da destruição (cons. II Reis 21:13). Agora

uma linha devia ser estendida sobre a cidade de Jerusalém em preparação para a reconstrução (cons. Jó 38:5). Uma completa inversão de condições é o que se indica aqui.

**17. Ainda se transbordarão.** As cidades de Judá veriam uma notável prosperidade. Josefo, o historiador judeu do primeiro século d.C., declarou que a população do país aumentou grandemente no tempo dos Macabeus (século segundo A. C.). **O SENHOR ainda consolará a Sião.** As fortes consolações de Deus para o Seu povo revelariam aos seus corações compreensivos a imutabilidade da escolha que fizera deles para si mesmo. Ninguém pode negar que essas predições se cumpriram naqueles dias do século sexto A.C. , mas o campo de ação mais amplo das Escrituras mostra que elas se cumprirão mais detalhadamente nos dias messiânicos.

B. Visão dos Chifres e dos Ferreiros. 1:18-21.

**18. Eis quatro chifres.** No cânon hebraico a segunda visão começa o segundo capítulo do livro. As versões inglesas seguem a LXX e a Vulgata. Nenhum dos arranjos afeta o sentido da passagem.. Na Bíblia o chifre é uma figura bem conhecida de poder; animais com chifres manifestam sua força através deles (cons. Mq. 4:13; Dn. 8:3, 4). Intérpretes não concordam quanto ao significado dos quatro chifres. Já se disse que eles representam: os quatro cantos da terra; os inimigos de Israel de cada lado; inimigos específicos nas fronteiras da Terra Prometida; todos os adversários de Israel até o reino do Messias. Aceitando o amplo testemunho das Escrituras, especialmente à vista das figuras de Daniel e do Apocalipse, um grande número de expositores relacionam os chifres com os quatro poderes mundiais de Daniel 2, 7 e 8, a saber, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Provavelmente este é o ponto de vista melhor consubstanciado. Não se pode negar que no tempo de Zacarias o terceiro e quarto reinos ainda não existiam, mas sabe-se que a preferia reúne em um amplo panorama os elementos componentes do plano profético. Compare Is. 61:1-3; Dn. 9:24-27; Zc. 9:9, 10.

**20. Quatro ferreiros.** A palavra usada no original é empregada em relação a qualquer trabalhador especializado em madeira, metal ou pedra.

**21. Vieram para os amedrontar.** Os artesãos vieram com o propósito de amedrontar e aterrorizar os corações das nações que não tiveram misericórdia de Israel, deixando-a prostrada e esmagada. Para cada inimigo de Israel Deus tinha um instrumento de juízo correspondente para execução do castigo.

## **Zacarias 2**

C. Visão do Topógrafo. 2:1-13.

**1. Um homem que tinha na mão um cordel de medir.** Da analogia das outras visões deduz-se que este era provavelmente um anjo em forma humana. Não é o Anjo do Senhor, pois foi designado mais precisamente do que este costuma ser apresentado, e com mais detalhes (cons. Ez. 40:3; Ap. 11:1,2).

**2. Para onde vais tu?** A pergunta do profeta lhe garante a informação de que o homem com a linha de medir pretende medir a cidade de Jerusalém para determinar suas dimensões exatas. Isto não significa que a cidade de Jerusalém estava completamente restaurada naquela ocasião. Estava sendo inspecionada tendo em vista o término da obra.

**3. Outro anjo lhe saiu ao encontro.** A fim de Zacarias transmitir a pretendida mensagem aos seus contemporâneos, o anjo intérprete vai receber a mensagem de outro anjo dele gado para tal propósito.

**4. Como as aldeias sem muros.** O jovem profeta é informado de que Jerusalém será ampliada de tal maneira que se expandirá além de seus limites. Por causa da multiplicação dos homens e do gado dentro dela, será habitada como aldeias sem muros. Jerusalém experimentaria uma explosão demográfica sem paralelos em sua história. Quanto ao habitar-se seguramente sem muros, veja I Sm. 6:18; Ester 9:19; Ez. 38;

39. Este aumento de população não se seguiu ao retorno do exílio; relaciona-se a um dia distante indicado no versículo seguinte.

**5. Um muro de fogo.** Muros tangíveis não se encontrariam em Jerusalém, mas o Senhor mesmo seria um muro de fogo impenetrável para sua proteção. **No meio dela, a sua glória.** Mas proteção é apenas parte das necessidades de Israel. O retorno da glória do Shequiná está prometido aqui. A necessidade espiritual da nação será suprida com o retorno daquela glória que Ezequiel viu partindo da cidade. Esta profecia aguarda cumprimento no dia milenial (Ez. 11:23; cons. Hc. 2:14).

**6. Fugi agora da terra do norte.** Alguns dos judeus exilados, por causa de suas condições físicas devidas à idade e outros motivos, tinham preferido permanecer na Babilônia. O Senhor agora os exortava com insistência a que fugissem da cidade condenada. A calamidade cairia novamente sobre a perversa cidade depois de suas fúteis tentativas de se revoltar no reino de Dario. **Como os quatro ventos do céu.** Foram esparsos não pelos quatro cantos da terra, mas com grande intensidade, como se fosse pelos quatro ventos.

**8. Para obter ele a glória, enviou-me.** A glória dificilmente se refere ao tempo da glória do versículo 5, pois nesse caso mais detalhes seriam dados, como em outras referências desse período de bênçãos. Além disso, Deus punirá os inimigos de Israel depois de vir habitar em Jerusalém, não antes desse tempo. Antes, o versículo significa que Deus enviará o Messias para vindicar a Sua glória junto às nações que oprimiram Israel. **Menina do seu olho.** A menina do olho é a parte mais delicada, mais facilmente magoada, insubstituível e cuidadosamente protegida. Assim Israel é diante de Deus.

**9. Agitarei a minha mão contra eles.** Com este gesto ameaçador (cons. Is. 11:15) Deus inverterá a condição de Israel, para que seus senhores se transformem em seus servos.

**10. Eis que venho, e habitarei no meio de ti.** A alegria de Sião será completa com a volta do seu Messias em aparecimento visível (cons. 9:9; Ml. 3:1).

**11. Muitas nações se ajuntado ao SENHOR.** Na hora do seu poder e glória, o Messias atrairá para si muitas nações. **Habitarei no meio de ti.** Pela terceira vez neste capítulo o profeta declara que o Messias habitará no meio do Seu povo (cons. 8:20-23).

**12. O SENHOR herdará a Judá.** O fato de muitas nações serem abençoadas em Cristo, o Senhor, não prejudicará a glória de Israel. Israel continuará sendo a herança do Senhor, e a Cidade Santa continuará sendo o lugar de sua habitação.

**13. Ele se levantou da sua santa morada.** Quando o Senhor silencia nos negócios humanos, é como se estivesse dormindo. Na sua intervenção, ele é comparado a um homem que desperta para agir, ou a um leão que sai de sua toca.

### Zacarias 3

D. Visão de Josué, o Sumo Sacerdote. 3:1-10.

**1. Josué, o qual estava diante do anjo do SENHOR.** As visões anteriores destacaram as bênçãos de Israel. Mas essas promessas dependem de obediência e purificação da nação. A quarta visão revela que o ofício sacerdotal de Israel tinha de ser reinstalado em favor de Deus. Um sacerdócio contaminado tinha provocado a desgraça de Israel; necessitava de purificação (cons. Ez. 22:26). Zacarias viu Josué, o sumo sacerdote, em sua capacidade oficial e representativa, diante do Anjo do Senhor na execução de seu ministério sacerdotal. Subitamente viu-se objeto das acusações de Satanás. Se ele fosse rejeitado, a nação também seria rejeitada; se ele fosse restaurado, a nação seria aceita. **Satanás estava à mão direita dele.** Satanás apareceu a fim de apresentar a sua condenação (cons. Sl. 109:31).

**2. O SENHOR que escolheu Jerusalém.** O Messias pediu ao Pai que repreendesse Satanás, não porque Israel fosse justa, não porque Satanás tivesse exagerado suas reivindicações, não porque a nação já tivesse sofrido no fogo do exílio, mas porque Deus tinha feito uma escolha eterna e imutável de Israel por causa do amor que sentia por ela

(cons. Rm. 9:16; 11:5). **Um tição tirado do fogo.** A figura se refere a Israel porque, embora ela estivesse sob o castigo da mão de Deus, Ele ainda tinha para ela propósitos futuros de abençoar o mundo por seu intermédio.

**3. Josué, trajado de vestes sujas.** O sacerdócio estava manchado pelo pecado. Que coisa incongruente que o sacerdote tentasse ficar diante do santo Anjo do Senhor.

**4. Tirai-lhe as vestes sujas.** Josué não tinha capacidade para remediar a condição; nada podia fazer para se purificar. A remoção das vestes poluídas simbolizava o perdão, a aceitação e a reinstalação do ofício sacerdotal.

**5. Ponham-lhe um turbante limpo sobre a cabeça.** Esta ordem do Anjo do Senhor envolve a purificação e revestimento total do sacerdócio (cons. Êx. 28:36-38).

**7. Se andares nos meus caminhos.** A exigência básica para os servos de Deus é ter cuidado na questão da piedade pessoal. **Observares os meus preceitos.** Isto se relaciona com a execução fiel de obrigações oficiais. **Tu julgarás a minha casa.** Os sacerdotes eram solicitados para fazerem o pronunciamento sobre o puro e o impuro (Lv. 10:10). **Guardarás os meus átrios.** Os átrios do Senhor precisavam ser guardados para que não fossem contaminados. **E te darei livre acesso entre estes que aqui se encontram.** A maior de todas as bênçãos seria a certeza do acesso (lit, *trilhas* ou *caminhos*) aos anjos do céu. A comunhão imediata com o Senhor é o que está indicado.

**8. São homens de presságio.** Literalmente, *são homens que são um sinal*, homens típicos, que apontam para outros. **O meu servo, o Renovo.** Está claro que o antítipo é o Messias de Israel. Ambos, Servo e Renovo, são designações que o V. T. dá ao Messias. Veja Is. 42:1; 52:13; Ez. 34:23, 24; Is. 4:2; Jr. 23:5. A humanidade e humildade do Messias estão enfatizadas.

**9. A pedra.** Este é um terceiro nome para o Messias (cons. Sl. 118:22; Mt. 21:42; I Pedro 2:6). **Eu lavrarei a sua escultura.** A alusão é

a todas as graças, belezas e dons do Messias, que o tornavam capacitado para a Sua grande obra. **Tirarei a iniquidade desta terra num só dia.** Aqui está o clímax da visão e o propósito do símbolo. A iniquidade de Israel devia ser removida de uma vez por todas através da obra do Messias. Tal como Josué e seus companheiros foram purificados, e a nação com eles, assim o Messias realizará tudo isto para o Seu povo no futuro.

**10. Debaixo da vide e . . . debaixo da figueira.** Repetidas vezes no V.T., quando Israel tem o relacionamento espiritual devido com o Senhor, a prosperidade material lhe é garantida (cons. Mq. 4:4 com I Reis 4:25).

## **Zacarias 4**

E. A Visão do Candelabro de Ouro. 4:1-14.

**1. Tornou o anjo que falava comigo.** Exatamente como a visão do capítulo 3 destinava-se ao encorajamento de Josué, a visão deste capítulo destina-se ao fortalecimento de Zorobabel. O líder civil foi impedido repetidas vezes em seus esforços de construir o Templo.

**2. Um candelabro todo de ouro.** O profeta estava familiarizado com o candelabro do Tabernáculo de Moisés (cons. Êx. 25:31-40) e com o do Templo de Salomão, mas este candelabro de ouro diferia daqueles em quatro detalhes – o vaso, os tubos, as oliveiras e os bicos de ouro. O candelabro tinha sete lâmpadas e sete tubos, dando a idéia de um suprimento de azeite abundante e ilimitado.

**6. Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.** A revelação de Deus a Zorobabel era que todo o seu trabalho feito para Deus não dependia de força, poder ou perícia humanos, mas do Espírito de Deus para que desse frutos. Através desta passagem fica-se sabendo que o azeite nas Escrituras é um símbolo do Espírito Santo.

**7. Diante de Zorobabel serás uma campina.** Qualquer obstáculo montanhoso no caminho de Zorobabel nada seria diante do poder do

Espírito de Deus. **A pedra de remate.** O líder civil veria a conclusão da estrutura que tinha começado. **Graça e graça para ela.** O povo de Deus invocaria a graça e o favor divinos sobre o santuário pronto.

**9. As mãos . . . elas mesmas a acabarão.** A fim de que Zorobabel tivesse conforto seguro e inconfundível para a tarefa, a promessa do versículo 7 foi reiterado.

**10. O dia dos humildes começos.** De Esdras 3:12, 13 e Ageu 2:3 sabe-se que em Israel muitos faziam comparações desfavoráveis entre o glorioso Templo de Salomão e a estrutura então em construção. O templo de sua reconstrução foi aqui chamado de dia das coisas humildes. **Os olhos do SENHOR.** Os olhos dos homens poderiam olhar com desdém para o trabalho a ser feito, mas os olhos do Senhor viam com satisfação a atividade da construção de Zorobabel. Ainda mais, o cuidado providencial de Deus, que abrange toda a terra, estava empenhado na conclusão do Templo (cons. II Cr. 16:9).

**14. São os dois ungidos.** As duas oliveiras de cada lado do candelabro representavam os ungidos (lit., *filhos do óleo*) que eram os canais através dos quais a graça de Deus era então mediada ao Seu povo. Os indivíduos sob consideração eram Josué e Zorobabel, os agentes religiosos e civis de Deus. Finalmente, aquele através de quem todas as bênçãos religiosas ou espirituais e civis são transmitidas é o Senhor Jesus Cristo.

## Zacarias 5

F. A Visão do Rolo Volante. 5:1-4.

**1. Um rolo volante.** Um rolo, nas Escrituras, é o veículo da transmissão de declaração de sentença (cons. Ez. 2:9, 10; Ap. 5:1 e 10:2 no contexto). Antes de Israel se tornar a luz do mundo (capítulo 4), ela trilha de ser julgada individualmente e nacionalmente pelo pecado.

**2. De comprido.** O rolo devia estar desenrolado para que as suas dimensões e conteúdo fossem visíveis. O fato de estar voando indica que sua revelação logo se faria realizar sobre os ímpios.



**3. Esta é a maldição que sai pela face de toda a terra.** A aliança mosaica incluía uma maldição para o transgressor (Dt. 27:15-26; 28:15-68). Esta maldição ameaçava e pairava sobre a terra e o povo de Israel, aos quais a Lei fora dada (cons. Êx. 20:1,2). **Furtar.** O furto era violação do mandamento central da segunda tábua da lei; jurar falsamente pelo nome de Deus era transgressão ao mandamento central da primeira tábua. Os homens que transgrediam esses mandamentos eram falsos para com Deus e o homem. Esses dois mandamentos são usados representativamente para toda a lei de Moisés.

**4. E a consumia.** A maldição não se desviará; encontrará o culpado e o extirpará, raízes e ramos.

G. Visão da Mulher no Efa. 5:5-11.

**6. Um efa.** O efa era a medida maior em uso pelos judeus. Foi empregada aqui simbolizando o aparecimento do mal na terra; conforme os grãos são reunidos em uma medida, assim os ímpios da terra serão reunidos para disposição final.

**7. Eis que foi levantada a tampa de chumbo.** Isto foi feito a fim de permitir ao profeta a visão do conteúdo do efa. **Uma mulher.** Em Pv. 2:16 e 5:3, 4, a iniquidade foi comparada à uma mulher. O feminino é usado em hebraico para transmitir idéias abstratas. No N.T., a perversidade é encabeçada pelo "homem do pecado" (II Ts. 2:3).

**8. Pôs o peso de chumbo.** Evidentemente isto foi feito para impedir que a mulher fugisse do lugar de seu confinamento.

**9. Saíram duas mulheres.** Elas fazem parte da imagem retórica; são duas por causa do peso que tinham de carregar entre elas.

**11. Na terra de Sinear.** A referência é à Babilônia (cons. Gn. 10:10, 11; 11:2; Is. 11:11). Era a região onde os homens pela primeira vez se uniram para se rebelarem generalizadamente contra Deus. Nas Escrituras ela representa confusão em questões espirituais, idolatria, impureza moral (cons. Ap. 17:3-5). A Babilônia culmina em tudo o que

se opõe a Deus e à Sua justiça na terra. A impiedade de toda sorte, inclusive a de Israel, encontrará o seu lugar ali.

## Zacarias 6

H.A Visão das Carruagens. 6:1-8.

**1. Eis que quatro carros saíam.** A visão dos carros completa a série vista por Zacarias em uma só noite. Conclui a idéia do que foi apresentado na primeira visão. Os carros evidentemente punham em ação o juízo decretado pelo Senhor. Considerando que os carros eram empregados na guerra, o propósito deles na visão está claro. O número quatro não se refere aos quatro poderes mundiais de Daniel, pois as quatro observações geográficas nesta passagem não se aplicam às monarquias de Daniel 2 e 7. Antes, representam os agentes divinos através dos quais ele está para derramar o juízo sobre os adversários de Israel. **Dentre dois montes.** O original emprega o artigo definido, os dois montes; isto é, o Monte Moriá e o Monte das Oliveiras. Os carros corriam pelo Vale de Josafá.

**2. Cavalos . . . vermelhos.** Representam a guerra. **Cavalos . . . pretos.** Calamidade é provavelmente o que se pretende indicar.

**3. Brancos.** Vitória e alegria estão simbolizadas por esta cor. **Baios.** Possivelmente pragas e pestes estão indicadas por esta cor.

**5. Que saem donde estavam perante o SENHOR.** Cada agente saía para realizar a vontade de Deus relativamente ao seu objetivo particular.

**8. Fazem repousar o meu Espírito na terra do norte.** A ira de Deus foi aquietada na terra do norte, ou Babilônia. (Embora não fosse realmente ao norte de Israel, a Babilônia era alcançada viajando-se em direção norte.) O remanescente fora libertado do governo babilônico através do juízo de Deus pela instrumentalidade de Ciro. Mas, embora a Babilônia fosse subjugada por Ciro, revoltou-se no quinto ano de Dado, que a devastou e despovoou sumariamente,

---

I. A Coroação de Josué. 6:9-15.

**10. De Heldai, de Tobias e de Jedaías.** Como uma espécie de pós-escrito às visões noturnas, o profeta conclui com um ato simbólico. Três homens vieram como uma delegação da Babilônia à casa de Josias, o filho de Sofonias, com um presente dos exilados para a construção do Templo que ora se processava. **No mesmo dia.** Este é o dia de 1:7; naquela noite o profeta recebeu a série de visões.

**11. Coroas.** O original indica *uma* coroa esplêndida feita de diversas argolas, pois destinava-se apenas para a cabeça de Josué. Como no capítulo 3 ele é um tipo do Messias, tanto no seu nome como no seu ofício. O sacerdócio levítico estipulava que não houvesse coroação do sumo sacerdote. Uma coroa não faz parte do seu ministério ou ofício. Uma mitra pertencia ao ofício sacerdotal, uma coroa ao ofício real.

**12. Cujo nome é Renovo.** A figura do Messias em 6:12, 13 tem sido aclamada como a mais inclusiva do V.T. A idéia contida em **Renovo** é a de humildade e simplicidade. **Do seu lugar.** Ele se originará quanto à sua humanidade, de sua terra natal; ele não será de origem estrangeira. **O templo do SENHOR.** Este não é o Templo restaurado daquele tempo, pois Zorobabel recebeu a promessa de completá-lo (cons. cap. 4). É o Templo Milenial de Ezequiel 40 a 48.

**13. Será sacerdote no seu trono.** À verdadeira maneira de Melquisedeque (cons. Hb. 5:10). Ele será um Rei-Sacerdote (cons. Sl. 110:4). Os conceitos de permanência, segurança e expiação consumida encontram-se todos aqui.

**Reinará perfeita união entre ambos os ofícios.** Em uma só pessoa haverá reunião das dignidades sacerdotais e reais; essas duas funções se mesclarão na Pessoa do Messias.

**14. Como memorial.** A coroa devia ser guardada como memorial da piedosa preocupação da delegação (e daqueles que representava) pelas coisas de Deus.

**15. Aqueles que estão longe.** Zacarias vê agora a delegação que veio da Babilônia como representante dos gentios que virão no reino do Messias para construir o Templo do Senhor (cons. Is. 60:10, 11).

### III. Perguntas Referentes ao Jejum. 7:1 - 8:23.

#### **Zacarias 7**

##### A. A Pergunta. 7:1-3.

**1. No quarto ano.** O quarto ano do reinado de Dario era o ano 518 A.C. O povo tinha trabalhado diligentemente no Templo, e a obra fizera muito progresso. Novos lares tinham sido edificadas em Jerusalém, e as velhas cicatrizes da destruição tinham sido apagadas.

**2. Foram enviados . . . para suplicarem a favor do SENHOR.** A cidade de Betel enviara uma delegação a Jerusalém com dois propósitos: suplicar as bênçãos de Deus e perguntar a respeito dos jejuns nacionais.

**3. Quinto mês.** A pergunta era: Com todas as marcas da nova vida na economia nacional, seria necessário continuar jejuando e chorando no quinto mês como tinham feito durante os dias do exílio? O jejum no décimo dia do quinto mês comemorava o incêndio de Jerusalém em 586 A.C. (cons. Jr. 52:12, 13). Continua sendo atualmente o jejum mais importante dos judeus (com exceção do Dia da Expição, que tem um propósito completamente diferente). A pergunta parecia indicar que o jejum era maçante e incômodo.

##### B. A Lição Extraída da História. 7:4-14.

**5. Acaso foi para mim que jejuastes, como efeito para mim?** Com um golpe magistral esta pergunta arrasou com toda a pretensão e hipocrisia de seus fitos e cerimônias. Deus não instituíra este jejum; nem o faziam para glorificá-lo. Era feito para satisfação da carne. Deus não o tomava em consideração de modo algum. Naquele tempo, como agora, Deus desejava a verdade interior. O profeta acrescentou o jejum do sétimo mês em suas perguntas. Mais tarde ele acrescenta outros dois

fatos (cons. 8:10), todos relacionados com a queda de Jerusalém sob o caldeu Nabucodonosor. No décimo mês Nabucodonosor cercou Jerusalém (II Reis 25:1); no quarto mês os inimigos entraram na cidade (II Reis 25:3, 4; Jr. 39:2); no quinto mês o Templo foi quebrado (II Reis 25:8, 9); e no sétimo mês Gedalias, o governador judeu de Judá, foi assassinado (II Reis 25:23-25).

**6. Não é para vós mesmos que comeis?** Em suas festas, como em seus jejuns, manifestava-se a sua perspectiva egoísta. Quer numa prática quer na outra, eram fariseus e auto-suficientes.

**7. Não ouvistes vós.** Por que eles se preocupariam com algo que Deus não tinha ordenado, quando eram tão negligentes com aquilo que Ele exigira de maneira tão explícita tantas e tantas vezes através dos profetas pré-exílicos? É muito melhor obedecer a Deus em lugar de amontoar jejuns sobre jejuns (cons. Is. 58:1-9). A consciência carnal procura aliviar-se através de ordenanças formais, em lugar de tomar nota das visitas divinas relacionadas com o afastamento de Sua vontade revelada. O pecado era a causa do seu jejum. Se o pecado fosse abandonado, o jejum já não seria mais necessário.

**9. Executar juízo verdadeiro.** Os antigos profetas tinham todos se unido em seu testemunho referente à justiça prática na vida quotidiana. Deus se deleita na devida administração da justiça. A misericórdia e a compaixão entre os irmãos alegram o coração do Criador infinitamente misericordioso.

**10. A viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre.** Os menos afortunados e desprotegidos são sempre preocupação especial do Senhor; qualquer bondade para com eles é especialmente agradável aos seus olhos. **Nem intente cada um em seu coração o mal contra o seu próximo.** Ressentimento e ódio no coração contra o próximo estão claramente proibidos. A fé e a piedade devem andar de mãos dadas. A religião sem moral é inútil e um objeto de zombaria; a moral sem a verdadeira religião ou piedade não tem o devido fundamento e só temporariamente pode funcionar.

**11. Eles, porém, não quiseram atender.** Eis aqui um resumo da atitude de Israel através dos séculos diante do ministério dos profetas quando estes pregaram a fé, a piedade e a justiça social.

**12. Daí veio a grande ira.** Quando falharam as repetidas advertências e as solicitações amorosas, só restou a ira de Deus pelos impenitentes. Deus não pode abdicar da sua posição de Governador Moral do universo. Sua mensagem tem sido fielmente transmitida através do Espírito que dá energia às mãos, corações e bocas dos Seus servos, os profetas (cons. II Cr. 36:16).

**13. Clamaram e eu não os ouvi.** Eles experimentaram retribuição de acordo. Quando não quiseram ouvir os rogos de Deus para que obedecessem, ele recusou-se soberanamente a ouvir seus gritos de desespero, que brotavam apenas de sua amargura por causa das calamidades e não de verdadeiro arrependimento.

**14. Por entre todas as nações.** Até aquele momento eles tinham sido dispersos principalmente pela Assíria e Babilônia. Se podemos aceitar que o texto tem todo o significado e sentido que aparenta, deve ser uma previsão da dispersão mundial dos judeus, devido a sua rejeição do Messias, a maior exibição de sua desobediência empedernida às palavras do Senhor e seus mensageiros.

**Ninguém passava por ela.** A terra que antes fora um deleite agora seria abandonada e ficaria sem habitantes. Embora o inimigo levasse a efeito esta destruição, Israel tinha a responsabilidade disso, porque o seu pecado fora a causa.

## **Zacarias 8**

C. O Propósito Divino de Abençoar Israel. 8:1-23.

**2. Tenho grandes zelos de Sião.** A linha de pensamento exposta no capítulo 7 prossegue nesta passagem. Duas vezes Deus declara Seu continuado amor e preocupação por Israel (cons. cap. 1). **Grande indignação.** Este amor deve tratar com ira aqueles que atrapalham o povo de Deus.

**3. Voltarei para Sião.** Deus está tão resolvido a retomar a Sião com bênçãos futuros que fala como se já o tivesse realizado. **Cidade fiel.** Este é o resultado da habitação do Senhor no meio dela.

**4. Velhos e velhas.** O quadro é de paz e segurança. Quando Israel temo devido relacionamento com o Senhor nas questões espirituais, as bênçãos temporais sempre se seguem.

**5. Meninos e meninas.** As guerras não se intrometerão para interromper as vidas e expectativas da juventude (com. Êx. 20:12; Dt. 33:6, 24). Sem dúvida alguns desses aspectos existiram no período dos Macabeus, mas as condições daquele tempo não foram suficientes para a realização total dessas promessas. Elas aguardam o seu cumprimento no reino do Messias (cons. Is. 65:20, 22).

**6. Será também maravilhoso aos meus olhos?** Embora essas predições pudessem parecer impossível aos homens, nada é maravilhoso demais para o Senhor (Gn. 18:14; Mt. 19:26).

**7. Da terra do oriente e da terra do ocidente.** Israel deverá estar na Terra Prometida antes de perceber o propósito final de Deus para ela. A restauração da terra é um pré-requisito básico de acordo com o testemunho das Escrituras proféticas. A volta será de todos os cantos da terra (cons. Is. 11:11, 12; Amós 9:14, 15).

**9. Sejam fortes as mãos de todos.** As palavras de Ageu e Zacarias tinham a intenção de dar todo o encorajamento e esperança de que necessitavam os operários do Templo.

**10. Antes daqueles dias.** Antes que o povo decidisse retomar o trabalho da reconstrução, suas condições eram verdadeiramente precárias. O trabalho não compensava e as lutas civis acompanhavam os ataques dos inimigos externos (Ageu 1: 6, 9-11; 2:16-19).

**11. Mas agora.** Sua obediência mudara todo o aspecto da questão. Deus se propusera abençoá-los e aos seus esforços.

**12. E farei que o resto deste povo herde tudo isto.** As bênçãos da natureza já não serão mais retidas; serão concedidas em toda a sua plenitude.

**13. Maldição entre as nações.** Quando a mão do Senhor pesara sobre eles, serviram de exemplo entre as nações que mencionavam o seu nome como maldição. Constituíram uma maldição **entre** (e não *para*) as nações. **E sereis bênção.** Seu nome será usado em uma fórmula de bênção (cons. Gn. 48:20; Mq. 5:7; Sf. 3:20).

**15. Assim pensei de novo em fazer bem.** Se o Senhor os castigara por desobediência conforme tinham advertido fazê-lo, quanto mais não os abençoaria em resposta à sua fé? Deus se deleita emabençoar, não em ferir.

**17. Porque a todas estas causas eu aborreço.** Novamente tinham de ser advertidos sobre as injustiças sociais e éticas ao odiosas. Não há nenhum substituto para a piedade genuína.

**19. Regozijo, alegria e festividades solenes.** Zacarias finalmente responde as perguntas sobre o jejum. Deus transformará todos os fatos em festas; Ele os revogará em resposta à obediência deles.

**21. Vamos depressa suplicar o favor do SENHOR.** Israel em comunhão com Deus será um canal de bênçãos para todo o mundo (cons. Sl. 67; Is. 2:3; 60:3). As nações assim serão atraídas para Ele, o que não aconteceria de outra maneira.

**23. Temos ouvido que Deus está convosco.** As nações terão desejo ardente de conhecer as bênçãos que Israel desfrutará na hora de seu retorno e reavivamento espiritual.

IV. O Futuro das Nações, Israel e o Reino do Messias. 9:1 – 14:21.

A. A Primeira Sentença. 9:1 – 11:17

## **Zacarias 9**

1) As Vitórias de Alexandre, o Grande. 9:1-8.

Os oito primeiros capítulos de Zacarias tinham em vista o incentivo da reconstrução do Templo. Os seis últimos capítulos tratam dos acontecimentos muito distantes dos dias do profeta e foram provavelmente escritos por ele em um período muito posterior. O povo



de Israel estava sob o governo medo-persa (caps. 1 a 8); ficariam sob o domínio grego (caps. 9 e 10); Roma os governaria (cap. 11); e sua história nacional se consumada nos últimos dias (caps. 12 a 14). A primeira porção do capítulo 9 esboça as conquistas de Alexandre, o Grande, no século quarto A. C.

**1. A sentença pronunciada pelo SENHOR.** Uma sentença é uma predição ameaçadora (cons. Is. 13:1). **Hadraque.** É a *Hattarika* das inscrições cuneiformes, uma cidade muito longe de Hamate sobre o Orontes. **Damasco.** Alexandre conquistou um grupo de cidades sírias, mas o prêmio especial que ele buscava era a importante cidade de Damasco. O terror e o espanto seriam os triunfos da oportunidade de Alexandre, de modo que os olhos de Israel e dos homens daquele tempo se voltariam para o Senhor em busca de alguma interferência sobrenatural.

**2. Hamate.** Esta cidade, que fazia limites com Damasco, também sofreria o impacto da invasão grega. **Tiro e Sidom.** Depois da Síria, Alexandre avançou sobre a Fenícia. O que os assírios e os babilônios não puderam fazer contra Tiro, isto é, vencê-la, Alexandre realizou.

**4. O SENHOR a . . . precipitará no mar.** Quando os tiros se fortificaram sobre uma ilha, Alexandre usou as ruínas da velha cidade para construir um molhe, através do qual ele tomou a fortaleza de Tiro na ilha. Depois queimou a cidade até os alicerces e destruiu para sempre sua supremacia marítima.

**5. Ascalom.** Quatro cidades da pentápolis filistéia são citadas neste versículo e no seguinte (Gate sendo omitida) condenadas ao mesmo destino. O avanço de Alexandre era irresistível.

**6. Povo bastardo habitará em Asdode.** A cidade de Asdode perderia sua população nativa durante o ataque, tomando o seu lugar um povo misto. Era da política de Alexandre misturar as diferentes nações conquistadas

**7. Destes tirarei o sangue.** Os pagãos comiam seus sacrifícios idólatras com sangue (Ez. 33:25). A lei mosaica proibia comer sangue (Lv. 17:10,12; com. Gn. 9:4; Atos 15:29). O pensamento é que os

filisteus abandonarão suas práticas idólatras e serão incorporados na comunidade judia.

**8. Acampar-me-ei ao redor da minha casa.** Alexandre passou por Jerusalém mais de uma vez em suas campanhas, e embora ele flagelasse os samaritanos, não fez mal aos judeus. **Que não passe mais sobre eles o opressor.** Pela lei profética da sugestão Zacarias passa do livramento no período de Alexandre para o livramento final de Israel de todos os seus opressores.

2) O Reino de Paz do Messias. 9:9, 10.

**9. Eis aí te vem o teu Rei.** Não um conquistador cruel, mas o humilde Rei de Israel apresenta-se agora na visão e horizonte do profeta (cons. Mt. 21:5). **Justo.** A justiça é o primeiro pré-requisito do Messias para exercer o seu ofício de Rei. É básica à paz de todo o mundo (cons. Is. 45:21; Jr. 23:5, 6; Ml. 4:2). **Salvador.** O Rei justo providencia a justa redenção para os seus. De que serve a paz política para um coração não sintonizado com o Deus vivo? **Num jumentinho.** Destacando-se do soberbo Alexandre, o Messias de Israel vem com grande humildade, manifesta em parte pela sua maneira de viajar. Além disso, o jumento era o animal da paz (cons. Gn. 49:11). O versículo 9 cumpriu-se ao pé da letra na primeira vinda do Senhor Jesus Cristo.

**10. Destruirei os carros.** Zacarias não menciona todos os séculos entre o primeiro e o segundo advento do Messias ao Seu povo e ao mundo. Quando Ele retornar, destruirá todos os instrumentos de lutas carnais. **Anunciará paz.** Aquilo que as conferências e os tratados desarmamentistas às dúzias não puderam realizar, ele fará por meio de sua palavra autorizada às nações. **Às extremidades da terra.** Seu reino de paz será universal (cons. Sl. 72:8). A Bíblia não conhece uma paz limitada ou contida.. Esta passagem não emprega nenhum artigo para expressar a extensão do domínio do Rei.

## 3) As Vitórias dos Macabeus. 9:11-17

**11. Os teus cativos.** Nova cena marcial se apresenta. Mas antes uma palavra de esperança se estende àqueles que ainda se encontram presos na Babilônia, com base no sangue da aliança feita no Sinai. Entretanto, a aliança com Abraão não podia ser eliminada (cons. Gn. 15:9-12, 18-21). Para aqueles que retornassem haveria bênçãos e esperanças.

**12. Tudo vos restituirei em dobro.** Haveria uma medida abundante de bênçãos em lugar de seu antigo desespero.

**13. Contra os teus filhos, ó Grécia!** O restante do capítulo prediz as vitórias do período dos Macabeus (no segundo século A.C.), quando, como sabemos agora, o povo de Israel saiu vitorioso em seu conflito contra Antíoco Epifânio (cons. Dn. 11:32; também Dn. 8:9-14).

**14. O SENHOR será visto sobre eles.** O Senhor promete sua intervenção pessoal em benefício deles. O que os historiadores não podem explicar foi devido à operação sobrenatural de Deus.

**15. Como os cantos do altar.** Através de uma figura atrevida e viva Zacarias descreve a imensa carnificina entre os opressores de Israel.

**16. O SENHOR seu Deus . . . os salvará.** A vitória física é apenas a menor das bênçãos; livramento espiritual também deles foi assegurado. **Pedras de uma coroa.** Como povo redimido serão o deleite do coração divino, como uma coroa que se usa e na qual se gloria.

**17. Quão grande é a sua bondade!** A bondade sem limites de Deus se manifestará na prosperidade pacífica do período messiânico.

**Zacarias 10**

## 4) Bênçãos Através do Reino do Messias. 10:1-12.

**1. Pedi ao SENHOR chuva.** A ligação com o capítulo anterior é muito íntima. Se as bênçãos da prosperidade forem experimentadas, Deus tem de dar o crescimento. Isto ele fará em resposta à oração da fé.

**2. Os ídolos do lar falam coisas vãs.** No período pré-exílico a nação geralmente buscava benefícios materiais com os ídolos, os

adivinhos e os falsos sonhadores. **Não há pastor.** A subsequente condição de Israel e sua dispersão eram devidas a tais desencaminhadores. Em lugar de bênçãos materiais havia uma seqüência de estragos espirituais devido a busca de tais nulidades. Além disso perderam seus reis nativos.

**3. Castigarei os bodes.** O sentido é que Deus punia os líderes por causa do seu papel em desviar a nação. Ele demonstrou o Seu desejo de cuidar do Seu povo.

**4. De Judá sairá a pedra angular.** De Judá especificamente, conforme se acabou de mencionar no versículo 3, sairá o Rei Messias. As figuras usadas representam o Messias em sua força, estabilidade e fidedignidade. Compare com Is. 19:13; I Pe. 2:6; Is. 22:23, 24; Êx. 15:3; Sl. 45:4, 5. **Todos os chefes juntos** e não *todos os opressores*. Com base em línguas cognatas isto não deve se referir ao Messias; antes fala do resultado do seu trabalho. Considerando que ele é o protetor do seu povo, nenhum opressor poderá sair do seu meio.

**5. Porque o SENHOR está com eles.** Uma vez que a referência em si mesma é generalizada, o contexto a coloca no período messiânico. Então Israel consistirá de guerreiros invencíveis que lutarão por Deus. Os profetas estavam tão tomados pela esperança messiânica que revertiam a ela em todas as ocasiões possíveis. Verdadeiros estudantes da história que eram, viam que cada vitória era um passo na marcha divina cujo propósito seria finalmente atingido.

**6. Como se eu não os tivera rejeitado.** Que graça – varre com um único golpe todo o lúgubre passado! O Senhor sabe como restaurar os anos que as locustas devoraram.

**7. O seu coração se regozijará no SENHOR.** Efraim, o reino do norte que experimentara um exílio mais longo do que Judá, também participaria da vitória do Senhor. Deus prometeu bênçãos para uma nação reunida (Ez. 37:15-23).

**8. Eu lhes assobiarei.** Jeremias usou as figuras da caça e da pesca (Jr. 16:16) para falar da reunião de Israel. Zacarias usa a figura de um

tratador de abelhas que chama as suas abelhas comum assobio. **Multiplicar-se-ão.** Como já se multiplicaram uma vez na escravidão do Egito (Êx. 1:7), assim se multiplicarão novamente.

**9. Eles se lembram de mim em lugares remotos.** Aqui está a prova de que o profeta está predizendo mais do que a volta da Assíria e da Babilônia, que já fora realizada no século sexto A.C.

**10. Eu os farei voltar.** As terras do Egito e Assíria, das quais Deus os fará voltar, representam todas as terras da dispersão.

**11. Todas as profundezas do Nilo se secarão.** Exatamente como Deus feriu as águas do Mar Vermelho para fazê-los atravessar em seco, assim Ele removerá todo o obstáculo à Sua futura restauração.

**12. Andarão no seu nome.** Toda a sua vida e conduta serão controladas pelo desejo de honrar o Senhor. Tal é o alvo da profecia para a nação de Israel.

## **Zacarias 11**

### **5) A Rejeição do Bom Pastor. 11:1-17.**

Os acontecimentos deste capítulo estão colocados no período do ministério terrestre do Pastor de Israel, e sua rejeição pelos israelitas, com suas conseqüências em 70 d.C. Falam da hora negra da história nacional de Israel.

**1. Que o fogo consuma os teus cedros.** Zacarias, de forma dramática, descreve o juízo de Deus cabido sobre Israel como uma imensa conflagração, tragando, em primeiro lugar, os gigantescos cedros do Líbano ao norte.

**3. Jordão.** O Líbano, Basã e o Jordão representam a terra em toda a sua extensão. É dato que o povo seria envolvido na destruição de sua terra; ele não podia escapar ao castigo. Tal é o pronunciamento do juízo.

**4. Apascenta as ovelhas destinadas para a matança.** Primeiro dá-se o efeito, depois a causa. O motivo do juízo é a rejeição do Messias. O profeta representativamente toma o lugar do futuro Pastor. Eles são chamados de **ovelhas destinadas para a matança**, porque foram

oprimidos e ainda estavam por experimentar as piores perseguições (cons. Sl. 44:22).

**5. Aqueles que as compram matam-nas.** As nações em cujas mãos tiveram permissão de cair fizeram mau uso deles, enriqueceram às suas custas e insensivelmente não tinham nenhum sentimento de culpa por causa disso. Seus pastores não se compadecem delas. Os próprios líderes de Israel não se apiedavam mais que seus senhores e opressores estrangeiros.

**6. Já não terei piedade.** O clímax de sua miséria estava por vir com a decisão de Deus de não se apiedar deles. **Eu não os livrarei.** Quer eles caíam pela mão de um vizinho em luta destrutivas ou sob o golpe mortal de um rei estrangeiro, o Senhor não interferirá.

**7. Apascentei as ovelhas.** Literalmente, *Assim apascentei as ovelhas destinadas para a matança*. Zacarias executou fielmente sua obrigação no papel de futuro Messias, e o seu ministério foi recebido pelo remanescente, especialmente, pelos pobres do rebanho. **Duas varas.** Para execução de sua tarefa o pastor no Oriente usava uma vara para repelir as feras (**Graça** ou *Favor*), e a outra para ajudar as ovelhas a vencer lugares difíceis, mantendo o rebanho intacto (**União** ou *Laços*).

**8. Três pastores.** Um escritor contou quarenta diferentes interpretações destas palavras. Tão poucas são as evidências para qualquer interpretação que o dogmatismo fica excluído. A referência talvez seja a três classes de líderes em Israel – o profeta, o sacerdote e o magistrado civil. **E também elas estavam cansadas de mim.** O aborrecimento era mútuo, e eles se rejeitavam mutuamente.

**9. Não vos apascentarei.** O Pastor resolveu interromper seu ministério junto a elas; sua paciência se esgotara. Elas seriam abandonadas à sua própria sorte, até mesmo à destruição mútua.

**10. E a quebrei.** Para simbolizar a interrupção de seu relacionamento com elas, o Messias quebrou sua primeira vara. Esta interrupção da aliança com todas as nações (**povos**, não *povo*) fê-las

presa fácil a todos os seus inimigos. A mão de Deus que os controlava fora removida.

**11. As pobres do rebanho.** Só a minoria piedosa percebia os acontecimentos que transpiravam diante de todos.

**12. Dai-me o meu salário.** O Messias procurou então revelar a profundidade da rejeição de Israel para com ele e o seu ministério; por isso pediu que avaliassem o seu trabalho. Mas não houve compulsão. Indicou que eles podiam abster-se de responder se quisessem. **Trinta moedas de prata.** Esta é uma das transações mais espantosas registradas na Bíblia. Eles o avaliaram ao preço de um escravo escornado (cons. Êx. 21:32). Isso era muito pior que rejeição declarada (cons. Mt. 26:15). Colocaram o Messias no nível de um escravo sem valor.

**13. Arroja isso ao oleiro.** Deus ordenou que Zacarias mostrasse o desprazer divino por causa da estimativa feita com o Seu Filho. O preço insignificante e miserável devia ser lançado ao oleiro, cujo estoque valia uma ninharia e podia ser facilmente substituído. **Na casa do SENHOR.** O avultado (com grande sarcasmo) preço devia ser jogado fora no lugar mais solene e mais público de todos (cons. Mt. 27:3-7).

**14. Então quebrei a minha segunda vara.** Agora os laços internos da nação foram soltos, e esta foi lacerada por muitas divisões. Os historiadores seculares confirmam amplamente esta profecia que se cumpriu no período da guerra romano-judia, que culminou em 70 d.C.

**15. Os petrechos de um pastor insensato.** Depois de rejeitar a Cristo, o verdadeiro Pastor, o povo de Israel foi disperso pelo mundo. Quando o Senhor reassumir Sua posição junto deles, será do modo aqui estabelecido. Eles rejeitaram o verdadeiro Pastor; terão a orientação do pastor falso ou insensato. Moralmente, refere-se a qualquer dos muitos líderes perversos que assolaram Israel através dos séculos. O ponto culminante será atingido na contrafação de Cristo que se levantará no fim dos tempos. (Veja Dn. 11:36-39; II Ts. 2:1-12; Ap. 13:11-18).

**16. Eis que suscitarei um pastor.** Por permissão divina este homem perverso perpetrará suas atrocidades para com o infeliz Israel.

Ele não executará as funções de um bom pastor, mas servirá *a si mesmo*, negociando com o rebanho.

**17. O braço.** O juízo divino recairá sobre ele com golpe irremediável, especialmente sobre o órgão do poder e da inteligência (braço e olho).

## B. A Segunda Sentença. 12:1 - 14:21

### **Zacarias 12**

1) Os Poderes Mundiais Contra Jerusalém. 12:1-14.

**1. Sentença pronunciada pelo SENHOR contra Israel.** A sentença final, compreendendo os três últimos capítulos, está cheia de verdades proféticas vitais relativas à consumação da história de Israel. Deus se apresenta na plenitude do Seu poder no reino dos céus, da terra, e da humanidade, por causa da significância dos pronunciamentos a serem feitos.

**2. Eis que eu farei de Jerusalém um cálice de tontear.** O cerco de Jerusalém pelos povos (não povo) da terra não pode ser a invasão de Nabucodonosor, nem o cerco de Tito (70 d.C.); as passagens proféticas obrigam-nos a colocá-lo antes da volta visível de Cristo à terra. O cálice é um símbolo familiar da ira de Deus. (Veja Is. 51:17, 22; Jr. 13:13; 25:15-28; 51:7). Os inimigos que sitiaram Judá e Jerusalém receberão um golpe desconcertante que os deixará cambaleantes.

**3. Uma pedra pesada.** Quando os inimigos de Israel se envolverem com ela, eles mesmos se ferirão e serão esmagados.

**4. Ferirei . . . a todos os cavalos.** Pânico, loucura e cegueira sobrenatural tomará conta de cavalos e cavaleiros no ataque. A cavalaria sempre constituiu uma grande parte dos exércitos orientais.

**6. Como um braseiro ardente debaixo da lenha.** Deus triunfará de maneira dupla: privando os inimigos de sua força e concedendo poder a Israel para resistir aos seus adversários. Os inimigos serão consumidos como madeira e gavelas devoradas pelo fogo.



**7. O SENHOR salvará primeiramente as tendas de Judá.** Para que o livramento seja reconhecido por todos como ando de Deus, Ele liberará as regiões da terra mais afastadas e menos defendidas, antes de libertar a capital. Nem a casa real nem os habitantes da capital poderio se gloriar sobre o mais humilde habitante da menos favorecida parte do país.

**8. Será como Davi.** Até os frágeis (lit., *vacilantes* ou *trôpegos*) entre eles serão irresistíveis como o inconquistável Davi (cons. II Sm. 17:8; 18:3). Esta é a força invencível na terra. **Como o anjo do SENHOR diante deles.** Os descendentes de Davi, como líderes da nação, são comparados ao Cristo pré-encarnado, o mais alto nível de poder celestial (cons. Js. 5:13).

**9. Procurarei destruir todas as nações.** Aqui não há insinuação de fraqueza ou incapacidade, mas antes uma maneira de falar segundo os homens.

**10. E sobre a casa de Davi . . . derramarei.** Quando o inimigo invasor for destruído, Deus se voltará para as questões espirituais que devem ser acertadas em Israel. **O espírito de graça e de súplicas.** Basicamente, a referência é ao Espírito Santo. Deus derramará sobre a nação, sobre os importantes e humildes igualmente, o espírito da convicção que os competirá a orar (cons. Ez. 39:29; Joel 2:28, 29). **Olharão para mim a quem traspassaram.** Mas essa futura geração traspassará o Messias? Recusando-se a crer nEle colocar-se-ão nas fileiras dos seus antepassados que o fizeram dentro da história (cons. João 19:37). **Pranteá-lo-ão.** Este é o futuro Dia da Expição de Israel. Quando aquele que é maior do que José se revelar a seus irmãos, eles serão quebrantados com tristeza e com contrição. **Pelo primogênito.** A mais intensa tristeza particular está indicada na morte de um filho único ou primogênito. Este versículo ensina claramente que no futuro Israel verá o Messias traspassado voltar dos céus. Será o mesmo Messias que eles rejeitaram há tanto tempo atrás, trazendo os mesmos ferimentos que eles lhe infligiram.

**11. O pranto de Hadade-Rimom.** A referência histórica é à morte do piedoso rei judeu, Josias, que foi morto por Faraó Neco do Egito, uma calamidade de grande significado público e que aconteceu em Megido. (II Reis 23:29, 30; II Cr. 35:22-27).

**12. Cada família à parte.** Todas as camadas sociais serão abatidas com uma tristeza universal, reis, profetas, sacerdotes, ou leigos. **E suas mulheres à parte.** Tão grande será a tristeza que nem mesmo as esposas se juntarão aos maridos na lamentação; cada um enfrentará a sua tristeza sozinho. A tristeza transcenderá os mais íntimos laços terrestres.

### Zacarias 13

2) A Terra e o Povo Purificados. 13:1-6.

**1. Haverá uma fonte aberta.** Este capítulo segue em pensamento imediatamente após os acontecimentos da porção anterior. A fonte do Calvário, aberta potencialmente há tantos séculos atrás, fará a sua obra na nação, removendo o pecado e a impureza (cons. Rm. 11:26, 27; Is. 65:19; Ez. 36:25). A nação será moralmente purificada.

**2. Eliminarei da terra os nomes dos ídolos.** A idolatria será desarraigada de maneira tão completa do meio da nação, quando ela for purificada do pecado, que até a lembrança dos ídolos se perderá. **O espírito imundo.** Este é o espírito de imundícia por trás de toda a idolatria e adoração de demônios – isto é, Satanás. Ele contrasta com o espírito de graça e súplicas, o Espírito Santo (cons. Mt. 12:43-45; Ap. 13:11-18).

**3. Não viverás.** A falsa profecia que acompanhava a idolatria não será facilmente removida da nação. Mas se alguém reivindicar a posição de profeta, até os seus pais o condenarão à morte por amor a Deus.

**4. Sentirão envergonhados os profetas.** Os falsos profetas antes se gloriavam em sua supostamente exaltada posição; no dia da purificação de Israel nenhum profeta se gloriará em seu ofício.

**5. Não sou profeta.** Se um falso profeta for preso e interrogado, ele repudiará qualquer relacionamento com a profecia. Antes reivindicará pertencer à humilde classe dos lavradores.

**6. Que feridas são essas nos teus braços?** Mas o inquisidor do falso profeta não poderá ser facilmente despedido. No peito do falso profeta se verão sinais reveladores (cons. I Reis 18:28) que levarão à conclusão de que esse homem é um falso profeta. **Na casa dos meus amigos.** O profeta declarará que os sinais são devidos a castigos recebidos dos pais ou parentes na juventude. De forma nenhuma esta passagem pode se referir a Cristo. Cristo nunca foi um lavrador, nem reivindicou ser. Ele jamais teria afirmado que não era profeta. Sob que condições Ele teria sido interrogado depois de subir à cruz e receber seus benditos ferimentos por causa de nossos pecados?

3) O Pastor Ferido e o Remanescente. 13:7-9.

**7. Desperta, ó espada, contra o meu pastor.** Deus está se dirigindo à espada para ferir o seu Pastor, que não pode ser outro que o Senhor Jesus Cristo (cons. Mt. 26:31). A morte de Cristo se vê aqui como um ato do Pai. A espada representa o mais alto poder judicial (cons. Rm. 13:4) e pode ser usada simbolicamente para qualquer forma de morte. Como no capítulo 11, o Messias aqui está sob a figura de um pastor. **Meu companheiro.** Deus fala do seu Pastor como do seu companheiro, seu Igual. A palavra usada em Levítico (6:2; 18:20; 25:14, 14, 15, 17; e outras) significa *irmão*. Não existe no V.T. nenhuma declaração mais forte relativamente à incontestável divindade do Messias de Israel, o Filho de Deus. **Fere o pastor.** Esta foi a experiência da cruz. Acarretou a dispersão do povo de Israel, que provocou o golpe romano pela rejeição do seu Rei. **Para os pequeninos.** Com cuidado amoroso ele reunirá o remanescente e o atrairá.

**8. Dois terços dela serão eliminados.** Embora o horrível feito do Calvário fosse perpetrado muitos anos atrás, quando Deus reassumir sua

posição com Israel em juízo, terá de eliminar dois terços do povo, os incrédulos; a fim de purificar o remanescente para sua glória.

**9. É meu povo.** Uma vez purificado o remanescente, este reconhecerá Deus, e Ele reconhecerá o remanescente como Seu povo.

## **Zacarias 14**

4) O Retorno Visível do Messias à Terra. 14:1-5.

**1. Eis que vem o dia do SENHOR.** O profeta reverte ao tema da confederação mundial contra Jerusalém já exposta no capítulo 12. A época é aquela que precede a volta do Messias à terra. O dia é peculiarmente do Senhor, porque nele finalmente vindicará a Sua justiça. **Os teus despojos se repartirão no meio de ti.** Jerusalém é vista como tendo já experimentado a tristeza da derrota. Seus inimigos de modo ocioso dividem os despojos no meio da cidade.

**2. Eu ajuntarei todas as nações.** O resultado da invasão está no versículo 1; agora apresenta-se a ocasião. O Senhor soberanamente ajunta as nações – infectadas através dos séculos com o vírus do ódio contra Israel, e desejosas de lhe desferir um golpe de morte final – à cidade do Futuro Rei. **A cidade será tomada.** É o quadro familiar de uma cidade que foi derrotada, suas propriedades confiscadas, suas mulheres violadas e sua população desmoralizada e dispersa.

**3. Então sairá o SENHOR.** Quando a perspectiva parecer a mais negra, o Senhor, o "homem de guerra" (cons. Êx. 15:3) virá defender Sua causa desesperada.

**4. Naquele dia estarão os seus pés sobre o Monte das Oliveiras.** As palavras não podem expressar mais claramente a volta pessoal, visível, corporal, literal do Senhor Jesus Cristo em poder. **O Monte das Oliveiras será fendido pelo meio.** A leste de Jerusalém, esta montanha constitui uma barreira formidável a alguém que procure fugir da cidade. O povo amedrontado terá este caminho de escape sobrenaturalmente formado.

**5. Então virá o SENHOR meu Deus, e todos os santos com ele.** Será o glorioso aparecimento do Filho de Deus, o próprio Senhor Deus, com os Seus santos e os santos anjos. O profeta fica tão dominado pela visão que muda o tratamento direto.

5) O Reino Santo do Messias. 14:6-21.

**7. Haverá luz à tarde.** O dia da volta de Cristo será fora do comum por causa dos fenômenos da natureza. O dia se escurecerá; e à tarde, quando as trevas deviam se instalar, haverá luz, a luz da presença fulgurante de Cristo.

**8. Águas vivas.** A terra não sofrerá mais a seca, mas terá águas abundantes para fertilizar toda a sua extensão. Essa provisão será bastante para o verão e o inverno igualmente.

**9. O SENHOR será rei sobre toda a terra.** O Messias reinará em Sião, mas toda a terra se regozijará com seu governo benevolente e beneficente. **Um só será o seu nome.** Sua glória manifesta será adorada através de todo universo (com. Is. 54:5; Dn. 2:44; Ap. 11:15).

**10. Toda a terra.** Toda a Terra da Promessa será renovada (cons. a implicação de Mt. 19:28) para o reino do Senhor.

**11. Já não haverá maldição.** O pecado, as lutas e as guerras terão terminado.

**12. Esta será a praga.** Este versículo relaciona-se com o pensamento do versículo 3. O Senhor será vitorioso sobre os exércitos invasores ferindo-os com uma praga sobrenatural, consumidora.

**13. Da parte do SENHOR grande confusão.** Confusão e guerra civil completarão a obra da devastação.

**14. As riquezas de todas as nações.** As perdas do inimigo serão em vidas, riqueza e em acessórios.

**15. Esta praga.** Triste é dizer, a praga que sobrevirá aos homens também atingirá a criação inferior.

**16. Para celebrar a festa dos tabernáculos.** As nações que sobreviverão à guerra adorarão ao Senhor, especialmente celebrando a

Festa dos Tabernáculos, a festa da colheita, da alegria e do repouso. Tipifica esplendidamente o tabernaculamento de Deus naquele tempo entre os Seus em Israel e entre os gentios.

**17. Não virá sobre ela a chuva.** Toda nação que não enviar sua delegação para representá-la sofrerá a falta de chuva necessária para uma boa colheita.

**18. Egípcios.** Embora o Egito parecesse estar livre da necessidade de chuvas, também sofreria em caso de desobediência. Seu povo sofreria a praga.

**20. Santo ao SENHOR.** Essas palavras estavam sobre a tiara do sumo sacerdote de Israel. Elas serão colocadas sobre as campainhas dos cavalos, significando que aquilo que era usado para a guerra e propósitos pessoais será totalmente dedicado ao Senhor.

**21. Sim, todas as painéis em Jerusalém.** O pecado trouxe a distinção entre o sagrado e o profano; com a remoção do pecado no reino do Messias, já não haverá mais necessidade de tais diferenciações. Um objeto será ao santo quanto o outro. **Já não haverá mercador** (cananeu). É uma outra maneira de declarar que a santidade permeará tudo. Cananeu (ou fenício) era um nome que implicava em práticas ímpias (cons. Os. 12:7), pois esses mercadores e marinheiros da antiguidade eram inescrupulosos. Agora todos seriam santos.

# MALAQUIAS

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 2

## Capítulo 3

## Capítulo 4

## INTRODUÇÃO

**Autor e Título.** "Malaquias" (1:1) talvez seja a abreviação de um nome próprio hebreu que significa "o mensageiro de Jeová". Deus honrou a fé dos pais que assim chamaram o seu filho, fazendo dele o último dos vasos proféticos da Velha Dispensação. A tradição nos conta que Malaquias era membro da "Grande Sinagoga" e que ele era um levita nascido em Sufa de Zebulom, mas nada mais se sabe sobre o profeta.

**Data e Antecedentes Históricos.** As condições apresentadas em Malaquias pressupõem a reconstrução do Templo depois do cativeiro da Babilônia, o reconhecimento da Lei através de Esdras (Esdras 7:10, 14, 25, 26) e o posterior afastamento das ordenanças mosaicas. Também, há uma grande afinidade entre as condições religiosas relapsas do tempo de Malaquias e aquelas enfrentadas por Neemias quando em 433 ele retornou da Pérsia para assumir seus deveres de governador em Jerusalém. Esses males incluíam: 1) O desprezo dos sacerdotes pela santidade do Templo e suas cerimônias (Ne. 13:1-9); 2) Relaxamento do povo em trazer dízimos e ofertas (Ne. 13:10-13); 3) Os casamentos mistos entre o povo da aliança e os pagãos (Ne. 13:23-28). Malaquias estava preocupado com esses mesmos males (1:6 - 2:9; 3:8-12; 2:10-16). Seu livro foi, portanto, escrito muito provavelmente durante o terceiro quarto do século quinto A.C.

**Mensagem.** O que Malaquias tem a dizer baseia-se freqüentemente sobre a soberania de Deus. Deus é um pai (1:6), um senhor (1:6), um grande rei (1:14). Ele é um governador celeste (1:7, 8). Ele faz alianças e dá mandamentos (2:4, 5, 10; 4: 4). Sendo um Deus que odeia o pecado, e

sendo o Seu povo descuidado, indiferente e pecador – tendo conspurcado o Templo, falhado em suas responsabilidades culturais e se aliado através do casamento com seus vizinhos incircuncisos – tinha de enfrentar o juízo (2:2, 3, 12; 3:1-5; 4:1). Mas sendo Ele um Deus de graça infinita, exercerá a benignidade se tão somente o Seu povo ouvir a Sua voz e abandonar os maus caminhos (3:7, 10-12). O terrível Dia do Senhor virá (3: 2; 4:1, 5), mas os justos não precisam temer, pois Deus cuida dos seus (3:16, 17; 4:2, 3). O profeta sempre insiste, direta e indiretamente, com um povo que se rebela contra o seu Chefe convencional. Em amorosos tons de convite ele insiste com eles a que voltem para Deus, a quem abandonaram – para que não sejam destruídos no dia do juízo.

## **ESBOÇO**

I. Título. 1:1.

II. Perguntas para as quais Deus tem boas respostas. 1:2 – 4:3.

A. "Em que nos tens amado?" 1:2-5.

B. "Em que desprezarmos o teu nome?" 1:6 – 2:9.

C. "Por quê?" 2:10-16.

D. "Em que nós o enfadamos?" 2:17 – 3:6.

E. "Em que retornaremos?" 3:7-12.

F. "O que temos falado contra ti?" 3:13 – 4:3.

III. Conclusão. 4:4-6.

A. Exortação para guardar a lei mosaica. 4 : 4.

B. A Promessa da vinda de "Elias" 4:5, 6

## **COMENTÁRIO**

### **Malaquias 1**

1. Título. 1:1.

A maior parte dos livros proféticos do V.T. têm títulos que identificam o autor e indicam que aquilo que vem a seguir é uma revelação divina. Malaquias não é uma exceção à regra geral.



**1. Sentença** significa "uma mensagem de peso" ou "uma sentença judicial". Com. Na. 1:1; Hc. 1:1; Zc. 9:1. **Por intermédio de Malaquias.** Veja Introdução.

## II. Perguntas para as quais Deus Tem Boas Respostas. 1:2 - 4:3.

### A. "Em que nos Tens Amado?" 1:2-5.

As perguntas em torno das quais o livro de Malaquias gira são aquelas que o profeta coloca na boca dos israelitas apóstatas do seu tempo. Elas podem ter sido ou não enunciadas, mas certamente podiam ser encontradas nos corações do povo. A primeira pergunta trai uma falta de verdadeira piedade, uma ausência de confiança. Só corações de pedra poderiam ficar desatentos às incontáveis manifestações do amor de Deus pelo povo da aliança. Mas ao falar do Deus de seus pais, os israelitas diziam: "Não temos visto evidência do Seu amor".

**2. Eu vos tenho amado.** Veja Dt. 7:8; Jr. 31:3; Os. 11:1. **Esaú.** Um nome às vezes usado para com o irmão de Jacó e outras para com os idumeus. **Irmão de Jacó.** Esaú era o primogênito dos gêmeos (Gn. 25:23-26). **Todavia amei a Jacó.** No exercício de sua boa vontade soberana (Rm. 9:10-18), Deus escolheu conceder a promessa da aliança e Suas bênçãos àquele que não era o primogênito. O amor de Deus fora traduzido em ação constante através da história de Israel.

**3. Aborreci a Esaú.** Romanos 9:10 e segs. sugerem que o "aborrecimento" consistia em Deus perpetuar a linhagem do Povo Escolhido através de Jacó e não através de Esaú, e em dar a Esaú uma posição de subordinação para com o seu irmão (cons. Gn. 27:37-40). Por outro lado, tanto Esaú como seus descendentes viveram vidas profanas e pecadoras (Gn. 26:34; 27:41; Ob. 10-14). Um Deus santo não pode deixar de se colocar contra o pecado e os pecadores não arrependidos. **Fiz dos seus montes uma assolação, e dei a sua herança.** A fúria dos exércitos caldeus, responsáveis pela destruição de Jerusalém em 586 A.C., talvez também fosse sentida por Edom (cons. Jr. 25:9, 21); e mais

tarde os árabes nabateanos expulsaram os idumeus definitivamente de sua terra. **Chacais.** A herança de Esaú veio a ser um lugar deserto, habitação de chacais.

**4. Tornaremos a edificar.** Edom estava confiante que podia lutar contra Deus e voltar ao seu primitivo estado de prosperidade. **Mas eu destruirei.** Em juízo, Deus enviaria os nabateanos ou qualquer outro poder que estivesse na mente do profeta. **Terra de perversidade.** Aqueles que testemunhassem a situação angustiosa de Edom concluiriam que Deus a colocara nessa situação humilhante por causa de sua perversidade. **Contra quem o SENHOR está irado para sempre.** Dos golpes do conquistador Edom jamais se recuperaria.

**5. Os vossos olhos o verão.** A indicação pode ser que os contemporâneos de Malaquias testemunhariam a conquista. **Grande é o SENHOR.** Quando o povo de Israel visse Edom em ruína perpétua mas Jerusalém reconstruída e restaurada, reconheceria o amor de Deus e não faria a atual pergunta: "Em que nos tens amado?" **Fora dos termos e não desde os termos,** E.R.C.

### **B. "Em que Desprezamos nós o Teu Nome?" 1:6 - 2:9.**

O foco da atenção é agora o sacerdócio corrupto. Os sacerdotes do tempo de Malaquias seguiram os passos de Nadabe e Abiú (Lv. 10:1) e dos filhos de Eli (I Sm. 2:12-17). Eram administradores do ritual mosaico do sacrifício, mas seus corações estavam longe de Deus. Como a maioria do povo, eram apóstatas. Na realidade, seu desprezo pela lei de Deus e seu fracasso em honrá-lo eram justamente a influência que solapou a verdadeira fé e a conduta piedosa da parte de Israel.

**6. O pai . . . senhor.** A honra é devida ao Deus soberano. É como se Deus dissesse: "Se vocês respeitam os pais e senhores terrestres, não deveriam muito mais honrar o seu Pai celestial (Êx. 4:22; Is. 43:6; Jr. 3:4; Os. 11:1) que é o Senhor de tudo?" (cons Esdras 5:11). **Onde está a minha honra? . . . o respeito para comigo?** Os sacerdotes se comportavam como se Deus não existisse. **Ó sacerdotes, que**

**desprezais o meu nome.** Os sacerdotes, além de deixarem de honrar o Senhor, também o desprezavam. **Em que desprezamos?** Os sacerdotes eram hipócritas, fingindo piedade mas executando o ritual do altar sem dar atenção à letra e ao espírito da Lei!

**7. Pão.** A palavra hebraica geralmente significa "alimento" mas aqui significa a carne dos animais sacrificados. **Em que te havemos profanado?** Oferecer sacrifícios profanados ao Senhor era o mesmo que profanar o próprio Deus. **A mesa.** O altar dos holocaustos (veja Êx. 27; 38; Ez. 41:22). **Desprezível.** Os sacerdotes eram irreverentes, tendo apenas desprezo pelas coisas sagradas.

**8. Animal cego . . . o coxo ou o enfermo.** Tais sacrifícios eram explicitamente proibidos (Lv. 22:20-25; Dt. 15:21). **Teu governador.** Presentes imperfeitos apresentados a um governador terrestre seriam ofensivos; seria um insulto muito maior oferecer presentes defeituosos ao Governador do universo. **Acaso terá ele agrado em ti?** A resposta implícita é "não".

**9. Suplicai o favor de Deus.** Isto é ironia. Deus não ouvirá as orações daqueles que o desonram. **Que nos conceda.** Todos igualmente sofrem quando seus representantes ofendem a Deus. **Com tais ofertas nas vossas mãos.** Embora os inocentes sofressem, a culpa era dos sacerdotes.

**10. Oxalá houvesse entre vós quem feche as portas.** Não adorar ao Senhor seria melhor que um culto desprezível. **Eu não tenho prazer em vós.** Compare com a pergunta do versículo 9. **A vossa oferta.** A palavra se refere aos sacrifícios em geral.

**11. Porque.** Deus não queria sacrifícios sem valor oferecidos pelos sacerdotes judeus porque sua grandeza majestosa, que tornavam tais sacrifícios inaceitáveis, deveria realmente induzir a ação de graças, o louvor e a adoração, sem o que todas as formas de culto eram vãs. **Desde o nascente do sol até ao poente.** Isto é, por toda parte. **É grande ... o meu nome.** Esta profecia só se cumpriria quando Cristo fosse aceito pelos corações dos gentios em todo o mundo. **Incenso e ... ofertas puras.**

O pensamento não é que os gentios executassem o ritual dos sacrifícios mosaicos, mas que na Nova Dispensação o culto espiritual seria prestado a Jeová pelas nações (cons. Sl. 141:2; Rm. 12:1; Hb. 13:15).

**12. A sua comida.** A oferta sacrificial (cons. v. 7).

**13. Que canseira!** Os sacerdotes achavam cansativas e aborrecidas as suas tarefas. **E me lançais muxoxos.** Tratavam o sistema sacrificial com desacato. **O dilacerado.** A idéia é de um animal que foi arrancado às garras de uma fera selvagem e portanto está presumivelmente mutilado. **Aceitaria eu isso?** Uma pergunta retórica. Jeová não aceitaria tais ofertas.

**14. Maldito seja o enganador.** Era culpado, não apenas o sacerdote mas também o leigo que trouxer sacrifício ilegítimo. **Macho.** Lv. 22:18, 19 indica que um macho devia ser usado para a oferta votiva. **Um defeituoso.** Literalmente, *uma fêmea defeituosa*. A questão talvez seja que alguém fazendo o voto pretendesse originalmente oferecer um macho sem defeito, mas na realidade tenha oferecido uma fêmea defeituosa. O ponto principal está claro, isto é, que uma oferta inferior foi feita em lugar da exigida pela lei de Moisés. **Grande rei.** A mentira era uma afronta à soberania de Deus.

## Malaquias 2

**2:1. Este Mandamento.** **Mandamento**, aqui, deve ser entendido no sentido de uma ameaça de castigo (cons. Na. 1:14).

**2. Se.** O juízo divino seda condicionado ao arrependimento dos sacerdotes. **Maldição.** Deus desviaria as bênçãos que antes foram desfrutadas pelos sacerdotes. Veja também a exposição de 3:9. **Já as tenho amaldiçoado.** A pesada mão de Deus já começara a descer.

**3. Reprovarei a descendência.** Traduza-se, *Refrearei o vosso braço*. Deus "amarraria as mãos" daqueles que oficiavam no altar, e não haveria fruto no seu labor. **Excremento dos vossos sacrifícios.** Além de Deus se recusar a aceitar a multidão dos sacrifícios nos festivais, também concederia aos sacerdotes o mais ignominioso tratamento. **Atirarei**

**excremento aos vossos rostos** é uma metáfora para o desprezo com que Jeová tratada os sacerdotes desviados. **Para junto deste sereis levados.** O fim que Deus destinou aos sacerdotes em pecado é comparado ao lugar do lixo que recebia o "excremento" dos sacrifícios. Só a condenação podia ser o destino desses sacerdotes.

**4. Este mandamento.** Veja 2:1. **Para que a minha aliança continue com Levi.** Deus queria que os sacerdotes recobrassem o juízo, acertassem seus caminhos e tornassem possível a continuação da aliança com Levi, isto é, com o sacerdócio levítico.

**5. Minha aliança com ele.** Cons. Nm. 25:12, 13; Dt. 33:8-11. **De vida e de paz . . . para que temesse.** Através da aliança, Jeová comprometeu-se a conceder aos sacerdotes vida e paz; em troca, os sacerdotes eram obrigados a servi-lo com reverência.

**6. A verdadeira instrução.** A principal função do sacerdote era instruir de acordo com a lei moral, que se baseava na verdade. **E a injustiça não se achou.** Tinha havido sacerdotes que fielmente apresentaram a justa revelação de Deus. **Andou comigo** (cons. Gn. 5:22, 24; 6:9). Os sacerdotes de antigamente falavam e viviam a verdade de Deus. **Apartou a muitos.** Por meio de palavras e pela conduta, o sacerdote que andava com Deus levou muitos à justiça (coas. Dn. 12:3).

**7. E da sua boca devem . . . procurar a instrução.** Os sacerdotes eram designados por Deus para, em parte, apresentar o conhecimento e a vontade de Deus. **Mensageiros do SENHOR.** Em diversas passagens do V.T., a expressão aparentemente se refere a um mensageiro que é o próprio Deus (veja Ex. 3:2, 4; Juízes 6:12-14). Nenhuma honra mais elevada poderia ser concedida ao sacerdote do que quando tais palavras lhe eram aplicadas.

**8. Tendes feito tropeçar a muitos.** Em vez de levar muitos à justiça (cons. v. 6), a influência dos sacerdotes fora justamente a oposta. Corrompida pelas palavras dos sacerdotes e pelo seu exemplo, a Lei só podia desviar os homens. **Violastes a aliança.** Por meio de seus atos, os sacerdotes nulificaram a aliança. **9. Eu vos fiz desprezíveis.** Os

sacerdotes não tiveram o respeito das pessoas cujos pecados eles mesmos assimilaram. **E vos mostrastes parciais no aplicardes a lei** (cons. Mq. 3:11). Em sua capacidade judicial, os sacerdotes fizeram acepção de pessoas.

### C. "Por quê?" 2:10-16.

Mais explicitamente a pergunta seria: "Por que fomos traiçoeiros uns para com os outros?" Assim como os sacerdotes trilham destruído a aliança divina com Levi, o povo transgredira a aliança do Senhor mais generalizadamente através do casamento com pagãos, abandonando suas esposas para poderem se casar novamente.

**10. O mesmo Pai.** Deus era o seu "pai" porque Ele escolhera Israel por amor, para que os israelitas fossem os seus filhos. **Não nos criou o mesmo Deus?** Deus era seu pai também em virtude de Sua atividade criadora. **Seremos desleais.** Veja os versículos seguintes. **Uns para com os outros.** Se Deus é pai, seus filhos são irmãos e irmãs e têm obrigação de família entre si. **A aliança de nossos pais** (cons. Êx. 19:5 ,6; 24:8). A aliança de Deus com Israel proibia tanto expressamente como por implicação os pecados que vêm a seguir (Êx. 34:10-16; Dt. 7:1-4).

**11. Abominação.** Os judeus precisavam ser abalados, com a idéia de que o anátema de Deus tanto pairava sobre a transgressão que estava para ser especificada quanto sobre os grosseiros pecados da idolatria e feitiçaria. **Profanou o santuário do SENHOR.** O que fora profanado não era o divino atributo da santidade mas aqueles que eram santos por causa do seu relacionamento com o Deus santo (veja Jr. 2:3). **Adoradora de deus estranho.** O pecado específico, agora mencionado, é o do casamento de um israelita com uma pessoa que se dedicava à adoração de um deus pagão (cons. Êx. 34:16; Dt. 7:3, 4; Esdras 9:1, 2; Ne. 13:26, 27).

**12. O SENHOR eliminará.** O castigo divino tomada a forma de ausência de posteridade do pecador. A alusão proverbial que se segue indica que todos estavam incluídos. **O que apresenta ofertas.** Deus

também infligiria um castigo idêntico sobre todos os que se sentissem inclinados a oferecer um sacrifício para expiação dos pecados do transgressor.

**13. Anda fazeis isto.** A expressão indica que uma segunda ofensa moral está incluída na "deslealdade" do versículo 11. **Cobris o altar . . . de lã, de choro.** A transgressão adicionada era que os israelitas tinham se divorciado de suas próprias esposas para que pudessem ficar livres a fim de se casarem com mulheres pagas, mas isto só fica indicado em 2:14-16. Aqui os israelitas são representados como pessoas desesperadas por causa do desagrado divino para com a sua conduta que se tornara conhecida e os seus sacrifícios que não eram mais aceitos por Ele.

**14. E perguntais: Por quê?** Uma atitude de traição fora detalhadamente exposta. Havia uma outra. Se eles se recusassem em reconhecê-la e relutassem em aceitá-la, a resposta seria enunciada claramente. **Testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade.** Uma vez que os contratos, de casamento e outros, eram consumados tendo Deus por testemunha (veja Gn. 31:49; Pv. 2:17), Ele considerava culpados os israelitas que, tendo tomado esposas judias, agora as abandonavam. **Sendo ela a tua companheira.** Laços de afeição deviam persistir como resultado de experiências comuns. **A mulher da tua aliança.** O casamento é um relacionamento de aliança perante Deus (cons. Pv. 2:17).

**15. Ninguém com um resto de bom senso o faria.** O tópico examinado é o da validade da monogamia prescrita por Deus. Jesus, tratando do mesmo assunto, ensinou que Deus, na criação, juntou indissolivelmente o homem e a mulher como "uma só carne" (Marcos 10:2-9). Do mesmo modo, Malaquias parece dizer: "E Deus na criação não fez um par para viver junto como se fosse um apesar do fato de Seu controle sobre o espírito da vida pudesse ter ordenado de um modo diferente? E porque Ele fez o homem e a mulher como uma só carne? Foi com o fim de assegurar Seus propósitos para uma descendência piedosa, um povo dirigido por uma aliança com uma religião pura". O

divórcio só viria prejudicar os propósitos criativos de Deus. **Ninguém seja infiel.** O chamado ao arrependimento é óbvio.

**16. Odeia o repúdio.** Isto é, Deus odeia o divórcio. Em parte alguma o V.T. aprova o divórcio, embora prescreva o que deve ser feito sob dadas circunstâncias nas quais o divórcio acontecia (Dt. 24:1-4; veja também Mt. 19:7, 8). **Que cobre de violência.** Traduza-se antes, *e a violência cobre suas vestes*. As próprias vestes dos israelitas culpados era, à vista de Deus, manchadas pelo seu pecado hediondo (cons. Zc. 3:3, 4).

### **D. "Em que o enfadamos?" 2:17 - 3:6.**

A atitude israelita era repreensível à vista de Deus; pois as pessoas tinham se tornado praticamente atérias, presumindo que, se existia um Deus, Ele já não interviria mais para exercer o juízo contra o mal e os que praticavam o mal. Deus, entretanto, advertia que o juízo, embora tardio, certamente viria.

**17. Em que o enfadamos?** Embora sua religião não passasse de formas vazias, os contemporâneos de Malaquias protestavam contra aqueles que duvidassem de sua piedade. **Qualquer que faz o mal.** A referência é aos judeus profanos como também aos pagãos. **Passa por bom aos olhos do SENHOR.** O argumento: Considerando que muitos desfrutavam de prosperidade material, embora violando definidamente a lei moral, se existe um Deus, Ele ao que parece, os favorece. **Onde está o Deus do juízo?** A própria existência de um Deus onipotente e justo estava sendo posta em dúvida. A insinuação era que se Deus existia, Ele devia ter agido.

## **Malaquias 3**

**3:1. O meu mensageiro.** João Batista (Is. 40:3; cons. Mar. 1:2, 3). **Preparará o caminho.** João atacava a decadência moral e a formalidade religiosa vazia, preparando assim o caminho para a ênfase de Cristo sobre a regeneração e o culto espiritual. Ele também foi o arauto da



vinda de Cristo. **De repente virá . . . o SENHOR.** Esta é a resposta à pergunta: "Onde está o Deus do juízo?" "Deus" (2: 17), **o SENHOR e o Anjo da aliança**, todos se referem a uma única pessoa divina. Uma vez que o precursor desta pessoa foi João Batista, a pessoa divina não foi outra que Jesus Cristo. **Ao seu templo.** Na Nova Dispensação, o santuário de Deus, antes o Jardim do Éden, mais tarde o Tabernáculo e depois o Templo, seria a Igreja (I Co. 3:16, 17; Ef. 2:21; I Pedro 2: 5). **A quem vós buscais.** Eles tinham declaradamente procurado ver o próprio Deus. **O Anjo da Aliança.** Este Mensageiro divino, Aquele que virá, representava a aliança de Deus com Israel, que em contraste com o Seu juízo sobre as nações, abençoaria o Seu povo escolhido. **A quem vós desejais.** Israel supostamente andava pelo aparecimento de Deus em juízo.

**2. Mas quem pode suportar o dia da sua vinda?** Os judeus que tinham transgredido a aliança, como também os pagãos, achariam o Dia do Senhor um dia de terrível juízo (Sf. 1:17, 18). **Como o fogo do ourives.** Tudo o que não tinha valor seria consumido. **A potassa dos lavandeiros.** Uma segunda metáfora simbolizando a mesma verdade terrível. Lixívia ou potassa eram usadas na lavagem de roupas.

**3. Assentar-se-á, como . . . purificador.** A vinda do Senhor é agora representada como a de um Fundidor, que executaria o processo do refinamento. **Purificará os filhos de Levi.** O sacerdócio mesmo seria o primeiro objeto das atividades do Refinador. **Refinará**, isto é, "filtrará". Aquilo que tinha valor sobreviveria ao processo da filtração. **Justas ofertas.** No processo do refinamento, alguns sacerdotes apareceriam com os corações puros, de modo que o seu culto seria aceitável diante do Senhor; outros seriam peneirados como refugo.

**4. A oferta de Judá e de Jerusalém.** A terminologia do sacrifício não deve ser entendida como se ensinasse que o ritual mosaico seria continuado depois da vinda do Senhor. Antes, esta terminologia é um veículo conveniente dos profetas descreverem o culto na Nova

Dispensação. Quando os líderes religiosos forem transformados, a verdadeira religião retornaria para o povo.

**5. Chegar-me-ei.** Veja a exposição 3:1. **A vós outros para juízo.** O processo de purificação incluiria não apenas os sacerdotes mas também o povo. **Velo.** Embora o Senhor pudesse adiar Sua vinda, quando viesse viria subitamente, inesperadamente. **E não me temem.** O pecado básico daqueles que perguntavam, "onde está o Deus do juízo?", era o desprezo para com o Deus dos seus pais.

**6. Eu, o SENHOR, não mudo.** SENHOR, isto é, "Jeová", tem nele o conceito da imutabilidade, mas a imutabilidade de Deus também fica declarada no **não mudo**. É porque um Deus justo não pode jamais alterar Sua atitude para com o pecado que o juízo, por mais adiado que seja, certamente executará. **Vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.** A imutabilidade de Deus também é a garantia da graça de Deus. O fogo da purificação não destruirá completamente o Seu povo.

### E. "Em que Havemos de Tornar?" 3:7-12.

Esta pergunta sonega a Deus a acusação de que os israelitas o tenham roubado deixando de guardar as leis referentes ao dízimo e ofertas alçadas (*terûmâ*). Mas Deus era gracioso. Através do profeta insistia com eles a que aceitassem a situação, prometendo copiosas bênçãos se o fizessem.

**7. Desviastes dos meus estatutos.** As ordenanças transgredidas referiam-se especificamente à mordomia do dízimo e das chamadas ofertas alçadas. **Eu me tornarei.** Se o povo se arrependesse, seria restaurado ao favor divino. **Em que havemos de tornar?** Eles não reconheciam que tinham se desviado.

**8. Vós me roubais.** Mordomia falha equivalia à fraude ou roubo. **Dízimos.** com referência à obrigação específica, veja Lv. 27:30-33; Núm. 18:20-32; Dt. 14:22-29. **Ofertas.** A palavra usada para "oferta", é *terûmâ*, que geralmente se aplica às ofertas espontâneas, às primícias, ao

meio siclo pago ao santuário e às porções do sacrifício que eram reservadas aos sacerdotes (Êx. 30:13; Lv. 7:14; Nm. 15:19-21; 18:26-29).

**9. Maldição.** Literalmente, *a maldição*. O castigo mencionado em 2: 2 sobreviria à nação culpada como um todo.

**10. Todos os dízimos.** Antes, *todo o dízimo*. Ao que parece os israelitas fingiam conformar-se à Lei, oferecendo alguns dízimos a Deus mas não todos os exigidos pela Lei (cons. Atos 5:1, 2). À casa do tesouro. Os dízimos deviam ser trazidos e recolhidos em salas especiais do Templo. **Mantimento.** O dízimo fornecia o sustento dos levitas (Nm. 18:24). **As janelas do céu.** A figura (cons. II Reis 7:2, 19) refere-se ao derramamento de bênçãos materiais em superabundância. (Com. Lc. 6:38). **Derramar sobre vós bênção.** Se os judeus duvidassem que Jeová recompensa os justos (cons. Ml. 2:17), que fizessem um teste.

**11. Repreenderei o devorador.** O Deus soberano efetuará uma colheita superabundante em parte pela destruição das locustas e outras pestes que poderiam prejudicar a lavoura. **A vossa vide no campo não será estéril.** Deus também protegeria as videiras para que não fossem atacadas pelo bolor e pelo crestamento.

**12. Todas as nações vos chamarão felizes.** O tempo comprovada que Deus era Deus e que Ele abençoaria o Seu povo com recursos materiais (compare com 2:17).

### F. "Que Temos Falado Contra Ti?" 3:1 – 4:3.

Essencialmente uma recapitulação de 2:17 – 3:6, esta seção dá ao assunto uma ênfase um tanto diferente. Aqui se torna evidente que nem todo o povo da aliança levantou suas vozes contra Deus para acusá-lo de injustiça. O povo justo e temente a Deus encontraria, no dia do Senhor, a libertação, a vitória e ricas bênçãos.

**13. Que temos falado contra ti?** Para que continuar nas formas da lei cerimonial? A opinião geral estava perigosamente perto da conclusão de que o culto a Jeová podia muito bem ser interrompido. Contudo os

israelitas, mais uma vez fingindo piedade, perguntavam: "Que temos falado contra ti?"

**14. Inútil é servir a Deus.** Servir a Jeová foi colocado na base comercial: Se não resultasse em prosperidade material, podia-se deixar de adorar a Deus. **Andar de luto.** A expressão poderia ser entendida como a efetuação das formas externas associadas com o arrependimento sem a experiência do verdadeiro arrependimento interno.

**15. Reputamos por felizes os soberbos.** A passagem provavelmente se refere aos pecadores grosseiros em geral, quer judeus ou gentios, que prosperavam materialmente. **Sim, eles testam.** Traduza-se: *Sim, eles têm tentado a Deus e têm sido livrados* (cons. 2:17; Sl. 95:9).

**16. Então.** Uma sociedade sem Deus com seu modo de vida ímpio leva os crentes a se reunirem para encorajamento mútuo e testemunho unificado. **Os que temiam.** Ainda havia verdadeiros crentes em Israel. **Um memorial.** Nos céus há um registro daqueles que reverenciam o Senhor. Quanto à figura, veja Ester 2:23; 6:1-3; Êx. 32:32; Sl. 56:8; 69:28; Lc. 10:20; Ap. 20:12; 21:27.

**17. Para mim.** A primeira parte da sentença deveria ser: *E eles serão meus, propriedade valiosa* (mas. Êx. 19:5).

**Naquele dia.** O Dia do Senhor (cons. 3:1, 2). Poderia se traduzir: "no dia em que eu agir". O dia virá quando Deus agir, quando a justiça for partilhada.

**Poupá-los-ei.** O Dia do Senhor será um dia terrível (Sf. 1:15-18), mas os justos têm a certeza confortadora de que seja como for esse dia, libertará os que ao dEle (cons. Sl. 91:7).

**18. Então vereis outra vez a diferença.** A história tem evidenciado sobejamente o fato de que "tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gl. 6:7); e continuará sendo assim. Só olhos cegos ou obstinação persistente pode defender a tese de que Deus não faz distinção entre o justo e o ímpio na dispensação de bênçãos.

## **Malaquias 4**

**4:1. Eis que vem o dia.** O Dia do Senhor. **Fornalha.** Um pote com fogo usado para assar. O fogo como símbolo de juízo é coisa comum nas Escrituras (por exemplo, Sf. 3:8). **Como o restolho . . . nem raiz nem ramo.** A figura muda. **Restolho** dá a idéia daquilo que será consumido num instante; a figura anterior enfatiza o pensamento de que nenhum dos ímpios escapará ao juízo.

**2. O sol da justiça.** O sol é um símbolo de justiça. No Dia do Senhor a noite da injustiça cederá caminho à uma administração de negócios na qual a justiça, como um sol que emite seus raios para desalojar qualquer resíduo de trevas, recompensará os piedosos, e os perversos já não prosperarão mais. **Trazendo salvação nas suas asas.** Com a aparência de asas, os raios do sol despontando dão a idéia da figura básica. Quando os raios penetrantes desfizerem as trevas, o pecado e suas más conseqüências se desvanecerão. **Saltareis como bezerros.** A palavra empregada provavelmente significa "cabriolar". Como um bezerro solto se alegra em sua liberdade recém-adquirida, assim os justos, não mais prisioneiros oprimidos em um mundo hostil, desfrutarão da vida e experimentarão alegria.

**3. Pisareis os perversos.** O quadro é de grande alegria onde prevalece a justiça perfeita, com os perversos totalmente destruídos e os justos desfrutando de bênçãos ininterruptas do Deus da aliança. **Naquele dia que prepararei** (cons. 3:17).

III. Conclusão. 4:4-6.

A. Exortação a Guardar a Lei Mosaica. 4:4.

Malaquias acusa o povo de Israel de ter-se desviado das ordenanças divinas (3:7). Contudo, os israelitas ainda poderiam desviar o terrível juízo do Dia do Senhor se, arrependidos e convertidos, eles guardassem a Lei em letra e espírito.

**4. Lembrai-vos da lei de Moisés.** A exortação é para pecadores e santos também. **Em Horebe. Sinai. Estatutos e juízos.** Traduza-se: *até dos estatutos e juízos*.

B. A Promessa da Vinda de "Elias". 4:5, 6.

Deus enviaria um profeta, chamado pelo nome de "Elias", que prepararia o solo moral e espiritual para a vinda de Cristo, e assim desviaria a necessidade de um juízo imediato.

**5. O profeta Elias.** O pensamento é paralelo ao de 3:1. Antes do Dia do Senhor um mensageiro enviado dos céus prepararia o caminho. O paralelismo sozinho garante a identificação de **Elias** com João Batista. Contudo, os Evangelhos também tornam claro que este "profeta" não seria o próprio Elias, o tesbita, mas alguém com o seu espírito e o seu poder (Mt. 11:14; 17:13; Mc. 9:11-13; Lc. 1:17).

**6. Ele converterá o coração dos pais.** João Batista o fada (Lc. 1:16, 17). Através dele, os homens seriam unidos pela fé – ao arrependimento e conversão e alegre obediência à lei de Deus. A unidade de coração a ser operada por João através do Espírito seria como um solo cultivado, o qual, com a vinda de Cristo, produziria frutos a cem por um. **Para que eu não venha e fira a terra com maldição.** As palavras se relacionara coma exortação a guardar a lei de Moisés e ao ministério de João Batista. Quando o Senhor vierem juízo, a habitação de um povo que transgrediu a aliança, inevitavelmente ficaria sob o juízo da destruição. Um ministério profético no espírito e no poder poderia produzir um reavivamento e assim desviar a plenitude do juízo para que os corações pudessem aceitar o Rei; e o juízo final do Dia da Ira pudessem ser adiada até que o Senhor do Templo completasse a lista dos Seus eleitos. Isto realmente aconteceu. "Elias" veio e preparou um povo para o Senhor, e o Senhor Jesus veio ao seu templo. Assim, embora o V.T. termine com uma maldição condicional, o N.T. termina com uma promessa incondicional de Cristo aos Seus: "Certamente venho sem demora",

junto com a resposta daqueles que são o seu "tesouro particular": "Vem, Senhor Jesus".

## **DE MALAQUIAS A MATEUS**

### **I. Desenvolvimento Político**

A expressão, "anos silenciosos", freqüentemente empregada para descrever o período entre o Velho e o Novo Testamentos, é inapropriada. Embora nenhum profeta inspirado se levantasse em Israel durante esses séculos, e o Velho Testamento fosse considerado completo, houve acontecimentos que deram ao Judaísmo sua ideologia particular e providencialmente prepararam o caminho para a vinda de Cristo e a proclamação do Seu Evangelho.

#### **Supremacia Persa**

Durante cerca de um século após o período de Neemias, o Império Persa controlou a Judéia. O período foi relativamente tranquilo, pois os judeus tiveram permissão de seguir suas instituições religiosas sem serem molestados. A Judéia era governada pelos sumo sacerdotes, que eram responsáveis diante do governo persa, fato que garantiu aos judeus uma grande medida de autonomia e degradou o sacerdócio a um cargo político. Inveja, intrigas e até mesmo assassinatos envolviam o seu papel nos concursos para ocupar a posição de sumo sacerdote. Conta-se que Joanã, filho de Joiada (Nee. 12:22), matou seu irmão Josué no próprio Templo.

Joanã foi substituído do seu cargo de sumo sacerdote por seu filho Jada, cujo irmão Manassés, de acordo com Josefo, casou-se com a filha de Sambalá, governador da Samaria, e estabeleceu um santuário no Monte Gerizim, que ocuparia no coração dos samaritanos um lugar comparável ao do amor que os judeus tinham pelo Templo de Jerusalém

(cons. Jo. 4:20). Embora este santuário fosse destruído durante o reinado de João Hircano (134-104 A.C.), o Monte Gerizim continuou a ser considerado como o monte santo dos samaritanos, até os dias de hoje. Os detalhes na obra de Josefo não são históricos, mas o estabelecimento de um templo rival nessa época é coisa que realmente aconteceu.

A Pérsia e o Egito estavam em constante luta durante este período, e a Judéia, situada entre as duas nações, não podia escapar de ser envolvida. Durante o reinado de Artaxerxes III (Ochus) muitos judeus foram envolvidos em uma revolta contra a Pérsia. Foram deportados para a Babilônia e para as praias do Mar Cáspio.

Durante o século quinto A.C, uma colônia judia foi organizada na Ilha Elephantina, junto à primeira queda d'água do rio Nilo, perto da atual Aswan. Contrariando a lei mosaico, esses colonos edificaram um templo e adoraram outros seres divinos (por exemplo, *Eshem-bethel*; *Herem-bethel*; *Anath-bethel*) além do Deus de Israel. Essas divindades podem realmente ser identificadas com o Deus único do Judaísmo ortodoxo daquela época, mas justamente a sua existência prova a tendência para o sincretismo. Considerando que os colonos elefantinos tinham negócios com os samaritanos e também com os judeus, eles não permaneceram no curso principal da vida religiosa de Israel.

### **Alexandre, o Grande**

Seguindo a derrota dos exércitos persas na Ásia Menor (333 A.C.), Alexandre marchou para a Síria e Palestina. Depois de uma resistência obstinada, Tiro foi tomada e Alexandre dirigiu-se para o Egito ao sul. A lenda conta que Alexandre, ao se aproximar de Jerusalém, foi recebido por Jada, o sumo sacerdote judeu, que lhe falou sobre as profecias de Daniel que diziam que o exército grego seria vitorioso (Dn. 8). A história não tem sido levada a sério pelos historiadores, mas é verdade que Alexandre tratou os judeus com bondade. Permitiu que obedecessem às suas próprias leis; garantiu-lhes isenção do tributo durante os anos



sabáticos; e quando edificou Alexandria no Egito (331 A.C.), encorajou os judeus a se estabelecerem lá e concedeu-lhes privilégios comparáveis aos dos súditos gregos.

### **A Judéia Sob os Ptolomeus**

Depois da morte de Alexandre (323 A. C.), a Judéia ficou sujeita durante algum tempo a Antígono, um dos generais de Alexandre que controlava parte da Ásia Menor. Mais tarde ficou sob o domínio de outro general, Ptolomeu I (então senhor do Egito), cognominado Soter, ou Libertador, que tomou Jerusalém num dia de sábado em 320 A.C. Ptolomeu tratou os judeus com delicadeza. Muitos deles estabeleceram-se em Alexandria, que continuou como centro importante do pensamento judeu durante muitos séculos. Sob Ptolomeu II (Filadelfos), os judeus de Alexandria traduziram a sua Lei, isto é, o Pentateuco, para o grego. Esta tradução foi mais tarde conhecida como a Septuaginta, por causa da lenda que conta que seus setenta (mais corretamente 72 – seis de cada uma das doze tribos) tradutores foram sobrenaturalmente inspirados a produzir uma tradução infalível.

Os judeus na Palestina desfrutaram de um período de prosperidade nos dias de Simão, o justo, o sumo sacerdote governante, cujo caráter foi descrito no livro apócrifo de Eclesiástico (50:1-21). Diz-se que restaurou os muros e fortificou a cidade de Jerusalém e edificou um grande reservatório para fornecer água à cidade.

### **A Judéia Sob os Selêucidas**

Depois de cerca de um século, tempo em que os judeus ficaram sujeitos aos Ptolomeus, Antíoco III (o Grande) da Síria arrancou a Síria e a Palestina do controle egípcio (198 A.C.). Os governadores sírios são conhecidos como Selêucidas por causa do fato de que o seu reino, construído sobre as ruínas do império de Alexandre, fora fundado por

Seleucus I (Nicator). Grande parte dos governadores anteriores tinham os nomes de Seleucus ou Antíoco. A sede do governo era em Antioquia sobre o rio Orontes. Durante os primeiros anos do governo sírio, os Selêucidas permitiram ao sumo sacerdote que continuasse governando os judeus de acordo com a sua lei. Contudo, houve luta entre o partido helenista e os judeus ortodoxos. Antíoco IV (Epifânio) aliou-se ao grupo helenizante e indicou para o sacerdócio um homem que mudara o seu nome de Josué para Jasom e que incentivava o culto ao Hércules de Tiro. Jasom foi derrubado dois anos depois por outro helenista, um rebelde chamado *Menaém* (gr., *Menelaus*). Quando os partidários de Jasom contenderam com os de Manelaus, Antíoco marchou sobre Jerusalém, despojou o Templo e matou muitos judeus (170 A.C.). As liberdades civis e religiosas foram suspensas, os sacrifícios diários proibidos e um altar a Júpiter foi levantado sobre o antigo altar dos holocaustos. Cópias das Escrituras foram queimadas e os judeus foram forçados a comer carne de porco contrariando a sua lei. Uma porca foi oferecida sobre o altar dos holocaustos em desprezo à consciência religiosa judia.

### Os Macabeus

Os judeus oprimidos não demoraram muito em encontrar um novo herói. Quando os emissários de Antíoco chegaram à cidadezinha de Modim, cerca de 24 quilômetros a oeste de Jerusalém, esperaram que o velho sacerdote Matatias desse o bom exemplo ao seu povo oferecendo um sacrifício pagão. Ele não só recusou-se a fazê-lo mas também matou um judeu apóstata sobre o altar pagão, junto com o oficial sírio que presidia a cerimônia. Matatias fugiu para as montanhas da Judéia e, juntamente com os seus filhos, travaram guerrilhas contra os sírios. Embora o velho sacerdote não vivesse para ver o seu povo libertado do jugo sírio, ordenou a seus filhos que completassem a tarefa. Judas, cognominado "o Macabeu", assumiu a liderança na morte de seu pai. Em cerca de 164 A.C. Judas já tinha tomado Jerusalém. Purificou o Templo

e reconstruiu as ofertas diárias. Logo depois das vitórias de Judas, Antíoco morreu na Pérsia.

Contudo, as lutas continuaram entre os Macabeus e os governadores selêucidas por cerca de vinte anos. Durante esse período Judas morreu na batalha e seu irmão Jônatas assumiu o comando. Finalmente Jônatas foi ordenado sumo sacerdote. Quando foi assassinado (143 A.C.), o último dos filhos de Matatias, Simão, veio a ser governador. Simão foi capaz de obter a independência total da Síria, mas ele também foi assassinado (135 A.C.) por Ptolomeu, um genro seu. João Hircano, o sobrevivente filho de Simão, substituiu seu pai e assim estabeleceu uma dinastia. Hircano determinou tomar a Judéia em um poderoso estado independente. Conquistou a Samaria e destruiu o templo cismático do Monte Gerizim. Também ampliou as fronteiras da Judéia nas direções da Síria, Fenícia, Arábia e Iduméia. Durante o reinado de Hircano, quando o partido saduceu pró-helenista ganhou o controle, os judeus tenderam a negligenciar os princípios ortodoxos dos antigos Macabeus.

Aristóbolo I, filho de Hircano, foi o primeiro dos governadores Macabeus a usar o título "Rei dos Judeus". Após um curto reinado ele foi substituído pelo tirânico Alexandre Janeus, que, por sua vez, deixou o reino a sua mãe, Alexandra. O reinado de Alexandra foi relativamente sossegado. Os fariseus assumiram o controle, mas perseguiram os saduceus como tinham antes sido perseguidos nos dias de Janeus. Hircano II, o filho mais velho de Alexandra, servia de sumo sacerdote. Com a morte de Alexandra, Aristóbolo (II), seu filho mais moço, desapossou seu irmão. Logo após, o governador da Iduméia, Antipater, esposou a causa de Hircano e houve ameaça de guerra civil. Conseqüentemente, Pompeu marchou sobre a Judéia com suas legiões romanas para acertar as coisas e estabelecer os alvos de Roma. Aristóbolo tentou defender Jerusalém contra Pompeu, mas os romanos tomaram a cidade e penetraram no Santo dos Santos no Templo. Pompeu, entretanto, não tocou nos tesouros do Templo.

---

**Roma**

Marco Antônio apoiou a causa de Hircano. Depois do assassinato de Júlio César, e de Antipater (pai de Herodes), que durante vinte anos foi governador virtual da Judéia, Antígono, o segundo filho de Aristóbolo, solicitou o trono. Durante algum tempo ele realmente governou em Jerusalém, mas Herodes, o filho de Antipater, voltou de Roma e se tornou rei dos judeus com o apoio romano. Seu casamento com Mariane, neta de Hircano, forneceu um elo com os governadores Macabeus.

Herodes era ambicioso e cruel. Ele ampliou e ornamentou Jerusalém e iniciou a tarefa da reconstrução do Templo em grande escala. Ele reconstruiu Samaria e a chamou de Sebaste. Em Cesaréia, na costa do Mediterrâneo, no local da antiga Torre de Strato, ele construiu um importante porto e centro governamental.

Herodes foi um dos governadores mais cruéis de todos os tempos. Ele assassinou o venerável Hircano (31 A.C.) e condenou à morte sua própria esposa Mariane e seus dois filhos. De seu leito de morte Herodes ordenou a execução de Antipater, um filho seu com outra esposa. Nas Escrituras Herodes é conhecido como o rei que ordenou a morte dos inocentes de Belém porque temia um rival que tinha nascido para ser Rei dos Judeus.

**II. Literatura**

Durante o período entre os dois Testamentos, foi escrita grande parte da literatura apócrifa. Os livros apócrifos são os seguintes:

**I (ou III) Esdras.** Torna a contar a história bíblica de Isaías a Esdras. Inclui a narrativa de um debate na corte de Dario I (Histaspis) referente ao maior poder do mundo. Zorobabel é convocado por causa da sabedoria que manifesta na discussão.

**II (ou IV) Esdras.** Inteiramente diferente de I Esdras, contém uma série de visões apocalípticas atribuídas ao período de Domiciano (81-96 d.C.) pelos críticos.

**Tobias.** A história de Tobias descreve a vida de um piedoso judeu que permaneceu fiel a sua fé enquanto viviam Nínive pagã. O arcanjo Rafael orientou Tobias, o filho de Tobias, que foi capaz de exorcizar demônios da jovem que depois desposou, e também curar a cegueira de seu pai.

**Judite.** Era uma judia que, tal como a Jael da antiguidade, matou o inimigo de sua pátria. Judite usou sua beleza para seduzir Holofernes, o general caldeu, que tinha cercado a cidade judia de Betulia. A história provavelmente data do período macabeu.

**O Restante de Ester.** Um suplemento ao canônico de Ester, adições apócrifas, professamente documentos originais, inclusive as orações de Ester e Mordecai.

**Sabedoria de Salomão.** Segundo a primeira parte de Provérbios a Sabedoria de Salomão contém eloqüentes louvores à sabedoria. Destaca a imortalidade dos justos e o castigo dos ímpios. A origem e a loucura da idolatria também são apresentadas, junto com um resumo do cuidado de Deus por Israel através da história.

**Eclesiástico** (A Sabedoria de Jesus, Filho de Siraque). Um fino exemplo da literatura da Sabedoria Judia. O Eclesiástico exalta as virtudes da sabedoria e do temor a Deus. O elogio de famosos homens (44-50) é particularmente bom. Foi escrito em cerca de 180 A.C.

**Baruque e a Epístola de Jeremias.** Pretensamente escrita na Babilônia no quinto ano depois da destruição de Jerusalém, Baruque contém uma mensagem dos judeus do Exílio aos seus compatriotas na Judéia, inclusive uma oração para eles usarem na confissão de pecados e pedido de misericórdia a Deus. A Epístola de Jeremias adverte os exilados contra a idolatria.

**A Canção dos Três Filhos Santos.** A canção foi colocada na boca dos jovens hebreus, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, e inserida em Dn. 3:23, na Septuaginta.

**A História de Susana.** Um suplemento apócrifo a Daniel, a História de Susana descreve a hipocrisia de dois anciãos. Tentaram seduzir Susana, foram por ela repudiados e, então, acusaram-na falsamente. Ela foi salva pelo jovem Daniel, que apontou as discrepâncias dos testemunhos deles.

**Bel e o Dragão.** A história de Bel conta como Daniel denunciou a fraude dos sacerdotes de Bel, que secretamente comiam o alimento deixado para o seu ídolo, destarte enganando o povo. A história conta como Daniel matou o dragão que era adorado como um deus na Babilônia. Daniel foi lançado em uma cova de leões mas foi milagrosamente protegido. Habacuque, trazido por um anjo à cova, serviu a Daniel.

**I Macabeus.** As lutas com o helenismo e o período da revolta dos Macabeus estão descritas em I Macabeus, um livro que apresenta a história da Judéia desde a ascensão de Antíoco Epifânio (175A.C.) até a morte de Simeão (135 A.C.). Pensa-se que foi escrito em cerca de 105 A.C.

**II Macabeus.** O segundo livro dos Macabeus contém a história do período entre 175 e 160 A.C., paralelo, mas independente, a I Macabeus. É o resumo de uma história mais detalhada por um certo Jason de Cirene (2:23).

### III. Seitas Religiosas

Quando, depois da conquista de Alexandre, o helenismo desafiou o pensamento do Oriente Próximo, alguns judeus apegaram-se mais tenazmente do que nunca à fé de seus pais, enquanto outros quiseram adaptar seu pensamento às idéias mais modernas que emanavam da Grécia. Finalmente o choque entre o Helenismo e o Judaísmo deu lugar a um certo número de seitas judias.

**Fariseus.** Os fariseus eram os descendentes espirituais dos judeus piedosos que lutaram contra os helenizadores no tempo dos antigos Macabeus. O nome fariseu, "separatista", foi provavelmente dado a eles por seus inimigos para indicar que eram não-conformistas. Talvez, entretanto, fosse usado como zombada por causa de sua severidade que os separava de seus conterrâneos judeus como também dos pagãos. A lealdade à verdade às vezes produz orgulho e até mesmo hipocrisia, e é esta perversão do antigo ideal fariseu que foi denunciado por Jesus. Paulo dizia-se membro deste grupo ortodoxo dentro do judaísmo do seu tempo (Ep. 3:5).

**Saduceus.** O partido saduceu, provavelmente cognominado assim segundo Zadoque, o sumo sacerdote indicado por Salomão (I Reis 2:35), negava a autoridade da tradição e olhava com suspeitas para qualquer revelação posterior à lei mosaico. Negava a doutrina da ressurreição, e não cria na existência de anjos ou espíritos (Atos 23:8). Os saduceus eram geralmente pessoas ricas e de posição, e cooperavam prontamente com o Helenismo daquele tempo. No período do Novo Testamento eles controlavam o sacerdócio e o ritual do templo. A sinagoga, por outro lado, era a fortaleza dos fariseus.

**Essênios.** O Essenismo era uma reação ascética do externalismo dos fariseus e do mundanismo dos saduceus. Os essênios afastavam-se da sociedade e viviam no ascetismo e celibato. Davam atenção à leitura e estudo das Escrituras, orações e cerimônias de purificação. Tinham tudo em comum e eram conhecidos por seu trabalho e piedade. A guerra e a escravidão eram contra seus princípios.

O mosteiro de Qunram, perto das cavernas onde se encontraram os Códices do Mar Morto, segundo muitos mestres, deve ter sido um centro essênio no deserto da Judéia. Os códices indicam que os membros da comunidade tinham deixado as corruptas influências das cidades judias para prepararem, no deserto; "o caminho do Senhor". Criam na vinda do Messias e achavam-se o verdadeiro Israel para o qual Ele viria.

**Escribas.** Os escribas não eram, estritamente falando, uma seita mas antes membros de uma profissão. Eram, em primeiro lugar, copistas da Lei. Eram considerados autoridades nas Escrituras, uma vez que exerciam a função de mestres. Suas idéias eram geralmente iguais às dos fariseus, com os quais eram freqüentemente associados no Novo Testamento.

**Herodianos.** Os herodianos criam que os interesses do Judaísmo melhor se defenderiam com a cooperação com os romanos. Seu nome foi emprestado de Herodes, o Grande, que tentou romanizar a Palestina do seu tempo. A política dos herodianos era mais secular que religiosa e era mais um partido do que uma seita.

A opressão política romana, simbolizada por Herodes, e as reações religiosas expressas nas reações sectárias dentro do Judaísmo pré-cristão, forneceu a estrutura histórica para a vinda de Jesus. As frustrações e os conflitos -prepararam Israel para o advento do Messias de Deus, que apareceu "na plenitude dos tempos" (Gl. 4:4).



# Comentário Bíblico



# Moody

Volume 2

Mateus à Apocalipse

Everett F. Harrison

# MATEUS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 8	Capítulo 15	Capítulo 22
Capítulo 2	Capítulo 9	Capítulo 16	Capítulo 23
Capítulo 3	Capítulo 10	Capítulo 17	Capítulo 24
Capítulo 4	Capítulo 11	Capítulo 18	Capítulo 25
Capítulo 5	Capítulo 12	Capítulo 19	Capítulo 26
Capítulo 6	Capítulo 13	Capítulo 20	Capítulo 27
Capítulo 7	Capítulo 14	Capítulo 21	Capítulo 28

## INTRODUÇÃO

**O autor.** Abundante testemunho histórico atribui este Evangelho a Mateus, o publicano, também chamado Levi por Marcos e Lucas. Dúvidas recentes quanto à autoria de Mateus são o produto de hipóteses levantadas para explicação do Problema Sinótico. Mas essas hipóteses não podem alterar o testemunho da igreja primitiva, cujos escritores citaram este Evangelho com mais freqüência do que qualquer outro. Considerando que Mateus não era particularmente destacado entre os Doze, e não havendo uma tendência especial para se exigir autoria apostólica dos Sinóticos (isto é, Marcos e Lucas), não existe nenhuma razão a priori para se lhe conferir a autoria do Evangelho se ele realmente não tivesse escrito.

Na qualidade de ex-cobrador de impostos, Mateus estava bem qualificado para produzir tal evangelho. Seu conhecimento comercial de taquigrafia capacitou-o a registrar totalmente os discursos de Jesus. Sua familiaridade com os números reflete-se na sua freqüente menção de dinheiro, seu interesse em grandes quantias (Mt. 18:24; 25:15), e a sua preocupação com estatísticas em geral (1:17 por exemplo).

**Redação e Data.** A grande frequência de citações e alusões feitas a Mateus encontradas na Didaquê e nas Epístolas de Barnabé, Inácio, Justino Mártir e em outros escritos prova sua antiguidade e seu uso muito difundido. As conexões literárias deste Evangelho devem ser consideradas no que se relacionam aos outros Sinóticos, e também à luz da declaração de Papias que "Mateus escreveu as palavras no dialeto hebreu, e cada um interpretou como pôde" (Eusébio, *História Eclesiástica* 3.39). Muitos explicaram a declaração de Papias, dizendo que se referia a uma forma original do aramaico do qual se traduziu o nosso Evangelho Grego. Mas o nosso texto grego não tem as marcas de uma tradução, e a ausência de qualquer traço de um original aramaico lança pesadas dúvidas sobre tal hipótese. Goodspeed argumenta detalhadamente que seria contrário à prática grega dar a uma tradução grega o nome do autor do original aramaico, pois os gregos apenas se preocupavam com aquele que passava a obra para o grego. Como exemplos ele cita o Evangelho de Marcos (ele não foi chamado de Evangelho de Pedro) e o Velho Testamento Grego, que foi denominado Septuaginta (Os Setenta) segundo seus tradutores, não segundo seus autores hebreus (E. J. Goodspeed, *Matthew. Apostle and Evangelist*, pág. 105, 106). Assim, entende-se, segundo Papias, que Mateus registrou (taquigraficamente?) os discursos de Jesus em aramaico, e mais tarde recorreu às anotações quando redigiu seu Evangelho Grego. Ainda que seja certamente possível que Marcos fosse escrito primeiro, e que estivesse à disposição de Mateus, não houve nenhum uso servil desse Evangelho mais curto por parte de Mateus, e muitos têm argumentado pela completa independência desses dois livros.

A data do Evangelho de Mateus deve ser anterior a 70 A.D., pois não encontramos nele nenhuma indicação de que Jerusalém estivesse em ruínas (sendo claramente proféticas todas as predições de sua destruição). Passagens tais como 27:8 ("até ao dia de hoje") e 28:15 (idem) exigem um intervalo de certa duração, mas quinze ou vinte anos após a Ressurreição seriam suficientes.

**Ênfase Especial.** O estudo do seu conteúdo corrobora o testemunho de Irineu e Orígenes que declaram que Mateus foi escrito para os convertidos do judaísmo. Ele usa o Velho Testamento com mais frequência do que os outros (*Harmony of the Gospels* de Robertson faz uma lista de 93 citações em Mateus, 49 em Marcos, 80 em Lucas e 33 em João). Muita atenção foi dispensada para demonstrar que Jesus preencheu a profecia messiânica e foi, portanto, o Messias de Israel, que estabeleceria o reino prometido. Este Evangelho se distingue pelos discursos que Mateus registrou em toda a sua extensão, enfatizando os princípios, o alcance e os movimentos do reino messiânico (Mt. 5-7; 13; 24-25). Assim, os cristãos judeus (que eram aos milhares na igreja primitiva; Atos 2:41, 47; 4:4; 5:14, 28; 6:1,7) receberam uma explicação autorizada de que a fé em Jesus não envolvia o repúdio do Velho Testamento, mas era o próprio alvo para o qual a revelação do Velho Testamento apontava. É claro que as mesmas perguntas eram feitas pelos judeus convertidos na proporção de sua compreensão do Velho Testamento. E portanto o Evangelho de Mateus ocupa um lugar de destaque dentro do pensamento cristão que chega a justificar a sua posição de primeiro Evangelho em nosso Novo Testamento.

## ESBOÇO

- I. O nascimento e infância de Jesus Cristo. 1:1 – 2:23.
  - A. Genealogia de Cristo. 1:1-17.
  - B. Nascimento de Cristo. 1:18-25.
  - C. Visita dos Magos. 2:1-12.
  - D. Fuga para o Egito e o massacre das crianças. 2:13-18.
  - E. Residência em Nazaré. 2:19-23.
- II. Começo do ministério de Jesus Cristo. 3:1 – 4:11.
  - A. O precursor de Cristo. 3:1-12.
  - B. Batismo de Cristo. 3:12-17.
  - C. Tentaçao de Cristo. 4: 1.11.
- III. O ministério de Jesus Cristo. 4:12 – 25:46.

## A. Na Galiléia. 4 : 12-18 : 35.

1. Residência estabelecida em Cafarnaum. 4:12-17.
2. Chamada de quatro discípulos. 4:18-22.
3. Visão geral do ministério galileu. 4:23-25.
4. Sermão da Montanha. 5:1 - 7:29,
5. Dez milagres e acontecimentos relacionados. 8:1 – 9:38.
6. Missão dos Doze. 10:1-42.
7. Resposta de Cristo a João e discurso relacionado. 11:1-30.
8. Oposição dos fariseus. 12:1-50
9. Uma série de parábolas sobre o Reino. 13:1-58.
10. Retirada de Jesus após a decapitação de João. 14:1-36.
11. Conflito com os fariseus por causa de tradição. 15:1-20.
12. Retirada para a Fenícia e a cura da filha da mulher cananéia. 15:21-28.
13. Volta ao Mar da Galiléia e realização de milagres. 15:29-38.
14. Novo conflito com os fariseus e saduceus. 15:39 – 16:4.
15. Retirada para a região de Cesaréia de Filipos. 16:5 – 17:23.
16. Instrução dos Doze em Cafarnaum. 17:24 – 18:35.

## B. Na Peréia. 19:1 – 20:16.

1. Ensinaamentos sobre o divórcio. 19:1-12.
2. A bênção das criancinhas. 19:13-15.
3. Entrevista com o moço rico. 19:16-30.
4. Parábola dos trabalhadores na vinha. 20:1-16.

## C. Na Judéia. 20:17-34.

1. Outra profecia sobre a morte e ressurreição de Cristo. 20:17-19.
2. Pedido ambicioso dos filhos de Zebedeu. 20:20-28.
3. Cura de dois cegos. 20:29-34.

## D. Em Jerusalém. 21:1 – 25:46.

1. Entrada triunfal. 21:1-11.

2. Purificação do Templo. 21:12-17.
3. Maldição da figueira estéril. 21:18-22.
4. Objeções à autoridade de Jesus e sua resposta alegórica. 21:23 – 22:14.
5. Jesus é interrogado por diversos grupos. 22:15-46.
6. Jesus denuncia publicamente os fariseus. 23:1-39.
7. Discurso no Monte das Oliveiras. 24:1 – 25:46.
- IV. A Paixão de Jesus Cristo. 26:1 – 27:66.
  - A. Conspiração contra Jesus. 26:1-16
  - B. A refeição final. 26:17-30.
  - C. Profecia da negação de Pedro. 26:31-35.
  - D. Acontecimentos no Getsêmani. 26:36-56.
  - E. Acontecimentos nos tribunais judeus. 26:57 – 27:2.
  - F. Remorso de Judas. 27:3-10.
  - G. Acontecimentos nos tribunais romanos. 27:11-31.
  - H. A crucificação. 27:32-56.
  - I. Sepultamento. 27:57-66.
- V. A Ressurreição de Jesus Cristo. 28:1-20.
  - A. Descobrimento da sepultura vazia. 28:1-8.
  - B. Aparecimento de Jesus. 28:9, 10.
  - C. O que disseram os soldados. 28:11-15.
  - D. A Grande Comissão. 28:16-20.

## COMENTÁRIO

### I. O Nascimento e Infância de Jesus Cristo. 1:1 - 2:23.

#### Mateus 1

A. Genealogia de Cristo. 1:1-17. Esta linhagem de Abraão a Jesus, através dos reis da casa de Davi, tem a intenção explícita de apresentar os direitos de Jesus ao trono de Davi. Ainda que o trono estivesse vago por quase seis séculos, ninguém poderia esperar a devida consideração

dos judeus para com o Messias se Ele não pudesse provar sua ascendência real. (Lc. 3:23-38 apresenta outra genealogia, aparentemente a de Maria, para mostrar a verdadeira ascendência consanguínea de Jesus, que também era da família de Davi.)

**1. O livro da genealogia.** Uma expressão hebraica variadamente compreendida como sendo o título de todo o Evangelho de Mateus, dos dois primeiros capítulos, ou dos dezessete primeiros versículos. Uma expressão semelhante em Gn. 5:1 é bastante ampla para incluir tanto a genealogia como a narrativa entretecida (Gn. 5:1-6:8).

**Jesus** é nome histórico; **Cristo** (o equivalente ao Messias hebraico, "o ungido") é o título do seu ofício. Os dois nomes não foram geralmente usados juntos como nome próprio até depois da Ascensão.

**Filho de Davi, filho de Abraão** relaciona Jesus com as promessas messiânicas (Gn. 12:3; 13:15; 22:18; II Sm. 7:12, 13; 22:51).

**2.** A lista começa com **Abraão**, o pai da raça à qual Mateus escrevia particularmente, e o primeiro a receber a promessa messiânica. Judá e seus irmãos. Ainda que a linhagem passe por Judá (Gn. 49:10), todos os patriarcas eram herdeiros da promessa messiânica.

**3-6. Tamar** (veja Gn. 38). Não se costumava incluir mulheres nas genealogias dos judeus. Mesmo assim, quatro mulheres foram incluídas (ainda que a ascendência fosse através do homem em todos os casos). Duas foram gentias (Raabe e Rute); três tinham nódoas morais (Tamar, Raabe, Bate-Seba). Essa não seria outra evidência da graça de Deus no seu plano de salvar pecadores? A repetição do título **o rei Davi** destaca o caráter real desta genealogia.

**7-11.** Estes versículos mencionam reis, os quais todos também foram relacionados em I Cr. 3:10-16. Depois de Jorão, Mateus omite os nomes de Acazias, Joás e Amazias, e depois de Josias ele omite Joaquim. As omissões sem dúvida são devidas à sua intenção arbitrária de encurtar a lista para dar três grupos de quatorze, talvez para facilitar a memorização. Gerou indica descendência direta, mas não necessariamente uma descendência imediata. Jeconias, filho de Joaquim

e neto de Josias, era considerado pelos judeus no exílio como seu último rei legítimo; e as profecias de Ezequiel são datadas com o nome dele, ainda que Zedequias, seu tio, fosse o seu sucessor.

**12-16. Salatiel** (ou Sealtiel) foi chamado de filho de Jeconias (veja I Cr. 3:17). Isso não contradiz Jr. 22:28-30, pois a ausência de filhos refere-se a filhos reinantes. (A citação de Salatiel como filho de Neri em Lc. 3:27 seria melhor entender-se como sendo outra pessoa, e não o resultado de um levirato.) Deste ponto, os nomes, que não aparecem no VT, devem ter sido derivados dos registros da família de José. É preciso que haja descendentes da realeza para preservação de sua linhagem. De José não se diz que ele "gerou" Jesus, uma mudança digna de nota em relação às expressões anteriores, e uma óbvia indicação do nascimento virginal, que Mateus explica mais adiante. A forma feminina do pronome **qual** também omite José de implicação no nascimento de Jesus. Essa genealogia faz dele o pai legal de Cristo porque era o marido de Maria, mas nada mais. O notável texto da Versão Siríaca do Sinai, "José de quem estava noiva Maria, a virgem, gerou Jesus", não pode estar correcto, e se pretende negar o nascimento virginal, contradiz-se nos versículos seguintes.

**17. Catorze gerações.** Este agrupamento triplo arbitrariamente constituído (como o indicam as omissões), deve ser um arranjo de conveniência. Os três períodos da história nacional foram incluídos teocracia, monarquia e hierarquia. A computação de Mateus apresenta um problema porque ele só relaciona quarenta e Um nomes. Alguns o resolveriam contando Davi duas vezes finalizando o primeiro grupo e começando o segundo (parece que o próprio Mateus também o fez; v. 17). Outros contam o cativoiro como um item da lista. O problema não tem importância por si.

## **B. Nascimento de Cristo 1:18-25.**

As circunstâncias do nascimento são apresentadas do ponto de vista de José, e alguns dos detalhes têm de ser formados a partir dele (vs. 19 e



20 por exemplo). Se ele já estivesse morto quando o ministério de Jesus começou, como muitos pretendem por causa da ausência do nome, as informações que Mateus obteve devem ter vindo dos irmãos de Jesus.

**18. Desposada.** Entre os judeus, os votos do casamento se faziam por ocasião do noivado, e sua anulação exigia um divórcio. O costume exigia que houvesse um intervalo, normalmente de um ano, antes da noiva passar a residir na casa do seu marido e para que a união física fosse consumada. Durante esse intervalo Maria **achou-se grávida**, uma circunstância que costumava ser punida com a morte. (Dt. 22:23, 24). Parece que Maria não explicou a sua situação a José, deixando este assunto delicado nas mãos de Deus. Dificilmente poderia esperar que José aceitasse sua história sem que houvesse uma autenticação divina.

**19. Infamar.** Em lugar de fazer uma acusação pública de fornicção, com uma possível exigência de pena máxima, José resolveu usar as frouxas leis do divórcio e dar a Maria uma carta de divórcio particular com a acusação declarada de maneira velada. Resolveu deixá-la significa divórcio, não somente a quebra de um compromisso de casamento. Como ele devia amá-la!

**20. Filho de Davi.** Este tratamento que o anjo deu a José (Gabriel? Lc. 1:26) é um título principesco. Ainda que José se encontrasse em circunstâncias humildes, era herdeiro do trono davídico que se encontrava vago. A citação do **Espírito Santo** como agente da concepção de Maria aponta claramente a personalidade distinta deste Divino Ser, e do conhecimento pleno que os judeus comuns tinham dessa Pessoa sem maiores explicações.

**21. Jesus** provém da expressão hebraica **Jeová salva** e aponta para o propósito de sua vinda. Seu povo relaciona Jesus às promessas messiânicas feitas a Israel, ainda que a cruz estendesse esta salvação dos pecados também aos gentios.

**22,23.** A miraculosa concepção seria o cumprimento de Is. 7:14. Se houve um outro cumprimento nos dias de Isaías não se discute nem se sugere. Possivelmente essas palavras foram ditas pelo anjo e assim

constituíram um reforço para a fé de José. **Emanuel** não foi usado como nome próprio de Jesus, mas descreve sua pessoa como o Filho de Deus.

**24,25.** José consumou o período de noivado levando Maria para viver em sua casa para que Jesus por ocasião do Seu nascimento fosse o seu filho legítimo e herdeiro do trono, Entretanto, ele **não a conheceu** sexualmente até o nascimento. O **enquanto** não indica necessariamente o que aconteceu depois. Entretanto, qualquer um deduz logicamente que seguiu-se o relacionamento normal do casamento, a não ser que se pretenda defender a virgindade perpétua de Maria. Mateus revela que não tinha tal inclinação.

## Mateus 2

### C. A visita dos Magos. 2:1-12.

Mateus que é o único a registrar este incidente, mostra a contraste de atitudes entre os sábios que não eram judeus que viajaram de longe para ver Jesus e as autoridades judias que não foram capazes de caminhar cinco milhas.

**1. Belém da Judéia** era também chamada de Efrata. (Gn. 35:16, 19). É preciso ler-se Lc. 2:1-7 para se saber porque o nascimento aconteceu em Belém e não em Nazaré. **O rei Herodes**, conhecido como Herodes, o Grande, era filho de Antipater, um edomita, foi feito rei pelos romanos em 43 A.C. Sua morte em 4 A.D. (nossos calendários estão errados em pelo menos quatro anos) dá-nos a mais recente e possível data para o nascimento de Cristo. **Magos** (*magoi*) indicava originariamente a casta sacerdotal entre os persas e babilônios (veja Daniel 2:2, 48; 4:6, 7; 5:7). Mais tarde o nome foi aplicado pelos gregos a qualquer feiticeiro ou charlatão (Atos 8:9;13:18). Mateus usa o termo no sentido bom para designar homens respeitados de uma religião oriental. É inteiramente aceitável que esses homens tivessem contato com os judeus exilados, ou com as profecias e a influência de Daniel, e assim possuíssem as profecias do V. T. relativamente ao Messias.

**2. Sua estrela.** Todas as tentativas de se explicar a estrela como um fenômeno natural são inadequadas dada a razão dela conduzir os magos de Jerusalém até Belém e então permanecer sobre a casa. Antes, foi uma manifestação especial dada por Deus, primeiro quando apareceu indicando o fato do nascimento de Cristo, e depois quando reapareceu sobre Jerusalém e guiou os magos ao lugar certo. Considerando que foi registrada uma revelação direta para os magos (v. 12), nada há de improvável em aceitar uma revelação direta desde o começo para emprestar significado à estrela.

**3-6.** Quando Herodes ouviu dizer que os magos estavam procurando em Jerusalém o Rei dos Judeus, o rei consultou os principais sacerdotes e escribas, dois dos grupos que compunham o Sinédrio. Deram-lhe a profecia de Miquéias 5:2 que cita Belém claramente como o lugar do nascimento do Messias.

**7,8.** Herodes intimou os sábios, sob pretenso e sincero interesse, pedindo informações exatas sobre a primeira aparição da estrela (parece que ainda não fora avistada em Jerusalém). Seus motivos, entretanto, eram os de precisar a data do nascimento de Jesus, para poder mais facilmente localizá-lo e destruí-lo.

**9,10. A estrela que viram no oriente** reapareceu então para guiá-los de Jerusalém a Belém.

**11. A casa** (não a manjedoura) na qual os magos encontraram o menino Jesus aponta para o fato de que essa visita seguiu-se ao nascimento de Jesus com um considerável intervalo de tempo, talvez de meses (veja v. 16). As três ofertas deram lugar à tradição dos três magos. A tradição chega até a lhes conferir nomes: Gaspar, Melquior e Baltazar. Mas as tradições não são fatos necessariamente.

**Ouro, incenso e mirra** eram considerados pelos antigos comentaristas como uma demonstração de reconhecimento de que Jesus era respectivamente Rei, Filho de Deus e aquele que estava destinado a morrer.

**12. Divina advertência.** Uma especial e divina revelação orientou os magos a evitarem encontrar-se com Herodes na sua volta.

**D. A Fuga para o Egito e o Massacre das Crianças. 2:13-18.**

Novamente somos devedores tão-somente a Mateus por esta informação. Os dois incidentes relacionam-se com passagens do V.T. Essa relação entre passagens do V.T e N.T, é uma característica deste Evangelho.

**13,14.** Uma segunda vez José recebeu instruções por meio de um anjo (veja 1:20) e tomando Jesus e Maria, levou-os para o Egito. A partida apressada parece ter acontecido na mesma noite em que os magos partiram. No Egito, onde havia uma grande população de judeus, a família provavelmente foi bem recebida sem chamar a atenção. O apócrifo Evangelho da Infância conta milagres fantásticos ocorridos ali (cap. IV).

**15. A morte de Herodes** depois de uma enfermidade repulsiva foi detalhadamente descrita por Josefo (Antig. xvii 6.5). **Para que se cumprisse** relaciona esta experiência com Os. 11:1, uma passagem que se refere historicamente à libertação dos israelitas no Egito. Mateus vê Israel nessa profecia como uma figura de Jesus Cristo, o único filho de Deus.

**16. Mandou matar todos os meninos.** Esse ato assassino de Herodes (que incluiu não mais que algumas dúzias de crianças, por causa do tamanho pequeno de Belém) não ficou registrado em outros escritos históricos e o fato não causa admiração por causa das atrocidades freqüentes do rei. Assassinou sua esposa e seus três filhos. Josefo o chama de "um homem de grande crueldade para com todos os homens" (Antig. xvii 8.1). **Dois anos para baixo** mostra que Herodes não queria se arriscar a perder a sua vítima. Jesus não teria dois anos necessariamente.

**17, 18. Raquel chorando por seus filhos.** Uma citação de Jr. 31:15, que descreve a lamentação do tempo do exílio de Israel. Aquela calamidade, causada pelo pecado de Israel, foi a causa eventual de

Herodes ter subido ao trono e agora era a causa desta atrocidade. Mateus reúne as duas calamidades como partes de um mesmo quadro.

### **E. Residência em Nazaré. 2:19-23.**

Lendo-se Mateus, poder-se-á supor que Belém era a residência original. Lucas explica, mostrando que Nazaré foi o primeiro lar. Parece que José pretendia ficar permanentemente em Belém até que seus planos foram divinamente alterados.

**19-22. Já morreram.** Uma referência a Herodes e conseqüentemente uma expressão idiomática retrospectiva de Êx. 4:19. **Arquelau**, filho de Herodes, o Grande, com Maltace, sua esposa samaritana, foi tão brutal quanto seu pai. Por isso José precisou ser **avisado** (ou advertido) por **divina advertência** quanto ao passo seguinte a ser tomado.

**23. Nazaré** parece ter sido escolha do próprio José, dentro da providência divina. Por que Mateus considerou isto como o cumprimento de uma profecia é difícil de se entender. **Por intermédio dos profetas** evita que procuremos apenas uma passagem do V.T, e conseqüentemente torna duvidoso que haja um jogo de palavras com base em *nêser*, "renovo" em Is. 11:1, ainda que este seja o ponto de vista comum. Parece melhor entender que Mateus achou que a pequena Nazaré era um lugar pouco adequado para residência do Messias (João 1:46), um cumprimento de todas as profecias do V.T, que indicam que o Messias seria desprezado (Is. 53:3; Sl. 22:6; Dn. 9:26).

## **II. O Começo do Ministério de Jesus Cristo. 3:1 - 4:11.**

### **Mateus 3**

#### **A. O Precursor de Cristo. 3:1-12.**

Todos os quatro Evangelhos descrevem o ministério preparatório de João, e Lucas apresenta uma descrição completa do seu notável nascimento (Lc. 1: 5-25, 57.80).

**1. Naqueles dias** relaciona-se com o versículo anterior, que fala de Jesus residindo em Nazaré. Uma data precisa foi dada em Lc. 3:1,2. **João Batista**, assim chamado até mesmo por Josefo (Antig. xiii, 5.2), pregou próximo ao Rio Jordão, ao norte do **deserto da Judéia**, uma terra inculta e estéril ao longo da praia ocidental do Mar Morto.

**2. Arrependei-vos** significa "mudai de pensamento", mas implica em mais do que uma simples mudança de opinião. Como termo religioso nas Escrituras, envolve uma completa mudança de atitude em relação ao pecado e Deus, acompanhado de um sentimento de tristeza e uma correspondente mudança de conduta. **Está próximo o reino dos céus** (ou *está próximo*), o motivo porque João chamou os homens ao arrependimento. Este título, peculiar a Mateus no N.T., baseia-se em Dn. 2:44; 7:13, 14, 27. Refere-se ao reino messiânico prometido no V.T., do qual Jesus seria apresentado como rei. (O termo, "reino de Deus", costuma ter uma conotação mais ampla, mas normalmente nos Evangelhos os dois termos são usados alternativamente.) Esse **reino dos céus** messiânico, ainda que prometido como um literal reino terreno, deveria, entretanto, basear-se em princípios espirituais, exigindo um relacionamento adequado com Deus para se entrar nele; daí o chamado ao arrependimento.

**3,4. Este é o referido pelo profeta Isaías** (Is. 40:3-5) relaciona definitivamente a profecia à pessoa de João, um fato que se nota em todos os Evangelhos (Mc. 1:2, 3; Lc. 3:4-6; Jo. 1:23). **Pelos de camelo e um cinto de couro**, provavelmente tem a intenção de assemelhar-se às roupas de Elias (II Reis 1:8; compare com Lc. 1:17; Mt. 17:10-13), e era a roupa costumeira dos profetas (Zc. 13:4) **Gafanhotos**. Um alimento admissível e não incomum (Lv. 11:22).

**5,6.** A pregação de João estava de acordo com o estado de expectativa que tomara conta de muitos corações, causando um entusiasmo geral, conforme indica a palavra **toda**. Os que vinham eram batizados como prova da aceitação de sua mensagem. O batismo era praticado pelos judeus quando faziam prosélitos, e com propósitos

curativos e purificadores; assim, a forma exterior não era uma inovação de João, ainda que o seu significado fosse novo. Até mesmo a comunidade Qumran observava um batismo ritualístico, ainda que não com os mesmos propósitos que João ao batizar. (V.S. LaSor, *Amazing Dead Sea Scrolls*, pág. 205, 206).

**7-10. Fariseus.** Membros de um destacado partido religioso. Proclamavam-se guardiões da lei mosaica e aderiam rigidamente às tradições dos antepassados. Cristo os caracterizou como sendo hipócritas (Lc. 11:44; 12:1). **Saduceus.** Um partido de racionalistas religiosos, que negavam a existência da vida futura. Eram politicamente poderosos, incluindo entre eles a aristocracia sacerdotal. João compreendeu que a vida deles não passava de exibição, não havendo uma mudança espiritual, e comparou-os a **viboras** que fugiam do fogo ligeiro da macega. Tendo **Abraão** por seu pai nacional não os garantia contra o juízo divino. Deus não estava obrigado a cumprir suas promessas com eles individualmente. **Destas pedras.** Talvez uma alusão a Is. 51:1, 2, mas principalmente uma referência aos cascalhos aos pés de João, que podiam ser criados pelo toque criador de Deus, como Adão foi formado do pó. Com a dramática figura do machado **à raiz das árvores**, João mostra que o tempo dos seus ouvintes está se esgotando. O lenhador está para aparecer.

**11,12.** O batismo de João, um testemunho público de que o participante estava arrependido, seria seguido pelo batismo do Messias, com o Espírito Santo e com fogo. Há quem relegue os dois termos ao Pentecostes; outros, ao Juízo. À vista do versículo 12, parece claro que o batismo com o Espírito Santo refere-se a Cristo salvando os crentes (**trigo**), e o fogo descreve o juízo que virá sobre os maus (**queimará a palha**). Compare Mt. 4:1 (um capítulo que no N.T. foi aplicado a João; veja Lc. 1:17). Assim, João olha para a obra do Messias do ponto de vista costumeiro do V.T., sem se importar com o intervalo entre a primeira e segunda vindas, um intervalo do qual ele poderia não estar cômico. **Pá.** Um instrumento de madeira para se jogar os grãos contra o

vento depois de debulhá-los. A palha mais leve seria carregada pelo vento, deixando os grãos amontoados em um monte.

### **B. Batismo de Cristo. 3:12-17.**

A vinda de Jesus para ser batizado por João foi colocada em tranqüilo contraste com a vinda hipócrita dos fariseus e saduceus (v. 7). Todos os três sinóticos registram este batismo, e o Evangelho de João inclui o posterior testemunho de João Batista sobre o mesmo (Jo. 1:29-34).

**13,14. Ele, porém o dissuadia.** O verbo em grego enfatiza um contínuo protesto. À luz de Jo. 1:31-33, pode-se perguntar como João reconheceu a superioridade de Jesus para falar assim. Não devemos deduzir, entretanto, que esses dois parentes fossem totalmente estranhos um ao outro, mas antes que João ainda não sabia que ele era o Messias oficial até que lhe fosse dado o sinal do Espírito que desceu do céu (Jo. 1: 33).

**15. Porque assim nos convém.** Ainda que fosse verdade que as posições de João e Jesus deveriam ser exatamente opostas, naquele momento (**por enquanto**) era a coisa oportuna a fazer. É claro que Jesus não se arrependia de nenhum pecado pessoal. Entretanto, como o Substituto que proveria a **justiça** para a humanidade pecadora, ele aqui se identifica com aqueles que veio redimir e começa, assim, o seu ministério público. Jesus, enquanto esteve na terra, sempre cumpriu com as obrigações religiosas de um judeu justo, tais como adorar na sinagoga, assistir às festas e pagar o imposto do templo.

**16,17. O Espírito de Deus** descendo cumpriu o sinal predito para João que Jesus era o Messias (Jo. 1:33; compare com Is. 11:2; 42:1; 59:21; 61:1). Tal como o Espírito vinha sobre os profetas do V.T. para orientação especial no começo dos seus ministérios, agora Ele vinha sobre Jesus sem medida. É claro que isso se relaciona à humanidade de Jesus. **Pomba.** Um antigo símbolo de pureza, inocência e mansidão (veja Mt. 10:16). A voz dos céus ocorreu em três lugares-chave do ministério



de Cristo; no seu batismo, na sua transfiguração (17:5), e exatamente antes da cruz (Jo. 12:28).

## Mateus 4

### C. A tentação de Cristo. 4:1-11.

O sentido mais óbvio desta passagem, com suas paralelos, é que foi uma experiência realmente histórica. Os pontos de vista que negam isto não diminuem as dificuldades de interpretação. Os diversos testes foram dirigidos contra a natureza humana de Jesus, e ele resistiu nesse reino. Entretanto, a perfeita união das naturezas divina e humana na sua pessoa fizeram que o resultado fosse esse, pois Deus não peca nunca. Mas isso não diminuiu de maneira nenhuma a força do ataque.

**1. Foi Jesus levado pelo Espírito.** Uma indicação da submissão (voluntária) de Cristo ao Espírito durante o seu ministério terreno. **Para ser tentado.** Uma palavra significando *tentar* ou *experimentar*, às vezes, como neste caso, *um engodo para o mal*. O Espírito conduziu Jesus para que esse teste fosse realizado. **O diabo.** O nome significa caluniador, e indica uma das características de Satanás, grande oponente de Deus e do povo de Deus.

**2. Quarenta dias e quarenta noites.** As três provas registradas aqui seguiram-se a este período de tempo, mas outras tentações ocorreram através do período (Lc. 4:2).

**3, 4. Se és Filho de Deus** não implica necessariamente uma dúvida da parte de Satanás, mas antes cria a base para a sua sugestão. A sutileza da prova está evidente, pois nem o pão nem a fome são pecados em si. **Não só de pão viverá o homem** (Dt. 8:3) foi a resposta escriturística de Cristo. Até mesmo Israel vagando no deserto ficou sabendo que a fonte do pão (isto é, Deus) era mais importante do que o próprio pão. Jesus recusou-se a operar um milagre com a finalidade de fugir ao sofrimento pessoal quando esse sofrimento fazia parte da vontade de Deus para ele.

**5-7.** A segunda tentação aconteceu no **pináculo**, ou aba do Templo em Jerusalém, talvez o alpendre que se elevava sobre o vale do Cedrom.

Satanás usou as Escrituras (Sl. 91:11, 12) para que Cristo provasse Sua declaração de que Ele vivia de toda palavra que saía da boca de Deus. **Também está escrito** apontava para a totalidade das Escrituras como guia de conduta e alicerce da fé. **Não tentarás o Senhor teu Deus** (Dt. 6:16; compare com Êx. 17:1-7). Tal atitude presunçosa de colocar Deus à prova não é fé mas dúvida, como a experiência de Israel comprovou.

**8-11. Um monte muito alto** é literal, mas sua localização é desconhecida. Por meio de algum ato sobrenatural, Satanás mostrou a Cristo todos os reinos do mundo. **Tudo isto te darei** indica que Satanás tem algo a conceder; caso contrário a prova não teria valor. Como o deus deste mundo (II Co. 4:4) e príncipe das potestades do ar (Ef. 2:2), Satanás exerce controle sobre os reinos da terra ainda que na qualidade de usurpador e dentro de certos limites. Ele ofereceu este controle a Jesus em troca de adoração, e com isto ofereceu a Cristo aquilo que conseqüentemente será dEle de maneira muito mais gloriosa (Ap. 11:15). A ligação entre **adorar** e **servir** na resposta de Jesus (de Dt. 6:13) é significativa, pois uma envolve a outra. Para Cristo inclinar-se diante de Satanás seria reconhecer o senhorio do diabo. Uma oferta dessas mereceu uma réplica direta de Cristo. A declaração de Mateus, **com isso o diabo o deixou**, mostra que a sua ordem das tentações é cronológica (contraste com Lc. 4:1-13). Jesus repeliu o mais poderoso ataque de Satanás não com um raio dos céus, mas com a Palavra de Deus escrita empregada na sabedoria do Espírito Santo, um meio à disposição de cada cristão.

### III. O Ministério de Jesus Cristo. 4:12 - 25:46.

A análise de Mateus do ministério de Cristo foi baseada sobre quatro áreas geográficas facilmente notáveis: Galiléia (4:12), Peréia (19:1), Judéia (20:17) e Jerusalém (21:1). Como os outros sinóticos ele omite o anterior ministério na Judéia, que ocorre cronologicamente entre 4:11 e 4:12 (confira com Jo. 14). Talvez Mateus comece com

Cafarnaum, na Galiléia, porque foi o lugar de sua própria associação com Cristo (9:9)

## **A. Na Galiléia 4:12 - 18:35**

### **1) Residência Estabelecida em Cafarnaum. 4:12-17.**

**12. Ouvindo porém Jesus.** O aprisionamento de João, com a resultante publicidade, tornou a retirada de Cristo uma necessidade prática para o interesse de seu trabalho.

**13. Deixando Nazaré.** Lucas 4:16-31 mostra que o motivo da retirada para Cafarnaum foi a tentativa do assassinato de Cristo depois de um culto na sinagoga. Cafarnaum tornou-se o lar de Jesus pelo resto do seu ministério.

**14-16. Para que se cumprisse** refere-se a Is. 9:1, 2, de onde os termos geográficos foram com particular liberdade transcritos. Além do Jordão, uma frase um tanto enigmática aqui, mas compreendida de preferência como sendo a Peréia, a qual, com a Galiléia, formavam o setor limítrofe de Israel. Esta região, mais exposta a influências estrangeiras do que a Judéia, tinha uma população mista, e o estado espiritual do povo costumava ser baixo. A vinda da luz de Cristo em tal área de trevas espirituais foi profetizada pelo profeta e a sua profecia cumpria-se agora.

**17. Arrependei-vos.** A mesma mensagem que João pregou na Judéia estava sendo agora proclamada por Jesus na Galiléia (cf. 3:2).

### **2) A Chamada dos Quatro Discípulos. 4:18-22.**

Jesus já tinha se encontrado com alguns desses homens, se não todos, na Judéia, quando João Batista ainda estava em atividade (Jo. 1:35-42). Agora, na Galiléia, esse relacionamento foi renovado e tomou-se permanente (compare com Mc. 1:16-20; Lc. 5:1-11).

**18-20. Mar da Galiléia.** Um lago no vale do Jordão a 680 pés abaixo do nível do mar, com 7 milhas de largura, 14 milhas de

comprimento, abundando em peixes, e sujeito a tempestades súbitas. **Simão** lançava a rede com seu irmão **André**, que o apresentara a Jesus há alguns meses atrás (Jo. 1:40,41). O convite, **Vinde após mim**, chamava esses crentes para a companhia constante de Jesus. Os planos de Cristo para eles exigiam um treinamento que os prepararia para recuperar homens perdidos. **imediatamente**. A prontidão revela o grande impacto de seu encontro anterior.

**21,22. Tiago e João**, outro par de irmãos, eram sócios de Simão e André (Lc. 5:10). **Consertando as redes**. Mateus e Marcos concordam sobre este fato, mas parece que Lucas difere. Em lugar de aceitar dois incidentes, parece-lhe mais razoável harmonizar os acontecimentos de algum modo, tal como faz S.J. Andrews (*The Life of Our Lord upon the Earth*, pág. 247, 248). É mais provável que os homens estivessem ocupados em lançar redes e remendá-las quando Cristo se aproximou da primeira vez. Então nosso Senhor usou o barco de Simão, produziu a pesca maravilhosa e chamou Simão e André para segui-lo. Depois de retornar à praia, Tiago e João começaram a consertar a rede rasgada e, então, Jesus também os chamou para segui-lo.

### 3) Estudo Geral do Ministério da Galiléia. 4:23-25.

Estes versículos dão um sumário dos acontecimentos expostos nos capítulos seguintes. O ministério de Cristo durante aqueles dias envolveu **instrução** (*didaskōn*), **proclamação** (*kêrussōn*) e **cura** (*therapeuōn*).

**23, 24. Sinagogas**. Recintos locais para adoração e instrução religiosa. Para exemplo da pregação de Jesus em sinagoga, veja Lc. 4:16-30. **Evangelho do reino** eram as boas novas proclamadas por Jesus que o rei messiânico já chegara para estabelecer o reino prometido. Acompanhando esta proclamação havia os milagres de cura preditos em relação ao reino e, assim, as credenciais do rei (Is. 35:4-6; Mt. 11:2-6). **Síria**. Aqui é uma referência à região que se dirige para o norte. Os **endemoninhados**. As Escrituras fazem aqui uma clara distinção entre a possessão demoníaca e a enfermidade física comum.

**25.** Além daqueles que vinham para serem curados, outros o seguiam, vindos de longe, sem esta motivação. **Decápolis.** Uma federação de dez cidades gregas independentes sob a proteção da Síria, à leste da Galiléia. **Dalém do Jordão.** A região do leste conhecida por Peréia. Assim, toda a Palestina, e as áreas adjacentes, tiveram a influência deste ministério.

#### **4) Sermão da Montanha. 5:1 – 7:29.**

É o mesmo discurso registrado em Lc. 6:20-49, pois as diferenças podem ser harmonizadas ou explicadas, e a semelhança entre os começos, finais e assuntos tornam a identificação extremamente provável. Além disso, os dois registros falam da cura do servo do centurião logo a seguir. A objeção de que Mateus coloca este discurso antes de sua própria vocação (9:9; contrasta com Lc. 5:27 e segs.) explica-se por sua falta de ordem cronológica estrita por toda parte. Daí, considerando que Mateus descreveu as atividades de Cristo na proclamação da chegada do Reino (4:17, 23), foi acertado incluir para os seus leitores um exame completo deste assunto feito por Jesus. Concluiu-se que o Sermão da Montanha não é, em primeiro lugar uma declaração de princípios para a Igreja cristã (que na ocasião ainda não fora revelada), nem uma mensagem evangelística para os perdidos, mas um esboço de princípios que caracterizariam o reino messiânico que Cristo anunciava. Mais tarde, a rejeição do seu Rei por parte de Israel, atrasou a vinda do seu reino, mas ainda agora os cristãos, tendo declarado a sua fidelidade ao Rei e tendo sido preparados espiritualmente para a antecipação de algumas das bênçãos do seu reino (Cl. 1:13), podem perceber o ideal de Deus neste sublime discurso e concordarão com seus altos padrões.

### **Mateus 5**

**1. Multidões.** Uma referência à multidão do versículo anterior, é uma indicação de que este discurso não foi proferido até que o ministério

da Galiléia estivesse no auge. Outra prova está no nível avançado das instruções nele contidas. **Ao monte.** Uma elevação sem nome, ao que parece próxima a Cafarnaum, sobre a qual Jesus encontrou um lugar plano para falar (Lc. 6:17). **Seus discípulos.** Lucas mostra que a escolha dos Doze acabou (Lc. 6:12-16), e o sermão foi, em primeiro lugar, para eles (conferir com Lc. 6:20). Entretanto, uma parte dele foi ouvida pela multidão (Mt. 7:28; Lc. 6:17).

### **a) Características dos Cidadãos do Reino. 5:3-12.**

**3. Bem-aventurados.** Felizes. Uma descrição da condição íntima do crente. Quando descrevendo uma pessoa dentro da vontade de Deus, é virtualmente equivalente a "salvo", O Salmo 1 dá um quadro do V.T. do homem bem-aventurado, que evidencia sua natureza por suas atitudes. As Beatitudes, também, não são primordialmente promessas individuais, mas uma descrição do indivíduo. Não mostram ao homem como ser salvo, mas descrevem as características manifestas por aquele que nasceu de novo. **Humildes de espírito.** O oposto dos espíritos orgulhosos. Aqueles que reconheceram a sua pobreza nas coisas espirituais e permitiram que Cristo suprisse suas necessidades tornaram-se os herdeiros do reino dos céus.

**4,5. Choram** (confira com Is. 61:3). Um sentimento de angústia por causa do pecado caracteriza o homem bem-aventurado. Mas o arrependimento genuíno concede o conforto para o crente. Considerando que Cristo levou sobre si os pecados de todos os homens, o conforto do perdão completo está à disposição imediata (I Jo. 1:9). **Mansos.** Só mencionados por Mateus. Uma alusão óbvia ao Sl. 37:11. A fonte dessa mansidão é Cristo (Mt. 11:28, 29), que a concede quando os homens submetem-lhe a sua vontade. **Herdarão a terra.** O reino messiânico terreno.

**6-9. Fome e sede de justiça.** Uma paixão profunda pela justiça pessoal. Tal desejo é evidência da insatisfação como alcance espiritual atual (contrasta com os fariseus, Lc. 18:9 e segs.) **Misericordiosos**

(confira com Sl. 18:25). Aqueles que põem em ação a piedade podem esperar a mesma misericórdia tanto da parte dos homens como de Deus.

**Limpos de coração.** Aqueles cujo ser moral está livre da contaminação do pecado, sem interesses ou lealdade divididos. Eles, na posseção da natureza pura de Deus, possuem a visão límpida de Deus, que atingirá o seu clímax na volta de Cristo (I Co. 13:12; I Jo. 3:2). **Pacificadores.** Assim como Deus é "o Deus da paz" (Hb. 13:20) e Cristo, "o Príncipe da Paz" (Is. 9:6), os pacificadores no Reino serão reconhecidos como participantes da natureza divina, e serão devidamente honrados.

**10-12. Os perseguidos por causa da justiça.** Quando se estabelecer o reino messiânico, essas injustiças serão sanadas. E mesmo dentro desse reino a presença de homens com natureza pecadora tomarão possível o mal, ainda que imediatamente julgado. **Os profetas.** Os videntes do V. T. que profetizaram o reino e proclamaram seu caráter de justiça encontraram a mesma oposição (Jer.; Jr. 20:2; Zac.; II Cr. 24:21).

### **b) Função dos Cidadãos do Reino. 5:13-16.**

**13,14. Sal.** Um conhecido preservador do alimento, muitas vezes usado simbolicamente. Os crentes são uma coibição da corrupção do mundo. Os incrédulos são muitas vezes afastados do mal por causa de uma consciência moral cuja origem pode ser encontrada na influência cristã. **Se o sal vier a ser insípido.** Se isto pode acontecer quimicamente é assunto controvertido. Thompson admite que o sal impuro da Palestina pode se tornar insípido (*The Land and the Book*, pág. 381). Entretanto, a ilustração de Cristo pode ser hipotética para mostrar que a anomalia é um crente inútil. **Vós sois a luz do mundo.** Os crentes funcionam positivamente para iluminar um mundo que está nas trevas, porque eles possuem Cristo, que é a luz (Jo. 8:12). A luz de Cristo deveria brilhar publicamente, como o agrupamento das casas de pedras brancas numa cidade da Palestina. Deveria também ser exibida em nossos relacionamentos individuais e particulares (**candeia, velador, casa**).

**c) Padrões do Reino Comparados à Lei Mosaica. 5:17-48.**

**17-20. Não penseis que vim revogar.** Cristo responde à objeção de que ele estivesse menosprezando o V.T, com a negação de qualquer esforço no sentido de anular ou revogar a Lei. **Vim para cumprir.** Cristo cumpriu o V.T, obedecendo a Lei perfeitamente, cumprindo seus tipos e profecias, e pagando o preço total da Lei como o Substituto dos pecadores. (Conseqüentemente, os crentes têm a justiça de Cristo que lhes foi imputada pela justificação; Rm. 3:20-26; 10:4). **Em verdade vos digo.** A primeira vez que Jesus usa essa fórmula impressionante, indicando uma declaração de extraordinária importância. **Até que o céu e a terra passem.** Ainda que alguns achem que é uma expressão idiomática usada em lugar de nunca, provavelmente é uma referência escatológica (Mt. 24:35; Ap. 21:1). O **i** é a menor das letras do alfabeto hebreu (*yodh*). O **til**. Pequena projeção de certas letras hebraicas. Aqueles que não se opõem em princípio às leis de Deus mas fogem às suas exigências menos importantes não serão lançados fora do Reino mas terão uma recompensa menor no reino. **Vossa justiça.** Diferente da justiça dos **escribas e fariseus**, que consistia em uma simples conformidade, exterior, e carnal, ao código mosaico, ainda que escrupulosamente observado. A justiça do crente se baseia na justiça de Cristo que lhe foi imputada e obtida pela fé (Rm. 3:21, 22), que o capacita a viver justamente (Rm. 8:2-5). Só essa pessoa poderá entrar no reino que Cristo proclamou.

**21-26.** Primeira ilustração: homicídio. Jesus mostra como esse cumprimento da Lei é mais profundo que uma simples conformidade exterior. **Quem matar** destaca um desenvolvimento tradicional de Êx. 20:13, mas ainda trata do ato de homicídio. **O julgamento.** O tribunal civil judeu, conforme baseado em Deut. 16:18 (veja também Josefo, Antig. iv. 8.14). Os melhores manuscritos omitem "sem motivo" ainda que Efésios 4:26 indique a possibilidade de se inferir corretamente alguma restrição. **Insulto.** (**Raca** na ERC.) Provavelmente "cabeça vazia" (de uma palavra aramaica significando "vazio"). **Tolo.**



Considerando que esta série exige epítetos progressivamente mais graves, Bruce acha que **Raca** é um desacato à cabeça do homem, e **tolo**, ao seu caráter (Exp GT, I, 107). **Inferno de fogo**. Literalmente uma referência ao vale de Hinon nos arredores de Jerusalém, onde o lixo, os restos e as carcaças de animais abatidos eram queimados e também uma metáfora pitoresca do lugar do tormento eterno. (A sua história horrível se encontra em Jr. 7:31, 32; II Cr. 28:3; 33:6; II Reis 23:10.) Cristo localiza a raiz do homicídio no coração do homem irado, e promete que no Seu reino o julgamento imediato será feito antes que o homicídio seja cometido. **Ao altar**. Indicação do disfarce judaico deste discurso. **Teu irmão tem alguma coisa contra ti**, isto é, se você cometeu uma injustiça contra o seu irmão. **Vai primeiro reconciliar-te** obriga o adorador que está a caminho, a prestar satisfações ao ofendido para que a sua oferta seja aceitável (confirma com Sl. 66:18). **Adversário**. Um oponente da lei (confira com Lc. 12:58, 59). Considerando que o juízo está próximo, os ofensores deveriam se apressar em ajustar contas. **Enquanto não pagares**. Provavelmente uma situação literal no reino. Se, entretanto, a **prisão** é símbolo do inferno, a implícita possibilidade de pagamento e soltura aplica-se apenas à parábola, não a sua interpretação. A Escritura é clara ao declarar que aqueles que estão no inferno ficarão lá para sempre (Mt. 25:41, 46), porque a sua dívida não pode ser paga.

**27-30**. Segunda ilustração: adultério. Jesus indica que o pecado descrito em Êx. 20:14 tem raízes mais profundas que o ato declarado. **Qualquer que olhar** caracteriza o homem cujo olhar não está controlado por uma santa reserva e que forma o desejo impuro de concupiscência por determinada mulher. O ato será consumado quando houver oportunidade. **Olho direito**. Para o homem que culpar o seu olho pelo pecado, Jesus mostra o procedimento lógico a ser tomado. Assim como amputamos órgãos doentes para salvar vidas, também um **olho** (ou **mão**) tão desesperadamente afetado precisa de um tratamento drástico. É claro que Jesus queria que seus ouvintes vissem que a verdadeira fonte do

pecado jaz, não no órgão físico, mas no **coração**. O coração perverso do homem precisa ser mudado se ele quer escapar à ruína final do inferno (Geena; veja comentário sobre 5:22).

**31, 32.** Terceira ilustração: divórcio. O regulamento mosaico (Dt. 24:1) protegia a mulher dos caprichos do homem, insistindo na **carta de divórcio**. O divórcio era, entretanto, uma concessão ao pecado humano (Mt. 19:8). As premissas mosaicas da "impureza" foram muitas vezes explicadas, a partir do adultério (Shammai) até o mais simples desagrado da parte do marido (Hillel). No costume judeu só os homens podiam obter divórcio. **Relações sexuais ilícitas.** Alguns restringem estas palavras ao costume judeu, como descritivo da infidelidade durante o período de compromisso (confira com o problema de José, 1:18, 19), e assim não encontram motivo para o divórcio hoje em dia. Outros acham que "fornicação" equivale a "adultério" nesta passagem, e assim é o único motivo que dá permissão para o divórcio segundo Cristo. Certamente não temos base além desta possível exceção. **A expõe a tornar-se adúltera.** Entende-se, geralmente, em tese, considerando que ela pode ser forçada a contrair outro casamento. Uma vez que isso não precisa obrigatoriamente acontecer, Lenski interpreta esta difícil forma passiva assim – ocasionar que ela seja estigmatizada como adúltera (*Interpretation of St. Matthew's Gospel*, págs. 230-235), e considera o pecado como uma suspeita injusta atraída sobre a parte injuriada.

**33-37.** Quarta ilustração: juramentos. O alicerce do V.T., é Lv. 19:12 e Dt. 23:21 (confira com Êx. 20:7). **Jurarás falso.** Jurar em falso. O abuso que os judeus faziam dos juramentos, levou Jesus a dizer, **de modo nenhum jureis**. É difícil achar uma brecha nesta diretiva (veja também Tiago 5:12). Assim, o crente não deveria jurar para autenticar suas declarações. Até mesmo o Estado deveria geralmente permitir uma afirmação em lugar do juramento exigido. **Pelo céu.** Os judeus usavam a sua engenhosidade para classificar os diversos juramentos, e geralmente perdoavam aqueles que não mencionassem Deus especificamente. Jesus mostrou que tal raciocínio enganosamente sutil era falso, pois Deus

continua implicado quando os homens invocam os **céus**, a **terra**, ou **Jerusalém**; e até quando se jura pela própria cabeça está implicado Aquele que tem poder sobre a mesma. **Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim.** Uma solene afirmação ou negação é o suficiente para o crente. **O que passa disto.** Acrescentando juramentos às nossas declarações, ou admitimos que não se pode confiar em nossas palavras costumeiras, ou nos rebaixamos ao nível de um mundo mentiroso, que vem do **maligno**. Confira com Jo. 8:44.

**38-42.** Quinta ilustração: vingança. **Olho por olho** (Êx. 21:24). Um princípio judicioso que fazia o castigo ajustar-se ao crime. Entretanto, não tinha a intenção de permitir aos homens que se vingassem com suas próprias mãos (Lv. 19:18). **Não resistais ao mal.** Provavelmente, "ao homem mau". Jesus mostra aos cidadãos do Reino como deveriam receber a injúria pessoal. (Ele não está discutindo a obrigação do governo de manter ordem.) Um filho de Deus deveria estar pronto a sofrer perda por assalto (v. 39), litígio (v. 40), regulamentos compulsórios (v. 41), mendicância (42a), empréstimos (v. 42b). **Túnica.** Roupas de baixo ou túnica. **Capa.** Vestimenta externa mais cara, às vezes usada como cobertura de cama (veja Êx. 22:26, 27), e portanto não podia ser mantida durante a noite como garantia de pagamento de dívida (Dt. 24:12, 13). **Te obrigar.** Uma palavra de origem persa, descrevendo o costume dos correios que tinham autoridade de obrigar pessoas a prestarem serviços sempre quando fosse necessário (confira com Simão Cireneu, Mt. 27:32). Esse alto padrão de conduta deveria obrigar todos os crentes a se esforçarem até onde fosse possível em viver de acordo com a sua vocação e a ansiarem pelo dia quando o governo justo de Cristo tornará esse ideal inteiramente aplicável a todos os setores da vida.

**43-48.** Sexta ilustração: amar os inimigos. **Amarás o teu próximo** (Lv. 19:18, 34) resume toda a segunda tábu da Lei (confira com Mt. 22:39). **Odias o teu inimigo.** Esta adição que não é das Escrituras desvia-se da lei do amor; mas deveria ser uma interpretação popular. O

Manual de Disciplina de Qumran contém a seguinte regra: ". . . amar todos os que Ele escolheu e odiar a todos os que Ele rejeitou" (1 QS 1.4).

**Amai a vossos inimigos.** O amor (*agapao*) prescrito é o amor inteligente que compreende a dificuldade e esforça-se em libertar o inimigo do seu ódio. Tal amor é parente da atitude amorosa de Deus para com os homens rebeldes (Jo. 3:16) e portanto é uma prova de que aqueles que agem assim são verdadeiros **filhos** do seu **Pai**. **Publicanos.** Os coletores judeus dos impostos romanos, odiados por seus patrícios por causa de suas flagrantes extorsões e sua associação com os conquistadores desprezados. A ordem **Sede vós perfeitos** deve se restringir à questão do amor neste contexto. Assim como o amor de Deus é completo, não omitindo nenhum grupo, assim o filho de Deus deve lutar pela maturidade nessa questão (confira com Ef. 5:1, 2). Isso não pode se referir à ausência de pecado, pois Mt. 5:6, 7 mostra que os bem-aventurados ainda têm fome de justiça e precisam de misericórdia.

#### **d) Atitudes dos Cidadãos do Reino. 6:1 – 7:12.**

Jesus passa a comparar a vida honesta que ele espera, coma hipocrisia dos fariseus e seus seguidores (5: 20).

### **Mateus 6**

**1-4.** Primeiro exemplo: esmolas. **Esmola.** O versículos 1 tem a palavra **justiça** nos melhores textos, e ela introduz toda a discussão. Tem-se em vista aqui a justiça prática. **Diante dos homens.** Embora tenhamos recebido a ordem de deixar a nossa luz brilhar (5:16), atos de justiça não devem ser praticados para auto-glorificação (**com o fim de serdes vistos por eles**). Esmola foi bem aplicado no versículo 2 e demonstra a oferta caridosa. **Toques trombeta.** Metáfora para "tornar público". **Hipócritas.** Da palavra grega que indica atores desempenhando um papel. **Já receberam a recompensa.** O uso comercial dessa palavra indica pagamento integral com recibo. A justiça exibicionista já recebeu o seu pagamento integral; Deus nada

acrescentará. Aqueles que se contentam em dar a sua oferta em secreto serão recompensados, não pelo aplauso dos homens, mas pelo seu **Pai** celestial. Omite *publicamente* (ERC).

**5-15.** Segundo exemplo: oração. **Em pé nas sinagogas.** Era o modo costumeiro (Mc. 11: 25) e o lugar de oração e não está sendo atacado. Mas a intenção daquele que pretende que o momento da oração o surpreenda em lugar proeminente e que ama essa exibição é condenada. **Entra no teu quarto.** Não está se declarando que a oração pública seja condenada (Jesus mesmo orou em público, Lc. 10:21, 22; Jo. 11:41,42), mas sim a exibição vaidosa. A oração particular é o melhor treinamento para a oração pública. Omite *publicamente* (ERC). **Vãs repetições** (tagarelice) são características das orações pagãs (ou **gentias**), como a ostentação é dos **hipócritas**. Tal atitude é como se a oração fosse um esforço para vencer a má vontade de Deus em responder, cansando-o com palavras. Entretanto não é a mera extensão ou repetição que Cristo condena (Jesus orou a noite inteira, Lc. 6:12, e repetiu seus pedidos, Mt. 26:44), mas a motivação indigna que induz tais atos religiosos.

Jesus continua dando um exemplo de uma oração aceitável, que é uma maravilha no seu largo alcance e brevidade. No entanto, certamente não deve ser repetida supersticiosamente (a atitude que Cristo estava execrando, v. 7) e ela não incorpora todos os seus ensinamentos sobre oração (conferir com Jo. 16:23, 24), mas pode ser usada (não apenas recitada) com sinceridade por todos os verdadeiros crentes. Os cristãos certamente perceberão, à luz de revelação posterior, que a oração é possível com base nos méritos de Cristo.

**Nosso Pai.** Uma maneira incomum de começar uma oração no V.T., mas preciosa a todos os crentes do N.T. Os três primeiros pedidos da oração referem-se a Deus e ao seu programa; os quatro últimos, ao homem e suas necessidades. **Santificado.** O significado aqui é "seja reverenciado e tratado como santo". **Venha o teu reino.** O reino messiânico. Não apenas judeus mas todos os crentes em Cristo deveriam ter um interesse vital pela sua chegada.

**O pão nosso de cada dia.** O primeiro pedido pelas necessidades pessoais emprega um termo, cada dia, encontrado apenas uma vez no grego secular (Arndt. pág. 296). As opiniões quanto ao seu significado variam entre "diário", "necessário para a existência" e "dia seguinte". **Perdoa-nos as nossas dívidas.** Os pecados tidos como dívidas morais e espirituais para com a justiça de Deus. Esses não são os pecados dos não-regenerados (esta oração foi ensinada apenas aos discípulos), mas de crentes, que precisam confessá-los. **Assim como nós perdoamos.** O perdão dos pecados, quer sob a lei mosaica ou na Igreja, sempre é pela graça de Deus e com base na expiação de Cristo. Entretanto, o caso de um crente confessando seu pecado e pedindo o perdão de Deus enquanto guarda rancor contra outra pessoa, além de ser incongruente, é também hipócrita. É mais fácil ter-se um espírito perdoador quando o cristão considera quanto Deus já lhe perdoou (Ef. 4:32). A falta de perdão é o pecado e deve ser confessado como tal. **E não nos deixes cair em tentação.** Conferir com Tiago 1:13,14; Lc. 22:40. Uma declaração de que Deus, na sua providência, poupará o suplicante das tentações desnecessárias. A doxologia em 6:13b é uma interpolação litúrgica de I Cr. 29:11.

**16-18.** Terceiro exemplo: jejum. **Quando jejuardes.** A lei mosaica (sob a qual viviam os ouvintes de Cristo) prescrevia um jejum anual, no Dia da Expição (Lv. 16:29, "afligireis as vossas almas"). O farisaísmo acrescentou dois jejuns semanais, às segundas-feiras e quintas-feiras, e os usavam como ocasiões para exibição pública de piedade. Entretanto, a verdadeira função do jejum era indicar contrição profunda e a devoção temporária de todas as energias à oração e à comunhão espiritual. Mas o jejum que exige expectadores é mera exibição. Jesus não instituiu jejuns para os seus discípulos, ainda que o jejum voluntário aparece ocasionalmente na igreja apostólica (Atos 13:2,3).

**19-24.** Quarto exemplo: riqueza. Um erro comum do farisaísmo e judaísmo era geralmente a ênfase indevida sobre a riqueza material como evidência da aprovação de Deus. Jesus explicou que os **tesouros sobre a**

**terra** são efêmeros, podendo ser perdidos por causa das traças (confira com vestido, v. 19). **Ferrugem** (uma tradução mais apropriada para *brosis*, conferir com mantimento, v. 25) e **ladrões**. O cidadão do Reino deveria antes ajuntar tesouros no céu, concentrando-se na justiça (veja v. 33). **A lâmpada do corpo**, que recebe e dispensa a luz, **são os olhos**. Se os olhos, usados aqui, figurativamente em relação à compreensão espiritual, fossem bons, não sofrendo da visão dupla em relação à questão das riquezas – uma perturbação que é **má** – então o indivíduo pode ver as riquezas na sua perspectiva correta. A impossibilidade de servir a dois senhores no relacionamento do escravo e senhor é uma ilustração pitoresca. **Mamom**. Ainda que a sua origem seja incerta, parece ser uma palavra aramaica indicando riquezas, aqui personificadas. Observe que Jesus não condena as riquezas mas a escravidão às riquezas.

**25-34.** Quinto exemplo: ansiedade. Aqueles que não têm riquezas podem acabar sendo vítimas da preocupação por falta de fé. Daí a transição natural. **Não andeis ansiosos**. Não uma proibição de providência ou planejamento (confira com I Tm. 5:8; Pv. 6:6-8; 30:25), mas de ansiedade sobre necessidades diárias. **Não é a vida mais do que o alimento?** Considerando que a própria vida e o corpo foram providenciados por Deus, não deveríamos confiar nele para providenciar aquilo que tem menos importância? Considerando que Deus fornece o sustento às aves que não têm capacidade de semear, colher e armazenar, quanto mais deveriam os homens, que foram equipados com essa capacidade, confiar em seu Pai celestial! **Acrescentar um côvado ao curso de sua vida**. O alimento é essencial ao crescimento. Mas mesmo isso Deus controla. Conforme uma criança vai crescendo e se tornando adulta, Deus acrescenta muito mais do que um côvado (cerca de 45 cm) mas a ansiedade só pode atrapalhar e não ajudar. Alguns preferem traduzir para *período de vida* e não **estatura**, e tentam descobrir exemplos de **côvado** como medida de tempo. Entretanto, a primeira interpretação serve bem à passagem. **Lírios**. Qual a flor em particular indicada por esta palavra é duvidoso, mas elas deviam estar florescendo

naquela ocasião uma vez que Jesus se refere a **qualquer deles**. **Salomão**. O mais magnífico rei hebreu. **Erva do campo**. Os lírios acabados de mencionar, a beleza dos quais é breve, e que logo são cortados coma erva e usados como combustível para as necessidades do homem aquecendo no **forno** (Tiago 1:11). **Vós, homens de pequena fé**. Uma expressão usada quatro vezes em Mateus e uma vez em Lucas, como encorajamento para o crescimento na fé, e também como reprimenda carinhosa. **Os gentios é que procuram**. Uma referência à atenção que os gentios dispensam às coisas materiais porque não conhecem Deus na qualidade de Pai celestial (conferir com 6:7, 8). **Buscai, pois em primeiro lugar**. Os ouvintes de Cristo, que já se declararam às ordens do Rei, devem continuar buscando (verbo durativo) o Reino, concentrando-se nos valores espirituais e colocando toda a sua confiança em Deus; e Deus que conhece suas necessidades temporais suprirá o que for necessário. **O amanhã trará os seus cuidados**. Uma personificação notável. **Basta a cada dia o seu próprio mal**. Este mal é explicitamente físico, referindo-se aos problemas que podem surgir. Não tem sentido acrescentar os cuidados de amanhã aos cuidados de hoje.

## Mateus 7

**7:1-12**. Sexto exemplo: julgando outros. **Não julgueis**. O imperativo presente sugere que o hábito de julgar os outros é que está sendo condenado. Ainda que a palavra **judgai** seja neutra quanto ao julgamento, o sentido aqui indica um julgamento desfavorável. Aqueles que criticam os outros devem parar, tendo em vista o juízo final, pois os homens não podem julgar os motivos como Deus pode (conferir com Tiago 4:11, 12). Os crentes não devem fugir a toda crítica (conferir com 7:6, 16), pois os cristãos têm de julgar-se a si mesmos e aos membros ofensores (I Co. 5:3-5, 12, 13). **Para que não sejais julgados**. O subjuntivo aoristo entende-se melhor quando aplicado ao julgamento de Deus e não dos homens (conferir com 6:14, 15). **Argueiro**. Uma partícula de palha ou feno, ou uma lasca de madeira. **Trave**. Um tronco



ou tábuas, usado como viga mestra em um telhado ou assoalho; aqui representa um espírito reprovador. A ilustração foi intencionalmente exagerada para mostrar a posição ridícula daquele que se coloca como juiz dos outros. Essa pessoa é chamada de **hipócrita**, pois pretende agir como médico, quando ela mesma está enferma. Esta ordem, entretanto, não exime os crentes de fazer distinções morais. Aqueles que ouviram o Evangelho e o apelo de Cristo, e pela sua atitude demonstraram que a sua natureza é inalteravelmente viciosa (cães e porcos eram especialmente repulsivos aos ouvintes de Jesus), não devem ter a permissão de tratar essas coisas preciosas com pouco caso (conferir com 13:11-15).

Os seguintes versículos sobre a oração (cons. Lc. 11:9-13) respondem aos problemas que o crente possa ter à vista das instruções sobre o julgamento. A necessidade de discernir os cães e os porcos quando estiver fugido à trave do olho exige sabedoria do alto. Daí Jesus incentiva seus seguidores a **pedi, buscai e batei**, para que suas deficiências sejam supridas pela provisão divina. Os três imperativos estão em ordem crescente, e suas formas contínuas sugerem, além da perseverança, oração freqüente por toda e qualquer necessidade. Existe uma semelhança tosca entre o **pão** (um pãozinho pequeno e redondo) e uma **pedra**, e entre um **peixe** e uma **serpente**, mas nenhum pai enganaria assim uma criança com fome. **Que sois maus**. Uma referência à natureza pecadora do homem (até os discípulos têm esta natureza). **Boas dádivas** foi substituído em Lc. 11:13 (em outra ocasião) por Espírito Santo, o Doador de todo o bem. O versículo 12 aplica a instrução anterior. Ainda que maus por natureza, somos reconhecidos por Deus como seus filhos e temos a promessa de recebermos respostas às orações. Daí, em vez de julgarmos os outros, devemos tratá-los como gostaríamos de ser tratados. Este resumo do V.T. (**a lei e os profetas**) é uma reafirmação da segunda tábuas da Lei (Mt. 22:36-40; Rm. 13:8-10), e repousa sobre a primeira, pois o relacionamento do homem com Deus sempre será a base do seu relacionamento com o próximo.

**e) Exortações Finais aos Cidadãos do Reino. 7:13-27.**

**13,14. Entrai pela porta estreita.** Para aqueles que já entraram, pela fé, em relação com Cristo (como também aos outros que estavam ouvindo; v. 28) nosso Senhor descreve a impopularidade relativa de sua nova posição. A ordem de **porta** e **caminho** sugerem a porta como entrada para o caminho, símbolo da experiência crucial do crente com Cristo, a qual introduz à vida piedosa. Os cristãos primitivos eram chamados de aqueles "do Caminho" (Atos 9:2; 19:9, 23; 22:4; 24:14, 22). Enquanto a grande massa de humanidade está sobre o **caminho espaçoso** que conduz à **perdição** (ruína eterna), a outra **porta** e o outro **caminho** são ao estreitos que precisam ser **procurados**. Mas o mesmo Deus que providenciou Cristo, a porta e o caminho (Jo. 14:6), também leva os homens a encontrarem a porta (João 6: 44). **Vida.** Contrastando aqui paralelamente com perdição e assim uma referência ao estado de bem-aventurança no céu, ainda que esta vida eterna comece na regeneração.

**15-20.** Aqueles que entram pelo caminho apertado precisam se precaver contra os **falsos profetas**, que dizem guiar os crentes mas que na realidade praticam a mentira. **Disfarçados como ovelhas** não deve ser entendido como a vestimenta do profeta, mas é um contraste evidente aos **lobos** perversos. O povo de Deus de todas as épocas precisou estar alerta contra os líderes mentirosos (Dt. 13:1; Atos 20:29; I Jo. 4:1; Ap. 13:11-14). **Pelos seus frutos.** As doutrinas proferidas por esses falsos profetas, mais do que as obras que praticam, uma vez que a aparência exterior pode não despertar suspeitas. O teste do profeta é a sua conformidade com as Escrituras (I Co. 14:37; Dt. 13:1-5). **Árvore má.** Uma árvore arruinada, sem valor, inútil. A falta de utilidade de uma árvore como essa exige a sua imediata retirada do pomar para que não prejudique as outras.

**21-23.** Jesus solenemente sugere sua Filiação divina (**meu Pai**) e a sua posição de Juiz (**naquele dia, hão de dizer-me**), e adverte os falsos líderes (aqueles que **profetizaram** em nome de Cristo, **expulsaram demônios** e realizaram **muitos milagres**) que serão inteiramente

desmascarados e julgados. A simples realização de feitos espetaculares (mesmo os sobrenaturais) não é, necessariamente sinal de autenticação divina (Dt. 13:1-5; II Ts. 2:8-12; Mt. 24:24). O julgamento que se realizará **naquele dia** determinará quem **entrará no reino dos céus** (Mt. 25:31-46). Embora a referência específica deva ser àqueles que ainda estarão vivos ao estabelecimento do reino milenar (caso contrário estariam entre os mortos não justificados que não ressuscitarão até que termine o Milênio, Ap. 20:5), o resultado é o mesmo para os dois grupos; e assim a advertência é pertinente.

**Nunca vos conheci.** No sentido intensivo de *conhecer com privilégio*, ou *reconhecer* (conf. Sl. 1:6; Amós 3:2).

**24-27.** A importância suprema de se edificar sobre alicerces certos. O homem cuja casa ruiu falhou não porque deixasse de trabalhar, mas porque não utilizou a rocha. **A rocha.** O próprio Cristo (I Co. 3:11) e seus ensinamentos.

**Estas minhas palavras.** Capítulos 5-7.

**As pratica.** Obediência aos ensinamentos. O sermão foi dirigido aos crentes e pressupõe fé em Jesus como o Messias. Não é legalismo. Nenhuma obra alicerçada em meros esforços humanos tem algum valor espiritual, mas a fé em Cristo, a rocha, produz a regeneração que se manifesta na vida piedosa.

**28,29. Quando Jesus acabou de proferir estas palavras.** Lenski observa a exatidão da observação psicológica de Mateus. Enquanto Jesus falava, a multidão estava enlevada; mas quando ele terminou, a tensão se desfez e o espanto tomou conta das pessoas (*Interpretation of St. Matthew's Gospel*, pág. 314). Não **como os escribas** chama a atenção para o fato de que os escribas, quando ensinavam, apelavam repetidas vezes para a opinião de reconhecidos rabis e à interpretação tradicional. Como eram cansativos quando comparados à autoridade de Cristo, "Eu vos digo"! (5:18, 20, 22 e outras.)

**5) Dez milagres e Acontecimentos Relacionados. 8:1 – 9:38.**

A narrativa desses dois capítulos está arrumada por tópicos, e a ordem difere um pouco de Marcos e Lucas. Entretanto, a descrição que Mateus faz da purificação do leproso logo após ao Sermão da Montanha deve ser cronológica (conf. 8:1), enquanto que nem Marcos nem Lucas são específicos quanto à ocasião.

**Mateus 8**

**8:1-4.** A purificação de um leproso. **Leproso.** Para descrição da lepra bíblica veja Lv. 13, 14, e os dicionários bíblicos. No V.T., esta enfermidade repugnante foi transformada em símbolo dos efeitos do pecado sobre o homem. (As leis não eram primordialmente higiênicas, pois uma pessoa completamente coberta com lepra podia ser declarada limpa; Lv. 13:12, 13.)

**Adorou-o.** A fé que o leproso demonstrou no poder de Jesus (**Se quiseses**; não "Se puderes") demonstra que o seu ato de prostrar-se era adoração religiosa e não cortesia oriental.

**Tocou-lhe.** Um ato simultâneo com a declaração de cura pronunciada por Jesus, e assim não foi uma quebra do cerimonial relativo à impureza.

**Não digas a ninguém.** Não teve a intenção de evitar publicidade, pois **grandes multidões** testemunharam o milagre, mas para evitar que a notícia chegasse prematuramente aos ouvidos do sacerdote, o qual poderia formar um preconceito contra o homem. Cristo queria que a purificação fosse oficialmente declarada primeiro, para que a explicação fosse um **testemunho** contra eles (isto é, contra os sacerdotes que se lhe opunham). Infelizmente, o homem não deu importância à advertência e conseqüentemente causou muitos inconvenientes a Cristo (Mc. 1:45).

**5-13.** A cura do servo de um centurião. **Centurião.** Lucas indica que ele apelou para Jesus por intermédio de anciãos judeus e outros amigos (Lc. 7:1-10). Os centuriões são uniformemente descritos no N.T., como homens de bom caráter (Mt. 27:54; Atos 10:22; 27:3, 43; e outros).

Este homem era provavelmente um comandante gentio à frente do exército de Herodes Antipas, que mantinha tropas estrangeiras (Josefo, *Antig.* xvii. 8.3). **Paralítico.** A palavra grega *paralytikos* indica paralisia causada por uma variedade de doenças afetando os músculos e órgãos do corpo.

**Não sou digno.** Este gentio, talvez nem mesmo um prosélito (ainda que tivesse construído uma sinagoga judia, Lc. 7:5), achou que era presunção de sua parte pedir a Jesus que fosse à sua casa.

**Eu sou homem sujeito à autoridade.** O significado é: Se este oficial de baixa patente podia dar ordens aos seus subordinados, quanto mais Cristo, que possui toda a autoridade, pode dar uma ordem para que a Sua vontade seja feita.

**Admirou-se Jesus.** Uma indicação de que a onisciência da natureza divina de Cristo não impedia as reações humanas normais. Apesar da riqueza de revelações que Israel possuía, foi a fé de um gentio na autoridade de Cristo que brilhou com mais intensidade. Assim Jesus anuncia que o seu reino messiânico será desfrutado por muitos que não são judeus. Tomarão lugares à mesa com Abraão. Ao se falar no Reino, usa-se muitas vezes a figura de um banquete (Is. 25:6; Lc. 14:15-24).

**Os filhos do reino.** Os judeus, recipientes das profecias, e conseqüentemente os herdeiros originais, são informados aqui que sem fé, o simples fato de pertencer a uma raça não é suficiente qualificação para o reino de Cristo.

**Para fora nas trevas.** As trevas do lado de fora do salão iluminado do banquete (conf. 22:13). **Conforme a tua fé.** O homem creu que Jesus podia curar à distância, e Ele o fez.

**14-17.** A cura da sogra de Pedro e outros. **Tendo Jesus chegado à casa.** Vindo de um culto na sinagoga (Lc. 4:38; Mc. 1:29). Ardendo em febre. Esperando hóspedes, esta enfermidade deve ter perturbado muito todos de casa. Servi-lo. A cura foi completa, sem recuperação gradual. A sugestão de que a esposa de Pedro já tinha morrido, considerando que sua sogra o serviu, contradiz I Co. 9:5.

**Chegada a tarde.** Ao pôr-do-sol, ao findar do sábado, muitos doentes e endemoninhados foram trazidos em busca de cura.

**Ele mesmo tomou as nossas enfermidades.** Mateus 9:6 mostra que a cura de doenças (um dos efeitos do pecado) efetuada por Cristo, indica sua competência em lidar com a causa principal. Assim, essas curas foram um cumprimento parcial de Is. 53:4, que foi completado no calvário quando o pecado do homem foi levado por Cristo.

**18-22.** Entrevista com possíveis seguidores. A ligação cronológica desta passagem complica-se quando comparada com Lucas (9:57 e segs), que a coloca muita mais tarde. Talvez a primeira entrevista acontecesse quando Jesus preparava-se para embarcar, e Mateus acrescenta o último incidente no mesmo parágrafo, enquanto que Lucas agrupa três incidentes parecidos na ocasião.

**Um escriba.** Ainda que poucos desses mestres religiosos se sentissem inclinados a seguir Cristo (conf. com Mc. 12:28-34; contraste com Lc. 11:53, 54), este se ofereceu para se tornar seu discípulo permanente. Entretanto, Jesus evidentemente viu neste propósito a falta de estimar devidamente os rigores do verdadeiro discipulado.

**Filho do homem.** Um título que os judeus entendiam pertencer ao Messias (Jo. 12:34) e equivalente a "Filho de Deus" (Lc. 22:69, 70). Era a maneira costumeira de Cristo se intitular, aparentemente de Dn. 7:13,14.

**Permite-me ir primeiro sepultar meu pai.** Este homem, já um discípulo, foi convidado por Jesus a segui-lo (Lc. 9:59). Tendo acabado de receber a notícia da morte de seu pai, pediu um prazo. A sugestão de que o pai do homem ainda estivesse vivo (considerando que os sepultamentos judeus são feitos no dia da morte, e uma pequena demora não justificaria a resposta de Cristo), não diminui a dificuldade, pois entre os judeus a responsabilidade de um homem diante de um pai idoso era tão grande quanto o seu dever para com os mortos. Jesus viu na hesitação do homem uma fraqueza de fidelidade. **Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.**

Quando Cristo chama um homem para uma tarefa específica (Lc. 9:60), o discípulo deve às vezes privar-se do que faria em outra situação. Aqueles que estão espiritualmente mortos são capazes de cuidar dos fisicamente mortos.

**23-27.** Apaziguando a tempestade. **Uma grande tempestade.** A palavra geralmente usada para "terremoto" foi empregada aqui, talvez por causa da turbulência da água, tão violenta que aterrorizou até mesmo marinheiros experientes. Tempestades violentas não são raras na Galiléia. (W.M. Thomson, *The Land and the Book*, pág. 347).

**Por que sois tímidos** (*deiloî*) mostra que o medo deles era covarde, indicando pequena fé. Jesus não tinha ordenado ao grupo que fosse até o outro lado (Lc. 8:22)? Mas o fato de terem-se voltado para ele no auge da aflição demonstra uma raiz de fé que podia ser desenvolvida.

**Repreendeu os ventos e o mar.** Além de ordenar aos ventos, Cristo falou também ao mar, o qual teria, caso contrário, continuado encapelado por algum tempo.

**28-34.** A cura de dois endemoninhados (conf. Mc. 5:1-20; Lc. 8:26-39). **Terra dos Gadarenos.** Foi assim denominada segundo a cidade de Gadara ao sul. Marcos e Lucas dizem "gerasenos", da vila chamada Gerasa – agora em ruínas à beira do lago – que talvez ficasse no distrito pertencente a Gadara.

**Dois endemoninhados.** Os outros sinóticos mencionam apenas o mais importante dos dois. Os endemoninhados, no N.T., são descritos não como grandes pecadores nem como vítimas de insanidade (ainda que o demonismo possa produzir tais efeitos), mas como pessoas cujas mentes ficaram sob o controle de um ou mais espíritos maus. O fato de tal fenômeno ser especialmente notório durante os dias do ministério de Cristo na terra, é consistente com os esforços de Satanás de frustrar o programa divino. Os demônios sabiam exatamente onde Jesus se encontrava (**Filho de Deus**), tinham consciência de que seu destino final estava decretado (o tempo, v. 29), e sempre obedeceram a Cristo de maneira absoluta.

Os proprietários da **grande manada de porcos** eram judeus provavelmente, que estavam violando a lei mosaica – pelo menos em espírito – nesse território judeu (sob o governo de Herodes Filipe). Foi por isso que não moveram um processo legal contra Jesus pela perda. Por que um pedido tão estranho da parte dos demônios? Talvez fosse para agarrar uma última oportunidade de fugir ao confinamento no abismo (Lc. 8:31; Ap. 20:1-3). Mas os porcos, debandaram, atirando-se nas águas do mar, frustrando quaisquer que fossem os propósitos dos demônios.

**Rogaram que se retirasse.** Este pedido, fruto do medo (Lc. 8:37), partiu da população, não exatamente dos proprietários. Horrorizados mas não arrependidos, não quiseram mais saber de Cristo.

## Mateus 9

**9:1-8.** A cura de um parálítico (conf. Mc. 2:1-12; Lc. 5:17-26). **Sua cidade.** Cafarnaum (Mc. 2:1; Mt. 4:13). **Paralítico.** Este parálítico foi abaixado através do telhado por quatro amigos em virtude da densidade da multidão (Mc. 2:3, 4).

**Vendo a fé deles.** Isto inclui a fé do homem doente, uma vez que o perdão dos pecados só é concedido àqueles que têm fé (ainda que a cura, às vezes, é concedida antes da presença da fé.)

**Estão perdoados os teus pecados.** Neste caso, a condição do homem parece ter sido o resultado direto de pecado ou então fê-lo refletir mais seriamente sobre a sua natureza pecadora. **Este blasfema.** A acusação dos escribas e fariseus, opondo-se aqui pela primeira vez a Jesus na Galiléia, condenaram-no por assumir as prerrogativas divinas. (Lc. 5:21).

**Qual é mais fácil?** Uma pergunta que não tem resposta. Ambas as declarações são igualmente fáceis de serem pronunciadas; mas qualquer uma delas necessita de poder divino para ser acompanhada de ação. Um impostor, que procurasse evitar desmascaramento, teria achado a primeira mais fácil, é claro. Jesus precedeu à cura da enfermidade para



que os homens soubessem que ele tinha autoridade para tratar a sua causa, prefigurando assim a expiação. **O Filho do Homem tem sobre a terra autoridade.** A autoridade de Cristo para perdoar e curar são dons divinos para a humanidade.

**9-13.** Vocação de Mateus, e a festa na sua casa. Todos os sinóticos registram este incidente logo depois da cura do paralisado. **Mateus.** Também chamado **Levi** (Mc. 2:14; Lc. 5:27).

**Assentado na coletoria.** Cafarnaum (9:1) ficava perto da estrada que ia de Damasco para as cidades costeiras, e era portanto um lugar favorável -para se recolher impostos sobre as mercadorias que iam pela estrada ou que teriam de cruzar o Mar da Galiléia. Edersheim descreve, com base em fontes rabínicas, os impostos aborrecidos que eram extorquidos, e as classificações dos coletores, dos quais Mateus, como funcionário da Alfândega, era do pior tipo (*Life and Times of Jesus*, 1, 515-518).

**Ele se levantou e o seguiu.** Esta atitude marcou um completo rompimento com o passado; não haveria mais retorno. Seu cargo podia ser ocupado por outro, e encontrar novo emprego seria difícil para um publicano. Estando ele em casa à mesa. Esta festa na casa de Mateus (Lc. 5:29) talvez fosse realizada algum tempo depois de sua chamada. Ele convidou publicanos e pecadores, seus antigos companheiros que viviam em oposição à vontade de Deus conforme revelada no V.T. Sem dúvida os convidou para que Jesus pudesse ganhá-los para Si. Para os **fariseus** que faziam a mais rígida distinção e se tinham na conta de **justos**, Jesus respondeu que o seu ministério era necessário aos **pecadores**, como os serviços do médico são necessários aos doentes. **Os justos.** Jesus usou a estimativa dos próprios fariseus a respeito de si mesmos para responder à objeção deles.

**Misericórdia quero, e não sacrifício** (Os. 6:6). Uma atitude misericordiosa para com os espiritualmente necessitados é muito melhor do que a mera formalidade nas obrigações religiosas (sacrifício) sem nenhuma preocupação com os outros.

**14-17.** Esta entrevista com os **discípulos de João** também deve ter acontecido na festa de Mateus (observe a conexão íntima em Lc. 5:33). **Jejuamos muitas vezes.** Ao jejum anual estipulado pelas Escrituras (Dia da Expição) foram acrescentados jejuns para todas as segundas e quintas-feiras, que os fariseus e outros observavam, inclusive os discípulos de João (Lc. 5:33). A resposta de Cristo trouxe à baila a declaração do próprio João (Jo. 3:29), comparando o ministério de nosso Senhor a uma festa de casamento.

**Convidados para o casamento.** Aqueles que ajudam o noivo. Quando Cristo, o Esposo, **lhes será tirado** por morte violenta, e **nestes dias não de jejuar.** O verdadeiro jejum é resultado da tristeza (andar *tristes*), não de ritualismo. **Pano novo.** Um remendo de fazenda inadequada, que não foi pré-encolhido, quando todo o vestido já foi lavado, enrugaria e rasgaria toda a fazenda à qual foi costurado. **Vinho novo,** que ainda não foi fermentado, romperia os **odres velhos**, pois não têm mais elasticidade. Assim Cristo e sua mensagem eram muito mais do que o judaísmo contemporâneo remendado ou rejuvenescido.

**18-26.** A cura da mulher que tinha hemorragia e a ressurreição da filha de um chefe. **Chefe.** Um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo, provavelmente de Cafarnaum (Mc. 5:21, 22).

**Minha filha faleceu agora mesmo.** Mateus resumiu diversos detalhes. Marcos e Lucas registraram que Jairo disse primeiro que ela estava morrendo, e mais tarde informou-o através de mensageiros que já tinha morrido. **Ela viverá.** Ainda que sua fé menor que a do centurião (8:8), era notável mesmo assim.

A caminho da casa de Jairo, uma mulher aproximou-se por trás de Jesus. Ela **padecendo de uma hemorragia** (ou *tinha uma hemorragia*) há doze anos. Esse sofrimento era cerimonialmente considerado imundo (Lv. 15:19-30), um fato que explica a sua atitude.

**Tocou na orla da veste.** Provavelmente a borda dos quatro cantos de sua capa, usada pelos israelitas de acordo com Nm. 15:38 e Dt. 22:12. Novamente Mateus condensa o registro mas observa que Jesus tornou

claro à mulher que a fé, não a orla, foi a razão da cura. Jesus prosseguiu no caminho da casa onde ocorreu a morte. Os tocadores de flauta e outros pranteadores estavam reunidos para o faustoso funeral tradicional (Jr. 9:17; 48:36).

**Não está morta a menina, mas dorme.** Compare a semelhante declaração de Jesus em relação a Lázaro (Jo. 11:11, 14). A declaração não é uma opinião errada que Jesus formou, nem uma verdade literal que ela estivesse simplesmente inconsciente, nem um argumento de que a morte é o sono da alma. Antes, foi dito à luz do que ele ia fazer a seguir. **A fama deste acontecimento correu** por toda aquela região, apesar da advertência de Cristo contra a publicidade (Mc. 5:43; Lc. 8:56).

**27-31.** A cura dos dois cegos. Esta narrativa e a seguinte são peculiares a Mateus. **Filho de Davi.** Uma designação messiânica. Considerando que nessa ocasião Jesus estivesse evitando títulos públicos que pudessem ser considerados politicamente, ele não tomou conhecimento desses dois cegos até que todos entraram na casa.

**Faça-se conforme a vossa fé.** Conf. 8:13. O reconhecimento de Jesus como sendo o Messias, com suas benditas implicações para homens como esses (Is. 35:5, 6), recebeu a bênção solicitada.

**Divulgaram-lhe a fama.** Incapazes de conterem sua gratidão, não obedeceram a severa advertência de Cristo de guardarem silêncio.

**32-34.** A cura de um endemoninhado mudo. Ainda que os endemoninhados fossem freqüentemente violentos e loquazes, este era **mudo** e foi trazido por outros (**foi-lhe trazido um mudo endemoninhado**). Mateus descreve o acontecimento com um mínimo de detalhes, observando principalmente a reação da multidão.

**Jamais se viu tal coisa em Israel.** Esta declaração pode ser a impressão que se desenvolveu durante um período de tempo, culminando neste último milagre. A acusação dos fariseus de que Jesus se associava com o maioral dos demônios deve se referir a este milagre em particular. A acusação não deve ter sido feita diretamente a Jesus, uma vez que ele

não se importou com ela até que fosse novamente repetida (Mt. 12:24-29).

**35-38.** Outra viagem pela Galiléia. As opiniões divergem sobre se este parágrafo descreve uma terceira excursão pela Galiléia (conf. Mt. 4:23; Lc. 8:1; também A.T. Robertson, *Harmony of the Gospels*), ou se é resumo das atividades de Cristo que começaram em 4:23 (Lenski; Alford).

**E percorria Jesus.** O grego indica ação contínua. **Ensinando, pregando e curando** reafirmam as atividades mencionadas em 4:23.

**Compadeceu-se delas.** Essa profunda simpatia de Jesus foi freqüentemente citada como a inspiração de seus milagres (14:14; 15:32; 20:34). Duas ilustrações descrevem o conceito de Cristo em relação às multidões: ovelhas sem pastor, colheita madura. **Exaustas.** Cansados, atormentados. **Aflitas**, ou jazendo prostrados por causa de exaustão ou negligência. Mas Jesus via também o povo como uma seara espiritual, precisando de trabalhadores para ser colhida. Os discípulos receberam a ordem de rogar ao **Senhor da seara** (o próprio Jesus; conf. 3:12, onde João aplica a mesma figura a Cristo) que **mande** ceifeiros. Como acontece com muita freqüência, aqueles que rogam também são os enviados. (Cap. 10.)

## Mateus 10

### 6) A Missão dos Doze. 10:1-42.

Depois de uma declaração explicatória e enumeração dos Doze, Mateus apresenta o desafio que Cristo lhes faz na sua primeira missão. A mensagem está em três partes, destacadas pela frase "Em verdade vos digo" (vs. 15, 23 e 42). a) Instruções para a viagem imediata (vs. 5-15). b) Advertência sobre as futuras perseguições, culminando com o Segundo Advento (vs. 16-23). c) Encorajamento geral para todos os crentes (vs. 24-42).

**1. Seus doze discípulos.** Este grupo foi formado anteriormente, e agora, depois de um período de instrução (Mc. 3:14) foram enviados em

uma missão. **Deu-lhes autoridade.** O direito e a capacidade. Incluída entre esses poderes delegados estava a capacidade de expulsar espíritos imundos e de curar todo o tipo de enfermidade (observe que Jesus diferenciou claramente entre possessão demoníaca e enfermidade)

**2. Os nomes dos doze apóstolos** estão relacionados em outros três lugares (Mc. 3:16 e segs.; Lc. 6:14 e segs.; Atos 1:13). A comparação mostra que cada lista tem três grupos contendo os mesmos quatro nomes, ainda que nem sempre na mesma ordem. Entretanto, Pedro é sempre o primeiro nome no grupo um, Filipe é sempre o primeiro no grupo dois, e Tiago, filho de Alfeu, o primeiro no grupo três. Judas Iscariotes quando incluído é sempre o último. Mateus os cita aos pares, provavelmente porque foram assim enviados (Mc. 6:7).

**Apóstolos.** Papiros descobertos confirmam o significado de "um devidamente habilitado representante de um oficial superior".

**Primeiro Simão.** Não o primeiro escolhido, e não simplesmente o primeiro da lista, mas provavelmente uma referência à importância de Pedro no círculo apostólico (conf. 26:40; Pentecostes; casa de Cornélio; e outras). Mas ele era o primeiro entre iguais. O N.T. não fala nada sobre uma supremacia Petrina sobre os demais apóstolos (conf. Gl. 2:11; I Pe. 5:1).

**3. Bartolomeu** é um patronímico de Natanael (Jo. 1:46).

**Mateus, o publicano.** Um epíteto autodepreciativo empregado apenas no Evangelho do autor.

**Tadeu,** também chamado Lebeu (em alguns textos antigos), é aparentemente o mesmo Judas, irmão de Tiago (Lc 6:16; Atos 1:13).

**4. Simão,** denominado aqui pelo nome aramaico "o Zelote" (conf. Lc. 6:15; At. 1:13). Aparentemente ele pertenceu ao fanático grupo político dos zelotes.

**Iscariotes.** Provavelmente significando "homem de Quiriot". Quiriot seria uma cidade na Judéia.

**5.** A ordem de Jesus proibindo qualquer missão entre os gentios ou em cidade de samaritanos (mestiços rivais que mantinham um culto rival

e eram desprezados pelos judeus; (Jo. 4:9, 20) não era devido a preconceito (Jo. 4), nem foi permanente (Atos 1:8).

**6,7.** No momento, entretanto, sua mensagem anunciava o reino dos céus, messiânico (veja 3:2; 4:23), do qual a **casa de Israel** era herdeira.

**8.** Entre os poderes miraculosos que lhes foram concedidos estava a autoridade de **ressuscitar mortos**, ainda que não haja nenhum registro de tal poder empregado nessa missão. Esses serviços tinham de ser prestados de graça, sem receber nada em troca, pois sua autoridade fora recebida da mesma maneira.

**9. Não vos provereis de ouro.** Essas instruções só se aplicaram a esta missão específica de duração limitada (conf. Lc. 22:35, 36). Não deviam levar dinheiro em seus cintos (bolsas).

**10. Alforje.** Mochila, saco de viagem. Não deviam providenciar túnicas e sandálias extras, nem bordão (ainda que pudessem usar as sandálias e o bordão que já possuíam Mc. 6:8, 9). O sustento viria de ouvintes gratos.

**11. Indagai quem neles é digno.** Ao proclamar a sua mensagem (v. 7), a reação revelaria quem se sentia espiritualmente inclinado a aceitá-los. Quando lhes oferecessem hospitalidade, os discípulos deveriam aceitá-la durante a duração de sua visita.

**12.** Deviam saudar da maneira costumeira (*saudai*, o que consistia no rico *shalom*, "paz").

**13.** Se os discípulos descobrissem que seu hospedeiro não era **digno**, mas declaradamente antagônico a seus propósitos e mensagem, sua declaração de paz não deveria ser desperdiçada, mas deveria ser retirada (**torne para vós**) para uso posterior.

**14.** Se o antagonismo forçasse o abandono de tal **casa** ou mesmo de toda uma **cidade**, o simbolismo de se sacudir o **pó** dos seus pés retrataria viva e solenemente a liberdade dos discípulos do envolvimento na culpa dos seus oponentes no juízo vindouro.

**15. Sodoma e Gomorra.** Dois exemplos muitas vezes usados de cidades condenadas (Is. 1:9; conf. Gn. 18:20; 19:24-28). **Em verdade**

**vos digo.** Esta fórmula conclui cada parte destas instruções (conf. vs. 23, 42).

**16.** Esta segunda porção das instruções vai além da missão específica, lançando olhares para os perigos futuros, e chega a dar uma visão dos tempos escatológicos.

**Lobos.** Oponentes perversos (7:15; Lc. 10:3; Jo. 10:12; Atos 20:29).

**Prudentes como as serpentes e simples como as pombas.**

"Sozinha, a prudência da serpente é mera astúcia, e a simplicidade da pomba pouco mais que fraqueza; mas combinadas, a prudência da serpente salvaria da exposição desnecessária ao perigo; a simplicidade da pomba, dos expedientes pecaminosos de escapar dele" (JFB, III, 81).

**17. Tribunais.** Os tribunais locais encontrados em todas as cidades (Jt. 16:18).

**18. Governadores e reis.** Não há nenhuma sugestão de que isto acontecesse na sua primeira missão; assim, com típico método profético, Jesus usa a ocasião presente para tratar de assuntos um tanto distantes no tempo. Agripa I, Félix, Festo, Agripa II, Sérgio Paulo e Gálio foram alguns dos que ouviram o testemunho relativamente a Cristo e aos apóstolos.

**19, 20. Não cuideis.** O Espírito proferia os apóstolos com o seu testemunho oral (como também inspiraria seus escritos).

**21,22.** Perseguição do tipo mais doloroso, até atingindo as famílias, deveria ser esperada. Entretanto, não deviam se entregar ao desespero, pois o livramento estava prometido (conf. 24:13).

**23. Fugi para outra.** O martírio não devia ser buscado; devia se tomar um cuidado razoável com a vida. Antes que todas as **idades de Israel** fossem visitadas dessa maneira, o Filho do homem viria. Em contexto semelhante, de Mt. 24:8-31, a Grande Tribulação e o Segundo Advento foram examinados. Daí, a "vinda do Filho do Homem" provavelmente também é escatológica aqui. Isto seria entendido mais prontamente pelos discípulos, que dificilmente pensariam em colocar

esta "vinda" ao lado da destruição de Jerusalém em 70 A.D. Eis aí, portanto, uma promessa de libertação da maior de todas as perseguições. A parte final dá um encorajamento geral para todos os crentes (vs. 24-42).

**24,25.** O relacionamento de Cristo com os crentes foi apresentado por, meio de três figuras: **discípulo e mestre, servo e senhor, dono da casa e seus domésticos**. Se o próprio Jesus recebeu maus tratos, seus subordinados não podem esperar melhor tratamento.

**Belzebu** (antes Belzebul ou Bezebul) era considerado o "príncipe dos demônios" (Mt. 12:24; Lc. 11:15), ao que parece idêntico a Satanás. Essa ortografia não ocorre em nenhum outro lugar da literatura judia fora do N.T. A verdadeira explicação é incerta, embora pareça estar relacionado com "Baal-Zebube", deus de Ecrom (II Reis 1:16).

**26,27. Não os temais.** Este encorajamento baseia-se no conhecimento de que o juízo final de Deus vingará os crentes e acertará contas com os perseguidores. Assim, de acordo com esta máxima muitas vezes usada por Jesus, aquilo que os Doze receberam em particular (**encoberto, em trevas**) devia ser destemidamente pregado em público (**plena luz, dos eirados**).

**28.** Em resposta à objeção de que tal atitude poria suas vidas em perigo, Jesus os lembra de que é mais importante temer ao que tem autoridade sobre **a alma** e sobre **o corpo**, e pode fazer ambos perecerem no inferno (Geena). Aqui se fala de Deus sem dúvida, não de Satanás, pois aos crentes nunca foi dada ordem de temer Satanás (mas de lhe resistir); nem Satanás destrói os homens no inferno (ele mesmo será punido ali).

**29-31.** A providência divina, que se estende até os mínimos detalhes deste mundo, fornece um antídoto adicional para o medo.

**Dois pardais.** Aves familiares na Palestina, usadas às vezes como alimento. Um asse (*assarion*). O asse ou *assarion* romano era uma moeda de cobre, com o valor aproximado de um dezesseis avos do denário (Arndt). Lucas diz que duas dessas moedas poderiam comprar



cinco passarinhos (12:6). **Sem o consentimento de vosso Pai.** Não apenas sem o seu conhecimento; o pensamento do contexto é que sem a sua direção providencial nem mesmo um acontecimento insignificante como esse pode acontecer. Essa providência se aplica aos mínimos detalhes de nosso ser (**os cabelos todos da cabeça**).

**32,33.** A perspectiva de juízo divino pode também servir de impedimento a que se submeta diante da perseguição.

**Todo aquele que me confessar** refere-se ao reconhecimento genuíno de Jesus como Senhor e Salvador, com tudo o que esses termos implicam. **Diante dos homens.** Indica uma confissão pública diante de interrogadores humanos, em contraste como reconhecimento dos crentes da parte de Cristo diante do **Pai, que está nos céus. Aquele que me negar** (conf. II Tm. 2:12). O tempo do verbo em grego (aoristo, constativo) não se refere a um momento de negação (Pedro, por exemplo), mas à vida na sua inteireza, a qual Cristo é capaz de avaliar com exatidão.

**34-39.** As advertências precedentes sobre o perigo porvir podem levar alguém a imaginar porque a necessidade de tal sorte. Jesus explica que a sua mensagem, pregada em um mundo rebelde e perverso, seria recebida com hostilidade. **Espada.** Um símbolo de divisão e áspero conflito, conforme os exemplos nos versículos 35, 36.

**35, 36. Causar divisão** significa literalmente *dividir em dois*. O Evangelho de Cristo tem muitas vezes provocado a desunião até mesmo dentro dos círculos familiares, não por alguma falha do Evangelho, mas por causa da atitude rebelde dos corações pecadores que não se arrependem. A ilustração mostra uma família de cinco membros assim desunidos: **pai e mãe, filha** solteira, **filho** solteiro e a sua noiva, que morava na casa do pai, segundo o costume oriental.

**37.** Por mais dolorosas que essas divisões sejam, um discípulo não deve permitir que seus afetos naturais enfraqueçam de alguma maneira a sua união com Cristo. Chegará o momento em que ele será forçado a fazer uma escolha.

**38. A sua cruz.** Embora Jesus não tivesse mencionado ainda a sua iminente crucificação, esta primeira referência a uma cruz feita por nosso Senhor, não precisava de explicação. Os judeus já tinham visto milhares de seus conterrâneos crucificados pelos romanos (Josefo, *Antig.* xvii, 10.10). Por isso a submissão até mesmo à morte, se necessário, é uma exigência se quisermos ser dignos de sermos chamados seguidores de Cristo.

**39. Quem acha a sua vida.** *Psychê* indica aquilo que anima o corpo e aquilo onde reside a consciência e o espírito. "Vida" e "alma" são duas tentativas da língua portuguesa para se traduzir essa palavra de muitos aspectos. O sentido é este: Aquele que na perseguição salva a sua vida negando a Cristo, perdê-la-á finalmente e para sempre (particularmente o aspecto da alma); mas aquele que perde a sua vida por amor a Cristo salvará a sua vida eternamente.

**40-42.** Concluindo este desafio Jesus demonstra que aqueles que enfrentarem a perseguição serão devidamente recompensados.

**Quem vos recebe.** Não como um simples hóspede, mas na qualidade de mensageiro de Cristo. Nosso Senhor considera essa recepção como se fosse feita a ele mesmo.

**Quem recebe um profeta, no caráter de profeta,** isto é, por causa dele ser um profeta (um porta-voz comissionado por Deus). Aqueles que não são profetas participam de suas lutas e também de suas recompensas.

**Um destes pequeninos.** O menor dos favores realizado para ajudar ao mais insignificante dos servos de Cristo (conf. Mt. 25:40) não passará despercebido por nosso Senhor.

## Mateus 11

7) A Resposta de Cristo a João, e Discurso Relacionado. 11:1-30. Aqui Jesus responde a incisiva pergunta de João, presta uma homenagem pública ao seu precursor que se encontra prisioneiro, e castiga as cidades que O rejeitaram.

**2. Sobre o aprisionamento de João feito por Herodes em Maquerus, a leste do Mar Morto** (Josefo *Antig.* xviii. 5.2.), veja 4:12; 14:1-12. **Mandou por seus discípulos.** Homens que permaneceram leais a João, e a esta altura não viam motivos para abandoná-lo.

**3. És tu aquele que estava para vir?** Um designativo comum para o Messias (Mc. 11:9; Lc. 13:35). À vista dos pronunciamentos anteriores de João e diante da revelação sobrenatural (Jo. 1:29-34), acusá-lo de dúvidas relativas à messianidade de Jesus parece muitíssimo injusto. Antes, considerando que o caráter do ministério de Jesus parecia carecer do aspecto de justiça que João tinha predito (Mt. 3:10-12), ele deve ter ficado a imaginar se não haveria necessidade de aparecer uma adicional figura messiânica, semelhante a Elias (cf. Ml. 4:5 ; Jo. 1:19-21).

**4,5.** A delicada resposta de Jesus chamou a atenção para as suas obras, as quais João reconheceria como credenciais messiânicas (Is. 29:18, 19; 35:5, 6; 61:1).

**Os mortos são ressuscitados.** Lucas descreve um desses milagres exatamente antes desta entrevista (Lc. 7:11-17).

**6. Aquele que não achar em mim motivo de tropeço.** Este estímulo encorajador à fé de João fê-lo lembrar e a todos os crentes que o reconhecimento de Jesus como Messias é a característica do homem espiritualmente bem-aventurado (Jo. 20:31).

**7-19.** Homenagem prestada a João.

**7. Um caniço agitado pelo vento.** Uma pessoa inconstante. A intenção óbvia de Cristo era negar que João fosse assim e por isso ninguém devia conferir falta de fé à pergunta apresentada por João.

**8. Que se vestem com roupas finas.** Embora um guarda-roupa suntuoso fosse esperado em um emissário político, as bem conhecidas vestes proféticas de João (3:4) indicavam a sua missão espiritual.

**9,10. Muito mais que profeta.** Além de ser o último porta-voz inspirado do V.T., era também o precursor previsto para o Messias (Ml. 3:1), especialmente escolhido para apresentar o Messias a Israel.

**11.** Conseqüentemente nenhum ser humano é maior do que João. Aqui Jesus destrói qualquer suspeita de desentendimento entre ele e João.

**Mas o menor no reino dos céus é maior do que ele.** Nesta declaração parece que João fica de fora do reino. Por isso o reino dos céus deve ser encarado como o reino messiânico anunciado por ambos, João e Jesus (3:2; 4:17). João, cujo ministério era o da preparação, estava agora prisioneiro e logo morreria. Mas aqueles que atenderam à proclamação e estavam agora dentro do círculo dos seguidores de Jesus constituíram o núcleo do Seu reino. Receberam novas verdades e privilégios, e depois da rejeição nacional de Jesus, seriam batizados em um novo corpo espiritual, a Igreja (uma parte do reino messiânico, Cl. 1:13; Ap. 20:6). João era o amigo do Esposo, mas os discípulos eram a Esposa (Jo. 3:29). Quando Jesus proferiu essas palavras (antes do Pentecostes, Atos 2), **reino dos céus** foi o termo mais inteligível que poderia ter usado.

**12. O reino dos céus é tomado com esforço.** Este verbo deve ser considerado intermediário – *força o seu caminho com esforço* (conf. Lc. 16:16), ou passivo – *se esforça para entrar nele*. A última forma é mais consistente com a cláusula seguinte. Da proclamação inicial de João sobre a vinda do Reino, a reação foi violenta, quer dos oponentes desconfiados (cof. vs. 18, 19; 14:3, 4), quer dos entusiásticos partidários.

**Os que se esforçam se apoderam dele.** Compare Lc. 16:16. Entre os mais destacados partidários de Cristo estavam os publicanos, as prostitutas e os pecadores declarados, que acorriam para nosso Senhor em grandes grupos.

**13-15.** João foi o último profeta da dispensação do V.T. que profetizou a vinda do Messias. Incluída entre essas profecias do V.T. estava a vinda de **Elias**, para anunciar o grande Dia do Senhor (Mt. 4:5). Embora o próprio João negasse que era o Messias ressuscitado (Jo. 1:21), Jesus declara que se os judeus O recebessem totalmente e ao Seu Reino, João teria cumprido a profecia do V.T. (Mt. 17:10-13; conf. Lc.

1:17). Considerando que isso não ocorreu, João não cumpriu tudo o que estava predito sobre Elias; e por isso o cumprimento completo ainda está no futuro. Esta passagem demonstra claramente a natureza condicional que o reino oferece.

**16-19.** Contrastando notavelmente com esta brilhante avaliação da pessoa de João havia o prevalecente sentimento das multidões para com João e Jesus.

**Esta geração.** Os contemporâneos de João e Jesus (v. 12). **Semelhante a meninos.** Esta desprezível parábola descreve uma cena que se passa na via pública, onde um grupo de crianças impertinentes não sabe do que vão brincar (conf. Lc. 7:31-35). Sugestões para brincarem de casamento (**tocamos, dançastes**) e enterro (**lamentações, pranteastes**) não foram bem recebidas; então não brincaram de nada. Semelhantemente, o ministério ascético de João mereceu-lhe o epíteto de que era endemoninhado.

**Tem demônio.** Mas o hábito de Jesus estar em contato com os pecadores, participando dos seus costumes sociais, provocaram declarações maldosas e mentirosas de que ele era **glutão e bebedor de vinho**, tão mau quanto seus companheiros. Entretanto, a sabedoria das atitudes de ambos foi provada (**justificada**) pelos resultados.

**20-24.** Censura às cidades. **Onde se operara numerosos milagres.** Os Evangelhos não registram nenhum milagre ocorrido em Corazim ou Betsaida (não Betsaida Julias). Provavelmente essas duas vilas ficavam tão perto de Cafarnaum, que era maior, que muitos dos milagres realizados em Cafarnaum foram presenciados pelos habitantes das três comunidades.

**Tiro e Sidom.** Notáveis cidades costeiras da Fenícia, objeto do juízo divino através de Nabucodonosor e Alexandre (conf. Ez. 26-28).

**Com pano de saco e cinza.** (conf. Jn. 3:5-8). O costumeiro modo oriental de demonstrar pesar. Tivessem elas a oportunidade dessas cidades judias, disse Jesus, teriam **permanecido até hoje**. Por que tal oportunidade não lhes foi concedida deve ser deixado com os propósitos

soberanos de Deus, que enviou Cristo primeiramente à casa de Israel. Entretanto, os privilégios espirituais maiores concedidos a Corazim e Betsaida tornaram sua incredulidade mais culposa. Quanto a **Cafarnaum**, a qual, sendo o lar de Jesus, teve a maior de todas as oportunidades, apresentou-se a pergunta retórica,

**E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura até ao céu**, que implica na resposta negativa, **Descerás até ao inferno**. O estado de seus habitantes no dia do juízo será pior que o de Sodoma, a cidade proverbialmente má.

**25-30.** Jesus conduziu o discurso com uma explicação sobre a incredulidade dos homens, e um apelo bondoso.

**25. Exclamou Jesus.** Os versículos seguintes são uma resposta aos problemas levantados pela discussão anterior.

**Graças te dou, ó Pai.** O verbo *exopologoumai* descreve uma confissão ou pleno reconhecimento, unido ao louvor. **Sábios e entendidos.** A compreensão espiritual de Cristo e seu reino não se alcança por meio do intelecto ou senso comum. **Pequeninos.** Aqueles que, em resposta à mensagem de Cristo, reconhecem sua incapacidade espiritual e são capazes de aceitarem seus ensinamentos (18:3). A glória do Evangelho consiste em que tanto as pessoas cultas como as ignorantes podem se transformar em criancinhas.

**26.** A explicação final da reação humana, entretanto, jaz na aprovação de Deus (conf. Ef. 1:5; Fl. 2:13).

**27. Tudo me foi entregue por meu Pai.** Jesus proclama uma autoridade que o distingue de todas as outras pessoas (conf. Mt. 28:18; Jo. 13:3). Aqui, aquela autoridade foi apresentada envolvendo a revelação de Deus aos homens.

**Ninguém conhece o Pai, senão o Filho.** O mútuo conhecimento do Pai e do Filho é perfeito, mas limita-se aos dois a não ser que a humanidade receba revelação. **Aquele a quem o Filho o quiser revelar.** O Filho, na qualidade de imagem de Deus, é o revelador do Deus invisível (Cl. 1:15); ele é o Logos, a expressão do Deus invisível (Jo. 1:1,

18). Daí, Mateus concorda com os pensamentos mais freqüentemente expressos por João e Paulo. Isso prova que os escritores bíblicos tinham essencialmente uma só mente em relação à verdade que o homem depende da graça de Deus em Cristo para todo conhecimento espiritual.

**28. Vinde a mim.** À vista da autoridade investida em Cristo (v. 27), este convite vibra cheio de oportunidade. **Todos os que estais cansados.** Homens cujos esforços fatigantes para alcançarem descanso espiritual não aliviaram o fardo das obrigações criadas pelo homem (23:4).

**29,30. Tomai sobre vós o meu jugo.** Uma metáfora judia relacionada com disciplina e discipulado. "Ponha seu pescoço sob o jugo, e deixe a sua alma ser instruída" (Sir 51:26). Só Cristo é o Professor que através de sua pessoa e obra pode instruir os homens em relação ao Pai, e dar-lhes o **descanso** para as **almas** que é a própria essência da verdadeira experiência espiritual, um descanso envolvendo remoção da culpa do pecado e a posse da vida eterna. **Meu fardo é leve.** As obrigações envolvidas no Evangelho são benditas, e com o jugo vem também a força para levá-las a cabo.

## Mateus 12

### 8) A oposição dos fariseus. 12:1-50.

Mateus registra uma série de incidentes demonstrando a natureza da hostilidade farisaica.

#### 1-8. Os fariseus se opõem à colheita de **espigas no sábado**.

**1.** Ao caminhar pelas **searas**, os discípulos exerceram seu privilégio legal de colher e comer as espigas (Dt. 23:25).

**2.** Para **os fariseus**, que deviam estar passeando pelos mesmos campos, o ato pareceu ilícito porque envolvia a quebra do **sábado**. Rabinicamente interpretado, colher espigas era trabalho (Êx. 20:10).

**3,4.** A primeira réplica de Cristo cita **Davi e os pães da proposição** (I Sm. 21:1-6). Embora a Lei divina restringisse os pães da proposição aos sacerdotes (Lv. 24:9), a extrema necessidade humana invalidava este regulamento, e os rabis o compreendiam assim.

**5,6.** Uma segunda ilustração mostra que a lei do descanso sabático não era absoluta, pois dos sacerdotes se exigia pela própria lei que trabalhassem no sábado (Nm. 28:9,10). O argumento é, se os sacerdotes não são culpados ao trabalhar no sábado para promoção da adoração no templo, quanto menos culpa têm os discípulos em usar o sábado para a obra de Cristo, que é a realidade para a qual o Templo apontava.

**7.** O terceiro argumento de Cristo aponta a má interpretação farisaica de Os. 6:6. **Misericórdia quero e não holocausto** (conf. Mt. 9:13). Deus deseja corações preparados muito mais do que as exterioridades que se transformaram em meras formalidades. Uma compreensão espiritual de Cristo e dos discípulos da parte dos fariseus teria evitado que julgassem os inocentes.

**8. É Senhor do sábado.** Considerando que Jesus, como Filho do Homem, é o Senhor do sábado, os discípulos que usaram o sábado ao segui-lo, faziam-no de maneira apropriada.

**9-21.** Os fariseus se opõem à cura no sábado. (Conf. Mc. 3:1-6; Lc. 6:6-11)

**9. Sinagoga deles.** Lucas conta que isto ocorreu em um outro sábado.

**10,11. É lícito curar nos sábados?** O V.T, não fez nenhuma proibição, mas alguns rabis achavam que era trabalho. Jesus, entretanto, apontando para o que qualquer indivíduo teria feito em favor de uma infeliz **ovelha**, esclareceu a sua própria obrigação.

**12.** Considerando que o homem é incomparavelmente mais valioso do que uma ovelha, Ele tinha de vir ao seu socorro. Deixar de fazer o bem quando está ao alcance é o mesmo que fazer o mal (veja Mc. e Lc.).

**13, 14.** O milagre apenas enfureceu os fariseus, que imediatamente conspiraram (com os herodianos, Mc. 3:6) **em como lhe tirariam a vida**. Assim, na Galiléia, como acontecera há pouco em Jerusalém (Jo. 5:18), o ódio assassino começou a tomar forma definida. Homens que achavam que curar no sábado era violação da lei não sentiam escrúpulos em conspirar um homicídio.



**15. Afastou-se dali.** O conhecimento da conspiração apressou Jesus a evitar o conflito aberto nessa ocasião, pois a sua hora ainda não era chegada. Assim Ele transferiu seu ministério para outros setores (Mc. 3:7), e **curou ele a todos.**

**16.** Entretanto, ele advertia aqueles que curava (especialmente os endemoninhados, Mc. 3:11, 12) a não usarem os milagres para proclamá-lo o Messias, excitar conseqüentemente as multidões e a oposição.

**17-21. Para se cumprir.** Este ministério manso e não provocativo de Jesus está descrito por Mateus para ser consistente com a profecia messiânica (Is. 42:1-4). Pois assim como Jesus enfatizou os aspectos justiceiros e espirituais do seu Reino, também não se empenhou em arengas públicas, nem em demagogia política. Também não espezinhou os fracos com intuios de alcançar seus desígnios. **Torcida que fumega.** O pavio de um candeeiro cujo combustível se acabou, símbolo daqueles que são fracos.

**22-37.** Os fariseu se opõem a que Cristo expulse demônios.

**22. Um endemoninhado.** A possessão demoníaca produziu dois efeitos colaterais – cegueira e mudês. A cura removeu todas as três aflições.

**23. É este, porventura, o Filho de Davi?** A resposta negativa implícita na pergunta revela que mesmo tendo o milagre levantado a possibilidade de sua messianidade (Filho de Davi, conf. 1:20; 9:27), o povo tinha a predisposição de não crer.

**24.** A perversa acusação de que o poder que Cristo possuía sobre os demônios derivava de uma ligação com Belzebu (veja comentário em 10:25) era do conhecimento pleno de Jesus e foi publicamente refutada de maneira inatacável.

**25,26.** A simples analogia de um reino dividido, cidade ou casa, que tende à autodestruição, refuta a acusação. Pois, expulsando demônios, Jesus estava certamente frustrando as obras de Satanás, e devemos creditar a Satanás uma porção razoável de esperteza. (Nem se deve

aceitar que Satanás pudesse permitir uma expulsão para confundir, pois não foi um caso isolado.)

**27. Por quem os expulsam vossos filhos?** Considerando que alguns dos companheiros desses fariseus (compare a expressão do V.T., "filhos dos profetas") diziam possuir o poder de exorcizar, era ilógico atribuir efeitos semelhantes a causas diferentes. Se os judeus realizavam exorcismos válidos não importa à argumentação (*ad hominem*). O fato dos fariseus asseverarem-no torna o argumento eficiente. Se, entretanto, Jesus insinua que pelo menos alguns dos exorcismos dos fariseus eram genuínos, é preciso aceitar que o poder deles vinha de Deus (caso contrário, o argumento de Cristo ficava grandemente enfraquecido).

**28,29.** O argumento final de Cristo chama a atenção para o seu próprio ministério, particularmente para a expulsão dos demônios, que era evidência suficiente de que era **chegado o reino de Deus**. A descrição do ministério de Cristo como **a entrada na casa do valente** (o domínio de Satanás) para **roubar-lhe os bens** (o poder de Cristo sobre os demônios), fornece prova clara de que o **homem valente** (Satanás) **primeiro** foi manietado. A vitória de Jesus sobre Satanás na tentação (4:1-11) demonstrou a superioridade do Senhor.

**30. Quem não é por mim é contra mim.** No conflito com Satanás, a neutralidade é impossível.

**31,32. Todo o pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens.** O princípio geral. A expiação feita por Cristo no Calvário seria suficiente para remir a culpa de todos os pecados, até as formas mais graves de injúria contra Deus (**blasfêmia**). Um pecado, entretanto, foi declarado imperdoável: se alguém falar contra o Espírito Santo. À vista do princípio que Jesus apresentou antes, esta imperdoabilidade não pode ser devida à impropriedade da expiação, nem podemos supor qualquer santidade peculiar da Terceira Pessoa da Trindade. Muitos explicam este pecado como sendo a atribuição da miraculosa obra do Espírito ao poder de Satanás (conf. Mc. 3:29, 30), e não vêem possibilidade de ser hoje cometido (Chafer, Broadus, Gaebelein). Outros, entretanto, consideram a

acusação dos fariseus um sintoma, e não o pecado em si. Os versículos seguintes apontam o coração corrupto como a causa do pecado.

A função particular do Espírito é a de convencer e causar arrependimento, tornando o homem receptivo ao apelo de Cristo. Assim, os corações que odeiam a Deus e blasfemam contra Cristo (I Tm. 1:13) ainda podem ser convencidos e levados ao arrependimento pelo Espírito. Mas aquele que rejeita toda aproximação do Espírito afasta-se da única força que o pode levar ao perdão (Jo. 3:36). Que tal estado decaído pode ser experimentado nesta vida está claramente implícito nesta passagem. O V.T. descreve-os dizendo que pecam "atrevidamente" (Nm. 15:30): para tais não existe expiação. Os homens não podem ler os corações e portanto não podem julgar quando os outros chegaram a esse estado. A verdadeira possibilidade desse pecado não enfraquece o apelo do evangelho. "Todo aquele que quiser", pois pela sua própria natureza tal vontade não tem a inclinação de aceitar. Quanto aos fariseus que ouviam Jesus, não se declarou se cometeram ou não este pecado em sua totalidade. Sua considerável instrução tornou grande a sua responsabilidade; sua hostilidade anterior provou sua incredulidade determinada.

**33-35. Fazei a árvore boa.** Uma passagem semelhante a 7:16-20, onde as palavras dos homens são consideradas como indicação do estado do coração humano.

**36,37. No dia do juízo** o Senhor examinará a vida de todos os homens de ponta a ponta, até mesmo **toda palavra frívola** (não necessariamente má) que tenha brotado do seu coração. Só o divino Juiz é capaz de registrar, avaliar e dar um veredito sobre tais assuntos.

**38-45.** Os fariseus e os escribas exigem um sinal.

**38. Queremos ver de tua parte algum sinal.** Ignoraram os milagres anteriores. Queriam algum feito sensacional que estivesse de acordo com a idéia que tinham do Messias (conf. Mt. 16:1), um sinal que não exigisse fé, só vista.

**39. Uma geração má e adúltera.** Uma descrição da nação espiritualmente infiel nos seus votos feitos a Jeová (conf. Jr. 3:14,20). Para tal nação, o grande sinal da Ressurreição foi aqui profetizado (e até já fora sugerido antes, Jo. 2:19-21).

**40.** A experiência de **Jonas**, que foi libertado do ventre do monstro marinho, era um tipo do futuro sepultamento e ressurreição de Jesus depois de **três dias e três noites no coração da terra**. Aqueles que se apegam à tradicional crucificação na sexta-feira explicam o tempo aqui idiomáticamente, como partes de dias (sexta-feira, sábado e domingo). Aqueles que se apegam à crucificação na quinta-feira explicam a referência literalmente, contando setenta e duas horas, do pôr-do-sol de quinta-feira ao pôr-do-sol de sábado (por exemplo: W.G. Scroggie, *Guide to the Gospels*, pág. 569-577).

**41.** Os ninivitas, tendo recebido Jonas e a sua mensagem depois de seu milagroso salvamento, **se arrependeram**. Por isso, sua atitude coloca Israel em situação muito pior, pois como nação permaneceu sem arrependimento, tanto antes como depois da Ressurreição, mesmo quando estava ali **quem é maior do que Jonas** (*maior do que*).

**42.** Do mesmo modo o interesse da **rainha** de Sabá (I Reis 10:1-13) pela **sabedoria de Salomão** (divinamente concedido) colocará em triste contraste, no juízo, a incredulidade do atual judaísmo.

**43-45.** Uma parábola notável sugerida, naturalmente pela ocasião (12:22 e segs.), descreve a situação precária de Israel (e dos fariseus). O demônio expulso, não encontrando descanso nos **lugares áridos** (indicado em outro lugar como habitação dos demônios: Is. 13:21; Baruque 4:35; Ap. 18:2) retorna à sua antiga habitação, que agora está mais atraente (**varrida e ornamentada**), mas **vazia**. Torna a entrar com outros sete espíritos, e o resultado é uma degeneração ainda pior.

**Assim também acontecerá.** Israel (nacional e individualmente) foi moralmente purificada pelos ministérios de João e Jesus. Desde o Exílio, as perversidades da idolatria declarada foram removidas. Mesmo assim, em alguns casos, a reforma que tinha a intenção de ser preparatória

interrompeu-se. A casa de Israel estava "vazia". Cristo não foi convidado a ocupá-la. Por isso esta geração perversa alcançará um estado ainda pior. Alguns anos mais tarde esses mesmos judeus enfrentaram os horrores de 66-70 A.D. No tempo do fim, os membros dessa raça (genea) serão especialmente vitimados por demônios (Ap. 9:1-11).

**46-50.** A mãe e os irmãos de Cristo.

**46,47. Sua mãe e seus irmãos.** Esses irmãos são presumivelmente os filhos de José e Maria, nascidos depois de Jesus. **Procurando falar-lhe** indica que foi feito um esforço, mas a multidão era grande demais (Lc. 8:19). Os motivos de sua preocupação estão óbvios. Anteriormente, a pregação de Jesus em Nazaré forçara a família a mudar-se para Cafarnaum (4:13; Lc. 4:16-31; Jo. 2:12). Agora provocara a oposição aberta e blasfema dos fariseus. Além disso, amigos file contaram que a tensão do seu ministério afetara-file a saúde (Mc. 3:21). O versículo 47 acrescenta alguma informação nova, e muitos manuscritos o omitem.

**48. Quem é minha mãe?** Com esta pergunta que intriga, Jesus deixa a multidão admirada e a prepara para ouvir uma preciosa verdade.

**50. Qualquer que fizer a vontade de meu Pai.** Este "fazer" não é alguma forma de justiça pelas obras, mas a reação do homem ao apelo de Cristo. "A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou" (Jo. 6:29). O relacionamento espiritual entre Cristo e os crentes é mais íntimo que o mais íntimo laço de sangue. Essas palavras não foram um desrespeito à Maria, nem a seus irmãos, pois em ocasião posterior nós os encontramos participantes desse relacionamento espiritual (Atos 1:14). Como também não há aqui nenhuma sugestão de que a mãe de Jesus tivesse um acesso especial à sua presença.

## Mateus 13

### 9) Uma Série de Parábolas sobre o Reino. 13:1-58.

A primeira e extensa série de parábolas foi apresentada em um dos dias mais ocupados do ministério de Jesus. O registro de Mateus apresenta uma lista de sete parábolas, e uma aplicação filial. Marcos

registra quatro, inclusive uma que não se encontra em Mateus. Lucas registra três, não juntas. Duas das parábolas foram interpretadas por Jesus (O Semeador, O Joio) e a terceira parcialmente (A Rede); isto fornece um esquema para compreensão das outras.

**1. Naquele mesmo dia.** Só Mateus relaciona este episódio à discussão anterior. Sendo tão grande a multidão (que sua família não pôde alcançá-lo; 12:46), **Jesus** saiu da **casa** e orientou-se **à beira do mar**.

**2.** Usando um barco como se fosse plataforma, ele **se assentou** tal como os mestres costumavam fazer e dirigiu-se aos que estavam **na praia**.

**3a. Parábolas.** Narrativas especiais que Jesus usava para transmitir verdades espirituais através de comparações. Embora Jesus não seja o inventor do ensino por meio de parábolas, o uso que fez do método ultrapassou em muito todos os outros mestres na eficiência e profundidade das verdades descritas.

**3b-23.** O Semeador.

**3b. O semeador.** O artigo definido é provavelmente genérico. Todos os semeadores trabalham da mesma maneira.

**4.** Ao jogar a semente, uma parte caiu sobre a terra crestada do caminho que atravessava o campo. Essa semente sobre a superfície rapidamente atraiu as aves.

**5,6. Solo rochoso.** Não um solo coberto de pedras, mas uma grande rocha coberta com uma fina camada de terra. As sementes ali lançadas brotariam rapidamente, pois o sol aqueceria rapidamente a fina crosta; mas por falta de **raiz** e umidade, a planta rapidamente **queimou e secou-se**.

**7. Entre os espinhos.** Solo infestado com raízes de espinhos que o arado não removeu.

**8. Boa terra.** O solo fértil da Galiléia era capaz de produzir colheita da magnitude mencionada aqui (V.M. Thomson, *Land and Book*, pág. 83)

**9. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.** Uma declaração de que esta história simples, sem prefácio nem explicação, tinha um significado mais profundo.

**10-17.** Em resposta à pergunta dos discípulos, Jesus declara os motivos porque falava em parábolas.

**10. Por que?** Já usara parábolas anteriormente, mas esta ocasião era obviamente diferente. Agora as próprias parábolas formavam a base do seu ensino; não eram simples ilustrações.

**11. Os mistérios do reino dos céus** identificam o conteúdo dessas parábolas como revelação anteriormente velada pertencente ao Reino. A interpretação as relaciona com o dia presente. As glórias do reino messiânico foram claramente esboçadas no V.T. Mas a rejeição do Messias e o intervalo entre a primeira e a segunda vindas não foi compreendida. Essas parábolas descrevem a estranha forma do Reino enquanto o Rei se encontra ausente, durante o tempo em que o Evangelho está sendo pregado e um núcleo espiritual está se desenvolvendo para o estabelecimento do reino messiânico (Cl. 1:13; Mt. 25:34). A revelação desses mistérios em forma de parábola foi devido à existência de dois grupos distintos: **a vós é dado, mas àqueles não lhes é isso concedido.**

**12. Aquele que tem.** Os discípulos, tendo reagido na fé para com Jesus, já possuíam muito da verdade relacionada com o Messias e o seu programa. Reflexões cuidadosas Sobre essas parábolas dariam-lhes mais luz. **Ao que não tem.** Os incrédulos definidos que recusaram os ensinamentos anteriores de Jesus (conf. caps. 10 e 11) não receberiam a verdade nua para que não a pisoteassem (conf. 7:6). Mas aí também está a graça, pois foram poupados à grande culpa de rejeitarem o mais simples ensinamento, e lá ficou a possibilidade de que a parábola fascinante pudesse despertar a curiosidade provocando uma mudança de coração.

**13-15.** O estado decaído de insensibilidade espiritual **entre o povo** foi encarado como **cumprimento parcial** (se cumpre a profecia) de Is.

6:9, 10. A citação de Mateus acompanha a Septuaginta, e enfatiza a incredulidade obstinada do povo. A expressão hebraica *torna o coração deste povo insensível*, apresenta a condição como castigo de Deus pela sua dureza espiritual.)

**16,17.** Os discípulos, que aceitaram o Messias, foram beneficiados com os privilégios desejados há muito pelos profetas e homens justos da economia do V.T. (conf. I Pe. 1:10-12).

**18-23.** A interpretação que Jesus dá à parábola explica que o destino da Palavra nesta dispensação, humanamente falando, é devido à condição dos corações humanos.

**18. O semeador.** Não identificado, mas de conformidade com a parábola seguinte, está claro que é o próprio Cristo, e aqueles que o representam (13:37).

**19. A palavra do reino** (palavra de Deus, Lc. 8:11), simbolizada pela semente, é a mensagem que Jesus proclamou referente a ele mesmo e ao seu reino.

**Este é o que foi semeado à beira do caminho.** Não é uma confusão de figuras, mas uma visão da semente no solo que culmina na planta, e assim representando o caso individual. o ouvinte ao pé do caminho é aquele que não reage de maneira nenhuma, do qual Satanás (**o maligno**), pessoalmente ou através de agentes (**aves**, v. 4, costumam representar simbolicamente o mal: Jr. 5:26, 27; Ap. 18:2), logo remove todas as impressões espirituais.

**20,21.** A semente sobre o recife descreve o caso do ouvinte superficial, emocional (**a recebe logo com alegria**), cujo entusiasmo inicial fica completamente murcho sob o sol revigorante e necessário da **angústia** ou a perseguição.

**22. A semente que brota** entre os espinhos descreve o ouvinte preocupado cujo coração já está cheio de **cuidados** e de interesses mundanos (os espinhos já estão no solo, mas não visíveis no momento da sementeira). Uma fidelidade dividida não permite a maturação dos valores espirituais.



**23.** Os únicos ouvintes que receberam aprovação são os da **boa terra**. Só ali se **produz fruto** (Gl. 5:22, 23), e a fertilidade é o teste da vida (Jo. 15:1-6). A explicação de como os corações chegaram a tais condições está fora do alcance desta parábola.

**24-30.** O Joio. Para a interpretação veja 13:36-43.

**24. O reino dos céus é semelhante a um homem.** Cristo caracteriza o interregno através do caso do homem que teve a seguinte experiência.

**25,26. Os homens dormiam.** De noite; o momento mais provável para este trabalho perverso. Nem aqui nem na interpretação este detalhe é considerado uma negligência. **Joio.** *Zizania*, todos concordam que é joio (*lolium temulentum*), uma planta nociva, praticamente impossível de distinguir do trigo até que a espiga se desenvolva.

**27. Onde vem, pois, o joio?** A extensão da planta inútil não pode ser devido a um acaso (por exemplo, o vento levou a semente), mas só em virtude de uma sementeira deliberada. Mas, não é óbvio que o pai de família semeou boa semente? (A resposta afirmativa está implícita.)

**28. Um inimigo fez isso.** Exemplos de tal malícia sem rodeios existem (Alford, *New Testament for Eng. Readers*, pág. 98, 99).

**29,30. Tempo da ceifa.** Quando as diferenças entre o trigo e o joio forem mais pronunciadas, e a separação puder ser feita economicamente pelos ceifeiros. Então o joio foi primeiro atado em molhos **para ser queimado**, e o trigo foi ajuntado.

**31,32. O Grão da Mostarda.** Esta parábola parece-se com as duas primeiras no seguinte: todas mencionam um homem, um campo e a semente. Consistentemente interpretadas, em cada uma delas o **homem** simboliza Cristo, o campo é o mundo, e a **semente** é a Palavra que fala de Cristo e seu reino.

**Grão de mostarda.** Seu tamanho diminuto é proverbial (conf. Mt. 17:20). No entanto, neste exemplo, ela cresce e se transforma na maior das hortaliças, uma árvore. Exemplos de crescimento fora do comum na Palestina já foram observados por viajantes, mas raramente, se é que

houve, do tamanho descrito aqui (conf. Mc. 4:32). Que tal crescimento é tido como desfavorável sugere-se pelas **aves que aninham-se nos seus ramos**. Nesta série de parábolas, as aves são os agentes do mal (13:4, 19), como acontece frequentemente nas Escrituras (Jr. 5:26, 27; Ap. 18:2). A história confirma o fato de que do menor dos começos a igreja cresceu espantosamente por meio da proclamação da mensagem de Cristo. No entanto tal crescimento fora do comum tem fornecido lugar de pousada para aqueles que são inimigos de Deus, que procuram a sombra e os frutos da árvore para seus próprios interesses (até as nações gostam de serem chamadas "cristãs"). Os discípulos foram advertidos que a simples grandeza do que aparece externamente ser o reino de Cristo não é essencialmente uma contradição ao ensinamento de Cristo que diz que os verdadeiros crentes são um pequeno rebanho rodeado de lobos (Lc. 12:32; Mt. 10:16).

**33-35. O Fermento.** Embora alguns interpretem esta parábola e a precedente como sendo uma descrição da influência extensa do Evangelho, tais explicações violam o uso que Jesus fez desses símbolos em outros lugares, como também o significado das outras parábolas (por exemplo, O Joio) que mostram a existência do mal até o fim da dispensação.

**33. Fermento.** Um bolo de massa velha em alto grau de fermentação. O fermento no V.T. é geralmente símbolo do mal. Mais tarde Cristo usou esse símbolo referindo-se à doutrina perniciosa dos fariseus, saduceus e Herodes (Mt. 16:6-12; Mc. 8:15). As referências paulinas (I Co. 5:6, 7; Gl. 5:9), que com certeza consideram o fermento como sendo o mal, parecem grandemente influenciadas pelas parábolas de Cristo.

**Três medidas de farinha.** Parece uma quantidade comumente usada na cozinha (Gn. 18:6). A mulher (em contraste com o homem nas outras parábolas) é o oponente de Cristo e impregna o reino nesta dispensação com falsa doutrina. Em outro lugar ela é denominada "Impiedade" (Zc. 5:7,8), "Jezabel" (Ap. 2:20 e segs.), e a "grande meretriz" (Ap. 17:1 e

segs.). Por meio dessa caracterização do fermento na farinha, os crentes são advertidos a se precaverem contra a falsa doutrina que se infiltraria em todas as partes do reino no seu aspecto interregno.

**34,35.** Nesta ocasião Cristo falou publicamente (às multidões) só em linguagem simbólica, sem interpretação. Só aos discípulos ele explicou o simbolismo (13:10 e segs.; 13:36 e segs.). Mateus o considerou uma retrospectação do Sl. 78:2, e viu em Jesus o mais perfeito cumprimento da função profética.

**36-43.** A interpretação que Cristo dá à parábola do Joio. Para a própria parábola consulte 13:24-30.

**36. Explica-nos a parábola.** Esta parábola é mais complicada do que a da Mostarda, da Semente e do Fermento e a sua implicação com o mal persistente pode ter entrado em conflito com as idéias dos discípulos. A explicação que nosso Senhor deu aos símbolos mostra que os detalhes maiores são importantes, mas que alguns aspectos têm simplesmente a função de dar forma à história e não são simbólicos (por exemplo, o homem que dormia, os servos do pai de família, o amarrar dos feixes).

**38,39. O campo é o mundo.** Não a Igreja. **Filhos do reino.** Como na explicação do Semeador, a semente é considerada aqui como tendo produzido plantas (13:19). O aparecimento dos verdadeiros seguidores de Cristo neste mundo é imitado pelo **diabo**, cujos **filhos** freqüentemente se disfarçam em crentes (II Co. 11:13-15).

**40-43.** Embora a remoção eficiente em estágio precoce fique provado ser impossível (v. 29), no fim anjos serão encarregados de colher o joio e o retirarão do seu reino. Assim o joio no mundo também é considerado existente dentro do reino sob um certo aspecto. Deve ser, portanto, na peculiar forma do Reino durante o interregno. A remoção final será feita pelos anjos **na consumação do século** – o fim da septuagésima semana de Daniel, e o tempo da segunda vinda de Cristo, quando Ele estabelecerá o seu glorioso reino (Mt. 25:31-46; Dn. 12:3). Deve-se observar novamente que a Igreja e o Reino não são co-

extensivos, embora, antes do Arrebatamento, os cidadãos do Reino também sejam membros da Igreja. Depois que a Igreja for retirada pelo Arrebatamento, haverá cidadãos do Reino na terra durante a Tribulação. A declaração de que o joio será colhido "primeiro" (vs. 30, 41-43) demonstra claramente que isto não acontecerá por ocasião do Arrebatamento (ocasião na qual os santos serão colhidos), mas no final da Tribulação. Veja uma declaração similar no comentário sobre Mt. 24:40-42, onde os que são retirados são julgados, e os que ficam desfrutam de bênçãos.

**44. O Tesouro Oculto.** Embora o tesouro costume ser explicado como sendo Cristo, o Evangelho, a salvação, ou a Igreja, pelo que o pecador deveria estar pronto a sacrificar tudo, o uso consistente da palavra homem nesta série refere-se a Cristo, e o ato de esconder novamente depois de encontrar toma os quadros diferentes. Antes, o tesouro oculto num campo descreve o lugar ocupado pela nação de Israel durante o interregno (Êx. 19:5; Sl. 135:4). Cristo veio para essa nação obscura. A nação, entretanto, rejeitou-o, e assim, com propósito divino, foi privada de sua importância financeira; anda hoje continua obscura no seu aspecto externo quanto ao seu relacionamento com o reino messiânico (Mt. 21:43). Mas Cristo deu a sua própria vida (tudo quanto tem) para comprar todo o campo (o mundo, I Co. 5:19; I Jo. 2:2), e assim conseguiu plena posse de direito por descobrimento e redenção. Quando ele voltar, o tesouro será desenterrado e totalmente revelado (Zc. 12,13).

**45,46. A Pérola.** Esta parábola, parecida no seu desenvolvimento com a do Tesouro Escondido, costuma ser explicada da mesma maneira; mas essas explicações são vulneráveis diante de algumas das mesmas objeções. É consistente, entretanto, que se considere Cristo o negociante, que veio buscar homens e mulheres (**boas pérolas**) que lhe correspondessem e à sua mensagem. Finalmente deu a sua vida (**tudo o que possuía**) para comprar **uma pérola de grande valor** (I Co. 6:20). Essa **uma pérola** representa a Igreja, essa outra grande sociedade dentro

do Reino, composta de homens e mulheres que foram feitos um só na Igreja (I Co. 10:17; 12:12, 13).

**47-50. A Rede.** Uma parábola parecida com a do Joio, mas com ênfase diferente. Esta **rede** é a rede de arrastão que se costuma deixar na água por algum tempo. Representa o Evangelho, que foi enviado ao mundo (**mar** nas Escrituras costuma simbolizar muitas vezes as nações que não têm descanso. Lc. 21:25; Dn. 7:3, 17) através de Cristo e seus apóstolos. Entre os diversos tipos de **peixes** apanhados pela rede, alguns são **ruins**, os quais Jesus interpreta como os homens **maus**, e que na parábola do Joio foram ali colocados por Satanás (conf. também com as aves nos ramos, v. 32). Nem todos os que parecem aceitar o Evangelho são genuinamente convertidos.

**51-53. Conclusão das parábolas.** Os discípulos, que receberam as parábolas e também os princípios de interpretação (conf. Mc. 4:34) demonstraram compreender esses ensinamentos. Então Jesus comparou a situação deles com a de um **escriba versado** (isto é, mestres e intérpretes da verdade de Deus) que é semelhante a um pai de família eficiente que tem um celeiro repleto para cumprimento de suas obrigações. **Coisas novas e coisas velhas.** Velhas verdades há muito contidas no V.T. e as novas como aquelas que foram reveladas nas parábolas.

**54-58. Visita a Nazaré.** Mateus anexa este incidente para ilustrar de maneira tocante o desenvolvimento da oposição que tornou necessário o método das parábolas (13:11-15). Esta visita, também registrada em Mc. 6:1-6, é outra e não aquela anterior narrada em Lucas 4:16-30 (antes de Mt. 4:13).

**54. A sua terra.** Nazaré e suas redondezas.

**55. O filho do carpinteiro.** A narrativa de Marcos (6:3) indica que alguns chamavam Jesus de "o carpinteiro", indicação de que nosso Senhor aprendeu o ofício de José. **Seus irmãos.** Para um comentário detalhado sobre se esses irmãos eram uterinos, meio irmãos, ou primos, veja J.A. Broadus, *Commentary on the Gospel of Matthew*, págs. 310-312, ou P.S. Schaff, em *Lange's Commentary on Matthew*, págs. 255-

260.) Na ausência de qualquer insinuação de que esses **irmãos** devem ser considerados em algum sentido fora do comum, deve-se deduzir no sentido natural que eram filhos de José e Maria. Parece muitíssimo provável que dois deles, Tiago e Judas, tornaram-se escritores das epístolas do N.T.

**56,57.** Embora a mãe e os irmãos de Cristo tivessem se mudado para Cafarnaum (4:13), suas irmãs evidentemente se casaram e ficaram em Nazaré (**entre nós**). Considerando que a meninice e juventude de Cristo não se distinguiram por nenhum milagre (conf. Jo. 2:11) seus concidadãos não foram capazes de entender a razão ou de aceitar esse novo reino. Por isso Jesus emprega o mesmo provérbio que antes para explicar a reação deles (Lc. 4:24).

**58. Não fez ali muitos milagres.** Apenas algumas curas (Mc. 6:5) **Por causa da incredulidade deles.** O poder de Cristo não depende da fé dos homens (conf. Jo. 9:3, 36; Lc. 7:11-15). Entretanto, a incredulidade impediu muitas oportunidades para realização de milagres visto que não muitas pessoas o procuravam.

## **Mateus 14**

### **10) A Retirada de Jesus após a Decapitação de João. 14:1-36.**

O interesse de Herodes em relação às notícias sobre Jesus foi considerado pelo nosso Senhor como sinal para afastar-se. A ordem de Mateus, que antes era comumente por tópicos, agora começa a ficar cronológica até o fim.

**14:1-12.** O interesse culposo de Herodes. **O tetrarca Herodes.** Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, e governador da Galiléia e Peréia. Sua ignorância a respeito de Jesus antes desses acontecimentos deve ser por causa de sua ausência do país, ou devido aos seus hábitos de luxo, que o impediam de se interessar nos movimentos religiosos.

**2. Este é João Batista.** Esta explicação, antes sugerida por outros (Lc. 9:7), foi finalmente adotada por Herodes, que atribuiu o milagre a um João ressuscitado, embora João não realizasse milagres em vida.

**3,4. Herodias.** Filha de Aristóbulo, um meio irmão de Antipas. Fora esposa de seu tio, Herodes Filipe, dando-lhe uma filha, Salomé. Antipas, entretanto, persuadiu-a a deixar seu marido para casar-se com ele, ainda que ele já fosse casado com a filha do Rei Aretas (que fugira para a casa de seu pai, dando lugar a uma guerra). Tal casamento era adúltero e incesto.

**5. E, querendo matá-lo.** Herodes sentiu-se dilacerado por emoções mistas (veja também v. 9). A pressão feita por Herodias foi contrabalançada por considerações políticas e mesmo pessoais (Lc. 6:20), e a disposição rural da pessoa de João foi adiada.

**6,7.** A implacável Herodias não sossegou, entretanto, e a celebração do **dia natalício de Herodes** forneceu-lhe a oportunidade para a vingança. Humilhando sua própria filha e enviando-a para dançar sugestivamente diante de Herodes e sua corte, ela extorquiu de seu governador fantoche uma promessa grandiosa mais adequada a um governador persa (Mc. 6:23; conf. Et. 5:3).

**8-11. Instruída por sua mãe** localiza a fonte da conspiração. **Dá-me, aqui, num prato, a cabeça de João Batista.** Aproveitando a oportunidade, ela fez o seu sangrento pedido, que não dava lugar a evasivas ou delongas. Esse banquete devia ter-se realizado em Maquerus, onde João encontrava-se prisioneiro (Josefo, Antig. xviii. 5.2).

**12. E vieram os seus discípulos,** os quais depois de sepultar o seu **corpo** sem cabeça, contaram a Jesus o que tinha acontecido. O problema dos primeiros dias fora satisfatoriamente resolvido (11:2-6) e agora os discípulos de João voltaram-se logicamente para Jesus. Com toda probabilidade aliaram-se a ele.

**13,14.** Alimentando os cinco mil. O único milagre de Jesus registrado nos quatro Evangelhos. Aconteceu por ocasião da Páscoa (Jo. 6:4), portanto um ano antes da morte de Cristo.

**13,14. E Jesus, ouvindo isto, retirou-se.** O assassinato de João cometido por Herodes e conseqüente notícia das atividades de Jesus deram motivo a esse afastamento. Outro motivo foi a volta dos Doze de

sua missão (Mc. 6:30; Lc. 9:10), que precisavam de um descanso das multidões e mais instruções da parte de Jesus. Logo, entretanto, Jesus interrompeu seu recolhimento para servir à multidão, que o seguiu **a pé**.

**15. Ao cair da tarde.** Os judeus consideravam dois períodos distintos na tarde, começando o primeiro cerca das três horas da tarde, e o segundo ao pôr-do-sol (conf. Êx. 12:6). O primeiro período é o do versículo 15; e o segundo no versículo 23. A harmonização exige que Jo. 6:5-7 seja compreendido antes. Mas embora Jesus tenha confrontado Felipe com o problema antes, durante o dia, nenhuma solução foi encontrada pelos discípulos a não ser a de despedir a multidão (**despede as multidões**). Já não havia mais possibilidade de encontrarem comida e pouso, (Lc. 9:12), nessa região pouco habitada, pois a hora era **adiantada**.

**16-18. Dai-lhes vós mesmos de comer.** Colocando essa responsabilidade sobre os discípulos, Cristo pretendia despertar neles a consciência de que a associação com ele incluía provisão para todas as necessidades. André mencionou o rapaz com os **cinco pães e dois peixes**, mas ele parecia completamente inconsciente das possibilidades divinas (Jo. 6:8, 9).

**19.** Jesus, entretanto, mandou que a multidão se assentasse em ordem sobre a erva, e depois de abençoar os pães e os peixes (equivalente a "dar graças", Jo. 6:11), distribuiu-os entre a **multidão** através dos **discípulos**.

**20. Pedacos.** Pedacos que não foram comidos (não simples migalhas). **Doze cestos cheios.** Pequenas cestas de vime (diferentes dos cestos grandes como canastras mencionadas em 15:37), usadas para carregar coisas em viagem. Talvez pertencessem aos apóstolos, e os pedacos nelas recolhidos talvez fossem para as necessidades dos apóstolos.

**21. Quase cinco mil homens, além de mulheres e crianças.** A proximidade da Páscoa sugere que estivessem se reunindo na Galiléia para a viagem à Jerusalém.

**22-36.** *Cristo anda sobre as águas.*



**22. E logo a seguir, compeliu Jesus a seus discípulos.** A urgência dessa ação foi devido à tentativa do povo de transformar Jesus em seu rei pela força (Jo. 6:15).

**23. Monte.** Um lugar solitário para oração, separado dos distúrbios da multidão não espiritual. O significado dessa situação, semelhante à terceira tentação de Satanás (4:8, 9), forçou Jesus a orar, para que o seu propósito permanecesse firme. Desse monte Cristo podia também observar os seus discípulos no barco (Mc. 6:48). **A tarde.** Com comentário sobre o versículo 15.

**24.** Manuscritos antigos diferem entre *no meio do mar e muitos estádios da praia*. João 6:19 mostra que a distância da praia deveria ser de três a três milhas e meia.

**25. Quarta vigília da noite.** Isto é, das 3 às 6 da manhã. Os homens remaram desde logo após o pôr-do-sol e estavam quase exaustos. O mar encapelado e o vento contrário prejudicavam o avanço. Embora os discípulos tivessem presenciado o poder de Jesus sobre uma tempestade (Mt. 8:23-27), dessa vez ele não estava com eles. A nova lição que iam aprender era que o poder de Cristo podia sustentá-los em todas as tarefas que lhes fossem entregues, quer ele estivesse presente em corpo, quer não.

**Andando por sobre o mar.** Para fazer isto era preciso ser o senhor da gravidade, do vento e das ondas. Os discípulos frenéticos deram lugar à superstição. Talvez pensassem que era um arauto da morte que lhes aparecia.

**27. Sou eu.** Em meio a noite tão escura e tempestuosa, o som da voz familiar devolveu a segurança onde a visão não era suficiente.

**28-33.** Só Mateus fala de Pedro andando sobre as águas.

**28,29. Se és tu, Senhor.** Com impulsividade característica ele esperou que lhe fosse dada uma ordem para ir ter com Jesus por sobre as águas. Mas acusar Pedro de ostentação seria acusá-lo mais do que Jesus acusou.

**30. Reparando, porém, na força do vento,** isto é, seus efeitos. Embora o vento estivesse tão forte quanto antes, toda a atenção estivera centralizada em Jesus, e o Senhor honrou a sua fé concedendo-lhe poder sobrenatural. Quando a concentração na fé foi interrompida, Pedro retornou ao controle dos poderes naturais.

**31. Jesus, estendendo a mão.** Uma nova exibição de poder sobrenatural, não apenas salvamento físico por meio de força humana.

**Homem de pequena fé.** O milagre foi concedido para mostrar, em primeiro lugar, que a fé completa em Jesus como divino Messias é suficiente para todas as tarefas recebidas, e em segundo lugar, que a recusa de Jesus em aceitar a proposta política da multidão (Jo. 6:15) não deveria desiludi-los.

**32,33. Verdadeiramente és o Filho de Deus.** Equivalente ao Libertador Divino, o Messias, ou Cristo. Embora essa identificação fosse feita anteriormente pelos discípulos (Jo. 1:41, 49), havia uma percepção cada vez maior da parte dos Doze do que esses termos significavam.

**34,36. Chegaram à terra de Genesaré.** Uma planície fértil várias milhas ao sul de Cafarnaum. Considerando que o discurso na sinagoga de Cafarnaum aconteceu provavelmente no dia seguinte à multiplicação milagrosa (Jo. 6:22, 59), este parágrafo pode ser uma descrição geral dos acontecimentos de diversos dias ou semanas, antes e depois da visita a Cafarnaum. O desejo dos doentes de **tocar na orla de sua veste** foi provavelmente motivado pela notícia da cura da hemorragia que tempos atrás ocorreu naquela região (9:20).

## Mateus 15

### **11) Conflito com os fariseus por causa da tradição. 15:1-20.**

A oposição local dos fariseus galileus (cap. 12) foi agora reforçada por uma delegação de Jerusalém. Tal oposição aumentada de frequência e intensidade durante o final desse ano.

**1. Escribas e fariseus.** Provavelmente enviados pelo quartel-general para verificar o que Jesus fazia e para importuná-lo.

**2. Por que transgridem os teus discípulos.** Embora a acusação seja indireta, está clara a insinuação de que os ensinamentos de Jesus são responsáveis pela infração. **Não lavam as mãos.** O costume rabínico (não mosaico) não era relativo à higiene, mas cerimonial. Sua força contritória era popularmente considerada maior do que a da Lei propriamente dita, e alguns rabis iam muito longe a fim de observá-lo (veja Mc. 7:4).

**3. Por que transgredis, vós, também, o mandamento de Deus.** Uma admissão de que os discípulos de Cristo transgrediam a tradição dos antigos, mas o contraste com **o mandamento de Deus** mostrava a lógica de tal atitude.

**4-6.** Algumas tradições chegavam elas próprias a violarem a Lei. O quinto mandamento (Êx. 20:12; 21:17) era violado com o rude estratagema de chamar de oferta (a Deus), tudo o que devia ser usado para ajudar os pais de alguém, e portanto além do direito de reclamação dos pais. Como se Deus quisesse de um homem aquilo que pertence aos seus pais! Se a propriedade era realmente entregue a Deus não se discute, embora haja evidências de abusos.

**7-9.** Resumindo, Jesus cita Is. 29:13, onde **este povo** pode ser considerado não meramente os contemporâneos do profeta, mas a nação de Israel através de sua história; ou mais, a denúncia dos contemporâneos de Messias.

**10. E, tendo convocado a multidão.** A troca de palavras acima foi mais ou menos particular entre Cristo e os fariseus e escribas.

**11. Não é o que entra pela boca que contamina o homem.** **Contamina** é literalmente *torna comum*, derivado da distinção levítica entre alimentos permitidos por Deus e todos os outros, considerados comuns, profanos, "imundos". Com esta declaração, Jesus não revoga o código levítico (nem Mc. 7:19 deve ser interpretado assim), uma revogação que só foi anunciada depois do Pentecostes (Atos 10-11), mas estava fazendo a declaração de que a profanação moral é espiritual, não física. O alimento é amoral (I Tm. 4:3-5). O pecado está no coração do

homem que desobedece a Deus e perverte o seu uso. Até mesmo a contaminação de um judeu que come carne leviticamente imunda não foi provocada pelo alimento propriamente dito, mas pelo coração rebelde que agiu em desobediência a Deus.

**12-14. Os discípulos** ficaram aparentemente perturbados por Cristo ter ofendido esses fariseus influentes, e 15:15 indica que eles não compreenderam inteiramente a importância da declaração de Jesus.

**Toda a planta.** Doutrina de simples tradição humana, como aquela que os fariseus estavam exigindo. **Será arrancada.** Uma profecia sobre a destruição final de toda doutrina falsa, o simbolismo talvez incluindo as pessoas apegadas a esses ensinamentos (conf. 13:19, 38 para semelhante combinação).

**Deixai-os.** Como mestres de verdades espirituais, os tradicionalistas deviam ser abandonados. Eram tão **cegos** espiritualmente falando, quanto aqueles que dependiam deles. **Cova.** Não uma vala à beira da estrada, mas uma cisterna aberta no campo.

**15. Explica-nos esta parábola.** Pedro referia-se à declaração de 15:11 (conforme a comparação com Mc. 7:15-17 indica). **Parábola.** Foi usado aqui com o sentido de "palavra difícil". A dificuldade não estava no uso dos símbolos mas no afastamento da tradição, que confundira a contaminação moral com a cerimonial.

**16. Até vós mesmos estais ainda sem entender?** A admiração de Cristo, embora ele não tivesse tratado desse assunto específico antes (mas compare 9:14-17; caps. 5-7), dá a impressão de que pessoas espiritualmente iluminadas deveriam entender este princípio, pois sempre fora verdadeiro.

**17.** Seja qual for a condenação provocada pelos alimentos que entram **pela boca**, ela é física e remove-se do corpo, isto é, vai para a latrina, ou privada.

**18,19.** Mas coisas que saem **da boca** contaminam espiritualmente, pois todas as palavras e atos de pecado têm a sua fonte nos maus desígnios que procedem de um mau coração (conf. 5:21-48). Depois dos

**maus desígnios**, a violação dos Mandamentos, do sexto ao nono, foi exposta, concluindo com **blasfêmias** – palavras abusivas contra Deus ou o homem.

**20. Comer sem lavar as mãos, não o contamina.** Assim Jesus resume tudo voltando à pergunta original.

### **12) Retirada para a Fenícia, e a Cura da Filha da Mulher Cananéia. 15:21-28.**

O ataque direto dos fariseus (vs. 1, 2) encorajados pela recente execução de João e a oposição de Herodes, provocou essa segunda retirada. A entrevista com a mulher descreve claramente o cenário histórico do ministério de Cristo, além dos aspectos mais amplos de Sua graça.

**21. Retirou-se para os lados de Tiro e Sidom.** Embora alguns discutam o ponto, parece claro que Jesus realmente deixou a terra de Israel e jurisdição de Herodes (conf. também Mc. 7:31), para ficar durante algum tempo retirado na Fenícia.

**22. Uma mulher cananéia.** Pela raça. Os habitantes dessa região eram chamados cananeus em Nm. 13:29; Jz. 1:30, 32, 33; Marcos 7:26 designa-a como cidadã siro-fenícia. **Filho de Davi.** Essa maneira de falar implica em ter algum conhecimento da religião judaica, entretanto a passagem não sugere que ela fosse prosélita.

**23. Ele porém não lhe respondeu palavra.** Parcialmente explicado pela tentativa de Jesus de permanecer isolado (Mc. 7:24). Entretanto, a conversa que se segue mostra o alvo da missão de Cristo, e esse procedimento de Jesus torna o ensino mais efetivo, o fato de Marcos ter omitido o silêncio de Cristo indica que esta atitude não foi tão surpreendente como se poderia supor.

**Despede-a.** Esta declaração feita pelos impacientes discípulos pode implicar em que Cristo poderia atender seu pedido e assim encerrar o caso, pois a sua resposta revela que um pedido fora feito.

**26. Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.**

Essa mulher gentia tinha conhecimento do costume judeu de chamar os gentios de **cachorros** e a si mesmos de **filhos** de Deus. A aparente rudeza da expressão de Cristo foi abrandada pelo fato de que o termo se refere não aos ferozes e repugnantes cães vadios que perambulavam pelas ruas, mas **cachorrinhos** (kunarria) que viviam nas casas como animais de estimação. Jesus disse a esta gentia o que já tinha dito à samaritana, que no momento tudo o que viesse do Messias e suas bênçãos estava condicionado a Israel (Jo. 4:21-23). Jesus curou gentios em outras ocasiões, mas aqui na Fenícia tinha de tomar cuidado para não dar a impressão de que estivesse abandonando Israel (conf. Mt. 4:24; 8:5).

**27,28. Porém os cachorrinhos comem das migalhas.** A mulher aceitou inteiramente a ordem divina, e a sua fé agarrou-se à verdade que se lhe aplicava.

**Grande é a tua fé.** O segundo gentio a ser louvado pela sua fé (8:10), e o terceiro exemplo da cura de Cristo à distância (Mt. 8:13; Jo 4:50).

**13) Volta ao Mar da Galiléia (Decápolis, Mc. 7:31), e a Realização de Milagres. 15:29-38.**

Marcos mostra que Jesus prosseguiu para o norte da Fenícia através de Sidom, depois para o leste atravessando o Jordão e finalmente para o sul através de Decápolis até alcançar o mar da Galiléia. Essa rota sugere que ele evitou deliberadamente o domínio de Herodes Antipas.

**29-31. Curando as multidões.**

**29. Mar da Galiléia.** Aparentemente o litoral sul.

**30. Muitas multidões.** Dos muitos que foram curados, Marcos descreveu o caso do surdo-mudo (Mc. 7:32-37).

**31. Glorificava ao Deus de Israel.** Uma indicação de que eram ambientes gentios aos quais Jesus participava o conhecimento do verdadeiro Deus e as promessas messiânicas.

**32-38.** Alimentando os quatro mil. Defender que esta narrativa conta o mesmo incidente dos cinco mil é transformar este Evangelho e o de Marcos em uma mera coleção de tradições que acabaram ficando confusas, e tratar as palavras de Jesus pronunciadas em Mt. 16:9, 10 como simples invenção. As diferenças nos detalhes são numerosas, e não há nada essencialmente improvável a respeito de duas multiplicações milagrosas.

**32. Há três dias que permanecem comigo.** Todo o alimento trazido já fora consumido.

**33. Onde haverá... tantos pães?** Insistir que os Doze tivessem esquecido a multiplicação não tem base. Eles apenas declaram sua incapacidade pessoal de obter o necessário, e evitam de pedir a Jesus que realize outro milagre (à vista de Jo. 6:26).

**34-38. Com sete pães e alguns peixes** Cristo alimentou a multidão de quatro mil homens e suas famílias quase do mesmo modo pelo qual alimentou os cinco mil. Os pedaços que sobraram deram para encher **sete cestos cheios**. Aqui os cestos eram os *spurides* maiores, ou canastras que os discípulos talvez estivessem usando em sua recente viagem, e não os *kophinoi* menores de 14:20, uma distinção mantida em 16:9, 10. Os sete cestos devem ter contido mais do que os doze da ocasião anterior.

#### **14) Renovado Conflito com os Fariseus e Saduceus. 15:39 – 16:4.**

**39. Magadã.** A localização é desconhecida. Marcos 8:10 diz Dalmanuta, cuja localização também é incerta. Aparentemente o lugar fica no litoral ocidental da Galiléia.

### **Mateus 16**

**16:1. Aproximando-se os fariseus e saduceus.** Inimigos tradicionais, ligados por um ódio comum a Jesus. Os saduceus aparecem apenas em mais dois lugares no texto do Evangelho: no batismo de João (3:7) e na última semana de Cristo (22:23).

**Um sinal vindo do céu.** Este pedido, semelhante ao de 12:38, menospreza todos os milagres anteriores de origem celestial. Isto eles pediram com desígnio oculto, **para o tentarem**, obrigando-o a fazer o que antes se recusara, (12:39) ou mais, desacreditando-se caso fosse incapaz.

**2,3.** A parte da resposta de Cristo registrada em 16:2, 3 não existe em outros manuscritos antigos, mas alguns o contêm. A figura é semelhante a de Lc. 12:54-56. Chama a atenção para a capacidade do homem de predizer o tempo com os dados disponíveis, mas a completa incapacidade dos contemporâneos de Cristo de lerem os sinais dos tempos espirituais. A pregação de João, as obras e os ensinamentos de Jesus, a profecia das setenta semanas de Daniel – tudo deveria constituir fatores significativos para o discernimento.

**4. O sinal do profeta Jonas.** (Conf. comentário sobre 12:38-40.) Uma referência à ressurreição corporal de Cristo. Esse era o grande sinal para o qual sempre apontava quando pressionado (Jo. 2:18-22; Mt. 12:38-40), para os crentes uma preciosa prova de sua redenção, mas para os incrédulos um presságio do juízo de Cristo ressuscitado que estava por vir.

### **15) Retirada para a Região de Cesaréia de Filipe, 16:5 - 17:23.**

Esta quarta retirada leva Jesus novamente para o ambiente gentio, longe das tensões da constante oposição (conf. Betsaida Julias, 14:13; Fenícia, 15:21; Decápolis, 15:24, Mc. 7:31). Durante esse período, talvez com diversos meses de duração, aconteceu a momentosa confissão de Pedro, a detalhada predição de Sua próxima paixão, e a Transfiguração.

#### **5-12. Conversa no caminho.**

**5. Para o outro lado**, isto é, para o lado nordeste (Betsaida Julias, Mc. 8:22), a caminho de Cesaréia de Filipe (Mt. 16:13). **Esqueceu-lhes levar pão.** A rápida saída de Magadã pode ter causado esta omissão, de modo que só encontraram um pão velho no barco (Mc. 8:14).



**6. Fermento dos fariseus e saduceus.** (Sobre **fermento**, veja 13:33). A permeadora influência maligna desses declarados inimigos de Cristo é o ponto em questão.

**7-11.** Entretanto os discípulos, atrapalhados com o esquecimento, não perceberam o simbolismo. **Homens de pequena fé.** Jesus sabia que a sua incapacidade de entender era devido a sua ansiedade pelas provisões, e os lembrou das lições de confiança que já tinham aprendido.

**12. Doutrina dos fariseus e saduceus.** Os fariseus eram legalistas e tradicionalistas, cuja ênfase dada ao ritual era hipócrita e espiritualmente moribunda (Lc. 12:1). Os saduceus eram racionalistas, que não criam na ressurreição nem na existência de seres espirituais que não pudessem ser naturalmente explicados (Atos 23:8). Contavam entre os seus a hierarquia sacerdotal de Israel. A advertência contra tais ensinamentos sutis e racionalistas continua sendo pertinente.

**13-20.** *A confissão de Pedro.*

**13. Bandas de Cesaréia de Filipe.** As aldeias remotas. (Mc. 8:27). Não se diz que Jesus tenha entrado na cidade. **Cesaréia de Filipe.** Cerca de vinte e cinco milhas ao norte do Mar da Galiléia.

**14.** A variedade de opiniões que os homens tinham em relação a Jesus mostrava que, mesmo que muitos o relacionassem com a profecia messiânica, ninguém o via de maneira certa. **João Batista** era o precursor profetizado (3:1-3; 14:1, 2). **Elias** era aquele que precederia o "dia do Senhor" (Mt. 4:5, 6) **Jeremias** era esperado que aparecesse e restaurasse a arca que supostamente escondera (II Ma. 2:1-8).

**15,16.** Depois de levar os Doze a abandonarem idéias errôneas, Jesus pediu a sua opinião pessoal.

**Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.** Todos sem dúvida concordaram, mas Pedro portou-se à altura da situação com a resposta inequívoca. Declarações semelhantes foram pronunciadas antes, algumas bem antes (Jo. 1:41, 49), mas muitas noções falsas sobre o caráter e propósito do Messias precisavam ser removidas. Por isso a declaração de Pedro aqui não é o produto de entusiasmo prematuro mas de uma

analisada reflexão e solene fé. A noção popular de um simples líder político foi suplantada pelo conceito do Messias como **o Filho de Deus**, o artigo definido o fazendo a distinção.

**17.** Tal compreensão espiritual não era o produto da humanidade desamparada (**carne e sangue**; compare esta expressão com Gl. 1:16; Ef. 6:12; Hb. 2:14), mas sim uma divina revelação. Verdades espirituais só podem ser compreendidas por aqueles cujas faculdades espirituais foram despertadas por Deus (I Co. 2:11-14). Tal discernimento espiritual era uma evidência do bem-aventurado estado espiritual de Pedro.

**18. Sobre esta pedra edificarei a minha igreja.** Aqui existe um óbvio jogo com as palavras **Pedro** (Petros, nome próprio indicando um pedaço de rocha) e **pedra** (petra, uma rocha). O corpo espiritual, a **igreja**, aqui mencionada pela primeira vez, constrói-se sobre o fato divinamente revelado a respeito de Cristo e confessado por Pedro (I Co. 3:11; I Pe. 2:4), conforme os homens vão tomando consciência e reconhecendo a Sua pessoa e obra (Crisóstomo, Agostinho). Outro ponto de vista interessante entre protestantes (Alford, Broadus, Vincent) é que Pedro (ao lado os outros apóstolos; Ef. 2:20; Ap. 21:14) é a **pedra**, mas sem a supremacia papal que lhe foi conferida pelos caprichos romanos centrados às Escrituras.

**As portas do inferno não prevalecerão contra ela.**

**Inferno** (equivalente a **Sheol**), o reino dos mortos.

**As portas.** A entrada para o Hades, que geralmente é a morte. A Igreja de Cristo, que seria inaugurada no Pentecoste, não ficaria à mercê da morte física, porque a ressurreição do Senhor garantiria a ressurreição de todos os crentes. Mais especificamente, os crentes que morrem antes da ressurreição vão imediatamente para Cristo, não para o Hades (Ef. 4:8; Fl. 1:23; II Co. 5:8).

**19. As chaves do reino dos céus.** Chaves significam autoridade para abrir. **Te** relaciona esta promessa com Pedro somente. Refere-se à escolha de Pedro, como o primeiro entre iguais, de oficialmente abrir o reino (desde o Pentecoste incluindo toda a esfera da fé cristã; conf. 13:3-

52) aos judeus (Atos 2:14 e segs.) e gentios (Atos 10:1 - 11:18; 15:7,14). Alguns, entretanto, explicam a passagem escatologicamente, como se aplicando ao reino dos santos na terra durante o Milênio (A. J. McClain, *The Greatness of the Kingdom*, pág. 329 e segs.).

**O que ligares na terra.** Esta parte da responsabilidade foi mais tarde concedido a todos os discípulos (18:18), que foram finalmente habilitados para a tarefa (Jo. 20:22, 23). Se Jo. 20:23 é uma explicação para o ligar e desligar, significando cancela e retenção de pecados, então Atos 10:43 é um exemplo do seu exercício. Através da proclamação do Evangelho, faz-se o anúncio de que a aceitação confere desligamento da culpa e pena do pecado, e a rejeição deixa o pecador ligado para o juízo.

**20. Que a ninguém dissessem ser ele o Cristo.** A população ainda ficaria apenas politicamente perturbada com tal revelação.

**21-27.** Jesus prediz a sua morte e ressurreição.

**21. Desde esse tempo, começou Jesus.** Agora que Jesus tinha um núcleo de seguidores que verdadeiramente cria nEle como o Messias (16:16), ele entrou em um período de ensinamentos explícitos sobre a sua obra redentora. **Anciãos, principais sacerdotes, e escribas** formavam o Sinédrio. **Ser morto, e ressuscitado.** Embora Cristo profetizasse claramente a sua ressurreição logo após a sua morte, o significado disso no foi compreendido pelos Doze.

**Terceiro dia.** Equivalente a "depois de três dias", Mc. 8:31. 22. O protesto de Pedro, **tem compaixão de ti, Senhor** (uma expressão idiomática significando, "Deus tenha misericórdia de ti e te poupe"), demonstrou seu completo fracasso de perceber no Messias judeu o aspecto do sofrimento (Is. 53).

**23. Arreda! Satanás.** Palavras iguais às que Jesus disse a Satanás em 4:10, pronunciadas aqui em uma situação semelhante. Satanás, usando Pedro como instrumento seu, estava novamente tentando afastar Jesus do sofrimento que era Seu quinhão. **Não cogitas as coisas de Deus.** A divinamente revelada confissão de Pedro (v. 16) demonstrou

resumidamente a propriedade do nome que Cristo Lhe deu, mas aqui ele exhibe presença da fraqueza carnal. Antes do Pentecostes, os Doze vacilavam freqüentemente entre o discernimento espiritual e a más grossa carnalidade. E esse costuma ser tragicamente o caso dos crentes de hoje.

**24.** Nesse ponto Jesus e os Doze foram seguidos por uma multidão (Mc. 8:34), mesmo embora o Senhor ficasse em relativo isolamento.

**A si mesmo se negue**, isto é, negue-se capaz de méritos no que se refere à vida eterna. **Tome a sua cruz, e siga-me.** Uma muito conhecida figura de morte e sofrimento (conf. comentário sobre 10:38, 39). Aqui ele descreve a conversão de um pecador que deve reconhecer a sua própria pobreza espiritual e, então, aceitar a Cristo (Sua pessoa e ensinamentos), mesmo que isso signifique assumir, sob certo sentido, um sofrimento que de outra maneira não ocorreria.

**25. Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á** (conf. com 10:39). Aquele que não está pronto a assumir os riscos envolvidos em ser um discípulo de Cristo acaba perdendo a sua vida eternamente. Mas o inverso também é verdade.

**26. Pois que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder a sua alma?** *Vida é psychê* o termo grego para os dois conceitos, "vida" e "alma". Lucas 9:25 usa o pronome "se". A figura retrata uma negociação comercial na qual o homem troca a sua própria vida (incluindo a alma) pelas atrações deste mundo. O que tal homem usaria para comprar sua *psyché* de volta?

**27. O Filho do homem há de vir.** Na segunda vinda de Cristo, ele acertará as contas. Assim, aquele que sofrer por Cristo, até mesmo morrendo, receberá sua devida recompensa.

**28.** Para destacar a realidade desse há de vir e do reino, como incentivo aos homens para que o sigam, mesmo sofrendo, Cristo deu a promessa do versículo 28. Essa vinda do Filho do homem em seu reino explica-se por alguns como sendo a destruição de Jerusalém e por outros como o começo da Igreja. Mas atribuí-la à Transfiguração satisfaz as

exigências do contexto (todos os sinóticos dão logo a seguir a Transfiguração, Mc. 9:1; Lc. 9:27). Mais ainda, Pedro, que era um dos que estava lá (**aqui estão**), referiu-se à Transfiguração nas mesmas palavras (II Pe. 1:16-18). Chafer chama a Transfiguração de "pré-estréia da vinda do reino na terra" (L. S. Chafer, *Systematic Theology*, V. 85).

## Mateus 17

**17:1-13.** A Transfiguração. Nesse momento estratégico do ministério de Jesus, quando ele evocou de Pedro a sua verdadeira designação (16:16), e anunciou a sua morte e ressurreição que estavam por acontecer, essa muitíssimo notável experiência foi garantida a três discípulos.

**1. Seis dias depois.** Também Mc. 9:2. Os "quase oito dias depois" de Lucas (9:28) incluem o término e também a alegada. **Pedro, Tiago e João.** Esses antigos sócios de negócios (Lc. 5:10) tiveram privilégios especiais em mais outras duas ocasiões (Lc. 8:15; Mt. 26:37). Será que tinham mais percepção espiritual do que os outros nesta ocasião? **Alto monte.** O tradicional Monte Tabor é contextualmente improvável. O mais provável é um local perto de Cesaréia de Filipe (16:13), talvez um dos picos do Hermom.

**2. E foi transfigurado diante deles.** O verbo (metamorphoô) indica uma transformação da forma essencial, procedente do interior, e em Rm. 12:2 e II Co. 3:18 foi usado em relação à transformação espiritual que caracteriza os cristãos quando a nova natureza se manifesta neles. Embora para os crentes esta transformação seja uma experiência gradual, a ser completada quando Cristo for visto (II Co. 3:18; I Jo. 3:2), no caso de Jesus, a gloriosa forma que geralmente se encontrava velada foi rapidamente exposta.

**3. Moisés e Elias,** os representantes ilustres, segundo o pensamento judeu, da Lei e dos Profetas, apareceram **falando com ele** sobre os próximos acontecimentos em Jerusalém (Lc. 9:31). Essa conversação mostrou aos discípulos que a morte do Messias não era incompatível

com o V.T. Considerando a transfiguração como uma pré-estréia do reino messiânico (16:28), alguns têm visto em Moisés (que já morrera) e Elias (que passara desta vida para a outra sem experimentar a morte) os representantes dos dois grupos que Cristo trará com ele para estabelecer o seu reino: santos mortos ressuscitados e santos vivos transladados. Do mesmo modo os três discípulos são considerados representantes dos homens vivos na terra por ocasião do Segundo Advento (L. S. Chafer, *Systematic Theology*, V. 85-94 ; G. N. H. Peters. *Theocratic Kingdom*, II, 559-561).

**4,5. Então disse Pedro**, isto é, reagiu à situação. Um desejo de prolongar esta experiência incentivou Pedro a oferecer-se para construir **(façamos) três tendas** feitas de ramos, iguais aos que os adoradores construíam por ocasião da Festa dos Tabernáculos. Em resposta, a voz divina saiu da nuvem, reconhecendo Jesus como o Filho amado de Deus, e ordenando aos discípulos: A ele ouvi, Moisés e Elias não tinham nada de novo para transmitir (Hb. 1:1, 2).

**6-9.** Amedrontados com a voz, os discípulos foram confortados, mas também admoestados, no final destes acontecimentos. **A ninguém conteis a visão.** Parece que nem mesmo os outros apóstolos deviam ser informados nessa ocasião. As coisas que testemunharam só confundiriam e perturbariam politicamente os menos perceptíveis.

**10. Por que dizem pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?** A presença de Elias no monte e a ordem subsequente de silenciar motivou a pergunta. Se essa era a profetizada vinda de Elias (Ml. 4:5), então certamente era chegado o momento de anunciar publicamente. Se não era, como poderia Jesus ser o Messias, pois essa personagem tinha de ser precedido de Elias.

**11. De fato, Elias virá primeiro.** A forma é presente futuro. Jesus proclama aqui que Ml. 4:5 será cumprido.

**12,13. Elias já veio.** Para os judeus que não eram espirituais e que meramente andavam à caça de sinais, o próprio João dissera "Eu não sou Elias" (isto é, o profeta do V.T. ressuscitado, Jo. 1:21). Entretanto, para

os que eram sensíveis espiritualmente, João já viera "no espírito e virtude de Elias" (Lc. 1:17), e os homens foram levados a Cristo por intermédio dele. Assim o oferecimento que Jesus fez do reino foi uma oferta válida, dependendo da aceitação nacional, e Israel não poderia acusar a ausência de Elias para o seu fracasso em reconhecer Jesus. Deus em sua onisciência sabia que Israel, na primeira vinda de Cristo, não estava preparada para o sinal do ministério de Elias, e por isso enviou João "no espírito e virtude de Elias".

**14-20.** Curando um epilético endemoninhado. Todos os sinóticos colocam esta narrativa logo após a Transfiguração, mas a narrativa de Marcos (9:14-29) é a mais completa.

**15. Senhor, compadece-te de meu filho porque é lunático.** Literalmente, **lunático** (conf. etimologia latina de "lunático"). Os sintomas são geralmente como os da epilepsia, produzidos aqui pela possessão demoníaca.

**17. Ó geração incrédula e perversa.** Com palavras semelhantes às de Dt. 32:5, Jesus denuncia a falta de fé dos nove apóstolos como característica da sua geração. Sua falta de fé consistia no seu fracasso em se apropriar inteiramente do poder que lhes fora garantido em 10:8.

**18. Removendo o demônio** (a causa) Jesus efetuou a cura da doença (o efeito).

**19. Por que não pudemos expulsá-lo?** Sem dúvida foi o primeiro fracasso deles depois que receberam a autorização de Cristo (10: 8).

**20. Por causa da pequenez da vossa fé.** Não incredulidade em Jesus como o Messias, mas dúvidas quanto às palavras que ele lhes dissera anteriormente (10:8).

**Como um grão de mostarda.** Sua pequenez era proverbial. O poder da fé foi ilustrado pela sua capacidade de remover este monte. (Teria Jesus apontado para o Monte da Transfiguração?) Em lugar de abrandar a expressão tornando a palavra "monte" símbolo de alguma dificuldade, é melhor entendê-la literalmente. Entretanto, devemos ter em mente que a fé escriturística é a confiança na Palavra e vontade de

Deus reveladas. Daí, a fé para remover um monte pode ser exercitada somente quando Deus revelar que essa é a sua vontade. O versículo 21 foi omitido nos melhores manuscritos, sendo uma interpolação de Mc. 9:29.

**22,23.** Jesus fala novamente sobre a sua morte e ressurreição. **Tendo eles se reunido na Galiléia.** Embora a evidência do manuscrito gere conflito, este texto não parece mais autêntico e concorda muito com Mc. 9:30. Porque Jesus desejasse segredo, os Doze talvez retornassem por caminhos diferentes, e tendo se reunido novamente, receberam a revelação.

**O Filho do homem está para ser entregue. Entregue** é menos sugestivo do que **traído**, embora possa sugerir a traição.

### **16) Instrução aos Doze em Cafarnaum. 17:24 – 18:35.**

**24-27.** Pagamento do imposto do templo.

**24. Cafarnaum.** A visita final a essa cidade que era a sua residência. **Não paga o vosso mestre as duas dracmas?** Esse tributo eclesiástico, baseado em Êx. 30:11-16, era originalmente para o sustento do Tabernáculo, e foi reinstituído depois do exílio (Ne. 10:32, a terça parte dum siclo). Parece que nos dias de Jesus os judeus seguiam o plano anual de Neemias, mas cobravam a taxa de Moisés. O pagamento, geralmente feito na primavera, estava com alguns meses de atraso.

**25,26. Jesus se lhe antecipou,** isto é, falou-lhe antes que ele falasse. Reconhecem: do a confusão de Pedro por causa da lealdade à integridade de Jesus e talvez pela falta de fundos, nosso Senhor mostra, por meio de uma ilustração, que **os filhos dos reis** estão isentos do tributo. Assim Jesus, o Filho de Deus, não estava pessoalmente obrigado a pagar imposto para a casa de Deus.

**27. Mas, para que não os escandalizemos.** Pois se Jesus tivesse reclamado o seu privilégio poderia muito provavelmente ter criado uma impressão errada entre o povo, incluindo talvez um desrespeito à casa de Deus. O milagre, demonstrando a onisciência de Jesus ao saber qual o



peixe que continha o estáter, e sua onipotência em fazer que fosse o primeiro apanhado, enfatizou o fato de sua divindade (e assina o seu direito à isenção do imposto), a qual poderia ficar obscurecido com a intenção de fazer o pagamento. **Estáter.** Um estáter, igual a quatro dracmas ou dois terços do siclo, portanto suficiente para Jesus e Pedro.

## Mateus 18

**18:1-14.** Instrução sobre grandeza.

**1. Quem é porventura o maior?** Os antecedentes desta pergunta encontram-se na disputa entre os discípulos enquanto viajavam (Mc. 9:33; Lc. 9:46). Talvez fosse acesa pela proeminência dada aos três em Cesaréia de Filipe (17:1) ou a Pedro no incidente do pagamento do imposto (17:27).

**2-4. Chamando uma criança,** ele advertiu os discípulos, dizendo que se não deixassem de pensar grandes coisas de si mesmos, seu problema não seria o de grandeza relativa, mas de entrada **no reino dos céus** (o reino messiânico que eles esperavam que estabelecesse). A ausência do orgulho da posição é o aspecto da infância aqui referido. Para se entrar no reino de Cristo, um homem deve compreender sua imperfeição pessoal, e sua inteira dependência do Senhor. Deve experimentar o novo nascimento (Jo. 3:3 e segs.)

**5. Tal como este,** isto é, uma pessoa que, crendo, tornou-se como um menino (conf. v. 6). Os versículos 5-14 já não tratam mais do menino da ilustração (1-4) mas de um crente semelhante a um menino. **Em meu nome.** Tendo Cristo por base. Acolhendo outros crentes por causa de Cristo (não por causa de prestígio, riqueza, etc.) é como se acolhêssemos o próprio Cristo (10:42).

**6. Qualquer que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêm em mim.** Pequeninos também se refere a crente. O terrível julgamento que aguarda aqueles que prejudicaram a fé dos crentes foi dramatizado por meio de uma comparação. **Pedra de moinho.** Literalmente *pedra de asno*, a grande pedra superior do moinho movida por um asno.

7. Embora seja inevitável que **venham escândalos**, pois fazem parte da disciplina de Deus para moldagem do caráter do crente, o ofensor humano é moralmente responsável por sua culpa.

**8,9.** Assim, é necessário tomar as medidas mais drásticas para evitar-se a ofensa (Veja 5:29,30)

**10. Destes pequeninos.** Crentes como crianças (não crianças verdadeiras, anão ser que sejam crentes). **Os seus anjos.** Os anjos que têm o encargo de guardar os crentes como um grupo (Hb. 1:14). Não temos aqui suficiente justificação para a idéia de que cada crente individual tem um anjo particular que lhe foi designado. (Atos 12:15 reflete a opinião corrente sobre os anjos, mas não é necessariamente uma verdade.) O versículo 11 foi provavelmente interpolado de Lc. 19:10.

**12-14.** A importância de até mesmo o mais humilde crente está ilustrada pela parábola da Ovelha Perdida. Considerando que o pastor se preocupa grandemente por uma simples ovelha desgarrada, como é grande a nossa obrigação de não desprezar essas infelizes. Esta parábola foi usada em outra ocasião (Lc. 15:4-7) para ilustrar a salvação dos pecadores.

**15-20.** Instruções sobre o procedimento em relação aos ofensores.

**15.** Apesar das mais sérias advertências, ofensas serão feitas. Um resumo do procedimento foi apresentado para que o ofendido soubesse como reagir. Sua primeira responsabilidade é a de ir procurar o ofensor em particular, sem esperar que este se desculpe. Tal procedimento torna mais fácil obter uma confissão. Se tiver sucesso, ficará amigo do irmão ofensor e o restaurará na comunhão com o Senhor e com a congregação.

**16.** Se houver necessidade de uma segunda visita, é preciso que diversas testemunhas estejam presentes à entrevista (veja Dt. 19:15).

**17. Dize-o à igreja.** Quando o ofensor permanece impenitente (e o pecado é suficientemente grave para afetar a congregação), a igreja deve examinar o assunto.

A **igreja** aqui não quer dizer sinagoga, à vista das prerrogativas mencionadas em 18:18, 19. Uma igreja cristã está se formando, como

indica a implícita ausência de Jesus (v. 20). Se a **igreja** fracassar e o ofensor não atender o seu conselho, deve ser tratado como alguém de fora (gentio, publicano). É claro que tal tratamento deveria envolver esforços para alcançá-lo com o Evangelho.

**18. Tudo o que ligardes na terra** (conf. 16:19). A decisão da congregação em tais assuntos, tomada através de oração, da Palavra e do Espírito, será ratificada no céu. Veja também Jo. 20:23.

**19,20.** A promessa de que a oração será atendida se ao menos **dois de vós concordarem** fornece uma prova adicional de que as decisões tomadas através de oração pela congregação, nas questões de disciplina, serão divinamente aprovadas. Essa promessa relativa à oração de comum acordo deve ser considerada à luz de outros ensinamentos de Cristo sobre o assunto (conf. I Jo. 5:14). **Ali estou eu no meio deles.** Uma promessa da presença especial de Cristo na menor das congregações concebível.

**21-35.** Instruções sobre o perdão.

**21. Senhor, até quantas vezes?** A explanação anterior referente aos ofensores implica no desejo do ofendido de perdoar. Pedro ficou imaginando até onde o perdão deveria ser estendido por repetidas ofensas. **Até sete?** Os rabinos ensinavam (com base em Amós 1:3; Jó 33:29, 30) que bastavam três.

**22.** Jesus, entretanto, elevou a questão acima do reino da computação prática, exigindo **setenta vezes sete**. Em lugar de buscar um padrão numérico, o crente deve seguir o exemplo do seu Senhor (Cl. 3:13).

**23.** A parábola do servo inclemente ensina que os homens que experimentaram o perdão de Deus são obrigados a perdoar os outros. Este é o padrão do **reino dos Céus** (veja comentário sobre 13:11). O **rei** oriental (interpretado como sendo o Pai Celestial; v. 35) é apresentado quando fazia um acerto de contas com os seus escravos.

**24.** Um, aparentemente um sátrapa com acesso a grandes somas dos rendimentos do rei, foi descoberto estar devendo **dez mil talentos**. (O

valor de um talento diferia em diversas ocasiões, de acordo com o metal envolvido, mas era sempre comparativamente alto.)

**25-27.** Entretanto, prostrando-se diante do rei, obteve um cancelamento completo da dívida (em grego, empréstimo); pela graça do rei não foi considerado um desfalque.

**28-30.** Saindo da presença do rei, o servo perdoado foi acertar as contas com **um dos seus conservos** que lhe devia **cem dinheiros** (*denarius*, equivalente ao salário de um dia, 20:2), uma insignificantiíssima quantia comparada aos talentos.

**31-33. Não devias tu, igualmente, compadecer-se?** Certamente os pecadores que experimentaram o perdão de Deus devem demonstrar um espírito idêntico para com os outros, especialmente porque as ofensas que os homens cometem uns contra os outros são infinitamente menores quando comparadas com a enormidade do débito para com Deus.

**34,35. O entregou aos verdugos.** Eis aí o ponto crítico da interpretação. Não pode se referir à eterna ruína de alguém que foi verdadeiramente salvo, pois entraria em conflito com os mais claros ensinamentos de outras passagens. Não pode se referir também a algum purgatório contrário às Escrituras. Mas o fato de que o servo foi perdoado torna impossível que ele fosse um crente simplesmente professo. Entretanto, se encaramos os tormentos como males temporais com os quais o **Pai celeste** aflige os crentes que não perdoam, as dificuldades anteriores são evitadas. **Verdugos** (*basanistai*) deriva-se do verbo *basanizô*, o qual se usa para descrever doenças (Mt. 4:24; 8:6), e circunstâncias adversas (Mt. 14:24). Ló "afligia a sua alma" em contato com os homens maus (II Pe. 2:8). Tais tormentos Deus usa para castigar e produzir um espírito adequado entre os seus filhos (I Co. 11:30-32). Assim, o perdão divino aqui é aquele que devemos experimentar diariamente para podermos desfrutar da comunhão perfeita com nosso Pai celestial, e isto se encaixa bem neste contexto no qual se discute o relacionamento entre crentes (vs. 16-20).

**B. Na Peréia. 19:1 – 20:16.**

Mateus observa a saída de Jesus da Galiléia e descreve a última viagem a Jerusalém. Uma comparação com Lc. 9:51 – 18:14 indica outra viagem a Jerusalém e um ministério que durou alguns meses. Assim um intervalo de talvez seis meses deve ser colocado em 19:1 entre **deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia**, além do Jordão.

**Mateus 19****1) Ensinamentos sobre o Divórcio. 19:1-12.**

**1. Além do Jordão.** Da palavra grega *peran* (**além**) veio o nome "Peréia" para o distrito do lado oriental do rio Jordão.

**3. É lícito ao marido repudiar sua mulher por qualquer motivo?**

A severa escola de Shammai defendia a legalidade do divórcio só quando a conduta da esposa era discutível. Hillel, entretanto, interpretou Dt. 24:1 da maneira mais ampla possível, e permitiu o divórcio por todas as causas concebíveis. Então a pergunta feita a Jesus foi: "Você concorda com a mais prevalecente interpretação (de Hillel)?"

**4-6.** Em vez de se colocar ao lado de qualquer posição, Jesus cita o propósito divino na criação (Gn. 1:27; 2:24). Considerando que o propósito de Deus exigia que o homem e a mulher fossem **uma só carne**, qualquer ruptura no casamento contraria a vontade de Deus.

**7,8. Por que mandou então Moisés?** A citação que fizeram de Moisés (Dt. 24:1) e **carta de divórcio**, em oposição a Jesus, provou que não sabiam interpretar esse regulamento. Pois a provisão era uma proteção às mulheres contra os caprichos dos homens, não uma autorização para os maridos se divorciarem à vontade.

**9, 10. Não sendo por causa de relações sexuais ilícitas** (conf. com 5:31). Se fornicção deve ser entendido também como adultério (uma identificação bem incerta no N.T.), então nosso Senhor permitiu o divórcio só em caso de infidelidade da mulher. (Entre os judeus, só os maridos podiam se divorciar. Marcos, escrevendo para leitores gentios, declara também o oposto, Mc. 10:12). Entretanto, se fornicção tem de

ser tomada no seu sentido costumeiro, referindo-se aqui à falta de castidade da noiva durante o compromisso (conf. com suspeitas de José, Mt. 1:18, 19), então Cristo não deixou lugar a qualquer tipo de divórcio entre pessoas casadas. Assim ele não concordou nem com Shammai nem com Hillel. Um tão alto e restrito padrão para o casamento teria sido o responsável pelo protesto dos discípulos, **não convém casar**. Não parece provável que os discípulos, depois de se embeberem com os ideais de Jesus, sentissem que limitar o divórcio aos casos de adultério fosse um fardo intolerável.

**11. Nem todos são aptos para receber este conceito**, isto é, a declaração dos discípulos. Ainda que às vezes o casamento possa não ser o ideal nem todos os homens são constituídos de forma a poderem se abster.

**12.** Alguns são incapazes para o casamento por causa de defeitos congênitos; outros por causa de danos ou restrições impostas pelos homens. Outros ainda podem prescindir do privilégio do casamento a fim de se devotarem mais completamente ao serviço de Deus (Paulo, por exemplo, I Co. 7:7, 8, 26, 32-35). Esta declaração certamente não faz restrições ao casamento; antes, finaliza uma conversa na qual o casamento foi exaltado ao seu original estado de pureza.

## **2) A Bênção das Crianças. 19:13-15.**

As crianças deviam ser muito pequenas, algumas talvez fossem bebês (Mc. 10:16). Os discípulos não gostaram da intromissão e repreenderam os pais que trouxeram (conf. Mc. 10:13; Lc. 18:15). Jesus, entretanto, estava sempre interessado nos jovens e fracos. Durante o delicioso momento, fez os discípulos se lembrarem de uma lição esquecida (18:3). **Dos tais é o reino dos céus**. Considerando que a entrada no seu Reino exige que os homens se transformem em crianças na fé, os discípulos fariam melhor se fossem bondosos com as verdadeiras crianças.

**3) Entrevista com o Jovem Rico. 19:16-30.**

**16. Que farei de bom?** Este jovem interrogador (chamado de "príncipe" por Lucas) tinha por certo que **a vida eterna** se obtinha através da realização de feitos.

**17. Perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um.** Marcos e Lucas indicam que Jesus foi por ele chamado de "Bom Mestre". Nosso Senhor experimentou o seu interrogador fazendo-o reconsiderar o que realmente achava de Jesus, e depois o conduziu àquilo que Deus já revelou em Sua Lei.

**18, 19.** Jesus citou o sexto, o sétimo, o oitavo, o nono e o décimo mandamentos do Decálogo, e um resumo da segunda tábua – **amarás o teu próximo como a ti mesmo**. Não foram apresentados meios de salvação (esse nunca foi o propósito da Lei), mas sua intenção foi a de indicar a necessidade do jovem.

**20. Tudo isso tenho observado.** Não foram palavras de uma pessoa cheia de justiça própria descarada, mas de alguém que pensava que a conformidade nas aparências constituía a guarda da Lei.

**21. Perfeito.** Completo, maduro, sem a falta que ele sentia haver. **Vai, vende, dá.** Jesus desmascarou o problema do jovem demonstrando um dos seus efeitos. A exortação de se desfazer dos seus pertences rapidamente revelou como ele se encontrava longe de entender o espírito dos mandamentos divinos. **Vem, e segue-me.** Aqui está o apelo positivo para confiar em Cristo.

**22. Retirou-se triste.** A perspectiva de abandonar seus muitos haveres perturbou-o tanto que ele deixou de atingir o alvo procurado.

**23. Dificilmente entrará um rico.** A dificuldade com as riquezas não jaz na sua posse (muitos homens justos nas Escrituras possuíam riquezas – Abraão, Jó, José de Arimatéia) mas na falsa confiança que elas inspiram (I Tm. 6:17; Mc. 10:24).

**24. Camelo e fundo de uma agulha** têm significado literal, comprovado por um provérbio talmúdico semelhante usado com a figura de um elefante. A comparação teve a intenção de mostrar uma

impossibilidade, citando a maior das bestas conhecidas na Palestina e a menor das aberturas.

**25. Quem pode ser salvo?** Parece que os discípulos endossavam até certo grau o ponto de vista corrente de que as riquezas indicavam favor divino. Daí, se os ricos forem excluídos, como poderiam os outros se salvar? Talvez fosse latente o pensamento de que todos os homens são afligidos até um certo grau pelo desejo de obter riquezas neste mundo.

**26.** Sucintamente Jesus declarou que a salvação é obra de Deus. Deus pode dominar essa falsa confiança nas riquezas humanas e fornecer verdadeira justiça.

**27. Nós tudo deixamos.** O que o jovem se recusou a fazer (conf. Mt. 4:20, 22; 9:9). **Que será pois, de nós?** Não necessariamente o reflexo de um espírito mercenário, mas uma resposta direta que provocou uma resposta apropriada.

**28. Regeneração.** A palavra aparece em outro lugar do N.T. apenas em Tito 3:5 (novo nascimento espiritual individual). Aqui ela indica o novo nascimento que ocorrerá na sociedade e na criação quando o Messias estabelecer o seu reino (conf. Atos 3:21; Rm. 8:19). **Doze tronos.** Especificamente para os Doze no Milênio.

**29,30.** Qualquer sacrifício feito por Cristo será amplamente recompensado. Porém temos que ser cautelosos. **Muitos** (não todos) **primeiros serão os últimos.** Este axioma, repetido em 20:16 depois de uma parábola explanatória, é verdadeiro sob diversos aspectos. Aqui o contexto sugere sua aplicação àqueles que primeiro (no tempo) estabeleceram seu relacionamento com Cristo e podem desenvolver uma atitude de presunção.

## Mateus 20

### 4) Parábola dos Trabalhadores na Vinha. 20:1-16.

Esta parábola ilustra o ensinamento anterior de Cristo e amplia 19:30 (conf. 20:16).



**1. Dono de casa.** O proprietário de uma **vinha** precisava de um maior número de trabalhadores por ocasião da colheita. **De madrugada.** Os primeiros trabalhadores foram contratados de madrugada.

**2. Um denário** (denarius) **por dia.** O salário usual para um trabalhador ou soldado.

**3-7. Outros que estavam desocupados.** Não estavam trabalhando porque nenhum homem os contratara. Não há nenhuma indicação de que fossem preguiçosos. Desse grupo de desempregados que estava na praça, o pai de família contratou mais trabalhadores às 9 horas da manhã, às 12, às 15 e às 17 horas. Todos atenderam imediatamente ao convite.

**8. Ao cair da tarde.** Conf. Dt. 24:15.

**9-12.** Para que aqueles que foram contratados primeiro vissem o que se fazia, o pagamento começou com os que foram contratados por último. Cada trabalhador recebeu um denário, sem considerar o seu tempo de serviço.

**13,14.** Para um dos que estava no grupo de murmuradores, o pai de família explicou que o contrato fora inteiramente cumprido. Quanto aos outros, a obrigação do dono da vinha para com eles era negócio que só a ele dizia respeito.

**15. São maus aos teus olhos porque eu sou bom?** O sentido é, Você está com inveja porque eu sou generoso? (Pv. 28:22)

**16. Os últimos serão primeiros.** Esta declaração, repetida de 19:30, mostra que a parábola era um prolongamento das instruções dadas aos **Doze** (19:27-30). A parábola ensina que o serviço prestado a Cristo será fielmente recompensado, e que fidelidade ao chamado quando idêntica, será identicamente recompensada. Entretanto, só Deus, pode avaliar adequadamente a fidelidade e o apelo, e assim os juízos humanos podem ser completamente alterados.

### **C. Na Judéia. 20:17-34.**

Mateus observou particularmente os movimentos geográficos (4:12; 16:13; 17:24; 19:1; 21:1). Tendo estado a leste do Jordão na Peréia,

Jesus e o seu grupo dirigiu-se agora diretamente para Jerusalém. Esta parte descreve os acontecimentos da viagem da Peréia a Jerusalém, na vizinhança de Jericó, na Judéia (v. 29).

### **1) Jesus prediz novamente a Sua Morte e Ressurreição. 20:17-34.**

A terceira predição direta e detalhada da paixão de Cristo (conf. 16:21; 17:22, 23, mais a simples declaração de 17:12). Ela amplia algumas das informações anteriores. Pela primeira vez Jesus indicou que a sua morte seria através das mãos dos gentios, que os escarneceriam, açoitariam e crucificariam.

### **2) O Pedido Ambicioso dos Filhos de Zebedeu. 20:20-28.**

Marcos apresenta o pedido como vindo dos próprios filhos. Mateus mostra que pela primeira vez pediram através de sua mãe, mas que mais tarde eles mesmos entraram na conversa.

**A mulher de Zebedeu com seus filhos.** Salomé, aparentemente a irmã da Virgem Maria, como se vê comparando Mt. 27:56 com Mc. 15:40 e Jo. 19:25. 21. O pedido por lugares de maior honra no reino de Cristo pode ter sido provocado por causa de sua revelação anterior sobre os doze tronos (19:28). Embora ela surgisse da idéia de que o reino seria muito brevemente estabelecido (Lc. 19:11), e traiu um espírito não muito humilde, deve-se notar que se baseava numa firme fé de que Jesus era o Messias e o seu reino uma realidade. Uma fé assim Jesus queria purificar e nutrir.

**22, 23. Cálice.** Um símbolo dos sofrimentos de Cristo (conf. 26:39, 42). **Ser batizados com o batismo** (aparece só na ERC). Broadus explica, "ser mergulhados nos mesmos sofrimentos" (*Commentary on Matthew*, pág. 417). A concordância de ambos com as severas exigências de Jesus era sem dúvida sincera. Tiago foi o primeiro discípulo a morrer por Cristo (Atos 12:2); João sofreu de diversas maneiras por um período mais longo. Entretanto a disposição das posições pedidas é uma prerrogativa do Pai.

**24. Indignaram-se.** Uma reação dos dez que talvez fosse agravada pelo procedimento dos dois que fizeram uma parenta de Jesus interceder por eles.

**25-27.** A resposta de nosso Senhor demonstrou que embora os governos humanos mantenham o poder através da autoridade de diversos funcionários colocados sobre seus subordinados, o seu reino seria diferente. O desejo de servir é o sinal da grandeza espiritual.

**28.** O maior exemplo desse princípio é **o Filho do homem**. A suprema demonstração aconteceu no Calvário, onde ele ofereceu **a sua vida em resgate** a Deus, contra quem os homens pecaram e estavam sujeitos à penalidade. **Por muitos.** A morte de Cristo é claramente substitutiva, "no lugar de" (*anti*) **muitos**. (Veja A.T. Robertson, *Grammar of the Greek New Testament*, págs. 572-574.) **Muitos** aqui não tem a intenção de ser restritivo, mas contrasta como o *um* que morreu. Entretanto, a escolha foi muito feliz à vista do ensinamento explícito de outras passagens que nem todos se garantiram da salvação oferecida.

### **3) A Cura de Dois Cegos. 20:29-34.**

Narrativas paralelas (Mc. 10:46-52; Lc. 18:35-43) propõem problemas de harmonização, mas este fato proíbe qualquer sugestão de convivência.

**29. Saindo eles de Jericó.** Marcos concorda, mas Lucas coloca o incidente ao se aproximarem da cidade. A parte principal de Jericó romana, ocupada pelos judeus mais pobres, fica cerca de uma milha a leste do quartel-general de inverno de Herodes (também chamada Jericó), que continha o palácio, a fortaleza e as casas dos ricos amigos de Herodes. (Veja Lucetta Mowry, BA, XV, 2, pág. 34). Assim o milagre poderia ter ocorrido entre as duas Jericós, com Lucas naturalmente pensando em termos de cidade herodiana, onde provavelmente ocorreu o seu próximo incidente (Zaqueu).

**30-34. Dois cegos.** Os outros evangelistas mencionam apenas o mais importante, Bartimeu (conf. os dois endemoninhados, Mt. 8:28).

**Filho de Davi.** Com esse título queriam dizer o Messias. Anteriormente Jesus tinha proibido o seu uso público, mas agora, ao se aproximar de Jerusalém, está pronto a proclamá-lo (conf. 21:16; Lc. 19:40).

### **D. Em Jerusalém. 21:1 – 25:46.**

Ao traçar os movimentos de Jesus a caminho de Jerusalém, Mateus omite a viagem de Jericó a Betânia, seis dias antes da Páscoa (Jo. 12:1), que foi um dia antes da Entrada Triunfal (Jo. 12:12).

## **Mateus 21**

### **1) Entrada triunfal 21:1-11.**

A primeira de uma série de visitas a Jerusalém durante a última semana (conf. 21:18; Mt. 11:19).

**1. Betfagé.** Uma aldeia que parece ficar entre Betânia e Jerusalém, uma vez que Jesus pousou em Betânia na noite anterior (Jo. 12:1, 12). A localização exata ainda é desconhecida. **Monte das Oliveiras.** A colina que fica a leste de Jerusalém e que oferecia aos viajantes a primeira vista da cidade.

**2,3.** As explícitas instruções de Jesus referentes à **jumenta** e ao **jumentinho** indicam a importância do acontecimento. Em outras ocasiões Jesus costumava andar a pé, e aqui a distância não era mais de duas milhas

**4,5.** Cumprimento de Zc. 9:9 foi a motivação dessa atitude, embora os discípulos não tomassem consciência disso antes da Ressurreição (Jo. 12:16). Os judeus geralmente consideravam essa passagem como sendo messiânica (Edersheim, *Life and Times of Jesus*, II, 736).

**6-8.** Foram trazidos os dois animais (a jumenta foi necessária para sossegar o jumentinho que ainda não fora montado por ninguém), mas todos os evangelistas testificam que Jesus montou o jumentinho. Algumas pessoas da multidão estenderam suas capas sobre o caminho para lhe prestar homenagem, aclamando-o agora Rei (II Reis 9:13). Outros jogavam folhas de palmeiras pelo caminho (Jo. 12:13). O

jumento era um animal humilde e nenhum rei judeu desde Salomão montara um deles oficialmente. Mas a brandura e a humildade eram sinais inequívocos do Messias preditos por Zacarias, que agora se cumpriam.

**9. Hosana.** Uma expressão hebraica significando **Viva agora**. Os gritos da multidão, empregando as frases de Sl. 118:25, 26, proclamavam claramente suas esperanças em Jesus como Messias, o **Filho de Davi**. Anteriormente Cristo se esquivou a tais demonstrações públicas (embora confessando sua messianidade a indivíduos; Jo. 4:26; Mt. 16:16-20); mas agora ele fizera cuidadosos preparativos para uma inconfundível apresentação pessoal à nação.

**10,11. Quem é este?** A aclamação messiânica provocou a pergunta da parte daqueles que talvez não conhecessem Jesus (ele evitou Jerusalém durante a maior parte do seu ministério).

## **2) Purificação do Templo. 21:12-17.**

Uma purificação semelhante foi registrada no começo do ministério de Jesus (Jo. 2:13-22), mas não temos motivos para duvidarmos que tenha havido dois exemplos iguais. Jesus repetia freqüentemente suas palavras e atos. Esses homens maus logo voltaram aos seus caminhos perversos, pois os atrativos financeiros eram mais atraentes.

**Tendo Jesus entrado no templo.** Foi no dia que se seguiu à Entrada Triunfal (Mc. 11:11, 12). Mateus registra aqui acontecimentos fora do tempo. **Todos os que ali vendiam e compravam.** O pátio externo, que era dos gentios, continha estábulos onde podia-se comprar animais para os sacrifícios e mesas para se trocar dinheiro estrangeiro por siclos do santuário. Esse mercado, uma rica fonte de extorsão, era controlado pela família de Anás, o sumo sacerdote. Pouco tempo depois da guerra dos judeus contra Roma, a indignação popular contra esses bazares de Anás provocou a sua retirada (veja Edersheim, *Life and Times of Jesus*, I, 367-372).

**13. Está escrito.** Is. 56:7 e Jr. 7:11. **Covil de salteadores.** Um refúgio para ladrões, cujas práticas infames eram protegidas pelos preceitos sagrados.

**14-16.** Só Mateus registra as curas que provocaram novas Hosanas das crianças (*meninos*, no masculino) no Templo. Para responder aos sacerdotes que o desaprovavam, Jesus empregou Sl. 8:2 mostrando que Deus suscita louvor até mesmo daqueles que os homens consideram insignificantes.

**17. Para Betânia, onde pernitoiu.** A aldeia ao pé do Monte das Oliveiras (conf. Lc. 21:37). Não se sabe ao certo se ele passou a noite em uma casa na cidade ou ar livre (conf. Lc. 24:50 com Atos 1:12 para o uso alternado desses nomes.)

### **3) Maldição da Figueira Estéril. 21:18-22.**

Novamente é preciso consultar Marcos (11:12-14, 19.25) para verificação de cronologia. Mateus encaixa as duas fases do incidente em uma só.

**18. Cedo de manhã.** De acordo com Marcos, era manhã do dia no qual ele purificou o Templo.

**19, 20. Figueira.** Esta conhecida árvore da Palestina era usada muitas vezes como símbolo da nação de Israel (Os. 9:10; Joel 1:7). Uma peculiaridade dessa árvore é que seus frutos e folhas costumam aparecer ao mesmo tempo, com os frutos às vezes em primeiro lugar. A próxima colheita seria esperada para Junho. Essa árvore em particular produzira tão abundante folhagem em Abril que qualquer um esperaria encontrar nela também os frutos. Este parece ser um exemplo no qual, pelo fato de Cristo ter-se esvaziado completamente do seu ego (Fl. 2:7), Ele deixou de usar a sua onisciência para que a sua reação humana fosse inteiramente genuína.

**Nunca mais nasça fruto de ti.** Foi dito com a solenidade de um julgamento condenatório. Embora não haja nenhuma declaração de que a situação deveria ser considerada alegórica, parece ser a única explicação

razoável para o incidente (pois árvores não tem responsabilidade moral). Ele forneceu uma seqüência pitoresca para a parábola de Lc. 13:6-9 referente à nação judia, estéril apesar de todas as vantagens.

**A figueira secou imediatamente. Imediatamente** pode com certeza ser bastante amplo para se entender diversas horas. Na manhã seguinte os discípulos logo perceberam, que já se encontrava seca até as raízes (Mc. 11:20).

**21, 22.** Para os admirados discípulos Jesus explicou que tal poder (para feitos ainda maiores) estava à disposição deles através da oração da fé. Esse tipo de fé, entretanto, só pedirá aquelas coisas que sabe ser da vontade de Deus (conf. com 17:20).

#### **4) Perguntas sobre a Autoridade de Jesus e Sua Resposta Alegórica. 21:23 - 22:14.**

**23.** Durante essa terceira visita **ao templo** em dias sucessivos, Jesus foi interrogado pelas autoridades do Sinédrio (**principais sacerdotes, anciãos do povo e escribas**, Mc. 11:27).

**Com que autoridade?** Autorização costumava ser fornecida pelo Sinédrio ou algum rabino eminente, que dava testemunho quanto à validade dos ensinamentos, declarando-os inteiramente de acordo com as devidas fontes tradicionais (veja Edersheim, *Life and Times of Jesus*, II, 381-383). **Estas coisas.** Uma referência às obras de Cristo (purificação do Templo, milagres) como também aos seus ensinamentos e à sua aceitação de homenagem devida ao Messias.

**25-27. O batismo de João.** Representativo do ministério de João. A contra-pergunta de Cristo não foi uma evasiva às exigências do Sinédrio, mas serviu ao duplo propósito de responder implicitamente (conf. Jo. 5:33-35) e de expor a desonestidade do Sinédrio. João Batista, cujo ministério era popularmente reconhecido como sendo genuinamente profético, proclamara publicamente que Jesus era o Messias e ensinara os homens a confiar nEle (Jo. 3:26-30; Jo. 1:29-37; Atos 19:4). Assim os oficiais viram claramente o dilema que a pergunta de Cristo colocava diante deles. Se reconhecessem a autoridade divina de João, teriam

obrigação de reconhecer que ele ensinara sobre Jesus - que Ele era o Messias. Entretanto, uma negativa da autoridade de João desencadearia sobre eles a ira do povo. Esses homens desonestos e covardes não mereciam outra resposta.

**28-32.** Parábola dos Dois Filhos. Só Mateus registra as três parábolas (conf. Mc. 12:1, "parábolas") apresentadas nessa ocasião, evocadas pela oposição dos membros do Sinédrio à autoridade de Jesus. A parábola dos Dois Filhos foi interpretada por Jesus como a descrição das reações opostas dos párias religiosos e seus líderes em relação ao ministério de João, que era preparatório do Seu próprio. O **filho** (*criança*) que primeiro disse **Não quero** mas se arrependeu mais tarde e **foi** descreve os **publicanos e as meretrizes**, párias da religião que finalmente aceitaram a mensagem de João. Muitos deles tornaram-se seguidores de Jesus (Lc. 15:1, 2). O **filho** que disse **Eu vou mas não foi** descreve os líderes religiosos que primeiro deram uma aprovação mais ou menos incerta a João (Jo. 5:35) mas nunca foram até o fim (Lc. 7:29, 30). Assim os publicanos e as meretrizes, aceitando a João, demonstraram a sua prontidão para aceitação do **reino de Deus** messiânico. O **caminho da justiça** (II Pe. 2:21) descreve a pregação de João (conf. 22:16 "caminho de Deus") em termos que faziam lembrar Noé (II Pe. 2:5), e provavelmente se refere mais ao conteúdo de sua mensagem do que ao seu comportamento pessoal.

**33-46.** Parábola dos Maus Lavradores. Esta parábola responde melhor a pergunta sobre a autoridade de Jesus mostrando-o como o Filho divino enviado pelo Pai. Embora as linhas principais da parábola sejam tão compreensíveis que os membros do Sinédrio não poderiam ter fugido ao seu significado, não se deve fazer a tentativa de forçar todos os detalhes. O pai de família certamente representa Deus, o Pai; entretanto seu otimismo leviano (v. 37) não pode ser atribuído a Deus. Talvez possamos ver nas atitudes do pai de família a maneira pela qual Deus parece agir aos olhos dos homens.



**33. Uma vinha.** Símbolo da teocracia de Israel, familiar a todos os judeus. Conf. Is. 5:1-7; Sl. 80:8-16. O versículo 43 compara a **vinha** ao **reino de Deus** apontando claramente para o reino que foi concedido a Israel através de reis divinamente escolhidos. Na parábola o pai de família foi descrito tomando todas as providências para o bem-estar da vinha. **Espancaram um, mataram outro, e a outro apedrejaram.** Para verificar o vergonhoso tratamento que Israel concedeu aos emissários de Deus veja Jr. 20:1, 2; 37:15 ; 38:6; I Reis 19:10; 22:24; II Cr. 24:21.

**37. Por último, enviou-lhes o seu próprio filho.** A extraordinária paciência do pai de família revela a completa depravação dos lavradores.

**38. Vamos, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança.** Exatamente este sentimento fora revelado recentemente pelos líderes judeus (Jo. 11:47-53). Desse momento em diante, o campo de ação da parábola passa da história para a profecia.

**39. E o mataram.** Uma profecia da morte de Jesus nas mãos desses mesmos homens.

**40, 41.** A esta altura os líderes judeus pareceram não captar todo o significado da parábola (embora o fizessem logo após, v. 45) e por isso responderam prontamente à pergunta de Jesus, proferindo a sua própria condenação.

**42-44.** A citação que Jesus fez do Sl. 118:22, 23, apontava para o seu triunfo final após a rejeição. A mesma passagem também foi citada em Atos 4:11 e I Pe. 2:6,7. Como resultado de seu triunfo, o **reino de Deus vos será tirado** da posse desses líderes (e da contemporânea nação de Israel, conforme indica a menção de outra nação). **A um povo que produz os respectivos frutos.** Uma referência à igreja (chamada por Pedro de "nação santa" em um contexto onde foi usada a mesma passagem do V.T.; I Pe. 2:7-9). Com o Pentecostes formou-se um novo corpo, a Igreja, que seria o núcleo espiritual do reino messiânico (medianeiro). Embora esses líderes judeus individuais fossem permanentemente removidos do Reino, Rm. 9-11 explica que a nação de Israel receberá novamente as bênçãos da salvação ao fim da presente

dispensação com destaque dos gentios (Rm. 11:25). Hoje em dia a Igreja desfruta de certos aspectos espirituais do Reino, visto que reconheceu Cristo como Rei (Cl. 1:13), e está sendo preparada para participar do próximo reino. Este aspecto do reino mediano foi descrito nas parábolas de Mt. 13.

**45, 46. Temeram.** Os líderes judeus foram impedidos em seus planos de matar Jesus (Jo. 11:53) porque recearam a popularidade dele. O mesmo medo evitou que difamassem a memória de João (Mt. 21:26).

## Mateus 22

**22:1-14.** Parábola das Bodas. Embora esta parábola seja parecida com a de Lc. 14:16-24, a diferença em certos detalhes e a ocasião em que foram contadas, torna desnecessário qualquer tentativa de fazê-las idênticas. Qualquer professor tem o privilégio de repetir ilustrações, mudando os detalhes para que se adaptem a uma nova situação.

**1. Por parábolas,** isto é, alegoricamente.

**2. O reino dos céus.** O reino mediano conforme apresentado em Mt. 13:11 e segs., visto durante o período da primeira vinda de Jesus até o completo estabelecimento do reino messiânico.

O **rei, seu filho e as bodas** representam o Pai, Cristo (Jo. 3:29), e o reino messiânico (Is. 25:6; 55:1). Se o cenário descreve um casamento que envolve o reconhecimento do filho como herdeiro, então a recusa em comparecer demonstrou deslealdade além de falta de cortesia. Esse foi o motivo da violenta execução dos rebeldes pelas forças do rei.

**3-6. A chamar os convidados.** O costume oriental incluía um convite inicial e um segundo chamado à hora estipulada. Os convidados aqui Israel certamente, recusaram-se a atender a este chamado, e quando foi apresentado mais outro convite explicando o primeiro, tornaram-se imprudentemente rudes ou positivamente homicidas. Compare o tratamento que os judeus dispensaram a João (Mt. 21:25), a Estêvão (Atos 7:59) e a Tiago (Atos 12:2).

**7. Incendiou a cidade.** Uma predição da destruição de Jerusalém em 70 A.D. O exército romano sob as ordens de Tito é tido na parábola como o instrumento divino (**Suas tropas**).

**8, 9. Ide, pois às encruzilhadas dos caminhos.** Isto se considera geralmente uma referência à evangelização dos gentios (o que parece claro em Lc. 14:23). Aqui, entretanto, a festa de casamento naturalmente implica na existência de uma noiva, além dos convidados; pois a evangelização dos gentios na dispensação da igreja fornece a noiva, não os convidados. Visto que Cristo estava explicando aos judeus incrédulos o seu relacionamento com o reino messiânico, talvez esses convidados que mais tarde atenderam ao convite representam os judeus que aceitarão a Cristo durante a Tribulação.

**10. Maus como bons.** Pecadores declarados e os moralmente justos. Ambos são objetos do convite bondoso de Deus, e muitos de ambos os grupos aceitam o convite.

**11. Veste nupcial.** Considerando que a falta desse vestido excluiu o homem da festa, concluímos que o vestido representa uma exigência absoluta para a entrada no Reino. Assim ele representa o manto da justiça imputada, a qual Deus fornece graciosamente ao homem mediante a fé (Is. 61:10). O costume dos reis de fornecermos vestidos adequados quando outorgavam audiências ao que parece foi suposto aqui, uma vez que o acusado foi considerado culpado pela falta, e pessoas recolhidas pelos caminhos não teriam meios de obter vestes adequadas ainda que tivessem tempo para providenciá-las.

**12. Amigo.** Companheiro, camarada. Uma forma de se dirigir a uma pessoa cujo nome não é conhecido. O homem sem o vestido de núpcias representa a pessoa que se diz preparada para o reino de Cristo, mas não está. Outras parábolas descreveram-na como joio e peixe inaproveitável.

**Para fora, nas trevas.** Na parábola, é a descrição da negrura da noite do lado de fora do palácio fortemente iluminado (a ceia – *ariston*, v. 4 – que começava ao meio-dia, entrou pela noite adentro); as trevas, o

**choro**, e o **ranger de dentes** indicam claramente os tormentos do Geena (13:42; 25:30, 46).

**14. Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.** Há um chamado geral de Deus feito aos pecadores, convidando-os para desfrutarem das alegrias da salvação (11:28), o qual não pode ser rejeitado. São comparativamente poucos os que realmente são escolhidos para essa bênção. As Escrituras indicam claramente uma eleição divina que leva os pecadores a Deus. Mas as Escrituras também indicam que o homem é responsável pela sua indiferença (v. 5), rebeldia (v. 6), e justiça própria (v. 12).

### **5) Diversos Grupos Interrogam Jesus. 22:15-46.**

Essas discussões aconteceram no mesmo dia em que foram contadas as parábolas acima, um dos dias mais ocupados do ministério de Jesus.

**15-22.** Perguntas dos fariseus e herodianos a respeito do tributo.

**15. Como o surpreenderiam.** Como o apanhariam em uma armadilha.

**16. Discípulos.** Estudantes de rabinos, enviados pelos seus mestres fariseus. **Herodianos.** Um grupo de judeus cujas características não são inteiramente conhecidas. Parece que advogavam a volta do governo da família herodiana (cujo governo terminara na Judéia e Samaria no ano 6 depois de Cristo, com a nomeação de procuradores romanos). Esses dois grupos uniram-se em seu ódio comum a Jesus, o possível Messias.

**17.** Depois de uma apresentação bem-estudada (na qual certamente os oradores não acreditavam), sua muito bem planejada pergunta foi apresentada.

**É lícito pagar o tributo a César?** *Kensos* é um estrangeirismo latino que se referia ao imposto pessoal romano cobrado de cada judeu. A pergunta presumia um dilema: Ou Jesus declararia servidão a Roma (e assim comprometeria qualquer direito à messianidade), ou se arriscaria a ser acusado de deslealdade a Roma. Os inimigos de nosso Senhor

estavam tão certos da natureza tumultuadora da última acusação que tornaram a usá-la contra ele alguns dias mais tarde, apesar de sua negação explícita (Lc. 23:2).

**19. Mostrai-me a moeda do tributo.** O imposto era pago com o *denarius*, que equivalia ao salário diário de um soldado ou operário.

**20, 21.** Levando seus interrogadores a reconhecerem a figura de César e a inscrição que havia na moeda, Cristo forçou o princípio de sua resposta. Dai, pois a César o que é de César. Broadus faz uma paráfrase, "Isto vocês receberam de César, pois paguem-lhe de volta" (*Comm. on Matt.* pág. 453). O dinheiro de César representava o governo de César, com seus benefícios resultantes. Por esses o súdito era obrigado a pagar (conf. Rm. 13:1-7).

**O que é de Deus.** Aqui as obrigações espirituais foram separadas, embora não estejam isentas de relacionamento. A devida submissão ao poder civil faz parte das obrigações espirituais (I Pe. 2:13-15), mas um crente deve sempre em última instância submeter-se à vontade de Deus (Atos 4:19, 20).

**23-33.** A pergunta dos saduceus relacionada com a ressurreição.

**23. Os saduceus, que dizem.** A ausência de um artigo nos melhores manuscritos sugere que a tradução mais certa seria os saduceus *vieram dizendo*. Sua negação da ressurreição era sustentada por uma ilustração a fim de provar seu suposto absurdo. (Conf. Atos 23:8 em relação aos dogmas dos saduceus.)

**24-27. Moisés disse.** Uma referência a Dt. 25:5 e segs. A ilustração mencionada era concebível entre os judeus por causa do costume do levirato (da palavra latina *levir* que significa "cunhado"). Tal prática, também seguida por outros povos da antiguidade, já estava em desuso. Portanto, o caso suposto pelos saduceus não era uma questão atualizada mas um quebra-cabeça teológico.

**28. Na ressurreição,** a realidade da qual os saduceus escarneciam, **de qual dos sete será a esposa?** Todos os sete foram igualmente

casados com ela, e não havia nenhuma descendência que pudesse dar prioridade a alguma das uniões.

**29. Não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus.** O erro dos saduceus era o seu fracasso em entender os ensinamentos das Escrituras referentes à ressurreição e a capacidade de Deus de resolver a situação. A ilustração deles presumia que a ressurreição restaurará os homens à mesma forma de existência que tinham antes (um ponto de vista comumente defendido pelos fariseus), embora a Escritura não o afirme em lugar algum. Eles não concediam a Deus o crédito do poder de ressuscitar os mortos em um estado mais glorioso (conf. I Co. 15:40-50).

**30. São, porém, como os anjos,** isto é, na questão do casamento. Jesus não declarou que os mortos ressuscitados se transformariam em anjos. Esta passagem também não implica em que o mais caro relacionamento terreno será esquecido na vida futura. Exatamente como esse relacionamento será afetado com a posse de corpos glorificados não foi explicado, mas toda a Escritura sustenta que o estado da ressurreição é o de bem-aventurança e perfeito relacionamento.

**31-33. O que Deus vos declarou.** Jesus indicou aos seus interrogadores uma declaração direta do próprio Deus (não através de mediadores como no v. 24).

**Eu sou o Deus de Abraão** (Êx. 3:6). Em lugar de empregar algumas das passagens mais específicas dos profetas ou dos Escritos (em relação aos quais a opinião dos saduceus era duvidosa), Jesus citou da Torá uma declaração à qual deu a mais profunda interpretação. Usando o reverenciado nome do Deus da aliança, Jesus tornou implícita a imortalidade desses patriarcas. Como Plummer observou, "O que está morto pode ter um Criador ou Controlador; mas só os seres vivos podem ter um Deus" (*Gospel According to St. Matt.*, pág. 307).

**34-40.** A pergunta de um fariseu, doutor da lei sobre o grande mandamento. Consulte a narrativa de Marcos (12:28-34) para detalhes adicionais, inclusive o interessante resultado.

**34. E os fariseus sabendo.** A frustração dos saduceus produzida pela réplica magistral que Jesus deu à pergunta sobre a ressurreição deveria satisfazer também aos fariseus. Entretanto, uma vitória bem definida de Jesus não seria bem recebida nem mesmo por eles, visto que participavam do ódio que os saduceus tinham por Jesus.

**Intérprete da lei.** Um conhecedor da lei de Moisés.

**36. Qual é o grande mandamento na lei?** O propósito máximo do doutor não está muito evidente, e deve-se notar que Jesus tratou a pergunta diretamente e depois elogiou a sagacidade da resposta do doutor (Mc, 12:34). Costuma-se sugerir que ele desejava levar Jesus a discutir a computação que os rabis fizeram de 613 mandamentos.

**37-40.** Nosso Senhor resumiu as duas tábuas da Lei nas palavras de Dt. 6:5 e Lv. 19:18. Uma devida consideração de Deus e do próximo é a essência das obrigações do homem. Todo o V.T. interpreta e aplica esses princípios (Rm. 13:8).

**Todo o teu coração.** No pensamento hebreu, o coração simboliza a totalidade do ser, que contém **a alma** e o **entendimento**, os elementos animador e raciocinador. Um amor a Deus que envolva tudo levará a pessoa a cumprir com todas as obrigações morais. Mas esse padrão inatingível apenas prova a corrupção do coração humano.

**41-46.** A contra-pergunta de Jesus sobre o Messias.

**42. Que pensais vós de Cristo?** Virtualmente é a mesma pergunta que ele fez antes aos Doze (16:15). **O filho de Davi.** A linhagem davídica do Messias era ensinada pelos escribas (Mc. 12:35).

**43-45.** Apontando o Sl. 110 aos seus ouvintes, o qual era interpretado pelos judeus como sendo messiânico (veja Edersheim, *Life and Times of Jesus*, Ap. IX), Jesus mostrou-lhes que entendiam mal aquela passagem das Escrituras. Esse Salmo de Davi (autoria que Jesus claramente afirma) apresenta o **Senhor** (*Jeová*) falando ao Messias; e Davi chama o Messias de **meu Senhor** (*Adonai*). Assim, os judeus, que consideravam o Messias descendente de Davi, foram confrontados com este salmo, no qual Davi chama seu descendente de "Senhor" e superior.

A prevalecente idéia do Messias como rei que seria meramente um governador político foi apresentada como sendo inadequada. Mais ainda, este salmo foi concedido **pelo Espírito** (Espírito Santo, Mc. 12:36), produto da revelação sobrenatural.

**46. Nem ousou alguém fazer-lhe perguntas.** Embora Marcos e Lucas façam comentário semelhante em lugares um pouco diferentes (Mc. 12:34; Lc. 20:40), um exame prova que todos os sinóticos colocaram o comentário de maneira apropriada para a sua matéria. **A partir daquele dia** não houve mais interrupções desses interrogadores.

### Mateus 23

6) Jesus Denuncia Publicamente os Fariseus. 23:1-39. Algo do conteúdo deste discurso foi usado pelo Senhor anteriormente (Luc. 11:39 e segs.), mas agora ele faz a sua acusação no Templo em Jerusalém, na fortaleza dos seus inimigos.

**1-12. Advertência contra os fariseus.** Esta porção foi dirigida diretamente para os discípulos, embora na presença da multidão.

**2. Na cadeira de Moisés se assentam,** isto é, eles ocupam a posição de Moisés entre vocês, como expositores da Lei.

**3, 4. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem.** Até onde o ensinamento deles apresentava o que Moisés ensinou, o povo devia obedecer. **Porém, não os imiteis nas suas obras.** Suas obras incluíam suas interpretações e perversões forçadas da Lei, que os capacitavam a zombar da importância espiritual do V.T. Suas múltiplas adições à Lei, aqui chamadas de **fardos pesados e difíceis de carregar**, faziam parte das suas obras. **Nem com o dedo querem movê-los.** Embora a casuística dos rabinos sem dúvida encontraria meios de escapar ao que era desagradável esta declaração provavelmente significa que eles nunca moviam um dedo para remover qualquer desses fardos (**movê-los** está em paralelo oposto a **atam**).

**5. Filactérios.** Pequenos estojos contendo tiras de pergaminho sobre as quais estavam escritas as palavras de Êx. 13:2-10, 11-17; Dt.



6:4-9 e 11:13-22. Os estojos eram amarrados com fitas à testa e no braço esquerdo. A prática surgiu depois do cativeiro de uma interpretação extremamente literal de Êx. 13:16. Os fariseus usavam-nas por ostentação. **Alongam as suas franjas**, borlas usadas nos quatro cantos da capa, de acordo com Núm. 15:38 e Dt. 22:12. Jesus usava essas borlas (Mt. 9:20; 14:36), mas os fariseus alargavam-nas por exibição.

**6, 7. Lugar de honra nos banquetes** e nas **sinagogas** eram objetos da ambição dos fariseus, além das efusivas saudações nas praças públicas, as quais chamavam a atenção para sua destacada posição. **Mestre**. Um título equivalente a professor ou doutor, que os judeus aplicavam aos seus instrutores espirituais.

**8-12**. As próximas palavras foram dirigidas especificamente aos discípulos. Os seguidores de Cristo não deveriam procurar serem chamados por esses títulos de mestre, **Pai** ou **Guia**, como os fariseus. Entretanto, esta não é uma proibição absoluta de hierarquia ou uso apropriado de títulos, pois o próprio Paulo se intitulou "pai" dos coríntios e chama Timóteo de "filho" (I Co. 4:15, 17). **O maior** mostra claramente a validade da diferença de postos. Mas um espírito de humildade deveria governar os crentes, não a ambição egoísta dos fariseus que usurpavam para si mesmos a autoridade que pertence a Deus.

**13-36**. Sete "ais" contra os fariseus. Aqui a atenção foi desviada dos discípulos para os fariseus, que faziam parte da multidão.

**13. Hipócritas!** Um epíteto destacando o fingimento dos fariseus e seus escribas. **Fechais o reino dos céus**. Na qualidade de líderes religiosos e reconhecidos intérpretes das Escrituras, deveriam ter sido os primeiros a atender a Jesus, influenciando os outros a segui-los. Quanto aos **que estão entrando** (o tempo presente indica disposição ou talvez futuridade – Dana e Mantey, *Manual Grammar of the Greek New Testament*, págs. 185, 186) não permitiam por causa de sua falsa liderança. O versículo 14 é uma interpolação de Mc. 12:40 e Lc. 20:47.

**15. Rodeais o mar e a terra**. Uma busca zelosa. **Prosélito**. Não o gentio temente a Deus que não era circuncidado (isto é, prosélito do

portão), mas o gentio que fora persuadido a adotar o judaísmo in teta incluindo todas as tradições ensinadas por esses fariseus.

**Filho do inferno duas vezes mais do que vós.** Os prosélitos feitos por esses fariseus que não eram espirituais (e sem dúvida que foram acrescentados a sua seita) apenas acrescentariam tradições rabínicas às suas noções pagãs.

**16-22.** O terceiro "ai" chama os fariseus de **guias cegos e insensatos** por terem pervertido a verdade do juramento. Já é bastante mau não se poder confiar na palavra de um homem sem o juramento. Mas os fariseus ensinavam que havia diferença na obrigatoriedade do cumprimento dos diversos votos. Os juramentos que usavam referências gerais ao templo ou ao altar não obrigava a pessoa a cumpri-los, mas se mencionasse mais especificamente o **ouro do santuário** ou a **oferta** do altar ficava obrigada a cumpri-los. Jesus mostrou o absurdo de tal raciocínio destacando que o maior (**santuário, altar, Deus**) inclui o menor (**ouro, oferta, céu**). À vista de tal perversidade, Cristo ensinou "De maneira nenhuma jureis" (Mt. 5:33-37).

**23,24.** O quarto "ai" descreve o cuidado escrupuloso dos fariseus nas questões menos importantes e a sua negligência nos deveres mais importantes. O dízimo das diversas ervas baseava-se em Lv. 27:30.

**Hortelã, endro, e cominho** eram plantas de hortas, usadas para temperar alimentos.

**Justiça, misericórdia e fé.** Essas obrigações éticas e espirituais (cf. Mq. 6:8) são **o mais importante da lei** e são portanto de importância primária, embora **aquelas** (o dízimo) também são próprias do povo de Deus. Através de tal prática os fariseus tinham escrupulosamente coado o **mosquito** (inseto leviticamente imundo que poderia cair no copo), mas engoliam um **camelo** (o maior dos animais imundos da Palestina; Lv. 11:4).

**25, 26.** O quinto "ai" descreve a deslocada ênfase dos fariseus sobre as coisas externas. **Limpais o exterior do copo.** A figura aponta para a preocupação dos fariseus com a purificação ritualística (rabínica, não de

Moisés) e a negligência com o conteúdo do copo. **Mas estes por dentro estão cheios de rapina e intemperança.** Os fariseus sustentavam seu modo de vida pressionando os outros. Obediência ao ritual rabínico não poderia alterar esta corrupção interior.

**27, 28.** O sexto "ai" descreve a influência secreta dos fariseus. **Sepulcros caiados.** Na primavera, após a estação das chuvas, as sepulturas eram caiadas para que uma pessoa desavisada não se contaminasse cerimonialmente tocando-as por descuido. (Nm. 19:16; conf. Ez. 39:15). Esse costume há pouco cumprido forneceu uma ilustração oportuno da aparência atraente dos fariseus mas corrupção interna. Lucas 11:44 usa sepulturas em uma ilustração um pouco diferente.

**29-31.** O sétimo "ai" descreve os ouvintes do Senhor como participantes da mesma natureza de seus perversos antepassados. Construindo e embelezando sepulturas de profetas assassinados, supunham que estivessem desautorizando esses homicídios. Mas Jesus declarou que seus atos provavam exatamente o oposto. Pois, construindo sepulturas, eles apenas completavam o que seus pais (espirituais, como também raciais) tinham começado. Sua própria conspiração de matar Jesus (21:46; 22:15; Jo. 11:47-53) provou serem **filhos dos que mataram os profetas.**

**32. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais.** Compare ordem semelhante a Judas, Jo. 13:27.

**33. Raça de víboras.** Conf. com acusação de João em 3:7, 34-36.

**34. Eis que eu vos envio profetas.** Uma declaração semelhante em Lc. 11:49 atribui esse enviar à "sabedoria de Deus". Assim Jesus, como a própria personificação da sabedoria de Deus, declara-se senhor desse título (I Co. 1:24).

**Profetas sábios e escribas.** Termos particularmente próprios para o seu auditório. Os termos poderiam incluir também as testemunhas da Igreja Primitiva, tais como Pedro, Tiago, Estêvão e Paulo. Essas perseguições que aqui foram preditas fariam transbordar a medida da

culpa dos judeus, de modo que a destruição divina viria sobre essa geração da nação.

**Desde . . . Abel . . . até . . . Zacarias** inclui todos os homicídios praticados no V.T, desde o primeiro livro (Gn. 4:8) até o último do cânon hebreu (II Cr. 24:20-22). O fracasso desses fariseus de aprenderem as lições da história e de se arrependerem de sua perversidade, também característica de seus pais, significava que aos olhos de Deus eles tinham parte na culpa. Perseguições posteriores tornariam isso indiscutivelmente claro.

**Zacarias, filho de Baraquias.** Em II Cr. 24:20 ele é chamado "filho do sacerdote Joiada", talvez segundo um ilustre avô que morrera, há pouco, com a idade de cento e trinta anos (II Cr. 24:15). Mateus deveria ter documentos que davam o nome do seu pai. (Para apreciação de todos os pontos de vista, veja Broadus, *Comm. on Matt*, págs. 476, 477).

**37-39.** Lamentação sobre Jerusalém. Jesus já expressou sentimentos semelhantes anteriormente (Lc. 13:34, 35; 19:41-44).

**37. Que matas os profetas.** Este elo com o versículo 34 fornece fácil transição para a pública lamentação de Cristo sobre a cidade rebelde. **Quantas vezes quis eu.** Um testemunho involuntário da autenticidade do Evangelho de João, o único que registra as numerosas visitas de Jesus a Jerusalém.

**38. Eis que a vossa casa ficará deserta.** Conf. I Reis 9:7; Jr. 22:5; 12:7. **Casa** tem sido diversamente interpretada como nação cidade e o Templo. Visto que Jesus proferiu essas palavras ao deixar o Templo pela Última vez (24:1), a interpretação do Templo é muito atraente. Um templo abandonado pelo Messias transforma-se em **vossa casa**, não de Deus.

**39. . . me não vereis mais.** O ministério público do Senhor terminara. Após a Ressurreição, Jesus apareceu apenas a testemunhas escolhidas (Atos 10:41). **Até que venhais a dizer.** Na segunda vinda de

Cristo os judeus reconhecerão, como nação, o seu Messias rejeitado, e lhe darão boas vindas (Rm. 11; Zc. 12:10).

## 7) O Discurso no Jardim das Oliveiras. 24:1 - 25:46.

### Mateus 24

Esta argumentação contém alguns dos mais difíceis pronunciamentos de Jesus. A natureza apocalíptica da matéria tem semelhança com alguns dos discursos proféticos do V.T., onde a associação dos elementos históricos e típicos torna difícil a interpretação. Alguns vêem na destruição de Jerusalém, em 70 A.D., o cumprimento da maior parte dessas predições. Outros encaram o sermão como descritivo da dispensação da igreja, e da tribulação pela qual a Igreja tem de passar antes da volta de Cristo. O ponto de vista que defende aqui a descrição que nosso Senhor faz da septuagésima semana de Daniel tem o firme apoio dos paralelos encontrados em Daniel e no Apocalipse, e concorda bem com a pergunta dos discípulos que provocou o discurso. De acordo com essa interpretação, a narrativa de Mateus trata só de acontecimentos futuros. Só Lucas (21:12-24) registra a dispensação intermediária da igreja, introduzindo depois de sua discussão paralela dos acontecimentos escatológicos, uma parte que começa, "Mas antes de todas estas coisas".

**1. As construções do templo.** A magnificência do templo de Herodes era amplamente conhecida. Os maciços blocos de calcário adornados com ornamentações de ouro faziam uma vista deslumbrante (Jos. *Wars* v. 5:6).

**2. Não ficará aqui pedra sobre pedra.** Jesus respondeu de maneira muito contrária ao seu orgulho nacionalista. Ele previu a mais séria destruição, a qual ocorreu em 70 A.D. (Jos. *Wars* vii 1.1.).

**3. Monte das Oliveiras.** O monte, de onde se descortinava a cidade e o Templo a leste. **Aproximaram-se dele os discípulos, em particular.** Deixando a multidão do templo para trás, os discípulos podiam interrogá-lo a sós.

**Quando sucederão essas coisas?** Isto é, a destruição do Templo.

**Que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?**

Intérpretes judeus, do V.T., viram claramente que a vinda do Messias introduziria o "porvir", acompanhado da destruição dos maus. É preciso lembrar que os Doze perguntaram à luz de seu conhecimento tradicional, e a resposta de Jesus neste discurso certamente considerou isto. Assim, a consumação do século refere-se a um tempo do qual eles eram parte e tinham conhecimento. Que tal período ocupava grande parte do seu pensamento aparece em Atos 1:6. O período em questão foi descrito em Dn. 9:25-27 e intitulado as "setenta semanas", das quais apenas sessenta e nove passaram quando o **Messias** foi "cortado". Jesus dá a entender diretamente que esse particular período de tempo está envolvido quando ele descreve, em 24:15, um acontecimento que Daniel coloca no meio da septuagésima semana. Considerando que o Discurso no Monte das Oliveiras refere-se especialmente à tribulação de Israel, período conhecido em Daniel como a "septuagésima semana" e também descrita em Ap. 6-19, a qual culminará com a volta de Cristo.

#### **a) Primeira Metade da Tribulação. 24:4-14.**

A septuagésima semana de Daniel tem duas metades distintas (Dn. 9:27). Há uma espantosa correspondência entre a ordem dos selos em Ap. 6 e a ordem dos acontecimentos em Mt. 24:4-14. Assim, esses versículos devem ser colocados nos primeiros três anos e meio da Tribulação, depois do arrebatamento da Igreja.

**5. Dizendo: Eu sou Cristo** (conf. Ap. 6:1, 2; primeiro selo: Anticristo). Embora essas tendências possam se desenvolver durante a dispensação da igreja (I Jo. 4:3), a referência específica é a do Anticristo final e seus companheiros. Não há nenhum registro de alguém que se proclamasse o Cristo entre os anos 30 e 70 A.D.

**6. De guerras e de rumores de guerras** (conf. Ap. 6:3, 4; segundo selo: conflitos armados).

**7. Fomes** (cont. Ap. 6:5, 6; terceiro selo: fomes). **E terremotos** (conf. Ap. 6:7,8; quarto selo: morte de um quarto dos habitantes da terra).

**8. Princípio de dores.** Literalmente, dores de parto, sugerindo que o esforço doloroso que logo é substituído por um dia mais feliz.

**9. Vos matarão** (conf. Ap. 6:9-11; quinto selo: mártires).

**11. Muitos falsos profetas . . . enganarão a muitos.** (Conf. II Ts. 2:8-12).

**12. O amor se esfriará de quase todos.** A severidade dessas calamidades levará a maior parte de Israel a abandonar qualquer piedade pretensa.

**13.** Mas o sinal que distinguirá os judeus salvos remanescentes será a perseverança **até o fim**.

**14. Evangelho do reino.** As boas novas da salvação no Messias, com a ênfase de que o reino messiânico está para ser estabelecido. Esta mensagem penetrará **por todo o mundo** durante a Tribulação, por intermédio de duas testemunhas (Ap. 11:3-12) e o selado remanescente de Israel (Ap. 7).

### **b) Última Metade da Tribulação. 24:15-28.**

**15. Quando, pois virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel.** O abominável da desolação reproduz a tradução da Septuaginta de Dn. 9:27; 12:11; 11:31, dois quais os dois primeiros são certamente escatológicos, enquanto o último prediz a profanação da adoração por Antíoco, cuja atitude foi uma sombra da abominação final. Este acontecimento ocorre no meio da septuagésima semana (Dn. 9:27), e a sua duração foi descrita de diversos modos, como "42 meses" (Ap. 11:2; 13:5), "1.260 dias" (Ap. 12: 6), "um tempo, e tempos e metade de um tempo" (Dn. 7:25; 12:7; Ap. 12:14).

**O lugar santo.** O Templo, que será restaurado. A enigmática **abominação** relaciona-se com adoração e outras passagens sugerem que seja a homenagem idólatra que o Anticristo exigirá para si mesmo. Veja

Ap. 13:5-8; II Ts. 2:1-4. Nos dias de Jesus estava claramente no futuro, eliminando assim aquelas opiniões que consideram que Daniel se cumpriu todo no tempo de Antíoco. A referência não pode também ser limitada à catástrofe de 70 A.D., pois Mt. 24:21 limita a referência à maior de todas as tribulações (conf. Dn. 12:1).

**16-20. Então.** O uso dessa partícula temporal aqui e em 24:21 e 23 coloca todos os acontecimentos desta seção dentro da estrutura dos últimos três anos e meio. O terror da perseguição sob o Anticristo tornará necessária a fuga imediata (Ap. 12:6, 14). Não haverá tempo para preparativos. Dificuldades dos inevitáveis são preditas.

**Nem no sábado.** Uma referência à dificuldade de se viajar (e obter alojamento, refeições, assistência) no sábado, em uma região onde os judeus estarão observando tais restrições. Isto não implica necessariamente em judeus cristãos que observem a guarda do sábado. Jesus estava empregando conceitos conhecidos dos seus ouvintes, os quais não podiam saber da mudança para o domingo.

**21. Haverá grande Tribulação.** A descrição adicional, **como desde o princípio do mundo até agora não tem havido**, torna inequívoca a referência de Cristo a Dn. 12:1. O prosseguimento **nem haverá jamais**, evita que identifiquemos este acontecimento com qualquer outra coisa que não seja a tribulação final sob o Anticristo exatamente antes da ressurreição (Dn. 12:2).

**22. Não tivessem aqueles dias sido abreviados.** As violentas medidas do Anticristo serão interrompidas com súbita aparição de Cristo, que o destruirá (II Ts. 21 8).

**23-26.** Durante a intensa perseguição a Israel, muitos libertadores presuntivos se levantarão, como os heróis Macabeus no período intertestamentário. Mas os **escolhidos** são advertidos de que a libertação não será parcial ou gradual.

**27.** Antes, com a subitaneidade e universalidade do **relâmpago** (linguagem fenomenal, do oriente . . . no ocidente), **o Filho do homem** virá para julgar os opressores.



**28. Cadáver.** A espiritualmente morta e decadente massa dos ímpios. **Abutres.** O termo inclui aves que se alimentam de carniça; portanto, abutres, agentes do julgamento divino. Conf. Ap. 19:17, 18.

**c) A Vinda do Filho do Homem. 24:29-31.**

**29. Logo em seguida a tribulação daqueles dias.** Conf. com 24:21. Nenhuma referência foi feita aqui ao Arrebatamento da Igreja (conf. I Ts. 4:16,17). Antes, as palavras descrevem a verdadeira volta de Cristo no fim da Tribulação para estabelecimento do reino messiânico. **O sol escurecerá.** Esses fenômenos astrais que se seguirão também foram preditos em Joel 3:15 e Is. 13:9, 10.

**30. O sinal do Filho do homem.** Os intérpretes não concordam sobre a identificação deste sinal. A explicação de Lange, que diz ser o Shequiná ou a glória de Cristo, é aceita por muitos mestres. Seja qual for a sua forma exata, sua aparição levará os judeus (**todos** os povos) a se lamentarem reconhecendo o seu Messias (conf. Zc. 12:10-12).

**Vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória,** descreve a mesma de Dn. 7:13, 14; II Ts. 1:7, 9.

**31. Os anjos que reunirão os seus escolhidos** são os mesmos que foram descritos em 13:30, 41-43 removendo o joio dentre o trigo, para que o trigo possa então ser recolhido no celeiro.

**d) Ilustrações que exortam à vigilância. 24:32 – 25:30.**

**32-36. A figueira.** Um freqüente símbolo bíblico representando a nação de Israel (Jr. 24; Joel 1:6, 7; Os. 9:10). Jesus também usou esta figura anteriormente (Lc. 13:6). A característica especial da árvore já mencionada antes (21:19, 20) é que seus frutos e folhas aparecem quase ao mesmo tempo; quando ela tem folhas, o verão está próximo. Por isso Jesus associa a nação revigorada com a aproximação desses acontecimentos escatológicos.

**34. Não passará esta geração.** Para explicar geração (*genea*) aqui como sendo o período da vida dos discípulos obriga a pessoa a buscar o

cumprimento de todos estes acontecimentos em 70 A.D. Mas isto é manifestamente impossível a não ser que se espiritualize a segunda vinda de Cristo. Entretanto, *genea* também pode significar "raça" ou "família", isto concede um bom sentido a esta passagem. Apesar da terrível perseguição, a nação judia não será exterminada, mas continuará existindo a fim de participar das bênçãos do reino milenar. Sustentando este ponto de vista, Alford destaca que os cristãos de antigamente continuaram esperando a vinda do Senhor mesmo depois dos apóstolos e seus contemporâneos terem morrido (*New Testament for English Readers*, pág. 169).

**35. Passará o céu e a terra.** Conf. Rm. 8:19-22; I Co. 7:31; Ap. 21:1. A verdade dessas solenes profecias de Cristo não sofrerá a mínima alteração.

**36.** Entretanto, o momento exato do seu cumprimento, só a autoridade do **Pai** pode decretar (conf. Atos 1:7). Não há possibilidade dos homens esboçarem um cenário com datas. A frase, **nem o Filho**, indica que o conhecimento perfeito de todos os membros da Deidade era parte daquilo que Jesus voluntariamente se absteve de usar durante o seu ministério terreno, exceto naqueles momentos em que esse conhecimento foi necessário ao seu propósito.

**37-39. Dias de Noé.** Assim como os **dias de Noé** concluíram uma dispensação com julgamento, também acontecerá o mesmo na volta de Cristo. Numa era de grande impiedade (Gn. 6), os homens viveram suas vidas sem se perturbarem com o destino iminente (**comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento**). **Mas veio o dilúvio e os levou a todos**, de maneira que só os justos foram deixados para herdarem. Do mesmo modo **a vinda do Filho do homem**, em seguida à Grande Tribulação (vs. 29-31) removerá os ímpios, para que o remanescente fiel que suportou a Tribulação possa participar das bênçãos do Milênio (conf. 25:31-46; 13:30, 41-43, 49, 50).

**40-42.** Os dois que estavam no campo e os dois no moinho. **Então** coloca esta ilustração no mesmo período do precedente, precisamente

explicado no versículo 29 como "logo depois da aflição". Portanto não se refere ao Arrebatamento da Igreja.

**Dois . . . no campo.** A segunda Vinda será tão repentina e tão discriminatória que pessoas trabalhando juntas serão separadas, um homem (numeral masculino) arrebatado para o juízo, e um homem deixado para desfrutar das bênçãos. **Trabalhando no moinho.** Essa tarefa costumava ser executada por mulheres, mãe e filha, irmãs, ou servas (veja Thomson, *Land and Book*, págs. 526, 527).

**Portanto, vigiai.** Embora a ênfase aqui colocada sobre a vinda do **Filho do homem** depois da Tribulação, a advertência é para todos os crentes, pois todos devem vigiar e estar prontos para a sua vinda. O esboço das diversas fases de sua vinda é revelado mais tarde. Esse encorajamento a que se vigie foi repetido em 24:44 e 25:13.

**43, 44. O pai de família.** Se o pai da família fosse precavido, teria evitado perdas e prejuízos. **Arrombada.** Literalmente, *cavar através*, uma referência às casas de tijolos de barro da Palestina, comparativamente fáceis de assaltar. Os crentes têm menos justificativas para a falta de cuidado do que o **pai de família**, que não foi advertido da vinda de um ladrão.

**45-51.** O servo fiel e o servo infiel.

**45-47.** A figura descreve um **servo fiel e prudente** que foi colocado por seu senhor sobre os outros servos da sua casa. O desempenho fiel de suas obrigações trará privilégios e responsabilidades aumentados quando o seu senhor vier.

**48, 49.** Em contraste, o **servo mau** é apenas o servo de nome, pois ele zomba das instruções do seu senhor e assume ele mesmo a autoridade. Sua deficiência é tanto doutrinária (**Meu Senhor demora-se**) como ética (**espancar os seus conservos, e a comer e a beber com ébrios**). Ele confunde a incerteza da hora da vinda com a certeza de que não virá logo. Todos os crentes (quer santos da dispensação da igreja quer da Tribulação) são servos de Deus com definida área de responsabilidade.

**50, 51.** A vinda de Cristo será súbita e inesperada, e desmascarará tais hipócritas. **Castigá-lo-á.** O significado literal, "cortará em dois", descreve o castigo físico (conf. II Sm. 12:31; Hb. 11:37), e as palavras seguintes (**com os hipócritas . . . choro e tanger de dentes**) afirmam o resultado eterno.

## Mateus 25

**25:1-13.** As Dez Virgens. Uma linda história extraída dos costumes relacionados ao casamento daquele tempo, mas interpretados pelos evangélicos de maneiras muito variadas. Alguns explicam as virgens como sendo os membros professos da Igreja à espera da volta de Cristo. Outros aplicam a parábola aos judeus remanescentes na Tribulação. Embora o tema central, que é a necessidade de se vigiar, aplica-se a qualquer dos grupos, o escritor sente que a última interpretação vai de encontro às exigências do conteúdo e do contexto mais exatamente.

**1. Então** coloca a parábola dentro do quadro mencionado em 24:29 e 24:40. **O reino dos céus.** Conf. com Mt. 3:2; 13:11.

**Dez virgens . . . saíram a encontrar-se com o noivo.** O casamento judeu tinha duas fases. Primeiro, o noivo ia à casa da noiva para buscar sua prometida e cumprir com as cerimônias religiosas. Depois levava a noiva para a sua própria casa onde recomeçavam as festividades. A parábola não dá a entender que as virgens (no plural) esperassem casar-se com o noivo. Este não é um casamento polígamo. Antes, no fim da Tribulação, Cristo retornará à terra (seu domínio) depois de tomar a Igreja por esposa no céu (seu lar durante a Tribulação). Esta explicação se reflete no texto oriental desta passagem, que diz, "para se encontrarem com o noivo e a noiva". Conf. também com Lc. 12:35,36, "que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas". Portanto a Igreja não está aqui como tal. O interesse centraliza-se sobre as virgens que querem participar da festa do casamento, representantes do remanescente judeu professo (Ap. 14:1-4).

**3. As néscias. Estúpidas. Lâmpadas.** Tochas, cada uma contendo um pavio e espaço para azeite. **Não levaram azeite consigo.** **Azeite**, geralmente símbolo do Espírito Santo nas Escrituras (Zc. 4; Is. 61:1). Aqui uma referência à posse do Espírito Santo na regeneração (Rm. 8:9). Todas as dez tinham exteriormente a mesma aparência (virgens, lâmpadas, mesma atividade), mas **cinco** não participavam do Espírito Santo, que nessa ocasião foi concedido a Israel para que os judeus estivessem prontos para a vinda do Messias (Zc. 12:10).

**5. Foram tomadas de sono e adormeceram.** A parábola não alia culpa a este detalhe. Por isso talvez descreva a certeza do remanescente em esperar o noivo, e não o seu descuido; mas no caso das virgens loucas, era uma certeza falsa.

**6, 7. Prepararam as suas lâmpadas.** Limparam os pavios, acenderam-nas e ajustaram as chamas. Uma pessoa caminhando pelas ruas do Oriente à noite precisa carregar uma tocha acesa. Por isso as virgens se prepararam para se juntarem à procissão quando o noivo vinha se aproximando.

**8. As nossas lâmpadas estão se apagando.** As virgens tolas, que não se forneceram de azeite, viram seus pavios secos bruxulearem por alguns momentos e depois se apagarem. Insistir que tivessem um pouco de azeite mas não o suficiente contradiz 25:3. Sua estupidez ficou demonstrada porque não providenciaram nenhum azeite.

**9. Comprai-o.** Linguagem da parábola. O Espírito Santo é um dom gratuito, mas pode ser descrito por essa metáfora (conf. Is. 55:1). Cada pessoa deve obter seu próprio fornecimento.

**10-12.** Enquanto as loucas se foram, o noivo chegou e a festa começou. Mais tarde as loucas retomaram, dando-se a entender que não puderam obter nenhum azeite àquela hora . . . **vos não conheço.** Uma declaração semelhante a 7:23 na importância. Cristo rejeitará todo o relacionamento com pessoas que são apenas professoras.

**14-30.** Os talentos. Uma parábola semelhante a das Minas, que foi apresentada alguns dias antes em Jericó (Lc. 19:11-27). As Minas

ilustravam a verdade que dons iguais, quando usados com diligência desigual, podem receber recompensa desigual. Os Talentos mostram que dons diferentes, quando usados com a mesma finalidade, serão igualmente recompensados. A parábola anterior das Virgens destacou a necessidade de se estar alerta e preparado para a vinda de Cristo. Os Talentos enfatizam a necessidade do serviço fiel durante a sua ausência.

**14.** A natureza elíptica da sentença, que leva os tradutores ingleses a colocar diversas palavras no começo, mostra a sua íntima ligação com o assunto anterior. **Como um homem que, ausentando-se do país. O homem é sem dúvida o Filho do homem** (v. 13).

**15.** O talento era uma moeda de valor comparativamente alto. Aqui os talentos eram de prata (v. 18, *argurion*, "dinheiro de prata"). Dependendo de quem os cunhava, os talentos valiam de 1.180 dólares (Aegina) a 960 dólares (Attic). Um talento valia mais do que uma mina.

**A cada um segundo a sua própria capacidade.** Os talentos representam diferentes responsabilidades a serem executadas de acordo com a capacidade de cada homem.

**16, 17.** Os dois primeiros servos, embora possuísem diferentes quantias de dinheiro, foram diligentes da mesma maneira e dobraram o seu capital.

**18.** O servo que possuía apenas **um talento** não demonstrou diligência e não sentiu o desafio de sua oportunidade. **Abriu uma cova.** Um esconderijo comum (Mt. 13:44).

**19. Depois de muito tempo.** Uma indicação de que a volta de Cristo não seria imediata, embora a expressão seja indefinida. Na parábola a volta foi ainda dentro do período de vida dos servos.

**20-23.** Na volta do seu senhor os dois primeiros servos tinham quantias diferentes a apresentar, mas ambos ofereceram lucro de cem por cento e receberam o mesmo elogio e recompensa.

**Muito bem, servo bom e fiel.** A fidelidade é a virtude que está sendo examinada. **Sobre muito te colocarei.** Parte da recompensa consistia em obter responsabilidade mais alta e privilégios diante do

senhor. **Entra no gozo do teu senhor.** Provavelmente uma referência da participação que o crente tem do gozo de Cristo, o qual é dEle por direito por causa de Sua perfeita execução da vontade do Pai (Jo. 15:10, 11).

**24, 25.** O servo inútil, entretanto, revela pela explicação que dá, uma opinião completamente falsa que tem do seu senhor. **Homem severo.** Severo, cruel, sem misericórdia. **Ceifas onde não semeaste,** isto é, tiras proveito do trabalho dos outros. **Ajuntas onde não espalhaste.** Não está muito claro se esta cláusula é paralela ao pensamento da precedente, ou se descreve o próximo estágio da colheita, isto é, o joeiramento. Se este é o caso, então o servo acusa o seu senhor de ajuntar em seu celeiro aquilo que o trabalho de outro espalhou com a pá de joeirar que separa o grão da palha.

**Receoso.** Ele se justifica falando do seu medo de arriscar e da necessidade de contabilizar possíveis perdas. Este servo estava cego ao fato de que o seu senhor era um homem generoso e dedicado, que desejava fazê-lo participar de alegrias maravilhosas.

**26. Sabias.** Talvez esta parte pudesse ser considerada uma pergunta, "Tu não sabes. . .?" Sem tomar conhecimento da veracidade dessa opinião, o senhor julga o escravo com base na sua justificativa para lhe mostrar a baixeza de tal atitude.

**27.** Se o servo realmente temia o risco de se aventurar nos negócios, então ele devia ter depositado o talento com os **banqueiros** para que rendesse **juros**. Embora os israelitas estivessem proibidos de cobrar juros uns dos outros, podiam fazê-lo dos gentios (Dt. 23:20).

**28, 29.** Portanto o talento foi tirado desse servo preguiçoso e rebelde e foi dado àquele que era mais capaz de usá-lo com proveito.

**30. O servo inútil. Lançai-o para fora, nas trevas. O choro e tanger de dentes** mostra claramente que isto simboliza o castigo eterno (8:12; 13:42, 50; 22:13; 24:51). Aí está o ponto alto da interpretação. Se esse ajustar de contas é o julgamento das obras do crente, então temos ao que parece um verdadeiro crente sofrendo a perda de sua alma por causa da esterilidade de suas obras. Mas essa interpretação viria contradizer a

Jo. 5:24. Ou, se o servo inútil representa um simples cristão professo, cuja verdadeira natureza foi assim desmascarada, então parece que o julgamento das obras dos crentes e a maldição dos pecadores ocorrerá junto, ainda que Ap. 20 separe estes julgamentos com um intervalo de 1.000 anos. A melhor solução é aquela que aplica a parábola aos santos da Tribulação (quer judeus quer gentios) por causa da clara associação com os versículos precedentes. Esta explicação concorda com outras passagens que por ocasião da volta de Cristo, os crentes remanescentes serão ajuntados para desfrutarem das bênçãos do Milênio, mas aqueles que estando vivos não crerem verdadeiramente no seu Messias serão removidos (Ez. 20:37-42). É claro que, para os homens de todas as dispensações, vale o princípio de que Deus os tem por responsáveis pelo uso que fizerem dos seus dons.

**e) Julgamento de Todas as Nações. 25:31 – 46.**

**31. Então se assentará no trono da sua glória.** A mesma cena de 24:30, 31, marcando a vinda do **Filho do homem** para dar fim à Grande Tribulação introduzindo o Milênio.

**32, 33. E todas as nações serão reunidas na sua presença.** Esta cena de julgamento deve ser distinguida daquela de Apocalipse 20 (Grande Trono Branco), pois aquela segue-se à ressurreição dos maus no fim do Milênio. Aqui **as nações** devem ser as pessoas vivas sobre a terra quando Cristo voltar. Serão julgadas como indivíduos, não como grupos (**uns dos outros**, v. 32, está no gênero masculino, quando **nações** é neutro). Tal julgamento dos homens vivos por ocasião da gloriosa vinda de Cristo foi profetizado em Joel 3:1, 2. Resultará em uma separação de dois grupos, com o grupo comparado às **ovelhas** colocado **à direita** de Cristo, posição de honra e bênçãos.

**34.** Àqueles que ouvirem o “**benditos de meu Pai**”, Cristo na qualidade de **Rei** (único lugar onde Jesus se intitula assim) convida **Vinde . . . entrai na posse do reino** (Milenar).



**35-40.** Como evidência do caráter regenerado dessas pessoas que foram comparadas a **ovelhas**, Jesus menciona os atos de bondade praticados para com os “**meus pequeninos irmãos**”, os quais ele considera como feitos a ele mesmo. Parece claro que as **ovelhas** e os **bodes** são distintos dos “**meus irmãos**”. Por isso a interpretação de **nações** como sendo os gentios e os **meus irmãos** como sendo o fiel remanescente judeu que proclamará o evangelho do Reino em todo o mundo (24:14; Ap. 7:1-8) concorda com as exigências da passagem. (O fato de Jesus ter anteriormente chamado todos os crentes de seus “irmãos” não muda as exigências do contexto; 12:47-50). Os crentes judeus ocasionarão a conversão de uma multidão inumerável de gentios (Ap. 7:9-14), que evidenciarão sua fé por meio de seus atos. A visitação deles na prisão sugere que o perigo estará envolvido quando um homem aceitar Cristo e Seus emissários publicamente durante aquele período.

**41. Apartai-vos de mim, malditos.** Muitos têm notado a ausência do artigo grego com a palavra **malditos** (diferindo de “benditos”, v. 34). Assim o particípio sendo mais circunstancial que substantivo, pode indicar que a frase significa “Apartai-vos de mim sob uma maldição”. Embora os justos tenham sido declarados benditos pelo Pai e entrem em um reino que lhes foi preparado antes da criação, o destino dos maus não foi declarado com termos tão específicos de eleição.

O **fogo eterno** não foi preparado para eles mas **para o diabo e seus anjos** (Ap. 20:10). Os homens não herdam o fogo eterno (contraste com os justos, v. 34), mas vão para lá recusando a graça de Deus.

**42-45.** Jesus aponta para a falta de boas características demonstrada pelos bodes em oposição às ovelhas. Pecados de omissão, não abomináveis atos de violência, são escolhidos para indicar o estado espiritual.

**46. Castigo eterno e fogo eterno**, ambos empregam o mesmo adjetivo (aionios). Qualquer tentativa de diminuir o castigo restringindo o **eterno** diminui a bem-aventurança dos justos na mesma proporção. Enquanto **eterno** pode implicar em um conceito tanto qualificativo como

quantitativo, o aspecto da duração sem fim não pode ser desassociada da palavra. É a palavra certa para o conceito de "eterno", conforme os léxicos atestam. O castigo eterno foi mencionado nestas passagens, Mt. 18:8; II Ts. 1:9; Judas 13; e outras. Portanto, no começo do Milênio, um julgamento será realizado, e os maus serão removidos, para que apenas pessoas regeneradas entrem no reino milenar (conf. Jo. 3:3).

#### **IV. A Paixão de Jesus Cristo. 26:1 – 27:66.**

Esta seção, de incalculável importância para cada cristão, está cheia de dramático interesse humano. Mas os detalhes fornecidos pelos Evangelistas têm causado problemas, principalmente cronológicos, desde os tempos mais remotos. Todavia, a maneira concreta pela qual cada Evangelho (escrito por homens que estavam eles mesmos emocionalmente envolvidos) trata esses acontecimentos altamente emocionais torna esses sublimes tratados ainda mais notáveis.

### **Mateus 26**

#### **A. Conspiração Contra Jesus. 26:1-16.**

**1-5.** Última predição de sua morte.

**2. Daqui a dois dias.** Considerando que a Páscoa era comida ao anoitecer do dia 14 de Nisã (como o pôr-do-sol começava realmente o dia 15 de Nisã), esta predição foi feita ao anoitecer de Nisã 12.

**Páscoa.** A primeira grande festa do calendário judeu que comemorava a saída de Israel do Egito e a "poupança" (significado da raiz hebréia traduzida para o grego como *pascha*) de seus primogênitos quando Deus feriu os egípcios (conf. Êx. 12). A Páscoa era seguida logo pelos sete dias da Festa dos Pães Asmos (Nisã 15-21), e todo o festival era geralmente chamado de "Páscoa".

**O Filho do homem será entregue.** Conf. predições de 16:21; 17:22; 20:18. Aqui Cristo prediz pela primeira vez que a sua morte ocorrerá por ocasião da Páscoa.

**3-5.** Essa predição, entretanto, prejudicava os planos dos conspiradores. Com medo da multidão de Jerusalém, composta de muitos galileus que apoiavam Jesus, concordaram em não fazer nada **durante a festa**. Talvez tenham concordado em esperar uma semana. Mas Jesus fixou o momento de sua morte com antecedência, contrariando seus planos, e orientou os acontecimentos para que pudesse morrer como a verdadeira Páscoa. **Caifás** ocupava a função do sumo sacerdote desde 18 A.D. mais ou menos. Anteriormente já exigira a morte de Jesus (Jo. 11:49, 50).

**6-13.** Ungido em Betânia. Os intérpretes não concordam sobre as ligações cronológicas deste acontecimento. À vista de Jo. 12:1, "seis dias antes da Páscoa", ou Mateus (e Marcos) ou João seguiram mais a ordem dos tópicos do que a cronológica. Considerando que nem Marcos nem Mateus datam o acontecimento com mais precisão do que "e, estando Jesus em Betânia", parece melhor seguir a inequívoca cronologia de Jo. 12:1. Assim Mateus, tendo descrito a conspiração, passa agora a um acontecimento anterior para mostrar as circunstâncias que levaram Judas a efetuar a traição. Marcos 14:3-9 e Jo. 12:1-8 são paralelos (Lc. 7:36-50 relatava um incidente diferente).

**6. Simão, o leproso.** Sem dúvida um leproso curado que se sentia muito grato para com Jesus.

**7. Uma mulher.** Maria, a irmã de Marta e Lázaro (Jo. 12:9; 11:1,2). **Alabastro cheio de precioso bálsamo.** Narrativas paralelas descrevem o unguento como sendo nardo, com valor superior a 300 denários (um denário correspondia a um dia de salário de um trabalhador no campo).

**8, 9.** Quando **os discípulos** viram o generoso derramamento desse unguento sobre o corpo (v. 12) de Jesus (**cabeça**, v. 7, e pés, Jo. 12: 3), **indignaram-se**, achando que era um desperdício. Mateus não aponta ninguém particularmente nessa murmuração (talvez envergonhado de sua participação). Mas João menciona Judas como o instigador, e mostra a hipocrisia dele em demonstrar preocupação pelos pobres.

**10-13.** Jesus explicou que é preciso discernimento espiritual para não desperdiçar uma oportunidade irrecuperável. Atos de benevolência sempre são oportunos (Mc. 14:7). Mas não haveria nunca mais outra oportunidade de fazer o que Maria fez. **Ela o fez para meu sepultamento.** Não temos autorização para sugerir que Jesus estivesse inventando desculpas para Maria. Ele já tinha anunciado sua morte iminente (Jo. 10:11, 17, 18; Mt. 16:21; 17:22; 20:18). Em vez de fechar a mente à predição, como os discípulos pareciam fazer (conf. Mt. 16:22), Maria creu nela. Parece que ela compreendeu que, por ocasião da tragédia, não haveria tempo para as cortesias costumeiras. Se encarmos o ato de Maria como nascido de sua compreensão espiritual, só então poderemos entender devidamente o tremendo elogio que partiu de Jesus. Quando isso aconteceu, foi a única unção que o seu corpo recebeu. As mulheres que vieram mais tarde para realizar essa tarefa, encontraram a sepultura vazia.

**14-16.** Conspiração de Judas. Não se pode determinar até que ponto o **então** liga o parágrafo seguinte ao precedente (Marcos diz simplesmente "e"). Se 26:6-13 deve ser considerado um parêntese, para explicar uma das raízes da traição, então a conspiração de Judas pode ter começado nos versículos 1-5. Sob esse ponto de vista, a indignação na casa de Simão seis dias antes da Páscoa (Jo. 12:1, 2) desenvolveu-se em uma conspiração amadurecida durante os próximos quatro dias. **Iscariotes.** Homem de Queriot, uma cidade da Judéia.

**E pagaram-lhe.** Mateus emprega a mesma palavra da Septuaginta em Zc. 11:12 à qual parece estar conscientemente aludindo. A Septuaginta usa *histêmi* ao traduzir *shakal*, "pesar dinheiro" (outro exemplo é I Reis 20:39 - Septuaginta, III Reis 21: 39). Assim Judas foi pago nessa ocasião, um fato que as outras narrativas não observam nem contradizem.

**Trinta moedas de prata.** Provavelmente siclos. Uma quantia comparativamente pequena, o preço de um escravo (Êx. 21:32).

**B. A Refeição Final. 26:17-30.**

Provavelmente nenhum problema de harmonia dos Evangelhos tem sido tão desconcertante quanto este. Esta refeição final foi na Páscoa dos Judeus? Os sinóticos dão a entender que foi. João, entretanto, dá a entender com muita clareza que a Páscoa ainda estava no futuro por ocasião do lava-pés (Jo. 13:1), refeição (13:29), julgamento (18:28) e crucificação (19:14, 31). Alguns mestres estão prontos a admitir um conflito irreconciliável. Outros insistem que uma das narrativas deve estar errada. Também já se argumentou que Jesus comeu uma Páscoa antecipada um dia antes do costume legal. Reforços a esta opinião recentemente vieram à luz no Qumran, onde se descobriu que a seita Qumran sempre observou a Páscoa na terça-feira. Assim, dá a impressão de que Jesus comeu a Páscoa na terça-feira (como está implícito nos sinóticos), enquanto os judeus ortodoxos observavam a Páscoa na sexta-feira. (Veja J. A. Walther, "Chronology of Passion Week", JBL, June, 1958, pág. 116 e segs.)

Contra essa opinião levanta-se a grande improbabilidade que um tão notável desvio do judaísmo ortodoxo pudesse passar despercebido nos Evangelhos, ou que a ceia da Páscoa pudesse ser devidamente observada em Jerusalém antes da ocasião tradicional (por exemplo, os cordeiros tinham de ser mortos no Templo um pouco antes da ceia da Páscoa; conf. I Co. 5:7). Uma proposição mais digna de crédito explica João e os sinóticos, um à luz do outro. As duas possibilidades foram experimentadas, embora se admita dificuldades com ambos os métodos. O autor prefere explicar os sinóticos pelo explícito testemunho de João, o qual talvez tivesse parcialmente a intenção de esclarecer pontos ambíguos na cronologia. De acordo com este ponto de vista a última ceia não foi de maneira nenhuma a refeição da Páscoa; antes, Jesus morreu exatamente na hora em que os cordeiros da Páscoa estavam sendo mortos no Templo (conf. I Co. 5:7). Não obstante, Jesus deu a seus discípulos orientação no sentido de preparar a festa, por dois motivos: 1)

os discípulos a comeriam; 2) Jesus não quis na ocasião predizer o momento exato de sua morte.

**17-19.** Preparativos para a Páscoa.

**17. No primeiro dia dos pães asmos.** Quatorze de Nisã, no qual o fermento era retirado de dentro das casas em preparação para as festas da Páscoa e dos Pães Asmos (conf. Mc. 14:12; Lc. 22:7). Esse dia começava ao pôr-do-sol do décimo terceiro dia e foi às primeiras horas desse dia que se fez referência.

**18,19.** Em resposta à pergunta dos discípulos, Jesus enviou-os a falar com um homem em cuja casa o grupo se reuniria. **Celebrarei a páscoa.** A esta declaração de propósito geral deve-se acrescentar as palavras de Lc. 22:16, "não a comerei", na qual ele indica posteriormente que o plano geral será interrompido. Talvez não quisesse que Judas soubesse dos seus planos tão especificamente com tanta antecedência.

**20-30.** A Última Ceia.

**20. Chegada a tarde.** Mais tarde naquela mesma tarde (primeiras horas do décimo-quarto dia), Jesus juntou-se aos discípulos na hora do jantar (Lc. 22:14).

**21. Um dentre vós me trairá.** Primeiro aviso de que o "entregar" do Filho do homem: (17:22; 20:18; 26:2) seria através de um dos Doze. Que choque essa declaração deve ter causado!

**22.** O fato de que onze discípulos tenham perguntado inocentemente, **Porventura sou eu, senhor?**, mostra que eles reconheciam sua própria fraqueza, embora sua pergunta fosse feita esperando uma resposta negativa – "*Não sou eu, ou sou?*"

**23. O que mete comigo a mão.** Considerando que o grupo provavelmente comia de um prato comum, esta declaração não identificou o traidor, mas apenas enfatizou a natureza vil da traição, pois ocorria entre companheiros íntimos.

**24. Está escrito.** A morte de Cristo estava se desenrolando conforme predito em diversas passagens do V.T. Entretanto, a soberania

de Deus sobre todos os acontecimentos não livra o homem da responsabilidade ou culpa.

**25.** Quando Judas viu que o seu silêncio era causa de suspeitas, também perguntou, **Acaso sou eu, Mestre?** A ele Jesus responde, **Tu o disseste.** Parece que os demais não ouviram esta resposta no meio do burburinho da conversação geral. Não se pode afirmar se a explicação de Cristo a João (e Pedro) ocorreu antes ou depois da indicação de Judas (Jo. 13:23-26). Quando Judas saiu logo depois, ninguém sabia que Satanás o capacitara a imediatamente pôr em ação a conspiração (Jo. 13:27-30).

**26.** A narrativa que Mateus faz da consagração do pão e do vinho é semelhante à de Marcos; à de Lucas parece com I Co. 11:23-26. **Isto é o meu corpo.** Para um comentário completo dos pontos de vista contrários do Romanismo, Lutero, Calvino e Zuínglio, consulte dicionários bíblicos. O significado óbvio da passagem não permite que entendamos que o pão fosse mais do que simbólico sob qualquer aspecto, pois seu corpo real também estava presente. (Conf. metáforas semelhantes: Jo. 10:7; 15:1). Estes símbolos deviam ser lembretes para os discípulos (Lc. 22:19) do Senhor ausente, e um memorial do custo de sua redenção.

**27, 28. Bebei dele todos,** isto é, todos vocês.

**O Novo Testamento** ou aliança foi posto em vigor com a morte de Cristo. A velha aliança dada por Deus a Israel exigia sacrifícios contínuos pelo pecado. Mas a morte de Cristo forneceu um sacrifício perfeito, e tornou possível ambas, a justificação e a regeneração (Hb. 8:6-13). **Derramado em favor de muitos.** (Conf. 20:28) A morte de Cristo, embora suficiente em si mesma para resolver a questão da **remissão dos pecados** de todos, aqui foi considerada realmente eficiente só para os crentes.

**29. Desta hora em diante, não beberei.** Esta declaração dirigiu o olhar dos discípulos para o futuro reino do Pai (o **reino de Deus**, messiânico, Mc. 14:25) e para o momento de alegria e comunhão na grande Ceia das Bodas.

**30. Tendo cantado um hino, saíram.** Antes disso deve ter sido apresentado o discurso de João 14.

### **C. A Predição da Negação de Pedro. 26:31-35.**

Isto aconteceu antes que deixassem o cenáculo (Jo. 13:36-38; Lc. 22:31-34) ou depois (Mc. 14:27-31; Mt)? Considerando que parece impossível harmonizar estas narrativas sem violentar duas delas, é mais exeqüível entender duas advertências distintas feitas a Pedro.

**31. Todos vos escandalizareis.** Embora só Pedro tenha negado Jesus, todos os onze o abandonaram e fugiram (v. 56). Jesus encarou o fato como cumprimento de Zc. 13:7.

**32. Irei adiante de vós para a Galiléia.** Era a grande reunião pós-ressurreição mencionada diversas vezes (28:7, 10, 16). Ela não impossibilita outras aparições, algumas delas anteriormente na Judéia.

**33-35.** A presunção de Pedro em colocar a sua devoção acima da dos outros (**ainda que venhas a ser tropeço para todos**) foi uma censura para eles e fê-los também dar os seus votos de lealdade. Essa experiência estava sem dúvida na mente de Jesus quando ele perguntou a Pedro mais tarde, "Amas-me mais do que estes?" (Jo. 21:15).

### **D. Acontecimentos no Getsêmani. 26:36-56.**

**36-46.** A oração.

**36. Getsêmani.** O nome significa "prensa de azeite", e descreve aqui um jardim freqüentado por Jesus e os discípulos. Ficava do outro lado do Cedrom, no Monte das Oliveiras (Lc. 22:39; Jo. 18:1, 2), e sem dúvida continha oliveiras e uma prensa para a extração do seu azeite. O lugar que hoje em dia se mostra aos visitantes deve ficar perto daquele lugar, embora as velhas árvores não possam ser as originais (Jos. Wars, vi. 1.1 ).

**37, 38.** Deixando oito discípulos reunidos, Jesus levou Pedro, Tiago e João mais adiante e entraram no jardim. Finalmente ele se afastou até mesmo deles para ficar sozinho em oração. A agonia da alma que ele



experimentou foi descrita como **profundamente triste até a morte**. Ordenou aos três que se encontravam mais perto (como também aos demais de um modo geral) que velassem, isto é, que lhe prestassem força através de sua presença alerta e simpática.

**39. Se possível**, isto é, moralmente possível, consistente com a vontade do Pai.

**Passe de mim este cálice.** A chave para se compreender a agonia de Cristo está em se identificar o **cálice**. Embora qualquer ser humano normal trema diante dos horrores da crucificação, os mártires muitas vezes têm enfrentado a morte cruel sem tal desespero extremo (conf. Lc. 22:44). Não podemos também aceitar a opinião de que Cristo temesse a morte prematura nas mãos de Satanás, pois o cálice vinha do Pai, não de Satanás (Jo. 18:11). Além disso, a vida de Cristo só podia ser entregue voluntariamente (Jo. 10:17,18). **Cálice** foi usado figuradamente nas Escrituras em se referindo à bênção de Deus (conf. Sl. 23:5), ou à sua ira (conf. Sl. 75:8). Portanto, a explicação mais satisfatória do cálice é que se relaciona com a ira divina em que Cristo incorreria na cruz ao tomar sobre si o pecado do homem.

Essa experiência na qual Deus ficaria por algum tempo separado do seu Filho, deu lugar ao horrível grito de Mt. 27:46. Se o pecado de um só homem pode fazê-lo sentir amarga tristeza quando experimenta a separação de Deus, quão incomparável deve ter sido a angústia de Jesus, que sabia o que significava assumir a culpa de todos os homens.

**Não seja como eu quero e sim, como tu queres.** Desde o começo até o fim, a oração de Cristo foi perfeitamente submissa ao Pai. E a oração foi atendida, não removendo o cálice, mas concedendo forças para bebê-lo (Lc. 22:43), e finalmente a ressurreição "da morte" (Hb. 5:7).

**40, 41.** Encontrando os discípulos dormindo em consequência do efeito extenuante da fadiga e da emoção prolongada, Jesus escolheu Pedro para uma entrevista particular (talvez à vista de sua recente jactância), insistindo com ele a continuar alerta e orando para que os

acontecimentos não viessem surpreender entregando-se a tentação. **O espírito, na verdade, está pronto.** A natureza espiritual do homem iluminada pelo Espírito Santo. **Mas a carne é fraca.** Alguns pensam que a carne aqui indica uma parte da constituição do ser humano que não é pecadora se controlada pelo espírito (e assim o provérbio poderia se aplicar também a Jesus); outros, que indica a natureza pecadora que todos os homens possuem (exceto Jesus).

**42-45.** Substancialmente, esta oração foi proferida três vezes; em todas elas a submissão do Filho foi completa. Mas é claro que Jesus sabia qual seria o resultado. **Ainda dormis.** Provavelmente não era ironia, mas uma simples declaração de que a sua oportunidade de serem úteis em uma crise já tinha passado.

**46.** Neste momento, entretanto, Jesus percebeu que o inimigo se aproximava. **Levantai-vos.** Não para fugir, mas para ir ao encontro dele (Jo. 18:4).

**47-56.** A prisão.

**47. Grande turba.** Um destacamento de soldados romanos, com suas costumeiras espadas, sob as ordens de um quiliarca (Jo. 18:12); a polícia do templo judeu sob as ordens dos **principais sacerdotes** e dos **anciãos**, armada de varapaus (Jo. 18:12); alguns dos príncipes dos sacerdotes e os anciãos (Lc. 22:52).

**48. Havia dado um sinal.** A maior parte dos soldados romanos não conhecia Jesus.

**49. E o beijou.** A forma composta aqui (*katephilêsen*) sugere um abraço forte e caloroso (em contraste com a forma simples mencionada no versículo 48).

**50. Amigo.** Camarada, companheiro (*hetaire*). O termo reconhece sua associação anterior, sem a conotação de afeição.

**Para que vieste?** Essas palavras de Jesus seriam elípticas, às quais deveríamos acrescentar algum verbo, como por exemplo, "Faça aquilo a que vieste"? Ou uma pergunta, "Por que vieste?" Ou uma triste

exclamação, "Por que motivo vieste!" Seja qual for a precisa intenção, Judas e os soldados continuaram executando o seu plano.

**51. Um dos que estavam.** Identificado por João como sendo Pedro. **Sacou da espada.** Os discípulos tinham duas dessas curtas espadas (Lc. 22: 38).

**Golpeando o servo.** João, conhecendo bem a família do sumo sacerdote, registra o nome do servo, Malco (Jo. 18:10, 15).

**A orelha.** Conf. Lc. 22:51. A atitude impetuosa de Pedro, ainda que bem-intencionada, comprometia seriamente a posição de nosso Senhor, e tornou necessário uma cura milagrosa para desfazer os desastrosos efeitos que provocaria no tribunal (conf. Jo. 18:36). E tão completo foi o milagre que o caso da mutilação nunca foi levantado pelos acusadores de Cristo.

**52. Todos os que lançam mão da espada, à espada, perecerão.** Cristo e sua mensagem não deveriam ser defendidos nem proclamados com armas carnais. Este princípio geral declarado por Jesus tem sido confirmado na experiência humana. "A espada é visitada pela espada na guerra; a espada da retribuição se opõe à espada arbitrária da sedição rebelde; e a espada levantada sem espiritualidade em uma causa espiritual, é vingada na certa pela espada da vingança histórica", embora talvez bastante atrasada (J. P. Longe, *Matthew*, pág. 486 ).

**53, 54. Doze legiões de anjos.** Cada legião romana completa era composta de 6.000 homens. Cristo absteve-se de invocar as forças incomparavelmente superiores que estavam às suas ordens, para que as Escrituras que prediziam seu sofrimento pudessem ser cumpridas.

**55, 56. Como a um salteador.** A presença de armas sugere que eles esperavam uma defesa violenta, como a de um valente salteador (não a fuga apressada de um "ladrão"). Mas toda a experiência passada com Jesus deveria ter desfeito essa noção. Será que (conforme Plummer e outros sugerem) essa espantosa reação de Jesus em atribuir esses acontecimentos ao cumprimento de profecias demarcou o ponto no qual

Judas afastou-se da demoníaca conspiração e acabou no remorso que o levou ao suicídio?

### **E. Acontecimentos nos Tribunais Judeus. 26:57 - 27:2.**

Primeiro Jesus foi conduzido à presença de Anás, o ex-sumo sacerdote, que ainda tinha muito prestígio (Jo. 18:12-23). Depois do interrogatório preliminar, que deu tempo para o Sinédrio se reunir para essa sessão noturna altamente irregular, Jesus foi levado à presença do Sinédrio. De madrugada, uma segunda sessão do Sinédrio formalmente convocada condenou-o (Mt. 27:1).

#### **57-68. Primeira sessão do Sinédrio.**

**57. Sumo sacerdote Caifás.** Genro do deposto Anás. Parece provável que Caifás e Anás morassem no mesmo edifício, talvez separados por um pátio. A esta altura dos acontecimentos, os escribas, os anciãos e os principais sacerdotes estavam reunidos para essa sessão extraordinária.

**58. E Pedro o seguia,** conseguindo entrar no pátio (não no palácio) com a ajuda de João (Jo. 18:15, 16).

**59. Procuravam algum testemunho falso.** Aqueles judeus sabiam que não tinham um processo legal contra Jesus; por isso tinham de usar acusações forjadas.

**60, 61.** As acusações, entretanto, eram tão vagas e inconsistentes que não puderam encontrar nem mesmo duas testemunhas – o mínimo especificado por lei (Dt. 17:6) – que concordassem entre si. Finalmente arranjaram **duas** que deturpam uma declaração de Jesus pronunciada três anos antes (Jo. 2:19).

**Eu posso destruir este santuário de Deus.** A declaração propriamente dita atribuída a destruição aos judeus; e a referência foi ao seu corpo, não ao edifício herodiano (Jo. 2:21). Talvez algumas das declarações de Jesus no discurso do Monte das Oliveiras (24:2) foram grosseiramente deturpadas por Judas e combinadas com esta declaração (Jo. 2:19).

**62. Não respondes ao que estes depõem contra ti?** Caifás esperava forçar o prisioneiro a fazer alguma declaração imprudente. Mas as ferozes acusações proferidas com veemência contra Jesus foram muito bem respondidas com o seu digno silêncio (conf. Is. 53:7).

**63. Eu te conjuro.** Uma fórmula que informava Jesus de que a sua resposta seria considerada sob juramento. **O Cristo, o Filho de Deus.** Embora alguns disputem a importância plena de **Filho de Deus**, parece claro que Caifás empregou a expressão no seu único sentido da deidade, uma vez que a confirmação provocou a acusação de blasfêmia. Essa foi a causa real da condenação de Cristo (Jo. 19:7), e fora a base de anteriores conspirações contra ele (Jo. 5:18). Notícias de outros incidentes que sustentavam essa reivindicação devem certamente ter alcançado os ouvidos do sumo sacerdote (Jo. 1:34, 49; 9:35-37; 11:27; Mt. 14:33; 8:29, e outras.)

**64. Tu o disseste.** Uma confissão inequívoca de que ele era o Messias divino (a declaração de Jesus sob juramento não invalida o ensinamento de 5:34, onde ele dá leis aos seus discípulos. Nessa posição única de Filho de Deus, os fatores que tornariam o juramento objetável diante dos homens não são relevantes diante dele.)

**O Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu** (conf. Dn. 7:13, 14; Sl. 110:1). Um pronunciamento sobre as posições de Jesus e seus juizes que finalmente seria invertida.

**65, 66. Rasgou as suas vestes.** Uma indicação de horror justificado, sem dúvida sincero (embora errado). A tradição judia especificava com alguns detalhes como esse ato tinha de ser praticado. **Blasfemou.** Acusação do mais grave ultraje religioso. Tendo Jesus abertamente confessado aquilo de que há muito o acusavam (Jo. 5:18) e tendo aplicado Dn. 7:13, 14 a si mesmo, foi declarado **réu de morte** (isto é, merecedor da morte), provavelmente por aclamação nesse julgamento noturno, e não por votação secreta formal.

**67, 68.** A violência física aplicada a Jesus pelos seus capturadores (provavelmente oficiais inferiores, Lc. 22:63), incluiu cuspir em sua face, esmurrá-lo, bater nele com varas ou mãos (isto é, esbofeteá-lo) e vender-lhe os olhos (Lc. 22:64) a fim de zombar do seu ofício de profeta.

**69-75.** A negação de Pedro. As três negativas ocorreram através dos estágios dos julgamentos judeus e são diversamente agrupados pelos evangelistas. As diferenças entre as narrativas defendem fortemente a independência essencial, e os detalhes admitem várias maneiras de harmonizá-los (Veja quadros em Alford, *NT for English Readers*, pág. 199; S. J. Andrews, *Life of Our Lord*, pág. 518.)

**69. O pátio. Aproximando-se uma criada.** Identificada por João como a porteira que deixou Pedro entrar (Jo. 18:16, 17).

**71, 72. Para o alpendre.** Provavelmente o vestíbulo ou passagem que dava para a rua.

**Outra criada.** "A criada" de Marcos dá a entender que é a mesma anteriormente mencionada (embora ele talvez se refira simplesmente à criada que estava no vestíbulo); Lucas diz que o interrogante era um homem. Assim parece que a segunda negativa foi induzida pelo interrogatório de diversos indivíduos. **Com juramento.** Esquecendo-se das advertências de Jesus contra tais juramentos para se estabelecer a sinceridade de uma pessoa (5:34).

**73. Logo depois.** Cerca de uma hora (Lc. 22:59). **Os que ali estavam.** Particularmente, um parente de Malco (Jo. 18:26). **O teu modo de falar o denuncia.** Acento e pronúncia da Galiléia.

**74. Começou ele a praguejar.** Rogando pragas a si mesmo, caso estivesse mentindo. **E a jurar.** Invocando os céus como testemunha às suas palavras (conf. 5:34--37). **Cantou o galo.** A segunda vez nessa noite (Mc. 14:72).

**75. Pedro se lembrou** (conf. Mt. 26:34). Embora a dependência da carne causasse a lembrança das advertências de Cristo, o simples cantar de um galo despertou Pedro para a enormidade do seu pecado de zombar da graciosa tentativa de Jesus de impedi-lo.

**Chorou amargamente.** Contraste com Judas, cheio de remorsos mas sem arrependimento (27:5).

## Mateus 27

**27:1, 2.** Segundo julgamento diante do Sinédrio. **Ao romper do dia.** A lei judaica proibia julgamentos noturnos e especificava que os casos capitais deviam ter pelo menos dois julgamentos, em dias diferentes. Essa sessão ao despertar do dia foi um esforço para dar uma aparência de legalidade a todo aquele procedimento sórdido.

**Pilatos.** O procurador romano na Judéia, que estava em Jerusalém por ocasião da festa da Páscoa. Sua residência oficial era em Cesaréia. Roma reservava-se a decisão final nos processos que envolviam a pena capital e a execução das sentenças de morte.

F. Remorso de Judas. 27:3-10.

**3. Vendo que . . . fora condenado.** Era evidente pelo fato de Jesus estar sendo levado a Pilatos. **Tocado de remorso** (*metamelêtheis*). Não a palavra costumeira do N.T., para indicar o arrependimento para a salvação. Indica aqui o remorso, sem qualquer aparente submissão a Deus. Sua "mudança de pensamento" era principalmente por causa do dinheiro, o qual ele passou a odiar. Encontrando-se com os **principais sacerdotes e os anciãos** (talvez ainda na casa de Caifás, ou a caminho da casa de Pilatos), tentou devolver a **prata**.

**5.** Sua recusa fê-lo (talvez depois de um intervalo de demorada reflexão) arremessá-lo para o santuário (*naos*) do templo. Foi enforcar-se. Este detalhe e os seguintes não contradizem Atos 1:18, 19. São possíveis diversos modos de harmonização.

**6. Não é lícito.** (Conf. Dt. 23:18). Esse dinheiro desonroso não podia entrar para o **cofre das ofertas** (*korbanas*), embora esses sacerdotes não sentissem a impropriedade de pagá-lo (26:15).

**7,8. O campo do oleiro.** Aparentemente um bem conhecido pedaço de terra. O uso desse "preço de sangue" deu-lhe o seu nome ao campo

(conf. Atos 1:19 para outro detalhe que tornou o nome apropriado). **Até ao dia de hoje.** Uma indicação de que Mateus escreveu algum tempo depois do acontecimento, embora não depois de 70 A.D., quando os romanos eliminaram a maior parte desses limites.

**9, 10. O profeta Jeremias.** Esta referência de Mateus a uma profecia aparentemente pronunciada por Zacarias (11:12, 13) tem provocado uma coleção de explicações. Alguns defendem que **Jeremias**, o nome do primeiro livro dos Profetas do V.T., foi usado aqui representando toda a parte que contém inclusive Zacarias (exatamente como o nome "Salmos" se aplica a toda a parte dos Escritos porque é o seu primeiro livro; Lc. 24:44). Uma passagem do Talmude (*baba Bathra 14b*) defende esta ordem, colocando Jeremias em primeiro lugar, mas deve-se reconhecer que Isaías costuma ocupar esse lugar. Outra possibilidade é que Mateus amalgamou Zc. 11:12, 13 com Jr. 18:2-12 e 19:1-15, e simplesmente citou uma das fontes.

### **G. Acontecimentos nos Tribunais Romanos. 27:11-31.**

Mateus seleciona certos aspectos do julgamento, mas para se obter uma seqüência deve-se consultar as narrativas paralelas. Entretanto, só Mateus registra os interessantes detalhes de 27:19, 24.

**11. Estava em pé ante o governador.** Reatamento da narrativa interrompida em 27:2. **És tu o Rei dos judeus?** Uma pergunta provocada pelas acusações formais apresentadas a Pilatos pelos judeus (Lc. 23:2; Jo. 18:28-33). **Tu o dizes.** À resposta, que certamente indicava concordância, Jesus acrescentou uma explicação sobre a natureza do seu reino. (Jo. 18:34-38). Esta entrevista aconteceu dentro do Pretório, enquanto os judeus ficaram do lado de fora.

**12-14.** Aos vociferantes judeus, entretanto, que o acusavam quando reapareceu diante deles, **nada respondeu.** Mas esse silêncio não foi reconhecido por Pilatos como admissão de culpa, achando seu comportamento fora do comum e provocando o seu empenho em soltar Jesus sem antagonizar o Sinédrio.



**15. Costumava o governador soltar ao povo um preso.** Não se sabe a origem desse costume, se é romano ou judeu.

**16. Um preso muito conhecido, chamado Barrabás.** Alguém que era culpado de insurreição, assaltos e homicídio (Jo. 18:40; Mc. 15:7). Broadus sugere que, considerando que os dois crucificados com Jesus eram salteadores, podem ter sido seguidores de Barrabás, e assim Jesus tomou literalmente o lugar de Barrabás (*Comm. on Matt.* págs. 562, 563). A exegese que brinca com a etimologia do nome Barrabás ("filho de um pai"), ou que adota a tradução muitíssimo inferior de "Jesus Barrabás" para fazer alegoria, ou com propósitos homiléticos, não tem justificativa.

**18. Por inveja.** O caráter ridículo das acusações era evidente a Pilatos, e as atitudes apaixonadas dos acusadores indicava que ressentimentos pessoais estavam envolvidos. Era óbvio que um mestre tão espiritual (Jo. 18:36, 37) recebesse a oposição desses religionistas materialistas e inescrupulosos.

**19. Estando ele no tribunal.** Enquanto pilatos esperava que os judeus respondessem as perguntas referentes a Barrabás, **sua mulher** enviou-lhe uma mensagem que interrompeu o processo. O presságio do **sonho** mencionado na mensagem perturbou pilatos e fê-lo atrasar o julgamento. Não sabemos se o sonho foi enviado diretamente por Deus, ou se deve ser explicado psicologicamente como a operação de uma mente perturbada por causa da conspiração contra Jesus. (Pilatos devia conhecer a conspiração, pois ele deu permissão a um quiliarca e aos soldados romanos que participassem dela, e sua esposa deve ter sido informada por ele; Jo. 18: 12.) O apócrifo *Evangelho de Nicodemos* cita os judeus respondendo: "Não lhe dissemos que ele é um feiticeiro? Eis que fez a sua esposa sonhar" (2:3).

**20, 21.** Durante esse intervalo os **principais sacerdotes e os anciãos** influenciaram o povo que exigisse a soltura de Barrabás em vez de Jesus. O grau de depravação moral e espiritual evidenciado com tal escolha é quase incrível.

**22, 23. Seja crucificado.** Isto é, executado à moda romana, ostensivamente como resultado das acusações que foram feitas contra ele, e assim substituindo Barrabás. **24. Mandando vir água.** Um simbólico costume judeu (Dt. 21:6-9), cujo significado é natural e óbvio. Mas o uso que Pilatos fez dele não passou de simulacro, pois ele tinha de assumir a responsabilidade da ordem de execução. (O uso adequado do símbolo era para absolver inocentes de implicação em uma morte ilegal.) **Sangue deste justo.** Estaria Pilatos refletindo a influência da mensagem de sua esposa ao usar essa descrição de Jesus?

**25. Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos.** A história subsequente de Israel revela as horríveis conseqüências desse grito. Essas palavras, tão impensadamente pronunciadas, pesaram muito sobre as cabeças dos líderes originais (conf. Atos 5:28), e dos seus descendentes.

**26. Após haver açoitado a Jesus.** Essa cruel tortura era aplicada sobre o corpo nu com um açoite de couro que tinha pedaços de osso ou metal afixado nas suas pontas. Os açoites precediam a entrega aos soldados para a crucificação. João indica que não foi realizado como o primeiro estágio da execução, mas foi outra tentativa de Pilatos de saciar a sede de sangue da multidão, a fim de levá-la a abandonar suas exigências de crucificação (Jo. 19:1-6).

**Entregou-o.** Ordenou oficialmente aos soldados que o executassem.

**27. O Pretório.** Isto parece colocar o julgamento no Castelo de Antônia, uma vez que explica melhor a presença de toda a corte (600 homens, um décimo de uma legião), que se sabia estar designados para aquele posto. Outros identificam a audiência no palácio de Herodes.

**28-31.** Depois de receber a ordem de preparar Jesus para a execução, os calejados soldados alegraram o seu trabalho por meio da mais grosseira zombada. Arrancando as roupas de Jesus, vestiram-no com **um manto escarlata**, talvez pertencente a um soldado, à guisa de púrpura real (Mc. 15:17). Substituindo a coroa por **espinhos**, o cetro por

uma **cana**, e cuspiendo em lugar do beijo de homenagem, demonstraram seu desacato pelo Filho de Deus.

#### **H. A Crucificação. 27:32-56.**

**32. Simão Cireneu.** Seus filhos eram conhecidos dos leitores do Evangelho de Marcos (Mc. 15:21). **A quem obrigaram.** Ordenaram que fizesse o serviço (veja comentário sobre 5:41).

**33. Gólgota.** Palavra aramaica que quer dizer "caveira", equivalente ao **calvaria** latino. Não se sabe se o nome deriva de um promontório com a forma de caveira, ou da sua reputação de local de execução. Do mesmo modo a localização também é incerta. A tradicional Igreja do Santo Sepulcro, ainda que dentro dos atuais muros de Jerusalém, ficava do lado de fora do velho muro setentrional do tempo de Jesus, que poderia muito bem ter sido o lugar. Outros defendem as reivindicações do Calvário de Gordon, mais ao norte.

**34. Vinho com fel.** (conf. Sl. 69:21). A intenção dessa poção misturada era de diminuir a dor tornando os prisioneiros mais fáceis de manejar, mas Jesus, depois de experimentar, recusou-se a bebê-la.

**35. Depois de o crucificarem.** Para os detalhes técnicos de crucificação, consulte dicionários bíblicos. Deve-se notar que os evangelistas esboçam a cena com simplicidade rematada, tanto mais eficiente por causa de sua reserva. **Repartiram entre si as suas vestes, tirando sorte.** João 19:23, 24 explica que os soldados dividiram os itens por quatro e jogaram dados para ver quem ficava com a túnica que não tinha costura. A cláusula final que começa com “**para que se cumprisse**”, (da ERC), é textualmente duvidosa, provavelmente uma interpolação de Jo. 19:24.

**36. . . . o guardavam.** Parte da obrigação dos soldados era evitar a remoção prematura.

**37. Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação.** Durante o desfile até o Gólgota o letreiro preparado por Pilatos (Jo. 19:19) foi provavelmente exibido à frente ou pendurado no pescoço de

Jesus, de acordo com o costume. **ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.** (Conf. Mc. 15:26; Lc. 23:38; Jo. 19:19.) As várias narrativas não são de modo algum contraditórias. O registro de João é o mais completo; os outros destacam os elementos essenciais. O fato de que o título apareceu nas três línguas pode ser a explicação das diversas variações nas narrativas (Jo. 19:20).

**38. Dois ladrões.** A mesma descrição foi aplicada a Barrabás (Jo. 18:40). Uma indicação de que Jesus tomou literalmente o lugar de Barrabás.

**39. Meneando as cabeças** (Sl. 22:17). Um gesto de desdém e zombaria.

**40.** A zombaria lançada sobre Jesus por ele ter declarado que poderia destruir o **santuário** e que era o **Filho de Deus** baseava-se nos acontecimentos do julgamento no Sinédrio (26:61, 63, 64).

**41-43. Os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos** juntaram-se à zombaria, não se dirigindo diretamente a Jesus, mas falando derrisoriamente dele à multidão.

**Salvou os outros.** Uma declaração que provavelmente não tinha a intenção de reconhecer os seus milagres, mas de jogar fortes suspeitas sobre tais fatos diante da sua incapacidade de **salvar-se**. Suas palavras eram bem mais verdadeiras do que eles sabiam; pois para salvar os outros no sentido espiritual, para o que veio, ele teve de entregar voluntariamente a sua própria vida. Doídos diante do insulto de Pilatos ao seu nacionalismo, os líderes desafiavam o título de Jesus, **Rei de Israel**, exigindo um sinal e uma promessa.

**Creremos nele.** Embora as atitudes e reações anteriores desses homens provassem a falsidade de sua promessa (Jo. 12:9, 10).

**44. Também os ladrões.** Mais tarde um deles mudou de atitude em relação a Jesus (Lc. 23:39-43).

**45.** Jesus foi colocado sobre a cruz às 9 horas ("hora terceira", Mc. 15:25). Depois de passados três horas, **trevas** sobrenaturais envolveram **desde a hora sexta até à hora nona** (do meio-dia às 15 horas.)

Considerando que a Páscoa ocorria na lua cheia, essas trevas não poderiam ser devido a um eclipse solar. Foi claramente sobrenatural quanto ao momento preciso, embora Deus possa ter empregado um meio providencial para realizá-lo. É impossível determinar se **toda a terra** se restringe a uma área local, ou se devemos entender ao pé da letra (global).

**46. Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?** (Sl. 22:1)

As únicas palavras da cruz registradas por Mateus e Marcos. O significado pleno desse grito não pode ser penetrado. Mas certamente sua base não se encontra primariamente no sofrimento físico, mas no fato de que Jesus, por um momento, foi feito **pecado** por nós (II Co. 5:21); e ao pagar a penalidade como substituto do pecador, foi amaldiçoado por Deus (Gl. 3:13). Deus, na qualidade de Pai, não o abandonou (Lc. 23:46); mas, na qualidade de Juiz, tinha de separar-se dele para que experimentasse a morte espiritual no lugar do homem pecador.

**47-49.** Essa exclamação provocou a sugestão de que Jesus estava chamando por Elias, sem dúvida por causa de semelhança do som das palavras **Eli (meu Deus)** e **Elias**. Embora haja quem sugira que as trevas levaram os mais supersticiosos a realmente temerem que a figura do Messias profetizado tivesse vindo, as atitudes subseqüentes tornam o fato duvidoso. Antes, foi um outro modo de expressar o seu desdém às reivindicações do Messias. **Deixa.** Esse sentimento foi expresso pela multidão, que queria que o soldado desistisse de servi-lo (Mt.); e também pelo próprio soldado, depois de lhe dar de beber, dizendo à multidão que parasse de interferir nos seus atos (Mc.)

**50.** Jesus, tendo a sua garganta refrescada pelo vinagre (não a poção drogada de 27:34), clamou **outra vez com grande voz**. Todos os sinóticos indicam que a morte de Cristo não foi devido à exaustão pela crucificação, mas uma entrega voluntária de sua vida.

**51. O véu do santuário.** A cortina separando o Lugar Santo do Santo dos Santos (Êx. 26:31). Este acontecimento, símbolo da abertura permanente da presença de Deus ao homem pela morte expiatória de

Cristo (conf. Hb. 10:19-23), poderia ter sido contada pelos sacerdotes que mais tarde se converteram (Atos 6:7).

**52-53.** A morte de Cristo muitas sepulturas dos **santos** do V.T, **abriram-se**, e seus corpos foram ressuscitados **depois da ressurreição de Jesus** (conf. Atos 26:23; I Co. 15:20). Esta circunstância espantosa apenas mencionada por Mateus dá lugar a muitas perguntas mas não pode ser de algum modo negada. As seis ressurreições anteriores mencionadas nas Escrituras (I Reis 17; II Reis 4; 13; Mt. 9; Lc. 7; Jo. 11) foram todas restaurações à existência terrena. O que não se aplica necessariamente a Mateus 27. O fenômeno é claramente simbólico da vitória do Cristo sobre a morte no que afeta os crentes. Muitos vêm aqui uma demonstração visível de que a morte de Cristo e a sua ressurreição efetuaram a libertação dos justos mortos que se encontravam no Sheol-Hades (Ef. 4:8, 9). O que aconteceu depois a esses santos ressuscitados não foi declarado.

**54. Verdadeiramente este era Filho de Deus.** Embora seja atualmente popular explicar a declaração do centurião em termos de conceitos pagãos, deve-se notar que o seu comentário baseava-se na observação de alguns notáveis fenômenos. E deve-se notar a possibilidade de que o homem, tendo estado no meio dos judeus durante algum tempo, poderia ter começado a crer. Afinal, os pagãos podem se tornar cristãos.

**55, 56. Maria Madalena.** Primeira citação em Mateus. A tradição que lhe concede um passado desonroso não tem base bíblica.

**Maria, mãe de Tiago e de José.** Também chamada de esposa de Cleofas (Jo. 19:25).

**Mulher de Zebedeu.** A mesma Salomé (Mc. 15:40) e aparentemente irmã da Virgem Maria (Jo. 19:25).

## **I. Sepultamento 27:57-66.**

**57. Caindo a tarde.** Entre as 15 e 18 hs. (Êx. 12:6)

**Um homem rico.** Conf. Is. 53:9. **De Arimatéia, chamado José** pertencia ao Sinédrio (Lc. 23:50, 51), cuja riqueza dava-lhe o privilégio de possuir uma sepultura perto de Jerusalém, embora ele mesmo não morasse ali.

**58. Lhe pediu o corpo.** Uma atitude de bastante coragem, uma vez que, não sendo parente, teria de indubitavelmente que explicar seus motivos.

**59, 60.** Recebendo permissão, José mesmo **tomando o corpo** da cruz, envolveu-o no lençol de costume, com a ajuda de Nicodemos (Jo, 19: 39, 40).

**61.** Observando a cena estavam as duas Marias mencionadas em 27:56.

**62. No dia seguinte, que é o dia depois da Preparação.** Costuma ser explicado como sendo o sábado (conf. Mc, 15:42), considerando que Jesus ficou na sepultura da noite de sexta-feira até o domingo de manhã. Entretanto, este dia da **preparação** era o dia antes da Festa da Páscoa (Jo. 19:14, 31), a qual podia ocorrer na quarta-feira naquele ano. Talvez esse seja o motivo de Mateus não ter usado o termo "sábado" aqui, para não ser confundido com esse dia. De acordo com essa opinião, Jesus ficou na sepultura setenta e duas horas completas, desde o entardecer da quarta-feira até o entardecer do sábado. Tal ponto de vista explica melhor Mt. 12:40. Explica também "depois de três dias" e "ao terceiro dia" de maneira a não violentar nenhum dos dois.

**63, 64.** Como os membros do Sinédrio sabiam da profecia particular de Cristo não foi explicado (de Judas, talvez?). Os discípulos, deixando de compreender o seu significado, logo se esqueceram dela; mas esses inimigos não queriam se arriscar. Temiam que, espalhando-se a notícia de uma ressurreição (**o último embuste**) as conseqüências seriam mais desastrosas para eles do que o apoio que Jesus obtivera, durante algum tempo, como o Messias (o **primeiro** engano).

**65, 66.** Obtendo uma ordem de Pilatos, **Tendes aí uma escolta**, os membros do Sinédrio tomaram precauções, **selando a pedra**,

provavelmente por meio de cordas e cera ou barro, para que qualquer tentativa de forçá-la fosse percebida.

## **Mateus 28**

### **V. A Ressurreição de Jesus Cristo. 28:1-20.**

A narrativa que Mateus fez da Ressurreição inclui menos detalhes do que as narrativas de Lucas e João. Contudo só a ele devemos a narrativa sobre os soldados (vs. 11-15) e pela completa fórmula batismal (v. 19). A concordância substancial das quatro narrativas, emparelhadas com uma ampla variedade de detalhes e opiniões, demonstra a sua veracidade e contudo sua independência.

### **A. Descoberta da Sepultura Vazia. 28:1,8.**

**1. No findar do sábado.** O uso de *opse* como preposição imprópria com o significado de "depois" já foi claramente reconhecido (Arndt, pág. 606), de modo que a tradução aqui deveria ser depois do sábado, de conformidade com Mc. 16:1, 2; Lc. 24:1; Jo. 20:1. **Maria Madalena, a outra Maria** (27:56, 61), e algumas outras mulheres foram, ao raiar do domingo, para ungir o corpo de Jesus.

**2-4.** Quando se aproximaram, houve, **um terremoto e um anjo** rolou a grande **pedra** na entrada. Esse não foi o momento da ressurreição, mas tinha a intenção de revelar a sepultura vazia às testemunhas. O Cristo ressurreto não se confinava às barreiras naturais (conf. Jo. 20:19, 26), e deve ter ressuscitado ao pôr-do-sol do sábado (veja 27:62).

**5-8.** Parece que Maria Madalena partiu imediatamente para avisar Pedro e João (Jo. 20:1, 2), e não ouviu o aviso, **Ressuscitou**, que o anjo deu às outras mulheres. **Vai adiante de vós para a Galiléia.** A orientação para o grande aparecimento público na Galiléia conforme predito (26:32) não exclui aparecimentos pessoais anteriores a indivíduos ou pequenos grupos em Jerusalém.



**B. Aparecimento de Jesus. 28:9, 10.**

**9. Eis que Jesus veio ao encontro.** A primeira cláusula do versículo 9 deve ser omitida com base no texto. Este aparecimento de Jesus foi depois que as mulheres transmitiram aos discípulos a mensagem do anjo (Lc. 24:9-11). Enquanto isso, Maria Madalena, tendo informado Pedro e João sobre a sepultura vazia, seguiu-os até o local e, ficando lá, foi a primeira a ver o Cristo ressuscitado (Mc. 16:9; Jo. 20:1-18). Agora, neste segundo aparecimento, Jesus deu às mulheres essencialmente a mesma orientação que o anjo já dera (v. 7).

**C. Relatório dos Soldados. 28:11-15.**

Só foi registrado aqui. Esses soldados foram mandados por Pilatos ao Sinédrio e portanto informaram seus membros (27:65, 66). Seu relatório resultou na convocação de uma sessão do Sinédrio, na qual votaram um grande suborno para garantir a cooperação dos soldados no ocultamento da verdade. A natureza auto-contraditória da narrativa que eles faziam circular (como se soldados adormecidos pudessem saber o que tinha acontecido ou que todos pudessem estar dormindo ao mesmo tempo, ou que os soldados romanos pudessem incriminar-se desse modo) torna sua aceitação muitíssimo inacreditável. Contudo a história foi largamente disseminada **entre os judeus** (sem artigo). Mateus, escrevendo particularmente sob o ponto de vista judeu, dá os sórdidos detalhes que explicam a fábula. A promessa do Sinédrio de persuadir Pilatos se ele tomasse alguma atitude significa que poderiam oferecer um suborno, ou que eles assegurariam ao governador que o Sinédrio estava satisfeito com o desempenho dos soldados.

**D. A Grande Comissão. 28:16-20.**

**16.** Este aparecimento aos **onze** na **Galiléia**, cumprindo instruções anteriores (26:32; 28:7, 10), é sem dúvida o aparecimento a "mais de quinhentos" mencionado por Paulo (I Co. 15:6). A Galiléia era o lar da

maioria dos discípulos de Cristo, e o lugar mais indicado para uma multidão como essa não ser molestada pelas autoridades.

**17. ... o adoraram; mas alguns duvidaram.** Reconhecimento verdadeiro de sua divindade pela maioria (conf. com o caso anterior de Tomé, Jo. 20:28); hesitação de alguns poucos. A dificuldade de compreender que esses duvidadores fossem alguns dos Onze, depois dos aparecimentos em Jerusalém, tem levado muitos a identificá-los entre os quinhentos de Paulo. Mateus, entretanto, apesar de não excluir certamente a presença dos outros, dificilmente poderia ter pensado neles. É melhor aceitá-lo como um surpreendente mas honesto comentário dos fatos, e mais ainda, como uma indicação de que os discípulos não eram um grupo crédulo, crendo apenas com base em "muitas e infalíveis provas" (Atos 1:3).

**18. Toda a autoridade me foi dada.** A comissão decorrente foi secundada pela autoridade daquele que é Rei mediador de Deus, com poder que se estende por todos os domínios.

**Fazei discípulos de todas as nações.** A tarefa de evangelizar e alistar homens sob o senhorio de Cristo. **Batizando-os.** O rito simbólico através do qual uma pessoa reconhece publicamente sua aquiescência pessoal à mensagem cristã.

**Nome do Pai e do Filho, e do Espírito Santo.** A fórmula completa a ser empregada, enfatizando o caráter distintamente cristão desse batismo quando comparada a tipos anteriores de abluções judias.

**20. Ensinando-os.** Inculcando os preceitos de Cristo como esboço da maneira própria de viver dos seus discípulos.

**E eis que eu estou convosco todos os dias.** Uma promessa bendita da presença de Cristo como também de que a sua autoridade concederá poder aos seus servos para a execução desta comissão.

# MARCOS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	Capítulo 15
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	Capítulo 16

## INTRODUÇÃO

**O autor.** Embora o Evangelho de Marcos não cite o nome do seu autor, temos evidências suficientes para identificarmos o mesmo. Todos os testemunhos disponíveis dos Pais da Igreja primitiva citam Marcos, o ajudante de Pedro, como sendo o escritor do livro. A tradição relacionada com a autoria de Marcos retrocede até Papias no fim do primeiro século ou logo no começo do segundo, e foi confirmada pelos escritos de homens tais como Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes e Jerônimo, como também no Prólogo Anti-Marcionita do segundo século. Que Marcos, o companheiro de Pedro, era o João Marcos de Atos 12:12, 25 e 15:37-39, não está especificamente declarado, mas essa tem sido a opinião geral entre os críticos com exceção dos mais radicais. Essa identificação foi feita por Vincent Taylor (*The Gospel According to Mark*, pág. 26), Harvie Branscomb (*The Gospel of Mark*, pág. xxxviii) e H. B. Swete (*The Gospel According to Mark*, pág. xix).

As evidências no próprio Evangelho estão de acordo com o testemunho histórico da igreja primitiva. É óbvio que o autor conhecia bem a Palestina, e Jerusalém em particular. Ele faz referências geográficas que estão corretas nos mínimos detalhes (11:1), revelando assim o seu conhecimento pessoal da área. Ele conhece o aramaico, a língua da Palestina, como indica o uso que faz dela (5:41; 7:34) como também pela evidência da influência do aramaico no seu grego. Que

estava familiarizado com as instituições e costumes judeus vê-se na familiaridade com a qual ele se refere a esses assuntos (1:21; 2:14, 16; 7:2-4). Todas essas características apontam um judeu da Palestina como autor; e de acordo com Atos 12:12, João Marcos encaixa-se nessa descrição, uma vez que morava em Jerusalém. Além do mais, temos indicações no Novo Testamento que Marcos e o apóstolo Pedro mantinham um relacionamento íntimo um com o outro. Tem-se observado que há uma semelhança notável entre o esboço geral do Evangelho de Marcos e o sermão de Pedro em Cesaréia (Atos 10:34-43), o que aponta para Pedro como a fonte principal do material que Marcos usou. A isto pode-se acrescentar a referência de Pedro feita a Marcos, chamando-o de seu filho (I Pe. 5:13).

Sobre tais bases, portanto, de evidências externas e internas, pode-se afirmar confiantemente que João Marcos, o filho de Maria, e o ajudante de Paulo e Pedro, foi o autor do segundo Evangelho. Ouvimos pela primeira vez sobre Marcos em Atos 12:12, onde se fala de uma reunião de oração na casa de sua mãe. Jovem ainda, viajou com Paulo e Barnabé até Perge em sua primeira viagem missionária (Atos 13:5, 13). Tendo ele retornado para casa em lugar de continuar com o grupo, Paulo recusou-se a levá-lo na sua segunda viagem (Atos 15:36-41). Então Marcos acompanhou seu primo Barnabé (Cl. 4:10) à ilha de Chipre. Bem mais tarde, ele aparece com Paulo durante a sua primeira prisão em Roma (Cl. 4:10; Fm. 23, 24). Esteve com Pedro na Babilônia (I Pe. 5:13) e Paulo, durante a sua segunda prisão, pediu a Timóteo que trouxesse Marcos a Roma porque tinha provado ser útil ao trabalho (II Tm. 4:11).

**Data e Local.** Não há nenhuma declaração explícita no Evangelho, nem no restante do Novo Testamento, da qual possamos constatar uma data específica para a origem do livro. Ultimamente a maioria dos mestres colocam-na entre 50 e 80 A.D., com preponderância de opiniões favorecendo 65-70 A. D. Nossa melhor base para a data é a informação que temos dos Pais da Igreja. Irineu diz: "Mateus também produziu um Evangelho escrito em hebreu em seu próprio dialeto, enquanto Pedro e

Paulo estavam pregando em Roma e estabelecendo os fundamentos da igreja. Depois de sua partida, Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, também escreveu para nós, anotando o que foi pregado por Pedro" (Irineu *Contra as Heresias* III 1.1). A palavra *exodon*, aqui traduzida para "partida", foi usada em Lc. 9:31, onde foi traduzida para "morte", referindo-se à morte de nosso Senhor. O apóstolo Pedro também usa a palavra aludindo à sua própria morte iminente (veja II Pe. 1:15). Que Irineu coloca a autoria de Marcos depois da morte de Pedro e Paulo ficou corroborado pelo Prólogo Anti-Marcionita, o qual declara de maneira explícita: "Depois da morte do próprio Pedro, ele escreve este mesmo evangelho. . . Tal evidência exige que se lhe dê uma data depois de 67 A. D., o ano provável do martírio de Paulo. Por outro lado, o fato de que a predição a destruição de Jerusalém (Mc. 13) não foi apresentada como cumprida pode indicar uma data anterior a 70 A. D. A data mais plausível, portanto, seria 67-70.

Embora Crisóstomo coloque a origem do Evangelho no Egito, temos muitos motivos para colocarmos o lugar do seu nascimento na cidade de Roma. Que esse é o caso ficou explicitamente declarado pelo Prólogo Anti-Marcionita e por Clemente de Alexandria, como também foi sugerido por Irineu.

**Leitores.** É quase unânime a opinião de que o segundo Evangelho foi dirigido à mente romana. O hábito de Marcos de explicar os termos judeus e seus costumes aponta leitores gentios (5:41; 7:24, 11, 34). As declarações de Clemente de Alexandria no sentido de que os que em Roma ouviram a pregação de Pedro insistiram com Marcos para que lhes providenciasse uma narrativa escrita é base suficiente para crermos que o Evangelho foi redigido para cristãos romanos. Que os leitores eram romanos pode ser confirmado pela presença de certos latinismos encontrados no livro. Que eles eram cristãos está plenamente confirmado pela introdução ao Evangelho, no qual se presume um conhecimento anterior da parte dos leitores. João Batista foi apresentado sem nenhum esforço de identificação; sua prisão foi citada como se os leitores já

conhecessem o fato; os termos *batizar* (1:4) e *Espírito Santo* (1:8) são usados sem qualquer explicação.

**Características.** Diversas peculiaridades notáveis da narrativa de Marcos fazem dela uma exceção entre os Evangelhos. O estilo foi descrito como pitoresco, enérgico e dramático. Um realismo vivo caracteriza tanto o estilo de Marcos como a sua narrativa simples dos fatos. Os acontecimentos foram descritos sem alteração ou interpretação extensa, e sua apresentação foi marcada pela qualidade da exatidão encontrada nas narrativas das testemunhas oculares. Um vigor pronunciado e uma nota de urgência podem ser sentidos em quase todas as passagens da obra. A palavra característica deste Evangelho de ação é *euthys*, o qual ocorre cerca de quarenta e uma vezes e foi traduzido para *logo, imediatamente, sem demora, dentro em pouco*. Os tempos gregos são usados com eficiência para aumentar o efeito dramático e descritivo da história de uma vida que já é dramática em virtude de sua natureza intrínseca. Em numerosos lugares aparecem palavras de vigor fora do comum, tais como "impeliu" (1:12), comparado com "conduzido" que aparece nos outros Evangelhos Sinóticos (Mt. 4:1; Lc. 4:1).

Em harmonia com essas peculiaridades entra a brevidade do livro propriamente dito e a narrativa concisa dos acontecimentos característicos (conf. Mc. 1:12, 13; Mt. 4:1-11).

**Conteúdo.** O Evangelho começa com um breve relato dos acontecimentos que deram início ao ministério público de nosso Senhor, isto é, seu batismo e tentação. Marcos omitiu assim, propositalmente é claro, qualquer referência ao nascimento e os primeiros trinta anos da vida de Cristo. Ele também não menciona o começo do ministério na Judéia, que foi registrado em Jo. 2:13 – 4:3. Sem qualquer explicação sobre os acontecimentos intermediários, o autor passa da tentação para o ministério na Galiléia. O primeiro período da obra ao norte da Palestina foi marcada por tremendo sucesso com multidões se ajuntando para ouvir o novo mestre, resultando em que ele achou necessário restringir

os ajuntamentos ao campo (Mc. 1:45). Vinha gente da Judéia e Iduméia para o sul da Peréia para o leste e de Tiro e Sidom para o norte (3:7, 8).

Quase simultaneamente, nosso Evangelho registra o começo da hostilidade a Cristo da parte dos líderes judeus. Esta oposição intensificou-se até se transformar em uma das características principais do segundo período da obra na Galiléia. Como resultado da inimizade desses líderes e da supersticiosa suspeita de Herodes Antipas, Jesus deu início a uma série de sistemáticas retiradas da região da Galiléia, sempre permanecendo na área em geral e freqüentemente retornando a Cafarnaum para uma rápida estada. Durante esses dias sua ocupação principal era de treinar os discípulos. A hora para a qual ele propositalmente se dirigia estava se aproximando rapidamente e foi nesse ponto que ele começou a preparar os seus, repetindo explicações, para a consumação de sua obra terrena com a morte e ressurreição.

Após as retiradas para treinamento dos discípulos, Marcos traça a última viagem de Cristo a Jerusalém através da Peréia. Ao fazê-lo nosso autor tornou a omitir considerável porção de material. Passou por cima de todo o ministério posterior na Judéia e a maior parte do trabalho além do Jordão na Peréia. De acordo com a característica brevidade do Evangelista, ele entra imediatamente na narrativa da Semana da Paixão. A este curto período Marcos dedica quase seis dos seus dezesseis capítulos, uma proporção inteiramente justificada quando se percebe que essa é a consumação proposital para a qual a vida de nosso Senhor se dirigiu.

## **ESBOÇO**

I. O título. 1:1

II. Preparação do ministério de Cristo. 1:2-13.

A. Seu Precursor. 1:2-8.

B. Seu Batismo. 1:9-11.

C. Sua tentação. 1:12, 13.

III. O ministério de Cristo na Galiléia. 1:14 – 6:30.

- A. A chamada dos quatro primeiros discípulos. 1:14-20.
- B. Primeira viagem missionária pela Galiléia. 1:21-45.
- C. O desenvolvimento da oposição oficial. 2:1 – 3:12.
- D. Escolha dos Doze. 3:13-19.
- E. Preocupação dos amigos de Cristo e as acusações dos seus inimigos. 3:20-35.
- F. Parábola à beira-mar. 4:1-34.
- G. Viagem à Gadara. 4:35 – 5:20.
- H. A mulher com uma hemorragia, e a filha de Jairo. 5:21-43.
- I. Outra viagem missionária pela Galiléia. 6:1-30.
- IV. As retiradas da Galiléia. 6:31 – 9:50.
  - A. Retirada para a praia ocidental do lago. 6:31-56.
  - B. Discussão da injustificada exaltação da tradição. 7:1-23.
  - C. Retirada para a região de Tiro e Sidom. 7:24-30.
  - D. Retirada para Decápolis. 7:31 – 8:9.
  - E. Retirada para Cesaréia de Filipe. 8:10 – 9:50.
- V. Ministério de Cristo na Peréia. 10:1-52.
  - A. Comentários sobre o divórcio, as crianças e a riqueza. 10:1-31.
  - B. Conversa a caminho de Jerusalém,. 10:32-45.
  - C. A cura do cego Bartimeu. 10:46-52.
- VI. Final do ministério de Cristo em Jerusalém. 11:1 – 13:37.
  - A. Entrada em Jerusalém e no Templo. 11:1-26.
  - B. Controvérsias finais com os líderes judeus. 11:27 – 12:44.
  - C. O apocalipse no Jardim das Oliveiras. 13:1-37.
- VII. A paixão e a ressurreição de Cristo. 14:1 – 16:20.
  - A. Traição e devoção. 14:1-11.
  - B. A paixão do Senhor. 14:12 – 15:47.
  - C. A ressurreição do Senhor. 16:1-20.

## COMENTÁRIO



## Marcos 1

### I. O Título. 1:1.

Essas palavras representam um título indicativo do conteúdo do livro como um todo. O **evangelho** aqui não é o livro, mas a mensagem, as boas novas da salvação por meio de Jesus Cristo. Os fatos da vida e morte de Cristo formara o **princípio do Evangelho**, o que significa que a pregação apostólica foi a continuação. **Filho de Deus**. Para Marcos, não menos do que para João, a divindade de Cristo é de primária importância, e assim ele a inclui no título do seu Evangelho.

### II. A Preparação para o Ministério de Cristo. 1:2-13.

#### A. Seu precursor. 1:2-8.

Passando por cima do nascimento e primeiros anos da vida de Cristo, Marcos volta-se imediatamente para os acontecimentos que introduziram o ministério público do Senhor. Conforme profetizado no V. T., Jesus foi precedido por um arauto enviado a preparar os homens para o seu aparecimento. João Batista veio como o último representante da velha ordem com o propósito expresso de introduzir a personalidade-chave da nova.

**2. Conforme está escrito.** Esta cláusula deve ser ligada ao versículo 4. O batismo e a pregação de João estavam de acordo com as Escrituras. Esta era uma fórmula usada para indicar "um contrato inalterável" (Adolf Deissmann, Paul. *A Study in Social and Religious History*, pág, 101). **Na profecia.** A citação aqui é provavelmente uma fusão de Ml. 3:1 e Êx. 23:20.

**3.** Esta porção da citação é uma reprodução quase exata da Septuaginta, em Is. 40:3.

**4.** A palavra **batizar** significa *mergulhar* ou *submergir* e assim se refere à imersão. Não era um rito inteiramente novo, uma vez que o

batismo dos prosélitos judeus era uma forma de auto-imersão (G. F. Moore, *Judaism in the First Three Centuries of the Christian Era*, I, 331-335). João proclamou o **batismo de arrependimento**, isto é, um batismo caracterizado por, e significando arrependimento. No N.T., o arrependimento tem um significado mais profundo do que o seu sentido original de mudança da mente. Passou a se referir a uma íntima mudança de direção e propósito, um afastamento do pecado em direção da justiça. Josefo tornou claro que este era o pré-requisito para o batismo de João (*Antiquities of the Jews*, XVIII, v. 2).

**Para remissão dos pecados.** A preposição grega *eis* era usada, às vezes, com o significado de "por causa de". Portanto, o significado pode ser que João batizava por causa do perdão dos pecados.

**5.** Falando em hipérbole, Marcos descreve as multidões que acorriam de todas as partes da Judéia. **Saíam a ter.** O imperfeito descreve, à moda de um filme, a vinda contínua de pessoas para serem **batizadas** (também imperfeito). O rito era realizado **no rio Jordão**, uma expressão que deve ser entendida literalmente.

**7.** Nos versículos 7 e 8 Marcos registra o âmago da mensagem do Batista. Ele **pregava**, ou proclamava como um arauto (kerussô), o fato da vinda de alguém. **Correia.** A tira de couro usada para amarrar as sandálias. João não se considerava digno de servir o Mestre nem mesmo na qualidade de escravo.

**8.** O derramamento do **Espírito Santo** era esperado como característica do período messiânico (Joel 2:28, 29; Atos 1:5; 2:4, 16-21). Todo o período compreendido entre o primeiro e o segundo advento de Cristo é considerado messiânico, marcado pelo ministério do Espírito.

## **B. Seu Batismo. 1:9-11.**

O ponto alto no ministério do precursor foi quando o "mais forte" do que ele veio se submeter ao batismo. Esse ato marcou o início oficial do ministério público de Jesus.

**9. No Jordão.** A preposição grega *eis* significando "em", "no", com as palavras "saiu da água" (v. 10) indica uma entrada no rio, sugerindo imersão. Respondendo à pergunta por que o Cristo sem pecado foi batizado com o batismo do arrependimento, pode-se dizer que esse foi um ato deliberado de identificação com os pecadores. Além disso, ele dava todo apoio ao ministério de João, e ser batizado era a coisa certa a fazer (Mt. 3:15).

**10.** Observe a primeira ocorrência do logo característico de Marcos (euthys); veja **Características**, na Introdução. A palavra de Marcos que foi traduzida para rasgar é muito incisiva no original, significando mesmo **rasgar, romper-se. O Espírito**. Conf. Is. 61:1; Atos 10:38.

### **C. Sua Tentação. 1:12,13.**

Marcos, em conciso sumário, registra a tentação de Cristo em dois versículos, onde Mateus e Lucas empregam onze e treze versículos respectivamente. O ministério do Salvador deveria começar desse modo. Mais ainda ele manifesta sua solidariedade com a humanidade submetendo-se às tentações do ser humano (I Co. 10:13).

**12. E logo.** A mesma palavra de 1:10.

A palavra **Espírito** refere-se ao Espírito Santo, tal como em 1:8, 10. A tentação de Jesus não foi um acidente inevitável. O vigoroso estilo de Marcos pode ser observado na palavra **impeliu**, quando outros Evangelhos usam "conduziu".

**13.** Veja comentários sobre Mt. 4:1-11 e Lc. 4:1-13 para detalhes da tentação. Que foi uma tentação genuína à qual Cristo achou necessário resistir pode-se deduzir de Hb. 2:18; 4:15. Foi uma realidade, não uma farsa, e por meio de sua terrível realidade Cristo foi qualificado a ser nosso Sumo Sacerdote e nosso Exemplo em momentos de tentação. Que ele não se entregaria às solicitações do tentador foi assegurado pela onipotência de sua santa vontade.

### III. O Ministério de Cristo na Galiléia. 1:14 – 6:30.

#### A. A Chamada dos Quatro Primeiros Discípulos. 1:14-20.

Novamente Marcos omite uma porção da vida e obra de Cristo, passando da tentação diretamente para o começo do ministério na Galiléia. Depois de uma declaração introdutória (vs. 14, 15), ele conta a chamada dos quatro pescadores para o discipulado.

**14. Depois de João ter sido preso.** Essas palavras sugerem que Marcos conscientemente passa por cima de um número de acontecimentos. Veja Jo. 1:35 - 4:42. **O evangelho. . . de Deus.** Provas encontradas em manuscritos são fortemente a favor da omissão das palavras **do reino**. A mensagem que Cristo continuou proclamando (*kerussōn*, ação contínua) durante o ministério na Galiléia foram as boas novas que vêm de Deus.

**15.** Marcos acrescenta uma amplificação da mensagem.

**O tempo está cumprido.** A estação (*kairos*) da preparação, o período do V.T., chegara à consumação de acordo com o plano de Deus (cons. Gl. 4:4).

**O reino de Deus** refere-se à soberania, ao reino real, de Deus (Arndt, pág. 134, 135). Essa sabedoria divina foi descrita como estando *próxima*, ou melhor, como *tendo se aproximado*. Não estava ainda presente de fato, mas potencialmente. Os termos da entrada eram:

**Arrependei-vos e crede no evangelho.** A mensagem de João foi uma mensagem de arrependimento, mas aqui se acrescentou uma observação nova e positiva. O reino nestes versículos é espiritual e presente (conf. Jo. 3:3, 5; Cl. 1:13). Em outras passagens, as Escrituras descrevem o reino futuro, escatológico.

**16. Simão e André** já conheciam o Cristo na qualidade de Messias (Jo. 1:40-42). Também é provável que João (Mc. 1:19) fosse um dos mencionados em Jo. 1:35-39, que seguiram Jesus.

**B. Primeira Viagem Missionária na Galiléia. 1:21-45.**

O ministério na Galiléia destacou-se por três viagens missionárias, nas quais Cristo sistematicamente levou a sua mensagem a todas as partes da Galiléia. A primeira e a terceira dessas viagens são contadas por Marcos. Nesta seção descreveu o ministério em Cafarnaum e no interior da Galiléia, colocando maior ênfase no primeiro. Versículos 21-34 descrevem um dia de atividades na cidade à beira-mar.

**21. Cafarnaum** era uma cidade importante na principal estrada para Damasco, sede de uma alfândega, a cidade dos cinco primeiros discípulos que Jesus chamou, como também o quartel-general do seu ministério galileu. **Ensinava.** Era costume convidar pessoas qualificadas para ensinarem na sinagoga.

**22. Maravilharam-se.** Uma palavra vigorosa, significando *impressionar intensamente*. **Doutrina.** A sua maneira de ensinar, como também o conteúdo, foi o que os impressionou, por causa da diferença que havia do ensino dos escribas. Estes últimos eram estudantes e mestres da lei escrita e oral, que ensinavam citando a palavra da autoridade dos escribas antes deles. Jesus falava como tendo autoridade direta de Deus.

**24. Que temos nós contigo?** Literalmente, "O que há entre nós?" O homem fala por si mesmo e pelo demônio que está nele.

**Bem sei quem és.** Ele tinha consciência da verdadeira identidade de Cristo como o **Santo de Deus**, indicando conhecimento sobrenatural concedido pelo demônio.

**25. Cala-te!** Uma palavra forte que significa *amordaçar*. A força da ordem é quase igual ao nosso "cala boca". **Sai.** Ambos os imperativos deste versículo são ordens para obediência imediata.

**26. Agitando violentamente.** O espírito convulsionou o homem ao deixá-lo.

**29.** Deixando a sinagoga, eles foram à casa de Simão, onde André, seu irmão, parece que morava. **Tiago e João** os acompanharam, mas não se deve entender que a casa também fosse deles. Provavelmente era a

casa citada em outras ocasiões posteriores que servia de quartel-general a Jesus e à qual ele retornava das suas viagens missionárias.

**30. Achando-se acamada com febre.** Marcos descreve a sogra de Pedro prostrada na cama e queimando de febre.

**32.** Esse ocupado dia em Cafarnaum era um sábado (v. 21), sendo esta provavelmente a razão da cuidadosa explicação de Marcos que os doentes foram trazidos **à tarde, ao cair do sol**. A cura não devia ser efetuada no sábado, como também não se devia carregar nenhum fardo. **Trouxeram-lhe.** O imperfeito grego significa ação contínua, significando que continuaram a trazê-los um depois do outro. **Endemoninhados.** *Daimonizomenous* significa "possuídos pelo demônio". Conf. 1:34, 39.

**34. Não lhes permitindo que falassem.** Os demônios estavam identificando Jesus como o **Cristo, o Filho de Deus** (Lc. 4:41) mas ele repetidamente recusou (gr. imperfeito) deixá-los falar. Esse conhecimento de sua pessoa é mais uma evidência de que não eram simplesmente casos de doença mental.

**35. Alta madrugada** refere-se à primeira parte da última vigília da noite, talvez entre as três e as quatro horas da manhã. Seu propósito era passar o tempo orando em preparação da viagem missionária que o devia levar a toda a Galiléia.

**39.** Nenhuma hipérbole foi pretendida na expressão, **por toda a Galiléia**. Pelo contrário, a intenção foi a de fornecer um breve resumo da primeira viagem missionária na Galiléia.

**40.** Sem dúvida a cura do leproso (vs. 40-45) aconteceu na viagem pela Galiléia. **Purificar-me.** A lepra era considerada cerimonialmente imunda (Lv. 13:1-3). Observe a fé do leproso na capacidade de Cristo.

**43. Veemente advertência.** O verbo de Marcos indica forte emoção, e foi usado aqui no sentido de uma advertência muito forte. No original significa *irado*.

**Logo o despediu,** ou, literalmente, *empurrou-o para fora* (*exebalen*; conf. 1:12).

**44. Não digas nada a ninguém; mas vai.** Devia apresentar-se imediatamente ao sacerdote cumprindo as exigências da Lei (Lv. 14:1 e segs.). Até que fosse declarado limpo pelas autoridades, não tinha o direito de reassumir seus relacionamentos sociais normais. Devia ser feito **para servir de testemunho ao povo**. Nenhuma testemunha seria mais forte nem teria mais autoridade do que a declaração que o sacerdote fizesse de que o leproso estava limpo.

**45.** Deixando o homem de obedecer imediatamente acrescentou tremenda popularidade a Jesus como operador de milagres. As multidões eram tão grandes que ele achou necessário realizar as reuniões **em lugares ermos**, isto é, lugares desabitados ou não cultivados. **Vinham ter com ele** como rios (*érchonto*, tempo imperfeito) vindos de todas as partes.

### **C. Desenvolvimento da Oposição Oficial. 2:1 – 3:12.**

O propósito do autor nesta seção é mostrar o desenvolvimento do conflito entre Cristo e as autoridades judias. A crescente popularidade do Senhor naturalmente devia despertar o desfavor delas, uma vez que a sua mensagem, pela sua própria natureza, era contraditória à crença e prática das mesmas. Conseqüentemente, em cada um dos cinco incidentes aqui registrados, os fariseus são apresentados murmurando entre si, ou abertamente levantando questões e objeções.

## **Marcos 2**

**1.** Esta volta à Cafarnaum marcou o final da primeira viagem à Galiléia. A expressão **dias depois** seria melhor entender-se como se referindo à sua volta. Conseqüentemente, o versículo seria "E quando entrou novamente em Cafarnaum alguns dias depois soube-se que estava em casa". A casa era provavelmente de Pedro (1:29) e este poderia muito bem ter relatado a Marcos a narrativa que se segue.

**3. Paralítico.** O homem foi chamado de *paralitikon*.

4. Uma casa antiga com o **eirado** plano devia ter uma escada que dava para cima, a qual poderia ter servido aos que carregavam o paralítico a subir sem dificuldade.

**Descobriram o eirado.** Isso foi feito cavando a massa de capim, estuque, tijolos e sarrafos, conforme indica o *exorysantes* de Marcos - fazendo um buraco.

O **leito** era um colchão ou um catre, do tipo usado pelos pobres.

7. Se uma pessoa aceita a suposição dos escribas de que Jesus era um simples homem, só pode chegar a mesma conclusão. Ele dizia **blasfêmia**. O conflito básico relacionava-se com a divindade de Cristo.

10. **Para que saibais.** A cura do paralítico tornou-se uma prova do poder do Senhor em perdoar pecados e, conseqüentemente, de sua divindade.

**Filho do homem.** Este é o título que Jesus escolheu para usar quase que exclusivamente para si mesmo. Seus antecedentes se encontram em Daniel e na literatura apocalíptica extra-bíblica dos judeus, onde se tornou uma designação do Messias (conf. Dn. 7:13, 14). **Poder.** A palavra grega significa **autoridade**.

12. Que ele levantou-se **logo** indica cura instantânea, tão completa que o homem pôde carregar seu próprio catre. O resultado foi que **admiraram todos**. Ficaram tão aturdidos que ficaram fora de si. O verbo *existêmi* significa "sair do lugar" ou "descontrolar-se".

13. A primeira acusação contra o Senhor na série de conflitos registrados por Marcos foi a acusação de blasfêmia (2:1-12). Uma segunda queixa levanta-se agora em 2:13-17 dizendo que Cristo se associava com os parias.

14. **Levi, filho de Alfeu** é o mesmo Mateus (Mt. 9:9; Mc. 3:18). **Alfândega.** A recebedoria. Cafarnaum ficava sobre a estrada que ia da Mesopotâmia para o Egito, como também ficava perto da junção da estrada que dava para Damasco. Sua localização perto dos limites do território de Herodes Antipas explica a presença do posto de pedágio.



**15. Achando-se à mesa.** O verbo significa *reclinar-se numa refeição*, a maneira costumeira de comer naquele tempo. **Na casa de Levi.** Conf. Lc. 5:29. **Publicanos.** Uma designação para os cobradores de impostos. O privilégio de cobrar impostos era comprado através do pagamento do imposto total exigido pelo governo. O cobrador ficava, então, livre para extrair o quanto possível do povo por meio da extorsão. Geralmente a cobrança propriamente dita era feita por cobradores menos importantes, classe estai qual Mateus provavelmente pertencia. Esses homens eram desprezados por causa dos serviços que prestavam a um senhor estrangeiro e por causa de suas práticas fraudulentas.

**16. Os escribas dos fariseus.** Os fariseus eram uma seita de leigos que seguiam rigorosamente os preceitos da lei escrita e oral, sendo meticulosos nos seus esforços de manter a pureza do cerimonial. Encaravam com desdém àqueles que não eram tão severos quanto eles na observância dos mandamentos, referindo-se a eles como "a multidão" (conf. Jo. 7:49). A classe chamada de **pecadores** aqui provavelmente incluía todos os que não eram fariseus.

**17. Os sãos.** Aqueles que são fortes e sadios. Jesus respondia às críticas do ponto de vista deles. Presumiam que eles mesmos eram justos e, portanto, não precisavam de ajuda. Jesus fala como o médico cuja obrigação é ajudar os doentes.

**18.** O próximo incidente registrado por Marcos é a interrogação relativa ao jejum (2:18-22). **Jejuam.** O grego diz simplesmente que eles **jejuam**. Talvez exatamente a ocasião da festa de Levi fosse um dia de jejum, uma vez que os fariseus costumavam jejuar duas vezes por semana, nas segundas e quintas-feiras (Lc. 18:12). A natureza do ministério de João e de sua mensagem estava em harmonia com a observância do jejum.

**19. Os convidados para o casamento.** Literalmente, filhos das bodas. Eram os amigos íntimos do noivo que serviam de seus assistentes, uma figura que foi usada aqui para se referir aos discípulos de Jesus.

Cristo veio para anunciar notícias alegres (conf. 1:14, 15); com tal mensagem de alegria, o jejum era completamente incongruente.

**21. Pano novo.** É o pano que não foi tratado pelo pisoador, que não está encolhido nem engomado. **O remendo novo.** Uma tradução mais aproximada do original seria *para que o tecido* (isto é, o remendo) *não o rasgue, arrancando o novo do velho*. Quando o remendo que não foi encolhido for molhando, vai encolher e rasgar o velho que já foi anteriormente lavado e encolhido. Portanto não é bom tentar remendar o sistema velho com o novo.

**22. Odres velhos.** Recipientes, para conter vinho, feitos de couro. A distensão causada pela fermentação do **vinho novo** arrebentaria os odres velhos porque já foram distendidos ao máximo. Portanto não é possível confinar à estrutura do velho legalismo à vitalidade da experiência nova produzida pela fé em Cristo.

**23.** As duas outras ocasiões de oposição a Cristo relacionada com atividades no sábado (2:23 – 3:6). **Searas.** Os discípulos estavam colhendo espigas de cevada ou trigo.

**24. O que não é lícito.** Ele não objetara à apropriação das espigas, pois a Lei o permitia (Dt. 23:25); estavam criticando o trabalho manual realizado no sábado. No seu zelo de guardar a letra da Lei nos mínimos detalhes, eles encararam o colher das espigas como sendo trabalho e assim uma violação de Êx. 20:10.

**25.** Jesus respondeu citando **o que fez Davi** certa vez, conforme registrado em I Sm. 21:1-6. Sua pergunta exigia a resposta afirmativa. A característica notável do incidente encontra-se na declaração **quando se viu em necessidade**. Cristo está declarando que a necessidade humana supera todo o mero ritual e cerimônias.

**27. O sábado** não fora criado com a intenção de ser um déspota insensível o qual o homem deveria servir fosse qual fosse o custo; antes, fora concedido ao homem por causa de sua necessidade de descansar.

**28. Senhor também do sábado.** Cristo não estava declarando sua liberdade de violar a lei do sábado, mas antes declarava sua qualificação de interpretar essa lei.

### Marcos 3

**3:1.** A segunda controvérsia relacionada com o sábado e registrada por Marcos (3:1-6) ocorreu na **sinagoga**, provavelmente em Cafarnaum, uma vez que 3:7 fala de retirar-se **para o mar**.

**2.** Os críticos do Senhor **estavam observando** persistente e rigorosamente. O verbo indica uma posição maliciosa de esperar para poder apanhar uma pessoa numa armadilha. A prática da medicina no sábado era proibida pela tradição rabínica a não ser que a pessoa estivesse às portas da morte, que não era o caso nesta instância. Conseqüentemente, se Cristo curasse o homem, os judeus estariam prontos **para o acusarem** como violador do sábado.

**4. É lícito?** A pergunta de Jesus retrocede ao princípio da necessidade que já foi discutida na discussão anterior sobre o sábado. Atender a necessidade desse homem seria **fazer o bem**; deixar de atender seria **fazer o mal. Eles calaram-se.** O imperfeito grego descreve-os persistindo em seu silêncio. Responder seria prejudicial. Obviamente, fazer o mal não era permitido pela lei, e fazer o bem seria curar o homem.

**6. Os herodianos** não eram por assim dizer uma seita religiosa. Eram, antes, homens politicamente devotados à família de Herodes. Conseqüentemente, não tinham verdadeira afinidade com os fariseus, que odiavam zelosamente a dominação estrangeira; mas um oponente comum pode criar estranhas coligações entre inimigos.

**7.** O incidente registrado nos versículos 7-12 fornece outro vislumbre da fama muito difundida do Senhor, que trazia gente de perto e de longe para vê-lo e ouvi-lo. A multidão se compunha de pessoas de todas as províncias com exceção de Samaria, até mesmo de áreas

externas da Palestina, tais como Tiro e Sidom (vs. 7, 8). **O mar** para o qual **retirou-se Jesus** era o Mar da Galiléia.

**9. Um barquinho.** A multidão era tão grande que chegava a oprimi-lo (*thlibô*), ficando Jesus em perigo de ser esmagado. Portanto o barco devia ficar **pronto. . . junto dele** para que pudesse entrar no mesmo se fosse necessário escapar à pressão da multidão.

**10.** Essa grande popularidade desenvolveu-se **pois curava a muitos**. O grande desejo dos doentes e aflitos de receberem ajuda está evidente nas palavras . . . **se arrojavam a ele**. Marcos diz ao pé da letra que eles praticamente se jogavam sobre o Senhor, tal era a sua ansiedade de se aproximarem dele. O verbo é contínuo no sentido, descrevendo ação continuada.

**11.** Veja comentários sobre 1:24, 34.

#### **D. A Escolha dos Doze. 3:13-19.**

Desde o começo do seu trabalho na Galiléia (1:14) até a escolha dos doze, Jesus experimentou sucesso notável em alcançar o povo com a sua mensagem. Ele tinha acesso às sinagogas, e a oposição oficial estava apenas começando a se solidificar. Durante esses dias ele estava agrupando à sua volta um grupo de seguidores dentre os quais selecionaria um grupo permanente de discípulos. Em contraste, o segundo período do ministério na Galiléia foi marcado pela presença dos doze discípulos como ajudantes escolhidos de Cristo. O ministério às multidões prosseguiu, mas houve também um esforço da parte de Jesus de começar a instrução dos seus discípulos. Sua popularidade com o povo simples e a oposição dos líderes continuaram a se desenvolver até que finalmente tornou-se necessário que ele se retirasse da Galiléia.

**13.** A escolha dos discípulos aconteceu em um **monte**, provavelmente nas vizinhanças de Cafarnaum. Parece que Jesus pediu a um grupo maior que o acompanhasse na viagem até a região montanhosa.

**14.** Desse grupo maior ele selecionou os **doze** que ele designou como seus apóstolos (conf. Lc. 6:13). **Designou** é o verbo grego que melhor traduz (*epoésen*; literalmente, *fez*). O propósito da nomeação era duplo: para estarem com ele (companhia e treinamento) e para que pudessem sair e pregar e expulsar demônios (v. 15).

**16.** Em relação à ocasião quando Simão foi chamado de **Pedro**, veja Jo. 1:42, onde o nome aramaico, **Cefas**, foi usado em lugar do grego, **Pedro**.

**17. Boanerges.** Este lado de suas personalidades pode ser visto em Lc. 9:54.

**18. André.** O irmão de Pedro (Jo. 1:40,41). **Bartolomeu.** Identifica-se com Natanael (Jo. 1:45-51; 21:2). **Tiago, filho de Alfeu,** pode ser o mesmo Tiago menor (Mc. 15:40). **Tadeu** é o mesmo Judas, irmão de Tiago menor (Lc. 6:16). **Simão o zelote.** O nome encontrado nos melhores manuscritos gregos é *kananaion*, uma transliteração do termo aramaico que significa "zelote". Parece que Simão, antes de ser discípulo de Cristo, era membro do fanático partido patriota dos zelotes, que estavam a favor da revolta imediata contra o poderio romano.

**19.** É nesta altura que Mateus e Lucas colocam o Sermão do Monte.

**20. Para casa.** Uma expressão que significa "voltar para casa". Provavelmente Cristo retornou à casa de Pedro em Cafarnaum.

### **E. A Preocupação dos Amigos de Cristo e as Acusações dos Seus Inimigos. 3:20-35.**

Estes versículos indicam as atitudes dos amigos e inimigos em relação a Jesus. Ambos os grupos o interpretaram mal, com o resultado de que seus amigos preocuparam-se demais com o seu bem-estar, enquanto seus inimigos voltaram-se contra ele com acusações viciosas.

**20. Que nem podiam comer pão.** Marcos dá um vislumbre das grandes multidões que continuamente vinham ouvir e ver Cristo. **Pão** deve ser entendido como uma referência ao alimento em geral.

**21. Os parentes** que se preocuparam eram de fato membros da família, que é a conotação normal da frase grega, *hoi par' autou*. Parece que sua mãe e seus irmãos ficaram sabendo, lá em Nazaré, de suas incessantes atividades. Seu propósito era de o **prender** e de levá-lo à força com eles, porque achavam que ele estivesse esgotado e mentalmente perturbado.

**22.** Quando a família chegou a Cafarnaum, encontrou o Senhor ocupado discutindo com **os escribas . . . de Jerusalém**. A discussão surgiu por causa das repetidas acusações dos **escribas** (gr., imperfeito, *elegon*) que Jesus estava aliado ao poder satânico. **Belzebu**. A origem e o significado da palavra não são conhecidos, mas obviamente foi usada nesta ocasião referindo-se ao diabo, o **maioral dos demônios**. A acusação era que Cristo recebera poder do próprio Satanás e que através dele expulsava demônios.

**23.** Jesus tomou a iniciativa e **convocando** os seus acusadores, convidou-os a enfrentá-lo face a face. A lógica que usou contra aqueles acusadores foi irrefutável. Se concordassem que os demônios são servos de Satanás, então seria ilógico assegurar que Ele estivesse expulsando os seus próprios servos. Este argumento o Senhor reiterou em 3:24-27, corroborando-o com uma série de ilustrações.

**27. O valente** deve representar Satanás. Expulsar demônios é entrar **na casa e roubar-lhes os seus bens**. Cristo estava afirmando que, em vez de estar aliado a Satanás, Ele estava ocupado em combater o mesmo.

**29. Blasfemar contra a Espírito Santo** é o ato de injuriar, vilipendiar, falar maliciosamente contra a Espírito. Para tal pecado não haverá **perdão** nunca. **Visto que é réu, culpado, intimado**, tem o sentido de estar sob o seu domínio. Todos os melhores manuscritos dão **pecado eterno** em lugar de **eterno juízo**.

**30. Porque diziam.** A declaração dos escribas revela a natureza de sua ofensa eterna. Eles explicavam os milagres de Cristo como exorcismo realizado pelo poder de Satanás, quando na realidade eram realizados pelo Espírito Santo. Entretanto, não devemos interpretar esta

passagem como se ensinasse que uma simples declaração contra o Espírito seja pecado imperdoável, pois isto seria contrário ao ensino geral das Escrituras que todo e qualquer pecado será perdoado à alma arrependida. A essência do "pecado eterno" é a atitude do coração que sustenta o ato. À luz das Escrituras, considerando-as como um todo, esta atitude só pode ser um estado de espírito fixo e impenitente que persiste na rejeição rebelde das propostas do Espírito Santo.

**31.** Enquanto Jesus estava ocupado nesta discussão com os escribas, chegaram **sua mãe e seus irmãos e mandaram chamá-lo**. Parece que fizeram a viagem de Nazaré a fim de levá-lo com eles para casa para descansar e se recuperar, pois é o que pensavam que estava precisando (conf. 3:20, 21). **Irmãos.** Veja comentários sobre 6:3.

**33.** Cristo aproveitou esta ocasião oportuna para destacar a importância de se relacionar com ele espiritualmente.

**35.** A entrada na família de Deus se consegue fazendo **a vontade de Deus**, e tal obediência começa ouvindo, crendo e seguindo o Filho de Deus.

## **Marcos 4**

### **F. Parábolas à Beira-mar. 4:1-34.**

Aqui vem à tona um diferente método de ensino. Ainda que Cristo usasse o ensino alegórico até um certo ponto anteriormente, só nessa ocasião do seu ministério ele começou a empregá-lo como veículo importante de expressão. Conforme as multidões foram aumentando, a oposição se intensificando e os seguidores superficiais foram se multiplicando, Jesus adotou a parábola como meio de instrução dos seus próprios discípulos, de um lado, e do outro escondendo a substância do seu ensino dos ouvintes superficiais e antagônicos. Nessa ocasião ele usou as parábolas para ilustrar certas características do Reino.

**1.** O cenário para a apresentação da primeira dessas parábolas foi **à beira-mar**, que presume-se seja o Mar da Galiléia. Novamente a pressão

da multidão obrigou o Senhor a falar ao povo de dentro de um barco um pouco afastado da praia.

**4.** O solo **à beira do caminho** ficou endurecido com a passagem de muitos pés, de modo que a semente ficou na superfície à vista de todos, e as aves a comeram.

**5, 6.** A segunda área onde a semente caiu foi **solo rochoso**, que não deve ser entendido como terra contendo pedras, mas uma rocha coberta com fina camada de terra. O calor do sol primeiro transformou esse solo em um viveiro que produziu rápida germinação e, a seguir, em uma fôrnalha que **queimou e secou** a tenra plantinha.

**8.** E o restante da semente foi semeado em **boa terra**. É simplesmente razoável que se presuma que a maior parte da semente fosse semeada nesse tipo de solo, e não apenas 25 por cento, como se declara às vezes. **Vingou e cresceu**. Não foi o fruto que vingou. Esses dois participípios referem-se à palavra outra, e portanto foi a semente que cresceu.

**11. O mistério.** Nas misteriosas religiões pagãs, os iniciados eram instruídos nos ensinamentos esotéricos do culto, que não eram revelados aos de fora. Sobre o reino de Deus, veja comentários em 1:15. **O mistério do reino** é em última instância a mensagem total e completa do Evangelho (conf. Rm. 16:25, 26). O propósito das **parábolas** era instruir os iniciados sem revelar os itens da instrução àqueles que estavam **de fora**. Isso está de acordo com o princípio bíblico que a compreensão espiritual restringe-se àqueles que se tornaram espirituais pelo devido relacionamento com Cristo e sua mensagem (I Co. 2:6 e segs.).

**12.** Que esse era o propósito de Cristo ao usar as parábolas foi mais adiante confirmado por uma citação do V. T. A citação foi introduzida com a conjunção grega *hina* (que), a qual neste exemplo não pode ter um significado resultante mas deve indicar propósito (Alf, 1, 333). Este versículo é uma tradução livre de Is. 6:9, 10, dando a substância, mas não reproduzindo o enunciado exato da passagem profética.



**14. O semeador** (v. 3) não foi identificado, mas obviamente representa o próprio Cristo e todos os outros que proclamam o Evangelho. A semente é **a palavra**, a qual é, conforme Lucas explica, a palavra de Deus, ou a mensagem que vem de Deus.

**15.** As aves de 4:4 representam Satanás, que se aproxima daqueles que ouvem a mensagem e evita que haja germinação da semente. Tais pessoas ouvem simplesmente a palavra, e isso é tudo.

**16.** Cons. versículos 5, 6. Alguns ouvintes da palavra **recebem-na** com alacridade. A aparência de sinceridade e alegria genuína estão presentes.

**17.** A declaração de que **não têm raiz** indica a superficialidade de sua recepção da palavra. **São de pouca duração**, ou transitórios, que é a tradução para *proskairoi*. O calor do sol (v. 6) ilustra a vinda da **angústia ou perseguição**, que logo se transformam em pedra de tropeço, e eles se afastam porque a sua experiência com a palavra não é genuína.

**19.** Cons. 4:7. Os **cuidados** são ansiedades e preocupações relativas aos interesses desta presente era de impiedade (**mundo** é uma tradução imprecisa de *aion*, que se refere a um período de tempo).

**A fascinação das riquezas** refere-se à natureza enganadora da riqueza, sempre prometendo satisfazer mas sempre incapaz de cumprir a promessa. O terceiro impedimento é o anseio ou desejo **das demais ambições**, uma categoria geral incluindo tudo mais que poderia sufocar a palavra e torná-la **infrutífera**.

**20.** Cons. 4:8. A boa terra significa as pessoas que **ouvem a palavra e a recebem**. Um comentário sobre o significado de **recebem** encontra-se em Mt. 13:23 e Lc. 8:15. São pessoas que ouvem, que entendem, que são sinceras e que se apropriam da mensagem do Evangelho permanentemente.

**21.** As palavras de 4:21-25 são declarações gerais que Cristo parece ter usado em diversas ocasiões (sobre v. 21 cons. Mt. 5:15; sobre v. 23 cons. Mt. 11:15; 13:9, 43; Lc. 14:35; sobre v. 24b cons. Mt. 7:2; sobre v. 25 cons. Mt. 25:29). O propósito de Cristo nesta ocasião era enfatizar a

responsabilidade que recai sobre o ouvinte das parábolas. Aquele que foi iluminado deve, por sua vez, iluminar os outros (Mc. 4:21-23). **Candeia** é a melhor tradução. **Alqueire**. Não o mesmo alqueire de hoje; equivale ao celamim. O velador era uma haste de madeira para suporte do candeeiro aberto alimentado a azeite que se usava naquele tempo.

**25. Ao que tem.** O princípio apresentado nesta declaração deve ser aplicado especificamente ao reino da verdade e sua apropriação. Aquele que toma posse da verdade e a usa receberá maior esclarecimento, mas aquele que se recusa a apropriar-se da verdade perderá até mesmo o conhecimento da verdade que uma vez possuiu.

**26.** A segunda parábola sobre o Reino que Marcos registra é a do solo que produz espontaneamente (vs. 26-29). Na realidade, ela recomeça no ponto onde a Parábola do Semeador parou, prosseguindo exatamente na descrição do crescimento da semente que produz fruto. O aspecto do reino que está se considerando é o aspecto presente, espiritual, na sua realidade interna como também nas suas manifestações externas. Este reino se estende pela semeadura da **semente** da palavra (cons. v. 14).

**28.** O motivo por que a terra **por si mesma frutifica** (*automatê*, "automaticamente") é que a semente contém vida, a qual, quando colocada no ambiente adequado, produz crescimento. A característica do reino da graça presente e espiritual, conforme apresentado por esta parábola, é que a mensagem do Evangelho pela sua própria natureza, quando semeado nos corações dos homens produz crescimento e frutifica espontaneamente.

**30.** A terceira parábola de Marcos relativa ao Reino refere-se à semente da mostarda (vs. 30-32).

**31.** Aqui o Reino foi comparado à **um grão de mostarda**. Muito se tem escrito sobre a identificação desta planta, mas parece melhor considerá-la como sendo a mostarda negra comum, que tem a semente do tamanho da cabeça de um alfinete (Harold N. and Alma L. Moldenke,

*Plants of the Bible*, págs. 59-62). Sua semente é uma das menores conhecidas pelo povo da Galiléia.

**32.** O fenômeno notável dessa planta de mostarda particular é que, embora seja um arbusto, pode chegar à altura de dez ou doze pés, com a haste da grossura do braço de um homem e constitui lugar de pouso para uma variedade de aves de porte pequeno. Esta parábola fala do desenvolvimento ulterior das características do reino de Deus presente e espiritual. O ponto principal aqui é que a semente da mensagem do Evangelho produzirá crescimento fenomenal. De pequenos começos, o Reino, que apenas aproxima-se na pessoa de Cristo (1:14, 15), em razão de sua própria vitalidade interior e sobrenatural, crescerá em proporções tremendas. Isto não significa que o resultado será a conversão do mundo, nem que os homens pelos seus esforços estabelecerão o reino de Deus na terra como um desenvolvimento utópico, nem que o Reino e Igreja sejam idênticos. A parábola descreve, entretanto, o reino da graça incluindo multidões de pessoas redimidas que através dos anos vieram engrossar suas fileiras até atingirem um tamanho fenomenal.

### **G. Viagem a Gadara. 4:35 – 5:20.**

Provavelmente por necessidade de isolamento e descanso, Jesus propôs uma viagem através do lago da Galiléia. Com a vivacidade tão característica de nosso autor, Marcos apresenta uma narrativa pitoresca da tempestade que foi apaziguada (4:35-41) e da libertação do homem endemoninhado que Cristo encontrou do outro lado (5:1-20).

**37. Grande temporal de vento** era típico do Mar da Galiléia, situado em uma bolsa, como se encontrava, com montanhas por todos os lados. O levantamento do ar quente do dia permitia ao ar mais frio das colinas descer rapidamente sobre o lago pelas ravinas girando e rodopiando, o que agitava as águas em fortes tempestades. A narrativa de Marcos é cheia de vida, levando seus leitores para o próprio cenário da ação. **As ondas se arremessavam contra** (gr. imp.) o barco e este já estava a encher-se (gr. pres.) **com água**.

**39.** Apresentando um contraste, Marcos narra a ordem que Cristo deu à tempestade. O aoristo grego mostra que ele **repreendeu** o vento uma vez (ação imediata), e houve **grande bonança** (gr. aoristo). Não houve necessidade que o Senhor repetisse a sua ordem, pois suscitou obediência imediata.

**Acalma-te, emudece!** Literalmente, *Fique quieto. Cale a boca*. Lenski traduz o perfeito imperativo da segunda ordem de Cristo de maneira interessante, "Coloque a mordaca e a mantenha em seu lugar" (R. C. H. Lenski, *The Interpretation of Mark's Gospel*, pág. 201).

**40. Tímidos.** Cristo os repreendeu por causa do seu medo covarde, e transformou a ocasião em um estímulo para a fé. Ele sugeriu que se a confiança deles estivesse firmada em Deus, mesmo que ele estivesse dormindo, eles não teriam motivos para temer.

**41. Possuídos de um grande temor.** O termo grego que foi usado aqui não é o mesmo do versículo 40. Esta palavra pode significar "medo ou temor reverente e respeitoso". Apesar de todas as grandes obras que os discípulos testemunharam, este milagre foi tão fenomenal que ficaram imaginando quem realmente seria o seu mestre. **Quem é este?**

## Marcos 5

**5:1. Os gerasenos.** Os manuscritos gregos dividem-se entre três diferentes nomes nesta passagem – gadarenos, gerasenos e gergesenos. Há mais indícios que favorecem gerasenos, um termo que alguns consideram referente a bem conhecida Gerasa, vinte milhas ao sudeste do Mar da Galiléia. Há, portanto, bons motivos, para crermos que Marcos se refere a uma cidadezinha do mesmo nome no litoral ocidental, cujas ruínas chamam-se hoje em dia Querseia (cons. Harvie Branscomb, *Mark*, págs. 89, 90).

**3.** Este homem morava habitualmente **nos sepulcros** ou entre as sepulturas, como indica o imperfeito grego. Alcançara um estado tão extremo que não podia ser amarrado por ninguém, nem mesmo **com cadeias**.

4. A impossibilidade de prender o homem foi dramaticamente enfatizado pelos termos e tempos vigorosos. Os **grilhões** eram usados nos pés. Quantas vezes foi amarrado estraçalhou **as cadeias** e esmigalhou os **grilhões**. **Ninguém podia subjugar-lo**. O texto grego indica que ninguém tinha forças suficientes para amansar esta besta humana.

5. **De dia e de noite**, continuamente (texto grego) **clamando**, dando gritos e guinchos e **ferindo-se com pedras**. O último verbo está na forma intensiva, significando que ele se cortava todo ou se reduzia drasticamente em pedaços.

7. **Jesus, Filho do Deus Altíssimo**. Uma indicação notável de conhecimento sobrenatural. O homem sofredor tinha consciência do nome humano de Jesus e também de sua Divindade, embora este, conforme parece, fosse o seu primeiro encontro com Cristo. Tal conhecimento é prova que o homem não estava simplesmente louco; estava habitado por poderes demoníacos que conheciam a verdadeira identidade de Cristo. **Não me atormentes**. Mateus 8:29 diz, "Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?" E Lc. 8:31 fornece maiores esclarecimentos contando que eles lhe pediram que não os enviasse "para o abismo". O tormento do qual falavam os demônios é o castigo final depois do dia do juízo; eles pediram que não os aprisionasse no abismo antes do tempo.

9. A pergunta, **Qual é o teu nome?** foi endereçada ao espírito imundo (demônio) mencionado no versículo 8. Este mesmo espírito responde em 5:9, 10. Já por outro lado, no versículo 12, todos os demônios falaram. **Legião**. Uma unidade do exército romano que consistia de mais de 6.000 homens. **Somos muitos**. Um demônio era o porta-voz dos muitos outros que tinham se apossado do homem.

10. O significado da frase, **para fora do país**, encontra-se na referência que Lucas faz ao **abismo** (8:31). Eles temiam ir ao lugar da prisão onde teriam de permanecer sem corpo até o julgamento.

12, 13. Em lugar de serem desincorporados imploraram que fossem enviados **para os porcos**. A questão persistentemente provocada por esta

passagem refere-se à ética da atitude de Jesus, resultando, como aconteceu, na destruição da propriedade alheia. Uma resposta comum tem sido que os judeus não deviam possuir porcos, e que Cristo assim repreendeu-os por contrariarem a lei de Moisés. Mas considerando que a região de Decápolis continha uma população mista de judeus e gentios, não temos certeza se os proprietários eram judeus ou que esse fosse o propósito da atitude de Jesus. Observe que ele não ordenou aos demônios que entrassem nos porcos; apenas permitiu. Foram os demônios, não o Senhor, que causaram a destruição. O fato de Cristo ter permitido o ato não o torna mais responsável do que Deus é responsável pelo mal de qualquer qualidade só porque o permite. O diabo afligindo Jó é um exemplo disso (Jo 1:12; 2: 6, 7).

**15. Temeram**, não do homem curado, mas do notável poder que o tinha curado. Estavam conscientes do poder sobrenatural na pessoa de Cristo mas inconscientes do seu infinito amor e misericórdia.

**17.** Sem o saber, imploraram à fonte da bênção e salvação em potencial que **se retirasse** do seu território.

**18.** Enquanto Jesus entrava no barco, o endemoninhado já curado continuou rogando que **o deixasse estar com ele**. Só ele, entre todos os seus contrerrâneos, viu em Jesus, não alguém a temer, mas alguém a amar.

**19. Jesus, porém não lho permitiu.** Isto é, não permitiu que o acompanhasse. Em lugar disso, ordenou-lhe que fosse a sua própria gente e lhe contasse **tudo quanto o Senhor te fez**. Um princípio básico está sob a ordem de Cristo. O homem não é liberto da escravidão apenas para o prazer de desfrutar a liberdade concedida por Deus, mas também para dar o seu testemunho aos outros em relação ao divino Libertador. Nas terras ao leste do Mar da Galiléia não havia motivos para se temer qualquer crise causada por excesso de popularidade. Por isso o endemoninhado curado foi estimulado a espalhar a sua história. **Teve compaixão.** O verbo grego significa ter *compaixão* ou *piedade* de alguém.

**20. Em Decápolis.** Esta região fica ao sudeste do Mar da Galiléia, que continha dez cidades (*deka*, "dez"; *polis*, "cidade") com cultura e organização gregas.

### **H. A Mulher com Hemorragia e a Filha de Jairo. 5:21-43.**

Nos versículos seguintes foram descritos dois milagres notáveis. A cura da mulher que tinha uma hemorragia, que se realizou sem qualquer ato aparentemente cômico da parte de Cristo. A ressurreição da filha de Jairo foi o segundo exemplo no ministério de Cristo de restauração de vida aos mortos (cons. Lc. 7:11 e segs.).

**22. Jairo era um dos principais da sinagoga,** que o identifica como um dos anciãos que estavam encarregados do serviço da sinagoga que Jesus freqüentava em Cafarnaum.

**23. Insistentemente lhe suplica.** Ele continuou implorando, talvez repetidas vezes e com desespero. **Filhinha.** Todos os comentaristas acham que o diminutivo indica um termo carinhoso. **Está à morte.** Uma boa paráfrase do texto grego, que indica que ela estava no último estágio de sua doença. O grego de Marcos descreve com muita vida a angústia desse pobre pai ao rogar em frases entrecortadas: "Minha filhinha está às portas da morte – que venhas e . . ."

**24. A multidão** que seguia Cristo continuou amontoando-se ao redor dele (imp. gr. *synethlibon*).

**25. De uma hemorragia.** Nenhum dos Evangelhos descreve especificamente a natureza desta hemorragia a não ser que era uma doença crônica.

**26. Marcos é muito franco em seus comentários referentes à experiência da mulher com vários médicos.** Ela foi de um médico a outro em busca de cura. Mas em lugar de ser curada, sofreu muito nas mãos deles, gastou tudo o que tinha e ainda piorou. Lucas, o médico, não é tão rude na sua descrição (Lc. 8 : 43).

**27. A multidão** que continuou a assediá-lo.

**28.** (Ela) **dizia**. "Ela continuou dizendo" (imp. gr.), provavelmente a si mesma.

**29, 30.** Esta cura foi excepcional, não simplesmente porque foi instantânea mas porque aconteceu sem qualquer participação aparentemente cônica de Cristo. Entretanto, Jesus **logo** tomou conhecimento do que aconteceu. Não devemos imaginar que o tocar nos vestidos tivesse algum efeito mágico, mas que Jesus em sua onisciência reconheceu o toque da fé e satisfaz o desejo da mulher. Pode-se também aceitar que a cura não fosse um ato consciente de Cristo, e que foi Deus o Pai que curou a mulher. Neste caso, Jesus, na limitação de sua humanidade, não o percebeu até que o milagre aconteceu. **Poder**. Era "poder" (gr., *dynamis*) que operou a cura. A pergunta, **Quem me tocou?**, pode ter sido feita a fim de revelar o milagre à multidão, se aceitarmos que a cura foi conscientemente operada por Cristo. Caso contrário, Cristo pode ter perguntado para sua própria informação.

**31.** Como de costume, a maneira pitoresca de Marcos usar os tempos dos verbos esclarece-nos. Ele conta que os seus discípulos continuaram insistindo, "Não vês que a multidão te aperta continuamente. . ."

**32.** Evidentemente a mulher não foi percebida à primeira vista, pois Marcos diz que ele continuou olhando **em redor** (gr. tempo imp. voz média).

**34. Tua fé.** Vemos a fé desta mulher em ação em 5:27, 28, uma tão forte confiança que ela não achou necessário captar a atenção de Jesus. **Te salvou. . . fica livre do teu mal.** A primeira expressão significa literalmente **te salvou**, referindo-se à salvação da aflição física. A segunda expressão significa **tenha saúde**, e é um imperativo presente, significando que ela devia continuar tendo saúde.

**35.** A pergunta dos mensageiros, **Por que ainda incomodas?** indica que eles não esperavam uma restauração à vida. Mestre. O texto grego diz *didaskalon*, "professor".



**36.** Jesus, ignorando os comentários, disse ao doutor, "Pare de temer! Continue crendo!" Os dois verbos se encontram no tempo presente no grego. A notícia desencadeou o medo no coração do homem, mas Cristo insistiu com ele a não abandonar sua fé anterior.

**38. O alvoroço.** Entre os judeus a lamentação pelos mortos era algo que nada tinha de moderação a respeito. Pranteadoras profissionais eram alugadas para que houvesse uma demonstração de tristeza. Mateus 9:23 menciona tocadores de flauta e a multidão que também estava fazendo tumulto.

**39.** A impropriedade da demonstração levou Cristo a perguntar, **Por que estais em alvoroço?** ou, mais literalmente, "Por que vocês estão fazendo tão grande gritaria?" A declaração de que a menina **não** estava **morta** mas dormindo tem sido interpretada por alguns que ela não estava realmente morta mas em estado de coma. Entretanto Lc. 8:55 diz que o **seu espírito voltou**, indicando que ela estivera morta. A referência de Cristo à morte chamando-a de sono foi interpretada como uma sugestão de que a condição era temporária e que a pessoa despertaria novamente.

**40.** Os pranteadores, interpretando literalmente a figura de linguagem de Jesus, riram (gr., imp.) dele, zombando. Sabiam que a menina estava morta, e tinham certeza de que a morte é permanente. **Mandando sair a todos.** O verbo de Marcos é vigoroso, significando, expulsando-o Cristo expulsou a multidão escarnecedora para fora da casa.

**41. Talita cumi.** Transliteração do aramaico de "Menina, levante-se." Marcos insere as palavras **eu te mando**.

**42. Imediatamente a menina se levantou** (ação imediata) e andava (ação contínua). **Doze anos.** Tinha idade suficiente para andar. Os pais e os discípulos ficaram indescritivelmente assombrados com o milagre a ponto de ficarem fora de si de espanto.

**43.** Jesus ordenou que **ninguém o soubesse** para que os pais não proclamassem a notícia e a agitação difundida não precipitasse uma crise antes de chegar a hora da morte do Salvador (Jo. 12:23, 27).

## Marcos 6

### I. Outra Viagem Missionária pela Galiléia. 6:1-30.

Marcos registra apenas duas das três viagens missionárias do Senhor pela Galiléia, a primeira com os quatro pescadores (1:35-45), e a terceira na conclusão do ministério da Galiléia (6:1-30). A segunda viagem teve lugar logo depois da escolha dos Doze (Lc. 8:1-3). A terceira foi diferente das duas anteriores em que os discípulos foram enviados dois a dois (Mc. 6:7), depois que Cristo foi de cidade em cidade pregando e ensinando ele mesmo (Mt. 11:1). A viagem deve ser entendida incluindo a visita a Nazaré (Mc. 6:1-6). Foi também durante esse período que Herodes ficou preocupado com a grande popularidade do Senhor (6:14-16).

**1. Partido dali.** Isto é, de Cafarnaum. Embora o lugar para o qual Jesus foi não está especificamente mencionado, é óbvio à vista dos versículos seguintes, que sua pátria se refere à sua cidade, Nazaré.

**3.** Jesus foi chamado de **irmão de Tiago** e outros, uma designação que deve ser tomada literalmente. Não há motivo bíblico nenhum para deixarmos de aceitar que esses quatro homens e suas irmãs fossem filhos de José e Maria, nascidos algum tempo depois de Jesus. **Tiago** tornou-se o líder da igreja de Jerusalém (Atos 15:13 e segs.) e autor da epístola que leva o seu nome. **Judas** é o autor da epístola geral do mesmo nome. Os habitantes da cidade **escandalizavam-se**. Este verbo originalmente significava "ser apanhado em uma armadilha". Eles foram apanhados na armadilha de sua própria crença e tropeçaram quando podiam ter-se levantado diante de sua maior oportunidade.

**5.** Cristo não foi capaz de realizar ali **nenhum milagre**. Entretanto, não quer dizer que ele tentasse curar alguém e descobrisse ser incapaz, mas que tão poucas pessoas tinham fé suficiente para vira ele em busca de cura.

**6.** Onde o Senhor Jesus deveria ter podido encontrar a maior fé nele, descobriu a mais persistente **incredulidade**. E mesmo sendo o Filho de Deus onisciente, **admirou-se** diante dos seus conhecidos

incrédulos. **Percorria.** O imperfeito grego descreve uma ação que se processa. Ele ia de vila em vila, **a ensinar** em todas as localidades. Este ministério em Nazaré e aldeias vizinhas foi o primeiro estágio da terceira viagem missionária pela Galiléia.

7. O segundo estágio da viagem foi apresentado quando Jesus chamou os Doze e **passou a enviá-los**. Parece que era a primeira vez que iam sem a companhia de Cristo, e portanto constituía um passo mais avançado do seu treinamento. **Poder. Autoridade.**

8. Eles não deviam levar **nada. . . para o caminho**. Era para treiná-los na prática da fé em preparação para o tempo quando ficassem sozinhos. **Nem alforje.** Um saco de viagem para levar provisões. **Nem dinheiro.** Esse termo se refere a pequenas moedas de cobre. Não deviam levar com eles nem mesmo dinheiro trocado. **Cinto.** Um cinto que os orientais usavam para manter no lugar suas roupas folgadas; servia também para carregar dinheiro.

9. A intenção era que não levassem com eles vestuário extra. **Túnicas.** A roupa mencionada aqui é roupa de baixo, que se usa junto à pele, e não um casaco.

11. Deviam sacudir o **pó** não em animosidade pessoal mas como um **testemunho** demonstrando a seriedade da rejeição da mensagem do Filho de Deus. A declaração referente à **Sodoma e Gomorra** não consta dos manuscritos gregos mais antigos.

13. **Ungindo-os com óleo** era prática médica usual (cons. Lc. 10:34; Tg. 5:14). W. K. Hobart (*The Medical Language of St. Luke*, págs. 28, 29) registra numerosas citações de escritores antigos nesse sentido. Swete (*Mark*, pág. 119) diz que a unção ritualística dos doentes não existia até o segundo século. Assim, essas curas eram uma combinação de milagre e medicina.

14. O incidente registrado em 6:14-29 aconteceu durante a terceira viagem pela Galiléia (cons. vs. 12, 13, 30). Este **rei Herodes** era Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, e tetrarca da Galiléia e Peréia. O ministério contínuo de Cristo e seus discípulos na Galiléia

espalhara sua fama por toda aquela região. Aqui, pela primeira vez, temos indicação de que a reputação de Cristo chamara a atenção das autoridades governamentais.

**15.** Havia um rumor corrente entre o povo que ele era **Elias** retornando para cumprimento de Ml. 4:5 (cons. Mt. 16:14; Jo 1:21), ou que ele era um dos profetas segundo os padrões do V.T.

**17. O cárcere** onde João se encontrava estava localizado em Maquerus, na praia ocidental do Mar Morto (Joseph. *Antiguidades* xviii. 5.2). O relacionamento marital de Herodes era escandaloso. Herodias era a esposa de seu próprio meio-tio, Herodes Filipe I, mas ela o abandonara para se casar com outro meio-tio, Herodes Antipas, irmão do primeiro. Herodes Antipas já era casado com a filha de Aretas, rei da Arábia, mas havia despedido a sua esposa.

**18. João lhe dizia.** Ele o dizia repetidas vezes (gr. imp.).

**19. Herodias o odiava.** Literalmente, Marcos diz que ela lhe dedicava um rancor contínuo. Ao contrário de Herodes, ela não sentia nenhuma atração por João e sua pregação; ela queria matá-lo.

**20.** Com Herodes a coisa era outra. Apesar de sua vida desregrada, ele sentiu-se tocado pela vida e mensagem de João. **Tinha em segurança.** Antes, *protegia-o*, não permitindo que Herodias o matasse. **Ficava perplexo.** A mais autêntica variante diz, *Ele estava perplexo*. O conflito entre sua admiração por João e a atração de suas amigas pecadoras mantinha-o em estado de íntima confusão. Apesar disso, ele **ouvira** (gr. *continuava ouvindo*) **de boa mente.**

**21.** Herodias aguardava com astúcia **um dia favorável** para transpor a proteção com a qual Herodes cercara João. A elite dos círculos governamental, militar e social foi convidada (*grandes, tribunos e príncipes*, respectivamente).

**22. A filha** mencionada era Salomé, fruto do primeiro casamento de Herodias. Calcula-se que a jovem não tinha mais de vinte anos de idade naquela ocasião (Vincent Taylor, *Mark*, pág. 314). Era coisa inusitada que a filha de um governador divertisse a nobreza nesse estilo. Era tarefa

de uma escrava, não de uma princesa. Este era, entretanto, o momento oportuno esperado por Herodias (v. 21), e Herodes sob o efeito da bebida e da sensualidade, caiu na sua armadilha. **Aos seus convivas.** Antes, *reclinavam-se com ele* (veja 2:15).

**25.** O pedido de Herodias tinha a marca da urgência. Ela queria que a atitude fosse tomada antes que Herodes descobrisse um meio de escapar. Salomé voltou **apressadamente** e pediu que o seu pedido fosse atendido, não *dentro em pouco*, mas **no mesmo instante** (gr.).

**26.** Embora o pedido entristecesse Herodes profundamente, viu que era impossível retroceder em seu juramento diante de um grupo tão augusto. Era mais importante manter o seu prestígio do que preservar a vida do profeta de Deus. Não causa admiração que a sua consciência o perturbasse depois (vs. 14, 16).

**27.** O palácio de Herodes em Maquerus era também uma fortaleza e como tal devia conter um **cárcere**. Assim, a cena da execução não aconteceu muito longe da sala do banquete.

**28.** Parece que Salomé permaneceu no salão do banquete até a execução de João e lhe trouxeram **a cabeça num prato**. A aparente calma com a qual fez o pedido e depois levou o sangrento prato **à sua mãe** indicam a natureza insensível da moça.

**30.** Tendo acabado de apresentar a parentética explicação relativa ao destino de João, Marcos retoma aos discípulos e à viagem missionária. Nada registra relacionado com o tempo que durou ou os acontecimentos sucedidos. Simplesmente conta que os apóstolos voltaram juntos novamente. A designação, "apóstolo", é muitíssimo apropriada à ocasião. A palavra fala de alguém que foi enviado em uma missão, e os discípulos estavam voltando de tal tarefa.

#### IV. As Retiradas de Cristo da Galiléia. 6:31 - 9:50.

O Senhor cobriu a Galiléia tão completamente com a sua mensagem que os galileus, em cada setor da vida, estavam cômicos do seu

ministério. Entre pessoas simples a sua popularidade estava num ponto tão alto que queriam coroá-lo seu rei pela força. A antipatia dos líderes religiosos dos judeus estava perigosamente atingindo o ponto de saturação. E o próprio Herodes estava agora ficando preocupado com a popularidade de Cristo. A situação estava se desenvolvendo na direção de uma crise prematura, enquanto o ministério de Cristo ainda não estava completo. O resultado foi que Jesus fez quatro retiradas sistemáticas da Galiléia, uma para o litoral ocidental do mar (6:31-56), uma para a região de Tiro e Sidom (7:24-30), uma para Decápolis (7:31 - 8:9), e a quarta para Cesaréia de Filipe (8:10 - 9:50). Durante esse tempo Cristo estava ocupado com o treinamento dos doze discípulos em preparação para o momento de sua morte.

### **A. Retirada para o Litoral Ocidental do Lago. 6:31-56.**

Esta seção do Evangelho registra a narrativa dos cinco mil que foram alimentados (6:31-44), o milagre de Jesus andando sobre as águas (6:45-52), e as curas na planície de Genesaré (6:53-56). Em vez de ser um período de descanso e recolhimento longe das multidões, foi um período de contínua atividade.

**31. O lugar deserto** era provavelmente no litoral nordeste do Mar da Galiléia. Não era deserto; a expressão significa "um lugar abandonado, sertão". Depois do esforço da viagem missionária eles precisavam repousar um pouco.

**33. Muitos. . . reconhecendo-os.** Quando as pessoas viram que estavam se afastando, foram reconhecidos (texto gr.) O fato da multidão ser capaz de se antecipar a Cristo chegando ao lugar antes dele parece confirmar o ponto de vista que o lugar deserto (v. 31) era o nordeste do litoral do lago.

**34.** Quando Jesus desembarcou, tornou-se aparente que ele e seus homens não poderiam desfrutar do planejado período de descanso. Sua reação, contudo, não foi de aborrecimento; pelo contrário, ele **compadeceu-se deles**. Viu as necessidades do povo como se fosse um

rebanho de ovelhas sem pastor, sem liderança espiritual (cons. Nm. 27:17; I Reis 22:17).

**36. Campos ao redor e pelas aldeias.** A palavra empregada por Marcos significa literalmente **campos**, que provavelmente se refere às fazendas dos campos.

**37. Dai-lhes vós.** A ênfase foi colocada sobre o sujeito **vós**. O termo monetário que foi usado aqui, **duzentos denários**, é a palavra *denariôn*, o denário romano que valia cerca de dezoito centavos americanos naquele tempo (Arndt, pág. 178).

**39. Em grupos.** A palavra grega significa *canteiros* (Arndt, pág. 705). A cena que Marcos descreve é a de grupos de pessoas espalhadas como canteiros de flores sobre a relva (v. 39). Sem dúvida a variedade de cores das roupas servia para criar essa impressão quando vista de longe.

**41.** Os verbos **tomando, erguendo, abençoou e partindo** estão todos no aoristo grego, significando ação imediata. Mas o verbo **deu** está no tempo imperfeito, mostrando, como um contraste, que ele continuou dando aos discípulos. Foi nesse ponto que o milagre da multiplicação aconteceu.

**43.** O fato surpreendente não foi que o povo simplesmente se satisfizesse, mas que houve um suprimento superabundante. Os cestos eram grandes cestos de se carregar pão. De um modo geral, entretanto, eles eram menores do que aqueles que foram usados para alimentar os quatro mil (veja comentários sobre 8:8).

**44.** A contagem dos cinco mil não incluiu mulheres e crianças (cons. Mt. 14:21).

**45.** Cristo **compeliu os seus discípulos** a entrarem no barco e dirigiu-se para **Betsaida**. Evidentemente o lugar do milagre foi ao sul de Betsaida Julias (Lc. 9:10), e Cristo orientou os discípulos a navegarem para a cidade a fim de se encontrarem com ele. O motivo dessa abrupta dispersão da **multidão**, conforme apresentada por João (6:14, 15), foi o perigo de uma tentativa revolucionária de coroá-lo rei.

**47. Ao cair da tarde.** Isto é, às seis horas da tarde, a hora do pôr-do-sol.

**48.** Uma vez que ainda não estava escuro, pôde vê-los ainda da terra **em dificuldade a remar. Dificuldade**, de um verbo com o significado de *atortentaram-se* ou *desesperaram-se*, descreve a dificuldade dos discípulos na sua tentativa de remar contra o vento. **Quarta vigília da noite** ia das três às seis da manhã. Jesus retardou sua ajuda desde o pôr-do-sol até cerca das 3 horas da madrugada. A declaração de que **queria tomar-lhes a dianteira** não deveria apresentar nenhum problema referente à sinceridade de Jesus. Ele não caminhava diretamente em direção do barco, de modo que para os discípulos pareceu que ele ia ultrapassá-los senão o tivessem chamado (v. 49). Em vez de subitamente entrar no barco, Jesus estava, sem dúvida, dando-lhes tempo para o reconhecerem.

**49. Um fantasma.** Esta não é a palavra grega para "espírito", mas um termo que significa *aparição*. Pensaram que estivessem vendo um fantasma.

**50. Tende bom ânimo.** Este verbo leva com ele a idéia de coragem, que era provavelmente o pensamento principal de Cristo. A proibição no tempo presente, **não temais**, significa *parem de temer*.

**51.** Sem uma palavra da parte de Cristo, **o vento cessou** (gr., *tornou-se cansado*). A perplexidade que tomou conta dos discípulos foi o resultado do duplo milagre. O texto grego omite as palavras **e maravilhados**.

**52.** Além de se esquecerem que anteriormente Cristo já tinha acalmado as ondas (4: 39), não entenderam (texto gr.) o milagre **dos pães**. Porque **o seu coração estava endurecido**, não captaram a verdade relativa à divindade de Cristo, o que os milagres estavam continuamente demonstrando.

**53.** Provavelmente Jesus entrou no barco em algum lugar afastado da praia de Betsaida Julias, pela qual passaram atingindo a praia oriental do lago novamente. **Genesaré** era o nome de uma planície ao longo da



praia do lago ao sul de Cafarnaum. Uma cidadezinha do mesmo nome também se localizava nas vizinhanças.

**55.** Marcos fornece um vislumbre do tipo de cenário que deve ter aparecido muitas vezes quando Jesus entrava numa localidade. As pessoas correndo em busca dos seus parentes doentes antes que Cristo saísse da vizinhança.

**56. Rogando-lhe.** Os repetidos pedidos de pessoa após pessoa foram descritos por esse verbo. É a segunda referência em Marcos de curas efetuadas pelo tocar nas roupas de Cristo (cons. 5:27-29).

## Marcos 7

### B. Discussão da Injustificada Exaltação da Tradição. 7:1-23.

Estes versículos registram o conflito entre Cristo e os fariseus sobre a questão básica da fonte da autoridade. A tradição possui autoridade divina? Ela é igual, ou superior, à Palavra de Deus escrita? Também está envolvida aqui a discussão da verdadeira natureza da imundície e purificação. O cenário desta parte parece que foi os arredores de Cafarnaum.

**2.** A explicação que Marcos faz dos costumes judeus é digna de nota, indicando como faz, de que o Evangelho foi escrito para uso dos gentios. **Mãos impuras.** Mãos cerimonialmente imundas. **Repreendiam** não se encontra nos melhores manuscritos. A sentença foi deixada incompleta e Marcos a interrompe para introduzir a explicação dos versículos 3, 4.

**3. Os fariseus** tinham tão grande influência que o lavar das mãos tornara-se, de um modo geral, prática de todos os judeus. O texto grego não apóia o uso da expressão **muitas vezes**. Em vez disso, ele diz *com o punho*, provavelmente se referindo ao ato de esfregar o punho de uma mão na palma da outra ao lavá-las.

A **tradição dos anciãos** era o corpo não-escrito de ordens e ensinamentos dos venerados rabis do passado, um conjunto de 613 regras com o fim de regular cada aspecto da vida.

6. Jesus não quis dizer que Isaías predisse especificamente as práticas dos judeus do primeiro século, mas que as palavras de Isaías relativas às pessoas do seu próprio tempo também se aplicavam aos judeus do tempo de Cristo. A citação é de Is. 29:13, seguindo a Septuaginta, com pequena alteração. O termo **hipócritas** é um epíteto bem escolhido, pois se referia originalmente a um ator que usava máscara e parecia ser o que realmente não era.

8. O ponto principal da citação de Isaías refere-se à substituição do **mandamento de Deus pela tradição dos homens**. Não foi uma declaração exagerada, pois os fariseus consideravam a tradição oral como superior em autoridade relativamente à lei escrita do V.T.

10. Em 7:9-13 esta exaltação da tradição recebe uma ilustração específica. A lei de **Moisés** foi citada no que se refere à honra devida aos pais. A primeira citação é de Dt. 5:16 e identifica-se com a Hebraica e a Septuaginta. A segunda, que é de Êx. 21:17, segue de perto o texto hebraico.

11. Como um contraste, Cristo cita a tradição rabínica que põe de lado o mandamento mosaico dado por Deus.

**Corbã** é a transliteração da palavra hebraica que significa **oferta**, conforme Marcos explica em benefício dos seus leitores gentios. A palavra foi usada referindo-se a algo dedicado a Deus por meio de um voto inviolável. Se um filho declarasse que a quantia necessária para o sustento de seus pais era **Corbã**, esse voto era inalterável, mesmo pondo de lado o mandamento mosaico.

13. A **palavra de Deus** foi colocada em agudo contraste com a tradição dos homens. Observe que Cristo considerava a lei mosaica dada por Deus. Invalidar é tornar inválido ou nulo. O tempo presente, **fazeis**, fala de uma prática habitual.

14. Nos versículos 14-16 o Senhor volta ao assunto da imundície e purificação, mas aqui ele fala não somente aos fariseus e escribas mas também à multidão reunida outra vez. Logo a seguir Cristo discute o assunto com os seus discípulos (7:17-23).

**15. Nada há fora do homem** – isto é, nada que é físico – pode torná-lo imundo moral ou espiritualmente. No caso em discussão (v. 2), o comer sem lavar as mãos não pode produzir impureza espiritual. Tal impureza é interna na origem. O homem fica impuro pelos pensamentos que se originam no coração e saem na forma de palavras e atos. Aqui Jesus explicou o significado espiritual das leis referentes ao que é puro e imundo (Lev. 11). Um dos motivos porque foram dadas foi ensinar exatamente esta verdade da impureza espiritual, mas esses líderes judeus jamais foram além da mera exterioridade.

**19. O coração** quando citado na Bíblia não é simplesmente a sede das emoções mas também um lugar de atividade mental e volitiva. Refere-se ao homem interior, não-físico.

O **ventre** refere-se à cavidade do corpo que contém o estômago e os intestinos. Depois que o processo digestivo se completa, o restante **sai para lugar escuso**, isto é, vai para o esgoto.

**Puros todos os alimentos.** A melhor explicação é que deveria estar ligado à **ele disse** (v. 18). Jesus, explicando em 7:18,19, declarou que todo o alimento é "puro". Ele pôs de lado a distinção levítica entre o puro e o imundo (cons. Atos 10:14, 15).

**20-22.** Estes versículos contêm a explicação de Jesus sobre o que significava **o que sai do homem**.

Os **maus desígnios** devem ser entendidos como sendo maquinações ou planos malignos, pensamentos deliberados. A palavra usada para **lascívia** tem significado mais forte de traição.

**Dissolução** é a imoralidade não controlada e não disfarçada. A palavra **inveja**, em alguma outra cultura que não a judia, poderia se referir à feitiçaria (*mau olhado*, em português). Entre os judeus, entretanto, é uma expressão para a inveja. Neste contexto, a loucura é mais moral do que intelectual.

**C. Retirada para a Região de Tiro e Sidom. 7:24-30.**

Neste pequeno trecho Marcos conta uma viagem mais ou menos longa de Cristo à região da Fenícia, onde aconteceu o incidente com a mulher siro-fenícia.

**24. As terras de Tiro e de Sidom.** Uma expressão idiomática para a região de Tiro e Sidom. Foi a única vez, até onde vai o registro, em que Jesus saiu da Palestina para visitar um território estritamente gentio. Seu propósito nessas viagens fora da Galiléia não foi, em primeiro lugar, ministrar às multidões, mas instruir seus discípulos, razão porque **queria que ninguém o soubesse**.

**26. Grega.** É o mesmo que identificar a mulher como gentia. De nascimento era síria da região da Fenícia. **Rogava-lhe.** O uso que Marcos faz do imperfeito grego descreve um pedido contínuo da mulher.

**27.** Jesus usou o termo **filhos** representando os judeus. sua missão era em primeiro lugar junto aos judeus para que eles pudessem, por sua vez, cumprir a sua obrigação de serem uma bênção a todas as nações através da proclamação mundial do Evangelho. **Cachorrinhos.** Era um termo judeu comum usado para menosprezar os gentios. Entretanto, foi abrandado pelo uso do diminutivo, "cachorrinhos", ou "filhotes". Eram cachorrinhos de estimação, não os cães vadios das ruas.

**28.** A resposta destemida da mulher foi a resposta da fé.

**Os cachorrinhos debaixo da mesa.** Usando o terno diminutivo que Cristo usou em relação aos cães, ela descreve uma cena tocante dos cachorrinhos lambendo as migalhas que caíam das mãos das crianças. Tudo o que pedia era uma migalha das bênçãos que estava à disposição da parte dos judeus.

**29.** Jesus reconheceu nessa **palavra** da mulher a existência de uma fé genuína (cons. Mt. 15:28). Enquanto Ele falava, o demônio saiu (gr. perfeito) de sua fúria. O aspecto diferente deste milagre foi que realizou-se à distância, sem qualquer ordem vocal de Cristo.

**D. Retirada para Decápolis. 7:31 – 8:9.**

A volta da região de Tiro e Sidom não levou Cristo de volta à Galiléia; em vez disso, o caminho que tomou contornava a praia ocidental do lago, levando-o à Decápolis. Ali Jesus curou o surdo que tinha um impedimento da fala (7:31-37), e alimentou a multidão de 4.000.

**31.** Neste ponto Marcos é o mais explícito dos escritores do Evangelho. Ele nos conta que Jesus deixou a região de Tiro e passou por Sidom (os melhores manuscritos gregos) aproximadamente vinte e cinco milhas ao norte, penetrando pelo território gentio adentro. Depois, voltando para o sul, ele passou pela praia ocidental do Mar da Galiléia na região de Decápolis (veja comentários sobre 5:20).

**32.** A extensão do impedimento de fala é discutível. *Mogilalon* pode ser usado falando-se de alguém que é completamente mudo, mas seu significado literal é *falando com dificuldade*. A declaração de 7:35 que ele falou perfeitamente parece indicar que, antes, não era capaz de falar claramente. Entretanto, a exclamação do povo em 7:37 foi que ele faz os mudos (gr.) falarem.

**33.** Que o Senhor não tinha necessidade de tocar uma pessoa para curá-la já foi demonstrado anteriormente (cons. 2:3-12; 3:5; 7:29, 30). Aqui Jesus **pôs-lhe os dedos nos ouvidos** para mostrar o que Ele ia fazer e assim ajudá-lo a crer. Dois outros fatos simbólicos se seguiram.

**Tocou a língua com saliva.** O texto não diz que Ele tivesse aplicado a saliva à língua.

**34. Suspirou.** A palavra pode se referir a um gemido. Talvez fosse uma expressão de simpatia ou desespero por causa do sofrimento da humanidade. **Efatá.** Uma palavra aramaica que Marcos traduz para os seus gentios.

**35. O empecilho da língua.** O laço (gr.) que prendia a sua língua foi desamarrado. **Desembaraçadamente.** Começou a falar correta ou perfeitamente.

**36.** Cristo ainda precisava evitar excessiva publicidade (cons. 5:43). Entretanto, o povo não podia ser aquietado. Continuaram proclamando o milagre *tanto mais*.

**37. Sobremaneira.** A admiração do povo excedia todas as medidas. Marcos usa uma palavra muito vigorosa aqui (*hyper-perissôs*).

## Marcos 8

**8:1.** Os quatro mil que foram alimentados não tiveram um cenário específico além da declaração generalizada de que aconteceu em um lugar deserto (v. 4). **Naqueles dias.** O texto grego acrescenta a palavra "novamente", provavelmente referindo-se aos cinco mil que há pouco foram alimentados.

**2.** Jesus foi movido de **compaixão** para com esse povo exatamente como fora na ocasião em que dera de comer aos cinco mil (6:34), mas aqui a sua preocupação foi causada mais pela necessidade física do que pela condição espiritual.

**6.** Aqui, por ocasião dos cinco mil, as palavras **tomando, partiu-os, após ter dado graças** estão todas no aoristo grego, mas a palavra **deu** está no imperfeito, mostrando que Cristo continuou dando pão aos discípulos para a distribuição (cons. 6:41).

**8.** A suficiência do milagre vê-se nas declarações de que **comeram e se fartaram** e que **sobejaram** pedaços em abundância (gr.). A palavra **alimento**, refere-se ao alimento em geral. Essas **cestas** eram diferentes daquelas que foram usadas depois de alimentar os cinco mil. Isto está indicado pela distinção feita entre os dois em 8:19, 20 (texto grego). O tipo de cestos usados desta vez era bem maior. Foi o tipo usado para descer Saulo por cima do muro de Damasco (Atos 9:25). Assim, as **sete** canastras de 8:8 provavelmente continham mais do que os doze cestos de provisão de 6:43.

**E. Retirada para Cesaréia de Filipe. 8:10 – 9:50.**

A quarta e última retirada da Galiléia foi para o norte na região de Cesaréia de Filipe. Vindo de Decápolis, Jesus atravessou o Mar da Galiléia na direção da costa oriental, onde os fariseus o encontraram pedindo-lhe um sinal (8:10-12). Depois ele viajou de barco dirigindo-se para o nordeste na direção de Betsaida Julias (8:13-21), onde curou um cego (8:22-26). Dali sua viagem o levou por terra até às vizinhanças de Cesaréia de Filipe. Aqui novamente, a principal atividade de Cristo foi instruir os discípulos com referência a temas tais como a sua pessoa, sua morte e ressurreição, o discipulado deles e a sua vinda em glória prefigurada na Transfiguração (8:27 – 9:13). Aqui também ele curou outro endemoninhado (9:14-29). Depois disso, Cristo retornou à Galiléia, prosseguindo com a instrução dos Doze (9:30-50).

**10.** Até o presente os mestres não conseguem determinar a localização da cidade de **Dalmanuta** com certeza. O contexto parece supor uma localidade, do outro lado do mar partindo de Betsaida, provavelmente na praia oriental (cons. vs. 13, 22). Mateus a chama de **Magadã** (Mt. 15: 39; texto grego), um lugar também desconhecido para nós hoje em dia.

**11. Os fariseus** estavam pedindo um sinal sensacional da parte de Deus para provar que Jesus era o Messias. **Tentando-o.** A palavra grega *peirazô* quer dizer "experimentar". Em vez de tentarem Jesus a pecar, eles estavam experimentando-o por causa de suas mentes incrédulas.

**12.** Tão persistente recusa em crer levou Cristo a suspirar **do íntimo do seu espírito um gemido**. A palavra, empregada aqui em sua forma intensificada, significa provavelmente que ele realmente gemeu quando o cansaço e a tristeza penetraram nas profundezas do seu coração.

**Por que esta geração pede um sinal?** (cons. Jo. 2:18; Mt. 12:38). Mateus acrescenta uma exceção à declaração de Cristo, dizendo que nenhum sinal lhes seria dado (Mt. 16: 4). O sinal de Jonas foi explicado em Mt. 12:39, 40 como se referindo à ressurreição de Cristo, o milagre mais significativo de todos.

**15. Preveniu-os Jesus** repetidas vezes (gr. imp.), mostrando a urgência da necessidade de estarem continuamente em guarda (gr. pres. *prestem atenção, estejam atentos*). O fermento foi usado aqui simbolizando alguma coisa com influência perigosamente penetrante. Lucas 12:1 explica que **fermento dos fariseus** é a hipocrisia. O **fermento de Herodes** pode ser a influência dos herodianos, que possuíam um espírito mundano, um secularismo infeccionante.

**19, 20.** Os discípulos tão depressa esqueceram-se das lições básicas da ocasião em que os cinco e os **quatro mil** foram alimentados. O Filho de Deus não precisa se preocupar com a alimentação de treze homens numa curta viagem através do lago. Há pouco demonstrara o seu poder fornecendo alimento a mais do que nove mil pessoas.

**22.** A cura do cego aconteceu quando Jesus passou por **Betsaida Julias** no seu caminho a Cesaréia de Filipe.

**23.** Jesus **levou-o para fora da aldeia**, provavelmente para evitar publicidade excessiva (cons. v. 26). Aqui, como no caso do surdo (7:33), ele usou a saliva, não como um medicamento, mas como auxílio à fé do homem que não podia ver.

**24.** Esta cura foi diferente das outras em que consistia de duas etapas. Depois dos primeiros atos de cura, o homem viu as pessoas indistintamente, como objetos que se movessem, **como árvores as vejo andando**.

**25.** O segundo estágio da cura foi preCedido pelo toque nos olhos. O texto grego não diz que Jesus **mandou que olhasse para cima**, mas que o homem **olhou firmemente**. E quando o fez, começou a ver todas as coisas **de modo perfeito**.

**26.** Novamente a fim de evitar os resultados de indesejada publicidade, Cristo mandou o homem **para casa**. Dizendo-lhe que não entrasse **na aldeia** indica que ele morava em outro lugar, talvez nas redondezas.

**27.** Indo para o norte de Betsaida, Cristo chegou às **aldeias de Cesaréia de Filipe**. Mateus (16:13) explica que ele chegou às partes



(gr.) ou à região de Cesaréia. Marcos fez referência às aldeias localizadas nos campos à volta da cidade maior. Esta Cesaréia, situada ao noroeste da tetarquia de Filipe, era chamada de Filipe para distingui-la da outra Cesaréia que ficava na costa mediterrânea.

**29. Mas vós, quem dizeis.** Este era o ponto ao qual Cristo queria chegar. A ênfase foi colocada sobre a palavra "vós". "Mas **vós** (em contraste com os outros), quem dizeis que eu sou?" **Pedro** foi o porta-voz dos discípulos. Sua admissão de que Jesus é **o Cristo** foi apresentada da maneira mais completa em Mt. 16:16, que acrescenta as palavras "o Filho do Deus vivo". Jesus é o Messias prometido e também o único Filho de Deus.

**30.** Aqui novamente Cristo ordenou silêncio, provavelmente por causa das idéias revolucionárias ligadas ao conceito messiânico. Cristo não estava pronto nessa ocasião para estabelecer um reino messiânico terreno.

**31.** Em vez disso, na sua primeira vinda, Cristo veio para **sofrer, ser morto e ressuscitar**. Atenção especial deve-se dar ao forte contraste entre a confissão apaixonada de Pedro e a imediata declaração de Cristo sobre a sua morte e sofrimento. Observe que Aquele que tinha de morrer foi designado pelo título messiânico, **Filho do homem**. A cruz era um aspecto necessário da obra do Messias. **Era necessário que sofresse muitas coisas.**

**32. Expunha claramente.** O imperfeito grego foi usado para mostrar que Jesus começou e continuou a falar sobre a sua morte. Já não se referia a ela da maneira velada (cons. Jo. 2:19), mas desse momento em diante ele instruía seus discípulos **claramente** e explicitamente sobre o fato. Foi o segundo estágio do seu treinamento. **Pedro chamando-o à parte** repreendeu-o por falar desse modo. Na mentalidade de Pedro a morte violenta não se harmonizava com a dignidade messiânica.

**33.** A tentativa de Pedro de dissuadir o Senhor de ir para a cruz foi parecida com a tentação no deserto. Nesta ocasião, **Satanás**, com grande sutileza, usou um dos discípulos mais achegados a Cristo (cons. Lc.

4:13). Observe repreensão semelhante em Mt. 4:10. **Cogitas**. O verbo grego refere-se à disposição da mente, a direção do pensamento. A mente de Pedro corria em direção contrária dos propósitos de Deus.

**34.** O ensinamento registrado em 8:34-38 é o resultado natural do fato do sofrimento de Cristo.

**Se alguém quer vir após** Cristo deve andar pelo caminho que ele andou, o caminho da abnegação e da cruz. A **cruz** é o símbolo do sofrimento, e a abnegação fala da prontidão em sofrer por alguém. Cristo é o padrão; o discípulo deve segui-lo continuamente (gr. pres. imperativo).

**35.** O paradoxo desses versículos foi resolvido entendendo-se que o Senhor usou o termo **vida** em dois sentidos diferentes. A primeira expressão, **salvar a sua vida**, refere-se à preservação da vida física salvando-o da morte. A pessoa que se devota completamente à proteção desta vida perderá aquela que é eterna. Pelo contrário, a pessoa que é tão devotada a Cristo que está pronta a **perder a sua vida**, é a pessoa que ganha a verdadeira vida. Descubra que o morrer é ganho (Fl. 1:21). Esta não é uma descrição do caminho da salvação para os perdidos, mas antes a filosofia da vida do discípulo.

**36.** Aqui o contraste está entre o **mundo** e a **alma**. O último termo é o mesmo que vida no versículo 35. Ambos são traduções de *psyché*. Este princípio se aplica ao nível físico como também ao espiritual. Que valor há em se obter tudo o que o mundo oferece se uma pessoa morre e não pode desfrutá-lo? Ou, qual a virtude de se amontoar um mundo de possessões terrenas durante alguns poucos anos se isso significa perder a vida eterna.

**38.** Quando Cristo usou a expressão, **se envergonhar de mim e das minhas palavras**, estava estabelecendo um contraste com a atitude de disposição de perder-se a vida por causa dele e do Evangelho (v. 35). **Se envergonhar** é negar Cristo na hora da provação em lugar de ficar com ele, mesmo sob o risco da morte. É ficar do lado desta **geração pecadora** e não com Cristo. **Adúltera**. Usado espiritualmente para descrever a

infidelidade para com Deus. Da mesma maneira, quando o Senhor vier como Juiz, ele **se envergonhará** e repudiará aqueles que o repudiaram.

## Marcos 9

**9:1.** A divisão do capítulo aqui não foi feliz, uma vez que este versículo é visivelmente a conclusão do discurso registrado na última parte de Marcos 8. **Em verdade** é uma expressão de solene certeza. É a palavra grega *amên*, da qual se origina o nosso "amém".

**Não passarão pela morte.** O original é mais vigoroso *de modo nenhum passarão pela morte*. A vinda do **reino de Deus** nesta declaração tem sido interpretada de diversos modos. Entretanto, no versículo anterior Cristo fala do seu advento em glória, e nos versículos seguintes Marcos registra a Transfiguração. A vinda do Reino pode muito bem se identificar com a gloriosa vinda do Rei (8:38), da qual a transfiguração de Cristo foi uma antecipação.

**2. O alto monte** tem sido tradicionalmente identificado como o Monte Tabor na Galiléia, mas ele fica longe demais de Cesaréia de Filipe. O monte Hermom parece encaixar-se na descrição mais satisfatoriamente. **Transfigurado.** Do grego *metamorphoô* (origem da nossa "metamorfose"), que se refere a uma mudança da forma essencial, não uma mudança superficial de aparência exterior. O corpo humano de nosso Senhor foi glorificado e foi nesse corpo glorificado que um dia ela virá para estabelecer o seu reino.

**3. Como a neve.** Não se acha nos melhores manuscritos gregos. **Lavadeiro** é aquele que trata o pano novo, encolhendo-o e lavando-o.

**4. Elias** é uma transliteração da palavra grega usada para **Elias**. Por que Moisés e Elias foram os dois escolhidos para aparecerem não foi declarado. É digno de nota o fato de que os dois deixaram esta vida sob circunstâncias fora do comum. Mais ainda, Moisés representava a Lei, enquanto que Elias foi um dos profetas. O Evangelho de Lucas (9:31) declara que o assunto de sua conversação foi a iminente morte de Cristo, um tema que percorre todo o V.T. tanto na Lei como nos Profetas.

**6. Aterrados.** Ficaram aterrorizados.

**9.** A ordem para que **não divulgassem as coisas que tinham visto** estava de acordo com a política de Jesus de reserva para que as errôneas idéias messiânicas correntes não se inflammassem. Depois da Ressurreição o perigo de precipitar uma insurreição popular não existiria mais. Então a experiência do monte teria valor espiritual para os discípulos como confirmação de sua fé (cons. II Pe. 1:16-18).

**11.** A questão referente a Elias surgiu por causa da presença do profeta na Transfiguração. **Os escribas**, neste exemplo, extraíam seu ensino de Ml. 4:5, 6. Talvez os discípulos estivessem pensando que o seu aparecimento no monte era o cumprimento da predição.

**12.** Esta profecia foi confirmada pelo Senhor, e o tempo usado (presente futuro) indica que será cumprida no futuro. Elias virá e restaurará todas as coisas (cons. Ml. 4:6), antes da vinda do Messias. **Como, pois está escrito.** Muitos estudantes encaram o restante do versículo como se fosse uma pergunta, "Como está escrito?" A vinda de Elias foi profetizada nas Escrituras. E o que dizer das profecias sobre o sofrimento e rejeição do Messias? Cristo estava tentando despertar o raciocínio dos seus seguidores para que entendessem que o Filho do homem devia sofrer antes da vinda de Elias e do glorioso advento do Messias.

**13.** Mas havia um sentido no qual Elias já viera. Mateus 17:13 explica que Ele estava falando de João Batista. Isto não quer dizer que João fosse o Elias em pessoa, mas que ele veio na semelhança de Elias (cons. Lc. 1:17; Jo. 1:21). **Fizeram com ele o que quiseram.** Isto é, fizeram-lhe o que quiseram quando o mataram a pedido de Herodias.

**15. Tomada de surpresa.** As explicações referentes a esse espanto podem se reduzir a duas possibilidades. Uma, ficaram espantados por causa do resplendor que ainda havia no rosto de Jesus em virtude da Transfiguração. Outra, o espanto foi causado por causa da aparição oportuna mas inesperada de Jesus, no momento embaraçoso da derrota de seus nove discípulos. A primeira opinião não é justificável por causa

da ausência de qualquer declaração referente à permanência do resplendor no rosto de Jesus.

**17. O espírito mudo** era um demônio que afligia o rapaz com mudez e surdez (V. 25).

**18. Onde quer que o apanha.** O pai descrevia a ação do demônio de tomar posse do rapaz. Sua reação parece que era parecida a uma crise de epilepsia.

**19.** Está claro que os discípulos foram fracos por causa da incredulidade. O desapontamento de nosso Senhor parece chegar às raias da impaciência. **Até quando vos sofrerei?** Literalmente, *até quando terei que agüentar-los?*

**20. Agitou.** Uma palavra forte que significa que o espírito convulsionou o rapaz tão violentamente que parecia querer rasgá-lo em pedaços. **Revolvia-se.** A palavra grega significa *rolar*. O tempo imperfeito pode ser traduzido para *ficou rolando*.

**23. Se podes.** No texto grego toda a cláusula vem precedida de um artigo com o propósito de chamar a atenção. Como se Jesus dissesse: "Prestem atenção a esta cláusula – **se podes**". A palavra **crer** não aparece nos melhores manuscritos. Tendo chamado especial atenção para o **se** do homem, Jesus continua mostrando que tem necessidade de fé.

**24.** A angústia que encheu o coração do pai foi descrita por sua resposta imediata quando disse, **exclamou**, com exclamações quase contraditórias. Ele cria, mas estava profundamente cômico de sua **falta de fé** que lutava contra o seu desejo de confiar irrestritamente. Sua incredulidade não era uma recusa obstinada em crer; era uma fraqueza que o próprio indivíduo não podia resolver. Por isso clamou a Cristo pedindo ajuda.

**29. Esta casta.** Uma indicação de que existem diferentes tipos de demônios. Parece que o tipo que habitava neste rapaz era incomumente manhoso e poderoso. Parece que, devido às observações precedentes que Jesus fez sobre a incredulidade (v. 19) e à declaração deste versículo referente à necessidade da **oração**, os nove discípulos tinham tentado

expulsar o demônio sem se apoiar no poder de Deus (cons. Mt. 17:20). A incredulidade e a falta de oração certamente resultam em impotência espiritual. Muitos dos melhores manuscritos gregos omitem a referência ao **jejum**, como também a mesma passagem em Mt. 17:21. Deve-se observar que os discípulos não poderiam enfrentar essa situação com jejum, mas certamente poderiam ter confiado e orado.

**31. Ensinava os seus discípulos.** Durante as retiradas, essa foi a principal ocupação do Senhor e continuou os ensinando (gr. imp.), pois eram lentos em compreender (v. 32). O centro desse ensino era a Sua morte e ressurreição que se aproximavam.

**33.** A volta à **Cafarnaum** levou-o novamente à **casa** de Pedro, que foi o quartel-general de sua campanha na Galiléia. O verbo **interrogou** está no tempo imperfeito, provavelmente para indicar que Jesus continuou insistindo aos discípulos em relação ao assunto que discutiam pelo caminho.

**34.** Em lugar de responder à interrogação de Jesus, **calaram-se**. Novamente o tempo imperfeito mostra que eles persistiram em seu silêncio. Estavam envergonhados em revelar o assunto indigno da discussão. Ele continuou insistindo em explicar que sua morte estava próxima, mas suas mentes estavam ocupadas com pensamentos de grandeza pessoal no reino messiânico (cons. Mt. 18:1).

**36, 37.** O humilde ato de receber **uma criança** em nome de Cristo é um feito verdadeiramente grande. É a prontidão em tomar a humilde posição de servo, mesmo com um criança nos braços, que é o sinal da verdadeira grandeza; pois fazê-lo é prestar serviço a Cristo e, através dele, ao Pai. Isto envolve descer à posição de uma criancinha (veja Mt. 18:4).

**38.** Talvez o desejo de mudar de assunto levou **João** a falar. Parece que a observação de Jesus relativa aos atos praticados em seu nome fê-lo lembrar-se do exorcista que viram usando o nome de Jesus. **Mestre**. Esta é palavra usada para "professor". **Nós lho proibimos**. Eles continuaram proibindo este desconhecido operador de milagres (tempo imp.). Sua

motivação, **não nos segue**, revela uma atitude basicamente egoísta, uma falta de vontade em aceitar qualquer pessoa exceto aqueles que eram do seu próprio círculo. Scofield diz que é sectarismo.

**39. Não lho proibais.** Literalmente, *parem de proibir*. Jesus não tergiversou sobre os detalhes. Se o homem estava usando o nome de Cristo com sincero esforço em ajudar os outros, não devia ser impedido. Um espírito de tolerância que deve caracterizar o povo de Deus. A lógica de nosso Senhor tinha dois aspectos. Primeiro, tal homem não se voltaria contra Cristo depois de operar milagres em Seu nome.

**40.** O segundo motivo para a proibição de Cristo era que, se o homem não estava contra Cristo e os discípulos, então até certo ponto estava ao lado deles.

**41.** Este versículo enfatiza mais a atitude tolerante demonstrada em 9:39, 40. Ninguém que esteja procurando servir o Senhor, por menos importante que o seu serviço possa parecer, será excluído do círculo de Cristo. A importância desse princípio vê-se no uso da palavra **em verdade** (*amên*) e na dupla negativa forte que pode ser traduzida para **de modo algum perderá o seu galardão**.

**42.** O pensamento deste versículo está ligado ao 9:37 pelo termo **pequeninos**. Do mesmo modo, os versículos 42-48 estão relacionados, e centralizados na idéia das ofensas. É possível que a atitude dos discípulos em repreender o exorcista anônimo (v. 38) possa tê-lo ofendido. Isto explicaria por que Cristo discutiu as ofensas neste ponto. A fé sub-desenvolvida do exorcista não devia ser impedida, mas estimulada. Crítica áspera da imaturidade espiritual só pode servir para afastar as pessoas do Senhor. **Fizer tropeçar**. A palavra grega *skandalyzô* significa colocar uma armadilha no caminho de uma pessoa, fazendo-a tropeçar.

Os **pequeninos** deve ser entendido literalmente referindo-se às crianças que crêem, ou podem ser aqueles que são pequenos na fé ou espiritualmente subdesenvolvidos. Provavelmente a intenção de Jesus foi

a de se referir a estes últimos. A **pedra de moinho** era uma pedra grande e chata que o jumento girava a fim de moer os grãos.

**43.** Jesus passou da ofensa contra os outros para a ofensa contra si mesmo. Uma pessoa pode colocar uma pedra de tropeço em seu próprio caminho. Sem dúvida a ordem de **cortar a mão** que scandaliza é figurativa e hiperbólica. O sentido do versículo é que tudo que leve uma pessoa a tropeçar e cair no pecado deve ser removido imediatamente. Estes versículos não devem ser tomados ao pé da letra como se ordenassem um ascetismo extremo. Deve-se lembrar que a sede do pecado é a alma, não algum órgão do corpo físico.

**Entrares na vida.** A expressão paralela em 9:47 diz **entrares no reino de Deus**. Esses termos são o oposto de **inferno** e devem ser entendidos como referentes à vida do salvo no reino eterno. O inferno é a tradução do *geena* grego, o qual por seu lado é uma transliteração do *gehinnom* hebreu, significando "o vale de Hinom". Era um vale ao sudoeste de Jerusalém que foi amaldiçoado por ter sido o cenário da adoração de Moloque. Mais tarde transformou-se no sítio do lixo da cidade, onde havia um fogo contínuo, que reduzia o lixo a cinzas. O lixo depositado ali devia também estar infestado de muitos vermes. No pensamento judeu este vale transformou-se no símbolo do lugar do castigo eterno.

**48.** A linguagem deste versículo foi extraída de Is. 66:24 da Septuaginta. O **verme que não morre** é uma figura de linguagem extraída do vale de Hinom, onde os vermes estavam continuamente ocupados. É uma figura da tortura infinita e da destruição do inferno.

**49.** Este versículo e o seguinte estão entre os de mais difícil interpretação nos Evangelhos. Primeiro, deve-se notar que a segunda cláusula de 9:49 foi provavelmente acrescentada posteriormente, uma vez que poucos manuscritos a contêm. Talvez fosse uma anotação marginal na tentativa de explicar esta difícil passagem. A palavra introdutória **porque** (*gar*) normalmente ligaria esta declaração à precedente, caso em que serviria para apoiar ou explicar a afirmação anterior. Poderia então significar que todo aquele que entra no inferno



será preservado, como o sal preserva, através de uma eternidade de tormento.

**50.** Tomando a palavra **sal** usada em 9:49 em relação ao inferno, Jesus prossegue dizendo que os seguidores de Cristo devem ser como o sal, deixando que a sua influência seja sentida no mundo (cons. Mt. 5:13). **Tende sal em vós mesmos.** Ordenou aos discípulos que se permeassem dessa influência purificadora. A fim de serem uma influência sadia, deviam eles mesmos serem possuidores dessa salubridade. **Tende paz.** Fazendo uma última alusão à disputa sobre a grandeza registrada em 9:34 Cristo conclui a exposição do assunto. As duas ordens estão no tempo presente, exigindo uma prática constante.

## **Marcos 10**

### **V. O Ministério de Cristo na Peréia. 10:1-52.**

Com uma única declaração Marcos resume cerca de seis meses do ministério de **Cristo** (v. 1). Sua menção da Judéia cobre o último período, largamente descrito em Jo. 7:10-10: 39 e Lc. 10:1-13:21; a referência feita a **além do Jordão** relaciona-se com o ministério na Peréia, cuja parte maior foi narrada em Lc. 13:22 - 19:28. Os acontecimentos de Mc. 10:2-52 são realmente os acontecimentos finais deste período na Peréia (cons. Lc. 18:15 - 19:28).

#### **A. Comentários sobre o Divórcio, Crianças e riquezas. 10:1-31.**

Estas conversas provavelmente aconteceram em algum lugar da Peréia. Não foi citado o lugar exato. Em 10:2-12 Cristo respondeu à pergunta dos fariseus em relação à legalidade do divórcio; 10:13-16 indica a atitude de Jesus em relação às crianças; e 10:17-31 registra a vinda do jovem rico e a conseqüente discussão sobre as riquezas.

**1. Levantando-se Jesus.** Jesus deixou Cafarnaum, onde permaneceu pouco tempo na casa de Pedro (9:33). Aqui há um importante problema textual referente à expressão **Judéia, além do Jordão**. O manuscrito favorece a leitura **Judéia e além do Jordão**. À

primeira vista este texto parece impossível, uma vez que parece inverter a ordem natural, Peréia e Judéia. Vindo da Galiléia, Jesus teria de passar primeiro pela Peréia e depois pela Judéia. Entretanto, esta dificuldade desaparece se encarmos 10:1 como um resumo da última parte dos ministérios de Cristo na Judéia e Peréia. Depois do período das retiradas, Jesus foi primeiro à Judéia por três meses; depois foi à Peréia por aproximadamente o mesmo período de tempo. Assim, a ordem no resumo de Marcos primeiro Judéia e depois Peréia – está correto. O verbo **ensinar** (gr. imp.) significa um acontecimento contínuo. Para exemplo desse ensino, veja passagens como Lc. 13:22 - 18:14.

**2.** A questão apresentada pelos fariseus foi sobre um dos assuntos debatidos naquele dia. Os escribas que seguiam Hillel defendiam que um homem podia se divorciar de sua esposa por qualquer motivo. Os seguidores de Shammai, por outro lado, insistiam que o divórcio só era legal em caso de adultério. **Experimentarem.** A mesma palavra grega pode significar "tentar" e "experimentar". Sua pergunta foi apresentada com motivação dissimulada de experimentar a Cristo.

**4. Permitiu.** Isto é, Moisés permitiu o divórcio, o regulamento mosaico se encontra em Dt. 24:1. Deve-se notar que os fariseus não citaram a condição sob a qual Moisés permitiu o divórcio.

**5. Por causa da dureza do vosso coração.** Moisés estipulou, mas na realidade não ordenou. Ele permitiu por causa da condição espiritual insatisfatória do homem. Foi uma tentativa de regular e controlar o divórcio e não de encorajá-lo.

**6-8.** A declaração que começa **Deus os fez** (v. 6) e que termina **serão os dois uma só carne** (v. 8) foi citada textualmente de Gn. 1:27; 2:24 (Septuaginta). A condição existente no **princípio** é indicativa do ideal de Deus. Ele planejou que o casamento fosse uma união para toda vida em todos os casos.

**11.** O homem, neste caso, comete adultério **contra aquela**, não por causa do divórcio, mas por causa do novo casamento. Embora tenha passado pelo procedimento legal do divórcio, aos olhos de Deus ele

continua casado com sua primeira esposa. Mateus acrescenta a exceção da fornicção (Mt. 19:9).

**13.** Os acontecimentos registrados neste versículo provavelmente aconteceram na casa (cons. v. 10). **Trouxeram**, continuamente (texto grego), as crianças. A atitude dos discípulos parece que se baseava no conceito de que o tempo do Senhor era valioso demais para ser desperdiçado com crianças.

**14.** A tradução, **indignou-se**, está de acordo com a força do verbo grego. O Evangelho de Marcos é incomparável na sua descrição das emoções de Cristo. **Deixai**. A proibição de Jesus significa, literalmente, *parem de impedi-los*. O motivo que ele oferece para sua atitude é que o reino de Deus é constituído dessas pessoas. Está claro que tinha em mente o reino presente, espiritual.

**16.** A idade desses meninos foi sugerida pelo fato de Jesus abençoá-los, **tomando-os nos braços**. Ele **as abençoava** é um verbo composto, descrevendo o fervor profundamente sentido com o qual Cristo pronunciou as palavras da bênção (cf. Gn. 14:19,20; 27:26-29; 48:15-20).

**17.** A conversa com o jovem rico aconteceu quando Jesus estava deixando a casa onde se encontrava hospedado, provavelmente em algum lugar da Peréia (cons. v. 10). Marcos simplesmente declara que **correu um homem ao seu encontro**, mas não menciona que o homem era um jovem doutor da lei. Esse fato foi fornecido por Mateus e Lucas. **Mestre**. É a palavra usada para "professor" (*didaskale*). Ele concebia a **vida eterna** como algo que devia obter fazendo o bem (Mt. 19:16).

**18.** A pergunta, **Por que me chamas bom?**, tinha a intenção de levar o jovem a considerar a verdadeira identidade de Jesus. Foi uma declaração indireta de Sua divindade, uma vez que a bondade ou a ausência de pecado é uma qualidade de Deus somente.

**19.** Cristo citou alguns dos mandamentos sem se importar com a sua ordem em Êx. 20. O mandamento, **Não defraudarás**, talvez representa o décimo mandamento, que se relaciona com a cobiça. O

propósito de chamar a atenção para a Lei foi a de mostrar ao jovem a sua incapacidade de ganhar a vida eterna através das boas obras.

**20. Tudo isso tenho observado.** O jovem podia verdadeiramente fazer uma tal declaração, mas a sua justiça era uma obediência externa. Era como a justiça dos escribas e fariseus (Mt. 5:20; cons. Fl. 3:6).

**21. Fitando-o.** Jesus olhou para ele intensa e perscrutadoramente, **amou-o.** Sem dúvida Ele reconheceu a sinceridade da busca do homem por alguma coisa que satisfizesse a sua necessidade espiritual; Ele viu o potencial representado neste jovem honesto. Depois Ele tratou do âmago do problema do homem, sua maior devoção às riquezas do que a Deus. Ali estava a coisa que lhe faltava. A fim de **seguir** Jesus, tinha de remover o obstáculo, seu amor ao dinheiro. Não eram as obras de caridade que lhe concederiam a vida eterna; tinha de identificar-se com Cristo.

**23.** O Senhor não negou a possibilidade de que uma pessoa rica pudesse ser salva; ele disse simplesmente que é difícil. **O reino de Deus** é o reino atual, espiritual, composto pelo povo de Deus regenerado (Jo. 3:3, 5).

**25.** A idéia de que o **fundo de uma agulha** mencionado aqui fosse um portãozinho através do qual um camelo só pudesse passar de joelhos não tem sanção. A palavra **agulha** aqui refere-se especificamente à agulha de costura. Além disso, Jesus não estava falando sobre o que homem considera possível, mas sobre o que parece impossível (cons. v. 27). Para o homem é impossível que **um camelo** (passe) **pelo fundo de uma agulha.**

**29, 30. Em verdade** introduz uma declaração de solene certeza. A palavra mulher não se encontra nos melhores textos gregos. **Cêntuplo.** Os itens aqui enumerados podem ser tomados literalmente, referindo-se a coisas tais como muitas casas que se abrirão para os servos de Deus e os muitos novos amigos que terá na família de Deus. Ou podem ser tomados figurativamente descrevendo as múltiplas bênçãos espirituais que o Senhor amontoa sobre aqueles que o seguem sacrificialmente. O

**mundo por vir**, na língua original, é a *próxima dispensação*. Refere-se ao estado eterno que será introduzido pelo segundo advento do Messias e aos acontecimentos relacionados com o mesmo, tais como o Dia do Senhor, os juízos cataclísmicos, o Milênio e julgamento final.

### **B. Conversa no Caminho para Jerusalém. 10:32-45.**

A discussão registrada nestes versículos aconteceu em algum lugar da Peréia, quando Jesus se encontrava a caminho de Jerusalém pela última vez. Novamente repetiu as declarações referentes à sua morte e ressurreição (vs. 32-34), tentando, através da repetição, gravar os fatos nas mentes dos seus discípulos. E novamente a tentação de buscar a autopromoção envenenou os discípulos (vs. 35-45).

**32.** Esta viagem a **Jerusalém** foi, conforme Jesus sabia, aquela que o conduziria para a morte. O fato de que **Jesus ia adiante dos seus discípulos** caminhando sozinho, foi um surpreendente afastamento da sua prática costumeira de desfrutar do companheirismo dos seus discípulos. Sem dúvida havia alguma coisa em seu estranho alheamento, **admiraram e ficaram tomados de apreensões**. Os tempos que foram usados aqui indicam que essa foi uma situação que perdurou por algum tempo.

**33, 34.** Um avanço além das predições anteriores é evidente na quantidade de detalhes apresentados (com. 8:31; 9:31). Observe a declaração, **Eis que nós subimos para Jerusalém**, que indica que o cumprimento dessas predições viriam durante essa visita à cidade. Mas os discípulos ainda não entenderam o que Cristo estava tentando lhes explicar (Lc. 18:34). Seu conceito do Messias levava-os a pensar em termos de glória e reinado (cons. Mc. 10:35-37).

**35.** Mateus declara que **Tiago e João** deram com a respectiva mãe e fizeram seu pedido através dela (20:20). Mateus também diz **Então se aproximaram . . .** que pode indicar que esse pedido auto-intercessório dos dois discípulos seguiu-se imediatamente aos ensinamentos do Salvador relativos a sua morte.

**37.** A **direita** de um rei era lugar de honra, e a **esquerda** vinha logo a seguir em importância. **Na tua glória.** Ou, **no teu reino** (Mt. 20:21), que explica que os discípulos tinham em mente a glória do reino messiânico.

**38.** O Senhor, reconhecendo a sua ignorância, começou a lhe mostrar que tais prêmios têm de ser ganhos. O **cálice** e o **batismo** falam dos sofrimentos de Cristo, dos quais os discípulos precisavam ser capazes e ter vontade de participar. No Getsêmani ele falou da sua morte chamando-a de "cálice" (14:36); em Lc 12:50 o termo "batismo" é uma figura do sofrimento e da morte.

**40.** As honras da **direita** e da **esquerda** não podiam ser distribuídas como favores aos amigos. Tais recompensas tinham de ser dadas **aqueles a quem está preparado**, isto é, aqueles que as obtêm pela fidelidade na vida e no serviço.

**42.** Este triste espetáculo de ambição egoísta transformou-se em uma ocasião para o Senhor reenfatizar a natureza da verdadeira grandeza (cons. 9: 35). Primeiro, ele lembrou os Doze do padrão para a grandeza estipulado pelo mundo. Os governadores e dignitários **têm-nos sob seu domínio e exercem autoridade** sobre o povo.

**43.** Mas esse não deve ser o costume entre os seguidores de Cristo. Pelo contrário, aquele que quer **tornar-se grande** tem de ser o **que sirva** os seus companheiros.

**45.** O próprio Jesus foi o exemplo supremo de alguém que manifestava a verdadeira grandeza. Ele que era o Messias de Deus (**Filho do homem**; veja 2:10) poderia muito bem fazer-se valer dos seus direitos de ser servido pelos homens. Mas, pelo contrário, ele veio para servir e **dar a sua vida** pela humanidade. **Resgate.** Essa palavra significativa era comum no mundo grego do tempo de Jesus, onde era usada com referência ao preço pago para a libertação de um escravo (Adolf Deissmann, *Light from the Ancient East*, trans. L.R.M. Strachan, pág. 327 e segs.). Este foi o preço exigido por um Deus santo a fim de que a justiça pudesse ser satisfeita no perdão dos pecados. Como

resultado desse pagamento, o crente fica livre do pecado e de Satanás. **Por muitos.** A preposição grega *anti* traduzir-se-ia melhor para *em lugar de*, conforme as fontes gregas comprovam esmagadoramente (cons. J. H. Moulton and George Milligan, *The Vocabulary of the Greek Testament*, págs. 46, 47; Arndt, pág. 72, 73; Vincent Taylor, págs. 444, 445).

### C. A Cura do Cego Bartimeu. 10:46-52.

Esta seção conta como Jesus, na companhia de seus discípulos, veio da Peréia através do Jordão até Jericó na Judéia, onde ele restaurou a vista de Bartimeu, o último milagre de cura do seu ministério público.

**46. A Jericó** do tempo de Jesus ficava cerca de cinco milhas a oeste do Jordão e quinze milhas a nordeste de Jerusalém. O sítio da cidade cananita do tempo de Josué ficava uma milha ao norte. Há, aqui, uma dificuldade de harmonização. Mateus e Marcos dizem que o milagre aconteceu quando **ele saía de Jericó**; Lucas diz que foi **ao aproximar-se de Jericó** (18:35). Talvez a solução mais plausível é que a cura ocorresse quando Jesus deixava o local da antiga Jericó aproximando-se da nova cidade de Jericó. A dificuldade nessa explicação é que não existem evidências de que a velha Jericó fosse habitada no tempo de Jesus. Este problema surge, sem dúvida, por causa da ausência de completa informação histórica e geográfica. Podemos ter a certeza de que não existiria nenhuma discrepância se todos os fatos fossem conhecidos. Enquanto isso, a divergência é um testemunho do caráter independente das duas narrativas.

**47.** O mendigo cego, ao chamar Jesus de **filho de Davi**, estava reconhecendo-o como o Messias. A crença de que o Messias seria um descendente de Davi era comum entre os judeus daquele tempo.

**48. . . . repreendiam.** Muitos ordenavam-lhe repetidas vezes (texto grego) que ficasse quieto. Ele, entretanto, continuou gritando (tempo imp.) cada vez mais. Ele se recusou a ficar quieto.

**49. Tem bom ânimo.** O verbo significa *tenha coragem*, como se eles dissessem "*Anime-se!*"

**50.** O verbo deste versículo sugere a pressa de Bartimeu em atender ao chamado. Ele jogou a sua capa de lado, levantou-se de um salto, e **foi ter com Jesus**. Era a oportunidade da sua vida, e não devia permitir que se lhe escapasse.

**51. Mestre.** A palavra aramaica, *rabbouni*, usada por Maria Madalena na Ressurreição (Jo. 20:16). Era um termo de alto respeito, uma forma mais vigorosa do que "rabi", combinando, até certo ponto, os significados de professor e Senhor.

**52.** A cura foi em resposta à **fé** do homem, demonstrada, como foi, por sua ansiedade persistente, por seu reconhecimento de Jesus como o Messias e pelo termo *rabbouni* que usou. O verbo *anablepô* (**viu**) significa que sua vista foi restaurada, indicando que o homem não era cego de nascença ... **te salvou**. A palavra grega é *sôzô*, que quer dizer "salvar", um termo muitas vezes usado nos Evangelhos referindo-se à cura física. Pode ser assim parafraseada, "a tua fé te curou".

## **VI. Conclusão do Ministério de Cristo em Jerusalém. 11:1 – 13:37.**

Nesta seção Marcos registrou os últimos atos e ensinamentos do Salvador antes da sua paixão. Todos esses acontecimentos tiveram lugar em Jerusalém e nos seus arredores. Aqui aconteceu a "Entrada Triunfal" e a purificação do Templo (11:1-26), as numerosas controvérsias com os líderes judeus (11:27 - 12:44), e o longo discurso apocalíptico no Monte das Oliveiras (13:1-37).

### **Marcos 11**

#### **A. A Entrada em Jerusalém e no Templo. 11:1-26.**

A partir desse ponto, Cristo abandonou a atitude de cautela que o levou a se retirar das áreas de tensão e possíveis crises. Agora desafiava os líderes judeus. Na entrada de Jerusalém provocou, abertamente, desaprovação e oposição. Esta "Entrada Triunfal" devia ser encarada,



não como a vinda de um rei glorioso, mas como a apresentação do Salvador que logo sofreria.

1. A comparação com Jo. 12:1 revela que Jesus foi primeiro a **Betânia**, onde passou a noite. Então no dia depois do sábado fez a sua entrada em **Jerusalém**. Betânia ficava um pouco além de duas milhas ao sudeste de Jerusalém, não muito longe do aclave oriental do **Monte das Oliveiras**. A localização de Betfagé torna-se mais difícil, mas as melhores evidências apontam para um lugar ao pé do aclave oriental. A ordem de Marcos é o inverso da direção tomada por Jesus, mas ele está olhando para a localização das cidades do ponto de vista de Jerusalém, que foi mencionada em primeiro lugar. João dá motivos para se crer que Jesus chegou à Betânia na sexta-feira (12:1). Considerando que a viagem a Jerusalém levava mais do que o permitido num sábado, presume-se que Cristo passou o sábado em Betânia e que a "Entrada Triunfal" aconteceu no domingo.

2. A aldeia era **Betfagé**, conforme Mt. 21:1 esclarece. **Que aí está diante de vós**. Isto é, "diante de vós". Se Jesus sabia da existência do jumentinho devido à observação prévia ou através de percepção sobrenatural não ficou esclarecido.

3. Parece que ele esperava que o proprietário do jumentinho soubesse quem era **o Senhor** e estivesse pronto a emprestar-lhe o animal. O texto grego preferido diz, *e imediatamente ele o enviará aqui novamente*, uma promessa da parte de Jesus de devolver o animal. Mateus declara que os animais eram dois, uma jumenta e um jumentinho (21:2).

7. **As vestes** colocadas sobre o jumentinho eram capas ou mantos, cujas cores vistosas dariam ao animal a aparência de estar com arreios reais.

8. Outros estenderam suas capas no **caminho**, fazendo um tapete real para o cortejo. Outros ainda trouxeram ramos que foram espalhados pelo caminho. João os descreve como sendo folhas de palmeiras (12:13).

9. A multidão rodeou o Senhor; alguns **iam adiante** dele; outros **vinham**. E eles clamavam sem cessar (gr. imp.), **Hosana**. Esta é uma transliteração da expressão hebraica que significa *Salve!* e vem do Sl. 118:25. Transformara-se em um termo de louvor e aclamação, como também um pedido de ajuda. **Bendito. .. que vem . . .** é uma citação exata do Sl. 118:26 da Septuaginta. Era um dos Salmos de Halel cantados por ocasião do festival da Páscoa, e era portanto particularmente apropriado para a ocasião. Que a multidão usou as palavras num sentido messiânico está claro por causa do versículo seguinte.

10. O povo sentia que o messiânico **reino de . . . pai Davi** estava prestes a se estabelecer. **Hosana nas maiores alturas** sem dúvida significa "Salve, agora, tu que estás nos mais altos céus". É uma exclamação endereçada ao próprio Deus.

11. **Entrou no templo**. A palavra *hieron* refere-se a todo o conjunto do templo, incluindo os pátios e terraços. Quando ele olhou tudo, seus olhos certamente caíram sobre as barracas dos cambistas e vendedores de pombas, os quais seriam o objeto do seu desprazer no dia seguinte.

12. **No dia seguinte**. Isto é, na segunda-feira. Depois de passar a noite em Betânia, o Senhor partiu novamente para Jerusalém.

13. Era normal que **uma figueira** nas vizinhanças de Jerusalém começasse a dar folhas novas nos fins de março ou começos de abril, por ocasião da Páscoa. Parece que esta árvore estava toda coberta de folhas, caso em que deveria ter também figos maduros, embora o tempo de figos maduros fosse em junho. A palavra grega traduzida para **porventura** esclarece que foram as folhas que levaram Jesus a esperar os frutos. É a conjunção dedutiva *ara*, significando "por isso". Jesus viu as folhas à distância e foi verificar "se por isso poderia encontrar fruto".

15. Esta é a segunda purificação do Templo, que não deve de maneira nenhuma ser identificada com a primeira, a qual aconteceu bem no começo do ministério de Cristo (Jo. 2:13-17). Aqueles que **vendiam e compravam**, os **cambistas** e aqueles que **vendiam pombas** estavam

trabalhando para Anás e a família do sumo sacerdote. Os animais eram vendidos com propósito de serem sacrificados, e os cambistas trocavam o dinheiro corrente pelo meio siclo necessário para pagar o imposto do templo. Cobravam, entretanto, preços exorbitantes.

**17.** A citação de Jesus foi extraída de Is. 56:7, onde o profeta declara que a casa de Deus seria **casa de oração**, um lugar reservado para uso sagrado. Além do Senhor acusá-los de profanar o Templo, usando-o para fazer negócios, mostrou também que eles estavam tendo lucros desonestos com os preços excessivamente injustos que cobravam.

**Covil de salteadores.** Citação de Jr. 7:11.

**20. Pela manhã.** Era a manhã da terça-feira, e Cristo retornava a Jerusalém novamente naquele dia.

**22.** O único significado da maldição da figueira que os Evangelhos declaram encontra-se nestes versículos. Jesus a usou como um exemplo de **fé em Deus**. Qualquer outro significado simbólico não tem justificativa bíblica.

**24. Crede.** Um imperativo presente, exigindo fé persistente, contínua. **Recebestes.** Os melhores manuscritos favorecem o tempo aoristo – **recebestes**. Em outras palavras, devemos continuar crendo pois Deus já atendeu nosso pedido.

**25. Perdoai . . . para que vosso Pai . . . vos perdoe.** Declarações como esta que tornam o perdão divino dependente de nosso perdão têm sido mal interpretadas, dando-se-lhe natureza legalista. Entretanto, Cristo aqui não está se dirigindo aos perdidos, mas aos seus discípulos, aqueles que já desfrutam do relacionamento salvador com ele mesmo. O perdão do qual Ele fala não é o argumentativo ato inicial do perdão que anula a culpa do pecado. É, antes, o perdão de um pai que restaura a comunhão. A questão aqui é que um discípulo não pode orar proveitosamente se um espírito que se nega a perdoar tiver interrompido sua comunhão com Deus.

**B. Controvérsias Finais com os Líderes Judeus. 11:27 – 12:44.**

Os debates registrados nesta seção aconteceram todos em um dia cheio – a terça-feira da semana da paixão. Relacionavam-se com os seguintes assuntos: a fonte da autoridade de nosso Senhor (11:27-33); a parábola da vinha e dos lavradores (12:1-12); uma pergunta sobre o pagamento de impostos (12:13-17); a ressurreição (12:18-27); o maior dos mandamentos (12:28-34); o relacionamento do Messias com Davi (12:35-40). A seção termina com a narrativa da oferta de duas pequenas moedas feita pela viúva (12:41-44).

**27. Então regressaram para Jerusalém.** Era a manhã da terça-feira. Os comentários sobre a figueira que secou (vs. 20-25) foram feitos no caminho para Jerusalém. **Os principais sacerdotes.** Tecnicamente só havia um sumo sacerdote, mas o termo acabou incluindo todos os ex-sumo sacerdotes vivos. Neste caso, pelo menos Anás, o sogro de Caifás, o sumo sacerdote, deveria estar incluído.

**28.** Suas perguntas foram duas: Que tipo (*poiâ*) de **autoridade** possuiis? Qual é a fonte de **tal autoridade**? Por **estas coisas**, as autoridades se referiam à purificação do Templo (cons. Jo. 2:18). Dizia-se que o Templo só devia ser purificado pelo Sinédrio, por um profeta, ou pelo Messias.

**30. Do céu.** Na tentativa de evitar o uso do nome divino, os judeus freqüentemente empregavam o termo "céu" quando falavam de Deus.

**31,32.** Com esta pergunta Jesus colocou esses líderes religiosos nas garras de um dilema. Se o ministério de João era de origem divina, então eles, na qualidade de líderes religiosos, deveriam ser os primeiros a crer nele. Se, entretanto, eles declarassem que o seu ministério era de origem humana, reduziriam João à categoria de um impostor, e assim provocariam o desprazer do **povo** que se voltaria contra eles.

**Marcos 12**

**12:1. Parábola.** Que Jesus apresentou mais de uma parábola nesta ocasião vemos fazendo uma comparação com Mt. 21: 28-32, onde a

história dos maus lavradores foi precedida pela dos dois filhos. A introdução à parábola, conforme a encontramos em Mc. 12:1, foi inconfundivelmente extraída de Is. 5:1, 2. O fato de que a vinha, lá, representasse Israel (Is. 5:7), deu aos líderes judeus a pista para a interpretação da parábola de Jesus. **Sebe.** A palavra usada por Marcos quer dizer *cerca*; poderia ser uma cerca de pedras, ou um muro. O **lugar** era o lugar onde se espremia o suco das uvas. A **torre** era uma combinação de atalaia e armazém. Os lavradores eram fazendeiros, neste caso, produtores de vinho, usados aqui para representarem os líderes religiosos de Israel, tais como aqueles aos quais Jesus falava (cons. 11:27; 12:12).

**2. O servo,** conforme 12:4, 5, representa um profeta que Deus enviou a Israel.

**3.** O fato de que, **o agarram, espancando,** indica a perseguição que sofreram os profetas do V. T. (cons. 23:34, 37).

**6. Um, seu filho amado.** Essas palavras são uma óbvia descrição do próprio Cristo (Cons. 1:11; 9:7). O termo *reverência* é muito forte. *Respeito* é o mais indicado.

**7, 8.** A conspiração de matá-lo foi uma descrição dos planos nos quais os líderes judeus estavam ocupados exatamente naquela ocasião para condenar Jesus à morte.

**9.** A predição de que o proprietário **exterminará aqueles lavradores** cumpriu-se em 70 A.D., quando os romanos sob o comando de Tito destruíram Jerusalém e acabaram com qualquer aparência de governo próprio que os judeus haviam desfrutado anteriormente. Os outros aos quais a vinha seria entregue foram mais amplamente descritos em Mt. 21:43, onde Jesus foi citado, dizendo. **O reino de Deus vos será tirado, e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.** Esta é uma referência óbvia aos gentios e à igreja.

**10.** A pergunta, **Ainda não lestes?**, foi feita esperando-se uma resposta positiva. A citação neste versículo e no seguinte é uma citação

exata do Sl. 118:23, 24 da Septuaginta. A pedra é Cristo, que foi rejeitado pelos construtores, os líderes religiosos dos judeus.

**13.** Em 12:13-17, **os fariseus e os herodianos** interrogaram Jesus em relação ao pagamento do tributo devido a César. Esta combinação não é usual, pois os fariseus pouco tinham em comum com os herodianos. Os primeiros opunham-se decididamente a qualquer domínio estrangeiro, enquanto que os últimos apoiavam o governo estrangeiro dos Herodes. Um dos grupos se oporia ao imposto romano; o outro o favoreceria. A motivação desses conspiradores incongruentes era oculta. Queriam apanhá-lo **nalguma palavra** como um caçador apanha a sua presa.

**14. Não te importas.** Isto foi dito com a intenção de lisonjeá-lo, querendo dizer que os seus ensinamentos não eram influenciados pelo que pensavam amigos ou inimigos. O **tributo** em questão era um **imposto per capita** que tinha de ser pago pessoalmente no tesouro romano. **É lícito?** Queriam que respondesse quanto à legalidade ou ilegalidade do imposto diante dos olhos de Deus.

**15. Porque me experimentais?** O Senhor percebeu o dilema no qual pretendiam colocá-lo. Pensavam que respondendo de modo afirmativo, o povo judeu, que odiava o imposto per capita, levantar-se-ia e o rejeitaria com suas reivindicações; mas se respondesse negativamente, poderia ser acusado de oposição à Roma. **Um denário.** Era o denário, com o qual se pagava o imposto.

**17. Dai.** O verbo significa *devolvam totalmente*. Implica em obrigação com **César**. O povo era obrigado a sustentar o governo por causa dos privilégios que o governo romano lhe concedera (cons. Rm. 13:1-7). Tinham, também, de cumprir suas obrigações com Deus. E não há nenhuma incongruência no pagamento de ambas as dívidas, pois ambos os pagamentos são feitos em cumprimento da vontade de Deus. Uma resposta assim resolveu completamente o dilema previsto, resultando em que os interrogadores ficaram completamente pasmados

( **muito se admiraram**, *exethaumazon*, uma palavra aumentativa para grande espanto).

**18.** A pergunta dos **saduceus** (vs. 18-27) bastante naturalmente relacionava-se com a **ressurreição**, a qual Jesus ensinava e eles negavam. Os saduceus não admitiam uma coisa tal como a existência depois da morte. Também negavam a realidade dos anjos e espíritos (Atos 23:8).

**19. Moisés nos deixou escrito.** A declaração da lei propriamente dita do levirato, referente ao casamento, encontra-se em Dt. 25:5-10. Se um homem morria sem filhos, seu irmão devia se casar com sua esposa, e o primeiro filho dessa união era então considerado o filho do marido morto.

**23.** O problema levantado parecia irrespondível. **Na ressurreição ... de qual deles será ela esposa?** Os saduceus apenas supõem a possibilidade da ressurreição como base de sua argumentação. O propósito da pergunta era tentar provar a impossibilidade da ressurreição como base de sua argumentação. O propósito da pergunta era tentar provar a impossibilidade da ressurreição reduzindo-a ao absurdo.

**24. Não provém o vosso erro.** O verbo grego significa *desencaminhar*. Eles estavam sendo desencaminhados (ou, eles mesmos estavam se desencaminhando) por dois motivos. Um, eles não entendiam o que ensinavam as Escrituras do V.T. com referência à ressurreição (cons. vs. 26, 27). Dois, eles subestimavam **o poder de Deus** de ressuscitar os mortos e de resolver todas as aparentes dificuldades relacionadas com a idéia da ressurreição.

**25.** Com esta declaração de fatos Jesus arrasou com seu aparente problema. Eles haviam erradamente presumido que haveria a continuação do relacionamento conjugal depois da ressurreição. Em vez disso, Cristo explicou, as pessoas terão o mesmo relacionamento dos **anjos**.

**26.** A pergunta, **Não tendes lido?** aguarda uma resposta afirmativa, pois Cristo sabia bem que esses saduceus estavam inteiramente

familiarizados com o Pentateuco. Ele se referiu especificamente a Êx. 3:6, da Septuaginta.

**27.** A verdade aqui demonstrada é o fato da imortalidade. Ser o Deus de Abraão é estar em comunhão com Abraão. Não é possível, portanto, ser o Deus **de mortos**, mas apenas **de vivos**. Assim, quando Deus falou de dentro da sarça ardente, ainda que os patriarcas estivessem mortos há anos, continuava em comunhão com eles. O argumento de Cristo, então, admite que, havendo vida após a morte, isto é suficiente para provar que a ressurreição se seguirá. A perfeita existência humana exige a união da alma com o corpo.

**28.** A pergunta relacionada com o quinto mandamento (vs. 28-34) partiu de **um dos escribas**. Ele, sem dúvida, era um fariseu, pois aprovou a resposta que Jesus deu aos saduceus. Parece que não havia nenhum motivo secreto para esta inquisição (cons. vs. 28, 32-34).

**29,30.** Jesus não buscou a tradição dos escribas para dar a sua resposta, mas à Lei escrita. Em Dt. 6:4, 5. A citação foi feita da Septuaginta, com a adição das palavras **e de todo o teu entendimento**. O **entendimento e o coração** são, na realidade a mesma coisa na compreensão hebraica. As palavras, **Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor**, são do credo conhecido por "Shema" e eram citadas diariamente pelos judeus devotos. Declaram o princípio distintivo da fé hebraica que **Deus é um**. O significado deste mandamento, amar a Deus, é que ele deve ser amado com todas as forças e a capacidade que o homem possui. Este é o alicerce e o resumo da obrigação total do homem para com Deus.

**31. O segundo** mandamento foi citado textualmente de Lv. 19:18 (Septuaginta). Aqui também está a base e o conjunto das obrigações do homem para com o homem. Estes dois mandamentos são fundamentais nos ensinamentos de toda a Lei e os Profetas (Mt. 22:40).

**34. Sabiamente.** Isto é, com sabedoria. Cristo declarou que o homem tem o tipo de compreensão espiritual que, se for cultivada, levá-lo-á ao reino de Deus. O presente reino espiritual, no qual se entra pela



fé e pelo novo nascimento, é o reino em questão aqui (cons. Jo. 3:3, 5). Marcos termina sua narrativa desta discussão com uma forte afirmação mostrando como Cristo silenciou completamente seus oponentes. **Ninguém** mais tinha coragem de perguntar alguma coisa. Nunca mais tentaram apanhar Cristo com um quebra-cabeça teológico ou legal.

**35.** Entretanto, Cristo ainda não terminara de lidar com os seus oponentes. Ele tinha uma pergunta para lhes fazer relativa ao parentesco de Davi com o Messias (vs. 35-40). A citação do ensinamento dos escribas representa a opinião judia padronizada de que o Messias seria um descendente de Davi.

**36.** A citação foi tirada do Sl. 110:1 (Septuaginta), uma passagem que os judeus há muito reconheciam como messiânica. Com sua introdução à passagem, Cristo afirmou a autoria davídica como também a inspiração divina do salmo. Seu propósito em usar as palavras de Davi foi de trazer à baila, partindo das próprias Escrituras, a verdade da divindade do Messias.

**37.** O fato que Jesus destacou foi que Davi o chamou de **Senhor**. Como então, pode o Messias ser as duas coisas, o exaltado Senhor de Davi e **seu filho**? Mateus declara que ninguém foi capaz de lhe responder essa pergunta (22:46). Contudo, ali de pé diante deles, estava o Filho de Deus encarnado, o Messias de Israel, a própria resposta personificada. Ele era um descendente de Davi "segundo a carne" e o Filho de Deus "segundo o espírito de santidade" (Rm. 1:3,4).

**38. Ensinar.** Nossa palavra "ensinamentos" representa melhor o que Marcos quis dizer. As **vestes talares** eram as longas vestes flutuantes das pessoas ricas ou importantes. As **saudações** são explicadas em Mt. 23:7.

**39. Primeiras cadeiras e primeiros lugares** são os lugares de honra nas sinagogas e nos banquetes.

**40.** Mesmo sendo reconhecidos como os honrados líderes da comunidade, os escribas eram na realidade culpados da mais indigna desonestidade. Faziam **longas orações** nos lares das viúvas para encobrir

o fato de que estavam ocupados em planos tortuosos de lhes roubar as **casas**.

**41.** Localizado na área do templo conhecida como o Átrio das Mulheres, o **gazofilácio** continha treze cornucópias para o depósito das ofertas e do imposto devido ao templo. Parece que Jesus ficou observando as pessoas que davam suas ofertas durante algum tempo e notou algumas pessoas ricas fazendo suas ofertas (cons. imp. grego usado com os verbos **observava** e **lançava**, segunda ocorrência).

**42.** Dos sinônimos gregos para a pobreza, Marcos escolheu uma palavra que descrevia a condição miserável de um indigente para caracterizar esta **viúva pobre**. Ela deu uma quantia igual a **duas pequenas moedas** ou meio centavo. Uma moeda (*lepton*) era a menor das moedas de cobre, geralmente igual a um oitavo do centavo americano (Arndt, pág. 473). O meio centavo (*kodantrês*) era uma moeda romana valendo um quarto do centavo (Arndt, pág. 438).

**44.** O princípio enunciado por nosso Senhor nessa ocasião é que uma oferta deve ser avaliada não pelo tamanho mas pela comparação da oferta com a quantia total possuída pelo ofertante. Um donativo grande vindo da abundância pode ser menos significativo que um donativo pequeno vindo da pobreza. Esta mulher deu a menor oferta possível, mas foi mais significativa do que as outras, pois era **todo o seu sustento**.

## Marcos 13

### C. O Apocalipse do Jardim das Oliveiras. 13:1-37.

O discurso pronunciado no Jardim das Oliveiras aconteceu na terça-feira depois que se acabaram as controvérsias com os líderes judeus nos átrios do templo. Pode ser dividido da seguinte forma: as perguntas dos discípulos (13:1-4); as condições características da presente dispensação (13: 5-13); a crise que viria (13:14-23); o segundo advento de Cristo (13:24-27); instruções referentes à necessidade de se vigiar (13:28-37).

**1.** À luz da descrição que Josefo fez do Templo, não nos surpreende que um dos discípulos exclamasse referindo-se às **pedras** e aos **edifícios**.

Josefo descreve pedras dizendo que tinham trinta e sete pés, por doze, por dezoito. Explica ainda mais, dizendo que a "... fachada era toda de pedra polida, de maneira que a sua aparência, para os que não a tinham visto, era incrível, e para os que já a tinham visto, era grandemente assombrosa" (**Antig.** XV xi. 3-5).

**2.** Jesus usou a forte construção negativa dupla dos gregos (ou *mê*) duas vezes neste versículo a fim de negar que ficaria **pedra sobre pedra**. Era positivamente certo que o Templo seria completamente destruído, um fato confirmado pela história quando em 70. A. D. O Templo e a cidade foram deixados em ruínas, sob o comando de Tito.

**4. Essas coisas.** Uma referência óbvia à predição declarada em 13:2. Temos motivos para crer, entretanto, que os discípulos também tinham em mente a seqüência dos acontecimentos do fim dos tempos. Sua segunda pergunta amplificou a primeira em que pediram um sinal que indicasse que o cumprimento estava para acontecer (*mellê*). Em Mateus ficamos sabendo que os discípulos também perguntaram com referência ao sinal da vinda de Cristo e sobre o final da dispensação (24:3).

**5.** Jesus começou a sua resposta descrevendo as condições características da presente dispensação (vs. 5-13). A primeira é a presença dos enganadores, contra os quais os discípulos deviam estar atentos constantemente (gr., pres. imp.).

**6. Em meu nome.** Essas palavras referem-se à vinda de falsos messias, que reivindicarão a posição e a autoridade que só pertencem a Cristo. A predição foi cumprida em muitas ocasiões. Talvez a personalidade mais destacada fazendo tal reivindicação fosse Bar Cochba (132 A. D.).

**8.** Guerras são características de toda a dispensação, como também **terremotos. . . fomes**. A palavra **dificuldades** não se encontra nos melhores manuscritos gregos. Todas essas condições são descritas como sendo **o princípio das dores**. Assim, destacam-se do fim propriamente dito (v. 7). A palavra dores são realmente dores de pano, um termo que

os judeus usavam para descrever as aflições e as desgraças que introduzirão a vinda do Messias.

9. O discípulo recebe a ordem de prestar atenção, isto é, de estar constantemente alerta (gr., pres. imper.). **Tribunais**. Literalmente **sinédrios**. As prisões e os espancamentos preditos aqui começaram a se cumprir no livro de Atos (cons. 4:5 e segs.; 5:27 e segs.), como também as apresentações **a presença de governadores e reis** (cons. 12:1 e segs. 24:1 e segs.; 25:1 e segs.). Essas apresentações seriam **para lhes servir de testemunho** (*autois*), não contra eles. Examine o testemunho de Paulo diante de Félix (Atos 24:24,25) e Agripa (Atos 26).

10. Outro aspecto da dispensação é a pregação do **evangelho** pelo mundo inteiro. O fim (v. 7) não pode vir até que a tarefa evangelística seja **primeiro** completada. Mateus 24:14 conclui com a declaração **então virá o fim**, referindo-se ao final da dispensação.

13. No meio de todos esses distúrbios do declínio moral e das perseguições, a perseverança torna-se o distintivo da genuinidade espiritual. **O fim**. Considerando que as condições descritas em 13:5-13 têm a duração de uma dispensação, "o fim" não se refere aqui ao fim da dispensação, mas antes à duração da vida ou da provação.

**Será salvo**. Neste contexto não se pode pensar em libertação física. A promessa é que aquele que perseverar será salvo espiritualmente. A perseverança, entretanto, não é a base da salvação. Apegando-se aos ensinamentos gerais do N. T. a perseverança deve ser encarada como o resultado do novo nascimento (cons. Rm. 8:29-39; I Jo. 2:19). Uma pessoa regenerada, que persevera por causa disso, é mais do que certo que experimentará a consumação da experiência da salvação.

14. Tendo descartado alguns dos aspectos salientes desta dispensação, Cristo prosseguiu descrevendo a crise iminente (vs. 14-23).

**O abominável da desolação** é uma expressão extraída textualmente de Dn. 12:11 (Septuaginta). Também se encontra com pequenas variações em Dn. 9:27 e 11:31. Entre os judeus o termo **abominável** era usado para descrever a idolatria ou o sacrilégio (cons.

Ez. 8:9, 10, 15, 16). Parece, entretanto, que tanto Daniel como Cristo estavam falando de uma consternadora profanação do Templo. O primeiro cumprimento do uso profético que Daniel fez do termo, dizem alguns escritores, foi a construção de um altar para Zeus sobre o altar dos sacrifícios segundo as ordens de Antíoco Epifânio, em 168 A.C. (I Mac. 1:54, 59). O uso que Cristo fez das palavras tinha referência imediata à profanação do Templo pelos romanos (70 A. D.). Deve-se lembrar que os discípulos perguntaram relativamente à destruição do Templo (Mc, 13:2,4). Além disso, as instruções dadas em 13:14b-18 parecem se encaixar melhor nessa ocasião. Entretanto, a íntima relação dessas condições com o segundo advento de Cristo (vs. 24-27) exige uma aplicação adicional ao fim dos tempos. As condições dos dias de Antíoco Epifânio e quando os romanos destruíram o Templo serviram de figura dos dias do anticristo, imediatamente antes da volta de Cristo (cons. II Ts. 2:3, 4; Ap. 13:14, 15).

**Situada onde não deve estar.** No lugar santo (Mt. 24:15). A aparição da consternadora profanação seria um sinal para os habitantes da Judéia fugirem **para os montes** a fim de escapar ao sítio iminente. A referência específica dessa ordem, e também das que foram dadas nos versículos 15-18, foi à iminente destruição de Jerusalém (70 A.D.).

**15, 16.** A necessidade da pressa seria tão urgente que não haveria tempo para tirar causa alguma para a fuga.

**17, 18.** Seria uma ocasião muito difícil para as mulheres grávidas e para aquelas que tivessem crianças pequenas. Uma fuga no inverno aumentaria as dificuldades de uma situação já bastante difícil.

**19.** Essa descrição resumida das tribulações de **aqueles dias** certamente se aplicavam aos horrores de 70 A.D., quando comparadas com *Wars of the Jews* de Josefo (Prefácio, 4; V, VI). Entretanto, há motivos para se crer que Cristo olhava para além do período romano, para a grande tribulação final que precederá a sua segunda vinda. Isto foi sugerido pelas palavras **nunca jamais haverá**, que são a tradução de uma vigorosa negativa grega (ou *mê*)).

**20.** Não se pode limitar este versículo à situação de 70 A.D. Nenhuma das explicações sugeridas com base sobre tal limitação satisfaz. Temos elementos aqui que vão além daquele período e se associam mais corretamente com o fim dos tempos. A referência aos **escolhidos** parece apontar para os salvos durante os dias da Grande Tribulação exatamente antes da volta de Cristo. Por amor deles Deus tem **abreviado aqueles dias** do período da terrível aflição.

**22.** Tão atrevidos serão esses enganadores que tentarão **desviar os próprios eleitos**. Entretanto, a cláusula, **se possível**, mostra que é inconcebível que tenham sucesso. Para identificação dos eleitos, veja Lc. 18:7; Rm. 8:33; Cl. 3:12; I Pe. 1:2.

**24, 25.** A profecia agora prossegue para o Segundo Advento (vs. 24-27). Cristo colocou este grande acontecimento especificamente **naqueles dias, após a referida tribulação**, obviamente se referindo ao tempo descrito em 13:14-23. Isto exige uma de duas explicações. Ou Cristo viria logo depois de 70 A.D, ou as aflições dos versículos 14-23 têm uma dupla referência, tanto à destruição de Jerusalém por Tito como à Grande Tribulação no fim dos tempos. Considerando que a primeira explicação é impossível, a última interpretação torna-se a chave para se compreender o capítulo como um todo. A linguagem usada para descrever os abalos nos céus foi em grande parte extraída do V.T. (cons. Is. 13:10; 34:4; Joel 2:10, 30, 31). Ainda que seja melhor fugir aqui a um literalismo extremo, não temos motivos para não entendermos estas expressões como se referindo às alterações celestiais reais que precederão imediatamente a vinda de Cristo. De modo nenhum torna-se estranho que um acontecimento tão momentoso seja introduzido dessa maneira.

**26.** Esta é a volta pessoal e corporal de Cristo à terra com grande poder e glória, que foi descrita em passagens tais como essas Atos 1:11; II Ts. 1:7-10; 2:8; Ap. 1:7; 19:11-16. "Com o céu obscurecido servindo de cenário, o Filho do Homem se revela no Shequiná da glória de Deus." (G. R. Beasley-Murray, *A Commentary on Mark Thirteen*, pág. 89). A

linguagem que foi usada aqui foi extraída de Dn. 7:13. **Verão**. Sua vinda será visível a todos os homens.

**27.** Neste ponto acontecerá a ressurreição dos justos mortos e a transformação dos santos vivos (cons. I Co. 15:51-53; I Ts. 4:13-18). Então ele **reunirá os seus escolhidos**, os redimidos de todas as dispensações, presente e passadas. Quanto à palavra **escolhidos**, veja 13:22. A palavra *episynamei*, *ajuntará*, é a forma verbal do substantivo *episyntagôgê*, "ajuntamento", em II Ts. 2:1 (reunião). Ajuntar-se-ão com o Senhor descendo, vindos de todas as partes da terra (**dos quatro ventos**), até mesmo dos recantos mais remotos (**da extremidade da terra até à extremidade do céu**).

**28, 29.** Tendo terminado a descrição dos acontecimentos futuros, o Senhor voltou a discutir a necessidade de se vigiar (vs. 28-37). Não há nenhuma indicação de que Israel esteja aqui simbolizada pela figueira. Em vez disso, a parábola é apenas uma demonstração da verdade que os acontecimentos futuros lançam suas sombras diante deles. Quando essas coisas começarem a acontecer, saberemos que a consumação está muito próxima. As cousas às quais Cristo se refere são os acontecimentos descritos nos versículos 14-25.

**30.** A explicação mais natural da expressão, **esta geração**, é que ela se refere à geração viva quando Cristo estava falando. Durante a vida dela todas essas coisas aconteceriam no que se refere à destruição de Jerusalém em 70 A.D. Esse acontecimento foi empregado por Cristo como um quadro preliminar prefigurado, em todas as suas características essenciais, o fim desta dispensação (cons. Mc. 9:1).

**32.** A **hora** e o **dia** exatos da volta de Cristo não podem ser discernidos pelo homem. Na verdade, o momento só é conhecido por Deus Pai. A declaração de que o **Filho** não sabe o momento da consumação deve ser entendida à luz da sua auto-limitação durante os dias de sua humilhação (cons. Fl. 2:5-8). Ele assumiu uma posição de completa sujeição ao Pai, exercendo seus atributos divinos apenas quando o Pai mandava (cons. Jo. 8:26, 28, 29).

**33. Estai de sobreaviso.** Este presente imperativo exige constante estado de alerta. O mesmo acontece com o verbo **vigiai**, que significa *manter-se acordado* (Arndt págs. 13, 14). Tal prontidão é necessária por que não sabemos quando esses acontecimentos do fim dos tempos podem se desencadear sobre nós.

**35.** O discípulo deve vigiar continuamente (gr. pres.). Este verbo, como também aquele do versículo 33, significa *estar ou manter-se acordado*. Exige prontidão constante contra o sono ou a modorra (Arndt, pág. 166; cons. v. 36), **se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã**. São as quatro vigílias da noite de acordo com a computação romana.

**36.** Tal prontidão é necessária para que o Senhor não chegue quando nós não o estivermos esperando. Isto é o que ele quer dizer com **não vos ache dormindo**. Para a pessoa que não estiver alerta, a vinda de Cristo será súbita. Aquele que estiver alerta verá os sinais da volta do Senhor (vs. 28, 29) e não será tomado de surpresa.

## **VII. A Paixão e Ressurreição de Cristo. 14:1 – 16:20.**

A narrativa de Marcos, agora, movimentar-se para as cenas finais da vida de Cristo na terra. Estes foram os acontecimentos que rodearam sua morte e ressurreição. Foram os atos que realizaram a eterna redenção para todas as pessoas que a aceitassem.

### **Marcos 14**

#### **A. Traição e Devoção. 14:1-11.**

Estes versículos começam com uma descrição da dissimulação com a qual os sacerdotes e escribas planejaram a morte de Jesus (vs. 1, 2). Por outro lado, segue-se uma comovente narrativa da devoção de Maria (vs. 3-9). Então, um contraste ainda mais chamativo, o evangelista conta a traiçoeira conspiração de Judas contra o Senhor (vs. 10, 11).



**1. Dali a dois dias.** O ponto do qual esses dois dias foram calculados foi provavelmente a tarde da última terça-feira, momento em que os líderes judeus estavam procurando **como o prenderiam à traição**. Isto colocaria a ceia da Páscoa na noite de quinta-feira.

**3.** Era noite de terça-feira; Cristo retornara à **Betânia** para passar a noite. Nada sabemos a respeito de **Simão, o leproso**, além do que foi contado nestes versículos, embora alguns o tenham erradamente identificado com Simão, o fariseu, em Lc. 7:36-50. **Reclinado à mesa.** Isto é, reclinado sobre um divã junto à mesa. A **mulher** da história era Maria, a irmã de Marta (cons. Jo. 12:2, 3).

O **vaso de alabastro** era um frasco de gargalo longo que tinha de ser quebrado a fim de se usar o seu conteúdo (Arndt, págs. 33, 34). **Perfume de nardo puro**, é a melhor tradução do texto grego. A planta do nardo era usada para se fazer perfume. **Preciosíssimo.** O custo era de aproximadamente cinquenta e cinco dólares por libra (cons. v. 5).

**5. Trezentos denários.** Era a moeda romana de prata que valia cerca de dezoito centavos americanos. **Murmuravam contra ela.** O verbo que foi usado aqui exprime forte emoção, que originalmente tem o significado de *resfolegar*. Uma tradução mais expressiva seria, *começaram a repreendê-la severamente*.

**8.** Ele explicou o verdadeiro motivo da atitude de Maria. O feito não foi simplesmente uma atitude de devoção, mas a intenção consciente de **ungir** Cristo antecipadamente para a sua morte e sepultamento que se aproximavam. Tendo Maria se assentado aos pés de Jesus, ouvindo atentamente os seus ensinamentos, ela compreendera, até mesmo melhor do que os discípulos, a verdade de sua morte iminente.

**10.** A reação de Judas diante da repreensão de Jesus foi vil. Uma análise completa de suas motivações para ir **ter com os principais sacerdotes** não é possível com nossos limitados conhecimentos. Lucas explica-o dizendo que **Satanás entrou em Judas** (22:3). Sabemos que o seu amor ao dinheiro foi a razão parcial de sua traição (cons. Mt. 26:14,

15). Também é possível que ele ficou desiludido com o fracasso de Cristo de se levantar contra Roma e estabelecer um reino judeu livre.

**11.** A quantia de dinheiro que **lhe prometeram** foi de trinta moedas de prata (Mt. 26:15), que valeriam entre vinte a vinte e cinco dólares. **Buscava.** Ação contínua (gr. imp.). Desse momento em diante Judas estava constantemente procurando o momento certo de traí-lo.

### **B. A Paixão do Senhor. 14:12 - 15:47.**

A narrativa de Marcos do sofrimento e morte de Cristo pode ser assim esboçada: os acontecimentos relacionados com a última ceia (14:12-25); a caminhada ao Getsêmani (14:26-42); a prisão (14:43-52); os tribunais (14:53 - 15:15); a crucificação (15:16-41); o sepultamento (15:42-47). A cronologia habitual considera que a quarta-feira foi um dia de descanso em Betânia e que os acontecimentos da parte em consideração aconteceram na quinta e sexta-feira. Não foi explicitamente declarado que um tal dia de descanso fosse intercalado, mas uma comparação entre as narrativas do Evangelho torna necessário aceitar que ele houve.

**12.** O **no primeiro dia dos pães asmos** pode, à primeira vista, passar pelo dia depois da Páscoa, ou 15 de Nisã (cons. Lv. 23:5, 6). Entretanto, Marcos esclarece que ele se refere a 14 de Nisã; ele diz que foi **quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal** (cons. Êx. 12:6). Sabe-se que a Festa dos Pães Asmos era considerada como o começo do dia da Páscoa (cons. Jos. *Antig.* II xv. 1). Era a quinta-feira. Os cordeiros da Páscoa teriam sido mortos à tarde, e a ceia da Páscoa teria sido realizada depois do pôr-do-sol no começo de 15 de Nisã.

**14.** Tendo seguido o servo à casa, os discípulos deviam perguntar **pelo dono da casa** (grego). Não se sabe quem era o proprietário. Há quem sugira que a casa era de Marcos, mas isso não passa de especulação. O texto grego também diz, **Onde é o meu aposento?** Parece, devido o uso do pronome, que o Senhor já fizera os arranjos para o uso da sala.

**Comer a páscoa.** Alguns, com base em certas declarações do Evangelho de João, supõem que a refeição não fosse a Páscoa, mas uma outra anterior à Páscoa (cons. Jo. 13:1, 29; 18:28; 19:14, 31). Entretanto, está claro que Marcos descreve Cristo com a intenção de comer a Páscoa. Além disso, as declarações de João não exigem necessariamente que se aceite que a Última Ceia tenha precedido a Páscoa (A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels*, págs. 279-284).

**16.** Além de Cristo realmente ter a intenção de comer a Páscoa, Marcos declara especificamente que os discípulos **prepararam** a Páscoa. Isto incluiria o sacrifício e a preparação do cordeiro e demais itens necessários.

**17. Ao cair da tarde.** A Páscoa era comida depois do pôr-do-sol ao começar do dia quinze de Nisã.

**19.** A pergunta, **Porventura sou eu?** aguardava uma resposta negativa, e pode ser traduzida assim, *Não sou eu, ou sou?* Um crime tão monstruoso parecia incrível aos onze. Mateus diz (26:25) que Judas também fez a pergunta, mas era obviamente uma tentativa de esconder seu ato traiçoeiro.

**20. No prato.** Comer junto, e especialmente participar do conteúdo de uma vasilha comum, era sinal de estreita amizade. À luz desse costume, a traição planejada por Judas revela-se ainda mais hedionda.

**21. Como está escrito a seu respeito.** Veja 1:2. A passagem do V.T. à qual Jesus referiu parece ser uma que descreve a traição, talvez Sl. 41:9. Observe que o soberano propósito de Deus, expresso nas palavras, **está escrito**, não livra Judas de modo nenhum da responsabilidade moral do seu ato.

**22.** Na refeição da Páscoa, o **pão** que Jesus usou deveria ser os pães asmos prescritos para a festa. Quando Jesus disse **Isto é o meu corpo**, obviamente quis dizer: "Isto simboliza meu corpo". Seu corpo físico ainda estava presente. É semelhante ao uso simbólico que ocorre em Jo. 6:35; 8:12; 10:9. O mesmo é verdade acerca de sua declaração referente ao seu sangue (Mc. 14:24).

**23. O cálice.** Não temos jeito de verificar qual dos quatro cálices da Páscoa Jesus usou. De qualquer modo, entretanto, o conteúdo deveria ser vinho misturado com dois terços de água.

**24. Nova aliança.** Tanto em Mateus como em Marcos, os melhores textos gregos omitem a palavra **novo**. Entretanto, veja Lc. 22:20; I Co. 11:25. Enquanto a palavra grega *diathêkê* pode se referir a um testamento ou vontade, os antecedentes da observação de Cristo no V. T. exigem a tradução *aliança* (cons. Êx. 24:8). Não é o termo usado para expressar um trato feito entre duas partes iguais (*synthêkê*). Deus sozinho determinou as condições da aliança, e o homem só podia aceitar ou rejeitar. O sangue de Cristo é o sangue da nova aliança prometida em Jr. 31:31-34 (cons. Hb. 8:6-13). **De muitos.** Embora a preposição grega, *hyper* possa significar "em favor de", ela é usada muitas vezes significando "em lugar de". Taylor diz que esta é uma das evidências mais claras de que Jesus encarava sua morte como vicária (Vincent Taylor, *Mark*, pág. 548).

**25. Jamais.** Uma forte negativa significando que Jesus de modo nenhum beberia outra vez com eles durante a presente dispensação. O **reino de Deus** nesta observação é escatológico, provavelmente referindo-se à sociedade do reino milenar a ser estabelecido quando Cristo voltar (Ap. 20:4-6).

**26. O hino,** de acordo com o costume da Páscoa, deveria ser uma porção dos Salmos de Hallel (SI. 105-118). A caminhada até o Jardim do Getsêmani no **Monte das Oliveiras** e os três períodos de oração de Cristo estão registrados em 14:26-42.

**27. Escandalizareis.** A palavra originalmente significa *apanhar em uma armadilha*. Passou a se referir, também, ao ato de provocar a queda de alguém. Jesus disse, portanto, que os acontecimentos daquela noite apanhariam todos os seus discípulos desprevenidos como uma armadilha ou uma pedra de tropeço. **Esta noite... em mim.** Omitido por diversos manuscritos gregos muitíssimos significativos. **Está escrito.** Veja 1:2. A citação foi extraída de Zc. 13:7, livremente traduzida do texto hebraico.

**30.** Cristo enfatizou a proximidade da ocorrência – **hoje, nesta noite**. Dirigiu-se também a Pedro com o enfático pronome pessoal, **te**. Entre todos os discípulos, Pedro, embora insistisse na sua lealdade, negaria o Senhor. Nenhuma contradição deve ser imaginada em relação ao número de vezes que os outros Evangelhos mencionam que o **galo** cantaria. Os outros simplesmente declaram o fato que a negação seria feita antes do cantar do galo (a terceira vigília da noite; veja 13:35). Marcos dá mais detalhes mencionando o número específico de vezes que o galo cantaria.

**31. Ele disse.** Repetidamente Pedro confirmou sua jactância (gr. imp.), e ele o fez com ênfase (*veemência*). **De modo nenhum.** Uma excelente tradução da negativa dupla grega, ou *mê*, que expressa forte negação. Com isso, todos os discípulos concordavam (gr. Imp. *elegon*).

**33. Ter pavor.** Uma palavra forte, expressando profunda perturbação emocional e angústia. Foi traduzido de diversas maneiras (*completamente perturbado, aterrorizado, estarrecido, profundamente agitado*). Marcos acrescenta a expressão, **angustiar-se** (*adêmoinein*), que se refere a perplexidade e angústia. (MM, pág. 9).

**34.** Jesus estava angustiado e triste até à morte. Assim Jesus pediu **vigiai** (gr. "ficar acordado, alerta, vigilantes").

**35.** A **hora** sobre a qual Jesus orou foi o momento em que, no plano de Deus, ele teria de sofrer e morrer para expiação do pecado (cons. Jo. 12:23, 27; 13:1).

**36. Aba** é a palavra aramaica para "pai". **Este cálice** refere-se às mesmas coisas **daquela hora** (v. 35). Era o cálice de um sofrimento e morte que eram mais do que físicos. A agonia da qual o Senhor recuava era a agonia da alma resultante do ato de suportar a culpa do mundo perdido. O sofrimento seria sofrimento espiritual, uma separação de Deus Pai (cons. Mc. 15:34). E foi com referência a isto que Cristo orou pedindo que o cálice fosse afastado se possível fosse a Deus realizar seu propósito redentor de alguma outra maneira. Estava, entretanto em perfeita submissão ao Pai, desejando tão-somente a vontade dEle.

**38.** Aqui o Senhor acrescenta a ordem de **orar** (gr. *continuar orando*) a fim de não entrarem **em tentação**. Esse perigo deve ser interpretado como referência específica às provações iminentes associadas à prisão e morte do Senhor.

**40. Pesados.** Literalmente, *carregados de sono*. **Não sabiam o que lhe responder.** Não encontravam uma desculpa.

**41.** Ele voltou pela **terceira vez** depois de tornar a orar (Mt. 26:44). Difícil é saber em que sentido Jesus se referiu ao dormir e descansar. Há quem o interprete como uma pergunta; outros acham que é "um pouco de amargura" (Ezra P. Gould, *Mark*, págs. 271, 272). Depois de emergir das trevas daquela hora, ele já não tinha mais necessidade da certeza de que eles estavam de algum modo enfrentando a provação com ele. Parece que esse é o pensamento por trás das palavras. **Basta... Está sendo entregue.** O tempo presente significa que a traição estava acontecendo exatamente naquele momento.

**43.** Os versículos seguintes (43-52) narram a prisão de Cristo. A população foi conduzida por **Judas**, que sabia que Jesus costumava retirar-se para a solidão do Getsêmani (Jo. 18:2). A **turba** incluía alguns membros da corte romana aquartelada em Jerusalém como também a polícia do templo (Jo. 18:3). Sem dúvida os soldados estavam armados **com espadas** e a polícia do templo com **cacetes**. **Os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos** eram os três grupos que compunham o Sinédrio, indicando que o grupo designado para prender Jesus fora oficialmente despachado por esse corpo.

**45. Judas**, com tingido respeito, fez o papel de um leal discípulo, saudando seu **Mestre** (gr. *rabi*) e o beijando cordialmente. O verbo grego para este último ato é uma forma intensificada da palavra que foi traduzida para "beijar" no versículo 44. Com esse intensificado ato de fingida devoção Judas apenas aumentou a sua culpa.

**48.** Cristo os repreendeu por tratá-lo como se ele fosse um salteador armado ou ladrão de estrada.

**49.** Essa prisão em um lugar tão fora de mão sob a cobertura da noite era completamente desnecessária, uma vez que ele estivera **no templo ensinando** todos os dias. Com esse protesto Cristo apontou para o absurdo do procedimento deles, rebatendo assim seus motivos para a prisão e julgamento. Mas Deus já tinha previsto suas atitudes e predissera o curso dos acontecimentos nas **Escrituras** (como exemplo, cons. Is. 53:8, 9, 12). Portanto, apesar da lógica dos protestos de Cristo, a prisão resultaria em julgamento e o julgamento em execução.

**51. Um jovem.** A palavra grega *neaniskos* era usada em relação aos homens entre vinte e quatro e quarenta anos de idade (Arndt, pág. 536). Nenhum outro Evangelho registra este incidente. Conseqüentemente não temos outras informações relativas à identidade da pessoa. Já houve quem sugerisse, talvez corretamente, que Marcos fizesse uma velada referência a si mesmo. Parece que não há nenhum outro motivo para que este insignificante incidente fosse incluído.

**52. Desnudo.** A palavra *gymnos* não significa necessariamente que a pessoa estivesse completamente nua; era também usada para descrever uma pessoa vestida apenas de roupas íntimas.

**53.** Aqui a narrativa volta-se para o julgamento de Cristo pelos judeus e romanos (14:53 - 15:15). Marcos dirige-se imediatamente para a narrativa da noite do julgamento diante do Sinédrio (vs. 53-65). Que o grupo examinador era o Sinédrio vê-se pela presença de **todos os principais sacerdotes, e os anciãos e os escribas**. O sumo sacerdote nessa ocasião era Caifás.

**54.** Talvez porque estivesse determinado a cumprir a sua lealdade gabola, **Pedro seguia-o**. Entretanto, o medo o mantinha à distância, e como resultado não conseguiu introduzir-se na casa do sumo sacerdote com a multidão. A palavra usada por Marcos que foi traduzida para *palácio* (em inglês) é *aulên* e é realmente o pátio. João explica (18:15, 16) que outro discípulo deu um jeito de Pedro entrar. Os **serventuários** com os quais **estava assentado** eram provavelmente membros da polícia do templo e servos do sumo sacerdote.

**55.** A palavra traduzida para **Sinédrio** é *synedrion*. Realizaram uma longa investigação (*azêtoun*, imp.) procurando testemunhas contra Jesus. Esses membros da corte judia estavam agindo como promotores públicos.

**58, 59.** Essas pessoas estavam falando sobre as observações que Cristo fizera durante o começo do seu ministério na Judéia por ocasião da primeira purificação do Templo (Jo. 2:19). A falsidade do seu testemunho está evidente pela deturpação da declaração e pela falta de concordância entre elas.

**60.** Embaraçado pela falta de concordância das testemunhas, o **sumo sacerdote** tentou envolver Cristo em uma discussão, aparentemente esperando que sua resposta o comprovasse culpado.

**61.** A pergunta, **És tu o Cristo?**, coloca o pronome pessoal na posição enfática; pode ser traduzido assim, *Você, você é o Messias?* Era comum entre os judeus usar ternos tais como o **Bendito** quando se referiam a Deus, para que não fossem culpados de tomar o nome divino em vão. Mateus esclarece (26:63) que o sumo sacerdote colocou Jesus sob solene juramento, que o obrigava a responder. Ele não tinha outra escapatória senão dar o seu testemunho, o qual seria usado contra ele.

**62.** Com uma afirmação direta, Jesus respondeu, **Eu sou**. O restante de sua resposta foi expressado em termos extraídos de Dn. 7:13 e Sal. 110:1. **A direita do Todo-Poderoso** é a mão direita de Deus. Cristo assegurou aos seus juízes que viria o dia quando eles o veriam como o Messias exercendo o poder da divindade e vindo para juízo (veja 13:26).

**63.** Esse foi o tipo de resposta que o sumo sacerdote desejava. Prontamente **rasgou as suas vestes**, como devia fazer quando ouvisse uma blasfêmia (cons. H. B. Swete, *Mark*, págs. 359, 360). Já não necessitavam de **mais... testemunhas**, uma vez que Jesus foi forçado a testemunhar contra Si mesmo, um procedimento ilegal na lei judaica.

**64.** A declaração de Cristo foi interpretada como **blasfêmia** porque as autoridades viam em Jesus um simples homem (cons. Jo. 10:33). A questão de sua culpa foi colocada diante de todo o concílio, e eles



unanimemente **o julgaram réu de morte**. A pena estabelecida para blasfêmia era a morte (Lv. 24:16).

**65.** Parece que foram alguns membros do sinédrio que começaram a tratar Jesus da maneira vergonhosa descrita. Para tais líderes religiosos do Judaísmo, altamente qualificados e respeitados, suas atitudes foram muitíssimo degradantes. Cobriram-lhe o rosto com uma venda quando batiam nele para ridicularizar seu conhecimento sobrenatural (cons. Lc. 22:64). Quando foi entregue aos **guardas** (a polícia do templo), estes seguiram o exemplo dos seus superiores e começaram a lhe bater. A palavra *rapisma* refere-se a um golpe dado com uma vara ou a uma bofetada.

**67. Fixou-o.** A palavra indica que ele fixou o seu olhar. Por causa da intercessão de João por Pedro (Jo. 18:15, 16), a criada sem dúvida estava certa que Pedro era um seguidor de Jesus.

**68.** A negação de Pedro foi reforçada pela repetição (**Não o conheço, nem compreendo o que dizes**). Apanhado pela inesperada identificação, ele se esqueceu de sua lealdade gabola. **O alpendre** para o qual Pedro saiu era o pátio externo ou o vestibulo que dava da rua para o pátio interno. Muitos textos antigos omitem as palavras **e o galo cantou**.

**69.** O texto grego indica que foi a mesma **criada** que anteriormente já acusara Pedro. Entretanto, Mt. 26:71 fala de outra criada, enquanto que Lc. 22:58 declara que uma outra pessoa (do sexo masculino) dirigiu-se a Pedro diretamente. Não é necessário procurar contradições entre as narrativas neste ponto. Evidentemente havia duas criadas, o porteiro e outra pessoa, os quais apontaram Pedro entre os circunstantes. Além disso, um homem disse a Pedro "Você também é um deles".

**70.** A terceira acusação partiu de diversas pessoas que estavam ao redor. Provavelmente houve diversas declarações, como o tempo imperfeito *elegon* pode muito bem indicar. João 18:26 revela que uma pessoa daquelas que fazia acusações era um parente do indivíduo a quem Pedro cortou a orelha.

**71. A praguejar e a jurar.** Esses verbos não indicam que Pedro tenha usado de irreverência como o termo é compreendido hoje em dia. Em vez disso, ele provavelmente **amaldiçoou-se** caso estivesse mentindo e colocou-se sob juramento ao fazer a sua negativa.

**72.** Neste ponto as evidências dos manuscritos justificam a inclusão das palavras, **segunda vez** (veja v. 68). Os melhores textos também contêm a palavra "imediatamente" (*euthys*). O cantar do galo seguiu-se firme à terceira negativa, penetrando profundamente na consciência do discípulo. Naquele instante Pedro viu Jesus que olhava para ele (Lc. 22:61) de uma sala acima do pátio. **Caindo em si.** A palavra *epibalôn* há muito que constitui um problema de tradução aqui. Enquanto *epibalôn* descreve o início do choro, o tempo imperfeito *eklaïen*, **chorou**, descreve a continuação dele.

## Marcos 15

**15:1.** Este versículo descreve uma segunda reunião do Sinédrio muito cedo de manhã. Lucas 22:66-71 dá um registro mais completo desta fase no tribunal judeu. Parece que houve uma tentativa de tornar legal a condenação, uma vez que era ilegal realizar um julgamento à noite. Dessa vez os romanos não permitiram que os judeus aplicassem a sentença de pena capital. Conseqüentemente foi necessário levar Jesus a **Pilatos**, que era o procurador romano que governava a Judéia.

**2.** O julgamento romano foi descrito em 15:2-15. Para uma narrativa mais completa do mesmo veja Jo. 18:28 – 19:16. Uma das acusações era que Jesus dizia-se rei, e foi por causa dessa alegação que Pilatos fez a pergunta. Uma reivindicação real era terreno para se julgar por traição. A resposta de Jesus, **Tu o dizes**, é suscetível de diversas interpretações. Entretanto, à luz de Jo. 18:34-38, é melhor entendê-la como resposta afirmativa, a qual, conforme João diz, foi acompanhada de uma explicação sobre que tipo de rei Jesus dizia-se ser.

**3, 4.** Estes versículos descrevem os **principais sacerdotes** quando jogaram uma barragem de acusações contra Jesus. Tão maldoso foi o

ataque que **Pilatos** não pôde entender a calma conduta do prisioneiro (cons. v. 5).

**6.** O governador estabelecera prática de soltar **um dos presos** todos os anos durante a Páscoa, talvez como tentativa de manter a boa vontade dos judeus. Os verbos *soltar* e *pedissem*, ambos estão no tempo imperfeito, mostrando que esses atos eram costumeiros, isto é, **era costume soltar...**

**7.** O prisioneiro **Barrabás** não era um ladrãozinho qualquer. Era um salteador (Jo. 18:40), como também um insurrecionista e assassino. Parece que o homem era um judeu que participara de uma revolta contra Roma, um crime muito parecido com aquele de que os judeus acusavam Jesus (Ezra P. Gould, *Mark*, pág. 285).

**8. Dando gritos.** (ERC) Os melhores manuscritos antigos dão *anabas*, "subiu". A multidão pediu a Pilatos que fizesse o que sempre costumava fazer (**fizesse como de costume**, gr. imp.) soltando um prisioneiro. Parece que a multidão estava pedindo a soltura de Barrabás, uma vez que talvez fosse uma espécie de herói deles por causa de sua participação na rebelião contra Roma.

**11.** A esta altura a multidão talvez estivesse tentada a pedir que soltasse Jesus, mas os sacerdotes **incitaram a multidão** a pedir Barrabás. A palavra *anaseiô* significa "incitar, instigar", ou mais literalmente, *excitar*, conforme demonstra a agitação excitada da população.

**15. Querendo contentar a multidão.** A expressão grega (*tohikanon poëtai*) indica que ele estava desejoso de satisfazer os judeus, mesmo que para fazê-lo tivesse de sacrificar um homem inocente. **Açoitar.** Esse ato foi realizado com um chicote feito de tiras de couro com ásperos pedaços de metal atados às pontas. A vítima era reclinada sobre um poste baixo, e o castigo era aplicado sobre as costas nuas. Muitas vezes os cortes profundos abriam a carne até os ossos.

**16.** Ainda não eram 9 horas da manhã. O julgamento diante de Pilatos foi seguido muito de perto da crucificação (15:16-41). **Os**

**soldados** a quem Jesus foi confiado eram militares romanos sob a jurisdição de Pilatos. O **palácio**. A palavra grega é *aulê*, "pátio", como em 14:54, onde foi traduzido também para "palácio". Marcos explica que era o **pretório**, um termo que pode muito bem se referir tanto ao palácio de Herodes como à fortaleza de Antônia, onde as tropas romanas estavam aquarteladas (cons. Arndt, pág. 704). De qualquer maneira, parece referir-se ao quartel dos soldados. A corte romana era formada de aproximadamente seiscentos homens. Entretanto, o número variava de acordo com a situação, e neste exemplo poderia ser bem menor.

**19.** Os três verbos, **Davam, cuspiam e adoravam** estão todos no imperfeito, descrevendo a repetição desses atos. Soldado após soldado zombava cruelmente da mal-interpretada reivindicação de Jesus de ser um rei.

**21.** João 19:17 explica que quando o cortejo partiu para a execução, Jesus estava levando a sua própria cruz. Logo depois, entretanto, os soldados deram com **Simão** e o obrigaram a carregar o instrumento da execução. A identidade desse homem era evidentemente conhecida dos leitores romanos de Marcos, pois Marcos menciona seus filhos, **Alexandre e Rufo**, como se fossem pessoas conhecidas. Havia um Rufo em Roma quando Paulo escreveu a Epístola aos Romanos (16: 13).

**22. Gólgota** é uma palavra aramaica que quer dizer *caveira*. O local era provavelmente assim chamado por causa do seu formato. O sítio que tradicionalmente é defendido por muitos é o da Igreja do Santo Sepulcro. Outros insistem na colina conhecida como o Calvário de Gordon. No interesse da objetividade devemos admitir que, no presente momento, uma identificação acurada do local é impossível.

**23. Deram-lhe.** O tempo imperfeito, *edidoum*, ficaria melhor traduzido para *eles iam lhe dar*. Jesus recusou a bebida depois de experimentá-la e descobrir o que era (Mt. 27:34). **Mirra** servia como entorpecente administrado para minorar a tortura da horrível morte pela crucificação. Jesus, entretanto, recusou permitir que essa poção estupefaciente anuvasse seus sentidos.

**24.** Os detalhes da crucificação estão ausentes em todos os Evangelhos. Sabe-se de Jo. 20:25 que cravos foram usados para prender suas mãos na cruz. A crucificação foi reconhecida como uma das mais cruéis formas de execução empregada no mundo antigo. Frequentemente a vítima era abandonada sobre a cruz por diversos dias antes que a morte aliviasse seu intenso sofrimento. As **vestes** da pessoa condenada ficavam para os executantes.

**25.** A hora da execução coloca-se na hora terceira, que era a designação judia para as 9 horas da manhã. O julgamento diante de Pilatos aconteceu na sexta hora, de acordo com o tempo romano, que seria às 6 horas da manhã (cons. Jo. 19:14).

**26.** Costumava-se usar qualquer tipo de placa indicando o nome e a **acusação** do condenado. Marcos dá apenas o crime do qual Jesus foi acusado. João indica que o título também continha a identificação **Jesus Nazareno** (19:19). Não há contradição; Marcos é apenas mais conciso.

**27.** Os dois criminosos que foram crucificados com Jesus eram mais do que reles ladrões. Conforme 14:48, *lêstês* significa "salteador, assaltante".

**29, 30. Blasfemavam dele.** Os transeuntes blasfemavam (*eblasphêmoun*, imp.) de Jesus. **Meneando as cabeças.** Sacudiam as cabeças em desaprovação desdenhosa. A lógica por trás do seu sarcasmo era um argumento de cima para baixo. Se ele podia reconstruir o Templo em três dias, podia certamente e com toda facilidade **descer da cruz**.

**31. Os principais sacerdotes e os escribas** também participavam da zombaria, mas entre si. Seu, muitas vezes, repetido sarcasmo referente à incapacidade de Cristo de se salvar era na realidade uma negativa de que ele pudesse ajudar alguém. Se não podia livrar-se do sofrimento e morte, como poderia livrar outra pessoa?

**33.** Passaram-se três horas; era o meio do dia, a hora sexta. Quando o sol estava em todo o seu esplendor, **houve trevas** (*egeneto*) **sobre toda terra**. Não poderia ter sido um eclipse total que escurecesse toda a terra, Lenski argumenta (Lenski, *Interpretation of Mark*, pág. 713-714), pois a

Páscoa acontecia na lua cheia, quando tal eclipse não era possível. O que causou as trevas não foi declarado. Certamente o fenômeno foi sobrenatural. **A hora nona** era às 15 horas (veja v. 25).

**34.** Jesus ficou na cruz durante seis horas. Seu grito foi uma citação do Sl. 22:1. **Eloí, Eloí, lamá sabactâni** é uma transliteração do aramaico, a língua nativa de Cristo. Marcos, como de costume, deu o significado da expressão aramaica para os seus leitores romanos. Esse grito de abandono fornece um vislumbre do sofrimento íntimo de Cristo na cruz. Sua maior agonia não foi física; foi, antes, agonia da alma quando levou sobre si a culpa do pecado do mundo. O sentido no qual Deus **desamparou** Cristo foi que o Pai interrompeu a comunhão com o Filho. Deixou de manifestar o seu amor em relação ao Filho. Em vez disso, Cristo tornou-se o objeto do desprazer do Pai, pois era o Substituto do pecador. Cristo se tornou "pecado por nós" (II Co. 5:21), e um Deus santo não pode olhar para o pecado com agrado.

**36. O vinagre** era vinho azedo que matava a sede mais depressa do que água (Arndt, págs. 577, 578). Considerando que não era uma mistura entorpecente como a do versículo 23, Jesus aceitou-a sem protesto (cons. Jo. 19:29,30). **Se Elias vem.** Não temos motivos para deduzirmos que as pessoas que falavam fossem sinceras em suas palavras. Sem dúvida era continuação da zombaria tão evidente em 15:29-32.

**37. Expirou.** A palavra grega é *exepneusen*, que literalmente significa *expirou*. Não foi uma luta prolongada, tal como o tempo imperfeito poderia descrever. Em vez disso, o aoristo descreve um acontecimento rápido, momentâneo. Expirou e já tinha partido.

**38. O véu** era a pesada cortina que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos no santuário (naos, "santuário"). Veja a descrição em Josefo, *Wars of the Jews*, V, v. 4. O rasgão moveu-se **de alto a baixo**, talvez apontando para a origem divina do acontecimento. Seu momento de ocorrência foi significativo. Considerando que era a hora do sacrifício da tarde, o rasgar do véu não poderia passar despercebido. O significado da abertura do Santo dos Santos está explicado em Hb. 9:7, 8; 10:19-22.

**39. Um centurião** tinha cem homens sob o seu comando. Nesta ocasião o oficial estava encarregado de um destacamento menor designado para a crucificação. **Em frente dele.** Isto é, estava diante da cruz. A declaração do centurião de que Jesus **era o Filho de Deus** não deve ser tomada no pleno sentido cristão. Em primeiro lugar, o artigo não aparece no texto grego. Deve-se ler, portanto, "um filho de Deus", ou quando muito, "Filho de Deus". A bagagem pagã do oficial romano não deve ser ignorada. Ele pode muito bem ter visto Jesus como um ser sobrenatural, mas que ele possuía todo o conceito cristão da divindade de Cristo é improvável. Mais adiante, Lucas registra que ele declarou que Jesus era **homem justo** (23:47). Para forçar uma interpretação contrária, veja Lenski, *Interpretation of Mark*, págs. 725-727.

**40. Maria Madalena** não deve ser confundida com Maria de Betânia (Jo. 12:1 e segs.) nem com a mulher pecadora de Mc. 7:37. Ela vinha de Magdala na Galiléia, e fora libertada da possessão demoníaca por meio de uma ordem de Jesus (Lc. 8:2). A segunda **Maria** parece que era a mãe de Tiago, filho de Alfeu, um dos discípulos (Mc. 3:18). **Salomé** foi descrita como sendo a mãe de Tiago e João, os filhos de Zebedeu (Mt. 27:56).

**42.** A narrativa da Paixão termina com uma descrição do sepultamento de Jesus (vs. 42-47). **Ao cair da tarde.** A tarde mencionada aqui deve ser forçosamente o começo da tarde, entre a hora do sacrifício da tarde (15 horas) e o pôr-do-sol (18 horas). Os preparativos para o sepultamento tinham de ser feitos antes do começo do **sábado** ao pôr-do-sol (cons. Jo. 19:31-37). Observe a explicação de Marcos referente ao termo judeu, **da preparação**, para seus leitores gentios.

**43.** Nada sabemos sobre **José de Arimatéia** exceto o que os Evangelhos apresentam em relação a este acontecimento (cons. Mt. 27:57; Lc. 23:51; Jo. 19:38). **Pediu** (*aiteô*) o corpo.

**46. O lençol** foi enrolado à volta do corpo de Jesus em tiras (cons. Jo. 19: 40, texto grego). O **túmulo** fora **lavrado** na rocha por um canteiro, prática comum naquela vizinhança. Mateus declara que a

sepultura pertencia a José e que era nova (27:60). A **pedra** que foi rolada diante da entrada era provavelmente uma laje circular que encaixava em uma reentrância da rocha escavada para tal propósito.

## Marcos 16

### C. A Ressurreição do Senhor. 16:1-20.

O último capítulo do Evangelho encaixa em duas seções inteiramente distintas. A visita das três mulheres à sepultura ocupa 16:1-8. O restante do capítulo, 16:9-20, forma um sumário dos aparecimentos de Cristo depois da ressurreição, concluindo com a sua ascensão.

**1.** Considerando que o **sábado** terminava ao pôr-do-sol, parece que as três mulheres mencionadas em 15:40 foram a uma das vendas que se abriram novamente à tarde e compraram o material necessário. Os aromas (*arômata*) eram líquidos, tais como o azeite perfumado, pois as mulheres planejavam ungir o corpo de Jesus.

**2. E muito cedo.** João diz que ainda estava escuro (20:1), quando Marcos afirma que foi ao **despontar do sol**. O conflito aparente resolve-se facilmente se supormos que as mulheres começaram a sua caminhada enquanto ainda estava escuro e chegaram à sepultura exatamente quando o sol nascia.

**4. E, olhando.** A palavra é *anablepô*, significando "levantaram os olhos". Talvez elas se aproximaram andando de cabeças abaixadas.

**5.** Marcos conta que **viram um jovem**. Mateus descreve a pessoa como sendo um anjo que removera a pedra (28:24). E Lucas diz que havia dois homens com vestidos resplandecentes (24:4). A variedade é uma evidência de que estas são as narrativas de diversas testemunhas oculares, cada uma descrevendo o que mais a impressionou. A história completa incluiria o aparecimento de dois anjos, um dos quais rolou a pedra e falou às mulheres. **Surpreendidos.** A palavra seria melhor traduzida para *completamente atônitas*. Lenski usa a palavra "mudas de surpresa" (*Interpretation of Mark*, pág. 742).



**6. Não vos atemorizeis.** Poderia ser traduzido para *Deixem de ficar completamente atônitas*. O anjo assegurou-lhes que Jesus **ressuscitou** e que não estava mais ali, em prova do que chamou a atenção delas para **o lugar onde o puseram**. João 20:6, 7 informa-nos que os panos que o envolviam ainda estavam lá.

**7.** Observe como **Pedro** foi destacado nos preparativos para uma reunião na Galiléia. Através disso o discípulo caído recebeu a certeza de que Cristo não o rejeitara como resultado de suas negativas (14:66-72). Uma comparação feita com os outros Evangelhos mostra que os discípulos não partiram imediatamente para a Galiléia e que Cristo apareceu primeiro a Pedro (Lc. 24:34) e depois aos discípulos naquela tarde (Lc. 24:36). A reunião na Galiléia foi registrada em Mt. 28:16-20.

**8. Estavam possuídas de temor e de assombro.** O original de Marcos é mais vigoroso. Ele diz: ". . . foram tomadas de tremor e espanto". Não foi sem razão que **fugiram do sepulcro**. A declaração de que nada disseram **a ninguém** deve ser entendida à luz dos outros Evangelhos. Nada disseram ao longo do caminho, pois estavam com medo e com pressa de levar a notícia aos discípulos (cons. Mt. 28:8; Lc. 24:9, 10).

Nota textual. 16:9-20. Nos dois manuscritos do N. T. grego mais dignos de crédito (do Vaticano e o Sinaítico) o Evangelho termina com 16:8, como acontece também com diversas versões mais antigas. Tanto Eusébio como Jerônimo declaram que o final estava ausente na maior parte dos manuscritos do seu tempo. Além disso, diversos textos e versões oferecem um substituto mais resumido de 16:9-20. Maior número de manuscritos têm a conclusão mais longa, mas grande parte deles são de data recente e de qualidade inferior. Pelos padrões reconhecidos da avaliação textual, tanto as conclusões mais longas como as mais curtas devem ser rejeitadas, e esse é o julgamento de quase todos os mestres do texto. Lenski é um dos poucos comentaristas que argumenta em favor da conclusão mais longa (*Interpretation of Mark*, pág. 750-755). Além disso, um exame dos versículos 9-20 não deixa de

impressionar o estudante atento com o fato de que esses versículos diferem acentuadamente no estilo do restante do Evangelho. Talvez a explicação mais aceitável seja que o final do evangelho original tenha sido rasgado e perdido antes que cópias adicionais fossem tiradas. Talvez outros tenham tentado acrescentar um final substitutivo, sendo o mais bem sucedido aquele que agora aparece em 16:9-20.

**9-11.** A narrativa original, que aqui foi resumida, encontra-se em Jo. 20:11-18. Observe que a ênfase do autor foi colocada sobre a incredulidade dos discípulos (Mc. 16:11, 13, 14).

**12, 13.** Para uma narrativa mais completa deste acontecimento, veja Lc. 24:13-35. **Em outra forma.** Lc. 24:16 diz que seus olhos estavam de algum modo afetados de modo que não reconheceram Cristo. Se Cristo realmente mudou a sua aparência não o sabemos. **Os outros** eram os onze discípulos em Jerusalém (Lc. 24: 33).

**14-18.** Este aparecimento **aos onze** seguiu-se imediatamente depois do aparecimento aos viajantes de Emaús (Lc. 24:36-49; Jo. 20:19-25). Lucas e João não dão a impressão de que Jesus os tenha repreendido por causa da **incredulidade e dureza de coração**, mas que ele reconheceu como era difícil para eles crer, e procurou remover essa dificuldade oferecendo provas da sua ressurreição.

**Quem crer e for batizado.** Este versículo tem sido usado por alguns para tentar provar que o batismo é necessário à salvação. Em primeiro lugar, o fato de que a declaração só aparece nesta conclusão controvertida do livro de Marcos deveria indicar a necessidade de cautela no uso do versículo como prova. E então, deve-se notar que na segunda metade do versículo a única base para a condenação é a recusa em crer. Pode-se, portanto, concluir que a única base para a salvação é a fé. Tal interpretação está em completa harmonia com o todo dos ensinamentos do N. T. em relação ao assunto (cons. Rm. 3:28; Ef. 2:8, 9). A declaração relativa à expulsão de **demônios** e falar em **novas línguas** (v. 17) pode muito bem ser uma referência aos acontecimentos na igreja primitiva conforme narrados em Atos. Até mesmo as palavras

sobre o pegar em **serpentes** podem ser alusivas à experiência de Paulo em Atos 28:1-6. O N. T. não contém nenhuma outra passagem que fale de beber veneno (**alguma coisa mortífera**). Mesmo se esta passagem fosse indiscutivelmente genuína, não poderia ser racionalmente usada como base para deliberado e presunçoso manejo de cobras e para se beber veneno conforme praticado por algumas seitas religiosas extremistas.

**19, 20.** Este resumo final refere-se à ascensão de Cristo e o ministério sucessivo dos seus seguidores. A frase, **depois de lhes ter falado**, parece implicar que a ascensão de Cristo aconteceu imediatamente após seu aparecimento aos onze à tarde do dia da sua ressurreição (vs. 14-18). Entretanto, uma comparação com Lv. 24:50-53 e Atos 1:1-11 mostra que se passaram quarenta dias depois da sua morte. O versículo final pode muito bem servir como um pequeno resumo do livro de Atos. **O Senhor e confirmando a palavra.** Observe a extraordinária semelhança com Hb. 2:4.

# LUCAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	Capítulo 22
Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17	Capítulo 23
Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18	Capítulo 24

## INTRODUÇÃO

O Evangelho segundo Lucas é a narrativa mais completa da vida de Jesus que veio até nós proveniente da era apostólica. Teve a intenção de ser uma descrição completa do curso da vida do Salvador desde o seu nascimento até a sua ascensão, e faz parte de uma obra maior que inclui o livro dos Atos, o qual prossegue com a história das atividades missionárias da igreja até o estabelecimento da comunidade cristã em Roma.

**O Autor.** De acordo com o testemunho uniforme da igreja, Lucas, um médico gentio e companheiro de Paulo, foi o autor do Terceiro Evangelho. Seu nome não foi mencionado nas suas páginas, mas as evidências disponíveis tendem a concordar e confirmar a tradição.

A íntima relação entre o Evangelho e o livro de Atos mostra que as duas obras têm o mesmo autor, e sejam quais forem as pistas que identifiquem o autor de uma aplicam-se à interpretação da outra. Os dois livros foram endereçados ao mesmo homem, Teófilo (Lc. 1:3; Atos 1:1). O conteúdo de Lucas encaixa-se perfeitamente na descrição do "primeiro tratado" mencionado na introdução dos Atos (Atos 1:1). A continuidade do estilo e dos ensinamentos sobre a pessoa de Cristo, a ênfase

predominante sobre a obra do Espírito Santo, o interesse penetrante pelo ministério aos gentios, e a atenção constante que o escritor dedica aos acontecimentos históricos contemporâneos apontam para uma unidade planejada.

Nessa mesma base, os fatos fornecidos pelo livro de Atos relativamente ao seu autor também se aplicam ao Evangelho. O autor era um gentio convertido, possivelmente da igreja de Antioquia, onde Paulo serviu com Barnabé no começo do seu ministério (Atos 11:25, 26). O escritor juntou-se-lhe mais tarde em Troas, conforme indica o uso que faz do pronome "nós" (Atos 16:10), acompanhou-o até Filipos, e presumivelmente permaneceu lá enquanto Paulo visitava Jerusalém. Quando Paulo retornou a Filipos, Lucas voltou com ele a Jerusalém (Atos 20:5 – 21:15), onde Paulo foi preso e colocado sob custódia protetora. No final da prisão de Paulo em Cesaréia, Lucas o acompanhou a Roma (Atos 27:1 – 28:15).

Paulo menciona Lucas três vezes em suas epístolas, chamando-o de "médico amado" (Cl. 4:14; Fm. 24), e indicando mais tarde que foi o último amigo que permaneceu com ele na sua segunda prisão (II Tm. 4:11).

A declaração de Paulo que Lucas era médico está corroborada pela linguagem que Lucas usa e pelo interesse que demonstra pelas enfermidades e a cura. Um notável exemplo dessa inclinação aparece na diferença entre a sua narrativa e a de Marcos referente à mulher que tinha uma hemorragia (Lc. 8:43; Mc. 5:26). Ele diagnostica o caso da mulher como incurável, enquanto Marcos enfatiza a incapacidade dos médicos.

O ministério de Lucas foi amplo. Médico, pastor, evangelista itinerante, historiador e escritor, foi tremendamente versátil e ativo. Tinha muitas amizades entre os líderes cristãos do primeiro século, e parece que também tinha importante e especial relacionamento com as autoridades romanas.

A tradição tem preservado algumas interessantes lendas a respeito dele, embora talvez não sejam autênticas. De acordo com essas histórias, Lucas era um artista que pintou um quadro da Virgem Maria. Nunca se casou e nos últimos anos de sua vida retirou-se para Bitínia, onde faleceu. Outras lendas contam que ele foi martirizado na Grécia.

**As Fontes.** O conteúdo de Lucas tem o aspecto geral de Mateus e de Marcos porque os três Evangelhos Sinóticos tratam dos acontecimentos gerais da vida de Jesus. Provavelmente uma grande porção da narrativa de Lucas, que coincide com o conteúdo de Mateus e Marcos teve origem nas pregações expositivas dos missionários apostólicos. Uma teoria largamente aceita acrescenta que Lucas usou o Evangelho de Marcos e uma especial fonte oral tal como fez Mateus. De acordo com o seu próprio testemunho ele conhecia as outras narrativas (Lc. 1:1, 2), mas não sabemos o quanto se utilizou delas. Uma grande parte do material de Lucas, entretanto é único no gênero. Sua história relacionada com os acontecimentos em torno do nascimento de Cristo difere de Mateus no ponto de vista e em alguns detalhes. Ele seleciona mais parábolas de Jesus do que Mateus e Marcos, e destaca mais a personalidade dos caracteres de sua narrativa. Na história da Ressurreição ele introduz a caminhada a Emaús, que nenhum dos outros Evangelhos dão de maneira completa.

Esses aspectos singulares ele os deve ter obtido de testemunhas oculares, pois ele não esteve pessoalmente presente nos acontecimentos que descreve. Na sua introdução ele declara que foi assim (Lc. 1:2) e mais adiante no Evangelho menciona pessoas das quais poderia ter obtido informações. Maria, a mãe de Jesus, pode ter fornecido o conteúdo dos dois primeiros capítulos; Maria Madalena, Joana, a esposa de Cuza (mordomo de Herodes), e outras mulheres (8:3) poderiam ter-lhe fornecido muitas reminiscências pessoais. Se Lucas viajou pela Palestina durante a prisão de Paulo em Cesaréia, poderia ter entrevistado inúmeras pessoas que se lembrariam de terem ouvido Jesus pregando e ensinando. Das pregações de Paulo e dos outros apóstolos que ele ouviu,

poderia ter extraído grande parte das aplicações doutrinárias que aparecem tanto no Evangelho como no livro de Atos.

**A Data.** Por causa da conclusão abrupta do livro de Atos, parece que Lucas concluiu o mesmo no final dos dois anos da prisão de Paulo em Roma. Se o Evangelho foi escrito anteriormente, conforme indica a introdução do livro de Atos (Atos 1:1), deve ter sido composto, o .mais tardar, antes de 62 A.D. quando terminou a prisão em Roma. Talvez Lucas colheu o material para o mesmo durante seus anos de serviço com Paulo, e então, antes de sair da Palestina na companhia deste, a caminho de Roma, enviou-o de Cesaréia para o seu amigo Teófilo. Se foi assim, o Evangelho foi escrito aproximadamente em 58 A.D. A alusão feita ao cerco e tomada de Jerusalém (Lc. 21:20-24) tem sido interpretada por alguns que o Evangelho foi escrito depois da queda da cidade em 70 A.D. Tal conclusão não é necessária se considerarmos que o conteúdo do capítulo é uma profecia, e que Lucas está apenas registrando as palavras de Jesus sobre o futuro.

A afinidade entre a linguagem da narrativa de Lucas sobre a Última Ceia (22: 14-23) e o resumo de Paulo (I Co. 11:23-26) pode indicar que Lucas estivesse repetindo as palavras que o próprio Paulo usou em diversas ocasiões. Se for assim, a composição e publicação do Evangelho podem ser colocadas mais perto dos dias de Paulo do que em período de trinta ou mais anos após.

**O Lugar.** Nenhuma indicação do lugar da publicação nos foi dada. Uma tradição relaciona o Evangelho com a Grécia, possivelmente Atenas. Outra sugere que o lugar seja a Antioquia da Síria, onde Lucas teria amigos. Cesaréia parece ser o lugar mais adequado para a sua composição, mas o Evangelho pode ter sido completado e enviado de Roma a Teófilo, se não da própria Cesaréia.

**O Destinatário.** Teófilo, a quem o Evangelho foi endereçado, era provavelmente um gentio de alta posição social. Lucas o saúda com o título, "ó excelente", o qual ele reserva em outros lugares de seus escritos para autoridades romanas (Atos 24:3; 26:25.) Nada se sabe dele

diretamente além das duas menções feitas em Lucas 1:3 e Atos 1:1. Era um cristão convertido, interessado em saber mais sobre a nova fé do que poderia obter da simples instrução de rotina. Os dois tratados de Lucas tinham a intenção de transformá-lo em um crente inteligente.

**O Desenvolvimento das Idéias.** O Evangelho de Lucas apresenta o curso da vida de Jesus como se alguém apresentasse seus pontos altos a um auditório por meio de um filme. Começa com sua genealogia e nascimento, continua através do seu ministério terreno até a Paixão, e atinge o clímax na Ressurreição. Atos continua sua operação na igreja através do Espírito Santo até a chegada de Paulo em Roma. O Evangelho, então, foi dedicado à primeira metade dessa apresentação progressiva da pessoa de Cristo.

A estrutura de Lucas segue de modo geral a ordem de Mateus e Marcos, uma vez que foi determinada pela vida de Cristo propriamente dita. A apresentação dos fatos é mais completa em diversos aspectos, mas é menos apegada aos tópicos do que Mateus e mais fluente que a de Marcos.

**Resumo da Mensagem.** A mensagem do Evangelho de Lucas pode ser resumida nas palavras de Jesus a Zaqueu, conforme Lucas as registra: "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (19:10). O caráter e propósito de Jesus como Salvador é o tema principal deste livro. As atividades e os ensinamentos de Jesus em Lucas são focalizados no ato de tirar os homens dos seus pecados e de trazê-los de volta à vida e à esperança. Os milagres, as parábolas, os ensinamentos e as atitudes de Jesus exemplificam seu poder e vontade redentores.

O conceito de Jesus como Filho do homem enfatiza a sua humanidade e a sua compaixão sentida por todos os homens. Ele tinha de ser a "Luz para alumiar as nações, e para glória de. . . Israel" (2:32). Lucas escreve como cristão gentio, com profunda apreciação pela revelação de Deus através do povo hebreu, revelando contudo uma grande simpatia por aqueles que não foram incluídos no primeiro



convênio da Lei. Seu Evangelho é verdadeiramente universal no campo de ação.

## **ESBOÇO**

I. Introdução. 1:1-4.

II. A anunciação do Salvador. 1:5 – 2:52.

A. A anunciação a Zacarias. 1:5-25.

B. A anunciação a Maria. 1:26-56.

C. O nascimento de João. 1:57-80.

D. O nascimento de Jesus. 2:1-20.

E. A apresentação no Templo. 2:21-40.

F. A visita a Jerusalém. 2:41-52.

III. O aparecimento do Salvador. 3:1 – 4:15.

A. A introdução de João Batista. 3:1-20.

B. O batismo de Jesus. 3:21, 22.

C. A genealogia. 3:23-38.

D. A tentação. 4:1-13.

E. A entrada na Galiléia. 4:14-15.

IV. O ativo ministério do Salvador. 4:16 – 9:50.

A. A definição do seu ministério. 4:16-44.

B. As provas do seu poder. 5:1 – 6:11.

C. A escolha dos apóstolos. 6:12-19.

D. Um sumário dos seus ensinamentos. 6:20-49.

E. Um período difícil do seu ministério. 7:1 – 9:17.

F. O clímax do seu ministério. 9:18-50.

V. O caminho para a cruz. 9:51 – 18:30.

A. A perspectiva da cruz. 9:51-62.

B. O ministério dos Setenta. 10:1-24.

C. Ensino público. 10:25 – 13:21.

D. O começo dos debates públicos. 13:22 – 16:31.

E. Instruções aos discípulos. 17:1 – 18:30.

VI. O sofrimento do Salvador. 18:31 – 23:56.

- A. A ida a Jerusalém. 18:31 – 19:27.
- B. A entrada em Jerusalém. 19:28-44.
- C. O ensino em Jerusalém. 19:45 – 21:4.
- D. O discurso no Jardim das Oliveiras. 21:5-38.
- E. A última ceia. 22:1-38.
- F. A traição. 22:39-53.
- G. A prisão e o julgamento. 22:54 – 23:25.
- H. A crucificação. 23:26-49.
- I. O sepultamento. 23:50-56.
- VII. A ressurreição. 24:1-53.
  - A. A sepultura vazia. 24:1-12.
  - B. A caminhada a Emaús. 24: 13-35.
  - C. O aparecimento aos discípulos. 24: 36-43.
  - D. A última comissão. 24:44-49.
  - E. A ascensão. 24:50-53.

## COMENTÁRIO

### Lucas 1

#### I. Introdução. 1:1-4.

O Evangelho de Lucas é o único que conta qual o método que o autor usou na sua composição. O conteúdo da introdução tem a intenção de fortalecer a confiança do leitor naquilo que o Evangelho contará a respeito de Cristo.

**1. Houve. . . empreenderam.** Uma tradução literal do verbo grego, quer dizer, "tentaram" ou "iniciaram". A **narração**. A palavra implica em uma narrativa formal que é um sumário conciso dos fatos. **Fatos que ... se realizaram** tem o sentido de "as coisas que foram aceitas por certas ou verdadeiras", ou "os reconhecidos fatos do caso".

**2. Transmitiram.** Paulo usa esta mesma palavra com referência à transmissão oral do conteúdo do Evangelho (I Co. 11:23; 15:3). **Os que ... foram deles testemunhas oculares ... e ministros da palavra. Os que ... foram deles testemunhas oculares,** implica em que os informantes de Lucas viram Jesus em pessoa e por causa de seu compromisso com ele tornaram-se **ministros da palavra. Ministros** não tem um significado profissional no sentido atual da palavra; usava-se em relação aos que prestavam serviços na sinagoga (Lc. 4:20).

**3. Também a mim.** Lucas estava tão bem qualificado a escrever um Evangelho quanto qualquer outro. **Acurada investigação.** Paulo usa a mesma expressão para dizer que Timóteo "seguia de perto" as experiências da sua carreira (II Tm. 3:10). Esse conhecimento é a familiaridade que um homem tem com os fatos contemporâneos seus. **Desde sua origem** (gr., *anóthen*). Em um outro lugar Lucas usa a mesma palavra (Atos 26:5). Lucas declara-se completamente familiarizado com a vida de Jesus. **Excelentíssimo.** Um título que Lucas usa em outros lugares apenas com referência à autoridades ou à nobreza (Atos 23:26; 24:3; 26:25).

**4. Tenhas plena certeza.** A palavra grega significa *ter conhecimento perfeito*. **Instruído** pode subentender-se informação oral geral ou instrução formal. Lucas estava escrevendo para confirmar o que Teófilo tinha aprendido através da palavra falada.

## II. A Anunciação do Salvador. 1: 5 – 2:52.

Os dois primeiros capítulos do Evangelho preocupam-se com as circunstâncias do nascimento de Jesus e indicam claramente que a vinda do Salvador foi uma intervenção direta de Deus nos negócios humanos.

### A. A Anunciação a Zacarias. 1:5-25.

**5. Herodes, rei.** Herodes, o Grande, edomita pelo sangue e judeu de religião, era rei da Judéia desde 37 A.C. até 4 A.C. Era um governante capaz, mas cruel e corrupto. **Turno de Abias.** Havia vinte e quatro

"ordens" ou divisões do sacerdócio, com base nas famílias dos descendentes de Arão, das quais a família de Abias era uma (I Cr. 24:10).

**7. E não tinham filho.** Uma calamidade numa família judia.

**8. O sacerdócio.** Cada membro da ordem tinha a sua vez de servir no altar do Templo durante um determinado período do ano.

**9. Por sorte.** A oportunidade de ministrar no altar era determinada tirando-se a sorte, e quase sempre acontecia só uma vez na vida.

**10. Toda a multidão do povo permanecia orando.** Quando a fumaça do incenso subia do altar, o povo unia-se em oração silenciosa.

**11. Um anjo do Senhor.** No N.T. não há descrição de anjos, mas eles deviam ter algum aspecto que os distingua dos homens. Seu aparecimento costuma relacionar-se com alguma comunicação divina especial.

**12. Zacarias turbou-se** com o aparecimento inesperado de outra pessoa no Lugar Santo e ficou apreensivo com o que poderia anunciar.

**13. Disse-lhe, porém, o anjo.** Observe o paralelo entre a anunciação do nascimento de João e de Sansão (Juízes 13: 3-5). Nos dois casos os pais já não esperavam mais ter filhos, e o filho prometido recebeu poder desde o nascimento para uma tarefa especial.

**17. No espírito e poder de Elias.** Elias foi o severo profeta do arrependimento que repreendeu Acabe, o idólatra rei de Israel (I Reis 21:17-24). João convocou a nação, despertando-a e preparando-a para a vinda de Cristo (Mt. 4:5,6).

**19. Eu sou Gabriel.** O nome do anjo significa *homem de Deus*. Ele aparece aos homens para fazer avisos especiais sobre os propósitos divinos (cons. Dn. 8:16; 9:21; Lc. 1:26).

**21. Admirara-se de que tanto se demorasse.** Uma vez que o rito da oferta do incenso levava pouco tempo, a demora de Zacarias poderia ter causado alarme. O povo podia pensar que o sacerdote tinha morrido.

**23. Os dias de seu ministério.** Os sacerdotes serviam na sua vez por um tempo limitado e então ficavam livres para voltarem para sua

casa. A casa de Zacarias ficava na região montanhosa, provavelmente não muito longe de Jerusalém (1:39).

### **B. A Anunciação à Maria. 1:26-56.**

**27. A uma virgem desposada com certo homem . . . cujo nome era José.** A lei judaica considerava o compromisso do noivado tão válido quanto o casamento. O noivado era completado depois de negociações realizadas pelo representante do noivo e depois de pago o dote ao pai da moça. Depois de assumido o noivado, o noivo podia reclamar a noiva a qualquer momento. O aspecto legal do casamento estava incluído no compromisso de casamento; o casamento propriamente dito era apenas um reconhecimento do compromisso que já fora estabelecido. José tinha todo o direito de viajar com Maria a Belém. **Da casa de Davi.** Pelos direitos de adoção, considerado como filho de José, Jesus podia reclamar a herança real da casa de Davi.

**28. Favorecida.** A palavra pode ser traduzida para cheia de graça, mas refere-se a quem é o recipiente da graça e não a fonte da mesma.

**29. Que significaria esta saudação.** Ser escolhida dentre todas as outras mulheres para receber uma bênção era perturbador. Maria não entendeu por que ela fora escolhida para esta honra.

**31. A quem chamarás pelo nome de Jesus.** Jesus é a forma grega para o Josué hebreu, que significa *Jeová é salvação*. Compare a narrativa de Mateus da anunciação feita a José (Mt. 1:21).

**32. O trono de Davi, seu pai.** Os descendentes de Davi reinaram sobre Judá desde o Reino Unido até o Exílio numa dinastia ininterrupta. O anjo predisse que Jesus completaria essa sucessão.

**33. Reinará para sempre sobre a casa de Jacó.** Esse reino será tanto temporal quanto espiritual.

**34. Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?** A pergunta de Maria confirma a declaração de sua virgindade no versículo 27. José ainda não a tomara por mulher.

**35. Descerá sobre ti o Espírito Santo.** Em contraste com as lendas pagãs da antiguidade relacionadas com reputada descendência de deuses e homens, não houve nenhuma intervenção física. O Espírito Santo, por meio de um ato criador no corpo de Maria, providenciou os meios físicos para a Encarnação.

**36. Isabel, tua parenta.** Se Maria e Isabel eram primas em primeiro grau, Jesus e João Batista eram em segundo grau.

**38. Aqui está a serva do Senhor.** A pronta aceitação de Maria demonstrou seu caráter devoto e obediente. Ela estava pronta para se arriscar a cair em desgraça e divórcio para cumprir a ordem de Deus.

**43. A mãe do meu Senhor.** A saudação de Isabel mostra que ela estava pronta a reconhecer o Filho de Maria como o seu Senhor.

**46. A minha alma engrandece ao Senhor.** Os versículos de 46 a 56 são chamados O Magnificat, que tem origem na primeira palavra da tradução latina. Compare à oração de Ana (I Sm. 2:1-10).

**47. Deus, meu Salvador.** Maria não era sem pecado; ela reconhecia a sua necessidade de um Salvador.

**48. Serva** (gr. *doulê*). Literalmente, *uma escrava*.

**49. Porque . . . me fez grandes coisas.** Melhor: *fez grandes coisas em meu favor*.

**51. No coração alimentam pensamentos soberbos.** Pensamento (cons. I Cr. 29:18) tem o significado de "presunção" ou as perspectivas jactanciosas de que se orgulhavam.

### **C. O Nascimento de João. 1:57-80.**

**59. Circuncidar o menino.** Os meninos judeus eram circuncidados oito dias após o nascimento, ocasião em que costumavam receber o seu nome.

**60. Chamado João.** João, do hebreu *Yohanan*, que significa "Deus é gracioso".

**61. Ninguém há na tua parentela que se chama por este nome.** As crianças costumavam ter nomes de família. Neste caso a escolha de

um nome diferente significa a expectativa de algo especial para a criança.

**63. Pedindo ele uma tabuinha, escreveu.** Tabuinhas recobertas de cera eram usadas nos tempos antigos para fazer anotações temporárias.

**65. Foram divulgadas estas coisas.** Talvez Lucas soubesse dos fatos conversando com algumas das pessoas que moravam na região montanhosa.

**67. Cheio do Espírito Santo.** Esta foi usada oito vezes nos escritos de Lucas incluindo duas ocorrências anteriores neste mesmo capítulo (1:15, 41). Em todos os oito exemplos está relacionada como capacidade de falar e pregar. Subentende-se um controle especial e preparação efetuada pelo Espírito para se transmitir uma mensagem vinda de Deus. **Profetizou.** Esta palavra não se aplica exclusivamente à predição do futuro, mas pode se referir também à transmissão da mensagem de Deus aos homens, quer se relacione com o passado, o presente, ou o futuro.

**68. Bendito seja o Senhor Deus de Israel.** Lucas, embora gentio, relaciona o ponto central da mensagem como Deus do V. T. **Visitou e redimiou o seu povo.** Zacarias reconheceu no nascimento de João o princípio do cumprimento da vinda do Messias.

**69. Poderosa salvação (*chifre da salvação*).** Os chifres do boi eram símbolo de poder. Muitas passagens do V. T., usam esta figura de linguagem, especialmente nos Salmos (cf. Sl. 18:2; 89:24; 132:17; 148:14).

**70. Seus santos profetas.** Deus tem os seus representantes em todas as épocas e em todos os lugares. Enoque, que foi mensageiro de Deus antes do Dilúvio, foi chamado de profeta (Judas 14).

**73. Juramento.** O Senhor jurou a Abraão que os seus descendentes seriam preservados através da escravidão no Egito, e que eles possuiriam a terra prometida (Gn. 15:13, 18). O sol nascente das alturas. Nascente, um termo que se refere ao nascer do sol e, neste caso, ao nascer do "Sol da Justiça" (veja Mt. 4:2). Toda esta passagem contém ecos do último capítulo das profecias de Malaquias.

## Lucas 2

### D. O Nascimento de Jesus. 2:1-20.

**1. Um decreto de César Augusto.** Lucas é o único autor dos Evangelhos que data o seu material relacionando-o com o imperador reinante (veja também 3:1). **Decreto** (gr. *dogma*). Uma ordem imperial. **César Augusto.** O primeiro imperador de Roma que reinou de 27 A. C. até 14 A. D. **Toda a população.** Isto significa todo o império, não todo o mundo conhecido. **Recensear-se.** Augusto ordenou que se fizesse um recenseamento do império, o qual serviria de base para o lançamento dos impostos. O decreto foi assinado cerca de 8 A.C., mas provavelmente não entrou em vigor senão alguns anos mais tarde.

**2. Quirino era governador da Síria.** P. Sulpicius Quirinius foi eleito governador da Síria em 6 A. D., e realizou um recenseamento na Judéia naquela ocasião. Há boas evidências de que ele foi governador duas vezes, e que o seu primeiro governo foi de 4 A. C. a 1 A. D. O recenseamento anterior devia estar terminando quando ele assumiu o governo pela primeira vez.

**3. À sua própria cidade.** Na Judéia cada homem voltava à cidade dos seus ancestrais onde ficavam guardados os registros de sua família.

**4. Galiléia** era a região à volta do Lago de Genesaré, ou mar da Galiléia. Tinha uma grande população gentia, e desde o tempo dos profetas era conhecida como "Galiléia dos Gentios" (Is. 9:1). **Nazaré.** Uma cidade nas colinas da Galiléia, localizada sobre a estrada comercial que ia das planícies costeiras até Damasco e o Oriente. **Judéia.** A província ao sul da Samaria e ao norte de Edom e do deserto, limitada ao oeste pelo Mediterrâneo e a leste pelo Rio Jordão e Mar Morto, **Belém.** O lar de origem da família de Davi.

**5. Sua esposa.** Veja 1:27.

**7. Seu filho primogênito.** Subentende-se que Maria teve outros filhos mais tarde (cons. Mc. 6:3). **Manjedoura.** Um coxo onde o gado comia. José e Maria deviam ter se abrigado no estábulo. A tradição diz que foi numa caverna na encosta da montanha atrás da hospedaria.



**8. Guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite.** A data exata do nascimento de Jesus é desconhecida; a lendária data de 25 de dezembro não pode ser confirmada além do quarto século.

**9.** A visita celestial foi assessorada com a radiância da glória divina que estava presente quando Deus se manifestou (Êx. 16:10; 20:18; 40:34; II Cr. 7:1; Ez. 1:27, 28).

**10. Não temais.** As palavras do anjo foram as costumeiras palavras de saudação diante de homens que ficariam aterrorizados com tal aparição (cons. 1:13, 30). **Todo o povo,** Israel.

**11. Salvador.** No V. T. Deus foi o Salvador do seu povo (Is. 25:9; 33:22). Enquanto os profetas o consideravam principalmente como um salvador da opressão política, Lucas alarga o conceito apresentando Jesus como o Salvador do pecado.

**Cristo, o Senhor.** Cristo significa *ungido*, o Messias de Israel que era o Libertador prometido. **Senhor.** Um título que os pagãos gregos aplicavam aos seus reis, os quais eles saudavam como se fossem deuses. Um cristão só pode aplicar esse título a Cristo (I Co. 8:6).

**12. E isto vos será por sinal.** Literalmente, *o sinal*.

**14. Paz . . . entre os homens a quem ele quer bem.** A paz não foi dada aos homens que têm boa vontade para com Deus, mas aos homens que Ele está inclinado a favorecer.

**15. Nos deu a conhecer.** Os pastores não duvidaram da realidade da proclamação do anjo, mas aceitaram-na ao pé da letra.

**19. Maria . . . guardava em seu coração.** O aparecimento dos visitantes celestiais aos pastores confirmou o segredo misterioso da Anunciação.

### **E. A Apresentação no Templo. 2:21-40.**

**21. Completados oito dias.** Assim como João, Jesus recebeu o seu nome de acordo com a mensagem de Gabriel (1:13, 59-63). A circuncisão deve ter acontecido em Belém.

**22. Os dias da purificação.** De acordo com a lei de Moisés, a mulher que tinha um filho do sexo masculino era considerada imunda durante sete dias. No oitavo dia a criança era circuncidada, e ela ficava imunda por mais trinta e três dias. Passado esse tempo ela oferecia um sacrifício no Templo e era cerimonialmente purificada (Lv. 12:2-6). O sacrifício oferecido era na proporção da capacidade financeira da família.

**24. Um par de rolas.** A oferta das aves indica que José e Maria eram pobres (Lv. 12:8). Para a apresentação da oferta eles viajaram a Jerusalém, que distava apenas algumas milhas de Belém.

**25. Simeão.** Simeão devia ser um Hasidim, adorador de Deus sincero e dedicado, que guardava a Lei tanto no Espírito como na letra. **Justo** expressa sua atitude em relação aos homens; **temente**, sua atitude para com Deus. **Consolação de Israel.** O esperado Messias, que libertaria os judeus do poder dos seus opressores.

**26. Revelara-lhe.** Uma profecia individual especial fora dada a Simeão como recompensa pela sua devoção.

**28. Louvou a Deus, dizendo.** As palavras de Simeão, como os Salmos de Davi, foram ditas em poesia hebraica.

**32. Luz para revelações dos gentios.** Simeão percebeu o verdadeiro propósito de Deus de alcançar os gentios além de Israel. Lucas, um gentio, devia estar especialmente interessado em sua profecia.

**34. Este.** Jesus não era apenas outra criança judia, mas era o pivô da fé. Aqueles que cressem nele subiriam a novas alturas; aqueles que o rejeitassem cairiam em negro desespero.

**35. Uma espada.** Simeão deu uma indicação de que Maria sofreria profunda tristeza por causa dEle.

**36. Uma profetisa chamada Ana.** Tanto no Velho, como no Novo Testamento, as mulheres recebiam poderes proféticos. Débora (Juízes 4:4) foi uma das primeiras líderes de Israel, e as filhas de Filipe, o evangelista, também profetizavam (Atos 21:9).

**37. Era viúva, de oitenta e quatro anos.** Ana convivera com o seu marido sete anos antes da morte deste. Se ela tivesse se casado com a idade de doze anos, teria então mais de cem anos de idade, a não ser que Lucas mencionasse o total de sua idade. Assim como Simeão, ela fazia parte do remanescente piedoso do judaísmo.

**38. A redenção de Jerusalém.** A grandeza da fé de Ana está comprovada por sua confiança em que essa criança era o instrumento prometido para a redenção nacional.

**40. Crescia o menino, e se fortalecia.** Lucas é a única fonte de informação sobre a infância de Jesus. Todo o tipo de lendas fantásticas sobre a juventude de nosso Senhor têm sido escritas e publicadas nos Evangelhos apócrifos, mas nenhuma delas aparece nas Escritura.

#### **F. A Visita a Jerusalém. 2:41-52.**

**42. Subiram, segundo o costume da festa.** Judeus devotos costumavam assistir a Páscoa em Jerusalém. Jesus, tendo doze anos de idade, estava se aproximando da idade normal para ser aceito no judaísmo como um "filho da lei", que o tornaria um membro efetivo da comunidade religiosa.

**43. Permaneceu o menino Jesus em Jerusalém.** Como qualquer menino normal, deve ter ficado fascinado com as vistas da cidade; é mais provável que ele tenha se interessado particularmente pelo ensinamento dos rabis.

**46. . . o acharam no templo.** Seu interesse mostra que ele despertou para a necessidade de compreender a Lei. Ele estava prestando atenção aos mestres, que ficaram espantados com a clareza e discernimento de suas respostas.

**48. Filho, por que fizeste assim conosco?** Como qualquer mãe de verdade, Maria sentiu a falta dele quando a caravana parou no fim do dia. Obviamente ela ficou preocupada.

**49. Casa de meu Pai.** Dá a entender que o jovem tinha uma percepção clara do seu relacionamento com Deus. Ele ficou admirado

porque Maria e José não tinham compreendido esse relacionamento, e fê-los lembrar que, sendo Deus o seu verdadeiro Pai, ele pertencia à casa de Deus.

**50. Não compreenderam.** José e Maria não compreenderam o significado completo das palavras de Jesus, que foram o primeiro sinal registrado de sua crescente independência (cons. Jo. 2:4).

**51. E era-lhes sujeito.** A independência de Jesus não era rebeldia. Ele voltou a Nazaré e ficou com a família até o começo do seu ministério público. **Guardava todas estas coisas no coração.** Embora não compreendesse o que ele queria dizer, Maria não se esqueceu de suas palavras. Talvez Lucas fosse informado diretamente por ela.

**52. E crescia Jesus em sabedoria, estatura, e graça diante de Deus e dos homens.** Ele não foi um prodígio no sentido de ser anormal. **Crescia** (gr. lit. "avançar abrindo caminho") significa que havia crescimento no seu tamanho, consciência e compreensão dos acontecimentos. Ele foi perfeito em cada estágio da vida. Ele estava livre das imperfeições que desfiguram o restante dos homens em cada estágio do crescimento.

### III. O Aparecimento do Salvador. 3:1 – 4:15.

A narrativa do ministério de João Batista, a genealogia e a tentação de Jesus tem o propósito de fornecer os antecedentes do Salvador que Lucas está apresentando. O batismo relaciona-o com a vida espiritual contemporânea sua; a genealogia confirma seu relacionamento com a raça humana; e a tentação prova sua competência em lidar com os problemas morais que a humanidade enfrenta.

## Lucas 3

### A. A Introdução de João Batista. 3:1-20.

**1. No ano décimo quinto do reinado de Tibério César.** Lucas, sendo um historiador cuidadoso, data o começo da vida pública do

Salvador com o ano do imperador reinante. Tibério era filho adotivo de Augusto (2:1). Uma vez que foi o sucessor ao trono em 14 A. D., seu décimo quinto ano seria em cerca de 28 ou 29 A.D. As outras personalidades mencionadas aqui governavam a Palestina na mesma ocasião.

**Governador.** Pôncio Pilatos, que foi novamente mencionado em relação ao julgamento de Jesus (23:1-25), era o procurador (governador imperial) da Judéia desde 26 a 36 A. D. Era responsável diante do imperador pelo bem-estar da província. **Tetrarca da Galiléia.** Um tetrarca era o governador de uma área restrita de um quarto de dado território. **Herodes** era Antipas, um filho de Herodes, o Grande, que governava a Galiléia e o território a leste do rio Jordão. **Ituréia**, o território de Filipe, outro filho de Herodes, o Grande, ficava ao nordeste da Galiléia e a leste do Monte Hermom. De **Lisânias** pouco se sabe, exceto que foi o monarca do pequeno reino de Abilene sobre o aclave oriental das montanhas do Líbano, a nordeste de Damasco.

**2. Anás e Caifás.** Caifás era o sumo sacerdote governante; Anás, seu sogro, era sumo sacerdote emérito, e exercia forte influência (Jo. 18:13). **A palavra de Deus.** O chamado divino foi feito a João como aos profetas do V. T. (Os. 1:1; Joel 1:1; Jn. 1:1; Mq. 1:1).

**3. O batismo de arrependimento.** Plummer (ICC, pág. 86) diz que "o batismo do arrependimento" é um batismo relacionado com o arrependimento, um símbolo externo da mudança interior. Arrependimento significa uma mudança de mente ou atitude que não é apenas emocional, mas que envolve uma inversão do pensamento e conduta anteriores. **Para remissão dos pecados.** O propósito da pregação de João era levar os homens a experimentarem o perdão.

**4. Endireitai as suas veredas.** Veja Is. 40:3-5. Antigamente havia poucas estradas pavimentadas. Quando um rei viajava, seus súditos construíam estradas para ele a fim de que sua carruagem não atolasse na lama ou areia. Do mesmo modo, João estava preparando o caminho para Jesus através de sua pregação para que toda a carne pudesse ver a

salvação de Deus. Citando as palavras do profeta (Is. 40:3), "Preparai o caminho do Senhor (Jeová)", em relação à missão de João, Lucas mostra que reconhece a divindade de Cristo.

**6. E toda a carne verá a salvação de Deus.** O escritor esclarece no começo do ministério de Jesus que Ele tinha uma mensagem universal.

**7. Raça de víboras.** Como seus antepassados proféticos, João denunciava os pecados do povo com rigorosa linguagem.

**8. Temos por pai a Abraão.** Os judeus se orgulhavam de maneira especial de Abraão como o cabeça de sua raça, com o qual Deus fizera o seu convênio. Credo que herdaram a bênção de Deus através de Abraão, confiavam na sua ascendência para obter salvação (Jo. 8:33). João Batista advertiu-os de que Deus poderia transformar as próprias pedras em descendentes de Abraão.

**9. Já está posto o machado à raiz das árvores.** Árvores infrutíferas eram cortadas para lenha. A nação não produzira os frutos que Deus tinha esperado, e o juízo era iminente.

**12. Publicanos** eram cobradores de impostos, conhecidos por sua rapacidade. Uma certa parte do salário era exigida em pagamento de impostos, mas os publicanos costumavam pedir mais, e enriqueciam com a diferença. Eram odiados pelo povo, que os considerava traidores porque trabalhavam para Roma.

**14. Também soldados.** Os soldados costumavam ser brutais com os civis, e praticavam a extorsão às custas destes. **A ninguém maltrateis.** A palavra grega para **tratar mal** (*diaseisete*) significa "derrubar".

**15. Se não seria ele, porventura, o próprio Cristo.** Cristo é um termo geral significando "Messias". É um título, não um nome próprio.

**16. As correias das sandálias.** O amarrilho. **Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.** Assim como o batismo com água significa arrependimento, a vinda do Espírito Santo é a prova da presença de Deus. O fogo é um símbolo de purificação e poder.

**17. A sua pá ele a tem na mão.** A "pá" servia para joeirar, isto é, jogar os grãos ao ar de modo que a palha era levada pelo vento, enquanto as sementes limpas caíam de volta ao chão da eira.

**19. Herodes, o tetrarca.** Herodes era casado com Herodias, a esposa de seu irmão Filipe. Quando João o repreendeu publicamente, Herodias ficou enraivecida e exigiu que João fosse aprisionado. Herodes mandou prendê-lo e finalmente, a pedido de sua esposa, ordenou a execução do Batista.

### **B. O Batismo de Jesus. 3:21, 22.**

**21. Ao ser todo o povo batizado.** Submetendo-se ao batismo de João, ele se colocou na categoria dos pecadores, embora não tivesse pecado, e começou a sua missão redentora. Os céus se abrindo foram o reconhecimento divino da filiação de Jesus.

**22. E o Espírito Santo desceu.** A pomba era o símbolo da inocência e da ausência do mal, um mensageiro da paz (cons. Gn. 8:8, 9). **Uma voz do céu.** Compare com Lucas 9:35; João 12:28.

### **C. A Genealogia. 3:23-38.**

**23. Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era como se cuidava, filho de José.** A genealogia de Jesus não concorda com a de Mateus, que fornece a linhagem legítima de descendência real. Lucas dá a linhagem humana, possivelmente ao lado de Maria, se José foi reconhecido como filho de seu pai através do casamento. Lucas leva a genealogia até Adão para enfatizar que Jesus descendia do primeiro pai da raça humana, enquanto Mateus começa com os primeiros da aliança: Abraão, a quem Deus prometeu a terra (Gn. 12:7), e Davi, a quem Ele garantiu um reino eterno (II Sm. 7:12, 13, 16). Os nomes da genealogia, diferem quanto à ortografia dos nomes do V. T, porque foram dados na forma grega.

## Lucas 4

### D. A Tentação. 4:1-13

A narrativa da tentação de nosso Senhor foi apresentada por Lucas e Mateus. Jesus, assim como Adão (Gn. 3:6), foi experimentado nas três áreas do apetite físico, da ambição temporal e do alcance espiritual, para que fosse provado competente em sua missão. Onde o primeiro homem falhou, ele triunfou.

**1. Guiado pelo Espírito.** A primeira diretiva do Espírito Santo que foi registrada conduzia à prova. **Deserto.** O cenário tradicional para a Tentação é um território estéril a noroeste do Mar Morto, completamente despido de vegetação ou qualquer espécie de abrigo.

**2. Quarenta dias.** Um período comum para provação (Gn. 7:4; Êx. 24:18; I Reis 19:8; Jo. 8:4).

**3. Se és o Filho de Deus.** A condicional grega usada dá a entender que o diabo não duvidava de que Jesus fosse o Filho de Deus, mas em vez disso presumia que Jesus não tinha o direito de criar. **Pão.** O pão na Palestina não tinha o formato comprido dos nossos filões, mas era um bolo redondo e chato. As pedras do chão tinham o aspecto de pães.

**4. Está escrito.** Jesus não compôs a sua própria resposta para o tentador, mas extraiu a sua réplica da revelação das Escrituras. **Não só de pão viverá o homem.** (Dt. 8:3). O homem precisa de pão, mas o pão não serve para todas as necessidades. A gratificação material dos apetites não pode nunca satisfazer os mais profundos anseios do espírito humano.

**5. Todos os reinos do mundo.** Das alturas da cadeia de montanhas podia-se ver os territórios antigamente ocupados pelos impérios do Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma.

**6. Dar-te-ei a ti toda esta autoridade.** Cristo veio para reclamar o mundo como seu reino, e o diabo estava oferecendo-lhe em termos "fáceis".

**7. Portanto, se prostrado me adorares.** Pela adoração, Jesus permutaria a sua independência com os reinos do mundo. Se ele



aceitasse esses termos, não seria realmente o soberano, porque se veria obrigado a reconhecer o poderio de Satanás.

**8. Ao Senhor teu Deus adorarás.** (Dt. 6:13). Ele só admitia a autoridade suprema de Deus. Ele não se comprometia.

**9. O pináculo do templo.** Uma das ameias ou torres (gr. *pterygion*, "pequena asa"), de onde se descortinava o átrio ou talvez o Vale de Cedrom. Se Jesus pulasse do alto da ameia para o meio do povo e chegasse ao chão incólume, seria aclamado como o Messias do céu, e sua reputação seria imediatamente formada.

**10. Está escrito.** Na terceira tentação o diabo omitiu parte do versículo, que diz, "para que te guardem em todos os teus caminhos". Deus não prometeu guardar o seu servo num ato de tola presunção, mas somente quando estivesse andando pelos caminhos de Deus (veja Sl. 91:11, 12).

**13. Até o momento oportuno.** As palavras dão a entender que a tentação ou o ataque foi renovado mais tarde. O Salvador viveu constantemente sob a pressão do diabo. O diabo é uma personalidade real, embora não seja necessariamente visível.

### **E. A Entrada na Galiléia. 4:14, 15.**

Mateus, Marcos e Lucas começam o ministério de Jesus com a Galiléia; João registra um ministério anterior na Judéia (Jn. 2:13 - 4:3). Lucas destaca o lugar do Espírito Santo na carreira de Jesus (cons. Lc. 1:35; 3:21, 22; 4:1).

## **IV. O Ministério Ativo do Salvador. 4:6 - 9:50.**

A primeira parte do ministério de nosso Senhor ocupou cerca de dois anos e meio. Inclui a escolha dos apóstolos, a maior parte dos seus ensinamentos e curas, e alcança o seu clímax na Transfiguração. Lucas

estava empenhado em mostrar a Teófilo o caráter divino de Jesus, e a natureza profética de sua missão.

### **A. A Definição do Seu Ministério. 4:16-44.**

**16. Nazaré.** Jesus começou o seu ministério na cidade em que morava. **Na sinagoga.** Durante o cativeiro na Babilônia, depois da destruição do Templo, o povo instituiu sinagogas como centros locais de adoração. Mesmo depois que o Templo foi restaurado, a adoração nas sinagogas continuou. Lucas observa que Jesus estava acostumado a freqüentar os cultos da sinagoga, regularmente, aos sábados. Os membros participavam do culto e eram freqüentemente solicitados a lerem as Escrituras e a fazer comentários apropriados. Paulo apresentou a maior parte de suas pregações em sinagogas (cons. Atos 13:14, 15).

**17. O livro do profeta Isaías.** A sinagoga seguia uma ordem regular nas leituras. Jesus provavelmente tomou a passagem que devia ser lida naquele dia.

**18. Pelo que me ungiu.** A passagem foi extraída de Is. 61:1, 2, que era uma profecia sobre a Era Messiânica.

**20. O livro.** Os livros do V. T. eram rolos montados sobre braços de madeira, que se desenrolavam de um lado e se enrolavam do outro enquanto eram lidos. **Assistente.** Depois de ler, Jesus enrolou o pergaminho e devolveu-o ao encarregado das Escrituras. Os rolos eram dispendiosos e por isso cuidadosamente guardados.

**21. Hoje se cumpriu a Escritura.** As palavras iniciais do comentarista devem ter constituído um choque para seus ouvintes. Eles o conheciam desde a sua meninice e o aceitavam como uma pessoa comum. Quando ele proclamou o cumprimento desta profecia messiânica, ficaram aturdidos.

**22. Palavras de graça.** Lucas não dá um registro textual de tudo o que Jesus disse. Ele deve ter explicado a primeira parte do texto aplicando-a a si mesmo. **Não é este o filho de José?** A pergunta dos habitantes da cidade mostra que nada sabiam sobre a origem de Jesus,

pois presumiam que era filho de José e Maria, produto de um nascimento natural. Quando ele insistiu em suas reivindicações, ficaram imaginando que direito tinha de agir assim.

**23. Médico, cura-te a ti mesmo.** O Senhor muitas vezes ensinava por meio de provérbios e parábolas. Nesta ocasião ele antecipou a exigência do povo que realizasse em Nazaré os milagres que tinha realizado em Cafarnaum.

**24. Nenhum profeta é bem recebido na sua própria pátria.** Nos versículos seguintes, Jesus destacou que, além de esperar rejeição da sua própria cidade, o seu grande ministério seria entre os gentios.

**28. E todos . . . se encheram de ira.** O aviso de que não tinha ministério para o povo de Nazaré por não ser aceito por ele, provocou a ira deles e quiseram matá-lo, criando um tumulto.

**29. Cume do monte.** Nazaré fora construída sobre montanhas, algumas das quais bastante íngremes.

**30. Passando por entre eles.** Sua presença dominante e a divina proteção conduziram-no incólume através da multidão enfurecida.

**31. Cafarnaum.** Uma cidadezinha nas praias da Galiléia, cerca de vinte e cinco milhas a nordeste de Nazaré. Jesus levou avante um ministério extenso na sinagoga. Lucas dá o exemplo de um dia na vida de Jesus, cheio de ensinamentos e curas.

**33. De espírito de demônio imundo.** A possessão demoníaca era comum no tempo de Jesus e era diferente da insanidade mental (veja Mt. 4:24). Em lugares onde os poderes do diabo são reconhecidos e adorados, isso ainda acontece. Os demônios são intelectos perversos que procuram obter o controle dos seres humanos para poder se expressar.

**34. Que temos nós contigo?** Os espíritos do mal reconheceram-no e expressaram medo e ódio.

**35. Cala-te, e sai desse homem.** Nosso Senhor nunca permitiu que os demônios lhe dessem publicidade. Sua autoridade sobre eles era uma prova da validade de suas reivindicações messiânicas em Nazaré.

**38. A casa de Simão.** A chamada de Simão foi registrada por João (Jo. 1:41, 42). Lucas não o mencionou antes, mas presume que seus leitores já sabiam que Simão era discípulo. Sua vocação para o serviço foi apresentada mais tarde. **Com febre muito alta.** Só Lucas usa o adjetivo muita, refletindo seu interesse médico.

**40. Ao pôr-do-sol.** O pôr-do-sol marcava o fim do dia judeu. Com o encerramento do sábado, era permitido por lei que se carregassem os enfermos. Tantos foram trazidos para o Senhor que ele deve ter passado grande parte da noite ministrando-lhes.

**42. Saiu.** Muitas vezes, depois de um dia atarefado, Jesus se retirava do meio das multidões a fim de orar (veja 5:16; 6:12).

**43. O reino de Deus.** O reino e governo de Deus através do Messias era o objeto da pregação do Salvador. Sua ética, seus feitos, sua obra redentora e sua promessa de voltar, tudo pertence ao domínio desse assunto. O povo judeu daquele tempo esperava que o reino seria principalmente uma restauração da independência de Israel. Jesus lhe deu um teor mais completo.

## **B. As Provas do Seu Poder. 5:1 – 6:11.**

Esta divisão de Lucas continua apresentando as provas do poder de Jesus, preparando-se para dar ênfase ao ministério público.

### **Lucas 5**

**1. Lago de Genesaré.** Outro nome para o lago da Galiléia. É um grande volume de água, com cerca de 20 quilômetros de comprimento por 12 de largura, rodeado de montanhas. No tempo do Senhor a região à volta dele era bastante habitada, e havia numerosas cidades sobre as suas praias. Cafarnaum e Betsaida (ao norte) eram os centros da indústria de peixes.

**2. Lavando as redes.** A limpeza das redes era normalmente o trabalho matutino depois de uma noite de pescaria.

**3. Entrando em um dos barcos.** O terreno em frente do lago fornecia um auditório, pois havia um leve aclive a partir da praia, e a acústica era boa. Para que a multidão não o comprimisse, Jesus emprestou o barco de Simão Pedro e usou-o como púlpito.

**4. Lançai as vossas redes para pescar.** Os peixes vinham à superfície para comer de noite; de dia eles desciam às águas mais frescas e profundas do lago.

**5. Mas, sobre a tua palavra.** Embora a experiência de Pedro como pescador dava-lhe a certeza de que nada poderiam apanhar, suas palavras demonstram fé em Jesus. Ele estava pronto a crer na palavra do Mestre mesmo em assuntos nos quais Jesus não seria naturalmente considerado um técnico.

**6. Rompia-se-lhes as redes.** Literalmente, *suas redes começaram a romper-se*. A pesca foi tão grande que nem as redes nem os barcos podiam abrigá-la.

**8. Senhor, retira-te de mim, porque sou homem pecador.** Esta prova de que Jesus sabia mais do que Pedro sobre pescaria, e a dádiva dos peixes, que o compensou grandemente do trabalho inútil da noite anterior, fez o discípulo ver-se em uma nova luz. Em contraste com Jesus, cuja divindade ficou evidente pelo milagre, Pedro percebeu que era pecador, e sentiu-se indigno de ficar ao lado de Jesus.

**10. Não temas: doravante serás pescador de homens.** Simão e seus dois companheiros, Tiago e João, já eram discípulos de Jesus, mas continuaram no seu negócio. Agora Jesus os chamava para um serviço especial, e eles deixaram tudo para segui-lo.

**12. Coberto de lepra.** A linguagem dá a entender que era um caso avançado. A lepra era enfermidade comum no Oriente. No seu estágio final ela causa desfiguração do corpo, quando vários membros do doente vão apodrecendo. A Lei exigia a segregação do leproso fora da cidade (Lv. 13:45, 46). **Se quiseses.** O leproso não duvidou da competência de Jesus em curar; ele não estava certo da atitude de Ele.

**13. Quero.** Uma vez que a doença era normalmente considerada incurável, a súbita cura deve ter causado surpresa ao homem e a todos os que o conheciam.

**14. Vai . . . mostra-te ao sacerdote.** A Lei dispunha que os casos de lepra deviam ser inspecionados pelos sacerdotes, que faziam às vezes de um departamento de saúde na comunidade judia (Lv. 14:1-32). Jesus quis que o homem passasse pelos devidos canais para ser readmitido na comunidade.

**17. Fariseus e mestres da lei.** A fama do mestre levava à Galiléia líderes religiosos de todas as partes do país. Ouviam seus ensinamentos como críticos.

**18. Um homem que estava paralisado.** O caso era difícil, e a cura seria tanto mais convincente.

**19. O desceram no leito por entre os ladrilhos.** Lucas descreve a casa como se fosse uma habitação romana com telhado coberto de telhas, como as que existiam nas cidades conhecidas pelos seus leitores.

**20. Homem, estão perdoados os teus pecados.** Nosso Senhor começou lidando com a necessidade espiritual do homem, que era maior do que sua necessidade física.

**21. Blasfêmias.** Os críticos de Jesus sentiram-se chocados quando Ele assumiu o direito que só a Deus pertencia – o direito de perdoar pecados. O Senhor não declarou que, sendo Ele o Filho de Deus e tendo autoridade, eles estavam errados em sua suposição. Em vez disso, ele propôs um teste de autoridade.

**23. Que é mais fácil?** Seria mais fácil dizer "Os teus pecados te são perdoados", porque se não existissem, não haveria nenhuma evidência externa. Se Jesus ordenasse a cura, e o homem não ficasse curado, todos saberiam que aquele que operava a cura era fraudulento.

**24. Levanta-te, toma o teu leito.** Jesus fez do seu poder de curar um teste para o seu poder de perdoar. Realizando o que seus críticos consideravam o mais difícil, mostrou que podia fazer o que eles achavam mais fácil. **Leito**, aqui, é um colchão, não uma peça de mobiliário.

**25. Imediatamente se levantou.** A cura foi completa, e os que criticavam o Senhor foram silenciados. O milagre demonstrou que Jesus podia remover tanto a paralisia do espírito quanto a do corpo.

**27. Levi é o mesmo Mateus (Mt. 9:9). Coletoria.** Impostos sobre mercadorias transportadas pela estrada das caravanas eram arrecadados pelos agentes de Herodes, dos quais Mateus devia ser um.

**29. Então lhe ofereceu Levi um grande banquete.** Mateus, um homem rico, ofereceu um jantar especial para os seus colegas a fim de conhecerem Jesus. Os fariseus rejeitavam os publicanos totalmente e não se associavam com eles de maneira nenhuma, mas Jesus os aceitou. O perdão era para os publicanos tanto quanto para os outros.

**30. Publicanos e pecadores** foram classificados juntos. Os publicanos tinham a reputação de avarentos e passíveis de suborno.

**32. Não vim chamar os justos.** Jesus deu a entender que nada podia fazer pelos "justos" fariseus, que estavam cômicos de sua própria perfeição. Ele queria alcançar aqueles que reconheciam sua necessidade.

**33. Os discípulos de João ... jejuam.** As pessoas ficaram perplexas, uma vez que os padrões éticos de Jesus não eram inferiores aos de João e os fariseus. Ficavam imaginando porque os seus discípulos não eram tão severos quanto os de João.

**34. Os convidados para o casamento.** A frase é uma expressão idiomática do hebreu, significando os amigos do noivo. Enquanto Jesus estava com os discípulos, não havia motivo para tristeza. Mas ele deu a entender (v. 35) que algum dia seria retirado da companhia deles, e então o jejum estaria na ordem do dia. A figura do amigo do noivo foi usada por João Batista ao falar sobre o seu relacionamento com o Senhor (Jo. 3:29).

**36. Também lhe disse uma parábola.** As parábolas do Senhor eram ilustrações ou incidentes tirados da vida quotidiana através dos quais ele transmitia ensinamento espiritual. Revelavam a verdade àqueles que tinham a capacidade de discerni-la, e escondiam os mistérios daqueles que não estavam preparados para eles. Roupas remendadas

eram comuns na Palestina, porque o povo era pobre. Pano novo costurado sobre roupa velha encolhe quando lavado e, conseqüentemente, rasga o pano mais velho e mais fraco.

**37. Odres.** Feitos de couro de animais, usados para guardar líquidos. Os odres velhos perdiam sua elasticidade e não continham o novo vinho, que ainda estaria em parcial processo de fermentação. Do mesmo modo os novos ensinamentos do reino de Deus não podiam ser contidos pelas formas da Lei, mas tinham de ser expressos de maneiras novas. Uma nova revelação surgira em Cristo, a qual exigia diferente forma de adoração.

## Lucas 6

**1. Num sábado.** (No sábado segundo-primeiro, ERC). A frase se refere ao uso do calendário judeu. Pode significar o segundo sábado que vinha a seguir depois da abertura do ano religioso na Páscoa. Alguns manuscritos de Lucas omitem o termo inteiramente. **Colhiam espigas.** Os viajantes tinham permissão de apanhar espigas ou frutos para consumo imediato, mas não de colher livremente nos campos de outra pessoa (Dt. 23:24, 25).

**2. O que não é lícito fazer.** A interpretação restrita da Lei encarava o apanhar e debulhar de espigas como trabalho, o qual não era permitido aos sábados.

**3. Nem ao menos lestes.** Jesus se referiu às Escrituras dando uma ilustração diferente da vida de Davi (I Sm. 21:1-6). Se Davi pôde, em uma emergência, fazer o que era ilegal, porque Ele não podia?

**5. Senhor do sábado.** Além da autoridade de perdoar pecados, Jesus proclamou sua soberania sobre o sábado.

**7. Os escribas e fariseus observaram-no.** Zangados por causa da derrota na argumentação referente à observância do sábado e pela proclamação que eles tinham por presunçosa, os escribas e os fariseus estavam ansiosos por apanhar Jesus.



**9. É lícito nos sábados fazer bem ou mal?** Considerando que era permitido pela lei fazer o bem no sábado, e uma vez que a cura era fazer o bem, esta estava acima de críticas.

**11. Se encheram de furor.** Derrotados na argumentação e desacreditados diante do povo, os oponentes de Jesus foram levados ao desespero. Este versículo marca o começo da controvérsia de Jesus com os líderes judeus, a qual durou por todo o restante de sua carreira.

### **C. A Escolha dos Apóstolos. 6:12-19.**

**12. Passou a noite orando.** O começo da oposição e o problema da escolha de homens certos para seus íntimos colaboradores exigia o aconselhamento prolongado com o Pai.

**13. Discípulos . . . apóstolos.** Um discípulo é aquele que aprende; um apóstolo é um *enviado*, comissionado a transmitir uma mensagem.

**14-16.** A seguinte lista concorda com as de Mateus e Marcos (Mt. 10:2-4, Mc. 3:16-19), exceto quanto ao nome de Judas, irmão de Tiago, que pode ser o mesmo Tadeu nos outros dois Evangelhos.

**17. E, descendo com eles, parou numa planura.** Estudantes da Bíblia têm argumentado sobre se o texto seguinte é um texto paralelo ao Sermão da Montanha de Mateus 5-7, uma vez que este foi pronunciado sobre uma montanha. **Planura** significa realmente "um lugar plano", que poderia ser na encosta da montanha. Ou, então, é possível que Jesus repetisse os seus ensinamentos em mais de uma ocasião.

### **D. Um Sumário dos Seus Ensinamentos. 6:20-49.**

A narrativa que Lucas faz do sermão difere de Mateus em diversos aspectos. Ele equilibra quatro bem-aventanças com quatro "ais", em lugar de apresentar nove bem-aventanças. Ele omite a discussão da aplicação da Lei, e alguns dos ensinamentos sobre a oração. Um poucas parábolas neste sermão encontram paralelo em outras passagens de Lucas. Não há contradições nas narrativas, mas apenas diferente

arranjo do material. A palestra foi feita particularmente aos discípulos, embora a multidão também a ouvisse.

**20. Bem-aventurados vós os pobres.** Enquanto estavam viajando com Jesus os apóstolos não tinham meios visíveis de sustento, e dependiam de ofertas.

**21. Bem-aventurados vós os que agora tendes fome.** A satisfação só é daqueles que têm um desejo real. Mateus dá a entender que a fome é espiritual. Bem-aventurados vós os que agora chorais. Jesus sabia que aqueles que lhe eram fiéis teriam de participar de suas dores, mas ele lhes prometeu que também participariam do seu triunfo (cons. Jo. 16:20).

**22. Bem-aventurados... quando os homens vos odiarem.** O conflito que já tinha começado entre Jesus e os líderes da nação envolvia também os seus seguidores (cons. Jo. 15:18-25).

**27. Amai os vossos inimigos.** O amor era o âmago dos ensinamentos do Salvador, porque é a essência do caráter de Deus.

**29. Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra.** O Senhor estava tentando ensinar aos seus discípulos o amor em vez da vingança. Deviam seguir o seu exemplo retribuindo o mal com o bem.

**35. Amai, porém os vossos inimigos.** O princípio que Jesus inculcou foi aquele que o trouxe à terra (cons. Rm. 5:8; I Jo. 4:10).

**38. Boa medida, recalcada, sacudida, transbordando.** A figura de linguagem foi extraída da prática do mercador oriental de cereais, que enche a medida do seu freguês o mais que pode até que os grãos transbordem.

**41. Argueiro ... trave.** Talvez Jesus tivesse a desagradável experiência de um grão de pó de serra nos olhos quando trabalhava na oficina de carpinteiro de José. Assim como um pouco de pó de serra está para uma tábua, também uma pequena falta na vida do irmão quando comparada com uma falta maior na própria vida.

**48. Vindo a enchente.** Tendo as colinas da Palestina pouca vegetação, as chuvas do inverno produziam violentas enxurradas que varriam qualquer construção que houvesse no caminho. A areia era

lavada rapidamente; as construções feitas sobre rocha resistiam. Cristo ensinou que o único alicerce seguro para toda a vida podia ser encontrado em seus ensinamentos e verdade. Com esta declaração exclusiva ele se tornou o árbitro do destino humano e o objeto de toda a fé verdadeira.

### **E. Um Período Difícil do Seu Ministério. 7:1 – 9:17.**

Na parte entre a escolha dos apóstolos e o clímax do ministério de Jesus na Transfiguração, Lucas apresenta uma série de atos e ensinamentos de nosso Senhor que não formam uma narrativa conexa, mas que ilustram o caráter do seu ministério. Milagres de cura e parábolas que contêm uma história parecem ter interessado Lucas de modo particular.

## **Lucas 7**

**1. Cafarnaum.** Depois de ensinar os discípulos, Jesus voltou à cidade. Talvez seus discípulos visitassem seus lares enquanto ele servia a localidade.

**2. O servo de um centurião.** Os centuriões eram a espinha dorsal do exército romano. Regularmente eles subiam de posto por causa do seu caráter. Este oficial parece que era diferente do costumeiro tipo durão de militar romano. Ele tinha afeição genuína pelo seu servo, e amava a nação judia, a qual a maior parte dos romanos desprezava.

**3. Alguns anciãos dos judeus.** Seu relacionamento com os anciãos devia ser bom, caso contrário não teriam rogado em seu favor. Talvez o centurião pensasse que nenhum rabi judeu faria um favor a um gentio romano.

**5. A sinagoga.** As ruínas de uma sinagoga em Cafarnaum demonstram arquitetura romana com motivos judeus esculpidos nas pedras. A sinagoga que Lucas menciona era anterior, mas esta última poderia preservar algo do seu estilo.

**6. Senhor, não te incomodes.** Literalmente, *não se esfole*. Pode ser uma expressão de gíria que Lucas preservou.

**8. Porque eu também sou homem sujeito à autoridade.** O centurião reconheceu que, tal como ele possuía autoridade que lhe fora conferida por Roma, Jesus tinha autoridade de Deus que o capacitava a exercer poder sobre doenças.

**9. Nem ainda em Israel.** O discernimento e a fé do pagão fazia contraste agradável com a incredulidade dos próprios conterrâneos de Jesus dos quais ele tinha direito de esperar mais.

**11. Naim** ficava cerca de dez milhas a sudeste de Nazaré. Perto do portão oriental de Naim, ao longo da estrada que vai para Cafarnaum, existem sepulturas na rocha. Jesus, aproximando-se de Cafarnaum, talvez encontrasse a procissão fúnebre que saía da cidade à caminho dessas tumbas.

**12. Viúva.** A vida de uma viúva no Oriente era difícil, uma vez que não era fácil encontrar emprego, e por isso ela dependia de seus parentes do sexo masculino mais achegados. **Grande multidão.** Havia muitas testemunhas do milagre que podiam comprovar a sua autenticidade.

**13. Não chores.** O choro aparatoso era convencional nos funerais orientais; na verdade, pagavam-se pranteadores para que chorassem. A ordem para que parassem de chorar, vinda de um completo estranho, deve ter parecido rude.

**14. O esquife.** A palavra grega indica uma maca sobre a qual o corpo era levado, ou o próprio caixão.

**16. Todos ficaram possuídos de temor.** A súbita ressurreição do defunto deve ter sido aterradora para aqueles que seguiam o cortejo fúnebre, ainda que se alegrassem com o fato. **Deus visitou o seu povo.** Durante muitos anos não havia testemunho profético em Israel. A magnitude deste milagre compeliu o povo a crer que Jesus devia ser um profeta.

**18. João e seus discípulos.** O ministério de João Batista estava lentamente sendo eclipsado pelo de Jesus. Os rumores desse milagre em Naim deviam ter sido largamente discutidos se penetraram na fortaleza

de Maquerus (veja Jos. *Wars of the Jews* VII vi. 2) no deSerto oriental do Mar Morto, onde João era prisioneiro.

**20. És tu aquele que estava para vir, ou esperaremos outro?** O longo cativo de João devia tê-lo deixado desanimado, e talvez começasse a duvidar se Jesus era ou não afinal o Messias.

**22. Então Jesus lhes respondeu.** Jesus respondeu desafiando os mensageiros de João a observarem as demonstrações do Seu poder. E ele suplicou a João que não Se escandalizasse (v. 23) com a maneira dele conduzir o seu ministério. "Escandalizar" (gr. *skandalizo*) tem o significado de "desviar" ou "fazer errar", mais do que "desagradar-se".

**24.** O Senhor prestou homenagem a João, fazendo três perguntas ao povo. **Um caniço agitado pelo vento?** As canas nos pântanos inclinavam-se com o vento; não Se mantinham numa única posição. Jesus disse que João era um homem de convicções, que não mudava de opinião segundo a coqueluche do momento.

**25. Um homem vestido de roupas finas?** Roupas comuns eram feitas de fazendas grosseiras tecidas à mão; só os muito ricos usavam sedas e linhos importados. João era vigoroso, um homem que podia suportar dificuldades e que pertencia ao povo comum.

**26. Um profeta?** Entre os hebreus o profeta era o mais alto tipo de líder, uma vez que era comissionado e inspirado por Deus. O povo de Naim chamou Jesus de profeta, e o mesmo título lhe foi aplicado em outras ocasiões (Jo. 4:19; 7:40; 9:17).

**27. Este é de quem está escrito.** A citação de Ml. 3:1 é sem dúvida significativa. Estabelece João como o precursor do Messias, colocando-o acima de todos os outros profetas. **Ti** no original do texto citado é "mim" e se refere a Deus, que pronuncia essas palavras, acrescentando "de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da aliança a quem vós desejais". Por implicação, então, Jesus foi identificado como Senhor de Malaquias, e a sua divindade foi declarada.

**28. Ninguém é maior do que João.** João foi o maior e o último dos profetas, e o arauto de uma nova dispensação. **O menor no reino de**

**Deus.** João sabia apenas que a redenção e a obra do Espírito Santo seriam introduzidos por Jesus (Jo. 1:29-34); ele não viveu para ver a obra de Cristo aperfeiçoada. Aqueles que vivem na dispensação do reino de Deus têm maiores privilégios e poderes do que João.

**29. Reconheceram a justiça de Deus.** Esta palavra foi usada por Lucas mais do que pelos outros escritores dos Evangelhos. O povo comum reconhecia a justiça de Deus aceitando a condenação dos seus pecados através da mensagem de João, e eles expressaram arrependimento submetendo-se ao batismo.

**31. A que pois, compararei os homens da presente geração?** Jesus ilustrou o comportamento dos fariseus com as brincadeiras das crianças das quais ele mesmo deveria ter participado quando criança. Se alguém propunha que "brincassem de casamento", os outros não queriam dançar; se outro sugeria que "brincassem de enfermo", ninguém queria chorar. Fosse o que fosse o sugerido, ninguém ficava satisfeito. Chamavam João de louco porque ele se abstinha do luxo; acusavam Jesus de ser glutão e bebedor porque assistia a festas.

**36. Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele.** **Convidou-o** seria uma tradução melhor do que *rogou-lhe* (ERC). Os motivos do fariseu não podiam ser dos melhores; ele provavelmente queria apanhar Jesus em alguma atitude ou pronunciamento.

**37. Uma mulher. . . pecadora.** A intromissão dessa mulher foi intolerável ao respeitável fariseu por causa da má reputação dela e porque não fora convidada. **Um vaso de alabastro.** O alabastro era uma fina pedra translúcida, usada apenas para fazer peças decorativas. O recipiente com o unguento devia ser imensamente valioso, e possivelmente o produto do seu pecado.

**38. Estando por detrás, aos seus pés.** Os convidados em um jantar não se assentavam junto às mesas, mas reclinavam-se sobre divãs com as cabeças voltadas para a mesa. Teria sido fácil para esta mulher ajoelhar-se na ponta do divã sobre o qual Jesus estava reclinado.

**39. Se este fora profeta, bem saberia.** O fariseu esperava que Jesus, na qualidade de sábio rabi e líder religioso, rejeitasse a atenção da mulher como um insulto. Os rabis daquele tempo jamais falavam com uma mulher publicamente se pudessem evitá-lo, e se o faziam, sua conduta era excepcional (Jo. 4:27). Simão concluiu que Jesus era ou estúpido ou relaxado.

**40. Dirigiu-se Jesus ... lhe disse.** Simão não pronunciou nenhuma palavra audível, mas Jesus leu os seus pensamentos, e respondeu através da parábola que segue. A história devia ter prendido a atenção dos convidados e, ao mesmo tempo, tornou a questão inequivocamente clara.

**41. Certo credor.** Sendo rico, Simão mesmo devia ter sido credor em numerosas ocasiões. Talvez Jesus soubesse que ele era generoso, e usasse a história para tocá-lo pessoalmente.

**Quinhentos denários... cinqüenta.** *Dinheiro* (ERC) representa o denário romano, que valia cerca de dezessete centavos. O primeiro devedor devia cerca de 85 dólares; o segundo, 8,50 dólares. (Colocamos em dólares por ser moeda padrão.)

**42. Qual deles, portanto, o amará mais?** Simão talvez aceitasse a estória como um simples quebra-cabeça proposto, parte da conversação ao jantar.

**43. Suponho** indica que ele estava um pouquinho relutante em se comprometer, porque sentia que Jesus tinha um motivo oculto em contar a história. Só havia, entretanto, uma única resposta lógica, e ele a deu.

**44. Não me deste água.** Deixar de lavar os pés de um convidado era uma séria infração da etiqueta, e Jesus poderia tê-la encarado como um insulto direto. A sua presença no jantar, entretanto, era sinal que ele estava pronto a ignorar a negligência de Simão.

**45. Não me deste ósculo.** No Oriente, mesmo hoje em dia, os homens freqüentemente se cumprimentam beijando as faces um do outro. Era uma maneira polida e comum dos amigos se cumprimentarem no tempo de Jesus (cons. Rm. 16: 16; I Co. 16:20; I Ts. 5:26).

**46. A cabeça com óleo.** Um toque de óleo perfumado deveria ser uma parte preliminar da festa, mas Simão omitira até mesmo este inexpressivo favor. A mulher usara unguento valioso.

**47. Aquele a quem pouco se perdoa.** Jesus contrastou a falta de cortesia de Simão com a devoção dessa mulher, e deu a entender que Simão não experimentara um perdão profundo.

**48. Então disse à mulher.** Jesus já tinha declarado (v. 47) que os pecados da mulher, que Ele não negava existirem, foram perdoados; mas para justificá-la diante do público, fez uma declaração direta.

**49.** A mesma pergunta foi feita quando da cura do paralisado (5: 21).

**50. Salvou** pode significar "deu saúde", tanto no sentido físico como no espiritual. A intenção foi esta última. Esta mulher não pode ser identificada como sendo Maria Madalena, nem Maria de Betânia, apesar da semelhança do ato desta última registrado na narrativa do jantar em Betânia (Mt. 26:6-13; Mc. 14:3.9; Jo. 12:1-9). As diferenças entre esses episódios são maiores do que as semelhanças.

## Lucas 8

**1. Andava de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia.** Jesus fez uma campanha sistemática por toda a Galiléia, buscando as massas populares e preparando-as para o seu apelo final. E os doze iam com ele. Esta declaração não dá a entender que anteriormente eles não viajaram sempre com ele? Talvez passassem parte do seu tempo ganhando o sustento.

**2. E também algumas mulheres.** Parece que Lucas as conheceu pessoalmente. Joana (v. 3) não foi mencionada fora deste Evangelho. **As quais lhe prestavam assistência.** Sua gratidão para com Jesus em virtude das curas inspirava as ofertas que ajudavam a sustentá-lo e aos discípulos nas viagens missionárias.

**4. Disse Jesus por parábola.** Esta parábola foi narrada e interpretada por todos os três Evangelhos Sinóticos (Mt. 13:3-23; Mc. 4:3-25). É um exemplo notável do método de ensino do Senhor.



Geralmente conhecida como a Parábola do Semeador, poderia antes ser chamada de Parábola das Terras.

**5. O semeador saiu a semear.** A agricultura mecanizada era coisa que não existia na Palestina. Um dos quadros mais familiares nas comunidades rurais era a do lavrador semeando sobre o solo tombado. **À beira do caminho.** Com exceção de algumas poucas estradas principais, não havia estradas pavimentadas, apenas picadas através dos campos. Os viandantes endureciam o chão com os pés caminhando entre as aldeias.

**6. Pedra** (gr. *ten petran*, a pedra). A Palestina é um país muito pedregoso. A semente não caiu sobre a rocha nua, mas sobre uma fina camada de terra sobre a pedra. O calor da rocha fez a semente brotar rapidamente mas a terra secou depressa, e os brotinhos murcharam.

**7. Espinhos.** Os espinhos crescem em touceiras e são difíceis de se erradicar. Mesmo se a parte superior dos arbustos for cortada, as raízes permanecem no solo.

**8. Boa terra.** O solo da Palestina é rico, e quando devidamente irrigado produz grandes colheitas.

**9. Que parábola é esta?** O problema dos discípulos era descobrir a aplicação dos fatos apresentados; os fatos propriamente ditos eram simples e familiares.

**10. Os mistérios do reino de Deus.** "Mistério" (gr. *mysterion*) é um fato ou verdade revelada apenas aos iniciados. A verdade divina não pode ser entendida por aqueles que não têm discernimento espiritual (I Co. 2:14). Os discípulos viam verdades novas através das parábolas; os outros as considerariam apenas como histórias interessantes.

**11. Este é o sentido da parábola.** A Parábola das Terras foi uma das poucas que Jesus interpretou. Ela nos dá uma chave tanto para os seus métodos de ensino quanto para o processo mental que havia por trás delas. A palavra de Deus é a verdade de Deus, quer falada quer escrita. Nesta parábola Jesus estava pensando sobre os seus ensinamentos conforme apresentados às multidões.

**14. Os seus frutos não chegam a amadurecer.** Pode haver fruto, mas as espigas serão minguadas e mirradas.

**15. De bom e reto coração.** Duas palavras gregas (*kalos* e *agathos*), as duas com o significado de "bom" foram usadas. A primeira tem a sugestão de beleza; a última, de nobreza e honestidade.

**16. Candeia** (gr. *lychnon*), uma pequena vasilha de barro com azeite de oliva e um pavio. Dava uma luz muito fraca. Colocada debaixo de um vaso ou móvel, não daria iluminação. Geralmente era colocada sobre um **velador** (haste de madeira) para que a sua luz se irradiasse em todas as direções.

**17. Nada há oculto, que não haja de manifestar-se.** A verdade é como a luz; não pode ser mantida em segredo se vai ser útil.

**18. Vede, pois, como ouvis.** O ouvinte é tão responsável pela eficiência da mensagem quanto o orador.

**19. Sua mãe e seus irmãos.** Pouco se diz nos Evangelhos sobre a família de Jesus. Seus irmãos não criam em suas reivindicações (Jo. 7:5). A natureza do seu propósito não foi revelada. Possivelmente achavam que as declarações de Jesus eram extravagantes e que ele os deixava em má situação por causa de suas alegações de autoridade.

**21. Minha mãe e meus irmãos são aqueles.** Ele declarou que o parentesco com ele é espiritual, não primordialmente físico.

**22. Passemos para a outra margem do lago.** O lado oriental do lago era pouco habitado. Jesus queria escapar às multidões a fim de descansar e conversar com os seus discípulos.

**23. Adormeceu.** O Salvador estava sujeito às limitações humanas, e o cansaço devido ao seu ministério esgotou-o. **Tempestade de vento** não era coisa incomum na Galiléia. O lago fica a 224 m abaixo do nível do mar e está cercado de colinas. Quando o ar nas elevações resfria ao fim do dia, ele desce pelos declives das montanhas até o lago e o agita violentamente. **Correndo eles o perigo de soçobrar.** As ondas revoltas batiam no barco aberto, de modo que estava em perigo de afundar.

**24. Perecendo.** A tempestade devia ser fora do comum para amedrontar pescadores experimentados que conheciam todos os aspectos do lago. **Despertando-se Jesus, repreendeu o vento.** Jesus tinha autoridade sobre as forças da natureza. Se a tempestade passasse naturalmente, a calmaria não teria se seguido instantaneamente.

**26. A terra dos gerasenos.** O milagre não poderia ter acontecido em Gadara, que ficava a sete milhas distante do lago. Manuscritos mais antigos comprovam que deveria ser Gergesa ou *Gerasa*. Havia uma aldeia do lado oposto a Cafarnaum, no sítio hoje marcado por ruínas que recebem o nome de *Khersea*, perto das quais existem declives escarpados nas rochas e sepulturas abandonadas. O território pertencia a Gadara, e por isso talvez se chamasse "a terra dos gadarenos". A variação nos textos dos manuscritos pode refletir a confusão dos escribas do passado sobre a identidade do lugar, ou até mesmo pontos de vista diferentes da parte dos Evangelistas. O território ao longo do lago era deserto.

**27. Um homem possesso de demônios.** O endemoninhado era tão perigoso que fora afastado da civilização e se refugiara nas tumbas abandonadas.

**28. Que tenho eu contigo?** Reconhecendo Jesus como o Filho de Deus, o demônio foi tomado de medo do juízo que Cristo poderia pronunciar contra ele.

**29. Procuravam conservá-lo preso com cadeias e grilhões.** O endemoninhado exigia controle eficaz. Com força sobrenatural ele quebrava as correntes e escapava.

**30. Uma legião** romana compunha-se de 6.000 homens. A expressão aqui pode significar apenas um grande número.

**31. O abismo** da destruição para o qual todos os espíritos malignos estão destinados (Ap. 9:1; 11:7; 20:1,3).

**32. Grande manada de porcos.** Os porcos eram criados para serem vendidos nos mercados gentios de Decápolis. Os judeus não deviam negociar com eles, nem fazer uso dos mesmos.

**33. A manada precipitou-se... no lago, e se afogou.** A praia oriental do lago é tão escarpada que se os animais comessem a correr, não poderiam mais parar. Os porcos não nadam bem, e assim todo o rebanho se perdeu.

**35. Vestido em perfeito juízo.** Há quem questione sobre o direito que Jesus tinha de permitir a destruição da propriedade de outros. Estava envolvida uma escolha de valores. O que valia mais – o homem, ou os porcos?

**37. Rogou-lhe que se retirasse deles.** Evidentemente o povo dava mais valor aos porcos do que ao homem, temendo mais problemas. Insistiram que Jesus partisse.

**38. O homem... rogou-lhe que o deixasse estar com ele.** A atitude do endemoninhado curado foi exatamente oposta da atitude dos seus antigos vizinhos. Jesus, porém, o despediu. Jesus não o repudiou, mas deu-lhe uma tarefa a realizar. Ele se tornou uma testemunha eficiente do poder do Salvador.

**41. Eis que veio um homem chamado Jairo.** Não se menciona o lugar da ressurreição da filha de Jairo, mas Cafarnaum parece ser o local mais provável. O versículo 40 diz que Jesus **voltou**, o que dá a entender que ele voltou ao lugar que tinha deixado. Jairo devia ser um dos anciãos que veio a Jesus interceder pelo servo do centurião (7:3).

**43. Certa mulher que havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia.** Lucas esclarece que o seu caso era incurável, um desafio à capacidade de todos os médicos.

**44. Tocou na orla da veste.** A orla era na realidade uma borla (gr. *kraspedon*) que os rabis usavam em suas vestes. O manto era um pedaço grande e quadrado de lã pesada, drapejado sobre as costas da pessoa de tal maneira que a borla de um dos cantos caía entre os seus ombros. No meio da multidão a mulher aproximou-se de Jesus pelas costas e tocou a borla.

**45. Quem me tocou?** Jesus sentiu que um fluxo de poder saía dele, e percebeu que alguém o tocara. A pergunta pareceu tola aos discípulos,

uma vez que ele estava sendo empurrado por todos os lados pela multidão. Mas o Senhor podia discernir a diferença entre o casual contato físico acidental e a fé que busca.

**47. Vendo a mulher que não podia ocultar-se.** Ela tinha procurado ser curada em segredo para evitar qualquer possível constrangimento, mas quando foi descoberta, ficou com medo.

**48. Filha.** O tato e a gentileza de Jesus deu-lhe confiança renovada. Ele confirmou a cura e a despediu aliviada.

**49. Falava ele ainda.** A demora fora fatal. A notícia deve ter abatido Jairo, e talvez até criou nele algum ressentimento contra a mulher que interrompera os planos do Mestre.

**50. Não temas; crê somente.** O poder e a compaixão de Cristo eram ilimitados.

**51. A ninguém permitiu que entrasse.** Depois da notável cura da mulher, Jesus não queria mais publicidade.

**52. Não está morta, mas dorme.** Falou da morte como se fosse sono porque pensava nela como num estado do qual as pessoas vão acordar. Os pranteadores encaravam-na como o fim da vida (cons. Jo. 11:11-14).

**55. E Ele mandou que lhe dessem de comer.** Ele tinha consciência das necessidades práticas corriqueiras, além das emergências.

**56. E Ele lhes advertiu que a ninguém contassem o que havia acontecido.** Ele não queria que a população usasse os seus milagres como motivo para transformá-lo em uma figura política. Seu poder tinha a intenção de aliviar o sofrimento e ajudar os necessitados; ele queria fugir ao mero exibicionismo.

## Lucas 9

**1. Poder e autoridade.** Poder é capacidade inerente; **Autoridade** é o direito de exercitá-la.

**2. A pregar... e a curar.** O ministério deles devia ser uma extensão do seu próprio.

**3. Nada leveis para o caminho.** Jesus queria experimentar a fé deles, não deixando que fizessem complicados preparativos para a viagem. Deissman sugere que o alforje (gr. *pêra*) era a bolsa que os mendigos carregavam (LAE, págs. 108-110). Jesus proibiu os discípulos de mendigar como faziam os representantes de outras religiões.

**4. Ali permaneci.** Não deviam andar de casa em casa à procura de alojamento mais confortável, mas deviam aceitar o que lhes oferecessem.

**5. Sacudi o pó dos vossos pés.** Se a sua palavra fosse recusada, devia indicar que rejeitavam aquela cidade através desse gesto enfático.

**6. Por toda parte.** Toda a Galiléia foi visitada.

**7. O tetrarca Herodes** era o governador da Galiléia que prendera e executara João Batista. Ele temeu a influência de João, e pensou que Jesus fosse o sucessor do Batista.

**8. Elias.** O mais espetacular dos profetas hebreus, que ascendera vivo ao céu, e o profeta Malaquias (4:5) que profetizara a sua volta para preparar o caminho do Messias.

**9. Herodes... de esforçava para vê-lo.** A consciência e a curiosidade de Herodes levaram-no a desejar ver Jesus, provavelmente com intenções perversas (cons. 13:32).

**10. Retirou-se à parte.** Não um deserto (ERC), mas um local desabitado. **Betsaida** era uma cidadezinha no litoral norte do lago, a leste da enseada do rio Jordão, a uma distância moderada das cidades maiores da costa ocidental do lago.

**12. Mas o dia começava a declinar.** Os discípulos perceberam que a multidão estava faminta, e que devia ser alimentada antes que as pessoas comessem a desfalecer.

**13. Dai-lhes vós mesmos de comer.** Jesus ordenou aos discípulos que fizessem um levantamento dos seus próprios recursos, e que usassem o que tivessem. Cinco pães e dois peixes. Os pães eram redondos como

pãezinhos caseiros, e os peixes eram peixinhos em conserva, usados para condimento.

**14. Cerca de cinco mil homens.** Se mulheres e crianças também estavam lá, como Mateus dá a entender (Mt. 14:21), a multidão poderia ser de até dez mil pessoas. **Fazei-os sentar-se em grupos de cinquenta.** Jesus sabia como organizar uma multidão. Fazendo os grupos se assentarem, evitaria confusão, e seria mais fácil de servir.

**16. E, tomando... abençoou, partiu e deu.** Conforme Jesus foi partindo o pão e os peixes eles se multiplicavam, de modo que foi passando às mãos dos discípulos um fornecimento constante de alimento para ser dado à multidão.

**17. Doze cestos** forneceram um quinhão generoso para cada um dos discípulos. O **cesto** (gr. *kophinos*) era um recipiente grande, talvez do tamanho de um alqueire moderno.

## **F. O Clímax do Seu Ministério. 9:18-50.**

Com esta seção do Evangelho, Lucas traz o ministério do Salvador a um ponto decisivo. No ministério da Galiléia, que terminou com a alimentação dos cinco mil, Jesus atingiu o cume de sua popularidade, e com a sua recusa de ser feito rei (Jo. 6:15), começou a perder o apoio público. A confissão de Pedro e a revelação da Transfiguração ao círculo mais íntimo dos discípulos começou o caminho da cruz, que domina a última parte deste Evangelho.

**18. Estando ele orando em particular.** Lucas observa que Jesus orava em todas as grandes crises de sua vida (3:21; 5:16; 6:12; 11:1; 22:44). **Quem dizem as multidões que sou eu?** O Senhor muda o foco da atenção dos discípulos dos seus feitos e ensinamentos para a sua própria pessoa.

**20. E vós ... quem dizeis que eu sou?** Tendo alimentado a sua fé e tendo-lhes dado amplas oportunidades de observá-lo, Jesus queria uma confissão de sua fé pessoal, não uma opinião superficial. **Então falou Pedro, e disse: És o Cristo de Deus.** A afirmação da fé de Pedro que

Jesus era o Messias prometido no V.T. não se baseava em pretensões políticas da parte do Mestre, nem sobre qualquer reivindicação extravagante. O poder e a autoridade de Jesus eram auto-autenticativas.

**21. Advertindo-os, mandou.** O Senhor não queria ser anunciado como o líder de um movimento revolucionário. A obra da cruz tinha de preceder qualquer libertação política da nação.

**22. É necessário que o Filho do homem sofra... e no terceiro dia ressuscite.** É necessário (gr. *dei*) indica uma necessidade lógica. Cristo estava obrigado a cumprir o propósito de Deus revelado nas Escrituras. Este conceito aparece nas pregações da igreja primitiva (Atos 2:23, 24; 13:17-34; 17:3; 26:22, 23). A morte de Jesus foi uma tragédia, mas não foi um acidente; pois ele estava cumprindo o propósito de Deus na redenção.

**23. Se alguém quer vir após mim.** Os discípulos seguiram o Mestre quando ele os chamou da primeira vez (5:11), mas naquela ocasião eles não tinham idéia que a sua carreira terminaria com a cruz. Eles ainda pensavam em termos de conquista e poder (22:24). Este apelo foi uma advertência solene para a reavaliação do preço do discipulado. **Negue** significa exatamente o que Pedro fez no julgamento de Jesus: ele recusou-se a reconhecê-lo.

**Dia a dia tome a sua cruz.** Uma aceitação voluntária das responsabilidades e sofrimentos incidentes ao discípulo de Cristo. **Siga-me** (gr. *akolouthete*). Um imperativo envolvendo ação persistente: "Que prossiga me seguindo".

**24. Pois quem quiser salvar a sua vida** (gr. *psychên*) refere-se à *alma*, ou *personalidade*. Jesus exigiu consagração do homem todo para a sua causa. **Por minha causa.** Ele proclamou-se o critério decisivo de todos os valores humanos.

**26. Quando vier na sua glória.** No mesmo discurso, Jesus predisse a cruz e o estabelecimento triunfal do Reino na sua segunda vinda.

**27. Alguns há dos que aqui se encontram.** Estas palavras colocam, aparentemente, a vinda de Cristo dentro do espaço de vida dos apóstolos,



mas isso não aconteceu. A explicação mais lógica é que Jesus falava da Transfiguração como um exemplo da vinda do Reino, a qual foi a **alguns** dos discípulos como um penhor do futuro (cons. II Pe. 1:11, 16-19).

**29. A aparência do seu rosto se transfigurou.** Durante um pequeno período de tempo Jesus reassumiu a glória que abandonara ao vir à terra. Seu corpo e roupas ficaram iluminadas pelo resplendor da divindade.

**30. Dois varões... Moisés e Elias.** Esses dois homens deixaram o mundo sob circunstâncias fora do comum: Moisés foi sepultado pela mão de Deus (Dt. 34:5, 6), e Elias foi tomado em um redemoinho (II Reis 2:11). Eles representavam a Lei e os profetas, subordinados a Jesus, mas importantes testemunhas da sua obra.

**31. E falavam da sua partida.** A obra da cruz era de importância suprema para os planos celestiais. **Partida** é literalmente *exodus*. A morte de Jesus foi uma retirada de uma esfera e o começo de uma nova vida em outra.

**32. Premidos de sono.** O incidente aconteceu à noite. **Viram a sua glória.** Compare o testemunho de João (Jo. 1:14).

**33. Façamos três tendas.** Literalmente, *cabanas*. Pedro estava pensando em um abrigo temporário, pois ele desejava desfrutar da companhia dos visitantes celestiais durante algum tempo.

**34. Uma nuvem.** Não uma nuvem de chuva, mas o Shequiná que marcava a presença de Deus (Êx. 13:21, 22; 40:38; Nm. 9:15; Sl. 99:7; Is. 4:5; II Cr. 7:1).

**35. Uma voz.** O Pai repetiu sua aprovação no final do ministério popular do Seu Filho (veja 3:22).

**37. No dia seguinte.** Cristo voltou da glória da Transfiguração para continuar o seu ministério e para morrer. O primeiro passo no caminho da humilhação foi o constrangimento da impotência dos seus discípulos.

**41. Ó geração incrédula e perversa!** O Senhor falava aos discípulos, não ao pai. Apesar de seus privilégios e experiência anterior no seu ministério, continuavam sem poder.

**44. Fixai nos vossos ouvidos as seguintes palavras.** Jesus fazia um esforço supremo para familiarizar os discípulos com a mudança de perspectiva.

**46. Qual deles seria o maior.** Esta é a complementação do versículo 45. Eles não tinham aprendido a avaliar a vida nos termos da cruz (9:23-26).

**47. Jesus... tomou uma criança.** Ele usou a criança como ilustração da humildade despretensiosa. A criança não obtivera nenhum lugar de importância na sociedade, e era exemplo do menor (v. 48) a respeito de quem o Senhor falava.

**49. Não segue conosco.** Os discípulos eram intolerantes. Não pertencendo ao seu grupo, eles estavam prontos a fazer pouco da obra.

## **V. O Caminho da Cruz. 9:51 – 18:30.**

Esta seção do Evangelho de Lucas, que lhe é grandemente peculiar, contém muitos episódios e parábolas que não se encontram em outro lugar, e que podem ter sido um resultado de sua pesquisa particular. A cronologia é difícil; parece ser uma coleção de histórias e não uma narrativa completa. Representa, entretanto, os ensinamentos de Jesus no último ano do seu ministério, e reflete um período de rejeição e tensão.

### **A. A Perspectiva da Cruz. 9:51-62.**

**51. Os dias em que devia ser assunto ao céu.** Há duas possíveis interpretações: ou Lucas usou a palavra **assunto** (cons. Atos 1:2) no sentido geral compreendendo todo o ministério da Paixão (inclusive a Ascensão); ou ele dá a entender que Jesus, em vez de retornar ao Pai imediatamente no auge de sua carreira pública, escolheu deliberadamente o caminho da humilhação que leva à cruz. A segunda alternativa tem algum apoio nos ensinamentos de Hb. 12:2, que diz: "em troca do gozo que lhe estava proposto ele suportou a cruz" (trad. original).

**52. Numa aldeia de samaritanos.** Os samaritanos eram descendentes de colonos que os reis da Assíria implantaram na Palestina depois da queda do reino do norte em 721 A.C. Por causa da mistura de sangue e diferentes costumes religiosos os judeus os odiavam. Peregrinos que iam a Jerusalém não costumavam passar por Samaria.

**54. Queres que mandemos descer fogo do céu.** Tiago e João ressentiram-se da consideração com Jesus e queriam vingar-se.

**56. Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.** A citação de Lucas exemplifica o propósito de Jesus de salvar os homens, propósito esse repetido a intervalos no seu Evangelho.

**58. O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.** A rejeição em Samaria deu lugar a esta declaração. O Senhor da terra tinha menos de seu do que as bestas e as aves.

**59. Permita-me ir primeiro sepultar meu pai.** Aquele que fala não diz que o seu pai esteja morto, mas que sente-se obrigado a cuidar dele até morrer.

**60. Deixa aos mortos o sepultar os seus mortos.** Os espiritualmente inertes podem esperar a morte; Jesus convocou os espiritualmente vivos a segui-lo.

**62. Ninguém que... olha para trás, é apto para o reino de Deus.** Olha para trás é ação contínua. Um fazendeiro que está arando deve olhar sempre para frente se quiser arar em linha reta.

## Lucas 10

### B. O Ministério dos Setenta. 10:1-24.

Só Lucas registra a missão dos Setenta. Jesus devia ter muitos discípulos se pôde enviar setenta homens numa missão missionária pelas cidades da Galiléia e Judéia. Edersheim (Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, Vol. II, pág. 135) sugere que Jesus os enviou em algum momento antes da Festa dos Tabernáculos precedendo a sua morte. De sua linguagem pode-se deduzir que foi rejeitado pelas

multidões das cidades da Galiléia (10, 13, 15) e que pretendia deixar o distrito permanentemente.

**1. Depois disto.** A cronologia de Lucas é indefinida; mas ele coloca estes acontecimentos depois da crise da Transfiguração. **De dois em dois.** Jesus enviara os Doze do mesmo modo numa missão anterior (Mc. 6:7). Enviando-os aos pares fortalecia o seu testemunho, e tornava a viagem mais agradável. **Aonde ele estava para ir.** Os Setenta deviam preparar as pessoas para o seu último apelo.

**2. A seara.** Jesus usou esta figura muitas vezes ao falar sobre a colheita dos crentes (Jo. 4:35, 36; Mt. 13:30, 39).

**4. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias.** A viagem seria curta, e sua urgência exigia pressa. Estavam proibidos de sobrecarregar-se com bagagem desnecessária. **A ninguém saudeis.** O Senhor não pretendia que fossem descortesies, mas as saudações orientais eram tão elaboradas que perderiam muito tempo na cerimônia.

**6. Filho de paz.** Uma expressão idiomática hebraica, significando *um homem pacífico*. **Filho de** era freqüentemente empregado como um substantivo para enfatizar a característica. João e Tiago eram chamados "filhos do trovão" (Mc. 3:17) por causa de sua índole violenta.

**7. Não andeis a mudar de casa em casa.** Jesus queria que seus discípulos fossem mensageiros, não mendigos. Não deviam andar sem destino, à procura dos alojamentos mais confortáveis e da companhia mais agradável.

**9. Curai os enfermos.** Cristo conferiu aos discípulos o poder de curar como parte do seu ministério. Não há nenhuma indicação que todos eles ficassem de posse desse poder permanentemente.

**12. Naquele dia.** Esta frase foi freqüentemente usada nos livros proféticos do V.T. falando do dia do juízo no tempo do fim (Amós 8:9, 9, 11; Sf. 1:14; Zc 12:8, 11; 13:1; 14:4). **Sodoma.** Uma cidade dos tempos de Abraão, que foi tão desprezível que Deus a destruiu através de juízo excepcional (Gn. 19: 13, 24).

**13. Tiro e Sidom** eram cidades fenícias notáveis por seu luxo e libertinagem. **Saco.** Um tecido grosseiro usado pelos pranteadores em sinal de tristeza.

**17. Então regressaram os setenta.** Sua missão parece que teve sucesso. Os Doze fracassaram em curar o rapaz endemoninhado (9:40); mas os Setenta deram a notícia de que até os demônios fugiam à menção do nome de Jesus.

**18. Eu via a Satanás . . . como relâmpago.** Quando caía seria uma tradução melhor. Jesus deu a entender que o poder de Satanás foi destruído, e que o sucesso desses discípulos foi uma evidência da vitória.

**19. Poder** é autoridade, o direito de ordenar.

**20. Alegrai-vos, ... e sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus.** O maior motivo para regozijo não foi a vitória momentânea sobre forças sobrenaturais, mas o triunfo eterno de ser alistado entre os cidadãos do céu. **Arrolados** pode significar registrados em um registro público (cons. Hb. 12:23; Ap. 3:5; 22:19).

**21. ... exultou Jesus.** O sucesso da viagem dos Setenta encorajou Jesus, pois o poder de Satanás não fora suficiente para impedir que a revelação de Deus lhe fosse dada.

**22. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai.** Este versículo tem uma forte semelhança com a fraseologia de Jesus conforme registrada no Evangelho de João (cons. Jo. 5:22, 23). Uma vez que foi dito em particular, pode ser uma evidência de que os discursos joaninos também foram particulares em sua natureza. Parece que os discursos públicos de Nosso Senhor foram apresentados em um estilo diferente.

### **C. Ensinaamentos Públicos. 10:25 - 13:21.**

**25. Um certo ... intérprete da lei.** Na comunidade judaica o "doutor da lei" era um perito nos ensinamentos religiosos da lei mosaica e não propriamente um advogado jurídico. **Pôr... em provas.** O doutor estava experimentando Jesus para ver o que ele diria em resposta a uma

pergunta ardilosa. **Vida eterna** era um assunto corrente nos debates religiosos (18:18).

**26. Que está escrito na lei?** O Salvador aceitava a autoridade do V.T. como a revelação de Deus. Sua pergunta dá a entender que o doutor da lei poderia encontrar a resposta para sua dúvida nas próprias Escrituras se ele realmente as estudasse.

**27. A isto ele respondeu.** A resposta do doutor da lei foi um composto de dois textos – Dt. 6:5 e Lv. 19:18. O primeiro fazia parte do Shema Judeu, ou credo, que costumava ser recitado nos cultos nas sinagogas.

**Coração** (gr. *kardia*) é a vida interior, não necessariamente apenas emoção. **Alma** (gr. *psyché*) é personalidade, o ser consciente. **Forças** (gr. *ischú*) é a força física. **Entendimento** (gr. *dianoia*) é a capacidade de pensar.

**29. Querendo justificar-se.** Percebendo que fora apanhado por suas próprias palavras, uma vez que não guardara a Lei, o doutor começou a tergiversar sobre uma definição. Judeus estritos não reconheceriam que qualquer que não era judeu era o próximo.

**30. Certo homem.** Embora a história de Jesus seja chamada de parábola, pode muito bem ter sido a narrativa de um acontecimento real. **Descia de Jerusalém.** Literalmente verdadeiro, pois Jerusalém fica cerca de 800 m acima do nível do mar, e Jericó fica perto de cerca de 400 m abaixo do nível do mar. A estrada é cheia de curvas e estreita, serpenteando entre desfiladeiros rochosos, onde salteadores podiam facilmente se esconder.

**32. Um levita.** Os levitas serviam no Templo. Nem o sacerdote nem o levita tentaram ajudar o homem. Talvez pensassem que estivesse morto, e não quiseram se contaminar pelo contato com um cadáver.

**33. Certo samaritano.** Os samaritanos eram desprezados pelos judeus porque descendiam de gentios e porque seu tipo de culto era diferente do judaísmo ortodoxo. Eles adoravam no Monte Gerizim e não em Jerusalém, e mantinham um sacerdócio deles mesmos. Um pequeno

grupo ainda sobrevive na aldeia de Nablus, perto do local da antiga Siquém.

**34. Chegando-se.** Se os salteadores ainda estivessem escondidos nas proximidades, o samaritano estava arriscando a sua vida. Jesus mostrou que o samaritano teve a atitude de amor que a Lei exigia.

**35. Dois denários.** O equivalente ao salário de dois dias. Ele estava pagando as despesas de um completo estranho, só por causa de sua boa vontade.

**36. Qual ... ter sido o próximo?** Esta pergunta envergonhou o doutor e obrigou-o a admitir que o verdadeiro próximo não foi nenhuma das autoridades sacerdotais do Judaísmo, mas o samaritano.

**38. Num povoado.** João (12:1) diz que a aldeia era Betânia, cerca de duas milhas de Jerusalém sobre a estrada que levava a Jericó e à Transjordânia. Jesus devia visitá-las com frequência quando viajava entre a Galiléia e Jerusalém. Parece que **Marta** era a irmã mais velha, que assumia a responsabilidade de dona de casa.

**39. A ouvir-lhes os ensinamentos.** A palavra grega (*êkouen*) significa que ela estava continuamente ouvindo o Mestre, ou que era seu costume fazê-lo. "Sempre costumava ouvir os seus ensinamentos" seria uma boa paráfrase.

**40. Ocupada.** A palavra grega (*periespato*) significa *separada* ou *afastada*, portanto "distráida" ou "sobrecarregada".

**41. Marta, Marta.** Em diversas ocasiões, de acordo com a narrativa de Lucas, Jesus repetiu um nome quando quis fazer alguma declaração extraordinariamente impressiva (veja 22:31; cons. Atos 9:4).

**42. Pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa.** Marta achava que "muitas coisas" eram necessárias para o conforto do Senhor, e estava se desgastando para prepará-las. Sua companhia significava mais para ele do que os pratos que cozinhava.

## Lucas 11

**1. Estava Jesus orando.** Nem Lucas, nem Mateus dão a localização exata da ocasião em que Jesus deu aos seus discípulo esta oração modelo. Mateus a inclui no Sermão do Monte (Mt. 6:9-13).

**2. Quando orardes, dizei.** Ele não pretendia que seus discípulos repetissem esta oração como papagaios. Antes, diversos pedidos nela contidos serviriam de guia para uma atitude e conteúdo corretos. **Pai.** Jesus usou uma palavra infantil para pai, a qual também aparece em Rm. 8:15. É usada pelos hebreus de hoje dentro do círculo familiar, e implica em familiaridade baseada no amor. Deus é o Pai de todos os que aceitam a Cristo (Jo. 1:12). **Santificado seja o teu nome.** O primeiro pedido refere-se à honra de Deus não às necessidades do suplicante. A santidade de Deus não deve ser conspurcada pela atitude daquele que ora. **Venha o teu reino.** O governo de Deus deve se tornar mundialmente conhecido. Jesus não mandaria que seus discípulos orassem pela vinda do Reino se já estivesse presente. **Seja feita a tua vontade** (não aparece na Almeida). A vontade de Deus está sendo feita no céu pelos anjos sem hesitação ou discordância. A oração pede o mesmo tipo de obediência da parte do adorador.

**3. Dá-nos de dia em dia.** O grego é conciso e pitoresco: Continua nos dando a nossa parte diariamente.

**4. E perdoa-nos os nossos pecados.** É um pedido e uma confissão. É um reconhecimento da necessidade, porque o homem é pecador; e um pedido da graça divina. **A todo o que nos deve.** O pecado é uma dívida que temos para com Deus e a qual o homem jamais poderá pagar. "Em quem (Cristo) temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça" (Ef. 1:7). **E não nos deixes cair em tentação.** A tentação nem sempre significa solicitação do mal, pois Deus não tenta nesse sentido (Tg. 1:13). A oração é no sentido do crente ser poupado do teste que o forçaria a cometer o mal.

**5. Qual dentre vós tendo um amigo.** A parábola seguinte foi dada por Jesus para ilustrar a certeza do atendimento à oração. Nela, Ele



colocou a oração sobre a base da amizade pessoal com Deus. **Meia-noite.** A hora mais perigosa e mais inconveniente para uma visita. Nos dias de nosso Senhor, raramente uma pessoa se aventurava sair à noite, por causa dos bandidos.

**6. Um meu amigo... chegando de viagem.** Se o amigo viajou a pé o dia inteiro, e só chegou à meia-noite, devia estar com muita fome. A hospitalidade exigia que fosse alimentado.

**7. Já está fechada a porta, e os meus filhos estão comigo, também já estão deitados.** Os lares orientais não tinham quartos de dormir separados. Geralmente o pai da família trancava a porta e, então, desenrolava esteiras sobre o assoalho para as crianças. Ele e a esposa ocupavam a cama ou o espaço mais perto da parede. Seria impossível alcançar a porta sem perturbar as crianças.

**8. Por causa da importunação.** O persistente bater do visitante noturno era mais aborrecido do que abrir a porta e dar-lhe o pão.

**9. Pedi** o que não tendes; **buscai** o que não está visível; **batei** e os obstáculos serão removidos. Estas três palavras sintetizam o conteúdo da oração persistente.

**10. Todo o que.** Nosso Senhor prometeu dar uma resposta completa; ele não fez exceções.

**11. O pai.** Jesus indicou um laço mais forte entre Deus e o homem do que entre amigo e amigo. Ele dá não somente porque o homem é persistente, mas porque Ele ama Seus filhos. Ele não fará menos por estes do que qualquer pai terrestre faria por sua família.

**13. Pois, se vós.** Se os seres humanos que são maus podem agir de maneira benigna e amorosa, quanto mais Deus? **O Espírito Santo.** Mateus, em passagem paralela, diz "boas dádivas" (Mt. 7:11). Lucas enfatiza de maneira especial o dom do Espírito Santo.

**15. Belzebu.** O texto grego nos melhores manuscritos diz *Belzebul*, uma tradução de *Baalzebub*, no hebraico, "senhor das moscas" ou "senhor da habitação". Era o título conferido a um dos deuses filisteus, e foi introduzido no judaísmo como título de Satanás. Uma vez que

inimigos de Jesus não admitiam que ele viesse de Deus, atribuíam a uma fonte super-demoníaca o seu poder sobre os demônios.

**16. Um sinal do céu.** A completa irracionalidade dos seus inimigos ficou comprovada pela exigência que se dessem um sinal quando tinham acabado de testemunhar um.

**18. Se também Satanás estiver dividido contra si.** O Senhor destacou que seria tolice pensar que Satanás estivesse desfazendo a sua própria obra.

**19. Por quem os expulsam vossos filhos?** Se as suas obras deviam ser atribuídas ao poder do diabo, os judeus podiam justificar melhor seus próprios filhos quando exorcizavam demônios?

**20. Pelo dedo de Deus.** Uma figura de linguagem para o poder de Deus. O exercício do poder de Deus provava que Jesus introduziu o governo de Deus entre nós.

**21. O valente ... armado.** Satanás é o valente que mantém em suas garras aquilo de que se apossou.

**22. Um mais valente.** Jesus declarou sua superioridade sobre Satanás, e sua capacidade de libertar os homens do poder do diabo.

**23. Quem não é por mim.** Compare este versículo com o seu oposto em 9:50. No exemplo anterior ele falava de um homem que estava cooperando inconscientemente com ele, enquanto que neste exemplo ele falava daqueles que conscientemente se lhe opunham.

**24. Quando o espírito imundo sai do homem.** Cristo usou o milagre que acabara de realizar como ilustração de uma verdade espiritual. O vácuo deixado pelo afastamento do mal tem de ser preenchido com o que é bom, ou o mal não se torna pior. Por lugares áridos. Os desertos eram supostamente habitados pelos maus espíritos (veja Is. 13:19-22).

**27. Bem-aventurado aquela que te concebeu.** Pronunciando uma bênção sobre a mãe de Jesus, esta mulher estava elogiando o próprio Salvador.

**28. Bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.** O Senhor insinuou que Ele desejava obediência e não elogios.

**29. Sinal... o do profeta Jonas.** A milagrosa libertação de Jonas da morte iminente, para que cumprisse com a obrigação que tinha com os ninivitas, era uma figura da Ressurreição. A volta de Cristo da morte foi uma tão grande prova do Seu ministério quanto o salvamento de Jonas.

**31. A rainha do sul.** A rainha de Sabá, um país na extremidade sul da Arábia. **Veio dos confins da terra.** Considerando que as viagens eram lentas e difíceis, a longa viagem da rainha foi uma prova de sua ansiedade em conhecer Salomão (I Reis 10:1-10). **A sabedoria de Salomão.** Hoje, Salomão seria classificado como escritor, cientista, "connoisseur" de arte, patrono da indústria e homem de estado. Nosso Senhor foi proclamado maior do que Salomão.

**32. A pregação de Jonas** trouxe o arrependimento aos habitantes pagãos da populosa e perversa cidade de Nínive (Jn. 3:5-9; 4:11). Jesus declarou que era um pregador maior do que Jonas. O mundo não reconheceu sua grandeza de sabedoria ou pessoal.

**33. Uma candeia.** Literalmente, *lamparina*. **Em lugar escondido.** A palavra (gr. *knyptên*) pode ser traduzida para *porão* (veja Arndt *in loco*). **Do alqueire** (gr. *modios*, uma palavra emprestada do latim). Uma medida contendo aproximadamente um celamim (pouco mais de dois litros e meio). **Velador.** Uma haste de madeira para sustentar a lamparina.

**34. Bons.** Desanuviado, devidamente focalizado, ou sadio. **Maus** refere-se ao defeito físico.

**37. Um fariseu o convidou para ir comer com ele.** Lucas registra ocasiões numerosas nas quais o Senhor foi convidado para jantar (5:29; 7:36; 14:1; 19:5; cons. Jo. 2:1-11; 12:1, 2). Ele utilizava essas oportunidades para alcançar os homens que de outra maneira não lhe dariam atenção.

**38. Admirou-se ao ... que não se lavara primeiro.** Os fariseus lavavam-se regularmente antes das refeições, observando um cerimonial.

A negligência de Jesus parecia ser uma recusa direta de guardar a Lei, e um insulto ao anfitrião. A reação do fariseu talvez fosse expressa em palavras, ou então o Senhor talvez tenha lido seus pensamentos.

**39. Vós, os fariseus, limpais o exterior.** Os fariseus eram os puritanos do judaísmo, que eram excessivamente severos em relação à observância externa da Lei. Jesus os criticou drasticamente por causa de sua hipocrisia, pois eles nutriam toda sorte de cobiça e crueldade em seus corações.

**40. Insensatos!** Um termo que Cristo raramente usou, e só em relação àqueles que eram moralmente pervertidos, não apenas mentalmente obtusos.

**41. Dai antes do que tiverdes.** Se os fariseus dessem generosamente aos pobres, não teriam de se preocupar com purificações cerimoniais.

**42. Dais o dízimo da hortelã, a arruda, e de todas as hortaliças.** Eles davam o dízimo até dos vegetais que cresciam em suas hortas, mas deixavam de cumprir obrigações maiores de amar seus próximos.

**43. Primeiras cadeiras nas sinagogas.** Os assentos da frente nas sinagogas eram geralmente reservados para os membros mais importantes.

**44. As sepulturas invisíveis.** Qualquer contato com um defunto ou com uma sepultura constituía infração da Lei. Geralmente as sepulturas eram pintadas de branco para que fossem visíveis à noite, além do dia. Jesus disse que os fariseus, através do seu exemplo, inconsciente obrigavam os outros homens a infringir a Lei e a se contaminarem.

**47. Porque edificais os túmulos dos profetas.** Os mártires de uma geração tornam-se os heróis da seguinte. Era mais fácil para os filhos construir monumentos aos profetas do que para os seus pais obedecê-los.

**50. Desta geração.** A rejeição dos mensageiros divinos culminou com o crime da geração de Jesus, porque eles o recusaram.

**51. Desde o sangue de Abel, até ao sangue de Zacarias.** Abel foi o primeiro mártir da história do V. T. (Gn. 4:8), **Zacarias** foi o último (II Cr. 24:20-22), de acordo com os livros da Bíblia hebraica, a qual termina com os livros de Crônicas, e não como a nossa.

**52. Tomaste a chave da ciência.** Jesus acusava os peritos na Lei de não cumprirem com suas obrigações. Era obrigação sua dar a luz ao povo, explicando a Lei; pelo contrário, eles mantinham o povo na ignorância,

## Lucas 12

**1. Do fermento dos fariseus.** O fermento costuma representar o mal. O efeito da fermentação e conseqüente decomposição era típico da operação insidiosa do pecado no coração humano.

**3. Interior da casa.** A despensa de uma casa oriental, à qual só os privilegiados tinham acesso. O que fosse falado ali, normalmente não seria ouvido por mais ninguém. **Sobre os eirados.** Uma alusão à pública anúncio de notícias através de uma falação gritada de um terraço para o outro.

**5. Temei aquele.** Refere-se a Deus e não a Satanás, pois Satanás não pode determinar o destino da alma humana. Temer não dá a entender um pavor servil, mas respeito sadio. **Inferno.** Tradução de *geena*, forma grega para o hebreu *ge-hinnom*, ou "Vale de Hinom", que ficava a sudoeste da antiga Jerusalém. No tempo dos reis fora o centro da idolatria, e mais tarde, devido a reformas, converteu-se em depósito de lixo da cidade. O fogo estava sempre aceso ali para consumir o lixo. O lugar foi usado como figura do destino dos perdidos.

**6. Não se vendem cinco pardais por dois asses?** Em outra ocasião Jesus citou o preço dos pardais como sendo dois por um asse (Mt. 10:29). Eram tão baratos que pelo preço de quatro recebia-se um de graça. Mas Jesus disse que o Deus infinito preocupa-se com a morte de cada passarinho.

**7. Bem mais valeis.** Uma vez que a tremenda compaixão de Deus pelo homem está em paralelo com a sua autoridade sobre o destino do homem, Sua preocupação deveria evocar mais amor do que medo.

**8. Confessar.** Jesus estava fazendo um apelo aos discípulos para que declarassem publicamente a sua lealdade.

**9. O que me negar.** Aqui, negar não é excluir, mas deserdar. Jesus proclamou o direito de condenar ou recompensar qualquer homem na presença de Deus.

**10. Para o que blasfemar contra o Espírito Santo.** A calúnia contra o Espírito Santo é irremediável porque exclui um homem da área de ação do único poder que pode transformar a sua vida interior. O Espírito Santo é o mensageiro de Deus aos homens, do qual os crentes dependem para conhecimento da realidade da verdade de Deus.

**11. Não vos preocupeis.** Uma instrução para os mártires, não para pregadores ou professores.

**13. Mestre, ordena a meu irmão.** Este homem queria propriedades, não justiça. Queria que Jesus exercesse sua autoridade, mas não lhe pediu que se aprofundasse nos méritos da questão.

**14. Quem me constituiu juiz?** O Senhor se recusou a decidir pela conveniência pessoal de um homem.

**16. O campo de um homem rico.** Mais uma vez Jesus podia estar citando um caso verídico (conf. 11:30 e segs.), para ilustrar o princípio citado no v. 15.

**17. Que farei?** O fazendeiro estava preocupado com suas riquezas, mas não imaginou a possibilidade de utilizar suas abundantes colheitas para o benefício de outros. **18. Celeiros.** Em grego, *apothêkê*, armazém, depósito.

**19. Alma: Tens em depósito muitos bens para muitos anos.** O homem rico não contava com a repentina intimação que receberia de comparecer diante de Deus, deixando as propriedades que tão cuidadosamente acumulou. Na certeza de uma boa colheita, o homem, fazendeiro riquíssimo, estava pronto para se aposentar. Tinha concepção

errada de várias coisas: Que a alma podia ser satisfeita com bens materiais; que os bens materiais podiam durar muitos anos; que ele viveria o tempo suficiente para gozar de tudo.

**20. Esta noite te pedirão a tua alma.**

**21. Rico para com Deus.** Jesus deu a entender que a riqueza pode ser investida em valores eternos (cons. 16:9).

**22. Não andeis ansiosos pela vossa vida.** Cristo não elogiou a negligência, mas ensinou que o alimento e a roupa não constituem a única ou primária preocupação do homem. O que o homem é é mais importante do que o que ele tem.

**25. Curso.** (gr. *rêlikia*) pode significar "idade" (Jo. 9:21), mais do que "tamanho". o problema do homem rico não era a sua altura, mas o tempo que tinha para desfrutar dos seus bens.

**27. Observai os lírios.** Essas flores eram provavelmente anêmonas. Cresciam profusamente nos campos da Galiléia, colorindo-os profusamente com tons de vermelho e púrpura, as cores reais. **Salomão, em toda a sua glória**, isto é, quando vestido em suas roupas reais, não tinha a aparência esplêndida dessas florzinhas humildes.

**28. Amanhã é lançada no forno.** Lenha é coisa quase impossível na Palestina; conseqüentemente, capim e mato seco eram usados para cozinhar. A relva tem vida curta; mas se Deus está pronto a vesti-la de cores vistosas, quanto mais cuidado ele despenderá com o homem, cujo espírito vive para sempre!

**30. Porque os gentios de todo o mundo é que procuram estas coisas.** Posses materiais são o interesse principal dos gentios, os quais (do ponto de vista judeu) não conhecem a Deus. Jesus disse que para os seus discípulos esses bens materiais deveriam constituir um valor secundário.

**31. Buscai antes de tudo o reino de Deus.** O Mestre deu aos seus discípulos um novo objetivo na vida – trabalhar para o reino de Deus.

**35. Cingidos estejam os vossos corpos e acesas as vossas candeias.** Sendo as vestes orientais longas e flutuantes, o usuário tinha

de prender as fraldas de seu manto sob o cinto para ter liberdade de movimentos. os candeeiros eram acesos com brasas vivas, pois ainda não existiam fósforos.

**36. Ao voltar ele das festas de casamento.** O noivo oriental, depois de jantar com os seus amigos, vinha à casa da noiva para reclamá-la. Considerando que o retorno acontecia tarde da noite, o noivo esperava que seus servos estivessem vestidos para o trabalho e com as lâmpadas acesas. Os tradicionais preparativos para o casamento eram um símbolo da disposição para a sua volta.

**39. A que hora havia de vir o ladrão.** A mudança de figura do noivo para o ladrão enfatiza o elemento do aparecimento inesperado. Paulo aplicou a mesma figura de linguagem para a Segunda Vinda (I Ts. 5:2).

**41. Senhor proferes esta parábola a nós ou também a todos?** Para esclarecer se ele estava se dirigindo aos discípulos exclusivamente ou a toda a multidão a sua volta, Jesus contou a parábola seguinte.

**43. Aquele servo** (gr. *doulos*, "escravo"). Um mordomo era geralmente um escravo encarregado de cuidar da casa do seu senhor.

**45. O meu senhor tarda em vir.** A parábola diz que o ceticismo sobre a volta do Senhor produz abuso de autoridade e relaxamento de conduta.

**46. Virá o Senhor daquele servo.** A vinda do Senhor trará recompensas para os fiéis e juízo para os infiéis. Castiga-lo-á. Provavelmente o significado é literal, pois os senhores romanos tinham poder de vida e morte sobre seus escravos. A má administração de uma propriedade podia provocar a pena de morte.

**48. A quem muito foi dado, muito se lhe será exigido.** A linguagem sugere graus de castigo.

**49. Vim para lançar fogo sobre a terra; e bem quisera que já estivesse a arder** (Original: *Vim para lançar fogo sobre a terra; e como eu gostaria de já tê-lo aceso!*) Nosso Senhor percebia que sua missão era divisora e perturbadora. Ele via claramente que a cruz seria ponto de



controvérsia e argumentação, e queria que esse levantamento (Jo. 12:32) já estivesse consumado.

**50. Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser batizado.** Cristo se referia à sua morte (cons. Mc. 10:38). Ele sentia que o seu poder seria restrito até que a obra da cruz fosse consumada.

**51. Não... antes, divisão.** O judaísmo era uma religião da família, na qual as pessoas adoravam em família mais do que individualmente. Jesus previu que suas declarações poderiam cortar laços familiares, e exigiriam decisões individuais.

**56. Entretanto, não sabeis discernir esta época?** Os contemporâneos de Jesus não percebiam a importância da sua vinda, nem a seriedade da sua rejeição.

**58. Magistrado.** O delegado ou policial (gr. *praktorî*), que executava as ordens do tribunal.

## Lucas 13

**1. Cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios.** Provavelmente os galileus, que eram nacionalistas fanáticos, criaram um tumulto em Jerusalém. Pilatos que estava lá durante a festa, mandou que seus soldados intervissem. O resultado foi um conflito sangrento nos átrios do templo. Tal atitude estava inteiramente de acordo com o conhecido caráter de Pilatos.

**2. Mais pecadores do que todos os outros galileus?** Qualquer calamidade fora do comum logo é interpretada como castigo especial para os implicados.

**3. Não eram, eu vos afirmo.** Jesus não concordou com a idéia de que as vítimas de Pilatos fossem excepcionalmente pecadoras, mas disse que um destino semelhante aguardava todos os que não se arrependessem. Ele podia ter em mente o destino iminente da destruição da cidade no cerco romano em 70 A.D. (cons. 19:41-44; 21:20-24).

**4. Aqueles dezoito.** Ele mencionou outro acontecimento recente que foi muito discutido na cidade, e fez uma aplicação semelhante.

**63. Os homens que detinham Jesus zombavam dele.** O tratamento que os capangas do Sinédrio davam era inteiramente ilegal. Um prisioneiro devia ser mantido intacto até que fosse oficialmente condenado. Mas nosso Senhor foi deixado à mercê de uma guarda irresponsável entre o interrogatório dos sacerdotes e o seu aparecimento diante de Pilatos.

**66. Logo que amanheceu.** De acordo com a lei judaica, o Sinédrio (concílio) não devia se reunir à noite. Mateus (26:57, 58) e Marcos (14:53, 55) dizem que houve uma audiência preliminar na casa do sumo sacerdote, e que uma sentença formal foi pronunciada cedo de manhã (Mt. 27:1; Mc. 15:1). Lucas só menciona esta última. O *concílio*, ou Sinédrio, consistia de setenta ou setenta e dois anciãos e doutores. Tinha permissão dada por Roma de julgar questões religiosas e civis, mas não podia aplicar a pena capital sem a concordância do governo romano.

**67. Tu és o Cristo?** Lucas registra duas perguntas feitas pelo Sinédrio. Esta, se respondida afirmativamente, seria interpretada como confissão de traição, pois todos os messias eram tidos como rebeldes em potencial contra o governo romano.

**69. Desde agora estará assentado o Filho do homem à direita do Todo-Poderoso.** Jesus proclamou o Seu messiado declarando que subsequenteiramente seria elevado à direita de Deus.

**70. Logo, tu és o Filho de Deus?** A segunda pergunta tinha a intenção de incriminar Jesus junto ao povo. Se ele proclamasse ser o Filho de Deus, seria acusado de blasfêmia. **Vós dizeis que eu sou.** A expressão equivale a um "Sim".

## Lucas 23

### 1. Levantando-se toda a assembléia, levaram Jesus a Pilatos.

Pôncio Pilatos era o governador romano da Palestina de 26 a 36 A.D. Sua residência oficial ficava em Cesaréia, mas ele costumava visitar Jerusalém durante a estação da Páscoa afim de vigiar as multidões de lá.

série que descreve o reino de Deus. As interpretações delas têm sido variadas, e tem havido considerável controvérsia sobre as mesmas. É bom lembrar que geralmente cada parábola foi contada para destacar apenas um ponto, e que os detalhes dispensáveis não devem ser super-enfatizados.

**19. É semelhante a um grão de mostarda.** A mostarda era o maior dos arbustos da Palestina. Seu crescimento descomunal, em uma só estação, partindo da menor das sementes até o arbusto do tamanho de uma pequena árvore, ilustrava profeticamente o crescimento do reino, partindo de um começo insignificante com o grupo dos discípulos de Jesus até o reino espiritual que veio a ser universalmente reconhecido.

**21. É semelhante ao fermento.** A figura aqui se refere ao crescimento silencioso porém poderoso do reino entre os homens (cons. 12:1). Jesus não declarou que o mundo se converteria; ele deu a entender que seria drenado pelo reino.

#### **D. O Começo do Debate Público. 13:22 - 16:31.**

**22. Caminhando para Jerusalém.** Com esta frase Lucas volta ao tema de 9:51. Ele armou esta parte do Evangelho sobre a última viagem do Salvador.

**23. São poucos os que são salvos?** Tão severos eram os ensinamentos éticos do Senhor que seus ouvintes achavam por certo que só alguns se salvariam.

**24. Porta estreita.** Apertada, de difícil passagem.

**25. Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta.** A porta de uma casa oriental era trancada à noite para evitar a entrada de ladrões, e não se abria até o amanhecer. Se alguém batia nela tarde da noite, era encarado com suspeitas, e geralmente mandado embora.

**26. Comíamos e bebíamos na tua presença.** No oriente, comer e beber com um homem era sinal de amizade permanente.

**27. Não sei donde vós sois.** A salvação depende de amizade pessoal com ele, não de conhecimento da sua reputação.

**28. Ali haverá choro e ranger de dentes.** Ali significa "naquele lugar".

**30. Há últimos que virão a ser primeiros.** Dá-se a entender que a hora do juízo trará muitas surpresas.

**31. Herodes quer matar-te.** Os fariseus só podiam estar tentando amedrontar Jesus para que este saísse do país. Por outro lado, Herodes tinha uma consciência pesada, e pensava que Jesus podia ser João Batista ressuscitado dos mortos (cons. 9:7).

**32. Essa raposa.** Um dos poucos termos desdenhosos que nosso Senhor usou. O termo implica em astúcia e covardia. **No terceiro dia terminarei.** Indicou que tinha um plano definido para sua vida, e que não temia as ameaças de Herodes.

**33. Porque não se espera que morra um profeta fora de Jerusalém.** Sua resposta aos fariseus significava que ele reconhecia não o perigo das ameaças de Herodes, mas da hostilidade de sua própria cidade.

**34. Jerusalém, Jerusalém.** A lamentação de Cristo sobre a cidade partiu do seu amor e sua previsão do futuro. Ele estava muito cômico do destino que a aguardava.

**35. Eis que a vossa casa vos ficará deserta.** A destruição do templo em 70 A.D. e a posterior expulsão dos judeus por Adriano (135 A.D.) desmantelou completamente a nação judia. **Bendito o que vem em nome do Senhor.** Uma citação do Sl. 118:26 que se aplicava ao Messias. Jesus identificou-se com as esperanças da nação.

## Lucas 14

**1. Ao entrar ele num sábado na casa de um dos principais fariseus para comer pão** (cons. 11:37). **Eis que o estavam observando.** Os fariseus observavam (gr. *paratêrounto*) Jesus atentamente (cons. 6:7), esperando apanhá-lo em alguma falta se possível.

**2. Ora, diante dele se achava um homem.** A presença desse homem era inesperada. Talvez viesse à festa com esperanças de ser

curado. **Hidrópico.** Inchação do corpo produzida pela retenção excessiva de líquido nos tecidos. A deplorável condição do homem deveria ser óbvia a todos.

**3. Jesus..., dirigindo-se aos intérpretes da lei e aos fariseus.** Ele repetiu a pergunta que já fizera em ocasião anterior (6:9).

**4. Eles, porém, nada disseram.** Seus críticos não sabiam como responder. Se dissessem que curar no sábado não era permissível, teriam se condenado a si mesmos; se dissessem que era, não deveriam tê-lo criticado.

**5. Qual de vós se o filho ou o boi cair num poço.** Ele usou o mesmo argumento de duas ocasiões anteriores (6:9; 13:15).

**7. Propôs-lhes uma parábola.** Nesse jantar nosso Senhor proferiu três parábolas. As duas primeiras (14:7-11, 12-14) foram evocadas pelo comportamento dos convidados e o anfitrião; a terceira (vs. 15-24) foi a resposta dada a um comentário feito. **Escolhiam os primeiros lugares.** A posição social era coisa importante na sociedade daquele tempo, e cada convidado queria ocupar o mais alto lugar de honra que conseguisse pegar. **Lugares.** A palavra se refere à localização do assento, e não ao salão.

**9. O último lugar.** Quando o convidado descobrir que o melhor lugar está reservado para outra pessoa, lugares intermediários já estarão ocupados, e só o último ainda estará vago.

**10. Amigo, senta-te mais para cima.** Se o anfitrião encontrar um convidado de honra em um lugar inferior, ele o convidará a tomar lugar que lhe foi reservado à cabeceira da mesa.

**11. O que se humilha será exaltado.** Cristo usou a situação imediata para ilustrar um princípio espiritual geral. Plummer diz: "A humildade é o passaporte para a promoção no reino de Deus" (ICC, pág. 358).

**12. Disse também ao que o havia convidado.** Jesus tinha uma palavra para o anfitrião e não só para os convidados. **Não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos**

**ricos.** O reino de Deus não é uma sociedade fechada dos ricos, nem um clube exclusivo de amigos.

**13. Convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos.** Nosso Senhor repreendeu a prática egoísta de só entreter aqueles que podem retribuir um favor. Ele queria que o seu anfitrião visse que a sua riqueza proporcionava-lhe uma oportunidade de ajudar os indigentes e desamparados.

**14. Ressurreição dos justos.** A linguagem que foi usada aqui sustenta a idéia de uma dupla ressurreição, a dos justos e a dos não justificados (cons. Jo. 5:29; I Co. 15:23; Fl. 3:11; I Ts. 4:16; Hb. 11:35; Ap. 20:5, 6), separadas por um intervalo de tempo.

**15. Bem-aventurado aquele.** O convidado que fez esta observação estava tentando chamar a atenção do Mestre com uma observação piedosa. Jesus contou a parábola seguinte para lhe mostrar que o Reino de Deus exige um propósito real, não aprovação casual.

**16. Certo homem deu uma grande ceia.** A parábola despertaria o interesse de todos os convidados presentes, porque tratava de uma situação semelhante a deles mesmos.

**17. À hora da ceia mandou o seu servo.** De acordo com o costume, o convite era feito com alguns dias ou semanas de antecedência, mas a cortesia exigia que, chegada a hora, um convite pessoal fosse levado pela voz de um mensageiro.

**18. Todos à uma começaram a escusar-se.** Recusar um convite na última hora era uma imperdoável infração de etiqueta. **Comprei um campo, e preciso ir vê-lo.** A desculpa era falsa, pois nenhum homem de negócios com o seu juízo perfeito compraria uma terra sem vê-la antes. Ou, se a tivesse visto uma vez, a segunda visita poderia esperar, uma vez que a transação já fora evidentemente completada.

**19. Comprei cinco juntas de bois.** A segunda desculpa era pior que a primeira. Terras são propriedades permanentes e poderiam valorizar; mas os bois só se desvalorizariam se, no ato da compra, já não prestavam. O novo comprador queria verificar como os bois

trabalhavam. Mas, uma vez que já os tinha adquirido, a demora de um dia não mudaria a condição deles.

**20. Casei.** O provável conviva evidentemente pensava que esta desculpa era válida, uma vez que envolvia o mais importante acontecimento de uma vida.

**21. Então, irado, o dono da casa.** A recusa dos convidados foi um insulto direto. **Sai depressa.** A festa estava preparada, e não havia tempo a perder. O anfitrião não esperaria pelos convidados que o trataram tão rudemente, mas ordenou que os seus servos fossem buscar os mendigos.

**22. E ainda há lugar.** Uma vez que os mendigos são muitos em qualquer cidade do Oriente, não poderia haver dificuldade em ajuntar um grande grupo deles.

**23. Obriga a todos a entrar.** A etiqueta oriental exigia que a festa não começasse até que todos os lugares fossem tomados. Os servos foram instruídos a convidarem até mesmo os viajantes pelos caminhos do território adjacente.

**24. Nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.** Tendo recusado o convite, ficaram para sempre excluídos. A aplicação desta parábola centraliza-se na rejeição de Jesus por seus compatriotas. Quando os convidados escolhidos para o reino de Deus recusaram atender o chamado do Messias, ele se voltou para outros que normalmente não seriam convidados.

**25. Grandes multidões o acompanhavam.** Os poucos versículos seguintes não se relacionam diretamente com a festa, mas com a pregação de Nosso Senhor ao ar livre; mas Lucas a usou como seqüência da história. Este apelo de Jesus explicava a natureza do chamado que ele fez àqueles "pelos caminhos e valados".

**26. E não aborrece.** Certamente Cristo não estava ordenando aos homens que odiassem suas próprias famílias no sentido de nutrir má vontade ou maldade. É uma linguagem forte para indicar que a devoção à família deve tomar o lugar após a devoção a Cristo.

**27. E qualquer que não tomar a sua cruz.** A cruz do discípulo é aquela humilhação particular ou dificuldade que tem de enfrentar quando se torna discípulo de Jesus. Carregar uma cruz publicamente era a marca do criminoso destinado à execução (cons. 9:23, 24).

**33. Assim, pois, todo aquele que dentre vós.** O Senhor pediu uma avaliação inteligente do custo do discipulado e uma completa renúncia de todas as solicitações da vida particular.

**34. O sal é certamente bom.** Um ensinamento semelhante aparece no Sermão do Monte (Mt. 5:13). O sal ordinário daquele tempo era de qualidade inferior, e rapidamente perdia o seu sabor quando exposto ao ar.

## Lucas 15

**1. Pecadores** indica o povo das ruas para o qual os fariseus olhavam com desdém porque não conhecia a Lei (Jo. 7:49). As três parábolas deste capítulo foram proferidas particularmente para este público, ilustrando o interesse divino por eles.

**2. Murmuravam.** Os fariseus resmungavam porque não apreciavam o verdadeiro motivo de Jesus em desejar reabilitar as pessoas abandonadas.

**4. Deserto** significa pasto aberto. **Da que se perdeu.** Um pastor contava suas ovelhas no fim de cada dia para se certificar de que nenhuma se desgarrou. Se faltasse uma, ia imediatamente à procura dela. **Vai em busca.** A preposição (gr. *epi*) significa que, além do pastor seguir a pista da ovelha, ele também a encontrava. A palavra dá a idéia de persistência e sucesso.

**5. Põe-na sobre os ombros.** A ovelha difere dos outros animais em que não consegue encontrar o seu caminho de volta ao aprisco. O pastor tem de trazê-la.

**6. Perdida.** A expressão é forte, enfatizando a posse – "minha ovelha, minha perdida" (gr. *to probaton mou, to apolôlos*).



**7. Justos que não necessitam de arrependimento.** Uma referência semi-irônica feita aos fariseus, que se consideravam infinitamente melhores do que os publicanos e pecadores.

**8. Ou qual é a mulher.** A segunda parábola teria agradado à mulher que vivia a maior parte de sua vida dentro de casa, enquanto que a primeira seria do agrado do homem que vivia ao ar livre. **Tendo dez dracmas.** As moedas eram mais escassas na Palestina do que o são na civilização atual pois grande parte do comércio era feito na base da troca. As dracmas valiam cerca de quinze a dezessete centavos americanos cada uma. Representavam as economias de muitos anos. **Acende a candela.** Uma vez que as casas mais pobres do Oriente não tinham janelas, um candeeiro se tornava necessário mesmo de dia para poder se inspecionar os cantos escuros. **Varre a casa.** A moeda podia muito facilmente ter-se perdido na poeira do chão batido.

**9. Amigas e vizinhas.** Estas palavras em grego são femininas, indicando que a mulher chamou outras mulheres para comemorar.

**11. Certo homem tinha dois filhos.** Esta parábola tem sido intitulada a Parábola do Filho Pródigo. Seria melhor se fosse chamada de a Parábola do Filho Perdido, ou O Pai Maravilhoso.

**12. A parte que nos cabe dos bens.** Um herdeiro tinha o direito de reclamar a sua parte de uma propriedade quando seu pai ainda estava vivo se assim o quisesse. O filho mais velho podia reclamar dois terços; os outros filhos dividiriam entre si o restante (Dt. 21:17). **Bens.** Literalmente, sua vida (gr. *ton bion*), uma vez que a sua propriedade era a fonte de sua subsistência.

**13. Uma terra distante.** Muitos dos jovens mais ricos do tempo de Jesus iam a Roma ou Antioquia em busca da vida alegre da cidade. **Dissipou.** A mesma palavra se usava em relação à sementeira (gr. *dieskorpisen*). **Dissolutamente** (gr. *asôtôs*) isto é, esbanjando.

**14. Naquela terra.** A preposição grega *kata*, traduzida para *em*, dá a entender que a fome foi muito difundida, incluindo todo o território

onde o rapaz morava. **Começou a passar necessidades**, ou *começou a ficar para trás*.

**15. Se agregou.** A expressão é forte; literalmente, *grudou-se* (gr. *ekollêthê*). O desespero forçou-o a se ligar com alguma pessoa proeminente por causa do sustento. **Guardar porcos.** A maior humilhação possível para um judeu.

**16. Alfarrobas.** As vagens de alfarrobeira, que foram comidas por João Batista (Mt. 3:4). Eram vagens compridas, de paladar doce e constituíam freqüentemente parte da alimentação das pessoas pobres. **Dava.** O verbo dá a entender um costume ou processo. "Ninguém lhe costumava dar alguma coisa".

**17. Trabalhadores.** Os servos pagos nos tempos bíblicos tinham a vida mais difícil do que os escravos, porque seu emprego era incerto, enquanto que os escravos podiam estar certos do alimento e abrigo.

**18. Contra o céu.** Em obediência ao terceiro mandamento, "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão", os judeus substituíam a palavra Deus por outros termos para não blasfemarem acidentalmente (cons. Mt. 5:34; 26:64, 65).

**19. Trata-me.** Esta petição indica uma completa mudança de atitude. Quando deixou o lar, disse, "Dá-me..." Partiu com uma exigência egoísta; voltou com humilde oração.

**20. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou.** O pai esperava ansioso a volta do rapaz cabeçudo.

**21. Pai, peguei.** O rapaz nunca terminou o discurso que tinha preparado (cons. vs. 18, 19). Tudo o que o pai queria era a confissão.

**22. A melhor roupa.** O melhor vestido estava reservado para um convidado de honra. **Um anel** era sinal da posição de filho, a qual ele tinha perdido quando desertou do círculo familiar.

**23. O novilho cevado.** Um animal costumava ficar preparado para uma ocasião especial, para que hóspedes de honra pudessem ser rapidamente servidos (cons. Gn. 18:7). **Regozijamo-nos.** Dá a idéia de uma festa.

**25. A música e as danças** eram provavelmente fornecidas por artistas pagos. A volta do filho mais moço foi a causa dessa grande celebração.

**28. Ele se indignou.** A reação do filho mais velho foi de ciúme e aborrecimento. Ficou amargurado com aquilo que considerava uma injustiça.

**29. Há tantos anos que te sirvo.** Uma tradução moderna seria: "Veja só! Eu tenho trabalhado como um escravo todos estes anos..." A linguagem dá a entender que o jovem estava cheio de justiça própria, auto-piedade e um alheamento íntimo aos sentimentos de seu pai comparável ao anterior afastamento do filho mais moço do seio da família. **Um cabrito** seria nada comparado com o **bezerro cevado**. O filho acusava o pai de lhe passar o conto do vigário, enquanto era extravagantemente pródigo em favores com o seu irmão.

**30. Esse teu filho.** O irmão mais velho estava sendo insolente e pronto a pensar o pior em relação ao irmão mais jovem.

**32. Foi achado.** Por meio desta parábola, como também através das precedentes, Jesus mostrou a atitude de Deus para com os pecadores. Ele não aprova de maneira nenhuma sua atitude de rebeldia nem suas atitudes irás, mas recebe-os de volta com alegria e os restaura no seu favor quando são arrependidos.

## Lucas 16

**1. Havia um homem rico.** Esta parábola, e a seguinte, podem muito bem ter sido extraídas da própria vida. O mordomo era o responsável pela casa e propriedades. **Defraudar os seus bens.** A mesma palavra que foi usada em relação ao filho pródigo (15:13).

**4. Eu sei o que farei.** Literalmente, *eu sei* (gr. *egnôn*). No estilo pitoresco de Lucas, "Já sei!" Ele teve uma súbita idéia brilhante. **Recebam.** A terceira pessoa não tem antecedente expresso, mas refere-se aos devedores do seu senhor. O expediente do mordomo, embora decididamente desonesto, foi eficiente.

**5. Tendo chamado cada um dos devedores do seu senhor.** Enquanto fosse oficialmente o mordomo, tinha o poder de estipular os pagamentos do aluguel; e até que fosse despedido, suas decisões permaneceriam. Mesmo se o proprietário o despedisse, não poderia alterar as decisões que o mordomo tomara anteriormente.

**6. Cem cados de azeite.** Azeite de oliva era um dos produtos populares da Palestina. A medida para líquidos era de cerca de 9 galões.

**7. A medida** (gr. *korous*, do heb. *cor*) tinha um pouco mais de dez alqueires.

**8. E elogiou o senhor aquele administrador infiel.** Ainda que o senhor daquele mordomo não aprovasse seu procedimento, não pôde deixar de admirar seu recurso. **Prudentemente** quer dizer ardilosamente.

**9. Das riquezas de origem iníqua fazei amigos. Das é por meio de. Riquezas** (*Mamom*) é a palavra aramaica para dinheiro ou propriedades. O mordomo desonesto sabia que ele tinha direitos junto daqueles cujas contas arbitrariamente reduziu. Eles apreciariam o alívio financeiro e estariam prontos a ajudá-lo. O Senhor deu a entender que as propriedades terrenas podem ser usadas para ajudarmos os outros, cuja gratidão nos garantirá boas-vindas na eternidade.

**11. Se... não tornastes fiéis.** O uso dos bens materiais é um teste de caráter. Aqueles que não podem usá-los com sabedoria não merecem ter responsabilidades espirituais.

**16. A lei e os profetas vigoraram até João.** Jesus declarou que João Batista marcou o final de uma dispensação. A velha dispensação da Lei esteve em vigor até que ele começou a proclamar a vinda do Messias e apresentar o reino de Deus. **Todo homem se esforce por entrar nele. Se esforce** envolve a idéia de violência. Os expositores discordam se Lucas queria dizer que os homens se comprimem para entrar no reino, ou que eles o hostilizam (cons. Mt. 11:12, veja Arndt *in loco*). A primeira idéia é preferível com base na gramática.

**17. Um til.** O **til** (gr. *keraiian*, "chifrinho") era uma pequena projeção ou "gancho" que distinguia uma letra hebraica de outra

parecida. Jesus estava dizendo que a Lei manteria a sua autoridade e irredutibilidade até os menores pontos.

**18. Quem repudiar sua mulher, e casar com outra, comete adultério.** A Lei estipulava que um homem podia abandonar sua mulher se achasse nela "coisa indecente" (Dt. 24:1). Embora o original sem dúvida nenhuma aludia a defeitos morais, era interpretado com chocante frouxidão. O Rabi Hillel, dizia-se, ensinava que um homem podia divorciar-se quando sua mulher estragava o jantar (Plummer, in ICC, pág. 390). As palavras de nosso Senhor faz do casamento monogâmico e permanente, o ideal para os crentes.

**19. Havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e que todos os dias se regalava esplendidamente.** A lã tingida de púrpura era dispendiosa e só podia ser usada pelos ricos. Linho, usado para roupas de baixo, também era dispendioso. **Regalava esplendidamente.** A vida para ele constituía uma festa permanente, livre de dificuldades e trabalho enfadonho.

**20. Lázaro.** Esta é a única parábola de Jesus na qual ele dá um nome próprio. **À porta daquele.** Os amigos de Lázaro o deixavam à porta do homem rico apelando para a compaixão deste.

**21. Desejava alimentar-se das migalhas.** As migalhas dos alimentos e as sobras eram jogados aos cachorros ou dados aos mendigos (cons. Mc. 7:28). **Cães vinham lambendo-lhe as úlceras.** Os cães eram os lixeiros das ruas orientais, e costumavam ser selvagens. O mendigo não conseguia enxotá-los e por isso ficava à mercê deles. Talvez temesse o destino de Jezabel (II Reis 9:35, 36).

**22. Aconteceu morrer o mendigo.** Não se faz menção do sepultamento, não porque o corpo tenha sido abandonado, mas porque ele provavelmente foi sepultado em uma sepultura para indigentes, sem cerimônias. **O seio de Abraão.** O hóspede se reclinava à direita de Abraão, o lugar de honra. **O rico... foi sepultado.** A parábola enfatiza que o mendigo foi carregado pelos anjos até o paraíso; o melhor que se disse do rico foi que ele foi sepultado.

**23. E no inferno** (gr. *hades*). Esta palavra, equivalente ao *sheol* hebreu, pode significar o mundo invisível em geral, ou o lugar do castigo. O Hades continha o Geena e o paraíso.

**26. Está posto um grande abismo.** O espaço entre o inferno e o céu é intransponível e permanente.

**29. Têm Moisés e os profetas.** A Lei continha a revelação de Deus suficiente para instrução deles.

**31. Se não ouvem a Moisés e aos profetas.** Milagres não produzem fé por si mesmos. As palavras de Jesus eram proféticas, pois quando ele ressuscitou dos mortos, seus inimigos não se sentiram mais inclinados a aceitá-los do que antes.

## E. Instruções aos Discípulos. 17:1 - 18:30.

### Lucas 17

**1. Escândalos.** Aqueles atos que levam outros a se desviarem do caminho do bem como também aqueles que perturbam a sensibilidade moral.

**2. Uma pedra de moinho.** Narrativa paralela em Mc. 9:42 diz que é uma pedra girada por um jumento (gr. *mylos onikos*), o que indica um moinho maior do que o moinho doméstico. As palavras do Senhor eram extremamente exigentes.

**4. Sete vezes no dia.** Sete ofensas no mesmo dia deixaria a pessoa afetada, completamente exasperada.

**5. Aumenta-nos a fé.** Os apóstolos não conseguiam aceitar que um ofensor habitual pudesse ser perdoado.

**6. Fé como um grão de mostarda.** A semente da mostarda era a menor das sementes conhecidas pelos lavradores da Palestina (cons. 13:19). Cristo enfatizou a vitalidade da fé mais do que a sua quantidade. **Esta amoreira.** Muitos mestres identificam esta árvore como sendo a amoreira, embora a mesma palavra (gr. *sycaminos*) na Septuaginta e em outros lugares indica o sicômoro. A amoreira, cultivada na Palestina para

consumo dos frutos, podia ser encontrada por toda a parte. O transplante dessa árvore para o mar parece uma idéia extravagante; mas Jesus estava empenhado em mostrar aos seus discípulos que a fé não conhece impossibilidades.

**7. Vem já.** O significado do texto grego é "imediatamente".

**9. Porventura terá de agradecer ao servo?** O trabalho de um escravo era aceito como uma coisa lógica; só aquilo que fosse feito além das obrigações mereceria elogio.

**11. De caminho para Jerusalém.** Lucas retoma a narrativa da última viagem (cons. 13:22) sobre a qual esta parte (9:51 -18:30) foi baseada. **Pelo meio da Samaria e Galiléia.** Talvez entre seria uma tradução melhor (gr. *diameson*). Ele seguiu entre os limites das duas províncias, atravessando o Jordão e descendo pelo lado oriental do rio; pois o próprio lugar mencionado é Jericó (19:1), o ponto no qual os peregrinos costumavam se desviar para o lado oeste.

**12. Dez leprosos que ficaram de longe.** A lei hebraica proibia os leprosos de se aproximarem de outra pessoa. Estavam a uma distância tal que Jesus não os percebeu até que o chamaram.

**14. Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes.** Compare com caso paralelo em 5:12-14. **Indo eles foram purificados.** Todos os dez tiveram fé para obedecer o Mestre apesar das aparências: Eles aceitaram a cura como coisa já realizada, ainda que não a tivessem sentido.

**15. E um deles ... voltou.** A gratidão sempre foi mais difícil de se encontrar do que a fé.

**16. E este era samaritano.** O único dos dez que expressou a sua gratidão foi um samaritano desprezado, de quem os judeus piedosos nada esperavam.

**20. Quando viria o reino de Deus.** Tanto João Batista como Jesus pregaram que o reino de Deus estava próximo. Os fariseus esperavam que, se Jesus fosse o Messias, ele introduziria o seu governo com uma súbita declaração de poder e uma conquista visível do país. Ele tinha um programa diferente em mente, e sua resposta cobriu os dois pontos

principais daquele programa. **Não vem o reino de Deus com visível aparência.** Seu advento inicial não seria um golpe político ou o resultado de algum movimento visível.

**21. O reino de Deus está dentro de vós.** Um reino não é simplesmente um território, nem um sistema de maquinismo governamental. Sua existência básica está na unidade e lealdade do povo. Jesus declarou que o reino de Deus já estava presente e apenas necessitava ser reconhecido. Ele trouxera o reino com ele e estava vivendo no meio deles.

**22. Dos dias do Filho do homem.** Os judeus usavam esta frase para indicar a era messiânica. Filho do homem era um título dado ao Messias em Dn. 7:13, 14. **E não o vereis.** A vinda do Messias demoraria.

**24. Porque, assim como o relâmpago fuzilando brilha.** Assim como a luz do relâmpago é visível de uma ponta do horizonte à outra, o verdadeiro Messias será evidente a todos os homens quando ele vier estabelecer o seu reino. Ele não se levantará da obscuridade, nem se confinará a uma só localidade.

**25. Mas importa que primeiro ele padeça muitas coisas.** Este versículo estabelece sem dúvida, que Jesus falava de si mesmo, pois ele discutiu o mesmo tema em 18:31-34. Seus interrogadores não aceitavam o conceito de um Messias sofredor, mas o *convém* deste versículo refere-se às passagens proféticas, tal como 24:44 indica. Ele olhava para a sua iminente morte em Jerusalém como parte de sua missão messiânica, a ser seguida mais tarde pela revelação do poder "no seu dia" (v. 24).

**26. Assim como foi nos dias de Noé.** O versículo dá a entender que há um *interim* de espera entre as ofensas e o momento definitivo do julgamento. **Nos dias do Filho do homem.** A retribuição não seria imediata, mas seria inevitável.

**27. Comiam, bebiam, casavam.** Essas coisas não eram erradas em si mesmas, mas a preocupação das pessoas demonstrava que elas viviam em um plano inteiramente materialista, sem um pensamento para Deus. O juízo do dilúvio apanhou-as despreparadas. **Até o dia em que Noé**



**entrou na Arca.** O momento do juízo coincide com ou é imediatamente subsequente à remoção do servo de Deus. Tanto no caso de Noé como no de Ló (v. 29), o povo de Deus foi retirado do cenário do juízo antes que este ocorresse.

**30. Assim será.** Prosperidade material e segurança aparente prevalecerá no tempo da volta de Cristo.

**31. No eirado.** O telhado em forma de terraço das casas orientais, acessível por uma escada externa, era usado às vezes para se dormir no verão. O homem que estivesse lá poderia não ter tempo de entrar na casa e apanhar seus valores; teria de fugir imediatamente. Um paralelo desta predição aconteceu no cerco de Jerusalém. De acordo com Eusébio, os cristãos que estavam na cidade abandonaram-na durante uma retirada temporária dos invasores romanos, e fugiram para uma vila chamada Pela, onde sobreviveram à destruição da cidade (*Ecclesiastical History* III. v.).

**34. Um será tomado, e deixado outro.** Os versículos 34, 35 e 36 são iguais no significado; mas cada um se refere a uma ocasião diferente. Os homens estão na cama de noite; as mulheres moendo cereais de manhã cedo antes do nascer do sol; e os trabalhadores estão no campo durante o dia. Entende-se uma ação imediata; pois a vinda do Senhor ocorrerá em horários diferentes do dia nos diferentes pontos do globo terrestre. **Tomado** costuma ser aplicado aos santos, mas pode se referir ao recolhimento dos ofensores para o julgamento. Compare as alusões feitas ao joio (Mt. 13:41, 42) e à vinha da terra (Ap. 14:18, 19).

**37. Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres.** Quando as pessoas quiseram saber para onde as pessoas seriam levadas, Jesus respondeu com um provérbio. **Corpo.** Quer dizer *cadáveres* (conf. Mt. 24:28, carcaças). **Abutres.** A idéia de que as aves representam os santos reunidos ao redor de Cristo, é contrária ao sentido deste provérbio. Fala do súbito julgamento de Cristo sobre a humanidade decadente e ímpia.

## Lucas 18

**1. Disse-lhes Jesus uma parábola.** Grande parte do discurso acima encontra paralelo em Mateus 24, mas esta parábola é exclusiva de Lucas. Mostra que ele estava fazendo uma aplicação imediata da profecia de Jesus. Estar preparado para sua volta está condicionado à oração.

**2. Um juiz.** Talvez o juiz fosse um magistrado romano, que não tivesse nenhum interesse particular nas necessidades do povo judeu.

**3. Vinha** (gr. *êrcheto*) está no imperfeito, o que lhe dá a entender que ela aparecia freqüentemente no tribunal. **Julga a minha causa** (gr. *ekdikêson* contra) não é um pedido de vingança, mas de uma sentença que a protegesse de suas injustiças.

**4. Não a quis atender.** O verbo expressa mais o seu estado de espírito e não uma simples atitude. A persistência da viúva esgotou a obstinação do juiz.

**5. Esta viúva me importuna.** Literalmente, *para que ela não me deixe com um olho preto*. O grego *hypôpiazê* pode significar "molestar" ou "prejudicar a reputação".

**7. Escolhidos.** Lucas usa esta palavra só duas vezes: uma vez falando do Messias (23:35), e outra vez falando do povo que ele escolheu e chamou.

**8. Achará porventura fé na terra?** A pergunta retórica implica que a fé será escassa. As palavras de nosso Senhor não predizem uma melhoria geral das condições espirituais no mundo antes de sua volta.

**9. Propôs também esta parábola.** A segunda parábola deste capítulo talvez não fosse contada na mesma ocasião em que a primeira. Se foi, sem dúvida relaciona-se de maneira especial com a vinda do Reino. O aspecto da vida futura permeia todo o capítulo (18:16, 24, 30).

**10. Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um fariseu e outro publicano.** Jesus usou este contraste para ilustrar a diferença entre a falsa adoração e o verdadeiro arrependimento.

**11. O fariseu posto em pé, orava.** Ficar em pé era posição costumeira para oração (Mt. 6:5; Mc. 11:25). Mas no caso do fariseu, pode significar que ele queria ser notado. **Consigo** refere-se à sua atitude mais do que à sua posição. Ele orava falando consigo mesmo e não à parte dos outros. **Não sou como os demais homens.** Sem dúvida sua conduta era tão boa quanto proclamava ser. O problema não estava nas suas atitudes, mas com a sua justiça própria.

**12. Jejuo duas vezes na semana.** O jejum fazia parte do ritual, mas este não exigia que se jejuasse duas vezes por semana. Os fariseus ultrapassavam as exigências da Lei. **De tudo quanto ganho.** Uma tradução melhor seria, *Dou o dízimo de tudo quanto ganho.*

**13. Estando em pé, longe.** O fariseu estava no centro da área do templo, onde podia ser observado; o publicano enfiou-se em um canto. **Ó Deus se propício a mim, pecador.** O verbo "propiciar" (gr. *hilaskomai*) ocorre em Hb. 2:17, onde foi traduzido para **expiar**. Implica em oferecimento de sacrifício que fornece base satisfatória para perdoar a culpa da pessoa ofensora. O publicano não apresentou suas boas obras, mas o sacrifício que fora oferecido. **Pecador** (o pecador). O artigo definido foi usado para mostrar que o publicano estava pensando somente em seus próprios pecados. Ele era, diante de seus próprios olhos, o maior dos pecadores.

**14. Justificado.** Esta é a passagem do Terceiro Evangelho onde esta palavra tem significado teológico. Lucas deve tê-la extraído da teologia paulina (Atos 13:39; Rm. 3:23-26), com a qual ele estava bastante familiarizado. Seu significado é o de reconhecer como justo e não de ser justo. Por causa de sua confiança no sacrifício e sua confissão de pecados, o publicano foi aceito como justo diante de Deus.

**15. E traziam-lhe também crianças.** Os pais costumavam trazer crianças aos rabis para abençoá-las. Os discípulos acharam que o povo estava tomando liberdades com o tempo e as forças do Mestre.

**16. Jesus, chamando-os.** A atitude de Cristo foi oposta à da maioria dos judeus adultos, que achavam que as crianças não eram importantes.

**17. Como crianças.** As crianças vinham a Jesus sem pretensões e sem medo. Tinham fé bastante para crer que ele as receberia e as trataria com bondade. Avidéz e expectativa caracterizam aqueles que aceitaram o reino.

**18. Um certo homem de posição.** Mateus (19:16-30) e Marcos (10:17-31) contam esta mesma história. Só Lucas chama o interrogador de **homem de posição**. Se ele era jovem, provavelmente era jovem demais para ocupar um lugar no Sinédrio, mas podia pertencer à aristocracia. **Bom Mestre.** O adjetivo (gr. *agathos*) tem o sentido de bondade moral, nobreza de caráter. **Que farei?** A pergunta mostra que o príncipe estava insatisfeito com ele mesmo e com suas qualidades morais. Ele não encontrara a vida da qual fala a Lei (Lv. 18:5), e tinha certeza que passara por cima de algum mandamento.

**19. Por que me chamas bom?** Jesus queria saber se o título era um elogio vão, ou se o jovem havia refletido cuidadosamente sobre quem Ele era.

**20. Sabes os mandamentos.** Jesus não citou os quatro primeiros mandamentos, que tratam do relacionamento do homem com Deus, nem o último, que trata de um sentimento íntimo. Ele apenas citou aqueles mandamentos que tratam do relacionamento humano visível.

**21. Tudo isso tenho observado.** O jovem falou a verdade até onde a conhecia. Ele tinha observado o código escrupulosamente, e sentia que não tinha nada do que se arrepender. Paulo disse de si mesmo que "segundo a justiça que há na lei", ele era "irrepreensível" (Fl. 3:6).

**22. Uma coisa ainda te falta.** A justiça da Lei era negativa. Jesus exigia uma completa devoção positiva. Vende tudo o que tens. Jesus sempre apresentava suas instruções de acordo com a necessidade *da pessoa*. A avareza era o pecado peculiar a esse homem. A ação que Jesus exigiu da parte dele iria justamente contra a sua fraqueza.

**23. Ficou muito triste.** Se ele não estivesse sinceramente interessado em Jesus, não teria ficado triste, mas teria se descartado dEle com desrespeito. Ele queria o que Jesus tinha para oferecer, mas não até

o ponto de aceitar os Seus termos. A medida de sua tristeza foi a medida de sua riqueza.

**24. Quão dificilmente. Dificilmente** não significa "raramente", mas "com dificuldade".

**25. É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha.** Lucas usa a palavra que se refere a uma agulha cirúrgica (gr. *belonês*). Tentativas de explicar estas palavras como uma confusão entre os termos **camelo** (gr. *kamelos*) e *corda* (*kamilos*); ou com o uso figurado da frase significando uma portinha no muro da cidade não tem sido convincentes. Jesus estava usando uma expressão hiperbólica comum para mostrar como seria difícil para um homem rico aceitar o seu discipulado e entrar no reino de Deus.

**26. Quem pode ser salvo?** De acordo com o pensamento judeu, a prosperidade era um sinal do favor de Deus para aqueles que guardavam a Lei (Dt. 28:1-8). Se um homem era rico, deveria ser bom. O pronunciamento de Cristo constituiu um choque para os seus discípulos, porque eles tinham certeza de que um homem rico devia ser justo.

## VI. O Sofrimento do Salvador. 18:31 - 23:56.

A esta altura Lucas retoma a narrativa paralela aos outros dois Evangelhos Sinóticos, e começa a contar o que se passou nos últimos dias da vida de Jesus. Toda esta seção poderia ser observada à luz da morte de Cristo, embora nem todo o seu conteúdo se relacione diretamente com ela. A Paixão é a nota principal destas parábolas, milagres e debates.

### A. A Viagem a Jerusalém. 18:31 - 19:27.

**31. Eis que subimos para Jerusalém.** Com este terceiro aviso de sua morte iminente (cons. 9:22, 44) Jesus começou a última etapa da viagem a Jerusalém. **Tudo quanto está escrito.** Lucas, como também os

escritores dos outros Evangelhos, declara enfaticamente que Jesus estava vivendo de acordo com as predições messiânicas do V. T.

**33. Açoitaram.** Na mão de um homem forte o açoite romano era uma arma mortal. Consistia de um certo número de tiras de couro com um cabo de madeira, cada uma delas contendo pequenos pedaços de chumbo presos a intervalos. Com alguns poucos golpes podia cortar as costas de um homem até às costelas. **Ao terceiro dia ressuscitará.** Os quatro Evangelhos concordam que Jesus predisse que ressuscitaria no terceiro dia (Mt. 20:19; Mc. 10:34; Jo 2:19).

**35. Ao aproximar-se ele de Jericó.** As diferenças entre as narrativas de Lucas e as de Mateus (20: 29-34) e Marcos (10:46-52) tem causado consideráveis debates. Lucas diz que o milagre aconteceu quando Jesus estava se aproximando de Jericó; Mateus e Marcos dizem que aconteceu quando ele saía de lá. Marcos e Lucas afirmam que um homem foi curado; Mateus menciona dois. Lucas estava provavelmente falando da cidade gentia de Jericó, construída por Herodes e situada um pouco distante do sítio da antiga Jericó que fora a cidade judia. Mateus e Marcos tinham em mente a cidade velha. Em outras palavras, o milagre aconteceu entre as Jericós do Novo e Velho Testamentos. Um escritor pode relacionar o acontecimento com a saída ou com a entrada de Jesus em uma das duas cidades. (Veja J.P. Free, *Archaeology and Bible History*, págs. 294, 295).

**36. Multidão.** Plummer (ICC, pág. 430) pensa que a multidão consistia de uma delegação de peregrinos da Galiléia que ia a Jerusalém por causa da Páscoa.

**38. Clamou.** A palavra (gr. *eboêsen*) significa *gritar pedindo ajuda*. **Jesus, Filho de Davi.** Aplicou a Jesus um título real o qual envolvia a crença na Sua messianidade.

**39. E o repreendiam.** Ele estava perturbando os outros e interrompendo o Mestre, que devia estar ensinando enquanto andava. **Ele ... gritava.** Uma palavra diferente do termo empregado no versículo 38. Esta última significa emitir um alto grito.

**40. Parou Jesus.** Parou para poder localizar o homem e responder ao seu pedido.

## Lucas 19

**1. Entrando em Jericó, atravessava Jesus.** Por causa do seu clima quente, era um lugar preferido pela aristocracia para passar o inverno.

**2. Um homem chamado Zaqueu; maior dos publicanos.** Plummer sugere que ele era "Comissário dos Impostos" (ICC., pág. 433). Uma vez que Jericó era cidade de ativo comércio, havia grandes oportunidades de se cobrar o imposto de importação.

**4. Um sicômoro.** A palavra é diferente da que foi empregada em 17:6, e indica uma espécie de figueira bastante comum na Palestina. Era de porte grande, com galhos baixos e esparramados, boa para se subir.

**5. Jesus... olhando para cima.** Homens comuns não costumam ver o que está acima do nível de seus olhos quando à sua volta há coisas que os interessem ou distraiam. Jesus já estava cômico da presença de Zaqueu e estava interessado nele. **Desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa.** Zaqueu devia ter ficado satisfeito com a concessão sem precedentes de Jesus jantar na casa de um cobrador de impostos, mas também embaraçado por ser encontrado em posição tão pouco digna.

**8. Zaqueu se levantou e disse.** Não há indicação de quando Zaqueu disse estas palavras. É mais provável que as tenha dito depois do jantar, quando observou o comportamento do Senhor e ouviu suas palavras. Estava convencido dos seus pecados e tinha de agir de acordo com a sua convicção. **Dar aos pobres metade dos meus bens.** Dar era uma experiência nova para Zaqueu. Tal como muitos cobradores de impostos, ele só se interessara antes em receber. **Se nalguma coisa tenho defraudado.** O tipo de sentença condicional que foi usada aqui (gr. *ei... esykophantêsa*) dá a entender que ele sabia muito bem que tinha extorquido dinheiro dos outros. Poderia ser assim traduzido. "Uma vez que..." O **se** implica em um fato, não um caso hipotético. **Quatro vezes**

**mais.** A Lei apenas exigia a restituição do capital, com 20 por cento de juros (Lv. 6:5; Nm. 5:7) mas Zaqueu impôs-se uma penalidade muito mais severa, comparável àquela que era aplicada aos assaltantes (Êx. 22:1).

**9. Hoje houve salvação nesta casa.** Neste contexto, salvação se refere à saúde interior, a salvação da alma. **Pois que também é filho de Abraão.** O convênio das bênçãos de Deus feito com Abraão e aqueles que diziam-se "filhos de Abraão" (Gl. 3:7). A salvação entrou na casa de Zaqueu não por causa do sangue que ele herdara, mas por causa de sua fé, que era igual a de Abraão.

**10. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.** Este texto é um resumo de toda a mensagem de Lucas, que destaca a obra da busca e da salvação do Messias celestial.

**11. Jesus propôs uma parábola.** Uma péssima tradução literal, que remonta ao aramaico de Jesus. Ele acrescentou uma parábola ao que ele já estivera dizendo. **E lhes parecer que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente.** Apesar das repetidas predições de Jesus a respeito da cruz, os discípulos ainda estavam aguardando seu triunfo e a imediata restauração do reino de Davi. A parábola tinha a intenção de lhes apresentar a perspectiva própria dos seus planos.

**12. Certo homem nobre.** A parábola pode ter sido construída sobre o bem conhecido episódio de Arquelau, filho de Herodes, que foi a Roma confirmar o título ao reino que seu pai, Herodes, o Grande, deixara para ele. Seu irmão Antipas sustentado por muitos dos líderes judeus protestaram contra a reivindicação e rejeitaram o seu governo. Uma vez que o acontecimento teve lugar por ocasião do nascimento de Cristo, devia ser uma história bem conhecida trinta anos depois (cons. Josefo *Antiguidades* xvii. 9:3; 11.1).

**13. Dez minas.** Esta parábola é diferente da parábola dos talentos contada em Mateus (25:14-30), embora haja uma grande semelhança entre as duas. Neste exemplo os servos foram tratados com igualdade, e apenas dez de um número possivelmente grande foram experimentados.



Uma mina valia 100 dracmas, cerca de 16 dólares e meio no dinheiro americano. **Negociai** (gr. *pragmateusasthe*), isto é, eles deviam fazer negócios. Os servos deviam investir o dinheiro recebido, para prestar contas quando o senhor retornasse.

**14. Seus concidadãos aborreciam-no.** Veja comentário sobre versículo 12.

**15. Quando ele voltou, depois de haver tomado posse do reino.** O paralelismo desta parábola dá a entender que a volta deu-lhe o direito de tomar posse e desenvolver o reino.

**17. Terás autoridade sobre dez cidades.** A distribuição das responsabilidades sobre territórios dá a entender que o senhor estava repartindo postos governamentais, e fortalece a idéia de que esta parábola estava baseada na ascensão de Arquelau.

**18. Veio o segundo.** O homem que recebeu menos não foi reprovado pelo pouco lucro. Foi elogiado, e recebeu responsabilidade de acordo com a sua capacidade.

**22. Servo mau.** O servo considerou-se honesto porque devolveu a mina integralmente; o senhor chamou-o de mau porque devolveu-a sem lucros.

**24. Dai-a ao que tem dez minas.** Do ponto de vista dos servos, dar uma mina extra ao que já tinha mais, parecia uma injustiça. Do ponto de vista do senhor, ele já tinha perdido os juros da mina, por isso queria investi-la onde havia possibilidade de recuperar mais.

**27. Esses meus inimigos.** Faz-se uma distinção entre a repreensão de um servo e a execução de um inimigo. O julgamento dos crentes para distribuição de recompensas e aquele do mundo que se opõe para condenação parecem estar bem distintos aqui.

## **B. A Entrada em Jerusalém. 19:28-44.**

**28. Prosseguia Jesus subindo para Jerusalém.** Ia na frente dos discípulos que talvez o seguissem relutantemente. Eles sabiam muito

bem que o seu Mestre já estava sob a sentença dos líderes judeus (Jo. 11:16).

**29. Ao aproximar-se de Betfagé, e de Betânia.** Betânia ficava a sudeste do Monte das oliveiras, a meio-caminho do aclave rochoso, um pouco para o oeste da atual aldeia de *El Azariyeh*. Betfagé, da qual não existem vestígios, ficava um pouco mais acima no aclave, perto do pico (veja Emil G. Kraeling. *Bible Atlas*, págs. 395-398).

**30. Ide à aldeia fronteira.** Talvez a estrada não passasse diretamente pela aldeia. **Preso um jumentinho.** Mateus (21:2) informava-nos que o animal era um jumento, o animal que os pobres da Palestina usavam para transporte. Os cavalos eram mais usados pelos ricos, ou com propósitos de guerra. A entrada de Cristo em Jerusalém montando um jumento, era símbolo de sua humildade e de suas intenções pacíficas.

**31. Porque o Senhor precisa dele.** Jesus devia ter-se entendido antes com o proprietário, acertando que poderia usar o jumento quando precisasse.

**33. Seus donos lhe disseram: Por que o soltais?** Eles não reconheceram os discípulos mas conheciam Jesus.

**35. Pondo as suas vestes sobre ele.** Nosso Senhor viajava com uma multidão de peregrinos (18:36), que testemunharam o milagre da cura de Bartimeu. Estavam certos que Jesus proclamaria a posse do trono messiânico em Jerusalém, durante a Páscoa, e por isso aclamavam-no publicamente.

**37. Toda a multidão dos discípulos.** A linguagem empregada sugere que mais do que os Doze foram incluídos aqui. Jesus tinha muitos amigos na Galiléia, um grande número dos quais devia estar entre os peregrinos. Sua excitação aumentava ao descortinar a cidade de Jerusalém.

**38. Bendito é o Rei.** Esta citação do Salmo 118 (vs. 25, 26) era cantada pelos peregrinos enquanto subiam pela estrada que dava para a

Cidade Santa. O salmo era messiânico, de modo que o simples uso de suas palavras indicava a estima que o povo tinha por Jesus.

**40. As próprias pedras clamarão.** Cristo afirmou que a sua soberania tinha de ser reconhecida. Esta firme confissão de seus direitos tomava a atitude subsequente dos líderes da nação más culposa ainda. Não podiam dizer que o rejeitaram por ignorância.

**41. Vendo a cidade.** Do alto do Monte das Oliveiras pode-se descortinar toda a cidade. Jesus não estava entusiasmado com os aplausos da multidão, porque via profeticamente as misérias que sobreviriam a Jerusalém depois de sua rejeição.

**43. Pois sobre ti dias virão.** Ele profetizou o cerco e a tomada final de Jerusalém pelos romanos sob as ordens de Vespasiano e Tito em 70 A.D.

**44. Não deixado em ti pedra sobre pedra.** Com exceção de alguns alicerces meio enterrados, quase não há vestígios da Jerusalém daquele tempo.

### **C. Os Ensinamentos em Jerusalém. 19:45 - 21:4.**

**45. Expulsou os que ali vendiam.** Uma vez que os peregrinos não podiam trazer com eles animais para o sacrifício ou as moedas adequadas para o pagamento do imposto do Templo, os sacerdotes providenciaram locais onde estes pudessem ser adquiridos. O negócio tinha se transformado em uma fonte de exploração, introduzindo uma atmosfera de comercialismo nos cultos. Jesus confirmou o direito que tinha na casa de seu Pai, expulsando os mercadores.

## **Lucas 20**

**1. Os principais sacerdotes e os escribas.** Os líderes religiosos estavam desesperados porque Jesus estava tendo sucesso junto ao povo enquanto a sua influência decrescia.

**2. Com que autoridade fazes estas causas?** Onde este profeta galileu obtivera o direito ou o poder de modificar a administração do

Templo e de realizar milagres? Se eles conseguissem forçá-lo a pronunciar uma declaração extravagante, desacreditá-lo-iam diante da multidão.

**3. Também eu vos farei uma pergunta.** Sempre que os oponentes de nosso Senhor tentavam encurralá-lo com um dilema, ele os deixava em situação pior apresentando uma contra-pergunta (cf. Jo. 7:53 – 8:11; Lc. 20:19-40).

**4. O batismo de João.** João tinha autoridade divina, ou autoridade humana?

**5. Arrazoavam entre si.** Jesus forçou os fariseus a reconhecer que recusaram dar ouvidos a uma mensagem divina, ou a cair no desfavor popular.

**8. Pois nem eu vos direi.** Por que ele haveria de explicar a verdade relativa a si mesmo quando eles não acreditavam na verdade sobre João, que era o seu precursor?

**9. Passou Jesus a proferir ao povo esta parábola.** Dos fariseus, que silenciara, Cristo voltou-se para a multidão, e contou-lhe uma parábola semelhante a de Isaías (5:1-7), para explicar como Deus lidava com a nação. **Certo homem plantou uma vinha.** O plantio de uvas era uma das principais ocupações na Palestina, e envolvia um grande investimento de tempo e dinheiro. **Arrendou-a a lavradores.** Através do emprego de arrendatários o dono das terras costumava receber cerca de um terço da colheita como aluguel.

**10. Mandou um servo.** O aluguel era recebido por um agente. Jesus indicou que os servos de Deus, os profetas, vieram para reforçar os direitos justos que tinha sobre o povo que usava as suas propriedades. **Os lavradores, porém, depois de o espancarem.** Muitos profetas foram maltratados pelo povo, chegando até a ter mortes violentas. Elias foi forçado a se esconder (I Reis 17:1-7), Jeremias foi jogado em um calabouço (Jr. 38:6), e a lenda diz que Isaías foi colocado em um tronco oco e serrado ao meio.

**13. O meu filho amado.** O último apelo do proprietário foi enviar o seu filho. Ele esperava que os **arrendatários** respeitassem a pessoa e a autoridade do seu herdeiro. Jesus, através desta metáfora, colocou-se bem acima dos profetas, que eram simples servos.

**14. Matemo-lo, para que a herança venha a ser nossa.** Os fariseus rejeitaram a reivindicação de Jesus sobre si mesmo, pensando que eles eram os verdadeiros herdeiros de Deus.

**15. Lançando-o fora** da vinha, o mataram.

**16. Passará a vinha a outros.** Uma predição da transferência do favor divino de Israel para os gentios.

**17. A pedra, que os construtores rejeitaram.** Esta citação do Sl. 118:22, o mesmo salmo do qual a multidão extraiu suas palavras de aclamação à entrada em Jerusalém, nosso Senhor aplicou a si mesmo. Os primeiros pregadores do N. T. interpretaram-na (Atos 4:11; I Ped. 2:7) como uma predição clara da rejeição do Messias e subsequente exaltação.

**18. Ficaré em pedaços.** Aqueles que se escandalizam com Cristo prejudicam a si mesmos. **Ficaré reduzido a pó.** Aqueles que são julgados por ele sofrerão perda irreparável. O verbo quer dizer "joeirar grão", ou "pisotear".

**19. Naquela mesma hora.** Os sacerdotes agiram imediatamente, porque temiam que Jesus pudesse incitar uma revolta do povo.

**20. Subornaram emissários.** Percebendo que não poderiam condená-lo à morte legalmente, tentaram apanhá-lo de tal maneira que o pudessem passar às mãos do governador romano com acusação incriminadora.

**21. Sabemos que falas e ensinas retamente.** Suas palavras não passavam de elogios ociosos, embora literalmente verdadeiros.

**22. É lícito pagar tributo a César ou não?** A pergunta apresentava um dilema terrível. Se Jesus dissesse "não", seria acusado de tendências revolucionárias; se dissesse "sim", seria encarado como um colaborador de Roma e perderia o favor do público.

**24. Mostrai-me um denário.** O denário (gr. *denarius*) era uma moeda de prata cunhada por Roma, e era a unidade monetária principal. As moedas de bronze com menor valor não continham a imagem do imperador. **A efígie e a inscrição.** A efígie era do rosto imperial; a inscrição, o título imperial.

**25. Dai, pois, a César.** O próprio fato dos judeus usarem a moeda, comprovava que eles reconheciam o seu governo, pois o domínio de um rei considerava-se expandido até onde suas moedas fossem aceitas. (Veja SBK, *Das Evangelium nach Matthaus*, pág. 884). Se os judeus admitiam que César era o seu senhor, não podiam criticar Jesus.

**26. E não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo.** Sua resposta foi de uma exatidão, concisão e integridade maravilhosas. Nada havia nela que o incriminasse, ainda que respondesse sua pergunta e, em aditamento, fê-los lembrar de suas obrigações para com Deus.

**27. Saduceus, homens que dizem não haver ressurreição.** Os saduceus, em menor número do que os fariseus, eram um partido sacerdotal, mais interessado em política do que em religião. Aderiam estritamente à lei escrita dos cinco primeiros livros de Moisés, rejeitando tradicionais elaborações de interpretação. Não criam em anjos, nem em espíritos, nem na vida após a morte (cons. Atos 23:8).

**28. Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém.** O caso citado foi elaborado sobre a lei mosaica, que eles tinham em conta de autoridade final (Dt. 25:5-10). Dizia que, se um homem morresse sem filhos seu irmão devia se casar com a viúva, suscitando um filho que herdasse as propriedades do falecido. O propósito dessa lei era a de preservar as famílias para que não se extinguissem. No exemplo dado, o caso era puramente hipotético.

**33. Pois, no dia da ressurreição, de qual deles será esposa?** Os saduceus usaram isto apenas para introduzir o assunto da ressurreição. Se todos os sete, um depois do outro, tiveram a mulher por esposa neste mundo, ela seria, é claro, esposa de todos os sete simultaneamente, no

mundo vindouro. Nesse caso a Lei promoveria na vida futura o que é condenado na presente. Tal conclusão seria absurda; portanto, de acordo com a lógica deles, não podia existir vida futura.

**34. Então lhes acrescentou Jesus.** Os saduceus tinham a lógica, mas a premissa errada. Eles presumiam erradamente que as condições da vida futura seriam idênticas às condições desta vida. Jesus afirmou que, na próxima dispensação, não haverá nem casamento, nem morte.

**37. Os mortos não de ressuscitar.** Tendo resolvido seu argumento negativo, o Senhor apresentou um argumento positivo dele mesmo, usando o mesmo método de dedução.

**41. Como podem dizer que o Cristo (*Messias*) é filho de Davi?** O Messias costumava ser chamado de filho (ou descendente) de Davi (cons. 18:38).

**44. Assim, pois, Davi lhe chamou Senhor, e como pode ser ele seu filho?** No costume hebreu, um filho estava sempre sujeito a seu pai. Chamando o seu filho de "Senhor", Davi violou o uso apropriado do termo.

## Lucas 21

**1. Viu os ricos lançarem suas ofertas no gazofilácio.** Havia arcas no átrio do Templo, para depósito das ofertas.

**2. Duas pequenas moedas.** Essas moedas (gr. *lepton*) valiam cerca de um quinto de um centavo americano. Essas moedas formavam a menor das ofertas aceitáveis.

**4. Todo o seu sustento.** Jesus elogiou a viúva não pelo valor de sua oferta, mas pelo sacrifício envolvido.

## D. O Discurso no Jardim das Oliveiras. 21:5-38.

**7. Quando sucederá isto?** Este discurso tem uma perspectiva dupla: a destruição do Templo e o estabelecimento do reino na volta de Cristo.

**8. Vede que não sejais enganados.** Muitos Messias falsos vieram na geração que Se seguiu imediatamente a Jesus.

**9. O fim não será logo.** Ele advertiu que haveria guerras e perturbações de diversos tipos, mas que o fim não seria imediato. Ele esperava um período considerável que se colocaria entre a sua retirada da terra e a sua volta.

**11. Haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares.** Essas predições podem ser tomadas literalmente como sinais do fim.

**12. Lançado mão de vós, e vos perseguirão . . . por causa do meu nome.** Ele falava profeticamente sobre a comunidade cristã; a perseguição seria por amor do seu nome. Os versículos seguintes encontram seu complemento na narrativa das perseguições no livro de Atos.

**20. Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos.** É possível que alguns dos ouvintes do Senhor viveram para ver o cerco e a tomada de Jerusalém em 70 A.D.

**21. Então os que estiverem na Judéia, fujam para os montes.** Só a fuga dos cristãos da cidade sitiada é que os livrou do destino dos habitantes judeus que ficaram. Durante uma trégua nos ataques, os cristãos deixaram a cidade e foram para Pela. Aqueles que ficaram, ou morreram de fome, ou foram vendidos como escravos.

**24. Jerusalém será pisada por eles.** Desde 70 A.D. até a reconstituição da nação de Israel, Jerusalém esteve nas mãos dos gentios. **Até que os tempos dos gentios se completem.** Compare com a "plenitude dos gentios" em Rm. 11:25. A frase dá a entender que Deus tem estabelecido um tempo de oportunidade para os gentios, que terminará com a futura restauração do favor de Israel.

**25. Haverá sinais no sol, na lua.** Se os versículos anteriores predizem a queda de Jerusalém e a final destruição da nação judia, os versículos seguintes devem tratar do tempo do fim, e dos sinais do aparecimento de Cristo (cons. v. 11).



**26. Homens que desmaiaram de terror.** As crises políticas e sociais, ao lado dos fenômenos físicos do mundo, serão mais do que os homens podem agüentar. Os poderes do céu serão abalados. Os juízos finais de Deus serão seguidos por uma mudança em todo o universo físico (cons. II Pe. 3:10, 11).

**27. Numa nuvem.** Uma nuvem de glória luminosa trará Cristo de volta à terra, dando um "sinal" inequívoco de sua realidade (cons. 9:31, 32, 34; Mt. 17:5; Atos 1:9, 11; Ap. 1:7).

**28. Ao começarem estas coisas a acontecer.** A linguagem implica num processo que se estenderá durante um período de tempo, advertindo aqueles que são capazes de interpretar os sinais. **Redenção** é libertação, a perfeição da salvação de Deus (cons. Rm. 13:11).

**29. Vede a figueira.** Uma árvore comum na Palestina, cujos frutos brotavam muito cedo na primavera.

**31. Está próximo o reino de Deus.** Com estas palavras Jesus mostrou que o reino de Deus ainda não tinha se realizado completamente, e que viria no futuro. Estas palavras complementam 17:21: "O reino de Deus está entre vós".

**32. Esta geração.** Mateus (24:34), Marcos (13:30) e Lucas citam este pronunciamento substancialmente nas mesmas palavras. Se significa a geração daqueles que estavam vivos quando as palavras foram ditas, então todo o capítulo acima até o versículo 25 deve ser interpretado como se referindo à queda de Jerusalém e o desmoronamento da nação judia. Se, contudo, **geração** significa a raça de Israel, Jesus estava profetizando que o povo sobreviveria até a sua volta. As duas interpretações estão em harmonia com o uso que Lucas faz do termo.

**34. Não venha sobre vós repentinamente.** Uma outra tradução poderia ser, *venha sobre vós de repente* (gr. *aiphnidios*). O Senhor não disse que o fim seria totalmente sem aviso; ele já tinha descrito sinais de advertência. Ele apenas insinuou que viria mais subitamente do que poderia ser esperado.

**36. Para que possais escapar de todas estas coisas.** Um outro manuscrito que dá, *para que sejais bastante fortes*, é ligeiramente melhor. A prova dos últimos dias exigirá resistência especial.

**37. À noite ... ia pousar no monte ... das Oliveiras.** Durante a semana da Páscoa a cidade de Jerusalém estava sempre lotada de peregrinos de todas as partes do império. Cristo e seus discípulos talvez dormissem sobre o gramado entre as oliveiras do Jardim do Getsêmani. **O povo madrugava para ir ter com ele...** Jesus mantinha um regular horário de ensino no átrio do Templo.

## Lucas 22

### E. A Última Ceia. 22:1-38.

**1. A Páscoa** era a maior e a mais sagrada das festas religiosas do ano judeu, que celebrava a redenção da nação da escravidão no Egito. O cordeiro pascal, cujo sangue foi da primeira vez aspergido sobre os umbrais para desviar o juízo da morte (Êx. 12:7), era um tipo de Cristo (I Co. 5:7).

**3. Ora, Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes.** A traição de Judas foi o resultado de uma inclinação da sua vida. Nunca se interessou altruisticamente por Jesus. Quando o Senhor esclareceu que não pretendia reclamar o trono de Israel mas que esperava morrer, Judas ficou desapontado, e resolveu salvar-se se possível fosse. Sua atitude deu uma brecha às sugestões e controle satânicos (cons. Jo. 13:2, 27).

**7. O dia dos pães asmos.** Todo o fermento era rigidamente excluído das casas judias durante a estação da Páscoa.

**10. Encontrareis um homem, com um cântaro de água.** Era coisa fora do comum um homem carregar água, pois esse trabalho era relegado às mulheres, ou aos escravos. A ordem que nosso Senhor deu a Pedro e João dá a entender que Ele já tinha feito arranjos prévios para um contato por meio de um sinal secreto. Ele queria que o lugar da reunião ficasse em segredo, para que pudesse comer na companhia dos seus discípulos sem o perigo de ser preso.

**12. Um espaçoso cenáculo mobiliado.** A sala já estava preparada para uma festa.

**15. Tenho desejado ansiosamente** (Com grande desejo eu desejei). Uma expressão idiomática do hebraico que intensifica o significado do verbo (cons. Gn. 22:17). **Antes do meu sofrimento.** Ele indica que a ceia toda deveria ser interpretada à luz de sua morte.

**16. Até que ele se cumpra no reino de Deus.** Existe uma ligação entre a Páscoa e o reino de Deus. O último é o cumprimento do propósito de Deus na redenção, assim como a primeira foi uma de suas primeiras manifestações.

**19. Isto é o meu corpo.** Ele se identificou com os símbolos da páscoa. Assim como o corpo e sangue do cordeiro foram o sacrifício instrumental para a redenção no Egito, ele seria o sacrifício que efetuaría a redenção da nova aliança. Não há nenhuma indicação, nesta linguagem, de que o pão e o vinho deveriam ser fisicamente transformados em seu corpo e sangue.

**Oferecido por vós.** Esta frase e todo o texto subsequente até o versículo 20 não se encontram no texto Oriental, o qual costuma amplificar em lugar de omitir. É possível que estas linhas não pertençam ao texto original de Lucas (veja WH, II, *Appendix*, pág. 64), embora haja grande semelhança com I Co. 11:23-26.

**22. Porque o Filho do homem, na verdade, vai segundo o que está determinado.** A morte do Salvador fazia parte do plano divino para a redenção do homem.

**24. Suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior.** Os discípulos não tinham ainda perdido o desejo de ocupar um alto posto no reino antecipado. Sua atitude de rivalidade de uns para com os outros criou a situação que levou Jesus a lavar os pés deles, conforme registrado em João 13.

**25. Benfeitores** (gr. *euergetês*) era um título que recebiam os reis gregos no Egito e na Síria.

**27. Quem serve** (gr, *diakonos*) não se usava em se tratando de escravos, mas com aqueles que realizavam tarefas para ajudar os outros.

**29. E vo-lo confio.** Jesus não negou que haveria um reino no qual seus discípulos governariam. Sua afirmação revelou a Sua confiança que a Sua morte não acabaria com as esperanças deles, mas que, no fim, Ele veria a recompensa dos Seus sofrimentos e a partilharia com os discípulos.

**30. Doze tribos de Israel.** Uma promessa semelhante foi citada em Mt. 19:28. Os discípulos entenderam que isto significava um governo literal sobre Israel restaurada ao "status" de nação.

**31. Simão, Simão.** Jesus falou a Simão Pedro considerando-o representante dos Doze. **Vos.** Um pronome plural.

**Peneirar como trigo.** O trigo era cirandado para remover a sujeira e a palha, e para eliminar os grãos partidos e secos. As tentações do diabo servem freqüentemente ao propósito de revelar a força e também a fraqueza dos crentes.

**32. Eu, porém, roguei por ti.** O pronome singular indica que o Senhor se preocupava de maneira especial com Pedro. Ele sabia do fracasso iminente por causa do excesso de confiança em Pedro; mas Ele não destituiria, nem o privaria de sua posição de liderança.

**36. E o que não tem espada ... compre uma.** Esta estranha ordem só aparece em Lucas. Jesus disse que duas espadas seriam suficiente (v. 38), embora elas não bastassem para defender todo o grupo contra o bando que o vinha prender. Será que Ele quis dizer que a posse de armas O colocaria entre os transgressores, e assim cumpriria a letra da profecia de Is. 53:12?

#### **F. A Traição. 22:39-53.**

Há uma mudança de cenário entre os versículos 38 e 39. Jesus e os discípulos deixaram o cenáculo e dirigiram-se para o Monte das Oliveiras.

**40. Tentação.** Provação severa e não solicitação para o mal.

**42. Pai, se queres, passa de mim este cálice.** Todos os quatro Evangelhos mencionam o "cálice" (Mt. 26:39; Mc. 14:36; Jo. 18:11), embora João não reproduza esta oração. Várias interpretações do seu significado têm sido apresentadas: o medo da morte, o sofrimento da morte, a possibilidade de morrer antes de completar a obra na cruz, ou o peso do pecado do mundo. Em Apocalipse 14:10 e 16:19 o "cálice" é símbolo da ira de Deus. Nenhuma dessas interpretações pode ser aceita como decisiva, mas o cálice pode representar o sofrimento que teria de enfrentar. Ele nada tinha feito para merecê-lo, mas tinha de suportá-lo se quisesse consumir a sua obra. **Contudo, não se faça a minha vontade.** Estas palavras não expressam má vontade ou resignação ao destino, mas a prontidão em aceitar a vontade do Pai como o bem maior e o desejo supremo do Seu coração.

**43. Então lhe apareceu um anjo do céu.** Os versículos 43 e 44 não aparecem no texto ocidental, e podem não pertencer ao texto original de Lucas. Por outro lado, são autenticados por outros manuscritos tradicionais, e não é o tipo de declaração que pudesse ter sido inventada pelos escribas (cons, observação ao v, 19). Que o confortava. A resposta à Sua oração não era a remoção do cálice, mas força para suportá-lo.

**44. Como grandes gotas de sangue.** Lucas não diz que a transpiração fosse sangue; diz que era parecida com sangue. Poucos são os casos registrados na história médica nos quais intenso sofrimento mental fosse acompanhado por exsudação de sangue através da pele por causa da ruptura de vasos sanguíneos.

**45. Dormindo de tristeza.** Os discípulos não eram insensíveis à agonia do seu Mestre, mas estavam exaustos por causa da tensão física e emocional.

**47. Falava ele ainda.** Se Jesus tivesse escolhido a fuga para Peréia, estaria em segurança, fora do alcance dos seus inimigos na ocasião em que Jesus completou as negociações. Sua submissão foi voluntária.

**48. Com um beijo trais o Filho do homem?** Judas usou o costumeiro gesto oriental de amizade para indicar quem devia ser preso.

**50. Cortou-lhe a orelha direita.** Os quatro evangelistas observam que o servo do sumo sacerdote foi ferido na confusão, mas apenas João e Lucas mencionam a **orelha direita**. Lucas deve ter obtido essa informação de uma testemunha ocular.

**52. Principais sacerdotes, capitães do templo e anciãos.** O bando que veio prender Jesus era provavelmente composto pela guarda do templo, embora a linguagem de João (Jo. 18:3, 12) pode ser interpretada como se referindo à corte romana.

**53. A vossa hora e o poder das trevas.** Trevas era um símbolo do poder de Satanás (cons. Ef. 6:12). Jesus reconhecia o triunfo temporário do diabo, mas antecipava sua própria vitória.

### **G. A Prisão e o Julgamento. 22: 54 - 23:25.**

**54. Na casa do sumo sacerdote.** José Caifás era o legalmente designado sumo sacerdote, mas o seu sogro, Anás, sendo o sumo sacerdote emérito, ainda era uma figura poderosa, e era frequentemente consultado nos negócios de estado. João diz que Jesus foi levado primeiro a Anás (Jo. 18:13). Provavelmente moravam no mesmo palácio, de modo que não houve nenhum trânsito demorado entre as duas entrevistas. **Pedro seguia-o de longe.** Lucas não conta a substância da entrevista com Anás; ele está principalmente interessado em apresentar a atitude de Pedro.

**55. Fogo.** Uma vez que Jerusalém fica a mais de 800 m acima do nível do mar, as noites na primavera são frias.

**59. É galileu.** Os galileus falavam o aramaico com pesado acento gutural. Pedro não podia esconder seu lugar de origem.

**60. Cantou o galo.** "Canto do galo" era uma divisão de tempo romano, indicando o fim da terceira vigília, cerca das três horas da madrugada.

**61. O Senhor fixou os olhos em Pedro.** Apenas um olhar, ao passar a caminho da sala de Pilatos, foi suficiente para fazer Pedro se lembrar da enormidade de sua atitude.

**63. Os homens que detinham Jesus zombavam dele.** O tratamento que os capangas do Sinédrio davam era inteiramente ilegal. Um prisioneiro devia ser mantido intacto até que fosse oficialmente condenado. Mas nosso Senhor foi deixado à mercê de uma guarda irresponsável entre o interrogatório dos sacerdotes e o seu aparecimento diante de Pilatos.

**66. Logo que amanheceu.** De acordo com a lei judaica, o Sinédrio (concílio) não devia se reunir à noite. Mateus (26:57, 58) e Marcos (14:53, 55) dizem que houve uma audiência preliminar na casa do sumo sacerdote, e que uma sentença formal foi pronunciada cedo de manhã (Mt. 27:1; Mc. 15:1). Lucas só menciona esta última. O *concílio*, ou Sinédrio, consistia de setenta ou setenta e dois anciãos e doutores. Tinha permissão dada por Roma de julgar questões religiosas e civis, mas não podia aplicar a pena capital sem a concordância do governo romano.

**67. Tu és o Cristo?** Lucas registra duas perguntas feitas pelo Sinédrio. Esta, se respondida afirmativamente, seria interpretada como confissão de traição, pois todos os messias eram tidos como rebeldes em potencial contra o governo romano.

**69. Desde agora estará assentado o Filho do homem à direita do Todo-Poderoso.** Jesus proclamou o Seu messiado declarando que subsequentemente seria elevado à direita de Deus.

**70. Logo, tu és o Filho de Deus?** A segunda pergunta tinha a intenção de incriminar Jesus junto ao povo. Se ele proclamasse ser o Filho de Deus, seria acusado de blasfêmia. **Vós dizeis que eu sou.** A expressão equivale a um "Sim".

## Lucas 23

### 1. Levantando-se toda a assembléia, levaram Jesus a Pilatos.

Pôncio Pilatos era o governador romano da Palestina de 26 a 36 A.D. Sua residência oficial ficava em Cesaréia, mas ele costumava visitar Jerusalém durante a estação da Páscoa afim de vigiar as multidões de lá.

Parece provável que ele tenha sido advertido da prisão de Jesus para estar disponível logo de manhã para o julgamento.

**2. E ali passaram a acusá-lo.** As acusações dos sacerdotes foram calculadas para incriminar o prisioneiro em uma corte romana, uma vez que violação da lei mosaica não influiria diante de Pilatos. Sua falsidade já ficou demonstrada pela apresentação tola da vida e palavras de Cristo neste Evangelho.

**3. És tu o Rei dos judeus?** A tradução não dá a força da sentença em grego: "És TU o rei dos judeus? !" Pilatos estava admirado que um homem de aspecto tão comum se proclamasse um rei. Lucas não dá o interrogatório de Jesus em todos os detalhes, apenas o veredito.

**4. Não vejo neste homem crime algum.** Pilatos não estava se pronunciando sobre a ausência de pecado do prisioneiro, mas estava simplesmente declarando que ele não cometera nenhum crime que exigisse ação legal.

**5. A Galiléia** era o centro de constante turbulência e revolta.

**7. Era da jurisdição de Herodes.** Pilatos não tinha jurisdição direta sobre a Galiléia, uma vez que fora acrescida ao reino-fantoches de Herodes. Recebeu de braços abertos uma oportunidade de enviar este embaraçoso prisioneiro a outro juiz. **Estando este naqueles dias em Jerusalém.** Herodes, como judeu nominal, tinha a obrigação de assistir à festa da Páscoa.

**8. Herodes, vendo Jesus, sobremaneira se alegrou.** A fama de Jesus atingira os ouvidos de Herodes, e excitara o seu temor (9:9) e curiosidade.

**9. Nada lhe respondia.** Jesus não temia Herodes, e recusou-se a perder tempo com uma pessoa tão frívola. Para Herodes todo esse negócio não passava de uma grande brincadeira.

**11. Vestir-se com muito aparato** era provavelmente uma das roupas que Herodes não usava mais e que mandou vestir em Jesus para zombar de suas reivindicações reais.



**12. Herodes e Pilatos se reconciliaram.** O gesto de Pilatos em reconhecer o governo de Herodes aliviou qualquer tensão causada por ciúme que houvesse entre as duas autoridades.

**15. Nada se verificou contra ele digno de morte.** Pilatos estava pronto a absolver Jesus pelos méritos da questão.

**16. Após castigá-lo.** Pilatos sugeriu um pequeno açoitamento para "lhe ensinar uma lição".

**17. Era-lhe forçoso soltar-lhes um.** Era costume do governo romano soltar um prisioneiro político por ocasião da **Páscoa** como oferta conciliatória feita ao povo (veja Jo. 18:39).

**18. Solta-nos Barrabás.** Barrabás em aramaico significa *filho do pai*.

**19. Está no cárcere por causa de uma sedição.** Barrabás era um "fora-da-lei", talvez um zelote galileu que fora apanhado em alguma revolta (cons. Jo. 18:40).

#### **H. A Crucificação. 23:26-49.**

**26. Um Cireneu, chamado Simão.** Os judeus de Cirene tinham uma sinagoga própria em Jerusalém (Atos 6:9). Simão se hospedara fora da cidade durante a noite e estava voltando à cidade para adorar no Templo. O guarda, agarrando-o, obrigou-o a carregar a cruz de Jesus. Geralmente o prisioneiro carregava a sua própria cruz, mas nosso Senhor, esgotado pelas tensões das horas precedentes, não estava em condições de fazê-lo.

**27. Numerosa multidão... batiam no peito, e o lamentavam.** Só Lucas menciona este episódio. O processo do julgamento teve lugar antes que os amigos de Cristo percebessem o que estava acontecendo e organizassem um protesto.

**28. Chorai antes por vós mesmas e por vossos filhos.** O Senhor previu a destruição da cidade e as misérias que se desencadeariam sobre os seus habitantes.

**31. Porque, se em lenha verde fazem isto.** Ele citou um provérbio corrente. A aplicação é a seguinte: se uma injustiça tão grande pode ser

perpetrada contra um homem inocente em tempo de paz, o que acontecerá ao povo da cidade em tempo de guerra?

**32. Malfeitores.** Mateus os chama de "salteadores" (Mt. 27:44).

**33. Lugar chamado Calvário.** Não se conhece o sítio exato. Todos os marcos foram destruídos no cerco de Jerusalém, sendo incerta a identificação. O lugar da execução era fora dos muros da cidade, perto de uma estrada de muito trânsito. As opiniões se dividem hoje entre a Igreja do Santo Sepulcro, ou o Calvário de Gordon, exatamente ao norte da Porta de Damasco. **Calvário** (lat.) ou *Gólgota* (aram.) significa "caveira". Evidentemente a colina foi assim chamada ou por causa da configuração do terreno, que tinha a aparência de uma caveira, ou por causa dos ossos que eram espalhados sobre o local da execução. A última alternativa é a menos aceitável porque os judeus eram escrupulosos quanto ao sepultamento de corpos.

**34.** Este versículo, como dois ou três precedentes (22:19, 43), não se encontra em alguns dos melhores manuscritos. Como diversos outros desses textos controvertidos, é sem dúvida um autêntico pronunciamento de Jesus. É mais difícil aceitar a omissão do que a sua inclusão.

**Repartindo as vestes dele, lançaram sortes.** As roupas dos prisioneiros condenados à morte tornavam-se propriedade do esquadrão da morte. Turbante, sandálias, cinturão, capa e túnica somariam cinco itens. O quinto, neste caso a túnica, teria de ser rasgada em quatro partes para distribuição equitativa, o que a tornaria imprestável, ou então aquinhoadada por meio de sortes.

**36. Trouxeram-lhe vinagre.** Os soldados bebiam um vinho azedo e barato, que tinha o gosto de vinagre de uvas.

**38. Esta epígrafe.** Os crimes do condenado eram colocados sobre uma placa, a qual pendia do seu pescoço ou sobre a sua cabeça na cruz. As narrativas dos Evangelhos diferem quanto às palavras da inscrição (cons. Mt. 27:37; Mc. 15:26; Jo. 19:19), e poderia haver pequeníssimas diferenças pois foi escrita em diferentes línguas. Toda a inscrição provavelmente era esta: *Este é Jesus de Nazaré*, o **Rei dos Judeus**.

**39. Não és tu o Cristo.** Os melhores textos gregos não contêm a condição, "Você é o Messias, não é? (Bem, então,) salve-se e a nós também!" O primeiro ladrão era realmente sarcástico.

**42. Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino.** O tom deste pedido é completamente diferente do ataque cínico do outro salteador. Este homem demonstrou confiança espantosa em Jesus; pois ele o viu morrendo numa cruz, e no entanto creu que ele teria um reino. **Disse** (gr. *elegen*) está no imperfeito, o que significa que o pedido foi repetido.

**43. Paraíso** é um antigo termo persa usado em relação a um parque, jardim, ou lugar muito bonito. Tornou-se uma designação para a habitação de Deus (II Co. 12:4).

**44. A hora sexta.** O tempo era contado a partir do nascer do sol, cerca das seis horas da manhã. A hora sexta era o meio-dia. **Trevas.** A falta da luz do sol não pode ser atribuída, a um eclipse, o qual seria impossível durante a lua cheia da Páscoa.

**45. E rasgou-se pelo meio o véu do templo.** O véu ficava dentro do Templo, separando o Lugar Santo, onde os sacerdotes executaram o seu ministério, da presença de Deus no Santo dos Santos. Era feito de espessa fazenda, a qual um homem não teria forças para rasgar. O rasgamento do véu de alto abaixo foi notadamente sobrenatural.

**46. Entrego o meu espírito.** Ele enviou o seu espírito para o Pai. Sua morte foi consciente e voluntária.

**47. O centurião.** Veja comentários sobre 7:2. Este homem, um gentio, acostumado a ver todo o tipo e condições de homens, confessou que Jesus era homem justo.

## **I. O Sepultamento. 23:50-56.**

**50. José, membro do Sinédrio.** José de Arimatéia era um membro do Sinédrio, que não dera o seu voto para o veredito de morte para Jesus. Ele era discípulo, e talvez não estivesse presente quando o concílio se reuniu; se esteve presente, votou contrariamente (v. 51a).

**52. Tendo procurado a Pilatos.** Pedir o corpo de um criminoso condenado colocaria José imediatamente em situação suspeita.

**53. Envolveu-o num lençol.** O verbo significa enrolar firmemente, envolver. Só aqui, em Mt. 27:59 e em Jo. 10:7, é que esse termo foi usado. Dá a entender que o corpo não foi embrulhado de qualquer jeito num lençol, mas que José, com seus ajudantes, enrolaram-no cuidadosamente com faixas, e o depositaram em sua sepultura.

**54. Era o dia da preparação.** De acordo com a tradição geral, Jesus morreu na tarde de sexta-feira, na "preparação" do sábado que começava ao pôr-do-sol. O corpo foi, portanto, colocado rapidamente na sepultura, esperando completar o sepultamento depois de passado o sábado.

**55. As mulheres... viram o túmulo.** As mulheres testemunharam o sepultamento e observaram como o corpo foi deixado. Elas não poderiam ter-se enganado mais tarde sobre a localização da sepultura nem sobre a realidade do sepultamento.

**56. Prepararam aromas e bálsamos.** Especiarias e ungüentos de diversos tipos eram usados para preservação do corpo, e eram também um tributo de amor e respeito ao morto.

## Lucas 24

### VII. A Ressurreição. 24:1-53.

A narrativa de Lucas da Ressurreição difere das outras narrativas no conteúdo, embora concorde com eles nos fatos essenciais. Todos os escritores mencionam a visita das mulheres à sepultura; mas o aparecimento do Senhor aos discípulos a caminho de Emaús só é contado por Lucas. Ele fornece três episódios principais da Ressurreição: a anunciação às mulheres, a caminhada para Emaús, e o aparecimento no cenáculo. Ele conclui o Evangelho com a ascensão em Betânia.

**A. A Sepultura Vazia. 24:1-12.**

**1. No primeiro dia da semana, alta madrugada.** O primeiro dia começava na tarde do sábado. Marcos dá a entender (16:1, 2) que as mulheres terminaram de comprar as especiarias na tarde precedente, e vieram à sepultura em uma hora que não seriam perturbadas por outros.

**2. E encontraram a pedra removida do sepulcro.** A sepultura era uma gruta escavada na rocha sólida, na frente da qual se rolava uma pedra circular para evitar a entrada de estranhos. As mulheres ficaram surpresas ao encontrar a sepultura aberta.

**3. Não acharam o corpo.** Elas sabiam exatamente onde deviam procurá-lo, mas desaparecera. Todas as narrativas concordam que a sepultura estava vazia na manhã do primeiro dia.

**4. Perplexas a esse respeito.** As mulheres não tinham a mais vaga idéia do que tinha acontecido. Obviamente não havia planos da parte dos discípulos de removerem o corpo (como os líderes judeus alegaram), pois então essas mulheres teriam alguma pista. Talvez pensassem que José e seus auxiliares tivessem levado o corpo para um lugar mais seguro. **Apareceram dois varões.** Mateus (28:2-6) e Marcos (16:5) dizem que um anjo junto à sepultura deu-lhes a notícia de que Jesus ressuscitara. Não existe nenhum conflito importante; um deve ter sido o porta-voz de ambos. Duas testemunhas estiveram com Jesus na Transfiguração (Lc. 9:30) e na ascensão (Atos 1:10). Lucas talvez sugerisse que as mesmas apareceram na Ressurreição. **Com vestes resplandecentes.** **Resplandecentes** (gr. *astraptousé*) significa reluzente como o relâmpago.

**6. Lembrai-vos de como vos falou... na Galiléia.** A conversa na Transfiguração foi sobre "a sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém" (9:31). E, antes de sair da Galiléia, Jesus deu aos seus discípulos instruções explícitas sobre a necessidade de sua iminente morte (18:31-34).

**8. Lembraram-se das suas palavras.** Quando ele no princípio falou sobre essas coisas, as mentes dos discípulos estavam preocupadas

com outros conceitos; mas a Ressurreição colocou todos os seus ensinamentos em uma nova perspectiva.

**9. E a todos os mais.** Jesus tinha em Jerusalém um grupo maior de seguidores do que apenas os onze discípulos. José de Arimatéia, Nicodemos, as mulheres, e muitos outros estavam sem dúvida incluídos no grupo.

**10. Maria Madalena, Joana, Maria, mãe de Tiago.** Maria Madalena provavelmente tinha esse nome segundo a cidade de Magdala na Galiléia, onde ela morava. Joana era a esposa de Cuza, o mordomo de Herodes (veja 8:3). Maria, a mãe de Tiago, foi mencionada por Mateus (27:56) e Marcos (15:40).

**11. Delírio.** A palavra grega (*lêros*) significa literalmente tolices. Os discípulos não estavam prontos para crer na primeira história que ouvissem, mas começaram a investigar de maneira crítica.

**12. Pedro, porém, levantando-se.** Todo o décimo-segundo versículo não consta do texto ocidental de Lucas, mas está incluído em outros manuscritos, e concorda com a narrativa de Jo. 20:2-10 (cons. 22:19; 24:34). Os lençóis eram faixas largas enroladas à volta do corpo. **Ali postos.** Não havia nenhum corpo dentro deles, mas tinham a mesma posição de antes quando ele estivera ali. **Maravilhado.** Pedro não podia compreender porque as faixas foram deixadas e como o corpo pudera ser retirado de dentro das faixas.

## **B. A Caminhada para Emaús. 24:13-35.**

**13. Uma aldeia chamada Emaús.** Provavelmente a atual "Amwas", a dezenove milhas ao oeste e um pouco para norte de Jerusalém. **Sessenta estádios.** A distância dada pelos textos convencionais é de cerca de oito milhas, mas dois dos manuscritos mais antigos diz que seriam cerca de 20 milhas.

**16. Os seus olhos estavam como que impedidos.** Em diversos exemplos Jesus não foi imediatamente reconhecido depois da Ressurreição.

**18. Cleopas** era marido de uma das Marias (Jo. 19:25) e possivelmente o pai de Tiago Menor (Lc. 24:10). Talvez fosse o informante de Lucas. **És o único, porventura, que tendo estado em Jerusalém?** O acontecimento da morte de Jesus era tão conhecido que esses dois homens não puderam entender como era possível que mesmo um visitante eventual não ouvisse contar.

**19. Jesus, o Nazareno, que foi varão profeta.** As palavras de Cleopas revelam o que os discípulos pensavam de Jesus. Eles ainda não tinham tomado plena consciência de sua divindade.

**21. Nós esperávamos.** Estavam desiludidos. Tinha esperado que Jesus os introduzisse no reino messiânico, e nada parecido aconteceu. **O terceiro dia.** A situação era desesperadora, pois com a chegada do terceiro depois da morte, não podia haver nenhuma esperança de restauração natural.

**22. Algumas mulheres.** O atordoamento dos discípulos aumentava com a notícia trazida pelas mulheres. Não podiam negar completamente a verdade da notícia; não havia entretanto, nenhuma evidência positiva de ressurreição.

**24. Alguns.** Referiam-se a Pedro e João, acima mencionados. Estes confirmaram o fato de que a sepultura estava vazia. **Porém a ele não o viram.** Para estes homens, só o aparecimento palpável de Jesus mesmo seria convincente.

**25. Tudo o que os profetas disseram.** Um testemunho evidente do fato de que a vinda de Cristo estava predita no V.T.

**26. Não convinha que o Cristo padecesse?** Jesus deu a entender que os acontecimentos da semana que passara não deveriam ter-lhes causado surpresa. O Messias tinha de sofrer logicamente e entrar na glória, porque o V.T. já o dera a entender.

**27. E, começando por Moisés.** Do começo do Gênesis até o fim de Zacarias há profecias espalhadas sobre a vinda do Messias. A exposição de nosso Senhor não ficou registrada como um discurso, mas

provavelmente suas explicações constituíram a base das interpretações apostólicas do V.T. nos termos do livro de Atos e nas Epístolas.

**29. Fica conosco.** Fizeram um convite comum a um estranho que tinha diante de si uma longa viagem e não tinha onde passar a noite. Por causa dos perigos da estrada, as pessoas não costumavam viajar à noite.

**31. Então se lhes abriram os olhos.** Tendo o seu hóspede assumido o lugar de anfitrião e talvez algo nos seus gestos ao partir o pão revelou a sua identidade.

**33. E, na mesma hora, levantando-se.** A descoberta foi tão grande que não puderam esperar até de manhã, mas retornaram imediatamente a Jerusalém para informar os outros sobre a sua experiência. Sua viagem a Emaús deve ter sido um exemplo da dispersão que teria havido se os discípulos não se mantivessem juntos em Jerusalém pela esperança de mais aparecimentos de Cristo.

**34. Já apareceu a Simão.** Nenhum registro dessa entrevista com Pedro foi preservada, exceto uma alusão em I Co. 15:5. O efeito sobre Pedro foi mencionado em I Pe. 1:3 e segs.

### **C. O Aparecimento aos Discípulos. 24:36-43.**

**36. Quando Jesus apareceu no meio deles.** Parece que o Cristo ressuscitado tinha a capacidade de aparecer e desaparecer à sua vontade. Seu corpo ressuscitado possuía poderes que transcendiam as leis da matéria comum.

**37. Surpresos e atemorizados.** Obviamente não o esperavam, nem era uma simples alucinação.

**39. Vede as minhas mãos e os meus pés.** As cicatrizes que ele carregava indicavam sua identidade. Ele era o homem que viram ser crucificado. Apalpar-me. Um fantasma não seria tangível.

**41. E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria.** Sua atitude mudou, mas o milagre continuou sendo grande demais para o compreenderem.



**43. E ele comeu na presença deles.** Espíritos não consomem alimento. Pedro mencionou essa evidência convincente quando apresentou o Evangelho aos Gentios (Atos 10:41).

#### **D. A Última Comissão. 24:44-49.**

**44. Lhes disse.** Este não foi seu último aparecimento, mas foi o último que Lucas registrou antes da Ascensão. Ele o utilizou para revelar a mensagem que Jesus esperava que os seus discípulos transmitissem ao mundo. Na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos. Eram as três divisões principais do cânon judeu das Escrituras. Os Profetas incluíam alguns livros históricos, e os Salmos incluíam outros livros poéticos.

**46. Que o Cristo havia de padecer e ressuscitar.** Esses dois fatos tornaram-se o ponto principal da pregação apostólica (cons. I Co. 15:3).

**47. Arrependimento para remissão de pecados** eram a doutrina enfatizada na pregação do Pentecoste (Atos 2: 38). **A todas as nações, começando por Jerusalém.** O programa esboçado por Jesus concorda exatamente com o tema desenvolvido pelo segundo volume de Lucas, os Atos dos Apóstolos (Atos 1:8).

**49. A promessa de meu Pai.** O Senhor referia-se ao Espírito Santo, cuja vinda foi prometida em Joel 2:28, a passagem que Pedro usou no Pentecostes. Permanecei, pois, na cidade. Se os discípulos tivessem se dispersado imediatamente, voltando para suas casas, o movimento teria se dissipado, e não haveria o impacto unido do Espírito sobre o mundo.

#### **E. A Ascensão. 24:50-53.**

**51. Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu.** O texto ocidental omite "e foi elevado ao céu", mas comparando-se com Atos 1:9 temos a confirmação da autenticidade do texto aceito.

# JOÃO

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	
Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17	
Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18	

## INTRODUÇÃO

**Caráter do Livro.** Simples na linguagem e estrutura, este livro é, não obstante, uma exposição profunda da pessoa de Cristo colocada em cenário histórico. Tem uma mensagem para o discípulo humilde do Senhor e também para o mais adiantado teólogo.

Certas semelhanças existentes entre ele e os Evangelhos Sinóticos são facilmente percebidas. Apresenta a mesma pessoa como figura central. Encontramo-lo como o Filho de Deus, o Filho do homem, o Messias, o Senhor do Salvador, e outros títulos. Há alguns anos atrás era moda, em alguns círculos, dizer-se que o Jesus de João era o resultado de um processo teológico dentro da igreja primitiva, por meio do qual o homem de Nazaré fora elevado à posição de divindade. Esse ponto de vista já não é mais sustentável, pois estudos posteriores estabeleceram a convicção de que a Cristologia dos Sinóticos e a Cristologia de João são fundamentalmente a mesma. Um Jesus meramente humano é completamente estranho tanto aos Sinóticos quanto a João.

Conforme o padrão histórico se desdobra no Quarto Evangelho, mostra-se parecido, no esboço geral do curso dos acontecimentos, com o quadro dos Sinóticos o ministério preparatório de João Batista, a vocação de certos discípulos para aprender e servir, o ministério duplo da palavra

e dos feitos (milagres), a mesma tensão entre o entusiasmo popular pelo Senhor e a oposição do judaísmo oficial, a importância crítica da pessoa e autoridade de Jesus. Do mesmo modo, no que se refere aos acontecimentos finais da vida de Cristo na terra, encontramos o mesmo quadro da traição, prisão e julgamento, morte pela crucificação, e a ressurreição.

Sem dúvida, também encontramos uma considerável diferença dos Sinóticos. Enquanto os Sinóticos mencionam apenas uma Páscoa, parecendo portanto limitar o ministério de Cristo a um ano somente, João menciona pelo menos três Páscoas (2:23; 6:4; 13:1), sugerindo que o ministério estendeu-se por três anos. Nos Sinóticos o ministério limita-se quase que exclusivamente à Galiléia, enquanto João enfatiza a atividade de Jesus na Judéia e pouco diz sobre a campanha na Galiléia.

Nos Sinóticos os ensinamentos públicos de nosso Senhor tratam do "reino de Deus". Essa expressão está quase ausente no Quarto Evangelho, onde os discursos centralizam-se grandemente no próprio Jesus, seu relacionamento com o Pai, e a sua indispensabilidade às necessidades espirituais do homem (cons. os Eu sou). Alguns detalhes históricos criam problemas. Um exemplo é a purificação do Templo, colocada por João logo no começo do ministério (capítulo 2), mas no final do ministério pelos escritores dos Sinóticos. A explicação mais simples aqui é provavelmente a melhor – houve duas purificações.

Outro exemplo relaciona-se com a vocação dos discípulos, a qual de acordo com os Sinóticos aconteceu na Galiléia. João narra a chamada de diversos homens em cenário da Judéia, bem no encetamento do ministério (capítulo 1). O problema diminui quando se imagina que a própria prontidão dos pescadores galileus em abandonar suas redes para seguirem a Jesus é mais fácil de se explicar com base em conhecimento anterior e um discipulado experimental, tal como o Quarto Evangelho revela. É um tanto perturbador encontrar Jesus já considerado o Messias, neste Evangelho, logo no começo de sua obra (João 1), quando a aceitação do Messiado parece vir bem mais tarde nos outros Evangelhos.

Os dois quadros não são, entretanto, incompatíveis, pois o pronunciamento de Pedro em Cesaréia de Filipe (Mt. 16:16) não precisa ser aceito como uma convicção à qual ele houvesse chegado pela primeira vez (cons. Mt. 14:33). Uma verdade já conhecida antes foi então aprofundada através de uma experiência pessoal com o Filho de Deus.

**O Autor.** Embora o livro não cite o nome do autor, foi chamado de "discípulo a quem Jesus amava" (21:20, 23, 24) e íntimo companheiro de Pedro. O testemunho da igreja primitiva inclina-se a confirmar que é João, filho de Zebedeu (cons. 21:2). Irineu é a testemunha principal. Alguns mestres têm discutido a possibilidade de uma pessoa sem preparo e experiência (Atos 4:13) escrever tal obra. O tempo, a motivação e a capacitação do Espírito não devem ser subestimados na avaliação da capacidade de João e na anulação das desvantagens.

Muitos mestres modernos preferem defender a idéia de que um discípulo desconhecido foi o verdadeiro autor deste Evangelho, ainda que grande parte do material possa muito bem ter encontrado em João a sua fonte. Mas isto é uma troca inútil do conhecido pelo desconhecido.

**A Data e o Lugar da Composição.** De acordo com a tradição cristã, João gastou os últimos anos de sua vida em Éfeso, onde desempenhou um ministério de pregação e ensino, como também escrevendo. Desse lugar partiu para o exílio em Patmos, durante o governo do Imperador Domiciano. Seu Evangelho parece pressupor um conhecimento da tradição sinótica e por isso deve ser colocado no fim da série, possivelmente entre os anos 80 e 90 mais ou menos. Alguns o colocam ainda mais tarde. O descobrimento de fragmentos do Evangelho no Egito, datados da primeira metade do segundo século, exige que se coloque o Evangelho dentro dos limites do primeiro século.

**Propósito.** João 20:30, 31 declara construtivamente que foi escrito com a esperança de se criar nos leitores a convicção de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que a vida viesse através da fé nEle. A escolha do material foi calculada exatamente para ajudar a chegar a esta

conclusão. Objetivos subordinados podem ser aceitos, tais como a refutação do Docetismo, um ponto de vista que negava a verdadeira humanidade de Jesus (cons. 1:14), e a denúncia do judaísmo como sistema inadequado de religião que coroava seus outros pecados com a recusa em aceitar o Messias prometido (1:11, e outros).

## **ESBOÇO**

I. Prólogo. 1:1-18.

II. O Ministério de Cristo no Mundo. 1:19 – 12:50.

A. O testemunho de João Batista. 1:19-36.

B. A escolha dos discípulos. 1:37-51.

C. O casamento em Caná. 2:1-11.

D. A primeira visita a Jerusalém e Judéia. 2:12 – 3:36.

1. A purificação do Templo. 2:12-22.

2. Os sinais. 2:23-25.

3. O incidente com Nicodemos. 3:1-15.

4. Os temas latentes na mensagem do Evangelho. 3:16-21.

5. Outro testemunho de João Batista. 3:22-30.

6. As credenciais de Cristo. 3:31-36.

E. Missão a Samaria. 4:1-42.

F. A cura do filho do nobre. 4:43-54.

G. A cura do coxo em Jerusalém. 5:1-16.

H. Auto-defesa de Jesus. 5:17-47.

I. Alimentando os cinco mil e o discurso sobre o Pão da Vida.

6: 1-71.

J. Jesus na Festa dos Tabernáculos. 7:1-53.

K. A mulher apanhada em adultério. 8:1-11.

L. Auto-revelação de Jesus. 8:12-59.

M. A restauração do cego de nascença. 9:1- 41.

N. Cristo, o Bom Pastor. 10:1-42.

O. A Ressurreição de Lázaro. 11:1-57.

P. Jesus em Betânia e Jerusalém. 12:1-50.

- III. O ministério de Cristo aos seus. 13:1 – 17:26.
  - A. O lava-pés. 13:1-17.
  - B. A participação da traição. 13:18-30.
  - C. O discurso do cenáculo. 13:31 – 16:33.
  - D. A grande oração. 17:1-26.
- IV. Os sofrimentos e a glória. 18:1 – 20:31.
  - A. A traição, 18:1-14.
  - B. Jesus julgado diante dos judeus. 18:15-27.
  - C. A penosa experiência diante de Pilatos. 18:28 – 19:16.
  - D. A crucificação e o sepultamento. 19:17- 42.
  - E. Aparecimentos depois da ressurreição. 20:1-29.
  - F. O propósito deste Evangelho. 20:30, 31.
- V. Epílogo. 21:1-25.

## COMENTÁRIO

### João 1

#### I. Prólogo. 1:1-18.

Sem delongas o escritor apresenta a figura central do Evangelho, mas não a chama de Jesus ou Cristo. Neste ponto Ele é o Logos (Palavra). Este termo tem raízes no V.T., sugerindo conceitos de sabedoria, poder e um relacionamento especial com Deus. Era também largamente usado pelos filósofos para exprimir idéias tais como discussão e mediação entre Deus e o mundo. No tempo de João toda sorte de leitores entenderiam sua adequabilidade aqui, onde a revelação é a nota principal. Mas o aspecto diferente é que o Logos também é o Filho do Pai, que se encarnou a fim de revelar Deus plenamente (1:14,18).

**A. O Logos Preexistente. 1:1,2.**

**1, 2.** O **princípio** do Evangelho (Mc. 1:1) foi ligado ao princípio da criação (Gn. 1:1) e vai além dela dando uma visão da Deidade "antes que o mundo existisse" (cf. Jo. 17:5). A Palavra não se fez; era. **Com Deus** sugere igualdade e também associação. O Verbo era Deus (divindade) sem confusão de pessoas.

**B. O Logos Cósmico. 1:3-5.** Ele foi o agente da criação. **Por ele.** Por meio dele.

**3. Todas as coisas** inclui a totalidade da matéria e existência, mas considerada aqui em seu "status" individual e não universal.

**4. A vida está nEle,** não simplesmente através dEle. Como **vida**, a Palavra comunicava **luz** (conhecimento de Deus) aos homens.

**5. As trevas** são em primeiro lugar morais. Nem todos têm vantagem da luz (cons. 3:19). Provavelmente o pensamento não é idêntico a 1:9, 10; assim **as trevas não a prevaleceram** é uma tradução menos aceitável do que *as trevas não a venceram*.

**C. O Logos Encarnado. 1:6-18.**

Aqui está incluído um sumário da missão de João, o precursor.

**6. Houve.** Antes, *veio*. Esta é a aparição de João na história, como **enviado por Deus**. A frase resume o material contido em Lc. 1:5-80; 3:1-6.

**7.** Que João veio para *testemunho*, ou para testificar, é a maior ênfase deste Evangelho (1:15, 34; 5:33, 36, 37; 15:26, 27; 19:35; 21:24). Sua missão foi testemunhar **da luz**, que brilhava desde a Criação e estava ali para iluminar os homens com a sua presença. O testemunho foi idealizado para que os homens viessem a crer (a palavra "fé" não aparece neste Evangelho, mas o verbo quase se transforma em um refrão; cons. 20:31).

**9. A luz verdadeira** não transforma João em uma luz falsa. Dá a entender que é uma luz antitípica, máxima – o sol, não uma vela. Daí,

venerar João indevidamente, depois que a Luz despontou, é errado (3:30; Atos 19:1-7). A sintaxe do versículo no grego é difícil. **A verdadeira luz que, vinda ao mundo; ilumina a todo homem** é a tradução mais provável. Através de sua presença entre os homens o Logos traria uma iluminação superior àquela que fora proporcionada aos homens antes de sua vinda.

**10, 11.** A Luz era verdadeira e resplandecente, mas a acolhida que teve foi desapontadora. Além da semelhança que há nos dois versículos, jazem neles diferenças deliberadas: **estava, mundo; veio, o que era seu; e os seus não o receberam.** Deixar de discernir o Logos pré-encarnado é mais compreensível do que a recusa trágica de seu próprio povo, em aceitá-lo quando veio entre eles.

**12, 13.** Nem todos recusaram a Luz. Aqueles que a receberam ganharam **poder** (autoridade, direito) de **serem feitos** (naquele exato momento) **filhos de Deus**. Aqueles que o **receberam** são descritos como aqueles que **crêem no seu nome** (pessoa). Veja 20:31. Há duas maneiras de se dizer a mesma coisa. Os crentes são mais adiante descritos em termos do que Deus faz por eles.

**Eles nasceram ... de Deus.** Não é um processo natural que traz pessoas ao mundo – não do **sangue** (literalmente, *sangues*), sugerindo a mescla das correntes sanguíneas paterna e materna na procriação. **Da vontade da carne** sugere o desejo natural e humano de se ter filhos, como **da vontade do varão** (a palavra usada para marido) sugere o desejo especial de se ter uma descendência que continue com o nome da família. Assim, o novo nascimento, algo sobrenatural, foi cuidadosamente resguardado da confusão com o nascimento natural.

**14.** Antes que a fé possa produzir o novo nascimento, deve haver um objeto sobre o qual repousar, tal como a encarnação do **Verbo**, o Filho de Deus. Deus, tendo se expressado na criação e na história, onde a atividade do Logos era evidente mas a sua pessoa velada, agora se revelava através do Filho em forma humana, que não era simples semelhança, mas **carne**, João poderia ter usado "homem" mas escolheu



declarar a verdade da encarnação enfaticamente como se quisesse contrariar aqueles que tinham tendências gnósticas. Essa falsa visão de Cristo recusava-se a aceitar que a divindade pura pudesse assumir corpo material, uma vez que a matéria era considerada má (cons. I Jo. 4:2, 3; II Jo. 7).

**Habitou.** Tabernaculou. Em combinação com a **glória** sugere a personalização da nuvem luminosa que repousava sobre o tabernáculo no deserto (Êx. 40:34). O Verbo encarnado é também a resposta à oração de Moisés (Êx. 33:18). João não narra a Transfiguração, pois apresenta todo o ministério como uma transfiguração, exceto quanto à luz da qual fala, que é moral e espiritual (**cheio de graça e de verdade** e não algo visível, cons. Jo. 1:17).

**15.** Mais informações (cons. 1:7) são apresentadas sobre o testemunho do Batista à luz do aparecimento público de Jesus. Jesus veio *depois* de João em tempo mas veio *antes* dele em importância, pois era antes dele na qualidade de Eterno (cons. 1:1).

**16.** O Evangelista confirma a singularidade de Cristo. Não só João Batista mas todos os crentes participaram de sua **plenitude** – a perfeição da divindade (cons. **cheio** em 1:14). **Graça por graça** descreve uma manifestação acumulada sobre outra – uma verdadeira plenitude.

**17.** Assim como Jesus Cristo ultrapassou a João (1:15), assim também foi superior a Moisés. Ambos trouxeram algo de Deus, mas um trouxe a **lei** que condena, o outro a **graça** que redime da lei. **Verdade** sugere a realidade da revelação divina de Cristo.

**18.** Deus é invisível, porque é Espírito (cons. 4:24; 1 Tm. 6:16). Teofanias não revelam sua essência. Mas o **Filho** unigênito de Deus (aqui, os principais manuscritos têm **Deus** em vez de **Filho**; cons. Jo. 1:1) revela. **No seio do Pai** dá a entender *com Deus* (1:1). A missão do Filho foi declarar (*fez conhecer*; a palavra grega dá-nos o nosso "exegeta") o **Pai**. Cristo interpretou Deus ao homem. Nada é perdido (cons. Hb. 1:2, 3; Gl. 1:15).

---

## II. O Ministério de Cristo no Mundo. 1:19 - 12:50.

### A. O Testemunho de João Batista. 1:19-36.

Em seu desejo ardente de magnificar Cristo, João transformou um interrogatório sobre si mesmo em um forte testemunho sobre o Maior que ia se manifestar. O batismo de Jesus executado por João, que não foi narrado neste Evangelho, já tinha acontecido (veja 1:26).

**19. Os judeus.** Como de costume, João está se referindo aos líderes da nação. Esses sacerdotes eram fariseus (v. 24). Duas coisas provocaram a delegação: a forte pregação de João, que cativava multidões (Mt. 3:5), e sua atividade, batizando (Jo. 1:26). Tal pessoa despertou tanta preocupação nesses líderes que eles perguntaram, **Quem és tu?**

**20.** João leu seus pensamentos. Eles, tal como as multidões (Lc. 3:15), ficavam imaginando se ele poderia ser o **Cristo** prometido.

**21.** Sua negação levou-os à segunda pergunta. **Elias** era esperado antes da vinda do Messias (Mt. 17:11-13). Embora João não fosse o Elias pessoalmente, estava em sua função (Mt. 17:11-13). Por **profeta** devemos provavelmente entender o profeta de Dt. 18:15, 18. Alguns o consideravam distintamente do Messias (Jo. 7:40).

**22-24.** A delegação não podia ser satisfeita com negativas. Pressionado a revelar seu papel, João replicou na linguagem profética (Is. 40:3). Era uma verdadeira identificação. João vivera **no deserto** e ali elevava sua voz para anunciar a aproximação do reino (Lc. 1:80; 3:2, 3).

**25-28.** Um papel assim secundário parecia não ser justificativa suficiente para João administrar o batismo. Mas ele se defendeu – era simplesmente **com água**. Ele proclamava a presença do pecado e a necessidade de uma purificação que ele mesmo não podia efetuar. A obra final da purificação (ele deu a entender) repousava sobre alguém maior do que ele, Alguém que ainda era desconhecido das autoridades (1:26). João considerava-se indigno de ser Seu servo. Essa conversa foi

mantida em **Betânia**, a leste do Jordão. Não deve ser confundida com Betânia de 11:1,18.

**29. No dia seguinte** surge uma nova situação. A delegação partiu e Jesus apareceu no cenário. Mas não houve nenhuma troca de palavras entre ele e João. Satisfeito por ter afirmado aos fariseus a grandeza de Cristo, João tornou-se agora específico quanto à Sua pessoa e obra. Seu próprio ministério baseava-se sobre o fato do pecado; o de Cristo relacionava-se com a remoção do pecado. Cristo era o Cordeiro de Deus. A História (Êx. 12:3) e a profecia (Is. 53:7) juntam-se para fornecer os antecedentes desse título. É preciso ter em mente também os sacrifícios diários no templo.

**31-34.** Quando Jesus procurou o batismo de João, o Batista não o reconheceu (cons. Lc. 1:80), mas ele tinha recebido um sinal de identificação de Deus – **o Espírito descer do céu como pomba** permanecendo sobre Ele. Além do sinal foi-lhe dada uma palavra referente à obra que Ele realizaria com a capacitação celestial para tanto concedida – Ele batizaria com o Espírito. Tal pessoa, João sabia, não poderia ser ninguém menos que **o Filho de Deus**. Ninguém de menor estatura poderia usar com tanta autoridade o divino Espírito. João deu três testemunhos excelentes da pessoa e obra de Cristo. Como Cordeiro, sua missão era a da redenção. Ao batizar com o Espírito, Ele fundaria a Igreja. Como Filho de Deus, Ele seria digno de adoração e obediência.

**35, 36.** Estes versículos são de transição. Eles nos informam que João tinha **discípulos** e que ele também desejava transferi-los para Jesus. Esta era importante parte de sua tarefa de precursor, como o restante do capítulo declara.

## **B. A Vocação dos Discípulos. 1:37-51.**

O desejo altruísta de João de glorificar Cristo produziu frutos entre seus seguidores. Sem nenhuma ordem ou sugestão de sua parte além do seu testemunho, dois discípulos seguiram Jesus. Um é identificado como

sendo André. O silêncio quanto ao nome do outro aponta para o escritor do Evangelho, que não menciona o seu nome por causa da modéstia.

**37-42. Seguiram a Jesus.** O ato físico expressou a intenção de segui-lo no sentido espiritual. **Que buscais?** Tal pergunta poderia ser uma demonstração de repulsa, mas não quando pronunciada com delicadeza. A contra-pergunta, **Onde assistes?** Tal como o fato de o seguirem, pode sugerir um sentido mais profundo – Qual é o segredo de sua vida e poder espirituais? Sua habitação poderia não atraí-los, mas a conversa sublime que se seguiu permaneceu como flagrante memória. Anos mais tarde João se lembrou da **hora** do dia – quatro da tarde.

**41.** O significado de **primeiro** não está claro. Nenhuma atividade posterior de André foi declarada. Possivelmente, **primeiro** tem a intenção de sugerir que o outro discípulo (João) também procurou seu irmão Tiago, que aparece antes, nos Sinóticos, como discípulo de Jesus (Mc. 1:16-20). **Achou... achamos.** A narrativa está cheia da alegria do descobrimento (cons. Jo. 1:43, 45). **Messias**, o termo hebreu para "o ungido", tem o seu correlativo na palavra grega **Cristo**. André atreveu-se a chamar Jesus de Cristo porque o Batista o apresentou assim aos seus seguidores, ou por causa das horas passadas na companhia de Jesus?

**42.** O trabalho pessoal de André começou cedo e com seus parentes. A troca do nome de **Simão** para **Cefas**, o termo aramaico para Pedro, significando **pedra**, provavelmente indica uma mudança prometida da fraqueza para a estabilidade e força (Lc. 22:31, 32).

**43.** Novamente a mudança do **dia** foi observada (cons. 1:29, 35, em contraste à ausência de tais traços no Prólogo). Desta vez Jesus faz a descoberta (cons. Lc. 19:10), e ordena a Filipe que o siga (contraste com Jo. 1:37).

**45-51.** Filipe vindicou a confiança de Jesus nele como discípulo buscando Natanael e transmitindo-lhe a convicção de que Jesus de Nazaré era o muito esperado que preencheria as predições de **Moisés** e dos **profetas**. Pode-se testemunhar do Senhor mesmo quando o conhecimento ainda é incompleto ou defeituoso. **Jesus, o Nazareno,**

revelou-se concisamente como o celestial Filho do homem (v. 51). Mesmo Natanael percebeu rapidamente que o **filho de José** era o Filho de Deus (v. 49). O primeiro impulso de Natanael foi o de duvidar que Nazaré fosse capaz de produzir **alguma coisa boa**, muito menos o Messias (v. 46). Isso não implica necessariamente que a cidade tivesse má reputação, mas antes sugere o caráter irrelevante do lugar.

**Vem, e vê.** Experiência é melhor do que argumentação. **Israelita sem dolo** sugere um contraste de Jacó, que se tornou Israel só através da experiência da conversão. A mesma penetração que leu o coração de Simão (v. 42) como num livro aberto e que penetrou na vida íntima de Natanael (vs. 47, 48) foi agora cordialmente reconhecida na confissão deste último – **Filho de Deus... Rei de Israel**. A sombra da figueira, um sossegado refúgio para a alma reverente, foi silenciosamente partilhada pelo Cristo perspicaz. Filipe compreendeu que o mestre tinha de ser mais do que ela entendia. E o fim não era aquele, pois o Salvador prometia coisas maiores. Jacó continuava no fundo da cena (v. 51). A visão que ele teve dos anjos em Betel seria ultrapassada quando os discípulos vissem no Filho do homem aquele a quem o céu seria aberto (cons. Mt. 3:16) e aquele que na qualidade de Mediador, liga o céu à terra. **Filho do homem**. Um título indicando uma figura sobrenatural e celestial em Dn. 7:13 e no apocalipse judeu, foi o método preferido por Jesus para designar-se a si mesmo, de acordo com os Evangelhos. Esse nome era preferido ao de "Messias" porque não sugeria aspirações políticas ao longo de um reino temporal, tal como a maioria dos judeus aguardava. A glória do Filho (Jo. 1:14), vista em parte por esses primeiros discípulos (vs. 39, 46), foi ainda mais desdobrada *daqui em diante* (ERC).

## João 2

### C. O Casamento em Caná. 2:1-11.

Essa rápida volta à Galiléia não foi marcada pelo ministério público, mas envolveu um incidente que produziu o aprofundamento da confiança dos discípulos em Jesus, continuando a ênfase de João 1.

Alguma luz é lançada sobre o relacionamento de nosso Senhor com sua mãe e também a sua atitude para com a vida social (cons. Mt. 11:19). A transformação da água em vinho foi observada como sendo o seu primeiro milagre.

**1. Três dias depois** parece relacionar-se com 1:43. Dois dias ou mais seriam precisos para se fazer a viagem a Caná, que ficava cerca de sete milhas e meia ao norte de Nazaré. João faz notar a presença da **mãe de Jesus** no casamento. Evitou aqui mencionar o nome *Maria*, e também em 19:26, devido a mesma reserva porque escondeu o seu próprio nome. Estava especialmente relacionado com Maria (19:27).

**2.** Não se sabe se Jesus planejou estar presente ao casamento ou se o convite para Ele e Seus discípulos foi feito depois de sua chegada a Galiléia. Se esta última é a alternativa correta, a falta de vinho pode ser facilmente explicada. Outros convidados também podiam ter chegado inesperadamente. Natanael, cujo lar estava em Caná, possivelmente tinha algo a ver com os arranjos.

**3-5.** Maria trouxe a Jesus a informação de que o suprimento de vinho acabara. Em sua resposta, o uso do termo **mulher** não envolve desrespeito (cons. 19:26).

**Que tenho eu contigo?** As palavras indicam separação de interesses e parecem sugerir uma pequena repreensão. Talvez Maria esperasse que Jesus usasse a situação para chamar a atenção para si mesmo de modo a apressar seu programa messiânico. Mas a sua **hora** não tinha chegado ainda (7:30; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1). Jesus queria que sua mãe entendesse que o antigo relacionamento entre eles dois (Lc. 2:51) chegara ao fim. Ela não devia interferir em sua missão. Maria foi sábia e não discutiu o assunto. Se ela não podia mandar nEle, podia instruir os servos a obedecerem as instruções dEle. E assim demonstrou a sua confiança nEle.

**6-8.** Para atender à emergência, Jesus usou **seis talhas de pedra**, das que os judeus usavam para as **purificações** – lavar as mãos antes e depois das refeições e diversos outros banhos cerimoniais. Cada uma

devia conter cerca de vinte galões. Estando cheios, Jesus instruiu os servos a tirar. Isto parece se referir ao ato de tirar a água dos grandes recipientes para recipientes menores. O que era retirado era então levado ao **mestre-sala**. Uns acham que o **mestre-sala** era alguém pouco mais importante que um mordomo; outros acham que era um amigo do noivo convidado para ocupar o lugar de mestre de cerimônias (cons. Eclesiástico 32:1 e segs.)

**9, 10.** Provando o vinho, o funcionário certificou-se de que era de qualidade superior, tão superior que sentiu-se obrigado a elogiar o noivo pelo tratamento fora do comum que dispensava aos seus convidados dando-lhes vinho bom no fim da festa, quando muitos já teriam bebido tanto que não estariam mais em condições de discernir se o vinho era bom ou de qualidade inferior. A falta de vinho foi resolvida pela intervenção de Jesus. A verdade mais profunda do incidente é que, simbolicamente, o Judaísmo foi revelado como deficiente (na ênfase dada às abluções cerimoniais, a ponto de negligenciar assuntos espirituais, e em sua exaustão indicada pelos cântaros vazios), quando Cristo fornece plenitude de bênçãos da mais alta qualidade (cons. 7:37-39). Mais do que isso, ele o fez sem chamar a atenção para si mesmo, um exemplo agradável.

**11. Princípio a seus sinais.** Esta declaração refuta os Evangelhos apócrifos que narram milagres da meninice de Jesus. A palavra *milagre*, (ERC) que João usa por toda parte, significa **sinal**, indicando que o ato tem o propósito de revelar o propósito por trás dele, jogando luz sobre a pessoa de Cristo ou sua obra. **Glória**, neste caso, é um termo que chama a atenção para o poder de Jesus de realizar uma transformação espiritual, conforme sugerida pela mudança da água em vinho (cons. 11:40). **Seus discípulos creram nele.** Contrastando com o mestre-sala, que se caracterizou pela ignorância (v. 9) e os servos, que *sabiam* do milagre (v. 9), os discípulos foram levados a crer. Só eles realmente lucraram com o sinal.

**D. A Primeira Visita a Jerusalém e Judéia. 2:12 - 3:36.****1) A Purificação do Templo. 2:12-22.**

Ainda que este não seja chamado de sinal, foi um acontecimento mais momentoso do que o milagre de Caná, pois relacionava-se diretamente com a missão de Jesus, sendo um ato messiânico de natureza pública. Novamente o judaísmo foi comprovado ser deficiente, e até mesmo corrupto, pois a casa do Pai estava sendo conspurcada. Jesus relacionou o incidente com a sua ressurreição (vs. 19-21). Ele revelou a incredulidade dos judeus (vs. 18-20) e a fé dos discípulos (v. 22). Como acontecimento, pode ser separado de uma purificação posterior, antes da morte de Jesus (Mc. 11:15-19).

**12.** Este versículo é transicional. A importância de Cafarnaum no ministério de Jesus foi enfatizado nos Evangelhos Sinóticos. Fez dela o seu quartel-general galileu – "sua cidade" (Mt. 9:1). O desentendimento com os seus irmãos ainda não acontecera (Jo. 7:3-5).

**13. A páscoa dos judeus.** (Conf. 2:6.) Mais uma vez João concentra-se em expor as deficiências do judaísmo. O memorial sagrado da libertação da escravidão no Egito estava sendo menosprezado. Visto que era hábito de Jesus observar as festas nacionais, como fora hábito de José e Maria (Lc. 2:41), Ele subiu a Jerusalém.

**14-16.** Jesus, de adorador passou a reformador. O Sinédrio permitia, e provavelmente controlava para seus próprios interesses financeiros, um comércio de animais para o sacrifício e câmbio. Esse comércio, efetuado na extensa área conhecida como o Pátio dos Gentios, era para a facilidade do peregrino, uma vez que podia obter o seu sacrifício ali mesmo em vez de trazê-lo de casa. Presumivelmente havia uma garantia de que o animal era "sem defeito". Diversos tipos de moedas podiam ser trocados às mesas pelo meio ciclo palestino exigido para pagamento do imposto anual do templo. Esse comércio transformou o Templo em um verdadeiro mercado. Enfurecido com o sacrilégio, Jesus entrou em ação. Rapidamente improvisou um **azorrage** com as cordas que



estavam por ali. Com esse açoite expulsou da área do templo os homens (**todos**) e os animais, derrubando as mesas dos cambistas e esparramando as moedas tilintantes pelo chão. Os pombos não podiam ser expulsos. Era preciso que seus proprietários os retirassem. Tais medidas árduas precisavam de justificativas, as quais foram dadas em que **da casa de meu Pai** fora pervertida em **casa de negócio**. O Senhor viera subitamente ao seu Templo e o purificara (Mt. 3:1-3). Uma lição mais profunda do que a remoção da corrupção pode ter sido a intenção ao expulsar os animais do sacrifício, talvez numa antecipação do dia em que o Templo e os seus sacrifícios estariam ultrapassados e o sacrifício final do Cordeiro de Deus fosse concluído (cons. 2:21; 1:29).

17. O incidente fez seus discípulos se lembrarem de uma passagem em um Salmo messiânico (69:9) - "O zelo da tua casa me consumirá". Aqui pode-se encontrar uma indicação de que este zelo que lhe custou a oposição do momento, finalmente lhe custaria a sua vida (cons. Jo. 2:19).

18-22. Tal ação drástica rapidamente desencadeou uma exigência dos **judeus** (líderes) para que Jesus fornecesse um sinal incontestável de que tinha autoridade para sua conduta. Ele sempre se opunha a tais exigências (6:30; Mt. 16:1). Desta vez contentou-se em apontar para o futuro. **Destruí este santuário**. O caráter figurativo do pronunciamento está evidente, não apenas em Jo. 2:21, mas por causa da completa improbabilidade dos judeus destruírem o seu próprio Templo. Essas palavras não devem ser tomadas como ordem ou convite, mas são naturalmente hipotéticas - "Se vocês destruírem, eu o levantarei".

**Em três dias** é o equivalente a "no terceiro dia". Aceitando isso literalmente, os judeus sentiram que sua declaração era ridícula, uma vez que o Templo levou quarenta e seis anos para ser construído. Herodes começou a sua reconstrução em 20 A.C. Havia partes que ainda não tinham sido completadas, mas a estrutura estava suficientemente completa para ser mencionada como um edifício. (Com referência ao uso figurativo de **santuário** em vez de corpo, veja I Co. 6:19.) Esta profecia

ajudou a desenvolver a fé dos discípulos, mas só depois da ressurreição do seu Senhor (cons. Jo. 12:16).

## 2) Os Sinais. 2:23-25.

Esta parte é transicional, tendo ligação especialmente íntima com o incidente seguinte. É um resumo, descrevendo Jesus na realização de diversos sinais em Jerusalém, os quais não foram narrados. A coisa importante é a reação, a qual neste caso não foi incredulidade absoluta, nem confiança plena em Cristo atribuída aos discípulos, mas algo que poderia ser chamado de fé milagrosa. Seu caráter insatisfatório foi declarado pelo fato de que Jesus **não se confiava a eles**, pois conhecia o coração humano e discernia a falta de fé genuína. Exemplos semelhantes são encontrados em 8:30-59; 12:42, 43.

## João 3

### 3) O Incidente com Nicodemos. 3:1-15.

Contrastando com os muitos em Jerusalém que "creram", mas nos quais Jesus não confiava, Nicodemos avulta como alguém a quem o Senhor abriu o seu coração, alguém que se transformou em um verdadeiro discípulo. Ao mesmo tempo a passagem enfatiza um tema anterior as limitações do judaísmo corrente – mostrando a incapacidade deste líder de compreender a verdade espiritual enunciada por Jesus.

**1, 2.** Os **fariseus** eram os líderes religiosos da nação. Nicodemos, além de pertencer a este grupo, era também um dos **principais dos judeus**, um membro do Sinédrio. Foi ver Jesus **de noite**, provavelmente movido pela prudência. A atitude oficial para com o Nazareno, depois da purificação do Templo, devia ser de forte oposição. Talvez João estivesse também sugerindo a cegueira deste homem com referência às coisas divinas. Nicodemos estava pronto a aceitar que Jesus era um **Mestre** enviado por Deus, com milagres por testemunho. Isto poderia significar que ele era um profeta mais poderoso que João, que não realizava milagres. **Sabemos** sugere que havia outros pensando da

mesma maneira. Se há alguma indicação intencional de que Jesus pudesse ser o Messias não está claro.

**3, 4.** Na mente de Nicodemos os milagres podiam muito bem ser a indicação da vinda rápida do reino de Deus em sentido político. Mas Jesus apresentou um conceito inteiramente diferente do reino, com os sinais apontando para um reino espiritual de Deus.

**Nascer de novo** é nascer outra vez, de cima. Nicodemos ficou perplexo. Ele sabia que uma pessoa não podia nascer de novo no sentido físico. Talvez Jesus estivesse dando a entender que é completamente impossível que alguém que esteja **velho** mude sua aparência ou seu modo de ser.

**5-8.** Então Jesus descreveu o novo nascimento em termos de **água e do Espírito**. Dos dois, o Espírito é mais importante (veja v. 6). A água pode se referir à ênfase de João Batista dada ao arrependimento e purificação do pecado como antecedente necessário, ainda que negativo, do novo nascimento. Menos natural é qualquer alusão à Palavra (I Pe. 1:23). O ingrediente positivo é a injeção da nova vida criadora pelo poder regenerador do Espírito (cons. Tt. 3:5).

**Importa-vos nascer de novo.** Não é simplesmente uma exigência pessoal, mas universal. A necessidade jaz na incompetência da **carne**. Isto inclui o que é meramente natural e o que é pecador – o homem nascido neste mundo vivendo a sua vida separado da graça de Deus. A carne só pode se reproduzir como carne, e isto não pode satisfazer os requisitos divinos (cons. Rm. 8:8). A lei da reprodução é "segundo a sua espécie". Assim, do mesmo modo, o Espírito produz espírito, uma vida nascida, nutrida e amadurecida pelo Espírito de Deus. Se isso significa mistério, vamos reconhecer que na natureza também existe mistério. O **vento** (*pneuma*, a mesma palavra usada para "Espírito") produz efeitos notáveis quando sopra, mas sua fonte e movimentos futuros permanecem escondidos. Assim a vida redimida mostra-se como algo verdadeiro, ainda que desafiando a análise do homem natural (cons. I Co. 2:15).

**9, 10.** A perplexidade de Nicodemos produziu uma repreensão gentil da parte de Jesus. Será que um **mestre** (lit, *professor*) **de Israel** não sabia essas coisas? Não eram coisas novas (Ez. 11:19). Um reino espiritual e uma vida espiritual que lhe seja adequada não eram coisas estranhas aos ensinamentos do V.T.

**11-13.** Mais ainda, outros podiam dar testemunho da realidade dessas coisas - **nós dizemos**. Jesus gostava de associar-se com os seus seguidores. **Vós** (tu e os outros iguais a ti) não aceitastes o testemunho. **Coisas terrenas** são as coisas que já foram discutidas, tais como a natureza do reino e o nascimento e vida espirituais. **Celestiais** são os assuntos que o Filho do Homem, vindo do céu, tinha de revelar como novas e distintas (cons. Mt. 11:25-27). As últimas quatro palavras de 3:13 não estão nos principais manuscritos.

**14, 15.** Há uma resposta necessária ao imperativo do novo nascimento (cons. 3:7). O levantamento do Filho do homem não pode se referir à Ascensão, à vista da elevação da **serpente** de bronze sobre o poste (Nm. 21:8), com a qual foi aqui comparado. A alusão é à cruz (Jo. 12:32, 33). Assim como os homens atingidos pelas picadas das mortais serpentes olhavam com expectativa e esperanças para aquilo que era a semelhança do réptil que injetara o vírus da morte em suas veias, assim os pecadores deviam olhar pela fé para Cristo, seu Substituto, que veio em semelhança da carne do pecado e em lugar do pecado (Rm. 8:3). O resultado de tal fé é a **vida eterna**. Sem essa fé o homem tem de perecer. Não é aniquilação, mas a tragédia de ser eternamente separado de Deus. Aparentemente Nicodemos levou a sério a advertência e o desafio (Jo. 7:50, 51; 19:39, 40). Nesse ponto, parece, as palavras de Jesus termina e as de João continuam, a julgar pela fraseologia, a qual tem diversas analogias com outras porções do Evangelho, onde João indubitavelmente é o responsável pelo material.

**4) Os Temas Latentes na Mensagem do Evangelho. 3:16-21.**

O amor ao pecado estimula os homens a rejeitarem a luz de Cristo, enquanto que aqueles que aceitam a luz estão prontos a confiar nele.

**16, 17.** João amplia a declaração de Jesus (3:15), retendo as palavras **todo o que, pereça, crê, eterna, vida**. Os elementos que foram acrescentados são o amor de Deus e a conseqüente doação do seu Filho, o que é descrito como **unigênito**, com o significado de único, um só. Filhos adotivos não se tornam membros da Divindade. A largura do amor de Deus é enfatizada pelo fato de que o seu objeto é o **mundo** (inteiro). Embora a vinda de Cristo envolvesse juízo, como o restante da seção atesta, o propósito direto dessa vinda, que repousa sobre o amor divino, não foi a condenação mas a salvação (3:17).

**18-21.** O crente em Cristo não entra em juízo pelos seus pecados nem agora nem no futuro (a forma do verbo é bastante flexível para cobrir os dois aspectos). Por outro lado, aquele que recusa crer já está sendo julgado em virtude dessa recusa. Ele mesmo decidiu o seu destino. A idéia essencial no juízo é uma distinção, uma separação (o significado original da palavra); e a vinda de Cristo como luz autenticou uma grande diferença divisória. Em vez de corresponder ao amor de Deus, amando o Seu Filho, muitos homens amaram de preferência as trevas à luz porque estavam presos ao seu padrão de vida, que era mau (**obras ... más**). Em 3:20, a palavra **mal** é outra, dando a entender algo que moralmente não tem valor. O ofensor sabe que está enredado no erro, mas recusa avançar para a luz de Cristo para que suas obras, as quais ele ama, não sejam expostas. Por outro lado, aquele que vem à luz é descrito como aquele que **pratica a verdade**. Ele age de acordo com aquilo que sabe ser direito (cons. 18:37). Essa conformidade com aquilo que sabe ser a verdade prepara-o para avançar dentro da plena luz de Cristo para ser salvo. Todas as suas obras são **feitas em Deus**, que o tem dirigido até alcançar este clímax da fé (cons. 1:47).

**5) Outro Testemunho de João Batista. 3:22-30.**

O fato de que Jesus e seus discípulos executaram uma obra de pregação e batismo na Judéia, enquanto João e seus discípulos conduziram obra semelhante em outro setor, despertou suspeitas de que os dois estivessem em competição. João o nega enfaticamente, assumindo alegremente um papel de subordinação junto a Jesus.

**22-24. Depois disto.** Terminou o episódio com Nicodemos. **A terra da Judéia** foi mencionada distintamente de Jerusalém, onde Jesus estivera trabalhando (2:13 – 3:21). A atividade de Jesus batizando pressupõe pregação. Sua relação com o batismo parece que foi apenas supervisora (cons. 4:2; I Co. 1:14). **Enom** e **Salim** não foram positivamente identificados mas pensa-se atualmente que ficassem algumas poucas milhas a leste do Monte Gerizim, em vez de ao sul de Bete-Seã no alto do Vale do Jordão. **Concorria.** As pessoas que estavam interessadas na mensagem de João, de um modo geral. A prisão de João, observa-se aqui, era algo familiar aos leitores, uma vez que foi transmitida em todos os Evangelhos Sinóticos.

**25, 26.** Os discípulos de João foram levados a discutir com alguns judeus (há muita evidência para que se leia aqui *um judeu*) sobre a questão da purificação. O escritor não nos conta se era a purificação de modo geral, tal como praticada pelos judeus, ou se era o batismo praticado por João e Jesus em contraste dessas purificações, ou se eram os batismo de João e Jesus, um em contraste do outro. Talvez o último seja o mais aceitável, em vista da seqüência. **Foram ter.** Provavelmente os discípulos de João. **Ele.** Deixar de mencionar Jesus mais definidamente parece que foi uma estudada depreciação. Os discípulos de João estavam preocupados com a posição em declínio do seu líder. Agora, as multidões seguiam Jesus.

**27-30.** O Batista deplorou qualquer pensamento de rivalidade entre ele e Jesus. Seu lugar, o qual lhe fora dado por Deus (**do céu... dada**) não era o de Cristo, mas o do precursor (v. 28). Sua posição não era a do Esposo, o qual atrairia a si o povo de Deus. Isto estava reservado para

outro. Antes, ele era o **amigo do Esposo**. Tal homem tinha a função de medianeiro nos arranjos do casamento. Sua **alegria** era vicária participação da felicidade do noivo ao se formar uma nova família. O trabalho de João fora feito apresentando o trabalho de Jesus. Ele só podia batizar com água, não com o Espírito. Ele podia anunciar a vinda do reino, mas não entrar nele. Sua causa tinha de enfraquecer pela ordem natural das coisas, conforme a de Jesus se desenvolvesse (v. 30). Era o plano de Deus. E assim Jesus, além de ser superior ao Judaísmo, era também superior ao movimento que se centralizou em João (cons. Atos 19:1-3).

### **6) As Credenciais de Cristo. 3:31-36.**

Aqui o Evangelista reflete as características de Jesus, especialmente aquelas que o destacavam do Batista. Ele tinha origem celestial, o que o colocava acima das coisas mortais e terrenas (cons. 3:13). Ele dá seu testemunho daquilo que vê e ouve, um testemunho de coisas celestiais (cons. 16:13). Só os homens regenerados, os nascidos do Espírito, podem apreciar o seu testemunho (Nicodemos estava no fundo da cena dos pensamentos de João aqui). Aqueles que aceitam o seu testemunho não precisam de outra autenticação (cons. I Jo. 5:10). Cristo declara as palavras de Deus (Jo. 3:34) como testemunha fiel. A plenitude de tais palavras, como também a sua exatidão, estão garantidas pelo imensurável dom do Espírito que lhe foi concedido. O original sugere que por meio dEle o mesmo Espírito é dado aos outros sem medida (cons. 1:33). Mais ainda, o Cristo é o especial objeto do amor de Deus e é o guardião das riquezas divinas (cons. 16:15; Mt. 11:27). Ele é a pedra de toque da vida eterna ou da ira que permanece (Jo. 3:36).

## **João 4**

### **E. Missão na Samaria. 4:1-42.**

Samaria, um território que os judeus evitavam se possível, tornou-se o cenário de um triunfo espiritual: um poço, uma mulher, um

testemunho, a colheita dos samaritanos que creram. Tanto o samaritanismo quanto o judaísmo precisavam do corretivo de Cristo; precisavam ser substituídos pela vida do novo nascimento.

**1-4.** A crescente popularidade de Jesus, que excedia a de João, começou a alcançar os ouvidos dos fariseus. Para evitar problemas com eles nessa ocasião, Jesus determinou deixar a área e ir para a Galiléia. Ali fez a maior parte de seu trabalho, de acordo com o registro dos Sinóticos.

**Era-lhe necessário atravessar a província de Samaria.** Em João, essa palavra costuma apontar uma necessidade divina, e pode ser o caso aqui, indicando a necessidade de lidar com os samaritanos, abrindo-lhes as portas da vida. Além disso, há a necessidade mais evidente de alcançar a Galiléia através de uma rota mais reta.

**5, 6. Sicar** (muito provavelmente Siquém) ficava algumas poucas milhas a sudeste da cidade de Samaria e bastante perto do Monte Gerizim, como também do terreno que Jacó deu a José (Gn. 48:22). Jacó lhe deixou também um poço por herança (Jo. 4:6). Diz-se que tinha cerca de 26 m de profundidade. Aqui, Jesus, cansado da viagem e por causa do calor do meio-dia (**hora sexta**), parou para descansar.

**7-10. Uma mulher samaritana.** Nenhuma referência à cidade de Samaria, que ficava muito distante, mas ao território dos samaritanos. Ela vinha equipada para **tirar água**. Considerando que a aldeia de Sicar tinha água, é possível que a caminhada solitária da mulher ao poço de Jacó indique uma espécie de ostracismo imposto pelas outras mulheres da comunidade (cons. 4:18).

Jesus interrompeu o silêncio pedindo água para beber. Era um pedido natural à vista do seu cansaço. É um lembrete pungente da humanidade de nosso Senhor. Atendido ou não (a última alternativa parece a mais provável), o pedido introduziu a conversa. A partida dos discípulos foi providencial, pois a mulher não teria conversado com Jesus na presença deles. Duas coisas deixaram a mulher admirada: que Jesus fizesse tal pedido a uma mulher, pois os rabis evitavam qualquer



contato com mulheres em público; e particularmente que ele falasse assim com alguém que era samaritano. Para explicar sua admiração, o escritor acrescenta a observação de que os judeus não se associavam aos samaritanos. Isto não pode ser aceito em sentido absoluto, pois foi refutado pelo versículo 8. Mostra a indisposição que havia entre os dois grupos de pessoas. Os judeus desprezavam os samaritanos porque eram um povo de sangue e religião misturados, apesar de possuírem o Pentateuco e professarem adorar o Deus de Israel.

Um significado mais restrito foi proposto para as palavras da mulher "os judeus não usam os mesmos vasos que os samaritanos". Isto se aplica bem à situação (D. Daube, *The New Testament and Rabbinic Judaism*, pág. 375-382). Respondendo, Jesus afastou-se de sua própria necessidade, sugerindo que a mulher tinha uma necessidade mais profunda, que alguém podia atender por meio do **dom de Deus**. Alguns o explicam em termos pessoais, referindo-se ao próprio Cristo (3:16), mas provavelmente seria melhor que o tornássemos equivalente à **água viva**. João 7:37-39 é o melhor comentário (cons. Ap. 21:6).

**11, 12.** Pensando no poço que estava diante dele, a mulher ficou perplexa. Jesus não tinha nenhum utensílio para tirar água e o poço era fundo. No fundo estava a **água viva** (corrente) alimentada por uma fonte. Este rabi estaria pretendendo evocar o que Jacó só conseguira com árduo trabalho? Ele realmente seria maior se o conseguisse.

**13-15.** A água do poço tinha de ser consumida ininterruptamente, mas a água que Cristo fornece satisfaz de modo que a pessoa **nunca mais terá sede**. É assim que a **vida eterna** refrigera. Pode-se estabelecer um paralelo com os repetidos sacrifícios da antiga aliança e o sacrifício do Cordeiro de Deus oferecido uma vez para sempre. Ainda não compreendendo, mas já receptiva, a mulher pediu essa água, para que a sua vida ficasse mais fácil (4:15).

**16-18.** Antes da mulher poder receber o dom da água viva, tinha de compreender o quão desesperadamente precisava dela. O dom era para a vida interior, a qual, no caso dela, estava realmente vazia.

**Teu marido... não tenho marido... cinco maridos... não é teu marido.** A melancólica história de sua vida conjugal foi descoberta pelo poder de penetração de Jesus e por sua própria confissão. É provável que o divórcio entrou em pelo menos algum desses cinco relacionamentos que precederam o "status" final ilegítimo. Moralmente, a mulher estivera descendo há algum tempo.

**19, 20.** Para a mulher, Jesus era em primeiro lugar um judeu, depois alguém merecedor do título **Senhor**, e agora um **profeta**. Ele penetrara em sua alma. A referência à adoração no Monte Gerizim, instituída para competir com a dos judeus em Jerusalém, pode ter sido uma tática diversiva, mas é mais provável que fosse uma indicação da fome de um coração em conhecer o caminho para Deus.

**21-24. A hora vem.** Na nova ordem que Cristo veio inaugurar, o lugar da adoração subordina-se à Pessoa. O que importa é que os homens adorem o **Pai**, a quem o Filho veio declarar. Usando o pronome **vós**, Jesus talvez antecipasse a conversão dos samaritanos. A adoração dos samaritanos era coisa confusa (cons. II Reis 17:33).

**A salvação vem dos judeus**, no sentido em que uma revelação especial lhes fora dada quanto à maneira certa de se aproximarem de Deus; e o próprio Jesus, como o Salvador, veio desse povo (Rm. 9:5). **A hora, e já chegou.** Mesmo antes da nova dispensação ser inaugurada em seu caráter universal, os verdadeiros adoradores têm o privilégio de adorarem Deus Pai **em espírito e verdade**. Espírito parece uma alusão a Jerusalém e sua adoração em termos da letra (Lei), enquanto que **verdade** faz contraste à adoração inadequada e falsa dos samaritanos. O novo tipo de adoração é imperativo porque Deus é **Espírito** (não *um* Espírito).

**25, 26.** A alusão que a mulher fez ao Messias foi provavelmente com base em Dt. 18:15-18, que era aceito como Escritura pelos samaritanos. Sendo o profeta por excelência, o Messias seria capaz de anunciar tudo. Essa melancólica projeção para o futuro foi desnecessária. **Eu o sou, eu que falo contigo.** Seria perigoso para Jesus anunciar-se

desse modo entre judeus, onde as idéias sobre o messiado eram politicamente coloridas. Aqui, ao que parece, ele se julgava seguro. A semente estava plantada, e na hora exata, pois a conversa terminou com a chegada dos discípulos.

**27-30.** Os discípulos ficaram admirados ao ver que Jesus contrariava a convenção social falando com uma mulher (veja v. 9). Mas o respeito por seu mestre evitou que o interrogassem abertamente. Desimpedida do seu **cântaro**, a mulher retirou-se a toda pressa para a cidade, como prova do seu propósito de retornar, pois estava determinada a obter a água viva daquele momento em diante. Ela fez mais do que Jesus pediu, e não foi ter com um só homem, mas aos homens da cidade com a notícia de sua maravilhosa experiência. Ela não tinha a presunção de ensiná-los, mas colocou um pensamento em suas mentes, por meio de uma pergunta tentadora: Será que esse não é o Cristo? Os homens ficaram suficientemente impressionados para irem com ela ao poço.

**31-38.** Enquanto isso os discípulos insistiam com Jesus para que comesse, mas ele declinou dizendo que tinha um alimento que eles desconheciam. Este, ele explicou, era fazer **a vontade** de Deus (v. 34). Ele a fizera na ausência deles, e a fizera à luz da cruz, onde concluiria a obra que lhe fora confiada por Deus (cons. 17:4; 19:30). Seu ministério era tanto semear como colher.

**Quatro meses até à ceifa** talvez fosse a espera normal no reino natural, mas levantando seus olhos os discípulos veriam terras que já branquejam (os samaritanos que se aproximavam), resultado de sua sementeira (4:35). No trabalho espiritual, o **semeador** e o **ceifeiro** costumam ser pessoas diferentes, que juntas se regozijam pelo que seus esforços combinados realizaram (vs. 36, 37). Aqui em Samaria e em muitas outras situações, os discípulos, embora não fossem os semeadores, seriam os colhedores. **Outros** talvez incluía Jesus e a mulher de Samaria. Num certo sentido até Moisés pode aqui ser incluído, sendo

humanamente responsável por implantar a semente da expectativa messiânica no coração da mulher.

**39-42.** Aqui somos informados do fruto que Cristo e a mulher puderam colher, como semeador e colhedor. **Muitos** creram no Senhor por causa do testemunho da mulher. Isso provocou um convite para que ficasse no meio deles, no que Cristo consentiu por **dois dias**. Durante esses dias, outros que teriam ouvido o testemunho da mulher e se inclinariam a crer em Jesus, tomaram-se crente em pleno desenvolvimento por causa do que receberam através da **sua palavra**, isto é, dos lábios de Jesus (v. 42). **Salvador do mundo** – uma grata confissão, uma vez que significava que tanto samaritanos como judeus poderiam ser salvos.

#### **F. A Cura do Filho do Nobre. 4:43-54**

Este incidente é o único parágrafo do ministério narrado por João que relaciona com esta visita de Jesus à Galiléia. O rapaz, doente em Cafarnaum, foi curado pela palavra de Jesus, quando este se encontrava em Caná, a milhas de distância.

**43-45.** O significado de **sua própria terra** tem sido discutido. Possivelmente a solução mais fácil é que o escritor esteja se referindo à Galiléia como um todo. Uma falta de respeito era de se esperar ali, em contraste com a crescente popularidade que lhe foi concedida na Judéia (3:26; 4:1). O fato de que os galileus que estiveram em Jerusalém e viram os seus milagres ali estivessem prontos a aceitá-lo, não os colocava na classe de crentes permanentes e verdadeiros (cons. 2:23-25; 4:48). Finalmente, os galileus o desertariam (6:66).

Enquanto estava em Caná, Jesus recebeu a visita de um oficial do rei (*basilikos*, indicando uma figura real, ou de alguém a serviço do rei). A esperança que o pai tinha de conseguir que Jesus curasse o seu filho parece que se baseava no contato com os galileus que viram os milagres de nosso Senhor em Jerusalém (4:47; cons. v. 45). Tendo viajado de Cafarnaum a Caná, o pai fez um pedido urgente e repetido (*êrôta*) para

que Jesus descesse e curasse o rapaz. Jesus expressou o temor de que o pai como muitos outros, estivesse tão preocupado com as notícias dos milagres realizados que não seria capaz de crer. Mais importante do que a saúde do rapaz era a fé do pai. A resposta do pai exala o desespero da necessidade (cons. Mc. 9:22-24). Jesus provou-se digno da fé e também simpático aos sentimentos do suplicante – **Vai ... teu filho vive.** Sua fé desenvolveu-se rapidamente, o homem creu **na palavra** de Cristo sem qualquer sinal visível, e seguiu o seu caminho satisfeito.

**51-54.** Os servos do nobre, vigiavam ansiosamente o filho do seu senhor na ausência deste, quando notaram a mudança drástica em suas condições e saíram ao encontro do pai com as boas novas. O próprio nobre, já tranqüilo em sua fé, estava agora interessado em saber quando ocorrera a mudança. Quando comparou o tempo da ausência da febre com o momento de sua entrevista com Jesus, ficou sabendo que a cura não fora acidental. **Creu ele.** Sua fé foi confirmada pela experiência. Sua fé contaminou toda a sua casa (v. 53). No primeiro milagre em Caná, os discípulos creram. O **segundo** milagre realizado no mesmo local resultou em um círculo de fé mais largo.

## João 5

### G. A Cura do Homem Aleijado. 5:1-16.

Tanto a ocasião como o lugar deste milagre tem sido muito discutido. Se essa festa dos judeus era a Páscoa, então quatro dessas festas foram mencionadas em João, fazendo o ministério estender-se aproximadamente de três anos e meio a quatro, desde que João as cita todas (as outras são 2:23; 6:4; 11:55). Uma vez que as melhores autoridades em manuscritos deixam de colocar o artigo definido, provavelmente a festa era alguma outra e não a Páscoa. O lugar do milagre já pode ser identificado atualmente, com alguma confiança, devido a escavação, em 1888, de um tanque igual ao descrito por João, localizado a nordeste de Jerusalém, perto da Igreja de Santana. As

diversas variantes do nome do tanque nos manuscritos são desnorteadas. Betezata parece autêntico. Provavelmente significa "Casa das Oliveiras".

**2-4.** Os cinco alpendres ou varandas, agora descobertos, abrigavam um grande número de doentes, alguns **cegos**, outros **coxos**, outros *ressecados*, isto é, **paralíticos**. Estavam ali com esperança de serem curados quando a água se mexesse. Embora nossos manuscritos tradicionais não considerem o final do versículo 3 e todo o versículo 4 como parte do original texto de João, esta porção se refere a uma tradição antiga. J. Rendel Harris encontrou, em diversos lugares do Oriente, evidências de uma superstição no sentido de que, no Ano Novo, esperava-se um anjo que agitava as águas de certas localidades, capacitando uma pessoa a obter a cura se fosse a primeira a entrar na água depois desse movimento. Com base nisso considerou a festa mencionada neste capítulo como sendo a do Ano Novo (também Westcott. Veja J. Rendel Harris, *Side Lights on New Testament Research*, págs. 36-69). As ruínas da Igreja de Santana incluem a figura de um anjo, comprovando esta crença e o costume de se buscar a cura nessas circunstâncias especiais.

**5-7.** Nada há que indique a natureza exata do mal que tomara conta deste homem doente por tantos anos, exceto que não podia movimentar-se sem ajuda. Não nos parece que ele tenha ficado ali todo esse tempo. Antes, era trazido quando o movimento da água era esperado. Jesus, **sabendo**. Uma vez que nada se diz sobre a transmissão de informações pelos outros concluímos que aqui, tal como no caso de Natanael e da mulher de Sanaria, Jesus discerniu o verdadeiro estado de coisas por meio de seu próprio poder de percepção.

**Queres ser curado?** Neste caso Jesus tomou a iniciativa. A pergunta não era inútil, pois muitas pessoas cronicamente inválidas não têm esperanças de cura. Outras usam sua enfermidade como meio de despertar simpatia, não desejando realmente serem curadas. Este homem doente queria ser curado, mas não tinha os meios (v. 7). 8, 9. Três ordens

dadas por Jesus envolvem a comunicação da força. A cura foi instantânea. **Leito.** Colchão ou esteira.

**10-13.** Rapidamente a cura tornou-se assunto de discussão, porque fora realizada no sábado. **Os judeus.** Neste caso, não o povo comum, mas seus líderes (cons. 1:19). Parece que viram o homem caminhando pelas ruas a caminho de sua casa, carregando sua esteira. Isso violava o descanso do sábado (Jr. 17:21). Na sua confusão, o homem já curado só podia explicar que o seu benfeitor mandara que assim fizesse (Jo. 5:11). Não era capaz de identificar quem o curara, pois não lhe perguntara o nome, e agora parecia impossível descobrir, pois Jesus já abandonara o cenário.

**14-16.** Não sendo culpado de violação intencional da Lei, o homem curado recebeu permissão de seguir o seu caminho. Mais tarde foi ao Templo para dar graças por sua cura. Ali Jesus o encontrou e o advertiu.

**Não peques mais, para que não te suceda coisa pior.** A cura física nas mãos de Jesus pode incluir perdão de pecados (cons. Mc. 2:9-12). Esse perdão não deve ser aceito levianamente. A **coisa pior** fica indefinida, e a advertência torna-se mais atuante por causa disso. Retornando aos judeus, o homem identificou Jesus como sendo a pessoa que o curou, provavelmente não porque estivesse ofendido com a advertência de Jesus, mas porque sentia-se na obrigação, como membro da comunidade, de fornecer uma informação procurada pelas autoridades. Isso levou os líderes a perseguirem Jesus. Para eles estava claro que transgredira a lei. Violara o sábado. **Estas coisas** não está definido. O verbo é "ele estava fazendo", sugerindo que havia ainda outros agravos. As palavras procuravam matá-lo carecem de suficientes provas documentadas.

## **H. A Auto-defesa de Jesus. 5:17-47.**

O discurso abaixo trata da autoridade de Jesus, a qual ele estabelece em seu relacionamento especial com o Pai.

**17, 18.** Já que o trabalho era motivo de discórdia, Jesus aponta para Deus como exemplo de trabalhador constante. Embora o Pai descansasse de sua atividade criadora (Gn. 2:2), ele tem de trabalhar para sustentar o universo. Ele também tem de trabalhar para introduzir a nova criação. O significado parece ser que durante todo o tempo em que o Pai esteve trabalhando, o Filho também esteve. Era uma declaração maior do que afirmar que o Pai esteve trabalhando e que agora o Filho assumia a responsabilidade. Os judeus notaram a implicação. Jesus declarava que Deus era o Seu Pai, proclamando assim sua igualdade com Deus. Era pior do que trabalhar no sábado. Tal blasfêmia exigia morte (cons. Jo. 7:30).

**19, 20.** Este discurso continuou sem aparente interrupção da parte dos judeus. Não havia nenhuma arrogância às declarações de Jesus que eram equilibradas por uma completa dependência e subordinação ao Pai. Isto é a verdadeira filiação, salienta Jesus, aprender do Pai e reproduzir o que foi visto (v. 19). A percepção do Filho é ampliada pela revelação que o Pai lhe dá do significado de **tudo** o que o Pai faz. Para demonstrar a realidade do relacionamento entre os dois, **maiores obras do que estas** (a cura do aleijado e sinais semelhantes) serão realizadas.

**21-24.** Uma dessas maiores obras é a ressurreição dos mortos (v. 21). Sem sombra de dúvida é uma obra tão criativa quanto a original transmissão de vida. Se o Filho tem o poder de ressuscitar a quem Ele quer, participa do poder do Pai.

**O juízo** é uma pequena esfera na qual se manifesta a autoridade divina. Essa função foi transferida para o Filho. Observe que a ressurreição e o juízo são funções escatológicas intimamente relacionadas, das quais o ministério de Cristo apresentou relances, como por exemplo a ressurreição de Lázaro e o juízo de Satanás (16:11). Por trás dessa participação de autoridade está o plano de que o Filho receberá honras iguais ao Pai. Recusá-lo é desonrar o Pai (5:23). Os dois temas: 1) vida que vem da morte e 2) o juízo, são agora reunidas (v. 24); mas aqui a ressurreição é espiritual, não física, isto é, participação da **vida eterna**.



É preciso que se creia nAquele que enviou o Filho, não no sentido de ignorar o Filho, mas percebendo-se que a fé no Pai e no Filho são indivisíveis.

**25-30.** Jesus expande o seu poder para produzir reavivamento espiritual (vs. 25, 26). Essa obra pertence ao futuro, Ele diz, mas também **já chegou** está sendo efetuada (observe contraste com o v. 28).

**Os mortos**, neste caso, não são os que estão nas sepulturas, como no versículo 28, mas os mortos no pecado. Seu reavivamento vem por meio da **voz do Filho de Deus** (cons. v. 24 – **quem ouve a minha palavra**; 6:60; 18:38). Em nada o Filho é independente do **Pai**, nem mesmo na questão fundamental da **vida** propriamente dita (5:26). Novamente Cristo apresenta sua autoridade de juízo (v. 27).

**Filho do homem** está sendo usado aqui como em Dn. 7:13, em relação ao juízo e domínio. É um termo escatológico técnico, indicando mais do que humanidade, mas incluindo-a. Como o Senhor da ressurreição, Jesus convocará todos das sepulturas (cons. Atos 24:15). À vista de Ap. 20:4, 5, temos de pensar em um intervalo de tempo entre essas duas fases da ressurreição. Fazer o **bem** inclui ter fé no Filho de Deus, assim como fazer o **mal** inclui a rejeição do Filho e suas declarações.

**Juízo.** (*Condenação* na ERC.) O versículo seguinte (Jo. 5:30) é transicional, retendo a menção de juízo do contexto recente e antecipando, pelo uso da primeira pessoa do pronome, o material que vem a seguir. O Filho somente tem este relacionamento especial com o Pai.

**31-40.** Nesta passagem o tema predominante é o testemunho. Se Jesus desse testemunho de si mesmo, Ele diz, isoladamente ao testemunho do Pai, seria falto porque incompleto e sem garantia. Ele não esperaria ser aceito pelos judeus. Mas o seu testemunho realmente não é desse tipo (cons. 8:18). Outro presta testemunho, o próprio Pai. Infelizmente os judeus não reconheceram o testemunho do Pai (cons. 7:28; 8:19), e portanto ficaram incapacitados de reconhecer o apoio que

Ele dava às declarações de Jesus (5:32). Uma segunda testemunha foi João Batista, que foi procurado pelos próprios judeus por causa do seu testemunho (1:26; 3:26). Este testemunho estava de acordo com a **verdade**, como a descida do Espírito sobre Jesus comprovou. Por mais útil que tal testemunha possa ter sido, levando outros a avaliarem-no corretamente, Jesus não contou com ela como sendo necessária para tomar consciência de sua pessoa e missão (5:34).

Mas a palavra de João, reconhecida por Jesus, tinha a intenção de ajudar aquelas pessoas a serem salvas, Jesus caracteriza João aqui como **a lâmpada que ardia e alumiava**. Ardendo, ele gradualmente se desvaneceu (3:30), mas iluminado, ele capacitou os homens a verem a sua necessidade de uma Luz maior (cons. 1:8). Como tal, seu testemunho permaneceu depois dele. **Por algum tempo**. A popularidade de João não durou muito. Uma terceira testemunha de Jesus encontra-se em suas obras, as quais o Pai lhe deu para realizar a fim de que autenticassem sua divina missão (v. 36). **Realizasse**. Nada experimental ou incompleto. As obras prepararam o caminho para a obra, que agora sabemos foi realizada no Calvário e a qual não necessita de correção.

Como parte da testemunha mais importante, nosso Senhor inclui o testemunho do Pai contido nas Escrituras (5:37-40). Este Ele distingue claramente do testemunho imediato que o Pai deu dEle (v. 32). A inacessibilidade de Deus, devido a sua espiritualidade (v. 37) foi sobrepujada em considerável degrau por meio da revelação dEle mesmo nas Escrituras do V.T. Mas essa **palavra** não se enraizara nos ouvintes de Jesus. A prova permanece no fato de que não receberam aquele de quem a Palavra fala (5:38).

**Examinais** tanto pode ser indicativo como imperativo, neste exemplo, mas o sentido da passagem favorece o indicativo. Os judeus tinham o hábito de examinar **as Escrituras** porque reconheciam que elas continham o segredo da **vida eterna**. Conhecimento da Lei era o alvo da piedade judia; assim, a Palavra escrita tendia a se tornar um fim em si mesma. Mas as Escrituras testificam de *uma pessoa*! A tragédia era que

aquela mesma Pessoa estava agora presente, e os homens religiosos não vinham a ela buscar a vida que buscaram em vão na letra da Palavra (v. 40).

**41-47.** Jesus não queria que os homens cressem nEle simplesmente para que Ele recebesse a **glória** (v. 41). A palavra grega é *doxa*, freqüentemente traduzida **glória**. O motivo básico para a falta de reação diante dEle e Suas declarações era a falta de reação diante de Deus. Eles careciam do **amor de Deus**, isto é, amor a Deus. Considerando que Jesus viera em nome do Pai, essa falta de amor a Deus tornava impossível que vissem que Ele e o Pai eram um, e que O recebessem. Se alguém viesse **em seu próprio nome**, não repousando, como Jesus, na autoridade do Pai, ele teria pronta resposta (v. 43). Isto provavelmente não foi dito com a intenção de profetizar a vinda de alguma figura, mas foi dito para apontar um princípio envolvendo a natureza pecadora do homem. Os judeus eram culpados de buscar honra e **glória** de uns e outros (cons. 12:43), e não de Deus, que é a única fonte de reconhecimento verdadeiro e permanente. A missão de Jesus não foi de acusar e julgar. Isto era desnecessário de qualquer forma no caso de seus ouvintes, porque um acusador existia em Moisés. Os judeus puseram confiança sem limites no que Moisés escrevera (v. 45), mas no ponto principal eles não criam de maneira nenhuma, pois falharam em receber os avisos proféticos de Moisés referentes a Cristo. Aqui devemos pensar não simplesmente em passagens individuais, tais como Dt. 18:15-18, mas da própria imperfeição da revelação sem Aquele que vinha, e da condenação da Lei, que exigia um Salvador. A revelação escrita e a revelação pessoal são basicamente a mesma coisa (v. 47).

## João 6

### I. Alimentando os Cinco Mil e o Sermão sobre o Pão da Vida. 6:1-71.

Alguns mestres, advogando que os capítulos 5 e 6 foram trocados, apontam certas vantagens em colocá-los na posição anterior. Mas falta

de evidências documentárias para tanto formam barreira formidável para aceitarmos esse ponto de vista. O milagre diante de nós é apenas um "sinal" registrado em todos os quatro Evangelhos. Marcos e Lucas contam que Jesus estava ensinando a multidão antes do milagre, mas só João registra o sermão que Jesus pronunciou no dia seguinte.

**1-4.** O outro lado do mar, neste caso, é a praia oriental. Outro nome para esse corpo de água é Lago de Genesaré (Lc. 5:1). Atraída pelos milagres de Jesus, uma grande multidão o seguia pela praia setentrional. Isso pressupõe um ministério de certa duração, talvez diversos meses, no setor da Galiléia, depois dos acontecimentos do capítulo 5 localizados em Jerusalém. **Ao monte.** As terras altas. A menção da proximidade da Páscoa é significativa. Uma vez que João não registra a instituição da Ceia do Senhor como parte de sua narrativa dos acontecimentos da Semana da Paixão, provavelmente ele está chamando a atenção do leitor para a realização do milagre e o discurso sobre a ordenança central da fé cristã.

**5-7.** A cidade mais próxima era Betsaida. Seria difícil para o povo obter pão, devido à distância e a hora tardia. Jesus chegou à conclusão que ele e o seu grupo deviam fornecer o necessário (v. 5). Aconselhou-se com Filipe sobre as possibilidades, já sabendo o que faria, mas desejando **experimentar** a fé do discípulo. Filipe era natural de Betsaida (1:44). **Duzentos denários de pão**, calculou o apóstolo, não seriam suficientes. Um denário valia cerca de vinte centavos e era o que se costumava pagar a um trabalhador por dia. Um trabalhador com uma família de cinco membros provavelmente gastava metade do ganho diário em alimento. Supondo que a família tivesse três refeições por dia, podemos concluir que meio denário lhes forneceria o alimento de um dia ou quinze refeições. Um denário inteiro forneceria a ração para dois dias ou trinta refeições. Duzentos denários forneceriam uma refeição para cerca de 6.000 pessoas. Nessa multidão só os homens eram cerca de 5.000 (6:10).

**8, 9.** Não foi necessário exaurir a tesouraria, nem causar demora importuna procurando comprar alimento. André aproximou-se

informando sobre **um rapaz**. A palavra grega usada indica uma faixa etária larga. Pode indicar também um escravo, mas seria pouco provável. Os pães eram pouco maiores que pãezinhos de lanche. O suprimento parecia tristemente pequeno para a necessidade.

**10, 11.** Havia necessidade de ordem para a grande operação em vista. Segundo as ordens de Jesus, dadas através dos discípulos, o povo assentou-se. A menção da relva indica a primavera (cons. v. 4). Assim o povo ficou melhor acomodado. Depois Jesus agradeceu a provisão. (Teria dado graças também pela generosidade do rapaz?). Logo a seguir, distribuiu o alimento aos discípulos, os quais por sua vez distribuíram-no entre a multidão. No processo da distribuição ocorreu o milagre. O povo saciou-se de pão e peixe, em contraste com a estimativa de Filipe "um pouco".

**12, 13.** A prodigalidade da distribuição foi complementada pela escassez de recipientes para se guardar as sobras. Os dons de Deus não devem ser desperdiçados. **Doze cestos** foram necessários para guardar os **pedaços**, e assim todos os discípulos estiveram ocupados.

**14, 15.** Não havia dúvida de que um sinal fora realizado. O povo viu e ficou impressionado. Todos foram beneficiados. Viram que o seu benfeitor não era um homem comum, e concluíram que ele devia ser o **profeta** esperado (Dt. 18:18). Aqui, como em João 4, o **profeta** parece ser identificado com o Messias, enquanto que em João 1:20, 21 os dois foram discriminados. Na mente do público provavelmente não havia uma linha dura e firme entre os dois representantes. O profeta se tornaria rei de qualquer maneira, se esta multidão pudesse fazer a sua vontade. Tal movimento expressaria imediatamente a sua gratidão pelo milagre e também garantia a canalização do poder de operar maravilhas de Jesus para as necessidades da nação, tanto econômicas como militares. A expectativa popular do Messias estava para ser expressada de maneira dramática. Mas aquele cujo reino não era deste mundo (18:36), percebendo a intenção, frustrou-a retirando-se.

**16-21.** O Senhor que atende à necessidade da multidão, atendeu agora à necessidade dos seus discípulos, que foram apanhados por uma tempestade noturna no lago, sem Jesus, mas ao que parece esperando que viesse ter com eles (v. 17), os discípulos dirigiram-se para Cafarnaum. À dificuldade da escuridão acrescentou-se o infortúnio de **um vento rijo que soprava** com ondas. Já tinham avançado cerca de vinte e cinco a trinta **estádios** da praia (cada **estádio** tinha cerca de 190 metros). Quando a situação estava se tomando mais desesperadora, Jesus se aproximou. Ao medo da tempestade acrescentou-se agora o medo da aparição. Mas a voz de Jesus, dizendo, **Sou eu. Não temais** desvaneceu seus temores. Receberam-no em seu barco e acharam-se imediatamente em terra. Os Sinóticos contam-nos que, nesta ocasião, Jesus andou sobre as águas. Seu poder miraculoso manifestou-se também na remoção da barreira da distância. A gravidade e o espaço, ambos estão sob o seu controle. João não acrescenta nenhuma interpretação à sua narrativa. A passagem é útil por si mesma, ensinando que apesar de forças que se opõem Jesus capacita o Seu povo a atingir os alvos que Ele estabelece diante deles, inclusive o próprio céu.

**22-25.** Estes versículos apresentam o cenário do discurso. Talvez fosse a tempestade que impediu o povo de abandonar a área do milagre da multiplicação dos pães, além da impressão de que Jesus ainda se encontrava por perto. O desejo de tê-lo como seu líder e provedor ainda era forte. Vendo que não partira com os Seus discípulos, ficaram perplexos quanto aos Seus movimentos. Quando uma busca pela área mostrou-se infrutífera, e chegaram barcos de Cafarnaum, a multidão decidiu entrar nos barcos e atravessar o lago na esperança de encontrá-lo do outro lado. **Quando... ?** (6:25) Jesus era um homem misterioso para eles.

**26-34.** Repreendidos pelo Senhor, as pessoas exigiram um sinal como base para crerem nEle. Mesmo tendo visto o milagre (cons. 6:14), Jesus acusou-as de não verem, isto é, de não enxergar além dos aspectos externos. Elas só viam a provisão do sustento material e sentiam-se

satisfeitas (v. 26). O ensinamento de Jesus aqui tinha duplo aspecto, pois ele contrastou o alimento que perece com o alimento que permanece **para a vida eterna**, e também colocou o trabalho em contraste com a dádiva (cons. Is. 55:1, 2). Mesmo o alimento que Jesus tinha providenciado do outro lado do lago era perecível. Mas Ele podia dar aquele que seria significativo para a vida eterna. Seu poder para fazê-lo descansava na autoridade de que Deus Pai o investira (*selou* com voz divina no batismo e concessão do Espírito). A advertência sobre o trabalho não foi inteiramente compreendida, pois o povo continuou perguntando o que devia **fazer para** executar as obras de Deus (v. 28), isto é, para executar obras aceitáveis diante dEle. Em resposta, o Senhor apontou a fé como sendo a obra maior e indispensável (v. 29). Isto lhes pareceu ser um requisito fora do comum. Afinal, muitos falaram em nome de Deus no passado e não exigiram que se tivesse fé neles, mas apenas naquele que os enviara. Por isso a multidão sentiu-se justificada em exigir um sinal especial para sustentar esta especial reivindicação. Para crer nEle, precisavam de algo parecido com fazer vir **pão do céu** (6:31), em contraste com o milagre do outro lado do lago.

Para evitar mal-entendidos, Jesus fê-los lembrar que não foi Moisés mas Deus que lhes dera pão no deserto, o qual também lhes garantia o pão do céu. Por **verdadeiro** devemos entender perfeito, aquele que atende às mais profundas necessidades do homem. Cristo identificou o pão como sendo **o que** (v. 33), alguém que já descera do céu para dar **vida ao mundo**. Mas uma identificação explícita com ele mesmo não foi feita na ocasião. O povo queria **desse pão**, mas parece que ainda pensava nele em termos materiais, tal como a mulher de Samaria pensava na água viva (v. 34).

**35-65.** Esta seção compreende o discurso propriamente dito, interrompido três vezes por perguntas e discussões.

**35.** Finalmente Jesus identificou-se como **o pão da vida**. Além dEle ter vida em Si mesmo, pode também transmiti-la aos outros. Mas esse pão não é algo externo, algo separado dEle. É preciso ir a Ele, que é o

equivalente a crer nEle. Aqueles que vêm, terão a fome espiritual banida para sempre. Comer e beber ocorre junto aqui, talvez em antecipação ao versículo 53. Ninguém precisa se afastar de Cristo para qualquer outra satisfação.

**36.** Ver não resultou em crer (cons. 6:30). "Ele mesmo era o sinal que os judeus não conseguiam compreender. Nenhum outro mais convincente podia ser fornecido" (B.F. Westcott, *The Gospel According to John*).

**37.** Mesmo assim, o Filho não desanimou, pois **todo aquele** que o **Pai** Lhe desse viria, e vindo encontraria nEle não o espírito da rejeição mas antes de boas vindas.

**38.** Essa recepção era inevitável, pois a vontade do Pai era o deleite do Filho.

**39, 40.** Essa vontade não se limitava à chamada mas se estendia também à preservação daqueles que foram dados a Cristo (cons. 17:12). A reunião do **último dia** desafiará o poder da morte.

**41,42.** A ofensa da humanidade do Nazareno cegou seus ouvintes. Eles sabiam demais a respeito dEle, inclusive quem eram Seus supostos pais, para aceitarem a conclusão de que Ele **desceu do céu** (cons. Mc. 6:2, 3).

**43, 44.** Aqueles que murmuravam (como seus pais no deserto) diante da alta reivindicação do Filho do homem provaram que não sabiam o que era ser trazido pelo Pai. Sem essa aproximação, uma inclinação do coração induzida por Deus, ninguém pode vir a Cristo. Ninguém pode depender de seu próprio entendimento.

**45.** A aproximação é mais devido ao ensinamento do que por meio de algum processo místico. Aqui Cristo citou Is. 54:13. Se **todos** for enfatizado, fica removido qualquer elemento de restrição que possa parecer escondido na idéia de aproximação conforme declarado em Jo. 6:44.



**46.** Mas conhecimento imediato de Deus só pode vir por meio de Alguém que tenha **visto** o Pai. Essa é a proclamação principal do Evangelho (cons. 1:18).

**47, 48.** Verdades apresentadas anteriormente são novamente enfatizadas.

**49-51.** Os judeus exigiram que Jesus trouxesse pão do céu. Qual o resultado permanente que resultaria? Os pais que comeram o maná estavam mortos, mas aqueles que participaram do pão que é o Filho de Deus não morrerão (espiritualmente), pois a própria vida de Deus tornou-se deles. A **carne** de Jesus, sua verdadeira existência corpórea, seria dada pela vida do mundo. Isso apontava para a cruz.

**52-54.** Ainda pensando em termos materiais, os judeus discutiam entre si sobre a possibilidade de Jesus lhes dar a sua carne para comer (v. 52). Tornando o assunto ainda mais complicado, nosso Senhor indicou que o Seu sangue, além de Sua carne, devia ser aceito se alguém quisesse ter vida (v. 53). À vista da proibição do V.T. contra a ingestão de sangue (Lv. 7:26, 27), a ofensa contido nas palavras de Jesus deve ter aumentado. Essas palavras parecem antecipar o significado da Ceia do Senhor.

**55-58.** A seguinte citação resume melhor o pensamento: "O alimento e a bebida da Eucaristia são, fisicamente, o pão e o vinho, e espiritualmente, a Carne e o Sangue do Filho do homem: o verdadeiro alimento e a verdadeira bebida porque efetuam a sagrada união do Filho de Deus com aqueles que crêem nEle, comunicando assim a vida eterna e garantindo a imortalidade. A união do Pai com o Filho é, portanto, entendida enlaçando também os crentes. Assim como o Pai comunica vida ao Filho, assim o Filho comunica vida àqueles que se alimentam dEle, concedendo-lhes a imortalidade" (*Hoskyns*). Essa alimentação não precisa ser confinada à celebração da Eucaristia.

**59.** Em Cafarnaum escavou-se uma bela sinagoga, a qual tem um pote com maná como motivo de decoração. Embora essa estrutura seja

de um período posterior ao de Jesus, uma sinagoga provavelmente havia no mesmo local no tempo de Jesus.

**60-65.** Esta seção relaciona-se especialmente com a reação dos discípulos diante das palavras de Jesus. Devem ser considerados à parte dos "judeus" do contexto precedente e dos Doze nos versículos seguintes. Estes discípulos eram seguidores, mas sentiram, à vista desse ensinamento, que não podiam mais continuar.

O **duro discurso é este** se refere à necessidade de comer a carne de Cristo e beber seu sangue. Sua ascensão, que para os verdadeiros crentes confirmaria suas declarações, apenas aumentariam a ofensa para aqueles que não podiam aceitar a sua humanidade oferecida por eles na morte na cruz (v. 62). Até mesmo a **carne** de Cristo, declarada tão indispensável, de nada adiantaria a não ser que o Espírito a vivificasse para o crente. Suas próprias **palavras**, entretanto, participavam do caráter do espírito, isto é, davam vida. Elas salvariam, não independente da obra histórica da cruz, mas apontando para essa obra e interpretando-a. A própria resistência encontrada pelas suas palavras entre os discípulos supostos demonstrou que a sua fé era superficial. Jesus discernia não apenas a presença de la fe falsa; mas até a traição em potencial da parte de um dos seus seguidores.

**66-71.** O efeito do discurso sobre os Doze está sendo agora apresentado. Este foi o momento da separação para muitos dos que foram Seus discípulos (6:66). Sua partida provocou a pergunta de Jesus aos Doze quanto às intenções deles (v. 67). Pedro, como rocha, permaneceu firme. Sua confissão é semelhante à que foi registrada pelos Sinóticos em relação com o incidente em Cesaréia de Filipe (Mt. 16:16), mas em harmonia com o discurso enfatiza que Jesus tem **palavras da vida eterna** (cons. Jo. 6:63). Outros só viam as palavras. Pedro viu que proporcionavam o gozo da vida eterna, ainda que não entendesse no momento o significado da cruz. Havia outro no grupo que não podia falar, porque era um **diabo** (*diabolos*). O significado não é que fosse um instrumento de Satanás quando Cristo o escolheu, mas que se tornara tal.

Judas pertencia à multidão que partia, mas permaneceu. Ofendido porque Jesus recusou-se ser feito rei, conclusão à que chegamos quando estudamos a sua carreira mais de perto, um dia iria traí-lo, apesar de trair a confiança daqueles que confiaram nEle para conduzi-los à vitória messiânica.

## João 7

### J. Jesus na Festa dos Tabernáculos. 7:1-53.

Este capítulo é inteiramente Cristocêntrico no sentido de que Cristo é o assunto de muita discussão e motivo de diferentes reações como também o tema de auto-revelação de Jesus.

**1. Passadas estas cousas.** Parece que a referência foi aos acontecimentos do último capítulo. Apesar do afastamento de tantos antigos discípulos, Jesus achou mais seguro permanecer na Galiléia do que voltar para a Judéia, onde havia hostilidade declarada.

**2.** O período passado na Galiléia foi demarcado pela Páscoa e Festa dos Tabernáculos, um intervalo um pouquinho superior a seis meses. A julgar pelos Sinóticos, Jesus passou a maior parte desse tempo em lugares afastados dos caminhos, ensinando seus discípulos.

**3-9.** Com a aproximação desta festa outonal, que atraía judeus de toda parte para as alegres festividades, os irmãos de Jesus acharam que a ocasião era uma oportunidade capital para ele estender sua influência. Seus **discípulos** na Judéia, talvez incluindo muitos galileus que se sentiram ofendidos e esfriaram em sua atitude, poderiam ser reconquistados vendo suas **obras**. Os irmãos eram uma miniatura da massa da nação, não duvidando da veracidade das obras, mas não crendo nEle. Seu conselho era que, enquanto Jesus permanecia **oculto**, precisava ser conhecido pelo **mundo**. Substancialmente foi isso que Satanás tentou sugerir ao nosso Senhor na segunda tentação. O tempo de Jesus não tinha chegado ainda (em outra parte comumente chamado de "minha hora" – o tempo de sua manifestação na morte). Os irmãos não tinham tal direito espiritual de orientar seus movimentos. Eles não conheciam o ódio do

mundo, pois faziam parte dele. De outro lado, Jesus, sendo a verdade, tinha de testificar contra o mal que há no mundo. Ele não podia ir a Jerusalém só para ganhar popularidade. Se Ele fosse, seria para expor o pecado. **Por enquanto não subo.** A palavra *ainda* (ERC), está ausente em muitas fontes limpas, e foi provavelmente acrescentada por algum escriba para evitar contradição com o versículo 10. Jesus, com a sua recusa, quis dizer que não subiria nos termos sugeridos pelos seus irmãos. Iria na sua hora e à sua maneira, mas permaneceria na Galiléia por enquanto.

**10-13.** Quando ele subiu à festa, fê-lo discretamente, **em oculto**, sem chamar a atenção. Enquanto isso **os judeus** (os líderes) ficaram à procura dele entre a multidão, perguntando: "Onde está aquele homem?" O povo também discutia a respeito dEle, com algumas diferenças de opinião, oscilando entre o veredito de **é bom e engana o povo**. O medo dos judeus mantinha os comentários em voz baixa (7:13. cons. 9:22).

**14, 15. Em meio à festa**, isto é, no meio da semana das festividades, a qual terminava com uma reunião no oitavo dia (Lv. 23:36). Entrando no Templo, Jesus começou a ensinar. Os líderes ficaram atônitos diante de sua exposição, especialmente à vista do fato de **que ele não fora treinado nas escolas dos rabis** (contraste com Paulo, Atos 22:3).

**16-18.** Aparentemente era o conteúdo dos ensinamentos de Jesus e não a sua maneira ou dicção que causava o espanto. Em lugar de se vangloriar pela sua capacidade, Jesus explicava que os ensinamentos pertenciam Àquele que o enviara, remontando diretamente a Deus, em vez de admitir que devia a algum mestre humano, tal como os escribas costumavam fazer. Qualquer um que tinha o alvo moral de agradar a Deus (fazendo a Sua vontade) seria capaz de determinar se os ensinamentos de Jesus eram independentes ou eram fiel reprodução do divino. Tal pessoa perceberia que Jesus não estava buscando sua própria glória, mas a dAquele que o tinha enviado. Tal pessoa se sentiria atraída por Jesus.

**19-24.** Jesus acusou os judeus de fracasso no cumprimento da Lei. Não estavam fazendo a vontade de Deus nesse sentido. Como, então, poderiam aceitar Aquele a quem Deus tinha enviado? Suas intenções homicidas para com Ele eram por si mesmas violação do sexto mandamento. A multidão, ficando ao lado dos líderes sem conhecer seus desígnios, pensava que Jesus estivesse louco, atormentado por um demônio, imaginando que Sua vida estivesse em perigo (v. 20). O Senhor tinha de atingir as raízes da animosidade dos líderes. Aquele um só feito que Ele fizera em Jerusalém e que deixara todos maravilhados, mas que colocara os líderes contra Ele, foi a cura do homem aleijado, no sábado (cap. 5). O próprio Moisés, que os judeus respeitavam tanto, ordenou a circuncisão (embora a prática se originasse com os **patriarcas** e não com Moisés), de modo que ela tinha de ser realizada no oitavo dia (Lv. 12:3), mesmo se caísse no **sábado. Pelo motivo** (v. 22) não está bastante claro quanto à relação que tem com o assunto. Possivelmente aponta a seguinte linha de pensamento - que a circuncisão no sábado era aceitável e na realidade apontava para a obra que Jesus tinha realizado, uma vez que a restauração de um homem física e espiritualmente era até mais significativo do que a administração do sinal da aliança.

**25-27.** Aqui encontramos reflexões referentes a Jesus partindo de um grupo que deve ser outro que "a multidão" do versículo 20. Estes eram habitantes de Jerusalém que sabiam que a intenção dos líderes era matar Jesus. Mas o fato de Jesus falar **abertamente** fê-los especular se os líderes tinham invertido seu pensamento, concluindo que este homem era o Cristo (v. 26). Pensando melhor no problema, anulava esta possibilidade, pois a origem de Jesus o excluía de considerações (cons. 6:42). O Messias tinha de ser um homem misterioso – **ninguém saberá de onde ele é** (cons. Mt. 24:24-26).

**28-31.** Jesus garantiu, como ponto de partida, que Seus ouvintes o conheciam e sabiam donde Ele era (v. 28). Entretanto, mesmo no plano terreno, eles não estavam bem informados, ignorando o lugar onde nascera e presumivelmente também as circunstâncias por trás do seu

nascimento (cons. v. 52). Eles nada sabiam sobre o Seu ser divino, e assim revelavam sua ignorância sobre Deus que O enviara. Esta repreensão provocou uma exibição de descontentamento. Os homens de Jerusalém estavam prontos a agarrar Jesus, mas foram providencialmente impedidos de executarem seus desígnios (v. 30). **A sua hora** é uma referência ao tempo determinado por Deus para a sua morte. Alguns da multidão não queriam abandonar a possibilidade de que Jesus fosse o Cristo, Mas, aparentemente, criam nEle apenas com base nos **sinais** e portanto não eram diferentes dos ex-crentes que o foram só de nome (cons. 2:23-25).

**32-36.** Sempre alertas ao que o homem das ruas dizia, **os fariseus e os principais sacerdotes** (saduceus) enviaram guardas para prenderem Jesus. Eles apareceram novamente na detenção no jardim (18:3, 12). Formavam uma força policial judia para a área do templo. À luz deste desfecho, Jesus insistia que o seu **pouco de tempo** (cons. 16:16) não seria dirigido por ciladas humanas armadas contra Ele mas pela consumação de sua obra e a sua volta ao Pai (v. 33). Então as pessoas o buscariam em vão. O tempo de buscá-lo corretamente estava se esgotando. **Dispersão entre os gregos.** Provavelmente significa a dispersão dos judeus entre os gregos, tornando possível alcançar os próprios gregos nas sinagogas judias. Foi exatamente o que Jesus fez por meio de sua Igreja em tempo posterior; assim, a declaração foi inconscientemente profética (cons. 11:52).

**37-39. E no último dia... da festa.** Poderia ser o sétimo ou o oitavo dia. O oitavo era uma espécie de acessório da festa e também uma conclusão do ciclo de festas do ano. Se a referência que Jesus faz à **sede** está conscientemente ligada à prática dos sacerdotes de trazerem água em um cântaro de ouro, do tanque de Siloé, todos os dias, para derramá-la no altar, então o convite de Jesus teria significado especial no oitavo dia, quando, ao que parece, esta cerimônia era omitida. A sede na viagem pelo deserto fora satisfatoriamente suprida por Deus, mas ela voltava. Jesus oferecia satisfação espiritual duradoura (cons. 4:14).

Novamente o Judaísmo estava sendo exposto por ser inadequado, o pensamento avança; pois o crente em Jesus que encontra essa satisfação transforma-se por sua vez em um canal de bênçãos para os outros como condutor de **rios de água viva** (7:38).

Qualquer alusão ao próprio Cristo (cons. 19:34) é duvidosa. A **Escritura** não pode ser identificada. Algumas passagens possíveis são Êx. 17:6; Is. 44:3, 4; 58:11; Ez. 47:1-9; Zc. 14:8. Uma alternativa seria que João não se referia a nenhuma passagem em particular, mas a um consenso de diversas delas. A promessa de vida nova em abundância atribui-se aqui ao **Espírito**, que é dado a todos os que crêem. Mas nessa ocasião o Espírito não viera ainda no sentido célebre do pentecostes (cons. 14:26; 15:26; 16:7). **Glorificado**, isto é, alcançado o alvo de sua missão na morte, ressurreição e ascensão. É do Cristo glorificado que o Espírito é o mediador para os homens.

**40-44.** A exclamação em voz alta e a natureza das palavras de Jesus levaram muitos dos seus ouvintes a identificá-lo com o profeta que devia vir (Dt. 18:15; Jo. 1:21; 6:14). Outros estavam preparados a considerá-lo o Messias. Isto suscitou o problema de sua origem. Para atender aos requisitos das Escrituras, o Messias tinha de vir da semente de Davi e da cidade de Davi, Belém. O povo, em sua ignorância, achava que Jesus era simplesmente galileu. Aqueles que o tinham por fingido e falso estavam a favor de sua prisão, mas foram providencialmente retidos (7:44).

**45-49.** Os servidores que foram mandados a buscar Jesus (v. 32) voltaram agora de mãos vazias. Assim como os outros, eles só podiam explicar o seu fracasso com base no fato de que nenhum homem falava como Ele. Sentiram nEle algo sobrenatural e sentiram-se impotentes para desempenhar sua missão. A resposta dos fariseus era que esses homens deviam receber orientação dos seus superiores. Até então **os principais sacerdotes** (membros do Sinédrio) e os **fariseus** (que ensinavam o povo) mantinham sólida frente contra Ele. **Creu nele porventura alguém...?** Era verdade, mas não por muito tempo, uma vez que um deles estava

para se declarar a favor de Jesus, ou pelo menos para defendê-lo. Os fariseus procuravam explicar o interesse popular que Jesus despertava com base no fato de que o povo era ignorante da Lei e por isso era amaldiçoado (cons. Dt. 28:15). Fontes judias indicam que freqüentemente havia má vontade entre os fariseus e os *am hares*, ou povo da terra.

**50, 51.** Por mais que os fariseus conhecessem a Lei, não viviam de acordo com ela, conforme Nicodemos teve a coragem de denunciar. Eles procuraram prender um homem violando a Lei, a qual exigia que um homem fosse ouvido antes de ser preso desse modo (Dt. 1:16). Assim, os judeus não eram fiéis à sua própria Lei, na qual tanto se orgulhavam (cons. v. 19). Ignorando o desmascaramento feito por Nicodemos, os fariseus apelaram para o regionalismo, como já tinha acabado de apelar para o conceito de classe. Nicodemos tivera a coragem de defender um galileu, como se ele também fosse. O que a Galiléia tinha para oferecer? Não produzia nenhum profeta. Excluindo assim a Jesus das fileiras dos profetas, os fariseus revelaram sua própria ignorância, Pois Jonas pelo menos viera dessa região (II Reis 14:25)

## João 8

### **K. A Mulher Apanhada em Adultério. 8:1-11.**

Os melhores manuscritos são fortemente contra a genuinidade deste parágrafo (inclusive 7:53) e a linguagem não parece Joanina. Mas a história é verdadeira, logo encontrando lugar no texto do Quarto Evangelho.

**1.** Estando em Jerusalém, Jesus costumava acampar no **Monte das Oliveiras**.

**2.** Quando rapaz visitou o **Templo** para aprender (Lc. 2:46). Agora ia lá para ensinar, com o povo se "amontoando à sua volta.

**3.** A aula foi interrompida pela chegada dos **escribas e fariseus**, os quais conduziam uma mulher apanhada em adultério. Enfurecidos por causa do sucesso de Jesus e frustrados por sua incapacidade de se



livrarem dEle, esses líderes aproveitaram a oportunidade para embaraçá-  
LO diante do povo. Embaraçar também a mulher, colocando-a **no meio**.

5. Fazendo Jesus lembrar a exigência de se apedrejar o autor de tal ofensa (Dt. 22:23, 24), estes líderes quiseram saber qual o veredito dEle sobre o assunto. Eles o fizeram, tentando-o por meio de um dilema. Se Ele apoiasse a Lei, a qual aparentemente não estava sendo rigorosamente aplicada em tais casos, daria a impressão de não ter coração. Se advogasse a misericórdia, poderia ser proclamado como sendo demasiadamente clemente quanto à aplicação da Lei. Se os fariseus estivessem verdadeiramente preocupados com a guarda da Lei, teriam também trazido o outro ofensor.

6. É inútil especular quanto ao que Jesus escreveu. Nada ficou registrado na narrativa. Só o que o grupo ouviu Ele (v. 9) é importante.

7. **Sem pecado.** Não necessariamente o pecado em questão, mas pecado em geral.

9. As palavras de Jesus tiveram o efeito de desviar a atenção de Si mesmo e da mulher para os acusadores. A **consciência** começou a efetuar a sua obra. **A começar pelos mais velhos.** Sua idade fazia deles os líderes, e sua experiência do pecado mais longa dava-lhes mais motivos para auto-acusação. Só dois ficaram – a pecadora e o Amigo dos pecadores. Jesus poderia ter atirado a pedra, pois Ele não tinha pecado; mas Ele estava mais preocupado com a reabilitação do pecador do que em ver a Lei meticulosamente satisfeita.

Se Suas palavras, **Nem eu tão pouco te condeno**, parecem demasiado compassivas, estão contrabalançadas pelas seguintes, **vai, e não peques mais**. Aquele que sonda os corações viu que havia arrependimento no coração da mulher. Tudo o que era preciso era uma advertência para o futuro.

### L. A Auto-revelação de Jesus. 8:12-59.

Do lado dos oponentes de Jesus havia a pergunta: "Quem é você?" (v. 25), que era perene. Do ponto de vista do próprio Cristo, Ele era a luz

do mundo, embora não fosse deste mundo, Aquele que viera para libertar os homens dos seus pecados, o eterno "EU SOU". Sob todos os aspectos Ele era um agudo contraste com seus oponentes. O cenário continuou sendo o Templo (v. 20).

**12. Eu sou a luz do mundo.** Os antecedentes desta declaração podem se encontrar na prática de se acender os candelabros do Pátio das Mulheres (onde se localizava o tesouro, v. 20), durante a Festa dos Tabernáculos, e na nuvem de glória na peregrinação no deserto, a qual aquelas luzes pretendiam representar, e também na luz da criação (1:4, 9), agora expressa em termos espirituais. Ele é a **luz da vida**.

**13-18.** Prontos a acusar, os fariseus objetaram contra tal auto-testemunho e o classificaram de mentiroso (v. 13). Auto-testemunho costuma ser falso e portanto precisa de apoio de outros; mas no caso de Jesus, seu auto-testemunho era verdadeiro, pois Ele tinha absoluto conhecimento de Sua origem e destino. Naturalmente não havia nenhuma testemunha humana que pudesse corroborar tais assuntos (v. 14). Os fariseus **julgavam** (isto é, formavam uma opinião) meras considerações físicas. Estavam cegos às verdades espirituais (cons. I Co. 2:14). Por outro lado, quando Jesus julga (embora não viesse com tal propósito originalmente cons. Jo. 3:17), o veredito é certo, e permanece eternamente, pois é **verdadeiro**. O pai o endossa e participa dele (v. 16). Se o testemunho de duas **pessoas** é verdadeiro (a Lei exigia, para salvaguardar a justiça, que houvesse pelo menos duas testemunhas; Dt. 17:6), quanto mais válido é o testemunho de Cristo, que tem o testemunho do Pai com Ele (Jo. 7:18). O testemunho do Pai no batismo de Cristo e na transfiguração são passagens bem conhecidas da narrativa dos Sinóticos.

**19, 20. Onde está teu Pai?** Em outras palavras, se Ele estivesse ausente, eles não poderiam aproveitar seu testemunho. Esta é "uma suprema formulação da má compreensão e incredulidade dos judeus" (E. C. Hoskyns, *The Fourth Gospel*). Na verdade, deixar de perceber a verdadeira natureza de Cristo era confessar ignorância relativamente a

seu Pai (cons. 14:7, 9). O desentendimento inflamou-se novamente, mas uma vez mais Jesus não foi tocado, porque Seu trajeto não fora completado ainda (v. 20).

**21, 22.** A vinda da sua hora poderia significar para Jesus que Ele tinha de seguir o Seu caminho (de volta ao Pai), mas não antes de resolver o problema do pecado. Já que os fariseus não queriam aceitá-lo, teriam de **morrer** nos seus **pecados**. Sua separação seria aprofundada e selada. Eles não iriam para onde Ele estaria naquele dia, tal como, anteriormente, as predições de Jesus a respeito de sua partida causaram perplexidade (7:35), desta vez levaram à suposição de que Ele estivesse pensando em suicídio (v. 22). Sua morte, entretanto, não seria auto-imposta; esses homens é que contribuiriam para a sua consumação.

**23.** A perspectiva da separação definitiva focalizava a atenção sobre os contrastes do momento: **de baixo... de cima; deste mundo... não... deste mundo**. Jesus recusava-se a falar do Céu chamando de "aquele mundo", pois o termo mundo aqui enfatiza o homem revoltado e distante de Deus.

**24.** O pecado responsável por sua ignorância e hostilidade leva-los-ia a uma morte sem esperanças, a não ser que cressem nEle como o **EU SOU** (cons. Êx. 3:14).

**25.** Isto era pior, sob o ponto de vista dos judeus, do que a declaração do versículo 12, pois era reivindicação absoluta de divindade, os ouvintes de Cristo exigiram que Ele apresentasse um predicativo **Quem és tu?** Uma vez que já se fizera suficientemente conhecido, bastava-lhe repousar sobre Suas afirmações anteriores. O grego possivelmente significa que desde o princípio Ele era tudo o que tinha afirmado (cons. 1:1).

**26.** O **Muitas coisas** que Ele poderia dizer mais seria totalmente verdadeiro, mas apenas aumentaria a condenação dos Seus ouvintes (cons. com as muitas coisas que Jesus poderia ter dito aos discípulos, as quais apenas aumentariam a sua perplexidade; (6:12). Mas a oposição não fecharia os lábios de Jesus. Ele continuaria falando **ao mundo**.

**28.** A morte do Filho do homem, seu levantamento na cruz (cons. 3:14; 12:32) seriam a sua vindicação no sentido de que resultariam em ressurreição e exaltação, as quais por sua vez produziriam o mistério da convicção do Espírito. Alguns pelo menos ficariam sabendo que sua declaração de que era Eterno não eram palavras vãs (Atos 2:41; 4:4; 6:7).

**30-32.** As declarações de Jesus, tão simples e tão sublimes, impressionaram alguns dos que estavam presentes. **Muitos creram.** Mas, dentro de pouco tempo, pegariam em pedras para atirar nEle (8:59). É a velha história da pseudo-fé. Neste caso, eles não **permaneceram** na Sua Palavra – fator necessário para o verdadeiro discipulado, que abre o caminho para um conhecimento mais pleno da verdade – a ponto de serem libertados por meio dela (v. 32). Essas declarações compactas estão amplificadas no que vem a seguir.

**33.** Os judeus se ofenderam com a implicação de que não eram livres. Na qualidade de semente de Abraão eram superiores a muitos outros povos (cons. Gl. 4:22). Eram filhos do Rei celestial. Ignoravam, neste caso, sua escravidão política para com Roma, considerando-a irrelevante.

**34.** Sua escravidão era mais profunda do que os relacionamentos exteriores da vida. A comissão de pecado coloca uma pessoa na posição de ser **escravo do pecado**.

**35.** O Filho (Cristo) habita na **casa** do Pai **para sempre** como o verdadeiro Isaque. Ismael, embora seja semente de Abraão, tem de sair. O mesmo acontecia com os arrogantes judeus.

**36.** A verdade que liberta (8:32) foi apresentada pessoalmente. O Filho, que é a verdade (14:6), liberta os homens (cons. Gl. 4:4-7).

**37.** O Senhor estava pronto a admitir que os seus ouvintes eram semente de Abraão no sentido comum. Mas o antagonismo deles provava que não eram espiritualmente relacionados com Abraão, que foi um homem de fé e obediência.

**38.** A inspiração deles vinha de um outro pai, e não Abraão, alguém cuja sinistra identidade Cristo logo declarou.

**39.** Filhos de Abraão deviam ser capazes de produzir obras de Abraão. Ele agiu de acordo com a revelação divina.

**40.** Cristo falava a verdade (não simplesmente a verdade antagônica ao erro, mas a verdade sobre o Seu relacionamento com o Pai e a verdade sobre Sua missão). Em vez de aceitá-la, como Abraão teria feito, esses judeus procuraram matar o Filho do homem.

**41.** Eles tinham um pai, a quem imitavam, cujas obras reproduziam, mas esse não era Abraão. Os judeus desforravam-se criticando: "**Nós** não somos frutos de prostituição". O **nós** é enfático. Sob esta declaração parece estar a acusação de ilegitimidade cujo alvo era Jesus (essa mesma acusação tinge a narrativa do nascimento de Jesus por Mateus). Nós, diziam os judeus, somos aqueles que temos Deus verdadeiramente por Pai, sejam quais forem as suas reivindicações. Através de Abraão, vamos até ao próprio Deus.

**42.** Jesus refutou a declaração com o simples fato de que a atitude deles não era de amor, de afeição filial. Ele sabia que viera de Deus, pensassem eles o que pensassem.

**43, 44.** O verdadeiro motivo para o fracasso deles em aceitá-lo era o parentesco que tinham com o **diabo**. Ele era o pai deles. Por isso é que agiam de acordo (cons. Mt. 23:15). Seus pecados especiais eram a mentira (relacionada com a tentação no jardim) e homicídio (no estímulo de Caim para matar seu irmão - I Jo. 3:12).

**45, 46.** Tendo afinidade com o diabo, o mentiroso, não aceitariam a verdade vinda de Cristo. Não poderiam, entretanto, convencê-lo do **pecado**. Para fazê-lo, teriam de aceitar o Seu testemunho.

**47.** O próprio fracasso em aceitar a sua palavra selava o fato de que não eram de Deus.

**48.** Feridos por uma série de censuras, os judeus revidaram chamando Jesus de samaritano, isto é, alguém que não era digno de ser chamado membro do povo de Deus, ainda que vivesse em território israelita. Uma crítica mais profunda pode ser encontrada aqui se a intenção deles era repetir a acusação sobre o nascimento de Jesus. Os

samaritanos eram um povo misturado, nascidos de amálgama de israelitas e estrangeiros. Procurando explicar a forte explosão de Jesus contra eles (cons. v. 52), os judeus o acusaram de ter um demônio.

**49, 50.** Jesus negou a alegação. Dizer tal coisa a seu respeito era puro desacato, uma desonra que seria julgada pelo Pai.

**51, 52.** Voltando-se para outra declaração, Jesus prometeu a imortalidade para aqueles que guardassem a Sua Palavra. Os judeus apelaram para o ridículo, interpretando essas palavras fisicamente. Eles sabiam que a morte reclamara o povo de Deus, até mesmo Abraão.

**53-58.** Será que Jesus imaginava ser maior do que Abraão e os outros profetas? A resposta é dupla. Abraão sabia que Alguém maior do que ele viria. Ele viu o dia de Cristo (essa visão não foi mais claramente apresentada no sacrifício de Isaque? veja Rm. 8:32). Isto significaria que Jesus vira Abraão? Os judeus o rejeitaram como ridículo, pois Jesus era um homem de meia idade, quando muito (Jo. 8:57). Isto levou à segunda grande reivindicação de Jesus referente ao seu relacionamento com Abraão. **Antes que Abraão existisse, EU SOU** (cons. v. 24). Abraão não estava no começo com Deus.

**59.** Tais declarações pareciam blasfemas. Novamente pedras foram preparadas para acabar com tais declarações, mas novamente o Senhor escapou aos seus oponentes e seguiu o Seu caminho.

## João 9

### M. A Restauração do Cego de Nascença. 9:1- 41.

Esta passagem tem afinidade com 8:12, pois agora Cristo demonstrou que Ele era a luz do mundo, confirmando sua declaração. Está também intimamente ligada com o capítulo seguinte, pois 10:21 indica algo da impressão causada por este milagre.

**1-7.** A realização do sinal. Jesus viu o homem; então os discípulos **perguntaram** a respeito dele. O interesse de Jesus animou o deles, mas de um ponto de vista diferente. Para os discípulos o cego fornecia ocasião para especulações teológicas; para Jesus era um ser humano

digno de dó e precisando de ajuda. A pergunta dos discípulos (v. 2) baseava-se na crença que a enfermidade física ou o sofrimento eram devidos ao pecado, quer dos pais (Êx. 20:5), quer do próprio homem, presumivelmente com base na preexistência da alma, que alguns judeus defendiam. Jesus desfez o pensamento de qualquer pecado especial da parte do homem ou de seus parentes e sugeriu examinar o assunto de um lado inteiramente diferente. Deus permitira aquela condição para demonstração de Sua glória, quando Seu poder operasse neste caso (v. 3). Jesus convocou os discípulos a trocarem a fútil especulação por ação. O tempo para o trabalho (**dia**) era curto demais. Os melhores manuscritos dão o texto, **Devemos trabalhar**. O Mestre estava ligando a Si os discípulos. O trabalho era deles como também Seu, ainda que o fizesse sozinho (v. 4). O pensamento antecipa 14:12. Jesus repetiu agora a majestosa declaração de 8:12, como se aplicando a verdade ao milagre que acabara de realizar (v. 5). Não era necessário ungir os olhos do cego com lodo para efetuar a cura, mas serviu para pôr a fé do homem a uma prova severa. Obedeceria? (cons. a cura de Naamã). João sugere a um significado simbólico no nome do tanque – **Siloé** (enviado). Presumivelmente o nome se originou porque as águas eram "enviadas" ou brotavam da fonte para o tanque. Na presente circunstância este nome tem um significado mais elevado, apontando para Cristo como o **enviado do Pai**, uma verdade repetidamente apresentada no Evangelho. A obediência resultou na recuperação da vista (v. 7).

**8-12.** Vizinhos e transeuntes ajuntaram-se à volta do homem curado. Aquele que assentado pedindo esmolas – ocupação natural para alguém nas suas condições – parecia agora tão diferente que criou um problema de identificação. Quem era ele? Sua própria afirmação de identidade provocou discussão (v. 9). A pergunta seguinte, bastante natural, referiu-se à questão da cura. Resistindo a qualquer tentação de estender a história, o ex-cego repetia fielmente as etapas. A terceira questão foi igualmente inevitável. Quem ungiu seus olhos e lhe deu a

ordem de lavá-los? A esta altura nenhuma resposta pode ser dada (cons. 5:13). Este assunto produziria mais luz (vs. 35-38).

**13-17.** O grupo mencionado decidiu que tinha uma obrigação, isto é, levar o homem aos fariseus, por causa da extraordinária natureza do que tinha acontecido. Além disso, a cura fora efetuada no **sábado** (v. 14). Novamente o homem foi solicitado a contar o milagre. Desta vez ele foi mais conciso, talvez indicando que estava perdendo a paciência por ser interrogado tantas vezes (9:15). A história criou divisão (*schisma*) entre esses líderes religiosos, que sem dúvida estavam informalmente reunidos. Em João este elemento é proeminente, especialmente esta divisão, tantas vezes notada, entre a fé e a incredulidade (1:11, 12; 3:36 e outros). Um grupo não via nada além do fato de que o sábado fora violado. Outros achavam difícil que um pecador pudesse realizar tais coisas. Mas suas vozes não prevaleceram. Ainda, outra vez para desviar a atenção de sua própria perplexidade, os fariseus começaram a interrogar o homem novamente. O que ele pensava de seu benfeitor? Ele demonstrou mais discernimento do que os líderes. É claro que o seu amigo não podia ser menos que um **profeta** (v. 17). Verdadeiramente Ele era um profeta poderoso em feitos (aqui) e também em palavras (4:19; cons. Lc. 24:19).

**18-23.** Aqui foram mencionados judeus em lugar de fariseus, provavelmente não para indicar um grupo diferente, mas para enfatizar sua posição oficial e sua hostilidade para com Jesus (tão freqüente neste Evangelho). Esses homens achavam que Deus não permitiria um milagre no sábado, portanto devia haver algo de errado na história do homem. Acharam que seria sábio interrogar seus pais (9:18). Os pais foram positivos em dois aspectos: era seu filho; era cego de nascença. Eles também concordavam que agora era capaz de ver, coisa que os próprios judeus declaravam. Mas recusavam-se a ir além disso, embora talvez soubessem o como e o quem do milagre (v. 2). O medo fazia que eles colocassem toda a responsabilidade sobre o filho. Parece que era do conhecimento geral que os judeus (líderes) tinham decidido antes dessa



ocasião excomungar qualquer pessoa que reconhecesse Jesus como o Cristo, isto é, o Messias prometido.

**24-34.** O homem que recuperara a visão foi novamente convocado para mais um interrogatório. **Dá glória a Deus.** Isto é, diga-nos a verdade. Veja Js. 7:19. Mas suas palavras iniciais revelavam que não estavam realizando uma investigação. Suas mentes já estava irrevogavelmente decididas. Esperavam encontrar uma brecha no testemunho do homem. Incapazes de contestar o milagre, insistiram em considerar Jesus um **pecador**. Em vez de entregar-se a um debate – antes ele tinha se oposto à acusação de pecador com a sua própria opinião de que Jesus era um profeta – o homem curado procurou terreno seguro, sua própria experiência. Aqui ele podia dizer, **eu sei**. Era cego e agora podia ver. Outros podiam testificar dEle as mesmas coisas – pais, vizinhos, amigos – mas a declaração que saíra de seus lábios era muito mais significativa. A afirmação que os judeus faziam de ter conhecimento era bombástica, um pronunciamento ex-cátedra; a confissão deste homem tinha o peso da verdade simples que a apoiava. De maneira doentia os judeus retomaram ao antigo terreno; de que modo o milagre fora realizado? (v. 26)

Sentindo que o propósito do interrogatório não era o conhecimento dos fatos, o homem ficou impaciente. Por que queriam uma outra declaração quando não aceitaram a primeira? (v. 27) Completamente aborrecido, começou a dar as suas alfinetadas.

**Porventura quereis vós também tornar-vos seus discípulos?** Agora os judeus começaram a recorrer à ofensa verbal, acusando o homem de ser discípulo de Jesus, coisa que ele não afirmara de maneira nenhuma. Moisés dera a lei do sábado, e eles estavam sob a sua bandeira. Jesus era um intrometido, um perturbador da paz religiosa. O verdadeiro problema era a observância da Lei versus a liberdade do regime de Cristo. Se os judeus tivessem lido tudo sobre Moisés e o tivessem feito direito, não teriam rejeitado Jesus (cons. 5:45). Mas no pé

em que as coisas estavam, eles firmemente se recusaram a crer que Deus falasse por intermédio dEle (9:29). Ele era um arrogante.

Essa atitude pareceu irracional ao homem que nascera cego. Ele achava uma coisa estranha (notável, espantoso) que esses homens, que há poucos momentos disseram confiantemente, **nós sabemos**, não soubessem de onde vinha Jesus - um homem que fizera coisa tão notável. Onde estava pois, a infalibilidade deles em questões religiosas? Dos próprios judeus tinha ouvido, sem dúvida, o ponto que agora lhes atirava, que Deus não ouviria **pecadores**. O argumento era bom. Apanhados na armadilha de suas próprias interrogações, os judeus recorreram à calúnia, o anterior estado de cegueira do homem era prova de que fora **nascido todo em pecado** (cons. 9:2) e não tinha capacidade de ensiná-los. Quando o **expulsaram**, não o excluíram formalmente, mas apenas o expulsaram de sua presença, o que poderia levar à exclusão da sinagoga mais tarde. O homem não confessou que Jesus era o Cristo, mas simplesmente que vinha de Deus.

**35-41.** Jesus, que primeiro viu o homem na sua condição de cego, depois curou-o, agora encontrou-o (cons. 5:14). Os parias se encontraram – Jesus, rejeitado há muito tempo, e o homem que ficou tão desiludido com a experiência que teve com os líderes do povo. Mas o encontro não foi com o fim de consolarem-se mutuamente. *Crês tu no Filho de Deus?* (ERC) Era um desafio à fé e uma declaração de divindade. Alguns dos melhores manuscritos dizem **Filho do homem** (ERA) aqui, o que não muda o sentido material, uma vez que isso significa o homem do Céu (cons. 3:13). A pergunta encontrou o coração aberto do homem e pronto a crer. Ele simplesmente pediu a identificação desse Alguém enviado por Deus. Foi o momento da auto-revelação, tal como no caso da mulher de Samaria (4:26). Dessa vez o uso da palavra **Senhor** pelo homem foi certamente mais significativo. Ele pensara em seu benfeitor como alguém que adorava a Deus (v. 31); agora estava preparado para adorá-lo (v. 38). Era muito mais do que deferência para com um grande homem; era adoração religiosa. O episódio não terminou

sem fazer notar a divisão feita por Jesus. Alguém viu a luz do dia e passou a ver a luz da vida. Outros, com supostamente muito maiores conhecimentos das coisas espirituais, eram contudo cegos, e seu contato com Cristo selou sua cegueira (v. 39). A jactância, vemos, uma vez que arrogava-se uma sabedoria que não incluía a fé no Filho de Deus, significava uma confissão de cegueira devida ao **pecado** de fecharem seus olhos àquele que era a luz deste mundo.

## João 10

### N. Cristo, o Bom Pastor. 10:1-42.

O cenário continua sendo Jerusalém. Logo se percebe uma ligação entre a apresentação de Cristo como o Bom Pastor e os acontecimentos dos capítulos precedentes. Os fariseus, agindo como mercenários, não se preocupavam realmente com as ovelhas, como se evidencia através de sua atitude em relação ao homem cego. Quando ele foi expulso, Jesus se aproximou e o acolheu no seu aprisco.

**1-6.** O ensino aqui recebeu o nome de **parábola** (v. 6), mas a palavra difere do termo usual. Indica uma figura de linguagem. Jesus estava aqui estabelecendo fundamento para a aplicação da figura a Ele mesmo na passagem seguinte.

**1. Aprisco.** Um lugar fechado onde as ovelhas eram abrigadas à noite, geralmente perto da casa. Só tinha uma porta. Quem estivesse inclinado ao roubo pularia o muro.

**2, 3.** Quem guardava a porta era o porteiro, em contraste com o pastor que era recebido pelo **porteiro**. Só há um único pastor aqui. Cristo não tem rival, embora haja vice-pastores na sua Igreja. Seu interesse pessoal pelas ovelhas foi evidenciado quando Ele declarou que as chama **pelos nomes** (cons. 1:43). Sugere-se a presença de outras ovelhas. Nem todos os que se contavam entre o povo de Deus naquele tempo podiam se chamar ovelhas do Senhor. **E as conduz para fora** em contraste com o ato dos fariseus que expulsaram o homem que nascera cego. Confiança no pastor baseia-se na voz, a qual revela a pessoa (cons.

Gn. 27:22). Nenhum estranho pode conseguir que o rebanho o siga, mesmo se conseguir entrar no aprisco saltando o muro.

6. O auditório de Jesus não captou o significado dos seus ensinamentos (9:41).

7-18. O Senhor explicou a figura em termos relacionados com a sua própria pessoa e sua missão.

7. A verdade é maior do que as formas pelas quais ela foi comunicada. Na vida real o pastor não poderia ser identificado com **a porta**. Mas o pensamento é demasiadamente valioso para deixar passar (cons. 14:6).

8. **Todos quantos vieram antes de mim.** Isto não é uma referência aos homens santos da antiga aliança, mas aos líderes judeus que tinha colocado suas garras sobre a nação antes dele erguer a sua voz. **Ladrões** são aqueles que simplesmente roubam. **Salteadores** são aqueles que também cometem violência (cons. Mt. 23:25). **As ovelhas não lhes dão ouvido.** Um exemplo era o homem cego, que se afastara desses líderes, aborrecido.

9. Jesus se referia aos vice-pastores do rebanho ou a todos os crentes? Favorável ao primeiro ponto de vista está o fato de que entrar já foi usado em relação ao pastor (vv. 1, 2). Além disso, entrar e sair é uma familiar expressão do V.T., relacionada com a atividade do líder (I Sm. 18:16; II Sm. 3:25). Apesar disso, a largura da linguagem – **alguém** – e as palavras **será salvo** favorecem uma referência inclusiva. No sentido redentor a palavra **salvar** ocorre poucas vezes em João (3:17; 5:34; 12:47). A liberdade do crente, em contraste com a sua situação no Judaísmo, parece estar indiretamente sugerida ao entrar e sair e sua nova satisfação (**achará pastagem**) era uma bem recebida mudança da aridez dos ensinamentos aos quais estivera sujeito.

10. O trabalho do Bom Pastor é construtivo. A **vida** corresponde a ser salvo (v. 9), e a abundância se refere ao encontro das pastagens. Nada no original autoriza o acréscimo de mais à tradução.

11. Aqui foi apresentada a revelação central em todo o padrão de pensamentos. Na qualidade de **bom pastor**, Jesus preencheu a

representação de Jeová do V.T. (Sl. 23:1; Is. 40:11), e também se Colocou em oposição aos líderes que prejudicavam o rebanho porque eram maus de coração. Em vez de tirar a vida, este Pastor estava preparado a dar a sua vida pelas ovelhas. É uma profecia e também uma atitude (cons. 9:17).

**12.** Coisa diferente é o **mercenário**, que não se preocupa com as ovelhas e as abandona em uma crise. Até um certo ponto este quadro reflete os pastores (líderes) do V.T. que não foram fiéis, conforme repreendidos nos profetas (veja Ez. 34 especialmente).

**14.** O cuidado do Pastor está ligado ao conhecimento e afeição mútuas que caracterizam a relação entre Ele e as ovelhas.

**15.** Um laço de conhecimento existe também entre o Pastor e o Pai que o enviou. O Filho conhece a vontade do Pai (que inclui o dar a vida do Filho pelas ovelhas), e o Pai conhece o Filho, e conseqüentemente conhece que pode contar com a sua obediência na execução desta difícil missão.

**16. Aprisco.** A mesma palavra foi traduzida para curral em 9:1. **Tenho outras ovelhas.** A linguagem é soberana e profética (cons. Atos 18:10). **Não deste aprisco.** Seria uma referência aos judeus da Dispersão? É difícil porque eles basicamente pertenciam aos judeus da Palestina. Jesus prefigurava os gentios que aceitariam o Evangelho. **Um rebanho.** Não é a mesma palavra que foi usada acima (**aprisco**) e foi propriamente traduzida (cons. um Senhor, um corpo em Ef. 4:4, 5).

**17, 18.** O Pai ama o Filho sempre (17:24), mas tem um motivo especial para amá-lo por causa de Sua obediência até à morte. A morte foi um **mandamento** do Pai (cons. **importa** de 3:14; Mt, 16:21). Nenhum homem podia tocar no Filho até que chegasse a sua hora (19:11). Ele entregaria o Seu espírito a Deus (19:30). Mas a morte não seria o fim. Com igual soberania de comando, o Filho revogaria a sentença de morte e retomaria a Sua vida novamente. Ele podia confiantemente predizer a sua ressurreição.

**19-21.** Pela terceira vez neste Evangelho lemos sobre a divisão (schisma) criado por Jesus entre os seus ouvintes (cons. 7:43; 9:16). **Muitos** queriam rejeitá-LO como endemoninhado e indigno de ser ouvido. Outros ficaram impressionados com as palavras que dizia (sem dúvida devido a sua devoção pelas ovelhas) unidas com a lembrança do milagre realizado com o homem cego.

**22-30.** *Comentários Adicionais sobre a Identidade de Jesus.* Provavelmente um intervalo de cerca de dois meses separavam esta ocasião da precedente. A Festa dos Tabernáculos pertencia à estação do Outono, e a Festa da Dedicção vinha no inverno. Esta celebração era em recordação da purificação e rededicação do Templo feita por Judas Macabeus depois do sacrilégio cometido por Antíoco Epifânio. O ano foi de 165 a.C. Jesus foi assediado por alguns judeus quando andava pelo alpendre de Salomão, que ficava na parte oriental do Pátio dos Gentios, o pátio maior na área do Templo, que rodeava os pátios interiores e o templo propriamente dito. Sua pergunta foi muito direta. **Até quando nos deixará a mente (alma) em suspenso?** Literalmente. Em outras palavras, eles queriam uma resposta direta. Era ou não era o Cristo?

Nosso Senhor colocou seu dedo na dificuldade. Não era falta de informação mas falta de vontade de crer. Seu próprio testemunho teria sido suficiente; se não fosse, como no caso deles, então Suas obras testificavam dEle (cons. 14:11). Não havia falta de clareza neste caso; o problema permanecia com eles. Evidentemente não lhe pertenciam, uma vez que não tinham vontade de segui-lo. Eles percebiam que o ensinamento do Seu pastor tinha um novo sentido, e não estavam preparados a deixar o Judaísmo que conheciam e ao qual se apegavam. Mas a nova ordem oferecia bênçãos e segurança que não poderiam chegar a conhecer no seu farisaísmo.

Cristo oferecia a **vida eterna** como um presente (10:28; cons. v. 10). Ao dizer que jamais perecerão se pertencessem ao seu rebanho, Jesus usou a mais forte expressão conhecida na língua. Essa certeza era possível porque a vida oferecida fundamentava-se no Seu dom (Rm.

11:29) e não em consecuições humanas. Suas ovelhas também estavam a salvo de influências estranhas – **ninguém as arrebatará da minha mão**. As ovelhas pertenciam a Cristo porque eram presentes do Pai para Ele (10:29). Naturalmente o Pai tinha interesse na sua preservação. Considerando que Ele é supremo – **maior do que tudo** – não se pode imaginar que algum poder seja capaz de arrancá-las de Sua protetora mão (cons. Rm. 8:38, 39). A conclusão do assunto é que nenhuma separação pode ser feita entre o Pai e o Filho. Eles são mais do que colaboradores; são um na essência (a palavra um não está no masculino – um indivíduo – mas no neutro, um ser).

**31-33.** Pela segunda vez Jesus foi ameaçado com apedrejamento da parte dos seus oponentes (cons. 8:59). A provocação aqui foi a sua declaração de ser um com o Pai, uma blasfêmia aos olhos dos judeus, que negavam a origem celeste de Jesus. Para enfrentar sua posição o Senhor não dependia da repetição de Suas declarações ou da ampliação das mesmas, mas voltava-se de Suas palavras para as Suas obras. Eram mais fáceis de serem compreendidas e apreciadas.

**Muitas obras boas.** A atenção foi focalizada principalmente sobre algumas, mas essas representavam as outras que não foram contadas (20:30). Eram boas obras, as quais eram de se esperar emanarem do **Pai**. Pensariam os judeus seriamente em apedrejar um homem por causa de **boas** obras? Em resposta, os judeus puseram de lado toda e qualquer referência às obras; as quais não podiam negar, e retornaram à questão das palavras de Jesus, as quais eles se sentiam obrigados a negar alegando blasfêmia. Para eles Jesus era um homem que se atrevia a passar por Deus. Com base nisso quiseram matá-lo imediatamente e o procurariam fazer mais tarde (19:7).

**34-38.** Neste impasse a única esperança de encontrar base para discussão adicional consistia em apelar para a lei (há forte testemunho documentário favorável à omissão da palavra **vossa**), uma vez que os judeus a aceitavam. Lei, aqui, foi usada no amplo sentido referindo-se às Escrituras do V.T. As palavras em questão, **Sois deuses**, ocorre em

Salmo 82:6, com referência aos juízes hebreus. A **palavra** de Deus concedeu-lhes um certo "status" de divindade na qualidade de seus representantes. Uma vez que a Escritura (com especial referência à passagem em questão) não pode falhar, com o fim de permitir que os homens rejeitassem seus ensinamentos, como se podia levantar objeções contra Ele a quem o Pai especialmente separara e enviara ao mundo? Pois se Cristo dissesse menos do que afirmar que era o Filho de Deus estaria dizendo uma mentira. Afirmar sua filiação não era blasfêmia (Jo. 10:36). Se os judeus não podiam testar suas declarações verbais, pelo menos podiam julgá-lo com base nas obras (vs. 37, 38; cons. vs. 25, 32). Seria possível progredir através das obras até a fé na pessoa. Essa é também a verdade contida em 20:30, 31.

**39-42.** A repetida afirmativa de unidade com o Pai causou uma ameaça de violência uma vez mais. Era tempo do Senhor ausentar-se da cidade. Encontrou refúgio em Betânia, além do Jordão, onde João estivera antes batizando (v. 40). Mesmo retirado não podia se esconder. As pessoas se lembraram do que João dissera a respeito dEle, e foram capazes de observar a diferença que havia entre o ministério de João, destituído de milagres, e o de Jesus, marcado por sinais. Claramente, o maior do que ele já chegara, conforme João tinha declarado. Incredulidade já não convinha mais. Muitos, ali, confiaram em Jesus. Sua fé colocou em negro relevo a incredulidade dos líderes de Jerusalém.

## **João 11**

### **O. A Ressurreição de Lázaro. 11:1-57.**

Esta narrativa inclui a doença, morte e ressurreição do amigo de Jesus e a reação do Judaísmo oficial diante do milagre. Conclui com a notícia do despertamento do interesse popular por este homem que estava emocionando a nação. Esse Alguém que provara ser a Luz do mundo restaurando a vista de um cego provou agora ser a Vida dos homens, o Vencedor da morte.



**1-4.** João dá o cenário do milagre – a doença de Lázaro e a comunicação desse fato a Jesus. Maria e Marta são mencionadas como se já fossem conhecidas do leitor (cons. Lc. 10:38-42), mas Lázaro precisa de apresentação porque seu nome não aparece na narrativa de Lucas. É interessante notar que todos esses três nomes aparecem em inscrições de ossuários escavados na Judéia ultimamente, mostrando que os nomes eram comuns nesse período (V.F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, pág. 244). O escritor antecipa-se a sua própria narrativa de 12:1-9 identificando Lázaro como o irmão da Maria que ungiu o Senhor (11:2). Transmitindo a informação da doença de Lázaro a Jesus, as irmãs demonstraram notável reserva, satisfazendo-se em declarar o fato, sem fazer nenhum pedido (v. 3). A menção do amor de Jesus por Lázaro foi, contudo, uma espécie de apelo em si mesmo, ainda que delicado.

**Esta enfermidade não é para morte.** No exato momento em que falava, Lázaro já estava provavelmente morto (cons. v. 39). As palavras pertencem a um significado mais elevado, associado com a glória de Deus, a qual também é do Filho. Uma ressurreição demonstraria essa glória (uma revelação do poder divino) melhor do que a restauração de um doente.

**5, 6.** Nota-se o amor de Jesus por toda essa família, desafiada contudo, ainda que aparentemente, por sua inatividade em permanecer onde estava por **dois dias**, sem se preocupar em retornar a Betânia. A última parte do capítulo ajuda a decifrar este mistério. Esperando, para depois vir e ressuscitar Lázaro dos mortos, Jesus suscitou tal oposição que a sua morte parecia certa. Essa foi a medida do Seu amor pela família de Betânia.

**7-16.** *Discussão entre o Senhor e seus discípulos sobre a crise de Lázaro.* Jesus propôs uma volta à **Judéia** – não Betânia, como se fossem visitar a família e depois retornar – mas Judéia mesmo, o centro da oposição. Os discípulos ficaram imediatamente preocupados. Parecia-lhes temeridade, como andar na direção de uma armadilha. Jesus acabara de escapar de um apedrejamento (11:8; cons. 10:31, 39). A resposta do

Mestre pode ter sido enunciada logo após a madrugada. Aplicava-se a Ele e a Seus seguidores. Podia voltar seguramente à Judéia contanto que andasse na luz da vontade do Pai. Seus inimigos não lhe tocariam até que chegasse a Sua hora. Então, por um pequeno espaço de tempo, as trevas espirituais da oposição teriam permissão de se fecharem sobre Ele (v. 9). Quanto aos discípulos, cabia-lhes não andar nas trevas da vontade própria e separação dEle. Na falta da sua luz, eles realmente tropeçariam (cons. 9:4, 5).

**Nosso amigo Lázaro, adormeceu.** Não sabendo da sua morte, os discípulos interpretaram estas palavras do Senhor literalmente e acharam que havia esperanças para a sua recuperação. Mas Jesus usou a palavra "dorme" num sentido especial, referindo-se à morte do crente (cons. Atos 7:60; I Ts. 4:13). Logo a seguir anunciou bruscamente que Lázaro estava morto (Jo. 11:14). Outro paradoxo é que o Salvador disse que se alegrava por não ter estado lá. O motivo está claro. Se estivesse lá, Lázaro não teria morrido (nunca ninguém fê-lo em Sua presença); e nesse caso uma das maiores lições de fé a serem dadas aos discípulos através da ressurreição de Lázaro teria se tornado impossível (v. 15). Os discípulos nunca chegaram a um ponto de adiantamento que não necessitassem de confirmação e desenvolvimentO de Sua fé. Tomé, chamado Dídimo (gêmeo), foi o primeiro a responder à segunda proposta de Jesus de ir para a Judéia (11:15, 16; cons. v. 7).

**17-19. Quatro dias.** Ao que parece Lázaro morreu logo depois que o mensageiro foi enviado. Dando um dia para a sua viagem, dois dias para a demora de Jesus, e um dia para a sua volta, chegamos a esse total. A distância entre a Betânia além do Jordão e a Betânia perto de Jerusalém era de cerca de 32 quilômetros. Considerando que a casa ficava a apenas pouco mais de 3 quilômetros da cidade de Jerusalém (v. 18), **muitos dentre os judeus** acharam possível vir e oferecer condolências. **Judeus** aqui não se refere aos líderes. Sua presença era, entretanto, ambígua. Vindo a Betânia para acompanhar um enterro, alguns deles retornaram a Jerusalém como informantes (11:46).

**20-27.** *O encontro entre Jesus e Marta.* As duas irmãs aparecem nesta narrativa em papéis característicos. Marta, pronta para ação, foi aquela que deu as boas-vindas a Jesus. Maria, absorvida em sua dor, ficou quieta. Marta tinha uma queixa Jesus não estivera lá. Que diferença sua presença teria causado! Mas ela não estava criticando. Como já notamos, Lázaro já estava morto quando a notícia de enfermidade foi levada a Jesus. Marta encontrou em Jesus uma fortaleza. Suas palavras (v. 22), entretanto, quase desafiam a análise. Elas são uma expressão da confiança nEle, considerando-O tão achegado a Deus e capaz de obter um favor dEle; mas ressurreição imediata não parecia estar em sua mente (cons. v. 24). Ao afirmar a ressurreição de Lázaro, Jesus não mencionou a hora (v. 23). Marta subentendeu – **no último dia**; mas ela o disse sem entusiasmo, pois enquanto isso seu irmão permaneceria nos braços da morte. O Senhor tomou a iniciativa de corrigir a fé imperfeita de Marta (cf. v. 22) chamando sua atenção para o poder que tinha sobre a morte.

**Eu sou a ressurreição e a vida.** Neste caso a revelação da palavra precedeu a revelação do feito. O ensinamento vai além do caso de Lázaro e inclui todos que crêem. Duas verdades foram aqui declaradas. O crente pode morrer, como Lázaro, mas pelo poder de Cristo **viverá**, isto é, experimentará a ressurreição. Mas ainda mais importante é a posse da vida eterna obtida mediante a fé em Cristo. Aqueles que têm esta vida não podem morrer nunca no sentido de serem separados da fonte da vida (vs. 25, 26). Desafiada a crer nisto, Marta fez aquela confissão por causa da qual este livro foi escrito (11:27; 20:31), mas ela não compreendeu as implicações de sua própria declaração. Para ela, Cristo ainda não era o Senhor absoluto da vida e morte, um Salvador completo (cf. vs. 39, 40).

**28-32. Jesus e Maria.** Marta contou calmamente (em particular) à Maria a notícia de que o Mestre viera, provavelmente esperando tornar possível um encontro particular de sua irmã com Jesus. Mas os judeus que estavam presentes seguiram Maria ao lugar fora da aldeia onde Jesus e Marta tinha se encontrado, porque pensaram a princípio que ela estivesse deixando a casa para ir à sepultura. Em prova de reverência e

de seu desamparo, Maria **lançou-se-lhe aos pés**. Suas primeiras palavras foram iguais às de Marta. Provavelmente esse sentimento foi expresso repetidas vezes entre as duas depois da morte do irmão.

**33-37. *A tristeza de Jesus. Agitou-se no espírito.*** A palavra grega para **agitou-se**, repetida no versículo 38, parece que normalmente transmite a idéia de raiva por causa de alguma coisa. Considerando que Cristo não poderia ter sentido raiva para com Maria e os amigos que choravam com ela, é provável que essa profunda emoção fosse devido ao seu íntimo protesto contra a devastação que o pecado introduziu no mundo, com enfermidade e morte e tristeza por terrível consequência. A caminho da sepultura, **Jesus chorou**, vertendo lágrimas. Foi um choro silencioso contrastando com o clamor audível sobre Jerusalém ((Lc. 19:41). Os judeus que estavam presentes viram também evidências de Sua limitação. Ele dera vista aos cegos (Jo. 11:9), mas a morte era grande demais para o Seu poder (v. 37). Talvez na segunda vez em que se perturbou houvesse um misto de indignação por causa dessa visão míope do Seu poder.

**38-44. *O milagre propriamente dito.*** Essa gruta em Betânia já foi descrita por alguém que a visitou atualmente como profundamente cavada na rocha. **Tirai a pedra**. Só Cristo podia ressuscitar mortos, mas outros podiam participar de acordo com a sua capacidade. Marta, perturbada diante de uma ordem tal, vinda de Jesus, tentou interpor objeção; ela achava que o corpo certamente já tinha começado a se decompor. **Quatro dias** já tinham passado desde a morte. Sem dizer o que propunha-se a fazer, Jesus incentivou a fé de Marta, fazendo-a lembrar-se de suas palavras anteriores, aparentemente voltando ao assunto do versículo 23. Mas desta vez Ele declarou o iminente acontecimento em termos de **glória de Deus** (cons. 11:4). A glória aqui era o poder de Deus em operação, declarando a sua soberania (cons. 2:11). Não poderia haver agora um retorno; a pedra já fora removida (v. 41). Só uma coisa restava a ser feita. Por amor da **multidão** era preciso esclarecer que aquilo que ia ser feito seria feito através da comunhão de

vida e poder desfrutada pelo Filho com o Pai – para que eles cressem. Não era um pedido para ser ouvido mas uma ação de graças pelo constante laço de comunhão e compreensão.

As garras da morte foram quebradas pela voz de autoridade que chamou, **Lázaro, vem para fora**. Cristo declarou que virá o dia quando todos os mortos justificados obedecerão semelhantemente a essa mesma autoridade (cons. 5:28, 29). O Senhor não tocou no trabalho das mãos amorosas que preparam o corpo para o sepultamento, para que elas mesmas pudessem ter a alegria de desfazer esse trabalho libertando Lázaro (Lembre-se da participação humana em remover a pedra.)

**45, 46.** O milagre resultou em uma resposta caracteristicamente diferente. **Muitos... dentre os judeus... creram**; outros foram ter com os fariseus e contaram o que tinha acontecido.

**47-50.** *O efeito sobre o Sinédrio.* Este foi um dentre os muitos sinais. Os líderes sentiam-se completamente frustrados. O que deviam fazer? Expressaram seus temores de que todo o povo cresse nEle – no sentido de lhe dar seu apoio e segui-lo como o Messias. Isto certamente provocaria os romanos que viriam sobre os judeus com força, uma vez que interpretariam tal coisa como revolução política. Então os judeus perderiam o seu **lugar** (Templo) e a **nação**. Sob o poderio dos romanos, desde o tempo de Júlio César, eles desfrutavam de certos privilégios como "a nação dos judeus". Exatamente a situação que eles temiam desenvolveu-se em resultado da guerra dos judeus contra Roma, nos anos 66-70 A.D. Repreendendo o grupo com "Vós nada sabeis", Caifás idealizou um plano que era cruel, mas simples: Acabar com o ofensor. Fazê-lo morrer pelo povo, para que toda a nação não perecesse.

**Naquele ano.** Não foi uma referência ao mandato do ofício, mas à importância daquele ano para Israel e o mundo.

**51, 52.** João queria que seus leitores se conscientizassem do fato de que estas palavras do sumo sacerdote eram proféticas. As palavras, de certo modo, foram colocadas em sua boca. **Profetizou**. Aqui temos um Balaão que teria amaldiçoado a Jesus, mas da profecia surgiu a

concretização do propósito de Deus de que Cristo morreria pela nação, num sentido vicário e redentivo, e até para um grupo ainda maior, todos os filhos de Deus dispersos, numa perspectiva futura, que seriam reunidos nEle. (Conf. 10:16.) Como foi bom que um homem que exerceu o cargo de sumo sacerdote tivesse, sem saber, apresentado a obra de Cristo como o Cordeiro que tira o pecado do mundo!

**53, 54.** O conselho do sumo sacerdote solidificou o propósito do concílio de modo que, daquele momento em diante, ficou plenamente estabelecido que Jesus tinha de morrer. Por causa disso Jesus achou melhor retirar-se daquela área e foi para um lugar chamado Efraim, perto do deserto. Tem-se tentado identificar esse lugar como situado a doze milhas mais ou menos ao norte de Betânia, perto do lugar onde o planalto começa a descer abruptamente para o vale do Jordão.

**55-57.** Com a Páscoa que se aproximava, Jesus não podia se ausentar da cidade por muito tempo. Embora o momento não estivesse ainda chegado, Efraim não era o substituto do cenáculo. Os próximos passos de Jesus ficaram envoltos em silêncio. João chama nossa atenção para os peregrinos que começavam a dirigir-se para Jerusalém. Na sua maioria eram simpáticos para com Jesus, contrastando com as autoridades, e trocavam idéias uns com os outros sobre se o seu herói teria a coragem de enfrentar a oposição do concílio indo à festa. Se os líderes tinham alguma autoridade sobre o povo, deviam ter muitos informantes (v. 57).

## **João 12**

### **P. Jesus em Betânia e Jerusalém. 12:1-50.**

Os acontecimentos aqui incluídos são: Maria unguendo Jesus em Betânia (vs. 1-11) a Entrada Triunfal (vs. 12-19); a vinda dos gregos (vs. 20-26); Jesus sentindo a aproximação da Paixão (vs. 27-36); a incredulidade do povo e seus líderes (vs. 37-43); o último apelo público de Jesus em favor da fé (vs. 44-50). A ceia em Betânia foi narrada com certas variações em Mateus e Lucas.

**1. Seis dias antes da páscoa**, isto é, no sábado. As outras narrativas dizem que foi na casa de Simão, o leproso. Só João menciona a presença de Lázaro.

**2. Deram-lhe pois, ali, uma ceia.** Simão devia sentir-se grato por sua cura, e as irmãs de Lázaro pela ressurreição de seu irmão.

**3. Uma libra** (litro), uma medida equivalente aproximadamente a 350 gramas. **Nardo.** O óleo de uma planta que cresce ao norte da Índia, muito caro pois era importado pela Palestina. Maria está sempre associada com os **pés de Jesus** (Lc. 10:39; Jo. 11:32).

**Encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo.** Isto é uma réplica característica às palavras de Jesus registradas nos Sinóticos dizendo que onde o Evangelho fosse pregado, no mundo inteiro, este ato seria contado em memória dessa mulher. A fragrância do ato teria larga divulgação e duradouro efeito.

**5.** Judas calculou o valor do nardo em **trezentos denários**, ou seja, perto de sessenta dólares.

**6.** Sua aparente preocupação pelos pobres era uma máscara para sua própria avareza. Acabara de perder a oportunidade de apropriar-se de uma quantia maior do que a costumeira. Evidentemente ele não precisava apresentar um relatório regular da tesouraria.

**7.** Jesus protegeu Maria interrompendo a crítica. **Deixai-a.** Os Sinóticos dão a impressão de que Judas, muito sentido com a reprimenda, esgueirou-se e foi negociar com os principais sacerdotes a traição do Mestre. Jesus viu na atitude de Maria um significado profundo – **para o dia em que me embalsamarem.** Por mais que Maria quisesse ajudar os pobres normalmente, reservou essa porção preciosa para Cristo. Ela antecipou sua morte. Em contraste com os líderes, Maria cria na pessoa de Jesus; em contraste com muitos que criam de modo geral, sua fé incluía a obra do Salvador – sua morte.

**9.** Lázaro tornou-se uma atração para muita gente que vinha vê-lo além de Jesus. Eram pessoas curiosas mas também solidárias.

**10, 11.** Em contraste, **os principais sacerdotes** encontraram na situação motivos para incluírem Lázaro em seus tenebrosos planos como alguém que estivesse promovendo a causa de Jesus. Um duplo homicídio não teria perturbado suas consciências já endurecidas. O próximo incidente tornou-se tradicionalmente conhecido como a Entrada Triunfal, embora esse título se aplicaria melhor à próxima vinda de Jesus.

**12.** É claro que aqueles que procuravam honrar o Senhor eram peregrinos, não residentes em Jerusalém. Vieram para a **feira** da Páscoa.

**13.** Só João menciona os **ramos de palmeiras**. Eles são citados pelo escritor de II Macabeus (10:7) em relação com a rededicação do Templo por Judas Macabeu depois da profanação pelos sírios.

**Hosana.** Uma palavra hebréia que significa **Salve, eu lhe peço** (cons. Sl. 118:25). No N.T. seu uso limita-se a este incidente. Às vezes não é uma oração, mas uma atribuição de louvor, e esse é o seu uso nesta passagem. Jesus está sendo saudado como o **Rei de Israel**, que viera com a autoridade do Senhor (Jeová). Esse povo esperava que Ele estabelecesse o reino de Davi com poder (cons. Mc. 11:10). A multidão estava cheia de expectativa messiânica (cons. Jo. 6:15).

**14, 15. Jesus tendo conseguido.** A história também se encontra em Mc. 11:1-6. João é o único evangelista que descreve o animal como sendo **um jumentinho** (*onarion*). O ato de Jesus cumpriu uma palavra de profecia (Zc. 9:9). O jumento, mais do que o cavalo, simbolizava o caráter manso e pacífico do Rei de Israel. O fato em si declarava que Jesus interpretava o acontecimento de maneira diferente da multidão.

**16.** Só quando Jesus foi **glorificado**, só quando o Espírito veio para instruí-los e para lembrá-los das coisas de Cristo (7:39; 14:26), é que os discípulos viram toda esta cena à luz das Escrituras e do plano de Deus.

**17, 18.** João informa seus leitores que grande parte do entusiasmo demonstrado durante a entrada em Jerusalém era devido à ressurreição de Lázaro. As pessoas que estiveram com Jesus naquela ocasião testificavam o acontecido. Outro grupo, peregrinos da festa que apenas



ouviram contar o milagre, foram ao encontro de Jesus saudando-o como herói "nacional.

**19.** Esta onda de popularidade obscureceu o campo dos fariseus. No seu pessimismo declararam que **todo o mundo** o seguia.

**20.** O movimento em prol de Jesus continuou no incidente dos gregos que expressaram o desejo de ver Jesus. Eram representantes do mundo num sentido mais amplo do que o ingerido pelos fariseus. Os **gregos** deviam aparecer agora, na véspera da Paixão. Eles lucrariam com a morte do Salvador, como a grande multidão de gentios que eles representavam.

**Adorar.** O costume judeu restringia-lhes o Pátio dos Gentios. Logo mais, em Cristo, a parede intermediária de separação seria derrubada. Parece que esses homens pareciam-se com o Cornélio que surgiria mais tarde. Podia-se dizer que eram tementes a Deus, mas não eram prosélitos que tivessem procurado unir-se à congregação de Israel.

**21. Filipe** é um nome grego. Este discípulo foi um ponto de contato natural com Jesus. **Ver a Jesus**, isto é, ter uma entrevista com ele.

**22. André** também é um nome grego. Este discípulo parecia ter-se especializado em levar gente a Cristo (1:41; 6:8, 9).

**23.** Sem se dirigir aos gregos diretamente, Jesus atendeu suas necessidades. Não teriam de esperar muito para se beneficiarem de sua missão – **é chegada a hora. Glorificado.** Isto se explica pelos versículos seguintes. No Evangelho de João a glorificação começa com a morte e inclui a ressurreição.

**24. Grão de trigo.** A natureza fornece uma parábola sobre a carreira de Jesus. Sem a morte sua vida permaneceria isolada, sem poder de desenvolvimento. Morte é a chave para a frutificação espiritual.

**25. Quem ama a sua vida.** O mesmo princípio se aplica ao discípulo. "Aquele que procura ajuntar à sua volta aquilo que é perecível, acaba perecendo junto; aquele que se despoja de tudo aquilo que só pertence a este mundo, prepara-se para uma vida mais elevada" (Westcott, *op. cit.*).

**26. Siga-me.** Servir a Cristo envolve segui-lo, mesmo enfrentando a morte. Isto será recompensado participando do glorioso futuro com Ele, incluindo ser reconhecido pelo Pai. Essa perspectiva está diante de qualquer homem (tanto o grego como o judeu).

**27.** Falando dessas coisas, Jesus tornou-se mais cômico do preço que logo pagaria pelo cumprimento do seu papel de Redentor. **Salva-me.** Este é um toque da agonia do Getsêmani. A natural inclinação de Jesus era de ser salvo daquela **hora** que estava se aproximando. Tal oração dá testemunho eloqüente da monstrosidade daquela hora. Mas a submissão de Jesus foi tão completa que teve de enfrentá-la. Por isso Ele veio. E assim a oração não foi prolongada.

**28.** Outra oração tomou o seu lugar. **Glorifica o teu nome.** O Pai o faria como já capacitava o Filho a enfrentar a sua hora e realizar sua missão. **Eu já o glorifiquei.** A glória do Filho, manifesto na vida e obra até aquele momento, refletia glória sobre o nome do Pai. **Outra vez,** isto é, na Paixão, que resultaria na ressurreição e exaltação.

**29. A multidão,** limitada em seu entendimento, interpretou mal o testemunho do Pai.

**31.** A hora de Jesus, além de lhe proporcionar sofrimento, traria também juízo para o mundo pecador que o colocaria sobre a cruz, e ruína para Satanás, que comanda o sistema do mundo. O Cristo expulso expulsaria aquele que leva os homens a rejeitá-lo (cons. Cl. 2:15).

**32.** O próprio Cristo, quando aparentemente derrotado, estaria realmente em posição de aproximar de Si mesmo os homens pelo poder do Seu sacrifício. A glória triunfaria sobre a vergonha. A vitória reluziria através da negra tragédia. **Todos,** incluindo os gregos, viriam para conhecer a influência do Seu amor redentor. **A mim.** A salvação é aproximação de Cristo, além de ser através dEle.

**33. De que gênero de morte.** O levantamento refere-se à crucificação. Jesus sabia que não morreria apedrejado.

**34. O Cristo** (Messias) que o povo aprendera a esperar da Lei (V.T. em geral) **permanece para sempre.** Como, então, poderia Jesus como o

Filho do homem cumprir esta expectativa sendo levantado para morrer? Tal Filho do homem não se encaixava na expectativa messiânica. As esperanças que eles alimentaram na entrada de Jesus em Jerusalém estavam agora desfeitas.

**35, 36.** Antes que o contato com o povo fosse interrompido, Jesus o advertiu que a luz iria brilhar só por um tempo limitado. Se não O aceitassem, as trevas sobreviriam. Ao que parece a advertência não foi considerada. João resume aqui a resistência à luz que continuou até o fim (vs. 37-43).

**37.** Os milagres não despertaram a fé da multidão no Senhor. Em João encontramos apenas exemplos dos tantos milagres.

**38.** Esta falta de fé estava em concordância com a anunciação profética de Isaías (53:1). Significativamente, este é o capítulo em Isaías que destaca a morte do Messias.

**39, 40. Não podiam crer.** A dureza dos seus corações tornava isso inevitável.

**Cegou-lhes ... endureceu-lhes.** Esta atividade de Deus não pode ser considerada como um plano deliberado de tornar a fé impossível para aqueles que querem crer. Antes, é a resposta de Deus à incredulidade. O Senhor os teria curado se se convertessem (voltando-se para Ele), portanto a fidelidade dEle não pode ser impugnada. O endurecimento judicial é uma fase do juízo divino. A citação é de Is. 6:10.

**Sejam por mim curados.** Aqui Cristo é o sujeito.

**41. A glória dele,** isto é, de Cristo. Tal como Isaías previu Seus sofrimentos (cons. v. 38), assim Ele via a Sua glória (Is. 6).

**42, 43. Contudo** prepara o leitor para uma exceção ao endurecimento geral de Israel. A identidade desses líderes que "creram" é desconhecida. Falta de vontade de confessar Cristo, entretanto, lança a dúvida na perfeita genuinidade da fé desses homens (cons. 2:23-25). Provaram ser indignos da aprovação divina. Neste ponto João introduz a apresentação final que Jesus faz de Si mesmo à nação.

**44, 45. Clamou** enfatizando o caráter público do ensinamento e a sua urgência. Jesus reafirmou Sua missão recebida do Pai (12:44) e Sua unidade com Ele (v. 45).

**46. A luz.** Cons. 1:7-9; 3:19; 8:12; 9: 5; 12:35.

**47, 48.** Se as palavras de Cristo fossem agora rejeitadas, elas agiriam como juiz no último dia. Suas palavras nunca passariam.

**49.** Jesus só dissera aquilo que o Pai lhe dera para falar. Como, então, poderia ser Ele culpado de blasfêmia ou mentira?

**50. Vida eterna.** Isto se encontra na palavra falada de Jesus, assim como se acha presente nele como o Verbo (6:63; 1:14, 18).

### III. O Ministério de Cristo aos Seus. 13:1 – 17:26.

#### João 13

##### A. O Lava-Pés. 13:1-17.

Dos Sinóticos ficamos sabendo como Jesus enviou dois dos Seus discípulos para prepararem o cenáculo para a festa e como planejou comungar com eles (Lc. 22:7-13).

**1. Ora, antes da festa da Páscoa.** Surgem as perguntas. A refeição no cenáculo foi uma refeição de confraternização, ou foi realmente a Páscoa? Em duas outras passagens João parece dizer que a Páscoa não tinha ainda chegado (13:29; 18:28). Os Sinóticos tornam claro que Jesus e os discípulos comeram a Páscoa. Esta disposição em João pode representar um protesto contra a observância oficial dos judeus neste dia, tendo por base um calendário diferente, de acordo com a prática da seita Qumran (Matthew Black, "The Arrest and Trial of Jesus and the Date of the Last Supper", no *New Testament Essays: Studies in Memory of T. W. Manson*, ed. por A.J.B. Higgins, págs. 19-33). Outra possibilidade é que as referências em João 13:29 e 18:28 feitas à Páscoa no futuro devem ser explicadas como referências à Festa dos Pães Asmos, a qual às vezes era chamada de Páscoa (Lc. 22:1). Ela começava imediatamente após a Páscoa e durava uma semana. Mesmo assim, a refeição aqui

mencionada parece ter se realizado antes da Páscoa, quer fosse ou não a devida observância da festa anual. **Hora.** Considerada aqui não do ponto de vista do sofrimento mas de vindicação e retorno ao Pai (cons. 19:30; Lc. 23:46).

**Amou-os até ao fim.** Ou, no fim (à conclusão dos dias da preparação e antecipação). Esta expressão (*eis telos*) também pode significar "ao máximo" (cons. I Tes. 2:16).

**2. Durante a ceia.** Outra tradução, largamente adotada atualmente, diz, **enquanto a ceia se realizava.** A atitude de Jesus de lavar os pés dos discípulos se encaixaria melhor do que depois. O amor de Jesus faz agudo contraste com o ódio de Satanás e Judas.

**3.** Possuindo o conhecimento de Sua autoridade, Sua origem divina e Sua volta certa ao Pai, Jesus não fugiu à humilde tarefa. Este é o caráter do espírito da Encarnação.

**4, 5.** O material necessário para o lava-pés estava ali (cons. (Lc. 22:10), mas não havia servo (Jesus solicitara completo isolamento). Um dos discípulos poderia ter-se oferecido para fazê-lo, mas todos eram orgulhosos demais. A esta altura estavam discutindo qual deles seria o maior (Lc. 22: 24).

**6.** Não se pode determinar se Cristo aproximou-se de Pedro em primeiro lugar. O que está claro é o sentimento de indignidade de Pedro para aceitar que o Senhor executasse tal serviço para ele. Os pronomes **tu** e **mim** são enfáticos. Corajosamente o discípulo declarou o que pensava.

**7.** Na resposta de Jesus há uma ênfase parecida sobre o eu e tu (sabes). **Agora... depois.** Nenhuma referência ao Céu ou aos acontecimentos da noite, mas à iluminação do Espírito mais tarde.

**8.** Mais impressionado com a injustiça da situação do que com o seu significado oculto, Pedro insistiu em que Jesus não lhe lavasse os pés. Mas a réplica do Senhor elevou o ato da condição de simples serviço servil para uma de significado espiritual. Não ser lavado por Cristo é estar impuro, é não ter parte com Ele.

**9.** A alternativa de ser separado de Cristo era muito pior para Pedro do que a vergonha de ser servido dessa maneira por seu superior. Eis porque a impulsiva inclusão de mãos e cabeça. Todas as outras partes estavam incluídas, é claro. Pedro não queria que nada ficasse excluído de ser lavado.

**10, 11.** Pedro precisava saber que a virtude do lavar não era quantitativa, pois O ato era simbólico da purificação interior. **Banhou** (de *louô*) indica um banho completo.

**Lavar... pés.** Aqui a palavra é *níptô*, apropriada para a lavagem de porções individuais do corpo, tal como na narrativa anterior. A lavagem da regeneração torna uma pessoa limpa à vista de Deus. Isto está simbolizado no batismo cristão, que só se administra uma única vez. Purificação posterior das manchas de impureza não substitui a purificação inicial mas só tem significado à luz dela (cons. I Jo. 1:9).

**Estais limpos, mas não todos.** A referência é a Judas. Jesus sabia o que havia no seu coração e quais eram seus planos (cons. 6:70, 71). Com referência a **limpos**, veja 15:3. Judas não era um homem regenerado.

**12. Compreendei o que vos fiz?** O lado divino do ato já foi explicado em termos de purificação, mas o lado humano precisava ser apresentado – o ato como símbolo do que os discípulos tinham de fazer uns pelos outros.

**13, 14.** Se o seu superior, que era Senhor e Mestre (professor), estava pronto a realizar esta tarefa para eles, é claro que deviam fazê-lo uns pelos outros. Humildade não é abnegação essencialmente, mas desinteresse próprio em serviço dos outros.

**15. O exemplo.** Isto exclui qualquer pensamento de que o lava-pés seja uma ordenança. As Escrituras silenciam sobre a prática, salvo na qualidade de um serviço ministrado por causa do amor na questão da hospitalidade (I Tm. 5:10).

**B. O Anúncio da Traição, 13:18-30.**

Judas estivera na mente do Senhor mesmo durante o lava-pés (vs. 10, 11). Agora já não era mais possível esconder a revelação de que haveria uma traição. Com grande sabedoria Jesus logrou que Judas soubesse que Ele estava cômico de suas intenções e que o excluía de Sua companhia. Assim ele forneceu o tipo de atmosfera adequada para continuar com Seus ensinamentos.

**18. Não falo a respeito de todos vós.** Judas não poderia lucrar com o exemplo dado no lava-pés.

**Eu conheço aqueles que escolhi** – inclusive Judas. As Escrituras já tinham declarado de antemão a traição deste homem (Sl. 41:9). O versículo não foi citado todo, pois a primeira metade não era aplicável.

**19.** Qualquer tentação da parte dos outros discípulos para duvidar da sabedoria de Jesus na escolha de Judas foi assim prevenida, pois Cristo não foi tomado de surpresa. Depois da Paixão, esses homens poderiam olhar para trás e crer no seu Senhor mais firmemente do que nunca.

**20.** Judas não continuaria como representante de Cristo, mas esses homens sim. Eles levavam o nome e a autoridade do Salvador. Aqueles que reagissem favoravelmente estariam reagindo ao próprio Cristo. Este princípio tem base no próprio relacionamento de Jesus com o Pai.

**21.** Agora Jesus revelava a causa do estado perturbado de seu coração. Um traidor estava entre eles – **um dentre vós.**

**22.** A perplexidade sobre a identidade do traidor tomou conta do círculo apostólico. Judas desempenhou bem o seu papel. Estava fora de suspeitas.

**23.** O "discípulo amado" ocupava um lugar imediatamente ao lado de Jesus à mesa. Ele podia reclinar-se no seio do Salvador por causa da posição usada.

**24.** Ansioso em saber quem era o traidor, Pedro, longe demais para perguntar o nome a Jesus, acenou para João fazer a pergunta.

**25, 26.** Em resposta à pergunta cochichada por João, Jesus identificou o traidor, não pelo nome, mas indicando que era aquele a quem passaria o **bocado molhado**, um pedaço dado como sinal de favor especial e unidade. **Deu-o a Judas.** Iscariotes provavelmente significa "homem de Querite", uma cidade da Judéia.

**27.** Aceitar o bocado sem aceitar o amor suplicante que vinha junto significa que Judas estava endurecendo seu coração para fazer o que estava determinado a fazer – trair o Senhor. Fora descoberto e indignou-se. Desse momento em diante **Satanás** o controlou inteiramente. **Faze-o depressa.** Mais esforços em dissuadir Judas eram inúteis.

**28. Nenhum... percebeu.** Parece que Judas estava assentado do lado de Jesus, do lado oposto de João. A palavra de ordem despedindo Judas não foi ligada à traição nas mentes dos outros.

**29.** Sabendo que Judas era o tesoureiro, imaginaram que estivesse sendo enviado a fazer alguma compra para a festa ou de algo a ser distribuído entre os **pobres** (Ne. 8:10).

**30. E era noite.** Numa obra tão sensível ao simbolismo e significado oculto como este Evangelho, estas palavras devem ter significado especial. Descrevem imediatamente a condição de trevas de Judas por se entregar ao ódio de Jesus e também a aproximação da hora quando os poderes das trevas engoliriam o Salvador.

### **C. O Discurso no Cenáculo. 13:31 - 16:33.**

Estas palavras preciosas de Cristo foram pronunciadas à luz de sua iminente partida para o Pai e tinham em vista as condições sob as quais os discípulos do senhor teriam de prosseguir sem sua presença pessoal (16:4). Três linhas principais de ensinamentos discernem-se aqui: 1) ordens referentes à tarefa que estava diante dos discípulos, a qual foi um testemunho frutífero enlaçado e permeado pelo temor; 2) advertências referentes à oposição que teriam de enfrentar do mundo e Satanás; e principalmente 3) uma exposição das provisões divinas com as quais os discípulos seriam sustentados e triunfariam nos dias futuros. De vez em



quando os ensinamentos do Senhor eram interrompidos por perguntas, mostrando que os discípulos tinham falta de entendimento em muitos pontos.

**31-35.** *Aviso da partida e ordem para que amassem uns aos outros.*

**31. Agora foi glorificado o Filho do homem.** Com a saída de Judas, rapidamente se preparava o cenário para aquela série de acontecimentos que glorificariam o Filho e o Pai. Na morte Cristo seria glorificado aos olhos do Pai (cons. I Co. 1:18, 24). O Pai veria na morte na cruz o cumprimento de Seu propósito. Só depois da Ressurreição os discípulos sentiriam a glorificação.

**32. Deus foi glorificado nele.** Na ressurreição e exaltação de Jesus e no derramamento do Espírito sobre os discípulos, Deus manifestaria que Aquele que foi obediente até a morte, honrado agora por Sua fidelidade, era Aquele que era um com Ele exatamente como proclamou.

**33. Filhinhos.** A terna afeição foi aguçada pela comoção do adeus. Os judeus o buscariam por curiosidade, e os Seus por causa de afeição pessoal ; em ambos os casos, porém, seriam em vão buscá-LO no sentido físico.

**34.** Havia algo, entretanto, a que poderiam devotar vantajosamente suas energias.

**Novo mandamento... Que vos ameis uns aos outros.** Era novo no sentido de que o amor devia ser exercido na direção dos outros não porque pertencessem à mesma nação, mas porque pertenciam a Cristo. E era novo porque devia ser a expressão do amor sem-par de Cristo, o qual os discípulos viram na vida e veriam também na morte.

**Como eu vos amei.** Era, ao mesmo tempo, o padrão e o poder motivador do amor que devia se manifestar.

**35.** Tal amor tinha de inevitavelmente ser um testemunho ao mundo. Perpetuaria a memória de Cristo e apontaria para a continuação de Sua vida, pois essa qualidade de amor só fora vista nEle. Os homens reconhecem a bênção que há em tal amor ainda que eles mesmos não sejam capazes de produzi-lo.

**36-38.** Pedro recusou-se a aceitar o prospecto da separação. Foi informado de que não poderia seguir a Cristo naquela hora, mas poderia fazê-lo **mais tarde** (cons. Jo. 21:19). Pronto a segui-lo agora Pedro estava pronto a dar a sua vida pelo seu Senhor. Tal autoconfiança exigia uma repreensão. A pretensa lealdade de Pedro produziria baixa rejeição, três vezes cometida.

## João 14

O capítulo 14 trata principalmente do encorajamento específico para contrabalançar a partida de Jesus, a deserção de Judas, e a predita queda de Pedro. E são: a provisão final da casa do Pai; a volta de Cristo para os Seus; a perspectiva de fazer coisas maiores; as possibilidades ilimitadas da oração; o dom do Espírito Santo; e a provisão da paz de Cristo.

**1.** Se Pedro, o líder do grupo apostólico, falharia, é claro que os corações estivessem turbados. Essa palavra foi usada em relação do próprio Jesus em Jo. 11:33; 12:27; 13:21. "Ele experimentou aquilo que poderia confortar e controlar em nós" (T.D. Bernard, *The Central Teaching of Jesus Christ*).

**Credes** é, provavelmente, um imperativo em ambos os casos. Tudo parecia estar às margens de um colapso. Era necessário uma renovada fé em Deus. A causa de Jesus parecia estar diante da derrota; portanto a fé nEle era mais necessária do que nunca. Cada nova provação como cada nova revelação é uma chamada para a fé.

**2. Casa de meu Pai** (cons. 2:16). O Templo em Jerusalém, com seus vastos pátios e numerosos gabinetes, sugere o antítipo do Céu. **Muitas moradas.** Lugares de *habitação*. A mesma palavra de 14:23. **Eu vo-lo teria dito.** O discípulo tem o direito de supor que tem uma provisão divina adequada mesmo quando não foi declarado. **Vou preparar-vos.** Como Pedro e João foram à frente preparar o recinto para a ceia, Jesus precedia os demais na glória para preparar "o cenáculo" para os Seus.

**3. Voltarei.** Gramaticalmente, é um presente do futuro, enfatizando ambos, a certeza da vinda e a natureza iminente do acontecimento. A vinda não enfatiza o Céu como tal, mas antes a reunião de Cristo e o Seu povo. **Onde eu estou** – a mais satisfatória definição do Céu. Esta linguagem espacial torna difícil interpretar o versículo como sendo uma provisão da contínua presença de Cristo com o Seu povo enquanto Este ainda se encontra na terra. A aplicação das palavras à morte do crente também não é apropriada, pois nessa experiência os santos de Deus partem para ir ter com Cristo (Fl. 1:23).

**4.** Os melhores textos traduzem assim: *Vocês sabem o caminho para onde vou.*

**5.** Tomé viu um problema duplo no pronunciamento de Jesus. Uma vez que ele como também os outros, não conheciam o destino, como poderiam conhecer o caminho?

**6. O caminho.** Isto tem um destaque especial por causa do contexto. Foi um tanto antecipado no ensino sobre a porta (10:9). **A verdade.** Cristo como verdade torna o caminho digno de confiança e infalível (cons. 1:14; 8:32, 36; Ef. 4:20, 21). **A vida** (cons. 1:4; 11:25).

**Ninguém vem.** O verbo coloca Jesus ao lado de Deus e não ao lado do homem (Ele não disse "vai"). "Nenhum homem pode alcançar o Pai a não ser que compreenda a Verdade e participe da Vida que foi revelada aos homens por Seu Filho. Assim, apesar de ser o guia, Ele não nos guia a algo além de Si mesmo. O conhecimento do Filho é o conhecimento de Deus" (Hoskyns).

**7.** As palavras sugerem o fracasso dos discípulos em conhecer Cristo como Ele realmente era. À vista desta última revelação, entretanto, não poderia haver justificativa para o fracasso em conhecer o Pai tão bem quanto o Filho. Alguns manuscritos dão uma tradução diferente. "Se vocês me conhecessem (como me conhecem), conheceriam também o meu Pai".

**8.** O desejo de uma experiência objetiva era forte – **mostra-nos o Pai** (cons. Êx. 33:17). Filipe sentia que conhecia Deus, mas não como Pai no sentido máximo que Jesus tinha em mente quando falou dEle.

**9. Há tanto tempo.** Era pateticamente tarde para o pedido. O Filho estivera revelando o Pai o tempo todo (10:30). Isto estava no fundo de sua missão (1:18).

**10.** É claro que Filipe tinha de crer que havia comunhão de vida entre o Pai e o Filho. Da união entre o Filho e o Pai vinham **as palavras** que Jesus falava. Das obras que Ele realizava vinha a demonstração de que o Pai habitava nEle e agia por intermédio dEle.

**11.** A exortação transferiu-se de Filipe para os Onze. **Crede-me.** Isto é, aceitem meu testemunho sobre o meu relacionamento com o Pai. Uma opinião suficientemente elevada de Cristo torna sua auto-revelação em evidência final. Para aqueles que precisam de outra evidência, **as obras** estão lá para sustentarem a reivindicação.

**12. Obras... maiores.** Não devem se restringir aos sinais que Jesus operou nos dias da sua carne. As obras não poderiam ser maiores do que as Suas em qualidade, mas maiores em extensão.

**Porque eu vou para junto do meu Pai.** Esta é a razão das obras maiores. As restrições impostas a Jesus pela encarnação podiam ser removidas, sua posição com o Pai podia ser relacionada às obras maiores de duas maneiras: respondendo às orações dos Seus, e enviando o Paráclito como fonte infalível de sabedoria e força. As obras, então, não seriam feitas independentemente de Cristo. Ele responderia as orações; ele enviaria o Espírito.

**13, 14. Tudo quanto.** O alcance da oração. **Pedirdes.** A condição da oração. **Em meu nome.** O terreno da oração. Isto envolve duas coisas pelo menos: orar com a autoridade deferida por Cristo (cons. Mt. 28:19; Atos 3:6) e orar em união com Ele, para que não se ore fora de Sua vontade. **Isso farei.** A certeza da oração. **A fim de que o Pai seja glorificado no Filho.** O propósito da oração. **Se pedirdes.** O se está do lado daquele que ora, não do lado de Cristo.

**15. Se me amais.** Esta é a atmosfera na qual serão honradas por Seus servos não somente a ordem relativa à oração, mas todas as outras ordens do Senhor.

**Guardareis** está no imperativo, mas boas fontes documentárias pedem a forma futura "guardareis". O amor não é em primeiro lugar um predicado sentimental; é a dinâmica da obediência.

**Meus mandamentos.** Basicamente, só Deus pode mandar. A Divindade estava falando.

**16.** Esses mandamentos só podem ser guardados no poder do Espírito Santo, chamado aqui o **outro Consolador**. Uma tradução melhor neste ponto seria **Ajudador**. A palavra **outro** coloca o Espírito em pé de igualdade com Jesus (cons. Fl. 4:13). No Espírito temos mais do que um ajudador ocasional – **a fim de que fique convosco para sempre**.

**17. O Espírito da verdade** (cons. 15:26; 16:13). Ele é iluminador além de ajudador. Seu grande tema é Cristo, a Verdade (14:6; 15:26). **Que o mundo não pode receber.** O mundo é governado pelos sentidos. Uma vez que o Espírito não pode ser visto nem compreendido pela razão, Ele fica de fora da experiência consciente do mundo (cons. I Co. 2:9-14). **Habita convosco.** Uma presença constante, compensando o afastamento do Senhor. **Em vós.** Não apenas com eles na qualidade de uma presença permeando o corpo físico, mas habitando neles individualmente.

**18.** O mesmo assunto prossegue. **Órfãos.** Desamparados. A necessidade dos discípulos seria atendida quando Cristo viesse na bênção da ressurreição. Isto traria com Ele a pessoa do Espírito (20:22). Assim como o Espírito estaria com eles e neles, também Cristo. Seria impossível diferenciar os dois, tal como o Filho e o Pai são indivisíveis (cons. II Co. 3:17). Cristo não estava falando de sua vinda futura, como no versículo 3, mas de uma vinda que atenderia uma necessidade imediata.

**19.** Cristo seria objeto de vista para o mundo por apenas um tempo limitado. Então viria a morte, e ainda que seguida da ressurreição, isto não o restauraria aos olhos dos homens (Mt. 23:39). Os discípulos seriam

capazes de vê-lo e de participarem de sua vida ressurreta porque estavam espiritualmente vivos.

**20. Naquele dia** esses homens seriam capazes de captar o significado daquilo que Jesus estivera tentando lhes dizer sobre a Sua vida com o Pai, que era uma vida de interpenetração e comunhão, e também sobre Sua própria vida, que fora agora da mesma maneira elevada ao divino e impregnada dEle. **Conhecereis.** *Gnôsesthe* fala de descoberta. Nem é necessário dizer, isto não dá ao crente o direito de dizer que ele é Deus ou o Filho de Deus. A união não tem sentido separadamente da existência individual daqueles que a compõem.

**21.** Jesus voltou ao assunto do amor e da obediência aos Seus mandamentos (cons. v. 15), mas à vista dos ensinamentos do verso 20, incluía agora a menção do Pai. Guardar os mandamentos de Cristo é prova de amor a Cristo. Este amor desperta o amor correspondente do Pai, cujo amor ao Filho é tal que Ele tem de amar a todos os que o amam. Produz também a manifestação do Filho ao crente. O que os discípulos desfrutaram através da manifestação física do Senhor ressuscitado após a Ressurreição, desfrutariam também no sentido espiritual através de todo o restante de sua peregrinação terrena.

**22. Judas, não o Iscariotes.** A reputação do traidor era tão má que João toma o cuidado de não permitir qualquer confusão na identificação, apesar de que o outro Judas tivesse deixado o recinto. Este Judas não podia entender uma manifestação restrita aos poucos escolhidos, não que fosse impossível (ela estava acontecendo naquele momento) mas não parecia de acordo com a glória do ofício messiânico. Se Cristo tinha de voltar novamente, por que não ao mundo? Ficou perplexo com a declaração de Jesus no versículo 19.

**23.** "A resposta a Judas é que a manifestação mencionada tinha de ser limitada, porque só podia ser feita onde houvesse comunhão de amor que se autenticasse pelo espírito de auto-negação e submissão às ordens de Jesus" (William Milligan e W.F. Moulton. *Commentary on the Gospel of St. John*). Esta manifestação além de ser muito pessoal,

conduz também a um relacionamento permanente – **faremos nele morada**. Observe que o Filho tem a liberdade de empenhar o Pai em um certo curso de ação, outra indicação clara de divindade.

**24.** Eis aqui o corolário do lado negativo da verdade do último versículo. Mais uma vez Cristo confirmou a unidade da palavra do Filho com a do Pai.

**25, 26. Isto... todas as coisas.** Os ensinamentos de Cristo no tocante às novas condições da era vindoura era mais sugestiva do que completa (cons. 16:12). Essa deficiência tinha de ser vencida pela vinda do Espírito Santo. Seu ministério aos crentes tinha de ser, principalmente, ensinar-lhes (um dos grandes ofícios de Cristo também; os dois estão combinados por implicação em Atos 1:1). **Todas as coisas** (cons. I Co. 2:13-15). Esses assuntos presumivelmente seriam baseados na pessoa e na obra de Cristo, proporcionando, assim, uma continuação dos ensinamentos de Jesus. Uma parte da obra do Espírito, na realidade, seria a de recordar o que Cristo tinha falado (cons. 2:22; 12:16).

**27. A paz.** Uma palavra freqüentemente relacionada com as despedidas (cons. Ef. 6:23. I Pe. 5:14). Mas isto é mais um legado do que um toque convencional. **Deixo-vos** (*aphiêmi*) é raramente usado neste sentido. Outro exemplo ocorre na Septuaginta, no Salmo 17:14. **A minha paz**, uma qualidade diferente de paz, diferente da **paz do mundo**, que seria abalada numa hora como esta quando a morte se encontrava tão perto. O dom de sua paz tornaria destemidos seus seguidores, assim como Ele (cons. 16:33).

**28.** O Senhor não tinha a intenção de esconder o fato de Sua partida, mas Ele os lembrou que a tristeza da partida era aliviada pela promessa de voltar novamente.

**Se me amásseis.** Seu amor era ainda incompleto. O amor deseja o melhor para aquele que é amado. Os discípulos se regozijariam com a Sua volta ao Pai.

**O Pai é maior do que eu.** Isto nada tem a ver com o ser essencial, e não contradiz também João 10:30 e outras passagens. O Pai estava em

posição de recompensar o Filho pela obediência até à morte. Aqui temos indicações de que a volta de Cristo ao Pai resultaria em bênçãos em benefício de Seus seguidores; por isso Sua alegria não seria inteiramente desinteressada.

**29.** Todas as bênçãos derramadas no futuro corroborariam a palavra de Cristo e aumentariam a confiança e a fé dos discípulos nEle.

**30. O príncipe do mundo** (cons, 12:31). Uma referência a Satanás. Aqui a significação imediata parece ser à traição de Judas, instrumento de Satanás, e a prisão de Jesus (cons. Lc. 22:53).

**Nada tem em mim.** Nenhuma participação na pessoa ou causa de Cristo (cons. 13:8). Aqui pode haver uma sugestão da verdade que Satanás nada tem em Cristo que seja seu de direito, que ele possa reclamar ou se apropriar para seus próprios interesses. Cristo é sem pecado e vitorioso sobre o mal.

**31.** Exatamente aquilo que Satanás estava para realizar, isto é, a morte de Cristo na cruz, era aquilo que o Salvador tinha urgência de realizar. Mas Ele não o fez como vítima indefesa de Satanás, fê-lo por amor ao pai, sabendo que era mandamento do pai (sua vontade expressa). **Levantai-vos, vamo-nos daqui.** De modo algum parece certo que a ordem foi imediatamente obedecida. Há uma dificuldade em supor que o restante do discurso fosse pronunciado em um lugar público, até mesmo no Templo.

## João 15

No capítulo 15 percebemos as seguintes linhas de pensamento: produção de frutos através da permanência em Cristo (vs. 1-11); o amor como fruto supremo (vs. 12-17); o ódio do mundo pelos discípulos, como também por Cristo (vs. 18-25); o testemunho divino e humano de Cristo (vs. 25-27).

**1. Eu sou a videira verdadeira.** Provavelmente houve intenção de se estabelecer um contraste com Israel, a vinha plantada por Deus que provou ser estéril (Is. 5:1-7). **Verdadeira.** Tudo o que uma videira



deveria ser no sentido espiritual. Cristo não é simplesmente a raiz ou o tronco, mas toda a planta. Incluído nEle está o Seu povo. **Agricultor.** Ambos, proprietário e tratador.

**2. Todo ramo que, estando em mim.** Estar em Cristo é um fato espiritual de importância incalculável. **Não der fruto.** Não é um seguidor presuntivo. Assim como a planta possui brotos que sorvem a seiva mas nada lhe acrescentam, precisando por isso serem cortados, da mesma maneira um filho de Deus, estéril, que insiste em fazer a sua própria vontade deve aguardar ser posto de lado. A mão disciplinadora de Deus pode até remover tal pessoa através da morte. **Limpa.** Isto se aplica ao ramo que dá fruto. Ele é mantido limpo de qualquer tendência para a apatia ou de mero crescimento sem produção de frutos. O objetivo é **mais fruto.**

**3. Já estais limpos** (literalmente, *por causa da*) **pela palavra.** Separados dos outros, tendo recebido a revelação de Deus em Cristo.

**4. Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós.** Isto faz lembrar 14:20, Mas ali o pensamento se relaciona com a posição; aqui se relaciona com a vontade, a decisão de depender conscientemente de Cristo como a condição de produção e fruto. A resposta de Cristo é uma manifestação interior – **eu... vós.** Um ramo destacado da videira é necessariamente estéril. A intenção é a união vital.

**5.** A videira e as varas são distintas. Da videira vem a vida; das varas, como resultado, vem o fruto. A ordem é a mesma de 14:20 e 15:4. Nossa permanência em Cristo relaciona-nos com a fonte da vida. Sua habitação em nós produz um fornecimento constante de fruto – **muito fruto. Sem mim. Separados de Mim,** cortados de Mim.

**6.** É um fato conhecido que além da produção de uvas a videira não tem nenhuma utilidade a não ser como combustível (cons. Ez. 15:6). **Alguém... o.** "A indefinição do sujeito corresponde ao mistério do ato simbolizado" (Westcott). Uma vez que o sujeito é a produção do fruto e não a vida eterna, o fogo é um juízo sobre a esterilidade, não um abandono à eterna destruição. A vara é o potencial de produção de fruto,

não a própria pessoa. Aqui está se falando de obras infrutíferas (cons. I Co. 3:15).

**7. As minhas palavras.** As palavras de Cristo, como também a pessoa de Cristo, podem permanecer no crente. É o ensinamento de Cristo que desperta a oração do tipo adequado. Quando a palavra de Cristo habita abundantemente em nós (Cl. 3:16), pode-se seguir seguramente o que quisermos, e será feito. O ensinamento é semelhante ao de Jo. 14:13, 14.

**8.** O discipulado é um crescimento, uma coisa dinâmica. Quanto mais fruto produzimos, mais verdadeiramente estamos nos encaixando no padrão de **discípulos**, aqueles que aprendem de Cristo a fim de se parecerem com Ele. Deus é **glorificado** com isso. Ele é vindicado e recompensado pelo Seu investimento na vinha.

**9.** A menção do amor nesta altura sugere que este é o item principal no fruto que o Pai está preocupado em achar nos Seus filhos (cons. Gl. 5:22). Mas este não é o amor no sentido geral – antes, o **meu amor**, o amor de Cristo. Quando Ele entra para habitar, traz junto o Seu autor, que por seu lado é o próprio amor do Pai desfrutado por Cristo. O amor cristão tomar-se, assim, divino em seu caráter. **Permanecei no meu amor.** Não aceite substitutos.

**10.** O gozo do amor do Salvador está condicionado na obediência aos Seus **mandamentos**. Esta não é uma exigência arbitrária, pois Cristo mesmo também operou debaixo desta regra no Seu relacionamento com O Pai. O discípulo não está acima do seu Senhor.

**11.** A vida de amor produz **gozo**. Cristo a teve em primeiro lugar como resultado da execução perfeita da vontade do Pai e desfrutando o Seu amor. Isto Ele transmite aos Seus, e no processo personaliza-se de modo do que se transforma no gozo deles. No começo a posse pode ser parcial, mas o alvo é ser **completo**, não deixando lugar para o medo ou insatisfação. A sessão seguinte começa e termina com a ordem de se amarem uns aos outros.

**12, 13.** Eis aqui uma epitomização da obrigação do cristão. Não é mais uma advertência de guardar os mandamentos de Cristo para permanecer no Seu amor (v. 10). É antes uma injunção para concentração no mandamento do amor de uns aos outros.

**Assim como eu vos amei.** A medida do amor de Cristo pelos Seus é o auto-sacrifício, do qual eles se beneficiam (cons. I Jo. 3:16). Tal padrão pode ser alcançado só quando o amor do próprio Cristo tem permissão de fluir através da vida do Seu povo. A anunciação da cruz feita por Jesus nos sinóticos enfatiza a necessidade divina; aqui a motivação é amor. A cruz não é algo imposto mas algo aceito – **dar alguém a sua própria vida.** Prova imediata de amor é a prontidão em dar indicação antecipada do propósito de morrer por aqueles que são **amigos**. Morrer por eles de modo nenhum contradiz o propósito de morrer por um círculo maior, até mesmo pelo próprio mundo.

**14.** A amizade com Jesus não elimina a necessidade da obediência.

**15.** Se esta necessidade parece tornar os amigos em **servos**, existe uma diferença. O servo não tem a confiança do seu senhor. Prova do "status" de amigos, no caso dos discípulos, foi a admissão que tiveram nos segredos de Cristo, inclusive de tudo aquilo que o Pai tinha revelado ao Filho. Nada foi retido. Isto não significa que tudo tenha sido compreendido pelos seguidores de Jesus.

**16.** Para que os discípulos não ficassem com a impressão de que somente eles estavam nos planos de Deus, Cristo esclarece agora que eles tiveram o privilégio de receber uma posição especial para transmitirem a mensagem aos outros. Eles foram escolhidos, não para seu próprio prazer ou orgulho. Antes, Cristo os nomeou tendo um serviço em mente.

**Vades e deis frutos.** Anteriormente o fruto era o amor. Agora tem de ser o amor em ação, a proclamação da mensagem da salvação e o ganhar de almas. Há uma relação íntima de pensamento com João 12:24.

**Permaneça.** A mesma palavra foi traduzida *habite* em outro lugar no capítulo. Que haveria fruto permanente foi uma promessa graciosa à

vista dos resultados desapontadores durante o ministério de Jesus, quando muitos professaram interessar-se por Ele, para deixá-LO logo após algum tempo.

**17.** Este versículo é transicional. Os discípulos tinham de amar uns aos outros, pois não obteriam amor do mundo. A esta altura a palavra "amor" quase desaparece da passagem, sendo substituída por "odiar" e "perseguir" (nove vezes em nove versículos).

**18. O mundo.** A sociedade não redimida, separada de Deus, presa nas garras do pecado e do mal, cega às verdades espirituais e hostil para com aqueles que têm a vida de Deus neles. O ódio não visitaria os discípulos em um espírito de anti-semitismo, mas como uma continuação da hostilidade e do ódio contra Cristo. O ataque passaria do Pastor para as ovelhas. Tão certo quanto suas vidas refletiriam Cristo, atrairiam também o ódio dos homens pecadores (cons. Gl. 4:29).

**19.** A hostilidade tem raízes na dessemelhança espiritual. O mundo sente-se confortável na presença do que é **seu**. Tem a capacidade de sentir certa afeição por esses. A exclusividade da sociedade cristã, uma comunidade redimida dentro da não redimida, desperta o desprazer. Repreendido pela santidade daqueles que são de Cristo (cons. v. 22), o mundo exhibe seu ressentimento.

**20.** A prova da genuinidade do discipulado está na correspondência que há entre a reação dos homens ao ministério dos seguidores de Jesus e a reação dos homens a Cristo nos dias da sua carne. Alguns homens os **perseguirão**; outros guardarão suas palavras. **Lembraí-vos da palavra.** A referência é a Jo. 13:16. Atos 4:13 é uma poderosa ilustração dos ensinamentos de Jesus nesta passagem. Tendo se livrado de Jesus, como pensavam, os líderes ficaram consternados quando tiveram de enfrentar os discípulos que agiam como Ele.

**21. Por causa do meu nome.** Cristo sofreu rejeição porque os homens realmente não conheciam Aquele que o enviou. Os discípulos estavam sendo iniciados nesse círculo de má compreensão, participando dessa honra com o seu Senhor.

**22.** Esta ignorância da identidade de Cristo e sua missão baseava-se no **pecado** dos homens. Embora Cristo não viesse para julgar mas para salvar, Sua simples presença e testemunho despertava a manifestação do pecado que de outro modo permaneceria dormente. Expostos pelo salvador, seus inimigos não tinham onde se esconder. Seu último recurso consistia em banir Cristo de diante dos olhos deles. **Não teriam pecado.** O pecado culminante da incredulidade e rejeição do Salvador.

**23.** O custo de odiar Cristo é a condenação de odiar o Pai também. Os homens não podem tratar o Pai de um modo e o Filho de outro.

**24. As obras** (complementando a palavra de Cristo no v. 22) eram de tal caráter que os homens tinham de pronunciar um veredicto contra ou a favor dEle. Ao rejeitá-LO, pecavam. Era pecado acompanhado de ódio que logicamente envolvia o Pai em cujo nome viera o Filho.

**25. Sua lei.** As próprias Escrituras que os judeus tanto exaltavam levantavam-se contra para condená-los (Sl. 69:4). Sem motivo (*dôrean*). Um ódio assim não tem defesa. Falta-lhe base contra o objeto odiado. A mesma palavra ocorre, com o mesmo significado, em Rm. 3:24, onde a base da salvação está apresentada como sendo o próprio Deus e não a dignidade do homem. Tal ódio exige um forte e destemido testemunho diante do mundo. João descreve agora a natureza desse testemunho.

**26, 27.** Os discípulos não teriam de enfrentar o mundo sozinhos. Teriam um ajudador divino, o **Espírito da verdade**. Ele traria à baila a verdade sobre a condição pecadora dos homens e a verdade sobre Cristo, o remédio para esse pecado. O Espírito viria em dupla missão, por assim dizer, sendo enviado do Filho pelo Pai, a fim de testificar de Cristo (cons. 16:7-13). **E vós também testemunhareis.** Provavelmente mais indicativo que imperativo. Do ponto de vista da associação com Jesus, a qual lhes deu o conhecimento necessário para um testemunho válido, já estavam qualificados, uma vez que estiveram com Ele **desde o princípio** - o começo do seu ministério. Mas, para vigorar, seu testemunho tinha de se juntar ao do Espírito operando neles e através deles (cons. Atos 5:32).

## João 16

No capítulo 16 a nota dominante continua a mesma – a partida de Cristo e a antecipação do que isto significaria. O pensamento se movimenta ao longo das seguintes linhas: a advertência de Cristo sobre a futura perseguição (16:1-4a); sua partida explicada à luz da vinda do Espírito e seu ministério ao mundo (16:4b-11); o ministério do Espírito aos crentes (16:12-15); conforto para contrabalançar a dor da separação (16:16-28); a vitória do Filho de Deus (16:29-33). O tema da perseguição fora antecipado pelo ensinamento anterior (cap. 15) sobre o ódio do mundo contra Cristo e os Seus.

**1. Tenho-vos dito estas coisas.** Primeiramente a informação sobre o ódio do mundo, para que os discípulos pudessem se ornar de antemão, mas também o lembrete de que eles eram testemunhas diante desse mesmo mundo que os desprezaria (cons. 15:27). A responsabilidade enrijece o caráter. **Para que não vos escandalizeis.** A palavra "escandalizar" dá a idéia de tropeço por causa de um obstáculo, mais do que uma tendência interior para desertar. A frase que Jesus costumava usar é "vos escandalizareis em mim" (Mt. 26:31).

**2. Eles vos expulsarão das sinagogas** (cons. 9:22). A mais dolorosa experiência para um judeu, cujo laço com a nação era forte. Os crentes judeus em Jerusalém continuaram misturando-se com seus contrerrâneos no Templo depois do Pentecoste, demonstrando seu senso de afinidade com o seu povo. **Julgará com isso tributar culto a Deus.** O melhor comentário é a confissão de Saulo de Tarso referente aos dias de sua perseguição (Atos 26:9-11). Ele media o seu zelo para com a sua própria religião através dos terrores e destruição que infligia à igreja (Gl. 1:13; Fl. 3:6).

**3. Ignorância de Cristo e Seu verdadeiro relacionamento com o Pai** ajuda a explicar a perseguição. Tal ignorância não desculpa o perseguidor. Paulo intitulou-se o principal dos pecadores por causa disso! (I Tm. 1:13-15).

4. Quando a perseguição se desencadeasse, a memória da sinceridade de Cristo em adverti-los dessas coisas serviria para fortalecer seus servos. Enfrentar tais coisas sem preparo provocaria desânimo. **Porque eu estava convosco.** Cristo foi seu escudo contra a oposição. À luz de sua breve partida, o presente ensinamento tomou um significado que não teria antes. Era momento de pensar mais diretamente sobre a sua partida e sobre o que ela significaria para aqueles que ficavam.

5. Para Cristo a partida significa o retorno para junto dAquele que o enviara. Este aspecto da coisa não penetrara ainda nas mentes dos discípulos. Eles não lhe perguntaram, **Para onde vais?**

6. Em vez disso preocupavam-se com a perda que sentiam. Estavam tomados de tristeza.

7. **Vos convém que eu vá.** A desvantagem em termos de separação e tristeza seria ultrapassada pelo lucro ocasionado pela vinda do Consolador (ajudador). Só é preciso que se compare os discípulos do final do ministério de Jesus com esses mesmos homens depois da vinda do Espírito para ver como desenvolveram grandemente sua compreensão e eficiência no serviço.

**Se eu não for, o Consolador não virá** (cons. 7:37-39). Isto não é um sinal de hostilidade ou inveja entre o Filho e o Espírito. Na verdade, o Espírito veio sobre Cristo para lhe dar poder para a Sua obra; e logo viria sobre os seguidores de Cristo, como que compensando a perda da presença pessoal do Senhor.

8. **Convencerá o mundo.** Convencer e condenar. O Espírito tinha de vir primeiro para os discípulos (veja final do v. 7), e através deles assumiria a tarefa de convencer os homens. Num certo sentido este ministério está em correlação com a atividade de perseguição do mundo. O mundo poderá dar a impressão de fazer incursões na Igreja, mas já um contra-ataque na obra do Espírito, com o intuito não de ferir mas de converter, ou de pelo menos convencer. O Espírito, operando através dos apóstolos, produziu convicção do pecado na própria cidade onde Jesus fora condenado à morte (Atos 2:37).

**9. Do pecado.** Tendo o pecado do mundo se colocado em evidência na rejeição de Jesus, quando deveria ter havido aceitação, o Espírito fez disso um ponto importante. Na sua cegueira os homens chamaram Jesus de pecador na hora em que o próprio pecado deles levava-os a condená-lo à morte.

**10. Da justiça.** O próprio fato de que Cristo podia resolver o problema do pecado da humanidade através de Sua morte redentora revelou Sua perfeita justiça. De outro modo Ele precisaria de um Salvador para Si mesmo. O Pai é o verdadeiro juiz da justiça. Sua prontidão em aceitar o Filho de volta na glória é a prova de que não o achou em falta (Rm. 1:4; 4:25; I Tm. 3:16).

**11. Do juízo.** Quando aqueles que crucificaram Jesus viram que Deus não interferiu, imaginaram que o juízo de Deus fora pronunciado sobre Ele. Na verdade, outro estava sendo julgado ali, o próprio Satanás, o príncipe deste mundo. Satanás governa através do pecado e morte. O triunfo de Cristo sobre o pecado na cruz e sobre a morte na Ressurreição proclamou o fato que Satanás fora julgado. A execução final do julgamento é apenas uma questão de tempo. A esta altura o pensamento afasta-se do mundo. Surge a obra do Espírito em benefício dos crentes.

**12.** O discurso não era uma completa exposição dos pensamentos de Jesus em relação com os seus. Havia ainda muito para ser dito. Não valia a pena dizê-lo, pois os discípulos não poderiam suportar. Estavam imaturos demais. Essas verdades se tornariam mais reais quando a experiência deles crescesse.

**13.** A comunicação dessas coisas podia ser seguramente adiada até que viesse o **Espírito da verdade**, que é um professor tão eficiente quanto o próprio Senhor.

**Toda a verdade.** Não a verdade em todos os ramos do conhecimento, mas a verdade nas coisas de Deus, num sentido mais restrito, as coisas que nós chamamos de espirituais (cons. I Co. 2:10).

**Não falará por si mesmo.** Ele não tentaria ensinar coisas de Sua própria invenção, mas tal como o Filho (15:15), transmitiria aos homens



o que lhe fora dado por Deus Pai. Uma só fonte garante unidade de ensinamento. Em última análise os crentes são ensinados por Deus (I Ts. 4:9).

**As coisas que hão de vir.** A volta de Cristo e os acontecimentos concomitantes podiam estar em vista, mas antes deles, a morte e a ressurreição de Jesus e suas conseqüências, aquelas coisas sobre as quais os discípulos tropeçaram quando Jesus lhes falou sobre elas.

**14. Glorificará.** Tal como Cristo estava glorificando o Pai através de sua obediência até à morte, assim o Espírito glorificaria Cristo esclarecendo o significado de Sua pessoa e obra. A missão instrutiva do Espírito seria em primeiro lugar de receber o depósito da verdade cristocêntrica, depois mostrá-las aos crentes. Segue-se que um ministério, para ser orientado pelo Espírito, deve magnificar a Cristo.

**15.** Uma vez que as coisas de Cristo incluem as verdades referentes ao Pai e Seus conselhos, quando o Espírito comunica as coisas de Cristo comunica toda a verdade.

Logo a seguir o Senhor lidou com as compensações que aliviarium a dor ocasionada com a Sua partida. Essas incluíam a promessa de que os discípulos o veriam novamente (v. 16); sua alegria em vê-lo (v. 22); o privilégio da oração (vs. 23, 24); aumento de conhecimento (v. 25); e o amor sustentador do Pai por eles (v. 27).

**16. Um pouco.** A frase ocorre sete vezes em quatro versículos. Refere-se ao curto intervalo que houve até o seu sepultamento quando os discípulos não o viram mais com os olhos da visão física. O segundo **um pouco** indica o intervalo entre o Seu sepultamento e a Sua ressurreição, depois da qual eles o veriam novamente. Aqui a palavra **ver** não é a mesma da primeira ocorrência. Transmite aqui a idéia de percepção como também de observação. Algo do significado deste drama da redenção, que era naquela ocasião tão misterioso, despontaria sobre aqueles homens. A última cláusula, **vou para o Pai**, não tem suficientes provas documentárias para ser relida no texto.

17. As palavras de Jesus estavam além do alcance da compreensão dos discípulos. Antes disto já tinham feito perguntas individualmente. Esses homens (**alguns dos seus discípulos**), tímidos demais para anunciarem sua perplexidade em voz alta, confabularam entre si em vez de se dirigirem ao Senhor. Neste versículo, as palavras, **vou para o Pai**, são genuínas. São facilmente explicáveis com base no uso que Jesus faz delas no versículo

18. Este fato da sua partida é a preocupação todo-absorvente.

19, 20. Reconhecendo seu desejo ardente de ter uma resposta ao problema do **um pouco** em sua dupla aplicação, Jesus ofereceu-se a dar a resposta, ainda que não a resposta precisa que eles esperavam. Mas ele mostrou o que aquele **um pouco** significaria para eles em cada exemplo. No primeiro, eles chorariam enquanto o mundo se regozijaria, pois a morte do Salvador produziria reações completamente diferentes, nos crentes e nas pessoas do mundo (cons. Ap. 11:10). Mas essa mesma coisa que traria tristeza transformar-se-ia em uma ocasião de alegria quando os discípulos fossem capazes de ver a cruz à luz da Ressurreição, quando o segundo "um pouco" os surpreendesse.

21. Jesus fez uma analogia com a vida humana, mostrando como a alegria suplanta a tristeza. As dores do parto de uma mulher produzem tristeza, mas ela se esquece das dores na alegria do nascimento. Pode haver significação no fato de se dizer que **um homem** nasceu (e não uma criança). Cristo, na ressurreição, como o primeiro a renascer dos mortos (Cl. 1:18) une a Si o novo homem, Sua Igreja, à qual ele comunica Sua vida ressurreta.

22. A alegria da reunião seria uma experiência permanente; a segunda separação, ocasionada pela ascensão do Senhor, não afetaria a alegria (Lc. 24:51-53).

23. **Naquele dia.** O Senhor estava pensando nas condições que prevaleceriam depois de Seu retorno ao Pai. No período intermediário dos quarenta dias depois da Ressurreição, os discípulos perguntaram algo (Atos 1:6). Mas quando Ele fosse levado, toda oportunidade de

fazer perguntas tais como aquelas que estavam fazendo teria desaparecido. Isto não significa que haveria ausência total de comunicação. A porta da oração estaria aberta. Ele só teria de pedir e o Pai daria as respostas às suas perplexidades e supriria suas necessidades. **Em meu nome** (veja comentário sobre 14:13, 14).

**24. Nada tendes pedido.** Aqui a palavra "pedir" foi usada no sentido de fazer um pedido e não de formular uma pergunta. Devido à presença de Jesus no meio deles, pedir em seu nome seria desnecessário. Mas naquele dia que estava por vir, o gozo de ver Jesus novamente seria mantido através da oração.

**25. Figuras.** Não máximas, mas palavras obscuras. Seus ensinamentos eram muitas vezes enigmáticos para Seus Seguidores. Mas haveria uma mudança. "A volta de Jesus ao pai inaugurou uma nova era, na qual o Senhor fala aos Seus discípulos não mais obscuramente mas clara e abertamente; presume-se que os leitores do Evangelho entendam que Ele lhes fala através do Espírito que receberam" (Hoskyns, *The Fourth Gospel*).

**26, 27.** No futuro, a oração seria realmente em nome de Cristo, mas não no sentido de que o Filho seria o caminho de vencer alguma espécie de hesitação ou resistência do Pai, a qual os crentes encontrariam de outro modo. Pelo contrário, o Pai os **ama**, e está pronto a recebê-los por causa da atitude deles para com o Seu amado Filho. Em contraste com o mundo, eles amaram e confiaram no Filho na qualidade de enviado de Deus.

**28.** O que a fé dos discípulos deveria abranger foi agora apresentado no mais simples e mais ousado dos esboços. A primeira metade da declaração já fora afirmada mais de uma vez por um ou mais elementos do grupo; a segunda parte trata com a idéia principal deste discurso, a partida do seu líder. Agora Ele colocava sua partida de modo nítido e claro – **deixo o mundo e vou para o Pai**. A esta altura o discurso já estava quase concluído. Terminou com uma nota dupla – o

fracasso patético daqueles que Jesus tentara instruir, e o seu próprio triunfo, assistido pela presença do Pai.

**29, 30.** Estimulados tanto pelo elogio à sua fé como pelo modo claro de Jesus se referir à Sua carreira, os discípulos imaginaram que estivessem desfrutando do mais alto conhecimento do Filho de Deus.

**31, 32.** Mas um rude despertar estava a espera deles, seriam dispersos (quando Jesus fosse preso) e Ele seria deixado só, mas teria a ajuda do Pai.

**33.** Para proteção deles Ele providenciou a sua **paz** (cons. 14:27), da qual precisariam quando enfrentassem as aflições que lhes estavam reservadas no mundo. Esta não é simplesmente paz no meio do conflito, mas paz que descansa na certeza da vitória obtida agora pelo Seu paladino sobre o mundo. A vitória de Cristo é a realidade objetiva que torna válida a dádiva interior de Sua paz.

## João 17

### D. A Grande Oração. 17:1-26.

Jesus incluiu-se nesta oração (vs. 1-5), mas sua principal preocupação era pelos Seus. Nas duas partes o elemento da dedicação está fortemente associado à petição.

**1. Pai.** Regularmente usado nas orações de Jesus e seis vezes aqui. **É chegada a hora**, o tempo é indefinido, como algo bem conhecido entre Pai e Filho. Era ao mesmo tempo a hora do sofrimento e da glorificação. **Glorifica a teu Filho.** Capacita-o a concluir Sua carreira, realizando a salvação para a qual veio. Está claro que Cristo aqui não procurava alguma honra para si próprio pois na Sua glorificação através da morte, ressurreição e exaltação, Ele buscava apenas a glorificação do Pai.

**2.** Esta glorificação do Pai incluía nela a elevação do Filho à glória e ao poder, onde Ele está como cabeça sobre todas as coisas (cons. Mt. 28:18). **Autoridade.** Aqui tem-se em vista especialmente a garantia da **vida eterna**, com base na obra de Cristo consumada. Os beneficiários

são descritos como aqueles a quem o Pai deu ao Filho. Esta é a descrição dos discípulos muitas vezes mencionada na oração (vs. 2, 6, 9, 11, 12, 24).

**3.** A vida eterna foi apresentada em termos de conhecimento de Deus (cons. I Jo. 5:20). Os judeus não conheciam Deus, embora soubessem muito a respeito dEle. Esta é a proclamação deste versículo e de todo este Evangelho que o conhecimento de Deus, que produz a vida eterna, só vem mediante o conhecimento do Filho. Uma vez que o Filho e o Pai são um, o conhecimento é um. O conhecimento de Deus implica no conhecimento dos Seus caminhos e da Sua pessoa, e assim inclui a percepção do Seu plano de salvação do pecado. **Jesus Cristo** (cons. 1:17). Raro nos Evangelhos mas comum nas Epístolas.

**4. Eu glorifiquei-te na terra.** Isto nosso senhor explicou em termos de consumação da obra que o Pai lhe deu para executar - a revelação do Pai, a denúncia do pecado, a escolha e o treinamento dos Doze, e mais que tudo a morte na cruz, que era tão certa que podia ser considerada já realizada. **Consumando.** Significa aperfeiçoado além de terminado.

**5.** Tendo falado sobre a Sua obra na terra (v. 4), O Filho agora buscava a glorificação com o Pai no reino celeste. Assim o contraste é duplo, consistindo de lugar e pessoa. **Junto de ti.** Na tua presença. **Antes que houvesse mundo.** Cons. 1:1, 2. Os versículos 6-8 são transicionais, ainda tratando da obra de Cristo na terra mas preparando o caminho para pedidos em favor dos discípulos.

**6.** Uma grande parte da obra do Filho na terra foi tornar o Pai conhecido dos discípulos (cons. 1:14; 14:7-9). O sucesso deste processo está implícito no fato de que esses homens foram dados ao Filho pelo pai, seu entendimento não era perfeito mas ele existia e estava em desenvolvimento. **Têm guardado a tua palavra.** Nenhuma referência primariamente à obediência deles às ordens ou ensinamentos individuais, mas a sua presteza em aceitar o Filho, Sua mensagem e missão, até onde eram capazes.

**7, 8.** Os discípulos avançaram até o ponto de compreenderem que o caráter, os dons e os trabalhos de Cristo deviam remontar ao Deus

invisível, em cujo nome Ele viera. Particularmente, os discípulos apropriaram-se da revelação da verdade em Cristo, reconhecendo-a como verdadeiramente de Deus. Alcançaram assim um ponto de desenvolvimento onde era seguro deixá-los. No seu trabalho futuro representariam alguém que representara o Deus vivo. **Que tu me enviaste.** Esta expressão ressoa através da oração (vs. 3, 8, 18, 21, 23, 25). Era uma proclamação freqüente nos discursos de Cristo. Tendo mencionado as qualificações dos discípulos como Seus representantes no mundo, agora o Senhor intercedia por eles.

**9. Não rogo pelo mundo.** Isto não significa que Cristo nunca orasse pelo mundo (cons. Lc. 23:34). Mas orou pelos discípulos porque eram o meio escolhido de alcançar o mundo depois que Ele o deixasse (vs. 21, 23).

**10. Todas as minhas coisas são tuas.** Portanto a preocupação do Pai em ouvir e atender são igualmente compreensíveis. O interesse de propriedade é mútuo. **Neles sou glorificado.** Neles se refere às coisas que o Pai e o Filho têm em comum, ou melhor, os discípulos que foram mencionados no versículo precedente. Era para a glória de Cristo que, no meio da incredulidade e rejeição geral, esses homens se atrevessem a confiar nEle e a servi-Lo. A palavra **glorificado** está no tempo perfeito, sugerindo a continuação do seu testemunho de Cristo.

A primeira petição específica era pela preservação dos discípulos do mal que está no mundo (vs. 11-15). Isto por seu lado servia a um outro propósito, que foi fortemente enfatizado no restante da oração, isto é, que eles fossem um.

**11. Guarda.** Usado no sentido de supervisão protetora, como em Jo. 5:18. O caráter de Deus sendo inteiramente adverso ao mal e portanto interessado na preservação dos Seus filhos, foi enfatizado no vocativo, **Pai santo.** De maneira positiva, esta preservação uniria os discípulos, refletindo a unidade que há entre o Pai e o Filho. O laço de união é o santo amor de Deus. Via-se esta unidade na igreja primitiva (Atos 1:14; 2:1, 44, 46).

**12.** O mais autêntico texto grego diz: **Guardava-os no teu nome que me deste.** Além de guardar os seus discípulos pela autoridade do Pai, Ele também os guardou pela verdade e poder da natureza de Deus, os quais Ele mesmo revelou.

**O filho da perdição.** A palavra **perdição** tem a mesma raiz que a palavra perdido. Jesus dizia que a perda não era um desvio do Seu poder de guarda na qualidade de pastor do rebanho. Antes, Judas nunca lhe pertenceu realmente a não ser no sentido nominal e externo (cons. 13:10, 11). A idéia em **perdição** é exatamente o oposto de **preservação**. **A Escritura.** Sl. 41:9.

**13. Mas agora vou para junto de ti.** Contido aqui está o motivo de toda oração e todos os pedidos contidos nela. A necessidade que os discípulos tinham de gozo era particularmente aguda à luz da deserção de Judas. Os discípulos precisavam perceber que tal acontecimento não refletia-se no Senhor ou neles. Não devia conspurcar a sua alegria de posse da verdadeira vida e fé. Se Cristo podia se regozijar mesmo no meio de tais coisas (**meu gozo**), eles também podiam.

**14.** A recepção da palavra de Cristo identificava esses homens com Ele e os separava do **mundo**, que o rejeitava e odiava e tinha, portanto, a mesma atitude para com eles.

**15.** Apesar da unidade de Cristo e os Seus, Ele não podia orar pedindo que o Pai os retirasse do mundo. Fazê-lo seria frustrar o propósito de sua vocação e treinamento. Trabalhando e testemunhando, eles precisavam ser guardados **do mal**; caso contrário, seu testemunho deixaria de ser puro. A referência pode ser muito bem ao próprio diabo (cons. Mt. 6:13; I Pe. 5:8).

**16.** Como homens regenerados, os discípulos já não pertenciam mais ao mundo do reino do mal espiritual, ainda que morassem no mundo da entidade física.

**17. Santifica-os na verdade.** Esta é a segunda oração em benefício dos discípulos. *Santificar* significa separar para Deus e santos propósitos. Aquilo que revela a santa vontade de Deus na sua **verdade**, e

especificamente aquela verdade conforme preciosamente guardada na **palavra das Escrituras**. Nela se fica sabendo o que Deus exige e como Ele capacita as pessoas a cumprirem a exigência.

**18.** Ser enviado ao mundo por Cristo como Ele foi enviado pelo Pai é a mais alta dignidade concedido aos homens.

**19.** Cristo não precisou se santificar, pois já era santo. Mas Ele precisou dedicar-se (santificar-se) à sua vocação, para que os discípulos tivessem, além do Seu exemplo, também Sua mensagem para proclamar, e o poder que derivou do Seu sacrifício, a fim de proclamá-la com resultados.

**20, 21.** A oração se estende incluindo aqueles que crerão por causa do testemunho desses homens (cons. 10:16; Atos 18:10). A fé é a condição necessária para desfrutar da vida de Deus e, conseqüentemente, para participar daquela unidade que se encontra em primeiro lugar na Divindade e depois no corpo de Cristo, a Igreja. A unidade é basicamente pessoal em nós, seu efeito será o de estimular a fé àqueles que estão no mundo (cons. 13:35).

**22. A glória.** Sem dúvida isto se refere à final posição celestial da Igreja, mas inclui também o privilégio de servir e sofrer, tal como a missão que o Pai concedeu ao Filho. Este privilégio ajuda a unir os santos quando exercido à luz de Cristo, nosso precursor por trás do véu.

**23. A fim de que sejam aperfeiçoados na unidade.** Isto tem de ser realizado, não por esforços humanos mas pela graciosa extensão da unidade da Divindade àqueles que pertencem a Cristo. Esta não é uma unidade mecânica. Seu cimento é o amor de Deus concedido aos homens, esse mesmo amor (é maravilhoso dizer) que o Pai tem ao Filho.

**24. A oração final. A minha vontade.** O espírito da Encarnação era, "Não a minha, mas a tua vontade". Jesus devia estar orando à luz da obra consumada, a qual Lhe dava o direito de se expressar desse modo. Sua vontade, sem dúvida, não deve ser considerada como algo realmente independente da vontade de Deus. Esta oração foi feita com base nesta última. Participar do amor de Deus em Cristo só pode resultar



conseqüentemente da participação da presença de Cristo – **onde eu estou, estejam também comigo**. União leva à comunhão, uma comunhão do amor exposto num cenário de **glória** (cons. v. 5).

**25. Pai justo.** Ele é justo 1) ao excluir o mundo dessa glória, porque não conheceu e portanto não o ama, e assim não pode ter um lugar nessa união final, e 2) ao incluir aqueles que vieram a conhecê-lo, através do conhecimento que Cristo tem e transmite.

**26.** Transmitir o conhecimento de Deus significa transmitir amor, pois Deus é amor. Isto não é simplesmente um rótulo ou um atributo frio. Cristo conheceu a realidade e o poder do amor do Pai por Ele e pediu-Lhe que Este alegrasse e aquecesse as vidas daqueles que eram Seus, com os quais a Sua vida estava agora tão intimamente ligada.

#### IV. Os Sofrimentos e a Glória. 18:1 – 20:31.

##### João 18

##### A. A Traição. 18:1-14.

A narrativa de João enfatiza a firmeza de Jesus e Sua prontidão em ser levado, tornando inútil a traição de Judas de um lado e a tentativa de Pedro exibir sua lealdade doutro lado. Aqui está incluída a narrativa da prisão e da transferência de Jesus para a casa do sumo sacerdote.

**1.** Depois da oração, Jesus levou seus discípulos **para o outro lado do ribeiro de Cedrom**. A palavra **ribeiro** indica uma corrente que mana no inverno. O destino era um jardim que ficava no lado oriental. Mateus e Marcos dão o nome de Getsêmani. João não diz nada sobre a agonia no jardim, embora mostre ter conhecimento da luta em oração que teve o jardim por cenário (cons. v. 11). Não sabemos porque omitiu este incidente. Talvez estivesse tentando destacar o elemento da confiança na atitude de Jesus, a qual já foi expressa na oração (17:4) e agora passa a ser demonstrada em sua paciência e atitudes.

**2. Muitas vezes** (Lc. 22:39). Talvez Jesus e Seu grupo costumasse passar a noite ali (Lc. 21:37). Por isso Judas sabia onde devia procurar o Senhor naquela noite.

**3. Judas também entrou com um grupo no jardim** mas que contraste! A **escolta** (gr. *speira*) indica um grupo de cerca de seiscentos homens, mas não quer dizer que estivessem todos presentes nesta ocasião. Estavam alojados no Castelo de Antônio, ao norte da área do templo (cons. Atos 21:31 e segs.) Ao que parece as autoridades judias tinham o direito de convocar esses soldados para ajudá-los em qualquer emergência que ameaçasse o interesse público. A cidade estava cheia de peregrinos que iam assistir a festa, muitos dos quais simpatizava com Jesus e poderiam causar problemas se estivessem por perto quando Ele fosse preso. **Guardas**. Era a guarda do templo que estava a serviço dos líderes judeus (cons. Atos 5:22). Levavam luzes para procurar sua presa e carregavam armas para derribar qualquer resistência que surgisse.

**4. Sabendo... todas as cousas**. Este é um forte traço joanino na apresentação de Cristo, e destaca-se especialmente em relação aos acontecimentos da Paixão (cons. 13:1, 3). Nada tomou nosso Senhor de surpresa. **Adiantou-se**. Cons. 18:1 e a muitas vezes repetida ênfase dada à saída do Filho, vindo do Pai para o mundo, mais relativa àquela ocasião, 16:28 por exemplo. **A quem buscais?** A pergunta serviu para pôr o grupo que se aproximava em defensiva momentânea, obrigando-o a declarar que seu único objetivo era Jesus. Isto tornou mais fácil pedir que os discípulos tivessem permissão de seguir o seu caminho.

**5. Respondendo, Jesus, o Nazareno**, a multidão indicou que não o reconhecia, por causa da obscuridade e a distância em que se encontravam. **Sou eu**. Literalmente, **Eu sou**. Esta afirmação pode indicar simples identificação, como em 9:9, ou pode também dar a entender o misterioso e majestoso nome do próprio Deus (8:58). Talvez ambos os elementos estivessem fundidos neste caso. **E Judas... estava também com eles**. Finalmente Ele se encontrava em seu próprio elemento, misturando-se com os inimigos de Jesus.

6. Aqui não há nada de milagroso. O comportamento de Jesus, mais o fato de que avançou na direção deles em vez de procurar fugir, deixou Seus capturadores nervosos. Lembre-se de que alguns desses homens não foram capazes de agarrá-lo anteriormente (7:45, 46). Sem dúvida a majestade de seu último pronunciamento teve algo a ver com Sua reação também.

7-9. Quando a multidão confessou novamente que o seu objetivo era Jesus de Nazaré, Ele pôde logo pedir que os discípulos tivessem permissão de partir. A segurança física deles nessa ocasião pode ser considerada como uma prova de que a sua preservação espiritual estava assegurada (cons. 6:39; 17:12).

10, 11. A atitude de Pedro em recorrer ao uso da espada é compreensível à vista de sua declaração de lealdade em Jo. 13:37. A posse da espada explica-se pelo conselho de Cristo em Lc. 22:35-38. A espada era um símbolo dos dias de luta que estavam à frente, mas não era destinada ao uso literal. Eis aí o porquê da repreensão de Jesus. O fato de João mencionar o nome do servo e especificar a orelha é uma indicação de que foi testemunha ocular. Malco não era um dos oficiais mas um escravo pessoal do sumo sacerdote.

12-14. **Prenderam.** Com o próprio Jesus pedindo que não resistissem o grupo de soldados, levados por seu capitão (comandante) e auxiliados pelos oficiais judeus, prenderam Jesus e o **maniataram**. Não queriam se arriscar a qualquer deslize em seus planos. Os sinóticos falam de Jesus aparecendo diante de Caifás, mas nada dizem sobre Anás neste caso. **Primeiramente** chama a atenção do leitor para o material que agora está sendo acrescentado à narrativa dos sinóticos. Embora Caifás o genro de Anás, fosse o sumo sacerdote naquela ocasião, o próprio Anás estava longe de se conservar inativo. Além de Caifás, Anás tinha diversos filhos que o sucederam neste cargo, dando a esta família um monopólio do sumo sacerdócio por mais de meio século. Lucas é o único escritor que menciona Anás (Lc. 3:2; Atos 4:6). Fontes judias deram ao

regime de Anás o rótulo de corrupto. A opinião de Caifás sobre Jesus já fora dada ao Sinédrio (11:49, 50).

### **B. Jesus Julgado diante dos Judeus. 18:15-27.**

**15.** Incitado por sua declaração de lealdade ao Mestre, na presença dos discípulos, Pedro seguiu Jesus.

**Outro discípulo.** Esta figura anônima pode ser o próprio João. **Conhecido do sumo sacerdote.** A palavra **conhecido** encontra-se outras vezes em Lc. 2:44; 23:49. Esta ligação que pode ser buscada, muito provavelmente, através de sua mãe e respectiva família, capacitou João de obter a admissão de Pedro no pátio interno.

**17.** A moça que trabalhava como porteira desafiou-o a se identificar, provavelmente deduzindo que Pedro tinha ligação com Jesus, pois sabia que João tinha, mas obteve uma negativa.

**18.** Agora Pedro deparou com os capturadores de Jesus, aquecendo-se diante de um fogo no pátio. João interrompe a história da negativa de Pedro a fim de contar o que estava acontecendo lá dentro onde Jesus estava sendo examinado.

**19, 20. Então, o sumo sacerdote interrogou Jesus.** Ao que parece é Anás. Não era um julgamento, pois o Sinédrio não fora convocado; antes era um interrogatório para se obter evidências a serem apresentadas a este organismo quando se reunisse horas depois. O interrogatório tocou nos **discípulos e doutrina** de Jesus. Não se sabe se Anás tinha em mente processar os discípulos. É mais provável que estivesse esperando obter uma confissão de que esses homens estavam sendo preparados para uma atividade revolucionária. Jesus ignorou a pergunta. No que dizia respeito aos Seus ensinamentos, negou ter dado instruções secretas que pudessem ser interpretadas como conspiração contra as autoridades. Ele ensinara **francamente**, em lugares públicos tais como as **sinagogas** e o **templo**. Seus ensinamentos não eram subversivos.

**21. Por que me interrogas?** Jesus deu a entender que o processo era ilegal. Não havia testemunhas. Ele estava sendo levado a implicar-se com o Seu testemunho.

**22.** Um dos **guardas** que estavam ali (outros ficaram no pátio) achou que a resposta era imprudente e esbofeteou Jesus para torná-lo mais dócil em sua atitude para com o sumo sacerdote.

**23, 24.** Quando Cristo apontou a injustiça envolvida, nem o criado nem Anás puderam justificar tal atitude. Não havia nada a fazer além de enviar o prisioneiro a Caifás.

**25-27.** A narrativa retorna a Pedro. Enquanto Cristo estava negando as insinuações apontadas contra Ele – e o fazia com justiça, Pedro negava o seu Senhor, pecando. As duas perguntas feitas a Pedro foram bastante diferentes. A primeira foi insinuante, como se esperassem que negasse o seu relacionamento com Jesus; enquanto que a segunda levou-o a se definir, a própria pergunta implicando em sua culpa. Foi reconhecido como aquele que empunhara a espada no jardim. O cantar do galo lembrou Pedro da predição do Senhor (13:38) e provou-lhe o seu pecado. "Cantar do galo" era o nome que se dava à terceira das quatro vigílias nas quais a noite era dividida.

### **C. A Penosa Experiência Diante de Pilatos. 18:28 – 19:16.**

**28.** Nada se diz a respeito do que aconteceu na casa de Caifás. Presume-se que os leitores estejam familiarizados com a tradição sinótica das deliberações tomadas no meio da noite e da sentença formal decretada pelo concílio de manhã cedo. O pretório (gr. *praitôrion*, uma tradução do latim, *praetorium*, o quartel-general do governador). Veja a discussão em 19:13. **Poderem comer a páscoa.** Os líderes judeus, para ficarem cerimonialmente limpos, não podiam entrar nos alojamentos dos pagãos. Estavam mais preocupados com a purificação ritual do que no cumprimento da justiça. Estavam sedentos de sangue.

**29, 30.** O Sinédrio não preparou uma acusação formal contra Jesus para apresentar a Pilatos. Esperavam que o governador aceitasse a sua palavra sem discutir a acusação de que este homem era um malfeitor. A resposta foi petulante. Os judeus não gostavam de Pilatos.

**31. Julgar-o segundo a vossa lei.** Pilatos ficou satisfeito em saber que a própria imprecisão da declaração dos líderes judeus indicava que o caso não lhe dizia respeito (cons. Atos 18:14). **A nós não nos é lícito matar ninguém.** Tudo o que os judeus queriam era um veredito de morte, que a autoridade do governador encobrisse suas próprias decisões contra Jesus. A perda do direito de infligir a pena de morte fazia os judeus tomarem consciência de que eram um povo subjugado. Havia exceções, como no caso de uma pessoa, mesmo um romano, que traspassava a barreira que separa o Pátio dos Gentios da parte interior da área do templo. A morte de Estêvão parece contradizer a declaração de João, mas deve ter se baseado no conhecimento que os judeus tinham de que o governador não interferiria no caso.

**32.** Jesus predisse que morreria por crucificação, um método romano de castigo, enquanto que os judeus usavam pedras (cons. Mt. 20:19).

**33.** Então Pilatos tomou o caso em suas próprias mãos, interrogando Jesus no Pretório. Parece que João supõe que seus leitores conhecem as narrativas dos Sinóticos, as quais incluem uma acusação dos judeus contra Jesus dizendo que Ele se declarara o rei da nação. Pilatos foi obrigado a examinar esse assunto com base em possível intentona revolucionária. **És tu o Rei dos judeus?** O pronome **tu** é enfático, como se Pilatos estivesse surpreso que a aparência e atitude de Jesus tão pouco se adaptasse às pretensões de um rei. O prisioneiro parecia inofensivo.

**34.** Antes de responder a pergunta, Jesus precisava saber se ela vinha do próprio Pilatos na qualidade de um oficial romano ou se fora simplesmente passada adiante como um boato. Talvez o sumo sacerdote tivesse discutido o caso com Pilatos quando este solicitou os soldados romanos para ajudá-lo a prender Jesus.

**35.** Pilatos, não querendo ser apanhado numa confissão de que tinha algo a ver com a situação, jogou a responsabilidade sobre os judeus. **A tua própria gente.** Dificilmente Pilatos poderia ter sentido o fato sugerido por suas palavras (cons. 1:11).

**36. O meu reino não é deste mundo.** "Ele não disse que este mundo não está na esfera de Sua autoridade, mas que a Sua autoridade não tem origem humana" (Hoskyns). Ele não era uma ameaça à autoridade romana. No Seu reino não havia lugar para o uso da força.

**37.** Pilatos ficou perplexo. Aí estava um homem que tinha falado no seu reino três vezes em rápida sucessão, mas não tinha nenhum sinal externo de realeza.

**Logo tu és rei?** Pilatos dificilmente creia que alguém pudesse tomar por rei a figura que estava diante dele.

**Tu dizes que sou rei.** Jesus hesitava em afirmar que era rei, para que Pilatos não entendesse mal a natureza do seu reino, o qual Ele agora explicou em termos de **verdade**. Cristo viera para testemunhar dele. **Ouve a minha voz** (cons. 10:3, 16).

**38.** Pilatos viu que Jesus não se interessava em política ou negócios de estado e estava longe de ter um espírito belicoso, por isso encerrou a entrevista, comentando um tanto desdenhoso, ao que parece, **Que é a verdade?** Ele não era filósofo nem um homem religioso, mas um homem de ação. Satisfeito em ver que o prisioneiro não apresentava perigo a Roma, informou disso os judeus que esperavam do lado de fora.

**Não acho nele crime algum.** Ele não se referia à ausência de pecado, mas à inocência diante das coisas pelas quais os judeus o acusavam.

**39.** Sentindo a tenacidade dos líderes em seu desejo de obter uma condenação, Pilatos pensou ter achado um meio de contornar a situação e preservar a justiça soltando o prisioneiro. Era costume por ocasião da Páscoa o governador agradar a multidão soltando um prisioneiro escolhido por eles. Pilatos pensava que, sendo Jesus muito popular, o povo, que já se ajuntara a esta altura para o seu pedido anual, pediria a sua libertação.

**40.** Novamente João pressupõe um conhecimento da narrativa dos Sinóticos, referindo-se a **Barrabás. Salteador.** Bandido (cons. At. 3:14).

## João 19

**19:1-3.** O prisioneiro foi açoitado a mando de Pilatos. Esse foi o segundo expediente do governador, tendo falhado a primeira tentativa de garantir a libertação por causa da preferência a Barrabás. Pilatos pensou que os judeus ficariam satisfeitos se Jesus fosse humilhado sofrendo dessa maneira. O Senhor predisse este tratamento (Mt. 20:19). Veja também Is. 53:3.

**Uma coroa de espinhos.** Foi zombaria da parte dos soldados, por causa da alegada realeza de Jesus. Há quem pense que esta coroa fosse feita das pontudas folhas da tamareira, relacionando-a assim com as palmeiras quando Jesus entrou em Jerusalém. Considerando que a palmeira era um símbolo das esperanças de independência dos judeus até os dias dos Macabeus, esta atitude dos soldados teria sido a rude resposta de Roma aos judeus como um todo. Do ponto de vista bíblico pode-se dizer que os espinhos expressam a maldição do pecado (Gn. 3:17, 18), que Cristo estava suportando pela raça humana.

**Um manto de púrpura.** Muitas vezes associado à realeza. Assim vestido, Jesus tornou-se um objeto de divertimento e abuso dos soldados.

**4, 5. Outra vez saiu Pilatos.** Ele pretendia preparar o caminho para a apresentação de Jesus por meio de um pronunciamento grandioso.

**Eis que vo-lo apresento.** Isto concordava com o espírito de zombaria dos soldados. Ele, o governador romano, apresentaria Aquele que se dizia ser um rei, mas que agora certamente não podia ser confundido com um rei.

**Eis o homem!** Não sabemos o que Pilatos pretendia dizer com isso. Alguns vêem na situação um desejo de despertar a piedade nos corações dos judeus. Mas o cenário dá mais a impressão de zombaria. **Homem** pode significar apenas "criatura miserável". De qualquer maneira, as palavras de Pilatos, **não acho nele crime algum**, tem um estranho toque. Se o prisioneiro era inocente, por que foi chicoteado?

**6.** A resposta dos **principais sacerdotes** foi uma recusa ressoante a ser satisfeita com castigo doloroso e humilhante.



**Crucifica-o, crucifica-o.** A resposta de Pilatos, **Tomai-o vós**, enfatiza o **vós**. Em outras palavras, "Se é preciso que haja alguma crucificação, vocês terão de fazê-la". Pilatos estava fugindo de associar-se ao desejo dos judeus, mas não estava seriamente dando permissão para condenarem Jesus à morte. Essa foi a terceira vez que o governador declarou-se incapaz de encontrar qualquer **crime** (*aitia*) em Jesus. A palavra foi usada no sentido legal com base na queixa apresentada.

7. Pilatos firmava-se na lei romana. Os judeus apresentaram algo mais em oposição. **Temos uma lei.** A ênfase recai sobre o **nós**. Nossa lei exige a morte do prisioneiro, **porque a si mesmo se fez Filho de Deus**. A passagem característica por trás da declaração é Lv. 24:16. Jesus foi acusado de blasfêmia durante o seu ministério (Jo. 5:18) e no final do mesmo (Mc. 14:62-64).

8. **Mais atemorizado.** O temor anterior de Pilatos foi devido à irritada persistência dos acusadores de Jesus, que não podiam ser contrariados. Talvez João esteja considerando que seus leitores já sabem a respeito do sonho da esposa de Pilatos (Mt. 27:19). O temor do governador era devido ao fato de que desconfiava estar lidando com alguém que, sob um certo aspecto, era sobrenatural – um filho dos deuses.

9. Pilatos começou a achar que este caso era mais complicado do que pensara a princípio. Por isso introduziu o prisioneiro na sala das audiências para uma outra entrevista. **Donde és tu?** Tinha em vista origem e natureza, não residência. **Não lhe deu resposta.** A incapacidade espiritual de Pilatos (cons. 18:38) tornava inútil qualquer resposta.

10. O silêncio do prisioneiro perturbou o governador. Talvez pensasse que assegurando-lhe a sua autoridade e explicando que tinha o direito sobre a vida e a morte pudesse fazer Jesus falar.

11. O expediente só teve sucesso parcial. Jesus falou, mas apenas para lembrar a Pilatos suas limitações.

**Autoridade.** Cristo devia estar declarando a verdade evidente do controle divino sobre o estado (Rm. 13:1 e segs.) mas a ênfase foi dada à

situação imediata. Pilatos não podia fazer nada além de executar a vontade de Deus neste caso.

**Quem me entregou.** Dificilmente a referência foi a Judas. **Maior pecado**, isto é, maior do que o pecado de Pilatos. "O pecado de Caifás foi maior porque a autoridade de Pilatos vinha de Deus; e era obrigação de Caifás saber e ensinar, além de fazer a vontade de Deus. Mas ele, o representante oficial de Israel, o Povo de Deus, recorrera a este pagão, que tinha certa autoridade concedida por Deus, para que fosse empregado o poder conferido por Deus para a execução da justiça a fim de que a injustiça fosse perpetrada" (William Temple, *Readings in St. John's Gospel*).

**12.** Como resultado dessa troca de palavras, Pilatos renovou seus esforços para soltar seu prisioneiro, levado pelo temor dessa pessoa estranha que estava diante dele e também pela convicção de que não era merecedor da morte. Os judeus, sentindo que o governador tomara nova resolução, usaram de argumento culminante.

**Não és amigo de César.** O imperador reinante era Tibério, diante de quem Pilatos era responsável. Eis aí uma ameaça de levar o caso à corte imperial. César não daria pouca importância a uma situação na qual alguém era conhecido como rei sem o consentimento romano. Teria considerado o caso como traição e poderia até acusar Pilatos de falta de cumprimento do dever. Sem dúvida o governador temia que, se houvesse uma queixa quanto a sua maneira de lidar com o caso, outras irregularidades de sua administração viriam à luz.

**13.** Chegou a hora da decisão. Pilatos... sentou-se no tribunal. Tinha agora de dar o seu veredito. Devido às escavações de Pére Vincent, o *Litostrotos* (*Lithostrôton*) já foi quase identificado como sendo a grande área pavimentada que fazia parte do Castelo de Antônia, ao noroeste da área do templo. Gáбата significa provavelmente "terreno elevado".

**14. Era a parasceve pascal.** "A hora do duplo sacrifício aproximava-se. Era meio-dia. Os cordeiros pascais estavam sendo preparados para o sacrifício, e o Cordeiro de Deus também foi

sentenciado à morte" (Hoskyns). **Eis aqui o vosso Rei!** O que fosse que levou Pilatos a fazer esta apresentação final (provavelmente uma zombaria dirigida aos judeus – tal rei, tal povo!), foi providencialmente usado para arrancar dos lábios dos judeus um repúdio completo de sua esperança messiânica – **Não temos rei, senão o César.** Se a linguagem humana significa algo, a própria soberania de Deus sobre a nação foi repudiada. Quem era culpado de blasfêmia agora?

**16. O entregou.** O verbo é o mesmo do versículo 11. Os judeus podiam agora ver sua vontade realizada. Jesus ia ser crucificado.

#### **D. A Crucificação e o Sepultamento. 19:17-42.**

**17. Carregando sua cruz.** Todos os Sinóticos declaram que Simão Cireneu foi obrigado a levar a cruz. Só João declara que Jesus teve de carregá-la. A narrativa de Lucas dá lugar para os dois. Jesus começou, mas não agüentou carregá-la o caminho todo.

**Calvário.** Provavelmente recebeu o nome por causa de sua aparência; portanto uma colina arredondada. O equivalente latino é Calvário (Lc. 23:33). Devia ficar fora da cidade (Hb. 13:12).

**18. Jesus no meio.** Seu lugar era de importância central, mesmo na morte.

**19.** Sua posição fica explicada pelo **título** afixado sobre a cabeça do crucificado. Mateus e Marcos usam a palavra *aitia*, que João emprega três vezes, na sua narrativa do julgamento, com o sentido de "acusação". Pilatos não encontrou em Jesus *aitia* que autorizasse sua morte, mas agora fez o mundo saber que ali estava – o rei de Israel, como se envolvesse com isso a nação em provocação a Roma, merecendo assim esta áspera reprovação.

**20-22.** A própria publicidade dada ao título (em três línguas) como também a implicação por trás dele, enfureceu os judeus, de modo que os principais dos sacerdotes pediam que o título fosse mudado de fato para pretensão. Pilatos recusou-se a fazê-lo, demonstrando uma

irredutibilidade agudamente contrastante com a sua fraqueza durante o julgamento.

**23, 24.** Quatro soldados participaram do crucificação (cons. Atos 12:4). Apossaram-se das roupas de Jesus por despojo, dividindo-as entre si. Sandálias, turbante, roupas externas (*himation*), e cinturão foram igualmente divididos, deixando a capa ou **túnica** (*chitôn*) que era mais valiosa, para ser disputada por meio de sortes. Josefo descreve a veste do sumo sacerdote em linguagem semelhante à que foi usada aqui (Antig. III, 161). Já se sugeriu que aos olhos de João, esta túnica sem costura simbolizava o poder unificante da morte de Cristo assegurando um só rebanho. Inconscientemente os soldados cumpriram as Escrituras por meio de suas atitudes (Sl. 22:18).

**25-27.** Três mulheres, todas chamadas Maria, tomaram lugar perto da cruz, cheias de tristeza contemplando aquele que lhes era tão querido. O texto grego, entretanto, é mais favorável à menção de quatro, a irmã da mãe (Salomé, mãe de João), notada mas não mencionada nominalmente. Se foi assim, essas quatro devem ter apresentado uma espécie de contraste com os soldados romanos. Solícito por sua mãe, Jesus entregou-a aos cuidados do "discípulo amado". Seus irmãos não eram crentes nessa ocasião. A unidade da Igreja, que o Senhor estava criando, seria mais espiritual que natural (cons. Mt. 12:50).

**Tomou para casa.** Se João tinha casa em Jerusalém, explica-se melhor seu relacionamento com o sumo sacerdote (18:16).

**28. Tenho sede.** A necessidade física do sofredor manifestava-se, única indicação externa que Ele permitiu escapar de seus lábios. Mesmo assim Ele declarou mais um fato que enunciou um pedido.

**30. Vinagre.** A bebida reanimou as forças de Jesus, capacitando-o a dizer (com voz forte, segundo os outros Evangelhos), **Está consumado.** A mesma palavra (*tetelestai*) já foi usada no versículo 28, traduzida para "terminadas". A ênfase aqui não foi colocada sobre o final dos sofrimentos mas sobre a consumação da missão redentora. **Rendeu o espírito** (a Deus).

**31. No sábado.** Restou pouco tempo antes do pôr-do-sol e a chegada do outro dia. Fosse qual fosse o dia, a Lei exigia que as vítimas fossem retiradas da cruz no dia da morte (Dt. 21:22, 23). Ignorar essa Lei na Páscoa teria sido uma violação especialmente abominável do sábado. Quebrar as pernas apressava a morte.

**33, 34.** O soldado, descobrindo que a morte lhe roubara o prazer de quebrar as pernas de Jesus, enfiou-lhe a lança num dos lados. **Sangue e água.** É um acontecimento bastante crível no período imediatamente subsequente à morte.

**33.** João atribui importância singular a este incidente, pois solenemente dá registro do mesmo. A morte do Salvador foi um fluxo doador de vida: sangue para purificação do pecado e água para representação da vida nova no Espírito (cons. I Jo. 5:6-8).

**36, 37.** Esses aspectos da morte de Cristo também serviram para cumprir as Escrituras (Sl. 34: 20; Zac, 12:10).

**38-40.** Na hora da morte de Jesus dois discípulos secretos encontraram a coragem que não possuíram antes. José obteve permissão de Pilatos para retirar o corpo da cruz; então veio Nicodemos providenciar os lençóis e aromas a fim de preparar o corpo para o sepultamento. Para mais informações sobre José, veja Mc. 15:43.

**41.** O sepulcro pertencia a José (Mt. 27: 60).

**42.** Os preparativos para o sepultamento foram apressados porque o dia estava a terminar. Felizmente, o lugar ficava perto do lugar da crucificação. Preparativos mais completos do corpo poderiam ser feitos depois do sábado.

## João 20

### E. Aparecimentos Depois da Ressurreição. 20:1-29.

O descanso em Jerusalém é envolvido no silêncio. O corpo de Cristo está na quietude da sepultura. Mas o "convinha" de Mt. 16:21 inclui a ressurreição além do sofrimento e morte. O teste supremo das proclamações de Jesus de Nazaré estava por acontecer.

**1. No primeiro dia da semana.** O dia depois do sábado, ou o terceiro dia a partir da crucificação de Cristo, de acordo com o método que os judeus usavam, cálculo inclusivo. A ressurreição de Jesus nesse dia determinou o dia cristão para adoração (Atos 20:7).

**Maria Madalena.** Era bem sabido que diversas mulheres foram cedo à sepultura, mas João concentra sua narrativa em Maria somente. A presença de outros fica subentendida pelo "não sabemos" do versículo 2.

Era propósito das mulheres ungir o corpo de Jesus de maneira permanente (Mt. 16:1). **A pedra estava removida.** Com a pedra no lugar, Maria teria tido o problema de entrar na sepultura; com a pedra removida, teve um problema de natureza diferente. Em sua mente, a situação piorou.

**2.** Maria pensou nos discípulos líderes – Simão Pedro e o "discípulo amado" e correu para lhes levar a notícia. É interessante que aos olhos de Maria, Pedro continuou sendo o líder do grupo, apesar de sua negativa. João, até certo ponto responsável pelo fracasso de Pedro (18:16), foi à procura dele para confortá-lo. A notícia de Maria sobre a sepultura aberta criou nos dois discípulos o mesmo temor que se apossara do coração dela - alguém levava o corpo.

**3, 4.** A preocupação levou os dois discípulos a correr, deixando Maria para trás. A mesma preocupação levou João a correr rapidamente à frente de Pedro, apesar de ambos terem partido à mesma hora. João devia ser o mais jovem.

**5. Abaixando-se.** O pensamento seria melhor representado pela nossa palavra "perscrutando". Reprimido pelo espanto e pela timidez, João examinou a sepultura mas não entrou.

**6, 7.** Com sua característica ousada, Pedro não parou na entrada para olhar, mas entrou, e pôde por isso ver melhor do que João a disposição das vestes no sepulcro. Observou que não estavam todas amontoadas, mas que o lenço que estivera na cabeça estava bem dobrado e colocado num lugar ao lado. Se o corpo fosse removido, seria estranho terem deixado os lençóis, e mais estranho ainda que o lenço estivesse tão

cuidadosamente arrumado. **Estivera sobre a cabeça.** Este verbo se usou com referência ao ato do enrolamento das vestes funerais à volta do corpo de Jesus antes do sepultamento (Mt. 27:59; Lc. 23:53). Talvez signifique que a cabeça passou através do lenço, deixando-o em seu formato circular, ou que Jesus deliberadamente o dobrou antes de deixar a sepultura.

8. Encorajado pela entrada de Pedro, João juntou-se-lhe, observou a cena e **creu** que o Senhor ressuscitara. Não se diz o mesmo de Pedro.

9. Os discípulos não receberam instruções de Cristo relacionando sua ressurreição com passagens do V.T. (Lc. 24:46). Jesus predisse a sua ressurreição, mas eles não a entenderam literalmente (Mc. 9:10).

10. **Para casa.** A expressão é literalmente, *para eles mesmos*, significando que eles retomaram aos seus alojamentos e à sua gente. Maria (cons. 19:27) ficou logo sabendo que a sepultura estava vazia.

11. Maria Madalena permaneceu no lugar, esperando encontrar alguma pista sobre onde Jesus se encontrava, lutando com sua dupla tristeza - a morte e o desaparecimento de Seu corpo sagrado. **Abaixou-se** (cons. v. 5).

12. Ela viu algo que os dois discípulos não viram – **dois anjos**. Essa foi a experiência das outras mulheres também (Lc. 24:22, 23).

13. Normalmente a visão de anjos provocaria um sentimento emocionante, mas Maria estava por demais tomada de tristeza para sentir qualquer coisa. Ela se afastou antes de receber qualquer informação deles sobre a ressurreição de Jesus (cons. Mc. 16:6).

14, 15. Do mesmo modo não se sentiu interessada na outra forma que assomou diante dela quando se voltou na direção do jardim. Sua única preocupação era insistir na busca do corpo, e havia uma possibilidade deste homem ser o jardineiro e tê-lo removido para outro lugar.

16. Eletrificada ao ouvir seu nome pronunciado com a familiar voz de Jesus, ela explodiu, **Raboni** (Mestre ou Senhor). Originalmente a palavra significa *Meu Magnífico*, mas passou a ser usado sem a força do possessivo. Não é muito surpreendente que Maria reconhecesse a voz de

Jesus quando Ele a chamou, mas não quando a interrogou pela primeira vez. Até mesmo o familiar pode nos parecer estranho quando o encontramos inesperadamente.

**17. Não me detenhas.** O grego exige uma outra tradução: *Deixe de me segurar*. Parece que o primeiro impulso de Maria, na sua alegria arrebatada, foi o de agarrar a sagrada forma. Jesus não repreendeu as outras mulheres por se apegarem aos Seus pés (Mt. 28:9), pois era uma atitude de adoração; nem se esquivou de convidar Tomé a tocá-lo (Jo. 20:27). Mas Maria precisava aprender que o Senhor não estava mais com ela com base no antigo relacionamento. Ele já estava glorificado. Ele pertencia agora ao reino celeste, ainda que quisesse ficar um pouco mais para se encontrar com Seus amigos.

**Ainda não subi.** A implicação era que Maria poderia tocar em Jesus de alguma forma depois da Ascensão, isto é, ela poderia tocá-lo pela fé na bendita vida do Espírito. A intimidade desse novo relacionamento evidenciou-se pelo fato de se referir aos Seus seguidores chamando-os de **irmãos** (cons. a antecipação disto em Mt. 12:49). Mesmo na intimidade da nova ordem, entretanto, Cristo manteve seu próprio relacionamento especial a Deus Pai. **Meu Pai** é a linguagem da divindade; **meu Deus** é a linguagem da humanidade.

**18.** O sentido da utilidade, de cumprir a ordem de Jesus para ir aos discípulos, aliviou qualquer sentimento de mágoa que Maria poderia ter experimentado diante da repreensão que recebeu. Sua tarefa foi uma miniatura da que a Igreja recebeu como um todo – ir e contar que Jesus ressuscitou.

**19.** Os discípulos, tendo recebido a mensagem de Maria, tiveram agora sua primeira oportunidade, como um grupo, de ver Jesus em seu estado ressuscitado. Era a tarde do dia da ressurreição.

**Com medo dos judeus.** Era natural à vista de sua fuga no jardim, da inquirição de Anás a respeito deles (18:19), e diante da expectativa criada pelo ensinamento de Jesus que se sofresse, eles também deviam esperar o sofrimento (Mt. 16:24; Jo. 15:20). A implicação de que Jesus



passou pelas portas fechadas está clara. Ele tinha o poder de desmaterializar o Seu corpo. **Paz seja convosco** (cons. 14:27; 16:33).

**20.** A palavra de paz aliviou o temor. Agora estava na hora de se identificar. **Lhes mostrou as suas mãos e o lado.** De acordo com Lucas, houve necessidade de uma demonstração ainda mais viva para despertar a convicção (Lc. 24:37- 43). **Alegraram-se, portanto, os discípulos.** (cons. 16:22).

**21.** A primeira **paz** (v, 19) foi para aquietar seus corações; a segunda foi para prepará-los para uma nova declaração de sua missão (cons. 17:18). Nada mudara no plano do Mestre para eles.

**22. Soprou sobre eles.** Isto faz lembrar a criação do homem (Gn. 2:7), como anunciando a nova criação, resultando não tanto da inspiração do hálito de Deus como da recepção do Espírito Santo (cons. 7:39). Isto não exclui nenhuma relação como Espírito nos primeiros dias do discipulado, como também não exclui a vinda do Espírito sobre eles no Pentecostes. Aqui o Espírito foi o equipamento necessário para a tarefa que estava à frente deles, conforme veremos a seguir.

**23.** Cristo deu autoridade aos apóstolos e possivelmente a outros (cons. Lc. 24:33 e segs.) para perdoarem e reterem os pecados dos homens. "Ou... os discípulos deviam possuir uma visão infalível do coração do homem (como em certos casos foi concedido a um apóstolo, cons. Atos 5:3), ou a remissão que eles proclamavam tinha de ser *condicionalmente* proclamada. Ninguém pode defender a primeira alternativa. Segue-se, portanto, que nosso Senhor aqui confia aos Seus discípulos, à Sua Igreja, o direito de autoridade de declarar, em Seu nome, que há perdão para o pecado do homem, e sobre que condições o pecado será perdoado" (Milligan e Moulton, *Commentary on John*). Esta cena envolve a morte de Cristo (suas feridas foram apresentadas), Sua ressurreição (declarada por Sua presença viva), a resultante missão de ir e dar testemunho, o equipamento para esta tarefa, e a mensagem propriamente dita, centralizando-se no perdão dos pecados.

**24, 25.** João conta a ausência de Tomé mas não a explica. Considerando que Jesus não repreendeu Tomé por causa da perda de interesse no seu discipulado, também não podemos fazê-lo. Talvez ele preferisse ficar sozinho na sua tristeza por causa da morte do Salvador. A narrativa dos outros dizendo que estiveram com Jesus enfatizava que viram as mãos e o lado feridos do Salvador. Além de querer vê-los, Tomé exigiu tacá-los como condição para crer que Jesus estava vivo.

**26.** Uma semana mais tarde, nas mesmas condições, inclusive as portas fechadas, Jesus veio uma segunda vez e com a mesma saudação de **Paz**.

**27.** Através de sua linguagem o Senhor revelou que Ele sabia o que Tomé tinha declarado. Portanto Ele devia estar vivo quando o duvidante apóstolo disse essas palavras sobre as **mãos** e o **lado**.

**28.** Tendo suas dúvidas completamente removidas, Tomé mostrou-se à altura de uma grandiosa declaração de fé diante do desafio de Jesus. **Senhor meu, e Deus meu!** Ele sabia que se encontrava na presença da divindade.

**29. Porque me viste.** Nada indica que Tomé tocou no Salvador. A visão foi suficiente. Mas o que dizer das multidões que não teriam a oportunidade dessa visão? Uma bênção foi pronunciada sobre aqueles que se aventuraram a crer (cons. I Pe. 1:8).

### **F. O Propósito deste Evangelho. 20:30, 31.**

**30, 31.** Os sinais que abundam na narrativa de João chegaram ao clímax no maior de todos eles, a Ressurreição. Para que o leitor não pense de modo diferente, o escritor apressa-se a observar que os sinais foram **muitos**. Só alguns poucos foram incluídos neste livro. Mas o escritor espera que estes capacitem o leitor a crer que Jesus é o Cristo (o objeto da expectativa judia, baseada na profecia do V.T., quando essa expectativa não é pervertida por falsos aspectos do messiado) e o Filho de Deus, revelando o Pai através de palavras e obras e culminando na obediência à vontade do Pai até à morte. **Creiais** inclui as idéias do ato

inicial da fé, como também da fé progressiva. **Vida em seu nome**, isto é, em união com a Sua pessoa.

Uma vez que esta parece ser a conclusão natural do Evangelho, alguns mestres concluíram que o capítulo seguinte foi acrescentado mais tarde, ou por João ou por outra pessoa. Mas nada há que exija a aceitação de tal ponto de vista sobre o capítulo final. Ele está cheio de sugestões sobre como a contínua presença do Senhor e Seu poder capacitaram a Igreja a cumprir seu ministério no mundo.

## João 21

### VI. Epílogo. 21:1-25.

**1.** O cenário dos aparecimentos após a Ressurreição muda de Jerusalém para a Galiléia. **O mar de Tiberíades**, outra designação para o Mar da Galiléia (cons. 6:1).

**2. Juntos.** Refere-se, não à ocupação comum deles, mas ao discipulado e à sua experiência de ver Jesus ressuscitado dos mortos. Pedro e João destacam-se no incidente a ser narrado.

**3. Vou pescar.** Pedro não suportava ficar inativo. À vista do seu barco e das águas do seu amado mar, e talvez a necessidade de manter corpo e alma despertos, ditou esse súbito pronunciamento. É arriscado pensar que Pedro fosse voltar à pesca como ocupação permanente. Falando-se a verdade, o infinitivo do verbo "pescar" está no tempo presente, o que sugere ação prolongada. Mas isto é contrabalançado pelo verbo **vou** que sugere uma expedição e não uma carreira. Além disso, a aquiescência dos outros discípulos esclarece que eles compreenderam que o propósito de Pedro era temporário. À vista dos aparecimentos do Senhor (cons. 20:21-23), é inaceitável que eles estivessem voltando à pesca como ocupação definitiva.

**Nada apanharam.** Isto foi providencial, preparando o caminho para a intervenção de Cristo.

**4,5.** De pé na praia, Jesus falou mas não foi reconhecido. **Filhos** pode-se traduzir por *rapazes*, sem prejudicar o sentido da palavra.

**Tendes aí alguma coisa de comer?** A forma da pergunta encerra a suspeita de que não tinham. **Coisa de comer.** Algo que se come com pão, mas também com sentido de peixe. **Não.** Dói a um pescador admitir que nada apanhou.

**6. Lançai a rede à direita do barco.** A posição do barco permaneceu a mesma, o equipamento de pesca foi o mesmo, os homens eram os mesmos, com a mestria habilidade; mas agora suas redes vazias se encheram; tudo por causa da palavra de Cristo (veja Jo. 15:5).

**7.** O milagre despertou rapidamente a percepção do "discípulo amado" de que o estranho devia ser Jesus.

**É o Senhor.** A mente de Pedro devia ter rapidamente retrocedido a uma outra ocasião nesse mesmo lago quando sob a palavra de Jesus ele jogou a rede e apanhou uma grande quantidade de peixe (Lc. 5:1-11). A ansiedade de Pedro em ver Jesus pessoalmente dá a entender que ele não tinha consciência de estar fora da vontade de Deus em ter ido pescar.

**Veste.** Seria impróprio saudar o Senhor sem estar devidamente vestido.

**8.** Os outros discípulos seguiram-no com o barco. **Duzentos côvados.** Cerca de 92 metros.

**9.** Os discípulos de Jesus iam ser lembrados de que aquele que garante sucesso no trabalho cristão também é suficiente para suprir as necessidades diárias dos seus.

**Peixe.** Um só peixe. **Pão.** Um só filão. Jesus providenciaria para que fosse suficiente, como já fizera antes com os pães e peixes no caso da multidão.

**10. Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar.** O propósito não era aumentar o que já estava preparado. Não há indicação de que os peixes fossem preparados, cozidos e comidos. Cristo queria que os homens desfrutassem de toda a alegria do seu trabalho. Generosamente Ele disse "que agora apanhastes", apesar da incapacidade deles sem a ajuda Sua.

**11.** Os peixes foram contados como de costume. Seu número simplesmente indica a grandeza da pesca. Se há algum simbolismo relacionado com a rede que não se rompeu, é que aqueles que são evangelizados através do trabalho orientado por Cristo não se perderão, mas serão preservados até alcançarem a praia celestial.

**12. Comei.** A palavra se aplica especialmente ao jejum, embora às vezes fosse usado para com outras refeições. Foi uma ocasião solene, com os discípulos sentindo um respeito renovado na presença do Senhor.

**14. Terceira vez.** Outros dois aparecimentos aos discípulos em grupo foram narrados no capítulo anterior. O restante dos acontecimentos desta aparição relaciona-se quase que exclusivamente com Pedro e João, embora os outros aproveitassem dos seus ensinamentos.

**15.** Esta cena tem sido às vezes intitulada "A Restauração de Pedro", mas isso pode levar a uma má interpretação. Pedro já fora restaurado no sentido de receber o perdão (Lc. 24:34). Mas a liderança de um discípulo desviado dificilmente seria aceita no futuro, quer pelo próprio Pedro ou seus irmãos, se Cristo não o indicasse explicitamente.

**Amas-me?** Mais importante do que o amor aos homens está o amor a Cristo. **Mais do que estes.** Alguns entendem **estes** como se referindo aos instrumentos da pesca. Se fosse assim, Pedro teria respondido sem nenhuma evasiva, sem usar uma outra palavra para **amor**, diferente da que Jesus usou. O próprio fato de que Jesus experimentou o amor de Pedro na presença dos seus irmãos dá a idéia de que os outros estavam envolvidos. Pedro se vangloriara que permaneceria leal mesmo se os outros não permanecessem (Mc. 14:29). **Apascenta os meus cordeiros.** Cristo não deseja confiar Seus pequeninos a alguém que não o ama.

**16.** A segunda série de pergunta e resposta deu lugar a uma missão um tanto diferente, pelo menos verbalmente. **Pastoreia as minhas ovelhas** é literalmente *Seja o pastor (ou tome conta) das minhas ovelhas*.

**17.** A tristeza de Pedro pode ser devida a duas coisas. Primeiro, a pergunta três vezes repetida poderia fazê-lo pensar na sua tripla negação.

Segundo, Jesus deixou de usar uma palavra indicando amor (*agapao*) e usou aquela que Pedro usou (*fileo*) indicando esta uma afeição cálida mas talvez considerada inferior à primeira. Essa distinção, entretanto, neutraliza-se pelo fato de que em outras passagens de João a segunda palavra foi usada com sentido muito elevado (5:20 por exemplo). **Minhas ovelhas** (cons. 10:14, 27). Elas são preciosas ao Senhor; deu a sua vida por elas. Pedro precisava amar para assumir seu ofício pastoral.

**18.** A aceitação dessa comissão teria alto custo o começo da vida de Pedro foi uma vida de liberdade. Um dia essa liberdade desapareceria, mas só quando Pedro fosse velho. A profecia lhe assegurou anos de serviço. **Estenderás as tuas mãos.** Linguagem aplicável à crucificação. A tradição da igreja primitiva sustenta que Pedro morreu desse modo,

**19. Com que gênero de morte.** Ele devia se sentir honrado em morrer com o mesmo tipo de morte do Senhor. A palavra **glorificar** também se usou em relação à morte de Jesus (12:23). **Segue-me.** Trata-se de movimento físico, mas muito mais do que isso está implícito (cons. 13:36). Pedro estava sendo convocado a segui-LO constante e fielmente, a permanecer imperturbável, tal como Jesus permanecera à vista da cruz que se aproximava.

**20.** João também o seguiu sem ser convidado. Pedro notou e comentou.

**21.** Sendo amigo de João, Pedro estava curioso em relação ao futuro que o Senhor pretendia dar a **este**.

**22.** A resposta de Jesus tinha um propósito, repreender Pedro por estar perturbado com o futuro de João. Bastava-lhe preocupar-se em fazer a vontade de Deus em sua própria vida. Essa repreensão se percebe no **tu** enfático, que está ausente do versículo 19.

**23.** As palavras de Jesus, entretanto, foram imediatamente mal-interpretadas como se assegurassem que João viveria até a volta do Senhor. O **se** foi facilmente omitido. O próprio João corrige esta falsa impressão.

**24. Este.** Uma referência ao discípulo do versículo 23, isto é, João. **Dá testemunho.** Isto talvez aponte para o testemunho oral de João sobre as coisas contidas no Evangelho, separadamente do fato de que ele também as **escreveu**. **Sabemos.** A identidade dessas pessoas que acrescentaram o seu testemunho para confirmar a veracidade do que João escreveu, é desconhecida. Ao que parece eram homens associados a João em Éfeso, possivelmente anciãos da igreja.

**25.** O pensamento é uma extensão do que já foi declarado em 20:30. **Creio.** É esquisito depois do plural **sabemos** do versículo anterior. Há quem pense que o secretário de João acrescentou esta palavra final. Somos novamente lembrados que o registro do nosso Evangelho não tem a intenção de registrar todas as atividades de nosso Senhor nos dias da sua carne.

# ATOS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 8	Capítulo 15	Capítulo 22
Capítulo 2	Capítulo 9	Capítulo 16	Capítulo 23
Capítulo 3	Capítulo 10	Capítulo 17	Capítulo 24
Capítulo 4	Capítulo 11	Capítulo 18	Capítulo 25
Capítulo 5	Capítulo 12	Capítulo 19	Capítulo 26
Capítulo 6	Capítulo 13	Capítulo 20	Capítulo 27
Capítulo 7	Capítulo 14	Capítulo 21	Capítulo 28

## INTRODUÇÃO

**O Título.** O título tal como o conhecemos não fazia parte do livro original mas pertence ao segundo século A.D. O Evangelho de Lucas e Os Atos são dois volumes de uma só obra (veja Comentário in loc), e seja qual for o título originalmente anteposto ao Evangelho, serviu para os dois livros. Quando o segundo volume começou a circular independentemente, este título foi usado para designar seu conteúdo.

**O Autor.** Nem o Evangelho nem o livro de Atos dá o nome do seu autor, mas foi provavelmente Lucas, amigo e companheiro de Paulo. A indicação de sua autoria encontra-se nos três "nós", onde a narrativa está na primeira pessoa do plural (Atos 16:10-17; 20:5-21:18; 27:1 – 28:16), dando a entender que o autor era companheiro de Paulo nessas três ocasiões, e que usou o seu diário de viagem como fonte de material. Há quem sugira que esse documento de viagem fosse escrito por um companheiro anônimo de Paulo e incorporado aos Atos por outro autor desconhecido. Mas a uniformidade do estilo entre esta narrativa de viagem e o restante dos Atos e uso da primeira pessoa do plural torna isso pouco provável. A tradição da igreja identifica Lucas



uniformemente como sendo o companheiro de Paulo, e a data dos Atos sustenta esta tradição.

**A Data.** A data dos Atos liga-se ao problema de sua abrupta conclusão (veja Comentário in loc). Não sabemos quando foi escrito, mas uma data pouco posterior à conclusão da narrativa parece aceitável. Sendo assim, Atos foi escrito em cerca de 62 A.D.

**Fontes.** Além de seu próprio diário de viagem, Lucas pode ter usado fontes escritas, especialmente para os primeiros capítulos de sua obra. Sendo companheiro de Paulo, estava em posição de obter informações de primeira mão do apóstolo. Além disso, uma vez que Lucas se encontrava na Palestina durante a prisão de Paulo em Cesaréia (21:18; 27:1), ele teve amplas oportunidades de colher informações sobre o começo da igreja oriundas de testemunhas oculares.

**O Propósito.** Lucas escreveu para assegurar a Teófilo quanto à "certeza das coisas de que já estás informado" (Lc. 1:4). Teófilo era provavelmente um gentio convertido ao Cristianismo, e Lucas escreveu para lhe dar um conhecimento mais detalhado das origens cristãs. Isto incluiu a história da vida, morte e ressurreição de Jesus (o "Evangelho"), e o estabelecimento e expansão da igreja.

Falando estritamente, Lucas não escreveu uma *história* da igreja primitiva. Isto não quer dizer que a sua narrativa não fosse histórica ou exata. A tarefa do "historiador", entretanto, é fazer uma narrativa compreensível de todos os fatos importantes. Isto, obviamente, Lucas não pretendeu. Ele não nos fala nada sobre as igrejas na Galiléia (Atos 9:31) ou sobre a evangelização do Egito ou Roma. Sua história não é dos Atos dos Apóstolos, pois apenas três dos doze aparecem na sua narrativa – Pedro, Tiago, João; e os últimos dois são apenas mencionados. O livro dos Atos é o livro dos Atos de Pedro e Paulo. Além disso, Pedro praticamente sai da história depois da conversão de Cornélio, e nós ficamos a imaginar o que lhe aconteceu. Novamente, Lucas não dá explicação sobre a origem dos anciãos da igreja (11:30), sobre como Tiago chegou a um lugar de liderança na igreja de Jerusalém (Is. 13),

sobre o que Paulo fez em Tarso após a sua conversão (9:30, veja 11:25), e muitos outros importantes assuntos históricos. Mais ainda, ele menciona alguns acontecimentos com poucas palavras (18:19-23), mas conta outros com grandes detalhes (21:17 – 26:32). Em outras palavras, Lucas conta uma história, ele não escreve "a história". Sua narrativa contém os traços principais da expansão da igreja de Jerusalém até Roma via Samaria, Antioquia, Ásia e Europa; e nesta história, só Pedro e Paulo desempenham papéis destacados.

O ministério dos outros apóstolos em qualquer lugar do mundo oriental não eram importantes para Lucas. Dois temas fundamentam a história dessa expansão: a rejeição do Evangelho pelos judeus e a sua recepção pelos gentios; e o tratamento concedido à igreja primitiva pelas autoridades locais e romanas. O propósito principal de Lucas, portanto, em sua obra de dois volumes (Lucas-Atos) é explicar a Teófilo como foi que aconteceu que o Evangelho, que começou com a promessa de restauração do reino de Israel (Lc. 1:32, 33), terminou com a igreja gentia em Roma, distinta do judaísmo.

Além disso, o Judaísmo era uma religião reconhecida por Roma. A nova comunidade religiosa que brotou dentro do Judaísmo, embora não fosse simplesmente uma seita dentro da religião mais antiga, recebeu o mesmo reconhecimento de Roma. Assim a Igreja Cristã estabeleceu-se no mundo romano como religião legítima à parte do Judaísmo.

**Os Atos e as Epístolas.** O magno problema na história do estudo de Atos refere-se à sua fidedignidade em comparação com as epístolas de Paulo. Lucas não se refere às epístolas de Paulo, e nem sempre é fácil relacionar os movimentos de Paulo, conforme se refletem nas epístolas, com o registro de Lucas. O maior dos problemas é o seguinte: Como podem os acontecimentos de Gl. 1:16 – 2:10 estarem relacionados com a narrativa de Lucas? Bons mestres têm discordado entre si, achando que a visita de Gl. 2:1-10 refere-se (a) a visita por ocasião da fome em Atos 11:27-30, e (b) a visita do concílio em Atos 15. Muitos mestres acham que a narrativa de Atos sofre em comparação com as epístolas.

Um segundo aspecto do problema apresenta-se pelo contraste entre o retrato de Paulo nos Atos e o que se reflete nas epístolas do próprio missionário. O Paulo de Atos parece ser uma pessoa flexível, razoável, que está pronta a ceder nos seus princípios por amor à prudência (veja 16:3; 21:26); enquanto que o Paulo das epístolas é uma pessoa inflexível de convicções imutáveis (Gl. 1:8; 2:3). A mais antiga escola Tübingen de crítica estabeleceu sua teoria da história da igreja primitiva sobre um suposto conflito entre a Cristandade Paulina e a Judaística, e defendia que Os Atos refletem um estágio tardio da história do conflito, quando uma síntese estava sendo alcançada entre os dois pontos de vista contraditórios.

Obviamente é impossível tratar desses problemas em todos os detalhes, mas eles permanecem no fundo do estudo e muitas vezes penetram diretamente no comentário.

## **ESBOÇO**

### **O ESTABELECIMENTO E CRESCIMENTO DA IGREJA**

#### **I. O começo da igreja. 1:1 – 2:47.**

- A. Preparação: O ministério de após a ressurreição e a ascensão de Jesus. 1:1-14.
- B. A Escolha de Matias. 1:15-26.
- C. A Vinda do Espírito Santo. 2:1-41.
- D. Vida da Igreja Primitiva. 2:42-47.

#### **II. A Igreja em Jerusalém. 3:1 – 5:42.**

- A. Um milagre típico e um sermão. 3:1-26.
- B. A primeira oposição dos líderes judeus. 4:1-37.
- C. Morte de Ananias e Safira. 5:1-16.
- D. A segunda oposição dos líderes judeus. 5:17-42.

#### **III. Expansão da igreja na Palestina através da dispersão. 6:1-12:25.**

- A. A Escolha dos Sete. 6:1-7.
- B. A conjuntura da dispersão: Ministério e martírio de Estevão. 6:8 – 8:3.

- C. O Evangelho em Samaria. 8:4-25.
- D. Conversão do eunuco etíope. 8:26-40.
- E. Conversão de Saulo. 9:1-31.
- F. O ministério de Pedro na Palestina e os primeiros gentios convertidos. 9:32 – 11:18.
- G. Organização de uma igreja gentia em Antioquia. 11:19-30.
- H. Perseguição de Herodes Agripa I. 12:1-25.
- IV. Expansão da igreja na Ásia Menor e na Europa. 13:1 – 21:17.
  - A. A primeira missão, Galácia. 13:1 – 14:28.
  - B. O problema da igreja gentia, e o concílio em Jerusalém. 15:1-35.
  - C. A segunda missão, Ásia Menor e Europa. 15:36 – 18:22.
  - D. A terceira missão, Ásia Menor e Europa, 18:23 – 21:17.
- V. Expansão da igreja a Roma. 21:18 – 28:31.
  - A. A rejeição do Evangelho em Jerusalém. 21:18 – 26:32.
  - B. A recepção do Evangelho em Roma. 27:1 – 28:31.

## COMENTÁRIO

### I. O começo da igreja. 1:1 – 2:47.

#### Atos 1

##### A. Preparação. O ministério de após ressurreição e a ascensão de Jesus. 1:1-14.

**1, 2.** Os dois primeiros versículos constituem uma pequena introdução que liga Atos ao Evangelho de Lucas. Os versículos introdutórios do Evangelho (Lc. 1:1-4) têm a intenção de servir a ambos, o Evangelho e o livro de Atos; Atos 1:1, 2 é um tipo de introdução secundária que retrocede a Lc. 1:1-4. **O primeiro livro.** O Evangelho de Lucas. Atos é a segunda parte da obra de dois volumes, Lucas e Atos. O Evangelho contém **tudo o que Jesus começou a fazer, e a ensinar**; Atos segue o curso do ministério contínuo do Cristo elevado, através do

Espírito Santo operando nos apóstolos. Não sabemos quem era o **Teófilo**, se um cristão que precisava de mais instrução ou um pagão interessado (veja Lc. 1:3).

**2.** Esta referência ao Espírito Santo revela a principal nota teológica de Atos - a obra do Espírito Santo.

**3.** O ministério pós-ressurreição de nosso Senhor durante quarenta dias tinha um objetivo duplo: fornecer uma demonstração positiva da realidade de sua ressurreição, dando explicações mais detalhadas dos seus ensinamentos sobre o **reino de Deus**. Podemos, pois, esperar que esse tema reapareça no ministério dos apóstolos. As boas novas sobre o reino de Deus foram o conteúdo da mensagem de Filipe em Samaria (8:12), da pregação e ensinamentos de Paulo em Éfeso (20:25), e da mensagem de Paulo tanto a judeus como a gentios em Roma quando finalmente chegou àquela cidade (28:23, 31).

**4.** A ordem de Lc. 24:49 foi repetida aqui. Uma vez que o ministério dos apóstolos seria obra do Espírito Santo, eles deviam aguardar em Jerusalém até que se cumprisse a promessa da vinda do Espírito Santo – promessa dada pelo Pai no V.T. (Joel 2:28; Ez. 36:27) e confirmada pelo Filho. A expressão que foi traduzida para *estando com eles* (ERC) é de significado incerto, também pode ser traduzida para "comendo com eles" (como ERA) ou "hospedando-se com eles".

**5.** O ministério de João Batista, batizando os homens **com água**, foi preparação para a vinda do Messias. Uma realidade maior, o batismo do **Espírito Santo** logo aconteceria.

**6.** Este versículo expande as últimas palavras do versículo 3. Para os judeus do primeiro século, o **reino** de Deus significava um reino de Israel terreno e político. Num determinado ponto do ministério de nosso Senhor, o povo esteve prestes a tomar Jesus pela força compelindo-o a tornar-se o rei deles (Jo. 6:15). A missão de Cristo, entretanto, não foi a de introduzir o reino no esplendor terreno, mas introduzi-lo em poder espiritual. Foi uma lição difícil para os discípulos aprenderem. Durante

os quarenta dias, uma de suas principais perguntas era se Jesus estabeleceria logo esse reino terrestre por meio de Israel.

7. Jesus respondeu que essa pergunta não devia preocupá-los no momento. **Tempos** ou **épocas** provavelmente se referem ao tempo que deve se passar antes do final estabelecimento do reino de Deus, e ao caráter dos acontecimentos que acompanharão seu estabelecimento. O Pai determinou esses acontecimentos **para sua exclusiva autoridade**. Isto não significa que Deus tenha desistido de Israel; Romanos 11:26 diz que todo Israel será salvo. O N.T. nos diz quase nada sobre o tempo e a maneira da futura salvação de Israel.

8. Em lugar de se ocuparem com debates sobre o final estabelecimento do reino judeu, os apóstolos deviam se preocupar com outras coisas. O Espírito Santo viria sobre eles para lhes conceder poder sobrenatural, na força do qual seriam testemunhas de Cristo por todo o mundo. Este versículo é um resumo de todo o livro de Atos: **em Jerusalém** cobre os capítulos 1-7; **em toda a Judéia e Samaria** cobre os capítulos 8:1 - 11:18; e **aos confins da terra** vai de 11:19 até o final do livro.

9. A **nuvem** que recebeu Cristo na sua ascensão não foi simplesmente uma nuvem de vapor condensado mas foi um símbolo do Shequiná que representa a gloriosa presença de Deus (Êx. 33:7-11; 40:34; Mc. 9:7). A ascensão de Cristo significava que Ele interrompia a comunhão visível com Seus discípulos na terra, e, ainda de posse do seu corpo ressurreto, tinha entrado no mundo invisível da habitação de Deus.

10. **Branco** é a cor das vestes dos anjos (Mt. 28:3; Jo. 20:12).

11. Os anjos informaram aos apóstolos que esta experiência não era uma repetição da Transfiguração (Lc. 9:27-36). Jesus partia, mas um dia retornaria à terra da mesma maneira visível e gloriosa pela qual se ausentara. A expectativa da volta corporal de Cristo é o centro da fé cristã.

12. A Ascensão aconteceu no **monte chamado Olival**, que está situado bem a leste de Jerusalém, cerca de três mil pés afastado da

cidade. Era a distância permitida aos judeus de caminharem no sábado sem transgredirem o descanso.

**13.** Este cenáculo deve ter sido o cenário da Última Ceia (Lc. 22:12) e provavelmente ficava na casa de Maria, a mãe de Marcos (Atos 12: 12). Para outras listas dos Doze, veja Mt. 10:2 e segs.; Mc. 3:16 e segs.; Lc. 6:14 e segs. **Simão o Zelote.** Simão Cananeu. **Zelote** pode se referir ao caráter ardoroso de Simão, mas parece mais indicar que ele pertencia a um partido nacionalista dos judeus que advogava rebelião declarada contra Roma.

**14. Irmãos dele.** Os meio-irmãos de Jesus (Mt. 13:55), que não creram nEle antes de Sua morte (Jo. 7:5) mas que tiveram sua fé despertada com a ressurreição. Um aparecimento a Tiago depois da ressurreição está registrado em I Co. 15:7. **As mulheres** pode indicar as esposas dos discípulos ou as mulheres mencionadas em Lc. 8:2; 24:10.

### **B. A Escolha de Matias. 1:15-26.**

O colégio apostólico fora desfeito com o afastamento de Judas, e os apóstolos sentiam a necessidade de escolher um homem que o substituísse.

**15.** Pedro agora surge como o líder natural dos 120 crentes, que são chamados de **irmãos**.

**16.** Pedro lembrou ao grupo que a traição de Judas não foi uma tragédia imprevista mas que estava nos propósitos providenciais de Deus e portanto profetizada no V.T. (veja v. 20).

**18, 19.** Estes versículos são uma observação inserida por Lucas no registro das palavras de Pedro para explicar aos seus leitores o destino de Judas. De acordo com Mt. 27:7, os sumo sacerdotes compraram esse campo; mas ao que parece eles o fizeram em nome de Judas, uma vez que o dinheiro era legalmente dele. **Precipitando-se** poderia ser traduzido para *inchando*, e se refere a uma ruptura fatal. Agostinho interpreta esta passagem assim "ele amarrou uma corda ao seu pescoço e,

caindo com o rosto em terra, rebotou pelo meio". **Aceldama**. Uma palavra aramaica significando **Campo de Sangue**.

**20.** Pedro citou o Sl. 69:25 e 109:8 livremente. **Encargo** significa *ofício de supervisor* não no sentido técnico.

**21, 22.** As qualificações do sucessor de Judas no colégio apostólico eram duas: devia ter sido companheiro de Jesus e devia ter testemunhado a ressurreição de Jesus. Não há nenhuma referência à ordenação nesses versículos.

**23.** Não temos nenhuma informação sobre os dois candidatos igualmente qualificados.

**24-26.** Tal escolha por meio de sortes tem precedente no V.T. (Pv. 16:33), mas não ocorre nenhuma outra vez no N.T. e não é uma norma de prática cristã. **Indo para o seu próprio lugar**, Judas teve o destino que mereceu por causa de sua incrível traição. O lugar de Judas foi preenchido não porque ele morreu mas porque ele se desviou. Quando Tiago, o irmão de João, foi executado (Atos 12:2), seu lugar não foi preenchido. O **Senhor** a quem a oração foi dirigida (1:24) era provavelmente Jesus que fora elevado, pois Ele que escolhera os doze primeiros (v. 2) era agora solicitado a escolher outro. **Senhor** é a palavra comum no grego do V.T, para designar Deus; foi usada desde os primeiros dias da Igreja para designar Jesus que fora elevado.

## Atos 2

### C. A Vinda do Espírito Santo. 2:1-41.

Há um sentido real no qual a Igreja tem o seu dia de nascimento no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi dado aos homens de maneira nova para unir os crentes em Jesus através de um novo relacionamento.

**1. Pentecoste**, significando o *qüinquagésimo*, é a palavra grega para a Festa das (sete) Semanas descrita em Lv. 23:15-22, que celebrava a conclusão da colheita.



2. Todos os 120 discípulos estavam reunidos em um só grupo e **no mesmo lugar** – provavelmente o cenáculo (1:13). *De comum acordo* é o que diz um texto inferior.

**Veio do céu um som, como de um vento impetuoso.** Não foi um vento; tinha o som de um vento. *Pneuma* pode ser tanto vento como espírito; e o vento é um símbolo do poder do Espírito e também de sua invisibilidade (Jo. 3:8). O que eles viram não foram realmente línguas de fogo mas **como de fogo**.

3. O sinal visível foi algo que só podia ser comparado às chamas do fogo que se dividiam em línguas separadas as quais repousaram sobre cada um dos discípulos. Muitos compreenderam que era o cumprimento da promessa feita por João do batismo com fogo (Lc. 3:16). Entretanto, não havia fogo presente no Pentecostes, mas algo como fogo; e o contexto do Evangelho sugere que o batismo de fogo é o juízo daqueles que rejeitam o Messias – o queimar da palha com fogo inextinguível.

4. Quando o Espírito Santo foi dado aos homens, os discípulos foram batizados (1:5) e ao mesmo tempo **cheios do Espírito Santo**. O batismo do Espírito foi descrito em I Co. 12:13. É obra do Espírito Santo reunir pessoas de diversas raças e antecedentes sociais variados em um só corpo – o corpo de Jesus Cristo, que é a sua Igreja. No sentido restrito da palavra, Pentecostes foi o dia do nascimento da Igreja. Este batismo com o Espírito nunca se repetiu. Foi mais tarde estendido aos crentes na Samaria (Atos 8), aos gentios (caps. 10 e 11), e aos discípulos de João Batista (19:1-6). O enchimento com o Espírito foi muitas vezes repetido, mas não o batismo com o Espírito.

5. Os discípulos foram, ao que parece, levados do cenáculo para um lugar aberto na cidade, possivelmente a área do templo, onde havia uma multidão reunida. Os **homens piedosos** eram judeus da Diáspora, que foram esparsos pelo mundo mediterrâneo mas que retornaram à Cidade Santa.

6. **As outras línguas** (v. 4). Não linguagem de êxtase religioso. Por meio de um milagre a língua dos apóstolos foi traduzida pelo Espírito

Santo em diversas línguas sem que houvesse um tradutor humano. Este fenômeno não é o mesmo que a *glossolália* ou dom de línguas de I Co. 12 e 14, que eram ininteligíveis até que fossem interpretadas. Possivelmente o Espírito Santo agia como intérprete no Pentecoste, de modo que diversos grupos que falaram em línguas diferentes ouvissem a sua própria língua sem a mediação de intérprete humano.

7. Foi uma coisa espantosa que esses homens cujo sotaque mostravam que eram judeus galileus parecessem falar muitas línguas estrangeiras.

9-11. Esses países formavam um circuito à volta de todo o Mar Mediterrâneo. Muitos desses povos podiam falar o grego popular do mundo helênico, mas falavam também suas línguas nativas (cons. 14:11). **Romanos que aqui residem.** Judeus e gentios convertidos (*prosélitos*) vindos de Roma, que estavam temporariamente residindo em Jerusalém.

12, 13. Todos os ouvintes estavam **perplexos** (*cheios de dívida*) sem entender o que estava acontecendo. A acusação de bebedeira sugere que além das línguas estrangeiras, havia também o elemento estático nesse primeiro dom de línguas.

14. Uma grande multidão reuniu-se por causa dessa agitação (v. 6), provavelmente no pátio externo da área do templo. Pedro ofereceu uma explicação do que tinha acontecido diante dos seus olhos e então partiu para uma proclamação do Evangelho, que essencialmente se constituiu no anúncio do Messiado de Jesus.

15. Primeiro Pedro acabou com a idéia de que os discípulos estivessem bêbados, fazendo ver que eram apenas nove horas da manhã e portanto cedo demais para que alguém estivesse bêbado.

16. Não era nenhum espírito mas o Espírito Santo que se apossara deles. Pedro citou Joel 2:28-31, que prediz o derramamento do Espírito Santo sobre Israel na era messiânica. É importante que se observe que uma profecia que, em Joel, foi dirigida à nação de Israel, cumpria-se

agora na Igreja Cristã. No propósito redentor de Deus, entretanto, Israel também se inclui no cumprimento desta profecia (Rm. 11:26).

**17. Nos últimos dias** não se encontra na profecia de Joel mas foi acrescentado por Pedro sob divina inspiração. No V.T. esta frase indica a era messiânica no reino de Deus (Is. 2:2; Os. 3:5). A dispensação do Evangelho é, portanto, um estágio na realização das bênçãos da dispensação messiânica. No V.T., o Espírito Santo era concedido principalmente a pessoas que ocupavam posições oficiais na teocracia de Israel – reis, sacerdotes e profetas. A nova missão do Espírito Santo era repousar sobre **toda a carne**, isto é, sobre todo o povo de Deus e não somente sobre os líderes oficiais. A promessa de que esse novo derramamento do Espírito resultaria em uma nova manifestação de **profecia, visões e sonhos**, cumpriu-se na experiência dos apóstolos e profetas da dispensação do N.T. Cria os judeus que o Espírito Santo, que inspirava os profetas do V.T. e suas mensagens, silenciara durante o Período Inter-Testamentário. Pedro assegurou que o Espírito Santo tornara-se ativo novamente em uma nova manifestação do propósito redentor de Deus. Isto se vê nas últimas palavras de Atos 2:18, onde Pedro acrescentou à profecia de Joel a declaração, **e profetizarão**. Esta nova manifestação de profecia não era tanto a previsão do futuro, mas sim a pregação do significado da obra redentora de Deus através de Jesus, o Messias.

**19, 20.** A última metade desta profecia de Joel não se cumpriu nos dias de Pedro como se cumpriu o derramamento do Espírito. O **dia do Senhor**. O dia da vinda do Senhor em glória para estabelecer o seu reino no mundo com poder e glória. Esta consumação final seguir-se-á a um julgamento que sobrevirá à ordem terrestre e da catástrofe cósmica emergirá uma nova e redimida ordem da natureza e do mundo (Rm. 8:21). Os últimos dias são, assim, destacados do Dia do Senhor.

**21.** Esse derramamento do Espírito Santo ocasionará um grande dia de salvação, e qualquer um **que invocar o nome do Senhor será salvo**.

**Senhor** em Joel refere-se a Deus, mas Pedro e a igreja primitiva aplicou-o a Jesus exaltado.

**22, 23.** Pedro recapitulou a vida e morte de Jesus para mostrar que não foi mero acidente mas que aconteceu dentro do plano redentor de Deus. Apesar do fato de Deus ter autenticado o Cristo por meio de **milagres, prodígios e sinais... entre vós** os judeus, eles o entregaram às mãos de iníquos, os romanos, que ignoravam a lei de Deus, para que fosse crucificado e morto. Apesar de que nem romanos nem judeus foram absolvidos da culpa, a morte de Jesus aconteceu de acordo com um **determinado desígnio e presciência de Deus**.

**24.** Embora juízes humanos condenassem Jesus à morte, uma corte mais alta ressuscitou-o dos mortos, uma vez que era impossível que o Messias permanecesse sob o poder da morte.

**25-28.** Logo a seguir Pedro provou que a morte do Cristo fazia parte do plano redentor de Deus, mostrando que fora previsto nas Escrituras do V.T. Citou o Sl. 16:8-11, uma passagem que no seu próprio contexto refere-se a Davi e a sua esperança de salvação da morte. Mesmo na morte, Davi esperava ver a face do Senhor. Por isso Ele podia se submeter à experiência da morte na esperança de que Deus não abandonaria a sua alma na morte (Sheol), a habitação dos mortos depois da morte, nem permitira que Ele visse **corrupção** da sepultura. Uma vez que Deus é o Deus dos vivos, apesar do V.T. não revelar plenamente a vida após a morte, Davi estava confiante que Deus lhe mostraria os *caminhos da vida* e lhe proporcionaria a plenitude da alegria da presença divina mesmo depois da morte.

**29.** O apóstolo tornou claro que esses versículos não podiam se referir a Davi, uma vez que Davi morreu de fato e experimentou a corrupção. Na verdade, **o seu túmulo** podia ser visto ao sul da cidade de Jerusalém. O salmista, portanto devia estar se referindo a um descendente de Davi mais importante, ao Messias.

**30, 31.** Deduz-se que o salmista falou profeticamente de um dos seus descendentes, o Cristo que se assentaria no **trono** de Davi. Nessas palavras de Davi, Pedro encontrou a profecia da ressurreição de Cristo.

**32.** A ressurreição do Messias, prevista pelo salmista, podia ser agora comprovada pela experiência dos apóstolos.

**33.** Jesus não fora apenas ressuscitado dos mortos; Ele também foi **exaltado, pois, à destra de Deus** e dessa posição exaltada derramou sobre o Seu povo o dom do Espírito Santo profetizado por Joel.

**34, 35.** Novamente Pedro citou os Salmos (110:1) para mostrar que a exaltação de Cristo também estava nas Escrituras proféticas. O Senhor Deus dissera ao Messias, o Senhor de Davi, que Ele se assentaria à direita de Deus até que todos os seus inimigos estivessem subjugados. Desses versículos podemos concluir que Cristo continua entronizado nos céus e no sentido literal está exercendo o seu reinado messiânico (Ap. 3:21).

**36.** O coração do Evangelho é este: que Jesus, ressuscitado dos mortos e exaltado à direita de Deus, foi feito **Senhor e Cristo** (Messias). Seu messiado significa senhorio; Ele reina à direita de Deus como Senhor e Rei. O cumprimento do ofício messiânico realizou-se de maneira nova e inesperada. O Senhorio de Cristo foi a doutrina cardinal da cristandade primitiva. Jesus entrou no exercício de Seu Senhorio em virtude de Sua exaltação (Fl. 2:9-11) e a salvação se encontra confessando que Jesus é o Senhor (Rm. 10:9).

**37.** Os ouvintes de Pedro ficaram convencidos e convictos. **Compungiu-se-lhes o coração** compreendendo que tinham condenado à morte o Messias de Deus, e conseqüentemente perguntaram o que deviam fazer para se livrarem dessa horrível culpa.

**38.** Pedro replicou que a misericórdia podia perdoar até mesmo esse pecado. Era preciso que houvesse uma reação dupla: arrepender-se e ser batizado **em nome de Jesus Cristo**. Arrepender-se significa dar meia-volta e abandonar seus caminhos pecaminosos, confessando a fé em Jesus como seu Messias. O batismo seria a evidência pública desse

espírito de arrependimento. O resultado seria a **remissão dos pecados** e a recepção do **dom do Espírito Santo**. A recepção do Espírito Santo não depende do batismo, mas segue-se ao batismo, que é o sinal exterior e visível de um espírito penitente. Na igreja primitiva os convertidos eram batizados sem delongas. Assim o batismo e a recepção do Espírito eram praticamente simultâneos.

**39.** Essa nova era de bênçãos messiânicas, explicou Pedro, concederia o Espírito Santo não apenas aos líderes tais como profetas, sacerdotes e reis, mas sobre todos os que se arrependessem, sobre seus descendentes e até sobre os de fora da família de Israel, a todos quantos Deus chamasse para a salvação.

**O dom do Espírito Santo.** O dom do próprio Espírito, não algum dom que o Espírito concede.

**40, 41.** O apóstolo, logo após, exortou seus ouvintes a salvarem-se **desta geração perversa**, que condenara Jesus à morte, aceitando o seu apelo de arrependimento e o seu testemunho de que Jesus era o Messias deles. O resultado foi que cerca de três mil pessoas aceitaram sua palavra e foram batizadas professando sua fé e foram acrescentadas à comunidade do pequeno círculo de crentes. Não há nenhuma indicação de que os apóstolos tenham imposto as mãos sobre esses novos convertidos para que eles recebessem o Espírito Santo.

### **D. Vida da Igreja Primitiva. 2:42-47.**

Agora Lucas dá um pequeno resumo da vida e caráter da primitiva comunidade cristã.

**42. A doutrina dos apóstolos** ou seus ensinamentos. Os ensinamentos do Senhor, com a proclamação de Sua vida, morte e ressurreição, mais o seu significado para a salvação do homem. Estes ensinamentos eram tradição de autoridade na igreja primitiva e mais tarde foram incluídos em nosso Novo Testamento. Esses crentes primitivos encontravam deleite em terem **comunhão** uns com os outros, particularmente no **partir do pão** (que provavelmente consistia de uma

refeição fraternal, com a Ceia do Senhor) e em regulares períodos de oração em conjunto.

**43.** O caráter da comunidade cristã primitiva despertou no povo um sentimento de reverência, que era reforçado pelos muitos milagres realizados pelos apóstolos.

**44, 45.** Tão devotados eram uns aos outros os membros dessa primeira comunidade cristã que os crentes ricos vendiam suas propriedades para suprir as necessidades dos membros pobres.

O amor cristão manifestou-se num programa social de assistência material aos pobres. Essa atitude cristã de partilhar com os outros parece que se limitou aos primeiros anos da igreja de Jerusalém e não se estendeu às novas igrejas conforme o Evangelho foi sendo levado através da Judéia.

**46.** Os crentes ainda eram judeus e continuavam a realizar o seu culto diário a Deus no Templo, de acordo com os costumes judaicos. Não houve pensamentos da parte dos judeus crentes, de se apostatarem do judaísmo e assim estabelecerem um movimento à parte. Sua comunhão cristã manifestou-se particularmente nas refeições tomadas em comum, de casa em casa. O gozo e a generosidade de coração eram duas características salientes daqueles crentes.

**47.** Nem todos os judeus receberam o testemunho do messiado do Jesus ressurreto, mas até mesmo aqueles que o rejeitaram olhavam para a comunidade dos primeiros cristãos com grande favor. O resultado foi que o Senhor acrescentava diariamente à nova comunidade aqueles que aceitavam o testemunho, e a comunidade cristã os recebia como irmãos.

## **II. A Igreja em Jerusalém. 3:1 - 5:42.**

A igreja primitiva no começo não demonstrou inclinação para encetar uma missão de evangelização mundial. Os primeiros cristãos foram judeus morando em Jerusalém como judeus que encontraram em

Jesus o cumprimento das profecias do V.T. Lucas seleciona diversos episódios ilustrando esses primeiros anos.

## **Atos 3**

### **A. Um Milagre e um Sermão Típicos. 3:1-26.**

A cura do coxo foi um dos muitos milagres, mas foi de singular importância porque forneceu ocasião para um sermão típico que ilustra o conteúdo da pregação apostólica aos judeus. Isto, por outro lado, levou à primeira oposição da parte dos líderes judeus.

1. **Pedro e João**, o irmão de Tiago, são freqüentemente mencionados como dois apóstolos líderes da igreja primitiva. Os discípulos continuaram a participar da adoração a Deus com os judeus no **templo**. A **hora nona**, ou às 15 horas, era hora de oração a que acompanhava o sacrifício da tarde.

2. Os apóstolos atravessaram o **Pátio** dos Gentios em direção à porta chamada **Formosa** que dava para o Pátio das Mulheres, onde encontraram um homem coxo que ali era deixado dia após dia para mendigar.

**6-8.** Pedro não tinha dinheiro para lhe oferecer, mas deu-lhe algo muito melhor – força para suas pernas e pés aleijados. A cura foi instantânea; e o homem curado acompanhou os apóstolos quando entraram no Templo, pulando de alegria pela sua saúde recuperada, e gritando louvores a Deus.

**9, 10.** Seus gritos chamaram a atenção de uma multidão que ficou admirada ao ver o homem que diariamente estivera junto à porta Formosa pulando agora de alegria.

**11.** Pedro aproveitou-se desse milagre para tomar a dar testemunho do poder salvador de Jesus. Aparentemente, depois do culto de oração e sacrifício, Pedro e João, com o ex-aleijado, seguiram até às colunas cobertas a leste do Pátio dos Gentios, lugar que se chamava **Pórtico ... de Salomão**. Ali a multidão se reuniu e Pedro lhe falou.



12. Em primeiro lugar Pedro repudiou qualquer crédito pelo milagre. Não fora pelo **poder** ou **santidade** dos apóstolos que o inválido fora curado.

13. Fora o Deus de Israel, o Deus que dera promessa a seus pais, que realizara o milagre. O homem fora curado porque **Deus glorificou a seu Servo Jesus** por meio da ressurreição e ascensão. A palavra *filho* (ERC) seria melhor traduzida para **servo** (ERA), pois a palavra se refere ao servo do Senhor profetizado em Is. 52:13-53:12. Jesus só pôde ser glorificado depois de entregue e negado pelos judeus diante de **Pilatos**, o governador romano.

14. O **Santo** e o **Justo** eram títulos às vezes usados para descrever o Messias. Que crime inimaginável foi aquele que os judeus cometeram, exigindo a soltura de um assassino e criminoso para condenar à morte o Santo e o Justo!

15. **O Autor da Vida.** Pedro designou Jesus como a fonte e origem da vida. Os judeus tentaram destruí-LO, mas Deus inverteu o veredito deles ressuscitando-O dos mortos.

16. A estrutura deste versículo é esquisita tanto em português como em grego, mas seu significado é claro. O nome de Jesus não possuía um poder mágico, mas **a fé que vem por meio do seu nome** produzia cura.

17. O crime monstruoso de matar Jesus pode ser perdoado, pois Pedro admite que os judeus e seus líderes não sabiam que estavam condenando à morte o Messias de Deus.

18. O V.T. não fala de um Messias sofredor, embora falasse de um servo do Senhor sofredor (Is. 53). Depois da sua ressurreição, Jesus mostrou aos discípulos que estas profecias se referiam à sua paixão. **Cristo.** Não um nome próprio aqui mas o título que significa *Messias*.

19. Agora Pedro desafiou os judeus a se arrependem dos seus pecados e se voltarem para Deus. **Arrependei-vos. Voltem-se** do pecado para Deus. Isto significaria reversão do veredicto que pronunciaram sobre Jesus e confissão de que era o Messias de Deus. O resultado seria

que seus pecados seriam cancelados e que desfrutariam dos tempos de refrigério prometidos pelos profetas do V.T.

**20.** A conversão de Israel significava o retorno do Messias. É o propósito de Deus providenciar salvação para Israel antes do início do reino de Deus (Rm. 11:26), e Pedro insistiu com Israel para aceitar a salvação.

**21.** A morte, ressurreição e ascensão de Jesus não é o fim de Sua obra redentora. Ele deve vir novamente em poder para estabelecer uma nova ordem livre do mal e do pecado. Esta restauração incluirá a redenção da natureza (Rm. 8:18-23) como também o aperfeiçoamento da sociedade humana quando a vontade de Deus for feita na terra assim como é feito no céu.

Os **tempos de refrigério** são uma bênção presente; **a restauração de todas as coisas...** (que) **Deus falou pela boca dos seus santos profetas** é uma bênção futura; mas ambos são o resultado da obra redentora do Messias.

**22, 23.** Esses dias, dos quais Pedro fala, foram profetizados desde **Moisés**, o qual disse que Deus levantaria um outro profeta igual a Ele (Dt. 18:15-19), o qual transmitiria a palavra de Deus ao seu povo com autoridade. A ameaça contida no versículo 23 é uma combinação de Dt. 18:19 e Lv. 23:29.

**24, 25.** Esses dias da redenção que Pedro estava proclamando foi o tema constante dos profetas do tempo de Samuel. Os judeus eram os filhos dos profetas e da aliança feita com Abraão e eram, portanto, os herdeiros naturais dessas promessas messiânicas.

**26.** Enquanto a promessa de Abraão incluía os povos gentios, as bênçãos do Messias foram oferecidas primeiramente aos herdeiros naturais da aliança para que os desviasse de suas iniquidades. **Servo** é a palavra que se encontra em 3:13, traduzida **Filho** na ERC. **Ressuscitado** refere-se ao aparecimento histórico de Jesus mais do que a ressurreição (levantado).

## Atos 4

### B. A Primeira Oposição dos Líderes Judeus. 4:1-37.

Um dos propósitos principais do Livro de Atos é mostrar que os judeus que rejeitaram e crucificaram Jesus continuaram rebeldes contra Deus rejeitando o Evangelho do Jesus ressuscitado e elevado aos céus proclamado pelos apóstolos. Este capítulo descreve o começo dessa oposição, que culminou com os planos dos judeus de matarem Paulo em sua última visita a Jerusalém (23:12-15; 25:1-3).

1. Foi tão grande a multidão que se ajuntou no Alpendre de Salomão que a polícia do templo interveio. Os **sacerdotes** pertenciam a um partido judeu chamado os **saduceus**. Discordavam dos fariseus quanto à interpretação da Lei e também negavam a doutrina da ressurreição e da existência dos anjos e demônios. O **capitão do templo** era um oficial importante, com autoridade quase igual a do sumo sacerdote e tinha a responsabilidade da preservação da ordem no Templo.

2. Os saduceus estavam preocupados porque Pedro e João proclamavam persistentemente que Jesus ressuscitara dos mortos e anunciavam, com base nessa ressurreição, a esperança de ressurreição dos homens. Os fariseus criam na ressurreição futura. Os apóstolos declararam que Deus providenciara agora nova base para esta esperança.

3. Sendo já bastante tarde, a polícia do templo, sob a direção dos sacerdotes, prendeu os dois discípulos e os colocou na cadeia para ali passarem a noite.

4. Lucas infere que esses acontecimentos tiveram grande efeito sobre o povo, e muitos creram, de modo que o número dos crentes chegou a cinco mil.

5, 6. Na manhã seguinte o Sinédrio se reuniu. Era a mais alta corte dos judeus, e se compunha de **autoridades** ou sacerdotes, **anciãos** e **escribas**. **Escribas**. Estudantes profissionais e professores do V.T. Seus discípulos eram os fariseus. Nessa ocasião **Caifás** era o sumo sacerdote presidente do Sinédrio. Seu sogro, **Anás**, era o ex-sumo sacerdote e uma

espécie de estadista mais velho. O termo **sumo sacerdote**, ou melhor, *principal sacerdote*, podia ser aplicado a diversos membros de famílias das quais vinham os sumos sacerdotes. Nada sabemos sobre **João e Alexandre**.

7. Pedro e João foram levados à presença do Sinédrio e desafiados a dizer com que autoridade, leigos como eles eram, agiam daquela forma.

8-10. Pedro experimentou um novo revestimento do Espírito para que pudesse se defender. Ele destacou que nada fez além de ajudar um aleijado. O ex-aleijado estava de pé com Pedro e João, e Pedro declarou que a sua cura fora efetuada em nome de Jesus Cristo de Nazaré, não por algum poder que existisse nos próprios apóstolos.

11, 12. Pedro estava presumivelmente defendendo-se, mas depois abandonou a defesa e começou a proclamar o Evangelho. Ele citou o Sl. 118:22, declarando que Cristo era a **pedra** que os construtores da nação judia rejeitaram mas a qual Deus estabeleceu por mais importante pedra do edifício. Além disso, disse que só nEle havia salvação; e que se os judeus rejeitassem o poder salvador do Seu nome, não haveria outro meio de encontrarem salvação. A destruição viria sobre eles e a nação. **Pedra angular** pode designar tanto a pedra fundamental como o ângulo superior da juntura de duas paredes. **Salvação** aqui provavelmente se refere à vida na dispensação vindoura.

13. Esse discurso deixou o Sinédrio admirado. **Iletrados e incultos** não se refere à sua inteligência ou capacidade de ler e escrever, mas ao fato de que não eram escolarizados na tradição dos escribas, sendo de fato leigos. Era coisa incomum que leigos sem preparo falassem com tal eficiência e autoridade. Os líderes já sabiam que Pedro e João eram discípulos de Jesus, mas lembravam-se agora do fato de que Jesus também, mesmo não sendo educado nas tradições dos escribas (Jo. 7:15), também tinha deixado o povo maravilhado com a autoridade com que falava (Mc. 1:22). Algo dessa mestria autoridade refletia-se agora nos seus discípulos, e o milagre que fora realizado sobre o aleijado tornou difícil negar a eficácia dessa autoridade.

**15-17.** Os dois discípulos foram mandados para fora enquanto os membros do sinédrio deliberam. Embora Pedro e João não tivessem infringido nenhuma lei, estavam ganhando uma popularidade perigosa. o sinédrio deliberou que a única atitude possível era ameaçá-los, ordenando-lhes que não -pregassem mais em nome de Jesus. O Sinédrio não tomou nenhuma providência, conforme F.F. Bruce faz ver (*Commentary on the Book of Acts*), para desacreditar a afirmação central da pregação dos apóstolos – que Jesus ressuscitara dos mortos. A pregação dos apóstolos poderia ser facilmente frustrada se a proclamação da Ressurreição fosse comprovadamente falsa. o corpo de Jesus desvanecera-se tão completamente que o Sinédrio sentia-se inteiramente impotente para refutar a mensagem.

**18.** Quando Pedro e João foram chamados de volta pelo Sinédrio, não foram punidos mas ordenaram-lhes que deixassem toda e qualquer pregação em nome de Jesus.

**19, 20.** Os apóstolos responderam que se lhes fosse solicitado escolher entre a vontade de Deus e o decreto dos homens, teriam de escolher nada mais nada menos que obedecer a Deus.

**21.** Os apóstolos ganharam tal popularidade que o Sinédrio não se atreveu a provocar a ira do povo mandando puni-los. Além disso, os saduceus não tinham o apoio do povo como os fariseus, e tinham que tomar cuidado com a opinião pública.

**22.** A maravilha do milagre estava no fato de que esse homem já tinha mais de quarenta anos de idade.

**24.** Seguiu-se uma reunião de oração, na qual os crentes não pediram que Deus os livrasse de problemas e perseguições futuras, mas o louvaram por ser Ele o Senhor de todas as coisas. Dirigiram-se-lhe chamando-o de **Soberano Senhor** e não simplesmente *Senhor*.

**25, 26.** Os cristãos experimentaram a perseguição prevista em Sl. 2:1-3. Os principais se opuseram tanto a Deus como ao seu **Ungido** ou *Messias*.

**27.** Novamente os crentes se referiram a Jesus chamando-o de **Santo Servo** que também era o Ungido. Para eles **Herodes** Antipas, tetrarca da Galiléia e Peréia, representava os reis da terra. **Pôncio Pilatos**, o governador romano da Judéia, representava os príncipes. Os outros oponentes do salmo identificaram como sendo os romanos (**gentios**) e os povos de Israel.

**28.** Por trás desses atos maus praticados por homens perversos, eles sabiam, estavam o que a mão e o propósito de Deus predeterminaram.

**29, 30.** Os cristãos não oraram pedindo segurança ou proteção, mas que, em face da oposição, pudessem ser fiéis na proclamação da palavra de Deus.

**31.** A resposta à sua oração foi uma renovação da plenitude do Espírito Santo, que se manifestou na sua destemida proclamação da palavra de Deus. Não foi, entretanto, um outro batismo com o Espírito.

**32.** Os versículos 32-37 contêm um novo resumo do caráter da primitiva comunidade cristã semelhante ao de 2:42-47. Uma das características principais dessa igreja cheia do Espírito era a unidade, o sentimento de união que se manifestava na partilha dos recursos materiais.

**34.** Para suprir as necessidades dos cristãos pobres, os crentes mais ricos vendiam terras ou casas e traziam o dinheiro para que fosse usado em benefício de todos.

**35.** Os apóstolos supervisionavam este ministério do amor, que era executada na base da necessidade pessoal e não na base da igualdade.

**36, 37.** Um cristão se destaca especialmente: **José**, um cristão judeu, natural da Ilha de Chipre, que tinha parentes em Jerusalém (cons. 12:12; Cl. 4:10). Seu sobrenome, **Barnabé** pode significar *filho da consolação* ou *filho do encorajamento* ou *exortação*. Tais sobrenomes eram muitas vezes dados às pessoas para indicar seu caráter.

## Atos 5

### C. Morte de Ananias e Safira. 5:1-16.

Este incidente nos mostra que a igreja primitiva não estava livre de problemas fritesmos. Lucas não procura atenuar a situação mas conta o acontecimento com cores negras.

**1, 2. Safira** no aramaico significa *linda*. Tal como Barnabé, ela e seu marido venderam uma **propriedade**. Ananias, com o conhecimento de sua mulher, planejou levar apenas parte do dinheiro aos apóstolos, fingindo que estava dando tudo.

**3.** Não somos informados de como Pedro reconheceu a fraude; foi provavelmente por iluminação divina. Pedro acusou Ananias não por enganá-lo mas por tentar enganar o Espírito Santo. O Espírito Santo é obviamente uma pessoa, e o versículo 4 mostra que o Espírito Santo também é Deus.

**4.** O programa de partilhar riquezas na igreja primitiva era puramente voluntário e não compulsório. Permanecendo de posse da terra, Ananias tinha o direito de fazer o que entendia; e mesmo depois de vendê-la, o dinheiro era seu para usá-lo como quisesse. O pecado de Ananias não foi o de guardar o dinheiro, mas o de pretender uma consagração completa a Deus enquanto deliberadamente guardou parte do dinheiro. Foi o pecado de uma consagração desonesta, pois ele mentiu a Deus.

**5.** Encarando a enormidade do seu pecado, Ananias sentiu-se completamente vencido e imediatamente caiu ao chão e **expirou**. Não somos informados da causa do seu mal. Certamente Pedro não invocou sua morte. Quer Ananias tenha ou não expirado devido a um choque emocional, sua morte foi um juízo de Deus sobre sua consagração hipócrita.

**6.** Antigamente no Oriente o sepultamento era feito logo após a morte sem maiores delongas por causa da rápida decomposição dos corpos.

**7.** Safira devia estar longe da cena, caso contrário a morte de seu marido tê-la-ia alcançado mais cedo.

9. Pedro acusou-a de cumplicidade de estar brincando com Deus. **Tentar** a Deus (Êx. 17:2; Dt. 6:16), isto é, ver até onde se pode ir tomando liberdades com a bondade de Deus, é um pecado perigoso. Essa foi uma das tentações que nosso Senhor enfrentou (Mt. 4:7).

10. Safira teve o mesmo destino de Ananias. Ela também caiu e expirou. Não temos motivos para crer que Ananias e Safira não fossem salvos. Sua morte física foi um juízo divino que não envolveu a salvação deles. O próprio fato de serem crentes determinou a enormidade do seu pecado. Estavam fingindo uma "submissão total" mas deliberadamente guardaram algo para si. Este é um pecado que só pode ser cometido por um cristão.

11. Este acontecimento despertou grande espanto e temor de Deus na igreja e produziu influência purificadora. Aqui pela primeira vez em Atos aparece a palavra **igreja** (*ekklésia*). Significa, *chamados* e refere-se ao chamado feito aos cidadãos gregos para que saíssem de suas casas a fim de assistirem assembléias públicas com propósitos cívicos. A palavra foi usada no V.T. grego em relação a Israel na qualidade de povo de Deus. Seu uso no N.T., portanto, indica que a Igreja é o novo povo de Deus. A palavra nunca foi usada com referência a um edifício. Ela se refere tanto à igreja como um todo (5:11; 9:31; 20:28) como às congregações locais dos crentes (11:26; 13:1).

12. Os cristãos primitivos não tinham seus próprios edifícios para adoração mas reuniam-se no Pórtico de Salomão, que fazia o limite oriental da vasta área do templo.

13, 14. A morte de Ananias e Safira teve uma tal influência purificadora que ninguém se atrevia a entrar para a nova comunidade com razões meramente humanas. Entretanto, a igreja era muito respeitada pelo povo. Só aqueles que experimentavam uma genuína obra salvadora de Deus atreviam-se a entrar para a igreja; mas havia muitos desses crentes.



**D. A Segunda Oposição dos Líderes Judeus. 5:17-42.**

A popularidade dos crentes despertou novamente a atenção dos principais sacerdotes e dos saduceus. Um dos motivos centrais do livro de Atos é a rejeição do Evangelho pela nação judia. Esta secção descreve mais um passo na rejeição e perseguição exercida pelas autoridades judias.

**17. Seita** significa simplesmente *partido* e não possui conotações favoráveis, como a palavra na atualidade.

**18.** Dessa vez todos os apóstolos foram presos e postos na cadeia durante a noite para serem interrogados pelo Sinédrio de manhã.

**19,20.** Os apóstolos foram sobrenaturalmente libertados durante a noite e foram encorajados a continuarem testemunhando ao povo sobre o modo de viver e sobre a salvação. **Desta vida.** Uma designação costumeira para a mensagem cristã.

**21. Ao romper do dia o Sinédrio** (que também era chamado de *senado*), constituído dos saduceus e fariseus, reuniu-se e mandou buscar os apóstolos para interrogá-los.

**22, 23.** Os guardas foram à prisão e encontraram cada coisa em seu lugar, as portas trancadas e as sentinelas alertas; mas os apóstolos tinham desaparecido.

**24. O capitão da polícia do templo** era membro do Sinédrio. **Os principais sacerdotes.** Chefes das diversas famílias de sumo sacerdotes e sacerdotes que já tinham ocupado anteriormente o cargo de sumo sacerdote e que continuavam usando o título. Esses oficiais do Sinédrio ao que parece achavam que os cristãos tinham ganho convertidos dentro do círculo dos guardas do templo e parecia-lhes que esse novo movimento estava fugindo ao seu controle.

**25.** No meio das deliberações, chegou a notícia ao Sinédrio de que os apóstolos estavam novamente **no templo** e ensinando o **povo**.

**26. O capitão** da polícia com os seus subordinados persuadiram os apóstolos a acompanhá-los pacificamente até o Sinédrio. O capitão não se atreveu a usar de violência ao levar os apóstolos, temendo violenta

reação do povo, que estimava grandemente esses pregadores que curavam.

**27, 28.** Os apóstolos acompanharam a polícia indo da área do templo até o lugar da reunião do Sinédrio. O sumo sacerdote acusou-os de duas ofensas: primeiro, desobedeceram aquela injunção do Sinédrio de interromper seus ensinamentos em nome de Jesus. Segundo, estavam tentando levantar contra o Sinédrio a censura pública por causa da crucificação de Jesus. Os apóstolos, é claro, não tinham tal intenção, mas sua pregação sobre a cruz dava esta impressão.

**29.** Pedro replicou que tal injunção do Sinédrio colocava-os realmente diante do dilema de obedecer aos homens ou a Deus.

**30.** Em tal situação, só havia uma única possibilidade, especialmente considerando que Deus unha ressuscitado Jesus dos mortos, a quem os líderes judeus assassinaram. Pela expressão, **o Deus de nossos pais**, Pedro demonstrou que ainda se considerava judeu. A igreja primitiva não interrompeu a comunhão com os judeus mas existia como uma comunidade dentro do Judaísmo.

**31.** Quando os judeus infligiram a Jesus a degradação da cruz (Dt. 21:33), Deus lhe concedeu a mais alta honra, fazendo dEle um **Príncipe** ou **Líder e Salvador**. **Príncipe** é a mesma palavra traduzida para "Autor" em Atos 3:15 (outra tradução).

**32.** A proclamação dos apóstolos baseava-se no fato de que tinham testemunhado as coisas das quais falavam. Além disso, eles não falavam simplesmente como indivíduos particulares, mas seu testemunho tinha o poder do Espírito Santo, que falava por meio deles. O Espírito Santo fora dado não somente aos apóstolos mas à todos que Lhe obedeciam.

**33.** Estas palavras de Pedro atingiram os sacerdotes profundamente e eles se zangaram. A ala dos saduceus dentro do Sinédrio imediatamente começou a planejar como matar os apóstolos.

**34.** Seus propósitos malignos foram frustrados por um escriba e **mestre da lei**, chamado Gamaliel. Josefo, o historiador judeu, conta-nos, que o partido dos fariseus era pequeno em número mas possuía tal

popularidade e influência entre o povo que os saduceus não ousavam tomar qualquer atitude à qual os fariseus se opusessem. A influência do conselho de Gamaliel reflete-se nesta situação. Além disso, Gamaliel era um dos mais conhecidos rabis daquele tempo. Saulo de Tarso fora seu discípulo (22:3), e era largamente conhecido como o maior professor da Lei do seu tempo.

**35.** Gamaliel advertiu os saduceus, que se inclinavam a agir sem o apoio da maioria constituída pelos fariseus, a não agir irrefletidamente.

**36.** Ele citou recentes acontecimentos históricos para lembrá-los que já houvera outros movimentos entre os judeus que deram em nada, e que portanto não deviam temer esse novo grupo que proclamava que Jesus era o Messias. Josefo diz que houve muitos desses movimentos naqueles dias de insegurança. Gamaliel lembrou-se de Teudas, que proclamava ser pessoa de grande importância e que persuadiu uns quatrocentos judeus a segui-lo. Este movimento foi esmagado e Teudas foi morto. Nada mais sabemos sobre esse homem. Cerca de 45 A.D., um mágico com o mesmo nome levou um grande número de judeus ao Rio Jordão, prometendo separar as águas para que pudessem atravessá-lo a seco. O governador romano, Crispo Fadus, enviou cavaleiros e estragou o movimento. Esse falso messias, entretanto, foi outro e não a pessoa mencionada por Gamaliel.

**37.** Outra insurreição foi liderada por **Judas, o galileu**. Quando Herodes Arquelau, um dos filhos de Herodes, o Grande (Mt. 2:1, 22), foi deposto do governo da Judéia, o país ficou sob a liderança de um governador romano; e foi feito um **recenseamento** para determinar quanto deviam obrigar o povo a pagar de imposto a Roma. Este Judas provocou uma revolta religiosa e nacionalista com base em que somente Deus era o rei de Israel e que só Ele tinha o direito de governar o povo de Israel. Esse movimento foi o começo do que mais tarde se transformou no grupo dos zelotes; mas a revolta dirigida por Judas foi esmagada por Roma.

**38, 39.** Gamaliel aconselhou o Sinédrio a confiar na providência divina. Se Deus estivesse no movimento, este prosperaria; caso contrário fracassaria.

**40.** A influência de Gamaliel era tão grande que ele venceu a decisão do Sinédrio. Um castigo menor, o açoitamento, foi imposto, provavelmente com trinta e nove golpes (II Co. 11:24), por desobediência à primeira ordem do Sinédrio.

**41, 42.** Os apóstolos de modo nenhum desanimaram, pois acharam que sofrer em nome de Jesus era uma honra. Continuaram suas atividades ensinando e anunciando Jesus como o Messias, tanto em público no Pátio dos Gentios, **no templo**, como, também nas reuniões dos cristãos nos lares.

### **III. Expansão da Igreja na Palestina Através da Pregação e Dispersão. 6:1 – 12:25.**

Até este ponto, os apóstolos não deram nenhuma evidência de ter o propósito de levar o Evangelho a todo o mundo, mas permaneceram em Jerusalém dando o seu testemunho aos judeus. Agora Lucas conta o começo da expansão da igreja através da Judéia e Samaria. Essa expansão não foi realizada por causa da visão e propósito da igreja mas por ato providencial de Deus, dispersando os crentes. Para explicar esta perseguição, Lucas primeiro conta como Estêvão colocou-se em posição de destaque como um dos sete.

## **Atos 6**

### **A. A Escolha dos Sete. 6:1-7.**

A igreja nos seus primeiros dias de existência não tinha organização formal, nem oficiais ou líderes, com exceção dos apóstolos. O crescimento numérico da igreja e os problemas que surgiram na comunidade interna exigiu que se começasse a organizá-la e que se escolhesse líderes ou ministros adicionais.

1. Os judeus que eram nativos da Palestina falavam principalmente o aramaico; mas os judeus que tinham vivido no mundo mediterrâneo fora da Palestina falavam o grego e às vezes nem conheciam o aramaico. Muitos desses judeus da Diáspora voltaram a Jerusalém para morar, e alguns deles converteram-se e entraram para a igreja. Surgiu uma discórdia entre os cristãos que falavam o grego (**helenistas**) e os que falavam o aramaico (**hebreus**) porque parecia que havia favoritismo em prol destes últimos na distribuição do alimento às viúvas. As viúvas eram pessoas sem qualquer meio de sustento, que recebiam da comunidade cristã o necessário para viver.

2. Os doze apóstolos reuniram toda a igreja e fizeram ver que essa responsabilidade de cuidar dos pobres tornara-se-lhes tal peso que acabaram devotando a maior parte do seu tempo nesse ministério material em prejuízo do ministério da Palavra. Tal negligência não era **razoável**.

3, 4. Eles recomendaram que a distribuição dos alimentos fosse colocada sob a direção de sete homens cheios do Espírito e de boa reputação. Os apóstolos ficariam então livres para se dedicarem ao ministério da oração, pregação e ensinamento da Palavra.

5. Estêvão se encontrava entre os sete homens escolhidos. Todos os sete tinham nomes gregos e ao que parece foram aliciados da ala grega da igreja. 6. A igreja como um todo escolheu esses sete homens, mas os apóstolos aprovaram a seleção e os encarregaram do seu ofício. Então os sete foram ordenados para esse ofício pela imposição das mãos dos apóstolos. Essa imposição das mãos era um costume do V.T. (Gn. 48:13 e segs.; Lv. 1:4; Nm. 27:23), que também era praticado pelos judeus quando os homens eram admitidos ao Sinédrio. Foi adotada pela igreja primitiva quando da ordenação desses líderes. Havia entretanto, uma qualificação preliminar; os sete deviam ser cheios do Espírito Santo. Além dos apóstolos, estes sete foram os primeiros oficiais da igreja. Por tradição foram chamados de diáconos; mas não são chamados assim no texto.

7. A solução deste problema aumentou a eficácia do testemunho cristão, e até muitos dos **sacerdotes** creram.

### **B. A Conjuntura da Dispersão: O Ministério e Martírio de Estêvão. 6:8 - 8:3.**

8. Logo Estêvão foi notado como homem de poder e predicações especiais.

9. Ele dava testemunho do messiado de Jesus nas sinagogas judias de Jerusalém particularmente numa que era freqüentada pelos **libertinos**, que antes tinham morado nos quatro lugares mencionados. Uma sinagoga compunha-se de dez ou mais judeus que se reuniam para leitura e interpretação das Escrituras. Uma tradição exagerada diz que havia 480 sinagogas em Jerusalém.

10, 11. Este ministério de Estêvão ao que parece levou a um debate formal. Quando os judeus não foram capazes de vencer o ardoroso líder, no debate, por causa de sua **sabedoria** e poder do Espírito, secretamente instigaram algumas testemunhas que declararam ter ele proferido palavras blasfemas contra a lei de Moisés e contra Deus.

12. O fiel "diácono" foi levado diante do Sinédrio para se defender dessas acusações.

13-15. A alegada blasfêmia de Estêvão contra Deus foi definida como blasfêmia contra o Templo. Ao que parece estivera ensinando que o Templo Judeu não era mais necessário para se adorar a Deus verdadeiramente. Era agora acusado de ensinar que Jesus de Nazaré destruiria o Templo e perverteria a prática da lei mosaica. Essa acusação não era pura invencionice, mas uma inteligente deturpação do que Estêvão estivera realmente ensinando.

## **Atos 7**

1. O **sumo sacerdote** e presidente do Sinédrio ainda era Caifás, que presidira o julgamento e a condenação de Jesus.

2. O discurso de Estêvão que se segue não foi realmente uma refutação das acusações apontadas contra ele mas antes uma afirmação positiva do testemunho de Jesus Cristo e do Evangelho. Estêvão não tentou mostrar que as acusações contra ele eram falsas. Pelo contrário, ele apresentou a sua convicção de que o Templo e a terra da Palestina não eram necessárias para uma verdadeira adoração a Deus. Esboçou um pequeno resumo da história de Israel para mostrar: a) que Deus abençoara seus pais mesmo quando esses homens não viviam na terra da Palestina; b) que durante muito tempo na história de Israel os judeus não adoraram a Deus no Templo; c) e que mesmo possuindo o Templo Israel continuou sendo rebelde e desobediente a Deus. O propósito desse discurso foi o de mostrar, na história de Israel, que a posse do Templo não era nem uma necessidade nem uma garantia para a verdadeira adoração a Deus. E isto serviu para substanciar o ponto principal, que tendo vindo o Messias, a adoração dos judeus no Templo em Jerusalém estava ultrapassada.

Deus não chamou Abraão na Terra Prometida mas quando se encontrava distante, **na Mesopotâmia**. Estêvão referiu-se a uma visita divina enquanto Abraão ainda se encontrava na Mesopotâmia, do que resultou sua ida a Harã, onde morou durante algum tempo e de onde partiu mais tarde para a Palestina. Gênesis 11:31, 32 não registra essa primeira visitação divina; mas Gn. 15:7 e Ne. 9:7 ambas indicam que a chamada divina a Abraão foi feita originalmente em Ur dos Caldeus na Mesopotâmia.

5. Embora Abraão habitasse na terra da Palestina, na realidade não possuiu a terra, mas apenas a considerou uma promessa de Deus a ele e seus descendentes. A bênção de Abraão, portanto, não dependia da posse da terra mas da promessa de Deus.

6, 7. Os descendentes de Abraão não possuíram a terra imediatamente, mas passaram quatrocentos anos no cativeiro fora da Palestina. **Quatrocentos anos** é um número redondo (cons. Gl. 3:17, onde o período é de 430 anos).

**8.** Deus fez a aliança com Abraão e seus descendentes, dando-lhes o sinal da circuncisão como selo do acordo. Essa bênção da aliança, Estêvão inferiu, não dependia da existência do Templo mas das promessas e fidelidade de Deus.

**9, 10.** Mesmo quando os patriarcas venderam **José... para o Egito**, Deus não o abandonou por se encontrar fora da terra, mas concedeu-lhe um maravilhoso livramento, fazendo dele o **governador daquela nação** e da casa de Faraó.

**11-15.** Quando houve uma grande fome no Egito e na Palestina, Deus concedeu a José a visão de reservar mantimentos no Egito para preservação dos patriarcas. Jacó e sua família emigraram para o Egito, onde foram protegidos por José. O número **setenta e cinco** segue a septuaginta com a tradução grega do V.T.; o número setenta em Gn. 46:27 e Êx. 1:5 é do texto hebraico. Esses dois textos refletem duas maneiras de se contar a família de Jacó.

**16.** Embora os patriarcas morressem no Egito, seus corpos foram levados de volta à Palestina e foram sepultados na terra que Deus prometera a Abraão e sua semente.

**17- 43.** Estêvão fora acusado de blasfêmia contra Moisés. Ao contar a história de Moisés e da Lei, ele mostrou que a posse da Lei não protegeu Israel da rebelião contra Deus.

**17.** Ao se aproximar o tempo em que Deus prometera tirar os patriarcas do Egito para lhes dar a terra de Canaã, o povo não sentiu inclinação para deixar o Egito, onde estava aumentando e prosperando.

**18, 19.** Então Deus levantou **outro rei** no Egito que não continuou dispensando favoritismo a José e sua família, mas que tratou os israelitas fraudulentamente, compelindo-os a destruir todas as suas crianças por abandono.

**20, 21.** Moisés, que nasceu nessa ocasião, era formoso aos olhos de Deus. Quando, após três meses, seus pais tiveram de enjeitá-lo, **a filha de Faraó... criou como seu próprio filho** dentro da família real.



**22.** Como filho da filha de Faraó, Moisés recebeu a melhor educação que havia no Egito, tornando-se um jovem eloqüente e de ação vigorosa.

**23.** Depois de chegar à idade adulta, Moisés tomou a decisão de deixar o palácio de Faraó a fim de visitar seu povo. Ao que parece, durante esses quarenta anos, não teve nenhum contato com o seu povo, vivendo como um egípcio na casa de Faraó.

**24, 25.** Quando viu um dos israelitas sendo maltratado, tomou a sua defesa e, feriu o egípcio, matando-o. Moisés pensou que os seus o reconheceriam como enviado por Deus para libertá-los; mas eles não reconheceram este fato.

**26.** No dia seguinte, quando Moisés encontrou dois israelitas brigando, tentou reconciliá-los, destacando que eram irmãos e portanto não deviam brigar entre si.

**27, 28.** O agressor rejeitou fortemente a sugestão de paz feita por Moisés. Acusou-o de intromissão e de querer suborná-lo para esconder o crime que cometera contra o egípcio no dia anterior.

**29.** Quando Moisés viu que era conhecido como assassino de um egípcio em defesa dos israelitas, fugiu do Egito e tornou-se **peregrino** em Midiã, ao noroeste da Arábia. Casou-se ali e teve dois filhos.

**30.** Foi aí no Monte Sinai, longe da Terra Prometida e sem nenhum templo, que Deus se revelou maravilhosamente a Moisés.

**31, 32.** A princípio Moisés não compreendeu o que significava a sarça ardente. Então Deus lhe falou, revelando-se como o Deus dos patriarcas. A voz do Senhor encheu Moisés de temor, de modo que nem se atreveu a olhar para a sarça ardente.

**33.** Esse desolado lugar no deserto foi transformado em lugar santo porque Deus apareceu ali. Conseqüentemente Ele ordenou a Moisés que removesse seus sapatos em sinal de reverência. Onde quer que Deus apareça e fale aos homens, o lugar é santo.

**34.** Deus assegurou a Moisés que não esquecera o Seu povo, ainda que estivesse no Egito, e que logo cumpriria Suas promessas, libertando os israelitas.

**35.** Deus inverteu o julgamento dos irmãos de Moisés. Zombaram dele porque pensavam que estivesse tentando agir como **autoridade e juiz**; Deus fez de Moisés um **chefe e libertador** do seu povo no Egito. **Libertador** dá a idéia de redentor.

**36.** Essa redenção foi realizada com demonstração de **prodígios e sinais** no Egito, na travessia do Mar Vermelho e nos quarenta anos de viagem do Egito à Terra Prometida.

**37.** A experiência de Moisés apenas foi uma sombra da Aquele maior que viria depois dele. Pois Moisés previu a vinda de um outro profeta, a quem Israel deveria dar atenção (Dt. 18:15, 18, 19).

**38.** Sob a liderança de Moisés, Israel foi um tipo da Igreja. A palavra grega para igreja, *ekklesia*, foi usada em Dt. 18:16 descrevendo Israel na posição de congregação de Deus.

**O anjo.** O anjo particular do Senhor que representa Deus e torna Sua presença real aos homens. Moisés recebeu também oráculos vivos de Deus, isto é, a Lei do V.T. (Êx. 20). Todas essas bênçãos o povo de Israel desfrutou da mão de Deus enquanto ainda se encontrava no deserto fora da terra e sem um templo.

**39.** Apesar dessas bênçãos vindas da mão de Deus, os israelitas não obedeceram a Deus, rejeitaram a Moisés e quiseram voltar ao Egito.

**40.** Quando Moisés se encontrava na montanha, o povo exigiu que Arão fizesse ídolos para serem adorados. Em vez de adorarem a Deus, seu Criador, adoraram um bezerro de ouro que eles mesmo fizeram (Êx. 32:16, 18). Dera como desculpa o fato de Moisés ter desaparecido e que não sabiam o que lhe tinha acontecido.

**41.** Estêvão estava sob a acusação de blasfêmia contra Moisés. Sua exposição da história mostrou que os antepassados dos seus acusadores, eles mesmos falharam em guardar a lei de Moisés e rejeitaram a ordem divina de adoração para adorarem ídolos.

**42.** Essa tendência para a idolatria, refletiu-se através de todo o curso da história de Israel, chegou ao seu clímax no cativeiro da Babilônia, quando Israel imitou seus vizinhos adorando os planetas dos céus como se fossem divindades (Dt. 4:19; 17:3; II Reis 21:3, 5; 23:4, 5; Jr. 8:2; 19:13; Sf. 1:5). Deus abandonou Israel a esta adoração pagã idólatra. Estêvão citou Amós 5:25-27 para dar um exemplo da apostasia de Israel. A diferença entre a passagem de Amós e a de Atos nas versões em português deve-se ao fato de que Estêvão citou a tradução grega do V.T., a qual neste ponto se desvia do original hebreu. Estêvão mostrou que os sacrifícios oferecidos a Deus eram apenas formas externas e não possuíam nenhuma realidade espiritual (cons. Is. 1:10-14, onde Deus rejeita os sacrifícios do seu povo porque não vinham de um coração obediente.)

**43. Moloque e Renfã** eram duas divindades associadas às estrelas. A idolatria dos judeus com o bezerro no Sinai e sua adoração a Deus, formal e não espiritual, através dos sacrifícios no deserto, levou-os afinal à adoração das divindades astrológicas pagãs. Por causa dessa apostasia, eles atraíram o juízo de Deus na forma do cativeiro além da Babilônia.

**44, 45.** A apostasia de Israel ocorreu apesar do fato de Deus lhe dar uma testemunha evidente. No deserto, Deus ordenara a Moisés que construísse um **tabernáculo** ou tenda, que seria uma testemunha da presença de Deus no meio deles (Êx. 25:9, 40; 26:30; 27:8). Os patriarcas introduziram com eles este Tabernáculo na Terra Prometida sob a liderança de Josué. (A trad. gr. de **Josué** é *Jesus*.) Deus expulsou as nações da terra (a palavra gr. significa tanto gentios como nações), para que Israel pudesse possuí-la.

**46, 47.** Por muitos anos depois de entrar na terra, Israel não teve templo mas continuou adorando a Deus no Tabernáculo. **Morada** neste versículo é uma palavra diferente da que foi empregada em 6:44. Davi, um homem segundo o coração de Deus, quis providenciar uma habitação para Deus; mas esse privilégio foi retardado até os dias de Salomão.

**48-50.** Agora Estêvão declarou enfaticamente que o **Altíssimo** não pode ser limitado a estruturas construídas pelo homem, porque Ele enche o mundo inteiro, e não existe um tipo de casa que possa contê-lo.

**51, 52.** Se o Templo não é necessário para se adorar a Deus, não é também uma garantia que os homens, nele, adorarão a Deus corretamente. Estêvão acusou aqueles que adoravam no Templo de serem duros e **incircuncisos de coração e de ouvidos**, de resistirem ao Espírito Santo, e de traírem e matarem o **Justo**, seguindo assim o exemplo de seus rebeldes antepassados. Estêvão fora acusado de blasfemar contra a lei de Moisés. Sua resposta foi que na realidade não era ele que era culpado desse pecado mas o povo judeu, que desde os tempos de Moisés transgredira a Palavra de Deus. Ele fora acusado de blasfemar contra Deus por rejeitar o Templo. Sua resposta foi que a história de Israel provou por si mesma que o Templo era apenas uma instituição temporária e não era essencial para a verdadeira adoração a Deus.

**54.** Quando Estêvão acusou os judeus de blasfêmia, eles se encheram de raiva incontrolável. **Rilharam os dentes.** Sinal de raiva (Jó 16:9; Sl. 35:14).

**55, 56.** Estêvão não se perturbou com a ira do Sinédrio. A essa altura, Deus lhe concedeu uma visão dos céus abertos com o **Filho do homem** em pé à Sua direita. As palavras de Estêvão foram, na realidade, uma declaração de que as palavras que Jesus recentemente proferira, diante desse mesmo corpo judicial, de ser o Filho do homem, não eram blasfemas, como o Sinédrio proclamara, mas eram a verdade de Deus (Mc. 14:62). Estêvão declarou que realmente Jesus estava agora à direita de Deus na qualidade de Filho do homem.

Jesus costuma ser descrito como assentado à direita de Deus (Sl. 110:1; Hb. 1:13). É possível que aqui Ele esteja representado como levantando-se do Seu trono para receber este mártir. O nome **Filho do homem** não designa a humanidade de Jesus; é um título messiânico, com base em Dn. 7:13, 14, e designa o Messias como ser celestial e

sobrenatural. Este é o único lugar fora dos Evangelhos onde o título foi aplicado a Jesus.

**57-58.** Não está de todo claro se o martírio de Estêvão foi o resultado de uma execução formal ou um linchamento. Uma execução legal exigia a aprovação do governador romano, e considerando que isso não foi obtido, a morte de Estêvão parece um linchamento. Entretanto, a menção de testemunhas formais conforme exigia a Lei (Lv. 24:14; Dt. 17:7) dá a idéia de uma execução legal. É possível que o Sinédrio executasse Estêvão sem obter a aprovação oficial de Pilatos. Estêvão foi conduzido para fora da cidade para o lugar de execução e foi apedrejado. As **testemunhas** eram os executores oficiais. **Saulo**, que mais tarde se tornou o apóstolo Paulo, foi um observador da execução e ficou junto às roupas dos executantes. **Saulo** foi subitamente introduzido na narrativa sem explicações.

**59, 60.** Morrendo, Estêvão invocava a Jesus exaltado como Deus mesmo e orava para que Jesus recebesse o seu espírito. As suas palavras finais consistiam em uma oração de perdão para os seus executores. **Adormeceu** é a metáfora bíblica comum para o fenômeno da morte.

## Atos 8

**1. Saulo consentia.** Alguns acham que essas palavras indicam que Saulo era um membro do Sinédrio. Isto não precisa ser verdade. Entretanto, sendo ele da Cilícia, era sem dúvida um membro da sinagoga que discutiu com Estêvão (6:9). Até esse momento a igreja não demonstrara nenhuma inclinação de levar o Evangelho a todo o mundo, permanecendo em Jerusalém. Deus usou a perseguição que se seguiu à morte de Estêvão como um meio providencial para a expansão do Evangelho fora de Jerusalém. Os crentes da congregação de Jerusalém foram espalhados por toda parte, mas os apóstolos puderam permanecer na cidade dando estabilidade à igreja.

**3.** O espírito instigador dessa perseguição foi Saulo (veja Gl. 1:13, 23; I Co. 15:9; Fl. 3:6). Ele se convenceu de que esse novo movimento

que proclamava um criminoso crucificado como o Messias não podia ser de Deus. Pois o V.T. pronunciava uma maldição sobre qualquer um que fosse pendurado sobre uma árvore. Era uma prova escriturística, segundo o entendimento de Saulo, que Jesus era um enganador e esse novo movimento era blasfemo.

### **C. O Evangelho em Samaria. 8:4-25.**

Primeiro, Lucas registra a expansão do Evangelho em Samaria. Os samaritanos eram descendentes de uma mistura do remanescente de Israel com estrangeiros que foram introduzidos na Samaria pelos conquistadores assírios quando as classes superiores foram levadas para o exílio (II Reis 17). Os samaritanos construíram um templo rival sobre o Monte Gerizim (veja Jo. 4:20). Considerando os judeus que os samaritanos eram mestiços raciais e religiosos, violentos preconceitos raciais tiveram de ser vencidos antes da igreja poder se tornar realmente universal.

**5. À cidade de Samaria.** Não se sabe ao certo se Samaria indica uma cidade ou um país. Normalmente, essa palavra no N.T. designa o território e não a cidade. A cidade de Samaria foi reconstruída por Herodes, o Grande, nos moldes de uma cidade grega e recebeu o nome de Sebaste, em honra do imperador romano. A mensagem de Filipe na Samaria foi o *Messias* (**Cristo**), isto é, que Jesus era o Cristo.

**9-11.** Antes que Filipe chegasse a Samaria, um mágico chamado **Simão** exercera sua profissão, proclamando "que era alguém". As pessoas foram enganadas por seus truques e lhe atribuíram o **Grande Poder**. Grande era uma palavra usada pelos gregos para designar o Deus judeu (o poder de Deus que é chamado Grande).

**12.** A mensagem de nosso Senhor foi o evangelho do reino de Deus (Mt. 4:23; 9:35). Dissera aos seus discípulos que pregassem o Evangelho do reino em todo o mundo (Mt. 24:14). Filipe foi a Samaria pregando a **respeito do reino de Deus**. A frase é exatamente a mesma exceto que o verbo foi usado em lugar do substantivo (evangelizando) e a preposição

foi inserida. O evangelho do reino de Deus e o nome de Jesus Cristo são aqui idéias intercambiáveis.

**14-17. Os apóstolos... em Jerusalém** mantinham um relacionamento de supervisão sobre toda a igreja e, por isso, enviaram Pedro e João a Samaria para investigar esse novo ponto de desenvolvimento. (João e seu irmão Tiago perguntaram certa vez a Jesus se não deviam pedir que caísse fogo do céu sobre uma determinada aldeia samaritana; veja Lc. 9:52 e segs.) Tornou-se evidente a Pedro e João que o dom do Espírito Santo recebido no Pentecostes não fora oferecido aos samaritanos convertidos. Eles receberam o batismo da água mas não o batismo com o Espírito. Os apóstolos achavam óbvio que a fé daquelas pessoas era genuína. Portanto impuseram-lhes as mãos e o Espírito Santo veio sobre eles. O significado deste acontecimento tem sido assunto de controvérsia, mas deve-se destacar que no dia de Pentecostes e na casa de Cornélio (Atos 10), o Espírito Santo foi concedido sem a imposição de mãos. Portanto torna-se arbitrário selecionar este acontecimento único para transformá-lo em norma de experiência cristã, e insistir que existe um batismo especial com o Espírito que é concedido após a fé salvadora pela imposição de mãos daqueles que já passaram por essa experiência. O significado desse acontecimento está no fato dessa gente ser samaritana. Eis aí o primeiro passo através do qual a igreja rompeu suas cadeias judias indo na direção de uma comunhão realmente universal. A imposição de mãos não foi necessária para os samaritanos; mas foi necessária para os apóstolos, para que se convencessem completamente de que Deus estava realmente rompendo as barreiras do preconceito racial e incluindo essa gente mestiça dentro da comunidade da Igreja. Não foi um novo Pentecostes mas uma extensão do Pentecoste ao povo samaritano.

**18-24.** O desejo de Simão de comprar os dons de Deus com dinheiro deu origem à palavra "simonia". A resposta de Pedro foi, "O teu dinheiro seja contigo para perdição... Arrepende-te". Parece que Simão era realmente convertido, mas os hábitos da velha vida e o **laço de**

**iniquidade** (v. 23) ainda não fora quebrada. Simão foi tomado de medo e rogou aos apóstolos que intercedessem por ele e buscassem o perdão de Deus (v. 24).

**25.** Pedro e João ficaram agora ocupados em um vigoroso programa evangelístico que os levou por muitas aldeias da Samaria. Depois, tendo completado sua excursão, retornaram a Jerusalém.

### **D. A Conversão do Eunuco Etíope. 8:26-40.**

Agora Lucas registra um novo passo na direção da expansão da igreja, além de seu cenário judeu inicial, contando a conversão do eunuco etíope, que possivelmente era semiconvertido ao judaísmo, embora também pudesse ser judeu.

**26. Gaza**, era uma das cinco cidades dos filisteus, situava-se cerca de duas milhas e meia do mar. A cidade foi destruída em 93 A.C., mas foi reconstruída trinta e seis anos depois em novo local mais perto do mar. **Este se acha deserto** pode se referir tanto à estrada, como também, com mais probabilidade, ao sítio da antiga cidade.

**27.** Os eunucos serviam nas cortes orientais ocupando posições de grande autoridade. **Candace**. Não um nome próprio mas o título de uma autoridade real. O rei da Etiópia era considerado o filho do sol e portanto sagrado demais para exercer as funções propriamente ditas do governo. A rainha mãe, que era chamada **Candace**, governava. Esse eunuco era provavelmente um gentio temente a Deus ou um semiconvertido ao judaísmo, que fora a Jerusalém em peregrinação. Como eunuco, não poderia jamais pertencer ao povo de Deus do V.T. (Dt. 23:1), mas essas pessoal tinham de aceitar o Evangelho.

**28.** Viajando em uma carruagem coberta, provavelmente puxada por bois, estava lendo o profeta Isaías na tradução grega.

**30.** Os antigos costumavam ler em voz alta, e **Filipe ouviu** o eunuco lendo em Isaías.

**32, 33.** A passagem da Escritura era Is. 53:7, 8. Ela descreve alguém que sofreu em silêncio, a quem foi negado justiça, e que foi morto.



**34.** Antes da vinda de Cristo, os judeus compreenderam que esta era uma passagem messiânica e que o sofrimento do servo era uma profecia dos sofrimentos do seu Messias. Mais tarde alguns interpretaram o servo sofredor como sendo o profeta e outros como o povo de Israel.

**35.** Filipe mostrou ao eunuco que essa era uma profecia sobre Jesus. Isto retrocede aos ensinamentos de nosso Senhor mesmo que dizia ter vindo para servir e dar a sua vida em resgate de muitos (Mc. 10:45).

**36.** A nordeste de Gaza há um vale onde existe água corrente. Ao que parece a explicação de Filipe incluiu um apelo para que o eunuco aceitasse a Jesus e fosse batizado, pois este pediu a Filipe para ser batizado.

**37.** Este versículo não se encontra nos textos gregos mais antigos. Foi acrescentado há muito tempo atrás e reflete a prática cristã da igreja primitiva de batizar as pessoas imediatamente após a profissão de fé em Jesus Cristo.

**38.** Uma das nossas mais antigas obras cristãs pós-bíblicas, a Didaquê (cerca de 125 A.D.), diz que o batismo deve ser realizado em água corrente, se possível.

**39, 40.** Não sabemos o que aconteceu ao eunuco, mas a tradição conta que ele se tornou um missionário entre o seu próprio povo. Filipe visitou **Azoto**, a antiga cidade de Asdode, cerca de vinte milhas ao norte de Gaza, e depois seguiu para o norte ao longo da costa, pregando o Evangelho em diversas cidades, provavelmente incluindo Lídia e Jope (9:32 e segs.). Depois foi a **Cesaréia**, onde ao que parece se estabeleceu, pois lá residia numa data posterior (21:8). Cesaréia era uma cidade gentia e a residência oficial dos procuradores romanos na Judéia.

## **Atos 9**

### **E. A Conversão de Saulo. 9:1-31.**

A narrativa da conversão de Saulo foi inserida na história da expansão do Evangelho na Palestina. O registro do ministério de Pedro, que atravessou a Samaria pregando o Evangelho (8:25), resume-se em

9:32. Conforme o Evangelho avançava na direção do mundo gentio, Deus preparava um vaso escolhido para ser o principal instrumento nessa missão. Por isso Lucas interrompe a sua narrativa para contar a conversão de Saulo, e também para explicar o fim da perseguição à igreja.

1. A conversão de Saulo também está relatada em 22:4-16 e 26:12-18. Embora Saulo nascesse e fosse criado na cidade gentia de Tarso, na Cilícia (22:3), estudou em Jerusalém aos pés de Gamaliel, um dos notáveis rabinos judeus daquele tempo (5:34 e segs.). Era considerado um aluno brilhante (Gl. 1:14) e um zeloso fariseu (Fl. 3:5). Agora Saulo executou o papel do mais zeloso representante dos judeus na perseguição à igreja. A violência de sua perseguição está descrita em Atos 26:10, 11. Seu alvo era compelir os cristãos a negar a sua fé sob pena de prisão e até mesmo morte. Não sabemos até onde era comum o martírio nessa perseguição.

2. **O sumo sacerdote**, presidente do Sinédrio, tinha os judeus de toda a Palestina sob a sua jurisdição. Saulo obteve do sacerdote cartas de extradição para as **sinagogas de Damasco** a fim de trazer de volta a Jerusalém, em cadeias, qualquer cristão que para lá tivesse fugido. Havia uma comunidade judia em Damasco de cerca de dez a dezoito mil pessoas. **Caminho**. Uma palavra usada para descrever a fé cristã (19:9, 23; 22:4; 24:14, 22).

3, 4. O jato de luz apareceu a Saulo perto do meio-dia (22:6; 26:13), mas a luz era mais forte do que a luz do sol. A voz que vinha do meio da luz falou a Saulo em hebraico, ou aramaico (26:14). Embora a maioria dos judeus da Dispersão falasse o grego, os pais de Saulo falavam o aramaico e ensinaram-lhe essa língua (Fl. 3:5). Essa era a língua usada nas escolas rabínicas de Jerusalém. A voz informou Saulo que ao perseguir os cristãos ele perseguia a Cristo.

5. A princípio Saulo não entendeu o significado dessa experiência. Pediu que a voz se identificasse. **Senhor** no grego significa, muitas vezes, pessoa de respeito (16:30; 25:26); mas aqui indica uma resposta

reverente e respeitosa. A voz identificou-se como a do Jesus glorificado. As palavras **Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões**, conforme está na ERC, não se encontram nesta passagem nos textos gregos mais antigos, mas foram aqui introduzidas de 26:14.

7. Saulo estava na companhia de uma caravana. A declaração deste versículo dizendo que os homens ouviram uma voz mas não viram ninguém parece contradizer 22:9 e 26:14, onde se diz que eles ouviram a voz. Há duas possíveis soluções para este problema. A construção do grego em 9:7 é diferente da construção de 22:9. A primeira declaração pode significar que eles ouviram um som e o outro versículo que eles não entenderam o que dizia. Uma segunda possibilidade é que 9:7 se refere à voz de Saulo falando à luz; os homens ouviram a voz de Saulo, mas não ouviram a voz que da luz falava a Saulo (22:9).

9. A experiência foi tão fora do comum que durante três dias Saulo não conseguia nem comer nem beber.

10, 11. Nada sabemos sobre **Ananias** exceto o que nos conta esta passagem. O versículo 13 indica que talvez ele residisse em Damasco e não sendo refugiado de Jerusalém. Não sabemos como o Evangelho chegou a Damasco nem como Ananias se converteu. O livro de Atos não nos dá uma história completa da igreja primitiva, mas relaciona apenas os acontecimentos mais importantes do seu crescimento. **À rua que se chama Direita** passava pelo centro de Damasco e ainda existe hoje em dia.

13. Chegou a Damasco notícia da destruição feita por Saulo contra os cristãos em Jerusalém. **Santos**. Palavra comumente usada no N.T. em relação aos crentes.

15, 16. O sofrimento no serviço de Cristo não deve ser encarado como exceção mas como coisa normal.

17. A obediência de Ananias foi imediata e completa. A recepção do Espírito Santo por meio da imposição das mãos de Ananias foi uma experiência excepcional e não coisa normal (cons. 8:17). Com a palavra

**irmão**, Ananias deu as boas-vindas a Saulo recebendo-o na comunidade cristã.

**18.** Uma substância escamosa caiu dos olhos de Saulo, ele recobrou a vista imediatamente e foi batizado.

**19, 20.** Os **alguns dias** que Saulo passou em Damasco é um período de tempo muito indefinido. Imediatamente após a visão de Cristo, Saulo foi para à Arábia onde ficou por dois ou três anos (Gl. 1:15 e segs.). O curto ministério em Damasco pode ter acontecido antes ou depois da temporada de Saulo na Arábia. Havia numerosas sinagogas em Damasco, e neles Saulo proclamou a **Jesus** como o **Filho de Deus**. Esta é a primeira vez que esta frase ocorre no livro de Atos. Pode designar o rei messiânico como objeto do favor de Deus (II Sm. 7:14; Sl. 2:7). Este uso messiânico da frase **Filho de Deus** foi ilustrada pela pergunta do sumo sacerdote a Jesus (Mc. 14:61). Provavelmente, aqui, o termo tem o significado messiânico, pois Atos 9:22 diz que a pregação de Saulo provava que **Jesus era o Messias** (*que aquele era o Cristo*).

**21, 22.** A transformação de Saulo deixou seus ouvintes muito admirados. **Demonstrando**. Literalmente, **juntando**; isto é, juntando as profecias do V.T. com seu cumprimento para mostrar que Jesus era o *Messias* (o Cristo). Tendo Saulo recebido a instrução de um rabi e conseqüentemente conhecendo bem o V.T., isto era-lhe agora muito útil.

**23, 24.** Os **muitos dias** incluíam de dois a três anos depois da conversão de Saulo (Gl. 1:18). "Três anos" na computação judia podia se referir a um período de mais de dois anos completos. Comparando este versículo com II Co. 11:32 vemos que os judeus fizeram uma conspiração com o representante do Rei Aretas da Arábia. Talvez o reino nabaetano de Aretas se estendesse até Damasco, incluindo esta; mas é mais aceitável que Aretas tivesse um representante na pessoa de um etnarca governando sobre os muitos nabaetanos que moravam em Damasco. Quando o ministério de Saulo em Damasco provocou a animosidade das autoridades tanto nabateanas quanto judias, estas

juntaram suas forças para vigiar os portões num esforço de prendê-lo quando deixasse a cidade.

**25.** Um dos cristãos possuía uma casa construída sobre a **muralha** de Damasco. Saulo foi baixado num grande cesto trançado que foi passado através de uma janela, e assim ele escapou à conspiração.

**26.** Quando Saulo retornou a Jerusalém, não pôde reunir-se novamente aos seus antigos companheiros judeus; e os poucos cristãos que permaneceram na cidade (8:1) suspeitavam que a sua profissão de fé não passasse de mera fachada para melhor perseguir a igreja.

**27.** Barnabé já conhecia Saulo ou então era homem de grande discernimento, pois reconheceu a sinceridade de Saulo e o apresentou aos **apóstolos**. Os únicos apóstolos em Jerusalém nessa ocasião eram Pedro e Tiago, o irmão do Senhor (Gl. 1:18, 19). Tiago fora incluído no círculo apostólico.

**28, 29.** Santo passou a se ocupar agora do ministério do Evangelho em Jerusalém. Seu ministério anda não se estendia além da capital da Judéia (Gl. 1:22-24). Em primeiro lugar ele se dirigiu aos judeus que falavam o grego ou **helenistas** – o mesmo grupo a quem Estêvão testemunhara antes (Atos 6:9). Os helenistas tentaram matar Saulo como antes o fizeram com Estêvão.

**30.** Saulo escapou com vida apenas por causa da ajuda de seus irmãos cristãos, que o levaram ao porto da Cesaréia, de onde ele navegou para Tarso, sua cidade natal, na Cilícia. Agora perdemos Saulo de vista até 11:25; mas sem dúvida esteve ocupado em Tarso pregando o Evangelho, embora não haja registro desse ministério.

**31.** A seguir Lucas descreve o crescimento, tanto numérico quanto espiritual, da **igreja.., em toda a Judéia, Galiléia e Samaria**. O plural (ERC), **igrejas**, não é correto. A Igreja é uma só, embora haja muitas igrejas locais. Essa é a primeira referência às igrejas da Galiléia. Não sabemos quando ou como foram organizadas.

**F. O Ministério de Pedro na Palestina e os Primeiros Gentios Convertidos. 9:32-11:18.**

A narrativa de Lucas neste ponto retorna à história da expansão do Evangelho através da Judéia pelo ministério de Pedro. Pedro foi mencionado pela última vez em 8:25, quando, na companhia de João, voltou de Samaria a Jerusalém. Agora somos informados que Pedro envolveu-se em um ministério itinerante através da Judéia, pregando aos cristãos que foram espalhados pelas diversas cidades. Seria muito interessante termos um registro completo do ministério de Pedro. Em Lida, encontrou um grupo de cristãos que provavelmente fugiram para lá na dispersão causada pela perseguição em Jerusalém. Filipe já tinha evangelizado essa região (8:40). Aqui Pedro curou o paralítico Enéias.

**35.** A história da cura de Enéias espalhou-se por toda a cidade de **Lida** e através da planície de **Sarona**, que ficava junto ao mar, resultando na conversão de muita gente. Esta área era parcialmente habitada pelos gentios; Lucas está acompanhando o desenvolvimento da igreja desde a comunidade judia em Jerusalém até os convertidos gentios.

**36. Jope.** Uma cidade costeira, cerca de dez milhas a noroeste de Lida. **Tabita.** Uma palavra aramaica que quer dizer *gazela*. **Dorcas.** A mesma palavra no grego. Era muito amada pelos cristãos por causa de suas boas obras e atos de caridade.

**37.** As leis cerimoniais judias da purificação exigiam lavarem o morto. Era colocado em um cenáculo antes do sepultamento.

**39. Viúvas,** que se encontravam entre as pessoas mais necessitadas do mundo antigo, foram objeto particular da caridade de Tabita. Provavelmente estavam usando as roupas feitas por Dorcas para elas.

**43.** Os judeus consideravam imundo o negócio de curtir peles, uma vez que envolvia o manejo de corpos mortos. É significativo que Pedro, bom judeu que era, ficasse hospedado com um homem ocupado em tal ofício.

## Atos 10

1. Agora Lucas registra um passo final muito importante na expansão do Evangelho aos gentios. Sua importância foi indicada porque Lucas registrou duas vezes a visita de Pedro a Cornélio. Esse passo levantou alguns problemas difíceis tais como o contato social entre os cristãos judeus e gentios e os termos da admissão dos gentios na igreja. Esta questão transformou-se no tema da conferência em Jerusalém em Atos 15. Um **centurião** era um oficial do exército romano que comandava cem homens e assemelhava-se no posto e função aos atuais oficiais subalternos. **Cornélio** era comandante da **coorte ... italiana**. Uma inscrição latina foi preservada indicando a presença, na Síria, da "segunda coorte italiana de cidadãos romanos", no ano 69.

2. Alguns poucos gentios converteram-se ao judaísmo e aceitaram todas as práticas judias, inclusive a circuncisão. Um número maior rejeitou a circuncisão mas aceitou a crença judia em Deus, a adoração na sinagoga, os ensinamentos éticos do V.T., e algumas das práticas religiosas dos judeus. Essas pessoas, que eram chamadas de **tementes a Deus**, conheciam bem a versão grega do V.T., que era lida nas sinagogas. Esses homens devotos e **tementes a Deus** foram o solo mais fértil para o Evangelho se enraizar. Cornélio era um "semiprosélito" desse tipo. Seu **caráter piedoso** manifestava-se por suas **esmolas** liberais ao povo e suas orações regulares a Deus.

7. Cornélio escolheu dois servos de confiança e um soldado que também temia a Deus como ele próprio, para irem a Joazebo em busca de Pedro.

9. Joazebo fica cerca de trinta milhas de Cesaréia. Os três mensageiros partiram de Cesaréia cedo de manhã e chegaram a Joazebo cerca de meio-dia. Enquanto isso, Deus estava preparando **Pedro** para recebê-los. Lá pelas doze horas Pedro subiu ao terraço sobre a casa em busca de lugar sossegado para orar.

**10.** Sendo horário de refeição, sentiu fome e provavelmente gritou lá de cima pedindo que lhe preparassem algo para comer. Mas ao continuar orando, caiu em um estado de êxtase e teve uma visão.

**11.** Viu alguns objetos, tais como um grande lençol seguro pelas quatro pontas que descia dos céus à terra. **Objeto.** Uma palavra grega que pode designar quase todo o tipo de objeto material útil.

**12.** No lençol viu os três tipos de criaturas descritas em Gn. 6:20 – **quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu.**

**13, 14.** Quando recebeu a ordem de matar alguns desses animais para comer, Pedro respondeu que se o fizesse violaria a lei do ritual judaico de não comer alimento imundo. Levítico 11 contém essas leis. Animais que não ruminavam e que não possuíam cascos fendidos eram chamados de imundos e não deviam ser usados para alimento. Além disso, os animais limpos tinham de ser preparados de tal maneira que o sangue não ficasse dentro da carcaça. Embora Pedro fosse cristão, era também um bom judeu, que não violava as regras dietéticas judias.

**15.** A voz do céu lhe disse que Deus já abolira esses regulamentos sobre alimentos limpos e imundos. Jesus já ensinara a mesma coisa (Mc. 7:14-23) dizendo que alimentos que entram no corpo do homem não podem contaminar o seu coração. A expressão de Mc. 7:19b, "ficando puras todas as comidas", provavelmente é uma palavra que Marcos recebeu de Pedro. O apóstolo estava agora pessoalmente aprendendo o significado dos ensinamentos de Jesus.

**23, 24.** No dia seguinte Pedro partiu para Cesaréia acompanhado pelos três mensageiros e seis cristãos judeus de Jope (11:12). Na casa de Cornélio, Pedro descobriu que o centurião o esperava e que reunira seus parentes e amigos mais íntimos.

**27-29.** Pedro explicou a Cornélio e seu grupo que a lei judia tornava "tabu" ao judeu se associar ou visitar pessoas de outras nações. Entretanto, agora, Deus libertara Pedro desses escrúpulos judeus de modo que ele não podia mais olhar para qualquer homem considerando-o cerimonialmente imundo ou comum e por causa disso impróprio para



relacionamento social. Deus tornara sua vontade tão clara a Pedro que ele acompanhara os servos de Cornélio sem qualquer objeção, coisa que ele não faria como judeu.

**34.** O apóstolo compreendeu o significado da visão que lhe foi dada no terraço da casa. Ele compreendeu que a distinção entre o limpo e imundo tinha aplicação aos seres humanos, e que, contrariando as crenças judias, nenhuma pessoa devia ser considerada imunda aos olhos de Deus. **Deus não faz acepção de pessoas.** Uma pessoa que teme a Deus e faz o que é certo, quer seja judia ou gentia, é aceita por Deus. Era uma grande lição para o judeu aprender e assinala um passo definitivo na expansão da igreja da comunidade judia a um nível universal.

**36.** Pedro pregou o Evangelho a Cornélio, destacando que embora Deus enviasse a sua Palavra primeiro a Israel, Jesus é realmente o Senhor de todos os homens.

**37, 38.** A proclamação do Evangelho feita por Pedro incluiu um pequeno resumo do ministério de Jesus na Judéia e Galiléia, sua unção para ser o Messias por ocasião de seu batismo, suas boas obras, curas e exorcismo de demônios.

**39-41.** É notável que Pedro tenha falado pouco sobre o significado da morte de Cristo e que ele não proclamasse a doutrina da expiação. O Evangelho consiste nos fatos da morte e ressurreição de Jesus. A ressurreição de Jesus não era um fato publicamente comprovado mas fora testemunhado por homens escoltados e fora confirmado particularmente porque essas testemunhas comeram e beberam com Jesus depois de sua ressurreição dos mortos.

**42, 43.** O Evangelho inclui um aviso do juízo vindouro tanto para os vivos como para os mortos, juízo esse que será feito diante do Jesus ressurreto, e a sua oferta do perdão dos pecados para todos quantos crêem nEle.

O sermão de Pedro é o nosso primeiro exemplo de pregação aos gentios. Contém poucas considerações sobre o significado da pessoa de Cristo, nenhuma ênfase sobre sua preexistência, encarnação e divindade,

nem sobre o caráter expiatório de sua morte. É realmente uma "Cristologia primitiva" e consiste principalmente da proclamação dos fatos da morte, vida e ressurreição de Jesus e o apelo para crer nEle para perdão de pecados.

**44.** No dia de Pentecostes, Pedro exortou seus ouvintes ao arrependimento, para serem batizados para perdão de pecados e recepção do Espírito Santo (2:38). Em Cesaréia, essa ordem dos acontecimentos foi mudada, e o Espírito caiu sobre Cornélio e sua família antes de serem batizados. Não foi um novo pentecostes mas uma extensão do Pentecostes para incluir os gentios.

**45. Os fiéis... da circuncisão** refere-se aos cristãos judeus que acompanharam Pedro desde Jope, seu espanto foi devido ao fato de que o Evangelho fosse estendido aos gentios. Embora fossem cristãos, ainda eram judeus, e seus preconceitos judeus tinham de ser derrubados.

**46.** O dom de línguas foi dado nessa ocasião para que não houvesse dúvida que Deus dera aos gentios o mesmo dom concedido aos crentes judeus.

**47, 48.** Imediatamente Pedro reconheceu que os gentios deviam ser introduzidos na comunidade da igreja e por isso ordenou que Cornélio e sua família fossem batizados no nome de Jesus Cristo. O batismo nas águas seguiu-se ao batismo no Espírito. Pedro não retornou imediatamente a Jerusalém mas permaneceu com Cornélio por algum tempo provavelmente instruindo-o nas coisas do Senhor.

## Atos 11

É surpreendente que num livro tão curto Lucas dedicasse tanto espaço à repetição da conversão de Cornélio. Isto indica que Lucas considerava este acontecimento como um dos mais importantes na vida da igreja primitiva.

**1-3.** A notícia de que os gentios receberam o Evangelho alcançou os apóstolos e os cristãos judeus na Judéia. Ao que parece Pedro foi chamado a Jerusalém e alguns dos cristãos judeus de lá discutiram com

ele sobre a conveniência de se entrar em tal comunhão com os gentios, comendo com eles. Provavelmente a expressão, **os que eram da circuncisão**, tem uma conotação um tanto diferente da mesma frase em 10:45. Enquanto os cristãos judeus em Jerusalém discutiam o significado da salvação dos gentios, surgiu um partido que achava que os gentios deviam guardar a lei judaica para serem salvos (15:1). Este partido conservador criticou Pedro, pois reconhecia que um judeu que comia com gentios estava na realidade deixando de lado as práticas judias e conseqüentemente deixava de ser judeu. Não estavam preparados para aprovar tal tipo de ação; criam que os crentes judeus não deviam abandonar suas práticas judias.

**4-15.** Em vez de discutir, Pedro contou à igreja de Jerusalém a história da visão do lençol que descia do céu, sua visita a Cesaréia, e a vinda do Espírito Santo sobre os gentios tal como veio sobre os judeus no dia de Pentecostes (v. 15).

**16.** Essa foi a terceira dádiva do Espírito Santo. A primeira foi à igreja judia em Jerusalém no dia de Pentecostes (cap. 2); a segunda foi aos crentes samaritanos (8:17); e agora a terceira foi aos gentios. Sem dúvida a experiência de Pedro em Samaria já o preparara para este ministério aos gentios.

**17. O dom** de línguas tornou claro que Deus dera aos crentes gentios o mesmo dom que dera aos crentes judeus quando creram no Senhor Jesus Cristo, Recusar o batismo aos gentios seria recusar-se a aceitar a obra de Deus e seria realmente opor-se a Deus.

**18.** A exposição de Pedro satisfaz o partido da circuncisão por algum tempo. Mas a questão do "status" dos cristãos gentios na igreja tinha o destino de logo mais levantar-se novamente e criar um sério problema.

### **G. Organização de uma Igreja Gentia em Antioquia. 11:19-30.**

Esta seção delineia um novo estágio na expansão da igreja desde a comunidade judia em Jerusalém até à comunidade universal.

Anteriormente, Lucas contou a inclusão dos samaritanos na igreja e a conversão de uma só família de gentios, a de Cornélio. Agora ele descreve o começo da primeira congregação independente de gentios em Antioquia, que viria a ser a "igreja mãe" da missão gentia na Ásia e Europa. A narrativa retoma os acontecimentos de 8:4 e a perseguição de Saulo.

**19. Fenícia** é a estreita faixa de terra limitando o Mediterrâneo. Estende-se ao norte de Cesaréia por uns 190 quilômetros e inclui Tiro e Sidom. A pregação do Evangelho ainda se limitava aos judeus, pois a igreja primitiva foi muito lenta em perceber o caráter universal da missão do Evangelho.

**20.** Alguns dos crentes que vieram da ilha de **Chipre** e **Cirene** no Norte da África (cons. 13:1) foram a Antioquia e lançaram o Evangelho em uma nova direção. Antioquia era a terceira cidade do Império Romano e a residência do governador romano na província da Síria. Embora houvesse uma colônia judia em Antioquia a cidade era principalmente gentia e grega. O culto às deidades pagãs, Apolo e Ártemis, cuja adoração incluía a prostituição ritual, tinha o seu quartel-general nas proximidades. Antioquia era notória por sua degradação moral. **Gregos** neste contexto refere-se aos gregos puros e não aos judeus que falavam o grego. O Evangelho pregado aos gentios proclamou não primeiramente o messiado de Jesus mas o seu Senhorio. O messiado era um conceito judeu que não teria significado para os gentios que não tivessem antecedentes judeus.

**22.** Esta nova aventura teve sucesso imediato, e a **igreja-mãe em Jerusalém** enviou **Barnabé** para supervisionar e confirmar a nova igreja tal como Pedro e João supervisionaram a nova igreja em Samaria (8:14-17). Barnabé, conforme seu nome sugere, tinha o dom de fornecer encorajamento aos novos cristãos, e ele exortou os novos convertidos a permanecerem fiéis e a perseverarem **com firmeza de coração**.

**25,26.** Logo Barnabé percebeu que a igreja crescente precisava de orientação adicional, e sua mente se voltou para **Saulo de Tarso**, que

sem dúvida estava ocupado em trabalho missionário nas vizinhanças de sua cidade natal (9:30; Gl. 1:21). Depois de alguma dificuldade, ele encontrou Saulo e o trouxe a Antioquia, onde passaram **todo um ano** trabalhando na igreja. O nome **cristãos** aparece no N.T. apenas aqui, em 26:28, e em I Pe. 4:16. A palavra é formada com o sufixo latino que designa "seguidor ou partidário de" (cons. "herodianos" em Mc. 3:6). Não há nenhum motivo adequado para pensarmos que o termo fosse usado por gracejo. Simplesmente significa pessoas que seguem a Cristo.

**27.** A crescente importância da igreja em Antioquia exemplifica-se pelo socorro prestado à igreja-mãe em Jerusalém por ocasião de uma fome. Profetas são mencionados em 13:1; 15:32; 21:9, 10. Não eram líderes oficialmente ordenados mais leigos que declaravam a vontade de Deus ou acontecimentos futuros, sob a orientação do Espírito Santo. Veja I Co. 14:29-39. Os **profetas** na igreja primitiva eram quase tão importantes quanto os apóstolos (I Co. 12:28; Ef. 2:20; 3:5; 4:11; Ap. 22:9).

**28. Ágabo** aparece novamente em 21:10. **Nos dias de Cláudio.** Os historiadores romanos se referem a diversas fomes durante o reinado de Cláudio (41-54 A.D.), enquanto Josefo, o historiador judeu, menciona uma severa fome na Judéia em 46 A.D.

**30. Presbíteros.** Eis aqui a primeira menção em Atos desses oficiais cristãos. Lucas não dá nenhuma indicação como o cargo de presbítero surgiu ou como os presbíteros eram escolhidos. Um grupo de presbíteros governava cada sinagoga judia, e é provável que a igreja cristã adorasse o padrão judeu. Provavelmente os crentes formavam um número de congregações espalhadas por diversas casas, e os presbíteros, talvez, fossem os líderes dessas diversas congregações (veja Atos 15:6, 23). Muitos mestres acham que esta visita durante a fome seja a viagem mencionada em Gl. 2:1-10. A "revelação" de Gl. 2:2 pode se referir à profecia de Ágabo. Se for assim, quatorze anos (Gl. 2:1) interpuseram-se desde a primeira visita de Paulo a Jerusalém e agora ele já era um cristão amadurecido e um líder experiente. O problema se a visita mencionada

em Gl. 2:1-10 é a visita por ocasião da fome de Atos 11 ou a visita do concílio de Atos 15, constitui um dos mais difíceis problemas da história do N.T.

## **Atos 12**

### **H. Perseguição por Herodes Agripa I. 12:1-25.**

Lucas interrompe o fluxo de sua narrativa para registrar um acontecimento que sucedeu alguns anos antes. Considerando que Herodes morreu em 44 A.D., a missão por ocasião da fome deve ter ocorrido cerca de 46 A.D. A comunidade de Jerusalém já tinha encontrado a oposição dos líderes religiosos judeus logo no começo, mas os cristãos eram populares entre o povo. Violenta perseguição levantou-se contra Estêvão e a ala helenista sob a liderança de Saulo. Agora pela primeira vez, Lucas registra a perseguição feita pelas autoridades governamentais da Palestina. Não veio dos líderes romanos mas de um rei judeu.

**1. O rei Herodes** era Agripa I, neto de Herodes, o Grande, que era rei de toda a Palestina quando Jesus nasceu. Durante o ministério de nosso Senhor, Herodes Antipas, o neto de Herodes, o Grande, era governador da Galiléia, enquanto a Judéia era governada por procuradores romanos. Entre os anos 41 e 44 A.D. Herodes Agripa foi rei sobre a Judéia e Galiléia. Depois de sua morte no ano 44 A.D., toda a Palestina tomou-se novamente uma província romana sob o governo de procuradores romanos.

**2.** A morte de **Tiago** foi o primeiro martírio de um apóstolo e demarcou uma nova atitude de hostilidade da parte do povo judeu em relação à igreja. No começo, os judeus tinham grande respeito aos cristãos (5:13). A perseguição do Sinédrio fora encabeçada por Saulo. Agora o rei dos judeus, com apoio popular, fingiu a perseguição contra os apóstolos. E assim Tiago cumpriu a profecia de Jesus em Mc. 10:39.

**3.** Sabe-se que Herodes seguiria política de procurar agradar aos desejos do público, e como o povo gostou de vê-lo executando Tiago

resolveu prender também **Pedro**. **Os dias dos pães asmos**, os sete dias que seguiam à Páscoa, eram dias santos, quando uma execução não seria apropriada.

**4.** Para ser exato, a **Páscoa** era o começo dos dias dos pães asmos, mas Lucas usa os dois termos alternadamente (Lc. 22:1). Pedro foi guardado por quatro mudas de quatro soldados cada um, uma turma para cada três horas de vigília da noite.

**5. Incessante oração.** A palavra grega que pode ter o significado de *contínua* ou *ardente* oração. A mesma palavra foi usada em Lc. 22:44 falando-se da oração de Jesus no Getsêmani.

**6.** Pedro estava acorrentado a dois soldados, e dois outros ficavam nas portas. Embora o apóstolo esperasse ser executado no dia seguinte, pôde dormir profundamente.

**7, 8. Capa.** Vestimenta usada sobre as roupas comuns.

**9.** Pedro pensou que estivesse recebendo uma visão ou um sonho e não pôde crer que fosse real.

**10.** Pedro e o anjo passaram por dois portões, ambos guardados por um soldado. O terceiro portão, que dava da cadeia para a rua, abriu-se automaticamente. Possivelmente Pedro esteve preso na Torre de Antônio, uma instalação militar ao noroeste da área do templo. Um texto se refere a sete degraus que davam para a cidade.

**11. Caindo em si.** Pedro estivera caminhando como num transe. Pela primeira vez, ocorreu-lhe o verdadeiro significado do que estava acontecendo.

**12.** Em primeiro lugar correu ao lugar onde os cristãos estavam reunidos em oração. Essa **casa de Maria** era um dos principais lugares de reunião da igreja. "Igreja" ou casas construídas para adoração cristã, não eram conhecidas no N.T. **João Marcos** (12:25; 13:5, 13; 15:37-39; Cl. 4:10; Fl. 2:1; II Tm. 4:11) está sendo apresentado pela primeira vez. A boa tradição conta que ele se tornou o intérprete de Pedro em Roma e que o seu Evangelho se baseia nas pregações de Pedro. Foi provavelmente uma das fontes da informação de Lucas.

**14-16.** Embora os crentes estivessem orando fervorosamente pela libertação de Pedro, ficaram admirados quando suas orações foram respondidas. Quando a criada que atendeu às batidas de Pedro, reconheceu a voz do apóstolo, correu de volta para avisar a igreja reunida, deixando Pedro em pé junto à porta trancada. Os crentes pensaram que **Rode** estivesse imaginando coisas ou que ela tivesse visto o anjo da guarda de Pedro (Mt. 18:10; Hb. 1:14). Quando deixaram Pedro entrar, seus amigos começaram a lhe fazer perguntas excitadamente. Ele precisou lhes fazer sinal para silenciarem.

**17. Tiago**, o irmão de Jesus, tornara-se líder interino da igreja de Jerusalém, mas não estava com a igreja reunida naquela ocasião. Os irmãos podiam ser os anciãos de 11:30 que participavam do governo da igreja com Tiago. Depois de lhes contar como escapara, Pedro "saiu às ocultas" e Lucas não fala mais sobre as suas atividades. Entretanto, a tradição que diz que ele foi a Roma é refutada em Atos 15:2, pois Pedro esteve presente ao concílio de Jerusalém.

**19.** As palavras traduzidas para **ordenou que fossem justicadas** podem significar "levou-os à prisão"; mas a lei romana prescrevia que se um prisioneiro escapasse, a penalidade que merecia deveria ser aplicada ao seu guarda. **Cesaréia** era a capital romana da província da Judéia; mas Judéia aqui está se referindo não à província romana mas à habitação dos judeus.

**20.** Embora **Tiro e Sidom** fossem cidades livres, dependiam para alimentação das colheitas da Galiléia no reino de Herodes. Por alguma razão desconhecida Herodes zangou-se com essas duas cidades. E por isso, querendo fazer as pazes com ele, presumivelmente subornaram Blasto para que intercedesse junto ao rei conseguindo-lhes uma audiência.

**21. O dia designado**, de acordo com Josefo, era uma festa em honra de imperador. Para receber os delegados de Tiro e Sidom em audiência, Herodes enfeitou-se com roupas feitas inteiramente de prata.



**22, 23.** Os pagãos costumavam atribuir divindade aos seus governadores. Josefo conta que, depois de fazer este discurso, Herodes sentiu violenta dor no estômago e foi carregado de volta ao palácio, onde, depois de cinco dias de sofrimento, morreu. Sua morte ocorreu no ano 44 A.D., e a Judéia foi depois colocada sob a liderança de governadores romanos, dois dos quais (Félix e Festo) aparecem mais tarde na narrativa de Atos.

**24, 25.** Lucas retorna agora à sua história da igreja em Antioquia (veja 11 : 30).

#### **IV. Expansão da Igreja na Ásia Menor e Europa. 13:1 – 21:17.**

O capítulo 13 leva-nos à segunda metade do livro de Atos. Na primeira metade, Jerusalém é o centro da narrativa, e o tema principal é a expansão da igreja de Jerusalém por toda a Palestina. Agora Jerusalém passa para segundo plano, e Antioquia se torna o centro da narrativa porque patrocinou a expansão da igreja na Ásia e Europa. Esta expansão realizou-se por meio de três missões de Paulo, cada uma começando e terminando em Antioquia.

##### **A. Primeira Missão: Galácia. 13:1 – 14:28.**

##### **Atos 13**

A primeira missão levou o Evangelho de Antioquia a Chipre e às cidades da parte sul da província romana da Galácia.

**1.** A igreja em Antioquia caracterizava-se por muitos cristãos notáveis. **Níger.** Uma palavra latina que quer dizer negro, usada aqui como apelido. Ao que parece descreve a aparência de **Simeão** e sugere que era de origem africana. Talvez seja o Simão Cireneu mencionado em Mc. 15:21, que carregou a cruz de Jesus. O adjetivo que descreve **Manaém** significa *irmão de criação* e aplicava-se a meninos da mesma idade, assim como as crianças dos nobres que eram criados na mesma

corte. O título permanecia depois que os meninos atingiam a idade adulta. **Herodes**, cujo companheiro de brinquedos foi Manaém, foi Herodes Antipas, que reinou sobre a Galiléia e Peréia entre os anos 4 e 39 A.D. **Profetas** tinham a capacidade de dar novas revelações da vontade de Deus através de direta inspiração do Espírito Santo. Mestres tinham o dom de interpretar as Escrituras (V.T.).

2. O pronunciamento do **Espírito Santo** veio provavelmente através de um profeta.

3. O chamado para esta missão veio do Espírito Santo, a igreja reconheceu e confirmou o chamado divino. A imposição de mãos não constitui ordenação mas separação para uma tarefa especial e aprovação para missões.

4. **Selêucia**. Porto da Antioquia. Foi ali que Barnabé e Saulo tomaram o navio para **Chipre**, uma ilha grande e importante. Possivelmente a missão evangelística começou em Chipre porque a ilha era o lar de Barnabé.

5. **Salamina**. O porto oriental de Chipre e sua cidade mais importante. Os judeus eram tantos que havia diversas sinagogas. Era costume de Paulo pregar o Evangelho "aos judeus primeiro" (Rm. 1:16); mas geralmente era entre os gentios que freqüentavam as sinagogas judias que o Evangelho se enraizava. **João (Marcos)** acompanhava os apóstolos. **Auxiliar**. Os mestres acham que designa a pessoa cuja função era de instruir os convertidos nas verdades do Evangelho e na vida cristã.

6. **Pafos**. A capital oficial da província. **Barjesus** significa *filho da salvação*. Era um **falso profeta**, não porque fornecesse falsas predições, mas porque falsamente se proclamava ser profeta. Era prática costumeira dos governantes terem mágicos e astrólogos no seu séquito.

7. **Sérgio Paulo** era o procônsul da província. Roma tinha dois tipos de província – sob a liderança do imperador e sob a liderança do senado. As primeiras, como a Judéia, eram governadas por procuradores designados pelos imperadores, enquanto que as últimas eram governadas por procônsules. Em 22 a.C. o "status" de Chipre foi mudado de

província imperial para província senatorial, conforme Lucas corretamente indica.

**8. Elimas.** Outro nome para Barjesus, provavelmente palavra semítica com significado semelhante ao do grego *magos*, que significa "feiticeiro" ou "mágico". Elimas sentiu que se o procônsul aceitasse a mensagem de Barnabé e Saulo, sua própria posição seria prejudicada, e por isso tentou afastar o procônsul de sua fé.

**9. Saulo** é a forma semítica; **Paulo**, a grega. Das muitas razões sugeridas para a introdução do nome grego, a mais aceitável é que Paulo, agora assumindo a posição de líder da missão gentia, a forma grega de seu nome era mais apropriada, e Lucas passa a designá-lo assim.

**10.** Em vez de "filho da salvação", Elimas foi **filho do diabo**.

**11.** A palavra traduzida **névoa**, é usada pelos médicos para descrever uma inflamação do olho, que o deixa embaçado.

**13.** Os missionários foram de Chipre, a terra natal de Barnabé, para um país limítrofe à terra natal de Paulo. **Panfília.** Um distrito na costa da Ásia Menor. **Perge.** Uma cidade situada cerca de 9 quilômetros terra adentro. Por alguma razão inexplicável, João Marcos abandonou Paulo e Barnabé e voltou a Jerusalém. Paulo considerou essa deserção inescusável, pois mais tarde quando Barnabé quis que Marcos os acompanhasse a outra viagem, Paulo recusou-se aceitá-lo (15:37, 38), e separou-se de Barnabé por causa disso. A deserção de Marcos pôde ter sido por causa de alguma mudança em seus planos missionários, os quais talvez não aprovasse. Outros sugerem que ele estava enciumado porque Paulo superava seu primo Barnabé. Não há razão para pensarmos que a base da discórdia fosse doutrinária.

**14.** Paulo e Barnabé dirigiram-se para o interior passando pelas montanhas de Tauro e entrando na parte sul da província romana da Galácia. **Antioquia.** A cidade mais importante dessa parte da Galácia. Não ficava na **Pisídia**, mas ficava perto da região da Pisídia e passou a chamar-se **Antioquia da Pisídia**.

Muitos mestres, seguindo as pesquisas de William M. Ramsay, concluíram que essas cidades do sul da Galácia foram aqueles às quais Paulo escreveu a carta aos gálatas. Outros mestres acham que a Galácia designa a parte norte da província da Galácia, onde moravam os gálatas de origem gálica. Essa teoria da "Galácia do Norte", entretanto, envolve mais problemas do que a teoria da "Galácia do Sul". É provável que a epístola aos gálatas fosse endereçada às igrejas de Antioquia, Icônio, Listra e Derbe. Sir William Ramsay considerou a possibilidade de Paulo ter adoecido com malária na costa baixa de Perge e estar doente ao chegar a Antioquia. Embora isso não possa ser comprovado, é uma possibilidade interessante. Como era seu costume, Paulo foi primeiro à sinagoga da colônia judia de Antioquia no dia de sábado.

**15.** Um culto judeu na sinagoga consistia principalmente de orações, leitura da **lei** e dos **profetas**, e a exposição da leitura, que podia ser feito por qualquer um da congregação.

Os **chefes da sinagoga** não eram clérigos mas pessoas encarregadas de superintender a sinagoga e os cultos. Seu cargo lhes concedia a autoridade de convidar alguma pessoa para fazer o sermão. De acordo com esse procedimento, os dois visitantes foram convidados a dar uma palavra de exortação. As verdades principais do sermão de Paulo foram: 1. Jesus é o cumprimento da história do procedimento divino para com Israel. 2. Os judeus de Jerusalém rejeitaram-no, mas crucificando-o cumpriram o propósito de Deus. 3. Deus cumpriu suas promessas feitas aos pais, ressuscitando Jesus dos mortos. 4. As bênçãos do perdão e da justificação, que a Lei não podia fornecer, são agora fornecidas em nome de Jesus aos judeus da dispersão.

**16.** A congregação da sinagoga era composta de dois grupos: **Varões israelitas** isto é, judeus; e os **que temeis a Deus** – gentios que adoravam a Deus e assistiam os cultos na sinagoga sem aceitar todas as exigências da lei judia (cons. 10:2).

**17.** Primeiro Paulo citou alguns dos pontos altos da história de Israel para mostrar que Deus, conduzindo Israel através dos séculos,

enviara agora Jesus para ser o Filho de Davi na profecia. O âmago da fé bíblica é que Deus agiu na história, redentoramente, primeiro em Israel e depois em Jesus Cristo. O nascimento de Israel como nação começou com o livramento no Egito. **Com braço poderoso** significa com demonstração de poder.

**18. Suportou-lhes os maus costumes** talvez signifique que Ele tolerou a conduta deles ou que cuidou deles como um pai.

**19. Sete nações** foram mencionadas em Dt. 8:1. Os 450 anos dificilmente indicariam o período dos Juízes, mas provavelmente inclui o período da viagem, as peregrinações e a distribuição da terra durante o período dos Juízes.

**21, 22.** O V.T. não menciona esses **quarenta anos**, mas Josefo se refere a eles. **Davi** foi o homem segundo o coração de Deus e foi obediente à vontade de Deus, mas Deus prometeu através dos profetas que levantaria um descendente maior do que Davi (Ez. 34:23; 37:24; Jr. 23:5, 39). A expectativa de um rei davídico foi uma esperança viva entre os judeus do primeiro século (veja os Salmos pseudoepigráficos de Salomão, 17:23 e segs.).

**23.** Entretanto, o prometido Filho de Davi aparecera como **Salvador** e não como rei; o nome **Jesus** significa Salvador (Mt. 1:21). **Trouxe** não se refere à ressurreição mas ao aparecimento histórico de Jesus, o Salvador.

**26, 27.** A salvação prometida cumpriu-se na morte de Jesus. Os judeus em Jerusalém sem o saber cumpriram as Escrituras porque não compreenderam o verdadeiro significado da condenação de Jesus à morte. Quando o Sinédrio quis que o corpo de Jesus fosse removido da cruz antes do começo do sábado (Jo. 19:31), Ele foi sepultado por José de Arimatéia e Nicodemos (Lc. 23:50 e segs.; Jo. 19:38 e segs.).

**30, 31.** A ressurreição de Jesus, o tema central da proclamação e estabelecimento da Igreja primitiva, foi evidenciada por muitos cujo testemunho ainda podia ser ouvido.

**32, 33.** Jesus, declarou Paulo, foi o cumprimento da promessa do V.T.; a esperança messiânica dada aos pais cumpriu-se nEle. **Ressuscitando a Jesus (levantando)** provavelmente indica o aparecimento de Cristo na história e não a sua ressurreição dos mortos. Entretanto, o aparecimento histórico de Jesus incluía sua ressurreição dos mortos, conforme indicam os versículos seguintes.

**Tu és meu Filho** (Sl. 2:7) não se refere tanto à divindade de Jesus quanto ao Seu messiado. Parte desta citação foi ouvida no batismo de Jesus (Mc. 1:11) e indicou a entrada de Jesus em sua missão messiânica. "Filiação" no conceito bíblico é um pensamento múltiplo e pode designar o messiado sem diminuir sob qualquer aspecto a realidade -da divindade de Cristo.

**34, 35.** A predição da ressurreição de cristo encontra-se em Is. 55:3 e em Sl. 16:10. Considerando que Davi morreu, a promessa de Sl. 16:10 não poderia se referir a ele mas ao descendente que lhe foi prometido.

**36, 37. Tendo Davi servido à sua própria geração conforme o desígnio de Deus** também poderia ser traduzido para *Davi serviu a vontade de Deus na sua geração*. A carreira de Davi limitou-se à sua geração, pois ele morreu e viu a corrupção; a carreira de Jesus não pode ser limitada a uma única geração pois pertence a todas as dispensações.

**38, 39.** Da morte e ressurreição de Jesus duas bênçãos resultaram – **remissão e justificação**. Duas interpretações de 13:39 são possíveis; enquanto a Lei justifica de algumas coisas, Cristo justifica de todas; ou, embora a Lei de nada justifique, Cristo justifica de tudo. A última interpretação é a mais natural, ainda que muitos mestres prefiram a primeira, encontrando aqui um ensinamento diferente da doutrina da justificação de Paulo.

**40, 41.** Paulo concluiu com uma advertência extraída de Hc. 1:5. Se o povo de Deus não se arrepender, uma grande tragédia lhe sobrevirá.

**42.** Esta nova e excitante mensagem criou grande agitação. Depois do culto na sinagoga muitos dos ouvintes de Paulo mostraram-se

desejosos de aceitarem sua mensagem. O texto exato não faz referência a *judeus* e *gentios* (ERC) mas só ao povo.

**43. Prosélitos piedosos.** Uma expressão fora do comum que deve indicar os realmente convertidos ao judaísmo. Entretanto, parece no contexto que se refere a "homens tementes a Deus" ou gentios semiconvertidos ao judaísmo que aceitaram o Evangelho.

**44, 45.** Durante a semana, a notícia do sermão de Paulo espantou-se por toda a cidade, e no sábado seguinte a sinagoga estava cheia de gentios que queriam ouvir a palavra de Paulo. Tal multidão de gentios na sinagoga provocou a inveja dos judeus, e eles refutaram a sua mensagem e injuriaram sua pessoa. **Blasfemando** não se refere a blasfêmias contra Deus mas a injúrias contra os homens.

**46.** Paulo replicou que era ordem divina que o Evangelho fosse oferecido primeiramente aos judeus para que o aceitassem e por sua vez evangelizassem os gentios. Alas, tendo eles rejeitado a palavra de Deus e conseqüentemente tendo se julgado indignos da vida da dispensação vindoura, Paulo tinha de se voltar para os gentios. Aqui a **palavra de Deus** inclui mais do que as Escrituras; designa a proclamação do evangelho da morte e ressurreição de Jesus. **Vida eterna** é aqui a possessão futura mais do que a experiência presente. Uma, entretanto, inclui a outra.

**47.** Uma profecia de Is. 49:6, que originalmente se aplicava ao servo do Senhor, foi aplicada aqui aos apóstolos, que estavam levando luz aos gentios.

**48. Destinados para a vida eterna.** O significado elementar desta referência à predestinação não é teológica mas histórica. Conforme o Evangelho saía de seu ambiente judeu na direção do mundo gentio, muitos **destinados para a vida eterna** recebiam-na e criam nela. Isto, entretanto, não envolve o desprezo pela doutrina da predestinação à vida. Eis aí um dos temas muitas vezes repetido do livro de Atos: A cada novo e estratégico passo o Evangelho foi rejeitado pelos judeus mas aceito pelos gentios.

**50. Os judeus**, além de rejeitarem o Evangelho, trabalharam ativamente para frustrar o ministério de Paulo. Entre os que temiam a Deus (cons. coment. sobre 10:2) e freqüentavam a sinagoga havia **mulheres piedosas**. Os judeus as influenciaram a fazer pressão junto aos seus maridos para expulsarem Paulo e Barnabé daquela localidade. Eis aí um autêntico toque de colorido local; as mulheres não exerciam influência nas cidades gregas como o faziam na Ásia.

**51, 52.** Jesus ordenara a seus discípulos a sacudirem o **pó dos seus pés** quando fossem rejeitados (Lc. 9:5; 10:11), indicando assim uma interrupção de qualquer relacionamento. Entre os judeus tal atitude equivalia a chamar uma pessoa de pagã.

## Atos 14

**14:1, 2. Icônio** era a cidade do extremo oriente do distrito da Frígia e ficava na província romana da Galácia. Aqui a experiência da oposição judia e a fé gentia repetiu-se.

**3.** Entretanto, já que levou algum tempo para a oposição se tornar eficaz, os apóstolos puderam pregar a palavra por um longo período de tempo. Essa menção indefinida do tempo é típico do estilo de Lucas. Em poucos lugares ele nos dá referências cronológicas distintas; mas é impossível criar um quadro cronológico preciso das viagens e ministério de Paulo com base no registro de Lucas.

**4, 5.** Os judeus hostis finalmente tiveram êxito em incitar um tumulto e instigar os governantes. E assim Paulo e Barnabé tiveram de abandonar Icônio.

**6.** Enquanto Lucas é freqüentemente muito indefinido em suas referências cronológicas, é por vezes muito definido em suas observações geográficas. Esta declaração de que **Listra** e **Derbe** pertenciam à região da **Licaônia** implica em que Icônio ficava fora dessa região. Outros escritores de cerca da mesma época de Lucas colocaram Icônio dentro do distrito da Licaônia. Muitos mestres concluíram que Lucas estava errado neste ponto. Ramsay conta como essa referência



chamou a sua atenção e como vindicou a declaração de Lucas, com cuidadoso exame. Esse foi o começo da mudança da atitude de Ramsay para com o livro de Atos, e ele se tornou um dos mais vigorosos e eruditos proponentes da exatidão do livro (veja *The Bearing of Recent Discovery on the Trust-worthiness of the New Testament*, capítulo III).

**11.** Em seu entusiasmo, o povo começou a falar em **língua licaônica**, sua língua nativa, e Paulo e Barnabé não puderam entender o que estava acontecendo. Grande parte do mundo mediterrâneo era bilíngüe, os habitantes falando a língua geral que era o grego e também o seu dialeto nativo.

**12.** Pensavam que os dois visitantes fossem dois deuses. *Zeus* era o deus principal do Panteão grego, e *Hermes* era o mensageiro dos deuses. **Júpiter** e **Mercúrio** são os nomes latinos equivalentes aos nomes gregos desses mesmos deuses, mas os termos gregos é que deveriam ser usados. Sendo Paulo o porta-voz dos dois, o povo o chamou de Hermes; enquanto Barnabé, o mais silencioso, que permanecia em segundo plano, chamaram de Zeus, o pai dos deuses. Havia lendas que contavam que esses dois deuses visitaram os habitantes dessa região em outras ocasiões.

**13. Em frente da cidade** provavelmente se refere ao templo localizado fora da cidade. O sacerdote de Zeus preparou touros enfeitados com grinaldas para oferecer sacrifícios aos seus visitantes inesperados. **As portas** provavelmente se refere às portas da cidade que ficava perto do templo.

**14.** Embora os apóstolos não entendessem o dialeto licaônio, as atitudes do sacerdote logo lhe indicaram o seu propósito de sacrificar, e os apóstolos protestaram fortemente. **Rasgando as suas vestes.** Um gesto judeu demonstrando horror à blasfêmia (Mc. 4:63).

**15-17.** Paulo insistiu com o povo para adorar o Deus vivo e não Seus emissários. Este sermão apresentado a um auditório puramente pagão contrasta fortemente com o sermão proferido em Antioquia na sinagoga judia. Antes dos pagãos apreciarem a missão de Jesus, tinham

de reconhecer que Deus é um. O sermão de Paulo descansa grandemente sobre as evidências da teologia natural que aponta a existência de um Criador e Mantenedor. Embora Deus permitisse que os homens andassem pelos seus próprios caminhos, forneceu-lhes um testemunho dEle mesmo, garantindo-lhes as chuvas e as colheitas para satisfação dos apetites humanos.

**18.** Paulo quase não conseguiu persuadir o povo de que ele e Barnabé não eram realmente seres divinos.

**19.** Nenhuma referência foi feita à sinagoga judia em Listra, mas provavelmente ela existia, pois **judeus de Antioquia e de Icônio** foram capazes de despertar tal oposição contra Paulo que ele foi apedrejado e arrastado para fora da cidade a fim de morrer. Paulo se refere a este acontecimento em II Co. 11:24, 25.

**20.** A simplicidade dessas palavras sugere que aconteceu um milagre. É difícil compreender que um homem possa sair de um tal apedrejamento sem receber sério prejuízo físico. "As marcas do Senhor Jesus" (Gl. 6:17) talvez fossem as cicatrizes deixadas por essas pedras.

**Derbe.** Uma cidade fronteira da província da Galácia.

**21.** Não se registrou nenhuma oposição em Derbe. **Feito muitos discípulos.** Os apóstolos voltaram pela sua rota através das cidades da Galácia.

**22.** O reino de Deus aqui é o futuro reino escatológico inaugurado com a volta de Cristo em glória. A própria estrutura das coisas decreta que nesta dispensação a igreja deve esperar **muitas tribulações**, antecipando a glória do futuro reino. **A fé** é um sinônimo para o Evangelho.

**23.** Os apóstolos estabeleceram uma liderança formal nas diversas igrejas escolhendo **presbíteros**, segundo o padrão das igrejas da Palestina (veja obs. em 11:30). O método da escolha não está claro, pois a palavra grega pode descrever tanto uma eleição pela congregação como uma designação pelos apóstolos. Não indica ordenação formal. A linguagem sugere que havia diversos presbíteros em cada igreja local;

mas a igreja em cada cidade pode ter consistido de um número de congregações que se reuniam nas casas tendo um presbítero a liderar cada grupo.

**24, 25. Pisídia.** A região do extremo sul da província da Galácia. **Panfília.** Uma pequena província entre a Galácia e o Mar Mediterrâneo, da qual **Perge** era a capital e **Atália**, o principal porto.

**26-28.** Agora os apóstolos retornaram à **Antioquia** da Síria, de onde foram antes enviados para esta aventura missionária. É significativo que nenhum relatório fosse enviado a Jerusalém. A igreja de Antioquia se tornara independente da igreja-mãe. **E permaneceram não pouco tempo.** Esta é uma das observações relativas ao tempo caracteristicamente indefinidas de Lucas. Provavelmente a viagem missionária na Galácia durasse quase um ano e agora os apóstolos ficaram em Antioquia outro ano.

## Atos 15

### B. Problemas na Igreja Gentia, e o Concílio de Jerusalém. 15:1-35.

O sucesso da missão gentia salientou agora o mais importante problema da igreja primitiva – o do relacionamento entre os crentes judeus e gentios e os termos da admissão dos gentios na igreja. Antigamente, a igreja consistira de judeus, e a missão gentia não fora prevista apesar da comissão de nosso Senhor. Filipe levou o Evangelho aos samaritanos, e Pedro, depois de preparado por Deus, venceu seus escrúpulos judeus e levou o Evangelho a Cornélio, passando a ter plena comunhão com os gentios. A organização de uma igreja em Antioquia e o sucesso da missão gentia na Galácia focalizou a atenção agora sobre um problema que tinha de ser resolvido.

Na igreja de Jerusalém existia um partido que insistia que os gentios que não fossem **circuncidados segundo o costume de Moisés** não eram salvos nem podiam fazer parte da igreja. O versículo 5 indica que esse partido consistia de fariseus convertidos, a mais escrupulosa seita de judeus. Esse partido encarava o cristianismo como um

movimento dentro do Judaísmo. Guardavam todas as práticas e costumes da Lei, apenas acrescentando o Evangelho da morte e ressurreição de Jesus como o Messias Judeu prometido. Ao que parece os crentes judeus não abandonaram suas práticas judias quando se tornaram cristãos. Os convertidos fariseus, entretanto, insistiam que os gentios também deviam se tornar judeus para depois poder se tornar cristãos.

Esse problema já tinha surgido na igreja. Se, conforme parece mais provável, Gl. 2:1-10 descreve a visita por ocasião da fome de Atos 11:27-30 (para exposição do ponto de vista alternante, que Gl. 2:1-10 descreve um aspecto da reunião do concílio de Atos 15, veja coment. de Gl. 2:1 e segs. - Editor), então os líderes de Jerusalém aprovaram em princípio a missão de Paulo aos gentios e não insistiram na circuncisão para os convertidos gentios. Pedro concordou com essa política; pois algum tempo depois, quando ele foi à Antioquia, demonstrou ter aprendido a lição que lhe foi ensinada pela visão do céu, e ele comeu livremente com os gentios convertidos (Gl. 2:11, 12). Duas igrejas diferentes existiam agora: a igreja judia em Jerusalém, na qual os cristãos judeus, tinham a liberdade de continuarem praticando a lei do V.T. como judeus, entretanto, não como cristãos; e a igreja gentia de Antioquia, onde nenhuma das exigências cerimoniais judias eram praticadas. Pedro aprovou a liberdade gentia quanto à Lei; e quando se encontrava em ambiente gentio deixava de lado suas práticas judias por amor da comunidade cristã.

O partido "da direita" em Jerusalém viu algo que ainda não se tornara evidente a Pedro: que o crescimento da igreja gentia devia significar a morte inevitável da igreja judia. Quando o relacionamento entre as duas igrejas se intensificasse, os cristãos judeus teriam de seguir o exemplo de Pedro deixando de lado suas práticas judias. Portanto, quando certos homens de Tiago vieram a Antioquia (Gl. 2:12) acusaram Pedro de abandonar a Lei e fizeram ver que suas atitudes significavam o fim do Judaísmo. Pedro não tinha aquilatado as conseqüências de suas atitudes. Por isso evitou comer com os gentios para refletir sobre o

assunto. Isso causou uma divisão imediata na igreja de Antioquia. Paulo reconheceu imediatamente as implicações do afastamento de Pedro; significava nada mais nada menos que duas igrejas separadas - uma judia e outra gentia. Ou os cristãos judeus tinham de deixar de lado suas práticas judias para comer com os gentios, ou os gentios teriam de aceitar toda a lei de Moisés; caso contrário haveria uma igreja dividida. Paulo estava completamente de acordo que os judeus, na qualidade de judeus, praticassem a lei de Moisés. Mas ele insistia que se um judeu entrasse em uma igreja gentia, tinha de deixar de lado seus escrúpulos judeus participando livremente da comunhão com os gentios. Uma igreja dividida era coisa que não se podia imaginar e fazer os gentios aceitar a Lei significava o fim da salvação pela graça. Parece que o ponto de vista de Paulo prevaleceu, mas os do partido judeu em Jerusalém não ficaram satisfeitos. Voltaram à Antioquia novamente insistindo que os gentios fossem circuncidados para se tornarem cristãos.

2. Isso causou tal dissensão que a igreja de Antioquia achou necessário levar a questão à Jerusalém para ser resolvida. Portanto, foi eleita uma delegação para ir ter com os **apóstolos e presbíteros** para resolver o assunto.

3. Nada sabemos sobre as igrejas da **Fenícia**. Não era propósito de Lucas transmitir toda a história da igreja primitiva, mas apenas traçar as linhas principais do seu surgimento e desenvolvimento.

4, 5. A igreja em Jerusalém recebeu bem a delegação e ouviu sua história sobre o sucesso da igreja gentia em Antioquia e a missão gentia na Galácia. Os convertidos fariseus fizeram suas críticas, mantendo sua posição que os convertidos gentios deviam se tornar judeus e aceitar a lei de Moisés.

6. Isso provocou uma assembléia formal dos **apóstolos** e presbíteros **com a delegação de Antioquia**. Os versículos 12, 22, entretanto, dão a entender que a igreja participou como um todo na decisão.

7-9. A censura que Paulo fez a Pedro em Antioquia (Gl. 2:11) fizera seu efeito. E Pedro, na qualidade de líder dos apóstolos, voltou à sua

posição tomada depois da missão à casa de Cornélio – que Deus aceitara os gentios como gentios tão somente pela fé e não nos termos judeus.

**10, 11.** Um **jugo** no pensamento judeu não significava necessariamente um fardo mas uma obrigação. Pedro afirma aqui que o legalismo judeu era uma obrigação e um fardo que os judeus não foram capazes de suportar. Em contraste com o peso da Lei, a salvação é pela graça tanto para gentios como para judeus. Quando os judeus guardam a Lei, não o fazem como meio de salvação.

**12.** Logo a seguir a assembléia ouviu o relatório de Barnabé e Paulo sobre a obra maravilhosa que Deus operava entre os gentios.

**13-16.** A última e decisiva palavra foi proferida por **Tiago**, o irmão do Senhor, que assumira o cargo de liderança entre os anciãos e apóstolos em Jerusalém. Ele mencionou a missão de Pedro à casa de Cornélio e fez ver que a missão gentia estava nos planos de Deus, citando uma passagem de Amós 9:11, 12. Alguns mestres da Bíblia têm visto nessa citação o programa de Deus para o fim dos tempos. **Cumprida** a missão gentio Deus reconstruirá **o tabernáculo caído de Davi**, restaurando a sorte da nação judia (Atos 15:16). O resultado da restauração de Israel no fim dos tempos será uma salvação mais extensa dos gentios (v. 17). Esta interpretação vê aqui três estágios no programa divino: 1. O chamamento de um povo pelo seu nome (dispensação da igreja). 2. A restauração e salvação de Israel. 3. A salvação final dos gentios.

Entretanto, a citação de Amós foi feita para dar um exemplo e sustentar biblicamente a missão de Pedro aos gentios (v. 14). O verso 15 refere-se à missão de Pedro à casa de Cornélio. **E com isto, isto é, como Deus primeiro visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome**, concorda a profecia de Amós. Se a salvação dos **demais homens** (v. 17) se refere a um acontecimento no final dos tempos, a citação de Amós nada tem a ver com a presente visita aos gentios. Mas Tiago citou o V.T. precisamente com esse propósito - para mostrar que a presente salvação dos gentios está no predito propósito de

Deus e que os gentios deviam, portanto, ser livremente aceitos na igreja. **Um povo para o seu nome** (v. 14). A palavra que o V.T. costumava usar em relação a Israel, o verdadeiro povo de Deus. Os gentios estavam agora incluídos nesse povo. A reconstrução do tabernáculo de Davi deve, portanto, se referir à salvação do remanescente judeu crente, "Israel em Israel" (veja Rm. 9:8; 11:1-5). As Escrituras, em outras passagens, tornam claro que promessas feitas a Israel cumpriram-se na Igreja. "Os que são da fé são filhos de Abraão" (Gl. 3:7). "É judeu o que o é no interior, é circuncisão a que é do coração; no coração, não na letra" (Rm. 2:28, 29). Isto não significa que Israel como nação não tenha futuro. Romanos 11 afirma claramente que todo Israel será salvo; Deus ainda tem um futuro para o Israel nacional. Entretanto, essa não era a preocupação de Tiago; ele citava Amós para provar que o sucesso na missão aos gentios estava no propósito de Deus e foi predito no V.T.

**19.** Tiago, portanto, foi de opinião que não deviam mais **perturbar** os gentios exigindo que aceitassem a circuncisão e a lei de Moisés.

**20.** Havia ainda um outro problema, relativo à comunhão entre judeus e gentios. **Os costumes** gentios eram muito ofensivos aos judeus e aos cristãos judeus. Portanto, Tiago aconselhou que os cristãos gentios adorassem um outro *modus vivendi*, abstendo-se de certas práticas que ofendiam seus irmãos judeus.

**Contaminações dos ídolos** descreve-se em 15:29 como **coisas sacrificadas a ídolos**. A carne vendida no mercado era muitas vezes carne de animais sacrificados, nos templos pagãos, às divindades pagãs. O comer de tal carne ofendia a sensível consciência dos judeus, pois tinha um resquício de participação no culto às divindades pagãs. **As relações sexuais ilícitas** pode se referir tanto à imoralidade em geral ou à prostituição religiosa nos templos pagãos. Tal imoralidade era tão comum entre os gentios que mereceu atenção especial. **Sufocadas**. Carne cujo sangue não foi devidamente removido. Esse tipo de sangue era considerado como iguaria especial para muitos pagãos. **Sangue** se refere ao costume pagão de usar o sangue como alimento. As duas últimas

exigências envolviam a mesma ofensa, pois o judeu que cria que "a vida está no sangue" (Lv. 17:11) considerava particularmente ofensivo o comer de qualquer tipo de sangue. Esse regulamento foi divulgado entre as igrejas gentias não como meio de salvação mas como base de comunhão, no espírito da exortação de Paulo de que aqueles que eram fortes na fé deviam estar prontos a restringir sua liberdade nessas questões para não ofender o irmão mais fraco (Rm. 14:1 e segs.; I Co. 8:1 e segs.).

**21.** Os cristãos gentios deviam se abster das práticas ofensivas aos judeus porque os judeus encontravam-se **em cada cidade**, e tanto nas sinagogas da Palestina como nas da Diáspora **Moisés... onde é lido aos sábados** e as exigências da Lei estritamente observadas.

**22. Judas, chamado Barsabás.** Ao que parece irmão de José, chamado Barsabás (1:23). **Silas.** O Silvano de I Ts. 1:1; II Co. 1:19; I Pe. 5:12, que mais tarde foi companheiro de Paulo.

**23.** A saudação da carta designa dois grupos e não três: **os apóstolos como presbíteros aos irmãos** ou os apóstolos e irmãos presbíteros.

**24. Transformando as vossas almas** é uma tradução forte demais; perturbam vossas mentes é melhor. A igreja de Jerusalém como um todo não apoiava a posição do extremado partido judaizante.

**31-33.** A decisão da igreja de Jerusalém e a carta a Antioquia parece que resolveu o problema. Depois de um intervalo, Judas e Silas retornaram a Jerusalém, enquanto Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia.

**34.** Este versículo não aparece nos textos mais antigos.

### **C. Segunda Missão: Ásia Menor e Europa. 15:36 – 18:22.**

Agora Lucas passa a registrar os preparativos para o que podemos chamar de segunda viagem missionária. Depois de um período indefinido, Paulo determinou tornar a visitar e confirmar as igrejas já organizadas. Uma infeliz desavença surgiu entre Paulo e Barnabé. **Barnabé** queria levar com eles João Marcos, que os acompanhara na



primeira viagem missionária mas os abandonara quando chegaram ao continente da Ásia Menor, retornando a Jerusalém. Paulo considerou essa atitude como evidência de séria instabilidade e por isso não o aceitou. O resultado foi que Paulo e Barnabé se separaram. **Barnabé e João Marcos** navegaram para **Chipre** a fim de visitarem as igrejas organizadas na primeira viagem missionária. Paulo mandou buscar Silas em Jerusalém, o qual recentemente visitara Antioquia e no qual o apóstolo reconhecia um homem promissor.

**41.** Em vez de viajar de navio, Paulo e Silas foram por terra na direção da Galácia. Nada sabemos a respeito da organização de **igrejas** na **Síria e Cilícia**, mas sabemos de 15:23 que essas igrejas existiam. Possivelmente foram o resultado do trabalho de Paulo antes de ser levado a Antioquia.

## Atos 16

**16:1.** Em **Listra**, Paulo escolheu **Timóteo**, que parece ter se convertido na primeira missão, para ser seu companheiro de viagem e um dos seus ajudantes mais importantes. Foi a esse Timóteo que Paulo, no fim de sua vida, escreveu duas de suas últimas epístolas. Timóteo era fruto de um casamento misto: seu **pai** era **grego** e sua mãe, **judia**. Sua mãe, também, deve ter crido em Cristo quando Paulo visitou Listra na sua primeira viagem; mas seu pai, se ainda era vivo, não se converteu. Em II Tm. 1:5 ficamos sabendo que sua mãe se chamava Eunice e que foi uma mulher piedosa.

**2.** Desde a primeira visita de Paulo, Timóteo alcançou boa reputação entre os crentes em Listra e Icônio.

**3.** Sendo Timóteo meio judeu, Paulo **circuncidou-o** para que fosse aceito como seu companheiro de viagem pelos judeus aos quais teriam de pregar. Embora o jovem fosse educado por sua mãe na fé do V.T. (II Tm. 3:15), os judeus olhavam para ele considerando-o um incircunciso filho de grego. Por outro lado, os gentios o teriam considerado judeu por causa de sua religião. Como homem que professava adesão à religião

judia mas que permanecia gentio incircunciso, Timóteo ofendia os judeus que Paulo conhecia de cidade em cidade e aos quais ele pregava o Evangelho pela primeira vez. Paulo o circuncidou por expediente e não por princípio religioso. Não existe nenhum conflito no fato de Paulo ter firmemente se negado a circuncidar Tito (Gl. 2:3); pois Tito era inteiramente gentio e não havia motivo cultural para circuncidá-lo. Timóteo foi circuncidado, portanto, não como cristão mas como judeu. Esta é uma aplicação do princípio que Paulo expressou em I Co. 9:20: "E ia-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei". Onde nenhum princípio essencial era envolvido, Paulo aplicava o princípio da prudência e da conciliação de um tal modo que muitos cristãos posteriores não puderam entender ou apreciar. Provavelmente foi nessa ocasião que Timóteo foi separado para a sua missão pelos anciãos em Listra (I Tm. 4:14).

**6-8.** Estes versículos podem ser interpretados de duas maneiras dependendo de se adotar a teoria do "Norte da Galácia" ou do "Sul da Galácia"; e a interpretação depende do significado da palavra **Galácia**.

(a) **Galácia** pode se referir à parte norte da província romana da Galácia, onde vivia o povo de origem gótica. Neste caso, Paulo passou pela **região** da Frígia (as cidades de Icônio e Antioquia) e planejou ir diretamente, pelo oeste, às grandes cidades da província da Ásia. Quando o Espírito Santo proibiu-lhe de viajar para a Ásia, ele voltou-se para o norte da Galácia, isto é, para o norte da província romana. Depois dirigiu-se para o oeste na direção da **Mísia**, que fica no extremo norte da província da Ásia, e pretendia ir para a província de **Bitínia**, que fica entre a Galácia e o Mar Negro. Quando foi impedido nesse seu plano, passou pela **Mísia** e foi para **Trôade** no Mar Egeu. Há uma dificuldade nesta teoria do "Norte da Galácia". Parece estranho que Lucas não registre como surgiram estas importantes igrejas para as quais a epístola aos gálatas foi escrita, e não há nenhuma evidência positiva de que essas igrejas existiram.

(b) Portanto torna-se mais fácil aceitar a teoria da "Galácia do Sul", que compreende a **região frígio-gálata**, não como duas regiões separadas mas como uma só área – *Frígio-Galácia*. Esta poderia ter sido a parte sul da província romana da Galácia, na qual se localizava a região da Frígia e que incluía a cidade de Antioquia. De acordo com este ponto de vista, depois de visitar Derbe e Listra, Paulo pretendia passar pela Frígia e Galácia diretamente para o oeste às grandes cidades da Ásia. Quando o Espírito Santo mostrou por meios não mencionados que isto não era aconselhável, Paulo viajou através da *Frígio-Galácia* e depois para o norte na direção da **Mísia** e **Bitínia**. Quando se aproximou da **Mísia**, tentou entrar na **Bitínia**, mas novamente o Espírito o impediu neste propósito. Conseqüentemente, ele passou pela Mísia e chegou ao porto de **Trôade**.

9. Em Trôade Deus revelou seu propósito, enviando-lhe um homem que disse: **Passa a Macedônia, e ajuda-nos**. Tal pedido elimina qualquer problema de como Paulo o reconheceu procedente da Macedônia; seu pedido indica sua terra natal.

10. Esta é a primeira das famosas partes de Atos, onde a narrativa passa da terceira pessoa para a primeira pessoa do plural. O motivo desse fenômeno literário tem sido vigorosamente debatido, mas a explicação mais fácil é que a esta altura o autor da narrativa juntou-se a Paulo e passou a ser seu companheiro de viagem. Se esta é a explicação correta, Lucas juntou-se ao grupo de Paulo em Trôade e viajou com ele a Filipos (v. 16 é o final desta primeira série de versículos na primeira pessoa do plural), onde ficou quando Paulo continuou sua viagem.

11, 12. Paulo tomou um navio em Trôade e navegou para a ilha de **Samotrácia** e no dia seguinte para Neápolis, que era o porto de **Filipos**, uma cidade a 16 quilômetros do litoral. A Macedônia se dividia em quatro partes ou *distritos*, e Filipos era a cidade principal de um **distrito**. Era também uma **colônia** romana. Esta palavra é uma transliteração do termo latino. "Colônias" eram cidades constituídas principalmente de cidadãos romanos e localizados em pontos estratégicos através de todo o

império, que desfrutavam de privilégios especiais, tais como governo autônomo, isenção dos impostos imperiais e os mesmos direitos dos cidadãos da Itália. Uma cidade desse tipo era uma pequena Roma afastada da pátria.

**13.** Ao que parece não havia uma colônia judia ou sinagoga em Filipos. Dez homens eram suficientes para se constituir uma sinagoga. Havia, entretanto, um lugar de reunião informal de um grupo de mulheres judias e um certo número de homens tementes a Deus, fora da cidade, à beira de um rio. De acordo com o melhor dos textos, **onde nos pareceu haver um lugar de oração** deveria ser *onde supúnhamos haver um lugar de oração*. A palavra usada para lugar de oração, nas obras judias, tem sido usada como sinônimo de "sinagoga". **Assentando-nos.** A posição normal para o professor judeu.

**14. Lídia** pode ser um nome próprio, ou pode significar "natural da Lídia", referente à região na qual estava situada Tiatira. Esta região era famosa pela manufatura e emprego da tintura de **púrpura**, e Lídia introduzira esse negócio em Filipos. Esta mulher era uma gentio que aceitara os mais altos elementos do Judaísmo.

**15.** Sendo mulher de recursos, Lídia tinha família e servos, os quais seguiram seu exemplo na profissão de fé e batismo. A expressão **a sua casa** talvez incluía crianças pequenas.

**16. Espírito adivinhador.** Literalmente, um *espírito de píton* (*necromante*). As sacerdotisas de Apolo e Delfos eram chamadas **pitonisas**, e a palavra estendeu-se às adivinhadoras. Uma pessoa que tivesse o espírito de píton era considerada inspirada por Apolo, que se associava aos oráculos. Esta jovem era endemoninhada, e seus descontrolados pronunciamentos eram considerados palavras de um deus. Seus donos ganhavam dinheiro usando-a para adivinhar o futuro. Assim como um demônio reconheceu Jesus como o santo de Deus (Mc. 1:24), este demônio reconheceu o poder divino que havia em Paulo e seus companheiros.

**17. Deus Altíssimo.** Um termo usado pelos pagãos para indicar a suprema divindade judia.

**Caminho da salvação.** Uma expressão comum na religião helenística, e assunto que preocupava grandemente muitos pagãos.

**19.** Paulo e Silas foram presos não porque estavam pregando o Evangelho mas porque interromperam um negócio lucrativo. Lucas e Timóteo desaparecem por algum tempo. Lucas estava preocupado em investigar o relacionamento das autoridades romanas com os emissários do Evangelho e provar que a hostilidade vinha de outras fontes que não as autoridades.

**20.** O governo da colônia romana revestia-se de poder das **autoridades**, às vezes chamados "pretores". A palavra grega traduzida para "magistrados" é equivalente ao *praetor* latino.

**21.** A lei romana permitia que os judeus praticassem sua religião, mas proibia a propagação de religiões estrangeiras entre os cidadãos romanos. Paulo e Silas não foram reconhecidos como cristãos mas como judeus que transgrediam as prerrogativas que a lei romana lhes concedia.

**22, 23.** Não foi feita nenhuma investigação cuidadosa sobre essas acusações. A movimentação da turba foi provocada, à qual os magistrados se submeteram. Paulo e Silas tiveram suas roupas rasgadas e foram açoitados. O versículo 35 refere-se aos **pretores** (ou *sargentos*). Esta palavra designa os lictores que serviam sob as ordens dos magistrados. Cada lictor carregava um maço de bastões com um machado inserido entre eles, simbolizando o poder de aplicar a pena capital. Paulo e Silas foram espancados com os bastões carregados por esses lictores. Paulo nos conta que sofreu essa indignidade em três diferentes ocasiões (II Co. 11:25). Este é o único desses incidentes que Lucas registra. Paulo e Silas foram depois trancados no **cárcere interior** tendo seus pés firmemente presos ao tronco. Os troncos podiam ser colocados de tal maneira a forçarem as pernas de um homem em dolorosa posição, uma afastada da outra.

**26. Terremoto.** Ramsay diz que qualquer pessoa que tenha visto uma prisão turca não se admirará com o efeito desse terremoto. As portas foram escancaradas e os troncos soltos das paredes.

**27.** Quando o carcereiro despertou e descobriu que as portas da prisão estavam abertas, imaginou que os prisioneiros tivessem fugido. Resolveu que tomaria a única atitude digna que lhe restava, praticando o suicídio.

**28.** Embora não houvesse luz, Paulo de dentro da prisão pôde ver o contorno do carcereiro na entrada, e compreendeu o que o homem ia fazer. Sua exclamação salvou a vida do carcereiro.

**30.** Não se sabe bem o que o carcereiro quis dizer com a sua pergunta sobre a salvação. Teria ouvido a pregação de Paulo e Silas? Teria ouvido a adivinha declarar que esses homens proclamavam o caminho da salvação? De qualquer modo, Deus abençoou sua fé por pequena que fosse, e ele foi batizado com toda sua família.

**34.** Um carcereiro romano tinha a liberdade de tratar seus prisioneiros como desejasse uma vez que os apresentasse quando fossem solicitados. Agora, pois esse carcereiro recebeu Paulo e Silas como seus hóspedes.

**35.** De manhã os magistrados decidiram que o espancamento quando do aprisionamento noturno fora um castigo suficiente para esses dois judeus criadores de problemas. Por isso enviaram os lictores à cadeia com a ordem de que Paulo e Silas fossem soltos e conduzidos para fora da cidade.

**37.** Sendo os cidadãos romanos imunes de certas formas de castigo, Paulo agora declarou que seus direitos legais de cidadão romano foram flagrantemente violados. Ele e Silas foram punidos sem os procedimentos legais. Paulo insistiu que os magistrados os tratassem agora com a cortesia devida aos cidadãos romanos se quisessem que deixassem a cidade. Sem dúvida Paulo tomou essa posição não para se vingar mas para benefício da pequena comunidade cristã que havia em Filipos.

**38, 39.** Os magistrados ficaram abatidos e profundamente preocupados com a sua conduta imprópria, pois concebivelmente os desqualificaria para continuarem ocupando seu cargo. Eles **pediram desculpas** a Paulo e Silas; e embora compreendessem que não podiam expulsar da cidade esses cidadãos romanos, imploraram-lhes que partissem.

**40.** Os apóstolos aceitaram o pedido de desculpas, e depois de visitarem os crentes em casa de Lídia, encorajando-os, partiram. Timóteo acompanhou Paulo e Silas, mas Lucas permaneceu em Filipos. Ele aparece em 20:5 no começo da outra seção onde foi usado o pronome "nós".

## Atos 17

**17:1.** Paulo, Silas e Timóteo viajaram para o oeste pela grande estrada militar que se chamava Via Ignatia. O fato de terem passado **por Anfípolis e Apolônia** indica que Paulo estava seguindo um plano definido de introduzir o Evangelho em cidades estratégicas. Ele não queria apenas pregar o Evangelho onde quer que encontrassem um auditório. Antes, ele foi um estadista missionário com um programa de organizar igrejas nos centros-chave dos quais as terras circunvizinhas poderiam ser evangelizadas. **Tessalônica.** A principal cidade e capital da província da Macedônia. Na carta mais tarde escrita à igreja em Tessalônica, Paulo indica que o Evangelho foi propagado de lá não só para a Macedônia e Acaia, mas a muitos outros lugares (I Ts. 1:8).

**2.** O apóstolo seguiu seu costume de pregar o Evangelho primeiro na sinagoga judia. Ele o fez por **três sábados** consecutivos. Na correspondência mantida com Tessalônica, ele menciona que se ocupou com o negócio das tendas para não se tornar um fardo para os crentes. (I Ts. 2:9; II Ts. 3:7-12). As três semanas, portanto, não indicam a duração da missão de Paulo em Tessalônica.

**3.** O método de Paulo na pregação consistia em abrir o V.T. para demonstrar que o Messias tinha de padecer e ressuscitar dentre os mortos

e que o Messias era de fato Jesus, que ele estava anunciando. Paulo citava passagens do V.T. e comparava com elas o cumprimento histórico na vida de Jesus de Nazaré. Os judeus não entendiam como o Messias podia ser ao mesmo tempo um rei conquistador e um servo sofredor, pois não estavam acostumados a aplicar as profecias do sofrimento ao Messias.

4. Como de costume, alguns poucos judeus foram **persuadidos**, e ajuntaram-se a Paulo e Silas. Mas a maior parte dos convertidos vinha do grupo bastante grande dos gentios tementes a Deus.

5. Os judeus introduziram-se entre os desocupados que vagavam pelas ruas e incitaram a população. Homens "perversos" ou "maus". **Jasom**, o equivalente grego para Josué, ao que parece era um judeu crente que abrira as portas de sua casa a Paulo e Silas. A população atacou a casa de Jasom, pretendendo arrastar Paulo e Silas ao tribunal. **Turba**. A assembléia geral do povo grego.

6. Jasom ouviu falar das intenções da população e removeu Paulo e Silas para um lugar seguro. Portanto, em lugar dos evangelistas, Jasom e diversos irmãos foram levados à presença das autoridades. **Autoridades**. Literalmente, *politarcas*. Uma vez que este termo era desconhecido na literatura grega, Lucas foi acusado de crassa incorreção. Entretanto, já se descobriram inscrições que provam que este termo era a designação técnica correta para os magistrados das cidades da Macedônia. Uma lista desses politarcas já se encontrou gravada em uma pedra num arco do primeiro século A.D. em Tessalônica.

7. Jasom foi acusado de abrigar homens cujos ensinamentos religiosos tinham sediciosas implicações políticas, pois proclamavam que **Jesus** era um rei que poderia ser rival do imperador romano. **Rei**. A palavra grega que costumava designar o imperador romano (Jo. 19:15; I Pe. 2:13, 17). Este incidente dá uma ilustração porque as epístolas de Pablo, como também o livro de Atos, relativamente pouco têm a dizer sobre o reino de Deus. Muito já se falou do fato que Paulo quase nunca deu a Jesus o título de Rei, chamando-o antes de Senhor. Dá-se às vezes



que Jesus é o Rei de Israel mas o Senhor da Igreja, e que os dois conceitos são inteiramente diferentes. Este incidente dá a idéia de que Paulo punha pouca ênfase sobre a realeza de Jesus e o reino de Deus, porque estas idéias, familiares e preciosas aos judeus, estavam sujeitas à má interpretação pelos romanos, sugerindo um poder político rival. Tal sedição foi a acusação feita por Pilatos contra Jesus (Lc. 23:2). Roma tolerava muitas coisas mas não a suspeita de sedição. Por isso Paulo proclamava Jesus aos gentios como Senhor - um conceito religioso que era familiar e aceitável e não tinha implicações políticas.

**8, 9.** Os politarcas ficaram perturbados com essa acusação, mas não podendo encontrar Paulo e Silas, resolveram o problema responsabilizando Jasom e seus companheiros de qualquer perturbação de paz no futuro, e estipulando uma fiança que seria cobrada em caso de tornarem a criar problemas. Este provavelmente foi o impedimento satânico ao qual Paulo se referiu em I Ts. 2:18, que impossibilitou-o de retornar à Tessalônica e continuar o seu ministério.

**10, 11, Beréia** ficava cerca de cinquenta milhas a oeste de Tessalônica. A esta altura Paulo e Silas abandonaram a estrada militar principal e dirigiram-se para o sul na direção da província de Acaia. Aqui os judeus não tinham tantos preconceitos como os de Tessalônica. Provaram possuir mentes abertas para comparar a mensagem de Paulo com passagens do V.T. a fim de verificar se era ou não verdadeira.

**13-15.** Quando **judeus** hostis de Tessalônica foram a Beréia e despertaram a oposição, alguns dos irmãos acompanharam Paulo até a praia e depois para **Atenas**. **Silas e Timóteo** não acompanharam Paulo a Atenas mas ficaram para trás em Beréia com instruções de se juntarem a Paulo tão logo fosse possível em Atenas.

**16. Atenas** não era cidade de muita importância política ou comercial, mas era o mais famoso centro intelectual do mundo. Todo jovem de Roma procurava ir a Atenas para a sua educação universitária. A estratégia missionária de Paulo não incluía a evangelização de Atenas. Mas esperando ali por Silas e Timóteo, sentiu-se profundamente movido

pela evidente **idolatria** que viu. Os famosos templos de Atenas eram obras de arte cuja beleza não podia ser ultrapassada, mas por trás dessa beleza Paulo viu as trevas da idolatria.

**17.** Por isso **dissertava** com os judeus e com os gentios **religiosos** (tementes a Deus), e também discutia com aqueles que encontrava no mercado.

**18.** Discípulos das duas mais influentes escolas filosóficas daquele tempo ouviram sua mensagem. Os **epicureus**, assim chamados por causa do seu fundador, Epicuro (341-270 a.C.), criam que os deuses existiam mas não tinham o menor interesse no bem-estar do homem. A principal razão da vida, defendiam os epicureus, consistia no prazer, que devia ser buscado em uma vida feliz e tranqüila, livre da dor ou do medo, especialmente livre do medo. Os **estóicos**, discípulos de Zeno (cerca de 300 a.C.), criam que Deus era a alma do mundo, habitando em todas as coisas, e que a vida feliz consistia em vivê-la de acordo com a natureza. Uma vez que Deus estava em todos os homens, todos os homens eram irmãos. Muitos estóicos eram homens de altos princípios morais. Para esses filósofos, Paulo parecia um **tagarela**. Esta palavra, que literalmente significa **apanhador de sementes**, era usada para descrever a pessoa que recolhia retalhos de conhecimentos não digeridos.

**Jesus e a ressurreição.** Para o ouvido grego, **Jesus** e *Anastasis* (**ressurreição**) deviam soar como os nomes de um deus e uma deusa.

**19.** **Areópago** pode designar tanto a colina de Marte (v. 22), que ficava entre o mercado e a Acrópole, ou o conselho que se reunia antigamente no Monte de Marte. Os versículos 22 e 33 fazem este último parecer mais provável. Este conselho não era um tribunal de justiça mas um grupo de homens que supervisionava questões religiosas e educacionais. Paulo compareceu diante desse conselho para apresentar um resumo de sua "filosofia", ao que parece para dar-lhes a oportunidade de determinar se ele devia ter permissão de ensinar em Atenas.

**21. Todos os de Atenas e os estrangeiros residentes** eram notáveis por sua curiosidade, ansiosos por conhecer "a última idéia nova" (Lake e Cadbury).

**22.** Em pé, no meio do Areópago, Paulo tentou estabelecer um ponto de contato observando que eles eram muito **religiosos**. Esta é uma tradução melhor do que *um tanto supersticiosos*, embora as duas traduções sejam possíveis.

**23. Vossos santuário** (ERC) significa **objetos de vosso culto**. Nenhuma inscrição foi achada até agora, com as palavras **AO DEUS DESCONHECIDO**. Os escritores gregos nos contam que estes altares a "deuses desconhecidos" existiam em Atenas, e "se existiam dois ou mais altares cada um com a inscrição 'ao deus desconhecido', podiam muito bem terem sido mencionados compreensivamente como 'altares a deuses desconhecidos'" (F.F. Bruce, *Commentary*). No seu zelo religioso, os atenienses não queriam omitir de seus cultos qualquer divindade com a qual não estivessem familiarizados. Paulo lhes assegurou que havia realmente um que eles não conheciam, e este ia lhes ser apresentado.

**24, 25.** Uma vez que esse Deus é o criador de todas as coisas, Paulo explicou, e senhor dos céus e terra, Ele não podia habitar em qualquer estrutura construída por homens. Ele também não tinha nenhuma necessidade que o culto humano ou a adoração pudesse suprir, pois Ele mesmo é a fonte de toda a vida.

**26.** Sendo Deus o Criador, todos os homens são oriundos da mesma fonte, e todos os homens dependem dEle. Ele lhes forneceu a terra por habitação e as estações para lhes fornecer o sustento. É o mesmo pensamento que aparece em 14:17 no discurso aos gregos em Listra. **Tempos** é a mesma palavra traduzida para **estações** em 14:17.

**27.** A bondade de Deus manifesta na criação do mundo deveria levar os homens a buscarem Deus (veja Rm. 1:20).

**28.** O Senhor é um Deus transcendente que não pode ser identificado com Sua criação e é também o Criador e o Mantenedor de quem todos os homens dependem para a sua vida física. O apóstolo fez

uma ilustração com palavras que parecem ser de um poeta cretense chamado Epimenides. Depois referiu-se ao poeta Aratus de seu próprio país, a Cilícia. Paulo quis dizer que todos os homens vieram de Deus no sentido de que são Suas criaturas, dependendo dEle para a vida. Há uma doutrina bíblica sobre a paternidade universal de Deus e a fraternidade de todos os homens que repousa no fato da criação comum e não sobre um relacionamento espiritual, como indica esta passagem.

**29.** Sendo Deus o criador dos homens, deve pelo menos ser maior do que os homens. Portanto, identificar a Divindade com alguma coisa que o homem criou ou imaginou é a mais desbaratada tolice e a profundidade do pecado (veja Rm. 1:22, 23).

**30, 31.** Deus **não levou em conta** (e não *fechou os olhos*) esses **tempos da ignorância**, dando agora aos homens o pleno conhecimento de Si mesmo. Romanos 3:25 refere-se a esta paciência divina com "pecados dantes cometidos" e Atos 14:16 faz alusão à mesma paciência. Mas a paciência de Deus não vai durar sempre; por causa do pleno conhecimento que foi agora revelado em Cristo, Ele ordena aos homens que se arrependam, e Ele **estabeleceu um dia para julgar o mundo com justiça** por meio do homem em quem esta luz foi dada. A *certeza* disso está na ressurreição de Jesus.

Muitas vezes tem se defendido que, em Atenas, Paulo tentou a via de acesso intelectual e que ele tentou ser um filósofo entre os filósofos em vez de simplesmente pregar o evangelho de Jesus Cristo. Esta não é uma crítica válida pois o âmago da primitiva proclamação cristã foi a ressurreição de Jesus Cristo, e esta foi a ênfase principal de Paulo em Atenas. Nenhuma outra mensagem seria menos do gosto do paladar dos filósofos gregos do que a ressurreição corporal e o dia do juízo. Uma mensagem de imortalidade pessoal em um estado desincorporado teria sido aceitável, mas a afirmação de uma ressurreição corporal foi pouco "diplomática". Paulo não diluiu o seu evangelho; ele proclamou a verdade e acertou em cheio a filosofia grega.

**32-34.** Alguns ridicularizaram a mensagem de Paulo; outros quiseram discuti-la mais tarde. Com isso a audiência acabou e Paulo **se retirou do meio deles**. Ele não ficou completamente sem êxito, pois alguns se lhe juntaram, confessando a fé em Cristo. Um dos crentes era membro do próprio Areópago. Mas houve poucas conversões em Atenas. Além de não haver referência a uma igreja em Atenas, "as primícias da Acaia" (I Co. 16:15) foram em Corinto e não em Atenas. Não há motivo nenhum adequado para se achar que o fracasso de Paulo fosse devido a um método falso que ele mais tarde abandonou; foi devido antes ao caráter dos próprios atenienses. Paulo não planejou nenhum programa evangelístico ou missionário naquela cidade.

## Atos 18

**18:1.** O apóstolo **deixando Atenas partiu para Corinto**, onde aguardou a chegada de Timóteo e Silas vindos da Macedônia. Corinto era a capital da província romana da Acaia. Estava localizada sobre um istmo dominando as rotas marítimas para leste e oeste, como também as rotas terrestres para o norte e sul. Era um próspero centro comercial; famoso por seu caráter cosmopolita, e notório por sua imoralidade. De acordo com Strabo, o templo de Afrodite tinha mil religiosas prostitutas. A reputação de Corinto está exemplificada pelo fato de que o verbo "agir como um coríntio" era usado em relação à prática da fornicação, e a expressão "moças de Corinto" indicava prostitutas. Não causa admiração, portanto, que a igreja de Corinto fosse mais tarde abalada com problemas de imoralidade.

**2.** Suetônio (*Life of Claudius* 25:4) nos conta que os judeus estavam sempre comprazendo-se em constantes tumultos sob a instigação "de Cresto", e por isso Cláudio os baniu de Roma em 49 A.D. É possível que *Chrestus* (que significa "o útil") fosse uma má interpretação romana de *Christus*, um termo sem significado para eles. Nesse caso, isto significa que o evangelho de Cristo estava sendo pregado nas sinagogas de Roma e estava encontrando resistência tão pesada que Cláudio ordenou a todos

os judeus que deixassem a cidade. Não está claro se **Áqüila e Priscila** (chamada Prisca nas epístolas de Paulo) eram crentes antes de saírem de Roma. Uma vez que nada se conta de Paulo lhes pregando o Evangelho, provavelmente tornaram-se cristãos em Roma. Nada sabemos sobre a origem da igreja romana. Esses dois judeus vieram a Corinto e estabeleceram um negócio.

**3. Fazer tendas.** Ou tecelões de grosso tecido feito de pelos de cabras, dos quais se faziam tendas e outros artigos; ou "fabricantes de artefatos de couro" (Lake e Cadbury). Era costume judeu os rabinos não receberem pagamento pelos seus ensinamentos e por isso Paulo, que fora educado como rabino, aprendera o ofício de fazer tendas. O apóstolo não se lançou logo na evangelização de Corinto, mas juntou-se a Áqüila e Priscila trabalhando com eles durante a semana.

**4.** Os sábados eram dedicados à pregação na **sinagoga**. Uma inscrição foi encontrada em Corinto datada do primeiro século, que dizia, "Sinagoga dos Hebreus".

**5.** Ao que parece Paulo planejava retornar de Corinto à Macedônia e continuar o seu ministério em Tessalônica e Beréia depois da chegada de Silas e Timóteo. As epístolas nos contam mais sobre os movimentos desses dois do que o livro de Atos. Paulo os deixou em Beréia com instruções de se lhe juntarem em Atenas tão logo fosse possível (17:15). Eles realmente juntaram-se a Paulo em Atenas (I Ts. 3:1), trazendo um recado ao que parece de que não era seguro retornar à Macedônia. Por causa disso enviou Timóteo de volta à Tessalônica e Silas a uma outra cidade da Macedônia, possivelmente Filipos. Agora Silas e Timóteo se encontraram com ele novamente em Corinto; quando lhe disseram que não poderia mais retornar à Macedônia, devotou-se com renovado vigor à evangelização de Corinto. **Se entregou totalmente à palavra**, de acordo com os melhores textos, deveria ter sido traduzido para *constrangido pela palavra*, ou *estava ocupado na pregação*. A mensagem de Paulo era que Jesus era o Messias.

7. Ao lado da sinagoga judia estava uma casa que pertencia a um certo **Tício Justo**, um gentio "temente a Deus" (cons. observação sobre 10:2) que freqüentava a sinagoga. Ele abriu as portas de sua casa a Paulo para pregar o Evangelho quando o apóstolo deixou a sinagoga.

8. A conversão de **Crispo, principal da sinagoga** (veja 13:15), com a sua família deve ter sido um golpe para os judeus e deu um grande ímpeto à missão de Paulo. O batismo de Crispo foi mencionado em I Co. 1:14.

9-11. Ao que parece Paulo não tinha certeza de que fosse a vontade do Senhor para ele, que se devotasse à evangelização de Corinto. Mas Deus confirmou-o em uma visão, insistindo que não se calasse e assegurando-lhe que a sua missão seria assistida com sucesso e bênçãos divinas. Por isso Paulo passou em Corinto mais tempo do que era seu costume, pregando a palavra de Deus por ano e meio.

12. No fim desse período de tempo, um novo **procônsul** veio à província de **Acaia**, da qual Corinto era a capital. Essas províncias ficavam sob a supervisão do Senado e eram governadas por procônsules, que tinham um mandato de dois anos.

**Gálio**. O irmão do filósofo Sêneca. Isto fornece uma data relativamente exata sobre a carreira de Paulo, pois Gálio chegou a Corinto em Julho de 51 ou 52, provavelmente 51. Paulo já estava em Corinto por ano e meio.

**Os judeus** aproveitaram-se da oportunidade de experimentar a índole do novo procônsul, esperando que ele se submetesse à pressão deles. Um veredicto desfavorável de um governador romano contra Paulo seria útil não apenas em Corinto mas em toda a província. Por isso instigaram um tumulto e trouxeram Paulo perante o **tribunal** de Gálio, acusando o evangelista de propagar uma religião que era **contra a lei** romana. A lei romana reconhecia o judaísmo como religião legalizada. Os judeus acusavam Paulo de ensinar uma nova religião contrária ao Judaísmo e portanto contrária à lei romana.

**14-16.** Gálio reconheceu que Paulo não era culpado de **injustiça** ou **crime da maior gravidade**. E a mensagem de apóstolo, até onde ele entendia, era apenas uma variante do Judaísmo e se referia à interpretação da lei judia. Portanto ele se recusou a julgar contra Paulo e dispensou seus acusadores.

**17.** O incidente que se segue revela que existia fortes sentimentos contra os judeus entre o povo. **Sóstenes** sucedera a Crispo como **principal da sinagoga**, e o povo agarrou-o e feriu-o na presença de Gálio. Que **Gálio, todavia, não se incomodava com estas coisas** não significa que fosse indiferente aos valores espirituais mas que ele deliberadamente não prestava atenção ao movimento da população, que tecnicamente interrompia a paz.

**18.** Agora Paulo permaneceu em Corinto por um período de tempo indefinido (**muitos dias**), além do ano e meio. Antes de partir de Corinto, fez um voto de nazireu (veja Nm. 6:1-21) que era uma ação de graças ou dedicação a Deus segundo o V.T. Durante o período do voto, o devoto deixava seu cabelo crescer e no final do período cortava o cabelo. É significativo observar que enquanto Paulo firmemente se recusava a permitir que a Lei fosse imposta a gentios, ele mesmo, na qualidade de judeu, continuava a praticar muitas de suas exigências. Ao chegar à **Cencreia**, o porto oriental de Corinto, no seu caminho para a Síria e Palestina, o período do seu voto foi concluído, e por isso ele rapou a cabeça.

**19-21.** **Áqüila e Priscila** separaram-se de Paulo em Éfeso e fixaram residência ali. Paulo ocupou-se em um curto ministério na sinagoga mas recusou-se demorar-se mais. As palavras, *É-me de todo preciso celebrar a solenidade que vem em Jerusalém*, não se encontram na maior parte dos textos; mas fora dessa explicação, os motivos da pressa de Paulo em retornar à Palestina não foram explicados.

**22, 23.** Esses dois pequenos versículos resumem uma longa viagem de Éfeso a Palestina, ida e volta. A **igreja** que Paulo saudou era mais do que certo a igreja em Jerusalém, embora esta cidade não fosse



mencionada. Entretanto, **Antioquia** patrocinara a missão e ele passou algum tempo naquela cidade.

### **D. A Terceira Missão: Ásia Menor e Europa. 18:23 - 21:17.**

Paulo retornou à Ásia na viagem que chamamos de sua terceira viagem missionária, primeiro viajando através da Frígia e Galácia, as quais visitara na sua segunda viagem missionária (16:6).

**24, 25.** Agora Lucas interrompe seu registro sobre as viagens de Paulo para contar um incidente em Éfeso. Peregrinos judeus que vieram a Jerusalém durante os dias do ministério de nosso Senhor ouviram João Batista pregar que o Messias viria logo. Reconheceram na pessoa e obras de Jesus o cumprimento das profecias messiânicas do V.T. Esses peregrinos teriam levado para casa informações sobre a pregação de João e sobre a vida e ministério de Jesus, embora não soubessem de sua morte e ressurreição e a vinda do Espírito Santo no Pentecostes. O eloquente **Apolo** aceitara essas boas novas sobre Jesus; e uma vez que **era poderoso nas Escrituras**, era capaz de apresentar o messiado de Jesus com eficácia aos judeus.

**26.** Quando Priscila e Áqüila encontraram-no em Éfeso, esclareceram-lhe **com mais exatidão** o evangelho cristão, o qual incluía a morte de Cristo, a sua ressurreição e a vinda do Espírito Santo. Muito provavelmente, Apolo foi então batizado por Áqüila no nome de Cristo.

**27, 28.** Quando ele quis ir à Acaia, Áqüila e Priscila enviaram cartas de recomendação, e ele pôde reforçar o trabalho de Paulo em Corinto, refutando os judeus e provando que Jesus era o Messias. O fato de alguns crentes de Corinto terem formado um partido, tendo Apolo como líder (I Co. 1:12; 3:4), não indica que ele tivesse tido uma atitude imprópria.

## **Atos 19**

**19:1.** Paulo viajou da Galácia para Éfeso, seguindo a estrada superior, que era mais direta do que a rota comercial que seguia através

dos vales de Colossos e Laodicéia. Em **Éfeso** encontrou **discípulos** que tinham o mesmo conhecimento parcial de Jesus que tivera Apolo. Não há nenhuma razão para se rejeitar o significado costumeiro de discípulos: crentes em Jesus.

**2.** O apóstolo reconheceu que o conhecimento que os discípulos tinham de Jesus era incompleto. Por isso perguntou, **Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?** O particípio grego é *tendo crido* e pode ser traduzido para *desde que crestes* ou **quando crestes**. Considerando que o Espírito Santo se recebia geralmente quando se cria em Cristo, a última é preferível. Sua resposta deve ter sido que eles não sabiam nada sobre a verdade cristã do Espírito Santo, pois qualquer um que conhecesse o V.T, já teria ouvido a respeito do Espírito Santo.

**3, 4.** Esses discípulos nada ouviram sobre o Pentecostes. Só conheciam a mensagem de João Batista - que os homens deviam receber um batismo de arrependimento em antecipação à vinda dEle, **Jesus**. A palavra Cristo não se encontra nos melhores textos.

**6, 7.** Isto não descreve um novo Pentecostes mas uma extensão da experiência do Pentecostes para incluir todos os crentes. Nenhum significado especial deve ser buscado na imposição das mãos de Paulo para o recebimento do Espírito. Esta experiência, como aquela de Pedro e João na Samaria (8:16, 17) tem a intenção de demonstrar a unidade da Igreja. Uma vez que os crentes são batizados por um Espírito em um corpo (I Co. 12:13), não podia haver tais "grupinhos" como os discípulos de João, fora da igreja. Não vem a caso discutir se esses discípulos eram ou não cristãos antes de Paulo se encontrar com eles, como também é fútil questionar se os apóstolos eram salvos antes do Pentecostes. Eram discípulos de Jesus mas com um conhecimento incompleto do Evangelho.

**8, 9.** Éfeso era a capital da província romana da Ásia, onde o procônsul romano residia. Era a principal cidade da Ásia na promoção da adoração ao imperador. Era também um importante centro comercial e

cambial, com um porto movimentado, e desfrutava de grande prosperidade. A mensagem de Paulo na **sinagoga** sobre o **reino de Deus** dificilmente se referia ao estabelecimento do reino na segunda vinda de Cristo. O evangelho cristão anuncia que as bênçãos do reino de Deus vieram aos homens antecipadamente na pessoa de Jesus, o Messias (veja Cl. 1:13). Grande parte dos judeus aceitava a mensagem de Paulo em Éfeso; apenas **alguns** se endureceram e não creram. Entretanto, esse punhado tinha tal influência sobre a **multidão** que Paulo afastou-se da sinagoga e passou a usar uma escola ou sala de conferência pertencente a um certo **Tirano**. Um texto diz que Paulo ensinava das 11 da manhã até às 16 horas, quando os negócios costumavam ser interrompidos. Ele cuidava dos seus negócios de manhã e pregava o Evangelho durante o calor do dia. **O Caminho**. Uma frase técnica para indicar o Cristianismo na igreja primitiva.

**10.** Durante esses **dois anos** Éfeso foi o centro da evangelização de toda aquela área, e a partir dali foram organizadas igrejas em Colossos, Laodiceia e Hierápolis (Cl. 2:1; 4:13). Provavelmente as outras igrejas mencionadas em Ap. 2:3 surgiram nessa ocasião.

**12.** Os **lenços e aventais** eram artigos de roupa que Paulo usava na sua indústria.

**13.** Lucas cita uma ilustração para mostrar a eficiência do ministério de Paulo em Éfeso. **Judeus, exorcistas ambulantes** eram comuns no mundo antigo. Na antiguidade, o nome de uma pessoa ou divindade era considerado possuidor de poder especial que podia controlar a pessoa em questão se o nome fosse usado da maneira certa. Esses exorcistas judeus testemunhando os milagres realizados por Paulo em nome de Jesus, tentaram usar o nome na prática de suas mágicas.

**14-16.** Não se sabe nada de nenhum **sumo sacerdote** chamado **Ceva**. Pode ser que esses sete judeus reivindicassem falsamente pertencer ao sacerdócio e Lucas talvez apenas registre essa reivindicação. Tal reivindicação poderia ser verdadeira, pois os sacerdotes certamente sabiam como usar o nome divino de maneira

mais eficiente. O nome de Jesus não pôde ser usado magicamente e o demônio denunciou que esses judeus não tinham o direito de usá-lo.

**18, 19.** O destino dos sete judeus provocou a conversão de muitos outros mágicos. **Confessando... publicamente as suas próprias obras** significa que eles abandonaram a magia, pois cria-se que os segredos da magia perdiam seu potencial quando eram publicamente divulgados. Outros feiticeiros trouxeram seus rolos contendo frases e fórmulas cabalísticas e os queimaram publicamente. Uma porção de tais papiros mágicos foram descobertos. Os volumes queimados em Éfeso valiam dez mil dólares pelo menos.

**21.** A seguir Lucas fala do propósito de Paulo no seu futuro ministério. **Resolveu** no espírito pode se referir ao espírito de Paulo ou à liderança do Espírito Santo. O apóstolo planejava tornar a visitar as igrejas da **Macedônia e Acaia** para angariar dinheiro para os santos necessitados de **Jerusalém** (II Co. 8:9; Rm. 15:25 e segs.). Depois de levar essa coleta a Jerusalém, teve a intenção de visitar **Roma**. Não planejava ocupar-se em um ministério mais extenso ali, mas queria visitar os cristãos romanos no seu caminho para a Espanha (Rm. 15:24, 28). Era de sua política pregar o Evangelho onde ainda não fora ouvido, e não edificar sobre fundamento alheio (Rm. 15:20).

**22.** Paulo enviou **Timóteo e Erasto, dois dos seus companheiros**, a Macedônia, para que fossem a sua frente, pretendendo segui-los dentro de pouco tempo. Lucas não menciona Timóteo no período de tempo que decorreu entre o encontro com Paulo em Corinto (18:5) e este acontecimento; mas ele esteve com o apóstolo em Éfeso. Lucas também não registra os acontecimentos relacionados com Paulo e a igreja de Corinto enquanto o missionário esteve em Éfeso. Paulo enviara antes Timóteo a Corinto para resolver certos problemas na igreja (I Co. 4:17; 16:10, 11). Além disso, o missionário mais velho também fizera uma visita apressada conforme registrado em II Co. 12:14; 13:1.

**23.** A decisão de Paulo de deixar Éfeso foi apressada pelo tumulto criado por causa do Caminho. Éfeso era a sede da adoração da grande

deusa **Diana** (*Ártemis*, o equivalente grego). Diana não era a deusa grega tradicional que leva esse nome, mas a antiga deusa-mãe da Ásia Menor, comumente conhecida por Cibele. O templo de Diana, cujos alicerces foram descobertos, era uma das sete maravilhas do mundo antigo.

**24-27.** Um negócio lucrativo era dirigido por uma sociedade de ourives que faziam e vendiam miniaturas de nichos de prata contendo imagens da deusa. O ministério de Paulo foi tão eficaz que a venda dos nichos começou a diminuir. Por isso **Demétrio** convocou uma reunião dos sócios e fez-lhes ver que o comércio dos ourives estava em perigo de cair **em descrédito** e que se os evangelistas não fossem impedidos, a própria deusa Diana teria **destruída a sua majestade**. Ela seria deposta *da sua magnificência*. Diana era adorada, ao que se sabe, em pelo menos trinta e três lugares do mundo antigo.

**28-30.** O espírito chicaneiro dos ourives propagou-se como uma epidemia espalhando-se por toda a cidade dando lugar a uma demonstração pública no teatro ao ar livre. As ruínas deste teatro já foram descobertas; podia conter mais de vinte mil pessoas. Uma vez que Paulo não estava por ali no momento, a multidão agarrou dois companheiros seus; e quando o apóstolo se propunha a sair para enfrentar a multidão, outros discípulos não deixaram que fosse.

**31. Asiarcas.** Autoridades provincianas que supervisionavam e promoviam o culto da adoração de Roma e do imperador. Só uma pessoa ocupava o cargo de cada vez, mas o título era mantido em qualidade honorária pelos antigos oficiais. Paulo tinha alguns amigos entre esses **asiarcas**, (*principais da Ásia* não é uma boa tradução) que lhe pediam **que não se arriscasse indo ao teatro**.

**32.** Enquanto isso, lá dentro do teatro reinava completa confusão, de modo que a maioria das pessoas nem sabia o motivo da reunião.

**33, 34.** Alguns dos **judeus** da multidão sentiram que estavam em perigo de serem acusados pelo tumulto. Por isso impeliram um homem

chamado **Alexandre** a falar e esclarecer que não tinham culpa de nada. Mas o seu porta-voz foi silenciado e o caos prevaleceu.

**35.** Finalmente a ordem foi restaurada pelo **escrivão da cidade**, a autoridade executiva da assembléia da cidade. Na qualidade de oficial de ligação entre Éfeso e o governador romano, era responsável por esse ajuntamento tumultuoso.

**Tendo apaziguado o povo**, fê-lo lembrar-se de que Éfeso não estava em perigo de ser aviltada, pois era famosa em todo o mundo como a **guardiã do templo** de Diana.

A **imagem que caiu de Júpiter** é a tradução de uma só palavra grega significando literalmente **do céu**, e provavelmente se refere a um meteorito no qual os adoradores de Diana achavam ter encontrado uma semelhança com a deusa e o qual adoravam no templo.

**37, 38.** Esses homens, disse ele, não são de **sacrílegos** (a palavra literalmente é *roubadores de templos*) **nem blasfemam**. Além disso, havia dias regularmente estipulados para se fazer justiça e havia procônsules que eram designados para resolverem esses assuntos. Os ourives deviam fazer acusações uns contra os outros através desses canais regulares.

**39.** Outros assuntos deviam ser resolvidos em **assembléia regular**, não em ajuntamentos irregulares. **Assembléia** é a palavra usada para o grego *ekklésia*, que indica o regular ajuntamento dos cidadãos gregos.

**40, 41.** Os ourives temiam o fracasso do seu negócio. O escrivão da cidade fez ver que o verdadeiro perigo estava na possibilidade de serem acusados de **sedição**, pelos romanos, uma vez que não havia justificativa para aquele ajuntamento confuso. As palavras aquietaram a população e dispersaram a assembléia.

## Atos 20

**20:1.** O propósito de Paulo de tornar a visitar a **Macedônia** e Acaia foi declarado em 19:21 realizou-se agora. A partida dos apóstolos em Éfeso foi comentada em 2 Coríntios. Quando ele chegou em Trôade, uma

grande oportunidade de pregar o Evangelho apresentou-se-lhe, mas sua preocupação com os problemas na igreja em Corinto não lhe deu liberdade de espírito para aproveitá-la. Antes disso Paulo enviou Tito a Corinto para resolver sérios problemas entre os crentes de lá, e ele esperava encontrar o seu companheiro de trabalho em Trôade. Não tendo Tito aparecido conforme o combinado, Paulo ficou preocupado e, por isso, ele partiu de Trôade e dirigiu-se para Macedônia ao encontro do seu ajudante (II Co. 2:12,13). Quando Tito finalmente veio de Corinto, trouxe as boas novas da melhora de condições na igreja (II Co. 7:5-16). Nessa ocasião Paulo escreveu uma segunda carta a Corinto, enviando-a, antes que ele mesmo fosse, através de Tito e um outro irmão (II Co. 8:17-19).

**2, 3.** Lucas passa por cima de todas essas atividades sem uma palavra. Depois de visitar as igrejas da Macedônia, Paulo chegou a Grécia, ou Acaia, e lá ficou três meses, provavelmente em Corinto. Durante esse tempo ele escreveu a Epístola aos Romanos, informando os crentes de Roma do seu propósito de visitar Jerusalém e depois Roma (Rm. 15:22-29). Lucas deixa de mencionar um dos motivos principais dessa última viagem de Paulo a Jerusalém: a entrega de uma generosa coleta que os santos da Macedônia e Acaia fizeram para ajudar os pobres (Rm. 15:25-27; II Co. 8:9). Quando Paulo ia tomar o navio de Corinto para a Síria, ficou sabendo que os judeus tinham planejado **conspiração** para matá-lo durante a viagem. Mudou de planos e, viajando por terra através da Macedônia, voltou por onde viera.

**4. À Ásia** é de um texto inferior; os companheiros de Paulo viajaram com ele a Jerusalém. O grupo consistia de oficiais representando as diversas igrejas que enviavam o dinheiro aos santos em Jerusalém.

**5.** Aqui começa a segunda parte com o pronome "nós" que vai até 20:15 e continua em 21:1. Lucas fora deixado em Filipos na segunda viagem de Paulo (16:16). Agora reuniu-se novamente ao apóstolo em

Filipos e foi com ele até Jerusalém. O restante do grupo prosseguiu e encontrou-se com Paulo em Trôade.

6. O apóstolo permaneceu algum tempo em Filipos para comemorar a semana **dos pães asmos** e depois navegou com Lucas até **Trôade** onde se juntaram ao restante do grupo.

7. Os missionários reuniram-se com os crentes em Trôade **no primeiro dia da semana** para pregar e celebrar a Ceia do Senhor. Esta é a primeira referência clara à prática cristã de se guardar o domingo como dia de adoração. Os primeiros cristãos, como judeus que eram, provavelmente continuaram guardando o sábado, como também o primeiro dia da semana. Não fomos informados quando ou como a prática da guarda do domingo foi introduzida na igreja.

8, 9. A reunião foi realizada em um cenáculo **no terceiro andar**. A iluminação era fornecida por muitas **lâmpadas** fumacentas, que tornavam o ar abafado e enfumaçado.

11. **Partiu o pão** refere-se ao partir do pão na Ceia do Senhor. **Comeu** refere-se ao *ágape* ou festa do amor, uma refeição fraternal que acompanhava a Ceia do Senhor.

13-15. Lucas e os demais membros do grupo tomaram então um navio de Trôade e rodearam uma elevação de terra indo a **Assôs**, enquanto Paulo viajou **por terra**. O apóstolo embarcou com os demais em Assôs e navegaram para **Mitilene**, a cidade principal da ilha de Lesbos. De Mitilene, navegaram entre o continente e as finas de **Quios** e **Samos** até **Mileto**.

16, 17. Querendo Paulo passar o **Pentecoste em Jerusalém** tomou um navio em Trôade, parando em Mileto, mas não foi a Éfeso. Não quis visitar Éfeso naquela ocasião, pois não tinha tempo para se envolver com os problemas e a vida da igreja de lá. Mas, uma vez que o seu navio ia ficar em Mileto por diversos dias, houve tempo para enviar a Éfeso um recado a fim de que os presbíteros da igreja viessem ter com ele rapidamente.



**18-35.** O sermão de Paulo aos **presbíteros** de Éfeso é grandemente significativo porque reflete a simplicidade da organização da igreja primitiva. Lucas chama os líderes de Éfeso de *anciãos* ou **presbíteros** (v. 17), enquanto Paulo os chama de **bispos** (v. 28). Esta palavra é *episcopoi*, traduzido para "bispos" (Fl. 1:1; I Tm. 3:1, 2; Tt. 1:7). **Presbítero** tem antecedentes judeus, enquanto **bispo** tem antecedentes gregos. Está claro que os dois termos designam o mesmo cargo de presbítero-bispo. Só muito tempo depois o bispo se tornou um líder distinto dos presbíteros. Paulo resumiu o seu ministério em Éfeso falando de **testemunhar o evangelho da graça de Deus** (v. 24), **pregando o reino** (v. 25), duas frases que aqui são sinônimas e intercambiáveis. Normalmente, no livro de Atos, o reino de Deus se refere ao escatológico reino da salvação (14:22). Mas nesta passagem, o reino é o resumo de toda a mensagem de Paulo em Éfeso e se refere às bênçãos presentes da redenção em Cristo.

**22.** Paulo ia a Jerusalém sob compulsão divina. Está correto traduzir **constrangido eu pelo Espírito**, que se refere apenas à íntima compulsão de Paulo.

**23.** O Espírito Santo revelara a Paulo, provavelmente pelo pronunciamento de profetas (veja 21:1-14), que **cadeias** e tribulações estavam por vir.

**28.** Este versículo apresenta um difícil problema textual. O melhor dos textos e o mais natural é o que fala da **igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue**. Neste contexto, entretanto, **Deus** refere-se ao **Pai**, e em nenhum lugar das Escrituras encontramos menção do sangue de Deus. Portanto, importantes textos antigos dão *a igreja do Senhor*. Isto, entretanto, é decididamente uma versão inferior; **a igreja de Deus** deve ser preferida. É possível traduzir assim, **a qual ele comprou com o sangue do Seu próprio Filho** (v. Bruce, *Commentary*).

**29, 30.** Paulo predisse que a igreja dos efésios teria dificuldades oriundas de duas fontes: **lobos vorazes** que entrariam na igreja vindos de fora, e falsos mestres que se levantariam no meio dela para desviar da fé

os discípulos. O desenvolvimento da heresia em Éfeso reflete-se em I Tm. 1:3-7.

**33-35.** Paulo lembrou os efésios do seu costume de fazer tendas, não apenas para o seu próprio sustento, mas também para atender às necessidades dos outros que estavam com ele. Citou palavras do Senhor que não se encontram em nenhum dos nossos Evangelhos, referentes à bênção da contribuição. Poucos pronunciamentos autênticos de Cristo sobreviveram fora dos nossos Evangelhos. O principal objetivo da contribuição na igreja primitiva era suprir as necessidades dos irmãos pobres mais do que sustentar a pregação do Evangelho, como é o caso hoje em dia.

**36-38.** A expectativa dos anciãos efésios de que **não veriam mais o seu rosto** não precisa ser compreendida como profecia rígida e inflexível de que Paulo não visitaria mais Éfeso. As Epístolas Pastorais indicam um ministério posterior à sua prisão em Roma. Entretanto, ela reflete, como em 20:22, 24, a expectativa de que sérias dificuldades e uma possível morte estavam diante de Paulo.

## Atos 21

**21:1, 2.** Paulo e seu grupo retomaram a sua viagem por barco, navegando entre as ilhas e o continente. **Cós e Rodas.** Duas ilhas onde passaram a noite ancorados. Rodas era também o nome de uma cidade localizada na ilha do mesmo nome. Em **Pátara**, uma cidade no continente, encontraram um navio que partiria diretamente para Fenícia, deixando a ilha de Chipre à sua esquerda. Ao que parece condições favoráveis permitiram que fizessem uma viagem rápida, pois desse ponto em diante, Paulo já não aparentou mais estar com pressa de alcançar Jerusalém até o Pentecoste.

**3-6.** Quando desembarcaram em Tiro, Paulo teve alguns dias de lazer, pois eram precisos sete dias para o navio **ser descarregado**. Discípulos vieram à Fenícia em resultado da perseguição após a morte de Estêvão (11:19), e agora Paulo os achou ali. Nesta igreja havia profetas

que revelaram **pelo Espírito** que Paulo enfrentaria sérios perigos em Jerusalém. Por isso tentaram dissuadi-lo do seu propósito. Entretanto, quando Paulo insistiu, toda a igreja o acompanhou até o navio, e depois de orarem na praia, o evangelista e o seu grupo embarcaram.

7. Prosseguindo viagem, eles navegaram a **Ptolemaida**, o porto sul da Fenícia, onde Paulo passou um dia com os crentes daquela cidade.

8. Chegando a **Cesaréia**, o apóstolo foi hospedado por **Filipe**, que era evangelista de renome. Filipe, um dos sete escolhidos para supervisionar o ministério junto às viúvas na igreja primitiva (6:3 e segs), evangelizara a Samaria (8:5 e segs. ), o eunuco etíope (8:26 e segs.), e a planície costeira (8:40). Pela última vez aparece em Cesaréia (8:40) e ao que parece estabeleceu-se permanentemente naquela cidade. Ele é chamado de **Filipe, o evangelista**, para distingui-lo de Filipe, o apóstolo.

9. As **quatro filhas de Filipe** tinham recebido o dom da profecia. O fato de que eram **donzelas** (solteiras) é apenas um detalhe interessante e não encerra necessariamente algum significado religioso.

10, 11. Paulo, já não tendo mais pressa em chegar a Jerusalém, passou diversos dias com Filipe. **Ágabo**, um profeta de Jerusalém (11:27, 28) seguindo o exemplo dos profetas do V.T., dramatizou simbolicamente o destino que via para o apóstolo em Jerusalém, e predisse que ele seria entregue **nas mãos dos gentios**.

12, 13. Novamente os crentes tentaram dissuadir Paulo de ir a Jerusalém. Ele replicou que não lhe era importante viver ou morrer, mas que suas lágrimas o ameaçavam de "amolecer sua vontade" (F. F. Bruce).

14. Então os amigos de Paulo acederam à vontade do Senhor. Não temos motivos para pensar que Paulo foi a Jerusalém violando à vontade de Deus. Devemos entender as diversas predições proféticas não como proibições do Espírito Santo mas como advertências do que estava por acontecer. Em resultado dessas profecias, os amigos de Paulo tentaram dissuadi-lo de arriscar a vida; mas o apóstolo continuou firme na

realização dos seus propósitos e no cumprimento da vontade de Deus apesar dos perigos pessoais.

16. O grego neste versículo está um tanto obscuro e poderia ser traduzido para *levando-nos à casa de Mnasom . . . com quem nos deveríamos hospedar*; ou **trazendo consigo Mnasom ... com quem nos deveríamos hospedar**. Se a primeira forma é a correta, Mnasom morava algures entre Cesaréia e Jerusalém (uma viagem de 104 quilômetros) e lá o grupo passou a noite. Entretanto é igualmente possível que Mnasom, um discípulo dos primeiros dias (**velho discípulo** não se refere a sua idade), mas um judeu helenista, possuísse uma casa em Jerusalém, onde planejava hospedar Paulo e o seu grupo. Paulo estava acompanhado de cristãos gentios, e não se sabia como esses gentios seriam recebidos pelos cristãos judeus em Jerusalém. O alojamento fornecido por Mnasom prometia evitar tensões que pudessem surgir por causa da associação entre crentes judeus e gentios.

### V. Expansão da Igreja para Roma. 21:18 - 28:31.

Lucas narrou a expansão da igreja desde Jerusalém, através da Judéia e Samaria, até que uma igreja gentia semi-independente fosse organizada em Antioquia. De Antioquia o Evangelho foi levado por Paulo, em três viagens missionárias, pela Ásia e Europa. Trabalho evangelístico e missionário foi sem dúvida efetuado durante esse tempo pelos outros apóstolos. Não temos, por exemplo, nenhum registro da evangelização do Egito, com Alexandria, seu grande centro. Lucas estava apenas preocupado em traçar as linhas principais do que ele considerava a mais significativa linha da expansão - na direção de Roma. Ali está apenas a necessidade de registrar a missão de Paulo em levar o Evangelho à Roma.

É evidente que não foi propósito de Lucas registrar o início da evangelização de Roma nem os primórdios da igreja de lá, pois ele conta como os irmãos cristãos deram a Paulo as boas-vindas quando chegou à

capital (28:15). Sabemos que Paulo escreveu uma carta à igreja de Roma (Rm. 1:7), mas Lucas não nos dá nenhum registro de como o Evangelho originalmente chegou à Cidade Imperial.

Uma vez que o propósito de Lucas não foi descrever o início da evangelização de Roma, possivelmente foi mostrar que, embora Paulo primeiramente pregasse o reino de Deus aos judeus, voltou-se para os gentios quando os judeus rejeitaram sua mensagem (28:24-31). A expansão geográfica da igreja não era o interesse principal de Lucas; era antes o movimento da história redentora dos judeus aos gentios. Mantendo esse propósito, Lucas dedica espaço considerável ao registro da última visita de Paulo a Jerusalém, não porque a visita fosse importante em si mesma, mas porque provou a final rejeição do Evangelho da parte de Jerusalém.

#### **A. A Rejeição do Evangelho da parte de Jerusalém. 21:18 – 26:32.**

**18, 19.** Em Jerusalém, Paulo foi recebido por Tiago, o irmão do Senhor, que era agora líder da igreja de Jerusalém (15:13) e pelos **presbíteros**. Ao que parece nenhum dos apóstolos estava em Jerusalém nessa ocasião. Paulo foi cordialmente recebido pelos líderes da igreja, aos quais deu um relatório do sucesso do Evangelho entre os gentios. Ele fez uma declaração no sentido dos crentes gentios serem familiarizados com a vida cristã, com base na fé somente, sem a guarda da lei judia. Os líderes da igreja de Jerusalém aprovaram este procedimento de todo o coração.

**20, 21.** Embora os líderes da igreja de Jerusalém ficassem deleitados com o relatório de Paulo, tiveram uma palavra de advertência para ele. Disseram-lhe que havia milhares de **judeus** crentes que mesmo sendo cristãos continuavam **zelosos da lei** de Moisés, e que esses foram informados que Paulo não só pregava o evangelho da graça aos gentios inteiramente à parte da Lei, mas também ensinava os judeus da dispersão a se **apartarem de Moisés** e a negligenciarem o costume de **circuncidar** e a observância dos costumes do V.T. Isto significava que Paulo insistia

que os judeus abandonassem o Judaísmo e deixassem de ser judeus, isto é, que se tornassem gentios.

**22-24.** Tiago e os anciãos de Jerusalém compreenderam que esse boato não era verdadeiro e que Paulo permitia que os crentes judeus, na qualidade de judeus, continuassem na Lei. Mas eles sentiam que algo tinha de ser feito para mostrar aos cristãos judeus que esse boato era falso. *É necessário que a multidão se ajunte* não está nos melhores textos. Sugeriram que Paulo se submetesse à Lei para provar aos judeus que ele não advogava a abolição da Lei para os cristãos judeus. Havia **quatro** judeus que tinham feito voto de nazireu. Isto costumava durar trinta dias, mas eles haviam incorrido em alguma violação, o que os deixava em condições de impureza cerimonial por **sete dias** (v. 27). No final desse período, eles rapariam suas cabeças e ofereceriam certos sacrifícios de purificação a Deus. Os anciãos sugeriram a Paulo que ele se identificasse com esses quatro e praticasse o costume judeu de pagarlhes as despesas dos sacrifícios. Com isto provada à igreja judia que Paulo mesmo aceitava os costumes judeus.

**25.** Tiago assegurou a Paulo que isto não significaria uma alteração na decisão tomada no concílio de Jerusalém, que os gentios deviam ficar livres da Lei, mas que deviam apenas se abster de certas coisas que ofenderiam de modo particular seus irmãos cristãos judeus.

**26.** Paulo aceitou o conselho dos anciãos e durante diversos dias sucessivos (o verbo está no tempo imperfeito) foi ao templo com os quatro judeus para oferecer sacrifício de purificação para cada um deles. Não há nenhuma inconsistência fundamental entre o desejo de Paulo, na qualidade de judeu, de observar a Lei e sua insistência inflexível em que os crentes gentios não fossem colocados debaixo da Lei, uma vez que estavam sob a graça. Como nova criatura em Cristo Jesus, nem a circuncisão ou incircuncisão tinham qualquer importância vital para Paulo (Gl. 6:15). O Evangelista considerava tais práticas religiosas com indiferença, pois o mundo fora crucificado para ele e ele para o mundo (Gl. 6:14). Ele mesmo dizia que se um homem fosse convertido como

judeu, devia permanecer judeu (I Co. 7:18) pois a circuncisão em si mesma nada significa, os cristãos judeus deviam guardar a Lei como judeus, não como cristãos. Mas quando esforços foram feitos para se impor a Lei aos cristãos gentios como base para a salvação, Paulo objetou e insistiu na liberdade completa da Lei. Sem dúvida se os crentes judeus quisessem desistir da prática da Lei, Paulo não se lhes oporia. A posição de Paulo em deixar que a prudência determine os princípios em certos setores é uma questão tão delicada que muitos não o tem compreendido e o tem acusado sem necessidade de inconsistência radical.

**27-29.** Ao que parece o curso de ação de Paulo satisfaz os cristãos judeus, mas despertou a inimizade de um grupo de **judeus** incrédulos **da Ásia** que foram a Jerusalém para adorar na festa do Pentecostes. Esses homens conheceram Paulo na Ásia, e o viram em Jerusalém na companhia de **Trófimo**, um convertido gentio de Éfeso. Quando viram o apóstolo no átrio de Israel, onde só judeus eram admitidos, pularam para a conclusão de que ele introduzira Trófimo com ele nas dependências do templo. O templo incluía um vasto pátio dos gentios no qual os que não eram judeus podiam entrar e sair livremente. Entre esse pátio externo e o átrio de Israel havia um parapeito baixo com inscrições advertindo os gentios a não se aventurarem no átrio de Israel sob ameaça de morte. Duas dessas inscrições foram encontradas. Os judeus da Ásia achavam que Paulo profanara o **recinto sagrado**.

**30.** Um espírito tumultuoso tomou conta da multidão rapidamente, e Paulo foi arrastado do átrio de Israel para o pátio dos gentios. Então **as portas** que separavam os dois pátios **foram fechadas** para evitar que o tumulto persistisse nos recintos sagrados.

**31.** A noroeste do setor do templo ficava a Torre de Antônia, que abrigava uma coorte de soldados romanos sob o comando de um tribuno militar. Esta torre tinha ligação com os átrios do templo através de dois lances de escadas pelas quais podia se chegar rapidamente ao templo em caso de problemas. Uma **força** consistia de mil homens. Uma vez que

Paulo ia ser morto pela população, o **comandante** da guarnição foi avisado de que havia um tumulto.

**32.** Tomando um grupo de pelo menos 200 homens com os respectivos **centuriões**, ele interveio justamente em tempo de salvar a vida de Paulo.

**33.** **Apoderou-se** de Paulo, tomando-o sob custódia protetora, e ordenou que fosse acorrentado a dois soldados por medida de segurança.

**34.** Quando o tribuno tentou determinar a causa do tumulto, os gritos da multidão eram tão contraditórios que não pôde descobrir o que tinha acontecido. Por isso ordenou que Paulo fosse levado pelas escadas até a **fortaleza**.

**35.** Mas quando alcançaram as **escadas** que da área do Templo davam para a Torre de Antônia, a população estava tão violenta que os soldados tiveram de levantar Paulo do chão e carregá-lo.

**37.** Quando chegavam à ponta da escada, Paulo surpreendeu o tribuno falando-lhe em grego.

**38.** Uns três anos antes disso um judeu egípcio incitara uma **sedição** levando quatro mil homens para o Monte das Oliveiras, prometendo que os muros da cidade seriam derrubados diante deles e que poderiam vencer a guarnição romana. Os partidários dessa revolta foram chamados sicários porque todos levavam uma faca (*sica*) escondida em suas roupas com a qual podiam assassinar os oponentes políticos. Esta revolta fora esmagada por Félix, o procurador romano, mas o egípcio escapara. Por algum motivo, o tribuno identificara seu prisioneiro com aquele judeu rebelde.

**39, 40.** Quando Paulo assegurou ao tribuno que ele, como judeu, tinha o direito de entrar no recinto do templo e que ele era um cidadão da importante cidade de Tarso, o oficial permitiu que tentasse acalmar a população. O apóstolo colocou-se no alto das escadas que davam para a corte dos gentios, enquanto os soldados ficaram abaixo dele nas escadas. Tendo conseguido captar a atenção da população, Paulo começou a lhes



falar no dialeto aramaico, que era a língua judia comum da Palestina e Ásia ocidental.

## Atos 22

**22:1, 2.** Muitos judeus da Diáspora só falavam o grego; e por isso quando o apóstolo inesperadamente falou à multidão em seu próprio dialeto, ganhou sua atenção.

**3.** Paulo tentou ganhar a simpatia deles assegurando-lhes que ele entendia perfeitamente a fé judia. Embora tivesse nascido em Tarso, fora instruído em Jerusalém, aos pés de Gamaliel, que era um dos mais famosos rabis daquele tempo. Fora, assim, educado de acordo com a lei dos judeus e era **zeloso para com Deus** como eles mesmos.

**4, 5.** Tentou ainda ganhar a simpatia dos judeus fazendo a multidão lembrar que, como zelote da Lei, perseguira os seguidores **deste Caminho**. Fê-los lembrar que **o sumo sacerdote e todos os anciãos** (o Sinédrio Judeu) podiam confirmar seu testemunho, pois eles lhe deram cartas de extradição para os irmãos judeus em Damasco a fim de que os crentes judeus que fugiram para essa cidade fossem presos.

**6-16.** O apóstolo contou aos judeus o que o afastara do seu zelo pelas tradições judaicas (cons. narrativa anterior de sua conversão, Atos 9). Ele enfatizou que a comissão por ele recebida do Cristo ressurreto, que subira ao céu, viera a ele através de um crente judeu que era um **homem... piedoso conforme a lei**, e que tinha boa reputação entre os judeus em Damasco. Ananias lhe dissera que o Deus de nossos pais, isto é, o Deus de Israel, o escolhera para conhecer **a sua vontade** e ver o **Justo** (veja 3:14; 7:52 com referência a este título), e para ser uma testemunha diante de todos os homens sobre tudo quanto experimentara. Ananias exortara Paulo a seguir a ser balizado em sinal de remoção de pecados, **invocando o nome dele**.

**17-21.** Paulo falou de uma confirmação desta chamada que lhe foi dada através de uma visão depois que retornou a Jerusalém (9:26). Uma vez que Paulo não estava preocupado em apresentar uma narrativa

completa de sua experiência, ele omitiu sobre os três anos passados na Arábia (cons. Gl. 1:17, 18). Ele contou um outro aspecto de sua experiência em Jerusalém que Lucas não registrou em sua narrativa precedente. Atos 9 diz que Paulo foi enviado de Jerusalém pelos irmãos para escapar à conspiração que tinha o fim de matá-lo (vs. 28-30). Aqui Paulo nos diz que ele deixou Jerusalém em resposta a uma palavra do Senhor. Enquanto orava no Templo como judeu fiel que era, Deus o advertiu em um transe que Jerusalém não receberia sua mensagem e que, portanto, **apressa-te e sai logo de Jerusalém**. Paulo protestou dizendo que o conhecimento que os judeus tinham de seu zelo anterior e da sinceridade na perseguição aos cristãos convenceria a todos da realidade de sua conversão. O Senhor replicou que ele devia partir de Jerusalém, pois seria enviado **para longe, aos gentios**. A palavra *martus* (v. 20), às vezes traduzida *mártir*, é realmente **testemunha**. Só aos poucos é que passou a designar a testemunha selada com o seu próprio sangue.

**22, 23.** A população ouviu-o até que mencionou os gentios. A palavra gentios acendeu a centelha da lenha da ira dos judeus, e começaram a gritar pedindo a morte do prisioneiro, **arrojando de si as mas capas, e atirando poeira para o ar em atitude de ira**.

**24.** O **comandante**, percebendo que da população não obteria informação correta, decidiu tentar extrair uma confissão de Paulo por meio da tortura. Embora o açoitamento fosse procedimento legal com os escravos, um homem livre não podia ser legalmente açoitado.

**25.** Quando estavam **amarrando** Paulo a fim de que fosse açoitado, ele perguntou se era lícito açoitar um cidadão romano que nem sequer fora julgado.

**26-28.** A cidadania romana podia ser obtida por nascimento quando os pais eram cidadãos romanos, ou como uma concessão do governo romano. Depois de ter sofrido aquele abuso, Paulo apresentava um espetáculo bastante triste; e talvez as palavras do tribuno implicassem em que tal pessoa devia ter obtido sua cidadania a custo muito baixo. Paulo replicou que ele não comprara a cidadania mas que nascera de pais

que já eram cidadãos, mas costuma-se supor que esta cidadania lhe foi dada como recompensa por algum serviço prestado a algum governador romano.

**29.** Depois destas palavras, os soldados que iam torturar Paulo imediatamente **se afastaram**, o comandante ficou receoso pois dera início a um procedimento ilegal contra um cidadão romano.

**30.** Decidiu que a atitude adequada a tomar seria pedir ao Sinédrio judeu que interrogasse o prisioneiro e determinasse se existia base adequada para um processo legal contra Paulo.

## Atos 23

**23:1.** Paulo começou sua defesa diante do Sinédrio, proclamando que agira **diante de Deus com toda boa consciência**, não apenas nestes negócios em que estava sendo acusado mas durante toda a sua vida.

**2. Ananias** era o sumo sacerdote em 48-58 A.D. Ele era conhecido como um homem ganancioso, insolente e despótico. Enfurecido pela ousadia de Paulo, ordenou a alguém que estava perto do apóstolo **que lhe batesse na boca**.

**3.** Jesus também foi esbofeteado em seu julgamento (Jo. 18:22) e desafiara a propriedade desta atitude. Com indignantes palavras Paulo reclamou desse comportamento irregular da parte de um membro do Sinédrio, acusando os que proclamavam defender a Lei de na verdade eles mesmos violarem a Lei. **Parede branqueada** sugere uma parede instável cuja posição precária fosse disfarçada com generosa camada de cal (Bruce, *Commentary*). O significado é que, embora ocupasse alta posição, Ananias teria muitos desgostos. E realmente Ananias foi assassinado cerca de oito anos mais tarde.

**4, 5.** Quando Paulo foi repreendido por falar em tão fortes termos com o **sumo sacerdote de Deus**, desculpou-se, dizendo que **não sabia** que este homem é o **sumo sacerdote**. Nenhuma explicação foi dada quanto ao por quê Paulo não reconheceu o sumo sacerdote, o qual costumava dirigir as reuniões regulares do Sinédrio e portanto era

facilmente identificável. Possivelmente não era uma sessão regular do Sinédrio e o sumo sacerdote portanto não estava ocupando a sua posição costumeira nem usando suas roupas oficiais. Possivelmente Paulo não viu de quem viera a ordem para esbofeteá-lo. Alguns acham que suas palavras continham ironia e que Paulo quis dizer que não achava que um homem que agisse assim pudesse ser o sumo sacerdote.

6. Esta conduta arbitrária e ilegal do sumo sacerdote fez Paulo perceber que não poderia esperar um interrogatório justo do Sinédrio. Portanto ele recorreu a um estratagema para dividir seus oponentes. O Sinédrio era composto de **fariseus e saduceus**, que diferiam em importantes pontos de doutrina. Os fariseus, que desenvolveram uma elaborada tradição com base em todo o V.T., criam na ressurreição corporal e em uma elaborada hierarquia angélica e demoníaca no mundo espiritual. Os saduceus rejeitavam os últimos desenvolvimentos da teologia judia, negando tanto a doutrina da ressurreição quanto a angelologia e demonologia. Na qualidade de fariseu, Paulo cria na doutrina da ressurreição. Como cristão, o ensinamento da ressurreição tomou novo significado para ele porque estava inseparavelmente ligado à ressurreição de Jesus Cristo. Na mente de Paulo, o fato dos saduceus negarem a ressurreição tomava o Cristianismo completamente - impossível, "porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou" (I Co. 15:16). Os cristãos primitivos encontraram sua primeira oposição nos saduceus quando proclamaram a doutrina da ressurreição dos mortos em Jesus (4:1, 2). Agora Paulo assegurava que ele era um fariseu, que a pergunta fundamental em jogo era da ressurreição dos mortos, e que era realmente por causa desta doutrina que ele estava sendo julgado.

9. Isto dividiu a assembléia. Os **escribas** isto é, os estudantes da Lei, que pertenciam ao partido **dos fariseus**, apoiavam Paulo chegando até a sugerir que as duas visões que ele experimentara perto de Damasco e em Jerusalém deviam ser visitas de **algum espírito ou anjo**. As palavras, *não resistamos a Deus* (ERC) só se encontra nos textos gregos

mais recentes e foram inseridas fazendo eco às palavras de Gamaliel em 5:39.

**10.** Podemos presumir que a oposição dos judeus ortodoxos partiu dos sacerdotes saduceus por causa da acusação feita contra Paulo de contaminar o Templo (21:28). Agora que Paulo obteve a simpatia dos fariseus, a ordem se transformou em caos, e o prisioneiro ficou em perigo de sofrer fisicamente dos elementos do Sinédrio que se lhe opunham. Por isso o tribuno romano ordenou que os soldados intervissem para levar Paulo à Torre de Antônio (**fortaleza**).

**11.** Estas experiências fizeram Paulo sentir que seus piores pressentimentos sobre os sofrimentos em Jerusalém (20:22-24) estavam para se cumprir. Nessa noite teve uma visão tranquilizante na qual ficou sabendo que não seria morto em Jerusalém mas que, finalmente, chegaria a **Roma**.

**12, 13.** Os fanáticos oponentes de Paulo inventaram agora um outro meio de acabarem com ele. Um grupo de mais de quarenta **judeus** conspiraram e **juraram** que matariam Paulo ou jejuariam até morrer. A extensão de seu fanatismo pode ser entendido quando compreendemos que a execução dessa conspiração certamente resultaria na morte de muitos deles nas mãos da forte guarda romana que protegia Paulo. Esse risco, entretanto, não deteve esses fanáticos.

**14, 15.** A fim de obter a cooperação desses **principais sacerdotes e anciãos** que se opunham a Paulo, eles o informaram do plano. Os sacerdotes deviam convocar uma reunião do concílio, o qual pediria ao tribuno que trouxesse Paulo uma segunda vez diante do Sinédrio sob a pretensa alegação de que desejavam determinar os fatos do caso mais detalhadamente. Os judeus conspiradores ficariam de tocaia entre a Torre de Antônio e a Casa do Concílio para arrebataram Paulo à guarda romana, matando-o. Embora o plano tenha falhado, esses judeus sob juramento não chegaram a morrer de fome, pois a casuística dos escribas tinha meios de desobrigá-los de tais votos.

**16.** Quase nada sabemos sobre a família de Paulo. Geralmente se presume que as palavras do apóstolo Paulo em Fl. 3:8, onde diz que sofreu "a perda de todas estas coisas", significam que ao se tornar um cristão, sua família o tenha deserdado. Paulo nunca se referiu a nenhum membro de sua família. Sabemos, entretanto, que tinha um sobrinho, um **filho da irmã**, que de algum modo ficou sabendo sobre o plano **da trama**. Como obteve tal informação só podemos imaginar. Ele tinha, entretanto, tão bons sentimentos em relação a Paulo, que trouxe-lhe a advertência na Torre de Antônio. Imediatamente Paulo o enviou ao tribuno com a sua informação.

**23, 24.** O tribuno, percebendo que tinha em suas mãos uma situação explosiva, determinou resolver o problema enviando Paulo sob pesada guarda ao procurador romano na capital de Cesaréia. **A hora terceira da noite** era entre as 21 e 22 horas. A palavra traduzida para *archeiro* (ERC) não foi encontrada em nenhuma outra obra, e o seu significado é incerto. Literalmente significa *segurando pela direita*. Era uma guarda muito forte, mas pouco usada, mas o tribuno não queria se arriscar a ter seu prisioneiro assassinado, sob sua responsabilidade.

**25-30.** Sua carta ao procurador **Félix** explica seus motivos para lhe enviar Paulo. Pela primeira vez temos o nome do tribuno, **Cláudio Lísias**. O **governador** ou procurador Félix recebe o tratamento de **excelentíssimo**; *Sua Excelência*. Era a forma normal para se tratar os membros da ordem dos cavaleiros romanos e também os governadores de certas províncias. É o mesmo título dado a Teófilo em Lc. 1:3. A explicação do tribuno faz parecer que ele reconheceu a Paulo como romano antes de livrá-lo dos judeus (v. 27). O versículo 28 sugere que o interrogatório diante do Sinédrio não foi um julgamento formal, mas uma investigação preliminar para determinar a natureza do caso. Lísias não faz referência, é claro, ao fato de quase ter açoitado Paulo.

**31. Antipátride** ficava cerca de cinquenta e seis a sessenta e quatro quilômetros de Jerusalém. Uma marcha forçada levou Paulo e sua guarda reforçada até esse ponto pela manhã.

**32, 33.** Agora o perigo imediato de assassinato tinha passado, e os quatrocentos soldados da infantaria mais os arqueiros retornaram a Jerusalém, enquanto os setenta cavaleiros acompanharam Paulo a distância que restava até Cesaréia.

**34.** Antônio Félix era o governador ou procurador da Judéia entre os anos 52 e 58 A.D. Nossas fontes históricas referem-se a ele como sendo um homem perverso. Tácito diz que "ele exercia suas funções de príncipe com todo o tipo de crueldade e luxúria e a mente de um escravo" (*Histories* 5:9). Seu período de governo na Palestina caracterizou-se pelo crescente espírito de insurreição, e ele governou com mão cruel e pesada. Em um caso como este, ele tinha de determinar a província de origem do prisioneiro, pois um homem acusado podia ser julgado em sua própria terra natal ou no país onde cometera o crime. Uma vez que a **Cilícia** era província romana, um governador romano podia proceder ao exame sem consultar nenhum príncipe nativo. Quando Jesus apareceu diante do procurador da Judéia, Pôncio Pilatos, o procurador, enviou-o a Herodes Antipas, que governava a Galiléia, da qual vinha Jesus. No caso de Paulo, não se achou necessário uma tal consulta externa.

**35.** Félix colocou Paulo sob custódia no **pretório de Herodes** (Gr. *praetorium*). Herodes, o Grande, fizera de Cesaréia a capital de toda a Palestina e edificara um palácio nesta cidade. Esta residência real fora tomada pelos governadores romanos e transformada em residência deles e sede das atividades administrativas.

## Atos 24

**24:1.** **Tértulo** era um nome comum no mundo romano. Este Tértulo era um *advogado* (**orador**: porta-voz é demasiado sem graça) familiarizado com os procedimentos legais romanos, que forneceu conselho profissional a **Ananias** e os **anciãos**. Como representante dos seus clientes, **passou a acusá-lo** diante do governador.

2. O uso que Tértulo faz da primeira pessoa do plural em seu discurso pode indicar que talvez ele mesmo fosse um judeu ou simplesmente que estivesse se associando aos seus clientes. A expressão **nossa lei** se genuína, pode indicar que ele era de fato judeu. Tértulo começou o seu discurso com as costumeiras expressões de elogios ao governador. De acordo com os melhores textos, ele citou as **reformas** que Félix fizera em benefício dos judeus.

3. A palavra traduzida para **excelentíssimo Félix** é a mesma palavra usada em 23:26 e Lc. 1:3.

4. **Clemência.** Antes, *bondade, moderação, ou nobreza*. Na verdade, Félix era conhecido por sua ferocidade mais do que pela nobreza.

5, 6. Tértulo alegou uma acusação tripla contra Paulo: 1. Ele era uma peste, que criara dissensão entre os judeus através do mundo. 2. Ele era o cabeça da seita dos nazarenos. 3. Ele tentara profanar o templo. A palavra traduzida para **promove sedições** pode se referir simplesmente a dissensões entre os judeus, mas pode também encerrar uma acusação velada de que Paulo era um líder de movimentos judeus que eram sediciosos contra Roma. Neste caso, esta acusação era inteiramente sem fundamento, pois em todos os casos em que Paulo comparecera diante de governadores gentios, fora exonerado de qualquer tendência sediciosa.

Esta é a única passagem do N.T. onde os discípulos de Jesus são chamados de nazarenos. O termo continuou sendo uma designação dos cristãos na linguagem semita, e hoje em dia ele é usado no hebraico e árabe. **Seita** é palavra usada por Josefo para designar os diversos partidos dentro do Judaísmo, tais como os fariseus e saduceus. Os cristãos ainda não eram reconhecidos como um grupo separado, mas eram considerados como um partido dentro do Judaísmo. Tértulo moderou a primeira acusação (21:28) de que Paulo tivesse realmente profanado o Templo e alegou que ele simplesmente tentara fazê-lo. Real convicção de profanação do Templo teria fornecido a base necessária para a execução legal.



**6b-8a.** Estas palavras não se encontram nos textos mais antigos, mas podem ser autênticas. Tértulo alegou que o Sinédrio judeu estava manejando o caso de Paulo de maneira perfeitamente legal, quando o tribuno romano, Lísias, sem justificação, interveio e tomou Paulo pela força em suas mãos. Esta é, certamente, uma séria distorção de fatos; mas Lísias não estava presente para apresentar o seu lado da história.

**10.** Paulo apresentou sua defesa com um muito modesto elogio a Félix, dando a entender que a experiência do governador em lidar com os judeus por tanto tempo daria ao acusado um julgamento honesto.

**11-13.** O apóstolo negou categoricamente a acusação de provocar dissensões.

**14, 15.** Ele admitiu que era um seguidor do **Caminho**, mas declarou que este era um genuíno cumprimento da fé do V.T. e se fundamentava na esperança da ressurreição. **Seita** traduzido para *heresia*, não designa nenhuma tendência "herética", mas um partido legítimo dentro do Judaísmo. Em nenhum lugar de suas epístolas Paulo afirma a **ressurreição tanto de justos como de injustos**, embora sua doutrina do juízo dos injustos pode indicá-la. Nas epístolas, Paulo, primeiramente, se preocupa com a ressurreição daqueles que estão em Cristo. Não há nenhuma necessidade de concluir que Paulo aqui estivesse sugerindo que a ressurreição de todos os homens acontecerá ao mesmo tempo. I Co. 15:23, 24 dá a entender que a ressurreição daqueles que estão em Cristo ocorrerá antes do "fim", quando acontecerá a ressurreição final.

**17, 18.** Esta é a única referência clara no livro de Atos ao propósito de Paulo de visitar Jerusalém, propósito este que ocupa tanto lugar em suas epístolas. O evangelista trouxera uma coleta das igrejas gentias para os cristãos pobres em Jerusalém.

**19-21.** Paulo declarou que não havia nenhuma prova de qualquer coisa errada que ele tivesse praticado e que a única verdadeira acusação contra ele era a doutrina relativa à ressurreição dos mortos. Este era um assunto no qual uma corte romana não se interessaria nem poderia julgar.

**22, 23.** Félix já tinha um certo conhecimento desta nova seita do Judaísmo chamada o **Caminho**. Talvez obtivesse essas informações de sua esposa Drusila (veja v. 24). Entretanto, as declarações de Tértulo e Paulo corporificavam testemunhos conflitantes, e por isso ele adiou a audiência até que Lísias, o tribuno romano, viesse a Cesaréia, quando prometeu tomar **inteiro conhecimento** do caso. Paulo foi posto sob custódia com considerável liberdade, tendo permissão de receber ajuda de seus amigos. Lucas não nos informa se Lísias foi ou não à Cesaréia e se a prometida audiência se realizou.

**24. Drusila** era a filha mais jovem de Herodes Agripa I (veja 12:1). Ela fora casada com o Rei de Emesa, um pequeno estado da Síria, mas Félix a persuadira a deixar seu primeiro marido para casar-se com ele. O governador queria saber mais sobre o Caminho, e por isso disse a Paulo que lhe falasse mais **a respeito da fé em Cristo**.

**25.** Paulo adaptou a sua mensagem à situação, enfatizando as implicações éticas do Caminho. Sua mensagem de **justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro**, muito compreensivelmente, alarmou Félix, que dissolveu a audiência adiando-a para outra ocasião.

**26.** O governador compreendeu perfeitamente que não havia nenhum caso contra Paulo e que ele devia ser solto. Embora aceitar um suborno para soltar um prisioneiro fosse proibido pela lei romana, era prática comum e bastante consistente com o caráter de Félix. O procurador, portanto, reteve Paulo prisioneiro e conversava com ele freqüentemente esperando receber um suborno.

**27.** No fim de dois anos, o governador foi chamado de volta à Roma pelo imperador Nero sob a acusação feita pelos judeus de má administração. **Pórcio Festo** sucedeu-lhe como procurador da Judéia. Embora Félix soubesse que a justiça requeria a soltura de Paulo, deixou-o na prisão porque viu que assim agradaria aos judeus. Ainda que este encarceramento de dois anos deve ter sido muito penoso para Paulo, houve um fato atenuante, a permanência de Lucas na Palestina com o apóstolo todo esse tempo. É quase certo que Lucas aproveitou esse

tempo para colher informações sobre a vida e o ministério de Jesus e para comparar anotações sobre a vida da igreja primitiva, Esse material mais tarde apareceu no Evangelho de Lucas e no livro de Atos.

## Atos 25

**25:1.** Festo foi um governador bem mais honrado e honesto do que Félix. Mas nessa ocasião a Palestina se transformara em um viveiro de agitações constantes, e ele morreu durante o seu mandato sem poder aquietar as perturbadas condições. Primeiro Festo foi à Cesaréia, a capital de sua província. Entretanto, uma vez que Jerusalém era a capital religiosa, achou aconselhável fazer logo uma visita àquela cidade para tentar estabelecer um bom relacionamento com os líderes de seus novos súditos.

**2, 3.** Os chefes judeus pensaram ver nessa visita uma oportunidade para pressionar um governador novo e inexperiente. Por isso **pedindo como favor:** que enviasse o prisioneiro Paulo a Jerusalém. Talvez os mesmos quarenta judeus que antes conspiraram para matar Paulo tornassem a planejar para fazê-lo a caminho de Jerusalém.

**4, 5.** Festo não viu motivos para lhes conceder esse favor. Pretendia logo retornar à Cesaréia e convidou **os que dentre vós estiverem habilitados**, ou homens de capacidade a acompanharem-no em seu retorno para acusarem Paulo na capital.

**6, 8.** Uns dez dias mais tarde, quando a audiência se realizava em Cesaréia, os líderes judeus fizeram graves acusações contra o apóstolo para as quais, entretanto, não podiam apresentar provas tangíveis. Paulo negou categoricamente que tivesse cometido alguma ofensa contra a Lei, contra o Templo, ou contra César.

**9.** Como recém-chegado à Palestina, ainda não familiarizado com os negócios judeus, Festo não penetrou no ponto da questão (veja v. 20). As acusações e a defesa contradiziam-se categoricamente. Entretanto, as coisas andavam tão instáveis na Palestina, que lhe parece que devia tentar ganhar a boa vontade dos líderes judeus. Eles haviam

anteriormente insistido que Paulo fosse levado a Jerusalém para julgamento; por isso Festo sugeriu ao prisioneiro que o julgamento fosse transferido para Jerusalém, o cenário dos crimes alegados.

**10.** Paulo achou este plano completamente desarrazoado. Em Jerusalém tivera de ser libertado de uma conspiração contra a sua vida, e parecia-lhe ser completa insensatez arriscar-se novamente a tal perigo. Embora Paulo não estivesse condenado por crime algum, Festo parecia desejoso de conciliar os judeus às expensas do apóstolo, e Paulo sem dúvida temia o que podia vir a ser o final dessa rota de conciliação. Havia uma alternativa para fugir ao perigo no fato de ser um cidadão romano, isto é, apelar para César. Ele tinha confiança de que em Roma receberia julgamento justo; mas diante do inexperiente Festo, temia a influência dos judeus.

**11.** Este versículo sugere que verdadeiro perigo de morte aguardava Paulo em Jerusalém nas mãos dos judeus. O apóstolo declarou que estava pronto a sofrer a pena de morte se o julgassem culpado. A pena de morte, entretanto, tinha de ser imposta pela justiça romana; não podia ser imposta pelos judeus. Por isso Paulo apelou para César.

**12. O Conselho.** Não o Sinédrio judeu mas um círculo de conselheiros que acompanhavam Festo. Ao que parece apelar para César não funcionava automaticamente; mas Festo, com a ajuda do seu conselho, atendeu o pedido.

**13.** Antes que Paulo fosse mandado embora, Agripa, um rei nativo, veio à Cesaréia para cumprimentar Festo, novo governador romano. Herodes **Agripa** II era o filho do primeiro perseguidor da igreja (cap, 12). Quando Agripa I morreu, seu reino foi oferecido a seu filho mas sob o controle de governadores romanos. No ano 53 A.D., Agripa II recebeu os antigos tetrarcados de Filipe e também Lisânias, uma pequena área ao norte da Palestina. Mais tarde, certas cidades da Galiléia e Peréia foram acrescentadas a este seu domínio. Além disso, foi-lhe confiada a importante função de supervisão do tesouro do templo em Jerusalém com a nomeação do sumo sacerdote. Isto lhe concedeu grande influência

nos negócios judeus, e os seus interesses assim coincidiram em parte com os de Festo. **Berenice**, irmã de Herodes, fora esposa de um tio, Herodes de Chalcis, seu marido morrera e agora morava com seu irmão em Cesaréia de Filipe.

**14-21.** Estando Agripa em Cesaréia, ocorreu a Festo que essa era uma admirável oportunidade de receber ajuda na formulação do relatório que devia enviar a César explicando o caso de Paulo e os motivos de seu apelo ao imperador. Agripa, que estava familiarizado com a religião judia, seria capaz de analisar exatamente a natureza do problema que Festo não conseguia entender. Por isso ele esboçou o caso, indicando que as acusações não pareciam envolver nenhum crime (v. 18) mas apenas algumas **questões** sobre pontos delicados da religião judaica (*superstição*) e sobre um tal Jesus que Paulo afirmava ter ressuscitado. A palavra traduzida para **investigar** (v. 20) tornou-se mais tarde um termo técnico legal. **Augusto** é uma tradução enganosa. A palavra, que é uma tradução do latim, Augustus, significa "o venerado" ou "o augusto"; era aplicado a todos os imperados romanos. Augusto foi o primeiro governador romano; nessa época o imperador era Nero. O termo moderno equivalente a Augusto seria "sua majestade".

**23.** Mais uma audiência, portanto, foi designada diante de Festo, Agripa, Berenice, e um conselho consistindo de **oficiais** superiores militares e **homens eminentes da cidade**.

**24-27.** Festo explicou o propósito dessa audiência. Ele não encontrava motivos porque ceder às exigências dos líderes judeus para condenar Paulo à morte; mas, uma vez que o prisioneiro apelara para o imperador, Festo tinha de escrever uma carta explicando o caráter das acusações que não entendia. **Soberano** (v. 26) aqui se refere ao imperador. Este título era usado nas províncias romanas da Ásia para designar os imperadores e tinha uma conotação divina. O imperador Calígula (A.D. 12- 41) era o primeiro a se intitular *Dominus*, e à prática mais tarde se tornou comum.

**Atos 26**

**26:1.** Quando Agripa concedeu a Paulo permissão de falar por si mesmo, o apóstolo, **estendendo a mão**, num gesto de saudação, **passou a defender-se**.

**2, 3.** Ele expressou sua satisfação em poder defender-se diante do Rei Agripa, porque o rei era versado nos costumes e problemas dos judeus. Embora Agripa recebesse o seu trono de Roma e era pró-Roma nas suas simpatias, também compreendia os judeus e tinha reputação na promoção dos interesses judeus até onde era possível. Por isso Paulo achou que poderia convencer Agripa que a sua mensagem não era mais que o cumprimento de sua fé hereditária judia. O apóstolo fez um esboço de sua educação, primeiro **entre o meu povo**, em Tarso, na Cilícia, e mais tarde em Jerusalém. Todos os judeus sabiam que Paulo fora educado **conforme a seita mais severo da nossa religião**, isto é, que ele era fariseu.

**6-8.** Uma das doutrinas centrais da fé dos fariseus era a da ressurreição. A promessa que Deus fizera aos pais estava ligada à esperança da ressurreição; e agora era exatamente por causa dessa esperança que os próprios fariseus alimentavam que Paulo estava sendo acusado pelos judeus. Qualquer um que conhecesse a promessa dada aos pais, disse Paulo, não lhe pareceria incrível que Deus ressuscita os mortos. A posição do *pelos judeus* (v. 7) é muito enfática, sugerindo que era uma coisa inteiramente inusitada que os judeus tendo a esperança da ressurreição, pudessem acusar Paulo por alimentar essa mesma esperança.

**9-11.** Paulo explicou como fora levado a associar sua fé em Jesus com a ressurreição. Ele nem sempre fora dessa convicção, pois antes estivera convencido que devia se opor ao nome de Jesus de Nazaré. Esta narrativa descreve mais detalhadamente que a anterior, a perseguição de Paulo contra a igreja primitiva. O fato de alguns cristãos serem condenados à morte não é mencionado em nenhum outro lugar no livro de Atos. O método de Paulo era obrigá-los a **blasfemar** contra o nome

de Cristo e assim renunciar a sua fé. O tempo do verbo em grego indica que Paulo fracassou no seu intento.

**Obrigando-os a blasfemar** diz mais do que a verdade. Chamar Jesus de anátema significava renunciar a fé cristã.

**12-14.** Esta é a única das três narrativas da conversão de Paulo que contém as palavras, **Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões.** **Dura coisa** significa "é doloroso" mais do que "é difícil". **Aguilhões.** Instrumentos usados para cutucar bestas de carga. Era um provérbio usado no grego e no latim mas não no hebraico ou aramaico daquele tempo. Provavelmente indica que Paulo não se sentira de todo à vontade com sua consciência no tocante à perseguição aos cristãos. Não devemos pensar que Paulo estivesse sob uma grande convicção de pecado, pois em outro lugar ele nos diz que perseguia a igreja por ignorância (I Tm. 1:13). Entretanto, lá no fundo de sua mente havia a importuna convicção de que Estêvão e os outros cristãos possivelmente estivessem com a razão; e agora o Senhor lhe mostrava que essa pressão era divina.

**16-18.** Diante de Herodes não havia necessidade de se referir a Ananias como antes (22:14), quando Paulo apelava a judeus ortodoxos. Por isso Paulo atribuiu sua chamada diretamente ao Senhor sem mencionar agentes humanos. Sua experiência o convencera de que Jesus, a quem perseguira, estava vivo, e que o enviara tanto a **este povo**, isto é, aos judeus como aos **gentios**. Paulo colocou diante de Agripa a questão crucial: sua mensagem não era apenas para Israel mas também para os gentios; ambos tinham de ser iluminados, para que voltassem **das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus**. Assim receberiam a **remissão de pecados** e uma herança **entre os que são santificados** pela fé em Cristo. Este versículo, que é o resumo da mensagem de Paulo, é muito parecido com Cl. 1:12-14.

**19, 20.** Estes versículos não têm a intenção de fornecer um esboço cronológico, mas simplesmente um resumo rudimentar de toda a carreira missionária de Paulo. Paulo pregou o arrependimento e a conversão primeiramente em Damasco, depois em Jerusalém, e então por toda a

Judéia e também aos gentios, como fora comissionado a fazer. Há um problema de harmonização desta declaração com Gl. 1:22, que diz que Paulo não era pessoalmente conhecido pelas igrejas de Cristo na Judéia. Possivelmente o texto certo seria, "em todas as terras, tanto a judeus como a gentios" (veja Bruce, *Commentary*, segundo Blass).

**21.** Festo não fora capaz de entender as razões básicas da animosidade dos judeus contra Paulo. Paulo explicou que ele estivera proclamando o cumprimento da promessa feita aos pais da inclusão dos gentios além dos judeus. Por esse motivo os judeus o agarraram no Templo e tentaram matá-lo. "Conhecendo os judeus como conhecia, talvez Agripa entendesse por que acalentavam tal animosidade contra um ex-rabino que oferecia aos crentes gentios os privilégios espirituais em pé de igualdade com o povo escolhido" (F. F. Bruce).

**22, 23.** Paulo concluiu insistindo que a sua mensagem não continha nada além daquilo que Moisés e os profetas já previram, isto é, **que o Cristo devia padecer** e que devia ser **o primeiro da ressurreição dentre os mortos** e que proclamaria a luz tanto a judeus como a gentios. Isto explica porque Paulo anteriormente colocara tal ênfase sobre a Ressurreição. A tradicional esperança judia da ressurreição tomara agora um novo rumo por causa da ressurreição de Cristo. A ressurreição do Messias não foi um acontecimento isolado, mas o começo da própria ressurreição. Cristo era "as primícias dos que dormem" (I Co. 15:20), "o primogênito dentre os mortos" (Col. 1:18).

**24.** Para o romano Festo, esta linha de pensamento não podia ser acompanhada por um homem de mente sã. Paulo era obviamente um homem de estudos extensos, mas devia estar louco para acolher tais idéias sobre a ressurreição dos mortos.

**25-27.** Paulo replicou que ele estava inteiramente lúcido e falava **palavras de verdade**. Depois apelou para o Rei Agripa para dar testemunho da sobriedade e sanidade do que acabara de dizer. Fez Agripa lembrar que a morte e ressurreição de Jesus não lhe eram **ocultas**, pois não aconteceram **em algum recanto** onde ninguém as pudesse ver.



Quando alguém confere esses acontecimentos com os profetas, deve-se convencer da lógica da posição de Paulo; e Paulo por isso apelou diretamente ao rei.

**Acreditar... nos profetas?... Bem sei que acreditas.** Este apelo colocou Agripa em um dilema desconfortável. Como representante de Roma e colega de Festo na administração do governo, não queria que Festo o achasse capaz de partilhar da insanidade de Paulo, e por isso teria sido desagradável concordar com Paulo admitindo que cria nos profetas. Por outro lado, negar que cria nos profetas prejudicaria seriamente sua influência com os judeus.

Agripa portanto desviou-se do apelo de Paulo, respondendo, **Por pouco me persuades a me fazer cristão!** A frase grega é muito difícil e foi literalmente traduzida.

**Por pouco** pode significar *em pouco tempo* ou *resumindo*. **A me fazer cristão** pode significar *tornar-se cristão* ou fazer-se passar por cristão. Agripa não estava a ponto de se tornar um cristão. Sua observação pode ser uma sarcástica defesa diante do apelo de Paulo: "Você acha que com tão pouco tempo poderá fazer de mim um cristão!" Entretanto, a tradução acima sugerida (de F.F. Bruce) faz Agripa repetir o apelo de Paulo, replicando que Paulo não o fará passar por cristão a fim de persuadir Festo sobre a correção da posição do prisioneiro.

**29.** Paulo tomou a sério o leviano comentário de Agripa e replicou solenemente, **por pouco ou por muito** (literalmente) ele desejaria que todos os homens que o ouvissem se tomassem cristãos como ele era - com a exceção das cadeias que estava usando por ser um cristão.

**30-32.** Quando Paulo terminou sua defesa, Festo, Agripa e Berenice, com seus conselheiros, retiraram-se para discutir o assunto. Era óbvio que Paulo não transgredira nenhuma lei e não merecia nem a morte nem a cadeia. Devia ser simplesmente libertado; mas já que apelara para César, o procedimento legal tinha de ser executado e o apelo tinha de ser cumprido até o fim. Supomos que Festo, com a ajuda de

Agripa, escreveu a carta ao imperador explicando as acusações dos judeus e recomendando a libertação de Paulo.

### **B. Recepção do Evangelho em Roma. 27:1 – 28:31.**

Agora Lucas narra a viagem de Paulo da Palestina à Itália e sua recepção em Roma. O fato de Lucas contar em detalhes esta viagem prova como era importante para o seu propósito. O motivo da viagem, na narrativa de Lucas, não é a evangelização inicial da capital romana, mas a rejeição do Evangelho pelos judeus em Roma e sua aceitação pelos gentios. Isto leva ao clímax um dos motivos centrais de todo o livro - a rejeição de Israel e o surgimento da igreja gentia.

### **Atos 27**

**27:1, 2.** A narrativa da viagem de Paulo começa com a terceira seção na primeira pessoa do plural. A última referência com o "nós" foi em 21:18, quando Paulo, na companhia de Lucas, chegou a Jerusalém; e devemos deduzir que durante os dois anos da prisão de Paulo, Lucas se encontrava no setor da Cesaréia. Agora Lucas acompanha Paulo com **Aristarco** de Tessalônica (veja 19:29; 20:4), que viera com o apóstolo de Tessalônica até Jerusalém. As autoridades romanas entregaram Paulo a um centurião chamado Júlio. O grupo chamado **Coorte Imperial** não tem sido identificado com muita certeza. O centurião era responsável pela segurança de Paulo e alguns outros prisioneiros. O ponto de embarque não foi mencionado, mas provavelmente foi Cesaréia. Aqui tomaram um navio costeiro **adramitino**, vindo de um porto da Mísia ao Sul de Trôade na Ásia Menor. O curso deste navio exigia que navegasse pela costa da Ásia a caminho de seu porto de origem.

**3.** A primeira escala foi Sidom da Fenícia. O centurião **Júlio** tratou Paulo com especial nobreza, dando-lhe liberdade de desembarcar enquanto o navio estava sendo descarregado e também de visitar seus amigos, que formavam a comunidade cristã daquela cidade, os quais cuidaram dele.

4. Uma vez que os ventos dominantes de verão vinham do oeste ou noroeste, o navio navegou entre **Chipre** e o continente e não diretamente dentro do vento.

5. Tornou-se necessário abandonar a costa e navegar através do mar aberto na direção do oeste ao longo da **Cilícia** e **Panfília**. **Mirra** de Lícia era um porto de escala para grandes navios, especialmente navios que transportavam cereais, navegando entre o Egito e Roma, que não podiam navegar diretamente através do mar por causa dos ventos noroestes.

6. Em **Mirra** trocaram de navio, abandonando o navio costeiro e tomando um navio de transporte de cereais que navegava de **Alexandria** para a **Itália**. O Egito era a principal fonte de mantimentos de Roma, e o transporte de cereais entre Alexandria e Roma era um importante negócio realizado sob a supervisão do Estado.

7. A viagem de Mirra foi difícil por causa dos ventos noroestes. Mas após vários dias chegaram com dificuldade a Cnido sobre um promontório ao extremo sudoeste da Ásia Menor. Nesse ponto tiveram de esperar um vento mais favorável para prosseguirem diretamente para o oeste ou navegar a sudoeste para Creta.

**Por causa do vento contrário**, diz o escritor, escolheram a última alternativa e navegaram para o sudoestes dando volta a **Salmona** no extremo leste de Creta e depois costeando a ilha pelo oeste.

8. Depois de navegarem pela costa penosamente (*ultrapassando-a com dificuldade*) chegaram a um porto chamado Bons Portos a meio caminho da ilha.

9. A oeste de **Bons Portos**, a costa de Creta desvia-se abruptamente para o norte, de modo que a partir desse ponto um navio ficava completamente exposto aos ventos noroestes. Os barcos usados no mundo mediterrâneo da antiguidade não eram grandes nem suficientemente resistentes para enfrentarem as tempestades. A estação mais perigosa para a navegação começava em 14 de setembro e depois de 11 de novembro toda navegação cessava para o inverno. O **Jejum** ao

qual Lucas se refere era o Dia da Expição, que caía no fim de setembro ou começo de outubro.

**10, 11.** Paulo, que era um experiente viajante (II Co. 11:25 diz que sofreu três naufrágios), advertiu do perigo de continuarem a viagem nessa ocasião para que não houvesse perdas de vidas e carga. Seu conselho não foi aceito pelo **mestre** da navegação e proprietário do navio. O **centurião** encarregado dos prisioneiros, sendo o mais alto oficial no navio, assumiu o comando do mesmo; ele aceitou o conselho do mestre e proprietário (cria) e não o de Paulo, decidindo não permanecer em Bons Portos.

**12.** Bons Portos não era um porto bom de se passar o inverno, pois era bastante exposto. Ao que parece buscou-se o conselho de todos no navio, e a maioria achou que devia navegar de Bons Portos **para ver se podiam chegar** ao porto de **Fenice**, que ficava mais a oeste de Creta, dando para o sudoeste e noroeste.

**13.** Deixando Bons Portos, foram favorecidos com um brando vento sul e puderam seguir ao longo da costa da ilha.

**14.** De repente, entretanto, o brando vento sul transformou-se em **um tufão de vento** que vinha do nordeste. Euro-aquilão, que significa "nordeste", é uma palavra híbrida, parte grega e parte latina.

**15.** Neste ponto já não se encontravam mais longe do seu destino que era Fenice; mas, sem poder resistir ao vento, **por causa da sua violência, tiveram de se lhe render e serem arrastados pelo mesmo.**

**16.** Chegando diante de uma pequena ilha chamada **Clauda** (outros manuscritos dão **Cauda**), acharam necessário içar para bordo o pequeno **batel** que era carregado de reboque atrás do navio. A esta altura o barquinho já estava tão cheio de água que foi içado com dificuldade.

**17.** Tomaram-se então medidas para cingir o navio. A natureza dessa operação não está clara, mas talvez consistisse em passar cordas sob o barco para protegê-lo. Agora o navio estava sendo levado na direção do sudoeste para Cirene. Na costa norte da África havia perigosas areias movediças em um local chamado **Sirte**, e já que os

marinheiros temiam que fossem levados pelo mar até essas águas rasas, **arriaram os aparelhos**. Isto pode significar que eles arriaram as velas, ou que lançaram âncora ao mar para diminuir a velocidade, ou que arriaram velas especiais para temporal. De qualquer forma, foram arrastados pelo vento.

**18.** No dia seguinte, a tempestade amainou, e tornou-se necessário **aliviarem o navio** (literalmente, *fizeram uma ejeção*, isto é, lançaram fora a carga).

**19.** Vendo que no dia seguinte a tempestade não se acalmou, jogaram ao mar a **armação do navio**.

**20.** Uma vez que os marinheiros dependiam inteiramente do sol e das estrelas para a navegação, já tinham abandonado qualquer esperança de salvação, pois não tinham idéia de onde estavam e para onde estavam sendo levados pela tempestade.

**21-26. Já há muito tempo sem comer** por causa do enjôo, da oscilação do convés e das provisões que estavam encharcadas. Finalmente Paulo ofereceu uma palavra de estímulo a qual ele prefaciou com o lembrete demasiadamente humano, "Eu não disse?" Ele informou a tripulação e os passageiros que um anjo de Deus lhe aparecera e lhe assegurara que escaparia deste perigo, para **que compareças perante César**, e que seus companheiros de viagem também seriam salvos.

**27.** Pessoas entendidas têm calculado que levaria exatamente quatorze dias para se percorrer à deriva a distância indicada na narrativa. **De um lado para outro.** Errando. Eles estavam derivando **no mar Adriático**. Ádria não se refere ao Mar Adriático mas é um termo comumente usado para designar todo o leste do Mediterrâneo. Algo levou os marinheiros a crerem que (lit.) **se aproximavam de alguma terra**. Talvez o som das ondas quebrando na praia ressoassem através da escuridão, advertindo-os de terra próxima.

**28.** As sondas indicavam que a água estava diminuindo de profundidade.

**30.** Alguns dos marinheiros decidiram fugir do navio para a praia usando um pequeno barco em lugar de se arriscarem a bater contra as rochas. Por isso, **a pretexto de que estavam para lançar âncoras da proa**, resolveram abandonar o navio.

**31, 32.** Paulo descobriu o plano e advertiu o **centurião** e os soldados que a segurança estava em permanecerem com o navio, o plano dos marinheiros foi frustrado quando os soldados cortaram as cordas que sustinham o barco e assim **o deixaram afastar-se**.

**33-36.** Ao despontar do dia, Paulo aconselhou a tripulação e os passageiros a interromperem seu jejum involuntário e comerem alguma coisa, para que se fortalecessem, assegurando-lhes que ninguém pereceria no desembarque que tinham à frente. Deu-lhes então o exemplo, dando graças e comendo uma refeição substanciosa. Todos se sentiram encorajados e seguiram o seu exemplo.

**38.** Depois que todos comeram o suficiente, jogaram o restante da carga de trigo ao mar para aliviar o navio, preparando-se para o desembarque.

**39.** Amanheceu e eles puderam ver a praia, mas não reconheceram o lugar. Perceberam que havia uma baía com uma praia, onde planejaram encalhar o navio.

**40.** Por isso, **levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar** (esta é uma tradução bem mais provável). **Leme.** Dois grandes remos, um de cada lado do navio, que serviam de direção. Deviam estar fortemente amarrados durante a tempestade. Agora, estando livres, a **vela de proa** foi desfraldada ao vento (não *vela maior*), e o navio dirigiu-se para a praia.

**41.** Entretanto, os homens não alcançaram a praia, pois o navio encalhou sobre uma estreita faixa de terra submersa separada por dois braços de mar (o grego é *lugar de dois mares*). A proa do navio encalhou firmemente nesse baixio, mas a força das ondas contra a popa quebrava o navio em dois.

**42, 43.** Os soldados encarregados dos prisioneiros quiseram seguir a tradicional disciplina romana, matando seus tutelados para não correrem o risco destes escaparem. Mas o centurião, que estava favoravelmente disposto para com Paulo e não queria vê-lo morto, proibiu que o fizessem. Antes, ordenou que todos alcançassem a praia nadando, flutuando sobre tábuas, ou carregados nas costas dos tripulantes (o grego é, *sobre alguns daqueles do navio*; **aqueles** pode ser tanto neutro como masculino). Todos alcançaram a terra em segurança.

## Atos 28

**28:1.** Depois de alcançar a praia, descobriram que a ilha era chamada **Malta** (*Melita*), a cerca de cem milhas ao sul da Cilícia. **Malta** (palavra cananita que significa "refúgio") era habitada por um povo de ascendência fenícia.

**2.** Do ponto de vista romano e grego, qualquer pessoa que falasse uma língua estrangeira era um bárbaro. **Os bárbaros** não é nenhuma referência a qualquer atitude selvagem ou cultura primitiva, mas simplesmente indica que a sua língua (fenícia) não era o grego nem o latim. Uma vez que chovia e fazia, frio, esses nativos **trataram-nos com singular humanidade** acendendo um fogo para que os enregelados e ensopados viajantes pudessem se aquecer.

**3.** Uma grande fogueira para tão grande grupo precisava de constante fornecimento de lenha, e Paulo saiu à procura de madeira para alimentar as chamas. Em um feixe havia uma serpente venenosa, dura de frio; e, enquanto o apóstolo aquecia as suas mãos junto ao fogo, a **víbora**, reanimada pelo calor, fugiu das chamas e mergulhou suas presas na mão de Paulo.

**4.** Os nativos interpretaram este acontecimento em termos de sua própria superstição. Concluíram que Paulo realmente devia ser um assassino; e, embora tivesse escapado à morte no mar, *Dike*, a deusa da justiça, elaborava-lhe um destino adequado.

**5, 6.** Quando Paulo sacudiu a mão, fazendo a serpente cair de volta no fogo, sem ele sofrer dano algum, os nativos chegaram à conclusão de que estavam completamente errados. Em lugar de vítima dos deuses, ele mesmo era um ser divino que não podia ser ferido pelos infortúnios comuns aos homens.

**7. O principal da ilha.** A autoridade governante. A palavra usada foi encontrada em duas inscrições como título conferido a uma autoridade da ilha. Não sabemos se esse **principal** era uma autoridade nativa ou um representante de Roma. Esse **Públio** tinha um patrimônio nas proximidades onde hospedou Paulo e seus companheiros por três dias, dedicando-lhes graciosa hospitalidade.

**8.** Disenteria e febre eram doenças comuns na ilha de Malta.

**9, 10. Curaram** em 28:9 é uma palavra com idéia diferente de **curou** em 28:8. Sugere não curas milagrosas mas tratamento médico, provavelmente nas mãos de Lucas, o médico. Os versículos 10 e 11 sugerem que este ministério médico durou por todos os três meses que eles ficaram em Malta, de modo que quando Paulo e Lucas deixaram a ilha, foram alvo de **muitas honrarias**, e seu navio foi carregado com tudo quanto necessitavam para o restante da viagem.

**11.** O naufrágio aconteceu na primeira metade de novembro. **Três meses** depois, nos meados de fevereiro, ainda podia ser considerado cedo demais para navegação segura, mas ao que parece a primavera chegara cedo. Encontraram um navio que ia da Alexandria para a Itália, o qual invernara na ilha. Os navios antigos levavam o nome das suas figuras de proa. Este navio tinha por figura ou **emblema** o **Dióscuros**, uma palavra que significa "filhos de Zeus", Castor e Pólux, que eram considerados os padroeiros dos navegantes.

**12.** Navegando diretamente para o norte, chegaram a **Siracusa**, a cidade mais importante da Sicília, localizada no lado sudeste da ilha.

**13.** De Siracusa, como os ventos não eram favoráveis, foi necessário ir **bordejando** de um lado para outro a fim de alcançar Régio no arnelho da Itália. Aqui o grupo esperou um vento mais favorável e



quanto o vento sul começou a soprar no dia seguinte, facilmente alcançaram Potéoli, na baía de Nápoles, o porto regular de chegada para os navios que transportavam cereais da Alexandria.

**14.** Ao que parece Júlio, o centurião encarregado dos prisioneiros, tinha assuntos oficiais que o detiveram em Potéoli, e ele permitiu que Paulo aceitasse o convite dos irmãos cristãos da cidade para ficar com eles os sete dias. Permissão semelhante ele recebeu em Sidom (27:3).

**15.** A notícia da chegada de Paulo alcançou Roma durante esses sete dias, e os irmãos cristãos desceram a Via Ápia para encontrar-se com Paulo e Lucas acompanhando-os de volta à cidade. A palavra traduzida para **vieram ao nosso encontro** é a mesma palavra usada para o "arrebatamento" dos crentes no encontro com o Senhor nos ares em sua segunda vinda (I Ts. 4:17). É um termo regularmente usado para as boas vindas oficiais prestadas por uma delegação que vai ao encontro de um visitante oficial e o acompanha à cidade. A **Praça de Ápio** fica cerca de sessenta e oito quilômetros de Roma, e as **Três Vendas** fica cerca de dezesseis quilômetros mais perto. Ambas eram pontos de parada da Via Ápia, com casas de pouso para os viajantes descansarem.

**16.** A declaração, *o centurião entregou os presos ao general dos exércitos* (ERC) só se encontra em alguns poucos dos textos mais antigos e provavelmente não é autêntica. Paulo não ficou preso em uma cadeia, mas ficou sob a guarda de um soldado que era responsável por ele, sob risco de vida, devendo apresentá-lo no devido tempo. Paulo foi acorrentado ao pulso do soldado (veja v. 20), mas tinha permissão de morar em sua própria casa e desfrutava de bastante liberdade. Esta é a última seção escrita na primeira pessoa do plural. Entretanto, uma vez que Lucas é mencionado na correspondência de Paulo escrita em Roma (Fm. 24; Cl. 4:14), está claro que ele permaneceu com o prisioneiro em Roma.

**17-20.** Havia um certo número de sinagogas judias em Roma, mas estando Paulo prisioneiro, ainda que desfrutando de certa liberdade, não lhe era fácil visitá-las. Por isso ele convocou os líderes dos judeus para

lhes expor o seu caso. Declarou que não violara nenhum dos costumes judeus e que era um homem inocente que fora entregue como prisioneiro nas mãos dos romanos. Apesar do fato dos romanos terem desejado libertá-lo, os judeus se opuseram a essa decisão, e por isso Paulo sentira que sua única via de escape era apelar para César. Entretanto, Paulo não queria fazer nenhuma acusação contra os judeus por causa do tratamento que lhe fora dispensado. Ele era prisioneiro apenas **pela esperança de Israel**. Com isso queria dizer que a sua fé cristã era o verdadeiro cumprimento da esperança do povo de Deus.

**21, 22.** Os líderes judeus declararam que não receberam nenhuma carta nem emissários de Jerusalém acusando Paulo de alguma coisa. Mais ainda, deram a entender que não estavam familiarizados com **esta seita** à qual Paulo pertencia, mas tinham ouvido contar que era fortemente criticada em outros lugares. F.F. Bruce (*Commentary on Acts*) sugere, logicamente, que a esta altura os líderes judeus não estavam falando a verdade. Seria impossível não estarem familiarizados com a igreja cristã em Roma, uma vez que sabemos da carta de Paulo aos romanos que ali existia uma igreja vigorosa (veja também 18:2). Mais ainda, é muito improvável que os judeus romanos não tivessem recebido um aviso de Jerusalém, porque mantinha-se constante comunicação entre as duas cidades. Entretanto, ao que parece nada se fez contra Paulo, e os judeus, portanto, acharam mais sábio dissociar-se inteiramente do caso para evitar incorrer na ira do governo romano.

**23.** Algum tempo mais tarde, os judeus vieram novamente à casa de Paulo para ouvir as opiniões dele. A mensagem de Paulo consistia de testemunhar **o reino de Deus**, procurando **persuadi-los a respeito de Jesus**. As coisas referentes à pessoa de Jesus e ao reino de Deus são conceitos visivelmente sinônimos. Paulo incumbiu-se de lhes mostrar que as coisas sobre Jesus e o reino de Deus eram o verdadeiro cumprimento da lei de Moisés e dos profetas e que a fé ancestral de Israel encontrara cumprimento na fé cristã.

**24-27.** A reação dos líderes judeus em Roma, diante da mensagem de Paulo, foi a mesma de sempre. Alguns creram, mas a maioria rejeitou a sua mensagem. Vendo isto, Paulo citou Is. 6:9, 10, que descreve a estupidez e embotamento espiritual do povo de Deus. A situação angustiosa em que se encontra é desesperadora e não há possibilidade de se voltar para Deus a fim de ser curado.

**28.** O livro de Atos chega ao clímax com esta declaração: **A salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão.** Os últimos 8 capítulos do livro de Atos – mais da quarta parte do livro – são delicados ao registro das experiências de Paulo em Jerusalém e sua viagem à Roma. Surge a questão: Por que Lucas dedicou tanto espaço a esses acontecimentos quando sua narrativa anterior passou por alto de acontecimentos igualmente importantes com um sumário dos mais carentes? A resposta deve ser que um dos propósitos principais de Lucas era o de mostrar que exatamente como a nação judia rejeitou Jesus como o seu Messias e o colocou nu, na cruz, assim também os líderes dos judeus, tanto em Jerusalém como em Roma, confirmaram seu caráter apóstata rejeitando a maior figura da igreja apostólica e o seu evangelho. Por outro lado, onde quer que Paulo fosse, ele foi recebido pelos gentios devotos nas sinagogas e alcançou a proteção das autoridades romanas. A tônica do caráter empedernido de Israel e a receptividade dos gentios está resumida em Atos 28:25-28. Estas palavras permanecem como uma declaração formal do desgosto divino por causa da rebeldia de Israel. A partir daí o Evangelho encontrou acolhida entre os gentios. A rebeldia de Israel completara-se.

**30, 31.** O final do livro de Atos deixa o leitor atencioso com muitas perguntas sem resposta em sua mente. Paulo morou em Roma por dois anos completos, não em uma prisão mas com liberdade de manter **sua própria casa que alugara** sob a custódia de um soldado romano. Isto não lhe concedia uma liberdade completa de movimentos mas capacitou-o a receber em sua casa todos aqueles que desejavam conversar com ele e ouvir a sua mensagem. Novamente Lucas resume o ministério de Paulo

em Roma com as duas frases, **pregando o reino de Deus... ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo**. A conclusão óbvia é que as boas novas sobre o reino de Deus é um sinônimo das coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo. Esta é a mesma mensagem que ele pregou aos líderes judeus quando vieram vê-lo logo após sua chegada a Roma (v. 23).

Ficamos com as perguntas: Que fim teve a prisão de Paulo? Em que resultou o seu apelo a César? Ele foi considerado culpado e foi executado, ou foi considerado inocente e foi libertado; ou foi o caso encerrado à revelia? A implicação natural de 28:30 é que após os dois anos, o apóstolo foi libertado da prisão. A tradição nos conta que ele foi executado em Roma em 64 A.D. ou um pouco depois. Isto deixa um intervalo de uns dois ou três anos entre o final de Atos e a morte de Paulo. As três Epístolas Pastorais que revelam terem sido escritas por Paulo refletem um ministério itinerante e de pregação que não se encaixam no livro de Atos. Apesar dos argumentos contra a autenticidade das Epístolas Pastorais, a conclusão mais provável é que Paulo foi solto após dois anos de prisão, entregou-se a um novo ministério, o qual se reflete nessas cartas, e que finalmente sofreu uma segunda prisão em Roma, a qual se reflete em II Timóteo.

O final mais ou menos abrupto do livro de Atos tem sido explicado de diversos modos. Alguns defendem que Lucas pretendia escrever um terceiro volume para registrar o julgamento e libertação de Paulo e suas subseqüentes viagens missionárias, mas por algum motivo foi impedido de executar seu propósito. Outra possível explicação é que Atos foi escrito durante o aprisionamento de dois anos, pois vemos em Fm. 24 e Cl. 4:14 que Lucas esteve com Paulo durante esse tempo em Roma. É provável que Lucas tenha ajuntado material para sua narrativa sobre a igreja primitiva durante os dois anos da detenção de Paulo em Cesaréia e composto o livro de Atos durante esses dois anos em Roma. Neste caso, a narrativa termina desse modo porque ele terminou a história e no momento nada mais havia para registrar.

É provável que as cartas aos Filipenses, Efésios e Colossenses e a carta a Filemom fossem escritas por Paulo durante a sua prisão em Roma. Porém, alguns mestres acham que essas "Epístolas da Prisão" foram escritas em outra ocasião em Éfeso, prisão esta que não é mencionada no livro de Atos, ou possivelmente na prisão em Cesaréia.

# ROMANOS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	Capítulo 15
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	Capítulo 16

## INTRODUÇÃO

**Destinatários Originais.** Lucra-se mais na leitura das epístolas do Novo Testamento obtendo-se o maior número de dados possíveis, sobre as pessoas que foram os primeiros destinatários dessas obras. Isto é mais do que certo quanto à carta aos romanos. Embora a maior parte dos primeiros onze capítulos do livro pareça ser bastante universal, nos últimos cinco capítulos, o leitor toma conhecimento de uma comunidade em particular com necessidades particulares. Percebemos então que os ensinamentos contidos nos onze capítulos, embora universais em sua aparência, contêm uma certa ênfase que Paulo achou especialmente necessária dar aos crentes em Roma (uma base justa para o julgamento daqueles que não conhecem a lei judia, o relacionamento dos gentios com Abraão e os patriarcas, e outros).

O apóstolo endereça sua carta aos crentes – "A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos" (1:7). Em suas cartas às igrejas Paulo costumava colocar a palavra "igreja" na saudação (cons. I Co. 1:2; II Co. 1:1; Gl. 1:2; I Ts. 1:1; II Ts. 1:1) ou a palavra "santo" como título daqueles a quem se dirigia (Ef. 1:1; Fp. 1:1; Cl. 1:2). A saudação aqui é uma variação do segundo dos dois procedimentos. Em Romanos ela não subentende uma organização eclesiástica fortemente unida, e o capítulo 16 dá um quadro de pequenos grupos de crentes em vez de um só grupo grande.

Esses crentes eram predominantemente judeus ou gentios? A resposta deve ser dada à luz do que Romanos declara explicitamente. É verdade que uma grande parte do conteúdo se relaciona com o povo judeu – como Deus lidou com eles no passado, lida com eles no presente e lidará com eles no futuro. Mas os leitores são tratados de um modo que não deixa dúvidas, quanto ao fato de serem predominantemente gentios (veja 1:5, 6; 1:13; 11:13; 15:15, 16). Havia provavelmente cristãos judeus na igreja, mas constituíam a minoria.

Parece-nos pertinente perguntar como a igreja em Roma foi organizada. Infelizmente não existem documentos do primeiro século que nos forneçam a resposta. Algumas sugestões têm sido apresentadas. Já se afirmou que "estrangeiros em Roma, judeus e prosélitos", que testemunharam a vinda do Espírito Santo (Atos 2:10) retornaram à cidade, e organizaram ali um núcleo de crentes. Entretanto, os cristãos, depois do Pentecostes, não se sentiram imediatamente diferentes dos judeus, nem começaram a organizar igrejas locais separadas das sinagogas. Daí, o começo de uma igreja cristã em Roma, logo depois do Pentecoste, não parece provável. Outros crêem que a igreja em Roma foi organizada por missionários da Antioquia (cons. Hans Lietzmann, *The Beginnings of the Christian Church*, trad. Bertram Lee Woolf, págs. 111, 133, 199). Uma vez que Antioquia era um centro missionário, parece certamente plausível. Mas a melhor das sugestões parece que diz que a igreja foi organizada e cresceu com os convertidos por Paulo, Estêvão e outros apóstolos que viajaram à cidade imperial a negócios, ou para se estabelecerem lá.

Quando Pedro e Paulo chegaram a Roma? Quando se comparam as declarações dos Pais da Igreja primitiva com as evidências do Novo Testamento, parece improvável que algum dos apóstolos fosse a Roma antes do ano 60 A.D., isto é, diversos anos depois de escrita a carta aos romanos. Se Pedro estivesse em Roma quando Paulo escreveu esta epístola, Paulo certamente o teria saudado. O desejo que Paulo tinha de há muito de pregar em Roma (Rm. 1:11-13) e sua política de não edificar

sobre os fundamentos lançados por outro homem (15:20) toma improvável, que Pedro fosse a Roma antes da ocasião da carta aos romanos.

**Autoria e Data.** É quase universal a concordância que Paulo foi o autor desta epístola. Isto se baseia nas declarações dos capítulos 1 e 15, no estilo e argumentação proposta nos capítulos intermediários, e no testamento de todos aqueles de antigamente, que citam a epístola.

As únicas dúvidas quanto à autoria relacionam-se com o capítulo 16 e as doxologias. Em 16:3-16 há uma longa lista de pessoas às quais foram enviadas saudações. Priscila e Áquila foram mencionados em 10:3-5, mas Atos 18:18, 19 declara que Paulo os deixou em Éfeso. Por causa disso, alguns concluíram que Romanos 16, que contém esses nomes, foi originalmente endereçado por Paulo a Éfeso. Epêneto foi mencionado em 16:5, onde é chamado de um dos primeiros frutos da Ásia (isto é, da Ásia Menor). Disto também dá para concluir que esta parte foi escrita para Éfeso. Mas as evidências não exigem tal conclusão. Priscila e Áquila viajavam muito. Uma vez que vieram da Itália (Atos 18:2) não seria estranho que para lá retomassem. O fato de Epêneto ser o primeiro convertido da Ásia Menor, não prova que tenha morado lá toda a sua vida. Uma das consistentes práticas de Paulo, nas saudações, era de não mencionar ns nomes dos indivíduos nos lugares onde pessoalmente ministrara (cons. I Co., II Co., I e II Ts., Fp., Ef. [Éfeso e Ásia Menor] e Gl.). Mas em Romanos e Colossenses ele cita nomes de pessoas nas saudações. Nos lugares onde não estivera, ele poderia incluir todos os conhecidos, a fim de estabelecer contato. Ou se fizesse uma seleção, o propósito seria evidente, de modo que ninguém se sentisse negligenciado.

São cinco as doxologias ou bênçãos – 15:13; 15:33; 16:20; 16:24; 16:25-27. Em cada caso, ou Deus ou Cristo são invocados para realizarem algo, para ficarem com os leitores, ou para fornecerem-lhes graça. A primeira (15:13) conclui a seção com uma explanação de Paulo, a respeito da ética cristã, e a necessidade de os cristãos viverem em



harmonia e em entendimento mútuo. A segunda (15:33) termina a seção, na qual Paulo fala de seus planos de viagem e de sua intenção de levar uma coleta a Jerusalém, e pede orações em favor dessa coleta e sua ida a Roma. A terceira (16:20) segue-se a uma advertência contra aqueles cujas atitudes e palavras são contrárias aquilo que foi ensinado. Paulo assegura a seus leitores que Deus, que dá a paz, logo esmagará Satanás sob os seus pés. Enquanto isso, Paulo expressa seu mais profundo desejo, que a graça do Senhor Jesus possa lhes pertencer. A quarta (16:24), não tendo bons manuscritos como prova para sustentá-la, foi omitida em todas as versões modernas com base em um texto grego melhor. A última (16:25-27) é a mais interessante de todas, porque se encontra em diversos lugares nos manuscritos antigos. A família dos textos alexandrinos, e o Manuscrito D da família dos textos orientais, contêm esta doxologia um tanto longa, bem no final do capítulo 16. É aí que deve estar. Alguns outros manuscritos a colocam depois de 14:23. Alguns poucos a colocam depois de 14:23 e em 16:25-27. Um manuscrito, o G, omite esta doxologia completamente. O manuscrito do papiro P<sup>46</sup>, coloca-a depois de 15:33.

Alguns mestres tem tentado mostrar que o conteúdo desta última doxologia, caracteriza-o como tendo sido composto no segundo século, como fórmula litúrgica de conclusão (cons. John Knox, "Romanos", *The Interpreter's Bible*, IX, 365-68). Dr. Hort, há quase um século atrás, comparou cuidadosamente suas frases com frases de cartas paulinas anteriores e posteriores, e descobriu um notável número de semelhanças (F.J. A. Hort, "On the End of the Epistle to the Romans", in *Biblical Essays*, compilado por J.B. Lightfoot, págs. 324-329). Conclui-se daí, que existem boas provas para apoiar a autoria de Paulo nesta doxologia final, além do fato de que, se encontra no final ou perto do final de Romanos.

Mas, por que deveria esta doxologia do final de Romanos, aparecer em diferentes lugares nos diversos manuscritos? Um certo número de fatores podem ter desempenhado o seu papel. Orígenes, no seu

comentário sobre a Epístola aos Romanos, declara que o herético Marcion (que fez seus rasgos de pena entre 138-150 A.D.), cortou o final do livro de Romanos a partir de 14:23. Seguidores de Marcion teriam produzido cópias que paravam nesse ponto. Além disso, os títulos das seções – frases sucintas descrevendo o conteúdo estão ausentes dos dois últimos capítulos, nos dois manuscritos da Vulgata – Codex Amiatinus e Codex Fuldensis. A omissão desses capítulos para o público leitor, teria influenciado a colocação da doxologia. Novamente, Paulo ou os cristãos de Roma, imediatamente após sua morte, podem ter encurtado a epístola, a fim de fazê-la circular pelas outras igrejas. O próprio fato de termos tantos manuscritos antigos da carta aos romanos, permite-nos, perceber algumas dessas divergências e observar o que os melhores manuscritos têm produzido. Quer consideremos os manuscritos da mais alta qualidade (o mais importante) ou a quantidade total, a maior parte deles incluem o livro de Romanos todo, com exceção de 16:24, que indubitavelmente não fazia parte do texto original.

Esta carta foi escrita por Paulo em sua terceira viagem missionária. Uma vez que o apóstolo passou três meses na Grécia (Atos 20:3) e ele recomendava Febe, a diaconisa de Cencréia (porto ocidental de Corinto) que, provavelmente, foi a portadora da carta a Roma, é muito provável que a carta fosse escrita em Corinto. Mas é possível também, que outra cidade grega, Filipos por exemplo, fosse o lugar. As datas da epístola têm se situado entre 53 A.D, a 58 A.D. Os anos de 55 ou 56 parecem ser os mais prováveis.

**Ocasão e Propósito da Carta.** O apóstolo planejou deixar a Grécia e ir para a Palestina com a coleta que recolhera entre as igrejas gentias. Paulo queda que essa coleta fosse apresentada aos santos pobres de Jerusalém por ele, além dos representantes das igrejas gentias. Ele achava que esse gesto dos gentios demonstraria o amor deles, pelos irmãos cristãos da Palestina, e demonstrada a unidade da igreja. Pretendia ir depois para Roma. De Roma queda ir para à Espanha. Antes

de Paulo virar as costas, por algum tempo, para seus alvos ocidentais, escreveu esta potente carta aos Romanos e a enviou para o ocidente.

Que tipo de carta é a Epístola aos Romanos? Foi escrita para um grupo (ou grupos) de crentes em Roma. O fato de que expressa pensamentos grandes, profundos e sublimes sobre Deus, não invalida a classificação deste livro como carta. Paulo orava pelos leitores incessantemente (1:9, 10) e ansiava por ter comunhão com eles (1:11). Queria que orassem por ele por causa dos perigos que o ameaçavam (15:30-32). Daí, Romanos não é um tratado de doutrina sistemática. Os pensamentos de Paulo sucedem-se logicamente, mas ele certamente não procura apresentar todos seus ensinamentos doutrinários.

Romanos não é também um ensaio polêmico - Cristianismo Paulino contra Cristianismo Judeu. A unidade e a união entre os crentes é central na metáfora da oliveira em Romanos 11. Romanos é uma carta de instruções no que se refere aquelas verdades principais do Evangelho, que Paulo sentia fossem mais necessárias aos que se encontravam em Roma. Uma vez que as necessidades dos gentios eram as mesmas, estivessem em Roma ou em Colossos, a carta tem um toque universal. Romanos é um resumo das verdades fundamentais que Paulo ensinou nas igrejas, onde passou algum tempo proclamando o Evangelho. Um dos motivos porque esta epístola tem uma tão grande influência é que Deus orientou seu servo, a apresentar estes pensamentos soberbos numa carta para que mestres e leigos, igualmente, pudessem se apropriar das verdades que moldaram seu destino eterno.

**Desenvolvimento do pensamento.** Paulo começa com alguns comentários preliminares preparando o leitor para tudo quanto ele pretende escrever (1:1-17), e assim estabelece uma harmonia excelente entre ele próprio e seus leitores. Depois ele se atira ao assunto da importância da justiça no relacionamento entre o homem com Deus (1:18 – 8:39). Primeiro, destaca originalmente que o homem não é justo, depois cuidadosamente responde a questão: Como um homem se torna justo diante de Deus? Reforça a questão com a discussão de como o

homem justificado diante de Deus, deveria viver. Sendo judeu, Paulo olhava para a humanidade como se fosse dividida em duas classes - judeus e gentios. Como cristão, como olhar para essas duas divisões? Ele responde a pergunta quando examina o plano de Deus para o judeu e para o gentio (9:1 – 11:36). Aqui ele estabelece uma posição distinta para a história da filosofia cristã. Depois, indo para a área da aplicação, dá exortações específicas para os cristãos romanos, quanto a sua aparência, atitudes e práticas (12:1 – 15:13). Concluindo, ele mostra seu interesse profundo pelos crentes romanos (15:14 – 16:27). Eles se encontravam em sua região e ele pretendia visitá-los. Até que isso fosse possível tinha de lhes enviar sudações por carta, admoestando-os e entregando-os a Deus, pois só Ele poderia firmá-los.

Ao estudar Romanos, não devemos nos esquecer do todo, ao qual cada passagem individual pertence. Arrancar uma passagem do seu contexto, sempre é prejudicial; em Romanos, isto pode produzir, uma inversão completa do que Paulo quis dizer.

## ESBOÇO

- I. Afirmações introdutórias de Paulo, o apóstolo. 1:1-17.
  - A. Revelação da identidade do escritor. 1:1.
  - B. O Evangelho identificado com Jesus Cristo. 1:2-5.
  - C. Saudações aos leitores. 1:6, 7.
  - D. O interesse de Paulo nos romanos, parte de uma preocupação maior. 1: 8-15.
  - E. Natureza e conteúdo do Evangelho resumidos. 1:16, 17.
- II. Justiça – a chave do relacionamento do homem com Deus. 1:18 – 8:39.
  - A. A justiça é o "status" necessário para o homem se apresentar diante de Deus. 1:18 – 5:21.
    1. O fracasso do homem em alcançar a justiça, 1: 18 - 3 : 20.
      - a. A negligência dos gentios, 1 : 18-32.
      - b. A negligência do homem que julga em contraste com o

- justo juízo de Deus. 2:1-16.
- c. A negligência do judeu. 2:17-29.
- d. Objeções contra os ensinamentos de Paulo com base na negligência do homem. 3:1-8.
- e. A negligência de toda a humanidade diante de Deus. 3:9-20.
- 2. A justiça alcançada pela fé, não por obras legalistas. 3:21-31.
- 3. A justiça pela fé na vida de Abraão. 4:1-25.
  - a. Sua justiça alcançada pela fé, não pelas obras. 4:1-8.
  - b. Abraão feito o pai de todos os que crêem pela fé, antes da circuncisão. 4:9-12.
  - c. Realização da promessa pela fé, não pela lei. 4 : 13-16.
  - d. Deus, Senhor da morte, o objeto da fé de ambos, de Abraão e do cristão. 4:17-25.
- 4. Centralidade da justiça pela fé nas vidas individuais e na estrutura da história. 5:1-21.
  - a. Efeitos da justiça pela fé sobre os recipientes. 5:1-11.
  - b. Efeitos da desobediência de Adão e da obediência de Cristo. 5:12-21.
- B. A justiça como a maneira do cristão viver diante de Deus. 6 :1 – 8:39.
  - 1. Sofisma sobre o pecar para que a graça abunde. 6: 1-14.
  - 2. Sofisma sobre o pecar porque os crentes estão sob a graça, não sob a lei. 6:15 – 7:6.
    - a. Fidelidade, fruto, destino. 6:15-23.
    - b. Anulamento e novo alistamento causado pela morte. 7:1-6.
  - 3. Perguntas que surgem por causa da luta contra o pecado. 7 : 7-25.
    - a. A Lei é pecado? 7:7-12.
    - b. Aquilo que é bom é a causa da morte? 7:13, 14.
    - c. Como pode ser resolvido o conflito interno? 7:15-25.
  - 4. A vitória através do Espírito ligada ao propósito e ação de

Deus. 8:1-39.

- a. Libertação do pecado e morte pela atividade do Pai, Filho e Espírito. 8:1-4.
- b. A disposição da carne versus a do Espírito. 8 : 5-13.
- c. Orientação e testemunho do Espírito. 8 : 14-17.
- d. A consumação da redenção esperada pela criação e crentes igualmente. 8:18 -25 .
- e. O ministério intercessor do Espírito. 8:26, 27.
- f. O propósito de Deus para aqueles que o amam. 8:28-30.
- g. Triunfo dos crentes sobre toda oposição. 8:31-39.

### III. Israel e os gentios no plano de Deus. 9:1 – 11:36.

A. A preocupação de Paulo por Israel, o seu povo. 9: 1-5.

B. Deus é livre, justo e soberano em seu relacionamento com Israel e com todos os homens 9:6-29.

1. A escolha que Deus fez de Isaque e não dos outros filhos de Abraão. 9:6-9.
2. A escolha que Deus fez de Jacó e não de Esaú. 9:10-13.
3. A misericórdia de Deus para com Israel e o endurecimento de Faraó. 9:14-18.
4. O controle de Deus sobre os vasos da ira e da misericórdia. 9:19-24.
5. O testemunho de Deus em Oséias e Isaías numa extensão e limitação da sua obra salvadora. 9:25-29.

C. O fracasso de Israel e o sucesso dos gentios. 9:30 – 10:21.

1. Os gentios obtiveram o que Israel perdeu. 9:30-33.
2. A justiça de Deus ignorada por Israel. 10:1-3.
3. Relação entre a justiça da fé e o objeto da fé. 10:4-15.
4. As Boas novas rejeitadas. 10:16-21.

D. A situação de Israel no tempo de Paulo. 11:1-10.

E. A perspectiva de Israel para o futuro. 11:11-36.

1. Estágio de bênção da queda de Israel e sua plenitude. 11:11-15.

2. Os gentios individualmente não têm do que se vangloriar. 11:16-21.
  3. A bondade e a severidade de Deus expostas por sua reação à crença e a incredulidade. 11:22-24.
  4. Salvação para o povo de Israel. 11:25 -27.
  5. A misericórdia de Deus exaltada por sua ação na história. 11:28-32.
  6. A excelência e a glória de Deus - a Fonte, o Sustentador e o Alvo de todas as coisas. 11:33-36.
- IV. A atitude e a conduta que se espera dos cristãos em Roma. 12:1 – 15:13.
- A. Consagração de corpo e mente. 12:1, 2.
  - B. A humildade no uso dos dons divinos. 12:3-8.
  - C. Características da personalidade a serem exemplificadas. 12:9-21.
  - D. Submissão à autoridade do governo deve ser acompanhada de um modo de vida dedicado e honesto. 13:1-14.
  - E. Tolerância necessária para com as consciências fortes e fracas. 14:1 – 15:13.
    1. Diferenças de opinião sobre o alimento ou dias especiais, 14:1-6.
    2. O juízo é do Senhor, não dos irmãos. 14:7-12.
    3. Remoção de pedras de tropeço. 14:13-23.
    4. Os fortes devem ajudar os fracos e não agradarem-se a si mesmos. 15:1-3.
    5. Glória dada a Deus pela paciência, consolação e harmonia. 15:4-6.
    6. O ministério de Cristo tanto a judeus como a gentios. 15 : 7-13.
- V. Itens de interesse pessoal e cuidado pelos leitores. 15:14 – 16:27.
- A. Os motivos de Paulo escrever ousadamente a leitores

maduros. 15:14-16.

B. Confirmação sobrenatural da obra missionária pioneira de Paulo. 15:17-21.

C. Planos de viagem: Jerusalém, Roma, Espanha. 15:22-29.

D. Pedidos específicos de oração. 15:30-33.

E. Recomendação de Febe. 16:1, 2.

F. Saudações particulares a pessoas e grupos. 16:3-16.

G. O caráter perigoso daqueles que ensinam falsa doutrina. 16:17-20.

H. Saudações dos companheiros de Paulo em Corinto. 16:21-23.

I. Confirmação dos crentes pelo Deus soberano da história. 16:25-27.

## COMENTÁRIO

### Romanos 1

#### I. Declarações Introdutórias de Paulo, o Apóstolo. 1:1-17.

A extensão da introdução prova que Paulo dava grande importância a esta carta. Observe o espírito de dedicação que permeia estas linhas introdutórias. Observe também como ele passa rapidamente de um pensamento para outro.

#### A. Revelação da identidade do escritor. 1:1.

1. A palavra que foi traduzida servo significa realmente **escravo**. Para Paulo, esta expressão significava que ele pertencia a Jesus Cristo. Ele era propriedade de Cristo, e, como tal, tinha uma tarefa divina para realizar. Sua chamada para ser apóstolo veio-lhe claramente em Damasco (Atos 9:15, 16; 22:14, 15; 26:16-18). Ele fora **separado para o evangelho de Deus**. Em Gálatas, Paulo remonta esta chamada à ocasião do seu nascimento (Gl. 1:15), mas aqui em Romanos, ele destaca o



propósito de sua separação: para o **evangelho** que Deus criou. Paulo tinha um Mestre divino, um cargo divino e uma mensagem divina.

### **B. O evangelho identificado com Jesus Cristo. 1:2-5.**

Nestes versículos o Evangelho é considerado em duas dimensões – a histórica e a pessoal.

**2.** Historicamente, Deus proclamou este evangelho **outroza**, por meio de agentes especiais, os **profetas**. O registro do que proclamaram encontra-se nas **Santas Escrituras**. Esta última é uma designação técnica para todas as partes da Escritura, a Escritura como um todo.

**3.** O evangelho de Deus é sobre Seu Filho. Em primeiro lugar Paulo destaca Sua humanidade: **segundo a carne, veio da descendência de Davi**. Eis aí em destaque o Seu nascimento. **Tornou-se** homem.

**4.** Logo a seguir destaca a qualidade de ser Filho de Deus: **Designado Filho de Deus com poder ... pela ressurreição dos mortos**. Em todos os exemplos onde Paulo usa a palavra "mortos" depois da palavra "ressurreição", a palavra grega para "mortos" está no plural. Algumas vezes ele declara explicitamente uma ressurreição de **pessoas** (cons. I Co. 15:12, 13, 21, 42). Mas aqui em Rm. 1:4 e também em Atos 26:23 ele se refere à ressurreição de Jesus Cristo. Todavia o termo "mortos" está no plural. Portanto, na ressurreição desta pessoa, está implícita a ressurreição de todos os que ressuscitarão por meio dEle. Mas, em Rm, 1:4, Paulo se refere explicitamente à vitória de Cristo sobre a morte (cons. 6:9). O uso do plural aqui é um toque do estilo do escritor.

**Segundo o Espírito de santidade.** A ressurreição dos mortos era um fato proclamado pelos cristãos. Mas a poderosa declaração de Jesus como Filho de Deus, decorrente de Sua ressurreição, foi obra do Espírito Santo para iluminação do pleno significado do fato histórico. Alguns mestres consideram o "Espírito de santificação" como uma forma mais forte de "Espírito Santo" (veja Arndt, *hagiosyne*, pág. 10). Outros acham que a frase se refere ao espírito humano de Cristo, que se caracterizava pela grande santidade – "quanto ao (seu) Espírito de santificação" (veja

Sanday e Headlam, ICC, pág. 9; cons. Arndt, *pneuma*, 2, pág. 681). Outros ainda igualam "santificação" aqui com a Deidade ou Deus. Mas o Espírito de Deus, de acordo com esse ponto de vista, não é o Espírito Santo, mas o Princípio Criador Vivente, Deus operando nos negócios humanos (veja Otto Procksh, TWNT, I, 116: "A Divindade de Cristo toma-se clara por causa da ressurreição na qual a nova criação mostra-se de acordo com o Princípio da . . . Divindade"). **Veio** (1:3; AV, foi feito) declara a origem. **Designado** é a designação daquilo que é. Portanto o humano e o divino estão em contraste nesses dois versículos.

Deve-se decidir se a frase **espírito de santidade** (*pneuma hagiosynes*, Espírito de Santidade, Princípio Criativo da Divindade), modifica a declaração, ou descreve a pessoa de Cristo, ou transmite a idéia da atividade de Deus no mundo. A primeira interpretação, que certamente parece ser a melhor, pede a tradução, "Espírito de Santidade".

**5.** Paulo recebeu **graça** e o seu **apostolado** através do Filho. A frase, **por amor do seu nome**, deveria estar ligada ao apostolado – um apostolado *por causa do seu nome*.

### C. Saudações aos leitores. 1:6, 7.

**6,7.** Estes versículos esclarecem que os "romanos" a quem se dirige a carta são gentios. Duas vezes Paulo destaca o fato de que foram **chamados**. Foram chamados para serem **santos**. A idéia por trás da palavra "santo" não é a de alguém completamente separado dos outros, mas de alguém que é *consagrado a Deus*. O impacto que um grupo de crentes consagrados ou dedicados a Deus, sobre a sociedade, não deve ser desprezado.

As palavras **graça** e **paz** representam uma fórmula cristã de saudação em cartas (veja Rm. 1:7; I Co. 1:3; II Co. 1:2; Gl. 1:3; Ef. 1:2; Fp. 1:2; Cl. 1:2; I Ts. 1:1; II Ts. 1:2; Tt. 1:4; Fm. 3; I Pe. 1:2; II Pe. 1:2; I Tm. 1:2; II Tm. 1:2; II Jo. 3). **Graça** (*Káris*) foi usada aqui em lugar de uma expressão grega comum, *Kairein*, que significa "saudações". **Paz** tem um paralelo hebraico e aramaico, *shalom*, que tem a complexa idéia

de prosperidade, boa saúde e sucesso. Mas estas saudações cristãs destacam o que Deus fez nas vidas dos crentes. Todavia o, estudante deve sempre lembrar que esta é uma fórmula de saudação - não uma referência independente à graça e paz. A frase deve ser tomada como um todo: **Graça . . . e paz ... de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.**

**D. O interesse de Paulo pelos romanos faz parte de uma preocupação maior. 1: 8-15.**

Paulo conta a seus leitores o desejo que tem há muito de visitá-los. Tal visita, ele acha, seria boa não só aos romanos, mas para ele também. Roma, com sua população híbrida, sintetizava os vários tipos de pessoas a quem o apóstolo devia uma obrigação.

**8. Dou graças a meu Deus.** A freqüência da ação de graças nos começos das epístolas de Paulo é um testemunho da intimidade que Paulo tinha com Deus, e de seu ponto de vista alegre (*eukaristéo*, "dar graças": Rm. 1:8; I Co. 1:4; Ef. 1:16; Cl. 1:3; I Ts. 1:2; II Ts. 1:3; Fm. 4; *eukaristéo eko*, "sentir-se grato: I Tm. 1:12; II Tm. 1:3). Observe que tanto as graças como as petições são dirigidas a Deus **mediante Jesus Cristo**. O objeto da ação de graças foi especificamente declarado.

**9.** Observe aqui o destaque dado ao aspecto interior do serviço – **a quem sirvo em meu espírito**. Deus, que conhece o homem interior, poderia dar testemunho do interesse de Paulo pelos romanos.

**10.** Além de mencionar os romanos freqüentemente em suas orações, o apóstolo também sempre orava sobre a sua ida até eles. Aqui se vê que, embora Paulo sinceramente orasse para estar na vontade de Deus em relação a este assunto, não tinha certeza, quando escreveu, se era ou não da **vontade de Deus** que fosse a Roma. Eis aqui suas próprias palavras: **Em todas as minhas orações, suplicando que nalgum tempo . . . se me ofereça boa ocasião de visitar-vos.** Deus não lhe dissera "Não"; por isso Paulo continuou orando.

**11.** O **dom espiritual** era o que Paulo desejava comunicar aos romanos para fortalecimento deles. Não era algum dom especial, como

aqueles que Paulo alista em Rm. 12:6-8, mas antes um conhecimento crescente das diversas verdades de Deus, que os capacitaria a serem cristãos melhores.

**12.** Encorajamento ou consolo seria recebido por Paulo como também por seus leitores, se pudesse visitá-los. Mesmo esse grande evangelista, que talvez jamais foi igualado em estatura espiritual, declara francamente que precisava do consolo que vem da comunhão cristã. Por isso não nos atrevemos subestimar a importância da comunhão cristã no crescimento cristão. A fé mútua é o fato simples de que tanto Paulo como seus leitores eram cristãos. Observe como os pronomes tomam essa fé pessoal – **vossa e minha**.

**13.** A última frase deste versículo deveria ser ligada ao verbo "propor". **Eu propus ir ter convosco . . . , para conseguir igualmente entre vós algum fruto.** Os leitores em Roma eram gentios, e Paulo esperava ter os mesmos resultados, quando lhes pregasse, que tivera ao visitar outros gentios.

**14, 15.** O apóstolo se considerava devedor daqueles que falavam o grego e daqueles que não o falavam (**bárbaros**). Esta é uma divisão da humanidade em grupos lingüístico-culturais. O segundo par de contrastes de 1:14 trata da erudição e consecução intelectual.

**Sábios** são os que têm um intelecto educado. **Ignorantes** são aqueles que revelam a sua tolice pelo que fazem. Representantes de todas essas classes encontravam-se em Roma. Com todos Paulo se sentia impelido a prolongar as boas novas. Por isso ele fala da sua ansiedade em **anunciar o evangelho** ali. É importante notar que ele esperava alcançar todas essas classes pregando aos crentes romanos – **a vós outros em Roma**. Vemos, portanto, que embora o Cristianismo encontre seu maior número de adeptos entre os membros das classes mais baixas da sociedade (cons. I Co. 1:26-29), há uma urgência constrangedora em alcançar todas as classes de homens.

**E. Resumo da Natureza e Conteúdo do Evangelho. 1:16, 17.**

Nestes versículos encontramos três fatores: 1) A atitude de Paulo para com o Evangelho; 2) a natureza do Evangelho; e 3) o conteúdo do Evangelho. Estes versículos indicam que as boas novas da fé cristã, não são um sistema de filosofia ou código de ética.

**16.** Contrastando com uma série de pensamentos abstratos, o Evangelho ou as boas novas são dinâmicas. Paulo não se envergonha do Evangelho. E a frase **de Cristo** (ERC.) não se encontra nos melhores manuscritos. Paulo não se envergonha do Evangelho porque estas boas novas são o poder de Deus, cujo propósito e alvo são a realização da libertação ou salvação. Um homem obtém tal salvação quando a sua constante reação individual diante do Evangelho é a confiança e crença – **de todo aquele que crê.**

A palavra grega *pisteuo* é uma palavra profunda. A crença no conteúdo do Evangelho é apenas parte do seu significado. Acima disso, significa confiança ou entrega pessoal, ao ponto de alguém se entregar a uma outra pessoa. Embora a crença envolva a aceitação de uma verdade ou uma série de verdades, esta reação não é meramente concordância intelectual, mas antes um envolvimento sincero na verdade aceita. Crer em Cristo é entregar-se-Lhe. Confiar em Cristo é envolver-se totalmente nas verdades eternas ensinadas por Ele e a respeito dEle no N.T. Tal envolvimento total produz sinceridade moral, uma dedicação e uma consagração visível em todos os aspectos da vida. Observe que embora a salvação aqui mencionada seja aos judeus primeiro, os gentios experimentam a mesma salvação.

**17. No Evangelho** a justiça está revelada, a qual Deus concede, produz, imputa. O restante de Romanos conta-nos mais sobre o que está envolvido nesta justiça. Aqui Paulo destaca que a justiça é **de fé em fé.** Esta justiça (que Deus cria) vem ao cristão apenas por causa da fé. Conforme o crente vai cada vez mais se tornando consciente de tudo quanto significa a justiça de Deus, deve entregar-se ainda mais, se quer receber a justiça de Deus.

A ordem das palavras na última parte do versículo é esta: *o justo pela fé viverá*. Aqui se vê o perigo de se seguir a ordem das palavras gregas muito literalmente. Pode dar a entender, que um homem sendo justo de algum outro modo, não viveria, mesmo se cumprisse as exigências de ser justo! A fé está em primeiro lugar, por causa da ênfase em se mostrar que ela é essencial para o homem ser justo.

O grego *dikaïos*, **justo**, também pode ser traduzido para reto ou honesto; daí a tradução: **o justo (reto, honesto) viverá por fé**. Será que o viver descreve a seqüência temporal da vida imediatamente à frente ou refere-se só à vida eterna? Bauer no vocábulo traduzido e editado por Arndt e Gingrich afirma que "a linha divisória entre o presente e o futuro às vezes não existe, ou pelo menos, não é discernível" (Arndt, *zao*, 2. b. pág. 337). Ele traduziria esta frase assim: *aquele que é justo pela fé terá vida*. Como é grandioso o papel da fé para a justificação do homem, na vida que ora vive e na vida que está por vir !

## **II. A Justiça - A Chave do Relacionamento entre o Homem e Deus.**

**1:18 – 8:39**

Aqui Paulo luta corpo a corpo com os grandes temas da vida. Como pode um homem ser justo diante de Deus? Como um homem é afetado pela atitude de Adão e de Cristo? Como deve viver um homem que é justo? Como pode ele viver desse modo?

### **A. A justiça é o "status" necessário para o homem se apresentar diante de Deus. 1:18 – 5:21.**

Os homens precisam da justiça. Esta necessidade se fundamenta na natureza e essência de Deus.

#### **1) O Fracasso do Homem em Obter Justiça. 1:18 – 3:20.**

O motivo porque a justiça é tão importante está no fato do homem não possuí-la. Primeiro, ele precisa tomar consciência de que não a tem.

Através dos tempos, têm havido aqueles que sentiram que Deus tem de ser agradado com o caráter deles. Nestes capítulos, Paulo continua mostrando a frivolidade de tal ponto de vista.

### a) O Fracasso dos Gentios. 1:18-32.

**18.** A justiça e a ira de Deus, ambas expressam a atitude divina para com o homem. A justiça é a resposta de Deus para a fé ou confiança, a ira é a sua reação contra a **impiedade** e **injustiça**. Ambas manifestou claramente a resposta de Deus. O que faz um homem ímpio ou justo? Ele **detém** ou *suprime* a **verdade** (particípio presente) na esfera da injustiça na qual ele vive. Ele quer evitar a verdade sobre o que ele é, e sobre o que está fazendo. Por isso totalmente tenta desvencilhar-se da verdade.

**19.** A verdade vem ao homem em sua esfera de injustiça. **Porquanto o que de Deus se pode conhecer.** Aqui está a declaração de que Deus é conhecível. Manifesto entre eles. Isto também se poderia traduzir da seguinte forma: manifesta-se-lhes (Arndt, *phaneros*, pág. 860; *en*, IV, 4. a, pág. 260) ou *manifesta-se entre eles*. O contexto, sem dúvida, favorece as duas últimas traduções. Por que Deus é passível de conhecimento? Ele age. Deus **manifestou** ou *revelou* (*mostrou*) o que dEle mesmo pode ser conhecido pelos homens. Esta revelação é uma auto-revelação, que Deus pode pôr em prática como Ele deseja.

**20. Os atributos invisíveis de Deus.** Esta frase se refere à natureza e atributos invisíveis de Deus.

**Desde o princípio do mundo . . . claramente se reconhecem.** Aqui Paulo faz uma ousada afirmação. Desde o tempo em que Deus criou o mundo, seus atributos invisíveis – as características que o declaram ser Deus – são claramente percebidas. Por quem e como são claramente percebidas? . . . **sendo percebido por meio das coisas que foram criadas.** *Nas* é uma tradução melhor do que *pelas* (E.R.C.). Os invisíveis atributos de Deus são compreendidos pelos homens que podem se ocupar de reflexões e conhecimento racional. Qual é a base para o seu conhecimento? **Das coisas que foram criadas** (*poiema*). A

palavra *poiema* significa "que está feito", "obra" ou "criação". Bauer traduz: *nas coisas que foram criadas* (Arndt, *kathorao*, pág. 393), ou *pelas coisas que ele criou* (Arndt, *poiema*, pág. 689). O substantivo está no plural. No grego clássico usava-se o plural referindo-se à obras, poemas, ficção, feitos ou atos – isto é, qualquer coisa feita (LSJ. pág. 1429). A palavra *poiema* encontra-se trinta vezes na LXX. Exceto uma vez, traduz a palavra hebraica *ma'aseh*, "feito" ou "obra". Na exceção foi traduzida do hebreu *po'al*, "ato", "feito" ou "obra". Portanto, está claro que as coisas que Deus criou, diz-se que testificam de sua natureza invisível.

Que aspecto da natureza invisível de Deus elas testificam? Paulo é específico – **o seu eterno poder**. Na citação, se vê o poder eterno ou perpétuo de Deus. Na mesma proporção em que se desenvolve a perícia do homem na exploração do espaço e na análise da estrutura do átomo, assim, também, deveria crescer sua consciência do poder de Deus.

**A sua própria divindade.** O Criador que demonstrou tão ilimitado poder é o Ser supremo com o qual os homens têm de ajustar contas. Observando suas obras, os homens se confrontam com o Deus vivo. Como resultado, ficam **indesculpáveis**.

**21-23.** Paulo enumera as coisas que os homens colocaram no lugar do Deus vivo. Que trágica lista de substituições!

**Porquanto, tendo conhecido a Deus.** Eis aí, homens que se deparam face a face com as obras de Deus e com o próprio Deus, de modo que o conheceram. Mas eles não reagiram a este conhecimento como deveriam. Eles não o **glorificaram** (louvaram, honraram, magnificaram) como Deus; nem lhe deram graças. Este fracasso mostra qual deveria ser o fim principal do homem: glorificar o Senhor pelo que Ele é, e dar-Lhe graças pelo que Ele tem feito. Os pensamentos desses gentios voltaram-se para coisas sem valor.

**Obscurecendo-lhes o coração insensato.** Rejeitar a Deus, afastar-se da luz, produz trevas naturalmente. Estas trevas penetram em seu ser interior – a mente, o raciocínio, as emoções, etc. Na sua idolatria, isto é,



em sua citação de substitutos para o ser de Deus, eles realmente pensavam que eram sábios. Pensamentos indignos logo produzem objetos indignos de adoração.

**24-25.** Os versículos 24, 26, 28 todos repetem a mesma frase solene: **Deus entregou.** O Senhor entrega os homens às conseqüências daquilo que eles escolheram para si mesmos. Quando os homens escolhem um modo maligno de viver, também escolhem as conseqüências que essa maneira de vida produz. Esta é a prova que Deus estabeleceu um universo moral.

**Concupiscências** (desejos) **de seus próprios corações** (ou, que seus corações produziram, v. 24). A palavra traduzida para concupiscência, pode se referir a "desejos", tanto bons como maus. Aqui, obviamente, refere-se a desejos maus. A tradução "concupiscência" dá a idéia de sensualidade, que se encaixa no contexto da impureza. Observe que Deus entrega os homens àquelas coisas que eles desejam. Como resultado seus corpos se desonraram entre si. A idolatria consiste na adoração e no culto prestado à criatura (v. 25); na sensualidade o homem adora e serve a si mesmo.

**26, 27.** A impureza sempre gera mais impureza. Aqui está um juízo, divino no qual Deus entregou os gentios **a paixões infames.** As mulheres são acusadas de perversão sexual no versículo 26 e os homens no versículo 27. Paulo usa linguagem direta, para condenar a perversão do sexo fora do seu justo lugar, dentro do relacionamento conjugal. Ele considera a união dos sexos no casamento como relacionamento natural (**modo natural**). Mas ali as mulheres trocaram as relações naturais do sexo, por aquelas que são contrárias à natureza. Os homens fizeram a mesma coisa. Paulo descreve a depravação e degradação do homem inflamado com desejo sensual uns pelos outros. A isto se segue a nota do juízo. **Recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro.** Paulo não penetra nos detalhes sobre qual seria exatamente a natureza do juízo – as conseqüências psicológicas e físicas. Mas a natureza da penalidade diz-se que corresponde à enormidade do pecado.

**28-32.** Aqueles que não parecem se encaixar no conhecimento de Deus, Ele os entregou a um sentimento perverso. A palavra grega tem estes significados: "baixo", "desqualificado", "indigno", "incapaz de ser aprovado" ou "desaprovado". Eis aí, uma mente que não tem um ponto estável sobre o qual se edifica a harmonia interior. Tal mente pode produzir só aquelas coisas **inconvenientes**, (*que não convém*) ou *aquelas coisas que são indignas*. A lista dos versículos 29-31 mostra que tal mente está em desarmonia com ela mesma, e com os seus próximos. A anarquia e o caos vêm de uma mente que retira Deus do seu conhecimento. Em alguns bons manuscritos não se encontra a palavra *fornicação* (AV, v. 29).

**Difamadores** são aqueles que falam mal dos outros, ou seja os fofoqueiros. **Caluniadores** são os que procuram arruinar ou difamar o caráter dos outros – difamadores. O homem que arruína a reputação de outras pessoas, ele mesmo se torna repulsivo.

Observe a desagradável combinação apresentada no versículo 31: **Insensatos, pérfidos, sem afeição natural. Sem misericórdia** não se encontra nos bons e antigos manuscritos. Lembre-se de que as pessoas aqui descritas tiveram oportunidade de conhecer os atributos de Deus. Mais ainda, elas sabiam que a morte era a penalidade para o mal. Mesmo assim, além de pecarem com prazer, também aplaudem os outros que pecam. Seu pecado alcançou um ponto onde elas recebem uma satisfação vicária no pecado dos outros.

## Romanos 2

### b) O Fracasso do Homem Que Julga em Contraste com o Justo Juízo de Deus. 2:1-16.

O homem que Paulo considera julgando não foi dito se é judeu ou gentio. Ao que parece, Paulo tinha o judeu em mente, uma vez que o homem que julga, experimentou a bondade e a paciência de Deus de maneira especial. A recompensa do Senhor para cada pessoa será de acordo com as obras dela – não de acordo com os seus próprios

privilégios. Deus julgará com justiça, quer um homem viva sob a lei Mosaica ou longe dela.

**1-4.** A palavra **julgas** (*krinon*) ocorre três vezes no versículo 1 (E.R.C.). Tem aqui o significado de fazer juízo desfavorável, criticando ou censurando. O homem que é indesculpável é aquele que tem grande capacidade de crítica, mas não autodisciplina.

**O juízo de Deus é... contra os que praticam tais cousas. Tais cousas.** As ações do crítico são idênticas às ações daqueles que ele critica. O catálogo de pecados em Romanos 1 é positivamente inclusivo. Inveja, murmuração e contenda são consideradas faltas nos outros, mas o crítico desculpa essas coisas nele mesmo, como se fosse "um justo senso de necessidade", "uma simples declaração de fato", ou "uma corajosa posição ao lado da verdade".

Paulo apela para a consciência do homem: **Pensas que te livrarás do juízo de Deus?** (isto é, à sentença pronunciada por Ele?) A tradução **desprezas** (v. 4) pode ser uma tradução forte demais para *kataphroneo*, em relação ao contexto. Parece que seria melhor traduzir assim: *Ou será que alimentas idéias erradas a respeito da* (Arndt, pág. 421) bondade, paciência e longanimidade de Deus? A palavra **arrependimento** envolve muito mais do que o abandono de uma prática antiga. Envolve o começo de uma nova vida religiosa e moral (veja Arndt, págs. 513, 514). Uma vez que a bondade de Deus não traz castigo imediato, não se deve crer que o Senhor seja indiferente ao pecado. Longe disso! Por causa de sua bondade divina, Ele quer levar os homens por um novo caminho de vida. Ter idéias erradas a respeito disso é descansar numa falsa complacência. O juízo de Deus é certo.

**5-11.** O Todo-Poderoso examina a conduta do homem e o julga de acordo com ela. Um homem cujo coração é duro e impenitente, armazena a ira de Deus contra ele. **A ira . . . de Deus** armazenada nos céus é o mais trágico estoque que um homem poderia acumular para si. Observe a nota sobre o juízo individual no versículo 6. Qual é a

disposição ou perspectiva daqueles que buscam a glória, a honra e a imortalidade?

**Perseverando em fazer o bem** (v. 7), caracteriza a perspectiva daqueles que buscam os alvos enumerados. O resultado é que recebem vida eterna do Juiz. Aqueles que por causa da contenda são desobedientes à verdade e obedecem à injustiça, recebem a ira e o juízo. As obras são sempre o ponto central do quadro neotestamentário do juízo. São indicação externa de uma confiança ou entrega interior da pessoa. O Senhor, é claro, olha para ambos, o interior e o exterior. Mas a atividade exterior revela a convicção interior. É preciso apenas que se compare a forma do verbo em 2:9 – **que faz o mal** (constantemente) – com a do verbo em 2:10 – **que pratica o bem** (constantemente) para se ver que as atitudes revelam as convicções (ou a falta delas). Isto não significa que aqueles que fazem o bem constantemente têm um pleno conhecimento de Deus. Mas sem uma confiança em Deus, a qual exige algum conhecimento, os homens não serão capazes de executar constantemente e com determinação aquilo que Deus diz que é bom.

**12-16.** Uma vez que em Deus não existe parcialidade, como Ele vai lidar com aqueles que pecara sem a lei e aqueles que pecam debaixo da lei? A resposta se encontra nas frases – **perecerão e serão julgados** (v. 12). Tanto os que vivem debaixo da lei como aqueles que vivem sem a lei foram declarados pecadores. O tempo aoristo aqui (pecaram) acentua uma ação completa. Resume todos os pecados da pessoa cometidos durante a sua vida. Por causa do total desses pecados, os homens que não tiveram a oportunidade de viver debaixo da lei mosaica, **perecerão**. Do mesmo modo, por causa do total dos seus pecados, aqueles que viveram debaixo da lei **serão julgados**. Embora uma linguagem diferente fosse usada para descrever o juízo de Deus, este juízo é certo e justamente dispensado, quer a lei mosaica exerça alguma parte no juízo, quer não. Até onde o juízo está envolvido, o que conta é a situação, não a tomada de consciência deste ou daquele estado. **Os que praticam a lei hão de ser justificados**, isto é, *serão absolvidos, serão declarados justos*.

A esta altura surge uma pergunta profunda: Os praticantes da Lei se limitam àqueles que conhecem e praticam a lei mosaica? Em 2:14 Paulo responde "Não" à pergunta e explica a razão. Os gentios que não têm a lei mosaica, **procedem por natureza de conformidade com a lei**. A expressão **natureza** (*physei*) tem sido interpretada com o significado de "seguindo a ordem natural das coisas" (veja Hans Lietzmann, *Der Brief und die Romer, também Handbuch zuni Neuen Testament*. Digressão sobre Rm. 2:14-16). Mas o contexto aqui não tem a mesma ênfase de 1:20. Por isso parece muito melhor aceitar que **natureza** significa "instintivamente". O que está envolvido neste tipo de resposta? Quando os gentios praticara instintivamente os requisitos da Lei, eles **os fazem de conformidade com a lei** (2:14). Eles exibem **a norma da lei gravada nos seus corações**. Esses gentios têm uma norma e padrão interior colocada por Deus em seus corações. Esse padrão interior é a base tanto para a reação de suas consciências quanto do seu raciocínio. A **consciência** (v. 15) é uma reação intelectual automática a um determinado padrão. Contrastando, *raciocínio* envolve reflexão. Os **pensamentos** resultantes de tal reflexão, representam um julgamento ponderado, em contraste à reação intelectual e automática da consciência. As consciências de muitas pessoas associadas produzem um testemunho mútuo. Do mesmo modo os julgamentos de valores combinados do grupo são difundidos. As decisões resultantes, às vezes reprovam as pessoas do grupo, e às vezes falam em sua defesa. Embora Paulo não descreva todo o conteúdo desse padrão interior, ele assegura que existe. Sabemos que tanto a consciência quanto a razão podem decidir que certa atitude é ruim e outra atitude é boa. Os gentios, quando corretamente reagem diante desse padrão, não ficara completamente sem lei. São praticantes obedientes da lei que Deus coloca em seus corações. Seda melhor ligar o 2:16 ao 2:13: "Os praticantes da lei serão justificados . . . no dia em que Deus julgar os segredos dos homens".

Esta passagem dá alguma luz sobre o destino eterno daqueles que nunca ouviram o Evangelho. Como Deus lidará com essas pessoas no dia

do juízo? Estes versículos parecem indicar que Ele observará suas ações tal como observará as ações daqueles que conhecem a Lei, e aqueles que ouviram o Evangelho, e que Ele julgará todos de acordo com tais observações. Então, a obediência a este padrão interno não anula o princípio da salvação pela fé? Não. A fé é essencial para aqueles que obedecem ao padrão interno e para aqueles que obedecem à Lei ou ao Evangelho. Mas quão mais rico e mais completo se torna o nosso conhecimento de Deus, a medida que for revelado através do seu Filho!

A busca da **glória, honra e incorruptibilidade** (v. 7) não passariam de egoísmo. Mas a busca dessas coisas com a determinação de fazer o que é bom (v. 7) significa que aquele que busca está cômico de um padrão de bondade. Se este padrão fosse uma simples abstração, como seria difícil perseverar na bondade.

Mas se o padrão é o próprio Deus – ainda que imperfeitamente percebido (e quem de nós percebe Deus perfeitamente?), a fé ou a submissão a Ele estabelecerá as bases para a perseverança constante naquilo que é bom. Por que, então deveríamos levar impacientemente o Evangelho àqueles que nunca ouviram? Antes de tudo, porque Deus no-lo ordenou (Mt. 28:19, 20; Atos 1:8). Segundo, é essencial, pois Deus quer que cada pessoa seja confrontada com o conhecimento de Deus (Is. 11:9; Hc. 2:14; Is. 45:5, 6; 52:10; 66:18, 19; II Ts. 1: 8) e tenha oportunidade de se lhe entregar e de ampliar o conhecimento dEle (Jo. 14:7; 17:3; II Co. 2:14; Tt. 1:16; I Jo. 2:3-6; 5:19, 20; Fp. 3:8-10; II Pe. 3:18). Finalmente, é essencial por causa do que Cristo é – o clímax da revelação de Deus (Hb. 1:1 , 2).

Uma vez que Cristo é a suprema revelação de Deus, e uma vez que o N.T. é o registro que confronta os homens com Cristo, outros métodos de revelação divina devem ser considerados apenas fragmentários. Isto é especialmente verdade no que se refere aos dois métodos discutidos em Romanos 1; 2: (1) o testemunho das coisas que foram criadas (1:20); 2) o padrão interno colocado nos corações (2:14, 15). Todavia, eles são

canais divinamente escolhidos, cuja existência e função Paulo convida seus leitores a considerar seriamente.

### c) O Fracasso dos Judeus. 2:17-29.

Aqui Paulo descreve vividamente as oportunidades dos judeus, e destaca como até mesmo essas não levaram os judeus a uma vida de obediência e comunhão com Deus.

**17-20.** O fracasso do judeu tornou-se mais conspícuo por causa dos seus privilégios e sua fé. Ele *repousava* na lei. Ele se gloriava (orgulhava-se) em Deus. Ele conhecia a vontade de Deus. **Aprovas as coisas excelentes** (ou aquelas que são essenciais). Ele podia fazer a vontade de Deus porque fora oralmente instruído na Lei. Ouvira os rabinos discutindo os pontos cruciais. Por causa de tais antecedentes, o judeu tinha confiança. Ele podia ajudar e instruir os demais, porque ele tinha certeza de que tinha a forma da ciência e da verdade na Lei (v. 20).

**21-24.** Paulo insiste na derrota dos judeus, perguntando-lhes se suas atitudes estão de acordo com os seus ensinamentos (2:21, 22). **Tu, pois, que ensinas a outrem não te ensinas a ti mesmo?** (v. 21) Por que, é claro, que o faz. Nas outras três perguntas: *Furtas? Adulteras? Roubas os templos?* Paulo não diz que tipo de resposta espera. Mas ele destaca que o judeu, transgredindo a Lei da qual tanto se orgulha, desonra a Deus – Aquele que deu a Lei. O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa da maneira de agir dos judeus. A última frase – **como está escrito** – não se refere a alguma passagem do V.T. em particular que fala dos pecados dos judeus como causa da blasfêmia contra o nome de Deus. Antes, Paulo parece ter juntado Is. 52:5 e Ez. 36:21-23.

**25-29.** Aqui o apóstolo aponta para o que ele considera um verdadeiro judeu. Ele mostra que o gentio que guarda (a palavra *ohyllasso* também pode ser traduzida para *observa*, ou *segue*) **os preceitos da lei** (v. 26) é um verdadeiro judeu. O rito da circuncisão só declara que um homem é judeu se este praticar a Lei. Para um judeu, tornar-se transgressor da Lei é, realmente, diante de Deus, tornar-se

incircunciso. Além de um gentio ser um verdadeiro judeu, se observar os preceitos da Lei, ele, que é fisicamente incircunciso, se assentará para julgar o judeu que tem as qualificações físicas, mas nenhuma obediência (v. 27). Esta é uma declaração de Paulo, não uma pergunta. No versículo 27 Paulo destaca que o judeu que será julgado pelo gentio, é aquele judeu que é transgressor da Lei, **não obstante a letra e a circuncisão** (cons. *dia*, Arndt, III, 1, c, pág. 179). Eis aí a tragédia daquele que tem uma lei escrita objetiva, e o sinal exterior da aliança de Deus com o seu povo, mas que no entanto nunca se apropriou da realidade. Numa última palavra ao judeu, Paulo destaca que não é o exterior, mas a condição interior do coração que toma um homem verdadeiramente judeu, isto é, filho de Deus (v. 29). A verdadeira circuncisão é uma espécie de circuncisão do coração (cons. Lv. 26:41; Dt. 10:16; 30: 6; Jr. 4:4; 9:26; Atos 7:51). Esta verdadeira circuncisão não está na esfera da legalidade - um código escuto - mas antes na esfera do espírito, isto é, na área da vontade.

### Romanos 3

#### d) Objeções aos Ensinamentos de Paulo sobre o Fracasso do Homem. 3:1-8.

Paulo fala principalmente das objeções oriundas dos judeus. Mas a idéia de que a justiça de Deus é exaltada pelo pecado do homem, vem de qualquer oponente dos ensinamentos paulinos.

**1-4.** Qual é a **vantagem** do judeu? Qual a **utilidade** da circuncisão? Essas perguntas parecem extraídas da experiência de Paulo na pregação do Evangelho. A resposta de Paulo é: "Muita, em toda maneira" (v. 2). Ele faz seu interrogante se lembrar que aos judeus foram confiados os **oráculos de Deus**. No grego clássico a palavra *logion* ("oracle") usa-se principalmente em relação às frases curtas pronunciadas por alguma divindade. (Arndt, pág. 477). Em Atos 7:38 a palavra é usada falando-se das revelações que vieram a Moisés. Em Hb. 5:12 é usada em relação com os elementos iniciais pertencentes aos oráculos ou palavras de Deus.



A passagem em Hebreus refere-se a um todo coletivo. Pedro diz que se alguém falar, tendo recebido graça, deve falar os oráculos .ou palavras de Deus (I Pe. 4:11). Em Rm. 3:2 o destaque foi dado às promessas de Deus, aos judeus. Em todos os contextos os "oráculos" envolvem proclamação oral, e referem-se à voz viva de Deus e às verdades que Deus falou aos homens. Deus confiou essas verdades aos judeus durante longos períodos de tempo. Os judeus as colecionaram, e elas foram *registradas* no V.T. Mas a palavra *logion* propriamente dita destaca o pronunciamento particular de Deus. O fato de que todos esses pronunciamentos vieram aos judeus foi certamente para vantagem deles.

Paulo começa o versículo 3 com uma pergunta: **E daí?** *Qual é pois a situação?* Os judeus tinham essas verdades divinas vitais. Mas como reagiram?

**Se alguns não creram, a incredulidade deles virá desfazer a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma.** Paulo responde rapidamente (*longe disso*). A palavra **alguns** não significa, necessariamente, uma pequena parte. O contraste está entre "parte" e "todo". Além de Deus ser fiel, Ele também é verdadeiro. Para reforço de suas palavras o apóstolo cita Sl. 51:4: "De maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar". Deus é fiel, verdadeiro e vitorioso, embora os judeus na grande maioria, tenham se tornado infiéis.

**5-8.** A tradução de *synistemi* para **recomenda** não é satisfatória. A palavra realmente significa **demonstra** ou **traz a lume**. Se a nossa injustiça – a do judeu e gentio – demonstra a justiça de Deus, então que diremos?

**Porventura será Deus injusto por aplicar a sua ira?** Paulo nos diz que está falando sob o ponto de vista humano. Então ele replica, **De maneira nenhuma** (v. 6). Paulo é tão conciso no começo do versículo 6 que o peso de sua resposta se perde. **Certo que não**, se o Senhor não trazer o castigo da ira, **como julgará Deus o mundo?** O fato de que a justiça divina brilha fortemente contra as trevas do cenário da injustiça do homem, nada tem a ver com a justiça do Senhor no juízo e na

condenação que devem vir. Deus tem de julgar, condenar e punir porque é um ser santo. Sendo um ser santo *tem* de lidar com qualquer violação da santidade. Paulo assegura aqui que *deve*, sem entrar no por quê.

No versículo 7 ele coloca a objeção de seu interpelador em uma forma um pouco diferente. **E, se por causa da muna mentira fica em relevo a verdade de Deus para a sua glória** (cons. *perisseuo*, Arndt, pág. 656), **por que sou eu ainda condenado como pecador?** Antes examinou o argumento de que a justiça de Deus sobressai contra o cenário do pecado humano. Aqui ele ataca o argumento de que a verdade de Deus torna-se mais clara, quando em contraste com a falsidade do homem.

A esta altura, Paulo menciona a caricatura corrente dos seus ensinamentos referentes à salvação pela graça: **Pratiquemos males, para que venham bens** (v. 8). Para aqueles que respondem assim, o único comentário de Paulo é: **A condenação destes é justa**. Estes dois argumentos falsos baseiam-se sobre a idéia de que o Senhor precisa do pecado a fim de demonstrar que Ele é Deus. Ele não precisa nada disso. Sendo Deus, na presença do pecado demonstrará quem Ele é. Mas como é muito mais glorioso ver o que, e quem Ele é na esfera da eterna comunhão com Ele, do que no banimento de Sua presença, com todas as conseqüências provenientes.

### **e) O Fracasso de Toda a Humanidade Diante de Deus. 3:9-20.**

Paulo conclui que este ensinamento concorda com o V.T. e a função da Lei, que é despertar a consciência do pecado.

**9. Que se conclui?** Deveria ser desenvolvido em: *O que devemos, pois, concluir?* Antes de tirar esta conclusão, Paulo faz mais uma pergunta. Se esta pergunta – **Temos nós qualquer vantagem?** relaciona-se aos judeus com os quais Paulo esteve lidando na primeira parte do capítulo 3, o verbo *proekometha* tem de ser traduzido: **Temos nós** (os judeus) qualquer vantagem? Isto é, nós os judeus estamos em posição pior do que os gentios? Ao que Paulo responde, **de forma**

**nenhuma.** Mas se a pergunta refere-se a todo o argumento começado em 1:18, então tomando *proekometha* na voz média, a tradução seria: *Podemos nós (os leitores) manter algo diante de nós para proteção?* O verbo *proeko* no meio significa "manter diante de alguém" (veja LSJ, pág. 1479). A pergunta então seria: Temos nós, em nós mesmos, algo que nos proteja contra a ira de Deus? Paulo responde: **De forma nenhuma, pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado.** O pecador não tem meios em si mesmo de lidar com o pecado. Ele está **debaixo do pecado**, isto é, debaixo do poder, governo, comando, controle do pecado. Ele precisa de ajuda de fora. Seus próprios recursos não podem libertá-lo.

**10-18.** Nestes versículos Paulo cita um número de passagens do V.T.: 3:10-12 do Sl. 14:1-3; 3:13 a, b do Sl. 5:9; 3:13 c do Sl. 140:3; 3:14 do Sl. 10:7; 3:15-17 de Is. 59:7, 8; 3:18 do Sl. 36:1. O apóstolo não cita do texto hebraico mas da versão grega do V.T., a Septuaginta (LXX). Às vezes ele a cita exatamente; outras, parafraseia ou abrevia; ocasionalmente ele se sente bastante livre para manipular as palavras (veja Sanday e Headlam, *The Epistle to the Romans*, ICC, págs. 77-79). Mas o pensamento do V.T. é adequadamente comunicado. Todas essas citações são dos Salmos com exceção de uma passagem – Is. 59:7. Em seu contexto original nem todos esses versículos destacam a universalidade do pecado. O primeiro (Sl. 14:1-3) sim. Os três seguintes (Sl. 5:9; 140:3; 10:7) tratam da condição, atitude e conduta dos maus. A passagem de Isaías (59:7, 8) trata da injustiça de Israel. O Salmo 36:1 apresenta a falta de respeito do homem mau para com Deus. Essa coleção de citações do V.T., portanto, ilustra as diversas formas do pecado, as indesejáveis características dos pecadores, o efeito de suas ações e a atitude deles para com Deus. É o mesmo quadro que Paulo estivera pintando.

**19,20. Tudo** (todas as coisas) **que a lei diz.** A palavra **lei** aqui deve se referir às diversas citações que Paulo acabou de fazer. Uma vez que foram extraídas dos Salmos, com exceção da passagem de Isaías, Paulo

aqui não se refere à lei mosaica. Essas citações vieram dos "Escritos" e dos "Profetas" – as duas maiores divisões do V.T. – indicando que Paulo chama de lei a todo o V.T. Uma vez que o V.T. fala *aos que estão debaixo da lei* (Arndt, en, 5, d., pág. 259). Isto inclui tanto judeus como gentios – qualquer um que leva a sério a mensagem do V.T. O ensinamento do V.T. é tal que **para que se cale toda boca** – não tem defesa a apresentar – **e todo o mundo seja culpável perante Deus**. No versículo 20 Paulo parece retornar ao conceito mais estreito e mais freqüente da lei - a lei mosaica. Pelas obras que a lei mosaica prescrevia, *ninguém será justificado*. Paulo demonstrou o fracasso de ambos, judeu e gentio. Portanto, o veredito de não absolvição é uma importante parte do quadro.

Se a Lei e o que ela prescreve não produz absolvição, o que é que produz? **Pela lei vem o pleno conhecimento** (cons. Arndt, *epignosis*, pág. 291) **do pecado**. A palavra **pecado** está no singular. A Lei faz o homem cômescio dos efeitos de sua natureza, caráter ou ser. Em virtude do que ele é, o homem age como age. A Lei torna o homem cômescio que ele não é o que deve ser. Levar o homem a reconhecê-lo é uma grande tarefa. Uma vez que Paulo atribui à Lei essa tarefa, ele certamente não desmerece a lei.

## **2) A Justificação se Obtém pela Fé Não pelas Obras da Lei. 3:21-31.**

Se um homem fracassou na obtenção da justificação, e se a justificação é necessária diante de Deus, então como pode o homem obter essa justificação? Como Deus pode ser justo quando Ele absolve um homem e o declara justo? Paulo acabou de tornar o problema mais agudo provando que todos os homens são pecadores. Assim, se Deus declara todo homem justificado, está declarando que o injusto é justo. A resposta de Paulo mostra a sabedoria e o envolvimento de Deus na questão do pecado humano.

**21. A justiça de Deus.** Paulo quer dizer a justiça concedida por Deus. Essa justiça é **sem lei** no sentido de que não é uma justiça merecida ou adquirida pela guarda da Lei. Sem a Lei a justiça de Deus **se manifestou**. Eis aí a justiça enviada por Deus e revelada por Deus. Embora distinta de qualquer justiça buscada pela guarda da Lei, ela é **testemunhada pela lei e pelos profetas**. A última frase significa todo o V.T. (Mt. 5:17; 7:12; 11:13; 22:40; Lc. 16:16; Atos 13:15; 24:14; 28:23). Que Deus possa aceitar a fé por justiça não é pensamento estranho ao V.T. (veja Rm. 4).

**22-24.** Se a justiça é concedida, a quem ela é concedida? Esta justiça é realizada através da causa eficiente – a fé, que tem por seu objetivo, Cristo. É uma justiça **sobre todos os que crêem**. O particípio presente toma claro que este é um compromisso com Cristo para toda a vida, comprovado na reação diária da confiança (veja 1:16). A única coisa exigida é a confiança e apenas confiança.

**Não há distinção** entre judeu e gentio no que se refere ao pecado (3:23). **Pois todos pecaram** (veja 2:12). Este pecado refere-se ao envolvimento de todos os homens – tanto judeus como gentios – em transgressão. O tempo coloca junto as transgressões pessoais em um todo coletivo.

Todos os homens manifestam seu envolvimento no afastamento de Adão do que era justo, *carecendo continuamente da glória de Deus*. **Carecem** significa estar carecendo ou em falta. Do que é que o homem carece ou tem falta?

A **glória de Deus** inclui o esplendor ou radiância de Deus – a manifestação externa do que Deus é. Majestade e Sublimidade também fazem parte da glória de Deus. Majestade envolve poder. Sublimidade envolve uma posição superior e elevada – daquele que é supremo. A glória de Deus, todavia, não é apenas para ser *vista* por aqueles que crêem (Jo. 11:40), mas é para ser *aceita* ou *fazer parte* daqueles que crêem (II Co. 3:18) e é o seu destino (I Ts. 2:12; II Ts. 2:14). Ela não é apenas atribuída a Deus pela grande multidão celeste por causa de sua

vitória sobre o pecado (Ap. 19:1), mas também caracteriza a Cidade Santa, o eterno lugar de habitação de Deus com o seu povo (Ap. 21:11, 23). Os homens estão sempre carecendo da glória de Deus porque a prática contínua do pecado nega tudo o que a glória de Deus significa.

A justiça de Deus que foi revelada, e a qual Deus concede a todos aqueles que estão crendo ou confiando significa que eles estão *absolvidos* ou **justificados gratuitamente** (Rm. 3:24).

Como pode ser? É por meio da **graça de Deus**. Deus está favoravelmente disposto a fazê-lo, não por causa de algum mérito nos homens, mas porque Ele é gracioso e resolveu manifestar a Sua graça para com os homens. Mas pode Deus fazê-lo simplesmente por uma decisão de Sua vontade, sem qualquer ação objetiva de Sua parte? Paulo responderia "não". Portanto, ele acrescenta a frase, **redenção que há em Cristo Jesus**. O homem pode ser absolvido (justificado) porque Deus agiu. Ele providenciou a **redenção**. Originalmente a palavra significa *tornar a comprar* um escravo ou cativo, *libertando-o* pelo pagamento de um resgate (Arndt, *apolytrosis*, pág. 95). Aqui a redenção se refere à libertação providenciada por Cristo, libertação do pecado e suas conseqüências. Esta redenção ou libertação é em **Cristo Jesus**. Estar em Cristo é pertencer-Lhe e ser uma parte de tudo o que Ele tem feito e realizado por meio de Sua obra redentora. Paulo agora prossegue mostrando exatamente o que esta obra envolveu.

**25,26.** Esta obra é uma transação objetiva, um ato particular de Deus que envolveu a pessoa do Seu Filho. Foi um ato necessário. A necessidade não foi imposta a Deus de fora, pois então Ele não sedaria Deus. Foi-Lhe imposta no Seu interior, em virtude de Sua própria natureza. **A Quem (Cristo Jesus) Deus propôs, no seu sangue, como propiciação.** Aqui Paulo reúne Deus e Cristo, a obra realizada, e a reação do homem diante desta obra. Deus expôs Cristo publicamente como meio de propiciação em ou pelo Seu sangue. A morte de Cristo foi um fato que deve ser observado por todos. Mas o aspecto propiciatório – esse que propiciou o pecado – foi o de desistir de Sua vida. Isto se vê no

fato de que o Seu sangue foi derramado. Esses detalhes não foram apresentados para despertar simpatia, mas para mostrar a realidade desta morte. Deus foi o ofertante. Cristo foi o sacrifício. O pecado humano foi coberto, isto é, apagado para sempre. Todavia para esta propiciação se tornar efetiva na vida da pessoa, é preciso que haja fé. A fé ou confiança está em Deus, em primeiro lugar, mas também envolve o que Ele fez. Ele tomou o pecado em Seu próprio ser (II Co. 5:21), lidou com ele ali objetivamente, e assim fazendo, teve **em vista a manifestação da sua justiça**. Mas será que Deus **deixou impunes os pecados anteriormente cometidos**, isto é, antes da morte de Cristo? A morte de Cristo, objetiva e pública no Calvário, prova que o Senhor não deixou impunes esses pecadores. Sabemos que Ele estava ali resolvendo o problema do pecado humano – os pecados do passado da humanidade e também os que estavam sendo praticados no presente, e aqueles ainda a serem cometidos – porque ele o declarou através dos Seus apóstolos e profetas. Esses pecados do passado foram cometidos **na sua tolerância** (Rm. 3:25). O Senhor não se esqueceu desses pecados, embora não os resolvesse imediatamente. A ação de Deus na cruz foi mais do que uma autovindicação à vista da história humana do passado. Ela foi também **a manifestação da sua justiça no tempo presente** (3:26). O Senhor tem de ser justo agora quando declara justificado aquele que crê em Jesus. Ele não passou uma lei dizendo, que aquele que crê em Jesus, seria declarado justificado simplesmente porque Ele o disse. Antes, Ele agiu. O Pai, o Filho e o Espírito Santo entraram na arena do pecado humano. O Todo-Poderoso colocou a base sobre a qual poderia perdoar o pecado, e sobre a qual declara os pecadores justificados, ainda assim permanecendo justo.

**27-31.** Agora Paulo prossegue com os resultados da obra salvadora de Deus em Cristo na cruz. Ele sustenta que a **jactância** está **excluída**. Como? **Por que lei?** Por que tipo de sistema, princípio, código, ou norma poderia a jactância ficar excluída? **Das obras?** Oh, não. Tal sistema engendra o orgulho. Antes, é pela **lei da fé**. Uma vida

centralizada nas obras é uma vida centralizada no ego. Mas a lei ou código da fé produz uma vida centralizada em Deus. O Cristianismo está sendo considerado aqui como uma nova lei – um código de vida com a fé no seu centro. Esta idéia da palavra **lei** se encontra em Rm. 3:27; 8:2; Tg. 1:25; 2:8, 9; 2:12.

A essência da **lei da fé** é que **o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei** (Rm. 3:28). O Senhor é aquele que declara os homens justificados. Ele é o Deus, tanto de judeus como de gentios (v. 29). Ele declara que os judeus são justificados *por causa da* (*ek*) fé, e os gentios **mediante a** (*diá*) fé. Nos dois exemplos a fé é a causa da declaração de Deus. Assim ambos, judeu e gentio, encontram aceitação com Deus da mesma maneira - através de uma submissão pessoal a Ele, uma confiança pessoal nEle. Este fato não significa que a Lei seja anulada. Antes, **confirmamos a lei**, ou *estabelecemos*. Ela é confirmada no seu papel de tornar os homens cônscios do pecado (v. 20). A lei confronta os homens não apenas com o seu próprio pecado, mas também com o Doador da Lei. Quando os homens confiam em Deus, o Doador da Lei, estão exatamente no lugar onde a lei tinha a intenção de colocá-los.

## Romanos 4

### 3) A Justificação pela Fé na Vida de Abraão. 4:1-25 .

A argumentação de Paulo de que somos justificados pela fé, não é algo novo. O objeto da fé para Paulo era Cristo. A explícita apresentação da fé em Cristo como meio de justificação, torna a nova aliança uma aliança eterna. Mas a velha aliança já trazia em si o princípio da justificação pela fé. Quem melhor do que Abraão serviria, por exemplo? Ele foi o pai do povo judeu. Por isso Paulo examina cuidadosamente a sua vida.

#### a) Sua Justificação Obtida pela Fé, não pelas Obras. 4:1-8.

1. Paulo representa um judeu fazendo a pergunta: **Que pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne?** Essas



perguntas que Paulo freqüentemente apresenta, provavelmente lhe eram feitas nas suas viagens de cidade em cidade.

2. Vamos aceitar por um instante que Abraão fosse justificado pelas obras; ele poderia então jactar-se. Sua jactância, entretanto, não seria em Deus, mas nele mesmo.

3. O testemunho das Escrituras é a autoridade final para resolver qualquer ponto em discussão. Abraão cria ou confiava em Deus. A crença ou confiança, **isso lhe foi imputado para justiça.** (Arndt, *dikaio syne*, 3, pág. 196; *eis* 8 b., pág. 229). Aqui Paulo está citando Gênesis 15:6.

**4,5. Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e, sim como dívida.** Salário vencido não tem ligação alguma com doação. **Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé file é atribuída como justiça.** Aqui, em poucas palavras, está resumida a doutrina paulina da justificação pela fé. Confiança constante ou entrega a Deus é o primeiro e único requisito do homem, que é justificado. Para os judeus isso era um escândalo de proporções não desprezíveis. Não podiam aceitar que Deus pudesse absolver um homem culpado, ímpio. Duas coisas eram desprezadas pelos judeus que se opunham a isto, como se fosse um libelo contra a essência de Deus. Primeiro, os judeus rejeitavam Jesus como Messias, e, portanto, eles menosprezavam a transação redentora que envolvia Deus e Cristo. Segundo, falharam em compreender o significado da crença ou confiança da parte daquele que era ímpio. Tal confiança mostra que o homem já não é mais um indivíduo sem Deus, mas antes uma pessoa que se entregou a tudo o que Deus é, a tudo o que Deus fez, e a tudo o que Deus fará.

**6-8.** Davi também fala de como é bem-aventurado (feliz) o homem **a quem Deus atribui justiça independentemente das obras.** Com isto confirma a afirmação anterior feita sobre Abraão. Na citação de Sl. 32:1, 2, fica claro que a justificação creditada a um homem, é colocada em sua conta. Descreve-se essa mesma pessoa tendo perdoados seus feitos

ilegais e cobertos os seus pecados. O Senhor não coloca o pecado em sua conta. Em lugar de um débito que jamais conseguiria pagar, ele recebe a justificação em sua conta, justificação essa que nunca mereceu. Como pode um homem ser justificado diante de Deus? Deus concede a Sua justiça àqueles que confiam nEle (Fp. 3:9). O V.T. afirma que Deus o faz. O N.T., mostra mais claramente como Ele o faz.

### **b) Abraão Feito Pai de Todos Aqueles que Crêem pela Sua Fé Anterior à Circuncisão. 4:9-12.**

Se o caso de Abraão é uma ação judicial que põe à prova a constitucionalidade da lei, como a sua fé se relaciona com o rito da circuncisão? Ele foi o primeiro a participar desse rito, e este se tornou o sinal da aliança de Deus com o Seu povo. Com toda certeza essa pergunta era feita em toda discussão que Paulo tivesse com os judeus.

**9,10.** O apóstolo insiste que o crédito da fé para a justificação teve o seu lugar antes da circuncisão de Abraão. Na verdade, a circuncisão é considerada nas Escrituras como **o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé** (v. 11). Conclui-se que a circuncisão foi um sinal dado a Abraão da justificação, que Deus lhe concedia por causa de sua confiança. Uma vez que a fé e a concessão da justificação ocorrem antes da circuncisão, Abraão é o pai dos gentios que, crêem, mas que não têm este símbolo religioso. A ordem no caso de Abraão – fé e depois o crédito da justificação – torna inequivocamente claro que a justiça pode ser computada aos gentios que crêem, O fato da circuncisão ser um sinal de justificação concedida a Abraão por causa de sua fé, faz de Abraão também o pai dos judeus, os quais – como ele – receberam a circuncisão, exerceram a fé, obtiveram a justificação concedida por Deus, e consideram a circuncisão como o sinal desta fé e justificação.

**12.** Observe que Abraão não é o pai (num sentido espiritual e vital) daqueles que só têm o sinal externo; mas, antes, ele é o pai daqueles que andam na fé, que ele teve antes de receber qualquer sinal exterior. Os judeus deviam andar nas pegadas de Abraão, o homem da fé, não nas

pegadas de alguém que legalistamente realizasse um rito que Deus tivesse ordenado.

**c) Realização da Promessa Realizada pela Fé, não pela Lei. 4:13-16.**

Paulo assevera que a promessa foi dada a Abraão ou sua semente, **não por intermédio da lei**. Que promessa Paulo tem em mente? É a promessa de que ele, Abraão, **havia de ser herdeiro do mundo**. Esta linhagem exata não se encontra no V.T., mas certamente Paulo fala aqui de Abraão como o pai de uma grande descendência (Gn. 15:5,6; 22:15-18). A grande quantidade da sua semente – como as estrelas do céu e a areia ao longo da praia (Gn. 22:17) – era entendida pelos judeus como se referindo apenas aos seus descendentes físicos. Mas em Rm. 4:11 Paulo diz que Abraão é o pai daqueles que crêem entre os gentios - "aqueles que crêem estando na incircuncisão". Por isso Abraão é o herdeiro do mundo, porque ele é o pai dos crentes. Esta promessa é **mediante a justiça da fé**. É claro que a fé realmente não concede a justiça. Deus a concede com base na fé.

**14. E se nós presumirmos que aqueles que são da Lei são herdeiros? Anula-se a fé e cancela-se a promessa.** Sempre que a escolha recai sobre a fé ou a lei, então a escolha da lei (legalismo) como base da herança do mundo e maneira de agradar a Deus, significa abandonar a fé e a promessa que nela se baseia.

**15. A lei suscita a ira.** Ela o faz estabelecendo um padrão divino de conduta. Os homens que ignoram esse padrão e fazem o que querem, colocam-se diretamente sob a ira de Deus.

**Mas onde não há lei, também não há transgressão.** Ninguém normalmente seria acusado de excesso de velocidade, se o estado não tiver um limite de velocidade, e se não houver sinais de limite colocados ao longo da estrada, e se não houver nada que pareça irrazoável e impróprio naquele que está dirigindo. A palavra **transgressão**

(*parabasis*) refere-se a uma infração, uma violação de ordem específica. O papel da Lei, então, é o de esclarecer o que Deus exige dos homens.

**16. Essa é a razão por que (a promessa) provém da fé.** A promessa tem sua fonte na fé a fim de que todos saibam, que o conteúdo da promessa é um favor, não coisa merecida, que venha em retribuição de algo. Mais ainda, a promessa é garantida para **toda a descendência**. Paulo esclarece que a posteridade não deve ser restringida àqueles que viveram sob a Lei. Antes, a posteridade refere-se 'aqueles que, tal como Abraão, crêem em Deus – aqueles que participam da fé de Abraão. Se esta é a definição da palavra **descendência**, então **Abraão** é realmente **pai de todos nós**.

#### **d) Deus, o Senhor da Morte, o Objeto da Fé para Abraão e o Cristão 4:17-25.**

Nesta parte o leitor vê o Deus em Quem Abraão creu. Também fica sabendo que obstáculos e dificuldades Abraão venceu por causa de sua firme confiança. Ambos, Abraão e o Cristão, partilham da mesma convicção: Deus dá vida aos mortos.

**17.** Um ano antes de Isaque nascer, Deus reapareceu a Abraão, reenfatizando Sua aliança com ele, dizendo que seria o pai de muitas nações, e mudando o seu nome de Abrão para Abraão (Gn. 17:1-5). O apóstolo cita a frase, **Por pai de muitas nações te constituí**. Paulo descreve Abraão, no momento em que esta declaração foi feita, **perante aquele (Deus) no qual creu**. Duas coisas importantes foram ditas sobre o Deus em Quem Abraão creu: 1) Ele **vivifica os mortos**. Abraão experimentou este poder no nascimento de Isaque (cons. Rm. 4:19). Paulo estava pensando no Pai especialmente como Aquele que ressuscitou Cristo (cons. v. 24). 2) **chama à existência as coisas que não existem**. Este é o poder do Senhor para criar. Também poderia ser traduzido assim: *Deus cria o que não existe como se existisse*. Nenhum mortal pode compreender o poder criativo de Deus. A criação dos objetos animados e inanimados e a sua conservação é a atividade de

Deus. A natureza dos objetos pode ser discutida – mente, matéria, energia – mas o porquê e como de sua existência, só pode ser exatamente conhecido até onde o Senhor revela.

**18.** Conhecendo Abraão um Deus assim, ele era capaz de crer, **em esperando contra a esperança**. Sua fé foi dirigida para o propósito e alvo de ser o pai de muitas nações.

**19.** Havia dois grandes obstáculos na consecução do seu alvo. Ele era fisicamente incapaz de gerar um filho. Sua esposa Sara era fisicamente incapaz de conceber e dar à luz. Mas ele **sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo** (*considerando-o*) **amortecido** (v. 19). *Ele não considerou o seu próprio corpo já morto*. Mas esta negativa não é sustentada pelos melhores manuscritos. Portanto, Paulo descreve Abraão enfrentando a dificuldade. Ele tinha cerca de cem anos de idade. Ele considerou mais a morte do ventre de Sara.

**20. Não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade.** A palavra que foi traduzida para "duvidou" (*diakrino*) poderia ser também "oscilou". Para o patriarca, não havia incerteza por causa de incredulidade. Em face desses obstáculos, Abraão **se fortaleceu na fé** ou confiança. Observe aqui os efeitos da crença e descrença. A incredulidade põe a pessoa em discordância com ela mesma; a crença produz força para enfrentar o obstáculo. Abraão deu glória a Deus conforme foi fortalecido.

**21.** Ele estava convencido de que **o que ele** (Deus) . . . **prometera**, era capaz de realizar. O verbo "prometer" está no perfeito. Isto significa que Abraão estava na posse da promessa, tão grande era sua convicção de que a promessa se realizaria.

**22.** Este era o tipo de fé creditado a Abraão como justiça.

**24.** O crédito da fé como justiça, não foi só para o benefício de Abraão. O registro deste fato foi **por nossa causa**. A justiça será computaria àqueles que crêem **naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor**. Há uma diferença entre Abraão e o

Cristão. Abraão creu ou confiou em Deus (v. 3). O Cristão confia no mesmo Deus, mas agora Ele é conhecido como o Deus que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos (v. 24). Nisto o Senhor revelou-se agindo em benefício do homem de um modo todo especial.

**25.** O centro de sua ação é Cristo, **o qual foi entregue por nossas transgressões**. O verbo "entregar" está na voz passiva, significando que foi Deus que o entregou (cons. 8:32). A mesma palavra foi usada com Judas e sua traição. Mas embora Judas fosse o instrumento humano, que entregou Cristo aos soldados, e embora o pecado de Judas fosse muito grande, era propósito de Deus que Cristo fosse entregue nas mãos dos pecadores. (A palavra "entregou", *paradidomi*, é usada em diversos contextos interessantes. Para um estudo dessa palavra veja F. Buchsel, TWNT, II, 171.175; Karl Barth, *Church Dogmatics*, Vol. II, Parte 2, *The Doctrine of God*, págs. 480-494).

Quando vemos que "nossas" transgressões exigiram que Cristo fosse condenado à morte, a morte de Jesus aparece numa luz diferente. Um observador neutro poderia concluir que Cristo morreu e ressuscitou. Mas alguém que se entregou a Deus diz: "Jesus foi entregue por causa das *minhas* transgressões". O pronome plural nossas mostra a identificação de Paulo com seus leitores romanos.

**Ressuscitou por causa da nossa justificação.** O verbo está novamente na passiva. Deus ressuscitou Cristo dos mortos. Aqui se diz que a ressurreição foi essencial para sermos justificados. A ressurreição assinalou não somente a vitória de Cristo sobre a morte mas também sua vida testifica que Ele completou a obra redentora que foi planejada por Deus (a obra para a qual Ele se tornou homem), e que Ele vive para rogar pela causa daqueles que crêem nEle e na Sua obra redentora.

## Romanos 5

### 4) A Centralidade da Justificação pela Fé nas Vidas Individuais e na Estrutura da História. 5:1-21.

Na primeira parte deste capítulo, Paulo examina o significado da justificação pela fé para os crentes. O que eles têm? O que eles deveriam fazer? Como Deus se relaciona com eles e qual é o seu futuro? Depois ele volta para uma comparação dos efeitos do afastamento de Deus, por parte de Adão, com os efeitos da obra reconciliatória de Cristo. A importância da justificação na última metade do capítulo foi esclarecida pela repetição do termo em 5:17, 18,19,21.

**a) Os Efeitos da Justificação pela Fé sobre os Recipientes. 5:1-11.**

1. O particípio fala da ação que foi realizada. **Justificados, pois, mediante a fé.** Este tem sido o tema desde 3:21 até 4:25. Partindo deste tema, seguem-se certas condições e reações.

As principais formas verbais em 5:1, 2, 3 podem ser traduzidas: "Temos paz ... nos gloriamos ...". Ou esses verbos podem ser traduzidos como exortações: "Desfrutemos da paz que temos ... gloriemo-nos na esperança ... gloriemo-nos nas aflições ..." Os verbos estão todos no tempo presente, e expressam atividade constante. A **paz** que um crente tem é a **paz com Deus**. Este é um estado objetivo para aquele que é declarado justificado. Ele é **por meio de nosso Senhor Jesus Cristo**. A obra redentora de Cristo forneceu uma expiação, uma cobertura para o pecado daquele que foi declarado justificado pela fé. Esse tal foi reconciliado com Deus. Portanto a hostilidade e animosidade entre Deus e os crentes já se foi. Em lugar disso há uma bendita paz.

**2a. Há uma comunhão – por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso.** A maravilha de ser declarado justificado consiste neste acesso aberto à presença de Deus. *Prosagoge* pode ser traduzido por "aproximação", "acesso" ou "introdução" (veja LSJ, pág. 1500). Mas a idéia de "introdução" vai de mãos dadas com "acesso" ou "aproximação". Alguém que vai falar com um rei precisa de ambas as vias de acesso – o direito de ir e uma introdução – a devida apresentação. O direito de acesso é fundamental, a introdução mais uma questão de protocolo. Portanto o destaque aqui tem de ser dado ao **acesso**. O acesso

é a **esta graça na qual estamos firmes**. Esta graça é o favor não merecido de Deus, que declara justificados aqueles que colocaram a sua confiança em Jesus.

**2b.** A tradução gloriemo-nos na esperança deixa de esclarecer ao leitor que o mesmo verbo foi usado aqui, e em 5:3 – "nos gloriamos nas tribulações". Portanto 5:2 realmente significa: *E nos gloriemo-nos na esperança da glória que Deus há ele manifestar ou exhibir*. A esperança exerce parte vital na vida dos crentes, pois ela se relaciona com tudo o que Deus tem prometido fazer por eles em Cristo.

**3,4.** Mas esta esperança se torna mais clara na pressão que dia à dia exerce na vida. O crente se gloria nas tribulações, porque sabe que elas produzirão uma visão mais clara do que está à frente – esperança contendo convicção. A ordem destes versículos é significativa – **tribulação, perseverança, experiência, e então esperança**. As provações despertam a paciência. A paciência produz o caráter. E o resultado disso tudo é a esperança.

**5. Ora, a esperança não confunde.** Mesmo se a esperança se centraliza na futura ação de Deus (8:24, 25), ela tem uma importante possessão presente – **o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado**. A abundância deste amor no coração dos homens justificados, e o seu alcance, Cristo diz ser a qualidade distintiva dos cristãos (Jo. 13:34, 35). Este amor, derramado em nossos corações, com a esperança que não desaponta, tem o seu exemplo supremo no amor de Deus por nós (Rm. 5:6-8).

**6.** Realmente, **quando nós ainda éramos fracos** (fraqueza mortal), (Cristo) **morreu a seu tempo pelos ímpios**. Raros são os exemplos de uma pessoa morrendo por um homem justo. Que alguém possa se aventurar a morrer *por* um homem bom, por causa do impacto de sua vida, é muito plausível. Mas, que Deus demonstrada o seu amor *por* nós em Cristo, morrendo por nós enquanto éramos ainda pecadores, não é apenas espantoso, mas quase incrível. Quatro vezes nesta seção ocorre a preposição *hyper* (vs. 6, 7, 8). Ela tem um sentido tão amplo que



nenhuma palavra pode transmiti-la. Ela realmente envolve em uma só unidade as idéias de "em benefício de", "em favor de" e "em lugar de". Se estas idéias forem colocadas dentro da palavra "por", então todo o significado da morte de Cristo "por" nós começa a despontar.

9. Mas Paulo rapidamente muda o cenário do nosso anterior estado de pecadores para o **agora**. Se Deus nos amava quando éramos pecadores, se Cristo morreu por nós então, muito mais agora, tendo sido declarados justificados por Seu sangue, seremos salvos através dEle (Cristo) da futuro ira de Deus. Observe que a base para a justificação é o sangue de Cristo. Esta futura salvação é do castigo da ira de Deus, do qual se fala em II Ts. 1:9, "eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder".

10. Os que agora estão justificados, diz-se, que foram reconciliados com Deus, **quando inimigos**. A base dessa reconciliação ficou explicitamente declarada – **mediante a morte de seu Filho**. Fomos reconciliados por Sua morte enquanto ainda éramos inimigos. Sendo isto verdade, conclui o apóstolo, muito mais verdade é que **seremos salvos pela sua vida**. Em outro lugar, Paulo destaca que aquele que é ligado ao Senhor é um espírito com Ele (I Co. 6:17), isto é, participa da vida ressurreta e poder espiritual de Cristo. Ele também diz: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl. 3:4). Seremos salvos pela vida de Cristo porque participamos desta vida. Pertencemos a Cristo. O escritor aos Hebreus destaca que Cristo vive para interceder por nós (Hb. 7:25). A vida intercessória de Cristo na glória, tem um desempenho vital na salvação dos crentes. Mas o contexto aqui parece destacar a participação dos crentes na morte e vida ressurreta de Cristo. Os crentes serão salvos (futuro) pela sua presente e futura participação na vida de Cristo.

11. Jactar-se ou gloriar-se em Deus, ato esse por meio do qual o crente afirma sua devoção a Deus, é feito através do Senhor Jesus Cristo. Através dEle **acabamos agora de receber a reconciliação**. Deus é Aquele que age na reconciliação (II Co. 5:18, 19), e os homens diz-se

que são reconciliados (Rm. 5:10; II Co. 5:20), isto é, Deus age sobre eles. Assim, os crentes, diz-se, recebem reconciliação. São os recipientes de um relacionamento de paz e harmonia realizado por Deus.

### **b) Os Efeitos da Desobediência de Adão e da Obediência de Cristo. 5:12-21.**

Esta é uma das passagens mais difíceis do livro de Romanos, porque Paulo é tão conciso. A aparente repetição, é apenas por causa de freqüente menção de Adão e Cristo – e aqueles que foram influenciados por suas ações. Na verdade, Paulo desenvolve seu argumento com todo o cuidado. Ele usa o argumento *a fortiori* (mais conclusivamente, com razões mais fortes): Se o pecado de Adão resultou nisso, quanto mais a obra redentora de Cristo fará. Embora a obra redentora de Cristo seja muito mais potente do que a transgressão de Adão, como mostra o apóstolo, isto não significa que todos os homens serão salvos. Pois os homens, para reinar em vida, devem **receber** a abundância da graça e a justiça que Deus põe à disposição deles (v. 17)..

#### **12-14. *A Universalidade do Pecado e da Morte.***

**12. Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte.** O homem é Adão. O tempo do verbo indica uma entrada histórica distinta. **Mundo** refere-se à humanidade (uso comum da palavra em Romanos (cons. 1:8; 3:6; 3:19; 5:12, 13).

**A morte passou a todos os homens porque todos pecaram.** A morte física sobreveio a todos os homens, mas não porque estivessem todos no processo do pecado individual. Todos os homens pecaram (com exceção das criancinhas que morrem na infância) experimentalmente. Mas Paulo não está falando sobre isso aqui. O pecado de **todos** centraliza-se no de **um só homem**, Adão. **Porque todos pecaram.** Paulo declara que todos os homens pecaram quando Adão pecou, mas ele não explica *como*. Todavia muito se tem escrito sobre a questão do *como*.

O conceito paulino da solidariedade racial, parece ser uma universalização do conceito hebreu da solidariedade da família. Uma

figura trágica da solidariedade familiar vê-se em Josué 7:16-26, quando Acã foi descoberto ser a causa da derrota de Israel em Ai. Apropriara-se de despojos de Jericó, contrariando ordem específica do Senhor (Js. 6:17, 18). Acã não acusou ninguém mais – "Eu vi . . . cobicei-os e tomei-os" (Js. 7:21). Mas na administração do castigo, não foi somente Acã, mas também toda sua propriedade, seus filhos, suas filhas, seus bois, seus jumentos, suas ovelhas, sua tenda, foram destruídos. Tudo o que tinha ligação com Acã foi erradicado de Israel.

Outro exemplo de solidariedade familiar encontra-se no incidente de Abraão, pagando dízimos a Melquisedeque (Gn. 14:18-20). O escritor aos Hebreus diz que Levi deu dízimos a Melquisedeque, embora não nascesse antes de aproximadamente 200 anos mais tarde. Ele diz que Levi estava ainda nos lombos de seu pai, quando este se encontrou com Melquisedeque (7, 9, 10). No mesmo sentido, Adão era o indivíduo e a raça. Sua posteridade é considerada agindo com ele porque é a *sua* descendência. Como filhos de Adão constituem a raça *de Adão*.

**13.** Dos tempos de Adão até os da lei mosaica, o pecado estava no mundo. Estava presente nos atos dos homens e na sua natureza (isto é, no princípio da rebeldia que se encontrava neles).

**Mas o pecado não é levado em conta quando não há lei.** Adão foi acusado do seu pecado e do pecado de sua descendência, porque ele quebrou uma ordem explicitamente dada por Deus. Os homens, de Adão até Moisés, sem tais leis explícitas, não poderiam ser acusados do pecado na forma em que Adão foi. Eles não tinham estatutos definidos e específicos, como os que foram mais tarde dados na lei mosaica.

**14.** Mas esses homens participaram dos efeitos do pecado de Adão, porque a morte reinou de Adão a Moisés, **mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão.** Olhando para esses homens do ponto de vista da solidariedade humana, Paulo vê os homens de Adão a Moisés, todos envolvidos no pecado inicial de Adão e suas conseqüências. Aqueles, neste grupo, que não pecaram quebrando uma ordem especificamente dada, também morreram. Adão foi chamado

neste versículo de **o qual prefigura aquele que havia de vir**. Paulo não está dizendo, que não houveram ordens dadas por Deus conhecidas pelos homens entre Adão e a Lei (cons. Gn. 26:5). Ele afirma que uma ausência de um código legal – de uma norma divinamente concedida – afeta a maneira como o pecado é colocado contra os homens.

**15-17. Resultados Contrastantes de Diversas Atitudes.** Paulo destaca as diferenças entre Adão e Cristo.

**15.** A transgressão de **um** (Adão) contrasta-se como a graça de Deus e o dom na esfera da graça que um homem, Cristo, concede.

**Morreram muitos** por causa da transgressão de Adão. Uma vez que a morte passou a todos os homens (v. 12), está claro que a expressão **muitos** refere-se a "todos os homens".

**Muito mais.** A graça de Deus e o dom que está na esfera da graça, que Cristo concede afluíu para muitos. "Os muitos" é o mesmo grupo que foi afetado pela transgressão de Adão, e conseqüentemente morreram. A graça de Deus e o dom na esfera da graça de Cristo abundou para todos os homens. O dom é a justificação (veja v. 17). O ato de Adão trouxe a morte. A graça divina abunda para aqueles que foram afetados pelo ato de Adão.

**16.** O veredito da condenação proveniente da transgressão, contrasta com o dom gracioso que veio à existência por causa das muitas transgressões.

**Porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação.** O juízo (veredito) refere-se à sentença de Deus. A palavra **condenação** envolve idéias de "castigo" e "ruína". Perguntamos: a quê? A resposta é, ao castigo e à ruína. A seriedade desta condenação não pode ser exagerada.

**Mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação.** O resultado da transgressão de Adão foi a condenação. Muitas transgressões produziram a operação do gratuito dom de Deus, e o seu resultado ou alvo é a absolvição. Como deve ser poderoso este dom gratuito quando dirigido para tal fim!

**17.** O reino da morte, por causa da transgressão de um, contrasta com o reino da vida – uma parte daqueles que recebem a abundância da graça e o dom da justiça.

**Por meio de um só, reinou a morte.** Adão transgrediu o mandamento de Deus, que dizia, que não devia comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn. 2:17). Esta ordem foi um teste da obediência do homem a Deus. Com a entrada do pecado na experiência do homem, a morte também entrou. A morte passou a reinar. Reinava de maneira suprema. A atitude de Adão provocou o reino da morte.

**Muito mais.** Eis aí novamente a ação de um homem; mas desta vez é a ação de um homem simplesmente em resposta ao que Deus fez.

**Os que receberam a abundância da graça, e do dom da justiça.** Vemos aqui o homem obrigado a tomar uma atitude para com a ação de Deus. A abundância da graça relaciona-se com tudo o que Deus realizou e prometeu fazer em Cristo. O dom foi definido aqui como a **justiça**. É a justiça concedida por Deus com base na fé (Rm. 1:17; 3:21, 22, 26; 5:17, 21; 9:30; 10:3). Aqueles que estão recebendo o favor abundante de Deus para com os que estão em Cristo, e a justificação que Ele concede, **reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo**. Por causa da obra de um só homem, Jesus Cristo, a morte não reina mais, mas os homens **reinarão em vida por meio de um só**. Por que não são tantos, os que reinam em vida, quantos os que estavam sob o reino da morte? Porque a abundância da graça e o dom da justiça, foram rejeitados por um número maior do que os que os receberam.

**18,19.** Todos os homens foram afetados pela transgressão (de Adão) e o ato da justiça (a morte expiatória de Cristo e a Sua ressurreição). **Pois** (como resultado então). Paulo está pronto para resumir o seu argumento brevemente.

**Assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens.** O sujeito aqui, o juízo, tem de ser suprido do versículo 16. O verbo **veio** é uma tradução satisfatória do verbo grego *egeneto*, que deveria ser fornecido.

**Assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação que dá vida.** Em relação a **um só ato de justiça** veja Arndt, *dikaionoma*, 2, pág. 197. Romanos 4:25 dá evidência de que Paulo considerava a morte e a ressurreição de Cristo como um todo unificado. O sujeito, **a graça** (*dom gratuito*), deve ser procurado em 5:16. Esta graça vem a todos os homens *com o propósito de* (para) **justificação que dá vida** (veja Arndt, *dikaiosis*, pág. 197). Em ambas as partes deste versículo, ocorre a mesma frase – **todos os homens**. Por meio de uma transgressão o veredito ou sentença de juízo veio **sobre todos os homens**. Da mesma maneira, por meio de um só ato de justiça veio o dom gratuito da redenção (veja Arndt, *karisma*, 1, pág. 887) **sobre todos os homens** com o propósito da absolvição que produz vida. Paulo declara que o efeito do ato de justiça de Cristo, estende-se exatamente até onde se estendeu o efeito da transgressão de Adão.

**19. Como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos.** A desobediência de Adão contrasta com a obediência de Cristo. No versículo precedente Paulo emprega o vocabulário e a estrutura de um tribunal de justiça – condenação de um lado e absolvição de outro. Ele conserva esta linguagem legal também neste versículo. O verbo *kathistemi*, traduzido como se **tornarão**, faz parte dessa linguagem legal. Em que sentido **os muitos se tornaram pecadores** e em que sentido **os muitos se tornarão justos**? A linguagem legal sugere o seguinte significado: "apontar" "colocar na categoria de", "constituir", "estabelecer". Por causa da desobediência de Adão, **os muitos** foram apontados por Deus como sendo pecadores. Foram colocados na categoria de, e constituídos pecadores. Por causa da obediência de Cristo, **os muitos** serão apontados como justos. O verbo está no futuro porque Paulo estava pensando na futura geração de crentes, que confiando em Cristo seriam declarados justos. Teria o apóstolo mudado o alcance dos **muitos** em cada lado desta comparação? Não, porque ele está mostrando em que categoria Deus coloca os

homens quando ele os encara em termos do efeito *real* da desobediência de Adão, e do efeito *potencial* da obediência de Cristo. Paulo não está ensinando, como em 5:17, que todos os homens serão salvos. Mas no versículo 19, ele declara que, a obediência de Cristo abrange todos aqueles afetados pela desobediência de Adão.

**20,21.** *O Reino do Pecado Versus o Reino da Graça.* Aqui Paulo conclui a argumentação que começou em 5:12 sobre a pergunta: Qual dos dois é o mais poderoso – o pecado ou a graça?.

**20.** O escritor nos faz lembrar que embora a justificação pela fé seja o ponto central da história humana, a Lei tem um lugar importante. A Lei veio **para que avultasse a ofensa** (aumentasse, multiplicasse). **Mas, onde abundou o pecado.** As palavras ofensa e pecado foram ambas personificadas aqui, fazendo do mal um inimigo distinto e não uma mera abstração. **Superabundou a graça.** Ou, *esteve presente em abundância ainda maior.* A graça é muito mais poderosa que o pecado. Todavia quando os crentes vêem o tremendo poder do pecado, esquecem-se desta verdade.

**21. Como o pecado reinou pela morte, a graça abundou para que reinasse. . . pela justiça.** O pecado está relacionado com a morte neste versículo, assim como no versículo 5:12. A graça reina através da justiça que Deus concede. O fato de que a justiça de Cristo foi concedida àqueles que crêem, significa que, além de serem declarados justos, pertencem também ao reino e ao triunfo da graça.

**Para vida eterna, mediante Jesus Cristo nosso Senhor.** A graça reina com um alvo em vista – a vida eterna. A vida eterna é uma qualidade de vida; é viver segundo a vida de Deus e para Deus. Os crentes, agora, têm esta vida. Mas vida eterna significa, além de viver por Deus e para Ele, viver em um ambiente que Ele tornou perfeito - livre de todo pecado. Portanto a vida eterna é o destino do crente, como também a realidade imediata. Como esta vida será alcançada? Por meio de uma pessoa – **mediante Jesus Cristo nosso Senhor.**

**B. A Justiça, Maneira de Vida Cristã Diante de Deus. 6:1 - 8:39.**

Até aqui Paulo tem destacado que Deus é justo e reto (cons. 3:26) e que Ele concede a justiça àqueles que crêem (cons. 3:22). Diante da pergunta como os homens se tornam justos diante de Deus, ele replicou: "Não pelas obras mas pela confiança em Deus" (cons. 4:1-8). Mas aquele que tem a justiça, que Deus concede, deve viver uma vida justa. Paulo agora demonstra o que isto significa. Primeiro, ele elimina algumas idéias erradas sobre o seu ensinamento sobre a graça. A seguir, ele demonstra que na luta contra o pecado, o crente não deve condenar a lei. Depois ele descreve o pecado como um tirano poderoso, que não pode ser derrotado só pelos esforços humanos. Paulo conclui esta parte apontando como obter a vitória.

**Romanos 6****1) O Sofisma de Que o Pecado Faz Abundar a Graça 6:1-14.**

1. Já que a graça é tão poderosa, não poderia um homem permanecer no pecado e ainda assim experimentar o poder da graça libertadora?

2. A resposta de Paulo é enfática. **De modo nenhum.** Aquele que confia em Cristo identifica-se com o Senhor Jesus na Sua morte. **Nós, os que para ele morremos?** O versículo 10 esclarece que Paulo, aqui está falando da morte de Cristo. Mas ele usa a primeira pessoa do plural – **Nós** morremos para o pecado. É uma experiência do passado. Sendo assim, como poderíamos ainda viver no pecado quando já morremos para ele?

**3-5.** Tendo dito que o crente morreu com Cristo, Paulo refere-se agora à ordenança do batismo. Aqui o apóstolo segue seu familiar padrão de declarar a verdade e depois ilustrá-la.

**3. Todos os que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?** A frase "serem batizados em" (*baptizein eis*) também pode ser traduzida para *foram batizados com respeito a*. É usado no sentido de ser batizado com respeito ao nome de alguém (cons. At.



8:16; 19:5; I Co. 1:13, 15; Mt. 28:19; veja Arndt, *baptizo*, pág. 131). A ordenança do batismo está sendo focalizada com respeito à morte de Cristo – seu significado e resultado. Mas Paulo aqui aponta para as implicações do batismo no que se refere à maneira de viver dos romanos.

#### **4. Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo.**

"Fomos sepultados junto" destaca a realidade da morte de Cristo. Cristo morreu, e o crente realmente morreu com Ele. **Como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai.** Esta é uma cláusula comparativa. A ressurreição concedeu ao Senhor Jesus uma nova maneira de vida. De modo semelhante nós também deveríamos andar **em novidade de vida**. Já que fomos identificados com Cristo na Sua morte, somos identificados com Ele na Sua ressurreição. Para o Salvador, a ressurreição significou nova maneira de vida. Somos sepultados com Cristo para que nós, como Ele, possamos *viver em novidade de vida*. A tradução *andar em novidade* de vida traz em si o viver diário na costumeira rotina da vida.

**5. Se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte** (MM, pág. 598), **certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição.** A palavra **semelhança** foi usada em relação a duas palavras na tradução deste versículo em português – **morte e ressurreição**. Embora apareça uma única vez no texto original, está claro que Paulo tinha a intenção de aplicá-la a ambas, morte e ressurreição. Alguns têm desejado acrescentar "com ele" ao versículo – "Se fomos plantados juntamente com ele na semelhança". Mas sua morte e ressurreição torna claro, não obstante, que Cristo é a figura central do versículo. A expressão com ele não se encontra no texto, e sem ela o sentido já é bom. A ênfase do versículo recai sobre a palavra **semelhança** (*homoioma*). Pecar na semelhança da transgressão de Adão (5:14) significa pecar do mesmo modo, isto é, desobedecer uma ordem específica. Não significa pecar o mesmo pecado. Portanto a palavra pode ter os significados de "representação", "cópia", "fac-símile" e "reprodução". (Para um excelente exame da palavra e as diversas

interpretações dadas neste contexto, veja Johannes Schneider, TWNT, V, 191195). Uma vez que os crentes tiveram uma morte como a de Cristo, certamente terão uma ressurreição igual. Isto não significa que terão uma ressurreição idêntica a de Cristo; antes, terão uma ressurreição como a dEle. No batismo os crentes são ligados à representação de Sua morte. Ser ligado à semelhança da ressurreição de Cristo é uma esperança futura da qual eles têm certeza. Ambos os fatos (batismo e ressurreição) apontam para um modo de vida transformado, entre estes dois eventos - o andar em novidade de vida.

Nos versículos 6-10, como no versículo 2, Paulo aponta o acontecimento histórico da morte de Cristo.

**Nosso velho homem.** O homem velho ou não regenerado, antes de ser renovado, mudado, transformado. Este homem não regenerado, foi crucificado com Cristo **para que o corpo do pecado seja destruído**. O corpo aqui foi destacado por causa do papel que exerce na execução dos desejos pecaminosos do homem. *Para que não sirvamos o pecado como escravos*. O pecado aqui foi personificado. Como tirano, ele mantém os homens presos em abjeta escravidão.

**Porquanto quem morreu, justificado está do pecado.** Uma pessoa morta não pode atuar nos acontecimentos diários da vida. Alguém que morreu para o pecado não reage ao padrão da vida do pecado.

**8. Se já morremos com Cristo.** Nosso morrer com Cristo é a base de nossa crença em que seremos ressuscitados com Ele.

**9.** A morte de Cristo foi em relação ao pecado. Sua vitória sobre a morte é permanente. Isto aconteceu uma vez por todas.

**10.** Desde o momento de sua morte Ele vive somente para Deus, isto é, para o lucro e glória de Deus. E Ele viveu somente para Deus antes da Sua morte. Mas quando Jesus realizou a Sua obra redentora, que se centralizou em Sua morte, Sua vida para Deus recebeu uma nova aparência. Ele resolveu a questão do pecado de uma vez para sempre. Ele conquistou a morte. Com o pecado e a morte derrotados, pôde viver para Deus tendo estas experiências por trás dEle.

Tudo isto teve certas conseqüências para os crentes (6:11-14).

**11. Devemos nos considerar mortos para o pecado, mas vivos para Deus** (*prosseguir nos considerando*). O fato de que devemos prosseguir nos considerando mortos para o pecado, mostra que a possibilidade do pecado está sempre presente. Mas o nosso considerar é mais do que negativo. Devemos nos reconhecer vivos (constantemente vivendo) para Deus. A frase **em vosso corpo mortal** equivale ao **vos** (v. 13). **Porque o pecado não terá domínio sobre vós**, isto é, sobre vossas pessoas, para obedecerdes aos seus desejos malignos. Se estamos em Cristo, temos o poder de destronar o pecado em nossas vidas. Se um crente permite que o pecado reine, ele obedece aos desejos malignos que o pecado gera.

**13. Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade.** Quando o pecado, o tirano, reina nos corações dos homens, os pecadores livremente oferecem suas mãos, pés, olhos e mente para a causa da injustiça. Em lugar dessa constante dedicação para o mal, Paulo insiste: **oferecei-vos a Deus . . . , e os vossos membros . . . como instrumentos de justiça.** Por que deveríamos nos apresentar a Deus? Porque aqueles que estão em Cristo vivem como ressuscitados dentre os mortos. Nós morremos com Cristo. Vemos, portanto, a vida sob uma nova perspectiva. Dedicamo-nos a Deus. O ego, é claro, inclui cada membro ou parte do nosso ser e cada atividade em que possamos estar ocupados. Tudo aquilo que forma a personalidade humana, ou estará servindo ativamente à justiça, ou estará servindo ativamente à injustiça. Em qual serviço os nossos membros estão ocupados?

**14. A abundância da graça é de natureza tal que o pecado não terá domínio sobre os crentes.** Não estamos **debaixo da lei** mas **da graça**. Aqueles que estão em Cristo não estão sob o regime da lei mosaica para obtenção da salvação. Estamos sob a graça de Deus e de Cristo. Todo o V.T. – a Lei, os Profetas e os Escritos (os Salmos, por exemplo) – certamente revelam o pecado (Rm. 3:20; 5:20) quando compreendidos à

luz dos ensinamentos de Cristo, e dos apóstolos depois da morte e ressurreição dEle. O V.T, também ensina as grandes verdades cristãs sobre Deus. Paulo encarava Cristo e seus ensinamentos como sendo a própria lei. "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl. 6:2). "Aos sem lei, (eu me fiz) como se eu mesmo o fosse sem lei (para os gentios como gentio), **não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei.** (os gentios)" (I Co. 9:21).

## **2) O Sofisma de que se deve pecar, porque os crentes estão debaixo da graça, e não da lei. 6:15 – 7:6.**

Quando estamos sob a graça, temos um novo proprietário. Este fato muda toda a conduta -do crente. Nosso "status" sob a graça é como o de uma mulher casada com outro homem depois da morte do marido. Envolve toda uma nova maneira de vida. Assim, por analogia, Paulo mostra que estar sob a graça, não permite nunca que o crente seja indiferente ao pecado.

a) Fidelidade, Fruto, Destino. 6:15-23. Aqui Paulo apela para o que seus leitores já conhecem. Ele os faz lembrar de suas vidas passadas e do fruto que produziam. Ele lhes fala do resultado de sua nova dedicação. Ele apresenta o contraste dos resultados eternos das duas diferentes formas de fidelidade.

**15.** Poderia um homem cometer um pecado porque não está sob a lei, mas sob a graça? Paulo replica: **De modo nenhum.**

**16.** Ele faz seus leitores se lembrar de que são escravos daquele a quem eles mesmos se entregaram. Se eles se entregam ao pecado, o resultado é a morte. Se eles se tomam escravos da obediência a Deus, o resultado é a justiça. A entrega é encarada aqui como um processo constante de submissão.

**17.** Eram antigamente escravos do pecado. Houve então um rompimento dessa escravidão. **Viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues.** O padrão de ensinamentos é o

Cristianismo, é claro. Eles foram entregues para o aprendizado do seu conteúdo. Eles reagiram obedecendo – uma obediência que vinha das profundezas do seu ser. Isto provocou mudança decisiva. Foram libertados do pecado. Tornaram-se escravos da justiça. Ambos, o pecado e a justiça, foram personificados, e esta figura de linguagem – ser escravo do pecado ou da justiça - ajuda-nos a compreender exatamente o que está se discutindo.

**19. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne.**

Paulo diz que esta analogia humana é necessária por causa do discernimento deficiente daqueles, que facilmente se tornam instrumentos do pecado. O homem sob o controle do pecado está "na carne". Antigamente os leitores de Paulo apresentavam os seus membros como escravos da impureza, cometendo um pecado após o outro. Isto comprovava sua constante devoção à diversas formas de impiedade. **Assim ofereci agora os vossos membros para servirem à justiça para a santificação.** Com o mesmo abandono com o qual os homens dedicam-se ao mal, deveriam agora apresentar seus membros como escravos da justiça. O resultado é *consagração* ou **santificação**. Consagração a quem? A Deus. Santidade é o produto da consagração a Deus.

**20.** Paulo afirma, que quando os leitores pertenciam ao pecado, eles certamente não tinham a justiça por senhor.

**21. Que resultados colhestes?** Quando vocês eram escravos do pecado, que fruto vocês produziam? Vocês produziam o tipo de fruto **de que agora vos envergonhais**. Os pecadores produzem mau fruto (veja Mt. 7: 16-20). **O fim delas é morte** (dessas coisas). Paulo aqui se refere à morte eterna (veja Arndt, *thanatos*, 2, b, pág. 352; Rm. 1:32; 6:16, 21, 23; 7:5; II Co. 2:16; 7:10; II Tm. 1:10; Hb. 2:14b; I Jo. 5:16; Ap. 2:11; 20:6, 15; 21:8).

**22.** Estar livre do pecado significa ser escravo de Deus. O fruto imediatamente produzido é a consagração. O resultado final de se pertencer a Deus é a vida eterna.

**23. Porque o salário do pecado** (pelos serviços que se lhe prestam) **é a morte.** Paulo aqui muda ligeiramente a sua analogia. O pecado paga solário àqueles que trabalhara para ele. O salário pago é a morte.

**Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor.** O dom gratuito da libertação do pecado oferecido por Deus, a transformação de todo o ser do pecador, é a vida eterna. Vida eterna é um novo tipo de vida. O pecador o considera um favor não merecido. Este tipo de vida, esta qualidade de existência, encontra-se em uma só pessoa – em **Jesus Cristo**. A última frase – **nosso Senhor** – é a maneira de Paulo dizer, que o Senhor nos pertence como nós lhe pertencemos. Nós o fizemos nosso Senhor por ato de entrega. Seu senhorio se estende à maneira de nosso comportamento.

## Romanos 7

### b) Cancelamento e Novo Alistamento Causado pela Morte. 7: 1-6.

**1. A lei,** diz o apóstolo, **tem domínio sobre o homem, toda a sua vida.** Paulo apresenta este axioma tanto por causa da ilustração que vai usar, como para mostrar que esta é a natureza da lei. Seus requisitos permanecem em vigor enquanto alguém vive sob o regime da lei.

**2. A mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive.** No primeiro versículo Paulo diz que ele está falando aos que conhecem a lei. Uma vez que a maioria dos romanos eram gentios, a lei aqui não é a lei mosaica em particular, mas simplesmente o princípio legal de que uma mulher casada está ligada ao seu marido. Tratando deste mandamento em particular, Paulo certamente o faz à luz de sua bagagem judia dentro da lei mosaica. **Se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal.** A morte traz a anulação de todo o relacionamento anterior do seu casamento.

**3. Será considerada adúltera se vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem.** A tradução "se for de" (cons. Arndt, *ginomai*, II, 3, pág, 159) tem o sentido implícito de *se for casada com*. Mas, depois da

morte do seu marido, ela pode tornar a se casar sem que seja acusada de adultério. A esposa que ficou viúva, está livre para casar-se com outro.

4. Quando Paulo aplica a ilustração ao relacionamento de um indivíduo com a Lei e com Cristo, é o indivíduo que morre (o crente que morre com Cristo) e fica livre da Lei e livre para pertencer a Cristo. Vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo. A expressão por meio do corpo de Cristo refere-se à identificação do crente com Cristo em sua morte física. Em 6:6 Paulo já disse que a pessoa não regenerada foi crucificada com Cristo. Esta morte privou a Lei do seu poder sobre nós e teve por fim o nosso pertencer a outro – **aquele que ressuscitou dentre os mortos**. Eis aí um novo alistamento. Agora pertencemos a Cristo, para que possamos produzir frutos para Deus. Traduzir a frase; *eis to genesthai humas hetero*, para "para que sejais de (casados com) outro", está absolutamente certa. Faz parte da analogia de Paulo e concorda com o uso que faz da comparação com o casamento em outra passagem (II Co. 11:2; Ef. 5:25, 29).

5. Estar na **carne** significa estar sob o controle e domínio do pecado. As **paixões pecaminosas**, as quais a Lei tornou conspíquas, lembrando aos homens os padrões divinos, **operavam** constantemente **em nossos membros**. Dominados por essas paixões, os homens produziam fruto para a morte. A morte aqui está personificada. Significa morte eterna (veja 6:21).

6. **Agora, porém, libertados da lei**. A Lei não tinha poder para remover as paixões dos pecados. Livres da lei, equivalente aqui a estar livre da carne.

**Estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos** (pela Lei). Sob a Lei, o crente morre com Cristo. Ele morre às exigências da Lei que reclamam a condenação. Paulo fala desta morte para a Lei em Gl. 2:19. Ficar livre da lei produz um novo relacionamento com uma nova atitude. O relacionamento é o de ser escravo constante de Deus. Isto significa que devemos servir a Deus, completamente cômicos de que Lhe pertencemos. Ele nos possui porque Ele nos redimiu.

**Servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.** Ou melhor, em novidade de Espírito que contrasta com o velho código legal. Em vez de um legalismo que dá força aos estatutos, há um espírito de amor e dedicação.

### **3) Perguntas que Surgiram por causa da Luta Contra o Pecado. 7:7-25.**

Aqui Paulo desvenda suas próprias lutas íntimas. Ele não o relata como se fosse uma parte interessante de sua autobiografia, mas porque sabe que seus leitores têm as mesmas lutas. Paulo controlado pelo pecado fazia coisas que o Paulo controlado por Deus não queria fazer. Paulo controlado pelo pecado não era o seu verdadeiro ego, mas o falso. Apesar disso, era o mesmo ego. Paulo era culpado quando era controlado pelo pecado e santo quando controlado por Deus. Na qualidade de judeu ele conhecia a vontade de Deus (Fp. 3:6; Atos 22:3; 26:4, 5). Até onde executava a vontade de Deus, era controlado por Deus. Isto não fazia dele um crente em Cristo ou cristão. Mas tornava-o cômico da luta entre fazer o que é certo, e fazer o que é errado. Quando se tornou cristão, a luta se intensificou. Todo o crente, cômico da justiça que Deus concede, e da justiça como meio de vida cristã, pode dizer ao ler esta passagem, "Esta é a minha experiência". Paulo também se coloca representativamente para aquelas pessoas judias – o povo da Lei – que passaram da atitude de complacência sob a Lei, para a condição de preocupação com as lutas profundas, que tiveram lugar, e então para a posição de serenidade e vitória em Cristo.

#### **a) A Lei é pecado? 7:7-12.**

**7.** Se, ao se tornar cristão, um homem é libertado ou isentado da Lei, isso significa que a Lei tem algo de errado? Paulo responde: **De modo nenhum.** A Lei lhe mostrou (e mostra-nos também) exatamente o que o pecado é. Por exemplo, Paulo diz: **Eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça se a lei não dissera: Não cobiçarás.** O anseio pelo mal toma-se



visível quando o mandamento declara: Esta coisa má está proibida. Então o pecador a deseja.

8. O apóstolo conta como o pecado considerou o mandamento, **tomando ocasião**, despertou nele toda a **concupiscência** (pelo que estava proibido). **Sem lei está morto o pecado**. Paulo não diz que sem a lei não se comete pecado. Ele diz que sem a lei o pecado não nos é aparente. É preciso o nível de um carpinteiro para nos mostrar como uma tábua é torta.

9. **Outrora, sem lei, eu vivia; mas, sobrevivendo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri**. O apóstolo aqui fala de sua própria consciência do pecado. Quando era rapaz, o conteúdo da Lei não o alcançava. Ele não entendia o verdadeiro propósito da lei. Esta falta de entendimento não se limita às crianças. Um adulto, como o jovem e fico doutor da lei pode declarar confiantemente: "Todas estas coisas tenho guardado (*observado*) desde a minha mocidade" (Mc. 10:20; cons. Mt. 19:20; Lc. 18:21). 10. Mas houve um dia na vida de Paulo quando o mandamento específico, "Você (sing.) não deve desejar o que está proibido", acertou-o em cheio. Paulo tomou consciência do pecado, e ficou sabendo que estava espiritualmente morto. Este mandamento específico ("Não cobiçarás") além de tornar claro que é pecado desejar o que está proibido, também lhe disse como deveria viver. Fê-lo lembrar que não estava vivendo da maneira certa.

11. O pecado o enganara. Compreendendo o mandamento, a extensão da mentira do pecado tornou-se-lhe clara. O mandamento fez Paulo ver que o pecado operara a sua morte. Primeiro o pecado *engana*, depois *mata*. Esta ordem mostra como o pecado é astuto e qual o seu objetivo – a ruína eterna dos indivíduos.

### **b) Aquilo que é bom é a causa da morte? 7:13, 14.**

Paulo faz esta pergunta a respeito de si mesmo. E responde enfaticamente: **De modo nenhum**. Deus colocou as coisas de tal maneira que o pecado produz a morte através daquilo que é bom.

**O pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte; a fim de que pelo mandamento se mostrasse sobremaneira maligno.** Sendo o homem pecador, ele não crê que o pecado seja realmente o que é. A Lei lhe mostra claramente o que é, e o que pretende fazer.

Tanto os leitores como o escritor sabiam que **a lei é espiritual** (cheia do Espírito divino). (Veja Arndt, *pneumatikos*, pág. 685). A palavra *pneumatikos* também pode ser traduzida para *pertence ou corresponde ao Espírito* (divino). (Ibid.). Eis aí o grande tributo de Paulo prestado à Lei. Ela é induzida ou cheia do Espírito de Deus. Paulo condena a lei em um único ponto – legalismo. Ele se opõe ao ponto de vista, que considera a lei como um penhor da certeza de que somos de Deus – pelo qual Deus é obrigado a fazer isto ou aquilo pelo homem (por exemplo, salvá-lo), só porque o homem obedeceu a certas regras. Em contraste com a Lei, a qual está cheia ou é induzida pelo Espírito de Deus, Paulo se vê pertencente à carne. Ele é aquele que está vendido à escravidão do pecado. O apóstolo certamente não quis dizer que era inteiramente carnal (veja vs. 16, 18, 22). Ele quis dizer que sabia o que era estar sob o domínio do pecado. A batalha de Paulo não era constituída de alguns poucos conflitos isolados, mas uma guerra contínua.

### **c) Como resolver este conflito interno? 7:15-25.**

Nesta parte o escritor pinta vividamente a luta interna de sua própria alma. Ele usa algumas expressões para descrever sua própria pessoa servindo ao ego ou ao pecado. Usa outras para descrevê-lo servindo a Deus. O conflito surge porque ele quer servir a Deus, mas descobre-se servindo ao ego e ao pecado.

**15. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir.** Não sei o que está acontecendo comigo. É a declaração de alguém que está desconcertado. Mas ele não ignora o que está errado. O problema é vencer o erro. **Pois não faço o que prefiro, e, sim o que detesto.**

**16.** Eis aqui uma pessoa que tem conhecimento. Ele declara que consente **com a lei, que é boa**, quando diz que odeia suas atitudes que são contrárias à lei. Portanto, não é o verdadeiro ego de Paulo que pratica o mal, mas o pecado que habita nele (v. 17). Aqui o escritor identifica seu verdadeiro ser com o "Eu" (ego). Quando ele diz que é o pecado que pratica o mal, Paulo não está esquivando-se à responsabilidade, mas simplesmente reconhecendo que é o pecado que torna falso o seu ego.

**18. Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum.** A frase em mim e na minha carne descreve Paulo sob o controle do pecado. A ausência do bem na esfera da carne é outra maneira de dizer que o óleo e a água não se misturam. Onde a carne tem poder, a vontade de fazer o bem torna-se ineficiente. **O querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo.** Paulo quis dizer que estava no processo de querer, mas não de fazer.

**19. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.** Paulo sentia que não fazia progressos na prática do bem. Mas na área do mal ele tinha consciência de suas atividades.

**20.** Sendo isto verdade, novamente ele conclui, como no verso 17, que não é mais o **Eu** que o faz, mas **o pecado que habita em mim.**

**21.** Por isso o escritor conclui: "ao fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim". Seu desejo de fazer o bem tem um vigoroso oponente que ele chama de a lei ou *o princípio*. Aqui o pecado é chamado de lei ou princípio por causa da regularidade de sua ação.

**22.** Para encorajamento Paulo declara: **Tenho prazer** (veja Arndt, *synedomai*, pág. 797) na lei de Deus, no tocante ao homem interior. Eis aí a reação íntima de Paulo diante da lei de Deus, filho de Deus que é. A frase "o homem interior" só aparece três vezes nos escritos paulinos – Rm. 7:22; II Co. 4:16; Ef. 3:16. Na segunda e terceira destas passagens, Paulo fala da renovação do homem interior e do fortalecimento do homem interior. Aqui em Rm. 7:22 encontra-se uma atitude espiritualmente sadia diante da lei de Deus.

**23.** Ao mesmo tempo, Paulo via uma **outra lei nos seus membros**. Seu verdadeiro ego, o homem interior, concordava com a lei de Deus. Mas outra lei (a lei do pecado) mantinha o "eu" cativo, como um prisioneiro. Mas antes de fazer *de Paulo um prisioneiro, a lei do pecado batalha* contra a lei do seu entendimento. Esta lei do seu entendimento, com o homem interior, representava o verdadeiro ego de Paulo controlado pelo ser de Deus. Paulo diz, que o seu verdadeiro ego foi aprisionado pela lei do pecado em seus membros. Se Paulo parasse aqui, ele estaria discordando de sua declaração em 6:14. Mas ele não parou. Ele afirma que o pecado em seus membros é uma força poderosa (e ninguém deveria tentar negar este fato).

**24.** O pensamento de que o pecado podia mantê-lo prisioneiro levou-o a exclamar: **Desventurado homem que sou! quem me livrará do como desta morte?** O corpo é o cenário desta luta. O pecado vivo nos membros produz a morte espiritual do corpo, e o homem se torna cômico de que precisa de ajuda externa. Paulo grita não por libertação do corpo como tal, mas pela libertação do corpo caracterizado pela morte espiritual – o fazer daquilo que é mau em oposição ao seu desejo de fazer o que é bom.

**25. Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor.** Emocionado demais, o apóstolo não dá uma resposta direta a sua pergunta. Ele apresenta Aquele a quem devemos agradecer, enfatizando que é o Libertador. A declaração completa deveria ser: "Graças sejam dadas a Deus; o livramento vem por meio de Jesus Cristo nosso Senhor". Em Romanos 8 ele fala mais de seu livramento. Mas aqui ele simplesmente resume o argumento de 7:7-25. Com o seu *entendimento* ou **mente** ele constantemente serve à lei de Deus. Mas com a sua carne (o ego controlado pelo pecado) ele serve ao **princípio** do pecado.

As expressões seguintes caracterizam Paulo sob o controle do pecado: "o pecado que habita em mim" (vs. 17, 20); "a lei" (v. 21); "nos meus membros outra lei" (v. 23); "lei do pecado que está nos meus membros" (v. 23); "em mim, isto é, na minha carne" (v. 18); "segundo a

carne" (v. 25). As expressões seguintes designam Paulo sob o controle de Deus: "eu" enfático com o pronome expresso (vs, 17, 20); "ao homem interior" (v. 22); "a lei da minha mente" (v. 23); "com a mente" (v. 25).

## **Romanos 8**

### **4) Vitória Através do Espírito Relacionada com o Propósito e Ação de Deus. 8:1-39.**

Ninguém pode compreender o significado da vitória, até que saiba quem é o oponente, e que tipo de luta está envolvida. Em Romanos 8 Paulo mostra o que Deus fez para conceder ao cristão a vitória sobre o pecado. Ele destaca o que Deus está fazendo agora e o que o crente deve fazer. Ele examina o propósito de Deus e a crise sentida por ambos, a criação e o crente. Ele enfatiza a relação do Espírito com o crente e a inter-relação do Espírito com Cristo e o Pai. Ele pinta um quadro glorioso do destino daqueles que ama a Deus e mostra que nada pode separá-los do amor de Deus. Quando um crente se ocupa de si mesmo, não pode levantar-se acima de Rm. 7:25. Quando vê o que Deus fez e está fazendo por ele, deve reagir com a linguagem de 8:37-39.

#### **a) Livramento do Pecado e Morte pela Atividade do Pai, do Filho e do Espírito. 8:1-4.**

**1. Agora, pois,** retrocede ao último versículo de 7:25. Uma vez que a libertação vem por meio de Jesus Cristo não existe nenhuma **condenação** (que envolva castigo ou destino eterno) **há para os que estão em Cristo Jesus**. Aqueles que estão em Cristo não são condenados, porque Cristo foi condenado em lugar deles. Não haverá nenhum castigo para eles, porque Cristo levou esse castigo.

**2.** Mas o que dizer desta luta com o pecado que Paulo está comentando? **Porque a lei**, isto é, o Espírito da vida, em Cristo Jesus, **te livrou da lei**, isto é, **do pecado e da morte**. Tanto o Espírito como o pecado e a morte são chamados de **lei** por causa da constância de sua influência e ação.

3. A **Lei** aqui refere-se à Lei Mosaica, e o leitor vê que Deus fez o que a Lei não podia fazer. A Lei estava face a face com *uma impossibilidade*. Ela receitava um tipo de vida aos homens que estavam na **carne**, o qual não eram capazes de seguir. Legalistamente, deviam aparentar que o faziam, mas jamais conseguiriam preencher os termos de tudo o que Deus exigia. Deus enviou o Seu Filho **em semelhança de carne pecaminosa**. A palavra **semelhança** é importante, pois significa que Cristo veio em carne como a nossa, e foi um homem real, mas não pecador. Esta é a diferença entre Cristo e aqueles que Ele veio salvar: Ele estava livre do pecado tanto pela natureza, quanto pela sua ação. **Deus condenou o pecado na carne**. O contexto favorece a tradução *na sua carne*, mas ela pode ser traduzida **na carne**. Aqui a palavra **carne** refere-se à verdadeira humanidade de Cristo.

4. Neste versículo **carne** refere-se aos homens que estão vivendo sob o controle do pecado. O pecado como força rebelde contra Deus foi condenado na carne de Cristo. Deus pronunciou a condenação do pecado na carne de Cristo a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós que não andamos (*vivemos*) **segundo a carne, mas segundo o Espírito**. A palavra traduzida para **preceito** está no singular. Significa toda a justiça de Deus. Deus resolveu a questão do pecado na morte do seu Filho, para que os que estão em Cristo, pudessem entender a completa justiça de Deus conforme expressa na Lei. Aqueles que percebem este propósito de Deus vivem de acordo com o Espírito, não de acordo com a carne.

### **b) A Disposição da Carne Versus a do Espírito. 8:5-13.**

5. Em 8:4 o quadro é daqueles que *vivem* segundo a carne ou o Espírito. Aqui o destaque foi dado àqueles que *estão* de acordo com a carne ou o Espírito. Num grupo estão aqueles que se ocupam com todos os particulares de uma vida pecadora. No outro grupo estão aqueles que se ocupam com tudo o que pertence à vida sob a direção e o poder do Espírito.

**6. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz.** A carne – o princípio de rebeldia dentro do homem – produz um certo padrão e modo de pensar. Do mesmo modo, o Espírito Santo também produz um certo padrão e modo de pensar. A tradução, **pendor**, destaca a direção e o ponto de vista da mente. *Morte espiritual* equivale à inclinação da carne. **Vida e paz** equivale à inclinação do Espírito.

**7,8.** A inclinação da carne é hostil a Deus, não querendo se sujeitar à sua lei. Pessoas com tal natureza não podem agradar a Deus.

Nos versículos 9-11 o apóstolo mostra o que faz a diferença entre aqueles que estão na carne e os que estão no Espírito.

**9.** Seus leitores estão "no Espírito". Ele presume que **o Espírito de Deus habita** neles. O **se é de fato** dá uma falsa impressão. Na verdade, o escritor não deixa dúvidas na sua declaração. Se alguém não tem **o Espírito de Cristo**, não pertence a Cristo. Aqueles que pertencem a Cristo têm o Espírito Santo. O fato do Espírito ser chamado de Espírito de Deus e depois Espírito de Cristo, mostra que o Pai e o Filho estão relacionados com o Espírito da mesma forma.

**10.** Além de se dizer que o Espírito habita nos crentes – **vós**, Cristo também está neles. Para o crente, ter o Espírito de Cristo dentro de si, é ter o próprio Cristo (cons. 8:16, 17). Paulo fala da realidade de Deus na vida de um cristão. Embora cheio de Deus sob este aspecto, ele diz, **o corpo na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça.** Aqui o termo **corpo** significa o homem sob o controle do pecado – a idéia comumente expressa em "carne". O falso ego está morto ou inútil por causa do pecado. Este ego não pode produzir algo para Deus. Mas o espírito – o verdadeiro ego – está vivo por causa da justiça que Deus concede. É claro que não existem dois egos separados. Quando o ego se toma falso, age de acordo com a carne. Quando o ego é verdadeiro, age de acordo com o Espírito.

**11.** A presença do Espírito de Deus nos crentes garante que Deus, que ressuscitou Cristo dos mortos, revivificará os corpos mortais dos

crentes **por meio do seu Espírito que . . . habita** neles. O papel do Espírito Santo na ressurreição dos crentes é um tema que tem sido negligenciado. Um corpo mortal é um corpo sujeito à morte. Um corpo revivificado pelo Espírito Santo torna-se imortal. A transição da mortalidade para a imortalidade é obra do Espírito.

**12.** Os crentes estão no Espírito, e o Espírito habita neles. Através dEle receberão corpos glorificados. Estes fatos levaram a uma certa conclusão. **Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne** (veja Arndt, *opheiletes*, 2b, pág. 603).

**13.** Presumindo que estão vivendo de acordo com a carne, Paulo diz aos seus leitores que vão morrer. Esta é uma morte espiritual. Mas presumindo que pelo Espírito condenam à morte os feitos maus (cons. Cl. 3:9) do corpo, viverão. Os dois "ses" em 8:13 presumem a realidade da coisa declarada. As conclusões seguem-se logicamente. Sua solenidade corresponde à seriedade da ação nas cláusulas com os "ses". Uma vez que a morte espiritual aqui foi encarada como o clímax – o banimento final da presença de Deus – a vida, à que se refere, deve ser a vida glorificada que está à espera do crente.

### **c) Orientação e Testemunho do Espírito. 8:14-17.**

**14. Filhos de Deus** são definidos como aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus. O Espírito lidera. O verbo está no tempo presente e na voz passiva - **todos os que são guiados** (conf. Arndt, *ago*, 3, pág. 14).

**15.** As frases, **espírito de escravidão** e **espírito de adoção** são paralelas. Uma tradução melhor seria: *O estado de espírito que pertence à escravidão e o estado de espírito que pertence à adoção*. O resultado do primeiro é o medo; o resultado do outro é a capacidade de orar e dirigir-se a Deus como Pai. A palavra **Aba** é um termo aramaico colocado em letras gregas e transliterado para o português. Significa "Pai". A reunião de ambos, judeu e grego (gentios), em Cristo, vê-se nessas palavras introdutórias de vocativo em oração.



**16.** O Espírito Santo dá testemunho **com o nosso espírito** de que somos filhos de Deus. Isto significa na verdade que o Espírito dá testemunho com nosso ego (veja I Co. 16:18; Gl. 6:18; Fp. 4:23). Este testemunho relaciona-se a cada aspecto de nossa personalidade, que participa da estrutura de nosso ego. O testemunho do Espírito é para a pessoa.

**17.** Observa-se que os crentes são **herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo**. Somos herdeiros de tudo que Deus tem para nos oferecer, o que significa que somos co-herdeiros em Cristo, a quem o Pai entregou todas as coisas. Mas, para sermos co-herdeiros com Cristo, significa que temos também de participar dos sofrimentos de Cristo. O tempo está no presente: **se com ele sofremos**. O sofrimento é o papel que Deus deu a Cristo para desempenhar (Lc. 24:26, 46; Atos 17:3; 26:23; Hb. 2:9, 10). É também uma experiência que Deus tem ordenado aos crentes em Cristo (Mt. 10:38; 16:24; 20:22; I Ts. 3:3; II Ts. 1:4, 5; II Co. 1:5; Cl. 1:24; II Tm. 3:12; I Pe. 1:6; 4:12). Aqueles que são participantes com Cristo no sofrimento, também serão participantes da sua herança na glória (Rm. 8:17): A experiência do sofrimento precede a experiência da glória.

#### **d) A Consumação da Redenção Aguardada pela Criação e Crentes Igualmente. 8:18-25.**

Como se deve encarar os sofrimentos do presente?

**18.** Eles devem ser encarados à luz da **glória por vir a ser revelada em nós**. Os sofrimentos não devem ser comparados com a vinda da glória, pois não são de modo nenhum iguais em intensidade ou valor.

**19.** Além da glória que será revelada aos crentes, estes também serão revelados. Paulo diz que este acontecimento é **ardente expectativa da criação**. Esta palavra **criação** (E.R.C., criatura, no v. 22) que se encontra em 8:19-22 refere-se a toda a criação de Deus abaixo do nível humano, personificada aqui para esclarecer as tensões e deslocamentos encontrados na criação, por causa do pecado. O pecado trouxe a

distorção não só no relacionamento do homem com Deus, mas em todo o universo em que ele vive.

**20. Pois a criação está sujeita à vaidade (frustração) não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou.** Tufões, furacões, terremotos, secas, enchentes são apenas algumas evidências do desequilíbrio da natureza. Paulo diz que a natureza foi reduzida a esse estado por Deus. Embora o Senhor tenha feito assim, Ele o fez **na esperança**, isto é, com uma esperança definida num dia futuro quando a frustração será removida.

**21. A própria criação será redimida do cativeiro da corrupção.** Deus prometeu que essa mesma criação que foi escravizada pela deterioração e corrupção, será libertada dessa condição. Sua nova condição está descrita como **a liberdade da glória dos filhos de Deus**.

**22.** Como isto é diferente da presente situação – para ambos, a criação e os filhos de Deus. A criação geme e agoniza com os homens que habitam a terra.

**23.** Não apenas a criação, mas também os crentes que têm **as primícias do Espírito** gemem dentro de si mesmos. **As primícias** aqui podem ser as bênçãos e mudanças que o Espírito já tem produzido nas vidas dos crentes. Ou pode ser que o próprio Espírito seja considerado as primícias (cons. II Co. 1:22; Ef. 1:14). À luz do contexto, a primeira interpretação parece a melhor. Os *gemidos* do crente nada tem a ver com murmuração. Antes, é o suspirar de cada um em particular, por ter de viver em um mundo pecador.

**A adoção** pela qual o crente espera refere-se à **redenção do nosso corpo**, sua libertação do pecado e da limitação, cuja pressão estamos constantemente sentindo, enquanto temos nossos corpos mortais.

**24. Porque na esperança fomos salvos.** A esperança para a qual Deus nos salvou é a libertação do corpo sob a pressão do pecado, e do estado de limitação mortal na qual aguardamos o dia quando, vestidos de imortalidade, veremos a Deus. O que é esperança? Paulo diz que é a confiante expectativa das bênçãos prometidas, ainda não presentes, nem

vistas. Esta esperança não é o desejo de ter alguma coisa boa demais para ser verdade e improvável de acontecer. O objeto ou a bênção esperada (aqui, a redenção do corpo) é real e distinto, mas ainda não presente.

**25. Mas, se esperamos o que não vemos, com** (*diá*; veja Arndt, III, 1, c, pág, 179) **paciência** (ou *fortitude*) **o aguardamos.** O corpo redimido será um corpo glorificado, livre de todo pecado. Com tal esperança diante dele, o crente aguarda sua realização com fortitude.

**e) Ministério Intercessório do Espírito. 8:26, 27.**

**26. Semelhantemente,** o Espírito ajuda nossa fraqueza. A fraqueza mencionada é a nossa incapacidade de analisar situações e orar inteligentemente sobre elas. Sabemos que esta é a fraqueza mencionada por causa da frase seguinte. Dá-se que o Espírito **intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis** (veja *alaletos*, Arndt, pág. 34). Às vezes não conseguimos orar porque as palavras não podem expressar a necessidade que sentimos. A ação do Espírito **com gemidos inexprimíveis** mostra como Deus penetra em nossa experiência através do Seu Espírito.

**27. Deus Pai** que investiga os corações (dos homens) **sabe qual é a mente do Espírito.** Deus conhece toda a reação do Espírito a qualquer situação ou questão. A intercessão que Ele faz em favor dos santos é **segundo a vontade de Deus.** Estas palavras certamente declaram que a comunicação do pensamento e conhecimento de cada um é partilhada por dois membros da Divindade - Pai e Espírito (isto é, o Espírito Santo).

**f) Propósito de Deus para Aqueles que O Amam. 8:28-30.**

**28. Paulo** começa com um axioma básico: **Sabemos.** Depois ele declara esta verdade: **Todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.** Paulo coloca a frase "aqueles que amam a Deus" primeiro, para que não haja dúvidas sobre os que estão envolvidos nas "cousas que cooperam para o bem". Essas coisas. são para aqueles que

continuamente expressam amor a Deus tanto por meio de atitude quanto por atos. Mais adiante eles são definidos como **aqueles que são chamados segundo o propósito** (plano ou decreto). A chamada e a eleição são colocados lado a lado em II Ts. 2:13, 14; II Pe. 1:10. A chamada pode ser focalizada sobre o destino eterno (II Ts. 2:14) ou sobre a vida terrena de liberdade e santidade (Gl. 5:13; I Ts. 4:7).

**29. Aos que de antemão conheceu.** Paulo aqui está pensando em um grupo – composto de indivíduos certamente – mas, não obstante, um grupo de indivíduos que constituem um todo incorporado. Isto é idêntico ao procedimento do apóstolo em Ef. 1:4, onde ele diz : Como também nos (plural) elegeru nEle (isto é, em Cristo). Cristo é o Eleito ou Escolhido (veja Lc. 9:35; 23:35; I Pe. 2:4, 6); e os crentes - aqueles que pertencem a Deus - são eleitos ou escolhidos nEle (isto é, em Cristo). A expressão **de antemão conheceu** tem como seu ingrediente básico o conhecimento. Este grupo de indivíduos, os membros desse todo incorporado, são dantes conhecidos, em que sentido? São dantes conhecidos, tendo lugar distinto no plano ou propósito de Deus (Rm. 8:28). Eles têm um papel a executar no plano divino. Qual é o seu destino? **Aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho** (v. 29). A decisão de Deus aqui, é que aqueles que compõem este grupo sejam semelhantes a Seu Filho em forma e aparência. O número não é pequeno. Deus decidiu isto dantes para que o Seu Filho pudesse ser o **primogênito entre muitos irmãos**. O termo **primogênito** significa o mais alto em hierarquia ou posição. Que Cristo é supremo ou primeiro, Paulo esclarece em Cl. 1:18; "E ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as cousas ter a primazia". A supremacia é sobre e entre muitos irmãos - aqueles que recebem a abundância da graça e o dom da justiça (Rm. 5:17) O posto de Cristo como primogênito, mostra que Ele é o cabeça exaltado da nova humanidade – como o segundo Adão (Rm. 5:12-21; I Co. 15:22). A força desta parte (Rm. 8:28-30) foi colocada sobre a ação de Deus – Seu plano e a realização do Seu plano.

**30.** Os verbos: **chamou, justificou e glorificou** relacionam-se com o plano (eterno conselho de Deus) e a execução do Seu propósito. Tendo Deus um plano, ou propósito – resumir todas as coisas, reuni-las em Cristo, as coisas do céu e da terra (Ef. 1:10, 11), Ele é capaz de operar conjuntamente para o bem daqueles que O amam. A ênfase que Paulo dá aqui está no que Deus faz pelos muitos irmãos. A única resposta humana mencionada é o amor a Deus.

### **g) O Triunfo dos Crentes sobre Toda Oposição. 8:31-39.**

**31,32.** Agora Paulo começa a destacar as implicações do seu ensinamento. Deus envolveu-se no dilema do homem, a fim de realizar o Seu plano. Ele **entregou seu próprio Filho por todos nós**. Cristo foi entregue para benefício nosso, em nosso favor e em nosso lugar. Deus não podia poupar Seu Filho e executar o Seu plano de redenção. Por isso Ele o entregou à morte para que pudéssemos ser redimidos. Paulo tira certas conclusões dessa ação divina. Com Cristo **Ele nos dará graciosamente todas as cousas**, embora possamos não tê-las todas agora.

**33,34.** Ninguém pode acusar os escolhidos ou eleitos de Deus, nem condená-los, porque Deus e Cristo participaram nesta ação divina da entrega de Cristo.

**35,36.** Obstáculos formidáveis não podem nos separar do amor que Cristo nos dispensa. Essas dificuldades são: **tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo ou espada** (isto é, a morte violenta). O apóstolo cita Sl. 44:22 para mostrar quais as dificuldades que o povo de Deus tem de enfrentar.

**37.** Sua conclusão é que em todas essas dificuldades, **somos mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou**. O significado aqui é o seguinte: "Estamos no processo de alcançar a vitória". Nas pressões externas da vida podemos obter a vitória por meio dAquele que nos amou. Estamos vencendo, não através de nossa própria força ou talento, mas por meio de Cristo.

**38,39.** Paulo alarga as experiências, as personalidades, e as coisas que o crente tem de enfrentar: **morte** ou **vida**, **anjos** ou **principados**, a **altura** ou a **profundidade**, ou **qualquer outra criatura**. Depois declara enfaticamente que **nenhuma** dessas coisas poderão nos separar do autor que Deus manifesta, este amor que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. O poder do autor de Deus é um tema que nunca poderá ser exaurido.

### III. Israel e os Gentios no Plano de Deus. 9:1 – 11:36.

Paulo considera o plano de Deus em relação às duas divisões da humanidade, que ele via, na qualidade de judeu – Israel ou o povo judeu e os gentios.

#### Romanos 9

##### A. Preocupação de Paulo para com Seu Próprio Povo, Israel. 9:1-5.

**1,2.** Este capítulo começa com uma coleção de provas de que Paulo sentia **grande tristeza e incessante dor** no coração com referência ao seu próprio povo. Eis aqui a prova: ele fala a verdade em Cristo; ele não está mentindo; sua consciência testifica por ele na presença do Espírito Santo. O apóstolo dizia isso porque sabia como os judeus o difamavam (veja, por exemplo, Atos 21:28 um acontecimento depois que ele escreveu aos romanos, mas que indica como os judeus se sentiam).

**3.** Paulo sentia tão profundamente por causa do seu povo, que aqui ele emprega a linguagem de um desejo inatingível (imperfeito potencial em grego): **Eu mesmo desejaria ser anátema separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas segundo a carne**. A linguagem aqui, parece a de Moisés, quando ele intercedeu junto a Deus para que o riscasse do Seu livro (Êx. 32:31,32). Paulo faz agora uma lista das bênçãos que pertencem aos seus compatriotas.

**4.** Eram israelitas possuidores da **adoção** – isto é, um povo do próprio Deus (cons. Is. 43:20, 21). Eles tinham a **glória**. Esta tanto pode ser a glória de serem o povo de Deus, como a glória de Deus que

aparecia no meio do Seu povo (Êx. 24:16, 17). **As alianças** está no plural, porque Deus falou ao Seu povo sobre a Sua aliança com eles em muitas ocasiões. Poderia também ser traduzido para *decretos ou penhores*. A **legislação** também lhes pertencia, isto é, a lei de Moisés, e o **culto**, ou a *adoração a Deus* – o ritual do Tabernáculo e do Templo. Eles tinham as promessas divinas, especialmente as promessas messiânicas.

**5.** Os pais – Abraão, Isaque, e Jacó – também lhes pertenciam. Mas a bênção mais importante era que Cristo, quanto à carne, vinha dos compatriotas de Paulo, os israelitas. Mas esse (Cristo), que humanamente veio de Israel, foi muito mais do que um israelita; Ele era **sobre todos, Deus bendito para todo o sempre**. (Para prova de que esta última cláusula se refere a Cristo, veja Sanday e Headlam, *Epistle to the Romans*, ICC, págs. 232-238). Conhecendo o lugar exaltado de Cristo, a aflição de Paulo por causa da cegueira de seu povo apenas aumentava. Eles tinham recusado esse Messias. Essas linhas não são doxologia feita a Deus, pois isto não se encaixa na linha do pensamento. Antes, a expressão mostra como Cristo é exaltado, o que se encaixa na linha do pensamento perfeitamente.

### **B. Deus é Livre, Justo e Soberano no Seu Trato com Israel e com Todos os Homens. 9:6-29.**

De 9:6 até o fim do capítulo 11 Paulo discute a profunda pergunta: *Como rejeitaria Deus o seu povo eleito?* Ele destaca até que ponto o povo foi rejeitado, porque foi rejeitado, a existência de um remanescente, e que planos Deus tem para o futuro de Israel, Seu povo. Em 9:6-29 o escritor responde a um argumento dos seus oponentes judeus que era o seguinte: "Temos a circuncisão por sinal (cons. Gn. 17:7-14) de que somos o povo eleito de Deus. Membros do povo eleito de Deus não perecerão. Portanto, nós não pereceremos". Evidências rabínicas provam que esta era a atitude da maioria dos judeus no tempo de Paulo. Hermann L. Strack e Paul Billerbeck prepararam um *Commentary on the New Testament* no qual reuniram paralelos do Talmude e do Midrashim que

lançam luz sobre o N.T. No Vol. IV, Parte 2, devotaram uma dissertação inteira (nº 31) ao assunto do Sheol, Geena (lugar de castigo) e ao Jardim Celestial do Éden (Paraíso). As citações abaixo incluem títulos de tratados de escritos rabínicos, da qual foram extraídas as idéias sobre esses lugares, como também indicam a localização no Strack Bilerbeck.

O Rabi Levi disse: No futuro (do outro lado – o que os gregos chamam de mundo dos espíritos) Abraão está assentado à entrada do Geena e ele não permite que os israelitas circuncidados entrem ali (isto é, no Geena). [Midrash Rabba Gênesis, 48 (30a, 49) SBK, IV, ii, pág. 1066]

Nesse mesmo contexto faz-se a pergunta: O que acontecerá àqueles que pecam excessivamente? A resposta é: Retornam ao estado da incircuncisão quando entram no Geena. A citação seguinte trata da questão do que acontece depois da morte a um israelita.

Quando um Israelita penetra em sua casa eterna (sepultura), um anjo está assentado do outro lado do jardim do Éden, que recebe cada filho de Israel que está circuncidado, com o propósito de introduzi-lo no jardim celestial do Éden (paraíso). (Midrash Tanchum, Sade, waw, 145<sup>a</sup>, 35; SBK, IV, Parte ii, pág. 1066)

Novamente surge a pergunta: E os israelitas que adoram ídolos? Tal como acima a resposta é: Retornarão ao estado de incircuncisão no Geena. Eis aqui uma citação que encara os israelitas como um grupo:

Todos os israelitas circuncidados entram no jardim celestial do Éden (paraíso). (Midrash Tanchum, Sade, waw, 145a, 32; SBK, IV, Parte ii, pág. 1067)

Está claro destas citações, que a maior parte dos judeus cria e ensinava que todos os israelitas circuncidados, que morreram estão no paraíso e que não há nenhum circuncidado no Geena.



Diante da declaração que o Senhor não poderia rejeitar o Seu povo eleito, Paulo em primeiro lugar replica enfatizando a liberdade divina, Sua justiça e soberania. Deus *age* livremente, *age* com justiça, e age soberanamente porque Ele é livre, justo e soberano no Seu ser eterno.

**1) Deus Escolheu Isaque em lugar dos Outros Filhos de Abraão. 9:6-9.**

**6. Não pensemos que a palavra de Deus haja falhado.** O presente estado dos judeus não indica que a promessa divina tenha sido rescindida. Nem todos os que descendem de Israel são realmente o Israel. As promessas do Senhor em qualquer período da história, podem envolver ativamente quantos dentre o Seu povo Ele decidir.

**7.** No caso dos filhos de Abraão, Deus fez uma escolha. **Em** (por meio de) **Isaque será chamada a tua descendência** (cons. *Kaleo*, Arndt, 1. a, pág. 400).

**8.** Aqui se faz uma distinção entre os filhos da carne, que nasceram de Hagar e Quetura (Gn. 16:1-16; 25:1-4) e Isaque, nascido segundo a promessa. **Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa.** Paulo coloca a negativa em primeiro lugar, para esclarecer que os filhos da carne não se tornam automaticamente filhos de Deus. Isaque nasceu por causa da promessa. Deus escolheu abençoar a humanidade através dele.

**2) Deus escolheu Jacó em lugar de Esaú. 9:10-13 .**

Os contemporâneos judeus de Paulo devem ter replicado: "Somos filhos de Isaque; daí podemos ter a certeza de que Deus não nos rejeitará".

**10,11.** Mas Paulo mostra que Deus fez uma escolha entre os dois filhos de Isaque, antes mesmo deles terem nascido ou feito algo de bom ou mau. Tal escolha foi feita **para que o propósito de Deus quanto a eleição prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama.** A

seleção divina não se baseia em obras legalistas, mas sobre Si mesmo e sobre o Seu plano para o mundo.

**12,13.** O que esta seleção envolve? O **mais velho será servo do mais moço**. Uma vez que esta seleção aconteceu antes que os gêmeos nascessem (Gn. 25:23), Paulo certamente pensava aqui em dois indivíduos. Na citação de Ml. 1:2,3, que volta-se para a conduta de Deus em relação a Jacó e Esaú, a ênfase cai sobre as nações. O que começou no período da vida dos fundadores dessas nações, continuou entre seus descendentes. A seleção relacionava-se com os papéis que os dois grupos iam desempenhar na história. O Senhor demonstrou o Seu amor por Jacó, fazendo dos descendentes do patriarca os canais por meio dos quais Ele falava Seus oráculos, e tornava conhecida a Sua verdade. Deus *aborreceu a Esaú* no sentido de que Ele não fez dos descendentes de Esaú canais de revelação, mas antes, como diz Malaquias: (Deus disse) "Fiz dos seus montes uma assolação, e dei a sua herança aos chacais do deserto" (Ml. 1:3). Voltando os olhos para a história de Esaú, Malaquias também usa sua palavra "aborreci", por causa da severidade da atitude de Deus com Esaú. A situação histórica de ambos os indivíduos e povos certamente afetam seu destino eterno. Mas eleição em Rm. 9:10-13 não é seleção para salvação eterna ou condenação. Antes, é uma seleção para desempenhar papéis para a qual Deus chamou indivíduos e nações no desenrolar da vida nesta terra.

### **3) A Misericórdia de Deus para com Israel e o Endurecimento de Faraó. 9:14-18.**

**14. Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum.** O fato de que a seleção divina não se baseia sobre obras humanas, não toma o Senhor injusto. Ele é livre, justo e soberano.

**15.** Essas qualidades se vêem em Sua atitude para com Moisés e Faraó. Sua declaração a Moisés – **Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão.** (Êx. 33:19) – veio *depois* que Israel cometeu

o pecado com o bezerro de ouro. Sob esse aspecto Israel possivelmente não merecia a misericórdia de Deus. Tal idolatria como a deles só merecia a ira.

**16.** O "isto" (E.R.C.) refere-se à misericórdia ou compaixão. *Misericórdia e compaixão não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia.* Isto é, ninguém pode reclamar a misericórdia de Deus. Deus também derrama Sua ira quando acha que é necessário.

**17.** O verbo "levantar" foi traduzido melhor neste versículo: **Para isto mesmo te levantei.** Deus trouxe Faraó ao cenário da história no Egito com o propósito de mostrar o Seu poder e provar que o Seu nome seria proclamado em toda a terra. Faraó continuaria sendo teimoso se Deus o colocasse em alguma obscura povoação ao longo do Nilo. Mas Deus o colocou sobre o Egito a fim de executar Seus próprios propósitos e planos.

**18.** Recordando os dois casos de Moisés e Faraó, Paulo conclui: **Logo, tem ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz.** Deus foi livre e soberano no endurecimento do coração de Faraó, mas não foi arbitrário. Um estudo em Êxodo mostra que Faraó endureceu o seu coração antes que Deus o endurecesse. E mesmo depois de tê-lo endurecido, Faraó teve o poder de ainda endurecê-lo mais.

O Senhor predisse claramente que ia endurecer o coração de Faraó: "Eu endurecerei (*hazaq, piel*, tornar rígido, duro; endurecer") o seu coração" (Êx. 4:21; cons. 14:4); "endurecerei (*qashah, hiphil*, "tornar duro, rígido, rebelde") o coração de Faraó" (Êx. 7:3). Mas só em 9:12 o registro de Êxodo diz que Deus realmente endureceu o coração do rei: "O Senhor endureceu o coração de Faraó (*hazaq, piel*, "tomar rígido, duro; endurecer").

As Escrituras têm muito a dizer sobre' o falo do coração de Faraó ter-se "endurecido", e sobre Faraó "tomar o seu coração difícil, insensível, indiferente", antes mesmo delas declararem que Deus endureceu o coração de Faraó. A frase, "o coração de Faraó começou a

se endurecer", significa que o caráter moral de Faraó (veja BDB, pág. 525) se endureceu. O caráter moral é o aspecto mais importante de uma pessoa. Portanto, no sentido real, Faraó começou a se endurecer como resultado de sua própria atividade. "O coração de Faraó se **endureceu** [*hazaq*, qal, "tornar-se firme, rígido, duro"; veja Êx. 7:13, 22; 8:19 - (Hb, texto 8: 15)]. "O coração de Faraó **está obstinado**" (*kâbed*, adj. "difícil", "insensível", "duro"; veja Êx. 7:14). O coração de Faraó se **endureceu** (*kâbed*, qal, "ser difícil, insensível, embotado, duro"; veja Êx. 9:7). **Faraó... agravou** (E.R.C.) o seu coração (ou *embotou*, tornou-o *indiferente*; todas possíveis traduções de *kâbed*, hiphil), [veja Êx. 8:15 (Hb. texto 8:11), 8:32 (texto hebreu 8:8)]. Depois de toda essa atividade da parte de Faraó, "o Senhor **endureceu** (*hazaq*, piel, "tornou rígido, duro; endureceu") o coração de Faraó" (veja Êx. 9:12). Mas Faraó tinha o poder de continuar fazendo o que fazia: Faraó . . . continuou a pecar, e **agravou** (E.R.C.) (ou *embotou*, tornou-o *indiferente*; todas possíveis traduções de *kâbed*, hiphil) o seu coração, ele e os seus servos. Assim o coração de Faraó se endureceu" (*hazaq*, qal, "tornou-se firme, rígido, duro"; veja Êx. 9:34b, 35a).

Então Jeová completou seu castigo judicial em Faraó. "O Senhor, porém, endureceu (*hazaq*, piel, "tornou rígido, duro"; "endureceu") o coração de Faraó" (veja Êx. 10:20, 27; 11:10; 14:8). "Depois disse o Senhor a Moisés: Vai ter com Faraó, **porque lhe endureci** (*embotado*, *insensível*; todas as possíveis traduções de *kâbed*, hiphil) o seu coração e o coração de seus oficiais" (veja Êx. 10:1).

Assim, a conclusão de que Deus endurece a quem quer baseia-se na Sua justiça como também na Sua liberdade de procedimento com Faraó.

#### 4) Deus controla os Vasos de Ira e de Misericórdia. 9:19-24.

Paulo esteve se dirigindo aos judeus, que pensavam que, tendo a circuncisão e sendo membros do povo eleito de Deus, o Senhor tinha a obrigação de lhes garantir prosperidade terrena e bem-aventurança eterna. O apóstolo destacou a soberania e liberdade divinas como

corretivos desse errado ponto de vista judeu. O Senhor só tem obrigações para com o seu próprio ser justo – não para com reivindicações que lhe sejam impostas por aqueles, que entendem mal Seu ser e Sua ação.

**19.** A esta altura, Paulo imagina que um dos seus oponentes diga: "Veja só ao que leva sua argumentação. O Senhor endurece um homem como Faraó e depois o acusa. Isso não faz sentido".

A pergunta é: **De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?** A resposta de Paulo foi elaborada em termos apropriados ao homem, que faz a objeção e não em termos de análise intelectual do contra-argumento do homem. Paulo escreve:

**20a: Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?** Um verdadeiro conhecimento do Deus verdadeiro torna tal objeção despropositada.

**20b, 21.** Paulo apela para uma ilustração: **Porventura pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?** Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro para desonra? Esta ilustração do oleiro foi usada com muita eficácia por Jeremias séculos antes (Jr. 18:4-6). Paulo destaca o completo controle do oleiro sobre o barro em termos da utilidade do vaso. Um vaso é honrado ou desonrado dependendo do seu uso. (cons. Arndt, *time*, 2, b, pág. 825). Um vaso pode servir para se carregar água e outro para carregar detritos. O mesmo material foi usado para ambos. Mas foram feitos para diferentes, funções, e por isso o oleiro lhes dá a forma de acordo com a pretendida função.

Paulo agora aplica o princípio. Ele o faz em uma sentença longa que se estende de Rm. 9:22 a 9:24. Se um oleiro pode fazer o que lhe apraz com seus vasos, certamente Deus pode fazer o que quer com os Seus. Embora Paulo ainda esteja destacando a soberania e liberdade de Deus, ele evita cuidadosamente de descrever o Senhor como tendo o mesmo tipo de relacionamento, com os vasos da ira e os vasos da misericórdia.

**Se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos da ira, preparados para a perdição; (e se ele o fez) a fim de que também desse a conhecer (*revelar*) as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?** [como pode você (sing.; cons. v. 19) levantar alguma objeção contra a justiça de Deus?] Na frase que começa com a palavra "querendo", Paulo certamente tem em mente Faraó e outros iguais a ele. As palavras **mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder** são simplesmente uma variação da linguagem usada no versículo 17: "para em ti mostrar o Meu poder". Paulo estava muito ansioso em enfatizar a paciência e longanimidade de Deus com os vasos da ira.

**22.** Foram descritos como **preparados** (veja *katartizo*, LSJ, II, pass., pág. 910) **para a perdição**. Alguns estudantes da Bíblia, presumindo que o particípio está na voz média, traduziram: aqueles que têm assumido uma posição de se prepararem para a destruição. Outros consideram o particípio passivo e traduziram: *aqueles que têm assumido uma posição de serem preparados por Deus para a destruição*. Mas o contexto certamente favorece a voz passiva sem confinar o agente em um ser ou coisa.

**23.** Deus está especificamente ligado à preparação antecipada (voz ativa) dos vasos da misericórdia.

Mas no que se refere aos vasos da ira, o estudante encontra essa passiva indefinida. O que opera no homem para colocá-lo nessa posição de ser **preparado** para a destruição eterna? A resposta é complexa. Inclui seus próprios atos de pecado e natureza rebelde. Envolve seu meio ambiente, que toma o pecado atraente, como também os julgamentos judiciais de Deus (cons. 1:24, 26, 28). Estes fatores influenciam certos vasos a se tornarem vasos da ira, isto é, objetos em posição de serem preparados para a destruição. Deus preparou específica e antecipadamente, os vasos da misericórdia para a glória, e também lhes

revelou as riquezas da Sua glória. Glória refere-se à radiância do ser de Deus. O derramamento das riquezas de Deus, quer dizer aquelas que não foram reveladas aos recipientes. Quem são esses vasos da misericórdia?

**24.** Paulo define o **nós** como aqueles a quem Deus chamou não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios. A liberdade, poder e soberania do Senhor, de um lado, são colocados contra a Sua paciência, Sua revelação das riquezas da Sua glória, e a Sua preparação antecipada dos vasos da misericórdia (vs. 22-24). O destino daqueles assim preparados é a glória (cons. 8:30).

### **5) O Testemunho de Deus em Oséias e Isaías quanto à Extensão e Limitação de Sua Obra Salvadora. 9:25-29.**

O **nós** do versículo 24 refere-se àqueles que Deus chamou, não somente dentre os judeus, mas também dentre os gentios. O escritor volta-se agora para o V.T. para mostrar que ele sustenta essa vocação.

**25,26.** Paulo cita em Os. 2:23; 1:10, passagens originalmente dirigidas às dez tribos. As palavras **não era meu povo e não era amada** foram pronunciadas às dez tribos por causa do seu afastamento do Senhor. Elas se tomaram como os gentios. Deus prometeu às dez tribos, que um dia elas seriam chamadas de filhos do Deus vivo, exatamente no mesmo lugar em que foram declaradas "que não era meu povo". O apóstolo extraiu a citação da LXX e aplica aos gentios.

**27,28.** O escritor volta-se para o testemunho de [saías sobre Israel e cita de Is. 10:22, 23. Ele usa a LXX, que em Is. 10:23 é bastante diferente do texto hebreu. Mas no ponto principal, para o qual Paulo citou a passagem, o texto hebreu e a LXX concordam. Só um remanescente será salvo (LXX), *voltará* (texto heb.), *retornará* (AV), isto é, para Deus. Paulo desenvolve este tema mais detalhadamente em Romanos 11. Encontraram-se dificuldades na interpretação de Rm. 9:28 por causa da linguagem e variação dos textos. As palavras "em justiça . . . abreviando-a" não se encontram nos melhores textos. Aqui temos dois meios possíveis de traduzir e interpretar este versículo (veja Arndt,

*suntemno*, pág. 800) 1) *O Senhor agirá cumprindo sua palavra pela abreviação ou exclusão*. A abreviação pode ser traduzida como cumprimento das promessas em um grau limitado ou pela abreviação da nação, ficando o remanescente. 2) *O Senhor agirá concluindo e abreviando* (o tempo). Isto significa que Deus não prolongará indefinidamente o período de Sua longanimidade, mas que o Seu juízo virá. No contexto de Paulo aqui, a segunda interpretação parece a melhor.

29. Finalmente, completando o quadro do V.T. da ação salvadora de Deus, Paulo cita Is. 1:9 da LXX. Onde a LXX tem "deixou-nos semente", o texto hebraico tem "um pequeníssimo remanescente". Se Deus não tivesse deixado alguns, a nação de Israel teria sido riscada.

### C. O Fracasso de Israel e o Sucesso dos Gentios. 9:30 - 10:21.

Agora Paulo trata do relacionamento de Israel e dos gentios com a justiça, fé e salvação. Ele mostra que este é um assunto crucial porque os judeus criara que, estando assinalados pela circuncisão, na qualidade de povo eleito de Deus, o Senhor não poderia rejeitá-los.

#### 1) Os Gentios Alcançaram o que Israel Perdeu. 9:30-33.

**30,31.** Uma vez que Deus *nos* chamou, a nós os cristãos (v. 24), dentre judeus e gentios, **que diremos pois** a respeito dos gentios e judeus que alcançaram a justiça? A resposta: Dizemos ou declaramos que **os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia a que decorre da fé. E Israel que buscava lei de justiça não chegou a atingir essa lei.** Paulo aqui é muito conciso. Não obstante, observe que no versículo 30 a palavra **justiça** (E.R.C.) ocorre três vezes. Os gentios crentes descobriram a chave do relacionamento do homem com Deus – a justiça. Eles encontraram a justiça que Deus concede por causa da fé ou confiança (cons. 3:21-26). Israel buscara o princípio da lei (o código mosaico era a mais apreciada personificação desse princípio) para obter justiça, mas eles nunca alcançaram essa justiça.



**32.** Por que Israel não alcançou a justiça? Tragicamente vem a resposta: **Porque não decorreu da fé, e sim, como que das obras** (que eles buscaram a justiça). A fé ou confiança é importante por causa do objeto (Cristo) no qual se crê e confia. Israel rejeitara o objeto. Eles **tropeçaram** (ou rejeitaram) **na pedra de tropeço**. Na admoestação de Is. 8:14, Jeová é a pedra de tropeço para a maioria daqueles, que fazem parte de ambas as casas de Israel. No N.T. é Cristo que é a pedra de tropeço (aqui e em I Pe. 2:6-8). **33.** A maior parte da citação de Paulo neste versículo é da promessa de Is. 28:16. Mas o apóstolo usa a linguagem da advertência de Is. 8:14 – uma pedra de tropeço e rocha de ofensa e insere esta advertência no meio do ensino positivo sobre a pedra em Is. 28:16, e depois completa o versículo. A última cláusula de Rm. 9:33 – **E aquele que nela crê não será confundido** – introduz um raio de luz num quadro, que de outro modo seria muito negro. Tal reação positiva, entretanto, não foi a de Israel como um todo, pois Israel tropeçou na pedra que Deus colocou em Sião.

## Romanos 10

### 2) A Ignorância de Israel sobre a Justiça de Deus. 10:1-3.

**1.** Novamente o apóstolo expressa sua preocupação com o seu povo. Em lugar de **por Israel** (E.R.C.) os melhores textos trazem a **favor de**. Paulo orava em favor deles *para sua salvação* – isto é, para que eles se apropriassem dessa salvação.

**2.** Seu zelo por Deus não se apoiava no conhecimento – não com (verdadeiro) **entendimento** (Arndt, *epignosis*, pág. 291).

**3.** Nas mentes dos leitores judeus naturalmente surgiria uma nova pergunta: Por que tantos de Israel rejeitaram, apesar de possuírem o pacto da circuncisão por sinal de que eram membros do povo eleito de Deus? Paulo responde: **Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus**. Nesse versículo há dois contrastes. Primeiro, os israelitas procuraram estabelecer sua própria justiça. Observe a sua autoconfiança.

Segundo, eles não se sujeitavam ao que Deus tinha providenciado – suas vontades eram inflexíveis. Tendo tropeçado na pedra de tropeço (Cristo), nada sabiam do dom divino da justiça.

### 3) Ligação Entre a Justiça da Fé e o Objeto da Fé. 10:4-15.

4. Neste versículo duas coisas foram acentuadas: 1) o que Cristo é; 2) quem é beneficiado pelo que Cristo é. **Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.** A palavra fim – *telos* parece combinar as idéias de ambos, alvo e término (veja Arndt, *telos*, 1, a.b.c., pág. 819). Não podemos dizer simplesmente que Cristo é o alvo e o término da Lei. Antes, Ele é o alvo e o término da Lei no que se refere à justiça. Antes de Cristo vir, os crentes em Deus estavam em tensão. Isto é, eles tinham a promessa de vida na condição de viver da maneira inatingível.

5. Embora Paulo, ao citar Moisés, modifica um pouco Lv. 18:5, tanto nos textos hebraico e grego, ele apresenta substancialmente o sentido do versículo.

**O homem que praticar a justiça decorrente da lei** (da justiça exigida pela lei) **viverá por ela** (pronome feminino, referindo-se à justiça). No texto grego em Lv. 18:5 o crente judeu recebe a ordem de guardar *todas* as ordenanças e juízos. Embora aquele que confiava em Deus se esforçasse ao máximo para cumprir a justiça exigida pela Lei, tinha também consciência de seus fracassos. Essa inconsistência causava tensão. Por isso os que eram fiéis faziam ofertas pelos seus pecados e transgressões. Por este motivo, o crente judeu não podia aceitar Lv. 18:5 como garantia legalista da vida eterna, mas apenas como uma promessa de Deus envolvendo a comunhão do homem com Ele. Ele não o aceitava como uma prescrição legalista. Fazê-lo tornaria a tensão intolerável. Cristo quebrou essa tensão. Com a Sua vida e morte revelou a perfeita justiça de Deus, oferecida pelo Pai com base na fé no Filho. Esse era o alvo para o qual a Lei apontava. Ele acabou com a tensão produzida pela promessa de vida ao homem, que fizesse o que o homem não podia

fazer. Uma vez que o homem não podia viver de acordo com as exigências divinas, a salvação sob a Velha Aliança, como também sob a Nova Aliança, tinha de ser pela fé.

Em Rm. 10:6-8 Paulo cita Dt. 30:12-14, entremeando com seus próprios comentários e frases. No V.T., na passagem citada, o pronome oblíquo "o" nas perguntas referentes ao subir e descer para trazê-lo aos homens, refere-se ao mandamento de "amar o Senhor Deus". Foi esse mandamento de Deus que estava no coração e boca dos israelitas.

**6,7.** Mas Paulo toma a linguagem de Deuteronômio e a aplica à justiça que vem da fé, Ele se refere ao subir e descer de Cristo.

**8.** A palavra que está na boca e no coração é *a declaração da fé*. Paulo não está dizendo que Moisés, em Deuteronômio, previsse que a justiça viria pela fé. Antes, ele diz: "A justiça que é pela fé diz assim" (10:6). A compatibilidade de ambas as alianças mostra-se pelo fato, de que esta justiça se encaixa na linguagem do N.T.

**9.** Confissão com a boca e crença no coração refere-se às reações interna e externa do crente. Sua convicção interior precisa de expressão exterior. Quando ele confessa que Jesus é o Senhor, ele está declarando a divindade de Cristo e a Sua exaltação, e o fato de que ele, o crente, lhe pertence. A crença de um homem na Ressurreição, prova que ele sabe que Deus agiu e triunfou na cruz. Um homem que confessa que Cristo é o Senhor e tem essa crença ou convicção alcançará a salvação.

**10.** Esta confiança ou crença é uma atividade constante e refere-se à justiça; a confissão é também uma atividade constante e refere-se à salvação. Estas verdades, confessadas e cridas, são convicções constantes e duradouras.

**12.** Uma vez que tal confissão e crença -são essenciais para a salvação, a próxima declaração de Paulo toma-se pertinente e quase auto-evidente. Na questão da consecução da salvação, **não há distinção (diferença) entre judeu e grego**. Cristo é o mesmo **Senhor de todos, rico (e generoso) para com todos os que o invocam**. Os escritores do N.T. fizeram do nome Senhor (*kyrios*) um dos seus títulos favoritos ao se

referirem a Jesus (veja Arndt, *kyrios*, 2. c., págs, 460, 61; Foerster, TWNT, III, 1087 94). Paulo toma a citação do V.T. que fala de Jeová como o Senhor e aplica o termo a Jesus (cons. vs. 13 e 12). Invocar o nome do Senhor significa invocar Jesus. Assim, orar a Jesus está explicitamente recomendado por esta linguagem.

**14,15.** A ligação que existe entre a justiça da fé e o objeto da fé é simples. A crença no objeto da fé (Cristo) produz a justiça da fé, no crente. Quando os homens confiara em Cristo, invocara o Seu nome. Isto leva Paulo a indagar sobre a invocação do nome do Senhor. Não pode haver *invocação* sem crença ou *confiança*. Não pode haver crença ou confiança, sem ouvir. Não pode ouvir sem que haja *pregação*. Não haverá *pregação* se os pregadores não forem *enviados*. Observe que a pregação de Deus aos homens começa pela delegação dos mensageiros. Então por meio da pregação, do ouvir e confiar, os homens são levados a invocar o nome do Senhor. A beleza dos pés dos mensageiros refere-se, à presteza deles em levarem as boas novas. A citação de Is. 52:7 refere-se à notícia levada pelos mensageiros, de que Jeová redimiu Jerusalém. Paulo aplica estas palavras às boas novas sobre Cristo – o Evangelho.

#### **4) As Boas Novas Rejeitadas. 10:16-21.**

**16.** Embora as boas novas fossem proclamadas; isto não significa que os ouvintes obedecam às boas novas. Paulo cita [saías perguntando: "Senhor, quem ouviu a nossa pregação?" (cons. Is. 53:1).

**17.** O apóstolo tira a conclusão de que a **fé** vem da **pregação** (das coisas ouvidas). E a **pregação** tem de ser pela **palavra** (*ordem, mandamento, direção*) **de Cristo**. Uma tradução diz *Deus*, mas os melhores manuscritos trazem **Cristo**.

**18.** Uma vez que Israel teve ambos, os mensageiros que proclamam as boas novas e as próprias boas novas, por que os judeus não obedeceram? O apóstolo trata das duas desculpas que possam ser apresentadas. **Porventura não ouviram?** Sim, ouviram muito bem. Ele cita Sl. 19:4, o qual originalmente tratava da proclamação universal da

glória e poder de Deus pelas obras da natureza. Ele aplica as palavras deste salmo ao Evangelho – **Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo.** A segunda desculpa trata de uma falha de conhecimento.

**19. Porventura não terá chegado isso ao conhecimento de Israel?**

Sim, soube muito bem. Moisés foi o primeiro a dizer, que Deus usaria uma nação ou gente falta de entendimento para tomar os judeus ciumentos e irados (cons. Dt. 32:21). Os judeus, além de ouvirem a mensagem sobre Cristo, sabiam também que Deus se ocuparia de outras gentes além deles mesmos.

**20.** Paulo cita o profeta Isaías afirmando isto (Is. 65:1, 2). Na verdade, os dois versículos citados de Isaías referem-se ao Israel desobediente. Mas em Rm. 10:20, o escritor aplica Is. 65:1 aos gentios. Em Rm. 10:21 ele aplica Is. 65:2 a Israel. Aplicando a linguagem de Is. 65:1 aos gentios é o mesmo que aplicar Os. 2:23 e 1:10 (cons. Rm. 9:25, 26) a eles. O apóstolo representa Deus dizendo aos gentios: **Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim.**

**21.** Em contraste, o Senhor implora a Israel – Ele estendeu suas mãos a um povo rebelde e contradizente.

## **Romanos 11**

### **D. A Situação de Israel no Tempo de Paulo. 11:1-10.**

**1.** Embora Paulo tivesse acabado de descrever a desobediência e obstinação do seu povo, ele declara agora: **Terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum.** Sendo ele mesmo, Paulo, um israelita, a idéia de que Deus pudesse rejeitar Seu povo era-lhe repugnante. Por seu povo Paulo quer dizer a nação de Israel.

**2a. Deus não rejeitou o seu povo, a quem de antemão conheceu.**

A expressão **seu povo** enfatiza a anterior escolha ou seleção divina. A expressão **de antemão conheceu** indica que o Senhor conheceu de antemão que Israel seria desobediente e obstinado (cons. 10:21). Deus

conhecia de antemão os pecados do Seu povo, mas Ele não lhos decretou diretamente (veja Tg. 1:13).

**2b-5.** Mostrando que havia um Israel remanescente que era fiel, Paulo prova que Deus não repudiou o Seu povo. O apóstolo lembra seus leitores, que havia um remanescente piedoso no tempo de Elias, e declara que há um remanescente semelhante no seu tempo (Rm. 11:5). **Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente** (veja Arndt, *ginomai*, II, 5, pág. 159), segundo a eleição da graça (veja Arndt, *ekloge*, 1, pág. 242). A graça produz ou provoca esta eleição.

**6.** Esta verdade torna a ser declarada. A seleção é pela graça ou favor de Deus – não pelas obras dos homens. Obras sugerem legalismo e nulificam a graça.

**7.** Que conclusão devemos, pois, tirar? Temos de concluir que, em Israel, há atualmente um remanescente fiel e que há uma maioria incrédula. **O que Israel busca isso não conseguiu; mas a eleição o alcançou; e os mais foram endurecidos.** Um intérprete deve perguntar: O que foi que Israel buscou e não alcançou? Paulo já respondeu essa pergunta em 9:32 e 10:3. Israel buscou a justiça. Mas em lugar de se submeter à justiça de Deus, procurou estabelecer a sua própria justiça. Os eleitos alcançaram a justiça que Deus concede.

**8.** Os demais **foram endurecidos**. Eles foram endurecidos porque deixaram de se submeter à justiça de Deus. Eis aí Deus novamente atuando em castigo judicial. Quando um homem se confronta com a justiça de Deus, mas toma a decisão de continuar no seu próprio carrinho, o embotamento, a dureza e a cegueira são o resultado. Paulo aplica as palavras do V.T., à sua geração. Sua primeira citação foi de Dt. 29:4, com um pouco de Is. 29:9, 10 incluído. Ele intensifica esta passagem do V.T. para enfatizar o endurecimento judicial. Deus dá um espírito de estupor (cons. Is. 10), olhos que não vêem, ouvidos que não ouvem.

**9,10.** Finalmente, o apóstolo cita Sl. 69:22, 13 – a tradução da LXX – na qual o salmista descreve a mesa dos seus inimigos deserta, seus olhos obscurecidos, e suas costas encurvadas por causa da luta. Assim, Paulo diz que, embora a maioria do povo de Deus está atualmente sob julgamento divino, a existência de uma minoria é a prova de que o Todo-Poderoso não repudiou o Seu povo.

### **E. A Perspectiva do Futuro de Israel. 11:11-36.**

Aqui Paulo chega à conclusão do seu discurso sobre o lugar de Israel e dos gentios no plano de Deus. O propósito da ação de Deus na história é que Ele quis ter misericórdia de todos – judeus e gentios. O papel de Israel é mais impressionante, quer na rejeição, quer na aceitação. Harmonizando-se em um quadro sublime vemos toda a história, as atitudes e reações de Israel e dos gentios, e a sabedoria de Deus no interrelacionamento desses dois grupos. Na metáfora da oliveira vemos a impressionante unidade do povo de Deus em ambos os convênios.

#### **1) A Extensão da Bênção entre a Queda e a Plenitude de Israel. 11:11-15.**

**11.** Paulo começa com sua costumeira pergunta. **Porventura tropeçaram para que caíssem? De modo nenhum.** Pelo contrário, foi por meio do pecado (transgressão) de Israel, que a salvação veio aos gentios com o propósito de provocar o ciúme de Israel.

**12.** Qual foi esse pecado ou transgressão? O da incredulidade. **Ora se a transgressão deles redundou em riqueza para o mundo, e o seu abatimento em riqueza para os gentios, quanto mais (será) a sua plenitude** (dos judeus). O cumprimento das exigências divinas por parte dos judeus enriquecerá o mundo. O pecado de Israel (a incredulidade) e sua derrota foram os meios que Deus usou para abençoar os gentios. O apóstolo argumenta partindo do menor para o maior; podemos ver, assim, que a ação positiva dos judeus - o cumprimento das exigências de

Deus (veja *pleroma*, Arndt, 4, pág. 687) – produzirá bênçãos ainda maiores.

**13.** O escritor lembra aos gentios a bênção que receberam – **Dirijome a vós outros, que sois gentios.** Paulo magnifica o fato de seu ministério ser aos gentios.

**14,15.** Ele espera, com isso, provocar o ciúme dos seus irmãos na carne e salvar alguns deles. **Porque, se o fato de terem sido eles rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento (com Deus), senão vida dentre os mortos?** Observe que Paulo continua a argumentação partindo do menor para o maior. A rejeição de Israel envolveu a reconciliação do mundo. Ambos, judeus e gentios, foram reconciliados entre si e com Deus em Cristo. É uma realização notável. Mas a aceitação de Israel por Deus produzirá uma realização ainda mais significativa – **vida dentre os mortos.** Isto sem dúvida se refere ao clímax da reconciliação na volta de Cristo, a ressurreição dos mortos, o libertamento da criação da escravidão da deterioração ou corrupção (8:21), e o glorioso reino de Cristo.

## **2) Os Gentios Individualmente Carecem de Base para se Gloriarem. 11:16-21.**

Devemos nos lembrar que a carta aos Romanos foi escrita a um grupo particular em Roma. No versículo 13 o escritor esclarece: **Dirijome a vós outros, que sois gentios.** Mas em 11:17-24 ele tem em mente o leitor gentio individual. Nestes versículos encontramos oito pronomes e treze verbos na segunda pessoa do singular. Embora a maioria dos israelitas tenha sido derrotado e, rejeitado, nenhum gentio deveria se atrever ao orgulho ou auto-suficiência. Por isso, Paulo toma os gentios, individualmente, cômicos de sua posição em relação a Israel. Então no versículo 25 ele volta ao vós e encara os crentes gentios e Israel como dois grupos.

**16.** Encontramos aqui duas metáforas: **as primícias** e a **massa**, e a **raiz** com os **ramos**. As primícias da massa e a raiz referem-se a Abraão



e aos outros patriarcas, Isaque e Jacó (veja o destaque que Paulo dá aos "pais" em 9:5 e 11:28). Toda a massa e os ramos referem-se a Israel, o povo de Deus, que descende dos patriarcas. A santidade atribuída à parte e ao todo, a raiz e os ramos, é a da dedicação, consagração, separação para Deus. Esta é uma santidade legal, para o grupo à vista de se constituir o povo escolhido de Deus.

**17-24.** Paulo desenvolve a segunda metáfora nos versículos 17-24. Alguns dos ramos foram quebrados (v. 17). O gentio individualmente, sendo oliveira brava, foi enxertado entre os ramos da oliveira natural. Assim; este ramo, o gentio individualmente, foi feito **participante da raiz e da seiva da oliveira** (v. 17). Mas depois Paulo adverte o gentio individualmente a deixar de se vangloriar contra os ramos. Ele não tem base para a sua vanglória: **não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti** (v. 18). O destaque aqui foi dado à unidade, que caracteriza o povo de Deus de ambos os pactos. O apóstolo passa a tratar então o argumento dos ramos que foram quebrados a fim de que o gentio pudesse ser enxertado.

**20,21.** Bem! pela sua incredulidade foram quebrados; tu porém, mediante a fé estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme. Porque se Deus não poupou os ramos naturais, também não te poupará. A diferença entre os ramos quebrados e o ramo enxertado consiste na presença da fé. Incredulidade significa rejeição. A fé significa aceitação. Em vez de permanecer orgulhoso sobre um falso senso de segurança, o gentio individualmente deve temer. Temor genuíno de Deus e respeito por Ele constituem a base da verdadeira segurança. Deus quebrou os galhos naturais por causa da incredulidade deles (v. 20). Se Ele não tolerou a incredulidade neles, não tolerará tão pouco em você.

### **3) A Bondade e a Severidade de Deus. Revelada por Sua Reação, Diante da Crença e da Incredulidade. 11:22-24.**

**22. Pois.** O escritor está concluindo sua extensa metáfora sobre a raiz e os ramos. **Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus:**

**para com os que caíram, severidade; mas para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres** (de Deus); **doutra sorte** (se tu não permaneceres na esfera da bondade divina) **também tu serás cortado**. Paulo insiste com o gentio individualmente a permanecer na bondade de Deus. Isto, é claro, envolve sua continuação na fé (v. 20), mas Paulo destaca que Deus cuida daqueles que confiam ou crêem nEle. Portanto, *permanecer na bondade de Deus* expressa bem o pensamento. Essa bondade será a porção do gentio se ele *permanecer, persistir, perseverar* (veja Arndt, *epimeno*, 2, pág. 296) nessa bondade. Depois vem uma cláusula causal que envolve um contraste, **doutra sorte** [*epei*, veja Arndt, 2, pág. 283. Com um **pois** elíptico (se fosse diferente), **pois . . . doutra sorte**; Rm. 3:6; 11:6, 22 etc.]. Como nos outros contextos de Romanos onde aparece esta palavra **doutra sorte** (gr. *epei*), o leitor, para entender o significado, tem de inverter o pensamento precedente e então tirar a conclusão. Assim, deveria ser: "De outra maneira, se você não continuar na esfera da bondade de Deus, você também será cortado". Estas palavras solenes do apóstolo fazem nos lembrar as palavras de Jesus: "Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta" (Jo. 15:2a); "Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora a semelhança do ramo" (Jo. 15:6a). Para se ter certeza de que esta advertência é válida, a construção grega mostra que Paulo não declara se o indivíduo vai ou não continuar: **Se permaneceres na sua bondade**, a benignidade de Deus será sua.

Isto mesmo Paulo escreveu em Rm. 8:28-30, que o propósito de Deus para aqueles que o amam começa com o Seu conhecimento e decreto anterior, e termina com a Sua glorificação. Deus não revelou todos os aspectos do Seu propósito e tudo que está envolvido na Sua eleição. O que Ele tomou conhecido centraliza-se no fato de que os crentes são eleitos em Cristo (Ef. 1:4). Está muito claro que o Senhor agiu "por" e "em" aqueles que estão "em Cristo". Mas, está igualmente claro que aqueles "em Cristo" devem também agir: devem continuar; devem produzir fruto. Sua ação, o escritor expõe, é exatamente tão

essencial quanto a ação de Deus em atraí-los e em colocá-los em Cristo. Se um mestre despreza qualquer um destes dois aspectos - a ação de Deus e a reação do crente – afastou-se do N.T. Se alguém pensa que compreende inteiramente o relacionamento entre estes dois fatores, esqueceu-se que Deus deixou algumas coisas a serem reveladas nos séculos vindouros (cons. Ef. 2: 7).

**23,24.** Se aqueles que pertencem a Israel não continuarem nem persistirem na incredulidade, **serão enxertados**. Agora Paulo destaca a capacidade de Deus. Ele é poderoso, forte, grande – capaz de enxertá-los novamente. Uma vez que, na linguagem da metáfora, o Senhor fez o que era contrário à natureza, pode certamente enxertar ramos da oliveira natural de volta na oliveira natural.

**24. Quanto mais** mostra a confiança de Paulo no plano de Deus.

#### **4) Salvação para o Povo de Israel. 11:25-27.**

**25.** O mistério, que Paulo não quer que os seus leitores sejam ignorantes, é que **veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios** (comecem a desfrutar das bênçãos prometidas). Se os seus leitores não o perceberam, poderão se tornar presumidos. **Em parte.** Tipo de cláusula característica de Paulo. A "parte" é uma parte muito grande, mas está equilibrada pela **plenitude** dos gentios – aqueles que foram conhecidos e chamados de antemão por Deus (cons. 8:28-30).

**26. E assim todo o Israel será salvo. Todo o Israel.** A nação de Israel. Compare com o paralelo de Jacó na citação seguinte. Todo. Não necessariamente cada indivíduo, mas indivíduos em número suficiente para tomar os crentes em Cristo representantes da nação. A expressão **e assim** está relacionada com a citação de Is. 59:20, 21 e Is. 27:9. A salvação de Israel está diretamente relacionada com a ação pessoal do libertador, Jesus, o Messias. O **e** (*kai*), com o qual começa o versículo 26 é uma conjunção coordenativa. Ela sugere que a obra do Libertador (Cristo), de desviar a impiedade de Jacó e salvar todo o Israel, está de

mãos dadas com a entrada da plenitude dos gentios nas bênçãos e favor de Deus. Depois desse lançar de olhos para o futuro, Paulo retorna aos seus dias.

### **5) A Misericórdia de Deus para com Todos, Engrandecida por Sua Ação na História. 11:28-32.**

**28.** A grande maioria dos israelitas contemporâneos, no que se referia às boas novas de Cristo, era hostil para com os cristãos romanos. Mas, sendo os judeus ainda o povo eleito de Deus, os cristãos romanos deviam considerá-los e amá-los por causa de seus pais. Observe aqui um grupo que, embora eleito, está afastado de Deus. Os leitores gentios de Paulo tinham um relacionamento de contraste com os judeus. Quanto ao Evangelho, são eles inimigos por nossa causa. Tendo rejeitado o Evangelho, a maior parte do povo judeu tomou-se hostil para com os cristãos. Tendo sido rejeitados por Deus que demonstrou misericórdia para com os gentios, eles tratavam os gentios como a inimigos. **Quanto, porém, à eleição** (dos judeus por Deus), (eles são) **amados por causa dos patriarcas**. Isto se refere à eleição de toda a nação judia e ao fato de que o povo era amado porque Deus escolhera seus pais. A eleição pode envolver toda uma nação, como aqui; ela pode envolver um remanescente, como em 11:5; ela pode envolver um grupo menor, tal como os Doze (Jo. 6:71). Em cada um desses casos, a eleição se referia a uma tarefa específica para a qual o grupo foi comissionado por Deus.

**29.** Paulo ensina a fidelidade de Deus quando diz: **os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. Dons.** Os privilégios desfrutados por Israel (cons. 9:4, 5). **Vocação.** A declaração divina a Israel ou Jacó que eles eram o Seu povo (cons. Is. 48:12). Os gentios, que foram desobedientes a Deus, obtiveram a misericórdia por causa da, ou por meio da, desobediência de Israel. Agora, por causa da misericórdia experimentada pelos gentios, o povo de Israel deve experimentar a misericórdia.

**32.** A conclusão de Paulo é que **Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos.** Cada **todos** deste versículo refere-se a ambos, judeus e gentios. Deus aprisiona os homens com o propósito de libertá-los. **Com todos . . . misericórdia.** Não a salvação de todos. O ensinamento de Paulo sobre aqueles que desprezam a bondade de Deus, também se aplica àqueles que desprezam a Sua misericórdia (veja 2:4).

**6) Excelência e Glória de Deus – a Fonte, o Sustentador, e o Alvo de Todas as Coisas. 11:33-36.**

O plano de Deus na história capacita-o a demonstrar misericórdia para com ambos, Israel e os gentios, para que Ele possa ter misericórdia de todos. E Ele é capaz de fazer a rebeldia dos homens servir a um propósito em Seu plano. Isto faz Paulo irromper em louvores.

**33. Profundidade.** As riquezas, sabedoria e ciência de Deus são inexauríveis. Seus **juízos** ou *decretos* estão além da capacidade humana de sondá-los. Seus **caminhos** – o todo de Sua conduta – não podem ser acompanhados ou traçados. Nenhum homem é suficientemente grande para observar todas as ações de Deus e segui-las uma a uma. As citações do V.T. (Is. 40:13; Jó 41:11) mostram que Deus é independente do homem.

**36.** Finalmente, em uma enorme onda repentina de devoção, Paulo atribui glória a Deus para sempre, ao Deus que é a Fonte, o Sustentador, e o Alvo de todas as coisas.

**IV. A Atitude e a Conduta que se Espera dos Cristãos em Roma.  
12:1 - 15:13.**

Evidentemente Paulo estava bem informado das necessidades dos crentes em Roma. Embora a maior parte de suas exortações se enquadram em qualquer grupo de crentes, muitos deles achavam que o apóstolo pensava em um grupo particular quando escrevia. O alcance

dessas exortações é surpreendente. A vida cristã é simplesmente ser um cristão e agir como um cristão em cada setor da vida.

## **Romanos 12**

### **A. Consagração de Corpo e Mente. 12:1, 2.**

1. A linguagem aqui é do V.T, e faz-nos lembrar que os crentes judeus ofereciam sacrifícios ao Senhor. Mas os crentes cristãos, em vez de oferecer algo fora de si mesmos, devem oferecer seus próprios corpos a Deus, como sacrifícios vivos, santos e aceitáveis. Este tipo de sacrifício é um culto espiritual que envolve todos os seus poderes racionais.

2. Por causa da declaração envolvida, os crentes não devem se conformar com este mundo, mas devem se transformar pela **renovação** de suas mentes (12:2). Tal transformação e renovação se alcança experimentando (aprovando ou descobrindo) que a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita.

### **B. A humildade no Uso dos Dons de Deus. 12:3-8.**

3. Na introdução da questão dos dons, Paulo fala da **graça** que lhe foi dada para capacitá-lo a ser um apóstolo. Depois ele exorta cada um dos seus leitores a que não sejam arrogantes, isto é, que não pensem bem demais sobre si mesmos. Ele apela para um jogo de palavras, usando diversos termos gregos que têm a palavra "mente" ou "pensar" como elemento básico – **que não pense de si mesmo, além do que convém** (*saber*), **antes, pense com moderação** (*com equilíbrio na avaliação*). Devemos fazer uma auto-avaliação quanto ao que Deus repartiu a cada um. Paulo aqui não fala da "fé salvadora" mas antes de "uma fé que impulsiona uma pessoa na obra de Deus". A "fé salvadora" não seria o padrão para um auto-exame correto. Só o orgulho poderia dizer: "Veja quanta fé salvadora eu tenho". Mas é com humildade que se diz: "Eis aqui a fé que eu tive na execução desta ou daquela tarefa particular para Deus". Isto apenas leva à oração, "Senhor, aumenta a nossa fé" (veja Lc.

17:5). Na lista dos heróis da fé em Hb. 11, vemos que a medida da fé dada, corresponde à tarefa a ser realizada.

**4,5.** O **um só corpo** do qual os muitos são membros, enquanto ao mesmo tempo são, individualmente, membros uns dos outros, é a Igreja universal, constituída de todos os crentes em Cristo. (Veja I Co. 10:17; 12:12, 13, 28; Ef. 1:22, 23; 2:15b, 16; 4:3-6, 11-13, 15, 16; 5:22-30; Cl. 1:17, 18, 24, 25). O símbolo do corpo descreve a Igreja como um organismo, com cada membro recebendo vida de Cristo (veja Cl. 3:3). Uma vez que todos os membros recebem sua vida de Cristo, eles todos se pertencem mutuamente. Grupos locais de crentes são a manifestação local do corpo de Cristo, a Igreja. Tal grupo local é **corpo** de Cristo, mas não *todo o corpo de Cristo* (veja I Co. 12:27). *O corpo de Cristo* consiste da totalidade dos crentes que estão unidos a Cristo, a cabeça da Igreja.

**6.** A **graça** de Deus concedida a crentes individualmente, está comprovada nos diferentes dons. Paulo faz uma lista dos dons e depois diz de que modo cada um deve ser usado. Em cada caso o leitor, para entender, deve suprir o verbo, *vamos usá-lo*, seguido do dom particular. **Se profecia, seja** (vamos usá-la) **segundo a proporção da fé**, ou *no correto relacionamento com a fé*. **Fé** aqui significa o corpo da fé, da crença ou doutrina (veja Arndt, *pistis*, 3, págs. 669-670). A profecia, que tem a intenção de exortar, encorajar e confortar (veja I Co. 14:3), deve ser usada no devido relacionamento. com a verdade revelada de Deus.

**7.** A palavra *diakonia*, que foi traduzida para **ministério**, pode ser traduzida para serviço se for tomada no sentido geral. Se o tomarmos no sentido particular, refere-se ao *ofício de um diácono*. A ênfase aqui é na necessidade de se usar esses dons. Aqueles que têm os dons de *ensinar* e *exortar* devem exercitá-los.

**8.** O que **contribui** deve fazer com liberdade. A palavra *proistemi*, traduzida para **preside**, pode significar isso mesmo ou *dar ajuda*. Isto tem de ser feito com alegria. Aquele que tem o dom de exercer misericórdia deve usar o dom **com alegria**. Os dons aqui mencionados são – 1) profecia, 2) ministério (serviço ou ofício de diácono), 3) ensino,

4) exortação (possivelmente conforto, encorajamento), 5) repartir, 6) presidir ou dar ajuda, 7) exercitar misericórdia. Cada um é um talento particular para um tipo particular de atividade.

### **C. Qualidades do Caráter Exemplificadas. 12:9-21.**

Devemos meditar nesta lista se quisermos que o seu impacto nos atinja.

**9. O amor** tem de ser genuíno (ou sincero, sem hipocrisia). Os crentes têm o mandamento de aborrecer o mal constantemente e a se apegarem constantemente ao bem. **10.** Devem se dedicar uns aos outros com amor fraternal e devem se exceder uns aos outros na demonstração do respeito recíproco.

**11.** Não devem ser indolentes. Devem ser **fervorosos** (*incandescentes*), literalmente, *fervendo, no espírito*. Devem servir continuamente ao Senhor.

**12.** Os crentes devem se regozijar na **esperança**, isto é, em tudo o que Deus tem prometido fazer por eles em Cristo. Devem suportar as aflições e estar sempre em oração.

**13.** Devem suprir as necessidades dos santos (companheiros crentes) e seguir ou buscar a hospitalidade.

**14.** Os crentes devem abençoar seus perseguidores e deixar de amaldiçoar os patifes.

**15.** Devem se regozijar com os que se regozijam e chorar com os que estão tristes. Sentir alegria genuína com o sucesso de outrem é sinal de verdadeira maturidade espiritual.

**16.** Os crentes devem viver em harmonia entre si. Em vez de lutar na consecução de coisas que estão altas demais para eles, devem se acomodar às maneiras simples, deixando de ser convencidos.

**17.** Não devem retribuir o mal com o mal. Antes, devem se preocupar com o que é moralmente bom diante de todos os homens.

**18.** Até onde for possível, os cristãos devem viver em paz com todos os homens.



**19.** Os crentes não devem procurar a vingança, mas devem dar oportunidade à ira de Deus para operar os seus propósitos (veja Arndt, topos, 2, c, págs. 830-831). O V.T. faz notar que a vingança e a recompensa pertencem a Deus.

**20.** Os crentes devem tratar os inimigos que se encontram em dificuldades, como tratariam os outros em circunstâncias semelhantes. Alimentando-os e dessedentando-os, os crentes amontoam brasas vivas sobre as cabeças deles. Está figura parece querer dizer que o inimigo corará de vergonha ou remorso diante de tão inesperada delicadeza.

**21.** A última qualidade de caráter mencionada em Romanos 12, mostra que Paulo sente que a vida cristã é como uma competição – **Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.**

## **Romanos 13**

### **D. Submissão às Autoridades do Governo Deve Ser Acompanhada por uma Maneira de Vida Amorosa e Reta. 13:1-14.**

Como o cristão enfrenta suas responsabilidades diante do governo, como ele age para com o seu vizinho, e como ele se comporta na sua vida pessoal, todas são questões de grande importância.

**1,2.** A obediência ao Estado é mandamento divino. As palavras iniciais: **Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores** definem a obrigação do cristão. O restante dos dois primeiros versículos mostra por que ele tem esta obrigação. **Não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas.** A fraseologia enfatiza a autoridade e o cargo que ocupa. Nada se diz aqui sobre forma de governo. A passagem enfatiza o governo propriamente dito e os seus administradores quando funcionam devidamente. Resistir à autoridade do governo e resistir ao que Deus determinou. Aqueles que resistem receberão condenação.

**3,4.** Paulo descreve os governantes no devido exercício de suas prerrogativas. Uma vez que os governantes em suas devidas funções amedrontam os que fazem o mal – não o bem, o homem que não quer

temer os governantes, deve constantemente praticar o bem. Paulo descreve o homem que age assim, recebendo louvor das autoridades. Sua descrição da autoridade governante como sendo um *ajudante* ou *agente* de Deus parece-nos muito forte. Aquele que faz o mal deve temer. A autoridade não carrega a espada sem um propósito. Aqui está claro que Deus autorizou a força (a espada) para ser usada pelas autoridades humanas, a fim de evitar a anarquia e a tirania do mal na sociedade humana. Pela segunda vez no versículo (13:4), o governante é chamado de agente de Deus. Então Paulo acrescenta - um vingador que traz a ira (de Deus) sobre aquele que faz o mal.

**5,7.** Duas razões se apresentam para a obediência às autoridades constituídas, e certos resultados se seguem. As razões para a obediência são: 1) A ira de Deus administrada pelo governante cai sobre aquele que desobedece; 2) a consciência cristã declara que o cristão deve obedecer aos mandamentos divinos. Submissão aos governantes é um desses mandamentos. Ele envolve o pagamento dos impostos, pagamento de tarifas alfandegárias, demonstração de respeito para com aqueles que devem ser respeitados, e honra aos que devem ser honrados. Essas são as obrigações dos crentes para com os governantes.

O amor, diz-se, é o cumprimento da Lei (13: 8-10).

**8. A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros.** O amor é a única dívida que um crente não pode saldar devidamente.

**8b. Pois quem ama ao próximo, tem cumprido a lei.**

**9.** Paulo mostra que os mandamentos sobre o adultério, homicídio, roubo, cobiça e todos os outros mandamentos, que se poderiam mencionar estão contidos na admoestação de se amar o próximo como a si mesmo.

**10. De sorte que o cumprimento da lei é o amor.** O mandamento de se amar o próximo como a si mesmo foi tirado de Lev. 19: 18. Nesta passagem do V.T, encontra-se, quase no fim de uma série de injunções, uma descrição de como o indivíduo deve agir em relação àqueles com os

quais convive. Enquanto o V.T, sugere que o amor é o cumprimento da Lei, Paulo o torna *explícito*. O amor demonstra claramente a positiva submissão do crente e sua ativa obediência a Deus. Conduta honesta é essencial por causa da aproximação da salvação completa (Rm. 13:11-14). O amor é uma qualidade positiva e criativa da personalidade. Alguns pecados tornam esse amor impossível e devem ser evitados a todo o custo.

**11.** A natureza do século presente é tal que os crentes devem *despertar do sono*. Indiferença diante do pecado deve ser substituída pela vigilância. A salvação "que agora está mais perto do que quando os leitores creram" refere-se a tudo quanto Cristo fará pelos crentes no Seu segundo advento. Certamente Paulo esperava que Cristo voltasse durante a sua vida.

**12.** O contraste entre a **noite** e o **dia**, **luz** e **trevas** não é apenas um tema bíblico familiar, mas também se encontra nos manuscritos do Mar Morto. O povo de Deus sabe que há uma linha que separa o mal da justiça. Mas os lembretes são sempre necessários. **Deixemos, pois, as obras das trevas, revistamo-nos das armas da luz.**

**13.** Depois Paulo exorta os leitores a se comportarem decentemente, como de dia, e faz uma lista de atividades específicas que devem ser evitadas. São elas bebedeiras ou orgias, atividades sexuais condenadas pela lei, indulgência sensual, contendas e ciúmes.

**14.** Finalmente, a vitória exige que o crente aja. Ele deve se revestir do Senhor Jesus Cristo. Deve deixar de fazer provisões (providenciar) para a carne, estimulando os desejos, proibidos por Deus.

### **E. A Tolerância Necessária para com Aqueles que têm Consciências Fortes e Fracas. 14:1 - 15:13.**

Nesta seção Paulo discute as atitudes que dois tipos de cristãos têm um para com o outro. Quanto às questões cerimoniais – alimentos, guarda de dias os cristãos mais amadurecidos, no tempo de Paulo, compreendiam que tais coisas não eram importantes. Os cristãos mais

fracos, que ainda não tinham um padrão de consciência firme e "precisavam de um apoio", sentiam-se grandemente perturbados com o modo de agir do irmão mais forte. Dá-se que a consciência é forte quando tem um padrão de julgamento sadio, e fraca, se tem um padrão inferior.

## Romanos 14

### 1) Diferenças de Opinião sobre Alimentos e Dias Especiais. 14:1-6.

1. Em primeiro lugar, Paulo discute se o grupo de cristãos deveria receber em seu meio, para confraternizar, aquele que é fraco no conhecimento quanto, ao que significa ser cristão e viver uma vida cristã. O apóstolo declara que esse tal deve ser recebido, mas não com o propósito de alimentar *contendas sobre dúvidas* (veja Arndt, *diakrisis*, 1, pág. 184).

2. O cristão mais fraco é aquele que acha que só deve comer vegetais. O cristão mais forte é aquele que crê que pode comer tudo.

3. Aquele que come não deve *constantemente desprezar* aquele que não come. Aquele que não come não deve *constantemente condenar* aquele que come. O comer ou não comer certos alimentos, para o Cristão, não constitui em si mesmo uma questão moral. É simplesmente uma questão de preferência. Presentemente, entretanto, Paulo mostra que *pode* se transformar em uma questão moral.

4. O cristão mais fraco não deve condenar o servo de outro homem; essa é prerrogativa do Senhor. Aqui Paulo acrescenta que o Senhor tem a capacidade de fazê-lo firmar-se.

5. Depois Paulo começa a discutir a questão dos dias especiais. O cristão mais fraco **faz diferença entre dia e dia**. O cristão mais forte **julga iguais todos os dias**. O apóstolo aqui não toma partido, mas simplesmente insiste que **cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente**. Isto tacitamente dá a entender que cada um deve estabelecer a base de suas opiniões.

6. Ambos os grupos, quer observem um dia ou não, quer comam ou não, devem dar graças a Deus. Para que não haja dúvidas quanto a sua devoção ao Senhor.

## 2) O Julgamento é Feito pelo Senhor, Não pelos Irmãos. 14:7-12.

7. Dando graças ao Senhor, somos lembrados que os crentes não podem viver ou morrer para si mesmos. Para eles, tanto a vida como a morte, estão focalizadas no Senhor. Em cada experiência eles são propriedade do Senhor.

9. Cristo morreu e ressuscitou para que Ele tivesse o senhorio sobre os mortos e vivos.

10. Se Cristo é o Senhor, por que então o cristão mais fraco deve condenar seu irmão? Se Cristo é o Senhor, porque o cristão mais forte deve desprezar seu irmão? Ambos, o cristão mais forte e o mais **fraco** – todos (nós) – **compareceremos perante o tribunal de Deus**. A E.R.C. diz, **ante o tribunal de Cristo**, mas todos os melhores manuscritos dizem aqui **de Deus**. Em II Co. 5:10, Paulo fala do "tribunal de Cristo". A modificação é de pouca importância, uma vez que o próprio Jesus nos disse que o Pai não julga ninguém, mas entregou "ao Filho todo o juízo" (veja Jo. 5:22, 23, 27, 29). Deus julga os homens no sentido de que os julga através do Seu Filho.

11,12. Paulo cita Is. 45:23, da LXX, para mostrar que todos os homens devem comparecer diante de Deus em juízo; depois conclui: Todos nós daremos conta de nós mesmos (a Deus). **A Deus** não consta do texto original.

## 3) Remoção de Pedras de Tropeço. 14:13-23.

13. Paulo insiste com seus leitores que deixem de se condenarem mutuamente, e em vez disso, **tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão**.

**14.** O apóstolo mostra que ele se põe ao lado dos cristãos mais fortes. Ele sabe que nada é impuro em si mesmo. Mas para o homem que acha que algo é impuro, toma-se impuro.

**15.** Não obstante, o alimento não deve constituir a causa de se ferir os sentimentos de um irmão (*entristecer*). Tais sentimentos de amargura podem afastar um homem cada vez mais de Cristo. **Por causa da tua comida não faças perecer. aquele a favor de quem Cristo morreu.** Ao discutir a palavra "destruir" (*apollumi*), Arndt coloca Rm. 14:15 sob o título, "Com referência à destruição eterna" (*apollumi*, Arndt, 1, a., alpha, pág. 94). Conclui-se que questões amorais podem se tornar morais, caso destruam a comunhão de alguém com Cristo.

**16.** A liberdade cristã está nas boas coisas da fé cristã. Mas um cristão não deve agir de modo que esse bem seja blasfemado.

**17-19.** Observe que o reino de Deus é uma realidade presente. Está definido como vida cristã: honestidade na conduta, paz ou harmonia, e alegria. Esta é a esfera do Espírito Santo (cons. 8:9) que dá energia ao crente para ser **agradável a Deus e aprovado pelos homens**. Em lugar de entrarem em conflito, Paulo insiste com os crentes a buscarem aquilo que proporciona a paz e a edificação dos outros crentes.

**20,21. Não destruas a obra de Deus por causa da comida.** Embora todas as coisas sejam puras, **mas é mau para o homem o comer com escândalo.** Com escândalo para o quê ou para quem? Se for com escândalo para os escrúpulos de outra pessoa, então a referência do comer foi feita ao cristão mais forte. Se for com referência ao prejuízo próprio, então é o cristão mais fraco que está sendo mencionado. O contexto no versículo 21 favorece o primeiro caso. Ou se enfraquecer não consta de muitos e bons manuscritos mais antigos.

**22,23. Fé. Antes, convicção. A fé que tens, tem-na para ti mesmo perante Deus. Bem aventurado é aquele que não se condena naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvidas, é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado.** Aqui está muito claro que cada um deve ter um padrão de

conduta. Tendo uma conduta correta, não haverá escrúpulos de consciência quanto ao comer; mas na conduta errada, com um padrão que resultou de uma maneira de viver do passado, resulta a condenação. *Convicção* é a certeza de que um padrão está certo. Sem uma base adequada para julgamento o crente pode estar convicto do pecado por causa de sua consciência, onde o pecado realmente não está envolvido. É altamente importante que o crente tenha um padrão correto para a sua consciência, e que ajude os seus companheiros crentes a alcançarem também esse padrão. Ele deve fugir de tudo que possa impedir o seu companheiro crente de alcançar um padrão correto, e tudo que separe seu companheiro crente da comunhão com Cristo.

## Romanos 15

### 4) Os Fortes Devem Ajudar os Fracos em Vez de Se Agradarem a Si Mesmos. 15:1-3.

1. Ter paciência com os escrúpulos excessivos – **debilidades** – dos **fracos** (sem maturidade cristã) é a obrigação dos que são **fortes** (na fé).

2. Um crente deve agradar seu próximo para o bem do próximo e para sua edificação.

3. O crente tem o seu exemplo em Cristo, que não se agradou a Si mesmo. Paulo aplica as palavras de Davi em Sl. 69:10 a Cristo. Os opróbrios que recaíram sobre Cristo são evidência de que Ele não se agradou a Si mesmo.

### 5) Glória Dada a Deus pela Perseverança, Consolação e Harmonia. 15:4-6.

4. Qual o valor que o V.T, tem para o cristão? Ele tem instruções para os crentes cristãos. Ao ler e aceitar as Escrituras do V.T., o cristão recebe as duas coisas, **paciência** e **consolação**. Instrução, paciência e consolação são todos elementos essenciais para o cristão que tem **esperança** (v. 4). O V.T, pode fazê-lo porque é um livro sobre Deus e Seu povo, mais do que sobre idéias.

5. Paulo ora, que o Deus, que dá paciência e consolação, possa mudar seus leitores a viverem em harmonia entre si, com Cristo Jesus por padrão.

6. O propósito dessa harmonia é **que concordemente e a uma voz glorifiquéis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**. Observe que a união dos crentes é essencial se quiserem glorificar a Deus.

### 6) O Ministério de Cristo Teve Dois Objetivos, o Judeu e o Gentio. 15:7-13.

7. Ao concluir a questão do relacionamento entre os cristãos forte e fraco, Paulo insiste que eles se recebam mutuamente dentro da sociedade **como também Cristo nos acolheu** na Sua comunhão. O resultado de tal recepção é a glória de Deus.

8,9. Por dois motivos Cristo se tornou **o ministro da circuncisão** (isto é, dos judeus): 1) para provar que às promessas feitas aos pais são dignas de confiança; 2) capacitar os gentios a glorificar a Deus pela Sua misericórdia. Ao desfrutar das promessas feitas a e por meio dos judeus, os gentios glorificaram a Deus (cf. Rm. 11:11-36; Ef. 3:6). Ao se tomar ministro do povo judeu, Cristo se tornou ministro de todos os homens.

9b-12. Então Paulo faz quatro citações da versão grega do V.T. (LXX). Estas citações descrevem os gentios ouvindo um testemunho pessoal (Sl. 18:49), regozijando-se com o povo de Deus (Dt. 32:4, LXX), sendo exortados a louvar o Senhor (Sl. 117: 1), a serem governados pelo Rei messiânico e a terem esperança nEle (Is. 11:10).

13. Depois de mostrar o que está envolvido na conduta cristã, Paulo conclui com uma oração pelos seus leitores. **E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos na esperança no poder do Espírito Santo**. "Abundando em esperança cristã" deveria ser uma descrição exata de cada cristão. O cristão olha para o futuro com um entusiasmo contagiante. Deus o encheu com esperança.



**V. Itens de Interesse Pessoal e Cuidado com os Leitores.****15:14 – 16:27.**

A conclusão de Paulo é longa porque ele queria contar a seus leitores, quais os alvos que tinha na qualidade de apóstolo. Ele queria que os seus leitores sentissem, que tinham parte no seu ministério. Com suas saudações ele dá instruções, admoestações, e ensinamentos específicos. Esta seção certamente esclarece que Romanos é uma carta.

**A. A Razão de Paulo em Escrever Ousadamente a Leitores Amadurecidos. 15:14-16.**

**14,15.** Embora o apóstolo se sentisse confiante de que os cristãos romanos estavam cheios de bondade e num *estado de plenitude* quanto ao conhecimento cristão, ele escreveu esta carta para lembrá-los de certas verdades que eles já sabiam. Observe a modéstia de Paulo. Sua justificativa para escrever-lhes **mais ousadamente** sobre alguns pontos, surgiu do fato, que ele recebeu uma graça especial para o seu ofício.

**16.** Ele encarava o seu apostolado aos gentios como se fosse um ministério sacerdotal, no qual ele ministrava ou servia **o evangelho de Deus**, como sacerdote. O propósito de seu ministério era que *a oferta dos gentios* fosse aceitável, porque ele a consagrara pelo Espírito Santo.

**B. Confirmação Sobrenatural da Obra Missionária Pioneira de Paulo. 15:17-21.**

**17.** Uma vez que Paulo recebeu a graça de um apóstolo, e uma vez que ministrava o evangelho de Deus como sacerdote, ele podia declarar: **Tenho, pois, motivo de gloriar-me em Cristo Jesus nas cousas concernentes a Deus.**

**18,19.** Mas ele não se gloriava no que tinha feito, mas no que Cristo tinha realizado através de sua palavra e atos, pelo poder de sinais e maravilhas, pelo poder do Espírito. Seu alvo era obediência dos gentios - a qual os gentios já estavam prestando. Paulo encarava o seu território,

até então alcançado, como compreendido entre Jerusalém e o Ilírico (também chamado Dalmácia, uma província romana além da Macedônia, estendendo-se desde a costa oriental do Adriático – hoje Iugoslávia).

**20,21.** Sua ambição era pregar o Evangelho onde Cristo não era mencionado - isto é, não era conhecido. Ele pôs em prática as palavras de Is. 52:15, as quais se referem a reis. Mas Paulo as aplica aos gentios, que creram quando ouviram pela primeira vez as boas novas sobre Cristo.

### **C. Planos de Viagem: Jerusalém, Roma e Espanha. 15:22-29.**

**22. Muitas vezes me senti impedido de visitar-vos.** Uma vez que Roma era o passo seguinte – exatamente do outro lado do Adriático – Paulo esperara muitas vezes fazer essa viagem.

**23. Nestas regiões.** Antes, *nesta oportunidade*. No território em que Paulo estivera, já não tinha mais oportunidade de pregar a Cristo, onde Ele antes era conhecido.

**24.** Por isso o apóstolo tinha esperanças de visitar os romanos a caminho da Espanha. Ele anuncia seu plano de *ir ter* com eles e de ser **encaminhado** por eles **depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia**.

**25,26.** Mas antes de Paulo poder ir, tinha de completar seu projeto imediato. Recebera contribuições dos crentes da Macedônia e Acaia para os santos pobres de Jerusalém. Ele encarava essa coleta como parte da obrigação espiritual dos gentios.

**27.** Assim como participaram das bênçãos espirituais de Israel, certamente deviam agora ministrar aos cristãos israelitas com seus bens materiais.

**28.** O apóstolo tinha esse fundo em conta de sagrado. **Havendo-lhes consignado este fruto, passando por vós, irei à Espanha** (veja Arndt, *spharigizo*, 2,d., pág. 804). Paulo menciona essa coleta em I Co. 16:1 e II Co. 8 e 9. **29.** Observe a confiança que o escritor tem de que ele iria **na plenitude da bênção de Cristo**. A palavra **evangelho** (E.R.C.)

não se encontra nos melhores manuscritos. Paulo iria com as bênçãos de Cristo, mas na qualidade de prisioneiro. Deus cumpriu o seu desejo, mas de um modo, que ele não previu. Ele sabia, entretanto, que o caminho à frente seria difícil. Por isso queda que seus leitores orassem por ele.

#### **D. Específicos Pedidos de Oração. 15:30-33.**

**30.** Paulo apelou para os seus leitores **por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito** que orassem por ele. Ele desejava as mais fervorosas orações – **luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor.**

**31.** Ele lhes pediu que orassem, em primeiro lugar, que ele fosse libertado dos desobedientes judeus da Judéia. Ele sabia o quanto os judeus incrédulos da Palestina o desprezavam. Pediu também que os cristãos romanos orassem, para que a contribuição destinada a Jerusalém, fosse **bem aceita pelos santos.** Paulo desejava que os cristãos judeus aceitassem este gesto de amor cristão da parte dos cristãos gentios – a coleta de todas as igrejas gentias.

**32.** Finalmente, eles deviam orar para que ele, com alegria encontrasse descanso entre eles, quando fosse visitá-los pela vontade de Deus. Quando Paulo chegou a Roma, fê-lo na qualidade de prisioneiro, sem motivos externos para se alegrar. Ele não encontrou refrigério entre os romanos, uma vez que não tinha liberdade de visitá-los, embora eles fossem livres para vir a ele. A vontade de Deus indeferiu alguns dos detalhes do seu pedido, mas o pedido em si foi atendido.

**33.** Uma vez que Deus é o único que realmente pode produzir paz, é natural que Paulo termine esse pedido de oração com uma sentença, que é uma oração sua pelos leitores: E o Deus de paz seja com todos vós. Amém.

## Romanos 16

### E. Recomendações de Febe. 16:1-2.

1. Ao recomendar Febe, Paulo diz quem ela é e de onde ela vem. Era uma diaconisa da igreja da Cencrêia. Suas obrigações, como a dos diáconos, eram muito generalizadas. Necessidades materiais e também espirituais de outros eram atendidas por crentes como Febe (cons. Atos 6:1-6 com Atos 6:8-15 e 7:1-60).

2. Paulo pede aos romanos que a recebam no Senhor, **como convém aos santos**, e que a ajudem **em tudo o que vier a precisar**. Ela merecia tal acolhida, Paulo declara, **porque tem sido protetora de muitos** e ao próprio Paulo também. Este capítulo refuta a idéia de que Paulo não gostava de ver mulheres trabalhando nas igrejas ou entre os crentes. Seu tributo prestado a Febe é seguido de saudações a várias pessoas e grupos. Entre as pessoas saudadas estão oito mulheres. Paulo comenta especificamente o trabalho de cinco dessas mulheres (Maria, v. 6; Priscila, uma cooperadora, v. 3; Trifena e Trifosa, v. 12; Pérside, v. 12). A mãe de Rufo é tão querida de Paulo que ele a chama também de mãe (v. 13). Só duas mulheres são mencionadas sem comentários – Júlia e a irmã de Nereu (v. 15).

### F. Saudações Particulares a Indivíduos e Grupos. 16:3-16.

A freqüência desses nomes nas catacumbas e inscrições dos antigos cemitérios de Roma e o significado destas informações, são bem comentadas por C.H. Dodd, *The Epistle to the Romans*, no *The Moffat New Commentary*; e por William Sanday e Arthur C. Headlam, em *The Epistle to the Romans*, no *The International Critical Commentary*. Nesses comentários sobre o livro aos romanos, veja as Introduções como também os comentários do texto.

3. Paulo começa com dois dos seus mais queridos amigos – Priscila e Áqüila. Desde que Paulo os conheceu em Corinto na sua segunda viagem missionária, eles continuaram trabalhando esforçadamente no

serviço de Deus (veja Atos 18:2, 18, 26; Rm. 16:3, 4; I Co. 16:19; II Tm. 4:19).

4. Como exatamente arriscaram suas vidas pela vida de Paulo, ele não diz. Mas o fato de que, além de Paulo, todas as igrejas gentias agradeciam por eles, mostra a extensão dos seus esforços por amor de Cristo.

5a. Paulo saúda a igreja em casa deles. Isto prova que o zelo de ambos por Cristo, em Roma, não diferia do que fora em outros lugares. Igrejas se reunindo em casas de família provavelmente também se encontram em 16:10, 11, 14, 15. Se for assim, então a menção de cinco igrejas domésticas, faz-nos entender que os cristãos em Roma, eram membros de pequenos grupos e não de uma só e grande assembléia.

5b. Epêneto foi saudado como o primeiro converso da Ásia Menor.

7. Andrônico e Júnias eram conterrâneos de Paulo, que estiveram com ele na cadeia em alguma ocasião. Paulo descreve-os como pessoas notáveis entre os apóstolos e cristãos antes dele próprio. Isto pode significar que eles já eram crentes há cerca de vinte e cinco anos.

13. Uma vez que, o que é escolhido também pode ser considerado destacado ou excelente, **Rufo, eleito no Senhor**, também poderia ser traduzido para: "Rufo, cristão notável" (Arndt, *eklektos*, 2, pág. 242).

16. A ordem **saudai-vos uns aos outros com ósculo santo** (cons. I Co. 16:20; II Co. 13:12; I Ts. 5:26) ou com ósculo de amor (I Pe. 5:14) mostra que uma fervorosa comunhão cristã era característica da igreja primitiva. Seja o que for que, na cultura moderna, seja característica de profunda afeição cristã – um beijo no rosto, um sincero aperto de mão, um segurar de ambas as mãos, etc. - é o equivalente da ordem apostólica.

### **G. Caráter Perigoso Daqueles que Ensinam Falsas Doutrinas. 16:17-20.**

Paulo não está dizendo que falsos mestres já estavam presentes entre os crentes romanos. Mas ele sabia o que acontecia em outros lugares.

**17. E rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes.** A doutrina torna-se padrão. Eis aí a autoridade da mensagem apostólica. Os leitores de Paulo deviam desviar-se desses que produziam dissensões e tentações para o pecado.

**18.** Tais pessoas, em lugar de serem escravas de Cristo, eram escravas dos seus próprios estômagos. Mas suas maneiras cativavam os ouvintes. **Com suaves palavras e lisonjas enganam os corações dos incautos.**

**19.** Paulo queria que seus leitores fossem sábios quanto ao bem, mas inocentes no que se referia à participação no mal. Eis porque fez esta advertência.

**20.** Depois da advertência, a promessa: **O Deus da paz em breve esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás.** Com a vitória final no horizonte, a oração é muito pertinente: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco.**

#### **H. Saudações dos Companheiros de Paulo em Corinto. 16:21-23.**

**21. Parentes.** Antes, *conterrâneos*. Timóteo, cooperador de Paulo, é bem conhecido. Dos outros três não temos identificação positiva. Lúcio pode ser o Lúcio de Cirene (Atos 13:1). Jasom parece que é o Jasom mencionado em Atos 17:5-9. Sosípatro parece o Sosípatro de Atos 20:4. 22,23. Tércio, o escriba, a quem Paulo ditou a carta, envia suas próprias saudações. Gaio, que pode ser o Gaio mencionado em I Co. 1:14, diz-se que era hospedeiro não só de Paulo, mas de toda a igreja. Isto parece indicar que a igreja se reunia em sua casa. O fato de que Erasto era o tesoureiro da cidade, mostra que a fé cristã alcançara algumas pessoas da classe mais elevada. Quarto, o irmão, é o último a enviar saudações.

**I. Confirmação Ofício dos Crentes pelo Deus Soberano da História. 16:25-27.**

Veja a Introdução do comentário às orações finais e à doxologia no que se refere a sua localização na epístola.

**25.** A doxologia centraliza-se na capacidade ou poder de Deus de fortalecer os leitores. O fortalecimento divino é *segundo o evangelho de Paulo e a pregação de Jesus Cristo*.

Essa pregação tem sido levada avante **conforme a revelação do mistério** ou *segredo*. Três coisas são declaradas sobre o mistério ou segredo: 1) **guardado em silêncio nos tempos eternos**, ou há muito tempo atrás (v. 25). 2) **agora se tornou manifesto, e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas** (isto é, o V.T.), **segundo O mandamento do Deus eterno** (v. 26). 3) **para a obediência por fé, entre todas as nações** (v. 26). Este mistério se relaciona com a ação divina de procurar alcançar ambos, judeu e gentio, através da redenção que é em Cristo Jesus (veja Rm. 9; 11; Ef. 3:1-7; Cl. 1:26, 27; 2:2, 3; 4:3). Na linguagem de Ef. 3:6, o mistério consiste dos gentios serem co-herdeiros com os crentes judeus, pertencendo ao mesmo corpo, e de Serem participantes da promessa com eles (cons. Rm. 11:11-32).

**27.** Um resumo da capacidade e planos divinos precede a atribuição da glória a Deus. Bem no final do versículo (v. 27) há um pronome relativo, *a quem*, embora omitido por um bom manuscrito e alguns outros, parece que faz parte da maneira original de Paulo escrever. Mas é muito difícil de colocá-lo no texto, simplesmente porque toda esta doxologia centraliza-se em Deus. Glória seja dada ao único Deus sábio por Jesus Cristo. Esta glória é para todo sempre.

Talvez o sentido do texto possa ser entendido melhor se o lêssemos assim: *Que a glória para todo o sempre* (seja dada) *ao único Deus sábio, por Jesus Cristo, a quem* (também) *a glória para todo o sempre* (pertence). **Amém**. No texto original a frase *a glória para todo o sempre* só aparece uma única vez. O pronome relativo *a quem* segue-se a Jesus Cristo. A frase *glória para todo o sempre* segue-se *a quem*. Uma vez que

a doxologia centraliza-se em Deus e esta última cláusula centraliza-se em Cristo, parece melhor concluir que Paulo atribui a glória eterna a ambos, Deus e Cristo.

Quão bom, é que o livro de Romanos termina com o tema "Glória a Deus para todo o sempre!"



# 1 CORÍNTIOS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	Capítulo 15
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	Capítulo 16

## INTRODUÇÃO

**A cidade de Corinto.** Corinto era um rico centro comercial, situado sobre o estreito istmo que liga o território da Grécia propriamente dita com o Peloponeso. Sua história pode ser convenientemente dividida em duas partes. A cidade, que de acordo com a lenda, era o lugar onde a Argo de Jasom foi construída, sendo destruída por Lúcio Múmio Acaico, o cônsul romano, em 146 a.C. Foi o fim do primeiro capítulo de sua história. Era inevitável, entretanto, que uma cidade tão favoravelmente localizada fosse ressuscitada. Por isso, em 46 a.C., a nova cidade foi construída por Júlio César, recebendo o "status" de colônia romana. Rapidamente readquiriu sua importância comercial e, em aditamento, tomou-se sob diversos aspectos a principal cidade da Grécia. A importância da cidade deve ter influenciado o apóstolo Paulo em seus esforços missionários. Sendo o ponto central do comércio norte-sul e leste-oeste e contendo uma população de caráter misto – romanos, gregos e orientais – Corinto era um centro estratégico. Na verdade, era chamada "o Império em miniatura"; – "o Império reduzido a um só Estado" (ICC, pág. xiii). Uma mensagem proclamada e ouvida em Corinto encontraria o seu carrinho, às mais distantes regiões do mundo habitado. Não foi por menos, então, que Paulo fosse "constrangido pela Palavra" (Atos 18:5) a testificar em Corinto. Com a pressão interna feita

pelo Senhor e pela Palavra, poderia também haver uma pressão externa – a porta aberta na Corinto cosmopolita.

E finalmente, o caráter moral de Corinto era solo fértil para as gloriosas boas novas do Messias. A velha cidade possuía o formoso Templo de Afrodite, onde mi prostitutas sagradas estavam à disposição dos seus devotos. O mesmo espírito, se não o mesmo templo, prevalecia na nova cidade. O provérbio, de significado sexual, "nem todos podem visitar Corinto", era voz corrente (cons. MNT, pág. xviii). A palavra grega *Korinthiazomai*, que literalmente significa, agir como um coríntio, passou a significar "fornicar" (cons. LSJ, pág. 981).

"Todo grego" escreveu Moffat, "sabia o que significava a expressão - moça coríntia" (MNT, *loc. cit.*). O popular comentador escocês, William Barclay disse: "Aelian, o falecido escritor grego, conta-nos que sempre que um coríntio aparecia no palco, em uma peça grega, aparecia bêbado" (William Barclay, *The Letters to the Corinthians*, pág. 3). Não é necessário multiplicar referências e ilustrações; Corinto era conhecida por tudo o que fosse depravação, dissolução e devassidão. Foi providencial que Paulo se encontrasse em Corinto quando escreveu a Epístola aos Romanos. De nenhuma outra cidade ele teria recebido tal incentivo, para escrever sobre o pecado do homem, e em nenhuma outra cidade ele teria a oportunidade de ver melhor exemplo dele. Contemplando as pessoas enquanto esteve hospedado em casa de Gaio, ele teve ocasião de catalogar os pecados humanos apresentados em Romanos 1:18-32. Com tal cenário por fundo, surgiu a Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, a epístola da santificação. É como se hoje em dia alguém enviasse uma carta sobre santidade para um grupo de crentes em Paris ou Singapura.

**Origem da Igreja.** A história da organização da igreja em Corinto foi narrada por Lucas, em Atos 18:1-17. Paulo chegou à cidade em sua segunda viagem missionária, em 50 A.D., e logo foi o primeiro a pregar ali o evangelho. Enquanto morava e trabalhava com Áqüila e Priscila, começou o seu ministério na sinagoga, um ministério que se estendeu

por dezoito meses. Um notável aspecto do método de pregação do apóstolo encontramos no texto ocidental de Atos 18:4, *E entrando na sinagoga todos os sábados ele discursava, intercalando o nome do Senhor Jesus, e tentava persuadir não apenas os judeus mas também os gregos.* **Intercalando o nome do Senhor Jesus** deve se referir à aplicação das Escrituras do Velho Testamento a Cristo. Em outras palavras, ele pregava Jesus de Nazaré como cumprimento da profecia messiânica. Ele, portanto, seguia a metodologia do próprio Senhor, o qual, na Estrada de Emaús, com os dois discípulos, começou em Moisés e todos os profetas e lhes expôs todas as Escrituras, que lhe diziam respeito (cons. Lc. 24:27). A reação diante da pregação de Paulo foi diferente da reação diante do ensino de Jesus. Na maioria das vezes, os corações dos ouvintes de Paulo não queimavam com interesse pela verdade; queimavam com a oposição à verdade. E Paulo foi obrigado a partir (Atos 18:6). Mudando-se para a casa de Tito Justo (possivelmente o Gaio de I Co. 1:14 e Rm. 16:23; William Ramsay, *Structures of the Apostolic Church*, pág. 205), Paulo continuou pregando "em fraqueza, temor, e grande tremor" (I Co. 2:3). E quem não temeria naquelas circunstâncias? O lugar de reuniões da pequena assembléia ficava ao lado da sinagoga! O Senhor, entretanto, apareceu a Paulo em uma visão e o encorajou com a promessa que Ele tinha "muito povo" em Corinto (cons. Atos 18:9, 10). Esta promessa deve ter constituído um grande conforto para o apóstolo nos anos subseqüentes, quando a frouxidão moral dos crentes devia ter-lhe dado motivos de duvidar da genuinidade do trabalho ali. Depois de concluir seu ministério em Corinto, Paulo retornou a Jerusalém e Antioquia.

**Autoria da Carta.** As evidências externas e internas da autoria Paulina da carta são tão fortes, que realmente torna-se desnecessário dar ao assunto mais do que uma atenção superficial. Clemente de Roma, que escreveu em 95 A.D, mais ou menos, refere-se à epístola dizendo-a do "bendito Paulo, o apóstolo". Esta é a mais antiga citação de um escritor do Novo Testamento, identificado pelo nome (ICC, pág. xvii). Inácio,

Policarpo e outros fornecem abundantes evidências externas adicionais. As evidências internas – de estilo, vocabulário e conteúdo – harmonizam-se com o que sabemos de ambos, Paulo e Corinto. Este é um genuíno produto do apóstolo Paulo.

**Lugar onde foi escrita.** Paulo escreveu a carta em Éfeso (cons. I Co. 16:8), não de Filipos.

**Data quando foi escrita.** A data não pode ser fixada com certeza absoluta, mas parece provável que a epístola foi escrita durante a última parte, da prolongada permanência de Paulo em Éfeso (cons. Atos 19:1 - 20:1). Isto seria em cerca de 55 A.D.

**Ocasão quando foi escrita.** Antes de dar uma idéia da ocasião em que foi escrita a carta, sedo sábio fazer um esboço da ordem dos contatos e correspondência que Paulo manteve com a assembléia de Corinto. Embora quase todos os pontos do esboço sejam discutíveis, a defesa não está dentro do propósito desta breve introdução.

1. O primeiro contato de Paulo com eles foi o acima mencionado, a visita na qual as boas novas foram pela primeira vez pregadas aos coríntios. De acordo com 2:1, 3:2 e 11:2, parece que esta foi a única visita antes da composição da canônica I Coríntios.

2. Depois dessa visita inicial, Paulo escreveu uma carta à igreja, a qual se perdeu (cons. 5:9).

3. Quando notícias perturbadoras chegaram sobre os crentes e uma carta pedia informações, Paulo escreveu I Coríntios.

4. Ao que parece, os problemas na igreja não foram resolvidos pela epístola, pois o apóstolo viu-se forçado a fazer à igreja uma visita apressada e difícil (cons. II Co. 2:1; 12:14; 13:1, 2).

5. Seguindo essa visita penosa, o apóstolo escreveu à igreja uma terceira carta de caráter muito severo, à qual ele se refere em II Cor. 2:4.

6. A ansiedade do apóstolo por causa da igreja era tão grande, que não quis ficar esperando por Tito em Trôade, o portador da carta severa, mas dirigiu-se apressadamente à Macedônia. Ali encontrou-se com Tito e ficou sabendo que a carta produzira resultados; tudo ia bem em

Corinto. Da Macedônia Paulo escreveu a canônica II Coríntios (cons. II Co. 2:13; 7:6-16).

7. Ele, então, seguiu sua última carta com sua última visita à igreja, da qual temos evidência (cons. Atos 20:1-4).

A ocasião em que foi escrita I Coríntios pode ser descoberta por diversas indicações. Em primeira lugar, o apóstolo recebera de duas fontes notícias de divisões dentro da igreja (cons. I Co. 1:11; 16:17). O mais sério dos elementos alienígenas pode ter sido os judaizantes (cons. 1:12; 9:1). Em segundo lugar, vindos da igreja de Corinto, chegaram a Éfeso, Estéfanos, Fortunato e Acaico (cons. 16:17). O trio trouxe uma carta dos crentes na qual havia uma série de perguntas para Paulo responder. As perguntas podem ser encontradas na frase-chave freqüente, "quanto às cousas" (*peri de*; veja 7:1, 25; 8:1; 12:1; 16:1, 12). Em terceiro lugar, certos assuntos parecem ser simplesmente "o resultado espontâneo dos pensamentos preocupados do apóstolo por causa da Igreja de Corinto" (ICC, pág. xxi).

**Principais Características da Carta.** Talvez o aspecto principal desta epístola seja a ênfase dada à vida da igreja local. A ordem e os problemas da igreja primitiva estão diante do leitor. Se Romanos pode ser chamada de carta teológica, I Coríntios é certamente uma obra prática. Se em Romanos Paulo parece um professor moderno de Teologia Bíblica, em I Coríntios ele parece um pastor-professor, enfrentando o cuidado com a igreja na linha de frente da guerra cristã.

Por outro lado, a carta não é totalmente prática na sua ênfase. O mais importante capítulo do Novo Testamento, que fala da ressurreição de Jesus Cristo, é provavelmente I Coríntios 15, e certamente a mais importante seção do Novo Testamento, sobre os dons espirituais, encontra-se em I Coríntios 12, 13, 14.

E, é claro, esta grande carta tem sido conhecida principalmente pelo seu grande lirismo sobre o amor, no capítulo 13. Aí se vê até que altura pode um homem subir na obra espiritual, quando despertado pelo

Espírito Santo de Deus. A genialidade do homem Paulo irrompe aqui com efeito indescritível.

Finalmente, é interessante mencionar que esta é a mais longa epístola de Paulo.

**Plano da Carta.** A argumentação paulina é simples e clara, assunto seguindo assunto, ordenadamente, com as divisões claramente demarcadas. O esboço abaixo é utilizado na exposição.

## ESBOÇO

### I. Introdução. 1:1-9.

A. Saudação. 1:1-3 .

B. Ação de Graças. 1:4-9.

### II. As divisões na igreja. 1:10 - 4:21.

A. O fato das divisões. 1:10-17.

B. As causas das divisões. 1 : 18 - 4 : 5.

1. Causa 1: Má interpretação da mensagem. 1:18 - 3:4.

2. Causa 2: Má interpretação do ministério. 3:5 - 4:5.

C. Aplicação e conclusão. 4:6-21.

### III. As desordens na igreja. 5:1 - 6:20.

A. Ausência de disciplina. 5:1-13.

B. Os litígios diante dos pagãos. 6:1-11.

C. A frouxidão moral da igreja. 6:12-20.

### IV. As dificuldades na igreja. 7:1 - 15:58.

A. Conselho relativo ao casamento. 7:1-40.

1 . Prólogo. 7:1-7.

2. Os problemas do casamento. 7:8-38.

3. O "postscript". 7:39, 40.

B. Conselho relativo às coisas sacrificadas aos ídolos.

8:1 - 11:1.

1. Os princípios. 8:1-13.

2. A ilustração dos princípios. 9:1-27.

3. Advertência e aplicação aos coríntios. 10:1 - 11:1.

- C. Conselho referente ao véu usado pelas mulheres nos cultos públicos.
  - 1. Razão teológica. 11:2-6.
  - 2. Razões bíblicas. 11:7-12.
  - 3. Razões físicas. 11:13-16.
- D. Conselho referente à Ceia do Senhor. 11:17-34.
  - 1. A indignação de Paulo. 11:17-22.
  - 2. Revisão de instruções passadas. 11:23-26.
  - 3. Aplicação aos coríntios. 11:27-34.
- E. Conselho referente aos dons espirituais. 12:1 - 14:40.
  - 1. A validade do pronunciamento. 12:1-3.
  - 2. A unidade dos dons. 12:4-11.
  - 3. A diversidade dos dons. 12:12-31a.
  - 4. A primazia do amor sobre os dons. 12:31b - 13:13.
  - 5. A superioridade da profecia, e o culto público da igreja. 14:1-36.
  - 6. Conclusão. 14:3-40.
- F. Conselho relativo à doutrina da ressurreição. 15:1-58.
  - 1. A certeza da ressurreição. 15:1-34.
  - 2. A consideração de certas objeções. 15:35-57.
  - 3. Apelo final. 15:58.
- V. Conclusão: Assuntos práticos e pessoais. 16:1-24.
  - A. A coleta para os pobres. 16:1-4.
  - B. A planejada visita de Paulo. 16:5-9.
  - C. Recomendações, exortações, saudações e bênção apostólica, 16:10-24.

## COMENTÁRIO

### 1 Coríntios 1

#### I. Introdução. 1:1-9

**A. Saudação. 1:1-3.**

A introdução, formada de saudação e ação de graças, abre o caminho para a discussão a seguir e, no verdadeiro estilo paulino, contém importantes indicações quanto à responsabilidade da carta.

**1. Chamado apóstolo** (gr. um apóstolo por vocação, força do adjetivo verbal) acentua a iniciativa divina na convocação de Paulo para o ofício. Esta frase, com o reforço, **pela vontade de Deus**, tem a intenção de atingir àqueles em Corinto, que possam ter duvidado do seu direito de falar com autoridade (cons. 9:1). **Irmão Sóstenes** (lit. *o irmão*) pode indicar o chefe da sinagoga mencionada em Atos 18:17, mas isto não se pode provar. O artigo definido pode significar nada mais que o fato de ser ele um cristão muito conhecido. Se, no entanto, este é o Sóstenes coríntio da narrativa de Lucas, então o espancamento que recebeu dos gregos foi uma bênção; tornou-se cristão!

**2. A igreja é a igreja de Deus**, não de Cefas, ou Apolo, ou mesmo de Paulo (cons. 1:12).

**Santificados em Cristo Jesus** introduz uma importante doutrina, ainda que muito mal-interpretada. O termo grego *hagiazō* significa "santificar", não no sentido de "tornar santo", mas no sentido de "separar" para posse e uso de Deus (cons. Jo. 17:19). Os cristãos não são sem pecado, ainda que deveriam pecar menos. A santificação bíblica é quádrupla: 1) primária, equivalente à "graça eficaz" da teologia sistemática (cons. II Ts. 2:13; I Pe. 1:2); 2) posicional, uma posição perfeita na santidade, verdadeira para todos os crentes, desde o momento da conversão (cons. Atos 20:32; 26:18); 3) progressiva, equivalente ao crescimento diário na graça (cons. Jo. 17:17; Ef. 5:26; II Co. 7:1); 4) prospectiva, para final semelhança com Cristo posicional e praticamente (cons. I Ts. 5:23). O uso do particípio perfeito aqui, refere-se à santificação posicional. Agora os crentes são santos, não por canonização humana, mas por operação divina. O alvo de Paulo na carta era despertar a vida prática dos coríntios, para uma conformação mais definida com sua posição em Cristo.



**Com todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.** Não estende a saudação a todos os cristãos, mas previne contra a tendência de confinar os ensinamentos apenas a Corinto (cons. I Co. 4:17; 7:17; 11:16; 14:33, 36), uma confirmação adicional da unidade do corpo.

**3.** As já familiares **graça e paz** referem-se à graça e paz na vida cristã. Não se referem à graça, que introduz um homem nesse tipo de vida, nem à paz que se lhe segue (cons. Jo. 1:16; 14:27).

### **B. Ação de Graças. 1:4-9.**

A ação de graças não é irônica, nem foi dirigida apenas a uma certa parte da assembléia. Muito menos é simplesmente uma tentativa cortês de "ganhar amigos e influenciar pessoas", embora seja verdade que "a censura fica melhor quando vem depois do louvor" (MNT, pág. 7). É, antes, uma verdadeira estimativa da posição dos coríntios em Cristo, e forma a base para o apelo que Paulo faz em prol da conformidade prática com isto. O apóstolo destaca seus dons de palavra e conhecimento com ênfase especial.

**4. Graças a meu Deus.** Aquele que é o responsável pelos dons espirituais mais tarde mencionados.

**5. Palavra.** Provavelmente inclui mais do que o dom de línguas (cons. 12:8-10, 28-30). Os coríntios tinham uma grande coleção de dons da palavra (veja 14:26).

**7.** O resultado de seu enriquecimento é que **de maneira que não nos falte nenhum dom**. Enquanto a palavra *karisma*, traduzida para **dom**, tem uma grande variedade de significados, aqui provavelmente se refere aos dons espirituais no sentido técnico (cons. 12:1 – 14:40). **Aguardando**, uma palavra composta de forte sentido duplo, significando *esperar ardentemente* ou *ansiosamente* (Arndt, pág. 82), expressa a atitude dos crentes quando usam os dons no culto a Deus.

**8. Confirmará** foi usada no grego koinê, como termo legal técnico, referindo-se a uma segurança devidamente garantida (*ibid*, pág. 138).

Eles tinham a garantia divina que compareceriam diante dEle na volta de Cristo. **Irrepreensíveis**. Literalmente, *inacusáveis*, ou "incontestáveis" (Leon Morris, *The First Epistle of Paul to the Corinthians*, pág. 37). "Isto implica não em simples absolvição, mas na ausência de qualquer gravame ou acusação contra uma pessoa" (W.E. Vine, *Expository Dictionary of New Testament Words*, 1, 131; Rm. 8:33).

**9.** Tudo se baseia no fato de que **fiel é Deus. Comunhão** tem como seu primeiro impulso o conceito de uma participação em algo, e depois de uma participação comum. Assim, todos os crentes têm uma participação em Cristo e, conseqüentemente, uma participação de uns com os outros. Esse é o ponto principal sobre o qual Paulo ataca o espírito partidário, o clímax do ataque sendo alcançado em 3:21-23.

## II. As Divisões na Igreja. 1:10 - 4:21.

### A. O Fato das Divisões. 1:10-17.

A primeira e principal responsabilidade da carta, a dissensão na vai ser agora considerada. O não a abandonará até o momento que escrever as palavras, "Que quereis? Irei ter convosco com vara ou com amor e espírito de mansidão?" (4:21). Os versículos introdutórios da passagem (1:10-17) declaram os fatos conforme trazidos pelos servos da casa de Cloe.

**10. Porém** (E.R.C.) (adversativa de "mas") que introduz o diagnóstico de Paulo. Suas palavras iniciais são um apelo para o bem da união. **Sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental**. Uma palavra grega versátil, usada com referência ao ajustamento de partes de um instrumento, na colocação dos ossos no lugar feita por um médico, no remendar de redes (Mc. 1:19), como também com referência ao preparo de um navio para uma viagem. Ajustamento tendo em vista a união é o apelo.

**11. Pois.** Introduzindo a razão para o apelo. **Contendas**. Uma obra da carne (cons. Gl. 5:20), revelando a presença de divisões.

**12. Refiro-me ao fato.** Antes, *o que eu quero dizer*. O grupo de **Apolo** parece que era um grupo que preferia um estilo mais polido e retórico do talentoso alexandrino. Existem muitos membros modernos desse tipo de facção, tais como a mulher que confessou : "Eu quase choro, sempre que ouço meu pastor pronunciar essa bendita palavra *Mesopotâmia!*" O partido de **Cefas** ao que parece duvidava das credenciais de Paulo, preferindo manter o elo com Jerusalém através de Pedro. Aqueles que eram **de Cristo** desprezavam qualquer ligação com os outros, formando assim um partido isolado. As palavras que se seguem dão a entender que Paulo desaprovava este grupo (cons. ICC, pág. 12; II Co. 10:7).

**13.** As interrogações apelam para a unidade do corpo de Cristo e para a identificação dos crentes com ele. Barclay comenta sobre a expressão **em nome** de (lit., *dentro do nome*) assim: "Dar dinheiro dentro do nome de um homem era pagar algo para seu crédito, para sua posse pessoal. Vender um escravo dentro do nome de um homem era entregar este escravo à posse absoluta e indisputável dele. Quando um soldado jurava lealdade *dentro do nome* de César; ele pertencia absolutamente ao Imperador" (*op. cit.*, pág. 18).

**14,16.** Paulo dá **graças a Deus** pela providência que o levou a batizar tão poucos em Corinto. Está claro que aqui ele não pretende depreciar o batismo; ele apenas o coloca em seu devido lugar, como ato simbólico, que aponta o fato real da identificação com Cristo pela fé. Está claro também que Paulo batizava.

**17. Porque.** A razão que ele deu não enfatiza o batismo. Sua tarefa primária foi a de pregar as boas novas. Teria Paulo pronunciado estas palavras, se o batismo fosse necessário à salvação? (cons. 4:15; 9:1,22; 15:1, 2). Dificilmente. Sua incumbência também não envolvia embelezamento da verdade com palavras floreadas da retórica profissional (cons. ICC, pág. 15), esvaziando assim o Evangelho do seu conteúdo. A tradução *seja feita sem nenhum efeito* deixa muito a desejar. O verbo *kenoo* significa "esvaziar", isto é, despojar de sua substância. O

Evangelho não apela para o intelecto do homem, mas aos seus sentimentos de culpa do pecado. A cruz revestida de sabedoria de palavras corrompe este apelo. O Evangelho não deve nunca ser apresentado como um sistema de filosofia humana; deve ser pregado como salvação. **Sabedoria de palavra** (lit. *sabedoria de palavra*) marca a transição para a análise de Paulo da causa da dissensão em Corinto, este amor à falsa sabedoria.

### **B. As Causas das Divisões. 1:18 - 4:5.**

Em primeiro lugar, eles não entenderam a natureza e o caráter da mensagem cristã, a verdadeira sabedoria (1:18 – 3:4). Em segundo lugar, seu espírito sectário indica que eles não tinham compreensão real do ministério cristão, sua participação com Deus na propagação da verdade (3:5 - 4:5).

#### **1) Causa primeira: Falsa Interpretação da Mensagem. 1:18 – 3:4.**

Primeiro, o apóstolo mostra que o Evangelho não é uma mensagem para o intelectual (1:18-25). Essa verdade foi amplamente demonstrada pelo fato de que a igreja em Corinto continha poucas pessoas sábias segundo o mundo (1:26-31), e que Paulo não pregara uma mensagem assim quando estivera em Corinto (2:1-5). Então, o apóstolo expõe a verdadeira sabedoria de Deus, destacando seu caráter espiritual (2:6-12), e seu alcance espiritual (2:13-16); e conclui com uma declaração franca, dizendo que a carnalidade é o motivo das divisões(3:1-4).

**18. Porque** (E.R.C.) introduz o motivo porque ele não veio em sabedoria do mundo. Para os que perecem, a cruz deve sempre parecer uma loucura. *Pregação* (lit. *palavra*) evidentemente faz contraste com **palavra** (v. 17, lit., *palavra*). Paulo considera a cruz como instrumento salvador de Deus. **Perdem** e **salvos** (tempos presentes, mais freqüentativos do que durativos) descrevem a corrente de perdidos caindo na eternidade sem Cristo, e o número menor, mas ainda

constante, da corrente dos salvos entrando pela porta da comunhão eterna com Cristo.

**19,20. Pois está escrito.** Um apelo às Escrituras para apoio. Boa prática paulina (cons. Is. 29:14; 19:12; 33:18). As palavras são uma denúncia divina da política dos "sábios" em Judá, que procuraram uma aliança com o Egito quando foram ameaçados por Senaqueribe.

**21. Aprove** é a mais do que uma declaração de boa-vontade; refere-se ao alegre propósito e plano divino (cons. Ef. 1:5). Pregação refere-se ao conteúdo da proclamação não ao método de livramento (cons. I Co. 2:4); ela é a *mensagem* (E.R.C., *pregação*) que salva, a mensagem destinada àqueles que simplesmente **crêem** (crentes).

**22-25.** Paradoxalmente Paulo proclama que os **chamados** (cons. v. 2) obtiveram o que os judeus, que buscavam sinais e os gregos, que amavam a sabedoria (v. 22), ou os gentios (v. 23; a E.R.C, diz *gregos* novamente, mas a confirmação é fraca) procuravam, o **poder de Deus, e sabedoria de Deus. Cristo crucificado** é o segredo. Judeus e gregos não reconhecem o seu pecado. O Cristo crucificado o expõe; portanto, Ele é o poder e a sabedoria de Deus. O uso da palavra **crucificado** sem o artigo, enfatiza fortemente o caráter no qual Paulo pregou Cristo, como **crucificado** (cons. 2:2; Gl. 3:1). Um Cristo sem uma cruz não salvaria.

**26. Porque** (E.R.C.) introduz o "*argumentum ad hominem* irrespondível" (ICC, pág. 24). "Pois olhem para suas próprias fileiras, meus irmãos", como traduziu Moffatt (MNT, pág. 19). Um lançar de olhos para a sua própria igreja comprovada o ponto defendido por Paulo, pois ali não eram **muitos** os **sábios** e os **poderosos**. **Vocação** continua enfatizando a iniciativa de Deus na salvação do homem. Na tradição paulina encaixara-se as formosas últimas palavras de John Allen do Exército da Salvação: "Eu mereço o inferno; eu devia estar no inferno; mas Deus interferiu!"

**27,28.** O triplo **Deus escolheu** continua com a ênfase.

**29.** O propósito da metodologia divina foi negativamente apresentada aqui e positivamente no último versículo do capítulo. Como

Bengel disse certa vez, "Não se glorie *d*Ele, mas *n*Ele". Jonas estava absolutamente certo quando disse "Ao Senhor pertence a salvação" (Jn. 2:9; cons. Jr. 9:23, 24).

**30. Mas** introduz o bendito contraste. **DEle** e não da sabedoria eram os coríntios, **em Cristo Jesus**. Eis aí o único alicerce sólido para se gloriar. Devido à construção da sentença grega, está claro que sabedoria é a palavra dominante, e que as palavras **justiça, santificação e redenção** amplia o significado de sabedoria. A sabedoria, aqui, portanto, não é a sabedoria prática, mas a sabedoria posicional, o plano de Deus para nossa completa salvação. A **justiça** é argumentativa, a justiça que nos foi dada na justificação, ou aquela que Paulo expõe em Rm. 1:1 – 5:21. A **santificação** foi usada em seu sentido imediato e completo (cons. I Co. 1:2). A justiça capacita-nos a comparecermos diante de Deus no tribunal da justiça divina, enquanto a santificação equipa-nos a servi-Lo no templo do serviço divino. É o que Paulo esboça em Rm. 6:1 – 8:17. A **redenção**, à vista da ordem das palavras, é provavelmente a redenção final do corpo (cons. Rm. 8:23), aquela de que se ocupou o apóstolo em Rm. 8:18-39. 31. Para que. O alvo desta obra de Deus é o de glorificá-Lo na graça, um propósito que foi gloriosamente alcançado. Pois os que são sábios de conformidade com este mundo foram reduzidos a nada, e os chamados que creram, desfrutaram agora de uma salvação soberanamente concedida suficiente para todas as exigências do tempo e da eternidade.

## 1 Coríntios 2

**2:1-5.** O tema continua, apresentando agora o escritor seu próprio testemunho entre os coríntios. Ele, também, não se baseava na sabedoria deste mundo, nem a sua mensagem (vs. 1, 2), método (vs. 3, 4) ou motivos (v. 5). **Eu** faz a ligação.

**1,2. Testemunho** (intrinsecamente preferível à *mistério*, tradução de muitos manuscritos antigos). Não há nenhuma indicação nesta passagem, nem em Atos 17, que Paulo pregasse a mensagem simples de Cristo **crucificado** por causa de algum sentimento de fracasso (como

alguns têm sugerido) em face do modo filosófico de tratar do assunto em Atenas. Na realidade, em Atenas, o método de Paulo não foi basicamente filosófico. O sermão de Paulo começou com a revelação bíblica da criação (cons. Atos 17:24) e terminou com a nota da Ressurreição (Atos 17:31). Moffat está certo ao dizer: "Em Atenas ele não pudera começar com qualquer crença na ressurreição, como podia fazê-lo numa sinagoga" (MNT, pág. 22; cons. N.B. Stonehouse, *Paul Before the Aeropagus and Other New Testament Studies*, pág. 25-27).

**3,4.** Em vez de persuasão humana, o método de Paulo envolvia **demonstração do Espírito e de poder**. A palavra **demonstração** refere-se à produção de provas em uma argumentação diante de um tribunal (MM, pág. 60, 61). A nova vida dos coríntios era prova conclusiva do poder de Deus neles (cons. I Ts. 1:5).

**5. Para que** introduz o motivo. A pregação simples de Paulo tinha o intuito de evitar que os coríntios se apegassem a uma fé que dependesse de lógica e argumentação filosófica, uma fé à mercê de outros argumentos dessa mesma natureza. "O que depende de um argumento inteligente, fica à mercê de outro argumento mais inteligente" (ICC, pág. 34). Uma fé, entretanto, que se baseia **no poder de Deus** tem fundamento sólido e duradouro.

**2:6-12.** A esta altura alguém pode deduzir, que Paulo não dava valor à sabedoria e que ele considerava a verdade cristã fora do reino do intelecto. O apóstolo explica isso mostrando que o Evangelho contém uma sabedoria, mas uma sabedoria espiritual. As palavras introdutórias, **Entretanto, expomos sabedoria** faz a ligação (*sofian*, "sabedoria", está em posição de ênfase no texto grego).

**6. Experimentados**, maduros nas coisas de Deus (cons. 14:20; Fp. 3:15), foi igualado por Paulo com **espiritual** (I Co. 2:15). A cláusula, **Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados**, pode ser uma declaração que resume a seção. A sabedoria seria o assunto dos versículos 6-12, o *falar*, ou ensiná-la, o assunto do versículo 13 (observe o "**falamos**"), e **os experimentados**, o assunto do restante da seção (F.

Godet, *Commentary on St. Paul's First Epistle to the Corinthians*, I, 135).

**7-9.** Um **mistério**. Não alguma coisa misteriosa, mas um segredo divino, uma verdade que não se pode descobrir sem a revelação divina.

**10-12.** **No-lo** (posição enfática no texto grego) contrasta os crentes com o mundo. A eles **Deus. . . revelou** sua sabedoria **pelo seu Espírito**, o qual foi dado **para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente**.

**13.** Paulo passa de maneira natural para o método de comunicação. Esta sabedoria, diz ele, **falamos . . .** (palavras) **ensinadas pelo Espírito Santo** – uma declaração enfática de que o conhecimento da verdade divina não pode ser atribuído ao intelecto e capacidade mental, em primeiro lugar. Paulo busca sua origem na posse do Espírito de Deus, o Professor perfeito e o Juiz perfeito da doutrina. As **palavras** têm sido usadas para sustentar os proponentes da inspiração verbal (a verdadeira doutrina). Mas aqui Paulo escreveu falamos e não *escrevemos*, referindo-se assim à apresentação oral. A cláusula final apresenta um problema de difícil interpretação. **Conferindo** pode estar certo, pois a palavra significa isto mesmo na única vez em que aparece em outro lugar do N.T. (II Co. 10:12). O contexto, entretanto, está decididamente contra o significado fora do comum da palavra. Ela pode também ter o sentido de "interpretando", ou "explicando" (cons. Gn. 40:8; Dn. 5:15-17, LXX). A tradução seria então, *explicando coisas espirituais a homens espirituais*. Ou teria o significado comum da palavra, "combinando", e poderia então traduzir para *combinando coisas espirituais com palavras espirituais* (preservando a referência que acabou de ser feita à palavras). Isto parece preferível, e Paulo, por isso, refere-se ao "aliar palavras e pensamentos relacionados" (Exp GT, II, 783). O apóstolo recebeu esta verdade de Deus e revestiu-a na linguagem dada pelo Espírito Santo. Sua reivindicação é que seus pronunciamentos eram dados por Deus e orientados pelo Espírito.



**14.** A percepção subjetiva desta verdade toma-se agora o tópico. **Ora** introduz o contraste com **o homem natural**, o que não é cristão (cons. Judas 19; Rm. 8:9). A palavra grega traduzida para **natural** significa "dominado pela alma", o princípio da vida física. Este homem dominado pela alma **não aceita** (lit, *aceitar bem*; cons. Atos 17:11; I Ts. 1:6) as verdades divinas, nem pode entendê-las, pois **se discernem espiritualmente** (pelo Espírito) (cons. I Co. 2:10, 11). Ouvidos humanos não percebem a alta frequência das ondas do rádio; homens surdos não são capazes de servirem como juízes em concursos de música; homens cegos não podem desfrutar da beleza dos cenários, e os que não são salvos são incompetentes para julgarem as coisas espirituais, as verdades práticas mais importantes.

**15,16.** O homem **espiritual** tem a potencialidade de entender *tudo*. **Ele mesmo não é julgado por ninguém. Por ninguém** (que não seja espiritual), pois o que não é espiritual não tem o relacionamento necessário com o Espírito para julgar o espiritual. Isto explica porque tão freqüentemente os cristãos constituem verdadeiros enigmas para os que são do mundo, e às vezes enigmas para os cristãos currais. Muita controvérsia entre os cristãos pode remontar à origem deste princípio.

### 1 Coríntios 3

**3:1-4.** A aplicação passa a ser feita à condição dos coríntios, indicada pela mudança da primeira pessoa (2:6-15) para a segunda (3:1-4). **Eu, porém, irmãos, não vos pude falar** torna fácil a ligação.

**1.** Por causa da imaturidade deles, Paulo não pôde alimentá-los com carne em sua primeira visita. A palavra grega usada para *carnal* (de *sarkinos*) significa literalmente, *feito de carne*, sendo equivalente da expressão, *na carne* (A-S, pág. 402). Por trás de *sarkinos* está o pensamento de fraqueza (cons. Mt. 26: 41), conforme a palavra **crianças** confirma. Na primeira visita de Paulo, os coríntios eram fracos, pelo simples motivo de que eram recém-convertidos. O apóstolo não os acusa por causa dessa condição.

**2,3.** Uma séria acusação de incapacidade espiritual se encontra em **nem ainda agora podeis** (uma expressão muito forte em grego). O motivo disso é que ainda eram carnaís. Uma importante troca de palavras deve ser observada. **Carnaís** aqui não é *sarkinos*, mas *sarkikos* que significa, literalmente, *caracterizado pela carne*, sendo equivalente a **segundo a carne** (cons. Rm. 8:4). Por trás dela está a idéia de teimosia, e Paulo culpa os que se encontram nessa condição. Fraqueza prolongada se transforma em obstinação. A recusa em se aceitar o leite da Palavra, não dá lugar à recepção da carne da Palavra. **E dissensões.** (E.R.C.) *Divisões* (AV) não é uma tradução genuína, embora o pensamento esteja no contexto (I Co. 3:4).

Paulo descreveu quatro tipos de homens. O primeiro, *o homem natural*, é o homem sem o Espírito, que precisa do novo nascimento (cons. Jo. 3:1-8). O segundo é o *homem carnal e fraco* (I Co. 3:1), o menino em Cristo, que precisa crescer através da recepção do leite da Palavra. O terceiro tipo é *o homem carnal e obstinado*, mais velho, mas ainda imaturo, um cristão que precisa da restauração da comunhão, ou de uma condição sadia de recepção de alimento, pela confissão de sua teimosia, ou pecado (cons. I Jo. 1:9). O quarto é o *homem espiritual* ou *amadurecido*, que aceitou o leite e cresceu até chegar à maturidade espiritual, de modo que é forte e capaz de aceitar a torção da Palavra (I Co. 2:15; 3:2). Este é o homem que Deus quer que todo cristão seja. Que Paulo iguale o homem amadurecido com o homem espiritual está evidente na comparação de 2:6 com 2:15 (cons. 3:1; ele contrasta **as crianças** com os **espirituais**. Ele também declara que a sabedoria de Deus é para os **perfeitos** mas ele nunca usa o termo novamente na seção. Em vez disso, ele escreve do homem **espiritual** (2:15; 3:1), que tem capacidade ilimitada de **julgar todas as coisas**. A analogia da vida física com tudo isto é a melhor ilustração que possa haver.

**2) Causa segunda: Má interpretação do Ministério. 3:5 – 4:5.**

O segundo motivo para as divisões, a má interpretação do ministério de Cristo, passa agora a ser discutido. Ministros são simples servos; na verdade, é Deus que opera (13:5-9). Eles são responsáveis pelo material adequado na construção do templo de Deus, a Igreja (3:9-17). Ninguém deve se gloriar em algum desses homens, pois todos eles pertencem a cada crente (3:18-23) e só serão julgados por Deus.

**5. Quem.** Literalmente, *o que*. Isto chama a atenção para a função, desviando-a dos homens (Morris, *op. cit.*, pág. 64). Paulo e Apolo nada mais eram que **servos**, ministros de Deus.

**6.** Paulo plantou e Apolo regou, mas só Deus pode fazer a semente crescer.

**8,9.** No trabalho Paulo e Apolo eram um, isto é, estavam em harmonia. Entretanto, na questão do **galardão**, serão feitas distinções. De **Deus cooperadores** pode significar que eles eram companheiros de trabalho que pertenciam a Deus, ou companheiros de trabalho com Deus. O contexto favorece o primeiro.

**10. Edifício de Deus** (v. 9) leva a uma discussão de sua construção. Deve-se enfatizar que Paulo tinha em mente *construtores* e *obras*, e não *crentes* e *vida*; *serviço*, e não *salvação* é o tema. A **graça de Deus** é a capacitação divina concedida a Paulo, para o estabelecimento de igrejas. Deus poderia ter usado anjos, ou mesmo pecadores, mas usar o "principal" dos pecadores (cons. I Tm. 1:15) era uma maravilha sem fim para o amado apóstolo. **Pus eu** (tempo aoristo, enfatizando o acontecimento) aponta para a pregação inicial, enquanto **outro edifica** (tempo presente, indicando contínua construção) inclui a obra de Apolo (cons. I Co. 3:6).

**11.** É preciso ter cuidado, pois **Jesus Cristo** é o único fundamento (cons. Jo. 8:12; 10:9; 14:6; Atos 4:12).

**12.** Há três tipos de construtores - o homem sábio (vs. 12, 14), o que não é sábio (v. 15), e o tolo, que prejudica o edifício (v. 17). Três diferentes resultados se seguem. Mesmo entre os trabalhadores de Deus,

dois tipos de trabalhos podem ser feitos, um sólido e duradouro, e outro perecível e passageiro (o trabalhador tolo não pertence a Deus; v. 17).

13. A frase, **a obra de cada um**, aponta para a responsabilidade individual. O dia é o dia do tribunal de Cristo (cons. 4:5; II Co. 5:10), diante do qual só os crentes comparecerão. **Qual seja** indica que a base do julgamento é a qualidade do trabalho, não a quantidade, coisa confortadora para aqueles que têm poucos dons (cons. I Co. 4:2).

14. Paulo não explica a natureza da recompensa (cons. II Jo. 8).

15. **Sofrerá** prejuízo. Prejuízo ou recompensa, não perda de salvação. Não existem diferenças entre as *ovelhas* do Senhor; podem haver diferenças entre seus *servos* (cons. Lc. 19:17).

**Mas eu mesmo** (enfático) contrasta a pessoa com a sua obra e claramente sustenta a segurança do crente. **Pelo fogo** (E.R.C.). Melhor, **através do fogo**. O pensamento é de alguém correndo através de um incêndio, enquanto o edifício se desmorona (a preposição é local; cons. ICC, pág. 65).

16,17. O terceiro tipo de construtor, que prejudica o edifício, é o professo que não é cristão, que não é o proprietário (cons. Gl. 2:4; II Pe. 2:1-22). *Corromper* ou **destruir** são as traduções da mesma palavra grega, que é muito mais forte do que *sofrer dano* (I Co. 3:15). O **santuário** é a igreja local, mas certamente a igreja local sendo a manifestação local de um único e verdadeiro templo de Deus, a Igreja Invisível, composto de todos os crentes verdadeiros em Cristo.

18-23. Segue-se uma advertência àqueles que pensam que são sábios (vs. 18-20), e uma exortação a se gloriarem na posse de todas as coisas, incluindo Paulo, Apolo e Cefas (vs. 21-23). **Se tem por**. Ou, *pensa*. Todo crente pertence a Cristo, não a algum servo humano (repreensão aos seguidores de Paulo, Apolo e Cefas) e todos os crentes Lhe pertencem (repreensão ao partido de Cristo; cons. 1: 12). Paulo é o mestre por excelência!

## 1 Coríntios 4

**4:1-5.** A análise das causas da divisão chega a um final aqui. Os ministros de Deus são servos, cuja única responsabilidade é serem fiéis (vs. 1, 2). Seu julgamento pertence somente ao Senhor (vs. 3, 4). Portanto, todo julgamento deve aguardar a Sua vinda (v. 5). Não haverá nenhum tribunal preliminar!

**1. Ministros** (em grego, diferente da palavra em 3:5) dá a idéia de subordinação, a palavra originalmente se referindo a alguém que rema na fileira inferior de um trireme (cons. Lc. 1:2). **Despenseiros** são administradores responsáveis por grandes propriedades; o pensamento é de privilégio orientado.

**2.** Fidelidade é a virtude necessária a todos os servos e despenseiros, especialmente nas coisas de Deus.

**3.** Paulo repudia o julgamento dos outros, como também o próprio. **Tribunal humano** (lit. *dia do homem*) pode estar retrocedendo a 3:13. Não significa nada a Paulo que o homem tenha o seu dia de julgamento hoje.

**4. Porque** explica suas razões. **De nada me argúi a consciência** (lit. *contra mim não há nada*) é uma declaração notável. Paulo experimentou comunhão ininterrupta (cons. 1:9); sua prática harmonizava-se com a sua posição. Ele não falhara no cargo de despenseiro.

**5. Portanto** (a conclusão), já que só o Senhor pode julgar, é preciso esperar que Ele venha. No **tempo** apropriado Ele o fará cabal e completamente, desmascarando **as coisas ocultas das trevas**. Esse tempo é a sua vinda (cons. 1:7). E – maravilha das maravilhas! – **cada um** (cada crente) **receberá o seu louvor da parte de Deus**.

### C. A Aplicação e Conclusão. 4:6-21.

Agora Paulo apresenta um grupo de perguntas iradas para demonstrar o orgulho dos crentes coríntios (vs. 6-13), e depois conclui com uma nota de delicadeza, fazendo-os lembrar o relacionamento que

há entre eles (vs. 14-21). Ele era o pai deles, e por isso eles, os filhos, deviam segui-lo. Caso contrário tecla de usar a vara quando os visitasse (v. 21).

**6. Apliquei-as figuradamente** é a tradução de um verbo que significa "mudar a aparência externa", a coisa permanecendo a mesma (cons. Frederick Field, *Notes on the Translation of the New Testament*, pág. 169). *Eu adaptei* seria boa tradução. As (*estas coisas*) refere-se a 3:5 – 4:5, não a 1:10 – 4:5. Paulo e Apolo foram simples ilustrações da situação dos coríntios. O escritor omite os nomes dos verdadeiros acusados para evitar ressentimentos. **Não ultrapasseis o que está escrito** é uma boa tradução; ou, *viver de acordo com as Escrituras*. O apóstolo desejava que andassem pela Palavra (cons. R.A. Ward, "Salute to Translators", *Interpretation*, 8:310, July, 1914; C.F.D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek*, pág. 64. Um glossário marginal é a sua solução).

**7. Pois** explica a inutilidade do orgulho. Os pronomes estão no singular; Paulo dirige-se ao indivíduo. Agostinho viu a verdade da graça de Deus através da segunda pergunta deste versículo. **"Já"** (MNT, pág. 48) volta-se para o **antes de tempo** (v. 5). A era messiânica, que começara depois do tribunal de Cristo, já começara para os coríntios, escreveu Paulo, reprovando-os. "Alcançaram um milênio particular só deles" (ICC, pág. 84). O versículo fornece algumas provas para o conceito paulino do Reino.

**9.** Os apóstolos, em agudo contraste, estavam longe de entrarem no Reino. Na verdade, estavam destinados a morrer, Como Criminosos condenados, ou prisioneiros, que lutavam com feras e raramente sobreviviam até o fim nos festivais e exposições dos pagãos. Ou, talvez Paulo tivesse em mente a entrada triunfal de um general romano, ao final da qual vinham os soldados capturados, que eram levados à arena para lutarem com feras (Cons. 15:32; II Co. 2:14-17). Na arena do mundo dos homens e anjos, os apóstolos condenados eram um **espetáculo** (a palavra *teatro* em português deriva da palavra grega, fazendo um quadro vívido).

**10-13.** Uma série de contrastes cáusticos entre os apóstolos e os Coríntios, destinados a admoestar os crentes. A nova dispensação ainda não chegara para os apóstolos.

**14. Filhos meus amados** introduz a terna solicitude de um pai pelos filhos espirituais.

**15. Porque.** Paulo explica por que ele pode exortá-los como um pai. **Preceptores** (instrutores) eram os escravos guardiões dos romanos, responsáveis pela supervisão geral das crianças, até que atingissem a maioridade e pudessem vestir a *toga virilis* (cons. Gl. 3:24). Era como se o apóstolo dissesse que os coríntios tinham muitos supervisores em sua vida espiritual, mas só um que lhes dera a vida. **Gerei** introduz uma terceira figura em seu relacionamento com eles (cons. I Co. 3:6, "plantei", e 3:10, "pus o fundamento"). Ele não lhes transmitira a vida com bons conselhos, mas por meio das boas novas, **pelo evangelho**.

**16.** Paulo era o raro pregador que podia dizer, **sejais meus imitadores** (lit.). A maioria dos homens deveria dizer: "Façam o que eu digo, não o que eu faço" (cons. Barclay, *op. cit.*, pág. 46).

**17-20.** Timóteo devia lembrá-los. Dr. Johnson observou que mais gente precisa ser lembrada do que instruída (MNT, pág. 51). Isto não é bem verdade, mas há uma grande carência do ministério da lembrança. **O reino de Deus** (cons, v. 8). O reino dos coríntios era um reino **em palavra, não em poder**.

**21.** Um desafio conclui. Eles escolherão a **vara** da disciplina, ou o **amor e espírito de mansidão** produzidos pela restauração da comunhão? A resposta depende deles. A vara introduz a nota da disciplina, predominante na próxima seção da carta.

### III. As Desordens na Igreja. 5:1 - 6:20.

#### 1 Coríntios 5

##### A. A Ausência de Disciplina. 5:1-13.

Diz-se freqüentemente que a única Bíblia que o mundo lerá é a vida diária do cristão, e do que o mundo precisa é uma versão revisada! Os próximos dois capítulos foram escritos por Paulo com a intenção de produzir uma versão revista coríntia, de modo que a ortodoxia pudesse ser seguida pela "ortoprática" (cons. Roy L. Laurin, *Life Matures*, pág. 103, 104). O capítulo 5 trata de um conhecido caso de incesto na igreja. Os crentes, em vez de lamentar o fato, estavam complacentemente permitindo que o caso permanecesse sem julgamento, talvez até mesmo se orgulhando de sua liberdade (vs. 1, 2; cons. 6:12). Paulo expressa sua posição no assunto (5:3-5), insiste com a igreja a exercer disciplina (vs. 6-8), e conclui com um esclarecimento das instruções da carta anterior (vs. 9-13). **Ensoberbecidos** (v. 2) indica uma leve ligação com o precedente (cons. 4:6, 18, 19), mas a verdadeira ligação é com os seguintes (com. v. 1; 6:9, 13-20). Ambos os capítulos tratam de desordens. A falta de um conectivo em 5:1 o confirma, e dá também às palavras de introdução uma força explosiva nos ouvidos dos serenos coríntios, calmamente descansando "à vontade em Sião".

**1. Geralmente.** Seria melhor, *na verdade* (cons. Arndt, pág. 568). A fornicação era incesto, proibido pela Lei (Lv, 18:8; Dt. 22:22). **Há** (tempo presente) sugere algum tipo de união permanente (cons. Mt. 14:4). O destaque dado ao homem pode indicar que a mulher, sua madrasta, não era cristã. O pai talvez estivesse morto ou fosse divorciado. *Menciona*. Omitido em vista de fracas confirmações textuais. O pecado era proibido pela lei romana.

**2. Ensoberbecidos** pela falsa liberdade, os crentes estavam "inchados". Uma igreja não pode prevenir o mal de modo absoluto, mas deve sempre praticar a disciplina. **Não chegastes a lamentar, para que fosse tirado** refere-se à censura eclesiástica ou a exclusão.

**3,4.** Paulo já julgara o assunto em espírito. Suas palavras davam a orientação quanto a atitude própria a ser tomada.

**5.** A substância do seu julgamento aqui. **Entregue a Satanás** é de difícil interpretação (cons. I Tm. 1:20). Provavelmente se refere ao



entregar o homem ao mundo como se pertencesse a Satanás (cons. I Jo. 5:19). **Para destruição da carne** tem sido aceito no sentido moral da anulação dos apetites carnis. **Destruição** é forte demais para esse ponto de vista, embora, é claro, a disciplina tem de ser curativa. Provavelmente é melhor ver aqui a idéia de um castigo corporal, ao qual o pecado persistente conduz, de acordo com m ensinamentos do N.T., não apenas nem carta (cons. I Co. 11:30), mas também outros lugares (cons. I Jo. 5:16, 17). O propósito da ação foi apresentada na cláusula seguinte.

6. O princípio que apóia a necessidade de disciplina é este. "Nunca diga, desculpando-se, que afinal de contas este caso é único. Um só, mas poderá contaminar **a massa toda** (xv. 33)" (MNT. pág. 57). O pecado sempre se alastra e contamina se não abandonado, exatamente como o veneno, as ervas daninhas e o câncer.

7. **Pois** (E.R.C.). Uma atitude decisiva torna-se necessária. **Como sois de fato sem fermento** expressa a posição dos crentes, à qual a condição deles deve corresponder. Sua purificação deve se manifestar na vida limpa. **Pois** explica. Os antecedentes das observações do apóstolo são as Festas da Páscoa e dos Pães Asmos. A Páscoa (cons. Êx. 12:1-28) prefigurava o Cristo na qualidade do Cordeiro de Deus, que tiraria o pecado do mundo através do seu sacrifício no Gólgota (cons. Jo. 1:29). A Festa dos Pães Asmos (cons. Êx, 12: 15-20; 13:1-10), durante a qual os israelitas não deviam ter fermento em suas casas (o fermento referindo-se tipicamente ao pecado, é claro), prosseguia durante a semana que se seguia à morte do cordeiro. Esta festa prefigurava a vida de santidade que devia seguir-se à morte do cordeiro e conseqüente alimentação dos que participavam, sendo os sete dias um círculo de tempo completo. A Páscoa, então, é típica e ilustrativa da obra de Cristo que morreu pelos seus. Isto aconteceu, escreveu Paulo, **foi imolado por nós** (tempo aoristo, encarando o acontecimento como uma coisa feita de uma vez por todas). A Festa dos Pães Asmos é uma ilustração da vida de santidade do crente, uma coisa contínua, e assim Paulo escreve, por isso celebremos a festa (v. 8; tempo presente, ação duradoura). E exatamente como uma

migalha de fermento na casa do israelita significa julgamento (cons. Êx. 12:15), assim o pecado na vida do crente significa julgamento. Eis aí a necessidade da disciplina.

**8.** A conclusão (**por isso**) da exortação de Paulo encontra-sé aqui. A pureza e a retidão devem caracterizar o crente, não a perversidade do homem e da igreja nesta questão do incesto. Essas virtudes divinas deviam ser o alimento da festa cristã.

**9.** Agora o apóstolo esclarece instruções dadas em uma carta anterior (veja Introdução), uma carta atualmente perdida.

**10,11.** Um cristão deve ter um certo contato com o mundo; caso contrário teria de **sair do mundo**, uma impossibilidade manifesta (pelo menos até o advento da era espacial!). A chave para compreensão da ordem do versículo 9 é o verbo *associar-se* (vs. 9, 11), que significa literalmente misturar-se com (cons. Arndt, pág. 792). A idéia é da comunhão em família. O apóstolo sabia que uma certa comunhão com o mundo devia existir nas atividades diárias da vida. Entretanto, ao irmão sob disciplina era preciso negar comunhão, e particularmente os crentes não deviam **com esse tal nem ainda comer**, a mais evidente demonstração de comunhão.

**12.** **Pois** explica que Paulo, na carta perdida, não se referia ao mundo, mas aos irmãos, quando falava da negação da verdade. Ele não se preocupava com aqueles *que estão de fora*; estavam em território divino (cons. A.R. Gausset, em JFB V, 297). Os coríntios, entretanto, tinham obrigação de julgar os que estão dentro.

**13.** O **pois** deveria ser omitido, o qual dá à sentença final da excomunhão, uma enfática força sumária (cons. Dt. 24:7).

## 1 Coríntios 6

### B. Os Processos Diante dos Tribunais Pagãos. 6:1-11.

A discussão das desordens continua. Embora não haja partícula conectiva em 6:1, a idéia do juízo liga claramente os dois capítulos. A competência judicial da igreja para resolver casos entre os seus membros

está visível em ambos. Godet o expôs muito bem: "Além de vocês não julgarem aqueles que vocês tem obrigação de julgar,(os que estão dentro); mas, pior ainda, vocês procuram ser julgados por aqueles que estão em situação inferior (*os que estão de fora*)!" (*op. cit.*, 1, 284). A questão dos processos foi introduzida (v. 1) e então solucionada (vs. 2-11). A solução apresenta a tripla ocorrência do **não sabeis?** ( Gr., *ouk oideate*, vs. 2, 3, 9).

**1. Aventura-se algum de vós** (muito enfático no texto grego). Que audácia dos **santos** (justificados; embora os gregos fossem dados aos litígios) comparecerem diante dos injustos para buscar justiça! (cons. v. 11).

**2.** O primeiro ponto da refutação é o fato conhecido que **os santos hão de julgar o mundo**, por causa de sua união com o Messias, a quem todo o julgamento está entregue (cons. Jo. 5:22; Mt. 19:28).

**3.** O segundo ponto é o fato conhecido que **havemos de julgar os próprios anjos. Quanto mais as coisas desta vida.** (cons. Jo. 5:22; Judas 6; II Pe. 2:4, 9).

**4. Entretanto** introduz uma inferência, um tanto anuviada por um problema de tradução. **Constituíis um tribunal** (estabelecer por juiz) pode ser entendido como imperativo ou como indicativo. Se for indicativo, também pode ser declarativo ou interrogativo. Provavelmente o indicativo, com força interrogativa, deve ser o preferido, ficando o sentido assim, **constituís um tribunal** (estabeleceis por juízes) **daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja!** Uma sugestão muito irônica de que não havia nenhum homem sábio entre os "sábios" coríntios!

**7,8.** Sugere-se uma atitude melhor. **Derrota**, indica que recorrer à lei contra um irmão, já constitui uma perda da causa em si mesmo.

**9.** O terceiro ponto defendido por Paulo é um apelo aos "princípios mais amplos" (ICC, pág. 117). Os não justificados, ou injustos, não estão qualificados para julgar; só os crentes, os justos, podem julgar. A negativa foi apresentada primeiro (vs. 9,10), seguida pela afirmação positiva (v. 11). A ênfase colocada sobre reino de Deus repousa sobre a

palavra Deus; os injustos não têm lugar no seu reino. A lista de pecados que se segue prova que Paulo e Tiago concordam basicamente. Ambos afirmam que a fé genuína produz boas obras (cons. Ef. 2:8-10), e que a ausência das boas obras indica falta de fé (cons. Tg. 2:14-26). A prevalecente frouxidão moral dos gregos e romanos pode ter incentivado o apóstolo a enfatizar aqui o vício contra a natureza. Por exemplo, Sócrates, além de quatorze dos quinze primeiros imperadores romanos, era homossexual (cons. Barclay, *op. cit.*, pág. 60).

**11.** O apelo positivo está aqui. **Tais fostes alguns de vós** aponta para as profundezas das quais a graça de Deus em Cristo os resgatou. **Mas vós vos lavastes.** Literalmente, *vocês se deixaram lavar* (uma voz média permissiva), ou *vocês se lavaram* (voz média direta, acentuando o lado ativo da fé; cons. Atos 22:16; Gl. 5:24). Os termos **lavastes**, **santificados** e **justificados** refletem a nova posição dos coríntios. A menção da santificação antes da justificação não constitui problema, uma vez que Paulo tem em mente a verdade posicional (veja I Co. 1:2, 30). Os verbos referem-se à mesma coisa com ênfases diferentes, uma destacando a purificação do crente; a outra, a nova vocação; e a terceira a nova posição do crente. **Justificados** vem em último lugar, como o devido clímax para a argumentação sobre a busca da justiça diante dos injustos (vs. 1-8).

### C. A Frouxidão Moral na Igreja. 6:12-20.

Paulo volta sua atenção para a frouxidão moral que poluía a igreja, ao que parece causada pela aplicação da verdade da liberdade cristã ao reino sexual. A pergunta é: Se não há restrições quanto à alimentação, um dos apetites do corpo, por que deveria haver nas questões sexuais, outro desejo físico? A resposta de Paulo, a qual ele começa com o princípio da liberdade e o aplica especialmente à fornicção, novamente apresenta a tripla ocorrência do não sabeis quê? (vs. 15, 16, 19).

**12.** O princípio da liberdade está declarado, com duas limitações: 1) prudência (cons. 10:23); 2) autocontrole. **Lícitas** e **dominar** que têm a

mesma raiz, formam um jogo proposital de palavras: "Todas as coisas estão em meu poder, mas eu não serei colocado sob o poder de nenhuma delas". A indulgência em um hábito que se apossa de alguém, não é liberdade, mas escravidão.

**13. Enquanto os alimentos são para o estômago, e o estômago para os alimentos** (um necessário ao outro), este relacionamento não é verdadeiro quanto ao corpo e a fornicação. O corpo foi criado com a intenção de glorificar o Senhor, e o Senhor é necessário ao corpo para que isto aconteça. Paulo usa a palavra **corpo** aqui num sentido mais amplo do que simplesmente o tabernáculo físico. É quase equivalente à personalidade do homem, quase como a expressão, *alguém*, ou todos (cons. MNT, pág. 68, 69, 71-73; Morris, *op. cit.*, pág. 100; Moule, *op. cit.*, pág. 196,197). No versículo 19 parece que ele iguala corpo com vós. Isto, é claro, não é costume de Paulo (II Co. 12:3).

**14.** Mais outra diferença entre o corpo e o ventre, e o corpo e a fornicação, está no fato de que o corpo se destina à ressurreição, enquanto o ventre para ser reduzido a nada (v. 13). A permanência do corpo tem mais do que significado teórico. Por exemplo, o que dizer da prática da cremação?

**15.** Por causa da união do crente com Cristo (cons, 12:12.27), a fornicação rouba do Senhor aquilo que é dEle. **Tomaria.** Seria melhor, *levaria*.

**16.** A segunda razão está expressa aqui. **Ou não sabeis** é a melhor tradução. Além do Senhor ser roubado, uma nova união se faz (cons. v. 15; Gn. 2:24). A prova prática disso é que uma nova personalidade pode resultar da união.

**17. Um espírito com ele.** Uma das expressões mais fortes sobre a união e segurança da Palavra de Deus. Como um autor já o expôs, "As ovelhas podem se afastar do pastor, o ramo pode ser cortado da videira; o membro pode ser separado do corpo . . . , mas quando dois espíritos se unem em um só, quem os separará?" (Arthur T. Pierson, *Knowing the Scriptures*, pág, 146).

**18. Fugi** (tempo presente para ação habitual). Ordem positiva. Moras sugere: "Habitue-se a fugir" (*op. cit.*, pág. 102). Alguém já disse: "Ainda que muitas vezes se declare que a segurança está em Números, às vezes há mais segurança no Êxodo!" A experiência de José é um exemplo (cons. Gn. 39:1-12). As frases finais, **fora do corpo e contra o próprio corpo**, são difíceis de serem interpretadas. Talvez o significado seja que os outros pecados, tais como o vício de beber, têm seus efeitos sobre o corpo, mas a fornicção é um pecado que se realiza *dentro* do corpo e envolve uma monstruosa negação da união com Cristo através da união com uma prostituta.

**19.** A razão final está no fato de que **o corpo é o santuário do Espírito Santo. Vosso corpo**. Uma expressão "distributiva", isto é, o corpo de cada um de vocês (com. Charles J. Ellicott, *Paul's First Epistle to the Corinthians*, pág. 107). O corpo do crente, individualmente, é o templo do Espírito (cons. 3:16). Que coisa incongruente é ouvir os crentes orarem, pela vinda do Espírito!

**20. Porque** introduz a razão pela qual os crentes não pertencem a si mesmos. O Espírito ocupa aquilo que Deus obteve através da compra. Demonstra-se o direito de posse, comprando-se e ocupando-se. Deus fez as duas coisas; por isso os cristãos já não são *de si mesmos, mas pertencem a Deus* (cons. Jo. 13:1). **Comprados** (tempo aoristo) refere-se ao Gólgota, onde o preço foi pago. A figura representa a sagrada manumissão, pela qual um escravo, pagando o preço de sua liberdade no tesouro do templo, passava a ser considerado, daquele momento em diante, como escravo do deus e não mais escravo de seu senhor terreno. **Glorificai a Deus**, a conclusão lógica, é tanto negativa quanto positiva. Negativamente, um crente deveria eliminar as coisas que corrompem, tais como a fornicção e positivamente ele deveria exibir Aquele que veio habitar nele. O preço terrível do sangue sem preço (cons. I Pe. 1:18, 19) exigia nada menos do que isso. **E no vosso espírito, os quais pertencem a Deus** (E.R.C.) tem pouco apoio documentário.

---

**IV. As Dificuldades dentro da Igreja. 7:1- 15:58.****1 Coríntios 7****A. Conselhos Referentes ao Casamento. 7:1-40.**

Tendo discutido as coisas que vieram ao seu conhecimento (cons. 1:11; 5:1), o apóstolo volta-se agora para assuntos que surgiram na correspondência (cons. 7:1. *peri de*; veja Introdução). Os problemas relacionados com o casamento são os primeiros a serem examinados. O capítulo, depois de um prólogo que trata dos princípios gerais (vs. 1-7), contém a discussão de problemas dos casados (vs. 8-24) e dos solteiros (vs. 25-40).

**1) O Prólogo. 7:1-7.**

O apóstolo apresenta o princípio geral de que, enquanto o celibato é uma questão de preferência pessoal (vs. 6,7), o casamento no entanto é uma obrigação para aqueles que não têm o dom da continência (vs. 1,2), fornecendo o verdadeiro casamento a devida provisão para a satisfação sexual de cada parceiro (vs. 3-5).

**1. Quanto ao que me escrevestes.** O equivalente à nossa fórmula moderna, *Quanto à sua carta*. É impossível que Paulo tenha sido solicitado a aprovar o celibato como dever de todos. Ele aceita que o estado é bom.

**2.** O casamento, entretanto, é o dever daqueles para os quais a sociedade pervertida e os hábitos daquele tempo pudessem se tornar irresistíveis. Isto não é uma depreciação do casamento; é uma maneira honesta de encarar os fatos a fim de evitar a **impureza**. Literalmente, *fornicações*, o plural se referindo talvez aos muitos casos em Corinto (cons. 6:12-20).

**3-5.** O verdadeiro casamento, entretanto, é uma sociedade, uma união de duas pessoas que se tornam "uma só" (v. 6:16), envolvendo obrigações mútuas e direitos conjugais.

**6,7.** As palavras precedentes foram ditas *por concessão*, (permissão E.R.C.) não por **mandamento**. O casamento é uma **concessão**, não uma *obrigação*. A orientação do Senhor, o **dom** de Deus, é a coisa mais importante (com. Mt. 19:10-12).

2) Os Problemas relacionados com o Casamento. 7:8-38. O escritor considera, agora, os problemas específicos envolvendo os casados e os solteiros.

**8,9.** Paulo dirigiu-se primeiro àqueles que eram solteiros quando ele escreveu, mas que já tinham experiência sexual. **Os solteiros**, provavelmente, viúvos, em oposição às viúvas. Homens solteiros e virgens são aconselhados em outra passagem (vs. 1, 2, 25, 28-38). **Permanecessem** (tempo aoristo) é a decisão final para uma vida inteira.

**10, 11.** As seguintes palavras de Paulo relacionam-se com a manutenção ou interrupção dos laços do casamento, no caso de crentes casados (vs. 10, 11) e de um crente com um descrente (vs. 12-16). Para os crentes a regra é "não se separem", sustentada pelo ponto de vista do Senhor, **não eu mas o Senhor** (cons. Mc. 10:1-12). No caso de uma separação desaprovada, Paulo destaca duas possibilidades. A esposa **que não se case**, tempo presente, enfatizando o estado permanente. Ou então, **que se reconcilie com seu marido**, tempo aoristo, enfatizando um acontecimento de uma vez por todas, em separações subseqüentes.

**12.** Mas o que dizer das uniões onde um dos interessados tornou-se cristão? A lei judia exigia que o incrédulo fosse abandonado (cons. Esdras 9:1 – 10:44). Novamente, a regra é "não se separem" (I Co. 7:12, 13).

**14. Porque.** A primeira razão é que o parceiro incrédulo e os filhos de tal união são **santos** (santificados). Isto não significa que uma criança que nascer em um lar onde apenas um dos pais é cristão, nasce "na família de Cristo" (cons. Barclay, *op. cit.*, pág. 71). Paulo simplesmente quer dizer que o princípio do V.T. da comunicação da imundícia não está em vigor (cons. Ageu 2:11-13). A união é legal e confere privilégios aos membros (cons. ICC, pág. 142), privilégios tais como a proteção de Deus



e a oportunidade de estar em íntimo contato com a família de Deus. Isto facilita o caminho para a conversão do incrédulo.

**15.** Uma segunda razão para a preservação da união encontra-se no fato de que Deus *chamou-nos para a paz*. Uma situação curiosamente ambígua, entretanto, existe. Alguns intérpretes acham que Paulo aqui incentiva o crente a consentir na separação no interesse da preservação da paz, se o incrédulo deseja separar-se. De outro modo poderia haver guerra! Por outro lado, a idéia de Paulo pode ser que a separação deveria ser evitada se possível, uma vez que isso acabaria com a paz da união. O princípio geral do contexto (vs. 10, 11) favorece o segundo ponto de vista, como também o versículo seguinte. Nada se diz sobre um segundo casamento para o crente; de nada adianta colocar palavras na boca de Paulo quando ele silencia. É verdade que o verbo "apartar-se" na voz média (como neste versículo) era quase um termo técnico para o divórcio nos papiros (MM, pág. 695, 696). Isto, entretanto, nada realmente prova aqui.

**16. Pois.** O terceiro motivo para não haver separação é que a salvação do outro membro pode ser alcançada através da preservação da união. Outros entendem que a declaração significa que é melhor concordar com a separação, uma vez que ninguém sabe se o outro parceiro se converterá ou não. O contexto geral favorece o primeiro ponto de vista. Mas não é fácil determinar o que Paulo quis dizer.

**17-24.** Agora o apóstolo resume, indicando que este princípio de permanecer no estado em que se encontra, é simplesmente parte de um princípio geral, que atinge todas as esferas da vida. A regra para tudo é permanecer como está quando chamado, a não ser que a profissão seja imoral. Três vezes Paulo declara o princípio (vs. 17, 20, 24), entremeando as declarações de princípios com duas ilustrações, uma religiosa (cons. Rm. 2:28, 29) e a outra secular. A expressão **diante de Deus**, que conclui a seção, enfatiza o fato de que a presença de Deus torna qualquer trabalho secular, um trabalho com Deus. Num certo sentido, então, cada cristão está ocupado em "trabalho cristão de tempo

integral". À luz dos ensinamentos de Paulo aqui, não se deve também uma coisa duvidosa forçar os jovens a entrarem para o serviço de tempo integral na qualidade de missionários, pastores, etc.? A coisa realmente importante para cada crente é estar dentro da vontade de Deus.

**25. Ora, quanto** (E.R.C.) (*peri de*) indica aos leitores que uma resposta, a outra parte da carta da igreja é o que se segue. No restante do capítulo Paulo trata de três grupos: 1) os jovens solteiros (vs. 25-35); 2) os pais (vs. 36-38); 3) as viúvas (vs. 39-40). A seção está demarcada por duas declarações referentes à autoridade do autor (vs. 25, 40). O ponto comentado no parágrafo é o seguinte: O celibato é desejável, mas não exigido.

**26-28. Ser bom para o homem permanecer assim como está.** Antes, *é bom que uma pessoa fique como está*. O primeiro motivo para alguém permanecer solteiro está **por causa da instantaneidade**, uma frase que provavelmente se refere à pressão exercida sobre a vida cristã pelo mundo hostil (cons. v. 28; II Tm. 3:12). Se a vida cristã já é difícil em si mesma, por que impor mais um encargo a alguém através do casamento?

29-31. Uma segunda razão foi sugerida pela declaração, **o tempo se abrevia** (lit. *o tempo se encurta*). O apóstolo se refere ao tempo precedendo à vinda do Senhor (cons. Rm. 13:11). Toda a vida tem de ser vivida à luz desse grande fato. Então **a aparência deste mundo** passará e um novo e glorioso dia despojará.

**32-35.** Uma terceira razão se encontra nestes versículos. Está expressa negativamente nas palavras **eu quero é que estejais livres de preocupações** (v.32), e positivamente nas palavras **facilite o consagrar-vos desimpedidamente ao Senhor** (v. 35). Um problema textual está profundamente envolvido nas palavras que ligam os versículos 33 e 34. Poderia se encontrar a solução modificando as palavras, **e assim está dividido** (v. 34), para "Separadas por uma semelhante divisão de interesses estão a mulher casada e a solteira" (ICC, pág. 150, 151). O ponto que o apóstolo quer elucidar está claro: O casamento é uma coisa

perturbadora. Isto ele declara explicitamente no versículo 35. As palavras **facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor** faz lembrar a narrativa de Lucas sobre o incidente da visita do Senhor à casa de Maria e Marta em Betânia. Há também diversas conexões verbais no texto grego entre a narrativa de Lucas e as palavras de Paulo (com. Lc. 10:38-42). É como se Paulo estivesse tacitamente dizendo que o casamento transforma Marias em Martas, impedindo assim que façam a escolha da "boa parte" - ocupar-se com o Senhor e a Sua Palavra.

**36-38.** Aqui os pais estão na pauta. A passagem deve ser compreendida à luz dos costumes daquele tempo. O pai tinha o controle dos arranjos para o casamento de sua filha. **Trata sem decoro** refere-se à procrastinação do casamento quando há evidência da falta do dom da continência. É duvidoso que Paulo aqui tenha em mente "casamentos espirituais" nos quais as pessoas passavam por uma forma de casamento e continuavam, no entanto, a viverem juntas como irmão e irmã (cons. Barclay, *op. cit.*, pág. 74, 75; MNT, pág. 98-100).

**O que está firme**, isto é, não acha que esteja fazendo o que é impróprio. **E assim que** introduz o sumário, que na realidade é um sumário de todo o capítulo. Um **faz bem**; outro **faz melhor**. O celibato não é um estado mais santo que o do casamento; o celibato simplesmente é mais útil no serviço do Senhor. Mas mesmo no casamento, todas as coisas, até onde for possível, devem ficar sujeitos aos interesses dEle. A expressão **dá em casamento** (v. 38 E.R.C.) sempre tem este sentido no N.T. (cons. Mt. 22:30; 24:38); nunca quer dizer simplesmente casar-se, o que parece decidir que a interpretação dada é a verdadeira.

### 3) O "Postscript". 7:39-40.

A viúva está **livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor**, isto é, com cristão. Isto parece indicar claramente que Paulo jamais aprovou o casamento misto (casamentos entre crentes e incrédulos), uma verdade que tem uma larga aplicação hoje em dia. Paulo retoma novamente ao lado prático, todavia, quando escreve **será**

**mais feliz se permanecer viúva** (cons. v. 8). As palavras de conclusão parecem indicar que Paulo considerava estas suas palavras divinamente aprovadas (o **também** parece apontar para alguém em Corinto que reivindicava a aprovação do Espírito para suas atividades contrárias às Escrituras); e o fato de terem sido preservadas no Livro Sagrado confirma tal ponto de vista.

## 1 Coríntios 8

### B. O Conselho Relativo às Coisas Sacrificadas aos Ídolos. 8:1 – 11:1.

O *peri de* (E.R.C., **Ora, no tocante**) indica que aqui começa um novo assunto. **Carnes sacrificadas a ídolos** eram as sobras dos animais sacrificados aos deuses pagãos. Quer um animal fosse oferecido como sacrifício particular ou público, partes da carne sobravam para o ofertante. Se fosse um sacrifício particular, a carne podia ser usada para um banquete, ao qual eram convidados amigos do ofertante. Se o sacrifício fosse público, a carne que sobrava, depois que os magistrados retiravam a sua parte, podia ser vendida aos mercados para revenda ao povo da cidade. Os problemas, pois, eram estes: 1) Podia um cristão participar da carne que fora oferecido a um falso deus em uma festa pagã? 2) Podia um cristão comprar e comer carne oferecida aos ídolos? 3) Podia um cristão, quando convidado á casa de um amigo, comer carne, que fora oferecida aos ídolos?

#### 1) Os Princípios. 8:1-13.

Primeiro Paulo apresenta princípios generalizados para orientação do crente nesses problemas delicados.

**1. Reconhecemos que todos somos senhores do saber** pode ser uma citação da carta deles. Os cristãos possuem conhecimento, mas é apenas superficial e incompleto (cons. vs. 2,7). **Saber**, além disso, não é suficiente para a solução de todos os problemas, pois por si mesmo **ensoberbece**.

**2. Não aprendeu ainda** refere-se ao verdadeiro conhecimento de Deus. Enquanto aqui nesta terra, o conhecimento que o homem tem de Deus está sempre incompleto (cons. 13:12). **3.** Ama a Deus produz os dois, conhecimento de Deus e um senso de que Deus conhece também o indivíduo. Por exemplo, em um palácio todos conhecem o rei, mas nem todos são conhecidos pelo rei. O segundo estágio indica intimidade pessoal e conseqüentemente conhecimento de primeira mão (cons. Godet, *op. cit.*, 1, 410; Gl. 4:9).

**4. O ídolo de si mesmo nada é no mundo** provavelmente devia ser *não existem ídolos no mundo*. Um ídolo não pode realmente ser uma representação de Deus. Como poderia madeira ou pedra representar a incorruptibilidade de Deus?

**5.** O apóstolo admite, entretanto, que existem aqueles **que se chamam deuses**.

**6. Todavia para nós** indica um forte contraste. **De quem são todas as coisas** refere-se à primeira criação; o Pai é a fonte de tudo (cons. Gn. 1:1). **E nós também por ele** (lit.) refere-se ao Pai como o alvo da nova criação, à Igreja. A função da Igreja é glorificá-lo. **Pelo qual são todas as coisas** aponta para o Senhor Jesus Cristo como agente de Deus na criação (cons. Jo. 1:3). **E nós também por ele** apresenta-O como o agente responsável pela nova criação (cons. Cl. 1:15-18).

**7.** Daqui até o final do capítulo Paulo explica as palavras, **O amor edifica** (v. 1). Isto é necessário, pois *nem em todos* existe o conhecimento do único Deus e único Senhor que capacita as pessoas a comerem a carne dos ídolos sem prejuízo. **Por efeito da familiaridade até agora com o ídolo.** *Com consciência do ídolo* tem fraca confirmação. A tradução preferível seria *por estar há muito tempo acostumado aos ídolos*.

**8.** Paulo faz ver que a carne em si mesma não aproxima os crentes de Deus. **Recomendará.** O sentido é aproxima. "É o coração puro e não o alimento puro, que importa; e o irmão fraco confunde os dois" (ICC, pág. 170).

9. Nos poucos versículos seguintes Paulo adverte os fortes a tomar cuidado para que a sua **liberdade** (lit., *autoridade*, o exercício do seu direito) não constitua uma pedra de tropeço para **os fracos**. Em outras palavras, conhecimento não resolve o problema (cons. vs. 1-3).

10. **Induzida** (lit. *edificada*) é ironia. Bela edificação; conduz ao pecado!

11. **E** (lit. *porque*) introduz o motivo porque o crente forte se torna uma pedra de tropeço. A sentença devia terminar com ponto final, não com ponto de interrogação. A última cláusula tem um grande encanto. Se Cristo amou o irmão a ponto de morrer por ele, então o crente forte deve amá-lo a ponto de desistir do seu direito de comer certas carnes. **Parece** refere-se à perdição física. O irmão fraco, violando persistentemente sua consciência comendo alguma coisa que ele acha que não deveria comer, peca e torna-se exposto ao pecado mortal (cons. 5:5; 11:30; I Jo. 5:16,17). O tempo é o presente; o processo do perecimento prolonga-se enquanto ele persiste em comer.

12. A pior das conseqüências deste assunto é que os crentes fortes pecam *contra Cristo* quando pecam contra os irmãos. O argumento baseia-se na unidade do corpo de Cristo (cons. 12:12, 13, 26).

13. **Por isso** introduz a conclusão de Paulo. O *amor*, não a *luz* (conhecimento), resolve o problema. Nas questões morais, sobre as quais a Palavra tem falado, a Palavra é suprema. Nas questões moralmente insignificantes, como por exemplo o comer de carne oferecida aos ídolos, a liberdade deve ser regulada pelo amor. Diversas coisas precisam ser conservadas em mente, entretanto. Em primeiro lugar, a passagem não se refere aos legalistas desejosos de imporem seus escrúpulos tacanhos sobre os outros. Esses não são irmãos fracos, mas irmãos teimosos que desejam se gloriar na sujeição de outros aos seus caprichos (cons. Gl. 6:11-13). Isto é tirania, e o Cristianismo deve sempre estar em guarda contra isso. Em segundo lugar, deve-se notar neste versículo que a decisão de seguir o caminho do amor compete a Paulo, não ao irmão fraco. O forte deve se submeter ao apelo do amor

voluntariamente, não porque o fraco o exija (os legalistas sempre exigem sujeição às suas leis). Finalmente, é significativo que Paulo, ao tratar da fornicção e da carne sacrificada aos ídolos, não apelo para o pronunciamento do Concílio de Jerusalém (cons. Atos 15:19,20). Em vez disso, ele apela aos conceitos espirituais mais sublimes, os quais os gregos sabiam apreciar.

## 1 Coríntios 9

### 2) A Ilustração dos Princípios. 9:1-27.

Paulo não se afasta aqui do assunto em pauta. Antes, ele exemplifica os princípios que acabou de apresentar, recorrendo a sua própria experiência. Na qualidade de apóstolo que também possuía liberdade cristã, ele poderia reclamar sustento financeiro daqueles aos quais pregava (vs. 1-14). Na realidade, entretanto, ele se recusava exercer seus direitos para merecer uma recompensa (vs. 15-23). Tal decisão exigia disciplina pessoal e implicava em provações (vs. 24-27). Os coríntios, é claro, deviam aplicar a lição da abnegação e disciplina ao problema da carne sacrificada aos ídolos.

**1. Não sou eu, porventura livre?** Nos principais manuscritos esta pergunta precede a outra referente ao apostolado. Nessa ordem há também uma peculiaridade, pois passar dos direitos de cristão aos direitos de apóstolo fornece um clima adequado para a abertura desta seção. **Não vi a Jesus, nosso Senhor?** A base da sua qualificação ao apostolado (cons. Atos 1:21, 22). **Acaso não sois fruto do meu trabalho no Senhor?** Palavras que têm a intenção de enfatizar a genuinidade do trabalho de Paulo entre os coríntios.

**2,3.** Os coríntios eram o selo do seu apostolado. Isto é, eles eram a garantia do fruto espiritual no seu trabalho entre eles, ou, em outras palavras, a prova de que Deus realmente lhe dera "o crescimento" (cons. 3:5-7). **Os que me interpelam.** Aqueles que duvidavam da posição e ofício apostólico de Paulo. Esta volta-se para os versículos 1-3, não para os seguintes (vs. 4-14).

4. Tendo resolvido a questão do apostolado, o apóstolo prossegue discutindo a autoridade ou direitos ao sustento, os quais derivam do seu ofício. Compare 8:9, onde a "liberdade" é a mesma palavra usada aqui para **direito** (*poder*). **Comer e beber** não se refere às carnes sacrificadas aos ídolos, mas ao alimento comum.

5,6. Cinco motivos para o direito de sustento podem ser distinguidas. O primeiro, mencionado aqui, pode ser chamado de exemplo dos outros. **Os irmãos do Senhor**, que antes não criam nEle, eram agora missionários (cons. Jo. 7:5; Mt. 13:55). A menção da *esposa* de **Cefas** é interessante. Se Pedro foi o primeiro papa (ele *não* foi, está claro), não há dúvidas de que foi um papa casado! (cons. Mt. 8:14). O direito de Paulo incluía o sustento de sua família.

7. O segundo, o princípio do direito comum, foi apresentado através das bem conhecidas ilustrações – o soldado, o agricultor e o pastor.

8-10. O terceiro motivo, o ensino das Escrituras, vai ser introduzido agora (cons. Dt. 25:4). Paulo declara que o V.T. ensina o direito do sustento para aqueles que pregam a **Palavra**. O uso que ele faz das Escrituras aqui tem sido muitas vezes impugnado. Tem-se dito que ele demonstrou desdém pelo sentido literal do V.T. (cons. MNT, pág. 116, 117). Não é verdade. Tudo o que Paulo declara é que a passagem em Deuteronômio tem um significado mais profundo do que o sentido literal. Ambos os sentidos, o literal e o alegórico (ambos são sentidos *espirituais*), encontram-se nesta passagem.

**Acaso é de bois que Deus se preocupa?** O sentido literal da pergunta não deve ser forçado. A construção grega é tal que a resposta "não" é a que se espera. Paulo quer dizer que o cuidado de Deus não se destina primariamente aos animais, mas aos homens. Entretanto, o cuidado divino pelos animais foi afirmado em muitas passagens do V.T. (cons. Sl. 104:14, 21, 27; Mt. 6:26). O argumento de Lutero foi más ousado do que o de Paulo. Ele disse que a passagem de Deuteronômio foi escrita inteiramente para o nosso bem, uma vez que os bois não



sabem ler! O sentido da palavra *certamente* aqui, provavelmente tem o significado de *sem dívida* (ICC, pág. 184).

**11-13.** O direito do santo ministério, o quarto motivo, está exposto aqui e o argumento torna-se mais valioso por causa da preponderância do espiritual sobre o material. *Coisas carnaís* (E.R.C.) são as coisas referentes ao corpo, tendo a palavra carnal aqui um sentido neutro. **Desse direito** é o privilégio do mestre de participar das coisas materiais dos crentes. Ao que parece alguns mestres tinham exercido este direito sobre os coríntios. Mas Paulo triunfantemente se ufana de não ter usado desse poder. Se ele tivesse aceito a ajuda financeira tecla imposto *algum obstáculo ao evangelho de Cristo*, pois haveria aqueles que teriam pensado que ele pregava só por causa disso. **Do próprio templo se alimentam** faz alusão aos direitos dos sacerdotes da antiga aliança (cons. Nm. 18:8-24).

**14.** A ordem do Senhor, o quinto motivo, conclui o argumento sobre o sustento que a igreja deve dar ao obreiro (cons. Mt. 10:10; Lc. 10:7).

**15.** O apóstolo mostra agora como o amor agiu neste caso, ainda que ele tivesse todo o direito de receber sustento dos coríntios. Assina ele contrasta seu sacrifício pessoal com o egoísmo daqueles que estavam usando a sua liberdade, na questão das carnes em detrimento dos outros. **Porém** chama a atenção para o contraste, e a mudança para a primeira pessoa destaca a ilustração pessoal, a ilustração do conhecimento regulado pelo amor.

**16.** Os leitores são conduzidos ao propósito da pregação de Paulo sem pagamento – isto é, ele desejava alcançar uma recompensa. **Pois sobre mim pesa essa obrigação** refere-se à vocação na Estrada de Damasco, uma chamada que ele não podia deixar de atender.

**17. Se o faço de livre vontade** introduz uma suposição que jamais poderia ser verdadeira em se tratando de Paulo. Assim, neste caso não haveria nenhuma recompensa pela pregação, pois ele pregava por necessidade. A pista para o argumento de Paulo se encontra na

expressão, **a responsabilidade de despenseiro que me está confiada** (a do evangelho). **A responsabilidade de despenseiro** (E.R.C., *dispensação*) era um trabalho confiado a alguém que tivesse um dono. O mordomo, portanto, pertencia à classe dos escravos (cons. Lc. 12:42, 43). E um escravo não recebia recompensa; ele tinha de trabalhar (cons. Lc. 17:10). Paulo, portanto, tinha de introduzir a idéia da purgação sem pagamento. Como Moffatt o expõe: "Seu pagamento era fazê-lo sem pagamento" (*op. cit.*, pág. 121). Era assim que o apóstolo ganhava a sua recompensa. Assim, a *luz* é regulada pelo *amor*.

**18. Proponha de graça o evangelho** era o seu alvo e a sua recompensa. Isto, é claro, não é um princípio que deve ser aplicado a todos os pregadores do Evangelho. É a escolha voluntária de alguém que, embora tendo direito ao sustento, sentia-se competido a proclamar a verdade através de uma visão sobrenatural do Salvador ressuscitado.

**19.** Agora Paulo acrescenta outros motivos pelos quais, por amor aos outros, ele recusava exercer seus direitos. **Sendo livre de todos** refere-se a sua falta de dependência dos outros sob todos os aspectos (cons. v. 1).

**20.** O princípio que Paulo esposou foi mobilidade de métodos, não de moral. Depois das palavras **para os que vivem sob o regime da lei**, o texto grego acrescenta, **embora não esteja eu debaixo da lei**, uma declaração notável que enfatiza quão completamente Paulo se desprendera da Lei de Moisés. É difícil encontrar uma declaração mais forte deste fato em qualquer outro lugar de seus escritos.

**21. Aos sem lei**, refere-se aos gentios. **Não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo** foi acrescentado para evitar uma má interpretação. Enquanto Paulo não se encontrava debaixo da lei, ele não se transformara em alguém fora da lei, ou sem lei. A lei do amor a Cristo é a mais forte motivação para a justiça do que o medo dos juízos do Sinai. Aqueles que, embora não estando sob a Lei Mosaica, andam pelo Espírito de Deus com amor ao Senhor Jesus Cristo, cumprirão as justas exigências da Lei (cons. Rm. 8:3; Gl. 5:16-23).

**22. Fracos.** São os super-escrupulosos mencionados em 8:7 e 9-12 Paulo não se afasta muito do assunto geral das carnes sacrificadas aos ídolos. **Fiz-me tudo para com todos** expressa o seu princípio. (O verbo aqui está no tempo perfeito, não no aoristo como no versículo 20, expressando o resultado permanente de sua ação passada). Não é o fim justificando os meios, mas a adaptabilidade por amor dentro da Palavra. **Salvar** é mais forte do que **ganhar** (v. 19). **Com o fim de** (que eu possa) **salvar alguns** não remove a salvação das mãos de Deus; simplesmente enfatiza a cooperação humana do servo de Deus no ministério da verdade.

**23. Por causa do evangelho** não significa para o progresso do Evangelho, mas por causa da sua preciosidade na opinião do apóstolo.

**24.** A decisão de Paulo exigia disciplina pessoal. Quando um homem se recusa a disciplinar-se, exercendo sempre a sua liberdade em detrimento dos fracos, além de injuriar os fracos, também prejudica-se a si mesmo. Essa é a responsabilidade dos versículos restantes (vs. 24-27). Os antecedentes da seção são o grande espetáculo atlético, os Jogos Ístmicos, que se realizavam perto de Corinto cada dois anos. **O prêmio** indica que o apóstolo tinha em mente o serviço e as recompensas, não a salvação e a vida (cons. v. 17, "prêmio"; Fp. 3:11-14).

**25.** Depois da ilustração no versículo 24, segue-se a aplicação, contendo ambas, uma comparação e um contraste. **Em tudo se domina. Pratica o autodomínio** (MNT, pág. 125). O que Paulo quer mostrar é que os atletas que esperam vencer precisam de treino diligente – uma verdade bem ilustrada pela diligência dos atletas modernos, quer nas coradas, no futebol ou qualquer outro esporte. **Uma coroa corruptível** mostra o contraste. Os atletas disciplinam-se para ganhar um prêmio insignificante (nos jogos ístmicos era uma coroa de pinheiro). Quanto mais deveriam fazer os cristãos para alcançarem uma coroa **incorruptível** (cons. II Tm. 4:8; I Pe. 5:4; Ap. 2:10; 3:11).

**26,27.** Segue-se a conclusão de Paulo introduzida por **assim**. Paulo corda, mas não **sem meta**; sabia para onde ia (cons. Fp. 3:14). Ele não

era como o menininho que estava aprendendo a andar de bicicleta e gritou cheio de si para sua irmã: "Estou saindo do lugar. Estou realmente saindo do lugar". A irmã, observando finalmente seu progresso cambaleante replicou: "É, você está saindo do lugar, mas não está indo a lugar nenhum!"

**Como desferindo golpes no ar** é uma metáfora sobre o pugilismo. A declaração não se refere ao treino, um exercício necessário e legítimo para o lutador; refere-se às falhas durante a luta. Paulo era um lutador certo, sempre acertando o alvo.

**Subjugo o meu corpo** (E.R.C.) é a tradução do texto de alguns manuscritos fracos. A tradução mais autêntica seria **esmurro**, ou *espanco*. A idéia, é claro, é o da disciplina pessoal. Andar com Deus exige sacrifício pessoal, sacrifício de coisas não necessariamente más, mas que prejudicam a devoção total da alma a Deus - tais como os prazeres e interesses mundanos. Numa época de luxo, como a presente, as palavras têm verdadeiro significado para o servo de Cristo compenetrado.

**Tendo pregado a outros.** Uma referência ao costume de convocar os competidores à corrida por meio de um arauto (*keryx*, palavra derivada da mesma raiz da palavra *pregar*). Paulo convocara muitos à corrida da vida cristã através da pregação do Evangelho. Ele não queria ficar **desqualificado** depois disso. A palavra não se refere à perda da salvação. Significa literalmente **desqualificado**. Está claro que o apóstolo estava preocupado em não ser rejeitado pelo juiz quando fosse concedido o prêmio. Ele não tinha receio que o arauto barrasse sua participação na corrida. Todos podiam correr, mas nem todos recebiam o prêmio. Paulo queria alcançar o prêmio.

### 3) A Admoestação e a Aplicação feita aos Coríntios. 10:1 - 11:1.

Paulo conclui seu discurso sobre a carne oferecida aos ídolos com uma admoestação (vs. 1-13) e a respectiva aplicação (10:14 - 11:1). Na aplicação ele trata da participação nas festas religiosas pagãs (vs. 14-22)

com o comer da carne vendida nos mercados (vs. 23-26) e com o comer da carne na intimidade de um lar (10:27 – 11:1).

## 1 Coríntios 10

**1. Ora.** O texto grego diz *porque*. O escritor acabou de enfatizar a necessidade da disciplina pessoal e a possibilidade do fracasso no setor das recompensas para os que não se disciplinaram. Para provar a realidade dessa possibilidade, ele usa a nação de Israel como ilustração de fracasso, e com essa ilustração ele admoesta os coríntios a "tomarem cuidado" para também não fracassarem. Israel foi **desqualificado** (9:27).

Mas, antes, Paulo tem de enumerar as vantagens dos judeus. **Todos**, repetido cinco vezes (E.R.C.), enfatiza a universalidade da bênção divina em Israel, e, quando examinada à luz do fato que quase todos (excetuando-se Calebe e Josué) pereceram, esta seção se liga muito intimamente a 9:24. Ali Paulo disse: "Não sabeis vós que os que correm no estádio, *todos*, na verdade, correm, mas *um* só leva o prêmio?" **Estiveram todos sob a nuvem** aponta para uma orientação sobrenatural e prolongada (cons. Êx. 13:21, 22; 14:19; Mt. 28:20). **Passaram pelo mar** aponta para um livramento sobrenatural, o segundo privilégio (cons. Êx. 14:15-22; I Pe. 1:18-20).

**2. Tendo sido todos balizados ... com respeito a Moisés**, o terceiro privilégio, refere-se à sua união com o seu líder, que abaixo de Deus fornecia-lhes a liderança sobrenatural (cons. Êx. 14:31; Rm. 6:1-10).

**3. Comeram de um só manjar espiritual.** O comer do maná, "alimento de anjos" (Sl. 78:25), foi o quarto privilégio da nação. O povo participou de alimento sobrenatural (cons. Êx. 16:1-36; I Pe. 2:1-3). **Espiritual** provavelmente tem o sentido de *sobrenatural* (cons. ICC, pág. 200).

**4. Beberam da mesma fonte espiritual**, um quinto privilégio, Refere-se aos acontecimentos mencionados em Êx. 17:1-9 e Nm. 20: 1-13 (cons. Nm. 21:16). As palavras **de uma pedra espiritual que os seguia** não significa que Paulo cresse na lenda rabínica de que uma

rocha material seguiu os israelitas através de sua viagem e que Miriã, acima de todos os outros, possuía o segredo de obter água (cons. Godet, *op. cit.*, II, 56). Na verdade, o apóstolo diz, e a pedra era Cristo, isto é, era o meio visível de fornecer água, a qual em última análise vinha de Cristo. Uma vez que o povo de Israel obteve água nos primeiros anos de sua peregrinação no deserto (Êx. 17:1-9) e nos últimos (Nm. 20:1-13), torna-se natural subentender que Ele, Cristo, o Supridor da água, esteve com eles durante todo o caminho. O sentido literal de **e a pedra era Cristo** não precisa ser mais forçado do que o sentido literal de "Eu sou a videira verdadeira" (Jo. 15:1). O era em lugar de é, pode, todavia, apontar para a preexistência de Cristo (cons. II Co. 8:9; Gl. 4:4). Sustento sobrenatural foi o quinto privilégio de Israel. O paralelo com as duas ordenanças da Igreja pode ser a intenção do escritor.

**5.** Pode-se pensar que tais privilégios significam sucesso. **Entretanto**, é a palavra que introduz o triste contraste. Pessoas privilegiadas podem experimentar o desagrado divino. **Da maioria deles** é uma atenuante da verdade; só Calebe e Josué sobreviveram ao desagrado. **Prostrados** poderia ser traduzido para *espalhados*, um quadro vivo de um deserto coberto de corpos saciados com alimento e bebida de anjos (cons. Nm. 14:29).

**6. Em figura** (E.R.C.). Provavelmente a tradução mais correta da palavra grega *typoi* fosse como exemplo; não como tipos no sentido técnico (MNT, pág. 131). A primeira razão do fracasso de Israel foi porque eles **cobiçaram** (cons. Nm. 11:4), preferindo o alimento do mundo, o Egito, em lugar do Senhor, o maná.

**7.** Eles também se tornaram **idólatras**, a segunda razão do fracasso (cons. Êx. 32:1-14, 30:35; I Jo. 5:21).

**8.** A terceira razão, **imoralidade**, é uma referência ao incidente envolvendo Israel e as mulheres moabitas (cons. Nm. 25:1-9). A imoralidade é sempre a consequência natural da idolatria (cons. Sl. 115:8). **Vinte e três mil** não é um engano, embora Moisés escrevesse o número 24.000. Deve-se notar o **num só dia** de Paulo. Ele se refere

àqueles que foram mortos pela praga em um só dia, enquanto Moisés dá o número daqueles que morreram mais tarde devido os efeitos.

**9.** Presunção, a quarta razão, foi mencionada com as palavras **não ponhamos o Senhor à prova** (cons. Nm. 11:4-9; Sl. 78:19); eles se atreveram a duvidar que Deus cumprisse a Sua promessa de discipliná-los se duvidassem da Sua Palavra. Foi o pecado da "suspeita ingrata" (MNT, pág. 132).

**10. Murmureis** apresenta a quinta razão (cons. Nm. 16:41-50), e esta pode ser uma gentil alusão paulina à atitude dos coríntios para com os seus próprios líderes espirituais na questão da carne sacrificada aos ídolos (os outros quatro motivos podem ser ligados a este problema).

**11.** Enquanto os acontecimentos foram **como exemplos**, as narrativas dos acontecimentos. foram escritas **para advertência nossa. Os fins dos séculos** (lit.) refere-se ao término das dispensações antes da presente. Os crentes desta dispensação devem colher os benefícios das precedentes (cons. ICC, pág. 207).

**12,13.** Duas palavras finais concluem a seção admonitória, uma para os seguros de si, os fortes que não pensam na consciência dos fracos (v. 12), e outra para os desanimados, que sentem que a vida cristã é difícil demais para que tentem sobreviver às suas provações (v. 13).

**Pensa estar em pé.** Escrito para o homem forte que usa a sua liberdade às expensas do fraco (8:9-13). **Caia.** Não se refere à salvação, mas à disciplina de Deus, ficando assim reprovado (9:27). **Humana** é aquela a que o homem está sujeito (*humana*, também na Vulgata). Deus não trata os crentes como anjos, ou como demônios, mas como homens (vs. 1-11). **Mas.** Melhor seria *e*; o encorajamento continua. **Além das nossas forças.** Não acima do que você pensa poder! **O livramento.** Literalmente a saída, adequada e necessária. Isto não é escape da tentação, nem simplesmente uma esperança de força para vencer no futuro, mas um poder anual para suportar a tentação (cons. Hb. 2:18), uma gloriosa promessa para os que estão sendo duramente provados.

**14. Portanto.** *Dioper*, uma conjunção forte, usada no N.T. apenas aqui e em 8:13. Ela introduz a aplicação aos leitores. Festas religiosas pagas foram examinadas em primeiro lugar (10:14-22). **Fugi da idolatria.** Este mandamento deve surpreender aqueles que se orgulham de sua liberdade, mas Paulo ordena que usem imediatamente da fuga.

**16.** Participar de uma mesa religiosa, quer cristã (vs. 16,17), judia (v. 18) ou pagã (vs. 19-21), envolve a comunhão com o ser ao qual a adoração está sendo dirigida. Portanto, um cristão não deve participar da carne oferecida aos ídolos em uma festa pagã; aí não se trata de liberdade. **A comunhão** (lit. *comunhão*, sem o artigo no texto grego). Participar é tomar parte, de acordo com Paulo.

**17.** O apóstolo explica por que (**Porque... porque**) o participar significa ter uma parte, ou união com a divindade.

**18.** O exemplo de Israel confirma a comunhão dos adoradores com a divindade.

**19-21.** O exemplo dos festivais gentios se seguem. **Sacrificam a demônios** não significa que afinal de contas o ídolo é uma divindade. Antes, o escritor quis dizer que, enquanto os ídolos e as coisas que lhes são sacrificadas nada são, são contudo usadas por poderes demoníacos para afastarem os homens do verdadeiro Deus (cons. Dt. 32:17, 21).

**22.** Pretendiam os coríntios *provocar zelos no Senhor* (Cristo aqui, Jeová em Deuteronômio), desafiando o seu ciúme como fizeram os pais? Podem eles despertar a Sua ira impunemente? (MNT, pág. 136, 137).

**23.** Agora ele passa a examinar a questão da carne vendida nos açougues. Paulo repete o princípio geral da liberdade (cons. 6:12), sujeitando-a ao princípio do benefício (conveniência) e edificação.

**24.** Este é o esforço que edifica.

**25,26.** Dá-se aqui permissão de comer qualquer carne vendida no mercado (*açougue*). Não se deve perturbar a consciência perguntando a respeito da carne.



**27.** Finalmente, o apóstolo considera o caso de jantares particulares em casa de amigos incrédulos. Os crentes podem *comer de tudo, sem nada perguntar, por motivo de consciência.*

**28. Porém** se algum "convidado puritano" (MNT, pág. 144) cutucar o crente com o cotovelo dizendo: **Isto é coisa sacrificada a ídolo**, então o crente não deve comer, **por causa daquele que vos advertiu.** Em outras palavras, o crente deve voluntariamente respeitar a consciência mais fraca. A citação do Sl. 24:1 não se encontra nos melhores manuscritos.

**29,30. Por que.** Paulo explica a atitude. Que bem resultaria em se comer se a liberdade do indivíduo for acusada? Como se poderia dar graças por aquilo que ofende a um irmão?

**31. Portanto** introduz o princípio que resume todo o discurso. **A glória de Deus** é o alvo principal.

**32.** O bem dos outros vem a seguir, quer sejam judeus, gentios ou a igreja de Deus (cons. Rm. 14:21). Três grupos separados foram considerados.

**33. Agradável** não significa bajular, mas fazer aquilo que é para o **interesse** dos homens (mesmo radical de **convêm**, v. 23). Nosso Senhor também "não agradou a si mesmo" (Rm. 15:3). Com isto ele climaticamente conclui a discussão. A atitude correta na questão, então, é a liberdade, a liberdade do amor ao Senhor, à verdade e ao irmão. Nem a legalidade, nem a permissividade servem; liberdade condicionada é o princípio que se deve seguir.

## 1 Coríntios 11

**11:1.** Paulo conclui com o seu próprio exemplo e do Senhor.

### C. O Conselho Referente ao Uso do Véu pelas Mulheres nos Cultos Públicos. 11:2-16.

Nos capítulos 11 a 14 Paulo volta-se para discutir assuntos que se relacionam especialmente com o culto público da igreja. A parte dos

dons espirituais (12:1 - 14:40) foi escrita em resposta a uma pergunta da igreja (com s.12:1, *peri de*). O capítulo que dá início ao assunto é o resultado de um relatório pessoal (11:18). A primeira questão a ser discutida é o véu, ou cobertura, da cabeça das mulheres, e Paulo orienta que cubram as cabeças durante a reunião. Ele considerava a inovação dos coríntios (ao que parece algumas estavam presentes às reuniões com as cabeças descobertas) como "irreligiosa mais do que indecorosa" (MNT, pág. 150), mostrando assim que suas objeções nada tinham a ver com os costumes sociais. (Alguns comentadores apelaram para o costume social a fim de se livrarem da decisão de Paulo.) Aqui só está em exame o culto. O apóstolo apresenta diversos motivos para defesa do seu ponto de vista.

### 1) O Motivo Teológico. 11:2-6.

Em primeiro lugar Paulo faz ver que, na ordem divina, a mulher está sob o homem. Isto, naturalmente, não implica em desigualdade de sexos (cons. Gl. 3:28; Ef. 1:3). Subordinação nem sempre envolve desigualdade. A posição de cabeça não é o mesmo que a posição de Senhor. A pista para a posição dos sexos se encontra nas últimas palavras de I Co. 11:3. O homem é a cabeça da mulher como o Pai é a cabeça do Filho. Há quatro ordens na Palavra – pessoal, familiar, eclesiástica e governamental. É preciso distinguir cuidadosamente a verdade relacionada com cada uma delas.

**2. Eu vos louvo.** Uma palavra generalizada de louvor, que prepara o caminho para a consideração dos fracassos particulares. **Tradições** (E.R.C., preceitos). Ensinamentos orais.

**3. O homem (é) o cabeça da mulher.** A base teológica para o uso de uma cobertura. A supremacia do homem remonta a Gn. 3:16.

**4. O homem, também, tem uma ordem a seguir; sua própria cabeça** não deve ser **coberta**. Os homens não devem pingar com seu chapéu na cabeça!

**5. Ora ou profetiza** não significa que Paulo aprovasse essas atividades exercidas pelas mulheres no culto público. Antes, ele estava simplesmente se referindo ao que acontecia em Corinto desautorizadamente (cons. 14:34, 35). Sua própria cabeça. A cabeça física da mulher, não o seu marido.

**6. Rape o cabelo.** Uma desgraça para uma mulher. Uma ironia de Paulo para os rebeldes. Ele diz: "Torne a desonra completa, então".

## **2) Razões Bíblicas. 11:7-12.**

Os fatos da criação (vs. 7-9, 12, 13) e a presença de anjos no culto (v. 10) são trazidos à baila.

**7. Ele (é)** (provavelmente, *representa*, como no v. 25) **imagem e glória de Deus.** Isto remonta a Gn. 1:26, 27. O macho revela a autoridade de Deus sobre a terra (cons. MNT, pág. 151).

**8,9.** As duas preposições *da e por* revelam o lugar da mulher. Ela tem sua origem e propósito de vida no homem (cons. Gn. 2:21-25). Toda mulher que, na cerimônia do casamento, aceita um novo nome, está tacitamente afirmando o ensinamento paulino.

**10. Autoridade,** ou poderio, significa, por uma metonímia fora do comum, sinal de autoridade. O véu é o sinal da autoridade do homem. A palavra anjos na expressão **por causa dos anjos** não se refere aos anciãos (cons. Ap. 2:1. A mesma palavra refere-se a anjos em I Co. 4:9). Também não se refere aos anjos do mal (cons. Gn. 6:1-4). Refere-se aos anjos bons que estão presentes nos cultos de adoração, uma vez que vivem na presença de Deus (cons. I Co. 4:9; Lc. 15:7, 10; Ef. 3:10; I Tm. 5:21; Sl. 138:1). A insubordinação das mulheres na recusa de reconhecerem a autoridade dos seus maridos ofenderia os anjos que, sob a orientação de Deus, guardam o universo criado (cons. Cl. 1:16; Ef. 1:21), e não conhecem a insubordinação.

**11,12.** Aqui Paulo apresenta o outro lado da verdade. O homem e a mulher são necessários, um para o outro, **no Senhor**; na verdade, o

homem deve sempre se lembrar que ele existe porque **provém da mulher**. E ambos de **Deus**.

### 3) A Razão Física. 11:13-16.

A impropriedade, baseada na própria natureza, é o argumento em prol da cobertura. A palavra *decente* (E.R.C.) refere-se a uma necessidade baseada na propriedade íntima das coisas (cons. Hb. 2:10; Mt. 3:15). Seria melhor traduzida para **próprio**.

**14,15.** O cabelo curto para os homens e o cabelo longo para as mulheres é uma sugestão divina dentro da **natureza** que o homem e a mulher devem obedecer na sua maneira de vestir dentro da assembléia. As palavras **o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha** não significa que o cabelo da mulher é o seu véu e que ela não precisa de outro, um ponto de vista forçado e vicioso de 11:2-14. A expressão, **em lugar de** deveria ser traduzido para *correspondendo ao* (cons. Ellicott, *op. cit.*, pág. 208).

**16. Não temos tal costume**, isto é, o costume das mulheres adorarem sem o véu. Alguns dizem que o costume era peculiar a Corinto, mas as palavras de Paulo, **nem as igrejas de Deus**, argumentam contra esse ponto de vista. Há ainda aqueles que insistem que o costume não deve ser aplicado hoje em dia (cons. Morris, *op. cit.*, pág. 156; Barclay, *op. cit.*, pág. 110).

Deve-se notar, entretanto, que cada uma das razões apresentadas para o uso do véu foram extraídas de fatos permanentes, que devem durar durante toda a presente economia terrena (cons. Gode, *op. cit.*, II, 133). Paulo impôs seu ponto de vista, pois a história da igreja primitiva comprova que em Roma, Antioquia e África, esse costume tomou-se a norma. Palavra final: Na análise final, o chapéu, ou o véu, não é a coisa importante, mas a subordinação que eles representam. A presença de ambos seria o ideal.

**D. Conselho Referente à Ceia do Senhor. 11:17-34.**

A Ceia do Senhor, o único ato de adoração para o qual Cristo deu orientação especial, recebe agora a atenção de Paulo. Está relacionado com a seção anterior pelo fato de que ambos os assuntos se referem ao culto público. Ajudará reconstruir a situação se soubermos que na igreja primitiva a Ceia era geralmente precedida por uma refeição fraternal chamada *Ágape*, ou Festa do Amor (cons. Judas 12). Desordens ocorridas no *Ágape* despertaram a indignação do apóstolo (vs. 17-22), uma revisão de ensinamentos anteriores (vs. 23-26), e uma severa aplicação da verdade à assembléia coríntia (vs. 27-34).

**1) A Indignação de Paulo. 11:17-22.**

A refeição fraternal era primariamente religiosa, não social, mas abusos a transformaram em uma farsa infeliz.

**17. Nisto**, refere-se às instruções que se seguem. Suas reuniões eram para pior, porque estavam incorrendo a julgamento como resultado das desordens (cons, v. 29).

**18. Divisões.** Antes, *partidos*. Existiam ao que parece por causa dos ricos que, contrariando o costume, consumiam egoisticamente suas provisões mais fartas, antes que chegassem todos os pobres, para que não precisassem partilhar seu alimento, em visível representação da unidade do corpo.

**19. Heresias** (E.R.C.). Partidos, grupos com opiniões próprias, é a ênfase e o significado da palavra. Eles existiam, Paulo observa um tanto resignadamente, para que os aprovados (cf. 9:27; 11:28) pudessem ser reconhecidos.

**20.** Era uma ceia, mas não **a ceia do Senhor** (o adjetivo é enfático); isto é, não era verdadeiramente uma imitação da última Ceia.

**21,22.** A indignante pergunta, **Não tendes, porventura, casas onde comer e beber?** foi dirigida àqueles que consideravam os ajuntamentos como simples banquetes sociais e não como refeições de comunhão espiritual.

**2) Revisão de Instruções Anteriores. 11: 23-26.**

O apóstolo justifica sua reprimenda recapitulando o significado real e verdadeiro da ordenança, remontando ao ensinamento do próprio Senhor.

**23.** Paulo não podia elogiá-los **porque** a conduta deles discordava daquela recebida **do Senhor**. Ele não esclarece se recebeu suas instruções diretamente do Senhor ou através de outra fonte. A última eventualidade é mais provável.

**24.** As palavras *tomai, comei* (E.R.C.) e a palavra *partido* (E.R.C.), não aparecem nos melhores manuscritos. O pão é distribuído primeiro, uma vez que representa a encarnação. Depois segue-se o vinho, representando a morte e o final da velha aliança e o estabelecimento da nova. Uma coisa é certa: nas palavras, **isto é o meu corpo**, Paulo não está ensinando a transubstanciação. O pão certamente não era o corpo do Senhor no momento em que ele o disse, nem o cálice é o novo testamento literalmente (v. 25). A palavra **é** tem o sentido comum de "representa" (cons. v. 7; Jo. 8:12; 10:9; I Co. 10:4), como no alemão, não "*das ist*", mas "*das heiszt*" (MNT, pág. 168). **Por vós** enfatiza o aspecto sacrificial.

**Em memória** envolve mais do que simples lembrança; a palavra sugere uma convocação ativa da mente. E a frase **de mim** é mais ampla do que *da minha morte*. A pessoa que efetuou a obra é o objeto da lembrança. O imperativo presente sugere que a constante freqüência da Ceia do Senhor é uma ordem divina (cons. Atos 20:7).

**25.** O Novo Testamento faz o ouvinte lembrar do velho testamento mosaico, que só podia condenar. O grego *diatheke* em contraste com o *syntheke*, a costumeira palavra do V.T. para "aliança", enfatiza a iniciativa de Deus nela. A nova aliança forneceu uma eficiente remissão de pecados. No meu sangue aponta para a esfera e base das bênçãos da aliança. A tradução sugestiva de Barclay é: "Este cálice é a nova aliança e ela custou o meu sangue" (*op. cit.*, pág. 114). A repetição do **em memória de mim** destina-se aos coríntios desordeiros; eles deviam

aprender que *comunhão* com Cristo, não *alimento*, era a coisa importante na Ceia.

**26. Porque** introduz o motivo da Ceia precisar ser continuamente repetida. Ela é um sermão objetivo, pois por meio dela **anunciais a morte do Senhor** (*mostrais*). A Ceia descortina dois quadros, passado e futuro, uma vez que deve ser realizada **até que ele venha** (cons. Mt. 26:29).

### 3) A Aplicação aos Coríntios. 11:27-34.

Agora Paulo aplica o ensinamento aos crentes desordeiros.

**27. Por isso** introduz a aplicação, conseqüência da instrução. **Indignamente** não se refere à pessoa daquele que participa, mas à maneira pela qual participa. Todos são indignos sempre. **Réu do corpo e do sangue do Senhor.** *Culpado de pecado contra o corpo e o sangue.*

**28. Pois** introduz a alternativa certa, o auto-exame. É preciso que haja preparação antes da participação.

**29. Pois.** O motivo porque o auto-exame, ou a confissão de pecado, deve preceder à participação, é que, caso contrário, o crente torna-se sujeito ao **juízo** (o significado de *krima*). **Sem discernir o corpo** significa "não avaliando devidamente" (ICC, pág. 252; o verbo se encontra duas vezes no v. 31). Isto é, o crente não reconhece a unidade do corpo, a Igreja (cons. 10:16, 17; 11:20, 21).

**30.** A condenação já dera sobre alguns **eis a razão** – abuso da Mesa do Senhor. Alguns já tinham cometido pecado para morte e já dormiam (o verbo *koimao*, *dormir*, quando se refere à morte, refere-se sempre à morte de crentes; cons. Jo. 11:11, 12; Atos 7:60; I Co. 15:6, 18, 20, 51; I Ts. 4:13, 14, 15; II Pe. 3:4). Esses crentes não perderam sua salvação, mas perderam o privilégio de servir sobre a terra.

**31.** O preventivo é **se nos julgássemos a nós mesmos** devidamente.

**32.** Mesmo o juízo de Deus não é eterno; tem a intenção da disciplina familiar, **disciplinados pelo Senhor**, para evitar a condenação

com o mundo. Aqui Paulo usa a forte palavra *katakrino*, que significa *condenação eterna*.

**33. Assim, pois.** Segue-se uma palavra de conclusão, um apelo prático aos coríntios para que se lembrem da unidade do corpo em sua observância da festa.

**34. Condenação** (E.R.C.) não está certo. Leia-se, antes, **juízo** (a palavra é *krima* novamente, como no v. 29). **Quanto às demais coisas** relacionadas com a Ceia do Senhor, diz Paulo, ele as resolveria quando de sua visita.

### **E. Conselho Referente aos Dons Espirituais. 12:1 – 14:40.**

Com o familiar *peri de*, Paulo menciona outra pergunta feita pelos coríntios. O novo assunto, dons espirituais, liga-se entretanto, com a seção precedente por se tratar do culto público. É importante distinguir dons espirituais de graças espirituais ou ofícios espirituais. Graças espirituais são qualidades do caráter espiritual. Cada crente é responsável pelo desenvolvimento de todas elas (cons. Gl. 5:22, 23). Ofícios espirituais são posições dentro da igreja para a administração dos seus negócios, quer seja uma administração espiritual do rebanho (anciãos), quer seja uma administração espiritual das coisas temporárias (diáconos; cons. I Tm. 3:1-13). Só alguns crentes têm ofícios espirituais. Os dons espirituais são capacitações divinas relacionadas com o culto na igreja local, oficial e extra-oficial. Cada crente possui um dom espiritual, mas nem todos os crentes possuem o mesmo dom (cons. I Co. 12:4-11). A igreja em Corinto, certamente não era uma igreja mona, estava em perigo de abusar dos seus privilégios com uma super ênfase sobre alguns desses dons espetaculares. O apóstolo apresenta primeiro a unidade e a diversidade dos dons (12:1-31a), depois a primazia do amor na procura dos dons (12:31b - 13:13), e finalmente a avaliação e regulamentação no exercício dos dons de profecia e línguas (14:1-40).



## 1 Coríntios 12

### 1) A Validade do Pronunciamento. 12:1-3.

Paulo dá à igreja uma palavra de admoestação, em primeiro lugar, para ajudá-la a determinar os pronunciamentos genuinamente espirituais. Os antecedentes pagãos dos coríntios não lhes adiantariam nada nesse assunto.

**1. Dons espirituais** (lit. *coisas espirituais*) não se refere aos homens espirituais (cons. F.W. Grosheide, *Commentary on the First Epistle to the Corinthians*, pág. 278, embora o próprio Grosheide não adotasse este ponto de vista); nem também simplesmente a **espirituais** (G. Campbell Morgan, *The Corinthian Letters of Paul*, pág. 145, 146). A palavra **dons** no versículo 4, como também as palavras de Paulo em 14:1 (note-se o gênero neutro), fornecem o complemento da palavra **dons**.

**2,3. Por isso**, por causa de sua necessidade de instrução, eles deviam **compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema Jesus!** (o critério negativo), por outro lado, **ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo** (o critério positivo). O apóstolo, é claro, refere-se à pronunciamentos que vêm do coração (cons. Mt. 26:22,25).

### 2) A Unidade dos Dons. 12:4-11.

Depois de pequeno comentário, Paulo examina primeiro a unidade dos dons, uma unidade de fonte e propósito.

**4-6. Dons.** O grego *karismaton* com a palavra *karis*, "graça", tem sido traduzido para *dons da graça* com bastante propriedade. A palavra foi usada aqui no sentido técnico dos dons espirituais. Do ponto de vista 1) do Espírito, são **dons**; 2) do Senhor, serviços ou ministérios prestados à assembléia; 3) do Pai, **realizações**, ou obras sobrenaturais.

**7. Concedida a cada um** distingue o dom do ofício (cons. I Pe. 4:10).

**8-10.** Alguns dos dons estão relacionados logo a seguir.

**8. A palavra de sabedoria**, provavelmente um dom temporário como o apostolado, estava relacionado com a comunicação da sabedoria espiritual, tal como contida nas Epístolas. Foi necessária antigamente quando a igreja não possuía o N.T. **A palavra do conhecimento** relacionava-se com a verdade de caráter mais prático as partes práticas das Epístolas); também foi um dom temporário. A Palavra de Deus agora é suficiente.

**9. A fé.** Não deve ser confundida com a fé salvadora, que todo crente possui. Esta é a fé que se manifesta em situações especiais, onde a fé toma-se necessária para a realização de alguma coisa (cons. 13:2). A fé de George Müller, ou a de Hudson Taylor, serviriam de exemplos. **Dons de curar.** Não deve ser confundido com a abra dos que hoje proclamam curar. O dom de curar fornecia restauração de vida, que está além do poder dos "curandeiros divinos" (cons. Atos 9:40; 20:9). A Palavra ensina *cura divina* de acordo com um padrão (cons. Tg. 5:14, 15); ela não apresenta "curandeiros divinos".

**10. A profecia.** O dom de *predizer e proclamar* uma nova relação de Deus também foi temporário, necessário enquanto o cânon não estava completo. Agora não há mais necessidade de nenhum acréscimo; a proclamação e o entendimento da revelação completa é tarefa da igreja hoje em dia. **Discernimento de espíritos** hoje é feito pelo Espírito através da Palavra. **Línguas e capacidade para interpretá-las** foram temporários (veja comentário abaixo), relacionando-se com línguas conhecidas e não pronunciamentos estáticos, embora a questão do falar em línguas seja discutível.

**11. Como lhe apraz.** O Espírito é o despenseiro soberano dos dons. As palavras são uma chave para a seção seguinte, mostrando que aqueles que aparentemente são mais favorecidos com os dons não têm nenhum mérito próprio neles, e os que são menos favorecidos não são menos importantes (cons. Godet, op. cit., II, 206).

### 3) A Diversidade dos Dons. 12:12-31a.

Usando a ilustração do corpo humano, Paulo descreve o relacionamento entre os crentes que possuem dons, entre si e com Cristo na Igreja, o Seu corpo.

**12. Porque** introduz a explicação da unidade na diversidade e da diversidade na unidade dos crentes no corpo. Que Cristo dá o seu nome ao corpo vê-se nas palavras **assim também com respeito a Cristo** (lit. *o Cristo*).

**13. Pois** dá a razão da união, o batismo do Espírito *formando um corpo*. **Em um só Espírito** (lit.; cons. Mt. 3:11; Lc. 3:16; Atos 1:5) expressa a esfera da união efetuada pelo batismo. **Um corpo** é o fim para o qual o ato foi dirigido (cons. ICC, pág. 272). O tempo aoristo em **batizados** claramente indica que a ação é um ato passado, verdadeiro para com **todos** os crentes (até mesmo os carnis coríntios; cons. I Co. 3:1-3), que jamais deverá ser repetido. Na verdade, o batismo que unte a Cristo não deve ser buscado; já foi realizado de uma vez por todas. Como consequência dessa união com Cristo, os crentes **todos beberam de um só Espírito**. União com ele envolve necessariamente a habitação do Espírito.

**14-20.** A ilustração do corpo está desenvolvida nestes versículos, com ênfase sobre a diversidade dos membros, por causa dos aparentemente inferiores, que achavam que seus dons não erva importantes. O pensamento chave é: **O corpo não é um só membro, mas muitos** (v. 14), e os membros foram colocados **no corpo, cada um deles como lhe aprouve** (v. 18). Assim, os aparentemente inferiores não deviam invejar os aparentemente superiores.

**21-24.** O relacionamento de dependência dos membros é conspícuo. Membros aparentemente superiores (tendo os dons mais espetaculares) não deviam desdenhar os aparentemente inferiores. Na verdade, Paulo diz, **os membros do corpo que parecem ser os mais fracos** merecem mais atenção (pelo uso da roupa), e de acordo com esta analogia, os aparentemente inferiores podem esperar de Deus essa mesma igualação

de dignidade dentro do corpo, a Igreja. Na verdade, é justamente o que Deus tem feito, pois **Ele coordenou o corpo**. **Coordenou** refere-se à mistura de dois elementos para transformá-los em um só composto, tal como o vinho e a água (A-S, pág. 245). O corpo é uma unidade.

**25. Para que.** O propósito da unidade é (negativamente) para que não haja **divisão** (cons. 1:10; 11:18), **no corpo**; e (positivamente) para que **cooperem os membros com igual cuidado, em favor uns dos outros**.

**26.** Os resultados naturais da união perfeita dos membros são sofrimento e o regozijo mútuo.

**27. O corpo de Cristo** (lit. *corpo de Cristo*, sem artigo definido) não se refere à igreja local de Corinto, pois não existem muitos corpos, um pensamento contrário ao contexto. Antes, ele aponta para a qualidade do todo, o qual cada um deles individualmente ajuda a constituir (ICC, pág. 277).

**28.** Uma lista mais completa dos dons, influenciando alguns que não se encontram nos versículos 4-11. **Primeiramente, em segundo lugar, e em terceiro** refere-se à hierarquia, mas **depois e depois** provavelmente não.

**29,30.** As perguntas fazem o leitor voltar a 12:14, 27. E nesses versículos Paulo dá um golpe mortal na teoria de que falar em línguas seja um sinal de posse do Espírito, pois a resposta "não" é a que se espera de cada pergunta (cons. grego).

**31. Os melhores dons** (lit., *os maiores dons*) referem-se ao ensino, socorros, etc. Línguas foram significativamente colocadas no final da lista. Este significado inferior das línguas Paulo vai examinar no capítulo 14. Enquanto isso, ele diz que vai descrever uma busca que é muito mais importante do que a busca de qualquer dom espiritual.

#### **4) A Primazia do Amor sobre os Dons. 12:31b – 13:13.**

A última cláusula do capítulo 12 tem sido mal interpretada. Muitos acham que Paulo aqui está mostrando *como* os dons são ministrados, isto é, em amor. Entretanto, o uso da palavra **caminho** (*hodos*) no sentido de "uma estrada" em lugar de caminho (*tropos*) no sentido de "maneira", e a

declaração de 14:1, indicam que Paulo está, antes, apontando para um tipo de vida superior à vida gasta na procura e exibição dos dons espirituais. Num certo sentido, então, há um parêntese no argumento, mas intimamente relacionado com ele. O pensamento é este: Quando vocês exercitarem os dons, tenham a certeza de compreender o seu devido lugar no esquema geral das coisas. O amor é a coisa mais importante (12:31b - 13:3), contendo nobres propriedades (vs. 4-7), e ele permanece para sempre (vs. 8-13). Ele fornece a resposta para a velha pergunta: O que é o *summum bonum*?

## 1 Coríntios 13

**1. As línguas dos homens e dos anjos.** Provavelmente o dom de línguas. *Caridade* (E.R.C.). Antes, **amor**, mas é um amor que inclui caridade! **Bronze que soa** (MNT, *um gongo barulhento*). O que Paulo quer dizer é que o poder da expressão não fica determinado pela dicção, fraseologia e estilo; ele fica determinado pela profundidade do coração.

**2.** O apóstolo sobe das línguas para a *profecia*, **ciência e fé** (cons. 12:8-10). **O amor** é maior do que a **fé**, porque o fim é maior do que os meios (cons. Lc. 9:54). **Nada**. "Não *oudeys*, ninguém, mas um zero absoluto" (A.T. Robertson, *op. cit.*, IV, 177).

**3.** O pensamento vai dos dons para os atos que parecem ser a expressão do amor, um grande ato de filantropia e um ato de martírio. Em lugar de **ser queimado**, muitos dos melhores manuscritos dizem, *para poder me gloriar*. Mas no todo parece que a nossa versão tem a tradução genuína. Talvez seja uma alusão ao indiano, Zarmano-chegas, que se queimou publicamente sobre uma pira funerária e tinha esta inscrição no seu monumento em Atenas, "Zarmano-chegas, um indiano de Bargosa, que de acordo com os costumes tradicionais da Índia, tornou-se imortal e jaz aqui" (Barclay, *op. cit.*, pág. 132). Tal exibicionismo não passa de egoísmo. O espírito do ego pode ser introduzido nos maiores atos humanos. **Nada disso me aproveitará.**

**4-7.** Uma descrição da natureza do amor, com suas nobres propriedades, é o que se segue. Pode-se quase dizer que aqui o amor foi personificado, uma vez que a descrição é praticamente uma descrição da vida e caráter de Jesus Cristo. Entretanto, o quadro está diretamente relacionado com os coríntios. A observância das verdades deste capítulo, conforme será notado nos comentários seguintes, resolveria seus problemas.

**O amor é paciente, é benigno** pode ser uma declaração que resume toda a seção, com as oito qualidades seguintes relacionadas com a paciência e as quatro seguintes com a benignidade.

**Não arde em ciúmes** (MNT, *não conhece o ciúme*) relaciona-se com a atitude dos irmãos que achavam que seus dons eram inferiores (12:14-17). O amor resolveria este problema. **Não se ufana.** Literalmente, *não é gabola*. Isto se relaciona com 12:21-26. **Não se ensoberbece** aponta claramente para a introdução deste livro (1:10 - 4:21).

**5.** As palavras **não se conduz inconvenientemente** claramente se relaciona com diversas partes do livro (cons. 7:36; 11:2-16, 17-34). **Não procura os seus interesses** seria a resposta ao problema das carnes sacrificadas aos ídolos (cons. 8:1 - 11:11). **Não se exaspera.** Esta qualidade do amor resolveria o problema dos processos legais (cons. 6:1-11). **Não se ressentido do mal.** Ou, *não conspira o mal*.

**6. Não se alegra com a injustiça** sugere o problema da imoralidade e falta de disciplina em 5:1-13.

**7. Tudo crê** não inclui credulidade. Quer dizer, antes, que o crente não deve ser desconfiado. Se, contudo, o pecado está evidente, o crente deve julgá-lo e discipliná-lo. Desta descrição do amor, está evidente que Moffatt tinha razão ao dizer: "O poema lírico, assim, transformou-se em um bisturi". Paulo estava penetrando na ferida aberta do pecado da igreja de Corinto com esta linda descrição da única coisa, o amor, que poderia resolver todos os problemas dos crentes.

**8-13.** Nos versículos restantes explica-se a permanência do amor. O amor, diferindo dos dons de profecia, línguas e ciência, nunca falha, nem cessa sua atividade. O ponto principal do versículo 8 é que virá um tempo quando os dons mencionados deixarão de existir.

**9. Porque** introduz a explicação do por que os dons desaparecerão. Virá um tempo de ciência e profecia perfeitas.

**10. O que é perfeito** não pode ser uma referência à conclusão do cânon das Escrituras; nesse caso, nós hoje em dia, vivendo na dispensação do cânon completo, entenderíamos com mais clareza do que Paulo (v. 9). Até mesmo o mais convencido e dogmático dos teólogos dificilmente admitiria tal coisa. A vinda daquilo que é perfeito só pode ser uma referência à segunda vinda do Senhor. Esse acontecimento marcará o fim do exercício da profecia, das línguas e da ciência. Como se pode então, falar desses dons como sendo temporários? O versículo seguinte responderá a pergunta.

**11.** É extremamente importante para se compreender o pensamento de Paulo que se observa na forma da ilustração que ele introduz nesta altura. A ilustração tem a intenção de mostrar o caráter do período entre as duas vindas de Cristo. Com referência a esses dons em particular, ela pode ser comparada ao crescimento de uma pessoa, da infância à idade adulta. Os dons especiais e espetaculares eram necessários nos primórdios do crescimento da verdadeira igreja (cons. Ef. 4:7-16), com propósitos de autenticação (cons. Hb. 2:3, 4) e edificação (I Co. 14:3), quando não havia N.T. para dar luz. Eles eram o "balbuciar" da igreja. Conforme a história tem comprovado com abundância, com a vinda da Palavra e o amadurecimento da igreja, deixou de haver necessidade desses dons. É duvidoso que hoje em dia haja, em algum lugar, o exercício bíblico desses três dons mencionados por Paulo nesta passagem. (Eu) **falava** (lit. *costumava falar*) possivelmente se refere às línguas especificamente, **sentia** à profecia, e **pensava** à ciência. Entretanto, ninguém pode ser dogmático quanto a isso. **Desisti das coisas próprias de menino** (lit, *eu já acabei*, o tempo perfeito

ênfatizando os resultados da ação) depende em última análise da vinda daquele **que é o perfeito** (v. 10).

**12. Porque.** Paulo explica que o tempo presente é o estágio infantil. **Agora** pode ser traduzido para *no momento presente* (a palavra *arti* geralmente se refere ao tempo presente em contraste com o passado ou tempo futuro). À luz do fato que os coríntios viam **em espelho, obscuramente e em parte** através do exercício dos dons, porque deveriam se gloriar tanto naquilo que era fragmentado?

**13. Agora** (*nuni* infere-se ao tempo generalizadamente sem referência a qualquer outro tempo, mas aqui ele pode bem ser lógico e não temporal, sendo traduzido para deste modo, pois).

**Permanecem a fé, a esperança e o amor.** Essas virtudes sobrevivem aos dons, e conseqüentemente, devem ser cultivados com mais dedicação. Não é verdade que "a fé se desfaz à vista, e a esperança acaba com o deleite", pois ambas permanecem eternamente. Como a fé e a esperança permanecerão? Godet acertou o seu significado: "A essência permanente da criatura é que nada possui de próprio, sendo eternamente desamparada e pobre . . . Não é de uma vez, mas continuamente, na eternidade, que a fé se transforma em visão e a esperança em posse. Essas duas virtudes, portanto, permanecem para viver incessantemente" (op. cit. II, 261). O amor é a maior das forças do universo, e a sua fonte verdadeira e expressão mais definida é o Gólgota. Sob o impulso desse amor não se pode deixar de cantar, com adoração:

O mundo inteiro não será  
Presente digno do Senhor  
Amor tão grande e sem igual,  
Em troca exige o meu amor.

## 1 Coríntios 14

### 5) A Superioridade da Profecia e o Culto Público na Igreja. 14:1-36.

Ao que parece havia uma causa principal para as desordens na igreja, a qual envolvia o uso inadequado do dom de línguas. O apóstolo



resolve o assunto neste capítulo. Ele afirma a superioridade da profecia sobre as línguas (vs. 1-25), depois acrescenta a orientação para o exercício dos dons (vs. 26-33) e para a regulamentação da participação das mulheres nas reuniões das assembleias (vs. 34-36). Segue-se um resumo e uma conclusão (vs. 37-40).

Ninguém que tenha investigado a natureza do dom de línguas poderia ser dogmático no assunto. A presente exposição deste capítulo segue a opinião que o dom de línguas era a capacidade de falar em línguas conhecidas, não uma fala estática. (E.R.C. *estranha*, não aparece no texto grego, o qual diz simplesmente língua.) Muitos comentadores modernos adotam a opinião de que o dom envolvia a fala estática (cons. MNT, pág. 206-225; Morris, *op. cit.*, pág. 172, 173, 190-198). Há certos fatores, entretanto, que lançam alguma dúvida sobre a exatidão desta interpretação.

Em primeiro lugar, parece claro que o falar em línguas registrado em Atos foi em línguas conhecidas (cons. Atos 2:4,8,11). À vista de que Lucas foi um companheiro íntimo de Paulo (ele pode até mesmo ter estado em Corinto) e ter escrito o livro de Atos depois da correspondência com Corinto, deveria lhe parecer lógico observar a distinção entre o fenômeno de Atos e de Corinto, se ela existisse. Em outras palavras, I Coríntios deveria ser interpretado segundo Atos, o desconhecido pelo conhecido, um bom princípio de hermenêutica. Além disso, a terminologia de Paulo é idêntica a de Lucas em Atos, embora Lucas defina melhor a sua terminologia. Paulo usa a palavra grega *glossa*, significando **língua**; Lucas usa esta palavra e ainda a define melhor como sendo um *dialektos* (Atos 1:19; 2:6, 8; 21:40; 22:2; 26:14), uma palavra que em todos os casos se refere à língua de uma nação ou região (cons. Arndt, pág. 184). É bastante inverossímil que os fenômenos descritos pelos dois escritores em termos idênticos, sejam diferentes.

Finalmente, a intenção do dom era que fosse um sinal para os judeus (I Co. 14:21, 22), conforme profetizado no V.T. (cons. Is. 28:11), como também uma sugestão referente ao método do cumprimento da

ordem dada em Atos 1:8. No Pentecostes foi inaugurada a obra do Espírito, a qual reverteria a maldição de Babel (cons. Gn. 11:1-9), quando aconteceu a confusão das línguas (conhecidas). Assina, o dom tinha dois gumes. Era um sinal para despertar os judeus (em todos os casos da ocorrência do dom, em Atos, os judeus estavam presentes; cons. Atos 2:4 e segs.; 8:17,18; 10:46; 19:6), e um sinal da obra de Deus que reuniria os redimidos sob a bandeira do Rei Messias no seu reino vindouro. Introduzindo línguas estáticas no quadro só introduziríamos a confusão sob diversos aspectos. Pontos adicionais para sustentar a tese de que as línguas foram línguas conhecidas são apresentados na exposição da seção.

1. O versículo introdutório, que não contém nenhuma partícula conectiva, é uma reafirmação do conteúdo de 12:31b - 13:13, com vistas à mudança de assunto. **Segui** (lit. *buscai*) é mais forte do que *desejai*. Ao que parece, segundo esta declaração, embora os dons espirituais sejam soberanamente concedidos, eles não são necessariamente garantidos a cada pessoa no momento da conversão. **Principalmente** aponta para a avaliação que Paulo faz da profecia em contraste com as línguas. Falar em línguas não edifica (vs. 2-5), não traz benefício sem interpretação (vs. 6-15); na verdade, apenas inebria (vs. 16-19).

2. **Outra língua** (lit. *uma língua*). As palavras **ninguém o entende** refere-se ao falar em línguas sem intérprete.

3-5. A avaliação do apóstolo é explícita. A profecia é maior do que as línguas, **salvo se as interpretar**. No caso de interpretação, o falar em línguas assume praticamente o caráter de profecia. (Seda esse o motivo de estarem geralmente juntos em Atos? Cons. Atos 10:46; 19:6.)

6-15. A inutilidade das línguas sem interpretação, Paulo as ilustra com fatos extraídos da vida. **Revelação** precede a **profecia** e a **ciência** precede a **doutrina** (lit. ensinamentos).

7. **Sons . . . distintos** são necessários na música e no falar; caso contrário ninguém entende.

9. **Assim** vós introduz a aplicação da ilustração.

**10,11.** Uma outra ilustração no reino das línguas; e o ponto de destaque é, "a fala é inútil ao ouvinte, se ele não a entende" (ICC, pág. 310).

**12. Assim também** vós introduz a conclusão do argumento extraído das ilustrações. A edificação é o alvo dos dons espirituais.

**13,14.** Aquele que tem o dom de línguas deve orar pedindo o dom da interpretação. Caso contrário, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. Isto é, não colhe nenhum fruto da compreensão dos ouvintes.

**15. Também orarei com a mente** significa orar de modo que haja fruto na compreensão dos ouvintes, como indicam os versículos seguintes. Falar de maneira inteligível é o essencial.

**16. O indouto** provavelmente se refere àquele que não tem o dom de línguas ou interpretação, ou talvez àquele que não passa de um interessado (cons. F.F. Bruce, *Commentary on the Book of the Acts*, pág. 102; Morris, *op. cit.*, pág. 195, 196). Refere-se ao povo em geral.

**18,19.** A referência de Paulo é clara. Por mais que ele use línguas fora da assembléia (publicamente ou em particular), **na igreja** (ênfático no grego) ele devia falar com **entendimento** para instruir outros.

**20-25.** Paulo mostrou a superioridade da profecia para os de dentro, e agora ele discute sua superioridade para os de fora.

**21,22.** O apóstolo introduz uma citação livre da **lei** (a **lei** aqui se refere ao V.T.) para mostrar que as línguas tinham a intenção de ser um sinal da presença de Deus com outros além dos judeus. Em Is. 28:11,12, o lugar da citação, os assírios são mencionados como homens de *outra língua*. Assim, o dom se destina em primeiro lugar aos incrédulos. Em Atos este dom foi mencionado quatro vezes (o "vendo" de Atos 8:18 parece sugerir que houve um sinal exterior em Samaria), e em todos os casos os judeus estavam presentes. Era intenção de Deus indicar a este grupo incrédulo que Ele estava com o novo movimento. Está bastante claro que línguas conhecidas, tais como foram faladas em Pentecostes eram os únicos sinais adequados para os judeus difíceis de ser

convencidos. A linguagem estática tem muitas explicações naturais, mas nenhuma delas é o fato histórico de que grupos não-cristãos tenham freqüentemente falado assim (MNT, pág. 208, 209).

**23-25.** Paulo descreve os diferentes efeitos das línguas e da profecia sobre os de fora, indicando a superioridade da profecia. Não há nenhuma contradição nesta passagem com 14:22, como pode parecer à primeira vista (as línguas não ajudam o incrédulo, quando a profecia parece ajudá-lo). No último versículo, trata-se de indivíduos que ouviram e rejeitaram a verdade, conforme prova a comparação com os israelitas rebeldes, enquanto que nos versículos seguintes trata-se de ouvintes que estão ouvindo a mensagem pela primeira vez (ICC, pág. 319). A profecia conduz a convicção da condição de pecado da pessoa, ao julgamento (lit. *examinado*) e à manifestação dos **segredos do coração**. O resultado é que **adorará a Deus**, o verdadeiro objetivo de todo ministério (cons. Mt. 14:33).

**26-33.** Aqui se dão instruções sobre o exercício dos dons. A seção é importante porque é "a más íntima visão que temos dos cultos da igreja primitiva" (Morris, *op. cit.*, pág. 198, 199). Que contraste encontra-se aqui com os cultos formais e inflexíveis que prevalecem entre a maior parte do Cristianismo de hoje! Barclay, comentando esta liberdade e informalidade, destaca dois fatos que emergem aqui. Primeiro, "Está claro que a igreja primitiva não tinha ministério profissional" (*op. cit.*, pág. 149). Segundo, no culto propriamente dito "não havia nenhuma ordem estabelecida" (*ibid.*, pág. 150). Os crentes primitivos não iam aos cultos para ouvir um sermão de um homem ou simplesmente para receber; iam para dar. Muito se tem perdido com a renúncia de tais privilégios.

**26,27.** *Cada um de vós* (E.R.C.) aponta para a livre participação, mas como essa liberdade poderia levar à desordem, Paulo aconselha, **Seja tudo feito para edificação**. O falar deverá ser **sucessivamente**.

**28, 29.** As línguas não deviam ser faladas a não ser que um intérprete estivesse presente, e quando muito só três deviam participar. Ao que parece a orientação para a profecia era mais amena.

**32,33.** Os impulsos proféticos estavam **sujeitos aos próprios profetas**, isto é, àqueles que enunciavam as profecias. O autocontrole deve sempre estar presente; caso contrário, resultaria em **confusão**.

**34,35.** Uma palavra para as mulheres foi inserida aqui, possivelmente porque houvesse uma intrusão não autorizada de algumas nos cultos da igreja. Elas deviam ficar **caladas** (cons. I Tm. 2:12). Mesmo se, como pensam alguns, as mulheres tinham permissão de orar e profetizar na igreja primitiva (cons. 11:5, embora deva-se lembrar que a profecia foi um dom temporário), outra manifestação não era permitida. Paulo nada diz sobre as solteironas que não têm **em casa seus próprios maridos!**

**36.** O apóstolo dá uma resposta indignada à sugestão implícita de que Corinto tivesse direito de ser diferente das outras igrejas. Os crentes coríntios não eram diferentes em autoridade e posição.

## **6) A Conclusão. 14:37-40.**

Um resumo e uma conclusão, começando com uma forte declaração de autoridade.

**38. Será ignorado.** O ignorante das palavras de Paulo devia ser abandonado em sua condição. A tradução correta, entretanto, poderia ser, *que seja ignorado*, isto é, por Deus (com base em uma diferente tradução de bons manuscritos).

**40. Decência** pode se referir ao comportamento das mulheres e à observância da Ceia do Senhor (11: 2-34) e **com ordem** pode se referir aos dons espirituais (12:1 - 14:40).

## **1 Coríntios 15**

### **F. O Conselho Referente à Doutrina da Ressurreição. 15:1-58.**

Iniciando este capítulo seria melhor ter um conceito do modo de vida grego. Em geral os gregos criam na imortalidade da alma, mas não aceitavam a ressurreição do corpo. Para eles a ressurreição do corpo era coisa inimaginável devido ao fato de que consideravam o corpo como a fonte da fraqueza e pecado humanos. A morte, portanto, era bem-vinda, uma vez que através dela a alma seria libertada do corpo; mas a ressurreição não era bem-vinda, porque isto constituiria outra descida da alma à sepultura do corpo. Foi esse o ceticismo que Paulo enfrentou em Atenas (cons. Atos 17:31, 32) e que o cristão enfrenta no mundo moderno. James S. Stewart, Professor do Novo Testamento na Universidade de Edimburgo, expôs sucintamente o eterno conflito: "Há vinte séculos que as risadas do Areópago continuam ecoando".

## II. A Certeza da Ressurreição. 15:1-34.

O problema de Corinto dentro da igreja cristã. Os crentes tinham aceitado a ressurreição, pelo menos a de Cristo; mas sob a influência da filosofia grega, alguns duvidavam da ressurreição física dos cristãos. Portanto, o apóstolo escreveu combatendo a fraqueza doutrinária. Seu método era positivamente claro. Primeiro ele examina a certeza da ressurreição, desenvolvendo a necessária conexão entre a ressurreição de Cristo e a dos crentes (vs. 1-34). Continua depois com um exame de certas objeções (vs. 35 -57). E depois conclui com um apelo (v. 58).

**1,2. Irmãos** (E.R.C.) introduz o novo assunto, a ressurreição, uma parte integral do **evangelho**.

**Sois salvos** (gr., tempo presente) pode se referir à salvação Contínua do poder do pecado nas vidas dos crentes, ou pode se referir à salvação diária dos habitantes de Corinto conforme recebiam a mensagem e se filiavam à igreja de Jesus Cristo. **Crido em vão** não indica perda de salvação como possibilidade. O apóstolo quer dizer, ou, que a fé que não persevera, não é fé salvadora; ou, que a fé acomodada em uma ressurreição implícita do Messias seria sem base, se a

mensagem da ressurreição de Cristo não fosse verdadeira. A última interpretação é provavelmente a correta. Se Cristo não fosse crucificado e ressuscitado, a salvação seria impossível.

**3,4. Antes de tudo** (lit. *entre as primeiras coisas*) refere-se à importância, não ao tempo. A substância da mensagem de Paulo está contida nos quatro quês (E.R.C.) depois da palavra **recebi**, e eles incluem a morte de Cristo, Seu sepultamento, ressurreição e aparições. Essas coisas formam o Evangelho.

**Pelos nossos pecados, segundo as Escrituras** deve ser entendido à luz de passagens tais como Isaías 53. A preposição **pelos** (gr. *hyper*, que os modernos gramáticos anualmente reconhecem, pode indicar substituição) sugere Sua morte em nosso lugar. A palavra **sepultado**, a única referência ao Seu sepultamento fora dos Evangelhos, com exceção das Palavras de Paulo em Atos 13:29 (cons. Atos 2:29), destrói a fraca teoria da síncope de nosso Senhor. Ele realmente morreu. E naturalmente isso conduz à sepultura vazia, uma testemunha da Ressurreição que jornais foi eficientemente refutada. **Ressuscitou**, um tempo perfeito, implica em resultados permanentes. (Em relação ao problema de tradução à vista da frase que define o tempo, terceiro dia, veja James Hope Moulton's *A Grammar of New Testament Greek*, I, 137).

**5. E apareceu** introduz uma evidência fora das Escrituras do N.T.

**6.** A referência à **maioria** que **sobreviveu** tem um imenso valor apologético. A história da ressurreição era inconteste, até onde sabemos, vinte e cinco anos depois! A aparição pode ser a de Mt. 28:16-20.

**7.** Este **Tiago** era provavelmente o irmão do Senhor e esta aparição pode tê-lo feito crer em Cristo (cons. Jo. 7:5; Atos 1:14).

**8. Como por um nascimento fora do tempo** (lit.) não se refere às zombarias dos seus inimigos, nem ao fato dele ter vindo a Cristo antes de sua nação, Israel, a qual virá a Cristo no futuro (cons. Rm. 11:1-36). O **porque** do versículo seguinte explica. Paulo se considera, comparado com os outros apóstolos, como uma criança abortiva que seda olhada entre crianças perfeitamente fornadas, porque ele foi elevado do seu

papel de perseguidor ao de apóstolo. Os outros responderam ao chamado amoroso do Salvador, mas o chamado de Paulo na Estrada de Damasco quase teve o elemento da força em si. Portanto, ele magnifica a *graça de Deus* que veio a ele (cons. Ef. 3:8; I Tm. 1:15).

**10. Trabalhei muito mais do que todos eles** tem sentido ambíguo. Pode se referir aos outros apóstolos individualmente ou coletivamente. O último deve ser o certo, pois a história parece apoiá-lo mais neste caso. Sob nenhuma circunstância o apóstolo enfatiza que tenha crédito pessoal por causa disso.

**11. Assim pregamos** liga a Ressurreição com a mensagem apostólica. **E assim crestes** liga os coríntios com a fé na ressurreição de Cristo. Tomando a fé deles na ressurreição do Senhor como ponto de partida, Paulo prova agora que isto logicamente envolve a fé na ressurreição física de todos os outros, que estão nele (vs. 12-19).

**12,13.** O fato da ressurreição de Cristo envolve a crença na ressurreição física. Não há nenhuma necessidade de discutir a ressurreição, uma vez que um já foi ressuscitado. Está óbvio que o argumento de Paulo volta-se para a humanidade de Cristo (cons. I Tm. 2:5, "o homem Cristo Jesus").

**14. Vã.** Sem conteúdo (gr. *kenos*). Se não houvesse ressurreição, o Evangelho estaria vazio de qualquer conteúdo verdadeiro. E a fé dos coríntios não estaria de posse de um fato real; tudo não passada de miragem.

**15.** Mais ainda, se não houvesse ressurreição, os proclamadores do Evangelho seriam falsas **testemunhas** diante **de Deus**.

**17. Vã,** aqui, traduz um outro adjetivo, significando "sem alvo ou efeito útil" (gr., *mataios*). Se Cristo não tivesse ressuscitado, a fé dos coríntios teria deixado de atingir o seu fim ou alvo, isto é, a salvação. Não teriam certeza se Ele não morreu pelos Seus próprios pecados. A Ressurreição foi necessária para demonstrar a perfeição do caráter do Redentor (cons. Atos 1:24) e para demonstrar que o Pai aceitara a obra do Filho (cons. Rm. 4:25). Como alguém já disse, a Ressurreição é o



"Amém" de Deus ao "Tudo está consumado" de Cristo. Olhamos para a cruz e vemos a redenção realizada; vemos a Ressurreição e sabemos que a redenção foi aceita.

**18,19.** Sem a ressurreição, os crentes que pensaram estar morrendo **em Cristo**, na expectativa da bênção da ressurreição, *estão* realmente *perdidos* (forma enfática). A amarga conclusão é que a negação da Ressurreição faz dos cristãos **os mais infelizes de todos os homens**. Sofrem aqui e agora por uma fé que não passa de uma ficção (cons. Rm. 8:18).

**20.** Paulo, tendo estabelecido o fato de que Cristo ressuscitou e que o reconhecimento de Sua ressurreição é inconsistente com a negação da ressurreição dos mortos, comenta agora o fruto e resultado da ressurreição do Senhor. Desaparece a suposição e os fatos são apresentados quando ele diz, **Mas de fato Cristo ressuscitou**. A palavra **primícias**, que tem sua origem na Festa das Primícias em Israel (cons. Lv. 23:9-14), dá a idéia de um penhor e um modelo.

**21, 22.** Há um relacionamento indefinido entre Adão e a morte e Cristo e a vida. O pensamento do apóstolo penetra no assunto de Romanos 5. Quando Paulo escreve **todos serão vivificados em Cristo**, ele não está ensinando universalismo (uma heresia), nem ressurreição universal (uma verdade, mas não apresentada aqui), mas a ressurreição universal em Cristo. Os dois **todos** não são idênticos em quantidade, estando limitados pelas frases preposicionais **em Adão** e **em Cristo** (cons. Rm. 5:18). A palavra **vivificados** nunca foi usada em relação aos injustos no N.T. (cons. Jo. 5:21; 6:63; Rm. 8:11; Gl. 3:21; I Co. 15:45, o mesmo contexto). O capítulo contempla a ressurreição só dos crentes.

**23.** A **ordem** da ressurreição é o que vá ser discutido agora. Cristo é o primeiro, seguido dos crentes, **os que são de Cristo na sua vinda** quando vier buscar a Igreja (cons. I Ts. 4:13-18).

**24.** **Então**; *eita* no grego, cobre um intervalo, tal como o intimamente relacionado *epeita*, o *depois* do versículo precedente, cobre um intervalo longo, o intervalo do reino de Cristo na terra. Cada vez que

Paulo usa o *eita* envolve um intervalo. Observe que o *epeita* do versículo 23 já cobriu um intervalo de pelo menos 1900 anos! **O fim** refere-se ao fim do reino, como indica o versículo seguinte.

**25. Porque** dá a razão dEle não poder abdicar do reino até que venha o fim. O Filho tem de reinar como homem sob o Pai (cons. Sl. 110:1). Depois desse reino, o reino mediador será incorporado com o reino eterno de Deus triúno.

**26.** O anulamento da morte acontecerá diante do Grande Trono Branco, depois do reino e rebelião final de Satanás (cons. Ap. 20:7-15). Eis aí a resposta cristã aos filósofos gregos. Eles diziam que não há ressurreição, mas Paulo diz que não há morte (cons. EXpGT, II, 928).

**27,28.** A declaração de que **o próprio Filho também se sujeitará** a Deus tem feito alguns pensarem que a dignidade do Filho de Deus foi prejudicada, como também, possivelmente, faz restrições à Sua divindade. A sujeição, entretanto, não é a do Filho *como Filho*, mas *como o Filho encarnado*. Isto, é claro, não envolve a desigualdade da essência. O filho de um rei pode estar oficialmente subordinado e no entanto se igualar em natureza ao seu pai (cons. Charles Hodge, *An Exposition of the First Epistle to the Corinthians*, pág. 333-335). O ponto que Paulo defende é este: O Filho na qualidade de Filho encarnado tem todo o poder agora (cons. Mt. 28:18). Quando ele entregar a administração do reino terrestre ao Pai, então o Deus triúno reinará como Deus e não mais através do Filho encarnado. O messiado é uma fase da Filiação do Filho eterno (cons. Moffatt, MNT, pág. 249).

**29-34.** Depois de esboçar os aspectos positivos da ressurreição (vs. 12,28), o apóstolo volta-se agora para o lado negativo.

**29. Os que se batizam por causa dos mortos?** é uma expressão difícil de entender, que tem recebido muitas interpretações, algumas até bizarras e heréticas. Por exemplo, alguns proclamam que Paulo se refere à prática do batismo vicário, tal como praticam os Mórmons, ainda que ele mesmo não o aprovasse (cons. Morris, *op. cit.*, págs. 218-219). A prática, entretanto, surgiu apenas no segundo século, e apenas entre os

heréticos. Outros acham que o apóstolo se referia àqueles que eram batizados com base no testemunho dos que morreram. A preposição *hyper*, traduzida para **por causa**, pode significar "com referência aos", embora este não seja o significado normal. Outros ainda acham que Paulo se referia ao batismo dos jovens convertidos, que tomavam o lugar dos irmãos mais velhos que morriam na igreja. *Hyper* tem o significado "em lugar dos" com bastante frequência, mesmo no N.T., como II Co. 5:15 e Fl. 13 indicam, embora não seja esse o significado predominante. Os expositores do grego explicam que a expressão significa "batizados com interesse em (a ressurreição de) os mortos", mas foge ao natural por diversos motivos (cons. ICC, pág. 359-360). A segunda e terceira sugestões estão mais de acordo com a teologia paulina, mas a interpretação continua difícil.

**31. Dia após dia morro** refere-se aos perigos externos que Paulo enfrentava. Seria tolice enfrentá-los se não houvesse ressurreição (cons. II Co. 1:8, 9; 11:23).

**32. Lutei em Éfeso com feras** tem sido geralmente interpretado como referência figurativa das perseguições humanas que sofreu (cons. 16:9). **Comamos e bebamos** expressa o inevitável resultado da negação da vida futura – decadência moral (cons. Is. 22:13).

**33,34.** Depois de uma sutil advertência contra a associação com aqueles que estavam solapando a fé dos crentes na ressurreição, Paulo diz aos crentes que vigiem para justiça (lit. *tomar a sério as determinações de justiça*) e não pequeis (lit., *parem de pecar*). Os inevitáveis resultados morais da doutrina errada estão claramente expostos aqui. Ele acusa os coríntios, que se orgulhavam do seu conhecimento, de falta de **conhecimento de Deus**. Não foi por menos que ele acrescentou, **digo para vergonha vossa**.

## 2) Exame de Certas Objeções. 15:35-37.

O apóstolo trata de objeções nesta parte. Duas delas já foram mencionadas no primeiro versículo. **Como ressuscitam os mortos?**

indaga da *possibilidade* da ressurreição (não do método), e esta objeção é refutada no versículo 36. **E em que corpo vem?** relaciona-se à *natureza* do corpo ressurreto, e este problema é discutido nos versículos 37 a 49. O problema final, que está implícito, é o seguinte: O que acontecerá com aqueles que não morrerem? Paulo trata disso nos versículos restantes da seção (vs. 50-57).

**35,36.** A simples resposta do apóstolo à primeira pergunta, é que o corpo **não nasce**, (ressuscitado) **se primeiro não morrer**. A morte, inimiga do corpo, é na realidade o meio da ressurreição.

**37-41.** Usando uma ilustração extraída do mundo natural, Paulo trata de dois erros comuns. Uma é considerar o corpo ressurreto igual ao original, apenas reformado; a outra é considerá-lo um novo corpo sem relação com o original. O fato é que há continuidade (v. 36), identidade (v. 38), ainda que diversidade (vs. 39-41) entre os dois corpos. **Não... o corpo que há de ser** refuta a noção de que o corpo será o mesmo corpo na sua aparência física.

**38. O seu corpo apropriado.** Exatamente como no caso da semente, cada uma preserva sua identidade pessoal.

**39,40. Nem toda carne é a mesma.** À luz da teoria da evolução, esta é uma declaração interessante. Está planejada a preservação do elemento da diversidade entre os corpos da ressurreição dos crentes. **Corpos celestiais** são o sol, a lua, as estrelas, etc.

**41.** A declaração, **porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor**, pode apontar para as diferentes recompensas entre os glorificados (cons. ICC, pág. 371-372).

**42. Pois assim também** introduz a aplicação paulina ao corpo da ressurreição. Quatro particulares são destacados, conforme o apóstolo luta para descrever o indescritível e expressar o inexprimível. Primeiro, o **corpo ressuscita na incorrupção**; não haverá possibilidade de deterioração (cons. vs. 53,54).

**43. Ressuscita também em glória e em poder.** Não haverá mais nele o princípio do pecado ou a fraqueza física.

**44.** Finalmente, **ressuscita corpo espiritual**. Aparentemente uma referência ao uso do corpo, não à sua substância. Será formado para ser o órgão do Espírito.

**45.** Paulo destaca que as Escrituras concordam com o que ele está dizendo, **pois assim está escrito**. Os dois Adãos estampam as características de suas raças. O termo, **o último Adão**, foi cunhada por Paulo (cons. MNT, pág. 263) para indicar que não haverá um terceiro homem representativo, sem pecado e sem pai humano, como foram ambos, Cristo e Adão. Se o último Adão de Deus falhasse, não haveria outro. **Vivificante** (lit. *doador de vida*; cons. Cl. 1:17; Fp. 3:20, 21).

**47.** *O Senhor, é do céu* prevê Sua vinda.

**48,49.** **E, assim como trouxemos** é uma promessa retumbante. Muitos manuscritos excelentes trazem *vamos trazer*, mas a tradução é provavelmente o resultado de uma primitiva corruptela do texto. **A imagem do celestial** é a nota final sobre a natureza do corpo da ressurreição. Será glorioso como o próprio corpo de Cristo (cons. Lc. 24:29-43; Fp. 3:21; SI. 17:15).

**50.** A próxima pergunta a responder é a que naturalmente se segue. É esta: Mas o que vai acontecer com aqueles que não morrerem? De que forma eles participarão da ressurreição do corpo? O princípio é que deverá haver uma transformação, pois **a carne e sangue** (ele não diz *o corpo*) **não podem herdar o reino de Deus**.

**51. Mistério** (cons. 2:7). Nem todos (os crentes) **dormiremos** (morremos), **mas seremos todos transformados**, isto é, terão seus corpos transformados. O todos na última cláusula nega a doutrina do arrebatamento parcial da Igreja.

**52. Num momento**. Do grego *atmos*, "aquilo que não pode ser dividido", do qual se deriva a palavra *átomo*. **Num abrir e fechar de olhos**. O pestanejar de uma pálpebra. Estas frases enfatizam a subitaneidade da mudança. O soar da **trombeta** aponta para o tempo (cons. I Ts. 4:16).

**53.** Os mortos e os vivos se apresentam aqui ao autor, *corruptíveis* referindo-se aos mortos e *mortais* referindo-se aos vivos.

**54.** Esta gloriosa transformação na ressurreição realizará o cumprimento da **palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória** (uma aplicação livre da tradução de Teodósio de Is. 25:8). A consumação de Gn. 3:15 é alcançada.

**55.** Exultando pelo triunfo da ressurreição, Paulo ridiculariza a morte. Os melhores manuscritos têm as cláusulas inversas, com as duas perguntas feitas à **morte** (Paulo nunca usa *hades*; cons. Os. 13:14).

**56.** Uma declaração curta e concisa do relacionamento entre a **morte**, o **pecado** e a **lei**, sugerida pelo pensamento da remoção do **aguiilhão** da morte. **O aguiilhão da morte é o pecado** porque é por meio do pecado que a morte tem a sua autoridade sobre o homem, e é pela **lei** que o **pecado** ganha a sua **força**. A lei dá ao pecado o caráter de rebeldia, desafio consciente (com. Rm. 4:15; 7:7-13). A Lei, então, despertou o pecado o qual conduziu à morte. Cristo, penetrando na morte, venceu o pecado, para que os crentes pudessem cantar: "Morrendo, matou a morte".

**57.** O apóstolo dirige uma ação de graças dos redimidos ao **Deus** que, pela graça, **dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo** aponta para a divina instrumentalidade, a obra de Cristo; e a frase é um pequeno resumo de tudo o que está envolvido nos versículos 3-5, 20-22. Estas palavras, confluindo o comentário sobre a ressurreição, fazem eco às palavras do apóstolo em outro lugar "e assim estaremos sempre com o Senhor" (I Ts. 4:17).

### **3) O Apelo Final. 15:58.**

O portanto introduz a conclusão. Conforme as palavras de Robertson e Plummer, "que haja menos especulação e mais trabalho" (ICC, pág. 379).

## 1 Coríntios 16

### V. A Conclusão: Assuntos Práticos e Pessoais. 16:1-24.

#### A. A Coleta para os Pobres. 16:1-4.

O último capítulo da carta trata de assuntos práticos e pessoais, dos quais o primeiro é a coleta para os pobres em Jerusalém. O capítulo apresenta uma ilustração da operação externa da grande realidade espiritual afirmada em 1:9 – isto é, que os crentes são "chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor" (cons. 15:58).

**1. Quanto** introduz o assunto, dando a entender que foi mencionado na carta dos coríntios a Paulo.

**2. No primeiro dia da semana**, ou no domingo, era o dia em que os crentes se reuniam para prestar culto. Esta é a más antiga menção do fato (cons. Atos 20:7). A contribuição tinha de ser sistemática. **Conforme a sua prosperidade** estabelece a medida da contribuição no N.T. (cons. Atos 11:29). **De parte** é provavelmente uma referência ao lar; a contribuição tinha de ser particular. Paulo desejava que esta coleta fosse levantada antes de sua chegada, para que não houvesse nenhuma pressão (cons. II Co. 9:5). Este sistema revolucionaria os costumes da igreja atual!

**3,4.** O cuidado que Paulo tomava em questões de dinheiro é de se notar. Ele nunca pedia dinheiro para si mesmo e até não gostava de lidar com o dinheiro dos outros se houvesse a menor possibilidade de dúvidas a respeito. **Se convier**, provavelmente significa, "Se for suficientemente grande para que valha a pena que eu abandone outro trabalho e vá com a oferta" (cons. Rm. 15:25).

#### B. A Planejada Visita de Paulo. 16:5-9.

O apóstolo desejava passar algum tempo entre os coríntios. Por isso planejou passar pela Macedônia primeiro, em vez de ir diretamente a

Corinto. Foi uma mudança de planos, pelo que foi mais tarde criticado por alguns na igreja (cons. II Co. 1:15-17).

**5,6. Para que me encaminheis nas viagens que eu tenha de fazer** não envolve nenhuma ajuda financeira (cons. 9:15).

**7. Se o Senhor o permitir.** O apóstolo reconhece uma vontade acima da sua. Ele não se apegava às rédeas de sua vida.

**8,9. Porta.** Figurativo de uma oportunidade (cons. II Co. 2:12; Cl. 4:3). **Muitos adversários** podia ser o motivo de Paulo permanecer em Éfeso (cons. 15:32; Atos 19:1-41).

C. Recomendações, Exortações, Saudações e a Bênção. 16:10-24.

Sua planejada visita fê-lo lembrar-se de dois cooperadores seus no ministério em Corinto – Timóteo e Apolo.

**10,11. Se Timóteo for** dá a entender possíveis dificuldades (cons. 4:17; Atos 19:22). Timóteo era jovem e ao que parece um tanto tímido (I Tm. 4:12; 5:21-23; II Tm. 1:6-8; 2:1, 3, 15; 4:1,2), mas era um obreiro dedicado. É difícil imaginar um elogio maior do que este, **trabalha na obra do Senhor, conto também eu.**

**12.** Embora Paulo pudesse ter motivos para invejar Apolo (cons. 1:12), ele não tinha ciúmes do atraente e talentoso alexandrino. Como também não exercia autoridade sobre ele, pois embora Paulo desejasse *muito que fosse com os irmãos*, Apolo achou que não era a hora e não o fez. **Vontade** refere-se a Apolo.

**13.** Aqui começa uma série de exortações à igreja. As quatro primeiras palavras são palavras militares; na verdade, **portai-vos varonilmente** lembra o grito de guerra dos filisteus (cons. I Sm. 4:9). Cada um dos imperativos deste versículo e um do seguinte estão no tempo presente, expressando ações que devem ser contínuas.

**15,16. A família de Estéfnas** (cons. 1:16). **Que é cooperador e obreiro** (lit., *que se tem designado*) refere-se à "uma obrigação assumida de vontade própria" (ICC, pág. 395).

**17,18. Estéfnas, Fortunato e Acaico** eram provavelmente os portadores da carta dos coríntios a Paulo (cons. 7:1). **Ao meu espírito e**



**ao vosso** refere-se ao ânimo de Paulo e deles, que seria revigorado quando ouvissem o relatório dos seus representantes sobre a sua volta e quando lessem a carta.

**19-24.** Saudações finais, admoestações e a bênção. **Áquila e Priscila**, tanto em Roma (Rm. 16:3-5) como em Éfeso, mantinham reuniões dos santos em sua casa.

**20. O ósculo santo** (cons. Rm. 16:16; I Ts. 5:26; II Co. 13:12; I Pe. 5:14). Era um costume antigo. É uma exortação implícita para abandonarem suas facções.

**21,22.** O apóstolo toma a pena da mão do seu amanuense e escreve as palavras finais, cuja primeira declaração ecoa como um trovão. **Anátema.** O equivalente grego para o *herem* hebraico, significando "coisa destinada à destruição, objeto de maldição" (cons. Rm. 9:3; Gl. 1:8, 9; I Co. 12:3). A palavra devia estar seguida de ponto final. A palavra seguinte, **Maranata** (transliteração grega de uma expressão aramaica) pode significar "Vem, Nosso Senhor", ou "Nosso Senhor veio" (referindo-se à Encarnação), ou "Nosso Senhor vem" (Segunda Vinda). O contexto, com sua nota de advertência, decide pela última tradução (*Vem, Nosso Senhor!*)

**23,24.** A nota de advertência não é, entretanto, a nota final. Nem mesmo a bênção apostólica seria adequada; Paulo tinha de acrescentar com ternura, **O meu amor seja com todos vós.** Suas reprimendas feitas com amor, e o seu amor se estende a todos, até mesmo aos desviados e rebeldes.

## 2 CORÍNTIOS

### Introdução

#### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	

### INTRODUÇÃO

**A Ocasão da Carta.** Os assuntos principais, que dizem respeito ao relacionamento de Paulo com a igreja em Corinto foram tratados más especificamente na Introdução à I Coríntios do que aqui. A ocasião propriamente dita que provocou a escrita da II Coríntios centraliza-se em certas cases que surgiram na igreja depois de despachada a primeira carta. Para se expor concisamente os fatos conhecidos, parece que Paulo enviou Tito a Corinto a fim de corrigir certos abusos e para incentivar os crentes a completarem sua contribuição para os santos em Jerusalém. Paulo, perturbado, partiu de Éfeso e chegou a Trôade esperando encontrar Tito. Ainda mais perturbado por não ter encontrado Tito em Trôade, partiu apressadamente para a Macedônia. Ali, tendo acabado de chegar de Corinto, Tito encontrou-se com Paulo, trazendo notícias encorajadoras. Mas as coisas na igreja em Corinto não estavam como deviam estar. As notícias encorajadoras foram quase dissipadas pelo fato de agoureiros prenúncios de tempestade estarem se acumulando no horizonte da vida da igreja em Corinto. Paulo tinha de agir rápida e severamente. Tinha de fazer três coisas: 1) apresentar o Evangelho mais claramente aos cristãos; 2) pressioná-los quanto à conclusão de sua prometida contribuição; 3) pulverizar toda a oposição contra seu ministério e autoridade apostólicos com uma defesa sem paralelo. Estes

pontos constituem a estrutura sobre a qual todos os pensamentos desta segunda carta se aglomeram.

**Data e Lugar.** Poucas dúvidas há de que esta carta tenha sido escrita na terceira viagem missionária de Paulo (57 A.D.) – alguns meses ou possivelmente um ano ou mais depois de I Coríntios. Foi escrita na Macedônia, provavelmente em Filipos.

**A Unidade da Carta.** Alguns mestres modernos defendem que II Coríntios não é um trabalho unificado. 1) Afirmam que 6:14 – 7:1 é uma interpolação, porque interrompe a seqüência do pensamento. Mas os movimentos de Paulo nem sempre correspondem às idéias modernas de desenvolvimento. Um autor tratando de uma certa situação pode ter motivos para uma aparente digressão que pode parecer inteiramente irreconhecível para um crítico moderno. 2) Esses mesmos mestres defendem que o capítulo 9 repete em grande parte o que se encontra no capítulo 8. Entretanto, se alguém estudar estes capítulos com cuidado, sem a influência de uma teoria preconcebida, descobrirá que o capítulo 9 é qualquer coisa, menos uma repetição do capítulo 8. 3) O que é mais importante, esses objetores defendem que a última parte (10:1 - 13:14) difere tanto no tom e pensamento das partes anteriores (1:1 - 9:15) que deve ter pertencido originalmente a alguma carta "perdida" ou "severa" que Paulo tenha enviado a Corinto. A objeção fatal a esta popular teoria é que não há absolutamente nenhuma prova de manuscritos para uma epístola assim fragmentária ou truncada. Mais ainda um estudo mais acurado desta epístola revelará ao estudante diligente uma unidade que é simplesmente espantosa. E obviamente nosso conhecimento da situação total em Corinto é tão nebulosa, que nenhum mestre moderno pode afirmar seguramente que qualquer parte desta epístola é discordante do resto ou irrelevante quanto à verdadeira situação em Corinto.

**O Desenvolvimento do Pensamento.** O progresso do pensamento nesta epístola e como o movimento de um grande exército avançando sobre terreno irregular, ainda semeado de grupos de resistência teimosa. Paulo nunca abandona a sua armadura enquanto tal resistência ao seu

ministério ainda existe. Sua carta de fato, um ultimato exigindo submissão total e incondicional à autoridade do apóstolo de Cristo. Apesar de sua rudeza, esta carta é linda em sua simetria como uma flor das montanhas e ela espalha bem longe a sua fragrância espiritual. Nosso esboço tenta mostrar esta simetria.

**Influência.** Talvez seja mesquinho comparar qualquer uma das cartas de Paulo com outra. Cada uma tem suas características especiais que a toma grande em seu campo. Mas em I Coríntios encontramos certos aspectos que não são tão evidentes em outras cartas de Paulo. Conforme o grande evangelista defende sua autoridade apostólica, contra os sutis e insidiosos ataques dos "apóstolos do exagero" que tentaram livrar os coríntios de sua influência, ele revela a sua própria alma e acrescenta muitos detalhes sobre a sua vida, que de outra forma ficariam desconhecidos. Mas esta epístola é um monumento ao fato de que Paulo, vivaz e inspirado, foi uma parada dura para "toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus" (II Co. 10:5).

## ESBOÇO

I. A conciliação. 1:1 – 7:16.

A. O sofrimento de Paulo é recíproco. 1:1-7.

1. Saudação. 1:1, 2.

2. Adoração. 1:3.

3. Tribulação agonizante. 1:4-7.

B. O desespero de Paulo é aliviado. 1:8-14.

C. A digressão de Paulo é justificada. 1:15 – 2:17.

1. O plano é projetado. 1:15, 16.

2. O plano é criticado. 1:17.

3. O plano é compreendido. 1:18-22.

4. O plano é mudado. 1:23 – 2:4.

5. O plano é atenuado. 2:5-11.

6. O plano é consumado. 2:12-17.

- D. A superior revelação de Paulo. 3:1-18.
  - 1 . Na documentação. 3:1-3.
  - 2. No dinamismo. 3:4-6.
  - 3. No grau. 3:7-9.
  - 4. No destino. 3:10, 11.
  - 5 . Na diagnose. 3:12-17.
  - 6. No desenlace. 3:18.
- E. O dualismo de Paulo é explicado. 4:1-18.
  - 1. O escondido e o revelado. 4:1, 2.
  - 2. Os cegos e os iluminados. 4:3, 4.
  - 3 . Os escravos e o Senhor. 4:5 .
  - 4. Trevas e luz. 4:6.
  - 5. Os frágeis e o Poderoso. 4:7.
  - 6. Provações e vitórias. 4:8-10.
  - 7. Morte e vida. 4:11, 12.
  - 8. O escrito e o falado. 4:13.
  - 9. O passado e o futuro. 4:14.
  - 10. Graça e ação de graças. 4:15.
  - 11. O homem exterior e interior. 4:16.
  - 12. Aflição e glória. 4:17.
  - 13. O visto e o não visto. 4:18a.
  - 14. O temporal e o eterno. 4:18b.
- F. A motivação da dedicação de Paulo. 5:1 – 6:10.
  - 1. Motivada pelo conhecimento. 5:1-9.
  - 2. Motivada pelo julgamento. 5:1-9.
  - 3. Motivada pelo temor. 5:11.
  - 4. Motivada pelo altruísmo. 5:12, 13.
  - 5 . Motivada pelo amor. 5:14, 15.
  - 6. Motivada pela regeneração. 5:16, 17.
  - 7. Motivada pela reconciliação. 5:18-21.
  - 8. Motivada pelo tempo. 6:1, 2.
  - 9. Motivada pelo sofrimento. 6:3-10.

G. Paulo insiste na dissuasão. 6:11 – 7:1.

1. A tese : Mudem de atitude para comigo. 6:11-13.
2. A antítese : Mudem de atitude para com o mundo. 6:14 -16.
3. A síntese: Obedeçam e vivam. 6:17 – 7:1.

H. Exemplo do deleite de Paulo. 7:2-16.

1. Paulo tem os coríntios em alta estima. 7:2-4.
2. Razões dessa alta estima. 7:5-16.

II. A coleta. 8:1 – 9:15.

A. Primeiro motivo para sua conclusão: o exemplo dos macedônios.

B. Segundo motivo para sua conclusão: o exemplo de Cristo. 8:9.

C. Terceiro motivo para sua conclusão: questão de honra. 8:10 – 9:5.

D. Quarto motivo para sua conclusão: questão de mordomia. 9:6-15.

1. Princípios extraídos da natureza. 9:6.

2. Princípios extraídos da natureza divina. 9:7-10.

3. Princípios extraídos da natureza cristã. 9:11-15.

III. As credenciais. 10:1 – 13:14.

A. Armadura espiritual. 10:1-6.

B. Autoridade construtiva. 10:7-18.

C. Apreensão justificável. 11:1- 6.

D. Razoável abatimento. 11:7-15.

E. Assiduidade bem conhecida. 11:16-33.

F. Aflição compensatória, 12:1-10.

G. Confirmação suficiente. 12:11-13.

H. Associação benéfica. 12:14-18.

I. Ansiedade justificada. 12:19-21 .

J. Aspereza defensível. 13:1-10.

K. Um adeus cristão. 13:11-14.

---

COMENTÁRIO

## I. A Conciliação. 1:1 - 7:16.

## 2 Coríntios 1

## A. O sofrimento de Paulo é recíproco. 1:1-7.

## 1) Saudação. 1:1, 2.

1. O epíteto **apóstolo**, extensamente usado nas cartas de Paulo (cons. Ef. 1:1; Cl. 1:1; I Tm. 1:1; II Tm. 1:1), epitomiza sucinta e incisivamente o encargo e a missão de Paulo (cons. Gl. 1:1). **Santos** é uma descrição paralela da fraternidade cristã (cons. Rm. 1:7; I Co. 1:2; Ef. 1:1; Fp. 1:1; Cl. 1:1). O termo é sempre remanescente da mudança radical que aconteceu (cons. II Co. 5:17; I Co. 6:11). O território que incluía **toda a Acaia** continha Atenas (cons. Atos 17:14) e Cencréia (cons. Rm. 16:1).

2. No protocolo da salvação, reconhecida até mesmo em uma saudação, a **graça** sempre precede a **paz**. A primeira é a base e fundamento da última; portanto, a ordem não pode ser mudada. Nenhum homem pode ter **paz** se previamente não experimentar a **graça** (cons. 8:9). A divindade de Cristo está enfaticamente afirmada na saudação e na doxologia (13:14) desta epístola. A simples preposição **da parte** (*apó*) reúne **Deus, nosso Pai** e o **Senhor Jesus Cristo** numa indissolúvel união. O título completo de Cristo deve ser devidamente considerado.

## 2) Adoração. 1:3.

O adjetivo verbal **bendito** (*eulogetos*), sempre aplicado às pessoas divinas no N.T. (11:31; Mc. 4:61; Lc. 1:68; Rm. 1:25; 9:5; Ef. 1:3; Cl. 1:3; I Pe. 1:3), descreve a felicidade e bem-aventurança infinitas que existem na Trindade. Aqui Paulo caracteriza Deus 1) de acordo com Sua natureza interna – **bendito**; 2) de acordo com Seu relacionamento trinitariano – **Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**; e 3) de acordo com

Seus atributos – **Pai de misericórdias e Deus de toda consolação**. A palavra *oiktirmos* significa "piedade, misericórdia, compaixão"; no N.T. está sempre no plural (Rm. 12:1; Fp. 2:1; Cl. 3:12; Hb. 10:28) – possivelmente para expressar a natureza variegada da virtude.

### 3) Tribulação agonizante. 1:4-7.

4. Deus consola os crentes. O conforto de Deus é: 1) ativo – que nos conforta; 2) extensivo – em toda a nossa tribulação; 3) objetivo – para podermos consolar; 4) específico – em qualquer angústia; 5) reflexivo – com a consolação com que nós mesmos somos contemplados. **Tribulação** (*thlipsis*; em outras passagens desta epístola - 1:8; 2:4; 4:17; 6:4; 7:4; 8:2, 13).

5. Cristo conforta os crentes. O **assim ... como ...** no grego, aqui, compara duas coisas de igual classe ou natureza (como em Lc. 11:30; 17:26; Jo. 3:14; 14:31; Cl. 3:13). **Pelos sofrimentos de (o) Cristo** devemos entender as *aflições* do Messias, do Ungido (cons. Lc. 24:26, 46; Fp. 3:10; Cl. 1:24; I Pe 1:11). O verbo transbordar (*são abundantes, perisseuo*) é más ou menos típico desta epístola (II Co. 3:9; 4:15; 8:2, 7, 8, 12).

6. Observe os passivos presentes no original – *estamos sendo atribulados . . . estamos sendo consolados*. Quer **atribulados**, quer **confortados**, o resultado é sempre o bem dos filhos de Deus. As palavras, **o qual se torna eficaz**, traduzem o particípio médio presente de *energeo*. Na forma média sempre está implícito algum tipo de força misteriosa ou sobrenatural (cons. 4:12; Rm. 12:6, 11; Gl. 5:6; Ef. 3:20; Cl. 1:29; I Ts. 2:13; II Ts. 2:7; Tg. 5:16). Na forma ativa Deus é sempre o sujeito (cons. I Co. 12:6, 11; Gl. 2:8; Ef. 1:11, 20; Fp. 2:13).

7. **A nossa esperança** escatológica (cons. I Ts. 2:19) baseia-se diretamente sobre o fato de que a salvação é **firme** (*bebaios*, "digna de confiança, segura, certa" – Arndt). Em **sabendo que** (isto é, *já que sabemos*) Paulo declara a causa objetiva de sua certeza quanto aos coríntios (cons. I Ts. 1:4). O **como . . . assim . . .** (como em II Co. 7:14;



Ef. 5:24) difere só um pouquinho da construção do versículo. A palavra por trás de **participantes** (*koinonos*) usa-se em relação ao companheirismo físico (cons. II Co. 8:23), participação moral (cons. Mt. 23:30; I Co. 10:18, 20; Hb. 10:33) e união espiritual (cons. I Pe. 5:1; II Pe. 1:4 ).

### **B. O Desespero de Paulo é Aliviado. 1:8-14.**

**8.** A natureza da nossa **tribulação** (*thlipsis*; veja v. 4) que sobreveio na Ásia (isto é, na província romana da Ásia) tem sido muito debatida. Alguns comentadores pensam na dolência da turba em Éfeso (cons. Atos 19:23-41; I Co. 15:32) como sendo esta **tribulação**. Seja o que for – e a linguagem que foi aqui usada coloca-se entre as experiências humanas mais cruciantes foi uma dessas provações que Paulo suportou por causa do nome de Cristo (cons. Atos 9:16; também Sl. 69:1 e segs.; Is. 43:2).

**9.** Como Isaque (cons. Hb. 11:17-19), Paulo tinha uma **sentença de morte** sobre ele; e, como Abraão, ele podia confiar novamente no **Deus que ressuscita os mortos** (cons. Gn. 22:1-18).

**10.** O verbo (*rhuomai*) traduzido para **livrou** foi também usado em relação a Ló (II Pe. 2:7, 9), Paulo (II Tm. 4:17) e os crentes (I Ts. 1:10). Paulo realmente atravessou e triunfantemente "saiu da " provação aqui descrita (com. Rm. 8:35-39; também Sl. 66:12; 69:14; 144:7). A descrição **tão grande** (cons. o seu uso em Hb. 2:3; Tg. 3-4 ; Ap, 16 : 18) revela a magnitude limitada de sua provação. O livramento de Paulo foi li uma providência maravilhosa – **o qual nos livrou**; 2) uma profecia certa – **e livrará**; 3) uma promessa feliz – **em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos**. O futuro livramento foi cumprido em II Tm. 4:17.

**11.** Este versículo pode ser traduzido de diversas maneiras. Os pensamentos básicos são os seguintes: 1) a eficácia da oração no livramento de Paulo; 2) a *mercê* recebida pelo apóstolo; 3) a conseqüente ação de graças *por muitas pessoas*. Paulo tinha fé na oração intercessória (cons. Rm. 15:30, 31; Fp. 1:19; Cl. 4:12). A palavra *karisma* significa

"um dom (oferecido de graça e pela graça), um favor concedido" (Arndt). Não se limita aos dotes ministeriais (cons. Rm. 1:11; I Co. 1:7; I Pe. 4:10).

**12.** A palavra **glória** (*kauchesis*) é encontrada 4 vezes nesta epístola (7:4, 14; 11:10, 17), mas somente 5 vezes no restante do Novo Testamento. Por **temos vivido**, Paulo quer dizer, que três árbitros determinaram a sua conduta: 1) sua **consciência**; 2) **santidade** e **sinceridade** de Deus; 3) o **mundo** e os Coríntios. A espiritualidade irreconciliável e incompatível é representada pela **sabedoria humana** (cf. Tg. 3:15) e pela **graça divina** (cf. I Co. 3:10; 15:10; Ef. 3:2, 7, 8).

**13.** Paulo era um homem consistente, quer lidando com os judeus hostis (cons. Atos 26:22), quer com cristãos recalcitrantes. O que ele escrevia em suas cartas podia ser lido e *inteiramente reconhecido* (*so epiginosko*, aqui traduzido para **compreendeis**; cons. I Co. 13:12). A frase grega *heos telous* pode ser traduzida para **de todo** ou **até ao fim** (E.R.C.). O fato que a palavra usada aqui, usualmente indica "o fim" (cons. Mt. 24:6, 14; I Co. 15:24), além do fato de que no próximo versículo refere-se à Segunda Vinda, parece justificar **até o fim** (E.R.C.) segundo as melhores traduções (cons. I Co. 1:8).

**14.** A saudação de Paulo sobre os coríntios tornou-se comovente porque a verdadeira motivação de seu ministério entre eles foi "inteiramente reconhecida" (o mesmo verbo do v. 13) apenas em parte, rito é, por alguns deles (veja a mesma construção em Rm. 11:25; I Co. 13:9). O Segundo Advento é chamado de o dia (como em I Co. 1:8; 3:13; 5:5; Fp. 1:6, 10; I Ts. 5:2; II Ts. 2:2).

### C. A Digressão de Paulo é Justificada. 1:15 – 2:17.

#### 1) O Plano é Projetado. 1:15, 16.

**15.** A palavra *pepoithesis*, traduzida aqui para **confiança**, foi usada no N.T. apenas por Paulo (3:4; 8:22; 10:2; Ef. 3:12; Fp. 3:4). O **segundo**

**benefício** (karis) abrange a dupla bênção que se dá deles com as suas duas visitas (cons. Rm. 1:11).

**16.** O plano projetado por Paulo incluía quatro estágios: 1) uma viagem direta a Corinto; 2) uma viagem por terra de Corinto à Macedônia; 3) uma viagem de volta a Corinto; 4) uma viagem de Corinto à Judéia. Frequentemente Paulo discorria sobre seu proposto itinerário (cons. Rm. 1:10; 15:22; I Ts. 2:18).

## **2) O Plano é Criticado. 1:17.**

Paulo responde às acusações que lhe são feitas – de vacilar e usar métodos carnaís – 1) usando a lógica (**porventura**; mas no grego, foram usadas ambas, *oun* e *ara*); 2) por uma negativa enfática (*meti*; cons. Mt. 7:16; 26:22, 25); 3) pela repetição (**sim sim**, e **não não**, E.R.C.); 4) pela ênfase da ordem (que só pode ser vista no grego).

## **3) O Plano é Compreendido. 1:18-22.**

**18. Como Deus é fiel** pode ser tomada como um juramento ou como uma simples declaração ("Mas Deus é fiel em que a nossa palavra para convosco não foi sim e não"). Paulo frequentemente apelava para a fidelidade divina como prova da veracidade do Evangelho que ele proclamava (cons. I Co. 1:9; I Ts. 5:24; II Ts. 3:3).

**19.** Este versículo revela 1) a pessoa, 2) a pregação, 3) os pregadores, e 4) a positividade da mensagem: todos unidos em Cristo. A diferença entre **foi** (aoristo de *ginomai*) em **não foi** e o **houve** (perfeito de *ginomai*) em **houve o sim** deve ser notada: "não se tornou sim e não, mas ele tornou-se (e permaneceu) sim" (cons. Jo. 1:14; Ap. 1:17, 18).

**20. O quantas** representa corretamente o pronome grego que foi usado aqui (veja seu uso em Mt. 14:36; Jo. 1:12; Atos 3:24; Rm. 2:12; Fp. 3:5). Todas as promessas de Deus realizam-se e são cumpridas em Cristo (cons. Rm. 15:8, 9).

**21,22.** Não devemos passar por cima das referências à Trindade em 1:18-22: 1) a certeza dada por Deus (v. 18); 2) a centralidade que se

encontra em Cristo (vs. 18-20); 3) o testemunho estabelecido pelo Espírito (vs. 21, 22). Paulo apela para uma experiência atual (confirma tempo presente de *bebaioo*; cons. seu uso em Mc. 16:20; Rm. 15:8; I Co. 1:6, 8; Cl. 2:7; Hb. 2:3; 13:9), que está confirmada por três atos simultâneos e decisivos que aconteceram na regeneração – **ungiu... selou ... deu ...** ; (todos no tempo aoristo). O verbo (*krio*) traduzido para **ungiu** foi usado em relação à unção do Espírito Santo (cons. Lc. 4:18; Atos 4:27; 10:38; Hb. 1:9). O nome Cristo ("O Ungido") vem da mesma raiz. O **penhor** (*arrabon*; usado apenas em II Co. 5:5; Ef. 1:14) é o pagamento inicial de uma compra; uma *garantia*

#### 4) O Plano é Mudado. 1:23 - 2:4.

**23.** Paulo apresenta uma razão negativa (**para vos poupar**; 1:23 – 2:4a) e uma razão positiva (**para que conhecêsseis o amor**, etc.; 2:4b) a fim de mudar o projeto do seu plano. **Eu, porém, por minha vida, tomo a Deus por testemunha** representa corretamente as palavras de Paulo (cons. 11:31; Rm. 1:9; Fp. 1:8; I Ts. 2:5, 10). A declaração **não tornei ainda** pode ser traduzida para "não tenho mais" – estando implícito que Paulo desistira de visitar Corinto até que certas coisas fossem lá corrigidas (cons. II Co. 13:2, 10).

**24.** Para que as palavras "para vos poupar" não fossem mal interpretadas, Paulo faz seus leitores se lembrarem que ele não está buscando tirania eclesiástica sobre a **fé** deles (cons. 4:5; 11:20; I Pe. 5:3). A palavra *alegria* (*kara*) ocorre nesta epístola (1:24; 2:3; 7:4, 13; 8:2) com a mesma frequência de Filipenses (1:4, 25; 2:2, 29; 4:1). Podemos ler **pela fé** ou *na fé* – o primeiro indicando recurso; o último, esfera. Firmados, veja também Rm. 5:2; 11:20; I Co. 15:1; I Pe. 5:9.

## 2 Coríntios 2

**2:1.** A "determinação" de Paulo emanava do fato da **tristeza** poder vir a caracterizar a sua visita, se o seu plano original (cons. 1:15,16) fosse executado. Debates sem fim têm se formado à volta das palavras

não voltar a encontrar-me convosco. A questão fica extremamente complexa por causa do fato de apenas uma única visita a Corinto estar registrada em Atos (18:1-18) antes desta epístola. Entretanto, em II Co. 12:14; 13:1 parece que a próxima visita do apóstolo seria a terceira. Alguns mestres afirmam que Paulo fez uma segunda visita (não registrada).

**2.** O **se** presume que o fato seja verdadeiro (como em 2:5, 9; 3:7, 9, 11; 5:14). Paulo não sente nenhum deleite sádico na dor que causa aos seus convertidos: sua tristeza e alegria são dependentes do estado espiritual deles.

**3.** Que carta deve se entender no **escrevi**? Comentadores mais antigos geralmente assumem que a nossa I Coríntios seja mencionada aqui; comentadores mais modernos acham que Paulo se referia à "carta severa" (atualmente perdida ou talvez contida nos capítulos 10-13 de nossa presente epístola) que ele escreveu depois de I Coríntios. Esses mesmos comentadores também assumem que uma visita não registrada aconteceu antes da "carta severa". Ninguém pode ser dogmático sobre as circunstâncias que rodeiam o relacionamento de Paulo com a igreja de Corinto.

**4.** A vida emocional de Paulo foi aqui resumida em 1) profundidade **muitos sofrimentos e angústia de coração**; 2) sua expressão visível – **com muitas lágrimas**; 3) seu propósito negativo – **não para que ficásseis entristecidos**; 4) seu propósito positivo – **para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida**. A última cláusula dá a razão positiva de Paulo (veja 1:23) para a mudança do seu plano (cons. 1:15, 16).

### **5) O Plano é Atenuado. 2:5-11.**

**5.** A referência feita a **alguém** depende da opinião que se tem das visitas e das cartas de Paulo a Corinto. De acordo com o ponto de vista mais antigo, a pessoa incestuosa de I Co. 5:1-8 é a que foi mencionada aqui. Comentadores mais modernos defendem que uma pessoa ou

partido (cons. II Co. 10:7; I Co. 1:12) tinha recentemente se levantado para desafiar a autoridade apostólica de Paulo. A questão provavelmente nunca será harmonizada até que tenhamos mais pistas que os fatos escassos que temos anualmente. Em **sobrecarregar**, E.R.C. (*epibareo*, "tornar mais pesado, onerar" – Arndt) temos talvez uma atenuante delicada da preocupação de Paulo (cons. a mesma palavra em I Ts. 2:9; II Ts. 3:8).

**6. Basta-lhe a punição.** "O castigo foi suficientemente severo" (Arndt). Mas o silêncio foi educado (**lhe**) e sinistro (**maioria**) – dando a entender que uma minoria recalcitrante ainda se rebelava contra Paulo.

**7.** Nem o verbo **deveis** nem o subjuntivo **seja** é exigido pelo grego. Plummer diz assim: "De maneira que pelo contrário vocês possam, antes, perdóá-lo" (*A Critical and Exegetical Commentary of the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*). O verbo **perdoar** (*karizomai*; veja o seu uso em II Co. 1:10; 12:13; Rm. 8:32; Gl. 3:18; Ef. 4:31; Cl. 2:13; 3:13) significa fazer um favor livremente ou de graça" (Arndt). Deve-se notar que foi a atitude de toda a igreja. O uso da expressão **para que não seja**, que traduz *me pos* (cons. seu uso em II Co. 9:4; 11:3; 12:20; I Co. 8:9; 9:27) indica que a mencionada ação estava dentro das possibilidades.

**5. Confirmeis** (*kyrao*; em outra parte no N.T. só em Gl. 3:15) significa "reafirmar" ou "ratificar" (Plummer). A aceitação dele como irmão restaurado à comunhão cristã seria a prova pública da "reafirmação" deles.

**9.** Paulo indica os três motivos da sua carta: 1) prepará-los para sua visita (2:3); 2) manifestar-lhes o seu amor (2:4); 3) testar a obediência deles (2:9). A palavra **prova** (*dokime*) encontra-se quatro vezes nesta epístola (2:9; 8:2; 9:13; 13:3); em outra parte do N.T. só em Rm. 5:4 e Fp. 2:22. Com em tudo Paulo mostra que obediência incompleta é intolerável.

**10.** Paulo ratifica a ação da igreja de Corinto na obrigação unida do "perdão" (cons. Jo. 20:23). Sobre *perdoar*, veja II Co. 2:7. Podemos ler a última declaração assim: *na pessoa de Cristo*, isto é, agindo como seu

representante; ou **na presença de Cristo**, isto é, agindo com Ele por testemunha.

**11.** Temos 1) um inimigo comum – **Satanás** ; 2) um perigo comum – **que não alcance vantagem sobre nós**; 3) uma proteção comum – **não lhe ignoramos os desígnios**. O verbo *pleonekteo* (em outra parte do N.T. só em 7:2; 12:17,18; I Ts. 4:6) significa "aproveitar-se de, sobrepujar em astúcia, defraudar, enganar pela astúcia" (Arndt). Podemos ler aqui: "que Satanás não nos sobrepuje em astúcia" (Arndt).

### **6) O Plano é Consumado. 2:12-17.**

**12.** Daqui até o final do capítulo Paulo nos conta como o seu plano modificado foi consumado na provação (vs. 12, 13), na vitória (vs. 14-16) e no testemunho (v. 17). Que oportunidade – **uma porta!** Que privilégio – **me!** Que responsabilidade – **abriu!** Que comunhão – **no Senhor!** As viagens de Paulo eram sempre com propósito e evangélicas – **para pregar o Evangelho de Cristo**.

**13.** O espírito perturbado de Paulo exigiu que partisse rapidamente de Trôade. Sua imediata obsessão era obter notícias da igreja de Corinto; tudo o mais – incluindo a evangelização de Trôade era secundário. Quem ou o que levou esses dois homens – Paulo e Tito – a interromper seus planos, não nos foi revelado. Diremos que almas se perderam em Trôade por causa do fracasso de alguém? Deus garantiu a Paulo um ministério ali quando retornou de Corinto (Atos 20:6).

**14.** A ordem no grego é enfática: "Mas sejam dadas graças a Deus" (cons. 8:16; 9:15). Este versículo ilustra Rm. 8:28. O verbo *thriambeuo* deveria ser traduzido para **nos conduz em triunfo**. Este verbo não foi usado em outra parte do N.T., só em Cl. 2:15. Paulo se considera como um escravo (cons. Rm. 1:1) sendo triunfantemente levado pelo exército conquistador do Messias (cons. Ef. 4:8; depois de uma vitoriosa campanha militar era costume os imperadores romanos encenarem um "triunfo", durante a qual desfilavam os prisioneiros pelas ruas de Roma). Observe o **sempre** (*pantote*; cons. II Co. 4:10; 5:6; 9:8) e **em todo o**

**lugar** (cons. Atos 1:8; Rm. 10:18; Cl. 1:6, 23). O verbo (*faneroo*) traduzido para **manifesta** é bastante comum nesta epístola (3:3; 4:10,11; 5:10; 7:12; 11:6). O uso de **fragrância** mostra que Paulo continua apresentando o quadro do desfile triunfal. A palavra **conhecimento** (*gnosis*) foi usada vinte e nove vezes no N.T.; Paulo a usa vinte e três vezes. Nesta epístola, em 4:6; 6:6; 8:7; 10:5; 11:6.

**15.** No N.T., a salvação está descrita como 1) passada (tempo aoristo: II Tm. 1:9; Tt. 3:5); 2) presente (tempo presente: aqui e em I Co. 1:18; 15:2); 3) futura (tempo futuro: Rm. 5:9, 10; I Co. 3:5; II Tm. 4:18); 4) consumada (tempo perfeito: Ef. 2:5, 8). O verbo **perdem** (*apollumi*; cons. seu uso em II Co. 4:3; Jo. 3:16; 10:28; 17:17; 18:9; II Ts. 2:10) indica destruição e mina e não aniquilação.

**16.** A mesma fragrância (**bom perfume**) é espargida entre todos pelos mensageiros do Evangelho. A alguns ela é fatal; para outros confere vida (cons. Jo. 3:19; 9:39; 15:22; 16:8 e segs.; Atos 13:46 e segs.; 28:25-28). A transição da morte espiritual (cons. Ef. 2:1) para a morte eterna (cons. Ap. 2:11; 20:14; 21:8) é provavelmente indicada por **de morte para morte**.

**17.** O testemunho de Paulo é que ele não faz, **como tantos outros** (os falsos mestres mencionados em 11:4, 12-15), **mercadejando** (*kapeleuo*, significando "trocar, vendedor ambulante; mascatear" – Arndt) **a palavra de Deus**. A sinceridade de Paulo está evidente em sua 1) origem – **de Deus**; 2) manifestação – **na presença de Deus**; 3) esfera de ação – **falamos de Cristo** (cons. 13:3 ).

## 2 Coríntios 3

### D. A Superior Revelação de Paulo. 3:1-18.

#### 1) Superior em Documentação. 3:1-3.

**1.** Paulo denuncia veementemente aqueles que precisam de **cartas** de auto-recomendação (cons. 5:12; 10:12, 18; 12:11). Sua missão e ministério não precisam de tal auto-louvor presunçoso.



2. Pelo contrário, a carta de Paulo é 1) personalizada – **nossa carta**; 2) permanente – **escrita em nossos corações**; 3) pública – **conhecida e lida por todos os homens**. 3. A autenticidade dos coríntios como a **carta de Cristo** foi autorizada 1) por seu ministério – **produzida pelo nosso ministério**; 2) por sua origem sobrenatural – **pelo Espírito do Deus vivo**; 3) por seu testemunho interno – **nas tábuas de carne, isto é, nos corações** (cons. Jr. 24:7; 31:33; 32:39; Ez. 11:19; 36:26).

## 2) Superior em Dinamismo. 3:4-6.

4. Esta **confiança** (*pepoithesis*; veja 1:15) é **por Cristo**. O uso do artigo definido antes de Cristo ("**O** Cristo"; isto é, "**O** Ungido") é bastante comum nesta epístola (1:5; 2:12, 14; 3:4; 4:4; 5:10, 14; 9:13; 10:1, 5, 14; 11:2, 3; 12:9).

5. Nossa **capacidade** (*hikanotes*, significando, "aptidão, habilidade, qualificação" – Arndt) é **de Deus**. O **de** (*ek*) indica fonte (como em 4:7,18; Jo. 10:47; 18:36, 37; cons. I Co. 15:10).

6. **O qual nos fez também capazes de ser ministros. A nova aliança**; (cons. Mt. 26:28; Hb. 8:8, 13) exige um "novo homem" (Ef. 2:15; 4:24) que seja uma "nova criatura" (II Co. 5:17). Esta pessoa regenerada tem um "novo nome" (Ap. 2:17), guarda um "novo mandamento" (I Jo. 2:7,8), canta uma "nova canção" (Ap. 14:3), espera um "novo céu e nova terra" (II Pe. 3:13; Ap. 21:1) onde a "nova Jerusalém" (Ap. 21:2) está e onde todas as coisas são "novas" (Ap. 21:5).

O contraste entre **a letra mata e o espírito vivifica** não é um contraste entre o extremo literalismo e o livre manejo das Escrituras (como no método alegórico de interpretação); antes, o contraste é entre a Lei e um sistema de salvação que exige obediência perfeita (cons. Rm. 3:19,20; 7:1-14; 8:1-11; Gl. 3:1-14) e o Evangelho como o dom da graça de Deus em Cristo. Mesmo a Lei, entretanto, pode levar uma alma a Cristo (cons. Gl. 3:15-29; mas o judaísmo degenerado transformou-a em uma massa de formas sem vida (cons. Is. 1:10-20; Jr. 7:21-26). A nova era da "graça e verdade" (Jo. 1:17), já antecipada no V.T. (cons. Ez.

37:1-14; 47:1-12), agora está plenamente realizada na dinâmica dispensação da graça (cons. Jo. 4:23; 6:63; Rm. 2:28; 7:6).

### 3) Superior em Grau. 3:7-9.

7. Leia Êx. 34:29-35 para compreender os antecedentes. A dispensação da "letra" é inferior à dispensação do "espírito" em 1) natureza essencial – **morte** (cons. Rm. 7:5, 10, 11; G. 3:10, 21, 22); 2) forma externa – **gravado . . . em pedras** (cons. Êx. 24:12; 31:18); 3) mérito permanente – **da glória . . . ainda que desvanecente**. O verbo (*katargeo*) na última cláusula significa "abolir, remover, pôr de lado" (Arndt); exceto em dois lugares (Lc. 13:7 e Hb. 2:14) ele foi usado exclusivamente por Paulo no N.T. (por exemplo, II Co. 3:1, 13, 14; I Co. 15:24, 26; II Tm. 1:10).

8. A negativa **não** (*ouki*) espera uma forte resposta positiva (como em I Co. 9:1; 10:16, 18). O argumento usado aqui é o chamado *argumentum a minore ad maius*: se a menor de duas coisas é verdade, quanto mais será verdade a maior.

9. A velha dispensação tinha a sua glória, é preciso admitir (cons. Rm. 9:4, 5); mas a nova dispensação **em muito maior proporção será glorioso** (cons. Hb. 8:6 e segs.; 9:11-15). No V.T. "justiça eterna" (Dn. 9:24) foi prometida concomitantemente ao advento do Messias (cons. Is. 51:5-8; 56:1; Jr. 23:5, 6). Esta **justiça** foi cumprida em Cristo (cons. II Co. 5:21; Mt. 3:15; Rm. 10:4) e agora é imputada a todos os que crêem nEle (cons. II Co. 5:21; Rm. 3:21-31; 4:1-13).

### 4) Superior em Destino. 3:10, 11.

10. A nova dispensação é superior à velha pelo fato da nova não estar sujeita à diminuição ou demolição. A **glória** da velha não passava de um reflexo da nova; foi uma "cópia e sombra" (Hb. 8:5; 10:1) da nova.

**11. O que era** (E.R.C.) "está sendo abolido"; a nova permanece. Os verbos **desvanecia** e **é permanente** são participípios presentes no original grego. Cons. Hb. 12:18-28.

### 5) Superior na diagnose. 3:12-17.

**12.** O novo excede o velho em alto grau na clareza e na perspicuidade. O uso de **tal** evoca a qualidade inerente da coisa que está sendo aplicada (como em Mt. 19:14; Jo. 9:16; Gl. 5:21, 23; Hb. 13:16). Paulo usa a palavra **esperança** em todas as epístolas com exceção de Filemom. **Ousadia no falar** (*parresia*; cons. II Co. 7:4) descreve literalmente o modo de falar dos cristãos primitivos (cons. Atos 2:29; 4:13, 29, 31) e Paulo (cons. Ef. 6:19; Fp. 1:20) no seu testemunho contra judeus e gentios. Os crentes não se envergonhavam do Evangelho, porque sabiam que ele tinha um poder íntimo e uma vitalidade que não podiam ser encontrados em parte alguma (cons. Rm. 1:16, 17).

**13.** Temos aqui a motivação da "grande ousadia" dos cristãos. Moisés **punha véu** (o verbo está no tempo imperfeito) sobre a sua face para que os israelitas não vissem **a terminação do que se desvanecia**. Na inspirada interpretação do V.T., a glória evanescente que reluzia no rosto de Moisés depois de sua comunhão com Deus torna-se um tipo de glória transitória da velha dispensação.

**14.** Aqui Paulo dá uma aplicação espiritual para o **véu** físico sobre o rosto de Moisés. Esse **véu** torna-se agora um véu que não permite aos judeus compreenderem a verdadeira importância da **antiga aliança** quando o lêem. A palavra *noema*, aqui traduzida para **sentidos**, foi quase que exclusivamente usada nesta epístola (2:11; 4:4; 10:5; 11:3; cons. Fp. 4:7). O verbo cognata (*noeo*) designa "reflexão racional ou percepção íntima" (Arndt; cons. seu uso em Jo. 12:40; I Tm. 1:7; Hb. 11:3). A forma passiva **se embotaram** indica o endurecimento judicial que caiu sobre Israel quando a nação rejeitou Cristo (cons. Jo. 12:40; Rm. 11:7, 25). Tal endurecimento ou cegueira pode ser devido à ação de Deus (cons. Rm. 11:7, 8), Satanás (cons. II Co. 4:4), ou o próprio homem

(cons. Hb. 3:8). O verbo **é removido** (presente passivo de *katargeo*; veja II Co. 3:7b) significa que este **vêu** da cegueira espiritual está sendo removido dos corações dos crentes israelitas a partir do momento em que eles "vêem" Cristo como seu Salvador (cons. Jo. 9:40, 41).

**15. O Pentateuco era costumeiramente lido – quando é lido Moisés** – nas sinagogas (cons. Atos 15:21). Paulo não tinha dúvidas quanto à autoria (cons. Atos 26:22; 28:23; Rm. 10:5, 19; I Co. 9:9). Foi até mesmo necessário que Cristo "abrisse" as mentes de seus próprios discípulos quanto ao significado messiânico do V.T. (cons. Lc. 24:25, 26, 32, 44, 45).

**16. O quando** deve ser retido. É a mesma partícula indefinida usada no versículo 15 (mas em nenhum outro lugar do N.T.). O sujeito de **se converte** tanto pode ser "o coração" quanto "ele" (isto é, o israelita individualmente). O verbo é *epistrepho* e costuma indicar conversão (cons. Lc. 1:16, 17; Atos 3:19; 26:20; I Ts. 1:9). Sempre que a alma crê, "então o véu se tirará - a retirada do véu sincroniza-se com o ato da fé salvadora (cons. Is. 25:7; Zc. 12:10).

**17. O Senhor é o Espírito.** Esta construção no grego, com o artigo definido antes de ambos, sujeito e predicado (cons. I Jo. 3:4), indica identidade de natureza. Por **Senhor** aqui devemos entender Jesus Cristo (quase universalmente nas cartas de Paulo; por exemplo, II Co. 5:6, 8, 11; 8:5; 10:8; 12:1, 8). Aqui Paulo está ensinando que Cristo e o Espírito têm a mesma essência (cons. Jo. 10:30); suas pessoas permanecem distintas. Conforme anunciado profeticamente (Is. 61:1, 2; Joel 2:28-32), a nova dispensação devia se caracterizar pelo derramamento do Espírito. O Senhor Jesus enviou o Espírito (cons. Jo. 16:7). **Quando** e "sempre que" (II Co. 3:16) o Espírito regenera o coração, há uma verdadeira **liberdade** (cons. Jo. 8:32; Gl. 5:1, 13).

## **6) Superior no desenlace. 3:18.**

**18.** Aqui está o grande final. Usando Êx. 34:29-35 como cenário, Paulo faz um resumo das vantagens possuídas pela nova dispensação: 1)

liberdade – **com rosto desvendado**; 2) intimidade – **contemplando. . . a glória do Senhor** (cons. Êx. 33:17-23, I Jo. 3:1, 2); 3) eficácia – **somos transformados. . . na sua própria imagem**; 4) perfeição - de glória em glória (cons. Is. 66:11,12); 5) origem sobrenatural – **como pelo Senhor, o Espírito**. A última declaração, iguala Cristo e o Espírito na obra cooperativa da salvação (cons. II Co. 3:17; Jo. 7:39; 15:26; 16:6-14).

## 2 Coríntios 4

### E. O dualismo de Paulo é explicado. 4:1-18.

#### 1) O Escondido e o Revelado. 4:1, 2.

1. Observe três coisas : 1) nossa riqueza – **tendo este ministério**; 2) nosso lembrete – **segundo a misericórdia que nos foi feita** (cons. I Tm. 1:13, 16); 3) nosso recurso – **não desfalecemos** (cons. o mesmo verbo em II Co. 4:16; Lc. 18:1; Gl. 6:9; Ef. 3:13; II Ts. 3:13).

2. O ato decisivo, **rejeitamos**, explica-se por duas negativas concomitantes: 1) não andando com astúcia; 2) nem adulterando a palavra de Deus. A vida resultante está descrita de acordo com os seus 1) recursos – **pela manifestação da verdade**; 2) método – **nos recomendamos à consciência de todo o homem**; 3) medida – **na presença de Deus**. Os cristãos deveriam renunciar (como aqui), repudiar (cons. 6:14-17) e reprovar (cons. Ef. 5:11) **as coisas que por vergonhosas se ocultam** (cons. Rm. 6:21; I Co. 4:5).

#### 2) Os Cegos e os Iluminados. 4:3,4.

3. O se indica a realidade. **Nosso evangelho**. O único evangelho (cons. Gl. 1:6 e segs.). **Está encoberto** (pelo véu). O tempo perfeito retrata o estado fixo. O particípio perfeito foi corretamente traduzido por os que se perdem (cons. 2:15). O uso de encoberto (escondido) toma obscura a referência implícita a 3:13-18; o "véu" que "cegar" a mente dos judeus tornou-se agora o "véu" que Satanás usa para "cegar" **os que se perdem**.

4. Satanás, aqui, foi chamado de **o deus deste século** (também no grego; cons. Jo. 12:31; 14:30; 16:11; Ef. 2:2). A palavra **imagem** (*eikon*) foi duas vezes aplicada a Cristo em outras passagens (Cl. 1:15; Hb. 1:3). O verbo **resplandeça** (*augazo*) encontra-se apenas aqui no N.T.

### 3) Os Escravos e o Senhor. 4:5.

5. Paulo pregava a **Cristo Jesus como Senhor**. O Senhorio supremo de Cristo era o centro da pregação apostólica (cons, a mesma construção em Rm. 10:9; Fp. 2:11). O original de **servos** é *escravos*. Paulo se auto denomina "escravo" repetidas vezes (*doulos*; cons. Rm. 1:1; Gl. 1:10; Fp. 1:1; Tt. 1:1). Aqui ele usa o termo para descrever o seu relacionamento com os seus convertidos em Corinto.

### 4) As Trevas e a Luz. 4:6:

6. Paulo volta-se para a criação (Gn. 1:3) em busca de um protótipo de sua própria conversão (cons. Atos 9:3 e segs.). O Deus que criou a luz física ilumina nossas mentes na nossa re-criação quando nós olharmos na **face de Cristo** à procura de salvação.

### 5) Os Fracos e o Poderoso. 4:7.

7. Com **este tesouro** Paulo nos faz lembrar que o Evangelho é uma jóia de valor (cons. Mt. 13:44, 52) que lhe foi consignada (cons. Ef. 3:1, 2, 7, 8). A natureza humana na sua fraqueza e fragilidade foi descrita na frase **vasos de barro** (cons. Atos 9:15). A palavra **excelência** (*hyperbole*) significa "excesso, qualidade extraordinária ou caráter extraordinário " (Arndt). A palavra só foi usada por Paulo no N.T. (II Co. 1:8; 4:7,17; 12:17; Rm. 7:13; I Co. 12:31 Gl. 1:13).

### 6) Provações e Vitórias. 4:8-10.

8-10. Estes versículos podem ser assim resumidos: 1) Todos os verbos em 8-10a são participípios presentes e estão gramaticalmente relacionados a "nós" em 4:7. Eles explicam ou ilustram o segredo do

poder de Paulo nos "vasos de barro". 2) Esses participípios parece que estão em ordem ascendente – aumentando de intensidade. 3) São paradoxais e antitéticos – contrastando natureza com graça. 4) Além disso, embora com base em 2:14 e segs.; sobem mais alto na escada que nos leva através de 6:4-10 até o clímax em 11:16-23. **Levando sempre no corpo o morrer de Jesus** (v. 10). Cons. Rm. 8:36; I Co. 15:31; Gl. 6:17; Cl. 1:24. O grande desejo de Paulo era **que também a sua vida se manifeste em nosso corpo** (cons. Gl. 2:20; Fp. 1:20).

### 7) Morte e Vida. 4:11, 12.

**11,12.** O pensamento do versículo 10 foi repetido, com a significativa adição **por causa de Jesus** (cons. Atos 9:16; Fp. 1:29). A vida do apóstolo era uma contínua exposição à morte – **somos sempre entregues à morte** (cons. II Tm. 4:6). Sobre **opera** (*energeo*), veja II Co. 1:6. O poder de Deus também operava em Paulo (cons. Ef. 3:20; Cl. 1:29).

### 8) O Escrito e o Falado. 4:13.

**13.** Paulo, citando Sl. 116:10 (LXX), apresenta a razão do seu falar. **Tendo, porém,** "porque nós temos". Este versículo ensina implicitamente que o Espírito Santo é o Autor da **fé**, das Escrituras e do testemunho. O **nós** é enfático: Paulo, tal como Davi, crê e fala; as duas dispensações estão ligadas pela **fé** (cons. Hb. 11:39, 40).

### 9) O Passado e o Futuro. 4:14.

**14.** A ressurreição dos crentes foi aqui apresentada com referência ao seu Autor – **que ressuscitou ao Senhor Jesus** (cons. Atos 3:26); 2) tempo – **nos ressuscitará** (cons. I Co. 15:51, 52; I Ts. 4:13 e segs.); 3) causa – **com Jesus** (cons. I Co. 15:20-23); 4) propósito – **e nos apresentará convosco** (cons. Ef. 5:27; I Ts. 2:19, 20).

**10) A Graça e a Ação de Graças. 4:15.**

**15.** A filosofia de Paulo (**todas as coisas existem por amor de vós**) resulta num propósito (**para que**) que encontra uma plenitude da **graça** que leva à **ações de graça por meio de muitos, para glória de Deus**. Sobre abundar, veja 1: 5.

**11) O Homem Exterior e o Homem Interior. 4:16.**

**16. Não desanimamos.** Veja 4:1. **Se corrompa.. . se renova.** O tempo presente em ambos os verbos indica ação simultânea. O homem exterior corresponde aos "vasos de barro" de 4:7 e à "casa terrestre" de 5:1. As sementes da corrupção e da desintegração estão no corpo desde o nascimento. Leia Rm. 8:18-25 como um comentário ampliado deste versículo. "Porque não temos aqui cidade permanente" (Hb. 13:14).

**12) Aflição e Glória. 4:17.**

**17.** Temos aqui 1) a disparidade, 2) a intenção, e 3) a solução. A disparidade é tripla: 1) em tempo – **momentânea** contrastando com **eterno**; 2) em magnitude – **leve** contrastando com peso; 3) em caráter – **tribulação** contrastando com **glória**. A intenção se encontra em **produz**, um verbo (*katergazomai*), que significa "realizar, produzir, criar" (Arndt). Este verbo se encontra sete vezes nesta epístola (5:5; 7:10, 11; 9:11; 12:12). A solução aparece em *mui excelente*, onde Paulo quase exaure a língua grega no seu crescendo de superlativos.

**13) O Visto e o Não Visto. 4:18a.**

**18a.** **Que se vêem** representa o particípio presente de *skopeo* (um verbo que aparece em outras passagens do N.T., só em Lc. 11:35; Rm. 16:17; Gl. 6:1; Fp. 2:4; 3:17). Não se deve "vigiar o que pode ser visto" (Arndt). Consulte Hb. 11:1, 7, 13-15, 26 que têm o mesmo pensamento.



### 14) O Temporal e o Eterno. 4:18b.

**18b.** A palavra **temporais** (*proskairos*; em outra parte do N.T, só em Mt. 13:21; Mc. 4:17; Hb. 11:25) define o efêmero e o evanescente em contraste com o permanente e *eterno*. A eternidade é o *agora* que não acaba; vivemos no meio dela, embora não possamos vê-la. No estado glorificado nós a conheceremos inteiramente (cons. I Co. 13:12) e a veremos inteiramente (cons. I Jo. 3:2). Agora andamos pela fé.

### F. A Motivação da Dedicção de Paulo. 5:1 - 6:10.

## 2 Coríntios 5

### 1) Motivado pelo Conhecimento. 5:1-9.

1. Os cristãos podem *saber* (*oida*; o mesmo verbo usado em I Jo. 2:21; 3:1, 2) a verdade sobre o mundo invisível (cons. II Co. 4:17, 18). O **se** (*ean*; cons. seu uso em I Jo. 3:2) sugere uma incerteza quanto ao tempo mas não quanto ao fato. A **casa terrestre** (cons. II Co. 4:7) foi chamada de tabernáculo – muito vulnerável e transitória. O verbo **se desfizer** (*kataluo*) significa "derrubar, demolir" (Arndt). A decomposição do corpo assinala sua saída da terra para um estado muitíssimo mais glorioso lá em cima (cons. Fp. 1:23; 3:20, 21; I Jo. 3:2, 14). Nenhuma filosofia pode dar a certeza que encontramos em **temos** (cons. *eko* em II Co. 3:4, 12; 4:1, 7, 13; 7:1; 9:8 para a idéia de um tesouro de bens espirituais).

2. Provavelmente **tabernáculo** (v. 1) é o antecedente de **isso**. O uso de **gememos** (*stenazo*; cons. seu uso em Rm. 8:23) sugere que no presente estado existe algo desagradável (cons. Fp. 1:23). O verbo **aspirando** (*epipotheo*) – um verbo que expressa veemência de desejo, conforme se vê em passagens tais como Rm. 1:11; Fp. 1:8; II Tm. 1:4.

3. O significado de **revestidos** e **nus** tem sido interminavelmente debatido. Três passagens como Jo. 11:25, 26; I Co. 15:37-49; Fp. 1:21-23; 3:20, 21; I Ts. 4:13-18; I Jo. 3:1 e segs.; Ap. 6:9; 20:4 devem ser levadas em consideração na nossa interpretação.

4. Este versículo reafirma e amplia os versículos anteriores. A transformação aqui considerada é **para que o mortal seja absorvido pela vida**. "Tragada foi a morte na vitória" (I Co. 15:54). Compare os casos de Enoque (Gn. 5:24) e Elias ((I Reis 2:11). O uso absoluto de a **vida** (também no grego) deve ter algum significado como também nas outras passagens onde se usou o artigo definido (II Co. 4:12; I Jo. 1:2; 2:25; 3:14; 5:12).

5. O aoristo **preparou** (veja 4:17 em relação ao verbo) leva-nos de volta aos decretos de Deus (cons. Rm. 8:30; 9:23; I Co. 2:7-9). Sobre **penhor** veja 1:22.

6. O adversário **sempre** (*pantote*) encontra-se em todas as epístolas paulinas. Aplica-se a coisas tais como oração (Rm. 1:9), ação de graças (I Co. 1:4), trabalho (I Co. 15:58) e obediência (Fp. 2:12). Cons. também II Co. 2:14; 4:10; 9:8. O verbo *endemeo* ("estar em casa" – Arndt) pode ser consistentemente traduzido aqui e em 5:8, 9 (os únicos lugares onde é encontrado no N.T.).

7. **Andamos** (*peripateo*). Um verbo comumente usado para descrever o todo da vida cristã (cons. Rm. 6:4; 13:13). Em II Co. 1:12 "temos vivido" é uma expressão que se lhe compara.

8. O pensamento de 5:6 foi resumido.

**Preferindo**. Paulo não quer dizer que ele esteja ansiosamente tentando alcançar a oportunidade de abandonar a vida presente. O verbo traduzido para **preferindo** (*eudokeo*) denota simplesmente aquilo que produz satisfação agradável (cons. seu uso em Mt. 3:17; 12:18; 17:5). Cons. Fp. 1:23.

9. A expressão **nos esforçamos** (*filotimeomai*; em outro lugar do N.T. só em Rm. 15:20; I Ts. 4:11) significa "ser a ambição de alguém" (Arndt). A palavra **agradáveis** (*euairetos*) foi usada no N.T., apenas por Paulo (Rm. 12:1, 2; 14:18; Ef. 5:10; Fp. 4:18; Cl. 3:20; Tt. 2:9) e em Hb. 13:21.

**2) Motivada pelo Julgamento. 5:10.**

**10.** Este importante versículo pode ser assim resumido: 1) o plano – **importa**; 2) os partidos – **todos**; 3) a presença – **compareçamos**; 4) o lugar – **perante o tribunal de Cristo** (cons. Rm. 14:10); 5) o propósito – **para que**, etc. O propósito 1) inclui todos – **cada um**; 2) recompensa a todos – **receba**; 3) recorda tudo – **segundo o... que tiver feito por meio do corpo**; 4) discrimina tudo – **o bem, ou o mal**.

**3) Motivada pelo Temor. 5:11.**

**11. Conhecendo** é definitivamente causal ("uma vez que sabemos"). *Fobos* (como em Atos 9:31; Ef. 5:21) deve ser traduzido para **temor**. Implica aquele temor reverente, que deve caracterizar a vida do crente à vista de seu comparecimento diante de Cristo como Juiz. A ordem e a ênfase do original é mais ou menos assim: " . . . persuadimos os homens; mas diante de Deus já somos manifestos, e espero que também nas vossas consciências sejamos manifestos". Paulo procurava *persuadir* os homens 1) do juízo que está por vir (II Co. 5:10), ou 2) da sua própria integridade como ministro ou 3) da necessidade de reconciliação (veja 5:18-21). Só 2) parece ser de relevância imediata.

**4) Motivada pelo Altruísmo. 5:12-13.**

**12. Recomendamos** (*sunistano*). "Apresentar ou recomendar alguém a outrem" (Arndt). Este verbo é tão característico desta carta (3:1; 4:2; 6:4; 7:11; 10:12, 18; 12:11) que aparece aqui mais do que em todo o restante do N.T. Evidentemente alguns em Corinto gloriavam-se **na aparência**. Paulo queria dar aos seus convertidos um ensejo verdadeiro para se gloriarem dele, e que o fizessem verdadeiramente no coração, isto é, na realidade do íntimo.

**13.** Plummer traduz corretamente assim: "Se enlouquecemos, (foi) por Deus; se estamos no nosso juízo perfeito, (é) por causa de vocês". O "enlouquecer" (tempo aoristo) pode se referir a alguma ocasião quando seus inimigos o acusaram de insanidade (cons. Mc. 3:21; Atos 26:24). É

estranho que o mundo considere um homem desequilibrado quando a sua vida é totalmente consagrada ao Senhor.

### 5) Motivada pelo Amor. 5:14,15.

**14. Por amor de Cristo** (cons. Rm. 8:35; Ef. 3:19) vamos entender o próprio amor de Cristo por nós. O verbo **constrange** (*suneko*) normalmente significa "conservar junto"; mas aqui Arndt o considera significando "insistir, impelir". **Nos constrange** parece estar justificado à luz do versículo anterior. O amor de Cristo manterá qualquer crente afastado de extremos insanos. O julgamento de Paulo, feito uma vez para sempre na sua conversão, foi "Um morreu por todos, logo todos morreram". O **por em um morreu por todos** ensina substituição (como em Jo. 10:15; 11:50, 51; Rm. 5:6 e segs.; Gl. 1:4). O tempo aoristo em todos morreram identifica o crente com Cristo na sua morte (cons. Rm. 6:2-11; Gl. 2:19; Cl. 3:3).

**15.** Aqueles que foram redimidos por Aquele que **por eles morreu e ressuscitou** deveriam agora viver inteiramente dedicados ao seu Senhor, não ao seu ego (cons. Rm. 14:7 e segs.; I Co. 6:19, 20; I Ts. 5:10; Ap. 14:1-5).

### 6) Motivada pela Regeneração. 5:16, 17.

**16.** Antes da crise da sua conversão, Paulo conhecia a Cristo só **segundo a carne** (isto é, como outro homem simplesmente). Depois de conhecer o significado da morte de Cristo (5:15), ele deixou de conhecer **segundo a carne**, quer o homem, quer Cristo. Visão interior espiritual mudou o centro da gravidade de Paulo; a eternidade tornou-se o seu padrão de todas as medidas.

**17.** O crente agora torna-se uma **nova criatura**. Sobre **nova**, veja 3:6. **Já passaram.** O tempo é aoristo, e assim indica uma mudança definitiva que aconteceu por ocasião da regeneração. O mesmo verbo (*parerkomai*) foi usado com referência ao passar catastrófico do céu e da terra na última conflagração (Mt. 5:18; Lc. 21:32, 33; II Pe. 3:10). O

tempo perfeito em **eis que se fizeram novas** dramatiza a mudança permanente introduzida pela regeneração.

### 7) Motivada pela Reconciliação. 5:18-21.

18. Deus é o Autor de **tudo** (cons. Rm. 11:36; Ap. 4:11). Leia assim: "que nos reconciliou...e nos deu"; as duas atitudes são de Deus. A reconciliação precede a doação. Os pecadores são reconciliados pela morte de Cristo (cons. Rm. 5:10). A palavra **ministério** (*diakonia*) foi usada com freqüência nesta epístola (II Co. 3:7 e segs.; 4:1; 5:18; 6:3; 8:4; 9:1, 12, 13; 11:18).

19. O pensamento básico, **Deus estava em Cristo reconciliando**, explica-se negativamente – **não imputando** e positivamente – **e nos confiou**. As Escrituras ensinam que há uma não-imputação do pecado (Rm. 4:8) e uma imputação de justiça (Rm. 4:3, 6, 11, 22; Gl. 3:6) àquele que crê em Cristo.

20. Este versículo apresenta 1) os mensageiros – **somos embaixadores**; 2) os meios – **como se Deus exortasse por nosso intermédio**; 3) a mediação – **como se Deus exortasse por nosso intermédio**; 4) a mensagem – **que vos reconcilieis** (Alfred Plummer, *op. cit.*). O **como se** (*hos*) não expressa dúvida; pensamento poderia ser mais exatamente traduzido para *visto que*.

21. O grego diz assim: Aquele que não conheceu pecado foi feito pecado por nós, para que pudéssemos ser transformados em justiça de Deus nEle. Aquele que não tinha pecado tornou-se (por imputação) o pecado pelo pecador, para que o pecador pudesse se tornar (por imputação) sem pecado naquele que não tinha pecado. Eis aí o ponto central do Evangelho, um versículo que está no mesmo grau de importância que Jo. 3:16. No V.T., a imputação da justiça de Deus ao crente foi ensinada didaticamente (Gn. 15:6; cons. Rm. 4:3, 9), profeticamente (Is. 53:11; 61:10; Jr. 23:6) e tipicamente (Zc. 3:1-5).

## 2 Coríntios 6

### 8) Motivada pelo Tempo. 6:1, 2.

1. O particípio **cooperadores** representa *sunergeo* (um verbo que não aparece em outras passagens do N.T., só em Mc. 16:20; Rm. 8:28; I Co. 16:16; Tg. 2:22). Há um verdadeiro "sinergismo" depois da salvação (cons. Fp. 2:12, 13). **Em vão.** Cons. Gl. 2:2; Fp. 2:16; I Ts. 3:5. Paulo sempre procura evidência real do poder do Evangelho entre seus convertidos (cons. I Ts. 2:13).

2. Com uma citação de Is. 49:8 (LXX), Paulo reforça a urgência do *receber* no versículo 1. A declaração de Isaías referia-se originalmente ao Messias; Paulo a aplica aos crentes (cons. Rm. 10:15 para uma aplicação semelhante). O **agora** (*nun*; cons. seu uso em Ef. 3:5, 10; Hb. 12:26; II Pe. 3:7) termina quando a dispensação do Evangelho terminar (cons. Hb. 9:26-28).

### 9) Motivada pelo Sofrimento. 6:3-10.

3-10. Todos os particípios até 6:10 devem ser atribuídos a **nós . . . vos exortamos** em 6:1. O **ministério** não seria "caluniado" (Plummer) se o ministro não desse motivos de **escândalo em coisa alguma**. O pensamento negativo de 6:3 foi apresentado afirmativamente em 6:4a, e então, em 6:4b-10, ampliado antiteticamente e ascendentemente pelo uso de **em** e suas contrações (dezessete vezes), **por** e suas contrações (cinco vezes) e **como** (quatro vezes). Eis aí um arco-íris multicolorido luzindo com as graças do ministério de Paulo. Cons. 2:14 e segs.; 4:8-10; 11:16-23.

### G. Paulo Insiste na Dissuasão. 6:11 - 7:1.

#### 1) A Tese: Mudem de atitude para comigo. 6:11-13.

11. O verbo **abrem-se** representa o tempo perfeito e assim indica um estado permanente – ela permanece *aberta* (cons. o mesmo tempo em Atos 10:11; Ap. 4:11. O mesmo é verdade quanto a **alarga-se** – um verbo (*platuno*) que não aparece em outras passagens do N.T., só em II

Co. 6:13 e Mt. 23:5. Está evidente que os coríntios não participavam dessas afirmações.

**12.** O verbo **estais limitados** vem de *stenokoreo*, significando "aglomerar, restringir, confinar" (Arndt). Descreve pungentemente como os coríntios eram "estreitos" em suas afeições pelo apóstolo.

**13.** Amplificando, lê-se assim: "(Concedam-me) a mesma retribuição – falo como se vocês fossem meus filhos – que também abram (seus corações) largamente". Maus sentimentos para com Paulo deram aos coríntios um caso triste de espiritual endurecimento do coração.

## **2) A Antítese: Mudem de atitude para com o mundo. 6:14-16.**

**14.** A ordem pode ser traduzida assim; "parem de se ligar heterogeneamente com os incrédulos". O princípio reverte à legislação mosaica (cons. Lv. 19:19; Dt. 22:10). Os cristãos são "novas criaturas" (II Co. 5:17); não devem se ligar espiritualmente com os incrédulos mortos (cons. Ef. 2:1). A palavra (*metoke*) traduzida para **comunhão** só se encontra aqui no N.T. ; significa "partilhar, participar" (Arndt). A palavra *anomia* por trás de iniquidade significa realmente *ilegalidade* (Arndt). Cons. Hb. 1:9 onde há um outro contraste semelhante. **Comunhão** (koinonia) envolve "relacionamento íntimo" (Arndt), como o do casamento ou como o relacionamento espiritual com Deus (cons. II Co. 13:14; I Co. 1:9; I Jo. 1:3, 6). O contraste entre luz e trevas é especialmente proeminente na literatura do N.T. (cons. Jo. 1:5; 3:19 ; Ef. 5:7, 11; Cl. 1:12, 13; I Jo. 1: 6, 7; 2:10, 11).

**15.** A palavra **harmonia** (*symfonesis*) encontra-se apenas aqui no N.T. A santidade e pureza de **Cristo** não pode harmonizar-se com a maldade e impureza do **Maligno** (um sinônimo para Satanás). Cons. I Co. 10:21. A E.R.A. traduz corretamente ou que união do crente com o incrédulo? Os dois são espiritualmente incompatíveis. A palavra (*meris*) por trás de **união** sugere uma profunda participação de coisas em comum (cons. seu uso em Lc. 10:42; Atos 8:21; Cl. 1:12).

**16.** A palavra **ligação** (*sunkatathesis*) dá o clímax das quatro palavras precedentes que Paulo usa para expressar a união pecaminosa entre os filhos de Deus e os filhos do diabo. Esta palavra sugere uma ligação simpática de mente e vontade em um plano de acordo mútuo. O templo (*naos*) é a parte interior do santuário (como em I Co. 3:16, 17; 6:19, 20). Em períodos de apostasia, abominações eram praticadas no lugar santo (cons. II Reis 21:7; 23:6, 7; Ez. 6:3-18.). O templo pagão em Corinto era um poço de iniquidade (cons. Rm. 1:18-32). A citação introduzida com **como ele próprio disse** é uma citação composta da LXX, combinando Lv. 26:11, 12 e Ez. 37:27. (Cons. também Êx. 25:8; 29:45; Jr. 31:1). Devemos notar como Paulo corrobora suas ordens (II Co. 6:14a): 1) apelando a cinco perguntas auto-evidentes (vs. 14b-16a), 2) apelando a Deus (v.16b) e 3) apelando às Escrituras (v. 16b).

### **3) A Síntese: Obedecer e viver. 6:17 - 71.**

**17. Por isso** (*dió*) sempre introduz uma conclusão lógica (como em 2:8; 4:13, 16; 5:9; 12:10). Os imperativos em aoristo de **retirar-vos . . . separar-vos . . . apartar-vos . . . não toqueis** sublinha a urgência e a definitividade do ato envolvido. A citação é de Is. 52:11 (cons. Ap. 18:4). O gênero de **impuros** é ambíguo; pode ser masculino ou neutro (*coisa*). Sobre a separação do mal, veja Rm. 13:11-14; Ef. 5:3-14; I Pe. 2:9-12; 4:1-5; I Jo. 2:15-17.

**Eu vos receberei** introduz a primeira de três promessas (cons. Ez. 20:34). Deus não pode receber com amor aqueles que estão consciente e espontaneamente envolvidos com o mal.

**18.** As duas promessas aqui citadas (baseadas em passagens tais como II Sm. 7:8, 14; Is. 43:6; Os. 1:10) ilustram como as promessas originalmente feitas a Israel são agora aplicadas aos cristãos. Para mais ilustrações deste princípio, cons. Êx. 19:5 com I Pe. 2:5, 9, 10; Os. 1:10 com Rm. 9:25; Jr. 31:31-34 com Hb. 8:8-12.



## 2 Coríntios 7

**7:1.** Aqui está a conclusão do pequeno sermão do apóstolo (6:11 - 7:1). Ele dá a causa, a ordem e a conseqüência. **Tendo, pois, ó amados tais promessas** introduz a causa. **Tais** é muito enfático no original – as promessas que acabamos de mencionar. **Purifiquemo-nos.** O aoristo torna o ato absolutamente imperioso e final (cons. I Co. 6:11). Sobre "purificar-se de" veja Hb. 9:14; I Jo. 1: 7, 9; veja também Ef. 5:26; Tt. 2:14. A conclusão, **aperfeiçoando a nossa santidade**, enfatiza o fato de que o processo é contínuo; pois *epiteleô*, "completar, realizar, executar" (Arndt) foi aqui usado no tempo presente. Sobre temor na vida do crente, veja Atos 9:31; Ef. 5:21; Fp. 2:12; I Tm. 5:20; I Pe. 1:17; 3:15.

### H. Exemplo do Deleite de Paulo. 7:2-16.

#### 1) Paulo Tem os Coríntios em Alta Estima. 7:2-4.

**2.** Ouça o rogo do apóstolo. "Hospedem-nos" (também no grego), Despojem-se de sua rabugice mesquinha e petulância; dêem-nos um lugar em seus *corações*. Ouça seu protesto: "A ninguém fizemos mal; a ninguém corrompemos; a ninguém defraudamos" (também no grego a mesma ordem e o mesmo tempo). Cons. I Sm. 12:3; Paulo viveu "sóbria, justa e piamente" (Tito 2:12) entre eles. Ninguém podia provar um caso de permissividade moral contra ele.

**3.** O **já vos** retrocede a 6:11-13. Três coisas são latentes aqui: 1) O propósito de Paulo – "estais em nossos corações para" – *eis to* – "juntamente morrer e viver"; 2) a indissolubilidade da união entre Paulo e os seus convertidos – **para juntos morreremos e vivermos**; 3) a prioridade do "morrer" sobre o "viver". Colocar o "morrer" antes de "viver" pode nos ensinar que realmente é necessário "morrer" antes de se "viver" (cons. Jo. 12:14; Rm. 6:1-14) ou, igualmente provável, que a morte física deve preceder a vida eterna na glória (cons. Jo. 11:25, 26; Hb. 9:27, 28).

**4.** A atitude objetiva de Paulo está expressa em **franqueza** (veja 3:12) e **glorio** (veja 1:12); sua atitude subjetiva está expressa em **sinto-**

**me grandemente e transbordante.** Este estado de "plenitude" (tempo perfeito) era coisa estabelecida; a "superabundância" (tempo presente) era um rio que sempre fluía. Sobre o gozo em tubulação, veja II Co. 1:4; cons. Mt. 5:12; Rm. 5:3; Tg. 1:2, 3.

## 2) Razões para Paulo Estimar Altamente aos Coríntios. 7:5-16.

5. Os versículos 5-7 dão o primeiro motivo de Paulo: A consideração deles. Sua "tribulação" (7:4), já experimentada em Éfeso (1: 8) e em Trôade (2:12, 13) seguiu-o **à Macedônia**. Era incessante (**nenhum alívio**), por todos os lados (**em tudo**), externa (**por fora**), e interna (**por dentro**).

6. Qual seria o significado de *tapeinos*? **Abatidos** ou *humildes*. O uso da palavra em outras passagens do N.T. (cons. 10:1; Mt. 11:29; Lc. 1:52; Rm. 12:16; Tg. 1:9; 4:6; I Pe. 5:5 ) mostra que significa "indignos, pobres, humildes, sem distinção" (Arndt). A palavra **chegada** (*parousia*) significa "vinda" e também "presença". Geralmente designa o Segundo Advento (por exemplo, I Ts. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23).

7. Três expressões – **vossa saudade, o vosso pranto, o vosso zelo por mim** – apresentaram o gozo renovado de Paulo resultante da chegada de Tito.

8. Os versículos 8-12 dão o segundo motivo de Paulo. A reação deles diante de sua carta. Quatro assuntos em 7:8 precisara de algum esclarecimento: 1) Devemos traduzir *metamelomai* como *lamentar*, em lugar de **arrependo**. 2) O verbo **contristado** (*lupeo*) significa "sofrer, magoar" (Arndt). Não traz em si necessariamente uma implicação de falta moral. 3) Alguns mestres acham que a **carta** mencionada aqui é a "carta severa" perdida; outros defendem que a carta mencionada é a nossa I Coríntios. As informações de que dispomos não sancionam uma decisão dogmática sobre o assunto. 4) Se ele se referia à I Coríntios, a inspiração de Paulo não está de forma alguma prejudicada por sua declaração de que, humanamente falando, lamentasse **que aquela carta vos contristou por breve tempo**.

9. A alegria de Paulo tinha um lado negativo – **não porque fostes contristados**; e um lado positivo – **mas porque fostes contristados para arrependimento**; um motivo subjacente – **pois fostes contristados segundo Deus**; e um propósito principal – **para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis**. Ao se referir a **nenhum dano**, Paulo está pensando na perda eterna que poderia resultar de sua irresponsabilidade e leniência (cons. I Co. 13:15; Fp. 3:8).

10. Observe os contrastes: 1) **segundo Deus e do mundo**; 2) **salvação e morte** (isto é, "a segunda morte" – Ap. 2:11 ; 20: 6,14); 3) os dois diferentes verbos que foram traduzidos para produz – *ergazomai* "operar" (como em I Ts. 2:9), e *katergazomai* (veja II Co. 4:17), "produzir" (como em 12:12).

11. A energia deste versículo é quase intraduzível. Sua *tristeza segundo Deus* produziu (cons. v. 10) *salvação* (cons. Fp. 2:12, onde também foi usado o verbo *katergazomai*), não morte. Paulo arruma seis substantivos em ordem ascendente para descrever a natureza explosiva de seu arrependimento. Os coríntios resultaram **puros neste negócio** (E.R.C.).

12. Seja qual for o culpado e o injustiçado, a preocupação principal do apóstolo ao lhes escrever a carta era que **a vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós diante de Deus** (cons. 5:11; 11:6). Sua obediência era a principal preocupação de Paulo (cons. 2:9; 7:15; 10:6).

13. Em 7:13-16 Paulo dá a terceira razão: O encontro com Tito. Aqui entramos na bonança após a tempestade. Observe os dois perfeitos (**nos sentimos confortados . . . foi recreado**) A alegria de Paulo foi intensificada **pelo contentamento de Tito**. O todos vós reflete a unidade da igreja. 14. Três pensamentos estão presentes: 1) A vulnerabilidade de Paulo – **se . . . me gloriei**; 2) sua veracidade – **como em tudo com verdade**; 3) sua vindicação – **também a nossa exaltação ... se verificou ser verdadeira**. Sobre o **como . . . também**, veja 1:7. Esta é a única passagem do N.T. onde verdade é um substantivo predicativo usado com

*ginomai* ("tornar-se"). "Nossa glória . . . tornou-se verdade" – como se a **verdade** se tornasse encarnada diante deles!

**15.** Observe as aptidões da personalidade humana: 1) as emoções – **seu afeto**; 2) a mente - **lembrando-se**; 3) a vontade - **como o recebestes**. Os coríntios aprenderam a **obediência** (cons. Hb. 5:8) . . . **com temor e tremor** (cons. Fp. 2:12).

**16. Confiar.** *Tharreo* (usada em outra parte do N.T. apenas em 5:6, 8; 7:16; 10:1, 2; Hb. 13:6) significa aqui "poder depender de alguém" (Arndt). *Confiança perfeita* talvez seja forte demais; todavia, o otimismo de Paulo aqui não é completamente irreconciliável com o seu pessimismo em 12:20, 21 . Resumindo, Paulo sentia que, apesar dos obstáculos aparentemente intransponíveis, nenhuma emergência futura poderia solapar permanentemente sua convicção de que as coisas finalmente resultariam no bem.

## II. A Coleta. 8:1 - 9:15.

### 2 Coríntios 8

#### A. A Primeira Razão para Sua Conclusão: O Exemplo dos Macedônios. 8:1-8.

**1.** Em **vos fazemos conhecer** temos um verbo (*gnorizo*) que aparece vinte e quatro vezes no N.T., e foi usado dezoito vezes por Paulo, geralmente em ligação com alguma importante revelação (por exemplo, Rm. 16:26; I Co. 15:1; Ef. 1:9; 3:3, 5, 10; Cl. 1:27). Paulo geralmente usa o verbo *didomi*, "dar" com *karis*, **graça** (cons. Rm. 12:3-6; 15:15; I Co. 1:4; 3:10; Gl. 1:9; Ef. 3:2, 8; 4:7). O tempo perfeito (**dada**) e a preposição **às** torna o versículo fora do comum. As igrejas já tinham recebido um depósito da graça de Deus.

**2. Tribulação** (*thlipsis*). Veja 1:4. **Muita prova de tribulação** sobreviera às igrejas da Macedônia (cons. Atos 16:20; 17:5, 13; Fp. 1:28; I Ts. 1:6; 2:14; 3:3-9). Há um contraste aqui entre **muita . . . tribulação**

e **abundância de alegria**, entre **profunda pobreza** (lit. pobreza extrema) e **riquezas da . . . generosidade**.

**3-5.** Estes versículos constituem uma sentença, cujo principal elemento se encontra em **deram-se a si mesmos** no versículo 5. A "generosidade" (8:2) dos macedônios desenvolve-se assim: 1) deram sacrificialmente – **acima de suas posses**; 2) deram espontaneamente – **se mostraram voluntários**; 3) deram insistentemente – **pedindo-nos com muitos rogos**; 4) deram espiritualmente – **deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor**.

**6. Como . . . assim também**, veja 1:5. Cons. Fp. 1:6. Por **complete** (*epiteleo*; veja II Co. 7:1) vamos entender que esta graça de contribuir tinha de ser "concluída" (Arndt). Parece que (cons. 8:10; 9:2; I Co. 16:1-4) a igreja em Corinto estava demorando-se muito nessa questão da conclusão da coleta.

**7.** Os coríntios eram bastante proficientes em algumas graças (**fé . . . palavra. . . saber. . . cuidado**); mas eram bastante deficientes numa delas (**nesta graça**). "Falta-te uma coisa" (Mc. 10:21).

**8.** A palavra (*epitage*) traduzida para **mandamento**, foi usada no N.T., exclusivamente por Paulo (Rm. 16:26; I Co. 7:6, 25; I Tm. 1:1; Tt. 1:3; 2:15). Uma "ordem" não podia fazer o que a *spoude* ("ansiedade, sinceridade, diligência" – Arndt) dos macedônios podia fazer para provar "a sinceridade do seu amor" (Plummer).

## **B. O Segundo Motivo para Sua Conclusão: O Exemplo de Cristo. 8:9.**

**9.** Veja as maravilhosas verdades que estão aqui: 1) conhecimento concedido – **conheceis**; 2) estado de renúncia – **sendo rico**; 3) razão oferecida – **por amor de vós**; 4) posição assumida – **se fez pobre**; 5) fonte de recursos – **pela sua pobreza**; 6) exaltação conferida – **vos tomásseis ricos**. Cons. Fp. 2:5-10. Contribuam de acordo com a magnitude de sua riqueza em Cristo Jesus.

**C. O Terceiro Motivo para Sua Conclusão: Questão de Honra. 8:10 - 9:5.**

**10. Minha opinião** é razoável: convém isto (*symfero* – um verbo que significa "conferir um benefício, ser vantajoso" – Arndt) **a vós** – vocês que eram "os tais" (pois assim o **que** dá a entender) **que desde o ano passado principiastes**. Que a sua atuação agora não fique para trás mas esteja à altura de sua disposição!

**11. O agora** (*nuni*; cons. seu uso em I Co. 15:20; Ef. 2:13; 3:10; Hb. 8:6; 9:26) é mais enfático do que a forma **regular** (*nun*; cons. seu uso em II Co. 5:16; 6:2; 7:9). A forma *nuni* foi exclusivamente usada por Paulo no N.T. (vinte e duas vezes). A opinião de 8:10 transforma-se em uma ordem – **completai**. O aoristo de *epiteleo* (veja 7:1) implica urgência e instantaneidade.

**12.** A contribuição devia ser **conforme o que o homem tem**; legalismo severo não tem lugar na contribuição cristã.

**13.** Literalmente: *Que isto não* (venha a se transformar em) **alívio** (*anesis*, como em 2:13; 7:5) *para outros* (os santos em Jerusalém), (mas) *para vocês* (em) *sobrecarga* (*thilipsis*; veja 1:4). Os santos em Jerusalém não deviam se deleitar em assentos luxuosos enquanto os coríntios se assentassem em bancos duros. Que não haja "benefícios adicionais" às suas custas!

**14.** A desejada **igualdade** (suprida pela **abundância** dos coríntios) serviria para 1) suprir as necessidades deles; 2) tornar mais agradável qualquer suprimento (futuro) das necessidades deles; 3) produzir uma **igualdade** eticamente satisfatória. A presente passagem não apóia nem o comunismo nem as obras de superabundância da graça. Como também Rm. 15:27 não está necessariamente envolvido. Paulo está falando de uma disparidade temporária nas necessidades de vida existentes em Jerusalém e Corinto.

**15.** O apóstolo cita um incidente da história de Israel (Êx. 16:18) para sustentar o princípio da "igualdade" (II Co. 8:14).

16. Sobre **graças** veja 2:14. Literalmente: **Mas, graças** (sejam) **a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós** (cons. 8:1).

17. O "coração" de Tito (v.16) reagiu espontaneamente: 1) **atendeu . . . ao apelo** de Paulo; 2) fez-se muito diligente; 3) **partiu voluntariamente para vós**. O verbo **mostrando-se** (particípio presente de *huparko*) sublinha a existência real na natureza essencial de uma coisa (cons. seu uso em Atos 2:30; 16:20; I Co. 11:7; II Pe. 1:8; 2:19; 3:10).

18. Paulo não identifica mais detalhadamente **aquele irmão** "cujo louvor no evangelho está espalhado em todas as igrejas" (Plummer). Ninguém pode afirmar dogmaticamente que Lucas seja **aquele irmão** aqui referido.

19. Temos aqui 1) o passado – **eleito** (pelo "levantar das mãos"); 2) o presente – **desta graça** "que por nós é ministrada" (Plummer); 3) o futuro – "para (promoção da) glória de Deus e nossa prontidão". O humano e o divino estão aqui entrelaçados.

20. Este versículo dá o lado negativo; o próximo apresenta o lado positivo. Com tal **generosa dádiva** Paulo não daria motivos a **que alguém nos acuse** (mesma palavra de 6:3) em uma má administração deste fundo (cons. I Ts. 5:22).

21. O verbo (*proneo*) traduzido para **preocupa** não foi usado em outras passagens do N.T., só em Rm. 12:17 e I Tm. 5:8. Paulo fez ampla provisão para assegurar sua integridade moral **não só perante o Senhor, como também diante dos homens** (cons. Rm. 14:18; Fp. 4:8; I Pe. 2:12, 15, 16).

22. Um terceiro **irmão**, que já fora experimentado em muitas coisas e **agora . . . ainda mais zeloso**, ia com o grupo.

23. Tito está descrito como **companheiro e cooperador** de Paulo (cons. Rm. 16:3; Cl. 4:11; Fm. 17). Os outros dois homens são chamados de **mensageiros das igrejas e glória de Cristo**. A palavra (*apostolos*) traduzida para **mensageiros** aqui, foi traduzida para apóstolo, em todas as vezes que ocorre no N.T., com exceção de Jo. 13:16 e Fp. 2:25).

**24.** Três grupos estão envolvidos: 1) os coríntios – **nosso**; 2) os "mensageiros" (v. 23) – **destes homens**; 3) **as igrejas**. Todos os olhos estavam voltados para Corinto a fim de observarem como os cristãos de lá receberiam os "mensageiros". Duas coisas estavam em jogo: **vosso amor e nossa exultação** (jactância).

## 2 Coríntios 9

**9:1.** Literalmente: **Quanto à assistência** (que se faz) **a favor dos santos, é desnecessário** (que continue a) **escrever-vos**. Não obstante, ele prossegue escrevendo.

**2.** Os cristãos de Acaia (incluindo os coríntios) caracterizavam-se pela **presteza**, preparo (**está preparada desde o ano passado**), e pelo **zelo**. O verbo (*erethizo*) por trás de **estimulado** foi usado aqui no bom sentido. Em apenas um único outro lugar do N.T. (Cl. 3:21) tem um mau sentido – "irritar, exasperar" (Arndt).

**3.** Paulo cria inteiramente que os meios eram necessários para se alcançar o fim. Este versículo tem muitas aplicações espirituais (cons. Atos 27:24, 31).

**4.** Uma contingência indesejável está expressa em **caso** (*me pos*; cons. seu uso em 2:7; 11:3; 12:20).

**5.** O uso triplo de *pro*, "antes", é significativo: **me precedessem . . . preparassem de antemão . . . , já anunciada**. *Pleonexia* (na traduzida melhor para "avareza, insaciabilidade, ganância, ambição" Arndt).

## D. O Quarto Motivo para Sua Conclusão: Questão de Mordomia. 9:6-15.

### 1) Princípios Extraídos da Natureza. 9:6.

**6.** A proporção coextensiva entre o semear e o colher encontra sua expressão no reino espiritual: "Aquele que semeia sobre o princípio das bênçãos, aobre o princípio das bênçãos colherá" (Plummer; cons. Pv. 11:24; Lc. 6:38; Gl. 6:7, 8).



**2) Princípios Extraídos da Natureza de Deus. 9:7-10.**

7. Podemos resumi-lo assim: 1) a pessoa – **cada um**; 2) à proporção – **segundo tiver proposto**; 3) o lugar – **no coração**; 4) a perversão – **não com tristeza, ou por necessidade**; 5) o princípio – **porque Deus ama a quem dá com alegria**.

8. Muito literalmente: **Deus pode fazer-nos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra**. Observe a repetição de **tudo** e **toda**. Sobre **Deus pode**, veja Mt. 3:9; 10:28; Mc. 2:7; Ef. 3:20; Judas 24. O substantivo **suficiência** (*autarkeia*) não foi usado em outras passagens do N.T., apenas em I Tm. 6:6 (mas Paulo aplica o adjetivo a si mesmo em Fp. 4:11). Esta palavra, usada pelos estóicos, descreve "um estado perfeito de vida no qual não há necessidade de auxílio" (Thayer, *Lexicon*). A palavra "suficiência" (*hikanotes*) em II Co. 3:5 designa "capacidade ou competência para fazer uma coisa" (Thayer). Os dois termos não são idênticos; uma pessoa pode ter um deles sem ter o outro.

9. O apóstolo usa a construção exata **como está escrito** doze vezes em Romanos, duas vezes em I Coríntios, e duas vezes nesta epístola (8:15 e aqui). Não a usa mais em nenhum outro lugar. A citação é de Sl. 112:9 (LXX). A **justiça** que permanece refere-se mais à recompensa do que à salvação (cons. II Tm. 4:8; Ap. 19:8; 22:11).

10. A plenitude na natureza (**aquele que dá**) é uma garantia para a plenitude na graça (**também suprirá...e aumentará**). Cons. Is. 55:10; Os. 10:12.

**3) Princípios Extraídos da Natureza Cristã. 9:11-15.**

11. O primeiro princípio é o enriquecimento espiritual. Literalmente: *em todas as coisas sendo enriquecidos para toda liberdade* (como em 8:2) *a qual é tal que* (relativo qualitativo como em 8:10) *produz* (veja 4:17) *por meio de graças dados a Deus*.

12. O segundo princípio é a ação de **graças**. Este serviço (*leitourgia*; cons. seu uso em Lc. 1:23 ; Fp. 2:17, 30; Hb. 8:6; 9:21)

ênfata o aspecto ministerial da contribuição. O verbo **supre** traduz *prosanapleroo*, que significa "encher acrescentando" (A.T. Robertson). Contribuir para as necessidades dos outros multiplica as **muitas graças a Deus**.

**13.** O terceiro princípio é obediência. A **prova desta ministração** produz dois benefícios: 1) Os cristãos em Jerusalém **glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão**; 2) e, conseqüentemente, tomarão conhecimento da "sinceridade de sua comunhão" (Charles Hodge, *An Exposition of the Second Epistle to the Corinthians*) para com todos os crentes.

**14.** O quarto princípio é a oração. Sobre **com grande afeto** (*epipotheo*), veja 5:2. Para entender **superabundante** (*hyperballo*), consulte outras passagens onde foi usada (3:10; Ef. 1:19; 2:7; 3:19). A expressão **em vós** traduz-se melhor por sobre vós (cons. a mesma preposição, *epi*, em 12:9; I Pe. 4:14). **15.** O quinto princípio é o louvor. Temos aqui Paulo "transbordando de gratidão pelo dom do seu Filho" (Hodge, *op. cit.*). Cons. Jo. 3:16; Rm. 6:23.

### III. As Credenciais. 10:1 – 13:14.

## 2 Coríntios 10

### A. Armadura Espiritual. 10:1-6.

**1.** Observe a ênfase de **e eu mesmo, Paulo** – como se antecipasse a defesa que agora adota contra aqueles que queriam impugnar sua autoridade apostólica. Sobre **quando presente** veja 10:10; I Co. 2:3, 4.

**2.** Paulo diz que ele pretende tratar com severidade **alguns** em Corinto que estavam lhe impondo padrões do mundo (cons, 13:2, 10).

**3.** Sobre **andando**, veja 5:7; cons, também 12:18. O apóstolo freqüentemente usava linguagem militar (cons. Rm, 13: 12, 13; Ef. 6: 13-17; I Tm. 1:18; II Tm. 2:3, 4).

4. Este versículo parentético – com possível alusão à queda de Jericó (Js. 6:1-27) – descreve a **milícia** do cristão, tanto positiva quanto negativamente.

5. Temos aqui um comentário microscópico sobre o livro do Apocalipse. A terminologia militar faz-nos lembrar Ef. 2:2; 6:12. Subjugação e submissão são os pensamentos principais. Essa **toda altivez que se levante** (presente passivo de *epairo*; cons. *huperairo* em 12:7; II Ts. 2:4) **contra o conhecimento de Deus** será devastadoramente destruída. Observe a dupla de **toda** e **todo**. Sobre pensamento (*noema*) veja 3:14. Todas as teorias que são hostis à palavra de Deus serão reduzidas a nada.

6. As implicações teológicas de 10:5 teriam uma exposição prática. Literalmente: *E estando prontos para vingar toda desobediência, quando for cumprida a vossa obediência*. **Uma vez** (*hotan* como em 12:10; 13:9; I Co. 15:24-27, 28) torna indefinido o tempo, não ato. Em Corinto havia dois partidos: um desobediente, outro procurando obedecer.

### **B. Autoridade Construtiva. 10:7-18.**

7. Evidentemente alguns em Corinto mediante um homem **segundo a aparência**, E.R.C. (cons. I Co. 1:12; 3:3, 4). O **se** julga verdadeira a situação (como em II Co. 5:17). O verbo **confia** (segundo perfeito de *peitho*, "confiar" – como em 5:11) estabelece uma persuasão interna que resulta em convicção externa (cons. seu uso em Fp. 3:4; II Tm. 1:5, 12). Nenhum grupo pode estar mais confiante do que aqueles que são enganados pelo diabo (cons. II Co. 4:3, 4; 11:13 e segs.). Sobre **assim como... também**, veja 1:5.

8. Temos aqui uma oportunidade 1) assentada – **se eu me gloriar**, 2) possuída – **nossa autoridade**, 3) recebida – **a qual o Senhor nos conferiu**, 4) definida – **para edificação**, e 5) justificada – **não me envergonharei**.

9. Não obstante insinuações sinistras, Paulo não queria *intimidar* (*ekfobeo*; só aqui no N.T.) seus convertidos com suas **cartas**.

10. As sutis implicações das murmurações em Corinto eram que a **presença** de Paulo (parousia; veja 7:6) era um tanto menos eficiente que as suas **cartas**. Se os habitantes de Listra podiam chamar Paulo de Hermes (cons. Atos 14:12), parece que a ignomínia do **desprezível** surgiu mais da animosidade do que da realidade. Cons. II Pe. 3:15, 16.

11. Sobre **tal** veja 3:12; cons. 12:2, 3, 5. **Que o que somos** corresponde ao grego (*hoioismen*). As palavras e obras de Paulo correspondiam – quer ausente quer presente. Que seu difamador se precavesse!

12. Paulo não se tornaria um membro da Sociedade dos Mestres Auto-Recomendados de Corinto. Tais homens 1) **se louvam a si mesmos**; 2) **medindo-se consigo mesmos**; 3) **revelando insensatez** (*suniei*; cons. seu uso em Mt. 13:13 e segs.; Atos 7:25, 26; Rm. 3:11 – não conseguem juntar dois com dois). O apóstolo não dava valor ao dita – "todos os mestres concordam".

13. Paulo não se gloriava como seus oponentes (cons. 10:12). **Deus** lhe **demarcou** um território ou *província* para evangelizar (cons. Gl. 2:7; Ef. 3:1-9). Nesse território, que incluía Corinto, ele se gloriava.

14. Paulo e seus auxiliares não se intrometiam presunçosamente entre os coríntios. Eles foram 1) por província – **não ultrapassamos os nossos limites**; 2) por prioridade – **posto que já chegamos até vós**; 3) por proclamação – **com o evangelho de Cristo**. Paulo fala uniformemente do evangelho de "o Cristo", isto é, do Ungido (como em 2:12; 4:4; 9:13; Rm. 15:19; Gl. 1:7; Fp. 1:27; I Ts. 3:2).

15, 16. Estes versículos enunciam princípios espirituais, tais como: 1) Um ministro não deve se gloriar **nos trabalhos alheios** ou **no que estava já preparado**. (E.R.C.). 2) A fé de uma igreja (**crescendo a vossa fé**) afeta a atividade de um ministro. 3) Pelo crescimento espiritual uma igreja capacita um ministro – **evangelizar além das vossas fronteiras**; (cons. Rm. 15:19-29).

17. Cita como Escritura em I Co. 1:31 (cons. Jr. 9:24). Nas epístolas de Paulo, o *no (en)* na frase, **no Senhor**, sempre expressa um relacionamento íntimo e místico com Cristo. A frase é mais ou menos uma marca registrada espiritual (por exemplo, Rm. 16:12, 13, 22; Fp. 4:1, 2; 4, 10; Fm. 20). Nenhum outro escritor do N.T. a usa.

18. Paulo preferia infinitamente mais o **muito bem** de Cristo (Mt. 25:21, 23) a todos os aplausos dos mestres auto-recomendados (cons. II Co. 10:12). Sobre **Senhor** veja II Tm. 4: 8, 14, 17, 18, 22.

## 2 Coríntios 11

### C. Apreensão Justificável. 11:1- 6.

1. Literalmente: *Oxalá me suportásseis um pouco na minha loucura! Mas vocês realmente me suportaram.* A última cláusula pode ser entendida más ou menos ironicamente. *Oxalá* expressa uma forte explosão emocional (como em Rm. 9:3).

2. Temos aqui a sua 1) paixão – **zelo por vós**; 2) posição – **visto que vos tenho preparado para... um só esposo**; 3) propósito – **para vos apresentar como virgem... a Cristo**. Os falsos mestres em Corinto estavam procurando persuadir a igreja a se afastar de Cristo. O "casamento" aconteceu na conversão; a "apresentação" será consumada no Segundo Advento (cons. Ef. 5:26, 27; Ap. 21:2, 9; 22:17).

3. A perturbação de Paulo foi intensificada através de um paralelo (**assim como a serpente enganou a Eva**; cons. Gn. 3:4,13), o qual, no caso dos coríntios, poderia causar idêntica perversão (**sejam corrompidas as vossas mentes**). O verbo **enganou** representa uma palavra composta (*exapatao*) que carrega em si a idéia de mentira completa (cons. I Tm. 2:14). Sobre **mentes** veja II Co. 3:14. Em grego, a última metade diz assim: *Seus pensamentos poderiam se corromper afastando-se da simplicidade e da pureza que leva a Cristo* (Plummer).

4. **Pregado . . . recebido. . . abraçado.** Paulo se refere ao tempo de sua conversão (cons. I Co. 15:1, 2). Deveríamos traduzir um **espírito diferente** e um **evangelho diferente** (Gl. 1:6-8).

5. Parece que por **esses tais apóstolos** – uma descrição naturalmente sem a intenção de elogiar – Paulo tem em mente os falsos apóstolos de 11:13-15.

6. O apóstolo admite uma falha (**falto no falar**). Mas ele declara um domínio no conhecimento (cons. I Co. 2:6-13; Gl. 1:11-17; Ef. 3:1-13) e uma eficiência em tornar esse conhecimento "manifesto entre todos os homens no meio de vós" (Plummer; cons. Rm. 16:26; Cl. 1:26; 4:4; II Tm. 1:10; Tito 1:1-3).

#### **D. Humilhação Razoável. 11:7-15.**

7. **Cometi eu, porventura, algum pecado** fala da seriedade das acusações feitas contra Paulo. Em **humildemente** vemos o ensinamento (Mt. 18:4; 23:12) e o exemplo (Fp. 2:8) de Jesus. A "exaltação" dos coríntios foi das profundezas das trevas do paganismo às alturas da comunhão com Deus (cons. Ef. 2:1 e segs.; I Pe. 2:9, 10). Sobre **gratuitamente** veja II Co. 12:14; Atos 20:33-35; I Co. 9:4-18; I Ts. 2:9.

8,9. A justa indignação de Paulo contra as falsas insinuações instigou-o a usar uma forte linguagem em sua defesa. 1) **De outras igrejas** tomou **salário**. 2) Suas terríveis necessidades em Corinto foram supridas por alguns macedônios (cons. Fp. 4:15, 16). 3) Sua política fixa era de não se tomar **pesado** aos coríntios.

10. Este versículo é uma declaração forte, com ênfase sobre o **está**: "A verdade de Cristo está em mim, esta glória não me será impedida nas regiões da Acaia". O verbo **tirada** (*farasso*) foi usado em outras passagens do N.T. em Rm. 3:19; Hb. 11:33.

11. Paulo invoca a Deus por testemunha de que ele ama os coríntios mesmo quando lhe imputam motivações erradas (cons. 12:15).

12. Este versículo tem sido alvo de variadas traduções e interpretações. Três coisas estão visíveis: 1) Paulo continuaria com sua política de não aceitar ajuda financeira dos coríntios. 2) Essa política financeira foi motivada pelo desejo de solapar os falsos mestres. 3) Não tendo nada do que acusar Paulo a esse respeito, os falsos mestres seriam

**considerados iguais a nós**, isto é, julgados pelos mesmos padrões; sua proclamada superioridade se evaporaria.

**13.** Paulo descreve seus antagonistas assim: 1) seu caráter – **falsos apóstolos**; 2) sua tramóia – **obreiros fraudulentos**; 3) sua camuflagem – **transformando-se em apóstolos de Cristo**. Sobre os tais veja 3:12. O verbo *metaskematizo*, traduzido para **transformando-se**, difere do verbo *metamorphoo* em 3:18, como uma mudança externa difere de uma interna.

**14. Não é de admirar** (*thauma*; em outra passagem do N.T. só em Ap. 17:6) que Satanás *esteja se transformando* (a prática habitual indicada pelo tempo presente médio) **em anjo de luz** (cons. Gn. 3:5; Jó 2:1; Is. 14:13 e segs.; Ez. 28:1-19; Mt. 4:8, 9; II Ts. 2:4).<sup>0</sup>

**15.** Esses **ministros** satânicos participam da perversidade de seu pai (cons. Jo. 8:44), ostentam sua parafernália teológica, e perecem em sua perdição predestinada (cons. Mt. 7:22, 23; 25:41; Ap. 20:10, 15). Como tais homens, ainda conosco hoje em dia, se disfarçam **em ministros de justiça?** 1) Rejeitando a justiça de Deus enquanto insistem sobre o mérito da justiça do homem. 2) Negando os fatais efeitos do pecado sobre a original justiça do homem, enquanto insistem que a natureza do homem ainda é basicamente justa. 3) Nulificando a justiça imputada de Cristo (cons. 5:21) enquanto insistem que a Sua morte ainda tem algum efeito moral sobre a humanidade. 4) Duvidando da absoluta justiça de Cristo, enquanto insistem que a Sua vida, embora imperfeita, ainda é digna de nossa imitação.

### **E. Assiduidade bem conhecida. 11:16-33.**

**16.** A palavra **insensato** (*afron*) foi traduzida de várias formas (11:19; 12:6, 11; Lc. 11:40; 12:20; Rm. 2:20; I Co. 15:36; Ef. 5:17; I Pe. 2:15 ). Significa "sem juízo" – agir "sem reflexão ou inteligência" (Thayer).

**17.** Com **não o falo segundo o Senhor** Paulo simplesmente quer dizer que sua glória forçada não tem base na vida de Cristo.

**18.** Com **segundo a carne** (cons. 5:16) deve se entender hereditariedade, aquisições intelectuais e honras (cons. Fp. 3:4). Relutantemente Paulo fez uso de métodos usados pelos **muitos** a fim de salvar a sua obra em Corinto de completa ruína.

**19.** Literalmente: *Porque de boa mente vocês toleraram os insensatos, sendo sensatos*. A cortante ironia dessas palavras seria logo entendida pelos sofisticados coríntios (cons. I Co. 4:8-10).

**20.** Cinco verbos, em intensidade crescente, expressam as indignidades que os coríntios bajuladores espontaneamente suportam nas mãos dos falsos profetas. Esses homens 1) os degradaram – **quem vos escravize**; 2) os destruíram – **quem vos devore**; 3) os defraudaram – **quem vos detenha**; 4) os ridicularizaram – **quem se exalte**; 5) os difamaram – **quem vos esbofeteie no rosto**. Os simplórios vítimas da duplicidade são os mais ferozes defensores daqueles que os corrompem! Cons. Mc. 12:40; I Pe. 5:2, 3; II Pe. 2:10-22; Judas 8-16.

**21-31.** Nestes versículos temos 1) a provocação de Paulo (v. 21) – sua relutante autodefesa contra calúnias injustificadas; 2) as pretensões de Paulo (vs. 22-24a) – sua superioridade em todas as questões que envolviam orgulho humano (cons. Fp. 3:4 e segs.); 3) as perseguições de Paulo (II Co. 11:24b, 25) – seus muitos sofrimentos por amor de Cristo; 4) os perigos enfrentados por Paulo (vs. 26,27) – os freqüentes perigos enfrentados em suas viagens; 5) as perturbações de Paulo (vs. 28, 29) – sua **ininterrupta preocupação com todas as igrejas**; 6) o princípio de Paulo (v. 30) – sua paradoxal glória na **fraqueza**; 7) o protesto de Paulo (v. 31) – sua principal deferência para com o conhecimento divino da veracidade do seu registro.

**32,33.** O incidente aqui registrado (o qual, superficialmente, parece um anticlímax) harmoniza-se lindamente com 1) a narrativa de Atos 9:23-25; 2) os fatos conhecidos da história antiga (Aretas reinou de 9 A.C. até 39 A.D.), e 3) a providência divina. Paulo recordava-se desse incidente do começo do seu ministério (cons. Gl. 1:17) como sendo o



acontecimento dramático que estabeleceu o padrão de sua vida por todos os anos que se seguiram.

## 2 Coríntios 12

### F. Aflição Compensatória. 12:1-10.

1. Havia uma certa "obrigação moral" (*dei*, como em Ef. 6:20; Cl. 4:4) na glória de Paulo, ainda que não fosse conveniente (*sumfero*; veja 8:10; cons. o mesmo verbo em Jo. 11:50; 16:7; 18:14; I Co. 6:12; 10:23). Este versículo expressa a compulsão de Paulo (**é necessário que me glorie**), a repulsão (**ainda que não convém**), e o impulso (**passarei**, etc.).

2-4. O apóstolo objetivou-se com o propósito de defender suas visões e revelações à vista dos falsos êxtases dos falsos mestres. Sua visão era 1) pessoal – **conheço um homem**; 2) cristã – **em Cristo** (portanto, não pertencente ao judaísmo ou paganismo); 3) histórica – **há catorze anos** (portanto com data histórica – não uma ficção); 4) misteriosa – **se no corpo ... não sei**, etc.; 5) estática – **foi arrebatado até ao terceiro céu** (cons. Enoque, Elias, Ezequiel); 6) revelatória – **ouviu palavras inefáveis**; 7) indelével – **foi-me posto um espinho na carne** (v. 7).

6. As idéias aqui são duas principalmente: 1) Se Paulo deseja gloriar-se mais, não seria **néscio**; pois ele falava a **verdade** (*aletheia*; cons. seu uso em 4:2; 6:7; 7:14; 11:10; 13:8). 2) Ele os poupou (*feidomai*, como em 1:23; 13:2) de uma exibição mais detalhada de seus privilégios especiais temendo que alguém pudesse estimá-lo acima do que visse ou ouvisse dele. Paulo não tinha desejo de se tornar um "super-homem" nem de encorajar uma adoração de homens, ainda que heróis.

7. Uma passagem clássica. A magnitude das **revelações** de Paulo (sobre **grandeza**, veja 4-7) levaram o Senhor a lhe dar um estorvo divino (**um espinho**) para reduzir qualquer tendência de exaltação orgulhosa. Paulo precisava de um lembrete que lhe fizesse ver que, apesar do seu arrebatamento, ainda era um homem entre os homens. Nossas informações são muito imprecisas (cons. 1:8) para justificar nossa

dogmatização quanto à natureza exata desse **espinho na carne**. Sobre **exalte** veja 10:5.

8. Paulo orou especificamente (**por causa disto**), encarecidamente (pedi ao Senhor), e com propósito (**que o afastasse de mim**). Sobre **Senhor** veja 10:17,18.

9. O tempo perfeito em **me disse** registra a completa aquiescência de Paulo na resposta definitiva de Cristo. Só aqui no N.T. encontrarmos **a minha graça** (cons. Fp. 1:7). O verbo (*arkeo*), no predicado **te basta**, indica que a graça de Cristo está "cheia de força infalível" (Thayer). Este verbo foi algumas vezes traduzido para *estar satisfeito* (Lc. 3:14; I Tm. 6:8; Hb. 13:5). O presente passivo de *teleo* (cons. o tempo perfeito em Jo. 19:28, 30; II Tm. 4:17) significa *está sendo* (continuamente) *aperfeiçoado* (cons. Hb. 5:9). O verbo **repouse** (*episkenoō*) aparece apenas aqui no grego bíblico. O verbo simples *skenoo* se encontra em Jo. 1:14; Ap. 7:15; 21:3. A tradução de Plummer, "estenda uma tenda sobre mim", é uma reminiscência da fraseologia do V.T. (cons. Êx. 33:22; Sl. 90:17; 91:4; Is. 49:2; 51:16).

10. Ninguém pode sentir **prazer** (*eudokeo*; veja 5:8) nas cinco adversidades mencionadas aqui, a não ser **por amor de Cristo** (cons. 5:20; Fp. 1:29; Cl. 1:24; III Jo. 7). Sobre **quando** (*hotan*), veja II Co. 10:6.

### G. Confirmação Suficiente. 12:11-13.

11. Uma súbita compreensão (**tenho-me tornado insensato**) justifica-se 1) pela natureza forçada da autovindicação do apóstolo; 2) pela superioridade do seu apostolado; e 3) por sua humildade essencial (ainda que nada sou; cons. I Co. 15:9; Ef. 3:8; I Tm. 1:15).

12. **As credenciais do apostolado** poderiam provavelmente ser assim resumidos: 1) uma chamada divina (Gl. 1:15, 16); 2) um encargo divino (Atos 9:5, 6, 15 e segs.); 3) uma vida transformada (I Tm. 1:13-16); e 4) milagres comprovadores (Atos 5:12-16). Sobre **foram apresentados**, veja II Co. 4:17. Cons. Atos 2:22; II Ts. 2:9; Hb. 2:4. 13.

Evidentemente os coríntios desenvolveram um "complexo de inferioridade" pelo fato de Paulo não lhes ter sido **pesado** financeiramente. Ele suplicou (ironicamente?) que **esta injustiça** (*adikia*, significando "injustiça, maldade" – Arndt) lhe fosse perdoado!

### H. Associação Benéfica. 12:14-18.

**14.** Aqui Paulo apresenta o seu propósito – **ir ter convosco**, preparo – **pronto**, precaução – **pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros**, e preceito – **não devem os filhos**, etc. cons. 13:1.

**15.** Literalmente: *Mas eu de muita boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado*. Paulo foi além do amor dos pais pelos filhos; mas o seu amor foi recíproco na proporção inversa de sua intensidade!

**16-18.** Os detratores do apóstolo acusaram-no de ser **astuto**. A sutil insinuação parece ter sido que, embora Paulo não lhes fosse **pesado** a eles como igreja, conseguiu manobrar de tal maneira a coleta que aproveitou-se dela. O apóstolo responde a este ataque indecente 1) mencionando o comportamento escrupulosamente impecável dos dois homens que ele enviou a Corinto, e 2) afirmando que o seu padrão de conduta era igual ao padrão deles. As perguntas exigiam resposta negativa. Sobre sendo (*huparko*) veja 8:17.

### I. Ansiedade Justificada. 12:19-21.

**19.** Paulo não se defenda diante dos coríntios como se eles fossem juizes (cons. I Co. 2:15). Todo o seu ministério era exercido 1) **perante Deus**, 2) **em Cristo** (cons. II Co. 12: 2), e 3) **para vossa edificação**.

**20.** Aqui o apóstolo revela: 1) seu temor subjetivo – a disparidade entre o seu ideal para os coríntios e sua condição real; 2) seu temor objetivo – a disparidade entre a opinião que tinham dele e a sua real conduta quando estivesse entre eles; 3) os motivos para tais temores: a possível existência entre eles de oito inales - pendência, invejas, iras, porfias, detrações, mexericos, orgulhos, tumultos! O silvo da serpente

(cons. 11:3) ainda podia ser ouvido em Corinto! Sobre **de alguma maneira** (E.R.C.), veja 2:7; 9:4.

**21.** Este versículo ilustra pitorescamente: a perturbação causada pelo pecado – **que . . . eu venha a chorar**; a pertinácia do pecado – **e não se arrependeram**; a depravação – **impureza, prostituição, e lascívia**; e prática – **que cometeram**.

## 2 Coríntios 13

### J. Aspereza Desculpável. 13:1-10.

**1.** Paulo prometeu que, usando o método escriturístico (cons. Dt. 19:15; Mt. 18:16; Jo. 8:17), ele investigaria de modo completo todas as acusações (cons. II Co. 13:1). **2.** A dúvida expressa pelo **se** (*ean*; veja 5:1) refere-se ao tempo, não ao fato, de sua visita. Paulo os poupou anteriormente (cons. 1:23); agora tinha de julgá-los (cons. I Pe. 4:17, 18).

**3.** Eis aqui a razão de Paulo não poder poupá-los: eles estavam realmente buscando **prova** (*dokime*; veja 2:9) **de que em mim Cristo fala** (também no grego). Esta passagem é uma afirmação definida da inspiração e autoridade do apóstolo. Rejeitá-lo significa rejeitar a Cristo. Este mesmo **Cristo é poderoso em vós**, isto é, entre vós externamente (cons. 5:17).

**4.** O **em** indica fonte (*ek*; cons. Gl. 3:8). O contraste é triplo: 1) entre **fraqueza e poder de Deus**; 2) entre a morte de Cristo (**foi crucificado**) e Sua vida ressurreta (contudo vivei; 3) entre a fraqueza humana de Paulo (**nós também somos fracos nele**) e o poder apostólico de Paulo através de Cristo (**mas viveremos com ele para vós outros pelo poder de Deus**). Com a última declaração devemos entender, não a vida ressurreta na glória, mas antes a eficácia do ministério de Paulo como embaixador do Senhor ressuscitado. Cons. I Co. 2:3-5.

**5.** Aqui Paulo volta-se para os seus acusadores e os sujeita a um exorte desagradável. 1) Os homens examinados – **vós** (enfático). 2) O método do exame – **Examinai-vos. . . provai-vos**. Os imperativos

presentes expressam ação repetida ("continuem . . . "). 3) O critério do exame. O primeiro é objetivo: **estais na fé?** Vocês realmente pertencem "à família da fé"? (Gl. 6:10; cons. Atos 6:7; 14:22). O segundo é subjetivo: **Jesus Cristo está realmente em vós?** (cons. Rm. 8:10; Gl. 2:20; Cl. 1:27). 4) O possível resultado do exame – **Se não é que já estais reprovados.** Veja versículo seguinte. Este exame não estava além da sua capacidade, pois eles deviam "saber perfeitamente" (*epijinosko*; veja II Co. 1:13, 14) estas coisas.

6. A palavra (*adokimos*) por trás de reprovados indica o oposto de "aprovados" (cons. 10:18; 1:28; I Co. 9:27; II Tm. 3:8; Tito 1:16; Hb. 6:8).

7. Temos aqui 1) a oração (**Estamos orando**); 2) o propósito declarado negativamente (**que não façais mal**) e positivamente (**que façais o bem**); 3) a possibilidade – declarada negativamente (**não para que simplesmente pareçamos reprovados**) e positivamente (**embora sejamos tidos como reprovados**).

8. Com **nada podemos** Paulo expressa uma impossibilidade moral. O verbo aqui usado (*dunamai*) foi freqüentemente usado (por exemplo, em Rm. 8:8; I Co. 2:14; II Tm. 2:13; 3:7; Hb. 3:9). Sobre **verdade** (*aletheia*), veja II Co. 7:14; 12:6.

9. O paradoxo de Paulo estar **fraco** enquanto os coríntios eram **fortes** leva o apóstolo a se regozijar; mas ele continua orando pelo **aperfeiçoamento** (veja v. 11) deles.

10. O presente propósito de Paulo escrever (**escrevo estas coisas**) antecipa sua iminente visita (**estando presente**); então ele exercerá o poder que lhe foi delegado (**segundo a autoridade que o Senhor me conferiu**) e suas prerrogativas construtivas (**para edificação, e não para destruir**).

## K. Um Adeus Cristão. 13:11-14.

11. Os cinco preceitos aqui apresentados estão todos no imperativo presente ("continuem. . . "). Os preceitos são: 1) **regozijai-vos**, E.R.C.

(*kairo*; cons. seu uso em 2:3; 6:10; 7:7, 9, 13, 16; 13:9); 2) **aperfeiçoai-vos** (*katartizo*, significando "restaurar à antiga posição" – Arndt; cons. a forma substantiva no v. 9); 3) **consolai-vos** (*parakaleo*; cons. seu uso em 1:4,6; 2:7; 7:6, 7, 13); 4) **sede do mesmo parecer** (lit., *pensem a mesma coisa* – como em Rm. 12:16; 15:5; Fp. 2:2; 4:2); 5) **vivei em paz** (*eireneuo*; em outro lugar do N.T, só em Mc. 9:50; Rm. 12:18; I Ts. 5:13; Arndt usa aqui *mantenham a paz*). O **amor** de Deus (cons. Jo. 3:16; I Jo. 3:1; 4:9, 10) e a **paz** de Deus (cons. Rm. 16:20; Fp. 4:7; Hb. 13:20) estão unidas em uma bendita promessa para desfrutar no futuro.

**12.** O **ósculo santo**, mais tarde restringido por causa dos abusos, era um símbolo da comunhão cristã entre os crentes primitivos (cons. Rm. 16:16; I Co. 16:20; I Ts. 5:26; I Pe. 5:14).

**13.** Esta carta maravilhosamente humana termina com a mais sublime de todas as doxologias. A epístola começa (cons. 1:2) e termina com uma afirmação da divindade de Cristo que é remanescente de Mt. 28:19. Os genitivos nesta doxologia são provavelmente subjetivos – **a graça** que vem **do Senhor Jesus Cristo**; **o amor** que **Deus** concede; **a comunhão** que o **Espírito Santo** engendra. E assim termina uma epístola maravilhosa!

# GÁLATAS

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1

Capítulo 3

Capítulo 5

Capítulo 2

Capítulo 4

Capítulo 6

## INTRODUÇÃO

**A Ocasião.** As igrejas gálatas nasceram como resultado do trabalho missionário de Paulo. Por isso o apóstolo ficou muito preocupado espiritualmente quando ficou sabendo que agitadores cristãos judeus tinham circulado entre os convertidos gentios, procurando lhes impor a circuncisão e as responsabilidades da lei mosaica como necessárias à salvação (Gl. 1:7; 4:17; 5:10). Escrevendo sob grande pressão (o que se deduz por causa da omissão da costumeira ação de graças), ele enfrentou o assunto diretamente, e assim, na epístola aos gálatas, deu à Igreja uma vigorosa polêmica contra o erro judaizante.

**Destinatários da Carta.** Estas igrejas eram suficientemente achegadas umas às outras e bastante parecidas para que recebessem a carta como um só grupo. Em 3:1 Paulo chama seus leitores de "gálatas". No meio do primeiro século cristão o termo **Galácia** tinha mais de um significado. 1) Indicava a área ao centro-norte da Ásia Menor onde os gauleses se estabeleceram depois de emigrarem da Europa ocidental. Os principais centros eram Pessinus, Ancyra e Tavium. 2) Também indicava a província romana da Galácia. Esta, os romanos estabeleceram em 25 A.C. acrescentando à Galácia do norte um território do sul. Esta última incluía as cidades de Antioquia, Icônio, Listra e Derbe, que foram visitadas pelo apóstolo em sua primeira viagem missionária. É muito difícil que a epístola tenha sido endereçada aos cristãos de ambas, Galácia do Norte e Galácia do Sul (cons. 4:14).

O debate quanto ao destino desta epístola não tem fim, e jamais poderá ser resolvido. Lightfoot esposou a teoria da Galácia do Norte. A maior parte dos comentadores germânicos continuaram mantendo esta posição (por exemplo, Schlatter, Lietzmann, Schlier), embora alguns tenham permanecido neutros. Sir William Ramsay argumentou fortemente pela posição da Galácia do Sul, a qual ganhou muitos adeptos entre os mestres de língua inglesa. Ela tem a vantagem, se for o ponto de vista certo, de nos fornecer informações sobre o estabelecimento dessas igrejas (Atos 13; 14). Por outro lado, Lucas usa o termo "Galácia" (lit., **região galática**) só quando descreve o progresso dos missionários além do território da Galácia do Sul (Atos 16:6; cons. 18:23). Entretanto, a circunstância dele não mencionar **igrejas** no território da Galácia do Norte, mas apenas **discípulos**, favorece a teoria da Galácia do Sul (Veja Atos 18:23).

**Data e Lugar.** Com base na teoria da Galácia do Sul, pode-se concluir que a epístola foi escrita antes do concílio apostólico descrito em Atos 15 (quando foi feito um pronunciamento oficial referente ao relacionamento dos gentios com a Lei). Uma vez que Paulo e Barnabé visitaram as igrejas duas vezes nesta primeira viagem, os requisitos de Gl. 4:13 podem ser considerados atendidos (ali, **primeiro** se refere à primeira das duas visitas), embora não possamos ter certeza nenhuma que o próprio Paulo considerasse esse retomo como uma segunda visita. Muitos acham que quando Paulo narra uma reunião com certos apóstolos no capítulo 2, pode não estar se referindo ao concílio apostólico, uma vez que deixou de mencionar o decreto que ali foi redigido, que teria sido altamente vantajoso para a defesa do seu argumento na epístola. Este argumento não é decisivo, uma vez que o propósito do decreto não foi o de estabelecer termos sobre os quais os gentios pudessem ser admitidos à Igreja, mas antes, para facilitar o relacionamento entre esses convertidos gentios e aqueles que eram de origem judia. Portanto o decreto não se relacionava diretamente com a argumentação da carta.



Lightfoot enfatizou as semelhanças entre Gálatas, Coríntios e Romanos. Todos tratam da controvérsia judaizante num certo grau. Com base nisto, Gálatas pode ser atribuída ao período da terceira viagem missionária de Paulo, tendo Éfeso ou Macedônia como seu ponto de partida. Isto levava a data da epístola para 56 A.D. De acordo com a opinião alternativa, foi escrita em 48 ou 49, provavelmente de Antioquia. Uma data intermediária em cerca de 53, logo no começo do ministério em Éfeso, é a mais atraente. Um intervalo razoável entre a carta aos gálatas e as cartas aos coríntios e romanos se faz necessário por causa das diferenças de tom e tratamento.

**Desenvolvimento das Idéias.** Os dois primeiros capítulos foram grandemente devotados ao estabelecimento da natureza do apostolado de Paulo. Esta explicação era vital ao evangelho do apóstolo, pois se os seus oponentes pudessem provar que ele não fora chamado e comissionado a pregar a verdade, então seus ouvintes simplesmente duvidariam de sua mensagem. Embora Paulo não gostasse de ser tão pessoal, tinha de enfrentar o desafio, o que ele fez mostrando que tinha um apostolado independente, inteiramente no mesmo nível dos apóstolos originais. Ele recebera seu evangelho não através de instrução humana mas através de revelação divina, e ele comprovou-se concorde com o dos outros apóstolos.

Depois Paulo passa a declarar o que é o Evangelho (caps. 3; 4). É uma mensagem da graça que necessita da fé. A lei não produz a fé, mas antes opera maldição, da qual Cristo tinha de redimir os homens.

Além do ato da aceitação do Evangelho, jaz a necessidade de vivê-lo (caps. 5; 6). Aqui o poder da cruz e a energia do Espírito Santo foram apresentados mais eficazes do que os esforços em se guardar a Lei.

**Influência.** Esta carta contém as mais enfáticas declarações sobre a salvação sem as obras que se encontram nas Escrituras. Ela revolucionou o pensamento de Lutero e teve parte estratégica na Reforma. Lutero declarou que ele se sentia casado com este livro; foi a sua Catarina.

No século dezenove F.C. Baur transformou este livro no pivô de sua teoria que dizia que a controvérsia legalística foi tão grave que chegou a abalar os fundamentos da igreja primitiva. De acordo com ele, afetou toda a literatura do Novo Testamento positiva ou negativamente, conforme os homens escreviam no interesse de um ou de outro ponto de vista, ou quando tentavam ocultar o fato da divergência entre a lei e a graça como meio de salvação. Uma vez que Gálatas exhibe esta controvérsia de maneira inequívoca, sua autenticidade deve ser admitida. Este veredito permaneceu virtualmente imutável desde os dias de Baur.

## ESBOÇO

### I. Introdução. 1:1-9.

A. Saudação. 1:1-5.

B. O tema da epístola. 1:6-9.

### II. O apostolado de Paulo defendido. 1:10 - 2:21.

A. Um apostolado especial confirmado. 1:10-17.

B. Falta de contato precoce com os apóstolos em Jerusalém.  
1:18-24.

C. Ausência de contato posterior para inquirir seu apostolado ou acrescentar algo ao seu evangelho. 2:1-10.

D. Sua autoridade independente vindicada no encontro com Pedro em Antioquia. 2:11-21.

### III. O evangelho de Paulo exposto. 3:1 - 4:31.

A. O argumento da experiência (dos gálatas). 3:1-5.

B. O argumento das Escrituras (o caso de Abraão). 3:6-9.

C. O argumento da Lei. 3:10 - 4:11.

1. A maldição da Lei, da qual Cristo deve libertar. 3:10-14.

2. A inviolabilidade da aliança da promessa e sua prioridade sobre a Lei. 3:15-18.

3. O propósito da Lei - temporário em sua permanência e negativo em sua operação. 3:19-22.

- 4. Filiação não é através da Lei mas através da fé. 3:23 – 4:7.
- 5. Um apelo a que não retomem à escravidão. 4:8-11.
- D. O argumento da recepção pessoal pelos gálatas. 4:12-20.
- E. O argumento da aliança da promessa. 4:21-31.
- IV. O evangelho de Paulo praticado. 5:1 – 6:15.
  - A. O Evangelho praticado em liberdade. 5:1-12.
  - B. O Evangelho praticado em amor. 5:13-15.
  - C. O Evangelho praticado em Espírito. 5:16-26.
  - D. O Evangelho praticado em serviço. 6:1-10.
  - E. O Evangelho praticado em separação do mundo. 6:11-15.
- V. Conclusão. 6:16-18.
  - A. Oração final. 6:16.
  - B. Testemunho final. 6:17.
  - C. Bênção. 6:18.

## COMENTÁRIO

### Gálatas 1

#### I. Introdução. 1:1-9.

##### A. Saudação. 1:1-5.

A estrutura convencional da arte de escrever cartas foi aqui utilizada, mas acima do vulgar, pois o autor era um apóstolo com autoridade recebida da Deidade, e ele se dirigia àqueles que pela graça foram libertos deste século presente. Eles, também, não eram homens comuns, pois eram cristãos.

**1. Apóstolo.** O significado de enviado não será suficiente aqui. Todos os crentes têm tal encargo. Paulo prossegue defendendo sua autoridade especial de mestre cristão, organizador de igrejas, disciplinador e retificador de falsas doutrinas. **Não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum.** O não negativo estabelece o

tom da epístola; é uma polêmica, uma denúncia do erro a fim de colocar a verdade em posição mais vantajosa. Se os judaizantes tinham algum apóstolo, era humano. O de Paulo não era. Tinha fonte mais elevada. Não era também por algum homem. Nenhuma pessoa, apóstolo ou outro, fora mediador na autoridade de Paulo (cons. 1:12). Em vez disso veio pela intervenção de **Jesus Cristo** em sua vida. O contraste torna Cristo mais do que um homem. Por trás dEle e em igualdade com Ele está **Deus Pai**, apresentado aqui como Aquele que **ressuscitou** a Cristo **dentre os mortos**. O Cristo ressurreto foi quem apareceu a Paulo, e o fez um apóstolo.

2. A identidade dos **irmãos** que estavam com Paulo é desconhecida. Para localização das **igrejas da Galácia**, veja Introdução.

3. **Graça... e paz** são dons gêmeos concedidos por Deus, nunca invertidos em sua ordem. O favor divino recebido torna possível uma vida de plenitude e harmonia com Deus e os crentes em geral. Essas bênçãos vêm do Senhor Jesus Cristo como também de Deus Pai.

4,5. **O qual se entregou a si mesmo**. Um ato com finalidade, puramente voluntário. **Pelos nossos pecados**. **Pelos** (*hyper*) é geralmente usado em relação às pessoas beneficiadas pela obra de Cristo (cons. 3:13). O pecado pessoal não é a única barreira entre Deus e o homem. O homem precisa ser libertado de toda sua posição neste **mundo perverso**. O Evangelho não é uma mensagem de melhoramentos mas de libertação. **Mundo** é uma palavra temporal e não se refere à natureza ou ao homem como tais, mas às circunstâncias da vida humana, corrompidas como estão pelo pecado e dominadas por Satanás, o deus deste século (II Co. 4:4). Cristo, em Sua obra redentora, agiu, em conjunto com Deus, de acordo com Sua **vontade** (cons. II Co. 5:19). A Deus pertence a glória, o louvor dos santos, para todo o sempre. Sem afirmar a divindade do Filho, o apóstolo apresenta a verdade dela ligando Cristo com o Pai na vocação apostólica, no dom da graça e paz e na consecução da salvação.

**B. O Tema da Epístola. 1:6-9.**

Em vez de dar graças a Deus por seus leitores, Paulo expressa seu espanto diante da deserção deles. Não enuncia nenhuma bênção, mas em lugar disso prefere com veemência um anátema de advertência.

**6. Estejais passando.** Eles mudaram de posição, negando assim os próprios termos da vocação divina para a filiação, a qual é **na graça** de Cristo. **Tão depressa.** Provavelmente não uma referência à conversão recente, pois os convertidos há pouco tempo são os mais propensos a serem influenciados por falsas doutrinas. Se isto for interpretado temporariamente, significa tão logo depois que os falsos mestres começaram a sua obra, ou tão logo após o apóstolo deixar os gálatas. Talvez esteja-se falando aqui *da maneira – tão prontamente*, com tal submissão e sem resistência. O afastamento ainda estava se processando, e portanto não tinha se completado. Havia ainda esperanças de inverter a maré. Mas a seriedade da deserção está indicada. Estavam se afastando de Deus, que os chamou à graça, para um **outro**, isto é, um **evangelho** diferente. Paulo usa evangelho a título de concessão. Na verdade não há um outro, um segundo evangelho que alguém possa escolher e ainda manter a mensagem divina da salvação eterna.

7. Enquanto a responsabilidade da deserção pertencia aos gálatas (**estejais passando**), a explicação para isso encontra-se em outra parte, naqueles que os perturbavam (cons. Atos 15:24), isto é, os mestres judaizantes que desejavam perverter o Evangelho mudando-o em algo bem diferente. Mas não lhes pertencia para que o alterassem, pois era o **evangelho de Cristo**. O privilégio de proclamá-lo não inclui o direito de mudá-lo.

**8. Mas**, diz Paulo, **ainda que nós** (o plural editorial aqui se refere a Paulo, o menos provável na terra de mudá-lo, por causa das circunstâncias de sua chamada) ou **um anjo vindo do céu** (que ainda menos provavelmente alteraria qualquer mensagem divina; cons. Mt. 6:10), proclamasse ser o Evangelho algo contrário à palavra entregue por

nós na Galácia, devia se tornar **anátema**, amaldiçoado por Deus (cons. I Co. 16:22).

9. Paulo já pronunciara essa advertência quando estivera entre as igrejas da Galácia. Nesta carta ele o faz *de novo*. Ele era um zeloso guardião da dureza do Evangelho. Ao reiterar sua forte declaração, o apóstolo muda do modo subjuntivo da possibilidade para o modo indicativo da realidade - se algum homem está pregando um evangelho diferente (como os judaizantes estão), que **seja anátema**.

## II. A Defesa do Apostolado de Paulo. 1:10 - 2:21.

### A. Um Apostolado Especial Confirmado. 1:10-17.

10. Uma vez que o apóstolo falara tão asperamente, ele sentiu que devia esclarecer agora que não buscava persuadir os homens no sentido de conciliá-los ou buscando o favor deles. Ele se preocupava, antes, em estar agradando a **Deus**. Agradar os homens ajustando a mensagem aos desejos deles é atitude inconsistente para o **servo de Cristo**.

11. Na qualidade de servo de Cristo, a apóstolo só podia proclamar a mensagem do Evangelho. Embora ele a pregasse, não lhe dera origem, nem qualquer outro homem.

12. Uma vez que Paulo penetrara tardiamente nas fileiras apostólicas, os homens poderiam supor que ele recebera o Evangelho dos seus predecessores ou que o aprendera através de um curso de instrução. Não era assim. Ele o recebera por **revelação** de Jesus Cristo. Esta era a mais alta autoridade. Como, então, poderia a sua mensagem ser questionada?

13. Nada menos que uma direta intervenção na vida de Paulo foi necessária para abrir o seu coração à verdade do Evangelho. Seu modo de vida pré-cristão era bem conhecido. A palavra **proceder** (gr. *anastrofê*) significa "padrão de vida". Tudo no Judaísmo era determinado. Qualquer um que estivesse familiarizado com o Farisaísmo poderia prever qual seria o curso da vida de Saulo. Mas no seu caso

houve um elemento especial que se tomou notório. Ele fora perseguidor dos cristãos (nem todos os fariseus foram até esse ponto a fim de exibirem o seu devotamento ao Judaísmo). Como o lobo voraz de Benjamim, ele estava ocupado em devastar a igreja, a qual ele depois reconheceu ser a verdadeira congregação de Jeová.

14. Esta determinação fora do comum e o excesso de fúria granjeou para Saulo uma reputação excepcional no Judaísmo. Ele continuou avançando na devoção à sua fé e respectivas tradições, ultrapassando os homens de seu próprio tempo, e dando prova do seu zelo perseguindo os cristãos. Considerações humanas nada significavam para ele quando comparadas ao cumprimento de sua vocação em benefício de sua religião. Ele considerava suas atividades assassinas como os judeus consideravam o apedrejamento de Estêvão: feito a serviço de Deus (Jo. 16:2; Atos 26:9-11). Claramente, então, Paulo não poderia ser influenciado a favor do Evangelho antes de sua conversão, e ele não poderia ter recebido sua mensagem dos homens, conforme os judaizantes alegavam.

15. A conversão de Paulo foi operada em linha com o propósito de Deus. O apóstolo, tal como Jeremias (Jr. 1:5), fora separado desde o nascimento para a obra de sua vida. Sua conversão foi como se fosse uma revelação do Filho de Deus dentro de sua alma. Esta declaração não teve a intenção de despertar especulações quanto à psicologia da experiência de sua conversão, mas antes para estabelecer a realidade e profundidade dessa transformação. Paulo fora cego à divindade do Filho de Deus. Seu preconceito contra seus próprios patrícios que consideravam Jesus o seu Messias, fora devido a sua crença de que o Nazareno era um impostor, uma fraude.

16,17. O principal dos propósitos divinos desta revelação dentro da alma do apóstolo foi para que ele, por sua vez, proclamasse este conhecimento aos outros, especialmente aos gentios. A realidade e suficiência do seu encontro com o Senhor ressuscitado vê-se no fato de que ele não consultou a **carne** e o **sangue** (uma expressão indicando

humanidade, com ênfase especial sobre a fraqueza e insuficiência) quer localmente, em Damasco, quer em Jerusalém, o centro da vida eclesiástica, onde os **apóstolos** tinham o seu quartel-general. Se Paulo não tivesse certeza quanto à sua mensagem, uma viagem a um desses centros teria sido natural e necessária. Mas ele era um apóstolo tão verdadeiro quanto os Doze, inteiramente de posse da verdade do Evangelho recebido do próprio Senhor.

O apóstolo menciona a Arábia não como um lugar de pregação, porque, ainda que a pregação fosse o motivo da chamada, não é o assunto que ele está considerando a esta altura. Paulo está discutindo a *fonte* do seu Evangelho. Ele menciona a Arábia em contraste com Jerusalém. Nenhum apóstolo se encontrava ali. Ali não havia ninguém que pudesse informá-lo sobre o Senhor e Sua obra salvadora. É provável que o recém-convertido viajasse para a Arábia a fim de ficar a sós com Deus, a fim de pensar bem sobre as implicações do Evangelho. Não há nenhuma necessidade de se supor que cada aspecto da verdade aparecesse como um raio em sua mente no momento de sua conversão. Da Arábia Paulo retornou a Damasco. Esta referência acidental confirma a informação obtida em Atos 9:3, que a conversão aconteceu perto dessa cidade.

### **B. Falta de Contato Anterior com os Apóstolos em Jerusalém. 1:18-24.**

Para se dizer a verdade, não foi uma ausência completa, como Paulo francamente admite, mas os contatos foram breves, pessoais e quase acidentais.

**18.** Quanto desses **três anos** pertencem à Arábia e quantos a Damasco não sabemos, mas o intervalo fortalece a alegação de Paulo. Se ele não tivesse recebido o Evangelho em sua conversão, não lida esperado tanto tempo para ser informado sobre ele.

**Para avistar-me com Cefas.** O verbo **avistar** (no grego) está em contraste deliberado com **consultei** (1:16), pois este último dá a entender



uma consulta com a intenção de ser esclarecido sobre algum assunto, enquanto que aquele se refere a travar conhecimento com uma pessoa ou coisa. Às vezes tem sido usado em relação à urna excursão para ver os pontos turísticos de uma localidade. A visita foi breve (quinze dias).

**19.** Paulo não se avistou com outro apóstolo além de Tiago, o irmão do Senhor. Este é o Tiago que se tomou o líder da igreja de Jerusalém (cons. Atos 12:17).

**20.** O apóstolo declara-se desejoso de jurar que está dizendo a verdade. Nenhum judeu teria coragem de fazê-lo se estivesse para dizer uma mentira, pois seria o equivalente a convidar Deus a derramar a Sua ira sobre ele. A profunda solenidade das declarações de Paulo é a medida da desconfiança que os judaizantes semearam nos corações dos seus convertidos.

**21.** O próximo passo de Paulo, levado pela oposição à sua pregação em Jerusalém (Atos 9:29, 30), foi à Síria e Cilícia. Obviamente ele não teve nessas áreas remotas nenhuma oportunidade de receber alguma instrução dos apóstolos.

**22.** Provavelmente o apóstolo mencionou as igrejas da Judéia a fim de fortalecer seu argumento. É provável que a maioria dos apóstolos se encontrassem nos distritos adjacentes durante esse período, portanto a falta de contato de Paulo com as igrejas da Judéia significava falta de contato com os apóstolos que ali serviam. Os Doze não supervisionavam o trabalho na Síria; Barnabé foi enviado para lá (Atos 11:22-26). Durante os anos em que Paulo serviu nessa região, onde ele fora educado, esteve inteiramente independente dos outros apóstolos. Seu outro propósito de mencionar as igrejas da Judéia foi o de sublinhar a grandeza da mudança que sua conversão operou nele. Ele agora anunciava **a fé que outrora procurava destruir**. A mudança significou paz para os crentes da Palestina (Atos 9:31)

## **Gálatas 2**

### **C. Ausência de Contato Posterior para Inquirir Seu Apostolado ou Acrescentar Algo ao Seu Evangelho. 2:1-10.**

1. As diferenças entre sua última visita e a anterior são completamente visíveis. Dessa vez Paulo não foi sozinho mas na companhia de Barnabé, e foi com o propósito deliberado de discutir o Evangelho, mais especificamente a aplicação do Evangelho aos gentios. Não é fácil de encaixar esta visita dentro da estrutura da narrativa de Atos. Aqueles que favorecem identificá-la com a dita visita por ocasião da fome de Atos 11:27-30, apontam para o fato de que Barnabé acompanhou Paulo nessa ocasião. Eles se apegam ao fato de que Paulo viu-se obrigado a mencionar todos os contatos que teve com a igreja de Jerusalém. Mas esta argumentação é deficiente. Os únicos contatos que exigiam participação foram aqueles que poderiam ter resultado em uma comunicação do Evangelho. Uma vez que apenas os anciãos são mencionados relativamente à recepção da oferta pela igreja de Jerusalém, não é provável que Paulo tivesse algum contato com os apóstolos naquela ocasião. Foi um período de perseguição (Atos 12:1-3), e portanto poderiam estar fora de mão para serem consultados.

Se a questão da admissão dos gentios na Igreja foi resolvida na visita por ocasião da fome (o que envolve igualar Atos 11 com Gl. 2), então parece estranho que uma outra conferência fosse necessária para a resolução desse mesmo assunto (Atos 15). Mais ainda, teria sido altamente descortês da parte dos apóstolos insistir em que Paulo se lembrasse dos pobres (Gl. 2:10) quando ele acabara de trazer a oferta da igreja de Antioquia para ajudar os santos na Cidade Santa. Finalmente, identificar Gálatas 2 com Atos 11 é virtualmente impossível por questão cronológica. A visita por ocasião da fome aconteceu mais ou menos quando da morte de Herodes, em 44 A.D. Acrescentando quatorze anos (Gl. 2:1) aos três anos de 1:18 e depois subtraindo o total de dezessete de 44, chega-se ao ano 27 como sendo a data da conversão de Paulo, o que seria cedo demais. Mesmo se os quatorze anos de Gl. 2:1 referem-se à

conversão e não à primeira visita à Jerusalém, a data da conversão ainda seria cedo demais; não deixa nenhum intervalo entre a ressurreição de Cristo e a conversão de Paulo.

A identificação de Gálatas 2 com Atos 15 tem a sua força no fato de que o assunto da discussão é o mesmo em ambos os casos e no fato de que Pedro e Tiago, como também Paulo e Barnabé, foram destacados em ambas as passagens. Com certeza há dificuldade nessa identificação. Atos 15 dá a impressão de uma grande reunião pública, enquanto Gálatas focaliza uma sessão particular. A harmonização se torna possível aceitando-se que a desavença citada em Atos 15:5,6 poderia ter forçado os líderes da igreja a dissolver o concílio temporariamente, passando a uma sessão confidencial tal como a que foi descrita em Gálatas 2. Com base no entendimento alcançado, Pedro e Tiago teriam com toda naturalidade desempenhado um papel de liderança e teriam um desempenho decisivo na fase pública final da conferência registrada em Atos 15:7-21. É possível que a palavra **lhes** (Gl. 2:2) seja uma referência à igreja como um todo contrastando com os apóstolos, com os quais Paulo e Barnabé tiveram uma entrevista particular. Uma outra dificuldade a ser enfrentada é o fato de Paulo não mencionar o assim chamado decreto apostólico em Gl. 2:1-10, quando esse decreto recebeu destaque considerável na narrativa de Lucas (Atos 15:20, 28, 29; 16:4; 21:25). Entretanto, uma vez que Paulo estava preocupado com o Evangelho em toda esta passagem, e uma vez que o decreto não tratava diretamente do Evangelho mas simplesmente regia o relacionamento harmonioso entre judeus e gentios crentes, ele não se sentiu na obrigação de incluir o decreto em sua argumentação.

2. A segunda visita de Paulo a Jerusalém foi ditada por revelação, de acordo com a forte ênfase dada ao fator sobrenatural no capítulo anterior. Esta intimação poderia ter vindo, antes da decisão da igreja de Antioquia de enviar Paulo, ou poderia ter vindo depois, selando a decisão da igreja (Atos 15:2). Ele e Barnabé encontraram-se com **os que pareciam de maior influência**. Literalmente, *aqueles que apareciam*,

um termo bastante curioso para designar os apóstolos. A mesma expressão ocorre duas vezes em Gl. 2:6 e novamente em 2:9, onde foi acrescentada a palavra "colunas". Talvez Paulo sentisse que a igreja estava em perigo de idolatrar aqueles líderes acatando-os demasiadamente. Será que Paulo realmente tinha receio de que tivesse **corrido em vão** (no curso do seu serviço cristão) e que tivesse corrido em vão desde a sua conversão, que pudesse talvez estar errado quanto ao Evangelho e agora precisasse ser corrigido? De modo nenhum. Mas as circunstâncias forçaram-no a submeter sua mensagem à apreciação dos apóstolos, pois só dessa maneira tinha esperanças de fechar a boca dos seus detratores, os judaizantes, e as bocas daqueles que foram levados pela propaganda deles.

**3-5.** O motivo de Paulo ter levado Tito junto (v. 1) torna-se evidente. Ele seria o caso precedente na questão da recepção dos gentios na Igreja. Se ele fosse **constrangido a circuncidar-se**, o rito não poderia ter sido logicamente afastado dos outros crentes gentios. Se ele saísse da conferência incircunciso, todos os outros gentios que tinham colocado sua confiança em Cristo poderiam desfrutar de sua liberdade sem o temor de um desafio futuro. Parece que Paulo diz que alguma pressão foi exercida para que Tito fosse circuncidado na ocasião (cons. Atos 15:5). É altamente improvável que essa pressão desse dos apóstolos, pois eles se colocaram ao lado de Paulo (Atos 15:19).

Os criminosos eram os **falsos irmãos** que tinham sorrateiramente entrado nas fileiras dos crentes. Tinham o nome de cristãos mas se opunham à concessão da **liberdade** que o evangelho de Paulo proclamava – liberdade da escravidão da Lei, incluindo a liberdade da circuncisão. A resistência de Paulo a esses judaizantes não foi ditada por teimosia nem por senso de superioridade. Ele viu que a questão da circuncisão envolvia **a verdade do evangelho** (Gl. 2:5). Impor a um gentio o sinal da aliança feita com Abraão e seus descendentes seria pôr de lado a simplicidade da fé salvadora, introduzindo a necessidade de

uma obra particular. Se essa obra fosse achada necessária para se tornar membro de igreja, outras obras também teriam sido achadas necessárias.

**6-8.** Conferenciando com Paulo, os apóstolos não encontraram defeito em seu evangelho. **Nada acrescentaram** àquilo que ele já tinha recebido por revelação do Senhor. Mas eles perceberam que ele recebera **o evangelho da incircuncisão**. Ele era responsável pelos gentios de maneira especial (Rm. 1:5). Por esse motivo o Senhor não lhe permitiu trabalhar em Jerusalém (Atos 22:17-21). Essa chamada especial não excluiu um ministério junto aos judeus quando Paulo pregava nas sinagogas, onde ambos, judeus e gentios (tementes a Deus), se reuniam. Pedro, encarregado de proclamar esse mesmo evangelho da graça, tinha de especializar-se em alcançar a circuncisão, os judeus. Seu nome aramaico, Cefas, foi apropriadamente usado aqui. O sucesso dos dois homens nos seus respectivos setores comprovavam a sua chamada divina.

**9,10.** O privilégio de Paulo como pregador do Evangelho aos gentios chama-se **graça** (cons. I Co. 15:9, 10; Ef. 3:2). Os líderes de Jerusalém reconheceram esta graça estendendo a mão direita da comunhão a Paulo e Barnabé. Não foi uma mera formalidade, mas um significativo endosso da mensagem da graça livre àqueles dois que a tinham proclamado entre os gentios. Os apóstolos endossaram também a divisão do trabalho, de modo que, enviaram um grupo de evangelistas aos gentios e outro aos judeus. Entretanto, pediram aos missionários enviados ao mundo gentio que não se divorciassem dos crentes judeus - especialmente dos de Jerusalém, que eram notoriamente pobres (Rm. 15:26) – a ponto de se esquecerem de suas necessidades. A prova da boa fé de Paulo em aceitar este pedido foi que ele levantou fundos substanciais entre as igrejas gentias para essa gente (I Co. 16:1-4), os quais ele e outros levaram a Jerusalém por ocasião de sua última visita.

**D. Sua Autoridade Independente Vindicada no Encontro com Pedro em Antioquia. 2:11-21.**

Esta é a terceira ocasião na qual Paulo entrou em contato com Pedro. A primeira vez ele simplesmente ficou conhecendo Pedro; na outra ele descobriu a unidade e igualdade que havia entre eles; desta vez ele foi levado a discordar dele e a repreendê-lo. Isto confirma o fato de que o propósito de Paulo em toda a epístola aos gálatas foi o de demonstrar seu apostolado independente.

**11, 12.** Ele se opôs a Pedro porque a conduta de Pedro dava a falsa impressão de que ele estava renunciando à posição tomada em Jerusalém. A ação do concílio na questão do decreto (Atos 15:28,29) abriu a porta da liberdade de intercâmbio social entre judeus e gentios na igreja de Antioquia, uma liberdade que Pedro aceitou com alegria. Chegou até a comer com os gentios (cons. Atos 10:28; 11:3 ). Mas a chegada de certos homens enviados por Tiago, o reconhecido líder da igreja de Jerusalém, despertou o temor no coração de Pedro, pois ele se lembrou que a igreja mãe o repreendera por se associar e comer com os gentios na casa de Cornélio (Atos 11:1-18). Impossível saber qual o relacionamento entre esses visitantes e Tiago, e qual precisamente foi a missão deles. Pedro **afastou-se** (dos irmãos gentios) gradualmente, conforme sugere o original, talvez se ausentando em uma refeição do dia, em duas no outro, e finalmente excluindo-se inteiramente.

**13.** O exemplo de Pedro influenciava os outros. O verbo **dissimularam** (*disfarçavam*), geralmente traduzido para *hipocrisia*, significa uma falta de correspondência entre os atos externos ou o comportamento e o estado do coração. No farisaísmo os atos externos eram bons mas o estado do coração era geralmente corrupto. No caso de Pedro, suas convicções internas eram perfeitas, pois ele endossava a igualdade dos judeus na Igreja, mas a sua conduta não correspondia às suas convicções. Eis aqui uma observação melancólica – **ao ponto de o próprio Barnabé**, como se Paulo esperasse mais dele do que dos outros crentes judeus.

**14.** A declaração de que Pedro não estava agindo de acordo com a verdade do Evangelho precisa de explicação. Ele era judeu e portanto não era obrigado a viver **como** os **gentios**, como o fazia na companhia deles à mesa. Mas, agora, ao cortar relações depois de ter ido tão longe, logicamente estava competindo os crentes gentios a viverem como judeus, isto é, a adotarem a circuncisão e as leis dietéticos dos judeus para remover todas as barreiras que havia entre eles e homens como Pedro. Mas se os crentes gentios o fizessem, sacrificariam a verdade do Evangelho, que fora confirmada em Jerusalém. A igreja decidira que tal responsabilidade de obediência à lei não se dá imposta aos crentes gentios. Estava em jogo todo o princípio da graça. O resultado lógico da conduta de Pedro era transformar cristãos gentios em judeus ou, pior ainda, forçar a criação de uma igreja gentia ao lado da igreja judia, o que sacrificaria a unidade do corpo de Cristo. Portanto a verdade do Evangelho estava envolvida.

**15-18.** Paulo fez Pedro compreender que ambos, sendo judeus por nascimento e tendo desfrutado das vantagens especiais do Judaísmo, inclusive a posse da Lei, tiveram todavia de se colocar no lugar da simples confiança em Cristo para salvação, como qualquer um dos pobres gentios. Pedro teve de concordar por causa de seu próprio compromisso com essa posição (Atos 15:11).

O V.T. mesmo testifica que a justificação não vem **por obras da lei** (cons. Sl. 143:2). Ser justificado significa ser declarado e considerado justo diante de Deus, ser vindicado de qualquer acusação de pecado inerente ao fracasso da guarda da santa lei de Deus. A **fé em Jesus Cristo** significa fé em Cristo (gr. genitivo objetivo). Esse rebaixamento do judeu ao nível do gentio parecia envolver Cristo, fazendo dEle **ministro do pecado** pelo fato dEle ter libertado o homem da escravidão da Lei, uma vez que a fé em Cristo para ambos, judeu e gentio, em termos idênticos, é a condição da salvação. Mas Paulo rejeitou a conclusão, pois descansava sobre uma falsa premissa, isto é, a imaginária superioridade do judeu sobre o gentio. Aqui Paulo delicadamente toma o

que se refere a Pedro e o aplica a si mesmo. O verdadeiro transgressor não é Cristo, mas aquele que, tal como Pedro, edifica novamente uma distinção que já foi de fato destruída. Pedro fazia exatamente isso, fugindo à comunhão com os gentios, como se os crentes judeus fossem uma raça superior.

**19-21.** A Lei prestara um serviço a Paulo, mesmo se não lhe proporcionou a justificação. Pela Lei ele morreu para a própria Lei, pois a Lei criara uma consciência do pecado que o preparara para aceitar Cristo. Ela também levava Cristo à cruz a fim de redimir aqueles que infringiram a Lei. Cristo era o representante de Paulo nessa morte para a Lei. O resultado foi uma vida nova **para Deus**.

**Estou crucificado com Cristo.** O tempo perfeito enfatiza ambos, o acontecimento passado e seus efeitos contínuos. Essa morte produziu vida, embora não a mesma vida velha na fragilidade do homem natural, mas uma vida totalmente nova; não apenas vida divina impessoalmente garantida, mas antes o próprio Cristo vivo passando a habitar no redimido. Nesse arranjo, entretanto, não há submersão da personalidade humana. A nova vida é vivida sobre o princípio da fé em Cristo (cons. 2:16), em lugar da obediência legal. Esta fé constrói sobre o fato do amor pessoal do Salvador por aqueles em cujo benefício Ele morreu (cons. Ef. 5:2). Não confiar em Cristo desse modo seria *aniquilar* (pôr de lado) a graça de Deus. Se a justificação podia ser obtida pela lei, a morte de Cristo seria inexplicável; teria sido um gesto inútil.

### III. O Evangelho de Paulo Explicado. 3:1 – 4:31.

#### Gálatas 3

##### A. O Argumento da Experiência (dos Gálatas). 3:1-5.

Aqui o apóstolo declara que a experiência dos seus leitores, começando com a fé em Cristo crucificado e confirmado pelo dom do Espírito Santo, fica inteiramente fora da esfera da Lei. Iriam eles agora



renunciar à perfeição da provisão divina, ele pergunta, pela loucura de seus próprios esforços?

1. Eles deviam estar fascinados, vítimas de alguma feitiçaria (cons. 1:7). À vista de sua dramática pregação do Cristo crucificado quando estivera entre eles (cons. I Co. 1: 23; 2:2), sua mudança de atitude parecia estranha. Teriam eles se esquecido de sua primeira e viva impressão?

2,3. Depois de aceitar a Cristo viera o dom do Espírito (cons. Gl. 4:4-6; Ef. 1:13), de modo nenhum baseado na guarda da lei como um esforço da **carne** (cons. Gl. 5:18, 19).

4. **Sofrestes** provavelmente não se refere à perseguição ou ao peso da guarda da lei, mas foi usado no bom sentido – *experimentado*. Esta interpretação está favorecida pela subsequente menção do Espírito no versículo seguinte.

5. A obra ativa do Espírito **que opera milagres**, tal como a sua vinda aos corações dos gaitas, não dependia de obras mas da **pregação da fé**, isto é, da aceitação pela fé da mensagem do Evangelho pregada entre eles.

### **B. O Argumento das Escrituras (o Caso de Abraão). 3:6-9.**

A menção da fé convida a uma excursão pelo V.T. para mostrar que Abraão, o reverenciado patriarca, dependia dela no que se referia à justificação. Só aqueles que tinham uma fé igual a essa eram verdadeiramente abençoados por Deus. Observe tratamento idêntico em Rm. 4:9-12.

6,7. Abraão foi justificado pela fé (Gn. 15:6; Rm. 4:3; Tg. 2:23). Os verdadeiros filhos de Abraão não são seus descendentes naturais (Mt. 3:9), mas aqueles que participam de sua **fé**.

8. Isso foi antecipado na própria linguagem da aliança abraâmica, que tinha todos os povos em vista. As palavras em ti engrandecem Abraão como um exemplo de fé.

9. Ele foi crente no sentido de ser cheio de fé. Sua justificação está também à disposição das nações. Esta é a bênção que lhes foi prometida.

### C. O Argumento da Lei. 3:10 - 4:11.

#### 1) A Maldição da Lei, da qual Cristo Tinha de Libertar. 3:10-14.

Paulo, tendo resolvido o caso da confiança dos judeus no seu relacionamento físico com Abraão para justificação, prossegue agora examinando o outro refúgio do Judaísmo, a posse da Lei.

10. A fé provoca bênçãos, mas a Lei produz maldição por causa da exigência que faz, de que é preciso *continuar* obedecendo-lhe fielmente (Dt. 27:26).

11,12. À impossibilidade prática de ser justificado pela lei acrescenta-se agora a verdade que Deus usa outro método, afinal de contas – **o justo viverá pela fé**. Julgando do contexto, o uso que o apóstolo faz desta citação (Hc. 2:4), dá a entender que tem a intenção de acentuar a verdade que alguém pode se tornar justo diante de Deus apenas pela fé. Só nessa base pode-se viver verdadeiramente a vida de Deus. Um sentido semelhante é o que se requer em Rm. 1:17. Sob a lei, é preciso *fazer* para poder *viver* (Lv. 18: 5). Sob o Evangelho recebe-se vida de Deus pela fé, e então se começa a fazer a vontade de Deus na energia dessa fé. Pode parecer que o apóstolo exclui todas as bênçãos recebidas por aqueles que viveram sob a Lei no tempo pré-cristão. E o que dizer do salmo primeiro?

13. A Lei é um espelho da vontade de Deus para o povo da Sua aliança e um capataz que provoca a maldição. Mas a esta altura Paulo não está discutindo os aspectos mais gloriosos da Lei, pois ele se limita a considerar a Lei como meio de condenação (cons. II Co. 3:6-9). A maldição da Lei era real. Ela levou Cristo à cruz. A inflexibilidade das exigências da Lei são claramente percebidas no fato de que quando Cristo tomou o lugar do infrator da lei, embora Ele mesmo fosse perfeitamente santo, teve de suportar exatamente a mesma penalidade de

qualquer outro que se colocasse sob a maldição da Lei. A circunstância de que Cristo morreu pendurado no madeiro do Calvário enfatizava o elemento da maldição (Dt. 21:23).

**14.** O exemplo de Abraão continua a fornecer antecedentes para o pensamento aqui. A morte de Cristo operou trazendo a **bênção de Abraão** (justificação) aos gentios. Deus, tendo libertado seu próprio povo, o povo da aliança (os judeus), da maldição da Lei, estava livre de qualquer impedimento para lidar da mesma maneira, pela graça, com os gentios. A pedra de toque para a aceitação com Deus é, **o Espírito prometido** (cons. 4:6; Atos 1:4,5). O **nós** inclui ambos, judeus e gentios.

## **2) A Inviolabilidade da Aliança da Promessa e Sua Prioridade Sobre a Lei. 3:15-18.**

Uma aliança é algo estabelecido pela sua própria natureza, que não está sujeito à mudança, mesmo quando é um arranjo humano. A promessa não podia ser posta de lado pela Lei, que veio muito depois.

**15. Falo como homem.** Esta é uma expressão técnica, uma espécie de pedido de desculpas. A imutabilidade dos arranjos divinos estariam além de qualquer debate, mas Paulo acha que é necessário discutir o assunto para tomar inteiramente compreensível aos seus leitores. Mesmo nos arranjos humanos, uma vez confirmados, uma parte do convênio não pode, por si mesmo, deixá-lo de lado como se não mais vigorasse, nem pode lhe acrescentar algo como nos testamentos.

**16.** Deus fez **promessas** (a mesma promessa foi repetida) a Abraão e ao **seu descendente**. Mas o que está incluído na palavra descendente? Nem todos os descendentes de Abraão estavam incluídos (semente e não sementes), nem todas as linhas de descendência estavam sendo consideradas. Somos ensinados a pensar em semente (posteridade) como um termo coletivo. Ele inclui os patriarcas, pois as promessas foram feitas a eles. Mas também olha para Cristo e o inclui, conforme comprovado em 3:19, onde Ele foi mais uma vez chamado de **descendente** (semente), Aquele que deu fim à dispensação da lei. Este

sentido associado do termo Cristo encontra-se novamente em I Co. 12:12.

17. A promessa feita a Abraão desfrutou de prioridade sobre a transmissão da Lei, uma vez que veio 430 anos antes. Paulo parece incluir a continuação da promessa aos patriarcas que vieram mais tarde, pois o intervalo entre Abraão e a entrega da Lei foi maior do que isso. A coisa essencial, de acordo com a verdade de 3:15, é a consideração de que a Lei não podia deixar de lado o arranjo anterior que Deus fizera e confirmara.

18. Outro aspecto é apresentado. A Lei não condiciona a promessa à mudança de caráter, pois isto violaria a natureza incondicional da promessa. A **herança** (o desfrute das bênçãos da aliança feita com Abraão – que uma justificação como a dele próprio seria estendida finalmente a todas as famílias da terra) nada tem a ver com a lei. As duas coisas, **lei** e **promessa**, são fundamentalmente diferentes. Se a herança fosse condicionada à lei, então a promessa seria nulificada por causa do bem conhecido caráter da lei – que ela é um jugo que ninguém consegue suportar. É fato indiscutível que Deus deu a herança a Abraão pela promessa. Nada pode mudar esta verdade básica.

### 3) O Propósito da Lei – Temporária em Sua Duração e Negativa em Sua Operação. 3:19-22.

O aparente desprezo do apóstolo pela Lei conduz a uma pergunta necessária.

19. Se a **Lei** não pôs de lado a promessa de Deus e nem mesmo a condiciona, então por que ela foi dada? **Foi adicionada por causa das transgressões**, isto é, dar ao pecado o caráter distinto de transgressão (cons. Rm. 4:15; 5:20). **Até**. A Lei tinha de prosseguir até um certo ponto, cumprindo sua missão de preparar o caminho para o **descendente** – Cristo, que é "o fim da lei para justiça" (Rm. 10:4). A Lei **foi promulgada por meio de anjos, pela mão de um mediador**. Além de ser temporária, até o modo pelo qual foi concedida indica o seu caráter

inferior. Teve uma dupla mediação, através dos **anjos** (Atos 7:53; Hb. 2:2) e através de Moisés, o legislador.

**20.** A própria idéia da mediação tem dois lados, e isto aconteceu com a doação da Lei. Mas Deus é um, e isto foi enfatizado na aliança feita com Abraão. Deus agiu soberanamente. Ele não precisava que alguém ficasse entre Ele e o patriarca. O ponto que Paulo apresenta é que a mediação é um sinal de inferioridade da Lei. Ela mostra a deliberada remoção de Deus de todo o cenário. A mediação de Cristo na presente dispensação não recebe, portanto, o rótulo de inferior, pois Ele não é uma terceira pessoa entre Deus e os homens. Deus em Cristo reconciliou o mundo.

**21,22.** A Lei não deve ser considerada como oposta às promessas de Deus, pois ela operou numa esfera diferente. A vida não podia vir através da Lei. Aqueles que desfrutaram de vida espiritual na dispensação da Lei, desfrutaram dela não por causa da Lei, mas por causa da graça de Deus, a qual perdoava os pecados cometidos contra a Lei. Tais passagens do V.T. que prometem vida em relação à guarda dos mandamentos de Deus (por exemplo, Dt. 8:1), são devidamente interpretadas como se referindo à vida num sentido temporal, o desfrutar dos favores e das bênçãos de Deus nesta existência terrena. A **justiça** (uma posição de justiça diante de Deus) não era mais viável nos termos da lei no tempo de Moisés do que no de Paulo. Além disso, a Lei não podia se opor às promessas, uma vez que ela ajuda o cumprimento delas mostrando aos homens a necessidade que têm da graça e mostrando-lhes que devem colocar a sua confiança em Cristo (cons. Gl. 3:19).

#### **4) Filiação não Mediante a Lei mas Mediante a Fé. 3:23 - 4:7.**

**23. Antes que viesse a fé.** A nova dispensação da graça livre deu aos homens a primeira oportunidade, historicamente falando, de colocarem a sua fé em Cristo.

**24.** A dispensação da lei foi um período de disciplina, a Lei servindo de aio (não mestre; na verdade, apenas um ajudante do mestre,

geralmente um escravo cuja tarefa era a de garantir a chegada da criança à escola com segurança). Cristo é o verdadeiro mestre, que nos toma pela mão e nos mostra o caminho de Deus em termos de graça. "Uma opinião mesquinha sobre a lei leva ao legalismo na religião; uma opinião elevada leva o homem a buscar a graça" (J. Gresham Machen, *The Origin of Paul's Religion*, pág. 179).

**25.** A função disciplinar da Lei, no sentido histórico, cessou com a vinda de Cristo. Mas a Lei ainda pode operar em um indivíduo para despertar o senso do pecado e da necessidade, preparando assim o coração para Cristo.

**26-29. Todos.** Tanto os gentios como os judeus são bem recebidos na família de Deus **mediante a fé**. E assim eles alcançam sua posição em **Cristo Jesus. Batizados em Cristo**. O batismo nas águas leva uma pessoa a desfrutar da comunhão da Igreja, mas por trás desse fito jaz um aspecto mais significativo do batismo – ser separado pelo Espírito para viver em união com Cristo e o Seu corpo (cons. I Co. 12:13). **De Cristo vos revestistes**. O Senhor Jesus se torna o segredo e a esfera da nova vida que é participada com outros crentes. **Sois um em Cristo Jesus**. Filiação com Deus envolve fraternidade em Cristo. Surge um novo homem nele (cons. Ef. 2:15). As costumeiras distinções e divisões da vida desaparecem neste relacionamento. Estar em Cristo Jesus, pertencendo-Lhe, faz-nos parte dos **descendentes de Abraão**, uma vez que Cristo é essa descendência, conforme já ficou declarado em Gl. 3:16, 19. Filiação faz do crente também um herdeiro (cons. Rm. 8: 17).

## Gálatas 4

**4:1-7.** A tensão aqui está entre as palavras **escravo** e **filho**.

**1. Digo**, isto é, explico. O sujeito não mudou. O **herdeiro**, até que atinja a maturidade, é tratado como um **escravo**.

**2.** Existem aqueles que o dirigem e controlam os **tutores** (guardiões) e os **curadores** (administradores) - até que esteja livre para possuir sua herança no tempo determinado pelo testamento de seu pai.

3. A aplicação começa aqui. Os dias da infância foram o período do controle da Lei, quando **estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo**. Ele aqui não se refere aos elementos físicos, como em II Pe. 3:10,12, nem aos corpos celestes, nem aos espíritos elementares que os antigos consideravam associados a esses corpos (jamais Paulo teria concordado que serviria tais espíritos quando vivera sob a Lei). São os elementos *rudimentares*, porque pertencem à religião legalista do Judaísmo, e não ao Cristianismo, a fé mais adulta e mais espiritual. Esta maneira de encarar o assunto está confirmada pelo uso da palavra **rudimentos** em Gl. 4:9.

4,5. **A plenitude do tempo** corresponde ao "tempo determinado pelo pai" (4:2). Dá a entender que a obra disciplinar e preparatória da Lei exigia um longo período. **Seu Filho**. A maneira apropriada de trazer muitos filhos à glória. Verdadeira filiação é impossível até que o Filho por excelência apareça. Aqui se sugere a pré-existência. **Nascido de mulher**. Isto não é menção ao nascimento virginal (Mt. 11:11). A argumentação de Paulo exige um destaque à semelhança de Cristo conosco, não à dessemelhança. Através do Seu nascimento Ele penetrou em nossa humanidade.

**Nascido sob a lei**. Circuncidado, apresentado, criado nos termos exigidos pela Lei, cumprindo toda a justiça. Foi necessário que Ele guardasse a Lei perfeitamente a fim de **resgatar** Seu povo da escravidão e maldição da Lei e para Lhe assegurar **a adoção de filhos**. O privilégio lhes veio como um dom da graça e não como um resultado de um longo período de tutela sob a Lei.

6,7. Esta aceitação foi confirmada pelo testemunho do Espírito, chamado aqui de **Espírito de seu Filho**, uma vez que sua missão é completar e aplicar a obra do Filho. Ele gera no crente a certeza da aceitação divina pelo Seu testemunho no coração. Paulo usa **Aba**, a palavra aramaica para **pai**, seguida pelo equivalente grego (cons. Mt. 14:36; Rm. 8:15, 16). A filiação exclui a servilidade e inclui a posição de

herdeiro. O Espírito Santo é a garantia dessas bênçãos futuras (cons. Ef. 1:13, 14).

### **5) Um Apelo a que Não Retornem à Escravidão. 4:8-11.**

O apóstolo retrocede novamente para mais uma vez falar, de maneira direta, sobre os gálatas e sua situação, no que se refere ao legalismo e à liberdade cristã.

**8.** Antes da conversão eles serviram a **deuses que por natureza não o são** (sendo ídolos). Tal conduta era compreensível, porque naquele tempo eles não conheciam a Deus.

**9,10.** Eles O conheciam agora porque Ele os conhecera, conforme comprovado pela primeira oferta da graça que lhes foi oferecida. É incrível que gente com tal história retornasse **outra vez aos rudimentos fracos e pobres** (em contraste com o Evangelho), dando grande importância a dias especiais. Ao que parece os judaizantes colocaram em destaque primeiramente o aspecto mais agradável da obediência à Lei (os gálatas estavam guardando **esses** dias quando Paulo escreveu), por ser menos difícil e menos ofensivo que a circuncisão, a qual os gálatas ainda não tinham aceito inteiramente (cons. 5:2).

**11.** Paulo temia que se esse apego ao legalismo continuasse e aumentasse, resultaria em que o seu trabalho entre eles fosse em vão.

### **D. O Argumento da Aceitação pessoal dos Gálatas. 4:12-20.**

A atitude dessas pessoas para com Paulo na ocasião em que escreveu, contrastava inteiramente da apreciação original que tiveram para com ele como mensageiro de Deus.

**12,13.** Paulo roga que abandonem o legalismo e sejam como ele, desfrutando da sua liberdade em Cristo, pois ele se lhes tomara semelhante. Isto é, abandonando suas características de judeu ele se tomou um gentio (cons. 2:15-18). Por mais que sofresse agora, ele se recordava que os gálatas não lhe causaram nenhum dano no começo, quando pela **primeira** vez os visitou, mas ignoraram sua **enfermidade**



**física** a qual obrigou-o a permanecer entre eles como um homem doente. Ele não se afastou deles até que os familiarizou com as boas novas do Evangelho.

**14.** Sua doença constituiu uma **tentação** para que o considerassem levemente e o rejeitassem. Mas eles não agiram assim; pelo contrário, receberam-no como se recebe um anjo, ou como se ele fosse o próprio Cristo.

**15,16. Vossa exultação.** Eles se congratularam em serem assim favorecidos por um emissário do Senhor. Sua gratidão não teve limites; teriam até sacrificado seus **olhos** em favor de Paulo. Isto não prova necessariamente que o apóstolo tivesse uma doença dos olhos (cons. o grego em Atos 23:1). Os olhos foram especialmente mencionados por causa de sua preciosidade. Talvez, Paulo argumenta que, a frieza atual dos gaitas, fosse devido ao fato dele ter falado a **verdade**. Afastados da verdade pelo erro judaizante, eles se voltaram contra Paulo como também contra a sua mensagem.

**17,18.** Em contraste ao hábito de Paulo falar a verdade, os adeptos do erro tinham recorrido à lisonja e à bajulação para ganhar os gaitas. Para que não pensassem que o apóstolo escrevia devido ao rancor e interesse próprio, ele tornou bem claro que não se sentia adverso ao fato de outro homem servi-los em seu lugar, uma vez que o ministro fosse do tipo adequado – adepto da causa da verdade. Como eram diferentes aos judaizantes, que excluía todos aqueles que ministravam a Palavra, tentando afastar seus protegidos da presença do apóstolo e outros arautos da graça!

**19,20.** A dor e a preocupação de Paulo eram como os de uma mãe em trabalho de parto. Mas o que ele agonizantemente buscava não era o novo nascimento dos seus amigos (já eram seus **filhos** no Senhor), mas a plena formação da nova vida neles (Ef. 4:13; cons. Fp. 3:10). Outra visita, ele sentia, seria altamente desejável. Resolveria mais que a pena. Poderia lhes falar mansamente, como uma mãe fala a um filho que errou,

mas que continua amado, e assim **falar-vos em outro tom de voz**, que agora necessariamente parecia áspera.

### **E. A Argumento da Aliança da Promessa. 4:21-31.**

Tendo chamado seus leitores de **filhos**, o apóstolo continua contando-lhes uma história, com uma aplicação moral, na esperança de que percebam a sua loucura.

21-23. Parecia que desejavam se colocar sob a lei. Pois ia lhes falar da lei (a narrativa do Gênesis era parte da Lei no sentido mais amplo, a qual incluía todo o Pentateuco). Um dos filhos de Abraão **nasceu segundo a carne** – na ordem natural das coisas, possivelmente sugerindo o expediente humano que tentou ajudar o plano anunciado por Deus. Foi Ismael, nascido de Hagar. O outro, Isaque, o filho de Sara, foi dado **mediante a promessa** de Deus.

**24,25. Estas coisas são alegóricas.** Isto é, são passíveis de expressarem algo mais que a simples narrativa histórica. Paulo continua expondo os aspectos que se enquadram na situação dos gálatas. **Estas** (as duas mulheres) correspondem **às duas alianças**: Agar, aquela que foi dada no **monte Sinai**, o código mosaico. Como ela abandonou o lugar da bênção em Canaã e foi para essa região descampada (Gn. 21:21), assim também os gálatas afastaram-se da graça de Cristo. Triste é dizer, que outros além dos gálatas foram afetados. A Jerusalém daquele tempo estava em **escravidão com seus filhos** – não a igreja em Jerusalém, mas o Judaísmo centralizado nessa cidade.

**26,27.** Mas há uma *outra* Jerusalém, a de cima, que é a **mãe** de *todos* os filhos da graça. Esta não é uma referência à futura Nova Jerusalém do Apocalipse, mas a uma realidade espiritual atual, o lar dos crentes. Este lar corresponde aos "lugares celestiais" de Ef. 1:3 e à "cidade do Deus vivo" de Hb. 12:22. A esta altura Paulo cita Isaías, prevendo a glória e o triunfo para Israel com base na obra expiatória do Servo Sofredor, depois da esterilidade dos dias do cerco e cativo (Is. 54:1). Essa mudança da sorte foi colocada em uma linguagem que reflete

a história de Sara, a qual, embora estéril no começo e aparentemente abandonada a favor de outra, recebeu o que era dela, no tempo determinado por Deus, com uma descendência maior do que a de Agar. A igreja estava desfrutando de um rápido desenvolvimento nos dias apostólicos, enquanto o Judaísmo estava em grande parte estático e até mesmo estava perdendo terreno por causa do testemunho dos crentes judeus da sua fé em Cristo.

**28-31.** Os santos do Novo Testamento eram **filhos da promessa**, como Isaque o foi. Tal como Isaque esteve sujeito à perseguição de Ismael (cons. Gn. 21: 9), eles também estiveram sujeitos à perseguição dos legalistas. A pressão feita para que Tito fosse circuncidado foi um exemplo (Gl. 2:3). Mas a provação não durou, pois Deus ordenou a expulsão da **escrava e a seu filho** (Gn. 21:10). Os judaizantes não tinham a autoridade nem a bênção de Deus. Seu trabalho resultaria em nada.

#### IV. O Evangelho de Paulo Praticado. 5:1 – 6:15.

##### Gálatas 5

##### A. O Evangelho Praticado em Liberdade. 5:1-12.

A recusa de se submeter à circuncisão foi o primeiro sinal do gozo desta liberdade.

**1. Para a liberdade foi que Cristo nos libertou** é a declaração do fato pelo apóstolo, acompanhado do apelo a que permaneçam nessa liberdade e que não se envolvam novamente com a escravidão. Sob um certo aspecto é mais fácil viver como escravo do que fazer uso adequado da liberdade (por exemplo, Israel no deserto desejando retornar ao Egito).

**2-4.** É preciso escolher, diz Paulo, entre Cristo e a circuncisão. Ele não diz isso dos judeus (cons. Atos 21:21), mas dos gentios, que não têm antecedentes relacionados com a circuncisão. O caso destes o rito só poderia significar uma tentativa deliberada de alcançar um mérito pela adoção de uma posição legalista, buscando a justificação pelas obras. No

começo, a circuncisão não tinha tal implicação, pois com Abraão foi um sinal e selo da justificação que ele já tinha obtido pela fé (Rm. 4:11). Mas no decorrer do tempo, ela se transformou em um símbolo de mérito. Sendo assim, Cristo não poderia beneficiar-se do recipiente da circuncisão, que na verdade se colocou sob a obrigação de guardar toda a lei, tendo em vista a justificação como resultado. Aceitar a circuncisão significava abandonar o terreno da graça em Cristo (**da graça decaístes**) em favor da autojustificação que é inferior e impossível. O verdadeiro crente permanece na graça (Rm. 5:2).

5. Enquanto o legalista se atola na insegurança – pois ele não sabe quando fez o suficiente para satisfazer o padrão da justiça divina – aqueles que estão justificados pela fé, que têm o **Espírito** como penhor de sua aceitação para com Deus, esperam confiantemente pela fé a consumação (**a esperança da justiça**) na glória (cons. Rm. 8:10, 11).

6. Tendo demonstrado o longo alcance da fé na esperança, o apóstolo indica seu alcance no **amor**. Em Cristo ninguém tem vantagem por possuir a circuncisão; nem falta alguma coisa a quem não a tem. Cl que conta é o amor, que resume em si tudo o que a Lei exige (Rm. 13:9, 10). Justificar a fé não exclui esta consideração importante sobre o amor. Pelo contrário, a fé, operando através do amor, é apenas o meio viável pelo qual as exigências da Lei podem ser cumpridas.

7-10. O progresso espiritual dos gálatas fora impedido. Alguém perturbara esses convertidos afastando-os da **verdade**. Em outro lugar (1:7; 5:12) fala-se de um grupo de agitadores legalistas; aqui, entretanto, fala-se de um indivíduo, presumivelmente o líder. Esta propaganda não emanara dAquele que os chamara e lhes dera o impulso para a corrida (cons. 1:6). Os leitores tinham sido enganados dando ouvidos a uma falsa doutrina. E que nenhum deles alegasse que Paulo estava exagerando, que estava fazendo muito alarde com os problemas na Galácia. Um provérbio serviria para enfatizar a loucura deles. **Um pouco de fermento leveda toda a massa**. Talvez os que realmente se converteram ao legalismo fossem poucos até o presente momento. Não

obstante, os crentes deviam estar em guarda para que o erro não se espalhasse. Se fosse honestamente enfrentado, poderia ser impedido. Paulo tinha confiança em uma resolução feliz da dificuldade, não com base nos seus convertidos ou em seu próprio ministério, mas **no Senhor**. Não obstante, uma reviravolta favorável nos acontecimentos não aliviaria a responsabilidade daquele que estava desviando o rebanho. **Sofrerá a condenação.**

**11,12.** "Alguns poderão argumentar," diz Paulo, "que eu sou inconsistente em falar contra a circuncisão". Era sabido, por exemplo, que ele circuncidara Timóteo (Atos 16:3). Mas esse foi um caso especial, pois o jovem era meio judeu, a quem o pai, um grego, não circuncidara. Se Timóteo andasse com Paulo por aí nessas condições, teria despertado uma oposição desnecessária entre os judeus. Nenhum princípio fora violado nessa circuncisão particular. A prova de que Paulo não pregava a circuncisão estava no fato de que continuava **perseguido** (pelos judeus). Se ele circuncidasse os gentios, esses mesmos judeus olhariam para ele de maneira mais amigável. Mas se ele pregasse a circuncisão, **o escândalo da cruz** estaria **desfeito** até onde o seu ministério estava envolvido. A graça envolve a incapacidade do homem de participar na sua própria salvação. Esta verdade se opõe ao orgulho humano. Paulo não se scandaliza com a cruz mas com aqueles que **vos incitam à rebeldia** (E.R.A.) – **que vos andam inquietando** (E.R.C.). Sua indignação levou-o a fazer uma forte declaração: **Eu quereria que fossem cortados** (E.R.C.), ou melhor, que **se mutilassem**. Como um homem emasculado perde o poder de propagação, assim esses agitadores seriam reduzidos à impotência de propagar sua falsa doutrina. Esse é o fervente desejo ao qual o apóstolo Paulo dá vazão aqui.

### **B. O Evangelho Praticado em Amor. 5:13-15.**

**13.** Enquanto a liberdade é inerente à vocação cristã para a salvação, ela não deve ser convertida em licenciosidade. Isto é o que acontece quando a liberdade é considerada como uma oportunidade para

a **carne** satisfazer seus apetites. A única contra-medida eficiente é servir os outros **pelo amor**. O pensamento pode ser parafraseado assim: Vocês professam ser muito zelosos pela Lei, a qual eu lhes declarei ser escravidão. Mas, se vocês realmente estão procurando a escravidão, eis aqui um tipo que é inofensiva, até mesmo benéfico. Eu a recomendo a vocês. Sejam escravos uns dos outros na demonstração do amor (cons. Rm. 13:8).

**14.** Esta é a exigência do V.T. (Lv. 19:18), e no N.T. não tem nada mais elevado.

**15.** Havia necessidade terrível de que o amor fosse exercitado nas igrejas gálatas, pois Paulo dá a entender que havia ali lutas e amarguras entre eles. O forte antagonismo estava provavelmente entre aqueles que tinham sucumbido à propaganda dos legalistas e daqueles que não tinham. A simpatia de Paulo estava com este último grupo, mas ele reconhecia que sem amor eles não podiam vencer aqueles que se lhes opunham. Discussão sem amor resulta em conflito contínuo.

### **C. O Evangelho Praticado em Espírito. 5:16-26.**

Embora não conste, a liberdade (5:1, 13) não ficou esquecida aqui. "O amor é o guarda da liberdade cristã. O Espírito Santo é o seu guia" (G. G. Findlay, *The Epistle to the Galatians in The Expositor's Bible*, pág. 347). Esta seção, com seu contraste entre a carne e o Espírito, foi um tanto antecipada pela declaração de 3:3. A vida no Espírito está sendo agora apresentada como o antídoto para as inclinações da carne, o princípio do pecado que persiste nos santos. Portanto, há uma guerra necessária e legítima, em contraste com aquilo que foi insinuado em 5:15.

**16,17. Andar no** (melhor, *pelo*) **Espírito**. Só desse modo os crentes podem levantar-se acima das limitações da carne: evitar a realização dos desejos dela. A promessa é enfática – **e jamais satisfazeis. Carne e Espírito** são opostos, travando contínuo combate. Se o cristão está andando no poder de um deles, não pode estar no controle do outro. A

declaração, **são opostos entre si**, é um tanto parentética, e a conclusão do versículo depende diretamente da segunda das duas declarações precedentes do versículo. Por trás da resistência do Espírito à carne está o propósito de que os crentes devem ser guardados de praticarem as coisas que eles (de outro modo) fariam.

**18.** Na realização da vitória sobre a carne, é preciso que a pessoa se coloque sob a liderança do Espírito. A Lei leva a homem a Cristo (3:24). Então o Espírito assume o controle e dirige o filho de Deus para a plenitude da vida em nosso Senhor. Esta plenitude será resultado inevitável, se o Espírito não for limitado pelo pecado no crente (Ef. 4:30). Em lugar de dizer, em concordância com o primeiro pronunciamento desta seção, que ser dirigido pelo Espírito significa ser libertado da carne, o apóstolo tira uma conclusão inesperada. Ser dirigido pelo Espírito demonstra liberdade da lei. Apego à lei significa multiplicação de transgressões (cons. Gl. 3:19) em lugar de redução. Evidentemente existe um laço íntimo entre a lei e a carne (cons. Rm. 8:3).

**19-21.** As obras da carne podem ser esperadas proliferando livremente na atmosfera do legalismo. Um raio de ironia se percebe aqui ao fazer referência às obras – "Atentem para as realizações da carne!"

Em primeiro lugar vêm os pecados sensuais. **Prostituição** é um termo geral para imoralidade sexual. **Impureza** inclui toda sorte de corrupção sexual. **Lascívia** indica audácia descarada nesse tipo de vida.

Depois vêm os pecados religiosos. **Idolatria** é a devoção aos ídolos. A palavra grega que foi traduzida para **feiticiarias** encaixa-se no termo "farmácia" e significa basicamente a administração de drogas e poções mágicas, mas passou a representar todo o tipo de prática de feitiçaria (cons. Ap. 9:21; 18:23).

Um terceiro grupo abrange os pecados de temperamento. Esses passam por toda a escala desde **inimizades**, que é algo latente, passando pelas **porfias**, que é algo operante (indicando neste caso disputas devidas ao egoísmo), pelas dissensões (antes, divisões) e **facções**, ou exhibições

de espíritos partidários (**invejas** podem se relacionar às anteriores pois ajudam a criar divisões, como também podem ser associadas com o próximo item), até chegar aos **homicídios** (E.R.C.), o clímax dos antagonismos imprópriamente acalentados.

Na quarta categoria podemos colocar as **bebedices** e **glutonarias**. A lista poderia ser ampliada – **e coisas semelhantes**. Aqueles que praticam tais coisas **não herdarão o reino de Deus** (cons. I Co. 6:9, 10). Um crente pode cair em semelhantes práticas do mal se andar de acordo com a carne. Por isso é que se faz a inclusão desta lista na sua presente posição dentro desta carta, onde a vida do cristão está sendo revista.

**22,23.** Tudo aqui está em contraste com o precedente: fruto em lugar de obras; **o Espírito** em lugar de carne; e uma lista de virtudes grandemente atraentes e desejáveis em lugar das coisas feias que acabaram de ser citadas. A palavra **fruto**, estando no singular, como se apresenta nas cartas de Paulo, tende a enfatizar a unidade e coerência da vida no Espírito oposta à desorganização e instabilidade da vida sob os ditames da carne. É possível, também, que o singular tenha a intenção de apontar para a pessoa de Cristo, no qual todas essas coisas são vistas em sua perfeição. O Espírito procura produzi-las reproduzindo Cristo no crente (cons. 4:19). Passagens tais como Rm. 13:14 sugerem que os problemas morais dos homens redimidos podem ser resolvidos pela suficiência de Cristo quando apropriada pela fé.

À luz da preferência de Paulo pela forma singular de fruto, não se toma necessário recorrer ao expediente de colocar um travessão depois da palavra **amor** para indicar que todos os outros itens dependem deste. O amor é decisivo (I Jo. 4:8; I Co. 13:13; Gl. 5:6). **Gozo** é o que Cristo concede aos seus seguidores (Jo. 15:11) e é pelo Espírito (I Ts. 1:6; Rm. 14:17). **Paz** é o dom de Cristo (Jo. 14:27) e inclui uma reação interior (Fp. 4:6) e relacionamento harmonioso com os outros (contraste com Gl. 5:15,20). **Longanimidade** relaciona-se com a atitude da pessoa para com os outros e envolve uma recusa em revidar ou se vingar do mal recebido. Literalmente é *paciência*. **Benignidade** seria melhor traduzida para



*amabilidade*. É a benevolência nas atitudes, uma virtude visivelmente social. **Bondade** é uma probidade da alma que aborrece o mal, uma honestidade definida de motivações e conduta. **Fidelidade** (se fosse *fé*, estaria no começo da lista). Um caso paralelo é Tito 2:10, "lealdade". **Mansidão** baseia-se na humildade e indica uma atitude para com os outros, mantendo a devida negação do ego. **Domínio próprio** (lit., *reprimir com mão firme*), ou controle da vida do ego por meio do Espírito.

**Contra estas coisas não há lei.** "A Lei existe com o propósito de refrear, mas nas obras do Espírito não existe restrição" (J.B. Lightfoot, *Galatians*, pág. 213). A mesma verdade foi declarada em outra passagem, Rm. 8:4.

**24-26.** Aqueles que são verdadeiramente de Cristo devem ser como Ele na participação da cruz. Eles **crucificaram a carne**. Idealmente, isto aponta para a sua identificação com Cristo na Sua morte (2:20). Praticamente, enfatiza a necessidade de carregarmos o princípio da cruz na vida redimida, uma vez que a carne, **com as suas paixões** e desejos continua sendo uma realidade sempre presente (cons. 5:16, 17). A mesma tensão entre a provisão divina e a apropriação humana se encontra em relação ao Espírito.

Vivemos **no Espírito** segundo a disposição divina, por meio do dom do Espírito na conversão. Mas andamos em Espírito por uma questão de vontade pessoal, dando cada passo na dependência dEle. Se alguém andar assim, não desejará **vanglória** – cobiça do ego, frustrado quando não tem sucesso. "A vanglória desafia a competição, à qual os de natureza mais forte reagem na mesma moeda, enquanto que os mais fracos são levados à inveja" (Hogg e Vine, *Galatians*, pág. 305).

## Gálatas 6

### D. O Evangelho Praticado no Serviço. 6:1-10.

Os cristãos têm ainda uma lei a cumprir, a lei de Cristo. Só podem cumpri-la no poder do Espírito, quando se servem mutuamente na comunhão da Igreja.

**1-5. Alguém.** Algum homem com paixões como as de vocês e portanto sujeito à queda. **For surpreendido**, apanhado em flagrante. **Falta** deveria ser uma palavra mais forte (cons. Rm. 5:15). Um santo que cometeu pecado necessita de restauração como também de perdão divino. Aquele que está qualificado a ajudá-lo é o **espiritual**, isto é, que possui em um notável grau o fruto do Espírito, especialmente o amor (5:22) pelo irmão em dificuldade e também **mansidão** (5:23), uma vez que ele também pode um dia cair no mesmo pecado e necessitar da mesma disposição amorosa. Um verdadeiro espírito de ajuda também deveria ser predominante em outros assuntos – **levei as cargas uns dos outros** (contraste com Lc. 11:46). A lei de Moisés foi descrita como sendo uma carga (Atos 15:10), mas **a lei de Cristo** não é assim (I Co. 5:3). Seu fardo é leve (Mt. 11:30). Isso deixa livre o discípulo para ministrar ao seu próximo (Mc. 10:43-45). A advertência no final de Gl. 6:1 vai até 6:3. A superavaliação do ego leva ao logro. Que um homem examine suas próprias obras. Se encontrar nelas alguma satisfação, **então terá motivo de gloriar-se unicamente em si**. Seus sentimentos serão de gratificação e satisfação e não de orgulho e superioridade sobre seus irmãos. Melhor que cada um se avalie imediatamente, preparando-se para o julgamento que o Senhor fará naquele dia quando **cada um levará o seu próprio fardo**. Ele será tido responsável pela sua própria vida e obra (Rm. 14:12).

**6-10.** Aqui o pensamento retorta ao levar das cargas uns dos outros, mas no setor específico da contribuição para o sustento da obra cristã (cons. II Co. 11:9; II Ts. 3:8).

**6. Faça participante**, isto é, divida com outrem. Aquele que é **instruído na palavra** reparte os seus bens materiais com aquele que o ensina. Desse modo ele participa da obra do Senhor. Esse é o plano divino. Que se tenha o cuidado de não deixá-lo de lado.

**7. De Deus não se zomba.** A palavra que foi traduzida para **zomba** é *levantar o nariz, assumir ares importantes*. Nenhum homem pode com sucesso fazer pouco caso de Deus ou fugir dos seus decretos, pois "tudo o que o homem semear, isso também ceifará" – é a imutável lei da vida (cons. II Co. 9:6 numa associação semelhante).

**8.** Um cristão egoísta **semeia para a sua própria carne**, gastando seus recursos para gratificação de seus próprios desejos pessoais. Ele só pode esperar ceifar a **corrupção**. Aquilo que poderia ter produzido recompensa pelo investimento no trabalho do Senhor não resultará em nada más que uma massa deteriorada, uma perda completa em termos de eternidade. Por outro lado, correspondendo ao Espírito em amor e bondade, e participando alegremente na expansão do Evangelho com o sustento de obreiros cristãos, os crentes estarão aumentando os lucros ao capital da vida eterna. Esta passagem dá margem a uma aplicação mais ampla, de acordo com o caráter proverbial da declaração do versículo 7. Mas **carne** e **Espírito** são era primeiro lugar aplicados ao crente (cons. 5:17, 24, 25), de acordo com o contexto imediato.

**9.** O assunto específico da contribuição leva naturalmente ao exame do tema mais generalizado da prática do bem, o que por implicação é uma sementeira. A pessoa pode esmorecer se espera ver a colheita imediatamente.

**10.** Duas esferas da beneficência cristã foram sugeridas – **a todos e aos da família da fé**. O último grupo é obrigação especial (**principalmente**) dos filhos de Deus. Se alguém negligenciar o cuidado dos seus (e os crentes são a família de Deus), ele é pior do que um incrédulo (I Tm. 5:8).

### **E. O Evangelho Praticado em Separação do Mundo. 6:11-15.**

Paulo usa esta seção final para sublinhar alguns dos destaques dados nesta epístola como um todo, acentuando a centralidade e eficiência da cruz, e a divisão que cria entre os crentes e os homens do mundo.

**11. Com que letras grandes.** O apóstolo está se referindo ao tamanho de sua letra quando tomou a pena da mão do escriba e escreveu ele mesmo as palavras finais, por amor de uma eficácia maior. Ele retoma ao assunto da circuncisão e expõe os motivos daqueles que estavam perturbando seus leitores.

**12. Todos os que querem ostentar-se na carne,** o único reino da vida que eles conheciam, uma vez que não andavam no Espírito. **Esses vos constroem,** neste caso, é "procuram forçar" (cons. 2:3). Pressão estava sendo exercida. Destacando a circuncisão, e impondo-a aos gentios, os judaizantes esperavam escapar à ira dos judeus incrédulos contra eles por terem esposado a causa de Cristo. Tinham medo de **serem perseguidos por causa da cruz de Cristo** (cons. 5:11). Homens desse tipo são chamados de "a circuncisão" (*partido da circuncisão*) em Ep. 3:2.

**13.** Tendo examinado o verdadeiro motivo dos judaizantes, Paulo revela agora seu motivo professo, que era o zelo pela Lei. Tomavam um único item, e uma questão externa por sinal, e o faziam representar a observância da Lei como um todo. Esperavam ganhar crédito trazendo os gentios e colocando-os sob a Lei como um sistema, forçando-os a aceitarem a circuncisão. Eles se gloriavam neste sinal da carne de seus convertidos.

**14.** Paulo se negou a gloriar-se na circuncisão ou em qualquer outra coisa que não fosse **na cruz** pela qual o mundo e todas as suas motivações covardes foram banidas, crucificadas com ele, inteiramente separadas do seu modo de pensar e modo de vida. Paulo não dava importância ao conforto e à reputação, como os judaizantes (cons. 1:10).

**15.** Por que o apóstolo aqui despreza a circuncisão? Porque foi transformada em uma simples cerimônia do mundo quando vista à luz da crucificação. O que malmente importa, ele declara, é a nova vida que vem através de estarmos **em Cristo Jesus**. (E.R.C.). Isso resulta em uma nova criatura. A palavra **nova** indica o que é superior ao velho.

---

**V. Conclusão. 6:16-18.****A. Oração Final. 6:16.**

Para aqueles que andam de acordo com **esta regra** ou cânon que ele acabou de expor, isto é, a cruz de Cristo e a mensagem da graça que Ai se centraliza, Paulo pede paz e a misericordiosa e amorosa benevolência que produz a continuidade da graça já recebida no Evangelho. Ele deseja a mesma bênção para **o Israel de Deus**. Uma vez que é impossível que isto se refira ao todo da igreja, à vista do **e**, o mais provável é que a referência feita seja aos judeus cristãos como o próprio Paulo. Esses são o verdadeiro Israel, opondo-se àqueles que simplesmente levam esse nome (cons. Rm. 2:29).

**B. Testemunho Final. 6:17.**

Se os gálatas tiveram problemas, também Paulo. Mas se alguém quisesse discutir a sua devoção a Cristo, devia tomar conhecimento das **marcas** da perseguição que havia em seu corpo, cicatrizes sofridas por amor ao Senhor Jesus, que falavam mais eloqüentemente do que as marcas corporais (a circuncisão) que os judaizantes amavam impor sobre os outros como prova do seu zelo.

**C. A Bênção. 6:18.**

Esta palavra final, com a ênfase sobre a **graça**, resume a mensagem da epístola como um todo. Nada poderia ser mais apropriado.

# EFÉSIOS

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 3

## Capítulo 5

## Capítulo 2

## Capítulo 4

## Capítulo 6

## INTRODUÇÃO

**Autoria, Data, Lugar.** Poucos críticos têm seriamente negado a autoria de Paulo nesta epístola. Mais ataques têm sido feitos à data e ao lugar da autoria tradicionalmente aceitos, como também aos destinatários tradicionais (veja abaixo).

Efésios está no mesmo grupo cronológico das epístolas de Paulo aos Colossenses, Filemom e Filipenses, chamadas coletivamente de "As Epístolas da Prisão" porque foram escritas durante o primeiro aprisionamento romano de Paulo. Evidentemente Paulo chegou a Roma na primavera de 61. Atos fala que demorou dois anos inteiros em casa alugada por ele mesmo (Atos 28:30), o que faz chegar à primavera de 63. Provavelmente foi liberado antes do incêndio de Roma em 64. Em Filipenses ele já aguardava esse libertamento (1:19-26) uma esperança à qual ele se refere também em Filemom 22. Efésios, Colossenses e Filemom foram despachadas na mesma ocasião pelos mesmos mensageiros (Ef. 6:21, 22; Cl. 4:7-9; Fm. 12, 23, 24).

Tentativas de colocar estas epístolas em período anterior, como se fossem escritas em alguma prisão, tal como Cesaréia ou mesmo Éfeso (George S. Duncan, *St. Paul's Ephesian Ministry*) não têm tido sucesso. Não há bons motivos para rejeitarmos o lugar tradicional – Roma. Esta epístola, junto com Colossenses e Filemom, foi provavelmente escrita no ano 62.

**Destino da Epístola.** Por causa das palavras em Éfeso (*en Epheso*) que não aparecem no manuscrito original do Códex Sinaiticus (Aleph) e

no Códex Vaticanus (B), dois dos mais antigos manuscritos existentes do Novo Testamento, há quem negue que esta epístola foi endereçada aos efésios. Outro ponto difícil é o fato que uma epístola escrita em Laodicéia foi mencionada em Cl. 4:16, mas não se mencionou Éfeso. Alguns crêem que esta epístola poderia ter sido uma circular endereçada a um grupo de diferentes igrejas (Este é o ponto de vista mais amplamente defendido hoje em dia. (Ed.). Parece mais provável, contudo, que uma congregação particular estava em vista, e não temos fortes motivos para rejeitarmos o destino aceito tradicionalmente - Éfeso (veja John W. Burgon, *The Last Twelve Verses of St. Mark*, 1959, pág, 169-187). Mesmo os manuscritos Aleph e B são intitulados aos Efésios (*Pros Ephesious*). Paulo permaneceu um tempo comparativamente longo em Éfeso quando fazia a sua terceira viagem missionária (Atos 19:1 - 20:1; 20:31). Sua associação com os crentes dali foi muito íntima, conforme prova sua maneira de se dirigir aos anciãos de Éfeso (Atos 20:17-38).

**Conteúdo da Epístola.** Esta epístola, junto com a de Colossenses, enfatiza a verdade de que a Igreja é o corpo do qual Cristo é a Cabeça. Embora Paulo tivesse mencionado esta mesma verdade antes, em Romanos 12 e 1 Coríntios 12, aqui ele a desenvolve melhor. Não há nenhum outro ponto mais alto de revelação do que aquele que foi alcançado nesta epístola, a qual mostra o crente assentado com Cristo nos lugares celestiais e o exorta a viver de acordo com sua elevada vocação. Na realidade a epístola pode ser dividida em duas partes principais, cada uma contendo três capítulos. Em Ef. 1-3 o apóstolo conta aos crentes o que eles são em Cristo. Em Ef. 4-6 ele lhes diz o que devem fazer por estarem em Cristo. Já se sugeriu muitas vezes que o conteúdo da epístola pode ser resumido em três palavras, *assentado*, *andando* e *firme*. Pela posição, o crente está assentado com Cristo nos lugares celestiais (2:6); sua responsabilidade é andar condignamente ao chamado que lhe foi feito (4:1); e este andar é mais amplamente apresentado como uma guerra na qual ele está empenhado contra Satanás

e todas as suas hostes e na qual ele é exortado a permanecer firme contra as ciladas do diabo (6:11).

## **ESBOÇO**

- I. A posição do crente em Cristo. 1:1 – 3:21.
  - A. Saudações. 1:1, 2.
  - B. Todas as bênçãos espirituais. 1:3-14.
    - 1. Escolhidos pelo Pai. 1:3-6.
    - 2. Redimidos pelo Filho. 1:7-12.
    - 3. Selados pelo Espírito Santo. 1:13, 14.
  - C. A primeira oração de Paulo. 1:15-23.
  - D. Salvação pela graça. 2:1-10.
    - 1. O que fomos no passado. 2:1-3.
    - 2. O que somos no presente. 2:4 -6.
    - 3. O que seremos no futuro. 2:7-10.
  - E. Unidade dos judeus e gentios em Cristo. 2:11-22.
    - 1. O que os gentios eram sem Cristo. 2:11, 12.
    - 2. Um só corpo. 2:13-18.
    - 3. Um só edifício. 2:19-22.
  - F. A revelação do mistério. 3:1-13.
    - 1. A dispensação da graça de Deus. 3:1-6.
    - 2. A comunhão do mistério. 3:7-13.
  - G. A segunda oração de Paulo. 3:14-21.
- II. A conduta do crente no mundo. 4:1 – 6:24.
  - A. A caminhada digna. 4:1-16.
    - 1. A unidade do Espírito. 4:1-6.
    - 2. O dom de Cristo. 4:7-12.
    - 3. A unidade da fé e do conhecimento. 4:13-16.
  - B. A caminhada diferente. 4:17-32.
    - 1. Descrição da caminhada dos gentios. 4:17-19.
    - 2. O despojar do velho e o revestir do novo. 4:20-24.
    - 3. Aplicação prática. 4:25-32.



- C. A caminhada do amor. 5:1-14.
  - 1. Andando em amor. 5:1 -7.
  - 2. Andando na luz. 5:8-14.
- D. A caminhada sábia. 5:15 – 6:9.
  - 1. Sendo circunspectos. 5:15-17.
  - 2. Sendo cheios do Espírito Santo. 5:18 – 6:9.
    - a. Regozijo e ação de graças. 5:19, 20.
    - b. Submissão nos relacionamentos práticos. 5:21 – 6:9.
  - 1) Esposas e maridos. 5:21-23.
  - 2) Filhos e pais. 6:1-4.
  - 3) Servos e senhores. 6:5-9.
- E. A caminhada cristã é uma guerra. 6:10-20.
  - 1. Fortalecidos no Senhor - toda a armadura de Deus. 6:10-17.
  - 2. Oração por todos os santos e por Paulo. 6:18-20.
- F. Saudações finais. 6:21-24.

## COMENTÁRIO

### I. A Posição do Crente em Cristo. 1:1 - 3:21.

#### Efésios 1

##### A. Saudações. 1:1, 2.

As saudações em todas as epístolas de Paulo são notavelmente semelhantes. Embora esta seja a fórmula epistolar comumente usada por ele, há uma falta do elemento pessoal em Efésios mais do que na maioria das cartas de Paulo.

**1. Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus.** Como nas outras epístolas, Paulo enfatiza que ele foi chamado por Deus para o especial ofício de apóstolo. **Aos santos.** No N.T., os santos são aqueles que foram separados, isto é, todos os crentes. **Que vivem em Éfeso.** Veja Introdução. **E fiéis.** Os crentes (cons. Gl. 3:9). A ausência do artigo diante da palavra **fiéis** no original indica que os santos *são* os crentes.

**Em Cristo Jesus.** Uma frase importante nesta epístola. Não importa qual seja a localização geográfica dos santos, sua verdadeira posição diante de Deus é em Cristo Jesus. Foram colocados em união vital com ele para que possam ser identificados com ele (cons. Jo. 14:20).

**2. Graça a vós outros e paz.** Esta mesma saudação se encontra em todas as epístolas de Paulo, embora nas pastorais fosse acrescentada a palavra **misericórdia**. A graça deve sempre preceder a paz. A palavra grega para **graça**, *karis*, está relacionada com a saudação comum grega, *karein*, mas dá à saudação uma ênfase visivelmente cristã. **Paz** é a costumeira saudação hebraica.

**Da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.** A preposição "de" da contração **do** não se encontra no original. Aqui está uma conexão muito íntima, que prova a identidade do Pai com o Senhor Jesus Cristo na sua essência.

## **B. Todas as Bênçãos Espirituais. 1:3-14.**

O crente é apresentado como o recipiente **de toda sorte de bênção espiritual**. Portanto ele não necessita buscar bênçãos adicionais de Deus. Deve, pelo contrário, apropriar-se das que já foram fornecidas. Todas as três Pessoas da Santa Trindade participam desta provisão de bênçãos espirituais.

### **1) Escolhidos pelo Pai. 1:3-6.**

A obra do Pai está mencionada em primeiro lugar.

**3. Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.** "Quase todas as epístolas de Paulo começam com alguma atribuição de louvor" (Alf). Observe o jogo de palavras no uso de **bendito**. **Que nos tem abençoado**. Somos convocados a bendizer a Deus, o qual já nos abençoou a nós. Mas é claro que Deus nos tem abençoado pelo que realizou, enquanto a nossa bênção em retribuição é de palavras, isto é, de louvor. Ele é **o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**. Isto o identifica como o Deus verdadeiro, não alguma divindade falsa ou

imaginária. A única maneira de conhecê-lo é por intermédio de Jesus Cristo (cons. Jo. 14:6). **Nas regiões celestiais.** Embora o adjetivo apareça em outro lugar, esta frase só ocorre em Efésios, em todo o N.T. Aparece aqui cinco vezes – 1:3; 1:20; 2:6; 3:10; 6:12. A palavra **regiões** não está no original. Indica aqui as esferas ou reinos de nosso relacionamento em Cristo. Ainda não nos encontramos no céu, mas nossa vocação é celeste; o poder de nosso viver diário é celeste; a provisão de Deus é celeste. Observe a constante repetição da frase, **em Cristo**, na epístola. Somente nEle poderíamos ter recebido estas bênçãos.

**4. Como nos escolheu.** Em grego está na voz média; isto é, Ele nos escolheu para Ele mesmo. As Escrituras muito têm a dizer sobre o amor eletivo de Deus. As Escrituras nunca apresentam a doutrina da eleição como algo que devamos temer, mas sempre como fgo pelo que os crentes devem se regozijar. Observe que fomos escolhidos **nEle**, isto é, em Cristo, e que esta escolha aconteceu **antes da fundação do mundo**. Os propósitos de Deus são eternos.

**Para sermos santos e irrepreensíveis perante ele.** Esse é o propósito para o qual Deus nos escolheu em Cristo (cons. Rm. 8:29; Judas 24, 25). A frase **em amor** provavelmente pertence ao que vem a seguir e não ao que o precede; isto é, **em amor nos predestinou** (Nestle).

**5. Nos predestinou.** A escolha que Deus fez de nós em Cristo foi para um propósito eterno.

**Para a adoção de filhos.** A palavra traduzida para **adoção de filhos** foi usada cinco vezes no N.T. (Rm. 8:15, 23; 9:4; Gl. 4:5; e aqui). Refere-se, à nossa colocação em posição de filhos. Não é a idéia moderna de adoção, mas antes a colocação de uma criança na posição de filho adulto. O propósito de Deus é que todos os crentes deviam ser filhos adultos em sua família, na qual Cristo é o "primogênito" (Rm. 8:29).

**Segundo o beneplácito de sua vontade.** Qualquer tentativa de fundamentar a eleição e predestinação divinas em méritos humanos, quer

antevistos ou quaisquer outros, é contrário às Escrituras e fútil. O motivo da escolha divina não se encontra em nós, mas apenas nEle (cons. Tt. 3:5; Ef. 2:8-10). A vontade de Deus é o fator determinante.

**6. Para louvor da glória de sua graça.** Observe o uso triplo desta expressão (cons. vs. 12,14). As três ocorrências desta frase assinalam a parte que as três Pessoas da Deidade desempenham na nossa salvação, dando-nos bênçãos que já recebemos. A mais importante motivação do universo é a glória de Deus. O "Westminster Shorter Catechism" expressa isto bem na resposta à sua primeira pergunta, "Qual é o principal objetivo do homem?" "O principal objetivo do homem é glorificar a Deus, e deleitar-se nEle eternamente".

**Sua graça.** "A graça é imerecida, sem jus e irrecompensável" (Chafer). É o favor autodependente de Deus concedido aos homens pecadores, que apenas merecem a Sua ira.

**Que ele nos concedeu gratuitamente, no Amado.** Mais literalmente, *a qual livremente outorgou-nos*. Aqui está um novo jogo de palavras no original – "Sua graça, a qual Ele favoreceu". É difícil expressá-lo em português. Esta concessão é **no Amado**; isto é, no Senhor Jesus Cristo (cons. Cl. 1:13; Mt. 3:17).

## 2) Redimidos pelo Filho. 1:7-12.

**7. No qual** – isto é, Cristo – **temos a redenção.** Esta é a nossa possessão presente.

**Pelo seu sangue.** As Escrituras apresentam o sangue de Cristo como o infinito preço da transação que envolveu a nossa redenção (cons. Atos 20:28; I Co. 6:20; I Pe. 1:18-20). Colossenses 1:14 faz paralelo com este versículo.

**A remissão dos pecados.** Os fariseus fizeram a observação (pelo menos uma vez) de que nenhum homem pode perdoar pecados a não ser Deus (Mc. 2:7). O fato do Senhor Jesus Cristo perdoar é evidência de que é Deus.

**Segundo a riqueza da sua graça.** Novamente a ênfase sobre a completa ausência de mérito humano (cons. Rm. 5:21). Observe a palavra riqueza. Sua graça não tem limites.

**8. Que Deus derramou abundantemente sobre nós.** Deus abunda sob todos os aspectos. Ele é o Infinito. A **sabedoria** do Senhor Jesus Cristo é ilimitada, e Ele fez abundar para conosco a Sua sabedoria que foi posta à nossa disposição, como indica o versículo seguinte.

**9. Desvendando-nos.** A explicação de sua abundância.

**O mistério.** No N.T. – a palavra **mistério** (literalmente, *segredo*) indica algo que não foi claramente revelado antes, mas agora esclarecido. **Segundo o seu beneplácito, que propusera em Cristo.** Vemos novamente que Deus é completamente autodeterminante e auto-suficiente.

**10. Na dispensação da plenitude dos tempos.** A palavra **dispensação** significa "mordomia". Ela é usada no N.T., para se referir às diferentes administradores das bênçãos de Deus. Evidentemente a dispensação da plenitude dos tempos é a mordomia final confiada aos homens, a qual levará os propósitos de Deus a serem desfrutados pela história humana. O propósito mencionado resume-se na expressão, **de fazer convergir nEle ... todas as coisas.** Esta é uma observação literária (Robertson) – "que colocaria todas as coisas debaixo de Cristo" (cons. Cl. 1:8). **Todas as coisas** inclui toda a criação. Uma vez que Cristo é preeminente no propósito de Deus dentro do universo e na Igreja, o indivíduo que não tem Cristo preeminente em sua vida está inteiramente em desarmonia com propósito do Pai.

**11. No qual fomos também feitos herança.** Há uma diferença de opinião quanto ao grego nesta passagem – se está na voz ativa ou passiva. Esta última parece a mais provável, e assim poderíamos traduzir como consta. Somos herança de Cristo, como Ele é a nossa.

**Predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as causas, conforme o conselho da sua vontade.** As palavras **predestinados, propósito, conselho e vontade** têm íntima ligação. Não

há declaração mais clara ou mais sublime em lugar algum das Escrituras referente à soberania de Deus. Correndo através de toda a Bíblia estão as linhas paralelas da soberania de Deus e da responsabilidade do homem. Não podemos reconciliá-las, mas podemos crer em ambas porque ambas são ensinadas na Palavra.

**12. A fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo.** Alguns crêem que "nós" aqui se refere aos judeus, por causa da expressão **de antemão esperamos**. Isto parece provável à vista do contraste entre o nós do versículo 12 e o vós do versículo 13. **Pará louvor da sua glória.** Isto demarca a segunda seção nesta grande tríade.

### **3) Selados pelo Espírito Santo. 1:13,14.**

**13. Em quem também vós.** Isto é, os gentios, em contraste aos judeus. **Depois que ouvistes a palavra da verdade.** Quando vocês ouviram a palavra da verdade, ou a palavra que consiste da verdade. Isto está igualado mais adiante com **o evangelho da vossa salvação** – as boas novas que lhes trouxeram à salvação.

**Tendo nele também crido, fostes selados.** Literalmente, *em quem também quando vocês creram, foram selados*. Este selar não aconteceu como algo subsequente à salvação mas foi simultâneo com a salvação. O ministério da confirmação do Espírito Santo está mencionado diversas vezes no N.T. (cons. II Co. 1:22; Ef. 4:30). Um selo indica posse e segurança. O Espírito Santo é o próprio selo. Sua presença garante a nossa salvação. **Com o Santo Espírito da promessa.** O próprio Espírito Santo é o objeto ou o conteúdo da promessa que foi dada.

**14. O qual é o penhor da nossa herança.** Isto é, a garantia de que todo o resto virá depois.

**Até ao resgate da sua propriedade.** Jesus Cristo nos comprou para Si mesmo e deu-nos o Espírito Santo como uma garantia de que a redenção, que tão maravilhosamente teve início, será completada. Novamente encontramos o refrão, **em louvor da sua glória**. A repetição

deste refrão faz-nos lembrar novamente o Deus triúno – Pai, Filho e Espírito Santo – três Pessoas, mas um só Deus.

### **C. A Primeira Oração de Paulo. 1:15-23.**

A oração que se segue baseia-se no parágrafo justamente concluso. Paulo pode orar dessa maneira porque Deus fez todas essas coisas pelo crente, levando-o desde o Seu eterno propósito na eternidade do passado até a consumação da redenção na eternidade futura. Observe que, contrastando com a maioria das nossas orações, a intercessão de Paulo foi primeiramente pelo bem-estar espiritual daqueles por quem ele orava.

**15. Eu também, tendo ouvido a fé que há entre vós no Senhor Jesus, e o amor para com todos os santos.** Às vezes nos esquecemos que, depois de salvas as pessoas, deveríamos orar com a mesma veemência que oramos pela sua salvação. A fé e o amor desses crentes efésios eram um incentivo para Paulo orar pelo seu continuado crescimento espiritual.

**16. Não cesso de dar graças por vós. Por vós,** isto é, graças a Deus pelo que Ele fizera pelos efésios.

**Fazendo menção de vós nas minhas orações.** Paulo não considerava a oração como algo vago e indefinido. Ele se lembrava especificamente deles e de suas necessidades diante de Deus.

**17. Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo (cons. v.3), o Pai da glória.** Isto é, o Pai caracterizado pela glória. **Vos conceda espírito de sabedoria e de revelação.** Provavelmente isto é objetivo; isto é, o Espírito Santo que dá sabedoria e revelação. **No pleno conhecimento dele.** Esta expressão indica pleno conhecimento experimental.

**18. Iluminados os olhos do vosso coração.** "O coração nas Escrituras é o próprio âmago e centro da vida" (Alf).

**Para saberdes.** Só quando Deus nos ilumina é que podemos realmente saber o que Ele quer que saibamos.

**Qual é a esperança do seu chamamento.** Esperança nas Escrituras é a certeza absoluta do bem futuro.

**A riqueza da glória da sua herança nos santos.** Compare com as "riquezas da sua graça" no versículo 7 (cons. também Dt. 33: 3, 4).

**19. A suprema grandeza do seu poder.** As frases que se seguem acumulam palavras que denotam todo o poder de Deus *sobre nós*.

**20. O qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos.** No V.T. o padrão para o poder de Deus é freqüentemente o livramento do Egito, especialmente a travessia do Mar Vermelho. Mas aqui está um padrão de poder muito maior. O próprio poder de Deus que ressuscitou Cristo dos mortos está à nossa disposição, e podemos experimentá-lo. **Fazendo-o sentar à sua direita.** Provavelmente as diversas referências a Cristo assentado à direita de Deus, no N.T., tem sua origem no Salmo 110. **Nos lugares celestiais.** Nesta segunda vez, das cinco em que foi usada esta frase, o sentido é evidentemente local: o Senhor Jesus está literal e corporalmente no céu.

**21. Acima de todo principado ... e poder. Todo** no sentido de "cada". Diferentes palavras foram usadas no N.T. para as diversas categorias e espécies de seres celestiais, para ambos, anjos santos e decaídos. Compare esta exaltação de Cristo com Fp. 2:8-11. **No presente século.** Uma palavra que se refere a tempo – **nesta dispensação**.

**22. E pôs todas as coisas debaixo dos seus pés.** Novamente a alusão é ao Sl. 110:1 (cons. também Sl. 8:6). Isto indica a última vitória completa de Cristo. **E, para ser o cabeça sobre todas** (cons. Jo. 3:16). Esta é a primeira menção, na epístola de Cristo como a Cabeça da Igreja, uma verdade que será posteriormente desenvolvida de maneira mais completa (veja Introdução).

**23. A qual é o seu corpo.** Embora falemos disto como uma figura, é mais do que isso. Indica a completa união da Igreja com o Senhor Jesus, a absoluta identificação dos crentes com ele (cons. I Co. 12: 12).

**A plenitude.** Aquilo que está cheio. "Ela (a Igreja) é a contínua revelação de Sua vida divina na forma humana" (JFB). Pode-se ver que a verdadeira oração inclui uma abundância de louvor. Adoração de nosso maravilhoso Deus deveria ter a precedência sobre nossas petições



egoísticas e ego-centralizadas. Como nossas vidas seriam diferentes se orássemos assim uns pelos outros continuamente!

## **Efésios 2**

### **D. Salvação pela Graça. 2:1-10.**

Neste parágrafo o apóstolo fala da nossa salvação pela graça de Deus, mostrando o que éramos no passado, o que somos agora e o que seremos no futuro.

#### **1) O Que Fomos no Passado. 2:1-3.**

A declaração inicial desta seção lembra os crentes efésios de quão desesperadamente eles precisaram da graça salvadora de Deus.

**1. Ele vos deu vida.** A construção aqui sofreu interrupção. Literalmente é assim, *e vós que estáveis mortos em ofensas e pecados*. Os versículos 2 e 3, então são parentéticos, e o pensamento principal se resume no versículo 4. O contraste está entre vós, mortos em ofensas e pecados, e Deus, rico em misericórdia. A morte à qual o escritor se refere aqui é a espiritual, não a física; isto é, separação de Deus.

**2. Nos quais andastes outrora.** O andar nas Escrituras é usado com referência à conduta diária, à maneira de vida (cons. as porções finais da epístola onde se trata da vida cristã).

**Segundo o curso deste mundo.** É incomum encontrar a palavra *aion*, "século", e a palavra *kosmos*, "mundo" juntas "o século deste sistema do mundo". Ambas as palavras adquiriram um sentido ético por causa do seu uso no N.T.

**Segundo o príncipe da potestade do ar.** Isto obviamente se refere a Satanás. Aqui há um paradoxo, pois pessoas mortas são representadas andando. Cada um, quando separado de Cristo, está morto e andando segundo o príncipe das potestades . do ar. Satanás é mais adiante descrito como o **espírito que agora atua nos filhos da desobediência**; isto é, filhos caracterizados pela desobediência. Desde o pecado de Adão, os homens têm sido filhos desobedientes.

**3. Entre os quais também todos nós andamos outrora.** Este nós faz contraste com o vós de 2:1.

**Nossa carne.** O termo **carne** no N.T., é freqüentemente usado no sentido ético para se referir à velha natureza, aquela que herdamos de Adão.

**Fazendo a vontade da carne e dos pensamentos.** Ao que parece, o corpo e a mente estão ligados, ambos fazendo parte da carne, isto é, da velha natureza. Muitas pessoas costumava pensar nos pecados da carne como sendo apenas os diversos tipos de imoralidade, esquecendo que também existem os pecados da mente.

**Filhos da ira.** Isto é, aqueles que estão sob a ira, cujo destino é a ira, sobre os quais a ira de Deus permanece (cons. Rm. 1:18; Jo. 3:36; veja também Hb. 10:26,27).

## **2) O Que Somos no Presente. 2:4-6.**

A Palavra de Deus está cheia de gritantes contrastes entre a incapacidade do homem e a suficiência do Senhor.

**4.** O escritor agora retorna à declaração que foi interrompida no versículo 2.

**Mas Deus.** Este é o contraste salvador.

**Sendo rico em misericórdia** (cons. as riquezas da Sua graça e da glória, 1:7,18). Não há limite para a misericórdia de Deus.

**Por causa do grande amor com que nos amou.** As Escrituras indicam repetidamente que o amor de Deus para conosco, e não o nosso amor para com Ele, é a coisa mais importante (cons. I Jo. 4:9, 10).

**5. Mortos em nossos delitos.** Isto reverte à declaração de 2:1.

**Nos deu vida juntamente com Cristo.** Aqui há um verbo composto que está ligado à palavra Cristo, para mostrar que o fato de estarmos vivos tem ligação com o fato de Ele estar vivo, isto é, com Sua ressurreição.

**Pela graça sois salvos,** está explicado e desenvolvido mais adiante, no versículo 8.

**6. E juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus.** As Escrituras ensinam que fomos identificados com o Senhor Jesus Cristo, não apenas em Sua morte (Rm. 6), mas também na Sua ressurreição e na Sua ascensão à direita do Pai. A palavra assentar é uma das grandes palavras desta epístola, indicando a posição que temos em Cristo, como participantes de uma redenção consumada e concluída e de uma vitória.

**Nos lugares celestiais.** A terceira vez que esta expressão foi usada nesta epístola. Por causa de nossa posição em Cristo, já estamos potencialmente no céu, onde Ele realmente está.

### **3) O Que Seremos no Futuro. 2:7-10.**

O fato de Deus ter transformado pecadores redimidos em uma eterna lição objetiva de Sua graça, é espantoso, porém é verdade.

**7. Para mostrar nos séculos vindouros.** A Igreja servirá de eterna demonstração da graça de Deus. A suprema riqueza da sua graça (cons. 1:7) em bondade. (cons. Tt. 2:14; 3:4).

**8. Porque pela graça sois salvos.** Isto é, *vós fostes salvos*. A graça de Deus é a fonte de nossa salvação.

**Mediante a fé.** Paulo não diz nunca *por causa da fé*, pois a fé não é a causa, apenas o canal por meio do qual recebemos a nossa salvação.

**E isto não vem de vós.** A palavra **isto** não se refere nem à graça nem à fé, mas a todo o ato da salvação – "Essa salvação não vem de vós mesmos".

**Dom de Deus.** Cons. Rm. 6:23.

**9. Não de obras.** Este é o complemento negativo da afirmação precedente. O Espírito Santo tem sido muito cuidadoso em resguardar esta preciosa doutrina da salvação pela graça contra todas as formas de heresia.

**Obras** nas Escrituras são o produto ou fruto da salvação, não a causa dela.

**Para que ninguém se glorie.** No céu ninguém vai se gloriar porque não haverá ali ninguém que tenha algum motivo de glória (I Co. 4:7).

**10. Somos feitura dele.** O **dele** é enfático no original.

**Criados em Cristo Jesus para boas obras.** O propósito de nossa nova criação é que andássemos (nas boas obras). Agora a passagem completou o seu círculo, pois esse andar está em contraste direto com o andar descrito no versículo 2.

### **E. Unidade dos Judeus e Gentios em Cristo. 2:11-22.**

Uma das grandes verdades desta epístola é que judeus e gentios estão unidos no corpo de Cristo. Esse corpo já foi mencionado em 1:23, e a união está descrita aqui com mais detalhes no capítulo 3.

#### **1) O Que os Gentios Eram Sem Cristo. 2:11, 12.**

A linguagem desses versículos pinta um quadro muito negro da posição dos gentios antes da vinda de Cristo.

**11. Portanto, lembrai-vos.** A maior parte dos leitores originais de Paulo eram gentios. O apóstolo aqui fá-los lembrar de sua posição antes de ouvirem o Evangelho. **Outrora vós gentios.** Diante dos homens ainda eram gentios, mas não diante de Deus. Deus olha para todos os homens como judeus, gentios ou a Igreja (I Co. 10:32). Quando alguém aceita o Senhor Jesus Cristo, quer seja judeu ou gentio, já não é mais tal diante de Deus, mas passa a ser um membro do corpo de Cristo. **Chamados incircuncisão.** Esse era um epíteto insolente aplicado pelos judeus aos gentios.

**12. Separados da comunidade de Israel.** No V.T. Deus tinha um convênio com a nação de Israel e governava esse estado diretamente. Aqueles que não eram judeus, eram estrangeiros ou alienígenas.

**Não tendo esperança e sem Deus,** só podiam tomar conhecimento do convênio e das promessas do Senhor através de Israel. As expressões descritivas vão se tornando cada vez mais sérias.

**2) Um Só Corpo. 2:13-18.**

Judeus e gentios foram unidos em Cristo, e o último agora está tão perto dele quanto o primeiro.

**13. Mas agora.** Isto é enfático. Indica um contraste à sua anterior posição. **Em Cristo Jesus.** Antes estavam no mundo (v. 12). Sua condição era sem esperanças. Agora estão **em Cristo**, com todos os privilégios do céu. Observe os diversos contrastes nestes versículos – **no mundo, em Cristo Jesus; naquele tempo, agora; separados, aproximados.**

**14. Ele é a nossa paz.** Observe o progresso desta seção: **Ele é a nossa paz** (v. 14); **fazendo a paz** (v. 15); **evangelizou paz** (v. 17; cons. Cl,1:20).

**De ambos fez um.** Isto é, judeus e gentios. **Tendo derrubado a parede da separação** pode ser aqui uma alusão à parede que separava o Pátio dos Gentios e o Pátio dos Judeus no Templo. Uma inscrição nessa parede advertia os gentios da pena de morte, se entrassem no Pátio dos Judeus. Agora, diante de Deus, não há mais distinção (veja Rm. 1; 2; 3). **A inimizade.** Talvez em aposição à "parede de separação que estava no meio".

**15. Um novo homem.** Não um indivíduo, mas a nova criação da qual Cristo é a Cabeça.

**16. Ambos.** Novamente uma referência aos judeus e gentios. **Destruindo por ela a inimizade.** Isto é, pela cruz.

**17,18.** Estes versículos desdobram mais esta verdade da união do judeu com o gentio em Cristo. **Vós outros que estáveis longe.** Os gentios. **Aos que estavam perto.** Os judeus.

**18.** Observe a ênfase sobre a palavra **ambos** (vs. 14, 16, 18). Ambos unidos, ambos reconciliados com Deus, ambos tendo acesso.

**3) Um Só Edifício. 2:19-22.**

A figura da Igreja como um corpo humano transforma-se gradativamente na figura da Igreja como um grande edifício. O corpo

humano é também descrito como um edifício em várias passagens (por exemplo, I Co. 6:19; II Co. 5:1).

**19. Assim.** A conclusão lógica do que foi escrito. **Já não sois estrangeiros, e peregrinos.** A presente posição desses gentios foi inteiramente revertida da sua condição anterior, descrita anteriormente neste capítulo. **Mas concidadãos dos santos.** Em Cristo, judeus e gentios têm uma nova cidadania (cons. Fp. 3:20, 21).

**20. Edificados sobre o fundamento.** A Igreja, que é o corpo de Cristo, está sendo apresentada aqui como um grande edifício, o templo de Deus. **Os apóstolos.** Os homens especialmente designados pelo Senhor Jesus Cristo no começo da Igreja. Eles não tiveram sucessores. **E profetas.** Não os profetas do V.T., mas os profetas cristãos, os profetas do N.T., alguns dos quais são mencionados e descritos no livro de Atos e nas epístolas.

**Sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular.** Passagens como esta e I Pe. 2:5 ajudam-nos a entender o significado de Mt. 16:18. Pedro, sendo um apóstolo, foi uma das pedras fundamentais junto com os demais apóstolos e profetas, mas a estrutura como um todo está edificada sobre Cristo. Compare o que Paulo diz em I Co. 3:11.

**21. Todo edifício.** "O apóstolo está claramente falando de um só vasto edifício, o corpo místico de Cristo" (Alf). Esta interpretação está confirmada pela linguagem do que vem a seguir. Israel no V.T. tinha um templo de madeira e pedra. Em contraste com este, a Igreja é o templo (cons. I Co. 3:16; I Pe. 1: 2-9). Um templo é um lugar da habitação de Deus, como diz o versículo 22.

## **Efésios 3**

### **F. A Revelação do Mistério. 3:1-13.**

O apóstolo Paulo foi escolhido por Deus para esclarecer e explicar pelo menos duas grandes revelações. A primeira delas é o próprio Evangelho - as boas novas da salvação através da morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. A segunda era a verdade da Igreja como o corpo

de Cristo. Nas grandes epístolas evangélicas – Romanos, I e II Coríntios e Gálatas – Paulo desenvolve extensamente a primeira revelação. Nas epístolas do presente grupo cronológico, as "Epístolas da Prisão", ele trata em grande parte da segunda dessas revelações – a Igreja como o corpo de Cristo. O capítulo 3 forma o clímax da primeira divisão principal da epístola, que nos dá a nossa posição em Cristo.

### 1) A Dispensação da Graça de Deus. 3:1-6.

Eis aqui o mistério da Igreja na qualidade de corpo de Cristo.

**1. Por esta causa.** Refere-se a toda a declaração precedente. **Eu, Paulo.** A repetição que o escritor faz do seu nome prova a seriedade e a importância que ele imputa àquilo que está para escrever. **O prisioneiro de Jesus Cristo.** É claro que Paulo era um prisioneiro de Cristo no sentido de que ele fora capturado por Cristo, mas esse não é o principal pensamento aqui. Ele era um prisioneiro em Roma quando escrevia, e foi por amor a Cristo que era prisioneiro. **Por amor de vós, gentios.** Paulo foi especificamente o apóstolo dos gentios por ordem do Senhor Jesus (cons. Rm. 15:16).

**2. Da dispensação da graça de Deus.** A palavra dispensação significa mordomia. A mensagem da graça foi um depósito sagrado entregue a Paulo, a fim de que ele pudesse revelá-la aos gentios. **A mim confiada para vós outros.** Não foi dada a Paulo para que a guardasse, mas para que a passasse adiante, particularmente aos gentios.

**3. Pois segundo uma revelação me foi dado conhecer o mistério.** Paulo sempre insistia na sua recepção direta do Evangelho do próprio Senhor Jesus, sem qualquer intermediário humano (cons. Gl. 1:11, 12). **O mistério.** Veja comentário sobre 1:9. **Conforme escrevi há pouco, resumidamente.** Provavelmente não uma carta anterior mas algo já mencionado na presente epístola (cons. 1:9 e segs.).

**4.** Este versículo e o seguinte lançam muita luz sobre o uso da palavra mistério no N.T. A palavra significa, não algo místico ou mágico, mas um segredo sagrado que não foi previamente revelado;

quando for revelado, só será compreendido pelos iniciados - aqui, aqueles que são salvos.

**5. Como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito.** Exatamente como os homens santos de Deus foram inspirados pelo Espírito Santo nos tempos do V.T. (II Pe. 1 20, 21), assim também o foram os escritores do N.T.

**6. Os gentios.** O mistério não consistia em que os gentios querassem ser salvos – há muita coisa no V.T. relacionada com a salvação dos gentios, particularmente em Isaías – mas que seriam ligados aos judeus em um só corpo.

## **2) A Comunhão do Mistério. 3:7-23.**

**7. Ministro.** Paulo transformou-se em servo pelo dom de Deus. Esta é a palavra traduzida para diácono – alguém que serve às mesas. Paulo jamais considerou o seu ofício como algo elevado que o afastasse dos outros homens. Ele sempre falou de si mesmo humildemente.

**8. O menor de todos os santos.** Em diversos outros lugares Paulo, lembrando-se do que fora antes de ser salvo e do que fizera à igreja, fala de si mesmo com auto-renúncia (cons. I Co. 15:9, I Tm. 1:15). A expressão traduzida para **o menor de todos** não é uma forma usual – comparativo do superlativo. **Me foi dada esta graça.** A graça de Deus foi dada a Paulo não principalmente para seu prazer, mas para que a passasse aos outros. **De pregar aos coríntios.** O Senhor Jesus deu esta palavra Ananias referindo-se a Paulo (Atos 9:15). Das insondáveis riquezas. Aqui novamente a palavra riquezas destaca-se como um adjetivo indicando seu caráter ilimitado.

**9. E manifestar.** Jogar luz sobre o que é **a dispensação do mistério.** Em alguns manuscritos encontramos a palavra *mordomia* em vez de **dispensação. Desde os séculos oculto em Deus.** Outra confirmação da definição do "mistério" antes citado. **Que criou todas as coisas.** Tudo o que existe, não simplesmente a criação física ou apenas a criação espiritual.



**10. Nos lugares celestiais.** A quarta ocorrência da frase na epístola. Outra indicação de que os seres celestiais estão observando a Igreja e vendo na Igreja o desdobrar da sabedoria de Deus. Ambos, anjos bons e maus, estão evidentemente admirados com a operação de Deus quando Ele redime homens e mulheres.

**11. Segundo o eterno propósito.** Cons. Rm. 8:1-29; Ef. 1:11.

**12. Pelo qual.** Isto é, em Cristo. **Acesso com confiança.** Fora de Cristo não podemos nos aproximar. Isso já foi demonstrado no cap. 2. **A fé nele.** Genitivo objetivo. Cristo é o objeto de nossa fé.

**13. Nas minhas tribulações por vós.** Compare com o que Paulo diz em Atos 20:18-35 sobre sua obra em Éfeso; também em II Co. 1:8-11.

### **G. A Segunda Oração de Paulo. 3:14-21.**

Esta é a segunda oração de Paulo pelos efésios, e tal como a anterior em Ef. 1, relaciona-se principalmente com seu bem-estar espiritual. Enquanto a primeira oração se centraliza no conhecimento, esta focaliza o amor.

**14. Por esta causa.** Isto retoma o pensamento começado em 3:1. Evidentemente o pensamento principal deste capítulo é a oração, e 3:2-13 é explanatório. **Me ponho de joelhos.** Embora as Escrituras não indiquem nenhuma posição corporal necessária à oração, o pôr-se de joelhos indica sincera reverência. **Do Pai.** Alguns manuscritos omitem as palavras *de nosso Senhor Jesus Cristo*. Há um jogo de palavras com a palavra **Pai** em 3:14 e a palavra traduzida para **família** (que é *paternidade*) em 3:15.

**15. Toda a família.** Há duas possíveis explicações para isto. Alguns preferem **cada família**, com a idéia de que o conceito de família ou paternidade vem de Deus. Isto é verdade, é claro, embora menos comum. Gramaticalmente a outra explicação parece encaixar-se melhor no contexto das Escrituras de um modo geral; isto é, **toda a família**. A expressão **tanto no céu como sobre a terra** parece favorecê-la. Isto é, toda a família dos redimidos – aqueles que já partiram e aqueles que

ainda estão vivos aqui na terra – têm um só Pai, que é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

**16. Segundo a riqueza.** Novamente a referência à abundância do que temos de Deus (cons. 1:7; 2:4; Fp. 4:19). **Que sejais fortalecidos com poder.** Paralelo da outra oração, a qual muito falou sobre o poder de Deus.

**Mediante o seu Espírito.** O Espírito é o agente da Deidade, aplicando-nos a redenção. **No homem interior.** Isto é, nossa parte imaterial, a verdadeira personalidade.

**17. E assim habite Cristo.** Não meramente viva, mas esteja em sua casa – habite. Disso é que cada cristão precisa sempre, não orar que Cristo entre pela primeira vez, pois Ele já habita em cada crente, mas, que esteja à vontade no sentido de que o crente já Lhe entregou toda a sua vida.

**Estando vós arraigados e alicerçados em amor.** Uma metáfora mista referindo-se àquilo que foi plantado e àquilo que foi edificado (cons. Cl. 2:2, mais ou menos paralelo a esta passagem).

**18. A fim de poderdes compreender, com todos os santos.** Um conhecimento que todo crente deve ter.

**Qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade.** Esse tipo de conhecimento deveria crescer continuamente, pois caso contrário jamais poderíamos medir essas dimensões.

**19. Conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento.** Algumas coisas não podemos conhecer inteiramente; freqüentemente temos experiências que não podemos entender ou explicar. Entretanto, a mesma raiz foi usada aqui no infinitivo e no substantivo, e a idéia parece ser de conhecer aquilo que é essencialmente impossível de conhecer – e conhecê-lo o suficiente para nos regozijarmos nEle.

**Tomados de toda a plenitude de Deus.** Deus é infinito e nós somos finitos. Isto é um paradoxo, é claro, mas é uma tentativa de transmitir através da linguagem aquilo que significa algo para nós. a

superabundância da graça colocada à nossa disposição pelo Pai celestial. através de nosso Senhor Jesus Cristo

**20.** Esta plenitude torna a ser descrita na bênção que introduz o final da primeira grande divisão desta epístola. **Ora, àquele.** É claro que o verbo e o predicado estão no versículo seguinte. **Poderoso.** Não há limite para o que Deus pode fazer. **Infinitamente mais.** Os superlativos se amontoam uns sobre os outros a fim de nos impressionar com esta verdade.

**Tudo quanto pedimos, ou pensamos.** Somos geralmente limitados em nosso pedir, achando que Deus não fará determinada coisa por nós. Ele é capaz de fazer muito mais do que pedimos; na verdade, mais até do que podemos imaginar. E Ele o faz **conforme o seu poder que opera em nós.** Isto é, fomos fortalecidos pelo Seu Espírito. Conseqüentemente, este poder está sendo ativado em nós.

**21. A ele seja a glória** pode ser tomado como uma declaração – *a Ele é a glória*; ou como uma sentença imperativa – **a ele seja a glória.** **Na igreja.** A glória de Deus está sendo manifesta por toda a eternidade no corpo que Ele redimiu. **Por todas as gerações, para todo o sempre.** Literalmente, *por todas as gerações, pelo século dos séculos.* Uma expressão muito forte para a eternidade. Com esta oração e bênção Paulo conclui esta porção da epístola, que nos fala sobre o que Deus fez por nós e sobre a nossa posição em Cristo.

## II. A Conduta do Crente no Mundo. 4:1 – 6:24.

### Efésios 4

#### A. A Caminhada Digna. 4:1-16.

Deus sempre une doutrina com prática, ensinamentos e os resultados práticos dos ensinamentos. Em Ef. 1-3 Ele nos falou das riquezas da Sua graça e das riquezas da Sua glória por meio de Jesus Cristo. Agora Ele nos exorta a vivermos de maneira digna neste mundo.

### 1) A Unidade do Espírito. 4:1-6.

Deus realizou uma unidade maravilhosa que os crentes têm a responsabilidade de manter na experiência.

**1. Pois.** Como geralmente acontece nas epístolas de Paulo, esta exortação está sendo feita com base nos ensinamentos que a precederam (cons. Rm. 12: 1). **O prisioneiro no Senhor.** Isto é. o prisioneiro por amor do Senhor (cons. Ef. 3:1). **Rogo-vos.** Esta palavra, que no original se encontra realmente no começo, para maior ênfase, é uma súplica, um encorajamento. Deus, é claro, tem o direito de ordenar e exigir, mas Ele, em lugar disso, roga, suplica, porque Ele quer um serviço prestado por submissão, de boa-vontade.

**Que andeis de modo digno.** A palavra **andeis** tem sido usada muitas vezes nas Escrituras em relação à nossa conduta, nosso comportamento, nosso modo de vida (cons. Introdução). **De modo digno.** Não para que mereçamos o que Deus fez, mas para andarmos de modo condizente com o que Ele fez por nós. Não nos tornamos cristãos vivendo a vida cristã; antes, somos exortados a vivermos uma vida cristã porque somos cristãos, para que as nossas vidas estejam de acordo com a nossa posição em Cristo (cons. Fp. 1:27). **Vocação.** Nossa vocação está descrita como uma vocação celeste e santa (cons. Hb. 3:1; II Tm. 1:9).

**2. Humildade mansidão.** Essas virtudes só podem ser produzidas pelo Espírito de Deus que habita no crente. São totalmente estranhas à carne e desafortunadamente raras na vida de muitos cristãos. **Humildade** implica na idéia de simplicidade; **mansidão** significa gentileza (veja Trench). **Longanimidade** é a conservação de uma atitude tranqüila diante da adversidade e perseguição.

**3. Esforçando-nos diligentemente por preservar.** Deus sabia que isto não seria sempre possível porque uma pessoa sozinha não pode manter a união. Observe que Paulo não exige que o cristão faça a unidade, pois só Deus pode criar o laço; mas é responsabilidade dos crentes o esforço de resguardá-lo.

**Esta é a unidade do Espírito.** Isto é, a unidade que foi moldada pelo próprio Espírito Santo, e o Seu laço ou ligamento é de paz.

**4. Somente um corpo.** O organismo composto do Senhor Jesus Cristo na qualidade de Cabeça e de todos os crentes nEle. É a nova criação, o corpo mencionado antes na epístola (1:23).

**Somente . . . um Espírito.** O Espírito Santo mesmo é a vida que impregna cada parte do corpo.

**5. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo.** Observe a ênfase que foi dada à unidade em todo o trecho. O batismo é sem dúvida o batismo do Espírito Santo – o ministério do Espírito pelo qual fomos colocados no corpo de Cristo (I Co. 12: 13).

**6.** As três Pessoas da Divindade são mencionadas nestes versículos na ordem inversa da que geralmente é dada: **somente ... um Espírito** (v. 4); **um só Senhor** (v. 5), isto é, o Senhor Jesus; **um só Deus e Pai** (v. 6). **O qual é sobre todos**, etc. Temos aqui um relacionamento triplo de um só Deus e Pai com todos os que são Seus. Ele é **sobre todos**. Isto expressa Sua soberania, Sua transcendência. Ele **age por meio de todos**, "expressando a presença permeadora, animadora e controladora desse um só Deus e Pai" (Salmond). **E está em todos**. Esta é a constante habitação dEle em Seu povo – todas as Pessoas do Deus triúno, segundo diversas passagens das Escrituras, habitam o crente.

## **2) O Dom de Cristo. 4: 7-12.**

O Senhor que subiu ao céu deu dons à Sua Igreja para edificá-la.

**7. A cada um de nós.** Isto se limita aos crentes nEle. **A graça foi concedida.** Não graça salvadora, mas graça como um dom concedido aos crentes – favor de Deus, imerecido e irrecompensável. **Segundo a proporção.** Uma medida que é imensurável.

**8. Por isso diz.** A citação é do Sl. 68:18. A conexão não está bastante clara. Mas diz que o Senhor Jesus, na Sua ascensão, levou cativo o cativo; isto é, Ele capturou aquilo que nos tinha capturado, e anulou o seu poder.

**E concedeu dons.** Em algumas passagens das Escrituras menciona-se dons que o Senhor deu a indivíduos; por exemplo, I Co. 12. Aqui os dons são aquelas pessoas com diversas capacidades, as quais Ele deu à igreja.

**9.** O apóstolo, comentando a citação, menciona que o Senhor Jesus desceu primeiro, antes de subir. Alguns aceitam isto como uma referência feita à morte de Cristo e à Sua assim chamada visita ao Hades. Parece mais provável, entretanto, que é simplesmente uma referência à Sua vinda do céu. Ele desceu **às regiões inferiores da terra** – genitivo de aposição (cons. Jo. 3: 13).

**10. Acima de todos os céus.** Cons. Hb. 4: 14.

**11. E ele mesmo concedeu uns.** Os diversos tipos mencionados são dons de Cristo à igreja.

**Apóstolos.** Foi um ofício especial nos primórdios da igreja. Os apóstolos não tiveram sucessores. Executaram uma obra única para o Senhor Jesus (cons. 2:20).

**Profetas.** O profeta era um porta-voz de Deus. Conforme geralmente usado nas Escrituras, este termo se refere a alguém que recebeu uma revelação direta, a qual deve ser transmitida aos homens (cons. 2:20). No sentido mais restrito do termo, este ofício foi também temporário na igreja, pois não houve mais profetas no sentido técnico depois de completado o N.T.

**Evangelistas.** Aqueles que proclamam as boas novas – aqueles que pregam o Evangelho.

**Pastores e mestres.** Esses dois termos estão juntos. A primeira palavra significa *aquele que cuida das ovelhas*. Aqueles que são pastores do rebanho também são doutores (professores). O verdadeiro pastor deve proceder em um ministério de pregação expositiva da Palavra.

**12. Ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço.** Esses dons foram dados por Deus à Igreja para o **aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço**. Isto é, é do interesse de todos os santos – não de alguns poucos líderes apenas

– executar a obra do ministério. Os líderes têm o propósito de aperfeiçoar ou equipar os crentes na execução desta obra. Muitas igrejas locais, hoje em dia, não seguem esta idéia do N.T. É prática comum deixar que o pastor exerça o ministério. Às vezes o pastor acha que, temporariamente, é mais fácil ele mesmo fazer a obra do que treinar outros para fazê-la. Mas sua tarefa é treinar obreiros, e a longo prazo seu ministério será mais eficiente se o fizer.

### **3) A Unidade da Fé e do Conhecimento. 4:13-16.**

A unidade dos crentes em Cristo tende para uma unidade na fé e no conhecimento.

**13. A unidade da fé.** A fé em si mesma já é uma porção limitada da verdade. Ao considerarmos isto, somos conseqüentemente unidos uns aos outros. **À perfeita varonilidade.** Não uma referência ao crente individual, mas ao homem composto; isto é, ao corpo do qual Cristo é a Cabeça.

**14. Para que não mais sejamos como meninos.** Literalmente, *criancinhas*. **Levados ao redor.** Levados pelo vento, o qual foi usado aqui de modo figurado, naturalmente – **vento de doutrina.**

**Pela artimanha dos homens.** A palavra que foi traduzida para **artimanha** significa originalmente jogo de dados. Passou, então, a significar trapaça de todo tipo, por causa das muitas trapaças usadas para se roubar no jogo dos dados. A única maneira de estarmos mantos para perceber o erro é pelo conhecimento da verdade; por isso devemos chegar ao conhecimento do Filho de Deus, à maturidade cristã. Uma pessoa não precisa estudar cada nota falsificada a fim de reconhecer que uma determinada nota está falsificada. Só precisa conhecer o artigo genuíno.

**15. Seguindo a verdade em amor.** É possível seguir a verdade e não fazê-lo em amor. Literalmente, *apegando-se à verdade*.

**Cresçamos em tudo naquele.** Deus quer que sejamos maduros ou adultos. Temos uma Cabeça absolutamente perfeita, o próprio Cristo.

**16.** Observe a perfeição do corpo. Como o corpo humano foi intrinsecamente ajustado! Por isso é uma ilustração adequada do corpo de Cristo. Houve quem dissesse que nem todos podem ser os membros maiores, mas as juntas também são muito importantes. Todas as partes trabalham juntas (cons. I Co. 12; Rm. 12).

### **B. A Caminhada Diferente. 4:17-32.**

As Escrituras, tanto no Velho como no Novo Testamento, enfatizam que o povo de Deus tem de ser diferente do povo do mundo.

#### **1) Descrição da Caminhada dos Gentios. 4:17-19.**

Os gentios são "ovelhas desgarradas" (I Pe. 2:25; cons. Is. 53:1). Os crentes têm um grande e bom Pastor para seguirem.

**17. Isto, portanto, digo.** A caminhada cristã foi descrita de diversos modos nesta passagem. Temos aqui uma descrição negativa. **Testifico.** Protesto, exorto, ou imploro. **Não mais andeis.** Agora suas vidas têm de ser diferentes. Como andam também os outros gentios. (E.R.C.). Esse andar foi descrito em 2:2. A maior parte dos efésios tinham antecedentes gentios. Alguns manuscritos não trazem a palavra outros. Portanto, **que não mais andeis como também andam os gentios.** Diante de Deus, os crentes no Senhor Jesus Cristo já não são mais nem judeus, nem gentios (cons. I Co. 10:32). **Na vaidade dos seus próprios pensamentos.** A palavra que foi usada para **vaidade** parece significar perversidade ou depravação nesta instância.

**18. Obscurecidos de entendimento.** Cons. II Co. 4:4. **Alheios à vida de Deus.** Cons. 2: 12. **Dureza dos seus corações.** Literalmente, *percepção obtusa* (cons. Mc. 3: 5).

**19. Tornados insensíveis.** Cons. I Tm. 4:2. **Impureza.** Não apenas indulgência com a impureza, mas também um desejo cúbido de prosseguir nela. Uma declaração pitoresca da natureza insaciável do desejo pecaminoso.



**2) O Despojar do Velho e o Revestir do Novo. 4:20-24.**

A Vida Cristã é comparada com o tirar de uma roupa para vestir outra. Não é uma referência à nossa posição em Cristo, mas à nossa experiência. É possível ser um novo homem em Cristo Jesus e continuar vivendo como o "homem velho", isto é, continuar usando a roupa do "homem velho".

**20. Mas.** Um contraste com o precedente. **Não foi assim que aprendestes a Cristo.** Essa é a mais importante de todas as matérias que alguém pode estudar.

**21. Se é que de fato o tendes ouvido, e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus.** Aquilo que eles aprenderam depois de ouvirem sobre o Senhor Jesus Cristo deveria tê-los feito melhorar suas vidas, pois cristãos devem agir como cristãos, não como os pagãos que não são cristãos.

**22. Quanto ao trato passado . . . do velho homem.** Isto é, a natureza adâmica, aquilo que somos em nós mesmos. **Que se corrompe segundo as concupiscências do engano.** As Escrituras ensinam que na velha natureza não existe nada de bom (cons. Rm. 7:18).

**23. E vos renoveis.** Cons. Rm. 12:2.

**24. E vos revistais do novo homem.** Relacionado com o precedente, o produto do novo nascimento. Com referência ao conflito entre a natureza velha e a nova, veja Rm. 7 e Gl. 5:16, 17. **Segundo Deus.** De acordo com Deus é o Criador do novo homem.

**3) Aplicação Prática. 4:25-32.**

Em Sua Palavra, Deus nunca ensina a verdade de maneira abstrata, mas sempre faz uma aplicação concreta.

**25. Por isso.** Com base no precedente; isto é, nossa posição em Cristo. **Deixando a mentira.** Observe o negativo e o positivo. Não basta simplesmente nos abstermos da mentira; é preciso também contar a verdade (cons. Zc. 8:16). **Somos membros.** Não apenas membros de Cristo, mas uns dos outros (Rm. 12:5).

**26. Irai-vos, e não pequeis.** Há uma coisa chamada de ira justa, embora o termo tenha sido muito abusado. O apóstolo diz que se você está irado, certifique-se de que é o tipo de ira que não é pecaminoso.

**Não se ponha o sol sobre a vossa ira.** "Até mesmo a ira justa quando sofre tolerância excessiva transforma-se muito facilmente em pecado" (Salmond).

**27. Não deis lugar ao diabo.** Cons. II Co. 2:10, 11; Ef. 6:10 e segs.

**28. Antes trabalhe.** O cristão, além de não dever roubar, deve também trabalhar pelo bem-estar seu e de sua prática. As Escrituras recomendam o trabalho honesto (cons. I Ts. 4: 11. 12). Na verdade, o apóstolo afirma que aquele que não quiser trabalhar não deve comer (II Ts. 3: 10). **Acudir ao necessitado.** Eis aí a base da genuína caridade cristã.

**29. Nenhuma palavra torpe.** A palavra traduzida para **torpe** significava originalmente *podre* ou *pútrido*. Vemos novamente a ênfase do positivo – **unicamente a que for boa**.

**30. E não entristeçais o Espírito de Deus.** Aquilo que entristece o Espírito Santo é pecado. O remédio é a confissão (cons. I Jo. 1:9). Embora o Espírito Santo possa ser entristecido, Ele jamais abandona o crente. Ele é o nosso selo. Fomos selados por Ele **para o dia da redenção** (cons. Ef. 1:13). Ele é a garantia de que a nossa redenção será completada.

**31.** Alguns dos pecados que entristecem o Espírito Santo são agora particularizados. Embora alguns cristãos só classificariam de pecados aquelas iniquidades grosseiras que até mesmo o mundo reconhece como erro. Deus menciona coisas da mente e do espírito, além daquelas relacionadas com o corpo.

**32.** O tema do despojar e do revestir destaca-se através de toda a seção. Viver a vida cristã não é simplesmente obedecer a uma lista de proibições; é cultivar virtudes positivas.

**Sede uns para com os outros benignos.** O verbo aqui significa *continuar revelando-se benigno*. **Compassivos.** A tradução inglesa é

muito boa (de coração compassivo). A palavra no original tem sido muito mal interpretada, conforme se vê de sua freqüente tradução, noutras passagens, como *entranhas*. "Coração" é o certo. No grego clássico essa palavra se refere aos órgãos da parte superior da cavidade do corpo; especificamente o coração, pulmões e fígado, distinguindo-se dos órgãos da cavidade inferior (veja léxico).

**Perdoando-vos uns aos outros.** A única maneira de sermos capacitados a perdoar é através do perdão que nós mesmos já recebemos por amor a Cristo. Assim como o amor de Deus produz o nosso amor, a nossa tomada de consciência do perdão de Deus produz o nosso perdão aos outros (cons. I Jo. 4: 19).

## **Efésios 5**

### **C. A Caminhada do Amor. 5:1-14.**

A vida cristã não envolve apenas o andar digno da nossa vocação e o andar de maneira diferente dos gentios, mas também o andar em amor.

#### **1) Andando em Amor. 5:1-7.**

Sendo os crentes os "filhos amados" de Deus e tendo experimentado Seu amor, eles têm um padrão a preservar, um caminho a seguir.

**1. Sede pois.** Literalmente, *transformem-se pois ou provem que são*. **Imitadores. Como filhos amados.** Exatamente como as criancinhas aprendem imitando seus pais, assim devemos ser imitadores de Deus.

**2. E andai em amor.** Mo descreve todo o nosso modo de viver. **Como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós.** Isto é, Ele se entregou por causa de nós (cons. Gl. 2: 20). **Como oferta e sacrifício a Deus.** Cons. Sl. 40:7, que foi citado em Hb. 10:7. **Em aroma suave.** Reminiscência das ofertas de cheiro suave do livro de Levítico, que prefiguravam o auto-sacrifício voluntário de Cristo a Deus.

**3. Mas a impudicícia.** Termo generalizado para a imoralidade sexual. **Nem sequer se nomeie entre vós.** A ligação com o precedente

está clara. O amor não comenta os pecados dos outros (cons. I Co. 13:4-8). Há o perigo de alguém experimentar satisfação mórbida na discussão dos pecados dos outros. **Como convém a santos.** Devemos saber o que é próprio e conveniente à nossa elevada posição.

**4. Nem conversação torpe, nem palavras vãs, ou chocarrices.** Essas palavras não impedem a espontânea alegria cristã e o senso de humor, mas indicam que os cristãos não devem participar de frivolidades. No grego dão a entender o tipo de anedotas que são vulgares e grosseiras. O antídoto para o cristão é a ação de graças.

**5. Sabei, pois.** Cons. I Co. 6:9, 10. **Ou avarento.** É interessante notar que este tipo de pecador foi incluído na mesma classificação ao lado do imoral e do devasso. A maneira de Deus classificar os pecados não é igual à nossa. Diante dEle todos os pecados são odiosos. Devemos aprender a encarar os pecados como Ele o faz.

**6. Com palavras vãs.** Isto é, palavras vazias, palavras sem significado. **Os filhos da desobediência** (cons. 2:2, onde a mesma expressão foi usada).

**7. Portanto não sejais participantes com eles.** O uso do imperativo presente com esta forma do negativo (*mê*) indica a proibição de algo já em progresso; literalmente, *parem de ser companheiros deles*.

2) Andando na Luz. 5:8-14. O amor e a santidade (muitas vezes simbolizados pela luz nas Escrituras) não devem ficar separados, explica o apóstolo. O andar no amor é também andar na santidade.

**8. Pois outrora éreis trevas.** Uma linda expressão do contraste entre o nosso passado e o nosso presente (cons. o mesmo tipo de contraste em I Co. 6:9-11; I Ts. 5:5). **Andai como filhos da luz.** Deus sempre coloca o fato de nossa posição diante de nós base para o nosso procedimento. **Fruto do Espírito.** (E.R.C.). Alguns manuscritos rezam **o fruto da luz** (E.R.A.) (cons. Gl. 5:22, 23).

**10. Provando sempre o que é agradável.** Isto é, fazendo um teste. O critério é aquilo que agrada ao Senhor (cons. II Co. 5:9, onde foi usada a mesma expressão).

**11. E não sejais cúmplices.** Novamente, *parem de ser companheiros deles* (lit.). **Antes, porém, reprovai-as.** Se um cristão está em comunhão com o seu Senhor, sua própria vida será uma censura ao mundo.

**12. O só referir é vergonha** (cons. v. 3 acima). O Dr. A. C. Gaebelin chamava a discussão pública dos pecados secretos de "comunhão dos pecadores", em contraste com a comunhão bíblica dos santos.

**13. Quando reprovados pela luz.** Cons. Jo. 3: 19-21; I Jo. 1:5-7.

**14. Pelo que diz.** A citação que se segue é difícil de ser identificada. É possível que seja uma combinação de diversas e diferentes referências (cons. Is. 26:19; 60:1).

### **D. A Caminhada Sábia. 5:15 – 6:9.**

A seguir o apóstolo descreve como a vida do crente deve ser circunspecta. Ele prescreve aos efésios que se encham do Espírito Santo e mostra-lhes o resultado disso nos relacionamentos práticos da vida.

#### **1) Sendo Circunspectos. 5:15-17.**

Uma caminhada cuidadosa depende de sabedoria, a qual só pode vir do conhecimento da vontade do Senhor.

**15. Portanto, vede.** Isto é, considerem isto à luz do que acabamos de falar. **Como andais,** diligentemente, cuidadosamente.

**16. Remindo o tempo.** Aproveitando as oportunidades. **Porque os dias são maus.** Cons. Gl. 1:4.

**17. Não vos torneis insensatos.** Novamente a ordem de se interromper o que já está em progresso – *parem de ser tolos*. **Mas.** Forte adversativa no grego (*alla*).

#### **2) Sendo Cheios do Espírito Santo. 5:18 – 6:9.**

Nenhum crente em Cristo jamais recebeu ordem de dar habitação ao Espírito. A habitação dEle é certa e permanente (Ao. 14:16, 17).

Nenhum crente tem ordem de ser batizado com o Espírito. Isso já foi feito (I Co. 12: 13). Mas os crentes têm ordem de serem cheios do Espírito. Portanto há uma responsabilidade individual: há condições a serem cumpridas se e j\_ sermos experimentar o controle do Espírito em nossas vidas.

**18. E não vos embriagueis com vinho.** As Escrituras advertem repetidas vezes contra o álcool (cons. Prov. 23:31).

**Mas enchei-vos do Espírito.** Como na maior parte dos contrastes, há alguns pontos de comparação. Uma pessoa intoxicada com vinho age de maneira fora do natural no que é mau; uma pessoa cheia do Espírito Santo age fora do natural no que é bom. Compare com o que se disse dos apóstolos no dia de Pentecostes. (Atos 2: 13).

**Enchei-vos do Espírito.** Continuem se enchendo; encham-se Espírito continuamente. Um crente não pode obter mais do Espírito Santo porque Ele já habita a vida do crente em toda a Sua plenitude. Mas o Espírito Santo pode obter mais do crente, isto é, Ele pode exercer completo controle da vida que Lhe é submissa.

### **a) Regozijo e Ação de Graças. 5:19,20.**

Uma das evidências da plenitude do Espírito Santo é aquela exuberante que exhibe regozijo e contínua ação de graças a Deus.

**19. Falando entre vós.** O resultado da plenitude do Espírito é o louvor e a ação de graças, como também, a submissão nos relacionamentos comuns da vida (vs. 19-21). **Salmos.** Esta palavra costuma indicar hinos com acompanhamento instrumental, como também o particípio traduzido para **entoando** (*psalontes*). **De coração ao Senhor.** Algumas pessoas não têm a capacidade de cantar audivelmente. Mas mesmo essas, se estiverem cheias do Espírito, estarão cantando com seus corações.

**20. Dando sempre graças.** Sem limite de tempo (cons. I Ts. 5:18). **Por tudo.** Sem limite de extensão. Alguns o restringem às bênçãos

mencionadas na epístola, mas parece-nos melhor aceitá-lo num sentido mais amplo (cons. Rm. 8:28).

### **b) Submissão nos Relacionamentos. 5:21 – 6:9.**

Outro resultado da plenitude do Espírito, além do louvor e da ação de graças, é a submissão. Esta é uma declaração sobre o que devemos fazer em nossos relacionamentos. "Em contraste com o egoísmo e - agressividade dos pagãos" (Salmond; cons. I Pe. 5:5).

#### **1) Esposas e Maridos. 5:21-33.**

O primeiro relacionamento humano mencionado, também o mais íntimo, no qual a plenitude do Espírito Santo deve ser manifesta, é o relacionamento conjugal.

**21. Uns aos outros.** Observe a mutualidade desta submissão. No temor de Cristo. O N.T., como também o V.T. falam do temor de Deus – isto é, uma reverência para com Ele que a pessoa tem ao agradá-LO (cons. II Co. 5:11).

**22.** Agora o apóstolo mostra o resultado dessa submissão mútua nos três relacionamentos mais comuns da vida – casamento, família e emprego. **As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido.** Esta passagem é uma expressão do ideal divino para o casamento. O relacionamento do casamento foi realizado por Ele como símbolo do relacionamento espiritual entre Cristo e a Igreja. O apóstolo destaca isso no versículo 32.

**23. Porque o marido é o cabeça.** O motivo dessa sujeição da esposa encontra-se nesse relacionamento que Deus ordenou.

**24. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo.** Mesmo havendo diferença entre a posição do marido para com a esposa e de Cristo para com a Igreja, isto não vem afetar a posição de cabeça que o marido tem com a para esposa.

**25. Maridos, amai vossa mulher.** As obrigações não são simplesmente unilaterais. A responsabilidade do marido é tão

constrangedora quanto a da esposa. Esta não é uma referência ao amor normal do marido, que não necessitaria ser ordenado, mas ao amor volitivo que brota de Deus e assemelha-se ao Seu próprio amor. Em contraste com o desejo sexual normal, que por sua natureza é egoísta, este amor é altruísta. **Como também Cristo amou a igreja.** Embora os maridos humanos jamais possam alcançar esse grau de amor que Cristo manifestou, são exortados a demonstrarem o mesmo tipo de amor, que assim se prova, **a si mesmo se entregou por ela.**

**26. Para que a santificasse, tendo-a purificado.** Esse foi o seu propósito quando se entregou para morrer pela Igreja. **Por meio da lavagem de água, pela palavra.** Provavelmente água e palavra foram usadas como sinônimos. Certamente não pode ser uma referência ao batismo ou à regeneração batismal. Assim como a água lava o corpo, a Palavra de Deus lava o coração (cons. Ez. 36:27).

**27. Para a apresentar.** O principal objetivo porque Cristo Se entregou. A palavra **santificasse** mostra o objetivo imediato (cons. II Co. 11:2). **Igreja gloriosa.** O adjetivo é predicativo e não atributivo; isto é, *para que Ele pudesse apresentar a igreja como gloriosa.* **Sem mácula.** Explicação mais ampla da palavra **gloriosa** na descrição da "noiva" de Cristo.

**28. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo.** Isto é, como se fosse seu próprio corpo. *Amor* natural, não simplesmente senso de dever. Deus disse. "Tornando-se os dois uma só carne" (Gn. 2: 24).

**29. Porque ninguém jamais.** O motivo da declaração anterior.

**30. Porque somos membros do seu corpo.** O pensamento muda de lugar constantemente entre o relacionamento conjugal e o relacionamento entre Cristo e a Igreja.

**31. Eis por que.** Uma livre citação de Gn. 2:24. Estipula a base bíblica para o casamento como natural resultado da criação da mulher. Os laços matrimoniais são mais fortes do que os existentes entre pais e



filhos, estabelecendo o relacionamento íntimo que as Escrituras chamam de *unidade* – melhor do que união.

**32. Grande é este mistério.** Isto é, embora a explicação do significado do relacionamento conjugal fosse insinuado no V.T. (cons. Cantares de Salomão), não foi claramente revelado até que o N.T. foi dado. Paulo dirige nossos pensamentos levando-os da união do casamento propriamente dita, para aquilo que ela simboliza.

**33.** Resumo da submissão mútua que Deus espera no relacionamento como resultado normal da plenitude do Espírito Santo.

## **Efésios 6**

### **2) Filhos e Pais. 6:1-4.**

O apóstolo prossegue com outro relacionamento específico, o de pais e filhos, com obrigações impostas a ambos os lados.

**1. Filhos, obedeei a vossos pais no Senhor.** *Obediência* é um termo mais forte do que *submissão*, que foi apresentada como a obrigação da esposa. **No Senhor.** "A esfera na qual ela deve se movimentar, pois a obediência cristã é completa tia comunhão com Cristo" (Salmond). **Pois isto é justo.** Aqui está se mostrando que este é um princípio eterno de Deus.

**2. Honra a teu pai e a tua mãe.** Paulo mostra que a Lei tem a mesma injunção. Todos os Dez Mandamentos, exceto o quarto, foram reformulados e aplicados sob a graça. **É o primeiro mandamento com promessa.** Isto é, uma promessa foi dada à obediência.

**3. Para que te vá bem.** Isto deve ser uma continuação da citação da Lei e não se aplica diretamente ao crente na presente dispensação. Embora o princípio continue sendo verdadeiro, a próxima vinda do Senhor, mais do que uma vida longa, é a bendita esperança do cristão.

**4. E vós, pais.** Como antes, há um outro lado da responsabilidade. Primeiro ela foi declarada negativamente e, então, afirmativamente. **Mas criai-os.** Cons. Dt. 6:7. Passagem paralela é Cl. 3:20, 21.

### 3) Servos e Senhores. 6:5-9.

Um terceiro conjunto de relacionamento está sendo agora discutido – o de senhores e servos. A escravidão existia como instituição no tempo do N.T. Não era função do Evangelho derrubar a escravidão, embora a abolição gradual dessa instituição tenha sido um produto derivado do Cristianismo.

**5. Vós ... servos.** Literalmente, *escravos*. Entretanto, os princípios se aplicam a qualquer tipo de empregada e empregadores. **Na sinceridade do vosso coração.** De verdade e com sinceridade – não com hipocrisia. **Como a Cristo.** Cons. I Pe. 2: 18; Cl. 3: 22-25.

**6 Não servindo à vista, como para agradar a homens.** Uma amplificação do que já foi dito. A palavra traduzida **para agradar a homens** aparece na Septuaginta, mas, no N.T., só se encontra aqui e em Cl. 3:22. **Fazendo de coração a vontade de Deus.** Literalmente, *da alma* – isto é, com todo o ser.

**7. Servindo de boa vontade.** Um cristão que é um servo contratado deve reconhecer que sua primeira responsabilidade é com o Senhor Jesus Cristo. Quando ele executa o trabalho que se espera dele e o faz bem, está agradando ao Senhor.

**8. Certos de que.** Este é um conectivo causal – *porque nós temos certeza* que há uma recompensa para a fidelidade no serviço prestado a Cristo. **Quer seja servo, quer livre.** A posição de uma pessoa neste mundo nada tem a ver com a sua fidelidade e com a recompensa pela sua fidelidade.

**9. E vós, senhores.** Aqui se enfatizam as obrigações dos empregadores.

**De igual modo procedei para com eles.** O lado positivo, mostrando a mutualidade da obrigação. **Deixando as ameaças.** O que os senhores não devem fazer.

**Sabendo.** Isto é, porque vocês sabem. **Que o Senhor tanto deles como vosso.** Esses senhores também têm um Senhor. Este é o Senhor (*Kurios*). Ele não faz acepção de pessoas (cons. Cl. 4:1). Todos esses

relacionamentos práticos fluem da plenitude do Espírito Santo, prescrita em Ef. 5:18.

### **E. A Caminhada Cristã como uma Guerra. 6:10-20.**

Em toda esta divisão da epístola muito se disse sobre a vida cristã prática. Neste parágrafo o andar do cristão foi descrito como uma batalha, um conflito mortal no qual ele está alistado contra o poder de Satanás e suas hostes.

#### **1) Sendo Fortes no Senhor – a Armadura Completa de Deus. 6:10-17.**

Sendo esta caminhada uma guerra, como foi aqui descrita, o cristão deve estar preparado e equipado. Esta passagem que trata de toda a armadura de Deus mostra que provisão maravilhosa Jesus fez para os seus guerreiros.

**10. Quanto ao mais.** Aqui estão exortações gerais que concluem a epístola. **Irmãos meus** (E.R.C.). Paulo faz seus leitores se lembrarem do seu relacionamento com eles no Senhor.

**Sede fortalecidos no Senhor.** O Senhor Jesus disse, "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo. 15:5; cons. também Fp. 4:13). E na força do seu poder. Três palavras foram usadas no versículo para o termo **força**. Primeiro, foi usado o verbo no imperativo, **sede fortalecidos** ou *capacitai-vos*; depois a palavra para **força** e, finalmente, a palavra para **poder – na força do seu poder**.

**11. Revesti-vos de toda a armadura de Deus.** Ainda que Deus a tenha providenciado, o indivíduo cristão tem a responsabilidade de vesti-la; isto é, ele deve conscientemente se apropriar do poder que o Senhor Jesus Cristo põe à sua disposição. **Toda a armadura de Deus.** A armadura está descrita em detalhes, como também os inimigos que o crente tem de enfrentar. **Para poderdes ficar firmes.** Sem esta armadura de Deus, o cristão não tem capacidade de permanecer firme. Aquele que está assentado com Cristo nos lugares celestiais e andando neste mundo

tem também de tomar agora uma posição contra **as ciladas** – os métodos ou estratégias – **do diabo**.

**12. Porque a nossa luta não é.** O motivo porque precisamos de toda a armadura de Deus. **Contra o sangue e a carne.** Os israelitas sob o comando de Josué tiveram de lutar contra a carne e o sangue a fim de conquistar a terra de Canaã. A nossa guerra é espiritual e não física. **E, sim, contra os principados.** Não uma comparação, mas uma negação absoluta. Nas hostes de Satanás encontramos diferentes categorias. Não é possível fazer separações distintas entre os diversos tipos de inimigos aqui mencionados. **Contra os dominadores deste mundo tenebroso.** Literalmente, *os príncipes do mundo destas trevas*. **Contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.** Esta é a última das cinco vezes em que *en tois epouraniois*, "nas regiões celestiais", ocorre na epístola.

**13. Portanto.** Sendo os nossos inimigos exatamente como foram descritos. **Tomai toda a armadura.** Novamente a responsabilidade humana enfatizada. **Para que possais resistir.** Observe que a passagem fala de ambos, resistir e estar firme. O primeiro é a capacidade de vencer a luta, manter a posição; o último mostra o resultado do conflito.

**14. Estai, pois, firmes.** Neste e nos versículos seguintes a armadura está descrita em detalhes. Todas essas coisas falam num certo sentido do próprio Senhor Jesus Cristo, que é a nossa defesa.

**Cingindo-nos com a verdade.** Aquele que tem os lombos cingidos está preparado para a atividade (cons. I Pe. 1:13).

**Da couraça da justiça.** Cons. Is. 59:17. 15. Calçai os pés. Grande parte da linguagem desta seção foi tirada de diversas passagens do V.T. (cons. Is. 52:7).

**A preparação.** Isto é, aquilo que nos prepara. Isto pode corresponder aos calçados ou botas. **Do evangelho da paz.** As boas novas caracterizadas pela paz ou resultando na paz.

**16. Embracando sempre o escudo da fé.** Genitivo de aposição; isto é, *o escudo que consiste da fé* ou *é a fé*. **Os dardos inflamados do maligno.** A palavra **maligno** está no singular e sem dúvida no

masculino, não no neutro – portanto **o maligno** – isto é, o próprio Satanás. Toda a vestimenta de um soldado romano foi apresentada nesta passagem, e as diversas partes foram aplicadas espiritualmente.

**17. Tomai também o capacete da salvação.** Novamente, *o capacete que é a salvação*.

**A espada do Espírito.** Não o mesmo tipo de genitivo como o anterior; talvez um ablativo de fonte ou origem. Isto é, *a espada fornecida pelo Espírito*. **Que é a palavra de Deus.** A palavra de Deus é uma espada penetrante. Aqui foi usado *hrêma*, "palavra" com o significado de pronunciamento. Em passagem semelhante, em Hb. 4:12, foi usado *logos*, "palavra" com o significado de conceito ou idéia. As Escrituras são ambos, *hrêma* e *logos*. Todas as partes da armadura mencionadas acima, até agora são partes defensivas. A espada do Espírito é a única arma ofensiva, além de defensiva.

## **2) Oração por Todos os Santos e por Paulo. 6:18-20.**

**18. Orando em todo tempo.** A palavra de Deus deve sempre ser usada em conexão com a oração da fé (cons. I Ts. 5:17; Cl. 4:2).

**Oração e súplica.** A primeira palavra é usada para orações em geral, e a última para pedidos.

**No Espírito.** O mesmo Espírito Santo que brande a espada da Palavra, também deve estar ativo em nossos corações.

**Por todos os santos.** Paulo não restringiria as orações deles especificamente a seu favor, embora mencione a sua pessoa no versículo seguinte.

**19. E também por mim.** Isto é, por mim em particular; isto devido às circunstâncias de Paulo no momento. **Para que me seja dada . . . a palavra com intrepidez.** Mesmo na cadeia Paulo não estava pensando primeiramente em seu bem-estar, mas no seu testemunho para o Senhor Jesus Cristo. Lemos em Atos 28:30, 31 que Paulo falava a todos que vinham visitá-lo, enquanto esteve prisioneiro em casa alugada por ele mesmo, em Roma. **Para... fazer conhecido o mistério do evangelho.**

Não que o Evangelho seja ainda um segredo para aqueles que o venham a receber.

### **F. Saudações Finais. 6:21-24.**

**21. E para que saibais também a meu respeito.** Uma das poucas referências pessoais nesta epístola. **Tíquico.** Evidentemente o portador da carta (cons. Cl. 4:7).

**22. Vo-lo enviei.** Tempo aoristo epistolar. Paulo o envia, mas quando eles estivessem lendo a carta, já teria sido enviado. Como quando escreveu aos filipenses, Paulo quer que saibam como está passando, e quer saber a respeito deles.

**23. Paz seja com os irmãos, e amor com fé.** Só Deus pode dar essas qualidades.

**24. A graça,** literalmente; isto é, a graça além da qual não existe nenhuma outra.

**Com todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo.** Isto é, os crentes.

# FILIPENSES

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 2

## Capítulo 3

## Capítulo 4

## INTRODUÇÃO

**Organização da Igreja.** Em resposta ao chamado da Macedônia, Paulo e seus companheiros atravessaram o Mar Egeu de Trôade a Neápolis e seguiram pela renomada Via Inaciana, aproximadamente oito a dez milhas acima e passando por cima da cadeia litorânea de montanhas foram até a cidade de Filipos. Filipos (que recebeu o nome de Filipe da Macedônia, o pai de Alexandre, o Grande) era famosa por suas minas de ouro e sua estratégica localização, constituindo o portão de entrada da Europa. Era uma Roma em miniatura, uma orgulhosa colônia romana, isenta de impostos e modelada segundo a capital do mundo. Com a conversão de Lídia, a moça escrava e o carcereiro (Atos 16), veio a ser o "berço do Cristianismo europeu". Logo Paulo partiu para Tessalônica, deixando Lucas cuidando do seu rebanho que ocupava um lugar tão especial nos seus afetos.

**Autoria.** A não ser por F.C. Baur e diversos outros críticos alemães, a autoria paulina nunca foi seriamente posta em dúvida. Evidências externas são fortes e antigas. Alguns encontram alusões que lhe foram feitas na carta de Clemente de Roma aos coríntios (cerca de 96A.D.). Lá pelos meados do segundo século, Policarpo escreveu aos filipenses, dizendo : "Paulo . . . estando ausente, escreveu-lhes cartas" (III.2).

**Lugar.** Que Filipenses foi escrita na prisão é perfeitamente visível. Exatamente onde se encontrava essa prisão é um outro assunto. Se presumimos que Lucas menciona todas as prisões de Paulo, então Roma é a resposta mais provável. (Filipos está fora de cogitação, e a

expectativa de Paulo de uma iminente libertação solapa seriamente a hipótese cesariana.) Entretanto, recentemente tem-se defendido a teoria de sua origem em Éfeso, teoria que tem ganho considerável terreno. O argumento tem muitos aspectos, sendo estes os mais importantes:

1) A plausibilidade de um aprisionamento em Éfeso (I Co. 15:30-32; II Co. 1:8-10).

2) Evidência, encontrada em inscrições, da presença de um destacamento da "guarda pretoriana" como também de membros da "casa de César" em Éfeso (A. H. McNeile, *St. Paul*, pág. 229, observações 1 e 2) – anteriormente explicada como prova irrefutável de origem romana.

3) A afinidade de Filipenses com cartas anteriores de Paulo, isto é, Romanos e I Coríntios.

4) A maior facilidade com a qual as freqüentes comunicações implícitas em Filipenses poderiam ter sido transmitidas (de Éfeso a Filipos era uma viagem de sete a dez dias, enquanto que de Roma a Filipos envolvia uma viagem por terra, totalizando umas oitocentas milhas, mais uma travessia por mar que deveria ser suspensa no inverno: cons. Atos 27:12).

5) O declarado propósito de Paulo de prosseguir para o oeste, o que, se a prisão foi em Roma, teria sido contratado por seus planos de tomar a visitar Filipos (1:25; 2:24) depois de recuperar a liberdade. (Para uma concisa apresentação desta posição, veja a introdução a *The Epistle of Paul to the Philippians*, de J. H. Michael, no *The Moffatt New Testament Commentary*. Cons. também G.S. Duncan, *St. Paul's Ephesian Ministry*. Para uma importante discussão que fornece argumentos para a origem romana e que trata a evidência da origem efésia como inconclusiva, veja C. H. Dodd, *New Testament Studies*, pág. 85-128).

Felizmente a interpretação da epístola não depende do seu lugar de origem. Ainda que a hipótese efésia recomenda-se a si mesma com maior força, pouca diferença faz para nossa compreensão desta notável carta escrita em prisão.



Presumindo uma origem efésia, a data da composição seria em cerca de 54 A. D. (Uma origem romana . dada uma data entre 61 e 62.)

**Ocasão.** O popular ponto de vista de que Filipenses foi principalmente uma carta de agradecimentos não é aceitável. Teria Paulo esperado até o último momento (4:10-20) para expressar sua apreciação pelo presente recebido dos crentes em Filipos? O propósito imediato foi o de enviar uma nota de recomendação e explicação com Epafrodito, a fim de evitar que alguma crítica fosse feita, insinuando que ele voltava prematuramente de sua incumbência. Isto, em troca, deu a Paulo a oportunidade de assegurar à igreja a sua grata apreciação pelo presente e corrigir pequenas desordens na igreja, tais como o pessimismo pela continuada prisão de Paulo, timidez diante da hostilidade dos pagãos, a ameaça dos judaizantes e (especialmente) a sombra da desunião que estava começando a assolar a igreja. Embora essas tendências ainda não fossem pronunciadas, se ficassem irreprimidas poderiam dentro em breve solapar a causa de Cristo em Filipos.

**Capítulo 3 – Interrupção ou Interpolação?** Por causa da inesperada e abrupta mudança de tom e assunto principal em 3:2, muitos têm sugerido que Filipenses foi composta de duas ou mais cartas de Paulo. A fatal debilidade da teoria da divisão e a irremediável diferença de opinião entre os críticos quanto ao lugar onde a interpolação termina (3:19? 4: 9? 4:20? etc.). Uma interpretação muitíssimo mais natural é a de que Paulo fosse interrompido ao escrever a carta (talvez por alguma notícia deprimente da atividade dos judaizantes), e ao retomar a pena, começou o novo assunto sem transição.

**Características.** Filipenses é a carta mais pessoal de Paulo. Ela tem um ar de confiança e fortes traços pessoais. Há uma ausência marcada de doutrina formal. Até mesmo o grande hino cristológico no capítulo 2 foi introduzido indiretamente para reforçar uma exortação à humildade. A nota dominante da carta é a alegria. Ela revela o apóstolo Paulo como "radiante no meio das tempestades e tensões da vida".

**Esboço.** Uma vez que Filipenses é uma carta extremamente pessoal, ela resiste a todas as tentativas de forçá-la dentro de um esboço lógico. O fluxo dos pensamentos é natural e espontâneo. Uma análise descritiva poderia ser a seguinte:

## **ESBOÇO**

- I. Saudações. 1:1, 2.
- II. Ação de graças e oração. 1:3-11.
- III. O Evangelho indestrutível. 1:12-14.
- IV. Pregação inescrupulosa. 1:15-18.
- V. Vida ou morte? 1:19-26.
- VI. Exortação à firmeza, 1:27-30.
- VII. Um Apelo à experiência cristã. 2:1-4.
- VIII. O supremo exemplo da auto-renúncia. 2:5-11.
- IX. A exortação prossegue. 2:12-18.
- X. Planos para o reencontro. 2:19-30.
- XI. Uma conclusão interrompida. 3:1-11.
- XII. A reta da chegada. 3:12-16.
- XIII. Uma comunidade cristã. 3:17-21.
- XIV. Conselho apostólico. 4:1-9.
- XV. Apreciação pelo presente. 4:10-20.
- XVI. Recomendações e bênção. 4:21-23.

## **COMENTÁRIO**

### **Filipenses 1**

#### **I. Saudações. 1:1, 2.**

Cartas antigas costumavam começar assim: "De A para B, Saudações". Embora seguindo o padrão convencional, Paulo não pôde deixar de transformar essa vaga expressão de boa vontade em uma significativa bênção cristã.

**1. Paulo**, o único autor, gentilmente acrescentou o nome de **Timóteo** (que estava com ele no momento de escrever a carta e poderia ter exercido o papel de seu secretário). Juntos eles eram **servos de Cristo Jesus**. *Douloi* significa literalmente *escravos*, mas não há aqui uma idéia de submissão servil. Com alegre disposição eles se entregaram ao serviço daquele a Quem pertenciam. O termo santos não designa um nível de realizações éticas, mas pessoas que em Cristo Jesus foram separadas para a nova vida. Exatamente por que foi acrescentado inclusive bispos e diáconos não está claro. Talvez fosse uma reflexão posterior, chamando a atenção para aqueles que supervisionaram (*episcopos* traduz-se melhor por "superintendente") a coleta enviada a Paulo como presente pessoal (4:10-19).

Uma vez que os termos "bispo" e "presbítero" são virtualmente sinônimos (cons. J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Philippians*, pág. 96 e segs.), e uma vez que havia diversos "bispos" (observe o plural) em Filipos, não seria sábio defender um episcopado no primeiro século com base neste versículo.

**2. Graça e paz a vós.** A versão cristã de Paulo das saudações grega e hebraica combinadas. Não *kairein*, "saudações", mas *karis*, "graça" – a bondade espontânea, imerecida e amorosa de Deus para com os homens. **Paz** é mais do que tranquilidade íntima; tem implicações teológicas que falam da comunhão restaurada entre o homem e Deus com base na obra de reconciliação de Cristo. Estas bênçãos espirituais encontram sua fonte principal em **Deus nosso Pai e . . . Senhor Jesus Cristo**.

## **II. Ação de Graças e Oração. 1:3-11.**

Paulo eleva o seu coração em gratidão e oração pela participação dos cristãos filipenses na obra do Evangelho e expressa seus profundos anseios em que continuem a crescer no amor e no discernimento.

**3. Ação de graças com alegria** é uma corrente oculta que permeia todas as cartas de Paulo. (Só em Gálatas ela foi momentaneamente eclipsada pela seriedade da ameaça judaizante.) Em nenhum outro lugar

ela explode à superfície mais expressivamente do que em Filipenses. Mesmo na prisão os pensamentos de Paulo se dirigiam para os outros. Em sua contínua lembrança deles, ele dá graças a Deus. O singular meu Deus exibe um relacionamento profundo e íntimo.

4. Este versículo é parentético. **Sempre . . . em todas as minhas súplicas** combina melhor com o que vem a seguir do que com o versículo 3 (cons. J. J. Muller, *The Epistles of Paul to the Philippians and to Philemon*, pág. 40, n. 4). Para Paulo, lembrar-se era orar. A natureza de sua intercessão foi colocada em destaque pela escolha da *deêsis* (uma oração petítoria) em lugar da mais comum *proseuchê*. A estudada repetição da palavra todas (1:4, 7, 8, 25; 2:17, 26; 4:4) é o delicado lembrete de Paulo de que não há lugar para sectarismo na comunidade cristã. A intercessão não é um fardo a ser carregado mas um exercício da alma a ser praticado **com alegria**.

5. O motivo da ação de graças é a "simpática cooperação" dos filipenses "na propagação do evangelho".

**Koinonia** foi pobremente traduzida pela palavra **cooperação**. Vem de um verbo que significa "ter em comum" e pode ser definido, no N.T., como "aquela vida cristã cooperativa e mútuo relacionamento que brota da participação comum de Cristo e seus benefícios" (C. E. Simcox, *They Met at Philippi*, pág. 28). Embora a referência imediata talvez fosse ao presente em dinheiro (*koinonia* tem sido assim empregado nos papiros), a expressão não fica exaurida nesse ato único. O presente é apenas um símbolo de uma preocupação muito mais profunda pela propagação do Evangelho. O desejo de partilhar fora característica dos filipenses desde o primeiro dia. Um presente alcançou Paulo quando ele mal chegou a Tessalônica (4:16).

6. A confiança de Paulo em que a participação deles no Evangelho continuaria dependendo da fidelidade divina que, tendo começado uma boa obra, não deixaria de completá-la. Para o convertido que vinha do paganismo, os termos semi-técnicos **começou** e **completá-la** trariam à

lembrança a iniciação e o alvo principal das religiões pagãs. Boa obra. Essa ação total da graça divina em seu meio.

**O dia de Cristo Jesus.** O equivalente do N.T. para o "dia do Senhor" do V.T.

7. Paulo podia pensar deles desse modo porque os tinha no seu coração. Esse laço de afeição toma-se evidente pela participação deles nas **algemas** de Paulo como também na **defesa** diante da corte. (Descobertas feitas em papiros mostram que tanto *apologia*, defesa, como *bebaiôsis*, **confirmação**, são termos jurídicos.) Eram participantes dele na **graça**, e não *da sua graça*. Sofrer por Cristo é um favor especial de Deus.

8. **Da saudade que tenho de todos vós** revela um profundo sentimento de afeição familiar cristã. *Splagchnos* (lit., coração, pulmões, fígado, etc.; não intestinos) refere-se metaforicamente aos sentimentos de amor e ternura que se cria brotarem das entranhas. A afeição de Paulo tinha origem divina; na verdade, era o próprio Cristo que habitava nele, que amava por intermédio dele (cons. Gl. 2:20).

9. Paulo não amesquinha o entusiasmo da afeição deles mas orava para que o seu amor abundasse mais e mais **em pleno conhecimento** (*epignôsis*) e **percepção** moral (*aisthêsis*). O amor tem de compreender com exatidão e aplicar a verdade com discriminação, e bom senso ético. **Toda percepção.** Discernimento para todo tipo de situações.

10. **Para aprovardeis as coisas excelentes** (interpretando *tu diaferonta* como "coisas que transcendem") é dar todo o apoio àquilo que depois de testado comprovou-se ser essencial e vital. O resultado do amor inteligente é um senso justo de valores. Isto, por sua vez, capacita a pessoa a ser sincera (uma derivação de *eilikrineis* sugere o significado de "sem jaça quando testado contra a luz") sem ofender os outros (tomando *aproskopoï* como transitivo). Isto se transforma em preocupação vital à vista da vinda do **dia de Cristo**.

**11. Cheios do fruto de justiça.** O amor que discerne também resultará em uma colheita abundante (observe o sing. *karpos* – fruto) de justiça, Mas mesmo isso depende da justiça pela fé – aquela que vem através de **Jesus Cristo**. O alvo de toda atividade cristã é reconhecer e homenagear (*epainos*) a perfeição divina (*doxa*) de um Deus redentor.

### III. O Evangelho Indestrutível. 1:12-14.

Os filipenses estavam grandemente angustiados diante da notícia da prisão de Paulo. O que aconteceria à causa de Cristo agora que o principal dos apóstolos se encontrava em cadeias? Paulo escreveu encorajando-os, dizendo-lhes que aquilo que poderia parecer um contratempo, era na realidade um progresso importante. Além de toda a guarda pretoriana ter ouvido de Cristo, a igreja local também fora encorajada a proclamar o Evangelho aberta e destemidamente.

**12.** Seis vezes nesta carta Paulo dirige-se aos destinatários chamando-os de irmãos. O termo indica um forte sentimento de unidade e camaradagem espiritual. As circunstâncias (*ta kat'eme*) que rodearam Paulo inesperadamente provaram servir para o progresso ativo do Evangelho. *Pokopê* (**progresso** ou *avanço*) vem de um verbo usado originalmente em relação ao pioneiro que abre caminho no mato (Souter, *Pocket Lexicon*, pág. 216).

**13.** O progresso fora em duas fronteiras: o Evangelho fora anunciado à Guarda Pretoriana (v. 13), e os cristãos foram despertados para testemunhar mais destemidamente (v. 14). *Praitôrio* refere-se aqui não à residência oficial do governador, mas à guarda imperial. (Cons. Lightfoot, observação famosa na op. cit., págs. 99-104). Até mesmo os guardas profissionais não podiam deixar de falar desse notável prisioneiro e dos motivos de sua prisão. Logo toda a cidade (de todos os demais) sabia que Paulo estava preso por causa de Cristo.

**14. E a maioria dos irmãos** foram "contaminados com o heroísmo de Paulo" (Rainey em ExpB, pág. 52). É melhor aceitar o **no Senhor** (E.R.A.) como representando a esfera da confiança deles, do que

considerá-lo modificando **os irmãos**. (E.R.C.). O motivo da confiança foi as **algemas** de Paulo. O resultado final foi que tiveram mais ousadia do que nunca, de falar (*laleô* indica o som produzido) **a palavra** de Deus.

#### IV. Pregação Inescrupulosa. 1:15-18.

Nem todos pregavam movidos por motivos puros; mas, se Cristo era pregado, Paulo se regozijava.

**15.** A identidade desses **alguns** que pregavam Cristo movidos por motivos impuros não pode ser estabelecida com certeza. Entretanto, não eram do partido judaizante (como Lightfoot e Moule sustentam), porque eles pregavam Cristo, não "outro evangelho" (cons. Gl. 1:6-9). Seria próprio de Paulo tolerar agora o que ele repudiara completamente antes? Não era também a minoria implícita em Fp. 1:14, porque não eram de modo nenhum reticentes no que pregavam. Mais provavelmente os antagonistas eram um grupo dentro da igreja que, invejando a influência de Paulo (na prisão ou fora dela) e incitados por um espírito de rixa, aumentaram sua atividade missionária no desejo de aumentar as contrariedades do apóstolo preso. A **boa vontade** dos outros refere-se aos motivos de sua pregação.

**16.** O Texto Recebido, seguindo documentação inferior, inverteu os versículos 16 e 17 para fugir à suposta irregularidade no trato com os dois grupos do versículo 15 em ordem oposta. **Por amor** refere-se tanto à preocupação deles pelo progresso do Evangelho quanto ao seu apego pessoal à pessoa de Paulo. *Keimai*, **estou incumbido** (*aqui*), é a figura de uma sentinela no seu posto cumprindo a obrigação. No presente contexto pode ter um significado mais metafórico de estar *destinado* à **defesa do evangelho**.

**17.** A pregação do segundo grupo partiu de um espírito de **discórdia** (*eritheia* foi usado por Aristóteles para indicar "uma busca egoísta de uma posição política por meios desonestos", Arndt, pág. 309). Seu verdadeiro interesse era ganhar de Paulo e, no processo, aborrecê-lo na prisão. *Thlipsis*, **tribulação**, significa literalmente *fricção*. "Despertar

fricção pelas cadeias" é um modo pitoresco de descrever a consternação de uma pessoa que não pode acertar uma situação por causa de alguma limitação que lhe foi imposta.

**18.** Mas qual foi a reação de Paulo? Quaisquer que fossem os motivos, se Cristo era pregado, ele se regozijava. Anda que o Evangelho fosse usado como camuflagem para lucros pessoais, ainda era "o poder de Deus para salvação". Michael subestima o apóstolo quando diz que "o espírito de Paulo estava agitado quando escreveu" e que 1:18 foi "uma tentativa deliberada . . . de controlar seu espírito" (op. cit., pág. 45).

**Sim, sempre me regozijarei** não pertence ao versículo 18 como expressão de uma forte determinação de não escorregar para a irritação diante da decepcionante conduta de seus adversários, mas introduz os próximos motivos de regozijo dados nos versículos 19, 20.

#### **V. Vida ou Morte? 1:19-26.**

Enquanto o desejo pessoal do apóstolo era de partir para estar com Cristo, a necessidade da igreja o convencia de que ele cedo seria libertado e continuaria trabalhando para o progresso dela na fé.

**19.** Paulo cria que a presente oposição resultaria no bem porque os cristãos estavam orando. Como resultado, o **Espírito de Jesus Cristo** (o Espírito Santo, não um espírito cristão) concederia um suprimento abundante daquilo que fosse necessário para a emergência existente. *Sôtêria* seria melhor se tomada como **libertação** da prisão, embora muitos comentadores entendem-na num sentido mais amplo. Alguns julgam perceber uma citação de Jó 13:16 (LXX), e interpretam a esperança de vindicação de Paulo como descansando sobre a consciência que tinha de sua integridade (cons. Michael, *in loc.*)

**20.** *Apokaradokia*, **ardente expectativa**, é uma palavra extraordinária, talvez cunhada pelo próprio Paulo. Literalmente significa *olhar intensamente à distância com a cabeça estendida*. A expectativa do apóstolo era dupla: para que ele não fosse **envergonhado** (isto é, desapontado com o fracasso do auxílio divino), e que Cristo fosse



**engrandecido** (observe a substituição sensível da terceira pessoa passiva pela primeira pessoa ativa) no seu **corpo** (a esfera natural para a expressão externa do homem interior). A ênfase colocada sobre **agora** implica na proximidade da hora da crise. **Quer pela vida, quer pela morte**, não reflete indiferença da parte de Paulo sobre seu destino, mas a preocupação de que, em qualquer dos casos, Cristo seja honrado.

**21.** A vida do próprio Paulo foi tão completamente absorvida pela pessoa e programa do seu Senhor que ele podia dizer, **Porquanto para mim o viver é Cristo**. Cristo era o resultado total de sua existência. **O morrer é lucro** porque na ausência das limitações da vida, a união com Cristo seria completamente realizada. Nenhum sentido de cansaço do mundo deve ser entendido nessas palavras.

**22.** A falta de continuidade do versículo 22 reflete a perplexidade de Paulo. Das diversas possibilidades, a construção elítica – *Se entretanto, (For-me concedido) o viver na carne, isto (resultará em) trabalho frutífero para mim* – é a preferível. A escolha de **carne** em lugar de "corpo" enfatiza a natureza fraca e transitória da vida física. Paulo não se aventura a decidir entre as duas alternativas (neste contexto *gnôrizô* significa "tomar conhecidas as decisões de alguém"), mas prefere deixar a escolha com o Senhor.

**23.** **Ora, de um e outro lado estou constrangido.** *Synekomai* (*estou em apuros*) é uma expressão mais forte significando "estar ligado". Com a adição de **um e outro lado** significa "tolhido e pressionado de ambos os lados". Contemplando a possibilidade da libertação ou da espada, Paulo sente-se tolhido de tomar qualquer uma das direções. Seu desejo pessoal é **partir** (*analyô* descreve um navio levantando a âncora ou um soldado saindo bruscamente do acampamento; é um eufemismo para "morrer") **e estar com Cristo. Isto seria incomparavelmente melhor** – um comparativo duplamente reforçado ("uma ousada acumulação", Moule, *op. cit.*), expressando a excelência superior de se estar com Cristo.

**24.** Mas a obrigação maior é *continuar prosseguindo na presente vida*. A preposição composta com o verbo simples – *epi-menô*, dá-lhe o pensamento especial de persistência. Desejo pessoal dá lugar à necessidade espiritual.

**25. E, convencido disto** (isto é, tudo o que foi dito nos vs, 19-24), Paulo sabe (convicção pessoal, não visão profética) que ele permanecerá **com todos vós para o vosso progresso**. O resultado será **o gozo da fé** (os dois substantivos dificilmente podem ser separados). **Da fé** (objetivamente – o credo, e subjetivamente – a apropriação do crente).

**26. Afim de que** assinala um propósito específico – dando-lhes um abundante motivo de *glória*. **Em Cristo** é a esfera de sua glória. **Quanto a mim** é o motivo, explicado pela frase seguinte, **pela minha presença de novo convosco**.

## VI. Exortação à Firmeza. 1:27-30.

Para que a jactância deles não os levasse ao descuido no conflito contra o paganismo, Paulo os adverte. Com unidade e firmeza deviam prosseguir lutando pela fé.

**27.** Deviam viver de **modo digno**, como cidadãos do céu. O uso que Paulo faz de *politeuomai*, "viver como cidadãos", "cumprindo deveres comuns", em vez do seu usual *peripateô*, "andar", seria notado e apreciado numa colônia romana como Filipos. A palavra enfatiza o efeito de uma comunidade cristã em uma sociedade pagã. **Indo . . . estando ausente** não indica dúvidas quanto ao futuro mas uma tentativa de desprendê-los de uma indevida dependência dele. A idéia do combate de gladiadores passa por todos estes versículos: Eles deviam estar firmes (*stêkô*), **lutando juntos** (*synathleô*), e não deviam se espantar (*ptyreomai*, v. 28). **Em um só espírito** indica uma ofensiva unificada; uma só alma (sede das afeições) indica que a unidade deve estender à disposição interior.

**28.** O verbo, espantar-se, descreve cavalos assustados prontos a debandar. Os oponentes não eram os judaizantes mas membros de um

elemento violentamente hostil em Filipos. O destemor dos cristãos era uma **prova evidente de perdição** para os adversários, pois suas tentativas de frustrar o Evangelho eram fúteis, causando apenas a própria destruição. Também lhes revelava que Deus estava do outro lado (*da vossa salvação e não para vós de salvação*).

**29. Vos foi concedido** poderia ser mais literalmente traduzido para vos foi graciosamente concedida (*karizomai* é a forma verbal de *karis*, "graça"). "O privilégio de sofrer por Cristo é o privilégio de fazer o tipo de serviço que é bastante importante para merecer o contra-ataque do mundo" (Simcox, *op. cit.*, pág. 61). Sofrer por Cristo (no interesse de Sua causa) é um favor só concedido àqueles que crêem nEle.

**30.** Ligar com o versículo 28a. Os filipenses estavam envolvidos no mesmo tipo de conflito (*agôn*; cons. nossa palavra *agonia*) em que Paulo estivera (Atos 16:19 e segs.) e ainda estava.

## Filipenses 2

### VII. Um Apelo à Experiência Cristã. 2:1-4.

Em quatro compactas cláusulas condicionais, Paulo apresenta a motivação poderosa da harmonia na comunidade cristã.

**1.** A primeira categoria das cláusulas condicionais (**se**) aceita a premissa como verdadeira, e o **se** costuma ser traduzido para *desde que*. **Exortação em Cristo.** O fundamento do apelo é estarem em Cristo. **Consolação de amor.** O incentivo que o laço de amor fornece. **Comunhão do Espírito.** A preocupação mútua despertada pelo Espírito de Deus. **Entranhados afetos e misericórdias** (unindo os dois substantivos). Um apelo à bondade humana.

**2.** A alegria de Paulo seria completa se os filipenses continuassem (observem o tempo presente) pensando **a mesma coisa, tendo o mesmo amor, sendo unidos de alma, tendo o mesmo sentimento.** A sinceridade do apóstolo se vê em sua expansão quase redundante – **tendo o mesmo amor e unidos de alma** (*simpsikê*), **tendo o mesmo sentimento.**

**3. Partidarismo** (cons. 1:17) e **vanglória** (*kenodoxia* combina as duas palavras "vazio" e "opinião") eram os inimigos teimosos e traiçoeiros da vida da igreja. Deviam ceder lugar à **humildade** (os gregos defendiam tanto os seus próprios direitos que uma nova palavra precisou ser cunhada) e **considerando cada um** (*estimando*) **os outros superiores a si mesmo** (não necessariamente como se fosse essencialmente superior, mas como merecedor de tratamento preferencial). Muller descreve a humildade como sendo "a visão interior da própria insignificância" (*op. cit.*, pág. 75).

**4.** Assim como a humildade (v. 3a) é a antítese da vanglória, a consideração pelos outros (v. 4) é a antítese da contenda (ambições egoístas).

### **VIII. O Supremo Exemplo da Auto-renúncia. 2:5-11.**

Paulo cita um hino da igreja primitiva, o qual descreve eloqüentemente a divina condescendência de Cristo em Sua encarnação e morte, a fim de reforçar seu apelo por uma vida altruísta e sacrificial. (Para um exame atual e excelente dessa muito discutida passagem, cons. V. Taylor, *The Person of Christ*, pág. 62-79). A interpretação que se segue apresenta um contraste básico entre os dois Adões, e compreende o "auto-esvaziamento" de Jesus em termos do Servo Sofredor (cons. A.M. Hunter, *Paul and His Predecessors*, pág. 45-51, para ver uma apresentação competente deste modo de encarar o assunto). Se nos lembrarmos que a linguagem de 2:5-11 é poética, não de teologia formal, muitos dos problemas que surgiram por causa das especulações *kenóticas* (lit. *esvaziar-se*), ficarão devidamente dentro do prisma da irrelevância quanto aos ensinamentos essenciais da passagem.

**5. O mesmo sentimento.** Melhor, *Mantenham essa íntima disposição uns para com os outros que foi exemplificada* (o verbo tem de ser suprido) **em Cristo Jesus.**

**6. Subsistindo em forma de Deus.** Melhor, *Embora no seu estado pré-encarnado possuísse as qualidades essenciais de Deus, ele não*

*considerou o seu status de divina igualdade um prêmio a ser egoisticamente entesourado* (tomando *harpagmos* passivamente). *Morfê*, **forma**, nos versículos 6 e 7 denota uma expressão permanente de atributos essenciais, enquanto *skêma*, **forma** (v. 8), refere-se à aparência externa que está sujeita à mudança.

**7. Antes a si mesmo se esvaziou.** *Ekenôsen* não tem a intenção de falar do sentido metafísico (isto é, que ele tenha se despojado de seus atributos divinos), mas é uma "expressão pitoresca da totalidade de Sua auto-renúncia" (M.R. Vincent, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Philippians and to Philemon*, pág. 59). Observe a alusão feita a Is. 53:12, "porquanto derramou a sua alma na morte". Cristo esvaziou-se **assumindo a forma de servo**. (o uso de *morfê*, **forma**, aqui, indica a veracidade de sua posição de servo), **tornando-se em semelhança de homens**. Ao contrário do primeiro Adão, que fez uma tentativa frenética de alcançar posição de igualdade com Deus (Gn. 3:5), Jesus, o último Adão (I Co. 15:47), humilhou-se e obedientemente aceitou o papel de Servo Sofredor (cons. a contribuição de R. Martin em ExpT, Março de 59, pág. 183 e segs.).

**8.** O ato da humilhação voluntária não parou na Encarnação, mas continuou até as profundezas ignominiosas da morte pela crucificação. A omissão do artigo diante de *staurou*, **cruz**, enfatiza a natureza vergonhosa da morte – **e morte de cruz**. (Com relação à opinião dos romanos quanto à crucificação, cons. Cícero *In Verrem* 5.66). **A si mesmo se humilhou**. Ele pôs de lado todos os direitos pessoais e Seus interesses a fim de assegurar o bem-estar dos outros.

**9.** Como consequência, **Deus o exaltou sobremaneira** (a Ascensão e Sua glória concomitante), **e lhe deu o nome que está acima de todo nome** (ou deve ser SENHOR, *kurios*, o nome no V.T. usado para Deus; ou deve ser entendido no sentido hebraico, indicando posição e dignidade). Os versículos 9-11 correspondem aos versículos 6-8, e são os que melhor se encaixam, no presente contexto (a exortação interrompida

continua em 2:12), como o final do hino originalmente citado por causa da força de sua primeira estrofe.

10. Baseando-se em Is. 45:23, onde o Senhor profetiza que uma adoração universal lhe será dada um dia, o autor escreve que *no nome de Jesus* (não *ao*, o que poderia sugerir genuflexão mecânica à menção do nome, mas em relação a tudo o que o nome representa) a totalidade dos seres racionais criados lhe prestarão a devida homenagem. **Nos céus, na terra e debaixo da terra** é uma expressão de universalidade e não deve ser forçada a apoiar elaboradas teorias de classificação.

11. O verbo composto traduzido para **confesse** (*exomologeô*) pode significar "confessar com ação de graças" – embora isto poderia parecer estranho se **toda a língua** inclui os perdidos além dos salvos. **Jesus Cristo é Senhor** é o mais antigo credo da igreja primitiva (cons. Rm. 10:9; I Co. 12:3). O Senhorio de Cristo é o âmago do Cristianismo.

### IX. A Exortação Prossegue. 2:12-18.

O grande exemplo de auto-renúncia de Cristo levou Paulo a advertir mais seus irmãos filipenses.

12. **Amados meus.** Uma expressão favorita (ocorre duas vezes em 4:1) que revela um profundo amor pelos seus convertidos. Ele insiste com eles, **desenvolvi a vossa salvação**, especialmente em sua ausência. A passagem se relaciona antes à comunidade do que os indivíduos (cons. Michael, *op. cit.*, pág. 98 e segs.). A **salvação** coletiva está envolvida. Os filipenses deviam levar a cabo (*kutergazomai*, *continuar desenvolvendo*, é um presente contínuo) o livramento da igreja até que esta alcançasse o estado da maturidade cristã. **Com temor e tremor** parece ser uma expressão idiomática para um estado de espírito humilde (cons. I Co. 2:3; II Co. 7:15; Ef. 6:5).

13. Humildade com referência ao seu livramento estava no devido lugar porque, apesar de sua cooperação, era **Deus** (observe a posição enfática) que criara neles tanto a vontade como o poder (ele "energiza" –

*energeo*) de fazer a sua vontade (ou, promover **sua boa vontade**, isto é, a harmonia na igreja filipense).

**14.** A exortação contra **murmurações e contendas** (*dialogismos* foi usado em papiros para indicar litígios) reflete como um antecedente as murmurações dos israelitas em sua peregrinação pelo deserto. (Entretanto, colocar Paulo conscientemente comparando-se com Moisés quando ele pronunciou suas últimas injunções é mais imaginativo que provável.)

**15.** Não murmurando, eles se tornariam (*ginomai*) **irrepreensíveis** (diante dos outros) e **sinceros** (*akeraios*, lit. *autênticos* – exibindo simplicidade de caráter). **Inculpáveis**, *amômos*, na LXX, foi quase que invariavelmente usado para os sacrifícios de animais. **Uma geração perversa e corrupta** (uma adaptação de Dt. 32:5) é o resultado da distorção moral e intelectual. Neste mundo -de trevas os cristãos devem brilhar como astros (cons. Mt. 5:16).

**16.** Se Paulo está continuando a mesma metáfora, *epikontes*, etc. será traduzido para *ofereçam* (como uma tocha que se segura com a mão estendida) **a palavra** (que produz) **vida**; mas se a cláusula final do versículo 15 é parentética (Lightfoot) e o apóstolo está contrastando os cristãos com a geração perversa, será traduzido para apeguem-se (retende). **Corri** reflete a atividade do estádio. **Esforcei**. Deissmann vê aqui a frustração de se ter tecido um pedaço de pano só para vê-lo rejeitado (LAE, pág. 317). Talvez Herklotz esteja certo em se referir a Paulo como "o mestre das metáforas confusas" (H. G. G. Herklotz, *Epistle of St. Paul to the Philippians*, pág. 74).

**17.** Uma metáfora elaborada sobre o ritual sacrificial. A **fé** dos filipenses (e tudo o que envolve em termos de vida e atividade) era seu **sacrifício e serviço**. A energia vital de Paulo seria uma libação derramada sobre suas ofertas. Se era isto o que o futuro reservava, então até nisso Paulo se regozijava. Ele se regozijava **com todos** (*sigkairô*) porque um sacrifício duplo proporcionava a oportunidade para futura comunhão.

**18.** Eles deviam adotar o mesmo ponto de vista e se lhe juntar no regozijo.

### **X. Planos para o Reencontro. 2:19-30.**

Paulo tinha esperanças de enviar Timóteo dentro de pouco tempo com as notícias da decisão da corte e então ele mesmo ir o mais cedo possível. Enquanto isso não acontecesse, enviaria Epafrodito de volta – mensageiro deles a Paulo em sua angústia – para aliviar a preocupação dos filipenses e para restaurar a alegria deles.

**19.** Embora o apóstolo insistisse com eles a que cuidassem de seus próprios negócios (v. 12), ele não os deixaria sem orientação. O propósito de enviar Timóteo era que Paulo poderia ficar **animado** (*eupsikeô*, lit., *ser encorajado*) se recebesse notícias deles, e vice-versa (implícito em **eu . . . também**).

**20. Ninguém.** Não uma impetuosa condenação dos seus cooperadores. Mas entre aqueles que estavam ali à disposição não havia ninguém que, como Timóteo, estivesse **sinceramente** (*gnêsios*, lit., *nascido do matrimônio*; portanto, "como um irmão") preocupado pelo bem-estar deles.

**21.** Paulo se sentia mais ou menos como o "abandonado" *Elias*.

**22. O caráter provado** de Timóteo (*dokimê*, "aprovação obtida por meio de teste") era bem conhecida dos filipenses, porque eles já o tinham observado (Atos 16) quando serviu a Paulo **como Filho ao pai**, *no* (interesse do) **evangelho**.

**23.** É o próprio Timóteo (observe a posição enfática de *touton*) que Paulo esperava (seus planos ainda estavam um tanto indefinidos) enviar tão logo tivesse uma perspectiva definida (*aforaô*, "ver", significa lit. *olhar de*) do resultado de sua prisão.

**24.** Entretanto, ele estava persuadido que **logo** (*takeôs* é um termo razoavelmente flexível) ele, também, iria ter com eles. **No Senhor.** Todos os planos de Paulo estavam condicionados por esse relacionamento com Cristo.



**25. Epafrodito** (*encantador*) é um dos heróis mais atraentes do N.T. Ele fora encarregado de levar o presente em dinheiro (4:18) e de servir Paulo no interesse dos filipenses. Paulo o chama de **irmão** (ênfatizando o laço do amor familiar cristão), **cooperador** (um termo emprestado da oficina, que destaca o espírito de companheirismo), e **companheiro de lutas** (*sistratiôtês* representa os cristãos lutando lado a lado contra os furiosos ataques do paganismo. Phillips traduz *companheiro de armas*). **Julguei**. Na correspondência de antigamente era costume o escritor adotar a perspectiva do leitor (cons. também **mandá-lo**, v. 28).

**26.** A intensa saudade que Epafrodito sentia dos cristãos lá em Filipos transformara-se em desespero quando soube que a notícia de sua doença já chegara até eles. O verbo traduzido para **estava angustiado** normalmente deriva de *ademos*, "não à vontade", isto é, "não à vontade intimamente"; portanto **angustiado**, fora de si. Foi usado, por exemplo, para descrever a profunda consternação do Getsêmani (Mc. 14:33).

**27.** O apóstolo afirma a seriedade da crise. A condição de Epafrodito fora muito séria (tomando *paraplesion*, **mortalmente**, como advérbio). Mas Deus tivera misericórdia de ambos. Epafrodito se recuperou, e esta aflição não fora acrescentada às outras preocupações de Paulo. **Tristeza sobre tristeza** significa "onda sobre onda de circunstâncias angustiantes".

**28. Vos alegreis . . . novamente.** Lightfoot (pág. 124) traduz, *possa recuperar vossa alegria*. O alívio da ansiedade deles diminuiria a de Paulo. Assim, ele enviou Epafrodito de volta *mais depressa* (ou *spoudaiateros* pode indicar "com grande ansiedade") do que deveria tê-lo feito.

**29.** Alguns comentadores vêem uma nota de apreensão na "carta de recomendação" de Paulo. Não haveria em Filipos aqueles que julgariam que, tendo retomado prematuramente, Epafrodito teria desertado de suas obrigações? Entretanto, o versículo irão precisa ser tomado como um

apelo. Moule sugere, "Aceitem-no como presente meu para vocês" (pág. 54).

**30.** Ele era digno de honra porque, no cumprimento de suas obrigações, quase morreu. **Às portas da morte** reflete uma atitude igual a de Cristo (cons. mesma frase em 2:8). E isso aconteceu a fim de completar a tarefa que eles lhe impuseram de servir a Paulo. O contexto mostra que a condição crítica de Epafrodito foi devida a esforço excessivo, mais do que à perseguição ou aos fiscos da viagem. **Se dispôs a dar a própria vida.** De *parabolas*, "ousado, arrojado". Em Alexandria surgiu uma associação de homens conhecidos como os *Parabolani*. Entre as arrojadas obrigações desse "esquadrão suicida" estava incluído o cuidado dos doentes durante as epidemias.

## Filipenses 3

### XI. Uma Conclusão Interrompida. 3:1-11.

Quando Paulo começa a concluir sua carta, alguma interrupção quebrou o fio de seus pensamentos. Quando ele retoma a ditar, divaga advertindo os filipenses contra os judaizantes e contra o antinominianismo autocomplacente. À altura do 4:4 (ou 4:8) ele já retorna ao seu tema original.

**1. Quanto ao mais** (finalmente). W. S. Tindal é citado dizendo que Paulo é "o pai de todos os pregadores que usam 'finalmente, meus irmãos' como indicação de que recuperaram o seu fôlego" (Herklotz, *op. cit.*, pág.16). **As mesmas coisas.** Aquelas verdades centrais da vida e doutrina às quais Paulo faz repetidas referências. No presente contexto podem se referir ao seu ministério doutrinário enquanto estivera com eles ou à correspondência anterior da qual não temos nenhuma informação. A teoria de que uma tal carta tenha sido encaixada no texto, explicando a mudança abrupta no estilo e assunto em 3:2 (ou 3:16?), não é de modo nenhum necessária para explicar o que não passa de apenas uma "divagação curiosa" (Plummer, pág. 66. Cons. "Lost Epistles to the Philippians", Lightfoot, págs. 138-142; Vincent, xxxi f.)

2. A advertência não é contra três tipos de pessoas (por exemplo, pagãos, mestres cristãos egoístas e judeus), mas contra um tipo visto sob três ângulos: seu caráter (**cães**), conduta (**maus obreiros**) e credo (**circuncisão**). Cons. Robertson em *Abingdon Bible Commentary*, pág. 1246). De acordo com a lei mosaica o cão era um animal impuro (Dt. 23:18). Nas cidades orientais ele era um animal necrófago e geralmente doente – "uma criatura desprezada, descarada e miserável" (SBK, 1, 722). Paulo inverte este termo de desrespeito que há muito era aplicado pelos judeus aos gentios (cons. Mt. 15:27) e diz que são os cristãos que se deleitam junto à mesa do banquete espiritual, enquanto os judeus são aqueles que comem as "sobras das ordenanças carnavais" (Lightfoot). Os cães são ou os judaizantes extremista ou os judeus que se opunham ao evangelho (a linha demarcatória é bastante estreita). Com um amargo jogo de palavras, Paulo os chama de **falsa circuncisão** (*katatome*) em lugar de **circuncisão** (*peritome*). Eles são "aqueles que mutilam a carne". O verbo foi usado na LXX referindo-se às mutilações proibidas pela lei mosaica.

3. Não eles, mas nós é que somos a circuncisão verdadeira. O novo Israel é composto, primeiro, daqueles que adoram **a Deus no espírito**. Que a igreja primitiva fazia essa asserção está certamente implícito no versículo. Novamente, o verdadeiro Israel se compõe daqueles que se gloriam **em Cristo Jesus**. Gloriar-se é uma expressão favorita de Paulo. Ele a usa trinta vezes em suas epístolas, embora apareça apenas duas vezes em outros lugares do N.T. Aqui o significado é "gloriar-se" ou "exultar". Terceiro, o novo Israel é composto daqueles que não confiam na carne, isto é, nos privilégios externos.

4. O escritor, por um momento, coloca-se no mesmo terreno dos seus adversários para mostrar que mesmo de acordo com os padrões deles, ele tinha mais direito de **confiar na carne** (tomando *pepoithesis* objetivamente).

5. Paulo apresenta suas credenciais. **Circuncidado ao oitavo dia**. Era um verdadeiro israelita desde o nascimento (os ismaelitas, cujo

sangue judeu foi misturado com o egípcio, não eram circuncidados a não ser quando completavam 13 anos). Ele não era prosélito, mas **da linhagem de Israel**. Na verdade, pertencia a honorável **tribo de Benjamim**, que deu a Israel o seu primeiro rei. Em contraste com os judeus que falavam o grego (helenistas), ele vinha de uma família que retivera os costumes hebreus e falava o hebreu (ou aramaico). Além desses privilégios herdados, havia questões que envolviam escolha pessoal. No seu relacionamento com a Lei ele era **fariseu** – um "apaixonado adepto da mais estrita tradição religiosa entre os judeus" (Muller, pág. 110).

**6. Quanto à justiça que há na lei.** "Justiça" que consiste em obediência às ordens externas. **Irrepreensível**. Uma declaração notável quando se considera a minuciosa legislação farisaica.

**7.** Seja qual for o **lucro** (plural) que Paulo possa ter tido (os privilégios mencionados nos vs. 5,6), ele os considerava como perda (sing). Eles não tinham valor algum – eram até um impedimento – porque tinham de ser esquecidos.

**8.** Aqui o escritor expande o pensamento precedente e o protege da má interpretação. Ele diz que considera (o tempo presente indica que o versículo 7 não foi um ato isolado e impulsivo do passado) **todas as coisas** (não apenas as suas antigas razões de confiança) como **perda** em comparação com o valor extraordinário do "conhecimento experimental de Deus" (o pensamento chave dos vs. 8-11). Além de considerá-las como perda, foram na realidade rejeitadas. A E.R.C, considera *skybalon* como aquilo que é rejeitado pelo corpo, isto é, esterco. Lightfoot favorece uma derivação de *es kunas*, "aquilo que se joga aos cães", **refugo** (E.R.A.). A motivação sem precedentes dessa reviravolta foi **ganhar a Cristo**.

**9.** Paulo desprezava todas as aquisições pessoais para poder ser encontrado em Cristo. As cláusulas paralelas contrastam a justiça das obras, que se baseia na lei, com a justiça da fé, que é concedida por

Deus. Aqui está a mais concisa das declarações de Paulo sobre a justificação pela fé.

**10.** A apaixonada expressão dos mais profundos anseios de Paulo. **O conhecer** é experimentar o poder que flui da união com o Cristo ressurreto e penetrar na comunhão de **seus sofrimentos** (todas as dificuldades a serem enfrentadas por causa de Cristo; cons. Atos 9:16). Que estes são dois aspectos da mesma experiência está indicado pelo artigo singular no grego. **Conformando-me com ele** (part. presente) na sua morte define melhor a experiência como a morte contínua do eu.

**11. Para de algum modo.** Uma expressão de humildade, não de incerteza. **A ressurreição dentre** (*ek*, "fora de") **os mortos** é a ressurreição dos crentes, não uma ressurreição geral.

## **XII. A Reta da Chegada. 3:12-16.**

Para não dar a impressão de que ele já tivesse chegado, Paulo indica cuidadosamente que ele ainda estava muito envolvido na corrida da vida. Essa advertência contra a má interpretação foi causada pela influência dos perfeccionistas complacentes que se propagava grandemente na igreja.

**12.** Aquilo que Paulo não tinha ainda **recebido** era a experiência do conhecimento final e completo do seu Senhor (vs. 8-11). **Perfeição** define melhor o seu alvo. A perfeição aqui seria o pleno conhecimento e a conformidade perfeita. O versículo 12b pode ser assina parafraseado, "mas eu prossigo esforçadamente para ver se de algum modo poderei **conquistar** e tomar a posse (*katalumbano* é usado nos papiros tratando-se de colonizadores tomando posse de terras) daquilo para o que **fui conquistado** (o mesmo verbo acima) **por Cristo Jesus** na estrada de Damasco". Deus tinha um propósito na conversão de Paulo, e Paulo desejava intensamente que esse propósito pudesse ser inteiramente realizado em sua experiência. Muitos comentadores consideram *eph'ho* como significando "porque", o que acentuaria então o *motivo* (não o alvo) do esforço de Paulo (cons. C.F.D. Moule, *Idiom Book*, pág. 132).

**13.** Os versículos 13, 14 alargam o pensamento de 3:12. O estado do "não ainda" da perfeição cristã destrói a complacência e exige uma busca esforçada. **Quanto a mim** pode implicar em um contraste com a auto-apreciação dos outros. A metáfora é sobre uma corrida. A expressão concisa, mas uma coisa, expressa "singeleza de propósito e concentração de esforços" (Michael, pág. 160).

**Esquecendo-me das coisas que para trás ficam.** As realizações do passado de sua carreira cristã, que poderiam provocar a auto-satisfação e uma redução no ritmo da marcha.

**Avançando** descreve pitorescamente o corredor que apela para todas as forças que ainda lhe restam e inclina-se na direção do alvo (assim, nossa reta de chegada).

**14. O alvo** (*skopos*, de *skopeo*, "olhar fixamente para"). Aquilo em que os olhos estiveram fixos. Distração seria fatal. (Alguns sugerem que a metáfora se refere a uma corrida de carros.) Se a perfeição final é o alvo do corredor (aquilo que evita que se desvie do seu curso), é também o seu **prêmio**. O prêmio pertence àqueles que correspondem de todo o coração à **soberana vocação de Deus** (afastando-se do ego na direção de novas alturas de realizações espirituais) **em Cristo Jesus**.

**15. Sermos perfeitos.** Sermos amadurecidos. Nas religiões pagãs indicava aqueles que estavam de posse dos mistérios opondo-se aos novíços. Não há aqui nenhuma indicação de "ironia reprovada" (de acordo com Lightfoot).

**Tenhamos este sentimento.** Tenhamos esta atitude básica de disposição, isto é, os sucessos do passado não devem remover a necessidade de lutas futuras. **Se porventura pensais doutro modo**, Paulo acrescenta a título de encorajamento. "Se vocês não se sentem suficientemente convencidos que este ponto de vista deve ser aplicado a todos os setores da vida, Deus há de revelar isto também".

**16.** Embora o significado preciso deste versículo resumido seja duvidoso, a idéia geral é bastante clara: "Não nos desviemos destes princípios gerais que nos conduziram em segurança até o presente

estágio da maturidade cristã". A condição para iluminação futura é andar de acordo com a presente luz.

### XIII. Uma Comunidade Cristã. 3:17-21.

A presença daqueles cujo modo sensual de vida estava solapando a eficácia do Evangelho levou Paulo a exortar os filipenses a imitá-lo e a outros que também viviam como cidadãos do céu.

17. Deviam se juntar uns aos outros na imitação de Paulo e os outros que, depois de acurado exame (*skopeo*; veja v. 14), provassem estar vivendo no mesmo nível elevado. *Typos* (**modelo**) era originalmente o sinal deixado por um golpe, depois veio significar "padrão" ou "molde".

18. Estes aqui descritos não são os judaizantes (v. 2 e segs.), nem pagãos (isto teria provocado uma reação diferente do que o termo **chorando** expressa), mas libertinos antinominianos que de certo modo estavam ligados à igreja. Eles interpretavam mal a liberdade cristã, considerando-a liberdade de toda restrição moral. Eles **são** (não "vivem como") **inimigos da cruz**. Eles estavam em inimizade com tudo o que a cruz representa.

19. **O destino deles é a perdição**, a antítese da salvação. Seu **deus**, o objeto supremo de sua preocupação, era **o ventre**. A referência não foi feita apenas à gluttonaria, mas a toda indulgência sensual. Sua suposta liberdade era realmente escravidão à vergonhosa concupiscência, e eles se sentiam dispostos a debater estes assuntos sórdidos e terrenos.

20. Em contraste com estes licenciosos e devassos, os cristãos amadurecidos viviam como uma colônia de cidadãos celestiais cuja habitação temporária era a terra. Enquanto *politeuma* (a única ocorrência no N.T.) pode indicar o padrão de vida seguido por um cidadão, aqui ele significa o estado ao qual o cidadão pertence (**pátria**). Os cidadãos romanos vivendo na colônia de Filipos logo perceberiam o que o apóstolo queria dizer. *Apekdekometha* traduzido para **aguardamos** (E.R.A.) e **esperamos** (E.R.C.) indica uma expectativa ansiosa.

Inscrições mostram que *soter*, **salvador**, era largamente usado no mundo greco-romano para designar reis e imperadores. Aqui ele amplia a metáfora precedente e reflete a atitude da igreja primitiva para com a volta de Cristo.

**21.** Quando Cristo aparecer, ele transformará (*metaskematizo*) **nosso corpo de humilhação**, o corpo que agora reveste nosso humilde estado de existência mortal. **Para ser igual** (*symmorfon*; em relação a *skêma* e *morfê*, cons. 2:6) **ao corpo da sua glória**, o corpo no qual Cristo está revestido em Seu estado glorificado. Esta transformação exige um ato de *Energia* gr. (**eficácia de poder**) só é usada por Paulo e quase sempre indica Deus em ação.

## Filipenses 4

### XIV. Conselho Apostólico. 4:1-9.

O apóstolo adverte duas mulheres a que se reconciliem, mostra que a oração é a cura para a ansiedade, e insiste em que haja um ambiente mais nobre para a vida e a mente.

**1. Portanto.** À vista de sua cidadania celeste e das gloriosas transformações envolvidas. A exortação, **permanecei, deste modo firmes**, tanto é uma conclusão ao capítulo 3 quanto uma introdução ao que se segue. Observe os seis termos de afeto neste único versículo. *Stefanos*, **coroa**, era uma grinalda conferida ao atleta vencedor. Era também usada com referência à grinalda colocada sobre a cabeça dos convidados em um banquete. Portanto significava triunfo e também festividade.

**2. Evódia e Síntique** eram duas mulheres de destaque na igreja de Filipo que tinham uma desavença. O rogo repetido indica a imparcialidade de Paulo. **Pensem concordemente no Senhor.** Harmonia de pensamento e disposição cultivada (cons. 2:2). **3.** Para ajudar a efetuar a reconciliação Paulo apela para *Syzygos*, o qual, de conformidade com o seu nome, era um **fiel companheiro**. *Syzygos* é melhor compreendido se aceito como nome próprio recebido por algum convertido no batismo. Se



é apenas um epíteto, as conjecturas sobre a quem se refere, vão desde Silas até a esposa de Paulo – Lídia? *Synethlesan*. **Se esforçaram comigo** (lutaram lado a lado) é uma metáfora extraída da arena (cons. 1:27). A menção de **Clemente** pode ser acrescentada para recordar uma determinada ocasião. A referência ao **livro da vida**, no qual estão anotados os nomes dos membros da comunidade celeste, dá a idéia de que Clemente e os outros deram suas vidas nessa ocasião.

4. *Kairete* era expressão comum de adeus. A adição de sempre indica que Paulo tinha em mente seu significado mais profundo, **alegrai-vos**. A repetição sugere que as condições em Filipos eram tais que faziam essa exortação parecer irracional. Os cristãos podem receber a ordem de se regozijarem, porque a base do seu regozijo não está nas circunstâncias mas **no Senhor**.

5. O termo mais ou menos evasivo, *epieikes*, **moderação**, (E.R.C., **equidade**), indica prontidão em dar ouvidos à razão, uma docilidade que não revida. O motivo para esta "doce moderação" é a iminente volta de Cristo. **Perto está o Senhor**. A palavra de alerta da igreja primitiva (cons. o aramaico equivalente, *maran atha*, em I Co. 16:22).

6. A hostilidade do paganismo (cons. 1:28) poderia produzir ansiedade. Esta devia ser dispersada pela oração. "Ter cuidado é uma virtude, mas fomentar os cuidados é pecado". (Muller, *op. cit.*, pág. 141). **Em tudo**. Qualquer coisa que cause ansiedade se não orarmos a respeito. **Com ações de graça**. Gratidão pelo que Deus já fez é o espírito próprio para se fazer novos pedidos.

7. **A paz de Deus** é a tranqüilidade de espírito que Deus aprova e que só Ele pode conceder. A frase, **que excede todo o entendimento**, costuma ser tomada como indicação da completa incapacidade da mente do homem de esquadriñar a paz de Deus. Mais provavelmente significa que a paz de Deus ultrapassa todo nosso cuidadoso planejamento e idéias inteligentes sobre como poderemos acabar com as nossas próprias ansiedades. **Guardará**. *Froureo*, "guardar", é um termo militar significando "montar guarda ou defender". Com uma metáfora

extraordinária Paulo aqui descreve a paz de Deus como uma sentinela montando guarda à cidadela da vida interior do homem mente, vontade e afetos.

**8.** Neste "parágrafo da saúde mental" (Simcox) Paulo apresenta uma lista de virtudes que poderiam muito bem ter saído da pena de um moralista grego. Duas das oito não aparecem em nenhum outro lugar do N.T., e de todas as cartas de Paulo uma só ocorre aqui.

**Verdadeiro.** Pertencente à natureza da realidade.

**Respeitável.** Digno de respeito, augusto.

**Justo.** De acordo com o mais elevado conceito do que é certo (Michael).

**Puro.** Não misturado com elementos que possam rebaixar a alma.

**Amável.** Aquilo que inspira amor.

**De boa fama.** Melhor do que esta tradução, mais ou menos fraca, é *aquilo que tem boa repercussão* (Michael).

**Se algum louvor existe.** Lightfoot parafraseia, "Seja qual for a avaliação existente em seu antigo conceito pagão de virtude" (pág. 162), para destacar a preocupação de Paulo em não omitir qualquer possível fonte de atração. Deviam se ocupar (*logizomai*) com estas virtudes da moralidade pagã.

**9.** Em aditamento deviam continuar praticando (**praticai**; o imperativo *prassete* está no tempo presente) tudo aquilo que pertencia à ética e moral notadamente cristãs conforme aprenderam com a vida e doutrina do apóstolo. Não apenas a "paz de Deus" (v. 7) mas também o **Deus da paz** estaria com eles.

## **XV. Apreciação pelo Presente. 4:10-20.**

Emprestando a expressão de Paulo, **agora, uma vez mais**, ele lhes agradece formalmente o presente. Embora não dependesse da oferta, e nem mesmo a procurasse, ele se alegra com tal sacrifício que agrada a Deus e beneficia quem recebeu.

10. Se Filipenses fosse realmente uma carta de agradecimentos, as palavras de apreciação deveriam ter vindo muito antes. O fato de aparecerem quase como um pós-escrito, empresta plausibilidade à conjectura de Michael que diz que Paulo já tinha feito seus agradecimentos e agora estava apenas esclarecendo algumas declarações, que evidentemente causaram ressentimentos (pág. xxi f; pág. 209 e segs.). *Anathalo*, "tornar a brotar novamente", descreve uma árvore cheia de brotos na primavera. Alguns, para fugir ao que parece ser uma branda reprimenda, entendem **renovastes** como indicando a recuperação de um período de terrível pobreza. A falta de **oportunidade** poderia então ser uma falta de meios. Entretanto, provavelmente significa que não havia ninguém disponível para a viagem.

11. Paulo rapidamente corrige qualquer falsa impressão de que ele esteja se queixando de necessidade. *Altaires*. **Contente**. Melhor, *ter sustento próprio*. Termo favorito dos estóicos que imaginavam o homem possuidor de intrínseca capacidade de resistir a todas as pressões externas.

12. **De tudo e em todas as circunstâncias** (não importa quão desesperadoras as circunstâncias poderiam ser, ou quão grande a soma delas todas) Paulo já tinha **experiência** (um termo técnico nas religiões pagãs) no segredo de enfrentar a ambas, a falta de recursos e a abundância.

13. A profunda diferença entre Paulo e os estóicos está em que eles se consideravam *auto-suficientes*, enquanto a suficiência de Paulo estava em Outro – Aquele que o fortalecia.

14. Não obstante, quando os filipenses se uniram para ajudá-lo em suas dificuldades, fizeram algo nobre (*kalos*; *ho kalos* é o renomado conceito grego de "beleza").

15. **No início do evangelho**. Quando o Evangelho foi proclamado pela primeira vez na Macedônia. **Quando parti** provavelmente se refere à oferta feita por ocasião da partida (cons. Atos 17:14), e não posteriormente (cons. II Co. 11:9). **A dar e receber**. A primeira das

diversas alusões feitas a transações financeiras. Talvez fosse um gentil lembrete de que o pagamento em troca de bens espirituais não era de todo descabido (cons. I Co. 9:11).

**16.** Quase imediatamente após a partida dele (estando ainda em Tessalônica; cons. Atos 17), **não somente uma vez, mas duas** o ajudaram.

**17.** Novamente ele demonstra ansiedade em não deixar a impressão de que cobiçava a ajuda financeira deles. O que realmente desejava era "os lucros que se acumulariam desse modo ao seu (deles) crédito divino" (Moffatt). Ou, menos tecnicamente, **o fruto** pode ser essa "maior capacidade de simpatia humana" (Scott em IB, XI, 126) que é o resultado inevitável da vida sacrificial.

**18.** *Apeko*. Possivelmente, "plenamente liquidado" (assim usado nos papiros, MM, pág. 57), ou "eu tenho tudo o que poderia desejar" – na realidade, ele continua, mais do que o necessário. *Osme euodias*, **aroma suave**, foi freqüentemente usado na LXX com referência às ofertas agradáveis a Deus (cons. Gn. 8:21).

**19.** Assim como *vocês* atenderam às *minhas* necessidades, **Deus... há de suprir. . . cada uma de vossas**. Um arranjo "toma-lá-dá-cá" que oferece pouco conforto aos cristãos "pão-duros".

**Em glória.** Tanto "de maneira gloriosa", quanto escatologicamente, "no glorioso século futuro".

**Segundo a sua riqueza.** Em escala proporcional a sua riqueza.

**Em Cristo Jesus.** Em união com Aquele que é o mediador das bênçãos de Deus ao homem.

**20. A nosso Deus e Pai.** Melhor, *a Deus, que também é nosso Pai!* É o pensamento do cuidado paterno de Deus que dá origem à doxologia.

**Para todo o sempre** (E.R.C.). Literalmente, *pelos séculos dos séculos* (E.R.A.) – uma interminável sucessão de períodos indefinidos.

## **XVI. Saudações e Bênção. 4:21-25.**

**21.** Provavelmente foi acrescentado de próprio punho por Paulo mesmo (cons. Gl. 6:11). **Santo** (s). Só aqui no N.T. a palavra *hagios*

aparece no singular (cinquenta e sete vezes no plural), e mesmo aqui está prefaciada por **todo** (s) (*cada santo*) – um forte lembrete que o Cristianismo é essencialmente um negócio comunitário. Aqueles a quem Paulo ordena que transmitam as saudações são provavelmente os anciãos da igreja, que leriam a carta em voz alta à congregação.

**22.** Os companheiros pessoais de Paulo (**irmãos**, v. 21) e toda a igreja (**todos os santos**) enviam suas saudações. **Os da casa de César.** Não (como se pensava antigamente) a família imperial, mas todos aqueles que estavam empregados a serviço do governo. Como estes não se limitavam aos habitantes de Roma, a expressão não defende uma origem romana para a epístola. Synge percebe um toque de humor: o eufemismo inglês usado em relação a um prisioneiro é "hóspede de sua majestade" (*Torch Series*, pág. 49).

**23. A graça . . . seja com o vosso espírito.** (Observe o singular). Mesmo na bênção, o tema central da harmonia reaparece.

# COLOSSENSES

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 2

## Capítulo 3

## Capítulo 4

## INTRODUÇÃO

**A Ocasão.** No século primeiro, Colossos, um antigo mas decadente centro comercial a aproximadamente cem milhas à leste de Éfeso, estava localizada na rota das caravanas que passava pelo Vale Licus, perto das cidades de Laodicéia e Hierápolis (cons. Cl. 4:13). Embora uma evangelização anterior (pelos cristãos gaiatas?) não possa ser excluída, os colossenses devem ter ouvido a mensagem cristã pela primeira vez durante o ministério de Paulo em Éfeso (cerca de 53-56 D.C.; cons. Atos 19:10). Paulo possivelmente passou por Colossos a caminho de Éfeso, mas não conhecia pessoalmente os cristãos de lá (cons. Cl. 2:1). Seu cooperador Epafras, que servia nessa igreja, visitou o apóstolo e falou-lhe do progresso dos crentes e da doutrina errada que os subvertia.

Os judeus residiam nesta província da Frígia já por dois séculos (Josefo, Antiquities 12. 147). Evidentemente sendo pouco ortodoxos, receberam este comentário no Talmude: "O vinho e os banhos da Frígia separaram as dez tribos dos seus irmãos" (Shabbath, 147b). A acomodação às práticas gentias deixou sua marca nos judeus que abraçaram o cristianismo. Na província limítrofe da Galácia, a fé nascente foi ameaçada pelo legalismo, uma heresia judaizante; aqui, como em Éfeso (cons. Atos 19:14,18), o perigo jazia no sincretismo religioso judio-helenístico. Para resolver o primeiro caso Paulo escreveu anteriormente aos gálatas; para enfrentar o igualmente grave perigo em Colossos ele escreveu a presente carta.

**A Heresia em Colossos.** Na igreja do segundo século apareceu um movimento herético conhecido como Gnosticismo. Alguns dos seus

princípios básicos já eram conhecidos no século primeiro, não apenas na igreja cristã mas também no Judaísmo da Diáspora (cons. R.McL. Wilson, *The Gnostic Problem*; C.H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel*, pág. 97 e segs.; Rudolf Bultmann, "Gnosis", *Bible Keywords*, II). Esse Gnosticismo incipiente foi mais uma atitude religioso-filosófica e mais uma tendência que um sistema, que podia se adaptar aos grupos judeu, cristão ou pagão, conforme a ocasião.

Não obstante, certas idéias parecem constituir a característica geral da mente gnóstica: dualismo metafísico, seres mediadores, redenção mediante o conhecimento ou gnosis. Todas as religiões, defendiam os gnósticos, que são manifestações de uma verdade oculta, buscam dar ao homem o conhecimento da verdade. Este conhecimento ou gnosis não é a compreensão intelectual mas a iluminação que deriva da experiência mística. Estando o homem preso neste mundo da matéria má, só pode se aproximar de Deus através de seres angélicos mediadores. Com a ajuda desses poderes e através de interpretações alegóricas e místicas das Escrituras Sagradas, a iluminação espiritual pode ser alcançada e a redenção do mundo do pecado e da matéria podem ser garantidas.

Naturalmente e talvez inevitavelmente alguns na igreja primitiva buscaram enriquecer ou acomodar sua fé às idéias religiosas correntes; convertidos com uma percepção imperfeita do Cristianismo poderiam inconscientemente fundir suas crenças anteriores com conceitos cristãos. Essa poderia muito bem ter sido a origem da influência gnóstica que apareceu em algumas das igrejas paulinas. Em Corinto, por exemplo, o desejo da sabedoria especulativa (I Co. 1:7 e segs.) e o desprezo do como (que se refletia na negação da ressurreição, no ascetismo e na licença sexual; cons. I Co. 15:5, 7), representam uma atitude gnóstica.

A heresia colossense combinou elementos judeus e helenistas. Observâncias dietéticas e a guarda do sábado, o rito da circuncisão, e provavelmente a função mediatória dos anjos são reminiscências da prática e crença judias (Cl. 2:11, 16, 18); a ênfase dada à "sabedoria" e "conhecimento", o pleroma dos poderes cósmicos, e o aviltamento do

como refletem a filosofia grega (2:3; 8:23). Alguns convertidos judeus provavelmente trouxeram esta mistura de um Judaísmo heterodoxo e o desenvolveram mais depois que se tornaram cristãos.

Com uma estratégia já usada, Paulo usa a terminologia dos enganadores para atacar seus ensinamentos e, no processo, desenvolve a doutrina do "Cristo cósmico". Em Cristo, o único mediador, habita toda a sabedoria e conhecimento; na Sua morte e ressurreição todos os poderes do cosmos são derrotados e por Ele subjugados (2:3, 9, 10, 15). Qualquer ensinamento que se desvia da centralidade de Cristo sob a pretensão de levar os homens à maturidade e perfeição é uma perversão que ameaça a própria essência da fé. Assim o apóstolo identifica e denúncia a raiz do erro em Colossos.

**Origem e Data.** Colossenses, tal como Efésios, Filipenses e Filemom, foi escrita na prisão e foi entregue por Tíquico e Onésimo (4:3, 7-9; Filemom 12; Ef. 6:12) junto com a epístola a Filemom e (possivelmente) Efésios. A tradição fixa a sua origem em Roma durante a prisão de Atos 28 (cerca de 6163 A.D.). Embora esse ponto de vista permaneça predominante, um grupo sugere que uma prisão anterior em Cesaréia (cerca de 58-60 A.D.) ou em Éfeso (cerca de 55-56 A.D.) oferece uma ocasião muito mais provável para as cartas. Cesaréia tem poucos defensores hoje em dia, mas a teoria da prisão em Éfeso tem atraído atenção considerável. Mais recentemente, G. S. Duncan (*St. Paul's Ephesian Ministry*) tem argumentado o seguinte: 1) Segunda Coríntios (6:5; 11:23), escrita no fim do ministério efésio, indica que Paulo esteve na prisão mais vezes do que o mencionado em Atos; se I Co. 15:32 for interpretado literalmente, o que parece razoável, pelo menos uma dessas prisões aconteceu em Éfeso. 2) A visita de Epafras (Cl. 1:7; 4:12) e a presença de Onésimo, o escravo fugitivo, encaixa-se melhor no cenário efésio do que na distante Roma. 3) Paulo planeja uma visita ao Vale Licus depois de sua libertação (Filemom 22), mas de acordo com a tradição, Paulo seguiu na direção oeste, para a Espanha, depois da prisão romana (cons. Rm. 15:24). Os argumentos de Duncan



têm sido mais persuasivos na questão de Filipenses, mas a questão permanece em aberto também para as outras Epístolas da Prisão. Aqueles que continuam a favor da origem romana consideram inconclusivos os argumentos a favor das outras cidades mencionadas acima, e apontam para o peso da antiga tradição e para uma teologia mais desenvolvida (especialmente) em Colossenses e Efésios. Poderia ter sido apresentada em data tão precoce como a do ministério efésio?

**Autoria.** A autoria paulina continua sendo negada em alguns grupos, mas a opinião da maioria vai na outra direção. Uns poucos estudiosos, influenciados pelo fato de que um quarto de Colossenses se encontra em Efésios, têm considerado a primeira como uma versão ampliada da genuína correspondência paulina. A relação entre as duas cartas, entretanto, explica-se adequada e facilmente pela – consciente ou inconsciente – operação da mente do próprio apóstolo ao escrever sobre temas similares.

As principais objeções à autoria paulina têm sido estas: 1) O pensamento e a ênfase da carta não se harmonizam com as de Romanos, Coríntios e Gálatas; 2) A heresia colossense não poderia ter-se desenvolvido tão rapidamente. É um erro, entretanto, acercar-se de Paulo como se a sua mente estivesse em uma camisa de força; mudança de circunstâncias oferecem uma resposta satisfatória à mudança de tema e vocabulário. Investigações recentes têm mostrado de maneira inteiramente conclusiva que o Gnosticismo, pelo menos na forma incipiente com que apareceu em Colossenses, já era uma poderosa força no primeiro século. A voz unânime da tradição da igreja junta-se à maioria dos mestres modernos para afirmar a genuinidade da carta; pode-se confiar consideravelmente neste veredito.

**Temas e Desenvolvimento das Idéias.** A estrutura da epístola segue o padrão familiar de Paulo, na qual uma seção doutrinária (o que crer) é seguida de uma exortação (como agir). Opondo-se à falsa doutrina, Paulo enfatiza a natureza exaltada do senhorio de Jesus Cristo e sua significação para aqueles que Lhe foram unidos. Como Senhor da

criação, Jesus incorpora a plenitude da divindade; como cabeça da Igreja e reconciliador do Seu povo, Ele é o eficiente mediador que, na Sua pessoa, relaciona redentivamente o homem a Deus (Cl. 1:15-22; 2:9). Para estabelecer a suficiência exclusiva de Jesus como Senhor e Redentor (em oposição à substituição dos gnósticos de disciplinas redentoras e um pleroma, ou plenitude, de poderes mediadores), Paulo destaca ambos os aspectos do caráter de Cristo.

Importante nesse sentido é o conceito do "Como de Cristo", com o qual os colossenses sem dúvida estavam familiarizados (1:18, 24; 2:17; 3:15). Esse relacionamento único e misterioso, que exclui todos os outros, torna anátema qualquer crença ou prática que descentraliza Jesus como Redentor e Aperfeiçoador do Seu povo. O "Corpo de Cristo" é um motivo profundamente incrustado na subestrutura da teologia do Novo Testamento. Alguns têm buscado sua origem na filosofia de Paulo, mas provavelmente suas raízes jazem nos ensinamentos do próprio Senhor (cons. Mc. 14:58; Jo. 2:19-22; E. E. Elli, *Paul's Use of the Old Testament*, pág. 92). Membros de uma comunidade considerados como partes de um corpo era uma metáfora conhecida pelo mundo grego. Entre os estóicos, por exemplo. O uso que Paulo faz da figura, entretanto, vai além da simples metáfora e deve ser compreendida na estrutura do conceito hebreu antigo e realista da solidariedade comunitária (veja R.P. Shedd, *Man in Community*).

Em I Co. 12: 12-21 o "corpo" (de Cristo) foi descrito incluindo a "cabeça". Por isso um cristão pode ser descrito como sendo um olho, ou um ouvido, ou uma mão. Em Colossenses e Efésios, onde Cristo foi descrito como a "cabeça" do corpo, a imagem, a princípio, parece estar substancialmente alterada. Nesse caso, a imagem retórica multiforme é uma acomodação ao desejo do apóstolo de enfatizar nessas epístolas o relacionamento íntimo de Cristo com o Seu povo, e não simplesmente um desenvolvimento prolongado de seu conceito primitivo. No complexo das imagens que Paulo usa, cada uma deve ser entendida dentro de sua própria estrutura e "uma simples e global análise

conceitual será tão útil para a interpretação das cartas do apóstolo quanto um trator para a cultura de um jardim de paisagem em miniatura" (A. Farrar, *The Glass of Vision*, pág. 45).

É provável, entretanto, que a Cabeça divina não seja de modo nenhum uma imagem variante do "Corpo", mas antes uma imagem complementar. O conceito de Cristo como a cabeça (*kefale*) da Igreja é análoga a de I Co. 11:3: "Cristo é a cabeça de todo o varão". Mais especificamente: "Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo" (Ef. 5:23). A imagem retórica da "cabeça", no que se refere a Cristo e à Igreja, deve ser entendida em termos de analogia marido-esposa. Ela expressa a união de Cristo com a Igreja, pois o marido e a esposa são "uma só carne". Mas, o que é mais importante, apresenta a superioridade de Cristo, Sua autoridade sobre, e a redenção do Seu corpo, a Igreja (cons. Cl. 2:10). A definição de Igreja como extensão da Encarnação não reflete suficientemente este aspecto da figura de retórica paulina.

Nas cartas de Paulo, o relacionamento do cristão com a nova dispensação é considerado um acontecimento passado e uma esperança futura. No passado, os cristãos foram crucificados com Cristo, ressuscitados para uma nova vida, transportados para o Seu reino, glorificados, e feitos assentar com Ele nos céus (Ef. 2:5-7; Cl. 1:13; 2:11-13; Rm. 8:30). Paulo, entretanto, ao se aproximar o fim de sua vida, expressou seu anseio "para o conhecer e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos; conformando-me com ele na sua morte; para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos" (Fp. 3:10-14). O significado dessas duas diferentes perspectivas cronológicas, e sua conexão, é de importância central para nossa compreensão do mundo dos pensamentos de Paulo (cons. E.E. Ellis, *Paul's and His Recent Interpreters*, pág. 37-40). Voltando atrás, podemos sugerir que o conceito do "Corpo de Cristo" fornece uma pista para o significado deles. Quando Paulo fala de cristãos que morreram e ressuscitaram para a nova vida, ele fala de uma realidade comunitária experimentada por

Jesus Cristo individualmente no ano 30 D.C., mas transmitida ao cristão comunitariamente pelo Espírito Santo que habita nele. Tendo sido incorporado ao corpo de Cristo e estando destinado a ser conformado individualmente à imagem de Cristo, o cristão deve agora efetivar em sua vida individual a vida "em Cristo" na qual foi introduzido. Embora sabendo que o ego em sua mortalidade será "revestido de imortalidade" só por ocasião da parousia, a volta do Senhor (I Co. 15:51-54), o ego em suas expressões ética e psicológica começa a efetivar as realidades da nova geração na presente vida: "Se morrestes com Cristo . . . por que . . . vos sujeitais a ordenanças?" "Se fostes . ressuscitados juntamente com Cristo, buscar as cousas lá do alto". "Uma vez que vos despistes do velho homem . . . e vos revestistes do novo . . . Revesti-vos, pois, . . . de bondade . . ." (Cl. 2:20; 3:1, 9, 10, 12). O caráter e a mente de Cristo e, na ressurreição, na Sua vida imortal, devem ser compreendidos no Seu Corpo. Dentro desta estrutura a "exortação" de Paulo está intimamente relacionada com seus ensinamentos teológicos.

## ESBOÇO

I. Introdução. 1:1, 2.

II. A natureza do senhorio de Cristo. 1:3 - 2:7.

A. Ação de graças pela fé dos colossenses em Cristo. 1:3-8.

B. Oração por seu crescimento em Cristo. 1:9-14.

C. Cristo como Senhor. 1:15-19.

1. Senhor da criação. 1:15-17.

2. Senhor da nova criação. 1:18, 19.

D. Cristo como o reconciliador divino. 1:20-23.

1. Reconciliador de todas as coisas. 1:20.

2. Reconciliador dos cristãos colossenses. 1:21-23.

E. Paulo : ministro da reconciliação de Cristo. 1:24-29.

1. Participante dos sofrimentos de Cristo. 1:24.

2. Proclamador do mistério cristão. 1:25-27.

3. Instrutor dos santos. 1:28, 29.

- F. A preocupação de Paulo pelos cristãos do Vale de Licus. 2 :1-7.
- III. O Senhorio de Cristo e a falsa doutrina em Colossos. 2: 8 – 3:4.
  - A. A suficiência exclusiva de Cristo. 2:8-15.
    - 1. Cristo : Senhor de todo o poder e autoridade. 2:8-10.
    - 2. Cristo : Fonte da nova vida do cristão. 2:11-14.
    - 3. Cristo : Vencedor de todos os poderes cósmicos. 2:15.
  - B. As práticas dos colossenses negam o senhorio de Cristo. 2:16-19.
    - 1. Fixação nos rituais, um recuo para a velha dispensação. 2:16, 17.
    - 2. Subserviência aos poderes angélicos, um afastamento de Cristo. 2:18, 19.
  - C. A prática dos colossenses é uma contradição de sua vida comunitária em Cristo. 2:20 – 3:4.
    - 1. Morte com Cristo significa morte aos regulamentos da velha dispensação. 2:20-23.
    - 2. Ressurreição com Cristo exige um mundo e uma perspectiva de vida de acordo com a nova dispensação. 3 : 1-4.
- IV. O senhorio de Cristo na vida cristã. 3:5 – 4:6.
  - A. O imperativo cristão: Tornar verídico, individualmente, a realidade do estar "em Cristo". 3:5-17.
    - 1. O caráter da velha dispensação deve ser abandonado. 3:5-9.
    - 2. O caráter da nova dispensação deve ser assimilado. 3:10-17.
  - B. Preceitos especiais. 3:18 – 4:6.
    - 1. O lar cristão. 3:18 – 4:1.
    - 2. Oração. 4:2-4.
    - 3. Relacionamento com os não cristãos. 4:5, 6.
- V. Conclusão. 4:7-18.
  - A. Recomendações dos portadores da carta. 4:7-9.
  - B. Saudações dos cooperadores de Paulo. 4:10-14.
  - C. As saudações e bênçãos do apóstolo. 4:15-18.

---

COMENTÁRIO**Colossenses 1****I. Introdução. 1:1, 2.**

1. Como em muitas outras cartas – II Coríntios, Filipenses, I e II Tessalonicenses, Filemom – Paulo associa-se a Timóteo em sua saudação aos colossenses, mas reserva-se o título de **apóstolo**.

Este termo transmite a idéia de missão, autorização e responsabilidade. E o seu significado no N.T. provavelmente se deriva da palavra hebraica *sheilah*, "enviar". (Veja J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Galatians*, pág. 92 e segs.; R.H. Rengsdorf, "Apostleship", *Bible Keywords II*, ed. J.R. Coates.) O substantivo *sheilah*, um equivalente virtual da palavra "apóstolo" no N.T., não é pouco comum nas obras rabínicas. Foi primeiramente um tenro jurídico, que significava representação autorizada.

Conforme o conceito moderno das procurações, o enviado é considerado equivalente ao próprio representado. Desrespeitar o embaixador do rei era desrespeitar o próprio rei (II Sm. 10; cons. I Sm. 25:5-10, 39-42).

Embora o termo, **apóstolo de Cristo Jesus**, tenha outros usos secundários (Fp. 2:25; II Co. 8:23), parece aplicar-se em primeiro lugar àqueles diretamente comissionados como apóstolos pelo Senhor ressuscitado (cons. I Co. 9:1; 15:8-10). Assim Paulo exercia a função de apóstolo **por vontade de Deus**.

2. Todos os cristãos são santos em virtude do seu relacionamento com Deus em Cristo; o uso da designação para uma pessoa particularmente devota aconteceu mais tarde. Paulo usa a antiga saudação hebraica, **paz**, mas altera o costumeiro *kaire* grego, "salve", para *karis*, **graça**, dando à frase um tom distintamente cristão.

## II. A Natureza do Senhorio de Cristo. 1:3 – 2:7.

### A. Ação de Graças pela Fé dos Colossenses em Cristo. 1:3-8.

Uma antiga carta grega começa assim: Apion para Epimacho seu Pai e Senhor, muitas saudações (*kairein*). Antes de mais nada rogo que estejas com saúde, e que prosperes e que passes bem continuamente. ... Agradeço ao Senhor Separis que, estando eu em perigo no mar, ele me salvou imediatamente . . . (Deiss, LAE, pág. 169). Na abertura de suas cartas (exceto Gálatas), quando Paulo dá graças, ele segue este costume literário, mas significativamente altera o seu conteúdo.

**3-6.** Paulo dá graças pela tríade de bênçãos existente entre os colossenses. Sua **fé** em Cristo (e na "esfera cristã"), que ficou no passado, e seu **amor** para com os homens, manifesto no presente, tinham por fundamento a **esperança** que seria efetivada no futuro. Por **esperança**, o próprio Cristo pode ser o indicado (cons. 1:27). Os três vão juntos: Se temos fé apenas nesta vida, somos dignos de dó (I Co. 15:19), mas se a nossa esperança reside **nos céus**, onde a nova dispensação está atuando na pessoa de Cristo, ela será manifesta em amor e frutificará no presente mundo (cons. Cl. 1:13; 3: 14; Ef. 6: 12; Mc. 4:20).

**7.** Só aqui Paulo chama uru cooperador de **conservo** (gr. *sundoulos*) de Cristo; este também pode ser o significado de prisioneiro com#o em 4:10. **Epafras. . . fiel ministro** ou diácono (*diakonos*) dos colossenses poderia ter sido o organizador da igreja do Vale de Licus. Sem dúvida o apóstolo ficara sabendo por meio dele dos erros que ameaçaram os cristãos de lá, como também do amor que tinham por Paulo **no Espírito**. Esta última expressão provavelmente refere-se ao Espírito da nova dispensação, embora, possa ser traduzida também *amor espiritual* e *amor no Espírito* (cons. Rm. 8:9; Ef. 1:3).

### B. Oração pelo Seu Crescimento em Cristo. 1:9-14.

As orações de Paulo, além de revelarem a fé do apóstolo, oferecem também valiosas lições de tudo o que se refere ao significado da oração

cristã. Quando comparadas com o "Pai Nosso", elas oferecem um índice quanto ao modo como a instrução de Cristo, "vós orareis assim" (Mt. 6:9), foi aplicada na igreja primitiva. Depois da ação de graças introdutória, Paulo começa uma oração que se funde em outra ação de graças, conforme a oração toma a forma de uma peã de louvor ao Cristo exaltado.

**9,10. Orar.** Veja 4:2. C. Masson (*L'Épître de Saint Paul aux Colossiens*) sugere que pleno conhecimento (*epignosis*) deveria ser compreendido como "amadurecido quanto ao conhecimento". Aqui há provavelmente um contraste sutil com o conhecimento (*gnosis*) dos advogados gnósticos: Paulo não enfatiza nem um intelectualismo abstrato nem uma experiência oculta dos "poderes", mas um conhecimento completo (*epignosis*) da vontade de Deus de acordo com a sabedoria (*sofia*; cons. I Co. 1:24-30) e percepção. Embora, usando estes termos, o apóstolo possa ter-se influenciado pelo vocabulário dos seus oponentes, ele volta o significado das palavras contra os falsos mestres. Ele ora para que os colossenses possam passar pela terapia psiquiátrica de Deus, a qual transformaria seu mundo e visão da vida (cons. Rm. 12:1,2). Uma transformação mental é o requisito prévio e a base de uma renovação ética; em troca, conforme fossem frutificando em toda boa obra, seu conhecimento de Deus seria depois aumentado.

**11.** Para intensificar um conceito, o apóstolo reitera: **Fortalecidos ... poder... força.** O que opera no cristão não é nada menos que o poder do próprio Deus Todo-Poderoso, não para exaltar no presente, mas para dar perseverança, fortaleza e resistência. Os filósofos estoicos também estimavam essas virtudes, mas, como o tradicional índio "cara-de-pau", eles aceitavam com uma atitude de completa indiferença. Paulo quer dizer esperança e sofrimento com alegria. Este é o distintivo do cristão! O gozo que não estiver enraizado no solo do sofrimento é superficial (C. F. D. Monte, *The Epistle of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon*).



**12-14.** O poder de Deus nos fez idôneos, isto é, *qualificados para participar*, isto é, deu-nos o poder (M.M.) e tornou-nos dignos.

**Luz e trevas** são termos teológicos comuns usados em muitas religiões, e encontrados recentemente nos Manuscritos do Mar Morto. Aqui parece que Paulo está pondo em contraste o reino ou a esfera da nova dispensação – **luz**, com o do presente século, a esfera do mal ou a autoridade (*exousia*) das trevas. Em outro lugar esta esfera do mal foi igualada com o poder de Satanás (cons. 2:15; Lc. 22:53; Atos 26:18; Ef. 2:2).

Estes versículos, que situam uma libertação passada e a transferem para o **reino** de Cristo e apresentam a redenção que os cristãos têm como possessão presente, são os sinetes da "escatologia compreendida", isto é, que a nova dispensação chegou com a ressurreição de Cristo e que os cristãos entram nela no momento da conversão.

A relação entre o reino realizado e o reino futuro tem sido muito debatida e diversamente compreendida. São eles conceitos mutuamente exclusivos representando estágios de desenvolvimento doutrinário nas mentes dos escritores do N.T.? Uma vez que todo o stratum da literatura do N.T. contém ambos os conceitos, esta solução parece ser forçada. Seria o presente aspecto do reino uma compreensão parcial da consumação futura? Parece que Paulo considera os cristãos inteiramente dentro da esfera da nova dispensação no seu estado cooperativo em Cristo, o qual é transferido para os indivíduos pelo Espírito Santo; a esfera do ser da nova dispensação, entretanto, será inteiramente efetivada no indivíduo somente por ocasião da parousia, isto é, a volta de Cristo. (Veja Introdução.)

Mais tarde, o Gnosticismo fez uma distinção entre o perdão, como estágio inicial, e a redenção, como a fuga da alma para os reinos da imortalidade. Aqui Paulo fala de **redenção** que efetua o perdão dos pecados. (Veja Leon Morris, *The Apostolic Teaching of the Cross*, pág. 43.)

**C. Cristo como Senhor. 1:15-19.**

O aspecto surpreendente das atribuições nesta passagem é a sua aplicação a um jovem judeu que foi executado como criminoso apenas trinta anos antes. Jesus Cristo foi descrito em frases que fazem lembrar a divina Sabedoria no V.T. (cons. Pv. 8:22-30; Sl. 33:6), na literatura inter-Testamentária, e em passagens semelhantes do N.T. (cons. Jo. 1:1; I Co. 1:30; Hb. 1:1 e segs.). Aqui Jesus não só é o mediador da criação mas também é o alvo de toda a ordem criada. A majestade desse contraste completo foi percebido por alguém que escreveu:

Quem é Ele, naquela árvore, Morrendo em tristeza e agonia?

É o Senhor! Oh maravilhosa história!

É o Senhor, o Rei da glória!

Aos Seus pés humildemente caímos;

Coroai-O! Coroai o Senhor de todos!

**15-17. Imagem do Deus** reflete a tipologia Adão-Cristo (cons. Gn. 1:27; Sl. 8; Hb. 2:5-18), na qual Cristo é considerado o primeiro homem verdadeiro que cumpre o desígnio de Deus na criação. Assim, ser a imagem de Cristo é o alvo de todos os cristãos (cons. Rm. 8:28; I Co. 11:7; 15:49; II Co. 3:18; 4:4; Cl. 3:10). O Filho divino, entretanto, é o arquétipo, a efluência da glória de Deus e não, como os outros homens, Seu reflexo (Hb. 1:3). Foi porque o homem é a "imagem do seu criador que foi possível para o Filho de Deus encarnar-se como homem e na Sua humanidade exibir a glória do Deus invisível" (Bruce em *The Epistles to the Ephesians and the Colossians* por E.K. Simpson e F.F. Bruce).

Primogênito (*prototokos*) foi interpretado pelos arianos como significando "o primeiro de uma raça", isto é, Cristo era a primeira criatura. A palavra pode ter este significado (cons. Rm. 8:29); mas tal tradução não é consistente com o tema de Paulo, que aqui destaca a prioridade messiânica e primazia de Cristo (cons. Sl. 89:27): Cristo é o "chefe" porque nele – a esfera do Seu domínio ou talvez através de Sua instrumentalidade – a ordem criada veio à vida (cons. Jo. 1:3; Hb. 1:2), e **por meio dele** ela existe. Sejam quais forem os poderes que existem,

nada têm a oferecer ou negar ao cristão; em Cristo ele tem todas as coisas (cons. Rm. 8:38; Ef. 1:10).

**18.** Os termos **cabeça**, **princípio**, **primogênito**, expressam a preeminência de Cristo na nova criação, a qual nasceu na Sua ressurreição (I Co. 15:22; Ap. 1:5; 3:14). Embora a **cabeça** na qualidade de *locus* de controle do corpo não fosse conceito desconhecido aos escritores médicos do primeiro século, o significado que o V.T. dá a "chefe" ou "origem" é o sentido da palavra aqui. Como **corpo** de Cristo (não o "corpo dos cristãos") a igreja não é meramente uma "sociedade" mas está definida em termos de sua comunhão orgânica com Cristo (veja Introdução).

**19.** Assim como o presente cosmos foi criado em e através de Cristo, assim também é a nova criação. Ambos incluem, na mente de Paulo, muito mais que a humanidade (cons. Rm. 8:22, 23). Mas a **plenitude** (*pleroma*) de tudo habita em Cristo. Já se sugeriu que *pleroma* aqui significa, como no antigo glossário gnóstico, a totalidade dos poderes cósmicos que servem de medianeiros para a redenção dos homens; todos esses, diz Paulo, em oposição ao ensino gnóstico, pertencem e residem em Cristo. Diante do uso da palavra grega na LXX e em outras cartas de Paulo, entretanto, este significado técnico é pouco provável. A interpretação mais própria é a indicada em Cl. 2:9, onde *pleroma* só pode significar a plenitude dos poderes e atributos de Deus. Neste livro Cristo é considerado o receptáculo e representante de tudo o que Deus é. Além disso, plenitude, como "imagem" (cons. 1:15), em outra passagem é predicado dos cristãos à vista de seu final estado glorificado em Cristo (Ef. 3:19; 4:12, 13; cons. Jo. 17:22, 23).

#### **D. Cristo como o Reconciliador de Deus. 1:20-23.**

**20.** Em Ef. 2:14-18 Paulo vê a paz efetivada pelo sacrifício do **sangue** de Cristo, encampando e unificando judeus e gregos. Aqui está se considerando em primeiro lugar a humanidade e **todas as coisas** no cosmos (cons. Is. 11:6-9; Rm. 8:19-23). O fato de que Deus por meio de

Cristo reconciliou o universo foi equiparado por Orígenes (falando sobre Jo. 1:35) com a redenção universal. Não temos certeza (cons. Arndt) se o significado aqui é "reconciliou com Deus" ou (mais provavelmente) "reconciliou com Cristo", isto é, criou uma unidade que tem o seu alvo em Cristo. Mas o ensino de Orígenes não faz muita justiça ao ensino paulino (e do N.T. em geral) no que se refere ao juízo de Deus. Os colossenses foram reconciliados através da redenção, mas Cl. 2:15 sugere que outros seres maus e poderes são "reconciliados" por meio da derrota e destruição (cons. I Co. 15:24-28). Para alguns a cruz é "um salvador da morte para morte" (II Co. 2:16).

**22,23. No corpo da sua carne e apresentar-vos** tem conotações sacrificiais (cons. Rm. 12:1,2) e acentua a identidade do crente com Cristo na sua morte.

**Se . . . permaneceis.** Eis aí a prova. Paulo se dirige aos seus interlocutores chamando-os de cristãos mas sempre reconhece os fatores "existenciais" que impede qualquer complacência até mesmo para si (cons. I Co. 9:27; II Co. 13:5). Para o apóstolo, a certeza sempre tem de estar no tempo presente. E, embora a eleição de Deus não seja vacilante, pode-se afirmar só em termos de profissão (cons. Rm. 10:9), conduta (cons. I Co. 6:9) e o testemunho do Espírito (cons. Rm. 8:9).

**A toda criatura** (*ktisis*) pode ser uma referência, como o contexto admitiria, ao escopo cósmico da proclamação (cons. II Pe. 3:9). Se Paulo está aqui falando de cidadania romana, pode-se-lhe permitir uma hipérbole inevitável em um evangelista "nato".

### **E. Paulo: Ministro da Reconciliação de Cristo. 1:24-29.**

**24.** Antes Paulo orou que os colossenses pudessem sofrer com alegria (1:11); agora ele afirma que essa é a sua própria experiência. O notável conceito de que os padecimentos (*pathema*), sofridos em benefício dos colossenses, completam o que falta nas **aflições de Cristo** (*thlipsis*), não se limita a esta passagem (cons. II Co. 1:5-7; 4:12; 13:4; Fp. 3:10; I Pe. 4:13; 5:9; Ap. 1:9). Esta idéia deve ser compreendida do

ponto de vista do conceito hebreu da personalidade comunitária ilustrada na pitoresca declaração de Jesus em relação a Sua **igreja**, "Por que me persegues?" (Atos 9:4). E alguns interpretam Cl. 1:24 como significando que no propósito de Deus o Cristo comunitário, a comunidade messiânica, está destinado a sofrer uma quota das "dores de parto" na introdução da dispensação messiânica. Provavelmente mais central é a idéia de que a união com Cristo envolve *ipso facto* união com os sofrimentos de Cristo: "Se com ele sofrermos, para que também com ele sejamos glorificados" (Rm. 8:17). A realidade da comunidade "em Cristo" (Gl. 2:20) tem de ser efetivada nos cristãos individualmente; assina Paulo pode falar até mesmo de sua morte como um sacrifício (Fp. 2:17; II Tm. 4:6).

Deve-se notar, entretanto, que neste contexto, como também em outras passagens, que a exclusiva suficiência redentora está em Cristo e na sua expiação. Os cristãos participam dos sofrimentos de Cristo porque foram redimidos, não como complemento de sua redenção. (Assim, na imitação de Cristo, distintivo dos anabatistas, "a coroa de espinhos está em cima da coroa de glória". Veja Robert Friedmann, "Concepção dos Anabatistas", *Church History*, IX (1940), pág. 358; cons. Walther von Loewenich, *Luthers Theologia Crucis*; Dietrich Bonhoeffer, *The Christ of Discipleship*; Elisabeth Elliot, *Through Gates of Splendor*).

**25-27.** A revelação ou tarefa dada a Paulo no plano redentor de Deus era, especificamente, tornar a salvação conhecida dos **gentios**. No mundo do primeiro século, **mistério** (*mysterion*) significa 1) uma coisa misteriosa, 2) um rito de iniciação a uma religião, 3) um segredo apenas conhecido através de revelação divina (Dn. 2:28-30, 47). O amplo uso que Paulo faz da palavra encaixa-se na última categoria (cons. I Co. 15:51; Ef. 5:32; II Ts. 2:7). Mas em relação ao plano redentor de Deus, o mistério é a união comunitária com Cristo, **Cristo em vós**, pela qual Deus concede justiça e salvação. Em Efésios (3:6) o ponto central está na inclusão dos gentios no Corpo, e esse aspecto do mistério não está ausente aqui.

**28,29.** O "doutor das almas" tinha um ministério que exercia **advertindo** e **ensinando**, não-egocentralizado, mas centralizado no paciente. O alvo de Paulo era apresentar **todo homem perfeito** (*teleios*) ou amadurecido em Cristo, sempre combatendo mas também reconhecendo que o poder é dAquele **que opera eficientemente em mim** (Fp. 2:12,13).

## Colossenses 2

### F. A Preocupação de Paulo pelos Cristãos do Vale de Licus. 2:1-7.

Como *teleios* acima, diversas palavras aqui – **mistério**, **sabedoria**, **conhecimento**, **cabeça** (v. 10), preciosas aos gnósticos, foram transformados em eficientes instrumentos da verdade cristã. Esta seção de transição vai de uma apresentação do Senhorio de Cristo até um ataque contra as insidiosas doutrinas que estavam pondo em perigo esse Senhorio na igreja de Colossos.

**1-3. A luta.** A figura sugerida pelo grego foi extraída de uma competição atlética. A palavra, primariamente, descreve, como o versículo acima, a guerra espiritual do apóstolo em oração contra os principados e potestades (cons. Ef. 6:12). Paulo não ordena que desça fogo do céu como juízo (Lc. 9:54), mas, positivamente, orou para que os *colossenses* e *laodicensenses*, que ao que parece estavam ameaçados pela mesma heresia, fossem **confortados** (v. 2), isto é, fortalecidos, pela exortação, pela renovação ética (**amor**) e percepção espiritual (**compreenderem**). A ortodoxia sem o amor é estéril, e o amor sem a verdade "vira papa"; mas juntos resultam em percepção espiritual, conhecimento do **mistério de Deus**. Se há algum segredo, diz Paulo, Cristo é esse segredo – Cristo, a encarnação da **sabedoria** de Deus (Moule, *op. cit.*), Cristo como o exclusivo mediador do dom de Deus aos homens (cons. Pv. 2:3-9).

**4-7.** Como membro do corpo de Cristo, presente com eles em espírito, Paulo esclarece agora o propósito dos comentários precedentes. Ele teme que **raciocínios falazes**, isto é, raciocínio persuasivo

(*pithanologia*), viessem alterar a **ordem** e a **firmeza** deles. Essas palavras emparelhadas são termos militares traduzindo o pensamento de um inimigo abrindo uma brecha em uma antes sólida formação de tropas. O apelo dos enganadores para a filosofia e sabedoria (cons. 2:8,23), é uma via de acesso não de todo desconhecida atualmente. Paulo não respondia aos falsos raciocínios com obscurantismo, nem com uma ordem a que os crentes fechassem seus ouvidos, mas com um pedido razoável a que retomassem a sua positiva tradição cristocêntrica pela qual receberam o Evangelho (cons. 2:8). Desse ponto de partida a vacuidade do raciocínio gnóstico tornar-se-lhes-ia aparente.

### III. O Senhorio de Cristo e a Falsa Doutrina em Colossos. 2:8 – 3:4.

#### A. A Suficiência Exclusiva de Cristo. 2:8-15.

O apóstolo começa seu argumento com uma reafirmação da raridade de Cristo e do relacionamento do crente com Ele. Como cabeça e dominador de toda autoridade e como a própria esfera da existência da nova dispensação do cristão, o lugar de Cristo na vida cristã é todo-inclusiva, e exclusiva de todos os outros.

8. A heresia colossense era uma "filosofia" **conforme a tradição** (*paradosis*) **dos homens e rudimentos** do cosmos (cons. 2:20). Paulo não condena a tradição em si mesma mas antes estabelece um contraste com esta heresia e a tradição **segundo Cristo**, que os colossenses receberam (2:7). Há então uma tradição própria – à qual o apóstolo expressa gratidão em outras passagens (por exemplo, Rm. 6:17; I Co. 11:2, 23; 15:3; Fp. 4:9) – a essência da qual jaz em sua apostolicidade (veja Cl. 1:1). Tradição apostólica tem o status da revelação, pois nela o próprio Cristo exaltado fala através de seus representantes autorizados (cons. Oscar Cullmann, "Tradition", *The Early Church*, pág. 59-99).

**9,10.** A palavra grega para **divindade** ou *deidade* é o nome abstrato de Deus (Arndt) e inclui, além dos atributos divinos, também a natureza divina (Beng). Opondo-se à idéia docética de que a matéria é má, está a

afirmação bíblica de que a própria divindade manifestou-se **corporalmente** (*somatikos*) ou em realidade material (Lightfoot; cons. Jo. 1:14). Outros (Moule, por exemplo) interpretam *somatikos* com o significado de: 1) um organismo de Cristo em contraste com o *pleroma* múltiplo de poderes cósmicos; ou, menos provavelmente, 2) o Corpo de Cristo, isto é, a Igreja. A plenitude (*pleroma*; cons. nota sobre 1:19) que é inerente a Cristo, impregna aqueles que estão em união com Ele para aperfeiçoá-los (*pepleromenoi*) ou dar-lhes a plenitude (cons. Ef. 1:23). União com Cristo somente é suficiente, pois Ele é o cabeça de todas as outras autoridades; elas nada podem acrescentar à santidade ou à redenção.

**11,12.** No N.T. não por intermédio de mãos é um termo quase técnico usado em relação às realidades da nova dispensação comunitária em contraste às instituições e rituais da antiga aliança. Refere-se com muita freqüência à Igreja na qualidade do verdadeiro templo de Deus dado à luz na morte e ressurreição de Cristo (Mc. 14:58; Jo. 2:19, 22; Atos 7:48; II Co. 5:1; Hb. 9:11, 24). Aqui identifica a morte e ressurreição de Cristo como sendo a verdadeira circuncisão (cons. Fp. 3:3), na qual os cristãos, na qualidade de Corpo de Cristo, participaram. Ambos os conceitos são, para Paulo, expressões da realidade comunitária implícita na fé dos cristãos – união com a morte e ressurreição do Salvador (veja Introdução).

**No despojamento do corpo da carne.** Veja comentário sobre 2:15.

**Batismo** pode se referir primeiramente ao batismo da morte de Cristo (cons. Mc. 10:38; Lc. 12:50), embora o batismo cristão não deve ser excluído (cons. Rm. 6:4). Não há uma analogia direta entre o batismo cristão e o rito da circuncisão da "velha dispensação". Circuncisão aqui é a morte de Cristo, pela qual Ele operou o rompimento da velha dispensação, purificando do pecado e reconciliando com Deus (cons. Dt. 30:6; Jr. 4:4; 9:25, 26). É com isso que o batismo cristão tem de ser relacionado.



**13.** Para os gentios a morte de Cristo como figura da circuncisão tinha significado especial: sua antiga alienação do povo de Deus estava simbolizada pela **incircuncisão** literal (cons. Ef. 2:11). Entretanto, o uso aqui de carne, isto é, o homem sob o pecado, para indicar uma incircuncisão moral é possível. A ressurreição, vista como ação comunitária **juntamente com ele**, encontra a sua realização através do gracioso perdão de Deus (cons. Ef. 2:1-10).

**14. O escrito** é um certificado de débito (Deiss, BS, pág. 247) e presumivelmente se refere à lei escrita de Moisés. Para os gentios ela também pode incluir a lei com a qual suas consciências concordavam (cons. Rm. 2:14, 15; Êx. 24:3; Ef. 2:15). Esta obrigação que, não estando quitada, permanecia **contra nós** foi paga **na cruz**.

**15. Despojando**, ou melhor, *despindo* (*apekdyomai*) é uma palavra composta, não essencialmente diferente de outra expressão paulina, *ekdyo*. Esta última, usada na LXX (e no grego clássico) em se tratando de "desnudar" inimigos de guerra, fornece a pista para o significado aqui.

No tempo do V.T. os prisioneiros eram despidos de quase toda a roupa. Esse ato veio a simbolizar a derrota, e para os profetas significa o juízo de Deus (cons. Ez. 16:39; 23:26). No N.T. esta idéia entra no reino das "últimas coisas" quando os justos serão vestidos, em contraste com os injustos, que ficarão despidos e nus sob o juízo de Deus (cons. Mt. 22:11; Ap. 3:17, 18; 16:15; II Co. 5:3, 4). O presente versículo, descrevendo Cristo como "despindo" **principados e as potestades** através de Sua morte e ressurreição, provavelmente se refere, de um lado, aos poderes angélicos (através dos quais a *cédula* das *ordenanças* foi dada, Gl. 3:19) que controlam os governadores humanos e, de outro lado, a males personificados, tais como a morte. Cristo morreu, "para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão" (Hb. 2:14, 15). Para o indivíduo, a morte ainda tem de ser destruída (I Co. 15:25, 26); "em Cristo" sua destruição aconteceu quando, na Sua triunfante ascensão, o Salvador levou-a cativa

com todos os outros poderes (Ef. 4:8). Semelhantemente, despindo ou **despojando** (*apekdyomai*) **o corpo da carne** (Cl. 2:11), pode se referir ao julgamento comunitário sobre a cruz do **corpo da carne** adâmico, isto é, o homem todo sob o pecado, sob o juízo, sob a morte. Neste caso, esta frase contrasta como "corpo de Cristo" (cons. I Co. 15:22; Robinson, *The Body*, pág. 31). O perdão gracioso de Deus (Cl. 2:13) tem de ser compreendido à luz do significado da cruz: nela o débito do homem está cancelado e os poderes que mantêm o homem cativo são eles mesmos **publicamente** derrotados e feitos prisioneiros. Tomando consciência disso, torna-se aparente o absurdo que há em se voltar, buscando um complemento para a redenção, do Cristo triunfante para os poderes subjugados.

#### **B. As Práticas Colossenses Negavam o Senhorio de Cristo. 2:16-19.**

**16,17. Pois.** Paulo bate com força na mesa e tira as conclusões a partir de seu argumento. As práticas censuráveis, que evidentemente foram impostas pelos falsos mestres, além de se invalidarem diante da liberdade cristã (cons. Rm. 14; Gl. 5), também, como acontecia entre os gálatas (3:1-12; 4:9, 10) ameaçava afastá-los de Cristo, levando-os de volta às **trevas** da antiga dispensação (cons. Hb. 10:1-10). Paulo aponta que os simbolismos ilusórios e as proibições se desvaneceram diante de Cristo, à luz da realidade. Impor tais leis (hoje nós a chamamos por nomes diferentes) a outros como testes de sua maturidade espiritual é o mais evidente sinal de imaturidade cristã e erro. **Corpo** é geralmente interpretado como "realidade" ou "substância", em contraste com o "tipo" do V.T. (Lightfoot), mas **corpo de Cristo** não pode se limitar a isso. "Substância", "Igreja" e "último sacrifício perfeito", todas podem ser idéias que se amontoaram na mente do escritor. . . " (Moule).

**18,19.** A descrição reflete uma competição atlética na qual o competidor é desqualificado ou impedido de receber o prêmio (cons. I Co. 9: 24; Gl. 5:7; Fp. 3:14; II Tm. 4:7). Os falsos mestres ou 1) impediam os colossenses em sua carreira cristã, ou 2) os intimidavam,

declarando-os desqualificados se não seguissem a orientação prescrita. **Humildade**, a qual em Cl. 3:12 é uma virtude, foi aqui condenada por causa do objeto para o qual essa atitude submissa e atividade foi dirigida. Adoração **dos anjos** (*ton aggelon*). Seja qual for a função mediadora que os anjos tiveram na velha dispensação (cons. Gl. 3:19), agora está obstada pela habitação de Cristo. Para Paulo, os anjos ainda podiam ter alguma função ministerial (I Co. 11:10; cons. Mt. 18:10; Hb. 1:14; II Pe. 2:11; Judas 8, 9), mas a doutrina herética parecia ter ido além da reverência do V.T. e dos judeus para com os anjos – mais além até do que as extravagantes especulações rabínicas – dedicando-se a um culto que, tal como a devoção hodierna dos católicos romanos à Virgem Maria, deslocavam a centralidade de Cristo. Ernst Percy (*Die hobleme der Kolosser und Epheserbdefe*, pág. 168, 169), destacando a identidade virtual do **culto dos anjos** com **humildade** (cons. Cl. 2:23), vê Paulo a dizer: "Suas práticas legalistas chegam até à adoração de anjos". Mas algo mais do que isto estava envolvido (cons. Bruce).

A base do erro é a mente egoísta ou carnal (veja coment. sobre 2:15) que passa o tempo elucidando visões que teve. (Uma cláusula difícil. Veja Bruce, Moule.) Tal mente deixa de se apegar a Cristo, a **Cabeça**, da qual o corpo, isto é, a Igreja, se nutre para crescimento verdadeiro e piedoso. Em contraste com o uso anterior, **cabeça** aqui reflete não tanto *autoridade* quanto *origem* ou *fonte* da saúde e vida da **Igreja**.

### C. As Práticas Colossenses Contradizem Sua Vida Comunitária em Cristo. 2:20-3:4.

**20-22.** Os **rudimentos** (*stoicheia*) ou *espíritos elementares* são identificados 1) com poderes demoníacos aos quais foi delegada autoridade no cosmos e, portanto, sobre os homens (cons. 2:15), ou 2) com poderes angélicos que geralmente eram os intermediários da lei e exerciam na velha dispensação uma certa soberania sobre os homens. (O leitor deve consultar a cuidadosa dissertação de E.D. Burton, em

*Galatians*, pág. 510-518 Ed.) Alguns poucos comentadores (Moule, por exemplo) traduzem a frase para *ensinamento elementar*, isto é, um ritualismo judeu ou pagão que se coloca contra a liberdade do espírito. No Calvário o cristão morreu **com Cristo** para a velha dispensação, e portanto ele não deve viver como se o **mundo** (*kosmos*) ou suas **ordenanças** ainda tivessem algum direito sobre ele (cons. Rm. 6). Submeter-se às coisas que se **destroem** é admitir que pertence à velha dispensação perecente, à mortal raça adâmico (cons. I Co. 15:45-50); e é uma negação da vida da nova dispensação à qual, no corpo ressuscitado de Cristo, o cristão foi incorporado.

**23.** Aperfeiçoamento do caráter cristão através de regras é a doutrina dos homens (cons. Cl. 2:8). Embora a observância de tabus dê ao homem a reputação de **sabedoria** espiritual e **humildade** sacrificial, tais tabus na prática "honram, não a Deus, mas ao orgulho do próprio homem" (tradução de Phillips). Phillips, provavelmente com razão, entende que **sensualidade** é "o velho homem", o homem em sua rebeldia do pecado, e não simplesmente um termo sensual (cons. 2:18). Em contraste, **disciplina do corpo** (E.R.C.) deve ser literalmente entendida como prática ascética.

### Colossenses 3

**3:1-3.** O cristão não só morreu mas também ressuscitou **com Cristo**. Em sua experiência real ele reside "nos lugares celestiais" (Ef. 2:6). A velha dispensação ainda se manifesta no cristão individual – ele peca, fica doente, morre; a nova dispensação permanece **oculta**, apenas realizada no corpo do Salvador. Não obstante, no ano 30 D.C. sua existência na velha dispensação morreu, crucificada com Cristo (cons. II Co. 5:14; Gl. 2:20). Isto exige que o cristão busque (na inclinação de sua vontade) e dirija sua afeição (*froneite*, na inclinação de sua mente) para a realidade da nova dispensação **lá do alto** (cons. Rm. 12:1,2). "Lá do alto" e "aqui" (ou **da terra**) nas cartas de Paulo e João nem sempre indicam contrastes espaciais, embora esse tipo de expressão

naturalmente esteja envolvendo uma referência a Cristo e aos céus. Os termos expressam um contraste crucial no relacionamento temporal – a velha dispensação e a nova.

No ano 30 A.D. a nova dispensação surgiu inesperadamente na história da ressurreição de Cristo. Mas Cristo, em quem a nova dispensação atualmente inere, está em cima, enquanto o mundo continua nas profundezas da velha dispensação. Os cristãos atualmente existem "lá no alto", isto é, na nova dispensação, apenas "em Cristo" e através da habitação do Espírito Santo neles. Mas sua existência comunitária em Cristo não é menos real que a sua existência individual. A cidadania de um cristão está na "Jerusalém que é de cima" (Gl. 4:26), e isto exige uma transformação contínua da sua mente e vontade em relação a esta realidade. Conformar-se ao ritual, ao cerimonial, aos "poderes" medianeiros da velha dispensação é negar a vida comunitária ressurreta com Cristo.

4. No sentido de que **Cristo ... é a nossa vida**, um cristão "percebe" mesmo agora a consumação de sua união com Cristo. Mas na *parousia*, isto é, quando Cristo vier novamente, o cristão estará com ele não meramente no sentido comunitário, mas cheio de glória individualmente (cons. Rm. 8:18; II Co. 3:18). Este é o aspecto "futurista" do ensino escatológico de Paulo. **Manifestar** (*faneroo*), embora não seja tão comum quanto *parousia*, tem sido usado em diversas passagens para indicar o segundo advento de Cristo (II Ts. 2: 8; II Co. 5:10; I Tm. 6:14; II Tm. 4:1, 8; cons. I Pe. 5:4; I Jo. 2:28; 3:2).

#### IV. O Senhorio de Cristo na Vida do Cristão. 3:5 – 4:6.

No padrão paulino (cons. Rm. 12:1; Ef. 4:1), uma transição do modo indicativo doutrinário para o imperativo ético aparece agora. Não há, é claro, uma absoluta dicotomia na seqüência doutrina-ética. Se Paulo diz alguma coisa nesta forma literária, é por que a doutrina é a

base da ética: O que um homem crê determina substancialmente como ele age.

### **A. O Imperativo Cristão: Pôr em Prática Individualmente a Realidade do Viver "em Cristo". 3:5-17.**

**5. Membros ... sobre a terra** (E.R.C.) provavelmente não se refere aos órgãos literalmente corporais usados para a imoralidade (Moule; cons. I Co. 6: 15) mas às atitudes e ações corporais que expressam "o velho homem" (Bruce; cons. Rm. 7:23; 8:13). Incluído nisto (como também na *fornicação*) está o pecado da avareza: desejo aquisitivo ou egoísmo. Talvez, o moderno e materialista Cristianismo, precise muito de um voto de nada possuir e de uma oração para libertação das coisas e da ambição. (O pensamento é de A. W. Tozer.) Chamar a avareza de **idolatria** não é forte demais se percebermos que, quando nós desejamos fortemente *possuir* uma coisa, ela passa na realidade a possuir parte de nós.

**6. Ira.** (*orge*; cons. TWNT, V, especialmente pág. 419-448) está freqüentemente associada com **indignação** (*thymos*), quando ocasionalmente atribuídas a Deus (Rm. 2:8; cons. Ap. 16:19; 19:15). Para o homem, a ira não está proibida de maneira absoluta, como na doutrina dos estóicos da *apatheia* (veja Ef. 4:26; cons. I Co. 14:20; Jo. 2:13-17; Tg. 1:19, 20). Não obstante, Paulo não a descreve como característica do "velho homem" (Ef. 4:31; Cl. 3:8; cons. Rm. 12:19).

O conceito da ira de Deus não é resquício de uma primitiva ideologia do V.T. A ira de Deus é a base para o temor de Deus (Hb. 10:31; Tg. 4:12; Mt. 10:28); e não deve ser compreendida como uma emoção momentânea mas como uma disposição assentada, um princípio de retribuição (Rm. 1:18; 3:5; 9:22; cons. Jo. 3:36; Hb. 3:11), não diferente da de um governador terreno (Rm. 13 : 4, 5 ; cons. Hb. 11:27). Costuma ser associada ao dia do juízo (Rm. 2:5; I Ts. 1:10). Longe de negar o amor de Deus, Sua ira a confirma. Pois sem justiça, a

misericórdia perde seu significado. (Cons. R. V. G. Tasker, *The Biblical Doctrine of The Wrath of God*.)

**7,8.** Cons. 2:6. **Do vosso falar** pode se referir a todos os pecados relacionados. O pecado expresso em palavras é contagioso, e o controle da expressão do pecado é um grande passo para a libertação.

**9,10. Despistes** (*apekdysamenoi*), referindo-se ao momento da conversão, transmite a idéia de desvestir, como se fosse uma roupa, e de declarar uma sentença contra o velho homem, isto é, pela identificação com Cristo na Sua morte (veja 2:15). *Neon* (**novo**), ou, como está em outra passagem, *kainos* (por exemplo, Ef. 4:24) interpreta-se pelo que vem a seguir, **que se refaz**. Isto é, a existência comunitária "em Cristo" está se desenvolvendo no cristão individualmente (cons. II Co. 3:18; veja Introdução). Assim, a imagem de Deus, que o primeiro Adão deixou de perceber, está para se cumprir nos filhos do segundo Adão (cons. Gn. 1:26; Hb. 2:5 e segs.; Rm. 8:29; I Co. 15:45 e segs.). Isto significa que os crentes não vestem simplesmente os novos atributos, mas passam por uma transformação psicológica que, por ocasião da *parousia* de Cristo, isto é, Sua segunda vinda, serão vistos em seu caráter radical e compreensivo (Rm. 12:2; I Co. 15:53). Os cristãos, conforme expressa a Epístola de Diogneto escrita no segundo século, pertencem a uma "nova raça". **Conhecimento**. Veja 1:9.

**11. Cita.** O mais baixo tipo de escravo bárbaro. Em Cristo todas as distinções são transcendentais; aos pés da cruz o chão é plano. Não é, entretanto, o nivelamento da moderna ética socialista, que apenas pode produzir a "nova classe" de Djilas. Não é uma uniformidade de status no presente mundo, mas uma mudança de atitude pela qual o estigma de ser diferente desaparece por causa do amor. É "uma unidade na diversidade, uma unidade que *transcende* as diferenças e as tarefas dentro delas, mas nunca uma unidade que *ignora* ou nega as diferenças ou que necessariamente as procure aniquilar" (E. E. Ellis, "Segregation and the Kingdom of God", *Christianity Today*, I, 12. Março 18, 1957, pág. 8). Assim o apóstolo, que declarou que em Cristo "não há macho nem

fêmea" e "não há judeu nem grego", ao mesmo tempo instruiu as mulheres a ficarem em silêncio nas igrejas e observava ritos judeus que tinha proibido aos gentios (Gl. 3:28; I Co. II:3 e segs.; 14:34; Atos 16:3; 18:18; Rm. 14; Gl. 5:2,3). Veja 3:18 e segs.

**12-14.** À Igreja, ao verdadeiro Israel, pertencem os títulos dados ao Israel do VT: **eleitos, santos, amados** (cons. Rm. 2:29; 9:6; Gl. 3:29; 6:16; Fp. 3:3). As virtudes aqui relacionadas, que enfatizam o relacionamento dos cristãos numa situação cheia de desinteligência, refletem o caráter de Cristo, cujo exemplo é citado (cons. II Co. 8: 9; Mt. 6:12). A virtude que resume tudo, dá significado e cimenta o resto é o amor (Rm. 13:9,10).

**15,16. A paz de Cristo.** Aquela paz que Cristo concede àqueles em união com Ele (cons. Jo. 14:27; Rm. 5:1). O *domine* é no sentido de arbitrar diferenças que possam surgir no **corpo** (Bruce). Semelhantemente, **a palavra de Cristo** que habita no crente, isto é, seus ensinamentos, exerce uma influência transformadora na vida do crente.

Cristãos dos tempos passados têm dado o seu testemunho dizendo que "Cristo colocou uma canção em meu coração". E não é exagero dizer que cânticos têm ensinado mais teologia aos novos convertidos do que os livros de texto. Na igreja paulina os pronunciamentos orais às vezes aconteciam na forma de um hino (I Co. 14:15), e algumas passagens do N.T. refletem que tiveram origem em um hino (cons. Fp. 2: 5-11; Ef. 5:14; E. G. Selwyn, *The First Epistle of Peter*, pág. 273 e segs.). **Gratidão.** A graça de Deus (Lightfoot) ou a atitude grata do cristão (Moule).

**17.** Viver em nome do Senhor Jesus exclui a necessidade de regras; motivação interior substitui normas externas. Assim o Senhorio de Cristo se expressa no todo da vida. Seu Senhorio implica não apenas em um modo de conduta mas numa atitude para com a vida: refletindo conscientemente a vontade de Cristo, as atitudes da pessoa se transformam em um ato de ação de graças a Cristo. Regras externas, mesmo quando boas, não são adequadas para todas as situações: a



"regra" do Cristo que habita o crente é a única orientação suficiente (cons. I Co. 10:31; Gl. 5:18).

### **B. Preceitos Especiais. 3:18 — 4:6.**

A presente seção ilustra como os princípios da "vida em Cristo" podem ser expressas nos negócios quotidianos. Além de ver aqui como funciona um lar cristão, há quem veja também como era a primitiva sociedade cristã. A igreja primitiva incluía pessoas ricas além do número muito maior de pobres, senhores e também escravos (3:18 — 4: 1). Além de destacar a natureza do lar cristão, Paulo dá atenção particular a importância central da oração (4: 2-4) e ao relacionamento do cristão com o não-cristão (4:4-6).

A conduta do lar era um assunto muito discutido tanto pelos escritos judeus quanto pelos pagãos (por exemplo, o Eclesiástico apócrifo, 30:1-13; 42:5 e segs.). E parece que era um item regular nos ensinamentos paulinos (cons. Ef. 5:22-33; I Tm. 6:1-8; Tt. 2:1-10). Contrastando com os ensinamentos judeus e pagãos, Paulo enfatiza a mutualidade dos direitos e responsabilidades. Uma segunda característica cristã é a motivação recomendada ao leitor. Uma vez que a unidade em Cristo não nega a diversidade de função e status no mundo (veja Cl. 3:11), o cristão, tal como o pagão, deve se preocupar com os devidos costumes e ordem sociais. O cristão, entretanto, é motivado pelo seu relacionamento com Cristo e sua responsabilidade diante de Deus (por exemplo, 3:18, 20, 22-25).

**18,19.** A submissão das esposas deve ser retribuída pelo amor dos maridos. Conforme Ef. 5:28 torna explícito, o amor aqui não indica mera afeição mas uma preocupação expansiva por toda a pessoa da esposa.

**20,21. Em tudo.** A criança fica conhecendo a vontade de Deus através do conselho de seus pais. Em uma família cristã não é próprio sugerir conflito entre o dever para com os pais e o dever para com Deus (T.K. Abbott, *The Epistles to the Ephesians and to the Colossians.*)

**Fazê-lo é grato diante do Senhor** provavelmente se infere à obediência motivada pelo amor a Cristo; ela não limita a responsabilidade da criança para com os pais cristãos. Embora, em um caso extremo, um jovem possa precisar escolher entre a vontade de Cristo em oposição à dos pais que não são cristãos (cons. Lc. 14:26), essa atitude só deveria ser tomada depois de sóbria reflexão e aconselhamento cristão. "Não corrija em excesso os seus filhos" (Phillips). O propósito da disciplina é desenvolver o homem cristão, não produzir um indivíduo abjeto. O "não" aqui, como na ética cristã generalizada (cons. Cl. 3:21), deve-se subordinar a uma "disciplina e instrução do Senhor" positivas (Ef. 6:4).

**22,23. Servos** – hoje, empregados devem trabalhar não só quando o chefe está olhando, e devido a motivação que esse olhar fornece, mas devem trabalhar com **singeleza de coração**, isto é, com dedicação honesta. Todo o serviço, para o cristão, é primariamente prestado **ao Senhor**, que julga com toda imparcialidade e justiça.

**24.** O "escravo" fiel de Cristo recebe porção de filho – a **herança**. **Galardão** (E.R.C.) (**recompensa** (E.R.A.) *exata*, Lightfoot) não é, como os críticos usam o termo, algo a ser recebido lá no céu. Antes, é o sorvete reservado para a menininha que, aconchegando-se nos braços do papai, exclama, "Viu, papai, eu arrumei o meu quarto como você mandou". A verdadeira recompensa é a aprovação do pai; o sorvete é apenas um enfeite – mas um enfeite bem recebido. O hino-oração que pede que "possamos festejar no paraíso com eles" não é espiritual só para um platonista. Mas é preciso que haja motivação; a mente mercenária exclui a possibilidade da recompensa cristã (cons. Atos 8:18 e segs.).

**25. Receberá.** Isto é, na presente vida ou no dia do juízo. Deus aqui é tido como Aquele que garante a justiça (cons. Rm. 12:19; II Co. 5:10. Sobre o "justo merecimento" como medida adequada de punição criminal, compare C.S. Lewis, "The Humanitarian Theory of Punishment", *Res Judicate*, VI, 1953-54, pág. 224-230. Veja também comentário sobre Cl. 3:6). Não há acepção de pessoas refere-se tanto ao

escravo quanto ao senhor, e fornece uma transição para a próxima seção (cons. Ef. 6:9; Lv. 19:15).

## Colossenses 4

**4:1.** A admoestação traz à mente o ensinamento do Sermão do Monte: "Perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós temos perdoado aos nossos devedores"; "com a medida com que tiverdes medido vos medirão também" (Mt. 6:12; 7:2; veja Cl. 3:11).

**2-4.** A **oração** cristã (*proseuche*; cons. Trench) poderia ser caracterizada pelo espírito de gratidão (veja 1:11). **Vigiando** (*gregoreo*, "vigilante") acrescenta a idéia de percepção e prontidão (cons. Mc. 14:37, 38). A oração cristã deve ser marcada pela solicitude e sobriedade e não pelo estupor cerimonial nem pela verbosidade intoxicante (cons. I Pe. 5:8). Vigiar (*gregoreo*) tem sido freqüentemente usado com referência à atitude do cristão para com a volta de Cristo (por exemplo, Mc. 13:33 e segs.; I Ts. 5:6; Ap. 16:15). **A porta à palavra.** Uma oportunidade ou, mais provavelmente, uma capacidade de *falar* do mistério com clareza (cons. 1:26; Ef. 6:19, 20).

**5,6. Sabedoria** inclui não somente a apropriação e capacidade de comunicar o mistério (1:9) mas também a capacidade de comunicá-lo com sucesso. Só assim o propósito redentor deste tempo, que Deus designou de "tempo oportuno" (*kairos*; cons. O. Cullmann, *Christ and Time*, pág. 39 e segs., 225) será eficientemente aplicado. Uma maneira ofensiva ou insípida não pode realizar muito. Portanto, na vida e no **fazer** a testemunha cristã deveria ser apetitosa – não aos outros cristãos mas para com os não-cristãos.

## V. Conclusão. 4:7-18.

### A. Recomendação dos Portadores da Carta. 4:7-9.

Os portadores da carta, **Tíquico** e **Onésimo**, transmitiriam informações não contidas nela e sem dúvida a interpretariam aos

destinatários, respondendo quaisquer perguntas que surgissem. Onésimo, assunto da correspondência com Filemom, tem sido indicado como o colecionador das cartas paulinas (cons. John Knox, *Philemon Among the Letters of Paul*, pág. 98 e segs.). A recomendação que Paulo faz dele aqui serviu para facilitar a volta desse escravo fugido e para lembrar os leitores que agora ele era um irmão em Cristo.

### **B. Saudações dos Cooperadores de Paulo. 4:10-14.**

**Epafras.** Veja 1:7. Dos outros companheiros, **Marcos** e **Aristarco** são conhecidos de Atos (15:36-39; 19:29; 20:4; 27:2). O primeiro, depois de sua falta na primeira viagem missionária de Paulo (Atos 15:36-39), foi restaurado no favor do apóstolo. Apesar das dúvidas de F.C. Grant (*The Earliest Gospel*, pág. 52, 53), pode-se identificar Marcos, quase sem margem de erro, como o companheiro de Pedro (I Pe. 5:13) e autor do Segundo Evangelho. Lucas, então, tem um relacionamento pessoal como também literário com Marcos. Uma vez que Lucas não está incluído entre os da circuncisão, costuma-se deduzir que ele era gentio – o único escritor do N.T. assim identificado. Sua identidade de médico encontra confirmação no vocabulário de Lucas e Atos. **Demas.** II Tm. 4:10, 11.

### **C. As Saudações e Bênçãos do Apóstolo. 4: 15-18.**

**15.** A “**igreja ... casa**” era coisa comum nas congregações paulinas e em geral (Atos 12:12; 16:15, 40; Rm. 16:5, 23; I Co. 16:19; Fm. 2).

**16.** A "Carta de Paulo aos Laodicensens" tem sido assunto de muita especulação. No segundo século uma carta apócrifa foi composta para preencher a lacuna; recentemente a carta foi identificada como a de Efésios (por exemplo, Lightfoot; também Marcion, 140A.D.) ou Filemom (por exemplo, Goodspeed).

**17.** A observação pessoal feita a **Arquipo**, que talvez fosse filho de Filemom (Fm. 2), faz lembrar o desafio feito pelo apóstolo a Timóteo (II Tm. 1:6). **No Senhor** identifica o **ministério** de Arquipo como um "dom

espiritual" e não uma mera função de organização (cons. Rm. 12:6-8; I Co. 12:5; Ef. 4:12). A preocupação que Paulo enuncia está sempre presente na vida da igreja: o perigo não está na falta de dons espirituais mas por causa de dons espirituais que, devido a pecado pessoal, pressões da organização ou influências não espirituais são sufocados, deformados e incumpridos.

**18.** Depois de ditar a carta, Paulo confirmou sua autenticidade, como era costume seu (cons. I Co. 16:21; Gl. 6:11; II Ts. 3:17; Fm. 19), com uma saudação de próprio punho (cons. Deiss, LAE, pág. 171, 172). Referindo-se às suas **algemas**, Paulo lembra seus leitores de que "aquele que sofre por amor de Cristo tem o direito de falar em favor de Cristo" (Lightfoot). Com esta nota comovente o apóstolo termina sua carta.

# 1 TESSALONICENSES

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5

### INTRODUÇÃO

**Ocasão em que foi escrita.** A igreja em Tessalônica era fruto da segunda viagem missionária de Paulo (Atos 17:1-9). Milagrosamente libertado da cadeia de Filipos, Paulo e seus companheiros, Silas e Timóteo, seguiram lentamente para o sul e então para o oeste ao longo da grande estrada romana até Tessalônica, centro comercial e capital da Macedônia. Ali, apesar da oposição pertinaz, organizaram a segunda igreja européia. Importunado pelos judeus em Tessalônica e Beréia (Atos 17:10-15), Paulo fugiu para Atenas, onde a preocupação com o bem-estar espiritual dos crentes de Tessalônica, instigaram-no, com algum sacrifício pessoal, a enviar Timóteo para sustentar a igreja nas ondas de perseguição (I Ts. 3:1-3). Timóteo juntou-se novamente a Paulo em Corinto com a boa notícia de que a semente do Evangelho caíra em boa terra. Então Paulo escreveu I Tessalonicenses para elogiar seus fiéis irmãos pela sua inabalável dedicação a Cristo e de uns para com os outros e para encorajá-los a progredirem mais no amor e na santidade.

**Data e Lugar.** Graças à inclinação de Lucas pelos detalhes históricos, as datas destas cartas podem ser fixadas com razoável certeza. A referência que Lucas faz a Gálio, procônsul da Acaia, em relação à viagem de Paulo a Corinto (Atos 18:12), foi esclarecida pela descoberta em Delfos de uma inscrição que data do proconsulado de Gálio dentro do reino do imperador Cláudio. A inscrição parece indicar que Gálio tomou posse do seu posto no verão de 51 A.D. Uma vez que Lucas parece sugerir que Paulo ficou em Corinto cerca de dezoito meses antes de Gálio subir ao poder (Atos 18:11), o apóstolo provavelmente chegou

em Corinto no começo do ano 50 A.D. Não muito tempo depois disso, Silas e Timóteo voltaram da Macedônia com a notícia que Paulo menciona escrevendo I Tessalonicenses (Atos 18:5; I Ts. 3:1-6), provavelmente em meados do ano 50 A.D. Alguns meses mais tarde seguiu-se II Tessalonicenses, em resposta à notícia de que alguns problemas não tinham sido ainda resolvidos.

**Desenvolvimento das Idéias.** Os três primeiros capítulos são pessoais e reflexivos. Paulo se lembra da calorosa acolhida que os crentes macedônios deram ao Evangelho e os faz lembrar das difíceis circunstâncias nas quais ele lhes levou a palavra de Deus. Sua preocupação vital foi evidenciada pela prontidão em separar-se de Timóteo, seu companheiro necessário, a fim de fortalecer a igreja oprimida.

O relatório positivo de Timóteo aliviou o peso no coração do apóstolo e despertou uma série de exortações práticas. Côncio das tentações que espreitavam os crentes em meio a uma cultura pagã, o apóstolo os advertiu sobre a ameaça da impureza sexual e os perigos das discórdias e rixas. Os ensinamentos de Paulo sobre a volta de Cristo, enquanto estivera em Tessalônica, gerara dois problemas específicos: falta de trabalho sistemático à vista da imminente vinda de Cristo e medo que os crentes mortos fossem privados dos direitos da participação nas glórias desse grande evento. Com característica integridade Paulo enfrenta esses problemas, admoestando à diligência e fazendo uma dramática descrição dos papéis dos santos vivos e mortos na vinda de Cristo. O livro termina (cap. 5) com um desafio a que estejam alertas e com alguns conselhos práticos relativos às atitudes cristãs e dons espirituais.

**Importância.** A data precoce destas epístolas permite-nos dar uma olhada na estrutura não complicada da igreja primitiva. Não havia nenhuma organização complexa; a cola que mantinha os crentes unidos era a fé comum, o amor e a esperança. Uma liderança não oficial surgira dentro da igreja, mas os cristãos sentiam-se desesperadamente

dependentes do círculo apostólico. Em poucos livros do Novo Testamento encontra-se mais forte testemunho desse poder do Evangelho que levou os pagãos a se aproximarem de Deus, afastando-os dos ídolos, manteve seu amor desperto em meio às lutas, e os ancorou na esperança apesar dos incessantes assaltos da perseguição.

Nestas cartas Paulo revela a sua alma mais do que o seu assunto. Aqui o pulsar do amoroso coração do apóstolo tornou-se audível. Ele se compara a uma meiga pajem (I Ts. 2:7), a um pai severo (2:11) e a um órfão sem lar (no grego de 2:17). Ele se mostra disposto a gastar e a ser gasto pela expansão do Evangelho. É Paulo, o homem, que se nos apresenta, meigo em sua força, amoroso em suas exortações, intrépido em sua coragem, sincero em suas motivações - um homem (como Carl Sandburg disse de Abraham Lincoln) "de aço e veludo, duro como a rocha e macio como o nevoeiro que se esvai".

Os ensinamentos escatológicos destas cartas realçam sua importância. Em nenhum outro lugar o apóstolo trata tão detalhadamente a seqüência dos acontecimentos da segunda vinda de Cristo e o papel que os crentes vão desempenhar no advento. Mais ainda, só em II Tessalonicenses 2 Paulo faz alusão à encarnação do mal que se apresentará como Deus no fim da história – o Anticristo.

## **ESBOÇO**

### **I. Introdução. 1:1 .**

A. Autor.

B. Destinatários.

C. Bênção.

### **II. Reflexões pessoais. 1:2 – 3:13.**

A. Paulo elogia a igreja. 1:2-10.

1. Pela recepção que deu ao Evangelho. 1:2-5a.

2. Pelo testemunho que deu ao mundo. 1:5b-10.

B. Como Paulo organizou a igreja. 2:1-16.

1. Pureza dos motivos do apóstolo. 2:1-6.



2. Extensão do sacrifício do apóstolo. 2:7, 8.
3. Integridade da conduta do apóstolo. 2:9-12.
4. Fidedignidade da mensagem do apóstolo. 2:13.
5. Resultado da mensagem do apóstolo: perseguição. 2:14-16.
- C. Timóteo encoraja a igreja. 2:17 – 3:3.
  1. A preocupação de Paulo. 2:17 – 3:5.
  2. O bom relatório de Timóteo. 3:6-10.
  3. A oração de Paulo. 3:11-13.
- III. Exortações práticas. 4:1 – 5:22.
  - A. Abstenham-se da imoralidade. 4:1-8.
  - B. Amem-se uns aos outros. 4:9, 10.
  - C. Cuidem de seus próprios negócios. 4:11, 12.
  - D. Confortem-se mutuamente com a esperança da Segunda Vinda. 4:13-18.
  - E. Vivam como filhos do dia. 5:1-11.
  - F. Abstenham-se do mal; adotem o bem. 5:12-22.
    1. Em relação aos outros. 5:12-15.
    2. Nas atitudes básicas. 5:16-22.
- IV. Conclusão. 5:23 -28.
  - A. Oração final. 5:23, 24.
  - B. Pedido de oração. 5:25.
  - C. Saudação final. 5:26.
  - D. Ordem para leitura da carta. 5:27.
  - E. Bênção. 5:28.

## COMENTÁRIO

### 1 Tessalonicenses 1

#### I. Introdução. 1:1.

A. Autor. **Paulo** não precisava defender seu apostolado, tão firme era sua amizade com as igrejas da Macedônia. Silvano (Silas), que substituíra Barnabé na segunda viagem missionária (Atos 15:39,40), e

**Timóteo**, que se juntara ao grupo em Listra (Atos 16:1-3), são mencionados porque eram seus companheiros na organização da igreja (Atos 17:1-9) e estavam em Corinto por ocasião da composição da epístola. Timóteo, embora subordinado aos outros, era provavelmente especialmente querido dos tessalonicenses por causa de sua missão (I Ts. 3:1-10). A menção dos companheiros de Paulo serve mais para apoiar a autoridade do apóstolo do que para dividi-la.

### **B. Destinatários.**

A maneira de se dirigir à **igreja**, etc., é sem paralelos (todavia cons. Gl. 1:2). A ênfase parece dada à assembléia local mais do que à igreja universal, pois está localizada em qualquer lugar.

**De Deus nosso Pai** (E.R.C.) mostra o novo relacionamento entre os crentes e Deus.

### **C. Bênção.**

A característica saudação de Paulo, **graça e paz**, combina as saudações grega e hebraica enriquecidas com significado teológico. O ato do favor não merecido de Deus em Cristo (**graça**) traz na sua esteira completo bem-estar espiritual (**paz**).

## **II. Reflexões Pessoais. 1:2 – 3:13.**

### **A. Paulo Elogia a Igreja. 1:2-10.**

A. Paulo Elogia a Igreja. 1:2-10. A narrativa da recepção que os tessalonicenses deram ao Evangelho evoca uma oração de gratidão do apóstolo. O Espírito que comprovou a eleição de Deus pelo seu poder convincente, também capacitou os tessalonicenses a enfrentarem a aflição com tal firmeza e alegria que a notícia de sua dinâmica conversão, sua robustez no serviço e esperança vibrante tinham-se espalhado rapidamente por toda a área do Mediterrâneo.

**1) Pela Recepção que Deu ao Evangelho. 1:2-5a.**

**2. Damos. . . graças.** O *nós* oculto é provavelmente editorial, referindo-se apenas a Paulo, como em 3:1. **Sempre.** Sempre que orava, agradecia a Deus por todos eles. Não havia nenhum grupo desleal pelo qual não pudesse dar graças.

**3. Sem cessar** provavelmente pertence a **mencionando-vos** em 1:2. Aqui, como em 5:17, a palavra *adialeiptos* significa "sem cessar". Em um papiro não bíblico, descreve a persistência incômoda de uma tosse. O primeiro motivo para a constante ação de graças de Paulo é a lembrança da fé, amor, e esperança dos tessalonicenses. Esta é a primeira menção que Paulo faz destas três graças (cons. 5:8; Rm. 5:2-5; e especialmente I Co. 13:13).

A ordem é lógica e cronológica: a **fé** se relaciona com o passado; o **amor**, com o presente; a **esperança**, com o futuro.

**Operosidade da vossa fé** – a fé tem produzido boas obras; **abnegação do vosso amor** – o amor os levou a se afadigarem uns pelos outros; **firmeza da vossa esperança** – esperança na segunda vinda de Cristo produz uma atitude corajosa, mesmo na perseguição. Diante do nosso Deus e Pai poderia possivelmente se limitar à última frase, firmeza da vossa esperança, mas pode também se referir às outras qualidades da igreja, a qual estava cônica e sentia a presença de Deus (cons. 2:19; 3:9, 13).

**4.** Um segundo motivo para ação de graças é a certeza que o apóstolo tinha na **eleição** dos tessalonicenses. A unidade de Paulo com esta igreja gentia está comprovada na freqüente repetição da palavra **irmãos**. A eleição brota do amor de Deus (cons. Ef. 1:4, 5). Os crentes são chamados de **amados de Deus**; a frase **de Deus** pertencendo mais a amados do que à **eleição**, como na E.R.C. Observe os antecedentes no V.T.: os gentios se juntaram a Israel como objetos do amor eletivo de Deus.

**5a.** A prova de sua eleição era o fato de que o Espírito introduziu o Evangelho nos seus corações. **Nosso evangelho** revela o compromisso

pessoal de Paulo com o seu evangelho. Não meras palavras, ele contém seu próprio poder divinamente concedido (cons. Rm. 1:16; I Co. 2:4). Pregado pelos homens, ele é ratificado pelo Espírito Santo. Esta divina união fazia o Evangelho ser recebido **em plena convicção**, isto é, com toda certeza de que era a palavra de Deus.

## 2) Pelo Testemunho que Deu ao Mundo. 1: 5b-10.

**5b. Nosso procedimento.** Os apóstolos praticavam o que pregavam. O Espírito Santo mudara suas vidas; suas vidas reforçavam sua mensagem.

**6. Imitadores.** Aceitando o Evangelho apesar da **muita tribulação**, os novos crentes seguiram a trilha dos apóstolos e seu Mestre. Tribulação não pode amortecer a verdadeira alegria do Espírito (Jo. 16:33; Atos 16:23-25; Gl. 5:22; Hb. 12:2; I Pe. 2:19-21). **Tribulação**, se refere as incessantes pressões às quais um crente pode ser exposto em um mundo que se opõe a Cristo.

7. Desse modo, esta igreja se tornou um **modelo** (o singular é preferido ao plural), um *padrão* ou *exemplo* para os crentes na **Macedônia e Acaia**, as províncias do norte e sul, representando toda a Grécia.

**8. Repercutiu.** Como uma trombeta ou o ribombar de um trovão. **Palavra do Senhor** tem um sabor profético do V.T. e aponta para a autoridade divina por trás da mensagem. **Por toda parte.** Provavelmente uma hipérbole, mas a localização estratégica de Tessalônica facilitava as notícias se espalharem ampla e rapidamente. Possivelmente Priscila e Áquila trouxeram essas notícias de Roma a Corinto (Atos 18:2). **Vossa fé**, isto é, a notícia de vossa fé. Esta sentença deveria terminar depois de por toda parte, mas Paulo avança rapidamente para sublinhar sua declaração. Ele se deleitou em espalhar a notícia, pois os tessalonicenses eram sua alegria (2:19). Mas onde quer que fosse, as notícias já o trilham precedido.

**9. Eles mesmos.** Provavelmente pessoas em geral, onde quer que Paulo fosse. **Nosso ingresso.** Tanto a recepção de boas vindas concedida aos apóstolos quanto o sucesso de sua missão. **Como deixando os ídolos, vos convertestes a Deus** indica como a conversão deles foi completa e a natureza predominantemente gentia da igreja. **Para servirdes**, em completa sujeição como escravos, **o Deus vivo** (não ídolos sem vida) **e verdadeiro** (não deuses falsos, que eram imitações).

**10. E para aguardardes** (*anamenein*) implica em espera paciente e confiante pela vinda. **Seu Filho.** A única referência direta à filiação de Cristo em I e II Tessalonicenses, que destacam mais Seu Senhorio. A Ressurreição era o prelúdio da volta de Cristo, e a garantia do poder de Deus para libertar aqueles que são Seus e julgar aqueles que não são (Atos 17:31). **Livra**, tempo presente, estando o partícipio (*ruomenon*) aqui no infinito – *salvando*. **Ira.** A ira de Deus como em I Ts. 2:16 e Rm. 3:5; 5:9; 9:22; 13:5. **Aguardardes e vindoura** indicam claramente que Paulo se referia ao juízo final de Deus. Essa ira é a retribuição de Deus ao pecado. Embora o período final da tribulação seja um período de ira, a ira de Deus não será então exaurida; pois a própria vinda de Cristo será uma exibição da ira contra as nações perversas e incrédulas (Mt. 24:30; Ap. 19:11-15).

## 1 Tessalonicenses 2

### B. Como Paulo Organizou a Igreja. 2:1-16.

Paulo relembra as dificuldades por ocasião de sua visita e a integridade de suas motivações e conduta. Sem dúvida ele foi deliberadamente refutando as acusações dos judeus, que usavam qualquer alavanca emocional possível para forçar os recém-convertidos a descerem da Tocha de sua confissão cristã.

#### 1) A Pureza dos Motivos do Apóstolo. 2:1-6.

**1. Vós, irmãos.** Paulo apela para a inquestionável realidade de sua própria (deles) experiência e para a intimidade do seu relacionamento

com eles. **Estada** (*eisodos*) é a mesma palavra de 1:9. Paulo convoca os crentes a afirmarem pessoalmente o que outros tinham dito a respeito deles. **Não se tornou infrutífera**. O tempo perfeito do verbo grego tomou mostra que os resultados do ministério de Paulo ainda estavam em efeito. Ele usa uma declaração sem muita ênfase. Sua missão foi tudo, menos infrutífera.

**2. Mas.** A palavra em grego é forte, sublinhando o sucesso da visita apesar dos maus tratos físicos (**maltratados**) e mentais (**ultraçados**) sofridos em Filipos (Atos 16:19-40). **Tivemos ousada**. Este verbo no N.T. quase sempre refere-se à pregação aberta e destemida (por exemplo, Atos 13:46; 18:26). A confiança dos evangelistas estava enraizada **em nosso Deus**, a fonte de sua coragem, poder e mensagem. A oposição perseguia o rastro deles, de modo que em Tessalônica, como em Filipos, o Evangelho foi pregado **em meio de muita luta**. Esta expressão faz pensar em competições atléticas onde o combate competitivo (**luta**) precedia cada prêmio.

**3. A nossa exortação** sugere a insistência da pregação de Paulo. **Engano**. Falsos mestres são enganadores e enganados (II Tm. 3:13), mas Paulo não era nenhum dos dois. Em um mundo onde a religião era freqüentemente colocada ao lado da imoralidade, ele se manteve livre da **impureza**. Assim como o Mestre foi sincero (I Pe. 2:22), também o servo não faria uso de uma atmosfera de falsidade (em contraste com o **engano**) para engodar seguidores incautos.

**4. Aprovados por Deus.** *Testado e aprovado por Deus*. A sinceridade de Paulo (Mt. 6:22) baseava-se na premissa dupla de que era comissionado por Deus e que somente Deus poderia provar o seu coração e examinar seus motivos mais íntimos (I Co. 4:4).

**Corações** na linguagem bíblica é a sede não tanto das emoções, mas sim da vontade e do intelecto, o centro da decisão moral. Paulo refuta a acusação dos judeus de que ele estivesse pregando uma mensagem "fácil", *para agradar aos homens*, removendo-lhes o jugo da Lei (veja Gl. 1:10).

**5. Linguagem de bajulação**, equipamento padrão dos demagogos em todos os setores, não encontrava lugar no arsenal de Paulo. Como também ele não escondia intuítos **gananciosos** sob o manto do falso altruísmo. Seus ouvintes podiam dar testemunho da ausência de bajulação e **Deus disto é testemunha** que a avareza não estava escondida sob o manto do altruísmo.

**6.** Paulo não ambicionava nem o ganho material nem a **glória** ou louvor dos homens, mesmo embora sendo um apóstolo, enviado em suas missões por Cristo, ele tinha direito tanto à ajuda financeira quanto ao respeito pessoal (I Co. 9: 1-14; Gl. 6:6; e outras). **Pesados** (E.R.C.), isto é, insistindo em ser sustentado pela igreja.

## **2) A Extensão do Sacrifício do Apóstolo. 2:7,8.**

**7. Todavia.** Um notável contraste. **Dóceis** (*epioi*). Muitos e excelentes manuscritos rezam *criancinhas* (*nepioi*), a idéia sendo que Paulo, longe de ser arrogante, tornou-se realmente uma criança, falando em linguagem infantil para se comunicar com a igreja infante. Seja qual for a tradução preferida, Paulo, em lugar de ser um peso, colocou-se à disposição deles. **Qual ama.** Antes, *uma mãe que acalenta*. **Acarícia**, amorosa e meigamente, os seus próprios **filhos**. Paulo mantinha um relacionamento duplo com seus convertidos: diante de Deus eles eram irmãos (I Ts. 1:4; 2:1; e outras); eram, entretanto, seus filhos (cons. 2:11), os quais ele tinha introduzido na vida da fé e dos quais sentia-se obrigado a cuidar.

**8. Querendo-vos muito.** Uma palavra que só foi usada aqui em todo o N.T., indicando calorosa afeição e saudade. Os apóstolos estavam **prontos a** (*bem que gostariam de*) partilhar suas próprias vidas, por causa do amor que sentiam pelos recém-convertidos (cons. Jo. 3:16).

## **3) A Integridade na Conduta do Apóstolo. 2:9-12.**

**9. Labor e fadiga** encontram seus pares em II Ts. 3:8 e II Co. 11:27. **Noite e dia.** Provavelmente Paulo começava a fazer tendas (Atos

18:3) antes do raiar do dia a fim de que lhe sobrasse tempo para pregar. **Pesados** (E.R.C.) a mesma palavra de 2:6, onerosos. Tanto os tessalonicenses, que podiam julgar as atitudes de Paulo, e Deus, que podia testar seus motivos (2:4), eram **testemunhas** da conduta sem jaca do apóstolo. **Piedosa, e justa** destaca as qualidades positivas da vida de Paulo diante de Deus e os homens. A primeira (*hosios*) provavelmente se refere à pureza religiosa; a última (*dikaiois*) à integridade moral. **Irrepreensivelmente** declara a mesma coisa negativamente. **Que credes.** Só os fiéis podem julgar os fiéis. O veredito dos incrédulos freqüentemente é demasiado tendencioso para ser levado em conta.

**11.** Em outra analogia extraordinária (cons. 2:7) Paulo se compara a um **pai**, encarregado não de acalentar **seus filhos**, mas de educá-los. Três verbos resumem este ministério: **exortávamos** (E.R.C.) (cons. 2:3), convocando-os à ação decisiva; **consolávamos** (E.R.C.) (cons. 5:14; Jo. 11:19,31) – Paulo era compassivamente compreensivo de suas dificuldades; *instruíamos*, lembrando-os da solene natureza da obrigação cristã (cons. "testificar" em Ef. 4:17).

**12.** Este conselho paternal tinha um alvo: encorajar os tessalonicenses a viverem (**vos conduzísseis**, E.R.C.) dignamente diante de Deus (cons. Ef. 4:1). Os melhores manuscritos dão que vos chama em vez de *que vos chamou*. O chamado de Deus confronta os homens continuamente.

O **reino** tem aspectos presente e futuro. É a soberania ativa de Deus sobre aqueles que se Lhe submetem; essa submissão, entretanto, não é tão completa nem tão extensiva quanto será no futuro. O tom escatológico da epístola e a íntima ligação entre reino e **glória** (ligados, em grego, por um artigo definido) indicam o aspecto futuro (como em I Co. 6:9; 15:50; Gl. 5:21; II Ts. 1:5; II Tm. 4:1,18) mais do que o presente (como em Rm. 14:17; I Co. 4: 20; Cl. 1:13). Glória e futuro (cons. Rm. 5:2; 8:18), referindo-se à plena revelação do caráter majestoso de Deus.



#### 4) A Integridade da Mensagem do Apóstolo. 2:13.

Ação de graças semelhante veja em 1:2. Duas palavras foram traduzidas para **recebido**: a primeira (*paralambano*) significa aceitar formal e externamente; a última (*dechomai*), receber de boa vontade e internamente, dar boas vindas. A mensagem do apóstolo era a **palavra de Deus** (repetida por causa da ênfase) não de homens. Compare com o destaque dado a evangelho de Deus (2:2, 8, 9).

**A qual, com efeito está operando eficazmente em vós.** O verbo provavelmente deveria ser entendido na voz passiva – *posto a operar*. Deus é a fonte do poder; a palavra é o seu instrumento (cons. Rm. 1:16; Hb. 4:12; Tg. 1:21; I Pe. 1:23).

#### 5) O Resultado da Mensagem do Apóstolo: Perseguição. 2:14-16.

**14. Imitadores**, como em 1:6. As igrejas de Deus estavam geograficamente **na Judéia** e espiritualmente **em Jesus Cristo**. A imitação consistia em eles sofrerem, *o mesmo* (**as mesmas coisas**) de seus vizinhos como os judeus cristãos sofriam dos seus vizinhos. **Patrícios** (*membros da mesma tribo*) foi usado aqui mais no sentido local do que no sentido étnico; provavelmente pagãos e judeus perseguiram a igreja em Tessalônica.

**15.** Paulo culpa seus patrícios com um vigor incomum em suas cartas; eles mataram Aquele que era o **Senhor**, soberano da criação e da história, e **Jesus**, o Salvador humano, seu igual (a ordem das palavras em grego dão destaque aos dois nomes; cons. Atos 2:36); eles mataram ou perseguiram os **profetas** (**profetas** pode ser aceito como o objeto de qualquer um dos verbos, mas parece que de preferência ele se liga mais com *perseguido*; cons. Mt. 5:12); eles **perseguiram** ou *expulsaram* os apóstolos (**nós**). Talvez Paulo estivesse se lembrando da parábola de Mc. 12: 1 e segs. **Não agradam a Deus**. Uma vigorosa declaração significando "desagradar". (Cons. I Ts. 3:2). **Adversários de todos os homens**. Opondo-se ao Evangelho os judeus trabalhavam contra o bem da humanidade, que precisa de salvação tão desesperadamente.

**16. Enchendo**, etc., refere-se ao propósito soberano de Deus que operou nas vidas dos perseguidores judeus. Perseverando em sua rejeição de Cristo e aumentando a sua oposição, eles amontoaram pecado sobre pecado. As palavras lembram Gn. 15:16. Especialmente pertinentes são as palavras de Cristo em Mt. 23: 31,32. **Ira**. Veja nota sobre I Ts. 1:10. Sobreveio enfatiza a totalidade e certeza do juízo. A ira para eles era inescapável. (Cons. Rm. 1:24,26,28).

### **C. Timóteo Encoraja a Igreja. 2:17 – 3:13.**

Paulo explica sua ausência involuntária e os motivos da missão de Timóteo. Grato pelo relatório de Timóteo, ele ora a Deus que faça a igreja continuar florescendo.

#### **1) A Preocupação de Paulo. 2:17 – 3:5.**

**17. Orfanatos por breve tempo de vossa presença.** Literalmente, *órfão, destituído*, refletindo o laço amoroso que existia entre Paulo e a igreja. Compare com II Co. 11:28, onde o escritor enumera entre suas preocupações **a preocupação com todas as igrejas. Com tanto mais empenho diligenciamos e com grande desejo** são fortes tentativas de Paulo de dar a entender seus fortes anseios de comunhão. Ele até usa a pitoresca palavra **desejo**, *epithymia*, a qual no N.T. dá a idéia de sensualidade e cobiça.

**18. Eu**, Paulo destaca sua preocupação pessoal. **Não somente uma vez, mas duas** é, literalmente, *tanto na primeira como na segunda vez*, significando "repetidamente". **Satanás nos barrou.** Este título destaca o papel do diabo como adversário de Deus e Seu povo. Como Paulo foi impedido? Por doença (II Co. 12:7; Gl. 4:13) ou pela oposição em Atenas que tornou impossível a sua partida (I Ts. 3:1)? Alguns acham que o impedimento foi a promessa extorquida de Jasom e outros que Paulo não retornaria (Atos 17:9). Crendo firmemente na soberania de Deus, o apóstolo nunca desprezou a realidade do mal, especialmente na pessoa de Satanás (I Ts. 3:5; II Co. 4:4; Ef. 2:2; 6:12).

**19.** A ligação emocional de Paulo com os tessalonicenses era quase exuberante. **Não sois vós?** Isto parece ser um parêntesis dentro da pergunta principal: "Qual é a nossa esperança . . . diante de ... ?" Coroa. Uma alusão à coroa de louros concedida aos vitoriosos nos jogos ou aos servidores públicos que se distinguiam. A **esperança** de Paulo, a sua alegria, e a única razão de *glória* era o pensamento das almas que poderia apresentar a Cristo (cons. II Co. 1:14; 11:2; Fp. 2:16). **Vinda** (*parousia*) originalmente significa "presença" ou "chegada", mas mais tarde tomou um sentido técnico referindo-se à visita de um rei ou autoridade. Os escritores do Novo Testamento freqüentemente usam a palavra em relação à segunda vinda de Cristo (I Ts. 2:19; 3:13; 4:15; II Ts. 2:1; Tg. 5:7,8; II Pe. 1: 16; I Jo. 2:28; e outras).

**20.** O escritor assevera duplamente que os tessalonicenses sabem a resposta de sua pergunta. **Realmente** tem um sentido confirmatório – "verdadeiramente". **Vós** é enfático; só vós.

### 1 Tessalonicenses 3

**3:1. Não podendo suportar mais.** Ele não suportava mais a tensão da separação. Embora Paulo use *nós* aqui, como através de ambas as epístolas, parece provável que o *nós* é editorial. **Vós** parece confirmá-lo.

**2. Nosso irmão.** Timóteo era filho de Paulo na fé (I Tm. 1:2); mas por causa desta missão, Paulo destaca sua colaboração, não dependência (cons. II Co. 1:1; Cl. 1:1; Fm. 1:1). Provas documentais indicam que **ministro de Deus, e nosso cooperador** (E.R.C.) é uma expansão de uma declaração original: *ministro de Deus* ou *cooperador de Deus*. A primeira tem um pouco mais de aceitação, enquanto a última é mais surpreendente (embora encontrada em I Co. 3:9) e é menos passível de ser uma correção feita por algum escriba. Em ambos os casos Paulo destaca a idoneidade para realizar a sua missão.

A preocupação através destas epístolas é o bem-estar espiritual mais do que o físico dos crentes. O propósito de Timóteo era **confirmar**

(*fortalecer*) e **exortar** (*encorajar*) **em benefício de** (como Milligan observa, para promoção de) **vossa fé**, a qual aqui é ativa – a experiência dos crentes.

3. O propósito de Timóteo foi explicado melhor: evitar que fossem seduzidos pelos judeus, que poderiam aproveitar-se da oportunidade oferecida pela aflição, para tentar seduzir os crentes, afastando-os de sua fé. **Inquiete** (*sainesthai*) provavelmente retém algo do seu significado original, ou seja, *abanar o rabo*, e, portanto, "enganar" ou "adular". (Arndt, entretanto, prefere *comover*) Aflições fazem parte da experiência cristã (Jo. 16:33; Atos 14:22). Observe o *nós*. Paulo, que sofreu mais do que devia, incluiu-se aqui com os crentes sofredores.

4. Um elemento essencial da mensagem do apóstolo aos tessalonicenses foi o sofrimento redentor de Cristo (Atos 17:3). A igreja nasceu do sofrimento (Atos 17:6). Paulo trazia as marcas do vergonhoso tratamento que lhe impuseram em Filipos quando evangelizou os tessalonicenses. Por isso, o sofrimento não devia apanhá-los de surpresa. **Predissemos**. O tempo imperfeito indica que Paulo os lembrava repetidamente.

5. Compare 3:1. **Indagar**. *Descobrir*. **Fé**. Veja observação sobre 3:2. **Tentador** mostra o aspecto sedutor da obra de Satanás. O diabo tentou usar as dificuldades físicas de Cristo para derrotá-lo espiritualmente (Mt. 4:3), e ele fazia o mesmo com os tessalonicenses. O verbo **provasse** está no indicativo aoristo e mostra que o tentador já está operando, enquanto o verbo *ser* está no subjuntivo, jogando dúvidas sobre o sucesso de Satanás.

## 2) O Bom Relatório de Timóteo. 3:6-10.

Depois de recapitular a angústia que a igreja tinha passado, Paulo expressa seu completo alívio diante da chegada de Timóteo.

6. **Agora, porém, com o regresso** expõe o contraste entre a passada preocupação de Paulo e sua atual confiança, e indica que Timóteo acabou de chegar (cons. Atos 18:5). **Boas notícias**. A raiz grega significa

"evangelizar" e sugere que o relatório de Timóteo foi virtualmente um "evangelho" para a alma ansiosa de Paulo. As boas novas eram três: 1) a **fé** estava firme – fora a principal preocupação de Paulo (I Ts. 3:5,7); 2) o **amor** era constante – apesar das provações que poderiam ter desgastado a disposição deles; 3) a **lembrança** que tinham dos apóstolos era sempre boa – apesar da reprovação e perseguição que a visita dos evangelistas produzira.

**7. Consolados**, isto é, encorajados (cons. 3:2). O quinhão de Paulo não fora fácil, mesmo enquanto aguardava notícias da Macedônia. A perseguição em Filipos, Tessalônica e Beréia fora seguida de solidão e indiferença em Atenas (3:1; Atos 17:32-34). Em Corinto recebera uma oposição tão obstinada que precisou ser divinamente confortado (Atos 18: 6-10). Não foi por menos que fala de **aflição** (E.R.C.) (pressões asfixiantes) e **tribulação** (sofrimento sobre-humano).

**8. Vivemos**. Nova vitalidade entrara no seu corpo descaído por causa das boas novas sobre a fé dos tessalonicenses e o sustentou enquanto escrevia (**agora**). Isto diminuiria, entretanto, de intensidade se os crentes tessalonicenses não permanecessem **firmados** no seu relacionamento com o **Senhor**. A forma verbal parece indicar que Paulo esperava confiante-mente que permanecessem firmes.

**9.** Paulo não se atribuía o mérito pela ortodoxia ou crescimento da igreja. Fora Deus que dera o crescimento (I Co. 3:7). Ele não se sentia vaidoso mas grato (cons. I Ts. 1:2 e segs.; 2:13 e segs.), regozijando-se (cons. 5:18) **diante do nosso Deus**, por ter Ele tornado possível essa alegria.

**10.** As notícias que Timóteo trouxe aliviaram a preocupação de Paulo mas não diminuíram o desejo de vê-los (cons. 2:17,18; 3:6), um desejo provocado pelos fortes laços emocionais (**vos ver pessoalmente**) e pela necessidade de preencher as lacunas na fé deles. **Reparar as deficiências** (*katartizo*) significa preparar uma coisa para o seu uso pleno e próprio.

### 3) A Oração de Paulo. 3:11-13.

**11. O mesmo.** O destino de Paulo estava controlado por Deus. O título completo de Cristo acentua a Sua majestade. Ele está intimamente associado a Deus como o recipiente da oração e como o co-sujeito do verbo **dirijam**, a forma singular do qual (*kateuthynai*) junte os dois sujeitos **Deus e Jesus** intimamente.

**12. O Senhor**, isto é, Cristo.

**Faça crescer ... no amor.** Cons. Fp. 1:9. O amor tem a capacidade de crescer indefinidamente. Ele aumenta de intensidade para com um indivíduo e expande-se para abraçar os outros. O amor cristão é em primeiro lugar dirigido aos crentes (**uns para com os outros**) e depois estende-se como o amor de Deus **para com todos**. Este amor só pode ser produzido pelo Espírito de Deus (Cl. 1:8; Gl. 5:22). Mais do que sentimentalismo ou sentimentos afetuosos. O amor cristão é o desejo altruísta de proporcionar o bem-estar total dos outros. **Como também o fazemos**. O amor de Deus já se refletira nas palavras e atos de bondade do apóstolo.

**13.** Observe a conexão entre amor e **santidade**. Se o amor é a lei cristã (Gl. 5:14), então a **santidade** (separação para Deus) pode ser medida principalmente pelo amor. O egoísmo corrompe esta santidade; por isso Paulo ora no sentido dos tessalonicenses poderem viver em amor e serem imaculados (**isentos de culpa**) na santidade diante da **presença de nosso Deus**, O qual, sendo completamente santo, é o único juiz adequado para a santidade. Deus julga não como um crítico brutal, mas como **Pai** amoroso. O tempo do acerto de contas é a **vinda** (*parousia*; cons. I Ts. 2:19) de Cristo.

**Santos**, literalmente. Provavelmente inclui os santos anjos e também os crentes mortos revestidos de corpos "não feitos por mãos" (II Co. 5:1), a espera da ressurreição de seus corpos terrestres. Em relação a outras figuras pitorescas da vinda de Cristo com todo o seu séquito celestial veja (Mt. 24:30,31 e Ap. 19: 11-14). Os antecedentes no V.T. se

encontram em Zc. 14:5. De acordo com Ap. 19-20 esta gloriosa vinda prepara o caminho para o reino milenial.

### III. Exortações Práticas. 4:1 – 5:22.

Paulo não seria fiel à sua vocação pastoral nem à sua preocupação paternal se não aproveitasse cada oportunidade para dar instrução espiritual. Para cumprir a lei do amor ele tinha de dizer coisas indispensáveis. O relatório de Timóteo foi principalmente encorajador, mas sem dúvida incluía certas perguntas que Paulo apressou-se a esclarecer.

#### 1 Tessalonicenses 4

##### A. Abstenha-se da Imoralidade. 4:1-8.

Nenhuma tentação enfrentada pela igreja primitiva era mais vexativa do que a da imoralidade. A proclamação do Concílio de Jerusalém alistou a fornicção entre as proibições cerimoniais feitas aos crentes gentios, tão amplamente aceita era esta prática entre os pagãos (Atos 15:29). Paulo apresenta suas razões da maneira mais vigorosa possível fundamentando a moralidade na vontade e vocação de Deus e na natureza do Espírito Santo que habita os crentes.

**1. Finalmente.** A palavra marca uma transição importante no assunto e sugere que a conclusão da carta se aproxima. **Vos rogamos.** Pedimos. **Exortamos** é forte (cons. 2:11 e 3:2). *Andar* iguala-se a **viver**, como em 2:12. A essência da ordem de Paulo é que os tessalonicenses deviam continuar fazendo o que faziam, mas mais intensamente. **Progredindo.** Veja 3:12 e 4:10, "crescer", com referência a outros usos de *perisseuo*.

**2.** O ministério de Paulo incluía instruções éticas como também evangelismo. **Instruções** (ordens militares) que estavam selados com a autoridade de **Jesus** que é o **Senhor**, o exaltado soberano de toda a vida.

3. Depois de uma palavra geral de estímulo, na qual ele também estabelece sua autoridade, o apóstolo ataca o problema que tem à frente – **prostituição**. Ele começa positivamente: Deus ordena e capacita a vossa santificação. Em contraste com 3:13, onde a santidade (*hagiosyne*) foi considerada como um estado, aqui a santificação (*hagismos*) é considerada um processo – o ato de ser santificado, separado para o serviço de Deus. **Que vos abstenhais**. Mantenham-se completamente *separados da*.

4. Amplificação de **abstenhais**, etc. O significado de vaso (E.R.C.) é difícil de entender. Muitos comentadores e tradutores (Moffatt, por exemplo) interpretam vaso (E.R.C.) como "esposa", apelando para certo costume judeu, de acordo com o qual uma esposa é comparada a um vaso. Milligan, Morris, Phillips, e outros entendem que **vaso** (E.R.C.) é "corpo", segundo a analogia de II Co. 4:7. Esta tradução parece a preferível porque evita o baixo conceito do papel da mulher no casamento, implícito na primeira interpretação. Se **vaso** significa "corpo", *ktasthai* pode significar **possuir** (como a E.R.A e certos papiros dão) mais do que o freqüente *adquirir*.

5. A **santificação** e a **honra** com a qual o crente se controla contrasta diretamente com a **lascívia**, etc. Em I Co. 7:2, 3, 9 Paulo mostra que o casamento dá oportunidade ao controle das paixões e não a sua vazão desenfreada. **Desejo de lascívia**. Implica no desejo propositado de se entregar aos baixos instintos sexuais. A definição de **gentios** feita por Paulo é clássica – **que não conhecem a Deus**. Não é um autocontrole superior que separa o cristão do pagão, mas uma amizade íntima com Deus (cons. Sl. 79:6; Jr. 10:25). Oséias e Jeremias, ambos destacam a essencialidade do conhecimento de Deus (Os. 4:6; 6:6; Jr. 4:22), envolvendo amor e obediência. É a essência da salvação (Jo. 17:3).

6. O significado social da castidade. **Ninguém ofenda nem defraude**, isto é, ninguém ultrapasse os limites de decência humana e regulamentos sociais. Ninguém *se aproveite* do seu irmão. Não apenas



seu irmão em Cristo mas seu próximo também. **Esta matéria.** *No negócio* ou *neste negócio*. O artigo definido no grego liga esta declaração com o sujeito deste parágrafo – pureza sexual. Neste versículo Paulo dá uma ilustração prática tanto da lei do amor quanto da conexão existente entre o amor e a santidade que foi destacada em 3:12, 13. O dia do juízo lança sua extensa sombra sobre toda a vida. **O Senhor ... é o vingador**, que providenciará que toda a justiça seja feita.

7. A ênfase está sobre **chamou** (cons. 2:12). A salvação tem propósito, e a **impureza**, poluição moral, não é o seu propósito. Paulo aqui reitera o pensamento de 4:3. A vontade de Deus estabelece que o crente deveria viver em **santificação** (*hagiasmos*). Este é o processo (cons. 4: 3) mais do que o estado de estar santificado (cons. 3:13).

8. **Rejeita** (*desprezar, tratar como indigno*) a ordem de buscar a pureza é infringir uma lei divina; pois Deus colocou o Espírito Santo dentro do crente para fazê-lo santo. A ênfase está sobre **santo**: "Não foi por nada que o Espírito que Deus nos deu é chamado de Espírito *Santo*" (Phillips). Aqueles a quem Ele habita são convocados a refletir a Sua santidade. **Que nos deu** (E.R.C.) deveria ser **que ... vos dá** (E.R.A.), de acordo com os melhores manuscritos. A declaração é claramente pessoal.

### **B. Amem-se Uns aos Outros. 4:9, 10.**

Uma segunda tentação apossava a igreja primitiva – partidarismo e fixas mesquinhas. A situação em Corinto exemplifica a luta dos crentes primitivos contra seu ambiente pagão (II Co. 3:1 e segs.). O cristianismo brotou em uma terra e cultura onde os laços tribais eram fortes e a sociedade era mais comunitária que individualista. O mesmo não acontecia com a cultura greco-romana; por isso a constante ênfase que Paulo dá ao amor.

9. **Amor fraternal** (*philadelphia*) é o amor tribal, o amor entre os membros de uma família. Para os crentes primitivos, aceitar Cristo muitas vezes significava cortar laços familiares. Mas os cristãos se ligavam a uma nova família, pois passavam a ser filhos de Deus, e

irmãos de todos os crentes. **Por Deus instruídos.** Pelo exemplo bondoso de Deus (Jo. 3:16) e pelo Espírito, que derrama o amor de Deus em nossos corações (Rm. 5:5).

**10.** Os extensivos (todos os irmãos por toda Macedônia) atos de amor (cons. 1:3) dos tessalonicenses eram prova de que tinham aprendido bem a lição do amor de Deus. Mas não havia lugar para a complacência. Paulo insiste com ternura (irmãos) a que aumentem **cada vez mais** o seu amor (cons. 3:12; 4:9, 10).

### **C. Cuidem de Seus Próprios Negócios. 4:11,12.**

Esta seção deveria ser intimamente ligada com a anterior, pois diligência altruísta é uma manifestação do amor fraternal cristão.

**11. Diligenciardes.** *Philotimeomai* originalmente significa ser ambicioso, mas no N.T. (cons. Rm. 15:20; II Co. 5:9) significa "lutar avidamente", "aspirar". A cláusula é pitoresca: *lutai avidamente para viverdes quietos*. Deviam lutar por mais dois alvos: **cuidar**, etc. (cuidar de sua própria vida) e **trabalhar**, etc. Ao que parece alguns crentes eram intrometidos e preguiçosos. A esperança da iminente Segunda Vinda transformara-se em desculpa para a ociosidade (cons. II Ts. 3:11). Os gregos desprezavam o trabalho manual, e Paulo ensinara aos tessalonicenses por palavra (o Senhor fora carpinteiro) e por exemplo (o apóstolo era fazedor de tendas) que a doutrina cristã da *criação* implica na doutrina cristã da *vocação*: Deus fez todas as coisas boas; portanto, o homem pode executar as mais servis tarefas tendo consciência que está em contato com o trabalho manual de Deus; conseqüentemente, pode executá-las para a glória de Deus.

**12.** O propósito duplo do trabalho diligente: viver apropriada e decorosamente (**dignidade**) diante dos não-cristãos (**para com os de fora**, aqueles que estão fora dos limites da salvação); desfrutar da liberdade que a independência financeira pessoal concede. Sua diligência realçaria seu testemunho junto aos de fora; sua "honrada independência" (Phillips)

ajudá-los-ia a cumprir a lei do amor, não vivendo às custas de outros crentes.

#### **D. Confortem-se Mutuamente com a Esperança da Segunda Vinda. 4:13-18.**

Entre os problemas trazidos por Timóteo que despertaram a atenção de Paulo estava o papel dos crentes mortos no segundo advento de Cristo. Nos comentários de Paulo, a ênfase parece ter sido sobre a iminência da volta. Mas a perseguição e as aflições ao que parece ceifaram algumas vidas. O que seda desses? Os mortos seriam privados de participar desse Grande Evento? Pelo contrário, diz Paulo, eles participarão plenamente das glórias daquele dia. A morte e ressurreição de Cristo são a garantia disso. Essas confortadoras palavras de Paulo não tinham a intenção de dar um quadro sistemático dos últimos acontecimentos, mas foram provocadas pelo problema imediato.

**13. Não queremos**, etc. Compare com Rm. 1:13; 11: 25; I Co. 10:1; 12:1; II Co. 1: 8, onde, como aqui, a declaração introduz um novo e importante assunto. Em cada exemplo usou-se o vocativo **irmãos** para acrescentar uma nota de ternura. **Dormem**. Estar "morto em Cristo" (4:16) é estar dormindo, pois Cristo com a Sua morte e ressurreição (4:14) arrancou o agulhão da morte. Nenhuma alusão ao "sono das almas" está envolvido. Paulo tinha em mente os *corpos* dos crentes mortos. Os demais, os que estão fora de Cristo (cons. 4:12). **Não têm esperança**. Este poderia muito bem ser o epitáfio dos incrédulos. **Esperança** refere-se à Segunda Vinda, com todas as bênçãos inerentes. Tristeza e solidão são os companheiros inescapáveis da morte, mas dor amarga e desespero não tinham lugar nas emoções de um crente enlutado, porque ele sabe de antemão o capítulo final do enredo da história.

**14. Se cremos**. "E nós realmente cremos" é a idéia transmitida pela construção grega. Jesus morreu. "Dormiu" não vai bem aqui. Cristo tomou o cálice da morte até o fim para que pudesse triunfar sobre ela

(Hb. 2:14,15). **E ressuscitou.** Seu triunfo assegura o nosso (cons. I Ts. 1:10). **Deus** aqui é enfático. Ele que ressuscitou Jesus é o Avalista e Agente de nossa ressurreição. **Os que dormem** são *os que dormem por causa de Jesus*, pois a idéia é que através dEle a morte transformou-se em sono. **Em sua companhia.** Paulo responde a pergunta principal: Os crentes mortos não perderão a *parousia*; Deus providenciará que acompanhem Cristo na Sua volta triunfal (3:13).

**15. Por palavra,** etc., dá autoridade às declarações de Paulo (cons. I Co. 7:10). A fonte da **palavra** não é certa. Entre as possíveis: 1) Mt. 24:30, 31 e passagens paralelas; 2) algum pronunciamento de Cristo que não foi registrado (cons. Atos 20:35); 3) uma revelação especial do Senhor (cons. II Co. 12:1; Gl. 1:12, 16; 2:2). Nós os vivos. Paulo destaca freqüentemente a iminência da volta de Cristo (I Co. 7:29; Fp. 4:51. Como todos os crentes, ele esperava viver para participar do acontecimento (I Co. 16:22; Ap. 22:20). Sem declarar que Cristo *viria* durante a sua vida, parece que ele aceitava essa possibilidade (cons. I Co. 15:51 e segs.). **De modo algum precederemos.** De modo nenhum não iremos primeiro.

**16.** O fato muito importante é que o Segundo Advento centraliza-se na atividade do **Senhor mesmo**. As frases concisas desenvolvem o seguinte drama: 1) **com alarido** (E.R.C.), *uma convocação* como a de um oficial aos seus soldados, provavelmente dada pelo Senhor; 2) **ouvida a voz do arcanjo**, pode ser uma explicação do **alarido**; tanto **voz** como **arcanjo** são indefinidos no grego, e a idéia é provavelmente de *uma voz como a de um arcanjo*, conforme sugere Milligan; 3) **ressoada a trombeta de Deus**, uma trombeta dedicada ao serviço de Deus (Milligan); em I Co. 15:52 Paulo menciona duas vezes uma trombeta em conexão com a Segunda Vinda (cons. Joel 2: 1; Is. 27:13; Zc. 9:14 no V.T.). Estas três frases transmitem o esplendor da cena e a majestosa autoridade do Senhor. **Os mortos em Cristo.** Os corpos dos crentes mortos. **Primeiro.** Os crentes mortos precederão os vivos.

**17. Nós os vivos, os que ficarmos.** Veja 4:15. **Seremos arrebatados.** *Levados para cima súbita e poderosamente.* **Juntamente com eles.** Os membros do corpo de Cristo serão reunidos uns com os outros e à Sua magna Cabeça. **Entre nuvens** aumenta o mistério e o drama do acontecimento (cons. Mt. 24:30; Atos 1:9; Ap. 1:7). **Nos ares.** A preeminência absoluta de Cristo está sublinhada pelo uso que faz da habitação dos espíritos do mal (Ef. 2:2; 6:12) para este encontro. **Com o Senhor.** O centro da passagem – comunhão sem fim com Cristo. Onde? Todo o séquito subirá ao céu ou voltará à terra? Qualquer resposta dada dependerá da total interpretação da escatologia do N.T. que for adotada. Os pré-tribulacionistas situam a ascensão com a subsequente volta à terra. Os pós-tribulacionistas defendem que a descida à terra se seguirá a esta reunião.

**18.** Para uma igreja que lutava por manter-se dentro de uma sociedade que, na melhor das hipóteses, era incauta, e na pior, hostil, estas palavras eram realmente confortadoras. Devemos notar que Paulo não discute aqui a relação do Arrebatamento com a Tribulação.

## 1 Tessalonicenses 5

### E. Vivam como Filhos do Dia. 5:1-11.

A discussão dos participantes da *parousia* leva a perguntas sobre o tempo e os sinais da *parousia*. Em resposta Paulo alerta os crentes a estarem constantemente preparados. Vigilância e sobriedade são as atitudes próprias, enquanto a fé, o amor e a esperança são o arsenal do cristão.

**1.** Paulo sem dúvida transmitiu pessoalmente estas importantes palavras de Cristo aos tessalonicenses: "Mas aquele dia e hora ninguém sabe . . ." (Mc. 13:32,33). Nada necessita ou precisa ser dito sobre o tempo da Segunda Vinda. **Tempos** (*kronon*, período de tempo) significa os períodos cronológicos que vão se passar antes da Segunda Vinda; enquanto **épocas** (*kairon*, tipo ou qualidade de tempo) refere-se aos

acontecimentos significativos, as ricas oportunidades que transpiram durante essas épocas (cons. Atos 1:7).

**2. Vós mesmos estais inteirados com precisão.** Paulo cuidadosamente informara os crentes que preparo constante era obrigação do cristão. **O dia do Senhor** deve ser visto em comparação com o seu antecedente do V.T. O termo era corrente em Israel antes do período de Amós, mas era aplicado apenas ao juízo de Deus contra os gentios. Numa passagem pitoresca, não diferente de I Ts. 5:2-4, Amós corrige esta interpretação errônea, fazendo ver que um Deus justo julga o pecado onde quer que o encontre – até mesmo em Israel (Amós 5:18-20). Cons. Joel 1:15; 2:1, 2, 31, 32; Sf. 1:14 e segs. O **dia** é o tempo da justa intervenção de Deus na história, quando Ele cobrará a justa dívida da humanidade. Em II Ts. 2:2 e segs. esse dia está relacionado com a grande apostasia e a revelação do Anticristo, isto é, o período da Tribulação. **Ladrão**, etc. faz lembrar Mt. 24:43 e Lc. 12:39. A figura descreve a qualidade inesperada do acontecimento.

**3.** O fato de *pois* não se encontrar nos melhores manuscritos indica que este versículo deve ser intimamente ligado ao precedente. (Eles) **andarem dizendo**, isto é, os incrédulos.

**Paz e segurança** faz vir à mente passagens do V.T. tais como Amós 5:18, 19; Mq. 3: 5-11 ; Ez. 13: 10, as quais descrevem um falso sentimento de paz e segurança.

**Destruição.** Ser objeto da justa ira de Deus é ser completa e irremediavelmente destruído, talvez pela separação de Deus (II Ts. 1:9).

**Como vem a dor do parto.** Esta comparação é freqüente no V.T. (Is. 13:8; Os. 13:13; Jr. 4:31) e nos Evangelhos (Mt. 24:8; Mc. 13:8). Não é dor, mas a subitaneidade e inexorabilidade do dia que Paulo está destacando. Uma vez começado o trabalho de parto, não há meios de fazê-lo parar.

**4. Mas, vós, irmãos,** enfatiza o forte contraste entre os crentes e os incrédulos. **Trevas** é mais do que ignorância; é a separação moral e

espiritual do incrédulo de Deus (cons. Jo. 3:19,20; II Co. 6:14; Ef. 5:8; Cl. 1:12, 13).

**5.** Tendo declarado o que os crentes **não** são, Paulo volta-se para o que eles *são*, e acrescenta todos para tomar a declaração mais inclusiva. Ser *filho da luz* é ser caracterizado pela luz. Lucas 16:8 e Ef. 5:8 contém exemplos desta expressão idiomática semita. Deus, a fonte da luz, é chamado de "o Pai das luzes" (Tg. 1:17). **Filhos do dia**, além de tornar a enfatizar a frase precedente, faz também lembrar o **dia** do Senhor. Os crentes são filhos desse dia porque participam da Sua glória e triunfo.

**6. Pois.** Uma vez que somos filhos do dia. **Durmamos.** Não fisicamente mas moral e espiritualmente, como em Mc. 13:36; Ef. 5:14. **Os demais.** Cons. I Ts. 4: 13. **Vigiemos** faz lembrar as injunções de Cristo acerca de Sua vinda em Mt. 24:42; 25:13, etc. Despertamento físico e mental é o que está implícito. **Sejamos sóbrios** (cons. II Tm. 4:5; I Pe. 1:13; 4:7; 5:8) fala não tanto da ausência de bebedeiras como da rígida disciplina de *toda* uma vida bem equilibrada.

**7.** Dormir e beber são hábitos que geralmente se executam à noite. Portanto, não têm lugar na vida dos filhos do dia. Não há nenhuma necessidade de interpretarmos esta passagem figuradamente.

**8. Nós, porém, . . .** (em contraste com os "demais") **sejamos sóbrios.** A sobriedade deve ser um hábito para o crente, uma vez que ele pertence ao dia. Frequentemente Paulo fala de equipamento espiritual em termos de armadura (cons. II Co. 6:7; 10:4; Ef. 6:13 e segs.; no V.T., Is. 59:17). A trindade das virtudes (cons. I Ts. 1:3) protege o crente da complacência e desespero que caracterizam os filhos da noite. **Esperança da salvação** é a expectativa ansiosa de ser libertado da ira final de Deus (1:10) e ser destinado à glória e à comunhão com Deus eternamente.

**9.** O motivo dessa esperança (5:8) é que Deus destinou os crentes para isso e não para a **ira** (cons. 1:10). **Destinou** (*etheto*), embora sem a limitação de "predestinou" (Rm. 8:29 e segs.), atribui contudo a salvação ao "propósito direto e à ação de Deus" (Milligan). **Alcançar** implica em

que o crente deve reagir ativamente. A salvação está à disposição **mediante** (por meio de) **nosso Senhor Jesus Cristo**. O título completo transmite a majestade de Jesus, o Messias.

**10.** A salvação inclui, além do livramento da ira (1:10; 5:9), concessão de vida e promessa de comunhão eterna. O custo desse legado não deve ser aceito sem a devida consideração, como nos faz lembrar o **que morreu por nós**. **Vigiem** e **durmamos** são figuras de "viver" e "morrer". A morte triunfante de Cristo perfurou a linha antes espessa entre a vida e a morte (4:14, 15; cons. também a promessa de Cristo em Jo. 11:25, 26).

**11. Edificai-vos**, uma expressão favorita de Paulo para a "promoção do crescimento e maturidade espirituais" (cons. I Co. 3:9 e segs.; 14:4; Ef. 2:21 e segs.). Esta metáfora e a da armadura (I Ts. 5:8) são lembretes de que Paulo, um cidadão de "uma cidade que não é medíocre", extraía suas figuras de linguagem principalmente do cenário urbano e não do rural. **Como também estais fazendo**. O tato de Paulo combinou uma vigorosa exortação com um fervoroso elogio.

### **F. Abstenham-se do Mal; Adotem o Bem. 5:12-22.**

Paulo termina sua carta com breves exortações sobre atitudes sociais, pessoais e espirituais.

#### **1) Em Relação aos Outros. 5:12-15.**

A seguir, o apóstolo apresenta alguns poucos princípios em relação a seus líderes espirituais, outros cristãos, os fracos e desamparados, e todos os homens.

**12. Acateis** aqui deve significar "reconheçais o valor de", "aprecieis". **Trabalham**. Cons. 1:3; 2:9. Dirigir uma igreja aflita, que luta, poucas vezes tem-se comprovado ser fácil. **Entre vós**. O termo que foi usado aqui, ao que parece, não é técnico, mas refere-se a um tipo, geral e informal de liderança. Entretanto, é provável que os anciãos (presbíteros) sejam os referidos (cons. Atos 20:17; 21:18; I Tm. 5:17,



19). **No Senhor** mostra que Paulo está falando de autoridade espiritual, a qual envolve admoestação ou advertência, especialmente onde esteja envolvida conduta repreensível (cons. I Ts. 5:14; II Ts. 3:15).

**13. Amor** fornece a estrutura e o contexto para essa alta estima; **por causa do trabalho que realizam** fornece o motivo. A tarefa de sustentar e fortalecer os crentes é digna de respeito em si mesma. **Vivei em paz.** Aviltar a liderança ou criticar a autoridade é semear a discórdia. O bem-estar da comunidade cristã (**uns com os outros**) depende da cooperação cordial dos seguidores com os líderes.

**14.** Dirigida aos líderes da igreja e aos espiritualmente amadurecidos. Admoesteis. Cons. "admoestam" em 5:12. **Insubmissos.** *Fora de ordem.* Uma palavra militar descrevendo soldados que desertam das fileiras. Essa desordem provavelmente se refere à negligência proposital dos deveres cristãos, incluindo o dever de trabalhar (4:11,12; II Ts. 3:6-15). **Os desanimados.** *Tímidos*, isto é, os que se desesperam diante das circunstâncias adversas. **Amparais os fracos.** Dar uma ajuda àqueles que são espiritualmente frágeis (cons. Rm. 14:1; I Co. 8:9, 11).

**Sejais longânimos para com todos.** Isto resume a atitude básica que deve prevalecer quando alguém procura ajudar os desordeiros, os de pouco ânimo e os irmãos fracos (cons. Ef. 4:2), e assim reflete a própria atitude de Deus (Rm. 2:4; 9:22; I Pe. 3:20).

**15.** Caráter vingativo e represália não deve se alojar dentro da morada da fé, pois o Mestre o proíbe claramente (Mt. 5:43 e segs.). **Segui.** *Persegui, ide após.* **O bem.** No sentido bom, útil, proveitoso. **Para com todos** inclui os incrédulos (cons. I Pe. 2:17).

## 2) Em Relação às Atitudes Básicas. 5:16-22.

Por meio de declarações em "staccato", Paulo aplica suas exortações finais.

**16.** A alegria cristã não é amortecida por aflições ou quaisquer outras circunstâncias adversas, porque está enraizada no relacionamento inexpugnável da pessoa com Deus (cons. Fp. 2:18; 3:1; 4:4). Na verdade,

a alegria prospera na tribulação quando um crente discerne o propósito glorioso de Deus (Rm. 5:3-5; Tg. 1:2 e segs.). Essa alegria não é gerada pelo ego mas é fruto do Espírito (Gl. 5:22).

**17.** A oração é tanto atitude como atividade. A atitude de devoção a Deus pode ser sem cessar (cons. coment. sobre 1:3), mesmo que a atividade não for **sem cessar**. Paulo exemplifica a ordem dada, pois suas cartas são perfumadas com a fragrância da oração.

**18. Em tudo.** Todas as circunstâncias, até mesmo as dificuldades e aflições. **Esta**, embora singular, parece encampar os três mandamentos de 5:16,17, 18. A vontade de Deus inclui alegria constante, oração sem cessar e ação de graças ilimitada, atitudes que são necessárias e possíveis **em Cristo Jesus**.

**19.** A construção em grego sugere a seguinte tradução: *Parem de extinguir o Espírito*. **Apagueis** descreve apropriadamente o impedimento do Espírito, cuja natureza tem sido comparada ao fogo (Mt. 3:11; Atos 2:3, 4). À luz de 5:20, este versículo parece indicar que alguns crentes precavidos puseram em dúvida o uso dos dons espirituais na igreja. Esta situação seria oposta a de I Co. 12-14, onde encontramos um zelo não gracioso em superar uns aos outros no exercício dos dons espirituais. É possível, entretanto, que a declaração de Paulo aqui seja generalizada, proibindo-os de interromper a operação refinadora e convincente do Espírito em suas vidas (cons. Ef. 4:30).

**20.** Em I Co. 14:1 os crentes são instados a buscar o dom da profecia, pronunciamentos públicos de profundas verdades orientados pelo Espírito. Este dom pode ter sido abusado; mas o abuso não impede o uso. O elemento preditivo nas profecias bíblicas jamais deveria ser superenfatizado ou desprezado. A tarefa do profeta é contar o que Deus lhe disse, inclusive o que vai acontecer. Com referência ao ministério profético no N.T., veja I Co. 12:28 e Ef. 2:20; 3:5; 4:11.

**21. Julgai todas as coisas** refere-se em primeiro lugar aos pronunciamentos que pretendem ser profecias. Não devem ser aceitas com credulidade mas devem ser testadas por revelações mais objetivas e

especialmente pelas pedras-de-toque do Senhorio de Cristo (I Co. 12:3) e da encarnação (I Jo. 4:1-3). **Que é bom**, isto é, coisa genuína, não falsificada.

**22.** A ordem negativa de Paulo é esta na realidade: *Abstenham-se de toda espécie de mal*. *Eidos* (**forma**) foi freqüentemente usado nos papiros no período greco-romano para indicar "classe", "sorte", "tipo". Tem-se observado muitas vezes que, enquanto "o bem" no versículo 21 está no singular, o **mal**, segundo o texto, tem muitas e diferentes formas. O fraseado lembra Jó 1:1, 8; 2:3.

#### IV. Conclusão. 5:23-28.

##### A. Oração Final. 5:23, 24.

Paulo envolve todas as suas exortações em uma oração pela santificação, e assegura os crentes que um Deus fiel atendê-la-á.

**23. O mesmo Deus da paz é o próprio Deus, único concessor da paz**, um título divino caracteristicamente paulino (cons. Rm. 15:33; 16:20; II Co. 13:11; Fp. 4:9; II Ts. 3:16). Embora a submissão e obediência humanas sejam necessárias, a santificação é uma operação essencialmente divina (cons. Rm. 15:16; Ef. 5:26). **Tudo** (*holoteleis*) implica que nenhuma parte está faltando; o todo da pessoa deve ser conservado irrepreensível. **Espírito, alma, e corpo** não deveria provavelmente ser interpretado como uma análise final da natureza do homem. As três palavras são usadas para indicar o ser completo, "seja o lado imortal, pessoal ou físico" de uma pessoa (Milligan). Paulo ora para que sejam **conservados** (*guardados*) do juízo à vinda de Cristo.

**24. Fiel é o que** só pode se referir a Deus (cons. I Co. 1:9; 10:13; II Co. 1:18; II Ts. 3:3; II Tm. 2:13; Hb. 10:23; 11:11). A única garantia que qualquer crente terá de um relatório digno no juízo final é a fidelidade divina. Sua chamada carrega em si o complemento bem sucedido dos seus propósitos (Rm. 8:30; Fp. 1:6).

**B. Pedido de Oração. 5:25.**

Um meigo pedido nivelando que Paulo dependia dos seus irmãos em Cristo (cons. Rm. 15:30; Ef. 6:19; Cl. 4:3 e segs.; II Ts. 3:1 e segs.).

**C. Saudação Final. 5:26.**

Uma conclusão adequada para uma carta cheia de expressões de afeição. Paulo inclui **todos os irmãos**, até mesmo aqueles que causaram problemas. **Osculo santo**. Seu caráter era completamente divorciado do aspecto sensual. Uma pura prova de profunda emoção de amor cristão, esse tipo de beijo permaneceu um costume cristão até que o abuso e a má interpretação dos pagãos levou a sua prática ao fim. Para outras referências do N.T. ao **ósculo santo**, veja Rm. 16:16; I Co. 16:20; II Co. 13:12; também I Pe. 5:14 ("beijo de amor").

**D. Ordem para Leitura da Carta. 5:27.**

(Eu) **Conjuro-vos**. *Eu lhes suplico, sob juramento*. Paulo queria certificar-se de que a carta seria lida diante de **todos os irmãos** (*santos* não se encontra nos melhores manuscritos). A linguagem é firme, e muda do *eu* para *nós*, reforçando a ordem. Paulo talvez antecipasse algum faccionismo que poderia usar fraudulentamente a sua carta (cons. II Ts. 2:2). Mas parece mais provável que a sua urgente necessidade de comunhão forçou-o a certificar-se de que ninguém ficaria de fora.

**E. Bênção. 5:28.**

Paulo termina como começou – com uma oração invocando a **graça**, isto é, o contínuo favor de Cristo. Observe que o apóstolo enfatiza a majestade de Cristo, mencionando seu título completo – **Senhor Jesus Cristo**. O **amém** (E.R.C.) e a subscrição mencionando Atenas como se fosse o local onde escreveu a carta, foram omitidos nos melhores manuscritos.

## 2 TESSALONICENSES

**Introdução**

**Esboço**

**Capítulo 1**

**Capítulo 2**

**Capítulo 3**

### INTRODUÇÃO

**Desenvolvimento das Idéias.** Sentindo-se grato pela fé, amor e paciência dos crentes na perseguição, Paulo explica o propósito dessa perseguição, a qual refina os crentes para a glória futura e sela o destino dos inimigos de Deus. A vinda de Cristo reverterá a presente situação, trazendo descanso aos altos e a separação de Deus para os seus perturbadores.

Apesar das notícias adversas, o Dia do Senhor não chegara ainda (cap. 2). A rebeldia e o homem da iniquidade terá de aparecer primeiro. Todas as formas de adoração, verdadeiras ou falsas, serão substituídas pela adoração a esse iníquo. Seu tempo será curto apesar de seus ilusórios poderes satânicos. À vinda de Cristo, quando as trevas forem dissolvidas pela luz, ele será morto e seus iludidos seguidores também serão julgados. O destino dos crentes é diferente porque Deus os chamou para a salvação. Este senso de chamada, ao lado do ministério do Espírito, há de mantê-los firmes nos momentos de tribulação. Paulo, também, enfrenta oposição em seu ministério e conforta-se a si mesmo e aos seus amigos com o lembrete da amorosa fidelidade de Deus e a paciente constância de Cristo (cap. 3).

A diligência, não a preguiça, é o carimbo da conduta cristã, conforme Paulo ensinou por meio de instrução e exemplo. Onde prevalecesse a má interpretação da iminência do advento de Cristo, ou orgulho espiritual que desdenha o trabalho manual, seria necessário aplicar firme mas carinhosa compulsão sobre os desordeiros. (Com relação à data, ocasião, etc. veja a Introdução à I Tessalonicenses.)

**ESBOÇO**

- I. Introdução. 1:1 , 2.
  - A. Autores. 1:1a.
  - B. Destinatários. 1:16.
  - C. Bênção. 1:2.
- II. Encorajamento na perseguição. 1:3-12.
  - A. Elogio pela constância. 1:3, 4.
  - B. Explicação dos propósitos da perseguição. 1:5-10.
  - C. Intercessão por um contínuo crescimento espiritual. 1:11, 12.
- III. Instruções quanto ao Dia do Senhor. 2:1-12.
  - A. Por vir no futuro. 2:1, 2.
  - B. Será precedido por sinais definidos. 2:3-12.
- IV. Ação de graças e exortações. 2:13-17.
  - A. Louvor pela chamada deles. 2:13-15.
  - B. Oração por conforto e estabilidade para eles. 2:16, 17.
- V. Declaração de confiança. 3:1-5 .
  - A. Pedido de oração. 3:1 ,2.
  - B. Lembrete da fidelidade divina. 3:3-5.
- VI. Ordem para trabalhar. 3:6-15.
  - A. Esquivem-se dos ociosos. 3:6.
  - B. Imitem-nos. 3:7-9.
  - C. Trabalhem ou não comam. 3:10.
  - D. Exortem os ociosos. 3:11-13.
  - E. Advirtam e disciplinem os desobedientes. 3:14, 15.
- VII. Conclusão. 3:16-18.
  - A. Bênção. 3:16.
  - B. Assinatura de Paulo. 3:17.
  - C. Bênção Apostólica. 3:18.

**COMENTÁRIO**

## 2 Tessalonicenses 1

### I. Introdução. 1:1,2.

Esta carta começa tal como I Tessalonicenses. A única adição é a menção de **Deus nosso Pai e Senhor Jesus Cristo** como os doadores da graça e paz (1:2).

### II. Encorajamento na Perseguição. 1:3-12.

#### A. Elogio pela Constância. 1:3, 4.

O fio da gratidão de Paulo não ficou embotado desde quando escreveu a primeira epístola. Sinceramente elogia os crentes por sua fé, amor e estabilidade no meio de desapiedada perseguição.

**3. Cumpre-nos dar sempre** transmite o senso da dívida pessoal de Paulo para com Deus por causa do crescimento dos tessalonicenses. **Como é justo.** Isto é, "Sua conduta merece tal ação de graças".

**A vossa fé cresce sobremaneira.** Preocupado na primeira carta por causa da fé deles (I Ts. 3:5, 10), aqui o apóstolo se regozija por causa de seu excepcional desenvolvimento. Tendo os encorajado a desenvolverem o seu amor (I Ts. 3:12), aqui ele observa que **o amor.. vai aumentando entre eles.** Em I Ts. 1:3 ele os elogia pela **firmeza da. . . esperança.** Aqui, esta declaração estava ausente porque o problema central desta carta é a má interpretação da esperança?

**4. Nós mesmos nos gloriamos de vós.** Nós nos jactamos a seu respeito. Ele antecipou sua jactância à vinda de Cristo (I Ts. 2:19), gloriando-se dos tessalonicenses entre as igrejas onde trabalhava. **Constância**, isto é, paciência, como em I Ts. 1:3. **Fé**, *pistis*, às vezes tem o significado de "fidelidade" (Rm. 3:3; Gl. 5:22, por exemplo). Embora esse significado se encaixe bem aqui, é mais provável que **fé** se refira ao ato de confiar, como em II Ts. 1:3 e nos demais lugares onde se encontra nestas epístolas. **Perseguições** (*diogmois*) é um termo específico,

referindo-se aos ataques dos oponentes do Evangelho (cons. Atos 8:1; 13:50), enquanto que **tribulações** (*thlipseis*) são prestes mais generalizadas (cons. Mt. 13:21 e Mc. 4:17). O tempo presente de que suporta sugere que esta amarga oposição era uma realidade presente.

### **B. Explicação dos Propósitos da Perseguição. 1:5-10.**

Confiança e estabilidade na perseguição são evidências do justo juízo de Deus, que está preparando os sofrendores justificados para o Seu Reino e os Seus oponentes para Sua ira.

**5. Sinal evidente** refere-se não tanto à perseguição mas à fé e firmeza deles **na perseguição**. Essa atitude de firmeza é *evidência clara* ou *explícita indicação* **que o reto juízo de Deus será favorável** no caso deles (cons. II Co. 4:16 e segs. e Fp. 1:28). Embora este justo juízo culmine com o fim, já está em operação (Jo. 3:19). O juízo tem um propósito definido nas vidas dos crentes: **para que sejais considerados dignos**. "Faz parte do **reto juízo** de Deus usar as tribulações para aperfeiçoamento do Seu próprio povo" (Morris). **Reino**. Veja observação em I Ts. 2:12. **Pelo qual**, isto é, *por causa do qual*. Cons. As beatitudes de Cristo em Mt. 5:10-12. **6.** O juízo final trará uma justa inversão das atuais circunstâncias: os perseguidores serão os perseguidos, enquanto suas vítimas descansarão. **Se de fato**, isto é, *uma vez que realmente*. **É justo**. A justiça de Deus será prejudicada se esse tipo de oposição maligna tivesse permissão de florescer permanentemente. **Atribulam**, isto é, *atortentam*.

**7. Alívio.** *Um abrandamento das tensões*. Conosco, os apóstolos que não desconhecem a tribulação nem o desejo do alívio. **Quando . . . se manifestar** (cons. I Co. 1:7 e especialmente Lc. 17:30). **Anjos do seu poder** é, literalmente, como está. Isto é, anjos que são símbolos e ministros do seu poder. Veja observação sobre I Ts. 3:13. As parábolas do reino contadas por Cristo (cons. Mt. 13:41, 49; 25:31, 32) também relacionam os anjos com o Juízo.



**8. Com chama de fogo.** Para antecedentes no V.T. veja Is. 66:15 e Dn. 7:10,11. O sujeito de **tomando** (*proporcionando*) vingança (castigo completo) é o **Senhor Jesus** de II Ts. 1:7. O Pai confiou-lhe todo o julgamento (Jo. 5:22,27). Os objetos da ira de Cristo são os **que não conhecem a Deus e não obedecem ao evangelho**. Alguns sugerem que são dois os grupos indicados – gentios (cons. I Ts. 4:5) e judeus. É mais provável que seja uma referência coletiva a todos aqueles que se recusam a agir com base naquilo que sabem a respeito de Deus e aqueles, que mais especificamente, rejeitam a revelação em Cristo.

**9.** A natureza da vingança: sofrerão penalidade de eterna destruição. Aniquilação não é o pensamento aqui, mas, antes, ruína total, a perda de tudo o que tem valor. Especificamente, é a separação da presença (**face**) **do Senhor**, a verdadeira fonte de todas as coisas boas. As descrições que o Novo Testamento faz dos sofrimentos do inferno são numerosas: "fornalha de fogo" (Mt. 13:42); "lago de fogo e enxofre" (Ap. 20:10); "trevas exteriores". (Mt. 25:30), etc. Mas nenhuma é mais descritiva que esta figura de exclusão completa e eterna da presença dAquele que é vida, luz e amor. **Da glória do seu poder.** A "visível manifestação da grandeza de Deus" (Morris).

**10. Quando** (*hotan*) é indefinido. **Nos seus santos.** Os crentes são a esfera na qual Cristo será **glorificado** quando vier. "Ele será glorificado neles, exatamente como o sol é refletido em um espelho" (Alf). Este é o ponto culminante de um processo já começado (Jo. 17:10; II Co. 3:18). **E ser admirado.** Esta revelação da glória de Cristo nos crentes será espantosa e maravilhosa para todos os que participarem dela. **Naquele dia** deve ser ligado com **e ser admirado**. A cláusula final é parentética e de difícil relacionamento dentro do versículo. Talvez a melhor interpretação seja que é uma expressão condensada, devendo ser traduzida conforme Phillips sugere: "em todos os que crêem – inclusive vocês, pois vocês creram na mensagem que lhes transmitimos".

**C. Intercessão por um Contínuo Crescimento Espiritual. 1:11, 12.**

Tendo esclarecido aos tessalonicenses os soberanos propósitos divinos na perseguição que estavam experimentando e seus gloriosos resultados, o apóstolo reafirma sua preocupação constante, em oração, de que a dedicação dos crentes completa os desígnios de Deus.

**11. Por isso.** *Com este propósito*, relacionando-se a todo o trecho de 1:5-10. **Vocação** geralmente se refere à chamada inicial de Deus à salvação, mas a idéia aqui provavelmente inclui o ponto culminante desse ato inicial (cons. I Ts. 2:12). **Todo propósito de bondade** (sua não se encontra no texto grego) refere-se aos tessalonicenses, não a Deus. Paulo ora que Deus cumpra (execute até o fim) **todo o propósito de bondade**. *Agathosyne* (**bondade**), no N.T., não é nunca aplicado a Deus (cons. Rm. 15:14; Gl. 5:22; Ef. 5:9). Benevolência combina com justiça em **bondade**. **Obra de fé** descreve a maneira na qual Deus pode cumprir essas duas petições.

**12.** O pedido final faz lembrar 1:10. Nome é a revelação de toda a personalidade, de acordo com o uso bíblico e semítico em geral. Os crentes devem refletir continuamente aquela glória que será inteiramente revelada neles na vinda de Cristo. **E vós nele** aponta para a intimidade da união entre Cristo e a Sua Igreja. Uma vez que Cristo revela a Sua glória na Igreja, a única glória que a Igreja pode reivindicar está nEle. O fato de que tal participação da glória vai acontecer deve-se (**segundo a**) à graça divina.

## 2 Tessalonicenses 2

### III. Instruções Quanto ao Dia do Senhor. 2:1-12.

#### A. Por Vir no Futuro. 2:1, 2.

Paulo mergulha no problema que provocou a carta – a notícia de que as aflições suportadas pelos crentes eram sinais seguros de que o Dia do Senhor já chegara. Paulo o nega categoricamente.

**1. No que diz respeito (*hyper*) à vinda (*parousia*;** veja observação sobre I Ts. 2:9) pode ser traduzido para *quanto à vinda* (Milligan). Assim também à nossa reunião com ele (cons. Mc. 13:27; I Ts. 4:17).

**2. Perturbeis.** O tempo presente sugere "estar mantido em um estado de agitação ou pânico". Três meios de perturbar são apresentados: 1) **espírito** – notícia de alguma revelação especial recebida por Paulo; 2) **palavra** – notícia de algum sermão pregado por Paulo; 3) **epístola** – uma epístola falsa. **Como se procedesse de nós, dando a entender que partiu de nós**, provavelmente se aplica a todos os três. A substância dessas falsas notícias era que **o dia do Senhor (Cristo, E.R.C. não é apoiado pelos melhores manuscritos) já chegara**. O verbo (*enesteken*) significa "estar presente" (cons. Rm. 8:38; I Co. 3:22; Hb. 9:9), não peno (E.R.C.). Dia do Senhor. Veja observação sobre I Ts. 5:2.

### **B. Será Precedido por Sinais Definidos. 2:3-12.**

O dia começará com uma explosão de rebeldia e com a revelação do homem da iniquidade. A vanguarda do exército satânico está em movimento, mas o terrível e já condenado líder ainda não está à vista.

**3. Ninguém. . . vos engane.** Veja Mt. 24:4 e segs. **De nenhum modo.** Aqueles de II Ts. 2:2 ou outros. **Não acontecerá** não se encontra no texto grego, mas algo parecido deve ser acrescentado. **A apostasia** literalmente. O significado da palavra era conhecido dos leitores de Paulo, mas nós não temos essa felicidade.

**Apostasia** geralmente significa "rebelião", quer no sentido político quer no religioso. A referência aqui é provavelmente ao avanço dos poderes do mal contra o povo e os propósitos de Deus. Cristo e Paulo, ambos advertiram contra essa final conspiração do . mal (por exemplo, Mt. 24:10 e segs.; I Tm. 4: 1-3; II Tm. 3:1-9; 4:3 e segs.). Ao que parece será de um escopo e intensidade suficientes para se distinguir do espírito da geral oposição a Deus (**mistério da iniquidade**, II Ts. 2:7) a qual caracteriza a atitude do mundo. O clímax da rebelião será a revelação do **homem da iniquidade**.

**E seja revelado** sugere que ele está aguardando por trás do pano, até que o tempo de seu aparecimento público esteja amadurecido. No N.T. só João usa o termo "anticristo" (I Jo. 2:18, 22; 4:3; II Jo. 7), mas não pode haver dúvidas quanto a quem Paulo tem em mente. **O filho da perdição** (cons. Jo. 17:12) aponta para a natureza e para o destino desse homem. Suas ações serão o selo de seu destino. Com referência a **filho de**, veja coment. sobre I Ts. 5:5.

**4. A Operação do Anticristo. O qual se opõe.** Na qualidade de ministro de Satanás, o Anticristo executará o trabalho do seu mestre (I Tm. 5:14). **Tudo que se chama Deus.** O verdadeiro Deus vivo (I Ts. 1:9) e os deuses falsos. **Ou objeto de culto**, isto é, tudo o que é considerado sagrado – templos, relicários, etc.

O Anticristo tomará lugar **no santuário de Deus, ... como se fosse o próprio Deus**, provavelmente no templo em Jerusalém, como a íntima conexão desta passagem com a descrição de Antíoco Epifânio (Dn. 11:36 e segs.) sugere (cons. também Mc. 13:14, onde o particípio masculino pode indicar uma pessoa mais do que uma imagem). Apocalipse 13:4-15 descreve o culto ao Anticristo.

**Ostentando-se;** melhor *proclamando-se*, de acordo com o significado helenístico de *apodeiknymi*.

**5. Eu costumava dizer-vos estas cousas?** O tempo imperfeito indica que Paulo discutiu esses acontecimentos mais de uma vez.

**6. O que o detém e o relacionado aquele que agora o detém** (v. 7; "impede") são especialmente difíceis de interpretar sem medo de errar, por causa das poucas palavras de Paulo. Saber que os tessalonicenses sabiam o que ele queria dizer, pouco nos ajuda. Certas observações podem ser feitas: 1) O tempo presente de ambos os particípios mostra que a força ou pessoa embargante já está em operação. 2) A mudança do neutro (v. 6) para o masculino (v. 7) sugere que o embargante pode ser tratado como uma coisa ou pessoa. 3) A influência restritora será removida **em ocasião própria** (de Deus), e o Anticristo será revelado.

Os intérpretes dispensacionalistas (C.I. Scofield, L.S. Chafer e J. Walvoord, por exemplo) interpretaram o embargante como o Espírito Santo, um ponto de vista sustentado pelo fato de que o Espírito pode ser descrito de ambos os modos, no gênero neutro e masculino. A retirada do Espírito terá lugar quando a Igreja, o Seu templo, será arrebatada (I Ts. 4:13-17). Entretanto, por que Paulo falaria do Espírito em tais termos velados? Mais ainda, como poderia a revelação do Anticristo ser um sinal de que a igreja já está pronta para o arrebatamento? Muitos comentadores bíblicos desde Tertuliano (cerca de 200 D.C.) têm identificado o embargante como sendo o Império Romano. O partícipio neutro poderia se referir ao estado; o masculino, ao imperador. Este ponto de vista descansa sobre a atitude benevolente de Paulo para com o governo como o meio de manter a lei e dispor das coisas para que a igreja pudesse continuar fazendo a sua obra (cons. Rm. 13:1-7; Tt. 3:1; I Pe. 2:13, 14, 17). Mas o Império Romano já se desvaneceu há muito, e o homem do pecado ainda não foi revelado. Assim parece provável que a influência restritora refere-se ao princípio do governo humano manifesto no estado romano. As instituições humanas são parte do programa divino da graça comum, por meio do qual Ele controla as forças do mal para fornecer o ambiente devido para a revelação de Sua graça especial redentora. Extremamente totalitário (cons. Ap. 13:15-17), o governo do Anticristo é tão diabólico em sua natureza e tão cruel em sua prática que desqualifica-se completamente como instituição ordenada por Deus. **Em ocasião própria** mostra que Deus está, em última análise, no controle.

**7. Mistério** indica que o princípio espiritual maligno já estava operando e fora revelado aos crentes (cons. o uso de *mysterion* em Mc. 4:11; Rm. 16:25, etc.). **Injustiça, iniquidade.** Mateus 24:24 e I Jo. 2:8 mencionam os precursores do Anticristo, que são personificações deste princípio de iniquidade. **Aquele que agora o detém.** Veja coment, sobre 2:6. **Que seja afastado.** Provavelmente por Deus, embora não esteja declarado.

**8. Iníquo.** Literalmente, *sem lei* – a característica básica do Anticristo, "homem da iniquidade" e "mistério da iniquidade" (vs. 3, 7, RSV). Tão logo se menciona a sua revelação (**revelado**), o seu destino é descrito. **Desfará** (E.R.C.). Os melhores manuscritos dão **matará** (E.R.A.). **Sopro de sua boca.** Veja em Is. 11:4 os antecedentes do V.T. **Destruirá.** *Tornar inútil, sem poder.* **Esplendor** (E.R.C.) (*epiphaneia*) ou **manifestação** (E.R.A.) fala do brilhante aparecimento do poder de Cristo à Sua vinda (cons. II Ts. 1: 7,8; Ap. 19:11-21).

**9.** O Anticristo tem a sua **vinda** como Cristo tem a Sua. **A eficácia de Satanás** (*poder em operação*) é a dinâmica do Anticristo (cons. Ap. 13:2). Sua vinda se revela em **todo poder** (de operar milagres) e **sinais** (milagres significativos) e **prodígios** (para espanto de seus observadores). No grego, **da mentira parece** aplicar-se a todos os três: os milagres estão embebidos de falsidade. Cons. Atos 2:22; Rm. 15:19, etc., para exame das três palavras descrevendo milagres.

**10. Engano de injustiça.** O engano brotando da injustiça. **Aos que perecem.** O partícipio presente (*apollymenois*) sugere que o processo já está em operação (cons. I Co. 1:18). **Acolheram.** Dar boas-vindas. **Verdade,** isto é, o Evangelho.

**11. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda** indica a soberania de Deus, controlando os destinos não apenas dos seus filhos mas também dos seus inimigos. Luz rejeitada resulta em trevas maiores, como Mt. 13:10 e segs. e Rm. 1:24-32 demonstram. Eficientemente enganados, eles confiam na **mentira**, não na **verdade** (2:10,12). A **mentira** de Satanás consiste em conseguir que os homens creiam nele em vez de Deus (cons. Gn. 3:1 e segs.; Jo. 8:44).

**12. Julgados.** O veredito de culpa está implícito, não expresso. **Deleitaram-se com a injustiça.** Não vítimas desamparadas, ficaram deliberadamente do lado de Satanás, contra Deus, e participarão do destino de seu capitão (Jo. 16:11).

---

**IV. Ação de Graças e Exortação. 2:13-17.****A. Louvor pela Chamada deles. 2:13-15.**

Em contraste marcante com o negro quadro do Anticristo e seus seguidores, apresenta-se a auspiciosa perspectiva daqueles a quem Deus chamou.

**13. Devemos sempre dar graças.** Vaia observação sobre 1:3. **Amados.** Veja observação sobre I Ts. 1:4.

**Desde o princípio** parece refletir o ponto de vista paulino de uma eleição antes da criação (Ef. 1:4). Alguns manuscritos dão *primícias* em vez de **desde o princípio**. Esta tradução, adotada por alguns editores (Nestle, Moffatt, por exemplo), seria adequada porque os tessalonicenses contavam entre os primeiros convertidos europeus de Paulo.

**Escolheu** (*heilato*; cons. LXX, Dt. 26:18) faz-nos lembrar que os crentes foram acrescentados à Israel na qualidade de povo eleito de Deus (cons. I Pe. 2:9, 10).

**Santificação** (cons. I Ts. 4:3, 7) **do Espírito** destaca o papel do Espírito na separação dos crentes tirando-os da esfera do controle de Satanás para o de Deus (I Pe. 1:2).

**Fé na verdade** enfatiza a reação humana da fé na verdade do Evangelho (Rm. 10:17).

**14. Para o que** refere-se ao ato divino da salvação descrito em 2:13.

**Chamou.** Cons. I Ts. 2:12; 5:24.

**Nosso evangelho.** Cons. I Ts. 1:5.

**Alcançar** (cons. I Ts. 5:9) **a glória** é uma descrição adicional do significado da salvação. Veja observação sobre 1:10.

**15. Tradições.** Quase nada do N.T. existia na forma escrita. A base da instrução estava na autoridade da **palavra** falada sobre os acontecimentos do Evangelho e a sua interpretação (cons. I Co. 11:2, 23; 15:3). **Epístola** provavelmente se refere a I Tessalonicenses. O conteúdo da tradição percebe-se nos sermões de Atos (2:14 e segs.; 7:2 e segs.;

13:16 e segs., etc.) e as declarações do credo incrustadas nas epístolas (I Co. 15:3 e segs.; I Ts. 1:9, 10, etc.).

### **B. Oração por Conforto e Estabilidade para Eles. 2:16,17.**

Paulo, como era do seu costume, sela sua exortação com uma oração.

**16.** Compare com o fraseado muito parecido de I Ts. 3:11. Observe a honra dada a Cristo pela posição que Lhe foi concedida neste versículo. **Consolação** (*paraklesia*) inclui força além de conforto. **Boa esperança** fala do caráter digno da expectativa confiante dos crentes como também do resultado cheio de alegria (cons. I Ts. 1:3). Pela graça faz-nos lembrar que essas e todas as bênçãos divinas são imerecidas, e isto abala o orgulho (cons. 1:11,12).

**17. Console . . . confirme.** Cons. I Ts. 3:2. **Em toda boa obra e boa palavra.** Qualquer coisa que vocês façam ou digam.

## **2 Tessalonicenses 3**

### **V. Declaração de Confiança. 3:1-5.**

#### **A. Pedido de oração. 3:1, 2.**

O pedido de I Ts. 5:25 está sendo repetido, com o acréscimo de uma nota de urgência devido à oposição militante de homens infiéis.

**1. Se propague** é literalmente *possa correr*, enfatizando a natureza vital e ativa da **palavra do Senhor** (isto é, a palavra de Cristo) e a urgência com a qual os apóstolos gostariam de espalhá-la (cons. Sl. 147:15). **Seja glorificada.** Sendo aceita e obedecida (cons. Atos 13:48; Tt. 2:10). **Entre vós.** Veja I Ts. 1:6; 2:13 para ver qual foi a acolhida entusiasta que deram ao Evangelho.

**2. Sejamos livres.** Veja com. sobre I Ts. 1:10. **Dissolutos** (E.R.C.). **Perversos** (E.R.A.), *impróprios*. **Maus**, em um sentido ativo e deliberadamente nocivo. Veja Atos 16:6, 12 para ter uma idéia desta



oposição judia. **Porque a fé não é de todos.** Uma atenuante da verdade; esses homens, além de recusarem-se a crer, também ameaçavam os que o fariam.

### **B. Lembrete da Fidelidade Divina. 3:3-5.**

Esta oposição foi marcada pelo fracasso porque um Deus fiel é mais forte que os homens infiéis.

**3.** Veja I Ts. 5:24. **Confirmará.** Cons. I Ts. 3:2; II Ts. 2:17. **Guardará**, isto é, protegerá. **Do maligno.** De Satanás (cons. Mt. 6:13).

**4. No Senhor.** A fidelidade divina ajuda a garantir a obediente reação dos tessalonicenses tanto no presente (**não só estais praticando**) como no futuro (**como continuareis**). **As coisas que vos ordenamos** parece referir-se às instruções que vêm a seguir (3:6 e segs.).

**5.** Paulo faz uma pausa para pronunciar uma de suas mais comovedoras orações. **O Senhor**, isto é, Cristo. **Conduza** (*kateuthymai*, como em I Ts. 3:11) significa "limpar o caminho dos obstáculos", "abrir um caminho direto". **Corações.** Veja coment. sobre I Ts. 2:4. **Amor de Deus.** O amor de Deus é uma fonte tremenda da estabilidade e segurança (Rm. 8:37-39). **À constância de Cristo.** *Na firmeza de Cristo.* O exemplo de constância infatigável de Cristo é uma fonte de grande inspiração para os crentes altos (Hb. 12:1, 2).

## **VI. Ordem para Trabalhar. 3:6-15.**

Com autoridade apostólica Paulo ataca o problema da preguiça que estava infestando a igreja tessalonicense. Fazendo seus amigos se lembrarem de sua própria diligência, ele ordena que os preguiçosos sejam disciplinados com firmeza, embora com amor.

### **A. Esquivem-se dos Ociosos. 3:6.**

**6. Vos ordenamos**, como um oficial às suas tropas. **Irmãos.** A severidade de Paulo não suprime sua afeição. O apóstolo recebia sua

autoridade do Senhor. **Desordenadamente.** Contrariando a disciplina; cons. "desordeiros" em I Ts. 5:14. **Tradição** (cons. II Ts. 2:15) inclui o exemplo pessoal de Paulo e suas instruções escritas (I Ts. 4:11, 12).

### **B. Imitem-nos. 3:7-9.**

7. **Imitar-nos.** *Seguir, emular* (Arndt). **Visto que nunca nos portamos desordenadamente** é uma atenuante da verdade. O exemplo da diligência de Paulo não foi apenas imaculada, foi brilhante.

8. **Comemos pão** significa ganhar a vida (cons. II Sm. 9:7; Amós 7:12). **De graça.** Sem retribuição. Este versículo parece o de I Ts. 2:9, mas destaca o exemplo de Paulo na diligência mais do que na integridade de propósito.

9. **Direito**, isto é, autoridade apostólica para receber seu sustento vindo dos seus ouvintes (cons. II Ts. 2:6). **Exemplo**, padrão (cons. I Ts. 1:7). **Para nos imitardes.** Cons. II Ts. 3:7.

### **C. Trabalhe ou não coma. 3:10.**

10. O tempo imperfeito de **vos ordenamos** mostra que mais de uma vez Paulo insistiu com eles a serem diligentes, usando as palavras: **Se alguém não quer trabalhar, também não coma.** **Não quer** indica que esta é uma inatividade proposital. Este ditado pode ter sua base na interpretação judia de Gn. 3:19.

### **D. Exortem os Ociosos. 3:11-13.**

11. **Estamos informados.** Tristes notícias espalharam-se tão rapidamente quanto a notícia da fé dos crentes (I Ts. 1:8, 9). **Desordenadamente.** Cons. II Ts. 3:6, 7. A força do interessante trocadilho foi posto em relevo por Ellicott (citado em Milligan): "não trabalhando, mas dando trabalho".

12. Paulo se dirige aos criadores de problemas. **Determinamos.** Cons. 3:6, 10 onde há semelhante tom de autoridade. **Exortamos** (cons. I Ts. 2:11) acrescenta uma nota de ternura, mas retém a urgência. **No**

**Senhor**, etc. Paulo se coloca na posição de porta-voz de Cristo. **Tranqüilamente**. Em contraste com a desordem freqüentemente observada (3:6, 7, 11). Comam. Cons. 3:8.

**13. E vós.** Toda a igreja. Apesar da conduta do indolente, **não vos canseis**, isto é, não desanimem ou nem se tomem relaxados. O tempo aoristo sugere que eles ainda não começaram a agir assim. Fazer o que é certo (**fazer o bem**) nem sempre é fácil, mas toma-se extremamente difícil sob circunstâncias irritantes como aquelas.

### **E. Advirtam e Disciplinem os Desobedientes. 3:14, 15.**

**14.** Esta epístola é a última palavra de Paulo sobre a questão da preguiça. Qualquer um que a desobedeça deve ser considerado um "homem marcado" (**notai-o**) com o qual os crentes não devem se misturar. O propósito deste ostracismo não era punitivo mas corretivo. Paulo tinha esperança que o senso da vergonha poria o ofensor na linha. Tal pressão social é especialmente eficiente em uma sociedade muito restrita e fechada, tal como este grupo de crentes.

**15.** O amor deve prevalecer. O folgazão preguiçoso não deve ser considerado como um **inimigo**, mas **irmão**. **Adverti-o**. Cons. I Ts. 5:12, 14.

## **VI. Conclusão. 3:16-18.**

### **A. Bênção. 3:16.**

Os esforços humanos por si mesmos não podem produzir o bem-estar espiritual (**paz**). Ele é um dom de Cristo, que prometeu paz a seus discípulos (Jo. 14:27; 16:33) e aqui é chamado de **o Senhor da paz** (cons. coment. sobre I Ts. 5:23). **Sempre. . . de toda maneira.** Continuamente em todo tipo de circunstâncias. **Com todos vós.** Até mesmo com os preguiçosos.

---

**B. A Assinatura de Paulo. 3:17**

**Sinal.** A caligrafia de Paulo no final de suas cartas era o sinal da autoridade delas (cons. I Co. 16:21; Gl. 6:11; Cl. 4:18). **Assim é que eu assino.** Chamando a atenção deles para o estilo de sua caligrafia, uma precaução necessária (cons. II Ts. 2:2).

**C. Bênção Apostólica. 3:18.**

Veja observação sobre I Ts. 5:28. **Todos.** Isto inclui até mesmo os criadores de problemas.

# 1 TIMÓTEO

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

## Capítulo 3

## Capítulo 5

## Capítulo 2

## Capítulo 4

## Capítulo 6

## INTRODUÇÃO

**Autoria.** A autoria paulina das Pastorais (I, II Timóteo e Tito) é controvertida. Entretanto, as evidências *prima facie* das cartas por si mesmas indicam que Paulo é o escritor, uma vez que seu nome aparece na saudação de cada uma, e as observações autobiográficas se encaixam na vida de Paulo conforme registradas em outros lugares. Como, por exemplo, I Tm. 1:12, 13; II Tm. 3:10, 11; 4:10, 11, 19, 20.

A regra básica da prova da autenticidade de documentos foi há muito declarada por Simon Greenleaf: "Cada documento, aparentemente antigo, vindo do devido repositório ou custódia, e não trazendo aparentemente nenhuma evidência de falsificação, a lei presume ser genuíno, e devolve à parte oponente a responsabilidade de provar o contrário (*An Examination of the Testimony of the Four Evangelists*, London, 1847, pág. 7).

Os antigos livros pastorais procederam da custódia devida, a igreja. **A igreja** sempre os aceitou como paulinos; não houve vozes discordantes até os tempos modernos. O que então a crítica oferece para se opor às evidências *prima facie* e a voz unânime da tradição? Os alegados sinais de falta de autenticidade ou de falsificação são quatro: 1) linguagem e estilo que não são de Paulo; 2) a oposição das Pastorais ao Gnosticismo do segundo século; 3) discrepâncias entre as Pastorais e Atos – presume-se que Paulo foi condenado à morte no final de sua única prisão em Roma, conforme registrado em Atos, concluindo-se daí

que Paulo não pode ser o autor das Pastorais; 4) organização eclesiástica adiantada, além do tempo de Paulo, refletida nas Pastorais.

Estes argumentos não se sobrepõem às evidências positivas: 1) O argumento lingüístico é inconclusivo porque é psicologicamente absurdo, além de difícil, se possível, de provar. Poderia um falsificador, procurando ter o seu livro aceito como obra de Paulo, introduzir um vocabulário que não fosse paulino numa base de dezessete palavras por página de texto grego, e referir-se a incidentes que não se encaixam na parte conhecida da vida de Paulo? A resoluta e unânime recepção dos livros pelas igrejas antigas, sob tais condições, seria impossível de explicar. Na verdade, essa aceitação resoluta é uma evidência muito boa de que as epístolas eram bem conhecidas como genuínas. Os elementos lingüísticos podem concebivelmente apontar para uma autoria conjunta de Lucas e Paulo (Moffatt, *Introduction to the Literature of the New Testament*, 3.<sup>a</sup> ed., pág. 414), mas é bom lembrar que, na melhor das hipóteses, aceitar a autoria conjunta, limitando a linguagem e o estilo de um escritor, é apenas conjectura. Os leitores das Epístolas Pastorais de Paulo eram diferentes daqueles de quaisquer outras epístolas. Timóteo e Tito foram intimamente ligados à vida e idéias de Paulo durante quinze a vinte anos. Não deveríamos, portanto, ficar surpresos se Paulo preferisse falar em linguagem e estilo diferentes daqueles que usou dirigindo-se às igrejas. Paulo estava encorajando e exortando seus filhos na fé, não corrigindo igrejas briguentas e instáveis.

2) A adoção desta objeção defende que se as Pastorais refutam o Gnosticismo do segundo século, devem ser documentos do segundo século. Apresentadas as claras evidências *prima facie* da autoria paulina, se há declarações que atacam o Gnosticismo posterior às cartas, a inferência é que Paulo previu tal desenvolvimento, o que não é impossível mesmo do ponto de vista da mera sagacidade humana. Entretanto, Paulo declarou, em outras epístolas, por inspiração, possuir a capacidade de ver e predizer o futuro. Negar que ele podia fazê-lo é negar a existência da possibilidade da revelação sobrenatural. Mais

ainda, Paulo talvez não atacasse nestas epístolas um Gnosticismo tão avançado como alguns têm argumentado.

3) Que os homens, lugares e incidentes mencionados nas Pastorais não podem se encaixar no esboço de Atos, é uma razão muito boa para estendermos a vida de Paulo além da narrativa de Atos. As Pastorais, então seriam o produto da quarta viagem missionária de Paulo e uma segunda prisão.

4) Os elementos da organização eclesiástica encontrados nas Pastorais encontram-se em outros lugares do Novo Testamento. Há quem pense que citar o Evangelho de Lucas como Escritura (I Tm. 5:18) é uma indicação de data tardia. "Quando o autor das pastorais escrevia, o evangelho de Lucas e algumas coleções evangélicas contendo Lucas 10:7 eram reconhecidas como *graphé*" (Ibid., pág. 401 e segs.). Este argumento também presume o ponto a ser provado, isto é, que o livro não poderia ser inspirado e conhecido como inspirado no tempo em que foi escrito e recebido.

Respostas mais detalhadas a estes argumentos foram desenvolvidas nos comentários conservadores padronizados e nas introduções. Veja especialmente Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of the Pastoral Epistles*, pág. 4-32.

**Data.** A primeira carta a Timóteo e a de Tito foram escritas durante o período de viagem e trabalho missionário entre as duas prisões de Paulo em Roma. Uma data entre 61 e 63 A.D. não pode estar muito errada. A segunda epístola a Timóteo contém as últimas palavras encontradas escritas pelo apóstolo; foram escritas na prisão um pouco antes do seu martírio (4:6-8). Podemos considerá-las, como Calvino o expressou, "escritas não com tinta mas com o próprio sangue de Paulo". A data da morte do apóstolo é geralmente colocada em algum ponto entre 65 e 68 A.D.

**Ocasão e Mensagem.** Assim como Moisés passou a responsabilidade a Josué, e o Senhor aos seus apóstolos, Paulo passou a responsabilidade a Timóteo e Tito. Do mesmo modo, assim como

Moisés terminou com uma exortação a todo Israel, e Cristo a toda a Igreja, Paulo concluiu seu desafio com a bênção, "A graça seja convosco"; (I Tm. 6:21; II Tm. 4:22) e "A graça seja com todos vós" (Tt. 3:15). A ocasião para escrever as epístolas surgiu, nada mais nada menos, pela necessidade de manter a fé e garantir a continuidade da Igreja de Jesus Cristo. O solene desafio – "Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós" (II Tm. 1:14) – é o coração das Epístolas Pastorais. Aqui Timóteo e Tito, juntos com toda a Igreja, são desafiados a guardar "a fé", "o depósito", a palavra escrita, pela obra do Espírito Santo. O resultado desse desafio não foi apenas a manutenção da fé através das boas obras e comportamento condizente na casa de Deus, mas também na resistência ao que é falso. A necessidade mais urgente para as suas primeiras epístolas – I Timóteo e Tito – está, sem dúvida, no fato de que muitas coisas em Éfeso e Creta precisavam de ajustamentos. Paulo, entretanto, tendo a intenção de aconselhar seus filhos na fé, determinou aconselhar os outros na mesma ocasião.

**Estrutura e Tema.** Esta primeira das Epístolas Pastorais encaixa-se em um padrão literário que provavelmente não é accidental. Resumindo, poderia ser assim exposto: a) Desafio, b) Louvor, a) Desafio. Em outras palavras, seria: a) Prosa, b) Poesia, a) Prosa. Este simples padrão de um solene desafio em duas partes, ligadas entre si por uma doxologia ou hino de louvor, repete-se três vezes – na introdução, no corpo e na conclusão. A epístola resumida de acordo com este padrão oferece uma unidade maior do que geralmente se lhe atribui. Na introdução, seguindo-se à saudação, encontramos o desafio feito a Timóteo, com uma porção explanatória mais longa (1:3-16) e uma palavra de conclusão mais resumida (1:18-20). Estas duas partes são ligadas entre si pela doxologia concisa mas grave do versículo 17. A parte inicial que conduz à doxologia inclui um esboço – apenas resumidamente sugerido – dos principais tópicos da epístola. Tudo está tão jeitosamente entrelaçado que os muitos temas apresentados só servem para focalizar a atenção



sobre o desafio que Paulo faz a Timóteo. Então se segue a doxologia, que dá um peso solene à parte final do desafio.

Concluindo a epístola, surge um outro desafio, novamente duplo, com suas partes interligadas pela doxologia do versículo 16b. Novamente as mesmas proporções foram preservadas: a primeira é uma seção mais longa (6:3-16a) com uma recapitulação dos temas principais da epístola; a porção mais curta (6:17-21) conclui com um apelo profundamente comovente, "Ó Timóteo, guarda o depósito".

Da mesma maneira, a porção maior da epístola (2:1 – 6:2) está subdividida por um parágrafo transicional (3:14 – 4:5), no centro do qual estão as linhas do antigo hino cristão do qual Paulo é provavelmente o autor (3:16). A primeira parte desta porção maior trata dos aspectos oficiais ou públicos da Igreja, a Casa de Deus, culminando com as memoráveis linhas do hino. Na segunda porção, estão destacados aspectos individuais e pessoais, em paralelo notável com os temas apresentados na primeira seção. Por exemplo, a referência às mulheres na primeira parte apresenta o princípio da liderança masculina na Igreja; enquanto que a referência às mulheres na segunda parte, trata com o problema individual e pessoal das viúvas dependentes. Parece que uma seção tem a intenção de contrabalançar a outra. Mas o mais importante é que toda a estrutura da epístola tem a intenção de colocar em destaque o grande hino de louvor no centro, o qual apresenta sucintamente e lindamente a pessoa e obra de Cristo.

**Observação sobre o Comentário.** No comentário a seguir fez-se um esforço de se apresentar, além de palavras meramente exploratórias sobre determinado texto, também, o que é muito mais importante, a Citação de textos paralelos, os quais, se pacientemente verificados, darão o seu próprio comentário bíblico.

## ESBOÇO

### I. Saudação e introdução. 1:1-20.

- A. Saudação, com observações especiais sobre autoridade e esperança. 1:1, 2.
- B. Desafio a Timóteo, apresentando os tópicos principais da epístola. 1:3-16.
  - 1. Doutrina sadia versus doutrina falsa. 1:3, 4.
  - 2. O propósito da doutrina sadia. 1:5 -7.
  - 3. A verdadeira doutrina da Lei. 1:8-11.
  - 4. O testemunho e o evangelho de Paulo. 1:12-16.
- C. Doxologia. 1:17.
- D. Exortação e estímulo a Timóteo. 1:18-20.
- II. Exortações e instruções à Igreja do Deus vivo. 2:1 – 6:2.
  - A. À igreja que dá testemunho. 2:1 – 3:13.
    - 1. Oração pública relacionada com o propósito missionário da igreja. 2:1-8.
    - 2. Conduta das mulheres relacionada com o testemunho da igreja. 2:9-15.
    - 3. Qualificações dos oficiais da igreja. 3:1-13.
  - B. À igreja que é coluna e fundamento da verdade. 3:14 – 4:5.
    - 1. Sua exaltada posição como instrumento da doutrina do Evangelho. 3:14, 15.
    - 2. Hino de louvor: Declaração poética sobre a verdadeira doutrina. 3:16.
    - 3. Advertência profética sobre a falsa doutrina. 4:1-5.
  - C. Ao testemunho individual. 4:6 – 6:2.
    - 1. A Timóteo, o bom ministro. 4:6-16.
    - 2. Aos homens. 5:1 .
    - 3. Às mulheres, especialmente viúvas. 5:2-16.
    - 4. Aos anciãos. 5:17-25.
    - 5. Aos servos. 6:1, 2.
- III. Conclusão. 6:2d-21.
  - A. Desafio solene. 6:2d-15a.
    - 1. Advertências contra os falsos mestres. 6:3-5.

2. Atitudes corretas dos verdadeiros mestres. 6:6-10.
3. Os motivos do homem de Deus. 6:11-15a.
- B. Doxologia. 6:15b, 16.
- C. Retorno ao solene desafio. 6:17-21.
  1. Uso correto das propriedades. 6:17-19.
  2. Apelo final: Um resumo. 6:20, 21.

## COMENTÁRIO

### 1 Timóteo 1

#### I. Saudação e Introdução. 1:1-20.

##### A. Saudação, com observações Especiais Sobre Autoridade e Esperança. 1:1, 2.

1. A autoridade apostólica de Paulo baseava-se na divindade e ordem de Cristã. Compare Gl. 1:1: " . . . não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai". A autorização divina foi ainda enfatizada 1) pela palavra **mandato**: sugere uma ordem real que tem de ser obedecida; e 2) pelo fato de ser ordem proveniente de ambos, Deus Pai e Cristo Jesus. Ligando assim em pé de igualdade os nomes do Pai e de Cristo, como no versículo 2, Paulo não deixa margem às dúvidas quanto à inteira divindade de Cristo (veja Warfield, *Biblical and Theological Studies*, Ch. III). Deus é caracterizado pelo nome **Salvador**, um exaltado título que faz lembrar Is. 45:21 e passagens semelhantes. Jesus é distinguido pelo título, nossa esperança, modo sucinto de ligar toda a escatologia à pessoa de Cristo, para estímulo de Timóteo.

2. Também para incentivo de Timóteo, sem dúvida, o apóstolo acrescenta a palavra misericórdia à fórmula comum, graça e paz. Só nas Pastorais Paulo se afasta assim do seu costume.

**B. Paulo Desafia Timóteo, Apresentando os Tópicos Principais da Epístola. 1:3-16.**

O método de Paulo, ao que parece, é apresentar os problemas e os tópicos que ele deseja discutir, e então voltar a esses tópicos mais tarde a fim de acrescentar detalhes. Por isso ele examina primeiro a questão da sã doutrina. Paulo não necessita expor a doutrina em detalhes para Timóteo, mas era necessário lembrá-lo da importância estratégica da doutrina da vida, e correlacionando, a necessidade de obedecer a doutrina. Isto leva à discussão de um lado da doutrina da Lei, a sua relação com os casos de rebeldia, vício flagrante aqui mencionado. O escritor rapidamente resume o relacionamento da Lei com o crente, em uma frase, "Ora o fim do mandamento é o amor" (v. 5). Paulo então incentiva Timóteo com um testemunho e doxologia soberbas, e lhe faz um solene desafio, frustrando os resultados de não se ter uma boa consciência.

**1) Doutrina Sadia Versos Doutrina Falsa. 1:3,4.**

A doutrina herética e a atenção dada aos mitos e genealogias intermináveis produziram especulações e controvérsias inúteis em lugar de piedade evangélica. Os versículos 3, 4 formam a cláusula dependente de uma sentença principal da qual são os versículos 5-7. A relação pode ser observada 1) omitindo-se **assim o faço agora** (E.R.C.), que foi acrescentado pelo tradutor, 2) pontuando-se uma vírgula em lugar do ponto e vírgula, depois de **fé**, 3) omitindo-se ora do versículo 5. O pensamento então seria : "Exatamente como eu o exortei . . . o fim (propósito) do meu desafio é o amor. . . ". Veja comentário sobre II Tm. 1:3.

**4.** Os mitos e as genealogias eram provavelmente ensinamentos gnósticos ou proto-gnósticos. O Gnosticismo tinha dois extremos: ascetismo, como em 4:3, e licenciosidade antinominiana, como o texto institua. Comentários errados sobre a lei, e especulações gnósticas deixavam assuntos de imoralidade declarada sem correção. O **serviço de**

**Deus (edificação de Deus, E.R.C.)** é o assunto próprio da doutrina sadia, e portanto faz um paralelo com o "amor" no versículo 5, e o "bom combate" do versículo 18. O amor é o resumo das obrigações religiosas e éticas (Rm. 13:10; Gl. 5:6). A doutrina sadia produz *ordenamento divino ou superintendência divina da vida*.

## **2) O Propósito da Doutrina Sadia. 1:5-7.**

Estes versículos são a cláusula principal da sentença acima mencionada.

**5. Admoestação.** (E.R.C.). A palavra é o substantivo cognato do verbo **admoestares** no versículo 3. **Fé** está sendo usada no sentido de "a fé", a doutrina. A admoestação relaciona-se com a fonte do autor: um coração puro, uma boa consciência e a doutrina.

**6. Destas coisas.** Uma forma plural referindo-se ao coração, consciência e fé que se acabou de mencionar. É quando esses orientadores da vida moral e ética são prejudicados pela falsa doutrina ou desobediência, que o povo se volta para as vãs discussões.

**7. Mestres da lei.** Uma só palavra. Usada com referência a Gamaliel (Atos 5:34) e eminentes mestres (Lc. 5:17). Paulo parece se referir ao orgulho ambicioso dos falsos mestres, e denuncia sua completa incompetência.

## **3) A Verdadeira Doutrina da Lei. 1:8-11.**

O apóstolo dedica-se agora ao relacionamento da Lei com os perdidos. Novamente, estes versículos constituem uma sentença. A conexão é: "sabemos que a Lei é boa, se alguém a usa legitimamente . . . conforme o evangelho". Paulo discute esta função da Lei em detalhes em Rm. 7:7-25. "Ela dá o conhecimento do pecado e toma o pecado extremamente maligno, tudo com a finalidade de levar o homem a Cristo".

**9,10. Não se promulga a lei para quem é justo.** "A Lei não condena um homem justo". A expressão é uma negativa relativa, para ser compreendida dentro do contexto. Não significa que a Lei não tenha

relação com o justo; para ele, é uma regra justa à qual obedece alegremente, no Espírito. O catálogo de pecados aqui apresentados não é a mesma lista dada em outra passagem. Provavelmente esta se referia a problemas especiais em Éfeso.

11. Com a menção do evangelho, Paulo faz exultante transição para o seu testemunho do que o Evangelho fez em seu caso, enfatizando as coisas que encorajariam Timóteo.

#### 4) O Testemunho e o Evangelho de Paulo. 1:12-16.

O testemunho do escritor está em duas partes: 1) 12-16; 2) 15, 16. Estas partes correm paralelas, visto que destaca-se a condição de Paulo antes da conversão; e em cada seção também o ponto crítico e o contraste vêm com as palavras, **“Mas obtive misericórdia”**. A sincera doxologia da Introdução do livro (v. 17) aparece como um clímax apropriado do testemunho de Paulo.

12. É assombroso que em todas as palavras de Paulo, que foram registradas, só aqui ele dê graças diretamente a Cristo, e somente aqui ele use a eloqüente linguagem apropriada à profunda gratidão que sente ao se lembrar de sua própria salvação e vocação. **Fiel** (cons. I Co. 7:25). A base para Cristo ter Paulo por fiel estava na Sua misericórdia. Paulo ficou fiel àquilo que lhe foi encarregado (1 Tm. 1:11).

13. **Insolente.** Uma pessoa violenta, orgulhosa e opressora; o "injurador" (E.R.C.) de Rm. 1:30. Paulo caracteriza sua condição de perdido nas três terríveis palavras: **blasfemo, perseguidor e insolente**. Contra essa autocondenação, em dramático contraste, levanta-se a simples expressão, "mas alcancei misericórdia". Embora Paulo perseguisse a igreja na ignorância, pensando que executava o trabalho de Deus (Atos 26:9), ele não desvalorizava o seu pecado. Mesmo os pecados da ignorância precisam expiação (Hb. 9:7; Lv. 5:15-19). A menção da ignorância enfatiza a deplorável e culposa cegueira do pecado (Ef. 4:18; I Pe. 1:14). "Paulo se sentia profundamente penitente por ter perseguido a igreja de Deus, mas aparentemente ele não tomava sobre si

o negro pecado de ter continuado na perseguição diante de uma convicção mais esclarecida" (J. Gresham Machen, *Origin of Paul's Religion*, pág. 61).

**14.** Não uma sentença separada, mas o final e o clímax da declaração começada no versículo 12. No seu pecado, Paulo encontrou a misericórdia, graça, fé, amor, em Cristo; e esta graça transbordou e superabundou.

**15. Palavra.** "Fiel é a mensagem e digna de toda a aceitação". A mensagem não consistia de meras palavras, mas fundamentava-se nas palavras de Cristo (Lc. 19:10), e é equivalente à verdade do Evangelho. Aparece nesta forma aqui e em I Tm. 4:9. Nas simples palavras, **fiel é a palavra** (em 3:1; II Tm. 2:11; Tt. 3:8, como aqui no versículo 15), Paulo sublinha sua condição de perdido. Dos quais eu sou o principal. É um paralelo de blasfemo, perseguidor, insolente; e é o clímax.

**16. Me foi concedida misericórdia.** Novamente Paulo apresenta o contraste dramático entre sua indignidade e a misericórdia de Cristo, acrescentando aqui, **mas, por esta mesma razão**, que leva ao **para que** explicativo que se segue: **para que em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua, completa longanimidade.** Paulo propunha o seu testemunho como um encorajamento a Timóteo, que enfrentava, na igreja, o pecado mencionado acima, mais os falsos ensinamentos. Paulo, na verdade, diz: "Se o Senhor me salvou, que sou pior do que qualquer outro, ninguém precisa se desesperar; e você pode ter certeza de que meu Senhor também capacitará você".

### **C. Doxologia. 1:17.**

Para o duplo testemunho que acabou de ser apresentado, a doxologia de louvor vem como o clímax e a fonte da profunda adoração e gratidão de Paulo. Deus Pai não foi mencionado no contexto, portanto esta doxologia dirigida a Deus possivelmente pode ser aceita como dirigida a Cristo ou ao Deus Triúno.

**D. Exortação e Estímulo a Timóteo. 1:18-20.**

A exortação é com referência à total responsabilidade do ministério do Evangelho, de acordo com pronunciamentos proféticos dados por ocasião da ordenação de Timóteo. Os detalhes da exortação são apresentados no restante da epístola e resumidos novamente em 6:13, 14.

**18. Firmado nelas.** Pelas profecias, pelo lembrete da responsabilidade e confiança depositadas nele, Timóteo podia ser desafiado e incentivado a permanecer frutífero na sua difícil tarefa. Veja coment. sobre II Tm. 1:4, 5.

**19. Mantendo fé e boa consciência.** Toda a mensagem do Evangelho encampa a doutrina e a conseqüente obediência. A **fé** é o que cremos a respeito de Cristo; a **boa consciência** é a proibição da consciência de ser profanada pela prática de pecados contrários à doutrina. Veja coment, sobre II Tm. 1:3. **A qual** (E.R.C.). Refere-se à **boa consciência**. Se a doutrina da verdade não for obedecida, ela será na verdade negada e se transformará em uma "fé morta" e os homens passam a ser um *naufrágio*. Reformando sua doutrina para se adaptar ao seu trajeto maligno, eles passam a ensinar uma falsa doutrina. Por isso as palavras: "Há o perigo da fé afundar em uma consciência má, como se fosse tragada por redemoinho em um mar tempestuoso" (Calvin).

**20.** Paulo cita dois exemplos específicos de *naufrágio*. Alexandre é provavelmente o Alexandre de II Tm. 4:14, que se opôs ao ensino apostólico (veja o comentário detalhado de Zahn em *Introduction to the New Testament*, II, 108-110). Himeneu foi mencionado em II Tm. 2:17 e a heresia especificada.

**Entreguei a Satanás.** Isto tem sido interpretado por alguns como significando a imposição apostólica de algum castigo fora do comum (Atos 5:5; 13:11; Jó 2:6 - embora a entrega que Deus fez de Jó a Satanás não seja análoga ao procedimento de Paulo em relação a um fornicador e herético). Entretanto, uma comparação com I Co. 5:3-5 toma a excomunhão como o significado mais provável. Aquele que não pertence à Igreja, o corpo de Cristo, está sob o domínio de Satanás. Blasfêmia é



qualquer violação do terceiro mandamento, qualquer emprego leviano e mau do nome de Deus (veja *Westminster Larger Catechism*, Perguntas 112, 113).

## II. Exortações e Instruções à Igreja do Deus Vivo. 2:1 – 6:2.

Os tópicos que Paulo comenta nesta seção são facilmente perceptíveis, conforme indicado no esboço geral. Não tão facilmente perceptível é o ponto de vista que governa a escolha desses tópicos e sua ordem. A idéia chave da epístola é a preservação da fé e do testemunho. Não causa surpresa, então, que no próprio centro da carta esteja o parágrafo que apresenta a Igreja como a **coluna e baluarte da verdade**, o agente que defende e propaga a mensagem do Evangelho (veja Introdução, **Tema e Estrutura**). Seguindo este parágrafo, em 4:6, vem uma divisão natural. Até esta divisão, Paulo parece discutir aspectos do testemunho de toda a Igreja. Depois dela, ele fala aos indivíduos e a classes de indivíduos em particular, selecionando suas exortações com referência ao testemunho.

### A. À Igreja que Dá Testemunho. 2:1 – 3:13.

De um modo geral, o ponto de vista aqui é a igreja em seus aspectos público e comunitário: adoração e oficiais.

## 1 Timóteo 2

### 1) Oração Pública Relacionada com o Propósito Missionário da Igreja. 2:1-8.

O primeiro tópico de Paulo é a oração por todos, e todos os que têm autoridade. A ênfase universal está clara por causa do **todos** nos versículos 1, 2, 3, 4, 6 e da nota apostólica, missionária, no versículo 7. Paulo aqui não faz uma discussão completa do relacionamento do cristão com a autoridade civil, mas apenas exorta que se façam orações por aqueles que estão em autoridade, que os crentes vivam uma vida quieta e

sossegada. Isto conduz ao propósito mais amplo de levar a salvação aos homens.

**1. Súplicas, orações, intercessões e ações de graças.** Estas palavras referindo-se à oração são as mesmas encontradas em Fp. 4:6 e freqüentemente usadas no N.T., com exceção de intercessões, que aparece apenas aqui e em I Tm. 4:5 (o verbo cognato aparece em Atos 25: 24; Rm. 8:27, 34; 11:2; Hb. 7:25).

**3. Isto.** Refere-se primeiramente à oração, mas deve incluir o resultado pretendido também. Cada uma tem o seu lugar na transmissão da mensagem aos homens. **Salvador.** Repete o tema da salvação (1:1) e enfatiza a bondade e o amor de Deus por todos. A ênfase nesta passagem é sobre a suficiência, aplicabilidade e oferta universais do Evangelho. Paulo demonstra este fato, caracterizando a entrega de Cristo como testemunho, e destaca sua própria posição de confiança na qualidade de pregador, apóstolo e professor dos gentios. Os versículos 3-7 formam a expansão de um importante pensamento anterior na exortação do apóstolo à oração. O pedido de oração do escritor tem por alvo missões. É oportuno que missões fossem colocadas sobre a sua base mais profunda: a genuinidade da oferta para todos, sua aplicabilidade e sua suficiência, conforme se percebe na obra de Cristo. Nossa oração é boa e aceitável diante de Deus porque é uma oração por todos os homens e aqueles que exercem autoridade, com o propósito da Igreja poder dar o seu testemunho eficientemente. Deus deseja que através deste testemunho todos os homens possam ser salvos e venham ao conhecimento da verdade.

**4. O qual deseja. Quer que** (E.R.C.). Não deve ser interpretado significando "decreto", uma vez que nem todos os homens são salvos.

**5.** Um versículo anterior (1:1) fala de "Deus, nosso Salvador". Aqui Paulo usa a sucinta fórmula, "Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem". Em Mt. 19:17 a ordem das palavras e idéias é a mesma. "Bom, só existe um". A declaração de **bom**, e **Deus**, e **mediador** é exclusiva e só pode ser feita em referência a uma

pessoa. Aqui está a afirmação mais penetrante e inequívoca da divindade e humanidade de Cristo. Está também envolvida a idéia de um só mediador verdadeiro e perfeito que deve ser Deus (cons. Hb. 7:22; 8:6; 9:15; 12:24). Este um se entregou como um substituto-redentor por todos.

**6. Resgate.** Aparece só aqui no N.T., mas combina os dois elementos da declaração de Cristo sobre resgate em Mt. 20:28 e Mc. 10:45. A preposição **por** e o substantivo **resgate** na declaração do Evangelho foram aqui combinados em uma só palavra. (Veja coment. sobre I Tm. 2:3 para esclarecimento de **resgate por todos**.) **Testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.** Cristo, sendo Deus e homem no sentido verdadeiro das palavras, deu-se a Si mesmo como resgate por todos, *como testemunho no momento apropriado*. Na plenitude dos tempos Deus enviou o seu Filho.

**7. Para isto fui designado pregador,** etc. "Para o qual (testemunho) fui constituído pregador e apóstolo . . . ". A enfática e sincera exaltação que Paulo faz de seu cargo mostra a direção do seu pensamento: por causa desse testemunho do Evangelho de Cristo, e pelo sucesso dele, Paulo ordena a oração.

**8.** Aqui Paulo completa o parágrafo sobre oração. Fervoroso levantar de mãos, no sentido literal ou figurado, significa súplica fervorosa (Sl. 28:2; 68:31; 134:2; 143:6; Pv. 1:24). **Sem ira e sem animosidade. Sem ira nem contenda** (E.R.C.); isto é, em união (cons. Mt. 18:19).

## **2) Conduta das Mulheres Relacionada com o Testemunho da Igreja. 2:9-15.**

O **da mesma sorte** provavelmente transmite às mulheres o que já foi dito sobre os homens, isto é, que suas vidas também devem se caracterizar pela oração e devoção ao Evangelho.

**9,10.** As observações quanto à roupa das mulheres são paralelas a I Pe. 3:3-5. O estilo condensado aumenta o contraste entre o dedicar-se à

ostentação no vestir e o dedicar-se às boas obras. A implicação está em que o oposto ao primeiro é o uso da vestimenta modesta e apropriada - uma espécie de "boas obras", o devido acompanhamento para a verdadeira confissão de piedade.

**11,12.** O restante do capítulo discute as relações oficiais das mulheres dentro da igreja. Estes dois versículos devem ser tomados juntos; as mulheres não devem ocupar cargo de liderança ou de ensino na igreja.

**13.** Para ilustrar o princípio da liderança masculina, Paulo cita a ordem da criação, estabelecendo a chefia natural do homem (I Co. 11:8, 9).

**14. Adão não foi iludido.** Isto deve ser aceito relativamente; Adão foi enganado, mas não tão completamente quanto a mulher. A mesma palavra grega foi usada em relação à mulher, mas em forma intensificada. Adão concordou com ela deliberadamente em vez de assumir a liderança repelindo as sugestões do tentador.

**15. Será preservada através de sua missão de mãe.** A linguagem de Paulo aqui é um eco da tradução de Gênesis 2 e 3 da LXX; e aqui ele pode estar fazendo um trocadilho com Gn. 3:15, 16, apontando para a encarnação de Cristo. Através disso (**de sua missão de mãe**) a mulher que crê e continua na piedade será salva.

## 1 Timóteo 3

### 3) Qualificações dos Oficiais da Igreja. 3:1-13.

**1a.** As palavras de abertura desta seção provavelmente pertencem ao último pensamento do capítulo 2. Todas as outras vezes em que esta frase aparece (I Tm. 1:15; 4:9; II Tm. 2:11; Tt. 3:8) parece seguir ou preceder declarações importantes da doutrina do Evangelho. Aqui acontece o mesmo se o **de sua missão de mãe** de 2:15 for aceito como referência ao nascimento do Salvador. Esta parece a interpretação preferível. Então Paulo começa a considerar as qualificações dos anciãos, as quais ele examina de um jeito ordenado: pessoalmente (vs.

2,3), quanto à família (vs. 4, 5), quanto à igreja (vs. 5, 6) e quanto ao mundo pagão (v. 7). Na segunda metade desta seção o apóstolo trata de diáconos e diaconisas (vs. 8-13), cujas qualificações são paralelas às dos anciãos. (Para um comentário clássico das funções e cargos dos anciãos, veja Charles Hodge, *Church Polity*, Index, "Ancião"; D.D. Bannerman, *The Scripture Doctrine of the Church*, Parte VI, cap. IV; e também o ensaio de Lightfoot, "The Christian Ministry", *Commentary on Philippians*, pág. 181-269).

**1. Ao episcopado.** Uma só palavra; aparece também em Lc. 19:44, Atos 1:20 e I Pe. 2:12. O verbo cognato aparece em Hb. 12:15, sugerindo que a função básica é a responsabilidade de cada crente. A palavra bispo aparece em Atos 20:28; Fp. 1:1; Tt. 1:7; I Pe. 2:25. O cargo de ancião e bispo é o mesmo; em Tt. 1:5,7 ambas as palavras são usadas referindo-se à mesma pessoa em versículos sucessivos. Em Atos 20:28 é os anciãos que o Espírito Santo estabeleceu como bispos na Igreja. **Se alguém aspira ao episcopado . . . almeja**, etc. Duas palavras gregas foram usadas para aspirar aqui. A primeira só é usada aqui, em 6:10 e em Hb. 11:16. O ardente desejo de um homem pelo cargo seda como o desejo de Abraão pelo lar celestial. A outra palavra é usada com mais freqüência, mas também expressa desejo intenso (Heb. 6:11; I Pe. 1:12; Lc. 22:15).

**2. Irrepreensível.** Impecável; a mesma palavra grega usada em 5:7 e 6:14. **Vigilante** (E.R.C.). **Temperante.** Originalmente significa "moderado no uso do vinho", mas aqui deve ser tomado figurativamente, uma vez que o versículo seguinte proíbe a intemperança. O verbo cognato significa ter autocontrole ou domínio próprio. **Sóbrio.** *Equilibrado*; veja também Tt. 1:8; 2:2, 5. **Modesto.** *Ordeiro*; usado em relação às roupas das mulheres em 2:9. **Hospitaleiro.** Usado em Tt. 1:8; I Pe. 4:9. Uma palavra semelhante foi usada em Rm. 12:13; Hb. 13:2. **Apto para ensinar.** Usado apenas aqui e em II Tm. 2:24; num lugar, tratando-se do ancião, em outro do ministro.

**3. Não dado ao vinho.** *Que não seja briguento; rixento quando bebe; que não seja beberrão.* **Não violento.** **Não espancador** (E.R.C.).

Que não seja belicoso ou valentão. Usado só aqui e em Tt. 1:7. **Não cobiçoso de torpe ganância** (E.R.C.). Não pertence ao texto porque não aparece nos melhores manuscritos. Obviamente repete o **não avarento** do final do versículo. Talvez fosse extraído da lista de virtudes semelhante de Tt. 1:7. **Cordato. Moderado** (E.R.C.). *Tolerante* ou conciliador (Fp. 4:5; Tt. 3:2; Tg. 3:17; I Pe. 2:18). **Inimigo de contendas**, como em Tt. 3:2. **Não avarento**. *Não amante do dinheiro*. Usado apenas aqui e em Hb. 13:5.

**4,5. Que governe.** Estar na direção de. Liderança e orientação são coisas de destaque nesta palavra, conforme indica a cláusula seguinte e 3:5. O verbo em 3:5 (usado, fora desta passagem, apenas em Lc. 10:34,35) explica o **governe** do versículo 4, com crescente ênfase sobre o terno cuidado implícito.

**6. Não seja neófito.** Não um recém-convertido. Aparece só aqui no N.T. "Mas, em lugar de ser um *neophytos*, alguém de cujo comportamento na nova fé pouco se sabe, ele deve também dar um bom testemunho (não apenas àqueles que são da igreja, mas) aos de fora" (C.J. Ellicott, ed., *A Bible Commentary for English Readers*, Vol. VII). **Se ensoberbeça.** Ficando cheio de si por causa do rápido progresso. Condenação. Veja 3:7.

**7. É necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora.** Veja a paráfrase de Ellicott acima (v. 6). O mesmo pensamento se encontra em Rm. 12:17b, que é uma citação de Provérbios, "Não te desamparem a benignidade e a fidelidade... E acharás graça e boa compreensão diante de Deus e dos homens" (Pv. 3:3, 4). Observe a advertência contra o orgulho no mesmo contexto do V.T. (Pv. 3:7), também citada em Rm. 12:16b. **Opróbrio.** Isto é um paralelo à condenação pronunciada contra Satanás por causa do orgulho (veja Is. 14:12-15). **Condenação.** Usado em I Tm. 6:9 e II Tm. 2:26. Orgulho foi a causa da queda de Satanás e é o laço que ele arma para os homens (I Jo. 2:16).

**8. Semelhantemente.** Do mesmo modo. O pensamento principal parece ser que deveria haver o mesmo tipo e grau de dons e qualificações

para os diáconos, segundo o padrão dos anciãos. Respeitáveis. Honrados, dignos de respeito. **De uma só palavra.** Que falem a verdade. **Não inclinados a muito vinho.** O testemunho da Bíblia é consistentemente contra o uso de bebida forte. A aplicação prática do princípio na sociedade moderna é de total abstinência.

**Sórdida ganância.** Usado também em Tt. 1:7; e o advérbio em I Pe. 5:2. Uma palavra composta, cujos dois componentes são usados separadamente em Tt. 1:11. Em I Pe. 5:2 a palavra se opõe a *voluntariamente*. O assunto dos motivos econômicos, Paulo os discute mais detalhadamente em I Tm. 6:5-10, 17-19 (veja abaixo). A verdade gritante defende: não dinheiro, mas o amor ao dinheiro é raiz de todo o tipo de males. A advertência é particularmente relevante ao tipo de responsabilidades que o diácono tem.

**9. Fé.** Aqui novamente está a união dos aspectos doutrinários e práticos do Cristianismo: a fé deve ser guardada em uma consciência obediente, não profanada pela desobediência. A expressão **o mistério da fé** não significa que haja algum segredo esotérico conhecido apenas dos iniciados. O emprego que Paulo faz da expressão parte do aparecimento de Cristo na carne, como no versículo 16 abaixo. O mistério não é um segredo a ser guardado, mas uma mensagem a ser proclamada (Rm. 16:25; Cl. 4:3).

**10. Experimentados.** Não necessariamente por meio de um teste formal, mas pela aprovação da igreja. O se é significativo: parece querer dizer que os candidatos devem ser aprovados antes de ocuparem o cargo, servindo depois; não experimentados no cargo.

**11. A mulheres.** O contexto faz que a referência pareça mais naturalmente estar indicando as mulheres que desempenham o cargo de diáconos, ou diaconisas. O apóstolo imediatamente retorna ao assunto dos diáconos em geral e completa suas observações referentes aos mesmos. A palavra **respeitáveis** e palavras relacionadas aparecem freqüentemente nas Pastorais. A mesma virtude é exigida dos diáconos (v. 8) e dos anciãos (Tg. 2:2). **Maldizentes.** A palavra grega para

"maldizente" é *diabolos* (diabo), o nome dado a Satanás no N.T.; ele é o caluniador por excelência. Aqui, em II Tm. 3:3, e em Tt. 2:3, a palavra se aplica a homens. Temperantes. Como em I Tm. 3:2 e Tt. 2:2. **Fieis**. Crentes ou (dignos de toda aceitação) fidedignos. O substantivo correspondente, fé, foi citado no fruto do Espírito em Gl. 5:22. O substantivo, como o adjetivo, pode significar a fé no sentido ativo, "crente", ou essa "fidelidade" que produz confiança da parte dos outros e pode ajudar a inspirar fé.

12. Veja os versículos 4,5 acima; as mesmas palavras foram usadas.

13. Paulo termina esta seção como a começou no versículo 1, com um argumento destinado a encorajar o aspirante a líder da igreja. Aqueles que servem bem adquirem ou ganham para si uma **justa preeminência**. A expressão **muita intrepidez** aqui provavelmente significa "alicerce de" ou "motivo para" mútua confiança. Assim pode ser um paralelo, e explicação, do **justa preeminência** procedente (que literalmente é um *passo* ou *base* sobre a qual alguém está). Aquele que serve bem descobre que o Senhor é fiel; adquire para si um bom fundamento e base de muita confiança na fé (plenitude), que há em Cristo Jesus. **Os que desempenharem bem**. Provavelmente se refere não somente aos diáconos mas também aos anciãos.

## **B. À Igreja que é Coluna e Fundamento da Verdade. 3:14 – 4: 5.**

### **1) Sua Exaltada Posição Como Instrumento da Doutrina do Evangelho. 3:14, 15.**

Paulo esclarece por que ele achava importante escrever a Timóteo mesmo se pretendia encontrar-se com ele logo.

Um dos principais destaques da epístola é a conduta honrada para testemunho da verdade. Assim o comportamento dos cristãos no governo da Igreja é de primordial importância, pois a Igreja é o sustento da firmeza da verdade; isto é, na sua esfera de testemunho diante do mundo. Cristo, a própria verdade, é o fundamento da Igreja (I Co. 3:11). Em Hb.



3:6; 10:21, a Igreja é chamada de "casa" de Cristo ou "de Deus"; também cons. Ef. 2:19,20. **A verdade.** A maior parte das ocorrências desta palavra no N.T. se encontram nas cartas de Paulo e João. O termo é muitas vezes equivalente ao "evangelho" ou "mensagem" (Rm. 2:2, 16; Cl. 1:5; Gl. 2:14), como neste contexto, onde claramente é um paralelo do versículo seguinte, o qual dá a substância do Evangelho.

## 2) Hino de Louvor: Declaração Poética da Verdadeira Doutrina. 3:16.

**Mistério.** Veja o versículo 9 acima. **Piedade.** Esta significativa palavra nas Pastorais e neste período da história da igreja encontra-se em I Tm. 2:2; 3:16; 4:7, 8; 6:3, 5, 6, 11; II Tm. 3:5; Tt. 1:1; II Pe. 1:3, 6, 7; 3:11; Atos 3:12; (o verbo) Atos 17:23; I Tm. 5:4; (o adjetivo) Atos 10:2, 7; II Pe. 2:9; (o advérbio) II Tm. 3:12; Tt. 2:12. Sua área de significado enfatiza a conduta piedosa, sugerindo reverência e lealdade. Isto destaca devidamente a principal ênfase que Paulo dá às Pastorais: sã doutrina e vida fiel. O contexto torna claro que Paulo se refere a Cristo quando diz: **Aquele que foi manifestado na carne.** Começando aqui e no restante do versículo, as linhas estão dentro de um padrão regular, tal como uma poesia ou hino se apresentariam. Serviu bem aos propósitos de Paulo de ligar seus pensamentos a algo bem conhecido e atual, uma vez que a mensagem então seria melhor lembrada. Muitas das referências a cânticos no N.T. estão em conexão com Paulo (Ef. 5:19; Cl. 3:16; Atos 16:25; I Co. 14:15). Portanto, não é difícil crer que o próprio Paulo escrevesse este hino cristão primitivo, se aceitarmos, é claro, que estas linhas (e Ef. 5:14 também) foram extraídas de um hino. Todas as palavras dominantes aparecem em outras cartas de Paulo. **Carne.** Paulo freqüentemente enfatiza a humanidade de Cristo com o uso desta palavra (Rm. 1:3; 8:3; 9:5; Ef. 5:15; Cl. 1:22; Hb. 5:7; 10:20), como aqui, ao falar sobre a encarnação, em harmonia com a doutrina do Nascimento Virginal. **Justificado.** No sentido de ser declarado justo, vindicado (Rm. 3:4; Lc. 7:29, 35). Pela presença do Espírito no ministério de Cristo Ele foi vindicado e comprovado ser verdadeiro em todas as Suas declarações

(Rm. 1:4; Lc. 4:18, 19; 10:21; Mt. 12:18,28; e especialmente Rm. 8:10,11). **Contemplado**. Traduzido para "apareceu" em outros lugares, portanto aqui o significado é "apareceu aos anjos". A última vindicação que o Espírito fez de Cristo foi a Sua ressurreição: a menção da justificação no Espírito conduz assim ao Seu aparecimento aos anjos na ressurreição, ascensão e entrada no céu (I Pe. 3:22). **Pregado entre os gentios**. Pregado entre as nações: a expressão é um resumo de toda a presente era de trabalho missionário (Rm. 16:26; Cl. 1:6). **Crido**. Um resumo dos resultados da pregação. **Recebido**. Refere-se particularmente à Ascensão, mas inclui toda a subsequente exibição de Sua glória. Isto fica sugerido pelo progresso histórico e lógico do poema: o todo da obra messiânica de Cristo ficou nele resumido.

## 1 Timóteo 4

### 3) Advertência Profética Sobre a Falsa Doutrina. 4:1-5.

O Gnosticismo, uma de cujas características era o ascetismo aqui descrito, inundou a igreja no segundo século, e sem dúvida já se evidenciava quando Paulo escreveu.

**1. Da fé.** A verdadeira doutrina de Cristo que se opõe à doutrina de Satanás. Mais detalhes sobre o caráter e métodos dos falsos mestres encontram-se em II Pe. 2 e em Judas.

**2,3a.** Características dos falsos mestres também se encontram na **hipocrisia, cauterizada. . . consciência** e falsas atitudes para com o sustento e as bênçãos desta vida: casamento e alimentação.

**3b-5.** Os princípios que governam o justo uso do sustento desta vida são: a) Deus é o Criador e a Sua criação é boa; b) Ele criou o alimento para o homem, e aqueles que crêem e conhecem a verdade sobre a salvação eterna terão a atitude certa para com as necessidades desta vida, e não endeusarão a coisa criada nem a degradarão ou desprezarão, aceitando-a com ação de graças pois é sábia provido do Pai (cons. Mt. 6:31-33). **Santificado**. As coisas que Deus providenciou através de Sua palavra criadora foram separadas por meio de orientação para o seu uso

(Gn. 1:29-31; 2:4, 5), e foram depois santificadas como testemunho da fidelidade e cuidado do Pai celestial, quando recebidas com ação de graças, gratidão e compreensão (cons. I Tm. 6:17).

### C. À Testemunha Individual. 4:6 - 6:2.

#### 1) A Timóteo, o Bom Ministro. 4:6-16.

**6. Expondo estas cousas aos irmãos.** Implica em imposição, ensino e demonstração: inclui o que é mais detalhadamente declarado no versículo 11, **ordena e ensina**. Através de toda a seção (vs. 6-16), o efeito do Evangelho sobre ambos, Timóteo e o seu povo, está visível. Timóteo mesmo tem de se nutrir das palavras da fé e da boa doutrina. **Da fé.** É o todo do corpo da verdade e conhecimento de Deus. **7.** Em contraste com a revelação de Deus estão **as fábulas profanas e de velhas** (lit., *mitos*) que dominam e confundem as mentes e a conduta dos homens. **Rejeita.** As mesmas palavras usadas em II Tm. 2:23. **Exercita-te.** Isto provavelmente deve ser tomado em um sentido amplo de se desprender todos os esforços no progresso do Evangelho. Aplica-se ao exercício físico no versículo seguinte, e a todo esforço no versículo 10.

**8. Pouco.** A referência à vida presente e à vida futura sugere significar "pouco tempo", em outras palavras, nesta vida. **Piedade.** Esta palavra só foi usada por Paulo e Pedro no N.T., e é uma palavra de sentido amplo, referindo-se à obediência ao Evangelho em todos os setores da vida. Implica em uma base de sã doutrina (Tt. 1:1). Veja I Tm. 3:16. **Vida . . . que há de ser.** Esta e expressões semelhantes são básicas na teologia e escatologia de Paulo.

**9. Palavra.** Mensagem do Evangelho. Como em 3:1, aqui a expressão resume o que foi discutido. "Palavra" no sentido aceito pela língua inglesa é "um pronunciamento que implica na fé ou autoridade da pessoa que a pronuncia" (*Webster's New International Dictionary*, segunda edição).

**10. Esperamos** (E.R.C.). Colocamos nossas esperanças em. Colocar as esperanças no Deus vivo, que é capaz de realizar Suas promessas nesta vida e na próxima, é uma grande motivação para uma vida de luta e conflito na propagação do Evangelho. **Lutamos** (E.R.C.); o servo de Deus está proibido de "lutar" no sentido de II Tm. 2:24, onde foi usada uma palavra diferente, significando "contender". Aqui, como em Judas 3, ela significa "lutar com todas as forças". **Salvador** (Gr. *Soter*). Usado no sentido de "libertador"; a palavra pode ter um sentido mais amplo e mais estreito. *Soter* era um epíteto concedido às divindades guardiãs, especialmente Zeus; os homens lhes ofereciam sacrifícios depois de uma viagem, etc. O conceito que Paulo tem de Deus é tal que todas as bênçãos, livramentos e bondosa providência que os homens experimentam devem ser atribuídos somente a Ele (Mt. 5:45). Em um sentido especial e mais alto, Ele é o libertador daqueles que crêem na salvação eterna.

**11. Ordena . . . e ensina.** Aqui Paulo retoma e enfatiza o seu **expondo estas coisas aos irmãos** do versículo 6, e avança para a conclusão enfática de todo o parágrafo no versículo 16. A forma dos verbos enfatiza a natureza progressiva e contínua da obra.

**12.** Portanto, longe de considerar a mocidade dele como impedimento, Timóteo devia ser um exemplo aos crentes **na palavra** (no falar), **no procedimento** (modo de viver), **no amor, na fé** (na fidelidade), **na pureza** (restritamente, "castidade"; mas aqui no sentido de "propriedade" ou "cumprimento cuidadoso das obrigações religiosas"). **No espírito** (E.R.C.) não se encontra nos melhores textos.

**13.** Aqui se enfatiza as coisas que exigem atenção especial entre as pessoas: **leitura** (leitura pública das Escrituras), **exortação** (confortar, incentivar, admoestar, exortar, abrangendo toda a área do ministério que hoje seria chamado de aconselhamento, mas aqui o contexto favorece o ministério da pregação com exposição das Escrituras), **ensino**.

**14. O dom.** Ensinar e exortar foram mencionados junto (Rm. 12:7,8); o dom de ensinar está entre os dons do Espírito à Igreja (I Co.

12:28); pastores e doutores são mencionados como unidade (Ef. 4:11). Esta palavra que significa "dom da graça" pode ser aplicada a qualquer dom de Deus através do Espírito. Aqui ele parece implicar em uma responsabilidade concedida na ordenação. Paulo a reitera e faz Timóteo se lembrar dela aqui e em 1:18. **Presbítero** (usado só em Lc. 22:66, Atos 22:5 e aqui) refere-se a um grupo de líderes representativos espirituais, escolhidos e aprovados.

**15. Medita.** Pratica, cultiva, ou esmera-te; só usado aqui e em Atos 4:25. **Aproveitamento** (E.R.C.). **Progresso.** (E.R.A.).

**16. De ti mesmo.** O ministro precisa que lhe lembrem suas próprias necessidades em conexão com a doutrina; ao alimentar os outros, ele também precisa encontrar uma bênção. **Continua.** Esta é uma das palavras básicas usadas para descrever a caminhada firme do cristão (Gl. 3:10; Hb. 8:9; Tg. 1:25; Atos 14:22; Cl. 1:23). Basicamente é o mesmo que "habita" em João 15 e I João. Salvarás foi usado no sentido de "desenvolver a sua própria salvação" de Fp. 2:12.

## 1 Timóteo 5

### 2) Aos Homens. 5:1.

**1. Não repreendas.** A repreensão violenta ou o ataque é proibido.

### 3) Às Mulheres, Especialmente Viúvas. 5:2-16.

**2. Pureza.** Propriedade.

**3. Verdadeiramente** (cons. vs. 5, 16). Aquelas que são viúvas e desamparadas – sem ninguém no mundo – devem ser cuidadas pela igreja. Toda a discussão deve ser considerada à luz dos ensinamentos do V.T., onde o cuidado às viúvas foi enfatizado (também cons. Tg. 1:27).

**5.** Aqui está uma descrição da verdadeira viúva, que pode servir à igreja e ser cuidada por ela (cons. Lc. 2:36, 37).

**6. Se entrega aos prazeres.** Este é o contraste das viúvas inaceitáveis; mais detalhes são acrescentados mais tarde. Esta expressão

aparece só aqui e em Tg. 5:5 e significa vida de volúpia e indulgência carnal, sinal de estado de morte espiritual.

**7. Prescreve.** Paulo está profundamente cômico do efeito do testemunho falido dentro do lar. Por isso estas coisas deviam ser ordenadas (mesmo verbo de 4:11), como o próprio Paulo solenemente responsabiliza Timóteo (6:13).

**8. Deixar de cuidar é negar a fé. Descrente. Incrédulo.**

**9.** Aqui e no versículo seguinte são dados detalhes específicos sobre as qualificações da viúva na igreja que deve ser sustentada. **Ao menos sessenta anos.** Calvino apresenta duas razões por que Paulo não quer que se admita alguma abaixo dos sessenta anos de idade. Primeiro, "ao ser sustentada às expensas públicas, seria próprio que já tivesse alcançado idade avançada". Segundo, havia uma obrigação mútua entre a igreja e essas viúvas: a igreja aliviaria sua pobreza e elas se consagrariam ao ministério da igreja, "que se tornaria intolerável, se ainda houvesse probabilidade de se casarem". **Tenha sido esposa de um só marido.** "Pode ser considerado como uma espécie de prova de continência ou castidade, se uma mulher chega a essa idade, satisfeita por ter tido apenas um marido. Não que (Paulo) desaprove um segundo casamento, ou que afixe um sinal de ignomínia sobre aquelas que se casaram duas vezes; (pois, pelo contrário, ele aconselha as viúvas mais jovens a se casarem); mas porque ele queria ter o cuidado de evitar que qualquer mulher ficasse obrigada a não se casar novamente, sentindo necessidade de ter marido" (Calvino).

**11. Levianas.** Só aparece aqui e em Ap. 18:7. Tal conduta é incompatível com a salvação e dá a impressão de que Paulo não as considera "verdadeiramente viúvas". A idéia de viuvez pode ter uma aplicação mais ampla do que apenas a perda do marido pela morte; pode significar separação do marido. Para antecedentes no V.T., veja II Sm. 20:3 e Is. 54:4-6. Israel é rejeitada, esposa adúltera e viúva por causa da separação, não por causa da morte do marido. Por isso essas mulheres, que são mais adiante descritas como culpadas de terem deixado de lado

suas primeiras promessas (fé, promessa, I Tm. 5:12) e de terem se voltado para Satanás (v. 15) podem ser esposas infiéis que se divorciaram.

**12. Condenáveis.** Novo casamento em caso de separação por infidelidade traria a condenação do Senhor (Lc. 16:18). **Primeiro compromisso.** Primeira promessa. Assim, deixar o "primeiro amor" (Ap. 2:4) pode ser paralelo e equivalente à infidelidade espiritual.

**14. As viúvas mais novas.** Estas são provavelmente as viúvas mais moças que são qualificadas, a não ser pela idade, não as que foram descritas no versículo 12. **Sejam boas donas de casa.** Este verbo só foi usado aqui em todo o N.T. A alta estima da posição da mulher e sua capacidade encontra-se em Pv. 31:10-31. **Não dêem . . . ocasião.** "Pretexto" ou "oportunidade". "Que elas, a fim de fechar a boca dos maldizentes, escolham um modo de vida que seja menos sujeito às suspeitas" (Calvino). **O adversário** é Satanás, mencionado logo a seguir. **De maledicência.** Ou o comportamento indigno é uma injúria à verdade, imposta por aquelas que assim vivem, dando ocasião a Satanás de prejudicar mais a Igreja; ou tal comportamento dá a Satanás uma oportunidade de injuriar e conseqüentemente prejudicar o testemunho da igreja.

**15.** Esta não é uma sentença separada na pontuação do *Greek New Testament* de Nestle, mas é um exemplo específico do princípio que acabou de ser citado.

**16. Se alguma crente.** Até mesmo uma mulher, poderia ocupar uma posição na qual seria sua responsabilidade cuidar de uma viúva em lugar de jogar a responsabilidade sobre a igreja, a qual deve cuidar daquelas que não têm amparo. (**sozinhas**, v. 5). O princípio governante encontra-se no versículo 8.

#### **4) Aos anciãos. 5:17-25.**

Paulo já discutiu algumas das obrigações oficiais dos anciãos no capítulo 3. Aqui ele trata mais detalhadamente as obrigações individuais,

e o seu estilo está marcado por freqüentes imperativos e exortações pessoais a Timóteo. Esta é a maneira usual de Paulo manejar a doutrina em suas epístolas: primeiro discussão de princípios, depois aplicação prática, com uma eloqüente exortação em prol de uma vida piedosa. Assim, na presente seção, Paulo retoma ao assunto dos anciãos para dar mais conselhos.

**17. Presidem bem.** Importante qualificação para o ancião (3:4, 5) é que ele governe (dirija ou supervisione) devidamente. Isto se encontra nos dons básicos para o bem-estar da igreja (Rm. 12:8; I Ts. 5:12). **Dobrados honorários.** **Honorários** tem dois significados: "Honra" e "honorários" ou "compensação". Ambos significados estão aqui sem dúvida. No caso daqueles que trabalham pregando e ensinando, devotando assim todo o seu tempo, merecem remuneração da igreja (veja I Tm. 5:18). A palavra **dobrados** parece argumentar a favor de uma recompensa suficiente ou apropriada, e não de uma quantia dupla. Na LXX, em Is. 40:2, a mesma palavra foi usada, e no contexto transmite a idéia de "plenamente equivalente". Observe também o uso paralelo de **honra** que Paulo faz em 6:1, onde é "toda" ou "completa honra". (Veja William Hendricksen, *New Testament Commentary: Exposition of the Pastoral Epistles*, pág. 180, 181).

**18.** Aqui há duas citações: Dt. 25:4 e Lc. 10:7. **Não amordaces o boi.** O conteúdo em Deuteronômio 25 trata do relacionamento eqüitativo entre homens; o versículo é um aforismo citado por Moisés para provar um princípio, e assim foi entendido por Paulo, que discute o mesmo princípio em Rm. 13:7 e I Co. 9:7-11, e cita a mesma passagem de Deuteronômio. **Trabalhador.** A forma original exata da citação só se encontra em Lucas. A citação aqui, a Escritura declara, mostra que o Evangelho de Lucas já existia e era considerado Escritura.

**19. Duas ou três testemunhas.** A regra para o depoimento dada por Moisés (Dt. 19:15), e usada pelo Senhor (Mt. 18:16).

**20. Aos que vivem no pecado** (o grego dá a entender "aqueles que persistem em pecar") **repreende-os na presença de todos**, como o



próprio Paulo repreendeu Pedro (Gl. 2:14). Um homem piedoso quando assim advertido publicamente aceitará a corrigenda de coração (Pv. 9: 8).

**21.** Aqui Paulo usa um desafio solene, uma súplica, para reforçar a importância da ordem contra a parcialidade. O mesmo verbo foi usado em II Tm .4:1 e novamente em II Tm. 2:14, quando o próprio Timóteo recebeu ordem de suplicar aos outros com a mestria veemência.

**22. Imponhas precipitadamente as mãos.** Isto costuma ser entendido como proibição para ordenação apressada. Entretanto, qualificações e ordenação foram discutidas antes. Locke sugere (ICC, pág. 64) que se refere à precipitada recepção de um ofensor de volta à comunhão. **Mãos** (plural) pode também significar "medidas violentas", "força". Aqui poderia ser outra advertência referindo-se a Timóteo quando tratasse com homens que foram repreendidos. Ele não deveria usar de parcialidade, nem de medidas violentas ou de severidade desnecessária, nem, por outro lado, de indevida demência, a ponto de participar dos seus pecados. **Puro.** Esta e palavras relacionadas são aquelas que foram geralmente traduzidas para "santo", "santificado". Às vezes tem o significado específico de castidade, mas geralmente parece referir-se à conduta honesta da vida cristã. O paralelo mais achegado a puni, de acordo com o uso aqui é "limpo", conforme foi empregado em II Co. 7:11. Por isso aqui, talvez, deveria ser: "Mantenha-se limpo (dos pecados dos outros homens)". Esta discussão dos pecados dos outros foi resumida e concluída nos versículos 24, 25.

**23. Não continues a beber somente água.** As proibições de Paulo são interpretadas no contexto e às vezes não são absolutas. Ser um "bebedor de água" na linguagem comum parece implicar em excessiva severidade e auto-renúncia. O princípio antiascético foi exposto em 4:3-5. Àquela altura Paulo rapidamente passou do princípio generalizado para o conselho específico e prático dirigido a Timóteo (sobre exercício corporal, v. 8). Aqui também, ao falar do princípio geral da abstinência, torna-se oportuno advertir contra a excessiva frugalidade e severidade. **Vinho** é usado para uma larga variedade de produtos da uva; qualidades

medicinais estão implícitas (Lc. 10:34). A receita de Paulo para a doença de Timóteo não é uma regra geral para o "uso moderado" para todo o mundo. Regras bíblicas gerais continuam em vigor (Lc. 2:5, 15; Pv. 20:1; 23:31).

**24.** Este e o versículo seguinte devem ser entendidos no contexto de **não te tornes cúmplice de pecados de outrem** (v. 22) e isto em relação ao cargo de ancião. O princípio é: "Pelos seus frutos os conhecereis". Ligue isto com a advertência feita contra a atitude apressada (v. 22). Os pecados de alguns homens são declarados e exigem uma decisão apropriada; no caso de outros, as evidências se manifestarão com o tempo.

## **1 Timóteo 6**

### **5) Aos Servos. 6:1, 2.**

O contexto e a comparação com I Pe. 2:18 sugerem que duas categorias de senhores são os considerados aqui: os crentes e os incrédulos. Paulo não discute a questão final da justiça ou injustiça da escravidão, rijas destaca as obrigações que repousam sobre o escravo, e a oportunidade mesmo em tal situação de "ornamentar a doutrina" (Tg. 2:10). O caráter de Deus e os ensinamentos do Evangelho serão prejudicados pela conduta errada. E aqueles que têm senhores crentes não devem deixar de conceder todo o respeito, mas devem servi-los o melhor que puderem, uma vez que é um irmão cristão que está se devotando (ou beneficiando-se) ao bom serviço.

## **III. Conclusão. 6:2d-21.**

### **A. Um Solene Desafio. 6:2d-15a.**

**2d. Ensina e recomenda estas cousas.** Este é o tema básico das Pastorais, que aparece em 4:11 como também aqui. Ensinar corretamente foi o motivo principal de deixar Timóteo em Éfeso (1:3).

**1) Advertências Contra os Falsos Mestres. 6:3-5.**

**3. As sãs palavras.** Sãs porque promovem a saúde. Esta expressão é peculiar às Pastorais, enfatizando o desejo de Paulo que seja pregada a sã doutrina. **Palavras de nosso Senhor Jesus Cristo.** Esta é outra indicação (veja 5:18) que as narrativas do Evangelho escrito eram bem conhecidas e estavam em circulação. **E com o ensino.** Este **e** seria melhor traduzido para *até*, uma vez que as palavras de Cristo são a base e substância da doutrina que concorda com a piedade (praticamente um sinônimo para "Cristianismo"; veja observações sobre 3:16). Com relação à importância, nas cartas de Paulo, dos ensinamentos e vida de Jesus, veja Machen, *Origin of Paul's Religion*, pág. 147-152).

**4. É enfatuado.** Usado três vezes no N.T., todas as três nas Pastorais (I Tm. 3:6; 6:4; II Tm. 3:4). A palavra combina as idéias de convencimento e tolice. A rejeição do testemunho do Evangelho está enraizado no orgulho e é a mais rematada tolice. **Nada entende.** Esta é a única vez em que Paulo usa esta palavra significando "compreender". **Mania.** A palavra é literalmente "doente", "enfermo"; *tendo um anseio mórbido pela controvérsia e pela disputa* sobre as palavras. **Suspeitas.** Conjeturas, suposições.

**5. Supondo que a piedade é fonte de lucro. Aparta-te dos tais.** (E.R.C.). Omitido, como na E.R.A.

**2) Atitudes Corretas dos Verdadeiros Mestres. 6:6-10.**

**6. Grande fonte de lucro.** Esta palavra parece ter o significado uniforme de "causa de ganho", "meio de vida", o que lhe dá um sentido melhor aqui. Paulo quer dizer: "A fé cristã com suficiência nesta vida é um grandioso meio de vida". Ele já disse (em 4:8, que é paralela e um bom comentário) que a piedade é proveitosa sob todos os aspectos, dando a promessa não apenas para esta vida mas também para a vida futura. É esta ênfase escatológica que Paulo pretende destacar no restante da epístola. Nos versículos 7, 8 o apóstolo mostra a loucura de se colocar

as esperanças e os desejos neste mundo, que é temporário. É preciso contentar-se com o alimento e abrigo.

**9,10.** Nestes versículos ele desenvolve a idéia da loucura de se concentrar na acumulação de riqueza como um fim em si mesmo. A tradução de Hendriksen (*op. cit.*) parece a preferível: *Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Nessa cobiça* (referindo-se ao dinheiro) alguns se desviaram da fé. Amor ao dinheiro é idolatria (Cl. 3:5; Ef. 5:5; I Jo. 2:15) e afasta da verdadeira esperança o cristão.

### **3) Os Motivos do Homem de Deus. 6:11-15a.**

Paulo prossegue fazendo um esboço das coisas que um cristão deveria acalentar. O âmago é a vida futura e a volta de Cristo.

**11. Segue.** Persiga, continue indo atrás. Vigor e intensidade são sugeridas na fuga das coisas que afastam da fé e na perseguição daquelas pertinentes à fé. Paulo tem uma espantosa quantidade dessas sugestivas listas de virtudes, nenhuma igual à outra e nenhuma exaurindo as possibilidades dos "assuntos mais graves da lei". **Justiça** pode ser imaginada como um nome que abrange todo o fruto do Espírito. **Piedade** significa "fé piedosa", "verdadeira religião". Em Paulo, esta expressão só se encontra nas Pastorais (veja observação sobre 3:16). **Fé** pode significar "crença" ou "fidelidade". Uma plena realização do amor significa a experiência do amor de Deus por nós, como também o nosso amor por Ele e pelos outros. **Constância** significa "capacidade de suportar", e **mansidão** parece volver aos ensinamentos e exemplo do Senhor (Mt. 5:5; 11:29).

**12. Combate.** Compare o uso do mesmo verbo com um prefixo intensificador em Judas 3. As últimas epístolas de Paulo e outras tinham como um de seus propósitos informar e preparar os cristãos para a maré de oposição e perseguição que estava por se levantar nos séculos imediatamente subseqüentes. **O bom combate** envolve o apegar-se à fé e a sua transmissão aos outros. Neste contexto ela se relaciona intimamente com *apegar-se e tomar posse da vida eterna*. A mesma

palavra traduzida para combate foi usada pelo Senhor em Lc. 13:24 como "porfiai" em contexto paralelo. **Chamado.** Chamar é obra da graça do Espírito, levando-nos à fé em Cristo. **Confissão.** A mesma palavra também traduzida para "confessar" (Rm. 10:9). Esta é uma doutrina básica dos ensinamentos do Senhor (Mt. 10:32).

**13. Exorto-te.** A ordem solene que vai através da doxologia dos versículos 15 e 16. Ela caracteriza Deus como Aquele que dá vida a todas as coisas (cons. Rm. 4:17 onde há a mesma ênfase sobre o poder soberano de Deus e Seus propósitos na salvação). Paulo acabou de falar na vida eterna na sentença precedente; aqui ele enfatiza que Deus é Aquele que a dá por meio de uma chamada eficaz. Cristo é caracterizado como Aquele que fez uma boa confissão diante de Pilatos. Tal como Timóteo foi chamado à vida e fez uma boa confissão, Paulo se refere primeiro ao Doador de toda a vida e então Àquele que fez a boa confissão diante de Pilatos.

**A boa confissão** é confessar Jesus como o Senhor (Rm. 10:9); essa foi a declaração do Senhor diante de Pilatos e outros. Deus e Cristo são as testemunhas do desafio que Paulo faz a Timóteo.

**14. Que guardes o mandamento. Mandamento** parece estar sendo usado aqui como uma palavra ampla que abrange o Evangelho, como Cristo a usou em Jo. 12:50 (veja também I Jo. 3:23; II Jo. 6). Guardar os mandamentos sem mácula e sem repreensão significa ensinar e viver acima de qualquer reprovação.

**Até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo.** Aqui está o ponto alto da ênfase escatológica de Paulo acima mencionada (v. 6; cons. também II Tm. 4:1, coment.). O apóstolo a usa como o clímax de seu solene desafio a Timóteo e como transição para o grande hino de louvor ao Deus trino.

**Em suas épocas.** Esta expressão é idêntica à de 2:6 e Tt. 1:3; no devido tempo, na plenitude dos tempos conhecidos por Deus.

**B. Doxologia. 6:15b, 16.**

O Deus trino é Aquele que revelará a aparição de Cristo (cons. I Co. 15:28). Deus está caracterizado aqui por uma acumulação de títulos e atribuições de majestade e poder dignos de nota até mesmo em Paulo e, na verdade, em toda a Escritura. As idéias são paralelas a 1:17 mas melhor expressas. O pensamento de Paulo vai das manifestações de Deus aos homens como Potentado e Rei, através de Suas prerrogativas soberanas de imortalidade, recuando para o Seu ser misterioso e inescrutável, e conduz à final atribuição de honra, eterno e onipotente domínio.

**C. Retorno ao Solene Desafio. 6:17-21.****1) Uso Correto das Propriedades. 6:17-21.**

**17. Do presente século.** O horizonte escatológico de Paulo tem em vista o século vindouro, os novos céus e a nova terra. **Altivos** (E.R.C.). **Orgulhosos** (E.R.A.). A expressão é um verbo simples no grego, combinando dois elementos encontrados em Rm. 11:20 e 12:16. **Depositem a sua esperança na. Aprazimento.** Deus deu tudo quanto criou para bênção e prazer, o qual se realiza só quando as propriedades são colocadas no devido relacionamento com Ele; são sujeitas à mordomia.

**18.** Duas partes de declarações se seguem aqui, indicando como usar a riqueza. **Que pratiquem o bem e sejam ricos de boas obras** são paralelos; **generosos em dar e prontos a repartir** (liberais ou repartidores) também são paralelos. Assim encarando e usando a riqueza, a pessoa entesoura para si um bom fundamento e alcança a vida eterna.

**19. Que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro** é um comentário e paralelo a Mt. 6:19-21. **Vida eterna** (E.R.C.). "A vida que é realmente vida". O advérbio "verdadeiramente" foi usado quatro vezes em I Timóteo das seis vezes que Paulo o usou, e enfatiza a verdade e a existência real.

**2) Apelo Final: Um Resumo. 6:20,21.**

Com profunda emoção e apelo pessoal Paulo começa sua exortação final:

**20, 21. Ó Timóteo** (a interjeição é especialmente freqüente nas epístolas de Paulo; veja Rm. 2:1, 3; 9:20; Gl. 3:1). Então ele rapidamente reitera os temas principais de toda a epístola: a) **Guarda** o depósito da verdade. Toda a frase é a tradução das três palavras: **guarda o depósito** (E.R.C.). Esta é a mensagem central das Pastorais: Guarda a tradição do Evangelho com a vida e os sãos ensinamentos, b) **evitando** a falsa doutrina. Aqui estão duas formas de ensinamentos que obscurecem o Evangelho: 1) **falatórios inúteis e profanos** (implica em profanação blasfema de coisas santas), consistindo de palavras vazias e altissonantes e especulações usadas com o propósito da -ostentação; e 2) **contradições do saber** (lit., *conhecimento*). Paulo esclarece que ele sabe distinguir o fato e o ensinamento sólido, e as especulações sem evidência, meros mitos e fantasias, *a qual* **professando-o** (lit., *prometendo*) se desviaram. "Alguns, prometendo estas ficções como verdade e realidade, abandonaram o sinal e a promessa de Deus, que é a fé" (cons. II Pe. 2:19). **A graça seja contigo** (E.R.C.). Esta é a conclusão característica de todas as epístolas de Paulo (II Ts. 3:17, 18; a forma mais resumida se encontra aqui e em Cl. 4:18). O texto melhor está no plural **convosco**, o que insinua que o conteúdo era destinado a todas as igrejas em Éfeso, e não só para Timóteo.

## **2 TIMÓTEO**

### **Introdução**

### **Esboço**

### **Capítulo 1**

### **Capítulo 2**

### **Capítulo 3**

### **Capítulo 4**

## **INTRODUÇÃO**

Na segunda epístola de Paulo "ao seu amado filho", ele parece seguir essencialmente o mesmo padrão literário da primeira. Desta vez aparece em sua forma mais simples possível, isto é, um solene desafio em duas partes, ligadas entre si por um hino. Tudo está prefaciado por uma saudação e ação de graças, e foi concluído com observações pessoais e uma oração. Novamente toda a estrutura tem a intenção de realçar o grande hino de verdade doutrinária que aparece no centro (2:11-13). O ponto principal sobre o qual a estrutura se move é a apresentação que Paulo faz do Evangelho como um depósito a ser preservado, guardado com carinho e confiado a homens fiéis. Suas palavras ganham solenidade e peso peculiar porque foram as últimas a saírem da sua pena; ele escreveu sabendo que sua "partida" estava "próxima".

### **ESBOÇO**

#### **I. Saudação e introdução. 1:1-18.**

A. Saudação de autoridade e afeição especiais. 1:1, 2.

B. Ação de Graças pela fé de Timóteo. 1:3-5.

C. Lembrete da responsabilidade do Evangelho. 1:6-18.

1. O dom de Deus. 1:6, 7.

2. Desafio a suportar as aflições incidentes ao ministério.  
1:8-12.

3. Desafio a que se apegue ao modelo das palavras sãs.  
1:13, 14.



- 4. Ilustrações pessoais de lealdade e oposição. 1:15-18.
- II. O Evangelho: Um depósito que requer fidelidade. 2:1 – 3:17.
  - A. A ser diligentemente entregue aos outros. 2:1-7.
    - 1. Como um soldado. 2:3, 4.
    - 2. Como um atleta. 2:5.
    - 3. Como um lavrador. 2:6.
  - B. A ser firmemente guardado e acalentado. 2:8-26.
    - 1. A verdade central do Evangelho. 2:8.
    - 2. O exemplo da fidelidade de Paulo. 2:9, 10.
    - 3. A verdade personificada numa "palavra fiel". 2:11-13.
    - 4. A verdade bem manejada. 2:14-19.
    - 5. A verdade aplicada à vida. 2:20-26.
  - C. A ser reconhecido como um baluarte. 3:1-17.
    - 1. Contra a apostasia. 3:1-9.
    - 2. Na defesa dos fiéis. 3:10-12.
    - 3. As Escrituras inspiradas: Nossa confiança. 3:13-17.
- III. Desafio a Timóteo, e conclusão. 4:1-22.
  - A. O Solene desafio. 4:1-5.
    - 1. Deus e Cristo: Testemunhas da Responsabilidade de Timóteo. 4: 1.
    - 2. Cinco imperativos: Pregar, Instar, Corrigir, Repreender, Exortar. 4:2.
    - 3. O afastar-se da verdade; o voltar-se para os mitos. 4:3, 4.
    - 4. Quatro imperativos: Vigiar, Suportar, Evangelizar, Cumprir. 4:5.
  - B. O testemunho final de Paulo. 4:6-8.
    - 1. Paulo enfrenta a morte calmamente. 4:6.
    - 2. O testemunho de alguém que cumpriu sua tarefa. 4:7.
    - 3. A bendita esperança que não ficou obscurecida. 4:8.
  - C. Conclusão: Observações finais de amor e zelo. 4:9-22.

---

COMENTÁRIO

## 2 Timóteo 1

### I. Saudação e Introdução. 1:1-18.

#### A. Saudação de Autoridade e Afeição Especiais. 1:1, 2.

1. Os assuntos especiais apresentados com brevidade e concisão são os seguintes: 1) O apostolado de Paulo oriundo em Cristo Jesus; 2) que isto aconteceu através da vontade de Deus; 3) que o seu apostolado foi de acordo com a promessa divina de vida em Cristo Jesus. Em I Tm. 1:1 encontramos a expressão, "Senhor Jesus Cristo, esperança nossa". Aqui ela é **a promessa de vida que está em Cristo Jesus**. Em Tito as idéias são expressas mais elaboradamente (Tt. 1:2). A evidência sobrenatural e confirmação no apostolado de Paulo corresponde ao fato da promessa nas Escrituras.

2. **Deus Pai e Cristo Jesus nosso Senhor** são a única fonte da graça, misericórdia e paz. **Misericórdia** foi acrescentada só nas Epístolas Pastorais, ao que parece para encorajar o **amado filho** de Paulo, Timóteo, e seu "verdadeiro filho, segundo a fé comum", Tito (veja Tt. 1:4 e coment. sobre I Tm. 1:1, 2).

#### B. Ação de Graças pela Fé de Timóteo. 1:3-5.

Só em Gálatas e Tito é que Paulo omite a ação de graças formal ou o elogio.

3. **Deus, a quem, desde os meus antepassados sirvo**. Paulo conhecia pelo menos duas gerações anteriores que foram intensamente leais à fé, em paralelo à menção subsequente de duas gerações de antepassados piedosos no caso de Timóteo (v. 5). É um encorajamento saber que não seguimos a fábulas; a fé permaneceu e deu seus frutos. **Com consciência pura**. Veja observações sobre I Tm. 1:5, 19; 3:9; 4:2. A palavra grega é um complemento exato do latim, consciência, "saber

com", um conhecimento partilhado. É a consciência que temos de nós mesmos em todos os relacionamentos da vida, especialmente relacionamentos éticos. Temos idéia do que é certo e errado; e quando percebemos essa realidade e seus direitos sobre nós, e não obedecemos, nossas almas estão em guerra consigo e com a lei de Deus, conforme descrito em Romanos 7. Ter uma consciência boa ou pura não significa que nunca pecamos ou que não cometemos pecado nenhum. Antes, significa que a orientação e motivação fundamental da vida é obedecer e agradar a Deus, de modo que os pecados são habitualmente reconhecidos como tais e apresentados a Deus (I Jo. 1:9).

**Dou graças a Deus.** A coisa que Paulo agradece é a fé sincera de Timóteo, sua mãe e avó. As cláusulas intermediárias apresentam as demais circunstâncias que deram lugar à gratidão de Paulo. A frase transborde de alegria foi colocada por Paulo entre a idéia das lágrimas de Timóteo e da idéia de sua fé sincera. As lágrimas foram lágrimas de amor e lealdade a Paulo e ao Senhor, e por isso constituíram motivo de alegria que levou o apóstolo a render profundas graças a Deus pela fé genuína expressa nas lágrimas.

### **C. Lembrete da Responsabilidade do Evangelho. 1:6-18.**

#### **1) O Dom de Deus. 1:6,7.**

A seqüência dos pensamentos no versículo 5 no que se refere à fé, e a menção feita ao espírito no versículo 7 indicam que o dom do versículo 6 é o Espírito Santo, ou algum aspecto especial de Seu trabalho. Isto explicaria a referência de Paulo ao conferimento do dom pela imposição de suas mãos. O Espírito Santo em manifestações especiais era dado pela imposição das mãos dos apóstolos (Atos 8:17; 19:6). **Reavives.** Use o dom, desenvolvendo a atividade apropriada dentro do ministério. **Covardia.** Romanos 8:15 é o comentário sobre este pensamento (cons. Hb. 2:15; I Pe. 3:14; I Jo. 4:18). **Moderação.** Esta e palavras relacionadas são especialmente freqüentes nas Pastorais (I Tm. 2:9,15;

3:2; Tt. 2:2, 4-6, 12) e são muito achegadas à "inclinação" do Espírito de Rm. 8:5, 6, 9.

## **2) Desafio a Suportar as Aflições Incidentes ao Ministério. 1:8-12.**

No texto grego estes versículos são um movimento contínuo de pensamentos em uma sentença. Os quatro imperativos neste e no próximo desafio contêm o ponto principal do lembrete de Paulo a Timóteo: Não se envergonhe (v. 8); Seja participante (v. 8); Mantém (v. 13); Guarde o depósito (v. 14). A exposição do Evangelho nos versículos 9-12 dá a base para estas exortações. **O testemunho de nosso Senhor** é o Evangelho que Ele deu à Sua Igreja. Os **sofrimentos** que a propagação do Evangelho acarreta devem ser suportadas no poder de Deus.

**9.** Salvar e chamar são atividades paralelas do Espírito Santo. **Que nos foi dada.** Aqui, como sempre, a referência de Paulo à predestinação tem a intenção de fortalecer e confortar. Os eternos propósitos de Deus não falharão.

**10. Manifestada.** É a Sua graça (o dom da vida) que é nossa no seu propósito desde a eternidade, e a qual agora se manifestou na obra salvadora de Cristo. A mesma palavra, que implica em "ficar inteiramente revelada", foi usada em Rm. 3:21 e 16:26.

**11.** Para o qual refere-se ao Evangelho, do qual Paulo era um apóstolo encarregado.

**12. Por isso.** Por causa da incumbência do Senhor. **Estas coisas.** Prisão e cadeias. Podemos, sem nos envergonhar, suportar quaisquer circunstâncias injustas e adversas se soubermos que em todas elas o Senhor está guardando o nosso depósito: isto é, o Evangelho que Ele nos confiou. **Estou certo.** Esta passagem é um paralelo íntimo com a exposição que Paulo faz da experiência de Abraão em Rm. 4:21.

## **3) Desafio a que se Apegue ao Modelo das Palavras Sãs. 1:13, 14.**

Paulo reitera a necessidade de colocar o esboço básico da doutrina em uma forma concreta, facilmente lembrável (cons. Rm. 6:17).

**13. Mantém o padrão das sãs palavras,** ou o esboço da doutrina. A confissão da fé era característica da Igreja desde os tempos mais remotos, e logo foi elaborada no Credo Apostólico. Em Cristo e no seu Espírito estão a fé (plenitude) e o amor que garantem a manutenção da fé.

**14. Bom depósito.** A mesma palavra usada no versículo 12 e em Lv. 6:2,4, na LXX. O Espírito guardará o depósito. A conexão íntima da obra de Cristo e a do Espírito está evidente aqui como em outros pontos das cartas de Paulo (Rm. 8:9-11; II Co. 3:17, 18).

#### **4) Ilustrações Pessoais de Lealdade e Oposição. 1:15-18.**

Aqui estão exemplos daqueles que ajudaram e daqueles que se opuseram ao grande apóstolo. Servem de advertência e estímulo a Timóteo. O método de Paulo foi igual em I Tm. 1:19, 20.

### **II. O Evangelho: Um Depósito que Requer Fidelidade. 2:1 – 3:17.**

#### **2 Timóteo 2**

##### **A. A Ser Diligentemente Entregue aos Outros. 2:1-7.**

Um detalhe muitíssimo importante na guarda do depósito é ensinar aplicadamente aos outros, que por sua vez se capacitarão a ensinar.

**1.** Para tanto, diz Paulo, o mestre cristão tem de ser forte. **Fortifica-te.** Em todos os outros exemplos do N.T. esta palavra está em conexão com Paulo ou é usada por ele (Atos 9:22; Rm. 4:20; Ef. 6:10; Fp. 4:13; I Tm. 1:12; II Tm. 4:17). **Graça** é uma palavra de significado amplo, abrangendo o poder e os dons do Espírito (veja Charles Hodge, *Systematic Theology*, II, 654, 655). As três famosas metáforas sobre o relacionamento do ensino cristão com a fé foram apresentadas nesta passagem.

(1) O Mestre é um Soldado (vs. 3,4). **Participa dos meus sofrimentos.** Satisfazer é uma palavra quase que inteiramente paulina no N.T.; veja a força da palavra cognata em Cl. 1:10.

(2) O Mestre é um Atleta (v. 5). **Lutar segundo as normas.** Isto implica em ambos, o treinamento para a competição e as regras que governam esta. Coroado só foi usado aqui e em Hb. 2:7, 9 em todo o N.T.; o substantivo foi usado em II Tm. 4:8. A coroa foi definida em outras passagens como "incorrupível" (I Co. 9:25), "de justiça" (II Tm. 4:8), "da vida" (Tg. 1:12; Ap. 2:10), "imperecível" (I Pe. 5:4).

(3) O Mestre é um Lavrador (v. 6). Este princípio (mais detalhadamente discutido em I Co. 9:1-14 e I Tm. 5:17, 18) pode ser aplicado incluindo a remuneração e o sustento, mas aqui destaca-se o benefício espiritual auferido pelo próprio Timóteo. Ele deveria conhecer as bênçãos da mensagem que ele está dando aos outros (cons. I Tm. 4:15, 16).

**7. Pondera o que acabo de dizer.** Ou, *tome nota, pense nisso, porque o Senhor te dará compreensão é o correto.*

## **B. A Ser Firmemente Guardado e Acalentado. 2:8-26.**

### **1) A Verdade Central do Evangelho. 2:8.**

**Lembra-te** destaca a continuidade da ação: *Esteja continuamente lembrando.* **Jesus Cristo.** Nos Evangelhos esta é uma rara, mas direta e solene designação de Jesus, aparecendo em Mt. 1:18; Mc. 1:1; Jo. 1:17; 17:3. Esta última passagem é especialmente significativa porque o Senhor a usou pessoalmente. Esta é a base do uso em Atos e na igreja primitiva. Paulo está enfatizando a mensagem apostólica de Jesus Cristo ressuscitado (veja B.B. Warfield, *Lord of Glory*, pág. 184-186). **Ressuscitado** sublinha o fato de que Ele ressuscitou e agora vive. A palavra foi usada com muita frequência nos ensinamentos do próprio Senhor e nas narrativas de Sua ressurreição nos Evangelhos. O uso que Paulo faz da palavra aqui, em I Co. 15:4,12 e em outras passagens, devolve o testemunho desta palavra, exatamente, à sua forma mais primitiva. **De entre os**, devidamente traduzido. **Mortos** não foi usado figuradamente, mas literalmente, significando *pessoas mortas*. Todos os

mortos estão subentendidos; Jesus ressuscitou como as primícias, dentre eles. Paulo pregava que Cristo morreu e foi sepultado, eliminando qualquer interpretação figurada em **ressuscitou de entre os mortos. Descendente de Davi.** O apóstolo se refere a Cristo deste modo, aqui, em Rm. 1:3 e em Atos 13:23. Este termo tem a vantagem tripla de destacar a verdadeira humanidade de Jesus, Sua linhagem messiânica e Sua autoridade soberana. Sobre este último ponto, observe especialmente Ap. 3:7; 5:5; 22:16. A palavra que Paulo costuma usar para esta idéia é "Senhor". Pedro liga estas idéias em Atos 2:30, 36. Paulo usa **meu evangelho** como usou **meu depósito** em II Tm. 1:12. A força disso é que o depósito confiado a Paulo é o Evangelho, pelo qual ele era responsável e do qual ele foi uma testemunha ocular competente. Paulo rejeita originalidade : esses eram os fatos conhecidos dele e daqueles de quem ele os recebeu (cons. I Co. 15:3, 11; veja B.B. Warfield, *The Person and Work of Christ*, pág. 535-546).

## 2) O Exemplo da Fidelidade de Paulo. 2:9, 10.

**Pelo que soufró trabalhos.** (E.R.C.). Os aborrecimentos, a oposição e a prisão que Paulo experimentou brotaram diretamente do seu testemunho firme sobre a Ressurreição (veja J.O. Buswell, *Behold Him!* pág. 42-49). As duas cláusulas do versículo 10 são paralelas às duas cláusulas correspondentes do versículo 9: **sofró trabalhos** corresponde a **tudo suporto**, com o pensamento acrescentado por causa dos eleitos. **A palavra de Deus não está algemada** corresponde a **para que também eles obtenham a salvação**.

## 3) A Verdade Personificada numa "Palavra Fiel". 2:11-13.

**11a.** Paulo usou a *palavra fiel* para introduzir assuntos de grande importância (veja coment. sobre I Tm. 3:1). Aqui ele a usa para introduzir palavras extraídas, muito provavelmente, de um hino familiar (veja observação sobre I Tm. 3:16). Este é o âmago do que Paulo queria dizer, por isso ele o apresenta de maneira memorável. O poema tem uma

estrutura equilibrada. A primeira cláusula e a última recebem a ênfase através da conjunção que aqui foi traduzida por *verdadeiramente e pois*:

Se verdadeiramente morremos com Ele, também com Ele viveremos;  
Se perseveramos, também com Ele reinaremos;  
Se O negarmos, também Ele nos negará;  
Se formos infiéis, Ele permanece fiel,  
Pois não pode negar-se a Si mesmo.

**11b. Se já morremos.** Nossa justificação e perdão é a morte para o pecado e a maldição da Lei. **Viveremos com ele** aponta para o alvo final – a vida eterna, embora inclua a nossa presente caminhada.

**12. Se perseveramos** significa se suportamos; o pensamento é paralelo ao de Rm. 8:16, 17. **Reinaremos** amplia o significado do que está envolvido no viver com Cristo. **Negamos** é uma clara referência a Mt. 10:33. Há um incentivo duplo para permanecermos fiéis: a esperança de reinar com Ele, e a certeza de que se O negarmos, Ele nos negará.

**13. Se somos infiéis.** Esta última sentença parece sugerir que se o cristão pecar, Sua (de Cristo) fidelidade é a última esperança, pois Ele não pode negar a Si mesmo; a ênfase não foi colocada sobre o Seu negar se nós o negarmos. O pensamento é semelhante ao de I Jo. 2:1, envolvendo a confissão e o perdão do pecado (veja todo o sermão "Comunhão com Cristo", de Warfield, *Faith and Life*, pág. 415-427).

#### 4) A Verdade Bem Manejada. 2:14-19.

Conversas vazias desorientariam os ouvintes; mas Timóteo devia proceder de acordo com a Palavra, fugindo às futilidades, lembrando-se dos sinais do verdadeiro fundamento, e procurando, através de uma conduta reta, ser útil ao Senhor.

**14.** Timóteo devia transmitir aos outros o mesmo desafio que Paulo file fazia (4:1). A mesma palavra foi usada – **testemunho solene**. Isto devia ser feito **perante Deus**, que então testemunharia da grave responsabilidade conferida. **Evitem contendas de palavras** é uma só palavra no texto grego; o substantivo correspondente foi usado em I Tm.



6:4. Ambas as forma parecem implicar em cavilações sobre palavras e não na busca da verdade.

**15. Procura apresentar-te a Deus aprovado. Que maneja bem,** como um mestre no seu ofício manejaria a sua ferramenta.

**16. Falatórios inúteis e profanos.** Esta é mais uma característica da discussão sobre palavras. **Impiedade.** Desviando a atenção da verdade sólida dariam lugar ao erro de conduta.

**17. A linguagem deles** parece referir-se à doutrina daqueles que se ocupam em tais discussões. **Câncer**, uma ferida que não sara. **Himeneu** está associado a Alexandre em I Tm. 1:20, onde o motivo de seu afastamento da fé jazia no fracasso em manter uma consciência pura. **Fileto** não é mencionado em qualquer outro lugar; nada mais se sabe a respeito dele.

**18. A ressurreição.** Os gnósticos imaginavam a ressurreição alegoricamente, como que se referindo a um conhecimento da verdade, que acontecia por ocasião do batismo.

**19. Fundamento** parece implicar em ambos, no fundamento e no templo, a igreja, como em I Tm. 3:15; Ef. 2:20; Mt. 16:18. **Selo.** Um sinal de posse e autenticação. **Conhece.** Esta citação foi extraída da LXX, em Nm. 16:5, com alusões aos versículos 26, 27 da mesma passagem (cons. Mt. 7:23; Jo. 10:14). **Aquele que professa o nome** significa qualquer um que profere o nome de Cristo como seu Senhor. Nenhuma passagem especial foi citada aqui, mas o sentido de muitas passagens está nela condensado.

### **5) A Verdade Aplicada à Vida. 2:20-26.**

A verdade da separação do mal aplica-se de modo equilibrado e positivo no restante do capítulo.

**20. A grande casa.** Provavelmente a igreja no seu aspecto visível conforme vista pelo mundo (cons. I Tm. 3:15). A conexão de pensamento parece ser que na igreja visível há falsa profissão, da qual é necessário purificar-se. Honra é paralelo à expressão em Rm. 9:21.

**21. Destes erros.** Os vasos da desonra como também suas doutrinas e práticas. **Purificar** está intimamente relacionado com a palavra usada pelo Senhor em Jo. 15:2, 3 e dá a idéia da mesma doutrina. **Santificado** implica em continuidade do estado de ser separado. **Possuidor. Déspota.** Um expressivo título divino usado em Lc. 2:29; Atos 4:24; II Pe. 2:1; Judas 4; Ap. 6:10. Está intimamente relacionado com "pai de família" em Mt. 10:25; Lc. 13:25; 14:21; e especialmente em Mt. 13:27,28. Significa senhor absoluto.

**22. Coração puro** é uma expressão muito semelhante à que se encontra nas beatitudes em Mt. 5:8 e repete o pensamento de **purificar** (II Tm. 2:21). **Invocam o Senhor** é paralelo a "que profere o nome" (v. 19). O versículo anterior exige separação das más companhias; este versículo exige comunhão com o povo do Senhor e a procura das graças do Espírito.

**23,24.** Novamente a menção da doutrina falsa e das discussões sem proveito, como nos versículos 14,16-18. Contender. Uma palavra diferente da que foi usada no versículo 5. Aqui é o verbo correspondente às "contendas" do versículo anterior e foi usado no seu mau sentido. **Servo** refere-se anda à figura da grande casa e os servos que trabalham nela. **Brando. Paciente.** 25,26. Esta verdade harmoniza com a verdade da separação ensinada acima: ainda deveria haver a paciente tentativa de instruir, na esperança de que Deus lhes desse arrependimento, embora estivessem no momento nos laços de Satanás (I Tm. 6:4; 3:6). **O retorno à sensatez.** "Criar juízo"; paralelo ao "arrependimento" do versículo anterior.

## 2 Timóteo 3

### C. A Ser Reconhecida como um Baluarte. 3:1-17.

Enquanto o escritor compara verdade e erro, devoção ao Senhor de um lado, e obediência ao pecado e Satanás do outro, conduz seus pensamentos a um clímax na detalhada descrição dos pecados que caracterizarão um futuro afastamento da fé. Com isto ele contrasta o

exemplo de sua própria experiência e a grande fortaleza dos fiéis, as Escrituras. A fim de que Timóteo fosse mais incentivado a lutar, ele lhe esclarece (v. 9) que a verdade de Deus prevalecerá.

### 1) **Contra a Apostasia. 3:1-9.**

É digno de se notar que a oposição mais intensa deve vir daqueles que têm uma forma da piedade (v. 5).

**1. Nos últimos dias** provavelmente não se limita aqui ao fim dos tempos escatológicos, mas inclui o ataque gnóstico sobre a Igreja que então se desenvolvia.

**2. Egoístas** é uma só palavra no grego, usada apenas aqui em todo o N.T. É significativo que os homens deviam ser caracterizados como amantes de si mesmos no começo desta passagem. Segue-se então (até o v. 5) uma lista dos pecados que fluem dos corações corrompidos que amam o ego mais do que a Deus. A maior parte dos adjetivos que se seguem são compostos de duas partes, de modo que cada um dá o efeito de uma sentença resumida, combinando sujeito e predicado.

**Avarentos.** A palavra que foi usada para os fariseus (Lc. 16:14).

**Jactanciosos** só foi usada aqui e em Rm. 1:30, em todo o N.T.

**Arrogantes** também se encontra em Rm. 1:30, Tg. 4:6, e I Pe. 5:5.

**Blasfemadores** foi usada por Paulo a respeito de si mesmo em I Tm. 1:13.

**Desobedientes aos pais** como em Rm. 1:30 (cons. Tt. 1:16; 3:3; Atos 26:19).

**Ingratos** só aparece aqui e em Lc. 6:35, mas a idéia foi expressa de outro modo em Rm. 1:21.

**3. Desafeiçoados,** como em Rm. 1:31 .

**Irreconciliáveis** (E.R.C.) significa **implacáveis** (E.R.A.), como em Rm. 1:31.

**Caluniadores** costuma ser usado falando-se de Satanás como *diabolos* (cf. Ap. 12:10; também I Tm. 1:10; Tt. 2:3).

**Sem domínio de si é sem autocontrole.**

**Inimigos do bem.****4. Atrevidos.** *Cabeçudos.*

**Enfatuados.** Cheios de si (I Tm. 3:6; 6:4). Isto resume os pecados que fluem do amor ao ego e que estão em agudo contraste aos **amigos de Deus**.

**5.** O terrível fato é que essas pessoas professara serem cristãs, que provavelmente desejam ser consideradas religiosas e santas. Elas têm, contudo, apenas **forma de piedade**, apenas a aparência externa de seguidores da doutrina e prática do Evangelho; o **poder** lhes falta. Só o Espírito Santo torna a religião verdadeira; a fé sem obras e sem o fruto do Espírito é morta. **Negando-lhe**, uma palavra forte, implica em conhecer e no entanto rejeitar decisivamente a verdade. **Foge também destes.** A expressão pode significar "repele-os" como um bom soldado repele o inimigo.

**6-9.** Seu verdadeiro caráter está comprovado pelos seus pecados.

**6. Os que penetram sorrateiramente nas casas.** Entram nas famílias e nos lares.

**7. Que aprendem sempre** refere-se às mulheres. **Conhecimento da verdade** inclui conhecimento do pecado (Rm. 3:20) de um lado, como também o conhecimento da verdade, de acordo com a piedade, do outro (Tt. 1:1); implica em não alcançar a salvação (Hb. 10:26). A implicação aqui pode ser que essas pessoas não chegam ao conhecimento da sua condição de pecado mesmo sob o testemunho da igreja.

**8. Janes e Jambres** são nomes de dois mágicos mencionados em Êx. 7:11, 22. Havia provavelmente mais, e a menção destes é simplesmente uma maneira de designar os mágicos do Egito. A menção de Satanás anteriormente (II Tm. 2:26) e a extrema corrupção das pessoas aqui descritas, como também da operação de maravilhas satânicas, sugere um paralelo com II Ts. 2:9-12. **Estes** (II Tm. 3:8) não são as mulheres do versículo 7, mas aqueles falsos mestres que as seduzem, que deliberadamente se opõem à verdade. **Réprobos** parece

claramente implicar em uma condição de perdido (cons. II Co. 13:5; Hb. 6:8; Tt. 1:16). A **fé** representa o Evangelho.

9. A encorajadora mensagem de Paulo é que, tal como a verdade de Deus prevaleceu contra os truques dos mágicos do Egito, também o Evangelho triunfará contra todo o tipo de erro que possa levantar-se.

## 2) Na Defesa dos Fiéis. 3:10-12.

O desmascaramento completo da oposição insensata à verdade será completado na volta de Cristo.

10. Mas Paulo usa a si mesmo como exemplo da capacidade de Deus de libertar mesmo agora (cons. 4:17).

11. Ele encoraja Timóteo lembrando acontecimentos da primeira viagem missionária. Timóteo é mencionado pela primeira vez na segunda viagem a Listra, mas as observações de Paulo referem-se à visita anterior. Timóteo ficaria mais impressionado com as observações porque ele vira o trabalho em Listra prosperar e persistir apesar da oposição.

12. **Piedosamente** é o advérbio relacionado com "piedade" (3:5; Tt. 1:1, e freqüentemente em I Tm.). Parece que Paulo quer dizer que **quantos querem viver piedosamente** devem dar o testemunho do tipo agressivo de Listra, o qual ele deu, que despertou a oposição além de ganhar almas.

## 3) As Escrituras Inspiradas: Nossa Confiança. 3:13-17.

Conforme a oposição aumenta, as Escrituras se tomam mais necessárias ao crente; do o seu baluarte. A descrição que Paulo fez deste século com o desenvolvimento da impiedade, está de acordo com o quadro dado pelo senhor, no Sermão pregado no Monte das Oliveiras.

13. **Impostores.** Usado no sentido de "macumbeiro" e também "trapaceiro" ou "escroque". Neste contexto a ênfase está sobre a fraude.

14. Em agudo contraste a esta oposição do mundo e sua fraude, Timóteo devia continuar com a doutrina sadia das Escrituras,

dependendo de Deus. Um importante elemento da perseverança é continuar **naquilo que aprendeste**. O caráter do mestre e da testemunha é importante para estabelecimento da verdade do Evangelho. Paulo poderia ter-se incluído e também aos pais de Timóteo, mas o **de quem** do texto original também poderia se referir às Escrituras como a prova mais alta da verdade das doutrinas.

**15.** Timóteo conhecia as Escrituras desde a sua infância, e assim o poder delas foi demonstrado na sua vida. Depois Paulo apresenta a razão dessa eficácia das Escrituras: é de origem divina.

**16. Inspirada** significa, *expirada por Deus*. Ele tem plena autoridade divina porque é inteiramente a verdade e, portanto, é útil. As traduções alternantes do original como **toda Escritura** ou *cada Escritura* ambas são possíveis e implicam na mesma coisa: Se cada Escritura é inspirada, então **toda** também é. A sentença em grego não tem o verbo expresso. Deveria o adjetivo "inspirada por Deus" ficar com o sujeito, ou seria uma parte do predicado do sujeito? A E.R.A. é mais exata do que a E.R.C, neste ponto, uma vez que a E.R.C, parece admitir a possibilidade, absurda no caso de Paulo, que poderia haver Escritura que não fosse inspirada. A paráfrase de Warfield suaviza a ambigüidade: "Cada Escritura, visto ser emitida por Deus, é proveitosa . . ." ("Inspiration", ISBE, III, 1474a). **Ensino**, enfatizado nas Epístolas Pastorais. **Repreensão** está intimamente ligado com "convencer" de Jo. 16:8. A Escritura é o instrumento que o Espírito usa para convencer. **Correção** carrega a idéia de melhoramento. **Educação na justiça** indica treinamento ou educação que se encontra no caminho da justiça, ou na "fé" (*a instrução que há na justiça*). A palavra traduzida para **educação** encontra-se somente em Paulo; foi traduzida para "disciplina" em Ef. 6:4. Em Hb, 12:5, 7, 8, 11 foi traduzido para "correção" e "disciplina".

**17. Homem de Deus.** Paulo tinha em mente especialmente Timóteo (cons. I Tm. 6:11). É uma frase do V.T, significando profeta (Dt. 33:1; 13:1). **Perfeito e perfeitamente habilitado** (equipado) têm a mesma raiz.

## 2 Timóteo 4

### III. Desafio a Timóteo, e Conclusão. 4:1-22.

#### A. O Desafio Solene. 4:1-5.

##### 1) Deus e Cristo: Testemunhas da Responsabilidade de Timóteo. 4:1.

1. A idéia de encarregar ou ordenar a transmissão do testemunho está enfatizada em importantes passagens das Escrituras: Moisés desafiou Israel (Dt. 29:1, 10; 30:11,16); Moisés desafiou Josué (Dt. 31:7, 8, 23); Josué desafiou Israel (Js. 23:2, 6; 24:1, 26, 27); Samuel desafiou Israel (I Sm. 12:1-25); Davi desafiou Salomão (I Reis 2:1-9; I Cr. 28:2-10, 20); Esdras desafiou Israel (Ne. 8-10); Jesus desafiou os apóstolos (Jo. 13:34; 14-17). **Julgar.** O direito e a capacidade de julgar todos os homens pertence a Deus somente; Cristo proclamou explicitamente ter esse direito (Mt. 7:21, 22; Jo. 5:25-30). **Pela sua manifestação.** A sanção do desafio é a vinda de Cristo. A E.R.A., traduz corretamente: **pela sua manifestação e pelo seu reino.** Deus e Cristo são as testemunhas divinas; a vinda e o reino são os incentivos mais solenes para a fidelidade. **Vinda** (E.R.C.) significa "manifestação" e usa-se para ambos, a primeira vinda (II Tm. 1:10) e a segunda (4:1,8; Tt. 2:13). **Reino** tem diferentes fases: julgamento (Mt. 25:31, 34, 40); reino milenial (I Co. 15:24, 25); eternidade nos novos céus e nova terra (Ap. 22:3).

##### 2) Cinco Imperativos. 4:2.

2. Estes cinco concisos imperativos, que se emparelham a outros quatro no versículo 5, resumem a tarefa do ministério: (1) **Prega.** É a primeira e grande tarefa básica da transmissão da mensagem fundamental, como fazia o próprio Paulo (I Co. 15:1-11) e Jesus (Lc. 5:1; 8:11, 21). (2) **Insta.** Estar pronto, preparado, quando for conveniente e quando não for. (3) **Corrige,** intimamente relacionado com a idéia de

"convencer" (3:16; veja coment.), é a mesma palavra que foi usada em Tt. 1:9 ("exortar"), 13 ("repreender"); 2:15 ("exortar"); I Tm. 5:20 ("repreender"). (4) **Repreende** foi traduzido para *advertir* em Mt. 12:16; *advertir* em Mc. 8:30; *repreender* em Mc. 10:48; e *advertir* em Lc. 9:21. Significa cobrar uma responsabilidade não cumprida. A idéia essencial é, freqüentemente, a exigência implícita da restituição quando apontado o erro. (5) **Exorta** costuma ser traduzido para *confortar* ou *suplicar*. É uma ansiosa súplica em qualquer circunstância da vida, possível por causa da presença do Confortador, cujo nome é uma forma diferente da mesma palavra. A frase, **com toda a longanimidade e doutrina** (ensinamentos), não deve ser tomada só com o último dos imperativos, mas deve acompanhar todos os cinco mandamentos. Paciente transmissão de ensinamentos é a mais sólida das bases para um sucesso final no ministério (cons. 2:25).

### 3) Afastando-se da Verdade; Apegando-se aos Mitos. 4:3,4.

3. A insistência na fidelidade e sã doutrina torna-se mais necessária por causa do perigo da apostasia nas igrejas. **Coceira nos ouvidos**. As pessoas terão vontade de ouvir o que satisfaz a seus desejos pecaminosos. Isaías caracteriza poderosamente a atitude em 30:9-11. **Mestres**. O princípio é de Oséias: "tal povo, tal sacerdote" (Os. 4:9; Jr. 5:30, 31). **Cercar-se-ão** significa multiplicar, ter uma abundância de falsos mestres.

4. **Verdade**. Muito linda é a constante orientação da Bíblia à verdade, uma palavra de amplo significado para a revelação de Deus, centralizada em Jesus Cristo.

**Fábulas**. Abandonando a única base da vida, suas esperanças e conduta serão edificadas sobre a areia e os mitos (veja coment. sobre I Tm. 4:7). Em II Pe. 1:16 os mitos estão em contraste com a verdade escrita de Deus. Portanto, mais urgente se torna a necessidade de intensificar a sã doutrina.



**4) Quatro Imperativos. 4:5.**

**5.** Estes concluem as ordens dadas por Paulo a Timóteo:

(1) **Sê sóbrio.** Literalmente, *abster-se de bebidas intoxicantes*, mas em todo o N.T., onde aparece, traz a idéia de vigilância e prontidão. As expressões paralelas que lhe são ligadas são auto-exploratórias: "vigieiros, e sejamos sóbrios" (I Ts. 5:6); "sede, portanto, criteriosos e sóbrios" (I Pe. 4:7); "Sede sóbrios e vigilantes" (I Pe. 5:8).

(2) **Suporta as aflições.** Todos os três usos paulinos desta palavra encontram-se em II Tm.: "Participa . . . sofrimentos" (2:3); "sofrendo algemas" (2:9). Observe também a mesma palavra com a preposição com em 1:8, "participa dos sofrimentos".

(3) **Faze o trabalho de evangelista.** Se isto significa um cargo especial (Atos 21:8), a lista em Ef. 4:11 é digna de nota, pois é mais completa que a lista paralela em I Co. 12:28: profetas, evangelistas, pastores, doutores são mencionados em comparação com os profetas, e doutores. Provavelmente estas funções coincidiam; o evangelista podia muito bem estar entre o profeta e o pastor-doutor. A vida de Timóteo incluía muito evangelismo itinerante, além de atividades pastorais e de doutrinação.

(4) **Cumpra cabalmente o teu ministério** ou "cumpra perfeitamente o teu ministério" dá o pensamento certo. É a ordem de ensinar e evangelizar dada pelo Senhor, e como tal ela está na posição do imperativo que constitui o clímax e abrange toda a série (cons. o grande texto de Paulo, Atos 20:24).

**B. Testemunho Final de Paulo. 4:6-8.**

Este eloquente e confiante testemunho toca nos principais pontos do que Paulo pretendia dizer a Timóteo : confiança na graça de Cristo; fiel transmissão da fé aos outros; firme confiança na bendita esperança.

**1) Paulo Enfrenta a Morte Calmamente. 4:6.**

**6. Estou sendo já oferecido por libação** (lit. *estou sendo derramado*). Este verbo, só aparece aqui e em Fp. 2:17, e foi usado por Paulo no sentido figurado. Literalmente é usado em conexão com uma libação ou oferta de bebida (Gn. 35:14). Mas Paulo pensava em sua morte iminente como uma oferta de serviço prestado aos cristãos e à sua fé. Toda a sua vida consistia em um sacrifício (Rm. 12:1), e agora sua morte completaria sua vida com uma oferta de libação.

**O tempo da minha partida é chegado** é uma declaração paralela à aproximação de sua morte, em uma linguagem diferente. Ele usa a mesma metáfora de Fp. 1:23, onde foi usado o verbo com a mesma raiz. Cristo (Lc. 9:31) e Pedro (II Pe. 1:15) falaram da morte em linguagem semelhante, usando a palavra "êxodo".

**2) O Testemunho Daquele que Cumpriu a Sua Tarefa. 4:7.**

**7. Combate** foi traduzido para "carreira" (Hb. 12:1), "combate" (I Tm. 6:12; Fp. 1:30), e "luta" (Cl. 2:1; I Ts. 2:2). Para Paulo foi mais do que uma batalha feroz e momentosa; foi uma competição, uma corrida que exigiu todo o entusiasmo de um espírito fervoroso e consagrado (cons. Atos 20:24). Combater o bom combate implica em tê-lo ganhado. Isto se encaixa bem na figura de Paulo, e acrescenta ironia: embora pareça que foi derrotado e prestes a morrer como um criminoso, ele era vitorioso, pois completou a carreira que Jesus colocara à sua frente; guardara a fé transmitindo-a fielmente aos homens e organizando igrejas. Todos aqueles que morrem na fé (Hb. 11:13) receberão no final a promessa e levarão o prêmio (I Pe. 1:9; 5:4; Hb. 10:30).

**Carreira**, no N.T. só foi usado por Paulo (Atos 13:25; 20:24). A palavra pode significar uma volta na pista de corrida. Paulo talvez pensasse na transmissão da fé através dos séculos como numa corrida de revezamento: ele terminou a sua carreira com sucesso e passou a fé aos outros. A figura da corrida de revezamento parece encaixar-se bem no versículo seguinte, pois o prêmio é de toda a "equipe", não de Paulo

somente. **Guardai.** *Guardar* não significa somente "preservar", mas também "observar e praticar". Para o crente perseverar e ser fiel até a morte é um triunfo da graça (Ap. 2:10). **A fé** é o testemunho completo do Evangelho, retrocedendo às palavras de Jesus aos seus discípulos (Rm. 10:17; Hb. 2:3, 4; Ap. 14:12).

### 3) A Bendita Esperança que não Ficou Obscurecida. 4:8.

**8.** Em lugar de ficar deprimido, Paulo está apenas mais confiante. Quanto maior a provação, mais reluz a promessa. A coroa que é o prêmio está descrita de diversas maneiras: é uma coroa de "justiça", "vida" (Ap. 2:10), "gozo" (I Ts. 2:19); "glória" (I Pe. 5:4). **Reto juiz** talvez queira dizer que muitas das decisões que Paulo sofreu nesta vida foram injustas, mas o Senhor é o juiz que não pode cometer enganos. **Não somente a mim.** O pensamento de Paulo não se confina a sua pessoa, mas estende-se a todos os redimidos. **Amam.** "Os que colocarem o seu amor sobre". A forma verbal implica em firme colocação do amor na vinda de Cristo.

### C. Conclusão. Observações Finais de Amor e Zelo. 4:9-22.

Cuidar do bem-estar dos indivíduos é característica de Paulo (veja Rm. 16).

**9. Depressa.** Paulo confia na lealdade de Timóteo.

**10. Demas.** (Cl. 4:14; Fm. 24) tendo **amado o presente século.** A força da bendita esperança faz-se perceptível quando o apóstolo tristemente menciona alguém tão tolo a ponto de colocar seus afetos sobre as coisas deste mundo.

**Crescente** só foi mencionado aqui.

**Tito** juntara-se a Paulo depois de receber a epístola que lhe fora endereçada e prosseguira até a Dalmácia, também conhecida como Ilírico (hoje Iugoslávia; cons. Rm. 15:19). Parece que Paulo enviou Tito a um novo território, além dos já visitados por ele.

**11.** Marcos estabelecera-se na estima de Paulo desde o tempo quando, há uns vinte anos atrás, o apóstolo se recusara a levá-lo consigo em sua segunda viagem (Atos 15:37-39).

**12.** Provavelmente Paulo queria dizer que **Tíquico** substituiria a Timóteo, o qual provavelmente ainda se encontrava em Éfeso, para que Timóteo pudesse ir ao encontro do apóstolo em Roma. Isto dá a impressão de que Tíquico era o portador da carta (veja coment. sobre Tt. 3:12).

**13. Capa.** Um espesso agasalho. Talvez Paulo tivesse passado por lá no verão, não precisando dela, mas agora o inverno se aproximava. Carpo só é mencionado aqui. Os livros. Provavelmente cópias de papiros contendo as Escrituras Ou porções delas. **Os pergaminhos.** Talvez um códice em velino, a mais antiga forma de livros.

**14. Alexandre.** Provavelmente o mesmo já mencionado em I Tm. 1:20 (veja coment.). **Causou-me.** De uma palavra grega, em outro lugar traduzida para *mostrou* (veja Tt. 2:10; 3:2; Hb. 6:11). Alexandre "mostrou-se" mau para com Paulo no sentido de ter-lhe revelado um coração mau em sua oposição ao Evangelho. O desejo de Paulo, então, não é uma expressão de vingança pessoal (em II Tm. 4:16 ele demonstra compaixão por aqueles que o abandonaram); mas, como os salmos imprecatórios, é uma oração pedindo justiça para aqueles que rejeitaram o Evangelho.

**15. Guarda-te também dele.** Paulo ordena a Timóteo que evite Alexandre, pois ele atacou a verdade abertamente.

**16, 17.** Zahn argumenta convincentemente (*Introduction to N.T.*, II, 12-14) que os versículos 16,17 contêm uma reminiscência do julgamento anterior em Roma também mencionado em Filipenses. Paulo foi **libertado da boca do leão** e retomou seu trabalho, para que a pregação pudesse ser concluída.

**18.** Agora, entretanto, diante da morte iminente, Paulo estava confiando na última vitória - não que escapasse à morte, mas que Deus o mantivesse fiel **para o seu reino celestial**. Este é um termo generalizado

para todas as fases do futuro governo de Deus nesta terra, e na nova terra. **Amém**. Depois de declarar a glória de Deus, segue-se o selo da sinceridade e do fervor; serve como sinal característico de toda a vida de Paulo: a sincera e consistente devoção à vontade de Deus. Paulo termina com alguns poucos assuntos pessoais, a bênção e o amém.

**19. Prisca e Áquila** foram os companheiros que Paulo encontrou pela vez primeira em Corinto depois que foram expulsos de Roma (Atos 18:18, 19, 26). Eles estavam em Éfeso quando I Coríntios foi escrita (I Co. 16:19) e em Roma quando Romanos foi escrita (Rm. 16:3). Agora tinha regressado a Éfeso.

**20. Erasto** é mencionado em Rm. 16:23 como tesoureiro da cidade de Corinto. **Trófimo** não foi deixado em Mileto na viagem de Atos 20:4, pois mais tarde nós o encontramos em Jerusalém (Atos 21:29). Paulo está se referindo a uma ocasião posterior. **Inverno** explica o pedido da capa de II Tm. 4:13. As pessoas que enviam saudações são mencionadas apenas nesta passagem do N.T.

**22. Senhor Jesus Cristo** (E.R.C.) poderia ser **Senhor** (E.R.A.) apenas. **Teu espírito** é para Timóteo, em primeiro lugar, e o **convosco** (plural) é para todos os leitores de Paulo, os cristãos em Éfeso.

# **TITO**

## **Introdução**

## **Esboço**

## **Capítulo 1**

## **Capítulo 2**

## **Capítulo 3**

## **INTRODUÇÃO**

O tema desta epístola é parecido com o de todas as Pastorais, enfatizando a conexão da doutrina, confiada aos homens fiéis, com a santidade de vida. Nesta carta, Paulo liga de maneira memorável a graça, como a grande doutrina da salvação, às boas obras nas passagens de confronto, 2:11-15 e 3:4-8. Numa das passagens a graça aparece, na outra, a benignidade e o amor. Ambas destacam a bendita esperança (2:13; 3:7b); ambas terminam com a ênfase sobre as boas obras.

## **ESBOÇO**

I. Saudação. 1:1- 4.

II. A missão de Tito : Pôr algumas coisas em ordem. 1:5 – 3:11.

A. A tarefa e a necessidade de anciãos que ensinam. 1:5-16.

1. Qualificações dos anciãos. 1:5-9.

2. Necessidade de anciãos para combater o erro. 1:10-16.

B. O trabalho pastoral dos anciãos que ensinam. 2:1 – 3:11.

1. Aplicação da sã doutrina a casos particulares. 2:1-10.

2. Proclamação da sã doutrina : A graça de Deus. 2:11-15.

3. Demonstração da sã doutrina : A raiz e o fruto. 3:1-11.

III. Conclusão, enfatizando as boas obras. 3:12-15.

## **COMENTÁRIO**

## Tito 1

### I. Saudação. 1:1-4.

Os primeiros pronunciamentos de Paulo em suas epístolas revelam o seu ponto de vista e a sua atitude.

**1. Servo de Deus** está à frente, mas ao seu lado está a autoridade do apostolado. Em Romanos, em II Timóteo e aqui, o apóstolo declara dois aspectos do seu cargo ao mesmo tempo (Rm. 1:1, 5; II Tm. 1:1-3). Em outras passagens ele usa um ou outro. Aos filipenses ele foi um servo; aos gálatas e coríntios, que precisavam de repreensão e instrução autoritária, ele foi um apóstolo. Para Tito, que precisava especialmente de ser investido da autoridade de Paulo diante dos cretenses, ele é as duas coisas, **servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo. A fé que é dos eleitos de Deus** é o corpo da verdade revelada e a promessa que o povo de Deus tem acalentado através dos séculos. Conhecimento. A idéia é paralela à fé que acabou de ser mencionada; ambas as idéias são governadas pelo **segundo**. Ambas, a fé e o conhecimento, tem a sua base em uma mensagem real que pode ser conhecida e crida. **Verdade** traz a implicação de "fiel revelação de Deus", pois Jesus disse, "Eu sou . . . a verdade". Isto é, **segundo a piedade**; uma palavra muitas vezes encontrada nas Epístolas Pastorais (I Tm. 3:16, coment.).

**2. Esperança** está em conexão do serviço e apostolado de Paulo; ele foi um apóstolo da esperança, a esperança da vida eterna, a qual **Deus... prometeu antes dos tempos eternos**, a nosso Salvador Jesus Cristo (II Tm. 1:9), para nos ser entregue mediante a mensagem.

**3. Em tempos devidos.** Cons. I Tm. 2:6. Os eternos propósitos começaram a ser desfrutados pela história deste mundo através da **pregação** (*a mensagem*, coisa pregada). Mandato. Cons. I Tm. 1:1. Paulo foi um apóstolo por mandamento; por mandamento ele recebeu sua mensagem. **Palavra** é equivalente à *promessa* do versículo anterior. A idéia é que Deus cumpriu Sua promessa; Ele cumpriu a Sua palavra no

Evangelho. **Salvador** é a grande palavra de amplo significado para Libertador; ambos, Deus e Cristo, foram assim chamados.

**4. Filho.** Um termo afetivo usado por Paulo falando de Timóteo, Tito e Onésimo. **A fé comum** era partilhada por Paulo, Tito e todos os cristãos. O apóstolo pode estar usando a analogia da herança: a fé é um patrimônio ou um fideicomisso que pertence a todos; Tito está sendo encarregado de administrá-lo. **Misericórdia** só foi acrescentada nas Epístolas Pastorais (veja I Tm. 1:2, coment.). **Da parte de** rege ambos, Deus e Senhor: juntos constituem a única fonte divina de todas as bênçãos. A E.R.A. omite corretamente **Senhor**: Cristo Jesus nosso Salvador.

## II. A Missão de Tito: Pôr Algumas Coisas em Ordem. 1:5 - 3:11.

### A. A Tarefa e a Necessidade de Anciãos que Ensinam. 1:5-10.

#### 1) Qualificações dos anciãos. 1:5-9.

**5.** Para a possível ordem dos acontecimentos mencionados, veja 3:12. Paulo deixou Tito em Creta e talvez seguisse para Nicópolis, em Épiro, perto da Dalmácia (II Tm. 4:10), onde mais tarde Tito o encontrou, e ambos foram para a Dalmácia. **As coisas restantes** dá a entender as coisas que ficaram por fazer. **Em cada cidade** sugere uma evangelização extensa mas rápida da ilha, deixando a questão da organização para mais tarde. **Presbíteros** ou *anciãos* aqui são os anciãos que ensinam ou os pastores, a julgar pelo contexto. Esta missão em Creta não conferia a Tito poder ditatorial para nomear ministros. Antes, como Paulo e Barnabé ordenaram anciãos (Atos 14:23) que foram escolhidos pelo povo, assina também Tito devia fazer, tendo em mente as devidas qualificações. Paulo dá três qualificações generalizadas (v. 6), uma lista de qualificações negativas (v. 7) e outra de positivas (vs. 8, 9). Toda a seção está em íntimo paralelo com I Tm. 3:2-4.



**9.** A E.R.A. é a preferível pela escolha nas palavras e na ordem: **apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder, assim para exortar pelo reto ensino, como para convencer** (como em Jo. 16:8) **os que contradizem.**

## **2) Necessidade de Anciãos para Combater o Erro. 1:10-16.**

Como sugere o versículo 9, a doutrina tem aplicação dupla: exortação e convicção – instruir os crentes e convencer os contradizentes.

**10. Insubordinados.** Usado aqui, em 1:6 e em I Tm. 1:9. A idéia é de incredulidade deliberada e rejeição da verdade. **Palradores** e **enganadores** (cons. verbo relacionado em Gl. 6:3). Única ocorrência no N.T. **Circuncisão.** O Judaísmo incrédulo parecia aprofundar-se cada vez mais na completa rejeição da verdade. Um pouco depois João falou dos judeus chamando-os de "sinagoga de Satanás" (Ap. 2:9; 3:9).

**11. É preciso fazê-los calar.** A razão principal de se argumentar a favor da fé (apologética) é exortar e convencer. As evidências devem ser tão claramente apresentadas que os rejeitadores deverão pelo menos ser deixados sem desculpa ou resposta. Em Creta a situação foi agravada pelos judaizantes avarentos e outros falsos mestres, que subverteram casas inteiras no seu desejo de ganhar favor e ganho financeiro.

**12.** A observação é severa, mas vem das próprias fileiras dos cretenses. Paulo não se opunha a usar fragmentos de verdade colhidos entre os autores pagãos (Atos 17:28; I Co. 15:33). **Ventres preguiçosos** é o mesmo que *glutões ociosos*.

**13. Tal testemunho é exato.** Presumivelmente Paulo estivera na ilha por algum tempo e podia confirmar a declaração. Uma vez que os cretenses eram mentirosos, e estavam rejeitando a verdade, sua mensagem devia ser refutada. Mas Tito também devia *repreender severamente* (a mesma palavra "convencer" no v. 9) aqueles que se professavam crentes e lhes davam ouvidos. Isto esclarece que Paulo aqui desvia sua atenção dos incrédulos para os crentes professores.

**14. Fábulas. Mitos. Mandamentos de homens**, reminiscência de Mt. 15:9, e sua fonte está em Is. 29:13. Falsa autoridade e temor aos homens estão envolvidos na rejeição à verdade de Deus.

**15.** Aqui o ensinamento é paralelo ao de I Tm. 4:2-5. **Todas as coisas** deve ser tomado no contexto como equivalente a "cada criatura de Deus" (I Tm. 4:3, 4). Para aqueles que rejeitam a soberania de Deus, e adoram a criatura, todas as coisas são impuras, até mesmo suas mentes e consciências.

**16. Professam** (cons. II Tm. 3:5). As obras são a prova decisiva da condição do coração (Mt. 7:20; I Jo. 4:20). **Reprovados**. Inaptos para qualquer boa obra.

## **B. O Trabalho Pastoral dos Anciãos que Ensinam. 2:1 – 3:11.**

### **Tito 2**

#### **1) Aplicação da Sã Doutrina aos Casos Particulares. 2:1-10.**

As instruções deste capítulo estão endereçadas a Tito diretamente nos versículos 7, 8, 15; mas, por intermédio de Tito, Paulo estava instruindo toda a igreja de Creta. Seu tema central é a sã doutrina aplicada, resultando em boas obras.

**1.** Para Tito a responsabilidade primária era pregar e ensinar a verdade, aquela que estivesse de acordo com a **sã doutrina (sadios)**; veja 1:9, 13; 2:1; e o adjetivo em 2:8). O uso desta palavra nas Pastorais, sempre em conexão com a doutrina, mostra a ênfase que Paulo dá ao ensino correto.

**2.** Para os **homens idosos**, que já eram mestres ou em potencial, a vida e a doutrina tinham de andar juntas. Esta é uma importante consideração em relação a cada uma destas categorias de pessoas. Conselhos adicionais encontram-se em I Tm. 5:1.

**3-5.** Para as **mulheres idosas** e as **jovens recém-casadas** enfatizou-se consideravelmente o estabelecimento do lar. Os detalhes são

reminiscências de Pv. 31:10-31. Honrar a Palavra de Deus é a sanção suprema para a conduta correta.

**6-8.** Para os **moços** a virtude fundamental destaca-se pela ênfase dada à sobriedade e à discrição, como no caso das mulheres jovens (v. 5). A mesma ênfase se encontra nas exortações aos jovens em Provérbios (1:4; 2:11; 3:21; 5:2). Para Tito o apóstolo faz uma admoestação apropriada para um jovem e ministro (Tt. 2:7, 8). A responsabilidade constante de instruir devidamente os incrédulos está incluída.

**9, 10.** Aos **servos** duas faltas comuns são destacadas: **não sejam respondões**, responder ou discutir; e **não furem**, roubar (usado apenas em relação a Ananias e Safira em Atos 2,3). **Fidelidade** é a palavra freqüentemente usada para a fé no N.T.

Paulo epitomiza toda a seção, a bem dizer toda a epístola, quando destaca que as boas obras são **a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador**. Tiago disse que a fé (doutrina) sem as (boas) obras é morta, exatamente como o corpo sem o espírito também está morto. É dignificante esse pensamento de que as nossas boas obras adornam o testemunho de nosso Deus (Mt. 5:16).

## **2) Proclamação da São Doutrina: A Graça de Deus. 2:11-15.**

**11. Graça** (Pastorais: I Tm. 1: 14; II Tm. 1:9; 2:1; Tt. 3:7) é sempre a grande palavra chave da salvação. **Salvadora** é uma palavra só, que significa "salvando". **A todos os homens** dá a nota universal e evangelística tão proeminente nas Pastorais. Ela se manifestou em Jesus Cristo (II Tm. 1:10). Todas as promessas de Deus e Sua obra salvadora desde o começo da raça revelaram a Sua graça; todas as Suas bênçãos e dons foram planejados para levar os homens ao arrependimento (Rm. 2:4).

**12. Educando.** A graça salva, mas também ensina e educa para uma vida sóbria e piedosa. **Renegados.** A mesma forte e decisiva rejeição que se opõe à graça (I Tm. 5:8; II Tm. 2:12; 3:5; Tt. 1:16). **Sensata, justa e piedosamente.** Estas três palavras reiteram habilmente

o tema de todas as Pastorais. **Presente século.** Usada uma vez em cada Pastoral (veja I Tm. 6:17; II Tm. 4:10). Estas palavras indicam a orientação básica do pensamento de Paulo – a vida consiste deste mundo, como também do mundo vindouro.

**13.** Paulo expressa o restante do pensamento com o grande acontecimento do mundo por vir: a vinda de Cristo. **Esperança. . . manifestação** é um só conceito, como na E.R.A.: **a bendita esperança e a manifestação. Deus . . . Salvador** está corretamente traduzido: “**nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus**”. Novamente duas idéias formam um só conceito, como acontece com os nomes divinos compostos do V.T.

**14. O qual a si mesmo se deu por nós.** A expiação inclui ambas, a referência particular aos eleitos e a referência universal a todos (veja coment. sobre I Tm. 2:6). **Remir.** Resgate ou livramento pelo pagamento de um preço (usado em Lc. 24:21; I Pe. 1:18 ; e aqui). A compra está destacada na expiação (cons. Gl. 3:13; Ap. 5:9). O livramento da culpa e da condenação não é o principal aqui, mas antes o livramento da vida iníqua. Assim o sinal peculiar do povo de Deus aparece - seu zelo pelas boas obras. **Exclusivamente** foi usado na LXX em Êx. 19:5. Esta é a palavra traduzida para "eleito" em I Pe. 2:9, ambas implicam na posse ou na compra. As boas obras são o fruto do Espírito, o selo da propriedade de Deus.

**15. Dize estas coisas.** A graça de Deus é a base das boas obras, mas é essencial que o ministro proclame continuamente esta graça, exortando e reprovando, com a autoridade da Palavra de Deus. Que o nosso ministério não seja tal que dê aos homens motivos para nos desprezarem.

### Tito 3

#### 3) Demonstração da Sã Doutrina: A Raiz e o Fruto. 3:1-11.

Aqui Paulo introduz um novo parágrafo discutindo a vida piedosa, a qual, ele declara, deveria ser inspirada no exemplo de nossa própria indignidade que foi tratada por Deus com bondade e amor. Ele esclarece (v. 8) que a intenção da doutrina cristã é que os crentes demonstrem as

boas obras. A graça de Deus é a raiz; as boas obras são o fruto. Não causa admiração, portanto, que encontremos aqui outro notável resumo doutrinário (fazendo paralelo com o do capítulo anterior sobre a graça de Deus). Esta gema, esta brilhante descrição da bondade de Deus para conosco (vs. 4-7), está engastada na responsabilidade do crente de demonstrar as boas obras diante dos homens. Em primeiro lugar Paulo enfatiza as virtudes e obrigações públicas. Aqui está também uma pequena observação adicional sobre o governo da igreja (vs. 9-11) que suplementa 1:5-16.

**1. Aos que governam.** Antes, **principados** (E.R.C.). **Autoridades. Potestades** (E.R.C.). **Sejam obedientes.** O mesmo verbo foi usado em Atos 5:29, 32.

**2.** As virtudes relacionadas são iguais às que foram ordenadas anteriormente, mas aqui estão dirigidas ao mundo incrédulo.

**3. Nós também.** Paulo jamais se esqueceu do que foi antes, e isto o levava a ter compaixão dos perdidos.

**4. Benignidade e amor** só foram usados aqui e em Atos 28:2. Piedade também está implícita no contexto. Estas graças foram supremamente manifestadas em Cristo, embora sejam manifestas em todas as naturais benevolências de Deus (Atos 14:17). Toda esta passagem forma um equilibrado complemento de Tt. 2:11-14.

**5. Obras de justiça.** A E.R.C. traduz corretamente: **Não por obras de justiça praticadas por nós.** Isto elimina toda e qualquer obra; não só as que foram praticadas pela justiça própria dos homens perdidos, como também as obras praticadas em verdadeira justiça. Contrapondo-se a todas as obras está a misericórdia livre de Deus, exibida na obra do Espírito. **Lavar . . . renovador.** O Espírito Santo nos renova em regeneração. Estas duas idéias estão intimamente ligadas entre si como a expressão dupla de uma só obra do Espírito.

**6. Derramou sobre nós.** O simbolismo da água tem sido freqüentemente usado em relação ao Espírito. O Espírito é dado através de Jesus (Jo. 4:10; 7:37). **Abundantemente** (E.R.C.). **Ricamente**

(E.R.A.). O Espírito é verdadeira riqueza, visto que é o penhor de nossa herança, a fonte e o criador de todas as bênçãos.

**7. A fim de que** dá o resultado do dom do Espírito: "para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna".

**8a. Fiel é a palavra.** Esta é uma das observações dignas de nota das Pastorais (I Tm. 1:15; 3:1; 4:9; II Tm. 2:11, coment.). Além de enfatizar bastante a declaração doutrinária que acabou de ser enunciada (vs. 4-7), também chama a atenção para a declaração sucinta e poderosa da mensagem de toda a epístola que se segue. **Faças afirmações confiadamente** é um verbo enfático que apenas foi usado em I Tm. 1:7 e aqui. A verdade persuasiva do Evangelho requer paciente repetição. **Os que têm crido ... sejam solícitos na prática de boas obras.** A graça de Deus, produzindo fé, vem em primeiro lugar; boas obras deveriam vir a seguir; primeiro a raiz, depois o fruto.

**8b,9. Excelentes e proveitosas** do versículo 8 contrasta com **não têm utilidade e são fúteis** do versículo 9, onde o apóstolo faz uma lista das coisas que distraem a atenção da verdade. Essas devem ser evitadas, como também os indivíduos que, tendo sido advertidos pela igreja, ainda perversamente se files apegam.

**10. Faccioso** está sendo usado ou no sentido restrito ou com a idéia de causar divisões. *Admoestação* é o aspecto mais importante da disciplina da igreja. O substantivo foi usado aqui, em I Co. 10:11 e em Ef. 6:4; o verbo em Atos 20:31; Rm. 15:14; I Co. 4:14; Cl. 1:28; 3:16; I Ts. 5:12, 14; II Ts. 3:15.

**11. Pervertida** tem o sentido do "permanentemente transformado", "envolvido num caminho errado". **Pecando** implica em pecado determinado, como em Hb. 10:26. **Por si mesma está condenada.** Esse tal, que já recebeu o conhecimento da verdade e teimosamente a rejeita, é sua própria testemunha de que duas vezes rejeitou uma sincera explicação e um apelo.

---

### III. Conclusão, Enfatizando as Boas Obras. 3:12-15.

Depois de algumas poucas observações pessoais, Paulo apresenta a reiteração final da responsabilidade principal de sua carta – que os crentes deveriam tomar o cuidado de perseverar nas boas obras.

**12. Ártemas** não é mencionado em nenhum outro lugar; **Tíquico** aparece em Atos 20:4; Ef. 6:21; Cl. 4:7; II Tm. 4:12. **Nicópolis** fica em Épiro. Tito recebeu a instrução de se juntar ao apóstolo lá (II Tm. 4:10, coment.).

**13. Zenas** aparece só aqui. **Apolo** era um alexandrino; é possível que a viagem mencionada fosse à Alexandria via Creta.

**14. Distinguir-se** pode significar "estar preocupado com", mas de acordo com o seu uso nas Pastorais, significa "orientar". A sugestão é que os cristãos sejam os líderes na prática das boas obras.

**15. Graça.** Esta é a conclusão característica de todas as epístolas de Paulo (veja comentário sobre I Tm. 6:21).

# FILEMOM

Introdução

Esboço

Capítulo 1

## INTRODUÇÃO

**Ocasão e Tema.** Paulo escreveu esta carta em favor de Onésimo, escravo de Filemom, que, depois de fugir do seu senhor, converteu-se sob o ministério de Paulo. Recentes conjecturas de John Knox, o notável escritor contemporâneo (*Philemon Among the Letters of Paul*) faz de Arquipo o proprietário do escravo (e principal destinatário da carta) e Filemom, um simples superintendente das igrejas do Vale de Licus. O ponto de vista tradicional, entretanto, que considera Arquipo o filho de Filemom e Áfia, continua sendo o mais convincente.

Na providência divina, diversos fatores são importantes para o reconhecimento desta carta pela igreja, não como simples correspondência particular de Paulo, mas como um ensino apostólico a ser aceito nas Escrituras: 1) "A igreja" está incluída entre os destinatários. 2) O relacionamento senhor-escravo apresentou um importante problema para toda a igreja, não apenas para Filemom pessoalmente. (Filemom não era o único senhor de escravos na igreja colossense; cons. *Kyrioi*, Cl. 4:1). Fazendo voltar o escravo que, depois de fugir, tornou-se cristão e servo de Paulo, o apóstolo não só nos instruiu em relação aos princípios que regem o relacionamento entre os irmãos cristãos, como faz-nos lembrar também que estes princípios não devem ser "por força, mas voluntários" (Fm. 14). Em Cristo há uma estrutura de referência completamente diferente que transforma todos os relacionamentos terrestres; a fraternidade é o ponto central sobre o qual todos os outros relacionamentos devem ser avaliados. Paulo não faz polêmica contra a escravidão, mas no decorrer dos séculos, a fé cristã chegou a compreender que a prática da escravidão é incompatível com



os princípios aqui enunciados por Paulo. Para origem e data desta cana, veja Introdução aos Colossenses.

## ESBOÇO

I. Introdução. Fm. 1-3.

II. Ação de Graças. Fm. 4-7.

III. Paulo Intercede por Onésimo. Fm. 8-21.

IV. Conclusão. Fm. 22-25.

## COMENTÁRIO

### Filemom 1

#### I. Introdução. Fm. 1-3.

1. Contrastando com "apóstolo", o termo mais costumeiro, a designação que Paulo dá a si mesmo, **prisioneiro de Cristo Jesus** (cons. v. 13), tem uma ligação direta com o tema da carta (veja coment. de Cl. 4: 18).

2, 3. Os destinatários não eram apenas os membros de uma família cristã, mas a igreja que se reunia na casa deles. Era costume, e às vezes se tornava necessidade, que as igrejas locais se reunissem na casa de um dos membros (cons. Atos 18:7).

#### II. Ação de Graças. Fm. 4-7.

4,5. Nas orações de Paulo a menção de Filemom (sou) sempre trazia aos lábios do apóstolo uma palavra de gratidão. Filemom se caracterizava pelo **amor** e **fé**; essas atitudes eram primeiramente dirigidas a (*pros*) Cristo mas encontravam sua expressão na (*eis*) igreja (cons. J.B. Lightfoot, *St. Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*).

6,7. Para que seja **eficiente**, a **comunhão** ou *participação* da **fé** deve ser no **pleno conhecimento** (*epignosis*; veja coment. sobre Cl. 1:9; 2:1-3); isto é, um crente deve ter a devida percepção do **bem** que ele tem em Cristo. O versículo é de difícil interpretação; compare comentário de

Moule (C.F.D. Moule, *The Epistles to Colossians and Philemon*). O ministério de Filemom era ativado pela percepção que tinha do amor e verdade cristãs. Paulo se regozija nisto e deseja que esta motivação possa influenciar a atitude de Filemom para com seu escravo fugitivo. **Coração** (*splagchna*; cons. vs. 12, 20). Sentimentos mais íntimos, "o âmagdo do ser" (Moule).

### III. Paulo Intercede por Onésimo. Fm. 8-21.

**8,9.** Paulo evita invocar sua autoridade apostólica para **ordenar** Filemom fazer o que convém, isto é, a coisa certa. Antes, ele apela para o seu amigo **em nome do amor**, como alguém que tem direito de ser ouvido: ele é Paulo, "um embaixador" (*presbytes*) e agora um prisioneiro de Jesus Cristo. Embora *presbytes* signifique estritamente **velho** ou idoso, aqui a variante na ortografia e no significado provavelmente está correta (cons. Ef. 6:20). Se o apóstolo está fazendo distinção entre a autoridade apostólica e o tipo de autoridade exercida pelos outros líderes cristãos não o sabemos com certeza. Em qualquer dos casos, ele dá o exemplo de como a verdadeira liderança cristã pode funcionar de maneira mais eficiente.

**10,11.** Como em outras passagens (I Co. 4:15; cons. Gl. 4:19) Paulo se refere ao seu convertido dizendo tê-lo gerado. Embora fosse escravo em uma família cristã, presumivelmente Onésimo não abraçou a fé cristã até que fugiu e se colocou sob a influência de Paulo. Na qualidade de cristão, **Onésimo**, isto é, *Útil* (um nome bastante comum para um escravo naquele tempo e região), que antes fora inútil, agora vivia à altura do seu nome. John Knox especula que Paulo poderia ter dado o nome de "Onésimo" ao escravo diante de sua conversão (cons. Is. 62:2; Gn. 17:5, 15; 32:28; Atos 13:9). O costume de dar um novo nome no momento da conversão, existe ainda hoje entre crentes em civilizações não-cristãs.

**12.** O verbo traduzido para **envio de volta** pode ter o significado técnico jurídico de "transferir o caso", isto é, deixar que Filemom mesmo

julgue a questão da liberdade de Onésimo (cons. Lc. 23:7, 11; Atos 25:21). Mas o significado mais comum é o mais provável aqui. Paulo compara o enviar do escravo *como se enviasse o seu próprio coração*.

**13,14.** Onésimo foi de considerável ajuda a Paulo em suas **algemas... por causa do evangelho**. O apóstolo queria continuar fazendo uso dos seus préstimos – préstimos que Filemom teria alegremente aprovado. Mas Paulo, sendo sensível à ética da situação, recusou-se a tomar liberdades com a estima de Filemom. Ele queria que seu amigo agisse segundo o seu próprio **consentimento** e voluntariamente, sem se sentir forçado ou acuado. Quando um homem presta um "serviço cristão" porque os amigos fizeram com que a situação se tornasse difícil para dizer não, seu serviço deixa de ser genuinamente cristão. Será que Filemom libertou Onésimo e o enviou de volta a Paulo? Será que o antigo escravo tornou-se um ministro e, mais tarde, bispo da igreja em Éfeso? (Cons. a carta de Inácio aos efésios, 1). Knox (*in loc.*) e Harrison (P.N. Harrison, "Onesimus and Philemon", AThR, XXXIII, Oct., 1953) pensam assim. Ainda que uma resposta certa não possa ser dada a estas perguntas, a suposição por elas despertada é tentadora.

**15,16. Temporariamente.** Literalmente, *por uma hora*. Uma perda insignificante resultou em um ganho imensurável. **Para sempre. Permanentemente.** O termo é reminiscência da provisão feita para a escravidão voluntária em Êx. 21:6 (cons. SBK, IV, 746; Lv. 25:46). Mas o relacionamento não devia mais ser encarado em termos de senhor e servo. Ser cristão é ser **irmão** dos outros crentes. E este é o fator determinante em todos os outros relacionamentos humanos, quer sejam **na carne**, isto é, no plano natural, quer **no Senhor**, isto é, no plano espiritual, na esfera da "nova geração" (veja Introdução a Colossenses). Entretanto, os relacionamentos de ambos os planos devem ser desenvolvidos simultaneamente. Filemom era irmão e senhor; Onésimo era irmão e escravo. Tal relacionamento duplo fazia surgir problemas difíceis na igreja primitiva. E tais problemas ainda complicam o

relacionamento econômico e social dos cristãos hoje em dia (I Tm. 6:2; veja coment. sobre Cl. 3:11).

**17.** Tendo narrado a história e tendo gentilmente reformulado alguns princípios cristãos, agora Paulo faz um apelo direto: "**Recebe** Onésimo como se recebesses **a mim mesmo** (cons. Mt. 25:40; Atos 9:4); por amor a ti eu o manteria comigo em teu lugar (Fm. 13), mas em vez disso eu o envio a ti em meu lugar". **Companheiro** (*koinonon*). Não apenas um companheiro Cristão, mas alguém com quem muitas experiências foram compartilhadas.

**18,19.** Paulo não menciona a verdadeira ofensa praticada por Onésimo, mas parece que foi mais do que simplesmente fugir. A oferta de Paulo de pagar **algum dano** sugere que há algum dinheiro envolvido – roubo, desfalque, ou talvez simplesmente um imprudente emprego de fundos. **A ti mesmo.** Ao que parece Filemom também era um convertido do apóstolo. Este delicado lembrete tinha a intenção de aquietar qualquer exigência de "justiça" e para reaproximar os dois, Filemom e Onésimo; eles tinham o mesmo pai espiritual.

**20,21.** Demonstrando amor cristão a Onésimo, Filemom reanimada e alegraria o próprio Paulo. Com base nisto o apóstolo faz o seu apelo, certo de uma boa reação. **Mais do que estou pedindo.** Isto pode se referir a1) devolver a Onésimo a sua liberdade ou 2) devolvê-lo a Paulo (cons. vs. 13, 14).

#### **IV. Conclusão. Fm. 22-25.**

**22.** A confiança de Paulo de que seria solto de sua prisão faz eco aos seus sentimentos em Fp. 1:25, 26 (veja Introdução a Colossenses). **Por vossas orações.** É digno de nota que o apóstolo, sendo tão insistente sobre a soberania de Deus (cons. Gl. 1:15,16; Rm. 8:29), esteja igualmente convencido de que Deus realiza Seus propósitos através de instrumentos humanos. O apóstolo não pede orações; ele tem por certo que o seu "companheiro" (Fm. 17) lembra-se dele em suas orações.

**23,24.** Veja coment. sobre Cl. 4:10-14, 15-17.

**25. Vosso** (*hymon*) **espírito** (cons. Gl. 6:18; II Tm. 4:22). O plural indica que a referência foi feita a todo o grupo incluído na saudação (vs. 1, 2). **Espírito** parece ser um termo empregado com referência ao todo do homem - no estado ou na aparência de sua "nova geração" (cons. I Pe. 4:6; II Co. 2:13; 7:5; I Co. 2:11-16, Phillips).

## HEBREUS

<b>Introdução</b>	<b>Capítulo 3</b>	<b>Capítulo 7</b>	<b>Capítulo 11</b>
<b>Esboço</b>	<b>Capítulo 4</b>	<b>Capítulo 8</b>	<b>Capítulo 12</b>
<b>Capítulo 1</b>	<b>Capítulo 5</b>	<b>Capítulo 9</b>	<b>Capítulo 13</b>
<b>Capítulo 2</b>	<b>Capítulo 6</b>	<b>Capítulo 10</b>	

### INTRODUÇÃO

**Declaração Introdutória.** O estudante desta epístola deve compreender sua singularidade. Ela não é igual a nenhuma outra epístola do Novo Testamento, e apresenta problemas que são peculiares em si mesmos. Na forma de construção, no estilo, na argumentação e em relação aos outros livros da Bíblia, Hebreus se destaca.

Sua história tem sido cheia de controvérsias. Ela tem sido ignorada, sua autoridade tem sido desafiada, duvidaram de sua canonicidade, e foi implacavelmente estudada para determinar-se quem é seu autor. Há pouco tempo, análises críticas levantaram dúvidas quanto a certas porções da epístola, principalmente do capítulo 13. Se este capítulo foi acrescentado como um todo ou em parte, ou se já fazia parte da carta original, é um problema atualmente sob estudos.

O aumento do interesse pelo período helenístico em relação à história da civilização também influenciou o estudo da Epístola aos Hebreus. Alguns dos mistérios da epístola estão sendo agora comparadas à cultura helênica do mundo mediterrâneo oriental pós-alexandrino. Alguns mestres acham que as pessoas para as quais a Epístola aos Hebreus foi escrita foram diretamente influenciadas pela cultura helênica, e talvez fossem inteiramente helenizados. Tal ponto de vista tende a sugerir possíveis revisões de antigos pontos de vista quanto aos destinatários da epístola e seu propósito.

Tem-se dito que a Epístola aos Hebreus é a menos conhecida de todas as epístolas do Novo Testamento. O raciocínio limitado, a

terminologia sacrificial e sacerdotal, e o idealismo reinante no autor são apresentados como razões (Purdy e Cotton, *Epistle to the Hebrews*, Vol. XI, IB). Pode ser, mas uma coisa parece mais certa. A Epístola aos Hebreus é mais fácil de compreender quando há familiaridade com os cinco livros de Moisés. O laço inseparável do raciocínio limitado ao sistema levítico, liga o Pentateuco à carta aos hebreus.

Os problemas apresentados pelo livro são desafiadores. Em suma, eles envolvem sua autoria, destinatários, leitores, data, motivos e relacionamento com o Cristianismo, Judaísmo e cultura helênica do primeiro século.

**Ocasão – Por quê?** A apresentação clássica dos motivos da epístola é a que se segue. Os judeus cristãos, de simples congregações ou em grupos maiores, geograficamente mais espalhados, estavam em perigo de apostatar de Cristo, retomando a Moisés. Esta condição de apostasia era um perigo imediato (2:1), com base na incredulidade (3:12). A conduta insinuava uma possível apostasia (5:13, 14). A negligência dos cultos públicos (10:25), a fraqueza na oração (12:12), uma certa instabilidade doutrinária (13:9), a recusa em ensinar os outros, que é dever do crente maturo, (5:12), e a negligência das Escrituras (2:1) eram outros sintomas de fraqueza espiritual. O perigo estava em que aqueles que eram "santos irmãos, participantes da vocação celestial" (3:1) pudessem "cair" (6:6).

Para impedir tal desenvolvimento, o autor de Hebreus destaca a superioridade de Cristo em uma série de contrastes com os anjos, Moisés, Arão, Melquisedeque, e o sistema levítico. O objetivo de tais contrastes foi mostrar a inferioridade do Judaísmo e a superioridade de Cristo.

Conforme o escritor desenvolve seus pensamentos, ele entretetece três conceitos. O primeiro é a exortação (13:22); o segundo é uma série de advertências, cinco em número (2:1-4; 3:7-19; 6:4-12; 10:26-31; 12:15-17); e o terceiro é a consolação ou a garantia, reunidos à volta do pensamento apresentado pela palavra "considerai" (3:1), que chega ao

seu ponto culminante na frase "considerai, pois, atentamente aquele que suportou . . . " (12:3). Com base nestes conceitos, o escritor argumenta contra a tendência à apostasia.

A linha do raciocínio desenvolvida pelos leitores-ouvintes era atraente. Se seguir a Cristo produzia perseguição, e o antigo carrinho da prática judia não, por que não retomar ao Judaísmo, reter uma religião e ao mesmo tempo ficar livre da perseguição? Opção atraente, é verdade. A resposta a tudo isto foi apresentada na Epístola aos Hebreus, conforme a superioridade de Cristo foi comprovada, passo a passo, contra as reivindicações do Judaísmo.

Há pouco tempo, esta opinião clássica sobre os Hebreus foi posta em dúvida. Alexander C. Purdy, no seu comentário introdutório a *Epistle to the Hebrews* (IB, XI, 591, 592), argumenta que esta opinião tradicional é apenas uma conjectura. Ele apresenta nove razões contra a opinião tradicional e então escreve, "Concluindo, Hebreus é um argumento da finalidade do Cristianismo que repousa sobre a prefiguração da instituição sacrificial no Velho Testamento, como necessidade fundamental do acesso a Deus, a qual foi revelada a todos os homens, judeus e gregos igualmente, no sacrifício de Cristo". De acordo com Purdy, a notável marca judia de Hebreus pertence mais à forma do que ao verdadeiro conteúdo de idéias. Ele prossegue, então, argumentando que o autor de Hebreus lutava contra uma forma de Gnosticismo e helenismo judeu-cristão, mais do que contra o Judaísmo propriamente dito, mas reconhece que a sua opinião continua sendo hipotética.

Se concordarmos com Purdy que o autor de Hebreus escrevia contra o Gnosticismo judeu-cristão centralizado numa cultura helênica, permanece o fato de que os temas principais do livro têm um caráter e argumentação judeus. Na realidade, Hebreus liga o Velho e o Novo Testamento na pessoa e obra de Jesus Cristo. Poderia se dizer que Hebreus é a extensão lógica de João 17, visto que relaciona a oração sacerdotal de Cristo com o Seu ministério de Sumo-Sacerdote. Assim



como a oração de João 17 registra a preocupação de nosso Senhor em que os crentes sejam atuantes neste mundo, também registra o pedido, "... que os livres do mal" (Jo. 17:15). A Epístola aos Hebreus fala desse livramento, sob as tensões e pressões da perseguição e da tentação da apostasia. Para demonstrar esse livramento, o autor de Hebreus equilibrou a doutrina com a exortação, o pastoral com o prático, a palavra de consolação com a palavra de encorajamento.

O Judaísmo, um "berço de conveniência" para os cristãos de nacionalidade judia, que estavam sendo perseguidos, foi assim exposto pelo contraste. O escritor determinou ajudar esses cristãos primitivos a enfrentarem as opções com conhecimento da diferença existente entre o Judaísmo e a obra de Cristo pelo ciente e no ciente. Tudo isto tinha a intenção de convencer da superioridade de Jesus Cristo os que estavam sendo provados.

Ao mesmo tempo, esta carta de encorajamento aos crentes do primeiro século contém auxílio para os dias de hoje. Nenhuma outra epístola do Novo Testamento responde tão claramente ao "por que" do sacrifício de Cristo, e da redenção oferecida através deste sacrifício. Nenhuma outra epístola do Novo Testamento figa tão claramente o duplo ministério de Cristo na qualidade de Filho de Deus eterno e Filho do Homem sofredor. Pecado, culpa, expiação e perdão são melhor compreendidos através da Epístola aos Hebreus. Esta carta também ajuda os leitores a alcançarem uma compreensão melhor das verdades e incidentes do Velho Testamento. Também, a diferença, entre o Judaísmo e o Cristianismo toma-se compreensível nos ensinamentos da Epístola aos Hebreus.

Johannes Schneider escreveu: "Hebreus é muito simples na estimativa que faz da vida real das igrejas. Ela conhece os perigos que ameaçam o povo de Deus na terra. Por isso ela admoesta a que se apeguem à fé e a que não sejam desleais a Cristo" (*The Letter to the Hebrews*, pág. 8). Com a ênfase que dá ao ministério sacerdotal de Cristo, os privilégios do crente em relação a Cristo, e suas fortes

advertências a que se desenvolva uma fé viril, Hebreus continua falando pos dias de hoje.

**Data e Destino – Para Quem Foi Escrita.** Um número de fatores regula a data da Epístola aos Hebreus. O mais importante desses fatores parece ser o conflito judeu-romano depois de 68 A.D. e a destruição do Templo em 70 AD. Nada foi mencionado sobre o conflito, o Templo, ou a destruição de Jerusalém. Por causa desse silêncio, a carta pode ter sido escrita antes de 68 ou depois de 80. A primeira data é a preferível, mas deve ser considerada em relação à menção de Timóteo (13:23) e da expressão "os da Itália" (13:24). Além disso, o conhecimento de Hebreus demonstrado pela Epístola de Clemente de Roma aos Coríntios (95 AD.) tem alguma influência sobre a data de Hebreus e talvez sobre o seu destino.

O argumento para datá-la tardiamente foi melhor exposto no IB, Introduction, XI, pág. 593, 594. Combinando argumentos justificados pelo uso de I Clemente como ponto de referência, o IB generaliza a data colocando-a em algum lugar entre os últimos anos da década de setenta e os primeiros da década de noventa, mas conclui depois que a data verdadeira é incerta.

Em contraste, Canon Farrar, *Cambridge Greek Testament* (daqui em diante indicado como CGT), representando as opiniões do século dezanove, e Gleason L. Archer, em *The Epistle to the Hebrews, A Study Manual*, ambos argumentam em favor de uma data entre 64 A.D. e 68A.D. O último escritor estreita então este período de tempo para a data real de 65 ou 66 como sendo a mais razoável, de acordo com as evidências internas e externas. Todas as opiniões quanto à data da epístola destacam a importância do silêncio da carta no que se refere aos acontecimentos em Jerusalém na sexta década do primeiro século.

Quanto ao destino, três teorias principais têm prevalecido, cada uma delas apontando para uma cidade grande, do mundo romano e mediterrâneo. Alguns acrescentam uma quarta opinião, que na realidade é uma modificação de uma das teorias principais.

1) Os judeus cristãos em Jerusalém e à volta dela, foram os destinatários da carta.

2) Ela foi enviada aos cristãos judeus que moravam em Alexandria. Esta opinião costuma ser defendida por aqueles que apóiam o argumento de um forte sabor alexandrino na carta aos hebreus.

3) Era destinada a uma congregação de cristãos judeus que se reuniam na cidade de Roma, os quais estavam enfrentando uma severa provação e perseguição. A teoria da "igreja em Roma" tende também a defender a teoria da "congregação única", onde os destinatários originais da carta seriam membros de uma "pequena congregação" ou uma "igreja reunida na casa de alguém" em Roma.

4) Uma modificação da terceira. A congregação destinatária de Hebreus era pequena, mas poderia estar em qualquer parte do Império Romano, e não necessariamente em Roma.

Argumentação irrefutável tem sido apresentada por todas as opiniões; todas elas estão cercadas de dificuldades significativas. As evidências internas da carta por si mesmas pouco contribuem para a resolução dos problemas entre as diversas teorias. Jerusalém foi mencionada por implicação (13:12) devido a um modo de escrever que seria compreendido de todos os hebreus. A referência à Itália (13:24) é geral e dá portanto pouca ajuda real na questão do destino.

Uma coisa está clara. Aqueles a quem a epístola foi escrita eram hebreus por identidade nacional e cristãos por profissão de fé. Como Downer sugeriu, os hebreus eram os destinatários, e o ponto de vista hebreu prevalece (Arthur Cleveland Downer, *The Principles of Interpretation of the Epistle of the Hebrews*, pág. 8). Esses cristãos hebreus tinham sofrido perdas, experimentaram muitas provações e dificuldades, sofreram opróbrios, perda de privilégios, perseguição, ridículo e ódio declarado dos outros judeus. Mas essas condições poderiam ter prevalecido em qualquer parte do mundo romano no primeiro século.

O fato é que todos os argumentos e teorias têm ingredientes de possibilidade e impossibilidade em medidas quase iguais. A discussão do problema do destino pode ser examinado detalhadamente em Farrar, CGT; A.B. Davidson, *The Epistle to the Hebrews*; Archer, *The Epistle to the Hebrews, A Study Manual*; William Manson, *The Epistle to the Hebrews, An Historical and Theological Reinterpretation*; e IB, XI. Quanto ao peso da opinião, a teoria de "Jerusalém" é a que tem sido melhor defendida por William Leonard, *Authorship of the Epistle to the Hebrews: Critical Problem and Use of the Old Testament*. As teorias de "Roma" e "congregação única" são melhor defendidas por William Manson (*op. cit.*), que sugere que os arquivos de correspondência de uma congregação romana foram os primeiros a guardarem esta carta de exortação e advertência. Mas mesmo esta declaração é uma conjectura.

**Autoria – Por Quem Foi Escrita.** Quem escreveu a Epístola aos Hebreus ainda continua sendo o grande e único problema do estudante deste livro. Os autores sugeridos são muitos, e as opiniões que favorecem um possível autor em detrimento de outro são muitas também. O apóstolo Paulo, Apolo, Barnabé, Lucas, Timóteo, Áquila e Priscila, Silas, Ariston e Filipe, o Diácono, todos têm sido propostos como autores, com argumentação comprovante. O exame da tradição da igreja primitiva e dos pais da igreja, tanto do Oriente como do Ocidente, só têm comprovado que as opiniões variam.

A epístola por si não dá o nome do autor, nem mesmo veladamente. Duas opiniões principais têm predominado no estabelecimento da autoria. 1) Autoria paulina. O argumento que sustenta esta opinião também foi desenvolvido para incluir um possível escritor desconhecido que foi instruído e influenciado pelo apóstolo Paulo, dando assim a Hebreus um cunho distintamente paulino. 2) A tradição e influência alexandrinas, com base no uso do Velho Testamento, principalmente na questão tipológica. O raciocínio aqui traça a origem de certas analogias de Hebreus em analogias idênticas de Filo de Alexandria. Esta é uma opinião defendida por poucos atualmente. Conforme registrado em

SHERK, II, 877, a influência de Filo sobre o autor de Hebreus tem sido desprezada pela maioria dos mestres, enquanto que, ao mesmo tempo, sua influência sobre os Pais de Alexandria tem sido reconhecida geralmente.

O argumento da autoria paulina repousa fortemente sobre o último capítulo (13) da epístola. A qualidade pessoal deste capítulo é típica do apóstolo Paulo, como também o estilo epistolar. As referências a Timóteo e à Itália (13:23, 24) também são laços que parecem ligar diretamente ao apóstolo. Além disso, há uma semelhança marcada entre a linguagem deste livro e das cartas reconhecidamente paulinas (por exemplo, 1:4; 2:2; 7:18; 12:22); e a argumentação cristológica é igual a de Paulo em outros lugares. Grande parte dessa argumentação é dedutível, e as mesmas similaridades poderiam ser notadas em qualquer mestre cristão dos primórdios do Cristianismo. No apoio à autoria paulina talvez nenhuma outra obra ultrapasse o trabalho definido de William Leonard em seu *Authorship of the Epistle to the Hebrews: Critical Problem and Use of the Old Testament*.

Contra a autoria paulina apresentam-se estas considerações: 1) o livro não menciona o apóstolo Paulo especificamente, como as epístolas reconhecidamente paulinas; 2) o uso de linguagem que é superior às normas de construção, uso e estilo de Paulo; e 3) desenvolvimento lógico do argumento, que não é caracteristicamente paulino. O ritmo de Hebreus é retórico e helênico, e o estilo, de modo geral, é mais calmo e razoável do que o estilo do apóstolo costumeiramente.

Quanto às diferenças doutrinárias, evidenciam-se em 1) o tratamento da fé, 2) a visão escatológica do capítulo 12, 3) o uso aplicado do código mosaico, e 4) o conceito do santuário. Leonardo até destaca que o hábito de considerar as Escrituras do Velho Testamento como um "arsenal de tipos" (*op. cit.*, pág. 19), não é característico da literatura paulina.

Mas o que se sabe do autor? Ele era um homem de consideráveis conhecimentos das Escrituras, um teólogo bíblico que pensava em

termos da história da redenção, e uma pessoa familiarizada com o Velho Testamento grego (LXX). Embora judeu, estava inteiramente familiarizado com a cultura helênica, como também com as tradições judias. Era um pensador independente que poderia ter sido influenciado pelo apóstolo Paulo e pelos pensadores alexandrinos. Ele deu origem a uma forma literária única, inteiramente diferente das outras do Novo Testamento.

Devotou-se completamente à sua tarefa de explicar o relacionamento do Judaísmo com o Cristianismo, argumentando constantemente pela absoluta superioridade deste último. Talvez fosse um mestre-pregador, familiarizado com o relacionamento orador-ouvinte e portanto empenhado no estilo exortação-explicação-admoestação que usou com tanta eficácia. No uso que fez deste método ele exhibe mais do que um conhecimento passageiro das idéias do apóstolo Paulo.

Apesar de tudo isto, a verdadeira identidade do autor continua desconhecida. Concluindo, Orígenes (terceiro século), conforme citado por Eusébio (quarto século), talvez dificilmente poderia ser superado quanto a sua declaração sobre o problema:

O estilo da Epístola com o título "Aos Hebreus", não tem aquele popular estilo que pertence ao apóstolo, o qual admite que ele é comum no falar, isto é, em sua fraseologia. Mas que esta epístola é de um grego mais puro na composição das frases, qualquer um que for capaz de discernir a diferença de estilo terá de confessar. Repito, será óbvio que as idéias da epístola são admiráveis, e não são inferiores a qualquer dos livros reconhecidamente apostólicos. Qualquer um terá de admiti-lo, se ler com atenção as cartas do apóstolo.

Então Eusébio acrescenta, ou inclui:

Mas eu diria que os pensamentos são do apóstolo, mas a enunciação e fraseologia pertencem a alguém que registrou o que o apóstolo disse, como alguém que tivesse anotado despreocupadamente o que o mestre ditava. Se portanto, qualquer igreja considera esta epístola como escrita por Paulo, que seja elogiada por isso, pois não foi

sem motivo que aqueles homens da antiguidade a transmitiram. Mas quem realmente escreveu a epístola, só Deus sabe (Eusébio, *Ecclesiastical History*).

**Tradição e Igreja Primitiva – Aceitação do que foi Escrito.** A primeira menção da Epístola aos Hebreus fora do Novo Testamento aparece na **Epístola aos Coríntios** escrita por Clemente de Roma. Hebreus era conhecida de ambas as igrejas, a Oriental e a Ocidental, mas parece que era menos conhecida no Ocidente até o quarto século. Os Pais de Alexandria estavam ativamente interessados nos problemas dos hebreus, e tanto Clemente de Alexandria como Orígenes comentaram a epístola e a discutiram detalhadamente. O título "Aos Hebreus" apareceu no fim do século segundo, e passou a ser usado desde então.

Desde o início Hebreus tem sido aceita como fazendo parte do cânon. Nenhuma autoridade antiga, com exceção de Tertuliano, deixou de incluir esta epístola no cânon do Novo Testamento.

No fim do quarto século o Ocidente começou a se interessar mais nesta epístola, com Jerônimo em sua **Epístola 129** declarando explicitamente que ele aceitava inquestionavelmente a carta aos Hebreus como parte do cânon do Novo Testamento. Esta opinião foi consistentemente defendida pelos medievistas e pela escola humanista. Erasmo, o mestre humanista, e Lutero, o Reformador, ambos aceitaram Hebreus como parte do Novo Testamento, embora discordassem quanto à identidade do autor. Os mestres de após a Reforma não desafiaram a canonicidade de Hebreus com sucesso, mas ocuparam-se mais com a questão da autoria.

**A Argumentação da Epístola – O Tema do Escritor.** A tese do escritor de Hebreus parece estar contida em duas idéias principais, que são explicadas e ilustradas na lógica da argumentação. A primeira idéia está expressa na palavra "considerai", usada em 3:1 e 12:3. Em cada um dos exemplos a advertência é para se considerar a Cristo. Em 3:1, Ele deve ser considerado o "Apóstolo e Sumo Sacerdote de nossa confissão", e em 12:3 Ele deve ser considerado como Aquele que sofreu, como o

exemplo máximo da vida na fé. Com o termo "considerai" o escritor quer dizer refletir, estudar, examinar atentamente, pensar com cuidado. Observe que os crentes são lembrados a considerar o próprio Cristo, e não as simples razões lógicas por que Ele deveria ser considerado, conforme apresentadas na carta aos Hebreus.

Através do raciocínio da epístola, os leitores são levados a "considerá-Lo" no Seu sacerdócio e sacrifício. O contraste traçado através de toda a carta estabelece conclusivamente a superioridade de Cristo sobre os anjos, Moisés, Arão, Melquisedeque e o sistema levítico, e finalmente até mesmo sobre os maiores exemplos de vida de fé do registro do Velho Testamento (cons. Hb. 11). Como sacerdote de Deus e como o sacrifício aceitável diante dEle, Cristo fala agora de dentro do santuário, garantindo a cada crente uma entrada na presença do próprio Deus, e uma audiência imediata para orações e pedidos (4:14-16).

A segunda idéia se encontra na palavra **exortação** (*paraklesis*), com seu verbo companheiro, "eu exorto" (13:22). Este tem sido chamado de título informal da carta aos Hebreus. Farrar (CBSC) sugere que todas as informações dados na epístola são para o propósito de exortar os leitores. A perseguição, as provações e dificuldades seriam amenizadas se esses cristãos, que também eram judeus, "considerassem-no" (12:3) e suportassem "a palavra desta exortação" (13:22). O argumento que apóia este tema duplo está então desenvolvido pelo argumento "o Cristianismo é superior ao Judaísmo", para o qual a exortação está sendo dirigida.

Todo o propósito desta carta era informar cristãos desanimados e também encorajá-los, e para apoiar as duas vias de acesso através de inumeráveis exemplos, tanto de Cristo como daqueles que viveram com sucesso pela fé. No meio de tudo, o escritor colocou a eternidade (portanto a imutabilidade) do sacerdócio de Cristo "segundo a ordem de Melquisedeque" (cap. 7).

**As Idéias e Conceitos do Autor: Fontes e Emprego.** Forma e estilo distintos (veja seção seguinte desta Introdução) destacam a Carta aos Hebreus dentre as outras epístolas do Novo Testamento. O autor



emprega método, organização e técnica diferentes de qualquer outro escritor do Novo Testamento. Ele também expressa idéias e associações de pensamentos e acontecimentos que lhe são peculiares. Uma vez que a investida principal da epístola é prática, atingir coisas práticas, ele coloca todos os seus conceitos teológicos dentro desta estrutura especial de referência de exortação, advertência e conforto. Ele se concentra sobre aquelas idéias teológicas e conceitos que ele considera significativos. Seu raciocínio em prol dos seus leitores é que isto, é o que esta comunidade de crentes precisa acima de tudo o mais, para fortalecê-los na fé.

Ele ataca essas idéias como um orador deveria fazê-lo, edificando uma verdade sobre a outra para apoio da argumentação principal. Entremeadas encontram-se as advertências, que parecem particularmente destinadas a impressionar os ouvintes (leitores) com as conseqüências da falta de compreendo da verdade relativa a Cristo.

O autor demonstra considerável perícia literária. Evidentemente seus antecedentes lhe deram um senso de proporção na composição literária. Seu grego é talvez o melhor de todo o Novo Testamento, comparável ao de Lucas. Profundidade cultural e familiaridade também estão evidentes. O escritor parece perceber e refletir a influência do modo de vida grego (helenização) sobre o Judaísmo e sobre o mundo mediterrâneo.

Em idéias positivas emitidas, o escritor baseia sua discussão teológica sobre as Escrituras e a desenvolve colocando o tenebroso reino da terra contra o reino da realidade, ou o céu. A fonte do Velho Testamento ou das Escrituras que ele usou foi a versão grega ou LXX. Em alguns exemplos a palavra usada na LXX nem sequer aparece no texto hebraico como nós o temos. Para provar que o reino celestial é o reino da realidade, o autor aplica todas as passagens possíveis a Cristo. Todo o Velho Testamento, como o escritor de Hebreus o usa, é uma exposição contínua revelante da pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo. O acesso ao reino celeste também está em Cristo.

O autor de Hebreus é o único escritor do Novo Testamento que discute alguns dos assuntos que apresenta. Nenhum outro escritor, por exemplo, discute o significado de Melquisedeque (7:1-14). Uma nova avaliação dos patriarcas também é fornecida pelo capítulo 11. Alguns aspectos da vida de Moisés são destacados em Hebreus, os quais não foram mencionados em nenhum outro lugar. A questão do arrependimento é encarada de maneira diferente (12:17), como também a questão do pecado deliberado (10:26). Muitos dos conceitos individuais do autor criaram problemas de interpretação para as gerações futuras.

A idéia mais altamente desenvolvida entre todas na Epístola aos Hebreus é a do sacerdócio de Cristo. Singular dentro da epístola, é o mais importante conceito a ser assimilado. Ao apresentar este conceito, três "fontes" são aparentes: 1) A instituição do Velho Testamento do sacerdócio e sacrifício, ou o sistema levítico; 2) o Judaísmo; e 3) o Cristianismo primitivo ou apostólico. Quaisquer outras influências que possam ter havido, estas três são predominantes.

Como sacerdote, Cristo foi divinamente vocacionado, e possui humanidade (2:14-18; 4:15, 16; 5:1-3). Ele supre as necessidades do povo (2:17, 18). Ele abriu o caminho à presença de Deus (10:19, 20), e tomou o "Santo dos Santos" e o "trono da graça" (4:14-16) acessíveis. Ele se tornou o sacrifício perfeito e definitivo (10:18). Por causa do ministério sacerdotal de Cristo, o crente tem força na fé e o privilégio da adoração. Talvez nenhum livro do Novo Testamento apresente melhor a comunhão com Deus através da adoração como o faz Hebreus.

A cristologia de Hebreus é rica, mas foi principalmente apresentada no ministério e função de Cristo como sacerdote. Primeiro Cristo é apresentado como o revelador de Deus (1:1) e o agente da criação (1:1-4). O significado da palavra *karakter*, **expressão exata**, em 1:3 não deve ser ignorado. Depois dessa declaração preliminar ou prólogo, a cristologia flui rapidamente para o argumento principal do ministério sacerdotal de Cristo.

Os ensinamentos éticos de Hebreus são do mais alto padrão e inteiramente cristãos, ainda que generalizados dentro do coar principal da argumentação. Só no capítulo 13 o ensino ético se torna específico e evidente. Amor fraternal (13:1), bondade para com os estrangeiros (13:2), bondade para com os menos afortunados (13:3), relacionamento conjugal honroso (13:4), uma atitude correta para com as riquezas materiais (13:5), respeito pelos superintendentes (13:7,17), a prática do bem (13:16), estão aí positivamente ordenados. Nisso o cristão não tem escolha. Grande parte das injunções éticas anteriores na epístola encontram-se na analogia sacerdotal, e por isso não são imediatamente aparentes como nos Sinóticos ou na literatura paulina.

Quanto ao valor prático, Hebreus repousa solidamente sobre a inquestionável premissa de que Cristo supre as necessidades de todos os homens a toda hora (incluindo a do homem moderno). Os homens vêm a Deus por meio de Cristo em todos os séculos. Neste conceito está expressa a unidade da história como linear e redentora, com Deus através de Cristo operando no destino do homem de acordo com o Seu plano e vontade. Hebreus não apresenta uma filosofia da história diferente daquela dos outros livros do Novo Testamento.

**Forma e Estilo: A Organização e Métodos do Autor.** Só o trecho compreendido entre 13:17 e 13:25 classifica Hebreus como epístola. Mas o gênero literário do livro constitui um problema. Começa como um tratado, continua como um sermão e termina como uma carta. O atual começo é o começo que o livro sempre teve. Não há nele saudações ou quaisquer referências pessoais. Dentro da forma literária, alguns hábitos são constantes. Usando o Velho Testamento, o escritor pode empregar uma referência literal, histórica ou tipologicamente. Sua consistência está somente em que o uso que faz do texto do Velho Testamento sustenta seu argumento principal no ponto em que é introduzido.

Já se tem sugerido que as exortações e advertências em Hebreus classificam o livro como sendo de natureza polêmica, com o final epistolar acrescentado a fim de concluir a polêmica. Se isto for verdade,

então o autor é espantosamente capaz em evitar qualquer referência pessoal na polêmica. Referências autobiográficas não existem, e as metáforas empregadas fortalecem a polêmica sem revelar uma única pista quanto ao polemista.

Já se expressou a opinião de que a forma literária básica de Hebreus segue o padrão alexandrino indicado por Filo (veja J. Herkless, ed., *Hebrews and the Epistles General of Peter, James and John*; também IB). O modo pelo qual o autor faz contraste entre os reinos celestiais e terreno, o "ilusório" e o real, ou o reino celestial e o verdadeiro, pensam alguns, que seja uma técnica "emprestada" de Filo de Alexandria. O IB chama isto de uma visão da realidade em "dupla argumentação" que controla todo o pensamento de Hebreus (XI, 583).

Outras opiniões expressas são as seguintes: 1) que a influência de Filo é insignificante, ou 2) que a teoria que tenha influenciado o escritor é uma premissa inteiramente falsa. Manson inclina-se a desprezar a influência de Filo (William Manson, *The Epistle to the Hebrews, An Historical and Theological Reinterpretation*). A.B. Davidson, referindo-se ao autor de Hebreus (op. cit.), fala de traços de influência da "cultura alexandrina ... na sua linguagem", mas não apresenta nenhum argumento favorecendo esta técnica filônica. Sob um certo aspecto, então, a origem da forma de Hebreus permanece uma questão em aberto. 3) Spicq, entretanto (*L'épître aux Hébreux*), percebe evidências consideráveis que ele considera indicativas de antecedentes filônicos.

O que está claro, entretanto, é que o escritor sistematicamente estabeleceu um conjunto básico de idéias, sobre as quais ele começa apresentar as passagens e argumentos do Velho Testamento.

Obter aceitação dessas idéias básicas não é o seu objetivo, mas antes levar os crentes a compreendê-las inteiramente e depois agir de acordo. William Leonard (op. cit., pág. 221) identifica sete dessas idéias: 1) a Filiação de Cristo; 2) o sacerdócio de Cristo, base da purificação do pecado; 3) o sacerdote à direita de Deus, base da esperança cristã; 4) a promessa feita a Abraão; 5) a permanência do prometido "repouso do

sábado"; 6) as conseqüências da apostasia; e 7) as exortações para que se viva virtuosamente à luz do futuro. O IB (loc. cit.) faz uma lista de treze dessas idéias básicas, que influem as sete acima, mas incluem adições tais como a promessa da volta de Cristo, a derrota de Satanás, a vitória sobre a morte, e o prometido livramento dos crentes da escravidão. Essas idéias do as constantes; e, tanto na forma como no estilo da apresentação, tudo se refere a uma ou mais delas.

No meio dessas idéias básicas está o conceito de Cristo como o sacerdote perfeito de Deus, estabelecendo a nova aliança tanto pela Sua obra sacerdotal quanto por Sua morte sacrificial. Não há dúvidas quanto à superior cristologia da Epístola de Hebreus. Mas apesar de tanta informação extraída do Velho Testamento para sustentar a Cristologia e outras idéias centrais à epístola, o enigma da forma epistolar do final de 13:17 em diante permanece. Quatro possíveis soluções para o enigma são apresentadas: 1) Que o autor escreveu para um grupo específico e desde o começo tinha tal final em mente; 2) Que a carta original foi enviada a uma segunda platéia, e que o novo final foi acrescentado para acomodar-se a este grupo; 3) Que uma pessoa, não o autor, acrescentou o final atual quando encaminhou-a para outro grupo; 4) Que o final foi acrescentado por outra pessoa para sustentar o conceito da origem paulina de toda a carta. Dessas teorias, a primeira e a quarta são as mais razoáveis e plausíveis.

Certos hábitos de estilo também são evidentes. O escritor transforma em prática introduzir citações do Velho Testamento dizendo "Deus disse" (veja 4:3; 5:5, 6; 8:10) e "como diz o Espírito" (3:7). Ele também introduz partes de sua argumentação algum tempo antes de proceder ao desenvolvimento completo da mesma. E assim cada argumento mais extenso da epístola tem a sua declaração preliminar. Em todos os pontos ele faz referência ao ritual da lei mais do que à lei moral ou à força social ou visual da Lei, como no caso dos dias de festa. Caracteristicamente ele emprega o nome "Jesus" e não o título completo usado pelo apóstolo Paulo. Mais ainda, ao apresentar "Jesus" como o

"novo e vivo caminho", o escritor não se afasta do pensamento nem deixa o argumento incompleto. Ele parece ter completo domínio de si mesmo, e das técnicas que ele emprega.

## ESBOÇO

### I. Prólogo. 1:1-4.

A. Cristo é superior aos profetas. 1:1, 2.

B. Cristo, "imagem" de Deus. 1:3, 4.

### II. Os argumentos principais são apresentados e explicados.

1:5 – 10:18.

A. Cristo "maior que "; o argumento da superioridade.

1:5 – 7:28.

1. Superior aos anjos. 1:5-14.

2. A tão grande salvação, e uma advertência contra a negligência. 2:1-4.

3. Cristo como o homem perfeito. 2:5-18.

4. Cristo superior a Moisés. 3:1-6.

5. A superioridade do repouso de Cristo contra o repouso de Israel sob a liderança de Moisés e Josué. 3:7 – 4:13.

6. Cristo, como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque é superior a Arão. 4:14 – 5:10.

7. Repreendo por falta de entendimento e imaturidade. 5:11 – 6: 20.

8. O sacerdócio de Melquisedeque. 7:1-28.

B. Cristo, o ministro e sumo sacerdote da nova aliança.

8:1 – 10:18.

1. A nova aliança em relação à velha. 8:1-9.

2. Explicação da aliança que é melhor. 8:10-13.

3. O novo santuário e o sacrifício perfeito. 9:1-28.

4. A nova aliança completa, perfeita e operando. 10:1-18.

### III. Os elementos da vida da fé. 10:19 – 13:17.

A. A descrição da vida da fé. 10:19-25.

- B. Uma descrição daqueles que desprezam este "caminho novo e vivo". 10:26-39.
  - C. Exemplos da vida da fé. 11:1-40.
  - D. Cristo, o supremo exemplo da vida da fé. 12:1-4.
  - E. O amor do Pai revelado pelo castigo. 12:5-11.
  - F. A conduta do cristão sob a nova aliança, 12:12-29.
  - G. A vida cristã na prática diária. 13:1-17.
- IV. Epílogo. 13:18-25.

## COMENTÁRIO

### Hebreus 1

#### I. Prólogo. 1:1-4.

O escritor contraria o padrão das cartas geralmente identificadas como cartas do N.T., não fazendo nenhuma saudação nem sentenças introdutórias (veja Introd.). Ele avança imediatamente para o assunto, que é a pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo em relação ao sistema levítico e a velha aliança.

#### A. Cristo é Superior aos Profetas. 1:1,2.

A pergunta implícita que está sendo respondida é: Quem foi o último e o mais autorizado porta-voz de Deus?

**1. Muitas vezes** (*polymeros*), ou passo a passo, fragmentariamente, **e de muitas maneiras** (*polytropos*), de muitos e variados modos, Deus (Jeová) falou no tempo do V.T, através dos **profetas**, muitos dos quais contaram em seus escritos por meio de qual método ele se comunicou com eles, *Prophetais* é uma palavra de significado amplo que inclui todos aqueles que Deus usou nos dias do V.T.

**2. Nestes últimos dias.** *No fim destes dias* é a tradução literal de uma expressão hebraica comum encontrada em Nm. 24:14, possuindo

tonalidades messiânicas. Deus falou conosco através de Um que tem com Ele o relacionamento de um filho e completa autoridade como porta-voz. Neste relacionamento, Cristo é especial e assim está descrito aqui no sentido clássico, sob compromisso divino porque é um **Filho**. Ele é ambos, **herdeiro** e **agente** da criação. O universo. O grego *aiones*, "eternidade", incluindo o mundo espacial. (cons. 11:3).

### **B. Cristo, "Imagem" de Deus. 1:3, 4.**

**3. Resplendor da glória** ou *esplendor*. O resplendor que o mundo recebe do próprio caráter de Deus em Jesus Cristo. Ele é o ser essencial de Deus. Do mesmo modo **expressão exata** foi usado tal como em Mt. 22:20, onde se refere à imagem que havia sobre o dinheiro romano. Cristo é a *estampa* ou a impressão de Deus (*karakter*); a essência de Deus. Toda a força das duas primeiras cláusulas deste versículo destaca este único conceito.

Ele é também *criador*, tanto a "Palavra criadora" (CGT, pág. 31) quanto o Sustentador – Aquele que está **sustentando todas as coisas**. Criação e preservação são realizadas por Deus em Jesus Cristo, e **pela palavra do seu poder**. A palavra do Filho é o poder de preservar e sustentar, mas este poder criativo canaliza-se para um ministério maior de redenção. Ao fazer a **purificação dos pecados**, Cristo purificou a grande massa dos pecados acumulados do mundo e todas suas impurezas, as quais Deus vê. Em Cristo a penalidade do pecado foi completamente removida e a purificação foi fornecida. A idéia se encontra nas palavras do hino de Cowper:

Achei a fonte Carmesim,  
Que meu Jesus abriu;  
Na cruz morrendo ali por mim,  
Minha alma redimiu.

Tendo este poder e autoridade como Criador e como Aquele que assume o pecado, Cristo ocupa o lugar de autoridade à direita de Deus. Na qualidade de ambos, sumo sacerdote e substituto, Ele pode apresentar



uma redenção consumada. Sua obra está completa, e Ele pode, portanto, assentar-se. Como Filho do homem Ele ocupa este lugar por ato de Deus Pai. Esse não é um lugar de repouso, mas de atividade para o divino mediador, sumo sacerdote e intercessor. Em cumprimento do Sl. 110:1, Ele é o Senhor de todos.

4. O primeiro contraste que exhibe a superioridade de Cristo foi assim introduzido. A idéia de contraste no pensamento de **tão superior** (*kreiton*, "superior", "tornando-se superior") foi usada treze vezes. Os anjos eram importantes na transmissão da mensagem divina aos homens. Desde a doação da Lei no Sinai até a assistência angélica concedida a Daniel e os últimos profetas, estes mensageiros de Deus serviram a Deus, mas como seus subordinados. Cristo é superior aos anjos em Sua pessoa, nome, função, poder e dignidade. Quanto ao Seu nome, só Ele pode salvar os perdidos (Atos 4:12), e é o nome acima de todo nome (Fp. 2:10). Através do Seu nome, Sua reputação ficou estabelecida, pois é um nome poderoso.

## II. Os Argumentos Principais São Apresentados e Explicados. 1:5 - 10:18.

### A. Cristo "Maior que"; O Argumento da Superioridade. 1:5 - 7:28.

O pensamento introduzido em 1:4 estende-se agora através de uma sede de sete citações do V.T. Destas, cinco provam a superioridade de Cristo.

#### 1) Superior aos Anjos. 1:5-14.

5. O pensamento apresentado é um argumento que provém do silêncio e o *ele* (oculto) é Deus. Nunca Deus chamou algum anjo de Seu filho, mas somente a Cristo e com referência a Cristo, que Ele disse aquilo (veja Sl. 2:7; II Sm. 7:14). Em ambas as passagens o significado imediato recebeu um significado nobre e mais elevado, que transmite a estas passagens (e outras a seguir) um sentido tipológico. No Sl. 2:7 a

celebração de um aniversário de nascimento (Hb. 1:5 e segs.) é aplicada a Cristo. E as palavras pronunciadas por Salomão em II Sm. 7:14 são aplicadas a Jesus, o Filho, como sendo ainda mais verdadeiras quando se Lhe referem. Neste sentido a tipologia é correta; pois Cristo é o antítipo, um fato que é verdadeiro através de Hebreus, na interpretação tipológica do escritor.

6. Ambas as passagens, Dt. 32:43 (LXX) e Sl. 97:7 falam de anjos adorando Cristo, o Filho. E o salmista também fala de uma demonstração de glória (97:6), que corresponde ao resplendor de Hb. 1:3. 7. Dois conceitos são apresentados: 1) que os anjos são seres inferiores ou seres criados – **Aquele que . . . faz**; e 2) que os anjos são servos, tal como os **ventos** e o **fogo**. A idéia está assim re-enfatizada que os anjos adoram o Filho porque Lhe são subordinados. Salmo 104:4 está assim apresentado como prova da subordinação angélica.

8,9. Cristo é chamado de Deus e rei, ou soberano. Conforme prometido no pacto davídico, aqui está o grande Filho de Davi reinando, e o Seu governo é eterno. As qualidades de Sua realza são justiça, equidade e ódio à iniquidade – qualidades que só podem caracterizar, uru reino justo. Nesta posição Cristo está em posição superior a todos, e particularmente aos anjos. Para esta posição exaltada e honrada Cristo foi mais ungido do que comissionado, e esta unção é a unção do *Christus Victor* – o vitorioso que reina eternamente.

10-12. Do Sl. 102:25-27. Fala de Cristo Filho, que na qualidade de Criador fez o mundo e que é Aquele que não muda no meio das coisas que vão mudar. Isto também retrata um agudo contraste entre Cristo e os anjos. Eles são matéria criada, e servem no mundo como mensageiros de Deus. Cristo é eterno, acima do mundo, sendo antes dele e depois dele. Este argumento foi extraído de um salmo da tradução da LXX não considerado messiânico pelos intérpretes rabínicos. Usado desta maneira pelo autor, ilustra melhor a superioridade de Cristo. **E os teus anos jamais terão fim.** Não terão fim nem serão interrompidos.

13. Em contraste com os anjos, que jamais receberam permissão de se assentarem à direita de Deus, Cristo está assentado lá agora e governa como rei, o Deus-homem, o Messias imutável e eterno. Vai ficar assim assentado até o Seu triunfo final, quando Seus inimigos serão transformados em **estrado dos seus pés**. Este conceito retrocede a Josué, que colocou o seu pé sobre o pescoço dos reis subjugados como sinal final de vitória. Assim a passagem transmite a esperança a todos os crentes de todos os tempos de que Cristo triunfará sobre a injustiça.

14. Os anjos servem, conforme está indicado pelo **todos** de sentido amplo; mas seu serviço é sagrado ou "litúrgico" (*leitourgika*), e fazem um serviço aos homens (*diakonian*). Os anjos são portanto **espíritos ministradores** que servem àqueles que **hão de herdar a salvação**, ou as pessoas piedosas. Este ministério dos anjos, está implícito que ainda continua. A palavra salvação (*soterian*) está reservada pelo autor para um desenvolvimento posterior.

## Hebreus 2

### 2) A Tão Grande Salvação e Uma Advertência Contra a Negligência. 2:1-4.

A premissa já foi declarada em referência à salvação (1:14). Esta salvação é por Cristo, o Filho exaltado e ungido. Por isso torna-se infinitamente mais importante dar atenção à revelação de Deus **às verdades ouvidas** (*akousthesin*) ou o Evangelho. É uma solene advertência, maior do que a de Dt. 4:9.

1. **Por esta razão** relaciona-se com o Filho e também com a salvação que Ele concede. **Às verdades ouvidas**. O Evangelho, que fornece um ponto fixo ao qual os crentes podem recorrer. Só aqui existe um lugar seguro. Nada deve ter a permissão de fazer que **nos desviemos** (*pararyomen*) desse ponto fixo de segurança. Nenhuma calamidade, influência, força ou circunstância deveria ser tolerada se enfraquece a nossa esperança de salvação. Um barco sem piloto lançado no meio de um rio desvia-se do seu ponto de atracamento sendo levado para a

margem oposta pela correnteza que opera. Assim as correntezas da vida operam contra nós se não nos apegar (mos). Esta é uma advertência dirigida especificamente àqueles por causa de quem a epístola foi escrita, significando que a advertência foi necessária.

**2. Se, pois, se . . .** Argumentação no estilo rabínico, do menor para o maior; da concessão da Lei por intermédio dos anjos para uma concessão maior do Evangelho por intermédio de Cristo. A Lei foi vindicada por intermédio de severos juízos (Lv. 10:1-7; Nm. 16; Js. 7). Tinha as suas penalidades que eram fielmente cumpridas.

**3.** Se a mensagem da Lei foi tão zelosamente guardada, quanto mais estritamente deveria a mensagem do Evangelho ser guardada. Foi pronunciada pelo Senhor Jesus Cristo e foi confirmada por aqueles que O ouviram, os quais serviram de testemunhas de primeira mão. E assim esta mensagem do Evangelho **se tornou firme**. Sendo este o caso, **como escaparemos nós** se negligenciarmos esta salvação? A fuga é impossível porque a mensagem é de excelência transcendente e importância eterna. Uma mensagem maior implica em juízo maior.

**4.** O próprio Deus alia-se ao testemunho por meio de **sinais** (semeia), **prodígios** (*terata*) e **milagres** (poderes, *dynameis*). Estas são as evidências confirmantes que de modo nenhum não devem ser desconsideradas na avaliação do Evangelho. Estas evidências foram ainda mais ampliadas pela concessão de **distribuições** aos crentes por intermédio do Espírito Santo. Tais sinais, maravilhas, poderes e dons foram fielmente registrados nos quatro Evangelhos e no registro de Atos. Os dons são mencionados em Rm. 12; 13; I Co. 7:7; I Co. 12. Nem a mais ínfima parte do testemunho corroborante foi constituída pela união dos crentes de todas as bagagens raciais e nacionais. A implicação está transparente. Deus estava em Cristo e no Evangelho, e portanto esta mensagem de salvação devia ser levada a sério. Deixar de lhe dar atenção era incorrer na ameaça de juízo. O mesmo acontece hoje.

### 3) Cristo como o Homem Perfeito. 2:5-18.

Tendo proferido a advertência, o escritor volta ao seu argumento teológico. O assunto é a humanidade e humilhação de Cristo, centralizadas na frase "Fizeste-o por um pouco, menor que anjos" (v. 7).

**5. O mundo que há de vir** (*oikoumenen ten mellousan*). A terra habitada do futuro; o mundo futuro para a geração que recebeu esta epístola e também futuro para nós. Este mundo não será sujeito aos anjos, mas a Cristo em sua totalidade e também aos redimidos. Prevalecerá uma condição inteiramente nova quando Cristo, com os santos, governará em uma harmonia até agora desconhecida.

**6-9.** Uma citação do Sl. 8: 5-7 introduzida pela frase indefinida **alguém. . . em certo lugar**. Esta citação é a prova da declaração referente ao "mundo futuro". A citação estabelece a humanidade do Filho, que foi *feito por um pouco, menor do que os anjos para que provasse a morte por todo homem*. Agora Ele está sendo exaltado e coroado com glória e com honra porque em Sua humanidade Ele sofreu a humilhação da morte (Fp. 2:5-8). Agora está sendo exaltado porque sofreu. Está sendo agora coroado com glória porque temporariamente se sujeitou às limitações da humanidade.

**10.** Isto significava sofrimento e Ele sofreu. Através deste sofrimento Sua experiência humana se tomou completa. Ele *provou* o todo da vida humana, do nascimento à morte. Assim Cristo foi aperfeiçoado através do sofrimento e portanto Ele pode identificar-se com as necessidades de todos os homens. Tendo sofrido, Ele agora está inteiramente qualificado para servir como **Autor** (*archegos*, "líder", 12:2) da salvação do homem.

**11.** Na qualidade de Filho de Deus enviado pelo Pai para a humanidade, Cristo não hesitou em identificar-se com os Seus. Nós somos Seus irmãos. Jesus Cristo, que santifica, e os crentes, que são santificados, são um só.

**12,13.** Uma ilustração mais perfeita da unidade do Salvador e os salvos. Isto está apresentado em passagens pertinentes do V.T., tais como

Sl. 22:22; Is. 8:17, 18. Elas "provam" que o Senhor Jesus Cristo e os cristãos são irmãos. **Ele não se envergonha de files chamar irmãos** (v. 11). Ambas as passagens citadas em Isaías são tipologicamente aplicadas.

**14, 15.** A derrota de Satanás e da morte testifica que a obra expiatória de Cristo foi eficaz. Mas não houve só derrota; também houve libertação. Embora o medo possa escravizar, e o medo de morrer há muito que persegue a humanidade, Cristo resolveu o problema com a Sua própria morte e ressurreição. Ele morreu como homem. Ele **participou** da carne e do sangue e assim morreu, mas pela Sua morte veio o livramento. Portanto, o poder de Satanás foi tornado inoperante (*katargeo*), e Cristo fez uma expiação pelo pecado inteiramente satisfatória diante de Deus (Is. 53:11). Que grande vitória é a dEle! E que grande vitória todos os crentes têm nEle! Satanás e a morte estão derrotados e o temor da morte desapareceu! O homem que é livre em Cristo é na realidade o mais livre de todos os homens.

**16-18.** Aqui está a primeira menção do assunto que ocupa o lugar central no argumento da epístola – o ministério de Cristo como sumo sacerdote. Nesse ofício a humanidade de Jesus está novamente à vista, mas aqui só se deu uma pista quanto ao significado completo de Cristo como sumo sacerdote. Por enquanto Ele ministra e socorre os homens tomando-os pela mão. Isto Ele pode fazer como o Irmão mais velho e como o capitão de sua salvação. Duas palavras indicam a qualidade auxiliadora da função do sumo sacerdócio. São **misericordioso** (*eleemon*) e **fiel** (*pistos*). Para com os homens Cristo é misericordioso e para com Deus Ele é fiel. Na verdade, a misericórdia e a verdade encontraram-se nEle. Sua fidelidade percebe-se em Sua firmeza na tentação, a qual foi parte do Seu sofrimento. Agora Ele é capaz de vir ajudar todos os que são tentados porque Ele passou pelos mesmos testes e emergiu vitorioso, e como Homem Ele conhece nossas necessidades. **Propiciação** pelos nossos **pecados**. Veja I Jo. 2:2; 4:10; Rm. 3:25; e CGT, pág. 55.

## Hebreus 3

### 4) Cristo é Superior a Moisés. 3:1-6.

Uma comparação de duas demonstrações de fidelidade está sendo agora introduzida, e pela primeira vez os leitores são diretamente aparteados na frase **santos irmãos**. Os paralelos na estrutura entre os capítulos 1,2 e capítulos 3, 4 são evidentes (CGT, pág. 56).

**1,2.** A chave para a compreensão de Hebreus pode estar na idéia do **considerai atentamente**. . . **Jesus**. De *katanoesate*, "observar atentamente, fixar os pensamentos, prestar atenção". Este mesmo pensamento aparece novamente em 12:3. Em 3:1, 2 a ênfase está sobre Cristo sendo fiel; em 12:3 é sobre Ele ter suportado. Aqui os **irmãos** são encorajados a olhar para Jesus como **Apóstolo** ("mensageiro"; só aqui este título foi usado referindo-se a Cristo no N.T.) e **Sumo Sacerdote**, uma função que é mais e mais detalhadamente explicada aos leitores. **Confissão** (*homologias*) se relaciona com os crentes confessando que Cristo é o seu sumo sacerdote.

**3-5.** A metáfora da **casa** é simples. Que diferença? Cristo edificou a casa; Moisés serviu na **casa**. Como em Jo. 1:17, a justaposição de Moisés e Cristo foi apresentada claramente. Do mesmo modo a justaposição da velha aliança e da nova aliança foi insinuada. A ênfase está, entretanto, sobre a fidelidade. Incomparável em posição, Cristo é fiel como **Filho, sobre a sua casa** (v. 6).

**6.** A **qual casa somos nós** refere-se aos crentes, o grupo dos redimidos de Deus, cuja fé é uma fé contínua. Sua fé está manifesta na alegre **ousadia** (*parresian*, "discurso livre, franqueza"; e assim ousadia franca ou alegre) que se transforma em uma **exultação da esperança** no Filho. Cristo é o objetivo como também o alicerce de sua confiança e sua esperança.

**Até ao fim** (*mechri telous*). Até que a esperança se transforme na realidade.

### 5) A Superioridade do Descanso de Cristo contra o Descanso de Israel sob a Liderança de Moisés e Josué. 3:7 – 4:13.

O princípio do descanso é a fé. Foi verdade para os israelitas quando entraram em Canaã, e é verdade para os crentes hoje em dia. O *descanso da fé* tem ambos, um significado presente e um significado futuro. Salmo 95:7-11 foi usado para mostrar como ambas, advertência e promessa, foram relacionadas com o descanso de Israel em Canaã. A entrada na terra prometida estava condicionada à obediência.

**7-11.** A geração do deserto sofreu as conseqüências da advertência feita por Deus. Não foi por acidente que pereceu no deserto (veja Nm. 14 e 21). Conforme este salmo indica, os filhos de Israel desafiaram a autoridade soberana de Deus através de sua rebeldia no deserto (Nm. 20). A lição é óbvia. A verdadeira obediência do coração vai além da mera recepção de instruções. Uma geração de israelitas pereceu porque rebelou-se e desobedeceu premeditadamente, e isto apesar da ampla revelação no Monte Sinai.

**12.** Aqui a verdade do Sl. 95:7-11 recebe uma aplicação atual (para os leitores originais) e pertinente. Negligência e desobediência premeditadas, **perverso coração de incredulidade**, podem levar uma pessoa a tropeçar e apostatar de Deus. Esta advertência foi feita, individual e pessoalmente, para encorajar um auto-exame. Sugere-se um contraste entre a fidelidade de Cristo é a infidelidade dos apóstatas. A apostasia é um afastamento do **Deus vivo** (*theou zontos*), o qual executa seus juízos; portanto a advertência é ainda mais evidente.

**13-19.** Para se fugir de ambos, a apostasia e conseqüente julgamento, torna-se necessária a exortação diária. Os crentes devem advertir e admoestar uns aos outros na esperança e confiança em Cristo. A advertência posterior contra o abandono da congregação aproxima-se do mesmo assunto (10:25). Tal congregamento inclui a oportunidade para a exortação. Fortalecimento mútuo vem por meio de tal exortação, a qual é uma eficaz contramedida para os corações endurecidos e para o pecado. Esta é uma responsabilidade específica que os crentes devem



exercitar até a vinda de Cristo. Exortando uns aos outros e encorajando a fé e a obediência, os cristãos demonstram serem **participantes de Cristo** nas bênçãos do descanso prometido. O teste para um coração cheio de fé é guardar firme até ao fim a confiança. A geração do deserto não entrou no descanso de Canaã (v. 19) **por causa da incredulidade** (*di'apistian*). Poderia a advertência ser mais explícita?

Observe que os filhos de Israel que pereceram no deserto deixaram apenas dois porta-vozes, apenas dois representantes de sua geração incrédula e portanto silenciosa – Calebe e Josué. E foi a fé destes dois que os protegeu e fala aos nossos corações até o dia de hoje.

A geração que pereceu fracassou em dois setores – 1) dureza de coração, e 2) incredulidade. Isto a levou ao erro e finalmente ao juízo. Sua incredulidade era manifesta em atitudes que continuam comuns. Eles murmuraram e se queixaram; eles estabeleceram planos alterados e buscaram outra liderança; rebelaram-se declaradamente contra Deus; expressaram insatisfação com a provisão divina; e, finalmente, aceitaram de má vontade o seu lugar nos planos de Deus. O registro detalhado em Nm. 14-21 e o comentário no Salmo 95 serviram bem para o escritor de Hebreus em suas repetidas advertências contra a dureza e incredulidade que foram evidentes na geração que pereceu (3:12, 13, 18, 19; 4: 6, 7, 11).

## Hebreus 4

**4:1-10.** Não há nenhuma brecha entre os capítulos 3 e 4. O exemplo da experiência do deserto aplica-se imediatamente às vidas dos crentes. A atitude do coração dos leitores passa a ser discutida em relação ao "descanso da fé", uma frase geralmente usada em relação a esta passagem das Escrituras. Duas opiniões básicas prevalecem quanto ao prometido **descanso**. A primeira coloca o descanso no futuro como sendo o descanso celestial, ou entrada no Reino de Deus (veja Gleason L. Archer, Jr., *The Epistle to the Hebrews: A Study Manual*, pág. 28, 29; Charles R. Erdman, *The Epistle to the Hebrews*, pág. 49, 50). A segunda opinião coloca mais ênfase sobre o descanso presente do que sobre o

prometido descanso do futuro, embora este último não seja desprezado. Este "descanso da fé" é chamado de "plena submissão", a qual é considerada como uma experiência singular (Erdman, *Ibid.*). Esta segunda posição enfatiza a. presente realidade do "descanso da fé" como um cessar das nossas obras, o que coloca o crente em um relacionamento mais íntimo com Cristo.

**1,2.** O prometido **descanso** continua à disposição. A promessa de Deus não foi esgotada pela geração do deserto. Só o fracasso em permanecer firme na fé limita a entrada neste descanso. Esta é a aplicação direta das advertências contra a incredulidade nas declarações anteriores. **A nós foram anunciadas as boas-novas** parece uma declaração difícil por causa das traduções variantes, mas não é difícil de entender. A fé do crente exercitada em relação à promessa de Deus garante o descanso. (Para uma discussão das traduções variantes de *sugkekerasmenous te pistei tois akousasin*, veja Alf e AxpGT sobre Hb. 4. 2b).

**3,4.** Downer sugere um repouso duplo (*Principles of Interpretation*). Aqui o escritor discute o descanso espiritual para os crentes perseguidos e atormentados aos quais a carta foi dirigida. Esta é uma experiência pessoal presente – **Nós, porém, que cremos, entramos no descanso** (*eiserchometha*, "entramos no"). Esta é a palavra de encorajamento aos cristãos perturbados. A segunda, ou o descanso sabático, introduz-se então com a cláusula, **E descansou Deus no sétimo dia, de todas as obras que fizera**. Este é o *sabbatismos* do versículo 9, o **descanso sabático**.

**5-10.** Deus providenciou um **descanso**, e este descanso deve ser ocupado ou possuído. A incredulidade bloqueia a entrada no descanso de Deus enquanto a fé abre largamente a porta; e assim este descanso só está à disposição de verdadeiros cristãos. Josué não deu este descanso apenas a sua geração; portanto o descanso prometido continua à disposição. **Portanto resta um repouso para o povo de Deus** destinado

para os crentes de hoje. É um repouso presente e também futuro que não depende de "obras", mas da fé dos crentes.

**11.** Aqui está a "palavra de exortação" referente à entrada no repouso de Deus (veja 13:22) mediante a busca (lit. "procurar diligentemente").

**12,13.** A oferta do **descanso** foi reforçada pela referência à palavra de Deus, isto é, referência a Cristo como a Palavra viva e à revelação, ou a palavra escrita. Cinco afirmações foram feitas em relação à **palavra de Deus** (*logos tou theou*): (1) ela é **viva**; (2) ela é a palavra do poder, ou da energia criadora; (3) ela penetra, fazendo separação até entre os relacionamentos mais íntimos; (4) ela é o juiz dos pensamentos mais íntimos; e (5) ela é o agente pelo qual Deus trata diretamente com a criatura. Desse modo a palavra de Deus revela o homem todo, particularmente em relação às atitudes do coração, e sua fé, essa fé que o capacitará a *entrar* no **repouso**. A palavra de Deus examina, julga e adverte o cristão a que viva santamente e creia.

6) Cristo é o Sumo Sacerdote Segundo a Ordem de Melquisedeque, Superior a Arão. 4:14 - 5:10.

Agora, o tema que já foi sugerido em 2:17 e 3:1 torna a ser introduzido para uma discussão mais extensa. Aqui se faz a declaração preliminar referente a Cristo no seu santuário. O que vem a seguir será um contraste constante entre o santuário terrestre ou tabernáculo e o "verdadeiro" santuário celeste, e entre o sacerdócio araônico ou levítico e o sacerdócio eterno de Cristo "segundo a ordem de Melquisedeque". A esta altura explica-se o lugar e o ministério de Cristo.

**14-16.** Ele está no santuário como nosso sumo sacerdote. Sua morte (inclusive o derramamento de sangue) e ressurreição garantiram-Lhe o direito desta posição. Ele **penetrou os céus** na presença de Deus. Ele está lá não apenas como o Filho de Deus, mas também como o Filho do homem. Em Sua humanidade perfeita Ele está familiarizado com as nossas necessidades, cuidados, tentações e problemas, porque ele foi tentado sem sucumbir à tentação. Ele sabe tudo sobre o pecado sem ter

cometido pecado. Seu conhecimento final com o pecado veio quando Ele assumiu o nosso pecado no Calvário.

Agora, estando na presença de Deus, podemos nos aproximar de Deus com ousadia. O **trono da graça**, foi transformado de tribunal, em trono de misericórdia, porque o sangue de Jesus foi nele "aspergido". O simbolismo foi extraído da arca da aliança no Tabernáculo e do Dia da Expição (Lv. 16). Este simbolismo e a substituição da prática do V.T, passam a ser explicadas ponto por ponto na subsequente argumentação do escritor. Por um instante, o autor destaca a verdade do auxílio para o fraco, misericórdia para o desgraçado, e força (**graça**) **a fim de sermos ajudados** (E.R.C.), porque Cristo, nosso sumo sacerdote, que se encontra junto ao trono de Deus, supre todas as nossas necessidades. Esta ajuda contínua está à disposição imediata de cada cristão, sem formalidades, exceto "invocar o nome do Senhor". Talvez poucas passagens no N.T, sejam tão ricas como esta promessa de ajuda e conforto para os cristãos. Se devidamente compreendida, esta é uma das verdades mais sublimes na Escritura em relação a Cristo e aos crentes. Note-se aqui que tudo que se relaciona com Cristo como sumo sacerdote está mais detalhadamente explicado das passagens seguintes, até Hb. 10:18; a esta altura conclui-se a comparação com Moisés.

## Hebreus 5

**5:1-10.** A seguir apresentam-se as qualificações para o ofício de sumo sacerdote. Arão serve de modelo, uma vez que ele foi o primeiro a servir no ofício de sumo sacerdote.

**1, 2. Tomando dentre os homens** para representar o homem diante de Deus. A humanidade do sumo sacerdote é básica e essencial. Ele também é **constituído**, ou *separado*, para ministrar diante de Deus e para os homens. Sendo homem, ele pode compreender a fraqueza humana e ministrar ao transviado e ignorante. O sumo sacerdote deve lidar com os pecadores como também representar os pecadores. Ele deve também oferecer sacrifício pelos seus próprios pecados como também pelos do

povo. O quadro é de alguém totalmente envolvido como homem nas necessidades do homem.

3. As necessidades pessoais, entretanto, do sumo sacerdote constituído não foram esquecidas. Ao oferecer sacrifício pelo povo, ele também oferecia por si mesmo, apresentando suas próprias necessidades a Deus através do sangue do sacrifício.

4. Arão, o primeiro sumo sacerdote, foi chamado por Deus para este ofício. Ele não o procurou nem o mereceu. Foi constituído por Deus. O destino daqueles que procuraram servir neste ofício fora da constituição divina foi devidamente ilustrado por Coré (Nm. 16:40).

5,6. Assim Cristo foi constituído sumo sacerdote. O escritor cita o Sl. 2:7 com este sentido, "Hoje eu te constituí para o ofício de sacerdote". Ele era plenamente qualificado a exercer o ofício e não o buscou para Si. Ele foi constituído a esta posição de glória (*edoxasen*) por Deus Pai.

7-10. A experiência humana de Cristo é a que está descrita aqui. Foi uma experiência de aprendizado e imitações. Esta humilhação (Fp. 2:7) foi a Sua hora de aprender a obedecer dentro da esfera do homem. Com isto Ele tornou-se completo. Foi a Sua hora de estar na carne. A referência específica em Hb. 5:7,8 é às horas de agonia no Getsêmani. A passagem descreve angústia nas palavras **forte clamor e lágrimas, orações e súplicas**. O inimigo que Ele enfrentava era a morte - tanto a física como a espiritual, porque Ele foi o substituto que assumiu toda a ira de Deus reservada para os pecadores. Seu pedido de livramento foi plenamente garantido na ressurreição, com Sua proclamação de vitória sobre a morte. Por meio desta experiência Cristo aprendeu a obedecer, o que de outro modo não aprenderia. Literalmente, *Ele aprendeu das coisas que sofreu* (v. 8), que é um jogo de palavras extraído do provérbio grego *emathen – epathen*.

Agora perfeitamente qualificado como sumo sacerdote, Cristo fornece **a salvação eterna** (*soterias aioniou*, v. 9), cujo aspecto eterno relaciona-se com o sacerdócio de Melquisedeque. Contrastando com

Arão, Melquisedeque é um sacerdote de Deus para sempre, assunto inteiramente desenvolvido no capítulo 7.

### 7) Uma Repreensão pela Falta de Entendimento e pela Imaturidade. 5:11 – 6:20.

Antes de desenvolver sua argumentação extraída do sacerdócio de Melquisedeque, o escritor torna a fazer uma pausa para introduzir uma exortação e advertência, incluindo a repreensão.

**11-14.** Esta é uma repreensão forte. O escritor declara explicitamente que seus leitores não têm condições de receber o ensinamento que ele se sente obrigado a dar. Ele os chama de imaturos, retrógradas, indoutos e **tardios em ouvir**. Por causa desta condição, a tipologia relativa a Melquisedeque poderia ficar além da sua compreensão.

Jonathan Edwards pregou certa vez um sermão sobre Hb. 5:12 intitulado: "A Importância e Vantagem de um Conhecimento Completo da Verdade Divina". Ele observou que a repreensão na passagem parece incluir todos os leitores da epístola, que aqueles crentes não tinham feito nenhum progresso doutrinário ou experimental, que eles não compreendiam Melquisedeque, e mais ainda, que não sabiam o que deveriam saber (*The Works of President Edwards*, IV, 1-15).

A conclusão do escritor de que estavam desqualificados para ensinarem aos outros é auto-evidente. Prosseguindo, eles na verdade só tinham qualificações para receber a elementar verdade ou **leite**. Como meninos (*nepios*, "lactentes"), não podiam receber alimento mais forte; além disso, não só careciam do conhecimento da verdade, mas também da experiência da verdade. Mas aqueles que são **perfeitos** (E.R.C.) ou **adultos** (E.R.A.) (*teloj*, "maturos") eram como atletas *exercitados* (*gegymnasmena*), prontos para a competição porque estavam espiritualmente disciplinados. Aqueles que assim foram treinados eram espiritualmente sensíveis e capazes de discernir entre a verdade e o erro

quando instruídos. (Através de toda a passagem as figuras de linguagem se misturam; veja Alf, IV, 103.)

## Hebreus 6

**6:1-3.** A exortação prossegue. Tendo já aprendido os princípios básicos referentes a Cristo, não deviam parar com eles mas prosseguir para alcançar a *perfeição* e *maturidade*, para exibir crescimento espiritual completo. Deviam continuar discernindo entre verdades vivas e formas sem vida, como aquelas que haviam nas abluções, batismos e rituais do Judaísmo. No versículo 3 o escritor se identifica com os seus leitores e revela sua própria dependência de Deus.

**4-8.** Alguns alcançaram a maturidade; outros **caíram**. Estes estão sendo mencionados agora para reforçar a advertência feita há pouco – prosseguir para a maturidade. Esta passagem deveria ser propriamente interpretada não segundo um sistema teológico, mas dentro do seu próprio contexto. O assunto são os princípios rudimentares aprendidos. Agora o escritor fala daqueles que, tendo recebido tal instrução de princípios preliminares, afastaram-se de Cristo. São agora inimigos de Cristo e da Salvação que está nEle.

Era propósito do escritor descrever o perigo extremo para que os tentados à apostasia pudessem ter o mais forte exemplo possível. As questões eram simples: Cristo ou não, fé salvadora ou incredulidade, sofrer Seu opróbrio ou juntar-se aos Seus traidores e assassinos. As palavras usadas são termos fortes. *Hapax photisthentas* significa de uma vez para sempre iluminados. **Provaram** foi traduzido para conheceram nos léxicos mais recentes. Participantes, do grego *metochous*, significa **participantes reais** (Alf. IV, 109). Todos estes termos indicam uma grande porção de conhecimento e participação da parte daqueles que foram iluminados. Até os milagres eram familiares àqueles que agora se mostravam hostis a Cristo.

Um ponto de vista um tanto diferente é possível no que se refere à passagem. Pode ser traduzido assim: se recaíram. Neste caso o escritor

não está pensando de exemplos específicos de apostasia, pelo menos não entre os leitores (v. 9), mas está advertindo que a recusa em progredir na vida cristã leva logicamente ao retrocesso, cujo fim pode ser a apostasia. Se alguém pode chegar ao extremo de recair depois de experimentar o dom celestial, sua recaída não pode ser classificada como pecado ordinário, pois ela envolve o repúdio da provisão de Deus em Cristo (torna a crucificar o Filho de Deus). Portanto, para ele, a esperança da renovação desaparece, pois Deus não tem nenhuma outra cura para o pecado quando o Calvário é rejeitado.

Ao escolher a rejeição de Cristo, o apóstata parece-se mais com um campo que só produz espinhos e abrolhos, embora a chuva que cai sobre ele e o lavrador que o lavra, têm a intenção de produzir colheitas. Não pode haver nenhum engano quanto a advertência forte e direta dos leitores tentados a afastar-se de Cristo. Na verdade, o que era verdadeiro para aqueles crentes do primeiro século continua sendo verdadeiro para os crentes de hoje.

**9-12.** Mas tudo isso não se aplica aos destinatários, o escritor explica. Esta é a conclusão do assunto no que diz respeito aos seus leitores. Embora ele acabasse de falar com *severas palavras de advertência* (*houtos laloumen*), ele diz que está convencido de **coisas que são melhores** (*ta kreissona*) a respeito deles. Deus não se esqueceria (*epilathesthai*) de tudo o que tinham feito por palavras e atos que foram ministrados aos seus irmãos cristãos, nem se eles continuassem ministrando. Era um sinal da sua sinceridade; eles deviam manter esse mesmo espírito e atitude de sinceridade por toda a vida (v. 11). Eles deviam manter diante deles o esplêndido exemplo de todos aqueles que perseveraram tão sinceramente (v. 12), e eles desfrutariam das promessas divinas cumpridas. Eles deviam copiar a fé e a prática daqueles que foram robustos na fé.

**13-20.** Eles tinham a firme garantia da aliança feita com Abraão, por penhor. A esta altura Abraão foi introduzido como um exemplo de perseverança. E Abraão perseverou porque Deus garantiu-lhe pelo Seu



próprio nome a aliança que fez com ele. Tendo jurado pelo Seu próprio nome, Deus não poderia ter mentido a Abraão, porque ambas, Sua autoridade e Sua integridade estavam em jogo. Deus é imutável, e nós temos o mesmo forte incentivo que Abraão teve no seu tempo. Nossa garantia está em Jesus, que já se encontra no santuário celestial. Por juramento e por promessa, aqueles cuja esperança repousa em Cristo, como a **âncora da alma**, verão realizada sua esperança de passar através do véu (simbólico, véu do Tabernáculo) porque Jesus já **entrou por nós**.

Como eterno sumo sacerdote no santuário, Cristo preenche o tipo sacerdotal de Melquisedeque, e o escritor retoma ao tema interrompido sobre a pessoa de Cristo **segundo a ordem de** ou *exatamente como*, Melquisedeque.

## Hebreus 7

### 8) O Sacerdócio de Melquisedeque. 7:1-28.

Melquisedeque é um tipo definido de Cristo. Tudo o que sabemos sobre Melquisedeque encontra-se em duas passagens do V.T. - Gn. 14:17-20 e Sl. 110:4. Nos dois exemplos sua posição de sacerdote de Deus é transparente. Também a história da sua vida foi toda narrada na passagem de Gênesis. Nada mais se sabe sobre ele, e não está bem claro se a referência feita a Salém deve ser interpretada como feita a Jerusalém (Alf, IV, 125). Entretanto, não há nenhum engano em se aceitar Melquisedeque como um tipo do sacerdócio eterno de Cristo. Este pensamento serve para abrir caminho à discussão do sistema levítico.

Leonard indica 7:1 – 10:18 como o âmago da epístola. Ele fala dela considerando-a uma seção incomparável, havendo poucos paralelos seus, se é que há, no N.T., uma vez que desenvolve a avaliação comparativa dos mediadores sacerdotais das duas alianças (op, cit., pág. 32).

A importância de Melquisedeque e o significado da comparação de Melquisedeque e Cristo tem sido assunto de muita discussão. Opiniões sobre estas considerações variam grandemente. Cotton e Purdy (IB, XI, 660, 661) falam da "especulação de Melquisedeque" e do "método

alexandrino de interpretação alegórica", a qual significa, dizem eles, "uma falta de sinceridade com o fato histórico". E ainda o comentário deles sobre a passagem prossegue destacando claramente que Melquisedeque estabelece a "validade e a dignidade do sacerdócio de Cristo" e que Melquisedeque é "o protótipo do Filho . . . Ele (o escritor de Hebreus) apresentou provas que Jesus é o Filho; ele tinha agora de mostrar que Ele é Sacerdote".

A.B. Davidson, em seu *The Epistle to the Hebrews* (págs. 129,146 e segs.) discute todo o assunto do sacerdócio de Cristo, incluindo a questão de Melquisedeque. Ele estabelece corretamente o princípio básico. Com Melquisedeque, a função do sacerdócio não implica em discussão, mas sim as pessoas envolvidas no sacerdócio. Para todos os sacerdotes o ministério é essencialmente o mesmo, sendo apenas ampliado para o sumo sacerdote em relação ao Dia da Expição. Assim o escritor relaciona Cristo com Melquisedeque a fim de enfatizar que Cristo é *um sacerdote eterno*.

**1-3.** O incidente histórico registrado em Gn. 14:17-20 volta à tona. O escritor indica que Melquisedeque era um rei e por isso recebeu tributo de Abraão; mas, o que é mais importante, ele foi **sacerdote do Deus Altíssimo**, e portanto recebeu os dízimos de Abraão. Mais adiante ele logra o seu intento com referência ao fato de Melquisedeque ser um sacerdote de Deus antes do sacerdócio levítico ser estabelecido. (vs. 4-6). Na porção parentética dos versículos 2, 3, nota-se o fato que Melquisedeque não tem registro de genealogia ou sucessão. Também não se menciona o seu nascimento nem a sua morte foi registrada. Sua história é de alguém que não tinha **princípio de dias nem fim de existência**, mas foi **feito semelhante ao Filho de Deus**. Esta falta de informação a respeito do nascimento fortalece a tipologia de Melquisedeque em relação a Cristo. Assim o Sl. 110:4 enfatiza a eternidade do sacerdócio de Melquisedeque, *eis to dienekes*, **perpetuamente**, continuamente, para sempre (Hb. 7:3).

**4-14.** O que significa toda esta discussão sobre Melquisedeque espiritualmente? **Considerai**, ou *contemplai* (*theoreite*) a grandeza daquele a quem Abraão reconheceu ser superior dando-lhe dízimos. A verdade importante é que o sacerdócio de Melquisedeque era maior do que o sacerdócio de Arão e dos levitas porque (figuradamente) este último sacerdócio oferecia dízimos a Deus através do primeiro sacerdócio ou de Melquisedeque na pessoa de Abraão. Deste modo o **menor**, isto é, os levitas, é **abençoado pelo superior**, isto é, Melquisedeque. As implicações todas têm a intenção de demonstrar a superioridade e eternidade do sacerdócio deste último, que funcionou como sacerdote quando abençoou Abraão e (figuradamente) Arão e os levitas.

Nesta seqüência discute-se a relação do sacerdócio levítico com Cristo (vs. 11-14). Jesus não era de Levi mas de Judá. Isto O exclui da ordem dos sacerdotes sob a Lei. Sua humanidade O relacionava com a tribo de Judá, e portanto (v. 13) Ele não era qualificado no plano humano para servir no altar como sacerdote, pois Moisés não pronunciou nenhuma palavra concedendo autoridade ou função sacerdotal a Judá.

**15-28.** A pergunta técnica se Cristo era /é um sacerdote responde-se por si mesma porque Ele é de outra ordem sacerdotal. Esta ordem adjudicou-se superior em todos os pontos ao sacerdócio levítico, e esta ordem é eterna.

**16. O poder de vida indissolúvel** (*akatalytos*) não aparece em nenhum outro lugar do N.T.

**18-20.** A Lei de Moisés mencionada na frase **se revoga a anterior ordenança** foi ab-rogada ou posta de lado porque Cristo é o sacerdote de Deus selado com um juramento (Sl. 110:4).

**22.** Cristo é o **fiador** (*engyos*) de que o juramento divino será cumprido nas promessas e garantias da nova aliança.

**23-28.** Cristo **continua para sempre** e não está sujeito à morte. A sepultura foi derrotada. Ele pode portanto **salvar totalmente**, completamente e até o fim, isto é, eternamente, qualquer um que invocá-

Lo. Do mesmo modo Sua intercessão pelos Seus não tem fim. Estes ministérios são garantidos pelo Seu próprio caráter (**santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores**), Suas funções (como sacrifício expiador), e Seu relacionamento.

### **B. Cristo, o Ministro e Sumo Sacerdote da Nova Aliança. 8:1 - 10:18.**

A nova aliança, o sistema levítico da velha aliança e o ministério sacerdotal de Cristo são agora reunidos nas declarações conclusivas sobre o argumento principal da epístola. Em resumo, fez-se referência ao tabernáculo no deserto para que o contraste com o santuário celestial pudesse ser introduzido. Cristo está no santuário celestial, Sua presença ali já foi anteriormente descrita (4:13-16). Ele está lá na qualidade de sumo sacerdote realizando serviço sacerdotal com base no sacrifício, sendo Ele também o sacrifício. Três conceitos estão assim combinados, a saber, sacrifício expiador, serviço sacerdotal e santuário celestial.

## **Hebreus 8**

### **1) A Nova Aliança em Relação à Velha Aliança. 8:1-9.**

Jeremias mencionou a nova aliança séculos antes desta discussão sobre sua importância (Jr. 31:31 e segs.). Em Hb. 8:8, ambos, Israel e Judá são chamados de recipientes de bênção e divino auxílio na prometida nova aliança. A nova aliança contrasta claramente com a velha aliança (vs. 8,9). Comprova-se ser inclusiva, como também é uma **superior aliança** porque está garantida por **superiores promessas** (v. 6).

**1-5.** A nova aliança foi estabelecida por Cristo, que é seu **ministro** (*leitourgos*). Ele ministra no **santuário** e no **verdadeiro tabernáculo** que foi edificado pelo **Senhor** (*kyrios*, evidentemente o Pai, Alf). Aqui Cristo ministra como sumo sacerdote, tendo plena autoridade (vs. 1, 2). Sua posição no santuário celestial está em perfeita ordem. Ele ofereceu ao Pai sacrifícios e serviço. Ele ofereceu-se a Si mesmo como o sacrifício aceitável (uma idéia desenvolvida melhor nos caps. 9, 10), e o Seu serviço é o do sumo sacerdote diante de Deus, servindo no santuário.

No versículo 4 há uma possível indicação de que esta epístola foi escrita antes da queda de Jerusalém em 70 A.D., devido ao pensamento que os sacerdotes anda servem e **oferecem dons segundo a lei**. Estes servem apenas como **figura e sombra** dados a Moisés, que viu o verdadeiro ou mal (celestial) santuário no Monte Sinai (Êx. 25:40).

**6-9.** O contraste toma-se mais agudo (v. 6). Um serviço melhor, ou um **ministério tanto mais excelente . . . uma superior aliança**; e tudo baseado em **superiores promessas**. Se a velha aliança fosse satisfatória, Deus não teria encontrado defeito nela nem teria falado em substituí-la como falou por intermédio de Jeremias, o profeta (Jr. 31:31 e segs.). O profeta falou da concessão da velha aliança, do fracasso de Israel em cumpri-la, e da decisão de substituí-la em algum tempo futuro para Jeremias.

## **2) O Melhor Concerto Explicado. 8:10-13.**

O escritor se apropria da profecia de Jeremias para explicar a natureza e as provisões da nova aliança. Sob a nova aliança: 1) Deus coloca novas leis nos corações e mentes do povo (o que foi realizado por Cristo através do novo nascimento, estabelecendo assim a nova aliança como uma aliança de relacionamento). 2) Ele estabelece um novo relacionamento com eles – **E eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo**. 3) O povo tem uma nova função – **ensinará . . . cada um ao seu próximo. . . Conhece ao Senhor** (v. 11). 4) E a verdade de Deus tem um novo alcance – **todos me conhecerão**. 5) Uma nova purificação é providenciada, com o perdão dos pecados e iniquidades por meio de Cristo, o sacrifício e a garantia da nova aliança (v. 12). O velho é substituído pelo novo, e o velho está no ponto de desaparecer completamente (v. 13).

## **Hebreus 9**

### **3) O Novo Santuário e o Sacrifício Perfeito. 9:1-28.**

A familiaridade com as funções do sacerdócio araônico conforme descrito na última metade de Êxodo e em Levítico ajuda grandemente a compreensão destes versículos. O serviço do sumo sacerdote no Tabernáculo foi descrito à moda de um sumário em relação às diversas peças do mobiliário e suas funções. Como no capítulo anterior, o propósito é novamente esclarecer o contraste entre o serviço superior de Cristo como sumo sacerdote no santuário celestial e o de Arão como sumo sacerdote na terra.

**1-10.** As velhas práticas são explicadas como ordenanças de um **santuário terrestre**. O escritor toma o cuidado de não deixar que seus leitores se enganem com a localização do serviço sacerdotal levítico. Ele cita os itens do mobiliário no Tabernáculo e os identifica posicionalmente por **Santo Lugar, santuário**, E.R.A., E.R.C. (*hagia*); e **Santo dos Santos**, (*hagia, hagon*). O primeiro era a primeira dependência no Tabernáculo terrestre, e o último era a segunda ou a dependência interior. Esta cuidadosa descrição é importante para uma compreensão das atividades dos sacerdotes levíticos e do sumo sacerdote em relação às duas dependências. O ministério dos sacerdotes era naturalmente mais importante do que o mobiliário, conforme indica a frase, **dessas coisas, todavia, não falaremos agora pormenorizadamente**, ou *individualmente* (v. 5).

Os sacerdotes levíticos ministravam diariamente no Lugar Santo, mas não atravessavam o véu que dava para o Santo dos Santos. Quando os sacerdotes ministravam diariamente no altar do incenso no Lugar Santo o povo recebia purificação cerimonial. Expição ou perdão só se obtinha uma vez por ano, no Dia da Expição (veja Lv. 16), quando o sumo sacerdote passava pelo véu e se aproximava do propiciatório carregando o sangue do sacrifício. Mas essas foram **ordenanças da carne** (Hb. 9:10), porque o Tabernáculo terreno, seu mobiliário e seu serviço, eram imperfeitos. O véu ficava entre as duas salas do santuário do Tabernáculo dando testemunho perpétuo de que o caminho direto a Deus ainda não estava aberto (veja 4:13-16). Este fato o Espírito Santo

testemunhava (9:8). Havia também um limite de tempo específico sobre a duração do sacerdócio levítico e o Tabernáculo terrestre (v. 10). Tinha de haver um **tempo oportuno de reforma**.

**11-14.** Cristo inaugurou este tempo de correção entrando como **sumo sacerdote** no tabernáculo celestial, ou **no maior e mais perfeito tabernáculo**, apresentando o seu próprio sangue sobre o propiciatório celestial como expiação. Uma **eterna redenção** foi de uma vez para sempre matizada pelo sacrifício eterno do Filho de Deus. A repetição desse ato não é necessária nem possível. O contraste entre o sangue de bodes e bezeros anualmente oferecidos e os outros símbolos cerimoniais do sistema levítico e a morte expiatória de Cristo toma a ser explicado. De muito maior importância é o sangue de Cristo **que pelo Espírito eterno** Se ofereceu a Si mesmo (*dia pneumatos aioniou*). **Pelo Espírito eterno** provavelmente significa *Seu eterno Espírito*, e refere-se ao consentimento de Sua própria vontade em Se oferecer em relação a Sua posição na Divindade. Deste modo Seu sacrifício foi eterno e não temporal. A interpretação exata de **Espírito eterno** é difícil de determinar (cons. Davidson, *Epistle to the Hebrews*, pág. 178; CGT, pág. 119).

Esta obra redentora e expiatória de Cristo satisfaz ambos, as exigências legais sob a Lei e as exigências pessoais de uma consciência purificada. Fornece pureza interna como também livramento externo e eterno. Este era um argumento particularmente importante à luz da tentação de apostatar da parte de pelo menos alguns dos leitores desta epístola. Como pecadores libertados e purificados, eles, eram especialmente obrigados a prestar culto a Deus e não retornar às obras mortas do Judaísmo.

**15-28.** O caminho para o santuário celestial é mediante a morte expiatória. Este é o significado funcional de **Mediador da nova aliança**. Isto é verdade porque a **morte** interveio, a morte de Jesus Cristo sobre a cruz. Uma transação foi efetuada ali a qual satisfaz inteiramente todas as exigências redentoras, e isto resulta em perdão e **eterna herança**.

**16.** Esta nova aliança pode ser considerada como um testamento selado com a morte dAquele que o fez. Nos tempos do V.T. o sangue do sacrifício animal selava uma aliança entre os pactuantes. A morte de Cristo selou a nova aliança.

**17.** Acrescentou-se aqui um argumento para fortalecer o fato sob consideração. A ênfase foi posta sobre **testamento** (*diathêkê*; cons. Alf) selado pelo sangue e pelo derramamento de sangue. Este é o único caminho no qual uma aliança pode entrar em vigor. E esta é uma aliança melhor. Ao longo de todos esses versículos o ponto alto é que a morte é necessária.

**18-22.** O sangue dos sacrifícios animais era inseparavelmente ligado ao Tabernáculo terreno ou primeiro Tabernáculo. Depois que Deus deu as promessas e instruções a Moisés, então Moisés tomou o sangue dos sacrifícios e o aspergiu simbolicamente sobre tudo o que envolvia o primeiro testamento. Por isso passou a ser chamado o **sangue da aliança**. Por meio desse ato essas coisas terrenas foram purificadas e então mantidas puras e identificadas com Deus e Sua aliança com Israel. Isto foi necessário porque não há remissão sem o sangue do sacrifício. A verdade fundamental sobre a qual muitos tropeçam é a declaração do versículo 22 que **sem derramamento de sangue não há remissão** (cons. Êx. 24: 3-8).

**23-28.** Aqui a finalidade da obra expiatória de Cristo está mais detalhadamente explicada.

**23.** Novamente, **sacrifícios. . . superiores** é a chave. O céu está livre da mancha do pecado humano porque o sangue de Cristo foi derramado (cons. Moll em J.P. *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*; ou Êx. 24:3-8).

**24-26.** Finalmente. Cristo está no Santo Lugar ou santuário celestial, aparecendo lá em nosso benefício (v. 24). Ele não entra e sai anualmente, pois o Seu sacrifício é completo (v. 25). Ele sofreu uma única vez; Seu sangue foi derramado uma só vez; e no Seu sofrimento e morte, o pecado foi derrotado de uma vez para sempre. Este



acontecimento está identificado com a consumação dos séculos, (E.R.C.), ou **ao se cumprirem os tempos** (E.R.A.). Esta indicação de tempo e a quase imediata referência à Segunda Vinda (v. 28) sugere que o povo de Deus nas gerações imediatas a Cristo ligavam a morte do Senhor com a Sua volta como acontecimentos intimamente relacionados em importância, a não ser no tempo.

**27,28.** Uma morte física precede julgamento. Cristo sofreu essa morte, e fazendo assim Ele morreu de uma vez por todas. Nisto tomou sobre Si – **os pecados de muitos** (v. 28). E Ele virá uma segunda vez não para assumir o pecado, mas para se encontrar com os pecadores cujos pecados foram lavados em Seu sangue expiador. Estes são os redimidos de Deus **que o aguardam**. Então os crentes experimentarão a salvação total e a verdadeira presença de Deus. Aqueles que conhecem a alegria da salvação deveriam também conhecer a esperança da vinda do Senhor:

## Hebreus 10

### 4) A Nova Aliança é Completa, Perfeita e Operante. 10:1-18.

Como os pecados podem ser removidos? A velha aliança oferecia um meio para o perdão dos pecados. Era satisfatório? O método funcionava? Estas perguntas formam o alicerce da fase final do argumento.

**1-4.** A velha aliança falhou. Foi simples sombra (*skia*) das coisas melhores por vir, uma imagem (*eikon*) do mal. Por causa disto, era fútil, em última análise, pois nunca deu a ninguém maturidade na fé e confiança. Se tivesse produzido crentes perfeitos, não teria sido substituída. O problema do pecado teria sido resolvido. O fato claramente apresentado é que as ofertas anuais e o sangue dos sacrifícios dos animais não podiam tirar o pecado. A palavra vital no versículo 4 é **impossível** (*adynaton*). Esta é uma declaração forte, conclusiva e verdadeira.

**5-10.** O Salmo 40:7-9 foi usado aqui tipologicamente. Davi foi citado como tendo falado do Messias e Sua entrada no mundo em forma humana. A vontade de Deus para o Messias foi realizar uma completa expiação do pecado. Isto exigia sacrifício e derramamento de sangue e portanto um corpo preparado de modo que pudesse sofrer. No sofrimento e morte a vontade de Deus foi inteiramente matizada e a segunda ou a melhor aliança foi plenamente estabelecida. Como insultado, os crentes foram mudados porque foram purificados e santificados **mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas** (v. 10). Por meio desta oferta, foi feita a expiação, o que agradou perfeitamente a um Deus santo.

**11-13.** O triunfo final do Messias vê-se no fato de que Ele não vem repetidamente, nem representa uma redenção incompleta; mas ao oferecer-se a Si mesmo, Cristo assentou-se à **destra de Deus**. Novamente se faz referência à posição ocupada por Cristo, o lugar de autoridade e Seu serviço sacerdotal. Para os crentes, Ele governa e intercede, dois aspectos do ministério de Cristo continuamente mantido diante dos que eram tentados a apostatar voltando ao Judaísmo, ao mero legalismo e ao ritualismo. O Reino de Cristo tornar-se-á verídico. Enquanto isso, Ele pacientemente aguarda o momento de Seus inimigos serem subjugados. Então não haverá mais oposição a Cristo ou ao Seu governo.

**14-18.** A aliança profetizada por Jeremias foi cumprida. Os crentes em Cristo estão agora aperfeiçoados, purificados, aptos para a comunhão perpétua com Deus. A palavra **aperfeiçoou** (*teteleioken*) significa "completou". Isto é, foi alcançado o fim que estava em vista; o crente está preparado para entrar no santuário, e sua esperança terrena está assegurada (cons. EXpGT). Isto significa crescimento e também o gozo dos privilégios.

O escritor torna a citar Jr. 31:33 e segs., para indicar como o coração de um crente está mudado pela fé em Cristo, e como a sua própria natureza se transforma. Jeremias predisse que o Espírito Santo

falaria através dele. A remissão dos pecados agora é completa, e o que Jeremias falou em profecia agora é uma realidade. Os pecados já não são mais lembrados e as vidas são inteiramente transformadas por tudo o que Cristo realizou na morte expiatória. A obra foi realizada.

### **III. Os Elementos da Vida da Fé. 10:19 – 13:17.**

Agora uma exortação conclui os últimos pensamentos do escritor. Esta seção final é uma composição exortatória com todas as idéias centralizadas na palavra – **fé**. A exortação tem em vista a constância da fé, com advertências colaterais sobre os resultados que devem ser esperados quando a vida da fé é rejeitada ou desprezada. O pensamento da fé completa-se com o epílogo pessoal com o qual a epístola finalmente termina. O pensamento de uma vida de fé ativa é um ponto importante, à volta do qual o escritor ajunta seus argumentos e advertências finais. O pensamento introduzido com aproximemo-nos com sincero coração, em plena certeza de fé permeia tudo o que vem a seguir. Por meio de descrições, advertências, exemplos e outros meios que lhe parecem vir à mente, o escritor expõe o caso claramente em uma frase, em plena certeza de fé.

#### **A. Descrição da Vida da Fé. 10:19-25.**

A vida da fé precisa em primeiro lugar ser compreendida. Se um mestre descobre que a fé de um crente é fraca, então deve falar mais de uma fé ousada que toma os crentes fortes e confiantes. Esta ousadia se encontra na garantia eterna de que Cristo entrou no santuário e na presença de Deus, tomando também possível a cada crente entrar no santuário e na presença de Deus. Se este é o privilégio dos crentes, e é, então os crentes devem aproveitar-se desse privilégio. Devem exercitar a prerrogativa de se aproximarem, porque Cristo, o Filho que está sobre a casa de Deus e é o sumo sacerdote na geração eterna (de Melquisedeque)

que tomou-a possível. Nesta expansão de 4:13-16, o escritor nos incentiva a sermos ousados.

**19. Intrepidez**, ou confiança. Por causa de tudo quanto o Senhor Jesus Cristo realizou, temos ousadia. Temos livre acesso **pelo sangue de Jesus**; o caminho já foi aberto.

**20,21.** Aqui estão os meios de acesso, **pelo novo** (*prosphaton*) e **vivo caminho que ele nos consagrou**. O véu já não bloqueia mais o acesso a Deus, nem a natureza humana, simbolizada pela referência à carne (*sarx*). O sofrimento de Cristo na carne removeu esta barreira para sempre. Quando o Seu corpo foi rasgado na cruz, o véu entre Deus e os homens também foi rasgado, dando acesso imediato a Deus. E Cristo é o **grande sacerdote**, ou *grande sumo sacerdote*, como em 4:14, matizando o trabalho de um **grande sacerdote** no santuário.

**22. Aproximemo-nos**, implica na idéia de aproximação de Deus freqüente, franca, íntima, sem hesitação, mas sempre com um coração purificado, **sincero coração; corações purificados** e uma certeza perfeita de que o caminho a Deus está aberto para nós. O coração purificado e a fé perfeita são as idéias predominantes; uma ênfase secundária recai sobre a tríade: coração, corpo e consciência purificados.

**23. Confissão da esperança.** Uma confissão inabalável de fé no Cristo vivo. Deus envolve nossa esperança com Suas próprias promessas, **pois quem fez a promessa é fiel**. Isto fala, então, de mais uma afirmação baseada sobre fé na fidelidade de Deus.

**24.** Com a certeza vem a preocupação com os outros. Isto se manifesta na prontidão dos crentes em se reunirem (v. 25) e também em sua disposição de dar e receber exortação e instrução úteis. *Estimular*. Estimular, provocando e encorajando (*paroxysmos, paroxysm*). **Amor e boas obras** devem ser despertadas para com os demais crentes.

**25.** Assembléia e comunhão são duas evidências da fé vital. Quando o zelo descai e a fé vacila, o desejo de manter comunhão com outros crentes também enfraquece. O estímulo do versículo 24 se torna possível através da congregação. Quando os cristãos se refinem, eles se exortam

mutuamente ao serviço frutífero e à comunhão ininterrupta. O perigo da apostasia está emboscado na falha dos crentes em se reunirem e Se ajudarem mutuamente (*parakalountes*, "encorajamento mútuo").

**O dia.** A mais curta das referências à vinda do Senhor Jesus Cristo. Uma referência direta à Segunda Vinda. A urgência da passagem no que se refere à exortação deve-se à iminência deste Dia de Cristo. Neste ponto, surgem algumas dificuldades em relação à queda de Jerusalém. A primeira referência desta declaração pode ser ao juízo de Jerusalém que era iminente. Mas é evidente que a queda de Jerusalém não poderia cumprir esta promessa inteiramente. Assim a declaração parece pressupor um outro juízo final também.

### **B. Uma Descrição Daqueles que Desprezam Este “Caminho Novo e Vivo”. 10:26-39.**

A exortação à constância continua com uma aplicação ou advertência negativa. Alternativas são descritas em agudo contraste, como por exemplo, fé ou incredulidade, fé e prática ou terrível juízo, aceitação ou rejeição à luz do Calvário.

**26. Se vivermos deliberadamente em pecado** (*harmartanonton*, "enquanto estivermos pecando voluntariamente") e conhecimento (*epignosis*, "pleno conhecimento") governam esta passagem. Neste caso não há falta de *compreensão* da verdade, como no caso dos falsos mestres mencionados em II Pe. 2:20, 21, onde a mesma e forte palavra foi duas vezes usadas para **conhecimento**. O pensamento básico nesta passagem onde o ponto alto é a advertência, é o mesmo de Hb. 6:4-6. Uma rejeição deliberada da cruz por alguém que conhece o caminho, deixa Deus sem alternativa. Quando a misericórdia é rejeitada, o juízo deve cair.

**27-29.** O julgamento é o que vem a seguir. A prática sob a lei mosaica foi citada para estabelecer o contraste. Este julgamento virá sobre os **adversários** de Deus, e a rejeição do versículo 26 coloca os

rejeitadores aparentemente sobre aqueles adversários. Será um julgamento horrível, terrível, porque o sacrifício expiador foi rejeitado.

Segue-se uma acusação tripla: 1) Desrespeito a Cristo, implícito no **calçou aos pés o Filho de Deus**; 2) rejeição da aliança comprada com sangue, considerando-a sem valor e profana; 3) desprezo da pessoa e obra do Espírito Santo.

**30,31.** De tal extrema condição não há remédio nem escapatória. Tais pessoas só terão a vingança a sua espera, declara o inspirado escritor, atando Dt. 32:35, 36 como prova. Esta apostasia sem esperança e rejeição extrema e irrevogável só conduz ao mais severo juízo de Deus. O Salmo 135:14 também é citado como prova destas declarações.

**32-34.** Novamente, o escritor traça um contraste. Continuando a exortação, ele descreve a fé e a paciência vigorosa nas provas e dificuldades. Ele faz os crentes se lembrarem de sua fé primitiva e da primeira bênção quando conheceram Cristo. Na alegria dessa recém-descoberta fé eles enfrentaram os **sofrimentos**, tentações (*athleses*, como as lutas de um atleta), **vitupérios** (E.R.C) e **tribulações**. O tipo de luta – quer simpatizando com outros sob provação ou sofrendo perda pessoal por Cristo faz pouca diferença. A fé era forte; a aflição era bem recebida, e a confiança em Cristo era firme e constante. **Em espetáculo.** Eles foram transformados em teatro, colocados em um palco (*theatrizomenoi*) para que fossem olhados por todos; mas não vacilaram. Encorajando assim os crentes para que se lembrassem **dos dias anteriores**, o escritor personaliza sua exortação.

**35-37.** Paciência, ou **confiança**, à luz das coisas lembradas, não deve ser agora esquecida, nem rejeitada; pois esta é uma confiança baseada na certeza, uma ousadia oriunda da fé vital, uma vitória assegurada. E esta paciência é a maior das necessidades. Em vez de retroceder a um caminho mais fácil, os crentes devem manter a fé e a esperança em alto grau, com paciência firme, pois a recompensa é certa. Fazer **a vontade de Deus** deve ser o desejo que governa seus anseios na terra, para que sua recompensa celeste possa ser mais abençoada (cons.

Mt. 7:21). Eles devem ser pacientes, levando o fardo, não se desfazendo dele (*hypomenes*). E devem se lembrar das palavras de Hc. 2:3, **aquele que vem virá, e não tardará.**

**38-39.** A fé é a nota principal desta passagem. Aqueles que vivem pela fé e morrem na fé, finalmente se regozijarão na salvação final que está garantida em Cristo. Como Habacuque adverte, os homens não devem retroceder, pois nesse caso Deus está obrigado a agir conforme descrito em Hb. 10:26-31. Verdadeiros crentes não serão acusados desse recuar. Sua fé é daqueles que crêem **para a conservação da alma.** Na sua descrição da fé do verdadeiro crente, o escritor introduziu de maneira calma a fase seguinte de sua exortação.

## Hebreus 11

### C. Exemplos da Vida da Fé. 11:1-40.

Tendo introduzido a vida da fé como assunto de sua última exortação, e tendo descrito a mesma sob os dois aspectos, quanto a seus elementos e quanto a seus oponentes, o escritor apresenta agora o exemplo de numerosas pessoas que viveram essa vida da fé. É como se alguém que tivesse acompanhado todo o cuidadoso raciocínio do autor, solicitasse agora evidências ou provas para consubstanciar as declarações feitas. Alguém já viveu desse modo? Certamente! Quem foi? Hb. 11:1 – 12:4 é a resposta do escritor.

**1-7.** Primeiro ele explica a natureza da verdadeira fé, dando não tanto uma definição mas uma descrição. A fé é a confiança naquilo que não se vê. **Não** é confiança no que se desconhece, pois podemos conhecer pela fé o que não podemos ver com os olhos. Aqueles a quem o escritor dirigia seus pensamentos teriam agora a assistência do registro dos heróis do V.T., que viveram confiando no que não viram, ou pela fé. A fé é a extrema certeza e mais forte evidência de que os **fatos que se não vêem** do realidades (*pragmata*). A continuidade dos homens que creram em fatos que se não vêem, os heróis da fé, não foi interrompida.

Pelo ato da fé, os filhos de Deus sabem que o Senhor fez os mundos através da Sua palavra. Os grandes do V.T. viveram pela fé. Abel, Enoque, e Noé do mencionados como exemplos precisos de homens agindo pela fé. Também a geração que recebia a exortação devia viver pela fé. E cada geração, subsequente também devia viver pelas cousas que se esperam até a vinda de Cristo.

Abel ofereceu um sacrifício aceitável, que foi um sacrifício sangrento. E esta oferta estabeleceu tipologicamente o sacrifício com sangue como base para a entrada na vida da fé. A vida da fé só se transforma em vida pela expiação consumada. Abel continua falando. Enoque viveu uma vida piedosa. Seu alvo foi agradar a Deus a qualquer custo, e ele o conseguiu; **antes da sua trasladação . . . de haver agradado a Deus.** Este deveria continuar sendo o alvo de cada crente verdadeiro, e é impossível agradar a Deus sem a fé. Abel ofereceu sacrifício aceitável e Enoque viveu uma vida de comunhão ininterrupta. Noé creu que Deus julgada a terra, e isto se transformou em um incentivo para a sua vida da fé. Ele construiu a arca como evidência de sua fé. Ele colocou a sua fé em atividade à luz do juízo.

Noé viveu para ver sua fé e prática vindicadas. De um lado, ele comprovou a sua fé construindo a arca; por outro lado, ele viu a sua fé vindicada sendo livrado do Dilúvio. Assim ele juntou-se a esse glorioso grupo dos justos que viveram pela fé através da **justiça que vem da fé.**

**8-13.** Os outros patriarcas também deram o mesmo testemunho. Abraão, Sara, Isaque, Jacó, José e Moisés dão exemplos da vida da fé. Abraão e Moisés servem como exemplos melhores porque desempenharam um papel tão importante nos propósitos de Deus na terra. Abraão exemplifica a obediência na vida da fé. Quando Deus o chamou de Ur dos Caldeus, ele passou a viver em tendas, como um turista, um peregrino espiritual, com seus olhos fixos sobre a cidade que ainda não estava à vista.

Mais tarde prontamente ofereceu Isaque a Deus, inteiramente persuadido que a semente de Abraão, através de Isaque, predestinada a



abençoar o mundo, não ficaria sob nenhum perigo se Isaque morresse. Fiel a Sua promessa feita na aliança de que haveria uma semente, Deus poderia ressuscitá-lo. Até o nascimento de Isaque, o filho da promessa, foi uma evidência de fé da parte de Abraão e Sara. Pois seu filho nasceu quando eles estavam fisicamente velhos demais para tal acontecimento.

**13-16.** Para os crentes verdadeiros, viver pela fé é morrer **na fé**. A vida da fé é uma peregrinação. O céu é o único lar dos crentes fiéis. É a **pátria superior** para a qual aqueles que vivem pela fé estão plenamente destinados. E porque se entregaram a Deus, Deus também **não se envergonha deles**, e Ele o prova providenciando-lhes uma cidade ou lugar para a habitação dos Seus (Jo. 14:1, 2).

**17-19.** De Gênesis 22 vemos a fé de Abraão quando ofereceu Isaque no Monte Moriá. A fé de Abraão foi posta à prova em pelo menos dois modos: 1) exigiu-se que ele oferecesse a Deus a melhor e a mais querida de suas possessões; e 2) exigiu-se que ele oferecesse a Deus o filho da promessa. O futuro de Abraão só estava assegurado mediante Isaque. Se Isaque tivesse de morrer, o que seria da promessa de Deus a Abraão? Ao fazer a sua oferta, Abraão demonstrou de modo prático sua confiança em que a morte não era problema para Deus. A morte não pode ser uma barreira nem impedimento para Deus cumprir a promessa da aliança – **Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos. Figuradamente.** Em parábola, semelhança, como se Isaque tivesse realmente retornado dos mortos; uma ressurreição.

**20.** Isaque abençoou Jacó e Esaú na promessa da aliança feita a Abraão, mas ainda futura para Isaque, relacionando-se assim **acerca das coisas que ainda estavam para vir** (veja Gn. 27).

**21,22.** **Pela fé Jacó . . . Pela fé José.** Evidência da fé dos patriarcas na promessa feita a Abraão. Jacó, abençoando os filhos de José, perpetuou a promessa e deu provas de fé e submissão quando adorava. José demonstrou sua fé na promessa da aliança feita a Abraão quando pediu que o seu corpo (**ossos**) fosse sepultado na terra prometida (Gn. 48:50).

**23-29.** De muitos modos Moisés exemplificou a vida da fé. Pela fé seus pais o esconderam desafiando uma ordem real específica (Êx. 1:16-22). Ele era uma criança formosa, portanto presságio de futuras bênçãos de Deus. Mais tarde, o próprio Moisés, pela fé, fez escolhas adequadas. **Filho da filha de Faraó.** Uma frase simbólica indicando que ele ocupava a posição de príncipe. Moisés escolheu o povo de Deus e as promessas de Deus mesmo que isto significasse aflição e adversidade. Nisto, Moisés tornou-se o libertador de um povo sem esperanças (Êx. 2). Ele preferiu também não desfrutar **dos prazeres transitórios do pecado.** (Alf., pág. 224). **O opróbrio de Cristo.** Ao que parece Moisés compreendia a verdade messiânica; por isso sua escolha de fé no Messias. Este **opróbrio** foi sofrido por Cristo, e é do mesmo modo sofrido por aqueles que o servem fielmente. Esta passagem sugere que Moisés tinha Cristo em vista.

Moisés também escolheu deixar o Egito. Novamente, com Cristo em vista, ele desprezou as riquezas da terra do seu nascimento e o poder e o prestígio do seu Faraó, ou rei. Esta declaração se refere ao êxodo de Israel do Egito com Moisés por líder. Moisés deu ainda mais evidências de sua fé comemorando a Páscoa como prova de que o livramento é pelo derramamento de sangue (Êx. 12). Observe a referência à fiel continuidade – **permaneceu firme** – um pensamento melhor desenvolvido em Hb. 12:1-4. Mais adiante, Moisés e o povo juntos pela fé testemunharam o milagre do Mar Vermelho – livramento para Israel, juízo para os egípcios.

**30,31.** Jericó caiu vítima da fé de Josué e dos filhos de Israel, e Raabe participou das bênçãos de Israel por causa de sua fé. O memorial à fé de Raabe lê-se em Mt. 1:5, onde ela foi incluída na genealogia de Cristo.

**32-38.** O escritor agora passa a acumular os exemplos, por causa da impossibilidade de examinar cada caso separadamente. A lista é impressionante, incluindo alguns dos Juízes; Davi, o maior dos reis de Israel; e um dos seus maiores profetas, Samuel.

A lista dos feitos é igualmente impressionante. Em alguns casos os incidentes mencionados são bem conhecidos; em outros são mais obscuros. Em cada exemplo, entretanto, alguma coisa especial daqueles que viveram pela fé foi apresentada. A vida da fé toma possíveis tais fatos de valor, grandeza, coragem ou perseverança. E esses são os tipos de experiência que aqueles que viveram pela fé são chamados a experimentar. Toda a história de Israel foi encampada nestas poucas e breves sentenças. Numa cuidadosa pesquisa do V.T. pode-se descobrir muitos dos acontecimentos mencionados.

**39,40.** Mas apesar de todas essas evidências de homens e mulheres do V.T. que viveram vidas de fé, permanece o fato de que eles não conheceram as bênçãos completas do perdão dos pecados e da comunhão com Deus através das provisões do Calvário. Eles viveram em antecipação da nova aliança, mas sem suas plenas provisões. Eles deram um testemunho positivo e eficaz, um **testemunho por sua fé**, ou como está na CGT, *foram feitos testemunhas mediante sua fé*, uma confirmação do próprio Deus.

Deus revelou um plano melhor, ou pelo menos um plano mais completo, nas gerações depois dos patriarcas e particularmente nas gerações desde o Calvário. A perfeição aguardou essas gerações, **para que eles sem nós, não fossem aperfeiçoados** (*teleiōhosin, teleiōo*, "tornar perfeito ou completo"). O todo da redenção realizada está sendo considerado.

Cada uma das pessoas mencionadas neste capítulo exemplifica alguma fase ou aspecto da vida da fé – obediência, ação com base nas promessas das coisas por acontecer, separação do sistema do mundo (Moisés), ou qualquer outra coisa. Mas o escritor ainda não completou seu argumento quanto à superioridade da vida da fé sobre a prática do legalismo mosaico. Um exemplo permanece, o Senhor Jesus Cristo. A fase final do argumento apresentado pelos exemplos culmina em "considerai" pois aquele" de Hb. 12:3. Tendo considerado todas aquelas

outras testemunhas, os leitores deviam agora "considerar aquele que suportou... para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos".

## Hebreus 12

### D. Cristo, o Exemplo Supremo da Vida da Fé. 12:1-4.

1,2. A exortação toma a ser renovada com vigor por causa dos exemplos apresentados no capítulo anterior. **Portanto** inclui todos os heróis do capítulo 11 que, junto conosco, serão **aperfeiçoados**. Eles são as **testemunhas**, que, como os espectadores de uma grande arena, observam o nosso progresso na carreira da vida da fé. **Corramos com perseverança** (Davidson, *Epistle to the Hebrews*, pág. 232) une as exortações à corrida e à perseverança, à luz do exemplo daqueles que já correram esta corrida fielmente. **De todo peso**. O supérfluo e desnecessário que poderia atrapalhar deve ser deixado de lado. Cada indivíduo deve decidir o que é supérfluo. Mas o que é **pecado** declarado não dá lugar à escolha individual; deve ser deixado de lado imediatamente após reconhecido, quando sai do seu esconderijo para agarrar (*euperistatos*, "emboscar, rodear, apanhar na armadilha") os incautos. Este tipo de pecado impediria a nossa carreira, ou nos faria correr mais devagar; portanto, fora com ele.

**Olhando firmemente para ... Jesus**. Uma referência ao exemplo supremo ou extremo à nossa disposição. O que Ele fez? **Suportou**. Nisto Ele é o líder ou autor, e *aperfeiçoador* ou **consumador da fé**. Nas passagens seguintes amplia-se este conceito. Nelas se apresenta o exemplo da firmeza paciente à qual cada crente é convocado – a do próprio Cristo (12:1). A recompensa da paciência de Cristo é a posição de autoridade e Sua ocupação ali. Nesta posição Sua **alegria** é completa, e assim também a nossa alegria será completa quando estivermos em Sua presença diante de Deus. À direita de Deus, Cristo realiza todas as funções de governo, de sumo sacerdote, e advogado, embora alcançasse esse lugar mediante sofrimento e paciência, isto é, o caminho da cruz.

**3,4. Considerai** (*analogizomai*, "comparem-se com", "reflitam") **aquele que suportou**. Uma ampliação do versículo 2. **Oposição** (*antilogia*) é um argumento contrário. Cristo foi literalmente uma contradição para os seus inimigos, que expressaram-se em ódio declarado e hostilidade. **Para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas**, a melhor tradução do texto. (Veja CGT, pág. 154). A primeira classe sugere um súbito colapso na paciência, e a segunda um relaxamento mais gradual da vigilância.

**Ainda não tendes resistido até ao sangue**. Eles ainda não tinham experimentado toda a extensão da luta. Ainda não houvera martírio; nenhuma medida extrema, tal como indiscriminada tomada de vida, fora usada contra eles. Finalmente, deviam se lembrar que o pecado é o antagonista. Deviam continuar lutando **contra o pecado**, particularmente o pecado da incredulidade, que destrói a fé.

### **E. O Amor do Pai Revelado Através do Castigo. 12:5-11.**

**5-9.** O escritor usa Pv. 3:11 e segs. para lembrar os leitores-ouvintes de que o castigo é uma parte do relacionamento que implica em amor, e ele também descreve este relacionamento por meio da analogia do pai e do filho. A exortação começa no fim da citação. Filhos que são dignos da sua filiação devem suportar o castigo. Às vezes não compreendemos o castigo, mas ainda assim temos de aceitá-lo e suportá-lo como parte de nossa educação. Por meio dele somos reconhecidos como filhos verdadeiros, e não filhos espúrios (v. 8) ou **bastardos** (*nothos*).

Uma vez que um pai terreno, quando é digno, corrige seus filhos, os filhos espirituais de Deus não deveriam ficar surpreendidos quando seu Pai celestial os castiga. Tal conhecimento ajudará os crentes a ficarem em sujeição ou submissos como verdadeiros filhos.

**10,11.** A ilustração provoca um contraste. **Eles. . . Deus**. Os pais terrenos exercem sua prerrogativa paterna só por um pouco tempo e para fins imediatos, mas Deus tem em vista vidas santas e fins eternos.

Nem na esfera terrena nem na celestial o castigo é coisa agradável no momento em que é recebido, mas os resultados finais mais do que justificam a disciplina. No reino celestial ou espiritual ela produz fruto pacífico da justiça. Portanto, a adversidade e o castigo são uma forma de educação.

### **F. A Conduta Cristã sob a Nova Aliança. 12:12-29.**

A primeira coisa que os crentes devem fazer é deixar de lado a falta de coragem e os queixumes nas circunstâncias adversas. A vida da fé não é fácil, nem fica por isso mais fácil.

**12,13.** Eles devem aceitar a disciplina da adversidade e serem fortalecidos através dela. **Restabelecei as mãos descaídas.** Ou, *endireitar, fortalecer*, como alguém que se toma forte através da dificuldade. Mãos relaxadas e **joelhos trôpegos**, ou *vacilantes*, não são a descrição da firme paciência exigida para terminar a carreira. Fortalecendo assim as mãos e os joelhos, qualquer defeito provocado pelo desuso será curado. Aqui há uma possível sugestão de que as juntas que não estão firmemente mantidas no lugar e os músculos que não estão devidamente tensos podem acabar sofrendo deslocamento, ou distensão (*ektrape*). A verdadeira fortaleza de caráter demonstra-se quando a pessoa concentra suas energias no tempo da adversidade.

**14,15.** Os relacionamentos humanos melhoram quando se compreende a natureza da adversidade. **Segui a paz com todos.** Como alguém que busca a harmonia, como alguém que tem um espírito pacífico, e como alguém que deseja a união e a comunhão entre os justos. **E a santificação.** O termo que cobre ou abrange tudo (*hagiasmon*, "santificação"). **Senhor** (*kyrion*) é mais provável Deus e não Cristo. Certamente uma das provas essenciais da vida nova em Cristo está no modo pelo qual os crentes vivem uns com os outros.

A antítese segue-se. Aqui está alguém que é carente, que fracassa porque dentro dele profundamente enraizada está a **raiz de amargura** que envenena tudo e todos – **muitos sejam contaminados.** Esta raiz de

amargura é como uma infecção que se espalha por toda a comunidade (*hoi polloi*) dos crentes. Observe, isto descreve uma interrupção nas relações humanas entre os crentes porque um crente se tornou amargo.

**16,17.** Esaú serve de exemplo da desesperança de tal condição. Por sua própria escolha tornou-se **profano**, ou amante das coisas terrenas e sensuais, de modo que perdeu as duas coisas, o direito da primogenitura e a sensibilidade espiritual. Esta última condição, particularmente, é a antítese do padrão apresentado no versículo 14. Esaú trocou a paz e a santidade pelos prazeres terrenos imediatos. Quando Esaú tentou mudar sua condição, descobriu que era impossível. Ainda que a bênção de Deus ou o arrependimento fosse o objeto de suas lágrimas, foi tarde demais. Esaú foi culpado de pecado deliberado, de cujas conseqüências ele não encontrou libertação. Esta é a tição apresentada aos hebreus que estavam contemplando a possibilidade de praticar um ato de pecado premeditado na forma da apostasia ou volta à tradição de Moisés. Para o escritor a ilustração-advertência parecia óbvia.

**18-24.** A exortação continua com o que Davidson chama de "um grande final ao esforço . . . de manter firme sua confissão". O Sinai e o Monte São foram colocados em contraste entre si. O cenário para a concessão da Lei foi 1) um monte **aceso em fogo** (E.R.C.), envolto em **escuridão, trevas, tempestade**, e 2) **Ao clangor da trombeta e ao som de palavras**. Neste cenário Moisés foi tão tomado pela presença de Deus que temeu e tremeu grandemente (cons. Êx. 19:12 e segs. e Dt. 9:19).

**Mas (vós) tendes chegado** introduz todas as benditas realidades e personagens da nova aliança. O céu foi colocado contra a terra, o fenômeno contra o extra-terreno, a glória de Sinai contra a glória infinitamente maior do caminho aspergido pelo sangue. **Sião . . . à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial . . . incontáveis hostes de anjos. . . e igreja dos primogênitos. . . Deus, o Juiz. . . justos aperfeiçoados. . . Jesus, o Mediador de Nova Aliança** – tudo isto constitui uma lista propositadamente impressionante por causa dos contrastes pretendidos. Novamente, o pensamento está transparente.

Certamente estas maravilhas e bênçãos ultrapassam de longe o alívio temporário a ser ganho mediante o «tomo ao Judaísmo para escapar à perseguição. Homens de fé têm esta resplendente esperança sob a nova aliança. Homens de fé já entraram na alegre companhia dos **primogênitos** e dos **justos aperfeiçoados** (*prototokon* e *teteleiomenon*, "primogênitos e aperfeiçoados", segundo Alf e Arndt. Veja também Davidson, *Epistle to the Hebrews*, pág. 245-250).

**25-29.** Prestem atenção a Cristo. Não recusem a voz de Cristo falando através do Evangelho. Se incorreram em perigo aqueles que recusaram a voz de Deus no Sinai, quanto maior o perigo que advirá àqueles que recusam ou rejeitam o mensageiro de Deus, o seu próprio Filho (1:2). Esta recusa é parecida com aquela dos homens que foram convidados para a "grande ceia" de Lucas 14:16 onde "todos . . . , começaram a escusar-se" (*paraiteomai*). Veja Lc. 14:18, onde foi usada a mesma palavra (Arndt).

Passa-se então a descrever o juízo, talvez o último. A terra será sacudida, e a vontade transitória se desvanecerá com ela; só permanecerá o que é eterno e permanente – **um reino inabalável**. Este reino será dado por Deus, não concebido pelo homem. Participação nele por meio da fé em Cristo deverá resultar em serviço prazenteiro e adoração reverente da parte de todos.

A palavra final é novamente de advertência. **Porque o nosso Deus é fogo consumidor** (cons. Dt. 4:24). O fogo é a forma final de julgamento (Ap. 20:10,14).

## Hebreus 13

### G. A Vida Cristã na Prática Diária. 13:1-17.

A vida cristã esboçada quanto ao relacionamento do crente com outras pessoas.

**1-6.** Em primeiro lugar foram mencionadas as situações normais. Como na epístola de I João, **o amor fraternal**, ou *seu afeto fraternal* (CGT) deve permanecer. Uma das constantes evidências de uma vida



cristã sadia é a maneira pela qual os irmãos cristãos se dão uns com os outros. Por causa da falta de lugares públicos de hospedagem, a hospitalidade também é recomendada, particularmente com referência aos estranhos que conhecem Cristo. Mateus 25:35-40 oferece o mais íntimo paralelo de **sem o saber acolheram anjos** (*elathon*, "inconscientemente").

Estas obrigações sociais ou relacionamento humano passa a ser mais expandido para incluir pessoas na cadeia – encarcerados. A expressão como se presos com eles inclui o pensamento duplo de simpatia e identificação. Os crentes devem partilhar o que têm com os presos como se eles mesmos estivessem presos. O uso moderno de "identificar-se" abrange a idéia. Uma vez que os crentes estão confinados ao corpo terreno, é possível que cada um sofra adversidade ou prisão. Por isso, devem simpatizar.

Então, é claro que o mais íntimo relacionamento humano deveria exibir todas as graças da vida cristã. Se estes hebreus se encontrassem em Roma ou em alguma outra das mais conhecidas cidades do Leste do Mediterrâneo, estariam vivendo no meio de uma sociedade na qual a castidade e a honra no casamento eram geralmente desprezadas. Por outro lado, alguns grupos ou seitas religiosas ensinavam o celibato e o ascetismo. O celibato não é uma proteção contra a imoralidade; mas antes o casamento honrado é que constitui o tipo de vida mais sadio. A castidade dentro dos laços matrimoniais constitui um forte testemunho cristão. Pessoas devassas e libertinas terão de um dia enfrentar seus pecados e práticas diante de Deus.

Quanto ao dinheiro, o escritor adverte: **Seja a vossa vida sem avareza** (*Libertai-vos do amor ao dinheiro*). *Aphilargyros* significa "sem amor ao dinheiro" e não **sem avareza**. O modo de vida (*vossos costumes*) ou disposição a ser cultivada é a satisfação com aquilo que se tem, ou as **coisas que tendes**. Se as torrentes de maus tratos que eram lançadas contra estes cristãos judeus por outros mais prósperos incluíam referências a sua falta de prosperidade, isto acontecia por conta de um

muito prático e inteiramente neotestamentário aviso. E ainda continua tendo efeito. Em lugar de procurar o conforto dos bens materiais, os cristãos devem buscar o seu conforto na presença e provisão do próprio Deus, pois Ele não os abandona nem falha. Assim, **afirmemos confiantemente: . . . não temerei; que me poderá fazer o homem?** A última cláusula é realmente uma pergunta. Josué 23:14 e Salmo 118:6 testificam da fidelidade de Deus.

**7-9.** Na Igreja, especialmente, todas as graças cristãs deveriam ser encontradas. Lembrem-se do exemplo, diz o autor, daqueles que foram os primeiros a lhes ensinar a verdade cristã. Eles eram notados pela apresentação de uma mensagem verdadeira e um exemplo piedoso. Eles falavam a palavra de Deus e viviam vidas santas até o fim de suas vidas na terra. **Imitai a fé que tiveram.**

O exemplo seu e deles, ele continua, é a pessoa imutável do Senhor Jesus Cristo. Ele é o mesmo; seus propósitos são os mesmos; seus alvos são imutáveis. **Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre,** sustentando e apoiando assim as declarações do versículo 7. Devoção a Cristo, que é imutável, deverá insultar em clareza de doutrina. Então ninguém será levado em redor, ou desviado por estranhos ensinamentos ou práticas estranhas em nome do Evangelho. As contradições dos mestres humanos, o externalismo e a prática embrionária da justificação pelas obras que incluía a abstinência de certos alimentos deveriam ser evitadas.

**10-17.** Não temos nenhum sacrifício a fazer; em Cristo já foi feito um sacrifício por nós; por isso **possuímos um altar.** As ordenanças do V.T, conforme aqui descritas já não têm mais valor. Quando Cristo sofreu a morte fora do arraial sobre a cruz, uma das coisas realizadas foi o descartar-se dos costumes levíticos. Agora eles são supérfluos. A identificação do crente é com Cristo **fora do arraial.** Isto significa rejeição do Judaísmo de um lado e rejeição pelos judeus do outro. Para esses cristãos hebreus, esse era o **vitupério** que tinham de levar.

Tendo Cristo morrido como oferta pelos pecados, os crentes deviam demonstrar, **por meio de Jesus**, uma conduta adequada aos redimidos (vs. 14-17). 1) Deviam fixar sua esperança não nas ordenanças do V.T., mas na cidade celestial e na perspectiva celestial; 2) deviam louvar e agradecer a Deus, uma vez que o fruto dos lábios devia ser o transbordamento de um coração cheio; 3) deviam mostrar benevolência de todo o tipo, pois Deus não se esquece disto; e 4) deviam ser obedientes e submissos. Agradar a Deus poderia finalmente ser reduzido a três práticas ou atitudes fundamentais, todas mencionadas nesta passagem – louvor, obediência e submissão. Isto, pouco comentário exige à luz da verdade neotestamentária. A benevolência é o que se segue naturalmente. No versículo 17 a submissão se relaciona praticamente à atitude dos crentes para com os seus próprios líderes. Com estas palavras de responsabilidade colocada sobre ambos, discípulos e líderes, o escritor encerra a composição prática e exortatória que começou com 10:19. O restante é pessoal.

#### IV. Epílogo Pessoal. 13:18-25.

Com alguns poucos pedidos pessoais, uma subscrição e saudações, e uma breve bênção, o escritor conclui.

**18,19. Orai por nós.** Um pedido pessoal. O escritor pede que seja lembrado quanto 1) à sua vida, testemunho e serviço pessoais; e 2) seu desejo de logo se encontrar entre eles. Este é um pedido de oração específico.

**20,21.** Ele promete que, em troca, vai orar por eles, especialmente no que se refere à obediência à vontade de Deus. Esta subscrição em forma de oração deveria constituir uma bênção particular àqueles que ouviriam ou leriam a carta.

Fala de:

1) Conforto para enfrentar, durante e sob as perseguições; para que tivessem acesso e comunhão com o **Deus da paz**.

2) Esperança no Cristo ressurreto; literalmente, o que Deus **tornou a trazer dentre os mortos**.

3) Cuidado pessoal e pastoral a **Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas**.

4) Doutrina e teologia. Todo o conforto, esperança e cuidado pastoral está selado e garantido **pelo sangue da eterna aliança**.

Seguem-se certos pedidos e desejos pessoais:

1) **Que vos aperfeiçoe em todo bem** (v. 21), ou mais corretamente, *que Deus realize em vocês o que ainda está faltando*. Este pedido transmite o desejo do autor de que os crentes pudessem se encaixar adequadamente em suas tarefas, sem fraqueza, faltas ou falhas. Os crentes precisam ser *aperfeiçoados* (*katartizo*).

2) Conhecer e fazer toda a vontade de Deus. Já que Deus opera em nós, nós desejamos trabalhar para Ele em submissão e obediência devotadas.

3) Agradar a Deus através de Jesus Cristo. Só o Filho que habita em nós e opera em nós através do Espírito Santo e da Palavra de Deus pode nos levar a agradar a Deus. Que este pedido seja o clamor dos nossos corações.

**22-25.** Talvez aqui tenhamos o versículo-chave da epístola (veja Introdução, **A Argumentação da Epístola**) quando o escritor implora a seus leitores que aceitem *esta exortação*. Ele expressa a esperança de que ele e Timóteo logo estariam aptos a visitá-los. Envia uma saudação cristã generalizada a todos, e acrescenta o indefinido **os da Itália vos saúdam**, ou *aqueles que são os da Itália vos saúdam*, uma declaração generalizada indicando que os amigos da Itália revelaram ao escritor que queriam ser incluídos na saudação cristã.

As palavras finais são uma bênção em forma de breve oração, **a graça seja com todos vós**.

# TIAGO

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5

## INTRODUÇÃO

**Autoria.** O prefácio indica que o autor da Epístola de Tiago foi **Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo**. Mas quem era esse Tiago? Dos inúmeros indivíduos que tinham esse nome no Novo Testamento, só dois foram apresentados como possíveis autores desta epístola – Tiago, filho de Zebedeu, e Tiago, o irmão do Senhor. O primeiro é um candidato improvável. Sofreu o martírio em 44 A.D., e não há nenhuma evidência de que ocupasse posição de liderança na igreja, que lhe desse a autoridade de escrever esta carta geral. Embora Isidoro de Sevilha e Dante achassem que ele foi o autor do livro, esta identidade não tem sido largamente aceita em nenhum período da igreja. A opinião tradicional identifica o autor como sendo Tiago, o irmão do Senhor. A semelhança da linguagem da epístola com as palavras de Tiago em Atos 15, a forte dependência do escritor da tradição judia, e a consistência do conteúdo de sua carta com as notícias históricas que o Novo Testamento dá em relação a Tiago, o irmão do Senhor, tudo tende a apoiar a autoria tradicional.

**Data e Lugar.** Muitas são as opiniões prevalecentes sobre a data de Tiago. Aqueles que aceitam a autoria tradicional costumam datá-la entre o meio dos anos quarenta e o começo de sessenta (exatamente antes da morte de Tiago). Já foi datada tardiamente, como 150 A.D., por aqueles que defendem a teoria do "Tiago desconhecido" ou de um pseudônimo.

Embora não possamos ser dogmáticos a respeito da época em que foi escrita, um número de fatores apontam para uma data mais precoce. As condições sociais reveladas na epístola, especialmente a separação

aguda existente entre os ricos e os pobres, sugere uma data antes da destruição de Jerusalém. A escatologia revelada também aponta para uma data precoce. A expectativa da volta do Senhor aumenta de intensidade com o que foi encontrado em I e II Tessalonicenses. Não há nenhuma sugestão de uma crença em uma volta ainda distante, tal como encontramos nos últimos livros do Novo Testamento; e não há nenhuma visão apocalíptica ou evoluções semelhantes, como as que encontramos na literatura apocalíptica mais tardia. Os leitores de Tiago viviam na expectativa ativa e poderosa da iminente volta de Cristo. Nada existe na literatura cristã do segundo século que possa se igualar aos ensinamentos escatológicos simples e poderosos desta epístola.

A passagem mais difícil para datar o livro é a famosa passagem que fala da fé e das obras (Tg. 2:14-26). Para entender estes versículos o leitor deve se familiarizar com certas fórmulas paulinas; por isso é difícil crer que o autor de 2:14-26 estivesse refutando Paulo. Isto envolveria uma quase inconcebível má interpretação da doutrina paulina da justificação pela fé. A passagem se explica melhor como ocasionada por uma má interpretação de Paulo, não da parte do autor da epístola, mas da parte dos seus leitores. Tal má interpretação teria mais provavelmente surgido bem no início do ministério de pregação pública de Paulo. De acordo com o livro de Atos, a primeira pregação pública mais extensa de Paulo aconteceu em Antioquia (Atos 11:26). O ministério de um ano aconteceu antes da visita por ocasião da fome em Jerusalém em cerca de 46 (cons. Atos 11:27-29; Gl. 2:1-10) e a perseguição herodiana em 44. Quanto tempo se passou até que a má interpretação e a aplicação errônea da doutrina da justificação pela fé apresentada por Paulo chamasse a atenção de Tiago, não sabemos. À vista do fato dos judeus, cristãos e não cristãos, de todo o mundo mediterrâneo, estarem constantemente se movimentando para Jerusalém e fora dela, provavelmente não foi muito tempo depois. Uma data em cerca de 44 para a epístola, durante ou imediatamente a perseguição herodiana, se encaixaria melhor em todos os fatores conhecidos.

Embora um número de sugestões opostas tenham sido apresentadas de vez em quando, poucas são as dúvidas de que Tiago a escreveu na Palestina. Especialmente pelo colorido sugerido, o escritor indica que ele é um palestino (cons. 1:10, 11; 3:11, 12;5:7).

**Os Destinatários da Carta.** A única indicação direta no livro que possivelmente sugere quem foram os leitores encontra-se no prefácio: **Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que se encontram na dispersão, saudações.** Tradicionalmente a frase, **às doze tribos**, era usada para indicar toda a nação judia (cons. o Eclesiástico extra canônico 44:23; A Assunção de Moisés 2:4, 5; Baruque 1:2; 62:5; 63:3; 64:3; 77:2; 78:4; 84:3; também veja Atos 26:7). Mas considerando que toda a nação judia, por mais espalhada que estivesse na Diáspora, não poderia ser considerada como existindo fora da Palestina, parece indicar que o significado da frase é simbólico. Tiago estava escrevendo a toda a igreja, considerada como o Novo Israel (cons. Gl. 3:7-9; 6:16; Fp. 3:3), dispersa por um mundo estranho e hostil (cons. I Pe. 1:1, 17; 2:11; Fp. 3:20; Gl. 4:26; Hb. 12:22; 13:14). São entretanto, muitas as indicações na epístola de que foi dirigida primeiramente aos judeus que eram cristãos. Isto pode constituir mais uma indicação de sua data precoce, uma vez que a única ocasião na história da igreja quando alguém podia se dirigir a toda a igreja falando quase que exclusivamente a judeus, foi antes da primeira missão de Paulo aos gentios - o que aconteceu em cerca de 47.

**Conteúdo.** A Epístola de Tiago é um pedido em prol do cristianismo vital. Herder captou o teor deste livro quando escreveu: "Que nobre é o homem que fala nesta Epístola! Que incansável paciência no sofrimento! Que grandeza na pobreza! Que alegria na tristeza! Simplicidade, sinceridade, confiança direta na oração! Como ele quer ação! Ação, não palavras . . . não uma fé morta!" (citado por F.W. Farrar em *The Early Days of Christianity*, pág. 324).

No verdadeiro espírito da literatura da Sabedoria, Tiago maneja muitos e diferentes assuntos. Seus parágrafos curtos e abruptos já foram

comparados a um colar de pérolas - cada um é uma entidade separada em si mesmo. Há algumas transições lógicas, mas em grande parte as transições são abruptas ou nem existem. Este fenômeno torna impossível um esboço no sentido usual. Aqui está, entretanto, uma lista dos assuntos tratados na ordem de sua ocorrência na epístola.

## **ESBOÇO**

- I. Saudação. 1:1.
- II. Provações. 1:2-8.
- III. Pobreza e riqueza. 1:12-18.
- IV. Provação e tentação. 1:12-18.
- V. Recepção da Palavra. 1:19-25.
- VI. Verdadeira religião. 1:26, 27.
- VII. Distinções sociais e "a lei real". 2:1-13.
- VIII. Fé e obras. 2:14-26.
- IX. A língua. 3:1-12.
- X. As duas sabedorias. 3:13-18.
- XI. O mundo e Deus. 4:1-10.
- XII. Julgando. 4:11, 12.
- XIII. Autoconfiança proveniente do pecado. 4:13-17.
- XIV. Julgamento do rico inescrupuloso. 5:1-6.
- XV. Paciência até a volta de Cristo. 5:7-11.
- XVI. Juramentos. 5:12.
- XVII. Oração. 5:13-18.
- XVIII. Reabilitando o irmão pecador. 5:19, 20.

## **COMENTÁRIO**

### **Tiago 1**

#### **I. Saudação. 1:1.**

Tiago chama-se simplesmente de **servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo**. Seus leitores são **as doze tribos que se encontram na**



**Dispersão**, uma designação simbólica para a igreja cristã considerada como o Novo Israel, com seus membros espalhados pelo mundo, em um ambiente estranho e hostil. Assim Tiago não tem em mente uma simples congregação mas a igreja toda espalhada pelo mundo mediterrâneo. Sua saudação (*kairein*) é a saudação típica encontrada nas cartas gregas e a mesma que foi usada na cana enviada da igreja de Jerusalém que Tiago presidia (Atos 15:23).

## II. Provações. 1:2-8.

**2.** Tiago freqüentemente (pelo menos dezesseis vezes) dirigiu-se aos seus leitores chamando-os de **irmãos**. Ele e seus leitores sentiam-se ligados por uma lealdade comum a Jesus Cristo. Sua primeira palavra é de encorajamento – **tende por motivo de toda a alegria .o passardes por várias provações**. Uma tradução melhor seria, *quando vos enfrentardes com ribas provações*. A palavra *peirasmos* ("provação") tem dois significados. Aqui significa "adversidades externas", quando nos versículos 13, 14 ela significa "impulso intimo para o mal", "tentação".

**3.** O cristão deve se alegrar *na* provação e não *por causa da* provação. Havia uma grande necessidade nos tempos primitivos da igreja receber o ensinamento ao longo destas linhas, por causa das sucessivas ondas de **perseguição**. O fruto da perseguição é a **perseverança** (*hypomone*), ou melhor, *resistência*. James Moffatt (*The General Epistles*, pág. 9) chama-o de "o poder para suportar a vida".

**4.** Esta resistência deve ter liberdade de ação (ação completa). É um processo que se desenvolve na vida do cristão, sendo a perfeição o seu alvo (*teleios* traduz-se melhor por *maturidade*). O escritor deveria ter em mente as palavras de nosso Senhor registradas em Mt. 5:48.

**5-8.** Parece haver uma ligação entre este parágrafo e o precedente. Tiago falava sobre o propósito da provação. Ele antecipa que alguns dos seus leitores dirão que não conseguem descobrir qualquer propósito divino em suas dificuldades. Neste caso, diz ele, devem pedir a Deus que

lhes dê sabedoria, isto é, visão prática da vida (não conhecimento teórico), e Deus atenderá tal pedido **liberalmente**, (*generosamente*), e não os censurará nem os reprovárá. Há, entretanto, uma condição estabelecida. O pedido deve ser feito com fé, em nada duvidando. O homem que vai a Deus com o seu pedido deve estar certo de que quer o que pede. Trago compara um homem que duvida com a **onda do mar, impelida e agitada pelo vento**. Tal homem "não pode esperar nada de Deus" (Phillips). Ele é um **homem de ânimo dobre**, isto é, um homem de fidelidade dividida. Ele faz reservas mentais sobre a oração em si mesma e sobre o que pede de Deus.

### III. Pobreza e Riqueza. 1: 9-11.

9. Este parágrafo brota do comentário que Tiago faz sobre a provação. A pobreza é uma adversidade externa. O cristão pobre deve se regozijar em seu novo estado em Jesus Cristo. Este relacionamento deu-lhe verdadeira riqueza. Ele é um herdeiro de Deus e um co-herdeiro com Jesus Cristo!

10,11. Um cristão rico, por outro lado, deve se regozijar "porque em Cristo foi rebaixado a um nível onde 'os enganos das riquezas' (Mc. 4:19) e a ansiedade de amontoá-las e retê-las já não está mais em primeiro lugar e nem mesmo é alvo de considerações relevantes" (R.V.G. Tasker, *The General Epistle of James*, pág. 43). Mais ainda, as riquezas são temporárias. São como a relva verde e suas flores, que logo amarelecem sob o calor do sol da Palestina. *Kauson* (**ardente calor**) foi aqui usado simplesmente falando do calor do sol e não do siroco, o quente vento do deserto que sopra através da Palestina vindo do leste (cons. J.Schneider, TWNT, III, 644).

### IV. Provação e Tentação. 1:12-18.

12. A recompensa para a fiel firmeza nas provações foi declarada em termos do presente e do futuro. O homem que se mantém firme é verdadeiramente feliz agora; mas também **receberá a coroa da vida, a**

**qual o Senhor prometeu aos que o amam.** O genitivo (da vida) está em oposição à coroa. A coroa consiste em vida, um dom para todos aqueles que amam a Deus. Tasker (*op. cit.*, pág. 45) comenta incisivamente que embora nem a nossa fé nem o nosso amor ganhe para nós a vida eterna, é entretanto "um axioma bíblico que Deus tenha abundantes bênçãos reservadas para aqueles que O amam, que guardam os Seus mandamentos e que O servem fielmente a qualquer custo. (cons. Mt. 19:28; I Co. 2:9)".

**13.** Agora Tiago faz a transição para as provações internas, isto é, as tentações. A palavra **tentação** (E.R.C.) (v. 12) carrega a idéia de seduzir ao pecado. Tiago provavelmente tinha em mente a doutrina judia do *Yetzer ha ra'*, "impulso do mal". Alguns judeus arrazoavam que tendo Deus criado tudo, devia também ter criado o impulso do mal. E considerando que é o impulso do mal que tenta o homem ao pecado, em última análise é Deus, que o criou, o responsável pelo mal. Tiago aqui refuta a idéia. **Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta.**

**14.** Em vez de acusar Deus pelo mal, o homem deve assumir a responsabilidade pessoal dos seus pecados. É a sua própria **cobiça** que o **atrai e seduz**. Estas são, no seu sentido primário, palavras usadas na caça e na pesca que foram empregadas aqui metaforicamente.

**15.** Quando o desejo do mal se levanta na mente, não pára aí. A **cobiça** dá à luz o pecado, e o pecado produz a morte. "A morte é assim o produto amadurecido ou terminado do pecado" (Moffatt, *op. cit.*, pág. 19). A morte aqui é a morte espiritual em contraste com a vida que Deus dá àqueles **que o amam** (1:12).

**16,17.** O ponto que o escritor quer explicar é que Deus, em vez de ser a fonte da tentação, como alguns estavam defendendo, é a fonte de todo o bem na experiência dos homens. Tiago estava especialmente desejoso de que seus leitores o percebessem, e por isso dirigiu-se-lhes com ternura, **meus amados irmãos. Pai das luzes** é uma referência à atividade criadora de Deus. Um título desses concedido a Deus não era

desconhecido ao pensamento judeu (cons. SBK, III, 752). Embora haja consideráveis dúvidas quanto à tradução correta da última parte do versículo 17, o significado é bastante claro: Deus é inteiramente consistente; Ele não muda.

18. Aqui o escritor chega ao clímax de sua refutação à idéia de que Deus é o autor da tentação. Ele já demonstrou que tal acusação é contrária à natureza de Deus (1:13) e à Sua consistente bondade (1:17). Agora ele apela para a experiência que seus leitores tem no Evangelho. J. B. Mayor (*The Epistle of St. James*, pág. 62) expõe habilmente o ponto alto deste versículo: "No que se refere a Deus nos tentando para o mal, Sua vontade é a causa de nossa regeneração". Esses cristãos primitivos foram chamados de primícias porque foram a garantia de muitos outros que viriam.

### V. Recepção da Palavra. 1:19-25.

19. Há uma conexão possível entre este parágrafo e o precedente. A forte admoestação para que **todo o homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar** pode ser uma referência à acusação que os leitores tinham feito contra Deus. Ou talvez seja simplesmente uma declaração generalizada sobre o ouvir e falar.

20. Quando um cristão dá evasão à ira, fica incapaz de agir com justiça; e além disso, ele não deixa lugar, ou pelo menos atrapalha, à vindicação da justiça divina no mundo.

21. **Despojando-vos de toda impureza.** Considerando que a Palavra é uma semente, deve ter um bom solo onde possa se desenvolver. "Acabem, então", diz Tiago, "com a impureza e toda sorte de males" (Phillips). **Acúmulo de maldade** talvez seja uma sugestão de que apenas o excesso do mal deve ser abandonado. Entretanto, Tasker considera que acúmulo significa "resto". "Cada cristão convertido traz consigo para sua nova vida, muita coisa que é inconsistente com ela. Isto tem de ser abandonado, para que possa entregar-se mais completamente à obra positiva da recepção **com mansidão a palavra em vós enxertada,**

E.R.C. (Mais corretamente *implantada*, E.R.A.) (*op. cit.*, pág. 51). Esta palavra é **poderosa para salvar as vossas almas**.

**22.** O Cristianismo é uma religião de ação. Por mais importante que seja o ouvir (cons. 1:19), não se deve parar por aí. O fazer deve seguir-se ao ouvir. Ser apenas ouvinte é uma forma de engano próprio.

**23,24.** O homem que ouve mas não faz é como uma pessoa que vê o reflexo de seu próprio rosto no espelho. "Ele se vê, é verdade, mas continua fazendo o que fazia sem a menor lembrança do tipo de pessoa que viu no espelho" (Phillips). Os tempos deste versículo são interessantes: **contempla** (aoristo), **se retira** (perfeito), **esquece** (aoristo). "Com o aoristo ele (Tiago) mostra que a impressão foi momentânea, e o esquecimento instantâneo; o imperfeito implica em condição contínua de ausência do espelho" (H. Maynard Smith, *The Epistle of St. James*, pág. 85).

**25.** O espelho, que revela as imperfeições do homem exterior, foi colocado agora em contraste com a **lei perfeita**, a lei da liberdade, que reflete o homem interior. Esta é a primeira referência à lei na epístola (cons. 2:8-12; 4:11). Tiago usa o termo para indicar o lado ético do Cristianismo, o *didake*, "ensinamentos". Aqui ele chama a lei de perfeita. Compare Sl. 19:7: "A lei do Senhor é perfeita, e restaura a alma". Tiago, na qualidade de judeu, escrevendo a judeus, está deliberadamente atribuindo a *didake* os atributos da lei. Para Tiago ela é perfeita porque Jesus Cristo a tornou perfeita. **Lei da liberdade** provavelmente significa que é uma lei que se aplica àqueles que têm o status da liberdade, não da lei, mas do pecado e do ego, pela palavra da verdade. O homem que olha para esta lei e adquire o hábito de fazer assim (*parameias*) transforma-se em operoso praticante e encontra a verdadeira felicidade (será bem-aventurado no que realizar).

## VI. Verdadeira Religião. 1:26, 27.

**26.** O autor agora vai do "não ouvir mas fazer" mais generalizado, para o "não simplesmente adorar mas fazer" mais específico. A palavra

**religioso** (*threskos*) significa "dado às observâncias religiosas". Neste contexto ela se refere à frequência aos cultos e a outras observâncias religiosas, tais como a oração, esmolas e jejum. Um homem que é escrupuloso nestas observâncias, mas fracassa no controle de sua fala na vida diária engana-se a si mesmo, e a sua religião é vã (Moffatt, *fútil*).

27. "Esta não é uma definição de religião, mas uma declaração . . . , do que é melhor do que os atos de adoração exteriores. Tiago não pretendia reduzir a religião à uma pureza negativa de conduta suplementada por visitas de caridade" (James H. Ropes, *The Epistle of St. James*, pág. 182). Uma vez que os órfãos e viúvas não tinham assistência na sociedade antiga, eram exemplos típicos daqueles que precisavam de ajuda. Além da caridade amplificada, a manutenção da pureza pessoal é outro meio pelo qual a verdadeira religião se expressa. O mundo aqui e em 4:4 refere-se à sociedade pagã que se opunha, ou pelo menos ignorava, a Deus.

## Tiago 2

### VII. Distinções Sociais e "A Lei Real". 2:1-13.

1. A ênfase colocada sobre a importância da conduta continua neste parágrafo. Aqui se aplica à parcialidade. **Meus irmãos** marca a transição para um novo assunto (cons. 1:2,19; 2:14; 3:1; 5:1). A E.R.A, e E.R.C, traduz corretamente o verbo no imperativo (a outra possibilidade é o indicativo) combinando com a maneira direta de Tiago escrever. Não se sabe ao certo como o genitivo **Senhor Jesus Cristo** qualifica **fé**. G. Rendall sugere a possibilidade de considerarmos o genitivo como qualitativo, "como se definisse o caráter particular da sua fé em Deus. A fé em Deus que tem por apoio e conteúdo nosso Senhor Jesus Cristo", que é o tipo cristão da fé em Deus" (*The Epistle of St. James and Judaic Christianity*, pág. 46). Entretanto, provavelmente é mais fácil considerar o genitivo como objetivo – "sua fé em nosso Senhor Jesus Cristo". Seja como for, a fé é fé dinâmica, confiança dirigida para o Senhor Jesus Cristo. Nada tem a ver com a idéia posterior de fé como um corpo de

doutrinas a serem cridas. A última parte do versículo diz **Senhor da**, o que não aparece no original. Jesus foi simplesmente chamado de "a glória", uma referência óbvia ao Shekinah (cons. Jo. 1:14; II Co. 4:6; Hb. 1:3). O ponto principal deste versículo é que toma-se inconsistente apegar-se à fé cristã e ao mesmo tempo demonstrar parcialidade.

2. Agora o escritor cita uma ilustração para reforçar a idéia. Um homem rico com **anéis de ouro** e muito bem vestido e um homem **pobre andrajoso** (*maltrapilho*) entram na assembleia (*synagoge*). O uso desta palavra para o lugar de reunião dos cristãos tem dado lugar a muitas conjecturas sobre o autor e leitores da epístola; mas como diz Blackman, "deve-se lembrar que as duas palavras *synagoge* e *ekklesia* são sinônimos aproximados, e pode-se imaginar que *synagoge* e não *ekklesia* é que deve ter se transformado no termo regular para a igreja propriamente dita. Assim é possível que a palavra fosse usada por Tiago aqui como sobrevivência dos tempos quando o seu uso era normal" (*The Epistle of James*, pág. 77). O autor usa *ekklesia* em 5:14.

3. O homem rico recebe tratamento preferencial. Recebe o melhor lugar (*kalos*). Há uma possibilidade de que *kalos* possa ser traduzido para "por favor". Em qualquer um dos casos o rico recebe tratamento especial, enquanto o pobre recebe ordem abrupta para ficar de pé, ou na melhor das hipóteses, assentar-se no chão **abaixo do estrado**, isto é, em um lugar humilde.

4. O verbo traduzido, **não fizestes distinção . . . ?** está na voz passiva e deveria ser traduzido, "você não estão impondo linhas divisórias?" A divisão está "entre a profissão e a prática, entre a profissão da igualdade cristã e a deferência prestada à posição e à riqueza" (Richard Knowling, *The Epistle of St. James*, pág. 44). Por meio de tal atitude revelam-se juízes **tomados** (não de) **de perversos pensamentos**, isto é, juízes com falsos valores.

5. Aqueles que concedem tratamento especial ao rico deixam de considerar que **escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para**

**serem ricos em fé, e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam.**

6. Outro motivo porque é inconsistência mostrar favor especial aos ricos é que foram justamente eles que perseguiram os cristãos. **Tribunais** é uma referência às cortes judias que eram autorizadas e reconhecidas pela lei romana.

7. O ponto alto do argumento de Tiago contra o favorecimento dos ricos é que **blasfemam o bom nome**. Não é o nome de "cristão" que eles blasfemam mas o nome de Jesus Cristo, **o bom nome que sobre vós foi invocado**.

8. A **lei régia** está ligada à declaração de 2:5, onde Tiago lembra seus leitores de que Deus escolheu os pobres para serem os **herdeiros do reino**. A lei régia, então, é para os que pertencem ao reino de Deus. Traduzindo o particípio grego *mentoi* para "realmente", destaca exatamente que Tiago acha que os seus leitores, demonstrando parcialidade para com os ricos, não estão cumprindo esta lei.

9. Pois o amor não faz **acepção de pessoas**. Na verdade, a parcialidade é **pecado**. A **lei** aqui não é a lei do V.T. (embora Lv,19:15 trate da parcialidade), mas o *didake*, todo o espírito daquilo que é contrário à parcialidade.

10. A idéia da solidariedade da lei encontra-se nos escritos rabínicos (cons. SBK, III, 755). Tiago adota esta idéia mas a batiza em Cristo. A. Cadoux escreve: "Tiago olha para a lei, não como se fosse um número de injunções, mas como um relacionamento pessoal. . . não como um exame, onde nove respostas certas garantem a aprovação, apesar da errada, mas como uma amizade, onde cem atos de lealdade não podem ser colocados contra uma traição" (*The Thought of St. James*, pág. 72). Esta idéia está intimamente associada com o conceito cristão da comunhão com Cristo. Transgressão de um preceito da regra cristã de fé é uma brecha no todo, porque interrompe a comunhão com o objeto da fé.



11. A ordem dos dois mandamentos citados (o sétimo antes do sexto) deve-se provavelmente à ordem da LXX no Códex Alexandrino. Se este é o motivo, então interpretações sutis deste versículo ficam excluídas. Ele simplesmente reforça com exemplo específico o que o autor disse através de um princípio geral no versículo anterior.

12. Agora Tiago chega ao resumo de sua exortação. Os crentes devem falar e agir (com referência especial ao comportamento em relação aos pobres) **como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade**. Há um juízo para o cristão, e será com base no seu relacionamento com o padrão ético cristão, a lei que liberta os homens, aceita sem compulsão (cons. Rm. 14:10; II Co. 5:10).

13. Este versículo é uma advertência que Deus não mostra misericórdia para com aqueles que não são misericordiosos (cons. Mt. 18:21-35). E, inversamente, **a misericórdia triunfa sobre o juízo**, isto é, o juízo de Deus é impedido por meio de atos de misericórdia.

### VIII. Fé e Obras. 2:14 -26.

Esta é a mais conhecida e mais debatida passagem da epístola. Estes versículos, mais do que quaisquer outros, levaram Martinho Lutero a descrever este livro como "urna epístola que não passa de palha". A maior pane das dificuldades na interpretação de 2:14-26 surgiram por não se entender que: 1) Tiago não estava refutando a doutrina paulina da justificação pela fé, mas antes uma perversão dela. 2) Paulo e Tiago usaram as palavras **obras** e **justificação** em sentidos diferentes. Estes serão discutidos no comentário.

14. A resposta que as duas perguntas deste versículo aguardam é um "não!" sonoro. É importante que se note que a fé em discussão é a fé nominal ou espúria. Isto fica claro através de 1) a declaração, **se alguém disser que tem fé**, e 2) o uso do artigo definido com a palavra fé na última cláusula (**Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?**). É apenas uma falsa fé que não resulta em obras e que é incapaz de salvar. Por **obras** Tiago não tem em mente a doutrina judia das obras como meio de

salvação, mas antes obras da fé, o resultado ético da verdadeira piedade e especialmente a "obra do amor" (cons. 2:8).

**15,16.** Cita-se agora um exemplo. O "mal-vestido" e o faminto é um irmão ou irmã, isto é, um membro da comunidade cristã. O irmão necessitado é despedido com estas palavras vazias, **Ide em paz, aquecei-vos, e fartai-vos**, sem ao menos levantar a mão para atender às suas urgentes necessidades. Tiago pergunta com indignação: "De que adianta isso?" (Phillips). O movimento do singular para o plural (vós) pode indicar que "Tiago considera todos os membros da irmandade responsáveis por essas observações insensíveis ainda que uma só pessoa as tenha pronunciado" (Tasker, *op. cit.*, pág. 64).

**17.** A fé sob discussão, que não é fé afinal de contas, além de ser inútil e inaceitável, é **morta**. A fé que não se preocupa, através de participação ativa, com as necessidades dos outros não é fé nenhuma.

**18.** As dificuldades neste versículo surgem do fato de o manuscrito grego antigo não conter sinais de pontuação. Apresenta-se o objetante com **mas alguém dirá**, uma forma muitas vezes encontrada em sermões pregados nas antigas sinagogas (cons. A. Marmorstein, "The Background of the Haggadah" *Hebrew Union College Annual*, VI (1929), pág. 192). Quantas palavras do versículo devem ser consideradas como parte da objeção fica em aberto, mas provavelmente é melhor apenas incluir, **Tu tens fé e eu tenho obras**. Tiago refuta esta tentativa de separar a fé e as obras com o desafio: **Mostra-me essa tua fé sem as obras**. Certamente ele crê que isto é impossível.

**19.** Crença na unidade de Deus (**que Deus é um só**) era artigo fundamental do credo dos judeus. Tiago assegura que tal crença é boa. Entretanto, se tal crença estiver carente de feitos, não ultrapassa a fé dos demônios. Eles, também, são monoteístas, mas isto apenas os faz estremecer (**tremem**), presumivelmente à vista do juízo de Deus (cons. Mc. 5:7; Mt. 8:29).

**20.** Tiago atinge um novo ponto em sua argumentação com as palavras, **Queres . . . ficar certo**. Agora ele está pronto a acrescentar

argumentos escriturísticos para apoiar seu exemplo de fé operante. Moffatt traduz *ó homem vão* (E.R.C.) mais incisivamente, *Você, sujeito insensato*. A E.R.A. segue a tradução **inoperante** em vez de **morta** da E.R.C., e com razão, porque a última é o resultado da harmonização com 2:26. *Arge (inoperante)* neste contexto, provavelmente seria melhor compreendida como significando "que não produz salvação".

**21.** O exemplo escriturístico apresentado é **o nosso pai Abraão**. Que ele foi considerado o antepassado de todos os cristãos verdadeiros está claro em Gl. 3:6-29. O uso da palavra **justificado** aqui não deve ser confundido com o uso que Paulo faz do termo em relação a Abraão (cons. Rm. 4:1-5). Paulo aponta para a justificação inicial de Abraão quando ele "creu em Deus, e isto lhe foi imputado por justiça" (cons. Gn. 15:6). Tiago está se referindo a um acontecimento que teve lugar muitos anos mais tarde, quando Abraão foi instruído a oferecer o seu filho Isaque. Através desse ato ele demonstra a realidade da experiência de Gênesis 15.

**22.** A vida de Abraão assim exemplifica notavelmente a impossibilidade de separar a fé das obras, ou vice-versa (cons. 2:18). No seu caso as duas andam de mãos dadas. As obras produzem o aperfeiçoamento da fé.

**23.** No ato de obediência de Abraão **se cumpriu a Escritura** (Gn. 15:6). **Amigo de Deus** era um título geralmente aplicado a Abraão (cons. Is. 41:8; II Cr. 20:7; também o extra-canônico dos Jubileus 19:9; 30:20; Testamento de Abraão, diversos lugares).

**24.** Este versículo é a resposta conclusiva à pergunta do versículo 14. Uma fé estéril, improdutiva, não pode salvar um homem. A verdadeira fé há de se demonstrar nas obras, e só uma fé assim produz justificação.

**25.** O segundo exemplo escriturístico de Tiago contrasta notavelmente com Abraão. **Raabe** era mulher, gentia e prostituta. Foi escolhida para mostrar que o argumento de Tiago abrangia uma vasta escala de possibilidades (por isso o uso de *kai* com *he porne*, "mesmo

sendo prostituta"). Ela, tal como Abraão, evidenciou sua justificação através da ação (cons. Js. 2:1-21).

26. A declaração que conclui os ensinamentos de 2:14-26 mostra que a relação entre a fé e as obras é tão íntima quanto a do corpo como espírito. A vida é o resultado da união em ambos os exemplos. Quando os dois elementos estão separados, resulta a morte. "A fé falsa é virtualmente um cadáver" (F. J.A. Hort, *The Epistle of St. James*, pág. 45).

## Tiago 3

### IX. A Língua. 3:1-12.

1. A questão do falar é um dos assuntos de mais destaque neste livro (cons. 1:19, 26; 4:11, 12; 5:12). Esta, entretanto, é a passagem clássica, e está endereçada aos **mestres**. Primeiro Tiago adverte seus leitores de que não devem ficar muito ansiosos para ensinar, por causa da responsabilidade que envolve.

2. Considerando que o mestre usa palavras constantemente, esta é uma área especialmente perigosa para ele. **Troçamos em muitas coisas**, mas os erros mais difíceis de evitarmos são aqueles que envolvem a língua. Assim, o homem que consegue controlar a sua língua é cognominado de **perfeito varão**. Tendo domado o membro mais rebelde, ele é **capaz de refrear também todo o seu corpo**.

3. "O mesmo acontece com os homens e os cavalos: controle-se suas bocas e vocês serão senhores de toda sua ação" (Ropes, *op. cit.*, pág. 229). Davi, no Sl. 39:1, usa a figura de um freio em relação ao controle da fala.

4. Esta outra ilustração aponta para o poder da língua. Ela é como um pequeno **leme** que controla um grande navio. O que a frase, **e batidos de rijos ventos**, quer dizer não está muito claro a não ser que o e seja interpretado como "mesmo quando". Então o significado seria que o leme vira o navio mesmo durante as tempestades ferozes.

5. Do poder de governar ou controlar a língua, o autor agora passa para o seu poder destrutivo. Ela pode ser **um pequeno órgão, mas vangloria-se de grandes coisas**. E a sua glória tem razão de ser! Uma pequena fagulha pode incendiar toda uma floresta.

6. Tasker (*op. cit.*, pág. 76) considera **mundo de iniquidade** como significando "todas as características más de um mundo decaído, sua cobiça, sua idolatria, sua blasfêmia, sua concupiscência e sua avareza voraz". Tudo isto encontra expressão através da língua, e conseqüentemente **contamina o corpo inteiro**. A língua também **põe em chamas toda a carreira da existência humana**. Hort diz que esta é uma das mais difíceis frases da Bíblia. Embora a frase provavelmente seja técnica, com sua origem fora da Palestina, Tiago a usa aqui em um sentido não técnico, significando "toda a existência humana". Este tremendo poder para o mal possuído pela língua vem diretamente do **inferno** (*Geena*).

7,8. A ordem de Deus ao homem (Gn. 1:26) para dominar os peixes do mar, etc. tem sido executada com sucesso, **a língua porém, nenhum dos homens é capaz de domar**. Mas é claro que Deus pode domá-la! **É um mal incontido**. Embora **carregado de veneno mortífero** o Senhor a tem controlado nas vidas de muitos, resultando em grandes bênçãos para a humanidade.

9,10. A língua também é inconsistente. Ela é usada para realizar seus mais altos propósitos, isto é, para bendizer a Deus, mas também é usada para maldizer os homens. Tal inconsistência, especialmente no caso dos cristãos (**meus irmãos**), **não é conveniente que estas coisas sejam assim**.

11,12. As ilustrações da fonte e da figueira mostram que "tal incongruência de comportamento é uma revolta contra a natureza, onde tudo prossegue ordenadamente no seu curso para o bem ou para o mal" (B.S. Easton, *The Epistle of James*, pág. 48).

## X. As Duas Sabedorias. 3:13-18.

13. Embora toda a Epístola de Tiago seja uma literatura sobre a Sabedoria, esta (*sophia*) só foi expressamente mencionada nesta passagem e em 1:5. É importante que a idéia judia (não grega) sobre a sabedoria seja mantida em mente. Hort define a sabedoria em Tiago como "a capacitação do coração e mente necessária para uma conduta justa" (*op. cit.*, pág. 7). **Sábio** (*sophos*) é o termo técnico para mestre, e **entendido** (*epistemon*) para o conhecimento especial. Através do **condigno proceder o sábio** deve demonstrar **em mansidão de sabedoria suas obras...** O orgulho do conhecimento sempre tem sido o pecado costumeiro dos mestres profissionais.

14. O orgulho do conhecimento no caso dos leitores de Tiago deu vazão à **inveja amargurada** e *ambição egoísta*, que resultou na vanglória (**nem vos glorieis**), sendo assim **contra a verdade**. O autor não quer dizer aqui que os mestres estivessem se apartando da doutrina ortodoxa, mas antes que pela sua vida inconsistente eles estavam mentindo contra a verdade do Evangelho.

15. Esta "falsa" sabedoria está caracterizada não como **a sabedoria que desce lá do alto**, isto é, não tem a sua origem em Deus (cons. 1:5). Pelo contrário é **terrena, animal e demoníaca**. "Estas três palavras. . . descrevem a falsa sabedoria, que não tem origem divina, numa seqüência crescente – pertence à terra, não ao mundo de cima; à mera natureza, não ao espírito; e aos espíritos hostis do mal e não de Deus" (Ropes, *op. cit.*, pág. 248).

16. A conjunção **pois** indica que o que vem a seguir é a prova do que se acabou de dizer. Falsa sabedoria produz **confusão (perturbação, E.R.C.)** – provavelmente uma referência a discussões na igreja – e **toda espécie de cousas ruins**. Deus não é um Deus de confusão (I Co. 14:33), nem simpatizante do mal (I Jo. 1:5). Portanto, uma "sabedoria" que provoca uma situação como essa não pode vir de Deus.

17. Em contraste fica **a sabedoria lá do alto**. É o dom de Deus; é sabedoria prática, sabedoria que preserva a unidade e a paz. Por causa

dos seus atributos – **pura, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento** – alguns comentadores concluíram que a sabedoria aqui é na realidade Cristo. À luz da antiga identificação de Cristo com a Sabedoria de Deus, não parece ser impossível.

**18.** O fruto da justiça provavelmente significa "o fruto que é a justiça". A declaração então faz um contraste com 1: 20: A ira do homem não produz a justiça de Deus. Esta última é adquirida pelos pacificadores que semeiam a paz.

## **Tiago 4**

### **XI. O Mundo e Deus. 4:1-10.**

**1. Guerras e contendas** foram sugeridas em contraste com a paz do versículo precedente. Tiago tinha em mente não as guerras entre as nações mas as discussões e divisões entre os cristãos. A fonte destas encontra-se em vossos deleites (*hêdonôn*, que realmente significa prazeres E.R.A.) que nos vossos membros guerreiam (E.R.C.).

**2.** *Vocês querem e não têm; então vocês matam. E vocês cobiçam e não conseguem obter; então vocês lutam e travam guerras.* Não é necessário amenizar ou corrigir a tradução **matais**. Ropes tem razão quando diz: "Tiago não está descrevendo a condição de alguma comunidade em especial, mas está analisando o insultado da escolha dos prazeres em lugar de Deus" (*op. cit.*, pág. 255). Assim a força é quase condicional, "Se vocês desejam . . . Se vocês cobiçam..." Um dos motivos porque seus desejos (neste caso, os legítimos) não estavam se realizando era porque não pediam a Deus, que é o único que pode satisfazer os desejos humanos.

**3.** O segundo motivo se encontra na motivação inaceitável daqueles que pedem – **para esbanjardes em vossos prazeres**. A condição essencial de toda oração se encontra em I Jo. 5:14: "Se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve."

**4. Adúlteros** da E.R.C, não se encontra nos melhores manuscritos e por isso deve ser omitido. O fato de Tiago se dirigir a seus leitores chamando-os de **adúlteras** (E.R.C.), à moda dos profetas do V.T, que falavam de Israel como sendo a esposa de Jeová (cons. Is. 54:5; Jr. 3:20; Ez. 16:23; Os. 9:1, etc.), é forte evidência de que o autor era judeu e os leitores também. Manter **a amizade** com o **mundo** é "ter boas relações com pessoas, poderes e coisas que são pelo menos indiferentes para com Deus, caso não sejam abertamente hostis" (Ropes, *op. cit.*, pág. 260), e assim é estar em *inimizade contra Deus*.

**5.** Uma outra razão porque um cristão não pode ser amigo do mundo está nas Escrituras. Há um grupo de possíveis traduções para as palavras que se seguem, mas acompanhando o contexto de uma determinada tradução, Deus e não o **Espírito** é o sujeito do verbo: *Ele se entenece com ciúmes pelo Espírito que colocou em nós para habitar*. Deus é um Deus zeloso (cons. Êx. 20:5 ; 34:14; Dt. 32:16; Zc. 8:2; I Co. 10:22), e portanto não há de tolerar uma fidelidade dividida. Nenhuma passagem específica do V.T, contém as palavras deste versículo, mas muitas passagens expressam sentimento semelhante.

**6.** As dificuldades em se viver para Deus dedicadamente num mundo mau são muitas, mas Ele **dá maior graça**, a qual aqui parece significar "ajuda gratuita". E essa ajuda gratuita Deus põe à disposição, como diz Pv. 3:34, não para os **soberbos**, pessoas auto-suficientes, mas para os **humildes**, homens dependentes.

**7.** A chamada **sujeitai-vos, portanto, a Deus** (o primeiro dos oito imperativos imediatos) segue-se logicamente à promessa da graça para os humildes. Calvino observa inteligentemente: "Submissão é mais do que obediência; ela envolve humildade". O diabo, inimigo de Deus, deve ser enfrentado com resistência e, então, **ele fugirá de vós** (cons. Mt. 4:1-11). Estes são dois importantes passos na fuga ao pecado do mundanismo.

**8.** Os imperativos continuam com **chegai-vos a Deus**. Comunhão íntima com Deus assegura Sua amizade (**e ele se chegará a vós**) e aparta



do mundo. Que o mundanismo é pecado está pitorescamente comprovado pelos imperativos seguintes: **Purificai as mãos**, uma referência à conduta visível; **limpai o coração**, uma referência às motivações do íntimo. Um homem de **ânimo dobre** se caracteriza pela lealdade dividida. E de acordo com esta passagem, o mundanismo é, basicamente, lealdade dividida. O famoso ensaio de Kierkegaard, "Pureza de Coração é Desejar uma Só Coisa", teve origem neste versículo.

9. Aqui está um chamado ao arrependimento diante do pecado grave. **Afligi-vos**, isto é, "sintam-se miseráveis" (cons. Rm. 7:24), **lamentai e chorai**. Estas atitudes são mais condizentes do que o **riso** e a **alegria** (isto é, frivolidade e a leviandade do mundo) à vista das circunstâncias. **Tristeza** (melancolia) "é a expressão abatida e mansa daqueles que estão envergonhados e arrependidos" (Moffatt, *op. cit.*, pág. 64).

10. Tiago retorna à sua exortação inicial na série (4:7) com as palavras, **humilhai-vos**. A promessa se emparelha com elas, **e ele vos exaltar**á.

## **XII. Julgando. 4:11, 12.**

11. Novamente o autor volta ao assunto do abuso da linguagem. Nesta passagem parece que os interesses do irmão e da lei se identificam. Falar mal do irmão ou julgá-lo é falar contra a lei e tomar-se juiz da lei.

12. Superioridade à lei pertence a Deus somente. Ele é o **Legislador** e **Juiz**, e nas mãos dEle estão as questões da vida e morte. À vista disto, Tiago pergunta, **quem és, que julgas ao próximo?**

## **XIII. Autoconfiança pecaminosa. 4:13-17.**

13. A atitude dos negociantes aqui descritos é outra expressão do mundanismo que produz o afastamento de Deus. Os mascates mencionados eram judeus que tinham um comércio lucrativo por todo o mundo mediterrâneo. São descritos fazendo planos cuidadosos para suas

empreitadas comerciais e declarando: **Hoje, ou amanhã, iremos para a cidade tal**, etc.

14. Nada há de mau em tal planejamento propriamente dito. Entretanto, os planejadores ignoravam dois pontos. O primeiro é a limitação dos seres humanos, o que limita seu conhecimento – **não sabeis o que sucederá amanhã**. O segundo é a incerteza da vida, a qual Tiago compara à neblina, ou à fumaça.

15. Um homem cristão, ao fazer os seus planos, deve reconhecer a sua dependência de Deus e dizer, *Deo volente*, **se o Senhor quiser**.

16. Mas o reconhecimento da dependência de Deus não era o caso entre os leitores de Tiago. Antes, eles se gloriavam presunçosamente (**vos jactais das vossas arrogantes pretensões**). Tiago denuncia a gabolice como um mal.

17. Uma advertência final para os negociantes autoconfiantes. Eram cristãos. Portanto sabiam que a humildade e dependência de Deus são essenciais na vida cristã. Saber e não fazer, *é pecado*.

## Tiago 5

### XIV. Julgamento dos Ricos Inescrupulosos. 5:1-6.

1. Os **ricos** aqui mencionados não são cristãos, mas, apesar disso, a advertência se aplica a todos os homens, inclusive cristãos. Tiago é consistente com os ensinamentos do N.T. em geral em atacar os ricos não apenas porque são ricos, mas porque fracassaram em sua mordomia. O *chorar* e *prantear* não são sinais de arrependimento mas expressões de remorso em face do juízo.

2. Ambos os verbos deste versículo e o primeiro verbo do versículo seguinte estão no tempo perfeito. Ropes os descreve habilmente como "declarações pitorescas e figurativas da verdadeira inutilidade desta riqueza à vista daquele que conhece o valor do que é permanente e eterno" (*op. cit.*, pág. 284). A riqueza deve ser usada para bons propósitos, não entesourada.

3. A ferrugem da riqueza acumulada será uma testemunha contra os ricos, porque Deus quer que a riqueza seja usada para o bem da humanidade. Ela também destruirá os próprios ricos – **há de devorar, como fogo, as vossas carnes**. A frase, **para os últimos dias** (E.R.C.) provavelmente deveria ser mudada para **nos últimos dias** (E.R.A.). Ela aponta para o fato que, embora os ricos não o percebam, os últimos dias já chegaram.

4. Outro pecado dos homens ricos era o defraudar cruel dos pobres lavradores. Esta atitude era particularmente séria porque era explicitamente contrária à lei de Moisés (cons. Dt. 24:14, 15). Deus, que aqui é chamado de **Senhor dos exércitos**, um título que sugere Sua onipotência soberana, não ficava desatento diante desta injustiça. Seus ouvidos estavam abertos aos gritos dos pobres trabalhadores.

5. O terceiro pecado dos ricos era o seu luxo e prazeres. Vida extravagante não passava de uma engorda para o **dia de matança**. Esta frase foi extraída de Jeremias (12:3). No período intertestamentário (cons. I Enoque 94:9) assumiu um significado escatológico, e nesta passagem foi usado com referência ao dia do juízo.

6. O homem **justo** não é Jesus mas o pobre (generalizadamente), que foi tratado sem misericórdia pelos ricos. Moffatt (*op. cit.*, pág. 70) indica que a palavra **matado** tinha um significado mais amplo, na ética judia, do que tem agora. Particularmente relevantes são as declarações do Eclesiástico apócrifo 34:21, 22: "O pão do necessitado é a vida do pobre; qualquer um que os priva dele é um homem de sangue. Privar o próximo do seu ganha-pão é assassiná-lo; deixar de pagar o salário a um empregado é derramar sangue". Aqui a referência em Tiago foi feita provavelmente aos "homicidas judiciais", uma vez que a declaração começa dizendo **condenado**. Pessoas pobres são arrastadas para os tribunais (cons. Tg. 2:6) e nada podem fazer para se defender. Ficam completamente à mercê dos ricos inescrupulosos. Apesar de todos esses maus tratos, o pobre não resiste.

**XV. Paciência até a Volta de Cristo. 5:7-11.**

7. Tiago agora deixa de lado o fisco mau e passa a aconselhar o pobre oprimido. Suas instruções são no sentido do pobre suportar com paciência sua situação econômica e social à vista da iminente volta, do Senhor. Não há nenhuma sugestão aqui de subversão. Como exemplo de alguém que deve exercitar a paciência, Tiago cita o caso do lavrador que espera o **precioso fruto da terra**. Na Palestina, **as primeiras . . . chuvas** (outubro/novembro) vinha depois da sementeira e **as últimas chuvas** (abril/maio) quando os campos já estavam amadurecendo. Ambas eram de suma importância para o sucesso da colheita.

8. Do mesmo modo o cristão, diz Tiago, não deve perder a paciência diante das adversidades, mas deve estabelecer firmemente o seu coração à vista do fato de que **a vinda do Senhor está próxima**.

9. As adversidades causam tensões, e estas se expressam nos relacionamentos humanos. Por isso Tiago adverte, **não vos queixeis uns dos outros**. Tal atitude os coloca em perigo de julgamento, e o juiz está às portas dos pobres.

10,11. Além dos lavradores, também, os profetas são citados como exemplos de **sofrimento e paciência**. É estranho que o exemplo de Cristo não fosse aqui citado como em I Pé. 2:21-23. Jó era tradicionalmente considerado um profeta, e aqui foi explicitamente citado como um exemplo de perseverança. Este é o único lugar do N.T., onde Jó foi mencionado. O ponto principal da ilustração de Jó é que "a paciente perseverança mantém-se sobre a convicção de que as dificuldades não são sem significado, mas que Deus tem alguma finalidade e propósito nelas, o que Ele há de realizar..." (Moffatt, *op. cit.*, pág. 74).

**XVI. Juramentos. 5:12.**

12. Duvidamos que este versículo tenha alguma ligação com o precedente. **Acima de tudo** é, provavelmente, uma hipérbole para o bem da ênfase. O assunto em discussão não é a irreverência, mas a

honestidade. Easton faz uma paráfrase do versículo: "Abstenham-se de todos os juramentos, pois eles enfraquecem o senso de obrigação do homem de falar a verdade em todas as ocasiões; habituem-se a um simples "sim" ou "não" (op. cit., pág. 69).

### XVII. Oração. 5:13-18.

**13. Sofrendo** (sujeito a calamidade de qualquer tipo). A aflição exige oração; um coração alegre, louvor. **Cante louvores.** A tradução *salmos* é demasiado limitada para *psalleteo*.

**14.** Em caso de séria enfermidade, Tiago aconselha, que os presbíteros (uma referência a oficiais definidos) da igreja deveriam ser chamados. Suas orações deveriam ser acompanhadas da unção **com óleo em nome do Senhor.** Em alguns casos o azeite tem valor terapêutico, mas na maioria dos casos o seu uso deve ser antes compreendido como um socorro à fé.

**15.** Está claro neste versículo que não é o azeite que cura o doente, mas antes o Senhor é que o levanta em resposta da **oração da fé.** Isto não é uma sugestão de que Deus sempre atende a oração do crente. Toda oração, inclusive a oração pela cura, fica sujeita à vontade de Deus. Às vezes, é claro que não é sempre, a doença é o resultado do pecado pessoal. Talvez isto é o que se quis dizer com **se houver cometido pecados.** De qualquer maneira, o doente tem a certeza do perdão dos pecados.

**16.** A oração, para ser mais eficaz, deve ser inteligente. Por isso encontramos a exortação, **confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros.** Isto não quer dizer que os cristãos devem entregar-se a confissões públicas indiscriminadas ou mesmo particulares. E certamente a passagem nada tem a ver com as confissões secretas feitas a um sacerdote. Os crentes devem confessar suas faltas apenas para que possam orar **uns pelos outros.** Não tem havido unanimidade quanto à tradução da última parte deste versículo, mas o significado é claro: um homem bom tem grande poder em suas orações.

**17.** O exemplo é Elias, **homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos.** Suas orações provocaram a seca e acabaram com ela. Tiago parece ter extraído o exemplo de alguma outra fonte que não o V.T., uma vez que as orações de Elias quanto à seca e o seu fim não são mencionadas na narrativa do V.T. A duração da seca por três anos e meio também não se encontra no V.T.

### **XVIII. Regenerando o Irmão Pecador. 5:19, 20.**

**19.** A declaração, **Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade,** e as duas referências a sua regeneração, parecem indicar claramente que o homem em questão é um cristão.

**20. Converte** não é o termo exato. Se um cristão vê que o seu irmão abandonou as doutrinas da fé cristã e as responsabilidades morais que delas brotam, e tem a possibilidade de trazê-lo de volta para a comunhão com Cristo e Sua Igreja, as conseqüências são duplas: 1) **salvará da morte a alma dele** (a do pecador), e 2) **cobrirá multidão de pecados.** Uma vez que o N.T. ensina a segurança do crente em Cristo, é melhor aceitar a referência feita à morte como sendo a morte física. A igreja primitiva cria e ensinava que a persistência no pecado pode causar a morte física prematura (cons. I Co. 11:30). Os pecados cobertos não são os do reconciliador (isto sugere a doutrina judia que as boas obras contrabalançam as más) mas do desviado. Eles ficam cobertos diante de Deus, que é apenas outra maneira de dizer que foram perdoados.

# 1 PEDRO

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5

### INTRODUÇÃO

**O Escritor.** Esta carta pretende ser escrita pelo apóstolo Pedro (1:1). O autor também se intitula um ancião e testemunha dos sofrimentos de Cristo (5:1). Ele escreve com a ajuda de um Silvano (5:12) e fala de um Marcos que está com ele (5:13).

Ao tratar com qualquer manuscrito antigo, presume-se de início que o escritor é inteligente e honesto. Suas declarações sobre assuntos aparentemente dentro do seu âmbito de conhecimento, e particularmente qualquer afirmação sobre si mesmo e suas atividades, são consideradas dignas de crédito. A dita obra literária é estudada então em busca de consistência interna, e as obras de autores contemporâneos e posteriores são esquadrihadas em busca de referências diretas a este autor ou à sua obra e de possíveis alusões à mesma, citações dela, ou quaisquer outras evidências de conhecê-la. A pressuposição original de autenticidade e exatidão não se altera até que estes estudos adicionais revelem qualquer evidência que force o contrário.

Com referência às Escrituras Sagradas, há para os mestres cristãos um outro fator importante que opera em seus estudos. A igreja histórica sempre tem crido firmemente que as obras canônicas, além de serem o resultado do registro cuidadoso de homens honestos, também personificam o elemento do milagre divino; elas são "inspiradas por Deus" (II Tm. 3:16), e algumas vezes até chegam a transcender a compreensão dos seus autores humanos (I Pe. 1:10-12).

I Pedro declara explicitamente que foi escrita pelo apóstolo Pedro, e parece que não houve considerações sobre o conteúdo ou estilo que

possam refutar tal reivindicação. Na verdade, ela contém declarações aqui e acolá que fortemente fazem lembrar expressões de Pedro conforme registradas em Atos. A referência que o escritor faz ao Pai como juiz que julga "Sem acepção de pessoas" (1:17) faz lembrar as palavras de Pedro a Cornélio e ao grupo de gentios na casa dele (Atos 10:34). A alusão a Deus como tendo ressuscitado Cristo dos mortos (I Pe. 1:11, 21, e outras) faz lembrar que o apóstolo foi uma das testemunhas características da ressurreição em Atos (2:32; 3:15; 10:40). E a proclamação de Cristo como a "principal pedra de esquina" profeticamente vista por Isaías, em I Pe. 2:7,8, assemelha-se muito às palavras de Pedro ao Sinédrio em Atos 4:11.

Mestres têm apontado para a semelhança com as obras paulinas (Harnack achava que I Pedro era demasiadamente imbuída do espírito do Cristianismo paulino para ser obra de Pedro), a relação da epístola com Tiago e sua indubitável afinidade com Hebreus. Mas outros mestres, principalmente Dr. Charles Bigg (*St. Peter and St. Jude, no International Critical Commentary*), argumentam que tais semelhanças podem ser interpretadas como reflexo de Pedro nesses outros escritos tanto quanto o inverso, que podem muito bem ser consideradas como pontos de vista e modo de falar comuns entre os cristãos dos tempos apostólicos, e que nada existe no fato que lance dúvidas sobre a individualidade do escritor de I Pedro ou que indique que este escritor não seja o apóstolo Pedro, conforme indica o primeiro versículo da epístola.

As referências à perseguição e sofrimento, tão destacadas em I Pedro, foram estudadas mais detalhadamente pelos mestres para verificar como correspondem ao que se conhece da história das perseguições dos cristãos primitivos. Dr. S.J. Case ("Peter, Epistles of", em HDAC) destaca três ondas principais nas perseguições primitivas: durante os reinados de Nero (54-68 A.D.), Domiciano (81-96 A.D.) e Trajano (98-117 A.D.). Ele segue os mestres que consideram I Pedro refletindo não apenas um estágio avançado e severo de perseguição, mas uma



perseguição que se espalhou às províncias da Ásia Menor mencionada em I Pe. 1:1.

Referindo-se à correspondência de Plínio com o imperador Trajano, a qual versava sobre o castigo imposto aos cristãos durante o domínio de Plínio (que começou em 111 A.D.) sobre Ponto e Bitínia, duas das províncias às quais I Pedro foi dirigida, Case a considera como o cenário que melhor corresponde às declarações de I Pedro sobre perseguição. Para seguir esta linha de raciocínio até a conclusão, colocando a origem desta epístola durante o reinado de Trajano, seria tarde demais para ser obra de S. Pedro. O próprio Dr. Case, à vista das outras linhas de evidência, não adota esta conclusão.

Outros mestres interpretam I Pedro como uma advertência antecipada contra a perseguição que se aproximava, para a qual as coisas já estavam se movimentando. Bigg destaca que as perseguições primitivas foram grandemente inspiradas pelo Sinédrio judeu, mas que os romanos logo perceberam que ali estava um tipo de vida incompatível com o paganismo, o qual, do seu ponto de vista, tinha de ser impedido. A perseguição de Paulo e Silas em Filipos parece que foi nesta base e sem instigação judia. Os missionários prejudicaram o "ganha-pão dos adivinhos pagãos. E a lei romana protegia o direito de cada homem de ganhar o seu pão sem interferência.

Dr. Bigg sente que I Pedro pertence a este estágio precoce da oposição pagã, antedatando até mesmo a perseguição de Nero que se seguiu ao incêndio de Roma (64 A.D.), do qual Nero acusou os cristãos. Certamente esta data precoce não é impossível nem irracional, e harmoniza-se melhor com a reivindicação da autoria de Pedro para a epístola. Isto não significa, é claro, que as cartas de Plínio a Trajano não contenham itens que nos ajudem grandemente em nosso estudo da perseguição conforme vista em I Pedro.

Evidências externas apóiam fortemente a autenticidade desta epístola. Embora Irineu (130-216 mais ou menos) fosse o primeiro que conhecemos a citar Pedro pelo nome, os mestres do Novo Testamento

encontraram alusões a Pedro e seus paralelos na Epístola de Barnabé (cerca de 80 A.D.), na obra de Clemente de Roma (95-97 A.D.), no *Pastor de Hermas* (começo do segundo século) e nas posteriores obras patrísticas. Policarpo, que sofreu o martírio em 155 AD., cita I Pedro, embora sem mencionar o nome do seu autor.

Eusébio (cerca de 324 A.D.) diz que Papias (que escreveu em cerca de 130-140A.D.) "usou o testemunho da primeira epístola de João e semelhantemente de Pedro" (*Ecclesiastical History*, 3.39.17). Ele coloca I Pedro entre os livros aceitos sem dúvidas por toda a igreja. Mais ainda, I Pedro encontra-se na versão siríaca da Bíblia chamada Peshita, e nas versões cóptica, etíope, armênia e árabe. Suas confirmações externas são realmente fortes e corroboram a reivindicação desta epístola ser da autoria do apóstolo Pedro.

**Época e Lugar.** A época e o lugar quando e onde I Pedro foi escrita, admitindo sua autoria petrina, estão intimamente relacionadas. 5:13 dá a impressão de que a epístola foi escrita na "Babilônia". Havia uma colônia de refugiados assírios com este nome no Egito, no lugar onde está hoje localizada a moderna Cairo. Mas durante o primeiro século não passava de um posto militar, e a tradição não apóia que Pedro tenha morado ali.

Sabe-se que a Babilônia sobre o Eufrates abrigou uma congregação judia em 36 A.D., e durante o Pentecostes havia judeus da Babilônia em Jerusalém. É bem possível que tenha havido ali uma igreja cristã subseqüentemente. Mas lá pelo fim do reinado de Calígula (41 A.D.) a colônia judia da Babilônia foi dispersa por violenta perseguição e massacre. Parece bastante improvável que esta epístola fosse escrita de lá.

Há uma antiga e forte tradição que defende a residência de Pedro em Roma durante a última parte de sua vida. Esta idéia era generalizadamente defendida por toda a igreja antes da Reforma. Não é impossível, entretanto, que os reformadores, quando insistiram na Babilônia Assíria ao interpretar a referência de Pedro em I Pe. 5:13, fossem motivados parcialmente pela sua oposição às declarações de que

o papado romano descendia de Pedro. Mas o uso simbólico dos nomes do V.T. para cidades conhecidas era bem próprio dos tempos apostólicos. Paulo comparava Jerusalém com Hagar e o Monte Sinai (Gl. 4:25). Em Ap. 11:8 Jerusalém é chamada de "Sodoma e Egito", e em Ap. 17:18 está claro que a senhora de escarlate denominada "Babilônia" é uma referência à Roma. Para os destinatários de I Pedro, que deveriam saber imediatamente, através do remetente, de onde vinha a carta, não haveria problemas sobre esta discretamente velada referência à Roma.

A chegada de Pedro à Roma foi calculada por Chase (*op. cit.*) em cerca do fim do ano 63 A.D. Lightfoot a coloca no começo do ano 64 A.D. A chegada de Paulo à Roma como prisioneiro ocorreu mais cedo, em 61 ou 62 A.D. A tradição diz que Paulo foi libertado depois de dois anos em Roma, e que II Timóteo foi escrita um pouco antes de sua execução, mais tarde, fora de Roma, que assim fica datada de 67 ou 68 A.D. Esta segunda prisão é discutida, entretanto, e aqueles que a contestam colocam II Timóteo em cerca de dois anos depois da chegada de Paulo a Roma e estipulam-lhe a data de 63 ou 64 A.D. Isto seda um pouco antes do martírio de Paulo, e por ocasião da pretendida chegada de Pedro à Roma. É interessante notar que Marcos, que foi chamado a Roma por Paulo (II Tm. 4:11), estava com Pedro quando esta primeira epístola foi escrita, como também Silas, o amigo de Paulo e seu ex-companheiro de viagem (I Pe. 5:12, 13).

A epístola, então, poderia muito bem ter sido escrita de Roma em mais ou menos na ocasião do início da perseguição de Nero em 64 AD. Colocá-la logo após o começo desta perseguição parece receber o apoio da clara referência da epístola ao ardente cadinho do sofrimento.

**A Mensagem da Epístola.** Escrita aos cristãos das cinco províncias da Ásia Menor, a epístola foi endereçada aos . leitores dirigindo-se a eles como se fossem viajantes dispersos e estrangeiros, uma figura muito familiar à Israel e tiranizada, mas também inteiramente aplicável aos muitos leitores cristãos gentios de Pedro. Que ele tinha estes cristãos gentios em mente está absolutamente visível na carta. Ele files lembra

que, embora antigamente "não éreis povo", eram agora o povo de Deus (2:10). Ele descreve sua vida passada vivida na concupiscência dos gentios (4:3, 4).

E por que este interesse da parte de Pedro? Muitas daquelas províncias da Ásia ouviram seu sermão no Pentecostes (Atos 2:9), e muitos sem dúvida voltaram para casa como colonizadores espirituais. Mais tarde Paulo desenvolveu trabalho evangelístico na Ásia, mas de maneira limitada, tendo sido proibido pelo Espírito Santo de trabalhar intensivamente (Atos 16:6-8) naquela região. Talvez por causa do esplêndido começo já feito pelo Evangelho nessas localidades.

Pedro podia bem se lembrar das injunções do seu Senhor, "Quando te converteres, confirma teus irmãos" (Lc. 22:32), e novamente, "Amas-me? . . . Apascenta os meus cordeiros" (Jo. 21:15-17). "Quando te converteres", realmente! Pois o Pedro anterior ao Pentecostes, longe de ser uma rocha espiritual, era um composto vacilante de lealdade humana a Cristo e interesses próprios traiçoeiros. "Não a cruz!" fora o seu conselho ao seu Senhor (Mt. 16:22). E quando Jesus caminhava na direção desse instrumento de dor, na vontade de Seu Pai, Ele o fez sem a companhia de Pedro.

Mas o Pentecostes, com a poderosa plenitude do Espírito, operou mudança radical. E agora Pedro, que já sofrera espancamento e enfrentara a morte nas mãos de Herodes, adianta-se para encorajar e fortalecer seus queridos irmãos da Ásia a enfrentarem o iminente Calvário que ele – talvez já envolvido nas cruéis perseguições de Nero – estaria vendo se aproximar deles.

## **ESBOÇO**

Tema: O sofrimento na vida do crente.

Versículo chave: I Pedro 4:1.

I. Conforto e ânimo no sofrimento. 1:1-25.

A. Saudação. 1:1, 2.

B. Conforto nos fatos compreendidos pelo evangelho de Cristo.

1:3-12.

C. Conforto na santidade de vida divinamente adquirida.

1:13-25.

II. A réplica disciplinada da santidade prática. 2:1 – 3:22.

A. As bases negativa e positiva da santidade. 2:1-3.

B. A participação dos leitores em uma santa comunidade, a Igreja. 2: 4 -10.

C. Vida irrepreensível, resposta à perseguição. 2:11 – 3:13.

1. Deferência para com estatutos, autoridades, concidadãos.

2 : 11-17.

2. Submissão dos servos, mesmo diante da injustiça. 2:18-25.

3. Deferência das esposas para com os maridos. 3:1-6.

4. Consideração para com as esposas. 3:7.

5. Amor divino entre os santos. 3:8-13.

D. Vitória no meio do sofrimento injusto. 3:14 -22.

1 . Bem-aventurança básica, libertação do tenor. 3:14, 15a.

2. Apologética deferente apoiada em probidade de vida.  
3:15b-17.

3. Cristo, o exemplo do crente. 3:18-21.

4. Cristo, o conforto do crente. 3:22.

III. O significado espiritual do sofrimento. 4:1-19.

A. Sofrimento físico, um tipo da morte da vida na carne. 4:1-6.

1. A morte de Cristo, o exemplo e o recebimento do poder.  
4:1a.

2. Morrer para a natureza do pecado; viver para Deus. 4:16-6.

B. A "vida crucificada" caracterizada pelo amor divino. 4:7-11.

C. A purificação através do fogo da perseguição. 4:12-19.

IV. Amor divino como guia na vida da igreja. 5:1-11.

A. Os anciãos devem goveRNar com amor. 5:1-7.

B. O diabo deve ser enfrentado com graça divina. 5:8-11.

V. Saudações finais e bênção apostólica. 5:12-14.

---

COMENTÁRIO**1 Pedro 1****I. Conforto e Ânimo no Sofrimento. 1:1-25.****A. Saudação. 1:1, 2.**

**1. Pedro, apóstolo de Jesus Cristo.** Humanamente falando, esta é uma proclamação direta da autoria da epístola. Só uma única pessoa poderia se identificar assim, o apóstolo Pedro. Negar essa reivindicação é caracterizar a epístola como "fraude sagrada" e levantar sedas dúvidas sobre como uma carta assim escrita poderia ser usada para orientação ética e espiritual. **Aos . . . forasteiros da Dispersão.** O grego poderia ser assim traduzido, *aos estrangeiros residentes na dispersão*. Eles não eram pessoas estranhas a Pedro, mas temporariamente residentes nas províncias da Ásia Menor mencionada por Pedro. Sua verdadeira cidadania estava no céu (cons. Fp. 3:20, gr.). O apóstolo, escrevendo especialmente para conforto desses peregrinos, alguns dos quais sem dúvida convertidos em resultado do seu sermão no Pentecostes, tomou imediatamente conhecimento da separação e até mesmo do ostracismo que os marcava entre seus vizinhos. A expressão "dispersão" estava cheia de significado pungente para os judeus dispersos. Pedro adapta esta figura aos seus leitores gentios.

**2. Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai.** O Espírito Santo ajudou Pedro, até em suas palavras introdutórias, a antecipar um firme fundamento para o conforto que ia dar a esses cristãos que se sentiam cada vez mais sozinhos. Eles eram, na verdade, aqueles que foram escolhidos e preferidos por Aquele cujo favor é todo-importante. Como em outras passagens do N.T., a doutrina da eleição foi colocada em compatibilidade com a responsabilidade pessoal, conforme qualificada pela presciência de Deus (veja Rm. 8:29), e operando na vida real através de santidade concedida (**santificação do Espírito**, II Ts. 2:13). O

resultado é obediência a Deus e purificação de corrupção incidental através da contínua **aspersão do sangue de Jesus Cristo** (Hb. 12:24). Aos seus queridos irmãos assim saudados, Pedro deseja graça (a palavra grega sugere a saudação gentia *Kaire!* "Alegre-se!") e **paz** (reminiscência da saudação oriental *Shalom!* "Paz!"). Observe, também, a inclusão de referência a todas as três pessoas da Trindade nesta saudação.

## **B. Conforto nos Fatos Compreendidos pelo Evangelho de Cristo. 1:3-12.**

### **3. Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.**

Começando adequadamente com esta atribuição de louvor e crédito a Deus, a fonte de todo benefício, Pedro começa a esboçar um quadro de riqueza espiritual para os seus leitores, uma riqueza que permanece firme à disposição deles apesar de todas as provações e indignidades. Primeiro vem o fato do novo nascimento, visto que Deus **nos regenerou** (gr.), **segundo a sua muita misericórdia**, com a resultante posse de uma viva esperança, esta esperança e certeza centralizando-se no fato inteiramente comprovado e muitas vezes proclamado da **ressurreição** de Cristo.

**4.** O resultado de um novo nascimento é uma nova **herança**, que foi descrita como **incorrutível** (indestrutível), **sem mácula** (sem mancha), **imarcescível** (fresca) e **reservada** (vigiada) **nos céus para vós outros**. Para os leitores de Pedro, que já tinham renunciado à sua parte na herança terrena de Israel, a prometida terra dos antepassados, e que também trilham de passar pela proscricção e privação dos bens terrenos (veja Hb. 10:34), este pensamento da verdadeira herança daria conforto e equilíbrio. Como isto nos faz lembrar as advertências de nosso Senhor aos seus discípulos para que convertessem suas propriedades terrenas em verdadeiras riquezas ! (por exemplo, Lc. 12:33,34).

**5. Que sois guardados pelo poder de Deus.** Esta herança guardada é "para vós que estais guardados" (isto é, por uma guarnição militar). A palavra para **guardados** é a mesma palavra grega usada por Paulo em

Fp. 4:7 - "E a paz de Deus ... guardará os vossos corações e os vossos sentimentos". **Mediante a fé.** Esta é a resposta do cristão diante da provisão de Deus (cons. Hb. 10:38, 39). **Para salvação preparada, para revelar-se no último tempo.** Aqui está uma salvação já desfrutada, o significado pleno daquilo que aguarda uma revelação final (gr. *apocalypse*).

**6. Nisso exultais, embora, no presente por breve tempo . . . contristados.** Aqui está a alegria do cristão, independente das circunstâncias, paradoxal para o mundo. Esta é a razão por que Paulo e Silas podiam cantar com as costas laceradas. Deveria se enfatizar que esta alegria não é simplesmente uma antecipação intelectual das possessões futuras mas uma apropriação presente da riqueza de Deus mediante o Espírito Santo. Alegria é um elemento do fruto do Espírito (Gl. 5:22). Por várias provações ou tentações (gr., *peirasmós*). Eram mais do que as vicissitudes comuns à vida. Aqui está uma referência ao peso das perseguições, além das que já estavam sendo experimentadas pelos cristãos.

**7. O valor da vossa fé.** Esta palavra usada para valor está intimamente relacionada com a idéia de aprovação. O resultado final, não o processo, está em foco. Esta demonstração da qualidade eterna da sua fé demonstrada brilhantemente como resultado das provações, excede de longe o brilho do ouro que passou pelo fogo, em sua natureza perecível, e será achada **em louvor, glória e honra na (ou pela) revelação de Jesus Cristo.** Há um significado duplo aqui. Além desta provação da fé ser achada compensadora para os cristãos na vinda de Cristo, ela presentemente é para a glória de Cristo por causa de Sua revelação (gr., *apocalypsis*) no sofrimento deles (cons. Paulo em Gl. 3:1). Compare estas referências à segunda vinda de Cristo nos versículos 5 e 7 com aquelas do sermão de Pedro no Templo (Atos 3:20, 21) e em sua mensagem na casa de Cornélio (Atos 10:42).

**8. A quem . . . amais; no qual . . . exultais.** Cristo pessoalmente, apropriado pela fé, é a alegria inefável do crente (veja também Cl. 1:27).



**9. Obtendo o fim da vossa fé, a salvação.** Esta não é uma referência ao futuro mas ao presente. No seu amor e fé em Cristo, eles tinham Aquele que é a salvação e a alegria (Jo. 17:3).

**10. A respeito desta que os profetas indagaram.** Literalmente, *eles buscaram e investigaram*. Eles estavam intrigados com o plano da salvação de Deus.

**11. Investigando . . . os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias.** A idéia de salvação acessível através de um Messias sofredor era um mistério para a totalidade dos judeus (Cl. 1:26, 27). A introdução de Pedro às profecias da glória mediante o sofrimento deviam ter grandemente encorajado seus leitores. Era o caminho profetizado nas Escrituras, o caminho trilhado pelo seu Senhor, e o caminho que eles mesmos estavam sendo convocados a percorrer.

**12. Não para si mesmos, (os profetas) mas para vós outros ministravam.** Um importante princípio na inspiração. Deus tem, às vezes, revelado através das Escrituras Sagradas mistérios além da compreensão dos escritores (cons. Dn. 12:8, 9). Aqui, então, está um evangelho que foi dado pelos profetas, proclamado pelos pregadores investidos com o Espírito Santo, objeto da admiração dos anjos.

### **C. Conforto na Santidade de Vida Divinamente Adquirida. 1:13-25.**

**13. Por isso, cingindo o vosso entendimento.** Ele os exorta a se sentirem encorajados na tomada de consciência do amor de Deus (cons. Hb. 12:12, 13). **Sede sóbrios.** Uma injunção para considerar os fatos sensatamente, sem excesso de emoção e pânico (repetido em 4:7; 5:8). **Esperai inteiramente** (*perfeitamente, com maturidade*). A paciência cristã tem uma qualidade espiritual. É a "paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai" (I Ts. 1:3). **Na graça que vos está sendo trazida** (gr., *que está sendo efetuada*). Sem dúvida não podemos compreender isto inteiramente. Certamente inclui a redenção do corpo (Fp. 3:21; Rm. 8:23). Compare com a declaração do

versículo 5 acima. Pode ser uma referência à graça ministrada divinamente aos mártires na hora da morte.

**14. Como filhos obedientes** (E.R.C.). Literalmente, **filhos da obediência** (E.R.A.). **Não vos amoldeis** (cons. Rm. 12: 2) "com os fortes desejos que tínheis na antiga ignorância" (cons. Ef. 2:3). Os desejos da vida cristã foram mudados; mas se o cristão não vigiar, ele pode ainda ser "atraído e engodado pela sua própria concupiscência" (Tg. 1:14).

**15, 16. Segundo é santo aquele que vos chamou.** A iminente volta de Cristo, a preciosa esperança do crente, também é um forte incentivo à santidade (I Jo. 3:3). Pois Cristo é santo. Lembre-se da embaraçosa conscientização de Pedro de seu próprio pecado e atraso quando subitamente foi confrontado com o Cristo ressurreto quando estava pescando no Mar da Galiléia uma certa manhã (Jo. 21:7). Isto faz pensar em uma situação semelhante quando pela vez primeira foi chamado pelo Senhor (Lc. 5:8). Procedimento, comportamento. **Sede santos.** Este era um mandamento muito bem conhecido de todos quantos conheciam o Pentateuco (Lv. 11: 44; 19:2; 20:7; cons. 5:48).

**17. Se invocais como Pai.** Pedro está falando com pessoas que oram e clamam a Deus por livramento da injusta perseguição, mas que deveriam perceber que o próprio Deus é um juiz. **Com temor.** Esta percepção produzirá um cuidado santo. O sábio se conhece pelo que é e a quem ele teme (Mt. 10:28).

**18,19. Não foi mediante coisas corruptíveis . . . que fostes resgatados.** Aquelas eram pessoas simples e pobres. Pela segunda vez (cons. v. 7) Pedro se refere desdenhosamente à riqueza temporal quando comparada com a herança da salvação que não tem preço. **Do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram. Pelo precioso sangue . . . de Cristo.** A palavra **precioso** (gr., *timios*) é peculiaridade de Pedro. A ausência de pecado no Cordeiro, ou Seu sofrimento vicário, forneceram a base para uma nova e celestial escala de valores.

**20,21. Conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo . . . manifestado.** O sofrimento de Cristo não foi uma emergência. Foi o melhor dos planos de Deus à vista do pecado do homem. Isto seria um pensamento confortador para os Santos que estavam, agora eles mesmos, sob grande pressão. **De vós.** Melhor, *através de vós*. Cristo realmente foi manifesto através deles quando confiaram e esperaram no mesmo Deus que O ressuscitou dos mortos.

**22. Tendo purificado as vossas almas.** Pedro apela para a autenticidade da conversão deles, uma realidade bem percebida pelos seus leitores. Eles já tinham sido purificados. Essa mudança de coração produzira "o amor fraternal, não fingido" (gr., *philadelphia*). Ele os exorta a seguir e praticar o mesmo princípio: **amai-vos de coração uns aos outros ardentemente.**

**23-25. Fostes regenerados ... mediante a palavra de Deus.** Como a regeneração parece frágil à mente humana, quando repousa, como o faz, apenas na palavra de Deus. Mas Pedro cita a grande afirmação de Isaías de que esta aparentemente frágil e invisível entidade – a Palavra de Deus - sobreviverá a todos os fenômenos naturais (Is. 40: 6-8). E esta é a palavra que dá significado à fé deles e a eles próprios.

## II. A Réplica Disciplinada da Santidade Prática. 2:1 - 3:22.

### 1 Pedro 2

#### A. As Bases Negativa e Positiva da Santidade. 2:1-3.

**1. Despojando-vos, portanto, de toda maldade.** Há uma fase negativa e purificadora na santidade (Ef. 4:22 e segs.; Cl. 3: 9 e segs.). Eis aqui os desagradáveis defeitos centralizados no amor próprio: **maldade**, ou, mais exatamente, *espírito de maldade*; **dolo**, que esconde o motivo indigno que procura alcançar; **hipocrisias**, que aparenta uma honestidade que não existe; **maledicências**, que prejudicam os outros para o seu próprio bem.

**2. Desejai... como crianças.** As palavras gregas sugerem a fome impaciente e voraz da criancinha na hora da sua refeição. Pedro falou da palavra de Deus operando na regeneração deles (1:23-25). Agora ele insiste que os recém-nascidos cultivem um apetite sadio por esta palavra, a qual, embora poderosa, é *simples* ou *autêntica* (na tradução, **genuíno**) e elementar, como o leite. Deste modo seus leitores crescerão "para a salvação". Estas últimas palavras, encontradas em alguns dos melhores manuscritos, referem-se ao livramento final do crente (cons. 1:5,13).

**3. Se é que já tendes a experiência.** Eis aqui outro lembrete da graça que eles já experimentaram (cons. Sl. 34:8).

## **B. A Participação dos Leitores em uma Santa Comunidade, a Igreja. 2:4-10.**

**4. Chegando-vos para ele, a pedra que vive.** Agora Pedro está se ocupando da grande e confortadora garantia de que os seus leitores, que estão sendo desprezados e ostracizados como gente sem origem e sem importância (cons. "estrangeiros", 1:1) pelos seus vizinhos, são membros de uma comunidade santa e gloriosa, a Igreja. Ele começa devidamente pela questão do relacionamento pessoal com Cristo, Ele mesmo rejeitado como eles, mas como eles *eleito* (**eleitos**, cons. 1:1) *de Deus e precioso* (**pedra. . . para com Deus eleita e preciosa**). Novamente esta palavra "precioso"; cons. 1:19 e abaixo.

**5. Também vós mesmos, como pedras que vivem.** Aqui está uma identificação na natureza com Cristo. As mesmas palavras são usadas com referência aos crentes e ao Senhor. A passagem faz claramente lembrar as palavras do Senhor a Pedro, "Tu serás chamado Cefas (pedra)" (Jo. 1:42); e novamente, "Tu és Pedro (*uma pedra*), e sobre esta pedra (*formação rochosa*) edificarei" (Mt. 16:18). Observe que na presente passagem Pedro destaca o seu Senhor, não a si mesmo, no santo edifício que é a Igreja. **Sois edificados casa espiritual.** Compare Ef. 2:19-22. Considera-se que a Igreja transcende a glória do Templo judeu. O argumento nesta parte do capítulo, até I Pe. 2:10, pode dar a entender

que as indignidades e pressões experimentadas pelos crentes eram instigadas pelos judeus, embora aceitas também pelos gentios, e que só iriam ocorrer nos primeiros dias da igreja. **Sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo.** Considera-se que a oferta de Cristo abriu o Santo dos Santos a todos os crentes e suplantou os sacrifícios judeus. Por meio de Cristo, o homem antes pecador pode agora fazer uma oferta aceitável a um Deus santo (cons. Rm. 12:1, 2).

**6. Pois isso está na Escritura.** Agora Pedro cita sua fonte, Is. 28:16. É interessante observar que neste versículo de Isaías a ênfase foi colocada sobre a função da pedra como "o fundamento infalível" (cons. I Co. 3:11). Sem dúvida o gosto de Pedro por esta figura vem do uso que nosso Senhor fez dela (Mt. 21:42), segundo as palavras de Sl. 118:22,23. O próprio Pedro usou-a diante do Sinédrio: "Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores" (Atos 4:11).

**7,8. Para vós outros, portanto, os que credes (gr), é a preciosidade; mas para os descrentes . . . pedra de tropeço.** Aqui foi usada a forma nominal de "precioso"; literalmente, *uma honra, uma coisa estimada*. Aqui está uma simples representação de Cristo como o Salvador e Juiz. Misericórdia rejeitada transforma-se em condenação. Isto, novamente, era doutrina de Cristo (Mt. 21:44; Jo. 12:48). Na presente passagem os crentes são colocados em contraste com os descrentes. A fé, então, aparece como obediência ou disposição básica (cons. "obedientes à fé", Atos 6:7). **Para o que também foram postos (gr., condicionados).** O mesmo divino propósito que, com base na presciência de Deus, escolheu os leitores de Pedro por Seus próprios filhos, tristemente ordenou os desobedientes para sua única alternativa.

**9,10. Vós, porém, sois raça eleita** (gr. *genos*, "raça, classe"). Isto se assemelha muito aos ensinamentos do próprio Cristo. Sua referência à pedra de esquina rejeitada estava em conexão com sua parábola sobre os lavradores rebeldes que mataram o Filho do proprietário da vinha. Ao mesmo tempo e junto com a sua referência à pedra rejeitada, ele disse

aos líderes judeus, "O reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos" (Mt. 21:43). Agora Pedro está escrevendo a esta "nação", cuja evidente realza e valor imediatamente a distingue como os filhos do Rei e reflete o crédito sobre Aquele que os chamou das trevas do mundo para a Sua luz. As palavras traduzidas para **povo de propriedade exclusiva** é literalmente *um povo para lucro* (gr., *peripoiesis*). Às vezes a palavra indica a garantia de uma propriedade desejada ("adquirirão para si", I Tm. 3:13; "ele resgatou com seu próprio sangue", Atos 20:28). Às vezes significa uma preservação ou salvação. Em Hb. 10:39 foi traduzido para "conservação" e contrasta com "perdição". É uma tremenda palavra de encorajamento. Este é um povo grandemente estimado, um povo a ser salvo, um povo a ser possuído. Pedro finaliza esta doutrina com as palavras de Oséias (1:6, 9; 2:23). Os que antigamente **não** (*eram*) **povo** – muito provavelmente uma referência aos seus antepassados gentios – agora são povo de Deus.

### **C. Vida Irrepreensível, Resposta à Perseguição. 2:11 - 3:13.**

**11. Peregrinos e forasteiros . . . vos absterdes.** Pedro remove rapidamente o quadro da realza deles, vira a página, e os chama novamente de peregrinos. Apanha novamente o pensamento de 2:11 e os adverte a que se "mantenham afastados" dos seus desejos carnis **que fazem guerra contra a alma**. A figura de linguagem "combatem contra" não é de uma luta corpo-a-corpo, mas de uma expedição planejada contra um objetivo multar. Devemos compará-la com a fria atitude de exploração de Dalila para com os apetites de Sansão a fim de destruí-lo.

**12. Mantendo exemplar o vosso procedimento** (a mesma palavra foi usada em "boas obras" mais adiante no versículo). Embora uma raça escolhida, viviam entre os gentios, que estavam inclinados a falar deles **como de malfeitores**. O Cristianismo pela sua própria essência opunha-se às vaidades do paganismo em tudo. Portanto era em si mesmo um crime "que em toda parte se fala contra" (Atos 28:22). Como o justo Noé, "condenava o mundo" (Hb. 11:7). Esta foi a explicação básica para

a prontidão dos pagãos em perceber e perseguir este povo insignificante. E Pedro sabia que a melhor resposta era a integridade de vida, doada por Deus e capaz de arrancar louvor ainda que relutante dos próprios inimigos da cruz (cons. ensinamentos de Jesus em Mt. 5:16). No dia da visitação ficaria melhor traduzido para o dia da observação (inspeção ou reconhecimento oficial).

**13,14. Sujeitar-vos a toda instituição ... ao rei ... como governo.**

Um cristão é respeitador da lei, meticoloso e autodisciplinado. Esta doutrina compara-se a de Paulo em Rm. 13:1-7 e Tt. 3:1, 2. Ela não deve ser entendida, naturalmente, como aquiescência forçada com o mal. As palavras do próprio Pedro ao Sinédrio foram estas: "Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus" (Atos 4:19).

**15. Pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos.** Plínio, no seu relatório a Trajano sobre os cristãos do Ponto e Bitínia, duas das províncias mencionadas em 1:1, fala dos "crimes aliados ao nome" dos cristãos. Embora acontecesse em uma época consideravelmente posterior (112 A.D. mais ou menos), é uma ilustração da maneira ignorante e injusta pela qual as pessoas de um grupo podem ser consideradas criminosas. A resposta de uma vida digna seria a melhor das respostas.

**16. Como livres.** Auto-controle impelido pelo Espírito é a única base duradoura para a liberdade: "Se -sois guiados pelo Espírito, não estás debaixo da lei" (Gl. 5:18). **Mas vivendo como servos (escravos) de Deus.** O homem inteiramente controlado por Deus é verdadeiramente livre. Nesse Deus opera o querer e o fazer da sua boa vontade. É este amor, pela Sua vontade, implantado por Deus que torna leve o jugo de Cristo, e o Seu fardo suave.

**17. Honrai . . . Amai . . . Temei.** Aqui está o auto-sacrifício e o desejo de conceder a cada um aquilo que merece. A palavra **honrai** está ligada à palavra "precioso" e sugere a alta estima do cristão pela personalidade humana. A palavra **amai** indica o *ágape* divinamente concedido de I Co. 13. Este é o amor com o qual Cristo duas vezes

desafiou Pedro em Jo. 21:15,16, um desafio do qual o honesto Pedro desviou-se com a resposta, "Eu te amo" (gr. *philo*, "amar humanamente").

**18-20. Servos, sede submissos. . . também aos perversos.** O homem cheio do Espírito é capaz de cumprir ordens irracionais, sim, inteiramente impossíveis em qualquer outra base. "Amar os vossos inimigos", "oferece a outra face" – só podem ser obedecidas mediante a completa submissão Àquele que orou pelos seus crucificadores, "Pai, perdoa-lhes". **Isto é grato.** A recompensa começa onde o racional termina. Aquele que serve a Deus sem o transcendente amor divino, edifica com madeira, palha e restolho. **Que glória há. . . ?** Compare com as perguntas de Jesus em Lc. 6:32-36. Grato a Deus. A palavra **grato** é o grego *karis*, que tem uma linda força dupla de "graça" e "favor". Pode ser assim entendido, "Quando vocês fazem o bem, e sofrem com paciência, isto alcança a graça de Deus" ou "o favor de Deus".

**21-23. Também Cristo sofreu.** Aqui, é claro, está a personificação do amor divino. Aqui está o nosso modelo. O qual não cometeu pecado. Portanto todo o castigo e indignidade para com Ele foram sem motivos. **Pois ele . . . não revidava com ultraje . . . mas entregava-se.** Aqui está o cumprimento perfeito do princípio de Rm. 12:19, 20: "Minha é a vingança . . . , diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer". Eis aqui o amor perfeito para com Deus e o homem.

**24. Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o seu corpo, os nossos pecados.** Pedro faz seus leitores de lembrarem que isto foi feito por eles. **Para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça.** Ele dá a entender que a morte de Cristo foi mais do que um exemplo. Participando da Sua cruz eles participarão de Sua vida triunfante. **Por suas chagas . . .** Selwyn (*The First Epistle of St. Peter*, pág. 95) chama a atenção para três linhas no pensamento de S. Pedro no que se refere à expiação: o cordeiro pascal "imaculado e incontaminado" (1:19), o servo sofredor de Is. 53, "pelas suas feridas fostes sarados", e o bode expiatório, "levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro".



**25. Porque estáveis desgarrados como ovelhas . . . porém . . .**

Pedro esteve insistindo com seus leitores a que partilhassem dos sofrimentos de Cristo. Tal como Ele ordenou (Lc. 14:27, etc.), deviam segui-lo, tomando a cruz. Mas eles já tinham dado o primeiro passo na participação da cruz; antes ovelhas desgarradas, foram convertidos ao **Pastor e Bispo** (administrador) de suas almas.

**1 Pedro 3**

**3:1-6. Mulheres, sede vós, igualmente.** Deixando as implicações da santidade para os escravos, Pedro se dirige às mulheres casadas. A estas ele aconselha, **sede . . . submissas a vossos próprios maridos** (cons. Ef. 5:22; Cl. 3:18). A regra do amor divino continua como pano de fundo. O marido é reconhecido o líder dentro do lar, e **o honesto comportamento** das mulheres, sua conduta prudente e controlada dentro do lar, levará alguns a Cristo. Ela não deve chamar a atenção pela artificialidade do penteado, das jóias, ou roupas aparatosas, mas deve se distinguir pelo **espírito manso e tranquilo** tão raro no mundo e tão estimado por Deus. As esposas dos patriarcas são apontadas como exemplo de comportamento (v. 5). Ao que parece os enfeites espalhafatosos e chamativos são considerados contrários ao espírito de modéstia diante dos maridos. A mesma implicação parece existir em I Tm. 2:9-12. A modéstia nas roupas de uma mulher está associada com a devida modéstia de comportamento. Ao que parece, a fé cristã implica em um padrão diferente de roupas e enfeites que o mundo usa. Sara foi respeitadora da liderança de Abraão, **chamando-lhe senhor** (Gn. 18:12). O versículo 6 lembra àquelas mulheres cristãs que são filhas adotivas de Sara: "Cujas filhas vocês se tomaram, fazendo o bem e estando sujeitas em absoluto temor".

**7. Maridos, vós, igualmente.** Passando agora às implicações da santidade no marido, Pedro prescreve que o relacionamento conjugal deve existir em termos de consideração mútua com **discernimento**. Eis aí o oposto do egoísmo. **Tendo consideração para com a vossa mulher.**

A palavra **tendo** (gr. *aponemo* ' ) indica uma tarefa deliberada, uma propositada canalização de honra (relacionada com "precioso") concedida à esposa, que diante da graça de Deus é co-herdeira. **Para que não se interrompam as vossas orações.** Ressentimentos que se originaram da conduta egoísta no lar torna impossível a oração eficaz. A oração eficaz tem de ser "sem ira" (I Tm. 2:8).

**8,9. Sede todos de igual ânimo.** Isto faz lembrar o "comuta acordo" do Pentecostes, ou as injunções de Paulo aos filipenses a que fossem de "um mesmo espírito" (Fp. 1:27) e "o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa" (Fp. 2:2), seguindo de perto seu apego à mente de Cristo. O catálogo de Pedro das graças conseqüentes parece ter os aspectos graciosos e modestos do fruto do Espírito (Gl. 5:22, 23) ou da "sabedoria que do alto vem" (Tg. 3:17).

**10-12. Pois quem quer amar a vida.** O apóstolo cita Sl. 34:12-16 para consubstanciar sua doutrina de que este esvaziamento do ego orientado pelo Espírito e com o seu poder é na realidade uma vida de bênção, cujos resultados são guardados pelo Senhor, **cujos olhos... repousam sobre os justos, e ... ouvidos estão abertos às suas súplicas.**

**13. Ora, quem é que vos há de maltratar. . . ?** Isto nos faz lembrar da nota que Paulo acrescentou a sua descrição do fruto do Espírito - "contra estas coisas não há lei" (Gl. 5:23). Como princípio generalizado, admitindo as exceções ocasionadas pela ira do adversário, as pessoas não são punidas pelo bem que fazem. Este princípio é justamente a confirmação de que o sofrimento imerecido não perdurará.

#### **D. Vitória no Sofrimento Injusto. 3:14-22.**

**14, 15a. Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois (*benditos*).** Esta beatitude, é claro, faz-nos lembrar das bem-aventuranças de nosso Senhor em Mt. 5:11, 12. Pedro cita então as palavras de Deus a Isaías (8:12, 13), toda a passagem consistindo em "não temais o que ele teme, nem tomeis isso por temível. Ao Senhor dos Exércitos, a Ele santificai; seja Ele o vosso temor, seja

Ele o vosso espanto". Estas palavras tornam a trazer a nossa mente a advertência de Cristo sobre quem devemos temer (Mt. 10:28). Havia um perigo real de deserção em face da morte. Plínio descreve como era sumária a alternativa concedida aos cristãos – amaldiçoar Cristo ou morrer, e não eram poucos os que retrocediam. A atitude de Pedro aqui não é tão rápida e confiante como quando ele disse ao seu Senhor, "Ainda que todos se escandalizem de ti, eu nunca me escandalizarei" (Mt. 26:33).

**15b,16. Estando sempre preparados para responder.** A atitude descrita é de **mansidão e temor**, ainda que de prontidão. Esta também é uma qualidade concedida pelo Espírito. Faz lembrar a advertência de Cristo, "o que vos for dado naquela hora, isso falai, porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo" (Mc. 13:11). Lembra a apologética irresponsável de Estêvão (Atos 6:10) e Paulo (Atos 24:25; 26:24-28). **Com boa consciência.** Como vimos acima, a probidade de vida é a base da defesa.

**17, 18. É melhor . . . Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos.** Está se considerando o sofrimento que Deus permite para realização do bem. Novamente Cristo é apresentado como o exemplo (cons. 2:24), cujos sofrimentos resultaram na reconciliação dos homens perdidos com Deus, além de Sua própria vindicação através de Sua ressurreição pelo poder do Espírito Santo.

**19,20. No qual** (isto é, o Espírito) **também foi, e pregou.** Segue-se uma digressão cuja interpretação é obscura.

Alguns mestres, dos quais Lange é um representante, defende que a única inferência franca e natural aqui é admitir que Cristo, depois de Sua crucificação, desceu ao Hades e "proclamou a estes espíritos em prisão no Hades o começo de uma nova época de graça" (J. P. Lange, *Commentary on the Holy Scripture* IX, pág. 64). Ele assevera que sem dúvida muitos foram salvos por causa desta segunda oportunidade. Esta opinião dá lugar à questão difícil de por que, dentre todos os incrédulos,

os antediluvianos foram os recebedores deste adiamento de sentença e dá lugar a possibilidade (que contraria o ensinamento explícito do N.T.) de que outros pecadores não arrependidos teriam uma oportunidade posterior de crer em Cristo. Alguns acham que a pregação de Cristo no Hades foi condenatória, mas esta não é a implicação costumeira da palavra grega, que significa, *proclamar*, *anunciar*, e costuma ser usada em relação ao Evangelho.

John Owen, o tradutor e editor de Calvino (João Calvino, *Commentaries on the Catholic Epistles*, pág. 116, observação), cita a explicação adotada por Beza, Doddridge, Macknight, e Scott, de que o tempo de ação era no ministério de Noé, quando Cristo pelo Espírito ("no qual") pregou através de Noé aos ímpios que, no tempo em que Pedro escreveu a carta, eram espíritos no Hades. E tudo isso aconteceu enquanto **a longanimidade de Deus** retardou o dilúvio. A referência feita ao tempo gasto na construção da arca parece corroborar esta interpretação. Referência feita ao pequeno número daqueles que se salvaram encorajaria o "pequeno rebanho" na Ásia.

**21. O batismo, agora também vos salva.** A variação *pelo qual* (gr., *ho*), isto é, "pela água", é a preferida para o começo desta sentença. Lemos, então, "pelo qual (água) batismo, como uma figura, salva-nos agora – não no despojamento da imundícia da carne, mas da indagação" (melhor do que "a resposta") "de uma boa consciência para com Deus". Compare Hb. 10:22. O significado parece ser que o batismo da água simboliza a purificação espiritual. A conexão entre o batismo da água e o batismo do Espírito com a purificação está visível em toda a Escritura, relacionada com a participação na morte de Cristo e no poder de Sua ressurreição. Aqueles que crêm na regeneração batismal talvez se sintam inclinados a interpretar o verbo salvar aqui de maneira diferente. Outros asseverarão que se refere à purificação do coração que salva, não à cerimônia exterior.

**22. Depois de ir para o céu.** Retomando o tema da ressurreição de Cristo, abandonado depois do versículo 18, Pedro menciona o atual

triumfo de nosso Senhor e o seu reconhecimento como forte encorajamento para aqueles que seguem o seu Mestre no sofrimento. Selwyn faz questão de afirmar que os cristãos primitivos costumavam realizar batismos por ocasião da Páscoa. Ele acha que a referência ao batismo no versículo 21, como também as diversas alusões aos sofrimentos de Cristo, ressurreição e segunda vinda, indicam que I Pedro foi escrita como epístola pascal (*op. cit.*, pág. 62).

## 1 Pedro 4

### III. O Significado Espiritual do Sofrimento. 4:1-19.

A. O Sofrimento Físico como Tipo de Morte da Vida na Carne. 4:1-6.

**1a. Ora, tendo Cristo sofrido . . . armai-vos . . . do mesmo pensamento.** Filipenses 2:5 usa a forma verbal de "pensamento" e insiste, "pensem o mesmo". A idéia aqui é muito parecida. Uma palavra grega diferente foi usada, sugerindo a individualidade de ambos, Pedro e Paulo. Cristo foi visto como o exemplo do crente e canal de poder para enfrentarmos o sofrimento.

**1b,2. Aquele que sofreu na carne deixou o pecado.** Agora Pedro está enfrentando a morte tal como ela se depara ao homem (cons. Rm. 7:1-4), libertando-o de todo o desejo e submissão ao pecado. Imediatamente ele faz o paralelo espiritual. Aquele que participou da cruz de Cristo já não está mais vivo para a influência do pecado através dos comuns desejos humanos, mas está vivo apenas para a influência da vontade de Deus (Gl. 6:14).

**3,4. Porque basta o tempo decorrido.** Literalmente, *basta que no tempo passado fizéssemos a vontade dos gentios*. Segue-se então um catálogo dos feios pecados observáveis fora da graça de Deus. Faz-nos lembrar uma das listas de Paulo das obras da carne em Gl. 5:19-21. **Por isso, difamando-vos, estranham.** As vidas transformadas dos crentes fazem deles pessoas estranhas, quase "estrangeiros", dando lugar à

condenação dos gentios e uma difamação autodefensiva e insolente dos cristãos.

**5. Os quais hão de prestar contas.** Mas é a Deus e não aos homens que terão de responder. E o juízo de Deus se aplicará a ambos, aos que ainda estão vivos e aos que já morreram. Dependendo da interpretação que se dá ao versículo 6, este julgamento pode ser considerado tanto uma vindicação dos crentes como uma condenação dos pecadores não arrependidos. No V.T., particularmente nos Salmos, o juízo costuma ser considerado uma vindicação pelos justos.

**6. Pois, para este fim foi o evangelho pregado também a mortos.** Alguns relacionam este versículo com 3:19,20. Longe acha que os dois versículos se referem a uma evangelização pós-crucificação dos antediluvianos incrédulos por Cristo, mais uma oferta de salvação que sem dúvida foi aceita por muitos deles. Há muitas outras gradações de interpretações. Nós achamos que a sugestão de Scott, modificada por John Owen, é digna de mérito, com o seguinte sentido: "Tendo em vista este fim (isto é, o juízo final há pouco mencionado) o evangelho foi pregado também àqueles (mártires) agora mortos, para que eles pudessem ser (como foram) julgados na carne (e condenados ao martírio) segundo o padrão dos homens, mas pudessem viver no Espírito de acordo com Deus". Aqui, então, está o ensinamento que, à vista do juízo final, os mortos martirizados estão em situação muito melhor do que os gentios incrédulos do versículo 3.

#### **B. A "Vida Crucificada" Caracterizada pelo Amor Divino. 4:7-11.**

**7. Ora, o fim, de todas as cousas está próximo.** Ainda focalizando o Juízo, o apóstolo impõe uma atitude de autocontrole (**sede, portanto, criteriosos**) e calma (melhor do que **vigiai**, E.R.C.), recorrendo às **orações**.

**8. Tende ardente** (E.R.C.) (**intenso**, E.R.A.) **amor**. Aqui está novamente o amor divino (gr., *agape*) como em I Coríntios 13, o amor que perdoa os pecados e erros dos outros.

**9. Aqui está um amor que usa de hospitalidade sem murmuração.** Literalmente, *amor aos hóspedes sem murmurações*. É colocar-se a si e aos seus recursos alegremente à disposição dos outros.

**10. Servi ... cada um conforme ... que recebeu.** O "dom" recebido é um *karisma*, uma graça, que torna seus possuidores **despenseiros da multiforme graça de Deus**. Esta graça deve ser administrada (gr., *diakoneo*; cons. "diácono") aos outros, o melhor método também para continuar sendo desfrutado pelo possuidor original. Aqui está novamente a participação dedicada de bênçãos espirituais.

**11. Se alguém fala.** O apóstolo estende a idéia da mordomia introduzida no versículo 10. Aquele que fala na igreja deve tomar o cuidado de apresentar o que Deus diz (gr., *logia*), e não suas próprias palavras. O administrador (**serve**, gr., *diacono*) deve servir com o poder que Deus lhe dá abundantemente. Sempre deve-se ter em vista que **em todas as coisas seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo**. Aqui Pedro insere uma bênção, dando glória a Deus pelo que acabou de dizer.

### **C. A Purificação Através do Fogo da Perseguição. 4:12-19.**

**12. Não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós.** Pedro adverte seus leitores para que não sejam tomados de surpresa, aparentemente indicando uma provação mais severa do que qualquer outra que tivessem experimentado. Este versículo aplica-se bem à perseguição de Nero, quando os cristãos foram queimados à noite como lanternas nos jardins do imperador. Pedra, em Roma, temia que esta virulência logo se espalharia às províncias.

**13. Alegrai-vos ... co-participantes dos sofrimentos de Cristo.** Aqui está a participação física da cruz de Cristo para a qual a participação espiritual (2:24) foi um preparativo adequado. A advertência para que se alegrem faz lembrar as palavras de Jesus em Mt. 5:12. **Na revelação de sua glória.** Ou, *no tirar do véu* (gr., *apocalypsis*) *da sua glória*. Uma "ressurreição melhor" (Hb. 11:35) estava diante deles.

**14. Pelo nome de Cristo sois injuriados, bem-aventurados.** Eis outra bem-aventurança. **Sobre vós repousa o Espírito . . . de Deus.** Deus fica ao lado dos Seus mártires. O Espírito Santo ministra graça especial. Lembre-se de Estêvão morrendo radiante (Atos 6:15; 7:55). Enquanto os homens rangem os dentes e blasfemam, a serenidade dos mártires glorifica a Deus.

**15. Não sofra, porém, nenhum . . . como assassino.** Pedro adverte contra o pecado, o qual nulifica o testemunho do sofrimento.

**16. Se . . . como cristão.** Plínio, escrevendo mais tarde, fala de um castigo por causa do "nome propriamente dito" (isto é, "você é cristão?"). Sob tais circunstâncias, Pedro reitera, **não se envergonhe disso; antes glorifique a Deus com esse nome.**

**17,18. A ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada.** Fazendo alusão talvez a Ez. 9:6, o apóstolo encara estas perseguições como divinamente permitidas para purificação dos crentes sofredores, e como um prenúncio de destino terrível dos ímpios (cons. Lc. 23:28 e segs.).

**19. Os que sofrem . . . encomendem.** Que entreguem o seu caso ao seu Criador, como Cristo o fez (2:23). Ao fazê-lo, anunciam a calma deste amor divinamente implantado que lança fora o temor (cons. I Jo. 4:18).

## 1 Pedro 5

### IV. O Amor Divino Orientando ainda na Igreja. 5:1-14.

#### A. Os Anciãos Devem Governar com Amor. 5:1-7.

1. Mas esta graça, na agonia, também é um maravilhoso princípio de vida. Pedro se dirige aos **presbíteros**. Ele mesmo se intitula **presbítero e testemunha** (gr., múnus, "mártir") **dos sofrimentos de Cristo**, e participante da glória futura.



**2-4. Pastoreai o rebanho.** Não nos fazem pensar nas palavras de Cristo a Pedro, "Apascenta as minhas ovelhas?" (Jo. 21:15-17). Talvez a designação ministerial "pastor", conforme aplicada aos "presbíteros" tenha sua origem aqui. **Não por constrangidos, mas espontaneamente** (com consentimento) **como Deus quer** (acrescentado por certos bons MSS); **nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tomando-vos modelos (tipo) do rebanho.** Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar. Faz lembrar o discurso de nosso Senhor sobre o bom pastor (Jo. 10:1-16), sem dúvida ouvido por Pedro. Cristo concederá aos seus vice-pastores **a imarcescível coroa da glória.**

**5-7. Semelhantemente vós jovens, sede sujeitos** (E.R.C.). O espírito dos anciãos deve ser carinhoso e respeitoso, um exemplo fácil e natural para os mais jovens seguirem. Todos devem estar revestidos (envolvidos em) **de humildade**, merecendo assim a graça de Deus que é tanto a causa como o resultado da **humildade**. Pedro cita Pv. 3:34 (LXX) para apoio de sua doutrina (cons. Tg. 4:6) e reforça sua admoestação (cons. Tg. 4:10). Aquele que é humilde pela graça, pode descansar, **lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós** (*ele se preocupa convosco*).

### **B. O Diabo Deve Ser Enfrentado com Graça Divina. 5:8-11.**

**8,9. Sede sóbrios (calmos) e vigilantes . . . vosso adversário (oponente em uma ação judicial) . . . anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar.** Esta passagem pode ser uma velada referência a Nero ou ao seu anfiteatro com os leões. Resumindo, é um diabo pessoal. **Resisti-lhe.** Compare Tg. 4:7. A determinação cristã provoca a ajuda divina. E o conhecimento do que **a irmandade espalhada pelo mundo** sofre *as mesmas aflições* tende a tomar os cristãos em dificuldades mais firmes na fé.

**10. Ora, o Deus de toda a graça.** Pedro insistiu com eles a que exibam as graças consistentes com a sua vocação. Agora ele os entrega

ao Deus de toda a graça **que em Cristo vos chamou à sua eterna glória**. Esta menção final da vocação de Deus faz-nos lembrar seu pensamento introdutório relativo à vocação dos leitores (1:2). Esta glória, novamente, deve ser **depois de terdes sofrido por um pouco**. Os verbos que vêm a seguir são futuros simples ... **nos há de aperfeiçoar** (ou fará que sejam aquilo que devem ser), **firmar** (a palavra que Cristo usou dirigindo-se a Pedro, "Confirma teus irmãos" (Lc. 22:32), **fortificar e fundamentar**.

**11. A Ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos.** Pedro termina sua mensagem com uma bênção.

### V. Saudações Finais e Bênção. 5:12-14.

**12. Por meio de Silvano . . . vos escrevo.** Há quem ache que Silvano foi apenas o mensageiro, mas esta declaração parece ser bastante ampla para encaixar a probabilidade de que Silvano – geralmente aceito como o Silas da segunda viagem missionária de Paulo – serviu realmente de secretário quando I Pedro foi escrita.

**Esta é a genuína graça de Deus; nela estai firmes.** Aqui Pedro transmite saudações da **eleita** (gênero feminino) **em Babilônia**. Há quem ache que sejam saudações da esposa de Pedro, uma pessoa nobre que acompanhou Pedro em suas viagens e que, segundo a tradição, sofreu o martírio antes do seu marido. Ela devia conhecer bem os leitores de Pedro. **Meu Filho Marcos**. Sem dúvida uma indicação de que João Marcos estava com Pedro na ocasião.

**14. Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor** (gr., *agape*, "divino amor"). **Paz a todos vós que vos achais em Cristo**. A carta termina com a tônica do amor divino e a paz em Cristo, superior a todas as forças oponentes e considerações.

## 2 PEDRO

Introdução

Esboço

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

### INTRODUÇÃO

**O Escritor.** O começo desta epístola, com palavras um pouco diferentes das que foram usadas em I Pedro, declara ser ela da autoria de Simão (Simão é o que se encontra em alguns dos melhores manuscritos; a E.R.C. e E.R.A. diz Simão Pedro; cons. Atos 15:14), "servo e apóstolo de Jesus Cristo" (II Pe. 1:1). Simples e sem afetação, o escritor novamente se identifica com os apóstolos (3:2). Ele está familiarizado com as cartas paulinas e está de pleno acordo com o seu "amado irmão Paulo" (3: 15, 16). Refere-se à transfiguração de Cristo com a sossegada certeza de uma testemunha ocular. Chama esta carta de "segunda carta" (3:1). Declara que a morte violenta profetizada para ele por seu Senhor (Jo. 21:18) está próxima (II Pe. 1:13, 14). Aqui está, ao que parece, uma reivindicação de autoria idêntica a de I Pedro, e certamente uma declaração de identificação com S. Pedro, o apóstolo do Senhor.

Existem dificuldades internas que possam competir o leitor honesto a considerar estas reivindicações como espúrias? Desde os tempos mais remotos os críticos têm chamado a atenção para uma divergência no estilo desta epístola e I Pedro. Em II Pedro há uma falta de simplicidade e naturalidade de expressão que caracterizam I Pedro. O escritor de I Pedro não era, ao que parece, um grego (por exemplo, ele não usa a partícula *an*), mas tinha sem dúvida um gosto pela linguagem correta. O estilo de II Pedro não evidencia esta mesma familiaridade com a língua empregada. Ela contém um menor número de participios do que em I Pedro e não usa a partícula *men*. Esta diferença de estilo levou alguns dos antigos e alguns dos reformadores a duvidarem da autenticidade de

II Pedro. Jerônimo (346/420 AD.), o tradutor da Vulgata, embora aceitasse II Pedro ao lado das outras seis epístolas "católicas" ou gerais (*Epistle to Paulinus*), reconhecia ao mesmo tempo que alguns mestres tinham duvidado de sua autenticidade por causa desta variação de estilo (*Catalogus Scriptorum Ecclesiasticorum*). Em outro lugar (*Epistle to Hedibia*, 120) ele explica esta diferença como o resultado natural do uso que Pedro fez de intérpretes diferentes para as duas epístolas.

No mesmo contexto ele menciona Tito como intérprete de Paulo e que Pedro tenha ditado a Marcos o material do Evangelho que leva o nome deste último. Para alguns que têm um conceito muito literalístico da inspiração, a idéia de tal função editorial de Silas (I Pe. 5:12) prejudica a inspiração e autoridade da carta, apesar de que seja notório que escribas estavam geralmente à disposição dos escritores inspirados (Jr. 36:2, 4; Rm. 16:22; e as observações tradicionais que se seguem a I e II Co., Ef., Fp., Cl. e Fm.). Outros acham que não há aqui nenhuma dificuldade; o Espírito Santo ajudou Silas a escrever como Ele ajudou Pedro a ditar. A grande maioria da igreja histórica assumiu esta última atitude.

Outra questão interna que tem sido premida contra a autoridade petrina desta epístola é a declarada familiaridade do seu escritor com as epístolas paulinas, a qual ao lado da referência à autoridade das cartas de Paulo (II Pe. 3:15,16), é considerada como indicação de que o cânon do N.T. já estava bastante estabelecido por ocasião da composição de II Pedro, parecendo assim aos que defendem este ponto de vista que esta epístola foi muito tardia para ter sido obra do apóstolo.

Tal linha de raciocínio parece realmente gratuito, pois se Pedro chegou a Roma exatamente dois ou três anos depois da chegada de Paulo como prisioneiro, certamente teria uma oportunidade natural de ficar conhecendo as epístolas de Paulo e poderia concebivelmente ter comungado com o próprio Paulo. De qualquer maneira, parece que as evidências de que as cartas de Paulo foram copiadas e circularam de

igreja em igreja imediatamente após serem recebidas, são razoáveis (veja Cl. 4:16).

Mais uma questão interna deveria ser considerada, isto é, a semelhança de certas declarações de II Pedro com declarações de Judas. Três dos paralelos mais importantes são os que se seguem: 1) II Pedro 2:4 e Judas 6 referem-se ao castigo dos anjos decaídos, uma alusão à uma declaração feita no livro apócrifo de Enoque. 2) II Pedro 2:11 e Judas 9 falam da relutância dos anjos em fazer acusações contra Satanás, acrescentando a declaração de Judas, ao que parece, uma alusão à obra apócrifa *Assunção de Moisés*, onde Satanás é representado reclamando o corpo de Moisés. 3) II Pedro 3:3,4 e Judas 17, 18 fala da vinda de escarnecedores nos últimos tempos. II Pedro se refere a eles no futuro. Judas se lhes refere como uma realidade presente, já profetizada pelos apóstolos, de quem Pedro era um, é claro.

O Dr. Charles Bigg (*St. Peter e St. Jude*, págs. 216, 217), que aceita a autoria petrina desta epístola, argumenta convincentemente pela prioridade de II Pedro. É bom ter em mente também que há considerações plausíveis que apóiam uma data precoce da própria epístola de Judas. Confere-se-lhe uma data precoce tal como 65 A.D., e aqueles que a colocam em 80 ou 90 A.D. devem contar com a narrativa de Hegesippus (contada por Eusébio) de que dois netos de Judas foram levados diante de Domiciano, que reinou entre 81 e 96 A.D., sendo descritos como homens adultos, lavradores de mãos calejadas, naquela ocasião. Lembre-se de que Judas foi irmão de nosso Senhor. As semelhanças entre II Pedro e Judas não parecem exigir uma data pós-petrina para a primeira.

O que dizer, então, do testemunho externo? Esta epístola não foi diretamente citada pelos Pais da Igreja antes do começo do terceiro século, embora haja possíveis alusões em alguma das obras mais antigas. Eusébio (*Ecclesiastical History* 6.14.1), escrevendo em cerca de 324 A.D. diz que Clemente de Alexandria (que morreu em cerca de 213 A.D.) em seu *Hypotyposes* compilou sumários de todas as Escrituras

inspiradas, incluindo aquelas cuja autenticidade era contestada, entre estas as epístolas "católicas" ou gerais.

Orígenes, que morreu em 253 A.D., embora reconhecesse o problema relacionado com II Pedro, aceitava o livro como genuíno. Firmiliano, o amigo e aluno de Orígenes, Bispo de Cesaréia na Capadócia em 256 AD., corrobora fortemente a autoria petrina de II Pedro quando em uma carta a Cipriano ele fala de um Estêvão que "contestava os benditos apóstolos Pedro e Paulo . . . os quais em suas epístolas pronunciaram uma maldição contra os heréticos e advertiu que os evitássemos" (Cipriano, *Letters*, nº 75). É em II Pedro, não em I Pedro, que os heréticos são mencionados.

O próprio Eusébio, comissionado pelo imperador Constantino a fim de preparar cinquenta cópias das Sagradas Escrituras, refere-se a Tiago, Judas e II Pedro como impugnadas embora muito bem conhecidas da maioria dos cristãos.

Jerônimo (cerca de 346-420 A.D.), comentando a questão da autenticidade das epístolas, diz que a dúvida surge por causa da diferença entre o seu estilo e o de I Pedro, e ele oferece a explicação já citada. Ele mesmo aceitava II Pedro e a incluiu em sua versão da Vulgata. Ela foi reconhecida pelo Concílio de Laodicéia (cerca de 372), e foi formalmente reconhecida como pertencendo ao cânon pelo Concílio de Cartago (397).

Esta epístola não se encontra no fragmento muratoriano, uma lista das obras do N.T. que data de cerca do fim do segundo século. Esta lista se encontra mais ou menos mutilada. Conforme a temos atualmente, não faz referência a Hebreus, I ou II Pedro, Tiago, ou III João. Aceita-se que alguns ou todos esses possam estar incluídos nas partes que estão faltando; mas, faltando estes, está claro da história do desenvolvimento do cânon que a lista muratoriana não era aceita pela igreja como final e decisiva.

II Pedro também não se encontra na Bíblia Siríaca chamada Peshita. O Velho Testamento da Peshita foi traduzido muito cedo. O Novo

Testamento é provavelmente o trabalho de Rábula, bispo de Edessa na Síria, de 411 a 435. Esta versão omite II Pedro, II e III João, Judas e o Apocalipse. É inteiramente possível que o Novo Testamento anterior da igreja siríaca omitisse todas as sete epístolas "católicas".

Alguns consideram a possibilidade de que por causa da ênfase prática e disciplinária dessas epístolas gerais, elas tenham sido consideradas como "a-paulinas" numa região onde o nome de Paulo era tido em alta estima por causa de sua participação pessoal na igreja de Antioquia, e por causa de sua luta para libertar os crentes gentios das leis judias no concílio de Jerusalém. Outros supõem que a inclusão de referências à obras apócrifas em algumas das epístolas gerais pode ter causado sua rejeição pelos cristãos da igreja síria, que eram particularmente alérgicos aos extremos da angelologia judia refletida em alguns dos livros apócrifos.

Talvez devamos mencionar os argumentos do mestre britânico Joseph B. Mayor (*The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter*), que considera I Pedro como a obra do apóstolo cujo nome leva, mas afirma que II Pedro é espúria.

Ele baseia sua opinião sobre evidências internas e não externas. Depois de fazer críticas às evidências externas, com suas referências admitindo os prós e os contras à aceitação da epístola como genuína, Mayor resume dizendo, "Se nada mais tivéssemos para decidirmos a questão da autenticidade de II Pedro, exceto as evidências externas, estaríamos inclinados a pensar que temos nessas citações, terreno para considerarmos que Eusébio estava justificado em sua declaração de que a nossa epístola "tendo parecido útil a muitos, foi aceita ao lado de outras escrituras" (*op. cit.*, pág. cxxiv; nossa tradução).

Mayor apresenta um minucioso estudo das diferenças de vocabulário e faz uma lista de 369 palavras usadas em I Pedro e não em II Pedro, e 230 palavras usadas em II Pedro e não em I Pedro. Ele encontra palavras mais ou menos sólidas (praticamente só substantivos e verbos) usadas em ambas as epístolas. Então ele, surpreendentemente,

parece estabelecer um argumento contra a autoria comum, dizendo que "o número de concordâncias é de 100 se opondo a 599 discordâncias, isto é, seis vezes o primeira" (*op. cit.*, pág. lxxiv).

Como poderia alguém esperar a possibilidade de uma coincidência maior de vocabulário em duas curtas epístolas, escritas com intervalo de diversos anos, com temas diferentes, situações e circunstâncias distintos? É o raciocínio do silêncio em um grau muito precário. Certamente duas curtas epístolas como estas não poderiam limitar o vocabulário de um homem inteligente. O próprio fato de que um sexto das palavras são usadas em ambas as epístolas certamente inclinarão muitas pessoas a argumentar a favor, e não contra, a autoria comum.

Ele faz um exame muito erudito da gramática e estilo das duas epístolas, um setor no qual a divergência tem sido um assunto digno de nota deste os tempos antigos, e sobre o qual já comentamos. A conclusão de Mayor é medíocre: "Não existe entre elas o abismo que alguns tentam abrir" (*op. cit.*, pág. civ). Novamente, "A diferença de estilo é menos marcada do que a diferença no vocabulário, e menos marcada do que a diferença em substância, enquanto que acima de tudo paira a grande diferença em pensamento, gosto e caráter, resumindo, em personalidade". Poderia se apartear que diferenças na substância do assunto, pensamento e gosto nem sempre refletem diferença de personalidade. A mesma personalidade, com diferentes propósitos, pode escrever com grande variação de disposição e substância.

Mayor parece, então, colocar o peso decisivo do seu julgamento na diferença de sentimentos entre as duas epístolas – coisa muito precária, uma vez que os sentimentos de um homem podem variar grandemente de uma ocasião para outra, tendo em vista um grande número de motivos. Começando à página lxxvi da sua Introdução, ele trata da questão das reminiscências da vida de Cristo que devem ser notadas em I e II Pedro. Ele observa que II Pedro as tem em número menor e que são "de uma natureza íntima muito menos intensa do que as encontradas em (I) Pedro" (*op. cit.*, pág. lxxvii). Então ele prossegue discutindo



generalizadamente o espírito meigo de I Pedro que contrasta com II Pedro, à qual ele diz, "falta esta intensa simpatia, aquela chama de amor, que destacam I Pedro".

Mayor continua com esse mesmo tipo de crítica nas referências das duas epístolas à Segunda Vinda e ao dilúvio de Noé. Mas não. seria de esperar tudo isso à vista dos diferentes propósitos das duas epístolas? I Pedro conforta aqueles que estão sofrendo; II Pedro adverte os crentes sobre os perigos espirituais e exorta-os à santidade. Naturalmente o tom da primeira é terno; da última, impressionante. O que causa admiração é que tais diferentes objetivos prendem-se aos mesmos fatos básicos – a centralidade de Cristo e a certeza de Sua segunda vinda. Deste grande acontecimento futuro o crente sofredor recebe esperança, e o apóstata em potencial, advertência.

Quanto à menção do dilúvio de Noé em I Pedro (3:20) com ênfase sobre a misericórdia de Deus e em II Pedro (2:5; 3:6) com ênfase sobre o juízo de Deus (embora II Pedro 2:5 também diga que Deus "guardou a Noé"), isto também se encaixa admiravelmente nos diferentes propósitos acima mencionados. E o fato de que a mesma ilustração serviu em suas diferentes facetas tende a confirmar a identificação da autoria das duas epístolas, em vez do contrário.

Mayor é muito honesto em apresentar o quadro inteiro. Ele prossegue observando, sem qualquer comentário desprezivo, a concordância entre I e II Pedro referente à palavra profética falada e escrita, fazendo ver que nisto elas concordam intimamente com as palavras de Pedro em Atos 3:18-21 e de Paulo em Atos 26 : 22, 23. Ele dá atenção também à íntima relação de I e II Pedro na sua idéia sobre o crescimento cristão (I Pedro 2:2; II Pedro 3:18). Termina-se o comentário de Mayor sobre a autoria de I e II Pedro como sentimento de que este mestre corroborou mais do que enfraqueceu a reivindicação de II Pedro quanto a sua autoria apostólica.

Por que, então, Mayor rejeita esta reivindicação? Não se pode fugir à impressão de que a sua posição foi ditada em larga escala pelo

consenso crítico dos mestres do Novo Testamento e especialmente pela conclusão do Dr. F. H. Chase, que ele conhecia pessoalmente e citava com freqüência, e cujos artigos sobre Pedro e Judas no HDB ele intitula de "consideravelmente a melhor introdução que conheço sobre as duas epístolas aqui tratadas" (*op. cit.*, pág. vii).

Basta dizer que nestas considerações, parece não existir motivos fortes para não aceitarmos a reivindicação de II Pedro ser da autoria do apóstolo, cujo nome leva.

**O Tempo e o Lugar em que Foi Escrita.** Muito possivelmente a epístola foi escrita aos cristãos da Ásia Menor (3:1) enquanto ainda tinham I Pedro em suas mentes. Se aceitarmos que I Pedro foi escrita em Roma em cerca de 64 A.D., parece razoável considerar que II Pedro foi escrita em Roma lá pelo fim do reinado de Nero, digamos em 67 A.D.

**A Mensagem da Epístola.** A preocupação específica do coração de Pedro nesta ocasião parece que era o desenvolvimento de um espírito de anarquia e antinominianismo nas igrejas, e também uma atitude de ceticismo quanto à segunda vinda de Cristo. Há quem ache que os falsos mestres descritos na epístola eram representantes da heresia gnóstica nos seus primeiros estágios.

Mas ainda que grandemente preocupado com a ameaça desses falsos mestres, e embora dando certa ênfase a este assunto, o apóstolo percebia que a necessidade básica dos seus leitores era a edificação espiritual e o poder que os tornava superiores diante de tais perigos. Ele, portanto, começa e termina a sua carta estimulando a conquista espiritual, inserindo suas advertências contra os falsos mestres no capítulo do meio entre os três.

## ESBOÇO

Tema: A urgência da conquista espiritual.

Versículo-chave: II Pedro 3:18.

- I. Pedro insiste com seus leitores a que avancem pela graça. 1:1-21.
  - A. Saudações e oração pelo seu avanço espiritual. 1:1, 2.
  - B. Lembrete da realidade presente de sua herança espiritual. 1:3, 4.
  - C. Desafio a que insistam nas amplas implicações de sua herança. 1:5-11.
  - D. Pedro sente a responsabilidade de desafiá-los assim. 1:12-21.
    - 1. Porque necessitam de motivação intensificada. 1:12.
    - 2. Por causa da iminência de sua partida. 1:13-15.
    - 3. Por causa da completa autenticidade do Evangelho. 1:16-21.
- II. Pedro adverte contra os perigos dos falsos mestres. 2:1-22.
  - A. A inevitabilidade dos falsos mestres. 2:1-3a.
  - B. O julgamento dos falsos mestres. 2:3b-9.
  - C. As características dos falsos mestres. 2:10-22.
    - 1. Sua auto-indulgência e impudência carnal. 2:10-12.
    - 2. Sua perversão da sociabilidade cristã. 2:13.
    - 3. Sua instabilidade moral. 2:14.
    - 4. Suas motivações grosseiramente egoístas. 2:15, 16.
    - 5. Sua esterilidade e pestilência espiritual. 2:17-19.
    - 6. Sua apostasia básica. 2:20-22.
- III. A segunda vinda de Cristo é um imperativo na conquista espiritual. 3:1-18.
  - A. A vinda de Cristo em glória anteriormente mencionada aos leitores. 3:1, 2.
  - B. A Segunda Vinda, um objeto de ceticismo. 3:3-9.
  - C. A Segunda Vinda será catastrófica. 3:10.
  - D. Um incentivo à vida santa. 3:11-18a.
- IV. A bênção apostólica. 3:18b.

## 2 Pedro 1

### I. Pedro Insiste com Seus Leitores a que Avancem Pela Graça. 1:1-21.

#### A. Saudação e Oração Pelo Seu Avanço Espiritual. 1:1, 2.

1. **Simão (Symeon) Pedro, servo (escravo) e apóstolo de Jesus Cristo.** Esta epístola apresenta claramente que foi escrita pelo apóstolo Pedro. O título, **servo e apóstolo**, ilustra bem a legra de Cristo: "O maior de entre vós será vosso servo" (Mt. 23:11). **Aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa.** A expressão **igualmente preciosa** (no original uma só palavra significa exatamente isso) faz-nos imediatamente lembrar das palavras relacionadas que foram usadas em I Pedro com o significado de "precioso", "em honra", "preciosidade ou honra" – exatamente uma das indicações da continuidade entre as duas epístolas. Harnack, embora negando a autoria petrina de ambas as epístolas, I e II Pedro, defende que a pessoa que escreveu II Pedro também escreveu o começo e o final de I Pedro. O apóstolo aqui confere grande valor à fé, e por que não? Ela é "a moeda do reino" de Deus. O escritor encontra a base da fé e a sua obtenção pelos homens na **justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo**. É claro que isto constitui o fundamento de todo o universo ético. Não é uma justiça teórica e jurídica apenas, mas uma justiça afável, amorosa e providencial que encampa todo o plano redentor de Deus. É apenas "na justiça de Deus" que a fé se torna possível. E, novamente, é por meio desta fé, cada vez mais exercitada, que a justiça de Deus se revela (Rm. 1:17).

2. **Graça e paz vos sejam multiplicadas.** A mesma saudação usada em I Pedro, uma saudação caracteristicamente cristã (veja comentário sobre I Pedro 1:2).

**No pleno conhecimento de Deus e de Jesus nosso Senhor.** O uso aqui da palavra grega *epignosis* ("conhecimento preciso e correto" – Thayer) é interessante. Esta epístola contém forte advertência contra os

falsos mestres. Alguns concluem que tenham sido os gnósticos, e usam este argumento para colocar II Pedro em uma data pós-apostólica, isto, durante o segundo século, quando a controvérsia gnóstica estava no seu auge. Outros, tais como Bigg, não encontram na epístola indicação certa da apologética antignóstica. Talvez saia um razoável meio termo. Certamente o gnosticismo constituiu um verdadeiro problema nos tempos apostólicos na Ásia Menor, conforme testemunha a carta de Paulo aos colossenses, dirigida grandemente a esta insipiente heresia. A palavra chave de Colossenses é o grego *epignosis*, "conhecimento preciso e correto", geralmente relacionado com Deus ou Cristo (Cl. 1:9, 10; 2:2; 3:10). Os gnósticos defendiam um sistema de doutrina altamente intrincado e extra-escritural, dando atenção aos anjos e práticas ascéticas, tendendo a aviltar a divindade de Cristo, e também admitindo que seus iniciados possuíam sabedoria superior. A carta aos colossenses desde o começo exalta Cristo, o centro de "toda sabedoria e conhecimento", inteiramente identificada com Deus. Esta apologética foi sem dúvida partilhada pelos outros apóstolos, e pode bem refletir-se aqui (como em II Pe. 1:3, 8; 2:20).

#### **B. Lembrete da Realidade Presente de Sua Herança Espiritual. 1:3, 4.**

**3. Visto como pelo seu divino poder nos tem sido doadas todas as cousas.** Exatamente como Pedro começou sua primeira carta, cujo alvo era encorajar os cristãos em seus sofrimentos, lembrando-os de sua grande riqueza espiritual, seu interesse em permanecerem firmes, ele também começa a presente epístola, pretendendo prepará-los contra plausível falsa doutrina. Aqueles que são espiritualmente ricos têm muito a perder através da revolução ou deserção. **Pelo conhecimento completo daquele.** Para um cristão, conhecer Cristo é vida em si (cons. Jo. 17:3). **Que nos chamou.** Novamente, como em I Pedro (por exemplo, 1:2) o apóstolo lembra seus leitores de que são um povo escolhido. **Para a própria glória e virtude** (significando geralmente excelência). O original aqui parece exigir o significado de *por sua própria glória e*

*virtude*. Ambas as traduções são possíveis e significativas. É pela glória e excelência de Cristo que somos atraídos, e são novamente o produto final da vida cristã.

**4. Pelas quais** (*através das quais*, isto é, através da glória e virtude). A glória e excelência de Cristo, reproduzidas no caráter dos santos, e assim oferecidas Àquele de quem são, constituem o alvo todo inclusivo da vida cristã. Nosso alvo se refere ao caráter: "Seremos semelhantes a ele" (I Jo. 3:2). E neste alvo estão incluídas todas as coisas dignas (cons. Mt. 6:33). **Nos têm sido doadas.** Não a palavra costumeira para "dar", mas uma palavra mais rica e munificente, "dotar", "suprir com uma herança". **Preciosas e mui grandes.** Literalmente, *as preciosas e maiores*. Observe novamente a palavra "precioso", tão proeminente em I Pedro. **Promessas.** Não o termo usual indicando uma sossegada aquiescência particular, mas uma palavra heráldica implicando em uma proclamação enfática e pública - uma palavra muito confortadora para aqueles a quem se refere. **Co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção, das paixões que há no mundo.** Com base nestes publicamente declarados compromissos divinos, o crente se toma um participante do mais rico de todos os tesouros, a natureza e vida de Deus. "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm. 8:9). Esta nova vida do Espírito não é nada além de "Cristo em ti". Exige submissão, obediência, vida (Gl. 5:25). Esta nova vida liberta-nos da morte-vida da escravidão aos desejos carnis (Rm. 8:11-13).

### **C. Desafio a que Insistam nas Amplas Implicações de Sua Herança. 1:5-11.**

**5-7. Por isso mesmo, vós . . . associai.** Pedro insiste com esses jovens crentes a que prossigam passo a passo na graça divina. Ele lhes diz que coloquem toda diligência no seu andar na graça.

**Associar com a vossa fé a virtude.** "Em vossa fé adquiram um amplo suprimento de excelência (cristã) básica". Esta excelência é a qualidade de alguém que diligentemente pratica os rudimentos básicos e

as implicações de sua chamada. Ele insiste com os cristãos a que acrescentem **conhecimento** à virtude. Aqui está o crescimento em conhecimento através do estudo e da experiência. A seguir vem o **domínio próprio** (autocontrole). Esta é a disciplina do soldado cristão com a ajuda do Espírito. Então vem a **perseverança**, a capacidade de um veterano de ver através das pressões atuais à vista dos recursos conhecidos. À perseverança o cristão acrescenta  **piedade** (gr., *eusebeia*), um espírito de reverência e deferência para com Deus em todos os assuntos. À reverência ele acrescenta a **fraternidade** (gr., *philadelphia*). Deferência para com Deus e revestimento do Seu amor é a única base para a genuína bondade altruísta com referência ao próximo. Após a fraternidade o **amor** (gr., *agape*, "amor divino", como em I Co. 13) é a busca do cristão. Seria incorreto colocar essas lindas graças em compartimentos que só pudessem ser atingidos nesta ordem. Não, sua apresentação aqui parece observar uma ordem do mais elementar para o mais avançado, mas todas elas são facetas da operação do Espírito na vida de um crente, aspectos da glória do Cristo que habita no crente, Seu caráter exibido no caráter do cristão.

### **8,9. Porque estas coisas existindo em vós e em vós aumentando.**

A palavra traduzida para **existindo** significa "ficar debaixo como fundamento ou base". Isto está implícito na regeneração, na presença do Espírito no coração. Mas a questão do "abundar" implica em crescimento cristão e plenitude do Espírito ou controle completo conforme experimentado pelos crentes no Pentecostes e desde então.

**Inativos, nem infrutíferos.** O fruto do Espírito, se compreendermos devidamente, é o caráter de Cristo realizado no cristão. Na descrição deste fruto em Gl. 5:22, 23, o amor divino (*agape*) foi mencionado em primeiro lugar; e as outras graças, sete ao todo, ficaram subordinadas a ele. Estão intimamente relacionadas em espírito e caráter à lista que Pedro fez acima. Em Cl. 3:14 Paulo menciona o amor divino em último lugar como um resumo que abrange todas as graças, mais ou menos como fez Pedro. O Pai é glorificado conforme o crente vai

produzindo mais fruto (Jo. 15:8). **No pleno conhecimento de nosso Senhor.** Antes, *para o conhecimento precioso e correto de nosso Senhor.* Esta é uma declaração da direção na qual a conquista do cristão se dirige. Então menciona-se a alternativa. É cegueira e miopia espiritual, e um senso enfraquecido de realidade e vida espirituais.

**10. Procurai (ocupem-se em) com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição.** Eis aqui uma responsabilidade pessoal com referência à vocação e escolha que Deus fez deles. **Procedendo assim** (continuadamente), **não tropeçareis em tempo algum.** A obediência não é opcional sob qualquer aspecto ligado à segurança do cristão.

**11. Pois, desta maneira é que vos será amplamente (ricamente) suprida a entrada.** Aqui está uma insinuação de que a sociedade celestial não será desprovida de classes. A boa mordomia das riquezas de Cristo produzirá juros eternos. O cristão, recebendo riquezas através da provisão de Cristo, investe e acumula riquezas futuras (cons. I Tm. 6:19).

#### **D. Pedro Sente a Responsabilidade de Desafiá-los. 1:12, 21.**

**12. Sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados... embora estejais certos da verdade ... e nela confirmados.** O sentido no grego é o seguinte, "Eu tenciono relembra-los sempre". Mesmo onde existem o conhecimento e a determinação, há necessidade de motivação e exortação.

**13-15. Enquanto estou neste tabernáculo.** Cristo, na incumbência que deu a Pedro depois da ressurreição, deu a entender que o apóstolo morreria como mártir (Jo. 21:18). Provavelmente é a isto que Pedro se refere no versículo 14. Um senso da brevidade do seu mandato aumenta o peso do seu senso de responsabilidade diante de seus leitores. **Depois da minha partida.** As epístolas de Pedro serviriam para alongar seu cuidado e seus conselhos em benefício dos seus irmãos.

**16-18. Não vos demos a conhecer ... fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua**



**majestade.** A autenticidade do testemunho apostólico instiga esta reiteração. Pedro fala aqui de um ministério anterior junto a essas pessoas. Pode ser uma referência ao seu sermão no Pentecostes, quando algumas estavam presentes, ou pode se referir ao seu trabalho entre elas na Ásia Menor. **Este é o meu Filho amado.** Esta referência à cena da Transfiguração pode muito bem significar uma reprimenda aos falsos mestres que, se Colossenses descreve uma situação paralela, inclinavam-se à adoração dos anjos, reduzindo assim a preeminência de Cristo. Uma vez que só Pedro, Tiago e João estavam presentes com Cristo no monte, isto também constitui um reforço da reivindicação à autoria petrina para a epístola.

**19-21. E temos assim tanto mais confirmada a palavra profética.** Colocado ao lado do que foi dito no versículo 21, a referência destes versículos parece ser às Escrituras do V.T. É um espantoso tributo à validade das Escrituras Sagradas, que Pedro declare, que sejam mais dignas de crédito do que uma voz do céu ouvida com os ouvidos naturais. Por implicação, aqui está uma censura àqueles mestres que indo além das Escrituras criam *artificialmente* teorias místicas. **Homens (santos) falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo,** ou *falaram da parte de Deus, sendo sustentados pelo Espírito Santo.* Esta passagem lembra muito o comentário sobre inspiração profética registrado em I Pe. 1:10-12, outro laço entre as duas epístolas.

## 2 Pedro 2

### II. Pedro Adverte Contra o Perigo dos Falsos Mestres. 2:1-22.

#### A. A Inevitabilidade dos Falsos Mestres. 2:1-3a.

**1-3a. Assim também haverá entre vós falsos mestres.** Tendo acabado de mencionar os profetas que falaram da parte de Deus, Pedro se refere ao fato de que estes enfrentaram a oposição dos falsos profetas. Ele adverte os crentes (mais ou menos como em Atos 20:29, 10; I Tm.

4:1-6; II Tm. 3:1-5 – ainda que o erro aqui parece que era no setor da vida e não de doutrina – I Jo. 2:18-20; e Judas 3 e segs.) contra os falsos mestres que talvez o apóstolo já soubesse operando em certos setores da igreja. Estes negariam **o soberano Senhor que os resgatou**; alcançariam seguidores e lançariam uma sombra sobre **o caminho da verdade**. Seu propósito seria mercenário; seriam motivados por avareza.

### **B. O Julgamento dos Falsos Mestres. 2:3b-9.**

**3b. Para eles. . . o juízo . . . , não tarda.** Aqui parece haver uma intimação de que os deliberados e obstinados heréticos ultrapassaram o período probatório do possível arrependimento. Seu destino agora era inexorável.

**4. Se Deus não poupou a anjos quando pecaram.** Pedro, bem no início de suas considerações sobre os falsos mestres, apresenta um quadro do Deus do juízo. Serve como encorajamento aos fiéis e também de advertência a qualquer um que esteja inclinado à apostasia (cons. vs. 7-9 abaixo). **As cadeias da escuridão** (E.R.C.). A tradução **abismos das trevas** (E.R.A.) (gr., *sirois* ou *seirois* em vez de *seirais*) parece a melhor. Embora pareça que Pedro esteja se referindo ao apócrifo Livro de Enoque, com sua elaborada discussão sobre o pecado dos anjos caídos, o juízo que lhes está reservado, e finalmente o próprio juízo (este versículo parece refletir Enoque 21), continua ausente, entretanto, essa teorização bastante louca e questionável, e intromissão de conceitos não espirituais que está evidente, até para o leitor desavisado, no livro de Enoque.

**5. E não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé.** Outra referência à severidade, como também à bondade de Deus.

**6-8. Reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa ... e livrou o justo Ló.** Ainda outra ilustração da judicatura de Deus sobre a Sua criação. Esta referência à infelicidade de Ló com os acontecimentos relacionados com a sua escolha de Sodoma por residência, por causa de sua lealdade básica a Deus, quer seja considerada como um reflexo da tradição antiga, quer

seja revelatória, é um interessante suplemento ao quadro que o V.T. dá desse patriarca.

**9. O Senhor sabe livrar . . . e reservar sob castigo.** Enquanto nos exemplos usados, Pedro demonstra mais interesse pela condenação divina dos maus do que pela sua vindicação dos justos (isto por causa de sua preocupação com os falsos mestres), nesta recapitulação final ele acrescenta em primeiro lugar a misericórdia divina para com os seus, para conforto dos leitores. A epístola de Judas é um paralelo muito achegado à presente discussão dos falsos mestres e seu castigo. Pedra fala de suas atividades como coisa iminente ("haverá também falsos doutores", 2:1); Judas trata do assunto como coisa presente ("porque se introduziram alguns", Judas 4).

### **C. As Características dos Falsos Mestres. 2:10-22.**

**10-12. Aqueles que seguindo a carne, andam ... menosprezam qualquer governo.** O quadro é de auto-indulgência e impudência carnavais. **Não temendo difamar autoridades superiores, ao passo que ... anjos ... não proferem contra elas juízo.** Pedro adverte contra palavras precipitadas e autoconfiantes, mesmo quando relacionadas com os poderes do mal. Sua referência aos anjos é paralela a de Judas 9, que parece refletir uma luta entre Miguel e o diabo, narrada na *Assunção de Moisés*, uma obra apócrifa conhecida entre os judeus. A referência de Pedro é discreta, levando alguns mestres da crítica a pensarem que II Pedro seguiu-se à referência mais específica em Judas. Bigg acha o contrário, sentindo que a declaração de Pedro foi suficiente para o seu propósito, e que a de Judas veio um pouco depois, particularizando-a. **Falando mal daquilo em que são ignorantes.** Sua auto-suficiência emparelhava com a sua ignorância. Isto faz lembrar a referência de Cl. 2:18. A característica dos mestres da crítica liberal moderna, que mis espanto causa, é a confiança absoluta que têm em suas próprias conclusões, com base em evidências triviais e envolvendo desvios

tremendamente importantes dos princípios mantidos durante séculos pela igreja histórica.

**13. Eles se regalam nas suas próprias mistificações.** Pedro fala de um abuso da sociabilidade cristã. Sempre ávidos de um bom jantar, eles transformam essas ocasiões em oportunidade para uma alegria imprópria e persistentes ensinamentos falsos. A referência que Judas faz às refeições em comum que os cristãos realizavam nas "festas de amor" (lit., "vosso amor" ou "ocasiões de amor", Judas 12) apresenta um padrão completamente diferente.

**14-16. Tendo olhos cheios de adultério.** Aqui está um quadro da instabilidade moral que encontra na igreja de hoje uma enorme constatação.

**Tendo coração exercitado na avareza . . . seguindo pelo caminho de Balaão.** É coisa sabida que a avidez pela remuneração financeira e o desejo de dirigir uma igreja grande e popular tem levado muitos profetas modernos a abandonar *o caminho direito* e a seguir o **caminho de Balaão**. E mesmo nos círculos evangélicos, uma preocupação excessiva pelo lucro financeiro, ou falta de cuidado no uso dos fundos, tem invalidado a obra de alguns príncipes do púlpito cujas palavras eram irresistivelmente poderosas.

**Um mudo animal de carga . . . refreou a insensatez.** À luz dos resultados eternos, o triste desatino de tal perversão de propósito provoca o desprezo até dos mais simples. Lembre-se de que o jumento teve a permissão de ver aquilo que fugia à visão míope de Balaão, "o vidente" (Nm. 22:25).

**17-19. Fonte sem água.** A condenação básica da falsa doutrina é sua completa esterilidade espiritual. É este aspecto do movimento conhecido por "liberalismo religioso" que tem levado grande número de pessoas espiritualmente famintas a abandonarem igrejas friamente formais. Finalmente também deu lugar à deserção do "liberalismo" até pelos intelectuais e eruditos. Esta deserção, conhecida como a "neo-

ortodoxia", é um movimento reacionário que, triste é dizer, continua negando a plena autoridade das Escrituras.

**Prometendo-lhes liberdade ... escravos da corrupção.** Os teólogos de meio século atrás bebiam sedentamente do intoxicante vinho da liberdade da autoridade das Escrituras e até mesmo de Deus. Dizia o Prof. Walter Rauschenbusch, "A pior coisa que poderia existir para Deus seria Ele permanecer um autocrata quando o mundo se dirige para a democracia. Ele seria destronado com os demais" (*Theology of the Social Gospel*, pág. 178). Dizia o Prof. Hugh Hartshome, "Nós já não seguimos os padrões éticos que emanam de autoridades estabelecidas, quer da igreja, do estado, da família, das convenções sociais, ou sistema filosófico" (*Jour. of Ed. Soc.*, Dec., 1930, pág. 202). Atualmente a nação enfrenta uma tremenda colheita do crime e da delinquência que prolifera. Os falsos mestres descritos por Pedro, foram eles mesmos exemplos da servidão espiritual (cons. Jo. 8:34).

**20-22. Melhor lhes fora nunca tivessem conhecido.** Este é um solene tributo da terrível responsabilidade da apostasia, e constitui uma advertência implícita aos crentes para permanecerem firmes.

## 2 Pedro 3

### III. Segunda Vinda de Cristo, um Imperativo na Conquista Espiritual. 3:1-18.

#### A. A Vinda de Cristo em Glória Anteriormente Mencionada aos Leitores. 3:1,2.

**1. A segunda epístola.** Muito naturalmente considerada uma referência à I Pedro. **Procuo despertar com lembranças a vossa mente esclarecida.** Literalmente, *com um lembrete eu desperto vossas mentes puras*. A palavra **pura** (gr., *eilicrines*), embora de discutida origem, provavelmente significa "julgada pelo sol", como um vaso que, quando colocado contra o sol, não revela falhas escondidas. Como tais

falhas costumavam ser escondidas por meio de hábeis remendos com cera, a palavra foi em outro lugar (Fp. 1:10) traduzida para "sincero" (lat., *sine cera*, "sem cera"). Alguns, pelo contrário, acham que a palavra se refere ao peneiramento, como o de grãos.

**2. Santos profetas. . . vossos apóstolos.** Pedro declara uma continuidade e congruência com o testemunho das Escrituras do V.T., a principal autenticação para a genuína pregação cristã na era apostólica, e também com o testemunho de seus companheiros, os apóstolos. Esta declaração natural e incidental – como se o escritor já soubesse que é do conhecimento de todos os seus leitores – é uma forte confirmação da autoria petrina desta carta. A Segunda Vinda era um assunto grandemente apreciado pelo apóstolo. Ele sublinha a exortação e o encorajamento de sua primeira carta (por exemplo, I Pe. 1:5, 7, 10-13; 4:7, 13; 5:1, 4). Ele sabia que os seus leitores estavam familiarizados com esta verdade.

### **B. A Segunda Vinda, Objeto de Ceticismo. 3:3-9.**

**3,4. Virão escarnecedores ... Onde está a promessa da sua vinda?** Pode-se debater sobre se esta é mais uma referência aos falsos mestres do capítulo 2, ou simplesmente uma declaração de que a demora da volta de Cristo levaria muitos a se afastarem e até mesmo a zombarem da gloriosa esperança da Igreja.

**5,6. Deliberadamente esquecem.** Literalmente, *isto deixou de ser percebido deliberadamente*. Um caso de cegueira judicial. Eles não queriam que a coisa fosse verdade. **Pela palavra de Deus.** Pedro retorna à segurança e estabilidade da palavra de Deus conforme comprovada na criação. Literalmente, *ela consistia na (ou pela) palavra de Deus*. **Pelas quais** (gr., *coisas através das quais*, isto é, através da palavra de Deus e do dilúvio) **veio a perecer o mundo daquele tempo.** A palavra do juízo divino, como a Sua palavra criativa, foi final.

**7. Ora, os céus que agora existem, e a terra, pela mesma palavra têm sido entesourados.** A promessa do juízo abrasador de Deus sobre

os pecadores e sobre o mundo deve ser aceita com respeito. As obras apócrifas anteriores à era cristã entraram em consideráveis detalhes sobre este assunto. Nosso Senhor, quando estava na terra, falou de um destino terrível para o pecador (por ex. Lc. 16:24).

**8,9. Que, para o Senhor, um dia.** Agora Pedro chega ao ponto que tinha em mente, isto é, que a demora da volta de Cristo, mencionada pelos céticos, não é base adequada para se duvidar da Sua vinda. Isto já foi insinuado quando se referiu ao dilúvio do tempo de Noé. O dilúvio também levou muito tempo para chegar, e sua plausibilidade foi subestimada pelo povo daquele tempo; mas ele veio, exatamente como Deus disse que viria. Esta é a terceira referência que Pedro faz a Noé (I Pe. 3:20; II Pe. 2:5), outra indicação excelente da unidade entre I e II Pedro. Os comentários de Pedro sobre a equivalência de um dia e mil anos para Deus, é uma linda declaração da eternidade de Deus, Sua superioridade às limitações do tempo e espaço (cons. Sl. 90:4). E é excitante pensar em como esse conceito reduz o período da espera de Sua volta. Os anos de nossa peregrinação aqui passam rapidamente. Mas, então, quando "estamos com o Senhor" e livres das limitações de tempo e espaço, não passa de um ou dois dias - mesmo calculados a partir dos tempos apostólicos - até que o Seu reino venha com todas as suas alegrias. **Que todos cheguem ao arrependimento.** A delonga de Deus tem um propósito redentor; Sua vontade básica é que todos abandonem os seus pecados e se voltem para Ele.

### **C.A Segunda Vinda Será Catastrófica. 3:10.**

**10. Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor.** Apesar de toda a aparente delonga, a palavra de Deus será novamente comprovada válida. Aquele dia há de vir. A visita súbita, jamais esperada do arrombador noturno é o símile favorito de Cristo, adotado pelos seus apóstolos. **Os elementos se desfarão abrasados; também a terra, e as obras que nela existem serão atingidas.** Aqui pode haver uma outra alusão ao Livro de Enoque, com sua descrição das "montanhas dos sete

metais" e sua destruição. Parece que os judeus religiosos de um modo geral aguardavam que houvesse uma final e abrasadora purificação da terra. É claro que isto vai além das referências bíblicas ao Milênio.

#### **D. Um Incentivo à Vida Santa. 3:11-18a.**

**11,12. Deveis ser tais como.** Exatamente como em sua primeira epístola (1:14-16), Pedro usa aqui o tema da esperança apocalíptica do cristão como poderoso incentivo à santidade. **Esperando e apressando a vinda do dia de Deus.** Que quadro para "todos quantos amam a sua vinda"! (cons. II Tm. 4:8). Não como aqueles que têm pavor desse dia, aqueles que, quando forem tomados de surpresa, pedirão às rochas e aos montes que os escondam (Ap. 6:15-17), o cristão o aguarda com ansiedade. As palavras **apressando a vinda do dia de Deus** também são passíveis desta tradução, *apressando a vinda...* Aqueles que ajudam a expandir a obra redentora de Deus podem com toda razão achar que são cooperadores em seu desfecho.

**13. Esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.** Este tem sido o tema dos profetas (por ex., Is. 2:4; 11:6-9; Mq. 4:1-5); isto é **segundo a sua promessa**. Foi uma esperança e uma visão partilhada por Abraão e os patriarcas (Hb. 11:10). É o que transforma os cristãos de todos os tempos em "peregrinos e estrangeiros". Compare com a menção que Paulo faz disto em Rm. 8:19, 25. Como Ló em Sodoma, o cristão só pode gemer diante do pecado que prevalece e os seus resultados. O nome concedido a Jeová pelo Israel milenial era Jeová-Tsidkenu "O Senhor, Justiça nossa".

**14. Por essa razão ... esperando estas coisas.** Uma insistência repetida da esperança do cristão como motivação para uma vida cuidadosa e santa. **Empenhai-vos** pode ser traduzido para *ocupem-se*. **Paz** e santidade estão associados em Hb. 12:14.

**15. E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor.** Paulo insiste com seus leitores sobre a razoabilidade da delonga divina, um tema já mencionado antes, no versículo 9. Deus aguarda poder



conceder a Sua graça. **Como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu.** Pedro conhecia as cartas paulinas, embora fossem contemporâneas das suas. Não há razão para se interpretar esta declaração como indicação de que o cânon do N.T. já estivesse começando a se formalizar quando isto foi escrito. A frase **nosso amado irmão** parece naturalmente se referir a um contemporâneo.

**16. Que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras.** Pedro se refere àqueles que fazem cavilações sobre a autoridade das obras paulinas, considerando-as espiritualmente sem fundamento e indignas de crédito. O apóstolo concede às cartas deste homem que foi seu contemporâneo e que já o criticou, um lugar entre as demais obras sagradas. Compare com as declarações do próprio Paulo de que suas injunções quando foram escritas eram mandamentos divinos (I Co. 14:37; I Tm. 6:3).

**17. Acautelai-vos; não suceda que . . . descaiais da vossa própria firmeza.** Uma repetida e final advertência à fidelidade. Seu conhecimento antecipado deu-lhes uma vantagem. Saber de antemão é prevenir-se (cons. I Ts. 5:4). Mas havia perigo real em serem envolvidos e arrastados pelo erro desses insubordinados.

**18a. Antes, cresci na graça.** A vida não é estática. Temos de avançar para não retroceder. Pedro termina com a mesma nota do começo desta epístola (1:5-11), isto é, um desafio à conquista espiritual através do **conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.** Conhecer-LO é viver; crescer nessa amizade é crescer no Espírito (cons. Fp. 3:10).

#### IV. A Bênção Apostólica. 3:18b.

**18b. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno.** Cristo, o começo, o processo, e o cumprimento de nossa grande salvação, recebe eterno louvor.

# 1 JOÃO

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5

### INTRODUÇÃO

**A Vida de João.** A vida do apóstolo divide-se em dois períodos. O primeiro conclui com a sua partida de Jerusalém algum tempo depois da ascensão de Cristo, e o segundo prossegue desde então até a sua morte. João era evidentemente muito mais jovem do que Jesus. Ele deve ter nascido em Betsaida (Jo. 1:44). Filho de Zebedeu e Salomé, vinha, ao que parece, de uma família abastada; pois trilha servos (Mc. 1:20), sua mãe ajudou no sustento financeiro de Cristo (Mc. 15:40,41), e João conhecia o sumo-sacerdote, que era escolhido entre a elite (Jo. 18:15). Seu irmão mais moço era Tiago. Embora João não tenha provavelmente freqüentado as escolas rabínicas (Atos 4:13), sua educação religiosa em seu lar judeu deve ter sido completa.

Os galileus eram homens de ação, duros e trabalhadores, e João não era uma exceção. Embora os artistas o tenham pintado como pessoa efeminada, a Bíblia o descreve de maneira muito diferente. Era conhecido como um dos "filhos do trovão" (Mc. 3:17), que em diversas ocasiões agira com intolerância (Mc. 9:38; Lc. 9:49), caráter vingativo (Lc. 9:54), e espírito de intrigas (Mt. 20:20, 21; cons. Mc. 10:35). Foi o poder de Cristo que transformou este galileu típico em "o apóstolo do amor".

Quanto tempo João ficou em Jerusalém depois do Pentecostes não é certo. Evidentemente não estava lá quando Paulo visitou a cidade pela primeira vez (Gl. 1:18,19), embora possa ter estado mais tarde como um dos membros do concílio (Atos 15:6). A evidência de que passou a última parte de sua vida na Ásia Menor; e principalmente em Éfeso, é

forte demais para ser abalada Com Outras conjecturas. Justino Mártir (*Dialogue with Trypho*, LXXXI), Irineu (Eusébio, *Ecclesiastical History* V, xx. 4,5), Polícrates (Ibid. V. xxiv. 3), e a forte inferência de que O Apocalipse foi escrito por um líder eclesiástico na Ásia Menor, todos atestam este fato. Literatura extrabíblica está repleta de histórias das atividades de João durante este período, sendo a mais famosa sobre Cerinto no banho e um jovem rapaz (um dos convertidos do apóstolo) que se tornou um bandido e foi mais tarde reconciliado com a igreja (cons. A. Plummer, *The Gospel According to S. John, Cambridge Greek Testament*, pág. xvii, xviii).

João é mais conhecido como "o apóstolo do amor", mas ele foi também um homem severo que até os seus últimos anos de vida foi intolerante com a heresia. Ambos estes aspectos do seu caráter, a severidade e o amor, estão destacadamente exibidos em sua Primeira Epístola. **Intenso** é a simples palavra que melhor descreve este homem. Nos atos, no amor aos irmãos, na condenação da heresia, João foi um apóstolo intenso.

**A Cidade de Éfeso.** Éfeso, o lar de João durante a última parte de sua vida, está localizada em uma planície fértil peno da desembocadura do Rio Caister. No tempo de Paulo era uru centro comercial, da região oriental do Egeu e daqueles que passavam por Éfeso vindos do Oriente. Sendo a cidade a capital da província da Ásia Menor, o procônsul romano residia ali. Assembléias democráticas eram permitidas aos habitantes de Éfeso (Atos 19:39). O Cristianismo entrou na cidade em cerca de 55 através do ministério de Paulo, e ele escreveu uma carta circular a Éfeso e outras igrejas cerca de oito anos mais tarde. Antes de João chegar à cidade, muitos trabalharam ali pela causa de Cristo (Áqüila e Priscila, Atos 18:19; Paulo, Atos 19:3-10; Trófimo, Atos 21:29; a família de Onesíforo, II Tm. 1:16-18; 4:19; e Timóteo, I Tm. 1:3).

A moralidade em Éfeso era baixa. O magnífico templo de Diana, com suas 127 colunas de 19,80ms. de altura à volta de uma área de 140 por 72ms., era como um ímã que atraía o povo à pocilga de Éfeso. Era

uma casa de prostituição em nome da religião. E apesar da idolatria iníqua que havia nesse lugar, era a Meca ou a Roma dos religiosos, e o seu povo deliciava-se em intitular-se de "guardadores do templo" da grande Diana (Atos 19:35).

**Gnosticismo.** O Gnosticismo, a filosofia da essência, em sua forma primitiva fez incursões na igreja da Ásia Menor nos dias de João. Ele envolvia especulações relativas à origem da matéria e sobre como os seres humanos podem ficar livres da matéria. O nome é grego, mas seus elementos principais eram gregos e orientais; aspectos judeus e cristãos foram acrescentados à mistura. O Gnosticismo defendia, particularmente, que o conhecimento é superior à virtude, que o verdadeiro significado das Escrituras está no sentido não literal e que só podem ser compreendidas por alguns poucos seletos, que o mal no mundo impossibilita que Deus seja o criador, que a Encarnação é coisa incrível porque a divindade não pode se ligar a nada que seja material - tal como o corpo, e que não existe a ressurreição da carne. Esta doutrina resultou no Docetismo, ascetismo e antinominianismo. O Docetismo extremo defendia que Jesus não era humano sob qualquer aspecto, mas uma teofania meramente estendida, enquanto o Docetismo moderado considerava Jesus o filho natural de José e Maria, sobre o qual Cristo veio no momento do batismo. Ambas as formas da heresia foram atacadas por João na Primeira Epístola (2:22; 4:2, 3; 5:5, 6). Alguns gnósticos praticavam o ascetismo porque criam que toda a matéria era má. O antinominianismo, ou a anarquia religiosa, era a conduta dos outros, uma vez que consideravam o conhecimento superior à virtude (cons. 1:8; 4:20). A principal resposta de João a estes erros gnósticos foi enfatizar a Encarnação e o poder ético do exemplo da vida de Cristo.

**A Autoria das Epístolas.** A questão levantada quanto à autoria de Primeira João é se o João que escreveu o Evangelho e a Epístola foi realmente João, o filho de Zebedeu, ou João, o ancião. A literatura menciona um presbítero João em Éfeso, e alguns têm sido levados a concluir que João, o filho de Zebedeu, foi uma outra pessoa, e não o João

de Éfeso, e que foi este último que escreveu estes livros (Irineu em Eusébio, op. cit., V. vii e xx; Papias em Ibid., III, xxxix; Polícrates em Ibid., V. xxiv; O Cânon de Muratori).

O argumento padrão para a autoria joanina do Evangelho baseia-se em evidências internas. Este argumento se encontra na natureza de três círculos concêntricos. 1) O círculo maior prova que o autor era um judeu da Palestina. Isto está comprovado pelo uso que faz do Velho Testamento (cons. 6:45; 13:18; 19:37), e por seu conhecimento do pensamento judeu, tradições, expectativas (cons. Jo. 1:19-49; 2:6, 13; 3:25; 4:25; 5:1; 6:14, 15; 7:26 e segs.; 10:22; 11:55; 12:13; 13:1; 18:28; 19:31, 42), e por seu conhecimento da Palestina (Jo. 1:44, 46; 2:1; 4:47; 5:2; 9:7; 10:23; 11:54). 2) O círculo médio prova que o autor foi testemunha ocular. Isto está comprovado pela exatidão dos detalhes de tempo, espaço e incidentes dados no Evangelho (cons. Jo. 1:29, 35, 43; 2:6; 4:40, 43; 5:5; 12:1, 6, 12; 13:26; 19:14, 20, 23, 34, 39; 20:7; 21:6), e pelo esboço dos caracteres (por exemplo, André, Filipe, Tomé, Natanael, a mulher de Samaria, Nicodemos) peculiaridade deste Evangelho. 3) O terceiro círculo conclui que o autor foi João. O método seguido é, em primeiro lugar, eliminar todos os outros que pertençam ao círculo íntimo dos discípulos e então citar evidências confirmantes que provam que só João poderia ter sido o autor.

Os argumentos para a autoria comum do Evangelho e da Epístola são conclusivos. Esta evidência firma-se sobre passagens paralelas (por exemplo, Jo. 1:1 e I Jo. 1:1), frases comuns (por exemplo, "filho unigênito", "nascido de Deus"), construções comuns (o uso de conjunções em lugar de cláusulas subordinadas) e temas comuns (ágape, "amor"; *phos*, "luz"; *zoe*, "vida"; *meno*, "habitar"). Assim permanece a questão básica: O autor de ambas as obras foi João, o apóstolo, ou João, o presbítero?

Alguns dos motivos para se fazer uma distinção entre João, o apóstolo e João, o presbítero, favorecendo assim a autoria destes livros pelo último, são: 1) um homem inculto (Atos 4:13) não poderia ter

escrito nada tão profundo quanto o Quarto Evangelho; 2) o filho de um pescador certamente não poderia conhecer o sumo sacerdote; 3) um apóstolo não se intitularia presbítero; 4) uma vez que o escritor do Evangelho usou Marcos como fonte, esse escritor não poderia ter sido João, uma vez que um apóstolo não usaria a obra de alguém que não fosse apóstolo. Contra estes argumentos, as respostas que defendem a autoria de João, o apóstolo, não são difíceis de se dar. 1) *Iletrado* pode ser aquele que não teve uma educação formal nas escolas dos rabinos e nem sempre significa "ignorante"; 2) não se deve julgar que todos os pescadores fossem de origem inferior; 3) o apóstolo Pedro também se intitulou ancião (I Pe. 5:1), então por que não poderia João usar o mesmo título? 4) Mateus, um apóstolo, usou Marcos como fonte, de acordo com os críticos, mas isto não se usa geralmente como argumento contra a autoria de Mateus no Primeiro Evangelho. Além disso, se João, o presbítero, é o autor do Quarto Evangelho e o mesmo discípulo amado, toma-se muito difícil explicar por que uma pessoa tão importante quanto João, filho de Zebedeu, nunca foi mencionado nesse Evangelho. As evidências apontam claramente para o escritor do Evangelho e das Epístolas, João, o apóstolo, filho de Zebedeu, que é o mesmo João presbítero que passou os últimos anos de sua vida em Éfeso.

**Datas e Lugar.** As datas das epístolas relacionam-se com a data indicada para o Evangelho. Aqueles que indicam uma data entre os anos 110 e 165 para o Evangelho e acham que João não foi o autor, deparam-se com um dilema. Se o Evangelho foi publicado tão tarde assim, alegadamente mas não realmente escrito por João, por que as centenas de cristãos vivos, que conheceram João durante seus últimos anos de vida, não denunciaram a fraude? Ou, pelo menos, por que alguém não mencionou que não foi escrita pelo próprio? Se ele não foi publicado antes de 140/165 como poderia ser universalmente aceito em 170, como foi? O fato dos fragmentos de Rylands, referente a João, encontrados no Egito datarem de 140 ou antes, requer que a data da composição do livro seja colocada no fim do primeiro século ou antes. O Evangelho

evidencia que o autor está voltando seus olhos para trás (Jo. 7:39; 21:19), o que significa que, sendo João o autor, o Evangelho deve ter sido publicado entre 85 e 90 (embora tenha sido escrito antes). Sem dúvida foi produzido por insistência dos anciãos das igrejas da Ásia Menor, que queriam que ele anotasse, antes de morrer, as coisas que lhes ensinara oralmente. Uma vez que a mensagem de I João parece indicar um conhecimento do conteúdo do Evangelho, e uma vez que não há nenhuma menção de perseguição sob Domiciano em 95, a Primeira Epístola foi provavelmente escrita em cerca de 90 A.D. Segunda e Terceira João também podem ser datadas do mesmo ano da Primeira Epístola, isto é, cerca de 90. Todas as Epístolas foram escritas de Éfeso, de acordo com a tradição digna de confiança.

## **ESBOÇO**

Introdução. 1:1-4.

A. A pessoa. 1:1, 2.

B. O propósito. 1:3, 4.

I. Condições de comunhão. 1:5-10.

A. Conformidade com um padrão. 1:5-7.

B. Confissão de pecado. 1:8-10.

1. Confissão do princípio do pecado. 1:8.

2. Confissão de pecados particulares. 1:9.

3. Confissão de pecados pessoais, 1:10.

II. Conduta na comunhão. 2:1-29.

A. O caráter de nossa conduta: imitação. 2:1-11.

1. O princípio da imitação. 2:1, 2.

2. O padrão da imitação. 2:3-6.

3. A prova de nossa imitação. 2:7-11.

B. O mandamento que rege nossa conduta: separação. 2:12-17.

1. A quem se dirige o mandamento. 2:12-14.

2. O apelo do mandamento. 2:15-17.

C. O credo para nossa conduta: afirmação. 2:18-29.

1. A necessidade de um credo. 2:18-21.
2. A natureza do credo. 2:22-29.
- III. Características da comunhão. 3:1-24.
  - A. Em relação à nossa perspectiva – pureza. 3:1-3.
    1. Motivos de pureza. 3:1-3a.
    2. Significado da pureza. 3:3b.
  - B. Em relação à nossa posição – justiça e amor. 3:4-18.
    1. Justiça. 3:4-9.
    2. Amor. 3:10-18.
  - C. Em relação às nossas orações – respostas. 3:19-24.
    1. Dependem de confiança. 3:19-21 .
    2. Dependem de obediência. 3:22-24.
- IV. Prudência na comunhão. 4:1-21.
  - A. Prudência quanto aos espíritos mentirosos: falsos profetas. 4:1-6.
    1. A existência dos espíritos mentirosos. 4: 1.
    2. O exame dos espíritos mentirosos. 4:2-6.
  - B. Prudência quanto ao espírito de amor: falsa profissão. 4:7-21.
    1. Base para o amor. 4:7-10.
    2. As glórias do amor. 4:11-21.
- V. A causa da comunhão. 5:1-21.
  - A. Fé em Cristo comprovada pela nossa conduta. 5:1-5.
  - B. Fé em Cristo comprovada pelas nossas credenciais. 5:6-12.
    1. A evidência das credenciais. 5:6-8.
    2. O efeito das credenciais. 5:9-12.
  - C. Fé em Cristo comprovada pela nossa confiança. 5:13-21.
    1. Confiança na oração. 5:13-17.
    2. Confiança em conhecimento. 5:18-21.



## 1 João 1

### Introdução. 1:1-4.

Diferindo da maior parte das epístolas do N.T., esta não tem saudação no começo e nem bênção no final. Estes quatro versículos da introdução correspondem aos dezoito versículos introdutórios do Evangelho e três versículos do Apocalipse. Falam-nos do assunto do escritor, isto é, a Palavra, que é vida.

#### A. A Pessoa. 1:1,2. Isto é o que o apóstolo tem a declarar:

**1. Era.** Não "veio a existir" mas era, já existia (*en*). **Desde o princípio.** A ausência do artigo é idiomática. O significado sempre é determinado pelo contexto. Neste exemplo a frase significa um princípio anterior à criação, e o significado é determinado por **estava com o Pai** no versículo 2. Esta é uma declaração impetuosa da eternidade de Cristo. **O que temos ouvido.** Tempo perfeito, indicando resultado permanente de uma ação passada. **Temos visto com os nossos próprios olhos.** João queda que soubéssemos que o ver não foi figura de linguagem, mas fato literal. **Contemplamos e ... apalparam.** O tempo foi mudado para o aoristo e indica uma manifestação especial de Cristo. **Apalparam** é a mesma palavra usada por Cristo em uma de Suas aparições depois da ressurreição (Lc. 24:39). Evidentemente João se refere a esse incidente. **Verbo da vida.** **Verbo** é um nome e não simplesmente a idéia da revelação, e **vida** indica operação e não um nome para Cristo (embora no v. 2 seja praticamente um nome).

**2. A vida** que Cristo manifestou foi **a vida eterna** porque Cristo estava **com o Pai**. A frase mostra a personalidade independente de Cristo, que é a vida; e a preposição **com** mostra a igualdade de Cristo com o Pai, como em Jo. 1:2.

**B. O Propósito. 1:3, 4. Isto é por que o apóstolo apresenta esta mensagem.**

**3. Visto e ouvido.** A Encarnação é a base da **comunhão**. **Para que vós igualmente mantenhais.** Aqueles que não viram nem ouviram. **Comunhão.** Este é o propósito (hirta, "4 fim de que") da mensagem de João e é o tema da epístola. A palavra é principalmente usada por Paulo no N.T., exceto neste capítulo. Ela é divina – com Deus, e humana – **conosco**. Ela se comprova pela demonstração da alegria (v. 4) e pela generosidade (Atos 2:45 ; Rm. 15:26; II Co. 8:4; 9:13; I Tm. 6:18). A comunhão melhor se descreve com a Ceia do Senhor (I Co. 10:16). **Com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo.** "Assim, duas verdades fundamentais, as quais as heresias filosóficas da época queriam obscurecer e negar, foram claramente estabelecidas desde o começo: 1) a independência da personalidade e a igualdade de dignidade entre o Pai e o Filho; 2) a identidade do eterno Filho de Deus com a pessoa histórica Jesus Cristo" (Plummer, *op. cit.*, pág. 20).

**4. Para que a nossa alegria seja completa.** A comunhão é a base da alegria. A alegria dos leitores dependia dela e também o apóstolo. (É difícil estabelecer uma opinião positiva quanto a tradução, entre **nossa alegria** e *vossa alegria*.)

### **I. Condições de Comunhão. 1:5-10.**

A. Conformidade com um Padrão. 1:5-7. Esta seção contradiz diretamente a doutrina gnóstica de que a conduta moral é indiferente ao iluminado.

**5. Dele. De Cristo. Deus é luz.** Ninguém nos fala tanto de Deus quanto João. Ele é espírito (Jo. 4:24); Ele é luz (I Jo. 1:5); e Ele é amor (I Jo. 4:8). Estas declarações se referem ao que Deus é, não ao que Ele faz. Assim, a luz é a Sua natureza. Santidade é a idéia principal, e o seu uso aqui no começo da epístola estabelece a base para a ética cristã da carta.

**6. Se dissermos.** Condicional grego de terceira categoria, mas incluindo o escritor – um modo muito delicado de declarar a

possibilidade. Andarmos nas trevas. Fora da vontade de Deus, que é luz. Não praticamos a verdade. A verdade não é apenas o que se diz mas também o que se faz.

**7. Se, porém, andarmos ... como ele na luz está.** Deus é luz; nós andamos nela. A exigência para a comunhão é deixar a luz revelar o certo e o errado e então viver sob a sua orientação continuamente. O cristão jamais se transformará em luz até que o seu corpo seja mudado, mas ele deve andar em resposta à luz enquanto está aqui na terra. Duas conseqüências seguem-se – primeiro, comunhão; depois, purificação. **Comunhão uns com os outros.** A referência é aos nossos irmãos e não a Deus, como em 3:11, 23; 4:7, 12; II Jo. 5. A purificação do cristão é uma conseqüência do andar na luz; a cláusula é coordenada e indica um segundo resultado do andar na luz. **Sangue de Jesus.** Tanto no V.T. como no N.T. o sangue significa morte – geralmente violenta. **Nos purifica.** Andar na luz expõe nossos pecados e fraquezas; assim precisamos de constante purificação e isto se obtém com base na morte de Cristo. O verbo está no tempo presente e se refere à purificação em santificação. **De todo o pecado.** **Pecado** está no singular, indicando o princípio do pecado, mas a adição de todo (ou cada) mostra que ele tem muitas formas.

### **B. Confissão de Pecado. 1:8-10.**

A menção da purificação do pecado no versículo 7 leva ao pensamento desta seção.

#### **1) Confissão do Princípio do Pecado. 1: 8.**

**8. Se dissermos.** A segunda das três profissões falsas neste capítulo (cons. vs. 6, 10). **Não temos pecado.** A frase *ter pecado* é peculiar a João no N.T. (cons. Jo. 9:41; 15:22, 24; 19:11). Refere-se à natureza, princípio, ou raiz de pecado, e não ao ato. As conseqüências de não confessar que temos pecado são duas: 1) **a nós mesmos nos enganamos**, literalmente, *desviamo-nos do caminho*, fazendo conosco o que Satanás

se esforça em fazer; 2) **a verdade não está em nós**; apagamos a luz e passamos a morar em uma atmosfera de trevas criadas por nós mesmos.

### 2) Confissão de Pecados Particulares. 1:9.

9. Para admitir a verdade do versículo 8 pode não ser difícil, mas fazer o que se exige no versículo 9, é difícil. **Confessarmos**. Literalmente, *dizer a mesma coisa*. "Ter a mesma visão que Deus tem" (Candlish, pág. 49). Mas não é uma simples concordância externa; antes, inclui o abandono, pois essa é a atitude que Deus quer que tomemos em relação ao pecado. A confissão é a Deus. **Fiel e justo**. Deus cumpre a Sua palavra e é justo em todos os Seus atos, incluindo a maneira dEle perdoar os pecados, que é com base na morte do Seu Filho. **Perdoar . . . purificar**. O perdão é a absolvição do castigo merecido pelo pecado, e a purificação é a remissão da poluição do pecado.

### 3) Confissão de Pecados Pessoais. 1:10.

10. Pode-se admitir as verdades dos versículos 8 e 9 abstratamente mas nunca admitir que se está pessoalmente envolvido no pecado. **Se dissermos**. Esta é a terceira falsa profissão. **Não temos cometido pecado** refere-se ao ato do pecado, não ao estado, como em 1:8. **Fazemo-lo mentiroso**. Porque Deus diz que o homem pecou. **A sua palavra não está em nós**. A palavra de Deus, tanto no V.T. como no N.T. Então, a comunhão depende em responder ao padrão de luz e reconhecer nosso estado pecaminoso. A vida vitoriosa cristã é uma vida de pecados confessados; a confissão genuína inclui abandonar o pecado, e somente assim se produz o crescimento espiritual.

## 1 João 2

### II. Conduta na comunhão. 2:1-29.

O escritor trata agora da conduta do crente que anda na luz. Não há interrupção de pensamento entre os capítulos.

---

**A. O Caráter de Nossa Conduta: Imitação. 2:1-11.****1) O princípio da Imitação - "Para que não pequeis". 2:1,2.**

A certeza do perdão dos pecados (1:9) e as declarações de sua universalidade (1:8, 10) pode levar alguns a considerar o pecado levemente. Portanto, João mostra o padrão da conduta e a natureza do remédio para o pecado, a fim de que seus leitores não cometessem pecado.

**1. Filhinhos meus.** Um termo de carinho, não de indicação de idade. **Para que não pequeis.** O aoristo não pode significar "que não continuem em pecado", mas antes "que absolutamente não pequem". Embora isto não possa ser verdade absoluta até que O vejamos (3:2), deve sempre ser o nosso alvo.

**Se, todavia, alguém pecar.** O aoristo indica novamente que é um ato particular de pecado. **Temos.** João também se inclui.

**Advogado.** Literalmente, *alguém convocado para ficar ao lado*, especialmente para ajudar – um patrono. A palavra foi usada no N.T. apenas por, João (Jo. 14:16, 26; 15:26; 16:7; e aqui). O advogado defende a causa do crente contra Satanás, seu acusador (Ap. 12:10). Ele é **Jesus Cristo, o justo.** **Justo** indica a característica particular de nosso Senhor que lhe concede eficácia em Sua advocacia (cons. Hb. 7:26). Sendo justo Ele pode interceder junto ao Pai que é justo.

**2. Ele.** *Ele mesmo*, pronome pessoal enfático. **Propiciação.** Esta é a base de sua advocacia, e embora esta última seja apenas para os crentes, a propiciação é para todos os homens. Propiciação significa satisfação (usada aqui e em 4:10 somente). Cristo mesmo é a satisfação (observe o tempo presente). "Diz-se que Cristo é a 'propiciação' e não simplesmente o 'propiciador'(como é chamado "Salvador" 4:14), a fim de enfatizar o pensamento de que Ele mesmo é a oferta propiciatória além do sacerdote (comp. Rm. 3:25). Um propiciador devia usar meios de propiciação, além de si mesmo" (B. F. Westcott, *The Epistles of St. John*, pág. 44). **Pelos nossos pecados. Pelos** (*peri*). Referente, não "em benefício de".

**Mas ainda pelos do mundo inteiro.** Não há limitação na satisfação que Cristo é em relação ao pecado. **Mundo.** *Kosmos* neste caso, como em Jo. 3:16, significa a raça humana.

## 2) O Padrão para Imitação - "Como Ele andou". 2:3-6.

### a) A Palavra de Cristo. 2:3-5.

Imitação envolve a guarda dos Seus mandamentos.

**3. Por isto, isto é, se guardamos os seus mandamentos. Sabemos.** Percebemos. **Que o conhecemos.** Opondo-se ao gnosticismo, que se preocupava com os predicaos intelectuais, o Cristianismo exige conduta moral.

**4. É mentiroso.** Todo o seu caráter é falso. A verdade como um princípio não se encontra nesse homem e por isso não pode regular o todo de sua vida.

**5.** Este versículo é oposto a 2: 4 como 2:4 é oposto a 2:3. **Palavra.** Mais amplo do que *mandamentos*, incluindo toda a revelação da vontade de Deus. **Amor de Deus.** Provavelmente o amor do homem para com Deus (genitivo objetivo), como em 2:15; 4:12; 5:3. O oposto (o amor de Deus para com o homem, genitivo subjetivo) vê-se em 4:9.

### b) O Andar de Cristo. 2:6.

**6. Aquele que diz.** Declarar-se ao lado de Cristo resulta na implicação moral de imitá-Lo. Está, E.R.C. (**permanece**, E.R.A.). Uma das palavras favoritas de João, definida em 3:24 como a comunhão habitual mantida quando se guarda os mandamentos. **Deve.** Tem a obrigação representada por um débito (cons. Lc. 17:10). **Como.** *Kathos*, não simplesmente, *hos*, indicando que a limitação deve ser exata em todas as coisas. O padrão de Cristo conforme apresentado no N.T. é humilhação e auto-sacrifício. Este deveria ser o ponto central da imitação do cristão (cons. Mt. 11:29; Jo. 13:15; Rm. 15:2; Fp. 2:5 e segs.; Hb. 12:2; I Pe. 2:21).

### 3) A Prova da Imitação – Amor. 2: 7-11.

A vida de Cristo foi amor auto-sacrificante; portanto, a prova de que O imitarmos está na demonstração do amor. O amor é aquilo que busca o bem supremo daquele que é amado; e uma vez que o bem supremo é a vontade de Deus, o amor faz a vontade de Deus.

**7. Irmãos** (E.R.C.). Melhor, **amados** (E.R.A.). Primeira ocorrência da palavra nesta epístola. **Mandamento**. Andar como Ele andou (v. 6) e amar os irmãos (vs. 9-11). São coisas essencialmente iguais. **Desde o princípio**. Esta frase pode significar o início da raça ou o começo da Lei (Lv. 19:18) ou melhor, o início da vida cristã.

**8. Aquilo que é verdadeiro**. A tradução melhor parece ser esta, *Um novo mandamento eu lhes escrevo, isto é, aquele que é verdadeiro*. **Antigo**. Antes, que se extingue (tempo presente). Porque as trevas estão se extinguindo e a verdadeira luz está brilhando, João aconselha seus leitores a andarem como filhos da luz. **A verdadeira luz**. A revelação de Deus em Cristo.

**9. Aquele que diz**. Esta é a quinta vez que João destaca a possibilidade de inconsistência entre profissão e conduta (1:6, 8, 10; 2:4; cons. 4:20). **Irmão**. Companheiro cristão, não próximo (embora algumas vezes no N.T. "irmão" significa próximo, como em Mt. 5:22; Lc. 6:41). **Está nas trevas**. Esta falsa profissão envolve a existência do estado exatamente oposto ao que está sendo declarado.

**10. Aquele que ama**. Isto não é simples profissão, como no versículo 9, mas a verdade real. **Nele não há nenhum tropeço**. Nele não há nada que possa levar os outros a tropeçarem. Isto segue o significado geral de *skandalon* no N.T., ocasião de tropeço, pois se usa em relação à ofensa causada a outros. "Falta dê amor é a fonte mais prolífica de ofensas" (Westcott, pág. 56).

**11. Está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe**. As trevas são o lar e a esfera da atividade daquele que odeia seu irmão e o agente de sua cegueira.

**B. O Mandamento para a Nossa Conduta: Separação. 2:12-17.****1) Os Destinatários do Mandamento. 2:12-14.**

O fundamento para o apelo à separação que se segue em 2:15-17 encontra-se no caráter e posição daqueles a quem se dirige nestes versículos.

**12. Filhinhos.** João se dirige a todos os seus leitores, mas com ênfase especial nesta palavra, aqueles que têm afinidade uns com os outros por causa do perdão dos seus pecados. **Por causa do seu nome.** Credo no nome de Cristo (e assim a pessoa que o nome representa) experimentaram o perdão.

**13. Pais.** Agora ele se dirige aos mau velhos da congregação e aqueles que se distinguem por sua posição. **Conheceis** (conhecêsseis). Vocês ficaram conhecendo através da permanência nos mandamentos da vida cristã. **Aquele que existe desde o princípio**, isto é, Cristo (cons. Jo. 1:1-14). **Jovens.** Os mais jovens do grupo. **Tendes vencido.** Tempo perfeito, expressando o resultado permanente da ação passada. Força, que é a característica da juventude, é essencial à vitória nas batalhas espirituais. **O maligno.** A forma pode ser masculina (o maligno, isto é, o diabo) ou neutro (o mal). Uma vez que o tratamento dado aos jovens é pessoal, é muito provável que a referência aqui também é ao diabo pessoalmente. "A rudeza com a qual 'o maligno' é apresentado mostra que era assunto familiar" (Westcott, pág. 60). Filhos (E.R.C.). O mesmo grupo de 2:12, embora a palavra aqui seja *paidia* e a ênfase esteja sobre a subordinação mais do que sobre o relacionamento, como em *teknia* do versículo 12. A distinção de idades não está aparente nestas palavras como em "pais" e "mancebos"; portanto a referência é a todo o grupo. **Escrevi.** Literalmente, mudando aqui e no versículo 14 dos tempos presentes de 2:12, 13a para o aoristo. A mudança tem sido diversamente explicada. É provável que seja devida a uma mudança de perspectiva de João enquanto escrevia. Através de 13a ele via a carta ainda incompleta, e de 13b ele a via terminada, por isso empregou estes aoristos



epistolares. **Conheceste o Pai** (E.R.C.). O uso de Pai ao se dirigir aos **filhos** (E.R.C.) reforça a idéia de subordinação. O termo **Pai** (E.R.C.) ocorre mais freqüentemente nas canas de João do que nos três Evangelhos Sinóticos juntos.

**14. Palavra de Deus.** A razão porque os jovens podiam vencer o maligno consistia em que a palavra de Deus permanecia neles. Eles fadaram a vontade de Deus conforme revelada em Sua palavra.

## 2) O Apelo do Mandamento. 2:15-17.

### a) A Natureza do Apelo. 2:15a.

Em 2:12-14 João lembra aos seus leitores os seus privilégios de cristãos. Seus pecados foram perdoados, eles conheciam Aquele que é a verdade, e experimentaram vitória espiritual. Nestes versículos ele exorta-os a andarem de acordo com esta sublime vocação, não amando o mundo e as coisas que nele há. Amar a Deus é incompatível com amor ao mundo.

**15. Não ameis.** A ordem é para todos (não a um grupo em particular) e aparece abruptamente no texto. **O mundo** (*kosmos*, o oposto a *kaos*). O mundo é este sistema organizado que age como rival de Deus. É aquilo "que encontra sua esfera e realização próprias em uma ordem finita e sem Deus" (Westcott, pág. 63). Embora Deus ame o mundo dos homens (Jo. 3:16), não devemos amar aquilo que os organiza contra Deus. Um homem verdadeiramente religioso mantém-se afastado do mundo (Tg. 1:27), uma vez que a amizade com ele é inimizade com Deus (Tg. 4:4). O mundo está no colo do maligno (I Jo. 5:19), e João usa o mundo como símbolo das trevas (Jo. 3: (9)). O mandamento não é, "não o amem demasiadamente", mas "não o amem de modo nenhum". **Nem as coisas que há no mundo.** Não amem nada que esteja na esfera do *kosmos*. Temos de usar as coisas que estão no mundo, mas quando as amamos em lugar de Deus, estamos abusando (I Co. 7:31).

**b) Os Motivos do Apelo. 2:15b-17.**

**15b.** Este pensamento de suplantar Deus em nossos afetos com as coisas do mundo foi apresentado na última frase do versículo. **Se alguém amar o mundo.** É o princípio de não servir a dois senhores (Mt. 6:24; Tg. 4:4). Uma vez que o mundo é o mesmo que trevas, deve excluir Deus, que é luz. Este é o primeiro motivo para não se amar o mundo.

**16.** O segundo motivo para não se amar O mundo é que as coisas do mundo não são do Pai. **Porque.** O versículo 16 dá razões detalhadas para a declaração de 2:15b.

**A concupiscência da carne.** O genitivo, **carne**, é subjetivo aqui, conforme normalmente acontece quando usado com **concupiscência**. Assim o significado não é a concupiscência pelas coisas da carne, mas a concupiscência que é proveniente da carne, ou aquela concupiscência que se baseia na carne. Carne está sendo usada no sentido ético (opondo-se ao sentido material, que significa corpo), é a velha natureza do homem, ou sua capacidade de fazer aquilo que desagrade a Deus.

**Concupiscência dos olhos.** Os olhos são a porta do mundo para a carne. Na frase, concupiscência da carne, o pensamento é o do prazer físico; enquanto na concupiscência dos olhos, a idéia é prazer mental, físico ou estético.

**Soberba da vida.** A palavra soberba só ocorre também em Tg. 4:16, onde foi traduzida para "presunções". A idéia implícita na palavra é a ostentação pretensa que resulta de não se ver o vazio real que há nas coisas do mundo. **Vida.** *Bios*, não *zoe*. Este último significa o principio vital de vida, enquanto o primeiro significa posses. Assim a "soberba da vida" é o orgulho ostensivo da posse dos bens materiais. Não procede do Pai. Do, ek, "origem". Nenhuma dessas coisas se origina no Pai, mas antes no mundo.

**17.** O terceiro motivo para não se amar o mundo é que ele é transitório. **Passa.** Tempo presente, um processo que está em andamento. **A sua concupiscência.** À concupiscência que pertence ao mundo e é por ele estimulada. Se tudo isto está passando, que tolce fixar a atenção

naquilo que está em processo de dissolução. **Aquele, porém que faz.** O cristão não se perturba. **Faz.** não diz, ou ama, mas faz. **A vontade de Deus.** O oposto de tudo aquilo que está no mundo. **Eternamente.** Fazer a vontade de Deus fornece a posse da vida eterna, que significa permanência eterna.

### **C. O Credo de Nossa Conduta: Afirmação. 2:18-29.**

#### **1) A Necessidade de um Credo. 2:18-21.**

##### **a) A Última Hora. 2:18a.**

**18a. Filhinhos.** João se dirige a todos os seus leitores, sem considerar a idade deles, na qualidade de quem tem a autoridade da idade e da experiência. **Já é a última hora.** A declaração surge da idéia precedente do mundo que passa. Literalmente, *última hora*. A hora desta presente dispensação que se tomará mais perturbadora no período que precede o segundo advento de Cristo. Um período de perturbação e perseguição.

##### **b) Os Muitos Anticristos. 2:18b-21.**

**18b. Anticristo ... anticristos.** Só João usa o termo (aqui; 2: 22; 4:3; II Jo. 7). Só neste versículo João afirma a existência de muitos anticristos no seu tempo e antecipa a vinda do Anticristo no futuro (conforme descrito por ele em Ap. 13:1-10). **Anti** significa "oposto" a Cristo. Assim, um anticristo é aquele que se opõe a Cristo sob o disfarce de Cristo. Esses tais recebem o poder das forças satânicas sobrenaturais; aparentemente podem fazer parte da assembléia dos cristãos; e ensinam doutrinas falsas (2:19; II Jo. 7). A presença de anticristos no mundo são a prova de que a última hora já chegou. Embora estivessem presentes no tempo de João e durante toda a história da igreja, a "última hora" deve ser todo o período compreendido entre o primeiro e segundo adventos de Cristo.

**19. Saíram de nosso meio.** Nunca organicamente unidos ao corpo. **Teriam permanecido conosco.** A sua separação do grupo cristão é a prova de sua falsa profissão, e o seu afastamento denunciou-os como anticristos. A apostasia é possível para aqueles que nunca realmente aceitaram Cristo como seu Salvador.

**20. Unção.** Mesmo se esses anticristos não se tivessem separado, os crentes tinham em si o poder de descobri-los, isto é, discernir entre a verdade e o erro por causa da unção. A unção designa algo de uso sagrado. As palavras **Cristo** e **unção** tem a mesma raiz; portanto, João parece traçar um contraste entre o Anticristo e os seus anticristos de um lado e Cristo e seus cristos (ungidos) do outro. **Todos tendes conhecimento.** Particularmente a diferença entre a verdade e os ensinamentos falsos.

**21. Não vos escrevi.** Aoristo epistolar, referindo-se a esta Epístola (não ao Evangelho) e particularmente a esta seção referente aos anticristos. João declara dois motivos para escrever: porque seus leitores conheciam a verdade e porque mentira alguma jamais procede da verdade. Estas razões estabelecem um laço de simpatia e um ponto de contato entre o escritor e os leitores. Porque a sabeis. João apela para o conhecimento que já possuem. **Mentira alguma jamais procede da verdade.** Toda mentira tem a sua origem no diabo e portanto é alheia à verdade que os leitores conhecem.

## 2) A Natureza do Credo. 2:22-29.

**22. Quem é o mentiroso?** Abruptamente introduzido sem qualquer partícula conectiva. **Aquele que nega que Jesus é o Cristo.** Os antecedentes dessa negação vêm do Gnosticismo, não do Judaísmo. Se fosse do Judaísmo, seria semelhante àquela contra a qual os apóstolos pregaram no princípio (Atos 5 : 42, etc.) - isto é, que Jesus de Nazaré não era o Cristo do N.T. Mas a heresia gnóstica contra a qual João escreve aqui, era de que Cristo veio sobre Jesus no momento do Seu batismo e saiu dEle antes de Sua morte. Era a mentira de que Jesus não

foi verdadeiramente o Deus-homem. Este é o ensinamento do anticristo. **O que nega o Pai e o Filho.** O Gnosticismo considerava Cristo e Jesus como duas entidades distintas. Assim, negar que Jesus é o Cristo, é negar o Filho, o Deus-homem. E negar o Filho é negar o Pai, porque o Filho é a revelação do Pai sem o qual o Pai não pode ser conhecido (Mt. 11:27).

**23.** Agora se enfatiza a declaração anterior. **Não tem o Pai.** No versículo 22 João diz que negar o Filho é negar o Pai. Aqui ele diz que negar o Filho é não ter o Pai; negar o Filho é ficar privado de se tomar filho de Deus (Jo. 1:12) e de ter no Pai um amigo vivo. Aqui está em vista um relacionamento vivo, não simplesmente um consentimento de profissão de fé. **Aquele que confessa.** A declaração positiva da mesma verdade.

**24. Permaneça em vós o que.** No grego a sentença começa com ênfase no vós – "Quanto a vós ... ", e contrasta os verdadeiros crentes com os falsos mestres. **O que ouvistes desde o princípio.** Isto é, as verdades fundamentais do Evangelho. Permanecer nelas produz a permanência no Filho e no Pai.

**25. Esta** refere-se à vida eterna, que é a promessa. Mas é o mesmo que o permanecer nEle do versículo precedente.

**26. Isto** refere-se aos falsos mestres. **Enganar.** Desviam do caminho; participio presente, indicando esforço habitual.

**27. Quanto a vós.** Posição enfática do pronome, como no verso 24. **Unção.** O dom do Espírito Santo que os crentes receberam quando se converteram (cons. v. 20). **Dele.** Fonte do dom do Espírito. **Não tendes necessidade de que alguém vos ensine.** Porque esta é a obra do Espírito (Jo. 16:13 e segs.). **Como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas.** Uma repetição da ênfase da declaração precedente. Ensina. Presente, continuado ensinamento da verdade. **Permanecei.** O verbo poderia ser indicativo ou imperativo (como em Jo. 5:39; 12:19; 14:1; 15:18, 27). Se for indicativo, João está simplesmente aceitando a verdade das declarações que ele fez referente aos seus leitores. Se imperativo, está ordenando-lhe a que experimentem estas coisas.

**28. Permanecei.** Uma ordem para guardar Seus mandamentos (3:24). **Quando.** Os melhores textos dão **se** (*ean*). Esse **se** não lança dúvida sobre o fato da Sua vinda mas apenas levanta perguntas quanto a certas circunstâncias envolvidas em Sua vinda; por exemplo, o tempo. Resultados permanentes em 1) ter **confiança** e 2) em não serem **envergonhados**. **Confiança.** Ousadia (*parresia*); literalmente, *liberdade para falar* ou *prontidão para dizer qualquer coisa*. **Na sua vinda.** Devemos ser capazes de nos expressar sem reservas quando prestarmos contas de nossa mordomia. **Dele nos afastemos envergonhados.** Literalmente, *não acovardar-se com vergonha dEle* como alguém que é culpado, quando da Sua vinda. **Vinda.** *Parousia*. A única ocorrência da palavra nas obras de João. Muitas vezes usada em conexão com o juízo que acompanha a Sua volta (Mt. 24:3, 27, 37; I Co. 15:23; I Ts. 2:19; 3:13; 5:23; Tg. 5:7, 8).

**29. Ele é justo.** O versículo precedente fala de Cristo; assim parece lógico relacionar o ele deste versículo com Cristo. **Justo.** Compare 2:1; 3:7. **Todo aquele que pratica a justiça.** O verbo está no presente – pratica habitualmente. **É nascido dele.** Será que isto significa nascido de Cristo, como seria o caso, se as referências feitas nos versículos 28 e 29 são a Cristo? Neste caso, esta é a única referência à obra da geração de Cristo (embora gerado de Deus e do Espírito são idéias bíblicas; cons. Jo. 1:13; 3:6, 8). "A verdadeira solução da dificuldade parece ser que, quando S. João pensa em Deus em relação aos homens, nunca pensa nele separadamente de Cristo (comp. v. 20). E ainda mais, ele nunca pensa de Cristo em Sua natureza humana sem acrescentar a idéia de Sua natureza divina. Assim uma rápida transição é possível de um aspecto da Pessoa divino-humana do Senhor para o outro" (Westcott, pág. 83).

## 1 João 3

### III. Características da Comunhão. 3:1-24.

**A. Em Relação a Nossa Perspectiva – Pureza. 3:1-3.**

O pensamento de 2:29 – **nascido dele** – vai ser agora desenvolvido. "Nascido dele! Isto é o que desperta a grata surpresa de João e provoca sua exclamação, 'Vede quão grande amor!' Seu discurso agora é uma expansão desse pensamento" (Robert S. Candlish, *The First Epistle of John*, pág. 227).

**1) Razões de Pureza. 3:1-3a.**

João declara dois motivos por que o cristão deve ser puro. Um se relaciona com uma obra passada de Deus e o segundo a uma obra futura.

**1. Vede.** A palavra está no plural "todos vós vede o que eu acabei de perceber" (2:28). Alguns acham que **que grande** implica em algo estranho; isto é, "que tipo de estranho ou extraterreno amor" (cons. Kenneth S. Wuest, *In These Last Days*, pág. 142). Outros não vêem tal significado na palavra conforme usada no N.T. (A. Plummer, *The Epistles of S. John, Cambridge Greek Testament*, pág. 71). A palavra implica em espanto e admiração (cons. Mt. 8:27; Mc. 13:1; Lc. 1:29; II Pe. 3:11, os únicos exemplos de outros usos no N.T.). **Tem concedido.** Literalmente, *tem dado*. O tempo perfeito indica ainda mais, que o dom é uma propriedade permanente do filho de Deus. **Filhos.** Literalmente, *nascidos* ou *prole*. *Huios*, filho adulto, apresenta o lado legal da filiação (e só foi usado por Paulo em se tratando de crentes). Esta palavra (*teknon*) enfatiza o lado natural, nascimento na família de Deus. No entanto ambos os termos são aplicáveis para expressar adoração (Jo. 1:12; Rom. 8:14-17). Depois das palavras **filhos de Deus**, deveriam ser inseridas as palavras *e nós somos*. **Por essa razão, por esta causa; portanto** – porque somos filhos de Deus – **o mundo não nos conhece.** O mundo não sabe por experiência que tipo de pessoas são os filhos de Deus. O mundo não pode ter esse conhecimento experimental porque não conhece Cristo como Salvador (cons. I Co. 2:14).

**2. Agora somos... e.** "Os dois pensamentos da condição presente e futuro dos filhos de Deus estão colocados lado a lado com a simples

conjunção e, como panes de um só pensamento". A condição do cristão, agora e eternamente, centraliza-se no fato de ser filho de Deus. "Neste fato jaz o germe de todas as possibilidades da vida eterna" (M.R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, II, pág. 344). **Semelhantes a ele.** A semelhança de toda a reflexão da glória de Deus no crente. Isto inclui a mudança física para um corpo ressurreto como também a completa mudança espiritual, a qual inclui pureza (v. 3), ausência de pecado (v. 5) e justiça (v. 7). O motivo desta mudança é que o veremos no arrebatamento da igreja. "A visão de Deus nos glorificará" (Plummer, *Epistles of S. John*, pág. 74).

**3. Nele tem esta esperança.** Literalmente, *sobre (epi) Ele*, isto é, esperança que descansa sobre Ele. **Nele** refere-se a Cristo. **Se purifica.** Tempo presente, "purifica-se constantemente". É necessário que haja um esforço pessoal, mas deve ser com base no descanso de nossa esperança (cons. Jo. 15:5).

### 1. Justiça. 3:4-9.

#### Características

- a) Não peca.
- b) Não peca como hábito prevaiente (6).
- c) Pratica a justiça (7).
- d) Não comete pecado (8).
- e) Não pratica o pecado (9).
- f) Não pode pecar (9).

#### Conseqüências

- a) Não está sem lei (4).  
Não reduz a nada a missão de Cristo (5).
- b) Prova a permanência e conhecimento dele (6).
- c) É justo e imita Cristo (7).
- d) Não é do maligno e já tomou posse da vitória que Cristo dá (8).
- e) É nascido de Deus (9).
- f) Prova ser nascido de Deus (9).

### 2. Amor. 3:10-18.

#### Características

- a) Amor fraternal (10).
- b) Não como Caim (11, 12).
- c) Odiado pelo mundo (13).

#### Conseqüências

- a) Originário de Deus (10).
- b) Não conduzirá ao homicídio (11, 12).
- c) Não deve causar surpresa (13).



- d) Amor fraternal (14). d) Prova de ter passado da morte para a vida (14).  
e) Sem ódio (15). e) Não um homicida e tem vida (15).  
f) Dá a vida pelos irmãos (16). f) Conhece o amor em sua essência (16).  
g) Partilha os bens (17, 18). g) O amor de Deus habita nele (17,18).

## 2) O Significado da Pureza. 3:3b.

O pensamento por trás da pureza é de purificação cerimonial exigida antes de comparecer diante de Deus (cons. Jo. 11:55; Hb. 10:19 e segs.; Êx. 19:10). Mas a idéia na palavra não é só de purificação exterior mas também de purificação interna (cons. Tg. 4:8; I Pe. 1:18,19). Assim, isto significa que o cristão esperançoso pode se tomar completamente puro, como Cristo foi inteiramente puro. Ele é o padrão que João coloca diante do crente (cons. I Jo. 2:6).

## B. Em Relação a Nossa Posição Justiça e Amor. 3:4-18.

Nossa posição exige uma certa prática, e João prossegue enfatizando as características desta prática em duas idéias – justiça e amor. O verso 3 explica-se assim pela expansão e contraste em 3:4-18, e talvez a melhor maneira de seguir o pensamento do escritor é apresentar um quadro destes versículos. Veja ao pé da pág. 106.

**4. Comete pecado** (E.R.C.). Literalmente, **pratica o pecado** (E.R.A.). A idéia é de pecar continuamente e tão completamente quanto possível. **Porque o pecado é a transgressão da lei.** Literalmente, *o pecado é a ausência da lei*. Os termos são intercambiáveis (por causa do uso do artigo com ambas as palavras). O pecado é ausência de lei e ausência de lei é pecado. Lei está sendo usado aqui em seu conceito mais amplo e inclui a lei natural (Rm. 2:14), a lei mosaica e a lei de Cristo (Rm. 8:2; I Co. 9:21).

**6. Permanece ... não vive pecando.** Ambas as palavras estão no tempo presente e indicam o caráter habitual da pessoa. A pessoa que permanece em Cristo não é capaz de pecar habitualmente. O pecado

pode fazer parte de sua experiência, mas é a exceção e não a regra. Se o pecado é o princípio regente de uma vida, esta pessoa não foi redimida (Rm. 6); assim a pessoa salva não pode pecar como hábito em sua vida. Quando um cristão peca, ele confessa (I Jo. 1:9) e persevera em sua purificação (3:3). O pecador contínuo não conhece a Deus e portanto é uma pessoa não regenerada.

**7. Filhinhos.** "A ternura do chamamento destaca-se pelo perigo da situação" (Westcott, pág. 105). Enganar. Literalmente, desvie do caminho. Prática. Tempo presente; "pratica habitualmente". É justo. Atos de justiça brotam de um caráter justo e são a prova da regeneração. **Assim como.** Cristo, como sempre, é o exemplo.

**8. Prática.** Tempo presente; "aquele que está continuamente cometendo pecado". É o seu hábito de vida, não simplesmente um ato. **Procede do diabo.** Satanás é a fonte desses desejos de pecado. "Ações habituais são novamente o índice do caráter, e aqui, da fonte" (Wuest, pág. 148,149). **Filho de Deus.** Esta é a primeira vez que João usa este título na epístola, e ele expressa particularmente dignidade e autoridade. **Destruir.** Literalmente, *desamarrar*. Cristo na Sua morte desfez os laços com os quais as obras do diabo se mantinham unidas. Satanás já não pode apresentar uma fronteira sólida em seus ataques contra os cristãos.

**9. É nascido.** Participio perfeito – ação passada que resulta em continuidade no presente – "foi nascido e continua nascido" (cons. 2:29; 4:7; 5:1, 4,18). **Não vive na prática de pecado ... não pode viver pecando.** Tempos presentes, indicando novamente pecado habitual. **Semente.** O princípio da vida divina concedida ao que é nascido de Deus (Jo. 1:13; II Pe. 1:4). Isto impossibilita o cristão de viver habitualmente no pecado.

**10. Nisto** volta-se para os versículos precedentes, embora o mesmo ensino seja reiterado na última parte do versículo 10; isto é, "nesta vida de vitória sobre o pecado . . . " **Os filhos de Deus ... os filhos do diabo.** Este é o único lugar no N.T. onde estas duas frases estão lado a lado (cons. Atos 13:10; Ef. 2:3). Toda a humanidade pertence, ao que parece,

a uma destas duas famílias; e até que alguém aceite Cristo, ele é filho do diabo (Ef. 2:3 e aqui). **Não ama a seu irmão.** "Esta cláusula não é uma simples explicação do que a precede, mas a expressão dela na mais alta forma cristã" (Westcott, pág. 109).

**12.** Amor pelo irmão sugere o ódio de um irmão e por isso o exemplo de Caim foi citado. Diz-se que ele pertencia à família do maligno. **Assassinou.** Originalmente a palavra grega (usada aqui e em Ap. 5:6, 9, 1; 6:4, 9; 13:3, 8; 18:24 apenas) significava "cortar a garganta" e depois, "matar violentamente".

**13. Não vos maravilheis.** Literalmente, *parem de se maravilhar*. Os leitores de João evidentemente não podiam entender por que o mundo os odiaria.

**14.** Amor significa vida, e ódio significa morte. O teste de ter nascido de novo não é o ódio do mundo contra nós, mas **porque amamos os irmãos.**

**15. Assassino.** Isto não deve ser entendido figurativamente, como se fosse um homicida da alma ou do caráter, mas literalmente, por causa do versículo 12. Deus olha para o coração, e o coração que está cheio de ódio é potencialmente capaz de homicídio. Compare com os ensinamentos do Senhor em Mt. 5:21, 22. "Aquele que cai em estado lamentável, cai sob os resultados normais desse estado posto em prática até as conseqüências" (Alford, *The Greek Testament*, IV, 474). Surgindo a ocasião, a pessoa que habitualmente odeia seu próximo agirá exatamente como Caim. Tal pessoa não está salva.

**16.** Cons. 2:6. Amor auto-sacrificante é uma exigência para o crente.

**17.** Não são muitos os chamados para dar a sua vida pelos outros, mas todos podem seguir as instruções deste versículo. João sugere "que há um perigo na auto-indulgência das opiniões sublimes que estão fora do âmbito da experiência comum. Podemos, portanto, experimentarmos através de um teste bem mais desprezioso. A questão geralmente não é morrer por alguém, mas partilhar com ele os meios de vida

materiais" (Westcott, pág. 114). **Recursos.** Posses materiais. Entranhas (E.R.C.). A sede dos afetos; melhor traduzir para **coração** (E.R.A.).

### **C. Em Relação as Nossas Orações – Respostas. 3:19-24.**

O ensinamento precedente poderia naturalmente causar apreensão em algumas mentes. Por isso João apressa-se em acrescentar que o fruto do amor é confiança, e a confiança expressa-se na oração, e a oração confiante recebe resposta.

#### **1) A Resposta Depende da Confiança. 3:19-21.**

**19. E nisto**, isto é, no amor aos irmãos. **Asseguraremos** (E.R.C.). Literalmente, persuadiremos ou **tranquilizaremos** (E.R.A.). Persuadir nossos corações do quê? Que ele não precisa nos condenar. Assim o *assegurar* é uma tradução interpretativa correta. **Perante ele.** É na presença de Deus que vem a segurança.

**20. Se**, isto é, "seja como for", equilibrando todas as comas da última parte do versículo. Nas coisas em que nossos corações nos condenam, **Deus é maior ...** Ao examinarmos nossa vida de amor fraternal, nossos corações podem ser muito rigorosos ou demasiado lenientes. Mas Deus é maior e conhece todas as coisas; portanto, apelamos a Ele quanto à verdade a nosso respeito, e nos lembramos que Ele é todo compaixão. Isto resulta em julgamento correto e confiança para nossos corações.

**21.** Um argumento a fortiori: "Se diante de Deus podemos persuadir a consciência a nos absolver, quando ela nos censura, muito mais segurança temos diante dEle, quando isto *não* acontece" (Plummer, *The Epistles of S. John*, pág. 89).

**Não nos acusar.** Não perfeição sem pecado, mas nenhum pecado não confessado em nossa vida. **Confiança.** Literalmente, *ousadia* ou *liberdade* para falar.

**2) A Resposta Depende da Obediência. 3:22-24.**

**22.** Oração respondida está agora condicionada na habitual guarda dos mandamentos e na prática das coisas que lhe agradam. **Guardamos e fazemos** estão ambos no tempo presente.

**23.** O mandamento é crer e amar (**creiamos ... amemos**). A fé é uma obra, como em Jo. 6:29. **Creiamos em o nome.** Literalmente, *creiamos o nome*. Significa crer em tudo o que Cristo é, conforme representado por Seu nome. Uma vez que o escritor se dirige a cristãos, é uma exortação a que creiamos nEle com referência a tudo quanto Ele nos dá na vida cristã.

**24.** A obediência também resulta em permanência. **Permanece** (habita). Esta palavra foi traduzida para "permanece" em Jo. 15. Assim, a sentença é uma definição de permanência. Permanecer é guardar os seus mandamentos. E o Espírito Santo dá o testemunho do fato de que Cristo habita em nós.

**1 João 4****IV. Cuidados com a Comunhão. 4:1-21.****A. Precaução Quanto aos Espíritos Mentirosos: Falsos Profetas. 4:1-6.****1) A Existência dos Espíritos Mentirosos. 4:1.**

**1.** A menção do Espírito Santo em 3:24 leva à definição dos espíritos mentirosos. Este é um outro exemplo do método de João de usar antíteses. **Amados.** O vocativo cheio de ternura lembra novamente o leitor de que o assunto é importante. **Não deis crédito.** Literalmente, *deixem de crer*. Evidentemente alguns dos seus leitores estavam sendo levados pelos ensinamentos gnósticos. **Provai.** *Dokimazo*, que significa fazer passar por um teste com o propósito de se aprovar. Esta palavra geralmente implica em fazer o teste na esperança de que a coisa

experimentada seja aprovada, enquanto *peirazo* ("provar" ou "tentar") geralmente significa fazer o teste com o propósito de que a coisa experimentada seja achada em falta. O motivo do teste é simples – **muitos falsos profetas** já se encontram no mundo. Falsos profetas são falsos mestres (II Pe. 2:1) e operadores de milagres (Mt. 24:24; Atos 13:6; Ap. 19:20). A prova se refere à origem, **se procedem de Deus**.

## 2) O Exame dos Espíritos Mentirosos. 4:2-6.

### a) Seu Credo Deve Ser Examinado. 4:2, 3.

2. Se um mestre **confessa que Jesus Cristo veio em carne**, é um profeta verdadeiro. Deve francamente reconhecer (o significado de **confessa**) a pessoa do Salvador encarnado. Isto envolve o modo de Sua vinda (**em carne**) e a permanência da encarnação (tempo perfeito de **veio**). Se ele não tomou um corpo humano, jamais poderia ter morrido e ser o Salvador. Deste versículo não devemos supor que este é o único teste da ortodoxia, mas é um dos principais e foi o mais necessário contra os erros do tempo de João.

3. Declaração negativa da verdade do versículo 2. **Não**. A posição do negativo seguindo-se ao pronome relativo exige esta tradução: "Cada espírito que for do tipo que não confessa". **Espírito do anticristo**. A E.R.A. acrescenta devidamente a palavra espírito, embora a omissão dela no grego indique uma largueza de pensamento. Tal falso profeta está influenciado por muitas forças e espíritos, incluindo as demoníacas e todas essas revelam a ação do anticristo. Forças sobrenaturais estão por trás desses falsos mestres.

### b) Seu Povo Deve Ser Examinado. 4:4-6.

4. (Vós) **sois**. Em contraste aos falsos mestres. **Os**. Os próprios falsos profetas, não os espíritos que estão por trás deles. **Aquele que está em vós**. Indefinido quanto à qual pessoa da Deidade em particular João se referia, embora a menção do Espírito em 3:24 poderia indicar que o

Espírito Santo que habita o crente é o mencionado. **Aquele que está no mundo.** Satanás, o príncipe do mundo e a força que dá energia aos profetas e espíritos falsos (Jo. 12:31).

**5. Eles procedem.** Os falsos profetas. **Falam da parte do mundo.** O mundo é a sua fonte de linguagem, não o seu assunto. O sistema mundial encabeçado por Satanás é a fonte de toda heresia.

**6. Nós.** Intensivo – "Quanto a nós . . . " **Conhece... ouve.** Os dois verbos estão no presente, indicando progressividade. Aquele que está se desenvolvendo no conhecimento de Deus continua a nos ouvir. **Nisto.** Isto é, os apóstolos falara a verdade porque o povo de Deus os ouve, enquanto que os falsos profetas filam o erro porque o mundo os ouve.

## **B. Precaução Quanto ao Espírito do Amor: Falsa Profissão. 4:7-21.**

### **1) O Fundamento do Amor. 4:7-10.**

#### **a) O amor é de Deus. 4:7, 8.**

7. "A transição parece abrupta, como se o apóstolo tivesse acabado sumariamente com um assunto desagradável" (Plummer, *The Epistles*, pág. 99). Esta é a terceira seção sobre o amor (cons. 2:7-11; 3:10-18). **O amor procede de Deus.** A origem. **Nascido.** Tempo perfeito – "nasceu e continua sendo seu filho".

**8. Não ama.** Particípio presente – "não ama habitualmente". **Deus é amor.** A terceira das três grandes declarações de João quanto à natureza de Deus (Jo. 4:24; I Jo. 1:5). A ausência do artigo (Deus é o amor) indica que o amor não é simplesmente uma qualidade que Deus possui, mas o amor é aquilo que Ele é por Sua própria natureza. Mais ainda, sendo Deus amor, o amor que Ele demonstra brota dEle mesmo e não externamente. A palavra **Deus** está precedida por um artigo, que significa que a declaração não é reversível; não se pode ler, "O amor é Deus".

**b) O amor é de Cristo. 4:9, 10.**

**9.** A manifestação do amor de Deus em nosso caso (em nós) está na oferta do Seu Filho. **Filho unigênito.** Deus, além de enviar o Seu Filho, enviou o Seu Filho unigênito. Cristo é o único Filho nascido no sentido de que não tem irmãos (cons. Hb. 11:17). **Para vivermos.** O propósito da vinda de Cristo.

**10. Nisto consiste o amor.** Literalmente, *o amor*; isto é, o amor que é a natureza de Deus. E tal amor não se relaciona a qualquer coisa que os seres humanos possam fazer, mas expressa-se no dom de Cristo. **Propiciação.** Satisfação.

**2) As Glórias do Amor. 4:11-21.****a) Leva-nos a amar os outros. 4:11, 12.**

**11. De tal maneira.** Se Deus nos amou até o ponto de dar o Seu único Filho, **devemos** (obrigação moral) **amar uns aos outros.** Os falsos mestres não estavam preocupados em ensinar qualquer obrigação moral.

**12. Deus** está em posição enfática. Tradução: *Deus ninguém jamais viu.* A conexão entre este pensamento e o contexto parece ser este: Uma vez que nunca ninguém viu a Deus, a única maneira de se ver Aquele que é amor, é através do amor de Seus filhos entre si, comprovando assim a semelhança familiar. **Seu amor** poderia se referir ao Seu amor por nós ou ao nosso amor por Ele (Plummer, pág. 103) ou à Sua natureza (Westcott, pág. 152; Wuest, pág. 166). Provavelmente não é o Seu amor por nós. Se é o nosso amor por Ele, este amor **é aperfeiçoado** (amadurecido) enquanto nós amamos os irmãos. Se é o amor que é a Sua natureza que é aperfeiçoado (ou atinge o seu propósito) enquanto os crentes ama uns aos outros.

**b) Leva-nos a conhecer o Deus que habita em nós. 4:13-16.**

**13.** Uma vez que não podemos ver a Deus, Ele nos deu evidências de Sua presença em nós por meio do Seu Espírito, o qual habita em nós.



**Do seu Espírito.** Não que nós recebamos parte da Terceira Pessoa da Trindade, mas que recebemos alguns dos muitos dons do Espírito.

**15. Confessar.** Dizer a mesma coisa; isto é, concordar com alguma autoridade fora de si mesmo. **Filho de Deus.** "Esta confissão da divindade de Jesus Cristo implica em submissão e também obediência, não mero serviço de lábios" (A.T. Robertson, *World Studies in the New Testament*, VI, 234).

**16. O amor que Deus nos tem** (literalmente, em nós). O amor se torna uma força trabalhando em nós.

**c) Dá-nos ousadia no dia do juízo. 4:17.**

**17.** *O amor para conosco*, literalmente. É o amor que Deus, que é amor, produziu em nós, gerando-nos e colocando o Seu Espírito em nós. **No dia do juízo mantenhamos confiança.** O crente que tem o perfeito amor de Deus em sua vida terrena pode enfrentar o tribunal de Cristo sem vexame. Tal segurança não é presunção, porque, **segundo ele é, também nós somos neste mundo.** A base para a ousadia é a nossa atual semelhança com Cristo nesta vida, e particularmente, de acordo com este contexto, nossa semelhança em amor.

**d) Lança fora o medo. 4:18.**

**18.** A idéia da ousadia traz à mente o seu antônimo, o medo. Uma vez que o amor busca o mais alto bem para o outro, o **medo**, que é esquivar-se do outro, não pode ser uma parte do amor.

**e) Comprova a realidade de nossa profissão. 4:19-21 .**

**19. Nós o amamos** (E.R.C.). A palavra **o** não se encontra nos melhores textos, e o verbo está no subjuntivo. Portanto, a tradução é: *Vamos amar, porque ele nos amou primeiro.*

**20, 21.** Nosso amor aos irmãos, uma coisa visível, comprova o nosso amor a Deus, uma entidade invisível. É fácil dizer piedosamente, "eu amo a Deus"; João diz que a verdadeira piedade se comprova no

amor fraternal. Mais ainda, ele insiste na idéia declarando no versículo 21 que este é um mandamento de Cristo (Jo. 13:34).

## 1 João 5

### V. Causa de Comunhão. 5:1-21.

Crer em Cristo é a base de nossa comunhão. A palavra *crê* só apareceu três vezes até este ponto da epístola, mas aparece seis vezes em 5:1-13. "Agora S. João traça as bases para o parentesco espiritual" (Westcott, pág. 176). O fato do cristão ter exercitado a fé em Cristo comprova-se de três maneiras, de acordo com o ensinamento deste capítulo.

#### A. Fé em Cristo Comprovada pela Nossa Conduta. 5:1-5.

##### 1) Como nascidos de Deus, amamos os irmãos. 5:1-3.

1. Os gnósticos negavam que Jesus de Nazaré fosse o Cristo. João toma a fé nesta verdade em teste essencial do nascido de Deus. **Que o gerou é Deus. Que dele é nascido é o crente.**

2. Aqui se declara o inverso de 4:20,21. Também se pode dizer que aquele que ama a Deus ama os Seus filhos, e que aquele que ama os filhos de Deus ama a Deus. **Quando.** Literalmente, *sempre quando*.

3. **Penosos**, um fardo opressivo e exaustivo. **Amor** transforma os mandamentos de Deus em luz.

##### 2) Na qualidade de crentes vivemos vitoriosamente. 5:4, 5.

4. Guardar o mandamento de amar os irmãos é possível por causa da **vitória** que o cristão tem sobre o mundo. **Vence.** Tempo presente, implica em batalha contínua. **Vitória que vence.** Aqui o verbo está no aoristo, indicando a certeza da vitória. A vitória que venceu o mundo é a nossa **fé**.

**5.** Nossa fé está sobre o fato de que **Jesus é o Filho de Deus**. É a crença na divindade total (Filho de Deus) e na verdadeira humanidade (Jesus) do Deus-homem. "Nosso credo é a nossa espada e escudo" (Plummer, *The Epistles of St. John*, pág. 112).

## **B. Fé em Cristo Comprovada pelas Nossas Credenciais. 5:6-12.**

### **1) A Evidência das Credenciais. 5:6-8.**

**6. Água e sangue.** Têm sido interpretados como significando 1) o batismo e a morte de Cristo; 2) a água e o sangue que escorreram do lado de Cristo na cruz; 3) a purificação e a redenção; e 4) os sacramentos do batismo e a Ceia do Senhor. As duas últimas interpretações são simbólicas; e não há lugar para tais interpretações aqui porque veio está no aoristo, referindo-se ao acontecimento real. As duas primeiras fazem a frase referir-se a acontecimentos reais na vida do Senhor. A segunda não deve ser a preferida porque a ordem das palavras está inversa (cons. Jo. 19:34). A primeira é a que mais satisfaz. Cristo veio **por** (*dia*, "por intermédio de") **meio de** um batismo que O destacou e associou O Seu ministério com a justiça; e por meio do sangue, Sua morte, a qual pagou a penalidade devida pelos pecados do mundo. Seu ministério também foi exercido na (o primeiro, segundo e terceiro com do versículo) esfera daquilo para o que o Seu batismo e Sua morte representavam. O Espírito Santo continua dando testemunho desta verdade. O batismo e a morte foram dois fins do ministério de nosso Senhor.

**7.** O texto deste versículo deveria ser, **Pois há três que dão testemunho**. O restante do versículo é espúrio. Nenhum manuscrito contém a adição trinitária antes do século catorze, e o versículo jamais foi citado nas controvérsias sobre a Trindade nos 450 primeiros anos da existência da igreja.

**8.** As três testemunhas são o Espírito, a água e o sangue; e os três são unânimes num só propósito. . "A trindade das testemunhas fornece um só testemunho" (Plummer, *The Epistles*, pág. 116), isto é,

que Jesus Cristo veio na carne para morrer pelo pecado para que os homens pudessem viver.

## **2) O Efeito das Credenciais. 5:9-12.**

**9.** Um testemunho triplo é tudo o que os homens precisam (cons. Dt. 19:15; Mt. 18:16; Jo. 8:17). Deus nos deu três testemunhos no Espírito, na água e no sangue, os quais devemos receber.

**10. Em si.** O testemunho não é só externo mas também interno. "Aquilo que para os outros é externo, para o crente é experimental" (Westcott, pág. 186). **O faz mentiroso.** O incrédulo faz de Deus um mentiroso no que se refere a todo o Seu plano da redenção.

**11. Testemunho.** O conteúdo do testemunho externo e interno é que Deus deu o Seu divino Filho para que os homens pudessem ter vida eterna.

**12.** Uma dedução do versículo 11. Se o Filho tem vida, então aquele que tem o Filho também tem vida. **Vida.** Literalmente, *a vida*.

## **C. Fé em Cristo Comprovada pela Nossa Confiança. 5:13-21.**

### **1) Confiança em Oração. 5:13-17.**

**13. Estas coisas.** Toda a epístola. **A fim de saberdes.** O conhecimento consciente da posse da vida eterna é a base para a alegria da comunhão, a qual é o tema da epístola (1:4).

**14. Confiança.** Esta é a quarta vez que é mencionada (cons. 2:28; 4:17 em conexão com o juízo; e 3:21, 22 e aqui em conexão com a oração). **Segundo a sua vontade.** A limitação é benévola porque a Sua vontade sempre constitui o melhor para os Seus filhos. A promessa é que Deus nos ouve e isto inclui a idéia de que Ele também garante a resposta (cons. Jo. 9:31; 11:41, 42).

**15. Quanto ao que lhe pedimos** é sinônimo de **segundo a sua vontade** do versículo 14. O crente que está em comunhão com Deus não pedirá nada que seja contrário à vontade de Deus.

**16.** A oração está limitada não somente pela vontade de Deus mas também pelas ações dos outros.

"A vontade do homem foi dotada por Deus com tal e tão régia liberdade, que nem mesmo a Sua vontade a coage. Muito menos, portanto, pode a oração de um irmão coagi-la. Se a vontade humana deliberada e obstinadamente resistiu a Deus, e persiste em fazê-lo, somos privados de nossa garantia usual. Contra a vontade rebelde até mesmo a oração da fé de acordo com a vontade de Deus (pois é claro que Deus deseja a submissão do rebelde) será feita em vão" (Plummer, *The Epistles of S. John*, pág. 121).

**Cometer. . . pecado.** Literalmente, *pecando um pecado*. O suposto caso é aquele no qual o irmão é apanhado no ato do pecado.

**Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte.** Os pronomes são ambíguos. A sentença pode significar que Deus dará vida ao intercessor, ou pode ser considerado significando que o intercessor dará vida ao pecador através de suas orações (semelhante a Tg. 5:20). É difícil decidir qual preferir, pois ambas as idéias são bíblicas.

**Pecado para morte.** A tradução, *um pecado* é muito definida.

**Há pecado para morte,** o qual implica não em um simples ato, mas atos que têm o caráter do pecado para a morte. Talvez nem sempre sejam exteriores para poderem ser reconhecidos e sabidos, uma vez que João diz que não sabemos como orar. O pecado para morte também não é a rejeição de Cristo, pois o contexto está lidando com cristãos. Deve ser semelhante aos casos citados em I Co. 5 e 11:30. Quanto à oração por tal irmão, João é muito reservado nas suas recomendações. Ele não proíbe a intercessão nem a desencoraja. Comunhão individual determinará o devido curso de ação.

**17. Toda injustiça é pecado.** João adverte contra o pensamento relaxado de que alguns pecados são permissíveis e outros (**para morte**) não são.

---

**2) Confiança no Conhecimento. 5:18-21.**

**18. Sabemos.** Com conhecimento certo e positivo. **Não vive em pecado.** Tempo presente; pecado habitual. "O poder da intercessão para vencer as conseqüências do pecado poderiam parecer um encorajamento para uma certa indiferença ao pecado" (Westcott, pág,193). "A condição da filiação divina é incompatível, não simplesmente com o pecado para morte, mas com o pecado de qualquer aspecto" (Plummer, pág. 125). **Toca.** Aparece em João só em Jo. 20:17, e não significa um simples toque superficial mas um agarramento. Satanás não pode agarrar e manter preso aquele que é nascido de Deus.

**19.** O segundo fato em nosso conhecimento. **O mundo inteiro.** A ordem das palavras indicam que o mundo com os seus pensamentos, caminhos, métodos, etc., é o que o escritor tinha em mente.

**20.** Terceiro fato. **É vindo.** O verbo (*hekei* mais do que *erkomai*) inclui as idéias de Sua vinda na encarnação e Sua presença agora nos crentes. **Para reconhecermos.** Conhecer experimentalmente por intermédio da apropriação do conhecimento.

**21. Guardai-vos.** Uma palavra diferente (*fyllasso*) da que foi usada em 5:18 (*tereo*). Significa guardar como o faz uma guarnição militar. **Ídolos.** "Um 'ídolo' é qualquer coisa que ocupa o lugar que é de Deus" (Westcott, pág. 197). Éfeso abundava com ídolos e práticas idólatras; por isso a advertência era muito apropriada.

## 2 JOÃO

### Introdução

### Esboço

### Capítulo 1

## INTRODUÇÃO

Nem a II nem a III João contêm qualquer indicação de tempo ou do lugar em que foram escritas. À vista deste silêncio e na falta de qualquer evidência ao contrário, parece provável que as circunstâncias foram as mesmas da Primeira Epístola. O destino da Segunda Epístola é enigmático. Alguns acham que a frase **senhora eleita** (v. 1) é uma maneira figurada de designar toda a igreja, ou pelo menos algum grupo em particular. Tal uso metafórico encontra o paralelo em Ef. 5:22-23 e em Ap. 21:9. Aceitando tal ponto de vista, a irmã eleita (v. 13) se referiria a congregação do próprio João. Entretanto, "a simplicidade da pequena carta impossibilita uma alegoria tão elaborada, enquanto a ternura do seu tom caracteriza-a como comunicação pessoal" (David Smith, EXpGT, IV, 162). Outros defendem que a carta foi dirigida a uma senhora individualmente e a sua família. Se o seu nome era Kyria é uma questão em aberto (cons, construções alternadas em III Jo. 1 e I Pe. 1:1), seja qual for o seu nome, evidentemente morava perto de Éfeso e era bem conhecida na comunidade (talvez o seu lar fosse local de reunião para a igreja local). Uma irmã sua, presumivelmente falecida, tinha família residente em Éfeso e estava ligada à congregação de João. Ao que parece diversos filhos da "senhora eleita" visitaram seus primos em Éfeso. Tendo feito amizade com eles, João escreveu uma carta à mãe deles.

## ESBOÇO

I. Introdução. 1-3.

A. Autor. 1.

B. Destinatários, 1.

- C. Saudação. 2, 3.
- II. Advertência contra a heresia. 4-11.
  - A. Conteúdo da heresia. 4-6.
  - B. A Causa da heresia. 7.
    - 1. A vinda dos enganadores. 7.
    - 2. O credo dos enganadores. 7.
  - C. As conseqüências da heresia. 8-11.
    - 1. Exame do ego. 8.
    - 2. Exame dos outros. 9-11.
      - a. Critério para o exame. 9.
      - b. Conseqüências do exame. 10, 11.
- III. Conclusão, 12, 13.

## COMENTÁRIO

### 2 João cap. 1

#### Introdução. 1-3.

##### A. Autor. 1.

**O ancião** (E.R.C.). Veja introdução à I João. Talvez o uso informal e mais íntimo de **ancião** (E.R.C.) em lugar de "apóstolo" ajude a defender o ponto de vista de que a carta foi dirigida a uma pessoa em particular e não a uma igreja. Sobre a palavra **ancião** (E.R.C.) usada com referência à idade, veja I Tm. 5:1, 2; I Pe. 5:5; e com referência à posição, veja Atos 11:30; 14:23; 15:4, 6, 23; 16:4; 20:17; I Tm. 5:17, 19; Tt. 1:5; Tg. 5:14; I Pe. 5:1.

##### B. Destinatários. 1.

**Senhora eleita.** Veja Introdução. A quem refere-se à mãe e filhos. A verdade. Antes, "em toda sinceridade cristã". **Todos...** Todos os



cristãos amariam a família se tivessem com ela o mesmo relacionamento que João tinha.

### C. Saudação. 2, 3.

**2. Por causa da verdade.** Cons. 15:6; 16:6. A Verdade (ou Cristo) e o Espírito tomaram possível o amor pela senhora eleita e sua família. A Verdade é o fundamento do amor por todos os crentes. **Em nós.** Posição enfática na cláusula.

**3.** Traduzir: Haverá graça. . . conosco. Modo de saudar fora do comum, provavelmente sugerido pelo **em nós** no versículo precedente, É a confiante certeza da bênção. **Graça.** O favor de Deus para com os pecadores. A palavra ocorre em outro lugar de João apenas em Jo. 1:14, 16, 17; III Jo. 4; Ap. 1:4; 22:21. **Misericórdia** é a compaixão de Deus por nós em nossa miséria. João usa esta palavra apenas aqui. **Paz** é o estado resultante de integridade quando o pecado e a miséria são removidos. **De Deus . . . e . . . de Jesus Cristo.** A repetição do **de** (*para*) enfatiza a independência das pessoas do Pai e do Filho. **O Filho do Pai.** Uma expressão única aparentemente relacionada com a revelação do Pai junto com o Filho.

## II. Advertência Contra a Heresia. Vs. 4-11.

A verdade e o amor mencionados no versículo 3 são agora desenvolvidos. Elogia-se o andar na verdade dos filhos da senhora e recomenda-se o amarem-se uns aos outros.

### A. O Conteúdo da Heresia. 4-6.

**4. Alegre.** Aoristo, talvez epistolar – "regozijo"; ou melhor, expressando o ato inicial de alegria. **Ter encontrado.** Tempo perfeito; o que João achou continuou sendo verdade. **Andam.** *Peripateo*, incluindo todas as atividades da vida (cons. I Jo. 1:7). **Na verdade.** Todo o caráter e conduta de suas vidas baseavam-se na verdade; isto conformava-se ao

todo do Cristianismo. Alguns, certamente, não andara na verdade, e esta era a heresia.

**5. E agora.** Isto introduz uma exortação prática baseada no versículo 4. "Eu me alegro diante da vida cristã de alguns dos -seus filhos, e me preocupo com os outros, o que me leva a exortá-los" (Plummer, pág. 135). **Peço-te.** *Erotao*, um pedido pessoal, mais do que *parakaleo*, um pedido geral (palavra que nunca foi usada por João). **Que nos amemos uns aos outros.** Estas palavras provavelmente dependem de *peço-te*, sendo parentética a cláusula intermediária.

**6. E o amor é este.** O amor a que João se refere consiste nisto. No versículo 5 o mandamento é o amor; no versículo 6, amar é obedecer aos Seus mandamentos. "Este não é um círculo vicioso lógico, mas uma conexão moral sadia... O amor divorciado do dever toma-se desenfreado, e o dever divorciado do amor acaba morrendo de inanição" (Plummer, pág. 135, 136). O amor não é simplesmente uma questão de sentimentos; é a ação de se fazer a vontade de Deus. Esta palavra deveria ser particularmente necessária ao escrever-se para uma mulher, que por natureza é mais emocional. **Nesse.** No amor, o qual é Seu mandamento.

## **B. A Causa da Heresia. 7.**

Alguns estavam espalhando heresias em vez de andarem na verdade. A heresia consistia na negação da verdade dos mandamentos do Cristo encarnado, e devia-se à negação da Encarnação. Se Cristo não foi verdadeiramente humano, então não existe nenhuma base para a ética cristã (cons. I Jo. 2:6). E certamente não há exemplo de amor auto-renunciante se for mero fantasma ou teofania".

**7. Enganadores.** Aqueles que levam por um caminho errado. **Não confessam.** Não afirmar é o mesmo que negar. Veio (E.R.C.). Literalmente, **vindo**, E.R.A. (um particípio). A ênfase não é simplesmente sobre o fato passado da vinda de Cristo na carne, mas também na continuação de Sua humanidade e até mesmo sobre a futura manifestação do Senhor. Nunca se disse que Cristo veio *no interior da*

*carne*, mas em carne; o primeiro caso daria lugar a que se dissesse que a divindade uniu-se a Jesus algum tempo depois do Seu nascimento. **O anticristo.** Aquele sobre quem já tinham ouvido. Veja observações em I Jo. 2:28.

### C. As Conseqüências da Heresia. 8-11.

A presença de ensinamentos heréticos exige exame.

#### 1) Exame do Ego. 8.

O perigo era pessoal além de externo; portanto, pede-se um auto-exame, além do exame dos heréticos.

**Acautelai-vos.** Cons. Mc. 13:9. **Para que não percamos** (E.R.C.). Melhor o **para não perderdes** da E.R.A. **Aquilo que temos realizado**; isto é, os apóstolos. **Recebamos** (E.R.C.). Melhor **receberdes** da E.R.A. Assim, a sentença ficaria: **para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão.** Os leitores são advertidos a tomarem cuidado para que os enganadores não desfizessem a obra que os apóstolos e evangelistas tinham realizado, a fim de que recebessem plena recompensa. **Completo galardão.** Nada faltando na recompensa do povo de Deus no futuro.

#### 2) Exame dos Outros. 9-11.

**9.** Outros deviam ser examinados com base na sua permanência nos ensinamentos de Cristo. **Ultrapassa.** Melhor, *prossegue*, isto é, na profissão do Cristianismo sem a realidade da permanência na doutrina de Cristo. **Doutrina de Cristo.** O que Ele ensinou quando veio. **Esse tem assim o Pai, como o Filho.** A expressão mais completa da parte positiva do versículo prova que, na declaração negativa que a precede, não ter Deus é não ter Cristo também.

**10. Se alguém vem.** O se presume o caso, não expressa simplesmente a possibilidade. Em outras palavras, tais pessoas entravam nos lares cristãos sob um disfarce amistoso (cons. Didachê 11).

**Convosco.** À senhora eleita e seus filhos. **Não o recebais ... nem lhe deis as boas vindas.** Imperativos presentes, proibindo a continuação do que era costumeiro. A injunção é recusar aos tais a hospitalidade cristã. Esta é uma medida severa, particularmente quando lembramos que a hospitalidade é de modo geral incentivada no N.T. **Nem lhe deis as boas-vindas.** Não lhes digam palavra de saudação e simpatia. **Boas-vindas** é uma boa tradução (Não, lhes desejem boas-vindas) da ampla idéia contida na palavra *karein* (cons. Atos 15:23; 23:26; Tg. 1:1).

**11. Faz-se cúmplice.** Alguém que comunga. Aquele que deseja boa sorte, na verdade comunga na obra do anticristo. **Obras más.** Literalmente, *suas obras, suas más obras*. A ênfase está sobre o caráter mau de suas obras.

### III. Conclusão. Vs. 12,13.

A conclusão é muito parecida com a da Terceira Epístola e evidentemente indica que as duas cartas foram escritas ao mesmo tempo. João tratou do assunto principal da carta e reserva outros assuntos para uma entrevista pessoal.

**12. Muitas.** Talvez os mesmos assuntos discutidos na Primeira Epístola.

**13. Irmã eleita.** Veja Introdução a II João. O adjetivo eleita foi usado por João apenas aqui, no versículo 1 e em Ap. 17:14.

# 3 JOÃO

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

### INTRODUÇÃO

Nem a II nem a III João contêm qualquer indicação de tempo ou do lugar em que foram escritas. À vista deste silêncio e na falta de qualquer evidência ao contrário, parece provável que as circunstâncias foram as mesmas da Primeira Epístola. O destino da Segunda Epístola é enigmático. Alguns acham que a frase **senhora eleita** (v. 1) é uma maneira figurada de designar toda a igreja, ou pelo menos algum grupo em particular. Tal uso metafórico encontra o paralelo em Ef. 5:22-23 e em Ap. 21:9. Aceitando tal ponto de vista, a irmã eleita (v. 13) se referiria a congregação do próprio João. Entretanto, "a simplicidade da pequena carta impossibilita uma alegoria tão elaborada, enquanto a ternura do seu tom caracteriza-a como comunicação pessoal" (David Smith, EXpGT, IV, 162). Outros defendem que a carta foi dirigida a uma senhora individualmente e a sua família. Se o seu nome era Kyria é uma questão em aberto (cons, construções alternadas em III Jo. 1 e I Pe. 1:1), seja qual for o seu nome, evidentemente morava perto de Éfeso e era bem conhecida na comunidade (talvez o seu lar fosse local de reunião para a igreja local). Uma irmã sua, presumivelmente falecida, tinha família residente em Éfeso e estava ligada à congregação de João. Ao que parece diversos filhos da "senhora eleita" visitaram seus primos em Éfeso. Tendo feito amizade com eles, João escreveu uma carta à mãe deles.

### ESBOÇO

I. Introdução. 1-4.

A. Saudação Pessoal. 1.

B. Sentimentos Pessoais. 2-4.

- II. O dever da hospitalidade. 5-8.
  - A. A recompensa da hospitalidade. 5.
  - B. Os comentários sobre a hospitalidade. 6.
  - C. Os motivos para a hospitalidade. 7, 8.
- III. O perigo da arrogância. 9-12.
  - A. A arrogância exemplificada. 9.
  - B. A arrogância condenada, 10.
  - C. A arrogância contrastada. 11, 12.
- IV. Conclusão. 13, 14.

## COMENTÁRIO

### 3 João cap. 1

#### Introdução. 1-4.

A epístola apresenta dentro do Novo Testamento, um dos reflexos mais nítidos de uma igreja no primeiro século. Os caracteres, Gaio, Diótrefes e Demétrio, são esboçados com fortes traços da pena do apóstolo. Características da vida da igreja também se vislumbram claramente na epístola. A independência dos crentes é notável, e suas personalidades, como também seus problemas doutrinários, são patentes. Esta curta e muito pessoal carta destrói a noção de que o estado de coisas era ideal, ou quase, no primeiro século. Por outro lado, revela os problemas de uma fé vigorosamente crescente.

#### A. Saudação Pessoal. 1.

1. A saudação é breve em contraste com as saudações de outras cartas pessoais do N.T. **Presbítero**. Veja II Jo. 1. Era evidentemente a maneira costumeira de João designar-se.

**O amado Gaio.** Uma vez que Gaio era um dos nomes mais comuns daquele tempo, toma-se impossível identificá-lo com qualquer outro Gaio mencionado no N.T. (cons. Atos 19:29; 20:4; Rm. 16:23; I Co. 1:14). **Amado** expressa o sentimento comum que outros partilhavam para com Gaio. **A quem eu amo na verdade**, expressa os sentimentos pessoais de João. O eu é enfático, como se implicasse na existência de outros que lhe eram hostis.

### **B. Sentimentos Pessoais. 2-4.**

**2. Acima de tudo.** Tal significado para *peri panton* não se encontra em outras passagens do N.T, ou na LXX. Refere-se à sentença em geral. **Faço votos.** Só aqui, em Rm. 1:10 e em I Co. 16:2. **Saúde.** Às vezes Paulo usa esta palavra metaforicamente falando da sã doutrina, mas aqui o sentido é de boa saúde física, como em Lc. 5:31; 7:10; 15:27. Talvez indique que Gaio estivera doente. A frase, **assim como é próspera a tua alma** prova que "que te vá bem" e "que tenhas saúde" infere-se a bênçãos temporais, e este versículo dá-nos a autoridade de as pedirmos para nossos amigos.

**3. Vinda.** Tempo presente; não numa única ocasião, mas em várias. **Da tua verdade, como tu andas . . .** Os irmãos testemunharam repetidas vezes do Cristianismo de Gaio, conforme comprovada por sua doutrina e maneira de viver. O versículo também pode implicar em que Gaio tenha resistido a alguma doutrina falsa.

**4.** A ordem literal é ousada. **Maior alegria do que esta** (de receber essas notícias sobre a sua firmeza) **não tenho.** Alguns manuscritos trazem *graça* em lugar de **alegria**. O resultado de tais notícias foi que João ficou sabendo que os seus filhos estavam andando (como hábito de suas vidas) na verdade.

## II. O Dever da Hospitalidade. 5-8.

Ao que parece, Gaio fora censurado por alguns por causa de hospitalidade dispensada a irmãos desconhecidos. João aprova sua atitude e insiste que tal hospitalidade é dever cristão.

### A. A Recompensa da Hospitalidade. 5.

**5. Amado** destaca um novo trecho. *Procedes fielmente (piston poieis)*. Literalmente, *fazes uma coisa fiel*, ou *não deixes de fazer*. Isto é, qualquer benefício feito aos irmãos será certamente recompensado (cons. Mt. 26:10; Ap. 14:13). A hospitalidade tem a sua recompensa. **Mesmo quando são estrangeiros**. A adição desta frase indicaria que este era o ponto particular pelo qual Gaio fora reprovado.

### B. Os Comentários Sobre a Hospitalidade. 6.

**6. Testemunho**. Aqueles que experimentaram a hospitalidade de Gaio deram testemunho dela diante da igreja, provavelmente em Éfeso, onde estava João. **Bem farás**. João insiste com Gaio a continuar sua boa obra. **Encaminhando-os em sua jornada por modo digno**. Veja Atos 15:3; Tt. 3:13, onde a idéia de fornecimento de provisões para a viagem está incluída.

### C. Os Motivos para a Hospitalidade. 7,8.

**7.** Três são os motivos apresentados para a hospitalidade. Primeiro, esses irmãos **saíram** por amor ao **Nome**, isto é, Jesus Cristo (cons. Atos 5:41; Tg. 2:7). Segundo, não aceitaram **nada** dos gentios não convertidos. O partícipio é presente, indicando que era seu costume nada aceitar.

**8.** Terceiro, por meio da hospitalidade os cristãos podem se tomar cooperadores da verdade. **Devemos**. Somos obrigados, como em I Jo. 2:6.



### III. O Perigo da Arrogância. 9-12.

#### A. A Arrogância Exemplificada. 9.

9. A E.R.A. traz, **escrevi alguma coisa à igreja**, isto é, algumas poucas palavras. *Ti*, (alguma coisa) indica que João não dava muita importância à sua carta. Ela, é claro, não foi preservada. **À igreja**. À igreja à qual Gaio pertencia. Mas o propósito da carta não foi alcançado. **Que gosta de exercer a primazia entre eles**. A palavra não ocorre em nenhuma outra passagem do N.T. Implica não em abandono de doutrina (cons. II Jo. 9), mas antes em arrogante ambição e desejo de promover a autoridade pessoal. Plummer faz interessante sugestão: "Talvez o significado seja que Diótrefes queda tomar sua Igreja independente; até então fora governada por S. João que se encontrava em Éfeso, mas Diótrefes queria torná-la autônoma para sua própria glorificação" (Plummer, pág. 149).

**Não nos dá acolhida**. Isto é, Diótrefes não partilhava da opinião de João quanto a hospitalidade. A improbabilidade de que qualquer cristão se opusesse à autoridade do apóstolo é um dos argumentos internos usados contra a autoria joanina da carta. Pensa-se que é coisa inconcebível que um cristão ignorasse as ordens de um apóstolo genuíno, caso ele fosse o autor. Entretanto, a autoridade apostólica de Paulo foi muitas vezes desafiada.

#### B. A Arrogância Condenada. 10.

10. **Se eu for**. Sem dúvida por causa do versículo 14 (cons. I Jo. 2:28 com construção semelhante). **Far-lhe-ei lembradas**. Lembrar essas coisas a ele e aos outros. **Proferindo**. Só aqui, embora a forma adjetiva ocorra em I Tm. 5:13. Literalmente, *falando bobagens*. **Palavras maliciosas**. A conversa de Diótrefes era sem sentido e maldosa. Suas atitudes incluíam a falta de hospitalidade, proibindo a que outros a exercessem a ponto de excluí-los da igreja. Evidentemente tinha

autoridade suficiente na congregação para efetuar tal excomunicação, ou seja lá o que era.

### C. A Arrogância Contrastada. 11, 12.

**11. Amado** indica, novamente, uma transição. **Sigas**, E.R.C. Literalmente, **imites**, E.R.A. **Mau**. *Kakos*, "o mal". Raramente usado por João. **Procede de Deus**. Cons. I Jo. 3:6. A questão da hospitalidade já não é mais o único assunto específico em vista, mas o fazer o bem ou mal de modo geral, como hábito de uma vida.

**12.** Do mau Diótrefes, João muda o assunto para o bom Demétrio. Tudo o que sabemos a respeito dele é o que encontramos nesta curta porção. É conjectura de que ele seja o mesmo Demétrio, porém, agora convertido, de Atos 19:24. O bom testemunho de Demétrio foi verificado por meio de três fontes: (1) todos os homens, (2) a verdade, isto é, o padrão do cristianismo, e (3) João e aqueles que estavam juntamente com ele.

### IV. Conclusão. 13, 14.

A semelhança da conclusão de II João sustenta a opinião de que ambas foram escritas na mesma ocasião.

**13. Tinha.** Imperfeito, referindo-se ao tempo quando começou a escrever a carta. **Pena.** Literalmente, junco.

**14.** Veja versículo 10.

**15. A paz seja contigo.** Uma bênção comumente adequada para saudação e despedida. **Amigos.** Não se sabe se João se referia aos seus amigos ou os de Gaio. **Nome por nome.** A frase ocorre apenas em Jo. 10:3. A saudação devia ser dada a cada um em separado, "S. João, na qualidade de pastor das Igrejas da Ásia, imitaria o Bom Pastor e conheceria todas as suas ovelhas pelo nome" (Plummer, pág. 153).

# JUDAS

## Introdução

## Esboço

## Capítulo 1

### INTRODUÇÃO

**Autoria e Data.** A Epístola de Judas, a última das epístolas "gerais" ou "católicas", diz que foi escrita por Judas, servo de Jesus Cristo, e irmão de Tiago. A disputa sobre a autenticidade dessa reivindicação é tão antiga quanto Eusébio, o qual colocou esta carta, ao lado de Hebreus por considerá-la suspeita. Entretanto, as evidências internas historicamente sadias apóiam a veracidade do texto. Mateus 13:55 e Marcos 6:3 citam Judas e Tiago como irmãos de Jesus. Já que Tiago foi identificado de maneira tão simples nesta epístola, é uma evidência de que era irmão de Jesus. Alguns mestres alegam que "Judas" era apelido ou pseudônimo literário, mas isto é uma questão em aberto. Além de ser o autor desta carta, Judas não tinha reputação especial ou autoridade dentro da igreja primitiva; portanto poucas razões existiriam para se falsificar uma carta usando o nome de Judas. Embora a data da composição não possa ser fixada com certeza, não seria inexato se a colocássemos na última parte do primeiro século. Está no Cânon Muratoriano (segundo século) e foi mencionada por Tertuliano, Clemente e Orígenes (terceiro século). Embora sofresse de um status diminuído por causa de suas citações dos livros não canônicos, Enoque e Assunção de Moisés, seus direitos e inclusão no cânon foram universalmente reconhecidos em 350 A.D.

**Propósito.** Ao que parece uma carta geral aos cristãos do primeiro século, a Epístola de Judas adverte contra a incipiente heresia do Gnosticismo, uma filosofia que faria pronunciada distinção entre a matéria, inerentemente má, e o espírito, bom. Tal sistema de pensamento tinha sérias implicações para a vida e doutrina cristã. Desafiava a doutrina bíblica da criação. E dava lugar à idéia de que o corpo de Cristo

foi apenas aparente, não real, pois se Cristo tivesse um corpo real, teria sido mau. Nos seus efeitos sobre a ética cristã, o Gnosticismo provocou dois resultados inteiramente diferentes: de um lado, o antinominianismo, a crença de que não há obrigação de se obedecer à lei moral, e de outro, uma forma de abuso do corpo para promoção da espiritualidade. As Escrituras se opõem à ambas. Pode-se deduzir da epístola que os leitores eram culpados, em diversos graus, de rebeldia contra autoridade, irreverência, conversa presunçosa e um espírito libertino. O tom de Judas é polêmico, pois ele repreende os falsos mestres que enganam crentes instáveis e corrompem a mesa do Senhor.

### ESBOÇO

- I. Identificação, saudação e propósito. Judas 1-4.
- II. Advertências contra os falsos mestres. Judas 5-16.
- III. Exortação aos cristãos. Judas 17-23.
- IV. Bênção. Judas 24, 25.

## COMENTÁRIO

### Judas cap. 1

#### I. Identificação, Saudação e Propósito. Judas 1-4.

1. Judas identifica-se como o escritor, descreve o seu relacionamento com Cristo e Tiago, e define seus leitores, tudo em uma só curta sentença. **Judas** é um nome popular na tradição hebraica. Uma palavra frequentemente empregada por Paulo – **servo** ou *escravo* – foi usada e fala da devoção de Judas a Cristo. O relacionamento consanguíneo do escritor com Jesus é de importância secundária. A soberania de Deus e a centralização em Cristo são expressas na eleição e preservação dos leitores. O verbo que foi traduzido para **guardados** aponta para a volta de Cristo.

2. A trilogia de Judas, **misericórdia, paz, e o amor**, é notadamente semítica, e corresponde rigorosamente à "graça, misericórdia e paz" de Paulo (II Tm. 1:2).

3. O propósito da carta está explicitamente declarado, e o ponto de vista discutido está indicado. Judas não ordena asperamente mas apela com amor a que esses cristãos se lembrem da **comum salvação**. O advérbio grego *hapax*, **uma vez** (por todas, Hb. 6:4; 10:2; I Pe. 3:18), afirma a finalidade da revelação de Deus em Cristo na história redentora. É o ponto fixo, não repetível, de nossa fé. Esta revelação alcançou o seu alvo, pois foi entregue **aos santos**.

4. O motivo da carta foi a penetração de pessoas ímpias na comunhão da igreja. Esses heréticos estão sujeitos a quatro acusações: entraram secretamente ; já estavam destinados à condenação; são ímpios, isto é, irreverentes; e negam a Cristo como Mestre e Senhor. Negar é positivamente descrer do que Cristo testemunhou a Seu respeito. O antinominianismo gnóstico implicava em dissimulação (*lascívia*), palavra que traz em si a idéia de devassidão sexual.

## II. Advertência contra os Falsos Mestres. Judas 5-16.

5. Novamente foi usado o advérbio *hapax* (cons. v. 3); aqui se refere ao conhecimento que os leitores têm do Evangelho. O argumento de Judas é que a *profissão* de fé de um homem não coloca-o em posição de justo diante de Deus. A possibilidade de escorregar está ilustrada pelo exemplo dos israelitas incrédulos que foram salvos do Egito mas subseqüentemente destruídos.

6. A ilustração seguinte é a queda dos anjos rebeldes, que se desviaram de sua vocação exaltando-se. A linguagem de Judas aqui talvez reflita a influência do livro de Enoque, o qual contém uma descrição elaborada dos anjos desobedientes. Gênesis 6:1-4 fornece a narrativa bíblica original.

7. Finalmente, Judas cita a história de **Sodoma e Gomorra** para reforçar sua imagem. Essas cidades, através das Escrituras, são simbólicas do juízo divino executado pelo fogo. Assim o seu destino foi uma figura do destino dos crentes professos que não perseveraram na justiça.

8. A irreverência é o pecado principal dos **homens ímpios** do versículo 4. O sentido da palavra **autoridades**, ou *os gloriosos* não está claro; pode se referir aos líderes cristãos.

9. Judas reforça o seu pedido de reverência citando a história apócrifa de Miguel e o diabo, extraída da pseudoepigráfica Assunção de Moisés. Embora Judas citasse este livro e o de Enoque, não se pode apoiar a inferência de que ele lhe concedesse o status canônico ou historicidade. A moral que Judas aponta é que Miguel mostrou reservas até mesmo em seu relacionamento com o diabo, enquanto os falsos mestres não exibiam reverência por qualquer autoridade.

10. Faltando a percepção espiritual para reconhecer "os gloriosos", estes homens ímpios os escarneceram. Com ironia Judas destrói a afirmação gnóstica de superioridade espiritual professada por eles, dizendo que eles possuem somente instintos de animais irracionais. O conhecimento adquirido exclusivamente através dos sentidos naturais, e a dependência no mesmo, conduz sem dúvida alguma à destruição.

11. Judas pronuncia um ai!, empregando novamente uma tríade de exemplos históricos – **Caim, Balaão e Coré**. Caim é tipo de injustiça, Balaão do espírito da mentira e cobiça (cons. Nm. 22-24) e Coré, da rebelião dos descontentes contra autoridades devidamente constituídas (cons. Núm. 16). Esses tipos de pecados solapam a saúde espiritual de toda a igreja e destroem aqueles que os praticam.

12. O autor intensifica a condenação dos falsos mestres voltando-se das analogias bíblicas para as naturais, das quais apresenta cinco. **Festas de fraternidade** eram refeições feitas em conexão com os cultos de adoração ou a Eucaristia, e sua, intenção era aumentar a comunhão cristã dos crentes, fortalecendo seu senso de união com Cristo. Ao que parece

os heréticos gnósticos corromperam tais festas em orgias vorazes, pervertendo assim seu propósito. Eles se alimentavam sem se preocupar com o bem-estar espiritual da Igreja. **Nuens sem água** descreve especialmente esses homens; não tinham preocupação espiritual, e eram carregados pelo vento como se não tivessem peso. O outono é a estação dos frutos. Mas os falsos mestres não produzem fruto, e tais árvores, estando duplamente mortas, estão destinadas à destruição.

**13.** As vidas dos ímpios são como as inquietas **ondas bravias do mar**, as quais sujam de detritos as praias. Tais vidas, além de produzirem condenação futura, são também motivo presente de vergonha e ignomínia. Por último, Judas descreve os heréticos como **estrelas errantes**. Ele dá a entender que sua existência é sem alvo e sem utilidade, a qual terminará em eterno esquecimento. Enoque 18:12-16 pode ter influenciado o pensamento de Judas aqui.

**14,15.** Nestes versículos surge um problema por causa das citações de Enoque. Judas diz: **Enoque, o sétimo depois de Adão**. A dificuldade é que Judas, ao que parece, atribui esta profecia do Enoque apócrifo ao Enoque de Gênesis 5. Uma vez que não há citação bíblica de nenhuma profecia de Enoque, ou Judas considerava canônico o Enoque apócrifo, ou cometeu um erro óbvio. Contudo, a solução do problema pode se encontrar no fato de que esta alegada profecia seja uma citação não de uma simples passagem de Enoque, mas de diversas, e é provável que Judas também citasse a frase "o sétimo depois de Adão" de Enoque 60:8. Assim Judas não estava se referindo ao Enoque de Gênesis 5, mas referindo-se inteiramente, até mesmo na linha introdutória, às palavras encontradas no Enoque apócrifo. Embora a profecia não tenha status canônico, suas predições estão em paralelo com e apoiadas por numerosas passagens bíblicas, tais como Mt. 25:31-46.

**16.** Depois de afirmar o destino dos falsos mestres, Judas descreve o caráter deles de três maneiras. São resmungadores, isto é, lamurientos furtivos; são descontentes, cujo único guia é a sua paixão ; e são dados à

exibição barulhenta, tendo em vista o seu próprio lucro. A linguagem reflete o pensamento da Assunção de Moisés 5:5.

### III. Exortação aos Cristãos. Judas 17-23.

17. Embora esta carta fosse escrita a cristãos, nos versículos 5-16 Judas definiu os erros dos falsos mestres. Agora volta sua atenção para seus leitores em uma exortação direta. Eles evitarão o erro lembrando-se das palavras proferidas pelos apóstolos de que os falsos mestres apareceriam logo dentro da própria igreja. Com isso poderão devidamente "batalhar pela fé" (v. 3).

18. II Pedro 3:3 usa linguagem quase idêntica. Ambas as passagens parecem referir-se a uma tradição oral corrente sobre os ensinamentos apostólicos. **No último tempo** estabelece a atmosfera e destaca que no final da dispensarão as pessoas se caracterizarão por uma desesperada falta de espiritualidade. Escarnecer é ter atitudes ímpias para com as coisas santas, e **escarnecedores** (*zombadores*) não obedecem à lei do Espírito, mas seguem à lei da paixão da carne.

19. Judas continua sua acusação contra os falsos mestres, enquadrando-os em dois grupos: são divisivos e sem o Espírito de Deus. O verbo grego, **promovem divisões**, sugere um estabelecimento de linhas demarcatórias que dão lugar a uru espírito faccioso. Além disso, revela um senso de superioridade da parte destes falsos mestres. Com sutil ironia Judas acusa os gnósticos, que se consideravam espirituais, de não ter o Espírito. Ele afirma que a espiritualidade é uma qualidade de vida produzida pelo Espírito de Deus, e não pelo exercício religioso só conhecido pelos poucos iniciados.

20. Mais uma vez um desafio direto é feito aos leitores. A pureza de vida começa com a sã doutrina, isto é, a "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (3). A chave para o significado de **edificando-vos** se acha na frase seguinte, **orando no Espírito Santo**. A forte implicação é que os homens verdadeiramente espirituais não são justos aos seus



próprios olhos nem desprezam os outros (19), mas aqueles que oram no Espírito Santo.

**21.** Arndt usa a seguinte paráfrase: "Guarde-se do perigo do mal, permitindo Deus demonstrar o Seu amor para você no futuro também". O meio ambiente atual do crente é o amor de Deus e a expectativa futura é a garantia de vida eterna com Cristo Jesus.

**22.** O texto grego é de difícil interpretação em Judas 22, 23. No v. 22 o verbo de maior evidência é *eleeo*, "socorrer", "mostrar compaixão". O objeto da compaixão é aquele que duvida. Assim, nesta passagem, Judas insiste com os cristãos a atender às dúvidas intelectuais e morais dos afetados pelos falsos mestres. O fim em vista não é a expulsão e condenação dos duvidosos mas sua restauração à comunhão.

**23.** Zacarias 3:2-4 pode ter influenciado os pensamentos de Judas aqui, pois ele escreve sobre arrebatá-los **do fogo**. Fogo sugere paixão sensual, mas é mais plausível que seja uma alusão ao juízo eterno. É difícil saber se o escritor pretendia traçar uma nítida distinção entre as duas classes de pessoas com o duplo uso de **alguns**, ou simplesmente usou a expressão no sentido enumerativo. Seja como forem entendidas as palavras, a atitude do cristão deve ser de misericórdia para com o pecado, acoplada com ódio pelos pecados dele.

#### IV. Bênção. Judas 24, 25.

**24,25.** Uma das maiores e mais sublimes bênçãos do N.T. é esta que se encontra no final desta curta epístola. Duas outras bênçãos paulinas comparáveis são a de Rm. 16:25 e I Tm. 6:14-16. Vital a todas as exortações feitas aos crentes é o lembrete dos recursos infinitos do próprio Deus, único que tem competência para nos guardar de tropeçarmos nesta vida e atraí-los a Ele próprio no último dia. Ele aperfeiçoará a obra da santificação para que os crentes sejam irrepreensíveis, ou **imaculados**. Esta palavra faz lembrar a descrição dos animais sacrificados no V.T. Judas 25 ensina as duas coisas, a

singularidade de Deus e a igualdade de Jesus Cristo com Deus Pai. Assim ele milita contra a idéia de que a divindade de Cristo foi uma invenção da igreja pós-apostólica. Deus é chamado sete vezes de **Salvador** no N.T. Aqui o Seu poder salvador está comprovado na Pessoa do Seu Filho, o qual a Igreja reconhece como "Senhor", isto é, Deus. A última atribuição de glória, majestade, domínio e autoridade é o testemunho de Judas do benevolente caráter de Deus, o qual operou a nossa salvação por meio de Cristo.

# APOCALIPSE

Introdução	Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17
Esboço	Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18
Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	Capítulo 22

## INTRODUÇÃO

**Observação.** Ao iniciarmos este breve comentário sobre o inexaurível livro final do Cânon do Novo Testamento, provavelmente devemos apresentar dois aspectos do mesmo que serão observados na leitura do mesmo. Em primeiro lugar, guardadas as proporções, foi dedicado mais espaço às questões introdutórias do que normalmente se concede em um comentário, quer seja longo quer breve, deste livro. Isto se fez porque o escritor crê que o estudo do livro do Apocalipse exige mais considerações preliminares do que qualquer outro livro da Bíblia. Quanto mais o leitor fixar na mente certos princípios fundamentais de interpretação, mais rapidamente compreenderá estes francamente difíceis capítulos. Em segundo lugar, incorporamos nestas páginas uma grande porção de material dos mais importantes comentários sobre o Apocalipse escritos durante o último século, algumas das soberbamente concisas e penetrantes declarações dos grandes mestres da igreja cristã relacionadas com assuntos mencionados no livro.

Há algo quase paradoxal a respeito do livro do Apocalipse. É um volume de reconhecida dificuldade, e no entanto através dos séculos tem sido como um ímã, atraindo irresistivelmente para o seu estudo cristãos de todas as escolas de pensamento, leigos, clérigos e professores. R.H. Charles está certo quando começou as suas *Lectures on the Apocalypse* com esta declaração: "Desde a era mais remota da Igreja, tem se

admitido universalmente que o Apocalipse é o livro mais difícil de toda a Bíblia" (pág. 1). Calvino recusou-se a escrever um comentário sobre o Apocalipse, e deu-lhe muito pouca importância em seus maciços escritos. Lutero fugiu aos seus ensinamentos durante anos. Ao mesmo tempo, o livro tem compelido homens a prolongados estudos de suas profecias, voltando muitas e muitas vezes para uma reconsideração dos seus temas e para uma nova compreensão de suas revelações. Um só testemunho será suficiente, de alguém que geralmente é reconhecido ter sido o mais talentoso expositor do primeiro quarto de nosso século, G. Campbell Morgan: "Não há nenhum livro na Bíblia que tenho lido com tanta frequência, nenhum ao qual tenho tentado dedicar atenção mais paciente e persistente . . . Não há nenhum livro na Bíblia ao qual eu me volte mais ansiosamente nas horas de depressão, do que este, com todo o seu mistério, todos os seus detalhes que não compreendo" (*Westminster Bible Record*, Vol. 3 [1912 ] 105,109).

**A Importância do Livro.** 1) As Escrituras do Novo Testamento seriam incompletas, deixariam os leitores em um estado de ânimo mais ou menos depressivo, se este livro não fosse escrito e incluído no Cânon. Ele não é somente o último livro no arranjo canônico de nossa Bíblia, mas é necessariamente a conclusão das revelações divinas ao homem. Esta verdade foi brilhantemente apresentada por T. D. Bernard em suas famosas *Bampton Lectures for 1864, The Progress of Doctrine in the New Testament*. "Não sei como algum homem, terminando as Epístolas, poderia esperar descobrir a história subsequente da Igreja essencialmente diferente do que ela é. Naquelas obras nos parece, como é na realidade, que não testemunhamos algumas tempestades passageiras que desanuviam a atmosfera, mas sentimos o todo da atmosfera carregado com os elementos da futura tempestade e morte. Cada momento as forças do mal se mostrara mais claramente. Elas são enfrentadas, mas não dissipadas . . . As últimas palavras de S. Paulo na segunda Epístola a Timóteo, e as de S. Pedro em sua segunda Epístola, com as Epístolas de S. João e S. Judas, têm a linguagem de um tempo no qual as tendências

daquela história expuseram-se distintamente; e nesse sentido essas cartas forma um prelúdio e uma passagem para o Apocalipse.

Assim, chegamos a este livro com lacunas que ele pretende preencher; aproximamo-nos dele como homens, que além de estarmos pessoalmente em Cristo, sabemos o que temos nEle como indivíduos, também, na qualidade de membros do Seu corpo, participamos de uma vida incorporada, no aperfeiçoamento da qual somos aperfeiçoados, e em cuja glória o nosso Senhor está glorificado. Por este aperfeiçoamento e glória esperamos em vão, entre as confusões do mundo, e as formas do mal sempre ativas e mutantes. Qual é o significado deste cenário selvagem? Qual será o seu resultado? E qual a perspectiva que há na realização daquilo que desejamos? Para um estado mental como este, e para as lacunas que envolve, é que esta última parte dos ensinamentos de Deus foram dirigidos, de acordo com aquele sistema de doutrina progressiva que tenho me esforçado em ilustrar, em que cada estágio de progresso resulta numa seqüência natural do efeito daquele que o precede ".

2) De todos os livros da Bíblia, este é aquele que certamente deve ser considerado como o livro do fim dos séculos. E poderia parecer que nestes últimos trinta anos, o mundo Ocidental, incluindo seus estadistas, cientistas, economistas e ensaístas, o têm, consciente ou inconscientemente, reconhecido. Isto é especialmente verdadeiro no que se refere ao uso da palavra **apocalipse**. Esta palavra tem representado uma era de sublevação, as condições do mundo cheias de terríveis conseqüências, o desencadeamento de grandes poderes que o homem sozinho parece incapaz de controlar. Martin Kiddle, o autor do livro sobre o Apocalipse, no Comentário de Moffatt, refere-se à "notável relevância" da mensagem deste livro "para a igreja nestes nossos dias". É apenas mais um exemplo da sanção divina, e do significado eterno das visões de João. Sempre que há uma crise mundial, sempre que o Estado se exalta e exige uma submissão que os cristãos sabem que não lhe podem dar sem renunciar as suas próprias almas, sempre que a Igreja

fica ameaçada de destruição, a fé bruxuleia e os corações são frios, o Apocalipse adverte e exorta, edifica e encoraja todos aqueles que dão atenção a sua mensagem" (pág. xlix).

3) Este é supremamente o livro de um mundo, e certamente agora, no meio deste século vinte, estamos nos aproximando dessa condição de um mundo só. Frequentemente no Apocalipse encontramos frases tais como estas, "muitos povos, nações, línguas e reis" (10:11; 11:9; 17:15), que sugerem o escopo universal da visão. Quando os reis são apresentados, são "reis do mundo inteiro" (16:14; 17:2, 18; 18:9; 19:19). De Satanás diz-se que ele é o enganador de "todo o mundo" (12:9). Todas as nações fornicaram com a meretriz (18:3,23). O boicote econômico imposto pela besta cobre toda a humanidade (13; 16, 17). Na verdade, a besta do mar recebeu "autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação" (13:7); e dá-se dela, "adorá-lo-ão todos os que habitam sobre a terra" (13:8). Há um grande significado no fato de que quando chega o momento de Cristo assumir o Seu lugar de direito como Rei dos reis e Senhor dos senhores, a palavra usada para o governo deste mundo está no singular, "o reino do mundo" (11: 15).

4) Este livro é notavelmente um livro para uma era de perturbação, para um século no qual as trevas se espessarão, o medo se espalhará por toda a humanidade, e poderes monstruosos, ímpios e maus, aparecerão no palco da história (como aparecem neste livro). Mas encontramos nele conforto e estímulo: Deus sabe todas as coisas desde o começo, até mesmo as tribulações do Seu próprio povo. Contudo, o final deste conflito, a perseguição, a tribulação, o martírio, será determinado por Cristo, quando Ele, finalmente for vitorioso. O pecado e Satanás e toda a corte de Satanás serão derrotados para sempre; e os crentes estarão com o Filho de Deus na glória para sempre.

5) Mesmo se todas essas coisas não fossem verdadeiras, e especialmente verdadeiras para o nosso século, não deveríamos nos esquecer de que é o único livro da Bíblia que enuncia uma bem-aventurança para o que ouve, lê e obedece as suas palavras: "Bem-

aventurados aqueles que lêem, e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardara as cousas nela escritas" (1: 3; 22: 7).

6) Finalmente, é neste livro que alguns dos maiores temas da revelação divina são concluídos dramaticamente. Aqui as profecias referentes a Cristo, o Rei dos reis, são desdobradas em sua plenitude, e se cumprem. Aqui, palavras tais como **tabernáculo, templo, paraíso, Babilônia**, etc., assumem sua conotação espiritual suprema. Aqui todas as promessas de uma vida em glória concentram-se no quadro maravilhoso da Cidade Santa. Temos aqui o destino final de Satanás, do Anticristo, os falsos profetas e todos os inimigos de Deus. Aqui os reis rebeldes do Salmo 2 encontram-se finalmente sob os pés do Cordeiro de Deus.

**O Autor.** Através dos séculos algumas dúvidas têm sido lançadas sobre a autenticidade deste livro. Neste comentário não há espaço para a exposição dos argumentos levantados contra a autoria joanina, mas temos de considerar os fatos que atestam que o Apóstolo João é o autor:

1) Quatro vezes neste livro o nome do autor foi inserido (1:1, 4, 9; 22:8).

2) Até a primeira metade do século II, era convicção da Igreja de que João era o autor. Justino Mártir declara francamente: "E conosco um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, que na revelação que lhe foi dada. . . " (*Dialogue with Trypho the Jew*, cap. 81). O grande historiador Eusébio repetidamente atribuiu o livro a João (*Ecclesiastical History*, III, xxiv, xxxix); do mesmo modo Tertuliano (*Contra Marcion* 3:14, 24).

3) Sejam quais forem as peculiaridades gramaticais deste livro, existem inumeráveis semelhanças entre o vocabulário do Evangelho de João e o do Apocalipse. "Um elo importante que une estas obras", destaca Gloag, "é a aplicação do termo Logos a Jesus Cristo. Este termo é sem dúvida joanino; não foi empregado em nenhum outro lugar das Escrituras, e contudo aparece no Apocalipse: 'Está vestido com um manto tinto de sangue; e o seu nome se chama o verbo de Deus' (Ap.

19:13). Da mesma forma a palavra 'o Cordeiro', não simplesmente como emblema ou símbolo de Cristo, mas o próprio Cristo, é peculiar a João; como quando no Evangelho se diz 'Eis o Cordeiro de Deus', e no Apocalipse, 'Então vi, no meio do trono e dos seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tinha sido morto' (5:6). É verdade que a palavra grega é diferente, *ho amnos* usado no Evangelho e *to amion* no Apocalipse, mas a idéia de que Jesus Cristo é o Cordeiro é comum a ambos. A palavra *alethinos*, 'aquilo que é verdadeiro', foi usada dez vezes no Apocalipse, nove vezes no Quarto Evangelho, quatro vezes na Epístola, e apenas uma vez nas Epístolas paulinas. Da mesma forma, 'aquele que vence' (*nikos*), uma expressão favorita na Epístola, aparece muitas vezes no Apocalipse, como por exemplo na conclusão das cartas às sete igrejas e em outras passagens da obra: 'O vencedor herdará estas cousas' (21:7). O verbo *skênoô*, 'tabernacular', que só se encontra nas obras joaninas, foi usado no Evangelho, com evidente referência ao Shequiná, do Logos tabernaculando entre os homens (1:14), e foi quatro vezes empregado no Apocalipse com referência a Deus. 'Eis o tabernáculo de Deus com os, homens, Deus habitará com eles (tabernaculará)' (21:3)" (P.J. Gloag, *Introduction to the Johannine Writings*, pág. 306, 307).

**A Data da Composição.** São duas as grandes opiniões relativas à ocasião em que este livro foi escrito. Alguns a colocaram no reinado de Nero, na sétima década do primeiro século. Mas devido a muitas razões, parece-nos que é demasiado cedo. O veredito unânime da igreja primitiva era que o apóstolo João foi banido para a Ilha de Patmos pelo imperador Domiciano (81 a 96 A.D.), colocando alguns escritores o exílio no ano décimo quarto do seu reinado, 95 A.D. (Uma evidência antiga para isto encontra-se em Revere F. Weidner, *Annotations on the Revelation of St. John the Divine*, pág. xiv-xvii).

O Apocalipse revela claramente que foi escrito em uma ocasião de grande perseguição. A perseguição sob Nero foi mais ou menos limitada a Roma, mas sob Domiciano alcançou outras partes do império romano.



Domiciano banuiu homens a diversos locais de exílio, mas Nero não o fez. Mais ainda, as sete igrejas da Ásia aqui demonstrara um desenvolvimento maturo, que facilmente existiria em data tão precoce com 65 A.D. Além disso, não temos evidência nenhuma de que o apóstolo exercesse qualquer autoridade sobre as igrejas da Ásia antes da destruição de Jerusalém. Com tal ponto de vista concordam escritores tais como Lange, Alford, Elliott, Godet, Lee, Milligan e outros.

**Título do Livro.** A palavra Revelação deriva do latim *revelatio* (de *revelare*, "revelar ou tirar o véu daquilo que estivera previamente escondido"). Este era o título conferido ao livro na Vulgata Latina. O título grego é **Apocalipse**, extraído diretamente da primeira palavra do texto grego, *apocalypsis*. Nesta forma substantiva a palavra não se encontra em nenhuma outra obra da literatura grega, mas como verbo foi continuamente usada nos Evangelhos e nas Epístolas, de maneiras variadas, especialmente com referência a algumas formas da revelação divina ao homem (como o Filho do Homem, em Lc. 17:30). Foi usada por Paulo referindo-se ao mesmo evento futuro (Rm. 8:18; I Co. 1:7; II Ts. 1:7), e freqüentemente em I Pedro (1:7, 13; 4:13; 5:1). No texto grego de Daniel esta palavra encontra-se muitas vezes com referência à revelação de segredos, ou interpretação de sonhos, ou revelação de Deus (veja Dn. 2:19, 22, 28, 29, 30, 47; 10:1; 11:35).

**O Tema.** O Apocalipse é um livro profético. Na sua revelação do futuro, enfatiza particularmente as repetidas e crescentes tentativas violentas e mundiais de personalidades e pessoas terrenas, ativadas e dirigidas por poderes demoníacos e lideradas por Satanás, de se oporem e evitarem a execução da declarada intenção de Cristo de estabelecer o Seu reino sobre a terra. Está claro que este conflito certamente acabará com a derrocada dessas forças do mal e o estabelecimento do reino eterno de Cristo. Este conflito secular, envolvendo na guerra até os céus, compõe-se de uma série de ardis da parte dos inimigos de Cristo para derrotar o Rei dos reis. Cada tentativa resulta em fracasso, seguido por terrível juízo divino. E o longo conflito terminará no juízo diante do

Grande Trono Branco, com o aparecimento da Nova Jerusalém, e o começo da eternidade.

**Um Livro de Visões.** O livro do Apocalipse, acima de todos os outros livros da Bíblia, é um registro do que foi revelado em visões ao autor. Todos nós sabemos como às vezes se torna difícil registrar o que *vimos*, especialmente quando a visão é espetacular. Como poderia alguém descrever adequadamente um pôr-de-sol glorioso, ou a majestade dos Alpes? Os muitos e diferentes verbos gregos significando "ver", "observar", ou "perceber", aparecem 140 vezes neste livro, começando com "o que **vês**, escreve em livro" (1:11). Imediatamente após João diz: "Voltei-me para ver quem falava comigo, e voltado, **vi**", etc. (v. 12). No começo do capítulo 4, ouve-se uma voz do céu dizendo a João, "Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas cousas" (4:1). Deste ponto para frente, há inúmeros parágrafos, até o final do livro, que começam com "e vi".

Não somente temos aqui uma série de visões, mas o livro está saturado de linguagem simbólica, e estes símbolos devem receber consideração especial. Especialmente isto acontece em relação aos números. Em primeiro lugar, há uma constante repetição do número sete. Quanto ao simbolismo dos números no livro, inserimos aqui os concisos e compreensíveis resumos de Moorehead e Weidner: "Este número (sete) não foi empregado apenas para indicar muitos objetivos individuais", explica Moorehead, "mas penetra grandemente em todo o plano do livro. Sete é o número da inteireza, da perfeição, e da plenitude dispensacional. Todos os leitores sabem que são quatro os grupos de sete que cobrem uma considerável seção do livro. Há as sete mensagens às sete igrejas (caps. 2, 3). A visão dos sete selos, que abrange 6-8:1 (com um episódio entre o sexto e o sétimo da série, a saber vii). A visão das sete trombetas, 8:2-11,16 (com um episódio entre a sexta e a sétima, 10-11:13). A visão das sete taças, 15:5-16. Assim quase metade do livro pertence a esta série quádrupla ... Penetra em passagens onde não é mencionada diretamente. Assim, em 5:12, os sete atributos de louvor são conferidos

ao Cordeiro que foi morto; o grupo vestido de branco em 7:12 adora a Deus com o mesmo número de atribuições. O capítulo 14:1-20 consiste de sete partes, isto é, o Cordeiro com o seu glorioso grupo no monte Sião; o evangelho eterno; a queda de Babilônia; a solene ameaça contra qualquer comunhão com a Besta; porção feliz daqueles que morrem no Senhor doravante; a colheita; a vindima. Além disso, o capítulo menciona seis anjos, e Um como o Filho do Homem – três anjos de cada um de seus lados, e Ele está no meio, presidindo sobre os grandes acontecimentos. O clímax da série está no número quatro, onde Ele está assentado sobre a Nuvem branca. Os 'sete Espíritos que se acham diante do seu trono' (1:4) expressam a perfeição infinita do Espírito Santo. As 'sete estrelas' na mão direita de Cristo (1:16) indicam a autoridade completa que Ele tem sobre as igrejas. O Cordeiro tem 'sete chifres e sete olhos' (5:6), que indicam todo o poder, a inteligência suprema e a onisciência perfeita com a qual Ele está dotado" (Wm. G. Moorehead, *Studies in the Book of Revelation*, pág. 30-32).

"A metade de sete, no Velho Testamento", diz Weidner, "indica tempo de tribulação. Aparece de várias maneiras, tanto no Velho como no Novo Testamento. A fome no tempo de Elias durou três anos e meio (I Reis 17:1; Lc. 4:25; Tg. 5:17); o mesmo período é o 'um tempo, dois tempos e metade dum tempo' de Dn. 7:25 e Dn. 12:7; 'a metade da semana' mencionada em Dn. 9:27. Este mesmo período de tempo aparece no Apocalipse sob a forma de quarenta e dois meses (Ap. 11:2; 13:5) ou 1.260 dias (Ap. 11:3; 12:6), ou 'um tempo, e tempos, e metade de um tempo' (Ap. 12:14). As **duas testemunhas** também permaneceram mortas 'por três dias e meio' (Ap. 11:9, 11). Este número imperfeito é, portanto, um símbolo de grande significado, e tem sido aceito como a 'assinatura' da aliança violada ou do sofrimento e desastre... **Dez** é a representação simbólica da perfeição absoluta e desenvolvimento completo, tanto referindo-se a Deus quanto ao mundo. É a 'assinatura' de um todo completo e perfeito. Dez é o número dos Mandamentos; o Santo dos Santos era um cubo de 10 cúbitos de cada

lado; dez vezes dez, ou 100, é o número do Rebanho de Deus (Lc. 15:4, 7); e o cubo de dez, ou 1.000, é a duração do reinado dos santos (Ap. 20:4). A *décima* geração significa 'para sempre' (Compare Dt. 23: 3 com Ne. 13:1). **Dez** é também o número da perfeição do mundo, simbolizando o poder perfeito. As dez pragas do Egito simbolizavam o derramamento completo da ira divina; a quarta besta de Daniel tinha dez chifres (Dn. 7:7, 24); o Dragão Vermelho do Apocalipse tem dez chifres (Ap. 12:3), como também a Primeira Besta ou o Anticristo (Ap. 13:1).

**Doze** é, enfaticamente, o número que se refere ao reino de Deus, a 'assinatura' de Deus (três) multiplicada pela 'assinatura' do mundo (quatro). Lee acha que enquanto **sete** é o número sagrado das Escrituras, **doze** é o número do Povo da Aliança em cujo meio Deus habita, e com quem Ele travou as relações da Aliança. **Doze** são as tribos de Israel: havia duas vezes **doze** grupos de sacerdotes; quatro vezes **doze** cidades dos levitas; **doze** é o número dos apóstolos; duas vezes **doze** é o número dos anciãos que representaram a Igreja Redimida; a mulher de Ap. 21:1 tinha uma coroa de **doze** estrelas em sua cabeça; a Nova Jerusalém tem **doze** portões (Ap. 21:12), o muro da cidade tem **doze** fundamentos (21:14) e a árvore da vida produz **doze** nomes de frutos (22:2)" (Weidner, *op. cit.*, pág. xxxix, xl).

No simbolismo das cores, branco é destacadamente a cor da inocência, pureza e justiça, como também da idade espiritual, maturidade e perfeição; o preto indica fome, desespero, sofrimento; o vermelho, cor de sangue, pode indicar, como o próprio sangue, a guerra, o homicídio ou a morte sacrificial; o roxo é a cor da realeza ou do ócio voluptuoso; e o amarelo é a cor da vida que se esvai e do reino da morte (6;8). (Veja o excelente exame do simbolismo das cores em John Peter Lange, *The Revelation of St. John*, pág. 16-18).

**Vocabulário.** Há 916 diferentes palavras no texto grego do Apocalipse; dessas, 416 são também encontradas no Quarto Evangelho; 98 aparecem só uma vez em outras passagens do Novo Testamento; enquanto há 108 palavras que não se encontram em nenhuma outra

passagem do Novo Testamento. Aqui há muitas palavras que falam de autoridade. Por exemplo, a palavra para trono ocorre 44 vezes; **rei, reino e governo**, 37 vezes; **autoridade e poder**, 40 vezes. As muitas palavras traduzidas para **ver, perceber**, etc., aparecem perto de 150 vezes. As palavras que significam escrever, e o resultado da escrita, isto é, um **livro**, são encontradas 60 vezes.

**O Uso do Velho Testamento no Apocalipse.** Este último livro da Bíblia forma um mosaico espantoso, como se vê, de temas do Velho e Novo Testamento. No apêndice ao *Greek New Testament*, de Westcott e Hort (pág. 184-188), estima-se que dos 404 versículos deste livro, 265 contenham linhas que abrangem aproximadamente 550 referências de passagens do Velho Testamento; há 13 referências a Gênesis, 27 a Êxodo, 79 a Isaías, 53 a Daniel, etc. Muitos concordariam com o falecido Professor Briggs que "o discurso escatológico de Jesus (Mt. 24:25; Mc. 13; Lc. 21) é, segundo o nosso pensar, a chave do Apocalipse. Este livro é a obra de um judeu saturado das profecias do Velho Testamento, sob a orientação da palavra de Jesus e a inspiração de Deus. É o clímax da profecia do Velho e Novo Testamentos".

Esta extensa incorporação do material do Velho Testamento vê-se em grandes seções, versículos separados e frases individuais. Assim, a descrição da Babilônia, no capítulo 18, tem paralelos incontáveis com Jeremias 51. As duas bestas do capítulo 13, com seus dez chifres que são dez reis, derivam diretamente das visões da besta de Dn. 7, 8. A visão das duas oliveiras e dos dois castiçais (cap. 11) é uma reconstrução da visão de Zacarias (Zc. 4). Os períodos de tempo no livro do Apocalipse derivam de Daniel, como o tempo, dois tempos e a metade de um tempo (12:14, de Dn. 12:7). Muitos dos juízos das trombetas são espantosamente paralelos às pragas do Egito, as quais vamos considerar em alguns detalhes na exposição da passagem. Até mesmo no primeiro capítulo, o versículo 6 refere-se a Êx. 19:6; versículo 7 a Dn. 7:13 e Zc. 12:10, 12; o versículo 14 consiste de duas passagens extraídas de Dn. 7:9, 13; 10:5. O versículo 15 deriva de Dn. 10:6; Ez. 1:24; o versículo 16

de Is. 11:4; 49:2; o versículo 17 de Is. 44:6; 48:12; e o versículo 18 de Is. 38:10. Muitos dos títulos da divindade usados neste livro encontram seus originais no Velho Testamento: "o Todo-Poderoso" de 1:8, etc. em Gn. 17:1; "o Alfa e o Ômega", idem. (Um bom capítulo sobre este assunto encontra-se em Merrill C. Tenney, *Interpreting Revelation*, pág. 101-116).

**A Relação do Apocalipse com o Discurso no Jardim das Oliveiras.** Todos concordariam que são muitas as linhas de pensamento no Apocalipse que têm forte semelhança com os assuntos mencionados no Discurso que Nosso Senhor fez no Jardim das Oliveiras. Alguns o têm levado longe demais, é o que me parece, e têm forçado o Apocalipse dentro de um molde construído com a divisão tripla do Discurso das Oliveiras. Os acontecimentos do Discurso podem Ser divididos cronologicamente em três períodos – pré-Tribulação, Tribulação e pós-Tribulação. Seria difícil formar um esboço semelhante para o livro do Apocalipse. Entretanto, há muitas passagens paralelos, particularmente aquelas que descrevem as perturbações físicas e econômicas que terão lugar ao se aproximar o fim dos tempos, como por exemplo Lc. 21:9-11. Guerra, fome, pestes e terremotos aparecerão nos quatro primeiros juízos dos selos; guerras, freqüentemente, de Ap. 16:12 até o fim do capítulo 19, e terremotos em 16:18 e 18:8. A questão do martírio, conforme Lc. 21:12-16, aparece freqüentemente no livro, como em Ap. 6:9-11; 11:7-10; 13:7, 15; 16:6; 17:6; 18:24. A Grande Tribulação é mencionada em 7:14. Os falsos cristos e falsos profetas aparecem em sua forma final no capítulo 13. Os distúrbios celestes de Lc. 21:25-28 estão em Ap. 6:12-14 e segs. A vinda do Filho do Homem é anunciada em Ap. 1:7 e é consumada quando a Palavra de Deus desce do céu por ocasião da batalha do Armagedom. (Para exame deste assunto, veja meu livro, *A Treasury of Books for Bible Study*, pág. 235-242. Há alguns anos atrás Henry W. Fost escreveu todo um livro sobre este assunto, *Matthew Twenty-Four and the Revelation*, Nova Iorque, 1924.)

**O Princípio da Antecipação.** Através de todo este livro, muitas e muitas vezes, o autor usa aquilo que é conhecido por prolepse; isto é, logo no começo do livro ele usa uma frase que reaparece mais tarde, e geralmente mais desenvolvida. Assim, por exemplo, Cristo é chamado de "a fiel testemunha" no começo (1:5), mas reaparece como a Testemunha Fiel em 3:14;17:6; 20:4. Inicialmente recebe o título de "soberano dos reis da terra" (1:5). Mas quando nos aproximamos do final dos séculos, quando as prerrogativas deste título vão ser realmente exercidas, encontramos-Lo novamente assim designado (17:14; 19:16). No começo anuncia-se (1:6) que Cristo nos fez reis e sacerdotes; mas isto volta a aparecer no final do livro (20: 6). Do mesmo modo o título, "o Alfa e o Ômega", que se encontra no começo (1:8) e no final (21:6; 22:13), como também o título, "o Todo-Poderoso" (1:8; 19:6, 15; 21:22). A ordem de guardar as palavras desta profecia foi dada na introdução, mas essa é exatamente a ordem que encontramos repetidamente no final do livro (22:7, 10, 18).

As promessas feitas aos crentes nas sete epístolas dos capítulos 2 e 3 reaparecem com espantosa reiteração quando as grandes lutas sobre a terra terminam, e os filhos de Deus estão na glória da ressurreição da Nova Jerusalém. Assim, a promessa da "árvore da vida" (2:7) encontra-se novamente bem no final do livro (22:2, 14). Livramento da segunda morte está prometido aos fiéis de Esmirna (2:11) e torna a ser citado no Último Juízo (20:6,14). "O Espírito" declara, na quarta epístola, que Cristo governará as nações "com vara de ferro" (2:27); e isto é exatamente o que se diz da batalha do Armagedom (19:15). A promessa da "estrela da manhã" àqueles que são fiéis (2:28) reaparece em 22:16. A idéia de andar com Cristo "de branco" não apresentada apenas aos fiéis de Sardes e Laodicéia, mas também aos crentes no fim dos tempos (3:4, 5,18; 19:14). O "livro da vida" (3:5) reaparece quatro vezes, começando com o período da tribulação (13:8; 17:8; 20:12, 15; 21:27). À cidade de Filadélfia foi feita uma promessa quádrupla (3:12), cada frase da qual reaparece no final do livro: "Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário

do meu Deus . . . gravarei também sobre ele o nome do meu Deus (22:4), o nome da cidade do meu Deus (21:2, 10), a nova Jerusalém... (21:2, 10), e o meu novo nome". Finalmente, a promessa aos vencedores de Laodicéia, que se assentarão com Cristo no Seu trono, reaparece no começo da descrição da Nova Jerusalém (20:4).

**Alternando Cenas do Céu e Cenas da Terra.** Um fator fundamental deste livro, muitas vezes ignorado pelos comentadores, é de grande ajuda na compreensão destes capítulos quando reconhecido. Isto é, muitas cenas deste livro estão localizadas no céu, enquanto os juízos propriamente ditos têm lugar na terra; e as cenas no céu sempre precedem os acontecimentos terrenos aos quais estão relacionados. Assim, as mensagens às sete igrejas são precedidas por uma visão do Senhor que ascendeu ao céu. A abertura dos seis selos no capítulo 6 é precedida pela visão do Cordeiro no céu, digno de abrir o livro (caps. 4, 5). Os juízos que acompanham o tocar das sete trombetas são precedidos por uma cena celeste que se estende de 7:1 a 8:5. Os terríveis acontecimentos dos capítulos 11; 12; 13 são novamente precedidos por uma cena celestial de instruções para João. As devastações que acompanham as sete pragas (caps. 15; 16) são precedidas por avisos dos anjos e a exibição do "templo . . . no céu". E, depois do juízo final do capítulo 20, o livro conclui com um quadro do lar celestial dos redimidos.

Sempre senti que existem duas grandes verdades a serem extraídas deste fenômeno. Primeiro, o que vai acontecer na terra, embora desconhecido pelo homem e inesperado para ele, é inteiramente conhecido àqueles que estão no céu – o Senhor que ascendeu ao céu, os anjos, os vinte e quatro anciãos, as criaturas viventes e os outros. Em segundo lugar, o que vai acontecer na terra está sob completo controle e direção do céu, de modo que podemos dizer com segurança, a julgar deste livro, como também de outros livros proféticos das Escrituras, que tudo que acontece na terra apenas cumpre a Palavra de Deus. Este princípio é notavelmente apresentado nos avisos preliminares referentes



aos reis da terra que fazem guerra contra o Cordeiro. Embora leiamos a respeito de dez reis satanicamente inspirados, tendo uma só mente e concedendo seu poder e autoridade à besta (17:12,13), não obstante, é Deus que "tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus" (17:17).

**O Livro do Juízo.** Desde o começo deste livro até quase o fim, devemos sempre ter em mente o fato de que o livro de Apocalipse é. um livro de juízo, portanto, um livro envolvendo destruição, devastação, morte, dor, tribulação. A própria descrição do Senhor Jesus quando Ele está para enviar mensagens às igrejas contém alguns fatores que indubitavelmente falam de juízo - olhos "como chama de fogo", pés "semelhantes a latão reluzente", de cuja boca "saía uma aguda espada de dois fios". As passagens seguintes tratam especialmente deste tema do juízo: 6:16, 17; 11:17, 18; 14:7, 10; 16:5, 7; 18:8, 10, 20; 19:2 e 20:11-15.

**Canonicidade.** A Igreja Ocidental desde logo creu que o livro do Apocalipse devia ser incluído entre os livros canônicos do Novo Testamento, e ele era publicamente lido nas igrejas. Mas a Igreja Oriental parecia relutante em adotar a mesma posição, e não concordou com a canonicidade do Apocalipse até o século IV. O Cânon Muratoriano, compilado em cerca de 200, inclui o livro em sua lista. Pelos meados do século III, o Bispo de Alexandria aceitou o livro como canônica. Foi omitido na Versão da Vulgata Siríaca. O Terceiro Concílio de Cartago (397) aceitou o livro como canônico, e todo o volume aparece nos manuscritos primitivos, no Códex Sinaítico, no Códex do Vaticano e no Códex Alexandrino. Lutero errou grandemente em colocar o livro do Apocalipse junto às epístolas de Tiago, Judas e Hebreus, em um apêndice. Há séculos a Igreja Protestante universal e as Igrejas Oriental e Ocidental concordaram que é uma obra canônica. (Todo este assunto foi examinado com grande minuciosidade no volume de Ned B.

Stonehouse, *The Apocalypse in the Ancient Church*, Goes, Holland, 1929.)

**As Quatro Principais Escolas de Interpretação.** O livro do Apocalipse é a única grande porção da Palavra de Deus em relação à qual desenvolveram-se quatro diferentes sistemas básicos de interpretação. O sistema de interpretação que um estudante da Bíblia adota fará uma grandíssima diferença naquilo que crê que o livro ensina.

1) **O Esquema Espiritual de Interpretação.** Desde os dias de Agostinho, sempre existiram alguns mestres da Bíblia que têm insistido que o propósito deste livro não é instruir a igreja quanto ao futuro, não é predizer acontecimentos específicos, mas simplesmente ensinar princípios espirituais fundamentais. Este é o ponto de vista repetidas vezes expresso por Milligan (W. Milligan, *Lectures on the Apocalypse*), embora às vezes ele se contradiga. Ele diz em um lugar: "O Apocalipse trata de maneira distinta e enfática da Segunda Vinda do Senhor". Gloag insiste sobre o mesmo ponto de vista: "O livro tem a intenção de nos ensinar a história espiritual da Igreja de Cristo, advertir-nos dos perigos espirituais aos quais estamos expostos, informar-nos das tentações espirituais às quais estamos sujeitos, descrever a controvérsia com o mal, e confortar-nos com a certeza da vitória final de Cristo sobre os poderes das trevas".

Bem, tudo isto é verdade. O livro ensina princípios e princípios espirituais; ele transmite uma mensagem de conforto na sua certeza da vitória final de Cristo. Mas tudo no livro contradiz o ponto de vista de que não apresenta o futuro profético. O próprio livro proclama-se profecia genuína. "O mal", conforme diz Moorehead, "sempre procura se concentrar em uma pessoa ou sistema; assim também o bem. O Apocalipse nos mostra o mal centralizado na besta e no falso profeta". Certamente a volta de Cristo está neste livro, e esta é uma profecia de um acontecimento futuro; do mesmo modo, a ressurreição dos crentes e o julgamento diante do Grande Trono Branco. (Este é o ponto de vista

mantido pela maioria dos comentadores da fé reformada, Peters e outros.)

2) **O Esquema Preterista de Interpretação.** Este sistema de interpretação do Apocalipse insiste em que o autor só descreve acontecimentos que aconteceram na terra, dentro do Império Romano, durante os seus dias de vida, especialmente aproximando-se do fim do primeiro século. Este é um ponto de vista principalmente desenvolvido no século XVII, por Alcazar, um mestre jesuíta, numa tentativa de replicar aos argumentos da Reforma, que insistiam que o livro predizia a corrupção e declínio da Igreja Católica Romana, especialmente nos dois capítulos dedicados à Babilônia. A opinião de Alcazar foi adotada por um bom número de escritores modernos – Moses Stuart, A.S. Peake, Moffatt, Sir William Ramsay, Simcox e outros. Estes homens defendem que o governante cuja ferida mortal foi curada é Nero, e que Domiciano foi a besta do capítulo 13. É verdade que a opinião preterista deve ser aplicada em nossa interpretação das sete igrejas.

Mas dizer que o restante do livro refere-se apenas a acontecimentos do primeiro século é na verdade negar o seu caráter profético, forçando muitas de suas declarações dentro de um molde pequeno demais para contê-las. Conforme Milligan disse: "Toda a atmosfera do livro leva à conclusão oposta. Trata de muita coisa que vai acontecer até o fim dos tempos, até a hora do clímax da luta da Igreja, da consecução total de sua vitória e do total alcance do seu repouso. O Apocalipse revela distintamente que está preocupado com a história da Igreja até que ela entre na posse de sua herança celestial" (*op. cit.*, pág. 41).

3) **O Esquema Historicista de Interpretação.** Na história da interpretação do Apocalipse, provavelmente maior é o número de nomes ligados a este esquema do que a qualquer outro ponto de vista, com exceção do futurista. De acordo com este conceito, o livro do Apocalipse, especialmente na profecia dos selos, das trombetas e das taças, apresenta eventos particulares da história do mundo que se relacionam com o bem-estar da Igreja *desde o primeiro século até os*

*tempos modernos*. A maior das obras baseadas nesta teoria é o estudo em quatro volumes feito por Elliott (E.B. Elliott, *Horae Apocalypticæ*), que pode ser considerada como uma ilustração deste esquema. Ele diz que os juízos das trombetas cobrem o período de 395 a 1453, que a primeira trombeta se refere à invasão dos godos, a terceira dos hunos sob o comando de Átila, a quinta das hordas maometanas que se derramaram pelo Ocidente no sexto e sétimo século, etc. Temos outra ilustração na famosa obra de Mede que diz que o sexto selo prediz a derrocada do paganismo sob Constantino, que a segunda taça se refere a Lutero, que a terceira se relaciona com os acontecimentos do reinado da Rainha Elizabeth I, etc. Muitos daqueles que pertencem a esta escola insistem que o terremoto mencionado em 11:19 refere-se à Revolução Francesa; outros encontram Napoleão Bonaparte no livro do Apocalipse, etc., etc.

Agora, deixando de lado todas as outras objeções a este esquema, temos de admitir que ele não oferece nenhum princípio ou critério fundamental pelo qual sejamos capazes de determinar quais são exatamente os acontecimentos históricos mencionados em determinada passagem. E isto tem levado a um vasto pântano de confusão e contradição entre os que defendem este ponto de vista.

Milligan, numa forte crítica a todo esse esquema, diz: "Podemos realmente admitir que os acontecimentos nele encontrados pelo intérprete histórico teriam sido instrutivos ou consoladores para o cristão primitivo, se ele fosse capaz de compreendê-los inteiramente. Mas a verdadeira dificuldade está nisto, que tal compreensão era impossível naquele tempo . . . Enquanto inúteis aos homens que aS receberam de primeira mão, as visões do Apocalipse teriam sido, dentro deste sistema, igualmente inúteis ao grande corpo da Igreja Cristã, mesmo depois de cumpridas, e seu cumprimento reconhecido por alguns poucos pesquisadores competentes. Os pobres e os iletrados sempre souberam, e provavelmente sempre saberão, pouca coisa dos acontecimentos históricos supostamente aludidos no livro. Faria parte do plano divino tomar a compreensão de uma revelação tão insistentemente recomendada

dependente de um conhecimento da história eclesiástica e política do mundo nas centenas de anos passados? A própria suposição é absurda. É inconsistente com a primeira promessa do livro, "Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia!" . . . A seleção dos acontecimentos históricos feita pelo sistema é altamente arbitrária, e não se pode dizer que corresponda ao grau de importância que os tais acontecimentos tenham vindicado para si mesmos no decorrer da história" (*op. cit.*, pág. 131).

4) **O Esquema Futurista de Interpretação.** Dificilmente poderia se duvidar de que o Apocalipse é um livro de profecias preditivas. Negá-lo seria ignorar o estilo, o tema e os acontecimentos futuros do Apocalipse. Certamente o Segundo Advento, o conflito final de Cristo com as forças do mal, o Milênio, o juízo final, são ainda acontecimentos futuros. O esquema futurista de interpretação insiste que, na grande maioria, as visões deste livro se realizarão no final desta dispensação. A escola futurista foi há muito, excelentemente definida, como o esquema que "aguarda o cumprimento dessas predições, não nos primeiros acontecimentos e heresias da igreja, nem na longa série dos séculos desde as primeiras pregações do Evangelho até agora, mas nos acontecimentos que precederão de perto, acompanharão e se seguirão ao Segundo Advento de nosso Senhor e Salvador" (*Lectures on the Apocalypse*, pág. 68).

É estranho encontrar Gloag (em 1891) dizendo que "este sistema não tem muitos adeptos" (*op. cit.*, pág. 372). O fato é que tem muitos adeptos entre os quais se encontram destacados expositores bíblicos dos tempos modernos e alguns dos mais notáveis estudantes das profecias. Entre eles estão Todd, Benjamin Wills Newton, Seiss, William Kelly, Peters, praticamente todos aqueles que escreveram dentro da atmosfera dos Irmãos de Plymouth, como, por exemplo, S. P. Tregelles, Nathaniel West, A.C. Gaebelien, Scofield, Moorehead, Walter Scott, Alford e outros. Theodor Zahn, no seu notável comentário sobre o Apocalipse (ainda não traduzido para o inglês), assume a posição futurista, e Zahn é

reconhecido como o maior dos mestres conservadores do Novo Testamento da Europa no final do século XIX. Simcox, que não é futurista, admite francamente que "desde o tempo de Tertuliano e Hipólito – sem falar de Justino e Irineu – temos uma consistente expectativa no curso dos acontecimentos que precederão o juízo final" (G. A. Simcox, *The Revelation of St. John the Divine*, em CBSC, pág. xliv).

Existe, é claro, um futurismo extremo que deve ser enfaticamente rejeitado. Alguns futuristas vão ao ponto de dizer que as sete igrejas da Ásia se reorganizarão e se restabelecerão no final dos tempos, quando então as predições que lhe dizem respeito serão cumpridas – um modo totalmente desnecessário e irracional de ver as coisas.

A objeção tantas vezes ouvida, que é estranho termos em nosso Novo Testamento um livro que, na maior parte, contém assuntos relacionados w final dos tempos, não se mantém de pé quando se recorda o fator fundamental relacionado com as profecias básicas de longo alcance das Escrituras, a saber, que desde os tempos primitivos elas apontam para o seu cumprimento no final dos tempos. Não é o que acontece com a primeira profecia da Bíblia – "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn. 3:15)? Não é esta uma profecia da vitória messiânica que ainda aguarda seu cumprimento final? A extensa profecia de Jacó em Gênesis 49 refere-se aos "últimos dias" conforme diz. Repetidas vezes no Livro de Daniel, somos informados de que suas profecias se referem ao "fim" (7:26; 9:26, 27; 11:13, 27; 12:8, 13). O discurso que nosso Senhor fez nas Oliveiras não aponta diretamente para o fim dos tempos e a futura Segunda Vinda de Cristo? (Mt. 24:3,14; também suas parábolas proféticas, como, por exemplo, Mt. 13:39, 40). O mesmo acontece com Paulo falando aos tessalonicenses com referência ao homem do pecado; a narrativa de Pedro sobre a apostasia dos últimos dias; a grande profecia escatológica de Paulo em II Timóteo 3, e todo o corpo das profecias no conhecido capítulo da

ressurreição, I Coríntios 15. Todas estas passagens requerem interpretação futurista. Não se dá nada irracional que a Bíblia concluísse com um livro de profecias, as quais, na sua maioria, fossem cumpridas na grande e final consumação desta dispensação – o fim da revolta contra Deus, e o começo de uma era de justiça pela qual todos os homens justos anseiam.

É claro que em cada um destes sistemas de interpretação existe um pouco de verdade. Os três primeiros capítulos devem ser interpretados historicamente. Há grandes princípios espirituais apresentados nos juízos, nas promessas, nas profecias e nas vitórias messiânicas deste livro. Na maioria, entretanto, o Apocalipse será mais corretamente interpretado se for adotado o esquema futurista.

**O Apocalipse e a Literatura Apocalíptica.** Quando o dom da verdadeira profecia cessou com Malaquias no Velho Testamento, cerca de 400 A.C., desenvolveu-se dentro da comunidade judaica uma literatura da qual uma parte é chamada de apocalíptica. Esta literatura foi escrita em linguagem simbólica e descritiva. Foi composta, na maioria, em tempos de perseguição, especificamente nos dias de Antíoco Epifânio, no segundo século, antes de Cristo, como também no primeiro século desta era, quando o povo hebreu viu a destruição de sua santa cidade. A literatura apocalíptica é, principalmente, escatológica. Ela se concentra naqueles acontecimentos futuros quando os inimigos de Israel e do Senhor serão destruídos, e Israel mesma será restaurada à sua glória antiga.

O Apocalipse do Novo Testamento é inteiramente diferente, em seu todo, da literatura apocalíptica precedente. Como George Ladd destacou bem: 1) O autor designou o seu livro como uma profecia (1:3; 22:7; etc.), e o livro é portanto o produto do espírito profético. 2) João não toma o nome de algum grande profeta do passado de Israel, mas usa o seu próprio nome. 3) João não narra a história passada sob o disfarce de profecia, mas olha profeticamente dentro do próprio futuro. 4) O livro de João, embora cheio de passagens negras e agourentas, não transmite um

espírito de pessimismo, como muitos dos livros apocalípticos fazem, mas de otimismo, pois o vidente constantemente reitera a grande verdade de que Cristo conquistará todos os inimigos, e que os reinos deste mundo se transformarão no reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. 5) Finalmente, o Apocalipse insiste com seus leitores sobre as grandes exigências éticas. Aqui há uma grande urgência moral. A salvação não é algo automaticamente conferido mas algo que será dado àqueles que trazem sobre si os sinais dos verdadeiros filhos de Deus (G. E. Ladd: "Apocalyptic, Apocalypse", no *Baker's Dictionary of Theology*, 1960, pág. 50-54).

**É Necessário um Estudo Prolongado para se Entender este Livro.** Por causa do seu simbolismo, sua saturação com as passagens e temas do Velho Testamento, os vários esquemas de interpretação que se desenvolveram em relação a este livro através dos séculos, e a profundidade e vastidão dos assuntos que nela são revelados, eu creio que o Apocalipse, mais do que qualquer outro livro da Bíblia, revelará seu significado só àqueles que lhe dedicarem estudo prolongado e cuidadoso. O Professor William Milligan desafia-nos com estas palavras: "O livro está aqui e, ou nós o excluimos do N.T., ou a Igreja deve continuar lutando por compreendê-lo até que tenha sucesso. Observação: 1. Em primeiro lugar, partamos da suposição – uma suposição que não é negada por nenhum daqueles aos quais estas palestras são dirigidas – que a Revelação de S. João é parte da Palavra de Deus. Esta consideração resolve todo o problema. O simples fato de um livro ter sido dado pelo Todo-Poderoso ao homem constitui em obrigação para o homem esforçar-se em compreendê-lo. Pode ser difícil fazê-lo. Podemos ser derrotados por muito tempo. Nem por isso vamos nos esforçar menos; usando de todos os instrumentos que estão a nossa disposição, e vigiando, se ainda nos sentimos nas trevas, pelos primeiros sintomas de luz. Nada é mais certo do que isso, se não fosse obrigação nossa que usássemos este livro, o exaltado Redentor não o teria dado por revelação ao Seu servo João" (*Lectures On the Apocalypse*, pág. 4).



Muitos estudantes, antes e a partir de Lange, expressaram a mesma esperança pronunciada em 1870: "Sem dúvida, no futuro, a importância e a influência deste Livro vai constantemente aumentar com o aumento da confusão e desalento dos tempos, com o aumento do perigo que oferecem à fé sadia e sóbria (*Revelation*, pág. 63).

**O Texto.** Os tradutores do passado responsáveis pela Versão "King James" (*Authorized Version of the New Testament*) tomaram por base o texto grego conforme idealizado por Erasmo. Para o Apocalipse, Erasmo só tinha um manuscrito grego, um cursivo do século XIII, e até mesmo este era de qualidade inferior. Por esse motivo há muitas palavras e passagens na A.V, que não repousam sobre manuscritos mais antigos e mais dignos de crédito. Desde então os grandes manuscritos gregos do Novo Testamento, tais como o Sinaiticus, o Alexandrino, etc., têm se tomado conhecidos e foram devidamente estudados. Conseqüentemente, para todos os propósitos de estudos sérios do Apocalipse, deve-se usar a R.V, de 1891, ou alguma versão posterior. (O grande valor do atualmente famoso Papiro Chester Beatty do Apocalipse, provavelmente do começo do terceiro século, não requer considerações em nosso necessariamente breve comentário).

**O Esboço do Livro.** Muitos e diferentes esquemas têm sido apresentados para o arranjo ou classificação dos vinte e dois capítulos do Apocalipse, alguns inteiramente fantásticos. É de minha opinião que tais esquemas que tentam estabelecer um esboço com base nos sete setes deste livro são forçados e artificiais. Assim, por exemplo, é o esboço de Benjamin Warfield: as sete igrejas (1:1 – 3:22); os sete selos (4:1 – 8:1); as sete trombetas (8:2 – 11:19); as sete figuras místicas (12:1 – 14:20); as sete taças (15:1 – 16:21); o juízo sétuplo da meretriz (17:1 – 19:10), e a trombeta sétupla (19:11 – 22:5). Todos concordariam que quatro dessas divisões são inescapáveis: as sete igrejas, o livro dos sete selos, as sete trombetas, e as sete taças do juízo. Mas o conceito do **sete** não se encontra nas outras seções. Depois de estudar este volume durante anos, finalmente eu me apercebi de um esboço, o qual, creio eu, não é forçado,

e no entanto é fácil de recordar. Deixando de lado o prólogo (1:1-8) e o epílogo (22:6-21), o livro pode ser logicamente dividido assim:

## ESBOÇO

- I. As cartas às sete igrejas da Ásia. 1:9 – 3:22.
- II. O livro com os sete selos e os acontecimentos terrenos que ele anuncia. 4:1 – 6:17.
- III. Os juízos anunciados pelas sete trombetas. 7:1 – 9:21.
- IV. A hora mais negra da história universal. 10:1 – 13:18.
- V. As sete taças do juízo. 14:1 – 16:21.
- VI. Babilônia e Armagedom. 17:1 – 19:21.
- VII. O Milênio; o Juízo Final; a Nova Jerusalém e a Eternidade. 20:1 – 22:5.

Observe que esta divisão se encaixa na seguinte seqüência de grupos de capítulos - 3 - 3 - 3 - 4 - 3 - 3 - 3.

## COMENTÁRIO

### I. As Cartas às Sete Igrejas. 1:1- 3:22.

#### Apocalipse 1

**1:1-8.** Embora a idéia exata de *cartas* às sete igrejas não se encontre realmente no capítulo 1, no versículo 4 temos a frase, **João, às sete igrejas que se encontram na Ásia**, e mais adiante (v. 11) João recebe a ordem de escrever o que ele vê e enviá-lo às sete igrejas. A localização das sete igrejas é examinada no comentário do capítulo 2.

O capítulo 1 contém uma revelação rica, quase ofuscante do próprio Jesus Cristo. Os versículos 4-8 apresentam três descrições básicas de Cristo. Parece que João descreve o Cristo que ele conhece, pois não há nenhuma indicação de que ele recebesse aqui alguma revelação especial. Este é o Cristo do passado, do presente e do futuro, conforme

apresentado na frase, **daquele que é, que era, e que há de vir** (v. 4). No passado, Cristo foi a **fiel testemunha e o primogênito dos mortos**; no presente, Ele é **àquele que nos ama e nos libertou dos nossos pecados** (v. 5); no futuro, **vem com as nuvens e todo olho o verá ... e todas as tubos da terra se lamentarão sobre ele** (v. 7). A declaração de que Cristo nos constituiu **reino, sacerdotes para o seu Deus** (v. 6) é a declaração básica de Êx. 19:6, séculos mais tarde citada por Pedro (I Pe. 2:5, 9). A passagem referindo-se ao futuro tem dupla referência no V.T.: em Dn. 7:13 o Filho do homem é descrito vindo com as nuvens, e o fato de que todos o verão está em Zc. 12:10, 12. A palavra aqui traduzida para **traspassaram** aparece em outra passagem do N.T. apenas em Jo. 19:37 (cons. Zc. 12:10).

Sempre achei que a frase, **o soberano dos reis da terra** (1:5), é o título-chave para Cristo no livro do Apocalipse. Muitos outros reis são mencionados neste livro: reis de nações que saíram para lutar contra o Cordeiro, o rei do abismo, etc. Não há nenhuma indicação até o final do livro de que os reis da terra reconheçam Cristo como o Rei dos reis. Na verdade, o livro do Apocalipse é quase um registro do cumprimento deste título de Cristo com a final preeminência para a qual o título aponta.

**9-11.** Temos aqui as palavras que Cristo *falou* ao apóstolo, uma breve ordem a que registrasse o que veria, e instruções a que enviasse a transcrição quando terminada. Não há nenhuma dúvida de que o **dia do Senhor** aqui (v. 10) refere-se ao dia que conhecemos por domingo.

**12-19.** Nesta descrição do Senhor que ascendeu ao céu, o Cristo que João viu estava andando no meio dos **sete candeeiros de ouro**, os quais representam simbolicamente as sete igrejas (veja v. 20). Aqui como em Dn. 7:13, nosso Senhor é chamado de **filho de homem** (Ap. 1:13), um título que só se encontra em mais uma passagem deste livro (14:14). As diversas frases usadas na descrição do Cristo são extraídas principalmente de Dn. 7:9, 13; 10:5, 6; Ez. 1:24. Toda a descrição nos dá em primeiro lugar uma esmagadora impressão de onipotência, e então

certos símbolos nos levam a pensar no juízo, como a chama de fogo, o latão reluzente e a espada de dois fios.

Cristo identifica-se com o título **o primeiro e o último** (Ap. 1:17), um título usado com referência ao próprio Deus em Is. 44:6; 48:12. Observe que Cristo apresenta as razões por que aqueles que são seus não devem temer: 1) Ele é o Primeiro e o Último, e **aquele que vive**; 2) Ele estava morto, mas viveu novamente; e 3) Ele tem as chaves da morte e do Hades (vs. 17, 18). Se Ele é o Primeiro e o Último, então Ele é o Cristo da criação no passado, e Aquele que vai levar todas as coisas à divinamente ordenada consumação no fim. Ele permanecerá quando todos os Seus inimigos já tiverem sido derrotados, e Satanás e toda a sua corte estiver derrotada para sempre. O fato de ter estado morto, identifica Cristo com a mais trágica de todas as experiências humanas. Nenhum simples ser humano pode vencer a morte – mas Cristo pôde. Assim como Ele esteve morto mas agora vive, nós, que somos Seus, embora morramos, estaremos para sempre vivos com Ele. O fato de Ele ter **as chaves da morte e do inferno** certamente implica em que o destino das almas humanas está sob a jurisdição de Jesus Cristo.

O versículo 19 foi interpretado por muitos como indicando uma divisão tripla, do livro do Apocalipse, na qual **as coisas que viste** referem-se ao capítulo 1, **e as que são**, às sete igrejas nos capítulos 2 e 3 **e as que hão de acontecer depois destas**, ao restante do livro. Na verdade, esta classificação não ajuda muito na interpretação. Deve-se lembrar, entretanto, que as palavras aqui traduzidas **para depois destas**, *meta tauta*, aparecem nove vezes no livro do Apocalipse (4:1; 7:1; 7:9; 9:12; 15:5; 18:1; 19:1; 20:3).

**20.** Não estamos absolutamente seguros do que João quis dizer com a declaração **as sete estrelas são os anjos das sete igrejas**. Esta palavra traduzida para anjo aparece setenta e seis vezes no Apocalipse. Fundamentalmente, a palavra significa *mensageiro*. Alguns crêem que simplesmente se refere a alguma pessoa de liderança em cada igreja; outros dizem que implica em que cada igreja tem o seu anjo

representante no céu. Estes "anjos" são pelo menos aqueles através dos quais estas mensagens deveriam ser enviadas às sete igrejas.

O termo **Ásia**, E.R.C. (v. 11) tem tido diversos significados através dos séculos. No N.T., **Ásia**, E.R.C., era o nome da província romana localizada no extremo oriente do que hoje se chama de **Ásia Menor**. Era a maior e a mais importante de todas as províncias romanas desta área, abrangendo os distritos da **Cária**, **Lídia** e **Mísia**. As sete igrejas mencionadas nas cartas estavam todas localizadas no centro-oeste desta província. Começando por **Éfeso** no sudoeste e dirigindo-se para o noroeste, chegamos a **Esmirna** e **Pérgamo**; voltando-se para o leste e sul, chegamos a **Tiatira**, **Sardes**, **Filadélfia** e **Laodicéia**. Um círculo ao redor dessas cidades não teria um raio superior a sessenta milhas. Que essas canas do Senhor ressuscitado deveriam se dirigir às igrejas na **Ásia** não é difícil de entender, uma vez que foi lá que João morou durante muitos anos, e sem dúvida era bem conhecido pelas igrejas desta área. Por que estas igrejas em particular foram escolhidas, não temos certeza. Paulo passou um longo período em **Éfeso** na sua terceira viagem missionária (Atos 19; 20:16, 17); **Lídia** era de **Tiatira** (Atos 16:14); e **Epafras** trabalhava em **Laodicéia** (Cl. 2:1; 4:12-16). Contudo, nada sabemos do trabalho de Paulo em seis dessas sete cidades, e quatro delas não aparecem em nenhuma outra passagem do N.T. Mais ainda, sabemos que existiam igrejas, no fim do primeiro século, em algumas cidades da **Ásia** que nunca foram mencionadas no N.T. Antes que Paulo completasse sua terceira viagem missionária, "todos os que habitavam na **Ásia** ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos" (Atos 19:10, 26).

Todas estas cartas seguem a mesma seqüência. Cada uma começa com uma frase descritiva do Cristo exaltado, que se dirige às igrejas; e cada frase descritiva se encontra no capítulo precedente na narrativa que João faz de sua visão do Cristo ressuscitado. Em cada carta, com exceção das que se dirigem a **Laodicéia** e **Sardes**, as primeiras palavras de Cristo são de recomendação. Esta recomendação sempre se segue de

alguns detalhes relacionados com a condição da igreja, resultando em alguma reprimenda ou advertência – com exceção de Filadélfia e Esmirna, que não recebem reprimendas. Cada carta conclui com uma promessa àqueles crentes que vencem.

Observe as muitas referências às coisas de **Satanás**: duas vezes lemos "a sinagoga de Satanás" (2:9; 3:9); em **Pérgamo** estava "o trono de Satanás" (2:13); na carta a Tiatira menciona-se "as profundezas de Satanás" (2:24); em relação a Esmirna, adverte-se que o diabo lançaria alguns deles na prisão. Além disso, encontramos referências à maldição dos nicolaítas, a presença dos perniciosos ensinamentos de Balaão (2:14), e a repreensão feita a Tiatira por suportar a presença de alguém chamada Jezabel (2:20).

Por três motivos abstenho-me, neste rápido exame do Apocalipse, de um estudo detalhado de cada uma dessas cartas: Em primeiro lugar, estes dois capítulos não apresentam maiores problemas escatológicos, enquanto que o significado exato de algumas das promessas que aqui se encontram, se fossem examinadas, exigiriam comentários extensos. Em segundo lugar, estas cartas são muito mais usadas em mensagens expositórias do que qualquer outra parte deste livro, e são mais ou menos conhecidas da maioria dos estudantes da Bíblia. Em terceiro lugar, para discutir os elementos históricos relevantes de cada uma destas cidades, eu me obrigaria a abreviar a exposição posterior dos problemas básicos da interpretação profética.

## Apocalipse 2

**2:1-7. Éfeso** era a maior cidade da Ásia. É a única destas sete que ocupa um lugar triplo na literatura do N.T.: recebe bastante destaque em Atos (18:18 - 19:41); a esta igreja Paulo escreveu uma de suas epístolas; e a ela o Senhor que ascendeu ao céu enviou uma carta. Depois de elogiar a igreja pelo seu trabalho, paciência e intolerância para com os pseudo-apóstolos, o Senhor refere-se a uma trágica deficiência - ela perdera o seu primeiro amor (v. 4).

G.Campbell Morgan relaciona esta passagem com as palavras de advertência de Paulo à igreja de Corinto: "Pois eu a dei por esposa a um marido, para que a pudesse apresentar como virgem pura a Cristo. Mas temo, e espero que não aconteça, que tal como a serpente envolveu Eva em sua malícia, suas mentes se corrompam afastando-se da simplicidade e pureza que há em Cristo... Os elementos do primeiro amor são, então, a simplicidade e a pureza... O amor da Igreja por Cristo está exemplificado pelo amor da esposa w marido. Qual é então o amor de Cristo pela Igreja? Amor altruísta, amor no qual não há o menor lugar para o ego. Qual é então o amor da Igreja por Cristo? A resposta do amor ao mistério do amor, a submissão do amor ao amor perfeito. Primeiro amor é o amor do casamento. Suas características são a simplicidade, pureza, amor conjugal, reação do amor ao amor, a sujeição de um grande amor ao grande amor, a submissão de um amor auto-renunciante a um amor que nega o próprio ego. O primeiro amor é o abandono de tudo por um amor que também abandonou tudo" (*A First Century Message to Twentieth Century Christians*, págs. 40-42).

**8-11.** A palavra **Esmirna** relaciona-se com a palavra *mirra*, que por sua vez é símbolo de morte. A história de Esmirna tem sido uma sucessão de saques, incêndios, destruições. Policarpo, um dos mais famosos mártires da antiguidade, foi Bispo de Esmirna. Esta cidade é a única das sete que ainda está em condições de desenvolvimento.

**12-17.** De **Pérgamo** um antigo escritor disse que "entregou-se à idolatria mais do que toda a Ásia". A elevada montanha que ficava por trás dela era adornada com numerosos templos, entre os quais se encontrava o grande templo de Zeus, que era chamado *Soter Theos*, o Deus Salvador. Pérgamo foi a primeira cidade na Ásia a erigir um templo em honra de Augusto. Ficou famosa por suas escolas de medicina; e Asclépio, deus da saúde, simbolizado por uma serpente, era ali adorado. Ramsay diz: "Além de todas as cidades da Ásia Menor, ela dá ao viajante a impressão de ser a sede da autoridade". Como é apropriado então que lá fosse, segundo se diz, o trono de Satanás. Muito

se tem discutido sobre o que exatamente eram os nicolaítas (aqui e em 2:6). De algum modo eles encorajavam alguns na igreja a retomarem à frouxidão pagã dos costumes.

**18-29.** Em **Tiatira**, a menor destas sete cidades, a igreja permitira que uma falsa profetiza a instruisse, levando seus membros à prática da imoralidade e idolatria. Por este motivo o Cristo que se lhe dirigia está descrito como Aquele que executa juízo. Aos vencedores desta cidade Cristo promete privilégios semelhantes aos que Ele mesmo possuía (veja 12:5; 19:15; 22:16).

### Apocalipse 3

**3:1-6.** No tempo de João, **Sardes**, antes capital do antigo reino de Lídia, era comparativamente insignificante. Até a igreja participava dessa humilhação – **tens nome de que vives, e estás morto** (v. 1).

**7-13.** Só a carta à igreja de Filadélfia não contém nenhuma palavra de repreensão. Até os dias de hoje esta cidade asiática tem um grupo de cristãos. Embora tão digna, esta igreja, não obstante, estava para conhecer um período de provação. Observe atentamente que a palavra aqui é provação não tribulação. Mas na tentação os crentes Seriam divinamente guardados (veja Jo. 17:15).

**3:14-22.** A última carta é à **Laodicéia**, que não recebe nenhum elogio. As condições desfavoráveis desta igreja eram de mornidão: os membros não eram nem frios nem quentes (v. 15). A pessoa morna não se perturba muito quando ouve ensinamentos heréticos, e não é vigorosa na defesa da verdade. Este espírito de indiferença é a coisa mais trágica que pode acontecer a uma igreja. O final desta carta é diferente da conclusão das outras seis pelo fato de fazer uma aplicação individual: **se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, etc.** (v. 20).

Através dos séculos, os estudantes têm defendido quatro diferentes pontos de vista sobre as mais profundas implicações desta série de sete cartas. Primeiro, há a interpretação histórica – que estas igrejas existiram



quando João escreveu e tinham as características aqui descritas. Segundo, há a opinião – sem dúvida correta – de que estas igrejas, além de serem históricas, são representantes dos diferentes tipos de igrejas através dos séculos. De acordo, manifestam as boas e as trágicas características nas igrejas, século após século. As advertências e as promessas, então, são para todas as épocas. Há uma terceira e um tanto fantástica opinião de que estas profecias devem ser interpretadas futuristicamente; isto é, que todas essas cidades serão restauradas no final dos tempos, e então as predições serão inteiramente cumpridas. Um quarto ponto de vista, defendido por muitos, é o de que estas sete igrejas representam sete períodos sucessivos da história da igreja, desde o primeiro século até o fim dos tempos. Eu pessoalmente não sigo esta interpretação, e o estudo das obras de seus proponentes revelam confusão sobre confusão. Virtringa, por exemplo identifica a sexta igreja com o primeiro século da Reforma, e a sétima com a igreja Reformada do seu tempo. Geralmente, os escritores que aceitam este ponto de vista proclamam que estão no período de Laodicéia. Parece que a mornidão e a indiferença marcará a igreja do final dos tempos, particularmente a indiferença quanto às grandes doutrinas da fé e a falta de vontade de defendê-las.

## **II. O Livro dos Sete Selos e os Acontecimentos Terrestres que Anuncia. 4:1 - 6:17.**

Embora hajam alguns elementos escatológicos no retrato de Cristo no primeiro capítulo, e alguns elementos preditivos nas cartas às sete igrejas, mas não se estendendo ao fim dos tempos, a porção verdadeiramente profética do Apocalipse começa com a seção que vamos agora examinar. Conforme observamos na Introdução, a parte maior desta seção é de natureza introdutória, pois a cena registrada nos capítulos 4 e 5 é celeste. Na verdade, predições sobre acontecimentos futuros distantes não começam até o capítulo 6. João vê agora uma porta

abrindo-se no céu, e ouve uma voz dizendo: "Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer". (Para outras ocasiões em que o céu se abriu, veja Ez. 1:1; Mc. 1:10; Jo. 1:51). Muitos comentadores colocam o "arrebatamento" da Igreja entre os capítulos 3 e 4 deste livro, mas visto que o texto propriamente dito silencia sobre o assunto, pergunta-se se seria sábio discutir o assunto a esta altura.

## Apocalipse 4

**4:1-3.** Exatamente como o livro do Apocalipse começa com uma referência ao trono de Deus, e a carta a última das sete igrejas termina com uma referência ao trono de Cristo, aqui, a primeira grande visão profética começa com a declaração, **e eis armado no céu um trono** (Dn. 7:9). Um trono é o símbolo do governo e poder. João tenta registrar uma visão de Deus semelhante a que foi vista por Moisés (Êx. 19:9,19), por Isaías (6:5), e por Ezequiel (1:26-28). O vidente compara o que viu a três pedras: **jaspe**, uma pedra transparente como vidro ou cristal de rocha; a *sardônica*, vermelha; e a **esmeralda**, verde. No peitoral do sumo sacerdote a primeira e a última pedras eram a sardônica e jaspe (Êx. 28:17, 20). Sugeriu-se que estas pedras representam santidade, ira e misericórdia. À volta do trono havia um arco-íris, o qual fala de graça, ou, como diz Hengstenberg, "da graça que retoma depois da ira".

**4,5.** O primeiro grande grupo celestial deste livro está sendo agora apresentado: vinte e quatro anciãos assentados sobre vinte e quatro tronos situados à volta do trono de Deus (veja também 11:16), vestidos de vestes brancas e usando **coroas** (*stefanoi*) de ouro. Stefanoi eram coroas concedidas aos vencedores. Tem-se identificado estes anciãos de muitas maneiras, mas a maioria concorda com Govett de que são "conselheiros reais, conhecedores dos propósitos do rei, e capazes de transmitir inteligência a João, o servo de Deus" (Robert Govett, *Lectures on the Apocalypse*, in loco). Vinte e quatro como número simbólico só se encontra no Apocalipse, e só em relação a estes anciãos (5:8; 11:16; 19:4). (Para uma discussão detalhada da identidade dos anciãos, veja

G.H. Lang, *The Revelation of Jesus Christ*, pág, 124-136). Do trono partiam relâmpagos, vozes e trovões, e, além disso, João viu sete lâmpadas de fogo, que ele identifica como símbolos dos sete espíritos de Deus. O conceito dos **sete espíritos de Deus** certamente se refere à perfeição e plenitude das atividades da Terceira Pessoa da Deidade.

**6,7.** Diante do trono havia um **mar de vidro** (cons. Êx. 24:10), indicando, ao que parece, de que tudo o que o mar antes representava – tempestades e ondas traiçoeiras, simbólicas da agitação entre os povos da terra – estava agora subjugado.

Outro grupo, **quatro seres viventes**, é apresentado – um semelhante a um leão, um semelhante a um bezerro, um com o rosto de homem, e um semelhante a uma águia voando (parecidos com os de Ez. 1:5-14, 15-22; 10:20-22). Swete, com característica concisão, diz acertadamente, "As quatro formas sugerem o que há de mais nobre, mais forte, mais sábio e mais rápido na natureza animada. A natureza, incluindo o homem, está representada diante do trono tomando parte no cumprimento da vontade divina e na adoração da majestade divina" (H.B. Swete, *The Apocalypse of St. John*, in toco). Eles reaparecem em Ap. 6:7; 7:11; 14:3; 15:7; 19:4.

**8-11.** Com a apresentação das quatro criaturas viventes, temos o primeiro dos vinte hinos, como poderiam ser chamados, cantados pelos diversos grupos celestes através do livro do Apocalipse. Cinco deles estão nestes dois capítulos prefaciando a abertura dos selos. Os dois primeiros são hinos a Deus: um é cantado pelas criaturas viventes atribuindo santidade a Deus (4:8) e o outro pelos vinte e quatro anciãos reconhecendo Deus como Criador. As palavras iniciais do primeiro hino fazem-nos lembrar de Is. 6:3, tecnicamente conhecido na antiga hinologia como o *Trisagion*. O terceiro e quarto são hinos ao Cordeiro, cantados pelos dois grupos que acabamos de mencionar, reconhecendo que o Cordeiro é digno de abrir o livro (Ap. 5:9, 10; 5:11, 12). O quinto hino é cantado a ambos, Deus e o Cordeiro, por "toda criatura que há. no

céu e sobre a terra, e debaixo da terra' (v. 13), atribuindo-lhes bênçãos, honra, glória e domínio.

## Apocalipse 5

**5:1-5.** João acrescenta alguns detalhes com referência Àquele que está assentado sobre o trono, do qual se diz que tem em Sua mão direita **um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos.** Se este livro é um códice igual aos livros de hoje, com os sete selos distribuídos mais ou menos igualmente sobre os lados, a pane de cima e de baixo, ou um pergaminho com os sete selos em linha contínua, não sabemos. Ouve-se novamente uma voz, a de um forte anjo, perguntando quem é **digno** de abrir este livro (v. 2). A resposta é que ninguém no universo é digno. Então um dos anciãos (v. 5) anuncia que **o Leão da tribo de Judá** (Gn. 49:9), **a Raiz de Davi** (Is. 11:1, 10), é *digno* de abrir este livro, por dois motivos: primeiro, Ele **venceu**, o que parece se referir a derrota, na terra, de Satanás e todo o poder do mal; e, em segundo lugar, pela Sua obra redentora comprou-nos para Deus, com o Seu sangue (Ap. 5:9). Observe a universalidade dos redimidos no versículo 9.

**6,7.** Não é sem grande significação que a obra redentora de Cristo está revelada como de importância preeminente no pensamento destas criaturas celestiais e no programa de Deus a ser consumado neste livro. A palavra que aqui foi traduzida para **morto** (v. 6) só aparece aqui, nos versículos 9, 12 e em 13:8. "É o 'sangue' mais do que a 'morte' que dá a idéia do sacrifício; pois pode-se morrer sem ser morto e ser morto sem que seja feito um sacrifício" (R.C.H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Revelation*, in loco).

**8-14.** Aqui a harpa é mencionada pela primeira vez (reaparecendo em 14:2 e 15:2). Esta idéia de um novo cântico se encontra freqüentemente no V.T., como em Sl. 33:3; 40:3; 96:1; 98:1; 149:1. Apocalipse 5:10 é praticamente uma reafirmação da verdade expressa em 1:6. Aqui eu penso, pela primeira vez temos o conceito do reino dos

santos e de um reino. Observe cuidadosamente a declaração, *eles reinarão sobre a terra*.

Estamos agora preparados para a abertura dos selos propriamente ditos, mas antes de começarmos o estudo do capítulo 6, observe – um ponto muitas vezes passado despercebido – que, enquanto os selos são abertos, o livro mesmo jamais é aberto. Isto, é claro, leva a muitas sugestões quanto ao conteúdo do livro. Simcox diz, certamente errando, que é o Livro da Vida. Irineu insiste que continha "as coisas de Cristo". Swete tem segurança ao dizer que o seu conteúdo abrange o futuro desconhecido, e assim ele o intitula de "o livro do destino". Milligan diz que contém "todo o conselho de Deus". Só cinco selos são abertos neste capítulo; o sétimo não é aberto até que os juízos vão ser anunciados pelas trombetas (8:1). Destes seis selos, os quatro primeiros formam um grupo; o quinto e o sexto ficam à parte. Cada um dos quatro primeiros é apresentado por um cavaleiro, donde surgiu a famosa frase, "os quatro cavaleiros do Apocalipse".

## Apocalipse 6

**6:1-8.** A identidade do primeiro cavalo será em grande parte determinado pela identificação dos três seguintes. O segundo cavalo com o seu cavaleiro, foi-lhe **dado tirar a paz da terra**, e isto, com as palavras *matar* e **espada**, indica guerra. O terceiro cavalo com o seu cavaleiro certamente representa falta de alimento, embora não propriamente uma fome. (A moeda romana *denarius*, era equivalente ao salário de um dia de serviço. Uma medida de trigo ou cevada era a média da porção diária dos trabalhadores.) O quarto cavalo com o seu cavaleiro, mais terrível do que qualquer um dos outros, leva o nome de Morte. A eles foi dada autoridade sobre um quarto da terra, **para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra**.

À luz do significado do segundo, terceiro e quarto cavaleiros, parece-nos que seria irracional identificar o primeiro cavaleiro com o Senhor Jesus Cristo, que é o cavaleiro sobre o cavalo branco em

Apocalipse 19. Quando Cristo vier, "conquistando e para conquistar", não haverá juízos subseqüentes, tais como o segundo, terceiro e quarto cavalos representam. Swete está certo em dizer do primeiro cavalo que "uma visão do Cristo vitorioso seria inadequada no começo de uma série que simboliza derramamento de sangue, fome, pestilência". Até mesmo Torrance o discerne, embora adote um esquema de interpretação estritamente espiritual: "Pode haver alguma dúvida de que isto é uma visão do anticristo? Parece-se tanto com o Cristo verdadeiro que engana as pessoas, até muitos leitores desta passagem! ... Ele se aplica a todo o mal que se baseia no bem e a tudo o que a maldade espiritual conquista emprestando da Fé Cristã" (Thomas F. Torrance, *The Apocalypse Today*, pág. 44).

Observe que nestas quatro primeiras cenas não há nomes de indivíduos, humanos ou sobre-humanos, nem termos geográficos, nem acontecimentos específicos. Os juízos são, como se vê, de natureza geral:- guerras têm acontecido com freqüência sobre a terra, e são freqüentemente acompanhadas de pestes e falta de alimentos, se não de fomes. Parece, então, que é apenas urna fase preliminar de juízos mais terríveis que vêm a seguir.

**9-11.** A abertura dos quatro primeiros selos forma uma unidade. Na abertura do quinto Selo temos o que eu chamaria de primeiro, verdadeiramente difícil problema no livro do Apocalipse. Aqui estão as almas dos homens que foram **mortos por causa da palavra de Deus, e por causa do testemunho que sustentavam**. Em outras palavras, os mártires, que perguntavam ao Senhor ressuscitado, **Até quando . . . não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?** A resposta é dupla. Primeiro, cada um recebe uma longa veste branca (v. 11), símbolo dos atos de justiça dos santos (cons. 19:8), de modo que, mesmo antes do fim, estes mártires recebem de algum modo uma antecipação da glória por vir. São informados que devem permanecer como estão **até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos**, que tinham de ser mortos. Embora não se diga

especificamente em que período de tempo estes mártires devem ser colocados, o sexto selo certamente fala de tremendas aberrações celestiais que jamais tiveram lugar, mas que acontecerão no fim desta dispensação. Conseqüentemente, eu acho que são os que sofreram o martírio nos dias imediatamente precedentes à Tribulação. Moorehead pode estar certo ao dizer, "Tanto faz o que as pessoas dizem em oposição a este argumento, na verdade eles foram mortos por ordem destes cavaleiros". O comentário de Torrance aqui é excelente: "Depois das terríveis calamidades que os poderes do mundo desencadearam sobre si mesmos, eles tentam negar o fato de que são a causa de todo o mal e comoção, e por isso voltam-se contra o povo de Deus e descarregam sua raiva contra ele, o bode expiatório" (*op. cit.*, pág. 46).

**12-17.** Acontecimentos que se revelam na abertura do sexto selo devem ser colocados no final desta dispensação. Este é talvez o lugar certo para os fenômenos celestes, tão freqüentemente mencionados nas Escrituras do V.T. e N.T. em passagens relacionadas com o fim dos tempos. Com o advento do Sputnik, um certo número de artigos foi publicado sobre este assunto, alguns dos quais contêm declarações bastante tolas. O assunto dos distúrbios celestes foi apresentado pela primeira vez por Joel, em textos que claramente apontam para "o dia do Senhor" (1:15; 2:1-11, 30, 31). Uma passagem de Joel (2:28-32a) foi citada por Pedro em seu grande sermão no dia de Pentecostes (Atos 2:16-21). Até aquele tempo não houve nenhum distúrbio celeste, o quanto sabemos. Essas predições foram reiteradas por Isaías, também, em relação ao "dia do senhor" (13:6-10; 24:21-23). Nosso Senhor colocou muita ênfase sobre este aspecto da escatologia, em particular, no Seu Discurso nas Oliveiras (Mt. 24:29, 31; Mc. 13:24-26; Lc. 21:11, 25). Todas estas declarações referem-se ao período "depois da tribulação" (Mt. 24:29), com exceção de Lc. 21:11, que dão a entender que haverá alguns distúrbios celestes antes mesmo que a Tribulação se estabeleça.

Entretanto, é principalmente no Apocalipse que esses distúrbios foram registrados como acontecendo. O primeiro se nos apresenta na

passagem que está diante de nós, por ocasião da abertura do sexto selo. Mas esse tipo de fenômeno ocorre quatro vezes durante o juízo das trombetas, no primeiro, terceiro, quarto e quinto (8:8 – 9:2). Durante o derramamento da quarta. taça, parece que o sol será afetado (16:8), e durante o derramamento da sétima, grandes pedras cairão do céu sobre os homens (16:17-21).

Um estudo cuidadoso destas passagens parece revelar que não devemos pensar, com significado profético, em nenhuma aberração celeste fora do comum, antes do período da Tribulação. Isto se aplica especialmente aos inventos dos homens, importantes como são; pois as manifestações celestiais mencionadas nas passagens proféticas serão resultantes da interferência direta do próprio Deus. Em duas ocasiões no passado, os homens experimentaram juízo divino na forma de grandes trevas: por ocasião da nona praga no Egito (Êx. 10:21-23); e durante as últimas três horas de nosso Senhor sobre a cruz (Mt. 27:45 e paralelos).

### III. Os Juízos das Sete Trombetas. 7:1 – 9:21.

#### Apocalipse 7

**7:1-8.** A segunda série de juízos é muitíssimo mais severa e extensa do que aquela que foi apresentada pela abertura dos selos. Antes que os sete anjos façam soar as sete trombetas, duas grandes multidões são apresentadas, uma na terra (7:1-8) e outra certamente no céu, **em pé diante do trono e diante do Cordeiro** (7:9-17). O primeiro grupo está identificado como os 144.000 **selados. . . de todas as tribos dos filhos de Israel** (v. 4). Não se diz que são mártires. O sinal dá a entender que este grupo particular será divinamente protegido nas tribulações que estão para se desencadear sobre a terra.

Tem havido muita discordância quanto à identidade dessas pessoas, resultando em quatro interpretações principais da passagem. Uma diz que deveriam ser consideradas de modo geral como "representantes de um processo contínuo de preservação sob as provações e aflições de



todos os tempos através dos séculos até o fim". Nada há no texto que pareça justificar tal designação indefinida desses grupos tribais. Outra opinião, mais ou menos parecida, identifica-as como os cristãos, a Igreja – e são pessoas de autoridade que o declaram, tais como Bengel, Alford, Lenski, David Brown, Milligan, etc. Entre as interpretações de menos importância encontra-se a opinião ridícula de Albert Barnes de que se refere às dez divisões da Igreja Cristã. Algumas seitas têm procurado se identificar com estes grupos, tais como os jezreelitas de gerações passadas.

Finalmente, há a interpretação literal, de que é uma profecia relativa aos filhos de Israel no final dos tempos. O grande mestre profético do século dezenove, J.H. Todd, resume a sua opinião, dizendo: "Restringindo-se estritamente ao fato revelado em muitas profecias, isto nos revela que no período mencionado na visão, o povo judeu estará existindo como nação, e a maioria se encontrará ainda em incredulidade". Este ponto de vista é defendido por Godet, Fausset, Nathaniel West e Weidner.

Fausset acrescenta: "Dessas tribos um remanescente crente será preservado do juízo que destruirá a Confederação anticristã (JFB). É significativo que a tribo de Dã seja omitida – para o que muitos motivos têm sido apresentados – e que Levi seja incluída. "Uma vez que as cerimônias levíticas foram abandonadas, Levi encontra-se novamente em situação de igualdade com seus irmãos" (Albert Bengel, *Introduction to the Exposition of the Apocalypse*, in toto). Em lugar de Efraim, foi usado a de José. Esta, na minha opinião, é a segunda passagem de especial dificuldade no Apocalipse.

**9-17.** A outra multidão é de natureza universal – certamente não confinada a Israel, mas de todas as tribos e povos agora na glória – cantando o grande hino a Deus e ao Cordeiro, junto com os anjos, os anciãos, e os quatro seres viventes. Estes, João foi informado, são aqueles **que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro** (v. 14). **A grande tribulação** não

pode ser nenhuma outra a não ser aquela mencionada no Discurso das Oliveiras (Mt. 24:9, 21, 29). Toda a cena é celestial: O Cordeiro é apresentado como seu pastor e guia; faz-se a promessa de que Ele os guiará até as fontes das águas da vida; e, antecipando à posterior descrição detalhada da Cidade Santa, eles são informados de que Deus enxugará toda lágrima de seus olhos (Ap. 21:4).

## Apocalipse 8

**8:1-6.** Os juízos das trombetas são revelados nos capítulos 8 e 9, e tal como aconteceu com os sete selos, os quatro primeiros vão juntos. Antes que uma trombeta seja tocada por um dos anjos, temos declarações referentes às orações dos santos (vs. 3,4). Talvez Todd esteja certo em pensar que podemos deduzir disto "que os juízos preditos nesta profecia serão a consequência, de algum modo notável, das orações dos santos clamando a Deus a que complete rapidamente o número dos Seus eleitos e que apresse a vinda do Seu reino" (*op. cit.*, pág. 131). Não há nenhuma referência aqui à doutrina católico-romana da intercessão pelos anjos ou santos. O trovão, as vozes, os relâmpagos e os terremotos são os precursores simbólicos dos juízos divinos que estão por vir sobre a terra.

Antes de examinarmos os juízos propriamente ditos, fazemos bem em recordar o significado das trombetas nas Sagradas Escrituras. Todos estes fenômenos (com exceção do terremoto) encontram-se na narrativa de Deus descendo ao Monte Sinai para se encontrar com Moisés, onde temos a primeira referência feita à **trombetas** na Bíblia (Êx. 19:16). O tocar das **trombetas** convoca os israelitas a receberem instruções (Nm. 10:3, 4) ou dando sinal de partida (Nm. 10:3-7); também os reunia para a guerra (Jr. 4:19; 42:14, etc.), e também para o retorno da dispersão (Is. 27:13); anunciava a libertação no ano do jubileu (Lv. 25:8-10), e aqui anuncia o juízo. Os juízos das trombetas são bastante semelhantes às pragas que Deus enviou ao Egito por ocasião da libertação de Israel, embora não aconteçam na mesma ordem.

**7-13.** O resultado do tocar da primeira trombeta é a consumação pelo fogo da terça parte da flora da **terra**. Ao tocar a segunda trombeta, uma terça parte do mar se transformou em sangue, um terço das criaturas do mar morreram, e uma terça parte dos navios foi destruída (cons. a primeira praga, Êx. 7:20-24). Com o tocar da terceira trombeta, uma grande estrela, ardendo como uma tocha, cai sobre os **rios e fontes** da terra, transformando-os em absinto e causando morte em larga escala. Os dois primeiros juízos afetaram a natureza, e o homem apenas indiretamente, mas a terceira provocou a morte de muitos. O tocar da quarta trombeta provoca distúrbios celestes, de modo que a terça parte do **sol, lua e estrelas** foi ferida, e sua luz diminuída (cons, com a nona praga, Êx. 10:21-23). Este milagroso eclipse do sol, da lua e das estrelas foi predito por Amós como um sinal da vinda do dia do juízo (Amós 8:9; veja também Joel 2:2, 10). Observe que todos estes quatro juízos relacionam-se com algum desastre incidindo sobre a natureza. (Weidner, *op. cit.*, tem um excelente resumo das diversas interpretações fantásticas desses quatro juízos das trombetas, págs. 343-345). Antes dos juízos das duas trombetas seguintes, ouve-se uma águia voando e gritando pelo meio do céu, **Ai, ai, ai, dos que moram na terra**. Esta é a primeira vez que a palavra traduzida para **ai!** aparece no Apocalipse.

## Apocalipse 9

**9:1, 2.** Ao juízo da quinta trombeta, que é chamado de **o primeiro ai!** (v. 12), João dedica mais espaço do que a todos os juízos precedentes juntos. Talvez seja porque, além da identificação exata da Babilônia nos capítulos 17 e 18, o significado dos dois juízos neste capítulo apresente o mais difícil de todos os problemas do Apocalipse. Provavelmente a **estrela** caindo do céu, à qual foi entregue **a chave do poço do abismo**, é, como diz Weidner, "um anjo mau, o instrumento da execução do propósito divino com referência ao mundo ímpio" (pág. 114; também Alford e outros). **O abismo** não é o inferno, mas a habitação atual do diabo e seus anjos, incluindo o Hades, onde estão as almas dos mortos

ímpios a espera do último juízo. Tão densa é a fumaça que sobe do abismo que obscurece o sol e o ar (veja 6:12; 8:12).

**3-10.** Também do abismo saem criaturas chamadas **gafanhotos** (v.3), com grande poder, que recebem permissão de atormentar os homens (embora não matá-los) por um período de cinco meses (v. 5). Tão intenso será o sofrimento dos homens que buscarão a morte em vão (v. 6). Os gafanhotos são usados na famosa profecia do livro de Joel como símbolo dos exércitos invasores. Em Jz. 6:5; Jr. 46:23; etc. os homens foram comparados a gafanhotos e nas passagens proféticas são símbolo do juízo divino (Dt. 28:38, 42; Naum 3:15, 17; Amós 7:1-3, etc.). Não é possível que examinemos aqui cada frase descritiva, mas podemos chegar a alguma conclusão sobre o que essas criaturas representam. Eu pessoalmente acho que não poderia ser mais específico do que Milligan, que disse – e certamente todos concordarão com isto – que o juízo se refere a "um grande derramamento de perversidade espiritual que agravará o sofrimento do mundo, fazendo-o perceber como a escravidão de Satanás é amarga, e ensinando-o que mesmo no meio do prazer seria melhor morrer do que viver".

**11.** A descrição conclui com a palavra de que sobre essas criaturas governa o anjo do abismo, chamado de **Abadom** em hebraico, e em grego de **Apoliom**, este último com o significado de "destruidor". Na Septuaginta a palavra tem este mesmo sentido em Jó 26:2; 28:22; Pv. 15:11, etc.; outra forma é a palavra traduzida para "perdição" em Mt. 7:13 e "destruirá" em II Ts. 2:8.

**13-21.** O tocar da sexta trombeta está identificado com **o segundo ai!** (11-14). Somos agora transportados a uma área geográfica conhecida nesta terra, ao rio **Eufrates** (v. 14), que aqui provavelmente deve ser entendido literalmente. Quatro anjos presos em algum lugar ao longo deste rio são agora soltos, **para que matassem a terça parte dos homens** (v. 15). Esta terrível destruição será realizada através de exércitos de cavalaria. Certamente chegamos aqui aos dias do começo do Anticristo. Todd disse, e Weidner e outros concordam, que "devemos

provavelmente encarar esta região como o cenário deste grande juízo, o que está em exata conformidade com as inferências às quais somos levados pelas profecias de Daniel, onde estes países na região do Eufrates, uma vez palco de poderosos impérios, estão destinados a se tornarem o cenário da última grande luta entre os príncipes do mundo e o povo de Deus".

O resultado de tudo isto não será uma volta a Deus, ou arrependimento, mas uma insistência teimosa nos pecados que provocaram este juízo, a adoração de demônios, idolatria, homicídio, feitiçarias, fornicação, e roubos. Na verdade, não posso descobrir nenhuma evidência no Apocalipse de que haverá um grande retorno a Deus, durante este período, enquanto estes terríveis juízos sobrevierem aos homens.

#### IV. A Hora Mais Negra da História Universal. 10:1-13, 18.

##### Apocalipse 10

O Anjo com o Livrinho. 10:1-11.

O capítulo dez apresenta um agradável interlúdio. **Outro anjo forte desce** do céu tendo um **livrinho** na mão, e quando João pretende registrar o que viu, ouve uma voz dos céus dizendo, **guarda em segredo as cousas que os sete trovões falaram, e não as escrevas** (v. 4; cons. Dn. 12:9). Ao que parece ele jamais chegou a registrá-lo, e portanto não sabemos o que os trovões disseram. O anjo enuncia uma declaração famosa e mais ou menos enigmática – dizendo que **já não haverá demora**; ou, como diz o comentário à margem, *não haverá mais tempo*. Swete traduz assim, *Não haverá mais nenhum intervalo, nenhuma delonga*. Esta declaração, ao lado da que se lhe segue imediatamente, que **cumprir-se-á, então, o mistério de Deus** (v. 7), convence-nos de que o propósito desta visão, e especialmente destas declarações, é preparar-nos para o derramamento final dos juízos divinos, ao aproximar-se o final dos tempos, e a destruição dos inimigos do

Cordeiro. O **livrinho** (v. 8) que João devia comer (cons. Ez. 3:1-3; Sl. 19:10, 11; Jr. 15:16) nunca foi aberto e por isso sua natureza exata tem de ser assunto controvertido. Mas Düsterdieck está bastante certo, eu acho, quando diz que "parece ser uma instrução e interpretação pessoais dadas ao vidente em relação às visões ainda pendentes, que deveriam continuar até o final. Quanto mais crescem em importância os assuntos das profecias que vêm a seguir, mais natural parece a nova e especial preparação do profeta" (pág. 308).

## Apocalipse 11

**As Duas Testemunhas em Jerusalém. 11:1-12.** O décimo primeiro capítulo do Apocalipse sempre tem sido para mim de enorme interesse. A cena certamente acontece em Jerusalém, a qual embora chamada espiritualmente **Sodoma e Egito** (v. 8; cons. Is. 1:9, 10) é especificamente chamada de lugar **onde também o seu Senhor foi crucificado**. Os acontecimentos aqui registrados ainda não aconteceram, mas acontecerão literalmente na "cidade santa" no final dos tempos.

**1,2.** João recebe a ordem de pegar uma cana para medir **o santuário de Deus, o seu altar, e os que naquele adoram** (v. 1), o que certamente implica de que haverá alguma espécie de templo em Jerusalém nessa ocasião. Faz-se a declaração de que **a cidade santa será pisada por quarenta e dois meses** (v. 2), um período de tempo também encontrado em 13:5, idêntico aos 1.260 dias de 11:3 e 12:6. Eu o entendo como sendo a primeira metade do período de sete anos da nossa dispensação, ocorrendo a Grande tribulação na segunda metade, quando o Anticristo exercerá poder universal.

**3-12. Duas testemunhas** aparecem agora, enviadas por Deus a profetizar nesta cidade, embora não sejamos informados da natureza de sua mensagem. Elas são comparadas às duas oliveiras e castiçais (v. 4) descritas em Zacarias 4. Recebem poder sobrenatural, tal como Elias e Moisés (I Reis 17:1), para matar seus inimigos, provocar seca, transformar água em sangue, e ferir a terra com pragas a seu bel-prazer

(vs. 5, 6). Quando elas terminarem a obra de que Deus as encarregou, **a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará** (v. 7). Os corpos desses dois profetas são colocados na praça desta cidade, e homens de toda a terra virão olhá-los durante três dias e meio, e participarão de um regozijo quase que universal por causa da morte desses homens que os atormentaram e que agora, pensam eles, estão destruídos (vs. 8-10). Para espanto dos seus inimigos, passados três dias e meio, Deus os levanta e os chama para a glória, e eles sobem para os céus em uma nuvem (vs. 11, 12).

A pergunta é, quem são essas **duas testemunhas**? As respostas têm sido muitas. O texto não permite de modo nenhum, creio eu categoricamente, uma interpretação referindo-se a um movimento, ou, como Lange insiste, ao estado cristão e à Igreja Cristã (pois onde encontrar um estado cristão atualmente?), ou ao V.T. e ao N.T., ou à Palavra e ao Espírito, ou aos cristãos fiéis, como crêem Milligan e Swete. Eu acho que estas testemunhas devem ser consideradas como indivíduos. Muitos afirmam que são Moisés e Elias (Simcox, etc.), outros que são Enoque e Elias (Seiss, Lang, Govett). Mas com referência a tais opiniões eu concordo com a posição de Moorehead: "É extremamente improvável que aqueles santos, depois de séculos de bem-aventurança no céu, sejam enviados para a terra para dar testemunho aos judeus e gentios" (*op. cit.*, pág. 86). Francamente, acho que nada ganhamos em prolongarmos debates em relação à identidade delas. São duas testemunhas enviadas por Deus e revestidas por Ele de grande poder.

Embora o comentário de Govett sobre esses povos, tribos e nações que olham para aqueles corpos mortos (vs. 9, 10) fosse escrito em 1864, continua digno da nossa atenção: "A palavra *blepo*, isto é, *olhar para*, não indica que as nações simplesmente os verão, mas dirigirão seus olhos para esta grande visão e arregalarão seus olhos diante dela. 'Mas como', pergunta-se, 'os homens de toda a terra poderão se regozijar com a notícia quando apenas um intervalo de três dias e meio se colocará

entre a morte e a ressurreição deles? . . . ' Não é perfeitamente concebível se o telégrafo elétrico tiver se expandido com a rapidez dos últimos anos?" (*op. cit.*, pág. 243, 246, 247). Atualmente, com a televisão à disposição de todos, podemos entender melhor esta passagem.

As palavras de Lenski em relação a esses inimigos de Deus alegrando-se com a morte dos dois profetas (v. 10) provocam especiais cogitações: "O mundo perverso não pode esquecê-los e simplesmente continua em sua obstinação. Mesmo quando estão final e completamente silenciados, o mundo obstinado não consegue deixar de lado seu testemunho divino. Precisam falar nele, levar toda gente a olhar para aqueles lábios que já não falam mais. Aqueles que desprezam a Palavra não conseguem nunca livrar-se dela. Até mesmo o seu regozijo com o silêncio dela faz com que se ocupem da Palavra" (*op. cit.*, pág. 346).

**13,14.** Com a ascensão das duas testemunhas, Jerusalém experimenta um **grande terremoto**, resultando na morte de sete mil pessoas, **ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas, e deram glória ao Deus do céu** (v. 13). Não encontramos convicção de pecado neste temor, apenas um sentimento de medo que logo passa.

### **A Sétima Trombeta e a Cena no Céu. 11:15-18.**

Tal como na abertura do sétimo selo, quando o sétimo anjo faz soar a sétima trombeta, nenhum acontecimento imediato se segue e nenhum juízo imediato é anunciado. Antes, com o soar desta trombeta, temos uma cena no céu, e faz-se uma das maiores declarações de toda a Bíblia referentes a Cristo: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (v. 15). O mundo inteiro aparece agora sob um só poderoso governo universal.

Esta declaração é seguida por um hino de louvor oferecido pelos vinte e quatro anciãos a Deus Todo-Poderoso. Esta é a única ocasião em que os anciãos são descritos prostrando-se diante de Deus. Com o anúncio de que o reino de Deus através de Cristo está próximo, recebemos um resumo pitoresco (v. 18) dos acontecimentos que vão se



sucedem: 1) as nações estão iradas; isto é, haverá uma tentativa de agressão contra Cristo e os Seus; 2) a ira de Deus está para se desencadear; 3) os mortos serão julgados; 4) os crentes, aqui se dividem em três grupos – os profetas, os santos, e os que temem o Seu nome, serão recompensados; e 5) os destruidores estão para serem destruídos. A partir disto pode-se concluir com certeza que conforme se aproxima o tempo de Cristo assumir Sua autoridade real sobre esta terra, o ódio das nações da terra contra o povo de Deus vai se intensificar, e a oposição ao Evangelho vai aumentar.

**11:19.** A maioria dos estudantes concordará que 11:19 deve ser considerado como a introdução ao que está para ser revelado no cap. 12. Aqui novamente, como no começo das passagens dos sete selos (4:5) e das sete trombetas (8:5), relâmpagos, vozes, trovões e um terremoto. O que João vê agora no céu – um templo de Deus e **a arca da aliança** – apresenta um problema de interpretação. Esta não poderia ser realmente a arca do concerto que esteve no meio de Israel durante sua viagem pelo deserto (como alguns insistem); pois ela já não existia mais no tempo de Cristo. A palavra aqui traduzida para **templo** (E.R.C.), *naos*, significa "santuário" (E.R.A.), a parte interior do templo. Quando a Cidade Santa descer do céu, diz-se explicitamente que não haverá templo nela (21:22).

## Apocalipse 12

### A Mulher com o Menino. 12:1-17.

**1-5.** O capítulo 12 apresenta outro problema de identificação – a **mulher vista no céu . . . com dores de parto que deu à luz** (vs. 1, 2). Uma coisa parece certa – que esta criança "que há de reger todas as nações com vara de ferro" (v. 5) deve ser o Senhor Jesus Cristo (veja Sl. 2:9; Is. 66:7; Ap. 19:15). Muitas identificações têm sido sugeridas para a **mulher**. No período dos Pais da Igreja, Victorino dizia que era "a antiga igreja dos pais, e profetas, e santos, e apóstolos" (*Ante-Nicene Fathers*, VII, 355). Muitos escritores dizem que é Israel, de quem Cristo veio; enquanto outro, como Auberlen, Lenski, etc., interpretam-na mais

compreensivelmente como o Israel de ambos os Testamentos. Eu penso que podemos afirmar que seja Israel. A Igreja Católica Romana, é claro, insiste que é a Virgem Maria, mas a Igreja Romana também diz que Maria deu à luz sem dores, entrando em contradição com este versículo (veja Is. 66:7). Diante da mulher está o grande inimigo de Deus, **o dragão** (Ap. 12:4), que espera destruir Cristo. Mas fracassará no seu intento.

6. Eu, pessoalmente, creio como Weidner, Walter Scott e muitos outros, que este versículo é antecipatório e aponta para o tempo da tribulação de Israel no final dos tempos. Foi colocado aqui para enfatizar o fato de que Satanás, que odeia Cristo, e portanto o Seu povo, vai perseguir Israel de maneira especial conforme o tempo do fim estiver se aproximando.

7-9. Agora somos introduzidos ao que Swete designa corretamente de "a suprema tentativa da parte do dragão de destronar o Filho da Mulher, restabelecendo-se ele próprio na presença de Deus". São vários os termos designativos de Satanás neste parágrafo (v. 9), mais do que em qualquer outra simples passagem da Palavra de Deus: **o grande dragão, a antiga serpente ... diabo, e Satanás, e** – uma das mais terríveis frases nas Escrituras – não algo de que Satanás se glorie, mas algo que o céu reconhece – sedutor de todo o mundo (veja II Tm. 3:13; II Jo. 7). Aqui ele não é enfrentado por Cristo, mas por Miguel e seus anjos (Ap. 12:7; veja Dn. 10:13,21; Judas 9), que parece ser o líder da hierarquia angélica. Satanás é lançado fora dos céus. Talvez seja uma referência a algumas palavras de nosso Senhor relativamente à queda de Satanás (Jo. 12:31), embora eu esteja convencido de que a cena se desenrola no final desta dispensação. Observe que Satanás não é lançado no abismo, mas **foi atirado para a terra** (Ap. 12:9), exatamente antes que o Anticristo assumo seu reino terrível e temporário.

10-12. Nenhum detalhe se toma necessário aqui sobre o subsequente hino de regozijo. A ênfase está sobre o poder de Deus e a autoridade de Cristo. Os irmãos **venceram** Satanás por **causa do sangue**

**do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram** (v. 11). São vitoriosos porque deram um testemunho fiel até mesmo enfrentando a morte.

**13-17.** O que foi mencionado em antecipação no versículo 6 está declarado aqui com mais detalhes. O período de tempo designado **um tempo, tempos, e metade de um tempo** (v. 14), semelhante aos 1.260 dias no versículo 6, é o período da mais negra tribulação. A terra ajudando a mulher (v. 16) pode representar, como diz Walter Scott, os governos da terra tendo amizade com os judeus "e providencialmente (como, não sabemos) frustrando os esforços da serpente" (*Exposition of the Revelation of Jesus Christ, in loco*). A referência à mulher **e sua descendência** (v. 17) faz lembrar a primeira profecia messiânica (Gn. 3:15).

## Apocalipse 13

### O Aparecimento das Duas Bestas. 13:1-18.

**1-10.** Dois governantes terríveis entram em cena no capítulo 13, uma a **emergir do mar**, e o outro a **emergir da terra**. O **mar** aqui indubitavelmente é "um símbolo da superfície agitada da humanidade não regenerada, e especialmente da caldeira fervente da vida nacional e social da qual os grandes movimentos históricos do mundo se levantam" (Swete). A primeira besta, cujos chifres e diademas representam poder, recebe sua energia de Satanás (v. 2). É quase inacreditável que **toda a terra** venha a adorar o **dragão** e a **besta** (vs. 3, 4). Haverá muita religião na terra, mas será sem Deus e blasfema. A primeira besta se opõe a Deus (vs. 5,6); recebe sua energia de Satanás (v. 2,); é militarmente suprema (v. 4); possui poder de extensão mundial (v. 7); e persegue os santos de Deus (v. 7). Quem se atreveria a negar que o cenário da história universal está sendo rapidamente preparado por tendências que conduzirão finalmente ao governo e adoração de um tal monstro? Todos aqueles que não pertencem ao Cordeiro de Deus adorarão a besta.

**11-15.** Enquanto a primeira besta é sem dúvida um poder mundial político, a segunda (v. 11), como disse Lee, "é um poder mundial espiritual, o poder da ciência e do conhecimento, das idéias, do cultivo intelectual. Ambas são inferiores, ambas são bestas, e portanto estão em íntima afiança. A sabedoria anticristã secular está a serviço do poder anticristão mundano" (pág. 671). A segunda besta reforça as ordens da primeira, e acompanha sua obra perversa com várias formas de manifestações milagrosas (vs. 12,13). O período do "tempo dos gentios" começou com a adoração imposta de uma imagem por um poderoso governante (por Nabucodonosor, em Daniel 3); e este período terminará com uma semelhante adoração imposta, desta vez em escala universal.

**16,17.** O capítulo conclui com uma profecia do que poderia ser chamado de ditadura econômica. O texto não diz que os homens não poderão comer se não tiverem **a marca . . . da besta**, mas não poderão negociar sem esse sinal.

**18.** O versículo que conclui este capítulo, no qual **o número da besta** é revelado como 666, tem dado lugar a uma multidão de interpretações, e a vasta literatura. Livros inteiros têm sido escritos sobre este único texto. Lutero errou em pensar que fosse uma declaração cronológica. Acrescentando 666 ao ano 1000 ele obteve naturalmente, como resultado 1666 A.D., ano em que nada de significância profética aconteceu. Muitos têm tentado identificar esta pessoa descobrindo nomes cuja soma numérica das letras perfaz 666. Em nossa língua por exemplo, X é igual a 10, L igual a 50 e C igual a 100. Há equivalentes semelhantes para as letras no hebraico, grego e latim. Alguns têm crido, então, que este número assim traduzido refere-se a Nero, o César do primeiro século; outros como Lateinos, significando, "o Latino". Acho que não precisamos ir mais adiante do que reconhecer que seis é o número do homem decaído e portanto o número da imperfeição, e que 666 é a trindade do seis.

Até mesmo nesta passagem há uma trindade demoníaca – Satanás, a besta a **emergir da terra** (Anticristo, v. 11) e a besta a **emergir do mar**

(o falso profeta, v. 1). (Para uma comparação das diversas interpretações dessas duas bestas, veja Charles Maitland: *The Apostles' School of Prophetic Interpretation* [Londres, 1849] pág. 329.)

Torrance diz acertadamente: "Não vemos hoje em dia que esta imagem já está sendo edificada, em nação após nação na terra, pelo poder da propaganda e com mentiras?.... Já não ouvimos a voz rouca da besta clamando e gritando no rádio? não temos lido suas vanglórias e ameaças nas páginas da imprensa mundial?... Tudo o que pode ser feito sem Jesus Cristo é um caminho para a incredulidade, é dar forma à maldade, ao orgulho e ao egoísmo humanos... O tempo todo o mal latente no mundo está estabelecendo sua imagem e deixando suas impressões sobre as pessoas e mentes e atos dos homens" (*op. cit.*, pág. 86-89).

Observe que estes dois governantes mundiais são designados *bestas*. Nicholas Berdyaev, o filósofo russo, escrevendo sobre a bestialidade do homem moderno, diz:

"O movimento em prol da super-humanidade, do super-homem, e dos poderes sobre-humanos, com muita freqüência nada mais são que a bestialização do homem. O moderno anti-humanismo toma a forma do bestialismo. Usa o trágico e infeliz Nietzsche como uma espécie superior de justificação para a desumanização e bestialização . . . Uma crueldade bestial para com o homem é a característica de nosso século, e torna-se mais estarrecedor por se exibir no cume do refinamento humano, onde os conceitos modernos de simpatia, ao que parece, tomaram impossíveis as antigas formas bárbaras da crueldade. O bestialismo é figo inteiramente diferente do barbarismo antigo, natural e sadio; é o barbarismo dentro de uma civilização refinada. Aqui os instintos atávicos e bárbaros são filtrados através do prisma da civilização e portanto têm um caráter patológico. O bestialismo é um fenômeno do mundo humano, mas já civilizado" (*The Fate of Man in the Modern World*, pág. 26-29. Para uma discussão completa deste capítulo, veja meu livro, *This Atomic Age and the Word of God*, págs. 193-221).

---

**V. Os Juízos das Sete Taças. 14:1 – 16:21.**

Assim como há os capítulos introdutórios que precedem os juízos apresentados pela abertura dos sete selos e pelo tocar das sete trombetas, aqui também, precedendo a última *série* dos juízos, temos um capítulo introdutório.

**Apocalipse 14**

**14:1-5.** O capítulo começa com uma cena no **monte Sião**, o qual sem dúvida representa o céu – única referência a Sião no Apocalipse. Somos apresentados a um grande grupo de 144.000, com características que os destaca de maneira fora do comum: 1) nas suas testas trazem os nomes do Cordeiro e do Pai – o que acontecerá com todos os redimidos por toda a eternidade (22:4); 2) só eles são capazes de compreender o novo cântico cantado diante do trono pelos harpistas; 3) não se contaminaram com mulheres, pois são virgens – uma declaração mais tarde examinada neste estudo; 4) seguem o Cordeiro por toda parte; 5) são as primícias de Deus; 6) são irrepreensíveis. Sem dúvida é um grupo selecionado de santos de Deus, dos quais nada mais sabemos.

O único verdadeiro problema aqui encontra-se no versículo 4. Muitos têm insistido que deve ser entendido literalmente, como afirma Govett, o qual dedica cinco páginas ao versículo. Em nenhum lugar das Escrituras a virgindade, ou o celibato, é mencionado como sinônimo de santidade, ou como se tornasse alguém particularmente apto para o serviço divino. A família é uma instituição divina desde o começo das Escrituras. Portanto, isto deve ter significado simbólico, semelhante ao uso que Paulo faz desses termos em II Co. 11:2, 3. O casamento não é desonroso (Hb. 13:4).

**6,7.** Temos agora uma descrição de três mensagens sucessivas por três diferentes anjos. O primeiro tem **um evangelho eterno**, proclamado a todos os habitantes da terra, consistindo da seguinte advertência: **Temei a Deus e dai-lhe glória; porque é chegada a hora do seu juízo;**

**e adorai aquele que fez o céu**, etc. Concordo plenamente com Swete que esta proclamação "não contém referência à esperança cristã; a base do apelo é teísmo puro. É um apelo à consciência do paganismo inculto, incapaz ainda de compreender qualquer outra coisa". Não há aqui nenhuma indicação de que esta mensagem fosse aceita ou de que, através dela, alguém fosse redimido.

**8-13.** O segundo anjo anuncia a queda da Babilônia, a qual é detalhadamente descrita nos capítulos 17 e 18. O terceiro anjo pronuncia um juízo sobre todos aqueles que adoraram a besta e a sua imagem, com uma declaração antecipatória sobre o castigo eterno daqueles que usam o sinal da besta. Um século atrás os Adventistas do Sétimo Dia apegaram-se a estes versículos como cumprimento de suas convicções particulares em relação à igreja. Eles consideraram o primitivo movimento Milerita como uma advertência à igreja de que ela era a Babilônia. Por isso, os crentes deviam sair da cristandade organizada – e a mensagem do terceiro anjo se lhe seguiria imediatamente. Os adventistas insistem que esta é uma promessa de que nos últimos dias só serão aceitos por Deus aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus (v. 12), e que isto é "um chamado a que os homens honrem o verdadeiro sábado de Deus, o sétimo dia do Decálogo" (Francis D. Nichol: *The Midnight Cry*, pág. 462). Por que eles particularizam o mandamento referente ao sétimo dia, nem sequer levemente aludido aqui, e não incorporam neste esquema os outros nove do Decálogo, eu não sei.

**14-20.** O capítulo conclui com duas cenas que só podem acontecer no fim dos tempos. A primeira (vs. 14-16) representa uma colheita de almas e ao que parece um ajuntamento dos redimidos, ao qual nosso Senhor se refere em Mt. 13:30, 39; 24:30, 31. Tem havido alguma discordância sobre estas duas cenas, mas parece-me que a segunda, que é uma vindima e não uma colheita, deve descrever o ajuntamento dos incrédulos e ímpios da terra. São parágrafos antecipatórios. Govett resume esta passagem corretamente ao dizer, "A semente da Mulher

fornece a Colheita, enquanto a semente do Dragão fornece a Vindima". Veja também Joel 3:13.

## Apocalipse 15

**15:1-4.** O capítulo 15 continua cheio de material introdutório e uma cena do céu. Apresenta um dos grandes hinos do livro, cantado desta vez, ao que parece, por aqueles que triunfaram sobre as forças do mal nos últimos dias, que foram os **vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome** (v. 2). Este é chamado de **cântico de Moisés, servo de Deus, e . . . do Cordeiro** (v. 3; sobre os antecedentes veja Êx. 14:31; 15; Nm. 12:7; Dt. 32). "O cântico pelo qual Moisés celebrou o livramento do Egito está sendo agora renovado e recebe o seu final perfeito quando o povo de Deus está finalmente libertado pelo Cordeiro" (Lee). O cântico é um mosaico de material extraído de Êxodo, Salmos (86:9; 111:2; 145:17), e de Isaías (2:2-4; 66:23, etc.).

**5-8.** João diz que viu **no céu o santuário do tabernáculo do testemunho . . . no céu** (v. 5). Esta é a última vez que a palavra aparece traduzida para **santuário** neste livro (cons. 11:19). Desse santíssimo lugar saíram cinco anjos, com as sete pragas que estão para serem derramadas sobre a terra, **taças ... cheias da cólera de Deus** (v. 7). Exatamente antes desta série ter início, somos informados de que o santuário está cheio **de fumaça, procedente da glória de Deus e do seu poder** (v. 8), o que nos faz lembrar a inacessibilidade divina no Sinai (Êx. 19:21), e a visão de Isaías (6:4,5).

John Albert Bengel, o grande exegeta do século passado, comentou esta passagem: "Quando Deus derrama Sua fúria seria bom que até mesmo aqueles que estão em paz com Ele se afastem um pouco, em atitude de profunda reverência até que pouco a pouco o céu se desanuvie novamente" (*Introduction to the Exposition of the Apocalypse, in loco*).



## Apocalipse 16

**16:1, 2.** Estamos agora prontos a examinar as sete taças da ira de Deus.

A *primeira*, comparável à sexta praga do Egito, resultou no tormento dos homens que tinham o sinal da besta com **úlceras malignas e perniciosas**, não especificamente identificada.

Quando a *segunda* taça foi derramada (cons. com a primeira praga do Egito), o mar toma a aparência de **sangue como de um morto**, e toda a vida que há nele morre (v. 3). Weidner dirige a atenção para a semelhança e diferença entre esta praga e a da segunda trombeta (8:8, 9): "Os juízos de Deus vão se tornando cada vez mais terríveis conforme a maldade aumenta e o fim se aproxima".

**4-11.** A *terceira* taça da ira também afeta os rios e as fontes das águas, levando o anjo das águas a reconhecer a justiça e a santidade de Deus, e a justificação de tais terríveis manifestações da justiça divina (vs. 5,6).

A *quarta* taça, envolvendo o sol, aumenta de algum modo a intensidade do calor que a terra recebe do sol; e os homens foram queimados com ele, o que resultou em blasfêmias contra Deus (vs. 8, 9).

A *quinta* taça da ira é semelhante ao juízo da quarta trombeta e à nona praga do Egito, em sua manifestação de trevas, exceto que nesta ocasião é o reino da besta que é coberto pelas trevas (vs. 10, 11). Deus está agora começando a atingir o trono do Seu grande inimigo, que tem sido a causa vital do engano dos homens, seus crimes horríveis e o seu ódio contra Deus.

**12-16.** No derramamento da sexta taça sobre o rio Eufrates, João vê **os reis que vêm do lado do nascimento do sol** impelidos, como foram, pelo poder satânico a que marchassem para o **Armagedom** (v. 16), **para a peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso** (v. 14).

Este é o único lugar em que o **Armagedom** é nominalmente mencionado no livro do Apocalipse. A batalha propriamente dita é descrita na última parte do capítulo 19. Moorehead escreveu, antes

mesmo da Primeira Grande Guerra e o despertar atual da Ásia, que "as grandes hordas da Ásia serão envolvidas na batalha decisiva e esmagadora do grande dia de Deus". O Extremo Oriente tem tido profundo significado para a civilização Ocidental apenas neste último século, e o mesmo acontece com o Oriente Próximo desde o término das Cruzadas. Que enorme diferença entre a poderosa China de hoje, em seu regime comunista e ateu, e o império comparavelmente fraco que conhecemos no começo deste século!

O secamento do **rio Eufrates** (v. 12), preparando caminho para a chegada destes exércitos do Oriente, pode ser tomado simbolicamente ou não; mas certamente não pode se referir ao enfraquecimento do Império Otomano, nem ao rio Mississipi, como pretendem alguns.

Hengstenberg comentou acertadamente:

"O Eufrates foi mencionado aqui, apenas no que se refere ao impedimento que representa para a marcha do poder ímpio do mundo na direção da Terra Santa".

Esses reis não são judeus vindo à Palestina em busca de bênçãos mas reis pagãos vindo a Megido para a batalha.

Esta passagem abrange uma das mais terríveis declarações da Bíblia, isto é, que **espíritos imundos** (v. 13), espíritos de demônios operando milagres, irão ao encontro dos **reis do mundo inteiro, com o fim de ajuntá-los para a peleja** (v. 14). Isto pode significar nada mais que no final dos tempos os governantes da terra serão endemoninhados. E somos quase compelidos a crer, pelos acontecimentos dos últimos quarenta anos, que alguns governantes já têm sido possuídos por demônios.

**17-21.** Embora o sétimo selo não venha logo após a abertura do sexto, e o tocar da sétima trombeta ficasse adiada por algum tempo, neste capítulo o derramamento da sétima taça segue-se imediatamente ao derramamento da sexta. Aqui a ira de Deus está dirigida contra o **ar**, e a declaração do juízo se segue, como os outros, por **relâmpagos, e vozes, e trovões, e ocorreu grande terremoto** (vs. 18, 19). Não posso deixar

de pensar que o **ar** aqui tem o mesmo significado que na frase de Paulo referindo-se ao "príncipe das potestades do ar" (Ef. 2:2). (Para discussão mais detalhada do assunto, veja meu livro, *This Atomic Age and the Word of God*, pág. 222-248). Os distúrbios nos ares culminam com a queda de grandes pedras de gelo (Ap. 16:21), pesando cerca de um talento cada (vinte e seis ou quarenta e quatro quilos); e outra vez os homens blasfemaram contra Deus.

A declaração de que nesta ocasião **caíram as cidades das nações** (v. 19), ou, como alguns traduzem, *as cidades dos gentios*, pode ser, como Weidner sugere, uma inferência a Mq. 5:10-15. Duas outras cidades foram citadas aqui, **Babilônia** e **a grande cidade**, sendo esta última, de acordo com Milligan, Simcox, Weidner e muitos outros, a própria Jerusalém.

Alguns comentadores têm defendido que estas três sucessivas séries setenárias de três juízos são a recapitulação dos mesmos eventos. Isto é, as trombetas recapitulam o que os selos anteriormente apresentaram, mas com maior intensidade; e as taças recapitulam os mesmos acontecimentos, caracterizando-os com ainda maior severidade. Eu não tenho conseguido aceitar esta opinião. O motivo é que a seqüência de cada série é completamente diferente, e só isto, ao que parece, torna o conceito da recapitulação impossível.

No quadro abaixo apresento a seqüência das séries dos juízos, usando o juízo das taças por guia. Abaixo da linha, sob as trombetas e os selos, encontram-se os fenômenos que não aparecem nos juízos das taças. Nenhum esforço foi feito para colocar os itens abaixo da linha em alguma ordem cronológica, nem mesmo o de fazer um paralelo entre os selos e as trombetas; antes, foram colocados em posições opostas para economizar espaço.

Número do Juízo	Taças Cap. 16	Trombetas cap. 8,9	Selos cap. 6	Pragas do Egito Êx. 7-10; 23:29-33
Chagas.....	I. 2			V, VI. 9:1-12
O mar em sangue...	II. 3	II. 8:8,9		I. 7:20-24
As águas em sangue...	III. 4-7	II. 8:8,9		I. 7:20-24
Grande calor.....	IV. 8,9	I. 8:7		
Trevas: dores.....	V. 10,11	IV. 8:12		IX. 10:21-23
Reis endemoninhados...	VI. 12-16			
Relâmpagos, Vozes.....	VII. 17-21	I. 8:7		(saraiva) VII. 9:22-35
Trovões, Terremotos....			VI. 12-17	
Grandes pedras.....				
Falsa paz.....			I. 1, 2	
Gafanhotos.....		V. 9:1-12		VIII. 10:12-20
Guerra.....		VI. 9:13-21	II. 3, 4	
Falta de alimentos.....			III. 5, 6	
Morte.....			IV. 7, 8	
Águas amargas.....		III. 8:10, 11		
Mártires.....			V. 9-11	

## VI. Babilônia e Armagedom. 17:1 – 19:21.

### Juízo sobre a Babilônia. 17:1 – 18:24.

A oitava parte de todo o livro do Apocalipse, cerca de cinquenta versículos, foi dedicada ao julgamento da **Babilônia** (14:8-10; 16:17-19:5). Contudo, a interpretação da Babilônia no Apocalipse tem dado lugar a mais diferença de opiniões do que qualquer outra passagem deste livro. No V.T. o nome **Babilônia** tem a sua origem em *Babel*, a qual é claro sempre simbolizou revolta contra Deus, e confusão (Gn. 10:8-12; 11:1-9). Babilônia foi a conquistadora do reino de Judá, a teocracia (II Reis 24; 25, etc.). Com Nabucodonosor, o rei da Babilônia, começou "o tempo dos gentios" (Jr. 27:1-11; Dn. 2:37, 38). A Babilônia ocupa um grande lugar nas profecias das nações no V.T. (Is. 13; 14; 47; Jr. 50:51).

A **Babilônia** está diante de nós nestes dois capítulos sob dois diferentes aspectos. No capítulo 17, ela está identificada com a grande

prostituta, uma mulher que não aparece no capítulo 18. A besta com as sete cabeças e os dez chifres está confinada ao capítulo 17, único lugar onde encontramos os reis da terra avançando para fazer guerra contra o Cordeiro. No capítulo 18 a Babilônia parece ser alguma cidade ao longo do grande rio, apinhada de navios mercantes de toda a terra, detalhes que não aparecem no capítulo 17. Talvez devamos examinar o texto propriamente dito e depois discutir interpretações.

## Apocalipse 17

**17:1-12.** Três são os grupos a serem identificados neste parágrafo inicial; a **besta**, que tem sete cabeças e dez chifres; a **meretriz** assentada sobre a besta; e aqueles que são chamados de **muitas águas** mais tarde denominados de "povos, e multidões, e nações, e línguas" (v. 15). Os dez chifres, somos depois informados, são dez reis (v. 12), certamente contemporâneos; e as sete cabeças são sete montes (vs. 9, 10), que também representam reinos. Não devemos nunca nos esquecer que qualquer confederação de reis no V.T., e aqui, está sempre em oposição a Deus e ao povo de Deus (Gn. 15:18-21; Dn. 2:41, 42; 7:7, 20, 24; Sl. 2:1-3; 83:1-8; Ap. 12:3; 13:1; 16:12-16). Esta mulher, chamada de MÃE DAS PROSTITUIÇÕES (17:5), prostituiu-se com os reis da terra (v. 2), e durante algum tempo os dominou.

A quem ou a que se refere esta **mulher**? A maior parte dos comentadores, desde o tempo da Reforma, identificam-na com o papado, tal como o fizeram Lutero, Tyndale, Knox, Calvino (*Institutes*, IV, 2.12), Alford, Elliott, Lange, e muitos outros. A Igreja Católica Romana identifica esta mulher com Roma – mas com a Roma pagã, é claro, já no passado. Ela é definidamente algum vasto sistema espiritual que persegue os santos de Deus, traindo aquilo para o que foi chamada. Ela entra em relações com os governos desta terra, e por algum tempo os governa. Eu acho que o mais perto que possamos chegar a uma identificação é compreender que esta prostituta é um símbolo de um grande poder espiritual que se levantará no fim dos tempos, o qual

estabelecerá uma aliança com o mundo e assumirá compromissos com as forças do mundo. Em vez de ser espiritualmente verdadeira – ela é espiritualmente falsa, e assim exerce uma influência maligna em nome da religião.

**13-18.** Agora, os reis da terra, tendo uma só mente, confederados, concedendo sua autoridade a este grande inimigo de Deus, a besta, saem para fazer guerra **contra o Cordeiro** (vs. 13,14). Quando esta hora chegar, a besta, com o poder dos reis da terra, vira-se contra a prostituta, sua força pseudo-espiritual, e a destrói (v. 16). A declaração do versículo 17 é muito confortadora – "Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia . . . até que se cumpram as palavras de Deus".

## Apocalipse 18

O capítulo 18 parece ter uma definição geográfica, a qual não encontramos no capítulo 17. Aqui nós temos a declaração que a Babilônia se tornou **morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo** (v. 2). A maior parte do capítulo está ocupada com a descrição da riqueza da cidade, a mercadoria trazida para ser vendida, a tristeza dos mercadores que enriqueceram com o seu comércio, quando olham para a cidade agora desolada pelo fogo. Nos versículos 4-8 anuncia-se o juízo; nos versículos 9-20 temos a lamentação dos reinos da terra; e em 21-24 conta-se o destino final da Babilônia.

Agora temos de retornar ao problema da interpretação. Alguns insistem aqui em uma identificação geográfica. Aqueles que adotaram o esquema histórico de interpretação fazem Babilônia se referir geralmente à Roma pagã. Alguns, tais como Weidner, Kiddle, etc., têm afirmado que **Babilônia** aqui deve significar Jerusalém, mas isto parece ser inteiramente impossível. Tenho lido livros que defendem que esta cidade é Londres ou Paris. Até Alford disse uma vez, embora admitisse que sentia que a dificuldade continuava "sem solução", que "certamente os detalhes desta lamentação comercial aplicam-se muito mais a Londres do

que a Roma, em qualquer período de sua história" (pág. 718). Uma coisa não se pode negar: o barrento rio Tigre, que corre através da cidade de Roma, não poderia transportar o enorme tráfego marítimo descrito no capítulo 18; mais ainda, Roma pagã jamais foi famosa como centro de câmbio ou venda de mercadorias. Alguns têm defendido que esta profecia só poderá ser cumprida quando a cidade de Babilônia for restaurada. A "Scofield Bible" repudia isto especificamente, mas muitos dos seus editores crêem pessoalmente que isto é verdade, tais como Gray e Moorehead; também Seiss, Govett, Pember, G.H. Lang e muitos outros.

Aqueles que adotam a interpretação eclesiástica, como já observamos, acham que **Babilônia** representa o papado, e grande é o apoio que tem sua opinião. Entretanto, eu acho que aqui tem mais coisas implicadas do que o papado somente. Esta é a Cristandade apóstata, uma religião mundana que traiu o Cristianismo e está entrelaçada com os governos pagãos e ímpios do mundo. Muitos crêem – e eu concordo – que há de vir o dia quando a própria Igreja Romana, de alguma maneira misteriosa, vai assumir um compromisso com o Comunismo ateu. (Uma pesquisa sobre este assunto encontra-se em *The Antichrist, Babylon, and the Coming of the Kingdom*, de G.H. Pember, 1886).

## Apocalipse 19

### A Batalha do Armagedom. 19:1-21.

**19:1-8.** Enquanto o capítulo 19 deste livro recebe generalizadamente o título, "A Batalha do Armagedom", na verdade a primeira metade do capítulo se ocupa com uma cena no céu, onde temos os três últimos hinos do Apocalipse. Primeiro, uma grande multidão se ouve cantando, **Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder**, por causa do juízo sobre a grande prostituta que foi finalmente executado (vs. 1, 2). **Aleluia** foi extraído diretamente do hebraico e é formado de duas palavras, *hallel*, significando "louvor", e *jah*, palavra básica para Deus.

Aleluias aparecem no começo dos Salmos 111 e 112, e no começo e fim dos Salmos 146 a 150, etc. Este hino repete-se uma segunda vez. Então os vinte e quatro anciãos e as quatro criaturas viventes caem diante de Deus, também gritando **Amém, Aleluia** (v. 4).

Finalmente, João ouve vozes, as quais ele não identifica especificamente (v. 6), cantando o último dos cânticos, começando com **Aleluia**, desta vez não por causa do julgamento da Babilônia, mas por causa **das bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou** (vs. 6-8). Com isto, João recebe ordem de anotar a última bem-aventurança deste livro, na qual anuncia-se que a ceia das bodas do Cordeiro está para se realizar (v. 7). O relacionamento de Deus e Cristo com os redimidos conforme expresso em termos de casamento é freqüentemente encontrado em ambos os Testamentos (Os. 2:19-21; Ez. 16:1 e segs.; Sl. 45; Mc. 2:19; I Co. 6:15-17; Ef. 5:25-27). As vestes da noiva são notavelmente diferentes das vestes da grande prostituta, pois a santa noiva só usa **linho** puro e resplandecente (Ap. 19:8), símbolo dos atos de justiça dos santos. Tudo o que o N.T. fala em se tratando de Cristo como o esposo e a Igreja como a esposa, agora está consumado.

**11-16.** Este parágrafo sempre me pareceu esmagadoramente glorioso demais para uma exposição. Vê-se agora Cristo cavalcando um cavalo branco, descendo dos céus para "julgar e pelejar". Aqui Ele recebe o título de **Fiel e Verdadeiro**, o qual Lhe foi conferido no começo deste livro (1:5; 3:7,14). A frase, **com justiça**, é importante. Juízo, em toda a Bíblia, está sempre identificado com justiça. Esta foi exatamente a frase usada pelo Apóstolo Paulo em Atos 17:31. Na verdade, esta é a palavra usada na primeira referência a Deus como o juiz de toda a terra (Gn. 18:25; veja também Sl. 9:4, 8; 98:9; Is. 11:4; etc.). Justiça, diz Cremer, uma autoridade léxica, é "aquele padrão divino que se exhibe em comportamento harmônico com Deus . . . o qual corresponde à norma divina". Nosso Senhor mesmo disse: "O meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou" (Jo. 5:30). A descrição de Cristo aqui (Ap. 19:12,13), com olhos



de **chama de fogo** e um manto **tinto de sangue**, leva-nos de volta ao começo do livro (1:14; 2:18). A frase, **tinto de sangue**, foi extraída de Is. 63:3.

Agora Cristo recebe um grande título, **o Verbo de Deus** (Ap. 19:13). Como a Palavra de Deus, Ele fez os mundos. Foi pela rejeição da Palavra que o pecado entrou no mundo. Pela Palavra de Deus, a salvação foi oferecida aos homens. O pecado e a anarquia, impiedade e rebelião, são de uma forma ou de outra o repúdio da Palavra de Deus. Essa Palavra, Eterna e Onipotente, desce agora do céu para cumprir a profecia, para destruir os inimigos de Deus, para revelar ao universo, de uma vez para sempre, a tolice de se resistir a Cristo e a indiscutível preeminência do **Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores** (v. 16). Somos agora introduzidos em uma cena terrena na qual os reis da terra desempenham papel proeminente. Como é estranha e trágica esta situação que descortinamos agora, na qual parece que os governantes do mundo inteiro se unem em um terrível esforço de destruir o ungido de Deus. Como isto contraria os sonhos da humanidade, as tolas declarações dos seus falsos profetas, e de sua injustificada crença de que a sociedade humana está sempre progredindo nos setores da paz, da bondade, da camaradagem e bem-estar social. Veremos o cumprimento do Salmo 2.

**17-21.** Não posso deixar de crer que esta batalha se realizará literalmente, e por isso exige atenção cuidadosa, ainda que rápida. A planície de Megido, em outro lugar chamada de planície de Jezreel, ou Esdrelom, ficou famosa na história de Israel, por suas derrotas e vitórias. Aqui se deu a vitória de Baraque Sobre os cananeus, quando os próprios astros lutaram contra Sísera (Jz. 4:5); a vitória de Gideão contra os midianitas (Jz. 7); e do mesmo modo a derrota e morte do Rei Saul e seus três filhos sob as mãos dos filisteus (I Sm. 4). Aqui aconteceu a grande tragédia da derrota e morte do Rei Josias sob as mãos dos egípcios (II Reis 23:29, 30). Mais tarde na história, as cruzadas foram aqui derrotadas, na batalha de Horns de Hattin, em 1187 A.D. Aqui o

General Allembey, em 1917, obteve a grande vitória sobre os turcos, pelo que foi honrado mais tarde com o título de Lord Allembey de Megido. Esta grande planície, com cerca de doze milhas de largura, situada no meio da Palestina, vai das praias do Mediterrâneo até o Vale do Jordão. Nesta planície, diz uma grande autoridade, tivemos "a primeira batalha da história na qual podemos estudar, sob todos os ângulos, a disposição das tropas, e assim, ela forma o ponto de partida para a história da ciência militar". Esta batalha se deu em maio de 1479 A.C., entre as forças sírias e egípcias sob o comando de Tutmoses III (veja Harold H. Nelson, *The Battle of Megido*, págs. 1, 63).

Sobre este campo de batalha, George Adam Smith escreveu certa vez: "Que planície! Sobre ela, não só os maiores impérios, raças e religiões do Oriente e do Ocidente, têm contendido uns contra os outros, mas cada qual tem sido julgado – sobre ela, desde o princípio, com todo o seu esplendor de batalha humana, os homens sentiram que lutavam contra o céu e, que as estrelas lutavam em suas rotas – sobre ela o pânico desceu misteriosamente sobre os exércitos mais bem equipados e mais capazes, mas os humildes obtiveram a vitória na hora de sua fraqueza – sobre ela falsas religiões, como também os falsos defensores da verdadeira fé, têm sido desmascarados e dispersos – sobre ela, desde o tempo de Saul, a obstinação e a superstição, embora amparadas por todas as qualidades humanas, foram reduzidas a nada, e desde o tempo de Josias a mais pura piedade não tem sido substituída por zelo impetuoso e equívoco" (*Historical Geography of the Holy Land*, pág. 409).

Profecias que provavelmente se referem a esta batalha futura são encontradas desde 800 A.C. (Joel 3:9-15; veja também Jr. 51:27-36; Sf. 3:8; e Ap. 14:14-20; 16:13-16; 17:14).

A batalha termina quase que imediatamente após ter começado. Dois grandes inimigos de Deus são presos, a besta e o falso profeta (cuja obra foi destacada no capítulo 13), e são **lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre** (v. 20). (Para um exame mais detalhado sobre este assunto consulte: George Adam Smith, *op. cit.*, págs. 379-410;

William Miller, *The Least of All Lands*, 1888, págs. 152-212; e artigos em várias enciclopédias; como também minha obra, *World Crises in the Light of Prophetic Scriptures*, págs. 96-119).

A palavra **Armagedom** faz parte hoje da língua inglesa, e está corretamente definida no Oxford English Dictionary como "o lugar da última batalha decisiva". Swete, escrevendo antes da Primeira Grande Guerra, disse acertadamente, "aqueles que observam as tendências da civilização moderna não acharão impossível imaginar que virá um tempo quando através de toda a Cristandade, o espírito do Anticristo irá, com o apoio do Estado, tomar firme posição contra o Cristianismo leal à pessoa e ensinamentos de Cristo".

## **VII. O Milênio; o Juízo Final; a Nova Jerusalém e a Eternidade. 20:1 – 22:50.**

### **Apocalipse 20**

#### **O Milênio. 20:1-6.**

Aproximamo-nos agora de uma das passagens mais discutidas da Palavra de Deus. Através dos séculos esta passagem tem sido geralmente aceita como determinando um período milenial durante o qual Cristo reinará nesta terra. Todos nós concordaríamos com C.J. Vaughan quando ele diz: "Jamais precisamos mais da ajuda de Deus do que ao penetrarmos na interpretação deste capítulo que ora se nos apresenta". Só nesta passagem das Escrituras temos a frase, "os mil anos", fator cronológico mencionado seis vezes em seis versículos. A palavra milênio (*millennium*) é uma palavra latina composta de mille, "mil", e annum, "ano"; assim, mil anos, seja o que for que esta passagem particular das Escrituras quer dizer. A passagem começa informando-nos que durante este tempo Satanás será lançado no abismo, onde permanecerá amarrado por **mil anos**. Este abismo não é o inferno. Parece que Satanás não tem poder de resistir a este ato do anjo que o amarra. João vê agora uma multidão dos que não adoraram a besta, assentados

sobre tronos, e reinando com Cristo por mil anos. Este hão é o lugar apropriado para discutirmos o Milênio. O que nos parece claro, no entanto, é que o V.T., muitas e muitas vezes, refere-se a um tempo grande e glorioso no futuro quando a paz prevalecerá sobre a terra, quando o Messias reinará com justiça, e quando a natureza será restaurada à sua beleza original (veja, por exemplo, Is. 9:6, 7; 11:1; 30:15-33; também cap. 35; 44; e 49; 65:17- 66:14, Jr. 23:5, 6, etc.).

Há quatro opiniões com referência ao Milênio.

1) Alguns dizem que é apenas uma condição espiritual dos redimidos e que não deve receber nenhuma interpretação cronológica, sendo a idéia do mil simbólica de plenitude e inteireza.

2) Alguns defendem a estranha opinião de que o Milênio já aconteceu, muitos assinalando o seu começo na conversão de Constantino. Mas se o período chamado Idade das Trevas pode ser chamado de Milênio, então as profecias bíblicas referentes a tal período jamais se cumprirão.

3) Alguns dizem que já nos encontramos no Milênio, mas insistimos novamente que se este século açoitado pela guerra, de anarquia e Comunismo ateu, é o Milênio, então as esperanças criadas pela Palavra de Deus para esta terra devem ser abandonadas.

4) Finalmente, muitos crêem que é uma profecia real de um período de mil anos, seguindo-se ao Armagedom, quando Cristo reinará sobre a terra como o Rei dos reis. A igreja primitiva era unânime na defesa deste ponto de vista. Charles (*op. cit.*) que não aceita o Milênio, sob nenhum aspecto, admite contudo que "a profecia do milênio no capítulo 20 deve ser aceita literalmente".

Encontramos uma declaração famosa sobre esta passagem no *New Testament for English Readers* de Alford que tem sido citada em muitas obras posteriores, mas sinto-me compelido a citá-la novamente: "Há muito que já foi percebido pelos leitores deste Comentário, que eu não posso consentir na distorção de palavras do seu sentido simples e da sua colocação cronológica na profecia, por causa de qualquer dificuldade ou

risco de abuso que a doutrina do milênio possa provocar. Aqueles que viveram perto da época dos apóstolos, e toda a Igreja durante 300 anos, aceitaram-nas em seu sentido simples e natural; e é coisa estranha ver, atualmente, expositores que estão entre os primeiros no respeito à antiguidade, deixando de lado complacentemente o mais irrefutável exemplo de consenso que a antiguidade primitiva apresenta. No que se refere ao texto propriamente dito, nenhum tratamento legítimo extorquirá o que é conhecido como a interpretação espiritual atualmente em moda".

Muita discussão tem surgido por causa da curta frase, **Esta é a primeira ressurreição** (Ap. 20:5). A teoria de que **a primeira ressurreição** se refere à conversão, uma passagem da morte para a vida, isto é, uma ressurreição *espiritual*, parece completamente fora de propósito em uma passagem como esta. A *segunda* ressurreição, embora não seja assim chamada, certamente é aquela à que se referem os versículos 11-15 deste mesmo capítulo. Não é necessário limitar aqueles que participaram da **primeira** ressurreição aos grupos enumerados no versículo 4. A primeira ressurreição pode facilmente ser aceita em estágios – os mortos em Cristo, depois nós os que estamos vivos, e então, após um breve intervalo, os mártires e fiéis do período da Tribulação.

**7-10.** No final do Milênio, temos a inserção de um episódio estranho, cuja fonte só pode ser de inspiração divina, isto é, que Satanás será solto de sua prisão, e sairá novamente a enganar as nações, reunindo-as para a guerra (vs. 7, 8) e um ataque contra **o acampamento dos santos e a cidade querida** (v. 9). Isto provavelmente se refere à cidade terrestre de Jerusalém, embora alguns a tenham feito se referir à Cidade Santa, o que nos parece ser mais irracional. Scott tem uma opinião interessante a respeito: "Nenhuma menção se faz de como Cristo e o Seu povo enfrentará esta última tentativa louca de Satanás. Tudo é silêncio no arraial e na cidade. As nações apóstatas marcharão para os braços da morte. Seu julgamento é súbito, rápido, esmagador e final (*op. cit.*, pág. 388). Com a destruição dos inimigos de Deus, Satanás é

amarrado e lançado no inferno, onde permanecerá para sempre. A besta e o falso profeta já foram confinados a este lugar de horrível destino.

Muitas vezes se faz a pergunta, "Por que esta última rebelião depois do benéfico reino milenial de Cristo?" Por um só motivo, revelar que mil anos de prisão não altera o caráter mau do mal. Mais ainda, os homens não regenerados não mudam, e embora toda a terra esteja sob o governo de Cristo, grandes multidões Lhe obedecem por medo e não por amor.

### **O Juízo Final. 20:11-14.**

Mais um grande acontecimento universal deve ter lugar antes que haja paz e justiça eternas, a saber, o juízo. dos mortos impenitentes. Isto está apresentado no último parágrafo deste capítulo cronologicamente tão apinhado. Um dia de julgamento, por vezes chamado de "O Último Dia", foi mais mencionado por nosso Senhor do que por todos os apóstolos e suas obras juntas (veja Mt. 10:15; 11:22, 24; 12:36; Jo. 5:28, 29; 6:39-54; 11:24; Hb. 9:27; 10:27). Em todas as passagens Cristo é identificado como o juiz (veja Atos 17:31; Jo. 5:22-27; II Tm. 4:1; especialmente). O Bispo Gore falou em nome de toda a Igreja quando disse: "Parece-me que cada crente no Deus dos profetas, e de nosso Senhor, deve crer com eles em um Dia de Deus, que provocará o clímax da presente dispensação da história humana" (*Belief in Christ*, pág. 149).

Da justiça feita ao crime, exercida pelo Estado, milhares escapam todos os anos; na verdade, muitos crimes nem chegam a ser conhecidos pelas autoridades. Mas ninguém poderá escapar a este julgamento. Os mortos serão chamados de suas sepulturas, e do mar, e do próprio Hades (v. 13); e aqueles cujos nomes não foram encontrados no Livro da Vida serão lançados no lago de fogo, que é a segunda morte (v. 14). O registro de cada vida humana nesta imensa assembléia será então exibido. A própria morte, ao que parece, não será abolida até que o Grande Trono Branco seja estabelecido, e o destino humano seja resolvido. Se cremos e aceitamos com alegria as promessas da glória eterna que se encontram neste livro, temos também de crer com igual convicção que este destino

terrível dos mortos não arrependidos é igualmente verdadeiro. (Para um comentário sobre toda a questão do juízo, veja meu livro, *Therefore Stand*, na seção intitulada, "Um Justo Juízo por Vir", págs. 438-466).

### **A Santa Cidade. 21:1 – 22:5.**

Chegamos agora à revelação final que nos é dada nas Sagradas Escrituras, um clímax glorioso para tudo quanto Deus inspirou os homens a escreverem para a edificação do Seu povo através dos séculos. Nesta passagem passamos do tempo para a eternidade. O pecado, a morte e todas as forças antagônicas a Deus foram para sempre aniquiladas. Muitos estudantes da Palavra estão convencidos de que aquilo que temos nesta última seção (não me refiro aqui ao epílogo) é uma descrição do lar eterno dos redimidos em Cristo.

É provável que não se identifique com o céu, mas certamente deve ser o que as Escrituras apontaram antecipadamente – a Cidade de Deus, a Nova Jerusalém, a Sião que é de cima. Ninguém deve ser dogmático aqui quanto ao que deve ser interpretado simbolicamente e o que deve ser aceito literalmente. Diferentes mestres, com igual devoção à divina autoridade das Escrituras, têm diferentes opiniões quanto a hermenêutica desta grande passagem. Até mesmo Lang, normalmente um literalista, insiste sobre o forte simbolismo da passagem e declara que "o motivo do emprego dos símbolos pode ser o simples fato de que não há outro meio de criar em nossas mentes qualquer justo conceito de realidade" (*Op. cit.*, pág. 369).

## **Apocalipse 21**

### **A Origem e Natureza da Cidade. 21:1-8.**

1. Esta famosa descrição, igual à qual não se encontra em nenhuma outra literatura do mundo antigo, começa com a declaração de João de que ele viu *um novo céu*, e *uma nova terra*. São duas as palavras gregas traduzidas para **novo** no N.T., *neos* e a que foi usada aqui, *kainos*, sugerindo "vida nova brotando do velho mundo corrupto e destruído"

(Swete). Portanto, esta passagem não ensina que os céus e a terra estão sendo agora criados como da primeira vez, mas que possuem um novo caráter. (Para outros usos da palavra veja Mt. 27:60; II Co. 5:17, etc., e algumas excelentes observações sobre estas duas palavras gregas em *Synonyms of the New Testament*, de R.C. Trench, págs. 219-225).

Quanto à declaração de que não existirá mais o mar, ninguém interpretou esta afirmação de maneira mais sensata do que o próprio Swete: "O mar pertencia à ordem do que já passou. Desapareceu porque, na mente do escritor, está associado com idéias que discordam com o caráter da Nova Criação. Pois esse elemento de inquietação, esta causa frutífera de destruição e morte, este divisor de nações e igrejas, não teria mais lugar em um mundo de vida sem morte e paz ininterrupta".

**2. Agora João descortina a cidade santa . . . que descia do céu, da parte de Deus.** Tal como a Jerusalém de antigamente era chamada "a cidade santa", a nova Jerusalém também foi assim designada; só que desta vez a palavra descreve realmente o verdadeiro caráter da habitação dos redimidos. A santidade, grande atributo divino, tem sido o alvo divinamente estipulado para o povo de Deus desde o princípio. É significativo que nossa habitação eterna seja chamada de cidade, mesmo no V.T. (Sl. 48:1, 8; Hb. 11:16).

C. Anderson Scott, em um notável capítulo sobre este aspecto da habitação dos bem-aventurados, disse com acerto:

"Uma cidade é em primeiro lugar a ambição e depois o desespero do homem . . . Os homens se orgulham de uma cidade; chamam-se segundo o seu nome; esquecem-se no seu poder e esplendor, e contudo nas mãos dos homens, a cidade se transforma em um monstro que devora seus filhos. Mal nos atrevemos a olhar para os montes dos despojos da humanidade *desgastada* cuja riqueza tem sido extraída, para a miséria e o vício em cima do qual a maior parte do seu conforto e esplendor repousam. Todo o nosso esforço, legislação, filantropia e religião, parecem falhar lamentavelmente na tentativa de resolver os males inseparavelmente relacionados com uma grande cidade. No entanto Deus prepara uma cidade para nós. O instinto de



buscar uma vida em comum, de formar uma teia complicada de simpatia e dependência mútuas, que uma cidade representa, é afinal uma coisa verídica, e a oportunidade de se exercitar aquilo que é essencial tanto à verdadeira felicidade do homem quanto w pleno desenvolvimento dos seus poderes. 'Não é bom que o homem esteja só'; também não é bom que uma família esteja só, nem um grupo de famílias; e esta visão nos mostra 'um evento divino no longínquo futuro' realizado na vida corporativa da humanidade, em uma sociedade tão grande que nenhum dos filhos de Deus fica de fora, e no entanto tão compacta que poderia melhor ser descrita como a sociedade daqueles que habitam em uma única cidade" (*The Book of Revelation*, págs. 308-310).

Que a Cidade Santa descia do céu parece implicar que não é idêntica ao céu. Aqui há uma frase que tem sido desprezada com muita freqüência – **ataviada como noiva adornada para o seu esposo**. Uma vez na vida a mulher tem o direito de ser extravagante, uma vez ela se prepara com o máximo cuidado e se veste tão elegante, linda e atraentemente quanto pode – no dia do seu casamento. Até as jovens que não são particularmente belas ouvem o que se diz delas, quando caminham pela nave da igreja em direção do altar para a cerimônia nupcial: "Como está linda!" Assim como a noiva se enfeita para o seu marido, Deus vai adornar e embelezar esta cidade para os Seus amados.

Todas as coisas lindas que Deus tem criado neste mundo – pores-de-sol, montanhas, lagos, rosas, lindas árvores, flocos de neve, nuvens e quedas de água! Qual não será a cidade construída pelo Arquiteto Divino! (Veja também Jo. 14:2.) A cidade santa será a cidade onde nenhuma mentira será pronunciada em centenas de milhares de anos, nenhuma palavra torpe será dita, nenhum negócio escuso não será nem sequer discutido, nenhuma figura imunda, *jamaís* será vista, nenhuma espécie de corrupção *jamaís* será manifestada. Será santa porque todos os seus habitantes serão santos.

**3,4.** Como em muitas outras passagens do livro do Apocalipse, temos no versículo 3 a consumação e conclusão perfeitas do grande tema

divino – *tabernaculando* entre os homens. A palavra grega que aqui foi traduzida para **tabernáculo** é à mesma da tradução grega das passagens do V.T. descrevendo o Tabernáculo, onde também somos informados de que no Santo dos Santos Deus se encontraria com o Seu povo (Lv. 26:11 e segs.). Esta é a palavra em sua forma verbal que foi usada por João em sua inicial descrição da Encarnação: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo. 1:14).

Desta vez o tabernáculo permanece; desta vez não haverá separação entre Deus e o Seu povo, um fato que parece que vai ser imediatamente introduzido (Ap. 21:3). Aqui, também, está a certeza da eliminação dos cinco aspectos trágicos da vida humana: lágrimas, morte, pranto, clamor e dor (v. 4). A Bíblia não nega a realidade da dor e da morte, mas nos dá a certeza de que virá o dia, pela graça de Deus, quando, para o crente, essas coisas não existirão mais.

**5.** Alguns têm sugerido que neste versículo, pela primeira vez no Apocalipse, quem fala é o próprio Deus. Há certamente grande significado no fato de que neste livro, mais do que em todos os outros do N.T., a verdade do que foi revelado aqui está sendo enfatizada. "Deus autentica Sua própria declaração magnífica. Ele exige nossa atenção, e requer nossos corações e nossa aquiescência incondicional" (Walter Scott, *op. cit.*, pág. 404). *Fiel e Verdadeiro*, além de caracterizar a Palavra escrita (e falada), também caracteriza a Palavra Encarnada (19:9; 21:5).

**6,7.** Novamente temos o título de Cristo, **o Alfa e o Ômega**, que são a primeira e a última letra do alfabeto grego, indicando que Cristo já era antes do universo que foi criado por Ele, e será até o fim dos séculos, pois todas as coisas se consumarão nEle.

**8.** Chegamos agora a algo que realmente não esperávamos encontrar na descrição da Cidade Santa, isto é, uma indicação das categorias de pecadores que *não* estarão ali, mas antes se encontrarão **no lago que arde com fogo e enxofre**. São palavras terríveis. Se aceitamos

com entusiasmo e ação de graças as promessas deste livro, temos também de crer em suas solenes advertências. Lang chama a atenção para a frase, "sua parte", comentando que "o coração pode desejar que a visão termine nas radiosas alturas, mas, em vez disso, ela mergulha nas profundezas".

### **Uma Descrição da Cidade Santa. 21:9-23.**

**12-21.** A Cidade tem **doze portas**, com o nome de uma das doze tribos de Israel em cada uma delas, sendo cada porta guardada por um anjo. A parede repousa sobre **doze fundamentos**, o que parece indicar doze seções nos alicerces, e sobre cada uma delas o nome de um dos doze apóstolos. O comprimento, largura e altura da cidade é de doze mil estádios ou seja, cerca de 2.400 quilômetros.

Isto pareceria, à primeira vista, o formato de um cubo, mas eu prefiro seguir a Simcox e muitos outros, crendo que a estrutura era piramidal. A palavra traduzida para **rua**, *platéia*, significa literalmente um lugar espaçoso; dessa palavra deriva a nossa praça. Os muros são feitos de jaspe, a cidade é de ouro, as portas são pérolas, e os alicerces são doze pedras preciosas. (Para um estudo da possível população de uma cidade deste tamanho, veja o notável ensaio de F.W. Boreham, *Wisps of Wildfire*, págs. 202-212).

J.N. Darby raramente dizia que não sabia o significado de uma passagem das Escrituras, mas em relação a estas pedras, ele escreveu lima vez: "A diferença das pedras contém detalhes que estão acima do meu conhecimento" (*Collected Writings*, Volume V, pág. 154).

"Se compararmos as cores das pedras dos alicerces com as do arco-íris", diz Govett (*op. cit., in loco*), "descobriremos, creio eu, uma semelhança esquematizada, embora, por causa da nossa ignorância em relação às pedras preciosas, não possamos chegar a nenhuma conclusão aproximada ou satisfatória.

As pedras, então, com as suas cores, e os matizes do arco-íris, são os seguintes:

1. Jaspe, verde? Amarelo?
2. Safira, azul celeste.
3. Calcedônia, talvez verde e azul.
4. Esmeralda, verde.

O Arco-íris:

- |                   |                                  |
|-------------------|----------------------------------|
| 1. Vermelho       | 5. Sárdio, vermelha.             |
| 2. Laranja        | 6. Sardônica, vermelha e branca. |
| 3. Amarelo        | 7. Crisólito, amarelo.           |
| 4. Verde          | 8. Berilo, verde-mar.            |
| 5. Azul           | 9. Topázio, amarelo.             |
| 6. Roxo           | 10. Crisópraso, verde-dourado.   |
| 7. Violeta (laca) | 11. Jacinto, violeta.            |
|                   | 12. Ametista, roxa.              |

**22,23.** João prossegue dizendo que a cidade não tem templo, e que é tão brilhantemente iluminada pela glória de Deus que não tem necessidade da luz do sol ou da lua, embora eles permaneçam brilhando.

"Uma vez que os homens aqui habitam sob as condições da vida terrena, não podem passar sem templos, o lugar, a hora, os pensamentos demarcados para Deus, o lugar onde aprendemos o segredo da percepção de Sua presença na vida, o tempo quando reclamamos e proclamamos a comunhão com Ele, os pensamentos que, com determinação, dirigimos para a manifestação do Seu amor em Cristo, e da Sua vontade no dever. Mas *ali* não haverá templo; pelo simples motivo de -que não é necessário. Aquilo que agora precisa ser separado do mundo e reservado para Deus – sim, e mantido com determinação e força de vontade contra as hostes invasoras – expandiu-se ali até cobrir todos os setores da experiência e atividade humanas. A presença de Deus já não precisa mais ser buscada; é conhecida; é sentida, universal e impregnando tudo como a luz do dia" (C. Anderson Scott, *op. cit.*, *in toto*).

Nosso texto não diz que não haverá sol ou luz na eternidade, mas que não precisaremos da luz do sol e da lua, pois a própria glória de

Deus vai iluminar a cidade. Assim como precisamos de uma vela de noite, mas não ao meio-dia, quando o sol está brilhando, assim precisamos do sol e da lua em nosso atual estado de existência, mas não precisaremos mais deles na presença de Deus, que é a verdadeira luz.

### **Aqueles Que Entrarão na Cidade. 21:24-27.**

**24-26.** O parágrafo que abrange estes três versículos é extremamente difícil de interpretar. Quem são estas nações que andarão à luz da Cidade Santa, e quem são os **reis da terra** que trarão sua glória para ela? Govett provavelmente está certo ao dizer: “Por ‘reis da terra’ entendamos os reis das nações. Assim como as nações foram agora transferidas para o novo mundo, também têm reis. Subordinação à hierarquia é uma parte do esquema permanente de Deus para a eternidade. Eles são chamados de ‘reis da terra’ para distingui-los dos reis da **cidade**. Pois há duas categorias de reis: aqueles que foram feitos reis e sacerdotes diante de Deus mediante o sangue de Jesus, que ressuscitaram dos mortos e habitam com Deus; e aqueles que são homens na carne, e vivem entre as nações fora da metrópole. Os cidadãos são *reis dos reis* e ‘reinarão para todo o sempre’ (22:5). Os reis das nações, então, sentindo a sua inferioridade, e desejosos de comparecer à presença de Deus e Seus servos ressuscitados, trazem presentes”.

**27.** Aqui está uma das declarações mais tranquilizadoras, confortadoras e cheias de esperança de toda a Bíblia: entrarão na cidade aqueles cujos nomes estão **inscritos no livro da vida do Cordeiro**. Dois fatores terríveis, inescapáveis, não permitem que homem algum entre na Cidade Santa – o pecado e a morte. É o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e é o Filho de Deus que nos dá a vida em vez da morte. Estar inscrito no Livro da Vida do Cordeiro é estar redimido pelo Cordeiro de Deus.

## Apocalipse 22

### O Estado de Bem-aventurança Predominante na Cidade Santa. 22:1-5.

É estranho que no capítulo 21 não haja nenhum detalhe descritivo de fenômenos naturais, árvores, rios, etc., tais como encontramos na descrição do paraíso original no Gênesis 2. Esses detalhes nos são apresentados agora, fazendo-nos lembrar não só daquele capítulo, mas também de Ez. 47:1-12. "O pecado expulsou o homem de um jardim. A graça leva o homem ao Paraíso eterno". Aqui temos a beleza, vida em plena abundância, a soberania de Deus, saúde para as nações da terra, ausência de toda maldição; **nunca mais . . . , maldição** (v. 3), sobre o homem ou sobre a terra onde ele vive ou na cidade de sua habitação, nem sobre qualquer relacionamento que prevalece entre os homens – Cristo removeu a maldição e todas as suas conseqüências. Aqui está também um quadro do culto prestado, a visão perfeita, que é ver a face de nosso Senhor, e Seu nome gravado em nossas testas. Aqui estão mais dois cancelamentos ou eliminações finais das coisas que perturbavam ou preocupavam o homem: a remoção de toda maldição, e a eliminação da noite para sempre.

Não são, porém, os aspectos negativos desta passagem que mais deleitam nossos corações, mas suas afirmações positivas. Aqui as bênçãos que Deus nos tem desejado através dos séculos e das quais tem feito provisão, atingem um clímax da perfeição: no céu estaremos servindo o Senhor (v. 3b); veremos o Seu rosto; Seu nome estará em nossas testas (v. 4); reinaremos com Ele para todo o sempre (v. 5). Aqui estas promessas, como as que se encontram em Mt. 5:8; I Jo. 3:2; I Co. 15:49, etc., tornar-se-ão a experiência eterna dos crentes. Em outras palavras teremos o caráter do Senhor, serviremos o Senhor, minaremos com o Senhor, e nos regozijaremos satisfazendo-nos eternamente com a visão de Sua gloriosa face. (Um dos exames mais profundos e satisfatórios da Cidade Santa se encontra na obra de Govett, págs. 549-610).

Todos os gloriosos propósitos de Deus, ordenados desde a fundação do mundo, agora são atingidos. A rebelião dos anjos e da humanidade está finalmente subjugada, e o Rei dos reis assume a soberania a que tem direito. Santidade absoluta e imutável caracteriza todo o universal Reino de Deus. Os redimidos, assim transformados pelo sangue do Cordeiro, estão na ressurreição e glória eterna. A vida está por toda a parte – e a morte não se intrometerá nunca mais. A terra e os céus, ambos foram renovados. Luz, beleza, santidade, alegria, a presença de Deus, a adoração a Deus, o serviço prestado a Cristo, a semelhança com Cristo tudo agora são realidades permanentes. O vocabulário do homem, adequado para esta vida, é incapaz de descrever verdadeira e corretamente o que Deus preparou para aqueles que O amam.

### **O Epílogo. 22:6-20.**

Para os versículos finais do Apocalipse, não é necessário dar uma interpretação extensa. A maior parte destas declarações, como o final de quase todas as epístolas do N.T., são exortativas.

**6-10.** A primeira declaração é quase idêntica à declaração da abertura do Apocalipse (1:1,2), exceto que lá foi mencionado um "servo", João, e aqui são servos. Os 'espíritos dos profetas' são as faculdades naturais dos profetas, despertadas e avivadas pelo Espírito Santo" (Swete). Do mesmo modo no versículo 7 somos levados de volta a 1:3. Esta ordem de guardar **as palavras da profecia deste livro** (veja 3:8,16; 14:12; 12:17) enfatiza uma verdade que estamos prontos demais a esquecer, isto é, que as Escrituras proféticas têm implicações éticas. Profecias e mandamentos estão aqui interligados.

**11-15.** No versículo 11 temos uma verdade solene, às vezes chamada de "permanência de caráter". Devo mais uma vez, a esta altura, apresentar aos meus leitores as concisas e solenes linhas de Swete: "Além de ser verdade", diz ele, "que as perturbações dos últimos dias terão a tendência de fixar o caráter de cada indivíduo segundo os hábitos que ele já tenha formado, haverá um tempo em que uma mudança será

impossível - quando não haverá mais oportunidade de arrependimento de um lado ou de apostasia do outro".

A vinda de Cristo é o tema preeminente de ambos, o Prólogo e o Epílogo (1:7; 22:7, 12, 20). Com **sem demora** (v. 12) não está se dizendo que o Segundo Advento ocorreria logo após João completasse a escrita deste livro. Antes, significa que os acontecimentos da Segunda Vinda acontecerão tão depressa, numa rápida sucessão, que alguns serão tomados de surpresa. O versículo 13 repete o título de Cristo (1:11; 21:6), que também é concedido a Deus (1:8). As categorias relacionadas aqui, daqueles que terão barrada a entrada na Cidade Santa, cada um apresentado com o artigo os são substancialmente as mesmas de 21:8. Estes versículos certamente não querem dizer que naquela ocasião ainda haverá grupos de homens *na terra* cometendo tais pecados.

**16.** Agora o próprio Cristo fala, primeiro simplesmente declarando que foi Ele quem deu origem às revelações que João registrou. Esta é a primeira vez que a palavra *igreja* (*ekklesia*) apareceu desde as cartas às sete igrejas. Então Ele atribui a Si mesmo um título duplo: Ele é **a raiz e a geração de Davi**, conforme foi há muito profetizado pelos profetas (Is. 4:3; 11:1, 2; 55:1-5; Amós 9:11,12); e Ele é **a brilhante estrela da manhã** (cons. Ap. 2:28). A estrela da manhã precede o perfeito brilho da luz do sol.

**17.** O convite triplo, tão cheio de graça, é enunciado 1) pelo Espírito, 2) pela Esposa, e 3) pelos que ouviram. Segue-se uma designação dual específica daqueles a quem o convite foi particularmente enviado – aqueles que têm sede (Jo. 7:37) e aqueles que querem.

**18,19.** O livro, com exceção da saudação, termina com mais uma solene advertência contra o acrescentar ou tirar alguma coisa às palavras da profecia deste livro. Não conheço ninguém que tenha comentado isto de maneira mais aceitável do que Lang: "A revelação da verdade está completa, pois nada pode estar *além* do estado *eterno*. Enquanto na letra estrita, a ameaça desta terrível advertência se aplica ao Apocalipse, visto



no entanto, que esta porção do Livro de Deus está enraizada em, interligada com e é o final de toda a Palavra de Deus, torna-se impossível falsificar este livro final, sem maltratar o que Deus concedeu antes" (*op. cit.*, págs. 384, 385).

**20,21.** As três últimas palavras são as 1) de Cristo: **Certamente venho sem demora**; 2) da Igreja: **Amém. Vem, Senhor Jesus**; e 3) de João: **A graça do Senhor Jesus seja com todos**. Embora esta fórmula de despedida seja semelhante ao que freqüentemente encontramos na conclusão das epístolas do N.T. (Rm. 16:20, 24; I Co. 16:23; Ef. 6:24; II Tm. 4:22; Hb. 13:25; I Pe. 5:12; etc.), nesta forma exata só se encontra aqui. Conforme esta dispensação vai chegando ao fim, e nós vemos que vai tomando posição, de maneira preliminar, algumas das terríveis conseqüências da rejeição da Palavra de Deus, estas três palavras finais tornam-se cada vez mais preciosas e vitais.